MARCEL PROUST

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

EXILADO DOS LIVROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Marcel Proust

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

Sobre o Autor

Marcel Proust: Dados Bibliográficos (1871- 1922)

Marcel Proust, filho do médico Dr. Adrien Proust, e de sua esposa Jeanne Weil, de origem judia, nasceu em Paris a 10 de julho de 1871. De compleição frágil, asmático desde os nove anos, a mãe o cercou de cuidados excessivos na infância. Fez seus estudos no Liceu Condorcet, entre 1882 e 1889, e depois estudou Direito e Ciências Políticas. Colaborou no jornal do liceu, *La Revue Lilas* (A Revista Lilás), e principiou a freqüentar os salões da Sra. Émile Straus e da Sra. Madeleine Lemaire à mesma época.

Publicou seus primeiros trabalhos literários nas revista *Le banquet* (O Banquete), de que foi um dos fundadores, e *Littérature et critique* (Literatura e Crítica), no ano de 1892.

Estreou em livro em 1896 com *Les Plaisirs et les jours* (Os Prazeres e os Dias). O volume foi prefaciado pelo escritor Anatole France, com ilustrações de Madeleine Lemaire e música de Reynaldo Hahn. Era uma miscelânea de crônicas, contos, poemas em verso e prosa; embora as peças já mostrassem algo do futuro escritor de *Em Busca do Tempo Perdido*, revelavam sobretudo a influência de Anatole France e um certo simbolismo decadentista, próprio da época.

De qualquer modo, a questão do tempo e das inversões sexuais já se tornam suas principais preocupações. Entre 1895 e 1899, Proust escreveu um longo romance, *Jean Santeuil*, que deixou inacabado e só foi publicado em 1952. Neste esboço de *Em Busca do Tempo Perdido*, já estão delineados não só aspectos de sua obra-prima como até cenas inteiras retomadas posteriormente. Mas Proust ainda não é o analista profundo que se revelará depois. Está apenas tateando o assunto e a linguagem. O descobrimento da obra do ensaísta e esteta inglês John Ruskin (1819- 1900) foi fundamental: Proust traduziu a *Bíblia de Amiens* deste, e assumiu o gosto de Ruskin pelas catedrais góticas- cuja arquitetura basicamente simétrica lhe dará a estrutura de sua obra- prima.

Mas ainda está experimentando: entre 1905 e 1907, escreveu outro livro, mais fragmentário e igualmente inacabado, *Contre Sainte- Beuve* (publicado apenas em 1954). Este já é um esboço mais parecido com a futura obra- prima. A análise se aprofunda, embora muitas vezes só indicada, sem desenvolvimento. Proust já adquiriu o sentido maior de sua obra, faltando- lhe um todo coeso e que desse um tom de linguagem própria ao conjunto. Em 1907, iniciou por fim a

feitura da obra máxima, *Em Busca do Tempo Perdido*. Deve ter trabalhado no romance de forma

bem exaustiva até 1911, quando possivelmente deu por definitivo o primeiro da série, ''No Caminho de Swann''. Nesse meio tempo publicou na imprensa uma série de pastichos e, a partir de 1909, cessou toda a vida social para se consagrar exclusivamente à sua obra- prima.

''No Caminho de Swann'' foi publicado em 1913, após ter sido recusado por quatro editoras. O êxito intelectual foi grande. Porém, a irrupção da Primeira Guerra Mundial, em 1914, interrompeu a possibilidade de novas edições. Durante a guerra, Proust remanejou a obra e lhe fez acréscimos consideráveis. Nesse ano de 1914, morre seu secretário Alfred Agostinelli, por quem Proust nutria uma paixão homossexual. A morte de Agostinelli lhe serviu de modelo para a morte da personagem Albertine em ''A Fugitiva''.

Finda a guerra, publica- se '*À Sombra das Moças em Flor*' (1918). O romance obteve o Prêmio Goncourt de 1919, única áurea conseguida pelo romancista em vida. Em 1920, é publicado ''No Caminho de Guermantes- l'' e, no ano seguinte, sai ''No Caminho de Guermantes- lI'' e ''Sodoma e Gomorra- l'', em um volume. Recluso em casa, quase não deixando seu quarto forrado de cortiça para abafar os ruídos da rua, Proust enfraquece e adoece, mal tendo forças, no último ano de sua vida, para continuar a escrever e corrigir as provas de seus livros. Em abril de 1922, publica- se ''Sodoma e Gomorra- lI'', em três volumes. Proust está revendo as provas de ''A Prisioneira'' e sua saúde se complica com uma bronquite seguida de pneumonia. Marcel Proust morre às quatro e meia da manhã de 17 de novembro de 1922. Poucos dias antes, 14 de novembro, terminara- se a impressão de ''Sodoma e Gomorra- lII'' - ''A Prisioneira''-''A Fugitiva'', com o título de ''Albertina Desaparecida'', publicou- se em 1925, e ''O Tempo Recuperado'' foi dado ao público em 1927.

Fernando Py

Prefácio

por Fernando Py

Introdução

O longo romance de Marcel Proust, ***Em Busca do Tempo Perdido***, representa na verdade a sua obra única. Tanto nos contos do livro de estréia, *Os Prazeres e os Dias* (1896), como na narrativa fragmentária de *Contra Sainte- Beuve* ou no romance *Jean Santeud*, estes últimos deixados incompletos e publicados muitos anos após a morte do escritor, ocorre a abordagem de alguns temas fundamentais de sua obra máxima, de tal modo que são, em certa medida, simples esboços do que viria a ser *Em Busca do Tempo Perdido*; neles, já estão presentes, por exemplo, a análise do ciúme masculino e das perversões sexuais, assuntos que ganharão enorme relevo e aprofundamento mais tarde. Sua obra equivale não apenas à suma de um escritor inteiramente dedicado à literatura e à escrita em toda a sua vida -a tal ponto que dele se poderia dizer que foi se deixando morrer aos poucos, à medida que passava para o papel toda a sua experiência vital- , mas igualmente a uma visão de conjunto da sociedade francesa do fim do século XIX.

Nos sete romances que compõem este monumento literário (conforme os títulos desta edição: 1- *No Caminho de Swann, 2- À Sombra das Moças em Flor, 3- O Caminho de Guermantes, 4- Sodoma e Gomorra, 5- A Prisioneira, 6- A Fugitiva e 7- O Tempo Recuperado*), perpassa não somente a vida exterior, episódica e histórica de personagens e da própria França, com alguns ecos de fatos ocorridos na Europa e no resto do mundo, como, principalmente, a vida interior, as sensações, as paixões, sentimentos e emoções do Narrador e demais personagens, todos envoltos numa atmosfera de análises psicológicas, minuciosas e implacáveis.

Embora escrito na primeira pessoa por um Narrador cujo nome (Marcél) só aparece em duas ocasiões, ambas em *A Prisioneira* não convém enxergar no romance de Proust uma autobiografia ou um livro de memórias. Isto porque, em primeiro lugar, o Marcel narrador não se confunde com o Marcel autor, sendo como os demais apenas uma personagem de ficção; e é nessa qualidade que assume a função de protagonista, em torno ao qual gira todo o universo ficcional da obra proustiana. Além disso, o conhecimento, da parte do Narrador, de fatos e locais que se ligam à vida de Proust contribui para aprimorar as relações do leitor

com o Marcel narrador, tornando mais fácil para aquele assimilar a transfiguração da realidade em ficção no âmbito do romance.

A realidade do romance é fundada na realidade objetiva, topográfica, geográfica, histórica, etc., da vida de Proust. Porém, a transposição dessa realidade para o romance obedece a leis internas da narrativa e sobretudo à imaginação criadora do autor. Assim, lugares e pessoas que pertencem ao universo de *Em Busca do Tempo Perdido* não correspondem mecanicamente a lugares e pessoas da vida real. Para descrever Combray ou Balbec, por exemplo, Proust tomou emprestadas características próprias de cidadezinhas francesas que conhecia e visitou várias vezes. O mesmo quanto aos personagens. Por exemplo, os traços de Charles Swann derivam de duas ou mais pessoas da vida real, além de aspectos da personalidade do mesmo Proust. Vinteuil e sua obra musical contêm vestígios da vida e da obra de Debussy, Saint- Saens e outros compositores eruditos que Proust admirava. E assim por diante.

Outras vezes ocorre o contrário. Uma mesma pessoa da vida real empresta seus traços e características a duas ou mais personagens. Uma amiga de Proust, Louisa de Mornand, por exemplo, forneceu traços à composição tanto de Albertine como de Rachel. Desse modo, no romance a não ser nos casos da mãe e da avó do Narrador (que representam de modo muito próximo a mãe e a avó materna de Proust) e no de algumas personagens secundárias- , uma pessoa A não corresponde jamais apenas a um dado personagem B, mas também tem seus traços disseminados nos personagens C, D, E, etc.

Tempo e Memória

Os principais temas de *Em Busca do Tempo Perdido* são o Tempo e a Memória. Proust era um obcecado pelas questões relativas ao tempo. Preocupava- o o passar dos anos que leva tudo de arrasto, modificando, transformando, vencendo e extinguindo todos os sentimentos, paixões, amores, idéias, opiniões e até os corpos. Com o passar do tempo, o esquecimento e a indiferença sobem das profundezas do indivíduo para destruir tudo aquilo que o ser humano julgara eterno e inamovível. Nem mesmo aquele núcleo invariável do espírito, que a filosofia clássica acreditava formar a nossa personalidade, resiste à ação do tempo. Submerso no tempo, o homem se desagrega por dentro e nada mais subsiste, no velho, daquele jovem que um dia amou, fez uma revolução, ocupou altos cargos na vida pública ou na iniciativa privada. E é em função do transcurso do tempo que as personagens de Proust apresentam aspectos diversos no decorrer da narrativa, mudando de idéias, de sentimentos, de gostos, como também mudam o seu físico, envelhecem. Ou desenvolvem nova personalidade

mais criativa, mais madura. O pintor que no grupo dos Verdurin era denominado, por zombaria, "*Sr. Biche*", em *No Caminho de Swann*, revela- se mais tarde, já maduro, como o famoso pintor Elstir, de *À Sombra das Moças em Flor*.

Mas o tempo prossegue em sua tarefa destruidora; e como recuperá- lo? É nesse ponto que intervém a Memória, outro tema básico da obra de Proust. Não a memória comum, produto da nossa inteligência, e que a um mínimo esforço nos restitui fatos já passados. Pois esta memória, que depende da nossa vontade, é como um simples arquivo: fornece apenas fatos, datas, números e nomes. Mas não as sensações que experimentamos outrora e que não habitam a nossa consciência. Tais sensações jazem mais fundo e só são despertadas pelo que Proust denominou memória involuntária: é a que não depende do nosso esforço consciente de recordar, que está adormecida em nós e que um fato qualquer pode fazer subir à consciência.

Significativa sob este aspecto é a lembrança, pelo Narrador já adulto, da cidadezinha de Combray, onde passava as férias quando criança. Saboreando um biscoito molhado no chá, sente uma alegria inexplicável e, de súbito, recorda não só momentos similares da infância remota, como toda a Combray daquele tempo e todo o período de seu passado que o gosto do biscoito (chamado *madeleine*) fizera aflorar à sua consciência. Naquele instante dava- se o reencontro do Tempo e o passado se recuperava.

Como esse, muitos outros episódios, disseminados por toda a obra, atestam a importância do processo da memória involuntária para a recuperação do Tempo Perdido. Tempo que não existe mais em nós, mas continua a viver oculto num sabor, numa flor, numa árvore, num calçamento irregular ou nas torres de uma igreja, etc. A repetição de tais episódios, longe de indicar monotonia ou pobreza criadora, é fundamental para estabelecer e cimentar relações existentes entre sensações e lembranças. Acima de tudo, tais momentos de reencontro do Tempo dão ao artista o sentimento de haver conquistado a eternidade. Muitos escritores antes de Proust já haviam esboçado tais instantes em suas obras, mas foi Proust o primeiro a fazer do duplo sensação/lembrança a matéria mesma de sua obra. Portanto, no fundo, o tema central de *Em Busca do Tempo Perdido* não é propriamente o retrato da sociedade francesa do fim do século XIX, nem a análise mais acurada do amor e dos sentimentos a ele relacionados, e sim a luta do espírito, da atividade criadora, contra o tempo, diante da impossibilidade de se encontrar na vida real um ponto fixo de referência ao qual o nosso eu possa se prender. O tema essencial de Proust é o encontro desse ponto de referência na obra de arte.

Estrutura, Técnica e Estilo

Grande apaixonado por igrejas e catedrais góticas, Marcel Proust concebeu *Em Busca do Tempo Perdido* como uma construção catedralesca. A principal característica da igreja gótica é a constante simetria que se observa nos menores detalhes. Assim, a um altar corresponde outro altar simétrico, a um transepto outro transepto, a uma ogiva outra ogiva, a um vitral outro vitral, etc., sempre simétricos no plano geral do edifício. E, à medida que a igreja se eleva, suas partes mais opostas vão convergindo, sem abandonarem a sua simetria, até se juntarem no alto da torre.

Desse modo, Proust procurou erguer sua catedral, cuidando de redigir seu enorme romance com extremo rigor de simetria, desenvolvendo episódios e acontecimentos de forma igualmente simétrica, onde o fim remete ao começo numa construção cíclica. O romance que só ao final de *O Tempo Recuperado* o Narrador se julga apto a escrever é justamente o que acabou de ser escrito... Tal simetria minuciosa e obsessiva atinge inclusive os diversos títulos de livros, partes e até capítulos que compõem *Em Busca do Tempo Perdido*.

Assim, o que o escritor pretendeu, com tal simetria, terá sido ressaltar determinados aspectos de fatos e personagens, além de conferir maior coesão interna a todo o ciclo. Esses aspectos diversos acabam- se tornando motivos recorrentes no livro, o que, à primeira vista, é um procedimento que poderá iludir o leitor desavisado, fazendo- o crer numa repetição gratuita. Mas, como já dissemos, tais repetições terminam por alertar o leitor para algo mais profundo, e o encaixe dos episódios é tão perfeito que, pelo contrário, a sua ausência é que destoaria de conjunto. Pois a técnica de Marcel Proust subverteu tudo quanto, à época do lançamento do primeiro volume da série (*No Caminho de Swann,* 1913), era considerado romance. Para os que estavam acostumados com o realismo naturalista, o realismo psicológico de Proust surgiu como algo absurdamente diverso e inclassificável. (Como toda obra de gênio, *Em Busca do Tempo Perdido* não se enquadra em qualquer escola ou corrente literária, muito embora sua escrita mantenha traços de Impressionismo e haja na obra pontos de contato com o Simbolismo.)

Além de técnicas narrativas já conhecidas anteriormente, como a do *flash back* (que praticamente inicia todo o ciclo), Proust emprega uma técnica de comparações inusitadas, pontilhadas de longas frases e períodos imensos, onde se desenvolve exaustivamente toda a sua prospecção psicológica. Usando amiúde metáforas, muitas vezes ligadas à pintura e à música, estabelece intencionais relações insuspeitadas entre os mais diferentes objetos, extraindo das comparações (aliás superabundantes em toda a sua obra) um verdadeiro universo de conexões de que nunca alguém se lembrara antes. Tais comparações percorrem o variado espectro das sensações dos cinco sentidos, estabelecendo

uma firme ligação entre o espírito e o corpo, o profundo e o superficial. É até bem comum, em Proust, a ocorrência de sinestesias, ou seja, as relações subjetivas que se verificam entre sentidos diferentes, como um som que evoca uma cor, ou um sabor que lembra uma imagem, etc. E a única maneira de colocar diante do leitor essas relações subjetivas será pelo emprego da imagem, da metáfora, a qual, segundo o próprio autor, toma "emprestada, de uma coisa estranha, uma imagem natural e sensível da verdade". A metáfora, portanto, ajuda o autor, e também o leitor, a evocar algo desconhecido, ou um sentimento difícil de descrever, recorrendo à sua semelhança com objetos conhecidos. E para que a imagem metafórica surta efeito é preciso que não seja gasta, que não se trate de um clichê muito batido. Em Proust, as metáforas e comparações são novas, surpreendem justo pelo inusitado. Daí advém outro encanto de *Em Busca do Tempo Perdido*.

Quanto ao estilo, Proust baseia sua obra num movimento de idas e vindas, de avanços e recuos alternados e simétricos a que já se deu o nome de "rosácea de Proust".

O estilo de *Em Busca do Tempo Perdido* é uma conquista árdua e deliberada do autor. De certa forma tem raízes autobiográficas. Sendo asmático desde criança, Proust concebeu, como dissemos, um estilo de frases e períodos longuíssimos, os quais, de certa maneira, correspondem aos impulsos de uma respiração que luta para vencer o fôlego. O período proustiano é enorme e compacto a fim de que nele caiba grande diversidade de significados e sintaxe, e cada frase deve ser lida mais de uma vez para bem penetrarmos suas múltiplas acepções. Além disso, as frases de Proust têm uma construção grandemente musical, num fluir redondo e harmonioso de vogais e consoantes, trabalho de um ourives que conhecia como poucos o material de que se utilizava: a língua francesa. Seus parágrafos gigantescos excedem o tamanho das páginas e se espraiam pelos capítulos, transportando em seu corpo o próprio pensamento que exprimem. Em suma, a frase proustiana é igualmente "atemporal", não pode ser localizada num tempo específico: ela o transcende, enquanto mecanismo criado pelo autor, não para marcar determinado tempo e sim para reconstituí- lo em todos os pormenores.

Resumo de Enredo

Por todas as razões acima expostas, o enredo tem uma importância secundária na obra máxima de Proust. A história propriamente narrada de *Em Busca do Tempo Perdido* pode ser resumida em poucas páginas e terá interesse maior apenas para quem não possui qualquer noção da obra. Pois na verdade o que interessa não são os encadeamentos narrativos e episódicos e sim a análise

psicológica, as conexões estabelecidas e, acima de tudo, aquela transcendental peleja do espírito criador, que luta para se afirmar e deixar a marca da sua genialidade, contra o tempo que tudo arrasta e destrói. Aliás, Proust surgiu na literatura quando diversos escritores (e não só franceses) já haviam observado a questão do tempo e buscavam minimizar a importância do enredo. Era um caminho a trilhar para evitar a todo custo as histórias "certinhas", com princípio, meio e fim, caminho que muito se diversificou desde então. Em todo caso, convém dar uma idéia geral do enredo de *Em Busca do Tempo Perdido*.

No Caminho de Swann dispõe- se em três partes: na primeira, "Combray", vemos a infância do Narrador, suas recordações de Combray despertadas pela *madeleine*, sua aflição noturna à esperado beijo de despedida da mãe, a descoberta que faz da existência de dois lados (ou caminhos) de Combray, a partir das duas saídas diversas de casa- o lado que segue pela casa de Swann e o lado de Guermantes, seu oposto- , para ele igualmente opostos e irreconciliáveis; e a descrição de ambos. Em "Um Amor de Swann", a análise de um amor, e sobretudo do ciúme masculino, através da história da ligação amorosa de Charles Swann e Odette de Crécy. E em "Nomes de Lugares: o Nome", o Narrador vai descobrindo tudo o que se esconde sob a magia dos nomes de pessoas e cidades. Vemos seus jogos com Gilberte, filha de Charles e Odette, nos Champs- Elysées; depois, sua admiração pelos pais dela, principalmente pela Sra. Swann. E a constatação da impossibilidade de recuperar o tempo já passado, quando regressa, adulto, certa ocasião, ao Bois de Boulogne onde tantas vezes vira a Sra. Swann a passear na sua carruagem.

''À Sombra das Moças em Flor'' divide- se em duas partes. Em "Ao Redor da Sra. Swann" mostra- se o Narrador já íntimo dos Swann, porém Gilberte não o ama. E ele, depois de muito sofrer, acaba esquecendo- a. A segunda parte, "Nomes de Lugares: o Lugar", já pelo título aponta para uma conexão com a parte final do livro anterior. Os nomes voltam a encantar o Narrador, mas são os lugares que o fascinam, notadamente o balneário de Balbec, onde passa uma temporada de verão. Ali conhece Albertine e as outras "moças em flor" do seu grupo. Prefere Albertine, porém só muito mais tarde se apaixonará por ela. Em ''O Caminho de Guermantes'', o Narrador começa a freqüentar salões aristocráticos e da alta burguesia. Ama a duquesa de Germantes mas não é correspondido. Sofre a mágoa enorme de perder sua avó materna, mas com o tempo vai se esquecendo dela devido ao fenômeno que denomina "intermitências do coração", ou seja, os períodos cada vez mais longos de esquecimento que atravessa, preocupado com desfrutar apenas o momento presente. Percebe todavia que o mundo da alta- roda é vaidoso, cruel e egoísta, e sente- se decepcionado.

Tudo aquilo em que havia acreditado e que amara se desfaz e se degrada. Em

''Sodoma e Gomorra'', o Narrador penetra no universo infernal da inversão sexual, tanto masculina (Sodoma) quanto feminina (Gomorra). Embora haja pensado em livrar- se de Albertine, passa a amar a moça e decide impedir que seja contagiada por esse mundo de depravações, mantendo- a seqüestrada em sua companhia. Em ''A Prisioneira'', vemos o amor exclusivista e egocêntrico do Narrador, que é, acima de tudo, pura morbidez. Cada vez mais ele se convence de que o amor, como qualquer sentimento, se degrada e destrói com o passar do tempo. E para tentar interromper esse fluxo corrosivo, acaba chegando à conclusão de que é absolutamente necessário abandonar Albertine justo no momento em que é avisado que a moça acabara de fugir de sua casa.

''A Fugitiva'' (título simétrico de 'A Prisioneira') narra não propriamente a fuga de Albertine e sim, primeiro, a mágoa do Narrador pelo abandono, mágoa que se transforma em luto e pesar quando sabe da morte dela pouco depois. Mas sobrevém o esquecimento progressivo e Albertine acaba sendo lembrança apenas, como a avó do Narrador.

O livro se encerra com um novo encontro do Narrador com Gilberte, já então casada com Robert de Saint- Loup, grande amigo dele.

Em ''O Tempo Recuperado'', temos um retrato da corrupção trágica de todas as coisas. As pessoas que o Narrador julgara amar voltaram a ser simplesmente nomes, como outrora; os objetivos que buscara tinham- se desfeito; a vida não passa de tempo já desaparecido. Numa recepção matinal em casa da Princesa de Guermantes, ele encontra, envelhecidas, pessoas que admirara na juventude, e ele próprio já é um senhor de meia- idade. Mediante uma série de ocorrências do duplo sensação/lembrança, somos transportados ao começo do ciclo. Por fim, o Narrador conhece a Srta. de Saint- Loup, filha de Gilberte e Robert. Nela, reúnem- se os dois caminhos (o de Swann, dos ricos burgueses) e o de Guermantes (dos aristocratas), pois Saint- Loup descende dos Guermantes. Está completa a catedral gótica de Proust. Então o Narrador percebe o que significava o apelo dos vários duplos sensação/lembrança que tivera em toda a vida. Seu papel de artista, portanto, será o de estancar o fluxo do Tempo, fixando aqueles momentos e tudo aquilo que eles contêm. A vida vivida não passa de Tempo Perdido, mas tudo se pode recuperar, transfigurar e apresentar "sob o aspecto de eternidade, que é também o da arte".

''O Tempo Recuperado'', pois de modo algum se trata de uma redescoberta. De outra parte, *Du côté de chez Swann*, se traduzido literalmente, daria “A respeito do lado da casa de Swann”, ou, se forçarmos um pouco, “Para os lados da casa de Swann”. Preferimos adotar o título já consagrado no Brasil, pois o termo "caminho" indica melhor em português a situação do *côté francês*: o que, para Proust, era um "lado" irreconciliável com outro, fica melhor como "caminho", pois indica todo um trajeto a percorrer, uma distância a vencer, uma tarefa a

cumprir. O mesmo, portanto, para *Le Côté de Guermantes* - ''O Caminho de Guermantes'' é toda a trajetória do Narrador nos salões da alta- roda.

Resta o caso de ''A Fugitiva''. Fiel à construção simétrica de sua obra, Proust batizou os dois romances seguintes a ''Sodoma e Gomorra'' de ''A Prisioneira'' e ''A Fugitiva''. Entretanto, em 1922, publicou- se na França uma tradução de poemas de Tagore intitulada precisamente ''A Fugitiva''. Diante disso, para evitar mal- entendidos, Proust desistiu do título e o romance apareceu postumamente como *Albertine disparue* (''Albertina Desaparecida''). Ainda hoje se discute qual título caberia melhor ao livro; e assim, atendendo ao caráter rigorosamente simétrico de *Em Busca do Tempo Perdido*, e considerando já não haver motivos para evitar a identidade de título com uma coletânea da qual ninguém se lembraria não fosse esse episódio, adotamos ''A Fugitiva'', que certamente Marcel Proust preferia e teria escolhido com o tempo se tivesse vivido o suficiente para ver toda a obra publicada em livro.

Conclusão: Critérios desta Tradução

Não é tarefa tranqüila traduzir uma obra de vulto como a de Proust. Ainda mais quando já existem outras em português. Mas não há dúvida de que é uma aventura intelectual largamente compensadora, um trabalho altamente gratificante. Desde que se adotem critérios seguros e sejam obedecidas o mais fielmente possível as peculiaridades essenciais do autor. No caso, a fluência musical da frase, a por vezes enorme extensão desta e dos parágrafos, sem dividi- los em blocos retalhados, o movimento ondulatório dos períodos, etc. E mais, tratando- se de uma edição brasileira, construir frases e períodos à nossa maneira, sem lusitanismos nem regionalismo de qualquer espécie.

Devemos, todavia, esclarecer o leitor quanto aos critérios adotados para traduzir os títulos dos romances do ciclo, sobretudo devido ao caráter de simetria que oferecem.

Em dois casos, a transposição é literal e não sofre problemas: *Sodome et Gomorrhe é 'Sodoma e Gomorra', e La Prisonniere é 'A Prisioneira'*. Em *À L'ombre des jeunes- filles en fleurs* preferimos verter *jeunes- filles* para moças, vocábulo de uso corrente no Brasil. Em *Le temps retrouvé*, julgamos mais acertado o título 'A Sombra das Moças em Flor'.

NO CAMINHO DE SWANN

Ao Sr. Calmette como testemunho de profundo e afetuoso reconhecimento.

PRIMEIRA PARTE

Combray

Durante muito tempo, deitava- me cedo. Às vezes, mal apagada a vela, meus olhos se fechavam tão depressa que eu nem tinha tempo de pensar: "Vou dormir". E, meia hora depois, a idéia de que já era tempo de conciliar o sono me despertava: queria deixar o livro que julgava ainda ter nas mãos e assoprar a vela; dormindo, não havia deixado de refletir sobre o que acabara de ler, porém tais reflexões haviam tomado um aspecto um tanto singular; parecia- me que era de mim mesmo que o livro falava: uma igreja, um quarteto, a rivalidade de Francisco I e Carlos V. Essa crença sobrevivia por alguns segundos ao meu despertar; não ofendia a razão, mas pesava como escamas sobre os olhos, impedindo- os de perceber que a vela já não estava acesa. Depois, principiava a me parecer ininteligível, como, após a metempsicose, as idéias de uma existência anterior; o assunto do livro se desligava de mim, eu ficava livre para me adaptar ou não a ele; logo recobrava a vista e me surpreendia bastante por estar rodeado de uma obscuridade, suave e repousante para os olhos, porém ainda mais talvez para o espírito, ao qual surgia como uma coisa sem causa, incompreensível, como algo verdadeiramente obscuro. Perguntava- me que horas poderiam ser; ouvia o silvo dos trens que, mais ou menos afastado, como um canto de pássaro na floresta, assinalando as distâncias, me informava sobre a extensão da campina deserta onde o viajante se apressa em direção à próxima parada: o caminho que ele segue vai lhe ficar gravado na lembrança pela excitação de conhecer novos lugares, praticar atos inusitados, pela conversação recente e as despedidas sob a lâmpada estranha que o seguem ainda no silêncio da noite, e pela doçura próxima do regresso.

Apoiava brandamente as faces contra as belas faces do travesseiro que, cheias e frescas, são como os rostos da nossa infância. Riscava um fósforo para ver o relógio. Quase meia- noite. É o momento em que o enfermo, que teve de viajar e ir dormir num hotel desconhecido, acordado por uma crise, se alegra ao distinguir debaixo da porta um raio de luz. Felicidade! Já é dia! Daqui a pouco os criados vão se levantar, poderá tocar a campainha, virão prestar- lhe socorro. A esperança de ser aliviado lhe dá coragem para suportar o sofrimento. Ainda agora pensou ouvir passos; os passos se aproximam e logo se afastam. E o fio de luz que estava sob a porta desapareceu. É meia- noite; acabam de apagar o gás; o último criado já se retirou e é preciso ficar a noite inteira sofrendo sem remédio.

Voltava a adormecer, e às vezes só despertava por um breve instante, o suficiente para ouvir os estalos orgânicos da madeira dos móveis, para abrir os olhos e olhar ao caleidoscópio da escuridão, para saborear, graças a um momentâneo

resplendor de consciência, o sonho em que estavam sumidos os móveis, o quarto, tudo aquilo do que eu não era mais que uma ínfima parte, tudo a cuja insensibilidade voltava eu muito em breve a me somar. Outras vezes, ao dormir, tinha retrocedido sem esforço a uma época para sempre acabada de minha vida primitiva, tinha- me encontrado novamente com um de meus medos de menino, como aquele de que meu tio me atirasse dos cachos de cabelo, e que se dissipou. Data que para mim assinala uma nova era. O dia que me cortaram isso. Este acontecimento havia esquecido durante o sonho, e voltava para minha lembrança logo que acertava em despertar para escapar das mãos de meu tio: mas, por via de precaução, envolvia a cabeça com o travesseiro antes de voltar ao mundo dos sonhos.

Outras vezes, assim como Eva nasceu de uma costela de Adão, uma mulher nascia enquanto eu estava dormindo, de uma má postura de meu quadril. Sendo criatura filha do prazer estava a ponto de desfrutar, me parecia que era ela a que me oferecia isso. Meu corpo sentia no dela seu próprio calor, ia buscá- lo, e eu despertava. Todo o resto dos mortais me aparecia como coisa muito imprecisa junto desta mulher, da que me separasse fazia um instante: conservava ainda minha bochecha o calor de seu beijo e sentia- me dolorido pelo peso de seu corpo. Se, como acontecia algumas vezes, representava com o semblante de uma mulher que eu tinha conhecido na vida real, eu ia entregar- me com todo meu ser a este único fim: encontrá- la; quão mesmo essas pessoas que saem de viagem para ver com seus próprios olhos uma cidade desejada, imaginando- se que em uma coisa real saboreia- se o encanto do sonhado. Pouco a pouco a lembrança dissipava; já estava esquecida a criatura de meu sonho.

Quando um homem está dormindo tem em torno, como um aro, o fio das horas, a ordem dos anos e dos mundos. Ao despertar, consulta- os instintivamente, e, em um segundo, lê o lugar da terra em que se acha, o tempo que transcorreu até seu despertar; mas estas ordenações podem confundir- se e quebrar- se. Se depois de uma insônia, na madrugada, surpreende- o o sonho enquanto lê em uma postura distinta da que está acostumado a tomar para dormir, bastará elevar o braço para parar o Sol; para fazê- lo retroceder: e no primeiro momento de seu despertar não saberá que horas são, imaginará que acaba de deitar- se. Se dormitar em uma postura ainda menos usual e recolhimento, por exemplo, sentado em uma poltrona depois de comer, então um transtorno profundo se introduzirá nos mundos exagerados, a poltrona mágica percorrerá a toda velocidade os caminhos do tempo e do espaço, e no momento de abrir as pálpebras perceberá que dormiu uns meses antes e em uma terra distinta. Mas a mim, embora dormisse em minha cama de costume, bastava- me com um sonho profundo que afrouxasse a tensão de meu espírito para que este deixasse escapar o plano do lugar aonde eu dormia, ao despertar a meia- noite, como não

sabia onde me encontrava, no primeiro momento tampouco sabia quem era; em mim não havia outra coisa que o sentimento da existência em sua simplicidade, primitiva, tal como pode vibrar no fundo de um animal, encontrar- se em maior nudez com o homem das cavernas; mas então a lembrança, ainda não era a lembrança do lugar em que me achava, mas, o de outros lugares aonde eu tinha vivido e aonde poderia estar. Descia até mim como um socorro que tivesse chegado do alto para me tirar de um nada, porque eu sozinho nunca poderia sair; em um segundo passava por cima de séculos de civilização, a imagem opaca vista das lamparinas de petróleo, das camisas com gola alta dobrada, foram recompondo lentamente os rasgos peculiares de minha personalidade.

Essa imobilidade das coisas que nos rodeiam, acaso é uma qualidade que impomos, com nossa certeza de que elas são essas coisas, nada mais que essas coisas, com a imobilidade que toma nosso pensamento frente a elas. O caso é que quando eu despertava assim, com o espírito em comoção, para averiguar, sem chegar a obtê- lo, em onde estava, tudo girava em volta de mim, na escuridão: as coisas, os países, os anos. Meu corpo, muito torpe para mover- se, tentava, fora de forma de seu cansaço, determinar a posição de seus membros para daí induzir a direção da parede e o lugar de cada móvel, para reconstruir e dar nome à morada que o abrigava. Sua memória dos flancos, dos joelhos, dos ombros, oferecia- lhe sucessivamente as imagens dos vários quartos em que dormisse, enquanto que, ao seu redor, as paredes, invisíveis, trocando de lugar, segundo a habitação imaginada, giravam nas trevas. Antes do meu pensamento vacilante, na soleira dos tempos e das formas, identificasse, engrenado às diversas circunstâncias ofereciam, o lugar de que se tratava, o outro, meu corpo, ia acordando para cada lugar de como era a cama, de onde estavam as portas, de onde davam as janelas, se havia um corredor, e, além disso, dos pensamentos que ao dormir ali preocupavam e que ao despertar voltava a encontrar. O lado de meu corpo, ao tentar adivinhar sua orientação, acreditava- se, por exemplo, estar jogado de cara à parede, em um grande leito com dossel, eu em seguida dizia: « Ah! Por fim dormi, embora mamãe não veio me dizer adeus» , é que estava no campo, na casa de meu avô, morto já fazia tanto tempo; e meu corpo, aquele lado de meu corpo em que me apoiava, fiel guardião de um passado que eu nunca devesse esquecer, recordava- me a chama da lamparina de cristal da Boêmia, em forma de urna, que pendia do teto por leves correntinhas; a chaminé de mármore de Siena, no quarto de casa de meus avós, no Combray; naqueles dias longínquos que eu me figurava naquele momento como atuais, mas sem representar com exatidão; teria que ver muito mais claro um instante depois, quando despertasse, por completo.

Logo, renascia a lembrança de outra postura; a parede fugia para outro lado: estava no campo, no quarto a mim destinado na casa da senhora de Saint- Loup.

Meu deus!

Já teriam acabado de jantar. Devo ter prolongado demais da conta essa sesta feita todas as tardes ao voltar de meu passeio com a senhora de Saint- Loup, antes de vestir o fraque para ir jantar. Porque já transcorreram muitos anos desde aquela época de Combray, quando, nos dias em que mais tarde retornávamos a casa, a luz que eu via nas vidraças de meu quarto era o avermelhado reflexo crepuscular. É muito diferente do tipo de vida que se leva em Tansonville, na casa de Mme, de Saint- Loup, diverso o tipo de prazer que encontro em só sair à noite, a seguir ao luar os caminhos onde brincava antigamente ao sol; e o quarto onde terei adormecido em vez de preparar- me para o jantar, percebo- o de longe, ao voltarmos, iluminado pelo clarão da lâmpada, único farol dentro da noite.

Essas evocações turbilhonantes e confusas nunca duravam mais que uns poucos segundos; muitas vezes, a breve incerteza quanto ao local em que me achava também não deixava distinguir, umas das outras, as diversas suposições de que era feita, como não podemos isolar, vendo um cavalo na corrida, as posições sucessivas que nos mostra o cinescópio. Mas ora um, ora outro, eu havia revisto os quartos que habitara na minha vida, e acabava por lembrá- los todos nos longos devaneios que se seguiam ao despertar; quartos de inverno onde, quando estamos deitados, aconchegamos a cabeça com um monte de coisas disparatadas: um canto do travesseiro, a parte superior das cobertas, a ponta de um xale, a beira da cama, e um número dos *Débats roses*, coisas que por fim começamos a firmar bem, segundo a técnica dos pássaros, calcando- as indefinidamente; onde, num templo glacial, todo o prazer consiste em se sentir separado do exterior (como a andorinha do mar, que faz seu ninho no fundo de um subterrâneo, no calor da terra), e onde, estando aceso o fogo a noite toda na lareira, a gente dorme sob um grande manto de ar quente e enfumaçado, cortado de lampejos dos tições que se avivam, espécie de alcova impalpável, de caverna aquecida, escavada no seio do próprio quarto, região ardente e móvel em seus contornos térmicos, arejada pelos sopros que nos refrescam o rosto e provêm dos ângulos, das partes vizinhas à janela ou distanciadas da lareira, e que se resfriaram: - quartos de verão, onde gostamos de ficar unidos à noite morna, onde o luar, apoiado nos postigos entreabertos, lança até o pé da cama a sua escada mágica, onde se dorme quase ao ar livre, como o abelharuco embalado pela brisa na ponta de um galho; às vezes era o quarto em estilo Luís XVI, tão alegre que até na primeira noite não me sentira muito infeliz, e onde as colunatas que sustentavam levemente o teto se afastavam com tanta graça para mostrar e reservar o local da cama; às vezes, ao contrário, era outro quarto, pequeno e de teto tão elevado, aberto em forma de pirâmide à altura de dois andares e parcialmente revestido de mogno, onde, desde o primeiro segundo, eu fora

moralmente intoxicado pelo aroma desconhecido do patchuli, convencido da hostilidade das cortinas roxas e da indiferença insolente do pêndulo, que tagarelava bem alto como se eu não estivesse ali ; onde um estranho espelho impiedoso, de pés quadrangulares, barrando obliquamente um dos cantos da peça, ocupava à força, na suave plenitude do meu campo visual de costume, um lugar que não estava previsto; onde o meu pensamento, esforçando- se durante horas por se deslocar, por se expandirem altura, a fim de tomar exatamente a forma do quarto e preencher até em cima o seu gigantesco funil, passava noites de muito sofrimento, enquanto eu estava estendido na cama, os olhos erguidos, o ouvido ansioso, as narinas rebeldes, coração palpitante: até que o hábito houvesse mudado a cor das cortinas, fizesse calar o pêndulo, derramasse piedade no espelho oblíquo e, mau, dissimulasse, senão expulsasse por completo, o cheiro do patchuli e diminuísse sensivelmente a altura aparente do teto. O hábito da arrumadeira hábil, mas bastante morosa e que principia por deixar sofrer nosso espírito durante semanas numa instalação provisória; mas que, apesar de tudo, a gente se sente bem feliz ao encontra- la, pois sem o hábito e reduzido a seus próprios meios, seria nosso espírito impotente para tornar habitável qualquer aposento.

Certamente, eu estava bem desperto agora, meu corpo havia dado uma última volta e o bom anjo da certeza havia fixado tudo ao meu redor, me deitara sob as minhas cobertas, no meu quarto, e colocara aproximadamente em seus lugares, na escuridão, minha cômoda, a escrivaninha, a lareira, a janela que dava para a rua e as duas portas. Mas, por mais que eu soubesse que não me achava nas residências que a ignorância do despertar me houvera por um instante senão apresentado a imagem nítida, ao menos me fizera acreditar sua presença possível, um impulso fora dado à memória; em geral, não procurava adormecer de imediato; passava a maior parte da noite a relembrar nossa vida de outrora, em Combray, na casa da minha tia- avó, em Balbec, em Paris, em Doncieres, em Veneza, em outros lugares ainda, a recordar os locais, as pessoas que ali conhecera, o que delas havia visto, e o que me haviam contado a respeito.

Em Combray, todos os dias desde o fim da tarde, muito antes do momento em que seria preciso me deitar e ficar, sem dormir, longe de minha mãe e de minha avó, o quarto de dormir se tornava o ponto fixo e doloroso de minhas preocupações. Para me distrair nas noites em que me julgavam muito infeliz, haviam inventado de me dar uma lanterna mágica, com a qual cobriam minha lâmpada, enquanto esperávamos a hora de jantar; e, à maneira dos primeiros arquitetos e mestres vidraceiros da era gótica, a lanterna substituía a opacidade das paredes por irisações impalpáveis, aparições sobrenaturais multicores, onde eram pintadas legendas como num vitral vacilante e instantâneo. Porém isso fazia aumentar ainda mais a minha tristeza, pois a mudança de iluminação

destruía o hábito do meu quarto, graças ao qual, salvo o suplício de me deitar, ele se me tornava suportável. Agora, não o reconhecia mais e sentia- me inquieto, como num quarto de hotel ou de um chalé, ao qual tivesse chegado pela primeira vez ao descer de um trem.

Ao passo sacudido de seu cavalo, Golo, cheio de um desígnio atroz, saía da pequena floresta triangular que aveludava de um verde sombrio a encosta de uma colina, e avançava, aos solavancos, para o castelo da infeliz Genevieve de Brabant. Esse castelo era recortado conforme uma linha curva que era apenas o limite de uma das ovais de vidro inseridas no caixilho que deslizava à frente da lanterna. Não passava de um muro de castelo e tinha diante dele um campo aberto onde meditava Genevieve, que usava um cinto azul. O castelo e o campo eram amarelos e eu não esperava o momento de vê- los para saber a sua cor, pois, antes dos vidros do caixilho, a sonoridade vermelho- dourada do nome de Brabant mostrara- o em toda a sua evidência. Golo parava um instante para ouvir com tristeza a arenga lida em voz alta por minha tia- avó e que dava a impressão de compreender muito bem, adequando sua atitude, com uma brandura não isenta de certa majestade, às indicações do texto; depois se afastava no mesmo passo sacudido. E nada poderia deter sua lenta cavalgada. Se mexiam na lanterna, eu distinguia o cavalo de Golo que continuava a avançar sobre as cortinas da janela, inflando- se nas suas dobras, afundando- se nas suas fendas. Mesmo o corpo de Golo, de uma essência tão sobrenatural como o da sua montaria, aproveitava todo obstáculo material, todo objeto incômodo que aparecesse, para toma- lo como ossatura e torna- lo interior, ainda que se tratasse da maçaneta da porta, à qual se adaptava logo, e onde sobrenadava invencivelmente o seu manto vermelho ou seu rosto pálido sempre tão nobre e tão melancólico, mas que não deixava transparecer qualquer inquietude por essa transverberação.

É claro que eu achava um encanto todo especial nessas brilhantes projeções que pareciam emanar de um passado merovíngio e faziam passear a meu redor tão remotos reflexos de história. No entanto, não poderia descrever que mal estar me provocava essa irrupção de mistério e de beleza no meu quarto que eu acabara de preencher com o meu eu a ponto de não dar mais atenção a ele do que a mim mesmo. A influência anestesiante do hábito passara, e eu me punha a pensar e a sentir coisas tão tristes. A maçaneta da porta, que para mim era diferente de todas as outras maçanetas do mundo, nisto que parecia abrir sozinha, sem que tivesse necessidade de gira- la, de tal modo se me tornara inconsciente o seu manuseio, eis que servia agora de corpo astral para Golo. E logo que chamavam para jantar, sentia pressa de correr para o refeitório onde a grande lâmpada do teto, sem saber de Golo ou de Barba- Azul, e que conhecia meus pais e o bife à caçarola, espalhava a sua luz de todas as noites; e de cair nos braços de mamãe,

que as desgraças de Genevieve de Brabant me tornavam mais querida, ao passo que os crimes de Golo me faziam examinar minha própria consciência com maior escrúpulo.

Infelizmente, depois do jantar eu era logo obrigado a deixar mamãe, que ficava conversando com os outros, no jardim, se fazia bom tempo, ou na saleta onde todos se abrigavam se chovia. Todos, menos minha avó que achava que "é uma pena ficar a gente encerrada, no campo" e que tinha discussões intermináveis com meu pai, nos dias em que chovia forte, porque ele me mandava ler no quarto ao invés de ficar de fora. "Não é assim que você vai fazê- lo robusto e enérgico", dizia ela tristemente, "principalmente este menino que precisa tanto de forças e de vontade." Meu pai dava de ombros e examinava o barômetro, pois gostava de meteorologia, enquanto minha mãe, evitando fazer barulhos para não perturba- lo, olhava- o com respeito carinhoso, mas não fixamente para não dar a entender que buscava devassar o mistério da sua superioridade. Quanto à minha avó, em qualquer tempo, mesmo quando a chuva caía com força e Françoise entrava com precipitação recolhendo as poltronas preciosas de vime para que não se molhassem, era vista no jardim vazio e fustigado pelo aguaceiro, levantando as mechas grisalhas e desordenadas para que sua testa melhor se embebesse da salubridade do vento e da chuva. Costumava dizer: "Enfim, respira- se!", e percorria as aléias encharcadas do jardim, muito simetricamente alinhadas para seu gosto, pelo novo jardineiro destituído do sentimento da natureza e ao qual meu pai havia perguntado desde a manhã cedinho se o tempo iria se firmar- com seu passo entusiasmado e brusco, regulado pelos diversos impulsos que em sua alma excitavam a embriaguez da tempestade, o poder da higiene, a estupidez da minha educação e a simetria dos jardins, mais que pelo desejo, que desconhecia, de evitar as manchas de lama na saia cor de ameixa e que a cobriam até uma altura que sempre faziam o desespero e o problema de sua criada de quarto.

Quando os passeios de minha avó pelo jardim aconteciam depois do jantar, uma coisa tinha o poder de fazê- la voltar logo: era num desses momentos em que as voltas do seu passeio a levavam periodicamente, como um inseto, na direção das luzes da saleta, onde eram servidos os licores na mesinha de jogo quando minha tia- avó lhe gritava: "Bathilde! vem ver se impedes que o teu marido beba conhaque!" Para aborrecê- la, de fato (ela trouxera à família de meu pai um espírito tão diverso que todos zombavam dela e a atormentavam), visto que os licores eram proibidos a meu avô, minha tia- avó fazia- o beber algumas gotas. Minha pobre avó entrava, implorava ao marido com ardor que não bebesse conhaque; ele se zangava, bebia apesar de tudo o seu gole, e minha avó tornava a sair, triste, desanimada, no entanto risonha, pois tinha o coração tão humilde e era tão doce que sua ternura pelos outros e a pouca importância que atribuía à

própria pessoa e a seus sofrimentos conciliavam- se no seu olhar com um sorriso onde, contrariamente ao que se vê no rosto de muita gente, só era irônica consigo mesma, e era para todos nós como um beijo de seus olhos, que não podiam ver os que ela amava sem os acariciar apaixonadamente com o olhar. Este suplício que lhe infligia a minha tia- avó, o espetáculo das súplicas baldadas de minha avó e de sua franqueza, de antemão vencida, tentando em vão tirar de meu avô o cálice de licor, era dessas coisas a cuja vista a gente se habitua mais tarde até a considerar em risos e a tomar o partido do perseguidor, resoluta e alegremente, para se persuadir que não se trata de perseguição; na ocasião, causavam- me um tal horror que me dava vontade de bater na minha tia- avó. Porém quando ouvia: "Bathilde! vem ver se impedes que o teu marido beba conhaque!", já adulto pela covardia, eu fazia o que todos fazemos, quando somos grandes, e há diante de nós sofrimentos e injustiças: não queria vê- los; subia para soluçar lá no alto da casa, numa peça ao lado da sala de estudos, sob os telhados, uma salinha que cheirava a íris, também aromada por uma groselheira silvestre que crescia do lado de fora entre as pedras do muro e passava um ramo florido pela janela entreaberta. Destinada a uma utilidade mais especial e mais vulgar, essa peça, de onde, durante o dia, se enxergava até o torreão de Roussainvillele- Pin, serviu por muito tempo de refúgio para mim, sem dúvida por ser a única que me permitiam fechasse à chave, para todas as minhas ocupações que exigissem solidão inviolável: a leitura, o devaneio, as lágrimas e a volúpia. Infelizmente, eu não sabia então que, muito mais tristemente que as pequenas infrações ao regime do marido, era a minha falta de vontade, minha saúde delicada, a incerteza que elas projetavam sobre o meu futuro que preocupavam a minha avó no decurso das perambulações incessantes, de tarde e de noite, quando se via passar e repassar, obliquamente erguido contra o céu, seu belo rosto de faces morenas e enrugadas, que, com o passar do tempo, se haviam tornado quase cor de malva como as lavouras pelo outono, e que ela cobria, ao sair, com um pequeno véu semi-erguido, e nas quais, trazidas pelo frio ou algum pensamento triste, estavam sempre secando lágrimas involuntárias.

Ao subir para me deitar, meu consolo único era que mamãe fosse me beijar quando já estivesse na cama. Mas durava tão pouco isso, e ela descia tão depressa, que o momento em que a ouvia subir, e depois quando ela passava pelo corredor de porta dupla o ruído ligeiro de seu vestido de jardim, de musselina azul, com pequenos tirantes de palha trançada, era um momento doloroso. Anunciava o que ia ocorrer a seguir, quando ela me teria deixado, quando voltasse a descer. De modo que essas boas- noites que eu amava tanto, chegava a desejar que viessem o mais tarde possível, para que se prolongasse o tempo de espera em que mamãe ainda não chegara. Às vezes, quando, depois de me haver beijado, ela abria a porta para ir embora, eu queria chamá- la, dizer- lhe "beija-me mais uma vez", mas sabia que ela logo se mostraria zangada, pois a

concessão que fazia à minha tristeza e à minha agitação ao subir para me beijar, levando- me aquele beijo de paz, irritava meu pai que julgava absurdo esse ritual, e ela, que punha tanto empenho em me fazer perder esse hábito, estava longe de deixar que adquirisse o de lhe pedir um novo beijo quando já estava à porta. Vê- la aborrecida, assim, destruía todo o sossego que ela me trouxera um momento antes, quando inclinara sobre o meu leito o rosto amoroso, ofertando- o como uma hóstia para uma comunhão de paz, em que meus lábios saboreariam a sua presença real e o poder de adormecer. Mas essas noites em que mamãe, enfim, se demorava tão pouco tempo no meu quarto, eram ainda suaves em comparação com aquelas em que havia convidados para jantar, e nas quais, por causa disso, ela não subia para me dar boa- noite. Em geral, a visita se limitava ao Sr. Swann, que, afora alguns forasteiros eventuais, era quase a única pessoa que vinha habitualmente à nossa casa em Combray, às vezes para jantar como vizinho (mais raramente desde que fizera um mau casamento, pois meus pais não queriam receber sua mulher), às vezes após o jantar, sem ser esperado. Nas noites em que, sentados na frente da casa sob o grande castanheiro, ao redor da mesa de ferro, ouvíamos no portão do jardim não o barulho confuso e estridente da sineta, que ensurdecia, com seu ruído ferruginoso, inextinguível e gélido, toda pessoa da casa que a disparava ao entrar "sem tocar", mas o duplo toquezinho tímido, oval e dourado da campainha para os estranhos, todo mundo logo perguntava: "Uma visita, quem poderá ser?", mas sabia- se muito bem que só poderia ser o Sr. Swann; minha tia- avó, falando em voz alta para dar o exemplo, com um tom que se esforçava por tornar natural, dizia que não cochichassem daquela maneira; que nada é mais impolido para quem chega, que poderá imaginar, com isso, que se dizem coisas que não deve ouvir; e mandavam à frente, para tirar a limpo o que ocorria, a minha avó, sempre feliz por ter um pretexto para dar uma voltinha a mais pelo jardim e que aproveitava para arrancar às escondidas, ao passar, algumas estacas de roseiras, a fim de dar às rosas um aspecto mais natural, como uma mãe que encaracola os cabelos do filho porque o barbeiro os deixara muito lisos.

Ficávamos todos na expectativa das novidades que minha avó iria trazer do inimigo, como se fosse possível hesitar entre um grande número de assaltantes eventuais, e logo após meu avô dizia: "Reconheço a voz de Swann." De fato, só se reconhecia a voz dele, mal se enxergava o rosto de nariz recurvo, olhos verdes, sob a testa larga rodeada de cabelos louros, quase ruivos, penteados à Bressant, porque acendíamos o menos possível de luz no jardim para não atrair os mosquitos, e eu ia, disfarçadamente, mandar dizer que trouxessem refrescos; minha avó achava muito importante, por lhe parecer mais amável, que os refrescos fossem servidos como por costume, e não de modo excepcional e unicamente para os visitantes.

O Sr. Swann, embora muito mais jovem que meu avô, era bastante ligado a ele, que fora um dos melhores amigos de seu pai, homem excelente mas esquisito, a quem às vezes bastava uma ninharia, parece, para interromper os impulsos afetivos ou mudar- lhe o curso do pensamento. Várias vezes ao ano, eu ouvia meu avô contar à mesa sempre as mesmas anedotas sobre a atitude que Swann pai tivera por ocasião da morte da esposa, de quem cuidava dia e noite. Meu avô, que o não via há muito, correra para junto dele, na propriedade dos Swann que ficava nas redondezas de Combray; e conseguira fazê- lo deixar por um instante, todo em lágrimas, a câmara mortuária, para que não assistisse ao fechamento do caixão. Deram alguns passos pelo parque, onde brilhava um pouco de sol.

De súbito, o velho Swann se pôs a gritar pegando o braço de meu avô: "Ah, meu velho amigo! Que felicidade passearmos juntos num dia tão lindo. Não acha bonito tudo isto, estas árvores, os espinheiros- alvares e o meu tanque? Você nunca me felicitou pelo meu tanque! Mas que cara triste é essa? Está sentindo o ventinho agora?

Ah! por mais que se diga, existe ainda muita coisa boa na vida, meu caro Amédéel" Bruscamente a recordação da esposa morta lhe voltou, e achando muito complicado sem dúvida explicar como podia ter se deixado levar por um movimento de alegria num momento daqueles, contentou- se, com um gesto que lhe era familiar todas as vezes que uma questão difícil se apresentava a seu espírito, em passar a mão pela testa, enxugar os olhos e limpar os vidros do *pince- nez*. Não pôde, no entanto, consolar- se da morte da esposa, mas nos dois anos que lhe sobreviveu, dizia a meu avô: "É engraçado, penso muitas vezes na minha pobre mulher, mas não consigo pensar muito de cada vez." -"Muitas vezes, mas pouco de cada vez, como o pobre velho Swann", tornara- se uma das frases favoritas de meu avô, que ele pronunciava a propósito das mais diversas coisas. Esse velho Swann, na certa me pareceria um monstro, se meu avô, que eu considerava o melhor juiz e cujas sentenças faziam jurisprudência para mim, ajudando- me com freqüência a absolver faltas que me sentia propenso a condenar, não exclamasse: "Mas como? Era um coração de ouro!"

Durante muitos anos, quando o Sr. Swann filho vinha nos visitar com freqüência em Combray, sobretudo antes do seu casamento, minha tia- avó e meus avós nunca suspeitaram que ele já não vivia na sociedade que sua família freqüentava e que, sob a espécie de incógnito que lhe aureolava em nossa casa esse nome de Swann, eles acolhiam- com a perfeita inocência de honrados hospedeiros que podem ter, sob seu teto, sem sabê- lo, um bandido célebre um dos membros mais elegantes do *Jockey- Club*, amigo predileto do conde de Paris e do príncipe de Gales, um dos homens mais cortejados da alta sociedade do bairro de Saint-Germain.

Nossa ignorância acerca dessa brilhante vida mundana que Swann levava

provinha evidentemente, em parte, da reserva e da discrição de seu temperamento, mas também do fato de que os burgueses da época faziam da sociedade uma idéia um tanto hindu, considerando- a como composta de castas estanques, nas quais cada um, desde o nascimento, se achava colocado na posição ocupada pelos pais, e de onde nada os poderia tirar para fazer penetrar em uma casta superior, a não ser pelo acaso de uma carreira excepcional ou de um casamento inesperado. O Sr. Swann pai tinha sido corretor; o "filho Swann" deveria, portanto, fazer parte a vida inteira de uma casta em que as fortunas, como numa certa categoria de contribuintes, variavam entre tal e tal renda. Sabia- se quais tinham sido as relações de seu pai, sabia- se, desse modo, quais seriam as suas, que espécie de pessoas estaria "em condições" de freqüentar. Se por acaso conhecesse outras, seriam simples relações de rapaz às quais os velhos amigos da família, como era o caso de meus pais, fechavam os olhos com benevolência, tanto mais que ele, mesmo depois de órfão, continuava a visitar-nos fielmente; mas seria de apostar que as pessoas, desconhecidas de nós, que ele freqüentava, eram dessas a quem ele não ousaria tirar o chapéu em nossa presença quando as encontrasse.

Se se desejasse aplicar à viva força, a Swann, um coeficiente social próprio, dentre os outros filhos de corretores de situação idêntica a de seus pais, tal coeficiente não seria dos mais altos, pois Swann, de maneiras muito simples e tendo sempre a "mania" de objetos de antigüidade e pintura, morava agora numa velha casa onde ajuntava as suas coleções e que minha avó sonhava conhecer, mas que se situava no cais de Orléans, bairro em que minha tia- avó achava uma infâmia morar. "Mas o senhor é um conhecedor? Pergunto- lhe em seu próprio interesse, pois os comerciantes lhe devem impingir muitas porcarias", dizia- lhe minha tia- avó; de fato, ela não lhe atribuía competência alguma e nem sequer fazia uma alta idéia, do ponto de vista intelectual, do homem que na conversação evitava assuntos sérios e demonstrava uma precisão bastante prosaica não só quando nos dava, entrando nos mínimos detalhes, receitas culinárias, mas mesmo quando as irmãs de minha avó falavam de temas artísticos. Provocado por elas a dar a sua opinião, a exprimir sua admiração por um quadro, Swann mantinha um silêncio quase grosseiro, mas em compensação abria- se quando podia fornecer algum informe material sobre o museu onde tal quadro se encontrava, e sobre a data em que fora pintado. Porém de hábito contentava- se em procurar divertir-nos contando, de cada vez, uma história nova que lhe acabava de ocorrer com pessoas escolhidas entre as que conhecíamos, com o farmacêutico de Combray, com a nossa cozinheira, o nosso cocheiro. Certamente essas narrativas faziam rir a minha tia- avó, mas sem que ela percebesse bem se era por causa do papel ridículo que nelas Swann se atribuía sempre, ou pelo espírito com que as contava: "O senhor é um verdadeiro tipo, senhor Swann!" Como ela era a única pessoa um tanto vulgar da nossa família, fazia questão de notar aos estranhos, quando se

falava em Swann, que ele teria podido, se quisesse, morar no bulevar Haussmann ou na avenida da ópera, que era filho do Sr. Swann, que este lhe devia ter deixado uns quatro ou cinco milhões, e que isto de residir no cais de Orléans era simples capricho seu. Capricho que, de resto, ela julgava dever ser tão divertido para os outros que, em Paris, quando o Sr. Swann vinha, no dia 1° de janeiro, lhe trazer seu saquinho de marrons- glacês, ela não deixava

de lhe dizer, se havia estranhos: "Senhor Swann, quer dizer então que o senhor mora sempre perto do Entreposto de Vinhos, para ter certeza de não perder o trem quando vai para Lyon?" E olhava as outras visitas com o rabo dos olhos, por cima do *pince- nez*.

Mas se houvessem dito à minha tia- avó que este Swann perfeitamente credenciado, dada a sua origem, para ser recebido por toda a "alta burguesia", pelos tabeliães e advogados mais ilustres de Paris (privilégio que ele parecia desdenhar um pouco)- tinha, como que às escondidas, uma vida inteiramente diferente; que, saindo de nossa casa, em Paris, depois de nos ter dito que iria dormir, arrepiava caminho mal dobrasse a esquina e se dirigia para um salão que nunca os olhos de um corretor ou sócio de corretor contemplaram, isso teria parecido tão incrível à minha tia como, para uma dama mais culta, a idéia de manter relações pessoais com Aristeu e de que este, depois de conversar com ela, iria mergulhar nos reinos de Tétis, um império oculto aos olhos dos mortais e onde Virgílio no- lo descreve acolhido de braços abertos; ou, para nos atermos a uma imagem de maior probabilidade de lhe ocorrer ao espírito, pois ela a havia visto pintada em nossos pratos de biscoito de Combray- que tivera no jantar Ali-Babá, o qual, quando se visse sozinho, penetraria na caverna a rebrilhar de tesouros insuspeitados.

Um dia em que ele nos visitara em Paris após o jantar, desculpando- se por estar de casaca, dissera- nos Françoise, depois que partira, que soubera pelo cocheiro que ele jantara "na casa de uma princesa". "Sim, de uma princesa do *demi-monde*!", retrucara minha tia dando de ombros, numa ironia serena, sem erguer os olhos do tricô.

Desse modo, minha tia- avó tratava- o com alguma superioridade. Como pensava que ele devia se sentir lisonjeado com nossos convites, achava muito natural que não nos visitasse, no verão, sem trazer à mão uma cestinha de pêssegos ou framboesas do seu jardim e que, de todas as suas viagens à Itália me trouxesse fotografias de obras- primas.

Ninguém se sentia constrangido em mandar chamá- lo quando havia necessidade de molho gribiche ou de salada de ananás para os grandes jantares aos quais não o convidavam, já que não lhe atribuíam prestígio suficiente para ser apresentado aos estranhos que vinham pela primeira vez. Se a conversa recaía sobre os

príncipes da Casa de França: "Pessoas que nem o senhor nem eu jamais conheceremos, nem fazemos questão de conhecer, não é mesmo?", dizia a minha tia- avó a Swann, que talvez trouxesse no bolso uma carta de Twickenham; e mandava- o empurrar o piano e virar as folhas nas noites em que a irmã de minha avó cantava, demonstrando para com aquela pessoa tão solicitada em outros lugares a ingênua rudeza de uma criança que brinca com um bibelô de coleção tão despreocupada como se fosse um objeto vulgar.

Sem dúvida, o Swann conhecido por tantos sócios do clube àquela época era bem diverso do que minha tia criava em sua cabeça, quando à noitinha, no jardinzinho de Combray, após ressoarem os dois toques hesitantes da sineta, ela insuflava e vivificava, com tudo o que sabia sobre a família Swann, o personagem obscuro e incerto que se destacava, seguido de minha avó, sobre um fundo de trevas e que era reconhecido pela voz.

Porém mesmo do ponto de vista das coisas mais insignificantes da vida nós não somos um todo materialmente constituído, idêntico para todas as pessoas, e de que cada um não tem mais que tomar conhecimento, como se se tratasse de um livro de contabilidade ou de um testamento; nossa personalidade social é uma criação do pensamento alheio. Até o ato tão simples a que chamamos "ver uma pessoa que conhecemos" é em parte uma ação intelectual. Preenchemos a aparência física do ser que vemos com todas as noções que temos a seu respeito, e, para o aspecto global que nos representamos, tais noções certamente entram com a maior parte. Acabam por arredondar tão perfeitamente as faces, por seguir com tão perfeita aderência a linha do nariz, vêm de tal forma matizar a sonoridade da voz como se esta fosse apenas um envoltório transparente, que, cada vez que vemos esse rosto e ouvimos essa voz, são essas as noções que reencontramos, que escutamos.

Sem dúvida, no Swann que haviam construído para si mesmos, meus pais tinham omitido, por ignorância, uma multidão de particularidades de sua vida mundana que faziam com que outros, em sua presença, vissem todas as elegâncias dominar- lhe o rosto até o nariz recurvo, que era como que sua fronteira natural; mas também tinham podido acumular naquele rosto despojado de seu prestígio, vago e espaçoso, no fundo desses olhos depreciados, o suave e incerto resíduo um tanto memória, um tanto esquecimento- das horas ociosas passadas em nossa companhia após os jantares semanais, ao redor da mesa de jogo ou no jardim, durante a nossa vida de boa vizinhança campestre. E com tudo isto, de tal modo se enchera o envoltório corporal de nosso amigo, bem como de algumas recordações relativas a seus pais, que este Swann se tornara um ser completo e vivo e eu tenho a impressão de deixar uma pessoa para ir me encontrar com outra bem distinta quando, na minha memória, passo do Swann que conheci mais tarde em detalhe para esse primitivo Swann- no qual reencontro os erros

encantadores da minha juventude, e que aliás se parece menos com o outro do que com as pessoas que conheci na mesma época, como se ocorresse em nossa vida o mesmo que num museu, onde todos os quadros de uma mesma época têm um ar de família, uma mesma totalidade- esse primitivo Swann cheio de lazeres, perfumado pelo aroma do grande castanheiro, do cestinho de framboesas e de um tantinho de estragão.

No entanto, um dia em que minha avó tinha ido pedir um obséquio a uma dama que conhecera no *Sacré- Coeur* (e com a qual, devido à nossa concepção de castas, não quisera mais ter relações apesar de uma simpatia recíproca), a marquesa de Villeparisis da célebre família de Bouillon, esta lhe dissera: "Creio que você conhece bem o Sr. Swann, que é um grande amigo dos meus sobrinhos de Laumes." Minha avó regressara da visita entusiasmada com a mansão que dava para jardins e onde a Sra. de Villeparisis lhe aconselhara que alugasse casa, e também com um alfaiate e sua filha, cuja loja ficava no pátio e onde ela entrara para pedir que lhe dessem um ponto na saia, que fora rasgada na escadaria. Minha avó achara- os perfeitos, declarando que a menina era uma pérola e que o alfaiate era um homem muito distinto, o melhor que ela já vira. Pois para ela a distinção era algo absolutamente independente do nível social. Extasiava- se com uma resposta que o alfaiate lhe dera, dizendo a mamãe: "Sevigné não teria dito melhor!" e, por outro lado, a respeito de um sobrinho da Sra. de Villeparisis que encontrara em sua casa: "Ah, minha filha, como ele é vulgar!"

Ora, a referência a Swann teve por efeito, não o de elevá- lo na consideração de minha tia- avó, e sim o de diminuir a Sra. de Villeparisis. Parecia que a consideração que, confiantes na minha avó, tributávamos à Sra. de Villeparisis lhe criasse o dever de não fazer coisa alguma que a tornasse menos digna, e a esse dever ela faltara ao tomar conhecimento da existência de Swann, ao permitir que seus parentes o freqüentassem. "Como, então ela conhece Swann? Para uma pessoa que você pretende seja parente do marechal de Mac- Mahon!" Essa opinião de meus pais sobre as relações de Swann lhes pareceu logo depois confirmada pelo seu casamento com uma mulher da pior sociedade, quase uma cocote que, aliás, ele nunca procurou apresentar, continuando a nos visitar sozinho, embora cada vez menos, mas segundo a qual julgavam poder avaliar na suposição de que lá a fora buscar- o meio, desconhecido deles, que ele freqüentava habitualmente.

Mas, uma vez, o meu avô leu num jornal que o Sr. Swann era um dos mais fiéis convivas dos almoços dominicais do duque de X..., cujo pai e tio tinham sido os homens de Estado de maior evidência do reinado de Luís Filipe. Ora, meu avô era curioso de todos os pequenos fatos que poderiam auxiliá- lo a penetrar, em pensamento, na vida privada de homens como Molé, como o duque Pasquier,

como o duque de Broglie. Ficou encantado ao saber que Swann freqüentava pessoas que os haviam conhecido.

Ao contrário, minha tia- avó interpretou as novidades num sentido desfavorável a Swann: alguém que escolhesse suas relações fora da casta em que nascera, fora da sua "classe" social, sofria a seus olhos desqualificação lastimável. Parecia- lhe que desse modo se renunciava, de vez, aos frutos de todas as boas relações com pessoas bem situadas, que as famílias precavidas cultivavam e guardavam com honra para os filhos (minha tia- avó chegara ao ponto de ter deixado de ver o filho de um tabelião de nossos amigos porque se casara com uma alteza, e assim, descendo do nível respeitável, para ela, de filho de tabelião para o de um desses aventureiros, antigos mordomos ou moços de estrebaria, para quem se conta que as rainhas tinham às vezes algumas facilidades). Ela censurava o projeto de meu avô, que consistia em interrogar Swann, na primeira noite em que viesse jantar conosco, acerca desses amigos que lhe acabávamos de descobrir. Por outro lado, as duas irmãs de minha avó, solteironas que tinham o nobre caráter dela, mas não o seu espírito, declararam não compreender a satisfação que o cunhado podia achar em falar de semelhantes ninharias. Eram pessoas de aspirações elevadas e, por isso mesmo, incapazes de se interessar pelo que se chama uma bisbilhotice, ainda que de interesse histórico, e, de um modo geral, por tudo aquilo que não se ligasse diretamente a um objetivo estético ou moral. O desinteresse de seu pensamento era tal, quanto a tudo o que, de perto ou de longe, parecesse estar relacionado com a vida mundana, que o seu senso auditivo tendo por fim compreendido sua inutilidade momentânea desde que, ao jantar, a conversa assumia um tom frívolo ou unicamente terra- a- terra, sem que elas pudessem fazê- la retornar aos assuntos que lhes eram caros - , deixava portanto em repouso os seus órgãos receptores, fazendo- os sofrerem um verdadeiro princípio de atrofia. Se meu avô então tivesse necessidade de atrair a atenção das duas irmãs, precisava recorrer a essas advertências físicas, usadas pelos médicos alienistas no caso de certos maníacos distraídos: golpes repetidos num copo, com a lâmina de uma faca, coincidindo com uma brusca interpelação da voz e do olhar, meios violentos que os psiquiatras empregam muitas vezes nas relações comuns com pessoas sãs, seja por hábito profissional, seja por julgarem todo mundo um tanto louco.

Elas ficaram mais interessadas quando, na véspera do dia em que Swann devia vir jantar, e lhes enviara pessoalmente uma caixa de vinho de Asti, minha tia, estendendo um número do *Fígaro* onde, ao lado do nome de um quadro que estava numa exposição de Corot, figuravam as seguintes palavras: "da coleção do Sr. Charles Swann", nos disse: "Viram que Swann tem “as honras” do fígaro?" - Mas eu sempre afirmei que ele tinha muito bom gosto- disse minha avó. "Naturalmente, você, desde o momento em que se trata de ter uma opinião

diversa da nossa", retrucou a minha tia- avó que, sabendo que minha avó nunca era da mesma opinião que ela, e não tendo certeza que fosse a ela mesma que nós déssemos sempre razão, queria nos arrancar uma condenação em bloco das opiniões da minha avó, contra as quais procurava solidarizar- nos à força com as suas. Mas nós ficamos em silêncio. Tendo as irmãs de minha avó manifestado a intenção de falar a Swann sobre as palavras do fígaro, minha tia- avó as desaconselhou. Cada vez que ela descobria nos outros uma vantagem, por menor que fosse, e que ela descobria não possuía, persuadia- se que essa vantagem era um mal e, para não ter de invejá- los, lamentava- os. "Creio que não lhe dariam nenhum prazer; sei muito bem que me seria desagradável ver meu nome impresso com tanta evidência no jornal, e absolutamente não ficaria lisonjeada se me falassem nisso."

No entanto, não se empenhou muito em persuadir as duas irmãs de minha avó, pois elas, por horror à vulgaridade, levavam tão longe a arte de dissimular sob paráfrases engenhosas uma alusão pessoal que esta quase sempre passava desapercebida da própria pessoa a quem se referia. Quanto à minha mãe, só pensava em conseguir de meu pai que consentisse em falar a Swann, não de sua mulher, mas de sua filha, que ele adorava e por causa de quem se dizia que afinal acabara por fazer aquele casamento. "Poderias lhe dizer só uma palavra, perguntar como vai ela. O caso deve ser tão cruel para ele." Mas meu pai se aborrecia: "Não! Tens idéias absurdas. Seria ridículo."

Mas eu era o único de todos para quem a visita de Swann era motivo de uma dolorosa preocupação. Isto porque nas noites em que havia estranhos, ou somente o Sr. Swann, mamãe não subia para o meu quarto. Eu jantava antes de todos e a seguir vinha sentar- me à mesa, até às oito horas, quando estava convencionado que deveria deitar- me; esse beijo precioso e frágil que mamãe me dava de costume na cama, no momento em que ia dormir, era- me necessário transportá- lo da sala de jantar ao meu quarto e guardá- lo todo o tempo em que me despia, sem que sua doçura se partisse, sem que sua virtude se espalhasse e evaporasse, volátil, e justamente nessas noites em que precisava recebê- lo com as maiores precauções, via- me obrigado a pegá- lo, roubá- lo de súbito, publicamente, sem nem mesmo ter o tempo e a liberdade de espírito necessários para dar ao que fazia a atenção dos maníacos que se esforçam por não pensar em outra coisa enquanto fecham uma porta, para poderem, quando a incerteza mal sã lhes volta, lhe opor vitoriosamente a lembrança do momento em que fecharam.

Estávamos todos no jardim quando ressoaram os dois toques hesitantes da sineta. Sabia- se que era Swann; entretanto, todos se entreolharam interrogativamente e minha avó foi enviada para um reconhecimento.

"Tratem de lhe agradecer de modo inteligível pelo vinho; sabem muito bem que

é delicioso e que a caixa é enorme", recomendou meu avô às duas cunhadas. "Não comecem a cochichar", disse minha tia- avó. "Há de ser bem agradável chegar a uma casa onde todos falam baixinho!"- "Ah! eis aqui o Sr. Swann. Vamos lhe perguntar se acha que vai fazer bom tempo amanhã", disse meu pai.

Minha mãe julgava que só uma palavra sua poderia desfazer toda a mágoa que nossa família tivesse causado a Swann desde o seu casamento. Achou uma forma de desviar sua atenção por um momento. Mas eu segui- a; não podia me resolver a separar- me dela um só passo, pensando que daí a pouco teria de deixá- la na sala de jantar e subir para o meu quarto sem ter, como nas outras noites, o consolo de que ela fosse me dar um beijo.

"Vamos, Sr. Swann", disse ela, "fale- me um pouco de sua filha; tenho certeza de que ela já tem gosto pelas obras de arte como o pai." -"Mas venham sentar- se conosco na varanda", disse meu avô, aproximando- se. Minha mãe foi obrigada a se interromper, mas até soube tirar desse contratempo mais um pensamento delicado, como os verdadeiros poetas a quem a tirania da rima obriga a fazer seus melhores achados: "Voltaremos a falar da sua filha quando estivermos sozinhos", disse ela a Swann, a meia voz. "Só mesmo uma mãe há de ser digna de compreendê- lo. Estou certa de que a mãe dela será da mesma opinião."

Todos nos sentamos ao redor da mesa de ferro. Desejaria não pensar nas horas de angústia que iria passar sozinho no quarto sem poder dormir, procurava me convencer de que elas não tinham nenhuma importância, visto que as esqueceria na manhã seguinte, e tratava de me apegar a coisas futuras que me levariam, como uma ponte, para além do abismo próximo que me aterrorizava. Porém meu espírito tenso com essa preocupação, convexo como o olhar que eu dardejava sobre minha mãe, não se deixava permear por nenhuma impressão estranha. Na verdade os pensamentos entravam nele, mas sob a condição de deixarem do lado de fora todo elemento de beleza ou simplesmente de diversão que me distraísse ou emocionasse. Como um enfermo que, graças a um anestésico, pode assistir em plena lucidez à operação que nele é praticada, sem sentir coisa alguma, eu podia recitar para mim mesmo versos que apreciava e observar os esforços de meu avô para falar a Swann do duque de Audiffret-Pasquier, sem que os primeiros me causassem qualquer emoção e os segundos qualquer alegria. Tais esforços foram inúteis. Mal meu avô fizera a Swann uma pergunta relativa àquele orador, quando uma das irmãs de minha avó, a cujos ouvidos aquilo soara como um silêncio profundo mas inoportuno e que seria educado quebrar, interpelou a outra. "Imagina, Céline, que travei conhecimento com uma jovem governanta sueca que me deu detalhes muito interessantes sobre as cooperativas nos países escandinavos. Precisamos convidá- la qualquer dia desses para jantar aqui." -"Acredito!", respondeu sua irmã Flora, "mas eu também não perdi meu tempo. Encontrei, na casa do Sr. Vinteuil, um velho sábio

e conhece muito Maubant, e a quem este explicou nos mínimos detalhes como se faz para preparar um papel. Nada mais interessante. É um vizinho do Sr. Vinteuil, eu não sabia; e é muito amável."- "Não é só o Sr. Vinteuil que tem vizinhos amáveis", exclamou minha tia Céline, com uma voz que a timidez fazia forte e a premeditação, falsa, lançando a Swann o que ela chamava de olhar significativo.

Ao mesmo tempo, minha tia Flora, que compreendera que esta frase era o agradecimento de Céline pelo vinho de Asti, olhava também para Swann com um ar misto de congratulação e ironia, ou simplesmente para sublinhar o rasgo de espírito da irmã, seja por invejara Swann o tê- lo inspirado, seja ainda por não poder deixar de rir à sua custa por julgá- lo na berlinda. "Acho que poderemos conseguir que esse senhor venha jantar", continuou Flora, "quando a gente lhe dá corda sobre Maubant ou a Sra. Materna, ele fala horas sem parar."- "Deve ser delicioso", suspirou meu avô, em cujo espírito a natureza infelizmente se esquecera por completo de incluir a possibilidade de se interessar apaixonadamente pelas cooperativas suecas ou pela composição dos papéis de Maubant, assim como se esquecera de fornecer ao das irmãs de minha avó o grãozinho de sal que nós mesmos devemos acrescentar, para achar algum sabor, às narrativas sobre a vida íntima de Molé ou do conde de Paris. "Veja bem", disse Swann a meu avô, "o que vou lhe dizer tem mais relações do que parece com o que o senhor me perguntava, pois, sob certos aspectos, as coisas não mudaram muito. Esta manhã, eu estava relendo em Saint- Simon algo que o teria divertido. Está no volume sobre sua embaixada na Espanha; não é dos melhores, não passa de um diário, mas ao menos é um diário maravilhosamente bem escrito, o que já faz uma diferença em relação a esses diários aborrecidos que nos sentimos obrigados a ler de manhã e à noite." -"Não sou de sua opinião, há dias em que a leitura dos jornais me parece bem agradável...", interrompeu minha tia Flora, para mostrar que havia lido a frase sobre o Corot de Swann no figaro. "Quando falam de coisas ou de pessoas que nos interessam!", encareceu minha tia Céline. "Não digo que não", respondeu Swann espantado. "O que censuro nos jomais é o fato de nos obrigar a prestar atenção, todos os dias, em coisas insignificantes, ao passo que lemos três ou quatro vezes na vida os livros em que há coisas essenciais. Uma vez que rasgamos febrilmente, todas as manhãs, a faixa que envolve o jornal, então as coisas deviam ser mudadas e pôr no jornal, digamos, as *Pensées* de Pascal! (acentuou o título com ênfase irônica para não clara impressão de pedantismo). E no volume de corte dourado, que só abrimos uma vez a cada dez anos", acrescentou, testemunhando pelas coisas mundanas esse desdém que certas pessoas da sociedade afetam, "é que leríamos que a rainha da Grécia foi a Cannes ou que a princesa de Léon deu um baile à fantasia. Assim, estaria restabelecida a proporção justa." Mas, lamentando ter- se permitido falar de coisas sérias, mesmo de passagem, disse ironicamente: "Grande conversa a nossa! Não sei por que tocamos nesses “cumes” e, voltando- se para meu avô:

"Portanto, Saint- Simon conta que Maulévrier é o tal de quem ele diz: ''Nunca vi nessa garrafa ordinária mais que mau humor, grosseria e asneiras."- "Ordinárias ou não, conheço garrafas em que há coisas bem diversas", disse Flora vivamente, fazendo questão de, ela também, agradecer a Swann, pois o vinho de Asti era presente para ambas as irmãs. Céline se pôs a rir. Swann, atrapalhado, prosseguiu: "Não sei se foi ignorância ou esperteza', escreve Saint- Simon, 'mas a verdade é que ele pretendeu dar a mão a meus filhos. Percebi logo e pude evitá-lo." Meu avô já se extasiava com o 'ignorância ou esperteza', mas a Srta. Céline, em quem o nome de Saint- Simon um literato impedira a anestesia completa das faculdades auditivas, já se mostrava indignada: "Como? Você admira isso? Muito bem! Mas o que poderá isso querer dizer; que um homem não vale tanto quanto outro? Que importância tenha que seja duque ou cocheiro, se possui inteligência e bom coração? Boa maneira tinha o seu Saint- Simon de educar os filhos, se não lhes dizia que dessem a mão a todos os homens honestos. Mas é simplesmente abominável. E o senhor ousa citar uma coisa dessas?" E meu avô, consternado, sentindo, diante dessa obstrução, a impossibilidade de conseguir que Swann contasse as histórias que poderiam diverti- lo, dizia em voz baixa a mamãe: "Lembra- me então aquele verso que me ensinaste e que tanto me alivia em momentos assim. Ah, sim! 'Senhor, quantas virtudes me fazeis odiar.' Ah, como é bom!"

Eu não desviava o olhar de minha mãe, sabia que quando estivessem à mesa não me permitiriam que ficasse até o fim da refeição, e que, para não contrariar meu pai, mamãe não me deixaria beijá- la várias vezes diante de todos, como se estivesse no meu quarto. Assim, prometi a mim mesmo, na sala de jantar, quando começassem a comer e eu sentisse aproximar- se a hora, que tiraria antecipadamente daquele beijo, que seria curto e furtivo, tudo o que pudesse extrair sozinho; escolher com o olhar o ponto da face em que a beijaria, preparar meu pensamento para poder, devido a esse começo mental de beijo, consagrar todo minuto que mamãe me concedesse para sentir sua face contra meus lábios, como um pintor, que só pode obter pequenas sessões de pose, prepara sua palheta e faz de memória, de acordo com seus apontamentos, tudo aquilo para o que pode, a rigor, prescindir do modelo. Mas eis que, antes de tocarem a sineta para o jantar, meu avô teve a ferocidade inconsciente de dizer: "O menino parece cansado; deveria subir para se deitar. Aliás, a gente janta bem tarde esta noite." E meu pai que não observava com tanto escrúpulo quanto minha avó e minha mãe o espírito dos tratados, disse: "Sim. Vamos, vai te deitar!" Eu quis beijar mamãe; nesse momento ouviu- se a sineta do jantar. "Não, não, larga a tua mãe, vocês já se despediram bastante, essas manifestações são ridículas. Vamos, sobe!"

E tive de subir sem viático, tive de subir cada lanço da escada, como diz a expressão popular, "contra o coração", subindo contra o meu coração, que

desejava voltar para junto de minha mãe porque ela não lhe dera, ao me beijar, licença de me seguir. Esses degraus detestados que eu subia sempre tão triste, exalavam um cheiro de verniz que de certa forma absorvera e fixara esse tipo particular de mágoa que eu voltava a sentir todas as noites e que a fazia talvez mais cruel agora, porque, sob esse aspecto olfativo, a minha inteligência não mais podia tomar parte nela.

Quando dormimos e uma dor de dente ainda só nos é perceptível como uma moça que nos esforçamos duzentas vezes seguidas por tirar da água ou como um verso de Moliere que repetimos sem parar, é um grande alívio acordarmos e que nossa inteligência possa desembaraçar a idéia da dor de dente de qualquer disfarce heróico ou cadenciado. O inverso desse alívio era o que eu sentia quando o desgosto de subir para o quarto me penetrava de modo infinitamente mais rápido, quase instantâneo, a um tempo insidioso e brusco, por meio da inalação muito mais tóxica que a penetração moral - do odor do verniz característico dessa escada.

Uma vez no quarto, era preciso fechar todas as saídas, trancar os postigos, cavar o meu próprio túmulo enquanto desfazia as cobertas, vestir o sudário da minha camisola de dormir. Mas antes de me sepultar no leito de ferro que haviam ajuntado ao quarto, pois eu sentia muito calor no verão sob as cortinas de *creps* do leito grande, tive um momento de revolta, e resolvi tentar um ardil de condenado. Escrevi a minha mãe, rogando que fosse até meu quarto para um caso grave que não podia dizer na carta.

Meu medo era que Françoise, a cozinheira de minha tia que estava encarregada de cuidar de mim quando eu estava em Combray, se recusasse a entregar minhas palavras. Suspeitava que, para ela, dar um recado a minha mãe quando havia gente de fora, lhe parecesse tão impossível como para o porteiro de um teatro enviar uma carta a um ator enquanto ele está em cena. Para julgar as coisas que se devem ou não fazer, ela possuía um código imperioso, abundante, sutil e intransigente, com distinções imperceptíveis ou ociosas (o que lhe dava o aspecto dessas leis antigas que, ao lado das prescrições ferozes como massacrar as crianças ao peito das mães, proibem, com uma delicadeza exagerada, que se cozinhe o cabrito no leite da própria mãe ou que se coma o tendão de um animal). Esse código, a julgar pela súbita obstinação com que ela se negava a cumprir certas tarefas que lhe dávamos, parecia ter previsto complexidades sociais e refinamentos mundanos de tal espécie que nada no ambiente e na sua vida de doméstica da aldeia teria podido lhe sugerir; e era- se obrigado a confessar que existia nela um passado francês muito antigo, nobre e mal compreendido, como em algumas dessas cidades manufatureiras onde velhos palácios testemunham que teria havido outrora uma vida de corte, e onde os operários de uma fábrica de produtos químicos trabalham em meio a delicadas

esculturas que representam o milagre de São Teófilo ou os quatro jovens Aymon.

No meu caso particular, o artigo do código que fazia pouco provável que, salvo em caso de incêndio, Françoise fosse incomodar mamãe na presença do Sr. Swann devido a uma pessoa tão pouco importante como eu, exprimia apenas o respeito que ela professava não só pelos pais como pelos mortos, os padres e os reis mas também pelo estranho ao qual se dava hospitalidade, respeito que teria me emocionado em um livro, mas que sempre me irritava em sua boca, devido ao tom grave e enternecido que ela assumia para se referir a isto, e mais ainda naquela noite em que o caráter sagrado que ela atribuía ao jantar concorreria para que se negasse a perturbar a cerimônia.

Mas, para ter uma probabilidade a meu favor, não hesitei em mentir e dizer que não era a mim que me ocorrera escrever a mamãe, e sim fora mamãe que me recomendara, quando nos separamos, que não esquecesse de lhe mandar uma resposta relativamente a um objeto que me pedira que procurasse; e ela certamente ficaria bastante aborrecida se não lhe enviasse um bilhete. Acho que Françoise não acreditou no que lhe disse, pois, como os homens primitivos cujos sentidos eram mais penetrantes que os nossos, percebia de imediato, por sinais imperceptíveis para nós, toda a verdade que procurávamos lhe esconder; durante uns cinco minutos, ela encarou o envelope, como se a análise do papel e o aspecto da escrita fossem elucidá- la quanto à natureza do conteúdo ou lhe informar a que artigo de seu código deveria se referir. Depois saiu com um ar resignado que parecia indicar: "É uma desgraça para os pais terem um filho desses!"

Após um breve momento voltou para me dizer que ainda estavam tomando sorvetes e que era impossível ao mordomo entregar o bilhete agora, diante de todos; mas quando estivessem no lavabo, iria entrega- lo a mamãe. Logo diminuiu a minha ansiedade; já não era mais como há pouco, quando havia me separado de mamãe até o dia seguinte, visto que o bilhete, que decerto a deixaria zangada (e duplamente, porque essa manobra me faria ridículo aos olhos de Swann), pelo menos ia me fazer entrar, invisível e deslumbrado, na mesma peça em que ela se achava, ia falar- lhe de mim ao ouvido; visto que essa sala de jantar, proibida e hostil, onde, há um momento apenas, o próprio sorvete - *ogranité*- e os lavabos me pareciam encobrir prazeres malignos e mortalmente tristes porque mamãe os experimentava longe de mim, abria- se agora para mim e, como um fruto maduro que rompe sua casca, faria jorrar, expandindo até o meu coração inebriado a atenção de mamãe, enquanto ela lesse as minhas palavras.

Agora já não me sentia mais separado dela; as barreiras haviam caído, um fio delicado nos reunia. E depois, aquilo não era tudo: sem dúvida, mamãe iria subir!

A angústia que eu acabara de sentir, julgava que fosse motivo de zombaria para Swann se ele tivesse lido o meu bilhete e adivinhado o seu objetivo; ora, pelo contrário, como soube mais tarde, uma angústia semelhante foi o martírio de longos anos de sua vida, e ninguém melhor do que ele talvez pudesse compreendê- la: essa angústia que há em sentir o ser que se ama em um lugar de festa onde a gente não está, onde não é possível ir vê- lo, foi o amor que a fez conhecer, o amor ao qual ela está de certo modo predestinada, e que ele acaba por monopolizar e singularizar.

Mas quando, como no meu caso, essa angústia nos invade antes de o amor ter feito sua aparição na nossa vida, ela fica flutuando a esperá- lo, vaga e livre, sem atribuição determinada, um dia a serviço de um sentimento, no dia seguinte de outro, ora a cargo da ternura filial, ora à disposição da amizade por um companheiro. E a alegria com que fiz o meu primeiro aprendizado, quando Françoise voltou para dizer que meu bilhete seria entregue, Swann também a conhecera muito, essa alegria enganadora que nos dá algum amigo, algum parente da mulher que amamos, quando, ao chegar à casa ou ao teatro em que ela está, para um baile, uma festa ou uma estréia, onde vai encontrá- la, esse amigo nos vê a vaguear do lado de fora, esperando desesperadamente uma ocasião para se comunicar com ela. Ele nos reconhece, aborda- nos com familiaridade, pergunta o que fazemos ali. E como inventamos ter algo urgente para dizer à sua parenta ou amiga, ele nos assegura que nada é mais simples, faz-nos entrar no vestíbulo e nos promete que em cinco minutos irá mandá- la ao nosso encontro. E como amamos- da mesma forma que, naquele momento, eu amava Françoise esse intermediário bem intencionado que, com uma palavra, nos faz suportável, humana e quase propícia a festa inconcebível, infernal, em cujo seio julgamos que turbilhões inimigos, perversos e deliciosos arrastam para longe de nós, fazendo rir de nós aquela a quem amamos. A julgar por ele, o parente que nos abordou e que é, também ele, um dos iniciados nos cruéis mistérios, os outros convidados da festa nada devem ter de muito demoníaco. Essas horas inacessíveis e suplicantes em que ela ia desfrutar prazeres desconhecidos, eis que, por uma abertura inesperada, nelas penetramos; eis que um dos momentos cuja sucessão as teria composto, um momento tão real como os outros, talvez mesmo mais importante para nós, pois a nossa amada tem maior participação nele, nós o percebemos agora, possuímo- lo, intervimos nele e é quase como se o tivéssemos criado: o momento em que alguém vai lhe dizer que estamos ali, embaixo. E é claro que os outros momentos da festa não deveriam ser de uma essência muito diversa dele, não deveriam ter nada mais delicioso e que tanto nos fizesse sofrer, visto que o amigo benévolo nos disse: "Mas ela ficará encantada em descer! Vai sentir muito mais prazer em conversar aqui com você do que em se aborrecer lá em cima." Infelizmente, e Swann tivera a experiência disso, as boas intenções de um terceiro não têm poder algum sobre uma mulher

que se irrita por se sentir perseguida até numa festa por alguém que ela já não ama. Com freqüência, o amigo desce sozinho.

Minha mãe não subiu e, sem qualquer consideração para com o meu amor-próprio (empenhado em que não se desmentisse a história de que ela estaria esperando uma resposta de minha parte a respeito de um pedido seu), mandou-me dizer por Françoise as seguintes palavras: "Não há resposta", que muito mais tarde ouvi tantas vezes os porteiros dos palácios ou os empregados de clubes dizerem a alguma pobre moça que se surpreende: "Como, não disse nada, mas isso é impossível! Mas então o senhor não lhe entregou a minha carta. Está bem, vou esperar um pouco mais." E assim como ela afirma invariavelmente não ter necessidade da luz suplementar que o porteiro deseja acender para ela, e fica ali, ouvindo apenas as raras frases sobre o tempo trocadas entre o porteiro e um criado, a quem o primeiro, ao se dar conta da hora, manda de repente pôr no gelo a bebida de um freguês assim, eu, tendo recusado a oferta de Françoise de me fazer um chá ou de ficar comigo no quarto, deixei- a voltar para a copa, deitei- me e fechei os olhos, tentando não ouvir a voz de meus pais que tomavam café no jardim. Mas, passados alguns segundos, senti que, escrevendo o bilhete à mamãe, achegando- me com o risco de aborrecê- la, tão pertinho que já pensava atingir o instante de revê- la, perdera toda a possibilidade de dormir sem ater revisto, e as batidas do meu coração se tornavam de minuto a minuto mais dolorosas, porque eu aumentava a minha própria inquietação impondo- me uma calma que era a aceitação do meu infortúnio.

De repente, diminuiu a minha ansiedade, uma felicidade me possuiu como quando um medicamento poderoso principia a agir e nos tira uma dor: eu acabava de tomar a resolução de não mais tentar dormir sem ter visto mamãe de novo, de beijá- la custasse o que custasse, quando ela subisse para se deitar, mesmo sabendo com certeza que ficaríamos brigados por muito tempo. A tranqüilidade resultante das minhas angústias findas me dava uma extraordinária alegria, não menos que a espera, a sede e o medo do perigo.

Abri a janela sem ruído e sentei- me aos pés da cama; não fazia quase nenhum movimento para que não me ouvissem lá embaixo. Fora, as coisas, elas também, pareciam fixas numa atenção muda para não perturbar a luz da lua, que, duplicando e recuando os objetos por lhes estender à frente a sua sombra respectiva, mais densa e concreta que eles próprios, ampliava e diminuía a paisagem ao mesmo tempo, como um planisfério que se desdobrasse. O que tinha de se mover, algumas folhas do castanheiro, movia- se. Mas o seu fremir minucioso, total, executado até nos menores detalhes e nas extremas delicadezas, não se espalhava sobre o resto, nem se fundia com ele, permanecendo circunscrito.

Expostos àquele silêncio que não absorvia nada, os rumores mais distantes, os que

deviam vir dos jardins situados na outra extremidade da vila, se percebiam em tal "acabamento" que pareciam dever esse efeito de distância apenas ao seu pianíssimo, como esses motivos em surdina tão bem executados pela orquestra do Conservatório que, embora não lhes percamos uma só nota, julgamos entretanto ouvi- los longe da sala de concerto, e todos os velhos sócios- as irmãs de minha avó também, quando Swann lhes cedia as suas entradas aguçavam o ouvido, como se escutassem o longínquo avanço de um exército em marcha que ainda não tivesse dobrado a esquina da rua de Trévise.

Sabia que o caso em que me metia era, de todos, o que me poderia trazer, da parte de meus pais, as conseqüências mais graves, na verdade bem mais graves do que poderia supor um estranho, conseqüências que ele só poderia admitir fossem causadas por faltas verdadeiramente vergonhosas. Porém, na educação que recebia, a ordem das faltas não era a mesma da educação das outras crianças e tinham- me habituado a colocar acima de todas as outras (pois sem dúvida não havia outras de que eu tivesse necessidade de sertão cuidadosamente preservado) aquelas cuja natureza comum consistia, como agora o compreendo, em nelas incorrer devido a um acesso de nervos.

Mas então não pronunciavam tal expressão, não confessavam essa origem que poderia me levar a crer que eu era desculpável por ceder a tais acessos ou até ser, talvez, incapaz de lhes resistir. Mas essas faltas, eu bem as reconhecia pela angústia que as precedia como pelo rigor do castigo que acarretavam; e sabia que essa falta que acabara de cometer, ainda que infinitamente mais grave, pertencia à mesma família das outras pelas quais eu fora severamente punido. Quando me colocasse no caminho de minha mãe, no momento em que ela subisse para ir se deitar, e ela visse que eu ficara de pé para tornar a lhe dar boa-noite no corredor, não me deixariam mais permanecer na casa; mandar- me-iam para o colégio no dia seguinte, com certeza. Pois bem! mesmo que tivesse de me jogar pela janela cinco minutos depois, ainda assim isso era preferível. O que eu queria agora era mamãe, era dar- lhe boa- noite, já fora longe demais no caminho que me levava à realização desse desejo para poder voltar atrás.

Ouvi os passos de meus pais que acompanhavam Swann; e, quando a sineta do portão me fez ver que ele acabara de partir, fui para a janela. Mamãe perguntava a meu pai se gostara da lagosta e se o Sr. Swann havia repetido o sorvete de café e o de pistache. "Não o achei grande coisa", disse mamãe, "creio que da próxima vez será preciso experimentar outra essência." -"Nem imagina como Swann mudou", acrescentou minha tia- avó, "parece um velho!"

A tia- avó de tal maneira se habituara em ver sempre em Swann o mesmo adolescente, que se espantava por encontrá- lo de repente menos jovem do que a idade que lhe atribuía. E de resto, meus pais começavam a lhe achar aquela velhice anormal, excessiva, vergonhosa e merecida dos solteirões, de todos

aqueles para quem parece que o grande dia que não tem amanhã há de ser mais longo que para os outros, pois para eles está vazio e os momentos vão se somando desde a manhã sem dividir- se depois entre os filhos. "Acho que tem preocupações de sobra com a libertina da mulher, que vive em Combray, como todos sabem, com um tal de Sr. de Charles. É o assunto da cidade."

Minha mãe observou que, no entanto, fazia algum tempo que Swann parecia bem menos triste. "E já não faz tantas vezes aquele gesto do pai de esfregar os olhos e passar a mão pela testa. Acho que, no fundo, já não ama aquela mulher." -"Mas é claro que já não ama", concordou meu avô. "Recebi dele, faz algum tempo, uma carta a esse respeito, que de modo algum me convenceu, e que não deixa qualquer dúvida sobre os seus sentimentos, pelo menos quanto ao amor, quanto àquela mulher. Muito bem! Vejam", acrescentou voltando- se para as cunhadas, "vocês se esqueceram de lhe agradecer o vinho".- "Como é que não agradecemos? Aqui entre nós, acho que fui até bem delicada", respondeu minha tia Flora."Sim, você soube arranjar muito bem as coisas; cheguei a admirá- la", disse minha tia Céline. -"Mas você também se saiu muito bem." -"É verdade; fiquei satisfeita com minha frase sobre os vizinhos amáveis." -"Como, é a isso que chamam agradecer?", exclamou meu avô. "Bem que ouvi aquilo, mas o diabo me leve se percebi que se dirigia a Swann. Podem estar certas de que ele não entendeu nada." -"Que nada! Swann não é nenhum bobo, tenho certeza de que ele soube apreciar. É claro que eu não podia lhe falar do número das garrafas e do preço do vinho!"

Meu pai e minha mãe ficaram sós, e sentaram- se um instante. Depois meu pai disse: "Bem, se quiser, vamos nos deitar." -"Se quiser, meu bom amigo, embora eu não tenha o menor sono; creio que não foi por causa desse inofensivo sorvete de café que estou tão desperta. Mas vejo luz na copa e, já que a pobre Françoise me esperou, vou lhe pedir para desamarrar o espartilho, enquanto você se despe." E minha mãe abriu a porta gradeada do vestíbulo que dava para a escada. Logo depois, ouvi que subia para fechar a janela. Fui sem barulho pelo corredor; meu coração batia tão forte que eu mal podia avançar, mas pelo menos já não batia de ansiedade, mas de terror e de alegria. No vão da escada, vi a luz projetada pela vela de mamãe. Depois, vi a ela própria; atirei- me ao seu encontro. No primeiro instante ela me olhou com espanto, não percebendo o que se passava. Logo, o seu rosto assumiu uma expressão de cólera; não me dizia uma só palavra e, com efeito, por muito menos já tinham deixado de falar comigo durante vários dias. Se mamãe me tivesse dito uma palavra, seria admitir que poderiam voltar a falar- me e, aliás, isso talvez parecesse ainda mais terrível, como um sinal que, diante da gravidade do castigo que se preparava, o silêncio e a zanga fossem pueris. Uma palavra teria significado a calma com que se responde ao criado quando se está resolvido a mandá- lo embora; ou o beijo que

se dá a um filho ao mandá- lo para um quartel e que seria negado se tudo não passasse de uma briga de dois dias.

Mas ela ouviu meu pai que subia do quartinho de vestir, onde fora tirara roupa, e, para evitara cena que ele me faria, me disse com a voz entrecortada de raiva: "Anda, anda, que pelo menos teu pai não te veja aqui esperando como um idiota!"

Mas eu lhe repetia: "Vem me dar boa- noite", horrorizado ao ver que o reflexo da vela de meu pai já se erguia na parede, mas ainda usando a sua aproximação como forma de chantagear minha mãe, na esperança de que ela, para evitar que meu pai me encontrasse ainda ali se insistisse na sua recusa, afinal me dissesse: "Volta para o teu quarto; eu vou para lá." Era tarde demais, meu pai estava diante de nós. Sem querer, murmurei estas palavras que ninguém ouviu: "Estou perdido!"

Mas não foi assim. Meu pai constantemente recusava- me vantagens que me haviam sido concedidas nos pactos mais generosos estabelecidos por minha mãe e minha avó, porque não se preocupava com "princípios" e para ele não havia "direito das gentes". Por um motivo eventual, ou até sem motivo, suprimia- me, no último instante, um passeio tão habitual, tão consagrado, que dele não seria possível privarem- me sem perjúrio, ou então, como o fizera ainda aquela noite, muito tempo antes da hora ritual, me dizia: ''Vamos, sobe para te deitar, e nada de desculpas!" Mas exatamente por não ter princípios (no sentido de minha avó), não lhe era também possível atribuir intransigência. Olhou- me por um instante com ar entre espantado e furioso, e, depois que mamãe, com algumas palavras embaraçadas, lhe explicou o que ocorrera, ele disse: "Mas então vai com ele; já que justamente estavas dizendo que não tinhas sono, fica um pouco no quarto dele; quanto a mim, não preciso de nada." -"Mas, meu amigo", respondeu minha mãe com timidez, "que eu tenha sono ou não, não muda a situação, não podemos habituar essa criança..." -"Mas não se trata de habituar", disse meu pai dando de ombros, "bem vês que o menino está aflito, tem um ar desolado essa criança; vamos, nós não somos carrascos! Se ele adoecer por tua causa, muito trabalho vais ter! Já que há duas camas no quarto, vai dizer a Françoise para te preparar a cama grande e deita esta noite junto dele. Vamos, boa- noite, eu que não sou tão nervoso como vocês, vou me deitar."

Não seria possível agradecer a meu pai; teria ficado aborrecido com o que chamava de pieguices. Não ousei fazer um movimento; ele ainda estava diante de nós, grande, em seu roupão de dormir de cor branca e a manta roxa e rosada de caxemira da Índia, com que enrolava a cabeça desde que sofria de nevralgias, na mesma atitude com que Abraão, segundo a gravura de Benozzo Gozzoli que o Sr. Swann me dera, dizia a Sara que era preciso se separar de Isaac. Faz muitos anos que isso aconteceu.

A parede da escada, onde vi subir o reflexo de sua vela, há muito já não existe. Em mim, tantas coisas foram destruídas, coisas que eu julgava fossem durar para sempre, e se construíram novas, dando origem a penas e alegrias novas que eu não teria podido prever então, assim como as antigas se tornaram difíceis de compreender. Também há muito tempo meu pai deixou de poder dizer a mamãe: "Vai com o menino."

A possibilidade de semelhantes horas nunca mais renascerá para mim. Porém, desde algum tempo recomeço a perceber muito bem, se apuro os ouvidos, os soluços que então consegui conter na presença de meu pai, e que só rebentaram quando fiquei a sós com mamãe. Na verdade, eles nunca cessaram; e é somente porque a vida se vai agora emudecendo cada vez mais a meu redor que os ouço de novo, como os sinos do convento que parecem tão silenciosos durante o dia por causa dos barulhos da cidade que os julgamos parados, mas que voltam a soar no silêncio da noite.

Mamãe passou aquela noite no meu quarto; no momento mesmo em que eu acabara de cometer uma falta tamanha que esperava ser obrigado a deixar a casa, meus pais me davam mais do que eu nunca teria podido obter deles como recompensa de uma boa ação. Mesmo na hora em que se manifestava por esse ato de graça, a conduta de meu pai a meu respeito conservava algo de arbitrário e desmerecedor que a caracterizava, e que decorria em geral de que sua atitude resultava antes de convenções fortuitas do que de um plano premeditado. Talvez até o que eu chamava de sua severidade, quando mandava que me deitasse, merecesse menos este nome que a de minha mãe ou de minha avó, pois a natureza de meu pai, diferente ainda mais da minha, em certos aspectos, do que a delas, provavelmente não adivinhava até então o quanto eu me sentia infeliz todas as noites, o que a minha mãe e a minha avó sabiam muito bem; mas elas me amavam o bastante para não consentir que me poupassem o sofrimento, pois desejavam que eu aprendesse a dominá- lo a fim de diminuir a minha sensibilidade nervosa e fortalecer minha vontade.

Quanto a meu pai, cuja afeição por mim era de outra espécie, não sei se teria tido essa coragem: uma vez que compreendera que eu estava sofrendo, dissera a minha mãe: "Vai consolá- lo." Mamãe ficou aquela noite no meu quarto e, como para não estragar com nenhum remorso aquelas horas tão diferentes do que eu tinha tido o direito de esperar, quando Françoise, compreendendo que estava se passando algo extraordinário ao ver mamãe sentada junto a mim, estendendo-me a mão e deixando- me chorar sem ralhar, lhe perguntou: "Mas senhora, que tem o patrãozinho para chorar assim?" mamãe lhe respondeu: "Nem mesmo ele sabe, Françoise, está nervoso; arrume depressa a cama grande e vá se deitar."

Assim, pela primeira vez, minha tristeza não era considerada uma falta digna de castigo e sim um mal involuntário que se acabava de reconhecer oficialmente,

como um estado nervoso pelo qual eu não era responsável; sentia o alívio de não ter mais de misturar escrúpulos à amargura das minhas lágrimas, podia chorar sem pecado. Meu orgulho também não era pequeno diante de Françoise, por aquela transformação das coisas humanas, tanto que, uma hora depois que mamãe se havia recusado a subir para o meu quarto, dando- me uma resposta desdenhosa, dizendo que eu deveria dormir, erguia- me à dignidade de grande personagem e fazia- me alcançar de súbito uma espécie de puberdade do desgosto, de emancipação das lágrimas. Deveria sentir- me feliz-e não era. Tinha a impressão de que minha mãe acabava de me fazer uma primeira concessão que lhe devia ser dolorosa, que aquilo era uma primeira abdicação, de sua parte, diante do ideal que concebera para mim, e que, pela primeira vez, ela, tão corajosa, se confessava derrotada. Parecia- me que, se eu acabava de obter uma vitória, era contra ela, pois conseguira quebrar sua vontade, dominar- lhe a razão, como o teriam feito a doença, os desgostos ou a idade; e que aquela noite principiava uma nova era, ficaria marcada como uma triste data. Se então eu tivesse ousado, teria dito a mamãe: "Não, não quero, não durma aqui." Mas eu conhecia aquela sabedoria prática, realista como se diria hoje, que, nela, matizava a natureza ardentemente idealista de minha avó, e sabia que, agora que o mal estava feito, ela preferia ao menos deixar- me desfrutar o prazer calmante dela, a incomodar meu pai.

Com certeza, o belo rosto de minha mãe ainda esplendia de juventude nessa noite em que me estendia as mãos com tanta doçura, procurando estancar minhas lágrimas; porém parecia- me justamente que não deveria ser assim, que sua cólera me seria menos triste do que essa nova doçura que minha infância não havia conhecido; parecia- me que acabava, com mão ímpia e secreta, de traçar em sua alma uma primeira ruga e de lhe fazer aparecer o primeiro cabelo branco. Tal idéia redobrou meus soluços e então vi mamãe, que nunca se deixava levar a excessos de sentimentos comigo, dominada de repente pela minha emoção, tentar deter sua vontade de chorar. Como sentisse que eu o havia percebido, disse- me rindo: "Olha só o meu canarinho, que vai fazer sua mamãe tão boba como ele, por pouco que isto continue. Vamos, já que não tens sono, nem tampouco a tua mamãe, não vamos nos enervar, vamos fazer alguma coisa, pegar um dos teus livros." Mas eu não tinha nenhum ali. "Será que ficarias menos contente se eu te mostrasse agora os livros que a vovó deve te dar no aniversário? Pensa bem: não vais ficar desapontado de não ganhares nada depois de amanhã?"

Ao contrário, eu estava encantado e mamãe foi buscar um pacote de livros, dos quais só pude adivinhar, através do papel que os envolvia, o formato oblongo, mas que, sob esse primeiro aspecto, embora sumário e velado, já eclipsavam a caixa de tintas do Ano- Novo e os bichos- da- seda do ano anterior. Eram *La*

Mare au Díable, françois e Champí, La petite Fadette e Les Maïtres Sonneurs. Minha avó, como soube mais tarde, escolhera a princípio as poesias de Musset, um volume de Rousseau e Indiana; pois, se julgava as leituras fúteis tão prejudiciais como os bombons e os pastéis, não achava que os grandes sopros do gênio tivessem sobre o espírito, mesmo o de uma criança, uma influência mais perigosa e menos vivificadora que, sobre o seu corpo, o ar livre e o vento do alto-mar. Porém como meu pai quase ativesse tratado de louca, ao saber que livros ela pretendia me dar, ela voltou pessoalmente à livraria de *Jouy- le- Vicomte* para que eu não corresse o risco de ficar sem presente (era um dia escaldante, ela passara tão mal que o médico advertiu minha mãe de que não deveria deixá-la cansar- se daquele modo) e se lançara aos quatro romances campestres de George Sand. "Minha filha", dizia ela a mamãe, "eu não podia me decidir a dar a esse menino algo que fosse mal escrito."

Na realidade, nunca se resignava a comprar nada do qual não pudesse tirar proveito intelectual e sobretudo o que nos proporcionam as coisas belas, ensinando- nos a buscar o nosso prazer em outro ponto que não nas satisfações do bem estar e da vaidade. Mesmo quando precisava dar a alguém um presente chamado útil, quando tinha de dar uma poltrona, um serviço de mesa, uma bengala, ela procurava os "antigos", como se, tendo o seu longo desuso apagado todo o caráter de utilidade, eles parecessem antes dispostos a contar- nos a vida dos homens de antigamente do que a servir às necessidades da nossa. Gostaria que eu tivesse no quarto fotografias de monumentos ou das paisagens mais belas. Mas no momento de efetuar a compra, e embora a coisa reproduzida tivesse um valor estético, ela achava que a vulgaridade e a utilidade retomariam logo o seu posto pelo processo mecânico da reprodução, a fotografia. Tentava empregar uma artimanha: senão eliminar de todo a banalidade comercial, ao menos reduzi- la, substituí- la o máximo possível pelo que ainda fosse arte, de introduzir-lhe como que várias "espessuras" de arte: em vez de fotografias da catedral de Chartres, das cascatas de Saint- Cloud, do Vesúvio, informava- se com Swann para saber se algum grande pintor as teria representado, e preferia me dar fotografias da catedral de Chartres por Corot, das cascatas de Saint- Cloud por Hubert Robert, do Vesúvio por Turner, o que era um grau a mais de arte. Mas se o fotógrafo era desse modo eliminado da representação do monumento ou da paisagem, substituído por um grande artista, recuperava no entanto os seus direitos ao reproduzir essa mesma interpretação. Tendo chegado ao último degrau da vulgaridade, ainda assim minha avó tratava de fazê- lo recuar mais. Perguntava a Swann se a obra não fora gravada, preferindo, sempre que possível, gravuras antigas e que tivessem um interesse fora de si mesmas por exemplo, as que representam uma obra- prima em um estado em que não mais podemos vê- la hoje (como a gravura da Ceia, de Leonardo, antes da sua degradação, por Morghen).

É necessário dizer que os resultados dessa forma de compreender a arte de fazer um presente nem sempre foram muito brilhantes. A idéia que fiz de Veneza, de acordo com um desenho de Ticiano que tinha por fundo uma laguna, era certamente bem menos exata que a que me teriam dado simples fotografias. Já era impossível fazer o cálculo, quando minha tia- avó desejava estabelecer um requisitório contra minha avó, das poltronas por ela oferecidas a um jovem casal ou a velhos esposos, e que, à primeira tentativa feita para se servirem delas, desabavam logo ao peso de um dos destinatários. Mas minha avó teria julgado uma mesquinharia o preocupar- se com a solidez de um móvel onde ainda se viam uma flor, um sorriso, às vezes uma bela imaginação do passado. Até aquilo que nos móveis correspondia a uma necessidade, como se apresentasse de uma forma a que não estávamos habituados, encantava- a como os velhos modos de dizer em que vemos uma metáfora, apagada, em nossa linguagem atual, pelo desgaste do hábito.

Ora, exatamente do mesmo jeito, os romances campestres de George Sand, que ela me dava como presente de aniversário, eram bem um mobiliário antigo, cheios de expressões caídas em desuso e convertidas em imagens que só encontramos no campo. E minha avó os havia comprado de preferência a outros, da mesma maneira como teria alugado, com mais gosto, uma propriedade onde houvesse um pombal gótico ou qualquer daqueles velhos objetos que exercem sobre o espírito uma influência benéfica, dando- lhe a nostalgia de impossíveis viagens no tempo.

Minha mãe sentou- se junto da minha cama; pegara *François le Champi*, cuja capa avermelhada e título incompreensível lhe davam, para mim, uma personalidade distinta e uma atração misteriosa. Nunca havia lido romances de verdade.

Ouvira dizer que George Sand era o tipo do romancista. Isto já me predispunha a imaginar, em *François le Champi*, algo de indefinível e delicioso. Os processos de narração destinados a excitar a minha curiosidade ou o enternecimento, certas maneiras de dizer que despertam a inquietude e a melancolia, e que o leitor de pouca instrução reconhece como comuns a muitos romances, pareciam- me simplesmente a mim, que considerava um livro novo não uma coisa que tivesse muitos semelhantes, mas uma personalidade única, que só em si possuísse motivo de existência uma emanação perturbadora da essência própria de *François le Champi*. Por sob esses acontecimentos tão corriqueiros, essas coisas tão comuns, eu sentia uma como que entonação, uma acentuação estranha. A ação se desenrolou; e me pareceu tanto mais obscura, visto que, naquele tempo, quando eu lia, devaneava muitas vezes, durante páginas inteiras, com o pensamento perdido em outra coisa. E às lacunas que essa distração deixava na narrativa, se acrescentava, quando era mamãe quem me lia em voz alta, o fato de que ela

pulava todas as cenas de amor. Assim, todas as mudanças esquisitas que se operavam na atitude respectiva da moleira e do menino, e que têm sua explicação unicamente nos progressos de um amor nascente, pareciam- me impregnadas de um mistério profundo, cuja origem eu imaginava estar nesse nome desconhecido, e tão doce, de "*Champi*", nome que atribuía, ao menino que o usava, e sem saber por que, sua cor viva, purpurina e encantadora. Se minha mãe era uma leitora infiel, era contudo, quanto às obras onde encontrava o tom de um sentimento verdadeiro, uma leitora admirável pelo respeito e a simplicidade da interpretação, pela beleza e a brandura do tom. Mesmo na vida, quando eram pessoas, e não obras de arte que lhe despertavam desse modo a admiração e a ternura, era tocante ver com que deferência ela afastava da voz, do gesto, das frases, um assomo de alegria que pudesse fazer mal à mãe que tinha outrora perdido um filho, toda referência a festa, a aniversário, que pudesse lembrar a um velho a sua idade avançada, todo assunto caseiro que pudesse ser aborrecido a um jovem sábio. Da mesma maneira, quando lia a prosa de George Sand, que respira sempre essa bondade, essa distinção moral que mamãe aprendera com minha avó a considerar como superiores a tudo o mais, e que só muito mais tarde eu deveria ensinar- lhe a não julgar também como superiores a tudo nos livros, atenta em banir da voz toda trivialidade, toda afetação que pudesse impedir o avanço daquela onda poderosa, ela dava toda a ternura natural, toda a ampla suavidade que exigiam, às frases que pareciam ter sido escritas para a sua voz e que, por assim dizer, cabiam por inteiro no registro de sua sensibilidade. Para feri- las no tom adequado, ela encontrava o acento cordial que lhes preexiste e as ditou, mas que as palavras não indicam; graças a esse acento, abrandava de passagem toda a crueza dos tempos verbais, dava ao imperfeito e ao pretérito perfeito a doçura que existe na bondade, a melancolia que há na ternura, dirigia a frase que ia terminando para aquela que ia começar, ora acelerando, ora retardando a marcha das sílabas a fim de fazê- las entrar, conquanto fossem diversas as suas quantidades, em um ritmo uniforme, insuflando a essa prosa tão comum uma espécie de vida sentimental e continuada.

Meus remorsos já estavam acalmados, e eu me abandonava à doçura daquela noite em que tinha mamãe junto de mim. Sabia que uma noite dessas não podia ser renovada; que o meu maior desejo no mundo, ter mamãe no quarto durante essas tristes horas noturnas, era por demais contrário às necessidades da vida e ao sentimento de todos, para que a realização que lhe fora dada essa noite não fosse mais que uma coisa fictícia e excepcional. Amanhã voltariam minhas angústias e mamãe não ficaria comigo.

Mas quando essas angústias estavam tranqüilizadas, eu não as compreendia mais; além disso, a noite seguinte ainda era algo remoto. Eu dizia comigo que teria

tempo de refletir, embora esse tempo não me trouxesse nenhum poder a mais, pois se tratava de coisas independentes da minha vontade e que somente o intervalo que as separava ainda de mim parecia tornar mais evitáveis.

Assim é que, durante muito tempo, quando, desperto de noite, me recordava de Combray, nunca pude rever mais que essa espécie de traço luminoso, recortado em meio a trevas indistintas, parecido com os que o acender de um fogo de artifício, ou qualquer projeção elétrica, iluminam e seccionam em um prédio cujas outras partes permanecem mergulhadas na noite: na base, bem larga, o pequeno salão, a sala de jantar, o trecho da aléia escura por onde chegaria o Sr. Swann, causador inconsciente de minhas tristezas, o vestíbulo de onde eu seguia para o primeiro degrau da escada, tão cruel de subir, que formava, sozinho, o tronco bem estreito daquela pirâmide irregular; e, no topo, meu quarto de dormir com o pequeno corredor de porta envidraçada para a entrada de mamãe; numa palavra, sempre visto à mesma hora, isolado de tudo o que podia haver em volta, destacando- se sozinho no escuro, o cenário estritamente necessário (como os que se vêem indicados em cima das velhas peças para as representações no interior) ao drama do meu deitar; como se Combray tivesse consistido apenas de dois andares ligados por uma escada estreita, e como se nunca fosse senão sete horas da noite. Para falar a verdade, poderia ter respondido a quem me interrogasse que Combray compreendia outras coisas e que existia em horas diferentes. Mas como o que na época eu lembrasse me seria fornecido exclusivamente pela memória voluntária, a memória da inteligência, e como as informações que ela nos dá sobre o passado nada conservam dele, nunca teria sentido interesse em imaginar o resto de Combray. Tudo aquilo, de fato, estava morto para mim. Morto para sempre? Era possível.

Há muito de acaso em tudo isto, e um segundo acaso, o de nossa morte, não nos permite muitas vezes esperar por longo tempo os benefícios do primeiro. Acho bem razoável a crença céltica de que as almas das pessoas que perdemos se mantêm cativas em algum ser inferior, um animal, um vegetal, uma coisa inanimada, e de fato perdidas para nós até o dia, que para muitos não chega jamais, em que ocorre passarmos perto da árvore, ou entrarmos na posse do objeto que é sua prisão. Então elas palpitam, nos chamam, e tão logo as tenhamos reconhecido o encanto se quebra. Libertas por nós, elas venceram a morte e voltam a viver conosco.

O mesmo se dá com o nosso passado. É trabalho baldado procurar evocá- lo, todos os esforços de nossa inteligência serão inúteis. Está escondido, fora de seu domínio e de seu alcance, em algum objeto material (na sensação que esse objeto material nos daria), que estamos longe de suspeitar. Tal objeto depende apenas do acaso que o reencontremos antes de morrer, ou que o não encontremos jamais.

Fazia já muitos anos que, de Combray, tudo que não fosse o teatro e o drama do meu deitar não existia mais para mim, quando num dia de inverno, chegando eu em casa, minha mãe, vendo- me com frio, propôs que tomasse, contra meus hábitos, um pouco de chá. A princípio recusei e, nem sei bem porque, acabei aceitando. Ela então mandou buscar um desses biscoitos curtos e rechonchudos chamados *madeleínes*, que parecem ter sido moldados na valva estriada de uma concha de São Tiago. E logo, maquinalmente, acabrunhado pelo dia tristonho e a perspectiva de um dia seguinte igualmente sombrio, levei à boca uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço da *madeleíne*.

Mas no mesmo instante em que esse gole, misturado com os farelos do biscoito, tocou meu paladar, estremeci, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira- me um prazer delicioso, isolado, sem a noção de sua causa. Rapidamente se me tornaram indiferentes as vicissitudes da minha vida, inofensivos os seus desastres, ilusória a sua brevidade, da mesma forma como opera o amor, enchendo- me de uma essência preciosa; ou antes, essa essência não estava em mim, ela era eu. Já não me sentia medíocre, contingente, mortal. De onde poderia ter vindo essa alegria poderosa? Sentia que estava ligada ao gosto do chá e do biscoito, mas ultrapassava- o infinitivamente, não deveria ser da mesma espécie. De onde vinha? Que significaria? Onde apreendê- Ia? Bebi um segundo gole no qual não achei nada além do que no primeiro, um terceiro que me trouxe um tanto menos que o segundo. É tempo de parar, o dom da bebida parece diminuir. É claro que a verdade que busco não está nela, mas em mim. Ela a despertou mas não a conhece, podendo só repetir indefinidamente, cada vez com menos força, o mesmo testemunho que não sei interpretar e que desejo ao menos poder lhe pedir novamente e reencontrar intacto, à minha disposição, daqui a pouco, para um esclarecimento decisivo. Deponho a xícara e me dirijo ao meu espírito. Cabe a ele encontrar a verdade. Mas de que modo? Incerteza grave, todas as vezes em que o espírito se sente ultrapassado por si mesmo; quando ele, o pesquisador, é ao mesmo tempo a região obscura que deve pesquisar e onde toda a sua bagagem não lhe servirá para nada. Procurar? Não apenas: criar. Está diante de algo que ainda não existe e que só ele pode tornar real, e depois fazer entrar na sua luz.

E recomeço a me perguntar o que poderia ser esse estado desconhecido, que não apresentava nenhuma prova lógica, e sim a evidência de sua felicidade, de sua realidade, ante a qual as outras se desvaneciam. Quero tentar fazê- lo reaparecer. Pelo pensamento, retrocedo ao instante em que tomei a primeira colherada de chá, e encontro a mesma situação, sem qualquer luz nova. Peço a meu espírito mais um esforço, que me traga ainda uma vez a sensação que escapa. E, para que nada quebre o impulso com que ele vai procurar recuperá- la, afasto todos os obstáculos, toda idéia estranha, protejo meus ouvidos e minha atenção contra os

rumores da sala ao lado. Porém, sentindo que o espírito se cansa sem proveito, forço- o, ao contrário, a aceitar a distração que lhe recusava, a pensar em outra coisa, a se refazer antes de uma tentativa suprema. Depois, pela segunda vez, faço o vácuo diante dele, e coloco- o de novo em face do sabor ainda recente daquele primeiro gole, e sinto palpitar em mim algo que se desloca, desejaria elevar- se, algo que teria se soltado a uma grande profundidade; não sei o que é, mas aquilo sobe devagar; experimento a resistência e ouço o rumor das distâncias atravessadas.

Certamente, o que palpita desse modo bem dentro de mim, deve ser a imagem, a lembrança visual, que, ligada a esse sabor, tenta segui- lo até mim. Mas debate-se muito longe, muito confusamente; mal percebo o reflexo neutro em que se confunde o inatingível turbilhão de cores remudadas; e não consigo distinguir a forma, pedir- lhe como ao único intérprete possível, que me traduza o testemunho de sua contemporânea, de sua companheira inseparável, pedir- lhe que me diga de que circunstância particular, de que época do passado se trata.

Será que vai chegar até a superfície de minha clara consciência, essa lembrança, o instante antigo que a atração de um instante idêntico veio de tão longe solicitar, comover, erguer do fundo de mim? Não sei. Agora não sinto mais nada, parou, desceu de novo talvez; quem sabe se nunca mais voltará de sua noite? Dez vezes é preciso que eu recomece, que me debruce para ele. E, a cada vez, a canseira que nos desvia de toda tarefa difícil, de toda obra importante, me aconselhou largar aquilo, beber meu chá pensando apenas nos aborrecimentos de hoje, nos desejos de amanhã, que se deixam remoer sem fadiga.

E de súbito a lembrança me apareceu. Aquele gosto era o do pedacinho de *madeleine* que minha tia Léonie me dava aos domingos pela manhã em Combray (porque nesse dia eu não saía antes da hora da missa), quando ia lhe dar bom- dia no seu quarto, depois de mergulhá- lo em sua infusão de chá ou de tília. A vista do pequeno biscoito não me recordara coisa alguma antes que o tivesse provado; talvez porque, tendo- o visto desde então, sem comer, nas prateleiras das confeitarias, sua imagem havia deixado aqueles dias de Combray para se ligar a outros mais recentes; talvez porque, dessas lembranças abandonadas há tanto fora da memória, nada sobrevivesse, tudo se houvesse desagregado; as formas e também a da pequena conchinha de confeitaria, tão gordamente sensual sob as suas estrias severas e devotas tinham sido abolidas, ou, atormentadas, haviam perdido a força de expansão que lhes teria permitido alcançar a consciência. Mas, quando nada subsiste de um passado antigo, depois da morte dos seres, depois da destruição das coisas, sozinhos, mais frágeis porém mais vivazes, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o aroma e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, chamando- se, ouvindo, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, levando sem se submeterem, sobre

suas gotículas quase impalpáveis, o imenso edifício das recordações.

E logo que reconheci o gosto do pedaço da *madeleine* mergulhado no chá que me dava minha tia (embora não soubesse ainda e devesse deixar para bem mais tarde a descoberta de por que essa lembrança me fazia tão feliz), logo a velha casa cinzenta que dava para a rua, onde estava o quarto dela, veio como um cenário de teatro se colar ao pequeno pavilhão, que dava para o jardim, construído pela família nos fundos (o lanço truncado que era o único que recordara até então); e com a casa, a cidade, da manhã à noite e em todos os tempos, a praça para onde me mandavam antes do almoço, as ruas aonde eu ia correr, os caminhos por onde se passeava quando fazia bom tempo. E como nesse jogo em que os japoneses se divertem mergulhando numa bacia de porcelana cheia de água pequeninos pedaços de papel até então indistintos que, mal são mergulhados, se estiram, se contorcem, se colorem, se diferenciam, tornando- se flores, casas, pessoas consistentes e reconhecíveis, assim agora todas as flores do nosso jardim e as do parque do Sr. Swann, e as ninféias do Vivonne, e a boa gente da aldeia e suas pequenas residências, e a igreja, e toda Combray e suas redondezas, tudo isso que toma forma e solidez, saiu, cidade e jardins, de minha xícara de chá.

Combray, de longe, num raio de dez léguas, vista da estrada de ferro quando aí chegávamos na última semana antes da Páscoa, não passava de uma igreja que resumia a cidade, representando- a, falando dela e por ela às distâncias, e, quando a gente se aproximava, mantinha cerrado em torno de seu alto manto sombrio, em pleno campo, contra o vento, como uma pastora às suas ovelhas, o dorso lanoso e cinzento das casas reunidas que um resto de muralhas da Idade Média cingia cá e lá num traço tão perfeitamente circular como uma cidadezinha num quadro de pintores primitivos. Para morar, Combray era um tanto triste, assim como suas ruas, cujas casas, construídas de pedras escuras da região, precedidas de degraus exteriores, com telhados salientes que faziam sombra, eram tão escuras que, mal começava a cair a tarde, era necessário erguer as cortinas nas "salas"; ruas de nomes graves de santos (dos quais, alguns estavam ligados à história dos primeiros senhores de Combray): rua Saint-Hilaire, rua Saint- Jacques, onde ficava a residência da minha tia, rua Sainte Hildegarde, para onde davam as grades, e rua do Saint- Esprit, para a qual se abria a pequena porta lateral do seu jardim; e essas ruas de Combray existem em uma parte tão recuada de minha memória, adornada de cores tão diversas das que agora revestem o mundo para mim, que na verdade me parecem todas, bem como a igreja que as dominava da Praça, mais irreais ainda que as projeções da lanterna mágica; e em certos instantes, parece- me que poder ainda cruzar a rua de Saint- Hilaire, poder alugar um quarto na rua de I'Oiseau - a velha hospedaria do Oiseau Flesché, de cujos respiradouros subia um cheiro de

cozinha que, intermitente e cálido, se ergue ainda em mim, em alguns momentos seria entrar em contato com o Além de modo mais maravilhoso e sobrenatural do que travar conhecimento com Golo e de conversar com Genevieve de Brabant.

A prima de meu avô minha tia- avó- , em cuja casa morávamos, era a mãe desta tia Léonie, a qual, desde a morte do marido, meu tio Octave, não mais quisera deixar, primeiro Combray, depois em Combray, a sua casa, e depois o seu quarto, e por fim o seu leito, e não mais "descia", sempre deitada num estado incerto de desgosto, debilidade física, doença, idéia fixa e devoção. Seu aposento particular dava para a rua de Saint- Jacques, que terminava muito além, no Grand- Pré (em oposição ao Petit- Pré, verdejante no meio da cidade, entre três ruas), e que, uniforme e pardacenta, com os três altos degraus de pedra diante de quase todas as portas, assemelhava- se a um desfiladeiro feito por um entalhador de imagens góticas na mesma pedra em que houvesse esculpido um presépio ou um calvário. Minha tia, de fato, só habitava dois quartos contíguos, ficando de tarde num enquanto o outro era arejado. Eram desses quartos da província que- assim como em certas regiões há porções inteiras do ar e do mar iluminadas ou perfumadas por miríades de protozoários que não vemos nos encantam com mil aromas que neles exalam as virtudes, a sabedoria, os hábitos, toda uma vida secreta, invisível, super abundante e moral que a atmosfera ali mantém em suspensão; aromas naturais ainda, é certo, e cor do tempo como os do campo vizinho, mas já caseiros, humanos e encerrados, fina geléia industriosa e límpida de todos os frutos do ano, que largaram o pomar pelo armário; aromas sazonais, mas mobiliários e domésticos, corrigindo o travo picante da geada com a doçura do pão quente, ociosos e pontuais como um relógio de aldeia, vagabundos e ordeiros, despreocupados e previdentes, roupeiros, matinais, devotos, felizes de uma paz que só proporciona um aumento de ansiedade, e de um prosaísmo que serve de grande reservatório de poesia àquele que a atravessa sem ter vivido ali.

Aquele ar era saturado da fina flor de um silêncio tão nutritivo, tão suculento, que eu por ali só andava com uma espécie de gula, principalmente nas primeiras manhãs ainda frias da semana da Páscoa, quando melhor o saboreava pois acabava de chegar em Combray: antes que entrasse para cumprimentar a minha tia, faziam- me esperar um instante no primeiro quarto, onde o sol, ainda de inverno, viera se aquecer diante da lareira, já acesa entre dois ladrilhos e que enchia toda a peça de um odor de fuligem, tornando- a como uma dessas grandes "bocas de forno" do campo, ou desses panos de chaminé dos castelos, sob os quais nos vem o desejo de que lá fora rebente a chuva, a neve, ou mesmo uma catástrofe diluviana para acrescentar ao conforto da reclusão a poesia da invernada; eu dava alguns passos do genuflexório até as poltronas de veludo encorpado, sempre revestidas de cabeceiras de croché; e o fogo, cozinhando

como a uma massa os aromas apetitosos de que se achava repleto o ar do quarto e que já tinham sido trabalhados e "erguidos" pelo frescor úmido e ensolarado da manhã, folheava- os, dourava- os, enrugava- os, estufava- os, e deles fazia um invisível e palpável bolo provinciano, uma imensa torta em que, mal degustados os odores mais picantes, mais finos, mais respeitados, mas também mais secos do armário embutido, da cômoda, do papel de ramagem, eu sempre voltava, com uma cobiça inconfessa, a me besuntar no cheiro medíocre, pegajoso, insípido, indigesto e frugal da colcha de flores.

No quarto vizinho, eu ouvia a minha tia que conversava consigo mesma a meia voz. Ela só me falava bem baixinho porque julgava ter dentro da cabeça algo quebrado e flutuante que poderia se deslocar se falasse muito alto, mas nunca ficava muito tempo, mesmo sozinha, sem dizer alguma coisa, pois achava que isso era saudável para a garganta e que, impedindo o sangue de estancar, aquilo faria menos freqüentes as sufocações e as angústias de que sofria; além disso, na inércia absoluta em que vivia, atribuía às suas menores sensações uma importância enorme; dotava- as de uma tal mobilidade que lhe era difícil guardá-las para si mesma, e, à falta de confidente a quem pudesse comunicá- las, anunciava- as a ela própria, num monólogo perpétuo que era sua única forma de atividade. Infelizmente, tendo adquirido o hábito de pensar em voz alta, ela nem sempre atentava em que não houvesse ninguém no quarto ao lado, e muitas vezes eu a escutava dizendo a si mesma: "Preciso me lembrar que não dormi" (pois nunca dormir era a sua grande pretensão, pretensão de que toda a nossa linguagem conservava as marcas e o respeito: de manhã, Françoise não vinha "acordá- la" e sim "entrava" no seu quarto; quando minha tia desejava fazer uma sesta durante o dia, dizia- se que ela queria "refletir" ou "repousar"; e quando lhe ocorria, na conversa, esquecer- se ao ponto de dizer "o que me acordou" ou "sonhei que", enrubescia e se corrigia logo).

Após um instante, eu entrava para beijá- la; Françoise preparava- lhe o chá; OU, quando minha tia estava nervosa, pedia em vez do chá a sua tisana e eu é que estava encarregado de derramar do saco da farmácia em um pires a quantidade de tília que se devia pôr depois na água fervendo. O ressecamento das hastes as encurvara numa treliça caprichosa em cujo entrelaçamento se abriam as flores pálidas, como se um pintor as tivesse arranjado, expondo- as da maneira mais ornamental. As folhas, tendo perdido ou modificado seu aspecto, sugeriam as coisas mais disparatadas, uma asa transparente de mosca, o reverso branco de um selo, uma pétala de rosa, porém coisas que tivessem sido empilhadas, calçadas ou trançadas como na confecção de um ninho. Mil pequenos detalhes inúteis- encantadora prodigalidade do farmacêutico- que teriam sido suprimidos em um preparado habitual, me davam, como um livro em que a gente se maravilha por encontrar o nome de uma pessoa conhecida, o prazer de

compreender que eram mesmo hastes de tílias verdadeiras, como as que eu via na avenida da Estação, modificadas, justamente por serem de verdade e não cópias, e que tinham envelhecido. E sendo cada nova característica apenas a metamorfose de uma característica antiga, eu reconhecia, nas bolinhas cinzentas, os botões verdes que não tinham chegado a vingar; mas sobretudo o brilho cor-de- rosa, lunar e suave com que as flores se destacavam na frágil floresta de hastes onde estavam suspensas como pequeninas rosas de ouro- sinal, como a luz pálida que ainda revela num muro o local de um afresco apagado, da diferença entre as partes do arbusto que tinham sido "coloridas" e as que não o foram - , me mostrava que essas pétalas eram exatamente aquelas que, antes de florirem o saco da farmácia, haviam embalsamado as noites de primavera.

Essa chama rosa de círio era ainda a sua cor, mas meio extinta e adormecida nessa vida diminuída que era a sua agora, e que é como o crepúsculo das flores. Em breve minha tia estava em condições de mergulhar, na infusão fervente de que saboreava o gosto de folha morta ou de flor murcha, uma pequena *madeleine*, da qual me estendia um pedaço quando estivesse bem amolecida.

Ao lado de sua cama havia uma grande cômoda amarela de limoeiro e uma mesa que era, a um tempo, um depósito de remédios e um altar- mor, onde, debaixo de uma estatueta da Virgem e de uma garrafa de Vichy- Célestins, podiam se encontrar missais e receitas médicas, tudo o que era necessário para seguir da cama os ofícios divinos e o regime, para que não perdesse a hora da pepsina nem a das Vésperas. Do outro lado do leito estava a janela; assim, ela tinha a rua a seus olhos, e aí costumava ler da manhã à noite, para não se enfadar, à moda dos príncipes persas, a crônica diária mas imemorial de Combray, que a seguir comentava com Françoise.

Não estava com minha tia mais que cinco minutos, quando ela me mandava embora de medo que a deixasse cansada. Ofertava a meus lábios a testa pálida e murcha, sobre a qual, àquela hora da manhã, ainda não arranjara a cabeleira postiça, onde as vértebras transpareciam como pontas de uma coroa de espinhos ou contas de um rosário, dizendo: "Adeus, minha pobre criança, vá, vá se preparar para a missa; e, se encontrar Françoise lá embaixo, diga- lhe que não perca muito tempo com vocês e suba em seguida para ver se não preciso de alguma coisa." De fato, Françoise, que estava a seu serviço há muitos anos e não duvidava então que um dia passaria ao nosso, descuidava- se um pouco da minha tia nos meses em que estávamos lá. Houve uma época, na minha infância, antes que fôssemos a Combray, quando a tia Léonie ainda passava o inverno em Paris na casa de sua mãe, época em que eu conhecia tão pouco Françoise que, no dia 1° de janeiro, antes de entrar na casa da minha tia- avó, mamãe me punha na mão uma moeda de cinco francos, dizendo: "Principalmente não te enganes de pessoa. Para dar essa moeda, espera que eu diga: 'Bom- dia, Françoise'; e ao

mesmo tempo vou te tocar de leve o braço." Mal chegávamos à obscura antecâmara da minha tia, percebíamos na sombra, sob as abas de uma touca ofuscante, tesa e frágil, como se fosse de açúcar desfiado, os redemoinhos concêntricos de um sorriso de antecipada gratidão. Era Françoise, imóvel e de pé no enquadramento da pequena porta do corredor, como uma estátua santa no seu nicho. Quando a gente já se habituava a essas trevas de capela, distinguia em seu rosto o amor desinteressado da humanidade, o respeito carinhoso pelas altas classes, exaltado nas melhores regiões de seu coração pela esperança das boas-festas. Mamãe me beliscava o braço com violência, dizendo em voz forte: "Bom-dia, Françoise."

A este sinal, meus dedos se abriam e eu deixava a moeda, que encontrava, para recebê- la, uma mão confusa, mas estendida. Mas desde que começamos a ir a Combray eu não conhecia ninguém melhor que Françoise, éramos os seus preferidos, ela sentia por nós, ao menos nos primeiros anos, junto com a mesma consideração que tributava à minha tia, um gosto mais vivo, pois, ao prestígio de fazer parte da família (e dedicava aos laços invisíveis, que cria, entre os membros de uma família a circulação de um mesmo sangue, tanto respeito como um trágico grego), nós acrescentávamos o encanto de não sermos seus patrões habituais. Assim, com que alegria nos dava boas- vindas, lamentando que não fizesse melhor tempo à nossa chegada, na véspera da Páscoa, quando muitas vezes soprava um vento glacial, e mamãe lhe perguntava pela filha e pelos sobrinhos, e se o seu neto era bom menino, o que pretendiam fazer dele, e se era parecido com a avó. E, quando já não mais havia ninguém por perto, mamãe, que sabia que Françoise ainda chorava os pais mortos há muitos anos, lhe falava deles com ternura, perguntava- lhe mil detalhes do que havia sido a sua vida.

Adivinhara que Françoise não gostava do genro e que este lhe estragava o prazer que tinha em estar com a filha, com quem não podia conversar em liberdade quando ele estava presente. Assim, quando Françoise ia vê- los, a algumas léguas de Combray, mamãe lhe dizia sorrindo: "Se Julien for obrigado a se ausentar e você tiver que ficar sozinha com Marguerite o dia todo, seria uma pena; mas não há de ser nada, não é mesmo?" E Françoise respondia, rindo: "A senhora sabe de tudo; é pior que os raios X (ela dizia X com uma dificuldade fingida e um sorriso, para zombar de si mesma, uma ignorante, por empregar um tal termo científico), os raios X que mandaram buscar para a Sra. Octave e que vêem o que nós temos no coração", e desaparecia, confusa por se preocuparem com ela, talvez para que não a vissem chorar; mamãe era a primeira pessoa a lhe dar essa doce emoção de sentir que sua vida, seus prazeres e pesares de camponesa podiam oferecer interesse, ser motivo de alegria ou de tristeza para outrem. Minha tia se resignava a privar- se um pouco dela durante a nossa temporada, sabendo o quanto minha mãe apreciava o serviço dessa criada tão ativa e

inteligente, que se apresentava tão perfeita às cinco da manhã na cozinha, com sua touca cujas abas deslumbrantes e fixas pareciam de porcelana, quanto para ir à missa cantada; que fazia tudo bem, trabalhando como um cavalo, estivesse de saúde boa ou não, mas sem barulho, sem dar a impressão de não fazer nada, a única criada da minha tia que, quando minha mãe pedia água quente ou café preto, trazia- os fervendo; era uma dessas serviçais que, numa casa, desagradam à primeira vista aos estranhos, talvez porque não se incomodem em conquistá-los, nem se mostram em ser solícitas, sabendo muito bem que não necessitam deles, e que os de casa preferiram deixar de recebê- los a despedi- las; e, por outro lado, são as que mais se afeiçoam aos patrões, que puseram à prova sua verdadeira capacidade e não se importam com esse agrado superficial, essa tagarelice bajulatória que causa boa impressão a uma visita, mas que encobre muitas vezes uma nulidade irremediável.

Quando Françoise, depois de ter cuidado para que nada faltasse do que meus pais precisavam, subia uma primeira vez para o quarto da minha tia para lhe ministrar sua pepsina e perguntar o que iria tomar no almoço, era bem raro que não lhe fosse pedida uma opinião ou que fornecesse explicações sobre um acontecimento importante:

- Françoise, imagine que a Sra. Goupil passou mais de um quarto de hora atrasada para ir buscar a irmã; por pouco que se demore no caminho, não me surpreenderia que chegasse depois da Elevação.

- E não seria de espantar- respondia Françoise.

-Françoise, se você tivesse chegado cinco minutos antes, teria visto passar a Sra. Imbert com aspargos duas vezes mais grossos que os da tia Callot; procure saber pela criada onde foi que os obteve. Você, que este ano põe aspargos em todos os molhos, poderia arrumar alguns desses para os nossos viajantes.

-Não seria de admirar se viessem da horta do senhor cura respondia Françoise.

-Ah! Pois sim! Da horta do senhor cura! retrucava minha tia dando de ombros.- Você sabe bem, minha pobre Françoise, que ele quase não consegue uns pobres aspargos de nada. Garanto que os que vi agora há pouco eram grossos como um braço. Não como o seu, é claro, mas como o meu pobre braço, que emagreceu tanto este ano. Françoise, você não ouviu essa campainha que quase me rebentou a cabeça?

- Não, senhora Octave.

-Ah, minha pobre filha. Você tem uma cabeça bem firme, graças a Deus! Era a Maguelone que tinha vindo procurar o doutor Piperaud. Ele saiu imediatamente com ela e dobraram a rua de I'Oiseau. Deve haver uma criança doente.

-Ah, meu Deus-suspirava Françoise, que não podia ouvir falar de uma desgraça

acontecida a um desconhecido, mesmo numa parte distante do mundo, sem começar a gemer.

- Françoise, mas por quem então tocaram a finados? Ah, meu Deus! Será pela Sra. Rousseau. Pois não é que me esqueci que ela morreu a noite passada! Ah, já é tempo que o bom Deus me chame, não sei mais o que fiz da minha cabeça desde a morte do meu pobre Octave. Mas estou fazendo você perder seu tempo, minha filha.

-Ora, não, senhora Octave. Meu tempo não é assim tão caro. Quem fez o tempo não o vendeu para a gente. Só vou ver se o fogo não se apagou.

Desse modo, minha tia e Françoise passavam em revista, juntas, no decurso daquela sessão matinal, os primeiros acontecimentos do dia. Estes acontecimentos, no entanto, revestiam-se às vezes de um caráter tão misterioso e grave que minha tia não conseguia esperar o momento de Françoise subir, e quatro toques violentos de campainha ressoavam pela casa.

- Mas, senhora Octave, ainda não é hora da sua pepsina-dizia Françoise. -Teve alguma fraqueza?

- Claro que não, Françoise dizia minha tia isto é, sim, você bem sabe que agora são muito raros os momentos em que não me sinto um pouco tonta. Um dia morrerei como a senhora Rousseau, sem ter tido tempo de me confessar; mas não foi por isso que toquei a campainha. Acredita que acabo de ver, como estou vendo você, a Sra. Goupil passar com uma menina que não conheço. Vá comprar um pouco de sal no Camus. Será estranho que Théodore não possa dizer quem seja.

- Mas deve ser a filha do Sr. Pupin dizia Françoise, que preferia ater-se a uma explicação imediata, visto que já fora ao Camus duas vezes naquela manhã.

-A filha do Sr. Pupin? Ora, minha pobre Françoise, você acha que eu não a conheceria?

- Mas não falo da mais velha, senhora Octave. Quero dizer a garota, a filha que está num pensionato em Jouy; parece-me que já a vi esta manhã.

- Ah, só se é isso dizia minha tia. - Deve ter chegado para as Festas. É isso! Não é preciso indagar, ela veio para as Festas. Mas então poderemos daqui a pouco ver a Sra. Sazerat bater à porta da irmã para almoçar. É isto! Vi o garoto do Galopin passar com um empadão! Você vai ver como era para a casa da Sra. Goupil.

-Já que a Sra. Goupil tem visitas, senhora Octave, não deveremos tardar em ver os convidados para o almoço, pois já está ficando tarde dizia Françoise que, com pressa de descer para cuidar da comida, não desgostava de deixar à minha tia a perspectiva daquela distração.

- Oh, não antes do meio-dia respondia minha tia em tom resignado, lançando ao pêndulo um olhar inquieto, mas furtivo, para não dar a perceber que ela, que renunciara a tudo, achava entretanto, só em saber quem a Sra. Goupil teria ao almoço, um prazer imenso, e que, infelizmente, demoraria ainda um pouco mais de uma hora. -E, ainda por cima, será na hora do meu almoço-acrescentou a meia voz para si mesma. Seu almoço era-lhe uma distração bastante para que ela não desejasse outra na mesma ocasião. - Não se esqueça, pelo menos, de me dar os ovos com creme num prato raso, ouviu? - Eram os únicos pratos ornados de decorações e minha tia se divertia, em cada refeição, a ler a legenda que lhe traziam. Punha os óculos e decifrava: Ali Babá e os quarenta ladrões, Aladim e a lâmpada maravilhosa, e dizia sorrindo:

- Muito bem, muito bem.

- Eu bem que iria ao Camus... dizia Françoise, sabendo perfeitamente que minha tia não a mandaria mais.

- Não, não vale a pena, com certeza é a Srta. Pupin. Minha pobre Françoise, lastimo tê-la feito subir para nada.

Mas minha tia sabia muito bem que não era por nada que tocara chamando Françoise, pois, em Combray, uma pessoa "que ninguém conhecia" era um ser tão inacreditável como um deus mitológico, e na verdade não havia lembrança de que, a cada vez que ocorresse, na rua do Saint-Esprit ou na praça, uma dessas aparições espantosas, pesquisas bem conduzidas não tivessem afinal reduzido a personagem fabulosa às proporções de uma "pessoa que a gente conhece", seja pessoal ou abstratamente, em seu estado civil, com tal ou qual grau de parentesco com pessoas de Combray. Ou era o filho da Sra. Sauton, que voltava do serviço, ou a sobrinha do abade Perdreau que saía do convento, ou o irmão do cura, preceptor em Châteaudun, que acabava de se aposentar ou tinha vindo passar as Festas. Ao vê-los, as pessoas sentiam a emoção de crer que houvesse, em Combray, gente desconhecida, só porque não fora logo reconhecida ou identificada. E, no entanto, muito tempo antes, a Sra. Sauton e o cura haviam avisado que estavam esperando seus "viajantes". Quando ao voltar, à tarde, eu subia para contar nosso passeio à minha tia, se acaso tinha a imprudência de lhe dizer que havíamos encontrado, perto de Pont-Vieux, um homem que meu avô não conhecia: "Um homem que o avô não conhecia!", gritava ela. "Ah, não pode ser!" Não obstante, um tanto emocionada com a novidade, queria estar com a consciência tranqüila, meu avô era chamado. "Quem foi então que o senhor encontrou perto de Pont-Vieux, meu tio? Um homem que não conhecia?" - "Sim", respondia meu avô, "era Prosper, irmão do jardineiro da Sra. Bouilleboeuf." - "Ah, bem" dizia minha tia, sossegada e um pouco enrubescida; dando de ombros com um sorriso irônico, acrescentava: "Pois este aqui me contou que o senhor havia encontrado um homem que não conhecia!" E recomendaram-me que

fosse mais discreto de outra vez e que não agitasse mais a minha tia com palavras irrefletidas. De tal maneira se conhecia todo mundo em Combray, pessoas e animais, que se minha tia visse casualmente passar um cão "que ela não conhecesse", não deixava de pensar no assunto e de consagrar a esse fato incompreensível os seus talentos de detetive e suas horas de liberdade.

- Deve ser o cachorro da Sra. Sazerat-dizia Françoise, sem muita convicção, mas com o objetivo de sossega-la e para que minha tia não "quebrasse a cabeça".

- Como se eu não conhecesse o cachorro da Sra. Sazerat! retrucava minha tia, cujo espírito crítico não admitia um fato com tanta facilidade.

-Ah, será então o cachorro novo que o Sr. Galopin trouxe de Lisieux. - Ah, só se é isso!

- Parece que é um animal bem bonzinho acrescentava Françoise, que obtivera informações com Théodore-, inteligente como uma pessoa, sempre de bom humor, sempre amável, sempre um tanto gracioso. Não é comum que um animal tão novinho já seja tão galante. Senhora Octave, preciso deixá-la, não tenho tempo para me distrair, já são dez horas, o forno ainda não está aceso e eu ainda tenho de ralar meus aspargos.

- Mas como, Françoise, ainda mais aspargos! Mas é uma verdadeira febre de aspargos que você tem este ano! Assim vai acabar enjoando os nossos parisienses!

- Mas não, senhora Octave, eles gostam muito disto. Vão voltar da igreja com apetite e a senhora verá que não vão comê-los com a ponta do garfo.

- Mas eles já devem estar na igreja; você faz muito bem em não perder tempo. Vá cuidar do almoço.

Enquanto minha tia se distraía com Françoise, eu acompanhava meus pais à missa. Como gostava da nossa igreja, como a revejo bem agora! O velho pórtico pelo qual entrávamos, negro, bexiguento como uma espumadeira, estava desviado e como que cavado profundamente nos ângulos (assim como a pia de água benta para onde nos levava), como se o ligeiro roçar dos mantos das camponesas entrando na igreja, e de seus dedos tímidos tomando a água benta, pudessem, repetindo-se através dos séculos, adquirir uma força destrutiva, recurvar a pedra e entalhá-la de sulcos como os traça a roda das carroças no marco onde bate todos os dias. Suas pedras tumulares, sob as quais a nobre poeira dos abades de Combray, ali enterrados, conferia ao coro uma espécie de pavimento espiritual, já não eram também matéria inerte e dura, pois o tempo as fizera suaves, fazendo-as escorrer, feito mel, para fora dos limites de sua própria esquadria, que aqui haviam sobrepujado em uma onda amarela, arrastando à deriva uma maiúscula gótica em flores, afogando as violetas brancas do

mármore; ou então voltavam a absorver-se em outros pontos, ainda mais contraindo a elíptica inscrição latina, introduzindo um capricho a mais na disposição desses caracteres abreviados, reaproximando duas letras de uma palavra que as outras tinham distendido desmesuradamente.

Os vitrais nunca se irisavam tanto como nos dias em que o sol se mostrava pouco, de modo que, por mais cinzento estivesse o céu lá fora, tinha-se a certeza de que haveria bom tempo na igreja; um era ocupado em toda a sua grandeza por um único personagem semelhante a um Rei de baralho, que vivia lá no alto, sob um dossel arquitetônico, entre o céu e a terra (e em cujo reflexo oblíquo e azul, às vezes, nos dias úteis, ao meio-dia, quando não há ofício religioso-num desses raros instantes em que a igreja arejada, vazia, mais humana, luxuosa, com o sol batendo no seu rico mobiliário, tinha um aspecto quase habitável como o hall de pedra esculpida e vidro pintado de um palácio de estilo medieval -via-se ajoelhar por um momento a Sra. Sazerat, depondo no genuflexório ao lado um pacote bem amarrado de bolinhos que acabara de comprar na pastelaria defronte e que ia levar para o almoço); em outro, uma montanha de neve rosada, em cujo sopé travava-se uma batalha, parecia ter gelado o próprio vidro a que insuflava de seu granizo turvo, como uma vidraça onde ficassem flocos, mas flocos iluminados por alguma aurora (pela mesma, sem dúvida, que avermelhava o retábulo do altar de tons tão frescos que pareciam antes postos ali por um clarão vindo de fora e quase a se esvanecer do que pelas cores impressas para sempre nas pedras); e todos eram tão antigos que se via, aqui e ali, a sua velhice prateada faiscar com a poeira dos séculos e expor, brilhante e gasta até a corda, a trama da sua doce tapeçaria de vidro. Havia um vitral que estava em um compartimento alto, dividido em uma centena de vitrais pequenos e retangulares, onde predominava o azul, como um grande jogo de cartas semelhantes aos que deviam distrair o rei Carlos VI; mas ou porque brilhasse um raio de sol, ou porque o meu olhar, movendo-se, passeasse pelos vitrais que se apagavam e reacendiam um precioso e movediço incêndio, um instante após o vitral tomava o esplendor mutável de uma cauda de pavão, e depois tremulava e ondulava numa chuva flamejante e fantástica que gotejava do alto da abóbada sombria e rochosa, ao longo das paredes úmidas, como se eu seguisse meus pais, que levavam seu livro de orações, pela nave de alguma gruta irisada de sinuosas estalactites; um momento depois, os pequenos vitrais em forma de losango haviam tomado a transparência profunda, a intangível dureza de safiras que tivessem sido justapostas a um imenso peitoral, mas por trás das quais se sentia, mais amado que todas essas riquezas, um sorriso momentâneo do sol; e esse sorriso era tão reconhecível na onda azul e doce, com que ele banhava as pedrarias, como sobre o pavimento da praça ou a palha do mercado; e, mesmo nos primeiros domingos quando chegávamos antes da Páscoa, ele me consolava do fato de que a terra ainda era negra e nua, fazendo estender, como numa

primavera histórica e que datava dos sucessores de São Luís, aquele dourado e ofuscante tapete de miosótis em vidro.

Duas tapeçarias de trama especial representavam o coroamento de Ester (a tradição insistia que se desse a Assuero os traços de um rei da França e a Ester os de uma dama de Guermantes da qual estava enamorado); suas cores, fundindo-se, acrescentavam às figuras uma expressão, um relevo, uma iluminação singular: um pouco de cor-de-rosa flutuava nos lábios de Ester além do desenho do contorno, o amarelo de seu manto se espalhara tão untuosamente, de maneira tão cheia, que adquiria uma espécie de consistência e se erguia vivamente sobre a atmosfera recuada; e a verdura das árvores, permanecendo viva nas partes baixas do planejamento de seda e lã, mas tendo "passado" pelo alto, fazia destacarem-se num tom mais pálido, acima dos troncos escuros, os altos galhos amarelados, dourados, e como que meio apagados pela brusca e oblíqua iluminação de um sol invisível.

Tudo isso e mais ainda os objetos preciosos, trazidos à igreja por personagens que, para mim, eram quase personagens lendários (a cruz de ouro trabalhada, dizia-se, por Santo Elói e doada por Dagoberto, o túmulo dos filhos de Luís, o Germânico, em pórfiro e cobre esmaltado) e por causa de quem eu avançava pela igreja, quando nos dirigíamos aos nossos lugares, como por um vale visitado por fadas, onde o camponês se deslumbra ao ver num rochedo, numa árvore, num pântano, o sinal palpável de sua passagem sobrenatural, tudo isso fazia que ela fosse para mim algo inteiramente diverso do resto da cidade: um edifício que ocupava, por assim dizer, um espaço quadridimensional -a quarta dimensão sendo a do Tempo-, impelindo pelos séculos o seu batel que, de abóbada em abóbada, de capela em capela, parecia vencer e transpor não apenas alguns metros, mas épocas sucessivas de onde saía vitorioso; escondendo o rude e feroz século XI na espessura de suas paredes, de onde mal se mostrava com seus pesados arcos tapados e escurecidos por grosseiros blocos de pedra, na cavidade profunda que a escada do campanário abria junto ao pórtico e, mesmo assim, dissimulado pelas graciosas arcadas góticas que se apresentavam gentilmente diante dele como irmãs mais velhas que se colocam, sorrindo, diante de um irmãozinho rústico, resmungão e mal vestido, para escondê-lo aos olhos dos estranhos; elevando ao céu, acima da praça, sua torre, que fora contemplada por São Luís e parecia vê-lo ainda; e mergulhando com sua cripta em uma noite merovíngia onde, guiando-nos às apalpadelas debaixo da abóbada obscura e fortemente nervurada como a membrana de um morcego imenso, Théodore e sua irmã nos iluminavam com uma vela o túmulo da neta de Sigeberto, em cuja laje havia uma profunda valva-como o rastro de um fóssil -e que fora cavada, segundo se dizia, "por uma lâmpada de cristal que, na noite do assassinato da princesa franca, se destacara das correntes de ouro em que ela fora presa, no

local hoje ocupado pela abside, e, sem que o cristal se quebrasse, afundara na pedra, que cedeu molemente ao seu peso".

A abside da igreja de Combray, será que se pode falar a seu respeito? Era tão grosseira, tão desprovida de beleza artística e até de inspiração religiosa! Do lado de fora, como o cruzamento das ruas para o qual ela dava era em declive, a rudeza do seu muro se erguia de um embasamento de blocos de pedra toscos, eriçados de pedregulhos, e que nada possuía de particularmente eclesiástico; as janelas dos vitrais pareciam estar fixadas a uma altura excessiva, e o conjunto dava mais a idéia de uma prisão que de uma igreja. É certo que, mais tarde, quando me lembrava de todas as gloriosas ábsides que vira, nunca me ocorria compará-las com a abside de Combray. Apenas um dia, ao dobrar uma rua provinciana, percebi, no cruzamento de três ruelas, um muro muito malfeito e alto demais, com vitrais abertos lá em cima e oferecendo o mesmo aspecto assimétrico da ábside de Combray. Então não me perguntei, como em Chartres ou em Reims, com que força se exprimira o sentimento religioso, mas exclamei involuntariamente: "A igreja!"

A igreja! Familiar, paredes-meias, na rua de Saint-Hilaire, onde ficava a porta que dava para o norte, com suas duas vizinhas, a farmácia do Sr. Rapin e a casa da Sra. Loiseau, em que tocava sem qualquer separação; simples cidadã de Combray que poderia ter um número na rua, se as ruas de Combray tivessem números, e onde parece que o carteiro deveria parar de manhã ao fazer a distribuição, antes de chegar à casa da Sra. Loiseau e ao sair do estabelecimento do Sr. Rapin, havia, entretanto, entre ela e tudo o mais, uma delimitação que meu espírito nunca chegou a ultrapassar. A Sra. Loiseau debalde cultivava fúcsias na janela, as quais tinham o mau hábito de deixar seus ramos correrem às cegas, e cujas flores nada tinham de mais urgente que fazer, quando já grandes, que refrescar as faces congestionadas, cor-de-violeta, na fachada sombria da igreja, e nem por isso aquelas fúcsias se tornaram mais sagradas para mim: entre as flores e a pedra enegrecida em que se apoiavam, mesmo que meus olhos não distinguissem um intervalo, meu espírito erguia um abismo.

Desde bem longe já se reconhecia o campanário de Saint-Hilaire, inscrevendo sua silhueta inesquecível no horizonte onde Combray ainda não aparecia; quando no trem que, na semana da Páscoa, nos trazia de Paris, meu pai avistava aquela torre que deslizava por todos os pontos do céu, fazendo correr em todos os sentidos o seu pequeno galo de ferro, dizia-os: "Vamos, ajuntem as mantas, já chegamos."

E num dos maiores passeios que dávamos em Combray, havia um local em que a estradinha estreita desembocava de súbito num imenso platô limitado no horizonte por uns bosques de recorte irregular, atrás dos quais só aparecia afina agulha do campanário de Saint-Hilaire, mas tão delgada, tão rósea, que dava a

impressão de estar apenas riscada a unha no céu, por alguém que quisesse dar àquela paisagem, àquele quadro que só era natureza, um pequeno toque de arte, esta única indicação humana.

Quando a gente se aproximava e podia ver o restante da torre quadrada e meio destruída que, menos alta que o campanário, subsistia a seu lado, ficava impressionado principalmente pelo tom avermelhado e sombrio das pedras; e, numa manhã brumosa de outono, poderia se dizer que era uma ruína de púrpura quase da cor da vinha virgem, elevando-se acima do roxo tempestuoso das vinhas.

Muitas vezes, na praça, de volta para casa, minha avó me fazia parar para olhá-lo. Das janelas de sua torre, dispostas duas a duas, umas acima das outras, nessa proporção exata e original das distâncias que não apenas aos rostos humanos confere beleza e dignidade, o campanário largava, deixava cair em intervalos regulares revoadas de corvos que, por um momento, volteavam grasnando, como se as velhas pedras que os deixavam à vontade, sem parecer vê-los, tornando-se de súbito inabitáveis e, desencadeando um princípio de agitação infinita, os tivessem batido e expulso. Por fim, depois de terem riscado em todos os sentidos o veludo violáceo do céu da tarde, bruscamente calmos, voltavam a se recolher à torre, que de nefasta passava a propícia; alguns, pousados aqui e ali, pareciam imóveis, mas talvez estivessem bicando algum inseto, na extremidade da torrinha do sino, como uma gaivota parada com a imobilidade de um pescador na crista de uma onda. Sem saber muito bem porque, minha avó achava no campanário de Saint-Hilaire aquela ausência de vulgaridade, de pretensão, de mesquinharia, que a fazia amar e julgar ricas de influência benéfica, tanto a natureza, quando a mão do homem não a tivesse diminuído, como fazia o jardineiro da minha tia-avó a emendá-la, como as obras do gênio. E, sem dúvida, qualquer parte da igreja a distinguia de qualquer outro prédio por uma espécie de pensamento que lhe era próprio; porém, era no campanário que ela parecia tomar consciência de si mesma, reafirmar uma existência individual e responsável. Era ele quem falava por ela. Sobretudo, creio que de modo confuso, minha avó encontrava no campanário de Combray aquilo que, para ela, tinha mais valor no mundo, o ar natural e distinto. Ignorante em arquitetura, dizia: "Meus filhos, riam de mim se quiserem, talvez não esteja bem dentro das regras, mas o seu velho vulto esquisito me agrada. Estou certa de que, se essa torre tocasse piano, não o faria sem alma." E, ao contemplá-la, seguindo com os olhos a suave tendência, a inclinação untuosa das vertentes de pedra que se reaproximavam, erguendo-se como mãos postas a rezar, minha avó de tal modo se uma à efusão da agulha que seu olhar parecia elevar-se ao alto com ela; e, ao mesmo tempo, sorria amistosamente para as velhas pedras gastas, que o pôr-do-sol iluminava apenas no alto, e que, a partir do instante em que penetravam nessa

região ensolarada, suavizadas pela luz, pareciam de repente erguer-se bem mais alto, longínquas, como um canto reiniciado em voz de falsete, uma oitava acima.

Era o campanário de Saint-Hilaire que dava a todas as ocupações, a todas as horas, a todos os pontos de visão da cidade, a sua figura, o seu arremate, a sua consagração.

Do meu quarto, eu só podia avistar-lhe a base, que fora recoberta de ardósias; mas quando, no domingo, numa quente manhã de verão, eu o via a flamejar como um sol negro, dizia comigo: "Meu Deus! São nove horas! Tenho que me preparar para ir à missa cantada, se quero ter tempo para ir dar um beijo na tia Léonie antes", e sabia exatamente a cor do sol sobre a praça, o calor e a poeira do mercado, a sombra projetada pelo estoire da loja onde mamãe talvez entrasse antes da missa, no meio do cheiro de pano cru, para comprar um lenço que o patrão, cheio de mesuras, lhe mostrava, tendo vindo dos fundos da loja para fechá-la e onde fora passar seu terno domingueiro e ensaboar as mãos que tinha o costume, a cada cinco minutos, mesmo nas mais melancólicas circunstâncias, de esfregar uma na outra com ar de triunfo, de ousadia e de esperteza.

Quando, após a missa, entrávamos para dizer a Théodore que levasse um bolo maior que de costume porque nossos primos tinham aproveitado o bom tempo para vir de Thiberzy almoçar conosco, a gente ficava com o campanário à nossa frente, e ele, também dourado e cozido como um grande bolo bento, com as escamas e os gotejamentos gomosos do sol, fincava a ponta aguda no céu azul. E à tardinha, quando eu voltava do passeio, e pensava no momento em que teria de dizer boa-noite à minha mãe e não vê-la mais, ele se mostrava tão doce, no dia que findava, que parecia posto e afundado, como uma grande almofada de veludo castanho, sobre o céu empalidecido que cedera sob sua pressão, arqueando-se ligeiramente para lhe dar lugar e refluindo nas bordas; e os gritos dos pássaros que voejavam a seu redor pareciam aumentar o seu silêncio e lançar ainda a sua flecha, dando-lhe algo de inefável.

Mesmo quando percorríamos o caminho por trás da igreja, no ponto em que já não era mais visto, tudo parecia ordenado em relação ao campanário, que surgia aqui e ali entre as casas, talvez ainda mais emocionante quando assomava assim sem a igreja. Certamente, existem muitos outros que são mais belos vistos dessa forma, e, na minha lembrança, guardo vinhetas de campanários que ultrapassam os telhados, que têm outro nível artístico que não os que compunham as tristes ruas de Combray.

Jamais hei de esquecer, numa curiosa cidade da Normandia vizinha de Balbec, dois encantadores palácios do século XVIII, que, sob muitos títulos, me são caros e veneráveis e, entre os quais, ergue-se a agulha gótica de uma igreja por eles escondida, e que dá a impressão determinar e coroar suas fachadas, porém de

matéria tão diversa, tão preciosa, tão encaracolada, tão rosada, tão brunida, que bem se percebe que não faz parte delas, assim como também não faz parte dos dois belos pedregulhos unidos, entre os quais está presa na praia, a ponta purpúrea e dentilhada de alguma conchinha afunilada em agulha e fulgente de esmalte. Até em Paris, num dos bairros mais feios da cidade, conheço uma janela de onde se vê, depois de um primeiro, um segundo e até um terceiro plano composto de telhados amontoados de ruas diversas, um campanário cor-de-violeta, às vezes avermelhado, às vezes ainda, nas melhores "provas" que lhe tira a atmosfera, de um negro decantado de cinzas, e que não é outro senão o zimbório de Saint Augustin e que dá a essa rua de Paris a característica de certas vistas de Roma, feitas por Piranesi. Mas como a memória, por mais gosto que tivesse em reproduzi-las, não conseguisse pôr em nenhuma dessas pequenas gravuras aquilo que eu há muito havia perdido, o sentimento que nos faz não considerar uma coisa como um espetáculo, mas a julgá-la um ser sem equivalente, nenhuma delas impõe-se a mim, sobre uma parte profunda da minha vida, como ocorre com a lembrança desses aspectos do campanário de Combray nas ruas que ficam por trás da igreja. Ora a gente o via às cinco horas, ao ir buscar as cartas no correio, a algumas casas da nossa, à esquerda, elevando de súbito, em cimo isolado, a linha das cumeeiras; outras vezes, ao contrário, quando íamos saber notícias da Sra. Sazerat, seguíamos com os olhos essa linha que voltava a se abaixar após a descida de sua outra vertente, sabendo-se que era necessário dobrar a segunda rua depois do campanário; ora ainda, quando, passando mais além, se a gente ia à estação da estrada de ferro, ele era visto obliquamente, mostrando de perfil as arestas e superfícies novas, como um sólido surpreendido em um instante desconhecido de sua revolução; ora quando, desde as margens do Vivonne, a abside, musculosamente retesada e erguida pela perspectiva, parecia brotar do esforço que o campanário fazia para lançar sua agulha no coração do céu: era sempre a ele que cumpria voltar, sempre ele que dominava tudo, dotando as casas de

um pináculo inesperado, erguido diante de mim como o dedo de Deus, cujo corpo estivesse oculto na multidão de seres humanos, sem que nem por isso eu o confundisse com ela. E ainda hoje se, numa grande cidade provinciana ou em um bairro parisiense que eu mal conheça, um transeunte que "me mostra o caminho" me aponta ao longe, como ponto de referência, uma torre de hospital, um campanário de convento que ergue a ponta de sua torre eclesiástica na esquina de uma rua pela qual devo seguir, por pouco que minha memória possa, de modo obscuro, achar nele algum traço semelhante à figura amada e desaparecida, o transeunte, se se vira para se assegurar que

não vou me perder, pode, para seu espanto, dar comigo, esquecido do passeio projetado ou do caminho a trilhar, ali parado, diante do campanário, durante

horas, imóvel, tentando lembrar-me, sentindo, no fundo de mim, terras reconquistadas ao esquecimento, que vão secando e se delineando; e nesse momento, sem dúvida, e com mais ansiedade que há pouco, quando lhe pedia que me orientasse, procuro ainda o meu caminho, dobro uma rua... mas... dentro do meu coração.

Voltando da missa, encontrávamos quase sempre o Sr. Legrandin que, retido em Paris devido ao seu trabalho de engenheiro, só podia visitar sua propriedade em Combray na época das férias e, fora isso, ali só estava da noite de sábado à segunda-feira de manhã. Era um desses homens que, além de uma carreira científica na qual, aliás, conseguiram um êxito brilhante, possuem uma cultura bem diferente, literária, artística, que sua especialização profissional não utiliza e da qual se aproveitam na conversação. Mais letrados que muitos escritores (naquela época não sabíamos que o Sr. Legrandin desfrutava de uma certa reputação como escritor e ficamos bem espantados ao saber que um compositor célebre pusera em música alguns de seus versos), dotados de mais "facilidade" que diversos pintores, eles julgam que a vida que levam não é a que lhes conviria e trazem às suas ocupações positivas seja uma despreocupação mista de fantasia, seja uma aplicação constante, altiva, desprezadora, amarga e conscienciosa. Alto, de bonito porte, um rosto pensativo e fino de longos bigodes louros, com um olhar azul e desenganado, de uma polidez refinada, *causeur* como jamais ouvíramos igual, o Sr. Legrandin era, aos olhos de minha família, que o citava sempre como exemplo, o tipo do homem de elite, que levava a vida da forma mais nobre e delicada. Minha avó censurava-lhe apenas o falar um pouco bem demais, um pouco como um livro, de não empregar uma linguagem natural, como naturais eram suas gravatas *lavalliere*, sempre flutuantes, e seu casaco folgado, quase de colegial. Espantava-se também com as tiradas flamejantes em que ele se lançava muitas vezes contra a aristocracia, a vida mundana, o esnobismo, "certamente o pecado em que pensa São Paulo quando fala do pecado para o qual não há remissão".

A ambição mundana era um sentimento que minha avó se sentia tão incapaz de ter e quase de compreender, que lhe parecia bem inútil empregar tanto ardor em feri-ia.

Além do mais, não achava de bom tom que o Sr. Legrandin, cuja irmã era casada com um fidalgo da Baixa Normandia, se entregasse a ataques tão violentos contra os nobres, chegando ao ponto de censurar a Revolução por não tê-los totalmente guilhotinado.

- Salve, amigos! dizia-nos vindo ao nosso encontro. - São felizes em ficar tanto tempo aqui; preciso estar em Paris amanhã, de volta ao meu cubículo. - Oh... - acrescentava com o sorriso docemente irônico e desenganado, um pouco distraído, que lhe era próprio. Certamente há na minha casa todas as coisas

inúteis. Só lhe falta o necessário, um grande pedaço de céu como o daqui. Trate de guardar sempre um pedaço de céu acima da sua vida, meu garoto- acrescentava, voltando-se para mim. -Você tem uma bela alma, de rara qualidade, uma natureza de artista, não deixe que lhe falte nada do que lhe for preciso.

Quando, ao regressarmos, minha tia nos mandava perguntar se a Sra. Goupil chegara atrasada à missa, éramos incapazes de informá-la. Em compensação, aumentávamos sua preocupação dizendo que um pintor trabalhava na igreja copiando o vitral de Gilberto, o Mau. Françoise, enviada imediatamente ao armazém, voltava na mesma, devido à ausência de Théodore, cuja dupla profissão de mestre de coro, com uma parte na administração da igreja, e de empregado de balcão, lhe dava, com as relações em todos os meios, um conhecimento universal.

- Ah -suspirava minha tia-, como gostaria que já fosse a hora de Eulalie. Só ela poderia me esclarecer.

Eulalie era uma moça coxa, ativa e surda que se "retirara" após a morte da Sra. de La Bretonnerie, onde estivera empregada desde a infância, e que recentemente alugara, ao lado da igreja, um quarto de onde descia a toda hora para os ofícios religiosos, ou então, fora deles, para rezar ou dar uma ajuda a Théodore; o resto do tempo era passado em visitas aos doentes, como minha tia Léonie, a quem ficava contando o que se passara durante a missa ou nas vésperas. Não desdenhava acrescentar algum dinheiro eventual à pequena pensão que lhe dava a família de seus antigos patrões, indo de vez em quando cuidar da roupa branca do cura ou de alguma outra personalidade marcante do mundo clerical de Combray. Acima de uma manta preta, ela usava uma touca branca quase de religiosa, e uma doença de pele conferia a uma parte do rosto e ao nariz recurvo o tom róseo vivo da balsamina. Suas visitas eram a grande distração de minha tia Léonie, que não recebia a mais ninguém, a não ser o senhor cura. Minha tia, pouco a pouco, afastara os visitantes porque tinham todos o defeito, a seus olhos, de pertencerem a uma das duas categorias de pessoas que ela detestava. Uns, os piores, de quem se havia livrado em primeiro lugar, eram os que a aconselhavam a não se sugestionar e professavam, ainda que negativamente, e só se manifestando por determinados silêncios de reprovação ou por uns sorrisos de dúvidas, a doutrina subversiva de que um breve passeio ao sol e um bom bife sangrento (quando ela conservava quatorze horas no estômago dois miseráveis goles de água de Vichy!) lhe fariam mais bem do que a cama e os remédios. A outra categoria se compunha das pessoas que davam a impressão de crer que ela estivesse mais gravemente enferma do que pensava, e tão gravemente doente como dizia. Assim, aqueles a quem deixara subir após alguma hesitação e em face das oficiosas instâncias de Françoise, e que, durante

a visita, haviam mostrado o quanto eram indignos do favor que se lhes fazia arriscando timidamente um: "Não acha que se sacudisse um pouco num dia de bom tempo", ou que, ao contrário, quando ela lhes dizia: "Estou bem mal, bem mal, é o fim, meus pobres amigos", lhe haviam respondido: "Ah, quando não se tem saúde! Mas a senhora ainda pode durar bastante", esses, tanto uns como os outros, poderiam estar certos de nunca mais voltarem a ser recebidos. E se Françoise se divertia com o ar espantado da minha tia quando, de seu leito, ela vislumbrasse uma dessas pessoas, na rua do Saint-Esprit, que tinha o jeito de vir à casa dela, ou quando tivesse ouvido um toque de campainha, ela ria ainda mais, como de uma boa piada, das manobras sempre vitoriosas de minha tia para despedir a visita e da cara sem graça que esta fazia ao ter de voltar sem a ter visto; e, no fundo, admirava sua patroa, que julgava superior a todas aquelas pessoas visto não querer recebê-las. Em suma, minha tia exigia, ao mesmo tempo, que a aprovassem em seu regime, que

a lastimassem por seus sofrimentos e que a assegurassem quanto ao futuro.

Era nisso que Eulalie primava. Minha tia podia lhe dizer vinte vezes por minuto: "É o fim, minha pobre Eulalie", que vinte vezes Eulalie respondia: "Conhecendo sua doença como conhecem, Sra. Octave, poderá ir até os cem anos, como me dizia ainda ontem a Sra. Sazerin." (Uma das mais firmes crenças de Eulalie, e que o número enorme de desmentidos trazidos pela experiência não fora bastante para abalar, era que a Sra. Sazerat se chamava Sra. Sazerin.)

- Não peço para chegar aos cem anos replicava minha tia, que achava melhor não atribuíssem à sua existência um limite exato.

E como, além disso, Eulalie sabia como ninguém distrair a minha tia sem cansá-la, suas visitas, que ocorriam regularmente todos os domingos, salvo um impedimento inopinado, eram para minha tia um prazer cuja perspectiva a mantinha naqueles dias em um estado a princípio agradável, mas bem depressa doloroso como a fome excessiva, por pouco que Eulalie se atrasasse. Bem prolongada, essa volúpia de esperar Eulalie se transformava num suplício: minha tia não parava de olhar o relógio, bocejava, sentia tonteiras. O toque de campainha de Eulalie, quando ocorria ao findar o dia, e ela já não o esperava, fazia-a sentir-se mal. Na verdade, no domingo ela só pensava naquela visita e, tão logo terminava o almoço, Françoise dava-se pressa em que nós deixássemos a sala de jantar para poder subir e "distrair" a minha tia.

Mas (sobretudo a partir do momento em que os dias bonitos se instalavam em Combray) havia muito tempo que a hora altiva do meio dia, descida da torre de Saint-Hilaire, que ela brasonava com os doze florões efêmeros de sua coroa sonora, ressoara em torno da nossa mesa, junto com o pão bento, também familiarmente chegado da igreja, e nós ainda estávamos sentados diante dos

pratos das Mil e Uma Noites, amolecidos pelo calor e principalmente pela refeição. Pois, ao fundo permanente de ovos, costeletas, batatas, geléias, biscoitos, que nem sequer nos anunciava mais, Françoise acrescentava de acordo com o trabalho dos campos e dos pomares, o fruto da pesca, os acasos do comércio, a polidez dos vizinhos e seu próprio espírito inventivo, e tão bem-feito, que o nosso cardápio, como aqueles quadrifólios, esculpidos no século XIII no pórtico das catedrais, refletiam um pouco o ritmo das estações e dos acontecimentos da vida um rodovalho, cuja frescura lhe fora garantida pela vendedora de peixe, um peru, porque vira um muito bonito no mercado de Roussainville-le-Pin, alcachofras com tutano, porque ainda não as fizera daquele modo, uma perna de carneiro assada, porque o ar livre abre o apetite e teria tempo de descer daqui a sete horas, espinafres para variar, abricós, porque ainda eram uma raridade, groselhas, porque dentro de quinze dias não haveria mais, framboesas que o Sr. Swann trouxera expressamente, cerejas, as primeiras que vinham da cerejeira do jardim depois de dois anos em que ela não dera coisa alguma, o requeijão de que eu gostava tanto antigamente, um doce de amêndoas, porque o havia encomendado na véspera, um brioche porque era a nossa vez de oferecê-lo. Quando tudo isso houvesse terminado, feito expressamente para nós mas dedicado em especial a meu pai, que era apreciador, era-nos oferecido um creme de chocolate, inspiração e atenção pessoal de Françoise, fugaz e leve como uma obra de circunstância, e no qual pusera todo o seu talento.

Aquele que recusasse prová-lo, dizendo: "Terminei, não tenho mais fome", seria imediatamente rebaixado à categoria desses indivíduos grosseiros que, mesmo diante do presente que um artista lhe faz de uma obra sua, só vêem o peso e o material, quando o que vale é a intenção e a assinatura. Mesmo deixar no prato uma só gota que fosse seria testemunho de igual impolidez como erguer-se antes do fim da audição na cara do compositor.

Por fim minha mãe me dizia: "Vamos, não fica aí parado, sobe e vai para o teu quarto se achas que faz muito calor lá fora, mas primeiro vai tomar um pouco de ar para não ler logo ao sair da mesa." Eu ia me sentar perto da bomba e sua pia, quase sempre ornada, como uma fonte gótica, de uma salamandra, que esculpia sobre a pedra rude o relevo móvel de seu corpo alegórico e afuselado, no banco sem encosto sombreado por um lilás, no pequenino canto do jardim que dava, por uma porta de serviço, para a rua do Saint-Esprit e de cujo solo mal cuidado se elevava por dois degraus a despensa, formando saliência na casa, e como se fosse uma construção independente. Percebia-se o seu ladrilho brilhante e rubro como pórfiro. Parecia antes um pequeno templo dedicado a Vênus do que o antro de Françoise. Estava repleto das oferendas do leiteiro, do fruteiro, da verdureira, às vezes provenientes de remotíssimas aldeias, para lhe dedicar as primícias de seus campos. E seu topo apresentava sempre, a coroá-lo, o arrulhar

de uma pomba.

Antigamente, eu não me demorava no bosque sagrado que o rodeava, pois, antes de subir para ler, entrava no pequeno gabinete de descanso que meu tio Adolphe, um irmão de meu avô, antigo militar que se reformara como major, ocupava no térreo, e que, mesmo quando as janelas abertas deixavam entrar o calor, senão os raios do sol que raramente chegavam até ali, exalava inesgotavelmente esse aroma obscuro e novo, ao mesmo tempo florestal e *ancien* regime, que faz devanear longamente as narinas quando se entra em certos pavilhões de caça abandonados. Mas já fazia muitos anos que eu não ia ao gabinete do tio Adolphe, pois ele não vinha mais a Combray devido a uma rusga que tivera com a família, por culpa minha, nas seguintes circunstâncias:

Uma ou duas vezes por mês, em Paris, mandavam que eu lhe fizesse uma visita quando ele acabava de almoçar, vestido de dólmã, servido pelo criado que trajava uma jaqueta com listas roxas e brancas. Resmungando, queixava-se de que eu não vinha há muito tempo, sentia-se abandonado; oferecia-me bolo de amêndoas ou uma tangerina; atravessávamos uma sala onde nunca se parava, onde ninguém jamais acendia a lareira, e cujas paredes eram ornadas de relevos dourados, e o teto pintado de um azul que pretendia imitar o céu e os móveis revestidos de cetim como na casa de meus avós, porém amarelo; depois íamos para o que ele chamava seu gabinete de "trabalho", em cujas paredes estavam penduradas algumas dessas gravuras que representam, sobre um fundo negro, uma deusa carnuda e rosada conduzindo um carro, ou montada sobre um globo, com uma estrela na testa, tão apreciadas no Segundo Império, porque lhe achavam um ar pompeano, mas que depois foram detestadas e agora começavam a ser de novo admiradas pela única e a mesma razão, embora se alegassem outras, de terem um ar de Segundo Império. E eu ficava com meu tio até que o criado lhe viesse indagar, da parte do cocheiro, a que horas deveria atrelar os cavalos. Meu tio então mergulhava numa meditação que seu maravilhado lacaio não se atreveria a perturbar com um só movimento, esperando curiosamente o resultado, sempre idêntico. Enfim, após uma hesitação suprema, meu tio pronunciava infalivelmente estas palavras: "Duas horas e um quarto", que o lacaio repetia com espanto, mas sem discutir: "Duas horas e um quarto? Muito bem, vou lhe dizer..."

Por essa época eu amava o teatro, amor platônico, pois meus pais ainda não me permitiam que o freqüentasse, e imaginava de modo tão inexato os prazeres que ali se desfrutavam que não estava longe de admitir que todo espectador olhava, como num estetoscópio, um cenário que era só para ele, conquanto idêntico aos mil outros que ao resto dos espectadores se oferecia, um para cada. Todas as manhãs eu corria até a coluna Morris para ver os espetáculos que ela anunciava. Nada mais desinteressado e feliz que os sonhos que cada peça anunciada

oferecia à minha imaginação, sonhos que eram condicionados, também, não só pelas imagens inseparáveis das palavras que compunham seu título, como pela cor dos cartazes, ainda úmidos e inchados de cola, sobre os quais ele se destacava. A não ser uma dessas obras estranhas, como o Testamento de César Girodot e Édipo-rei, que eram inscritos, não no cartaz verde da ópera Cômica, e sim no cartaz cor de borra de vinho da Comédie Française, nada me parecia mais diverso do enfeite cintilante e branco dos Diamantes da Coroa que o cetim liso e misterioso do Dominó Negro, e, tendo meus pais dito que quando fosse pela primeira vez ao teatro, teria de escolher entre essas duas peças, procurando aprofundar sucessivamente o título de uma e o de outra, pois era tudo o que sabia delas, para tentar extrair de cada uma o prazer que me prometia e compará-lo ao que a outra me escondia, cheguei a imaginar com tanta força, por um lado, uma peça deslumbrante e nobre, e, por outro, uma peça suave e aveludada, que me senti tão incapaz de decidir qual teria a minha preferência, como se, para sobremesa, me tivessem mandado escolher entre arroz à Imperatriz e creme de chocolate.

Todas as minhas conversas com os colegas eram sobre aqueles atores cuja arte, embora me fosse ainda desconhecida, era a primeira forma, dentre todas as de que se reveste a Arte, sob a qual ela se deixava pressentir para mim. Entre a maneira que um ou outro tinha de declamar, de matizar uma tirada, as mais pequeninas diferenças pareciam-me ter uma importância incalculável. E, conforme o que me haviam dito acerca deles, classificava-os de acordo com o talento, nas listas que recitava para mim mesmo o dia inteiro, e que tinham acabado por se solidificar no meu cérebro e incomodá-lo devido a sua mobilidade.

Mais tarde, no colégio, todas as vezes em que, durante as aulas, o professor virava a cabeça, eu me comunicava com um novo amigo, e a primeira pergunta era sempre para saber se ele já fora ao teatro e se achara que o maior ator era Got, o segundo Delaunay, etc. E se, de acordo com sua opinião, Febre só vinha depois de Thiron, ou Delaunay após Coquelin, a súbita mobilidade que Coquelin, perdendo a rigidez da pedra, passava a ter no meu espírito para passar ao segundo posto, e a milagrosa agilidade, a fecunda animação de que se via dotado Delaunay para recuar até o quarto lugar, davam uma sensação de vida e florescimento a meu cérebro flexível e adubado.

Mas se os autores me preocupavam dessa maneira, se a visão de Maubant saindo uma tarde do Théâtre-Français me causara o choque e as mágoas do amor, tanto mais o nome de uma estrela flamejando à porta de um teatro, tanto mais, pelos vidros de um cupê que passava na rua com seus cavalos floridos de rosas na testeira, a visão do rosto de uma mulher que eu pensava talvez fosse uma atriz, deixava em mim uma turvação mais prolongada, um esforço impotente e

doloroso para imaginar a sua vida.

Eu classificava por ordem de talento as mais ilustres, Sarah Bernhardt, a Berma, Bartet, Madeleine Brohan, Jeanne Samary, mas todas me interessavam. Ora, meu tio conhecia muitas delas, bem como cocottes, que eu não distinguia com nitidez das atrizes. Recebia-as em casa. E se o visitávamos somente em certos dias, era porque nos outros apareciam mulheres com quem sua família não poderia se encontrar, pelo menos do ponto de vista da família, pois no caso do meu tio, pelo contrário, sua grande facilidade em ter, para com as lindas viúvas que talvez nunca tivessem sido casadas, ou condessas de nome pomposo, que sem dúvida não passava de um nome de guerra, a polidez de apresentá-las à minha avó ou até de lhes dar jóias de família, já o fizera brigar mais de uma vez com meu avô. Muitas vezes, ao vir à conversa o nome de uma atriz, eu ouvia meu pai dizer à minha mãe, sorrindo: "Uma amiga do teu tio"; e eu pensava que o assédio que, talvez durante anos, alguns homens importantes faziam à porta de determinada mulher que não respondia a suas cartas e mandava que fossem despedidos pelo porteiro do hotel, meu tio bem poderia poupá-lo a um menino como eu, apresentando-o em sua casa à atriz, inacessível a tantos outros, que era sua amiga íntima.

Assim ao pretexto de que a alteração de uma aula me impedia agora, devido a seu novo horário, e impediria muitas vezes no futuro, de ver meu tio-, um dia, que não o reservado para as visitas que lhe fazíamos, aproveitando o fato de que meus pais tinham almoçado cedo, saí e em vez de ir olhar a coluna de cartazes, para o que deixavam-me sair sozinho, corri até a casa do tio. Reparei que havia uma carruagem tirada por dois cavalos diante de sua porta, cavalos que traziam nos antolhos um cravo vermelho, igual ao que o cocheiro levava na botoeira. Chegando à escada, ouvi um riso e uma voz de mulher e, logo que toquei a campainha, um silêncio, e depois o rumor de portas que se fechavam. O lacaio veio abrir e, ao me ver, pareceu embaraçado, dizendo que meu tio estava muito ocupado, sem dúvida não poderia me receber e, no entanto, quando foi prevenilo, a mesma voz que eu ouvira dizia: "Ora, deixe-o entrar; só um minutinho, isto me agradaria muito. Na fotografia que está sobre a mesa, ele se parece tanto com sua mamãe, sua sobrinha, cuja fotografia está ao lado da dele, não é mesmo? Gostaria de ver esse garoto ao menos um instante."

Ouvi meu tio resmungar, aborrecer-se; por fim, o criado me fez entrar. Sobre a mesa estava o mesmo prato de bolo de amêndoas de costume; meu tio vestia a mesma japona de todos os dias, mas à sua frente, num vestido de seda rosado, com um grande colar de pérolas no pescoço, estava sentada uma mulher bem jovem que terminava de chupar uma tangerina. A incerteza em que me via, sem saber se a chamava de senhora ou senhorita, me fez enrubescer e, não ousando virar muito os olhos para o seu lado por medo de ter de lhe falar, fui beijar meu

tio. Ela me olhava sorrindo, e meu tio lhe disse: "Meu sobrinho", sem lhe dizer meu nome, nem me dizer o seu, certamente porque, desde os problemas que tivera com meu avô, cuidava o mais possível de evitar todo tipo de união entre sua família e essa espécie de relações.

-Como se parece com a mãe-disse ela.

- Mas você nunca viu minha sobrinha a não ser em fotografia retrucou meu tio com vivacidade, num tom emburrado.

- Desculpe, meu amigo, cruzei com ela na escada, ano passado, quando você esteve tão doente. É verdade que só a vi de relance e que sua escada é bem escura, mas foi o bastante para poder admirá-la. Este rapazinho tem seus lindos olhos e também isto-disse, traçando com o dedo uma linha sobre a parte inferior da testa. - E diga, a senhora sua sobrinha também usa o seu nome, meu amigo? perguntou a meu tio.

- Ele se parece sobretudo com o pai resmungou meu tio, que não se preocupava em fazer apresentações, nem à distância, dizendo o nome de minha mãe, nem de perto.

-É principalmente parecido com o pai, e também com minha pobre mãe.

- Não conheço o pai dele disse a dama cor-de-rosa com uma ligeira inclinação de cabeça-, e jamais conheci sua pobre mãe, meu amigo. Lembre-se, foi logo depois do luto que nós nos conhecemos.

Eu estava um tanto decepcionado, pois esta jovem dama não diferia em nada das outras mulheres lindas que eu havia visto às vezes na minha família, especialmente da filha de um de nossos primos, que eu ia visitar todos os anos no dia primeiro de janeiro. Era mais bem vestida, apenas, a amiga de meu tio, e tinha o mesmo olhar vivo e bondoso, o mesmo aspecto franco e amável. Não lhe achei nada do ar teatral que admirava nas fotografias de atrizes, nem da expressão diabólica que estaria de acordo com a vida que deveria levar. Mal acreditava que se tratasse de uma cocotte e, acima de tudo, não acreditaria que fosse uma cocotte chique se não tivesse visto o carro com os dois cavalos, o vestido cor-de-rosa, o colar de pérolas, se não tivesse sabido que meu tio só se encontrava com as de mais alto vôo. Mas perguntava a mim mesmo como é que o milionário que lhe dera seu carro, seu palacete e suas jóias podia sentir prazer em dilapidar a sua fortuna por uma pessoa de aspecto tão singelo e correto. E, no entanto, pensando no que devia ser a sua vida, sua imoralidade me perturbava mais ainda do que se fosse concretizada diante de mim numa aparência especial -por ser desse modo invisível como o segredo de um romance, de um escândalo que a devesse ter feito sair um dia da casa dos pais burgueses e a expusera a todo mundo, que tivesse desabrochado em beleza e a alçasse até o mundo da alta-roda e à notoriedade, aquela cujas feições de rosto, e entonações de voz, iguais a

tantas outras que eu já conhecia, me faziam considerar, apesar de tudo, uma moça de boa família a quem já não tinha família alguma.

Passáramos para o "gabinete de trabalho" e meu tio, meio constrangido com a minha presença, lhe ofereceu cigarros.

- Não, meu caro disse ela -, você sabe que estou acostumada com os que o Grão-duque manda. Disse-lhe que você tem ciúmes dele. - E retirou de um estojo alguns cigarros cheios de inscrições douradas, em língua estrangeira.-Mas sim-exclamou de repente-, devo ter encontrado em sua casa o pai deste menino. Não é o seu sobrinho? Como foi que pude esquecer? Ele foi tão bom, tão amável comigo acrescentou com um ar modesto e sensível. - Mas, pensando no que poderia ter sido a áspera acolhida de meu pai, que ela classificava como "amável", eu, que conhecia de sobra a sua frieza e sua reserva, fiquei constrangido, como por alguma indelicadeza que ele houvesse cometido, com a desigualdade entre o reconhecimento excessivo, que lhe dedicavam, e sua amabilidade insuficiente. Mais tarde, pareceu-me tratar-se de um dos aspectos tocantes do papel dessas mulheres desocupadas e estudiosas, o fato de consagrarem sua generosidade, seu talento, um sonho disponível de beleza sentimental-pois, como os artistas, não o realizam, não o fazem enquadrar-se na existência comum -e um ouro que pouco lhes custa, a enriquecer com um engaste precioso e fino a vida frustrada e de mau acabamento dos homens. Como esta, no *fumoir* onde se achava meu tio de japona para recebê-Ia, que apresentava uma encarnação tão suave, com seu vestido de seda, suas pérolas, a elegância que emana da amizade de um grão-duque, e colhera algumas palavras insignificantes de meu pai, trabalhara-as com delicadeza, dera-lhes um toque especial, um tom precioso e, nelas engastando um de seus olhares de tão linda água, matizado de humildade e reconhecimento, devolvia-as transformadas em jóias de arte, em algo "verdadeiramente requintado".

-Vamos, vamos, já está na hora de te despedires-disse meu tio. Levantei-me, sentia uma vontade irresistível de beijar a mão da dama corde-rosa, mas parecia-me que haveria nisso algo de audacioso como um rapto. Meu coração palpitava enquanto eu dizia comigo: "É preciso fazê-lo, não devo fazê-lo"; depois cessei de me perguntar o que faria, para poder fazer alguma coisa. E num gesto cego e insensato, destituído de qualquer razão que há um instante sentira em seu favor, levei aos lábios a mão que ela me estendia.

-Como é gentil, e já bem galante! Tem um olhinho para as mulheres: saiu ao tio. Será um perfeito *gentleman* acrescentou, cerrando os dentes para dar ao vocábulo um acento ligeiramente britânico.-Será que ele não poderia vir de novo para tomar a *cup of tea*, como dizem nossos vizinhos ingleses? Bastaria me mandar um *bleu* de manhã.

Não sabia o que significava um *bleu*. Não compreendia metade das palavras ditas pela dama, mas o medo de que houvesse uma pergunta oculta nelas, à qual seria desatencioso não responder, impedia-me de deixar de ouvi-las com atenção, e com isso fiquei muito cansado.

- Não, não, é impossível retrucou meu tio, dando de ombros. - É um menino muito aplicado, estuda bastante. Tira todos os prêmios do colégio-acrescentou em voz baixa, para que eu não lhe ouvisse a mentira e o contradissesse. - Quem sabe se não será um pequeno Victor Hugo, uma espécie de Vaulabelle?

-Adoro os artistas respondeu a dama cor-de-rosa-, só eles é que compreendem as mulheres... Eles e os homens de elite, como você. Mas perdoe a minha ignorância, meu amigo. Quem é Vaulabelle? É um desses volumes dourados que estão na pequena biblioteca envidraçada do seu quarto de vestir? Lembre-se que prometeu me emprestá-los, cuidarei bem deles.

Meu tio, que odiava emprestar livros, não respondeu e me levou à antecâmara. Perdido de amor pela dama cor-de-rosa, cobri de beijos alucinados as faces de meu velho tio, cheirando a tabaco, e enquanto, muito embaraçado, ele me dava a entender, sem coragem de dizê-lo abertamente, que muito gostaria que não falasse a meus pais daquela visita, eu lhe dizia, com lágrimas nos olhos, que a recordação da sua bondade era tão forte em mim que um dia acharia com certeza um meio de lhe testemunhar o meu reconhecimento. De fato, era tão forte que, duas horas depois, após algumas frases misteriosas e que não me pareceram dar a meus pais uma idéia bem nítida da nova importância de que me achava dotado, julguei mais explícito contar-lhes nos menores detalhes a visita que acabava de fazer. Assim, não imaginava causar aborrecimentos a meu tio. Como poderia causá-los, se não os desejava? E não podia supor que meus pais levassem a mal uma visita que eu achava inocente. E não ocorre todos os dias que um amigo nos pede que não deixemos de desculpá-lo com uma mulher a quem se viu impedido de escrever, o que negligenciamos em fazer, julgando que tal pessoa não pode dar importância a um silêncio que para nós é desimportante. Imaginava, como todos, que o cérebro dos outros era um receptáculo inerte e dócil, sem qualquer poder de reação sobre o que se introduzisse nele; e não duvidava que, depositando no cérebro de meus pais a notícia do conhecimento que meu tio me fizera ter, lhes transmitisse ao mesmo tempo, como o desejava, o julgamento benevolente que eu fazia dessa apresentação. Infelizmente, meus pais se pautaram por princípios inteiramente diversos dos que eu lhes sugeria que adotassem, ao apreciarem a ação de meu tio. Meu pai e meu avô tiveram com ele discussões violentas, sobre as quais fui indiretamente informado. Alguns dias depois, cruzando por meu tio na rua, quando ele passava em carro descoberto, voltei a sentir a dor, a gratidão, o remorso que gostaria de lhe ter expressado. Diante da grandeza destes sentimentos, achei que um cumprimento de chapéu

seria um ato mesquinho e poderia lhe dar a entender que eu não me sentia obrigado, quanto a ele, além de uma polidez banal. Resolvi me abster desse gesto insuficiente e virei o rosto. Meu tio pensou que eu estava seguindo instruções de meus pais e nunca os perdoou por isso, e morreu muitos anos depois sem que nenhum de nós o tivesse visto de novo.

Portanto, eu não entrava mais no gabinete de repouso de meu tio Adolphe, que estava fechado agora; depois de me demorar nas vizinhanças da despensa, quando Françoise aparecia à entrada, dizendo: "Vou deixar que a criada de cozinha sirva o café e suba com a água quente, pois preciso ir logo para o quarto da Sra. Octave", eu me decidia a voltar para casa e subia diretamente para o meu quarto. A criada de cozinha era uma pessoa moral, uma instituição permanente a quem as atribuições invariáveis asseguravam uma espécie de continuidade e identidade, através da sucessão de formas passageiras nas quais se encarnava: pois jamais víamos a mesma dois anos seguidos.

No ano em que comemos aspargos a criada de cozinha, em geral encarregada de os ralar, era uma pobre criatura doentia, num estado de gravidez muito adiantado quando chegamos para a Páscoa, e as pessoas até se espantavam que Françoise a deixasse andar e trabalhar tanto, pois ela principiava a carregar com dificuldade à sua frente a corbelha misteriosa, cada vez mais cheia, cujas belas formas se adivinhavam sob as amplas blusas. Estas lembravam os casacões que revestem algumas das figuras simbólicas de Giotto, das quais o Sr. Swann me dera algumas fotografias. Foi ele mesmo quem nos fizera notar a semelhança e quando nos pedia notícias da criada de cozinha, perguntava: "Como vai a Caridade de Giotto?"

Aliás, ela mesma, a pobre moça, engordada pela gravidez até o rosto, até as faces que caíam retas e quadradas, se assemelhava bastante, com efeito, a essas virgens, fortes e masculinas, ou melhor, matronas, que na Arena personificam as virtudes. E agora me dou conta de que ainda de outra maneira esses Vícios e Virtudes de Pádua a ela se assemelhavam. Assim como a imagem daquela moça era acrescida pelo símbolo adicional que carregava no ventre, sem dar a impressão de que lhe compreendia o sentido, sem que nada no seu rosto lhe traduzisse a beleza e o espírito, como se não passasse de um simples fardo pesado, é deste modo que a possante matrona que está representada na Arena abaixo do nome de "Caritas" (e cuja reprodução se achava dependurada na parede do meu quarto de estudos em Combray) encarna, sem o suspeitar, a referida virtude, sem que nenhum pensamento caridoso pareça ter sido expresso alguma vez pelo seu rosto enérgico e vulgar. Por uma grande invenção do pintor, ela calca aos pés os tesouros da terra, como se pisasse uvas para lhes extrair o suco, ou antes, como se houvesse trepado em sacos para se erguer mais; e estende a Deus o coração inflamado, ou, dizendo melhor, ela o "passa", como

uma cozinheira passa um sacarolhas pelo respiradouro do seu subsolo a alguém que o pede da janela do andar térreo. Quanto à Inveja, já ostentava mais fisionomia de inveja. Mas ainda nesse afresco, o símbolo ocupa tanto espaço e é representado de modo tão real, tão grossa é a serpente que silva nos lábios da Inveja, enchendo-lhe tão completamente a grande boca aberta, que os músculos de seu rosto estão distendidos para poder contê-la, como os de uma criança que enche um balão soprando, e a atenção da Inveja-e também a nossa-concentrada de todo na ação de seus lábios, quase não tem tempo de se ocupar com pensamentos invejosos.

Apesar de toda a admiração que o Sr. Swann professava por essas figuras de Giotto, durante muito tempo não senti prazer nenhum em contemplar em nossa sala de estudos, onde haviam pendurado as cópias que ele me dera, essa Caridade sem caridade, essa Inveja que tinha o aspecto de mera ilustração, num livro de medicina, da compressão da glote ou da campainha por um tumor da língua ou pela introdução de um instrumento cirúrgico, uma Justiça cujo rosto vulgar e mesquinhamente comum era o mesmo que, em Combray, caracterizava algumas boas burguesas devotas e secas que eu via na missa, várias das quais já formavam parte dos exércitos da Injustiça. Porém mais tarde compreendi que a estranheza impressionante, a beleza especial daqueles afrescos provinha do grande espaço que ali ocupava o símbolo, e que o fato de ter sido representado não como símbolo, visto que o pensamento simbólico não era expresso, e sim como realidade, como algo efetivamente sofrido ou materialmente manejado, dava ao sentido da obra algo mais literal e preciso, e ao seu ensinamento algo de mais concreto e mais chocante. No caso da pobre criada de cozinha, também, a atenção não era incessantemente atraída para o seu ventre pelo peso que o distendia? E assim também, muitas vezes o pensamento dos agonizantes se volta para o lado real, doloroso, obscuro, visceral, para esse avesso da morte que é precisamente o lado que ela lhes mostra, que ela rudemente faz com que sintam e que se assemelha bem mais a um fardo que os esmaga, a uma dificuldade de respirar, a uma necessidade de beber, do que aquilo a que chamamos morte.

Era preciso que aqueles Vícios e Virtudes de Pádua tivessem em si muita realidade, pois me pareciam tão vivos como a criada grávida; e ela própria não parecia menos alegórica. E talvez esta abstenção (ao menos aparente) da alma de um ser na virtude que opera por ele, tenha também, afora o seu valor estético, uma realidade, se não psicológica, pelo menos, como se diz, fisionômica. Quando mais tarde tive oportunidade de encontrar, no decurso da vida, por exemplo nos conventos, encarnações verdadeiramente santas da caridade ativa, elas geralmente mostravam uma fisionomia alegre, positiva, indiferente e brusca de cirurgião apressado, esse rosto onde não se lê nenhuma comiseração, nenhuma

ternura pelo sofrimento alheio, nenhum receio em feri-lo, e que é o rosto sem doçura, a fisionomia antipática e sublime da verdadeira bondade.

Enquanto a criada de cozinha-fazendo brilhar involuntariamente a superioridade de Françoise, como o Erro, por contraste, torna mais brilhante o triunfo da Verdade-servia o café que, segundo mamãe, não passava de água quente, e logo subia para os nossos quartos com água quente que estava apenas morna, eu me estendera na cama, um livro na mão, no meu quarto, que protegia, a tremer, sua frescura transparente e frágil contra o sol da tarde por detrás dos postigos quase fechados onde um reflexo da luz diurna conseguira, no entanto, achar um modo de fazer penetrar suas asas amarelas, e ficava imóvel entre a madeira e os vidros, num canto, como uma borboleta pousada.

A claridade do quarto era o suficiente para ler, e a impressão de esplendor da luz era-me dada somente pelas batidas vibradas por Camus na rua de La Cure (fora avisado por Françoise que minha tia "não estava repousando" e que podia fazer barulho) contra caixotes empoeirados, mas que, retinindo na atmosfera sonora, própria das regiões quentes, pareciam fazer voar ao longe astros escarlates; mas também pelas moscas que executavam à minha frente, no seu pequeno concerto, a música de câmara do verão; não o evoca à maneira de uma ária de música humana que, ouvida por acaso nessa estação, faz com que a lembremos em seguida; está unida ao verão por um elo mais necessário; nascida dos dias lindos, só renasce com eles, contendo um pouco de sua essência; não apenas desperta a sua imagem na nossa memória, mas certifica-lhes o regresso, a presença efetiva, ambiental, de imediato acessível.

O frescor obscuro do meu quarto estava para a plena luz do sol da rua como a sombra para o raio de sol, ou seja, tão luminoso quanto ele, e ofertava à minha imaginação o espetáculo integral do estio, que meus sentidos, se eu estivesse passeando, só poderiam desfrutar aos pedaços; e, assim, adequava-se perfeitamente ao meu repouso que (devido às aventuras narradas nos meus livros e que acabavam de emocioná-lo) suportava igualmente ao repouso de uma mão imóvel no meio da água corrente, o choque e a animação de uma torrente de atividade.

Porém minha avó vinha me rogar que saísse, mesmo que o tempo, muito quente, se alterasse, se sobreviesse uma tempestade ou apenas um chuvisco. E, não querendo renunciar à leitura, ia pelo menos continuá-la no jardim, sob o castanheiro, numa pequena guarita de esparto e lona no fundo da qual me sentava, julgando-me oculto aos olhos das pessoas que por acaso viessem fazer uma visita a meus pais.

E meu pensamento não seria também, por acaso, um esconderijo em cujo fundo eu sentia que permanecia oculto, até para olhar o que se passava lá fora?

Quando eu via um objeto exterior, a consciência de que o estava olhando permanecia entre mim e ele, bordava-o com uma tênue orla espiritual que me impedia de nunca tocar diretamente a sua matéria; volatilizava-se esta de alguma forma antes que eu tomasse contato com ela, como um corpo incandescente que se aproxima de um objeto molhado não chega a tocar sua umidade, pois se faz sempre anteceder de uma zona de evaporação. Nesse tipo de tela colorida de estados diversos que, enquanto eu lia, minha consciência ia desenrolando simultaneamente, e que iam desde as aspirações mais profundamente escondidas dentro de mim até a visão inteiramente exterior que eu tinha do horizonte diante dos olhos, na extremidade do jardim, o que havia de principal em mim, de mais íntimo, o leme que governava o resto num movimento incessante, era a minha crença na riqueza filosófica, na beleza do livro que estava lendo, e meu desejo de me apropriar delas, fosse qual fosse esse livro. Pois, mesmo que o tivesse comprado em Combray, ao vê-lo na loja de Borange, muito distante de casa para que Françoise pudesse ir buscá-lo como na casa de Camus, porém mais sortida como papelaria e livraria, preso por barbantes no meio do mosaico de brochuras e fascículos que cobriam as duas folhas de sua porta, mais misteriosa e mais semeada de pensamentos que uma porta de catedral, é que o reconhecera por me ter sido citado como uma obra notável pelo professor ou pelo colega que, na ocasião, me parecia deter o segredo da verdade e da beleza, meio ressentidas, meio incompreensíveis, e cuja apreensão era o vago mas permanente objetivo de meus pensamentos.

Depois desta crença central que, durante a leitura, executava movimentos incessantes de dentro para fora, no sentido da descoberta da verdade, vinham as emoções que me dava a ação na qual tomava parte, pois as tardes eram mais cheias de acontecimentos dramáticos do que, muitas vezes, uma vida inteira. Eram os acontecimentos que ocorriam no livro que estava lendo; é verdade que as personagens a quem interessavam não eram "reais", como dizia Françoise. Mas todos os sentimentos que nos fazem experimentar a alegria ou a desgraça de uma personagem real só ocorrem em nós por intermédio de uma imagem dessa alegria ou dessa desgraça; a engenhosidade do primeiro romancista consistiu em compreender que, no aparelho das nossas emoções, sendo a imagem o único elemento essencial, a simplificação que consistiria em suprimir pura e simplesmente as personagens reais seria um aperfeiçoamento decisivo.

Um ser real, por mais profundamente que simpatizemos com ele, em grande parte só o percebemos através dos sentidos, isto é, permanece opaco para nós, oferece um peso morto que nossa sensibilidade não consegue erguer. Se uma desgraça o atinge, esta só poderá nos comover numa pequena parte da noção global que temos dele, e ainda mais, só numa pequena parte da noção total que tem de si mesmo é que sua própria desgraça poderá comovê-lo. O achado do

romancista foi ter tido a idéia de substituir essas partes impenetráveis à alma por uma quantidade idêntica de partes materiais, isto é, que nossa alma pode assimilar. Desde então, que importa que as ações, as emoções desses seres de um novo tipo nos pareçam verdadeiras, visto que fizemo-Ias nossas, que é dentro de nós que se produzem, que mantêm sob seu domínio, enquanto viramos febrilmente as páginas do livro, a rapidez da nossa respiração e a intensidade do nosso olhar. E uma vez que o romancista nos pôs nesse estado, no qual, como em todos os estados exclusivamente interiores, toda emoção é duplicada, e onde seu livro vai perturbar-nos, à maneira de um sonho, mas de um sonho mais claro que os que temos ao dormir, e cuja lembrança vai durar mais, então, eis que ele deflagra em nós, durante uma hora, todas as fortunas e todas as desgraças possíveis, algumas das quais iríamos levar a vida inteira para conhecer, ao passo que outras, as mais intensas, jamais nos seriam reveladas porque a lentidão com que se produzem impede que as percebamos. (Assim vai mudando o nosso coração, durante a vida, e esta é a pior das dores; porém só a conhecemos através da leitura, pela imaginação: na realidade o coração se transforma da mesma maneira como se produzem certos fenômenos da natureza, tão vagarosamente que, embora possamos verificar de modo sucessivo seus estados diferentes, em compensação nos foge a própria sensação da mudança.)

Já menos interior a meu corpo que essa vida dos personagens, vinha a seguir, meio projetada diante de mim, a paisagem onde se desenrolava a ação e que exercia sobre meu pensamento uma influência bem maior que a outra, aquela que eu tinha sob os olhos quando os erguia do livro. Foi assim que, durante dois verões, no calor do jardim de Combray, senti, por causa do livro que lia na ocasião, a nostalgia de uma região montanhosa e fluvial, onde veria muitas serrarias e onde, no fundo da água cristalina, apodreciam pedaços de madeira debaixo de tufos de agrião; não longe dali, cachos de flores violáceas e avermelhadas subiam ao longo dos muros baixos. E como o sonho de uma mulher que me tivesse amado estava sempre presente no meu pensamento, naqueles verões tal sonho se impregnou do frescor das águas correntes; e cachos de flores violáceas e avermelhadas se elevavam imediatamente de cada lado daquela que foi a mulher evocada, subindo como cores complementares.E não era apenas porque uma imagem com que sonhamos permanece sempre marcada, se embeleza e enriquece com o reflexo de cores estranhas que por acaso a rodeiam no nosso devaneio; pois essas paisagens dos livros que eu lia, eram apenas paisagens, para mim, mais vivamente representadas na minha imaginação que aquelas que Combray punha diante de meus olhos, mas eram inteiramente análogas.

Pela escolha que fizera o autor, pela fé com que meu pensamento ia ao encontro de sua palavra como de uma revelação, elas me pareciam ser impressão que de

modo nenhum me dava a região onde me achava, e, principalmente, nosso jardim, produto sem prestígio da fantasia exata do jardineiro, que minha avó desprezava uma parte verdadeira da própria Natureza, digna de ser estudada e aprofundada.

Se, quando eu lia um livro, meus pais me houvessem permitido ir visitar a região nele descrita, julgaria ter dado um passo inestimável para a conquista da verdade.

Pois se a gente tem sempre a sensação de estar rodeada pela própria alma, isto não se dá como numa prisão imóvel; antes, sentimo-nos como que levados junto com ela num perpétuo impulso para ultrapassá-la, para atingir o exterior, com uma espécie de desânimo, ouvindo sempre ao nosso redor esta sonoridade semelhante que não é um eco de fora e sim o ressôo de uma vibração interna. Procuramos achar nas coisas, que por isso nos são preciosas, o reflexo que nossa alma projetou sobre elas, e ficamos desapontados ao verificar que elas parecem desprovidas, na natureza, do encanto que deviam, em nosso pensamento, à vizinhança de certas idéias; às vezes, transformamos todas as forças dessa alma em habilidade, em esplendor, para agir sobre as criaturas que, percebemos bem, situam-se fora de nós e que nunca atingiremos.

Assim, se eu imaginava sempre ao redor da mulher amada os lugares que então mais desejava, se suspirasse para que fosse ela quem me levasse a visitá-los, ela quem me abrisse o acesso a um mundo desconhecido, não era isto devido ao acaso de uma simples associação de idéias; não, é que meus sonhos de viagem e de amor não passavam de momentos que hoje separo artificialmente como se fizesse cortes em diversas alturas de um repuxo irisado e aparentemente imóvel de um mesmo e inflexível jorro de todas as forças da minha vida.

Enfim, continuando a seguir de dentro para fora os estados simultaneamente justapostos em minha consciência, e antes de chegar ao horizonte real que os envolvia, encontro prazeres de outra espécie, o de estar bem sentado, de sentir o bom aroma do ar, de não ser importunado por nenhuma visita; e quando davam horas no sino de Saint-Hilaire, o de assistir caindo, pedaço a pedaço, à parte já consumida da tarde, até ouvir o último toque que me permitia contar o total e, após o qual, o longo silêncio que o seguia parecia fazer começar no céu azul toda a parte que ainda me seria concedida para ler até o bom jantar preparado por Françoise, e que me reconfortaria das canseiras que tivera, durante a leitura do livro, para acompanhar o herói da história. E, a cada hora, parecia-me que fora há poucos instantes apenas que a hora precedente havia soado; a mais recente vinha se inscrever bem pertinho da outra no céu e eu não podia acreditar que sessenta minutos coubessem nesse pequeno arco azul compreendido entre suas duas marcas de ouro. Muitas vezes até essa hora prematura soava duas batidas a mais que a última; havia, portanto, uma que eu não ouvira, algo que ocorrera não

acontecera para mim; o interesse na leitura, mágico feito um sono profundo, iludira meus ouvidos alucinados e apagara o sino de ouro sobre a superfície azulada do silêncio. Belos entardeceres de domingo, debaixo do castanheiro do jardim de Combray, cuidadosamente esvaziados por mim dos incidentes medíocres de minha vida pessoal, colocando em seu lugar uma vida de aventuras e de aspirações estranhas no interior de um país, regado de águas vivas, vós me evocais ainda essa vida quando penso em vós, e de fato vós a contendes por a terdes aos poucos contornado e cercado ao passo que eu me adiantava na leitura e diminuía o calor da tarde no cristal sucessivo, vagarosamente mutável e coberto de folhagens, de vossas horas silenciosas, sonoras, aromadas e límpidas.

As vezes eu era interrompido na leitura, no meio da tarde, pela filha do jardineiro, que corria feito uma doida, chocando-se na passagem com uma laranjeira, cortando um dedo, quebrando um dente e gritando: "Aí vêm eles, aí vêm eles!", para que Françoise e eu acorrêssemos e não perdêssemos nada do espetáculo. Era nos dias em que, devido às manobras da guarnição, a tropa atravessava Combray, indo em geral pela rua de Sainte-Hildegarde. Enquanto os nossos criados, sentados em fila, nas cadeiras do lado de fora da grade, olhavam os passeantes dominicais de Combray, fazendo-se olhar por eles, a filha do jardineiro, pelo intervalo existente entre duas casas não próximas da avenida da Estação, havia percebido o brilho dos capacetes. Os criados recolhiam precipitadamente suas cadeiras, pois quando os couraceiros desfilavam pela rua de Sainte-Hildegarde, enchiam-na em toda a largura, e o galope dos cavalos passava rente às casas, cobrindo as calçadas submergidas como as margens que oferecem um leito demasiadamente esguio a uma torrente desencadeada.

"Pobres crianças", dizia Françoise ao chegar à grade e já chorando; "pobre juventude que será cortada como grama; só de pensar nisso me sinto mal", acrescentava, levando a mão ao coração onde recebera o choque.

-Como é bonito ver estes rapazes que não ligam para a vida, não é, senhora Françoise?-dizia o jardineiro só de implicância.

E não falara debalde:

-Que não ligam para a vida? Mas para que mais a gente deve ligar senão para a vida, o único presente que o bom Deus nunca dá duas vezes. Ai, meu Deus! Entretanto, não ligam mesmo! Eu os vi em 70: eles não têm mais medo da morte nessas miseráveis guerras; são uns loucos, nem mais nem menos; e, além disso, não valem a corda para enforcá-los, pois não são homens, são leões. (Para Françoise, a comparação de um homem a um leão, que ela pronunciava lé-ão, nada tinha de elogioso.)

A rua de Sainte-Hildegarde dobrava muito de repente para que se pudesse ver os soldados de longe, e por aquela abertura entre as duas casas da avenida da

Estação é que se vislumbravam sempre novos capacetes correndo e brilhando ao sol. O jardineiro gostaria de saber se ainda faltavam muitos para passar, e estava com sede pois o sol ardia. Assim sua filha, lançando-se de súbito como uma cidade sitiada, dava uma escapadela, alcançava a esquina da rua e, depois de haver afrontado cem vezes a morte, vinha nos trazer, com um refresco de coco, a notícia de que Cies eram cerca de mil que se aproximavam sem parar, dos lados de Thiberzy e MéségIise. Françoise e o jardineiro, as pazes feitas, conversavam sobre o que seria necessário fazer em caso de guerra:

-Veja bem, Françoise-dizia o jardineiro-, a revolução valeria mais, pois quando ela rebenta só vai quem quer.

-Ah, sim, pelo menos entendo isso; é mais franco.

O jardineiro achava que, em caso de declaração de guerra, iam mandar parar todos os trens.

-Claro, para que ninguém possa fugir.

E o jardineiro:

-Ah, eles são astutos pois não admitia que a guerra não passasse de uma peça de mau gosto que o Estado tentasse pregar ao povo e à qual, se houvesse algum meio, todos não deixariam de se esquivar.

Mas Françoise se apressava a voltar para junto de minha tia, eu regressava a meu livro, os criados voltavam a se instalar à frente das portas para olhar cair a poeira e a emoção causada pelos soldados. Muito tempo depois de reinstalado o sossego, uma onda desacostumada de passeantes negrejava ainda nas ruas de Combray. E diante de toda casa, mesmo aquelas onde não havia esse hábito, os criados e até os patrões, sentados e olhando, recortavam as soleiras com um debrum caprichoso e sombrio, como os das algas e das conchas, cujos crepes e rendilhados uma forte maré deixa na margem ao retirar-se.

Pelo contrário, a não ser nesses dias, eu podia sossegadamente entregar-me à leitura como de costume. Porém a interrupção e o comentário ocorridos certa vez, durante uma visita de Swann, à leitura que eu começava a fazer de um autor inteiramente novo para mim, Bergotte, tiveram como conseqüência, por muito tempo, o fato de que não foi mais sobre um muro ornamentado de flores roxas em cacho, e sim sobre um fundo completamente diverso, diante do pórtico de uma catedral gótica, que se destacava a imagem de uma das mulheres com quem sonhava.

Ouvira falar de Bergotte, pela primeira vez, por um de meus colegas mais velhos que eu e pelo qual nutria grande admiração: Bloch. Ao me ouvir falar de minha admiração pela Nuit d'Octobre, dera uma risada estridente como um clarim e dissera: "Desconfie de sua predileção bastante baixa pelo senhor de Musset. É um

gaga dos piores e uma besta sinistra. Devo confessar, aliás, que ele e até o chamado Racine fizeram, cada um, um único verso bem ritmado e que têm para mim, o que a meu ver é o mérito supremo, o valor de não significarem coisa alguma. São estes: "La blanche Oloossone et la blanche Camyre" e "La fille de Hinos et de Pasiphaé". Vi-os citados, em favor destes dois malandros, em um artigo do meu muito querido mestre, o tio Leconte, agradável aos deuses imortais. A propósito, eis aqui um livro que não tenho tempo de ler agora e que, parece, é recomendado por esse sujeito imenso. Disseram-me que considera o autor, o senhor de Bergotte, um galá dos mais sutis; e embora ele dê provas, às vezes, de indulgências bem inexplicáveis, sua palavra para mim é um oráculo de Delfos. Portanto, leia estas prosas líricas e, se o gigantesco formador de ritmos que escreveu Bhagavat e Le Lévrier de Magnus falou a verdade, você há de gozar, meu caro mestre, as alegrias do néctar do Olimpo." Foi com um tom sarcástico que me pedira que o chamasse de "caro mestre" e assim também me chamava. Mas na verdade achávamos um certo prazer nesse jogo, estando ainda próximos da idade em que se acredita infundir vida àquilo que se nomeia.

Infelizmente, conversando com Bloch e pedindo-lhe explicações, não pude diminuir a perturbação em que ele me lançara ao me dizer que os belos versos (a mim que deles não esperava mais que a revelação da verdade) seriam tanto mais belos se não significassem absolutamente nada. Com efeito, Bloch não foi mais convidado a nos visitar.

A princípio, fora bem acolhido. É verdade que meu avô sustentava que, todas as vezes que eu me ligava mais estreitamente a um colega do que aos outros, e o levava à nossa casa, tratava-se sempre de um judeu, o que por si só não lhe desagradaria-até seu amigo Swann era de origem judaica-se não lhe parecesse que eu não o escolhia geralmente dentre os melhores. Assim, quando eu trazia um novo amigo, era bem raro que não se pusesse a cantarolar: "ó Deus dos nossos Pais", da Juive, ou então "Israel, rompe as tuas cadeias", sem a letra, é claro (Ti Ia Iam ta Iam, talim), mas eu temia que meu colega conhecesse a música e recordasse a letra.

Antes de os ter visto, bastava que lhes ouvisse o nome, o qual, muitas vezes, nada tinha de particularmente judeu, para que adivinhasse não só a origem judaica dos meus amigos que o eram de fato, mas até o que pudesse haver, às vezes, de desagradável em suas famílias.

- E como se chama o teu amigo que vem esta tarde?

- Dumont, vovô.

- Dumont? Ah, estou desconfiado.

E cantava:

"*Archers, faites bonne garde! Veillez sans trêve et sans bruit.*"

E depois de nos fazer com habilidade algumas perguntas mais precisas, gritava: "Em guarda! Em guarda!", ou, se era o próprio paciente já chegado a quem forçara, sem que este soubesse, por um interrogatório disfarçado, a declarar suas origens então, para nos mostrar que não tinha quaisquer dúvidas, contentava-se em nos encarar, cantarolando imperceptivelmente:

"Arqueiros, façam boa vigilância! / Viagem sem trégua e sem rumor."(N.do T)

Essas pequenas manias de meu avô não implicavam qualquer sentimento de malquerença em relação a meus colegas. Porém Bloch havia desgostado a minha família por outras razões. Principiara por aborrecer meu pai que, vendo-o molhado, lhe dissera com simpatia:

- Mas, senhor Bloch, que tempo está fazendo, será que choveu? Não estou entendendo nada, pois o barômetro indicava tempo bom.

E obtivera apenas esta resposta:

-Senhor, não posso lhe dizer absolutamente se choveu. Vivo tão decididamente fora das contingências físicas que meus sentidos não se preocupam em me notificá-las.

- Mas, meu pobre filho, é um imbecil esse teu amigo dissera meu pai quando Bloch se foi. - Como! Não pode sequer me dizer que tempo está fazendo? Mas se não há nada mais interessante! É um idiota.

Depois, Bloch desagradou à minha avó porque, após a refeição, como dissesse que se sentia um tanto indisposta, ele sufocara um soluço e enxugara os olhos.

-Como queres que tenha sido sincero-disse ela-se não me conhecia; ou então é doido.

E por fim descontentara a todos, pois tendo vindo almoçar, com uma hora e meia de atraso e coberto de lama, em vez de se desculpar havia dito:

- Não me deixo influenciar nunca pelas perturbações da atmosfera nem pelas divisões convencionais do tempo. Reabilitara de bom grado o emprego do cachimbo de ópio e do Gris malaio, mas ignoro o desses instrumentos mais perniciosos, e além disso raramente burgueses, o relógio de pulso e o guarda-chuva.

Apesar de tudo, ele poderia ter voltado a Combray.

Entretanto, não era o amigo que meus pais desejassem para mim; acabaram por acreditar que as lágrimas derramadas pela indisposição de minha avó não eram fingidas; mas sabiam, instintivamente, ou por experiência, que os impulsos da nossa sensibilidade têm pouca força sobre a seqüência de nossos atos e a conduta

da nossa vida, e que o respeito às obrigações morais, a fidelidade aos amigos, a execução de uma obra, o cumprimento de um regime possuem um fundamento mais seguro nos costumes cegos do que nos transportes momentâneos, ardentes e estéreis. Para mim, teriam preferido companheiros que não me dessem mais do que é estipulado doar a seus amigos, conforme as regras da moral burguesa; que não me enviariam inesperadamente um cesto de frutas por terem, nesse dia, pensado em mim com ternura; mas que, não sendo capazes de fazer inclinar em meu favor a balança exata dos deveres e das exigências da amizade por um mero impulso da imaginação e da sensibilidade, também não a falseariam em detrimento meu. Nem mesmo as nossas faltas desobrigam com facilidade de tudo o que nos devem tais naturezas, de quem minha tia-avó era o modelo, ela que, rompida há muitos anos com uma sobrinha com quem jamais falava, nem por isso modificou seu testamento, no qual lhe deixava toda a sua fortuna, pois a sobrinha era sua mais próxima parenta e aquilo "lhe era devido".

Mas eu gostava de Bloch, meus pais queriam me agradar, e os problemas insolúveis que eu me colocava a propósito da beleza desprovida de significado dos versos relativos à filha de Minos e de Pasífae me cansavam muito mais e me deixavam mais angustiado do que o teriam feito novas conversas com ele, embora minha mãe as considerasse perniciosas. E o teriam recebido ainda em Combray se, após aquele jantar, depois de me dizer notícia que mais tarde teve muita influência sobre minha vida, fazendo-a mais feliz e depois mais infeliz que todas as mulheres só pensavam no amor e que não haveria uma só cuja resistência não fosse possível vencer, não me houvesse assegurado ter ouvido dizer, da maneira mais certa, que minha tia-avó tivera uma juventude de aventuras e fora sabidamente "sustentada". Não pude deixar de repetir

suas palavras a meus pais e eles lhe fecharam as portas quando voltou; e, quando a seguir o encontrei na rua, comportou-se com extrema frieza para comigo.

Mas, a respeito de Bergotte, havia dito a verdade.

Nos primeiros dias, como ocorre com uma ária de música que nos arrebatará mas que ainda não percebemos, não descobri o que devia amar tanto no seu estilo. Não conseguia deixar o romance dele, que estava lendo, mas julgava-me interessado exclusivamente no assunto, como nos primeiros momentos do amor em que a gente vai todos os dias encontrar uma mulher em alguma reunião, em algum espetáculo, e achamos que o que nos atrai ali é a diversão. Depois, comecei a reparar nas expressões raras, quase arcaicas, que ele gostava de empregar em certos trechos, onde uma vaga escondida de harmonia, um prelúdio interior, agitam-lhe o estilo; e era também nesses momentos que ele se punha a falar do "sonho vão da vida", da "torrente inesgotável das belas aparências", do "tormento estéril e delicioso de compreender e de amar", das "emocionantes efígies que enobrecem para sempre a venerável fachada

encantadora das catedrais", quando exprimia para mim toda uma filosofia nova através de imagens maravilhosas, das quais se poderia dizer terem elas mesmas despertado esse canto de harpas que então se elevava e a cujo acompanhamento davam algo de sublime. Uma dessas passagens de Bergotte, a terceira ou a quarta que isolei do restante, deu-me uma alegria inexprimível, que não saberia comparar com a primeira, uma alegria que experimentei numa região mais profunda de mim mesmo, mais unida, mais vasta, de onde os obstáculos e as separações pareciam ter sido removidos. É que, reconhecendo então o mesmo gosto pelas expressões raras, essa mesma efusão musical, essa mesma filosofia idealista que já tinha sido em outras ocasiões, sem que de tal eu me desse conta, a causa de meu prazer, não tive mais a impressão de estar na presença de um trecho especial de um determinado livro de Bergotte, traçando na superfície do meu pensamento uma figura puramente literária, e sim do "trecho ideal" de Bergotte, comum a todos os seus livros e ao qual todas as passagens análogas, que com ele se vinham misturar, teriam dado uma espécie de espessura, de volume, com o qual o meu espírito parecia engrandecer-se.

Não era o único admirador de Bergotte; ele também era o escritor predileto de uma amiga de minha mãe, por sinal bastante letrada; por fim, para ler o seu último livro publicado, o doutor Du Boulbon fazia os clientes esperarem. E foi do seu consultório e de um parque vizinho de Combray que se evolaram algumas das primeiras sementes dessa predileção por Bergotte, tipo tão raro à época, hoje espalhado universalmente, e de que se encontra por toda parte na Europa, na América, até mesmo na aldeia mais insignificante, a flor ideal e comum. O que a amiga de minha mãe e também, segundo parecia, o doutor Du Boulbon amavam nos livros de Bergotte era, como eu, esse mesmo fluxo melódico, essas expressões antiquadas, algumas outras mais simples e conhecidas, mas as quais, pelo lugar onde as punha em evidência, pareciam revelar de sua parte uma predileção especial. Enfim, nas passagens tristes, um certo acento brusco, quase rouco. E sem dúvida, ele mesmo devia sentir que ali estavam os seus pontos mais atraentes. Pois nos livros que se seguiram, se encontrasse alguma grande verdade, ou o nome de uma catedral célebre, ele interrompia a narrativa e, numa invocação, numa apóstrofe, numa longa oração, dava livre curso a esses eflúvios que, em suas primeiras obras, eram interiores à sua prosa, revelados apenas nas ondulações da superfície, talvez ainda mais suaves, mais harmoniosos, quando assim cobertos, não sendo possível apontar de forma exata, onde nascia e onde expirava o seu murmúrio. Tais trechos, nos quais ele se comprazia, eram nossos trechos preferidos. Eu os sabia de cor. Ficava desapontado quando retomava o fio da narrativa. Toda vez que me falava de algo cuja beleza até então me fora oculta, pinheirais, granizo, a Notre Dame de Paris, Athalie, a Phedre, fazia, numa imagem, essa beleza explodir até mim. Assim, sentindo quantas partes havia do universo que a minha percepção incompleta não

poderia distinguir se ele não as pusesse a meu alcance, gostaria de ter uma opinião sua, uma metáfora sua, sobre todas as coisas, sobretudo acerca daquelas que eu mesmo tivesse ocasião de ver e, entre essas, especialmente, sobre antigos monumentos franceses e certas paisagens marítimas, porque a insistência com que os citava em seus livros provava que os tinha como ricos de significado e de beleza. Infelizmente eu ignorava a sua opinião sobre quase todas as coisas. Não duvidava que ela fosse inteiramente diferente das minhas, pois provinha de um mundo desconhecido ao qual procurava me elevar; persuadido que meus pensamentos teriam parecido pura inépcia a um tal espírito perfeito, fizera tábua rasa de todos eles, de maneira que, quando por acaso encontrasse, em um de seus livros, uma idéia que me havia ocorrido, meu coração se enchia de júbilo como se um deus, em sua bondade, me houvesse devolvido tal idéia, declarando-a legítima e bela. Ocorria, às vezes, que uma página sua dizia as mesmas coisas que eu escrevia freqüentemente à noite à minha avó e à minha mãe quando não conseguia dormir, se bem que essa página de Bergotte desse a impressão de uma coletânea de epígrafes para serem colocadas à testa de meus escritos. Mesmo mais tarde, quando comecei a escrever um livro, certas frases, cuja qualidade não era o bastante para me decidira continuá-lo, encontrei-lhes o equivalente em Bergotte. Mas somente então, quando lia-as nas suas obras, é que podia desfrutá-las; quando era eu quem as compunha, preocupado que elas refletissem exatamente aquilo que meu pensamento desejava exprimir, não "fazer semelhante", tinha muito tempo para perguntar a mim mesmo se o que estava escrevendo era tão agradável. Mas, na verdade, eu só amava de fato esse tipo de frases, esse gênero de idéias.

Meus inquietos esforços descontentes eram eles mesmos um sinal de amor, de um amor sem prazer mais profundo. E assim, quando, subitamente, encontrava tais frases na obra de outro escritor, ou seja, sem mais ter escrúpulos ou severidade, sem ter de me atormentar, deixava-me enfim levar, deliciado, pelo gosto que me causavam, como um cozinheiro que, por uma vez, quando não precisa cozinhar, encontra tempo de ser um *gourmand*.

Um dia, tendo encontrado em um livro de Bergotte, a propósito de uma velha criada, um gracejo que a linguagem solene e magnífica do escritor fazia ainda mais irônico, mas que era o mesmo que eu já fizera muitas vezes à minha avó ao falar de Françoise, e de outra vez em que vi que ele não julgava indigna de figurar num desses espelhos da verdade, que eram as suas obras, uma observação análoga à que eu tivera oportunidade de fazer a respeito do nosso amigo Legrandin (observações acerca de Françoise e Legrandin que eram certamente daquelas que eu teria mais deliberadamente sacrificado a Bergotte, convencido de que ele não lhes daria qualquer importância), pareceu-me, de repente, que minha humilde existência e os cozinheiros da verdade não estavam

assim tão separados quanto imaginara, e que chegavam mesmo a coincidir em certos pontos, e chorei de alegria e confiança sobre as páginas do escritor como nos braços de um pai reencontrado.

De acordo com seus livros, eu imaginava Bergotte como um velho frágil e desencantado que perdera filhos e nunca se consolara. E assim lia e cantava internamente a sua prosa, mais dolce, mais lento quem sabe, do que fora escrita, e a frase mais simples se dirigia a mim com uma entonação enternecida. Acima de tudo, amava a sua filosofia, entregara-me a ela por todo o sempre. Ela me tornava impaciente para chegar à idade em que entraria para a faculdade, onde faria o curso de Filosofia.

Mas não queria que ali se fizesse outra coisa senão viver exclusivamente pelas idéias de Bergotte, e se me houvessem dito que os metafísicos que iriam me atrair então não tinham qualquer semelhança com ele, eu sentiria o desespero de um apaixonado que quer amar por toda a vida, e ao qual falam das outras amantes que terá mais tarde.

Um domingo, durante a minha leitura no jardim, fui interrompido por Swann, que vinha ver meus pais.

- Que é que você está lendo, posso ver? Ora, Bergotte! Mas quem lhe indicou as suas obras?

Respondi que fora Bloch.

-Ah, sim, aquele rapaz que vi aqui uma vez, e que se assemelha tanto ao retrato de Maomé II por Bellini. Oh, é espantoso, tem os mesmos supercílios circunflexos, o mesmo nariz aduno, os mesmos molares salientes. Quando tiver uma barbicha será a mesma pessoa. Em todo caso, ele tem gosto, pois Bergotte é um espírito encantador.

E vendo que eu parecia admirar tanto a Bergotte, Swann, que jamais falava das pessoas que conhecia, fez, por bondade, uma exceção e me disse:

- Conheço-o muito bem, e se isso te dá prazer, posso pedir a ele que escreva algumas palavras no teu livro.

Não me atrevi a aceitar mas fiz a Swann algumas perguntas sobre Bergotte.

- Poderia me dizer qual o seu ator preferido?

-O ator, não sei. Mas sei que não compara nenhum artista à Berma, que ele coloca acima de todos. Já a viu representando?

- Não, senhor. Meus pais não me dão licença de ir ao teatro.

- É uma pena. Devia pedir-lhes. A Berma na Phedre, em Le Cid, não passa de uma atriz, se você quiser, mas saiba que não creio muito na "hierarquia" das

artes.

E observei, como tantas vezes me surpreendera nas conversas dele com as irmãs de minha avó, que, quando falava acerca de assuntos sérios, ou quando empregava uma expressão que parecia abranger um julgamento sobre uma terra importante, tinha o cuidado de isolá-la em uma entonação especial, automática; irônica, como se a pusesse entre aspas, dando a impressão de não querer assunto, dizendo: "A hierarquia, vocês sabem, como dizem as pessoas ridículas." então, se era ridículo, porque o dizia?

Após um instante, acrescentou:

- Isto dará uma visão tão nobre como qualquer obra-prima, como digamos... -e se pôs a rir como as Rainhas de Chartres!

Até então, esse horror de exprimir com seriedade suas opiniões me parecia elegante, e era uma atitude que se opunha ao dogmatismo provinciano das irmãs de minha avó; e eu suspeitava que fosse, igualmente, uma das atitudes do espírito no meio em que Swann vivia, e onde, em reação ao lirismo das gerações anteriores, reabilitavam-se até o excesso os pequenos fatos precisos, outrora tidos como vulgares, e eram proscritas as "frases". Mas agora eu achava algo de chocante nessa atitude de Swann em relação às coisas. Ele dava a impressão de não ter coragem de externar uma opinião e de só poder estar tranqüilo quando fornecia, meticulosamente, informações precisas. Mas então, será que não percebia que postular que a precisão de tais detalhes apresentava tanta importância, já era emitir uma opinião?

Voltei, então, a pensar naquele jantar em que eu estava tão triste porque mamãe não deveria subir ao meu quarto, e no qual ele dissera que os bailes da princesa de Léon não tinham nenhuma importância. No entanto, era nesse tipo de prazeres que ele passava a vida. Achei aquilo tudo contraditório. Para que outra vida, então, se reservaria ele para dizer por fim, com seriedade, o que pensava das coisas, para formular juízos que não colocasse entre aspas, e de não mais se entregar, com uma polidez minuciosa, a ocupações que ao mesmo tempo considerava ridículas? Reparei, também, no modo como Swann me falou de Bergotte, alguma coisa que, em compensação, não lhe era própria, mas, pelo contrário, por aquela época, fazia parte de todos os admiradores do escritor, mesmo a amiga de minha mãe e o doutor Du Boulbon. Como Swann, todos eles diziam de Bergotte: "É um espírito encantador, tão especial, tem uma forma muito sua de dizer as coisas, um tanto rebuscada, mas tão agradável. Nem é necessário ver a assinatura, reconhece-se logo que é da sua palavra." Mas ninguém teria ido ao ponto de dizer: "É um grande escritor, tem um grande talento." Nem sequer diziam que tivesse talento. Não o diziam porque não o sabiam. Somos muito vagarosos para reconhecer no aspecto particular de um

novo escritor o modelo que leva o nome de "grande talento" em nosso museu de idéias gerais. Exatamente porque esse aspecto é novo, não achamos de modo algum que se pareça ao que chamamos talento. Dizemos de preferência originalidade, encanto, delicadeza, vigor; e depois um dia percebemos que tudo aquilo junto é justamente o talento.

-Há obras de Bergotte em que ele fala da Berma?indaguei ao Sr. Swann.

- Creio que no seu opúsculo sobre Racine, mas deve estar esgotado. Talvez tenha havido uma reimpressão. Vou procurar saber. Aliás, posso pedir a Bergotte tudo o que você quiser, não há uma semana que ele não vá jantar lá em casa. É um grande amigo da minha filha. Costumam visitar juntos as velhas cidades, as catedrais, os castelos.

Como eu não tivesse noção alguma da hierarquia social, a proibição imposta por meu pai às nossas relações com a Sra. Swann e sua filha tivera antes, para mim, desde muito, o efeito de me fazer imaginar grande distância entre nós e elas, dando-lhes, a meus olhos, o maior prestígio. Lamentava que minha mãe não pintasse os cabelos e nem pusesse rouge nos lábios, como, segundo ouvira à Sra. Sazerat, nossa vizinha, fazia a Sra. Swann para agradar, não ao marido, mas ao Sr. de Charles, e pensava que deveríamos ser, para ela, um motivo de desprezo, o que me magoava sobretudo por causa da Srta. Swann, que me disseram ser uma menina bonita e com quem eu sonhava muitas vezes, emprestando-lhe, de cada vez, o mesmo rosto arbitrário e atraente. Mas quando soube, naquele dia, que a Srta. Swann era um ser de tão rara condição, banhando-se, como em seu elemento natural, em meio a tantos privilégios, que quando perguntava aos pais se havia alguém para jantar lhe respondiam com essas sílabas cheias de luz, com o nome daquele conviva de ouro que para ela era apenas um velho amigo de família: Bergotte; que para ela, a chover conversa íntima à mesa, o que, para mim, correspondia ao que era a conversação com minha tia-avó, eram palavras de Bergotte sobre esses assuntos que não pudera abordar em seus livros, e a respeito dos quais gostaria de ouvi-lo pronunciar-se como um oráculo; e que, enfim, quando ela ia visitar cidades, ele caminhava a seu lado, desconhecido e glorioso, como os deuses que se misturavam aos mortais; então senti, ao mesmo tempo, o valor de uma pessoa como a Srta. Swann e quanto eu deveria lhe parecer grosseiro e bronco, e experimentei tão vivamente a doçura e a impossibilidade de ser seu amigo que me enchi, ao mesmo tempo, de desejo e desespero. Agora, quando nela pensava, a mais das vezes a via diante do pórtico de uma catedral, explicando-me o significado das estátuas e, com um sorriso que falava bem de mim, apresentando-me a seu amigo Bergotte. E sempre o charme de todas as idéias que as catedrais faziam nascer em mim, o charme dos outeiros de *Île-de-France* e das planícies da Normandia, faziam refluir seus reflexos sobre a imagem que eu me formava da Srta. Swann: era estar completamente

pronto para ama-la. Pois acreditar que um ser participa de uma vida ignorada na qual o seu amor nos faria penetrar é, de tudo quanto exige o amor para nascer, aquilo a que ele mais se prende, fazendo-o desprezar o resto.

Até as mulheres que pretendem avaliar um homem só pelo físico, vêem neste físico a emanação de uma vida especial. É por isso que amam os militares, os bombeiros; o uniforme as faz menos exigentes para o rosto; julgam beijar, por baixo da couraça, um coração diferente, aventuroso e suave; e um jovem soberano, um príncipe herdeiro, para efetuar as conquistas mais lisonjeiras nos países estranhos que visita, não precisa ter o perfil regular que talvez fosse indispensável a um corretor da Bolsa.

Enquanto eu lia no jardim, coisa que minha tia-avó não entendia que eu fizesse a não ser nos domingos, dia em que é proibido ocupar-se alguém com qualquer coisa séria, e quando ela não costurava num dia útil, ela me teria dito: "Como, tu ainda te divertes em ler, mas não estamos no domingo", dando à palavra divertimento o sentido de infantilidade e perda de tempo, minha tia Léonie conversava com Françoise, esperando a hora de Eulalie. Anunciava-lhe que acabara de ver passar a Sra. Goupil "sem guarda-chuva, com o vestido de seda que mandara fazer em Châteaudun. Se tem de ir muito longe antes das Vésperas, é bem capaz de deixa-lo todo ensopado."

- Talvez, talvez - (o que significava talvez não) dizia Françoise para não eliminar, em definitivo, a hipótese de uma alternativa mais favorável.

-Veja! -exclamava minha tia batendo na testa. - Isso me faz lembrar que fiquei sem saber se ela chegou à igreja depois da elevação. Será necessário pensar em pergunta-lo a Eulalie... Françoise, verifique aquela nuvem negra atrás do campanário, e esse sol fraco sobre as ardósias, tenho certeza que o dia não escapará de uma chuva. Não é possível que tudo fique assim como estava, fazia muito calor. E quanto mais cedo melhor, pois enquanto não chover a minha água de Vichy não desce-acrescentou minha tia, em cujo espírito o desejo de apressar a descida da água de Vichy era infinitamente maior que o medo de ver a Sra. Goupil estragar o vestido.

-Talvez, talvez.

-É que, quando chove na praça, não há ali o menor abrigo. Como, já três horas?- exclamava minha tia subitamente, empalidecendo. - Mas então as Vésperas já começaram, e eu esqueci a minha pepsina! Agora compreendo por que minha água de Vichy permanecia no estômago.

E precipitando-se para um missal encadernado em veludo roxo, com fechos de ouro, e de onde, em sua pressa, deixava cair algumas dessas imagens de bordas rendilhados de papel amarelado, que marcam as páginas das festas religiosas, minha tia, enquanto engolia suas gotas, punha-se a ler às pressas os textos

sagrados cuja compreensão era-lhe levemente obscurecida pela incerteza de saber se, tomada tanto tempo depois da água de Vichy, a pepsina seria ainda capaz de atingi-la e fazê-la descer.

-Três horas, é incrível como o tempo passa!

Uma pancadinha na vidraça, como se algo a tivesse atingido, seguida de uma grande queda, leve como grãos de areia deixados a cair do alto de uma janela, por cima, e depois a queda se estendendo, regulando-se, adquirindo um ritmo, tornando-se fluida, sonora, musical, inumerável, universal: era a chuva.

-Aí está! Françoise, o que é que eu lhe dizia? Como chove! Mas creio que ouvi a sineta da porta do jardim, vá ver quem é que pode estar lá fora com um tempo desses.

Françoise voltava:

- É a Sra. Amédée (minha avó), que disse que ia dar uma voltinha. Porém está chovendo muito.

- Isto não me surpreende nem um pouco dizia minha tia erguendo os olhos para o céu. - Sempre afirmei que ela não tinha uma mentalidade como os outros. E até prefiro que seja ela e não eu a estar lá fora neste momento.

- A Sra. Amédée é sempre o oposto dos outros dizia Françoise com doçura, reservando para o momento em que estivesse sozinha com os outros criados, a observação de que achava minha avó meio "pancada".

-Pronto, passou o Salve! Eulalie já não virá-suspirava minha tia.-Com certeza se apavorou com o tempo.

- Mas ainda não deram as cinco horas, Sra. Octave. Não passam de quatro e meia.

- Quatro e meia? E eu que fui obrigada a erguer as cortinas para ter um pouquinho de luz! As quatro e meia! Oito dias antes das Ladainhas! Ah, minha pobre Françoise, o bom Deus deve estar bem zangado conosco. Também, com o que o mundo de hoje anda fazendo! Como dizia o meu pobre Octave, a gente se esqueceu do bom Deus e ele se vinga.

Um vivo rubro animava as faces da minha tia: era Eulalie. Infelizmente, mal acabava de ser introduzida e já Françoise voltava e, com um sorriso cujo objetivo era colocá-la em harmonia com o contentamento que sem dúvida suas palavras iam causar a minha tia, articulando as sílabas para mostrar que, apesar do uso do estilo indireto, transmitia, como boa serviçal, as próprias palavras que se dignara a empregar o visitante:

-O Sr. Cura ficaria encantado, deslumbrado, se a Sra. Octave não estivesse repousando e pudesse recebê-lo. O Sr. Cura não quer incomodar. O Sr. Cura está

lá embaixo, eu lhe disse que esperasse na sala.

Na verdade, as visitas do cura não davam à minha tia tão grande prazer como o supunha Françoise, e o arde satisfação que esta julgava de ver estampar no rosto cada vez que tinha de anunciá-lo não correspondia inteiramente ao sentimento da enferma. O cura (homem excelente, com quem lamento não ter conversado mais, pois, se não entendia nada de arte, conhecia muito bem as etimologias), habituado a dar, aos visitantes de importância, informações sobre a igreja (tinha até a intenção de escrever um livro sobre a paróquia de Combray), cansava minha tia com explicações infindáveis, aliás sempre as mesmas. Mas quando sua visita ocorria bem ao mesmo tempo que a de Eulalie, tornava-se definitivamente desagradável para ela, que teria preferido desfrutar da companhia de Eulalie e não ter de atender a todo mundo ao mesmo tempo. Mas não ousava despedir o cura e se limitava a fazer sinal para Eulalie não ir embora junto com ele, pois ainda a deteria um pouco, quando o cura tivesse saído.

-Senhor cura, que é que me disseram, que um artista instalou seu cavalete na sua igreja para copiar um vitral? Posso lhe dizer que cheguei a esta idade sem nunca ter ouvido falar de coisa semelhante! O que é que vão buscar as pessoas de hoje em dia! E logo o que há de mais malfeito na igreja!

- Não chego ao ponto de dizer que é o que há de pior na igreja, pois se em Saint-Hilaire existem partes que merecem ser visitadas, há outras que estão bem velhas na minha pobre basílica, a única de toda a diocese que sequer foi restaurada. Meu Deus, o pórtico é antigo e está sujo, mas enfim possui um caráter majestoso, o mesmo digo quanto às tapeçarias de Ester, pelas quais pessoalmente não daria dois tostões, mas que os conhecedores colocam logo abaixo das de Sens. Aliás, reconheço que, ao lado de certos detalhes um tanto realistas, elas apresentam outros que testemunham um verdadeiro espírito de observação. Mas que não me venham falar dos vitrais. Que idéia, deixar as janelas sem poder passar a claridade e que chegam a enganar a vista por causa desses reflexos de uma cor que eu não saberia definir, numa igreja em que não há duas lajes que estejam no mesmo nível, e que me recusam de substituir sob a alegação de que são os túmulos dos abades de Combray e dos cavalheiros de Guermantes, os antigos condes de Brabant. Os antepassados diretos do duque de Guermantes de hoje e também da duquesa, pois ela é uma Guermantes e o marido é seu primo.

Minha avó que, de tanto se desinteressar pelas pessoas, acabara por confundir todos os nomes, cada vez que pronunciavam o da duquesa de Guermantes pretendia que ela devia ser parenta da Sra. de Villeparisis. Todos rebentavam em gargalhadas; ela procurava se defender, alegando um certo convite: "Parece-me que havia ali esse nome de Guermantes." E por essa vez eu estava com os outros contra ela, não podia admitir que houvesse uma relação entre sua amiga de

colégio e a descendente de Genevieve de Brabant.

-Veja Roussainville: hoje não é mais que uma paróquia de fazendeiros, embora na antigüidade tenha tido grande desenvolvimento com a indústria de chapéus de feltro e de pêndulos.

Não estou certo sobre a etimologia de Roussainville. De boa vontade julgaria que o nome primitivo era Rouville (*Radulfi villa*) como Châteauroux (*Castrum Radulfi*), mas falarei disso noutra ocasião.)

-Muito bem, a igreja tem vitrais soberbos, quase todos modernos, e essa imponente Entrada de Luís Filipe em Combray que ficaria melhor na própria Combray, e que vale, segundo dizem, pelos famosos vitrais de Chartres. Ontem mesmo, eu falava com o irmão do doutor Percepied, que é amador e a considera o vitral mais bem acabado. Mas, como dizia ao artista que, aliás, dá impressão de ser muito cortês e dá a impressão de ser um verdadeiro virtuoso do pincel: "Que acha o senhor de tão extraordinário nesse vitral, que é ainda um pouco mais sombrio que os outros?"

-Estou certa de que se pedisse a Monsenhor-dizia minha tia com moleza, começando a pensar que ia ficar cansada ele não lhe recusaria um vitral novo.

- Vá contando com isso, Sra. Octave! respondia o cura. - Pois se foi justamente Monsenhor o primeiro a chamar a atenção para esse infeliz vitral provando que representa Gilberto, o Mau, senhor de Guermantes, descendente direto de Genevieve de Brabant, que era uma senhorita de Guermantes, recebendo a absolvição de Santo Hilário!

- Mas eu não vejo onde está Santo Hilário...

- Vê sim, no canto do vitral; nunca reparou ali numa dama de vestido amarelo? Pois bem, é Santo Hilário, que também se chama, como sabe, em certas regiões, Santo Illiers, Santo Hélier, e até, no Jura, São Ylie. Estas várias corruptelas de *Sanctus Hílarius* não são, de resto, as mais curiosas que ocorrem nos nomes dos bem-aventurados. Assim, a sua padroeira, minha boa Eulalie, *Sancta Eulalia*, sabe o que virou na Borgonha? Santo Elói simplesmente: tornou-se um santo. Veja, Eulalie, gostaria que depois de sua morte a transformassem num homem?

-O senhor cura sempre acha um meio de caçoar.

- O irmão de Gilberto, Carlos, o Gago, príncipe piedoso mas que, tendo perdido cedo o pai, Pepino, o Insensato, morto das seqüelas de sua doença mental, exercia o poder supremo com toda a presunção de uma juventude a que faltou a disciplina, desde que não simpatizasse com a cara de uma pessoa qualquer numa cidade, mandava massacrar todos os habitantes até o último. Querendo se vingar de Carlos, Gilberto mandou queimar a igreja de Combray, quer dizer, a igreja primitiva, a que Teodeberto, ao deixar com sua corte a casa de campo que possuía ali perto, em Thiberzy (Theodeberciacus), para ir combater os burgundos, prometera construir sobre o túmulo de Santo Hilário, se o bem-aventurado lhe desse a vitória. Dela só resta a cripta que Théodore já deve tê-las feito visitar, pois Gilberto queimou o restante. A seguir, venceu o desgraçado Carlos com a ajuda de Guilherme, o Conquistador (o cura pronunciava Guilherme), o que faz com que muitos ingleses venham visitá-la. Mas não parece ter sabido conquistara simpatia dos habitantes de Combray, pois estes se lançaram sobre ele à saída da missa, e o degolaram. Aliás, Théodore oferta um livrinho que dá todas as explicações.

"Mas, incontestavelmente, o mais curioso na nossa igreja é a paisagem que se descortina da torre, e que é grandiosa. Com certeza, para a senhora, que não é muito forte, eu não aconselharia subir nossos noventa e sete degraus, justo a metade do célebre domo de Milão. Faz cansar uma pessoa de boa saúde, ainda mais que a gente sobe dobrado em dois para não bater com a cabeça, e, assim, vai se envolvendo em tudo quanto é teia de aranha da escadaria. Em todo caso, a senhora teria de se cobrir muito bem acrescentou (sem se dar conta da indignação que provocava em minha tia a idéia de que ela fosse capaz de subir à torre) pois há uma terrível corrente de ar lá em cima! Certas pessoas afirmam ter sentido lá o frio da morte.

Não importa, no domingo há sempre grupos que vêm de muito longe para admirar a beleza do panorama e que voltam maravilhados. Olhe, no próximo domingo, se o bom tempo continuar, a senhora vai encontrar muita gente por lá, visto que já serão as Ladainhas. É preciso confessar: ali se goza de uma vista deslumbrante com umas fugas de planície ao longe que têm uma atração toda especial. Quando o dia está claro, pode-se avistar até Verneuil. Principalmente, pode-se abranger, ao mesmo tempo, coisas que em geral só se vêem em separado, como o curso do Vivonne e os fossos de Saint-Assise-les-Combray, do qual está separado por uma cortina de grandes árvores, ou então como os diversos canais de Jouy-le-Vicomte (Gaudiacus vice comitis, como a senhora sabe). Toda vez que vou a Jouy-le-Vicomte, bem que avistava um trecho do canal; depois, quando dobrava uma rua, via outro, mas então já não via o anterior. Por mais que os juntasse em pensamento, não obtinha bom resultado. Da torre de Saint-Hilaire é outra coisa: é como uma rede em que a localidade

estivesse capturada. Apenas, não se enxerga a água; dir-se-ia que há grandes fendas que quadriculam tão bem a cidade que ela é como um brioche, cujos pedaços formam um conjunto mas já estão cortados. Para ver tudo bem, seria preciso estar ao mesmo tempo na torre de Saint-Hilaire e em Jouy-le-Vicomte."

O cura fatigara de tal modo a minha tia que, mal havia partido, ela era obrigada a despedir Eulalie.

-Tome, minha pobre Eulalie-dizia com voz fraca, tirando uma moeda de uma bolsa que mantinha ao alcance da mão-, aqui está para que não se esqueça de mim em suas orações.

-Ah, mas senhora Octave, eu nem sei bem se devo; a senhora bem sabe que não é por causa disto que venho! dizia Eulalie, com a mesma hesitação e o mesmo ar embaraçado, todas as vezes, como se fosse a primeira, e com um aspecto de descontentamento que divertia minha tia e não lhe era desagradável, pois se um dia Eulalie, pegando a moeda, mostrasse um ar menos contrariado que de costume, ela dizia:

- Não sei o que tinha Eulalie; no entanto, dei-lhe a mesma coisa de sempre, e ela não estava contente.

- Acho que ela não tem do que se queixar suspirava Françoise, que se inclinava a considerar como troco miúdo tudo o que lhe dava minha tia, para ela ou para os filhos, e como tesouros loucamente desperdiçados com uma ingrata as moedinhas postas todo domingo nas mãos de Eulalie, mas tão discretamente que Françoise nunca chegava a vê-las. Não é que Françoise quisesse para si o dinheiro que tia Léonie dava a Eulalie. Desfrutava suficientemente de tudo o que minha tia possuía, sabendo que as riquezas da patroa ao mesmo tempo elevam e embelezam sua criada aos olhos de todos; e que ela, Françoise, era distinta e muito bem considerada em Combray, Jouy-le-Vicomte e outros lugares, pelas numerosas granjas de minha tia, as visitas freqüentes e demoradas do cura, e o número incrível de garrafas de água de Vichy consumidas. Só era avara em relação à minha tia; se fosse gerir a fortuna dela, o que era o seu sonho, tê-la-ia preservado dos investimentos de outrem com ferocidade maternal. Entretanto, não teria achado grande mal em que tia Léonie, que sabia ser incuravelmente generosa, se inclinasse a dar, desde que fosse para os ricos. Talvez pensasse que estes, não tendo necessidade dos presentes de minha tia, não podiam ser suspeitos de amá-la por causa deles. Além do mais, ofertados a pessoas de grande fortuna, à Sra Sazerat, ao Sr. Swann, ao Sr. Legrandin, à Sra. Goupil, a pessoas "do mesmo nível" da minha tia e que "combinavam bem", aquilo lhe parecia como parte integrante dos costumes dessa vida estranha e brilhante das pessoas ricas que caçam, dão bailes, se visitam e que ela admirava sorrindo. Porém, o mesmo não ocorria com os beneficiários da generosidade de tia Léonie, se fossem aqueles

que Françoise denominava "pessoas como eu, pessoas que não são mais que eu" e que eram os que ela mais desprezava, a menos que a tratassem de "Senhora Françoise" e não se considerassem como sendo "menos que ela". E quando viu que minha tia, malgrado os conselhos, só se guiava pela própria cabeça e gastava o dinheiro pelo menos era o que Françoise acreditava-com criaturas indignas, começou a achar bem parcos os donativos que tia Léonie lhe fazia, em comparação com as somas imaginárias doadas a Eulalie. Não havia granja de certa importância, nos arredores de Combray, que Françoise não julgasse que Eulalie poderia facilmente comprar com o dinheiro que lhe rendiam suas visitas. É verdade que Eulalie fazia o mesmo cálculo quanto às riquezas imensas e ocultas de Françoise.

Em geral, depois da partida de Eulalie, Françoise profetizava sem benevolência a respeito dela. Odiava-a, porém temia-a e se sentia obrigada, quando ela se achava presente, a lhe fazer "boa cara". Depois que Eulalie saía, Françoise se desforrava, na verdade sem jamais nomeá-la, mas proferindo vaticínios cortantes, ou sentenças de caráter geral, como as do Eclesiásticas, cuja aplicação, no entanto, não podia escapar à minha tia. Depois de ter espiado por um canto da cortina, para ver se Eulalie fechara o portão: "Os aduladores sabem chegar na hora certa e arrebanhar as pepitas; mas paciência, o bom Deus há de puni-los um dia", dizia ela com o olhar oblíquo e a insinuação de Jonas ao pensar exclusivamente em Athalie quando diz: "*Le bonheur des méchants comme un torrent s'écoule*{1}."

Mas, quando o cura também tinha vindo e sua visita interminável havia esgotado as forças de tia Léonie, Françoise saía do quarto atrás de Eulalie, dizendo:

-Sra. Octave, vou deixá-la descansando, a senhora está com um ar muito cansado.

E minha tia nem mesmo respondia, exalando um suspiro que parecia ser o derradeiro, os olhos fechados, como se estivesse morta. Porém mal Françoise havia descido, quatro toques dados com a maior violência ressoavam pela casa e minha tia, sentada na cama, gritava:

- Eulalie já foi embora? Imagine que esqueci de lhe perguntar se a Sra. Goupil havia chegado à missa antes da elevação! Corra depressa atrás dela!

Mas Françoise regressava sem ter podido achar Eulalie.

- Que transtorno! dizia tia Léonie sacudindo a cabeça. - A única coisa importante que eu tinha para lhe perguntar.

Assim transcorria a vida para tia Léonie, sempre igual, na suave uniformidade daquilo que ela chamava, com um desdém afetado e uma profunda ternura, o seu pequeno ramerrão". Preservado por todo o mundo, não somente em casa,

onde cada um, tendo comprovado a inutilidade de lhe aconselhar uma higiene melhor, resignara-se, aos poucos, a respeitá-lo, mas também na aldeia onde, a três quarteirões, o empacotador, antes de pregar seus caixotes, mandava perguntar a Françoise se tia Léonie "não estava repousando" -esse ramerrão foi todavia perturbado uma vez naquele ano. Como um fruto escondido que tivesse alcançado a madureza sem que ninguém percebesse e se destacasse espontaneamente, sobreveio uma noite o parto da criada de cozinha. Mas suas dores eram intoleráveis e, como não houvesse parteira em Combray, Françoise teve de sair de madrugada para ir buscar uma em Thiberzy. Por causa dos gritos da criada de cozinha, minha tia não pôde descansar e Françoise, apesar da pequena distância, demorou muito, e lhe fez muita falta. Assim, minha mãe me disse, de manhã:

"Sobe para ver se a tia não precisa de alguma coisa."

Entrei no primeiro aposento e, pela porta aberta, vi minha tia, deitada de lado, dormindo; ouvi que roncava de leve. Ia me retirar sem ruído, mas sem dúvida o rumor que eu fazia interviera

no seu sono e o fizera "mudar de velocidade", como se diz no caso dos automóveis, pois a música do ronco se interrompeu por um segundo e retomou num tom mais baixo; depois ela acordou e meio que virou o rosto que pude ver então: exprimia uma espécie de terror; evidentemente, acabara de ter um sonho horrível; não podia me ver da posição em que se encontrava, e fiquei ali sem saber se devia avançar ou ir embora; mas ela já parecia ter voltado ao sentimento da realidade e reconhecera a ilusão das visões que a haviam assustado; um sorriso de alegria, de piedosa gratidão para Deus, que permite que a vida seja menos cruel que os sonhos, iluminou debilmente o seu rosto, e, com o hábito que tinha de falar consigo a meia-voz quando se julgava sozinha, murmurou:

"Deus seja louvado! O único transtorno que temos é o parto da criada de cozinha. Imaginem que eu sonhava que meu pobre Octave havia ressuscitado e queria que eu desse um passeio todos os dias!"

Sua mão se estendeu para o rosário sobre a mesinha, porém o sono, de volta, não lhe deu forças para alcançá-lo; ela adormeceu novamente, tranqüilizada, e eu saí na ponta dos pés do quarto sem que ela nem ninguém jamais tivesse sabido aquilo que eu ouvira.

Quando falei que, afora os acontecimentos muito raros, como o parto da criada de cozinha, o ramerrão de tia Léonie não sofria variação alguma, não me referia àqueles que, repetindo-se de modo idêntico em intervalos regulares, somente introduziam no bojo da uniformidade uma espécie de uniformidade secundária. Assim é que, todos os sábados, como Françoise ia de tarde ao mercado de

Roussainville-le-Pin, o almoço era servido uma hora mais cedo para todos. E minha tia de tal modo assumira o hábito dessa infração semanal, incorporando-a aos próprios hábitos, que se lhe apegara tanto como aos outros. Estava tão "rotinada", como dizia Françoise, que se em alguns sábados tivesse de esperar pela hora habitual, isso a "desequilibraria" tanto como se tivesse, em outro dia, que antecipar o seu almoço para a hora de sábado. A antecipação do almoço, aliás, conferia aos sábados, para todos nós, um aspecto particular, indulgente, e bastante simpático.

No instante em que normalmente se tem ainda uma hora a viver antes da interrupção da refeição, sabe-se que, dentro de alguns segundos, ia-se ver chegarem chicórias prematuras, um omelete de favor, um bife não-merecido. A volta desse sábado assimétrico era um dos pequenos acontecimentos interiores, locais, quase cívicos que, nas vidas tranqüilas e nas sociedades fechadas, criam uma espécie de laço nacional e se tornam o assunto favorito das conversas, dos gracejos, das narrativas exageradas de propósito; formaria um núcleo, já estabelecido, para um ciclo de lendas, caso um de nós fosse dotado de veia épica. Desde a manhã, antes de nos vestirmos, sem motivo, pelo prazer de experimentar a força da solidariedade, dizíamos uns aos outros de bom-humor, com cordialidade e patriotismo:

"Não há tempo a perder, não nos esqueçamos que hoje é sábado!"; ao passo que minha tia, conferenciando com Françoise e imaginando que o dia seria mais comprido que de hábito, dizia:

"Bem que você poderia assar um bom pedaço de vitela, já que hoje é sábado".

Se alguém distraído, às dez e meia, olhasse o relógio e dissesse:

"Bem, ainda falta uma hora e meia para o almoço", todos ficavam encantados por lhe dizer: "Mas ora, em que está pensando? Esqueceu que hoje é sábado?": riam-se todos por um quarto de hora e tinham a intenção de subir e contar o esquecimento à tia Léonie, para diverti-la. Até o aspecto do céu parecia outro. Depois do almoço, o sol, consciente de que era sábado, passeava uma hora a mais pelas alturas e; quando um de nós, pensando estar atrasado para o passeio, dizia:

"Como, são só duas horas?" ao ver passarem as duas badaladas da torre de Saint-Hilaire (que, de costume, ainda não encontram ninguém nos caminhos desertos devido à refeição do meio-dia ou à sesta, ao longo do ribeirão vivo e límpido que até o pescador havia abandonado, e passam solitárias no céu vazio onde restam apenas algumas nus vens preguiçosas), todos em coro respondiam:

"Você está enganado, é que almoçamos uma hora mais cedo; sabe muito bem que hoje é sábado!"

A surpresa de um bárbaro (chamávamos assim a todas as pessoas que não sabiam o que havia de particular no sábado) que, tendo vindo às onze horas para falar com meu pai encontrava a todos nós sentados à mesa, era uma das coisas que mais haviam divertido Françoise em toda a sua vida. Mas se ela achava engraçado que o visitante, desconcertado, não soubesse que almoçávamos mais cedo aos sábados, achava mais engraçado ainda (simpatizando no fundo do coração com esse *chauvinismo* limitado) que meu pai não atentasse para o fato de que aquele bárbaro pudesse ignorar tal costume, respondendo sem outra explicação ao seu espanto de nos visitar àquela hora na sala de jantar:

"Ora, hoje é sábado!"

Tendo chegado a esse ponto da narrativa, ela enxugava as lágrimas de hilaridade e, para aumentar o prazer que sentia, prolongava o diálogo, inventando o que havia dito o visitante a quem esse "sábado" não dizia coisa alguma. E, em vez de nos queixarmos desses acréscimos, sentíamo-nos insatisfeitos e lhe dizíamos:

"Mas parece-me que ele tinha dito outra coisa. Era mais comprido da primeira vez que você contou."

Minha tia-avó chegava a deixar o croché, erguia a cabeça e olhava-nos por sobre o pince-nez.

Outra particularidade do sábado era que nesse dia, durante o mês de maio, nós saíamos depois do jantar para ir ao "mês de Maria".

Como encontrávamos, de vez em quando, o Sr. Vinteuil, bastante severo para com "o deplorável gênero de vida dos jovens desleixados, segundo as idéias de hoje", minha mãe cuidava para que nada destoasse na minha roupa, e depois íamos para a igreja. Foi no mês de Maria que me lembro de ter começado a gostar dos espinheiros-alvares. Não só estavam postos no próprio altar da igreja, tão santa, mas onde tínhamos o direito de entrar, inseparáveis dos mistérios de cuja celebração participavam, mas igualmente dispunham, em meio aos círios e aos vasos sagrados, os seus ramos ligados horizontalmente uns aos outros, num brilho de festa, e que os festões de sua folhagem ainda mais embelezavam, estando sobre eles semeados em profusão, como na cauda de um vestido de noiva, pequenos buquês de botões de um alvor deslumbrante. Mas, ousando olhá-los apenas às escondidas, sentia que aqueles pomposos aparatos eram vivos e que era a própria natureza que, recortando daquele jeito as folhas, acrescentando-lhes o ornamento supremo dos botões brancos, tornara essa decoração digna, ao mesmo tempo, do que era um regozijo popular e uma solenidade mística. Mais acima, abriam-se as suas corolas, aqui e ali, com uma graça despreocupada, retendo tão negligentemente, como um último e vaporoso adorno, o ramalhete dos estames, finos como fios da Virgem, envolvendo-as todas de tal modo que eu, seguindo e tentando representar bem dentro de mim o gesto de sua florescência,

imaginava-o como se fosse o movimento esturdio e rápido de uma cabeça, de olhos apertados e olhar coquete, de uma moça alva, distraída e vivaz.

O Sr. Vinteuil viera com a filha colocar-se ao nosso lado. De boa família, tinha sido professor de piano das irmãs de minha avó e quando, depois da morte da esposa e de posse de uma herança que lhe fora dada, se retirara para os arredores de Combray, era com freqüência recebido em nossa casa. Mas, extremamente pudico, deixara de visitar-nos para não se encontrar com Swann, que havia feito o que denominava "um casamento desigual, ao gosto da época". Minha mãe, sabendo que era compositor, dissera-lhe, por amabilidade, que quando fosse visitá-lo precisava ouvir uma composição sua. O Sr. Vinteuil teria ficado encantado por isso, mas levava a tais escrúpulos a polidez e a bondade que, pondo-se sempre no lugar dos outros, temia aborrecê-los e lhes parecer um egoísta se seguisse ou simplesmente deixasse entrever o seu desejo. No dia que maus pais foram visitá-lo, eu os havia acompanhado; porém, me haviam permitido que ficasse fora, e como a casado Sr. Vinteuil, Montjouvain, ficava ao sopé de uma elevação cheia de moitas, onde eu me escondera, ocorreu-me estar no mesmo plano do salão do segundo andar, a cinqüenta centímetros da janela. Quando lhe anunciaram meus pais, vira o Sr. Vinteuil se apressar a colocar em evidência, sobre o piano, um caderno de música. Mas, tão logo entraram meus pais, tirara-o dali e o pusera num canto. Sem dúvida receava pensassem que estava contente em vê-los só para lhes tocar suas composições. E cada vez que minha mãe voltava à carga no decorrer da visita, ele havia repetido várias vezes: "Mas eu não sei quem pôs isto sobre o piano, não é o seu lugar", e desviara a conversa para outros assuntos, justamente porque estes o interessavam menos. Sua única paixão era pela filha e esta, que tinha o aspecto de um rapaz, parecia tão robusta que a gente não podia deixar de sorrir ao ver as precauções que o pai tomava com ela, tendo sempre xales de reserva para lhe pôr sobre os ombros. Minha avó observava que expressão suave e delicada, quase tímida, se podia ver no olhar daquela mocinha tão rude, cujo rosto era coberto de sardas.

Quando terminava de pronunciar uma frase, ouvia-a como espírito das pessoas a quem a dirigira, alarmando-se com os possíveis mal-entendidos, e víamos iluminarem-se, definirem-se como por transparência, sob o rosto varonil daquele "diabo", os traços mais finos de uma pobre garota sensível.

Quando, no momento de deixar a igreja, me ajoelhei diante do altar, senti de repente, ao me erguer, evolar-se dos espinheiros-alvares um aroma agridoce de amêndoas, e então reparei, sobre as flores, umas pequenas manchas douradas; sob as quais imaginei que esse odor deveria estar guardado, como, debaixo das partes requeimadas, o gosto de uma frangipana ou, sob suas sardas, o gosto das faces da Srta. Vinteuil. Apesar da silenciosa imobilidade dos espinheiros-alvares; esse cheiro intermitente era como o murmúrio de sua vida intensa, com que o

altar vibrava, feito uma sebe agreste tocada por antenas vivas, nas quais se pensava ao ver certos estames quase rubros que pareciam ter conservado a virulência primaveril e o poder irritante dos insetos hoje transformados em flores.

Conversávamos por um momento com o Sr. Vinteuil, diante do pórtico, ao sair da igreja. Ele se metia no meio da briga dos meninos na praça, tomava a defesa dos menores, fazia sermões aos taludes. Se sua filha nos falava, com sua voz grossa, do quanto estava contente por nos ver, parecia que, logo, uma irmã mais sensível enrubescia dentro dela por causa dessa frase de bom menino estouvado que poderia dar a impressão de que ela estaria pedindo para ser recebida em nossa casa.

O pai lhe punha um manto sobre os ombros e eles subiam para um pequeno buggy que ela própria conduzia, e ambos voltavam para Montjouvain. Quanto à nós, como o dia seguinte era domingo, e a gente só se levantaria para a missa cantada, se fazia luar e a temperatura fosse morna, em vez de seguir diretamente para casa, meu pai, para gabar-se, nos fazia percorrer o calvário de um caminho longo, que a mínima capacidade de minha mãe em orientar-se e reconhecer -O caminho considerava como a proeza de um gênio da estratégia.

As vezes íamos até o viaduto, cujos arcos de pedra começavam na estação da estrada de ferro e, para mim, representavam o exílio e o abandono fora do mundo civilizado, pois a cada ano,

quando vínhamos de Paris, recomendavam-nos prestar muita atenção, quando chegássemos a Combray, para não passar da estação, para estarmos prontos de antemão pois o trem recomeçava a andar ao fim de dois minutos e partia, sobre o viaduto, para além dos países cristãos, dos quais Combray assinalava, para mim, a última fronteira.

Voltávamos pelo bulevar da estação, onde ficavam as mais bonitas vilas da comunidade. Em todos os jardins o luar, como Hubert Robert, semeava seus degraus truncados de mármore alvo, seus repuxos, suas grades entre abertas. Sua luz havia destruído o escritório do Telégrafo. Restava apenas uma coluna meio partida, que conservava no entanto a beleza de uma ruína imortal. Eu arrastava as pernas, morria de sono, o cheiro das tílias, balsâmico, me parecia uma recompensa que só se poderia obter ao preço das maiores fadigas, e que não valia a pena. De portões muito distantes uns dos outros, os cachorros acordados pelos nossos passos solitários, alternavam os latidos, como me sucede ainda ouvi-los por vezes de noite, e em meio a eles é que deve ter vindo se refugiar (quando em seu lugar construíram o jardim público de Combray) o bulevar da estação, pois, onde quer que eu esteja, desde que esses latidos começam a ressoar e a se responder, eu o enxergo, com suas tílias e a sua calçada iluminada pelo luar.

De súbito meu pai nos mandava parar e perguntava à minha mãe: "Onde estamos?" Esgotada pela marcha, mas orgulhosa dele, ela confessava com brandura que absolutamente não fazia a menor idéia. Ele dava de ombros, rindo. Então, como se o houvesse tirado do bolso do casaco junto com a chave, ele nos mostrava, erguido à nossa frente, o pequeno portão dos fundos do nosso jardim, que viera, em companhia da esquina da rua de Saint-Esprit, esperar-nos ao final desses caminhos desconhecidos. Minha mãe exclamava com admiração: "Você é extraordinário!" E, a partir desse momento, eu não conseguia dar mais um passo, o solo andava por mim nesse jardim onde, há tanto tempo, a atenção voluntária deixara de acompanhar meus atos: o Hábito me pegava pelos braços e me levava para a cama como se eu fosse uma criancinha.

Se o dia de sábado, que começava uma hora mais cedo e no qual ela se via privada de Françoise, lhe transcorria mais devagar que para outrem, minha tia, entretanto, esperava a sua volta com impaciência desde o começo da semana. Porquanto continha toda a novidade e distração que ainda era capaz de suportar seu corpo enfraquecido e maníaco. E todavia não é que ela não aspirasse às vezes a uma grande mudança, que não tivesse dessas horas de exceção em que se tem sede de algo diferente do que em geral ocorre, e em que aqueles que têm falta de energia ou de imaginação se sentem impedidos de extrair de si mesmos um princípio de renovação, e pedem ao minuto que passa, ao carteiro que chama, que lhe traga novidades, mesmo que seja a pior, uma emoção, uma dor; em que a sensibilidade, que a felicidade tornou silenciosa como uma harpa sem serviço, quer ressoar movida por uma mão, ainda que brutal, ainda que lhe parta as cordas; em que a vontade, que com tanta dificuldade conquistou o direito de se entregar livremente a seus desejos, a suas mágoas, gostaria de deixar as rédeas aos cuidados de acontecimentos imperiosos, mesmo que cruéis. É claro que, como as forças de minha tia, exaustas ao menor trabalho, só voltavam gota a gota ao seio de seu descanso, o reservatório era muito vagaroso para se encher, e passavam-se meses antes que ela atingisse o ligeiro excedente que outros desviam para a atividade e que ela era incapaz de conhecer e saber como empregar. Não tenho dúvidas de que, então como o desejo de substituí-lo por batatas com molho terminava, ao cabo de algum tempo, por nascer do próprio prazer que lhe provocava a volta diária do purê do qual ela não se "cansava" -, ela tirava da acumulação desses dias monótonos, a que tanto se acostumara, a expectativa de uma catástrofe doméstica restrita à duração de um só instante, mas que a obrigaria a cumprir, de uma vez por todas, uma dessas mudanças que ela reconhecia lhe fossem saudáveis e às quais não podia se decidir, por si mesma. Amava-nos de verdade, teria prazer em chorar por nós; ocorrendo era um momento em que ela se sentisse bem e não estivesse com suores, a notícia de que a casa estivesse tomada por um incêndio e que todos nós tivéssemos morrido e que, em breve, não ia restar uma só pedra das paredes, mas que ela tivesse

tempo de fugir sem pressa, com a condição de se levantar imediatamente, deve ter muitas vezes alimentado suas esperanças, pois juntava às vantagens secundárias de fazê-Ia degustar num comprido desgosto toda a sua ternura por nós e de ser o espanta da vila, conduzindo as nossas exéquias, corajosa e acabrunhada, agonizante e de pé, a vantagem bem mais preciosa de forçá-la, no momento adequado, sem perda de tempo, sem possibilidade de hesitações nervosas, a ir passar o verão em seu belo sítio de Mirougrain, onde havia uma cascata. Como jamais sobreviesse um, acontecimento desse tipo, em cujo sucesso perfeito com certeza meditava ao se achar sozinha, entretida em seus inumeráveis jogos de paciência (e que a desesperança era o primeiro sinal de realização, no primeiro desses pequeninos fatos inesperados, dessas palavras que anunciam uma notícia ruim e de cujo tom nunca podemos nos esquecer, de tudo o que leva o selo da morte verdadeira, bem diversa de sua possibilidade lógica e abstrata), ela, para às vezes fazer a sua vida mais interessante, se restringia a lhe introduzir peripécias inventadas que acompanhava cor da paixão. Divertia-se em imaginar, de repente, que Françoise a roubava, que recorria à esperteza para tirá-lo a limpo, que a pegava com a mão na massa; habituada, quase jogava cartas sozinha, a fazer ao mesmo tempo o seu jogo e o do adversário dizia para si própria as desculpas embaraçadas de Françoise, às quais respondia com tanto ardor e indignação que um de nós, ao entrar nessas ocasiões, encontrava-a coberta de suor, os olhos chispando, a cabeleira postiça descomposta deixando ver a cabeça calva. Talvez Françoise ouvisse, da sala vizinha, de vez em quando os sarcasmos mordazes dirigidos a ela e cuja invenção não teriam aliviado bastante minha tia se não permanecessem em estágio puramente imaterial e se, murmurando-os a meia voz, ela não lhes desse maior grau de realidade. Por vezes, sequer esse "espetáculo numa cama" era o bastante para minha tia, e ela queria ver suas peças representadas. Então, num domingo, estando todas as portas misteriosamente fechadas, ela confiava a Eulalie todas as suas dúvidas sobre a honestidade de Françoise, sua intenção de se desfazer dela, e, em outra ocasião, dizia a Françoise de suas suspeitas acerca da infidelidade de Eulalie, a quem logo haveria de fechar a porta; alguns dias depois, desgostava-se com sua confidente dá véspera e reconciliava-se com o traidor, e os papéis seriam trocados na próxima representação. Porém as suspeitas que Eulalie lhe pudessem inspirar não passavam de fogo de palha e depressa se desvaneciam por falta de sustentação, visto que Eulalie não habitava na casa. O mesmo não sucedia quanto a Françoise, que tia Léonie estava sentindo perpetuamente sob o mesmo teto que ela, sem que, de medo de pegar uma gripe se saísse da cama, ousasse descer até a cozinha para ver se suas suspeitas eram fundadas. Pouco a pouco, seu espírito não teve outra ocupação que não fosse procurar adivinhar o que poderia estar fazendo Françoise a cada instante, e o que lhe estaria escondendo. Observava as mais furtivas alterações da fisionomia de Françoise, uma contradição em suas

palavras, um desejo que parecesse dissimular. E lhe mostrava que a havia desmascarado com uma única palavra, que fazia Françoise empalidecer, e que tia Léonie parecia sentir um prazer cruel em fincar no coração da infeliz. E no domingo seguinte, uma revelação de Eulalie-como essas descobertas que abrem, de chofre, um campo insuspeitado a uma ciência nascente e que avançava até então na rotina provava a minha tia que suas suspeitas ficavam bem aquém da verdade.

"Mas Françoise deve saber, agora que a senhora lhe deu um carro."

- "Que lhe dei um carro!", gritava tia Léonie. - "Ah, não sei, pensava... mas como vi que passava agora na cabeça, orgulhosa como Artaban, para ir ao mercado de Roussainville, julguei que fora a Sra. Octave quem lhe dera." Pouco a pouco Françoise e minha tia, como a fera e o caçador, não faziam mais que se defender uma da outra. Minha mãe temia que Françoise acabasse criando um verdadeiro ódio à tia Léonie, que a ofendia o mais duramente possível. Em todo caso, Françoise, cada vez mais, prestava uma atenção extraordinária às menores palavras, aos menores gestos de minha tia. Quando tinha algo a lhe pedir, hesitava por muito tempo sobre a forma como devia fazer o pedido. E quando o fazia, observava minha tia de modo furtivo, como se quisesse adivinhar no aspecto do seu rosto o que ela teria pensado e o que haveria de decidir. Assim ao passo que um artista, lendo as memórias do século XVII e desejando se aproximar do Rei-Sol, crê caminhar por essa estrada auspiciosa ao forjar uma genealogia que o faria descender de uma família histórica ou ao corresponder-se com um dos atuais soberanos da Europa, e desse modo voltando as costas precisamente para aquilo que erradamente busca sob formas análogas e, conseqüentemente, sem vida uma velha dama provinciana que só fazia obedecer sinceramente à manias irresistíveis e a uma malvadeza nascida da ociosidade, via, sem jamais ter pensado em Luís XIV, as ocupações mais insignificantes do seu dia-a-dia, englobando o seu despertar, seu almoço, seu repouso, assumirem, por sua singularidade tirânica, um pouco do interesse daquilo que Saint-Simon denominava a "mecânica" da vida em Versalhes, e podia acreditar também que seus silêncios, um matiz de bom humor ou de altivez em seu rosto, eram da parte de Françoise o objeto de um comentário tão apaixonado, tão temeroso como o silêncio, o bom humor e a altivez do Rei o eram quando um cortesão, ou até os maiores fidalgos, lhe punham em mãos uma petição, ao dobrar uma aléia em Versalhes.

Um domingo, em que minha tia tivera, simultaneamente, a visita do cura e de Eulalie, e a seguir fora descansar, nós todos subíramos para lhe dar boa-noite e mamãe lhe apresentava suas condolências pela má sorte que sempre trazia suas visitas à mesma hora:

-Sei que as coisas ainda não andaram bem de novo,- Léonie disse-lhe com

doçura-, todas as suas visitas vieram outra vez ao mesmo tempo.

Ao que minha tia interrompeu com:

-Abundância de bens...pois desde que sua filha estava doente, julgava de seu dever animá-la apresentando sempre tudo pelo melhor aspecto. Porém meu pai, tomando a palavra:

- Desejo aproveitar -disse ele-, já que toda a família está reunida, para contar algo, sem ter de repeti-lo a cada um. Temo que estejamos estremecidos com Legrandin: ele mal me deu bom-dia esta manhã.

Não fiquei para ouvir o relato de meu pai, pois tinha estado justamente com ele após a missa quando nos encontramos com Legrandin, e desci para a cozinha para ver o que havia para o jantar, o que todos os dias me distraía como as notícias que a gente lê no jornal e me excitava à maneira de um programa de festas Como o Sr. Legrandin passasse por nós à saída da igreja, caminhando ao lado de uma castelã das redondezas que só conhecíamos de vista, meu pai o saudara a um tempo amigável e reservadamente, sem que parássemos; o Sr. Legrandin mal respondera, com ar espantado, como se não nos conhecesse, e com essa inclinação do olhar, própria das pessoas que não querem ser amáveis, e que, do fundo repentinamente prolongado dos olhos, dão a impressão de encarar a gente como da extremidade de uma estrada interminável e a uma distância tal que se contenta em nos dirigir um aceno minúsculo de cabeça para adequá-lo ao nosso tamanho de marionetes.

Ora, a dama que acompanhava Legrandin era uma pessoa considerada de virtudes; não era possível tratar-se de uma aventura, e que não lhe agradasse verem-se juntos ou se incomodasse por ser surpreendido, e meu pai perguntou, a si mesmo o que poderia ter feito para aborrecer Legrandin. "Lastimaria tanto vê-lo incomodado", disse meu pai, "pois ele, no meio de toda essa gente dominada, com seu casaco simples, sua gravata frouxa, tem um aspecto tão desalinhado, tão verdadeiramente simples, e um ar tão ingênuo que fica bastante simpático."

Mas o conselho de família foi unânime na opinião de que meu pai estava fantasiando ou que Legrandin, naquele momento, estava absorvido por algum pensamento. Além do mais, o receio de meu pai se dissipou na noite seguinte. Quando voltávamos de um grande passeio, avistamos Legrandin perto de PontVieux, pois ele, devido às festas, permanecia vários dias em Combray. Veio ao nosso encontro, a mão estendida: "Você conhece, senhor leitor", perguntou-me-, este verso de Paul Desjardins:

-Os bosques já estão sombrios, o céu é ainda azul...Não é uma finura de notação para esta hora? Talvez você nunca tenha lido Paul Desjardins. Leia-o, meu menino; dizem que hoje ele é irmão pregador, mas por muito tempo foi um límpido aquarelista...Os bosques já estão sombrios, o céu é ainda azul...Que o céu

seja sempre azul para você, meu jovem amigo; e até na hora, que me chega agora, em que os bosques já são sombrios, em que a noite desce rápido, você se consolará como faço eu, olhando para o lado do céu." Tirou do bolso um cigarro, ficou muito tempo com os olhos perdidos no horizonte. "Adeus, meus camaradas", disse de súbito, e nos deixou.

Na hora em que eu descia para saber qual era o cardápio do jantar, o serviço já começara, e Françoise, comandando as forças da natureza tornadas suas auxiliares, como nas *séries* em que os gigantes se fazem empregar como cozinheiros, remexia o carvão, levava ao vapor algumas batatas para estufá-las e fazia o fogo dar ao devido ponto as obras-primas culinárias, preparadas antes nos recipientes de cerâmica, os quais iam desde os grandes tachos, marmitas, sopeiras e travessas, às terrinas para a caça, às formas para empadas, e aos pequenos potes de creme, passando por uma coleção completa de caçarolas de todos os tamanhos. Parava para olhar, sobre a mesa, onde a criada de cozinha acabava de descascá-las, as ervilhas alinhadas e contadas como bolinhas verdes num jogo; mas o meu encanto ia todo para os aspargos, embebidos em ultramar e rosa, e cujo talo, finamente raiado de azul e malva, vai se degradando insensivelmente até o pé ainda manchado do chão em que estava por irisações que não pertencem à terra. Merecia-me que tais nuanças celestes atraíam as criaturas deliciosas que se divertiam em se transformar em legumes e que, por meio do disfarce de sua carne comestível e consistente, deixavam entrever nessas cores nascentes da aurora, nesses esboços de arco-íris, nesses fins de tarde azuis, a essência preciosa que eu reconhecia ainda quando, pela noite que se seguia a um jantar em que eu comera aspargos, se divertiam, nas suas farsas poéticas e grosseiras como uma *féerie* de Shakespeare, em transformar o meu urinol em um vaso de perfume.

A pobre Caridade de Giotto, como a chamava Swann, encarregada por Françoise de lhes tirar a pele, tinha-os junto dela num cesto, e mantinha um ar dolorido como se sentisse todas as desgraças da terra; e as leves coroas azuis que enlaçavam os aspargos por sobre suas túnicas cor-de-rosa eram minuciosamente desenhadas, estrela por estrela, como o estão no afresco as flores enfaixadas em torno à fronte ou que pontilham na corbelha da Virtude de Pádua. E no entanto Françoise girava no espeto um daqueles frangos, como só ela sabia assá-los, frangos que haviam espalhado por toda a Combray o aroma de seus méritos, e que, enquanto nos servia à mesa, faziam predominar a doçura em minha concepção especial de seu caráter, e o aroma dessa carne que ela sabia tornar tão untuosa e tenra, e que eram, para mim, o próprio perfume de uma de suas virtudes.

Mas o dia em que, enquanto meu pai consultava o conselho da família sobre o encontro com Legrandin, eu desci à cozinha, era um daqueles em que a Caridade

de Giotto, muito mal devido ao parto recente, não podia se levantar; sem auxiliar, Françoise estava atrasada. Quando cheguei lá embaixo, ela estava na copa, que dava para o galinheiro, tentando matar um frango que, por sua resistência desesperada e bastante natural, mas acompanhada por Françoise fora de si, aos gritos de "Droga! Droga!", enquanto procurava lhe partir o pescoço por sob a orelha, colocava a santa doçura e a unção da nossa criada um pouco menos em destaque do que o teria feito, no jantar do dia seguinte, com sua pele debruada de ouro como uma casula e seu molho precioso a pingar de um cibório. Logo que ele morreu, Françoise recolheu o sangue que corria sem lhe afogar o rancor, teve ainda um assomo de cólera, e, olhando o cadáver do inimigo, exclamou uma última vez: "Droga!"

Tornei a subir, todo trêmulo; gostaria que mandassem Françoise embora imediatamente. Mas quem me faria almôndegas tão quentes, café tão cheiroso, e até... aqueles frangos? E na realidade, esse cálculo acovardado, todos já o tinham feito como eu. Pois tia Léonie sabia-o que eu ainda ignorava-que Françoise, que para a filha, para os sobrinhos, teria dado a vida sem uma queixa, era de uma dureza singular para com os outros seres. Apesar disso, minha tia a conservara, pois, se conhecia a sua crueldade, apreciava o seu serviço.

Aos poucos, fui me apercebendo que a doçura, a compunção e as virtudes de Françoise escondiam tragédias da copa, como a história descobre que os reinados de reis e rainhas, que são representados de mãos postas nos vitrais das igrejas, foram marcadas de fatos sangrentos, Dei-me conta de que, fora do círculo dos parentes, os seres humanos tanto reais lhe causavam compaixão com seu infortúnio quanto mais afastados dela estavam. As torrentes de lágrimas que ela derramava ao ler no jornal as desgraças de pessoas desconhecidas estancavam de imediato se ela podia imaginar a pessoa que as provocara de modo mais preciso. Uma das noites que se seguiram ao parto da criada de cozinha, esta se viu acometida de cólicas atrozes; mamãe ouviu-a gemendo, ergueu-se e foi despertar Françoise, a qual, insensível, declarou que aqueles gritos não passavam de uma comédia, que ela queria "bancar a patroa". O médico, que temia essas crises, marcara, num livro de medicina que tínhamos, a página em que elas eram descritas, e nos dissera que o consultássemos para achar a indicação dos primeiros socorros de emergência. Minha mãe mandou Françoise buscar o livro, recomendando-lhe que não deixasse cair a marca. Passada uma hora, Françoise não havia voltado. Mamãe, indignada, pensou que ela tornara a se deitar e me pediu que fosse ver o livro na biblioteca. Ali encontrei Françoise que, tendo querido olhar o que o sinal marcava, lia a descrição clínica da crise e dava soluços, agora que se tratava de uma doente-padrão que ela não conhecia. A cada sintoma doloroso mencionado pelo autor do tratado, ela gemia:

"Minha Nossa! Será possível que o bom Deus deseje fazer sofrer deste modo

uma desgraçada criatura humana? Pobrezinha! "

Mas tão logo a chamei e ela se achou de novo junto ao leito da Caridade de Giotto, suas lágrimas cessaram de correr; não pôde reconhecer nem essa agradável sensação de piedade e enternecimento que tão bem sentia e que a leitura dos jornais lhe fizera ver com freqüência, nem qualquer prazer da mesma espécie, diante do tédio e da irritação de ter se levantado no meio da noite por causa da Criada de cozinha; e à vista dos mesmos sofrimentos cuja descrição a fizera chorar ela só achou resmungos de mau humor, e até sarcasmos afrontosos, dizendo, quando julgou que nós tínhamos ido embora e não poderíamos ouvi-la:

"Bastava que ela não fizesse o que é preciso fazer para isso acontecer! Sinal que gostou! E não venha com frescuras agora. É preciso que um rapaz esteja mesmo desamparado de Deus para se embeiçar por isto. Ah, é bem como diziam no patuá da terra da minha pobre mãe: Quem se apaixona pelo rabo de um cão vê nele apenas uma rosa em botão."

Se, quando o neto estava meio gripado, ela saía à noite, mesmo doente, em vez de se deitar, para ver se ele não precisava de alguma coisa, fazendo quatro léguas a pé, antes de romper a manhã, a fim de estar de volta logo ao trabalho, em compensação esse mesmo amor aos seus e o seu desejo de assegurar a futura grandeza de sua casa traduzia-se, na sua política em relação aos outros criados, por uma máxima constante que era jamais deixar um só deles criar raízes na casa da tia

Léonie, de quem, com orgulho cuidadoso, não permitia que ninguém se aproximasse, preferindo, quando ela própria se achava doente, levantar da cama para lhe dar sua água de Vichy, em vez de permitir o acesso ao quarto da patroa à criada de cozinha. E, como esse himenóptero observado por Fabre, a vespa fossadora, que; para que os filhos, após a sua morte, disponham de carne fresca para comer, chama a anatomia em auxílio de sua crueldade e, tendo capturado gorgulhos e aranhas, lhes fere com ciência magistral e habilidade magnífica o centro nervoso, do qual depende o movimento das patas mas não as outras funções vitais, de modo que o animal paralisado, perto do qual deposita os ovos, forneça às larvas, quando surgirem à vida, um alimento dócil, inofensivo, incapaz de fuga ou resistência, mas de modo algum apodrecido.

Françoise encontrava, para cumprir sua vontade permanente de tornar a casa inabitável a qualquer criado, ardis tão sábios e tão impiedosos que, muitos anos depois, é que ficamos sabendo que havíamos comido aspargos quase todos os dias porque o seu cheiro dava à pobre tríade de cozinha, encarregada de descascá-los, acessos de asma de tamanha violência que ela afinal foi obrigada a ir embora.

Infelizmente deveríamos mudar em definitivo a nossa opinião sobre Legrandin.

Num dos domingos seguintes ao encontro no Pont-Vieux, após o qual meu pai teve de confessar seu erro, ao findar a missa e quando, com o sol e o barulho de fora, algo tão pouco sagrado entrava na igreja que a Sra. Goupil, a Sra. Percepied (todas as pessoas que, pouco antes, quando eu cheguei meio atrasado; tinham ficado de olhos absorvidos em seus livros de orações e que eu mesmo teria julgado não me terem visto entrar se, ao mesmo tempo, seus pés não tivessem empurrado de leve o banquinho que me impedia de alcançar a cadeira) começavam a conversar conosco em voz alta sobre assuntos inteiramente temporais como se já estivéssemos na praça, vimos no limiar ofuscante do pórtico, dominando o tumulto de cores misturadas do mercado, Legrandin, quando o marido daquela senhora com a qual o havíamos visto ultimamente, acabava de apresentar à esposa de outra grande proprietário de terras das vizinhanças.

O rosto de Legrandin exprimia uma animação e um interesse extraordinários; fez uma profunda reverência, com uma inclinação secundária para trás, o que levou seu dorso bruscamente além da posição inicial, e que deveria ter aprendido com o marido de sua irmã, Sra. de Cambremer. Esse rápido soerguimento fez refluírem, numa espécie de onda alanceada e musculosa, os quadris de Legrandin, que eu não imaginara tão carnudos; e não sei porque essa ondulação de matéria pura, essa vaga toda carnal, sem expressão, espiritualidade e que uma amabilidade cheia de baixeza açoitava com fúria, fizera de súbito acordar em meu espírito a possibilidade de um Legrandin bem diverso daquele que conhecíamos.

Essa dama lhe pediu que dissesse algo ao seu cocheiro e enquanto ele ia até o carro, ainda persistia em seu rosto a expressão de alegria tímida e dedicada que a apresentação recente lhe causara. Embriagado numa espécie de sonho, Legrandin sorria; voltou depois para a dama com pressa e, como caminhasse mais rápido que de costume, suas espáduas balançavam ridiculamente de um e outro lado, e ele se parecia a um joguete inerte e mecânico da felicidade, de tanto que se lhe entregava, indiferente ao resto do mundo. Todavia, nós saíamos do pórtico e íamos passar por ele, e ele era bastante educado para não virar o rosto, mas fixou o olhar, de repente, cheio de uma cisma profunda, num ponto tão afastado do horizonte que não pôde nos ver e não teve de cumprimentar-nos. Sua fisionomia continuava ingênua no alto do casaco frouxo e simples que parecia sentir-se deslocado, malgrado seu, em meio a um luxo detestado. E a gravata *lavalliere* de pintinhas, que o vento da praça agitava, continuava a flutuar sobre ele como o estandarte de seu isolamento orgulhoso e de sua nobre independência.

No momento em que chegávamos em casa, mamãe percebeu que havíamos esquecido a torta de creme e pediu a meu pai que voltasse comigo para avisar

que a mandassem logo. Cruzamos com Legrandin perto da igreja; ele vinha em sentido contrário levando a mesma dama para o carro. Passou por nós, não interrompeu o que dizia à companheira e nos fez, com o canto do olho azul, um pequeno sinal de qualquer modo interior às pálpebras e que, não comprometendo os músculos do rosto, pôde passar perfeitamente despercebido de sua interlocutora; mas, procurando compensar pela intensidade do sentimento a área um pouco estreita em que se circunscrevia a expressão, naquele canto azulado que nos era reservado fez cintilar toda a sua benevolência, que ultrapassava a jovialidade e chegava até a ser maliciosa; tornou sutis as finezas da amabilidade até as piscadelas da cumplicidade, as meias-palavras, os subentendidos, os mistérios da conivência; e, finalmente, exaltou os protestos de amizade até as declarações de amor, iluminando então, só para nós, de um lango secreto e invisível à castelã, uma pupila apaixonada em um rosto de gelo.

Exatamente na véspera, havia pedido a meus pais que me mandassem para jantar com ele: "Venha fazer companhia a seu velho amigo", dissera-me ele. "Como o ramalhete que um viajante nos manda de uma região à qual não regressaremos, faça-me respirar, da distância da sua adolescência, essas flores primaveris que eu também atravessei há longo tempo. Venha com a primavera, a barba-de capuchinho, o botão-de-ouro, venha com o sédum, do qual se faz o buquê preferido da flora balzaquiana, com a flor do dia da Ressurreição, o mal-me-quer-branco e o viburno dos jardins que principia a embalsamar as alamedas da sua tia-avó quando ainda não se derreteram as últimas bolas de neve das saraivas da Páscoa. Venha com a gloriosa veste de seda do lírio, digna de Salomão, e o esmalte policrômico{2}; dos amores-perfeitos, mas venha, acima de tudo, com a brisa ainda fresca das últimas geadas e que vai entreabrir, para as duas borboletas que desde esta manhã aguardam à porta, a primeira rosa de Jerusalém."

Em casa, perguntavam se ainda assim deveriam mandar-me jantar com o Sr. Legrandin. Mas minha avó recusou-se a crer que ele tivesse sido pouco educado: "Vocês mesmos reconhecem que ele aparece aqui com toda a simplicidade que não é a de um mundano." Declarava que, em todo caso, e na pior das hipóteses, se ele o tivesse sido mais valeria não se dar por achado. A falar a verdade, até meu pai; que no entanto era o mais irritado contra a atitude de Legrandin, conservava ainda uma última dúvida acerca do significado que ela comportava. Teria sido como toda atitude ou ação em que se revelasse o caráter profundo e escondido de uma pessoa; não teria ligação com suas palavras anteriores, não podíamos fazer com que confirmasse com o testemunho do culpado, que não confessaria; estávamos reduzidos ao testemunho dos nossos sentidos e nos indagamos, diante dessa lembrança isolada e incoerente, se não teriam sido o joguete de uma ilusão; de maneira que semelhantes atitudes, as únicas a

poderem ter importância, nos deixam muitas vezes uma certa dúvida.

Jantei com Legrandin no seu terraço; fazia luar: "Há uma linda espécie de silêncio, não é", disse-me ele, "para os corações feridos como o meu, um romancista que você lerá mais tarde pretende que convêm somente a sombra e o silêncio. E veja bem, meu menino, chega um momento na vida, momento do qual você ainda está bem longe, em que os olhos fatigados já não suportam senão uma luz, a que uma bela noite como esta prepara e destila com a escuridão, em que os ouvidos só podem escutar a música tocada pelo luar na flauta do silêncio." Eu ouvia as palavras do Sr. Legrandin que me pareciam sempre tão agradáveis; mas, perturbado pela recordação de uma mulher que vira recentemente pela primeira vez, e pensando agora que sabia que Legrandin era ligado à diversas personalidades da aristocracia das redondezas, que talvez ele a conhecesse, tomei coragem e lhe disse:

"Será qua o senhor conhece a... as castelãs de Guermantes?", e também feliz, ao pronunciar esse nome, porque me fazia adquirir sobre ele uma espécie de poder pelo simples fato de arrancá-lo do meu sonho e conferir-lhe uma existência sonora e objetiva.

Porém a este nome de Guermantes, eu vi no meio dos olhos azuis do nosso amigo fixar-se um pequenino ponto escuro, como se acabassem de ser furados por uma ponta invisível, ao passo que o resto da pupila reagia segregando ondas de azul. As olheiras escureceram, abaixaram-se. E sua boca, marcada por uma ruga amarga, dominando-se mais depressa, sorriu, enquanto o olhar permanecia doloroso, como o de um bom mártir cujo corpo é crivado de setas: "Não, não os conheço", respondeu, mas em vez de dar a uma informação tão banal, a uma resposta tão pouco surpreendente, o tom natural e corriqueiro adequado, lançou acentuando as palavras, inclinando-se, sacudindo a cabeça, ao mesmo tempo com a insistência que se dá, para ter crédito, a uma afirmação inverossímil - como se o fato de não conhecer os Guermantes pudesse ser apenas o efeito de um acaso singular- e também com a ênfase de alguém que, não podendo calar uma situação que lhe é penosa, prefere proclamá-la para dar aos outros a impressão de que semelhante confissão não lhe causa embaraço algum, é fácil, espontânea, agradável, que a própria situação a ausência de relações com os Guermantes podia muito bem não ser sofrida, mas desejada por ele, e resultar de alguma tradição de família, princípio moral ou voto místico que lhe interditasse expressamente a convivência com os Guermantes.

"Não", repetiu, explicando com as palavras a própria entonação, "não, não os conheço, nunca me interessei em conhecê-los, sempre fiz questão de manter minha independência total; no fundo, sou uma cabeça jacobina, você sabe. Muita gente intercedeu, dizendo que era um erro eu não ir ver os Guermantes, que eu passava a idéia de ser um turrão, um velho urso. Mas aí está uma reputação que

não me assusta, pois é tão verdadeira! No fundo, só gosto nesta terra de algumas igrejas, dois ou três livros, mais uns poucos quadros, e do luar quando a brisa da sua juventude traz até mim o aroma dos canteiros que minhas velhas pupilas já não percebem."

Eu não compreendia bem por que era necessário proclamar independência para ir à casa de pessoas que não se conhecia, e em que aquilo podia lhe dar o aspecto de um selvagem ou de um urso. Mas entendia que Legrandin não era totalmente verdadeiro quando dizia só gostar das igrejas, do luar e da juventude; apreciava bastante os moradores dos castelos e, diante deles, achava-se tomado de tão grande pavor de desagradar-lhes que não tinha coragem de fazê-los perceber que possuía amigos entre os burgueses, filhos de tabeliães ou corretores, preferindo, se se devesse descobrir a verdade, que fosse em sua ausência, longe de suas vistas e "por descuido": era um esnobe.

É claro que nada dizia de tudo isso na linguagem que meus pais e eu tanto apreciávamos. E se eu lhe perguntasse:

"Conhece os Guermantes?", Legrandin, o conversador, respondia:

"Não, jamais quis conhecê-los."

Desgraçadamente, ele respondia em segundo plano, pois um outro Legrandin, que ele ocultava cuidadosamente no fundo de si mesmo, que não mostrava, porque este último Legrandin sabia acerca do nosso, sobre o seu esnobismo, histórias comprometedoras, um outro Legrandin já respondera com o olhar ferido, o riso da boca, com a excessiva gravidade do tom da resposta, com as mil setas de que o nosso Legrandin se vira num momento crivado e agonizante, como um São Sebastião do esnobismo:

"Ai de mim, que você me faz mal; não, não conheço os Guermantes, não desperte a grande mágoa da minha vida."

E como este Legrandin inconveniente, esse Legrandin tagarela, se não possuía a bela expressão verbal do outro, tinha a palavra infinitamente mais lenta, composta daquilo a que se chama "reflexos", quando o conversador Legrandin queria lhe impor silêncio, o outro já havia falado e o nosso amigo, por mais que se sentisse infeliz com a má impressão que as revelações

de seu *alter ego* já deviam ter provocado, não podia fazer mais que atenuá-las.

E certamente isto não queria dizer que o Sr. Legrandin não fosse sincero quando malhava os esnobes. Não podia saber, ao menos por si mesmo, que o fosse, visto que jamais conhecemos senão as paixões dos outros, e o que chegamos a saber sobre as nossas, não é por meio deles que o vamos aprender. Contra nós, elas só agem de modo secundário, pela imaginação que substitui os primeiros móveis por móveis de reserva que sejam mais decentes. O esnobismo de Legrandin

nunca lhe aconselhava que fosse visitar com freqüência uma duquesa. Encarregava a sua imaginação de lhe fazer aparecer essa duquesa como que adornada de todas as graças. Legrandin aproximava-se da duquesa, julgando ceder a essa atração do espírito e da virtude que os infames esnobes desconhecem. Só os outros sabiam que ele era esnobe; pois, graças à incapacidade de compreenderem o trabalho intermediário da imaginação de Legrandin, viam, uma em frente à outra, a atividade mundana de Legrandin e sua causa primordial.

Agora, em casa, não se tinha mais nenhuma ilusão quanto ao Sr. Legrandin e nossas relações com ele se fizeram bastante espaçadas. Mamãe se divertia muitíssimo de cada vez que surpreendia Legrandin em flagrante delito do pecado que ele não confessava, que continuava a denominar pecado sem remissão, o esnobismo. Quanto a meu pai, não levava tanto na brincadeira os desdéns de Legrandin; e quando, num ano, pensou-se em me mandar passar as férias de verão em Balbeq, juntamente com minha avó, ele disse:

"É absolutamente necessário que eu comunique a Legrandin que vocês vão para Balbec, para ver se ele se oferece para pô-los em contato com a irmã. Ele não deve estar lembrado de nos ter dito que ela morava a dois quilômetros dali."

Minha avó, que achava que nos balneários a gente precisa estar da manhã à noite na praia, a fim de respirar o sal, e que não se deve travar relações com ninguém, porque as visitas e os passeios são outros tantos furtos que fazemos ao ar marinho, pedia, pelo contrário, que não se falasse dos nossos projetos a Legrandin, pois já estava vendo a sua irmã, Sra. de Cambremer, desembarcando no hotel no momento em que estivéssemos a ponto de ir pescar e forçando-nos a ficar fechados para recebê-las. Mas mamãe ria de seus temores, achando que o perigo não era assim tão ameaçador, que Legrandin não teria pressa nenhuma em nos fazer relacionar com sua irmã. Ora, sem que fosse preciso falar em Balbec a Legrandin, foi este próprio que, sem imaginar que tivéssemos a intenção de ir para aquelas bandas, veio colocar-se na armadilha uma tarde em que o encontramos à beira do Vivonne.

"Esta tarde há nas nuvens cores violáceas e azuis bem bonitas, não é, meu camarada?", comentou com meu pai; "um azul sobretudo mais floral que aéreo, um azul de cineraria, que surpreende no céu. E esta nuvenzinha cor-de-rosa não tem igualmente um jeito de flor, de cravo ou hidrângea?Somente na Mancha, entre à Normandia e a Bretanha, é que pude fazer observações mais preciosas sobre está espécie de reino vegetal da atmosfera. Lá adiante, perto de Balbec, perto desses locais tão selvagens, existe uma pequena baía de suavidade encantadora, onde o pôr-do-sol da terra de Auge, o ocaso rubro e dourado que aliás, estou longe de desdenhar, se mostra sem caráter e insignificante; mas nessa atmosfera úmida e doce se abrem de tarde, em poucos minutos, esses buquês

celestes, azuis e róseos, que são incomparáveis e muitas vezes levam horas para se desfazerem. Outras vezes, se desfolham de imediato e, então, é mais belo ainda ver o céu inteiro semeado de inúmeras pétalas róseas ou sulfurinas. Nessa baía, como que de opala, as praias douradas ainda parecem mais suaves por se acharem presas, como louras Andrômedas, a esses terríveis rochedos das costas vizinhas, a essas margens fúnebres, célebres por tantos naufrágios, onde todos os invernos muitos barcos afundam aos perigos do mar. Balbec! A mais antiga ossatura geológica do solo francês, realmente *Ar-mor*, o Mar, o fim da terra, a região maldita que Anatole France, um indivíduo encantador que o nosso amiguinho devia ler pintou tão bem, sob as suas névoas eternas, como o verdadeiro país dos homéricos na Odisséia. De Balbec, sobretudo, onde já se constroem hotéis, superpostos ao solo antigo e encantador que eles não alteram, que prazer excursionar, a dois passos dessas regiões primitivas e tão lindas."

-Ah, quer dizer que conhece alguém em Balbec?perguntou meu pai. - Justamente este menino deve ir passar lá dois meses com a avó e talvez com minha mulher.

Legrandin, tomado de surpresa por essa pergunta, num momento em que seus olhos estavam fixos em meu pai, não pôde desviá-los, mas fixando-os a cada segundo com maior intensidade e sempre sorrindo com tristeza nos olhos do interlocutor, com um ar de amizade e franqueza e sem temer olhá-lo no rosto, parece que lhe atravessou a fisionomia, como se ela se tivesse tornado transparente, e ver nesse momento bem além dela uma nuvem vivamente colorida, que lhe criava um álibi mental e que lhe permitia assegurar que, no momento em que lhe haviam perguntado se não conhecia alguém em Balbec, estava pensando em outra coisa e não ouvira a indagação. Normalmente, tais olhares fazem o interlocutor dizer:

"Em que é que está pensando?"

Porém meu pai, curioso, irritado e cruel, repetiu:

-Você tem amigos em Balbec, já que conhece tão bem o lugar?

Num último esforço desesperado, o olhar sorridente de Legrandin alcançou o máximo de brandura, de sofreguidão, sinceridade e distração, mas, pensando sem dúvida que agora já não podia passar sem responder, disse:

-Tenho amigos por toda parte onde há bosques de árvores feridas mas não vencidas, que se aproximam para implorar juntas, com patética obstinação, a um céu inclemente que delas não tem pena.

- Não era isso o que eu queria dizer-cortou meu pai, também obstinado como as árvores e inclemente como o céu.- Eu indagava, para a eventualidade que acontecesse algo à minha sogra, se ela tivesse necessidade de não se sentir em terra alheia, se o senhor conhecia alguém da sociedade em Balbec...

- Lá, como em toda parte, conheço todo mundo e não conheço ninguém. Respondeu Legrandin que não se dava tão depressa por vencido;- conheço muito as coisas e pouco as pessoas. Mas as próprias coisas parecem pessoas ali, pessoas raras, de uma essência delicada e que a vida teria desapontado. Às vezes, trata-se de um castelo que descobrimos na costa, à beira da estrada onde ficou parado para confrontar seu desgosto com a noite ainda cor-de-rosa onde sobe a lua de ouro, e onde os barcos que regressam frisando as águas matizadas exibem nos mastros sua flâmula e suas cores; outras vezes, é uma simples residência solitária, antes feia de aspecto tímido porém romanesco, que oculta a todos os olhos algum segredo imorredouro de felicidade e desengano. Essa região sem verdade-acrescentou eles com delicadeza maquiavélica-essa terra de pura ficção, é de ruim entendimento é com certeza eu não a recomendaria nem escolheria para o meu amiguinho, já tão inclinado à tristeza, devido a seu coração impressionável. Os climas de confidência amorosa e de lamentação inútil podem convir ao velho desabusado que sou, mas sempre se fazem malsãos para um temperamento ainda não formado. Creia-me tornou com insistência-, as águas daquela baía, já meio bretã, podem exercer uma ação sedativa, aliás discutível, num coração que já não está intacto, como o meu, um coração cuja ferida não é mais compensada. E são contra-indicadas para a sua idade, meu menino. Boa-noite, vizinhos acrescentou, deixando-nos com aquela brusquidão evasiva de que tinha o costume e, voltando-se para nós com um dedo erguido de doutor, resumiu a consulta, gritando-nos: - Nada de Balbec antes dos cinqüenta anos e, ainda depois, dependendo do estado do coração.

Meu pai voltou a lhe falar em nossos encontros posteriores, torturou-o com perguntas: foi tudo inútil. Como aquele escroque erudito, que empregava nó fabricado de falsos palimpsestos o trabalho e uma ciência cuja centésima parte teria bastado para lhe assegurar uma posição mais lucrativa, mas honrada, o Sr. Legrandin, - se ainda tivéssemos insistido, teria acabado por construir toda uma ética de paisagem e uma geografia celeste da baixa Normandia, de preferência a confessar que, a dois quilômetros de Balbec morava sua própria irmã, e de ser obrigado a nos dar uma carta de apresentação, o que não o assustaria tanto se tivesse absoluta segurança como devia ter, de fato, devido ao seu conhecimento do caráter de minha avó-de que não iríamos utilizá-la.

Sempre voltávamos cedo dos passeios para poder fazer uma visita a tia Léonie antes do jantar. No princípio da estação, quando o dia acaba cedo, ainda havia um reflexo do ocaso, quando chegávamos à rua do Saint-Esprit, sobre as vidraças da casa e uma faixa purpurina no fundo dos bosques do Calvário, que se refletia mais além, no lago; vermelhidão que, acompanhada diversas vezes de um frio bem vivo, se associava, em meu espírito, ao rubor do fogo sobre o qual se assava o frango que me trazia, após o prazer poético do passeio, o prazer da gula, do

calor e do repouso. Ao contrário, no verão, ao voltarmos, o sol ainda não se pusera e, durante a visita que fazíamos a tia Léonie, sua luz, que declinava e alcançava a janela, ficava parada entre as grandes cortinas e os umbrais, dividida, ramificada, filtrada e, incrustando de pedacinhos de ouro a madeira de limoeiro da cômoda, iluminava obliquamente o quarto com a delicadeza que tem nos bosques, sob as árvores.

Porém, em determinados dias muito raros, não havia mais, quando chegávamos à rua do Saint-Esprit, nenhum reflexo do ocaso estendido nas vidraças e o lago ao pé do calvário já perdera seu tom de púrpura; às vezes já estava cor de opala e um longo raio de lua, que ia se alargando e estriando em todas as rugas da água, atravessava-o por inteiro. Então, ao nos aproximarmos da casa, vislumbrávamos uma forma no limiar da porta, e mamãe dizia:

- Meu Deus! É Françoise que está nos esperando, sua tia está inquieta; também, voltamos tarde demais.

E, sem ter tido tempo de nos livrar dos capotes, subíamos depressa para ver tia Léonie e tranqüilizá-la, mostrando que, ao contrário do que ela já imaginava, nada nos acontecera, mas que tínhamos ido pelo "lado de Guermantes" e, ora essa, quando a gente dava esse passeio, sabíamos muito bem que nunca se podia ter certeza da hora em que estaríamos de volta.

- Está vendo, Françoise - dizia minha tia-, bem que falei que eles deveriam ter tomado o caminho de Guermantes! Meu Deus! Devem estar com uma fome! E o seu carneiro que certamente já estará torrado, com todo esse tempo a esperar! Também, isso é hora que se chegue! Quer dizer então que vocês foram pelo caminho de Guermantes?

- Mas eu julgava que você sabia, Léonie - dizia mamãe. - Pensei que Françoise nos tivesse visto sair pelo portãozinho da horta.

Pois havia ao redor de Combray dois "lados" para os passeios, e tão opostos que a gente, de fato, não saía pelo mesmo portão conforme quisesse ir por um lado ou por outro: o lado de Méséglise-la-Vineuse, que era chamado, também, o lado da casa do Sr. Swann porque se passava diante da propriedade do Sr. Swann para ir para lá; e o lado de Guermantes. Para falar a verdade, de Méséglise-la-Vineuse eu só cheguei a conhecer o "lado" e as pessoas estranhas que vinham passear em Combray, aos domingos, pessoas que, dessa vez, nem minha tia nem nenhum de nós "absolutamente conhecíamos" e que, por esse dado, eram tidas como "pessoas que terão vindo de Méséglise". Quanto a Guermantes, um dia eu deveria conhecer melhor, mas apenas muito mais tarde; e durante toda a minha adolescência, se Méséglise era-me algo inacessível como o horizonte, oculto à vista, por mais longe que a gente fosse, pelos acidentes de um terreno que já não se parecia ao de Combray, Guermantes só me surgia como o termo antes ideal

do que real de seu próprio "lado", uma espécie de expressão geográfica abstrata como a linha do equador, como o pólo, como o oriente. Então, "ir por Guermantes" para chegar a Méséglise, ou o contrário, teria me parecido uma expressão tão desprovida de sentido como tomar o caminho do leste para chegar ao oeste. Como meu pai falava sempre do lado de Méséglise como sendo o mais belo panorama de planície que conhecera, e do lado de Guermantes como do tipo de paisagem de rio, eu lhes atribuía, assim concebendo-os como duas entidades, esta coesão, esta unidade que só pertence às criações do nosso espírito; a menor parcela de cada uma delas me parecia preciosa, manifestando sua excelência particular, ao passo que, em relação a elas, antes que se chegasse ao solo sagrado de uma ou de outra, os caminhos puramente materiais, em que estavam pousadas como o ideal da visão de planície e o ideal da vista da paisagem de rio, já não valiam a pena de serem encaradas, a não ser pelo espectador apaixonado pela arte dramática, as ruelas que levam ao teatro. Eu, principalmente, punha entre elas, bem mais que suas distâncias quilométricas, a distância existente entre as duas partes do meu cérebro, com que pensava nelas, uma dessas distâncias no espírito que não só fazem afastar as coisas, mas separam-nas, pondo-as em outro plano. E essa demarcação tornava-se mais absoluta ainda porque esse costume nosso de jamais ir na direção dos dois caminhos num mesmo dia, num só passeio, mas de uma vez pelo lado de Méséglise; de outra vez pelo lado de Guermantes, fechava-as, por assim dizer, bem longe uma da outra, irreconhecíveis uma à outra, nos vasos cerrados e não comunicantes entre elas, de tardes diferentes.

Quando se queria ir pelo lado de Méséglise, saía-se (não muito cedo e até mesmo se o céu estava coberto, porque o passeio não era longo e não durava muito) como para ir a qualquer parte, pela porta da frente da casa da tia Léonie, que dava para a rua do Saint-Esprit. Éramos saudados pelo armeiro, deixávamos as cartas na caixa do correio, e, de passagem, dizíamos a Théodore, da parte dá Françoise, que ela já não tinha carvão ou café, e saíamos da cidade pelo caminho que passava ao longo da cerca branca do parque do Sr. Swann. Antes de aí chegar encontrávamos, vindo ao encontro dos estranhos, o aroma de seus lilases. Eles próprios, dentre os pequenos corações verdes e frescos de suas folhas, erguiam curiosamente acima da cerca do parque, seus penachos de plumas malvas ou brancas que rebrilhavam, mesmo na sombra, devido à luz do sol em que se banhavam. Alguns, meio escondidos pela casinha de telhas apelidada A Casa dos Arqueiros, onde residia o guarda, ultrapassavam o frontão gótico do seu róseo minaretes As Ninfas da Primavera pareceriam vulgares junto dessas hauris jovens que conservavam nesse jardim francês os tons vivos e puros das miniaturas da Pérsia. Apesar do meu desejo de abraçar-lhes o e de encostar ao rosto os caracóis estrelados de sua cabecinhas odorantes, passávamos por ali sem parar, já que meus pais tinham deixado de visitar Tansonville desde o

casamento de Swann, e, para não darmos a impressão de que olhávamos o parque, ao invés de ir pelo caminho que margeia o cercado da casa, e que vai dar diretamente nos campos, íamos por outro que também chegava lá, porém obliquamente, fazendo-nos desembocar mais longe.

Um dia, meu avô disse a meu pai:

-Lembra-se que Swann disse ontem que, como a mulher e a filha viajavam para Reims, ele iria aproveitar para passar vinte e quatro horas em Paris? Poderíamos, já que essas damas estão fora, caminhar ao longo do parque, o que nos abreviaria o trajeto.

Paramos um momento diante da cerca. Aproximava-se o fim da época dos lilases; alguns ainda elevavam em altos lustres cor de malva as delicadas bolhas das flores, mas em muitas partes da folhagem em que, há uma semana apenas, explodia o seu musgo embalsamado, murchava-se agora, diminuída e escura, uma espuma vazia e sem perfume.

Meu avô mostrava a meu pai em que aspecto aqueles lugares eram os mesmos, e em que haviam mudado desde o passeio que havia feito com o Sr. Swann pai no dia da morte da esposa deste, e aproveitou a ocasião para contar mais uma vez aquele passeio. Diante de nós, uma alameda margeada de capuchinhos subia em pleno sol na direção do castelo. À direita, pelo contrário, o parque se estendia por um terreno plano.

No escuro, devido às grandes árvores que o cercavam, havia um tanque mandado cavar pelos pais de Swann; porém, nas suas criações mais artificiais, é sobre a natureza que o homem trabalha; certos lugares impõem sempre a seu redor um império particular, arvoram suas insígnias imemoriais no meio de um parque, como o teriam feito longe de qualquer intervenção humana, na solidão que volta sempre a rodeá-los, surgidas das necessidades de sua exposição e superposta à obra humana. Assim é que, junto da alameda que dominava o tanque artificial, formara-se em duas fileiras, entrelaçadas de flores de miosótis e de pervincas, a coroa natural, azul e delicada, que cinge a fronte claro-escura das águas, e que a palma-de-santa-rita, deixando pender os gládios com um abandono de realeza, estendia sobre a escumilha e o ranúnculo de pé molhado, as flores-de-lis em trapos, amarelas e violáceas, do seu cetro lacustre.

A partida da Srta. Swann que-eliminando a tremenda possibilidade devê-Ia aparecer numa alameda, de ser conhecido e desprezado pela filhinha privilegiada de quem Bergotte era amigo e com o qual ia visitar catedrais-tornava-me indiferente à contemplação de Tansonville da primeira vez em que era permitida, parecia, ao contrário, ajuntar a essa propriedade, aos olhos de meu avô e de meu pai, certo conforto, um atrativo passageiro, e, como nos concede, no caso de uma excursão em terra montanhosa, a ausência de qualquer

nuvem, tornava-lhes aquele dia excepcionalmente apropriado a um passeio por aquelas bandas; eu preferiria que seus cálculos falhassem, que um milagre fizesse reaparecer a Srta. Swann com o pai, tão perto de nós que não teríamos tempo de evitá-lo e seríamos obrigados a conhecê-la. Assim, quando de súbito percebi sobre a grama, como um sinal de sua presença possível, um pequeno cesto esquecido ao lado de uma linha de pesca; cuja bóia flutuava na água, apressei-me a desviar a atenção de meu pai e meu avô para outro ponto. Além do mais, como Swann houvesse dito que não lhe ficava bem ausentar-se, pois na ocasião tinha hóspedes em casa, a linha poderia pertencer a algum convidado.

Não se ouvia ruído nenhum nas alamedas. Percebia-se, à altura de uma árvore incerta, um pássaro invisível empenhando-se para tornar mais curta o dia, ao explorar, numa nota prolongada, a solidão circundante, mas recebendo dela uma réplica tão unânime, um choque de volta tão redobrado de silêncio e de imobilidade, que se diria que acabava de parar para sempre o instante que tentam fazer passar mais depressa. A luz caía tão implacavelmente do céu que se tornara fixo, que a gente gostaria de se subtrair à sua atenção, e até a água parada, como o sono era perturbado constantemente pelos insetos, sonhando sem dúvida com algum Maelstrom imaginário, aumentava a perturbação que me causara a vista da bóia de cortiça, parecendo arrastá-la a toda velocidade sobre as vastidões silenciosas do céu refletido; quase verticalmente, ela parecia prestes a mergulhar e eu já me perguntava se, sem considerar o desejo e o temor que tinha de conhecê-la, não era de meu dever prevenir a Srta. Swann de que o peixe estava mordendo quando precisei ir, correndo, juntar-me a meu pai e meu avô, que me chamavam, espantados de que não os tivesse acompanhado pela vereda que subia para os campos pela qual haviam seguido. Achei-a toda sussurrante do aroma dos espinheiros-alvares. A sebe formava uma espécie de seqüência de capelas que desapareciam sob o montão de flores; acima delas, o sol pousava na terra um pequeno quadrado de luz, como se acabasse de atravessar um vitral; seu perfume se estendia, assuntuoso, tão delimitado em sua forma como se eu estivesse diante do altar da Virgem, e as flores, desse modo enfeitadas, sustentavam distraídas seu deslumbrante buquê de estames, finas e radiantes nervuras de estilo *flamboyant*, como aquelas que na igreja iluminavam a rampa da galeria ou as travessas dos vitrais, que se desfaziam em alvas carnes de flor de morango. Em comparação, como não pareceriam ingênuas e matutas as elegantes que, dentro de algumas semanas também se elevariam, em pleno sol, pelo mesmo caminho rústico, e cujos corpetes de seda lisa e rubra um simples sopro desfaria!

Porém, por mais que eu ficasse respirando diante dos espinheiros-alvares mostrando a meu pensamento que não sabia o que fazer com ele, para poder reencontrar, seu aroma fixo e invisível, unindo-me ao ritmo que suas flores

lançavam aqui e ali com uma alegria juvenil e a intervalos imprevistos como certo intervalos musicais, eles ofertavam-me indefinidamente o mesmo charme com uma profusão inesgotável, mas sem me deixar, todavia, aprofundá-lo mais, como melodias que tocamos cem vezes seguidas sem escavar mais a fundo o seu segredo. Não me desviava deles um só instante, para abordá-los a seguir com forças renovadas. Até o talude que, por detrás da sebe, erguia-se em aclive pronunciado até os campos, eu perseguia uma papoula perdida, algumas centáureas que ficavam preguiçosamente para trás, que o ornamentavam aqui e ali com suas flores, como a beirada de uma tapeçaria onde transparece, de quando em quando, o motivo silvestre que há de triunfarem todo o pano; raras ainda, de espaço a espaço, como as casas isoladas de uma aldeia já anunciam que esta vem se aproximando, elas me indicavam a extensão imensa onde assomam os trigais, onde as nuvens se amontoam, e a vista de uma única papoula que hasteia na extremidade de sua cordoalha e faz tremular ao vento sua flâmula rubra, acima de sua bóia oleosa e preta, me fazia bater o coração, como ao viajante que avista num terreno baixo uma primeira barca virada, que um calafete conserta e grita, ainda antes de o ter obrigado: "O Mar!"

Depois, eu voltava para diante dos espinheiros-alvares como diante dessas obras-primas que a gente pensa que verá melhor após ter deixado de contemplá-Ias por um momento; mas, por mais que fizesse uma tela com as mãos para não ter senão eles diante dos olhos, permanecia obscuro e vago o sentimento que despertavam em mim, em vão procurando se desprender e vir aderir a suas flores. Eles não me auxiliavam a esclarecê-lo, e eu não podia pedir às outras flores que o satisfizessem. Então, dando-me essa alegria que experimentamos ao ver, de nosso pintor preferido, uma obra que difere das que conhecemos, ou se somos levados para diante de um quadro do qual não houvéssemos visto ainda senão um esboço a carvão, se um trecho ouvido unicamente ao piano nos surge a seguir revestido das cores da orquestra, meu avô, chamando-me e apontando a baía de Tansonville, me disse:

"Tu, que gostas dos espinheiros-alvares, olha um pouco este espinheiro-rosa; é lindo!"

De fato, tratava-se de um espinheiro, porém cor-de-rosa, mais belo ainda que os brancos. Ele também vestia-se de festa-das-festas religiosas, que são as únicas festas verdadeiras, visto que não há um capricho contingente que as aplique, como as festas mundanas, a um dia que não lhes é destinado em especial, um dia que nada tem de essencialmente festivo, mas um vestido ainda mais rico, pois as flores unidas ao ramo, umas sobre as outras, de forma a não deixar nenhum lugar sem decoração, como os pompons que ornamentam uma haste rococó, eram "de cor", e em conseqüência de uma qualidade superior conforme a estética de Combray, se a gente a julgasse segundo a escala de prêmios do

magazine da Praça, ou da loja de Camus, onde eram mais caros os biscoitos cor-de-rosa. Eu mesmo gostava mais do queijo com creme rosado, no qual me permitiam esmagar morangos. E justamente essas flores haviam escolhido um desses tons de coisa comestível, ou de macio ornamento num vestido de festa de gala, que, já que lhe apresentaram o motivo de sua superioridade, são as que parecem mais claramente belas aos olhos das crianças, e por causa disso conservam sempre para estas algo de mais vivo e mais natural que os demais tons, mesmo quando elas compreendem que nada ofereciam à sua gulodice e não tinham sido escolhidas pela costureira. E, certamente, sentira logo, como diante dos espinheiros-brancos, porém mais maravilhado, que não era de modo fictício, por um artifício de fabricação humana que estava traduzida em flores a intenção de festividade, mas que era a natureza que, espontaneamente, a exprimira, com a ingenuidade de um comerciante de aldeia que trabalha para um altar, sobrecarregando o arbusto com essas rosinhas de tom esmaecido e de um *pompadour* provinciano. No alto dos ramos, como outros tantos vasos escondidos de rosinhas em papéis recortados que, nos dias de festa, faziam irradiar do altar suas hastes muito finas, rebrotavam miríades de botõezinhos de tom mais pálido, os quais, entreabrindo-se, deixavam ver, como no fundo de uma taça de mármore rosa, vermelhos sangüíneos e traíam, ainda mais que as flores, a essência particular, irresistível, do espinheiro, que, fosse onde fosse que brotasse ou florescesse, só o podia fazerem cor-de-rosa. Entremeado na sebe; mas também diverso dela, como uma moça de vestido de festa no meio de pessoas em trajes caseiros, que não vão sair, pronto para o mês de Maria, do qual já parecia fazer parte, assim brilhava, sorrindo em sua fresca *toalete* cor-de-rosa, o arbusto católico e delicioso.

A sebe permitia ver, no interior do parque, uma alameda margeada de jasmins, amores-perfeitos e verbenas, entre os quais se abriam as bolsas frescas de uns goivos, de um róseo aromado e murcho de couro velho de Córdoba, aquele passo que, pelo caminho, coleava uma longa mangueira de regar, pintada de verde, desenrolando seus circuitos, e que, nos pontos onde apresentava furos, erguia, por sobre as flores cujo aroma embebia com seu frescor, o leque vertical e prismático de suas gotículas multicores.

Subitamente parei, não pude mais me mexer, como ocorre quando uma visão não se dirige apenas ao nosso olhar, mas exige mais, profundas percepções e dispõe inteiramente do nosso coração. Uma garotinha de um louro arruivado, que parecia estar regressando de um passeio, tendo às mãos uma pá de jardinagem, nos encarava, erguendo o rosto todo coberto de manchas cor-de-rosa. Seus olhos negros brilhavam e como eu não sabia, à época, nem aprendi depois, reduzir a seus elementos objetivos uma impressão forte, como não tivesse, feito se diz, suficiente "espírito de observação" para poder isolar a noção da sua cor, durante

muito tempo, a cada vez que nela pensava, a lembrança do brilho de seus olhos se apresentava logo a mim como o de um azul vivo, visto que ela era loura; de forma que, talvez se ela não tivesse olhos assim tão negros, o que muito , espantava, da primeira vez que a viam eu não teria ficado, como fiquei, mais especialmente apaixonado, nela, por seus olhos azuis.

Eu a olhava, primeiro com o olhar que é apenas o porta-voz dos olhos, mal à janela do qual se debruçam todos os sentidos, ansiosos e petrificados, o olhar que desejaria tocar, capturar, levar consigo o corpo que está olhando e com ele a alma; depois, tal era o medo de que a todo instante meu avô e meu pai, percebendo a menina, me mandassem embora dali dizendo que corresse um pouco adiante deles, que um segundo olhar, inconscientemente suplicante, procurava forçá-la a prestar atenção em mim, a me conhecer! Ela dirigiu as pupilas para diante e para o lado, a fim de tomar conhecimento de meu avô e de meu pai, e é claro que a idéia que lhe ficou foi a de que éramos ridículos, pois desviou-se e, com um ar indiferente e desdenhoso, se pôs de lado para evitar que seu rosto permanecesse dentro do campo visual deles; e enquanto, continuando a caminhar sem tê-la percebido, eles me ultrapassavam, ela deixou seus olhares correrem na minha direção, sem expressão particular, sem parecer ver-me, mas com uma fixidez e um sorriso dissimulado, que eu só podia interpretar, de acordo com as noções que recebera sobre a boa educação, como uma prova de desprezo ultrajante; e, ao mesmo tempo, sua mão esboçava um gesto indecente, a que, ao ser dirigido em público a uma pessoa que não se conhece, o pequeno dicionário de civilidade que eu carregava dentro de mim só atribuía um sentido, o de uma intenção insolente.

"Vamos, Gilberte, entra; o que é que estás fazendo?", gritou, com voz aguda e autoritária, uma dama vestida de branco que eu não tinha visto; e, a alguma distância dela, vestido de xadrez, um senhor que eu não conhecia, fixava em mim uns olhos que lhe saíam das órbitas; deixando bruscamente de sorrir, a menina pegou sua pá e se afastou sem se virar para o meu lado, com um ar dócil, impenetrável e manhoso.

Assim passou junto a mim este nome de Gilberte, dado como um talismã que talvez me permitisse reencontrar um dia essa que ele acabava de transformar numa pessoa e que, um momento antes, não passava de uma imagem incerta.

Assim passou, proferido por sobre os jasmins e os goivos, acre e fresco feito as gotas da mangueira verde; impregnando, irisando a região de ar puro que havia atravessado e que isolava com o mistério da vida daquela a quem designava para os seres felizes que viviam, que viajavam com ela; expandindo, sob o espinheiro-rosa, à altura dos meus ombros, a quintessência da familiaridade deles, para mim tão dolorosa, com Gilberte, com o desconhecido da sua vida, onde eu não penetraria.

Por um momento (enquanto nos afastávamos e meu avô murmurava: "Pobre Swann, que papel o fazem representar: fazem-no ir embora para que ela fique a sós com o seu Charles, pois é ele, reconheci-o! E essa menina, metida no meio de toda essa infâmia!"), a impressão que me causara o tom autoritário com que a mãe de Gilberte lhe falara sem que ela replicasse, mostrando-me que esta era como que forçada a obedecer a alguém, como se não fosse superior a tudo, serenou um tanto o meu sofrimento, deu-me um pouco de esperança e fez diminuir meu amor.

Porém logo esse amor voltou a aumentar em mim como uma reação a qual o meu coração humilhado queria nivelar-se a Gilberte ou abaixá-la até ele. Eu a amava, lamentava não ter tido tempo nem inspiração para ofendê-la, para lhe fazer mal, e forçá-la a se lembrar de mim. Achava-a tão bonita que gostaria de voltar atrás para gritar-lhe, dando de ombros: "Como te acho feia, grotesca, como tu me repugnas" Entretanto, eu me afastava, levando para sempre, como primeira espécie de uma felicidade inacessível, por leis naturais impossíveis de transgressão, às crianças da minha espécie, a imagem de uma garotinha ruiva, de pele coberta de manchinhas cor-de-rosa, que segurava uma pá de jardineiro e ria, deixando correr sobre mim longos olhares sorrateiros e inexpressivos. E já o encanto com que seu nome havia incensado esse lugar, sob os espinheiros-rosa, onde havia sido ouvido por mim e por ela, ia atingir, impregnar, embalsamar tudo o que lhe ficava perto, seus avós, que os meus tinham tido a fortuna inefável de conhecer, a sublime profissão de corretor, o bairro doloroso dos Champs-Elysées que ela habitava em Paris.

"Léonie", disse meu avô entrando em casa, "gostaria que estivesses conosco, há pouco. Não reconhecerias Tansonville. Se eu tivesse tido coragem, cortaria um ramo desses espinheiros cor-de-rosa de que gostas tanto."

Era desse modo que meu avô contava o nosso passeio à tia Léonie, seja para distraí-la, seja por não ter perdido de todo a esperança de conseguir fazê-la sair de casa. Pois ela gostava muito daquela propriedade antigamente, e, além disso, as visitas de Swann tinham sido as últimas que recebera, quando já fechava a porta a todo mundo. E assim como ocorria quando ele ultimamente vinha pedir notícias dela (pois era a única pessoa de casa que ele ainda pedia para ver) e ela mandava responder que estava fatigada, mas que o deixaria entrar da próxima vez, assim também replicou naquela tarde: "Sim, um dia em que fizer bom tempo irei de carro até o portão do parque." É o que ela dizia com sinceridade. Teria adorado rever Swann e Tansonville; mas o desejo de revê-los lhe bastava para o que ainda possuía de forças; sua realização seria superior a elas.

Às vezes, o bom tempo lhe dava um pouco de vigor, ela se levantava, se vestia; a fadiga principiava antes que passasse ao outro quarto e ela regressava ao leito. O que para ela começara mais cedo do que ocorre normalmente - era essa grande

renúncia da velhice que se prepara para a morte, se envolve na sua crisálida, e que é possível observar, no fim das vidas que se prolongam até bem tarde, mesmo entre os antigos amantes que mais se amaram, entre os amigos unidos pelos laços mais espirituais e que, a partir de certa ocasião, deixam de fazer a viagem ou de dar o passeio necessário para se verem, cessam de se escrever e sabem que não mais se comunicarão neste mundo. Minha tia devia saber perfeitamente que não voltaria a ver Swann, que jamais deixaria a casa, mas essa reclusão definitiva deveria ter-se tornado bem fácil para ela, pelo mesmo motivo que para nós deveria ser doloroso: é que tal reclusão lhe era imposta pela diminuição que ela podia constatar a cada dia em suas forças, e que, fazendo de cada ação, de cada movimento, um cansaço, senão um sofrimento, dava-lhe; à inação, ao isolamento, ao silêncio, a doçura reparadora e abençoada do repouso.

Tia Léonie não foi ver a sebe de espinheiros-rosa, mas a todo instante eu perguntava a meus pais se ela não iria, se outrora ela ia com freqüência a Tansonville, tentando fazê-los falar dos pais e dos avós da Srta. Swann, que me pareciam enormes como deuses. Esse nome de Swann, que se tornara quase mitológico para mim, desfalecia-me de desejo de ouvi-lo ser pronunciado, ao conversar com meus pais, não ousando eu mesmo proferi-lo, mas puxava-os para assuntos que se avizinhavam de Gilberte e sua família, que lhe diziam respeito, e nos quais eu não me sentisse exilado muito longe dela; e levava de repente meu pai, fingindo crer, por exemplo, que o cargo de meu avô já estivera nas mãos de outros membros da família antes dele, ou que a sebe de espinheiros-rosa que minha tia desejava olhar se encontrava num terreno municipal, a corrigir minha assertiva, a me dizer, como a me contrariar e por sua própria conta: "Mas não, esse cargo era do pai de Swann, essa sebe faz parte do parque de Swann." Então eu era obrigado a respirar fundo, de tal modo esse nome, pousando no local onde estava sempre inscrito em mim, pesava a ponto de me sufocar, visto que no instante em que o ouvia, me parecia mais denso que qualquer outro, pois trazia o peso de todas as vezes em que o dissera mentalmente. Causava-me um prazer tal que eu me sentia confuso de o ter solicitado a meus pais, pois o prazer era de tal sorte que certamente lhes custara proporcioná-lo, e sem compensação, pois não era um prazer para eles. Assim, eu desviava a conversa por discrição. Por escrúpulo também. Todos os atrativos singulares que atribuía ao nome de Swann, reencontrava-os nesse nome quando eles o pronunciavam. Parecia-me então, de súbito, que eles não podiam deixar de senti-los, que se colocavam no meu ponto de vista, que, por sua vez, percebiam, absolviam e compartilhavam de meus sonhos, e eu me sentia infeliz como se tivesse vencido e depravado meus pais.

Naquele ano, quando, um pouco mais cedo que de hábito, meus pais fixaram a data do regresso a Paris, na manhã da partida ocorreu que, já que me tinham

encrespado os cabelos para ser fotografado e também me haviam posto, com todo o cuidado, um chapéu que jamais antes usara, além de uma capa de veludo, minha mãe, depois de me procurar em toda parte, encontrou-me em lágrimas na ladeirinha ao lado de Tansonville, dizendo adeus aos espinheiros-alvares, abraçando os ramos picantes e, como uma princesa de tragédia a quem pesariam esses vãos ornamentos, ingrato para com a mão importuna que, formando todos aqueles caracóis, tivera o cuidado de me arrumar os cabelos, calcando aos pés os papelotes arrancados e o chapéu novo. Minha mãe não se comoveu com minhas lágrimas, mas não pôde reter um grito ao ver o penteado desfeito e a capa perdida. Não a ouvi:

"Meus pobres espinheiros", dizia chorando, "só vocês é que não me dariam desgosto, não me obrigariam a partir. Vocês, vocês nunca me magoaram. Sempre hei de amar vocês." E, enxugando as lágrimas, prometi-lhes que, quando fosse adulto, não imitaria a vida insensata dos outros homens e, mesmo em Paris, nos dias de primavera, em vez de ir fazer visitas e ouvir asneiras, sairia pelos campos para ver as primeiras flores de espinheiro. Uma vez nos campos, não os deixávamos em todo o restante do passeio que fazíamos para o lado de Méséglise. Eram permanentemente percorridos, como, por um viandante invisível, pelo vento que, para mim, era o gênio particular de Combray. Todo ano, no dia da nossa chegada, para sentir que estava bem em Combray eu subia ao encontro do vento que corria pelas valas e me fazia correr atrás dele. A gente sempre tinha o vento ao nosso lado, para os lados de Méséglise, sobre aquela planície abaulada por onde, durante léguas, não se encontra nenhum acidente do terreno. Sabia que a Srta. Swann ia muitas vezes passar alguns dias em Léon e, conquanto Léon se achasse a várias léguas, a distância era compensada pela ausência de qualquer obstáculo, quando, naquelas tardes bem quentes, eu via um mesmo sopro, vindo do extremo do horizonte, curvar os trigais mais distantes, propagar-se como uma onda sobre toda a imensa extensão e vir se deitar, murmurante e morno, a meus pés, em meio aos sanfenos e trevos; esta planície que era comum a nós ambos parecia nos reaproximar, nos unir, e eu pensava que tal sopro havia passado perto dela, que se tratava de uma mensagem sua, que ele me sussurrava sem que eu pudesse compreendê-la, e eu beijava-o na passagem. À esquerda ficava uma aldeia que se chamava Champieu (Campus Pagani, segundo o cura). Do lado direito, viam-se, além dos trigais, as duas torres cinzeladas e rústicas de Saint- André-des-Champs, elas mesmas afiladas, escamosas, imbricadas de alvéolo guilhochadas, amareladas e grumosas, como duas espigas.

A intervalos simétricos, no meio da inimitável ornamentação de suas folhas, que não é possível confundir com a folha de nenhuma outra árvore frutífera, as macieiras abriam suas grandes pétalas de cetim branco ou suspendiam os tímidos

buquês de seus botões avermelhados. Foi no lado de Méséglise que notei pela primeira vez a sombra redonda que as macieiras fazem na terra ensolarada, e também as sedas de ouro impalpável que o poente tece obliquamente sob as folhas, a que eu via meu pai interromper com sua bengala sem jamais fazê-las se desviarem.

Às vezes, no céu da tarde passava a lua branca como uma nuvem, furtiva sem brilho, feito uma atriz que não está na hora de ir representar e que, dos bastidores, em roupa comum, observa por um instante os companheiros, apagando-se ou não querendo chamar a atenção. Gostava de encontrá-la, ver sua imagem nos quadros e nos livros, mas essas obras de arte eram bem diferentes, ao menos durante os primeiros anos, antes que Bloch tivesse habituado meus olhos e meu pensamento a harmonias mais sutis daquelas em que a lua me apareceria bela hoje e onde eu não a teria reconhecido então. Era, por exemplo, um romance de Saintini uma paisagem de Gleyre, onde ela recorta nitidamente no céu uma foice de prata, dessas obras ingenuamente incompletas, como o eram minhas próprias impressões e que as irmãs de minha avó se indignavam por verem que eu delas gostava. Pensavam que se deve mostrar às crianças as obras de arte que, ao chegarmos à maturidade, admiramos em definitivo, e que as crianças dariam provas de bom gosto se as admirarem desde logo. Isto, sem dúvida, porque figuravam os méritos estéticos feito se fossem objetos materiais que um olhar aberto não pode deixar de perceber, sem ter necessidade de amadurecer lentamente os seus correspondentes no próprio coração.

Era para os lados de Méséglise, em Montjouvain, casa situada à beira de um grande pântano e apoiada a um talude verdejante, que morava o Sr. Vinteuil. De modo que passávamos com freqüência, na estrada, por sua filha, que conduzia um *buggy* a toda velocidade. A partir de certa data, não a encontramos mais sozinha e sim acompanhada de uma amiga mais velha, de má reputação na terra, e que um dia se instalou definitivamente em Montjouvain. Diziam:

"É preciso que este pobre Vinteuil seja cego pela ternura para não perceber o que se murmureja e permitir que sua filha, logo ele que se escandaliza com uma palavra imprópria, traga para casa uma mulher desse tipo. Ele diz que se trata de uma mulher superior, de grande coração, e que teria inclinações extraordinárias para a música se as tivesse cultivado. Pode estar certo que não é de música que ela e sua filha cuidam."

O Sr. Vinteuil o dizia: e de fato é notável como uma pessoa excita sempre a admiração por suas qualidades morais, na família de uma pessoa bem diversa, com a qual tenha relações carnais. O amor físico, tão injustamente desacreditado, a tal ponto obriga toda criatura a manifestar, até às menores porções, o quanto possui de bondade, de abandono de si mesmo, que estes resplandecem até aos olhos dos que estão mais próximos. O doutor Percepied,

cujo vozeirão e grossas sobrancelhas lhe facultavam, o quanto quisesse, representar o papel de pérfido, do qual não tinha o físico, sem comprometer em coisa alguma a sua reputação inabalável e imerecida de rabugento benevolente, sabia fazer rir às lágrimas o cura e todo mundo ao dizer com um tom rude: "Muito bem! Parece que a Srta. Vinteuil faz música com sua amiga. Parece que isto os espanta. Quanto a mim, não sei. Foi o pai Vinteuil quem me disse isto ainda ontem. Afinal, a moça tem o direito de amar a música. Não estou aqui para contrariar as vocações artísticas das crianças. Vinteuil também não, pelo que parece. E além disso, ele também faz música com a amiga da filha. Opa! Fazem uma tal música naquela casa! Mas de que é que estão rindo? De fato, eles fazem muita música. Outro dia encontrei o pai Vinteuil perto do cemitério. Não podia se agüentar nas pernas."

Para aqueles que, como nós, viram, nessa época, o Sr. Vinteuil evitar as pessoas que conhecia, desviar-se quando as percebia, envelhecer em poucos meses, absorver-se em seu desgosto, tornar-se incapaz de qualquer esforço que não tivesse como finalidade direta a felicidade da filha, passar dias inteiros diante do túmulo da esposa teria sido difícil não compreender que ele estava em vias de morrer de desgosto, e supor que ele não se desse conta dos murmúrios que corriam. Conhecia-os, talvez mesmo acreditasse neles. Não existe talvez uma só pessoa, por maior que seja a sua virtude, que a complexidade das circunstâncias não possa levar a viver um dia na intimidade do vício que condena de maneira mais formal sem que, aliás, o reconheça inteiramente sob o disfarce de fatos particulares e que esse vício se cobre para entrar em contato com essa pessoa e fazê-la sofrer termos bizarros, atitudes inexplicáveis, certa noite, de um ser a quem, por sinal, tem tantos motivos para amar. Mas, para um homem como o Sr. Vinteuil, devia haver mais sofrimento que para qualquer outro, na resignação a uma dessas situações que é um erro se considere como predicado exclusivo do mundo da boêmia; são produzidas sempre que há necessidade de um vício buscar o local e a segurança precisos, um vício que a própria natureza faz desabrochar numa criança, às vezes misturando apenas as virtudes do pai e da mãe, como a cor dos olhos. Mas se o Sr. Vinteuil conhecia talvez a conduta da filha, não se segue daí que o seu culto porém, houvesse diminuído. Os fatos não penetram no mundo em que vivem nossas crenças, não as fizeram nascer, não as destroem; podem infligir-lhes os desmentia dos mais constantes sem enfraquecê-las, e um aluvião de desgraças ou de doenças, sucedendo-se ininterruptamente numa família, não a fará duvidar da generosidade de seu Deus ou do talento de seu médico. Mas, quando o Sr. Vinteuil imaginava a filha e a si mesmo do ponto de vista da sociedade, do ponto de vista da reputação de ambos, quando buscava situar-se com ela no nível que ocupavam a estima geral, então esse juízo de ordem social, ele o proferia estritamente como o teria feito o morador de Combray que lhe fosse mais hostil, via-se com sua filha no último degrau, e

assim, suas maneiras ultimamente haviam assumido essa humildade, esse respeito por aqueles que se encontrassem acima dele e que via de baixo (mesmo que os houvesse considerado muito inferiores até então), essa inclinação a tentar subir até eles, que é uma conseqüência quase automática de todas as degradações.

Um dia em que andávamos com Swann por uma rua de Combray; Sr. Vinteuil, que saía de outra, encontrara-se de súbito diante de nós sem ter tido tempo de evitar-nos; e Swann, com aquela caridade soberba do homem de sociedade que, no meio da dissolução de todos os seus preconceitos morais, só vê degradação de outrem um motivo para lhe exercer a sua boa vontade, cujos testemunhos tanto mais agradam ao amor-próprio de quem a confere, quanto mais sente preciosos ao que os recebe conversar longamente com o Sr. Vinteutt; quem até então não dirigia a palavra, e lhe perguntara, antes de se despedir, se não enviaria a filha um dia para tocar em Tansonville. Era um convite que, dois anos antes, teria indignado o Sr. Vinteuil, mas que, agora, o enchia de um tal sentimento de gratidão que, por ele, se julgava obrigado a não cometer a indiscrição de fazê-lo. A amabilidade de Swann em relação à sua filha parecia-lhe em si mesma apoio tão honroso e agradável que achava melhor não se servir dele, para com a doçura toda platônica de mantê-lo.

- Que homem fino - disse-nos, depois que Swann se retirara, e com a mesma veneração entusiástica que coloca lindas e inteligentes burguesas sob o domínio e a fascinação de uma duquesa, por mais burra e feia que seja. - Que homem fino! É pena que tenha feito um casamento desigual.

E então, como as pessoas mais sinceras têm sempre um tanto de hipocrisia e se despojam, ao falar com terceiros, da opinião que formam a seu respeito, expressando-a logo que o outro vai embora, meus pais lamentaram com o Sr. Vinteuil o casamento de Swann em nome de princípios e conveniências, os quais (pela mesma razão que os invocavam em comum com ele, como boas pessoas do mesmo nível social) pareciam subentender que não eram transgredidos em Montjouvain. O Sr. Vinteuil não mandou a filha à casa de Swann. E este foi o primeiro a lamentá-lo. Pois de cada vez que acabava de deixar o Sr. Vinteuil, lembrava-se de que precisava informar-se com ele acerca de uma pessoa do mesmo nome e que achava fosse algum parente seu. E daquela vez prometera a si mesmo não esquecer o que tinha a lhe dizer quando o Sr. Vinteuil mandasse a filha a Tansonville.

Como o passeio para os lados de Méséglise era o menor dos dois que fazíamos ao redor de Combray, por esse motivo o reservávamos para os dias inseguros; o clima do lado de Méséglise era muito pluvioso e jamais perdíamos de vista a margem dos bosques de Roussainville em cuja espessura poderíamos nos abrigar. Muitas vezes o sol se escondia detrás de uma nuvem que deformava o seu oval e

cujas bordas ele amarelava. O brilho, mas não a claridade, era roubado ao campo onde todas as vidas pareciam em suspenso, ao passo que a pequena aldeia de Roussainville esculpia no céu o relevo de suas arestas brancas com uma precisão e um acabamento angustiosos. Um ventinho fazia voar um corvo que voltava a descer ao longe e, contra o céu branquicento, a lonjura dos bosques parecia mais azul, como que pintada nesses camafeus que ornam os extremos das residências antigas.

Porém outras vezes a chuva se punha a cair, chuva com que nos ameaçara o capuchinho que o oculista mantinha na vitrina; as gotas de água, como pássaros migradores que alçam vôo em conjunto, desciam do céu em filas apertadas. Não se separam, não vêm à toa durante a rápida travessia, mas cada uma, mantendo seu posto, atrai para si *a posteriori* e o céu fica mais escuro do que na partida das andorinhas.

Nós nos refugiávamos no bosque. Quando parecia terminada a sua viagem, algumas, mais fracas, mais vagarosas, ainda vinham chegando. Mas saíamos do nosso abrigo, pois as gotas se divertem nas folhagens, e o solo já estava quase seco quando mais de uma se demorava brincando nas nervuras de uma folha e, suspensa na ponta, repousada, brilhando ao sol, deixava-se deslizar de repente de toda a altura do ramo e nos caía no nariz.

Muitas vezes, também, íamos nos abrigar, em meio aos santos e aos patriarcas de pedra, sob o pórtico de Saint-André-des-Champs. Como era francesa esta igreja! Por sobre a porta, os santos, os reis-cavaleiros com uma flor-de-lis à mão, cenas de núpcias e de funerais, eram representados como poderiam sê-lo na alma de Françoise. O escultor também havia contado certas anedotas relativas a Aristóteles e a Virgílio, da mesma maneira que Françoise, na cozinha, falava com desembaraço de São Luís como se o tivesse conhecido pessoalmente e, em geral, para envergonhar meus avós pela comparação, que eram menos "justos". Sentia-se que as noções que o artista medieval e a camponesa medieval (sobreviventes no século Xl) tinham da história antiga ou cristã, e que se distinguiam tanto pela inexatidão quanto pela bonomia, eles as haviam tirado, não de livros, mas de uma tradição a um tempo antiga e direta, ininterrupta, oral, deformada, irreconhecível e bem viva. Uma outra personalidade de Combray que eu também reconhecia, virtual e profetizada na escultura gótica de Saint-André-des-Champs era o jovem Théodore, o criado da loja de Camus. Aliás, Françoise o considerava tão do seu tempo e de sua região que, quando a tia Léonie estava muito doente para que Françoise sozinha a pudesse virar na cama ou levá-la à poltrona, em vez de deixar a criada de cozinha subir para "se mostrar" à minha tia, achava melhor chamar Théodore. Ora, esse rapaz que tinha fama, e com razão, de ser má pessoa, estava de tal modo imbuído do espírito que havia decorado Saint-André-des-Champs, e especialmente dos

sentimentos de respeito que Françoise achava devido aos "pobres doentes", à sua "pobre patroa", que, para erguer a cabeça de tia Léonie no travesseiro, apresentava a fisionomia ingênua e zelosa dos anjinhos dos baixos-relevos, apressando-se, com um círio na mão, ao redor da Virgem desfalecente, como se os rostos de pedra esculpida, nus e acinzentados, como os bosques no inverno, estivessem dormindo somente, e de reserva, prestes a reflorir para a vida em inumeráveis rostos populares, reverendos e astuciosos como o de Théodore, iluminados pela vermelhidão de uma maçã madura. Não mais aposta sobre a pedra como esses anjinhos, mas destacada do pórtico, de uma estatura mais que humana, em pé sobre um pedestal como sobrou um tamborete, o que evitava pousasse os pés no chão úmido, uma santa estava com as faces cheias, o busto firme que lhe enfunava as vestes como um cacho maduro num saco de crina, a fronte estreita, o nariz curto e rebelde, as pupilas fundas, o aspecto de força, insensível e corajoso das camponesas da região. Tal semelhança, que insinuava na estátua uma doçura que eu ainda não lhe procurara, era muitas vezes comprovada por alguma moça do campo, que, como nós, vinha se pôr ao abrigo da chuva, e cuja presença, igual à dessas folhagens que crescem nas paredes ao lado das folhagens esculpidas, parecia destinada a permitir, pela confrontação com a natureza, o julgamento da verdade da obra de arte.

Diante de nós, na lonjura, terra prometida ou maldita, Roussainville, em cujos muros nunca penetrei. Roussainville, quando a chuva já cessara para nós, ora continuava a castigada como uma aldeia da Bíblia por todas as espadas da tempestade que flagelava transversalmente as casas de seus habitantes, ora já estava perdoada Deus Pai, que fazia descer sobre o burgo, desigualmente longas, como os raios de um ostensório de altar, as hastes em franjas de ouro do sol que reaparecia.

As vezes o tempo se arruinava de todo, era preciso voltar e ficar encerrado em casa. Ao longe, no campo, aqui e ali, casas isoladas, que a escuridão e a umidade faziam assemelhar-se ao mar, agachadas no flanco de uma colina mergulhada na noite e na água, brilhavam como pequenos barcos que recolheram as velas e ficam imóveis ao lago por toda a noite. Mas que importava a chuva, que importava a tempestade! No verão, o mau tempo não passava de um mau humor passageiro, superficial, do bom tempo, subjacente e fixo, bem diverso do bom tempo instável e fluido do inverno e que, ao contrário deste, instalado na terra, onde se solidificou em densas folhagens, sobre as quais a chuva pode escorrer sem lhes comprometer a resistência de sua alegria constante, içou por toda a estação, até nas ruas da aldeia, nos muros das casas e dos jardins, seus pavilhões de seda violeta ou branca.

Sentado na saleta, onde esperava a hora de jantar lendo, ouvia a água pingar dos nossos castanheiros, mas sabia que o aguaceiro só fazia polir suas folhas e que

estas prometiam permanecer ali, como garantias do verão, por toda a noite pluviosa, assegurando a continuidade do bom tempo; que por mais que chovesse, amanhã, acima da barreira branca de Tansonville, iriam ondular, numerosas como sempre, pequenas folhas em forma de coração; e era sem qualquer tristeza que eu observava o choupo da rua dos Perchamps dirigir súplicas e rogos desesperados à tempestade; sem tristeza, eu ouvia, no fundo do jardim, os últimos rolos de trovoada ronronando entre os lilases.

Se o tempo era ruim desde a manhã, meus pais renunciavam ao passeio e eu não saía. Mas logo criei o hábito de sair sozinho, nesses dias, para os lados de Méséglise-la-Vineuse, no outono em que tivemos que vir a Combray por causa do testamento de tia Léonie, pois ela enfim havia morrido, fazendo triunfar, ao mesmo tempo, os que pretendiam que seu regime enfraquecedor acabaria por matá-la, e não menos os outros que sempre haviam sustentado que ela sofria de uma doença não imaginária, mas orgânica, a cuja evidência os descrentes seriam obrigados a se render quando ela sucumbisse; e causando sua morte grande mágoa a apenas uma criatura, porém a esta uma dor selvagem. Durante os 15 dias que durou a última crise da doença da minha tia, Françoise não a deixou um só minuto, não trocou de roupa, não deixou que ninguém lhe prestasse socorro, e só largou o seu corpo quando foi enterrado.

Então compreendemos que o tipo de medo em que vivera Françoise, das palavras amargas, das suspeitas, das cóleras da minha tia, tinha desenvolvido nela um sentimento que havíamos tomado por ódio e que era de veneração e amor. Sua verdadeira patroa, de decisões impossíveis de prever, de astúcias difíceis de contornar, de coração bondoso tão fácil de enternecer, sua rainha, uma misteriosa e todo-poderosa monarca já não existia. Ao lado dela, nós valíamos tão pouco. Estava longe o tempo em que havíamos começado a vir a Combray nas férias, quando possuíamos tanto prestígio quanto minha tia aos olhos Françoise. Naquele outono, totalmente ocupados com formalidades a preencher entrevistas com notários e rendeiros, meus pais não tinham praticamente nenhum tempo de lazer para passeios, que o tempo, aliás, não permitia, e se acostumaram a deixar que fosse passear sozinho para os lados de Méséglise, envolto num grande casaco que me protegia contra a chuva e que eu, com o maior prazer, jogava sobre os ombros por sentir que as listras escocesas escandalizavam Françoise, em cujo espírito não cabia a idéia de que a cor da roupa nada tinha a ver com o luto, e a quem, aliás, mal agradava o pesar que sentíamos pela morte de tia Léonie, porque não tínhamos dado um banquete fúnebre, não falávamos dela num tom especial e eu até às vezes cantarolava. Estou certo que em um livro - e nisso tão eu mesmo como Françoise - essa concepção do luto segundo a Chanson-da-Roland e o pórtico de Saint-André-des-Champs me teria sido simpática. Mas, como Françoise estava junto de mim, não sei que demônio me

levava a desejar que ela se enraivecesse, e eu aproveitava o menor pretexto para lhe dizer que lastimava tanto minha tia porque era uma boa mulher, apesar de suas atitudes ridículas, mas não porque fosse minha tia, que ela poderia ter sido minha tia e me parecer odiosa - e sua morte não me faria pena alguma palavras que me teriam parecido idiotas num livro.

Se então Françoise, tomada, como um poeta, de uma onda de pensamentos confusos acerca do desgosto, das lembranças da família, se desculpasse alegando não saber responder às minhas teorias, dizendo: "Não sei me exprimir", e - triunfava dessa confissão com um bom senso irônico e brutal digno do doutor Percepied; e se ela acrescentava: "Em todo caso, há a geologia, resta sempre o respeito que se deve à geologia", eu dava de ombros e dizia comigo: "Tenho mais o que fazer do que discutir com uma ignorante que fala desse modo", adotando assim, para julgar Françoise, o ponto de vista mesquinho dos homens àqueles que mais os desprezam na imparcialidade da meditação, são bem capazes de tomar como modelo quando desempenham uma das cenas vulgares da vida.

Meus passeios naquele outono foram tanto mais agradáveis, porque devorava após longas horas passadas sobre um livro. Quando estava cansado de ter lido a manhã inteira na sala, punha o *plaid* sobre os ombros e saía. Meu corpo obrigado a guardar a imobilidade há tanto tempo, mas que fora se carregando de animação e velocidade acumuladas, precisava de imediato, como um pião que solta, gastá-las em todas as direções. As paredes das casas, a sebe de Tansonville as árvores do bosque de Roussainville, as moitas em que se apóia Montjou recebiam pancadas de guarda-chuva ou de bengala, ouviam gritos alegres, que passavam, uns e outros, de idéias confusas que me exaltavam e que não atingi o repouso na luz, por terem preferido, a um lento e difícil esclarecimento, o apraza uma derivação mais fácil para um escape imediato. A maior parte das preces, traduções daquilo que sentimos, não fazem mais que nos desembaraçar, fazendo sair de nós os sentimentos sob uma forma indistinta que não nos ajuda a conhecê-los.

Quando experimento sumariar tudo aquilo que devo ao lado de Méséglise, as humildes descobertas das quais foi ela o palco fortuito ou o necessário inspirador, lembro-me que foi naquele outono que, num desses passeios, perto do talude verdejante que protege Montjouvain, espantei-me pela primeira vez com a discordância entre as nossas impressões e a sua expressão habitual. Depois de uma hora de chuva e vento, contra os quais lutara alegremente, como houvesse chegado à beira do pântano de Montjouvain, diante de uma pequena cabana recoberta de telhas onde o jardineiro do Sr. Vinteuil encerrava seus instrumentos, o sol acabava de reaparecer, e seus dourados que o aguaceiro lavara, reluziam novinhos no céu, sobre as árvores, sobre a parede da cabana, sobre o seu teto de telhas ainda molhado, em cujo cimo passeava uma galinha.

O vento, a soprar, dobrava horizontalmente as ervas alucinadas, que haviam crescido nas trinchas da parede, e as penugens da galinha, e umas e outras se deixavam estirarem todo o comprimento, com o abandono de coisas leves e inertes. O teto de telha dava ao pântano, que com o sol de novo se fizera espelhante, uma marmorização cor-de-rosa, à qual eu jamais prestara atenção. E, vendo sobre a água e na superfície da parede um sorriso pálido responder ao sorriso do sol, gritei em meu entusiasmo, brandindo o guarda-chuva fechado: "Oba! Oba! Oba!" Mas, ao mesmo tempo, senti que era do meu dever não me contentar com essas palavras opacas e tentar ver mais claro em meu êxtase.

E foi ainda naquele momento - graças a um camponês que passava, com cara fechada, e que se fechou mais ainda quando quase o atingi com o guarda-chuva no rosto, e que respondeu com frieza ao meu "bom tempo, não é mesmo, é bom caminhar"- que aprendi que as mesmas emoções não ocorrem simultaneamente, numa ordem pré-estabelecida, em todos os homens. Mais tarde, toda vez que uma leitura um pouco longa me punha com vontade de conversar, o companheiro a quem eu tinha vontade de dirigir a palavra terminava justamente de se entregar ao prazer da conversação e queria agora que o deixassem ler em paz. Se eu acabasse de pensar em meus pais com ternura e de tomar as mais sábias decisões, as mais adequadas para lhes dar prazer, tinham eles empregado o mesmo tempo para tomarem conhecimento de algum trocadilho que eu tivesse esquecido e pelo qual me censurariam com severidade no momento em que corresse até eles para beijá-los.

Às vezes, à exaltação que me proporcionava a solidão acrescentava-se tal que eu não saberia separar com nitidez, causada pelo desejo de ver surgir diante de mim uma camponesa que eu pudesse apertar nos braços. Nascido bruscamente, e sem que eu tivesse tempo de o relacionar com sua causa, o prazer que apanhava parecia-me apenas um grau superior ao que me davam aqueles pensamentos. Atribuía então um mérito maior a tudo o que havia naquele momento em meu espírito, ao reflexo cor-de-rosa do telhado, às ervas doidas, à aldeia Roussainville aonde há tempos desejava ir, às árvores do seu bosque, ao campanário de sua igreja, em virtude dessa nova emoção que só fazia apresentá-los ainda mais desejáveis para mim porque eu julgava que eram eles que o provocava - que parecia querer apenas impelir-me mais depressa para eles quando inflava minha vela com uma brisa potente, desconhecida e propícia. Mas se esse desejo de que me surgisse uma mulher, ajuntava aos encantos da natureza, para mim, algo mais exaltante, os encantos da natureza, em troca, aumentavam o que podem haver de muito estrito no encanto da mulher. Parecia-me que a beleza das árvores era ainda a sua, e que a alma desses horizontes, da aldeia de Roussainville, dos livros que lia naquele ano, o seu beijo me revelaria; e minha imaginação, retomando as forças ao contato da sensualidade, e minha

sensualidade se espalhando por todos os recantos da minha imaginação, faziam com que o meu desejo não tivesse limites. É que também - como ocorre nesses momentos de devaneio dentro da natureza, em que, suspensa a ação dos hábitos e postas de lado as noções abstratas da coisas, acreditamos com fé profunda na originalidade, na vida individual do Jugo onde nos encontramos, a mulher passante que o meu desejo chamava parecia-me, não um simples exemplar desse tipo geral: a mulher, mas um produto necessário e natural daquele solo.

Pois, por aquela época, tudo o que não fosse eu mesmo, a terra e os seres, se me afigurava mais precioso, mais importante, provido de existência mais real do que parece aos homens adultos. E eu não separava a terra dos seres. Desejava uma camponesa de Méséglise ou de Roussainville, uma pescadora de Balbec, como sentia desejos de Méséglise e de Balbec. O prazer que ela poderia me dar não me teria parecido menos verdadeiro, e não acreditaria mais nele se modificasse à minha vontade as suas condições. Conhecer em Paris uma pescadora de Balbec ou uma camponesa de Méséglise teria sido como receber conchinhas que eu não tivesse visto na praia ou uma plantinha que eu não houvesse encontrado nos bosques, teria sido subtrair ao prazer que a mulher me daria todos aqueles prazeres dentro dos quais a colocara a minha imaginação. Porém, vaguear assim pelos bosques de Roussainville, sem uma camponesa a quem beijar, seria não conhecer o tesouro oculto daqueles bosques, a sua profunda beleza. Aquela moça que eu imaginava sempre envolta em folhagens era também, para mim, como uma planta local, apenas de uma espécie mais elevada que as outras cuja estrutura me permitiria sentir, muito mais perto do que elas, o profundos - da região. E tanto mais facilmente podia acreditar nisso (como acreditava que as carícias com que ela me revelasse tal sabor seriam também de uma classe especial, cujo prazer só através dela poderia conhecer), que durante muito tempo ela permaneceria nessa idade em que não abstraímos o gozo da posse das diferentes mulheres que no-lo ofertam, e ainda não o restringimos a uma noção geral desde então as faça considerar como os instrumentos intercambiáveis de um prazer sempre igual. Nem mesmo existe, isolado, separado e formulado no espírito, como o objetivo que visamos ao nos aproximarmos de uma mulher, ou como a causa de uma perturbação antecipada que experimentamos. Mal pensamos nele, como num prazer a obter; de preferência, consideramo-lo um encanto dela, pois não pensamos em nós e sim em sair de nós. Obscuramente esperado, imanente e escondido, unicamente conduz a semelhante paroxismo no momento em que se realiza, os outros prazeres que nos causam os olhares ternos, e os beijos daquela que está junto a nós, porque se nos apresenta, sobretudo, como uma espécie de transporte de nossa gratidão pela bondade do coração de nossa companheira e pela sua tocante predileção por nós e que medimos pelos benefícios e venturas que nos proporciona.

Infelizmente, era em vão que eu implorava o torreão de Roussainville, que lhe pedia mandasse vir para mim alguma menina da aldeia, como ao único confidente que eu possuía de meus primeiros desejos, quando no alto de nossa casa em Combray, no pequeno gabinete que cheirava a íris, eu via exclusivamente sua torre no meio do quadrado da janela entreaberta, enquanto, com as heróicas vacilações do viajante que empreende uma exploração ou do desesperado que se suicida, eu abria, a desfalecer, um caminho desconhecido, e que julgava mortal, até o instante em que um rastro natural como o de uma lesma se acrescentasse às folhagens da groselha silvestre que se debruçavam até mim. Em vão lhe implorava agora. Em vão, abrangendo toda a extensão no meu campo visual, eu a canalizava com meus olhares que gostariam de trazer uma mulher dali. Podia ir até o pórtico de Saint-André-des-Champs; nunca se achava ali a camponesa que eu não teria deixado de encontrar se estivesse na companhia de meu avô e, assim, impossibilitado de travar conversação com ela. Encarava indefinidamente o tronco de uma árvore longínqua, de trás da qual ela iria surgir e vir até mim; o horizonte perscrutado continuava deserto, a noite caía, e era sem esperança que minha atenção se fixava, como para aspirar as criaturas que ali poderiam estar ocultas, naquele solo estéril, naquela terra esgotada; e não era de alegria e sim de raiva que eu fustigava as árvores do bosque de Roussainville, dentre as quais já não saíam mais seres vivos, como se não passassem de árvores pintadas na tela de um panorama, quando, não podendo me resignar a voltar para casa antes de ter apertado nos braços a mulher que tanto desejava, era, no entanto, obrigado a retomar o caminho de Combray confessando a mim mesmo que de cada vez era menos provável que o acaso a pusesse no meu caminho. Aliás, se ela fosse encontrada ali, teria eu ousado lhe dirigir a palavra? Parecia-me que ela me consideraria um louco; deixava de julgar compartilhados por outras pessoas, de crer verdadeiros, fora de mim, os desejos que formava durante tais passeios e que não se realizavam. Já não me apareciam a não ser como criações puramente subjetivas, impotentes, enganadoras, do meu temperamento. E não possuíam mais quaisquer elos com a natureza, com a realidade que desde então perdia todo o seu encanto e toda significação e não era, para minha vida, senão um quadro convencional como o é para a ficção de um romance o vagão em cujo banco o viajante o está lendo para matar o tempo.

Foi talvez de uma impressão também sentida próximo a Montjouvain, alguns anos depois, impressão que então permaneceu obscura, que me veio bem mais tarde a idéia que formei a respeito do sadismo. Veremos depois como, por outros motivos, a recordação dessa impressão devia exercer um papel importantíssimo na minha vida. Fazia muito calor; meus pais, que tinham precisado se ausentar o dia inteiro, me haviam dito que voltasse para casa à hora que quisesse; e fui até o charco de Montjouvain, onde gostava de observar os reflexos do teto telhas, deitara-me na sombra e adormecera nas moitas do talude que dominava. Ia à

casa, no ponto onde havia esperado meu pai antigamente, no dia em que ele tinha ido visitar o Sr. Vinteuil. Era quase noite quando acordei, quis me levantar, mas vi a Srta. Vinteuil (o quanto a pude reconhecer, pois não a vira muitas vezes em Combray e apenas quando ela era ainda menina, ao passo que já principiava a ser uma moça feita), que provavelmente acabava de entrar, à minha frente, a poucos centímetros de mim, naquele aposento em que seu pai recebera o meu e do qual fizera o seu gabinete particular. A janela estava entreaberta, a lâmpada acesa, eu observava todos os seus movimentos sem que ela me visse, mas, se eu fosse embora, faria estalar as moitas, ela me ouviria e poderia pensar que eu me escondera para espreitar.

A Srta. Vinteuil estava de luto fechado, pois o pai morrera há pouco. Não tínhamos ido visitá-la, minha mãe não quis fazê-lo devido a uma virtude que no todo ainda limitava os efeitos da bondade: o pudor. Mas lastimava-a profundamente.

Lembrava-se do triste fim de vida do Sr. Vinteuil, absorvido primeiro pelos cuidado de mãe e de babá que prestava à filha, depois pelos sofrimentos que esta lhe causara; ela revia o rosto torturado que, velho, apresentava nos últimos anos - sabia que ele renunciara para sempre a terminar de passar a limpo sua obra dos últimos anos, pobres esboços de um velho professor de piano, de um antigo organista de aldeia, que imaginávamos de quase nenhum valor, mas que não depreciávamos porque valiam muito para ele e tinham sido a razão de ser de sua vida antes de sacrificá-los pela filha e que, na maioria, nem sequer eram transcritos, se conservados apenas de memória, alguns rabiscados em folhas avulsas, ilegíveis assim permaneceriam desconhecidos; minha mãe pensava nessa outra renúncia mais cruel ainda, a que o Sr. Vinteuil se vira obrigado: a renúncia a um futuro de felicidade honesta e respeitada para a sua filha; quando relembrava toda essa graça suprema do antigo professor de piano de minhas tias, sentia um verdadeiro desgosto e pensava horrorizada nessa outra aflição que a Srta. Vinteuil de experimentar, bem mais amarga, a de viver cheia de remorsos por ter aos poucos, matado o pai. "Pobre Sr. Vinteuil"-dizia minha mãe- "viveu e morreu pela filha, sem ter recebido sua paga. Será que a recebe, depois de morto? E de que forma? Só poderá vir dela."

No fundo do salão da Srta. Vinteuil, sobre a lareira, havia um pequeno retrato de seu pai, que ela foi buscar às pressas no momento em que ressoou o rodar de um carro na estrada. Depois, atirou-se sobre um canapé e puxou para junto de si uma mesinha sobre a qual pôs o retrato, como outrora o Sr. Vinteuil pusera a seu lado o trecho que gostaria de tocar para meus pais. Logo entrou a sua amiga. A Srta. Vinteuil recebeu-a sem se levantar, com as duas mãos enlaçadas na nuca e recuou para o lado oposto do canapé como para lhe dar lugar. Mas logo sentiu que assim parecia lhe impor uma atitude que talvez lhe fosse inoportuna. Pensou

que talvez a amiga gostaria mais de ficar longe dela, numa cadeira, achou-se indiscreta, e com isso a delicadeza de seu coração se alarmou; retomando todo o espaço do sofá, fechou os olhos e pôs-se a bocejar para indicar que o desejo de dormir era o motivo único de estar assim estendida. Apesar da familiaridade rude e dominadora que tinha para com a amiga, eu reconhecia os gestos reticentes e obsequiosos, os súbitos escrúpulos de seu pai. Em breve se levantou, fingiu querer fechar os postigos e que não conseguia.

- Deixa tudo aberto, tenho calor - disse a amiga.

- Mas é um perigo, podem nos ver - replicou a Srta. Vinteuil.

Mas, sem dúvida, ela adivinhou que a amiga pensaria que ela dissera estas palavras só para provocá-la, para que respondesse com outras que ela, de fato, desejaria ouvir, mas que, por discrição, queria deixar-lhe a iniciativa de pronunciá-Ias. Portanto, seu olhar, que eu não podia discernir, deve ter assumido a expressão que tanto agradava à minha avó quando acrescentou com vivacidade:

- Quando digo "nos ver", quero dizer nos ver lendo, é perigoso, pois qualquer coisa insignificante que se faça, é desagradável pensar que olhos estranhos nos possam estar vendo.

Por uma generosidade instintiva e uma involuntária polidez, ela calava as palavras premeditadas que julgara indispensáveis à realização completa de seu desejo. E em todos os instantes, no fundo de si mesma, uma virgem tímida e suplicante implorava e fazia recuar um velho soldado áspero e vencedor.

-Sim, é provável que nos olhem a esta hora, nesse campo tão freqüentado -disse a amiga ironicamente. - E depois, que importa? acrescentou (achando dever juntar um piscar de olhos malicioso e terno a essas palavras que recitou por bondade, como um texto que sentia ser agradável à Srta. Vinteuil, com um tom que ela se esforçava em tornar cínico). - Se nos virem, melhor.

A Srta. Vinteuil estremeceu e levantou-se. Seu coração, escrupuloso e sensível, ignorava quais palavras deviam vir espontaneamente se adaptar à cena como seus sentidos exigiam. Buscava, o mais longe possível de sua verdadeira natureza moral, encontrar a linguagem própria à moça viciosa que desejava ser, mas as palavras que esta última pronunciaria com sinceridade pareciam-lhe falsas em se lábios. E o pouquinho que ela se permitia nesse campo era dito num tom afetado no qual seus hábitos de timidez paralisavam suas veleidades de audácia, tudo; entremeado de "não estás com frio, não tens muito calor, não queres ler sozinha?"

-A senhorita parece ter pensamentos bastante lúbricos esta noite - acabou por dizer, sem dúvida repetindo uma frase que ouvira antes na boca da amigo.

No decote de seu corpinho de crepe, a Srta. Vinteuil sentiu que a amiga lhe dava um beijo, soltou um gritinho, fugiu, e as duas se perseguiram aos saltos, fazendo revoar as largas mangas como asas e gorjeando e chilreando como dois pássaros amorosos. Por fim, a Srta. Vinteuil caiu sobre o sofá, coberta pelo corpo da amiga. Mas esta encontrava-se de costas para a mesinha onde estava o retrato do velho professor de piano. A Srta. Vinteuil compreendeu que a amiga não o veria se não lhe atraísse a atenção, e lhe disse, como se apenas agora tivesse reparado nele:

- Oh, este retrato de meu pai que nos olha, não sei quem o pôs aí, já falei, mil vezes que não é este o seu lugar.

Lembrei que estas eram as palavras que o Sr. Vinteuil havia dito a meu respeito a propósito da partitura musical. Esse retrato lhes servia habitualmente para profanações rituais, pois a amiga lhe respondeu com estas palavras que deviam fazer parte de suas respostas litúrgicas:

- Ora, deixe-o aí mesmo, ele não se acha mais aqui para nos aborrecer. Imagina como não haveria de lamentar-se, o macaco velho, e querer pôr-te um xale, se te visse agora com a janela aberta.

A Srta. Vinteuil retrucou com palavras de suave censura: "O que é isso? que é isso?", que demonstravam sua boa formação, não que fossem ditadas pela indignação que semelhante modo de falar de seu pai pudesse lhe causar (evidentemente, esse era um sentimento que já se habituara a calar em si mesma, sabe-se à custa de quais sofismas?), mas porque eram como que um freio que, para não se mostrar egoísta, ela mesma punha no prazer que a amiga procurava lhe dar. E, além disso, essa moderação risonha em responder à tais blasfêmias, essa censura hipócrita e terna, pareceriam talvez à sua índole franca e generosa uma forma particularmente infame, uma forma adocicada daquela perversidade que ela procurava assimilar. Porém, não pôde resistir à atração do prazer que sentiria em ser tratada com doçura por uma pessoa tão implacável em face a um morto indefeso; saltou sobre os joelhos da amiga e lhe estendeu castamente a testa para ser beijada, como o teria feito se fosse sua filha, sentindo deliciada que ambas alcançariam desse modo limite da crueldade, roubando ao Sr. Vinteuil, até na sepultura, a sua paternidade; sua amiga lhe pegou a cabeça entre as mãos e lhe deu um beijo na testa com docilidade que lhe era facilitada pelo grande afeto que lhe votava, e o seu desejo oferecer um pouco de distração à vida agora tão triste da pobre órfã.

- Sabe o que gostaria de fazer com esse velho pavoroso? disse ela pegando o retrato. E murmurou ao ouvido da Srta. Vinteuil algo que não pude perceber. - Oh, você não se atreveria.

- Não me atreveria a escarrar em cima disso? disse a amiga com uma

brutalidade intencional.

Não ouvi mais nada, pois a Srta. Vinteuil, com um ar abatido, sem jeito, ocupado, honesto e triste, veio fechar os postigos e a janela, mas sabia agora, por todos os sofrimentos que durante a vida inteira o Sr. Vinteuil suportara por causa da filha, o que, após a morte, recebera dela em paga.

E contudo, desde então pensei que se o Sr. Vinteuil tivesse podido assistir a essa cena, mesmo assim não teria perdido a fé no bom coração da filha, e talvez não estivesse de todo enganado. Certamente, nos hábitos da Srta. Vinteuil a aparência do mal era tão completa que seria difícil ver sua realização perfeita senão numa natureza sádica; é de preferência à luz da ribalta dos teatros do bulevar, do que sob a lâmpada de uma verdadeira casa de campo, que se pode ver uma moça fazer a amiga cuspir sobre o retrato de um pai que só viveu para ela; e somente o sadismo pode dar um fundamento, na vida, à estética do melodrama. Na realidade, a fora os casos de sadismo, talvez uma moça possa cometer faltas tão cruéis como a da Srta. Vinteuil à memória e contra as vontades do pai morto, mas não os resumiria expressamente em um ato de um simbolismo tão rudimentar e tão ingênuo; o que sua conduta teria de criminosa seria mais velado aos olhos dos outros e até a seus próprios olhos, pois ela faria o mal sem confessá-lo. Mas, para além da aparência, no coração da Srta. Vinteuil, o mal, ao menos no começo, sem dúvida não era exclusivo. Uma sádica feito ela é uma artista do mal, o que uma criatura inteiramente má não poderia ser, pois o mal não lhe seria externo, antes lhe pareceria muito natural; não se distinguiria dela, até; e a virtude, a memória dos mortos, a ternura filial, como não as cultuasse, não sentiria nenhum prazer sacrílego em profaná-las. As sádicas do tipo da Srta. Vinteuil são seres tão puramente sentimentais, tão naturalmente virtuosos, que até o prazer sensual lhes parece algo de maldoso, privilégio dos malvados. E, quando permitem a si mesmos se entregarem a eles por um momento, é na pele dos maus que tentam se pôr e de fazer entrar seu cúmplice, de modo a ter um instante de ilusão de estarem se evadindo de suas almas escrupulosas e brandas para o mundo desumano de prazer. E eu compreendia o quanto ela o desejava, ao ver o quanto lhe era impossível consegui-lo. No momento em que ela queria ser tão diferente do pai, o que ela me fazia lembrar eram os modos de pensar e de dizer do velho professor de piano. Bem mais que sua fotografia, o que ela profanava, o que fazia servir a seus prazeres, mas, que permanecia interposto entre estes e sua pessoa e a impedia de desfrutá-los diretamente, era a semelhança do seu rosto, os olhos azuis da mãe que lhe tinham sido transmitidos como uma jóia de família, os gestos de amabilidade que interpunham entre o vício da Srta. Vinteuil e ela própria uma fraseologia, uma mentalidade que não fora feita para si e a impedia de considerar o seu vício como algo muito diverso dos numerosos deveres de polidez aos quais tinha o costume de se dedicar. Não

era o mal que lhe dava a noção do prazer, que lhe parecia agradável; era o prazer que lhe parecia maligno. E como cada vez que se entregava ao prazer, vinha este acompanhado dos maus pensamentos que no resto do tempo estavam ausentes de sua alma virtuosa, ela acabava por encontrar no prazer algo de diabólico, identificando-o com o mau. Talvez a filha de Vinteuil sentisse que a amiga não era virtualmente maldosa, e - não estava sendo sincera no momento em que lhe fazia propostas blasfemas. Pêlo menos sentia o prazer de beijar, no seu rosto, sorrisos e olhares, talvez fingidos, mas idênticos em sua expressão viciosa e vulgar aos que teria tido, não um ser de bondade e sofrimento, mas uma criatura de crueldade e prazer. Por um instante ali, e podia imaginar que estaria jogando de fato os jogos que, com uma cúmplice tão desnaturada, jogaria uma moça que alimentasse de verdade aqueles sentimentos bárbaros em relação à memória do pai. Talvez não pensasse que o mal fosse um estado tão incomum, tão extraordinário, tão exilante, para onde fosse tão tranqüilo emigrar, se pudesse discernir em si mesma, como em todos os outros, a indiferença pelos sofrimentos que causamos e que, mesmo com os mais diversos nomes que se lhe dêem, é a forma terrível e constante da crueldade.

Se era bem simples ir para os lados de Méséglise, coisa bem diversa era seguir pelo lado de Guermantes, pois o passeio era demorado e a gente queria, certeza do tempo que faria. Quando parecia iniciar-se uma série de bons dias; quando Françoise, desesperada por não cair uma só gota para "as pobres colheitas", ou não vendo mais que raras nuvenzinhas brancas nadando à superfície calma e azul do céu, exclamava gemendo: "Parece que só se vêem uns cações que brincam lá em cima, mostrando o seu focinho. Ah, bem que poderiam mandar um pouco de chuva para os pobres lavradores! E depois, quando o trigo tiver brotado, aí é quê a chuva vai cair sem parar, sem saber onde cai como se fosse sobre o mar; quando meu pai recebia invariavelmente as mesmas respostas favoráveis do jardineiro e do barômetro, então a gente dizia ao jantar: "Amanhã, se o tempo continuar assim vamos pelo caminho de Guermantes." Partíamos imediatamente após o almoço pelo portãozinho do jardim e dávamos na rua dos Perchamps, estreita e que formava um ângulo agudo, cheia de gramíneas, em meio às quais duas ou três vezes ficavam o dia inteiro arborizando. Rua tão esquisita quanto seu nome, de onde pareciam decorrer suas curiosas particularidades e sua personalidade rabugentas que em vão buscaríamos na Combray de hoje porque no lugar do seu antigo prédio se ergue a escola. Porém, meu devaneio (semelhante a esses arquitetos que seguiram a escola de Viollet-le-Duc, que, julgando encontrar sob um púlpito renascentista e um altar do século XVII os traços de um coro romano, repõem o prédio no estado em que devia estar no século XII) não deixa uma só pedra da nova construção de pé, e torna a abrir e "restitui" a rua dos Perchamps. Aliás, para essas reconstituições ele dispõe de dados mais precisos do que geralmente têm os restauradores. Algumas imagens

conservadas na minha memória, as últimas que talvez ainda existam hoje, e votadas a desaparecer em breve, do que era Combray na minha infância, e como foi a própria cidade que as delineou em mim antes de desaparecer, têm toda a emoção-se é que se pode comparar um obscuro retrato às efígies gloriosas cuja reprodução minha avó tanto gostava de me dar - das gravuras antigas da Ceia ou desse quadro de Gentile Bellini nos quais se vêem, num estado que já não possuem hoje, a obra-prima de Da Vinci e o pórtico de São Marcos.

Passávamos pela rua de Poiseau, diante da velha hospedaria de I'Oiseau Flesché, em cujo pátio entravam às vezes, no século XVII, as carruagens das duquesas de Montpensier, de Guermantes e de Montmorency, quando elas precisavam vir a Combray para alguma questão com seus rendeiros, ou para receber vassalagem. Atingíamos o passeio entre cujas árvores surgia o campanário de Saint-Hilaire. E eu gostaria de ter podido sentar ali e ficar o dia inteiro lendo, a ouvir os sinos; pois o tempo que fazia era tão bonito e tão sossegado que, ao soarem as horas, poderia se dizer que não rompiam a calma do dia, e sim que o livraram de tudo o que ele continha, e que o campanário, com a indolente exatidão cuidadosa de uma pessoa que não tem outra coisa que fazer, acabava apenas, para espremer e deixar cair algumas gotas de ouro que o calor fora lenta e naturalmente ajuntando ali decalcar, no momento exato, a plenitude do silêncio.

O maior encanto do caminho de Guermantes era que a gente, quase todo o tempo, tinha a nosso lado o curso do Vivonne. O leito do rio era atravessado, uma primeira vez, dez minutos depois de ter saído de casa, por uma passarela chamada Pont-Vieux. Desde o dia seguinte ao da nossa chegada, dia da Páscoa, depois do sermão, se fazia bom tempo, eu corria para lá, a fim de ver, na desordem da manhã de festa em que alguns preparativos suntuosos fazem parecer mais sórdidos os utensílios caseiros atirados por ali, o rio que já passeava, de azul-celeste, por entre as terras ainda negras e despidas, acompanhado unicamente de um bando de cucos que havia chegado bem cedo, e de algumas primaveras extemporâneas, ao passo que, aqui e ali, uma violeta de bico azul deixava pender sua haste ao peso da gota de aroma que tinha no seu cartucho. A Pont-Vieux dava para uma vereda de Sirga, que naquele ponto era atapetada, no verão, com as folhas azuis de uma aveleira, sob a qual um pescador de chapéu de palha criara raízes. Em Combray, onde eu sabia que personalidade de ferreiro ou de entregador de armazém se ocultava sob o uniforme do suíço ou a *sobrepeliz* do menino do coro, esse pescador era o única pessoa cuja identidade eu jamais descobrira. Devia conhecer meus pais, pois erguia o chapéu quando passávamos; eu queria então perguntar-lhe o nome, faziam-me sinal que ficasse calado para não espantar o peixe. Metíamo-nos pela vereda de sirga que dominava a corrente de um barranco de vários pés altura; do outro lado, a margem era baixa, estendida em vastos prados até a aldeia, até a estação de

trem, que ficava longe. Ali se achavam restos, meio afundados na grama, do castelo dos antigos condes de Combray que, na Idade Média, tinha deste lado, o curso do Vivonne como defesa contra os ataques dos senhores dá Guermantes e dos abades de Martinville. Não passavam de alguns fragmentos de torres fazendo corcovas na planície, e que mal apareciam, algumas ameias de onde outrora o besteiro arremessava pedras, de onde o vigia observava Clairefontaine, Martinville-le-Sec, Bailleau-l'Exempt, todas elas terras vassalas da Guermantes, entre as quais Combray estava encravada, e hoje tudo ao pés do chão, dominadas pelos meninos da escola dos padres que ali vinham estudar as lições, ou fazer recreio-passado quase misturado à terra, deitado à beira da água como uma pessoa que passeia e se refresca, mas que muito me fazia devanear, e eu acrescentava ao nome de Combray, à pequena aldeia de hoje, uma cidade bem diferente, detendo meus pensamentos em seu rosto incompreensível e antigo que ele me dá, que escondia sob os botões-de-ouro. Eram bem numerosos nesse lugar, quem tenha escolhido para seus divertimentos sobre a relva, isolados, aos pares, e aos grupos, amarelos como a gema de ovo, e tanto mais brilhosos me pareciam, pois, não podendo eu derivar para nenhuma veleidade de degustação o prazer que a vista deles me causava, acumulava-o em sua superfície dourada, até que se torna: bastante poderoso para produzir a beleza estéril; e isto desde a minha mais tenra infância, quando, do caminho de sirga, estendia os braços para eles sem poder ainda pronunciar bem o seu nome lindo, de príncipes dos contos de fada franceses, talvez vindos há muitos séculos da Ásia, mas radicados para sempre na aldema contentando-se com o horizonte modesto, adorando o sol e as margens do rio, à estreita vista da estação de trem, conservando ainda, no entanto, como algumas de nossas velhas telas pintadas, na sua simplicidade popular, um esplendor do Oriente.

Eu me divertia em observar os garrafões que os meninos lançavam, Vivonne, para apanhar peixinhos, e que, cheios da água do rio, em que ficam, por sua vez, trancados ao mesmo tempo "continente" de flancos transparentes com uma água endurecida e "conteúdo" mergulhado em um continente maior de líqüido e corrente, evocavam a imagem do frescor de uma forma mais deliciosa, mais irritante do que o teriam podido fazer em uma mesa posta, só a mostrando fuga nessa aliteração permanente entre a água sem consistência, onde as mãos não podiam capturá-la, e o vidro não fluido onde o paladar não podia degustá-la; prometia a mim mesmo voltar ali mais tarde com linhas de pescar; alcançava tiras sem um pouquinho do pão reservado para a merenda; jogava no rio algumas bolinhas que pareciam suficientes para causar um fenômeno de super saturação, pois a água se solidificava logo em torno delas em cachos ovóides de girinos esfaimados, que ela até então mantivera em dissolução, invisíveis, já quase a ponto de se cristalizar.

Em breve o curso do Vivonne se obstruía de plantas aquáticas. A princípio apareciam algumas isoladas, como o nenúfar ao qual a correnteza, em que se atravessara de maneira infeliz, lhe dava tão pouco descanso que, como um barco mecanicamente acionado, só abordava uma das margens para voltar à outra de onde viera, refazendo eternamente a dupla travessia. Empurrado para a margem, seu pedúnculo se desenrolava, se alongava, corria, alcançando o limite extremo de sua tensão até a margem onde a corrente o retomava, e as cordas verdes se dobravam sobre si mesmas e levavam a pobre planta ao que melhor se diria o seu ponto de partida, pois que ela não se demorava um segundo sem voltar a partir por uma repetição da mesma manobra. Encontrava-a de passeio em passeio, sempre na mesma situação, fazendo pensar em certos neurastênicos, no número de quem meu avô incluía minha tia Léonie, que nos oferecem, sem qualquer mudança no curso de muitos anos, o espetáculo de hábitos esquisitos, dos quais sempre se acham em vias de se libertar mas que conservam sempre; presos na engrenagem de suas indisposições e manias, os esforços em que se debatem inutilmente para se livrar só fazem assegurar o funcionamento e acionar o gatilho de sua dieta estranha, irresistível e funesta. Assim era esse nenúfar, também semelhante a um desses infelizes cujo tormento singular, que se repete indefinidamente por toda a eternidade, excitava a curiosidade de Dante e cujas causas e particularidades ele gostaria de ouvir mais longamente narradas pelo próprio torturado, caso Virgílio, afastando-se a largos passos, não o houvesse forçado a se juntar a ele o mais rápido possível, como eu a meus pais.

Porém mais adiante a correnteza diminuía, o rio atravessa uma propriedade, cujo acesso estava aberto ao público devido ao dono, o qual se divertia ali com trabalhos de horticultura aquática, fazendo florescer, em pequenos tanques que o Vivonne forma, verdadeiros jardins de ninféias. Como as margens eram, naquele ponto, bastante arborizadas, as grandes sombras das árvores conferiam à água um fundo normalmente de um verde sombrio, e que às vezes, quando voltávamos em certos fins de tarde reacalmados após uma tempestade, eu vi de um azul-claro e cintilante a violeta, de aspecto compartimentado e de gosto japonês. Aqui e ali, na superfície, avermelhava como um morango uma flor de ninféia de centro escarlate, de bordas brancas. Mais longe, as flores, mais numerosas, eram mais pálidas, menos lisas, mais granulosas, mais crespas, e dispostas ao acaso em espiras tão graciosas que a gente julgava ver flutuar à deriva, como após o desfolhar melancólico de uma festa galante, rosas de espuma em grinaldas desfeitas. Mais adiante, um cantinho parecia reservado às espécies comuns que mostravam o branco e o asseado dos goivos, lavados como porcelanas com um cuidado doméstico, que um pouco além, apertados uns contra os outros numa verdadeira platibanda flutuante, dir-se-iam amores-perfeitos dos jardins que tivessem vindo pousar, como borboletas, suas asas azuladas e frias sobre a obliqüidade transparente desse canteiro de água; daquele

canteiro celeste também: pois ele dava às flores um solo de uma cor mais preciosa, mais emocionante, do que a cor das próprias flores; e, ora durante a tarde fazendo cingir sob as ninféias o caleidoscópio de uma felicidade atenta, silenciosa e móvel, ora se enchendo, ao anoitecer, como algum porto distante, do colorido róseo e do devaneio do poente, mudando sem cessar para permanecer de acordo, ao redor das corolas de tons mais estáveis, cora o que há de mais profundo, de mais fugitivo, de mais misterioso; com o que há de mais infinito no momento, parecia tê-las feito florir em pleno céu.

Ao sair desse parque, o Vivonne voltava a correr. Quantas vezes vi e desci a imitar, quando fosse livre para viver a meu prazer, um remador que, largando o remo, se deitasse ao comprido de costas, com os pés mais altos que a cabeça, no fundo do barco, e, deixando-o flutuar à deriva, só podendo olhar o céu que desliza devagar acima dele, trazia no rosto o antegozo da paz e da felicidade. Assentávamo-nos por entre os íris à beira d'água. No céu de feriado, passava preguiçosamente uma nuvem vadia. Por momentos, oprimida pelo tédio, uma carpa punha a cabeça fora d'água numa respiração angustiosa. Era a hora de comer. Antes de voltar, ficávamos por muito tempo a comer frutas, pão e chocolate; na grama em que vinham até nós, horizontais, enfraquecidos, porém densos e metálicos ainda, os sons do sino de Saint-Hilaire que não se haviam misturado ao ar que há tanto tempo vinham atravessando, e, pregueados pela palpitação sucessiva; todas as suas linhas sonoras, vibravam roçando as flores aos nossos pés.

Às vezes, à beira d'água cercada de árvores, encontrávamos numa casa chamada de recreio, isolada, perdida, que nada via do mundo senão o rio que lhe banhava os pés. Uma mulher moça, cuja fisionomia pensativa e véus elegantes não eram do lugar e que sem dúvida viera, conforme a expressão popular, "enterrar-te!" ali, desfrutar do amargo prazer de sentir que seu nome, sobretudo o nome daquele cujo coração não pudera conservar, era desconhecido na região, enquadrava-se a janela que não a deixava olhar mais além da barca amarrada perto do portão. Ergui, distraidamente os olhos ao ouvir atrás das árvores da margem a voz dos passos; que, antes mesmo de ver seus rostos, podia estar certa de que nunca tinha conhecido, e nem conheceriam, o infiel, que nada em seu passado guardava-lhe marca e nada em seu futuro teria oportunidade de recebê-la. Sentia-se que, em sua renúncia, abandonava por vontade própria os lugares onde poderia ao menos avistar o amado, por aqueles que nunca o tinham visto. E eu a contemplava, volta de um passeio por um caminho pelo qual ela sabia que ele não haveria de passar descalçando de suas mãos resignadas as longas luvas de uma graça inútil.

Nos passeios pelo caminho de Guermantes, nunca pudemos remontar nascentes do Vivonne, nas quais eu pensara com freqüência e que se me apresentavam

com uma existência tão abstrata, tão idealizada, que eu teria ficado surpreso se me dissessem que se encontravam no departamento, a uma certa distância de Combray medida em quilômetros, como no dia em que soube que havia, na Antigüidade, um outro ponto determinado da Terra onde se abriam os Infernos. Tampouco, nunca pudemos ir até o limite que eu tanto gostaria de alcançar, até Guermantes. Sabia que ali moravam castelões, o duque e a duquesa de Guermantes, sabia que eram pessoas reais e de fato existentes; mas cada vez que pensava neles, representava-os ora em tapeçaria, como era a condessa de Guermantes na "Coroação de Ester" da nossa igreja, ora de matizes mutáveis como era Gilberto, o Mau, no vitral em que passava do verde-couve ao azul-ameixa, conforme estivesse eu ainda tomando água benta ou chegando aos nossos bancos, ora totalmente impalpáveis como a imagem de Genevieve de Brabant, ancestral da família de Guermantes, que a lanterna mágica fazia passear pelas cortinas do meu quarto, ou subir ao teto enfim, sempre envolvidos no mistério dos tempos merovíngios e banhados, como em um poente, na luz alaranjada que emana desta sílaba: "antes". Mas se, apesar disso, eram para mim, enquanto duque e duquesa, seres reais embora estranhos, em compensação a sua pessoa ducal se ampliava desmedidamente, materializava-se, para poder conter em si este Guermantes do qual eram duque e duquesa, todo esse "lado de Guermantes" ensolarado, o curso do Vivonne, suas ninféias e suas grandes árvores, e tantas tardes bonitas. E eu sabia que eles não tinham apenas o título de duque e duquesa de Guermantes, e sim que, desde o século XIV, quando, depois de terem tentado inutilmente vencer seus antigos senhores, aliaram-se a eles por matrimônios, eram condes de Combray, os primeiros dentre os cidadãos da cidade, e no entanto os únicos que ali não habitavam. Condes de Combray, possuindo Combray no meio do nome, de sua pessoa, e sem dúvida tendo de fato neles aquela estranha e piedosa tristeza que era própria de Combray; proprietários da cidade, mas não de uma casa particular, sem dúvida moravam fora, na rua, entre o céu e a terra, como aquele Gilberto de Guermantes, de quem eu só via, nos vitrais da ábside de Saint-Hilaire, o seu avesso de laca preta, ao erguer a cabeça quando ia buscar sal na loja do Camus.

Depois, acontecia às vezes que eu passava, no caminho de Guermantes, diante de pequenos cercados úmidos onde cresciam cachos de flores sombrias. Parava, julgando adquirir uma noção preciosa, pois me parecia ter debaixo dos olhos um fragmento dessa região fluvial, que tanto desejava conhecer desde que a vira descrita por um de meus escritores prediletos. E foi com ela, com seu solo imaginário, atravessado de rios espumosos, que Guermantes, mudando de aspecto em meu pensamento, se identificou quando ouvi o Dr. Percepied nos falar das flores e das belas águas-vivas que havia no parque do castelo. Imaginava que a Sra. de Guermantes mandava que eu a fosse ver, tomada de um repentino capricho por mim; todos os dias ficávamos juntos pescando trutas.

E à tardinha, levando-me pela mão, mostrava-me, ao passar diante dos jardinzinhos de seus vassalos, ao longo dos muros, as flores que ali apoiavam as hastes roxas e rubras e me ensinava seus nomes. Ela me fazia dizer-lhe o tema dos poemas que eu pretendia compor. E tais sonhos me advertiam que, já que eu desejava um dia ser escritor, era tempo de saber o que tencionava escrever. Porém, quando o indagava a mim mesmo, buscando encontrar um assunto no qual pudesse colocar um significado filosófico infinito, meu espírito parava de trabalhar, e eu só via o vácuo à frente da minha atenção, sentia que não era dotado de gênio ou talvez uma doença cerebral que impedisse de eclodir. Por vezes, pensava em meu pai para ajeitar essa situação. Ele, era tão poderoso, tão bem considerado entre pessoas de alta posição, que chegava a nos fazer infringir as leis que Françoise me ensinara serem as mais inelutáveis que as da vida e da morte; e a retardar por um ano, para nossa casa, caso único do quarteirão, os trabalhos de "reboco"; a obter do ministro, para o filho da Sra. Sazeral que desejava fazer uma estação de águas, a autorização para que conseguisse bacharelado dois meses antes, na série de candidatos cujo nome começava por N em vez de fazê-lo esperar os da letra S. Se eu caísse gravemente enfermo, se tivesse sido capturado por bandidos, convencido de que meu pai mantinha inteligência bastante com as potências superiores, possuindo irresistíveis cartas de recomendação para o bom Deus, para que minha doença ou prisão não passassem de vãs simulações sem perigo para mim, teria esperado com tranqüilidade a hora inevitável da volta à realidade agradável, a hora da libertação ou da cura; talvez essa ausência de gênio, aquele buraco negro que se abria em meu espírito quando eu buscava o tema de meus escritos futuros, não passasse de uma ilusão inconsistente, cessando com a mediação de meu pai, o qual deveria acertar com o Governo e Providência que eu seria o primeiro escritor do meu tempo. Mas de outra feita, quando meus pais se impacientavam por me ver ficar para trás e não seguir minha vida presente, em lugar de me parecer uma criação artificial de meu pai e que ele podia modificar o seu talento, me surgia, ao contrário, como compreendida uma realidade que não fora feita para mim, e contra a qual não havia remédio, cujo meio eu não dispunha de aliados, que nada conservava além de si mesmo. Parecia-me, então, que eu existia do mesmo modo que os outros homens; envelheceria, que morreria como eles, e que, dentre eles, eu pertencia apenas ao número dos que não têm talento para escrever. E assim, desanimado, renunciava a literatura para sempre, apesar dos estímulos que me dera Bloch. Tal sentimento íntimo, imediato, que eu possuía do nada do meu pensamento prevalecia com todas as palavras elogiosas que me dirigiam, como os remorsos na consciência de um malvado cujas boas ações todos louvam.

Um dia minha mãe disse:

"Visto que falas tanto da Sra. de Guermantes, deve vir a Combray para assistir ao casamento da filha do Dr. Percepied, que cuida dela há quatro anos. Poderias vê-la na cerimônia." Aliás, era por meio do Dr. Percepied que eu mais ouvia falar da Sra. de Guermantes, e ele até nos mostrara o número de uma revista ilustrada onde ela aparecia com o vestido que usara num baile à fantasia na casa da princesa de Léon.

De súbito, durante a missa do casamento, um movimento que fez o suíço se deslocar de onde estava permitiu-me ver, sentada numa capela, uma dama loura de nariz comprido, olhos azuis e indagadores, uma gravata fofa de seda malva, lisa, nova e brilhante, e uma pequena espinha num lado do nariz. E como na superfície de sua face avermelhada, como se ela estivesse com muito calor, eu distinguisse, diluídas e mal perceptíveis, parcelas de analogia com o retrato que me haviam mostrado, e como, sobretudo, os traços particulares que nela notava, ao tentar formulá-los, se expressavam precisamente nos mesmos termos-um nariz comprido, olhos azuis, que usara o Dr. Percepied para descrevera duquesa de Guermantes disse a mim mesmo que aquela dama se parecia com a Sra. de Guermantes; ora, a capela em que ela seguia a missa era a de Gilberto, o Mau, sob cujas lajes, distendas e douradas como alvéolos de mel, repousavam os antigos condes de Brabant; e como me lembrasse que me haviam dito estar a capela reservada à família dos Guermantes quando algum de seus membros vinha para uma cerimônia a Combray; só podia verossimilmente haver uma mulher que se assemelhasse ao retrato da Sra. de Guermantes naquela capela justo nesse dia, dia em que ela devia precisamente vir: era ela! Grande foi a minha decepção. Provinha de que eu nunca prestara atenção, quando pensava na Sra. de Guermantes, em que a representava com as cores de uma tapeçaria ou de um vitral, em outro século, de outra matéria que não o restante das pessoas vivas. Jamais me dera conta que ela poderia ter um rosto vermelho, uma gravata cor de malva como a Sra. Sazerat, e a forma oval de suas faces me fez lembrar a tal ponto pessoas que havia visto em casa que tive a suspeita, logo dissipada, de que essa dama, em seu princípio gerador, em todas as suas moléculas talvez não fosse, substancialmente, a duquesa de Guermantes, mas que seu corpo, ignorando o nome que lhe aplicavam, pertencia a um certo tipo feminino que também compreendia mulheres de médicos e comerciantes.

"É isto, não é mais que isto a Sra. de Guermantes!", dizia a cara atenta e assombrada com que eu contemplava essa imagem que, naturalmente, não tinha qualquer relação com as que, sob o mesmo nome de Sra. de Guermantes, haviam aparecido tantas vezes nos meus devaneios, visto que essa não fora como as outras arbitrariamente formada por mim, porém saltara-me aos olhos pela primeira vez apenas há um momento, na igreja; que não era da mesma natureza, não era colorido à vontade como as que se deixavam embeber da tinta

alaranjada de uma sílaba, mas era tão real que tudo, até mesmo a pequena espinha que se inflamava na asa do nariz, certificava a sua submissão às leis da vida, como, em uma apoteose teatral, um plissado do vidro da fada, um tremor do dedo mínimo, denunciam a presença material de uma atriz viva, no ponto onde estaríamos incertos se não tínhamos pela frente uma simples projeção luminosa.

Mas ao mesmo tempo, sobre essa imagem que o nariz proeminente; olhos penetrantes fincavam na minha visão (talvez porque fossem eles que a atingiram primeiro, que lhe tivessem feito o primeiro entalhe, quando eu ainda nem tinha tido tempo de imaginar que a mulher que aparecia diante de mim podia se Sra. de Guermantes), sobre essa imagem bem recente, imutável, tentei aplicar uma idéia:

"É a Sra. de Guermantes", sem chegar mais do que movê-la em face dá imagem, como dois discos separados por um intervalo. Mas essa Sra. de Guermantes com quem eu tanto sonhara, agora que via existir efetivamente fora de mim, obter ainda mais poder sobre minha imaginação que, paralisada por um instante contato de uma realidade tão diversa do que esperava, pôs-se a reagir e a me dizer:

"Gloriosos desde antes de Carlos Magno, os Guermantes tinham o direito de vida, ou de morte sobre seus vassalos; a duquesa de Guermantes descende de Genevieve dé Brabant. Não conhece, nem admitiria conhecer nenhuma das pessoas que aqui estão."

Maravilhosa independência dos olhares humanos, retidos como por um fio tão frouxo, tão extenso, tão elástico que podem passear sozinhos longe dele durante o tempo em que a Sra. de Guermantes permaneceu sentada na capela por sobre os túmulos de seus mortos, seus olhares passearam aqui e ali subiram ao longo dos pilares, demoraram-se até em mim, como um raio penetrante pela nave, mas um raio de sol que, no momento em que recebi sua carícia me pareceu consciente. Quanto à própria Sra. de Guermantes, visto que fiquei imóvel, sentada feito uma mãe que finge não ver as travessuras ousadas e tentativas indiscretas dos filhos que brincam e interpelam pessoas que ela conhece, foi-me impossível saber se ela aprovava ou censurava, na ociosidade da alma, a entrância de seus olhares.

Eu achava importante que ela não partisse antes que a pudesse observar bastante, pois me lembrava que, há muitos anos, considerava uma das coisas desejáveis do mundo o instante em que a visse, e não tirava os olhos de cima dela como se cada um de meus olhares pudesse transportar, guardando dentro de si a lembrança do nariz proeminente, as faces vermelhas, todas essas particularidades que me pareciam outras tantas informações preciosas,

autênticas e singular sobre o seu rosto. Agora que principiava a achar belos todos os pensamentos relacionados com ela, e acima de tudo, talvez, com o desejo que temos sempre de não ficarmos decepcionados, forma do instinto de conservação das melhores selas de nós mesmos; repondo-a (visto que ela e aquela duquesa de Guermantes que eu até então havia evocado formavam uma só pessoa) fora do restante da humanidade, com a qual a vista pura e simples de seu corpo me fizera por momento confundi-la, irritava-me ouvir sussurrarem a meu redor:

"Ela está me parecendo mais a Sra. Sazerat, que a Srta. Vinteuil", como se lhes fosse comparável. E olhares, detendo-se em seus cabelos louros, nos seus olhos azuis, nas linhas do pescoço e apagando os traços que me pudessem lembrar outros rostos, faziam-me exclamar comigo, diante daquele escorço deliberadamente incompleto: "Como é linda! Que nobreza! É bem mesmo uma orgulhosa Guermantes, a descendente de Genevieve de Brabant, que tenho à minha frente!" E a atenção com que eu lhe iluminava o rosto isolava-a de tal maneira, que hoje, se volto a pensar nessa cerimônia, é-me impossível recordar uma só das pessoas que ali assistiam a ela, a não ser ela própria e o suíço, que respondeu afirmativamente quando lhe perguntei se aquela dama era mesmo a Sra. de Guermantes. Porém ela, se revejo-a, sobretudo no momento do desfile pela sacristia, iluminada pelo sol intermitente e tépido de um dia de vento e céu nublado, e onde a Sra. de Guermantes era vista no meio de toda aquela gente de Combray, das quais até o nome ignorava, mas cuja inferioridade punha por demais em relevo a sua supremacia, para que não deixasse de sentir uma benevolência sincera em relação àquelas pessoas, às quais, de resto, esperava impor-se ainda mais, graças à bondade e à simplicidade. E também, como não podia lançar esses olhares intencionais, carregados de um sentido preciso, que a gente dirige a alguém que se conhece, mas apenas deixar seus pensamentos distraídos escapar incessantemente à sua frente numa onda de luz azul que ela não podia conter, não desejava que essa luz por acaso perturbasse ou parecesse desdenhar essa gente humilde que encontrava ao passar, que atingia a todos os instantes. Revejo ainda, acima da gravata cor de malva, sedosa e inflada, o doce espanto de seus olhos, a que ela ajuntava, sem ousar destiná-lo a ninguém mas para que todos pudessem tomar parte dele, um sorriso tímido de suserana que parece se desculpar diante de seus vassalos e mostrar que lhes tem afeto.

Esse sorriso caiu sobre mim, que não lhe tirava os olhos de cima. Então, lembrando-me do olhar que ela deixara fixar-se em mim, durante a missa, azul como um raio de sol que houvesse atravessado o vitral de Gilberto, o Mau, disse comigo: "Mas é claro que ela presta atenção em mim." Julguei que lhe agradava, que ela ainda haveria de pensar em mim depois de ter deixado a igreja, que por minha causa, talvez ficasse triste à noite, em Guermantes. E logo me apaixonei por ela, pois se por vezes é suficiente, para que nos apaixonemos por uma

mulher, que nos encare com desprezo, como achava quetinha feito a Srta. Swann, e que imaginemos que ela jamais poderá nos pertencer, às vezes também pode bastar que ela nos olhe com bondade, como a Sra. de Guermantes, e que pensemos que ela poderá ser nossa. Seus olhos azulavam como uma pervinca impossível de ser colhida e que, no entanto, me fosse dedicada; e o sol, ameaçado por uma nuvem, mas ainda despedindo, com toda a força sobre a Praça e na sacristia, seus raios de luz, dava uma encarnação de gerânio aos tapetes rubros que tinham sido estendidos para a solenidade e sobre os quais se adiantava sorrindo a Sra. de Guermantes, e acrescentava à lã deles um róseo aveludado, uma derme nua, esta espécie de ternura, de grave doçura na pompa e na alegria que eriçam certas páginas de Lohengrin, certos quadros de Carpaccio, e que fazem entender que Baudelaire tenha podido atribuir ao som do clarim o epíteto: delicioso.

Quantas vezes, depois daquele dia, em passeios para os lados Guermantes, não me pareceu ainda mais angustioso que antes não ter qualquer inclinação para as letras e ser obrigado a renunciar de vez a tornar-me um escritor célebre? A mágoa que eu sentia, enquanto ficava a sonhar sozinho, um por um, distante dos outros, me fazia sofrer tanto que meu espírito, para não mais sentir por si mesmo, numa espécie de inibição diante da dor, deixava inteiramente de pensar nos versos, nos romances, em um futuro poético com o qual a minha face de talento me proibia de contar. Então, bem longe de todas essas preocupações literárias e em nada a ela relativos, eis que de repente um telhado, um reflexo do sol sobre uma pedra, o cheiro de um caminho, faziam-me parar por um prazer que me davam, e também porque tinham o aspecto de quem guarda, além do que eu via, algo que me convidavam a vir pegar e que, apesar de meus esforços, eu nunca conseguia descobrir. Como eu sentisse que aquilo se encontrava neles, ficava imóvel, a contemplar, a respirar, a tentar ir, com o pensamento, para além da imagem ou do aroma.

E se me fosse preciso correr atrás do meu avô, prosseguir caminho, procurava reencontrá-los fechando os olhos; concentrava-me em relembrar exatamente a linha do telhado, o matiz da pedra que, sem que pudesse compreender a razão, me haviam parecido cheios, prestes a se entreabrir, a me entreter naquilo de que eram apenas o envoltório.

Certamente, não eram impressões desse tipo que me poderiam dar a esperança, já perdida, de que um dia eu fosse escritor e poeta, pois elas estavam sempre ligadas a um objeto particular desprovido de valor intelectual e não se relacionavam a nenhuma verdade abstrata. Mas menos me conferiam um prazer desarrazoado, a ilusão de uma espécie de fecundidade, e por aí me distraíam do tédio, do sentimento de impotência que experimentava cada vez que havia procurado um assunto filosófico para uma grande obra literária. Mas era tão

árduo o dever de consciência que me impunham as impressões de forma, de perfume ou de cor-de buscar perceber o que se está atrás deles, que não tardei a procurar em mim as escusas que me permiti subtrair-me a tais esforços e me livrassem de tamanha fadiga. Felizmente, os pais me chamavam, eu via que agora não dispunha da tranqüilidade necessária para prosseguir com proveito a minha busca, e que era melhor só voltar a pensar naquilo quando chegasse em casa, e não me cansar antecipadamente sem resultado. Então não me ocupava mais dessa coisa desconhecida que se envolvia em uma forma ou um aroma, tranqüilamente dentro de mim, pois, que a levava para protegida pelo revestimento de imagens, sob as quais a encontraria bem, e como os peixes que eu trazia num cesto, nos dias em que me deixavam ir descobertos por uma camada de ervas que lhes conservava o frescor. Uma vez em casa, ficava pensando em outra coisa e assim iam-se acumulando no meu esconderijo (como no meu quarto as flores que colhera nos passeios ou os objetos que me haviam dado) uma pedra onde brincava um reflexo, um telhado, o som de um sino, um cheiro de folhas, quantas imagens diversas sob as quais há muito jaz morta a realidade pressentida que não tive força de vontade bastante para chegar a descobrir.

Uma vez, no entanto-quando o nosso passeio se prolongara muito além de sua duração habitual e, a meio caminho de volta, no fim da tarde, tivemos o prazer de encontrar o doutor Percepied que passava à toda no seu carro e nos reconheceu, fazendo-nos subir para junto dele-, tive uma impressão desse tipo e não a larguei sem aprofundá-la um pouco. Tinham-me feito subir ao lado do cocheiro, e íamos feito o vento porque o Dr. Percepied precisava, antes de voltara Combray, parar em Martinville-le-Sec na casa de um doente, à porta de quem ficou acertado que o esperaríamos. Numa volta da estrada, experimentei de súbito esse prazer especial que não me parecia idêntico a nenhum outro, ao perceber as duas torres de Martinville, sobre as quais batia o sol poente, e o movimento da nossa viatura e as curvas do caminho davam a impressão de mudá-las de lugar, e depois a torre de Vieuxvicq, a qual, separada delas por uma colina e um vale, e situada num plano mais elevado e longínquo, parecia entretanto bem próxima delas.

Verificando, ao observar o formato de suas flechas, e deslocamento de suas linhas, o ensolarado de suas superfícies, senti que não ia até o extremo limite de minha impressão, que havia algo por trás desse movimento, por trás dessa claridade, algo que elas pareciam, a um tempo, conter e esconder.

Tão afastadas se achavam as torres e tão pouco me parecia que nos aproximávamos delas, que fiquei espantado quando, alguns momentos depois, paramos diante da igreja de Martinville. Desconhecia o motivo do prazer que sentira ao percebê-las no horizonte e a obrigação de procurar descobrir esse

motivo me parecia bem penosa; tinha vontade de guardar de reserva, na cabeça, essas linhas rodopiantes ao sol e de não mais pensar nelas no momento. E é provável que, se o houvesse feito, as duas torres tivessem ido ajuntar-se para sempre às tantas árvores e telhados e perfumes e sons, que eu distinguira dos outros por causa desse prazer obscuro que me haviam proporcionado e que eu jamais aprofundara. Desci para conversar com meus pais à espera do doutor. Depois continuamos, retomei meu lugar na boleia, virei a cabeça para ver ainda

uma vez as torres que, um pouco depois, percebi pela última vez numa volta da estrada. Já que o cocheiro não parecia disposto a conversar, mal tendo respondido às minhas palavras, fui obrigado, à falta de outra companhia, a recorrer à minha, tentando rememorar as torres. Em breve as suas linhas e suas superfícies ensolaradas, como se fossem uma espécie de casca, se romperam, e um pouco do que estava oculto nelas me apareceu, tive um pensamento que não existia para mim um momento antes, um pensamento que se formulou em palavras na minha cabeça, e o prazer que há pouco sentira aumentou consideravelmente, de modo que, tomado de uma espécie de embriaguez, não pude mais pensar em outra coisa. Nesse momento, e como se estivéssemos longe de Martinville, percebi-as de novo ao virar a cabeça, completamente negras dessa vez, pois o sol já se havia posto. Durante alguns instantes voltas do caminho deixavam-nas ocultas; depois elas se mostraram uma última e por fim não as vi mais.

Sem dizer a mim mesmo que aquilo que se ocultava detrás das torres; Martinville devia ser algo semelhante a uma bela frase, pois que era principalmente sob a forma de palavras que me davam prazer, pedi lápis e papel ao doutor e, aos ressaltos do carro, escrevi, para aliviar a consciência e obedecer ao meu entusiasmo, o fragmento seguinte que encontrei mais tarde e no qual fiz somente umas poucas modificações:

"Sozinhas, elevando-se do nível da planície e como que perdidas em pó raso, subiam para o céu as duas torres de Martinville. Em breve, observava três; vindo colocar-se à frente delas, numa volta ousada, uma torre retardatária Vieuxvicq, a elas se reunira. Os minutos passavam, andávamos depressa e entanto, as três torres estavam sempre ao longe diante de nós, como três passarinhos pousados na planície, imóveis, e que se distinguem ao sol. Depois a torre Vieuxvicq se afastou, tomou distância, e as torres de Martinville ficaram sós, iluminadas pela luz do poente que mesmo a essa distância eu via brincar e sorrirem suas telhas. Tínhamos levado tanto tempo a nos aproximar delas, que eu pensava tempo ainda necessário para atingi-las quando, de repente, tendo o carro dado a sua volta, depositou-nos à seus pés; e de modo tão áspero haviam elas se lançado contra o carro que mal tivemos tempo de parar a fim de não nos chocarmos com o pórtico. Prosseguimos o caminho; já tínhamos deixado Martinville há pouco, a

aldeia desaparecera depois de nos ter acompanhado por alguns segundos; as torres e a de Vieuxvicq ainda agitavam, em sinal de despedida, os seus cumes ensolarados. Às vezes, uma delas se apagava para que as outras duas pudessem nos ver um instante ainda; mas a estrada mudou de direção, elas viraram como três pivôs de ouro e desapareceram aos meus olhos. Mas, um pouco depois como já estivéssemos perto de Combray, já tendo o sol se posto, avistei-as pela última vez, de muito longe, e não passavam de três flores pintadas no céu acima da linha baixa dos campos. Faziam-me pensar também nas três moças de uma tela, abandonadas numa solidão onde já caía a treva; e enquanto nos distanciávamos a galope, vi-as procurando o caminho com timidez e, após algumas oscilações distantes de suas nobres silhuetas, apertarem-se umas contra as outras, e formavam no céu ainda róseo apenas um só vulto negro, charmoso e resignado, a se apoiarem na noite."

Nunca mais voltei a pensar nessa página, mas naquele momento, quase no canto da boléia onde o cocheiro do doutor colocava, de hábito, em um cesto aves que comprara no mercado de Martinville, terminei de escrevê-la, senti-me feliz, achava que ela me desentranhara tão perfeitamente aquelas torres e da que elas escondiam atrás de si, que, como se eu próprio fosse uma galinha e acabasse de pôr um ovo, comecei a cantar a plenos pulmões.

Durante o dia inteiro, nesses passeios, eu pudera pensar no prazer que teria se fosse amigo da duquesa de Guermantes, de pescar trutas, passear de barco no Vivonne e, ávido de felicidade, não pedir à vida, nesses momentos, senão que ela se compusesse de uma série de tardes felizes. Mas quando, no caminho de volta, avistava à esquerda um sítio bastante afastado de outros dois que, ao contrário, se avizinhavam muito, e a partir do qual, para entrar em Combray, bastava tomar uma alameda de carvalhos, que tinha a um lado vários prados, cada um pertencente a um pequeno cercado e plantados a intervalos iguais de macieiras que ali projetavam, ao serem iluminadas pelo sol poente, o desenho japonês de suas sombras, meu coração punha-se a bater bruscamente, pois sabia que antes de uma hora estaríamos de volta em casa e que, como era de praxe nos dias em que tínhamos ido pelo caminho de Guermantes e que o jantar era servido mais tarde, me mandariam deitar tão logo tomasse a sopa, de modo que minha mãe, retida à mesa como se houvesse convidados para jantar, não subiria para me dar boa-noite na cama. A região de tristeza em que acabava de entrar era tão diversa da região de alegria onde me lançara um momento antes, como em certos céus uma faixa cor-de-rosa se separa, como que por uma linha, de uma faixa verde ou de outra negra. Vê-se um pássaro voar na faixa rosa, já vai atingindo a sua extremidade, quase que toca a negra e depois penetra nela. Os desejos que há pouco me assaltavam, de ir a Guermantes, de viajar, de ser feliz, eram-me agora tão estranhos que sua realização não me teria dado prazer algum. Como

teria dado tudo aquilo para poder chorar a noite inteira nos braços de mamãe!

Estremecia, não tirava os olhos aflitos do rosto de minha mãe, que naquela noite não apareceria no meu quarto onde já me achava em pensamento, e queria morrer. E esse estado iria durar até o dia seguinte, quando os raios da manhã apoiassem, como o jardineiro a sua escada, suas barras no muro revestido de capuchinhas que subiam até a minha janela, e eu pulasse da cama para descer depressa ao jardim, sem mais me lembrar que a noite tornaria a trazer consigo a hora de separar-me de minha mãe.

E assim, foi pelo lado de Guermantes que aprendi a distinguir esses estados que em mim ocorrem, durante certos períodos, e chegam até a dividir entre si os dias, um vindo para expulsar o outro, com uma pontualidade de febre; contíguos, mas tão exteriores um ao outro, tão destituídos de meios de comunicação entre eles, que já não posso compreendê-los e sequer me representar em um o que desejei, ou temi, ou até realizei no outro estado.

Portanto, o lado de Méséglise e o lado de Guermantes permanecem, para mim, ligados a várias das pequeninas ocorrências dessa vida que, de todas as vidas que vivemos paralelamente, é a mais cheia de peripécias, quero dizer, a vida intelectual. Sem dúvida, ela progride insensivelmente dentro de nós e as idades que mudaram seu sentido e seu aspecto, que nos abriram caminhos, mas, há muito que vínhamos preparando a sua descoberta, porém sem sabê-lo; e elas, para nós, só datam do dia, do minuto em que se nos tornaram visíveis; flores que então brincavam na grama, a água que corria ao sol, toda a paisagem rodeava, a sua aparição continua a acompanhar sua lembrança com seu rosto consciente ou distraído; e com certeza, quando eram contemplados longamente por esse humilde passante, por essa criança que sonhava-como o é um rei memorialista perdido na multidão -, esse recanto da natureza, esse pedaço jardim não poderiam pensar que, graças a ele, seriam chamados a sobreviver suas particularidades mais efêmeras; e no entanto, o aromado espinheiro-alvar se evola ao longo da sebe onde as eglantinas em breve o substituirão, o rumor um passo sem eco sobre o cascalho de uma alameda, uma bolha formada com uma planta aquática pela água do rio e que logo estoura, minha exaltação os transportou e conseguiu fazê-los atravessar tantos anos sucessivos, enquanto que em torno os caminhos se apagaram e estão mortos aqueles que os trilharam e na lembrança dos que os pisaram. Por vezes, esse trecho de paisagem assim transportado até o dia de hoje ganha relevo, tão isolado de tudo, que flutua indeciso no pensamento como uma delas florida, sem que eu possa dizer de que país ou que tempo ele provém: talvez, simplesmente, de que sonho. Mas é sobretudo como se pensasse em jazidas profundas do meu terreno mental, como nos sonhos resistentes em que ainda me apóio, que devo pensar no lado de Méséglise e no de Guermantes. E precisamente porque confiava nas coisas, nos

seres que fizeram conhecer, são os únicos que ainda levo a sério e ainda me dão alegria porque a fé que cria se haja esgotado em mim, ou porque a realidade só se for a memória, as flores que hoje me mostram pela primeira vez não me parecem verdadeiras. O caminho de Méséglise, com seus lilases, seus espinheiros, centáureas, suas papoulas, suas macieiras, e o caminho de Guermantes, com, rio de girinos, suas ninféias e seus botões-de-ouro, formaram por todo o ser para mim, o aspecto das terras em que eu gostaria de viver, onde exijo, ante tudo, que se possa pescar, passear de bote, ver ruínas de fortificações góticas encontrar em meio aos trigais, exatamente como Saint-André-des-Champs, uma igreja monumental, rústica e dourada como um monte de trigo; e as centáureas, espinheiros, as macieiras que me ocorre encontrar ainda nos campos, quando pois estão situados à mesma profundidade, ao nível do meu passado, e imediatamente em sintonia com meu coração. E, no entanto, visto que existe individualmente nos lugares, quando tenho desejos de rever o caminho de Guermantes não ficaria satisfeito se me levassem para a margem de um rio onde houve ninféias tão ou mais lindas que as do Vivonne, como, ao voltar para casa em que despertava em mim aquela angústia que depois emigra para o amor, e se tornar inseparável dele para sempre-, eu não teria desejado que viesse boa-noite uma mãe mais bela e mais inteligente que a minha. Não; era assim que eu precisava, para dormir feliz, com aquela paz sem perturbações que alguma vez pôde me proporcionar mais tarde, já que temos dúvidas a respeito delas mesmo no momento em que nelas acreditamos, e que jamais nos confiam seu coração como minha mãe, num beijo, me confiava o seu, por inteiro, sem qualquer restrição, sem o menor sinal de espírito preconcebido, sem o resquício de uma intenção que não se dirigisse exclusivamente a mim -o que eu precisava era que fosse ela, que fosse ela quem inclinasse para mim o rosto onde havia, acima do olho, algo que era, ao que me parece, um defeito, e que eu amava como ao resto, da mesma forma, assim como o que desejo rever é o caminho de Guermantes que conheci, com o sítio um pouco distanciado dos outros dois apertados um contra o outro, na entrada da aléia dos carvalhos; são estas planícies onde, quando o sol as faz espelhantes com um charco, desenham-se as folhagens das macieiras, é essa paisagem cuja individualidade às vezes, nos meus sonhos de noite, me domina com uma força quase fantástica e que já não consigo recuperar quando acordo. Sem dúvida, por terem para sempre unido indissoluvelmente dentro de mim essas impressões diferentes, só porque me fizeram senti-las ao mesmo tempo, o lado de Méséglise e o lado de Guermantes me expuseram, no futuro, a muitas decepções e até a erros. Pois por diversas vezes quis rever uma pessoa sem perceber que era apenas porque ela me lembrava uma sebe de espinheiros, e fui induzido a crer e a fazer crer numa retomada da afeição, quando se tratava de um simples desejo de viagem. Mas também por esse mesmo motivo, e presentes, como estão, nas minhas

impressões de hoje com as quais podem se relacionar, dão-lhes um fundamento e uma profundidade, uma dimensão a mais que às outras. Ajuntam-lhes também um encanto, um significado que só existe para mim. Quando, nas noites de verão, o céu harmonioso ruge como uma fera fulja e todos se incomodam com a tempestade, é no caminho de Méséglise que devo ficar sozinho em êxtase, respirando, no meio do barulho da chuva que cai, o aroma de lilases invisíveis e persistentes.

Era assim que eu ficava muitas vezes até de manhã a pensar no tempo de Combray, nas minhas tristes noites sem sono, e também em tantos dias, cuja imagem me fora mais recentemente restituída pelo sabor - o que em Combray se chamaria "perfume" de uma xícara de chá e pela associação de lembranças estabelecidas entre recordações minhas e certos fatos que, muitos anos depois de ter deixado aquela cidadezinha, fiquei sabendo acerca de um amor que Swann vivera antes do meu nascimento, com essa precisão de detalhes mais fácil de conseguir, às vezes, quanto à vida das pessoas mortas há séculos do que no caso de nossos melhores amigos, e que parece impossível, como parecia impossível trazer uma cidade a outra - enquanto ignoramos a maneira como foi resolvida essa impossibilidade. Todas essas lembranças reunidas umas às outras: formavam mais que uma massa, mas nem por isso eu deixava de percebe-las entre as mais velhas e as mais novas, surgidas de um perfume, e depois que eram somente lembranças de outra pessoa, que as passara a mim sem fissuras, verdadeiras fendas, pelo menos essas nervuras, essas misturas de que, em certas rochas e certos mármores, revelam diferenças de origem, de idade de "formação".

Certamente, quando se aproximava o dia, já fazia muito que se dissolvia a breve incerteza do meu acordar. Eu sabia em que quarto me encontrava; reconstruíra-o a meu redor na obscuridade e ora me orientando apenas memória, ora auxiliando-me, como indicação, com uma luzinha fraca que espera, à qual aplicava as cortinas da janela reconstruíra-o por inteiro, mobilia como um arquiteto e um tapeceiro que conservam o buraco primitivo para janelas e as portas, recolocara os vidros e repusera a cômoda em seu lugar de costume. Porém, mal o dia começava-e não mais o reflexo de uma última brasa sobre o varão de cobre que eu tomara por ele traçava na escuridão, como que agia o primeiro raio branco e retificador, a janela com suas cortinas abandonava da porta, onde eu a situara por engano, enquanto que, para lhe dar lugar na escrivaninha, que minha memória instalara desastradamente ali, fugia a toda sala, levando a lareira de roldão e afastando a parede intermediária do corredor, o patiozinho reinava onde, ainda há pouco, se localizava o quarto da *toalete*. A residência que eu edificara nas trevas ia reunir-se às casas entrevistas no turbilhão do despertar, posta em fuga por aquele pálido signo que o dedo erguido

dali havia traçado acima das cortinas.

SEGUNDA PARTE

Um Amor de Swann

Para fazer parte do "pequeno núcleo", do "pequeno grupo", do "pequeno clã" dos Verdurin, uma condição bastava, mas era necessária: seria preciso aderir tacitamente a um credo, do qual um dos artigos rezava que o jovem pianista, protegido pela Sra. Verdurin naquele ano e do qual ela dizia: "Não devia ser permitido saber tocar Wagner tão bem assim!", "liquidava" ao mesmo tempo com Planté e Rubinstein, e que o Dr. Cottard tinha melhor diagnóstico do que Potain. Todo "novo recruta", a quem os Verdurin não podiam convencer que os saraus das pessoas que não freqüentavam a casa eram aborrecidos como a chuva, via-se imediatamente excluído. Sob esse aspecto, as mulheres eram mais rebeldes que os homens em desistir de toda curiosidade mundana e não queriam se resignar a abrir mão dos atrativos dos outros salões, e como, por outro lado, os Verdurin sentiam que esse espírito crítico e o demônio da frivolidade poderiam, por contágio, ser fatais à ortodoxa da igrejinha, foram levados a rejeitar sucessivamente todos os "fiéis" do sexo feminino.

Naquele ano, a fora a jovem esposa do doutor, estavam praticamente reduzidos (embora a própria Sra. Verdurin fosse virtuosa e de respeitável família burguesa, excessivamente rica e totalmente obscura, com a qual, aos poucos, deixara de manter quaisquer relações) a uma pessoa quase do *demi-monde*, a Sra. de Crécy, a quem a Sra. Verdurin tratava pelo nome de batismo, Odette, declarando que era "um amor", e à tia do pianista, que devia ter sido porteira; pessoas que ignoravam a alta sociedade e de tal modo ingênuas que seria fácil fazê-las crer que a princesa de Sagan e a duquesa de Guermantes eram obrigadas a pagar a infelizes para ter gente em seus jantares, tanto que, se lhes tivessem feito o oferecimento de conseguir um convite para a casa dessas duas damas, a antiga porteira e a cocote o teriam recusado com desdém.

Os Verdurin não convidavam para jantar: sempre havia, na casa deles, um "lugarzinho à mesa". Para o sarau, não havia programa. O jovem pianista tocava, porém só se "lhe desse na telha", porque ninguém era forçado a nada, como dizia o Sr Verdurin: "Tudo para os amigos, vivam os camaradas!" Se o pianista queria tocar a cavalgada das Valquírias ou o prelúdio do Tristão, a Sra. Verdurin protestava, não que essa música lhe desagradasse, mas, pelo contrário, porque a deixava muito impressionada. "Então você quer que eu tenha enxaqueca? Sabe muito bem que é a mesma coisa toda vez que toca isso. Sei o que me espera amanhã, quando me levantar, adeus!" Se o pianista não tocava, todos conversavam e um dos amigos, em geral o pintor predileto da ocasião, "soltava", como dizia o Sr. Verdurin "uma daquelas piadas que fazem todo mundo morrer de rir", principalmente a Sr. Verdurin, a quem - de tanto que tinha o hábito de

tomar ao pé da letra as expressões figuradas de suas emoções o Dr. Cottard (um jovem principiante àquela época teve um dia de reajustar a mandíbula, que ela desarticulara de tanto rir.

Era proibida a casaca porque estavam entre "camaradas" e para não ficarem parecidos com os "maçantes", dos quais fugiam como da peste, e que só eram convidados nas grandes recepções, dadas o mais raramente possível e apenas poderiam concorrer para tornar conhecido o músico ou agradar ao pintor. No resto do tempo, contentavam-se em representar charadas, em cear com trajes à fantasia, mas entre si, sem incorporar nenhum estranho à "rodinha".

Mas à medida que os "camaradas" iam assumindo mais espaço na vida a Sra. Verdurin, os maçantes e os réprobos passaram a ser todos aqueles que tinham os amigos longe dela, que os impediam às vezes de estar liberados, a mal de um, a profissão de outro, a casa de campo ou a má saúde de um terceiro; W Dr. Cottard julgasse dever partir, saindo da mesa para estar ao pé de um doente estado grave, dizia-lhe a Sra. Verdurin: "Quem sabe se ele não se sentiria melhor agora, se o senhor não fosse perturbá-lo! Passaria uma boa hora sem o senhor amanhã de manhã, o senhor iria bem cedo e o acharia curado."

Desde princípios de dezembro ela se sentia doente só em pensar que os fiéis a "abandonariam" para as festas de Natal e Ano-Novo.

A tia do pianista exigia que ele fosse jantar em família; na casa da mãe dela.

-Acha então que ela irá morrer, a sua mãe-gritava a Sra. Verdurin e que dureza - , se você não for jantar com ela no Ano-Novo, como se faz no interior? Tais inquietações regressavam na Semana Santa: ''-O senhor, doutor, um sábio, um espírito forte, naturalmente virá na Sexta-Feira Santa como se fosse um dia qualquer, não é? - dizia a Cottard, no primeiro dia do ano, num tom de segurança como se não duvidasse da resposta; tremia à espera de sua palavra, pois se ele não fosse ela se arriscaria a ficar sozinha.

-Virei na Sexta-Feira Santa... dar-lhe adeus, pois vamos passar a Páscoa na Auvergne.

- Auvergne? Para ser comido por pulgas e outros bichos? Que lhe faça bom proveito!

E após um silêncio:

-Se ao menos tivessem nos avisado, teríamos tentado organizar de acordo, fazer a viagem juntos em condições confortáveis.

Do mesmo modo, quando um "fiel" tinha um amigo, ou uma "companheira", um flerte que às vezes pudesse ser motivo para uma "deserção", os Verdurin que não ficavam escandalizados

que uma mulher tivesse um amante, desde estivesse em casa deles, o amasse através deles, e não o preferisse a eles, disse:

''Muito bem, traga seu amigo."

E submetiam-no à prova, para ver se era capaz de não ter segredos para a Sra. Verdurin, e se era possível ajuntá-los ao "pequeno clã". Se ele não o era, chamavam o fiel à parte, pois que o havia apresentado, e o encarregavam de romper com seu amigo ou sua amante. No caso contrário, o "novato" tornava-se um fiel por sua vez. Assim, quando naquele ano a *demi-mondaine* disse ao Sr. Verdurin que havia conhecido um homem encantador, o Sr. Swann, e insinuou que ele ficaria muito satisfeito em ser recebido pelos Verdurin, o Sr. Verdurin imediatamente transmitiu a petição à esposa. (Só manifestava sua opinião depois de ouvir a mulher, pois seu papel especial era pôr em execução, com todo engenho e arte, os desejos dela e dos fiéis.)

-Aqui está a Sra. de Crécy que tem algo a lhe pedir. Desejaria apresentar um de seus amigos, Sr. Swann. Que lhe parece?

-Ora, lá é possível recusar alguma coisa a uma perfeição como esta? Cale-se, ninguém lhe pediu sua opinião, eu digo que você é uma perfeição.

- Já que preferem assim... respondeu Odette num tom afetado, acrescentando: vocês sabem que não estou *fishing for compliments*.

- Muito bem, traga o seu amigo, se é agradável.

Decerto o "pequeno núcleo" não tinha qualquer ligação com a sociedade freqüentada por Swann, e um mundano puro não teria achado valer a pena ocupar sua posição excepcional para se fazer apresentar na casa dos Verdurin. Porém, Swann gostava tanto de mulheres que, depois de conhecer praticamente todas da aristocracia e quando elas nada mais tinham a lhe ensinar, já não dava a essas cartas de naturalização, que quase eram títulos de nobreza, que lhe outorgara o bairro de Saint-Germain, mais que um valor de troca, de letra de crédito, sem valor em si mesma, mas que lhe facultava improvisar uma situação num recanto da província, ou num ambiente obscuro de Paris, onde a filha do fidalgo, ou do tabelião lhe houvesse parecido ser bonita. Pois o desejo ou o amor lhe dava então um sentimento de vaidade do qual era isento na vida comum (embora tivesse sido esse mesmo sentimento, sem dúvida, que o levara à carreira mundana antigamente, fazendo-o desperdiçar o espírito em prazeres frívolos e colocar sua erudição nas artes a serviço das damas da sociedade, aconselhando-as em suas compras de quadros e no mobiliário de seus palacetes), e que o fazia desejar brilhar, aos olhos de uma desconhecida pela qual se apaixonara, com uma elegância que o nome de Swann, por si só, não implicava. Desejava-o principalmente se a desconhecida era de condição humilde. Da mesma maneira que não é a outro homem inteligente que um homem inteligente

terá receio de parecer imbecil, não é da parte de um fidalgo e sim de um estico que um homem elegante receará ver ignorada a sua elegância. Três quartos dos empenhos de espírito e das mentiras de vaidade que foram esbanjados, desde que o mundo é mundo, por pessoas a quem só poderiam rebaixá-los, o foram para seres inferiores. E Swann, que era simples e negligente com uma duquesa, temia ser desprezado e assumia poses na presença de uma camareira.

Não era como tantas pessoas que, por preguiça ou sentimento resignação, da obrigação que lhes impõe a grandeza social de ficarem amarrados a uma margem, se abstêm dos prazeres que a realidade lhes apresenta fora da população mundana em que vivem aquartelados até a morte, contentando-se em acabar, chamar prazeres, à falta de coisa melhor, uma vez que se habituaram a tal; divertimentos medíocres ou os tédios suportáveis que ela contém. Quanto a Swann, não procurava achar bonitas as mulheres com quem passava o tempo, mas pelo tempo com as mulheres que primeiro achara bonitas. E muitas vezes tratava as mulheres de beleza bem vulgar, pois as qualidades físicas que ele buscava se dar conta disto estavam em completo desacordo com as que lhe tornavam admiráveis as mulheres esculpidas, ou pintadas pelos mestres que preferia. A profundidade e a melancolia da expressão esfriavam-lhe os sentidos que, ao contrário, uma saudável, opulenta e rosada bastava para despertar.

Se numa viagem conhecia uma família com a qual seria mais elegante travar relações, mas na qual uma mulher aparecia a seus olhos com um encanto que ainda lhe era desconhecido, "manter a linha" e enganar o desejo que ele fizera nascer, substituir por um prazer diferente o prazer que poderia conhecer ela, escrevendo a uma antiga amante para que viesse vê-lo, tudo isso lhe, parecido uma tão covarde abdicação diante da vida, uma renúncia tão idiota na felicidade nova, como se, em vez de visitar a região, ele se tivesse encerrado num quarto para olhar retratos de Paris. Não se fechava no edifício de suas relações fizera dele, para poder reconstruí-lo em toda parte, de novo, quando uma mulher agradasse, uma dessas tendas desmontáveis que os exploradores trazem consigo. Quanto ao que não podia ser transportado, ou trocado por um prazer ele o teria considerado sem valor, por mais invejável que pudesse parecer aos outros. Quantas vezes seu crédito junto a uma duquesa, feito pelos desejo desta, acumulara durante anos de lhe ser agradável sem jamais ter tido a oportunidade de uma ocasião adequada, não o desfazia Swann de um só golpe, direto dela, com um despacho indiscreto, uma recomendação telegráfica que o em contato, imediatamente, com um de seus intendentes, cuja filha lhe quer atenção no campo, como o faria um esfomeado que trocasse um diamante pelo pedaço de pão. E a coisa, mais tarde, até que o divertia, pois havia contra-balançado por delicadezas sutis, uma certa grosseria. Além disso, esses tipos de homens inteligentes que viveram na ociosidade e que busca alívio e quem sabe uma

desculpa na idéia de que essa ociosidade oferece inteligência, a objetos tão dignos de interesse como os que lhes proporciona a arte e o estudo, que a "Vida" contém situações mais interessantes, mais belas, que todos os romances. Pelo menos assim o afirmava, persuadia facilmente os mais finos de seus amigos da sociedade, especialmente o Charles, a quem divertia com a narração de aventuras picantes que lhe tinha acontecido, seja que, tendo encontrado num trem uma mulher a quem logo levara para sua casa, descobrira que se tratava da irmã de um soberano em cujas mãos se emaranhavam, na ocasião, todos os fios da política européia, da qual assim ficara conhecendo os detalhes de modo bastante agradável; seja que, pelo jogo complexo das circunstâncias, dependia da escolha que fizesse o conclave saber se poderia ou não se tornar amante de uma cozinheira.

Aliás, não era somente a brilhante falange de virtuosas matronas, generais, acadêmicos, com quem estava particularmente ligado, que Swann forçava, com tanto cinismo, a lhe servir de mediadores. Todos os seus amigos tinham o hábito de receber, de vez em quando, uma carta dele, em que lhes era pedida uma palavra de recomendação ou de apresentação, com uma habilidade diplomática que, persistindo pelos amores sucessivos e os diversos pretextos, punham à mostra, mais do que o fariam as palavras irrefletidas, um caráter constante e uma identidade de objetivos. Muitos anos mais tarde, quando comecei a me interessar pelo seu caráter por causa das semelhanças que, sob outros aspectos, apresentava com o meu, muitas vezes me contaram que, quando escrevia a meu avô (que ainda não o era, pois foi mais ou menos à época do meu nascimento que principiou a grande ligação amorosa de Swann, que interrompeu por muito tempo essa prática), este, reconhecendo no envelope a letra do amigo, exclamava: "Aqui está Swann, que vai me pedir alguma coisa: cuidado!" E seja por desconfiança, seja pelo sentimento inconscientemente diabólico que nos leva a ofertar uma coisa apenas às pessoas que não a desejam, meus avós tinham por norma nunca atender aos pedidos mais fáceis de satisfazer que Swann lhes dirigia; como apresentá-lo a uma moça que jantava todos os domingos em nossa casa, sendo obrigados, cada vez que Swann tocava no assunto, a fingir que não ouviam, ainda que durante a semana inteira quebrassem a cabeça para imaginar quem poderiam convidar em companhia dela, e muitas vezes sem encontrar ninguém, só para não acenar àquele que ficaria tão feliz com isso.

Às vezes, um casal amigo de meus avós e que até então se queixava de nunca ver Swann, lhes anunciava com satisfação, e talvez um pouco na intenção de lhes causar inveja, que Swann agora era gentilíssimo com eles e nunca os deixava.

Meu avô não queria estragar-lhes o prazer, mas olhava para minha avó, cantarolando:

Que mistério é este que não consigo entender?
história fugitiva...
Nesses negócios
O melhor é não ver coisa alguma.

Alguns meses depois, se meu avô perguntava ao novo amigo de Swann:

"E o Swann, continua a vê-lo sempre muito?", o rosto do interlocutor encompridava: "Nunca mais pronuncie este nome na minha frente!"

"E eu julgava fossem tão unidos..."

Fora, desse modo, durante alguns meses, no íntimo dos primos de minha avó, jantando na casa deles quase todos os dias; de repente deixou de comparecer, sem qualquer aviso. Pensaram que estivesse doente e a prima de minha avó já ia mandar pedir notícias dele, quando encontrou na copa uma carta sua que ficara, por descuido, no livro de contas da cozinheira. Na carta, ele comunicava àquela mulher que ia deixar Paris e não mais poderia comparecer. É que ela era sua amante e, no momento de romper, apenas a ela achou que devia avisar.

Quando, ao contrário, sua amante do momento era uma pessoa da sua idade, ou pelo menos alguém cuja origem muito humilde, ou cuja situação bastante irregular, não a impedia que fosse recebida em sociedade, então, por causa dela, Swann voltava àquele meio, mas apenas na órbita particular em que ela transitava, ou então, aonde ele a levara.

"Inútil contar com Swann esta noite", diziam, "sabem muito bem que é o dia de Ópera da sua americana."

Dava um jeito para quê convidassem para salões, especialmente fechados, e onde ele tinha seus hábitos de seus jantares semanais, o seu pôquer; todas as noites, depois que uma leve ondulação aplicada aos cabelos ruivos havia matizado de alguma doçura, a vivacidade seus olhos verdes, Swann escolhia uma flor para a botoeira e saía para se encontrar com a amante, na mesa de alguma das mulheres do seu grupo; e então, pensa, na admiração e na amizade que as pessoas da moda, para quem ele era a palavra suprema, lhe devotariam diante da mulher que amava, ainda encontrava charme naquela vida mundana da qual se entediara, mas cuja substância, impregna calidamente colorida por uma chama insinuante que nela brincava, lhe parecia preciosa desde que a ela incorporara um novo amor.

Mas, ao passo que cada uma dessas ligações, ou cada um desses *flerte* fora a realização mais ou menos completa de um sonho nascido da vista de rosto, ou de um corpo que Swann, espontaneamente, sem muito esforço, julgasse atraentes; em compensação, quando um dia no teatro foi apresentado a Ode Crécy por um

de seus amigos de outrora, que lhe falara dela como de uma mulher deslumbrante, com quem poderia talvez chegar a alguma coisa, mas insinuando ela mais difícil do que o era na realidade, a fim de parecer ele próprio ter feito algo mais amável ao apresentá-lo, ela aparecera a Swann não sem beleza decerto, de um tipo de beleza que lhe era indiferente, que não lhe excitava nenhum desejo, chegando até a lhe causar uma espécie de repulsa física, uma dessas mulheres como todos têm, diversas para cada um, e que são o oposto do tipo que no sentidos exigem. Tinha um perfil acentuado demais para lhe agradar, a pele muito frágil, os pomos demasiado salientes, os traços do rosto muito enfezados. Os olhos eram belos, mas tão grandes, que cansavam o restante do rosto, deixando-se vencer pela própria massa, dando-lhe o aspecto de estar sempre mal-humorada.

Algum tempo depois dessa apresentação no teatro, ela lhe escrevera pedindo para ver suas coleções, que tanto a interessavam, "ela, uma ignorante que tinha gosto pelas belas coisas", dizendo que achava que o conheceria melhor quando o tivesse visto no seu *home*, onde ela o imaginava "tão confortavelmente instalado com seu chá e seus livros", embora não lhe escondesse a surpresa de saber que morava naquele bairro que devia ser tão triste e que era "tão pouco *smart* para ele, que o era tanto".

E depois que ele deixou que o visitasse, Odette, ao sair, lamentou ter ficado tão pouco tempo naquela casa onde tivera a fortuna de entrar, falando dele como se valesse para ela mais que as outras pessoas que conhecia, e parecendo estabelecer entre ambos uma espécie de tratado de união romanesca que o fizera sorrir. Mas, na idade já um pouco desiludida de que se aproximava Swann, na qual a gente sabe se contentar em estar apaixonado pelo prazer de sê-lo, sem exigir demais em troca, essa união de corações, se já não é como na primeira mocidade o fim para o qual tende necessariamente o amor, lhe fica ligada, em compensação, por uma associação de idéias tão forte que pode ser sua causa, se se apresenta antes dele. Antigamente, sonhava-se em possuir o coração de uma mulher da qual estávamos enamorados; mais tarde, sentir que possuíamos o coração de uma mulher podia bastar para que nos apaixonássemos por ela. Assim, como se busca no amor principalmente um prazer subjetivo, na idade em que poderia parecer que o gosto pela beleza de uma mulher assumisse a maior parte, o amor do amor mais físico-pode nascer sem que tenha ocorrido, em seus fundamentos, um desejo prévio. Nessa época da vida, a gente já foi diversas vezes atingido pelo amor; e ele já não evolui sozinho conforme suas próprias leis desconhecidas e fatais, ante o nosso coração espantado e inerme. Nós vamos em sua ajuda, iludimo-lo com a memória, com a sugestão. Ao reconhecer um de seus sintomas, relembramos e fazemos renascer os outros. Visto que possuímos sua canção, gravada inteirinha dentro de nós, não precisamos mais que uma

mulher que nos diga o começo repleto da admiração que inspira a beleza para encontrar a continuação. E se ela começa pelo meio-no ponto onde os corações se aproximam, onde a gente fala de só existir um para o outro-já estamos bem acostumados a essa música para que logo alcancemos a nossa parte *naire* no ponto em que nos espera.

Odette de Crécy voltou a ver Swann, e depois amiudou suas visitas; e sem dúvida cada uma delas renovava, nele, a decepção que sentia ao se achar diante desse rosto, cujas particularidades esquecera um pouco nos intervalos, e que não lhe vinha à lembrança, nem tão expressivo, nem, apesar da juventude, tão murcho; lamentava, enquanto conversavam, que a grande beleza dela não fosse do tipo da qual ele teria espontaneamente preferido. Aliás, é preciso dizer que o rosto de Odette "ia mais magro e mais proeminente porque a testa e a parte superior das faces, essa superfície unida e mais plana, era recoberta pela massa de cabelos à época, se usavam prolongados em "proas", levantados em "tufos", espalhados, mechas doidas ao longo das orelhas; e quanto ao corpo, admiravelmente tal era difícil perceber sua continuidade (por causa da moda da época e emboto fosse uma das parisienses que melhor se vestia), pois tanto o corpinho, avançava em saliência como sobre um ventre imaginário e terminando bruscamente ponta, ao passo que embaixo principiava a inchar-se o balão das saias duplas, às mulheres o aspecto de serem formadas de peças diversas, mal encaixadas nas outras; quanto os fofos, os babados e o colete, com toda a independência, de acordo com a fantasia de seu desenho, ou a consistência de seu tecido, segundo a linha que os levava aos nós, aos folhos da renda, às franjas de azeviche perpendiculares, ou que os dirigia ao longo das barbatanas, mas de maneira alguma servia ao ser vivo, que, conforme a arquitetura desses penduricalhos se aproximava, afastava muito da sua, ali se sentia apertado ou bem frouxo.

Mas quando Odette foi embora, Swann sorria, recordando que ele dissera, como o tempo demoraria a passar até que ele lhe permitisse regressar. Lembrava-se do ar inquieto e tímido com o qual pedira que não levasse tempo a chamá-la de novo, e os olhares que lhe deitara naquela ocasião, fixos numa súplica medrosa, e que a tornavam tocante sob o buquê de amores-perfeito artificiais da parte da frente do chapéu redondo de palha branca, presos com veludo negro.

"E você", disse ela, "não irá uma vez à minha casa tomar chá, se desculpar com trabalhos em andamento, um estudo - na verdade abandonado há anos - sobre Vermeer de Delft. "Compreendo que não posso fazer nada, insignificante como sou, ao lado de sábios como você", respondera Odette. "Seria a rã diante do areópago. E, no entanto, gostaria tanto de me instruir, ser iniciada. Como deve ser divertido bulinar, meter o nariz em papéis velhos!" - acrescentou contente consigo mesma, com esse ar que assume uma mulher elegante para afirmar que sua alegria é entregar-se, sem temor de se sujar, a uma sórdida, como por

exemplo, cozinhar "pondo as mãos na massa". "Você vai ver, esse pintor que o impede de me visitar (referia-se a Vermeer), nunca ouvi; nele; vive ainda? é possível ver suas obras em Paris, para que eu possa ter um daquilo que você gosta, adivinhar um pouco o que se esconde sob esta grande cabeça que trabalha tanto, esta cabeça que a gente percebe que está sempre pensando, e assim eu poderia dizer comigo mesma: ''eis aí, é nisto que ele está, do que sonho seria estar misturada aos seus trabalhos!" Ele se desculpara de medo das amizades novas, o que denominara, por gentileza, seu medo infeliz. "Você tem medo de uma afeição?''

''Como é engraçado, eu que não penso em outra coisa, eu que daria a minha vida para encontrar uma", dissera Odette tom de voz tão natural, tão convicto, que ele até se comoveu. "Você deve ter uma, por causa de uma mulher. E julga que todas as outras são como ela. Ela não pode compreendê-lo; você é um ser tão especial. Foi isso que me agradou primeiro em você, bem que senti que você não era como todos."

- "E você também", dissera-lhe Swann, "sei bem o que são as mulheres, deve ter grande número de ocupações, ter pouco tempo livre."

-"Ora, eu nunca tenho nada que fazer, estarei sempre livre para você! A qualquer hora do dia ou da noite em que lhe for cômodo me ver, mande-me buscar, ficarei muito feliz em poder vir. Fará assim? Mas sabe o que seria bom, seria apresentá-lo à Sra. Verdurin, a cuja casa vou todas as noites. Imagine a gente se encontrar lá, e eu podia pensar que você estaria lá um pouco por minha causa."

E sem dúvida, lembrando-se assim das conversas que tivera, pensando desse modo nela quando estava sozinho, o que fazia era apenas mover a sua imagem entre muitas imagens de mulheres em devaneios românticos; mas se, graças a uma circunstância qualquer (ou mesmo, talvez, sem que fosse devido a ela, pois a circunstância que se apresenta ao declarar-se um estado, até então latente, pode não ter influído em nada sobre ele) a imagem de Odette de Crécy acabava por absorver todas as suas fantasias, se é que elas já não eram mais separáveis de suas recordações, então era porque as imperfeições do corpo dela já não tinham mais importância nenhuma, nem que fosse, mais ou menos como qualquer outro corpo, do gosto de Swann, pois que, tornando-se o corpo daquela a quem amava, seria desde então o único a poder lhe causar alegrias e sofrimentos.

Meu avô conhecera bem, o que não se podia dizer de nenhum de seus amigos atuais, a família desses Verdurin. Mas, perdera de vista, totalmente, aquele que chamava o "pequeno Verdurin", a quem considerava, generalizando um pouco, como um decaído entre os boêmios e a gentalha, muito embora conservasse alguns milhões.

Um dia recebeu uma carta de Swann perguntando se o podia pôr em contato com os Verdurin: "Em guarda! Em guarda!", gritara meu avô. "Isto não me espanta absolutamente, era bem por aí que Swann deveria acabar. Belo ambiente! Primeiro, não posso fazer o que me pede pois, não conheço mais esse senhor. E depois, isso me cheira a coisa de mulher, não me meto nesses negócios. Muito bem! Vai ser divertido se Swann se engraçar com os Verdurin." E, diante da resposta negativa de meu avô, foi a própria Odette quem levara Swann à casa dos Verdurin.

No dia em que Swann apareceu pela primeira vez, os Verdurin tinham para jantar o Dr. Cottard e esposa, o jovem pianista e sua tia, e o pintor que era o favorito da ocasião, além de alguns outros fiéis.

O Dr. Cottard nunca sabia ao certo como deveria responder a alguém, se seu interlocutor queria rir ou estava sério. E, ao acaso, ele acrescentava a todas as suas expressões fisionômicas o oferecimento de um sorriso condicional e provisório na finura expectante, o desculparia da censura de ingenuidade, se as palavras que lhe dirigiam, fossem de fato espirituosas. Porém, como tinha de enfrentar a face oposta, nunca deixava o sorriso se afirmar nitidamente no rosto, onde se via flutuar perpetuamente uma incerteza em que se lia a pergunta que não tem coragem de fazer:

"O senhor fala isto a sério?"

Da mesma maneira que nos salões, não estava igualmente certo de como devia se comportar na rua, e até, em geral na vida, e assim opunha aos passantes, aos carros e aos acontecimentos um só malicioso, que previamente eliminava de sua atitude toda impropriedade, visto que provava, se não era adequada ao caso, que ele bem o sabia e só por zombar procedera daquele jeito. Entretanto, em todos os assuntos onde era permitido, o doutor não deixava de esforçar-se para restringir o campo de incertezas e de completar sua instrução.

Assim é que, conforme os conselhos que a mãe previdente lhe dera, quando deixara sua província, jamais deixava passar, ora uma locução, ora um próprio, que lhe fossem desconhecidos, sem tentar documentar-se a respeito.

Quanto às locuções, era insaciável nas indagações, pois supondo tivessem, às vezes, um sentido mais preciso do que têm, desejaria saber o que se dizer com exatidão com aquelas que ouvia com mais freqüência: o frescor da idade, sangue azul, uma vida desregrada, o momento crítico, ser o árbitro da escola, dar carta branca, estar entre a espada e a parede, etc., e que em certos casos poderia, por seu turno, empregá-las na conversa. Na sua falta, empregava jogo de palavras que havia aprendido.

Quanto aos nomes próprios novos que pronunciavam à sua frente, contentava-se em repeti-los em tom interrogativo, que julgava suficiente para obter explicações

sem dar a impressão de pedi-las.

Como fosse inteiramente destituído do senso crítico que julgava este a tudo, o requinte da polidez que consiste em afirmar a alguém que nos deve favor, que os favorecidos somos nós, mas sem esperar que nos creia, era trabalho perdido com o doutor, que tomava tudo ao pé da letra. Fosse qual fosse a opinião da Sra. Verdurin a seu respeito, ela acabara, mesmo continuando a achá-lo fino, por se aborrecer ao ver que, quando ela o convidava para assistir, ou ouvir Sarah Bernhardt, e lhe dizia, para maior gentileza: "Agradeço-lhe muito ter vindo, doutor, tanto mais que tenho certeza de que já ouviu muitas vezes Sarah Bernhardt, e, além disso, estamos talvez muito perto do palco", o Dr. Cottard, entrara no camarote com um sorriso que esperava, para se acentuar ou desaparecer, que alguém com autoridade o informasse acerca do valor do espetáculo respondia: "De fato, estamos muito perto e já começamos a ficar cansados de Sarah Bernhardt. Mas você me expressou o desejo de que eu viesse. Seus desejos são ordens. Fico muito feliz em lhe prestar este serviço. O que não faria para lhe ser agradável, você é tão gentil!" E acrescentava: "Sarah Bernhardt é mesmo a Voz de Ouro, não é? Diz-se também, muitas vezes, que quando representa o teatro vem abaixo. É uma expressão estranha, não?", na expectativa de comentários que não vinham.

"Tu sabes", dissera a Sra. Verdurin ao marido, "acho que não procedemos bem quando, por modéstia, depreciamos o que oferecemos ao doutor. É um sábio que vive fora da realidade prática, sem conhecer por si mesmo o valor das coisas, julgando-as pelo que lhe dizemos."

-"Não tinha coragem de lhe dizer, mas já havia reparado", respondeu o Sr. Verdurin. E no dia do próximo Ano-Novo, em vez de mandar ao doutor um rubi de três mil francos, dizendo que valia bem pouco, o Sr. Verdurin comprou uma imitação por trezentos francos, dando-lhe a entender que dificilmente poderia ver outra mais bela.

Quando a Sra. Verdurin anunciara que teriam, naquela reunião, o Sr. Swann: "Swann?", exclamara o doutor com um tom que a surpresa fazia brutal, pois a menor novidade sempre pegava mais desprevenido que ninguém esse homem que se considerava permanentemente preparado para tudo. E vendo que não lhe davam resposta: ''Swann? Mas quem é Swann?", gritou, num ímpeto de ansiedade que se deteve de súbito quando a Sra. Verdurin disse: "Ora, o amigo de que Odette nos falou." - "Ah, muito bem, está tudo bem", respondeu o doutor acalmado. Quanto ao pintor, regozijou-se com a introdução de Swann na casa da Sra. Verdurin, pois supunha-o apaixonado por Odette e gostava de favorecer as ligações amorosas. "Nada me agrada mais do que fazer casamentos", segredou ao ouvido do Dr. Cottard, "já consegui realizar muitos, até entre mulheres!" Dizendo aos Verdurin que Swann era muito *smart*, Odette os fizera recear um

"maçante".

Mas, ao contrário, ele lhes causou excelente impressão, sendo uma de cujas causas indiretas, à sua revelia, o fato de ter ele o hábito de freqüentar as casas elegantes. Com efeito, Swann tinha sobre os homens que nunca freqüentaram a sociedade, mesmo os mais inteligentes, uma das superioridades dos que já viveram um pouco nesse ambiente, que é o de não mais transfigurá-lo pelo desejo ou pelo horror que inspira à imaginação, e considerá-lo como não tendo qualquer importância. Sua amabilidade, isenta de todo esnobismo e do medo de parecer amável demais, tornando-se independente, tem essa facilidade, essa graça de movimentos, daqueles cujos membros flexíveis executam precisamente o que eles querem, sem a participação indiscreta e desajeitada do resto do corpo. A simples ginástica elementar do homem da sociedade, que estende a mão com amabilidade ao rapaz desconhecido que lhe apresentam, e se inclina com reserva diante do embaixador a quem é apresentado, acabara por tornar-se parte, sem que ele se desse conta, de toda a atitude social de Swann, que em face à pessoas de um meio social e o seu, como eram os Verdurin e seus amigos, deu instintivamente mostras de uma solicitude e se fez atencioso, o que, segundo eles, nenhum "maçante'' daria ao trabalho de exibir. Só um momento de frieza ocorreu, e com o Dr. Cottard, vendo-o piscar-lhe o olho e sorrir ambiguamente ainda antes de se terem apresentado (mímica que Cottard chamava "deixar que corra"), Swann julgou sem dúvida que doutor o conhecia por ter se encontrado com ele em algum lugar alegre, em freqüentasse bem raramente e jamais tivesse vivido no mundo da boêmia. Acordo de mau gosto a alusão, sobretudo em presença de Odette, que poderia fazer mau juízo dele, mostrou-se bastante frio. Mas, ao saber que a dama que está ao lado do doutor, era a Sra. Cottard, imaginou que um marido tão jovem não, procurando referir-se, diante da mulher, a tais divertimentos; e deixou de atribuir conivente do doutor o sentido que temia.

E logo o pintor convidou Swann com Odette ao seu ateliê; Swann achou-o gentil. "Talvez ele o favoreça mais do que a mim", disse a Sra. Verdurin, num tom de despeito fingido, "e lhe mostre o retrato de Cottard (ela o havia encomendado ao pintor). Pense bem, 'senhor' Biche", lembrou ao pintor (a quem era um gracejo consagrado chamar de "senhor"), "no olhar, nesse não sei quê de fino e divertido que há nos olhos. Você sabe que eu quero ter, sobretudo, é o seu sorriso, o que lhe pedi foi o retrato do seu esposo como essa expressão lhe parecesse notável, repetiu-a bem alto para estar certa que vários convidados a ouvissem, e mesmo, sob um pretexto qualquer, fez alguns se aproximarem.

Swann pediu para ser apresentado a todos, até ao velho amigo dos Verdurin, Saniette, cuja timidez, simplicidade e bom tom, conseguiram fazer que perdesse em toda parte a consideração que lhe valeram seu conhecimento dos arquivos,

sua grande fortuna e a distinta família a que pertencia falar, enrolava adoravelmente as palavras e sentia-se que aquilo trazia melhor defeito da língua que uma qualidade da alma, como um resto de inocência da primeira idade que ele jamais perdera. Todas as consoantes que não podia pronunciar, eram como outras tantas durezas de que se mostrava incapaz na vida. Ao ser apresentado ao Sr. Saniette, Swann deu à Sra. Verdurin a impressão de inverter os papéis (a ponto que, em resposta, ela disse, acentuando a dizer: "Senhor Swann, quer ter a bondade de me permitir apresentar-lhe o nosso Saniette"), mas fez nascerem Saniette uma simpatia calorosa que, aliás, os Verdurin nunca revelaram a Swann, pois Saniette os aborrecia um pouco e eles interessavam em conseguir-lhe amigos. Mas, em compensação, Swann os deu infinitamente, julgando dever pedir logo que o apresentassem à tia de vestido preto, como sempre, porque achava que de preto a gente está sempre bem, e é o que há de mais distinto, tinha o rosto excessivamente rubro como a vez que acabava de comer. Inclinou-se diante de Swann com respeito, mas veio erguer-se como majestade. Como não possuísse nenhuma instrução e temia ter erros de francês, pronunciava as frases de modo confuso, pensando se errasse a pronúncia, ficaria o erro esfumado em tal vacuidade que não seria distingui-lo com certeza, de modo que sua conversação não passava de um rouquejar indistinto do qual emergiam, de vez em quando, os raros vocábulos de que ela se sentia segura. Swann achou que não faria mal zombar levemente dela ao falar ao Sr. Verdurin, que, pelo contrário, ficou ressentido.

"É uma mulher excelente", respondeu. "Concordo que não é deslumbrante; mas asseguro-lhe que é agradável quando se conversa a sós com ela." - "Não duvido", apressou-se a conceder Swann. "Eu queria dizer que ela não me parecia 'eminente'", acrescentou, destacando o adjetivo, "e enfim é antes um cumprimento!"-"Veja", disse o Sr. Verdurin, "eu vou deixá-lo espantado, ela escreve de forma encantadora. Nunca ouviu o seu sobrinho? É admirável, não é mesmo, doutor? Quer que lhe peça para tocar alguma coisa, senhor Swann?"-"Seria uma felicidade ...", começava a responder Swann, quando o doutor o interrompeu com ar de troça. De fato, tendo aprendido que, numa conversa, estava fora de moda o emprego da ênfase, das formas solenes, quando ouvia uma palavra grave dita em tom sério, como o acabava de ser o vocábulo "felicidade", julgava que aquele que o pronunciara se mostrava pedante. E se essa palavra se achasse, por acaso, naquilo a que denominava uma velha chapa, aliás, por mais corrente que a palavra fosse, o doutor supunha que a frase começada era ridícula e terminava-a ironicamente com o lugar-comum que parecia acusar seu interlocutor de ter desejado empregá-lo, embora este nem tivesse pensando em tal coisa.

- Uma felicidade para a França! gritou maliciosamente, erguendo os braços com

ênfase.

O Sr. Verdurin não pôde deixar de rir.

- De que está rindo todo esse pessoal aí? Parece que nesse cantinho não há lugar para a melancolia exclamou a Sra. Verdurin. - Se acham que estou me divertindo, sozinha de castigo... acrescentou em tom despeitado, com jeito de criança.

Ela estava sentada numa alta cadeira sueca de pinho envernizado, presente de um violinista daquele país, e que ela conservava, conquanto parecesse ter a forma de um escabelo e não combinasse com os belos móveis antigos que ela possuía; mas ela timbrava em pôr em evidência os presentes que os fiéis costumavam lhe fazer de tempos em tempos, para que os doadores tivessem o prazer de reconhecê-los quando vinham. Assim, tentava convencê-los a se restringirem às flores e aos bombons, que pelo menos são perecíveis; mas não o conseguia e sua casa virava uma coleção de aquecedores, almofadas, pêndulos, biombos, barômetros, vasos orientais, numa acumulação de repetições e num disparate de presentes.

Daquele posto elevado, a Sra. Verdurin participava com animação da conversa dos fiéis e se divertia com suas "troças", mas desde o acidente ocorrido com sua mandíbula renunciara ao esforço de dar gargalhadas de verdade, e, em vez disso, entregava-se a uma mímica convencional que significava, sem fadiga nem que ela ria até as lágrimas. A menor piada soltada por um *habitué* contra um "maçante", ou contra um velho *habitué* relegado ao grupo dos "maçantes" -e maior desespero do Sr. Verdurin, que durante longo tempo tivera a pretensão" tão amável como a esposa, mas que ria abertamente, logo perdendo o fôlego, e afastado e vencido por aquela astúcia de uma disparidade incessante e fictícia, soltava um gritinho, fechava completamente os olhos de pássaro que começava a cegar, e de súbito, como se só tivesse tido tempo de evitar um escuso indecente ou um ataque mortal, escondendo o rosto nas mãos que sem deixar mais ver coisa alguma, aparentava se esforçar para reprimir, naquilo um riso que, se a ele se abandonasse, a teria levado ao desmaio. Assim, até pela alegria dos fiéis, ébrio de camaradagem, de maledicência e de assentimento a Sra. Verdurin, do alto do seu poleiro, à semelhança de um pássaro a quem tive mergulhado o biscoito em vinho quente, soluçava de gentileza.

Entretanto, o Sr. Verdurin, depois de ter pedido a Swann licença para acender o cachimbo ("aqui ninguém se incomoda, estamos entre amigos"), solicitou ao jovem pianista que se sentasse ao piano.

- Vamos, não o incomodes, ele não está aqui para ser atormentado - gritou a Sra. Verdurin - não consinto que o atormentem.

- Mas porque achas que isso vai aborrecê-lo?- indagou o Sr. Verdurin- o Sr. Swann

talvez não conheça a sonata em fá sustenido que descobrimos para nos tocar o arranjo para piano.

-Ah, não! Nada da minha sonata! -exclamou a Sra. Verdurin.- Não quero que me venha, de tanto chorar, um refluxo com nevralgias do rosto, como da última vez. Obrigada pelo presente, não desejo recomeçar; vocês são muito carinhosos, mas já se vê que não são vocês que ficariam de cama durante oito dias.

Esse pequeno drama, que se renovava todas as vezes que o piano tocava, encantava os amigos como se fosse novo, como prova da originalidade sedutora da "Patroa" e de sua sensibilidade musical. Os que estavam perto; faziam sinal aos que, mais distantes, fumavam ou jogavam cartas, para que se aproximassem, pois se passava algo, dizendo-lhes, como se faz no Reichst momentos interessantes: "Escutem, escutem."

E no dia seguinte sentiam daqueles que não tinham podido vir, dizendo-lhes que a cena fora ainda mais maçada que de costume.

-Muito bem, fica entendido - disse o Sr. Verdurin-, ele só tocará o andante.

- Que andante! Ora essa exclamou a Sra. Verdurin. - Pois se é justo o andante que me deixa destroçada. Essa do Patrão é boa! É como se na hora dissesse: só ouviremos o final, ou nos Mestres, a abertura.

No entanto, o doutor insistia com a Sra. Verdurin para que deixasse o pianista tocar, não que julgasse fingidos os contratempos que a música lhe vale, reconhecia naquilo alguns sintomas de neurastenia -, mas devido a hábito de muitos médicos, de diminuírem logo a severidade de suas prescrições, desde que esteja em jogo, o que lhes parece muito mais importante, alguma recepção mundana da qual fazem parte e de que um dos fatores fundamentais é a pessoa a quem aconselham esquecer por uma vez a sua dispepsia.

- Não ficará doente desta vez, vai ver. - disse-lhe o doutor, procurando sugestioná-la com o olhar. - E, se ficar doente, cuidaremos bem da senhora.

-Verdade? - respondeu a Sra. Verdurin, como se diante da esperança de um tal favor não restava senão capitular. Também, talvez, de tanto dizer que ficaria doente, havia momentos em que não se lembrava mais que aquilo era uma mentira e tornava-se intimamente enferma. Ou então esses doentes que, cansados de sempre serem obrigados a fazer depender de seus conhecimentos a raridade dos acessos, preferem crer que poderão fazer impunemente tudo aquilo que lhes agrada e geralmente lhes faz mal, sob a condição de se colocarem nas mãos de uma criatura poderosa que, sem que nada tenham a perder, os ponha novamente de pé com uma palavra ou uma pílula.

Odette fora sentar-se num canapé forrado de tapeçaria, perto do piano:

-Sabe que tenho o meu santinho - disse à Sra. Verdurin.

Esta, vendo Swann numa cadeira, pediu que se levantasse.

- O senhor não está bem aí, venha sentar-se ao lado de Odette. Não é verdade, Odette, que você vai arranjar um lugarzinho para o Sr. Swann?

-Que belo *Beauvais* - disse Swann antes de se sentar, querendo ser amável.

-Ah, fico satisfeita que aprecie meu canapé - respondeu a Sra. Verdurin. Previno-lhe desde já que, se quiser ver outro tão bonito, pode ir desistindo. Nunca fizeram nada igual. As cadeirinhas também são umas belezas. Daqui a pouco, vai observar tudo isso. Cada figura de bronze corresponde como símbolo ao tema do assento; se quiser passar um bom momento de diversão, venha ver tudo. Só os pequenos frisos das bordas, veja só! E as folhinhas de parra em fundo vermelho de O Urso e as Uvas. Não é bem desenhado? Que me diz o senhor, acho que eles é que sabiam desenhar! Não são apetitosas estas vinhas? Meu marido afirma que não gosto de frutas porque como menos frutas que ele. Mas não, sou mais gulosa que os senhores todos, mas não preciso pô-las na boca, pois desfruto-as com os olhos. De que é que estão todos rindo? Perguntem ao doutor, ele lhes dirá que essas uvas me deixam indisposta. Outros fazem temporadas de cura em Fontainebleau, mas eu faço a minha pequena cura de Beauvais. Mas, senhor Swann, não sairá daqui sem ter tocado os pequenos bronzes do espaldar. Não é bem suave como pátina? Mas não assim, de leve, toque-os com a mão inteira.

- Ah, se a Sra. Verdurin começa a apalpar os bronzes, não ouviremos música esta noite disse o pintor.

-Cale-se, o senhor é mau. No fundo disse ela virando-se para Swann - "bem-nos a nós, mulheres, coisas menos voluptuosas que isto. Mas não existe cadeira que se compare a esta. Quando o Sr. Verdurin me dava a honra de ter ciúmes de mim... Vamos, pelo menos procura ser polido; não me diga que nunca tiveste...

-Mas não estou dizendo nada. Olhe, doutor, tomo-o por testemunha: que eu disse alguma coisa?

Swann apalpava os bronzes por polidez e não ousava parar logo.

-Vamos, poderá acariciá-los mais tarde; agora é o senhor que vai ser apreciado, e acariciado no ouvido; gosta disto, suponho; eis um rapazinho que vou encarregar de tal.

Depois que o pianista tocou, Swann foi ainda mais amável com ele do que com as outras pessoas que ali se achavam. Eis a razão: no ano anterior, era a recepção, ele ouvira uma peça musical tocada ao piano e violino. A princípio admirara a qualidade material dos sons secretos tirados pelos instrumentos, aquilo já fora uma grande satisfação; eis senão quando, por baixo da linha menor do violino, tênue, resistente, densa e dominadora, ele vira de súbito elevar-se, marulho líqüido, a massa da parte do piano, multiforme, indivisa, plana,

entrechocada como a malva agitação das vagas que o luar encanta e memoriza em um dado momento, sem poder distinguir com nitidez um contorno, dar nome ao que lhe agradava, subitamente arrebatado, buscara recolher a frase harmonia ele mesmo não o sabia que passava e que lhe abria a alma largamente, como certos aromas de rosas que circulam no ar úmido da noite têm a propriedade de dilatar nossas narinas. Talvez porque não conhecia a música, pudera experimentar uma impressão tão confusa, uma dessas impressões que, no entanto, talvez sejam as únicas puramente musicais, não-extensas, inteira originais, irredutíveis a todo gênero diverso de impressões. Uma impressão do tipo, durante um momento, é por assim dizer *sine materia*. E claro que as notas então ouvimos, já se inclinam, segundo a altura e a quantidade, a cobrir dias nossos olhos superfícies de dimensões variadas, a traçar arabescos, sensações de largura, continuidade, estabilidade e capricho. Mas as notas de cem antes que essas sensações estejam bem formadas em nós para não se emergirem diante daquelas que as notas seguintes ou simultâneas já despertam essa impressão continuaria a envolver com sua liqüidez e o seu "fundo" os mesmos por instantes emergem, mal discerníveis, para logo mergulhar e desaparecer, conhecidos apenas pelo prazer particular que proporcionam, impossíveis descrever, de serem lembrados, denominados, inefáveis se a memória, com operário que trabalha para estabelecer fundações duradouras em meio às máquinas fabricando para nós *fac-símiles* dessas frases fugitivas, não nos permitisse compara-Ias às que as sucedem e diferenciá-las. Assim, mal havia expirado a sensação preciosa que Swann sentira, a sua memória lhe fornecera, de imediato, uma transação sumária e provisória, mas sobre a qual já lançara ele os olhos enquanto continuava a ser tocado, se bem que, quando a mesma impressão voltara disto, ela já não era inatingível. Ele lhe concebia a extensão, os grupamentos simétricos a grafia, o valor expressivo; tinha diante de si essa coisa que já não é mais música pura, que faz parte do desenho, da arquitetura, do pensamento, e que permite recordar a música. Desta vez havia distinguido nitidamente um trecho que se elevava por alguns instantes acima das ondas sonoras. Esse trecho lhe propusera logo volúpias especiais, que nunca imaginara antes de ouvi-lo, e percebia que somente ele lhe podia fazer conhecê-las, e sentiu por aquela frase como que um amor desconhecido.

Num ritmo lento, ela o dirigia primeiro para um lado, depois para outro, depois mais adiante, para uma felicidade nobre, precisa e ininteligível. E de repente, no ponto em que ela chegara e de onde ele se preparava para segui-la, depois de uma pausa de um segundo, mudava de direção bruscamente e, com um novo movimento, mais rápido, miúdo, permanente, melancólico e suave, ela o arrastava consigo para perspectivas desconhecidas. Depois, desapareceu. Ele desejou apaixonadamente revê-la uma terceira vez. E ela reapareceu, de fato, mas sem lhe falar mais claramente, causando-lhe mesmo uma volúpia menos

profunda. Mas, chegando em casa, teve necessidade dela, era como um homem em cuja vida uma mulher, mal entrevista por um momento, acaba de fazer entrar a imagem de uma beleza nova, que dá à sua sensibilidade um valor maior, sem que ele saiba sequer se poderá rever algum dia aquela que ele já ama e da qual ignora até o nome.

Mesmo esse amor por uma frase musical pareceu, por um instante, trazer a Swann a possibilidade de uma espécie de renovação. Decorrera tanto tempo que havia desistido de aplicar sua vida a um objetivo ideal e limitava-a a perseguir satisfações do dia-a-dia, que julgava, sem nunca o afirmar formalmente, que aquilo não se modificaria até sua morte; ainda mais, já não sentindo idéias elevadas no espírito, deixara de crer na realidade delas, sem todavia não poder negá-las de todo. Assim, adquirira o hábito de se refugiar em pensamentos desimportantes que lhe permitissem deixar de lado o fundo das coisas. Assim como não cuidava de indagar de si mesmo se não seria melhor freqüentar a sociedade, mas, em compensação, sabia com certeza que se aceitasse um convite devia comparecer e que, se não fizesse visitas, deveria deixar um cartão, assim também, na conversação, esforçava-se para nunca exprimir sinceramente uma opinião íntima sobre as coisas, e sim de fornecer detalhes materiais que de certa forma valessem por si mesmos, evitando que os avaliasse em toda a medida. Era extremamente preciso quanto a uma receita culinária, quanto à data de nascimento ou morte de um pintor, quanto à nomenclatura de suas obras. Às vezes, apesar de tudo, permitia-se emitir uma opinião sobre uma obra, sobre uma forma de compreender a vida, mas então dava a suas palavras tom irônico, como se não aceitasse inteiramente o que dizia. Ora, como certos extraordinários a quem, de súbito, uma região aonde chegam, um regime diverso, à uma evolução orgânica, espontânea e misteriosa, parecem trazer uma regressão do mal de que sofrem, e começam a admitir a possibilidade inesperada de principiar, ainda que tarde, uma vida completamente diferente; Swann encontrou em si, na lembrança da frase que ouvira, em certas sonatas que mandava tocar ver se a descobria, a presença de uma dessas realidades invisíveis em que deixa de acreditar e às quais, como se a música tivesse tido, sobre a secura moral de que ele sofria, uma espécie de influência eletiva, sentia de novo o desejo e quase a de consagrar a vida. Porém, não tendo conseguido saber quem era o compositor da melodia que ouvira, não pudera procurá-la e a acabara esquecendo. Encontrou naquela semana algumas pessoas que, como ele, se achavam nessa recepção a interrogar; mas vários tinham chegado após a música, e outros saíram antes no entanto, alguns lá estavam durante a execução da peça, mas tinham ido comer em outro salão, e outros, que ficaram para ouvir, só tinham escutado as primeiras notas. Quanto aos donos da casa, sabiam que se tratava de uma obra nova que os artistas contratados tinham pedido para tocar; tendo estes partido para uma festa, Swann não pôde saber mais nada. Contava

com muitos amigos músicos embora recordasse o prazer especial e intraduzível que lhe dera a frase, vendo dos olhos as formas que ela desenhava, era todavia incapaz de cantá-la para depois, mas deixou de pensar naquilo.

Ora, somente alguns minutos depois que o jovem pianista começou a tocar na casa da Sra. Verdurin, eis que de repente, depois de uma nota alta longa sustentada durante dois compassos, Swann viu se aproximar, escapando-se dessa sonoridade prolongada e tensa, como uma cortina sonora para ocultar o mistério de sua incubação, reconhecendo, secreta, sussurrante e fragmentária a frase aérea e perfumada que amava. E ela era tão particular, tinha um charme individual e que nenhuma outra poderia substituir, que aquilo foi para Swann como se houvesse encontrado num salão amigo, uma pessoa que admirara, e que esperava encontrar de novo. Por fim, a frase se afastou, indicadora, cuidadosa, por entre as ramificações de seu perfume, deixando no rosto de Swann o resto de seu sorriso.

Mas, agora, ele podia perguntar o nome de sua desconhecida disseram-lhe que se tratava do andante da Sonata para piano e violino, de Vinteuil, e podia tê-la consigo o quanto quisesse e tentar apreender a sua língua e o seu segredo.

Assim, quando o pianista acabou, Swann se aproximou dele para expressar seu reconhecimento com uma vivacidade que muito agradou à Sra. Verdurin - Que fascinante, não acha?-disse ela a Swann.-Como entende bem sua sonata, o patifezinho! O senhor não sabia que o piano chegasse a tanto; que é tudo, menos piano! Cada vez que o ouço, parece-me uma orquestra. E melhor que uma orquestra, mais completo.

O jovem pianista se inclinou e, sorrindo, sublinhando as palavras como se dissesse uma frase espirituosa:

-A senhora é muito condescendente comigo - disse.

E enquanto a Sra. Verdurin dizia ao marido: "Vamos, dá-lhe uma laranjada, que ele bem fez por merecer", Swann contava a Odette como se enamorara daquela frase musical.

Quando a Sra. Verdurin disse, um pouco longe: "Veja só! Parece que estão a fim de lhe dizer coisas bonitas, Odette", esta replicou: "Sim, muito bonitas", e Swann achou deliciosa a sua simplicidade. Entretanto, ele pedia informações acerca de Vinteuil, sobre sua obra, sobre a época da vida em que compusera aquela sonata, sobre o que teria podido significar para ele a pequena frase, e era isto, principalmente, o que desejava saber.

Mas todas aquelas pessoas que confessavam admirar o músico (quando Swann dissera que a sonata era verdadeiramente bela, a Sra. Verdurin exclamara: "Claro que é bela!

Mas não se confessa desconhecer a sonata de Vinteuil, ninguém tem o direito de ignorá-la", e o pintor acrescentara: "Ah, é realmente uma grande composição, não é mesmo? Se quiserem, não se trata, é certo, de uma obra 'cara' e 'pública', não é? Mas que grande impressão causa nos artistas", tais pessoas pareciam jamais ter questionado o assunto, pois foram incapazes de responder.

Até uma ou duas observações particulares feitas por Swann sobre sua frase preferida:

- Certo, é engraçado, nunca tinha prestado atenção; digo-lhe que não gosto muito de esmiuçar as coisas nem procurar agulha em palheiro; aqui não se perde tempo em cortar um fio de cabelo em dois, não é o gênero da casa respondeu a Sra. Verdurin, a quem o Dr. Cottard olhava, com uma admiração beata e um zelo estudioso, enquanto ela se agitava no meio daquelas ondas de frases feitas. Aliás, ele e a Sra. Cottard, com uma espécie de bom senso como o de certa gente do povo, evitavam dar uma opinião ou fingir admiração por uma música que confessavam um ao outro, logo que voltaram para casa, não compreender mais que a pintura do "Senhor Biche". Como o público só conhece, do encanto, da graça, e das formas da natureza aquilo que pôde absorver nas imitações de uma arte lentamente assimilada, e um artista original começa por rejeitar essas imitações, o Sr. e a Sra. Cottard, que nisso eram imagem do público, não achavam nem na sonata de Vinteuil, nem nos quadros do pintor, o que constituía para eles a harmonia da música e a beleza da pintura. Quando o pianista executava a sonata, parecia-lhes que ele arrancava, ao acaso, do piano algumas notas que não se uniam na verdade conforme as medidas a que estavam acostumados, e que o pintor lançava ao acaso as cores na tela. Quando em uma dessas podiam reconhecer uma forma, achavam-na pesada e vulgar (ou seja, desprovida da elegância da escola de [illegible] foram [illegible]

-Talvez seja ele - exclamou a Sra. Verdurin.

- Ah, não! - respondeu rindo Swann. - Se o tivessem conhecido por minutos, nem formulariam a pergunta.

- Então, formular a pergunta é resolvê-la? observou o doutor.

- Mas poderia ser um parente continuou Swann -, seria muito bom, mas, enfim, um homem genial pode ser primo de um pobre diabo. Se for ele, confesso que faria os maiores sacrifícios para que esse pobre diabo me apresentasse ao autor da sonata: em primeiro lugar, o suplício que seria entrar em contato com o pobre-diabo, que seria horrível.

O pintor sabia que Vinteuil estava muito doente e que o Dr. Potain temia não poder salvá-lo.

- Como! gritou a Sra. Verdurin. - Ainda há gente que se entrega, aos cuidados de Potain?

-Ah, Sra. Verdurin-disse Cottard, num tom afetado-, lembre-se que falando de um de meus aconfrades, deveria dizer um de meus mestres.

O pintor ouvira dizer que Vinteuil estaria ameaçado de alienação mental, assegurava que era possível percebê-lo em algumas passagens da sonata. Swann não achou absurda a observação, mas ela o perturbou; pois uma obra musical pura, não contendo nenhuma das relações lógicas cuja alteração de língua denuncia a loucura, a loucura reconhecida numa sonata lhe parecia algo tão misterioso como a loucura de uma cadela ou de um cavalo, que entretanto são demais observadas.

- Não me venha com seus mestres; sabe o senhor dez vezes mais que respondeu a Sra. Verdurin ao Dr. Cottard, num tom de pessoa que tem a coragem, de suas opiniões e enfrenta com bravura os que se lhe opõem. - O senhor ao menos não mata seus doentes!

- Mas, minha senhora, ele pertence à Academia replicou o doutor num tom irônico. - Se um doente prefere morrer às mãos de um dos príncipes ciência... É muito mais chique poder dizer: "Estou sendo tratado por Potain."

- Ah, então é mais chique? retrucou a Sra. Verdurin. - Pois agora existe chique nas doenças? Eu não sabia disso... Como o senhor é engraçado! -exclama ela de repente, escondendo o rosto nas mãos. - E eu, grande imbecil, que disse com seriedade sem perceber que o senhor estava a fim de me irritar.

Quanto ao Sr. Verdurin, achando ser meio cansativo pôr-se a rir por tão pouco, contentou-se em tirar uma baforada do cachimbo, pensando com tristeza que não mais podia atingir a mulher em matéria de amabilidade.

-Saiba que seu amigo nos agrada bastante - disse a Sra. Verdurin a Odette no

momento em que esta lhe dava boa-noite. - Ele é simples, encantador; se você tiver de nos apresentar sempre amigos como este, pode trazê-los quando quiser.

O Sr. Verdurin observou que, no entanto, Swann não gostara da tia do pianista.

- Ele se sentiu um pouco deslocado respondeu a Sra. Verdurin. - Não haverias de querer que ele já se portasse como íntimo da casa, como o Dr. Cottard, que faz parte do nosso pequeno clã há vários anos. A primeira vez não conta, é útil para início de conversa. Odette, combinamos que ele virá encontrar-se conosco amanhã, no Chatelet. Que tal você ir buscá-lo em casa?

-Ah, não. Ele não quer.

- Oh, enfim, façam como quiserem. Contanto que ele não vá desertar na última hora.

Para grande espanto da Sra. Verdurin, Swann jamais desertou de ajuntar-se a eles fosse onde fosse, às vezes nos restaurantes do subúrbio, ainda pouco freqüentados, por ser ainda fora de época, mais amiúde no teatro, de que a Sra. Verdurin gostava muito; e como um dia dissera, diante dele, que para as estréias de gala lhes seria muito útil um passe livre, e que fora bem aborrecido não terem um no dia do enterro de Gambetta. Swann, que nunca falava de suas brilhantes relações, mas só daquelas mal consideradas que teria julgado pouco delicado esconder, e em cujo número adquirira o hábito, no bairro de Saint-Germain, de incluir as relações com a sociedade oficial, respondeu:

- Prometo-lhe ocupar-me disso, a senhora terá seu passe livre a tempo para ver a *reprise* dos Danicheff; exatamente amanhã, estarei almoçando com o chefe de polícia no Elysées.

- Como? No Elysées? exclamou o Dr. Cottard, com voz atroadora.

- Sim, na casa do Sr. Grévy. - respondeu Swann, um pouco sem jeito com o efeito que sua frase causara.

E o pintor disse ao médico, em tom de gracejo:

- Isso lhe acontece com freqüência?

Em geral, após dada a explicação, Cottard dizia:

"Ah, muito bem, tudo certo" e não mostrava mais qualquer emoção. Mas desta vez, as últimas palavras de Swann, em vez de lhe trazerem o sossego de costume, levaram ao auge o seu espanto de que um homem com quem estava jantando, que não tinha cargos oficiais, nem distinção de qualquer espécie, fosse íntimo do chefe de Estado.

-Como o Sr. Grévy? O senhor conhece o Sr. Grévy? - perguntou a Swann com ar estúpido e incrédulo de um guarda municipal a quem um desconhecido pede

para ver o Presidente da República e que, compreendendo por essas palavras "com quem está falando", como dizemos jamais, assegura ao pobre demente será recebido logo e o encaminha à enfermaria especial da Detenção.

-Conheço-o ligeiramente, temos amigos comuns (não ousou dizer que se tratava do Príncipe de Gales); ademais, ele faz convites com muita facilidade posso lhe garantir que esses almoços não têm nada de divertido; são, aliás, simples, nunca há mais de oito à mesa. - Respondeu Swann, que buscava diminuir o que pudesse haver de muito estrondoso, aos olhos de seu interlocutor, nas ações com o Presidente da República.

E logo Cottard, reportando-se às palavras de Swann, adotou, a respeito o valor dos convites do Sr. Grévy, a opinião de que eram pouco procurados, andavam aos montes por aí. Desde então, não se espantou mais que Swann, como outra pessoa, freqüentasse o Elysées, e até o lamentava um tanto, por ter almoço, que o próprio convidado confessava serem aborrecidos.

- Ah, muito bem, tudo certo disse Cottard com um tom de guarda há pouco desconfiado, mas, que depois de nossas explicações, dá alfândega, à visto e nos deixa passar sem abrir as malas; julgo que não são divertidos esses almoços e que o senhor faz.

-Ah, sacrifício enorme em comparecer a eles - disse a Sra. Verdurin, a quem o Presidente da República parecia ser um "maçante" particularmente temível, porque dispunha de meios de sedução e coação que, empregados relativamente aos fiéis, teriam sido capazes de fazê-los abandonarem o "clã". - Parece que é surdo como porta e que come com os dedos.

- Então, na verdade o senhor não deve divertir-se muito lá - disse com uma sombra de piedade; e, lembrando-se do número de oito convivas: - Almoços íntimos? - perguntou com vivacidade, demonstrando ainda mais uma de lingüista, do que uma curiosidade de embasbaque.

Mas o prestígio que o Presidente da República tinha a seus olhos, no entanto, por triunfar sobre a humildade de Swann e a má vontade da Sra. Verdurin; em todos os jantares Cottard perguntava interessado:

-Veremos esta noite o Swann? Ele se relaciona pessoalmente com o Sr. Grévy. É isto o que se deve a um *gentleman*, certo?-Chegou mesmo a lhe oferecer um convite para a Expo- Odontológica.

- O senhor será admitido com as pessoas que estiverem em sua companhia, mas lá não deixam entrar cães. Compreende, digo-lhe isto porque tiveram os que não o sabiam e ficaram com as mãos abanando.

Quanto ao Sr. Verdurin, percebeu ele o mau efeito que tivera sobre mulher a descoberta de que Swann tinha amigos poderosos de que jamais seriam, não

conseguira uma diversão fora, era na casa dos Verdurin que se encontrava o pequeno núcleo, mas só comparecia à noite e quase nunca aceitava jantar, apesar da insistência de Odette.

_ Poderia até jantar a sós com você, se preferir - dizia ela. -E a Sra. Verdurin?

-Ora, muito simples. Basta que eu diga que minha roupa não ficou pronta, que meu carro chegou atrasado. Há sempre um meio de ajeitar as coisas.

-Você é gentil.

Mas dizia Swann consigo que, se mostrasse a Odette (apenas consentindo em encontrá-la após o jantar) que havia prazeres que preferia ao de estar com ela, bem cedo se saciaria o gosto que ela sentia por ele. E, por outro lado, preferindo infinitamente, à beleza de Odette, a de uma pequena operária fresca e gordinha como uma rosa, de quem se achava enamorado, gostaria mais passar com ela o começo da noite, estando certo de que veria Odette a seguir. Por esses mesmos motivos é que não aceitava nunca que Odette viesse buscá-lo para ir aos Verdurin. A pequena operária o esperava perto da casa dele, numa esquina da rua que seu cocheiro Remi conhecia, e subia para o lado de Swann e permanecia em seus braços até o momento em que o carro chegava à porta dos Verdurin. A sua entrada, enquanto a Sra. Verdurin, mostrando as rosas que ele enviara pela manhã, dizia: "Estou zangada", e lhe indicava um lugar ao lado de Odette, o pianista tocava, para os dois, o pequeno trecho musical de Vinteuil, que era como que a ária nacional do seu amor. Ele começava com os trêmulos dos sustenidos no violino, que durante alguns compassos era só o que se ouvia, ocupando todo o primeiro plano; depois, de repente, pareciam se afastar e, como nesses quadros de Pieter De Hooch, que aprofundam o quadro estreito de uma porta entreaberta, ao longe, com uma cor bem diversa, no aveludado de uma luz interposta, o pequeno trecho aparecia, dançante, pastoral, intercalado, episódico, como se pertencesse a outro mundo. Passava em plissados simples e imortais, distribuindo aqui e ali os dons de sua graça, com o mesmo sorriso inefável; mas Swann julgava distinguir ali agora um tom de desencanto. O trecho musical parecia conhecer que aquela felicidade, cujo caminho mostrava, era vã. Em sua graça leve, possuía algo de completo, como o desinteresse que sucede à mágoa. Mas pouco lhe importava, considerando-o menos em si mesmo no que podia exprimir para um músico que ignorava a existência tanto dele como de Odette quando o compusera e para todos aqueles que o ouviriam pelos séculos a vir do que como um penhor, uma recordação de seu amor que, mesmo para os Verdurin, para o jovem pianista, fazia pensar nele e em Odette ao mesmo tempo; e os unia; a tal ponto que, como Odette, por capricho, lhe pedira, renunciara ele a mandar tocar por um artista a sonata inteira, da qual continuava a conhecer apenas aquela passagem. "Que necessidade tem do resto?", dissera Odette. "E o nosso trecho musical."

E sofrendo ao imaginar que, no momento em que a frase passava tão próximo e ao mesmo tempo no infinito, enquanto se encaminhava para eles, contudo não os conhecia. Swann quase lamentou que se tivesse um sentido, uma beleza intrínseca e fixa, estranha a ambos, como nas jóias que damos, ou até nas cartas escritas por uma mulher que reclamamos da água da gema e dos termos da linguagem por não serem feitas apenas da essência de uma ligação efêmera e de uma criatura determinada.

Muitas vezes ocorria que ele se atrasava tanto com a jovem operária, de ir à casa dos Verdurin, que tão logo o pianista acabava de tocar o pequeno musical, Swann se dava conta de que em breve chegaria a hora de Odette voltar à casa. Ele a levava até a porta da sua residência, na rua de La Pérouse, atrás do Triunfo. E talvez por isso, para não lhe pedir todos os favores, é que ele sacrificava o prazer, que lhe era menos necessário, de vê-la mais cedo, de chegar aos Verdurin com ela, ao exercício do direito, que ela lhe reconhecia, de saírem juntos, e ao Swann dava mais importância porque, graças a isto, sentia a impressão de que ninguém a via, ninguém se interpunha entre os dois, nem a impedia de estar com ele depois que a tivesse deixado.

Portanto, ela voltava no carro de Swann; uma noite, após descer, enquanto ele se despedia, Odette colheu precipitadamente no jardinzinho da casa um último crisântemo e o ofereceu antes que Swann fosse embora; manteve contra os lábios durante a volta e, quando dias depois a flor murchou, guardou-a cuidadosamente em sua escrivaninha.

Porém nunca entrava em casa de Odette. Duas vezes apenas, à tarde; participar de uma operação, de importância capital para ela: "tomar chá". O cimento e o vazio daquelas ruas curtas (quase todas compostas de pequenos pontos contíguos, de onde, subitamente, vinha romper a monotonia um sinistro para testemunha histórica e resíduo sórdido do tempo em que esses quarteirões tinham má fama), a neve que ficava no jardim e nas árvores, a desordem delas e a vizinhança da natureza conferiam algo de mais misterioso ao calor e às flores que Swann encontrava ao entrar.

Deixando à esquerda, no térreo de nível superior ao da calçada, o quarto de dormir de Odette, cujos fundos davam para uma ruazinha paralela, uma escada entre paredes pintadas de cores sombrias e de onde pendiam estofos orientais, de rosários turcos e uma grande lanterna japonesa suspensa a um cordão de (mas que, para não privar os visitantes dos últimos confortos da civilização ocidental, era iluminada a gás), subia para o salão e o pequeno salão, os quais precedidos por um vestíbulo estreito, cuja parede, quadriculada com um grande jardim, porém dourada, era margeada em todo o comprimento por uma caixa guiar onde florescia, como numa estufa, uma fileira desses grandes crisântemos, ainda raros àquela época, mas bem longe, no entanto, daqueles que os horticultores

conseguiram obter mais tarde. Swann se irritava com a moda que grassava o ano anterior, mas desta vez sentira o prazer de ver a penumbra da peça zebrosa, laranja e branco pelos raios odoríferos desses astros efêmeros que sucedem nos dias cinzentos. Odette o recebera de *chambre* de seda cor-de-rosa, e os braços despidos. Fizera-o sentar-se a seu lado num dos inúmeros e misteriosos remansos arrumados no desvão da sala, protegidos por imensas palmas em vasos chineses ou por biombos, aos quais estavam afixados fotografias, leques e laços de fitas. Dissera-lhe:

"Assim, você não está confortável, espere, vou já acomodá-lo", e, com o risinho vaidoso que teria para qualquer invenção particular sua, instalara atrás da cabeça de Swann e debaixo de seus pés, coxins de seda japonesa que amassava como se fosse pródiga daquelas riquezas e não se preocupasse com o seu valor. Mas quando o criado de quarto ia trazendo sucessivamente as numerosas lâmpadas que, quase todas fechadas em potiches chineses, queimavam isoladas ou aos pares, todas em móveis diversos como sobre altares, e que no crepúsculo, já quase noturno daquele fim de tarde invernal, tinham feito reaparecer um pôr-de-sol mais duradouro, mais róseo e mais humano; fazendo talvez sonhar, na rua, algum apaixonado, parado diante do mistério da presença que, ao mesmo tempo, denunciava e escondia as vidraças iluminadas-, Odette vigiava severamente, com o canto do olho, o criado, para ver se ele os colocava bem no lugar consagrado. Achava que se pusesse um só num local onde não era necessário, o efeito de conjunto de seu salão ficaria arruinado, e seu retrato, posto num cavalete oblíquo forrado de pelúcia, seria mal iluminado. Portanto, seguia febrilmente os movimentos daquele homem grosseiro e reprimiu-o rudemente por ter passado muito perto de duas jardineiras que ela mesma se reservava o direito de limpar com medo que as quebrassem e que foi logo examinar para ver se o empregado não lhes causara nenhum dano. Achava todos os seus *bibelôs* chineses de formas "engraçadas", assim como as orquídeas, e principalmente os canteiros, que eram, com os crisântemos, suas flores preferidas, por terem o grande mérito de não parecerem flores, mas sim feitas de seda ou de cetim.

"Esta parece ter sido recortada do forro do meu casacão", disse ela a Swann mostrando-lhe uma orquídea, com um tom de estima. Por essa flor tão chique, por essa irmã elegante e imprevista que a natureza lhe dava, tão distante dela na escala dos seres e, no entanto, tão requisitada, mais digna que muitas mulheres de que lhe desse um lugar no seu salão. Mostrando-lhe aqui umas quimeras de línguas de fogo que decoravam um *potiche,* ou bordadas numa tela, ali as corolas de um buquê de orquídeas, mais adiante um dromedário de prata esmaltada com olhos incrustados de rubis, que era vizinho, na lareira, de um sapo de jade. Odette afetava ora temer a maldade dos monstros, ora zombar de seu aspecto grotesco, ou corar diante da indecência das flores ou sentir um desejo irresistível de ir

beijar o dromedário e o sapo, a quem chamava de "queridos". E tal tentação, contrastava com a sinceridade de algumas de suas devoções, especialmente a dedicada a Nossa Senhora de Laghet, que outrora, quando ela morava em outro lugar, a curara de uma doença fatal; trazia sempre consigo uma medalhinha de ouro atribuía-lhe poder ilimitado.

Odette preparou o "seu" chá para Swann, e perguntou:

"Limão ou creme?"; e como ele respondesse:

"Creme", disse-lhe rindo:

"Uma nuvem!" E como ele o achasse bom:

"Já vê que sei bem do que você gosta."

De fato, o chá parecera a Swann, como também a ela, algo muito precioso; e o tem tanta necessidade de descobrir uma justificativa, uma garantia de durabilidade nos prazeres que, ao contrário, sem ele não o seriam, e que com ele terminam quando Swann a deixou às sete horas para voltar para casa e se vestir. Durante o trajeto no coupé, não podendo conter a alegria que aquela tarde lhe causou repetindo:

"Como seria agradável ter assim uma pessoa em cuja casa se pudesse encontrar essa coisa tão rara, um bom chá".

Uma hora depois, recebeu um de Odette e reconheceu logo a caligrafia graúda onde uma afetação de britânica impunha uma aparência de disciplina aos caracteres informes que; os olhos menos avisados, teriam talvez significado desordem de pensamento, educação imperfeita, falta de sinceridade e de ação. Swann esquecera sua figa na casa dela.

"Pena que também não tivesse esquecido o coração, que eu não o teria devolvido."

Uma segunda visita que Swann lhe fez teve talvez mais importância para a casa dela, naquele dia. Swann, como todas as vezes em que devia delineava na mente a sua imagem; e a necessidade em que se achava para fazer bonito o seu rosto, para limitar aos pômulos róseos e frescos as faces que freqüentemente se mostravam amarelas e lânguidas, às vezes crivadas de pontinhos vermelhos, afligia-o como uma prova de que o ideal é inacessível e a felicidade uma coisa medíocre.

Levava-lhe uma gravura que ela queria ver; Odette sentindo-se adoentada; recebeu-o de *peignoir* de crepe da China de cor malva, trazendo sobre-peito, como um casacão, um estofo ricamente bordado. De pé ao lado dele, deixou cair ao longo das faces a cabeleira solta, dobrando uma perna em atitude lindamente dançante para poder se debruçar sem cansaço sobre a gravura que copiava,

inclinando a cabeça, com seus grandes olhos, tão fatigados e inexpressivos, quando nada a empolgava, ela impressionou pela semelhança com a figura de Séfora, a filha de Jetro, que se vê em um afresco da capela Sistina.

Swann sempre o gosto especial de descobrir na pintura dos mestres não só os caracteres gerais da realidade que nos abrange, como aquilo que parece, ao contrário, suscetível de generalização, os traços individuais dos rostos que conhece assim, na matéria de um busto de Loredano, por Antonio Rizzo; as saltadas maçãs do rosto, a obliqüidade das sobrancelhas, enfim, a semelhança com seu cocheiro Remi; sob as cores de um Ghirlandajo, o nariz do Sr. de Pal em um quadro de Tintoretto, a invasão das bochechas pela implantação dos primeiros pêlos das suíças, o desvio do nariz, o olhar penetrante, as pálpebras do Dr. du Boulbon.

Talvez também, tendo sempre guardado um pouco de remorso por ter se deixado limitar a tal ponto, pela vida mundana, pela conveniência julgasse achar uma espécie de remissão indulgente que os grandes artistas concediam, no fato de que também eles haviam encarado com prazer e admiração em sua obra tais fisionomias; que dão a esta um singular certificado de vida e realidade, um sabor moderno; talvez também, de tal maneira deixara-se invadir pela frivolidade das pessoas mundanas que sentia necessidade de encontrar numa obra antiga essas alusões antecipadas e rejuvenescedoras de nomes próprios de hoje.

Talvez ao contrário, conservara suficiente natureza de artista para que essas características individuais lhe causassem prazer, adquirindo um sentido mais genérico, desde que as percebesse desenraizadas, livres, na semelhança de um retrato mais antigo com um original que o não representava. Seja como for, e talvez porque a plenitude de impressões que desfrutava desde algum tempo, e embora lhe tivesse chegado antes com o amor da música, houvesse enriquecido até o seu gosto pela pintura, o prazer foi mais profundo e deveria exercer sobre Swann uma influência duradoura, como o prazer que encontrou naquele momento na semelhança de Odette com a Séfora daquele Sandro di Mariano, a quem se dá mais facilmente o nome popular de Botticelli, desde que este evoca, em vez da obra verdadeira do pintor, a idéia banal e falsa que dela se vulgarizou. Não mais apreciou o rosto de Odette de acordo com a melhor ou pior qualidade de suas faces ou a doçura puramente carnal que supunha fosse lhes encontrar ao tocá-las com os lábios se um dia ousasse beijá-la, mas como uma meada de linhas sutis e belas que seus olhares dobravam, seguindo a linha de seu encaracolamento, reunindo a cadência da nuca à efusão dos cabelos e à flexão das pálpebras, como num retrato dela no qual seu tipo se tornasse claro e inteligível.

Olhava-a; um fragmento do afresco aparecia no seu rosto e no seu corpo, e desde então procurou captá-lo sempre que estivesse com Odette, ou apenas

quando nela pensava; e embora com certeza se limitasse à obra-prima florentina porque nela a reencontrava, contudo tal semelhança também conferia a Odette uma beleza, torna

vezes, o seu próprio cansaço; sentindo que, desde que Odette dispunha de todas as facilidades para vê-lo, não parecia ter algo a lhe dizer, temia que as palavras um tanto insignificantes, monótonas e como que definitivamente fixadas, eram agora as suas, quando ele e Odette estavam juntos, acabassem por matar aquela esperança romanesca de que um dia ela lhe declarasse a sua paixão, fator que o fizera e conservara apaixonado. E para renovar um pouco pela moral, bastante entorpecido, de Odette, e do qual temia se cansar, escrevia de súbito uma carta cheia de decepções fingidas e de cóleras simuladas, que pretendia entregar após o jantar. Sabia que ela se sentiria apavorada, lhe responderia com raiva que, no choque que o medo de perdê-lo causaria à sua alma, fazendo-a brotariam palavras que ela jamais pronunciara antes; e, de fato, foi desse modo que obteve as mais ternas cartas que ela lhe escreveu, uma das quais, enviada no dia da Maison Dorée (era o dia da festa de Paris-Múrcia, em favor dos flagelados de Múrcia), começava com estas palavras: "Meu amigo, minha mão treme; portanto, mal posso escrever", e ele a guardara na mesma gaveta onde se achava o ramo seco.

Ou então, se ela não tinha tempo de lhe escrever, quando ele chamava aos Verdurin ela iria vivamente a seu encontro e diria: "Tenho que lhe falar", contemplaria com curiosidade, em seu rosto e nas suas palavras, o que escondera até ali do seu coração.

Tão logo se avizinhava da casa dos Verdurin, ao avistar, iluminadas pelas lâmpadas, as grandes janelas cujos postigos nunca eram fechados, enternecia-se ao pensar na criatura encantadora que ia ver desabrochada em meio àquela luz de ouro. Às vezes as sombras dos convidados se destacavam, delgadas e negras, em tela, diante das lâmpadas, como essas gravuras que se intercalam de espaço a espaço em um abajur translúcido, cujas demais abas estão imersas em claridade. Buscava distinguir a silhueta de Odette. Depois, assim que entrava, sem se dar conta, seus olhos brilhavam com tal alegria que o Sr. Verdurin dizia ao pintor: "Acho que a coisa está esquentando." E a presença de Odette, com efeito, dava àquela casa, ao ver de Swann, algo que faltava em todas as outras onde era recebido: uma espécie de aparelho sensitivo, de rede de nervos, que se ramificava em todos os aposentos e lhe trazia ao coração excitamentos constantes.

Assim, o mero funcionamento daquele microcosmo social, que era o pequeno clã, proporcionava, automaticamente a Swann, encontros diários com Odette e lhe permitia fingir uma indiferença ao vê-ia, ou até desejos de não a ver mais, que não o fazia correr grandes riscos, visto que, embora lhe houvesse escrito durante o dia, iria vê-la forçosamente à noite e a levaria para casa.

Mas certa vez, imaginando com aborrecimento aquele regresso inevitável em sua companhia, acabou por levar até o Bois, a jovem operária, para atrasar o

momento de ir à casa dos Verdurin e chegou tão tarde que Odette, julgando que não viesse mais, havia ido embora. Vendo que ela já não se achava no salão, Swann sentiu um aperto no coração; tremia por se ver privado de um prazer que pela primeira vez avaliava, tendo até ali a certeza de encontrá-la quando quisesse, o que diminui, ou mesmo nos impede, de ver quanto vale um prazer.

-Viste a cara que ele fez quando percebeu que ela já tinha ido?-perguntou o Sr. Verdurin à mulher. - Creio que se pode dizer que ele está agarrado.

-A cara que ele fez? - indagou o Dr. Cottard com violência. Tinha ido ver um doente, voltara para apanhar a esposa e não sabia do que se falava.

- Como! Não encontrou à porta um dos mais belos Swann... - Não, O Sr. Swann veio?

- Ora, por um momento apenas. Tivemos um Swann agitado, muito nervoso. Compreende, Odette já se fora.

-Quer dizer que eles andam na maior intimidade e já chegaram a ver o que Teresa perdeu na horta - disse o doutor, experimentando com prudência o sentido dessa expressão.

- Não, não; não há absolutamente nada e, cá entre nós, acho que Odette procede mal e se porta como uma grande tola, que afinal ela não passa disso.

-Ora , ora - disse o Sr. Verdurin. - Como sabes que não há nada? Não vamos xeretar, não é mesmo?

-A mim, ela teria dito - replicou a Sra. Verdurin com altivez. -Afirmo que ela me conta todas as suas intimidades. Como está sem ninguém no momento, eu lhe sugeri que fosse para a cama com ele. Ela diz não poder, que tem forte atração por ele, mas ele é tímido com ela, e isso por sua vez a intimida, disse que não é desse modo que o ama, que ele é uma criatura ideal, e ela teme deflorar o sentimento que tem por ele, e que sei eu! Entretanto, seria mesmo melhor para ela.

- Hás de permitir que não seja da tua opinião - disse o Sr. Verdurin: Não vou muito com esse senhor; parece-me posudo demais.

A Sra. Verdurin se imobilizou, assumiu uma expressão inerte coral estivesse transformada numa estátua, fantasia que lhe permitiu passar como se tivesse ouvido aquela palavra insuportável, posudo, que dava a impressão de que alguém poderia fazer pose com eles, e que portanto era "mais do que eles".

-Afinal de contas, se não há nada, não creio que seja porque esse cavalheiro a julgue virtuosa disse com ironia o Sr. Verdurin. - E depois, quem sabe parece julgá-la inteligente. Não sei se chegaste a ouvir as coisas que ele lhe disse outra noite, a respeito da sonata de Vinteuil; amo Odette de todo o coração, para lhe

fazer dissertações de estética é preciso ser mesmo um idiota como ela.

- Que é isso? Não fale mal de Odette, ela é encantadora disse a Verdurin bancando a criança.

- Mas isso não impede que seja encantadora; não estamos falando dela, dizemos somente que não se trata de uma virtude nem de uma inteligência. No fundo - disse ele ao pintor - faz você tanta questão de que ela seja virtuosa. Tornar-se-ia talvez muito menos encantadora, quem sabe? No patamar, Swann fora abordado pelo mordomo que ali não se entrava no momento em que ele chegara e tinha sido encarregado por Odette de lhe impedir - mas fazia já uma hora, pelo menos-, caso ele ainda viesse, que provavelmente iria tomar chocolate no Prévost antes de voltar para casa. Swann partiu à Prévost, mas a cada passo o seu carro era parado por outros ou por pedestres que atravessavam a rua, odiosos obstáculos que ele teria o prazer de derrubar, inquérito do agente não o atrasasse ainda mais do que a passagem do pedestre, contando o tempo que levava, acrescentava alguns segundos a todos os minutos para estar certo de não os ter feito muito curtos, o que poderia levar a considerar maiores do que na realidade as suas possibilidades de chegar a tempo e encontrar Odette.

E em certo momento, como um doente febril que acaba de dormir e toma consciência do absurdo dos sonhos que ruminava sem os distanciar com nitidez de si mesmo, Swann percebeu de súbito dentro dele a estranheza aos pensamentos que o assaltavam desde o momento em que lhe haviam dito, na casa dos Verdurin, que Odette se fora, a novidade do aperto no coração, que sentia, e que constatou apenas como se acabasse de acordar. O quê? Toda aquela gente, porque só veria Odette no dia seguinte, precisamente o que havia desejado ficar hora antes, quando ia para a casa da Sra. Verdurin? Foi obrigado a ver nesse mesmo carro que o levava para o Prévost, ele já não era o mesmo, e que não estava sozinho, pois um novo indivíduo permanecia ali com ele, aderente, amalgamado a ele, do qual no entanto não podia se livrar e com quem seria forçado a utilizar estratagemas, como um professor ou um enfermo. Entretanto, a partir do momento em que sentira que uma nova pessoa se ajustara a ele daquele modo, sua vida lhe parecera mais interessante. Era como se ele dissesse que aquele possível encontro no Prévost (cuja espera confundia e eliminava a tal ponto os momentos que a precediam que ele não achava mais uma só idéia, uma só lembrança em que pudesse repousar o espírito) era no entanto provável, se ocorresse, que fosse como os outros, uma coisa de pouca monta. Como todas as noites, desde que estava com Odette, lançando furtivamente sobre seu rosto mutável um olhar logo desviado, de modo que ela visse nele a insinuação de um desejo e não acreditasse mais no seu desinteresse, não deixaria de pensar nela, muito ocupado em achar pretextos que lhe permitissem não largá-la imediatamente e de se assegurar, sem dar a impressão de fazer questão disto,

que a reencontraria no dia seguinte em casa dos Verdurin: ou seja, prolongar naquele instante e renovar um dia a mais a decepção e a tortura que lhe traziam a vã presença daquela mulher, de quem se aproximava sem ousar apertá-la nos braços.

Ela não estava no Prévost; ele quis procurar em todos os restaurantes dos bulevares. Para ganhar tempo, enquanto visitava uns, enviou a outros o seu cocheiro Rémi (*o doge Loredano de Rizzo*), que foi esperá-lo a seguir não tendo encontrado ninguém no local que havia marcado. O carro não voltava e Swann prefigurava o instante que se aproximava, ora aquele em que Rémi lhe diria: "A dama aí está", ora aquele em que Rémi lhe diria: "A dama não está em nenhum dos bares".

E assim se via o fim da noitada à sua frente, uma e no entanto alternativa, precedida ora pelo encontro de Odette, que eliminaria a sua angústia, ora pela renúncia forçada a encontrá-la naquela noite, pela aceitação de voltar para casa sem a ter visto.

O cocheiro regressou mas, no momento em que parou diante de Swann, este não lhe disse: "Encontrou a dama?" e sim "Lembre-se amanhã de encomendar lenha, creio que a provisão já está no fim".

Talvez dissesse consigo que se Rémi houvesse encontrado Odette em um bar onde o estivesse esperando, o fim da noite nefasta já estaria aniquilado pela realização do começo do fim da noite afortunada e que não haveria necessidade de se apressar para alcançar uma felicidade capturada e em local seguro, e que não teria mais como se escapar. Mas o fazia igualmente por inércia; trazia na alma a falta de robustez que certas pessoas têm no corpo, as que no momento de evitar um choque, de afastar uma chama da roupa, de fazer um movimento rápido, levam tempo, começando por permanecer um segundo só a situação em que estavam antes, como se ali encontrassem o seu ponto de apoio, encontrasse ainda em vida, se o cocheiro o tivesse interrompido dizendo: "Ela está!" ele teria respondido:

"Ah, sim, é verdade, o pedido que lhe fiz, vejam só, quem diria" e teria continuado a falar da provisão de lenha para lhe ocorrer a emoção que sentiria e ter tempo de acabar com a inquietação e entregar-se à felicidade.

Mas o cocheiro voltou para lhe dizer que não a encontrara em parte alguma, e acrescentando sua opinião de velho criado:

- Creio que o senhor não tem outra coisa a fazer senão voltar para casa. Mas a indiferença que Swann facilmente mostrava quando Rémi não ia mudar em mais nada a resposta que lhe trazia desapareceu quando o viu; ao fazer renunciar à sua esperança e à sua procura.

- De modo algum - exclamou -, é necessário que encontremos essa é da mais alta importância. Ela ficaria bastante aborrecida; é um caso de necessidade e mesmo poderia se ofender se não nos víssemos.

- Não vejo como essa dama poderia ficar ofendida - respondeu - pois foi ela quem se retirou sem esperar pelo senhor, foi ela quem disse que iria ao Prévost e não estava lá.

Aliás, as luzes principiavam a se apagar por toda a cidade. Sob as das avenidas, numa obscuridade misteriosa, erravam os passantes mais eram reconhecíveis. Às vezes, a sombra de uma mulher que dele se aproximava, murmurando-lhe algo ao ouvido, pedindo que a levasse junto, fazia Swann estremece tocava de leve, ansiosamente, todos aqueles corpos obscuros como se por fantasmas dos mortos, no reino das trevas, estivesse procurando Eurídice.

De todas as formas de produção do amor, de todos os agentes de distração, do mal sagrado, um dos mais efetivos é esse turbilhão agitado que depois passa por nós. Então, o ser com quem nos divertimos nesse instante -após lançada- há de ficar sendo a pessoa amada. Nem há necessidade que até momento nos tenha agradado mais que as outras. Precisava era que o nosso por ela se tornasse exclusivo. E semelhante condição se realiza no momento em que ela nos fez falta-a busca de prazeres que sua convivência nos é, de repente, substituída em nós por uma necessidade angustiosa, que objeto essa mesma pessoa, uma necessidade absurda, que as leis deste tornam de satisfação impossível e de difícil cura: a precisão insensata e dolo possuí-lo.

Swann se fez levar aos últimos restaurantes; era a única hipótese da cidade que havia admitido com calma; agora, já não escondia sua agitação, o que atribuía àquele encontro e prometeu que, em caso de êxito, o cocheiro teria uma recompensa, como se, inspirando-lhe o desejo de sair-se bem, ajuntasse ao que ele próprio sentia, pudesse fazer com que Odette, desde que tivesse voltado para dormir, se encontrasse, no entanto em algum restaurante bulevar. Chegou até a Maison Dorée, entrou duas vezes no Tortoni sem a ver, e saía do Café inglês a passos apressados, com ar carrancudo, à procura que o esperava na esquina do bulevar dos Italianos, quando deu com uma pessoa que vinha em sentido contrário: era Odette; ela lhe explicou, mais tarde, que, não tendo encontrado lugar no Prévost, fora cear na Maison Dorée, num recanto onde ele não a vira, e que agora ia para o carro.

Ela achara tão imprevisto o encontro que teve um sobressalto. Quanto a Swann, andara correndo por Paris não porque julgasse possível um encontro e sim porque era-lhe muito cruel renunciar a ele. Porém aquela alegria, que sua razão não deixara estimar irrealizável nessa noite, parecia-lhe agora tanto mais real; pois, não tendo colaborado com a previsão das verossimilhanças, ela lhe

permanecia como que exterior; não tinha ele necessidade de extrair do espírito para lhe fornecer -dela mesma é que emanava, ela mesma é que projetava para ele-aquela verdade que irradiava a ponto de dissipar, como um sonho, o isolamento que havia temido, e sobre o qual apoiava, repousava, sem pensar, o seu devaneio feliz. Da mesma forma um viajante, chegado ao Mediterrâneo por um belo tempo, não tendo certeza dos lugares que acaba de deixar, consente, em vez de olhar, que a vista seja ofuscada pelos raios que para ele emite o azul luminoso e resistente das águas.

Subiu com ela para o carro que ela dissera ser o seu e disse a seu cocheiro que o seguisse.

Odette tinha na mão um buquê de catléias, e Swann viu, sob o véu de renda que lhe cobria os cabelos, que ela trazia nos cabelos flores dessa mesma orquídea ligadas a uma aigrette de plumas de cisne. Debaixo da mantilha, trajava um largo vestido de veludo negro que, num trançado oblíquo, descobria o amplo triângulo de uma saia de seda branca e permitia ver o forro, da mesma seda branca, na abertura do corpinho decotado, onde estavam seguras outras catléias. Mal se recobrara do susto que Swann lhe causara quando um obstáculo fez o cavalo se desviar. Foram violentamente sacudidos, ela soltou um grito e ficou palpitante, sem fôlego.

-Não é nada, não tenha medo-disse ele. E segurou-a pelo ombro, apoiando-a contra si para sustentá-la; depois disse: - Principalmente não fale, só me responda por sinais para não ficar ainda mais afogueada. Não se incomoda que arrume as flores que se desmancharam no seu corpinho por causa do choque? Receio que as perca, vou enfiá-las um pouco mais.

Odette, que não estava acostumada a ver os homens com tantos rodeios com ela, respondeu sorrindo:

- Não, não me incomoda de jeito algum.

Porém ele, intimidado com tal resposta, talvez também por ter parecido sincero quando invocara esse pretexto, ou até mesmo já começando a crer que o fora, exclamou:

-Oh, não, principalmente não fale, vai sufocar de novo, pode me responder por sinais, compreenderei perfeitamente. Com toda a sinceridade, não estou incomodando? Olhe, há um pouco... acho que é pólen que se espalhou por, permite que o afaste com a mão? Não vou bater com muita força, não estarei um pouco bruto? Estou fazendo cócegas? Mas é que não queria tocar o veludo do vestido para não amarrotá-lo. Mas olhe, de fato era necessário prendê-las, iam cair; e, desse jeito, eu mesmo empurrando um pouco... Falando sério, estou sendo desagradável? E se as cheirasse, para ver se não têm mesmo, nunca o senti. Posso? Diga a verdade.

Sorrindo, Odette ergueu de leve os ombros, como se dissesse:

"Não bobo, é claro que isto me agrada."

Swann passava a outra mão pelo rosto de Odette; ela o encarou fixo com o ar lânguido e grave das mulheres do mestre florentino com as quais achara parecida; à flor das pálpebras, seus olhos brilhantes, grandes e finos, daquelas pareciam prontos a se soltar, como duas lágrimas. Ela inclinou o pescoço, como se vê fazer em todas elas, tanto nas cenas pagãs como nos quase religiosos. E, numa atitude que certamente lhe era habitual, que sabia ser apoiada para aqueles momentos, e que cuidava em não se esquecer de assumir, necessitar de todas as forças para reter seu rosto, como se uma força invisível a atraísse para Swann. E foi este quem, antes que ela o deixasse cair, como que querer, sobre os lábios dele, reteve-o por um instante, a uma certa distância, com as mãos. Gostaria Swann de deixar ao pensamento o tempo de acorrer, de reconhecer o sonho que tão longamente acalentara e de assistir à sua realização, como parenta que é chamada para compartilhar do êxito de uma criança a quem amou.

Talvez também, Swann quisesse olhar o rosto de Odette ainda nem sequer beijada por ele, e que via pela última vez, esse olhar com o qual, na despedida, gostaríamos de levar uma paisagem que deixaremos para mais.

Mas era tão tímido com ela que, tendo acabado por possuí-la naquela noite, começando por arrumar as suas catléias-fosse por medo de parecer respectivamente ter mentido, fosse por falta de audácia para formular uma exigência maior que aquela (e que poderia renovar, pois não incomodara Odette da primeira vez) -, nos dias seguintes utilizou-se sempre do mesmo pretexto. Se ela trouxesse catléias no corpinho, ele dizia: "É uma pena que as catléias, esta noite, não podem ser arrumadas, não foram desmanteladas como da outra vez; no entanto, não está bem colocada. Posso ver se perfumam menos que as outras então, se ela não as trazia: "Oh, nada de catléias esta noite, é impossível dedicar-se aos seus arranjos." De modo que, durante algum tempo, não se mudou das coisas que ele havia seguido na primeira noite, principiando pelos contornos dos dedos e de lábios na garganta de Odette, e era sempre por ali que se inicia carícias; e bem mais tarde, quando o arranjo (ou o simulacro ritual do arranjo de catléias já caíra há muito em desuso, a metáfora "fazer catléia", transformou-se em simples expressão empregada sem pensar quando queriam se referir ao ato de posse sexual -no qual, aliás, não se possui nada-sobreviveu na linguagem deles àquele uso esquecido, e no qual ela o comemorava. E talvez essa maneira particular de dizer "fazer amor" não significasse exatamente o mesmo que seus sinônimos; por mais cansado que alguém esteja das mulheres, considerar a posse das mais diversas mulheres como sendo sempre a mesma e antecipadamente conhecida torna-se ao contrário um prazer novo, se se dá com mulheres bem difíceis - ou tidas como tais por nós para que sejamos obrigados a fazê-la nascer

de algum episódio imprevisto de nossas relações com elas, como o fora da primeira vez, para Swann, o arranjo das catléias.

Esperava, trêmulo, naquela noite (mas Odette, pensava consigo, não poderia saber de sua

artimanha, se conseguisse iludi-la) que era a posse daquela mulher que iria sair dentre as amplas pétalas cor de malva das catléias; e o prazer que ele já sentia e que Odette talvez apenas tolerasse, pensava, porque não o reconhecera, parecia-lhe por isso-como pôde parecer ao primeiro homem que o desfrutou entre as flores do paraíso terrestre um prazer que até ali não existira, que ele procurava criar, um prazer bem como o nome especial que lhe conferiu guardou-lhe o traço -absolutamente novo e particular.

Agora, todas as noites, quando a levava até em casa, precisava entrar e com freqüência ela voltava a sair de chambre, levava-o até o carro e beijava-o diante do cocheiro dizendo:

"Que é que tem, que me importam os outros?"

eh?"

qualquer hora", o fazia sentir que levava a vida dos homens, com um caso de amor em sua vida, e que o sacrifício que fazem de seu sossego, seus interesses, a uma fantasia voluptuosa lhe confere um encantamento. Depois, sem que se desse conta, a certeza de que ela o esperava, de que estava alhures com outros, de que não regressaria sem a ter visto, neutralizava a angústia esquecida mas sempre prestes a renascer, que ele experimentara nas em que Odette não estava mais na casa dos Verdurin e cujo apaziguamento era tão suave que aquilo bem poderia se chamar felicidade. Talvez a semana de angústia devesse Swann a importância que Odette assumira para ele. De hábito os seres são tão indiferentes para nós que, quando conferimos a um deles tal possibilidade de dor e de alegria, este parece-nos pertencer a outro universo, cheio de poesia; faz de nossa vida como que enorme e emocionante, onde estará mais ou menos próximo de nós. Swann não podia indagar de si mesmo, sem estremecer, em que se tornaria Odette para ele nos vindouros. Às vezes, ao ver da sua vitória, nessas belas noites frias, a lua brilhante, que espalhava sua claridade entre seus olhos e as ruas desertas, pensava na outra figura clara e levemente rosada como a da lua, que um dia surgira pensamento e, desde então, projetava sobre o mundo a luz cheia de mistério que ele a via.

Se chegava depois da hora em que Odette mandava os empregados dormir, antes de tocar à porta do jardinzinho ele primeiro ia à rua que dava, no andar térreo, entre as janelas todas iguais, porém às escuras, dos vizinhos, a janela, a única iluminada, do quarto dela. Batia à vidraça e ela, já respondia e ia esperá-lo do outro lado da porta de entrada. Swann encontrara abertas, sobre o piano, algumas partituras de músicas que ela preferia: a Vã Rosas ou Pobre Louco, de Tagliafico (que, de acordo com a última vontade devia ser tocada por ocasião do seu enterro), e, em vez delas, pedia-lhe que a pequena frase da sonata de Vinteuil, embora Odette a tocasse muito mal; mais bela imagem que nos fica de uma obra é muitas vezes a que se eleva os sons errados extraídos por dedos inábeis de um piano desafinado. A frase continuava, para Swann, a se associar ao amor que sentia por Odette. Percebia ele perfeitamente que esse amor era algo que não correspondia no exterior, nada que pudesse ser verificado por outros que não ele; de que as qualidades de Odette não justificavam que valorizasse tanto os tempos passados junto dela. E muitas vezes, quando o que predominava a inteligência positiva, desejava ele cessar de sacrificar tantos interesses iguais e sociais a semelhante prazer imaginário. Mas a pequena frase, logo que sabia tornar livre, dentro dele, o espaço necessário para ela, e as proporções de Swann se encontravam mudadas; uma margem era reservada a um tempo, pouco correspondia a um objeto exterior e que, no entanto, em vez de ser puramente individual como o do amor, impunha-se a Swann como uma realidade acima das coisas concretas.

Esta sede de encanto desconhecido, a pequena frase a despertava nele, porém nada de preciso lhe trazia para estancá-la. De forma que essas porções da alma de Swann onde a pequena frase havia apagado a preocupação com os interesses materiais, as considerações humanas e válidas para todos, ela as havia deixado vazias e em branco; e ele estava livre para aí inscrever o nome de Odette. Depois, ao que o afeto de Odette pudesse ter de menor e decepcionante, a pequena frase vinha acrescentar, amalgamar sua essência de mistérios. Contemplando-se o rosto de Swann enquanto ele ouvia a frase, poder-se-ia dizer que ele estava em vias de ingerir um anestésico que dava mais amplitude à sua respiração. E o prazer que lhe dava a música e que em breve iria criar nele uma verdadeira necessidade, de fato se parecia, nesses momentos, com o prazer que ele teria em experimentar perfumes, em entrar em contato com um mundo para o qual não somos feitos, que nos parece informe porque nossos olhos não o distinguem, e sem significado porque escapa à nossa inteligência, e que só conseguimos alcançar através de um único sentido.

Grande descanso, misterioso renovar para Swann -para ele, cujos olhos, embora delicados amantes da pintura, cujo espírito, apesar de fino observador de costumes, levavam para sempre a marca indelével da aridez de sua vida-o de se sentir transformado em uma criatura estranha à humanidade, cega, desprovida de faculdades lógicas, quase um fantástico licome, uma criatura quimérica, só percebendo o mundo pelo ouvido. E, no entanto, como na pequena frase ele buscava um sentido a que sua inteligência não lograva baixar, que sobriedade estranha o possuía para despojar sua mais interna alma de todos os auxílios da razão e em fazê-la passar sozinha pelo corredor, no filtro obscuro do som! Começava a perceber tudo aquilo que aí havia de doloroso, talvez mesmo de secretamente desassossegado no fundo da doçura dessa frase, mas não podia sofrer por isso.

Que importava que ela lhe dissesse que o amor é frágil, o seu era tão forte! Distraía-se com a tristeza que ela espalhava, sentia-a passar acima dele, porém como uma carícia que fazia mais doce e mais profundo o sentimento que tinha de sua felicidade. Fazia com que a tocasse de novo, dez, vinte vezes, exigindo ao mesmo tempo que ela não parasse de beijá-lo. Cada beijo chama outro beijo. Ah, naqueles primeiros tempos, em que a gente ama, os beijos nascem tão naturalmente! Chegam tão apertados uns contra os outros; e a gente teria tanta dificuldade em contar os beijos trocados numa hora quanto as flores de um campo no mês de maio. Então, fazia menção de parar, dizendo: "Como quer que eu toque, se está me segurando. Não posso fazer tudo ao mesmo tempo, decida ao menos o que quer, devo ir a frase ou fazer carícias?"

Ele se zangava e ela desatava a rir um riso que se ova e caia sobre ele numa chuva de beijos. Ou então ela o olhava com ar sério. Via um rosto digno de

figurar na Vida de Moisés de Botticelli, onde o situava, e dava ao pescoço de Odette uma inclinação conveniente; e logo que a via desse modo, à têmpera, no século XV, sobre a parede da Capela Sistina, a de que ela, todavia, permanecia ali, junto ao piano, no presente, pronta para ser beijada e possuída, a idéia de sua materialidade e de sua vida vinha embrulhada com tanta força que, de olhar esgazeado, as mandíbulas estendidas com devorar, ele se precipitava sobre essa virgem de Botticelli e punha-se a beliscar as faces.

Depois, logo que a deixava, não sem ter voltado para beijá-la ainda, esquecera de levar na lembrança alguma característica do seu odor ou de traços, punha-se a caminho de volta na vitória, abençoando Odette por lhe permitir aquelas visitas diárias, que, sentia, não deveriam dar a ela uma grande alegria que, preservando-o do ciúme -tirando-lhe a oportunidade de novamente passar o mal que se declarara nele na noite em que não a encontrara na casa dos Vendurin -, auxiliariam-no a atingir, sem outras daquelas crises das quais a primeira, tão dolorosa e ficara sendo a única, o final dessas horas singulares dessas horas quase encantadas, à maneira daquelas em que ele atravessava Paris ao, verificando, no regresso, que o astro agora se achava deslocado relativamente e quase no limite do horizonte, sentindo que seu amor obedecia, do mesmo modo a leis imutáveis e naturais, perguntava-se se esse período em que entrara duraria ainda muito tempo, se em breve o pensamento não mais veria o rosto dela, senão ocupando uma posição longínqua e diminuída, e a ponto de cessar de talhar o seu charme. Pois, desde que se apaixonara, encontrava um charme nas coisas como nos tempos em que, adolescente, se considerava artista; um charme que já não era o mesmo, era somente Odette que o atribuía às coisas. Ele sentia renascerem dentro de si as inspirações da juventude, que uma vida havia dissipado, mas todas traziam o reflexo, a marca de uma criatura particular, nas longas horas quando sentia agora um prazer delicado em passar em sozinho com sua alma em convalescença, voltava aos poucos a ser ele, porém com outra alma.

Swann só ia à casa dela à noite, e nada sabia de como ela emprega tempo durante o dia, menos ainda de seu passado, a ponto de lhe faltar um mínimo dado inicial que, permitindo que imaginemos aquilo que nos é desconhecido, nos dá desejos de o conhecer. Desse modo, não indagava de si mesmo, nem poderia fazer, nem o que havia sido a sua vida. Sorria às vezes ao pensar que anos antes, quando não a conhecia, tinham lhe falado de uma mulher que, se lembrava, devia com certeza ser Odette, como de uma jovem, de uma cortesã sustentada, uma dessas mulheres a que ele atribuía ainda, devido à intimidade que lhes tinha, o caráter monolítico, basicamente perverso, com que adotou durante muito tempo a imaginação de alguns romancistas. Achava muitas vezes, considerar às avessas a reputação que a sociedade engendra julgar com exatidão uma pessoa, quando, a um tal caráter, ele opunha o de boa, ingênua, idealista, quase tão

incapaz de mentir que, tendo-lhe pedido certa vez, para jantar a sós com ela, que escrevesse aos Verdurin dizendo que estava adoentada. Vira-a no dia seguinte, diante da Sra. Verdurin, que lhe perguntava se estava melhor, enrubescer, balbuciar, refletindo, sem querer, no rosto o desgosto, o suplício que lhe causava o fato de mentir e, enquanto ela multiplicava na resposta os pormenores inventados sobre a pretensa indisposição da véspera, ter o ar de pedir perdão, com os olhos em súplica e a voz desolada, pela falsidade de suas palavras.

No entanto, em certos dias, raros porém, ela ia à sua casa à tarde, interromper seus devaneios ou um estudo sobre Vermeer, ao qual voltara a se dedicar ultimamente.

Vinham dizer a Swann que a Sr. de Crécy estava na saleta. Ele ia a seu encontro e, quando abria a porta, no rosto rosado de Odette, logo que o vislumbrava-mudando-lhe o formato da boca, a mirada dos olhos, o modelo das faces-, vinha espalhar-se um sorriso. Sozinho, Swann recordava aquele sorriso, e outro que ela tivera no dia anterior, ainda outro com o qual o recebera em tal ou qual ocasião, o que lhe dera em resposta, no carro, quando ele lhe perguntara se estava sendo desagradável ao arranjar-lhe as catléias; e a vida de Odette no restante do tempo, como a ignorasse totalmente, lhe surgia com seu fundo neutro e incolor, semelhante a essas folhas de estudos de Watteau nas quais se vê, aqui e ali, em todos os pontos e em todos os sentidos, desenhados a três cores sobre o papel pardo, inúmeros sorrisos.

Às vezes, porém, num recanto dessa vida que Swann via inteiramente vazia, conquanto seu espírito lhe dissesse que não o era, pois não podia imaginá-lo assim, algum amigo que, desconfiando que eles se amavam, só se arriscava a dizer insignificâncias a respeito dela, descrevendo-lhe o vulto de Odette que havia visto na mesma manhã, subindo a pé a rua Abbatucci com uma "visita" guarnecida de *skunks*, debaixo de um chapéu à Rembrandt e um buquê de violetas no seio. Este simples croqui perturbava Swann, pois o fazia perceber de súbito que Odette tinha uma vida que não era totalmente sua; desejaria saber a quem ela buscava agradar com aquela *toalete* que ele não conhecia; prometia a si mesmo que iria lhe perguntar aonde ela ia naquele momento, como se em toda a vida incolor quase inexistente, por lhe ser invisível de sua amante houvesse apenas uma coisa além dos sorrisos a ele dirigidos: aquela saída de Odette debaixo de um chapéu à Rembrandt, com um buquê de violetas no seio.

Exceto o pedido para que tocasse a pequena frase de Vinteuil, em vez da Valsa das Rosas, Swann não procurava fazê-la tocar as músicas que preferia e, nem na música nem na literatura, tentava corrigir seu mau gosto. Percebia muito bem que ela não era inteligente. Ao dizer a Swann que gostaria muito de que ele lhe falasse de grandes poetas, Odette pensara que iria logo conhecer cópias heróicas e pescas do tipo das do visconde de Borelli, ou ainda mais emocionantes. Quando,

perguntou a Swann se o pintor havia sofrido por alguma mulher, uma mulher quem o havia inspirado; tendo-lhe dito Swann que nada sabia a respeito, Odette se desinteressou de todo pelo pintor. Dizia muitas vezes: ''poesia... Não tenho dúvidas de que não haveria nada mais belo se fosse verdade se os poetas pensassem tudo aquilo que dizem. Porém, muitas vezes, não há ninguém mais interesseiro do que eles. Sei disso, eu tinha uma amiga apaixonou por um tipo de poeta. Nos seus versos ele só falava do amor, das estrelas. Ah, que de nada adiantou a ela! Ele lhe roubou mais de trezentos francos."

Se então Swann procurava lhe ensinar em que consistia a beleza, a de que modo seria preciso admirar os versos ou os quadros, ao cabo de um instante, ela deixava de ouvir, dizendo: "Sim... eu não pensava que era desse jeito''

Swann sentia que Odette experimentava tal decepção que ele preferia mentir afirmando que tudo aquilo ainda eram ninharias, que ele não tinha tempo de absorver fundo, que havia outra coisa. Mas Odette replicou vivamente: "Outra coisa o quê?... Diga, então", mas ele não dizia nada, sabendo o quanto aquilo lhe parecia insignificante e diverso do que ela esperava, menos sensacional e menos emocionante, e receava que, desiludida da arte, também se desiludisse do amor.

E, de fato, ela achava Swann intelectualmente inferior ao que acrescentava antes: "Sempre conservas teu sangue-frio, não posso te definir."

O que espantava era a indiferença de Swann em relação ao dinheiro, sua gentileza com qualquer um, sua delicadeza. E na verdade acontece muitas vezes, com pessoas mais importantes que Swann, com um sábio, com um artista, quando é apresentado pelos que o rodeiam; que o sentimento, que prova, que a superioridade do, inteligência se impôs a eles, não é a admiração por suas idéias, pois estas fogem, e sim o respeito por sua bondade.

Era também respeito o que sentia pela situação de Swann na sociedade, mas ela não queria que ele procurasse dizê-la naquele meio. Talvez sentisse que ele não poderia consegui-lo, e até mesmo temesse que, apenas falando do seu nome, ele fosse causar revelações e evitava. E o fato é que o fizera prometer jamais pronunciar seu nome. O motivo pelo qual não queria freqüentar a sociedade, segundo dissera a Swann, era um desentendimento que tivera outrora com uma amiga que, para se vingar, andara falando dela.

Swann objetara: "Mas ninguém conhece a tua amiga."

"Mas sim, coisas se espalham como mancha de azeite, o mundo é tão mau."

Por um lado Swann não entendeu essa história, mas, por outro, sabia que aquelas expressões "o mundo é tão mau" e "uma intenção caluniosa é como uma mancha de azeite'' são tidas em geral como verdadeiras; deveria haver casos a que elas se aplicavam. Seria um deles o de Odette? Ele se indagava, mas não por muito

tempo, igualmente sujeito a essa canseira de espírito que baixava sobre seu pai quando pensava num problema difícil. Além disso, a sociedade que tanto medo inspira em Odette, talvez não lhe provocasse grandes desejos, pois estava muito afastado daquela que conhecia para que pudesse representá-la com nitidez. No entanto, permanecido de fato bastante simples em certos pontos (por exemplo, conservava como amiga uma pequena costureira aposentada, subindo, quase todos os dias, a escada íngreme, escura e fedorenta da casa dela), tinha avidez das coisas chiques, mas não lhes atribuía a mesma idéia que as pessoas da sociedade. Para estas, chique é uma emanação de certas pessoas, pouco numerosas, que o projetam até um grau bem distante e mais ou menos enfraquecido à medida que a gente se afasta do centro de sua intimidade ,no círculo de seus amigos, ou dos amigos de seus amigos, cujos nomes formam uma espécie de repertório. As pessoas da sociedade o conservam na memória e têm sobre tais assuntos uma erudição de onde extraem uma espécie de gosto e de tato, apesar de que Swann, por exemplo, sem precisar apelar para seu saber mundano, caso lesse num jornal os nomes das pessoas que se achavam em um jantar, poderia dizer imediatamente o matiz de chique daquela reunião, como um literato, à simples leitura de uma frase, aprecia com exatidão a qualidade literária de seu autor. Mas Odette fazia parte dessas pessoas (bastante numerosas, apesar do que pensa a respeito a alta sociedade) que não possuem tais noções, imaginam um chique bem diverso, que assume vários aspectos conforme o meio a que pertencemos, mas que tem como característica especial - seja o chique com que sonhava Odette, seja aquele a que se inclinava a Sra. Cottard -o fato de ser diretamente acessível a todos. O outro, o das pessoas da alta sociedade, também o é, mas leva algum tempo. Odette dizia de alguém:

-Só vai aos lugares chiques.

E se Swann perguntasse o que ela entendia por "lugares chiques", ela respondia com um certo desdém:

-Ora, os lugares chiques! Se na tua idade é preciso te ensinar quais são os lugares chiques, que queres que te diga? Por exemplo, aos domingos de manhã a Avenida da Imperatriz, às cinco horas a torre do Lago, às quintas o Teatro Éden, às sextas o Hipódromo, os bailes...

-Porém, quais bailes?

- Ora, os bailes que se dão em Paris, os bailes chiques quero dizer. Veja, Herbinger, sabes, o que trabalha com um agiota? Sim, deves saber, é um dos homens mais em moda em Paris, um rapaz louro, alto, que é tão esnobe, e tem sempre uma flor na botoeira, uma raia nas costas, e usa paletós claros; anda com aquela velha que leva a todas as estréias. Muito bem, ele deu um baile, na outra noite, e compareceu tudo o que havia de chique em Paris. Como eu gostaria de

ter ido. Mas, era necessário apresentar o convite à porta e eu não pude conseguilo. No fundo, preferi mesmo não ter ido, havia lá tanta gente que eu não teria podido ver. Seria mais para poder dizer que estivera na casa de Herbinger. Sabes, é a verdade. Afinal, podes acreditar, de cem pessoas que contaram ter estado lá, cerca da metade estava mentindo. Mas o que me espanta é que tu, um homem tão *fehuk* não estavas lá.

Mas Swann não tentava de forma alguma fazer com que Odette mudasse. Aceito de chique; pensando que o seu não era mais verdadeiro, era também imbecil como o dela, desprovido de importância, não sentia nenhum interesse instruir a amante, embora, depois de alguns meses, ela só se interessasse pelas relações de Swann, quanto às entradas que ele poderia obter para o hipódromo, as estréias teatrais. Desejava que ele cultivasse relações tão úteis, mas, por lado, tendia a considerá-las pouco chiques, desde que vira passar na rua a marquesa de Villeparisis de vestido de lã negro, com uma touca de fitas.

- Mas ela tem o ar de uma operária, de uma velha porteira, *darling,* uma marquesa? Eu não sou marquesa, mas seria preciso que me pagasse caro para me fazerem sair dessa maneira!

Odette não compreendia que Swann morasse na casa do cais de Orleans que, sem ousar confessá-lo, achava indigno dele.

Certamente, ela tinha a pretensão de amar as "antigüidades"; e fazia um ar deslumbrado e cheio de finura para dizer que adoraria passar um dia inteiro a "bisbilhotar", a procurar bricabraques, coisas "antigas". Embora teimasse, por questão de ponto de honra (e parecesse praticar algum preceito de família), ela não ia responder jamais às perguntas nem "prestar contas" do emprego de seus amigos - falou certa vez a Swann de uma amiga que a convidara e em cuja residência era "de época". Porém, Swann não logrou fazer com que dissesse de que época tratava. Entretanto, após refletir um pouco, ela respondeu que era "medieval". Isso, dava a entender que havia revestimento de madeira nas paredes. Algum tempo depois, Odette voltou a falar nessa amiga e acrescentou, num tom hesitante, entendido das pessoas que citam alguém com quem jantaram na véspera e que o nome jamais ouviram antes, mas que os anfitriões pareciam considerar alguém célebre, que se espera que o interlocutor saiba perfeitamente de quem se trate, "tinha uma sala de jantar... do... século dezoito!" Aliás, achava aquilo horroroso despido, como se a casa não estivesse pronta, as mulheres pareciam horrenda, moda que nunca haveria de pegar. Enfim, numa terceira vez, ela voltou a falar da amiga naquele tom e mostrou a Swann o endereço do homem que fizera aquela sala de jantar, ela desejava mandar buscar, quando tivesse dinheiro, para ver se não podia fazer, não uma igual, mas aquela dos seus sonhos e que, infelizmente, as salas de seu pequeno apartamento não comportavam, com grandes guarda-móveis renascentistas e lareiras como as do

castelo de Blois.

Nesse dia, deixou escapar, diante de Swann, o que pensava do seu aposento do cais de Orléans; se ele criticasse que a amiga de Odette desse agora, não para o estilo Luís XVI dizia ele, embora seja coisa que já não se fabrique, pode muito bem ser um estilo, mas para o falso antigo: "Não haverias de querer que ela vivesse como tu, de móveis quebrados e tapetes gastos", retrucou ela, visto que em respeito à burguesia, ainda uma vez predominava nela sobre o diletantismo da cocote.

Dentre os que apreciavam objetos de arte, que amavam os versos, contabilizavam os cálculos vis, sonhavam com a honra e o amor, ela formava um minoria superior ao restante da humanidade. Não era preciso que tivessem de fato aqueles gostos, desde que os afirmassem; de um homem que lhe confessara, no jantar, que gostava de andar à toa, de sujar os dedos nas velhas lojas, que nunca seria apreciado por este século mercantil, pois não qj

menos. Da primeira vez que o viu com ele, Odette não coube em si de alegria:

"Acho que para um homem, não há o que dizer, é muito, muito chique! Como ficas bem assim! Pareces um verdadeiro *gentleman*. Só te falta um título!", acrescentou, com um tom de pesar.

Swann gostava que Odette fosse assim mesmo, exatamente como, se estivesse apaixonado por uma bretã, teria ficado feliz ao vê-la de touca e ouvi-la dizer que acreditava em espectros. Até então, como em muitos homens cujo gosto pelas artes se aprofunda independentemente da sensualidade, existira uma estranha disparidade entre as satisfações que ele atribuirá a uma coisa e outra; desfrutando da companhia de mulheres cada vez mais rudes, a sedução de obras cada vez mais requintadas; por exemplo, levando uma empregadinha para um camarote reservado para assistir à representação de uma peça decadentista, que tinha vontade de ir a uma exposição de pintura impressionista, convencido, aliás, que uma da sociedade intelectualizada não entenderia muito mais do que a criada, mas não teria sabido ficar calada com tanta gentileza. Ao contrário, porém, do que amava Odette era-lhe tão gratificante simpatizar com ela, tentar possuir só uma alma para os dois, que procurava gostar das coisas que ela apreciava, e encontrar um prazer tanto mais profundo, não só em imitar seus hábitos, mas em adotar opiniões, que, como não tinham nenhum fundamento em sua própria inteligência recordavam-lhe somente o seu amor, pelo qual lhes dava preferência. Se vai para ver Serge Panine, se procurava uma ocasião para ver Olivier Métra na regência, era pela doçura de ser iniciado nas concepções de Odette, de se sentir participante de todos os seus gostos. Esse encanto de o aproximar dela, que tinham as obras lugares que ela amava, parecia-lhe mais misterioso que o encanto intrínseco coisas mais belas, mas que não lhe recordavam Odette.

Além disso, tendo deixado enfraquecerem as crenças intelectuais da juventude, e seu ceticismo de homem mundano tendo penetrado até elas à sua revelia, Swann pensava (ou, pelo menos havia pensado durante tanto tempo que ainda o afirmava) que os objetos de, seus gostos não têm em si mesmo um valor absoluto, mas que tudo é uma questão de época, de classe, consistindo em modas, e as mais vulgares valem tanto quanto as que passam por serem as mais distintas. E como julgasse que a importância atribuída por Odette à obtenção de convites para a *vernissage* não era em si ridícula; que o prazer que ele tinha outrora em almoçar com o Príncipe de Gales, assim também, não achava que a admiração que ela professava por Monte-Carlo, pelo Righi, fosse mais despropositada que o gosto que ele sentia pela Holanda, ela imaginava detestável, e por Versalhes, que ela considerava triste. Portanto, lembrava-se desses lugares, tendo satisfação em dizer consigo, que o fazia por ela; somente com ela desejava sentir e amar as coisas.

Como tudo aquilo que rodeava Odette e que era, de certa forma, apenas o modo pelo qual podia vê-la e conversar com ela, Swann gostava da sociedade dos Verdurin. Ali, como no fundo de todos os divertimentos, jantares, música, ceias à fantasia, passeios pelo campo, noites de teatro, e até os raros "grandes saraus" em honra dos "maçantes", Odette estava presente, ele falava com Odette via Odette; dom inestimável que os Verdurin faziam a Swann ao convidá-lo, e a sentia ali melhor do que em qualquer outro ponto do "pequeno núcleo", ao buscava atribuir méritos reais, pois pensava assim que, por seu gosto, o freqüentaria pelo resto da vida. Ora, não se atrevendo a confessar, por receio de não aceitar, que amaria Odette para sempre, pelo menos supondo que freqüentaria sem Verdurin (proposição que, *a priori*, levantava menos objeções de princípio por de sua inteligência), Swann via-se no futuro a encontrar-se com Odette todas as noites; o que talvez não quisesse dizer, absolutamente, o mesmo que a amaria sempre, mas no momento, enquanto a amava, tudo o que pedia era acreditar que não a deixaria de ver um só dia na vida.

"Que ambiente encantador", dizia Swann "e como é verdadeira, no fundo, a vida que ali se leva! Como ali se é mais inteligente, mais artista do que na alta sociedade! Como a Sra. Verdurin, apesar de pequenos exageros um tanto risíveis, tem um amor sincero pela pintura, pela música, que paixão pelas obras, que desejo de agradar aos artistas! Ela se faz uma idéia inexata das pessoas da sociedade; mas com isto, a sociedade tem uma idéia ainda mais falsa dos ambientes artísticos! Talvez eu não tenha grandes necessidades intelectuais a saciar nas conversações, porém dou-me perfeitamente com Cottard, embora ele faça trocadilhos infames. E quanto ao pintor, se seu ar pretensioso é desagradável quando procura causar efeito, em compensação é uma das mais belas inteligências que já conheci. E depois, principalmente, a gente se sente livre ali, faz o que quer sem se constranger, sem cerimônia. Como se gasta bom humor por dia naquele salão! Decididamente, a não ser algumas raras exceções, eu jamais irei senão a esse ambiente. É ali que formarei, cada vez mais, os meus hábitos e minha vida."

E, como as qualidades que acreditava intrínsecas aos Verdurin eram apenas o reflexo, sobre ele, dos prazeres desfrutados pelo seu amor por Odette naquela casa, tais qualidades tornaram-se mais sérias, mais profundas, mais vitais, quando os prazeres também o eram. Como a Sra. Verdurin dava às vezes a Swann o que, sozinho, poderia constituir para ele a felicidade; como, na noite em que ele se sentia angustiado porque Odette conversara com um convidado mais do que com outro, e em que ele, irritado com ela, não quisera tomar a iniciativa de lhe indagar se voltariam juntos para casa, a Sra. Verdurin lhe trouxera a paz e a alegria dizendo espontaneamente:

"Odette, vai voltar com o Sr. Swann, não é?", como, às vésperas do veraneio,

inquieto, primeiro se perguntara se Odette se ausentaria sem ele, se poderia continuar a vê-la todos os dias; a Sra. Verdurin os convidara a ambos para passar os dias em sua casa de campo, Swann, deixando sem querer que o reconhecimento e a gratidão se infiltrassem em sua inteligência e influíssem sobre suas idéias, chegava ao ponto de afirmar que a Sra. Verdurin era uma grande alma. De algumas pessoas requintadas ou ilustres a que se referiam certos antigos camaradas seus da Escola do Louvre, ele dizia:

"Prefiro mil vezes os Verdurin." E, com uma solenidade que era nova nele:

"São criaturas magnânimas, e a magnanimidade é, no fundo, a única coisa que de fato importa e que nos distingue neste mundo. Veja, só há duas classes de pessoas: os magnânimos e os outros; e cheguei a uma idade em que é preciso tomar partido, decidir de uma vez por todas a quem amar, e a quem desdenhar; juntar-se àqueles a quem amamos e, para recuperar o tempo perdido com os outros, não mais deixá-los até a morte. Pois bem!", acrescentava com a leve emoção que experimentamos quando, mesmo sem nos apercebermos bem disso, dizemos uma coisa, não porque seja verdadeira, mas porque temos prazer em dizê-la e a escutamos com nossa própria voz como se viesse de outrem, a sorte está lançada, eu escolhi gostar dos únicos seres magnânimos e viver amenas na magnanimidade. Você me pergunta se a Sra. Verdurin é de fato inteligente, asseguro-lhe que ela me deu provas de uma nobreza de coração, de uma altivez de alma que não se atinge senão com idêntica altivez de pensamento. É claro que tem uma profunda compreensão das artes. Mas não é talvez nisto que ela seja mais admirável; e tal ou qual ação engenhosa, delicadamente boa, que para mim, tal ou qual atenção de gênio, ou tal ou qual gesto familiarmente superior revelam uma compreensão mais profunda da existência que todos os tratados de filosofia."

Ele poderia, entretanto, dizer consigo que havia velhos amigos de pais tão simples como os Verdurin, companheiros de juventude também apreciadores da arte, que conhecia outras pessoas de grande coração, e que, desde que ele optara pela simplicidade, pelas artes e pela magnanimidade, não os veria jamais. Mas estes não conheciam Odette e, se a tivessem conhecido, não se incomodariam em aproximá-la dele.

Assim, não havia com certeza, em todo o meio dos Verdurin, um único que os amasse ou julgasse amar tanto como Swann. E no entanto, quando Verdurin dissera que Swann não lhe agradava, não só exprimira o próprio pensamento, mas adivinhara o de sua mulher. Sem dúvida, Swann externava por um afeto muito particular e do qual não se dignara em fazer a Sra. Verdurin confidente do dia-a-dia: claro, a própria discrição com que se valia da hospitalidade dos Verdurin, evitando muitas vezes comparecer a um jantar por uma razão da qual eles não faziam a menor idéia, e em lugar do qual eles viam o desejo de não

recusar um convite dos "maçantes"; claro, também, e apesar de todas as precauções que Swann tomara para lhes ocultar a descoberta progressiva que faziam de semelhante posição na sociedade, tudo isto contribuía para a irritação deles contra. Mas o motivo mais profundo era outro. É que haviam sentido nele, e bem dependente um espaço reservado, impenetrável, onde ele continuava a professar, silenciosamente, para si próprio, que a princesa de Sagan não era grotesca e que as graças de Cottard não tinham graça nenhuma; enfim, embora ele jamais deixasse a amabilidade e nunca se revoltasse contra os seus dogmas, a impossibilidade de impô-los a ele, de convertê-lo por completo, como nunca haviam encontrado em qualquer pessoa.

Poderiam lhe ter perdoado que freqüentasse os "maçantes'' (os quais, do fundo do coração, aliás, Swann preferia mil vezes os Verdurin e pequeno núcleo), se houvesse consentido, para dar o exemplo, em renegá-lo a presença dos fiéis. Mas aquilo era uma abjuração que compreenderam não lhe arrancar.

Que diferença em relação a um "novo" que Odette lhes pedira para dar, conquanto só o tivesse encontrado poucas vezes, e no qual depositavas tantas esperanças, o conde de Forcheville. (Ocorria que se tratava exatamente do cunhado de Saniette, o que encheu de espanto os fiéis: o velho arquivista de modos tão humildes que eles sempre o julgaram pertencer a um nível social inferior ao seu e não esperavam que fizesse parte de um mundo rico e relativamente aristocrático.) Sem dúvida, Forcheville era grosseiramente esnobe, ao passo que Swann não o era; como Swann, sem dúvida, estava bem longe de colocar o meio dos Verdurin acima de todos os outros. Mas, não possuía a delicadeza natural, que impedia Swann, de se associar às críticas, visivelmente falsas, que a Sra. Verdurin dirigia às pessoas que ele conhecia. Quanto às tiradas pretensiosas e vulgares que o pintor lançava em certos dias, às graçolas de caixeiro-viajante que Cottard arriscava, as quais Swann, que simpatizava com os dois, desculpava facilmente, mas, não tinha a coragem e a hipocrisia de aplaudir, Forcheville, ao contrário, era de um nível intelectual que lhe permitia espantar-se e encantar-se com umas, aliás sem entendê-Ias, e deleitar-se com as outras.

E justamente o primeiro jantar em casa dos Verdurin a que compareceu, Forcheville evidenciou todas estas diferenças, fez salientar suas qualidades e precipitou a queda de Swann. Nesse jantar havia, além dos convivas de costume, um professor da Sorbonne, Brichot, que conhecera os Verdurin na estação de águas e que, se seus trabalhos universitários e obras de erudição não lhe tornassem bem raros os instantes de liberdade, compareceria de bom grado mais vezes; pois possuía a curiosidade, a superstição da vida que, unida a um certo ceticismo relativamente ao assunto de seus estudos, resulta, em qualquer profissão, no caso de alguns homens inteligentes, em médicos descrentes da medicina, professores de ginásio que não crêem no tema latino, dando-lhes

reputação de espíritos arejados, brilhantes e até mesmo superiores. Na casa dos Verdurin, ao falar de filosofia e de história, evitava procurar suas comparações no que havia de mais atual, primeiro porque achava que tais temas são apenas uma preparação para a vida e supunha encontrar naquele ambiente de "pequeno clã" o que até então só conhecera nos livros; depois, talvez também porque, como antigamente lhe haviam feito criar respeito bem grande a certos assuntos, respeito que havia conservado sem saber, julgava despir-se de sua condição de universitário, tomando com esses assuntos liberdades que, pelo contrário, não lhe pareciam liberdades senão porque permanecia universitário.

Desde o princípio da refeição, como o Sr. de Forcheville, sentado à direita da Sra. Verdurin que, em atenção ao "novato", muito cuidara da *toalete*, lhe dissesse:

"É bem original esse vestido branco", o doutor, que não cessara de observá-lo, tão curioso se mostrava para saber como era que ele chamaria um "de", e que procurava uma oportunidade de atrair sua atenção e entrar mais em contato com o conde, colheu no ar a palavra "branco" e, sem erguer a cara do prato, disse: "branca? finca de Castela?" e depois, sem mover a cabeça, lançou furtivamente, à direita e à esquerda, olhares incertos e risonhos. Enquanto Swann, pelo esforço vão e doloroso que fez para sorrir, testemunhava considerar idiota aquele trocadilho, Forcheville mostrava ao mesmo tempo que apreciava a finura do mesmo e que sabia viver, -tendo nos devidos limites uma alegria cuja franqueza encantara a Sra. Verdurin.

-Que me diz de um sábio como este? - perguntara a Forcheville.- Não há de conversar a sério dois minutos com ele. Será que o senhor tem essas tiradas no hospital? acrescentara voltando-se para o doutor. - Desse jeito deve ser muito aborrecido lá, todos os dias. Estou vendo que terei de pedir que o internem.

- Creio ter ouvido que o doutor falava daquela velha harpia, Branca de Castela, se ouso me expressar desse modo. Não é verdade, madame?- perguntou Brichot à Sra. Verdurin que, sem fôlego, olhos fechados, mergulhou o rosto nas mãos, de onde se escaparam gritos sufocados. - -Meu Deus, madame, não queria alarmar as almas respeitosas, se existe alguma em torno desta mesa *sub rosa*... Aliás, reconheço que nossa inefável república ateniense-e quanto a honrar naquela obscurantista Capeto o primeiro dos chefes de polícia de verdade, meu caro anfitrião, é bem verdade, prosseguiu com sua voz bem timbrada, que destacava cada sílaba, em resposta a uma objeção do Sr. Verdurin. Crônica de Saint-Denis, cuja segurança de informação não podemos contestar, não deixa dúvida alguma a respeito, mulher nenhuma poderia ser mais bem escolhida, como padroeira por um proletariado laicizante, do que essa mãe de um santo quem, de resto, fez passar maus momentos, como diz Suger e outros S. Bernardo, pois com ela cada um tinha o seu.

-Quem é este senhor?- perguntou Forcheville à Sra. Verdurin. - Parece-me de primeira.

- Como, o senhor não conhece o famoso Brichot? É célebre em toda Europa.

-Ah, é Bréchot! - exclamou Forcheville, que não ouvira bem. - Que está me dizendo?-acrescentou, encarando o homem célebre com olhos arregalados. É sempre interessante jantar com um homem que está em evidência. Mas, só convidam gente escolhida? Pelo jeito, ninguém se aborrece nesta casa?

-Oh, o que sucede - disse a Sra. Verdurin com modéstia - é quem sente à vontade. Falam do que querem, e a conversa se faz verdadeira, esfuziante. E Brichot não está hoje nos seus melhores dias; já o vi extraordinário aqui em casa, da gente se pôr de joelhos diante dele; muito bem, na casa dos outros não é o mesmo homem, deixa de ter espírito, é necessário arrancarem-lhe as palavras, chega a ser tedioso.

-Curioso - replicou Forcheville espantado.

Um gênero de espírito como o de Brichot seria tomado como pura ignorância no grupo em que Swann havia passado a juventude, embora seja compatível de uma inteligência verdadeira. E a do professor, vigorosa e bem nutrida, teria provavelmente causado inveja a muitas pessoas da sociedade que Swann considera espirituosas. Porém, de tal forma estas tinham logrado imbuí-lo de seus gostos e suas repugnâncias, ao menos em tudo aquilo que diz respeito à vida mundana e até numa de suas partes anexas que pertenceria antes ao domínio da inteligência, ou seja, a conversação, que Swann só pôde achar os gracejos de Brichot pedantes, vulgares e intolerantemente rudes. Depois, sentia-se chocado, no seu hábito de boas maneiras, pelo tom áspero e militar que afetava para com todos o ardoroso acadêmico. Por fim, talvez Swann perdesse principalmente, naquela noite, sua indulgência ao ver a amabilidade com que a Sra. Verdurin tratava aquele Forcheville, que Odette tivera a singular idéia de trazer. Um pouco incomodada em face de Swann, ela lhe perguntara ao chegar:

- Então, que tal meu convidado?

E ele, percebendo pela primeira vez que Forcheville, a quem de há muito conhecia, poderia ser agradável a uma mulher e era um homem bem bonito, respondera: "Imundo!"

Certo, não imaginava ter ciúmes de Odette, mas não se sentia tão feliz como de hábito e quando Brichot, tendo começado a contar a história da mãe de Branca de Castela que "vivera vários anos com Henrique Plantageneta antes de desposa-lo", quis que Swann o confirmasse, indagando:

"Não é mesmo, Sr. Swann?", com um tom marcial que se emprega para pôr-se ao alcance de um camponês ou dar ânimo a um soldado; Swann cortou o efeito

de Brichot, para grande fúria da dona da casa, respondendo que o desculpassem por pouco se importar com Branca de Castela, mas que tinha algo a perguntar ao pintor. Este, de fato, fora de tarde visitar a exposição de um artista, amigo da Sra. Verdurin, recentemente falecido, e Swann queria saber por intermédio dele (pois apreciava o seu gosto) se de fato havia em suas últimas obras mais do que o incrível virtuosismo que já assombrava nas anteriores.

-Sob este aspecto era extraordinário, mas não me parecia uma arte, conforme se diz, muito "elevada" disse Swann sorrindo.

-Elevada... ao pináculo da fama - interrompeu Cottard, erguendo os braços com gravidade fingida.

Toda a mesa rebentou de riso.

- Quando eu dizia que a gente não pode ficar séria com ele. - disse a Sra. Verdurin a Forcheville. - No momento em que menos se espera, lá vem ele com uma das suas.

Mas reparou que Swann fora o único a não ter rido. Aliás, ele não estava nada contente que Cottard gracejasse à sua custa diante de Forcheville. Mas o pintor, em vez de responder de modo que interessasse a Swann, o que provavelmente teria feito se estivessem a sós, preferiu fazer-se admirar pelos convivas com uma tirada sobre a habilidade do mestre falecido.

-Aproximei-me daquela coisa - disse ele para ver como era feita, e meti o nariz. Qual! Não se podia dizer se era feito com cola, rubis, com sabão, com bronze, com o sol ou com meleca!

- Onze e um doze - exclamou o doutor um pouco tarde demais; sua interrupção não ficou entendida por ninguém.

- Não se parece com nada prosseguiu o pintor mas não é possível o truque a não ser em A Ronda ou Os Regentes, e é ainda mais forte do que Rembrandt ou Hals. Mais asseguro que da exposição tenho todos.

Foi interrompido por Forcheville, que interpelava Swann. De fato, ao passo que a Sra. Cottard falava de Franciilon, Forcheville externava à Sra. Verdurin a sua admiração pelo que chamara o pequeno *speech* do pintor.

- Este senhor tem uma facilidade para falar, uma memória tal. - dissera à Sra. Verdurin, quando o pintor acabou - como raramente tenho visto. Quem me dera algo assim. Daria um excelente pregador. Pode-se dizer que, com Bréchot, a senhora tem aqui dois números que se eqüivalem, e até nem sei se, em matéria de palavreado, este não levaria o professor de vencida. É mais natural, menos rebuscado. Embora tenha dito de passagem algumas coisas meio realistas (mas está no gosto da moda), poucas vezes vi alguém manter uma conversa com tanta destreza, como dizíamos no regimento, onde, entretanto, tive um camarada que

esse senhor justamente me faz lembrar um pouco. A propósito de qualquer coisa, nem sei o que lhe dizer, este copo, por exemplo, ele podia discorrer durante horas, não, não a propósito deste copo, o que digo é bobagem; mas a propósito da batalha de Waterloo, de tudo o que a senhora quiser, e, de passagem, falava-nos de coisas em que nunca teríamos pensado. Aliás, Swann estava no mesmo regimento; deve tê-lo conhecido.

-O senhor vê o Sr. Swann muitas vezes?- perguntou a Sra. Verdurin.

-Oh, não. - respondeu o Sr. de Forcheville e, como desejasse ser agradável a Swann, para poder mais facilmente se aproximar de Odette, querendo aproveitar a ocasião para lisonjeá-lo, referiu-se às suas boas relações, porém como homem mundano, em tom de crítica cordial e sem parecer felicitá-lo por um êxito imprevisto:

- Não é mesmo, Swann, que nunca nos vemos? Além do mais, como fazer para vê-lo? Esse animal está o tempo todo metido na casa dos La TrémoiIle, na casa dos Laumes, na casa de todo mundo dessa laia!...

Imputação tanto mais falsa, aliás, porquanto fazia um ano que Swann não ia senão à casa dos Verdurin. Mas a pura menção de pessoas que não conheciam era por eleq

sempre bêbada e o marido era tão ignorante que dizia "pobrema" em vez de problema.

-Nem que me pagassem bem caro, eu deixaria essa gente entrar na minha casa...-concluiu a Sra. Verdurin, encarando Swann com um ar imperioso.

É claro que ela não esperava que Swann se submetesse ao ponto de imitar a santa simplicidade da tia do pianista que acabava de exclamar:

- Estão vendo? O que me espanta é que ainda encontrem pessoas que consintam em conversar com eles! Creio que teria medo! Quando menos a gente espera, nos fazem alguma! Como é que há gente tão boba que ainda corre atrás deles?

Mas que respondesse pelo menos como Forcheville:

"Senhora, trata-se de uma duquesa; há pessoas a quem isto ainda impressiona", o que teria permitido, ao menos, que a Sra. Verdurin replicasse:

"Bom proveito lhes faça".

Em vez disso, Swann se contentou em rir, com ar que indicava que sequer podia levar a sério semelhante extravagância.

O Sr. Verdurin, continuando a lançar olhares furtivos à mulher, via com tristeza e compreendia muito bem que ela experimentava a cólera de um grande inquiridor que não consegue extirpar a heresia; e para tentar levar Swann a uma retratação, já que a coragem das próprias opiniões sempre parece uma covardia e um cálculo aos olhos daqueles contra quem se dialogue, o Sr. Verdurin o interpelou:

- Diga com franqueza o seu pensamento, que não iremos repetir a eles.

Ao que Swann respondeu:

- Mas não é por medo da duquesa absolutamente, se é que estão falando dos LaTrémoïlle. Asseguro-lhes que todos gostam de freqüentar a casa dela. Não digo que ela seja "profunda" (pronunciou a palavra como se se tratasse de um termo ridículo, pois sua linguagem conservava os hábitos do espírito, que uma certa renovação, marcada pelo amor à música, fizera-o perder momentaneamente - às vezes exprimia suas opiniões com calor) mas, sinceramente, ela é inteligente e o marido é um verdadeiro letrado. São pessoas encantadoras.

Desse modo, a Sra. Verdurin, sentindo que por esse único infiel não conseguiria efetivar a unidade moral do pequeno núcleo, não pôde evitar, em sua raiva contra aquele obstinado que não via o quanto suas palavras a faziam sofrer, de lhe gritar do fundo do coração:

-Ache o que bem entender, mas pelo menos não venha dizê-lo a nós.

-Tudo depende do que quer dizer com inteligência - disse Forcheville, desejava brilhar por seu turno. -Vejamos, Swann, o que entende por inteligência...

- Eis aí! exclamou Odette. - Aí estão as grandes coisas sobre as quais peço que me fale, mas ele nunca diz nada.

- Mas como não?... protestou Swann.

- Nada, nada... disse Odette.

- Quem nada é peixe interpôs-se o doutor.

-Para o senhor - volveu Forcheville - a inteligência é o mexerico da sociedade, as pessoas que sabem se insinuar?

-Acabe logo, para que possam retirar seu prato - disse a Sra. Verdurin tom áspero, dirigindo-se a Saniette, que parara de comer, envolto em suas reflexões. E talvez um tanto envergonhada com o tom que assumira:

- Não tem importância, esteja à vontade, estou falando assim por causa dos outros, porque isso impede de servir.

-Existe - disse Brichot, martelando as sílabas - uma definição bem desta inteligência nesse bom anarquista, o Fénelon...

-Ouçam! -disse a Sra. Verdurin para Forcheville e o doutor.-Ele vai dar a definição da inteligência por Fénelon; é interessante, nem sempre há oportunidade de aprender coisas assim.

Mas Brichot esperava que Swann desse a sua definição. Este não respondeu e, pondo-se de lado, fez gorar a brilhante disputa que a Sra. Verdurin se regozijava em oferecer a Forcheville.

- Naturalmente, é o mesmo que faz comigo - disse Odette em tom doido - Não me incomodo de não ser a única pessoa que ele não considera a sua altura...

- Esses de La Trémouaïlle, que a Sra. Verdurin nos apresentou são pouco recomendáveis perguntou Brichot, articulando com força -, desce por ventura dos que a boa esnobe Sra. de Sevigné confessava ser feliz em conhecer, porque isso a elevava no conceito de seus camponeses? É verdade que a marquesa tinha outro motivo, e que para ela deveria ser o principal, pois literata até 83 como era, punha a forma escrita acima de tudo. Ora, no diário que enviava primeiramente à filha, era a Sra. de La Trémoille, bem documentada por suas grandes alianças, quem fazia a política do exterior.

-Mas não, não creio que seja da mesma família - disse casualmente Verdurin.

Saniette que, desde que entregara, precipitadamente ao mordomo, o prato ainda cheio, voltara a mergulhar num silêncio pensativo, desperta para contar, rindo, a história de um jantar na companhia do duque da La Trémoille, do qual resultara

que este não sabia que Georges Sand era o pseudônimo de uma mulher. Swann, que simpatizava com Saniette, julgou dever lhe dar, sobre a cultura do duque, pormenores, que mostravam que semelhante ignorância da parte deste era materialmente impossível; mas de súbito se interrompeu, pois acabava de perceber que Saniette não tinha necessidade daquelas provas e sabia que a história era falsa, pela simples razão de que acabara de inventá-la momentos antes. Aquele excelente homem se desgostava por ser considerado tão tedioso pelos Verdurin; e tendo consciência de ter sido ainda mais sem graça naquele jantar do que de costume, não quisera deixá-lo terminar sem ter conseguido tornar-se divertido. Capitulou tão depressa, com um aspecto de tanta infelicidade por ver fracassado o efeito que esperava obter e respondeu a Swann, num tom de tal modo acovardado, para que este não se encarniçasse numa réplica agora inútil:

"Está bem, está bem; de qualquer forma, mesmo que eu esteja enganado, não se trata de um crime, acho", que Swann gostaria de lhe poder dizer que a história era verdadeira e deliciosa. O doutor, que os ouvira, teve a impressão de que era o caso de dizer se *non é vero*, mas não tinha muita certeza quanto às palavras e temia se atrapalhar.

Depois do jantar, Forcheville encaminhou-se para o doutor.

- Ela não deve ter sido nada feia, a Sra. Verdurin; e além disso, é uma mulher com quem se pode conversar, e isto para mim é o que importa. Evidentemente, ela começa a virar uma pipa. Mas a Sra. de Crécy, eis aí uma mulherzinha bem inteligente, caramba! A gente vê logo que ela tem olho vivo! Estamos falando da Sra. de Crécy - disse ele ao Sr. Verdurin, que se aproximara de cachimbo na boca. -Creio que como corpo de mulher...

-Antes encontrá-lo no meu leito do que encontrar o demo - disse Cottard com precipitação, pois há instantes esperava em vão que Forcheville tomasse fôlego para dizer esse velho gracejo, com medo de perder a oportunidade se a conversa se desviasse para outros assuntos, e pronunciando-o com o excesso de espontaneidade e segurança que busca disfarçar a frieza e o nervosismo inseparáveis de um recitativo. Forcheville conhecia o gracejo, compreendeu-o e divertiu-se muito. Quanto ao Sr. Verdurin, não poupou sua hilaridade, pois achara havia pouco uma forma de simbolizá-la, muito diferente da que usava sua mulher, mas também simples e clara. Mal começara a fazer o movimento da cabeça e dos ombros de alguém que não agüenta mais, logo se punha a tossir como se, rindo com muita força, tivesse engolido a fumaça do cachimbo. E, conservando-o sempre no canto da boca, prolongava indefinidamente o simulacro da sufocação e da hilaridade. Assim, ele e a Sra, Verdurin, a qual, em frente, ouvindo o pintor narrar-lhe uma história, fechava os olhos antes de mergulhar o rosto nas mãos, davam ambos a impressão de duas máscaras de

teatro que figurassem diversamente a alegria.

O Sr. Verdurin, aliás, fizera muito bem em não tirar o cachimbo da boca, pois Cottard, que precisava se afastar por um instante, disse a meia voz uma frase que aprendera recentemente e que repetia toda vez que ia ao mesmo local:

"Preciso ir falar um instante com o duque de Aumale" o que provocou novo aceso de tosse do Sr. Verdurin.

- Vamos, tira esse cachimbo da boca, estás vendo que vais te afogar; ficas contendo o riso desse jeito - disse a Sra. Verdurin, que vinha oferecer licor.

- Que homem encantador o seu marido, tem espírito como quanto declarou Forcheville à Sra. Cottard.

-Obrigado, madame. Um velho soldado e que eu, jamais recusaria.

- O Sr. de Forcheville acha Odette encantadora. - disse o Sr. Verdurin à esposa.

- Mas justamente ela gostaria de almoçar um dia com o senhor. Vamos combinar isso, mas não é preciso que Swann fique sabendo. O senhor entende, dá uma certa frieza. Isto não o impedirá de vir jantar, naturalmente, esperamos o senhor apareça com freqüência. Com o bom tempo que vai chegar agora, muitas vezes jantamos ao ar livre. Não se incomodaria em jantar no Bois? Muito bom, muita gentileza sua. E você, não vai trabalhar no seu ofício?-gritou ela para o, pianista, para mostrar, diante de um novato do calibre de Forcheville, ao mesmo tempo seu espírito e seu poder tirânico sobre os fiéis.

-O Sr. de Forcheville estava em vias de falar mal de ti - disse a Sra. Cottard ao marido quando este retornou ao salão.

E Cottard, mantendo a idéia da nobreza de Forcheville que o preocupou desde o começo do jantar, disse-lhe:

- No momento, estou cuidando de uma baronesa, a baronesa *Putb Putbus* estavam nas Cruzadas, não é mesmo? Na Pomerânia, eles possuem lago, que é dez vezes maior que a Praça da Concórdia. Cuido da sua artrite seca. É uma mulher fascinante. Aliás, creio que ela conhece a Sra. Verdurin.

O que permitiu a Forcheville, quando se encontrou, momentos depois a sós com a Sra. Cottard, completar o juízo favorável que fizera a respeito do marido dela:

- E depois, é interessante ver que ele conhece tantas pessoas. Pois sabem tanto esses médicos!

-Vou tocar a frase da sonata para o Sr. Swann - anunciou o pianista.

- Bolas, que ao menos fosse a *Serpent à sonates* - disse o Sr. de Forcheville para fazer efeito.

Mas o doutor Cottard, que jamais escutara esse trocadilho, não o estendeu e o

julgou um engano de Forcheville. Aproximou-se com vivacidade a corrigi-lo:

- Não é "*serpent à sonates*" que se diz, e sim "*serpent a sonnettes*[3]"! - com um tom zeloso, impaciente e triunfal.

Forcheville lhe explicou o trocadilho. O doutor enrubesceu.

- Confesse que é engraçado, doutor.

- Oh, eu já o conhecia há muito tempo - respondeu Cottard.

Porém calaram-se; sob a agitação dos tremolos de violino, que a protegiam com seu ligeiro frêmito a duas oitavas de distância - e como numa região montanhosa, detrás da aparente imobilidade vertiginosa de uma cascata, percebe se, duzentos pés abaixo, o vulto minúsculo de uma passeante -, a pequena frase acabava de surgir, longínqua, graciosa, protegida pelo longo desfraldar da cortina transparente, incessante e sonora. E Swann, do fundo do coração, dirigiu-se a ela como a uma confidente de seu amor, como a uma amiga de Odette que deveria lhe dizer que não se preocupasse com esse Forcheville.

-Ah, o senhor chegou tarde. - disse a Sra. Verdurin a um fiel que só fora convidado como um "palito" -, tivemos "um" Brichot incomparável, de uma eloqüência! Mas já foi embora. Não é mesmo, Sr. Swann? Creio que é a primeira vez que o senhor se encontra com ele. - disse ela para fazê-lo notar que era a ela que Swann devia o ter conhecido. - Não é verdade que esteve delicioso o nosso Brichot?

Swann se inclinou polidamente.

- Não? Ele não o interessou? - inquiriu a Sra. Verdurin com secura.

- Claro que sim, madame. Muito mesmo, fiquei deslumbrado. Ele talvez seja um tanto peremptório e um pouco jovial para o meu gosto. Preferia que tivesse, às vezes, um pouquinho de hesitação e de suavidade, mas a gente percebe que ele conhece tantas coisas e dá a impressão de ser um homem excelente.

Todos se retiraram bem tarde. As primeiras palavras de Cottard à mulher foram:

- Raras vezes vi a Sra. Verdurin com tanta verve como hoje.

-O que é exatamente essa Sra. Verdurin, uma mulher desfrutável?-indagou Forcheville ao pintor, a quem convidara para saírem juntos.

Odette viu-o se afastar com pena. Não teve coragem de não regressar em companhia de Swann, mas foi de mau humor no carro e, quando ele perguntou se devia entrar na casa dela, lhe disse:

"É claro", dando de ombros com impaciência.

Quando todos os convidados haviam saído, a Sra. Verdurin disse ao marido:

-Notaste como Swann riu sem graça quando falamos da Sra. Trémoille

Ela havia reparado que diante desse nome Swann e Forcheville tinham algumas vezes suprimido a partícula. Não duvidando que aquilo se devia a que eles mijavam, mostrar que não se intimidavam com os títulos, ela aspirava a imitar-lhes a altivez, mas não percebera bem por que forma gramatical deveria traduzi-lo. E como sua viciosa forma de falar podia mais que sua intransigência republicana, *Waaindaos* "de La Tremoille", ou melhor, com uma abreviatura em uso nas letras e canções de café-concerto e nas legendas dos caricaturistas e que dissimulava *MI* em "os d'LaTrémoille", mas logo caía em si, dizendo:

"Madame La Trémoïlle".

-A duquesa, como diz Swann - acrescentou com ironia, num riso que provava nada mais fazia que citar e não contestava uma denominação tão ingênua e ridícula. - Digo que o achei extremamente bobo.

E o Sr. Verdurin respondeu:

- Não é franco, é um sujeito cauteloso, sempre entre o sim e o não, sempre poupara cabra e a couve. Que diferença de Forcheville! Pelo menos, um homem que diz na cara tudo o que pensa. Agrade ou não agrade. Não é o outro, que nunca é branco nem preto. Aliás, Odette parece ter uma certa simpatia por Forcheville, e lhe dou toda a razão. E além disso, já que Swann quer bancar o aristocrata com a gente, o defensor das duquesas, ao menos o outro tem o seu título, sempre será conde de Forcheville acrescentou sutilmente, como se, a história desse condado, lhe avaliasse minuciosamente o teor particular.

-Afirmo-disse a Sra. Verdurin-que ele julgou dever lançar contra algumas insinuações venenosas e bem ridículas. Naturalmente, com motivo, Brichot era querido na casa, aquilo era uma forma de nos atingir, de arruinar o jantar. Imagine o que não dirá de nós ao sair.

- Mas já te disse respondeu o Sr. Verdurin. - É um fracassado, sujeitinho que tem inveja de tudo o que é um pouco grande.

Na realidade, não havia um só fiel que não fosse mais malévolo que Swann, porém todos tinham o cuidado de temperar suas maledicências com gracejos sabidos, com uma ponta de emoção e de cordialidade; ao passo que a reserva que Swann se permitia, despojada das fórmulas convencionais de "Não é por mal que falo, mas...", e às quais não se dignava abaixar-se, pareciam; perfídia.

Existem autores originais em quem a menor ousadia causa revolta, eles antes não tiveram o cuidado de lisonjear os gostos do público e não serviram os lugares-comuns a que ele está habituado; da mesma forma à Swann indignava o Sr. Verdurin. No caso de Swann, como no daqueles autores; o novo da linguagem, que fazia com que acreditassem na perversidade das intrigas. Swann ainda

ignorava a desgraça que o ameaçava em casa dos Verdurin e continuava a ver os ridículos do casal com bons olhos, através do seu Odette.

Na maioria das vezes, só se encontrava com Odette à noite; mas tendo medo de cansá-la indo a sua casa, queria pelo menos não deixar de lhe ter os pensamentos, e em todos os instantes buscava uma oportunidade de fazer-se lembrado, porém de modo que fosse agradável a ela. Se, na vitrina florista ou de um joalheiro, a visão de um arbusto ou de uma jóia o encanto; pensava em enviá-los a Odette, imaginando que o prazer que sentira ao ver, igualmente o sentiria, e viria aumentar o afeto que sentia por ele, e tratava de enviar imediatamente para a rua La Pérouse a fim de não retardar o momento que, quando Odette recebia algo de sua parte, pudesse ele se sentir de qualquer forma perto dela. Queria sobretudo que ela os recebesse antes de sair, para que o reconhecimento que experimentava lhe valesse uma acolhida mais carinhosa quando se encontrassem nos Verdurin, ou até, quem sabe, se o entregador fosse bastante rápido, talvez um bilhete que ela lhe mandaria antes do jantar, ou mesmo a sua vinda em pessoa à casa dele, numa visita suplementar de agradecimento. Como antigamente, quando sentia as reações do despeito em Odette, procurava extrair dela as de gratidão, parcelas íntimas de um sentimento que Odette ainda não revelara.

Muitas vezes ela estava com embaraços financeiros e, pressionada por uma dívida, pedia-lhe auxílio. Swann ficava feliz com isso, como com tudo o que pudesse dar a Odette uma grandiosa idéia do amor que lhe tributava, ou simplesmente uma grande idéia de sua influência, do quanto útil lhe poderia ser. Sem dúvida, se lhe houvessem dito no começo:

"É a tua situação que lhe agrada", e agora:

"É pela tua fortuna que ela te ama", ele não o teria acreditado, embora não ficasse muito aborrecido pelo fato de imaginarem que estivesse presa a ele-que os sentissem unidos um ao outro por algo tão forte como o esnobismo ou o dinheiro. Mas, mesmo que imaginasse fosse verdade, talvez não tivesse sofrido ao descobrir, no amor de Odette, esse estado mais duradouro que o carinho ou as qualidades que ela pudesse achar nele: o interesse, que jamais deixaria chegar o momento em que ela pudesse ser tentada a não vê-lo em definitivo. Por enquanto, acumulando-a de presentes, prestando-lhe favores, Swann podia repousar nas vantagens exteriores à sua pessoa, à sua inteligência, do cuidado exaustivo de lhe agradar por si mesmo. E essa volúpia de estar apaixonado, de viver apenas de amor, de cuja realidade às vezes duvidava, o preço que em resumo lhe custava, como diletante de sensações imateriais, aumentava-lhe ainda mais o valor como se vêem pessoas, incertas quanto à delícia do espetáculo do mar e o rumor das ondas, se convencerem disto tão logo, bem como da rara qualidade de seus gostos desinteressados, ao alugarem por cem francos diários o

aposento do hotel que lhes permita desfrutá-los.

Um dia em que reflexões desse tipo lhe recordavam ainda outra vez o tempo em que lhe haviam falado de Odette como de uma mulher sustentada e em que mais uma vez se divertia contrastando essa personificação estranha, a mulher sustentada ondulando amálgama de elementos desconhecidos e diabólicos, engrinaldado, como uma aparição de Gustave Moreau, de flores venenosas entrelaçadas a pedras preciosas, e aquela Odette em cujo rosto ele vira passarem os mesmos sentimentos de piedade por um desgraçado, de revolta contra uma injustiça de gratidão por um benefício, que outrora vira sentirem sua própria mãe e seus perigos, aquela Odette, cujas frases tantas vezes se referiam às coisas que ele conhecia melhor, às suas coleções, ao seu quarto, ao seu velho criado, ao cargo a quem confiara seus títulos, ocorreu que esta última imagem do banqueiro lhe recordou que precisava tirar dinheiro do banco. De fato, se naquele não fosse tão prodigamente em auxílio de Odette como no mês anterior, que lhe dera cinco mil francos, e não lhe ofertasse o colar de diamantes que ela levava, não renovaria nela essa admiração pela sua generosidade, esse reconhecimento que o deixavam tão feliz, e até se arriscaria a fazê-la crer que seu amor por ela diminuído, pelo fato de se tornarem menores as suas manifestações. E súbito perguntou-se se aquilo não seria exatamente "sustentá-la" (como sem efeito, a noção de sustentar pudesse se extrair de elementos não misteriosos, perversos, mas que pertencessem ao substrato cotidiano e privado da sua vida, como aquela nota de mil francos, doméstica e familiar, rasgada e colada da que o seu criado, depois de pagar o aluguel e as contas do mês, havia fechado na gaveta da velha escrivaninha em que Swann a fora pegar para enviá-la com quatro a Odette) e se era possível aplicar-se a ela, desde que a conhecera (não suspeitou por um momento sequer que ela pudesse alguma vez ter recebido dinheiro de outra pessoa antes dele), essa designação, que julgara tão inconsistente com ela, de "mulher sustentada".

Não pôde aprofundar essa idéia, pois a preguiça de espírito, congênito nele, veio naquele instante extinguir toda a sua inteligência, da mesma forma tão brusca com que, mais tarde, quando instalou em toda parte a iluminação elétrica, se pôde cortar a eletricidade da casa. Seu pensamento tateou por um instante na escuridão, ele tirou os óculos, enxugou as lentes, esfregou os olhos e só reviu a luz quando se achou próximo de uma idéia completamente diversa, ou seja, que era necessário tentar enviar no mês seguinte, seis ou sete mil francos a Odette em vez de cinco, devido à surpresa que aquilo lhe daria.

De noite, quando não ficava em casa a esperar a hora de se encontrar com Odette nos Verdurin, ou melhor, em algum dos restaurantes de verão do Saint-Cloid de que tanto gostavam, ia jantar numa dessas casas elegantes fora outrora um conviva habitual. Não desejava perder o contato com pessoas, sabe-se lá,

poderiam talvez ser úteis a Odette um dia, e graças às quais; conseguia muitas vezes ser-lhe agradável. E depois, o costume antigo de frequentar a sociedade e de exigir seu luxo lhe haviam dado, junto com o desdém, a necessidade de o

esperar que servissem o café, para se encontrar com os Verdurin na ilha do Bois) observou:

- Francamente, se Swann fosse trinta anos mais velho e doente da bexiga, agente poderia desculpá-lo por correr assim. Mas desse jeito já é fazer pouco de nós.

Swann dizia para si mesmo que o encanto da primavera, que não podia ir desfrutar em Combray, ele o encontraria pelo menos na ilha dos Cisnes, ou em Saint-Cloud. Mas, como só podia pensar em Odette, nem mesmo sabia se sentira o odor das folhas, ou se houvera luar. Era acolhido pela pequena frase da Sonata, tocada no jardim pelo piano do restaurante. Se ali não houvesse piano, os Verdurin teriam enorme trabalho para mandar descer um de um quarto ou de uma sala de jantar. Não que Swann tivesse caído de novo em suas boas graças, pelo contrário. Mas a idéia de organizar um engenhoso prazer para alguém que não lhes agradava, despertava-lhes, nos momentos necessários a tais preparativos, sentimentos efetivos e ocasionais de simpatia e cordialidade. Às vezes Swann pensava que era mais uma noite de primavera que passava, e constrangia-se a atentar nas estrelas no céu. Porém a agitação que lhe causava a presença de Odette, e também a indisposição febril que não o largava há algum tempo, privavam-no do sol e do bem-estar que são o fundamento indispensável às impressões, que a nada pode oferecer.

Uma noite em que Swann aceitara jantar com os Verdurin, como disse durante a refeição que no dia seguinte iria a um banquete com antigos amigos e Odette lhe respondera diante de todos, diante de Forcheville, que era agora fiéis, diante do pintor, diante de Cottard:

- Sim, eu sei que você tem o seu banquete, de forma que só não irá em minha casa; mas não vá muito tarde.

Conquanto Swann nunca se sentisse enciumado, a sério, com as conversas de amizade que Odette dava a um ou outro dos fiéis, experimentou uma profunda ternura ao ouvi-la confessar assim, diante de todos, com aquele ar tranqüilo de seus encontros diários à noite, a situação privilegiada que desfrutava em segredo; e a preferência que isso implicava. Certo, Swann pensara muitas vezes que não era de modo algum uma mulher notável, e a supremacia que ele exercia uma criatura que lhe era tão inferior nada tinha que lhe parecesse tão lisonjeiro, assim proclamado em face dos "fiéis"; mas desde que percebera que para os homens Odette parecia uma mulher encantadora e desejável, o encanto que o corpo lhe trazia, despertara-lhe uma necessidade dolorosa de admirá-lo inteiramente nas partes mais íntimas do seu coração. E começara a dar um valor inestimável aos momentos passados na casa dela à noite, onde sentava-a em seus joelhos e fazia dizer o que estava pensando sobre uma coisa ou outra, quando recordava-se dos únicos bens a cuja posse agora se apegava neste mundo. Assim, depois do jantar,

chamou-a de parte e não deixou de lhe agradecer com efusão, por fazer com que compreendesse, de acordo com os graus da gratidão que testemunhava, a escala dos prazeres que ela poderia lhe causar, o maior dos quais, garanti-lo contra os acessos de ciúme, enquanto durasse o seu amor e, em conseqüência, a vulnerabilidade em que estaria a tal sentimento.

Quando saiu do banquete, na noite seguinte, chovia a cântaros e tinha a sua vitória à disposição; um amigo sugeriu levá-lo até em casa. Como Odette, pelo fato de lhe haver pedido que comparecesse, dera-lhe a certeza de que não esperava ninguém, era de ânimo tranqüilo e coração em festa que em vez de sair assim na chuva, entraria em casa para se deitar. Mas, Odette, vendo que ele não fazia questão de passar sempre com ela, sem o fim da noite, não negligenciaria reservá-la para ele, justamente, uma vez que estivesse particularmente desejoso de tal.

Swann chegou à casa dela depois das 11 da noite e, como sentia de não ter podido vir mais cedo, Odette se queixou de que na verdade a tempestade a deixara indisposta, tinha dores de cabeça e o preveniu de que não o reteria mais de meia hora, pois à meia-noite o mandaria embora. E pouco depois, alegou que estava cansada e ia dormir.

- Então, nada de catléias esta noite? indagou ele. - E logo eu que esperava uma boa catleiazinha.

E ela, com ar um tanto amuado e nervoso, respondeu:

- Não, meu querido, nada de catléias esta noite, não está vendo que estou indisposta?

- Isso poderia até lhe fazer bem, mas enfim não vou insistir.

Odette lhe pediu que apagasse a luz antes de ir-se, e ele próprio fechou as cortinas da cama e saiu. Mas quando chegou em casa, veio-lhe bruscamente a idéia de que talvez Odette esperasse alguém aquela noite, que simplesmente simulara o cansaço e que só lhe pedira que apagasse a luz para que julgasse que iria dormir; e, que logo que ele partisse, acendera de novo as luzes e fizera entrar aquele que deveria passara noite com ela. Olhou a hora. Fazia mais ou menos uma hora e meia que a deixara. Tornou a sair, pegou um fiacre e parou perto da casa dela, numa ruazinha perpendicular à que ficava atrás da sua residência, e onde ele ia às vezes bater à janela do seu quarto para que ela viesse abrir; desceu do carro, tudo estava negro e deserto no quarteirão, bastaram-lhe alguns passos para se achar quase diante da casa dela. No meio da escuridão de todas as janelas, há muito apagadas na rua, viu uma única de onde fluía-dentre os postigos que lhe apertavam a polpa misteriosa e dourada a luz que enchia o quarto e que, em outras tantas noites, por mais longe que a avistasse ao chegar ao princípio da rua, de súbito o alegrava ao anunciar-lhe:

"Aí está ela te esperando", e que agora o torturava ao dizer: "lá está ela com aquele a quem esperava". Ele queria saber de quem se tratava; deslizou ao longo da parede até a janela, mas entre as tabuinhas oblíquas dos postigos não distinguia nada; ouvia apenas, no silêncio da noite, o murmúrio de uma conversação. Certamente sofria por ver aquela claridade em cuja atmosfera de ouro se movia, por detrás dos postigos, o casal invisível e detestado; por ouvir aquele murmúrio que revelava a presença daquele que viera após a sua partida, a falsidade de Odette, o prazer que ela iria gozar com esse sujeito.

E no entanto Swann estava contente por ter vindo: o tormento que o migara a sair de casa já perdera em acidez o que ganhara em precisão, agora que a outra vida de Odette, de que tivera naquele momento a brusca e impotente suspeita, tinha-a ali, iluminada em cheio pela lâmpada, prisioneira sem o saber daquele - o no qual, quando quisesse, entraria para surpreendê-la e capturá-la; ou meteria bater nos postigos como fazia muitas vezes quando chegava muito tarde; pelo menos, Odette ficaria sabendo que ele percebera tudo, que vira a luz e a conversa; e ele, que há pouco a imaginara rindo com o outro de suas ingenuidades, era agora ele quem os via, confiantes no seu engano, em suma enganados por ele a quem julgavam estar longe dali e que já sabia que ia bater nos postigos, talvez o que sentisse naquele momento de quase agradável também fosse coisa que não o apaziguamento de uma dúvida e de uma dor: um prazer de inteligência. Se, desde que estava apaixonado, as coisas tinham recuperado para pouco do delicioso interesse que lhes encontrava antigamente, mas apenas iluminadas pela lembrança de Odette, agora era uma outra faculdade; juventude estudiosa que seu ciúme despertava, a paixão pela verdade, uma verdade que também se interpusesse entre ele e sua amante, só recebe dela, verdade bem individual, cujo único objetivo, de um valor infinito e que uma beleza desinteressada, eram as ações de Odette, suas relações, seus parentes, seu passado. Em qualquer outra época da sua vida, os acontecimentos sem importância e os gestos cotidianos de uma pessoa sempre tinham parecido sentimental para Swann; caso viessem lhe trazer mexericos, julgava-os insignificantes; quanto ouvia, era somente sua mais vulgar atenção que mostrava interesse dos momentos em que se sentia mais medíocre. Mas nesse estranho período de amor, o individual assume algo de tão profundo que essa curiosidade, que, despertar dentro dele em relação às menores ocupações de uma mulher era a mesma que tivera antigamente pela História. E tudo aquilo de que até então tinha vergonha, espiar por uma janela, quem sabe amanhã talvez sondar habilmente indiferentes, subornar os criados, escutar às portas, já não lhe parecia, tanto a decifração de textos, a comparação de testemunhos e a interpretação de pensamentos, senão formas de investigação científica de um genuíno valor inteligente, apropriadas à pesquisa da verdade.

A ponto de bater nos postigos, teve um momento de vergonha a de que Odette iria

saber que ele tinha suspeitas, que voltara, que estava pela rua. Muitas vezes ela falara do horror que lhe causavam os ciumentos, os que espionam. Era bem ridículo o que ia fazer, e ela o detestaria daí em diante, ao passo que naquele momento, enquanto não batia, talvez mesmo que o enganasse ela o amava ainda.

Quantas venturas possíveis não sacrificamos dessa impaciência de um prazer imediato! Mas o desejo de saber a verdade era tanto que lhe pareceu mais nobre. Sabia que a realidade das circunstâncias, a cuja ação exata teria dado a própria vida, era legível por detrás daquela janela esta luz, como debaixo da capa de um desses preciosos manuscritos, iluminada e a cuja riqueza artística não pode ficar indiferente o sábio que os consultou com grande volúpia em conhecer a verdade que o apaixonava naquele exemplo efêmero e precioso, de uma matéria translúcida, tão cálida e bela. A vantagem que sentia, que tinha tanta necessidade de sentir, sobre eles, menos de saber, do que de poder mostrar-lhes que sabia. Ergueu-se nos pés. Bateu. Não o ouviram. Bateu com mais força, a conversa parecia masculina, que ele procurou descobrir a qual dos amigos de Odette, perguntou:

-Quem está aí?

Swann não tinha certeza de conhecê-la. Bateu outra vez. Abriram a janela, depois os postigos. Agora, não havia mais como recuar e, já que ela ia saber de tudo, para não parecer muito infeliz, muito ciumento e curioso, ele se contentou em gritar num tom negligente e alegre:

- Não se incomode, eu passava por aqui, vi a luz e quis saber se você já não estava indisposta.

Olhou. Diante dele, dois velhos senhores estavam à janela, um empunhando uma lâmpada, e então viu o quarto, um quarto desconhecido. Tendo o hábito, quando ia à casa de Odette às dez horas, de reconhecer sua janela por ser a única iluminada entre as janelas iguais, enganara-se e batera na janela seguinte que era da casa vizinha.

Afastou-se com escusas e voltou para casa, feliz porque a satisfação da curiosidade mantivera intacto o seu amor e, depois de ter simulado há tanto tempo, face a Odette, uma espécie de indiferença, por não lhe ter dado, devido ao ciúme, aquela prova de que a amava demais, a qual, entre dois amantes, dispensa, para todo o sempre, de amar bastante aquele que a recebe. Não lhe falou desse episódio mal-aventurado, nem mesmo pensou mais nele. Mas, por momentos, um movimento de suas idéias vinha encontrar a lembrança daquilo, feria-o, aprofundava-o mais, e Swann chegava a sentir uma dor súbita e profunda. Como se tratasse de uma dor física, os pensamentos de Swann não podiam minorá-la; mas pelo menos a dor física, por ser independente do pensamento, este pode se fixar nela, constatar que diminuiu, que cessou

temporariamente.

Mas aquela dor, era bastante relembrá-la, para que o pensamento a criasse outra vez. Querer não pensar nela era pensá-la ainda, sofrê-la ainda. E quando, conversando com amigos, esquecia-se do seu mal, de súbito uma palavra dita por alguém, fazia-o mudar de fisionomia, como um ferido que um desajeitado acaba de tocar sem cuidado no membro dolorido. Quando deixava Odette sentia-se feliz, tranqüilo, lembrava-se dos sorrisos dela, zombeteiros ao falar de um ou outro, eternos para ele, o peso da sua cabeça que ela destacava do eixo para incliná-la, deixá-la cair, quase sem querer, sobre os lábios dele, como fizera da primeira vez no carro, os olhares lânguidos que lhe lançara enquanto estava em seus braços, sempre apertando medrosamente contra seu ombro a cabeça inclinada.

Mas logo o ciúme, como se fosse a sombra do amor, se completava com a duplicidade daquele novo sorriso que ela lhe dirigira naquela mesma noite-e que, inverso agora, zombava de Swann e enchia-se de amor por outro-, daquela inclinação da cabeça voltada para outros lábios e, dadas a um outro, de todas as marcas de ternura que ela tivera para com ele. E todas as lembranças voluptuosas que ele tinha da casa dela eram outros tantos esboços, "projetos" semelhantes aos que promete um decorador, e que permitiam a Swann se fazer uma idéia das escolhas ardentes, ou lânguidas, que ela poderia ter com outros. De modo que ele chegava a lamentar todo prazer que desfrutara com ela, toda carícia inventada; a doçura que tivera a imprudência de lhe apontar, toda graça que lhe descobria, pois que um instante após iria enriquecer de novos instrumentos seu suplício.

Este se tornava tanto mais cruel ainda quando lhe vinha a recordação de um breve olhar que havia surpreendido, alguns dias antes, e pela primeira vez nos olhos de Odette. Fora depois do jantar, na casa dos Verdurin. Seja porque Forcheville, sentindo que Saniette, seu cunhado, não estava de favores entre os Verdurin, tomá-lo como bode expiatório, e brilhar à sua custa diante deles, seja que estivesse irritado por uma frase infeliz, que Saniette acabava de dizer e que, aliás, passava despercebida dos assistentes, que não sabiam que alusão malcriada podia contra a vontade daquele que a pronunciara sem qualquer malícia, seja enfim, buscasse há algum tempo uma oportunidade para fazer expulsar da casa, a que o conhecia tão bem, e que ele sabia ser muito delicado para que sua prática não o incomodasse em certas ocasiões, Forcheville respondeu às palavras de Saniette com tamanha grosseria que, pondo-se a insultá-lo, animou-se cada vez mais, à medida que vociferava, com o pasmo, a mágoa e as súplicas do outro, com que o infeliz, depois de ter perguntado à Sra. Verdurin se devia permanecer, ou não tendo recebido resposta, retirou-se balbuciando, com lágrimas nos olhos. Odette assistira impassível à cena, mas quando a porta se fechou sobre si mesmo,

fazendo descer de certo modo, em vários graus, a expressão costumeira, para poder nivelar-se na baixeza de Forcheville, ela acendeu um sorriso martelando as pupilas, felicitando-o pela audácia que tivera, e de ironia por aquele que se fazia de vítima; lançara-lhe um olhar de cumplicidade no mal, que bem desejava dizer uma execução, ou não entendo disso.

-Viu o aspecto dolorido dele?

Ele achando que Forcheville, quando seus olhos encontravam aquele olhar, repentinamente despido da cólera, ou do simulacro de cólera, que ainda o aquecia, sorriu e respondeu:

-Seria bastante que fosse amável, e ainda estaria aqui. Um bom ódio faz bem em qualquer idade.

Um dia em que Swann tinha saído no meio da tarde, para fazer uma visita, não tendo achado em casa a pessoa que esperava encontrar, teve a idéia de ir à casa de Odette, naquela hora em que jamais fora visitá-la, mas que sabia que achava sempre recolhida para fazer a sesta ou escrever cartas, antes da hora e ele teria o prazer de vê-la um pouco sem incomodá-la. O porteiro lhe disse, achava que ela estava em casa; Swann tocou a campainha, julgou ouvir um, passos, mas ninguém abriu. Ansioso, irritado, ele foi para a ruazinha para o outro lado do prédio, e ali se postou, diante da janela do quarto de cortinas, impediam-no de ver coisa alguma, bateu com força nas vidraças, ninguém atendeu. Percebeu que os vizinhos o olhavam. Foi embora, por que, depois de tudo, talvez se enganasse ao julgar ouvir passos; mas preocupado que não podia pensar em outra coisa. Passada uma hora; encontrou-a; ela lhe disse que estava em casa há pouco, quando ele tocara, porém dormia; a campainha a despertara, ela adivinhara que fosse Swann, correra para encontrá-lo mas ele já se fora. Ouvira perfeitamente as batidas na vidraça. Swann reconheceu imediatamente nessas palavras um desses fragmentos de um fato correto que os mentirosos, em aperto, se consolam em fazer entrar na narração de fatos falsos, que eles inventam, julgando que assim têm alguma vantagem e furtam sua semelhança à Verdade. Claro que quando Odette acabava de fazer algo que não desejava revelar, escondia-o no fundo de si mesma. Mas desde que se encontrasse em presença daquele a quem queria enganar, era tomada de uma perturbação, todas as suas idéias lhe fugiam, suas faculdades de invenção e de raciocínio ficavam paralisadas, ela não encontrava na cabeça senão o vazio; no entanto, era preciso dizer alguma coisa, e ela achava em suas mãos, exatamente, aquilo que desejara dissimular e que, sendo verdade ficara ali sozinho.

Destacava um pedacinho, desimportante em si mesmo, dizendo consigo que, enfim, era melhor desse jeito, visto que era um detalhe verdadeiro, que não oferecia os mesmos perigos de um detalhe falso.

"Pelo menos isto é verdade", dizia para si mesma, "é sempre uma vantagem, ele pode se informar, vai reconhecer que é verdade, não será isto que vai me trair." Ela se enganava, era aquilo exatamente o que a traía, pois não se dava conta de que esse detalhe verdadeiro apresentava ângulos que só podiam se encaixar nos detalhes contíguos do fato verdadeiro, do qual o destacara de forma arbitrária e que, fossem quais fossem os detalhes inventados entre os quais ela o colocasse, revelariam sempre pela matéria excedente e os vazios não preenchidos que ali não era o seu posto.

"Ela confessa que me ouviu tocar a campainha, depois bater, e que julgara fosse eu, que tinha vontade de me ver", dizia Swann consigo. "Mas isto não combina com o fato de não me ter aberto a porta."

Porém não lhe assinalou essa contradição, pois pensava que entregue a si mesma, Odette talvez inventasse alguma mentira que seria um fraco indício da verdade; ela falava; ele não a interrompia, acolhia com uma piedade ávida e dolorosa, as palavras que ela dizia e que ele sentia (justamente porque ela, ao falar, a ocultava por trás delas) conservarem vagamente, como um véu sagrado, a forma, delinearem o molde impreciso dessa realidade infinitamente preciosa e infelizmente incontrolável; o que fazia Odette às três horas, quando ele havia chegado, da qual ele jamais possuiria senão essas mentiras, vestígios divinos e ilegíveis, e que existia na lembrança escamotadora dessa criatura que a contemplava sem saber apreciá-la, mas que nunca a revelaria. Certo, em alguns momentos suspeitava que os atos diários de Odette não eram por si sós, apaixonadamente interessantes, e que as relações que ela pudesse ter com outros homens não faziam emanar, naturalmente, de um modo universal e para todo ser pensante, uma tristeza mórbida; capaz de ocasionar a febre do suicídio. Então percebia que semelhante interesse por essa tristeza, só existia nele como uma doença e que, quando fosse curada, os atos de Odette, os beijos que ela pudesse dar, se tornariam inofensivos, com tantas outras mulheres. Mas que a curiosidade dolorosa que Swann sentia, não tivesse causa senão em si mesmo, não era motivo para que considerasse irracional, achar essa curiosidade importante e de se empenhar para satisfazer, que Swann chegara a uma idade cuja filosofia; favorecida pela da época, do meio em que tanto vivera, desse grupo da princesa des Laumes, o convencionara que alguém é inteligente na medida em que duvida de tudo; só se achava o real e o incontestável nos gostos de cada um; já não à juventude, e sim uma filosofia positiva, quase médica, de homens que, então exteriorizarem os objetos de suas aspirações, tentam tirar dos anos passados, resíduo fixo de hábitos, de paixões, que possam considerar, neles, como característicos e permanentes, e aos quais, de forma deliberada, hão de querer, para que o tipo de vida que levam possa satisfazer. Swann julgava sensato aceitar a parte de sofrimento que sentia por ignorar o que havia feito Odette, contava a

parte de agravamento, que um clima úmido causava ao seu eczema; prever no seu orçamento uma quantia respeitável para obter dados relativos ao emprego, dos dias por Odette, sem o que se sentiria bastante infeliz, da maneira como reservava dinheiro para outras despesas que sabia lhe iriam proporcionar prazer, pelo menos antes de se apaixonar, como o gosto das coleções de boa culinária.

Quando quis despedir-se de Odette a fim de voltar para casa, ela pediu que ficasse ainda um pouco e o reteve até com vivacidade, pegando o seu zc und ne

Que mentira deprimente estaria ela em vias de dizer a Swann para que ostentasse aquele olhar doloroso, aquela voz lamurienta que parecia se abater sob o esforço que a si mesma se impunha, e pedir perdão? Swann imaginou que era não apenas, a verdade acerca do incidente da tarde; mas, que ela se esforçava por esconder também algo mais atual, talvez ainda não ocorrido e bastante próximo, e que poderia esclarecê-lo quanto a essa verdade. Naquele momento, ouviu um toque de campainha. Odette não parava mais de falar, mas suas palavras não passavam de um gemido: sua pena de não ter visto Swann à tarde, de não lhe ter aberto a porta, se transformara num legítimo desespero.

Ouviu-se a porta de entrada se fechar de novo e o rumor de um carro, como se alguém tivesse ido embora, provavelmente, alguém que Swann não deveria encontrar e a quem teriam dito que Odette saíra. Então, pensando que bastava ter vindo numa hora que não lhe fosse habitual para atrapalhar tantas coisas que ela não queria que soubesse, Swann sentiu-se invadido por um desânimo, quase desespero. Porém, como amava Odette, como tivesse o hábito de voltar para ela todos os pensamentos, a compaixão que poderia ter sentido por si mesmo, foi por ela que a sentiu, e murmurou:

"Pobre querida!"

Quando a deixou, Odette pegou várias cartas que estavam sobre a mesa e lhe pediu que as pusesse no correio. Swann as levou e, logo ao chegar em casa, viu que ainda trazia as cartas consigo. Voltou ao correio, tirou-as do bolso e, antes de as depositar na caixa, leu os endereços. Eram todas para fornecedores, salvo uma para Forcheville. Segurou-a na mão, dizendo para si: "Se consigo ver o que está aí dentro, saberei como ela o chama, como lhe fala, se existe algo entre os dois. Talvez mesmo, não a lendo, cometa uma indelicadeza com Odette, pois, é a única forma de me livrar de uma suspeita, quem caluniosa para ela, destinada, em todo caso, a fazê-la sofrer e que nada mais `a destruir tão logo a carta seja remetida."

Voltou para casa ao deixar o correio, mas guardara consigo a última. Acendeu uma vela e lhe aproximou o envelope que não tivera a coragem de princípio nada pôde ler, mas o envelope era delgado e, apertando-o contra o interior, pôde ler as últimas palavras devido à transparência. Era uma forma de despedida, bastante fria. Se, em vez de ser ele quem estivesse lendo uma carta de Forcheville, fosse este quem lesse uma carta a Swann, veria expressões muito ternas! Manteve imóvel a carta que dançava dentro do envelope, bem maior depois, fazendo-a deslizar com o polegar, foi trazendo sucessivamente as linhas para a parte do envelope que não era forrada, a única através da qual era possível ler.

Apesar disso, não distinguia bem; aliás, isto não queria dizer nada, vira o

suficiente para ter certeza de que se tratava de uma coisa sem importância, que de modo algum se referia a relações amorosas; era algo que se ligava a Odette. Swann lera muito bem no começo da linha: "Fiz bem em", entendia o que Odette fizera bem, quando de súbito, uma palavra que a primeira não conseguira decifrar apareceu e iluminou o sentido da frase inteira:

"Fiz abrir, era meu tio."

Abrir! Então Forcheville lá se achava quando Swann tocava a campainha, e ela o mandara embora; de onde o rumor que ouvira.

Então leu toda a carta; no fim, ela se desculpava por ter agido com cerimônia com Forcheville, e lhe dizia que ele havia esquecido seus cigarros na casa dela, a mesma frase que escrevera a Swann numa das primeiras vezes que a fora visitar. Mas para Swann ela havia acrescentado:

"Se tivesse deixado o coração, eu não o teria devolvido."

Para Forcheville nada semelhante: nenhuma alusão que desse a entender uma relação entre eles. Aliás, para falar a verdade, tudo aquilo o mais enganado era Forcheville, visto que Odette lhe escreveu para convencê-lo de que o visitante era seu tio. Em suma, era ele, Swann, o homem quem ela dava mais importância e por quem mandara embora o outro. E no entanto, se nada havia entre ela e Forcheville, por que não abrira logo, por que:

"Fiz bem em abrir, era meu tio"?

Se nada fazia de mal naquela ocasião, com o mesmo Forcheville poderia explicar a si próprio que ela não tivesse explicado a ele. Swann ficou ali, desolado, confuso e no entanto feliz, diante daquele envelope que Odette lhe confiara sem temor, tão absoluta era a confiança que depositava, a delicadeza; mas através de cuja transparente vidraça a ele se revelava, como quando de um episódio que nunca julgaria possível conhecer, um pouco da Odette, como em uma estreita fenda luminosa aberta em pleno desconhecido, além disso, seu ciúme se alegrava com tal fato, como se tivesse uma vida independente, egoísta, voraz de tudo o que o alimentava, mesmo às expensas dores de Swann. Agora, o ciúme tinha um alimento e Swann ia poder começara investigar todos os dias com as visitas que Odette receberia às cinco da tarde, aonde se achava Forcheville a essa hora. Pois a ternura de Swann continuava com o mesmo caráter que lhe imprimira desde o princípio, ao mesmo tempo a ignorância em que se encontrava acerca do emprego do dia por Odette e a preguiça cerebral que o impedia de suprir a ignorância com a imaginação.

No começo, não se sentiu enciumado de toda a vida de Odette, mas apenas dos momentos em que uma circunstância, talvez mal interpretada, o levara a supor que Odette pudesse enganá-lo. Seu ciúme, como um polvo que lança um

primeiro tentáculo, depois um segundo e um terceiro, se fixava solidamente àquele momento de cinco horas da tarde, depois a um outro, depois a um terceiro ainda. Mas, Swann não sabia inventar seus sofrimentos. Estes eram apenas a recordação, a permanência de um sofrimento que lhe vinha de fora.

Porém tudo que vinha de fora lhe causava sofrimento. Quis afastar Odette de Forcheville, levá-la por alguns dias para o sul. Mas achava que Odette era desejada por todos os homens que se encontrassem no hotel e que ela mesma os desejava. De forma que ele, que antigamente, nas viagens, procurava novas pessoas, os grupos numerosos, era visto agora como um selvagem, fugindo ao convívio dos homens como se eles o tivessem ferido cruelmente. E como não seria misantropo, se em todo homem que via enxergava um amante possível para Odette? E assim o ciúme de Swann, mais ainda que o fizera o prazer voluptuoso e risonho que tivera no começo por Odette, alterava o caráter dele e transformava por completo, aos olhos dos outros, o próprio aspecto dos sinais exteriores pelos quais esse caráter se manifestava.

Um mês depois do dia em que lera a carta dirigida por Odette a Forcheville, Swann foi a um jantar que os Verdurin ofereciam no Bois. No momento em que se preparavam para sair, ele notou conciliáveis entre a Sra. Verdurin e vários dos convidados e julgou compreender que recomendavam ao pianista que não deixasse de comparecer no dia seguinte a uma reunião no Chatou; ora, ele, Swann, não fora convidado.

Os Verdurin só haviam falado a meia voz e em termos vagos, mas o pintor, sem dúvida distraído, exclamou:

- Não será preciso luz nenhuma e que ele toque a Sonata ao Luar para, no escuro, iluminar melhor as coisas.

A Sra. Verdurin, vendo que Swann estava a dois passos, assumiu a expressão em que o desejo de fazer calar quem fala e de manter um ar inocente aos olhos de quem ouve se neutraliza numa intensa nulidade do olhar, onde o signo imóvel da inteligência do cúmplice se dissimula sob os sorrisos do ingênuo e que, por fim, comum a todos os que se apercebem de uma gafe, revela-a instantaneamente, se àqueles que a cometem, ao menos àquele que lhe serviu de objetivo. Odette assumiu de repente o ar de uma desesperada que renuncia a lutar contra as dificuldades esmagadoras da vida, e Swann contava ansiosamente os minutos que o observavam do momento em que, após ter deixado aquele restaurante, durante a companhia dela, iria poder lhe pedir explicações, conseguir dela que não fosse no dia seguinte a Chatou; ou que ela o fizesse ser convidado, e apaziguasse em seus braços a angústia que experimentava. Enfim, chamaram os carros: Verdurin disse a Swann:

"Então, adeus, até breve, não é mesmo?", tenta a amabilidade do olhar e a força

do sorriso, impedir que Swann percebesse; não lhe dizia, como sempre o fizera até ali:

"Até amanhã em Chatou, amanhã lá em casa."

O Sr. e a Sra. Verdurin fizeram que Forcheville embarcasse com o carro de Swann que estava atrás do deles, cuja partida ele esperava por Odette no seu.

-Odette, vamos levar você - disse a Sra. Verdurin -, temos um lugar para você ao lado do Sr. de Forcheville.

-Sim, senhora - respondeu Odette.

- Mas como, eu julgava que ia levar você de volta - gritou Swann, e sem dissimular, as palavras necessárias, pois a portinhola estava aberta, os modos eram contados e ele não podia voltar sem ela do jeito em que estava.

- Mas a Sra. Verdurin me pediu...

-Ora, o senhor pode muito bem voltar sozinho, nós o temos deixado uma porção de vezes-disse a Sra. Verdurin.

- Mas é que eu tenho uma coisa importante para dizer a Odette...

- Muito bem, escreva-lhe...

-Adeus - disse Odette, estendendo-lhe a mão.

Swann tentou sorrir, mas tinha um aspecto apavorado.

-Viste os modos que Swann se permite ter agora conosco? - disse a Sra. Verdurin ao marido ao chegarem em casa. - Pensei que fosse me esquecer que levávamos Odette. Francamente, é de uma inconveniência! É melhor, que diga que mantemos um bordel! Não compreendo como é que Odette agüenta suas maneiras. Ele dá impressão de estar dizendo: você me pertence. Vou dizer o meu modo de pensar e espero que ela compreenda.

E ainda acrescentou, um momento depois, cheia de cólera:

-Não gosto desse excomungado! empregando, sem saber, talvez obedecendo ao obscuro desejo de se justificar (como Françoise, em Combray, quando o frade queria morrer), as palavras que as últimas convulsões de um animal que agoniza, arrancam ao camponês prestes a matá-lo. E quando o carro da Sra. Verdurin partiu e o de Swann avançou, o olhando-o, perguntou se ele não estaria doente ou se lhe acontecera alguma graça.

Swann mandou-o embora, queria caminhar, e foi a pé pelo Bois sozinho, em voz alta, e no mesmo tom artificial que assumira até ali quando observava os encantos do pequeno núcleo e exaltava a magnanimidade dos jardins.

Mas assim como as palavras, os sorrisos e os beijos de Odette serem tão odiosos

como outrora os achara doces, se dirigidos a outras pessoas que iam ao salão dos Verdurin, que ainda há pouco lhe parecera agradável, respirando um verdadeiro gosto pela arte e até uma espécie de nobreza moral, agora que era um outro, que Odette ali iria encontrar e amar livremente, manifestava-lhe toda a sua imbecilidade, seus ridículos e sua ignomínia.

Imaginava com desgosto a reunião do dia seguinte em Chatou. "Primeiro, essa idéia de ir a Chatou! Como comerciantes que acabam de fechar sua loja! Na verdade, essas pessoas são sublimes na sua burguesia, não devem existir de fato, devem sair do teatro de Labiche!"

Lá estariam os Cottard, talvez Brichot. "É bem grotesca, essa vida de pessoas insignificantes, que não conseguem viver uns sem os outros, que se julgariam perdidos, palavra, se não fossem amanhã a Chatou!" Infelizmente, lá estaria também o pintor que gostava de "arrumar casamentos", que convidaria Forcheville com Odette ao seu ateliê. Via Odette com um vestido luxuoso demais para uma reunião no campo, "pois ela é tão vulgar, pobrezinha, e sobretudo tão idiota!".

Ouvia os gracejos que a Sra. Verdurin faria após o jantar, os gracejos que, fosse qual fosse o maçante a que tivessem por alvo, tinham-no divertido sempre, pois via Odette a rir, rir com ele, quase dentro dele. Agora sentia que talvez fosse dele que iam fazer rir Odette. "Que alegria fétida!", dizia, dando à boca um esgar de desgosto tão intenso que ele próprio teve a sensação muscular de sua careta, até no pescoço retorcido contra o colarinho da camisa.

"E como é que uma criatura, cujo rosto é feito à imagem de Deus, pode se divertir com esses gracejos nauseantes? Toda narina um pouquinho delicada se revoltaria com horror para não se deixar invadir por semelhantes emanações. Na verdade, é inacreditável pensar que um ser humano possa não compreender que, permitindo-se sorrir de um semelhante que lhe estendeu lealmente a mão, está se degradando até um lamaçal de onde não será mais possível, mesmo com a melhor boa vontade do mundo, reerguê-lo. Moro a muitos milhares de metros acima da escória onde grulham e gralham essas sujas verborréias, para que possa ser respingado com as gracinhas de um Verdurin", exclamou, erguendo a cabeça e retesando orgulhosamente o peito. "Deus é testemunha de que sinceramente quis arrancar Odette de lá, e educá-la numa atmosfera mais nobre e pura. Mas a paciência humana tem limites, e a minha está acabando", disse consigo, como se essa missão de arrancar Odette a uma atmosfera de sarcasmos datasse de muito tempo e não de poucos minutos, e como se não se impusera semelhante tarefa, apenas quando imaginara, que tais sarcasmos talvez, tivessem ele próprio como objeto e cujo propósito seria afastar Odette dele.

Via o pianista prestes a tocar a Sonata ao Luar e os esgares da Sra. Verdurin,

"Assustada com os males que a música de Beethoven ia causar a seus nervos: idiota, mentirosa!", exclamou. "E essa mulher crê amar a Arte!" Ela diria a Odette, de lhe ter insinuado habilmente algumas palavras elogiosas sobre Forcheville, com muitas vezes fizera com ele:

"Você vai reservar um lugarzinho a seu lado para o Sr. de Forcheville."-"E na escuridão! Intrometida, alcoviteira!" "Alcoviteiro também o nome que ele dava à música que os convidava a se calarem, e juntos, a se contemplarem, a se darem as mãos. E dava razão à severidade das artes demonstrada por Platão, por Bossuet, e pela velha educação francesa. Em suma, a vida que se levava nos Verdurin e que ele tantas vezes tinha à "vida verdadeira" parecia-lhe a pior de todas, e o pequeno núcleo, o último dos ambientes. "Na verdade", dizia consigo, "é o que existe de mais baixo no social, é o último círculo de Dante. Não há dúvidas de que o texto augusto será aos Verdurin! No fundo, como as pessoas aristocratas, das quais se pode dizer mas que assim mesmo são algo bem diverso, desses grupos de gente vulgar, encontra sua sabedoria profunda em recusar-se a conhecê-los, até mesmo tocar com eles as pontas dos dedos! Que poder de adivinhação nesse limitante bairro de Saint-Germain!"

Há muito já deixara as alamedas do Bois, estava quase chegando em casa e, ainda sofrendo a dor e o brotar da insinceridade, cuja embriaguez era renovada com abundância a cada instante pelas entonações mentirosas da sonoridade artificial de sua própria voz, continuava ainda a discursar em voz baixa no silêncio da noite:

"As pessoas da alta sociedade têm seus defeitos, ninguém reconhece melhor que eu, mas enfim, trata-se de gente com quem algumas, não são impossíveis. Aquela mulher elegante que eu conheci estava longe de ser esta, mas afinal ainda assim havia nela um fundo de delicadeza, uma lealdade de comportamento que a fariam incapaz, acontecesse o que acontecesse, menospreza-lo e que era suficiente para cavar um abismo entre ela e uma megera! Verdurin. Verdurin! Que nome! Ah, pode-se dizer que são completos, que são do seu gênero! Graças a Deus já era tempo de não mais condescender naquela vacuidade com essa infâmia, com tais baixezas."

Mas, como as virtudes que ele atribuía há pouco aos Verdurin não tivessem bastado, mesmo se as possuíssem de verdade, se não tivessem favorecida proteção ao seu amor, para provocarem Swann semelhante embriaguez, enternecia a respeito da magnanimidade do casal e que, mesmo alardeado de outras pessoas, só poderia lhe chegar por meio de Odette - ou mesmo a imoralidade, ainda que real, que agora ele encontrava nos Verdurin, seria insensatez se eles não tivessem convidado Odette com Forcheville e sem ele, para desencadear a indignação de Swann e fazê-lo ver gastar a "sua infâmia". E sem dúvida, Swann tinha mais clarividência que ele próprio, ao se recusar a

pronunciar palavras cheias de nojo pelo grupo dos Verdurin e de alegria de ter acabado aquilo, a não ser num tom artificial e como que escolhidas antes para apaziguar a cólera do que para expressar seu pensamento. De fato, este, enquanto entregava às invectivas, estava provavelmente, sem que ele se apercebesse ocupado com um assunto inteiramente diverso, pois logo que chegara, mal fechara a porta, bateu de súbito na testa e, abrindo a porta de novo, gritando agora com voz natural:

"Acho que encontrei um meio de ser convidado amanhã a jantar em Chatou!"

Porém esse meio deveria ser ruim, pois Swann não foi convidado. O doutor Cottard que, chamado à província por um caso grave, não via os Verdurin há vários dias e não pudera ir a Chatou, comentou, no dia seguinte a esse jantar, ao sentar-se à mesa com eles:

- Não veremos o Sr. Swann esta noite? É bem o que se chama um amigo pessoal do...

- Espero que não! exclamou a Sra. Verdurin. - Deus nos preserve de tal coisa. Ele é um maçante, um tolo, mal-educado.

A estas palavras, Cottard manifestou ao mesmo tempo o seu espanto e a sua submissão, como diante de uma verdade contrária a tudo o que havia acreditado até então, porém de uma evidência irresistível; e, baixando o nariz para o prato, com ar emocionado e medroso, contentou-se em responder:

"Ah, ah, ah, ah!", atravessando aos recuos, em sua retirada de boa ordem, até ao fundo de si mesmo, ao longo de uma escala descendente, todo o registro de sua voz. E não se falou mais em Swann entre os Verdurin.

E então aquele salão, que reunira Swann e Odette, se transformou num obstáculo a seus encontros. Ela já não lhe dizia, como nos primeiros tempos de seus amores:

"Em todo caso, nós nos veremos amanhã à noite, há uma ceia nos Verdurin" e sim:

"Não podemos nos ver amanhã à noite, há uma ceia nos Verdurin."

Ou então os Verdurin deviam levá-la à *Ópera-Cômica* para ver *Uma Noite de Cleópatra*, e Swann lia nos olhos de Odette o medo de que ele lhe pedisse para não ir, que antigamente não se conteria em beijar de passagem no rosto da amante e que agora o exasperava.

"Não é raiva, entretanto", dizia consigo, "o que sinto ao ver a vontade dela de ir ciscar naquela música estercorária. É desgosto, não certamente por mim, mas por ela; desgosto de ver que depois de ter vivido mais de seis meses em contato diário comigo, ela não conseguiu tornar-se uma mulher bem diversa, para

eliminar espontaneamente Victor Massé! Principalmente por não ter chegado a compreender que há noites em que uma criatura de essência um pouquinho delicada, deve saber renunciar a um prazer, quando lhe pedem. Ela deveria saber dizer 'não irei', nem que fosse apenas por cálculo, já que é baseado em sua resposta que se pode classificar, de uma vez por todas, a qualidade de sua alma." E, persuadindo-se de que, era somente para fazer um juízo mais favorável, acerca do valor espiritual de Odette, que ele desejava que naquela noite ela ficasse em sua companhia em vez de ir à ópera-Cômica, expunha-lhe o mesmo raciocínio, com o mesmo grau de insinceridade que a si mesmo, e talvez até num grau a mais, pois então obedecia também ao desejo de retê-la por uma questão de amor-próprio.

-Juro-te -dizia ele, um pouco antes que ela saísse para o teatro-que, ao ir que não vás, todos os meus anseios, se eu fosse egoísta, seriam para que ficasses, pois tenho mil coisas a fazer esta noite e cairei eu mesmo na própria armadilha e ficarei bem aborrecido se, contrato da expectativa, me responde que não irás. Porém minhas ocupações, meus prazeres, não são tudo, devo pedir a ti. Poderá chegar um dia em que, vendo-me separado de ti para sempre, não tenha direito de me censurares, por não ter te avisado nos minutos decisivos errantes; sentia que ia fazer a teu respeito um desses juízos severos aos quais resisti muito tempo. Vê, Uma Noite de Cleópatra (que título!) não conto nada para o caso. O que interessa saber é se tu és esta criatura que se põe no último degrau do espírito, e até do encanto, o ser desprezível que é ficando a renunciar a um prazer. Então, se és isto, como seria possível te amar, chegas sequer a ser uma pessoa, uma criatura definida, imperfeita mas pelo menos impassível de perfeição? Tu és uma água informe que corre segundo a inclinação se lhe oferece; um peixe sem memória e sem raciocínio que, enquanto vivinho no aquário, há de se ferir mil vezes contra o vidro que continuará a ser água. Compreende que tua resposta, não quero dizer que terá como efeito que deixarei de te amar imediatamente, é claro, mas vai te tornar pefir ua e teo

estavam apaixonados, era inútil obedecer-lhes; ficariam mais apaixonados depois. E, assim, teria escutado Swann com tranqüilidade se não percebesse que a hora passava e que, por pouco que falasse, ela iria, como ele o dissera com um sorriso terno, obstinado e "acabar por faltar *à ouverture*!"

Em outras ocasiões, Swann lhe dizia que o que, acima de tudo, para que ele deixasse de amá-la, seria que ela não quisesse desistir dele, "Mesmo do simples ponto de vista da coquetaria", dizia-lhe, "então não cuidas o quanto perdes de tua sedução, abaixando-te para mentires? Como são, quantas faltas não seriam perdoadas? Na verdade, és bem menos do que eu supunha!"

Mas era em vão que Swann lhe expunha assim motivos que ela teria para não mentir; pois teriam podido arruinar, em sistema geral de mentira; mas Odette não possuía sistema algum; apenas, diante de uma situação em que desejasse que Swann permitisse ignorância do que ela fizera, em nada lhe dizer. Assim a mentira era, para Odette, um expediente de ordem particular; e a única coisa que podia decidi-la se deveria ou não, servir-se dela, ou contar a verdade, era uma razão de ordem particular também, a maior ou menor probabilidade de que Swann descobrisse que ela não dissera a verdade.

Fisicamente, ela atravessava uma fase ruim; e o encanto expressivo e dolente, os olhares espantados e sonhadores que tivera outrora, pareciam ter desaparecido com a primeira juventude. De modo que tão querida se tornara a Swann no momento, por assim dizer, em que precisamente ele a achava bem menos bonita. Encarava-a longamente para tentar descobrir nela o charme que lhe conhecera, e não o encontrava. Mas saber que sob esta nova crisálida era sempre Odette que vivia, sempre a mesma vontade fugaz, inatingível e sorrateira, era suficiente para que Swann continuasse com o mesmo ardor na tentativa de captá-la. Depois, olhava as fotos de dois anos antes, lembrava-se de como fora deliciosa. E isso o consolava um pouco de sofrer tanto por ela.

Quando os Verdurin a levavam a Saint-Germain, a Chatou, a Meulan, muitas vezes, se fazia bom tempo, propunham que todos pernoitassem ali mesmo e só voltassem no dia seguinte. A Sra. Verdurin tentava acalmar os escrúpulos do pianista, cuja tia ficara em Paris.

-Ela ficará encantada em se livrar de você por um dia. E por que haveria de se inquietar, se sabe que está conosco? Aliás, assumo toda a responsabilidade. Mas, se não conseguisse o que queria, o Sr. Verdurin saía a campo, encontrava um posto telegráfico ou um mensageiro, e perguntava quais os fiéis que tinham alguém que devesse ser prevenido. Mas Odette agradecia, dizendo que não tinha despacho telegráfico para ninguém, pois dissera a Swann, de uma vez por todas, que ficaria comprometida aos olhos de todos se lhe enviasse um despacho. Às vezes, se ausentava por vários dias, os Verdurin a levavam para ver as tumbas de

Dreux, ou para Compiegne, a fim de admirar, a conselho do pintor, os ocasos do sol na floresta, e seguiam até o castelo de Pierrefonds.

"E pensar que ela poderia visitar monumentos de verdade comigo, que estudei arquitetura durante dez anos e que seguidamente sou tentado a conduzir a Beauvais ou a Saint-Loup-de-Naud pessoas de alto valor e só o faria por ela, e em vez disso ela vai, com os últimos brutos, extasiar-se sucessivamente diante das dejeções Luís Filipe e de Viollet-le-Duc! Parece-me que não é preciso ser artista para tanta água, mesmo sem ter um olfato especialmente fino, ninguém vai tirar férias em Danas para ter melhores condições de aspirar excrementos!"

Mas quando ela partia para Dreux ou Pierrefonds, infelizmente, sem perceber que ele fosse, como por acaso, pois "isto teria um efeito deplorável", dizia ela - e mergulhava no mais embriagador dos romances de amor, o guia das estradas que lhe ensinava os meios de ir juntar-se a ela, à tarde, à noite, naquela mesmo! O meio? Quase mais: a autorização. Pois enfim o guia e os próprios trens não eram feitos para cães. Se faziam saber ao público, por meio de impresso que às oito da manhã partia um trem, que chegava a Pierrefonds às dez, que então ir a Pierrefonds era um ato lícito, para o qual a permissão de supérflua e também era um ato que podia ter um motivo bem diverso que o de encontrar Odette, já que as pessoas que não a conheciam o praticavam entre dias, em número bastante grande para que aquilo valesse a pena de aquelas locomotivas.

Em suma, ela sequer poderia impedi-lo de ir a Pierrefonds se ele tivesse vontade! Ora, justamente estava sentindo que tinha vontade de ir, e que se tivesse conhecido Odette certamente iria até lá. Fazia muito tempo que uma idéia mais precisa dos trabalhos de restauração de Viollet-le-Duc. Há tempo que fazia, experimentava o desejo imperioso de um passeio pela flor Compiegne.

E, na verdade, era muito pouca sorte que ela lhe proibisse o único dia que o tentava hoje. Hoje! Se lá chegasse, apesar da sua proibição, poderia ver mesmo! O problema é que se Odette encontrasse em Pierrefonds algum interesse, lhe diria com júbilo:

"Oh, o senhor aqui!"

E o convidaria para ir vê-la no hotel em que se hospedara com os Verdurin; pelo contrário, se encontrasse Swann, constrangida, diria que estava sendo seguida, passaria a amá-lo menos, talvez desviasse dele, encolerizada, ao avistá-lo.

"Então, não tenho mais direito?"- e indagaria ela na volta, ao passo que, em resumo, era ele quem não tinha mais de viajar.

Por um momento teve a idéia, para não parecer que ia a Compi Pierrefonds a fim de encontrar Odette, de ser levado até lá a convite de um amigo, o marquês de Forestelle, que possuía um castelo nas vizinhanças. Este, ainda dera ciência de

seu projeto sem lhe confessar o motivo, não cabia em si e ficara deslumbrado que Swann, pela primeira vez em 15 anos, consentisse em visitar sua propriedade e, conquanto, segundo dizia, não pretendesse prometeu ao menos que fariam excursões e dariam passeios juntos durante dias. Swann já se imaginava lá com o Sr. de Forestelle. Mesmo antes de ver se não conseguisse vê-la, que felicidade seria andar a pé naquele lugar, não sabendo localizar Odette com exatidão por enquanto, sentia palpitar parte a possibilidade de sua brusca aparição: no pátio do castelo, que agradecer parecia mais bonito porque fora vê-lo devido a Odette; em todas as ruas que lhe parecia romanesca; em cada trilho da floresta, rosada por um ocaso ameno; asilos inumeráveis e alternativos, onde vinha simultaneamente refugiar, na incerta ubiqüidade de suas esperanças, seu coração feliz, vagando multiplicado.

"Sobretudo", diria ao Sr. de Forestelle, "tenhamos o cuidado de dar com Odette ou os Verdurin. Acabo de saber que estão justamente Pierrefonds. Temos bastante tempo para nos vermos em Paris, não vamos deixá-la para não poder dar um passo sem nos toparmos uns com os outros." E seu amigo não entenderia por que, uma vez se achando lá, Swann mudaria vinte vezes de planos, inspecionaria os refeitórios de todos os hotéis de Compiegne sem se decidir sentar-se em nenhum deles, onde, no entanto, não vira sinal dos Verdurin, dando a impressão de procurar aqueles de quem dizia querer fugir e, aliás, fugindo tão logo os tivesse encontrado, pois se encontrasse o pequeno grupo dele se afastaria com afetação, contente por ter visto Odette e que ela o tivesse visto, principalmente que o tivesse visto despreocupado dela. Mas não, ela bem que adivinharia que era por sua causa que ele ali se achava. E, quando o Sr. de Forestelle foi procurá-lo para partirem, Swann lhe disse:

"Infelizmente não, não posso ir hoje a Pierrefonds, Odette se encontra bem ali," E Swann estava feliz, apesar de tudo, por sentir que, se entre todos os mortais era o único a não ter o direito de ir a Pierrefonds, era porque, de fato, para Odette, ele era alguém diferente dos outros, seu amante, e que essa restrição particular ao direito universal de livre circulação não era mais que uma dessas formas dessa escravatura, desse amor que lhe era tão caro. Decididamente, valia mais não arriscar uma briga com ela, ter paciência, esperar o seu regresso. Passava os dias debruçado a um mapa da floresta de Compiegne como se fosse o mapa do Sentimento, rodeava-se de fotografias do castelo de Pierrefonds. Quando chegou um dia em que era possível que ela regressasse, Swann voltou a abrir o guia, calculou que trem ela tomaria, e, se ela se atrasasse, aqueles que ainda restariam.

Não saiu de medo de perder um telegrama, não se deitou para o caso em que, tendo vindo no último trem, ela tivesse querido lhe fazer a surpresa de ir vê-lo no meio da noite. Justamente ouvia baterem à porta da rua, parecia-lhe que

demoravam a atender, queria acordar o porteiro, punha-se à janela para chamar Odette se fosse ela, pois apesar das recomendações que fizera ao descer mais de dez vezes em pessoa, eram capazes de lhe dizer que não se encontrava em casa. Era um criado que voltava.

Notou o rodar interminável dos carros que passavam, a que nunca prestara atenção antes. Escutava cada um vir ao longe, aproximar-se, ultrapassar o seu portão sem parar e levar além uma mensagem que não era para ele. Esperou a noite inteira inutilmente, pois tendo os Verdurin antecipado o seu regresso, Odette estava em Paris desde o meio-dia; não tivera a idéia de preveni-lo; não sabendo o que fazer; passara a noite sozinha no teatro e fazia muito que voltara para casa, e já estava dormindo.

E que nem ao menos pensara nele. E esses momentos em que até se esquecia da existência de Swann eram mais úteis a Odette, serviam melhor para prende-lo a ela que toda a sua coqueteria. Pois, assim Swann vivia naquela agitação toda, que já fora bem possante para fazer eclodir o seu amor, quando não encontrava Odette na casa dos Verdurin e a procurara a noite inteira. E ele tinha, como tivera na minha infância, dias felizes que fizessem esquecer os sofrimentos seriam à noite. Durante os dias, Swann passava-os sem Odette; e por momentos dizia a si mesmo que deixar sair sozinha em Paris uma mulher bonita, era tão imprudente como depor um escrínio cheio de jóias no meio da rua. Então indignava-se contra todos os transeuntes como se fossem outros ladrões. Mas a fisionomia coletiva e informe destes escapava à sua imaginação, não alimentava o seu ciúme. Aquilo cansava o pensamento de Swann, e passando a mão pelos olhos, exclamava:

"Seja o que Deus quiser", como quando depois de se encarniçarem em abranger o problema da realidade do mundos, ou da imortalidade da alma, concedem ao cérebro exausto a trégua de um ato. Mas, a lembrança da ausente estava sempre mesclada indissoluvelmente ao mais simples da vida de Swann: almoçar, receber o correio, sair, deitar-se, a própria tristeza que sentia em cumpri-los sem ela, como essas iniciais de Ph - o Belo, que, na igreja de Brou, por causa da mágoa que por ele sofria, Margas Áustria mandara entrelaçar por toda parte às suas. Certos dias, em vez de ficar em casa, Swann ia almoçar num restaurante próximo, cuja boa cozinha apreciara, e onde agora já não ia senão por uma destas razões, a um tempo misteriosos e extravagantes, que se denominam romanescas; é que o restaurante (que, existe) trazia o mesmo nome que a rua em que morava Odette: Lapérouse. Às vezes, quando ela estava ausente por pouco tempo, era só depois de vários dias, pensava em fazê-lo ciente de que voltara a Paris. E dizia-lhe, muito simples sem mais ter o cuidado, como outrora, de se resguardar ao acaso com um retirado à realidade, que voltara naquele mesmo instante, pelo trem da manhã e as palavras eram mentirosas; pelo menos para

Odette eram mentirosas, inconstantes, não tendo, caso fossem verdadeiras, um ponto de apoio na lembrança chegada à estação; ela até se achava impedida de representá-las no momento em que as dizia, pela imagem contraditória daquilo que fizera de totalmente diverso, no momento em que pretendia ter saído do trem.

Mas no espírito de Swan ao contrário, tais palavras não encontravam qualquer obstáculo e vinham adquirir a inamovibilidade de uma verdade tão isenta de dúvida, que se alguém lhe dissesse ter vindo pelo mesmo trem e não ter visto Odette ele se convencesse de que o amigo é que se enganava no dia ou na hora, já que sua afirmação combinava com as palavras de Odette. Estas só lhe pareceriam mentirosas se no começo já tivesse desconfiado que o fossem. Para que acreditasse que ela, uma suspeita prévia, era a condição necessária. Aliás, era uma condição. Então, tudo o que Odette dissesse lhe pareceria suspeito.

Ouvindo-a citar certamente seria o de um dos amantes; uma vez levantada essa hipótese, semanas a se lastimar. Certa ocasião, chegou até a contratar uma agência de investigações para saber o endereço e o emprego do tempo do desconhecido. Deixava respirar quando tivesse viajado, e que acabou por descobrir ser o amigo de Odette, falecido há vinte anos.

Conquanto, Odette em geral, não permitisse que ele a abordasse em público, dizendo que aquilo daria o que falar, ocorria que se encontravam, às vezes, numa reunião para a qual ambos tinham sido convidados na casa de Forcheville, na do pintor, ou num baile de caridade num ministério. Via-a, mas não ousava ficar com medo de irritá-la, dando a impressão de que estivesse a espioná-Ia, a ver os prazeres que ela desfrutava com os outros; ao passo que voltava solitário e ia deitar-se ansioso; como eu mesmo o faria alguns anos depois, nas noites em que havia visitas em casa, em Combray; lhe pareciam ilimitados porque não lhe vira o fim. E uma vez ou outra, ele conheceu, nessas noites, as alegrias que seríamos tentados, não fosse o sofrer com tanta violência o choque da brusca parada da inquietação, a denominar alegrias tranqüilas, pois consistem num apaziguamento: fora passar por um instante numa reunião na casa do pintor e já se preparava para ir embora; deixava ali Odette mudada numa ilustre desconhecida, no meio de homens a quem seus olhares e sua alegria, que não eram para ele, Swann, pareciam falar de alguma volúpia a ser desfrutada ali ou em outra parte (talvez no "Baile dos Incoerentes", aonde receava que ela fosse logo após) e que provocava em Swann maior ciúme do que a própria união carnal, pois que a imaginava com maior dificuldade. Já estava prestes a passar pela porta do ateliê quando ouviu que o chamavam com estas palavras (que, retirando à festa aquele final que o aterrorizava, tornavam-na retrospectivamente inocente, transformando a volta de Odette em algo não mais tremendo e inconcebível, porém suave e conhecido, que ficaria a seu lado no carro, parecendo um pouco de sua vida diária, e despojava a própria Odette de sua aparência por demais brilhante e alegre, mostrando que era apenas um disfarce que pusera por um instante, para ele mesmo, e não tendo em vista prazeres misteriosos, e do qual já se sentia cansada), estas palavras que Odette lhe lançava, quando ele já transpunha a soleira da porta:

"Espere uns cinco minutos, estou saindo, podemos voltar juntos e você me deixaria em casa."

É verdade que um dia Forcheville pedira para ser levado de volta ao mesmo tempo, porém, como tivesse chegado à porta de Odette e solicitasse permissão para também entrar, Odette lhe respondera mostrando Swann:

-Ah, isso depende deste senhor, peça-lhe. Enfim, entre um instante, se o desejar, mas não por muito tempo, pois previno-o de que ele gosta de conversar tranqüilamente comigo, e que não lhe agradam visitas quando vem. Ah, se conhecesse essa pessoa como eu conheço! Não é mesmo, *my love*, não é verdade que só eu é que o conheço bem?

E Swann ainda mais se comovia, talvez, ao vê-la dirigir, desse modo a ele em presença de Forcheville, não apenas estas frases de ternura, de predileção, mas certas críticas, como:

"Estou certa de que você ainda não respondeu a seus amigos sobre o jantar de domingo. Não vá, se não quiser, mas seja ao menos delicado", ou:

"Não terá deixado aqui o seu estudo sobre Vermeer para poder adiantá-lo um pouco amanhã? Que preguiçoso! Vou fazê-lo trabalhar", o que provava que se mantinha ao corrente de seus convites sociais e de seus estudos de arte, e que de fato possuíam os dois uma vida em comum. E dizendo aquilo, endereçava um sorriso no fundo do qual ele a sentia completamente sua. Então nesses momentos, enquanto ela preparava a laranjada, de como quando um refletor mal regulado projeta primeiro na parede, em todo o objeto, grandes sombras fantásticas que a seguir vêm incidir e se anular nele; as idéias terríveis e indecisas que ele fazia de Odette, se desvaneciam, junto ao corpo atraente que Swann tinha diante de si. Sentia a brusca suspeita dessa hora passada com Odette, à luz da lâmpada, talvez não fosse uma hora para uso dele (destinada a mascarar aquela coisa tremenda e deliciosa e pensava sem cessar, não podendo imaginá-la bem, uma hora da verdadeira Odette, da vida de Odette; quando ele não se achava presente), com a ceia de teatro e frutas feitas de papelão, mas era talvez uma hora mesmo da Odette, e se ele não estivesse ali, ela teria oferecido a mesma poltrona a Forcheville; e lhe teria preparado não uma bebida desconhecida e sim aquela mesma do lar; pois, o mundo em que Odette morava não era esse outro universo aterrorizante, sobrenatural onde ele passava o tempo a situá-la e que talvez só existisse na imaginação; mas, o universo real, sem qualquer tristeza especial, comportando mesa onde ele ia poder escrever e aquela bebida que lhe seria permitida; todos os objetos que contemplava não só com curiosidade e admiração, também com gratidão idêntica, pois, se o haviam livrado de seus sonhos, em compensação tinham se enriquecido com eles, mostrando-lhe a sua ação palpável, e interessavam seu espírito e ganhavam relevo a seus olhos ao

mesmo tempo que acalmavam-lhe o coração.

Ah, se o destino permitisse que eles tivessem apenas uma só morada; que ele, estando em casa de Odette, como em seu próprio apartamento; se, perguntando ao criado o que havia para almoçar, obtivesse como resposta o cardápio de Odette; se quando Odette quisesse ir passear de manhã na alameda Bois de Boulogne, seu dever de bom marido obrigasse, mesmo sem vontade, a acompanhá-la, carregando-lhe o casaco se ela estivesse com calor; e, à noite, depois do jantar, se ela sentisse vontade de ficar em casa, de chambre; se ele fosse forçado a ficar ali junto dela, a fazer desejasse; então, como os nadas da vida de Swann, que lhe pareciam tão grandes assumiriam, ao contrário, porque ao mesmo tempo fariam parte da vida dele, mesmo os mais familiares como esta lâmpada, esta laranjada, esta poltrona, continham tantos sonhos, materializavam tantos desejos; uma espécie de rã excessiva de uma densidade misteriosa.

No entanto, duvidava que aquilo que assim lastimava fosse sossegada atmosfera de paz que favorecesse o seu amor. Quando Odette deixasse ele uma criatura sempre ausente, desejada, imaginária; quando o sentimento que tivesse por ela já não fosse aquela mesma perturbação misteriosa que lhe fazia a frase da sonata, mas somente afeição e reconhecimento; quando sem entre eles relações normais, que pusessem fim à sua loucura e à sua tristeza, então sem dúvida os atos da vida de Odette lhe pareceriam pouco interessantes em si mesmos, como já diversas vezes o suspeitara. Por exemplo, no dia em que lera através do envelope a carta dirigida a Forcheville. Considerando seu mal com tanta sagacidade, como se o tivesse inoculado em si próprio para estudá-lo, dizia consigo que, quando estivesse curado, seria indiferente ao que Odette pudesse fazer.

Mas do íntimo de seu mórbido estado, por assim dizer, tinha medo, como à morte, dessa cura, que de fato seria a morte de tudo o que ele era no momento.

Depois daquelas noites de sossego, as suspeitas de Swann se acalmaram; abençoava Odette e, na manhã seguinte, mandava para a casa dela as mais belas jóias, pois, as atenções dela na véspera haviam excitado ou a sua gratidão, ou o desejo de vê-las se renovarem, ou um paroxismo de amor, que precisava se expandir. Mas em outras ocasiões o sofrimento lhe voltava, e ele imaginava que Odette era amante de Forcheville e que, quando os dois o tinham visto, do fundo do jantar dos Verdurin, no Bois, na véspera da festa de Chatou; para a qual não fora convidado, pedir-lhe sem êxito, que voltasse com ele, com aquele ar de desespero que até seu cocheiro percebera, voltando depois solitário e derrotado, ela devia ter dito, mostrando-o a Forcheville:

"Como está furioso, hein!" com aquele olhar brilhante, malicioso, baixo e oblíquo,

como no dia em que Forcheville expulsara Saniette da casa dos Verdurin. Então Swann a detestava.

"Mas também eu sou muito idiota", dizia consigo, "estou pagando com meu dinheiro o prazer dos outros. Bem faria ela em tomar cuidado e não puxar tanto a corda, pois posso muito bem não lhe dar mais nada. Em todo caso, renunciemos por enquanto às gentilezas suplementares! E pensar que, ainda ontem, como ela dissesse ter vontade de assistir à temporada de Bayreuth, fiz a asneira de lhe propor alugar, para nós ambos, um dos lindos castelos do rei da Baviera, nas redondezas. E aliás ela não pareceu muito encantada, ainda não falou nem sim nem não; queira Deus que ela recuse! Ouvir Wagner durante quinze dias com ela, que se preocupa com aquilo tanto quanto um peixe com uma maçã, seria engraçado!"

E seu ódio, bem como seu amor, tendo necessidade de se manifestar e de agir, fazia com que ele se comprouvesse em levar cada vez mais longe suas pérfidas imaginações, porque, devido às perfídias que atribuía a Odette, detestava-a mais. Poderia, se descobrisse que eram verdadeiras - o que tentava imaginar-, ter ocasião de castigá-la e de extravasar sobre ela sua raiva crescente. Assim, ia ao ponto de supor que receberia uma carta dela, em que lhe pedisse dinheiro para alugar aquele castelo perto de Bayreuth, mas prevenindo-o de que ele não poderia, porque prometera convidar Forcheville e os Verdurin. Ah, como teria gostado de que ela fosse tão audaciosa!

Que alegria teria em recusar, em redigir a resposta relativa, cujos termos se comprazia em escolher, em enunciar em]s[hea ntudm

preço, que ia conduzi-la; trocasse por quem levasse à estação, concordasse em ser seqüestrada por algum tempo, aquela mulher pérfida; ela permaneceria iluminada por um sorriso de cumplicidade endereçado a Forcheville, que era para Swann nas últimas 48 horas!

Mas ela não o era assim por muito tempo; ao fim de alguns dias, aquela imagem de um brilho e a duplicidade; brilhante e falso perdia o execrada dizendo a Forcheville:

''Como está furioso!'' começava a empalidecer - e brilhando docemente, a fisionomia iria apagar-se. Então, aos poucos aparecia e se elevava, também dirigia um sorriso a Forcheville, de outra Odette, daquela que fizera para Swann, quando ela dizia:

"Não fique com um sorriso onde só havia ternura, pois este senhor não gosta de que eu receba visitas quando quer ficar comigo. Se o conhecesse como eu conheço!", o mesmo sorriso comigo. Ah, se conhecesse essa pessoa, tinha para agradecer a Swann algum sinal de sua delicadeza, delatando as graves circunstâncias, em que algum conselho que lhe pedira não se confiava.

Agora que, após semelhante oscilação, Odette voltara naturalmente ao posto de onde a afastara por um momento, ao ângulo do qual a achava encantadora, figurava-a cheia de ternura, com um olhar de consentimento, tão bonita assim, que ele não podia evitar estender-lhe os lábios como se Odette estivesse ali e ele a pudesse beijar; e conservava-lhe tanto reconhecimento, por aquele olhar encantador e bom, como se ela acabasse de lhe dirigir de verdade, e não a sua imaginação apenas que o pintara para satisfazer o seu desejo naquele instante.

Como deveria tê-la magoado! É claro que descobria motivos válidos para seu ressentimento contra ela; porém, tais motivos não lhe inspirariam tanto ódio se não a amasse muito. Não tinha tido queixas igualmente graves contra outras mulheres, às quais, não obstante, prestaria serviços hoje de boa vontade, sem qualquer ódio por elas, justo por ter deixado de lhes sentir amor? Se algum dia devesse encontrar-se no mesmo grau de indiferença quanto a Odette, compreenderia que somente o ciúme é que o fizera achar algo de atroz e imperdoável nesse desejo, no fundo tão natural, resultado de um pouco de infantilidade e também de uma certa delicadeza de alma, e depor sua vez, já que a ocasião se apresentava, poder retribuir as gentilezas dos Verdurin, fazer o papel de dona de casa.

Voltava àquele ponto de vista oposto ao do amor e do ciúme, e no qual se postava, às vezes, por uma espécie de eqüidade intelectual e para jogar com as diversas probabilidades do qual tentava julgar Odette como se não a tivesse amado, como se, para ele, se tratasse de uma mulher como as outras, como se a vida de Odette, quando ele já não estava em sua companhia, não fosse diversa, tramada

às escondidas dele, urdida contra ele.

Por que acreditar que ela gozaria, com Forcheville ou com outros, os prazeres embriagadores que não conhecera com ele e que somente o ciúme forjava em todos os detalhes?

Em Bayreuth, como em Paris, se acontecesse que Forcheville nele pensasse, só poderia ser como alguém que valia muito na vida de Odette, a quem seria obrigado a ceder o lugar quando ambos se encontrassem na casa dela. Se Forcheville e Odette julgavam um triunfo estarem em Bayreuth contra a vontade dele, era ele próprio o culpado ao procurar inutilmente impedi-los de viajar, ao passo que se tivesse aprovado o projeto de Odette, aliás defensável, ela daria a impressão de lá se achar a conselho seu, iria sentir-se enviada por ele, alojada por ele, e o prazer que teria experimentado em receber essas pessoas que tanto a haviam recebido, era a Swann que o devia agradecer. E em vez de ir brigada com ele, sem ter voltado a vê-lo; se lhe enviasse dinheiro, se a animasse a semelhante viagem e se se preocupasse em torná-la confiável a Odette, ela iria acorrer, feliz, agradecida, e ele teria aquela alegria de vê-Ia, de que não desfrutara há quase uma semana e que nada podia substituir, tão logo; Swann podia imaginá-la sem horror, e que revia a bondade do seu coração, se o desejo de arrebatá-la a qualquer outro não se somava ao seu amor por ciúme; esse amor se tornava sobretudo um gosto, pelas sensações que lhe proporcionava a pessoa de Odette, pelo prazer que sentia em admirar, ou em interrogar; como um fenômeno, o erguer-se de um de seus olhos; a formação de um de seus sorrisos, a emissão de uma entonação de sua voz. E prazer, diferente de todos os outros, acabara por criar nele uma necessidade que somente ela poderia satisfazer com sua presença, ou suas cartas, as quais desinteressadas, quase tão artística, tão perversa, como a outra necessidade; caracterizava esse novo período da vida de Swann, onde a secura e a depressão anos anteriores haviam cedido a uma espécie de plenitude espiritual, se soubesse mais a que deveria esse enriquecimento inesperado de sua vida; do que uma pessoa de saúde delicada que, a partir de certo momento, engorda e parece, durante algum tempo, se encaminhar para uma cura; contra esta outra necessidade, que também se desenvolvia fora do mundo real, ao ouvir e conhecer música.

Assim, pela própria química do seu mal, depois de produzir ciúme seu amor, recomeçava a produzir ternura e piedade por Odette. Ela se foi de novo a boa e encantadora Odette. Sentia remorsos por ter sido duro com ela; que ela se aproximasse dele, porém antes desejava dar-lhe algum prazer, para reconhecimento iluminar-lhe o rosto e modelar o seu sorriso. E assim Odette, certa de tê-lo de volta dentro de alguns dias, tão submisso como antes, pedindo-lhe a reconciliação, acostumava-se a não temer desagradá-lo e até de o irritar, recusando-lhe, quando lhe aprouve favores que ele mais desejava.

Talvez não soubesse o quanto Swann fora sincero, durante a briga, dizer-lhe que não mandaria dinheiro e tentaria lhe fazer todo o mal possível; talvez também não soubesse de sua sinceridade, senão com ela, ao menos consigo mesmo; em outros casos em que, no interesse do futuro de sua ligação, para com Odette que era capaz de passar sem ela, que sempre seria possível um rompimento; decidia Swann passar algum tempo sem visitá-la.

Às vezes, ocorria depois de alguns dias em que ela não lhe causara uma nova preocupação; e como sabia que, nas visitas seguintes que lhe faria, podia extrair nenhuma grande alegria mas sim, com toda a probabilidade, desgosto que poria fim à tranqüilidade em que se encontrava. Swann escreve dizendo que, por estar muito ocupado, não poderia ir vê-la em nenhum dos jantares que havia prometido.

Ora, uma carta dela, cruzando-se com a sua, rogava-lhe que adiasse um encontro. Ele se perguntava por que; suas suspeitas e a dor, voltavam a magoá-lo. Já não podia se manter, nesse novo estado de agitação; se achava, a decisão tomada no estado anterior de relativo sossego, corria até à casa dela e exigia vê-la todos os dias seguintes. E mesmo se ela não fosse a primeira a escrever, se apenas respondesse, concordando com seu pedido para uma curta separação, isso teria bastado para que ele já não mais pudesse ficar sem vê-la. Pois, contrariamente ao cálculo de Swann, o consentimento de Odette mudara tudo dentro dele. Como todos aqueles que possuem algo, Swann, para verificar o que aconteceria se deixasse um instante de possuí-lo, tirara-o do espírito, deixando tudo ali no mesmo estado em que se encontrava quando o possuía. Ora, a ausência de uma coisa não é somente isso, não é apenas uma falta parcial, é uma subversão de todo o resto, um estado novo impossível de prever no antigo.

Mas de outras vezes, ao contrário -Odette estava prestes a sair de viagem -, era depois de uma pequena rusga, cujo pretexto ele inventara, que Swann se decidia a não lhe escrever e a não revê-la antes do seu regresso, dando assim as aparências e esperando pelas vantagens de um sério rompimento, que ela acreditaria ser definitivo; a uma separação, cuja maior parte era inevitável devido à viagem e que ele apenas fazia principiar um pouco mais cedo. Já imaginava Odette inquieta, aflita por não ter recebido nem visita, nem carta; e essa imagem, acalmando o seu ciúme, tornava-lhe fácil desacostumar-se de vê-la. É claro que, por uns instantes, bem no limite do espírito, para onde a sua resolução a afastava, graças a todo o espaço interposto de três semanas de separação aceita, era com prazer que considerava a idéia de rever Odette quando ela regressasse; mas era também com tão pouca impaciência, que começava a indagar-se se não duplicaria voluntariamente a duração de uma abstinência tão fácil. E essa ausência ainda não datava de três dias, tempo muito inferior ao que já passara muitas vezes sem ver Odette, e sem planeja-lo como

agora. E, no entanto, eis que uma ligeira contrariedade ou um mal-estar físico; estimulando-o a considerar o tempo presente como um momento excepcional, fora de série, em que a própria sabedoria admitiria acolher o apaziguamento que traz o prazer e daria trégua à vontade, até a retomada útil do esforço; suspendia a ação desta, que deixaria de exercer sua compressão; ou, ainda menos, a recordação de um esclarecimento que esquecera de pedir a Odette, se ela escolhera a cor de que tencionava pintar seu carro, ou quanto a um determinado valor da Bolsa, se eram ações ordinárias, ou preferenciais o que ela desejava adquirir (seria muito bonito mostrar-lhe que podia ficar sem vê-la; mas depois de tudo, se fosse preciso repintar o carro ou se as ações não dessem dividendos, nada teria adiantado), eis que, como se solta um elástico distendo, ou como o ar em uma máquina pneumática que se entreabre, a idéia de revê-la, das distâncias em que se mantinha, voltava de um salto para o terreno do presente e das possibilidades imediatas.

Voltava-lhe sem mais achar resistência, e, além disso, tão irresistível que sentia menos dor ao se aproximarem, um a um, os quinze dias que deveria tecer separado de Odette, do que esperar os dez minutos que seu cocheiro levava para atrelar o carro que o iria levar à casa dela, e que ele passava em horas de impaciência e de alegria, e retomava mil vezes, com ternura, a idéia de torna-la, que, por uma reviravolta tão brusca, no momento em que a julgava tão digna, Odette encontrava-se de novo perto dele, na sua mais próxima consciência; desaparecera, como obstáculo, o desejo de tentar lhe resistir de imediato, não existia em Swann desde que provara a si mesmo - era o que acreditava; menos - que aquilo lhe era tão fácil, que não via mais inconveniente algum em uma tentativa de separação que estava certo agora de pôr em andamento se quisesse. É também que essa idéia de revê-la lhe voltava com um toque de sedução, dotada de uma virulência que o hábito havia desgastado, mas se haviam retemperado naquela privação não de três, mas de quinze dias. A duração de uma renúncia deve ser calculada, por antecipação, de acordo termo fixado, e daquilo que, até então, tinha sido um prazer esperado que facilitasse sacrifica, fizera uma felicidade inesperada contra a qual não se tem; que, por fim, voltava embelezada pela ignorância de Swann quanto ao que ter pensado; ou talvez feito a Odette, vendo que ele não dava sinais de vida, que o que ele ia encontrar era a revelação apaixonante de uma Odette quase desconhecida.

Porém ela, assim como julgara que a recusa de enviar dinheiro não passava de um engodo, não via senão um pretexto na informação que Swann vir, pedir sobre a pintura do carro ou o valor a comprar. Pois não reconstituía as duas fases de semelhantes crises que Swann atravessava e, na idéia que ela formava de tudo isso, deixava de compreender-lhe o mecanismo, acreditando apenas que conhecia de antemão, ou seja, a fatal, infalível e sempre a mesma conclusão

incompleta, e talvez por isso mais profunda se a considerarmos do ponto de vista de Swann, que certamente se julgaria incompreendido por Odette à um morfinômano; ou um tuberculoso, convencidos que foram detidos, um acontecimento exterior no momento em que ia livrar-se de seu hábito investe outro, por uma indisposição acidental, no instante em que ia enfim ser reabilitado se sentem incompreendidos pelo médico, que não atribui a mesma importância que eles a essas pretensas contingências, simples disfarces, segundo ele, de revestir o vício ou o estado mórbido para novamente se fazerem sensíveis doentes, e que, de fato, não deixaram de pesar incuravelmente sobre eles, e se embalavam em sonhos de cura ou regeneração. E, na verdade, o amor de chegar àquele grau em que o médico e, em certas afecções, o cirurgião ousado, perguntam a si mesmos se privar um doente do seu vício, seu mal ainda será razoável, ou até mesmo possível.

Certamente Swann não tinha consciência direta da amplitude desse, quando buscava medi-lo, parecia-lhe às vezes que diminuíra, estava quase a ser nada; por exemplo, o pouco de gosto, quase o desgosto, que lhe haviam sofrido, antes de amar Odette, seus traços expressivos, sua pele sem frescor, voltavam-lhe em certos dias. ''Verdadeiramente há um progresso sensível", pensava no dia seguinte, "para colocar as coisas com exatidão, eu quase não sentia prazer nenhum, ontem, em estar na cama com ela: é curioso, achava-a até feia."

E decerto estava sendo sincero, mas seu amor se estendia muito além das regiões do desejo físico. A própria pessoa de Odette não ocupava um grande lugar nesse amor. Quando via o retrato de Odette sobre sua mesa, ou quando ela vinha vê-lo, ele custava a identificar a figura de carne ou de cartão com a constante e dolorosa perturbação que o habitava. Dizia consigo, quase com espanto:

"É ela", como se de repente nos mostrassem, exteriorizada diante de nós, uma de nossas doenças e que não a achássemos semelhante àquela de que sofremos. "Ela", ele tentava indagar de si mesmo o que seria; pois é uma parecença com o amor e a morte, mais do que essas, tão fluidas, que se repetem sempre: a de nos fazer interrogar mais à frente, de medo que se escape sua realidade, o mistério da personalidade. E essa doença, que era o amor de Swann, multiplicara-se de tal maneira, estava tão estreitamente unida a todos os seus hábitos, a todos os seus atos, seu pensamento, sua saúde, seu sono, sua vida, até ao que ele desejava depois da morte, formava de tal modo um todo só com ele, que não seria possível arrancá-lo de Swann sem o destruir quase por inteiro: como se diz em cirurgia, seu amor não era mais operável.

Por causa desse amor, Swann fora de tal forma destacado de seus interesses, que quando, por acaso, voltava à sociedade, dizendo consigo que suas relações, como uma cravação elegante que aliás, ela não saberia estimar com exatidão, podiam lhe render algum proveito aos olhos de Odette (o que talvez fosse verdadeiro, de

fato, se não tivessem sido aviltados por esse mesmo amor, que, para Odette, depreciava todas as coisas que tocava devido a que parecia proclamá-las menos preciosas), experimentava ali, junto com o abandono de estar nesses locais, no meio de pessoas que ela não conhecia, o prazer descompromissado que teria em ter um romance, ou em ver um quadro em que são pintados os divertimentos de uma classe ociosa; como, em casa, agradava-lhe considerar o funcionamento de sua vida doméstica, a elegância do seu guarda-roupa e da criadagem, o bom investimento do seu dinheiro, da mesma maneira que ler em Saint-Simon, que era um de seus escritores prediletos, a mecânica dos dias, o cardápio das refeições de Mme. de Maintenon, ou a prudente avareza e a suntuosidade de Lulli. E na frágil medida em que semelhante destacar-se não era absoluto, a razão desse novo prazer, que Swann desfrutava, consistia em poder emigrar, durante um momento, para as raras partes de si mesmo que permaneciam quase estranhas a seu amor e ao seu desgosto. Sob tal aspecto, a personalidade que lhe atribuía a minha tia-avó, de "filho de Swann", distinta de sua personalidade, mais individual de Charles Swann, era aquele que ele agora mais se comprazia.

Um dia em que, pelo aniversário da princesa (e porque ela poderia muitas vezes ser indiretamente agradável a Odette, obtendo-lhe convites para espetáculos de gala e comemorações), quisera lhe dar umas frutas, não sabendo como encomendá-las, encarregou disso uma de sua mãe que, encantada por lhe prestar um serviço, escrevera-lhe comunicando que não comprara todas as frutas no mesmo local: as uvas no Crapote, por sua especialidade, os morangos no Jauret, as peras no Chevet, onde eram bonitas, etc., "cada fruta visitada e examinada uma a uma por mim". E de fato, os agradecimentos da princesa, Swann pudera avaliar o perfume dos morangos e a maciez das peras. E, sobretudo, "cada fruta visitada e examinada uma a uma por mim" tinha sido um alívio à sua mágoa, reportando-lhe a consciência para a região aonde ele ia raramente, conquanto lhe pertencesse por direito, na condição de herdeiro de uma família da rica e boa burguesia, em que se conservavam contrariamente, prontos a se porem a seu serviço assim que o desejasse, o conhecimento dos "bons endereços" e a arte de bem saber fazer uma encomenda.

De fato, esquecera há muito que era o "filho de Swann" para que sentisse, quando tornava a sê-lo por um instante, um prazer mais vivo do que pudera experimentar no restante do tempo e a respeito dos quais já estava entediado; e se a amabilidade dos burgueses, para os quais continuara principalmente um Swann, era menos viva que a da aristocracia (porém, aliás elogiosa, pois ao menos entre eles nunca se separada a consideração), uma alteza, alguns divertimentos principescos, que esta lhe propusesse, não lhe seria tão agradável, como a que lhe pedisse para testemunhar, ou apenas a um casamento na família de velhos amigos de seus pais, alguns dos quais continuavam a vê-lo como meu avô que, no

ano anterior, convidara-o para o casamento da minha mãe - e outros que mal o conheciam pessoalmente, mas só estavam obrigados pela polidez para com o filho, digno sucessor do falecido Sr. Swann.

Mas, pelas intimidades já velhas que tinham entre eles, as pessoas da sociedade, em certa medida, faziam também parte de sua casa, de sua criação, de sua família. Sentia, considerando suas brilhantes amizades, o mesmo externo, o mesmo conforto, que em olhar as terras bonitas, a bela prataria, jogo de mesa que lhe chegara dos seus. E a idéia de que, se caísse em casa de um ataque, seria naturalmente ao duque de Chartres, ao príncipe e duque de Luxemburgo e ao barão de Charles que seu criado recorreria, dava o mesmo consolo que à nossa velha Françoise, o fato de saber que seria morto em finos lençóis de sua propriedade, marcados, não cerzidos (ou cerzidos habilmente, que poderiam dar a mais alta idéia do trabalho da costureira), mas de cuja imagem freqüente ela extraía uma certa satisfação, se não bem menos de amor-próprio. Mas sobretudo, como em todas as ações e pensa sobre Odette, Swann estava constantemente dominado e dirigido pelo senso in confesso de que lhe era, talvez não menos caro, porém menos agradável que qualquer um, que o mais tedioso fiel dos Verdurin - quando se reportavam ao mundo onde era tido como pessoa distinta por excelência, onde faziam tudo para atraí-lo, onde ficavam tristes por não vê-lo, e recomeçava a crer na existência de uma vida mais feliz, quase experimentando-lhe o apetite, como se dá com um enfermo acamado, há meses em dieta, e que lê num jornal o cardápio de um almoço oficial, ou o anúncio de uma excursão à Sicília.

Se era obrigado a dar desculpas às pessoas da sociedade para não visitá-Ias, era justamente de visitá-la que procurava escusar-se com Odette. Tais visitas, ainda as pagava (perguntando-se no fim do mês, por pouco que tivesse abusado da paciência de Odette, indo vê-la amiúde, se bastava enviar-lhe quatro mil francos), e para cada uma encontrava um pretexto, um presente para lhe dar, uma informação de que ele precisava, o Sr. de Charles, a quem encontrara no meio da rua indo à casa dela e exigira que Swann o acompanhasse. E à falta de pretexto, pedia ao Sr. de Charles que corresse à casa de Odette, e lhe dissesse espontaneamente, durante a conversação, que se lembrava de ter falado com Swann e que ela, Odette, fizesse o favor de mandar chamá-lo de imediato; porém, no mais das vezes, Swann esperava em vão e o Sr. de Charles lhe dizia, à noite, que seu ardil fracassara. De forma que Odette, além de se ausentar agora com freqüência, mesmo em Paris, via-o poucas vezes, e ela, que, quando o amava, costumava dizer-lhe:

"Estou sempre livre" e "Que me importa a opinião alheia", agora, a cada vez que ele desejava vê-la, recorria às conveniências ou pretextava estar ocupada. Quando Swann falava em ir a uma festa de caridade, a uma *vernissage*, a uma

estréia a que ela iria comparecer, Odette retrucava que ele queria proclamar a sua ligação; que a tratava como uma mulher à toa. A tal ponto que, para não se ver em toda parte privado de encontrá-la, Swann, que sabia que ela conhecia e gostava muito de meu tio-avô Adolphe, de quem também fora amigo, foi vê-lo um dia no seu pequeno apartamento da rua de Bellechasse, a fim de pedir-lhe que usasse sua influência sobre Odette. Como ela sempre assumisse ares poéticos, ao falar a Swann sobre meu tio, dizendo:

"Ah, ele não é como você; é coisa muito mais bela, tão imensa, tão bonita a sua amizade para mim! Não seria ele a me dar tão pouco valor, a ponto de se mostrar comigo em todos os lugares públicos", Swann ficava embaraçado e não sabia que tom adotar para falar sobre ela ao meu tio. Primeiro, estabeleceu a excelência, *a priori*, de Odette, o axioma de sua supra-humanidade seráfica, a revelação de suas virtudes não demonstráveis e cuja noção não podia derivar da experiência.

"Quero lhe falar. O senhor bem sabe que mulher superior a todas, que criatura adorável, que anjo é Odette. Mas sabe o que é a vida de Paris. Nem todos conhecem Odette sob os "Pactos que a conhecemos, o senhor e eu. Então, há pessoas que acham que desempenho um papel um tanto ridículo; ela não admite sequer que a encontre no teatro. O senhor, em quem ela deposita tanta confiança, não r,

Swann tinha medo de as trazer perto de novo dela, de pô-los no seu rastro. Mas ele, a quem até então nada parecia aborrecido do que tudo o que se referisse à vida cosmopolita de Bade ou sabendo que Odette levara uma vida de festas nessas cidades de prazeres, ele nunca devesse descobrir se era apenas para satisfazer necessidades de que, graças a ele, Odette já não tinha, ou caprichos que poderiam renascer agora se debruçava com angústia impotente, cega e vertiginosa, sobre o sem fim aonde tinham ido se engolfar esses anos do começo do *Sept*[4] durante os quais passava-se o inverno no Passeio dos Ingleses, e o verão nas tílias de Bade, e encontrava-lhes uma esplêndida porém dolorosa profundidade a que lhes teria atribuído um poeta; e teria se empenhado em reconstitui-los nos fatos da crônica da Côte d'Azur da época, se ela o pudesse ajudar a conceder algo dos sorrisos ou dos olhares de Odette. Entretanto, tão simples e com mais paixão que o esteta que interroga os documentos, subsiste Florença do século XV, para penetrar mais profundamente no espírito da Praça da bela Vanna, ou da Vênus, de Botticelli. Muitas vezes, sem lhe dizer nada, pensativo; ela dizia:

"Como estás triste."

Não fazia muito tempo que, da idéia de que ela era uma pessoa bondosa, semelhante às melhores que conhecia, Swann passara à idéia de que Odette era uma mulher sustentada; de modo inverso, sucedera-lhe depois voltar, da Odette de Crécy; talvez bem conhecida dos aproveitadores, dos mulherengos, àquela fisionomia de expressão por vezes tão doce, àquela natureza tão humana. Pensava:

"Que significa isso de que em Nice todo mundo sabe quem é Odette de Crécy? Essas reputações, mesmo sendo verdadeiras, são estabelecidas com as idéias alheias"; pensava que essa lenda, mesmo que fosse autêntica, era exterior à Odette, não fazia parte dela como uma personalidade irredutível e malfeitora; que a criatura que pudera ser levada a proceder mal era uma pessoa de olhos bonitos, coração cheio de piedade pelos sofrimentos, uma mulher de corpo suave que ele havia possuído, que apertara nos braços e manejara, uma mulher que um dia poderia chegar a possuir inteiramente, se conseguisse tornar-se indispensável a ela. Ali estava ela, muitas vezes cansada, o rosto por um momento vazio da preocupação febril e alegre das coisas desconhecidas que faziam Swann sofrer; ela afastava os cabelos com as mãos; sua testa e seu rosto pareciam mais amplos; então, de súbito, alguma idéia simplesmente humana, um bom sentimento como os que há em todas as criaturas, quando, num instante de repouso ou de recolhimento, se entregam a si mesmas, brotava de seus olhos como um raio amarelo de ouro. E logo toda a sua fisionomia se iluminava como uma campina cinzenta, coberta de nuvens que subitamente se afastam, para sua transfiguração no momento do sol poente. A vida que estava em Odette nesse

momento, e até o futuro que ela parecia contemplar sonhadoramente, Swann teria podido compartilhá-los com ela; nenhuma agitação malsã parecia ter deixado qualquer resíduo ali. Por mais raros que se tornassem, tais momentos não foram inúteis. Por meio da recordação, Swann ligava essas parcelas, abolia os intervalos, fundia como em ouro uma Odette de bondade e calma para a qual fez mais tarde (como veremos na terceira parte desta obra) sacrifícios que a outra Odette não teria conseguido. Mas como eram raros tais momentos e como ele a via pouco agora! Mesmo quanto aos seus encontros à noite, ela só dizia no último minuto se poderia estar com ele, pois, certa de que Swann estaria sempre livre, ela primeiro queria ter certeza de que nenhuma outra pessoa lhe proporia ir visitá-la. Odette alegava que era obrigada a esperar uma "Posta da máxima importância" e até mesmo se, depois de mandar vir Swann, já no começo da noite, amigos seus lhe pediam que os encontrasse no teatro ou num restaurante, ela dava um salto de alegria e começava a se arrumar às pressas. À medida que adiantava a *toalete*, cada movimento que fazia aproximava Swann do instante em que teria de deixá-la, em que ela fugiria num ímpeto irresistível. Quando, pronta enfim, mergulhava uma vez mais no espelho os olhares tensos e iluminados pela atenção, recomeçava a pôr um pouco de batom nos lábios, fixava a mecha de cabelos na testa e pedia sua capa de azul-celeste com borlas de ouro. Swann tinha uma cara tão triste, que ela não podia reprimir um gesto de impaciência e dizia:

"É assim que me agradeces por ter te deixado ficar comigo até o momento. E eu que julgava ter feito algo gentil. É bom saber disso para a vez!"

Às vezes, arriscando-se a enfurecê-la, Swann prometia a si mesmo para saber aonde ela fora, imaginava uma aliança com Forcheville, que talvez lhe desse informações. Aliás, quando sabia com quem Odette saíra à noite, era bem não pudesse achar entre seus amigos alguém que conhecesse, mesmo intimamente, o homem que a acompanhara, e lhe pudesse obter algum esclarecimento, enquanto ele escrevia a um dos amigos para pedir que procurasse esclarecer aquele ponto, experimentava a necessidade de descansar e deixar de perguntas sem respostas, e de transferir a outros a fadiga de proceder a um interrogatório. É verdade que Swann não ficava mais a par dos acontecimentos de receber certas informações. Saber nem sempre permite impedir, mas pelo menos as coisas que sabemos, temo-las senão entre as mãos, ao menos em nosso pensamento, onde dispomos delas à vontade, o que nos dá a ilusão de uma esperança de poder sobre elas.

Swann sentia-se feliz todas as vezes em que o Sr. de Charles estava com Odette. Entre ela e o Sr. de Charles, sabia Swann que nada passaria, que, quando o Sr. de Charles saía com Odette, era por amizade a oporia dificuldades para lhe contar o que ela havia feito. Algumas vezes ela alegava tão categoricamente a Swann que era-lhe impossível vê-lo em certa noite; passando a impressão de estar tão

interessada em sair, que Swann achava de suma importância que o Sr. de Charles estivesse livre para acompanhá-la. No dia conseguiu ousar fazer muitas perguntas a Charles, obrigava-o, fingindo não ter entendido suas primeiras respostas, a lhe fornecer novas, sentindo-se mais aliviado de cada uma, pois logo ficava sabendo que Odette ocupara-se de noite com bem inocentes.

"Mas como, meu caro Mémé, não entendo direito... não saíram da casa dela para irem ao museu Grévy? Tinham estado em lugar antes. Não? Engraçado. Nem sabe como você me diverte, Mémé... idéia esquisita a dela de ir em seguida ao Chat Noir. É uma idéia bem dela... de você mesmo? Curioso. Afinal, não é má idéia, ela devia ter muitos conhecidos. Não? Não falou com ninguém? É incrível. Então vocês ficaram lá sozinhos. Vejo daqui uma cena dessas. Você é gentil, meu caro Mémé, gosto muito de você."

Swann sentia-se aliviado. Para ele, a quem ocorrera em conversas com indiferença que mal o ouviam, escutar às vezes certas frases como esta, por exemplo:

"Ontem a Sra. de Crécy, ela estava com um senhor que não conheço."; frases que no pensamento de Swann logo passavam ao estado sólido, e aí endureciam como uma incrível rapidez e o dilaceravam; frases que não mais se moviam, como eram doces, ao colocar estas palavras:

"Ela não conhecia ninguém, não falou com ninguém", e que circulavam com facilidade dentro dele, como se faziam fluidas, fáceis e receptivas. E no entanto, ao cabo de um momento ele dizia que Odette deveria achá-lo tedioso para serem esses os prazeres que ela preferia à sua companhia. E se a insignificância deles o sossegava, mortificava-o também como uma traição. Mesmo quando Swann não lograva saber aonde ela fora, teria lhe bastado para acalmar a angústia que então sentia, e contra a qual a presença de Odette, a doçura de estar a seu lado era o único específico (um específico que por fim agravava o mal pelo excesso de remédios, mas ao menos momentaneamente acalmava o sofrimento), teria bastado, caso simplesmente Odette o tivesse permitido, permanecer na casa dela enquanto ela ali não estivesse, esperá-la até a hora da volta, em cuja tranqüilidade vinham fundir-se todas as horas que um prestígio ou um malefício tinham feito com que julgasse que eram diferentes das outras. Mas ela não deixava; ele voltava para seu apartamento; forçava-se, no caminho, a elaborar diversos projetos, cessava de pensar em Odette; chegava até, ao se despir, a pensar em coisas bem divertidas; era com o coração cheio de esperança de ir, no dia seguinte, ver alguma obra-prima que se metia na cama e apagava a luz; porém, logo que, preparando-se para dormir, deixava de exercer sobre si mesmo um controle de que não tinha consciência, de tal forma se lhe tornara habitual, eis que no mesmo momento sentia um frêmito gelado refluindo dentro dele e punha-se a soluçar. Não queria nem saber o motivo, enxugava os olhos, e murmurava

rindo:

"Muito engraçado, estou virando um nevropata!"

Depois, não podia pensar sem um grande cansaço que no dia seguinte era preciso recomeçar a procurar saber, o que Odette havia feito, a pôr em campo as influências para tentar vê-la. Essa necessidade de uma ação sem tréguas, sem mudanças, sem resultados, era-lhe tão cruel que um dia, percebendo uma grossura sobre o ventre, sentiu uma verdadeira alegria à idéia de que talvez tivesse um tumor fatal, que não iria mais se ocupar de coisa alguma, que a doença é que iria comandá-lo, fazer dele um joguete, até o fim próximo.

E se, com efeito, por essa época, lhe aconteceu com freqüência confessar a si mesmo o desejo de morrer, era menos por escapar à intensidade dos sofrimentos que à monotonia de seu esforço. E no entanto desejaria viver até a época em que não amaria mais Odette, em que ela não teria qualquer motivo para lhe mentir; quando ele, Swann, poderia enfim saber dela se no dia em que fora vê-la à tarde, ela estava ou não na cama com Forcheville. Muitas vezes, durante alguns dias, a suspeita de que ela amava algum outro desviava-o da questão relativa a Forcheville, tornava-a quase indiferente, como aquelas formas novas de um mesmo estado doentio que parecem momentaneamente nos livrar das precedentes. Havia dias até em que ele não era atormentado por suspeita alguma. Julgava-se curado. Porém, na manhã seguinte, ao despertar, sentia a mesma dor no mesmo ponto em que, durante o dia, na véspera, como que intuíra a sensação na torrente de impressões diversas. Mas ela não mudara de local, até fora a intensidade dessa dor que despertara Swann.

Como Odette não lhe dava nenhuma informação sobre as coisas tão importantes que tanto a ocupavam todos os dias (embora ele já fosse vivido o bastante para saber que só existem prazeres), Swann não podia levar muito tempo para imaginá-las, seu cérebro funcionava no vácuo; então, ele passava, nas pálpebras cansadas, como teria enxugado as lentes do *pince-nêz*, deixando raramente de pensar. No entanto, sobrenadavam naquele ponto desconhecido ocupações que reapareciam de vez em quando, vagamente ligadas por alguma obrigação quanto a parentes afastados ou amigos de outrora, que, a serem os únicos que ela citava com freqüência como impedimentos para que se vissem, pareciam a Swann formar o quadro fixo, necessário, da vida devido ao tom com que ela lhe dizia, de tempos em tempos:

"No dia em, com minha amiga ao hipódromo", sentindo-se indisposto e pensando "Odette deseje passar aqui em casa", lembrava-se, de súbito, que era justo aquele dia, e murmurava:

"Ah, não, não vale a pena pedir-lhe que venha, eu estava pensado nisto antes, é o dia em que ela vai com a amiga ao hipódromo. Resta-nos para o que for possível;

é inútil a gente se cansar em propor coisas inacessíveis e recusadas de antemão." E esse dever que se incumbia Odette de ir ao hipódromo e diante do qual Swann se inclinava daquele modo, não lhe parecia aperceber mutável; mas o caráter de necessidade, de que se revestia, parecia tornar legítimo tudo aquilo que, de perto ou de longe, se relacionasse a ele. Se Odette na rua, ao receber um cumprimento de um transeunte que despertasse o ciúmes em Swann, respondesse às perguntas deste ligando a existência do desconhecido a um desses dois ou três grandes deveres de que lhe falava, se, por exemplo dissesse:

"É um senhor que estava no camarote de minha amiga no hipódromo''; esta explicação acalmava as suspeitas de Swann, que na verdade achava que a amiga devesse ter outros convidados além de Odette em seu camarote no hipódromo, mas nunca tentara, ou conseguira imaginá-los. Ah, como teria de conhecer essa amiga que ia ao hipódromo e consigo levava Odette trocando todas as suas amizades por qualquer pessoa que tivesse o costume de Odette, fosse uma manicure ou uma caixeira de loja! Dar-lhes-ia melhor trato do que à rainhas. Pois não dariam elas, com o que continham da vida de um único calmante eficaz para suas dores? Com que alegria não teria corrido dias inteiros, na casa dessa gente humilde com quem Odette mantinha fosse por interesse, fosse por verdadeira simplicidade! Com que gosto não moraria, para sempre no quinto andar de uma casa sórdida e invejada, aonde não o levava nunca e onde, se ali habitasse com a costureirinha aposentada; quem de boa vontade passaria por amante, teria quase todos os dias recebido visita! Nesses bairros quase populares, que vida modesta, abjeta, porém nutrida de calma e de felicidade, ele teria aceitado viver indefinidamente.

Ocorria também, às vezes, que, estando com Swann, ela visse alguém que ele não conhecia, e então podia notar no seu rosto aquela Odette, apresentar no dia em que ele fora vê-la quando Forcheville estava, mas era raro; pois esses dias em que, apesar de tudo o que ela precisava em meio do que haveria de pensar a sociedade, chegava a se encontrar com Swann, o que predominava agora na sua atitude era a segurança: grande contraste, talvez desforra inconsciente, ou reação natural da emoção temerosa que, nos primeiros dias em que a conhecera, Odette experimentava junto dele, e até longe dele, quando iniciava uma carta com estas palavras:

"Meu amigo, a mão me treme tanto que mal posso escrever." (Pelo menos era o que Odette pensava, e um pouco daquela emoção devia ser sincera para que tentasse exagerá-la.) Swann lhe agradava então. Ninguém treme senão por si mesmo, ou por aqueles a quem ama. Quando a nossa felicidade já não está em suas mãos, que tranqüilidade, que audácia, que desembaraço desfrutamos junto deles! Falando-lhe e escrevendo-lhe já não usava aqueles termos com os quais procurava dar Odette a si mesma, a ilusão de que ele lhe pertencia,

proporcionando os momentos de dizer "meu", quando se tratava dele:

"Você é o meu amor, é o perfume da nossa amizade, eu o guardo", de lhe falar no futuro, até mesmo da morte, como de uma só coisa para ambos. Naquele tempo, a tudo o que ele dizia ela respondia com admiração:

"Você não será nunca como os outros."

Odette olhava sua cabeça um tanto calva, da qual as pessoas que sabiam do sucesso de Swann pensavam:

"Ele não tem uma beleza harmoniosa, se quiserem, mas é chique: o topete, o monóculo, o sorriso!", e, mais curiosa talvez de saber o que ele era do que com desejos de ser sua amante, ela dizia:

"Se eu pudesse saber o que existe nessa cabeça!"

Agora, a todas as palavras de Swann ela respondia com um tom às vezes irritado, às vezes indulgente:

"Ah, nunca hás de ser como todo mundo!"

Contemplava aquela cabeça que apenas as preocupações tinham envelhecido um pouco (mas a cujo respeito todos agora pensavam, em virtude dessa mesma aptidão que permite descobrir as intenções de uma peça sinfônica, cujo programa já foi lido, e as semelhanças de uma criança quando conhecemos sua parentela:

"Ele positivamente não é feio, se quiserem, mas é ridículo; esse monóculo, esse topete, esse sorriso!", realizando na sua imaginação sugestionada a demarcação imaterial que separa, a alguns meses de distância, uma cabeça de amante de coração e uma cabeça de amante traído), e dizia:

"Ah, se eu pudesse mudar, tornar razoável o que há dentro dessa cabeça."

Sempre disposto a acreditar no que anelava, por muito pouco, que os modos de Odette não deixassem lugar a dúvidas, Swann se lançava com avidez sobre estas palavras:

"Tu podes, se quiseres", dizia-lhe.

E ele tentava lhe mostrar que acalmá-lo, comandá-lo, fazê-lo trabalhar, seria uma nobre tarefa a que outras mulheres só pediriam para se consagrar, mas entre cujas mãos é forçoso dizer que tal nobre tarefa não lhe pareceria mais que uma ocupação indiscreta e insuportável de sua liberdade.

"Se ela não me amasse um pouco" imaginava Swann, "não sonharia em transformar-me. Para me transformar, é preciso que me visse mais vezes."

Assim, ele encontrava na censura que lhe fazia, uma como que prova do seu interesse, talvez do seu amor; e de fato, dava-lhe agora tão poucas provas de

amor que ele era obrigado a contar como tais as proibições que ela lhe fazia de uma coisa ou outra. Um dia; declarou que não

gostava do cocheiro de Swann, que talvez o indispusesse ela, que em todo caso não se comportava com seu amo com a correção e a distância que ela desejaria. Sentia Odette que Swann gostaria de ouvir dela:

"Não mais quando vier à minha casa", como teria desejado um beijo. Já que ela estava de bom humor, disse isto mesmo; Swann se enterneceu.

À noite, conversando com o Sr. de Charles, com quem tinha a suavidade de poder falar abertamente de Odette (pois as menores frases que pronunciava, mesmo dirigindo-se às pessoas que não a conheciam, se referiam de alguma forma a ela), disse:

"Creio que ela me ama; é tão gentil comigo, e o que eu faço com certeza não é indiferente." E se, no momento de ir à casa dela, subindo em seu carro o amigo que deveria deixar no trajeto, o outro lhe dizia:

"Ora, então Lorédan, na boléia?" com que alegria melancólica replicava Swann:

"Oh, por Deus não, entre nós, não posso levar Lorédan quando vou à rua de La Pérouse. Onde gosta que eu leve Lorédan, não acha que ele esteja à minha altura; afinal, que você, as mulheres, sabe como é... eu sei que isto lhe desagradaria muito. Ora, era só levar Rémil. Mas isso já é outra história..."

Essas novas formas de ser, indiferentes, distraídas, irritáveis, que igual Odette agora para com ele, certamente faziam Swann sofrer; porém ele não tinha conhecimento dessa mágoa; como fosse progressivamente, dia-a-dia, que se tornava fria com ele, só comparando o que ela era hoje com o que era no começo é que Swann poderia sondar a profundidade da mudança ocorrida. A mudança era a profunda e secreta ferida que lhe causava mal dia e noite, e ele sentia que seus pensamentos iam se aproximando muito dela, dirigia a mente para outro ponto com receio de sofrer demasiado. Dizia a si de maneira bem abstrata:

"Houve um tempo em que Odette me amava muito"; ele nunca recordava esse tempo. Da mesma forma que havia no seu quarto a cômoda que ele sempre evitava olhar, chegando a fazer um desvio para não entrar ou sair, porque numa das gavetas estavam guardados o crisântemos que ela lhe dera na primeira noite em que a levara para casa, e as cartas em que escrevera: "Pena que também não tivesse esquecido o coração, que eu não teria devolvido. A qualquer hora do dia e da noite em que precisar de mim, faça-me e disponha da minha vida", assim também havia nele um ponto do qual não havia nunca seu espírito se aproximar, obrigando-o, sempre que necessário, ao enorme desvio de raciocínio para não ter de passar por ali: era o local da lembrança dos dias felizes.

Mas sua prudência, tão cautelosa, foi lograda uma noite em que assistia a uma recepção. Era na casa da marquesa de Saint-Euverte, a última, aquele ano, das que ela dava para fazer ouvir os artistas que lhe serviam, a seguir, para centros de caridade. Swann, que desejara ir sucessivamente a todas as precedentes, e não pudera decidir-se a comparecer, recebera, enquanto se vestia para sair, a visita do barão de Charles; que vinha lhe propor que fossem juntos à casa da marquesa, caso a sua companhia o ajudasse a aborrecer-se um pouco menos lá, ou a sentir-se menos triste. Mas Swann lhe respondera:

-Não tenha dúvida quanto ao prazer que eu teria em ir com você. Porém o maior prazer que poderia me dar era o de ir, de preferência, ver Odette. Sabe da excelente influência que você tem sobre ela. Creio que ela não sai esta noite antes de ir à casa de sua antiga costureira, onde, aliás, ficará bem contente de que você a acompanhe. Em todo caso, poderia encontrá-la em casa antes. Procure distraí-la e falar-lhe à razão. Se puder arrumar alguma coisa para amanhã que lhe agrade e que nós três possamos fazer juntos... E vamos ver se você consegue ajeitar as coisas para o verão, se ela não tem algum projeto, alguma excursão talvez, que nós três faríamos juntos... Quanto a esta noite, não pretendo mais vê-la; agora, se ela o desejar, ou se vocês arranjarem um meio, basta enviar-me um recado para a casa da Sra. de Saint-Euverte até a meia-noite, e depois disso para minha casa. Obrigado por tudo o que tem feito por mim, sabe perfeitamente que o estimo bastante.

O barão prometeu ir fazer a visita que ele desejava depois de o conduzir até a porta do palacete Saint-Euverte, onde Swann chegou tranqüilizado com a idéia de que o Sr. de Charles passaria as horas da recepção na casa da rua La Pérouse, mas num estado de melancólica indiferença com relação a todas as coisas que não se referissem a Odette, principalmente as coisas mundanas, que lhe vinham com o encanto daquilo que nos surge em si mesmo, quando já não são um objetivo para a nossa vontade.

Desde que desceu do carro, no primeiro plano daquele resumo fictício da vida doméstica que as donas-de-casa pretendem c- ésteres dona e

sair de que, mas sem saber o que ali se passara, pois se achava em pensamento, nos poucos instantes em que o atravessava, ou ainda na festa que acabava de deixar, ou na festa em que o iriam introduzir, reparou pela primeira vez, desperto pela vinda de nada de um convidado tardio, na malta esparsa, magnífica e ociosa "dos grandes" que dormiam aqui e ali sobre banquetas e arcas e que, erguendo seus nobres perfis agudos de lebreiros, se levantaram e, juntos, formaram um círculo a sua volta.

Um deles, de aspecto particularmente feroz e bem semelhante ao de certos quadros da Renascença que retratam suplícios, avançou para ele ar implacável a fim de lhe apanhar os pertences. Porém a dureza de seu olhar, era compensada pela suavidade das luvas de algodão, embora, ao se aproximar de Swann, parecesse evidenciar desprezo pela sua pessoa e consideração pelo chapéu. Tomou-o com um cuidado, ao qual a exatidão do movimento empregava algo de meticuloso, e uma delicadeza que fazia quase tocante a aparelhagem de força. Remeteu-o depois a um dos ajudantes, jovem e tímido, que exprimia pavor rolando em todos os sentidos os olhos selvagens e mostrava a agitação de um animal cativo nas primeiras horas de sua domesticação. A alguns passos, um enorme rapaz de *libré* sonhava, imóvel, este inútil, como o guerreiro puramente decorativo que a gente vê nos quadro tumultuosos de Mantegna, sonhando, apoiado no escudo, enquanto as pessoas arremessam e se trucidam a seu redor; destacado do grupo dos companheiros, se apressavam em torno de Swann, parecia tão disposto a se desinteressar da cena, a qual seguia vagamente, com os olhos glaucos e cruéis, como se fosse o massacre dos Inocentes ou o martírio de São Tiago. Parecia justamente fazer parte daquela raça extinta - ou que talvez nunca tenha existido senão no retábulo *Zeno* e nos afrescos dos Eremitani; aonde Swann a conhecera e onde ainda nascida da fecundação de uma estátua antiga por algum modelo paduano, ou algum saxão de Albrecht Dürer. E as mechas de seus cabelos ruivos levemente crespos, mas alisados pela brilhantina, estavam amplamente cuidadas como são na escultura grega que o pintor de Mântua estudava sem parar, e que na Criação só toma como modelo o homem, sabe ao menos tirar das simples riquezas tão variadas, e como que tomadas de empréstimo a toda na viva, de forma que uma cabeleira, no liso enrolamento e nas pontas agudas; anéis, ou na superposição do triplo diadema florescente de suas tranças, dá impressão, ao mesmo tempo, de um montão de algas, de uma ninhada de pombos, uma guirlanda de jacintos e de um ninho de serpentes.

Outros ainda, também colossais, estavam postados nos degraus à, escadaria monumental a que sua presença decorativa e imobilidade poderiam atribuir o nome, como no Palácio Ducal, de "Escadaria dos Gigantes" pela qual Swann subiu com tristeza ao pensar que Odette jamais a pisara, que alegria, ao contrário, teria grimpado os andares negros, malcheirosos e regadios da pequena

costureira aposentada, onde, no quinto piso, se ressentia em pagar mais caro que um proscênio semanal na ópera; o direito de passar quando Odette ali se encontrasse, e até nos outros dias, para poder falar; conviver com as pessoas que ela costumava ver quando ele não se achasse que por essa razão lhe pareciam guardar, da vida de sua amante, algo mais real, mais inacessível e mais misterioso. Enquanto que naquela escada pestilenta e desejada da velha costureira, como não havia outra de serviço, via-se à noitinha, diante de cada porta, uma garrafa de leite vazia e suja sobre o capacho, na magnífica e desprezada escadaria que Swann subia naquele momento, de um lado e outro, em diferentes alturas, diante de cada anfractuosidade que na parede fazia a janela do porteiro, ou a porta de um aposento, representando o serviço interno que dirigiam e prestando homenagem aos convidados, um porteiro, um mordomo, um despenseiro (excelentes pessoas que viviam, no resto da semana, um pouco independentes em seus domínios, e jantavam em casa como pequenos lojistas e estariam amanhã talvez ao serviço burguês de um médico ou de um industrial), atentos para não falharem às recomendações que lhes haviam feito antes de vestir a aparatosa *libré*, que só raramente usavam e na qual não se sentiam a gosto, mantinham-se sob a arcada de seu pórtico com um brilho pomposo temperado de bonacheirona popular, como os santos em seus nichos; e um enorme suíço, trajado como na igreja, batia nas lajes com seu bastão à passagem de todos que chegavam. Chegando ao alto da escadaria, ao longo da qual o seguira um criado de face lívida, com um pequeno rabicho amarrado com uma fita atrás da cabeça, como um sacristão de Goya ou um tabelião do repertório, Swann passou diante de uma escrivaninha, onde lacaios, assentados como notários diante de grandes livros de registro, se ergueram e inscreveram seu nome. Atravessou depois um pequeno vestíbulo que-como certas peças arrumadas pelo dono de maneira a servirem de abrigo a uma só obra de arte, da qual tiram seu nome, e que mais nada contêm na sua nudez intencional-exibia na entrada, tal como uma preciosa efígie de Benvenuto Cellini representando um vigia, um jovem lacaio de corpo ligeiramente inclinado para diante, elevando, acima de sua alta gola rubra, uma fisionomia ainda mais rubra, de onde fugiam torrentes de fogo, de zelo e timidez, e que, varando com o olhar impetuoso, vigilante, desvairado, as tapeçarias Aubusson penduradas no salão onde se ouvia música, parecia mirar, com impassibilidade militar ou fé sobrenatural-alegoria do alarme, encarnação da espera, comemoração do toque de prontidão-, anjo ou vigia, de uma torre de fortim ou de catedral, o surgimento do inimigo ou a hora do Juízo Final. A Swann só lhe restava penetrar na sala do concerto, cujas portas lhe franqueou um lacaio carregado de correntes, inclinando-se como se lhe houvesse confiado as chaves de uma cidade. Mas Swann pensava na casa em que poderia se achar naquele instante mesmo, se Odette o permitisse, e a lembrança entrevista de uma vasilha de leite sobre o capacho apertou-lhe de

emoção.

Retornou rapidamente a Swann o sentimento da feiúra masculina, da cortina de tapeçaria, ao espetáculo dos criados sucedeu o dos convidados. Porém, essa mesma feiúra dos rostos, que aliás ele conhecia muito bem, parecia-lhe nova desde que seus traços-ao invés de serem para ele sinais utilizáveis para a identificação de determinada pessoa que até significava um feixe de prazeres a buscar, de aborrecimentos a evitar ou de tristezas a fazer repousavam, coordenadas agora apenas em relações estéticas a autonomia de suas linhas. E nesses homens, em cujo meio Swann se encerrado, mesmo nos monóculos que alguns levavam (e que antigamente do muito teriam permitido a Swann dizer que usavam um monóculo), despojados do significado de um hábito, idêntico a todos, nada havia agora que não lhe acontecesse indicar uma espécie de individualidade. Talvez porque só encarasse o de Forcheville e o marquês de Bréauté, que conversavam no saguão, como personagens em um quadro, enquanto que eles tinham sido durante muito tempo para Swann, os amigos úteis que o haviam apresentado no Jockey e testemunharam em duelos o monóculo do general, encravado entre suas pálpebras com estilhaço de opus em seu rosto vulgar, triunfal e cheio de cicatrizes, na testa, que ele vazava como o único olho do ciclope, apareceu a Swann como ferida monstruosa, que o general podia sentir-se glorioso por ter recebido, a mera indecente de exibir; ao passo que o que o Sr. de Bréauté acrescentava, corria de festividade, às luvas cinzento-pérola, à cartola, à gravata branca, e o binóculo familiar (como o fazia o próprio Swann) para o caso de uma reunião trazia, pregado às costas, como uma preparação de história natural sob uma cópia, um olhar infinitesimal e buliçoso de amabilidade, que não parava para o teto, para a beleza das festas, para o interesse dos programas e qualidade dos refrescos.

- Vejam, aqui está você; faz uma eternidade que não o vemos.- Disse o general a Swann; reparando no aspecto cansado deste e supondo que talvez uma doença que o afastava da sociedade, acrescentou: - Mas você está meu caro!

Ao passo que o Sr. de Bréauté indagava:

-Como, você está, meu caro, que faz aqui?- Como um romancista mundano que acabava de pôr no olho um monóculo seu único órgão de investigação psicológica e de análise implacável, e respondia com ares de importância e mistério, carregando no r.

- Eu observo.

O monóculo do marquês de Forestelle era minúsculo; obrigava o olho a uma crispação dolorosa e incessante, incrustando-se nele uma cartilagem supérflua, cuja presença é inexplicável, dando ao rosto do marquês uma delicadeza melancólica e fazendo com que as mulheres o julgassem capaz de sofrer

grandes mágoas de amor. Mas o monóculo do Sr. de Saint-Candé, cercado de um aro gigantesco, como o planeta Saturno, o centro de gravidade de um rosto que a todo instante se regulava por ele o nariz fremente e rubro, bem como a boca beiçuda e sarcástica, tentavam, com trejeitos, estar à altura dos tiroteios do espírito que o disco de vidro fazia, ser o preferido, em detrimento dos mais belos olhares da sociedade, das jovens senhoras esnobes e depravadas, a quem ele mergulhava em sonhos de encantos artificiais e de requintes de volúpia; e no entanto, atrás do seu, o Sr. de Palancy que, com sua grossa cabeça de carpa de olhos redondos, se deslocava lentamente no meio das festas, descerrando de momento em momento as suas mandíbulas como que para procurar orientar-se, dava impressão de transportar consigo unicamente um fragmento acidental, e talvez puramente simbólico, dos vidros de seu aquário, parte destinada a representar o todo, que lembrou a Swann, grande admirador das *Virtudes e dos Vícios de Giotto em Pádua,* aquele *Injusto* a cujo lado um ramo folhado evoca as florestas onde se esconde o seu covil.

Por insistência da Sra. de Saint-Euverte, Swann tinha se adiantado e, para ouvir uma ária do Orfeu, executada por um flautista, colocara-se a um canto onde tinha como perspectiva, infelizmente, apenas duas damas já maduras, sentadas lado a lado, a marquesa de Cambremer e a viscondessa de Franquetot, que, visto serem primas, passavam todo o seu tempo em reuniões festivas, levando suas bolsas e seguidas das filhas, procurando-se como se estivessem numa estação de trem, só se tranqüilizando quando marcavam, com os leques ou os lenços, dois lugares vizinhos: a Sra. de Cambremer, como tivesse muito poucas relações, ficava bem feliz por ter uma companheira; a Sra. de Franquetot, que ao contrário era bastante relacionada, achava algo de elegante e original no fato de mostrar a todas as suas belas conhecidas que a elas preferia uma dama obscura, com quem tinha em comum as recordações da juventude. Cheio de melancólica ironia, Swann as olhava enquanto ouviam o interlúdio de piano (São Francisco de Assis Falando aos Pássaros, de Liszt), que sucedera à ária de flauta, e seguiam o desempenho vertiginoso do *virtuose*: a Sra. de Franquetot com ansiedade, os olhos perdidos como se as teclas sobre as quais corria com agilidade fossem uma espécie de trapézio de onde ele pudesse cair de uma altura de oitenta metros, e não sem lançar à sua vizinha olhares de espanto e recusa, que significavam:

"É incrível, nunca pensei que um homem pudesse fazer coisa semelhante"; e a Sra. de Cambremer, como mulher que recebeu excelente educação musical, marcando o compasso com a cabeça que se transformava em pêndulo de metrônomo, cuja amplitude e rapidez de oscilações eram tais, de um ombro a outro (com aquele tipo de desvario e abandono do olhar que causam as dores desconhecidas, e nem se procura dominar, quando a gente diz: "O que é que se há de fazer?"), que, a todo instante, ela enganchava nos solitários as presilhas do

corpinho e era obrigada a endireitar os negros cachos de uva, que ostentava nos cabelos, sem por isso deixar de acelerar o movimento. Do outro lado da Sra. de Franquetot, porém um pouco mais à frente, estava a marquesa MeGatlardon, ocupada com seu pensamento predileto, a aliança que tinha com os antes e da qual extraía, para a sociedade e para si mesma, muita glória e um de vergonha, sendo que os membros mais brilhantes da família deixavam-na um tanto de lado, talvez porque fosse aborrecida, ou porque era má, ou porque de um ramo inferior, ou talvez por motivo nenhum.

Quando a marquesa se achava junto de alguém que não conhecia, como naquele momento junto da Sra. de Franquetot, sofria pelo fato de que a consciência que tinha de seu pouco contato com os Guermantes não pudesse se manifestar externamente em caracteres visíveis, como os que, nos mosaicos das igrejas bizantinas, uns colocados sobre outros, inscrevem numa coluna vertical, ao lado de um santo *persona,* palavras que se supõe ele tenha pronunciado. Naquele momento, ela pensava que jamais recebera um convite, nem uma visita de sua jovem prima, a principal, Laumes, desde que esta se casara havia seis anos. Tal pensamento a e cólera, mas também de orgulho; pois, de tanto dizer às pessoas, que se admiravam de não vê-la na casa da Sra. des Laumes, que isso se devia a que ela estaria a encontrar ali a princesa Mathildeo que sua família ultra-legitimista já teria perdoado; acabara por acreditar que era essa de fato a razão pela qual não ia à casa da jovem prima. Entretanto, lembrava-se de que havia perguntado, várias vezes, à Sra. des Laumes para saber como poderia proceder para encontrá-la; lembrava-se apenas de maneira confusa, e aliás neutralizava em muito a lembrança um pouco humilhante murmurando:

"Ainda assim, não me caberia os primeiros passos, sou vinte anos mais velha."

Graças à virtude desses interiores, empinava orgulhosamente os ombros destacados do busto, e quais a cabeça, em posição quase horizontal, fazia pensar na cabeça "aumentada de um orgulhoso faisão que é servido à mesa com todas as plumas. Não é fosse, por natureza, atarracada, mulherona e gorducha; mas as humilhações e aprumada como essas árvores que, nascidas em má posição à beira de um rio, são forçadas a crescer para trás a fim de manter o equilíbrio.

Obrigada a consolar de não ser inteiramente igual aos demais Guermantes, a dizer a si mesma que era por intransigência de princípios e por orgulho que via pouco, tal idéia acabara por modelar seu corpo e criar-lhe uma imponência que, aos olhos dos burgueses, passava por um sinal de estupidez, às vezes perturbava com um desejo fugitivo o olhar fatigado dos homens. Se houvessem submetido à conversação da Sra. de Gallardon essas análises, elevando a freqüência maior ou menor de cada termo, permitem descobrir que vem de uma linguagem cifrada, seria possível perceber que nenhuma expressão mesmo a mais banal, voltaria com tanta freqüência como "em casa de minhas de Guermantes", "na casa da

minha tia de Guermantes", "a saúde de Guermantes", "a banheira da minha prima de Guermantes". Quando lhe perguntavam de um personagem ilustre, ela respondia que, sem conhecê-lo pessoalmente, encontrara-o mil vezes na casa de sua tia de Guermantes; porém dizia isto com tom tão glacial e com uma voz tão surda que ficava evidente que, se ela não o conhecia pessoalmente, era devido a todos os princípios inextirpáveis e teimoso. Os ombros se empinavam para trás, como essas escadas sobre as quais os professores de ginástica obrigam a gente a se estender para nos desenvolver o tórax.

Ora, a princesa des Laumes, que ninguém esperava ver na residência da Sra. de Saint-Euverte, acabava precisamente de chegar. Para mostrar que não procurava fazer sentir num salão, onde só comparecia por condescendência, a superioridade de sua estirpe, ela entrara encolhendo os ombros; mesmo onde não havia multidão nenhuma a atravessar, nem pessoa alguma para a deixar passar, ficando bem no fundo, como se ali fosse o seu lugar, feito um rei que se põe na fila à porta do teatro enquanto as autoridades não são avisadas de sua presença; e, restringindo simplesmente o seu olhar - para não dar impressão de assinalar sua presença e de reclamar olhares - à consideração de um desenho da tapeçaria ou da própria saia, ela se mantinha de pé no local que lhe parecera mais modesto (e de onde bem sabia que uma exclamação extasiada da Sra. de Saint-Euverte iria tirá-la tão logo esta a vislumbrasse), ao lado da Sra. de Cambremer, a quem não conhecia. Observava a mímica de sua vizinha megalômana, porém não a imitava. Não é que, já que viera passar cinco minutos na casa da Sra. de Saint-Euverte, a princesa des Laumes não tivesse aspirado a ser, para que a gentileza que lhe faziam fosse retribuída em dobro, o mais amável possível. Porém, por temperamento, guardava horror ao que denominava "exageros" e cuidava de mostrar que "não tinha" que se entregar a manifestações que não combinavam com o "gênero" do grupo em que vivia, mas que, no entanto, por outro lado, não deixavam de impressioná-la, em virtude desse espírito de imitação, vizinho da timidez, que o ambiente de um meio novo, ainda que inferior, faz nascer nas pessoas mais seguras de si mesmas. Ela começava a se indagar se aquela gesticulação não se fizera necessária devido ao trecho musical executado e que talvez não se enquadrava na música que ouvira até aquele dia, e se abster-se não seria dar provas de incompreensão da obra e de inconveniência em face à dona da casa; de modo que para exprimir por uma "conta aproximada" os seus sentimentos contraditórios, ora ela se contentava em alçar as presilhas das ombreiras do vestido ou repregar nos cabelos louros as bolinhas de coral ou de esmalte rosado, salpicadas de diamante, que lhe faziam um penteado simples e encantador, examinando com fria curiosidade sua fogosa vizinha, ora batia o compasso por um instante com o leque, mas, para não abdicar de sua independência ao mesmo tempo.

Tendo terminado o trecho de Liszt, o pianista começara um prelúdio de Chopin; a Sra. de Cambremer lançou à Sra. de Franquetot um sorriso carinhoso de satisfação competente e de alusão ao passado. Aprendera, na juventude, a cada frase de Chopin, de colo comprido, sinuoso e desmesurado, tão livres, tão sensíveis, tão táteis, que principiam por procurar e experimentar seu posto fora e longe da direção de sua partida, bem longe do ponto em que se poderia que seu toque alcançasse, e que só se executam nesse afastamento da nota para voltar mais deliberadamente num retorno mais premeditado, com maior precisão, como sobre um cristal que ressoaria até fazer gritar anos o coração.

Vivendo numa família provinciana de poucas relações, quase nos bailes, a Sra. de Cambremer se embriagava na solidão do seu solar da fazenda, ou retardar a dança de todos esses pares imaginários, desfolhando flores, deixando por um instante o baile para ouvir soprar o vento nos pinheiros à beira do lago, e ver ali de repente se aproximar, mais diverso de tudo o que sonhou que fosse um apaixonado nesta terra, um rapaz delgado de voz cantante, estranha e falsa, de luvas brancas. Mas, hoje, a beleza fora daquela música parecia desbotada. Privada, desde alguns anos, da festa de conhecedores, ela perdera sua honra e seu charme, e aquele mesmo musical ruim não lhe achavam senão um prazer inconfesso e medíocre. Cambremer lançou um olhar furtivo para trás. Sabia que sua jovem em respeito por sua nova família, salvo no que tocava às coisas do espírito os quais, conhecedora até de harmonia e grego, tinha luzes especiais de Chopin e sofria quando o ouvia ser tocado. Porém, longe da vigilância wagneriana, que estava mais distante com um grupo de pessoas da sua família, a Sra. de Cambremer se deixava levar por impressões deliciosas. A prima Laumes também as sentia. Sem ser naturalmente dotada para a música. Havia quinze anos que as aulas de uma professora de piano do bairro de Saint; mulher de gênio, que no fim da vida fora reduzida à miséria, tinha recomeçado na idade de setenta anos, às filhas e às netas de suas antigas alunas. Porém, seu método e seu bom ouvido renasciam, às vezes, nos suas alunas, mesmo daquelas que para tudo o mais se tinham transformado em pessoas medíocres, tendo abandonado a música, e que quase nunca tocavam piano. Também a Sra. des Laumes pôde balançar a cabeça com pleno ganho de causa, com uma apreciação exata do modo pelo qual o pianista tocava o prelúdio, que ela sabia de cor. O fim do trecho iniciado ela o cantou para si movendo os lábios. E murmurou:

"É sempre charmoso", com um acento no começo da palavra, que era um sinal de delicadeza e com a qual, lábios tão romanescamente frisados, como uma bela flor, que instintiva harmonizou o olhar com eles, dando-lhe naquele momento uma espécie de talismã e vaguidão. Entretanto, a Sra. de Gallardon estava a ponto de começar a falar da mesma; que era uma pena que só raramente encontrasse oportunidade, de ver a princesa des Laumes, pois desejava lhe dar

uma lição não respondendo seu cumprimento. Não sabia que sua prima ali se encontrava. Uma movimentação da Sra. de Franquetot fê-la ver. E logo se precipitou para ela, atrapalhando todo mundo; mas desejosa de manter um ar altivo e glacial, que lembrasse a ela não desejava ter relações com uma pessoa em cuja casa poderiam se encontrar com a princesa Mathilde, e ao encontro de quem não precisava ir, pois era "contemporânea". Quis, entretanto, compensar essa altivez e essa reserva por alguma frase que justificasse o passo dado e forçasse a princesa a entabular a conversação; assim, uma vez chegada perto de sua prima, a Sra. de Gallardon, com um rosto duro, uma mão estendida como um cartão de visitas forçado, lhe disse:

"Como vai seu marido?", com a mesma voz preocupada como se o príncipe estivesse gravemente doente. A princesa, desatando num riso que lhe era particular e que se destinava, ao mesmo tempo, a mostrar aos outros que ela zombava de alguém e também, para se fazer mais linda, concentrando os traços do rosto ao redor da boca animada e do olhar brilhante, respondeu:

- Maravilhosamente bem!

E ria ainda. Entretanto, endireitando-se e acalmanabia q , tmpem m]

contratempos da nobreza os quais elas sentiam-se lisonjeadas ao ver que entravam em concorrência com suas recepções. Depois, fazendo parte dessa sociedade espiritual dos Guermantes, onde sobrevivia algo do espírito alerta, desprovido de lugares-comuns; de sentimentos convencionais, que descende de Mérimée e encontrou sua última versão no teatro de Meilhac e Halévy, a princesa des Laumes adaptava-o até as ações sociais, transpunha-o à sua polidez, que se esforçava por tornar positiva, e aproximá-la da humilde verdade. Não desenvolvia longamente a uma de cada expressão do desejo de ir à sua reunião; considerava mais gentil expor-lhe algumas poucas circunstâncias das quais dependia que fosse possível comparecer.

- Escute, vou lhe dizer - falou à Sra. de Gallardon -, preciso ir, a noite, à casa de uma amiga com quem há muito tempo estou comprometida de irmos ao teatro, por mais boa vontade que eu tenha, não haverá possibilidade que eu vá à sua casa; mas se ficarmos em casa, como sei que estaremos sós, pretendo deixá-la.

- Bem, já viu o seu amigo Sr. Swann?

- Não, esse amor de Charles, eu nem pensei que estivesse aqui; com que me veja.

- É curioso que ele tenha vindo exatamente à casa da tia Saint - disse a Sra. de Gallardon.-Oh, eu sei que ele é inteligente - acrescentou, quer dizer intrigante, mas isto não faz diferença, um judeu na casa da irmã e dois arcebispos! Confesso, para minha vergonha, que não estou chocada - disse Sra. des Laumes.

- Sei que ele é convertido, e até seus pais e avós já o eram. Porém, que os convertidos permanecem mais ligados à sua religião que os outros, um fingimento a sua conversão.

- É verdade?

- Não tenho dúvidas a tal respeito.

O pianista, que tinha de tocar duas peças de Chopin, depois de ter prelúdio iniciara imediatamente uma *polonaise*. Mas desde que a Sra. de Gallardon fizera ver à prima, a presença de Swann, o próprio Chopin ressuscitado teria de vir tocar todas as suas obras que a Sra. des Laumes não lhe prestaria a atenção. Ela formava parte de uma dessas duas metades da humanidade de curiosidade que a outra metade tem pelos seres que não conhece e é substituída em interesse pelos que conhece. Como muitas damas do bairro Saint-Germain a presença, no local em que se achava, de alguém do seu grupo, e a quem, aliás no particular tinha a dizer, monopolizava a sua atenção em detrimento de tudo, a partir desse momento, na esperança de que Swann a percebesse a princesa, uma ratinha branca aprisionada a que se estende e se furta um torrão, a fez mais que virar o rosto, cheio de mil sinais de conivência desprovidos de sentimento da *polonaise*

de Chopin. Na direção em que estava Swann, este mudava de lugar, ela deslocava paralelamente o seu sorriso magnético:

- Oriane, não se zangue - retornou a Sra. de Gallardon, de nunca evitar o sacrifício de suas maiores esperanças sociais e de deslumbrar um mundo, ao prazer obscuro, imediato e privado de dizer algo desagradável às pessoas que pretendem que este Sr. Swann, é alguém que não se pode receber em casa; é verdade?

- Mas... você deve saber que é verdade - respondeu a princesa -, pois já o convidou cinqüenta vezes e ele jamais compareceu à sua casa.

E deixando a prima mortificada, desatou de novo a rir um riso que escandalizou todos que ouviam a música, mas atraiu a atenção da Sra. de Saint-Euverte que, por gentileza, ficara perto do piano e que só então reparou na princesa.

A Sra. de Saint-Euverte estava tanto mais encantada em ver a Sra. des Laumes, pois julgava-a ainda em Guermantes a cuidar do sogro enfermo.

- Mas como, princesa, está aqui?

-Sim, fiquei num cantinho e ouvi coisas bem bonitas. - Como, você já chegou há muito tempo?

-Sim, um longo tempo que me pareceu bem curto, longo apenas porque não a via.

A Sra. de Saint-Euverte quis ceder sua poltrona à princesa, que respondeu:

- De jeito nenhum! Por que motivo? Estou bem em qualquer lugar.

E mostrando intencionalmente, para melhor manifestar sua simplicidade de grande dama, um pequeno assento sem encosto:

-Veja, este *pouf* é tudo de que preciso. Vai me fazer ficar bem reta. Oh, meu Deus, ainda faço barulho, vou me cobrir de vergonha!

Entretanto o pianista, redobrando de velocidade, fazia a emoção musical atingir seu máximo; um criado passava com refrescos num prato, fazendo tilintar colheres e, como em toda semana, a Sra. de Saint-Euverte fazia-lhe, sem que ele a visse, um sinal para que fosse embora. Uma recém-casada, a quem lhe haviam ensinado, que uma mulher jovem não deve ter um ar *blasê*, sorria de prazer e procurava com os olhos a dona da casa para lhe testemunhar, com o olhar, seu reconhecimento de ter "pensado nela" para semelhante recepção. No entanto, embora com mais calma que a Sra. de Franquetot, não era sem inquietação que ela seguia a música; mas sua atenção não se centrava no pianista e sim no piano, sobre o qual uma vela estremecia a cada fortíssimo e arriscava, senão de pôr fogo no abajur, ao menos causar manchas na madeira de jacarandá. Por fim, não se conteve mais e, galgando os dois degraus do estrado

onde estava colocado o piano, precipitou-se para segurar a arandela. Porém, mal suas mãos a tocaram, o pianista, com um último acorde, terminou a peça e se ergueu. Não obstante, a iniciativa ousada dessa jovem senhora, a breve promiscuidade, dificultou-a e que isso resultou entre ela e o instrumentista, produziram uma impressão geralmente favorável.

- Reparou no que fez esta pessoa, princesa? comentou o general de Koberville para a princesa des Laumes, a quem acabara de cumprimentar e que a Sra. de Saint-Euverte deixou por um instante. -Curioso. Trata-se de uma artista?

-Não, é uma pequena Sra. de Cambremer - respondeu estouvadamente à essa, acrescentando com vivacidade: - Repito-lhe o que me disseram, não tenho a menor noção de quem seja, dizem que eram vizinhos da Sra. de Saint-Euverte no campo, mas não creio que alguém os conheça. Deve ser essa gente da roça.

-Não sei se o senhor está bem enfronhado na brilhante sociedade que aqui se encontra, mas não faço a menor idéia do nome de todas estas pessoas espanto que julga que passam o seu tempo fora dos saraus; da Sra. de Saint-Euverte tê-los feito vir junto com os músicos, as cadeiras e os refrescos. Confesse "convidados da casa Belloir" são magníficos. Será que, de fato, ela tem de alugar esses figurantes todas as semanas? Não é possível!

- Ah! Mas, Cambremer é um nome autêntico e antigo - disse o general.

- Não vejo nenhum mal em que seja antigo respondeu seca princesa-, mas em todo caso não é eufônico - acrescentou, destacando-a como se ela estivesse entre aspas - pequena afetação no falar próprio Guermantes.

- Acha? Ela é linda de morrer- disse o general, que não perdia a Cambremer de vista. - Não lhe parece, princesa?

- Ela se exibe demais, e acho que no caso de uma mulher tão jovem não fica nada bem, pois não creio que seja minha contemporânea - respondeu des Laumes (tal expressão era comum aos Gallardon e aos Guermantes). Mas a princesa, vendo que o Sr. de Koberville continuava a observar de Cambremer, acrescentou, meio por maldade quanto a esta, meio por ambição com o general: - Não fica bem... para o seu marido! Lamento não conhecê-la, por lhe interessar tanto eu a teria apresentado. - disse a princesa, que provavelmente nada teria feito se conhecesse a jovem senhora. - Vou ser obrigada a lhe dar boa noite, pois se trata da festa de uma amiga a quem devo cumprimentar - disse num tom modesto e sincero, reduzindo a reunião mundana a que ia à simples cerimônia tediosa, mas onde era obrigatório e emocionante.- Como aliás, devo lá encontrar Basin que, enquanto eu estava aqui, foi ver os amigos. O senhor conhece, acho, que têm nome de ponte, os léria.

- Foi primeiro um nome de vitória, princesa - disse o general. -Que para um

velho soldado como eu - acrescentou, tirando o monóculo para e como se trocasse um curativo, enquanto a princesa instintivamente de olhos - é claro que essa nobreza do Império é outra coisa, mas enfim, seja é muito bela no seu gênero; em suma, trata-se de pessoas que se bate o heroísmo.

- Mas eu tenho todo o respeito pelos heróis -disse a princesa num tom ligeiramente irônico. se não vou à casa dessa princesa de léna, simplesmente porque não os conheço e não por causa dos heróis que conhece, gostam deles. Oh, não! Não é o que o senhor poderia pensar, não de um flerte, nada tenho a opor! Ademais, de que me serviria eu me opor. - acrescentou com melancolia, pois todos sabiam que desde o dia seguinte em que o príncipe des Laumes desposara sua deslumbrante prima, não cessara de traí-la. - Mas enfim, não se trata disso, são pessoas que ele conheceu antigamente, ele se diverte com isso, acho muito bom. Primeiro lhe direi que nada que ele disse da casa deles... imagine só, que todos os móveis são "Império"!

- Mas princesa, isto é natural, já que é o mobiliário dos seus avós.

- Não digo que não, mas não são menos feios por isso. Compreendo muito bem que não seja possível ter coisas bonitas, mas que pelo menos que não se tenha coisas ridículas. Que quer? Não conheço nada mais pretensioso, mais burguês do que esse estilo horrível, com suas cômodas que têm cabeças de cisnes como frisas.

- Mas eu creio que eles têm coisas bem bonitas, devem ter a famosa mesa de mosaico em que se assinou o tratado...

-Ah, que tenham coisas interessantes do ponto de vista histórico, não discuto. Mas isso não pode ser belo, já que é horrível! Eu também tenho coisas desse tipo, que Basin herdou dos Montesquiou. Unicamente, estão nos sótãos de Guermantes onde ninguém as vê. Enfim, não se trata disto, eu iria correndo à casa deles com Basin, iria vê-los até no meio de suas esfinges e do seu cobre se os conhecesse, mas... não os conheço! Quanto a mim, sempre me disseram, quando eu era criança, que não era de boa educação ir à casa das pessoas que não conhecemos disse ela assumindo um tom pueril. - Então, faço o que me ensinaram. Imagine só como ficaria essa boa gente se visse entrar em sua casa uma pessoa a quem não conheciam? Talvez me recebessem muito mal.

E por coqueteria, embelezou o sorriso que semelhante suposição lhe provocava, dando aos olhos azuis fixos no general uma expressão sonhadora e suave.

-Ah, princesa, bem sabe que não caberiam em si de contentes...

-E por quê? - perguntou ela com extrema vivacidade, ou para não ter o ar de quem sabe que era porque ela estava entre as principais damas da França, -ou para ter o prazer de ouvi-lo do general.- Por quê? Que sabe o senhor a respeito?

Isto lhes seria talvez tudo o que há de mais desagradável. Eu não sei, mas se julgar por mim, já me aborrece tanto ver as pessoas que conheço que, se fosse necessário ver pessoas desconhecidas, mesmo "heróicas", acho que ficaria louca. Além disso, a não ser quando se trata de velhos amigos como o senhor, que a gente conhece sem ser por isso, não sei se o heroísmo seria suficientemente portátil na sociedade. Incomoda-me com freqüência dar jantares, mas se é preciso oferecer o braço a Espártaco para ir à mesa... Verdadeiramente não, jamais chamaria Von lngetórix para completar o décimo quarto lugar à mesa. Sinto que o reservaria para as grandes festas. E como não as dou...

-Ah, princesa, a senhora não é uma Guermantes por acaso. Possui igualmente o espírito de Guermantes!

- Mas dizem sempre o espírito dos Guermantes, nunca pude com o motivo. O senhor então conhece outros que o possuem. - acrescentou uma risada espumante e alegre, os traços do rosto concentrados, seu trama de sua animação, os olhos faiscantes, inflamados de uma insolação de alegria que, sozinhos, tinham o poder de fazer luzir desse modo as frases, mesmo lançadas pela própria princesa, eram um louvor ao seu espírito sua beleza.- Olhe, eis aí Swann que parece saudar à Cambremer. Ali... está, perto da tia Saint-Euverte, não está vendo? Peça-lhe que a apresente. Mas, depois, ele está quase indo embora!

- Reparou que cara horrível que ele tem? indagou o general.

- Meu querido Charles! Ah, por fim ele chega começava a pensar já não queria me ver!

Swann gostava muito da princesa des Laudies; e, depois, ela lhe relembrava Guermantes, terra vizinha de Combray, região que afeiçoava tanto e à qual não mais fora para não se afastar de Odette. Empregando formas meio-artísticas galantes, com as quais sabia agradar à princesa e que reencontrava de gosto natural, quando se envolvia por um momento em certo antigo ambiente - e, por outro lado querendo exprimir por si mesmo a nostalgia do campo:

- Ah! - disse, em aparte, para ser ouvido ao mesmo tempo pela Sra. Saint-Euverte, a quem falava, e pela Sra. des Laudies, sobre quem falava - encantadora princesa! Vejam, ela veio diretamente de Guermantes para ouvir Francisco de Assis, de Liszt, e não teve tempo, como um belo pássaro no pomar, para pôr na cabeça, algumas ameixinhas e frutinhas de espinheiro; ainda há umas gotinhas de orvalho, um pouco de geada que deve fazer gemer, minha cara princesa.

-Como! A princesa veio diretamente de Guermantes? Mas isto é... Eu não sabia, estou confusa exclamou ingenuamente a Sra. de Saint-Euverte, pouco habituada aos jogos de espírito de Swann. E examinando o penteado da princesa: - Mas é verdade, isto imita... como direi, não as castanhas, não é uma excelente idéia,

mas como é que a princesa podia conhecer o meu pomar. Os músicos não o comunicaram nem a mim.

Swann, acostumado, quando estava junto à uma mulher com que conservava hábitos amáveis de linguagem, a dizer coisas delicadas que muitas da alta sociedade não compreendiam,

não se dignou a explicar à Sra. de Saint-Euverte que falara apenas por metáforas. Quanto à princesa ela se pôs a dar risada; o espírito de Swann era muito apreciado no seu grupo e também porque ao ouvir um cumprimento à sua pessoa, sem lhe achar as mais finas graças, é um cômico irresistível.

-Muito bem! Estou encantada, Charles, que meus frutinhos lhe agradem. Porque cumprimentava aquela Cambremer, também é sua vizinha do campo?

Vendo que a princesa mostrava satisfação em conversar com Swann, a Sra. de Saint-Euverte se afastara.

- Mas a senhora é que é vizinha deles, princesa.

- Eu? Mas então eles têm terrenos por toda parte! Mas como gostaria de estar no lugar deles!

-Não são os Cambremer; eram os pais dela: ela é uma Srta. Legrandin, que vinha a Combray. Não sei se sabe que a senhora é uma condessa de Combray e que o capítulo lhe dá uma renda?

- Não sei o que me deve o capítulo, mas sei que o cura me cobra cem francos todos os anos, o que eu dispensaria. Enfim, esses Cambremer têm um nome bem espantoso. Acaba bem a tempo, mas acaba mal! concluiu ela rindo.

-Não começa melhor. - acrescentou Swann.

- De fato, esta abreviatura dupla...

-É alguém muito furioso e muito conveniente, que não ousou ir até o fim da primeira palavra.

-Porém, desde que não podia deixar de começar a segunda, seria melhor que terminasse a primeira, para acabá-la de uma vez. Estamos fazendo gracejos de um gosto encantador, meu querido Charles, mas como é aborrecido não vê-lo mais. - acrescentou ela em tom carinhoso-, gosto tanto de conversar com você. Imagine se eu teria condições de fazer que esse idiota do Froberville entendesse que o nome de Cambremer é espantoso. Confesse que a vida é uma coisa horrível. Só quando vejo você é que deixo de estar aborrecida.

E sem dúvida aquilo não era verdade. Mas Swann e a princesa tinham uma mesma forma de julgar as pequeninas coisas que tinham por efeito -a menos que não fosse por causa de uma analogia bem grande no modo de se exprimir e até

na maneira de pronunciar as palavras. Tal semelhança não causava espécie, porque nada era mais diferente que suas vozes. Mas se se chegasse, pelo pensamento, a eliminar das frases de Swann a sonoridade que as envolvia, os bigodes dentre os quais elas saíam, perceberiam todos que eram as mesmas frases, as mesmas inflexões, os torneios do grupo Guermantes. Quanto às coisas importantes, Swann e a Princesa não concordavam sobre nada.

Mas desde que Swann estava tão triste, sentindo sempre esse frêmito que precede o momento do choro, tinha a mesma necessidade de falar de sua mágoa como um assassino de discorrer sobre seu crime. Ao ouvir a princesa dizer que a vida era uma coisa horrível, sentiu a doçura que se ela lhe tivesse falado de Odette.

- Oh, sim, a vida é uma coisa horrível. É preciso que nos vejamos, cara amiga. O que existe de agradável na senhora, é que não é alegre, passar juntos alguma recepção.

-Creio que sim. Porque não vai a Guermantes, minha sogra ficará cheia de alegria. Aquilo tem fama de muito feio, mas digo-lhe que a terra não me de tenho horror às regiões "pitorescas".

-Acho que sim, é admirável - respondeu Swann -, é quase belo, vivo demais para mim neste momento; é uma região para a gente ser feliz porque vivi ali, mas as coisas lá me falam de tal modo! Logo que se ergue um vento que os trigais começam a balançar, parece que vai chegar alguém, que voou notícias; e as casinhas à beira d'água... eu me sentiria muito infeliz!

-Oh, meu pobre Charles, tome cuidado, olhe a tremenda Rampilon me viu, esconda-me, lembre-me então o que sucedeu a ela, eu confundo casou a filha ou seu amante, já nem sei mais; talvez a ambos... e juntos! Ah, me lembro, ela foi repudiada pelo seu príncipe... finja que está falando, com tanto que essa Bérénice não venha me convidar para jantar. Afinal, estou salva, meu caro Charles, uma vez que o vi, não quer deixar raptar-se e que eu o levo da princesa de Parma, que ficará bem contente, e Basin também, que deve estar lá comigo? Se a gente não tivesse notícias suas por Mémé... Pensei muito não o tenho visto!

Swann recusou; tendo prevenido o Sr. de Charles que, ao deixar a Sra. de Saint-Euverte, voltaria diretamente para casa, não lhe convinha, ir da princesa de Parma, arriscar perder um recado que esperara o tempo todo após a recepção, que um criado lhe viesse dar e que talvez fosse encontrar o porteiro.

- Este pobre Swann! - disse a Sra. des Laumes ao marido. É sempre gentil mas estava com um aspecto muito infeliz. Você o há de ver, prometeu vir jantar um dia desses. No fundo, acho ridículo que um homem de inteligência sofra por uma pessoa desse tipo e que nem mesmo é interessante me disseram que é uma idiota - acrescentou, com a sabedoria das pessoas amorosas que acham que um homem de espírito só deveria sentir-se atraído por uma mulher que valesse a

pena; é mais ou menos como espantar-se, dignar-se alguém a sofrer de cólera devido a um ser vivo tão pequeno embrião.

Swann queria partir, mas no momento em que ia por fim despedir-se, o general de Froberville lhe pediu para ser apresentado à Sra. de Cambremer, obrigado a voltar com ele ao salão para procurá-la.

- Diga, meu caro Swann, eu gostaria mais de ser o marido do que ser massacrado pelos selvagens, não lhe parece?

Estas palavras, "massacrado pelos selvagens", feriram dolorosamente o coração de Swann; e logo sentiu necessidade de continuar a conversa com o general:

- Ah! - disse-lhe -,houve muitas vidas que findaram desse modo... Aquele navegador cujas cinzas guardam... o senhor sabe... aquele...Froberville trouxe, La Pérouse... -E Swann já sentia-se feliz, como se houvesse falado de Odette.- É um belo caráter e que me interessa muito, o de La Pérouse...-ajuntou melancolicamente.

-Ah, perfeitamente, La Pérouse - disse o general - É um nome conhecido. Tem uma rua.

-Conhece alguém na rua La Pérouse?- indagou Swann com ar agitado. -Só conheço a Sra. de Chanlivault, irmã daquele bravo Chaussepierre. Outro dia ela nos deu um belo sarau de comédia. Verá que é um salão que um dia será muito elegante!

-Ah, ela mora na rua La Pérouse. É simpática, é uma rua bonita, tão triste. -Mas não, é que o senhor não vai lá faz algum tempo; não é mais triste, começam construções em todo aquele quarteirão.

Quando enfim Swann apresentou o Sr. de Froberville à jovem Sra. de Cambremer, como se fosse a primeira vez que ouvia o nome do general, ela esboçou o sorriso de alegria e de surpresa que apresentaria se jamais tivessem pronunciado diante dela outro nome senão esse, pois, não conhecendo os amigos de sua nova família, cada pessoa que lhe apresentavam pensava que fosse um deles, e julgava dar provas de tato, dando a entender que muito ouvira falar nele desde que se casara, e assim estendia a mão com um ar hesitante destinado a provar a reserva aprendida, que tinha de vencer, e a simpatia espontânea que conseguia triunfar dessa reserva. Assim, os sogros, que ela ainda considerava as pessoas mais brilhantes da França, declaravam que ela era um anjo; tanto mais que eles preferiam parecer, fazendo-a casar com seu filho, ter cedido antes ao fascínio de suas qualidades que ao de sua grande fortuna.

-Vê-se que tem alma de musicista, senhora - disse o general, inconscientemente aludindo ao episódio da arandela.

Mas o concerto recomeçou e Swann compreendeu que não mais poderia sair

antes do final desse novo número do programa. Sofria por estar encerrado no meio dessas pessoas, cuja estupidez ridiculariza e o magoavam tanto; mais doloroso em mente que, ignorando o seu amor, incapam

das pessoas que vivem pelo achar; a que poderia parar por aí, que não mais seria obrigado a lhe confessar sofrimentos; e como agora o encanto de Odette representava pouco para ele; desse terror tremendo que o prolongava como um halo perturbador, essa imensa expectativa de não saber o que ela havia feito em todos os momentos, de não sempre e em toda parte! Infelizmente, ele se recordava do tom em que ela dissera:

"Mas poderei vê-lo sempre, estou sempre livre!", ela que já não era mais!

O interesse, a curiosidade que ela tivera pela vida dele, o desejo a de que ele lhe fizesse o favor - aliás temido por ele, naquele tempo, como transtornos aborrecidos - de deixá-la penetrar em sua vida; como ela fora a lhe implorar para que ele se deixasse conduzir à casa dos Verdurin; e que vir a sua casa uma vez por mês, como fora necessário, antes que se deixasse vencer; que ela lhe repetisse; que delícia seria aquele costume de se verem todos os dias, coisa com que ela sonhava então, ao passo que para ele só lhe parecia uma ocupação fastidiosa, costume que depois a desgostara e com o qual rompera em definitivo, ao passo que ela se lhe tornara uma necessidade tão invencível e dolorosa. Não saberia dizer o quanto fora sincero quando, na terceira vez em que a vira, como ela lhe repetisse:

"Mas por que não me deixa vir mais vezes seguidas?", dissera-lhe rindo, com um galanteio:

"Por medo de sofrer."

Agora, infelizmente, acontecia ainda que ela lhe escrevesse de um restaurante ou de um hotel, num papel timbrado; mas era como letras de fogo que o queimavam.

"Este escrito do Hotel Vouillemont? Que é que ela pode ter ido fazer ali? Com quem? Que aconteceu?"

Lembrou-se dos bicos de gás que eram apagados no bulevar dos Italianos quando a encontrara, contra toda expectativa, em meio às sombras errantes, naquela noite que lhe parecera quase sobrenatural e que, de fato - noite de um tempo em que nem precisava se indagar se não a teria contrariado ao procurá-la, ao encontrá-Ia, de tanta certeza que tinha de que ela não teria maior alegria do que vê-lo e voltar para casa com ele - pertencia a um mundo misterioso ao qual não se pode regressar jamais depois que suas portas se fecharam. E Swann percebeu, imóvel diante dessa felicidade revivida, um desgraçado que lhe causou piedade porque o não reconheceu de imediato, se bem que teve de baixar os olhos para que não vissem que estavam cheios de lágrimas. Era ele próprio.

Quando compreendeu aquilo, sua piedade cessou, mas teve ciúmes do outro eu que Odette havia amado, teve ciúmes daqueles de quem dissera muitas vezes,

sem muito sofrer, "ela ama-os talvez", agora que havia mudado a vaga idéia de amar, na qual não existe amor, pelas pétalas do crisântemo e o "reservado" da Maison d'Or, que estavam cheios de amor. Depois, como seu sofrimento se tornasse muito acerbo, passou a mão pela testa, deixou cair o monóculo, enxugou as lentes. E, sem dúvida, se se visse naquele momento, o teria ajuntado à coleção daqueles cujos monóculos examinara, o monóculo que afastava como a um pensamento importuno e sobre cuja superfície embaciada experimentava apagar as preocupações com um lenço.

Existem no violino se, sem ver o instrumento, não podemos ligar o que ouvimos à sua imagem, a qual modifica a sonoridade; acentos que lhe são tão comuns a certas vozes de contralto, que temos a ilusão de que uma cantora foi acrescentada ao concerto. Erguemos os olhos, vemos somente os estojos, preciosos corpos, caixas chinesas, mas, por instantes, ainda somos enganados pelo chamado ilusório das sereias; às vezes, também, julgamos ouvir um gênio cativo que se debate no fundo da sábia caixa, feiticeira e fremente, como um demônio numa ode de água benta; às vezes, enfim, é no ar que o sentimos, como um ser sobre natural e puro que passa desenrolando sua mensagem invisível.

Como se os instrumentistas muito menos tocassem a pequena que executavam os ritos exigidos por ela para que aparecesse, e procedesse sortilégios necessários para obter e prolongar alguns instantes o prodígio evocação. Swann, que não podia mais vê-la, como se ela pertencesse a ultra-violeta, e como que desfrutava do frescor de uma metamorfose na temporária que o atingia ao se aproximar dela. Swann a sentia presente, como divindade protetora e confidente de seu amor, e que, para poder chegar até o meio da multidão e tomá-la à parte para lhe falar, adotara aquele disfarce aparência sonora. E enquanto ela passava, leve, calmante e murmurada e seu perfume; dizendo-lhe o que tinha para dizer, e de quem ele escrutava todas as palavras, lamentando vê-las se evolarem tão depressa. Swann fazia contrariamente com os lábios o movimento de beijar na passagem o corpo que havia fugidio. Já não se sentia sozinho e exilado, visto que ela, que a ele se dirigira, falara a meia voz de Odette. Pois, Swann já não tinha, como outrora, imprevisível que Odette e ele eram ignorados da pequena frase. E ela fora tantas vezes, motivo de suas alegrias! É verdade que também muitas vezes o havia advertido da fragilidade dessas alegrias. E embora naquele tempo ele adivinhasse o sofrimento no sorriso, na sua entonação límpida e desencantada, hoje achava-lhe antes e de uma resignação quase alegre. Desses desgostos de que ela falava antigamente e que ele a via arrastar sorrindo em sua trajetória sinuosa e veloz, sem ser por eles, desses desgostos que agora se haviam tornado os seus, sem que a esperança jamais se livrara deles, ela parecia lhe dizer como outrora:

"Que é isto? Tudo isto não é nada."

E o pensamento Swann dirigiu-se; primeira vez, a um impulso de piedade e ternura, para aquele Vinteuil, aquele desconhecido e sublime que também devia ter sofrido tanto; como teria sido a vida? Do fundo de que mágoas pudera extrair essa força de um deus, essa ilimitada criação? Quando era a pequena frase que lhe falava da vaidade, sofrimentos, Swann achava doce essa mesma sabedoria que, no entanto, já lhe parecera intolerável quando acreditava lê-la nos rostos dos indiferentes consideravam o seu amor como uma divagação sem importância. É que a pequena frase, fosse qual fosse a opinião que pudesse ter sobre esses estados de alma, via ali algo, não como o faziam todas essas pessoas; menos sério que a vida positiva, mas, opostamente, tão superior a ela que sem isso, não valia a pena ser expresso. Tais encantos de uma tristeza íntima era o que tentava imitar, recriar, e até mesmo a essência deles que, no entanto, é a de incomunicáveis e de parecerem frívolos a todo aquele que não os sente, a frase a captara e tornara visível. De modo que ela fazia confessar seu preço e ter sua doçura divina por todos esses mesmos assistentes; bastando que sem um mínimo de inclinação para a música - que a seguir desconhece a vida, em cada amor particular que vissem nascer perto deles. Sem dúvida a sob a qual os codificara, não podia se resolverem raciocínios. Porém, fazia mais de um ano que, revelando a si mesmo tantas riquezas de sua alma, o amor à música nascera-lhe, ao menos por algum tempo, e Swann considerava os temas musicais como verdadeiras idéias, de um mundo diverso, de uma outra ordem, idéias envoltas em trevas, desconhecidas, impenetráveis à inteligência, mas que nem por isso são menos distintas umas das outras, desiguais de valor e de significado entre si.

Quando, depois do sarau dos Verdurin, mandara tocar de novo a pequena frase, procurava descobrir como, à maneira de um perfume ou de uma carícia, ela o aliciava e envolvia, e percebera que aquela impressão de doçura retraída e friorenta era devida à leve separação entre as cinco notas que a compunham e à evocação constante de duas delas; mas, na realidade, sabia que raciocinava assim não sobre a própria frase; porém, sobre simples valores, que substituíam, para comodidade de sua inteligência, a entidade misteriosa que ele havia percebido, antes de conhecer os Verdurin, naquela recepção onde ouvira a sonata pela primeira vez. Sabia que a própria lembrança do piano falseava ainda o plano em que via as coisas relativas à música, que o campo aberto ao músico não é um teclado mesquinho de sete notas, mas um teclado incomensurável, ainda quase totalmente desconhecido, em que apenas aqui e ali, separados por espessas trevas inexploradas, alguns dos milhões de toques de ternura, de paixão, de coragem, de serenidade que o compõem, cada um tão diferente dos outros como um universo de outro universo, foram descobertos por alguns grandes artistas que nos prestam o serviço, despertando em nós o correspondente do tema que encontraram, de nos mostrar quanta riqueza, quanta variedade, sem que saibamos, oculta essa grande noite impenetrada e desencorajadora da nossa alma que tomamos por

vazio e nada. Vinteuil fora um desses músicos. Em sua pequena frase, conquanto apresentasse à razão uma superfície obscura, sentia-se um conteúdo tão consistente, tão explícito, ao qual dava uma força tão nova, tão original, que aqueles que a tivessem ouvido a conservariam em si no mesmo nível das idéias da inteligência.

Swann se reportava a ela como a uma concepção do amor e da felicidade, cuja particularidade ele sabia logo, e muito bem, de que se tratava, assim como o sabia quanto à Princesa de Cieves ou ao Renê, quando o seu nome se lhe apresentava à memória. Mesmo quando não pensava na pequena frase, ela existia latente em seu espírito, na mesma condição de certas outras noções sem equivalente, como as noções de luz, de som, de relevo, de volúpia física, que são as ricas posses com que se diversifica e ganha expressão o nosso domínio interior. Talvez as percamos, talvez elas se apaguem, se volvermos ao nada. Mas enquanto vivermos, e assim como ocorre quanto a qualquer objeto não podemos fazer de conta que não as conhecemos, como não podemos, por exemplo, duvidar da luz da lâmpada que acendemos diante dos objetos metamorfoseados de nosso quarto, de onde se escapou até a lembrança da escuridão.

Por esse fato, a frase de Vinteuil, como determinado tema do Tristão, por exemplo, que também nos representa uma certa aquisição sentimental, há passado nossa condição mortal, adquirido algo de humano que era bem tocado, por sorte estava ligada ao futuro, à realidade da nossa alma, de que ela era uns ornatos mais particulares, mais bem diferenciados. Talvez esse nada é que é verdadeiro, e todo o nosso sonho é inexistente, mas então sentimos que é necessário que semelhantes frases musicais, essas noções que existem, sem elas, também não sejam coisa alguma. Morreremos, mas temos como reféns prisioneiras divinas, que seguirão nosso destino. E, com elas, a morte possa de menos amargo, de menos inglória, talvez até de menos provável.

Portanto, Swann não estava errado em acreditar que a frase existisse realmente. Humana sob este ponto de vista, ela no entanto, aparecia a uma ordem de criaturas sobrenaturais e que nunca vimos, mas que disso reconhecemos, deslumbrados, quando algum explorador do invisível consegue captar uma, trazê-la do mundo divino a que teve acesso para brilhar por momentos sobre o nosso. Fora o que Vinteuil fizera quanto à pequena frase, sentia que o compositor se contentara, com seus instrumentos musicais, em 'Lá', torná-la visível, seguir e respeitar o desenho com mão tão macia, tão prudente, tão delicada e tão segura que o som se alterava a todo instante, esfumando a indicar uma sombra; revivendo quando lhe fosse necessário andar no escondido, um contorno mais arrojado. E uma prova de que Swann não se enganava ao dar existência real dessa pequena frase, era que todo amador um tanto perspicaz saberia de imediato a impostura, caso Vinteuil, tendo menos força para ver e produzir suas

formas, tivesse procurado dissimular, acrescentando aqui e ali outra palavra, as lacunas de sua visão ou a incapacidade de suas mãos.

Ela havia desaparecido. Swann sabia que retornaria no fim do primeiro movimento, depois de um longo trecho que o pianista da Sra. Verdurin saltava. Ali havia idéias admiráveis que Swann não distinguira na primeira vez e que agora percebia, como se elas, no vestíbulo de sua memória, sentissem desembaraçadas do disfarce uniforme da novidade. Swann escutava todos, mas esparsos; que entravam na composição da frase, como as premissas numa exclusão necessária, assistia à sua gênese.

"Oh, audácia tão genial, talvez", diz consigo, "como a de um Lavoisier ou de um Ampere, audácia de um Vinteuil movimentando, descobrindo as leis secretas de uma força desconhecida, condicionando através do inexplorado, rumo ao único fim possível, a aparelhagem invisível e confiante de que não verá jamais!" Que belo diálogo Swann ouviu entre o piano e o violino no princípio do último trecho! A supressão das palavras humanas, deixar reinar ali a fantasia, como se poderia crer, eliminara-a; nunca a linguagem falada foi tão inflexivelmente fatal, não conheceu a esse ponto a pertinência das perguntas, a evidência das respostas. Primeiro o piano solitário se queixava; um pássaro abandonado pela companheira; o violino o ouviu, respondeu no tronco de uma árvore vizinha. Era como no começo do mundo, como se só existissem eles dois sobre a terra, ou melhor, naquele mundo fechado a tudo o mais. Construído pela lógica de um criador, e onde só os dois existiriam para todo o sempre: aquela sonata. Era um pássaro, era a alma incompleta ainda da pequena frase, era uma fada; aquele ser invisível e lastimoso cuja queixa o piano a seguir repetia com ternura? Seus gemidos eram tão repentinos que o violinista deveria se precipitar sobre seu arco para recolhê-los. Maravilhoso pássaro! O violinista parecia querer encantá-lo, aprisioná-lo, captá-lo. Já havia passado para sua alma, já a pequena frase evocada agitava, como a de um médium, o corpo verdadeiramente possuído do violinista. Swann sabia que ela ia falar uma vez mais. E tão bem se duplicara a personalidade dele que a espera do instante iminente em que iria se reencontrar diante dela, sacudiu-o com um desses soluços que um belo verso, ou uma notícia triste nos provocam; não quando estamos sozinhos, mas quando a comunicamos a amigos nos quais nos sentimos refletidos como uma outra pessoa cuja provável emoção os enternece. Ela reapareceu, mas desta vez para suspender-se no ar e tocar por um momento sozinha, como que imóvel, e expirar depois. Portanto, Swann não perdia nada desse tempo tão curto em que ela se prolongava. Ela ainda estava ali como uma bolha irisada que se mantém. Assim como um arco-íris, cujo brilho se enfraquece, diminui, depois aumenta e, antes de se extinguir, se exalta por um instante como ainda não o fizera: às duas cores que até então deixara transparecer, acrescentou outras cordas matizadas, todas as do prisma,

fazendo-as cantarem. Swann não ousava se mexer e gostaria de manter tranqüilas também as outras pessoas, como se o menor movimento houvesse podido comprometer o prestígio sobrenatural, delicioso e frágil que estava prestes a se desvanecer. Para dizer a verdade, ninguém sonhava em falar. A palavra inefável de um único ausente, talvez de um morto (Swann não sabia se Vinteuil ainda era vivo), evocando-se acima dos ritos daqueles oficiais, bastava para manter em xeque a atenção de trezentas pessoas e transformava o estrado em que uma alma era daquele modo evocada num dos mais nobres altares em que se pudesse realizar uma cerimônia sobrenatural. De forma que, quando por fim a frase se desfez, flutuando em farrapos nos motivos seguintes que já tinham ocupado o seu posto, se Swann, no primeiro momento, se irritou por ver a condessa de Monteriender, célebre por sua ingenuidade, se inclinar para ele a fim de confiar-lhe suas impressões antes mesmo que a sonata estivesse concluída não pôde evitar um sorriso e talvez também achar um sentido profundo, que ela não percebia, nas palavras que empregara. Maravilhada com o virtuosismo dos instrumentistas, a condessa exclamou, dirigindo-se a Swann:

- E prodigioso, nunca vi nada tão impressionante... - Mas um escrúpulo de exatidão fê-la corrigir a primeira assertiva e acrescentou com reserva: - Nada tão impressionante...desde as mesas giratórias!

A partir daquele sarau, Swann compreendeu que o sentimento que Odette por ele não renasceria jamais, que suas esperanças de felicidade não mais se cumpririam. E nos dias em que, por acaso, ela ainda se mostrava gentil com ele, se lhe dedicasse alguma atenção, Swann reparava nesses sinais enganadores de um breve retorno para ele, com aquela solicitude entre descrente; aquela alegria desesperada dos que, cuidando de um amigo nos dias de uma enfermidade incurável, relatam como fatos preciosos:

"Ontem mesmo fez as contas e foi quem descobriu um erro de soma que tínhamos comeu com prazer um ovo; se o digerir bem, vamos experimentar amanhã costeleta", embora saibam que são desprovidos de significado às vésperas dá morte inevitável. É claro que Swann tinha certeza de que, se vivesse agora por Odette, ela acabaria por tornar-se-lhe indiferente, de maneira que ele ficaria feliz se ela deixasse Paris para sempre; Swann teria coragem de permanecer; mais tinha de partir.

Pensara nisso muitas vezes. E agora que retomara o ensaio sobre Vermeer, teria necessidade de voltar, ao menos por alguns dias, a Haia, a Dresde e a Brun. Estava convencido de que uma *Toalete de Diana*, que fora comprada pelo museu no leilão Goldschmidt como sendo de Nicolas Maes, era na verdade de autoria de Vermeer. E gostaria de estudar o quadro no mesmo lugar para firmar sua convicção.

Mas deixar Paris enquanto Odette aí estava e até quando estivesse ausente nos novos lugares, onde as sensações não são amortecidas pelo hábito, a retempera e reanima um sofrimento - era-lhe um projeto de tal modo cruel que não se sentia capaz de pensar nisso sem parar, pois sabia - se resolvido a não, jamais em execução. Mas ocorria que, ao dormir, a intenção de realizar a vida renascia nele - sem que ele se lembrasse que essa viagem era impossível de realizar. Um dia, sonhou que partia por um ano; debruçado à portinhola, para um rapaz que da plataforma lhe dava adeus chorando, Swann tentava convido ir consigo. Punha-se em marcha o trem, a ansiedade o despertou, ele se, lembrou que não viajava, que veria Odette naquela noite, no dia seguinte e quase todos os dias. Então, ainda impressionado com o sonho, abençoou as circunstâncias particulares que o tornavam independente, graças às quais podia ficar junto de Odette e também conseguir que ela lhe permitisse vê-la, às vezes; e, recapitula todas essas vantagens: sua situação, sua fortuna, da qual muitas vezes ela necessitava para não recuar diante de uma ruptura (tendo mesmo, segundo se diz, idéia preconcebida de fazer com que ele a desposasse) -, essa amizade do Sr. Charles que, a bem dizer, nunca lhe fizera obter grande coisa de Odette, mas que a doçura de sentir que ela ouvia falar dele de modo elogioso por aquele amigo comum, a quem Odette devotava uma tão grande estima e até, por fim, inteligência, que Swann empregava inteiramente para combinar a cada dia nova intriga que fizesse sua presença, senão agradável, ao menos necessário para Odette. Imaginou o que teria acontecido se tudo aquilo lhe faltasse, imaginou se tivesse sido, como tantos outros, pobre, humilde, cheio de privações; obrigação de aceitar qualquer trabalho, ou ligado a parentes, a uma esposa, poderia ter sido obrigado a deixar Odette, que aquele sonho, cujo pavor ainda era tão recente, poderia ter sido verdadeiro, e disse consigo:

"Ninguém conhece a sua felicidade. Nunca se é tão infeliz como se pensa."

Mas calculou que aquela existência já durava há vários anos, que tudo o que podia esperar era que ela durasse sempre, que ele sacrificaria seus trabalhos, seus prazeres, seus amigos, e finalmente toda a sua vida à espera cotidiana de um encontro que nada podia lhe trazer de felicidade, e indagou a si mesmo se não se enganava, se o que havia favorecido sua ligação e impedira a ruptura por acaso não prestara um desserviço ao seu destino, se o acontecimento desejável não teria sido aquele que ele tanto se regozijara haver ocorrido apenas em sonho: a sua partida; disse consigo que ninguém conhece sua felicidade, que nunca se é tão infeliz como se pensa.

Às vezes Swann esperava que ela morresse sem sofrimento em um acidente, ela que estava fora, da manhã à noite, nas ruas e nas estradas. E, como ela voltasse sã e salva, ele admirava-se de que o corpo humano fosse tão robusto e forte a ponto de poder continuamente manter em xeque e frustrar todos os perigos que o

cercam (e Swann os achava inumeráveis desde que seu desejo secreto os havia computado) e assim p] e

certos pormenores, ela revelava, da parte de quem a escrevera, um conhecimento familiar da vida de Swann). Procurou quem poderia; jamais tivera suspeita alguma de ações desconhecidas das pessoas, ações têm laços visíveis com seus propósitos. E quando quis saber se era antes, caráter aparente do Sr. de Charles, do Sr. des Laumes, do Sr. d'Orsan, que situar a região desconhecida onde aquele ato ignóbil havia nascido, como nenhum desses homens tivesse jamais aprovado, em sua presença, as cartas anônimas que tudo o que eles lhe haviam dito implicava que as reprovavam, não viu para ligar essa infâmia ao caráter de um ou de outro. O do Sr de Charles, tanto o de um anormal, mas essencialmente bom e carinhoso; o do Sr. des Laumes um pouco seco, porém saudável e correto. Quanto ao Sr. d'Orsan, Swann já encontrara alguém que, mesmo nas mais tristes circunstâncias, lhe tivesse falado com uma palavra mais sentida, um gesto mais discreto e mais justo. A tal que ele não podia compreender o papel pouco delicado que atribuíam ao Sr. em sua ligação com uma senhora rica, e cada vez que Swann pensava era obrigado a pôr de lado essa má reputação irreconciliável com tantos testes seguros de sua delicadeza. Por um instante, Swann sentiu que seu escritor obscurecia e pensou em outra coisa para reencontrar um pouco de luz. De coragem de regressar a essas reflexões. Mas então, após não ter podido desconfiar de ninguém, lhe foi necessário suspeitar de todo mundo. Afinal de contas, Charles gostava dele, tinha bom coração. Mas era um nevropata, talvez chorasse por sabê-lo doente, e hoje, por ciúme, por ódio, levado por alguma súbita doença que se apoderasse dele, teria desejado lhe causar mal. No fundo, esse homem é o pior de todos. Certo, o príncipe des Laumes estava bem longe de Swann tanto como o Sr. de Charles. Mas, por isto mesmo, não tinha ele as mesmas suscetibilidades; e depois era uma natureza fria sem dúvida tanto incapaz de vilezas como de ações grandiosas.

Swann se arrependia de ter se ligado na vida apenas a tais pessoas. Depois, imaginava que o que impede os homens de fazerem mal ao próximo é a bondade, que ele só podia, no fundo, aplicar, naturezas análogas à sua, como era, com respeito ao coração, a do Sr. de Charles. A simples idéia de causar semelhante mágoa a Swann o teria revoltado. Mas com um homem insensível, de outra natureza humana, como era o príncipe des Laumes, como prever a que ações o poderiam levar à motivos de essência diversa? Possuir um coração é tudo, e o Sr. de Charles o possuía. O Sr. d'Orsan também o possuía e suas relações cordiais, porém, pouco íntimas com Swann, nascidas da satisfação que, pensando da mesma forma sobre todas as coisas, tinham em conversar juntos, eram mais de repouso que de afeição exaltada como a do Sr. de Charles, capaz de praticar atos de paixão, bons ou maus. Se havia alguém pelo qual Swann sempre se sentira compreendido e delicadamente amado, esse era o Sr. d'Orsan. Sim, mas e essa vida pouco honrosa que ele levava? Swann lamentava não ter levado isso em conta, e muitas vezes ter confessado, gracejando, que jamais experimentara tão

vivamente sentimentos de simpatia e de estima que não na companhia da gentalha. Não é sem motivo, pensava agora, que, desde que os homens julgam o seu próximo, o fazem por seus atos. Somente isto é que significa alguma coisa e nada do que dizemos ou que pensamos. Charles e des Laumes podem ter tais ou quais defeitos, mas são pessoas honestas. Orsan talvez não os tenha, mas não é um homem honesto. Pode ter agido mal mais uma vez.

Depois Swann suspeitou de Rémi que, na verdade, só poderia ter inspirado a carta, mas essa pista lhe pareceu boa. Primeiro, Lorédan tinha motivos para querer mal a Odette. E depois, como não suspeitar que nossos criados, vivendo numa situação inferior à nossa, ajuntando à nossa fortuna e aos nossos defeitos riquezas e vícios imaginários, pelos quais nos invejam e desprezam, serão fatalmente levados a agir de maneira diferente que as pessoas da nossa sociedade?

Suspeitou igualmente do meu avô. Cada vez que Swann lhe pedira um favor, acaso ele não o recusara sempre? Depois, com suas idéias burguesas, podia ter julgado agir para o bem de Swann. Suspeitou ainda de Bergotte, do pintor, dos Verdurin, admirou ainda uma vez, de passagem, a sabedoria das pessoas da alta sociedade em não quererem conviver com esse meio de artistas, onde tais coisas são possíveis, talvez até confessadas sob o nome de boas farsas; mas lembrava-se de sinais de retidão moral desses boêmios e comparou-os com a vida de expedientes, quase patifarias, a que a falta de dinheiro, a necessidade do luxo, a corrupção dos prazeres levam muitas vezes a aristocracia. Em suma, essa carta anônima provava que ele conhecia alguém capaz de perversidade, mas já não via razão para que essa perversidade estivesse escondida no âmago inexplorado de outrem; do caráter do homem carinhoso, ou do homem frio, do artista ou do burguês, do fidalgo ou do criado. Qual critério adotar para julgar os homens? No entanto, não havia uma só das pessoas que conhecia que não fosse capaz de uma coisa assim. Seria preciso deixar de vê-los a todos? Seu espírito se nublou; Swann passou duas ou três vezes a mão pela testa, enxugou as lentes do *pincenez* no lenço e, pensando que, afinal, pessoas como ele freqüentavam o senhor príncipe des Laumes e os demais, comentou de si para si que aquilo significava, senão que fossem capazes de uma infâmia, pelo menos que se tratasse da necessidade da vida à qual cada um se submete, a de freqüentar pessoas que não fossem incapazes de tal procedimento. E continuou a apertar as mãos os amigos de que havia suspeitado, com aquela reserva de puro estilo, de pessoas que talvez tivessem procurado lançá-lo em desespero. Quanto ao próprio conteúdo da carta, aquilo não o inquietou, pois nenhuma das acusações simuladas contra Odette, apresentava qualquer sombra de verossimilhança, como muitas pessoas, tinha um espírito preguiçoso e falta de invenção. Como muito bem, como uma verdade geral, que a vida dos seres é cheia de acontecimentos, mas para cada

ser em particular ele imaginava toda a parte da vida, não como idêntica à parte que conhecia. Imaginava o que lhe calavam com o ar de que lhe diziam. Nos momentos em que Odette estava junto dele, se falassem ambos de uma ação indelicada cometida, ou de um sentimento sofrido por um terceiro, ela os verberava em função dos mesmos princípios de Swann; sempre ouvira professar pelos pais e aos quais permanecera fiel; disso, ela cuidava de suas flores, bebia uma taça de chá, inquietava-se aos trabalhos de Swann. Logo, Swann estendia tais hábitos ao resto da vida de repetia esses gestos quando queria figurar os momentos em que ela estava perto dele.

Se a tivessem retratado para ele tal qual era, ou melhor, tal como fora tanto tempo com ele, porém com outro homem, ele teria sofrido, pois essa lhe teria parecido verossímil. Mas que ela fosse à casa de alcoviteiras, se entregar à orgias com mulheres; que levasse a vida escrupulosa de criaturas abjetas de divagação insensata, para cuja realização, graças a Deus, os crisântemos, os chás sucessivos, as indignações virtuosas não deixavam nenhuma suspeita. Unicamente, de vez em quando, ele dava a entender a Odette, que, por mal contavam tudo o que ela fazia; e, servindo-se a propósito de um detalhe provocante; porém verdadeiro, de que soubera por acaso, e como fosse o único momento que deixava passar, contra sua vontade, entre tantos outros, reconstituição completa da vida de Odette que guardara consigo, levava-a que estava informado de coisas de que na realidade não sabia e sequer soubessem, pois conquanto muitas vezes suplicasse a Odette que não se alterasse fazia-o apenas, quer se desse ou não conta daquilo, para que Odette lhe dizer tudo o que fazia. Sem dúvida, como dizia a Odette, amava a sinceridade; amava-a como um proxeneta que o mantivesse ao corrente da vida de sua amante. Assim, o seu amor pela sinceridade, não sendo desinteressado, não o fizera. A verdade que ele adorava era a que lhe dissesse Odette; mas ele próprio, por tal verdade, não temia recorrer à mentira, a mentira que ele não cessava de dizer à Odette como levando à degradação toda criatura humana. Em suma, mentia tanto quanto Odette porque, mais infeliz que ela, não era menos egoísta. E ela, ouvindo Swann lhe contar assim, a ela mesma, coisas que fizera, olhava-o com ar desconfiado, e por fim zangado, para não dar idéia de que se humilhava e se envergonhava de seus atos.

Um dia, no mais longo período de calma que ainda podia atravessar sem sofrer de novo um acesso de ciúme, aceitara ir à noite ao teatro com a princesa des Laumes. Tendo aberto o jornal para procurar o que se representava, a vista do título *As Moças de Mármore*, de Théodore Barriere, afligiu-o tão cruelmente que ele recuou e desviou a cabeça. Iluminada como pela luz da ribalta, no lugar novo onde figurava, essa palavra "mármore", a qual ele perdera a faculdade de distinguir, tanto era o costume de a ter freqüentemente diante dos olhos, se lhe

tornou novamente visível, fazendo-o lembrar-se logo daquela história que Odette lhe contara antigamente, a respeito de uma visita que ela fizera ao Salão do Palácio da Indústria com a Sra. Verdurin e onde esta lhe dissera:

"Toma cuidado, sou capaz de te degelar, tu não és de mármore."

Odette lhe afirmara que aquilo não passava de um gracejo, e Swann não lhe dera nenhuma importância. Mas então tinha mais confiança nela do que hoje. E justamente a carta anônima falava de amores desse tipo. Sem ousar erguer os olhos para o jornal, desdobrou-o, virou uma página para não ver mais aquela frase, *As Moças de Mármore*, e começou a ler maquinalmente as notícias dos departamentos.

Houvera uma tempestade na Mancha; foram assinalados destroços em Dieppe; em Cabourg, em Beuzeval. E logo ele teve outro movimento de recuo. O nome de Beuzeval fizera-o recordar o de outra localidade dessa região, Beuzeville, que traz unido a seu nome, por um hífen, um outro nome, o de Bréauté, que ele vira muitas vezes nos mapas, e que agora, pela primeira vez, notava que era o de seu amigo, o Sr. de Bréauté, de quem a carta anônima dizia ter sido amante de Odette. Afinal de contas, quanto ao Sr. de Bréauté, a acusação não era inverossímil; mas no que concernia à Sra. Verdurin havia uma impossibilidade. Pelo fato de Odette mentir às vezes, não podia deduzir daí que ela nunca dissesse a verdade; e as frases que trocara com a Sra. Verdurin e que ela própria contara a Swann, este reconhecera os gracejos inúteis e perigosos que, por inexperiência da vida e ignorância do vício, as mulheres praticam e das quais revelam a inocência; como por exemplo, Odette está mais longe do que ninguém de sentir uma ternura faltada por outra mulher. Ao passo que, ao contrário, a indignação com que ela rechaçara as suspeitas que havia feito nascer involuntariamente nele; por um motivo, com sua narrativa, combinava com tudo o que ele sabia acerca dos gostos e temperamento da amante. Mas naquele instante, por uma dessas inspirações ciumentas, análogas, à que leva ao poeta e ao sábio, que só dispõe de uma rima, uma observação, a idéia, ou a lei que lhes dará toda a sua força; Swann se lembrou pela primeira vez de uma frase que Odette lhe dissera há dois anos da Sra. Verdurin:''Neste momento eu sou tudo para ela, eu sou um amor, ela quer que eu faça passeios com ela, quer que a trate por tu."

Longe de nessa frase uma ligação qualquer com as proposições absurdas destinadas ao lar, o vício que lhe haviam sido contadas por Odette, Swann a acolhera como de calorosa amizade. Agora, eis que a lembrança daquela ternura da Sra. Verdurin, viera bruscamente juntar-se à recordação de sua conversa de mau gosto; mais podia separá-las em seu espírito e viu-as mescladas também na realidade, de ternura conferindo a algo de sério e importante a esses gracejos que, em coração, lhe retiravam sua inocência.

Foi à casa de Odette. Sentou-se longe dela, não ousava beijá-la, sem saber se nela ou nele, era afeição ou a cólera o que revelaria. Calava-se, olhava seu amor morrer. De repente, tomou uma decisão:

- Odette- disse -, meu amorzinho, sei que sou odioso, mas é preciso que te pergunte algumas coisas. Lembras-te da idéia que eu tive a respeito de ti e da Verdurin? Dize-me se era verdade, com ela ou com outra.

Ela sacudiu a cabeça e franziu a boca, sinal freqüentemente dado pelas pessoas para mostrar que não irão responder, que aquilo as aborrecia à alguém que as interrogou:

"Vai assistir ao desfile, vai assistir à Revista?" - o sacudir da cabeça, destinado de costume a um acontecimento futuro, motivo pelo qual mescla um tanto de incerteza à negação de um acontecimento pessoal em vez de reprovação ou impossibilidade moral. Vendo Odette assim fazer o era falso, Swann compreendeu que talvez fosse verdadeiro.

- Eu te disse, tu bem sabes. - acrescentou ela com um ar irritado e insistente.

- Sim, eu sei, mas tens certeza? Não digas: "Tu bem sabes", e sim: nunca fiz esse tipo de coisas com mulher alguma."

Ela repetiu como uma lição, num tom irônico, e como se quisesse dele:

- Eu nunca fiz esse tipo de coisas com mulher alguma.

- Podes jurá-lo sobre tua medalhinha de Nossa Senhora de Lagheti? - Swann sabia que Odette não cometeria perjúrio sobre aquela medalha.

- Oh, tu me deixas infeliz - gritou ela, furtando-se com um aperto da questão. - Já terminaste? Que é que tens hoje? Então decidiste? Preciso que eu te deteste, que te execre? Aí está, eu queria retomar contigo o tempo de antigamente e eis o teu agradecimento.

Porém, sem deixá-la em paz, como um cirurgião espera o fim do que interrompe sua intervenção, mas não o faz desistir dela:

- Estás enganada em pensar que eu haveria de te querer mal Odette. - insistiu Swann com uma doçura persuasiva e mentirosa.- Nenhum senão do que sei, e sobre isso sei muito mais do que digo. Mas, tu somente podes suavizar, pela confissão, o que me faz odiar-te de tal maneira pelo fato de ter sabido através dos outros. Minha cólera contra ti não provém dos teus atos, perto de tudo visto que te amo, mas da tua falsidade absurda que te faz insistir em negar fatos que conheço. Porém, como queres que eu possa continuar a te amar, quando te vejo sustentar e jurar uma coisa que sei que é falsa? Odette, não prolongues este instante que é uma tortura para nós ambos. Se quiseres, estará tudo acabado em um minuto, ficarás livre para sempre. Jura-me sobre a tua medalhinha, sim ou não, que

nunca fizeste essas coisas.

- Mas eu não sei de nada. - exclamou ela, colérica. -Talvez há muito tempo, sem me dar conta do que estava fazendo, talvez duas ou três vezes.

Swann havia avaliado todas as possibilidades. A realidade, então, é algo que nada tem a ver com as possibilidades, não mais que uma facada que recebemos com os ligeiros movimentos das nuvens acima da cabeça, visto que aquelas palavras, "duas ou três vezes", marcaram em carne viva uma cruz no seu coração. Coisa estranha que essas palavras, "duas ou três vezes", apenas palavras, palavras pronunciadas no ar, a distância, possam dessa forma dilacerar o coração como se o tocassem de verdade, possam fazer adoecer como um veneno absorvido. Involuntariamente Swann pensou na frase que ouvira em casa da Sra. de Saint-Euverte: "Foi o que vi de mais impressionante desde as mesas giratórias."

O sofrimento que sentia não se assemelhava a nada do que havia imaginado. Não só porque, em seus momentos de maior desconfiança, raramente pensara tão profundamente no mal, mas também porque, mesmo quando imaginava semelhante coisa, ela permanecia vaga, incerta, desprovida desse horror particular que se desprendia das palavras: "talvez duas ou três vezes", despida dessa crueldade específica tão diferente de tudo o que ele havia conhecido, como uma doença que a gente pega pela primeira vez. E no entanto esta Odette, de quem lhe vinha todo esse mal, não lhe era menos cara; muito pelo contrário, era mais preciosa, como se à medida que o sofrimento aumentasse, também aumentasse o preço do calmante, do contra-veneno que só essa mulher possuía. Ele queria lhe prestar mais cuidados, como a um doente cujo estado de repente descobrimos que é mais grave. Queria que a coisa horrível que Odette lhe dissera ter feito "duas ou três vezes" não pudesse renovar-se. Para tanto, era preciso vigiar Odette. Com freqüência, diz-se que, denunciando a um amigo os deslizes da amante, só o que se consegue é fazê-lo aproximar-se mais dela, pois ele não lhes dá crédito, mas tanto mais se aproxima quanto acredita na denúncia. Mas, dizia-se Swann, como fazer para protegê-la? Podia, talvez, preservá-la de uma determinada mulher, mas haveria centenas de outras, e ele compreendeu que loucura lhe passara pela cabeça quando, na noite em que não encontrara Odette nos Verdurin, tinha começado a desejar a posse, sempre que possível, de outra criatura. Felizmente para Swann, sob os novos sofrimentos acabavam de entrar em sua alma como hordas de invasores, existia um fundo de natureza mais antiga, mais suave e silenciosamente laboriosa, como as células de um órgão ferido que logo se põem a trabalhar para refazer as lesadas, como os músculos de um membro paralisado que tendem a reto movimentos. Esses habitantes mais antigos e mais autóctones de sua alma chegaram por um momento todas as forças de Swann nesse trabalho obscuro e reparador, que dá a ilusão do repouso a um convalescente, a um operado. Agora, foi menos como de costume no

cérebro de Swann, que se produzia a trégua por esgotamento, e sim antes no seu coração. Porém todas as coisas que existiram uma vez tendem a recriar-se, e como um animal agonizante agita de novo nos arrancos de uma convulsão que parecia finda, sobre o coração de Swann, poupado por um instante, o mesmo sofrimento foi retraçar a mesma dor. Ele se lembrou daquelas noites de luar em que, estendido em sua vitória levava para a rua La Pérouse, cultivava em si, voluptuosamente, as emoções de um homem amoroso, sem saber que frutos envenenados seriam necessariamente deduzidos. Mas todos esses pensamentos não duraram mais que um segundo, foram bastante para levar a mão ao coração, retomar o fôlego e conseguir dar um sorriso para dissimular sua tortura. E já recomeçava a fazer perguntas, pois o seu eu que se dera a um trabalho que um inimigo não se daria para lhe assustar, para lhe dar conhecimento da dor mais cruel que jamais tivesse conhecido - o ciúme achava que ele não sofrera bastante e tentava fazê-lo receber uma dor ainda mais profunda. Assim, como uma divindade malvada, o ciúme iria à Swann e o impelia à sua perda. E se o suplício não se agravou no principio, por culpa sua e sim por causa de Odette.

- Minha querida. - disse ele -, está acabado. Foi com uma pessoa conhecida?

- Mas não, juro-te; aliás, acho que exagerei, não cheguei a esse fim.

Ele sorriu, insistindo:

-Que queres? Isto não significa nada, mas é uma desgraça que não possas dizer o nome. Se pudesse imaginar a pessoa, não pensaria mais no fato por ti, pois não te aborreceria mais. É tão tranqüilizador representar. O horrível é que não se pode imaginar. Mas já tens sido tão gentil, não querer cansar. Agradeço-te do coração todo o bem que me fizeste. Está acabado. Só mais uma pergunta: - Há quanto tempo?

- Oh, Charles, mas não vês que estás me matando? É tudo tão... Nunca pensara nisso de novo, parece que desejas absolutamente que eu recomece com essas idéias. Vais ganhar muito com isso. - disse Odette - com bobagem consciente e maldade intencional.

-Ora, eu só quero saber se foi depois que nos conhecemos. Mas, natural, passou aqui por acaso? Não podes me dizer se foi numa certa noite me figuraria o que estava fazendo então; compreendes que não é possível que não lembres com quem foi, Odette, meu amor.

- Mas eu não sei, acho que era no Bois, uma noite em que vieste nos encontrar na Ilha. Tinhas jantado na casa da princesa des Laumes - disse ela, feliz por aduzir um pormenor preciso que atestaria sua veracidade. - Numa mesa vizinha havia uma mulher que eu não via há muito tempo. Ela me disse: "Vem ver, detrás da pequena rocha, o efeito do luar sobre a água." Primeiro, bocejei e respondi: "Não, estou cansada e fico bem aqui." Ela assegurou que jamais houvera um luar

semelhante. E eu disse:

de tentar fazer um instante, o movimento que lhe é doloroso, ele repetia estas palavras: "aqui", "Mentira!", mas era tão grande o sofrimento que Swann sentia-se parar. Admirava-se de que atos que sempre julgara com tanta ligeireza, e dito, se tornassem agora, para ele, mais graves, como uma enfermidade da pode morrer. Conhecia muitas mulheres às quais podia pedir que vigiassem. Porém como esperar que elas adotassem o seu ponto de vista e não permanecessem naquele que fora o seu durante tanto tempo, que sempre nortearas voluptuosa, e não lhe dissessem rindo: "Diabo de ciumento que quer outros de um prazer"? Por que alçapão subitamente abaixado (ele que ou tivera prazeres delicados no seu amor por Odette), fora ele bruscamente pego nesse novo círculo do inferno, de onde não via como poderia sair alguma vez Odette! Não lhe queria mal. Era só meio culpada. Não diziam que fora então a própria mãe, em Nice, quase criança ainda, a um rico inglês? E que verdade é essa que assumiam para ele estas linhas do *Diário de um Poeta* de Alfred, antigamente havia lido com indiferença: "Quando a gente se apaixona por uma mulher, devemos dizer: De que forma ela está cercada? Qual foi a sua vida? A felicidade da vida se apóia nisto." Swann se assombrava de que meias frases tratadas pelo pensamento, como "Mentira!", "Sabia muito bem aonde ela queria chegar" pudessem lhe causar tanto mal. Mas compreendia que o que julgasse pequenas frases não passavam de peças da armação entre as quais se continha, de lhe ser devolvido, o sofrimento que experimentara durante a narrativa, depois era exatamente esse sofrimento que ele sentia de novo. Por mais que agora mesmo que, com o passar do tempo, tivesse esquecido nunca pudesse ter perdoado -, no momento em que repetia consigo tais palavras um sofrimento antigo se refazia tal como era antes que Odette tivesse falado, dito confiante; seu ciúme cruel punha-o novamente, para magoá-lo com aquela Odette, na posição de alguém que ainda não sabe, e ao fim de várias noites, aquela velha história o perturbava sempre como uma revelação. Admira o terrível poder recriador da memória. Só do enfraquecimento dessa, gera fecundidade, diminui com o tempo, é que ele podia esperar um apaziguamento da sua tortura. Mas quando parecia esgotado o poder de fazê-lo sofrer, que tinha as palavras pronunciadas por Odette, eis que uma delas, em que o espírito de menos se demorara até então, uma palavra quase nova, vinha substituir golpeando-o com vigor renovado. A lembrança da noite em que a via na casa da princesa des Laumes era-lhe dolorosa, mas formava apenas o carrilo: mal. Este irradiava confusamente à sua volta, em todos os dias próximos, em qualquer ponto dela que Swann quisesse tocar em suas recordações, era toda incorporada, em que os Verdurin haviam jantado tantas vezes na ilha do Bois, que lhe fazia mal. Aquilo magoava-o tanto que pouco a pouco as curiosidades que o ciúme suscitava nele foram sendo neutralizadas pelo medo de novas torturas que ele se infligiria se as satisfizesse. Dava-se conta que todo o período da vida de Odette transcorrido antes que se conhecessem, período que jamais buscara

imaginar, não era a extensão abstrata que ele via vagamente, mas tinha sido feito de anos particulares, repleto de incidentes concretos. Tomando conhecimento deles, Swann temia que aquele passado incolor, fluido e suportável, adquirisse um corpo tangível e imundo, uma fisionomia individual e diabólica. E continuava a não tentar imaginá-lo, não mais por preguiça de pensar, mas por temor de sofrer. Esperava que um dia acabasse por poder ouvir o nome da ilha do Bois e da princesa des Laumes sem sentir o dilaceramento antigo, e achava imprudente provocar Odette para que lhe fornecesse novas indicações, nomes de locais, de circunstâncias diversas que, mal tendo se acalmado a sua pena, a fariam renascer sob outra forma.

Porém, muitas vezes as coisas que ele não conhecia, que agora receava conhecer, era a própria Odette que as revelava espontaneamente e sem perceber que o feria; de fato, a diferença que o vício punha entre a vida real de Odette e a vida relativamente inocente que Swann acreditara, e muitas vezes acreditava ainda, ser a de sua amante, essa diferença, Odette ignorava-lhe a extensão; um ser vicioso, afetando sempre a mesma virtude diante das criaturas que não desejam que suspeitem de seus vícios, não se controla a ponto de perceber o quanto estes, cujo crescimento contínuo é insensível por si mesmo, arrastam-no aos poucos para longe das formas normais de viver. Em sua coabitação, no íntimo do espírito de Odette, com a lembrança das ações que ela ocultava a Swann, outras ações suas aos poucos recebiam o reflexo daquelas, eram contagiadas por elas, sem que Odette lhes achasse nada de estranho sem que destoassem no ambiente particular em que ela as fazia viver dentro de si; mas, se ela as contava a Swann, este se espantava pela revelação do ambiente que traía. Um dia, ele procurou, sem ferir Odette, perguntar se ela jamais freqüentava alcoviteiras. Na verdade, estava convencido que não; a leitura da carta anônima introduzira tal suposição no seu espírito, porém de modo mecânico; não encontrara aí nenhum crédito, mas o fato é que permanecera, e Swann para se livrar da presença puramente material, e no entanto incômoda, da suspeita, desejava que Odette a extirpasse.

"Oh, não! E não é que não tenha sido tentada a isso", acrescentou, revelando no sorriso uma satisfação de vaidade que ela já não percebia não poder parecer legítima a Swann.

"Houve uma, ontem, que nada levou mais de duas horas a me esperar, me propunha a qualquer preço; acontece que há um embaixador que lhe disse: ''Eu me mato se você não consegui-la.'' Não era que eu tinha saído, e acabei tendo eu mesma de lhe falar para que fosse embora. Gostaria que visses como o recebi; minha camareira, que me ouvia do quarto ao lado, me disse que eu gritava com toda a força: ''Mas não vê que estou dizendo que não quero? Uma idéia dessas não me agrada. Acho que sou livre para fazer o que quiser. Se eu tivesse

necessidade de dinheiro, ainda compensava. O porteiro tem ordem de não mais deixá-lo entrar. Dirá que estou no campo, gostaria que estivesses escondido em algum lugar. Creio que terias ficado contente, meu querido. Mesmo assim, tem coisas boas a tua pequena Odette, embora a julguem tão detestável."

Aliás, suas próprias confissões, quando Odette as fazia, de faltas; supunha Swann houvesse descoberto, antes serviam a este como ponto do que para novas dúvidas em vez de porem fim às antigas. Pois as confissão estavam em exata proporção com as dúvidas. Por mais que Odette restringisse a confissão ao essencial, restava nas partes acessórias, algo que Swann jamais imaginara, cuja novidade o acabrunhava e ia permitir que mudasse os termos da forma do seu ciúme. E tais confissões, não podia esquecê-las. Sua alma não rejeitava-as, embalava-as como a cadáveres. E estava envenenada por elas. Uma vez ela lhe falou de uma visita que Forcheville lhe fizera no dia de Paris-Múrcia.

-Como, já o conhecias? Ah, sim, é verdade - disse ele doce, para não parecer tê-lo ignorado. E de súbito, pôs-se a tremer à idéia do dia dessa festa de Paris-Múrcia, em que dela recebera a carta que tão cismado guardara, ela talvez jantasse com Forcheville na Maison d'Or. Ela lhe jurou. - ''No entanto, a Maison d'Or me lembra algo que soube não ser verdadeiro.'' -disse ele para assustá-la.

-Sim, que eu não estava lá na noite em que te disse que ia lá, quando me tinhas procurado no Prévost - retrucou ela (julgando, que ele o sabia), com uma decisão ditada antes pelo medo de contrariar, do que pela timidez ou o cinismo, e que por amor-próprio queria ocultar, e pelo desejo de lhe mostrar que podia ser franca. Assim, fulminou-o ali com a energia de um carrasco, isentas de crueldade, pois Odette não tinha o mal que causava a Swann; e até se pôs a rir, é verdade que talvez, para não ter aspecto humilhado e confuso.

- É verdade que não tinha Maison Dorée, que saía da casa de Forcheville.

- De fato estivera no Prévosté uma mentira, ele se encontrou lá comigo e me pediu que fosse à sua casa ver as gravuras. Mas chegou alguém para vê-lo. Eu te disse que vinha da Maison porque temia que aquilo te aborrecesse. Vê bem, era antes uma gentileza de minha parte. Digamos que eu tenha agido errado, pelo menos digo-o sem cerimônia o interesse que eu poderia ter tido em não te dizer que havia almoçado com ele no dia da festa de Paris-Múrcia, não é mesmo? Tanto mais que naquela época, ainda não nos conhecíamos muito bem, querido.

Swann lhe sorriu como por cansaço da criatura sem forças que tinham feito dele essas palavras acabar. Assim, mesmo nos meses em que ele nunca mais ousara pensar, pois tão felizes, naqueles meses em que ela o havia amado, mesmo aí ela já mentira como naquele momento (a primeira noite em que haviam "feito catléia") em que ela lhe dissera ter saído da Maison Dorée, como devia haver momentos iguais, que também ocultavam uma mentira insuspeitada por Swann.

Ele se recordava que Odette lhe dissera um dia:

"Basta que eu diga à Sra. Verdurin que meu vestido não ficou pronto, que meu carro se atrasou. Há sempre um jeito de arrumar as coisas."

A ele também, provavelmente, quantas vezes em que ela lhe soprara tais palavras que explicam um atraso, justificam uma mudança de hora num encontro, elas deveriam esconder, sem que ele então desconfiasse, alguma coisa que ela fizera com um outro, com um outro a quem dissera:

"Basta que eu diga a Swann que meu vestido não ficou pronto, que meu carro se atrasou, há sempre um jeito de arrumar as coisas."

E sob todas as lembranças mais doces de Swann, sob as palavras mais simples que Odette lhe dissera outrora, e nas quais acreditara como em palavras do Evangelho, sob as ações cotidianas que ela lhe contara, sob os laços mais costumeiros, a casa da sua costureira, a avenida do Bois, o hipódromo, ele sentia, dissimulada a favor desse excedente de tempo, que nos dias mais detalhados deixa ainda espaço e folga e pode servir de esconderijo para certos atos, sentia insinuar-se a presença possível e subterrânea de mentiras que lhe tornavam ignóbil tudo o que lhe restara de mais caro (suas melhores noites, a própria rua de La Pérouse que Odette sempre tivera que deixar em horas diversas das que lhe havia dito), fazendo circular por toda parte um pouco do tenebroso horror que sentira ao ouvir a confissão relativa à Maison Dorée, e, como as bestas imundas na *Desolação de Nínive*, abalando pedra a pedra todo o seu passado. Se agora Swann se desviasse cada vez que a memória lhe dissesse o nome cruel da Maison Dorée, já não seria, como ainda bem recentemente no sarau da Sra. de Saint-Euverte, porque ela lhe lembrasse uma felicidade que perdera há muito, e sim uma desgraça que só agora acabava de conhecer. Depois, ocorreu com o nome da Maison Dorée o mesmo que ocorrera antes com o da ilha do Bois: deixou pouco a pouco de fazê-lo sofrer. Pois aquilo que julgamos ser o nosso amor, nosso ciúme, não é uma paixão contínua, indivisível. Eles se compõem de uma infinidade de amores sucessivos, de ciúmes diferentes, que são efêmeros, mas, devido à multitude ininterrupta, dão a impressão de continuidade, a ilusão da unidade. A vida do amor de Swann, a fidelidade do seu ciúme, eram formados pela morte e pela infidelidade de inumeráveis desejos, de inumeráveis dúvidas, todos tendo tido por objeto a Odette. Se ele ficasse muito tempo sem vê-la, aqueles que iam morrendo não eram substituídos por outros. Mas a presença de Odette continuava a semear o coração de Swann de suspeitas alternados.

Certas noites ela de repente se tornava muito gentil para com ele, advertindo duramente de que devia aproveitar-se logo, sob pena de não ver tal sentimento voltar-se durante anos; era-lhe necessário voltar para casa com ela, "fazer catléia" desejo que ela pretendia ter por ele era tão súbito, tão inexplicável, tantas

carícias que ela lhe prodigalizava a seguir eram tão demonstrativas e insólitas, que aquela ternura brutal e sem verossimilhança dava tanto em Swann quanto uma mentira ou uma maldade. Uma noite que ele voltava de certa maneira, às ordens dela, e com ela, e que Odette entremeava suas palavras apaixonadas que contrastavam com sua secura habitual, Swann ia de súbito ouvir um rumor; ergueu-se, procurou por toda parte, não achou nada, mas não se sentiu com ânimo para retomar seu posto ao lado dela. Odetté, no auge da raiva, quebrou um vaso e disse a Swann: "A gente não pode nutrir nada contigo!" E ele ficou sem saber se ela escondera alguém ao qual atiçar o ciúme ou espicaçar os sentidos.

Às vezes ele ia aos bordéis, esperando saber um pouco da resistente Odette, mas sem ousar nomeá-la. "Tenho uma garota que vai lhe agradar dona do estabelecimento." E Swann ficava uma hora a conversar tristemente à uma pobre moça, espantada de que ele não fizesse outra coisa. Uma delas; jovem e deslumbrante, lhe disse um dia: -O que eu queria era encontrar ali então ele poderia estar certo de que eu nunca mais iria com ninguém.-Na verdade você acha que seja possível que uma mulher se sensibilize se é amada, e que; nos engane? - perguntou Swann com ansiedade.

- Claro que sim! De falta de caráter!

Swann não podia evitar dizer a essas mulheres as mesmas coisas que teriam agradado à princesa des Laumes. A essa que procurava um amigo, sorrir:

- É agradável, você arrumou uns olhos azuis da mesma cor do seu. Você também, está com punhos da camisa azuis.-Que bela conversa para um lugar destes! Não estou sendo aborrecido? Talvez você tenha que fazer, não?

- Não, tenho todo o tempo livre. Se estivesse me aborrecendo. Ao contrário, estou gostando muito de ouvi-lo falar.

- Sinto-me bastante bem. Não é verdade que estamos conversando amavelmente? - disse ele à cafetina que acabara de entrar.

- Claro que sim, é justamente o que dizia para mim. Como são sossegados! Aí está! Agora vêm para conversarem em minha casa. Dizia, outro dia, aqui é melhor que em casa com sua mulher. Parece que na sociedade, as mulheres vieram para inventar moda, é um verdadeiro espetáculo. Vou indo, sou discreta.- E deixou Swann com a moça de olhos azuis. Mas ele se levantou, despediu-se. Ela lhe era indiferente, não conhecia Odette.

Já que o pintor andara adoentado, o Dr. Cottard lhe aconselhou viagem marítima; vários fiéis falaram em partir com ele; os Verdurin não puderam se conformar em ficar sozinhos, alugaram um iate que depois compraram, e Odette fez diversas excursões. De cada vez que ela partia por algum tempo; sentia que principiava a separar-se dela, mas como se aquela distância morava

proporcional à distância material, tão logo sabia que Odette estava não podia ficar sem vê-la. Certa ocasião, tendo partido apenas por um mês achavam, fosse por terem sido tentados no meio do caminho, fosse porque os Verdurin tivesse arranjado sorrateiramente as coisas por antecipação para escolher; só avisando aos fiéis aos pouquinhos, de que iriam de Argel a Túnis, depois à Itália, depois à Grécia, Constantinopla, à Ásia Menor, a viagem durou perto de um ano. Swann se sentia absolutamente tranqüilo, quase feliz. Ainda que a Sra. Verdurin procurasse convencer o pianista e o Dr. Cottard que a tia de um, e os doentes do outro, não tinham qualquer necessidade deles e que, em todo caso, era imprudente deixar a Sra. Cottard voltar a Paris, que o Sr. Verdurin assegurava estar em plena revolução, ela foi obrigada a lhes conceder a liberdade em Constantinopla. E o pintor partiu com eles. Um dia, pouco após o regresso desses três viajantes, Swann, vendo passar um ônibus para Luxemburgo, onde tinha o que fazer, embarcara nele e se achou sentado defronte da Sra. Cottard, que realizava o seu giro de visitas "de dias" em traje de gala, pluma no chapéu, vestido de seda, regalo, sombrinha, porta-cartões e luvas brancas lavadas. Coberta dessas insígnias, quando o tempo era bom, ela ia a pé de uma casa à outra num mesmo bairro, mas, para ir em seguida a outro bairro utilizava-se de ônibus com baldeação. Nos primeiros instantes, enquanto a amabilidade natural da mulher não rompia a casca da pequena burguesa, e aliás, sem bem saber se devia falar dos Verdurin a Swann, a Sra. Cottard expressou naturalmente, com sua voz demorada, canhestra e suave, que às vezes o ônibus cobria completamente com seu estrondear, frases escolhidas entre as que ouvia e repetia nas vinte e cinco residências cujas escadas subia num único dia:

- Não lhe pergunto, Senhor Swann, se um homem tão em dia como o senhor, viu, nos Mirlitons, o quadro de Machard que faz sucesso em toda a cidade. Muito bem, que me diz? Pertence ao grupo dos que o aprovam ou dos que o censuram? Em todos os salões só se fala do quadro de Machard, ninguém pode ser considerado chique, nem fino, nem estar por dentro das coisas, se não der sua opinião sobre o quadro de Machard. Tendo Swann respondido que não vira o tal quadro, a Sra. Cottard receou tê-lo magoado, ao obrigar confessá-lo.

-Ah, muito bem, pelo menos o senhor o confessa com franqueza, não se considera desonrado por não ter visto o quadro de Machard. Acho isso muito bonito da sua parte. Ora bem, eu o vi, as opiniões estão divididas, há os que o acham que é meio mal-acabado, meio presumido, mas, quanto a mim, acho-o ideal. Evidentemente, não se parece às mulheres azuis e amarelas do nosso amigo Biche. Devo confessar com sinceridade, não me achará muito *fin-de-siecle*, mas digo o que estou pensando, não o compreendo. Meu Deus, reconheço as qualidades constantes no retrato de meu marido, é menos estranho que aquilo que ele faz de costume, mas tinha de pintar bigodes azuis... Ao passo que

Machard! Olhe, justamente o marido da amiga, a cuja casa estou indo neste momento, (tenho muito prazer em fazer o caminho com o senhor), lhe prometeu, se for eleito para a Acade -(é um dos grandes colegas do doutor), mandar fazer o seu retrato por Machard. E que é um belo sonho! Tenho outra amiga que afirma gostar mais de Leloir. Isso de uma pobre profana e Leloir talvez seja ainda superior como conhecimento. Porém, creio que a primeira qualidade de um quadro, sobretudo - custa dez mil francos - é dar uma certa semelhança. Tendo colocado tais proposições que lhe inspiravam a altura do penacho, a marca de seu porta-cartões, o pequeno número traçado a tinta pelo tintureiro e o embaraço de assim falar a Swann dos Verdurin, a Sra. Cottard vendo que ainda estavam longe da esquina da rua Bonaparte, onde o devia fazê-la saltar, ouviu seu coração, que lhe aconselhava outras palavras:

-As orelhas devem lhe arder, senhor. - disse ela -, durante a visita que fizemos com a Sra. Verdurin só se falava do senhor.

Swann ficou muito espantado, pois supunha que seu nome não era pronunciado diante dos Verdurin.

-Aliás - acrescentou a Sra. Cottard - a Sra. de Crécy estava presente, diz tudo. Quando Odette está em algum lugar, ela não pode ficar muito sem falar no senhor. E não pense que fale mal. Como! O senhor duvida? - disse ao notar um gesto descrente de Swann.

E arrebatada pela sinceridade de sua convicção, não abrigando à nenhum mau pensamento acerca dessa palavra, que empregava apenas 'nós' usual para falar da afeição que une os amigos:

- Mas ela o adora! Ah, julgo não ser necessário dizer isso do senhor, dela! Ficaríamos bem arrumados! A propósito de tudo, se a gente vê um; por exemplo, ela diria:

"Ah, se ele estivesse aqui, ele é que saberia dizer sim autêntico. Não há ninguém como ele para tanto." E a todo instante indaga, "o que ele pode estar fazendo neste momento? Se ao menos trabalhasse...É uma pena que seja tão preguiçoso, tão dotado que é!" (O senhor deve pensar é mesmo?) "Neste momento eu o vejo, está pensando em nós, imagina - estamos." Chegou a dizer uma frase que achei bem bonita; o Sr. Verdurin, "Mas como pode ver o que ele faz neste momento, já que está a oitocentas daqui?" Então Odette respondeu: "Nada é impossível ao olho de uma amiga" juro, não estou dizendo isto para lisonjeá-lo, o senhor tem nela uma a verdade como não há muitas. De resto, direi que, caso o senhor, não senhor é o único. A Sra. Verdurin dizia-o, ainda ontem (o senhor sabe, nas partidas a gente conversa melhor): "Não digo que Odette não nos fale tudo o que lhe dizemos não vale muito junto do que lhe diria o Sr. Swann:" - Deus, está na hora de saltar, conversando consigo já ia deim:ar n Oso*te as odenndoo

o obséquio de dizer se a minha *aigrette* está bem?

E a Sra. Cottard tirou do regalo, para estendê-la a Swann, a mão e a luva branca de onde se evolou, correspondentemente, uma visão da alta sociedade, que encheu o ônibus, misturada ao odor do tintureiro. Swann sentiu ternura por ela, tanto como pela Sra. Verdurin (e quase tanto como por Odette, o sentimento que experimentava por esta última, não mais estando com dor -já não era quase amor), enquanto a seguia da plataforma com olhar enternecido vendo-a enfiar-se corajosamente pela rua Bonaparte, a *aigrette* alta, erguendo-a com uma das mãos, na outra a sombrinha e o porta-cartões, deixando ver o monograma e com o regalo balançando à sua frente.

Para fazer concorrência aos sentimentos doentios que Swann nutria por Odette. a Sra. Cottard, melhor terapeuta que o marido, inserira ao lado deles outros sentimentos, estes normais, de gratidão, de amizade, sentimentos que no espírito de Swann tornavam Odette mais humana (mais semelhante às outras mulheres, melhor que as outras mulheres também podiam inspirá-los), apressando sua transformação definitiva naquela Odette amada de uma afeição pacífica, que o levara uma noite, depois de uma festa, à casa do pintor para beber um copo de laranjada com Forcheville, e junto à qual Swann havia entrevisto a possibilidade de ser feliz.

Outrora, tendo muitas vezes pensado com terror, que um dia deixaria de estar enamorado de Odette, prometera a si mesmo ser vigilante e, ao sentir que seu amor começasse a abandoná-lo, agarrar-se a ele, retê-lo. Porém, eis que ao enfraquecimento do seu amor correspondia simultaneamente um enfraquecimento do desejo de permanecer apaixonado. Pois não é possível mudar, isto é, tornar-se uma outra pessoa, e continuar a obedecer aos sentimentos da pessoa que se deixou de ser. Por vezes, vendo no jornal o nome de um dos homens que supunha ter sido um dos amantes de Odette, voltava a sentir ciúmes. Mas, eram ciúmes bem ligeiros, e como provavam que Swann ainda não deixara de todo aquele tempo em que tanto sofrera, mas, também quando conhecera uma forma de sentir tão voluptuosa-e cujas belezas os acasos do caminho talvez lhe permitissem percebê-las ainda furtivamente e de longe, tais ciúmes lhe causavam antes uma excitação agradável, como ao parisiense melancólico que deixa Veneza para redescobrir a França, um último mosquito prova que a Itália e o verão ainda não se distanciaram muito. Porém no mais das vezes, o tempo tão especial de sua vida, de onde estava saindo, percebia Swann que já não o agüentava quando fazia esforços, senão para ali permanecer, ao menos para dele ter uma imagem clara enquanto ainda fosse possível; gostaria de ver como uma paisagem que ia desaparecer, aquele amor que acabava de deixá-lo; mas é tão difícil ser duplo e dar-se o espetáculo verídico de um sentimento que se deixou de ter, que em breve, obscurecendo-se o seu cérebro,

ele não mais nada, renunciava à contemplação, retirava seu *pincenêz* e enxugava as lentes; dizia consigo que era melhor descansar um pouco, que dali a pouco ainda estampado, e punha-se a um canto, curioso, no entorpecimento do viajante cheio de sono que abaixa o chapéu sobre os olhos para dormir no vagão que sente o está chegando, cada vez mais depressa, para longe da terra onde viveu tanto tempo e que metera a si mesmo não deixar desaparecer sem lhe dar um último adeus. Mesmo como esse viajante, se vai despertar somente na França; quando Swann por acaso as provas de que Forcheville tinha sido amante de Odette, percebeu que não sentia dor alguma, que o amor agora estava longe, e lamentava ter dado conta do momento em que o amor o deixava para sempre. Da forma como, antes de beijar Odette pela primeira vez, procurara imprimir o rosto que ela tivera durante tanto tempo para ele, e que a recordação do beijo ia transformar, assim teria gostado, ao menos em pensamento, de fazer despedidas, enquanto ela ainda existia; àquela Odette que lhe inspirara ciúme; àquela Odette que o fizera sofrer, e que agora não veria nunca mais; vai-se. Devia vê-la ainda uma vez, algumas semanas depois. Foi dormindo e teve um sonho:

Estava ele passeando com a Sra. Verdurin, o Dr. Cottard rapaz de fez que não podia identificar, o pintor, Odette, Napoleão III e meu caminho que bordejava o mar e lhe ficava a pique, ora de muito alto, ora de metros apenas, de modo que subia-se e descia-se constantemente; os que já não eram visíveis aos que ainda subiam, o pouco da claridade do dia que ia enfraquecendo e parecia então que uma noite negra ia cair imediatamente, em momentos, as ondas saltavam até a beira do caminho e Swann sentia gelados no rosto. Odette lhe dizia que os enxugasse, ele não podia e confuso diante dela, bem como por estar de camisola de dormir. Espera devido à escuridão, que ninguém percebesse, e no entanto, a Sra. Verdurin o assombro por um longo instante, durante o qual Swann viu o rosto dela ao mar, seu nariz alongar-se e ela possuía grandes bigodes. Swann virou-se para Odette, as faces dela estavam pálidas, com pequenos pontinhos vermelhos, traços cansados, pisados, mas ela o olhava com olhos cheios de ternura; caírem como lágrimas sobre ele, e Swann sentiu que a amava tanto que queria levá-la dali imediatamente. De repente Odette girou o pulso, com seu reloginho e disse: "Preciso ir embora"; pediu licença a todos da mesma; sem tomar Swann à parte, sem lhe dizer onde o veria de novo à noite ou em outro lugar. Ele não teve coragem de lhe perguntar, gostaria de tê-la seguido e era obrigado a se virar para ela, a responder sorrindo a uma pergunta da Sra. Verdurin, o coração batia desesperadamente, sentia ódio por Odette, teria gostado dos olhos dela, que tanto amara há pouco, esmagar suas faces sem frescor. Continuava a subir com a Sra. Verdurin, ou seja, a afastar-se a cada passo de Odette, que em sentido inverso. Após um segundo, fazia muitas horas que ela se fora. Observou Swann que Napoleão III se eclipsara um momento depois dela naturalmente estavam combinados", acrescentou ele, "devem ter se encontrado abaixo da costa mas

não quiseram se despedir juntos devido às conveniências de sua amante." O rapaz desconhecido pôs-se a chorar. Swann tentou consolar: "Afinal, ela tem razão", disse enxugando-lhe os olhos e tirando-lhe o fez para ficasse mais à vontade. "Eu a aconselhei dez vezes. Por que ficar triste? É realmente o homem que podia compreendê-la." Assim Swann falava a si próprio. O rapaz que a princípio não pudera identificar, era também ele; como certas datas, Swann havia distribuído sua personalidade para duas personagens, o que elaborava o sonho, e o outro que estava vendo à sua frente com um fez à cabeça. Quanto a Napoleão III, devia esse nome a Forcheville por alguma associação de idéias, e depois a uma certa modificação na fisionomia habitual do barão. Enfim, à grande fita da Legião de Honra a tiracolo; mas na realidade, e por tudo o que o personagem presente no sonho representava para ele e o fazia recordar, era efetivamente Forcheville. Pois, de imagens incompletas e cambiantes, Swann, adormecido, extraía falsas deduções; aliás, tendo momentaneamente, um tal poder de criação que se reproduzia por simples divisão como certos organismos inferiores; com o calor da própria palma da mão, modelava o côncavo de mãos estranhas, que julgava apertar e, de sentimentos e impressões de que ainda não tinha consciência; fazia nascer como que peripécias, as quais, pelo seu encadeamento lógico, levariam, em dado momento, o seu sono, o personagem necessário para receber seu amor, ou para despertá-lo. Uma noite negra se produziu de súbito, soou um toque de alarme, moradores passaram correndo, fugindo de casas em chamas; Swann ouvia o rumor das ondas que se levantavam e seu coração que, com a mesma violência, batia de ansiedade no peito. Repentinamente, as palpitações do coração redobraram de velocidade, sentiu uma dor, uma náusea inexplicável; um camponês cheio de queimaduras lhe gritou ao passar:

"Vá perguntar a Charles, onde Odette acabou a noitada com seu amigo; ele esteve com ela como antigamente e ela lhe conta tudo. Foram eles que puseram fogo." Era o seu criado de quarto que vinha despertá-lo dizendo:

-Senhor, são oito horas e o cabeleireiro está aí; eu lhe disse que voltasse dentro de uma hora.

Estas palavras, porém, penetrando nas ondas do sono em que Swann estava mergulhado, só tinham chegado à sua consciência sofrendo o desvio que faz com que, no fundo da água, um raio pareça um sol, assim como, um momento antes, o ruído da campainha, assumindo no fundo desses abismos uma sonoridade rebate, produzira o episódio do incêndio. Entretanto, o cenário que tinha à sua frente se desfez em pó, ele abriu os olhos, ouviu uma última vez o rumor das ondas do mar que se afastava.

Passou a mão pelo rosto. Estava seco. E no entanto, ele se lembrava da sensação da água fria e do gosto de sal. Ergueu-se, vestiu-se. Mandara vir cedo o

cabeleireiro, pois na véspera escrevera a meu avô, avisando que desembarcaria à tarde a Combray, tendo sabido que a Sra. de Cambremer - Srta. Legrandin - viria passar lá alguns dias.

Em sua lembrança, associando o encanto daquele jovem, ao de um campo aonde não ia há tanto tempo, ambos lhe ofereciam, por momentos, um atrativo que o decidira enfim, a deixar Paris durante uns dias. Como certos lugares ao acaso, que nos põem em presença de certas pessoas não coincidem - o tempo em que as amávamos, mas, ultrapassando-o, podem ocorrer antes que comece a se repetir depois que terminou, as primeiras aparições que em nossa lembrança, faz uma criatura destinada mais tarde a nos agradar, tomam a nossos olhos, retrospectivamente, o valor de um aviso, de um presságio. Era dessa lembrança que Swann se reportara muitas vezes, à imagem de Odette, reencontrada naquela primeira noite, em que não pensava em vê-la nunca mais - e como lembrava do sarau da Sra. de Saint-Euverte, em que apresentara Forcheville à Sra. de Cambremer. Os interesses da nossa vida são tão múltiplos - que não é raro que, numa mesma circunstância, as marcas de uma felicidade não existente, sejam postas lado a lado com o agravamento de um desgosto que estamos sofrendo.

E sem dúvida isso poderia ocorrer a Swann em qualquer lugar, que não na casa da Sra. de Saint-Euverte. Quem sabe até, por acaso naquela noite se encontrasse em outra parte, se outras felicidades, outros desgostos lhe viessem; e que, logo a seguir, lhe parecessem ter sido inevitáveis? Mas, o que foi inevitável, era o que havia acontecido, e ele não estava longe de ver algo de cima, no fato de ter decidido ir ao sarau da Sra. de Saint-Euverte; pois, seu desejo de admirar a riqueza de invenção da vida e incapaz de meditar sobre tempo numa questão difícil, como a de saber o que teria sido melhor, haver entre os desgostos por que passara naquela noite e os prazeres insuspeitados que já desabrochavam - entre os quais era tão difícil esquecer do equilíbrio, uma espécie de encadeamento necessário.

Mas enquanto, uma hora depois de acordar, dava indicações no sentido de que suas mechas não se desalinhassem no vagão, voltou no sonho; reviu, conforme os sentira bem de perto, a tez pálida de Odette demasiado magra; os traços cansados, os olhos pisados; todo aquele discurso de ternuras sucessivas que tinham feito de seu durável amor: um longo esquecimento da primeira imagem que dela recebera-deixara desde os primeiros tempos de sua ligação, e dos quais, sem dúvida, dormia, sua memória tinha ido buscar a sensação exata. E com aquela intermitente, que reaparecia nele quando já não se sentia infeliz e que, por um instante, baixava o nível de seu comportamento moral, exclamou para si: "E dizer que desperdicei anos da minha vida, que desejei morrer, que vivi o maior amor, por uma mulher que não me agradava, que não fazia o meu tipo.

-

TERCEIRA PARTE

Nomes de Lugares: o Nome

-

Dentre os quartos, cuja imagem eu relembrava com mais freqüência em minhas noites de insônia, nenhum se assemelhava menos aos quartos de Combray; polvilhados de uma atmosfera granulada, polinizada, comestível e devota, que o do *Fuande Hotel da Praia*, em Balbec; cujas paredes esmaltadas continham, como os azulejos polidos de uma piscina onde a água azulece, um ar puro, cerúleo e salino.

O decorador bávaro, que fora encarregado dos arranjos do hotel, tinha variado a decoração das peças e, na que eu ocupava, fizera correrem, nos três lados, umas estantes baixas com vidraças nas vitrinas, nas quais, conforme o lugar que ocupavam, e por um efeito que ele não havia previsto, tal ou qual porção do quadro mutável, do mar se refletia, desenrolando um friso de marinhas claras, únicas a interromperem o espaço tomado pelo mogno. De modo que a peça inteira tinha o aspecto de um desses dormitórios modelos que são apresentados nas exposições *modern style* do mobiliário, onde são ornamentados de obras de arte que se supõe sejam capazes de agradar aos olhos daquele que há de deitar-se ali; e às quais se dá assuntos, que se relacionem com o tipo de local em que a habitação deve se encontrar.

Mas, tampouco nada se parece menos à Balbec real; que aquela com que muitas vezes sonhei, nos dias de tempestade, quando o vento era tão forte que Françoise, levando-me aos Champs-Elysées, me recomendava não caminhar muito perto das paredes para não levar com telhas na cabeça e falava gemendo dos grandes sinistros e naufrágios anunciados pelos jornais. Eu não tinha maior desejo do que ver uma tempestade no mar, menos como um belo espetáculo do que como um momento revelado da vida real da natureza; ou melhor, para mim não havia belos espetáculos; senão os que sabia não serem artificialmente organizados para meu divertimento, e sim os que eram necessários, imutáveis à beleza das paisagens ou "Grande arte."

Só estava curioso, ávido de conhecer, aquilo que julgava mais verdadeiro que eu próprio, o que para mim possuía o valor de me mostrar um quê do pensamento de um grande gênio, ou da força ou mesmo da graça da natureza; tal como se manifesta quando entregue a si mesma, sem a intervenção dos homens. Assim como o belo som da voz de nossa mãe, reproduzido isoladamente pelo fonógrafo, não nos consolaria de a termos perdido, também uma tempestade física, mecanicamente imitada, teria me deixado tão indiferente como as fontes da Exposição. Para que a tempestade fosse absolutamente verídica, ou também, que a costa fosse uma costa natural, e não um dique criado recentemente por algum poder municipal. Aliás a natureza, por todos os momentos que despertava

em mim, parecia-me o que houvesse de mais convincente das produções mecânicas do homem. Quanto menos trouxesse a marca humana, mais espaço oferecia à expansão da minha alma. Ora, eu guardara o nome de citado por Legrandin, como o de uma praia bem próxima daquelas "cobres, famosas por tantos naufrágios, envoltas durante seis meses por ano de brumas e na espuma das vagas".

Dizia ele que ali "se sente ainda sob os passos, bem mais que a *Finisterra* (e ainda que muitos hotéis se super-pusessem agora, sem poder tocar a mais antiga ossatura da terra), sente-se ali a verdadeira extremidade francesa, européia, da Terra antiga. E é o último acampamento de peixes, semelhantes a todos os pescadores que viveram, desde o começo do dia, frente ao reino eterno dos nevoeiros marinhos e das sombras". Um dia, quando falei dessa praia de Balbec diante do Sr. Swann, a fim de saber o melhor ponto para ver as mais fortes tempestades, ele me respondera: ''Conheço bem Balbec! A igreja de Balbec, dos séculos XII e XIII, ainda melodiosas, é talvez a melhor amostra do gótico normando, e tão singular que se dizia persa." E esses lugares que até então me haviam parecido ser de natureza contemporâneos dos grandes fenômenos geológicos e também fora humana, como o Oceano ou a Ursa Maior, com seus pescadores selvagens, os quais, tanto como para as baleias, não houve a Idade Média-, adquiriram um grande fascínio por vê-los entrarem de súbito para a seqüência do dia, tendo conhecido a época romana, e por ficar sabendo que o trevo nervura também, aqueles rochedos selvagens em determinada hora, plantas frágeis; porém, vivazes que, ao chegar a primavera, reclamam de aqui e ali, a neve dos pólos. E se o gótico levava a tais lugares e a tais homens, a determinação que lhes faltava, em compensação estes lhe conferiam a admiração. Tentava imaginar como teriam vivido esses pescadores, a tímida e inventada tentativa de relações sociais, que houvessem experimentado ali, na Idade Média, reunidos sobre um ponto das costas do Inferno, aos pés da morte; e o gótico me parecia mais vivo agora, do que separado das cidades que eu sempre havia imaginado até então; e eu podia ver como, em um caso isolado, sobre rochedos selvagens, ele germinara e florira num fino campo, para ver reproduções das mais famosas estátuas de Balbec-os crespos cabelos e nariz curto, a Virgem do pórtico, e, de pura alegria, me parava no peito quando eu pensava que poderia vê-los modelar em relevo sobre o eterno nevoeiro salgado. Então, nas noites suaves e tempo de fevereiro, o vento soprando no meu coração, que não fazia tremer mais a lareira do meu quarto, ou o projeto de uma viagem a Balbec misturava ao desejo de conhecer a arquitetura gótica com o de ver uma tempestade.

Gostaria de ter tomado, logo no dia seguinte, o belo trenzinho generoso de uma e vinte e dois minutos, de que nunca podia ler a hora da partida, nos anúncios das

companhias de estrada de ferro, sem que meu coração palpitasse; pois, parecia se fixar, num ponto preciso da tarde, um entalhe saboroso, uma misteriosa marca a partir da qual as horas afastadas, conduziam ainda à noite, à manhã do dia seguinte, mas na qual a gente estaria, em vez de Paris, numa dessas cidades, por onde o trem passa e entre as quais, nos permitia escolher; pois, ele parava em Bayeux, em Coutances, em Vitré, em Questambert, em Pontorson, em Balbec, em Lannion, em Lamballe, em Benodet, em Pont-Aven, em Quimperlé, e prosseguia magnificamente sobrecarregado dos nomes que me oferecia, e dentre os quais eu não sabia qual teria preferido, devido à impossibilidade de escolher algum. Mas, sem sequer esperá-lo, teria conseguido, vestindo-me às pressas, partir na mesma noite, se meus pais o tivessem permitido, e chegar a Balbec quando o dia mal estivesse clareando sobre as águas enfurecidas, e contra cujas escumas arrebatadas iria me refugiar na igreja de estilo oriental. Mas, com a aproximação das férias da Páscoa, quando meus pais me prometeram passá-las, uma vez no norte da Itália; eis que a esses sonhos de tempestade, que me tomavam por inteiro, fazendo que eu não desejasse, senão ver as ondas correndo por todos os lados, sempre cada vez mais altas, sobre a costa mais selvagem, perto das igrejas escarpadas e rugosas, como falésias e em cujas torres, gritariam os pássaros marinhos, eis que de súbito, apagando-os, tirando-lhes todo o encanto, eliminando-os porque eram-lhe opostos e só poderiam enfraquecê-lo, substituía-se em mim o sonho contrário da primavera mais matizada; não a primavera de Combray, que ainda pinicava asperamente, com todas as agulhas da geada; mas, a que já cobria de lírios e anêmonas os campos de Fiesole e maravilhava Florença com os fundos dourados, semelhantes aos de Fra Angelico. Daí então, somente os raios, os perfumes e as cores me pareciam ter valor; pois, a alternância de imagens produzira em mim, uma mudança de frente do desejo; e tão repentina, como as que por vezes ocorrem na música, uma completa mudança de tom na minha sensibilidade. Depois, aconteceu que uma simples variação atmosférica bastou para causar dentro de mim, essa modulação; sem que houvesse necessidade de esperar o retorno de uma estação. Pois, muitas vezes, em uma delas, encontra-se extraviado um dia típico de outra, que nos faz viver, evoca-a imediatamente, faz desejar os prazeres peculiares a ela e interrompe os sonhos que estávamos quase elaborando, colocando aquém, ou além do seu posto, no calendário ao lado da ventura, esta página destacada de outro capítulo. Mas, em breve, esses fenômenos naturais, de que o nosso conforto, ou a nossa saúde só pode extrair um benefício acidental e bem escasso; até o dia em que a ciência encha-se deles, produzindo-os à vontade, colocando em nossas mãos a possibilidade de sua aparição, subtraída à tutela e dispensando a concordância do acaso, também a produção desses sonhos do Atlântico e da Itália deixou de estar submetida apenas às mudanças das estações e do tempo. Para fazê-los render, bastou-me pronunciar estes nomes: Balbec, Veneza,

Florença, em cujo interior por se acumular o desejo, que me haviam inspirado os lugares que mesmo na primavera, achar num livro o nome de Balbec; era suficiente, para estar em mim o desejo das tempestades e do gótico normando; mesmo tempestuoso, o nome de Florença, ou de Veneza, me davam desejos dos lírios, do palácio dos doges e de Santa Maria das Flores.

Porém, se tais nomes absorveram para sempre, a imagem que eu tinha dessas cidades, isto só ocorreu, transformando aquela imagem, submetendo o reaparecimento em mim à suas leis próprias; assim, tiveram como resultado dessa imagem mais bela, mas também mais diversa do que poderiam ser nas cidades da Normandia ou da Toscana; e, acrescentando às alegrias de minha imaginação, agravar a futura decepção de minhas viagens. Tais viagens, exaltaram a idéia que eu fazia de certos lugares da Terra, tornando-se particulares e portanto mais reais. Então eu imaginava as cidades, os monumentos não como quadros, mais ou menos agradáveis, recortados de uma mesma matéria, e sim, cada um, como um desconhecido, essencialmente diferente dos outros, de que tinha sede a minha alma e que teria se beneficiar ao conhecer. E pelo fato de terem assumido algo de mais individual ainda, ou designados por nomes, nomes que só existiam para eles, nomes como pessoas. As palavras nos apresentam das coisas, uma pequena imagem usual, como as que são suspensas nas paredes das escolas para dar às crianças, exemplo do que é um banco, uma ave, um formigueiro, coisas concebidas e semelhantes a todas da mesma espécie. Porém, os nomes apresentam as cidades, às quais eles nos habituam a julgar individuais e únicas pessoas, uma imagem confusa, que tira delas, de sua [illegible] deslumbrante, a cor de um que se pinta uniformemente, como um desses totalmente azuis, ou totalmente rubros, em que, devido aos limites da tela pregada, ou por um capricho do decorador, são azuis ou vermelhos não o mar, mas os barcos, a `ta novi

estalajadeiro; que me serviria café com leite à minha chegada, e me levaria para ver o mar enfurecido diante da igreja, e ao qual eu atribuiria o aspecto contestador, solene e medieval de um personagem de fábulas.

Se minha saúde se fortalecesse e meus pais me permitissem, senão passar as férias em Balbec, ao menos tomar uma vez, para conhecer, junto com a arquitetura e as paisagens da Normandia ou da Bretanha, aquele trenzinho de uma e vinte e duas, ao qual subira tantas vezes em pensamento, teria preferido parar nas cidades mais bonitas; mas, por mais que as comparasse, como escolher entre seres individuais, que não são intercambiáveis, entre Bayeux, tão alta em seu nobre rendilhado, avermelhado e cuja cumeeira era iluminada pelo velho ouro de sua última sílaba; Vitré, cujo acento agudo dividia em losangos de madeira preta a vidraça antiga; a doce Lamballe que, no seu tom branco, vai do amarelo casca de ovo, ao cinzento pérola; Coutances, catedral normanda, cujo ditongo nasal, gordo e amarelado, a coroava com uma torre de manteiga; Lannion, com o rumor, em seu silêncio aldeão, do acoche seguido da moscas; Questambert, Pontorson, risíveis e ingênuos, plumas brancas e bicos amarelos espalhados sobre a estrada desses lugares poéticos e fluviais; Benodet, nome mal atracado que parece querer arrastar o rio no meio de suas algas; Pont-Aven, impulso branco e róseo da asa de uma touca leve que se reflete, trêmula, numa água esverdeada de canal; Quimperlé, este mais preso, e desde a Idade Média, entre os ribeirões com que gorjeia e se cobre de pérolas, numa grisalha semelhante às que desenham, através das teias de aranha de um vitral, os raios de sol transmudados em pontos desbotados de prata brunida?

Tais imagens eram falsas ainda por outro motivo; é que eram, forçosamente, muito simplificadas; sem dúvida, aquilo a que aspirava minha imaginação e que meus sentidos só percebiam incompletas e sem prazer no presente, eu havia me trancado no refúgio dos nomes; sem dúvida, porque havia acumulado sonhos, os nomes agora magnetizavam meus desejos; porém os nomes não são muito amplos; quando muito, poderia fazer entrar duas ou três das "curiosidades" principais da cidade, que ali se justapunham sem nada no meio; no nome de Balbec, ou no vidro de aumento desses tinteiros, que a gente compra nos balneários, eu percebia ondas erguidas ao redor de uma igreja de estilo oriental. Talvez, até mesmo; a amplificação dessas imagens tenha sido uma das causas do domínio que elas exercem ao longo de palavras com que a expressão francesa *mouche du coche*[{5}], possuíram sobre mim.

Quando meu pai decidiu, num daqueles anos, passar as férias da Páscoa em Florença e em Veneza não tendo mais que fazer entrar no nome de Florença os elementos que compõem as cidades -, fui obrigado a extrair uma cidade sobrenatural do estado de felicidade, por aromas primaveris, daquilo que julgava ser em essência o gênio. Quando muito - e porque não é possível manterem um

nome mais duração e espaço -, como certos quadros do próprio Giotto, que mostram o mesmo personagem em dois momentos diferentes, aqui deitado na rede e preparando-se para montar a cavalo, o nome de Florença era dividido em compartimentos. Num deles, sob uma cobertura arquitetônica, eu compunha um afresco, ao qual se superpunha, parcialmente um reposteiro de sol empoeirado, oblíquo e progressivo; no outro (pois não pensando em um ideal inacessível e sim como em um meio real, no qual eu iria me ver numa vida ainda não vivida, a vida intacta e pura, que ali eu trancava, conferia mais materiais, às cenas mais simples, esse atrativo que têm as obras), eu atravessava rapidamente para ir mais depressa ao encontro de quem me esperava com frutas e vinho Chianti-a Ponte Vecchio atulhada de narcisos e anêmonas. Eis aí (mesmo que estivesse em Paris) o que estava a meu redor. Mesmo de um ponto de vista realista, as terras que compreendem, a cada momento, muito mais espaço, na nossa vida do que a terra em que de fato nos encontramos. Sem dúvida, se então eu tivesse prestado mais atenção no que havia em meu pensamento quando pronunciava as palavras: "ir a Florença, a Parma, a Pisa, a Veneza", teria percebido que aquele não era de modo algum uma cidade, porém algo tão diverso de tudo, que tão delicioso, como poderia ser, para uma humanidade cuja vida se esconde sempre nos fins de tarde de inverno, esta maravilha desconhecida: uma primavera. Aquelas imagens irreais, fixas, sempre semelhantes, a encherem minhas noites, diferenciaram essa época da minha vida daquelas que houvessem precedido (e que teriam podido confundir-se com elas aos olhos de um, que só vê as coisas do lado de fora, ou seja, não vê coisa alguma), e opera um motivo melódico; introduz uma novidade, que não se poderia ter apenas se lêssemos o libreto, e menos ainda, se a gente ficasse fora do "*tea*", apenas os quartos de hora que escorrem. Ainda assim, mesmo do ponte de vista da simples quantidade, em nossa vida os dias não são iguais. Os dias, os temperamentos um pouco nervosos, como era o meu, dispõem de automóveis, de "velocidades" diferentes. Há dias acidentados e a gente leva um tempo infinito a transpor, e dias em declive que se deixa a toda velocidade cantando. Durante aquele mês - em que repeti como uma música, sem nunca me saciar, essas imagens de Florença, de Veneza e de Pisa, desejo que em mim excitavam, conservava algo de um ato profundamente inseparável. Como se se tratasse de um amor, um amor por uma pessoa, não deixei de acreditar que elas correspondiam a uma realidade independente de mim, e me fizeram conhecer uma tão bela esperança como a que poderia nutrir um cristão desde os primeiros tempos até a véspera da entrada no Paraíso.

Assim, sem me preocupar com a contradição existente em querer olhar e tocar, com os órgãos dos sentidos, o que fora elaborado pela fantasia e não percebido por eles -e tanto mais tentador para eles, por ser mais diverso de tudo o que conheciam -, isto mesmo era o que me recordava a realidade dessas imagens, que inflamava ao máximo o meu desejo, porque era como uma promessa de

que seria satisfeita. E, ainda que minha exaltação tivesse por motivo um desejo de gozos artísticos, os guias a satisfaziam ainda mais que os livros de estética e, mais que os guias, os horários das estradas de ferro, o que me emocionava era pensar que aquela Florença que eu via próxima, porém inacessível em minha imaginação, se o trajeto que a separava de mim, dentro de mim, não era viável, poderia eu atingi-la por um estratagema, por um desvio, tomando o "caminho por terra". Certamente, quando repetia para mim mesmo, dando assim, tanto valor ao que iria ver, que Veneza era a "escola de Giorgione, a residência de Ticiano, o mais completo museu da arquitetura doméstica na Idade Média", eu me sentia feliz. Era-o mais, todavia, quando, tendo saído para um passeio, caminhando depressa por causa do tempo que, depois de alguns dias de primavera precoce, voltara a ser um tempo de inverno (como o que se nos deparava habitualmente em Combray, pela Semana Santa) vendo nos bulevares os castanheiros que, mergulhados num ar glacial e líqüido como a água, nem por isso, deixavam de começar, convidados pontuais, já preparados, e que não se deixam desanimar, a arredondar e esculpir, em seus blocos congelados, o irresistível verdor, cujo ímpeto progressivo, o poder abortivo do frio lograva contrariar, mas não conseguia refrear-, eu pensava que a Ponte Vecchio já estava fartamente juncada de jacintos e de anêmonas, e que o sol da primavera já tingia as ondas do Grande Canal, de um azul tão sombrio e de tão nobres esmeraldas que, vindo quebrar-se aos pés das pinturas de Ticiano, podiam rivalizar com elas as suas ricas tonalidades. Não pude mais conter a alegria quando meu pai, sempre consultando o barômetro e lastimando o frio, começou a procurar quais seriam os melhores trens, e quando compreendi que, penetrando depois do almoço no laboratório enfumaçado, no quarto mágico, que se encarregava de operar a transmutação a seu redor, a gente poderia despertar, na manhã seguinte, na cidade de ouro e mármore "calçada de jaspe e pavimentada de esmeraldas". Assim ela e a cidade dos lírios não eram apenas quadros fictícios a gente podia pôr à vontade na imaginação, e sim existiam a uma certa distância da de Paris, que era absolutamente necessário transpor se se quisesse vê-las, num determinado local da Terra e em nenhum outro; em suma, eram bem reais. Tornava-se ainda mais reais para mim, quando meu pai, dizendo:

"Enfim, você poderia ir à Veneza de 20 a 29 de abril e chegar em Florença na manhã do domingo de Páscoa", fê-las sair não apenas do espaço abstrato; mas, daquele tempo impossível em que situamos não uma só uma viagem de cada vez, mais outras, simultâneas; muita emoção, já que são apenas possíveis esse Tempo que se reconhece bem, que a gente pode ainda passá-lo em uma cidade depois de o haver passado por outra - e lhes consagrou aqueles dias particulares que são o certificado da cidade, dos objetos, aos quais eles se empregam, pois esses dias únicos somem pelo uso, não voltam mais, não se pode mais vivê-los aqui quando vividos ali; senti que era para a semana que principiava na segunda-

feira, a lavadeira devia trazer o colete branco que eu manchara de tinta; para ali se absorverem ao sair do tempo ideal, em que ainda não existiam as Cidades Rainhas, cujos domos e torres eu ia inscrever, pela mais emocionante geometria, no plano de minha própria vida. Mas ainda só estava a caminho o último grau de alegria; atingido por fim (tendo então somente a revelação de ruas marulhosas, avermelhadas pelo reflexo dos afrescos de Giorgione, não como o imaginava apesar de tantas advertências, os homens "majestosos como o mar, trajando sua armadura de reflexos de bronze sob seus mantos sangrentos" que passeariam em Veneza na próxima semana, a espera da Páscoa, mas que poderia ser eu o personagem minúsculo que grande fotografia de São Marcos, que me haviam emprestado, o ilustrado sentar de chapéu-coco, diante do pórtico), quando ouvi meu pai me dizendo estar frio ainda no Grande Canal:

''Será melhor que você ponha na mala os pulôveres de inverno e o seu casaco grosso."

A essas palavras elevei-me a um êxtase; aquilo que julgara impossível até então, senti na verdade que entre aqueles "rochedos de ametista, semelhantes a um recife domado por uma suprema ginástica, superior às minhas forças, despindo-me com carapaça sem préstimo do ar do meu quarto que me cercava, substituí-o iguais de ar veneziano, aquela atmosfera marinha, indizível e especial como sonhos, que minha imaginação encerrara no nome de Veneza, senti operar em mim uma miraculosa desencarnação; e logo ela se duplicou com o vago de vomitar que a gente experimenta quando sente uma forte dor de garganta) de ficar de cama com uma febre tão pertinaz, que o médico declarou que era para renunciar, não só a me deixarem partir agora para Florença e Veneza, mesmo quando estivesse inteiramente restabelecido, que me evitassem, nos dias seguintes durante um ano, todo e qualquer projeto de viagem e toda causa de sair. Infelizmente, proibiu também, e de modo absoluto, que me deixassem ir ao teatro para ouvir a Berma; a artista sublime, que Bergotte considerava; fazendo que eu conhecesse algo que talvez fosse tão importante e fã, consolar-me de não ter estado em Veneza e Florença, e de não ir a Balbec. Contentar-se em me mandar todos os dias aos Champs-Elysées, sob a atenção de uma pessoa que me impediria que me cansasse, e a escolhida foi Françoise contratada para o nosso serviço depois da morte da tia Léonie. Ir aos Champs-Elysées foi insuportável. Se Bergotte os houvesse descrito num de seus livros, é claro que teria desejado conhecê-los, como a todas as coisas cujo duplo tinham começado a introduzir na minha imaginação. Ela as reaquecia, dava-lhes uma personalidade, guiava-as a viverem, e eu queria encontrá-las na realidade; mas nesse jardim público nada se ligava a meus sonhos.

Um dia, como eu me aborrecesse no nosso lugar de costume, ao lado dos cavalos de madeira, Françoise me levara em uma excursão - para além da fronteira que

conservam em intervalos iguais os pequenos bastiões dos vendedores de balas de cevada - às regiões vizinhas mas estranhas, onde os rostos são desconhecidos, onde passa o carro tirado por cabras; depois voltou para apanhar suas coisas na cadeira encostada a um maciço de loureiros; enquanto a esperava, ia calcando o grande relvado raso e enfermiço, amarelado pelo sol, no fim do qual o lago é dominado por uma estátua, quando, da alameda, dirigindo-se a uma garota de cabelos ruivos que jogava peteca diante da fonte; uma outra, pondo o casaco e segurando sua raquete, lhe gritou com voz rápida:

"Adeus, Gilberte, vou voltar, não esqueça que esta noite vamos à sua casa depois do jantar." Este nome de Gilberte passou perto de mim, evocando tanto mais a existência daquela a quem nomeava visto não designá-la apenas como a um ausente de quem se fala, e sim a interpelava; passou também perto de mim, em ação por assim dizer, com uma força aumentada pela curva do seu jato e a aproximação de seu objetivo; transportando consigo, eu o sentia, o conhecimento e as noções que tinha acerca daquela a quem era dirigido, não eu, mas a amiga que chamava, tudo o que, enquanto o pronunciava, ela revia, ou pelo menos, detinha na memória, da intimidade cotidiana de ambas, das visitas que elas faziam uma à casa da outra, de todo aquele desconhecido, ainda mais inacessível e doloroso para mim e que era, ao contrário, tão familiar e flexível para aquela menina felizarda, que roçava por mim esse nome sem que eu pudesse penetrá-lo e o lançava em pleno ar com um grito; deixando já flutuar na atmosfera a deliciosa emanação que fizera desprender-se, tocando com precisão alguns pontos invisíveis da vida da Srta. Swann, da noite vindoura, tal como seria, após o jantar, em casa dela; formando, passageiro celeste, em meio à crianças e criadas, uma nuvenzinha de preciosa cor, semelhante àquela que, abaulada acima de um belo jardim de Poussin, reflete minuciosamente como uma nuvem de ópera, cheia de carros e cavalos, alguma aparição da vida dos deuses; lançando, enfim, sobre aquela erva desgastada, no local em que se achava, ao mesmo tempo, uma porção do relvado murcho e um momento da tarde da ruiva jogadora de peteca (que não parou de jogar até que a governanta de pluma azul no chapéu a chamasse), uma pequena faixa maravilhosa cor de girassol, impalpável como um reflexo e superposta num tapete, sobre o qual não me cansava de andar nos meus passos, demoravam nostálgicos e profanadores, enquanto Françoise me gritava:

"Vamos, abotoe seu paletó e corramos" e eu reparava pela primeira vez, com irritação, que empregava uma linguagem vulgar e infelizmente não tinha pluma azul no chapéu. Voltaria ela sozinha aos Champs-Elysées? No dia seguinte ela estaria, mas vi-a ali nos dias seguintes; perambulava o tempo todo, próximo do local em ela brincava com as amigas, de sorte que de uma vez em que elas não eram em número suficiente para a sua partida de barras, ela mandou perguntar

se queria completar sua equipe; e daí em diante joguei do seu lado todas as vezes em vinha. Mas não era todos os dias; às vezes, ela ficava impedida de vir das aulas, o catecismo, um lanche, toda aquela vida separada da minha, que por vezes condensada no nome de Gilberte, eu sentira passar tão dolorosamente a mim, na ladeira de Combray e no relvado dos Champs-Elysées. Nesses dias que anunciavam antecipadamente que não a veriam; se era por causa dos estudo:

"É chato; não vou poder vir amanhã; você vai ter de brincar sozinho" com um desgosto que me consolava um pouco; mas em compensação, quando era dada para uma matinê, e que, sem o saber, eu lhe perguntava se voltaria partir ela respondia:

"Espero que não! Espero que mamãe me deixe ir à casa de uma amiga."

Pelo menos, naqueles dias eu sabia que não a veria, ao passo que às vezes era inesperadamente que sua mãe a levava para dar passeios com ela. No dia seguinte Gilberte dizia: "Ah, sim; saí com mamãe" como uma coisa natural que não representasse para alguém a maior desgraça possível. Também havia de mau tempo, em que sua governanta, que tinha medo da chuva, não queria levá-la ao jardim dos Champs-Élysees.

Portanto, se o céu era nublado, eu não cessava de perscruta-lo de manhã e levava em consideração todos os presságios. Se visse a senhora que morava em frente, pôr o chapéu junto à janela, dizia comigo:

"Esta senhora portanto, está fazendo um tempo em que se pode sair: por que GiIberte não sai como esta senhora?" Mas o tempo se arruinava, minha mãe dizia que podia melhorar, que para tanto bastava um raio de sol, mas que provavelmente ver; e, se chovesse, para que ir aos Champs-Elysées? Assim, desde o almoço, os olhares ansiosos já não deixavam o céu incerto e nublado. Continuava diante da janela, a varanda estava cinzenta.

De repente, sobre sua pedra eu não via uma só cor menos fosca, mas sentia como que um esforço numa cor menos embaciada, a pulsação de um raio hesitante que desejava sua luz. Um instante após, a varanda estava pálida e espelhante como um matinal, e mil reflexos dos ferros de sua treliça vinham pousar ali. Um vento os dispersava, a pedra se ensombrecia de novo, mas, como que pelos reflexos, voltavam; ela recomeçava imperceptivelmente a lembrar por um desses crescendos contínuos como os que, em música, no final da abertura, levam uma só nota até o fortíssimo supremo, fazendo-a passar na mente por todos os graus intermediários, eu a via atingir aquele ouro fixo dos dias lindos, sobre o qual a sombra recortada do corrimão trabalhava. Destacava-se em negro feito uma vegetação caprichosa, com uma idade no delineamento dos menores detalhes que parecia trair uma consciência aplicada, um prazer de artista, e com tal relevo, tal veludo no repouso de suas massas sombrias e venturosas que na

verdade tais reflexos largos e folhosos que repousavam sobre esse lago de sol pareciam saber que eram testemunhos de calma e felicidade.

Hera instantânea, flora paritária e fugitiva! A mais incolor, a mais triste, ao sabor de muitas, daquelas que podem trepar pelos muros ou decorar a janela; para mim, de todas a mais cara desde o dia em que aparecera na nossa varanda, como a própria sombra da presença de Gilberte, que talvez já estivesse nos Champs-Elysées jogando e assim que eu chegasse me diria: "Comecemos logo a jogar as barras, você está do meu lado"; frágil, levada por um sopro, mas também em relação não com a estação e sim com a hora; promessa de felicidade imediata que o decorrer do dia recusa ou haverá de cumprir, e além da felicidade imediata por excelência, a felicidade do amor; mais doce, mais quente sobre a pedra do que o próprio musgo; vivaz, à qual basta um raio para nascer e fazer brotar a alegria, até no auge do inverno.

E mesmo nesses dias em que todo tipo diverso de vegetação desapareceu, em que o belo couro verde que envolve o tronco das velhas árvores está oculto sob a neve, quando esta deixava de cair, mas o tempo permanecia por demais fechado para que eu pudesse esperar que Gilberte saísse, então de súbito, fazendo minha mãe dizer:

"Ora, aí está justamente fazendo bom tempo. Você poderia talvez tentar ir aos Champs-Elysées", sobre o manto de neve que cobria a varanda, o sol aparecido entrelaçava fios de ouro e bordava reflexos negros. Nesse dia não encontramos ninguém ou sequer uma só menina que, prestes a ir embora, me assegurasse que Gilberte não viria.

As cadeiras, desertas, tinham sido abandonadas pela assembléia majestosa, mas friorenta, das governantas. Unicamente, perto do relvado, estava sentada uma senhora de certa idade, que vinha com qualquer tempo, sempre adornada de uma *toalete* igual, magnífica e sombria; e para travar conhecimento com ela eu teria, naquela época, sacrificado, se o intercâmbio me fosse permitido, todas as grandes vantagens futuras da minha vida. Pois Gilberte ia todos os dias cumprimenta-la; e a senhora lhe pedia notícias de "seu amor de mãe"; e parecia-me que se a conhecesse, ficaria sendo para Gilberte alguém muito diferente, alguém que conhecia as relações de seus pais. Enquanto seus netinhos brincavam um pouco longe, ela estava lendo sempre os *Débats* a que denominava "*meus velhos Debates*" e, por presunção aristocrática, dizia ao falar do agente da polícia ou da locadora de cadeiras:

"Meu velho amigo o agente de polícia", "a locadora de cadeiras e eu que somos velhas amigas."

Françoise estava com frio demais para ficar imóvel, e fomos até a ponte da orde ver o Sena congelado, do qual todos e até as crianças se aproximavam cedo,

como de uma imensa baleia encalhada, indefesa, e que iriam esquartejar.

Voltávamos aos Champs-Elysées; eu desfalecia de dor entre os cavalos de imóveis e o relvado branco, gelado na rede negra das aléias, cuja neve forte sobre o qual a estátua tinha na mão um acréscimo de gelo que parecia explodir de seu gesto. A própria velha senhora, tendo dobrado os seus *Débats*, perguntou a hora a uma criada com crianças que passava no momento, a quem agradou dizendo:

"Como você é gentil!"; depois, pedindo ao zelador que dissesse aos que voltassem, pois sentia frio, acrescentou: "É uma grande bondade sua, tão confusa!" De repente, o ar se dilacerou: entre os fantoches e o circo, noite embelezada, sobre o céu entreaberto, acabava de perceber, como um sinal liso, a pluma azul da governanta. E Gilberte já corria a toda pressa na minha cintilante e rubra debaixo de um barrete tracebearr zenbr

todas chegaram, negras sobre a neve. Começamos e como aquele dia, tão tristemente principiado, devesse acabar em alegria eu me aproximava, antes de jogar as barras, da amiga de voz breve a quem ouvira no primeiro dia gritar o nome de Gilberte, ela me disse:

"Não, não, a gente sabe muito bem que você gosta mais de ficar na equipe de Gilberte; aliás, olhe, ela está acenando."

De fato, Gilberte me chamava para que eu fosse, pelo relvado de neve, jogar no seu campo que o sol, dando-lhe reflexos róseos e o desgaste metálico dos brocados antigos, transformava num lençol de ouro. Esse dia, que eu tanto temera, foi ao contrário um dos únicos em que não me senti muito infeliz. Pois para mim, que só pensava em nunca mais ficar um dia sem ver Gilberte; (a tal ponto que uma vez, não tendo minha avó regressado à hora do jantar, não pude evitar logo dizer comigo que se ela tivesse sido esmagada por um carro, eu passaria algum tempo sem ir aos Champs-Elysées; não se ama a ninguém mais quando se ama), no entanto, aqueles momentos em que estava junto dela e que desde a véspera esperara com tanta impaciência, pelos quais havia estremecido, aos quais teria sacrificado tudo o mais, não eram de forma alguma felizes; e eu bem o sabia, pois eram os únicos momentos da minha vida nos quais eu concentrava uma atenção meticulosa, encarniçada, e ela não me descobria neles um átomo de prazer.

O tempo inteiro em que eu estava longe de Gilberte, sentia necessidade de vê-la, pois, procurando sem cessar representar-me a sua imagem, acabava por não consegui-lo, e sem saber exatamente a que correspondia o meu amor. Depois, ela ainda não me dissera que me amava. Muito pelo contrário, com freqüência afirmara ter amigos que preferia a mim, que eu era um bom companheiro com quem jogava de bom grado, embora distraído demais, desatento ao jogo; enfim, dera-me várias vezes sinais aparentes de frieza que poderiam ter abalado a minha crença de que eu era, para ela, um ser diferente dos outros, se essa crença se originasse de um amor que Gilberte tivesse por mim e não, como ocorria, do amor que eu lhe tinha, o que aliás a tornava resistente, visto que isso a fazia depender da própria forma como eu era obrigado, por uma necessidade interior, a pensar em Gilberte. Porém os sentimentos que nutria por ela, eu mesmo ainda não os havia externado. Certo, em todas as páginas do meu caderno eu escrevia indefinidamente o seu nome e seu endereço, mas à vista das vagas linhas que traçava sem que por isso ela pensasse em mim, que a faziam assumir ao meu redor tanto espaço aparente sem que se mesclasse mais à minha vida; eu me sentia desencorajado, pois tais linhas não me falavam de Gilberte, que nem sequer as via, mas de meu próprio desejo, que elas pareciam mostrar como algo puramente pessoal, irreal, tedioso e impotente. O mais urgente era que nos víssemos, Gilberte e eu, e que pudéssemos confessar mutuamente o nosso amor,

que até então, por assim dizer, não teria começado. Alguma dúvida teria, as diversas razões que me faziam tão impaciente por vê-la, teriam sido imperiosas para um homem maduro. Mais tarde, ocorre que, mais hábeis no cultivo de nossos prazeres, contentamo-nos com aquele sentimento de numa mulher, como eu pensava em Gilberte, sem nos inquietarmos, essa imagem corresponde à realidade, e também com o de amá-la, sem ter necessidade de estarmos certos de que ela nos ama; ou ainda, que renunciemos de lhe confessar nossa inclinação por ela, a fim de manter mais viva a imagem que ela tem por nós, imitando esses jardineiros japoneses que, para obter mais a bonita, sacrificam-lhe várias outras. Mas, na época em que eu amava Gilberte, eu ainda acreditava que o Amor existia realmente fora de nós; quando por muito que afastemos os obstáculos, ofertava suas venturas; imaginar que não se seria livre para mudar; parecia-me que, se tivesse por mim, substituído a doçura da confissão pelo simulacro de indiferença, não seria privado de uma das alegrias com que mais sonhara, mas também com a minha maneira, um amor falso e sem valor, sem comunhão com os caminhos misteriosos e preexistentes teria renunciado a seguir.

Mas, quando chegava aos Champs-Elysées e que de imediato ia confrontar meu amor, para lhe fazer sofrer as retificações necessárias, uma causa viva, independente de mim -, desde que estava na presença daquele Swann, com cuja vista eu contava para refrescar as imagens que minha mente cansada já não encontrava, daquela Gilberte- e Swann com quem jogara ontem um instinto cego, acabava de me fazer saudar e reconhecer, como o que ganhar, nos põe um pé diante do outro antes de termos tempo de pensar nisso tudo, se passava como se ela e a menina que era o objeto de meus sonhos fossem duas pessoas diferentes. Por exemplo, se desde a véspera eu levasse os dois olhos de fogo nas faces cheias e brilhantes, o rosto de Gilberte me aparece agora, com insistência, algo de que não me lembrava com exatidão, afinamento agudo do nariz que, associando-se instantaneamente com tais, assumia a importância desses caracteres que, na história natural de uma espécie, e a transmutavam numa garota do gênero das de nariz diferentes, enquanto eu me preparava para desfrutar daquele instante desejado para imaginar, sobre a imagem de Gilberte que havia preparado antes de vir e que não estava mais em minha cabeça, ao ajustamento que me permitiria, nas longas noites em que estava sozinho, estar seguro de que era bem dela que me lembrava, exatamente o meu amor por ela que aumentava aos poucos, como uma obra se compõe, ela me passava uma bola; e como o filósofo idealista, cujo corpo encontra o mundo exterior e em cuja realidade sua inteligência não crê, assim a saudara antes de a ter identificado, apressava-me a agarrar a bola que estendia (como se ela fosse uma companheira com quem fora jogar, e na alma irmã a quem viera me juntar), obrigava-me a dizer, por conveniência, amáveis e insignificantes que assim me impediam, ou de manter silêncio, o qual teria podido enfim, repor a mão na

imagem urgente e extraviada, eram palavras que poderiam dar ao nosso amor os progressos decisivos, e que me via, de cada vez, obrigado a adiar para a tarde seguinte. Entretanto, havia algum progresso.

Um dia fomos com Gilberte até a tenda da nossa vendedora, que era particularmente amável conosco; pois, era em sua loja que o Sr. Swann mandava comprar sua broa de mel e, por estar fazendo regime, consumia muitas delas, porque sofria de um eczema racial e da prisão de ventre dos profetas. Gilberte me apontou rindo dois menininhos que eram como o pequeno colorista e o pequeno naturalista dos livros infantis. Pois, um não queria o pirulito vermelho porque preferia o roxo, e o outro, com lágrimas nos olhos, recusava uma ameixa que a criada queria comprar porque, acabou por dizer com voz apaixonada:

"Gosto mais da outra porque tem bicho!"

Comprei duas bolinhas de um tostão. Olhava com admiração, luminosas e cativas numa vasilha isolada, as bolinhas de ágata que me pareciam preciosas por serem risonhas e ruivas como as moças e porque custavam cinqüenta cêntimos cada. Gilberte, a quem davam muito mais dinheiro que a mim, perguntou-me qual eu achava mais bonita. Tinham a transparência e o esbatido da vida. Eu não queria fazer com que ela sacrificasse qualquer uma. Gostaria que pudesse comprar, liberar todas. Entretanto, designei-lhe uma da cor de seus olhos. Gilberte pegou-a, procurou seu raio dourado, acariciou-a, pagou-lhe o preço exigido, mas logo me deu sua cativa dizendo:

"Tome, é sua. Dou-lhe, guarde-a como lembrança."

Outra vez, sempre preocupado pelo desejo de ouvir a Berma numa peça clássica, perguntara-lhe se não possuía uma brochura em que Bergotte falava de Racine, e que já estava esgotada. Ela me pedira que lhe lembrasse o título exato, e à noite lhe passei um telegrama breve escrevendo no envelope este nome de Gilberte, que tantas vezes traçara nos meus cadernos. No dia seguinte ela me trouxe, num pacote atado com uma fitinha de seda malva e com lacre branco, a brochura que mandara procurar.

"Veja se é exatamente o que me pediu", disse ela, tirando do regalo o telegrama que lhe enviara. Mas no endereço daquele pneumático, que ainda ontem não era nada, não passava de um bilhete que lhe escrevera, e que desde que um telegrafista o remetera ao porteiro de Gilberte e um criado o levara até o quarto dela, se transformara naquela coisa sem preço, um dos bilhetinhos que ela havia recebido naquele dia, mal pude reconhecer as linhas inúteis e solitárias da minha escrita sob os círculos impressos que o correio apusera, debaixo das inscrições a lápis que lhe acrescentara um dos carteiros, sinais de realização efetiva, ambos do mundo exterior, cintas roxas simbólicas da vida, que pela primeira vez puderam abraçar, manter, reanimar, alegrar o meu sonho.

E também houve um dia em que ela me disse:

"Sabe, você me chamar de Gilberte, e de qualquer modo, vou chamá-lo pelo seu nome. É mais cômodo."

Entretanto, contentou-se por algum tempo em me chamar de "você", e como eu a advertisse ela sorriu e, compondo, construindo como as que nas gramáticas estrangeiras não têm outro objetivo do que fazerem empregar um novo termo, ela a terminou com meu prenome. Lembrando-me do que sentira então, extraí do episódio a impressão de ter, por um instante, em sua boca, eu próprio, nu, sem quaisquer das modas sociais que também pertenciam, ou a suas outras companheiras, ou, que dizia meu nome de família, a meus pais, e de que seus lábios no esforço um tanto como seu pai, para articular as palavras que desejava sublinhar despojar-me, desnudar-me, como de sua casca uma fruta da qual só se pode polir a polpa, ao passo que seu olhar, colocando-se no mesmo grau novo de suas palavras, me atingia mais diretamente, não sem testemunhar a ciência, o prazer e até a gratidão que nele havia, fazendo-se acompanhar o sorriso.

Mas no próprio momento, eu não podia apreciar o valor desses novos. Eles não eram ofertados pela menina que eu amava, ao eu que a amava - pela outra, por aquela com quem eu jogava, àquele outro eu, que não passa de recordação da verdadeira GiIberte, nem o coração indisponível que seria poder saber o preço de uma felicidade, pois era o único a tê-la desejado. Depois de ter voltado para casa, não cheguei a desfrutá-los, pois, todos partiam da necessidade que me fazia esperar, que no dia seguinte, eu teria a conta exata, calma e feliz de Gilberte, e ela enfim me confessaria o seu amor, e por que motivo ocultara até agora, essa mesma necessidade me forçava ir ao passado por nada, a só olhar à minha frente, a considerar as pequenas vezes que me dera não em si mesmas e como se bastassem, e sim como defira para pôr os pés, e que iam me permitir dar um passo além e atingir afinal a felicidade que eu ainda não encontrara.

Se às vezes ela me dava essas marcas de amizade, magoava-me aparentando não sentir nenhum prazer em me ver, e isso ocorria nos próprios dias em que eu mais contava em realizar as minhas esperança; certo de que Gilberte viria aos Champs-Elysées e sentia uma alegria, impressão de ser apenas a vaga antecipação de uma grande felicidade, tendo entrado de manhã cedo no salão para beijar mamãe, que já estava para sair, o coque dos cabelos negros inteiramente acabado, e suas belas mãos gordinhas, ainda cheirando a sabonete - fiquei sabendo, ao ver uma poeira erguida acima do piano, e ao ouvir um realejo tocando debaixo voltando da parada, que o inverno recebia até a noite a visita inesperada e um dia de primavera. Enquanto almoçávamos, abrindo sua janela, alguém em frente afugentara num piscar de olhos, defunto da minha cadeira-riscando - num único salto, toda a extensão da nossa sala de jantar-, um raio de sol que ali começara a sua sesta e em seguida voltava para continuá-la. No

colégio, na aula de uma hora, o sol me fazia entorpecer de impaciência e tédio, deixando passar um clarão dourado até a minha carteira, como um convite à festa aonde eu não podia chegar antes das três da tarde, até o momento em que Françoise fosse me buscar à saída, e de onde nos encaminhávamos para os Champs-Elysées pelas ruas decoradas de luz, atulhadas pela multidão, e onde as varandas, escancaradas devido ao sol, e vaporosas, flutuavam diante das casas como nuvens de ouro. Ai de mim! Gilberte não se achava nos Champs-Elysées, ainda não tinha chegado. Imóvel no relvado nutrido pelo sol invisível que aqui e ali fazia flamejar a ponta de uma relva, e sobre o qual os pombos que ali haviam pousado pareciam antigas esculturas que o enxadão de um jardineiro trouxesse à superfície de um sol augusto, permaneci com os olhos fixos no horizonte, esperando a todo instante ver surgir a imagem de Gilberte seguindo sua governanta, por detrás da estátua que parecia oferecer a criança, que carregava e que escorria luz, à bênção do sol. A velha leitora dos *Débats* estava sentada em sua poltrona, sempre no mesmo lugar, interpelava um guarda a quem fazia um gesto amistoso com a mão, exclamando:

"Que dia lindo!"

E tendo vindo a encarregada das cadeiras efetuar a cobrança da poltrona, ela fazia mil dengos ao meter na abertura da luva o talão de dez cêntimos, como se se tratasse de um buquê, para o qual procurava, por amabilidade com o doador, o lugar mais lisonjeiro possível. E, depois de o encontrar, imprimia ao pescoço uma evolução circular, endireitava o boá e lançava à mulher das cadeiras, mostrando a ponta do papel amarelo que ultrapassava o seu punho, o belo sorriso com que uma mulher, indicando seu colo a um rapaz, lhe diz:

"Não está reconhecendo suas rosas?"

Eu levava Françoise ao encontro de Gilberte até o Arco do Triunfo, não a encontrávamos lá, e voltava para o relvado; convencido de que ela não viria mais, quando, diante dos cavalinhos de madeira, a menina de voz breve corria para mim:

"Depressa, venha depressa, já faz quinze minutos que Gilberte chegou. E vai voltar logo. A gente está esperando você para uma partida de barras."

Enquanto eu subia a avenida dos Champs-Elysées, Gilberte viera pela rua Boissy-d'Anglas, já que sua governanta decidira aproveitar o bom tempo para dar umas voltas; e o Sr. Swann tinha vindo buscar a filha. Portanto, era culpa minha; eu não devia ter me afastado do campo de relva; pois, nunca se sabia com certeza de que lado Gilberte viria, se migaria mais cedo ou mais tarde, e aquela espera acabava por me tornar mais emocionantes não só os Champs-Elysées inteiros e toda a duração da tarde, como uma imensa extensão de espaço e tempo sobre cada um desses pontos e cada um desses momentos em que seria

possível que surgisse a imagem de Gilberte, e essa mesma imagem, porque detrás dela eu sentia ocultar-se o motivo pelo qual fora ela arremessada em pleno coração, às quatro horas da tarde em vez de o ser às duas e meia, sob um chapéu de visitas em vez de um barrete para diante dos "Embaixadores" e não entre os dois teatrinhos de fantoches, e via uma dessas ocupações em que não podia segui-la e que a forçavam ficar em casa; e estava em contato com o mistério de sua vida ignorada, também esse mistério que me perturbava quando, correndo sob o comando da voz breve para começar imediatamente a nossa partida de barras, e Gilberte, tão viva e rude conosco, fazendo uma reverência à senhora dos que lhe dizia:

"Que belo sol, parece fogo" - falando-lhe com um sorriso tímido de ar afetado, que me fazia lembrar a menininha diferente que ela devia ser, dos pais, nas visitas, em toda a sua outra existência que me fugia. Pela existência ninguém me dava tanta impressão como o Sr. Swann, que vi pouco depois para buscar a filha. E que ele e a Sra. Swann porque a filha morava na casa dos pais, porque seus estudos, seus jogos, suas amizades, eles assumiam para mim, como Gilberte, talvez mais que Gilberte convinha à deuses todo-poderosos dos quais ela se originara, um mistério irresistível, um encanto doloroso. Tudo o que lhes dizia respeito era, de mini objeto de uma preocupação tão constante como nos dias em que, como: Sr. Swann (que eu vira tantas vezes outrora sem que excitasse a minha curiosidade, quando ele se relacionava com meus pais) vinha buscar Gilberte nos Elysées, uma vez serenadas as batidas do coração que em mim excitava a arrumação do seu chapéu cinzento e da sua capa de *pelerine*, seu aspecto me vinha ainda como o de uma personagem histórica sobre quem acabamos de ler uma série de obras e cujas menores particularidades nos apaixonam. As histórias do conde de Paris que, quando nelas ouvira falar em Combray, me deixara indiferente, assumiam agora algo de maravilhoso para mim, como se ninguém conhecesse os Orléans; faziam-no destacar-se vivamente sobre o fundo de transeuntes de diversas classes que enchiam aquela alameda dos Champs em meio aos quais eu me admirava que ele consentisse figurar sem deixar olhares especiais, que aliás ninguém pensava em lhe dar, tamanho era o mito em que se envolvia.

Respondia polidamente aos cumprimentos das companheiras e até ao meu, embora estivesse de relações cortadas com minha família, dar impressão de me conhecer. (Aquilo me recordou que, todavia, ele muitas vezes no campo; lembrança, porém, que eu conservara na sombra desde que voltara a ver Gilberte, Swann era para mim sobretudo, o Swann de Combray; como as idéias nas quais agora eu reunia o eram diversas daquelas em cuja trama ele estivera compreendido outrora, nunca utilizava quando tinha de pensar nele, Swann se tornara um novo personagem; entretanto, eu o ligava ao nosso convidado de antes

por uma linha transversal e secundária; e como nada para mim tinha valor senão na imaginação. Como se meu amor pudesse daí tirar proveito, foi com um movimento de vergonha e tentando não poder apagá-los, que reencontrei os anos em que, aos olhos deste mesmo Swann, que naquele momento estava diante de mim nos Champs-Elysées e a quem Gilberte felizmente não pudera talvez ter dito meu nome, eu me tornara muitas vezes ridículo à noite, ao mandar pedir a mamãe que subisse para o meu quarto a fim de me dar boa-noite, enquanto ela tomava café em sua companhia, com meu pai e meus avós na mesinha do jardim. Ele estava dizendo a Gilberte que a deixava jogar uma partida, pois podia esperar um quarto de hora e, sentando-se como todos numa cadeira de ferro, pagava o *ticket* com a mesma mão que Filipe VII detivera tantas vezes nas suas, enquanto nós começávamos a jogar no relvado, fazendo revoar os pombos cujos belos corpos irisados, que têm forma de coração e são como os lilases do reino dos pássaros, vinham se refugiar, como em asilos, este sobre o grande vaso de pedra a que ele, mergulhando ali o seu bico, dava o aspecto e a destinação de oferecer com abundância os frutos ou os grãos que parecia estar comendo ali; este outro, sobre a cabeça da estátua, que ele dava a impressão de coroar com um desses objetos de esmalte, cuja policromia faz variar, em certas obras antigas, a monotonia da pedra, e com um atributo, que, quando a deusa o traz consigo, lhe vale um epíteto particular e, de fato, como para um mortal um prenome diferente, uma nova divindade.

Num daqueles dias de sol, em que não se realizaram as minhas esperanças, não tive coragem de ocultar minha decepção a Gilberte.

-Eu tinha exatamente muitas coisas a lhe perguntar - disse.- Achava que este dia contaria muito na nossa amizade. E você logo que chegou já vai embora! Trate de vir amanhã bem cedo, para que enfim eu possa lhe falar.

Sua fisionomia resplandeceu e foi pulando de alegria que ela me respondeu:

-Amanhã? Espere sentado, meu amiguinho, porque não virei! Tenho um belo de um lanche. Depois de amanhã, também não; vou à casa de uma amiga para assistir da janela a chegada do rei Teodósio; será magnífico, e no outro dia vou ao Miguel Strogof e depois estamos perto do Natal e das férias de fim de ano. Talvez me levem para o Sul. Será chique! Embora vá me faltar uma árvore de Natal; em todo caso, se ficar em Paris, não voltarei aqui, pois vou fazer visitas com mamãe. Meu papai está me chamando.

Voltei com Françoise pelas ruas que ainda estavam ornamentadas de sol, como na noite de uma festa que terminou. Mal me arrastava nas pernas.

- Não é de espantar disse Françoise -, não é tempo da ação, faz calor. Ai, meu Deus, por toda parte deve haver pobres doentes; é de crer que lá em ido também está desarranjado.

Eu me repetia, sufocando os soluços, as palavras com que Gilberte deixara a sua alegria de não voltar por muito tempo aos Chames-Elysées. Porém o encanto de que se enchia o meu espírito, pelo seu mero funcionamento, eu pensava nela, a posição particular, única, ainda que aflitiva, em que a mente me colocava em relação a Gilberte, a contração interna de uma prega tinham começado a acrescentar, mesmo àquele sinal de indiferença, algo nesco, e em meio às lágrimas se formava um sorriso que nada mais tímido esboço de um beijo. Quando chegou a hora do correio, disse numa noite, como em todas as outras:

Gilberte, antes mesmo de a ter visto, agora era principalmente Gilberte que o amava. Com tanto prazer como as páginas que ele escrevera sobre *gemine*, eu olhava o papel selado com grandes sinetes de lacre branco e atado, com enormidade de fitas malvas, nas quais ela as enviara. Beijava a bolinha de ágata que era a melhor parte do coração da minha amiga, a parte que não era frívola e sim fiel, e conquanto ornada pelo encanto misterioso da vida de Gilberte, permanecia junto a mim, habitava meu quarto, dormia em minha cama. Mas a beleza dessa bolinha, como também a daquelas páginas de Bergotte, que eu me sentia tão feliz em associar à idéia do meu amor por Gilberte, como se, nos momentos em que esse amor não me parecia ser coisa nenhuma elas lhe conferissem uma espécie de consistência, eu percebia que eram anteriores a esse amor, que não se pareciam com ele, que seus elementos tinham sido fixados pelo talento ou pelas leis mineralógicas antes que Gilberte me conhecesse; que nada no livro, nem na pedrinha seria diverso, caso Gilberte não me houvesse amado e que nada, em conseqüência, me autorizava a ler neles uma mensagem de felicidade.

E enquanto meu amor, esperando incessantemente no dia de amanhã a confissão do amor de Gilberte, anulava, desfazia todas as noites o trabalho malfeito do dia, nas sombras de mim mesmo, uma operária desconhecida não deixava de lado os fios arrancados, dispondo-os, sem se preocupar em me agradar e trabalhar pela minha felicidade, em uma ordem diversa que ela dava a todas as suas obras. Não tendo nenhum interesse especial pelo meu amor, não principiando por decidir que eu era amado, ela recolhia as ações de Gilberte que me haviam parecido inexplicáveis e suas faltas que eu desculpara. Então, umas e outras adquiriam um sentido. Esta nova ordem parecia dizer que, ao ver Gilberte ir à matinê ou fazer compras com a governanta, em vez de ir aos Champs-Elysées, e preparar-se para uma ausência durante as férias de fim de ano, eu fazia mal em pensar:

"É que ela é frívola ou dócil."

Pois ela teria deixado de ser uma coisa ou outra, caso me amasse; e se fosse forçada a obedecer, seria com o mesmo desespero que eu passaria os dias em que não a via. Dizia ainda, essa nova ordem, que no entanto, eu devia saber o que era amar, visto que amava Gilberte; ela me fazia notar a permanente preocupação que eu tinha em me fazer valer a seus olhos, devido a que tentava convencer minha mãe a comprar uma bota de borracha e um chapéu de pluma azul para Françoise, ou melhor, a não me mandar mais para os Champs-Elysées com essa criada que me envergonhava (ao que minha mãe respondia que eu era injusto com Françoise, que ela era uma boa mulher, muito devotada a todos nós), e também aquela necessidade única de ver Gilberte que fazia com que, com meses de antecipação, eu só pensasse em saber que época ela deixaria Paris e aonde iria, achando um exílio a região mais confiável, caso ela não devesse ali

estar, e só desejando ficar sempre em Paris junto dela. Pudesse ir ao Champs-Elysées; e não tinha dificuldade em ver que tal preocupação, como aquela necessidade, eu não encontraria em Gilberte.

Ela, ao contrário, gostava da governanta, sem se preocupar com o que eu pensasse a respeito. Achava natural não ir aos Champs, fosse para fazer compras com ela, agradável faltar se fosse para sair com ela, supondo que ela me permitisse ir passar as férias no mesmo local em que ao menos na escolha desse local influiria o desejo dos pais, mil divertimentos que lhe haviam falado e de forma alguma que se tratasse daquele ao qual a família tivesse a intenção de me enviar. Quando às vezes ela me assegurou menos que a um de seus amigos, menos do que gostava de mim, porque a fizera perder a partida devido a uma negligência, eu perguntava-lhe o que era preciso fazer para que voltasse a me preferir, para que gostasse de mim mais que aos outros; queria que me dissesse que já é certo, suplicava-lhe como se ela pudesse modificar à vontade sua afeição ou a minha, só para me dar prazer, apenas pelas palavras que ela diria; minha boa ou má conduta. Não sabia eu então que o que sentia por ela não mudaria, nem de seus atos, nem de minha vontade?

Essa ordem nova, delineada pela operária invisível, dizia enfim que podemos desejar que as ações de uma pessoa que nos desgostaram até a tenham sido sinceras, há na sua seqüência uma clareza contra a qual nosso nada pode e à qual, mais do que ao desejo, devemos indagar quais serão a ações de amanhã.

Essas novas palavras, meu amor as ouvia; elas convenciam-me de que no dia seguinte não seria diverso do que haviam sido todos os outros; que o sentimento de Gilberte por mim, bastante velho para poder mudar, era de indiferença minha amizade com Gilberte, era eu apenas quem amava. "É verdade", respondera meu amor, "não há mais nada a fazer com essa amizade, ela não vai mudar desde o dia seguinte (ou esperando uma festa, caso houvesse uma prima que fizesse aniversário, talvez o dia de Ano-Novo, um desses dias que não são iguais aos outros, em que o tempo recomeça em novas bases, rejeitando a herança toda, não aceitando o legado de suas tristezas), eu pedia a GiIberte que renunciasse à nossa amizade antiga e lançasse os fundamentos de uma nova amizade.

Sempre trazia à mão um mapa de Paris que, porque ali podia-se dizer se a rua em que moravam o Sr. e a Sra. Swann, me parecia conter um tesouro de prazer, por uma espécie de fidelidade cavalheiresca igualmente, a provar qualquer coisa dizia o nome dessa rua, se bem que meu pai me perguntava estando como minha mãe e minha avó ao corrente do meu amor:

- Mas por que você fala sempre dessa rua? Ela nada tem de extra é muito agradável para se morar porque está a dois passos do Bois, por ter outras no

mesmo caso.

Sob qualquer pretexto, arrumava um jeito de fazer com que pronunciassem o nome de Swann; certamente eu o repetia para mim mesmo sem cessar; porém também tinha necessidade de ouvir sua sonoridade deliciar-me; fazer-me tocar essa música cuja leitura muda não me bastava. Aliás; o Swann, que eu conhecia há tanto tempo, era agora para mim, bem como ocorre com certas pessoas bifásicas em relações às palavras mais comuns, um nome que estava presente sempre em meu pensamento, que no entanto não podia habituar-se a ele. Eu o decompunha, soletrava-o, sua ortografia era uma surpresa para mim. E, ao mesmo tempo que era familiar, deixara de me parecer inocente. As alegrias que sentia ao ouvi-lo, julgava-as tão culposas que me parecia que adivinhariam meu pensamento e que mudariam de conversa se tentasse leva-lo para tal nome. Restringia-me aos assuntos que ainda diziam respeito a Gilberte, repisava sem fim as mesmas palavras, e por mais que soubesse que não passavam de palavras-palavras pronunciadas longe dela, que ela não ouvia, palavras sem virtude que repetiam aquilo que era, mas sem poder modificá-lo; parecia-me, no entanto, que à força de remexer e manusear assim tudo o que se avizinhava de Gilberte faria talvez sair dali alguma coisa feliz.

Repetia a meus pais que Gilberte gostava muito da sua governanta, como se tal frase, enunciada pela centésima vez, tivesse por fim, como conseqüência, fazer entrar Gilberte bruscamente para viver para sempre conosco. Eu retomava o elogio da velha senhora que lia os *Débats* (insinuara a meus pais que se tratava de uma embaixatriz ou talvez de uma alteza) e continuava a celebrar sua beleza, sua magnificência e sua nobreza, até o dia em que disse que, de acordo com o nome que Gilberte pronunciara, ela devia chamar-se Sra. Blatin.

- Oh, já sei de quem se trata! - gritou minha mãe enquanto eu me sentia avermelhar de vergonha. - Em guarda! Em guarda! Como teria dito o teu pobre avô. E é ela que tu achas bonita! Mas ela é horrorosa, sempre foi. É viúva de um chefe de portaria. Não te lembras, quando eras pequeno, das manobras que eu fazia para evita-la na aula de ginástica onde, sem me conhecer, ela queria falar comigo a pretexto de me dizer que eras "bonito demais para um menino"? Ela sempre teve mania de travar relações e é preciso que seja uma louca, como sempre achei, se de fato conhece a Sra. Swann. Pois se proveio de um ambiente bastante medíocre, pelo menos nunca houve nada que a desabonasse, que eu saiba. Mas ela sempre teve necessidade de travar

relações. É horrível, terrivelmente vulgar, e portanto causadora de embaraços.

Quanto a Swann, para tentar parecer-me com ele, eu passava o tempo; quando estava sentado à mesa, a puxar o nariz e esfregar os olhos. Meu pai dizia:

"Este menino é idiota, vai ficar horrível."

Eu queria principalmente ser tão como Swann. Ele me parecia uma criatura tão extraordinária, que achava maravilhoso que as pessoas que eu costumava freqüentar também o conhecessem; e que nos acasos de um dia qualquer a gente pudesse ser levado a encontrar uma vez, minha mãe, preparando-me para nos contar, como todas as noites ao dar voltas que dera durante a tarde, disse:

"A propósito, adivinhem quem foi que encontrei nos Trois Quartiers, na seção dos guarda-chuvas: Swann", fazendo desabrochar no meio da narrativa, bem árida para mim, uma flor misteriosa, volúpia melancólica, saber que naquela tarde, desfilando na rua a sua flor natural, Swann havia comprado um guarda-chuva. Em meio aos acontecimentos grandes e mínimos, igualmente indiferentes, esse despertava em mim as especiais de que perpetuamente se sentia comovido o meu amor por Gilberte. O pai dizia que não me interessava por nada porque não o escutava quando, das conseqüências políticas que podia acarretar a visita do rei Teodósi. No momento hóspede da França e, segundo se dizia, seu aliado. Mas, em compensação, quanta vontade sentia de saber se Swann usava a sua capa de pele.

- Disse-lhe bom dia? - perguntei.

-Naturalmente. - respondeu minha mãe, que sempre dava a recear que se confessasse que estávamos estremecidos com Swann, caso faltasse uma reconciliação além do que teria desejado, por causa da Sra. Swann, que ela não queria conhecer.

- Foi ele quem veio me cumprimentar, não o tio.

- Mas então não estavam brigados?

- Brigados? Mas por que motivo queres que estejamos brigados com ela. -Com vivacidade, como se eu tivesse descoberto a ficção de relações com Swann e tentasse uma "reaproximação".

- Ele poderia lhe querer mal por não ter sido mais convidado.

-A gente não pode convidar todo mundo; por acaso ele me convidou, não conheço a sua mulher.

- Mas ele vinha tanto quando estávamos em Combray.

- Muito bem, sim; ele vinha à nossa casa em Combray; em Paris ele tem mais o que fazer e eu também. Mas te asseguro que de modo algum, parecíamos duas pessoas brigadas. Ficamos juntos por um instante pediram para lhe entregar o seu embrulho. Pediu-me notícias tuas, e me disse que brincavas com a filha dele - acrescentou minha mãe, encantando-me com a oportunidade que eu existisse no espírito de Swann e, acima de tudo, de forma tal como quando eu estremecia de amor diante dele nos Champs-Elysées, soube o nome, quem era minha mãe, e pudesse consolidar em torno de minha vida, e fosse companheiro de sua filha; algumas informações sobre meus avós, lugar em que morávamos, certas

particularidades de nossa vida de antes, talvez até desconhecidas de mim. Porém minha mãe não parecia ter encanto especial naquela seção dos Trois Quartiers; onde representara no momento em que este a vira, uma pessoa definida com quem partilhou lembranças em comum que lhe haviam motivado o movimento de se aproximado com o gesto de cumprimentá-la. Aliás, nem ela, nem meu pai já pareciam, tampouco encontrou sobre os avós de Swann, sobre o título de corretor de câmbio a satisfação que ultrapassasse as demais. Minha imaginação isolara e conhecia a sociedade de Paris, uma certa família, como o fizera, na Paris de pedra, cuja porta de entrada esculpira, ornamentando-lhe as janelas. Tais ornamentos porém, eu era o único a vê-los. Assim como meus pais achavam a casa em que morava Swann semelhante às outras casas construídas na mesma ocasião no bairro do Bois, da mesma forma a família de Swann lhes parecia do mesmo tipo de muitas outras famílias de corretores de câmbio. Julgavam-na mais ou menos favoravelmente conforme o grau em que ela participara dos méritos comuns ao resto do mundo e não lhe achavam nada de especial. Ao contrário, o que nela apreciavam, encontravam em outra parte num mesmo nível, ou talvez em nível mais elevado. Assim, depois de ter achado a casa bem localizada, falavam de outra que o era melhor, mas que nada tinha a ver com Gilberte, ou de financistas de um grau superior ao de seu avô; e se, por um momento dessem a impressão de serem da mesma opinião que eu, era por um mal-entendido que não tardaria a se dissipar. É que, para perceber em tudo o que rodeava Gilberte uma qualidade desconhecida, análoga, no mundo das emoções, à que pode existir no das cores infravermelhas, meus pais eram destituídos daquele sentido suplementar e momentâneo que me conferira o amor.

Nos dias em que Gilberte me avisara que não iria aos Champs-Elysées, eu procurava dar passeios que me aproximassem um pouco dela. Às vezes eu levava Françoise em romaria até diante da casa em que moravam os Swann. Fazia-a repetir sem cessar o que ela soubera, pela governanta, acerca da Sra. Swann.

"Parece que ela tem muita confiança em medalhas. Nunca viajaria se ouvisse um pio de coruja, ou então um tique-taque de relógio na parede, ou se visse um gato à meia-noite, ou se estalasse um móvel. Ah, é uma pessoa muito crédula!"

Eu estava tão apaixonado por Gilberte que, se avistasse o seu velho mordomo passeando com um cão a emoção me obrigaria a parar, lançando às suíças brancas olhares cheios de paixão. Françoise indagava:

-Que é que você tem?

Depois, continuávamos o caminho até diante da porta de entrada, onde um porteiro diferente de todos e possuído até os galões da libré pelo mesmo encanto doloroso que eu sentira no nome de Gilberte, parecia saber que eu era aquele a

quem uma indignidade original interditava sempre o acesso à vida misteriosa que ele era encarregado de guardar e sobre a qual as janelas do sótão pareciam conscientes de estarem fechadas, assemelhando-se muito menos, na nobreza recaída de suas cortinas de musselina, a quaisquer outras janelas do que olhares de Gilberte.

De outras vezes, íamos pelas alamedas e eu me postava na entrada da rua Duphot; tinham me dito que ali se podia ver muitas vezes passar o Swann a caminho do dentista; e minha imaginação diferenciava de tal modo Swann do resto da humanidade, sua presença no meio do mundo real introduzia tantas maravilhas, que, antes mesmo de chegar à Madeleine, eu me sentia emocionado à idéia de me aproximar de uma rua onde poderia se dar aparição sobrenatural.

Porém, no mais das vezes quando não deveria ver Gilberte soubera que a Sra. Swann passeava quase todos os dias na alameda ao redor do grande lago, e na alameda da "Rainha Margarida", eu dirigia de Françoise para os lados do Bois de Boulogne. Para mim, era como jardins zoológicos, em que se vêem amontoadas flores diversas e paisagens se opõem; onde, após uma colina, encontra-se uma gruta, um prado, rocha regato, uma cova, uma colina, um pântano, mas onde a gente sabe que estão ali, para fornecer um ambiente apropriado ou um quadro pitoresco, compartimentos do hipopótamo, das zebras, dos crocodilos, dos coelhos ursos e da garça-real; ele, o Bois, também complexo, reunindo pequenos diferentes e fechados-fazendo suceder alguma fazenda cultivada de árvore de carvalhos da América, como um estabelecimento agrícola na Virgínia; a plantação de pinheiros à beira do lago, ou a um bosque de onde surge de no seu macio agasalho de peles, com os belos olhos de um animal, uma rápida-, era o Jardim das mulheres; e como a alameda das Mirtes plantada, para elas, de árvores de uma só essência, a alameda das Adá freqüentada pelas beldades célebres. Assim como, de longe, do alto por onde ela se lança na água, arrebata de alegria as crianças que sabem notar, bem antes de alcançar a alameda das Acácias, o aroma delas, irradiando ao redor, fazia sentir de longe a aproximação e a singularidade de uma branda individualidade vegetal; depois, quando me aproximava, avistava sua fronde leve e dengosa, de uma elegância natural, de um talhe faceiro delgada textura, sobre a qual centenas de flores se haviam abatido feito aladas e vibráteis de valiosos parasitas; enfim, até o seu nome feminino, suave, fazia-me bater o coração mas de um desejo mundano, como essas que só nos evocam o nome das belas convidadas que o porteiro anuncia à porta de um baile. Tinham-me dito que eu veria na alameda; determinadas elegantes que, embora nem todas fossem casadas, eram habitualmente ao lado da Sra. Swann, porém mais freqüentemente sob seu novo nome, quando houvesse um, não passava de uma espécie de indicação àqueles que queriam falar delas tomavam o cuidado de revelar para se compreender. Pensando que o

belo na ordem das elegâncias femininas; regido por leis ocultas, em cujo conhecimento elas tinham sido iniciadas - tinham o poder de realizá-lo, eu aceitava previamente, como uma revelação; um merecimento de seus vestidos, suas carruagens, de mil detalhes em cuja toda a minha crença, como uma alma interior, que desse à tal conjunto e móvel a coesão de uma obra-prima.

Mas era a Sra. Swann que eu esperava que passasse, emocionado como se se tratasse de Gilberte, enganados de seu encanto com tudo o que a rodeava, excitavam-me tanto amor infindo, e até uma perturbação mais dolorosa (pois seu ponto de contato como era aquela parte secreta de sua vida que me era a defesa), e por fim (pois soube em breve, como se verá, que eles não gostavam que eu brincasse com ela), aquele sentimento de veneração que sempre devotamos aos que exercem sem freios o poder de nos fazer mal.

Eu consignava o primeiro lugar à simplicidade, na ordem dos méritos estéticos e das grandezas mundanas, quando percebia a Sra. Swann a pé, numa polonesa de pano, tendo na cabeça um bonezinho ornado de uma asa de faisão-de-penacho, um buquê de violetas no corpinho, apressada, atravessando a alameda das Acácias, como se esta fosse apenas o caminho mais curto para voltar para casa, e respondendo com um piscar de olhos aos senhores de carro, que, reconhecendo de longe a sua silhueta, cumprimentavam-na, dizendo consigo que ninguém era tão chique.

Mas, em vez da simplicidade, era o luxo o que eu colocava no mais alto nível, se, depois de ter forçado Françoise, que não agüentava mais e dizia que as pernas "entravam para dentro", a caminhar cem passos durante uma hora, eu visse por fim, desembocando da alameda que começa na porta Dauphine imagem, para mim, de um prestígio real, de uma chegada de soberana, cuja impressão nenhuma rainha verdadeira pôde me dar depois, porque eu tinha de seu poder uma noção menos vaga e mais experimental-, transportada pela corrida de dois cavalos árdegos, delgados e de perfil pronunciado, como os que se vêem nos desenhos de Constantin Guys, e levando à boléia um enorme cocheiro, agasalhado como um cossaco, ao lado de um pequeno *groom* que lembrava o "tigre" do "*falecido Beaudenord*", visse - ou antes, sentisse imprimir-se sua forma em meu coração por uma nítida ferida extenuadora uma incomparável vitória, intencionalmente um pouco alta e deixando passar através do seu luxo de última moda as alusões às antigas formas, em cujo fundo repousava languidamente a Sra. Swann; os cabelos agora louros com uma única mecha grisalha, cingidos por uma fina grinalda de flores, na maioria das vezes violetas, de onde pendiam longos véus, uma sombrinha cor de malva na mão, nos lábios um sorriso ambíguo, onde eu só enxergava a benevolência de uma Majestade e onde havia sobretudo a provocação da cocote, e ela inclinava suavemente para as pessoas que a cumprimentavam. Aquele sorriso, na realidade, dizia a uns:

"Lembro-me muito bem, era delicioso!", a outros:

''Ele o teria gostado! Foi má sorte!", a outros ainda:

"Se quiser! Vou seguir a fila por um momento e logo que puder, contarei."

Quando passavam desconhecidos, no entanto deixava pairar nos lábios um sorriso ocioso, como se voltado para a ira ou a lembrança de um amigo e que dizia:

"Como ela é bonita!"

E só para homens ela mostrava um sorriso amargo, constrangido, tímido e frio, que falava: "Sim, seu patife, sei que tem uma língua de víbora, que não pode deixar dos outros! Por acaso me ocupo de você?"

Coquelin passava discursando no meio de amigos que o escutavam e saudava as pessoas de carro como de mão teatral. Mas eu só pensava na Sra. Swann e fingia não a ter visto, que ao chegar à altura do Tiro-aos-pombos ela diria ao cocheiro que parasse, para que ela descesse e seguisse a pé. E, nos dias em que me coragem de passar a seu lado, arrastava Françoise naquela direção. rarr d

Sem perceber as reflexões, eu escutava a seu redor o murmúrio da celebridade. Meu coração batia de impaciência quando pensava no decorrer de um momento antes que todas aquelas pessoas, meio que entristecido, que não se achava um banqueiro mulato, pelo qual se enfezava, vissem o rapaz desconhecido a quem não prestava nenhuma atenção cumprimentar (sem conhecê-la, na verdade, mas a isso me julgava autorizado - porque meus pais conheciam seu marido e eu era camarada da sua filha) aquela cuja reputação de beleza, de leviandade e de elegância era universal. Fui bem perto da Sra. Swann, e então tirei-lhe o chapéu num gesto largo, tão prolongado, que ela não podia evitar o sorriso. As pessoas riam. Quando jamais me havia visto com Gilberte, não sabia meu nome, mas eu e um dos guardas do Bois, ou o barqueiro, ou os patos do lago, aos quais ela girava pedaços de pão - uma das personagens secundárias, familiares, anônimas - desprovidas de caracteres individuais como um "figurante de teatro", de seus passeios no Bois.

Em certos dias, quando não a via na alameda das Acácias, acontecia-me encontrá-la na alameda da Rainha Margarida, para onde vão as mulheres que procuram estar sozinhas, ou que desejam parecer que o estão; não ficava só por muito tempo, pois em breve algum amigo ia encontrar-se com ela, muitas vezes com uma cartola cinzenta, a quem eu não conhecia e ficava conversando longamente com ela, enquanto seus carros prosseguiam.

Esta complexidade do Bois de Boulogne, que o transforma num lugar fictício e, no sentido mitológico ou zoológico do termo, num Jardim; reencontrei-a este ano quando o atravessava para ir ao Trianon, numa das primeiras manhãs deste mês de novembro em que, em Paris, nas residências, a proximidade e a privação do espetáculo do outono que está terminando tão depressa sem que a isto se assista, dão uma nostalgia, uma verdadeira febre de folhas mortas que pode chegar a impedir o sono. No meu quarto fechado, elas se interpunham há cerca de um mês, evocadas pelo meu desejo de vê-las, entre meu pensamento e qualquer objeto a que eu me dedicasse, e turbilhonavam como essas manchas amarelas que às vezes, para onde quer que olhemos, dançam diante dos olhos.

E naquela manhã, já não ouvindo a chuva cair como nos dias anteriores, vendo o bom tempo sorrir nos cantos das cortinas fechadas, como nos cantos de uma boca cerrada que deixa escapar o segredo de sua felicidade, sentira que podia olhar essas folhas amarelas atravessadas pela luz, em sua beleza suprema; e não podendo mais resistir de ir ver as árvores como antigamente, quando o vento soprava com muita força na minha lareira, não podia deixar de partir para o litoral, saíra para ir ao Trianon, passando pelo Bois de Boulogne. Era a hora e o tempo em que o Bois parece talvez o mais múltiplo, não só porque é mais subdividido, mas ainda porque o é de outra forma. Mesmo nas partes descobertas de onde se abrange uma grande área, aqui e ali em face às sombrias massas

longínquas das árvores sem folhas, ou que ainda conservavam sua folhagem de verão, uma dupla fila de castanheiros alaranjados parecia, como num quadro apenas principiado, a única a ter sido pintada pelo decorador, que ainda não colorira o resto, e estendia sua aléia em plena luz, para o passeio eventual de personagens que só mais tarde seriam acrescentados. Mais além, lá onde todas as folhas verdes cobriam as árvores, uma única, pequena, atarracada, desfolhada e teimosa, sacudia ao vento uma ordinária cabeleira rubra. Noutro ponto ainda ocorria o primeiro despertar daquele mês de maio das obas, e as de um *ampelápsis* maravilhoso e sorridente como um espinheiro-rosa, onde de manhã cedo estavam todas em flor. E o Bois apresentava o aspecto divisório e artificial de um viveiro ou de um parque, onde, fosse por interesse, fosse para a preparação de uma festa, acabassem de instalar, no meio das árvores de igual destino que ainda não tivessem sido arrancadas, de espécies preciosas de fantástica folhagem e que parecem reservar um arejar e dar claridade a seu redor. Assim era a estação em que o Bois de revela as mais diferentes essências e justapõe ao máximo as partes distintas da assembléia compositora. Era também a hora.

Nos lugares em que as árvores conservavam suas folhas, elas pareciam sofrer uma alteração de matéria, ponto em que eram tocadas pela luz do sol, quase horizontal de mantê-las como o voltaria a ser algumas horas depois, no momento em que, ao sair o crepúsculo, se ilumina como uma lâmpada, projeta a distância, sobre a um reflexo artificial cálido, e faz flamejar as folhas mais altas de uma árvore, permanece como o candelabro combustível e fosco de seu topo incessantemente. Aqui, espessava-se como tijolos e, como uma alvenaria persa de desenhos cimentava grosseiramente contra o céu as folhas dos castanheiros; ali, rio, destacava-as do céu, para o qual crispavam seus dedos de ouro.

A de uma árvore vestida de vinha virgem, enxertava e fazia expandir-se, impossível distinguir com nitidez na ofuscação, um ramalhete imenso como que rubras, talvez uma variedade de cravo. As diversas partes do Bois, melhores durante o verão na espessura e monotonia das verduras, achavam-se entrelaçadas. Espaços pouco iluminados deixavam perceber a entrada de qualquer flor, ou então uma ramaria suntuosa a indicava como uma auriflama. Distinto como num mapa colorido, Armenonville, o Pré Catelan, Madri, o Campo às margens do Lago. Por instantes aparecia alguma construção de gruta falsa, um moinho ao qual as árvores, afastando-se, davam lugar o relvado mostrava em seu macio tabuleiro.

Sentia-se que o Bois não era um bosque, que correspondia a uma destinação estranha ávida de suas exaltação que eu experimentava, não era só causada pela admiração do sim, por um desejo. Grande fonte de uma alegria que a alma sente primeiro desconhecer a causa, sem compreender que nada fora dela a motiva.

Assim contemplava as árvores com uma ternura insatisfeita que as sobrepujava e, se soubesse, se transportava para aquela obra-prima das belas transeuntes e fechavam todos os dias por algumas horas. Ia para a alameda das Acácias nos bosques onde a luz da manhã, que lhes impunha novas divisões, árvores, associava os diferentes caules e compunha ramalhetes.

Atraía duas árvores; com ajuda da potente tesoura do raio e da sombra, cortava uma a metade do tronco e dos galhos e, entrançando juntas as duas restantes, delas fazia ora um único pilar de sombra, que delimitava ao redor, ora um único espectro de claridade do qual uma trama negra, cingia o contorno vacilante e artificial.

Quando um raio de sol dourava os mesmos ramos, as árvores pareciam, mergulhadas numa unidade cintilante, da atmosfera líqüida e esmeraldina onde todo o bosque estava em limo sob as águas do mar. Pois as árvores continuavam a viver sua própria vida e quando não tinham mais folhas, a luz brilhava melhor sobre o forro de veludo verde que envolvia os troncos ou no branco esmalte das esferas de visgo semeadas no topo dos álamos, redondas como o sol e a luz na *Criação de Michelangelo*. Mas, há tantos anos forçadas por uma espécie de enxerto a viver em comum com a mulher, elas me evocavam a tríade, a bela mundana rápida e colorida que, ao passar, combinam com seus ramos e obrigam a sentir como elas a força da estação; lembravam-me o tempo feliz da minha juventude confiante, quando eu ia avidamente aos lugares onde as obras-primas da elegância feminina se manifestavam, durante alguns momentos, por entre as folhagens inconscientes e cúmplices. Mas, a beleza que os abetos e as acácias do Bois de Boulogne faziam desejar, sob esse aspecto mais perturbadores que os castanheiros e lilases do Trianon que eu ia ver, não estava fixada fora de mim, nas lembranças de uma época histórica, nas obras de arte, num pequeno templo ao Amor ao pé do qual se amontoavam as folhas palmadas de ouro. Eu chegava às margens do lago, ia até o Tiro-aos-pombos. A idéia de perfeição que levava em mim, atribuíra-a então à altura de uma vitória, à magreza daqueles cavalos furiosos e ligeiros como vespas, olhos injetados de sangue como os cruéis cavalos de Diomedes, e que agora, tomado por um desejo de rever aquilo que amara, desejo tão ardente como o que me impelira muitos anos antes pelos mesmos caminhos, queria ter de novo diante dos olhos, no momento em que o enorme cocheiro da Sra. Swann, acompanhado por um *groom* tão pequenino como um punho, e tão infantil como São Jorge, tentava submeter suas asas de aço que se debatiam assustadas e palpitantes. Ai de mim! Só havia automóveis conduzidos por motoristas bigodudos acompanhados de grandes lacaios. Desejava ter diante de meus olhos corpóreos, para saber se eram tão encantadores como os viam os olhos da memória, os pequenos chapéus femininos tão baixos que me pareciam simples coroas. Todos agora eram imensos, cobertos de frutos, flores e de

pássaros variados. Em vez dos belos vestidos, com os quais a Sra. Swann tinha o ar de uma rainha, túnicas greco-saxão realçavam, com as pregas de Tanagra, e às vezes no estilo da época do diretório, tecidos *liberty* semeados de flores como um papel pintado. Sobre a cabeça dos senhores que poderiam ter passeado com a Sra. Swann na alameda da Rainha Margarida, não encontrava mais o chapéu cinzento de outrora, nem mesmo qualquer outro. Eles saíam de cabeça descoberta. E todas aquelas partes novas do espetáculo, eu já não tinha mais fé para lhes introduzir, a de que adquirissem consistência, umidade e existência; elas passavam esparsas por mim, ao acaso sem verdade, não contendo em si nenhuma beleza que meus olhos pudessem, como outrora, tentar compor. Eram mulheres quaisquer, em cujas aparências não depositavam nenhuma fé e cujos vestidos me pareciam desimportantes. Também quando desaparece uma crença, sobrevive-lhe e cada vez mais vivo para crer a falta da força que perdemos de conferir realidade às coisas novas; um apego fetichista às coisas antigas que ela animara, como se fosse elas em nós que residisse o divino e como se a nossa incredulidade atual tivesse contingente, a morte dos deuses.

"Que horror!" dizia comigo: como se pode achar tão elegantes móveis, como as antigas carruagens? Sem dúvida estou muito velho, sou feito para um mundo em que as mulheres se embaraçam em vestidos e que são de fazenda. Para que vir aqui sob estas árvores, se não existe daquilo que se reunia debaixo dessas delicadas ramas vermelhas, se a loucura substituíra o que elas envolviam de finura? Meu consolo é mulheres que conheci hoje que já não existe elegância. Mas como é que contemplam essas horríveis criaturas, sob seus chapéus cobertos, de rio ou de uma horta, poderiam sequer sentir o que havia de encantador e Swann com uma simples touquinha malva ou um chapeuzinho onde uma flor de íris bem reta? Poderia sequer fazê-los compreender o que sentia nas manhãs de inverno, ao encontrar a Sra. Swann a pé, de calontra, com um simples gorro de duas lâminas de penas de perdiz; relembrava a quentura artificiosa de seu apartamento apenas com a violetas, apertado no seio e cujo florescer vivo e azul em face do céu cinge gelado, das árvores de ramos despidos, tinha o mesmo encanto na estação e o tempo senão como um quadro, e de viver numa atmosfera humana daquela mulher- o mesmo encanto que, nos vasos e jardineiras de salão, perto do fogo aceso, diante do canapé de seda, apresentavam, as olhavam pela janela fechada a neve cair? Aliás, não me teria bastado que fossem as mesmas daqueles anos. Devido à solidariedade que têm as partes diversas de uma lembrança e que nossa memória mantém equilibrada uma assembléia, onde não nos é permitido dividir nem recusar nada, poder determinar o dia na casa de uma dessas mulheres, diante de uma num apartamento com paredes pintadas de cores sombrias, como era aliás a Sra. Swann (no ano seguinte àquele em que se encerra a primeira parte da narrativa) e onde luziriam os fogos alaranjados, a combustão vermelha, rósea e branca dos

crisântemos no crepúsculo de novembro, durante meses, semelhantes àqueles em que (como se verá mais tarde) eu não soube os prazeres que desejava. Mas agora, mesmo não me levando a nada, os momentos me pareciam ter tido, em si mesmos, um extraordinário encanto de reencontrá-los assim como os recordava. Ai de mim! Só existiam para Luís XVI, todos brancos, esmaltados de hortênsias azuis. Além disso, eu voltava muito tarde à Paris. A Sra. Swann me teria respondido, que só voltaria em fevereiro, bem depois da época dos crisântemos, caso eu tivesse pedido que reconstituísse para mim os elementos dessa lembrança, sentia ligada a um ano distante, de um milésimo ao qual não me era permitido atar, os elementos daquele desejo, ele próprio tornado inacessível como o que outrora havia perseguido em vão. E me teria sido necessário que se as mesmas mulheres, aquelas cuja *toalete* me interessava, porque, eu ainda acreditava, minha imaginação as individualizara e dotara de legenda. Ai de mim! Na avenida das Acácias-a aléia das Mirtes-revi algumas, velhas, e que eram mais que as sombras terríveis daquilo que haviam sido, errando, procurando desesperadamente não se sabe o quê nos bosques virgilianos. Há muito haviam desaparecido e eu ainda estava interrogando em vão os caminhos desertos. O sol já se pusera. A natureza recomeçava a reinar sobre o Bois, de onde evolara a idéia de que era o Jardim elísio da Mulher; acima do moinho artificial, o céu verdadeiro se mostrava cinzento; o vento arrepiava o Grande Lago com pequenas ondinhas, como um lago; grandes pássaros percorriam rapidamente o Bois, como um bosque, e soltando gritos agudos pousavam, um após o outro, nos grandes carvalhos que, debaixo de sua coroa druídica e com uma majestade dodônea{6}, pareciam proclamar o vazio inumano da floresta desocupada, e me ajudavam a compreender melhor a contradição que existe em procurar a realidade nos quadros da memória, aos quais sempre faltaria o encanto que lhes advém da própria memória e do fato de não serem percebidos pelos sentidos.

A realidade que eu conhecera já não existia. Bastava que a Sra. Swann não chegasse exatamente igual no mesmo momento, para que a Avenida fosse outra. Os lugares que conhecemos não pertencem sequer ao mundo do espaço, onde os situamos para maior facilidade. Não passam de uma delgada fatia em meio às impressões contíguas que formavam nossa vida de então; a recordação de uma certa imagem não é mais que a saudade de um determinado instante; e as casas, os caminhos, as avenidas, infelizmente são fugitivos como os anos.

FIM

À SOMBRA DAS MOÇAS EM FLOR

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO
2-À SOMBRA DAS MOÇAS EM FLOR
Título original francês: «A sombre des jeune filles en fleurs»
Autor: MARCEL PROUST
Tradutor: Fernando Py
ISBN 857110770X
Livro em português
Brochura 1ª Edição - 2004

Prefácio

Fernando Py

Em À Sombra das Moças em Flor, segundo romance da obra cíclica Em Busca do Tempo Perdido, Marcel Proust realiza aquele que é talvez o mais lírico de seus livros.

A leitura do texto, entretanto, permanece no mesmo nível de complexidade de análise psicológica, com seu estilo caudaloso de movimento em espiral composto, suas longas frases e períodos de enorme extensão, construídos todavia com grande rigor.

O lirismo é a tônica: o Narrador, já adolescente, conhece as moças do "pequeno grupo" na estância balneária de Balbec, onde vai passar algumas semanas. Anteriormente, apaixonado por Gilberte, filha de Charles Swann e Odette de Crécy, sofre o desamor dela. Mas são os nomes de pessoas e lugares que o encantam, como na parte final do livro anterior; só que, desta vez, simetricamente, os lugares têm maior relevo, especialmente o das cidadezinhas próximas a Balbec. E, a partir do momento em que conhece e passa a integrar-se ao "grupo" das moças, é que seu esquecimento de Gilberte se torna praticamente definitivo.

Uma das moças, Albertine, é que lhe vai chamar a atenção de modo especial. Percebe que a deseja mais do que às outras, e tenta iniciar um romance com ela. Aqui, como em muitos outros trechos, Marcel Proust esboça os temas subseqüentes de sua obra, prefigurando os dramas que ocorrerão nos volumes restantes. De qualquer modo, em À Sombra das Moças em Flor tudo é ainda expectativa de raízes recém-plantadas na terra. Os vícios nefandos, a anormalidade sexual e psicológica, as decepções do Narrador, sua plena constatação de que o Tempo tudo destrói, inclusive o sentimento amoroso - tudo isto ainda está no futuro, e o livro é de uma fluência tranqüila, apesar do estilo minuciosamente detalhista do autor. Requer-se uma leitura constante, de atenção presa, sem preocupação de conhecer os fatos narrados: afinal Proust não se deixa ler como autor realista comum. A importância de À Sombra das Moças em Flor pode ser atestada pelo fato de ter propiciado ao autor o seu único prêmio literário: o prêmio Goncourt, de melhor dance, em 1919.

PRIMEIRA PARTE

Ao Redor da Sra. Swann

Quando se cuidou de receber ao jantar, pela primeira vez, o Sr. de Norpois, tendo minha mãe lamentado que o professor Cottard estivesse viajando e que ela própria tivesse deixado completamente de freqüentar Swann, pois ambos teriam sem dúvida interessado o antigo embaixador, meu pai respondeu que um conviva eminente, um sábio ilustre, como Cottard, jamais poderia fazer má figura num jantar, ao passo que Swann, com sua ostentação, sua mania de alardear aos quatro ventos as suas relações, era um vulgar fanfarrão que o marquês de Norpois sem dúvida teria achado, conforme sua própria expressão, "nauseante". Ora, a resposta de meu pai necessita de algumas palavras de explicação, já que algumas pessoas talvez se lembrem de um Cottard bastante medíocre e de um Swann de extrema delicadeza, em matéria mundana, *primor* de modéstia e discrição. Mas, pelo que diz respeito a este, ocorrera que o "filho de Swann", e também o Swann do Jockey, adquirira uma personalidade nova (e que não deveria ser a última), a de marido de Odette. Afeiçoando às humildes ambições dessa mulher o instinto, o desejo e a habilidade de que sempre fora dotado, empenhara-se em construir, bem por baixo da antiga, uma posição nova e apropriada à companheira que a ocuparia com ele. Ora, mostrava-se aí um novo homem. Visto que (sempre continuando a freqüentar sozinho os amigos pessoais, aos quais não queria impor Odette quando não lhe pedissem espontaneamente para conhecê-la) era uma segunda vida que ele começava em comum com sua mulher, em meio a criaturas novas, ainda se compreenderia que, para avaliar o nível destas e, conseqüentemente, o prazer de amor-próprio que poderia sentir em recebê-las, ele se servisse, como ponto de comparação, não das pessoas mais brilhantes que formavam sua sociedade antes do casamento, mas das relações anteriores de Odette. Porém, mesmo quando se sabia que era com funcionários deselegantes, com mulheres de má fama, adorno dos bailes de ministérios, que ele desejava ligar-se, ficava-se espantado por ouvi-lo proclamar em alto e bom som (ele que outrora e, mesmo ainda hoje, dissimulava tão graciosamente um convite de Twickenham ou do Palácio de Buckingham) que a mulher de um subchefe de gabinete viera fazer uma visita à Sra. Swann.

Dir-se-á talvez que aquilo se devia a simplicidade do Swann elegante não passara nele de uma forma mais requintada de vaidade e que, como certos judeus, o antigo amigo de meus pais pudera freqüentar, de cada vez, os estágios sucessivos por onde haviam passado os membros de sua raça, desde o mais ingênuo esnobismo e a patifaria mais grosseira, até a mais fina polidez. Mas o motivo principal, aplicável à humanidade como o era que nossas próprias virtudes não são algo livre, flutuante, de que consegue a disponibilidade permanente; elas acabam por se associar tão estreitamente à nosso espírito, às ações perante as

quais nos impusemos o dever de executar que, se nos aparece uma atividade de outra ordem, esta nos pega totalmente prevenidos e sem que tenhamos sequer a idéia de que poderia nos valer praticar essas mesmas virtudes. Swann, solícito para com essas novas relações, citando-as com orgulho, era como aqueles grandes artistas modestos, ou sozinhos que, se, no fim da vida, se dedicam à culinária ou à jardinagem, exigência de ingênua satisfação com os elogios conferidos a se

natureza primária desenvolvida ou murcha, exagerada ou atenuada; trata-se às vezes de uma natureza oposta, uma verdadeira roupa às avessas. Salvo no caso dos Verdurin, que tinham se fartado dele, o aspecto hesitante de Cottard, sua timidez e amabilidade excessivas lhe tinham valido, na juventude, constantes ditos mordazes. Qual o amigo caridoso que lhe aconselhara adotasse um ar glacial? A importância da sua posição tornou-lhe mais fácil assumi-lo. Em toda parte, se não nos Verdurin aonde voltava instintivamente, ele se fez frio e, sem custo, silencioso, peremptório quando fosse necessário falar, não se esquecia de dizer coisas desagradáveis. Pôde ensaiar essa nova atitude diante de clientes que, não o tendo visto ainda, não tinham sequer como fazer comparações e ficariam bastante espantados se soubessem que ele não era homem de natureza rude. Esforçava-se sobretudo em ser impassível e, até no seu serviço do hospital, quando dizia alguns daqueles trocadilhos que faziam rir a todos, desde o chefe da clínica até o mais recente externo, fazia-o sempre sem que um só músculo se movesse no rosto, rosto aliás irreconhecível desde que rapara a barba e o bigode.

Para terminar, digamos quem era o marquês de Norpois. Tinha sido ministro *plenipotenciário* antes da guerra e embaixador no 16 de Maio, e, apesar disso, para assombro de muitos, encarregado diversas vezes, desde então, de representar a França em missões extraordinárias e até mesmo como fiscal da Dívida, no Egito, onde, graças às suas grandes aptidões financeiras, prestara serviços importantes. Por gabinetes radicais que um simples burguês reacionário recusaria servir, e aos quais o passado do Sr. de Norpois, suas ligações e opiniões teriam tornado suspeito. Mas esses ministros avançados pareciam dar-se conta de que mostrariam com semelhante nomeação a sua largueza de espírito, desde que se tratasse dos interesses superiores da França; punham-se acima da política e mereciam até que mesmo o *Journal des Débats* os qualificasse de estadistas e se beneficiassem, por fim, do prestígio que se ajunta a um nome aristocrático e do interesse que desperta, como um lance teatral, uma escolha inesperada. E sabiam também que, tais vantagens, apenas as podiam recolher apelando ao Sr. de Norpois, sem temer da parte deste uma quebra de lealdade política, contra a qual o nascimento do marquês devia não tê-los de sobreaviso, e sim garanti-los. E nisso o governo da República não se enganava. Primeiro, porque uma certa aristocracia, educada desde a infância no sentido de considerar o próprio nome como uma vantagem interior que nada lhe tira (e cujo valor os seus pares, ou aqueles que de nascença pertencem a um nível ainda superior, conhecem perfeitamente bem), sabe que pode evitar, lhe acrescentariam nada, os esforços que fazem tantos burgueses, sem resultado ulterior, para professar unicamente opiniões da moda e só pessoas de bons sentimentos. Em compensação, preocupada em engrandecer aos olhos das famílias principescas ou ducais, abaixo das quais está imediatamente situada, essa aristocracia sabe que não pode fazê-lo a não ser aumentando o nome com aquilo que ele não contém, com

aquilo que faz que, diante de igual, ele prevaleça: uma influência política, uma reputação literária ou uma grande fortuna. E os cuidados de que abre mão quanto a um inútil provinciano seqüestrado pelos burgueses e a cuja amizade sem proveito não daria o menor valor, a aristocracia há de tê-los para com os poluídos, que sejam franco-maçons, que podem lhe abrir as portas das embaixadas patrociná-la nas eleições, com os artistas ou com os sábios, cujo apoio vão "furar", no setor em que se distinguem, para todos aqueles, enfim, que condições de conferir uma nova distinção ou favorecer um casamento.

Porém, no que dizia respeito ao Sr. de Norpois, ocorria sobremaneira numa longa prática da diplomacia, ele se havia imbuído desse espírito rotineiro, conservador, dito "espírito de governo" e que, de fato, é o dos governos e, em especial, está sob todos os governos, o espírito da chamada carreira diplomática, adquirira a aversão, o temor e o desprezo desses pensamentos, cada vez menos incorretos, que são o modo de agir das oposições e no caso de alguns iletrados do povo e da alta sociedade, para quem além de gêneros é letra morta, o que reaproxima não é a identidade de opinião; consangüinidade dos espíritos. Um acadêmico do tipo de Legouvé e adepto dos clássicos aplaudiria com a melhor boa vontade o elogio de *Ti por Maxime Du Camp* ou Mézieres, do que o de Boileau por Claudel. Um nacionalismo bastou para aproximar Barres de seus eleitores, que não diminuíra a diferença entre ele e o Sr. Georges Berry, porém não de seus amigos da Academia que, tendo suas mesmas opiniões políticas mas um outro tipo; preferirão até adversários como os senhores Ribot e Deschanef' por sua vez, monarquistas fiéis se sentem muito mais próximos do que de e Léon Daudet, que, no entanto, sonham também com o regresso do rei. Suas palavras não só por hábito profissional de prudência e reserva, ruas porque elas têm mais valor, oferecem mais matizes aos olhos de homens de esforços de dez anos para reaproximar dois países se resumem num discurso, num protocolo por um simples adjetivo, de aparência no qual vêem um mundo inteiro, o Sr. de Norpois passava por ser muito da Comissão, onde ocupava um cargo ao lado de meu pai, a quem todos aumentavam pela amizade que lhe dedicava o antigo embaixador. Meu primeiro espantar-se daquilo. Pois, sendo em geral pouco amável, tinha o hábito de não ser procurado fora do círculo da intimidade e o confessava com simplicidade. Era cônscio de que havia, nas aproximações do diplomata, um efeito sob este ponto de vista inteiramente individual, onde cada um se põe para decidir acerca das simpatias, e dentro do qual todas as qualidades intelectuais ou a sensibilidade de uma pessoa serão para alguém, a quem ela aborrece e irrita, uma recomendação tão boa, como a franqueza e a alegria de outra, que passaria aos olhos de muitos como vazia, frívola e nula.

"De Norpois me convidou de novo para jantar; é extraordinário; todos ficaram estupefatos na Comissão, onde ele não tem relações íntimas com ninguém. Tenho

certeza de que ele ainda vai me contar coisas palpitantes sobre a guerra de 70."

Meu pai sabia que só talvez o Sr. de Norpois avisara o imperador do poder crescente e das intenções belicosas da Prússia, e que Bismarck estimava particularmente a sua inteligência. Ainda recentemente, na ópera, durante o baile de gala oferecido ao rei Teodósio, os jornais haviam assinalado a longa entrevista que o soberano tivera com o Sr. de Norpois.

"Preciso saber se essa visita do rei teve real importância", disse-nos meu pai, que se interessava muito pela política estrangeira.

"Sei muito bem que o velho Norpois é fechado como uma ostra, mas comigo ele se abre todinho."

Quanto à minha mãe, talvez o embaixador não lhe apresentasse o tipo de inteligência que mais a atraísse. E devo dizer que a conversação do Sr. de Norpois era um repertório tão completo das formas antiquadas de linguagem particulares a uma carreira, a uma classe e a uma época, que para aquela carreira e para aquela classe, poderia muito bem não estar inteiramente abolidas - que lamento às vezes não ter guardado pura e simplesmente as frases que lhe ouvi. Teria, desse modo, obtido um efeito *démodé* tão bem e da mesma maneira que aquele aturdo Palais-Royal a quem indagavam onde podia encontrar seus surpreendentes chapéus e que respondia: "Não encontro os meus chapéus. Eu os conservo."

Numa palavra, creio que minha mãe julgava o Sr. de Norpois um tanto antiquado, o que estava longe de lhe parecer desagradável do ponto de vista de seus modos, mas a encantava menos no terreno senão das idéias, pois as do Sr. de Norpois eram bem modernas, mas das expressões. Apenas, ela sentia que seria lisonjear o marido de maneira delicada se lhe falasse com admiração do diplomata, que o tratava com tanta predileção. Fortalecendo no espírito de meu pai a boa opinião que ele professara sobre o Sr. de Norpois, e levando-o assim a formar uma tão boa opinião sobre si mesmo, ela tinha consciência de cumprir um de seus deveres, que consistia em tornar agradável a vida do marido, como fazia quando vigiava para que a cozinha fosse bem cuidada e o serviço silencioso. E, como fosse incapaz de mentir a meu pai, ela mesma procurava admirar o embaixador para poder elogiá-lo com sinceridade, aliás, apreciava naturalmente seu ar de bondade, sua polidez um tanto desusada; tão cerimoniosa que, caminhando empertigado, ao perceber minha mãe que de carro, antes de lhe tirar o chapéu, jogava longe o charuto mal começado; sua conversa tão comedida, na qual falava de si mesmo, ao menos sempre levava em consideração o que poderia ser agradável ao interlocutor; pontualidade de tal modo surpreendente em responder a uma carta que quando acabara de lhe enviar uma, reconhecendo a escrita do Sr. Norpois de envelope, tinha a primeira

impressão de que a correspondência de ambos era: poderia se dizer que, para ele, existiam no correio luxo e coletas suplementares. Minha mãe se maravilhava de que ele fosse tão exato, embora tão ocupado era amável, conquanto tão relacionado, sem pensar que os "emboras" e os convivas são sempre "porquês" mal conhecidos, e que (assim como os velhos pela idade, os reis cheios de simplicidade e os provincianos) sabendo detalhes os próprios hábitos do Sr. de Norpois, que lhe permitiam satisfazer tantos e ser tão regular em suas respostas, agradar à sociedade e ser amável. Ademais, o erro de minha mãe, como o de todas as pessoas que são excessivamente modestas, provinha de que ela colocava as coisas que lhe diziam respeito e, conseqüentemente, fora dos outros. A resposta que a fazia atribuir tantas ao amigo de meu pai em dirigi-la a nós com rapidez, porque ele escrevia cartas por dia, ela a excetuava do grande número de cartas que, no entanto, passavam de uma; da mesma forma, ela não considerava que um jantar - e caso fosse para o Sr. de Norpois - um dos atos inumeráveis de sua vida; imaginava que o embaixador antigamente se acostumara, na diplomacia; dera os jantares citadinos como fazendo parte de suas funções e a empatia uma graça inveterada, da qual seria demais pedir-lhe que se desfizesse exclusivamente quando vinha à nossa casa.

O primeiro jantar a que o Sr. de Norpois compareceu em nossa casa, ano em que eu ainda jogava nos Champs-Élysées, ficou na minha lembrança, que a tarde desse mesmo dia foi aquela em que eu ia enfim, ouvir a Berma na "*matinê*", representando a Fedra, e também porque, palestrando com o Sr. Norpois, percebi de súbito, e de uma forma nova, de que modo os sentimentos despertados em mim por tudo o que se relacionasse com Gilberte Swann os pais divergiam daqueles que essa mesma família inspirava a qualquer outra.

Sem dúvida, foi reparando no abatimento em que me afundava na aproximação das férias de Ano-Novo, durante as quais, como ela própria me anuiu, não deveria ver Gilberte, que um dia, para me distrair, mamãe me disse:

"Tens o mesmo desejo tão grande de ouvir a Berma, acho que teu pai permitiria que fosses e tua avó poderia te acompanhar."

Mas porque o Sr. de Norpois lhe dissera que deveria deixar-me ver Berma, que aquilo seria, para um rapazinho, uma boa recordação a convite de meu pai, até então hostil à idéia que eu fosse perder tempo e me deixar contrair uma grave doença devido ao que chamava, para grande escola, minha avó, uma inutilidade, não estava longe de considerar aquele programa peneirado pelo embaixador, como fazendo vagamente parte de um conjunto de receitas preciosas para o bom êxito de uma brilhante carreira. Minha avó que, renunciara por mim ao benefício que, segundo ela, me daria a audição da Berma, fizera um enorme sacrifício no interesse da minha saúde, espantava-se de que tudo aquilo se tornasse desprezível a uma só palavra do Sr. de Norpois. Pondo suas esperanças invencíveis de

racionalista no regime de ar livre e de deitar cedo que me haviam prescrito, deplorava como uma calamidade a infração que eu ia fazer e, num tom enervado, dizia:

"Como você é leviano" a meu pai, ao que este, furioso, respondia:

"Como! Agora é a senhora que não quer que ele vá? É demais, logo a senhora que repetia o tempo todo que isso lhe poderia ser útil."

Mas o Sr. de Norpois mudara as intenções de meu pai num ponto bem mais importante para mim. Desejara sempre que eu fosse diplomata e eu não podia suportar a idéia de que, mesmo se devesse permanecer por algum tempo adido ao ministério, me arriscaria um dia a ser enviado como embaixador às capitais onde não moraria Gilberte.

Teria preferido voltar aos projetos literários que fizera outrora, os quais abandonara no decurso de meus passeios pelos caminhos de Guermantes. Porém meu pai mantivera uma oposição constante a que eu me destinasse à carreira das letras, que julgava bastante inferior à diplomacia, rejeitando-lhe mesmo o nome de carreira, até o dia em que o Sr. de Norpois, que não gostava muito dos agentes diplomáticos das novas fornadas, lhe assegurara que era possível a alguém, enquanto escritor, atrair tanta consideração, exercer tanta ação e conservar mais independência do que nas embaixadas.

- Quem diria! Eu não teria acreditado, o velho Norpois não é de todo contrário à idéia que te fazes da literatura - me dissera meu pai. E, como ele próprio fosse bastante influente, julgava não haver nada que não se arranjasse, que não encontrasse uma solução favorável na conversação de pessoas importantes:

-Vou trazê-lo para jantar uma noite destas, saindo da Comissão. Vais falar um pouquinho com ele, a fim de que ele possa te avaliar. Escreve alguma coisa que possas lhe mostrar; é muito relacionado com o diretor da *Revista dos Dois Mundos*, conseguirá que faças parte dela, arranjará isso, é um velho esperto; e, por Deus, dá a impressão do que é a diplomacia hoje...

A felicidade que sentia em não me ver separado de Gilberte me tornava desejoso, porém não capaz, de escrever algo bem bonito para ser mostrado ao Sr. De Norpois. Depois de algumas páginas preliminares, com o tédio me fazendo cair a pena das mãos, eu chorava de raiva pensando que jamais teria talento, que não era dotado e nem poderia sequer aproveitar a oportunidade que a próxima visita do Sr. Norpois me ofereceria de permanecer sempre em Paris. Somente a idéia de que me deixar ouvir a Berma me aliviava o desgosto. Mas assim como só desejava contemplar tempestades nos litorais onde eram mais violentas, da mesma forma iria ouvir a grande atriz num daqueles papéis clássicos em que Swann me afirmara que ela atingia a sublimidade. Pois, quando estamos na espera de preciosa descoberta e desejamos receber certas impressões da

natureza, sentimos algum escrúpulo em deixar nossa alma acolher, em vez de impressões menores, que poderiam nos enganar quanto ao exato valor de Berma em *Andrômaca*, nos *Caprichos de Marianne*, em *Fedra*, era uma das coisas famosas que minha imaginação tanto desejara. Teria o mesmo divertimento que no dia em que uma gôndola me conduzisse para junto do *Ti Frari* ou dos *Carpaccio de San Giorgio del Schiavoni*, se alguma vez ouvidos pela Berma os versos: "*Diz-se que uma súbita partida vos afasta de nós, Senhor,"* etc.

Eu os reconhecia pela simples reprodução em preto-e-branco das edições impressas; mas meu coração batia quando pensava, como na real uma viagem, que por fim os veria banharem-se de fato na atmosfera o *ensolaramento* da voz dourada. Um Carpaccio em Veneza, a Berma obras-primas da arte pictórica ou dramática cujo prestígio que se lhes faziam, eram tão vivas em mim, isto é, tão indivisíveis, que, se eu tivesse ido ver os quadros numa sala do Louvre ou a Berma em alguma peça da qual jamais ouvira; teria experimentado o mesmo espanto delicioso de ter enfim os olhos, diante do objeto inconcebível e único de tantos milhares de sonhos meus; esperando do desempenho da Berma revelações sobre certos aspectos da dor, parecia-me que o que houvesse de grande e verdadeiro nesse, deveria sê-lo ainda mais se a atriz o super pusesse à uma obra de valor legítimo em vez de ornar; em suma, verdade e beleza sobre uma trama medíocre e valiosa.

Por fim, se fosse ouvir a Berma numa peça nova, não me seria sua arte, sua dicção, visto que não poderia fazer distinção entre um conhecido previamente, e aquele que lhe acrescentariam entonações e me pareciam formar um só corpo com ele; ao passo que as obras antigas, sabia de cor, surgiam-se como vastos espaços reservados e prontos, onde apreciar em plena liberdade as invenções de que a Berma as cobriria, com os permanentes achados de sua inspiração. Infelizmente, há anos que ela deixara os grandes palcos e fazia a fortuna de um teatro do qual era a estrela, e já não representava os clássicos, e por mais que eu conhecesse os cartazes, eles nunca anunciavam senão peças recentes, escritas expressamente para ela pelos autores em voga; quando, certa manhã, procurando na coluna de teatros as *matinês* da semana do Ano-Novo, vi pela primeira vez no fim do espetáculo, depois de um erguer de pano provavelmente insignificante, pareceu opaco, pois continha todo o pormenor de uma ação que eu ignorava nos atos da *Fedra* com a Sra. Berma, e nas *matinês* seguintes: *Le Demi-Monde; Os caprichos de Marianne*, nomes que, como o de Fedra, eram transparentes a mim, preenchidos unicamente de claridade, de tanto que a obra me era combinada até o fundo por um sorriso de arte. Eles me pareceram acrescentar natureza à própria Sra. Berma quando li nos jornais, após o programa desses espetáculos, que fora ela quem resolvera mostrar-se novamente ao público em algumas de suas antigas criações. Portanto, a artista

sabia que determinados papéis têm um interesse que sobrevive à novidade de seu aparecimento, ou ao sucesso da reprise; considerava-os, interpretados por ela, como obras-primas de museu que podia ser instrutivo repor aos olhos da geração que a havia admirado, ou daquela que não a vira. Colocando assim em cartazes, no meio de peças que só eram destinadas a fazer passar o tempo de um sarau, *Fedra*, cujo título não era maior que o das outras; onde se imprimia em caracteres diferentes, ela o acrescentava ali como o subentendido de uma dona de casa que, ao apresentá-lo aos convivas no momento de ir para a mesa, lhes diz, em meio aos nomes dos convidados que são apenas convidados, e no mesmo tom com que citou os outros: Sr. Anatole France.

O médico que me tratava o que me proibira qualquer viagem desaconselhou a meus pais que me deixassem ir ao teatro; voltaria para casa doente, talvez por muito tempo, e afinal sentiria mais sofrimento do que prazer. Esse temor poderia me fazer desistir, se aquilo que esperava de uma tal representação fosse unicamente um prazer que, em suma, um sofrimento posterior pode anular. Porém-assim como no caso da viagem a Balbec e a Veneza, que desejara tanto o que eu pedia àquela manhã, era algo bem diverso de um prazer: eram verdades pertencentes a um mundo mais real que aquele em que eu vivia, e as quais, uma vez processada a aquisição, não poderiam mais ser subtraídas por incidentes insignificantes da minha vida ociosa, mesmo que fossem dolorosos ao meu corpo. Quando muito, o prazer que sentiria durante o espetáculo se me afigurava como a forma talvez necessária da percepção dessas verdades; e era o bastante para que eu desejasse que as moléstias previstas só começassem depois de finda a representação, para que esta não fosse comprometida e falseada por elas. Implorava a meus pais que, desde a visita do médico, já não queriam permitir que fosse à *Fedra*. Recitava pra mim mesmo, sem parar, atirada:

Diz-se que uma súbita partida vos afasta de nós... procurando todas as nações possíveis, a fim de melhor avaliar o inesperado da que a Berma acharia. Oculta como o Santo dos Santos sob o pano, de boca que a disfarçava e por trás do coral eu lhe atribuía a cada instante um novo aspecto, segundo estas palavras decoradas na plaqueta encontrada por Gilberte que me voltavam ao espírito:

"-Nobreza plástica, cilício cristão, palidez jansenista, princesa de Trézene e de Cleves, miceniano, símbolo délfico, mito solar", a divina beleza que devia me revelar o empenho da noite e do dia sobre um altar perpétuo à Berma, a mensagem ficava no fundo da minha alma, a cujo respeito me [illegible]

a qual meu pai devia trazer o Sr. de Norpois para jantar ele me disse:

"Mas não queremos te aborrecer; se achas que terás tanto prazer, então deves ir''; aquele dia de teatro, até então proibido, só dependeu de mim, então, pela primeira vez, já não tendo que me preocupar que deixasse de ser impossível, *per se* seria desejável, se outros motivos além da proibição de meus pais levariam a renunciar a ele. Em primeiro lugar, após ter detestado sua crueldade, o consentimento deles os tornava tão caros para mim, que a idéia de desgosto me aborrecia, e, através desse aborrecimento, a vida já não parecia como tendo por objetivo a verdade, e sim o carinho, e não me parecia melhor ou pior, senão conforme os meus pais fossem felizes ou infelizes.

"Preferia que não fosse se isso vai afligi-lo", disse a minha mãe, a qual, ao contrário, se esforçava por me fazer ter essa idéia preconcebida de que ela pudesse se entristecer com aquilo; agora acabaria por estragar o prazer que eu teria em ouvir a *Fedra,* cuja concessão, ela e meu pai tinham voltado atrás em sua proibição. Aí então, aquela obrigação de sentir prazer me parecia bem pesada. Depois, se eu voltasse estaria curado suficientemente rápido para poder ir aos Champs-Élysées; durante as férias, logo que Gilberte voltasse?

Para decidir do que devia ultrapassar todas essas razões; eu confrontava a idéia, invisível por trás de seu véu, a perfeição de Berma. Punha num dos pratos da balança "sentir mamãe triste, arrependido por não poder ir aos Champs-Élysées", no outro, "palidez jansenista, mito solar'', porém essas mesmas palavras acabavam se obscurecendo em meu espírito; não diziam mais nada, perdiam todo seu peso; pouco a pouco minhas hesitações tornavam-se tão dolorosas que, se agora optasse pelo teatro, seria apenas para cessar as dúvidas e livrar-me delas de uma vez por todas. Seria para abreviar meu sofrimento, não mais na esperança de um benefício intelectual e cedendo à atração da perfeição, que me deixaria levar não para a Sábia Deusa e, sim, para a implacável Divindade sem rosto e sem nome que a substituíra sub-repticiamente debaixo do véu. Porém bruscamente tudo se mudou, meu desejo de ir ouvir a Berma recebeu um novo impulso, que me permitiu esperar com impaciência e alegria aquela *matinê;* ocorreu-me quando fui fazer diante da coluna dos teatros a minha parada diária de elitista; ultimamente, vira, úmido ainda, o cartaz detalhado da *Fedra* que tinham acabado de colar pela primeira vez (e onde, na verdade, o resto da distribuição não tinha nenhum atrativo novo que pudesse me fazer tomar uma decisão). Mas, um dos objetivos, entre os quais oscilava a minha indecisão, uma forma mais concreta e - já que o cartaz estava datado, não do dia em que o lia; mas daquele em que ocorreria a representação, e com a própria hora em que se ergue - quase iminente, já em vias de realização, de modo que pulei de alegria, ao pensar que, naquele dia, exatamente naquela hora, estaria presente para ouvir Berma; sentado no meu lugar; e, com medo que meus pais já não tivessem

reservado dois lugares para mim e minha avó; dei um pulo até em casa, como estava entusiasmado por estas palavras mágicas que haviam substituído, em meu pensamento, as expressões "palidez jansenista" e "mito solar": "As damas devem permanecer sem chapéu durante a representação, e as portas serão fechadas às duas horas em ponto."

Infelizmente, essa primeira representação foi grandemente um desgosto. Meu pai propôs nos levar, a minha avó e a mim, ao teatro, quando saísse da sessão da Comissão. Antes de sair de casa, disse à minha mãe:

"Trata de fazer um bom jantar, estás lembrada que vou trazer o Sr. de Norpois?"

Minha mãe não se lembrava. E desde a véspera, Françoise, feliz por entregar-se à arte culinária, com certeza possuía um dom, e aliás estimulada pelo anúncio de um convidado novo, no sabendo que teria de preparar, segundo os métodos só dela conhecidos: vaca na geléia, vivia na efervescência da criação; como desse extrema importância à qualidade intrínseca dos materiais que deveriam entrar no preparo, foi ela mesma ao Mercado Central Halles para obter os mais belos pedaços de alcatra, de pé e de mocotó de vitela, tal como Michelangelo quando passava oito meses nas montanhas de Carrara para escolher os blocos de mármore mais perfeitos destinados ao monumento de Júlio II. Françoise empregava tal ardor, nessas idas e vindas, que mamãe vendo o seu rosto inflamado, temia que a nossa velha criada ficasse doente de exaustão como o autor do túmulo dos Médicis nas pedras de Pietrasanta. E, desde a véspera, Françoise mandara cozer, no forno de padeiro, protegido por uma camada de miolo de pão, como um mármore cor-de-rosa; que ela denomina presunto de *New York*. Julgando o idioma menos rico e seus próprios ouvidos não muito confiáveis, sem dúvida na primeira vez que ouviu falar do presunto de *New York* pensara - achando um desperdício inacreditável o vocabulário que pudesse existir, ao mesmo tempo, *York* e *New York* – que não tinha ouvido direito e que lhe tinham querido dizer o nome que ela já conhecia. Desde então a palavra *York* se fazia preceder, nos seus ouvidos, ou diante de seus olhos que lesse num anúncio, de um "*New*", que ela pronunciava *Neu*. E era com a melhor boa-fé do mundo que ela dizia à criada de cozinha:

"Vá buscar presunto a senhora me recomendou que seja de "*Neu York*."

Naquele dia, Françoise na ardente certeza dos grandes criadores, seu quinhão era a cruel pesquisadora. Sem dúvida, enquanto não ouvi a Berma senti prazer. Desfrutava do largo que precedia o teatro e cujos castanheiros desfolhados iam depois, luzir com reflexos metálicos assim que os bicos de gás acesos passassem em detalhe os seus ramos; diante dos encarregados da fiscalização dos bilhetes de entrada - cuja promoção e o destino dependiam da grande artista- pois só ela mandava nessa administração, a cuja testa diretores efêmeros e puramente na

obscuridade e que pegavam nossas entradas sem nos olhar, porque tinham a preocupação de saber se todas as prescrições da Sra. Berma tinham sido transmitidas ao pessoal novo; se ficara bem claro que nunca teriam de aplaudi-la; que as janelas deviam estar abertas, enquanto ela não estivesse e a menor porta fechada depois; com um pote de água quente dissimulando dela para fazer cair a poeira do palco; de fato, dali a um instante a sua tirada por dois cavalos de longa crina ia parar diante do teatro, e ela desceria em peles, respondendo com um gesto entediado aos cumprimentos; e uma de suas acompanhantes para se informar sobre o proscénio reservado para seus amigos; sobre a temperatura da sala, o arranjo dos camarotes, a arrumadeiras, teatro e público; sendo que para ela o teatro era apenas um segundo traje, mais externo; um condutor, melhor ou pior que seu talento teria de atravessar. Senti-me feliz na própria sala; desde que soubera que - ao contrário do que me fora por um tempo representado pela minha imaginação infantil; só haveria um cenário para todo o mundo, pensava que os outros espectadores deviam impedir de ver direito, como quando estamos no meio de uma multidão - ora, percebi, ao contrário, graças a uma disposição que é como o símbolo de toda percepção que cada um se sente no centro do teatro; o que me explicou por que uma vez mandado Françoise ver um melodrama na terceira galeria, ela houvesse, ao voltar, que o seu posto era o melhor que podia haver, em vez de ser muito longe sentira-se intimidada pela viva e misteriosa proximidade das cortinas. Meu prazer aumentou ainda mais quando comecei a distinguir, atrás, abaixado, rumores confusos como os que a gente ouve sob a casca do ovo de um pinto que vai nascer, rumores que logo aumentaram e, de repente, daquele impenetrável ao nosso olhar, mas que nos via do seu, dirigiram-se indubitáveis a nós sob a forma imperiosa de três pancadas, tão emocionantes, vindos do planeta Marte. E tão logo se ergueu o pano quando, no palco apareceu uma escrivaninha e uma lareira, aliás bem ordinárias, indicaram que as personagens iam entrar seriam, não atores que tivessem vindo para recitar, como vira numa recepção, porém homens dispostos a viver um dia de suas vidas; penetrava por arrombamento sem que pudessem me ver, meu prazer duradouro; foi interrompido por uma breve inquietação; justo quando eu tinha os ouvidos em alerta, antes que a peça começasse, dois homens entraram no palco, visto que falavam com força bastante para que naquela sala, onde havia mais de mil pessoas, se entendessem todas as suas palavras, ao passo que num café a gente é obrigado a perguntar ao garçom o que dizem dois indivíduos engalfinhados; mas, no mesmo instante, espantado por ver que o público sem protestar, mergulhado como estava num silêncio unânime; breve veio sussurrar um riso aqui, um outro ali, compreendi que esses, eram atores e que a peça, chamada anteato, acabava de começar. Foi por um entreato tão longo que os espectadores, de volta a seus lugares impacientavam e batiam com os pés. Aquilo me assustou; pois, assim como no sumário de um processo, quando eu lia

que um homem de coração generoso, vinha, a despeito de seus interesses, testemunhar em favor de um inocente, eu temia sempre que não fossem suficientemente amáveis com ele, que não se mostrassem bastante reconhecidos, que não o recompensassem largamente, e que, desgostoso, ele se pusesse ao lado da injustiça - da mesma forma, assimilando naquilo o gênio à virtude, temia eu que a Berma, aborrecida com os maus modos de um público tão mal-educado no qual, pelo contrário, gostaria que ela pudesse reconhecer com satisfação algumas celebridades a cuja crítica ela atribuía importância-, exprimisse o seu descontentamento e seu desdém atuando mal. E olhava com ar de súplica aqueles brutamontes turbulentos que, no seu furor, iam quebrar a preciosa e frágil impressão que eu viera buscar. Por fim, os últimos momentos de meu prazer ocorreram durante as primeiras cenas de *Fedra*. A personagem Fedra não aparece nesse começo do segundo ato; e, no entanto, desde que se ergueu o pano e um segundo pano, este de veludo vermelho, se afastou, aumentando o tamanho do palco em todas as peças em que atuasse a estrela, uma atriz entrou pelos fundos, com o rosto e a voz que me haviam dito serem os da Berma. Provavelmente haviam mudado a distribuição dos papéis, tornava-se inútil o cuidado que eu tivera em estudar o papel da mulher de Teseu. Mas uma outra atriz replicou à primeira. Enganara-me tomando esta pela Berma, pois a segunda se parecia ainda mais com ela e, mais que a outra, possuía a sua dicção. Além disso, ambas acrescentavam nobres gestos a seu papel-gestos que eu percebia claramente, compreendendo sua relação com o texto, enquanto elas erguiam seus belos *peplos* (túnica sem mangas) -, e também engenhosas entonações, ora passionais, ora irônicas, que me faziam entender o significado de um verso que havia lido em casa sem prestar muita atenção ao que dizia. Mas de súbito, na separação do pano vermelho do santuário, como num quadro, surgiu uma mulher e, a seguir, pelo medo que senti, muito mais do que o podia ser o da Berma, de que a incomodassem abrindo uma janela, de que alterassem o som de uma de suas palavras amarrotando um programa, de que a indispusessem aplaudindo suas companheiras e não a aplaudissem de forma suficiente; à minha maneira, mais absoluta ainda que a da Berma, de não considerar, desde aquele instante, sala, público, atores, peça, e meu próprio corpo, senão como um meio acústico que só tivesse importância na medida em que fosse favorável às inflexões daquela voz, compreendi que as duas atrizes que admirava há poucos minutos não tinham qualquer semelhança com a que acabava de ouvir.

Porém, ao mesmo tempo, todo meu prazer cessara; por mais que estendesse para Berma os meus olhos, meus ouvidos, meu espírito, para não deixar escapar uma migalha dos motivos que ela me daria para admirá-la, não logrei recolher um sequer. Nem podia, como no caso de suas companheiras, distinguirem, no jogo das inflexões inteligentes, os belos gestos. Escutava-a como se, lendo a Fedra, ou como se a própria Fedra dissesse naquele momento eu a ouvia, sem

que o talento da Berma parecesse lhe ter acrescentado coisa alguma. Gostaria para poder aprofundá-la, para tentar descobrir o que havia nela de belo; de parar, imobilizar cada inflexão da artista, cada expressão sua; pelo menos, à força de agilidade mental, tendo, antes de um verso, toda a atenção instalada e alerta. Tentava não me distrair em preparativos uma parte da atenção de cada palavra, de cada gesto; graças à intensidade da minha procura chegara descer tão profundamente nelas como o teria feito se tivesse longo tempo à minha disposição. Mas como era breve essa duração! Mal meus ouvidos ouviam um som, este já era substituído por outro. Numa cena em que permanece imóvel por um instante, o braço erguido à altura do rosto; numa luz esverdeada graças a um artifício de iluminação, diante da decoração que representava o mar, a sala rompeu em aplausos, mas a atriz já havia mudado; o quadro que eu desejaria estudar não mais existia.

Disse à minha avó que não via bem, e ela me passou o binóculo. Apenas, quando se crê na realidade de usar um meio artificial para fazer com que se mostrem; não equivale inteiramente sentir-se próximo delas. Achava que já não era a Berma a quem via na imagem na lente de aumento. Deixei o binóculo; mas talvez a imagem que o olho recebia, diminuída pela distância, não fosse mais exata; qual das duas era a verdadeira? Quanto à declaração a Hipólito, eu confiara muito nesse que, a julgar pelos sentidos engenhosos que suas companheiras descobriram a todo momento nas partes menos belas, elas certamente teriam entonações muito mais surpreendentes que, em casa, lendo-o, tentara imaginar; mas ela nem sequer chegou aos acentos que Oenone ou Aricie teriam encontrado, passou pela plataforma de melopéia uniforme em todo parágrafo, onde se acham confundidos todos em uma só massa de oposição claríssima; todavia tão ressaltados, cujos efeitos uma atriz trágica mediana teria dado; ou até alunos do colégio, não deixariam de acentuar; além disso, ela o declamou tão depressa que somente quando chegou ao último verso é que minha mente se conscientizou da monotonia intencional que havia imposto aos primeiros.

Por fim, rompeu meu primeiro sentimento de admiração: foi pelos aplausos frenéticos dos espectadores. Misturei os meus aos deles tentando prolongá-los muito para que, por reconhecimento, a Berma ela superasse a si mesma, a certeza de tê-la ouvido num de seus melhores dias. O que, de resto, é curioso que no momento em que se desencadeou esse entusiasmo do público soube depois, aquele em que a Berma teve um de seus melhores dias. Parece que certas realidades transcendentes emitem, a seu redor, radiações as quais a massa é sensível. É assim, por exemplo, quando ocorre um incidente, quando na fronteira um exército está em perigo, batido ou vitorioso, as notícias bastante obscuras que recebemos e de onde o homem culto não sabe extrair grande coisa, excitam na

turbulência, uma emoção que o surpreende e na qual, uma vez que os especialistas o tenham posto ao corrente da verdadeira situação militar, reconhece a percepção, pelo povo, daquela "aura" que envolve os grandes acontecimentos e que pode ser visível a centenas de quilômetros. Tem-se notícia da vitória, ou muito mais quando a guerra acaba, ou imediatamente, pela alegria do porteiro. Descobre-se um traço genial do desempenho da Berma oito dias depois de a ter ouvido, pela crítica, ou de imediato, devido às aclamações da platéia. Porém, estando essa consciência imediata da multidão mesclada a outras cem completamente erradas, os aplausos muitas vezes soavam falso, sem contar que eram levados mecanicamente pela força dos aplausos anteriores, como numa tempestade, uma vez que o mar esteja tão revolto que continua a engrossar, mesmo que o vento não aumente. Não importa; à medida que eu aplaudia, parecia-me que a Berma representava melhor.

- Pelo menos - dizia a meu lado uma mulher bem vulgar-, ela se consome, se bate de dar pena, corre; isto sim é que é representar!

E feliz por encontrar estas razões da superioridade da Berma, embora duvidando que elas fossem bastante para explicá-la, como não bastava para explicar a da Gioconda ou do Perseu de Benvenuto a exclamação de um camponês:

-É tudo muito bem-feito! Tudo em ouro, e bonito! Que trabalho! -compartilhei, ébrio, o vinho grosseiro daquele entusiasmo popular. Ao baixar o pano, fiquei meio desapontado porque o prazer que tanto desejara não fora maior, mas ao mesmo tempo sentia necessidade de prolongá-lo, de não deixar mais, ao sair da sala, essa vida do teatro que por algumas horas fora a minha, e da qual teria me arrancado como se partisse para o exílio, ao voltar diretamente para casa, se ali não alimentasse esperanças de aprender muito sobre a Berma com seu admirador, a quem devia a permissão de ter ido ver a Fedra, o Sr. de Norpois. Fui-lhe apresentado, antes do jantar, por meu pai, que me chamou para tanto ao seu gabinete. Quando entrei, o embaixador se ergueu, estendeu-me a mão, inclinou sua grande estatura, fixando em mim, atentamente, seus olhos azuis. Como os estrangeiros de passagem, que lhe eram apresentados, no tempo em que representava a França, eram mais ou menos de bom grado - até mesmo os cantores da moda- pessoas de importância e de quem sabia então que poderia dizer mais tarde, quando falassem nos seus nomes em Paris ou S. Petersburgo, lembrava-se perfeitamente da noite que passara com eles em Munique ou em Sofia; assumira o hábito de fazê-los notar pela afabilidade a satisfação que sentia ao encontrá-los; mas, além disso, persuadido de que na vida das grandes capitais, se ganha ao contacto por um tempo das individualidades interessantes que as percorrem e dos costume do povo que ali habita; adquire-se um conhecimento aprofundado, que não dão os livros de história, da geografia, dos costumes das diferentes nações, do movimento intelectual da Europa, ele exercia sobre cada

recém-chegado, das faculdades de observador a fim de saber de imediato com que tipo estava tratando. Há muito tempo, o governo já não lhe confiava qualquer estrangeiro, mas logo que lhe apresentavam alguém, e que seus olhos tivessem recebido notificação de sua disponibilidade, principiavam ao aproveito, enquanto em todas suas atitudes ele procurava mostrar ao estranho não lhe era desconhecido. Assim, falando-me sempre com com o ar de importância de um homem que conhece, sua vasta esperteza cessava de me examinar com uma curiosidade sagaz e para seu próprio prazer como se eu fosse algum hábito exótico, algum monumento instrutivo, ou estrela em *tournée*. Desse modo dava provas, para comigo, ao mesmo tempo majestosa amabilidade do sábio Mentor e da curiosidade estudiosa de Anacársis.

Não me ofereceu absolutamente nada para a *Revista dos Dois;* mas fez-me um certo número de perguntas sobre minha vida e meras especulações sobre meus gostos, dos quais ouvi falar pela primeira vez como poderia segui-los; ao passo que acreditara até então que seria um dever contando que meus gostos se inclinavam para a literatura, ele não se desviou dele ao contrário com deferência, como de uma pessoa venerável e encantada do círculo seleto, em Roma ou em Dresde, se conserva a melhor lembrança e lastima encontrar tão poucas vezes depois. Devido às circunstâncias dava aparência de invejar-me, sorrindo com um ar quase licencioso, os bons momentos de felicidade que ele, e mais livre, a literatura me faria passar. Mas os próprios textos que o Sr. De Norpois me mostrava da literatura parecia-me como bem diversa da imagem que eu formara em Combray; e, compreendi que tinha tido duplamente razão em renunciar à ela. Até aqui eu percebera apenas que não possuía o dom da escrita; agora o Sr. De Norpois me matava até o desejo de praticá-la. Quis lhe explicar o que havia sido minhas ilusões; trêmulo de emoção, tinha o maior escrúpulo em que todas as minhas palavras fossem o mais sincero equivalente possível; do que havia sentido e tentara formular; o que significava minhas palavras que careciam de claridade. Talvez por hábito profissional, talvez em virtude da tranqüilidade de homem importante; a quem se pede conselho e que, sabendo que terá direção da conversa, deixa o interlocutor se agitar, se esforçar, sofrendo; talvez também, para fazer valer os aspectos de sua cabeça (grega segundo ele, apesar das grandezas suíças), o Sr. de Norpois, enquanto eu lhe expunha, observava uma imobilidade fisionômica tão absoluta como se a gente estivesse diante de um busto antigo e surdo em uma biblioteca. De resto, como o martelo do leiloeiro, ou como um oráculo de Delfos, a voz do que nos respondia impressionava, tanto mais que nada em seu rosto suspeitara qualquer espécie de impressão que havíamos deixado nele, nem sua opinião.

-Exatamente - disse de súbito, como se a causa estivesse julgada e após haver deixado de gaguejar diante dos olhos imóveis que não me largavam nem um só

instante-, conheço o filho de um de meus amigos que, *mutatis mutandis*, é como você - (e, para falar de nossas inclinações comuns, assumiu o mesmo tom tranqüilizador como se se tratasse não de tendências para a literatura e sim para o reumatismo, e quisesse mostrar que a gente não morria disso). - Ele também preferiu largar o Quai d'Orsay, onde no entanto, o caminho já lhe fora aberto pelo pai e, sem se preocupar com o que diriam, pôs-se a escrever. E certamente não teve ocasião de se arrepender. Publicou há dois anos; além disso, naturalmente, ele é muito mais velho que você; uma obra relativa ao sentimento do Infinito na margem ocidental do lago Vitória-Nianza e, este ano, um opúsculo menos importante, mas traçado com pena hábil, às vezes até acertada, sobre o fuzil de repetição no exército búlgaro, que o puseram numa situação verdadeiramente única. Já percorreu um belo caminho, não é homem de parar no meio, e sei que, sem que tenha sido considerada a idéia de uma candidatura, aventaram seu nome duas ou três vezes na conversação, e de um modo que nada era desfavorável, à Academia de Ciências Morais. E i zilá umiênue

demonstrou um imperceptível sorriso de felicitações; como todos os capitalistas considerava a fortuna uma coisa invejável; porém achava mais delicado só cumprimentar por um sinal de inteligência mal-confesso à pessoa que a possuía; por outro lado, como ele próprio era fabulosamente rico, julgava de bom grado a impressão de considerar enormes os rendimentos menores de outrem; o reconhecimento alegre e confortável quanto à superioridade dos seus.,E não hesitou em cumprimentar meu pai pela "composição" de seus papéis, "de um gosto seguro, delicado e fino". Poderia se dizer que atribuía às relações dos valores aplicados na bolsa entre si; e até aos valores da Bolsa em si mesmos, tal um mérito estético. De um deles, bem novo e desconhecido, de que lhe falou meu pai, o Sr. de Norpois, semelhante a essas pessoas que leram livros os quais apenas achava conhecer, lhe disse:

-Sim, e me diverti durante algum tempo ao seguir as cotações; era interessante - com o sorriso retrospectivamente de um assinante que leu o último romance de uma revista, aos pedaços. - Eu não o desaconselharia a subscrever a emissão que vai ser lançada novamente. É atraente, pois os títulos são oferecidos a preços tentadores. Ao contrário, para certos valores antigos, meu pai, não se recordando os nomes, fáceis de confundir com os de ações similares, abriu uma mostrou os próprios títulos ao embaixador. A vista deles me encantou; eram todos de flechas de catedrais e de figuras alegóricas, como certas publicações românticas antigas, que eu outrora folheara. Tudo aquilo que pertence a um tempo se assemelha; os artistas que ilustram os poemas de uma época; mesmos que têm trabalhos encomendados pelas Sociedades Financeiras lembrava tão bem certas brochuras da Notre Dame de Paris e das obras de Gerardo de Nerval, tais como eram penduradas na fachada do armazém de Combray, em seu enquadramento retangular, florido, que divindades fluviais suspendiam uma ação nominativa da Companhia das Águas.

Meu pai sentia pelo meu tipo de inteligência um desprezo suficientemente temperado pela ternura para que, no total, seu sentimento sobre tudo o que fosse de uma indulgência cega. Assim, não hesitou em me mandar buscar um pequeno poema em prosa, que eu fizera antigamente em Combray, durante um passeio. Escrevera-o com uma exaltação que me parecia dever continuar aos que o lessem. Porém, a peça não conseguiu seduzir o Sr. de Norpois porque sem me dizer uma só palavra ele me restituiu.

Minha mãe, cheia de respeito pelas ocupações de meu pai, veio perguntar timidamente se poderia mandar servir. Tinha medo de interromper uma conversa na qual não teria de tomar parte. E, de fato, a todo o instante meu pai lera ao marquês alguma medida útil que tivessem decidido sustentar na próxima sessão da Comissão, e o fazia no tom particular de dois colegas que se encontram num meio diferente - e nisso se assemelhavam a dois colegiais - cujos

profissionais criam lembranças comuns onde não têm acesso os outros os quais se desculpam por se reportar em sua presença.

Mas a perfeita independência dos músculos da face, a que atinou o Sr. De Norpois, permitia-lhe escutar sem dar impressão de ouvir. Meu pai acabava de se empalhar:

- Tinha pensado em pedir a opinião da Comissão... - dizia ao Sr. de Norpois depois de longos preliminares. Então, do rosto do aristocrata *virtuose* que guardara a inércia de um instrumentista ao qual ainda não chegou o momento de executar a sua parte, saía com fluência monótona, num tom agudo e como que só para encerrar, mas desta vez confiada a um outro timbre, a frase começada: - Que, fica entendido, você não hesitará em reunir, tanto mais que conhece individualmente os membros, que podem ser facilmente substituídos. - Em si mesma não era, evidentemente, um remate muito extraordinário. Mas a imobilidade que a precedera fazia-a destacar-se com a nitidez cristalina, o imprevisto quase malicioso dessas frases pelas quais o piano, silencioso até então, replica, no momento desejado, ao violoncelo que a gente acaba de ouvir, em um concerto de Mozart.

- Muito bem, ficaste contente com tua matinê? - perguntou meu pai enquanto íamos para a mesa, para me fazer brilhar e pensando que meu entusiasmo me faria ser bem avaliado pelo Sr. de Norpois. -Ele foi ouvir a Berma hoje cedo; lembra que tínhamos falado nisto juntos - disse, voltando-se para o diplomata com o mesmo tom de alusão retrospectiva, técnica e misteriosa como se se tratasse de uma sessão da Comissão.

- Deve ter ficado encantado, sobretudo se era a primeira vez que a ouvia. O senhor seu pai se alarmava com as conseqüências que essa pequena saída podia ter sobre seu estado de saúde, pois você é um tanto delicado, um tanto frágil, creio. Porém, tranqüilizei-o. Os teatros já não são hoje o que eram há apenas vinte anos. Temos lugares mais ou menos confortáveis, uma atmosfera renovada, embora ainda tenhamos muito que fazer para atingir a Alemanha ou a Inglaterra, que, a esse respeito, como a muitos outros, estão bastante avançadas quanto a nós. Não vi a Sra. Berma em Fedra, mas ouvi dizer que estava admirável. E você naturalmente ficou deslumbrado?

O Sr. de Norpois, mil vezes mais inteligente que eu, devia ter aquela verdade que eu não soubera extrair do desempenho da Berma, e ia revelá-la para mim; respondendo à sua pergunta, ia rogar-lhe que me dissesse em que consistia essa verdade; e ele justificaria assim o desejo que eu tivera de ver a atriz. Só desfrutava de um momento, era preciso aproveitá-lo e fazer encaminhar meu interrogatório sobre os pontos essenciais. Mas quais eram? Fixando toda minha atenção sobre as impressões tão confusas que tivera, e de modo algum pensando

em me fazer admirar pelo Sr. de Norpois, e sim em obter dele a verdade ansiada, não buscava substituir as palavras que me faltavam por expressões feitas; balbuciei e finalmente, para tentar provocá-lo a declarar o que a Berma possuía de admirável, confessei que ficara decepcionado.

-Mas como - exclamou meu pai, preocupado com a impressão lastimável, alegando minha incompreensão, poderia produzir sobre o Sr. de Norpois-, como dizer que não sentiste prazer? Tua avó nos contou que não perdias uma só palavra do que a Berma dizia, que teus olhos estavam fora das órbitas, não havia ninguém na sala como tu.

- Mas sim, eu escutava com todas as forças para saber o que fazia de tão notável. É claro que ela está muito bem...

- Se ela está muito bem, que mais te falta?

- Uma das coisas que certamente contribuem para o sucesso Berma disse o Sr. de Norpois voltando-se com deferência para minha mãe, a fim não deixá-la fora da conversa e de cumprir conscienciosamente com sua cortesia para com uma dona-de-casa- é o gosto perfeito que ela aplica na interpretação de seus papéis e que lhe vale sempre êxito legítimo e de boa qualidade. Não faz o papel de mediocridades. Veja, ela se atirou ao papel de Fedra. Aliás, esse bom gosto ela o aplica em suas *toaletes*, no seu desempenho. Ainda que tenha feito proveitosas turnês na Inglaterra e na América, a vulgaridade, não diria, John Bull, o que seria injusto pelo menos para a Inglaterra da era vitoriana, Tio Sam não se abateu sobre ela. Jamais cores muito berrantes, jamais grito exagerados. E depois, aquela voz admirável que a serve tão bem e que ela emprega de maneira fascinante, seria quase tentado a dizer musical!

Meu interesse pelo desempenho da Berma, não cessara de aumentar desde o fim da representação, porque não mais sofria a compressão dos limites da realidade; porém, eu experimentava a necessidade de lhe achar explicação disso; o interesse agira com igual intensidade, enquanto a Berma atuo tudo aquilo que ela oferecia, na indivisibilidade da vida, a meus olhos, ouvidos; não distinguira, nem havia separado nada; assim meu interesse ao descobrir um motivo racional naqueles elogios à simplicidade, ao bom artista, os atraía para si pelo seu poder de absorção, apoderava-se como o otimismo de um bêbado se apodera das ações do próximo, nas quais encontra motivo de enternecimento. "É verdade", dizia comigo, "que voz bonita, que gritos, que vestidos simples, que inteligência em ter escolhido a Fedra; fiquei decepcionado."

Apareceu o rosbife com cenouras, deitado pelo Michelangelo de nossa cozinha, sobre enormes cristais de geléia semelhantes a blocos de quartzo transparente.

- A senhora tem um mestre-cuca de primeira ordem, madame disse o Sr. de Norpois. - E isso não é pouco. Eu que tive de sustentar no estrangeiro padrão de

vida doméstica, sei o quanto é freqüentemente difícil encontrar um perfeito mestre-cuca. A senhora nos convidou para um verdadeiro banquete.

E, de fato, Françoise, sobre excitada pela ambição de realizar, à um convidado importante, um jantar semeado de dificuldades dignas dela, pelo esforço a que não se entregava mais quando estávamos a sós, reencontrara na forma incomparável de Combray.

-Eis o que não se pode encontrar nos restaurantes, e digo nos melhores: um prato de carne estufada e onde a geléia não cheire a cola; em que a carne se impregne do odor das cenouras, é admirável! Permita-me repetir - acrescentou ele, fazendo sinal de que desejava mais geléia. -Teria curiosidade de julgar o seu Vatel, agora numa iguaria inteiramente diversa; gostaria, por exemplo, de encontrá-lo às voltas com a carne à *Strogonoff*.

O Sr. de Norpois, para contribuir também seu lado à satisfação do repasto, contou-nos várias histórias com as quais muitas vezes brindava os colegas de carreira; ora citando um discurso ridículo pronunciado por um político useiro e vezeiro nessas coisas; que os fazia longos e cheios de imagens incoerentes; ora determinada frase lapidar de um diplomata cheio de concisão. Mas, para falar a verdade, o critério que, para ele, distinguia essas duas espécies de frase em nada se parecia com o que eu aplicava à literatura. Muitas das nuanças me escapavam; as palavras que ele recitava às gargalhadas não me pareciam muito diferentes das que eu julgava notáveis. O Sr. de Norpois pertencia ao gênero de homens que, para as obras que eu amava, teria dito:

"Então, compreende? Quanto a mim, confesso que não compreendo, não sou um iniciado", mas eu podia retrucar na mesma moeda, pois não alcançava o espírito, ou a asneira, a eloqüência, ou o excesso, que ele encontrava numa réplica ou num discurso; a ausência de toda a razão perceptível, para que isto fosse mau, e aquilo fosse bom, fazia com que essa espécie de literatura me parecesse mais misteriosa, mais obscura que qualquer outra. Percebi apenas que repetir o que todos pensavam não era em política, um sinal de inferioridade mas de superioridade. Quando o Sr. de Norpois se utilizava de certas expressões que se encontram nos jornais, pronunciando-as com força, sentia-se que elas se transformavam em ação, pelo simples fato de que as empregara, e uma ação que suscitaria comentários.

Minha mãe contava muito com a salada de ananás e trufas. Mas o embaixador, depois de exercer sobre as iguarias, por alguns instantes, a penetração de seu olhar de observador, comeu-as, permanecendo envolto em discrição diplomática sem nos externar seu pensamento. Minha mãe insistiu que ele repetisse, e o Sr. de Norpois concordou, dizendo apenas em vez do cumprimento que esperavam:

-Obedeço, madame, pois vejo que se trata de um verdadeiro *ucasse* de sua parte.

-Lemos nas "folhas" que o senhor conversou longamente com o rei Teodósio III. - disse meu pai.

- De fato, o rei, que tem uma memória fisionômica rara, lembrou, ao me avistar no proscênio, que eu tivera a honra de vê-lo durante alguns dias na corte da Baviera, quando ainda nem pensava no trono oriental (foi chamado por um congresso europeu; até hesitou muito em aceitá-lo, que essa soberania não estava à altura da sua linhagem, a mais nobre do ponto de vista da heráldica, de toda a Europa). Um ajudante de campo veio dizer-me para que fosse saudar Sua Majestade, cujas ordens, naturalmente, apressei-me em obedecer.

- Ficou satisfeito com os resultados de sua visita?

- Encantado! Era justo conceber algumas apreensões sobre como um monarca, tão jovem ainda, se sairia naquele passo tão difícil; em conjunturas tão delicadas. De minha parte, eu tinha plena confiança na política do soberano. Mas confesso que foram além de minhas esperanças. O brinde que ele pronunciou no Élysée. De acordo com as informações que me deram de fontes de inteira confiança, fora redigido por ele mesmo, da primeira até a última palavra, era perfeitamente digno do interesse que despertou por todas as partes. É simplesmente um golpe de mestre; parece-me um tanto ousado; reconheço sua audácia que, afinal, os acontecimentos justificaram plenamente. As tradições diplomáticas têm de fato o seu lado bom, mas, especificamente, acabaram, tanto do seu lado quanto do nosso país, por viverem numa atmosfera abafada que já não era respirável. Muito bem, uma das formas de renovar o ar, evidentemente uma daquelas que não se pode recomendar, mas que o rei Teodósio podia se permitir, era romper os vidros. E ele o fez com um bom humor que encantou a todos; também a precisão de termos onde se reconheceu de imediato a estirpe dos príncipes, à qual ele pertence pelo lado materno. É certo que, quando falou das afinidades que unem seu país à França, a expressão, por mais desusada no vocabulário das chancelarias, era singularmente feliz. Vejam que a literatura vai mal, mesmo na diplomacia, mesmo sobre um trono - acrescentou, dirigindo-se à mim. - A situação era constatada há muito tempo, admito-o, e as relações das duas potências eram excelentes. Ainda assim, era necessário que a expressão fosse dita. A palavra era esperada, foi escolhida às maravilhas, vocês viram o resultado. De minha parte, aplaudi com entusiasmo.

-Seu amigo, o Sr. de Vaugoubert, que preparava a aproximação há tantos anos, deve ter ficado contente.

-Tanto mais que Sua Majestade, que tem o hábito de tais gestos fez questão de lhe preparar esta surpresa. De resto, a surpresa foi completa no mundo, a começar pelo ministro das Relações Exteriores, que, ao que diziam, não achou a seu gosto. A alguém que lhe falava, teria respondido com nitidez, em voz bastante alta para

ser ouvido pelas pessoas próximas sem ser consultado nem prevenido; indicando claramente assim, que declina responsabilidade pelo ocorrido. É preciso confessar que o acontecimento causou barulho e não ousaria afirmar- acrescentou com um sorriso – que certos colegas, para quem a lei suprema parece ser a do menor valor tinham sido perturbados no seu sossego. Quanto a Vaugoubert, vocês sabem muito tem atacado por sua política de aproximação com a França; deve ter sofrido muito com isso porque é uma pessoa sensível, uma alma requintada. Tenho motivos para confirmá-lo, pois, embora seja bem mais moço que eu de carreira, somos amigos de longa data e conheço-o muito. Aliás, quem o atacaria? É uma alma de cristal. É até o único defeito que se lhe pode alegar: não é preciso que o coração de um diplomata seja tão transparente como o seu - e que se fale em enviá-lo a Roma, o que seria uma bela promoção; porém é um problema sério. Entre nós, creio que Vaugoubert, por mais que seja de ambição, ficaria bem contente e não pediria que o afastassem dele. Quiçá operasse prodígios por lá; é o candidato da Consulta e, de minha parte, imagino-o muito bem; ele que é tão artista, no ambiente do palácio Farnese e na galeria de Carraggios. Parece que pelo menos ninguém poderia odiá-lo. Porém existe em torno do rei Teodósio toda uma camarilha, mais ou menos submetida na Wilhelmstrasse, as inspirações segue docilmente e que tem procurado de todas as maneiras obstáculos. Vaugoubert não tem apenas que enfrentar as intrigas de bastidores; também as injúrias de foliculários pagos, que, mais tarde, covarde jornalista venal, são os primeiros a pedir perdão; mas, enquanto isso são os que lançam, contra o nosso representante, ineptas acusações irresponsáveis. Durante mais de um mês, os inimigos de Vaugobert dançam ao seu redor a dança do escalpo - disse o Sr. de Norpois, sublinhando a última palavra. - Mas um homem prevenido vale por dois; essas injúrias, ele rechaça com a ponta dos pés - acrescentou de forma ainda mais enérgica e com um olhar tão firme que paramos um instante de comer. - Como diz um belo provérbio árabe ''Os cães ladram e a caravana passa."

Após ter lançado esta citação, o Sr. de Norpois parou para nos olhar e avaliar o efeito que produzira em nós. Foi grande o efeito, porque já era conhecido: substituíra naquele ano, entre os homens de grande valor, "Quem semeia ventos, colhe tempestades", o qual necessitava de repouso, pois não era tão vivaz e infatigável como: "Trabalhar para o Rei da Prússia". Pois a cultura dessas pessoas eminentes, era uma cultura alternativa e geralmente trienal. Criações desse tipo e com as quais o Sr. de Norpois se esmerava em abrir os artigos da Revista, não eram necessárias de modo algum para homens sólidos e bem informados. Mesmo desprovidos de ornamentos as emoções lhe aportavam; bastava que o Sr. de Norpois escrevesse em seu devido tempo – o que ele nunca deixava de fazer: "O gabinete de Saint-Jarnes não foi um dos últimos a sentir o perigo"; ou então "A emoção foi grande no Pont-aux-Chantres, esguia-se com inquietação a política

egoísta, porém hábil, da monarquia bicéfala" - ou "Um grito de alarme partiu de Montecitório"; ou ainda "O jogo duplo que é bem próprio do Ballplatz". A tais expressões, o leitor profano reconheceria logo, e saudaria, o diplomata de carreira. Mas, o que fazia com que dissessem que ele era mais do que isso, que possuía uma cultura de emprego racional; de citações, cujo modelo perfeito ficava sendo o seguinte: ''Dê-me uma boa política e eu lhe darei boas finanças, como costumava dizer Louis." (Ainda não se havia importado do Oriente: "Entre dois adversários, a vitória será daquele, que sabe sofrer um quarto de hora a mais do que o outro.'' como dizem os japoneses.) Essa reputação de grande letrado, unida a um verdadeiro gênio de intriga, sob a máscara da indiferença, fizera com que o Sr. de Norpois entrasse para a Academia de Ciências Morais. Algumas pessoas chegaram a pensar que ficaria mal colocado na Academia Francesa, no dia em que, querendo dar a entender que só estreitando a aliança com a Rússia é que poderíamos chegar à Inglaterra, não hesitou em escrever: "Que o saibam bem na Quaid d'Orsay; que ensinem de agora em diante, em todos os livros de geografia, que são incompletos a tal respeito, que recusem implacavelmente o diploma de todo candidato que não souber dizer: Se todos os caminhos levam à Roma, em compensação o caminho que vai de Paris a Londres passa necessariamente por Petersburgo."

- Em resumo - continuou o Sr. de Norpois dirigindo-se à meu pai - Vaugoubert aí obteve um sucesso que ultrapassa até o que ele próprio, com efeito, contava com um brinde correto (o que, depois das nuvens dos últimos anos, já era muito bom). Diversas pessoas que estavam no banquete me asseguraram que não se pode, lendo este brinde, dar-se cordas que produziu, pronunciado e detalhado às mil maravilhas pelo rei, que tem a arte de falar e que sublinhava de passagem todas as intenções, todas as expressões. A esse propósito, contaram-me um fato bem picante e que realça uma gentileza juvenil do rei Teodósio, que tantos corações cativa. Afirmaram que ao chegar nesse termo "afinidades" que, em suma, era a grande inovação do discurso, e que permanecerá por muito tempo nos comentários das chancelarias, Sua Majestade, prevendo a alegria do nosso embaixador, que ali faria o justo coroamento de seus esforços, pode-se dizer de seus sonhos, pois ia ganhar seu bastão de general; meio que se virou para Vaugoubert fixando aquele olhar tão sedutor dos Oettingen, destacou esta palavra tão bem "afinidades"; expressão que era um verdadeiro achado, num tom que todos sabiam ser empregado com conhecimento de causa. Parece que Vaugoubert, mal pôde dominar sua emoção, em certa medida, confesso que o com uma pessoa digna de todo o crédito, confiou-me até que o rei se apresentou à Vaugoubert depois do jantar, quando Sua Majestade formou círculo, e lhe disse à meia-voz: "Está contente com seu aluno, meu caro marquês?" É certo – analisou o Sr. de Norpois - que semelhante brinde fez mais do que vinte anos de espera para estreitar, entre os dois países, suas "afinidades", conforme a

expressão pitoresca de Teodósio II. Não passa de uma palavra, se quiser, mas veja que destino findou, como toda a imprensa européia a repete, o interesse que ela desperta, o quanto rendeu sua novidade. Aliás, é bem do jeito do soberano. Não chegarei a dizer que todos os dias ele acha diamantes lapidados como esse. Mas, é muito raro alguém em seus discursos estudados, melhor ainda, no primeiro impulso da conversa, deixar sua marca - quase diria a sua assinatura, por uma palavra sem rodeios. Tanto mais que sou menos suspeito de parcialidade na matéria por ser inimigo de toda inovação desse tipo. Dezenove vezes em vinte elas são perigosa s e s e s e s da essed pas s s] a

- Mas a igreja de Balbec é em parte romana?

-De fato, ela é do estilo românico, que, por si mesmo, já é bastante frio e de maneira alguma deixa pressagiar a elegância, a fantasia dos arquitetos góticos que escavam a pedra como se fizessem renda. A igreja de Balbec merece uma visita quando lá nos encontramos, pois é bem curiosa; se num dia de chuva você não tiver o que fazer, poderia entrar nela, e lá veria o túmulo de Tourville.

- Estava ontem no banquete das Relações Exteriores? Eu não pude ir - disse meu pai.

- Não. - respondeu o Sr. de Norpois com um sorriso - renunciei à ele em favor de um sarau bem diverso. Jantei na casa de uma senhora a quem talvez já tenham ouvido falar, a bela senhora Swann.

Minha mãe reprimiu um frêmito, pois, de uma sensibilidade a mais que a de meu pai, alarmava-se por ele com aquilo que só devia continuar um instante após. Os dessabores que a ele ocorreriam eram percebidos como as más notícias da França que são antes conhecidas no estrangeiro antes de chegar em nossa terra. Porém, curiosa de saber que tipo de pessoas os Swann receberam, ela indagou do Sr. de Norpois sobre as quais havia encontrado lá:

- Meu Deus...é uma casa aonde me parece que vão cavalheiros sós. Havia alguns homens casados, mas suas esposas nessa noite não tinham vindo - respondeu o embaixador com uma risada de bonacheirice e lançando ao redor olhares cuja doçura e discrição vem, exagerando habilmente sua malícia.

- Devo dizer - acrescentou - para ser perfeitamente justo, que havia mulheres, mas... pertencentes antes... como direi? ao mundo republicano que à sociedade dos Swann (ele pronunciava Svann). Quem sabe? Um dia ali pode ser um salão político ou literário. De resto, parece que estão contentes. Eu diria até que Swann o demonstra um pouquinho demais. Nomeava as pessoas da casa que ele e a mulher eram convidados para a semana seguinte, e de cuja presença, entretanto, não há motivos para se orgulhar, com uma falta de reservas, quase que de tato, que me deixou assombrado em um homem tão fino. Não fazia mais que repetir: "Não temos uma só noite livre",- como se se tratasse de uma coisa gloriosa, de um verdadeiro arrivista, o que ele todavia não é. Pois Swann tinha amigos e até amigas, e sem arriscar demais, nem querer ser indiscreto, creio que não todas, nem sequer o maior número delas, mas pelo menos uma grande dama, não seria talvez totalmente refratária à idéia de tratar com a Sra. Swann, caso em que, verossimilmente, mais de um *Carneiro de Panurgo*, a teria seguido{7}. Mas parece que não houve, da parte de Swann, nenhuma insinuação nesse sentido. Como? Mais um pudim à Messelrode? A cura em Carlsbad talvez seja suficiente para me refazer de um festim de Lúculo como este. Talvez Swann se deu conta que havia resistências demais para vencer. O casamento não agradou, isto é não

caiu muito bem. Falou-se da fortuna da mulher, o que é uma grande balela. Mas enfim, tudo não pareceu nada agradável. E depois Swann tem uma tia excessivamente rica e de admirável posição social, mulher de um homem que, financeiramente falando, é uma potência. E não só ela se recusou a receber a Sra. Swann, mas iniciou uma campanha em regra para que suas amigas e conhecidas fizessem outro tanto. Não quero dizer com isso que algum parisiense da boa sociedade haja faltado com o respeito à Sra. Swann. Não, cem vezes não! Aliás, o marido é pessoa de erguer a luva. Em todo caso, há uma coisa curiosa: é ver como Swann, que conhece tanta gente e da mais escolhida sociedade, mostra uma solicitude para com uma sociedade da qual o menos que se pode dizer é que é bastante mista. Eu, que o conheci outrora, confesso que senti tanta surpresa, como divertimento, ao ver um homem tão bem-educado, tão na moda nos grupos mais seletos, agradecer com efusão ao chefe de gabinete do Ministro dos Correios por ter vindo à casa deles e perguntar-lhe se a Sra. Swann poderia tomar a liberdade de ir visitar sua esposa. E contudo deve sentir-se deslocado; evidentemente, já não se trata da mesma sociedade. Entretanto, não creio que se sinta infeliz. É verdade que ocorreram, nos anos que precederam o casamento, infames manobras de chantagem por parte da mulher; ela privava Swann de ver sua filha, toda vez que ele lhe recusava algo. O pobre Swann, tão ingênuo quanto refinado, julgava sempre que o rapto da filha era uma coincidência e não queria enxergar a verdade. Além disso, ela lhe fazia cenas tão constantes que a gente pensava que, no dia em que alcançasse seus objetivos e se tornasse esposa de Swann, nada a deteria mais; e a vida de ambos seria um inferno. Pois bem, foi o contrário o que aconteceu. Graceja-se muito sobre a forma como Swann fala da mulher, chega-se a troçar abertamente dele. Certamente não pediriam que, mais ou menos consciente de o ser (vocês sabem a frase de Moliere), ele o fosse proclamar *urbi et orbi*; nada impede que o achem exagerado quando diz que sua mulher é uma excelente esposa. Ora, isto não é tão falso como julgam. À sua maneira, que não é aquele de todos os maridos prefeririam, mas enfim, cá entre nós, parece-me difícil que Swann, que a conhecia há muito tempo e está longe de ser um tolo, não soubesse com quem estava lidando; é inegável que ela parece sentir afeição por ele. Não digo que ela não seja volúvel e o próprio Swann não se importa em sê-lo, avaliado por boas e más línguas que seguem seu caminho, como bem podem imaginar. Mas é pelo que Swann fez por ela e, contrariamente aos temores que todos sentiam, transformou-se numa doçura de anjo. Essa mudança talvez não fosse tão extraordinária como o achava o Sr. Swann de Odette; não acreditara que Swann terminasse por desposá-la; todas as vezes que lhe anunciava, tendenciosamente, que um homem distinto acabava de se casar com sua amante, vira-o manter um silêncio glacial e, quando muito, se ela falava diretamente, perguntando:

"Então, não achas que é muito bom, que é ótimo o que ele fez por uma mulher

que lhe dedicou sua juventude?" ele contestava secamente:

"Mas eu não digo que seja mau, cada qual age como quiser." Ela não estava longe de crer que, como lhe dizia Swann nesses momentos ele a abandonaria de uma vez por todas, pois ouvira há pouco de uma escultora:

"Pode-se esperar tudo dos homens, eles são tão patifes!", e, assustada diante dessa máxima pessimista, que apropriara-se dela, repetia-a a qualquer um com ar desanimado que parecia dizer:

"Afinal, não seria nada impossível, é esta minha oportunidade." E, conseqüentemente, perdera toda validade a máxima, que até então havia guiado Odette na vida:

"Pode-se fazer tudo com os homens que amam, eles são tão imbecis", e que se expressava em seu rosto pelo movimento dos olhos que acompanhara frases tais como:

"Não tenham receio, que ele não há de quebrar nada." Esperando, Odette sofria ao pensar o que uma de suas amigas; casada com um homem com quem estivera menos tempo do que Swann com ela mesma; que não tinha filhos, e era relativamente bem considerada agora; para os bailes do Élysée, o que poderia pensar da conduta de Swann. Um consultor mais profundo do que o era o Sr. de Norpois, sem dúvida teria podido diagnosticar, fora o sentimento de humilhação e vergonha que havia amargurado Odette; que o caráter infernal que ela exibia não lhe era inerente, não era um mal incurável; sem dúvida teria facilmente previsto o que aconteceria, a saber: que um novo regime matrimonial, faria cessar com uma rapidez quase mágica, tais incidentes cotidianos; porém, de modo algum orgânico. Quase todos se espantavam de semelhante casamento, e isto é também espantoso. Claro que poucos compreendem o caráter puramente subjetivo do fenômeno que é o amor; uma espécie de criação, que faz uma pessoa suplementar distinta da que leva o mesmo nome no mundo e que formamos com elementos tirados do próprio interior. Há também poucas pessoas que possam considerar naturais, as proporções que acaba por adquirir para nós, uma criatura que não é a mesma que elas vêem. No entanto, parece que, no que diz respeito à Odette; embora jamais tivessem compreendido inteiramente sua inteligência; pelo menos sabia os títulos e os pormenores de seu trabalho, a ponto de Vermeer lhe ser tão familiar como o nome de sua costureira. Para Swann, eram profundos aqueles traços de caráter, os quais o resto da sociedade ignora, ou ridiculariza; dos quais somente uma amante, ou uma irmã, possuem a imagem se é amada; nos afeiçoamos de tal modo à essas características, mesmo àquelas que desejaríamos corrigir, se as velhas ligações possuem algo da doçura, das afeições de família, é porque uma mulher acaba por se acostumar de forma indulgente e amigavelmente trocista, semelhante ao hábito que bem nos vêem

nossos pais. Os laços que nos unem a um ser se santificam quando ele se põe no mesmo ponto de vista nosso, para julgar nossos defeitos. E entre esses traços particulares, havia também os que tocavam tanto à inteligência, como ao caráter de Swann; que todavia, em virtude das raízes que, apesar de tudo, tinham criado nele, Odette discernia com mais facilidade. Ela se queixava que, quando Swann estava escrevendo, quando publicava seus ensaios, tais traços não se reconheciam em seus escritos, tanto como nas cartas ou na conversação, onde eram abundantes. Aconselhava-o a lhes dar mais espaço em seus trabalhos. Odette os desejava, pois era o que preferia nele, mas como os preferia por serem os mais legitimamente dele, talvez não estivesse errada em desejar que os encontrassem no que ele escrevia. Talvez pensasse igualmente que mais vivas obras, trazendo-lhe por fim o sucesso, lhe permitiriam organizar o que, na casa dos Verdurin, aprendera a colocar acima de tudo: um salão.

Dentre as pessoas que achavam ridículo aquele casamento, pessoas que perguntariam, no próprio caso: "Que pensará o Sr. de Guermantes, que dirá Bréauté, quando me casar com a Srta. de Montmorency?"; dentre as pessoas que cultivavam essa espécie de ideal social, teria figurado, vinte anos antes, o próprio Swann; aquele Swann que fizera tantos esforços para ser admitido no Jockey e contara, naquele tempo, fazer um casamento deslumbrante; que consolidando sua situação, teria feito dele um dos homens mais requisitados de Paris. Apenas, as imagens que um tal casamento por interesse representa ao interessado, como todas as imagens, precisam, para não desaparecer e se apagar de todo, ser alimentadas de fora. Digamos que o seu sonho mais ardente seja humilhar o homem que o ofendeu. Porém, se você nunca mais ouve falar nele, caso ele tenha se mudado para outras terras, seu inimigo acabará por não ter mais nenhuma importância para você. Se perdermos de vista, durante vinte anos, todas as pessoas por causa que gostaríamos de entrar para o Jockey, ou para o Instituto; a perspectiva de sermos membros de uma dessas associações já não nos tentará de modo algum. Ora, tanto como um retiro, uma doença, uma conversão religiosa, uma ligação prolongada substituem as imagens antigas por outras novas.

Não houve, da parte de Swann, quando desposou Odette, renúncia às ambições mundanas, pois de há muito Odette o desprendera dessas ambições, no sentido espiritual da palavra. Aliás, se não fosse desse modo, maior seria o mérito. Geralmente os casamentos entre amantes são os mais estimáveis de todos (e não se pode, com efeito, chamar de infame um casamento por dinheiro, não havendo por exemplo de um casal em que a mulher, ou o marido se tenham vendido, ao qual não acabem por recepcionar, nem que seja devido à tradição e com fundamento em tantos casos semelhantes, para usar de dois pesos e duas medidas), porque implicam o sacrifício de uma ação mais ou menos elogiosa a

uma doçura puramente íntima. Por outro lado, senão como artista, como corrompido. Swann teria, de qualquer modo, experimentado uma certa volúpia em ligar a si próprio, um desses cruzamentos de diferentes espécies como os praticam os seguidores de Mendel; ou como relata a mitologia, um raça diferente, arquiduquesa ou cocote, em contrair uma aliança régia; ou em fazer um mau casamento. Só havia uma pessoa na sociedade com quem preocupava cada vez que pensava no casamento possível com Odette, e era, por puro esnobismo, a duquesa de Guermantes. Odette, ao contrário, não se preocupava em ficar pensando nessas pessoas, mas naquelas situadas imediatamente em escala superior à sua, em vez de se incomodar com um tão vago empíreo. Swann, quase em todas as suas horas de devaneio, via Odette como sua esposa; imaginava invariavelmente, o momento em que a levaria, e sobretudo sua filha, à casa da princesa de Laumes, que há pouco se tornara duquesa de Guermantes pela morte de sua sogra. Não tinha desejo de apresentá-la em nenhum outro lugar, mas, se emocionava inventando; pronunciando até as palavras, tudo aquilo que a duquesa diria à Odette e esta à Sra. de Guermantes; a ternura que esta testemunharia mimando-a, fazendo-o orgulhoso da filha. Representava para si mesmo a cena de apresentação, com a mesma precisão no detalhe imaginário das pessoas calculando, caso ganhassem, um prêmio cuja cifra fixam arbitrariamente. Na medida em que uma imagem ilusória acompanha uma de nossas resoluções motivando-nos; pode-se dizer que, Swann se casou com Odette, para apresentá-la e à sua filha Gilberte, sem que houvesse obstáculos; e que ninguém jamais o soubesse, à duquesa de Guermantes. Iremos ver como esta única ambição, que havia desejado para sua esposa e para sua filha, foi justamente aquela cuja realização seria proibida; por uma negativa tão absoluta que Swann morreu sem que a duquesa alguma vez as conhecesse. Veremos também que, pelo contrário a duquesa de Guermantes se ligou a Odette e Gilberte depois da morte de Swann. Talvez teria sido mais sábio à Swann, se não tivesse atribuído tanta importância a tal fato, que valia tão pouco; não fazendo a mínima idéia que tão sombria no futuro - admitindo que a reunião sonhada poderia ocorrer quando ele já não estive presente para desfrutá-la. O trabalho de causalidade que acaba por produzir quase sempre os efeitos possíveis, e, por conseguinte, também aqueles que a gente julga viáveis; esse trabalho é às vezes moroso, e se torna ainda mais lento nosso desejo - que, buscando apressá-lo, o entrava -, devido à nossa insistência e não chega a seu termo senão quando deixamos de desejar, e às vezes; viver. Por acaso Swann não o sabia por experiência própria? Acaso não houve em sua vida - como uma prefiguração do que devia acontecer após a sua morte – uma felicidade póstuma esse casamento com aquela Odette, que ele amara tanto - embora ela não tivesse lhe agradado à primeira vista - e que ele quando já não a amava, quando já era morta a imagem daquele ser; que ele tinha daquele ser que Swann, tanto desejara e se

desesperara de viver a vida toda com Odette?

Fiquei falando no conde de Paris, perguntando se não seria amigo de Swann, pois temia que a conversa se desviasse dele.

- Sim, de fato é – contestou o Sr. de Norpois voltando-se para mim e fixando em minha modesta pessoa, onde flutuavam, como seu elemento vital, suas grandes faculdades de trabalho, seu espírito de assimilação.- E, meu Deus - acrescentou, dirigindo-se de novo a meu pai _ não creio passar dos limites do respeito de que faço profissão pelo príncipe (sem, no entanto, manter com ele relações pessoais que fariam difícil a minha situação, por menos oficial que seja) se lhe contar um fato bem picante em que, há não mais de quatro anos, numa estaçãozinha de estrada de ferro de um dos países da Europa central, o príncipe teve oportunidade de ver a Sra. Swann. Certamente, nenhum dos íntimos de Sua Alteza se permitiu lhe indagar como a havia encontrado. Não seria oportuno. Mas quando, por acaso, a conversação tocava no nome dela, por alguns sinais, imperceptíveis se quiserem, mas que não enganam ninguém, o príncipe parecia dar a entender de bom grado que sua impressão, em suma, fora longe de ser desfavorável.

- Mas não haveria possibilidade de apresentá-la ao conde de Paris? - perguntou meu pai.

- Ora, não sei; com os príncipes nunca se sabe. - respondeu o Sr. de Norpois-; os mais gloriosos, os que sabem render ao máximo o que se lhes deve, são também, às vezes, os que menos se atrapalham com os decretos da opinião pública, mesmo os mais justificados, por pouco que se cuide de recompensar determinadas afeições. Ora, é certo que o conde de Paris aceitou sempre com muita benevolência o devotamento de Swann, que é, aliás, um rapaz de espírito como poucos.

- E qual foi sua impressão pessoal, senhor embaixador? - Indagou minha mãe por polidez e curiosidade.

Com a energia de um velho conhecedor que contrastava com a moderação habitual de suas frases:

- Excelente! - respondeu o Sr. de Norpois.

E, sabendo que a confissão de uma forte impressão causada por alguma mulher, desde que feita com humor, toma parte de uma certa forma bastante apreciada do espírito da conversa, ele desatou num pequeno riso que se prolongou durante alguns instantes, umedecendo os olhos azuis do velho diplomata e fazendo vibrar suas narinas, nervuradas de fibrilas rubras.

- Ela é absolutamente encantadora!

- Por acaso, senhor, um escritor de nome Bergotte estava presente? - argui timidamente, para tentar manter a conversa sobre o assunto dos Swann.

-Sim, Bergotte estava lá - respondeu o Sr. de Norpois, inclinando a cabeça para o meu lado com polidez, como se, no seu desejo de ser amável com meu pai, atribuísse verdadeira importância a tudo que lhe dissesse respeito, mesmo às perguntas de um menino da minha idade e que não estava habituado a ser tratado com tanta delicadeza pelas pessoas da idade do embaixador.

-Conhece-o? - acrescentou, fixando em mim o olhar claro cuja agudeza Bismarck admirava.

- Meu filho não o conhece, mas o admira muito. - disse minha mãe.

- Meu Deus! - exclamou o Sr. de Norpois (que me inspirou, à própria inteligência, dúvidas mais sérias do que as que me atormentavam, quando vi que aquele que punha milhares e milhares de vezes acima, aquele que eu julgava ser o máximo em todo o mundo, achava-se, para ele num ponto bem inferior em sua escala de admirações) - não partilho dessa opinião. Bergotte é o que chamo um tocador de flauta; de resto, deve-se reconhecer que toca de modo agradável, embora com bastante maneirismo e afetação. Não passa disto e isto, não é lá grande coisa. Em suas obras sem músculos se encontra o que se poderia denominar um plano. Nada de ação; ou til e principalmente nenhuma dimensão. Seus livros pecam pela base, ou não têm base nenhuma. Numa época feito a nossa, onde a complexidade da vida, mal deixa tempo para ler; onde o mapa da Europa sofre remanejamentos profundos e está às vésperas de sofrer talvez ainda maiores; onde tantos ameaçadores novos, se colocam em toda parte; hão de concordar que temos o direito de pedir a um escritor, para ser algo mais do que um belo espírito faça esquecer; nas discussões ociosas e bizantinas acerca dos méritos de pura forma; que podemos ser invadidos a qualquer instante por uma dupla tropa de bárbaros, os de fora e os de dentro. Sei que isto é blasfemar contra a sacro - daquilo que esses senhores denominam a *Arte pela Arte*, mas não existem tarefas mais urgentes do que agenciar palavras de maneira harmoniosa e a maneira de Bergotte é às vezes, bem sedutora, não nego; mas, em suma, tudo isso aí, está afetado, é muito frágil e bem pouco viril. Agora compreendo melhor, repor à sua admiração totalmente exagerada por Bergotte, as breves linhas que trouxe há pouco e sobre as quais passei os olhos por alto, já que você me disse com toda a simplicidade, que eram apenas rabiscos de criança (eu o disse, mas absolutamente não pensava assim). Misericórdia a todo pecado, aos pecados da juventude. Afinal, outros na mocidade também têm pecados na consciência, e você não é o único a se julgar poeta na sua idade. Mas, nota-se a má influência de Bergotte. Evidentemente, não lhe causarei surpresa dizendo que não havia no seu escrito, nenhuma de suas qualidades, pois é consumado na arte, aliás bastante superficial, de um certo estilo cujos valores você não poderia possuir na sua idade. Porém, os defeitos são os mesmos, já apresenta o mesmo contra-senso de alinhar umas atrás das outras palavras muito sonoras e só depois se preocupar

com o sentido. É colocar o carro adiante dos bois. Até nos livros de Bergotte, *chinesices* de forma, essas sutilezas de mandarim decadente me parece vãs. Diante de alguns fogos de artifício, agradavelmente lançados por alguém - já gritam todos que se trata de uma obra-prima. As obras-primas não são freqüentes assim! Bergotte não tem no seu ativo, em sua bagagem, poderia se dizer, um romance de impulso um tanto mais alto, um desses livros que se destaque numa biblioteca. Não vejo um só em sua obra. O que não impede que, em seu caso, a obra seja infinitamente superior ao autor. Ah! Eis alguém que dá desafio ao homem de espírito, que achava que só se devem conhecer os escritores pelos seus livros. Impossível ter um indivíduo que corres□e só obrao

Ora, eu representante da França no estrangeiro, à qual em certa medida ele honra seus escritos, digamos, para sermos exatos, numa medida bastante fraca, teria que passar por alto a triste opinião que tenho sobre sua vida privada. Mas ele viajava sozinho e, além do mais, tinha a pretensão de ser convidado com sua companheira. Não creio ser mais pudico do que outro qualquer e, sendo celibatário, talvez abrir um pouco mais amplamente as portas da Embaixada do que se fosse casado e pai de família. Não obstante, confesso que há um grau ao qual não saberia me acomodar, e que se torna ainda mais repulsivo mais que moral, falemos claro, moralizador, que assume Bergotte em si, onde só se vêem análises perpétuas e, cá entre nós, um tanto frágeis; dolorosos remorsos doentios e, como simples pecados, verdadeiras gafes (sabemos por experiência própria), enquanto mostra tamanha inconseqüência de cinismo em sua vida privada. Em suma, evitei a resposta, a princesa voltou porém sem maior êxito. De modo que julgo não estar muito em valor junto a este personagem, e não sei até que ponto ele apreciou a atenção de Swann em convidá-lo ao mesmo tempo que a mim. A não ser que ele mesmo o tenha pedido, quem pode saber, pois no fundo é uma pessoa doente. Esta é mesmo sua única desculpa.

-E a filha da Sra. Swann estava nesse jantar? - perguntei ao Sr. de Norpois, aproveitando para fazer essa pergunta num momento em que íamos para o salão, assim, podia mais facilmente dissimular minha emoção, o que não podia fazer à mesa, imóvel e em plena luz.

O Sr. de Norpois pareceu por um momento procurar lembrar-se.

- Sim, uma jovenzinha de catorze ou quinze anos? De fato, lembo-me que me foi apresentada antes do jantar como a filha do nosso anfitrião. A vi pouco, pois foi se deitar cedo. Ou ia à casa de uma amiga, não me recordo exatamente. Mas vejo que está bem a par dos Swann. -Jogo com a Srta. Swann nos Champs-Élysées; é delicioso!

-Aí está! Aí está! Mas a mim, de fato, me pareceu encantadora. Entretanto, confesso que ela nunca chegará aos pés da sua mãe, se é que posso dizer isso sem lhe ferir um sentimento bastante vivo.

- Prefiro a fisionomia da Srta. Swann, mas também admiro sua mãe; vou passear no Bois somente na esperança de vê-la passar.

-Ah, mas eu vou lhes dizer isto; vão ficar muito lisonjeadas.

Enquanto falava assim, o Sr. de Norpois estava, por alguns momentos ainda, na situação das pessoas que, ouvindo-me falar de Swann como homem inteligente; seus pais como honrados corretores de câmbio; tal como uma bela residência, acreditavam que falaria também de outro homem tão inteligente, de outros corretores de câmbio tão honrados e outra casa tão bonita; é o momento em que um homem de espírito são; e não como um louco, ainda que não se dê conta de

que está falando com um. Norpois sabia que não há nada tão natural como o prazer de observar as bonitas coisas e que é bem-educado, quando alguém nos fala com calor de uma impressão de crer que ele está apaixonado, de brincar com ele e proteger seus propósitos. Porém, dizendo que falaria de mim à Gilberte que me permitiria, como uma divindade do Olimpo que assumiu a fluidez de um sopro, ou melhor, o aspecto de um velho de quem Minerva tomou a fisionomia; penetrar eu mesmo, invisível, no salão da Sra. Swann, atrair sua atenção, ocupar seus pensamentos, excitar sua gratidão pela minha admiração; aparecer-lhe como o amigo de um homem importante, parecer-lhe no futuro digno de ser convidado por ela e de entrar na intimidade de sua família), este homem importante que ia usar em meu benefício o grande prestígio que devia ter aos olhos da Sra. Swann, inspirou-me de súbito uma ternura tão grande que mal pude me conter em não beijar suas doces mãos brancas e engelhadas, que pareciam ter ficado muito tempo dentro d'água. Quase esbocei o gesto, que imaginei ter sido o único a notar. Com efeito, é difícil a cada um de nós calcular exatamente em que escala as palavras e os movimentos aparecem aos outros; de medo de exagerarmos nossa importância e aumentando em enormes proporções o campo em que são obrigadas a se estender as lembranças dos outros no decurso de sua vida, imaginamos que as partes acessórias de nosso discurso, de nossas atitudes, mal penetram na consciência das pessoas com quem conversamos, pela mais forte razão de que não permanecem em sua memória. Aliás, é a uma suposição desse tipo que se submetem os criminosos quando retocam mais tarde uma frase que disseram, variante que, pensam, ninguém poderá confrontar com qualquer outra versão.

Mas é bem possível que, mesmo no que concerne à vida milenária da humanidade, a filosofia do folhetinista, segundo a qual tudo está fadado ao esquecimento, seja menos verdadeira que uma filosofia contrária, que preveja a conservação de todas as coisas. No mesmo jornal em que o moralista dos editoriais nos fala de um acontecimento, de uma obra-prima, e, com maior razão, de uma cantora que teve "seu instante de celebridade": "Quem se lembrará de tudo isto dentro de dez anos?"; na terceira página, a recessão da Academia das Inscrições não fala muitas vezes de um fato por si mesmo menos importante, de um poema de pouco valor, que data da época dos faraós e que agora é conhecido integralmente? Talvez não ocorra exatamente o mesmo na curta vida humana. Entretanto, alguns anos mais tarde, numa casa em que o Sr. de Norpois, que ali se achava em visita, e onde me parecia o mais sólido apoio que poderia encontrar, porque era amigo de meu pai, indulgente, inclinado a nos querer bem a todos, e, além disso, habituado pela profissão e suas origens a ser discreto, quando, logo que o embaixador havia ido embora, contaram-me que ele fizera alusão a um sarau de antigamente, no qual tinha "visto o momento em que eu ia lhe beijar as mãos", não só enrubesci até as orelhas, como fiquei estupefato

ao saber que era tão diferente do que julgara, não apenas a maneira como o Sr. de Norpois falava de mim, mas ainda a composição de suas exclamações. Tal mexerico me esclareceu quanto às proporções inesperadas de razão e de presença de espírito, de memória e de esquecimento de que é feito o rito humano; fiquei maravilhosamente surpreendido como no dia em que, na primeira vez, num livro de Maspero, que se sabia exatamente a lista dos casadores que Asurbanipal convidava para suas batidas, dez séculos antes de Jesus Cristo.

- Oh, senhor! - disse eu ao Sr. de Norpois - quando me anunciou que transmitiria à Gilberte e à sua mãe a admiração que lhes devotava. Se falar de mim à Sra. Swann, toda minha vida não será bastante para lhe testemunhar meu reconhecimento e essa vida lhe pertenceria. Mas devo torná-lo ciente de que não conheço a Sra. Swann e nunca lhe fui apresentado.

Acrescentara estas últimas palavras por escrúpulo e para não dar a entender estar me gabando de uma relação que não existia. Todavia, ao mesmo tempo que pronuncie tais palavras, sentia que já eram inúteis, pois desde o princípio de meu agradecimento observei um ardor refrescante, que vira passar pelo rosto do embaixador numa expressão de dúvida e descontentamento; em seus olhos um olhar vertical, estreito (como, no desenho em perspectiva de um sólido, a linha fugitiva de uma faces), olhar que se dirige a esse interlocutor invisível que temos dentro de nossa própria pessoa no momento em que nos dizem algo que o outro interlocutor, a pessoa com quem então se fala no caso, eu não deve ouvir. Logo percebi que as frases que pronunciara e que, ainda fracas diante da efusão de reconhecimento de que fui invadido, me pareceram ir tocar o Sr. de Norpois e acabar de decidi-lo a intervenção que lhe teria custado tão pouco, e a mim daria tanta alegria, (dentre todas que me quisessem fazer mal teriam ido buscar as pessoas diabolicamente) as únicas que pudessem ter como resultado fazê-lo renunciar à seu primeiro intento. De fato, ouvindo-as, assim como no momento em que um desconhecido, com quem acabamos agradavelmente de trocar impressões, achávamos semelhantes a respeito de transeuntes que concordávamos considerar vulgares, mostra-nos de repente o abismo patológico que nos separa, sempre tateando os bolsos e indiferente acrescenta: "É pena que eu não traga o meu revólver, não ficaria um só".

O Sr. de Norpois, sabia que nada era menos precioso e mais fácil do que ser recomendado à Sra. Swann e ser introduzido em sua casa; que viu que para mim, ao contrário, aquilo representava um enorme prêmio, em conseqüência, sem dúvida uma grande dificuldade, pensou bem que o meu desejo na aparência, que eu havia expressado, devia dissimular um pensamento, um desígnio suspeito, alguma falta anterior em virtude da qual, na certeza desagradaria à Sra. Swann, ninguém até então quisera se encarregar de lhe trazer um recado de minha parte.

E compreendi que esse recado ele não o daria. Jamais poderia ver a Sra. Swann cotidianamente durante anos e anos, sem por isso falar alguma vez de mim. Entretanto, dias depois, pediu-lhe uma informação que eu queria saber e encarregou meu pai de transmitir a resposta. Porém, não julgara dever dizer à ela de quem era a pergunta. Portanto, ela não sabia que eu conhecia o Sr. de Norpois e que tinha tanto desejo de ir à sua casa; e isso foi talvez uma infelicidade menor do que eu imaginava. Pois a segunda dessas novidades não teria provavelmente acrescentado eficiência da primeira, aliás incerta. Como para Odette, a idéia de sua própria vida e de sua residência não despertava nenhuma inquietação misteriosa, à uma pessoa que a conhecesse, que fosse à sua casa, não lhe parecia um ente fabuloso como o parecia a mim, que teria jogado uma pedra nas janelas dos Swann, caso pudesse escrever à ela que conhecia o Sr. de Norpois; estava convencido de que uma tal mensagem, mesmo transmitida de modo tão brutal, me teria dado muito mais prestígio aos olhos da dona da casa do que a má-vontade que pudesse ter contra mim. Mas, mesmo que eu pudesse perceber que a missão da qual não se encarregou o Sr. de Norpois fosse inútil, ou pior, que ela pudesse me trazer prejuízos aos olhos dos Swann, eu não teria coragem, se o Sr. de Norpois se mostrasse disposto a levá-la a termo, de encarregá-lo tal e renunciar à volúpia, por mais funestas que fossem as conseqüências, de que meu nome e minha pessoa se encontrassem desse modo junto de Gilberte por um momento, em sua casa e em sua vida desconhecidas.

Quando o Sr. de Norpois partiu, meu pai deu uma olhada no jornal vespertino; eu pensava de novo na Berma. O prazer que sentira ao ouvi-la, exigia tanto mais, ser completado como estava longe de igualar àquele que eu me prometera; assim, assimilava imediatamente tudo o que fosse suscetível de nutri-la; por exemplo, os méritos que o Sr. de Norpois reconhecera na Berma e que meu espírito bebera de um só trago como um prado muito seco sobre o qual se lança água. Ora, meu pai me passou o jornal, mostrando-me uma nota concebida nestes termos:

"A representação da Fedra, dada numa sala entusiasta onde se assinalaram as principais personalidades do mundo das artes e da crítica, foi para a Sra. Berma, que desempenhava o papel de Fedra, a ocasião de um triunfo como ela raramente conheceu de tão deslumbrante no decurso de sua prestigiosa carreira. Voltaremos mais longamente a essa representação, que constitui um verdadeiro acontecimento teatral; digamos somente que os mais abalizados juízes concordaram em declarar que uma tal representação renovava inteiramente o papel de Fedra, que é um dos mais belos e profundos de Racine, constituindo-se na mais pura e alta manifestação de arte à qual nos tenha sido dada a oportunidade de assistir em nosso tempo."

Desde que meu espírito concebeu essa idéia nova da "mais pura e alta manifestação de arte", esta se aproximou do prazer imperfeito que eu sentira no

teatro, acrescentou-lhe um pouco do que lhe faltava, e a união de ambos formou algo tão grandioso que exclamei:

"Que grande artista!"

Sem dúvida, pode-se achar que eu não fosse totalmente sincero. Mas imaginem o caso de tantos escritores que, descontentes com um trecho que acabam de escrever, lêem o elogio do gênio de Chateaubriand, ou comparam à um grande artista a quem desejariam igualar, cantarolando, por exemplo, "trecho de Beethoven cuja tristeza comparam à que quiseram pôr em sua prosa, absorvem de tal modo dessa idéia de gênio que a acrescentam às próprias produções ao pensar de novo nelas, não as vendo mais como lhes tinham aparecido, e dizem, arriscando-se

a uma profissão de fé quanto ao valor de sua obra: ''Que demônio, depois de tudo!", sem perceber que, no total que determina sua satisfação final, incluem a lembrança de magníficas páginas de Chateaubriand, que assimilam às quais enfim não escreveram; imaginem tantos homens que acreditam numa amante da qual só conhecem as traições; imaginem, também, todos que esperam alternativamente, seja uma vida futura incompreensível pensam, maridos inconsoláveis, numa mulher que perderam e que ainda são artistas, na glória futura da qual poderão gozar, seja num nada apaziguador e sua inteligência se reporta, ao contrário, às faltas que, sem ele, teriam após a morte; imaginem ainda os turistas que exaltam a beleza de um desfrutar em conjunto, cujo cotidiano contudo os aborrece; e veja-se na vida em comum que levam as idéias no seio do nosso espírito, existirem - dessas que nos fazem felizes, que não tenha sido antes, verdadeira para si uma idéia próxima e estranha o melhor da força que lhe faltava.

Minha mãe não pareceu ficar satisfeita pelo fato de meu pai não pensar mais na minha "carreira". Creio que, preocupada acima de tudo em que as regras de existência disciplinassem os caprichos de meus nervos, o que ela menos queria era me ver renunciar à diplomacia do que aplicar-me à literatura. -Porém deseja-o - exclamava meu pai. -É preciso, antes de tudo, fazer as coisas que o agradam, já não é uma criança. Sabe perfeitamente bem, agora, do que gosta. É provável que mude, e é capaz de perceber o que o fará feliz na vida.

Esperando que à liberdade que me concediam, eu fosse ou não feliz na vida, as palavras me magoaram muito naquela noite. Em todas as épocas, suas gentilezas, ao se produzirem, tinham me dado uma tal vontade de beijar acima de suas faces coradas que, se não o fazia, era só por medo de lhe desagradar, como um autor se assusta ao ver suas próprias fantasias, que lhe tem pouco valor por não conseguir separá-las de si mesmo, obrigarem a escolher um tipo de papel, empregar caracteres talvez lindos demais. Perguntava-me se meu desejo de

escrever era algo suficientemente importante, que meu pai mostrasse tanta bondade por sua causa. Porém, sobretudo meus gostos que não mudariam mais, daquilo que estava destinado a minha existência, insinuava em mim duas terríveis suspeitas. A primeira, (enquanto me considerava todos os dias no limiar da minha vida ainda que só começaria na manhã do dia seguinte) minha existência já começava ainda, que o que se seguiria não seria diferente do que havia ocorrido; segunda suspeita, que, para falar a verdade, não passava de uma outra forma da primeira, era que eu não estava situado fora do Tempo; porém, achava-me submetido às suas leis, exatamente como aquelas personagens de romance que, isso, me faziam mergulharem grande tristeza quando lia as suas vidas, em minha cadeira de vime.

Teoricamente, sabe-se que a Terra gira, mas não nos apercebemos disso, o chão sobre o qual caminhamos parece não se mover e vivemos tranqüilos. O mesmo ocorre com o Tempo na vida. E, para fazer ver a sua fuga, os romancistas são obrigados, acelerando doidamente a marcha dos ponteiros, a fazer com que o leitor ultrapasse dez, vinte, trinta anos, em dois minutos. No alto da página deixamos um amante cheio de esperanças; ao pé da página seguinte, encontramo-lo octogenário, fazendo penosamente no pátio de um asilo o seu passeio cotidiano, mal respondendo às palavras que lhe dirigem, tendo esquecido o passado. Dizendo de mim: "Não é mais uma criança, seus gostos não mudarão mais, etc.", meu pai acabava de súbito de me fazer pensar em mim mesmo no Tempo, causando-me o mesmo tipo de tristeza de como se eu fosse, não o asilado decrépito, mas aquele herói sobre quem o autor, num tom indiferente que é particularmente cruel, nos diz no final de um livro: "Cada vez menos deixa o campo. Acabou por fixar-se ali definitivamente, etc."

Entretanto, meu pai, para antecipar-se às críticas que poderíamos fazer sobre nosso convidado, disse à mamãe:

- Confesso que o velho Norpois foi um tanto "medalhão", como vocês dizem. Quando ele diz que teria sido "pouco oportuno" fazer uma pergunta ao conde de Paris, tive receio de que vocês desatassem a rir.

- Mas de modo nenhum. - contestou minha mãe -, gosto muito que um homem desse valor e dessa idade tenha conservado esta espécie de inocência que só dá provas de um fundo de honestidade e de boa educação.

- Creio que sim. Isto não impede que seja fino e inteligente; sei disso muito bem porque o vejo na Comissão bem diferente do que se mostrou aqui. - exclamou meu pai, feliz por ver que mamãe apreciava o Sr. de Norpois, querendo convencê-la de que era ainda superior ao que ela julgava, pois a cordialidade sente o mesmo prazer em exagerar os méritos que a maledicência tem em diminuí-los. - E como ele disse aquilo de que "com os príncipes nunca se sabe..."

-É verdade, sim, exatamente como dizes. Já tinha reparado, é muito esperto. Vê-se que possui uma profunda experiência da vida.

- É extraordinário que tenha ido jantar em casa dos Swann e que ali haja encontrado boas pessoas, afinal de contas, funcionários. Onde será que a Sra. Swann vai pescar todo esse povo?

-Notaste com que malícia ele se referiu a: "É uma casa onde vão principalmente cavalheiros"?

E ambos procuravam reproduzir a maneira com que Norpois dissera aquelas frases; como o teriam feito quanto à alguma entonação de Bressant, ou de Thiron em ''A Aventureira'', ou em ''O Genro do Sr. Poirier''. Porém de todos, quem mais apreciara as palavras de Norpois foi Françoise, que, muitos anos depois, não podia ficar ''em si'' quando lhe recordavam que fora tratada pelo embaixador como "mestre-cuca de primeira ordem", frase que minha mãe comunicou como um ministro da Guerra transmite às forças armadas, as felicitações de um soberano em visita. Aliás, eu havia precedido mamãe quando entrou na cozinha. Pois conseguira que Françoise, pacifista porém cruel, prometesse que não faria sofrer demais o coelho que teria que matar, e não tivera notícias dessa morte; Françoise me assegurou que passara no melhor dos mundos e bem depressa: - Nunca vi um bicho que morreu sem soltar um guincho, poderia jurar que era mudo.-Sem estar da linguagem dos animais, aleguei que o coelho talvez não gritasse como frangos.-Conte com isso - retrucou Françoise, indignada com a minha ignorância que coelhos não gritam tanto como os frangos; têm até voz mais forte e aceitou os cumprimentos do Sr. de Norpois com a soberba simplicidade alegre e - ainda que momentaneamente - inteligente de um artista quando falam de sua arte. Minha mãe a enviara antigamente a certos restaurantes famosos, para aprender como se cozinhava ali. E naquela noite, ao ouvi-la chamar de bodegas, renomados restaurantes, senti o mesmo prazer de outrora ao saber, pelos dramáticos, que a hierarquia de seus méritos não era a mesma de suas reputações.

-O embaixador - disse-lhe minha mãe - assegura que em parte alguma se come rosbifes e suflês como os seus. Françoise, com ar modesto e como que em homenagem à verdade, concordou, aliás sem ficar impressionada com o título do embaixador; dizia do Sr. de Norpois, com a amabilidade devida à alguém que se considerava um "mestre-cuca":

- É um bom velho, como eu. - Gostaria de ter visto o Sr. de Norpois quando este chegara; mas, sabendo que minha mãe não gostava que ficassem atrás das portas ou nas janelas a espiar, e pensando que mamãe pelos outros criados, ou pelos porteiros que estivera espreitando (pois Françoise via por toda a parte "ciúmes" e "mexericos" que, na sua imaginação, desenhavam o mesmo papel permanente e

funesto das intrigas de jesuítas e de outras pessoas), contentara-se em olhar da janela da cozinha "para não haver conflito com madame", e, na visão sumária que tivera do Sr. de Norpois: "parecido com o Sr. Legrandin" por causa de sua agilidade, e embora não existisse qualquer traço em comum entre eles.

-Mas, enfim - perguntou minha mãe – explica-me como que ninguém faz geléia tão bem como você quando quer?

- Eu não sei como decom

cozinheiros célebres, uma "colega" mais terrível do que o pode ser a atriz mais invejosa e mais enfatuada. No entanto, verificamos que ela possuía um sentimento justo de sua arte e o respeito das tradições, pois acrescentou:

-Não, quero dizer um restaurante onde parecia haver uma boa cozinha burguesa. É uma casa ainda considerável. Lá se trabalhava bastante. Ah, reuniam *sous* lá dentro! (Françoise, econômica, contava por *sous* e não por *luíses*, como os gastadores.) Madame sabe: lá embaixo, à direita, nos grandes bulevares, um pouco recuado...

O restaurante de que falava com imparcialidade mista de orgulho e bonomia era... o Café Anglais.

Quando chegou o dia 1° de janeiro, a princípio fiz visitas de família com minha mãe, que, para não me cansar, classificara-as antecipadamente (com a ajuda de um itinerário elaborado por meu pai) por bairro, em vez de fazê-lo por graus de parentesco. Porém, mal entramos no salão de uma prima bem afastada, aonde íamos primeiro porque sua casa ficava bem próxima da nossa, ao contrário do seu parentesco, minha mãe ficou assombrada ao ver, trazendo seus marrons-glacês ou *deguisês*, o melhor amigo do mais suscetível de meus tios, ao qual contaria que não tínhamos iniciado nosso giro por ele. Esse tio ficaria seriamente ofendido; acharia natural que começássemos indo da Madeleine ao Jardim das Plantas, onde morava, antes de parar em Saint-Augustin, para ter de voltar logo à rua da Faculdade de Medicina.

Acabadas as visitas (minha avó nos dispensava que lá fôssemos, pois naquele dia jantaríamos com ela), corri aos Champs-Élysées a fim de levar à nossa vendedora, que por sua vez a entregaria à pessoa que vinha várias vezes na semana, da casa dos Swann, comprar pão de mel, a carta que, desde o dia em que minha amiga me causara tanta mágoa, decidira lhe enviar no dia de Ano-Novo, e na qual dizia que nossa amizade antiga desaparecia com o ano findo, que esquecia minhas censuras e decepções e que, a partir de 1° de janeiro, era uma nova amizade iríamos construir, tão sólida que nada a arruinaria, tão maravilhosa que esperava que Gilberte tivesse alguma *faceirice* em conservar toda a sua beleza se de vez em quando, como eu prometia fazer também, logo que ocorre um perigo capaz de destruí-la.

Voltando para casa, Françoise me fez parar na rua Royale, diante de uma venda de mercadorias ao ar livre, onde escolheu de presente, fotos de Pio IX e de Raspail e onde, de minha parte, com Berma. As numerosas admirações que a artista suscitava conferiam certa beleza àquele rosto único que ela possuía para lhes retribuir, imutável e precário as roupas dessas pessoas que não têm outra para trocar, rosto em que tinha deixado sempre a mesma ruga pequena sobre o lábio superior, o soerguimento das sombrancelhas, outras peculiaridades físicas,

sempre as mesmas que, em suma, mercê de queimadura ou de um choque. Além disso, esse rosto não parecido belo em si mesmo, porém dava-me a idéia e, por conseguinte, desejo de beijá-lo por causa de todos os beijos que já recebera e que, do fundo do álbum, parecia solicitar ainda com aquele olhar de terna *faceirice* e o sorriso mansamente ingênuo. Pois a Berma devia efetivamente sentir para como muitos, os desejos que confessava, sob a capa da personagem Fedra, e que lhe é fácil satisfazer por tudo, até pelo prestígio de seu nome que se acrescentava beleza e prorrogava-lhe a juventude. A noite caía, e parei diante de uma teatro onde estava afixado o cartaz sobre a representação que a Berma faria dia 1° de janeiro. Soprava um vento úmido e suave. Era um tempo bem conhecido, que eu tinha a sensação e o pressentimento de que o dia de Ano-Novo não era diferente dos outros, que não era o primeiro de um mundo novo em que teria podido a oportunidade ainda intacta, refazer minhas relações com Gilberte como a da Criação, como se ainda não existisse passado, como se tivessem sido criadas, juntamente com os indícios que delas se pudessem tirar para o decepções que ela me causara às vezes; um novo mundo onde não sairia nada do antigo... a não ser uma coisa: meu desejo de que Gilberte me quisesse. Compreendi que meu coração desejava tal renovação, a seu redor, de um, que não o satisfizera, porque ele, meu coração, não havia mudado, e disse mesmo que não havia motivo algum para que o de Gilberte tampouco houvesse mudado; senti que aquela nova amizade era a mesma, como não são 38 dos outros por um fosso, os anos novos que o nosso desejo, sem poder modificá-los, reveste, sem que o saibam, de um nome diferente.

Por mais que dedicasse a Gilberte aquele ano, e da mesma forma como se superpõe uma religião às leis cegas da natureza, e tentasse imprimir ao dia do Ano-Novo a idéia que fazia dele, era tudo em vão; sentia que ele não sabia que o chamava de Ano-Novo, que terminava no crepúsculo de um modo que para mim não era novo; e vento suave que soprava ao redor da coluna de cartazes, eu reconheceria ao reaparecer a matéria eterna e comum, a umidade familiar, a ignorante dias antigos.

Voltei para casa. Acabava de viver o 1° de janeiro dos homens velhos que diferem este dia dos jovens, não porque não lhes dêem presentes, mas porque não acreditam mais no Ano-Novo. Ganhara presentes, mas não o único que teria me alegrado, um bilhete de Gilberte. No entanto, eu ainda era jovem, pois que lhe escrevera uma carta com a qual esperava, falando-lhe dos sonhos solitários, da minha ternura, a fim de despertar-lhe sonhos idênticos. A tristeza dos homens que envelheceram é a de nem sequer pensar em escrever tais cartas, de que já conhecem a inutilidade.

Quando me deitei, os rumores da rua, que se prolongaram até mais tarde naquele dia de festa, mantiveram-me acordado e eu pensava em todas as pessoas que

acabariam a noite no meio dos prazeres, pensava no amante; no grupo de devassos, talvez, que tinham ido procurar a Berma ao fim daquela representação que eu vira anunciada para a noite. Nem sequer podia, para acalmar a agitação que essa idéia fazia nascer em mim naquela noite de insônia, dizer comigo que a Berma não pensava talvez no amor, visto que os versos que recitava, que longamente estudara, lembravam-lhe o ato do instante como era delicioso o amor, o que aliás ela bem sabia, tanto que mostrava muito em suas falas, conhecidas emoções; porém, dotadas de uma violência nova e de uma doçura insuspeitada à espectadores maravilhados, os quais, entretanto, já as haviam conhecido por si mesmos. Acendi a vela apagada para olhar ainda uma vez o seu rosto. À idéia de que ele era, naquele instante, sem dúvida, acariciado por esses homens a quem não podia impedir de dar à Berma, e dela receber, alegrias sobre-humanas e vagas, experimentei uma perturbação mais cruel, por não ser voluptuosa, uma nostalgia a que veio agravar o som da trompa, como o que se ouve na noite da *Mi-Carême*, e muitas vezes em outras festas e que, como então é destituído de poesia, é mais triste, saindo de uma taberna, do que "a noite no fundo das florestas". Nesse momento, talvez, um bilhete de Gilberte não seria o que mais me faltasse. Nossas aspirações vão se entrecruzando na confusão da existência, e raro que uma felicidade venha se colocar exatamente sobre o desejo que a reclamava.

Continuei a ir aos Champs-Élysées nos dias em que fazia bom tempo. Nas ruas cujas mansões elegantes e róseas se banhavam, já que era a época da moda em voga de exposições de aquarelistas, em um céu móvel e tênue. Mentiria se dissesse que nesse tempo os palácios de Gabriel me pareceriam de maior beleza do que os palácios vizinhos; ou até mesmo de outra época. Eu julgava que com mais estilo a teria achado mais antigo, senão o palácio da Indústria, ao menos o do Trocadéro. Numa agulhada em sono agitado, minha adolescência envolvia num mesmo sonho todo o bairro por onde o levava, e eu jamais sonhara que pudesse haver um edifício do século XVIII na rua Royale; assim como teria ficado espantado se soubesse que a porta de Saint-Martin e a Porta Saint-Denis, obras-primas do tempo de Luís XIV, não eram contemporâneas dos imóveis mais recentes daqueles distritos sórdidos. Uma única vez um dos palácios de Gabriel me fez parar longamente; é que havia caído a noite e suas colunas desmaterializadas pelo luar, pareciam recortadas e lembrando-me um cenário da opereta *Orfeu nos Infernos*, davam-me pelo menos uma vez a impressão de beleza.

Entretanto, Gilberte não voltava aos Champs-Élysées. E, contudo tinha necessidade de vê-la, pois nem sequer me lembrava de seu rosto. A maneira indagadora, ansiosa, exigente com que encaramos a pessoa amada, nossa espectativa da palavra que nos dará, ou matará a esperança de um encontro no

dia seguinte, até que tal palavra seja dita, nossa imaginação alternativa, senão simultânea de alegria e desespero; tudo isso torna a nossa atenção, em face do ser amado trêmula demais para que possa obter dele uma imagem bem nítida. Também, essa atividade de todos os sentidos ao mesmo tempo; que tenta, somente com os olhares, aquilo que se encontra além deles; seja porque a gente se entrega com demasiada indulgência para mil formas, sabores e movimentos da pessoa viva; a todas essas coisas que de costume tornamos inerte quando não estamos enamorados. O modelo,que ao contrário, se movimenta; dele só possuímos fotografias defeituosas. Eu, na verdade, não sabia de fato como eram os traços de Gilberte, salvo nos momentos divinos em que eles se desdobravam para mim: só me recordava do seu sorriso. E, não rever aquele rosto bem-amado, a todo esforço que fizesse para me lembrar, por encontrar, desenhados em minha memória com precisão definitiva, inúteis e impressionantes do homem dos cavalos de madeira e da vendora de pirulitos; assim, aqueles que perderam um ente querido que jamais torna a rever, se desesperam de encontrar sem cessar em seus sonhos tantas pessoas insuportáveis e que já é demais terem conhecido no estado de vigília. Em sua impotência de imaginarem o objeto de sua dor, quase se acusam de não sentir bastante dor. Quanto a mim, não estava longe de crer que, não podendo me lembrar de Gilberte, esquecera ela própria, não a amava mais. Por fim, ela que eu via quase todos os dias, pondo diante de mim novas coisas a desejar, a lhe pedir para o dia seguinte e fazendo cada dia, em tal sentido, de minha ternura uma nova. Mas uma coisa veio mudar, e de modo brusco, a maneira encontrar todas as tardes, cerca das duas horas, se colocava o problema do meu amor. Será que o Sr. Swann havia surpreendido a carta que escrevera à sua filha; ou Gilberte me avisava muito depois sobre um estado de coisas já antigo, a fim de que eu fosse mais prudente? Como lhe dissesse o quanto admirava seu pai e sua mãe, assumiu este ar vago, cheio de reticências e segredo, que apresentava somente quando lhe falarem do que tinha de fazer, de seus passeios e visitas, e, de repente, acabam de falar: "Sabe, eles acham você intragável!" e escorregadia como uma ondina, assim desatou a rir. Muitas vezes o seu riso, estava em desacordo com suas palavras e parecia, como o faz a música,

descrever em outro plano uma superfície invisível. O Sr. e a Sra. Swann não pediam a Gilberte que deixasse de jogar comigo; porém, parecia que seus pais preferiam que aquilo não tivesse começado. Não viam favoravelmente minhas relações com ela, porque não me atribuíam grande moralidade e imaginavam que eu só poderia exercer uma influência malsã sobre a filha. Esse tipo de pessoas jovens e pouco escrupulosas, às quais Swann parecia comparar-me, eu as imaginava como detestando os pais da moça a quem amava, elogiando-os em sua presença mas troçando deles com ela, impelindo-a a desobedecê-los e, quando a conquistam, impedem-na até de vê-los. A esses traços (que nunca são

aqueles sob os quais se enxerga o maior miserável), com que violência meu coração opunha os sentimentos de que estava animado em relação a Swann, ao contrário, tão apaixonados que já não duvidava de que, se ele os tivesse suspeitado, se arrependesse do julgamento a meu respeito como de um erro judiciário! Tudo o que sentia por ele, ousei escrever numa longa carta que confiei à Gilberte, pedindo que a fizesse lhe chegar às mãos. Ela consentiu. Ai de mim! Ele via então na minha pessoa um impostor maior ainda do que eu imaginara; dos sentimentos que eu acreditara pintar-lhe em dezesseis páginas, com tanta verdade, ele duvidava então: a carta que lhe escrevi, tão ardente e tão sincera como as palavras que havia dito ao Sr. de Norpois, não alcançara maior êxito. Gilberte me contou no dia seguinte, depois de me levar à parte para trás de um bosquete de loureiros, numa pequena alameda, onde cada um se sentou numa cadeira, que, ao ler a carta, que ela me devolvia, seu pai dera de ombros dizendo:

"Tudo isso não quer dizer nada, apenas mostra o quanto eu tenho razão."

Eu que conhecia a pureza de meus sentimentos, a bondade da minha alma, estava indignado que minhas palavras nem sequer tivessem abalado o absurdo erro de Swann. Pois que se tratava de um erro, já não tinha mais dúvidas. Sentia que descrevera com tanta exatidão certas características irrecusáveis de meus sentimentos generosos que, para que Swann, por meio delas, não as tivesse logo reconstituído, não me viesse pedir perdão e confessar que se enganara, era preciso que ele jamais tivesse sentido esses nobres sentimentos, o que deveria torna-lo incapaz de compreendê-los nos outros.

Ora, talvez Swann soubesse que a generosidade não passa, muitas vezes, do aspecto interior assumido pelos nossos sentimentos egoístas quando ainda não os denominamos e classificamos. Talvez reconhecesse, na simpatia que lhe apressava, um simples efeito - e uma confirmação entusiasta - do meu amor por Gilberte, pelo qual - e não pela minha veneração secundária por ele - seriam fatalmente dirigidos por meus atos a seguir. Não podia partilhar de suas previsões, pois não conseguira abstrair de mim mesmo o meu amor, fazê-lo pertencer à generalidade dos outros amores, calcular-lhe experimentalmente as conseqüências; estava desesperado. - Tive de deixar Gilberte por um instante; Françoise me chamava. Foi preciso acompanhá-la a um pequeno pavilhão com treliças verdes, bem parecido com os escritórios da alfândega municipal da velha Paris, e onde há pouco instalaram; o que na Inglaterra se chama lavabo e, na França, por uma anglomania mal informada, *water-closet*. As paredes úmidas e velhas da entrada, onde fiquei esperando Françoise, desprendiam um odor frio de coisa fechada que, dista logo das preocupações que acabavam de fazer nascerem mim as palavras contadas por Gilberte, invadiu-me de um prazer que não era o mesmo dos outros, os quais nos deixam mais instáveis, incapazes de

retê-los ou possuí-los; pelo contrário, de um prazer consistente, ao qual podia me apoiar, delicioso, rico de uma verdade duradoura, certa e inexplicável. Teria querido, como antigamente em meus passeios pelos caminhos de Guermantes, tentar decifrar dessa impressão que me empolgara e ficar imóvel a interrogar aquela envelhecida que me propunha, não desfrutar o prazer que ela só me dava por acréscimo, mas a descida na realidade que ela não me revelava. Mas a encarregada pelo estabelecimento, velha senhora de faces excessivamente pintadas e de peruca castanha, pôs-se a falar comigo. Françoise achava-a "gente muito boa". Sua filha havia casado com o que Françoise denominava "rapaz de família", portanto, algum ser que ela julgava bem, mais diferente de um operário vindo de Saint-Simon o qual considerava de um homem "saído da lama do povo". Sem dúvida a zeladora, sofrera reveses da fortuna. Mas Françoise assegurava que ela era marquesa e pertencia à uma família de Saint-Ferréol. Essa marquesa me aconselhou que não ficasse ali ao ar fresco e me abriu um gabinete dizendo: "Não quer entrar? Este aqui é bem limpo e pra você será grátis." Talvez o fizesse apenas como as senhoritas do Gouache que quando íamos fazer uma encomenda, ofereciam-me um dos bombons que tinham em cima do balcão, sob uma tampa de vidro e que mamãe infelizmente me proibia, que eu aceitara também com menos inocência; como aquela velha florista que mamãe levava para nos encher as "jardineiras" e que me dava uma rosa revirando os olhos muito ternos. Em todo caso, se a "marquesa" gostava de rapazes, abrindo-lhes a porta daqueles cubos de pedra onde os homens estão acocorados como as Esfinges, e devia procurar em sua generosidade menos a esperança de corrompê-los; prazer que se experimenta em se mostrar inutilmente pródigo à pessoa querida; pois, nunca vi junto dela, outro visitante que não um velho guarda-florestal.

Um momento depois, despedia-me da "marquesa", acompanhando Françoise, e deixava esta para voltar para junto de Gilberte. Divisei-a imponente numa cadeira, por detrás do bosquezinho de loureiros. Era para não ser vista pelas amigas: brincavam de esconde-esconde. Fui me sentar a seu lado. Usava um gorro achatado que caía sobre os olhos, dando-lhe aquele mesmo olhar sonhador e maroto que lhe vira da primeira vez em Combray. Perguntei se havia meios de que eu tivesse uma explicação verbal com seu pai. Gilberte dissera que ela mesma a propusera, mas que ele a julgara inútil.

- Olhe - acrescentou - esqueça sua carta; preciso me reunir às outras, pois elas não me encontraram.

Se Swann tivesse chegado então, antes mesmo que eu tivesse pegado essa carta sobre cuja sinceridade eu considerava que ele fora tão insensato, deixara persuadir, talvez tivesse visto que era ele quem estava com a razão. Pois, aproximando-me de Gilberte, que, inclinada para trás na cadeira, me dizia que

pegasse a carta sem estendê-la a mim, senti-me tão atraído pelo seu corpo que lhe disse:

-Vamos, impeça-me de pegá-la; vamos ver quem é mais forte.

Ela escondeu a carta nas costas, passei minhas mãos pela sua nuca erguendo as tranças dos cabelos que ela usava sobre os ombros, fosse porque ainda era dessa idade, fosse porque sua mãe desejava fazê-la parecer criança por mais tempo, a fim de se rejuvenescer ela própria; lutamos, retesados. Tentava atraí-la, ela resistia; suas bochechas, inflamadas pelo esforço, estavam rubras e redondas como cerejas; ela ria como se eu lhe estivesse fazendo cócegas; mantinha-a presa entre minhas pernas como um arbusto ao qual quisesse trepar; e, no meio da ginástica que fazia, sem que ao menos aumentasse a sufocação que me dava o exercício muscular e o ardor do jogo, espalhei o meu prazer com algumas gotas de suor arrancadas pelo esforço, prazer no qual nem pude me deter o bastante para lhe sentir o gosto; e logo peguei a carta. Então, Gilberte me disse bondosamente:

-Sabe, se quiser podemos lutar um pouco mais.

Talvez ela tivesse obscuramente sentido que meu jogo tinha outro objetivo que não o que havia confessado, mas não soubera perceber que eu já o alcançara. Quanto a mim, que temia que ela o percebesse (um certo movimento retraído e tenso de pudor ofendido, que ela teve um momento depois, me fez pensar que não estava errado ao temê-lo), aceitei continuar lutando, com medo que ela pensasse que não me propusera outro objetivo senão aquele cuja realização não me deu mais vontade de ficar quieto a seu lado.

Voltando para casa, percebi que recordei bruscamente a imagem, escondida até então, de que me aproximara sem me deixar vê-la, nem reconhecê-la, o frescor, quase cheirando a fuligem, do pavilhão gradeado. Essa imagem era a do pequeno aposento do tio Adolphe, em Combray, o qual de fato exalava o mesmo aroma de umidade. Mas não pude compreender, e deixei para mais tarde o indagar por que a recordação de uma imagem tão insignificante me dera tanta felicidade. À espera, me pareceu que merecia na verdade o desdém do Sr. de Norpois; até então, havia preferido a todos os escritores, logo aquele a quem de Norpois chamara de simples "tocador de flauta", e uma verdadeira exaltação me fora comunicada não por uma idéia importante, e, sim, por um cheiro de mofo.

Desde algum tempo, em certas famílias, o nome de Champs-Élysées, se um visitante o pronunciava, era acolhido pelas mães com o ar maldoso que reservam para um médico renomado a quem teriam visto fazer diagnósticos errados em demasia para ainda terem confiança; asseguravam que esse parque não convinha às crianças, que podiam citar mais de uma dor de garganta, mais de um caso de sarampo e numerosas febres pelas quais era responsável. Sem pôr

abertamente em dúvida a ternura de mamãe, que continuava a me mandar para lá, certas amigas suas pelo menos deploravam sua cegueira.

Os nevropatas são talvez, malgrado a expressão consagrada, os que menos "se escutam"; ouvem dentro de si tantas coisas que depois compreendem não ser motivo de alarme, que acabam por não prestar mais atenção em nenhuma. Tão insignificante que o seu sistema nervoso gritou tantas vezes: "Socorro!" como se se tratasse de uma doença grave, quando simplesmente ia nevar; ou que iriam mudar de casa, que eles assumem o hábito de já não levar em conta esses avisos, como um sol_sose

proporções que teria, preocupava por causa da tristeza de minha avó, que eu temia muito mais que minha doença. Mas ao mesmo tempo o meu corpo, ou por ser muito fraco para guardar sozinho o segredo da dor, ou por recear que na ignorância do mal iminente exigissem de mim um esforço que lhe fosse impossível ou perigoso, dava-me a necessidade de advertir minha avó de minhas indisposições com uma exatidão em que eu acabava colocando uma espécie de escrúpulo fisiológico. Logo, ao perceber em mim um sintoma incômodo que antes não discernira, meu corpo sentia-se aflito enquanto não o comunicava à minha avó. Se ela fingia não prestar atenção alguma, meu corpo me pedia que insistisse.

Às vezes, eu ia longe demais; e o rosto amado, que já não era sempre senhor de suas emoções como antigamente, deixava transparecer uma expressão de piedade, uma contração dolorosa. Então meu coração se torturava à vista da mágoa que ela sentia: como se meus beijos devessem apagar essa mágoa, como se meu carinho pudesse dar à minha avó tanta alegria quanto o meu bem-estar, eu me lançava nos seus braços. E sendo os escrúpulos, por outro lado, serenados pela certeza de que ela conhecia o mal sentido, meu corpo já não fazia oposição a que a tranqüilizasse. Eu protestava que a indisposição nada tinha de penosa, que de modo algum precisava que tivessem pena de mim, que ela podia estar certa de que eu era feliz; meu corpo quisera obter exatamente aquilo que merecia de piedade e, desde que soubessem que sentia dores do lado direito, não via inconveniente em que eu declarasse que semelhante dor não era um mal e não oferecia obstáculo à felicidade, pois meu corpo não ligava para filosofia; não era sua especialidade. Quase todos os dias fui assaltado por aquelas crises de sufocação durante minha convalescença. Uma tarde em que minha avó me deixara em boas condições, voltou para o meu quarto já noite alta e, percebendo que me faltava a respiração:

- Oh, meu Deus! Como estás sofrendo! - gritou, com as feições transtornadas. Em seguida me deixou, ouvi bater a porta da frente, e ela voltou logo depois com conhaque: fora comprá-lo, pois não havia nenhum em casa. Em breve comecei a me sentir bem. Minha avó, um tanto vermelha, mostrava-se constrangida sem seus olhos notava-se uma expressão de cansaço e desânimo.

- Acho melhor te deixar para que possas gozar isto um pouco melhor. - disse ela saindo bruscamente. Todavia, beijei-a e senti em suas frescas faces algo molhado, que não soube se era a umidade do ar noturno que ela acabara de receber. No dia seguinte, ela só veio à tardinha ao meu quarto, pois, segundo me disseram, teve que sair. Achei que era mostrar muita indiferença por mim e contive-me para não censurá-la.

Tendo persistido minhas sufocações, não sendo possível atribuí-las à congestão pulmonar que já acabara há muito tempo, meus pais mandaram o doutor Cottard

vir para dar uma consulta. A um médico chamado em casos deste gênero, não basta que seja instruído; posto que a presença de tais sintomas podem ser de três ou quatro doenças. Afinal é o seu faro e seu olhar clínico que decidem com que doença terá de defrontar-se, malgrado as aparências mais ou menos semelhantes. Esse é um dom misterioso que não implica superioridade em outros aspectos da inteligência, poder ser de grande vulgaridade, gostando da pior pintura, da pior música, não ter sequer curiosidade de espírito, pode perfeitamente possuí-lo. Em meu caso materialmente observável podia também ser causado por espasmos num começo de tuberculose, pela asma, por uma dispnéia tóxico-alimentar; ou insuficiência renal, pela bronquite crônica, por um estado complexo teriam vários desses fatores. Ora, os espasmos nervosos precisavam com desprezo, a tuberculose com grandes cuidados e um gênero de alimentação que teria sido ruim para um estado artrítico como a asma e pode ser perigoso em caso de dispnéia tóxico-alimentar, a qual exige um regime de compensação, seria nefasto para um tuberculoso. Mas as hesitações foram breves e suas prescrições imperiosas: ''Purgativos drásticos e leite durante vários dias, nada a não ser leite. Nada de carne, nada de álcool.'' Minha mãe, no entanto, murmurou que eu precisava me fortalecer, que já era sofrimento o meu nervoso, que aquele purgativo de cavalo e aquele regime certamente me deixaria abatido. Percebi nos olhos de Cottard, tão inquietos como se tivesse a perder o trem, que ele se indagava se não se deixara levar por sua bondade. Tratava de se lembrar se pensara em assumir a máscara de homem, procuramos um espelho para ver se não esquecemos de dar o nó na gravata. E na dúvida, e à guisa de compensação, respondeu grosseiramente: ''Não tenho o hábito de repetir duas vezes as minhas prescrições. Dêem-me uma caneta. Sobretudo não esqueçam o leite. Mais tarde, quando houvermos cortado a insônia, gostaria que lhe dessem um pouco de sopa, depois purê, mas leite, leite, o que o deleitará, visto que a Espanha está na moda. (Os alunos conheciam muito bem esse trocadilho que ele fazia no hospital, as vezes que submetia um cardíaco, ou um hepático a esse regime de leite). Façam-no voltar progressivamente à vida comum. Mas, sempre que tiver a tosse e as sufocações: purgantes, lavagens intestinais, leite, leite.'' Escutou com ar glacial, sem dar resposta, as últimas objeções de minha mãe e, sem se dignar explicar os motivos desse regime, meus pais o consideravam, em relação com o meu caso, inutilmente enfraquecedor, e não me mandaram seguir tal regime. Evidentemente, procuraram ocultar do professor a sua desobediência consegui-lo com maior êxito, evitaram todas as residências onde podiam encontrar com ele. Depois, tendo-se agravado o meu estado, decidira seguir ao pé da letra as prescrições de Cottard; ao cabo de três dias mais arquejos, nem tosse, e respirava bem. Então compreendemos, sem deixar de achar-me, como disse depois, bastante asmático e "maníaco", tinha percebido que o que, naquele

momento, predominava era a intoxicação, e que, lavando-me o fígado e os rins, desconfiava que os brônquios voltariam a funcionar normalmente, devolvendo-me a respiração, o sono e as forças. Aí compreendemos que aquele imbecil era um grande clínico. Enfim, pude me levantar. Mas falavam de não me enviar mais aos Champs-Élysées. Diziam que era devido ao ar insalubre; eu achava que aproveitavam o pretexto para que não pudesse mais ver a Srta. Swann. Obriguei-me a repetir todo o tempo o nome de Gilberte, como o idioma natal que habitantes de um país vencido se esforçam por manter para não esquecer a pátria que jamais voltarão a ver. Às vezes minha mãe passava a mão pelo meu rosto, dizendo:

-Então, os filhinhos não contam mais para a mamãe os seus desgostos?

Françoise se aproximava de mim todos os dias, observando:

- O senhor está com uma cara! Não se olhou no espelho? Parece um defunto!

É verdade que se eu tivesse uma simples gripe, Françoise teria assumido o mesmo aspecto fúnebre. Tais lamentações se originavam mais da sua "classe" do que de meu estado de saúde. Eu não distinguia, então, se esse pessimismo era, em Françoise, doloroso ou satisfeito. Provisoriamente, concluí que era social e profissional.

Um dia, à hora do correio, minha mãe deixou uma carta na minha cama. Abri-a distraído, pois que ela não podia levar a única assinatura que me faria feliz, a de Gilberte, com quem não me relacionava fora dos Champs-Élysées. Ora, na parte de baixo do papel, timbrado com um selo de prata representando um cavaleiro armado de capacete, sob o qual se retorcia esta divisa: *Per viam rectam*, no fim de uma carta, escrita com letra bem grande e onde quase todas as frases pareciam sublinhadas, simplesmente porque o traço dos 'tt' eram feitos não cortando as letras, mas por cima delas, fazendo um traço debaixo da palavra correspondente da linha superior, foi justamente a assinatura de Gilberte o que vi. Mas porque sabia ser impossível numa carta endereçada a mim, o fato de vê-la sem que fosse acompanhada de fé não me causou alegria. Por um momento, ela não fez mais que ferir de irrealidade tudo o que me cercava. Com vertiginosa velocidade, tal assinatura sem verossimilhança brincava de quatro-cantos com minha cama, a lareira e a parede. Via tudo vacilar como alguém que cai do cavalo, e me perguntava se não havia uma existência totalmente diferente da que eu conhecia, em contradição com ela, é que era verdadeira e que, sendo-me mostrada de súbito, enchia-me dessa hesitação. Como os escultores, ao modelar o Juízo Final, atribuíram aos mortos ressuscitarem; que se encontram no limiar do outro mundo. "Meu caro amigo"- dizia a carta-, Soube que você tem estado muito doente e que não vem mais aos Champs-Élysées. Também já não vou muito lá porque é extremamente doentio. Mas minhas amigas vêm lanchar todas

as segundas e sextas aqui em casa. Mamãe me encarregou de lhe dizer que nos daria muito prazer se viesse também logo que estiver restabelecido, e poderíamos retomar em casa as nossas boas conversas dos Champs-Élysées. Adeus, meu caro amigo, espero que seus pais lhe permitam vir muitas vezes lanchar aqui; envio-lhe toda a minha amizade. Gilberte."

Enquanto lia estas palavras, meu sistema nervoso recebia com admirável diligência a notícia que me trazia grande felicidade. Porém minha alma, isto é, eu mesmo, e em suma o principal interessado, ainda a ignorava. A felicidade vinda de fato por meio de Gilberte, era uma coisa com que sonhara constantemente; coisa toda em pensamentos, era, como dizia Leonardo a respeito da pintura *cosa mentale*. Uma folha de papel coberta de caracteres, o pensamento não de imediato; porém, logo que terminei a carta, pensei nela, ela tornou-se uma fantasia, tornou-se, ela também, *cosa mentale* e eu já a amava tanto- que cinco minutos precisava relê-la, beijá-la. Só então conheci minha felicidade.

A vida é semeada desses milagres que as pessoas que amam sempre esperam. É possível que este tenha sido causado artificialmente; e minha mãe vendo que desde algum tempo eu perdera todo o ânimo teria mandado pedir a Gilberte que me escrevesse, como, à época dos primeiros banhos de mar, para me dar prazer em mergulhar, coisa que detestara por me cortar a respiração, ela entregava às escondidas ao meu instrutor as maravilhosas caixas de conchinhas e ramos de coral que eu próprio julgara descobrir no fundo das águas. Aliás, com relação a todos os acontecimentos da vida e suas situações contrastantes se referem ao amor, o melhor é não tentar compreender, visto que, no que têm tanto de inexorável como de inesperado, regidos por leis antes mágicas do que racionais. Quando um multimilionário encantador, apesar de seus milhões é mandado embora pela mulher pobre e sem atrativos com a qual vivia, volta-se no seu desespero, para todas as forças do ouro e põe em jogo todas as influências da terra, sem conseguir que ela regresse, mais vale, invencível teimosia da amante, supor que o Destino deseja abatê-lo trazendo-lhe uma doença do coração, ao invés de procurar uma explicação lógica. Esses obstáculos, contra os quais os amantes têm de lutar e que sua imaginação excitada pelo sofrimento busca em vão adivinhar, residem às vezes singularidade do caráter da mulher que não conseguem trazer de volta; e sua estupidez, na influência que adquiriram sobre ela; os temores inspirados por pessoas que o amante não conhece; no gênero de prazeres, que momentaneamente pede à vida, prazeres que nem seu amante, nem a fortuna dele podem lhe oferecer. Em todo caso, o amante não está em condições de natureza dos obstáculos que a astúcia da mulher lhe oculta e que julgamento falseado pelo amor o impede de apreciar com exatidão esses tumores que o médico acaba por reduzir, mas sem lhes ter origem. Como eles,

esses obstáculos permanecem misteriosos, mas não são eternos. Unicamente, em geral duram mais que o amor. E, como este amor não é paixão desinteressada, o indivíduo amoroso que já não ama não procura motivo na mulher pobre e leviana a quem amava se recusara obstinadamente durante anos, a que ele continuasse a mantê-la.

Ora, o mesmo mistério que disfarça muita vez aos olhos as catástrofes, quando se trata do amor, envolve freqüentemente repentinas soluções felizes (como a que me fora trazida pela carta de Gilberte). Soluções felizes ou que pelo menos parecem sê-lo, pois quase nenhuma o é de verdade quando se trata de um sentimento tal que toda satisfação que se lhe dê só serve para mudar de local o sofrimento. No entanto, às vezes propõe-se uma trégua e tem se a ilusão de que se está curado.

No que diz respeito à essa carta, onde no final Françoise se recusou a reconhecer o nome de Gilberte, porque o G, muito enfeitado e apoiado num 'i' sem ponto, parecia um A, ao passo que a última sílaba era indefinidamente prolongada com o auxílio de um rabisco, serrilhando-se a gente procura uma explicação racional para a reviravolta que ela indicava e que me fazia tão contente, talvez possamos concluir que devia em parte a um incidente que, ao contrário, eu pensava ser de molde ameaçador perder para sempre no julgamento dos Swann. Pouco antes, Bloch tinha vindo me visitar, enquanto o professor Cottard consultava-me, o qual, desde que eu seguia seu regime, fora mandado buscar novamente, se encontrava no meu quarto. A consulta havia acabado e Cottard, ficando apenas como visita porque meus pais o haviam retido para jantar, deixou entrar Bloch. Como estávamos todos conversando, tendo Bloch contado que ouvira dizer que a Sra. Swann gostava muito de mim, por uma pessoa com quem jantara na véspera, a qual era muito ligada à Sra. Swann, tive a intenção de responder que ele certamente se enganava, e de estabelecer, com o mesmo escrúpulo que me fizera declarar ao Sr. de Norpois e de medo que a Sra. Swann me tomasse por mentiroso, que não a conhecia e nunca lhe falara. Mas não tive coragem de retificar o erro de Bloch, pois compreendi muito bem que era voluntário, e que, se ele inventava algo que a Sra. Swann não poderia de fato ter dito, era para fazer saber, o que ele achava elogioso e não seria verdadeiro, que ele havia jantado com uma das amigas dessa senhora. Ora, aconteceu que, ao passo que o Sr. de Norpois, sabendo que eu não conhecia e gostaria de conhecer a Sra. Swann, esquivou-se a lhe falar a meu respeito; Cottard, que era médico dela, tendo deduzido que ouvira de Bloch, que ela me conhecia e me apreciava muito, pensou que, quando a visse, dizer que eu era um bom menino com quem se relacionava, não poderia me ser útil em nada e seria elogioso para ele, dois motivos que o decidiram a falar de mim à Odette tão logo encontrou uma oportunidade.

Foi então que conheci aquele apartamento, de onde se evolava até a escada o perfume de que se servia a Sra. Swann, mas que embalsamava bem mais ainda encanto particular e doloroso que emanava da vida de Gilberte. O implacável porteiro, mudado numa benevolente Eumênide, habituou-se, quando lhe perguntava se podia subir, a me indicar, erguendo o gorro com mão propícia, que fora ouvida minha prece. As janelas que, de fora, interpunham entre mim e os tesouros que não estavam destinados à um olhar brilhante, distante e superficial que me parecia o frio olhar dos Swann; aconteceu-me, quando no verão eu havia passado uma tarde toda conversando com Gilberte em seu quarto, abri-las eu mesmo para deixar entrar um pouco de ar e até a me debruçar a seu lado, se era dia de recepção de sua mãe ao ver chegar as visitas que muitas vezes, erguendo a cabeça ao descer me faziam um aceno com a mão, tomando-me por um sobrinho da Sra. Swann. Nesses momentos, as tranças de Gilberte roçavam meu rosto. Parecia a finura de sua grama a um tempo natural e sobrenatural; pela força de folhagens artísticas, uma obra única, para a qual teriam utilizado a própria relva. A um fragmento mesmo ínfimo delas, que celeste herbário eu não teria em moldura? Porém, não esperando obter um pedaço de verdade daquelas ao menos conseguisse uma fotografia delas, quanto mais preciosa que as florzinhas desenhadas pelo Da Vinci! Para obter uma, pratiquei, junto dos Swann e até fotógrafos, baixezas que não me alcançaram o que desejava; porém, me ligaram para sempre à pessoas muito desagradáveis.

Os pais de Gilberte, que por tanto tempo me haviam impedido agora - quando eu entrava na sombria antecâmara onde pairava permanente mais formidável e desejada que outrora, em Versalhes, o aparecimento do rei; a possibilidade de encontrá-la onde habitualmente, depois de dar um tropeção num enorme cabide de sete braços como o Candelabro da Escritura, em cumprimentos diante de um lacaio sentado, com seu longo casaco sobre a arca de madeira e que, na escuridão, eu tomara pela Sra. Swann. Gilberte, se acaso um deles passasse no momento da minha chegada, mostrarem irritados, estendiam a mão sorrindo, e me diziam:

- Como vai você? - (*Comment allez-vous*, que pronunciavam '*comment*' sem fazer a ligação do 't' à vogal seguinte, ligação que logo: que eu, uma vez entrado na casa, fazia um incessante e voluptuoso suprimir.) Gilberte sabe que já chegou? Então deixo-o à vontade.

Muito mais, os próprios lanches que Gilberte oferecia à suas amigas que por tanto tempo, me haviam parecido a mais intransponível das barreiras acumuladas entre ela e mim, tornavam-se agora uma ocasião para nos reunir e me avisava por um bilhete, escrito; pois eu era uma relação ainda muito de papel de carta sempre diferente. Uma vez era enfeitado com o desenho de um cãozinho azul, em relevo, sobre uma legenda humorística escrita em inglês seguida de um ponto

de exclamação; outra vez, timbrado com uma âncora; iniciais G. S., desmedidamente alongadas em um retângulo que ocupava o alto da folha, ou ainda do nome "Gilberte", ora escrito transversalmente; em caracteres dourados que imitavam a assinatura da minha amiga e um rabisco, debaixo de um guarda-chuva aberto impresso em negro, ou em um monograma em forma de chapéu chinês que continha todo nome em maiúsculas, sem que fosse possível distinguir uma só. A série de papéis para cartas que Gilberte possuía, por mais numerosa que fosse não era ilimitada, ao fim de um certo número de semanas, eu via retornar, como da primeira vez que me escrevera, a divisa: *Per viam rectam*, acima do cavaleiro de capacete, num distintivo de prata brunida. E cada um era escolhido num dia e não em outro, em virtude de determinados ritos, pensava eu então, porém antes, creio-o atualmente, porque ela procurava se lembrar daqueles de que se servira em outras ocasiões, de modo a nunca enviar o mesmo a um de seus correspondentes, pelo menos àqueles por quem se dignava a dar-se a esse trabalho, senão em intervalos o mais possível afastados. Como, devido à diferença das horas de suas aulas, algumas das amigas que Gilberte convidava para esses lanches eram obrigadas a ir embora quando outras acabavam de chegar, desde a escada eu ouvia escapar-se da antecâmara um murmúrio de vozes que, na emoção que me causava a cerimônia imponente à qual iria assistir, rompia bruscamente, muito antes que eu alcançasse o patamar, os laços que ainda me ligavam à vida anterior e me tirava até a lembrança de ter de despir meu cachecol, uma vez que estaria bem aquecido, e de olhar a hora para não voltar atrasado. Essa escada, aliás, toda em madeira, como se fazia então em certas casas para alugar no estilo Henrique II, que fora durante tanto tempo o ideal de Odette e do qual em breve se desligaria, e provida de um cartaz sem equivalente em nossa casa, no qual se liam estas palavras: "Proibido usar o elevador para descer", parecia-me algo de tanto prestígio que disse a meus pais que era uma escada antiga trazida de muito longe pelo Sr. Swann. Meu amor pela verdade era tão grande que não teria hesitado em lhes dar essa informação mesmo se soubesse que era falsa, pois só ela poderia lhes permitir que tivessem pela dignidade da escada dos Swann o mesmo respeito que eu tinha. É assim que, diante de um ignorante que não pode compreender em que consiste o gênio de um grande médico, acreditar-se-ia ser bom não confessar que ele não sabe curar uma gripe. Mas, como eu não tinha nenhum espírito de observação, como em geral não sabia o nome nem a espécie das coisas que se achavam sob meus olhos, e só compreendia que elas, quando estavam próximas dos Swann, deveriam ser extraordinárias, não me pareceu adequado que, advertindo meus pais acerca do valor artístico e da longínqua proveniência daquela escada, dissesse uma mentira. Aquilo não me pareceu certo; porém, deve me ter parecido provável, pois me senti ficar muito vermelho quando meu pai me interrompeu dizendo:

-Conhece essas casas; já vi uma delas, são todas iguais; Swann simplesmente ocupa vários andares, foi Berlier quem as construiu. - Acrescentou que quisera alugar uma delas, mas desistira daquilo, não as julgando cômodas e na entrada não suficientemente claras, disse-o; mas senti instintivamente que meu espírito devia fazer "prestígio'' dos Swann e à minha felicidade os sacrifícios necessários e, num rasgo de autoridade paterna, apesar do que acabara de ouvir, afastei de mim para sempre como o olho de um devoto à Vida de Jesus de Renan, a idéia dissolvente de que o apartamento deles era um apartamento qualquer que poderíamos habitar.

Entretanto, naquelas tardes de lanche, subindo na escada degrau a degrau já sem idéia e sem memória, não sendo mais que um brinquedo dos reflexos mais vis, chegava à região em que o perfume da Sra. Swann se fazia presente estava já vendo a majestade do bolo de chocolate, rodeado por um círculo de sequilhos e de pequenos guardanapos adamascados cinzentos, como exigidos pela etiqueta e próprios dos Swann. Mas esse conjunto imutável parecia, como o universo necessário de Kant, depender de um ato liberdade. Pois quando estávamos todos no pequeno salão de Gilberte olhando as horas, ela dizia:

- Olhem, já faz tempo que almocei, só janto às oito horas, estou com vontade de comer alguma coisa. Que dizem?

Ela nos fazia entrar na sala de jantar, sombria como o interior de templo asiático pintado por Rembrandt, e onde um bolo arquitetônico; tão familiar quanto imponente, parecia reinar ao acaso como num dia qualquer para o caso que desse na cabeça de Gilberte despojá-lo de suas ameias de chocolate e de abater suas muralhas de rampas fulvas e rígidas, cozidas ao forno dos bastiões do palácio de Dario. Melhor ainda: para proceder à destruição de ninívea obra de pastelaria, Gilberte não consultava apenas a sua fome; informava-se também sobre a minha, enquanto extraía para mim, do monumento desmoronado, um pedaço polido e engastado de frutos escarlates, ao gosto oriental. Perguntou a hora em que meus pais jantavam, como se eu ainda o soubesse da perturbação que me dominava se deixasse persistir a sensação de inapetência de fome, a noção do jantar ou a imagem da família, na minha memória faria o estômago paralisado. Infelizmente essa paralisia era apenas momentânea. Vendo o momento em que seria necessário digerir os doces que eu comia sem ver o que estava fazendo. Mas esse momento ainda estava longe. Enquanto isso Gilberte preparava o "meu chá". Bebia indefinidamente, ainda que uma única xícara para que me impedisse de dormir durante vinte e quatro horas. Era por isso que minha mãe começava a dizer:

"É desagradável; este menino não pode ir à casa dos Swann doente."

Mas, quando me achava na casa dos Swann, sabia eu pelo menos que era chá o

que estava bebendo? Ainda que soubesse, o tomaria assim mesmo, admitindo que estivesse por um instante recobrado o discernimento, aquilo não teria me devolvido a lembrança do passado e a previsão do que estaria por vir. Minha imaginação não era capaz de ir até o tempo distante em que eu tivesse a idéia de me deitar e sentir sono.

As amigas de Gilberte não estavam todas mergulhadas nessa embriaguez onde é impossível tomar uma decisão. Algumas chegavam a não tomar o chá! Então Gilberte dizia, frase muito em voga naquela época: "- Decidiram que faço sucesso com o meu chá!" - E, para apagar ainda mais a idéia de cerimônia, desarrumava a ordem das cadeiras ao redor da mesa:"-Parece uma festa meu Deus, como são idiotas os criados..."

Mordiscava, sentada de lado num assento em forma de cruz e ela ficava transversalmente à mesa. E como se fosse possível ter tantos doces à sua disposição embora tendo pedido licença à mãe, até quando a Sra. Swann - cujos dias de recepção em geral coincidiam com os lanches de Gilberte -, depois de ter levado uma visita à porta, um instante após, entrava correndo na sala, às vezes, trajada de veludo azul, quase sempre com um vestido de cetim preto ornado de rendilhas brancas, dizia com ar assombrado:

- Olha, parece bom isto que estão comendo; me dá até fome ver vocês comendo.

- Muito bem, mamãe, está convidada. - respondia Gilberte.

-Não, não, meu tesouro; o que diriam as minhas visitas? Ainda estou com a Sra.Trombert, a Sra. Cottard e a Sra. Bontemps; sabes que a prezada Sra. Bontemps não faz visitas muito rápidas e ela apenas acaba de chegar. Que diria toda essa boa gente se não me visse voltar? Se não vier mais ninguém, voltarei para conversar com vocês (e isso me dará muito mais prazer) logo que elas forem embora. Creio que mereço ter um pouco de sossego, tive quarenta e cinco visitas e, destas, quarenta e duas falaram do quadro de Gérôme! Mas venha qualquer dia destes - dizia-me ela - tomar o seu chá com Gilberte; ela o fará como você gosta, como está acostumado a tomar no seu pequeno *studio* - acrescentava, deixando-nos pelas suas visitas e como se eu tivesse vindo procurar naquele mundo misterioso algo tão conhecido como meus próprios costumes (como o hábito de tomar chá, que nunca tivera). Quanto a um *studio*, eu não tinha certeza de que o possuía ou não.

- Quando voltará? Amanhã? Faremos *toasts* tão bons como os de Colombin. Não? Você é um malandro - dizia, pois desde que começara a ter igualmente um salão, assumia as maneiras da Sra. Verdurin, e seu tom de despotismo afetado. Os *toasts*, aliás, como me eram tão desconhecidos quanto Colombin, faziam com que esta última promessa não acrescentasse nada à minha tentação. Parecerá mais estranho, visto que o mundo todo fala assim e talvez hoje até em Combray,

que eu não tivesse compreendido a que desejava se referir a Sra. Swann quando a ouvi fazer-me o elogio da nossa velha *nurse*. Eu não sabia inglês, mas compreendi logo que aquele termo designava Françoise. Eu que nos Champs-Élysées temera tanto a penosa impressão que ela deveria produzir, soube pela Sra. Swann que aquilo era tudo o que Gilberte contara a respeito de minha *nurse*, o que despertara em seus pais a simpatia por mim.

- Sente-se que ela lhe é tão dedicada e tão boa! - Logo aceitei inteiramente da opinião acerca de Françoise. Por outro lado, já não me parecia tão necessário ter uma governanta dotada de impermeável e de pluma.

Por fim, compreendi, por algumas palavras que a Sra. Swann deixou escapar acerca da Sra. Blatin, cuja benevolência reconhecia, mas de quem temia as visitas, que as relações com essa senhora não me seriam tão úteis quanto havia pensado e não haviam melhorado em nada a minha situação com os Swann.

Se já principiara a explorar com esses sobressaltos de respeito e de alegria que, contra toda expectativa, me abrira suas avenidas até então proibidas, era apenas, no entanto, como amigo de Gilberte. O reino escolhido era ele próprio contido em um outro ainda mais misterioso, onde Swann e sua mulher levavam sua vida sobrenatural, e para o qual se dirigiam depois de apertado a mão, quando atravessavam a antecâmara ao mesmo tempo, porém em sentido inverso. Em breve, porém, penetrei igualmente no Santuário. Por exemplo, Gilberte não estava em casa, onde só se achavam o Sr. e a Sra. Swann. Tinham perguntado quem tocara e, sabendo que era eu, mandaram-me que ficasse um momento com eles, desejando que usasse em tal ou qual numa coisa ou outra, minha influência sobre a filha. Lembrei-me daquela completa, tão persuasiva, que escrevera fazia algum tempo ao Swann, àquela que sequer se dignara a responder. Admirava a incapacidade do espírito, do coração para realizar a menor conversão, resolver uma só dessas dificuldades que a seguir a vida, sem que ao menos se saiba como o conseguiu, escolhe facilmente. Minha nova situação de amigo de Gilberte, dotado de excelente influência sobre ela, fazia-me agora beneficiário do mesmo favor que, se tivesse pertencido a um colégio, onde estava sempre em primeiro lugar, o filho de um rei, e esse acaso obtivesse entradas no Palácio e audiências na sala do trono; com infinita benevolência e como se não fosse sobrecarregado de ocupar as misteriosas, me fazia entrar em sua biblioteca e aí me deixava, durante uma hora a responder com balbucios, silêncios de timidez cortados de breves impulsos de coragem, perguntas às quais a minha emoção me impedia de compreender uma só palavra; mostrava-me objetos de arte e livros que achava de me interessar e que eu previamente não duvidava ultrapassassem infinita beleza todos os do Louvre e da Biblioteca Nacional, mas que me era impossível contemplar. Nessas ocasiões, o seu mordomo me teria dado grande prazer que lhe desse meu relógio de pulso, o

alfinete de gravata, minhas botinas; ou assinasse um documento em que o reconhecesse como meu herdeiro: bela expressão popular da qual, como no caso das mais célebres epopéias, conhece o autor; mas que, como elas e contrariamente à teoria de Wolf, (um desses espíritos inventivos e modestos que se encontram anos, os quais fazem achados tais como "*pôr um nome numa cara*", mas dão a conhecer o seu próprio), eu não sabia mais o que estava fazendo. Muito, me espantava, ao se prolongar a visita, da nulidade de realização, de conclusão feliz, a que levavam aquelas horas vividas na residência. Porém minha decepção não decorria nem da incapacidade das obras-primas tratadas, nem da impossibilidade de deter sobre elas um olhar distraído. Pois a beleza intrínseca das coisas que fazia, para mim, ser milagroso estar no lar de Swann, era a adesão a essas coisas que podiam ter sido as mais belas do mundo do sentimento particular, triste e voluptuoso que eu localizava a tantos anos e as impregnava ainda; da mesma forma, a multidão de escovas de prata, de oratórios de Santo Antônio de Pádua pintados ou esculpidos pelos maiores artistas, seus amigos, não participavam em nada do sentimento de minha indignidade e de sua benevolência real que me eram inspirados quando a Sra. Swann me recebia por um momento em seu quarto, onde três belas e imponentes criaturas, sua primeira, segunda e terceira camareiras, preparavam sorrindo *toaletes* maravilhosas, e para o qual, de acordo com a ordem proferida pelo lacaio de calções curtos, de que a senhora desejava me dizer uma palavra, eu me dirigia pelo caminho sinuoso de um corredor todo embalsamado à distância pelas essências preciosas cujos eflúvios odoríferos se exalavam sem cessar do quarto de vestir.

Depois que a Sra. Swann voltava para junto de suas visitas, nós ainda a ouvíamos falar e rir, pois, mesmo diante de duas pessoas e como se estivesse com todos os "camaradas", ela erguia a voz e dizia frases, conforme ouvira fazer tantas vezes, no pequeno clã, a "patroa", nos momentos em que esta "dirigia a conversa". As expressões que recentemente tomamos emprestadas aos outros são, ao menos por algum tempo, aquelas que mais gostamos de empregar; a Sra. Swann escolhia ora as que aprendera com pessoas distintas que seu marido não pudera evitar de lhe apresentar (foi delas que adquiriu o maneirismo que consiste em suprimir o artigo ou o pronome demonstrativo diante de um adjetivo para qualificar uma pessoa), ora as mais vulgares (por exemplo: "E um nada!", expressão favorita de uma das amigas) e procurava pô-las em todas as histórias que, segundo um hábito adquirido no "pequeno clã", gostava de contar. A seguir, agradava-lhe dizer: "Gosto muito desta história", "ah, confessem que é uma história muito bonita!"; o que vinha, pelo marido, dos Guermantes que ela não conhecia.

A Sra. Swann deixara a sala de jantar, mas seu marido, que acabara de chegar,

fazia por sua vez uma aparição junto a nós.

-Sabes se tua mãe está sozinha, Gilberte?

- Não, ela ainda tem visitas, papai.

- Como, ainda? Às sete horas! É espantoso. A pobre mulher deve estar exausta. É odioso. (Em minha casa eu sempre ouvira "odioso" pronunciado com 'o' longo, mas o casal Swann o pronunciava com 'o' breve.) Imaginem, desde as duas da tarde! - continuou, voltando-se para Mim.

-E Camille me dizia que entre quatro e cinco horas tinham vindo bem umas doze pessoas. -Doze? Creio que me disse quatorze. Não, doze; enfim, já nem sei mais. Quando entrei, nem pensava que era o seu dia de recepção e, vendo todos esses carros diante da porta, julguei que houvesse um casamento na casa. E, desde que entrei na biblioteca, os toques de campainha não cessaram; palavra de honra, fiquei com dor de cabeça. E ainda há muita gente com ela?

- Não, duas visitas apenas.

- E sabes quem são?

- A Sra. Cottard e a Sra. Bontemps.

- Ah, a esposa do Chefe-de-gabinete do ministro das Obras Públicas.

-Sei que o marido dela é empregado num ministério, mas não sei exatamente o que seja - respondeu Gilberte, ficando a criança.

- Mas como, bobinha, falas como se tivesses dois anos. Que é que dizes empregado em um ministério? Ele é simplesmente chefe-de-gabinete, chefe de toda aquela coisa e muito mais... Onde estou com a cabeça? Para alguém distraído como tu, ele não é chefe-de-gabinete, é simplesmente diretor.

- Não sei nada disso; então é muita coisa ser diretor do gabinete? replicou Gilberte, que não perdia uma ocasião para manifestar sua indiferença àquilo que envaidecia os pais (e talvez pensasse que não fazia mais que uma relação tão brilhante dando a impressão de não lhe atribuir muita importância

- Quê! Se é muita coisa! - exclamou Swann que preferia a modéstia, que poderia me deixar em dúvida, uma linguagem mais explícita - é simplesmente o primeiro abaixo do ministro! É até mais que o ministro é quem faz tudo. Aliás, parece que se trata de um sujeito capaz, um primeira linha, um indivíduo muito distinto. É oficial da Legião de Honra - homem delicioso, e até um belo rapaz. Aliás, a mulher se casara com ele contra tudo e contra todos por "um encanto". Ele possuía, o que podia bastar para formar um conjunto delicado, uma barba loura e sedosa, belas feições, uma voz nasal e um olho de vidro. - Eu lhe direi. - acrescentou Swann dirigindo-se a mim- que bastante ao ver essa gente no governo atual, porque são os Bontemps, Bontemps-Chenut, o tipo da burguesia

reacionária, clerical, de idéias estreitas que seu pobre avô conheceu muito bem, ao menos de reputação e de vista; o velho que só dava um sou de gorjeta aos cocheiros, embora fosse rico para lá do barão Bréau-Chenut. Toda a fortuna deles se desfez no *crack da Union* você é muito jovem para ter conhecido isso, mas que diabo! Refizeram e puderam.

- Ele é tio de uma menina que freqüentava o meu curso, numa classe inferior à minha, a famosa "Albertine". Ela será com certeza era muito *fast,* mas agora é muito divertida.

- Minha filha é assombrosa, conhece todo mundo.

- Não a conheço; apenas a via passar, e gritavam Albertine aqui ou dali. Mas conheço a Sra. Bontemps e ela também não me agrada.

- Enganas-te redondamente, pois ela é encantadora, bonita. Chega a ser espirituosa. Vou cumprimentá-la, perguntar se seu marido teremos guerra, e se podemos contar com o rei Teodásio. Ele deve saber é mesmo, logo ele que partilha do segredo dos deuses?

Não era assim que Swann falava outrora; mas quem não viu princesas reais muito simples que dez anos depois se deixam raptar por uma ajuda de câmara, buscando o convívio social, percebem que os outros não as visitam e assumem espontaneamente a linguagem de velhas aborrecidas e que falam numa duquesa da moda, não as ouviu dizer: -"Ela estava ontem em casa"? e: "Vivo muito retirada"? Portanto, é inútil observar os costumes; impossível deduzi-los das leis psicológicas.

Os Swann compartilhavam desse defeito das pessoas a cuja casa pouca gente acorre: a visita, o convite, uma simples palavra amável provinda de pessoas tanto marcantes eram para eles um acontecimento ao qual desejavam dar publicidade. Se a má sorte fazia com que os Verdurin fossem a Londres quando Odette tinha tido um jantar de algum brilho, arrumava-se um jeito para que um amigo comum enviasse um cabograma para além da Mancha com a notícia. E nem as cartas nem os telegramas elogiosos recebidos por Odette os Swann eram capazes de guardar só para si. Falavam deles aos amigos, faziam-nos passar de mão em mão. Assim, o salão dos Swann se assemelhava a esses hotéis de balneários onde se expõem ao público os despachos telegráficos.

Além disso, as pessoas que não só haviam conhecido o antigo Swann fora da sociedade, como eu, mas na própria sociedade, naquele ambiente dos Guermantes onde, excetuando as altezas e as duquesas, todos eram de uma exigência infinita quanto ao espírito e ao encanto pessoal, de onde eram excluídos os homens eminentes considerados tediosos ou vulgares, tais pessoas se espantariam ao verificar que o antigo Swann deixara de ser não apenas discreto quando falava de suas relações, mas difícil quando se tratava de escolhê-las.

Como é que a Sra. Bontemps, tão vulgar e tão maldosa, não o exasperava? Como podia declarar que ela era agradável? Parece que a recordação do ambiente dos Guermantes deveria impedi-lo de tal; na realidade, ajudava-o. Certamente, existia entre os Guermantes, ao contrário do que sucede em três quartos dos meios mundanos, um gosto até mesmo requintado, porém igualmente o esnobismo, de onde a possibilidade de uma interrupção momentânea no exercício do gosto.

Se se tratasse de alguém que não fosse indispensável àquele grupo, de um ministro das Relações Exteriores, republicano um tanto solene, de um acadêmico tagarela, o gosto se exercia a fundo contra ele, Swann lamentava que a Sra. de Guermantes o tivesse feito jantar na companhia de semelhantes convivas numa embaixada, e mil vezes lhes preferiam um homem elegante, ou seja, um meio do ambiente dos Guermantes, inútil, mas que possuísse o espírito de Guermantes, alguém que pertencesse à mesma capelinha. Apenas, se uma grã-duquesa, uma princesa de sangue real jantava com freqüência na casa da Sra. de Guermantes, passava então a também fazer parte dessa capelinha; sem ter nenhum direito a isso, sem possuir em nada o seu espírito. Mas, com a ingenuidade das pessoas mundanas, no momento em que a recebiam, forcejavam para achá-la agradável, por não poderem afirmar que era porque a achavam agradável que a recebiam. Swann vinha em auxílio da Sra. de Guermantes e lhe dizia após uma partida da alteza:

- No fundo é uma boa mulher, chega mesmo a ter um certo senso do cômico. Meu Deus, não creio que tenha se aprofundado em "*Crítica da Razão Pura*", mas não é desagradável.

- Sou absolutamente da sua opinião respondia a duquesa. - Ela ainda está intimidada, mas verá como pode ser encantadora. - É bem menos tediosa que a Sra. 'X' (a esposa do acadêmico tagarela, e que era uma mulher de citar vinte volumes. Mas nem há termo de comparação possível. -A dizer estas coisas, de dizê-las sinceramente, Swann a adquirira na casa e a conservara. Utilizava-se dela, agora, em relação às pessoas que conhecia. Esforçava-se por discernir e amar, nessa gente, as qualidades que todo revela se é examinado com predisposição favorável e não como de exigentes; valorizava os méritos da Sra. Bontemps como antigamente os da esposa de Parma, a qual devia ter sido excluída do meio dos Guermantes senão houvesse entrado de favor para certas altezas e se, mesmo quando se tratava dela se considerasse, na verdade, apenas o espírito e um certo encanto. Aliás, via que Swann possuía o gosto (do qual fazia agora um emprego duradouro) de trocar sua posição mundana por uma outra que, em certas circunstâncias, era-lhe mais conveniente. Só as pessoas incapazes de percepção, o que à primeira vista parece indivisível é que crêem que forma um só corpo com a pessoa. Uma mesma criatura, vista em momentos sucessivos

de sua vida, banha-se em diferentes graus da escala social que não são forçosamente cada vez mais elevados; e cada vez que, no período da existência, estabelecemos ou reatamos laços com um deste meio, que aí nos sentimos cercados de atenções, começamos naturalmente ligar à ele, e a lhe criarmos raízes humanas.

No que diz respeito à Sra. Bontemps, creio também que Swann com toda essa insistência, não se aborrecia ao pensar que meus pais iam saber que ela ia visitar sua mulher. A falar a verdade, em casa, o nome de que Sra. Swann ia aos poucos conhecendo excitava mais curiosidade do que admiração. Ao nome da Sra. Trombert, minha mãe dizia:

-Ah, eis uma nova recruta, a qual arrastará outras.

E, como se comparasse a maneira um tanto sumária, rápida e da vida a qual a Sra. Swann conquistava suas relações a uma guerra colonial, acrescentava:

- Agora que os Trombert estão submetidos, às tribos vizinhas começarão a se render.

Quando cruzava na rua com a Sra. Swann, dizia-nos ao voltar:

- Vi a Sra. Swann em pé de guerra, devia estar indo para uma proveitosa, na casa dos massechutos, dos cingaleses ou dos Trombert. E, de todas as novas personalidades que lhe dizia ter visto naquele tempo um tanto misturado e artificial, aonde muitas vezes tinham sido levada com muita dificuldade e de mundos bastante diversos, adivinhava de imediato a origem e falava delas como o teria feito de troféus penosamente comprados. -Trazido de uma expedição à casa do Sr. Fulano.

Quanto à Sra. Cottard, meu pai se admirava de que a Sra. Swann achar alguma vantagem em atrair essa burguesa pouco elegante, e dizia da posição social do professor, ''confesso que não entendo". Minha mãe percebia muito bem; sabia que uma boa parte dos prazeres que uma mulher acha em penetrar num ambiente diverso daquele em que vivia antes, lhe faltaria se ela pudesse informar suas antigas relações sobre aquelas, relativamente mais brilhantes, pelas quais as substituíra. Para tanto, era preciso uma testemunha que se deixasse entrar naquele mundo novo e delicioso, como em uma flor um inseto zumbidor e inconstante que, a seguir, ao sabor de suas visitas, haverá de espalhar, ao menos assim se espera, o germe secreto da inveja e da admiração. A Sra. Cottard, perfeitamente adequada para preencher este papel, entrava naquela categoria especial dos convidados que mamãe, que possuía alguns traços da feição de espírito do pai, chamava: "Estrangeiro, vá a Esparta e diga...". Aliás - além de outra razão que só vim a conhecer anos depois -, a Sra. Swann, ao convidar essa amiga benévola, discreta e modesta, não tinha a temer o fato de introduzir em sua casa, nas brilhantes recepções, uma traidora ou concorrente. Sabia do

número enorme de cálices burgueses que podia visitar numa só tarde, quando estava armada de plumas e cartões de visita, essa ativa operária. Conhecia-lhe o poder de disseminação e, baseando-se no cálculo das probabilidades, era levada a pensar que, muito provavelmente, certo coz-tz podi

dessa época e que lhes parece a última palavra em matéria de corrupção que mesmo as obras de artistas e filósofos que, a seus olhos, não têm mais valor, se fossem ligadas indissoluvelmente às modalidades sucessivas do clã ou mundana. A única coisa que não muda é que, a cada vez, parece que a coisa foi mudada na França. À época em que eu ia à casa da Sra. Swann o Caso Dreyfus ainda não havia estourado e certos judeus importantes eram bem quistos. Nenhum o era mais que sir Rufus Israels, cuja esposa, Lady Israels e Swann. Pessoalmente, ela não tinha as amizades íntimas tão elegantes como o sobrinho, o qual, por outro lado, por não amá-la, jamais a cultivara muito devesse ser provavelmente ao seu herdeiro. Mas era o único dos parente, que teve consciência da posição social deste, tendo os demais permanecido com respeito, na mesma ignorância que fora a nossa durante muito tempo, numa família um dos membros emigra para a alta sociedade -o que lhe põe como fenômeno único, mas que, a dez anos de distância, constata ter sido rejeitado de outra forma, e por motivos diversos, por mais de um rapaz com quem se descreve a seu redor uma zona de sombra, uma terra incógnita, basta em suas menores nuanças por todos os que a habitam, mas que não sai e nada para aqueles que nela não penetram, e cuja existência bordejam conta, bem perto deles. Não tendo nenhuma Agência Havas o informador de Swann acerca das pessoas que ele freqüentava, era (bem entendido todos de seu horrível casamento) com sorrisos de condescendência que com jantares em família, que tinham "virtuosamente" empregado o domingo no "primo Charles", pois, julgando-o um pouco invejoso e parente pobre, chamando-o espirituosamente, fazendo um trocadilho com o título do romance de "O Primo Besta{8}"; Lady Rufus Israels sabia perfeitamente quem eram e o que prodigalizavam a Swann uma amizade da qual sentia ciúmes. A família de seu marido, mais ou menos equivalente aos Rothschild, há várias gerações cuidava dos negócios dos príncipes de Orléans. Lady Israels, excessivamente rica, dispunha de grande influência e não utilizara com o objetivo de que pessoa alguma de suas relações recebesse Odette. Uma única a desobedecer, às escondidas. Era a condessa de Marsantes. Ora, quisera o azar que Odette, tendo ido fazer uma visita à Sra. de Marsantes, chegou quase ao mesmo tempo que Lady Israels. A Sra. de Marsantes estava em brasas. Com a covardia das pessoas que, no entanto, poderiam permitir-se tudo, não dirigiu uma só vez a palavra a Odette, que não se sentiu estimulada a desde então levar adiante a incursão em um mundo que, aliás, não era de modo algum aquele em que gostaria de ser recebida. No completo desinteresse pelo acesso ao bairro de Saint-Germain. Odette continuava a ser a cocote ignorante, bem diversa dos burgueses aferrados aos menores aspectos de genealogia e que iludem na leitura dos antigos memoriais a sede de relações aristocráticas que a vida real não lhes fornece. Swann, por outro lado, continuava sem dúvida a ser o amante a quem todas essas particularidades de uma antiga companheira parecem agradáveis, ou

inofensivas, pois muitas vezes ouvi sua mulher proferir verdadeiras heresias mundanas sem que ele (por um resto de ternura, uma falta de estima ou pela preguiça de aperfeiçoá-la) procurasse corrigi-la. Talvez fosse também uma forma daquela simplicidade que nos enganara por tanto tempo em Combray, e que fazia com que, agora, embora continuasse a tratar, ao menos sozinho, com pessoas muito brilhantes, não se interessava em que, em conversa no salão de sua mulher, lhes atribuíssem qualquer importância. Aliás, para Swann tinham menos importância do que nunca, já que o centro de gravidade de sua vida se deslocara. Em todo caso, a ignorância de Odette em matéria mundana era tal que, se o nome da princesa de Guermantes surgisse na conversa depois do da duquesa, sua prima dizia:

- Ora, príncipes... Então subiram de posto - dizia ela. Se alguém dizia: "o príncipe", ao falar do duque de Chartres, ela retificava: - O duque, ele é duque de Chartres e não príncipe. Quanto ao duque de Orléans, filho do conde de Paris: - É engraçado, o filho é mais que o pai - acrescentando, visto ser anglômana: - A gente se embrulha com essas provocações a uma pessoa que lhe perguntava de que província eram os Guermantes, respondeu: do Aisne.

Ademais, Swann era cego no que dizia respeito a Odette, não só diante dessas lacunas de sua educação, mas também diante da mediocridade de sua inteligência. Ainda mais, cada vez que Odette contava uma história imbecil, Swann a escutava com uma complacência, uma alegria, quase com admiração, onde deve entrar um restinho de volúpia; ao passo que, na mesma conversa, aquilo que ele próprio poderia dizer de fino, e até de profundo, era habitualmente ouvido por Odette sem interesse, às pressas, com impaciência e às vezes desmentido com vaidade. E poder-se-á concluir que semelhante sujeição da elite à vulgaridade é de norma em muitos casais, se, por outro lado, pensamos, inversa as mulheres superiores que se deixam fascinar por um grosseirão, censor de suas mais delicadas palavras, enquanto elas se extasiam inteligência sem fim da ternura, diante das graças mais estúpidas. Parece que os motivos que, nessa época, impediram Odette de penetrar no *faubourg sai* é preciso dizer que o mais recente giro do caleidoscópio mundano fora por uma série de escândalos. Senhoras a cuja casa ia-se em toda semana tinham se revelado como prostitutas, espiãs inglesas. E durante algum tempo exigia das pessoas, ou pelo menos assim se julgava, serem acima desta posição social, de fortuna sólida... Odette representava exatamente outra com que se acabava de romper relações, para reatá-las a seguir; pois não mudando de um dia para o outro, buscam sob um regime novo aquele do antigo, mas buscando-o sob uma forma diferente que se permita serem enganadas e acreditarem que já não é a mesma sociedade de antes. Ora, às senhoras "queimadas" dessa sociedade Odette muito se parecia da alta-roda são muito míopes; no momento em que cortam todas as relações das

damas judias que conheciam, enquanto se indagam como preencher isto, percebem, levada até ali como graças a uma noite de tempestade, uma que também é judia; porém, devido à sua novidade, ela não é associada em seu ambiente como as precedentes, ao que julgam dever detestar. Ela não pede que respeitem seu Deus. Adotam-na. Não se tratava de anti-semitismo na época em que impediam ir à casa de Odette. Mas a Sra. Swann se assemelhava àquilo de que se quer se livrar por algum tempo.

Quanto a Swann, ia muitas vezes visitar pessoas de suas relações, como antigamente e, conseqüentemente, pertencendo todas à mais alta sociedade. Quando nos falava das pessoas que acabava de ir visitar, notava que conhecera outrora, ele fazia uma escolha guiada por aquele mesmo gosto, semi-artístico, semi-histórico, que inspirava nele o colecionador. O que lhe interessava com freqüência tal ou qual grande dama descrita, porque havia sido amante de Liszt, ou porque teve dedicado um romance de Balzac à sua avó (da mesma forma que compraria um desenho caso Chateaubriand houvesse descrito), tive a suspeita de que, em Combray, tínhamos o erro de julgarmos Swann um burguês que não freqüentava a sociedade por outro, o de considerá-lo um dos homens mais elegantes de Paris. Ser conde de Paris não significava nada. Quantos desses "amigos de príncipes" - de ser recebidos num salão um pouco fechado? Os príncipes se sabem não são esnobes e, aliás, julgam-se de tal modo acima de tudo quanto não tem o sangue que os grão-senhores e burgueses, abaixo deles, lhes parecem; do mesmo nível.

Além disso, Swann não se contentava em buscar na sociedade que ela existia, ao ligar-se a nomes que o passado nela inscreveu, e que ainda que fosse um simples prazer de letrado e de artista, e gozava de um divertimento bastante popular, o de formar como que ramalhetes sociais, agrupando elementos heterogêneos; reunindo pessoas tomadas aqui e ali. Tais experiências de sociologia divertida (ou que pelo menos Swann assim considerava) não tinham sobre todas as amigas de sua mulher pelo menos de maneira constante uma repercussão idêntica.-Tive a intenção de convidar juntos os Cottard e a duquesa de Vendôme -dizia rindo à Sra. Bontemps, com o ar guloso de apreciador que pretendeu e quis fazer a experiência de substituir, num molho, os cravos-da-índia por pimenta-de-caiena. Ora, esse projeto que, no velho sentido da palavra, ia parecer de fato divertido aos Cottard, tinha o dom de exasperar a Sra. Bontemps. Recentemente, fora apresentada pelos Swann à duquesa de Vendôme e achara-a tão natural como agradável. E gabar-se disso diante dos Cottard, contando o fato, não fora a parte menos saborosa de seu prazer. Mas, como os novos condecorados que, desde que o foram, gostariam de ver fechar-se em seguida a torneira das cruzes, a Sra. Bontemps desejava que depois dela ninguém da sua sociedade fosse apresentado à princesa. Mal dizia interiormente o gosto depravado de Swann que, para

realizar uma esquisitice estética miserável, dissipava de um golpe toda a poeira que ela havia lançado nos olhos dos Cottard ao lhes falar da duquesa de Vendôme. Como ia se atrever ela própria a anunciar ao marido que o professor Cottard e sua esposa iam por sua vez ter uma parte desse prazer que ela havia lhe gabado como único? Pelo menos se os Cottard soubessem que não eram convidados a sério e sim para diversão! É verdade que os Bontemps também o tinham sido; porém, como Swann adquirira na aristocracia o eterno dom-juanismo de fazer crer, a duas mulheres que para nada importam, que só a uma delas se ama com seriedade, falara à Sra. Bontemps da duquesa de Vendôme como de uma pessoa com quem era perfeitamente indicado que ela jantasse. - Sim, pretendemos convidar a princesa com os Cottard -disse a Sra. Swann algumas semanas depois meu marido acha que essa conjunção poderá resultar em algo divertido -, pois, se ela conservara do "pequeno núcleo" alguns costumes caros à Sra. Verdurin, como o de gritar com força para ser ouvida por todos os fiéis, em compensação, empregava certas expressões, como "conjunção", caras ao ambiente dos Guermantes, cuja influência sofria à distância e a seu pesar, como o mar sofre a influência da lua sem no entanto se aproximar sensivelmente desta.-Sim, os Cottard e a duquesa de Vendôme, não acha que será engraçado?- perguntou Swann.

-Acho que será muito ruim e só lhe causará aborrecimento; é bom não brincar com fogo. -respondeu a Sra. Bontemps, furiosa. Ela e o marido, aliás, bem como o príncipe de Agrigento, foram convidados a esse jantar, junto a Sra. Bontemps e Cottard narraram de duas maneiras diversas, conforme as respostas a quem se dirigiam. Para uns, a Sra. Bontemps de um lado, Cottard de sua parte, diziam negligentemente ao lhes perguntarem se havia outras pessoas no jantar: "- Só o príncipe de Agrigento, era muito íntimo". Outros, porém, arriscavam-se a ser mais bem informados (até, certa vez, alguém dissera a Cottard que Bontemps também não se achavam presentes? - Esqueci-me deles Cottard, ruborizando-se, ao desastrado, a quem classificou daí em diante como das más-línguas). Quanto a estes, os Bontemps e os Cottard adotaram consultados, uma versão cuja moldura era idêntica e onde seus respectivos eram reciprocamente mudados. Cottard dizia:

- Muito bem, estavam os donos da casa, o duque e a duquesa de Vendôme – sorrindo- com presença do professor e a Sra. Cottard e, para o diabo se eu souber por que, pois como Pilatos no credo, os Bontemps. - A Sra. Bontemps recitava exatamente a mesma frase, e apenas os Bontemps eram nomeados com ênfase na casa entre a duquesa de Vendôme e o príncipe de Agrigento, e os Cottard, a acusava de se terem convidado a si próprios no final, eram os gatos-pingados que destoavam do conjunto.

De suas visitas, Swann voltava muitas vezes pouco antes do jantar. Até as seis

horas da tarde, em que outrora se sentia tão angustiado, indagava a si mesmo o que poderia Odette estar maquinando e pouco lhe importava que estivesse com visitas ou que tivesse saído. Às vezes lembrava muitos anos antes, tentara um dia ler através do envelope uma carta escrita por Odette à Forcheville. Porém, tal recordação não lhe era agradável; e aprofundar a vergonha que sentia, preferia fazer uma pequena careta - da boca completada com um sacudir de cabeça que significava: "Que pode me causar?" Certo, calculava agora que a hipótese, a que se entrega muitas vezes outrora e segundo a qual eram as imaginações do seu ciúme à enegrecerem a vida, na verdade inocente, de Odette, que essa hipótese (benéfica, visto que, enquanto durou sua enfermidade amorosa, amenizou seus sofrimentos fazendo-os parecerem imaginários) não era verdadeira, à quem visse seu ciúme que a considerara certa, e que, se Odette o tivesse amado mais, acreditara, também o teria traído mais. Antigamente, enquanto sofria havia jurado que, logo que não amasse mais a Odette e não temesse mais deixá-la, ou fazê-la crer que a amava bastante, ele se daria ao trabalho de elucidar por mero amor à verdade e como um ponto de história, se Forcheville estava ou não com ela no dia em que tocara a campainha e batera à porta sem que abrissem, e em que ela escrevera a Forcheville que era um tio dela que estivera lá. Mas o problema tão interessante, que ele apenas esperava o fim de seu sofrimento para tirar a limpo, quando perdera precisamente todo interesse aos olhos de Swann deixara de estar ciumento. Mas não imediatamente. Já não sentia ciúmes de Odette, como no dia em que batera em vão à porta do pequeno apartamento de La Pérouse, ciúme que a lembrança daquele dia continuava a despertar como se o ciúme, um tanto semelhante nisso a essas doenças que fixam sua sede, a sua fonte de contágio, menos em certas pessoas que em certas casas, não tinham por objeto propriamente Odette e sim aquele dia, aquela hora do passado perdido em que Swann batera em todas as entradas do apartamento de Odette. Dir-se-ia que aquele dia e aquela hora tinham, sozinhos, fixado algumas últimas parcelas da personalidade amorosa que Swann tivera outrora e que ele só as reencontrava ali. Há muito já não se preocupava que Odette o tivesse enganado e o enganasse ainda. E, no entanto, continuara durante alguns anos a procurar antigos criados de Odette, de tanto que nele persistira a dolorosa curiosidade de saber se, naquele dia, de tal modo antigo, às seis horas, Odette estava deitada com Forcheville. Depois, essa mesma curiosidade desaparecera, sem que, no entanto, suas investigações terminassem. Continuava a tentar saber o que já não lhe interessava, porque o seu ego antigo, tendo chegado à extrema decrepitude, ainda agia de modo maquinal, segundo preocupações abolidas, a tal ponto que Swann já não conseguia sequer imaginar essa angústia, tão forte noutro tempo que supunha que jamais se livraria dela, e que somente a morte da mulher a quem amava (a morte que, como o mostrará mais adiante nesta obra uma cruel contra-prova, não diminui em nada os sofrimentos do ciúme) lhe parecia capaz

de liberar o caminho de sua vida, inteiramente obstruído.

Porém, esclarecer um dia os fatos relativos à vida de Odette, aos quais devera tais sofrimentos, não fora o único anseio de Swann; reservara-se também o de se vingar deles, quando, não amando mais a Odette, não a temesse mais; ora, quanto a este segundo desejo, a ocasião favorável apresentava-se justamente agora, pois Swann amava a outra mulher, uma mulher que não lhe dava motivos de ciúme porque ele já não era capaz de renovar seu modo de amar e aquele que usara com Odette é que lhe servia ainda para outra. Para que o ciúme de Swann renascesse, não era necessário que essa mulher fosse infiel, bastava, por uma razão qualquer, que ela estivesse longe dele, num sarau, por exemplo, e parecesse divertir-se ali. Era o bastante para redespertar nele a velha angústia, lamentável e contraditória excrescência de seu amor, e que afastava Swann do que ela era, como uma necessidade de atingir o sentimento real que aquela moça lhe dedicava, o desejo escondido de seus dias, o segredo de seu coração, pois, entre Swann e aquela que o amava, essa angústia interpunha um montão refratário de suspeitas anteriores, tendo sua causa em Odette, ou em alguma outra que talvez a houvesse precedido; que só permitiam ao amante envelhecido conhecer sua amada de hoje através do fantasma antigo e coletivo da "mulher que excitava o seu ciúme", na qual encarnara, arbitrariamente, o seu novo amor. Entretanto, diversas vezes Swann acusava esse ciúme de fazê-lo crerem traições imaginárias; mas então lembrava-se que beneficiara Odette com o mesmo raciocínio erroneamente. Assim, tudo o que a moça fazia; as horas em que ele não se achava presente, deixava de lhe parecer inocente. Ao passo que, antigamente, jurara que, se alguma vez deixasse de amar aquela não adivinhava se seria um dia a sua mulher, que lhe patentearia implacavelmente toda a sua indiferença, enfim sincera, para vingar seu orgulho que fora ferido por tanto tempo, tais represálias que podia agora exercer sem qualquer risco (que lhe importava ser chamado às falas e que Odette o privasse daquela intimidade; que outrora lhe eram tão necessárias?), tais represálias não lhe interessava mais; com o desaparecimento do amor, desaparecera igualmente o desejo de demonstrar que já não sentia amor. Ele, que, quando sofria por Odette, tanto a ponto de deixar ver um dia que estava apaixonado por outra, agora, que o podia, tomava precauções para que a mulher não suspeitasse desse novo amor.

Não só tomava agora parte naqueles lanches, devido aos quais tivesse antigamente a tristeza de ver Gilberte me deixar e voltar mais cedo para também nas saídas que ela dava com a mãe, seja para ir passear ou a um matinal, e que, impedindo-a de ir aos Chames-Élysées, me haviam privado os dias em que eu ficava sozinho ao longo do relvado ou diante dos cavalos de madeira. O Sr. e a Sra. Swann me admitiam agora nessas saídas, eu tinha lugar no seu landô e até era a mim que perguntavam se gostava mais de ir ao teatro; à uma aula de dança

na casa de uma colega de Gilberte; à uma reunião mundana na casa de amigos de Swann (o que Odette denominava um "pequeno *méeting)* ou visitar os túmulos de Saint-Denis!

Nesses dias em que devia sair com os Swann, ia à casa dela para o almoço, que a Sra. Swann apelidava *lunch*; como só era convidado para meio dia e meia e meus pais almoçavam às onze e quinze, era depois que eles saíam a hora em que eu me encaminhava para aquele bairro luxuoso, muito sozinho; mas, particularmente naquela hora, em que todo mundo se achava em casa comendo. Embora inverno e com o frio intenso, se fazia bom tempo eu passeava ao longo das avenidas esperando que fosse meio-dia e vinte e sete, ajeitando de vez em quando uma magnífica gravata da casa Charvet e examinando se minhas botas estavam envernizadas se não estavam se sujando. Via de longe, no jardinzinho dos Swann, o sol fazendo cintilar, como de geada, as árvores desnudas. É verdade que só tinha duas. A hora inusitada tornava novo o espetáculo. A esses prazeres da natureza (avivados pela supressão do hábito e até pela fome), misturava-se, a expectativa emocionante do almoço em casa da Sra. Swann, o que não diminuíra os prazeres, porém dominava-os, escravizava-os, transformava-os em acessórios mundanos; de modo que se, naquela hora em que de ordinário eu não os observasse sua existência, parecia-me descobrir o bom tempo, o frio, a luz invernal, era como um prefácio aos ovos com creme, como uma pátina, uma camada transparente e rósea aplicada ao revestimento daquela capela misteriosa que era a residência da Sra. Swann, em cujo seio se conservavam, ao contrário, tanto calor, tanto perfumes e flores.

Ao meio-dia e meia, eu me decidia, enfim, a entrar naquela casa, como um grande sapato de Natal, parecia-me dever trazer prazeres sobrenaturais. Este nome de Natal era desconhecido da Sra. Swann e de Gilberte, que o haviam substituído pelo de *Christmas*, e só falavam do pudim de Christmas, e do que lhes haviam dado pelo seu Christmas, de ausentarem-se o que me deixava louco de dor pelo Christmas. Mesmo em casa, eu me julgaria desonrado se falasse do Natal e só dizia Christmas, o que meu pai achava extremamente ridículo.

Primeiro, eu apenas encontrava um lacaio que, depois de me fazer atravessar diversos salões grandes, introduzia-me numa sala bem pequena, vazia, que já começava a sonhar com a tarde azul de suas janelas; ficava sozinho em companhia das orquídeas, das rosas e das violetas, que-semelhantes à pessoas que [illegible] não nos conhecem -mantinham um silêncio que sua individualidade de coisas vivas tornava ainda mais impressionante e [illegible]

apenas um segundo lacaio, depois um terceiro; o escasso resultado de suas idas e vindas inutilmente emocionantes era colocar um pouco de carvão no fogo ou de água nos jarros. Iam-se, e eu me encontrava de novo sozinho, uma vez fechada a porta que a Sra. Swann acabaria por abrir. E com certeza ficaria menos perturbado em uma caverna mágica do que naquela salinha de espera, onde o fogo me parecia proceder à transmutações, como no laboratório de Klingsor. Um novo rumor de passos ressoou; não me ergui, devia ser outro lacaio, era o Sr. Swann.

- Como? Você está sozinho? Desculpe, minha pobre mulher nunca sabe as horas. Dez para uma. Cada dia é mais tarde. Vai ver que ela chegará sem pressa, julgando estar adiantada.-E como sofria de neurartritismo e tornara-se um tanto ridículo, ter uma mulher tão impontual, que voltava do Bois muito tarde, que se esquecia na casa da costureira e nunca estava em casa na hora do almoço, tudo isso inquietava Swann por causa de seu estômago, mas lisonjeava-o em seu amor-próprio.

Mostrava-me as novas aquisições que fizera, explicando o interesse que possuíam; porém, a emoção, aliada à falta de hábito de ainda estar em jejum àquela hora, sempre agitando meu espírito, causava-lhe um vazio, de modo que, sendo capaz de falar não conseguia compreender. Aliás, bastava para mim que as obras que Swann possuía estivessem localizadas em sua casa, fizessem parte da hora deliciosa que precedia o almoço. A *Gioconda*, mesmo que ali se encontrasse, não me teria dado maior satisfação que um *chambre* da Sra. Swann ou os seus frascos de sais.

Continuava a esperar, sozinho ou com Swann e muitas vezes com Gilberte, que vinha nos fazer companhia. A chegada da Sra. Swann, preparada por tantas majestosas parecia-me ser algo de imenso. Prestava atenção em ruído. Mas a gente jamais acha tão altos quanto esperava uma catedral, uma onda na tempestade, o salto de um bailarino; depois daqueles instantes - parecidos com os figurantes cujo desfile prepara e, por isso mesmo, aparecimento final da rainha- a Sra. Swann, entrando furtivamente de casaquinho de lontra, o véu descido sobre um nariz avermelhado; e aquela entrada não sustentava as promessas prodigalizadas durante a espera à minha imaginação.

Mas, se tivesse ficado a manhã inteira em casa, ao entrar no salão vestida com um *peignoir* de crepe da China, de cor clara, que me parecia mais elegante que todos os vestidos.

Às vezes, os Swann optavam por ficar em casa a tarde toda. Tínhamos almoçado muito tarde, eu via bem depressa, no muro do jardim declinar o sol daquele dia que me parecera ser diferente dos outros; por mais que os criados trouxessem lampiões de todas as formas e tamanhos quase ardendo no altar consagrado de

um consolo; de uma mesa-de-pé; uma "cantoneira", ou de uma mesinha, como para a celebração de um desconhecido culto e nada de extraordinário surgia na conversa e eu ia embora desiludido como ficamos muitas vezes na infância após a Missa do Galo.

Mas aquele desapontamento era apenas espiritual. Eu ficava saltando de alegria naquela casa em que Gilberte, quando ainda não estava conosco, ia entrar num instante, durante horas, a sua palavra, seu olhar atento e risonho como visto pela primeira vez em Combray. Quando muito, ficava um pouco triste ao vê-la desaparecer com freqüência em grandes quartos aos quais se via uma escada interna. Obrigado a ficar no salão, como o apaixonado por uma atriz, que só tem a sua poltrona na platéia e imagina inquieto o que se passa nos bastidores, no *foyer* dos artistas; fiz à Swann, a respeito dessa outra parte da casa perguntas sabiamente veladas, mas com um tom no qual não pude deixar que transparecesse uma certa ansiedade. Ele me explicou que a peça para a qual Gilberte ia era a rouparia; ofereceu-se para mostrá-la e me prometeu que as vezes que Gilberte tivesse de ir para lá, a obrigaria me levar junto. Por estas palavras e a tranqüilidade que me deram, Swann suprimiu de chofre uma dessas distâncias interiores horríveis em cujo termo uma mulher a qual amamos nos parece tão longínqua. Naquele momento, senti por Swann um carinho que julguei mais profundo do que o que dedicava à Gilberte. Pois ele, dava-me o amor de sua filha, ao passo que ela se recusava às vezes, e eu não tinha diretamente sobre ela o mesmo domínio que, indiretamente, tinha através de Swann. Ademais amava-a, e não podia em conseqüência vê-la sem essa perturbação, sem esse desejo de algo superior, que retira, junto à criatura que se ama, a sensação de amar.

Mas em geral, na maioria das vezes, não ficávamos em casa, saíamos pra passear. Às vezes, antes de ir se vestir, a Sra. Swann sentava-se ao piano. As mãos, saindo das mangas róseas ou brancas, muitas vezes de cores vivas do seu *chambre* de crepe da China, alongavam as falanges sobre o teclado com a mesma melancolia que estava em seus olhos, mas não no coração. Foi num desses dias que lhe ocorreu tocar para mim o trecho da Sonata de Vinteuil onde se acha a pequena frase que Swann amara tanto. Mas, as mais das vezes não se entendia nada, pois é uma música meio complicada para quem ouve pela primeira vez. Entretanto, quando mais tarde me foi tocada duas ou três vezes esta sonata, achei que a conhecia perfeitamente. Assim, não é errado dizer "ouvir pela primeira vez". Se a gente, de fato, como julga, não entendeu nada na primeira audição, a segunda e a terceira seriam outras tantas primeiras e não haveria razão para que se compreenda algo a mais na décima. Provavelmente, o que falta na primeira vez não é a compreensão, e sim a memória. Pois a nossa, relativamente à complexidade das impressões com que se defronta enquanto

ouvimos, é ínfima, tão breve quanto a memória de um homem que, ao dormir, pensa mil coisas que logo esquece, ou de um homem meio reduzido à infância, que não se recorda no minuto seguinte daquilo que acabamos de lhe dizer. A memória não é capaz de nos fornecer imediatamente a lembrança dessas impressões múltiplas. Mas esta lembrança se forma pouco a pouco na memória e, no tocante às obras que ouvimos duas ou três vezes, estamos como o colegial que releu diversas vezes antes de dormir um ponto que achava não saber e o recita de cor na manhã seguinte. Apenas, eu ainda não ouvira aquela sonata até esse dia, e onde Swann e sua mulher viam uma frase distinta, esta se achava tão longe de minha percepção nítida quanto um nome que a gente procura recordar e em cujo lugar só se encontra o vazio absoluto, vazio do qual, uma hora mais tarde, sem que se pense nelas, brotam por si mesmas, de um só golpe, as sílabas antes solicitadas em vão. E não apenas a gente não retem de imediato as obras verdadeiramente raras, porém até no íntimo de cada uma delas; isto me aconteceu no caso da Sonata de Vinteuil - são as partes menos preciosas que percebemos em primeiro lugar. De modo que eu não me enganava apenas ao pensar que a obra não me reservava mais nada (o que fez com que eu ficasse muito tempo sem procurar ouvi-la) tão logo a Sra. Swann executou a frase mais famosa (eu era tão estúpido a esse respeito como aqueles que já não esperam ter surpresas diante da igreja de São Marcos, em Veneza, porque a fotografia lhes fez saber a fama de seus domos). Muito mais, porém; mesmo quando ouvi a sonata do princípio ao fim, ela me permaneceu quase totalmente invisível, como um monumento do qual a bruma ou a distância não deixam perceber senão partes diminutas. Daí a melancolia que se liga ao conhecimento de tais obras, como a tudo que se realiza no tempo. Quando o que era o mais oculto na Sonata de Vinteuil se desvelou pra mim, então, arrastado pelo hábito para fora da minha sensibilidade, começava a escapar-me, a fugir-me, o que eu distinguira e preferira da primeira vez. Por só ter podido amar em tempos sucessivos tudo aquilo que a sonata me trazia, nunca, fui à ela completamente: ela assemelhava-se à vida. Porém, menos enganosas que a estas grandes obras-primas não começam por doar o que possuem de melhor. Na Sonata de Vinteuil, as belezas que se descobrem mais rapidamente também, as que cansam mais cedo e sem dúvida pela mesma razão, elas diferem menos daquilo que já se conhece. Mas, quando estas são arejadas, resta-nos amar a tal frase, cuja ordenação, por mais nova que seja para oferecer a nosso espírito nada além de confusão, a mantivera indiscernível e conservara intacta; então, ela, diante da qual passávamos todos os dias sem o saber e sequer pelo poder de sua exclusiva beleza se tornara invisível e permanece desconhecida, ela nos chega por último. Mas também a deixaremos por último. Iremos amá-la durante muito mais tempo que às outras, pois teremos levado tempo até amar. Ademais, esse tempo de que precisa um indivíduo - como foi preciso a respeito dessa Sonata - para penetrar numa obra

um pouco profunda e súmula; é como que o símbolo dos anos, por vezes dos séculos, que antes que o público possa amar uma obra-prima verdadeiramente nova. Talvez seja por isso que o homem de gênio, para evitar as incompreensões da turba; como visto faltar aos contemporâneos a necessária distância, as obras escritas para a posteridade só deveriam ser lidas por ela na posteridade, tal como certas pinturas que incorretamente são vistas muito de perto. Mas na realidade, toda precaução de evitar os falsos julgamentos é inútil, eles não podem ser evitados. O motivo de uma obra de gênio ser admirada de imediato é que aquele que escreveu é extraordinário; poucas pessoas se lhe assemelham. Sua própria obra que, fecundando os raros espíritos capazes de compreendê-la, os fará multiplicar. Foram os próprios quartetos de Beethoven (os de número XII a XV) que levaram cinqüenta anos para fazer nascer e crescer o público dito de Beethoven, realizando assim, como todas as obras-primas, um progresso senão do valor dos artistas, pelo menos na sociedade dos espíritos, hoje composta daquilo que era impensável quando a obra-prima apareceu à criaturas capazes de amá-la. O que denominamos posteridade, é a posteridade da obra. É necessário que a obra (não levando em conta, para simplificar, que na mesma época podem, paralelamente, preparar para o futuro o público do qual os outros gênios se beneficiarão) crie ela mesma a sua posteridade. Se, no entanto, a obra era mantida em segredo, e se fosse apenas conhecida na posteridade, esta, quanto a tal obra, não seria a posteridade e sim uma de contemporâneos que simplesmente tivessem vivido cinqüenta anos. Assim, é preciso que o artista - e era o que havia feito Vinteuil -, se quer que sua obra possa seguir seu caminho, lance-a, onde houver bastante profundidade, à pleno e longínquo futuro. No entanto, se não tem em conta esse tempo a vir, verdadeira perspectiva das obras-primas, se não levá-lo em conta é o erro dos maus juízes, levá-lo é por vezes o perigoso escrúpulo dos bons. Sem dúvida, é fácil imaginar-se por uma ilusão análoga à que uniformiza todas as coisas no horizonte, que todas as revoluções ocorridas até agora na pintura ou na música respeitavam todavia algumas regras; e o que está imediatamente diante de nós, impressionismo, procurada dissonância, emprego exclusivo da gama chinesa, cubismo, futurismo, difere de modo ultrajante daquilo que o precedeu. É que aquilo que o precedeu é considerado sem levar em conta que uma longa assimilação o converteu para nós numa matéria variada, sem dúvida, mas afinal de contas homogênea, onde Victor Hugo se avizinha de Moliére. Imaginemos apenas os disparates chocantes que nos apresentariam, se não levássemos em conta o tempo vindouro e as mudanças que ele acarreta, determinado horóscopo de nossa própria idade madura feito diante de nós durante a nossa adolescência. Apenas, nenhum horóscopo é verdadeiro e somos obrigados, no caso de uma obra de arte, a computar em sua beleza o fator tempo mesclado ao nosso julgamento algo tão casual e, por isso, tão desprovido de interesse verdadeiro como toda profecia

cuja não-realização não implicará de forma alguma a mediocridade de espírito do profeta, pois o que chama à existência as possibilidades, ou dela as exclui, não é forçosamente da competência do gênio; pode-se ter tido gênio e não haver acreditado nas estradas de ferro; nem nos aviões, ou, sendo grande psicólogo, na falsidade de uma amante ou de um amigo, cujas traições os mais medíocres conseguiram prever.

Se não compreendi a sonata, fiquei encantado por ouvir a Sra. Swann tocar. Seu toque me parecia, como seu *peignoir*, como o perfume de sua escada, como seus mantôs, como os crisântemos, fazer parte de um todo individual e misterioso, num mundo infinitamente superior àquele em que a razão pode analisar o talento. - Não é bela mesmo esta Sonata de Vinteuil?-observou Swann. - É o momento em que anoitece sobre as árvores, em que os arpejos do violino espalham o frescor. Confesse que é bem bonito; aí vemos todo o lado estático do luar, que é o lado essencial. Não é nada extraordinário que um cuidado de luz como o que segue minha mulher reaja sobre os músculos, visto que o luar impede as folhas de se mexerem. É isto que está tão bem pintado nessa pequena frase, é o Bois de Boulogne em estado de catalepsia. À beira-mar é ainda mais surpreendente, porque há fracas respostas das vagas que a gente ouve naturalmente muito bem, visto que o resto já não pode se mover. Em Paris é o contrário; quando muito, notam-se esses clarões insólitos sobre os monumentos, o céu iluminado como por um incêndio sem cores e sem perigo, esse tipo de imenso *fait-divers* adivinhado. Mas na pequena frase de Vinteuil e, aliás, em toda a Sonata, não se cuida disso. Tudo se passa no Sois; no grupo ouve-se distintamente a voz de alguém que diz:- "Quase se poderia ler um jornal."

Estas palavras de Swann teriam podido falsear, para mais tarde, a minha compreensão da sonata, pois a música é bem pouco exclusiva para afastar de modo absoluto aquilo que se sugira que vejamos nela. Mas, por outras palavras de Swann, compreendi que essas folhagens noturnas eram pura e simplesmente como as árvores que combinaram sob cuja espessura, em muitas noites e em vários restaurantes das proximidade de Paris, ele ouvira a pequena frase. Em vez do sentido profundo que ele tantas vezes lhe pedira, o que ela trazia a Swann eram essas folhagens enroladas e pintadas ao redor dela (e que a frase lhe dava o desejo de reviver; parecia o seu ser interior, como uma alma), era toda uma primavera que pudera desfrutar outrora, não sendo nervoso e magoado como era naquele bem-estar suficiente para tal, e que ela lhe guardara (como se guarda do enfermo, bons pratos que ele não pôde comer). Os encantos que certas Bois lhe haviam dado e sobre os quais a Sonata de Vinteuil podia lhe informar; não poderia, a tal respeito, interrogar Odette, que no entanto o acompanhava na pequena frase. Mas Odette estava apenas a seu lado na ocasião (e não como o motivo de Vinteuil) e, portanto, nada teria visto – embora mil vezes mais

compreensiva -, o que para nenhum de nós (pelo menos julguei por muito tempo; regra que não tinha exceções) se pode exteriorizar.

- No fundo é muito bonito mesmo - disse Swann - que o som possa refletir, como a água, ou como um espelho reflete, não é verdade?

Repare que a frase de Vinteuil só me mostrava aquilo a que eu não prestava atenção naquele tempo. De minhas preocupações, de meus amores dessa época não me recorda mais nada; fez uma troca.

-Charles, parece-me que não é nada para mim tudo o que estás dizendo. - Nada amável! - Como não? As mulheres são tremendas! Queria dizer simplesmente a este rapaz que o que se vê na música mostra - pelo menos pra mim -, o que não significa de maneira alguma a "Vontade em si" e a "Síntese do infinito"; senão, por exemplo, o velho Verdurin de *redingote* no Palmariumd da Aclimação. Mil vezes sem sair deste salão, a pequena frase me levou para jantar em Armenonville. Meu Deus, sempre é menos aborrecido comparecer com a Sra. de Cambremer.

A Sra. Swann se pôs a rir:

-É uma senhora que passa por ter sido muito apaixonada por Charles - explicou-me, com o mesmo tom em que, pouco antes, falando de Vermeer de Delft me contestou espantando-se por não o conhecer. Respondera:

- E lhe digo que o Sr. Swann se ocupava muito do pintor à época em que me cortejava. Não é, meu querido Charles?

- Não fale a torto e a direito da Sra. de Cambremer - disse Swann, que no fundo se sentia lisonjeado.

- Mas não faço mais que repetir o que me disseram. Aliás, ela é muito inteligente, não a conheço. Considero-a muito *pushing*, o que me espanta numa mulher inteligente. Mas todos dizem que ela foi louca por ti e não tem nada de ofensivo.

Swann conservou um mutismo de surdo, uma espécie de confirmação e uma prova de fatuidade.

- Já que o quer recorda o Jardim da Aclimação - continuou a Sra. Swann, fingindo-se zangada com o gracejo. - poderíamos torná-lo como objetivo do nosso passeio, se gosta disto o menino. O tempo está magnífico e você poderia reencontrar suas mais preciosas lembranças. A propósito do Jardim da Aclimação, você sabe que este rapaz, pensava que gostávamos muito de uma pessoa que, pelo contrário, evitamos cumprimentá-la sempre, é a Sra. Blatin! Acho muito humilhante para nós que ela passe por ser amiga. Imagine que o próprio Dr. Cottard, que nunca fala mal de pessoa alguma, diz que ela é infecta!

-Que horror! Ela só tem a seu favor o fato de se parecer extraordinariamente a *Savonarola*. É exatamente o retrato de *Savonarola* por Fra Bartolomeo.

A mania de Swann de descobrir semelhanças no terreno da pintura era defensável, pois mesmo aquilo a que chamamos expressão individual é-como percebemos com tanta tristeza quando amamos e gostaríamos de acreditar na realidade única do indivíduo-algo bem geral e que pôde encontrar-se em épocas diversas. Mas a julgar por Swann, os cortejos dos Reis Magos, já tão anacrônicos quando Benozzo Gozzoli aí introduziu os Médicis, muito mais o seriam ainda, visto conterem o retrato de uma multidão de homens contemporâneos, não de Gozzoli mas de Swann, ou seja, posteriores não mais somente de quinze séculos à Natividade, mas de quatro séculos ao próprio pintor. Nesses cortejos não havia, segundo Swann, um só parisiense importante que estivesse faltando, como naquele ato de uma peça de Sardou, no qual, por amizade ao autor e à principal intérprete, e também por moda, todas as notabilidades parisienses, médicos célebres, homens políticos, advogados, vieram, para divertir-se, cada qual numa noite, apresentar-se em cena.

-Mas que relação tem ela com o Jardim da Aclimação?

-Todas! - O que imagina, Odette? Acha que ela tem um traseiro azul-celeste como os macacos?

-Charles, você é de uma inconveniência! Não, eu pensava no termo que lhe disse o cingalês. Conte-lhe, é na verdade uma palavra espirituosa.

-É uma idiotice. Você sabe que a Sra. Blatin gosta de interpelar todo mundo com um ar que julga ser amável e sobretudo protetor.

- O que os nossos bons vizinhos do Tâmisa denominam *patronizing* - interrompeu Odette. - Ela foi ultimamente ao Jardim da Aclimação onde há negros, cingaleses, creio, disse minha mulher que é muito mais forte em etnografia do que eu.

-Ora, Charles, não caçoe.

- Mas não estou caçoando de jeito nenhum. Afinal, ela se dirigiu a um desses negros: "Bom dia, negro!"

- Não era nada!

- Em todo caso, o qualificativo não agradou ao negro: "Eu negro?",- disse ele furioso à Sra. Blatin, "mas tu camelo!"

-Acho muito engraçado! Adoro essa anedota. Não é "linda"? Parece que a gente vê a Sra. Blatin: "Eu negro, mas tu camelo!"

Manifestei muita vontade de ir ver os cingaleses, um dos quais chamara a Sra. Blatin de camelo. Eles absolutamente não me interessavam. Mas eu pensava que, para ir ao Jardim da Aclimação e depois voltar, atravessaríamos aquela alameda das Acácias onde admirara tanto a Sra. Swann, e que talvez o mulato amigo de Coquelin, a quem jamais pudera me mostrar saudando a Sra. Swann, me visse sentado ao lado dela no fundo de uma vitória.

Durante esses minutos em que Gilberte, tendo saído para se preparar, não estava conosco no salão, o Sr. e a Sra. Swann se agradavam em me revelar as raras virtudes da filha. E tudo o que observava parecia provar que falavam a verdade. Notei que, como sua mãe me dissera, ela tinha não só com suas amigas, mas para os criados, para os pobres, atenções delicadas, demoradamente refletidas, um desejo de agradar e um medo de descontentar, que se traduziam por pequenas coisas que muitas vezes lhe faziam muito mal. Fizera um trabalho para a nossa vendedora dos Champs-Élysées e saiu pela neve para entregá-lo sem um dia de atraso.

-Você nem imagina o que é o seu coração, pois ela o oculta.- dizia o pai.

Tão jovem, parecia muito mais ajuizada que os pais. Quando o Sr. Swann falava das grandes amizades da esposa, Gilberte desviava a cabeça para outro lado, sem ar de censura, pois o pai não lhe parecia poder ser objeto da mais leve crítica. Um dia em que lhe falei da Srta. Vinteuil, ela me disse:

-Jamais a conhecerei, por um motivo: é que ela não era amável com seu pai; pelo que se diz, causava-lhe desgosto. Não poderá você compreender isto como eu, não é mesmo? Você que não poderia, sem dúvida, sobreviver, como eu ao meu, o que aliás é muito natural. Como esquecer algum dia alguém a quem se amou sempre?

E certa vez em que se mostrou mais especialmente carinhosa e como lhe observei quando ele estava longe:

- Sim, pobre papai, foi por estes dias o aniversário da morte do seu pai. Você pode entender o que deve estar sentindo, compreende isto, sentimos sobre essas coisas. Então procuro ser menos má que de costume.

- Seu pai não a considera má, acha-a perfeita.

-Pobre papai, é porque ele é muito bom.

Seus pais não me fizeram apenas o elogio da filha esse mês; mesmo antes que a tivesse conhecido, me aparecia diante de uma igreja, numa paisagem da Île-de-France, e que a seguir, evocando-me não mais sonhos e sim minhas recordações, estava sempre diante da sebe de espinheiros na ladeira por onde eu ia para os lados de Méséglise. Como pergunta Swann, esforçando-me para assumir o tom indiferente de um amigo curioso das preferências de uma criança, quais eram,

dentre os c

falando de uma mudança que eu era obrigado a considerar de fora, mas que não possuía internamente, pois se compunha de dois estados em que não conseguia pensar ao mesmo tempo, sob pena de que cessassem de ser distintos um do outro.

No entanto, esse apartamento, visto que fora desejado tão ardentemente por sua vontade, devia conservar para Swann uma certa doçura, se o julgasse por mim, para quem não perdera todo seu mistério. O encanto singular, no qual eu durante tanto tempo imaginara banhar-se a vida dos Swann, não o expulsara inteiramente da sua residência ao penetrar nela; fizera-o recuar, dominado que fora por esse estranho, esse pária que eu tinha sido e para o qual a Srta. Swann empurrava graciosamente, para que se sentasse, uma poltrona deliciosa, hostil e escandalizada; porém esse encanto, percebo-o ainda na minha recordação. Seria porque, nesses dias em que o Sr. e a Sra. Swann me convidavam para almoçar, e logo depois para sair com eles e Gilberte, eu imprimia com meu olhar - enquanto esperava sozinho sobre o tapete, as poltronas, os consolos, os biombos, os quadros, com a idéia, em mim gravada, de que a Sra. Swann ou o marido, ou Gilberte iam entrar? Seria porque tais coisas viveram desde então na minha memória, ao lado dos Swann acabaram por assumir alguma coisa deles? Seria porque, sabendo que eles passavam sua existência no meio delas, fazia de todas elas como que os emblemas de sua vida particular, de seus hábitos dos quais fora por tão longo tempo que me continuaram a parecer estranhos mesmo quando me fizeram misturar-me à eles? E sempre que penso nesse salão que Swann (semelhante crítica implicasse de sua parte a intenção de não contrariar em nada os de sua mulher) achava tão disparatado, pois sendo todo ele concebido ainda que do gosto meio estufa, meio ateliê, do apartamento em que conhecera entretanto começara a substituir naquela embrulhada um certo número chineses; que agora julgava um tanto "artificiais", "fora de moda", por um de pequenos móveis forrados de velhas sedas Luís XVI (sem contar as o trazidas por Swann do apartamento do cais de Orléans) -, na minha memória existe, ao contrário, naquele salão composto, uma coesão, uma unidade, um encanto individual; que nunca sequer tiveram os mais intactos conjuntos que nos legou no passado; nem ainda, os mais vivos onde se assinala a marca que somente nós podemos, pela crença de que têm uma existência própria, certas coisas que vemos uma alma, que a seguir conservam-se dentro de nós. Todas as idéias que eu formava das horas diversas que existem para os outros homens, que os Swann passavam naquele apartamento; que significava, para o tempo cotidiano de suas vidas, o que o corpo é para a alma e que devia exprimir sua singularidade, todas essas idéias estavam repartidas amalgamadas por toda a parte igualmente perturbadoras e indefiníveis nos móveis, na espessura dos tapetes, na orientação das janelas, no serviço doméstico. Quando, após o almoço, íamos tomar café ao sol, na grande janeta enquanto a Sra. Swann me perguntava qual a quantidade de açúcar que colocava no café, não era apenas o tamborete forrado de seda, que

ela chegava que desprendia com o encanto doloroso que eu percebera outrora espinheiro-rosa e depois ao lado do bosque de loureiros no nome de Gilberte, a hostilidade que me haviam testemunhado seus pais e que este pequeno móvel - parecia ter sabido e partilhado tão bem, que eu não me sentia digno e um tanto desprezível de impor meus pés no seu estofamento sem defesa: uma alma pessoal ligava-o secretamente à luz das duas horas da tarde, diferente do que era por toda a parte, além, no golfo, onde fazia brincar à nossos pés suas ondas de ouro em meio às quais os canapés azulados e as vaporosas tapeçarias como ilhas encantadas; e até o quadro de Rubens, pendurado sobre a lareira; também do mesmo gênero e quase a mesma força de encanto que as laçadas do Sr. Swann e o *mantô de pelerine*, que eu tanto desejara ter um igual. Agora a Sra. Swann pedia ao marido que substituísse por outro, parecia mais elegante, quando lhes dava a honra de sair com eles. Ela também ia se vestir, embora eu protestasse que nenhuma roupa de passeio nem de longe era maravilhoso como o chambre de crepe da China ou de seda, rosa murcho, *Tiepolo*, branco, malva, verde, vermelho, amarelo liso ou com desenho, que a Sra. Swann havia almoçado e que ia tirar. Ao dizer que ela deveria sair assim, a Sra. Swann ria, troçando da minha ignorância ou de prazer pelo meu cumprimento, desculpava-se de possuir tantos *peignoirs*, por achar que somente com eles é que se sentia à vontade, e nos deixou, para ir pôr um desses vestidos majestosos que se impõem a todos e entre os quais, no entanto, eu era por vezes chamado a escolher aquele que preferia que ela vestisse.

No Jardim da Aclimação, como eu me mostrava orgulhoso ao descer do carro e poder andar ao lado da Sra. Swann! Enquanto, em seu andar despreocupado, a Sra. Swann deixava flutuar a capa, lançava-lhe olhares de admiração aos quais ela correspondia, de maneira coquete, com um largo sorriso. Agora, se encontrávamos um ou outro dos companheiros, menino ou menina, de Gilberte, que de longe nos saudava, eu era por minha vez olhado por eles como uma dessas criaturas que tanto invejara, um dos amigos de Gilberte que conheciam sua família e estavam associados à outra parte de sua vida, a que não se passava nos Champs-Élysées.

Freqüentemente, nas alamedas do Bois ou do Jardim da Aclimação, cruzávamos e éramos saudados por esta ou aquela grande amiga de Swann, que ele não chegava a ver e que sua mulher lhe apontava:

-"Charles, não está vendo a Sra. de Montmorency?" E Swann, com o sorriso amistoso devido a uma longa familiaridade, no entanto se descobria largamente com uma elegância própria dele. Às vezes a dama parava, feliz por fazer uma gentileza à Sra. Swann, gentileza sem maiores conseqüências e da qual sabia que a Sra. Swann não se aproveitaria a seguir, pois Swann a acostumara a tomar uma atitude de reserva. Mas Odette assumira todas as maneiras da sociedade e, por

mais elegante e nobre que fosse o porte da dama, ela a igualava sempre; parada por um instante junto da amiga que o marido acabava de encontrar, apresentava-nos, a mim e a Gilberte, com tanta desenvoltura, conservava tanta liberdade e tanta calma em sua gentileza, que teria sido difícil dizer qual das duas era a dama, a esposa de Swann ou a aristocrata a passeio. No dia em que fomos ver os cingaleses, percebemos, na volta, vindo em nossa direção e seguida de duas outras que pareciam escoltá-la, uma dama idosa mas bonita ainda, envolta num mantô escuro e com uma pequena touca presa ao pescoço por duas fitas.

- Ah, eis alguém que vai lhe interessar! - Disse-me Swann. - A velha senhora, já a poucos passos de nós, sorria com terna doçura. - Swann se descobriu, Odette se inclinou numa reverência e quis beijar a mão da dama semelhante a um quadro de *Winterhalter*, que a ergueu e beijou.

-Ora, ponha o seu chapéu - disse ela a Swann; com voz grossa e um tanto zangada da amiga da família. -Vou lhe apresentar a Sua Alteza Imperial - disse-me a Sra. Swann. Swann me tomou à parte por um instante, quanto a Odette conversava com a alteza sobre o bom tempo e os novos animais chegados ao Jardim da Aclimação.

- É a princesa Mathilde - disse-me ele – Você sabe, é a amiga de Flaubert, de Sainte-Beuve, de Dumas. Imagine, é a sobrinha de Napoleão II. Foi pedida em casamento por Napoleão III e pelo imperador da Rússia. Não é interessante? Fale um pouco com ela. Mas preferia não ficar parado aqui durante uma hora. E, dirigindo-se à velha disse:

-Encontrei-me com Taine. Disse-me que a princesa está zangada com ele.

-Comportou-se como um porco [em francês, *cochon*] - disse ela em voz áspera chiando a palavra como se se tratasse do nome do bispo contemporâneo de Joanna d'Arc [Cauchon]. - Depois do artigo que escreveu sobre o Imperador, dei-lhe cartão de despedida.

Experimentei a mesma surpresa que se sente quando se abre a correspondência da duquesa de Orléans, nascida princesa paladina. E a princesa Mathilde, animada de sentimentos tão franceses, sentia-os expressar com rudeza honesta, como a da Alemanha de antigamente e que herdara sem dúvida de sua mãe *wurtemburguesa*. Sua franqueza um tanto grosseira e quase masculina, adoçada quando ela sorria, por um largo italiano. E o conjunto desta numa toalete de tal modo à maneira do Segundo Império que, embora certamente a usasse apenas para ser fiel às modas de que gostara, parecia que a intenção de não cometer um histórico erro de cor e de corresponder à expectativa dos que dela esperavam a evocação de uma outra época. Em segredo, pediu que lhe perguntasse se havia conhecido Musset.

- Muito pouco, senhor - deu ela, fingindo-se aborrecida, e de fato era por gracejo

que tratava senhor, sendo tão íntima dele.-Tive-o certa vez para jantar. Convidara-o para às sete horas. Às sete e meia, como ainda não tivesse chegado, fomos para mesa. Ele chegou às oito, cumprimentou-me, sentou-se, não abriu a boca, e foi ao jantar sem que eu tivesse ouvido o som de sua voz. Estava caindo de vergonha. Aquilo não me animou a continuar.

Eu e Swann estávamos um tanto à parte.

-Espero que esta pequena assembléia não se prolongue - disse-me ele -, porque as plantas dos pés vão doer. Também não sei por que minha mulher alimenta a conversa. Depois, ela é que vai se queixar de estar cansada e eu não posso mais fazer essas paradas em pé.

Com efeito, a Sra. Swann, que obtivera a informação dos Bontemps, dizia à princesa que o governo, enfim compreendendo sua grosseria, decidira enviar-lhe um convite para que assistisse na tribuna à visita, que Nicolau devia fazer aos Inválidos, dois dias depois. Mas a princesa que, às aparências, apesar do seu séquito, composto principalmente de artistas de letras, continuara a ser no fundo, e de cada vez que precisava agir, a Napoleão:

- Sim, madame, recebi o convite esta manhã e o mandei ao ministro, que deve tê-lo consigo agora. Disse-lhe que não precisava de convite para ir aos Inválidos. Se o governo deseja que eu vá, não estarei numa tribuna e sim, no nosso subterrâneo, onde fica o túmulo do Imperador. Não preciso de convites para tanto. Tenho minhas chaves. Entro como quiser. O governo não precisa me dizer se deseja que eu vá ou não. Mas, se eu for, será para ficar lá embaixo ou em parte alguma.

Naquele instante fomos saudados, eu e a Sra. Swann por um rapaz que lhe deu bom-dia sem parar e que eu não sabia se ela conhecia. Contestando uma pergunta que lhe fiz, a Sra. Swann me disse que ele lhe fora apresentado pela Sra. Bontemps, e que era agregado ao gabinete do ministro, coisa que eu ignorava. De resto, não devia vê-lo com freqüência-ou então não quisera tocar no seu nome, Bloch, que devia julgar pouco chique pois disse que se chamava Sr. Moreul. Assegurei-lhe que estava confundindo, que ele se chamava Bloch. A princesa recolheu a cauda do vestido, que se desenrolava para trás e que a Sra. Swann contemplava com admiração.

-É justamente uma pele que me enviou o imperador da Rússia - disse a princesa- e, como fui visitá-lo há pouco, coloquei-a para lhe mostrar que podia servir de mantô.

-Parece que o príncipe Luís Napoleão se engajou no exército russo; a princesa vai ficar desolada por não tê-lo mais junto a si - disse a Sra. Swann, que não reparava nos sinais de impaciência do marido.

- Para que precisava ele disso? É como lhe disse: "Não é motivo para fazeres semelhante coisa o fato de teres um militar na família" - respondeu a princesa, fazendo com essa brusca simplicidade uma alusão a Napoleão I.

Swann já não se agüentava.

- Madame, eu é quem vou bancar a Alteza e pedir permissão para nos despedirmos, porém minha esposa esteve muito doente e não quero que ela fique muito tempo imóvel.

A Sra. Swann repetiu a reverência e a princesa teve para todos nós um sorriso divino que pareceu ter trazido do passado, dos encantos de sua juventude, dos saraus de Compiegne e que correu, intacto e doce, pelo rosto há pouco rabugento, e depois se afastou seguida das duas damas de companhia que só tinham feito, como intérpretes, como amas-secas ou enfermeiras, pontuar nossa conversação de frases insignificantes e de explicações inúteis.

-Você deveria ir inscrever seu nome na casa dela, um dia destes -disse-me a Sra. Swann.-Não se dobra a ponta do cartão para tais *royautés*, como dizem os ingleses, mas ela o convidará se você se inscrever.

Às vezes, nesses últimos dias de inverno, nós entrávamos, antes de ir passear, numa das pequenas exposições que se abriam na época e onde Swann, colecionador de marca, era saudado com especial deferência pelos negociantes de quadros em cujo estabelecimento elas ocorriam. E, nesses dias ainda frios, meus velhos anseios de partir para o Sul e para Veneza eram despertados por essas salas onde uma primavera já adiantada e um sol ardente punham reflexos violáceos nos *Al Pilles* rosados e davam a transparência carregada da esmeralda ao Grande Canal. Se o tempo estava feio, íamos ao concerto ou ao teatro e, a seguir, lanchar numa Casa de chá. Quando a Sra. Swann queria me dizer algo que não desejava fosse compreendido pelas pessoas das mesas vizinhas, ou até pelos garçons que nos serviam, falava-me em inglês como se se tratasse de uma língua conhecida apenas por nós dois. Ora, todo mundo sabia inglês, só eu é que ainda não o aprendera e era obrigado a dizê-lo à Sra. Swann para que ela parasse de fazer, a propósito das pessoas as que bebiam chá ou sobre as que o traziam, reflexões que eu adivinhava bem descorteses sem compreendê-las e sem que a pessoa visada perdesse a frase.

Uma vez, a propósito de uma sessão matinal de teatro, Gilberte estava com profundo espanto. Era exatamente no dia em que me falara antes do aniversário da morte de seu avô. Eu e ela devíamos, com sua governanta, ir ouvir uma ópera e Gilberte se vestira com a intenção de ir a essa execução conservando o ar de indiferença que costumava mostrar para as coisas que íamos fazer, dizendo que podia ser qualquer coisa com tanto que me agradasse e fosse agradável a seus pais. Antes do almoço, sua mãe nos chamou à parte para falar que seu pai ficara

aborrecido por nos ver ir ao concerto naquele dia. Acho muito natural. Gilberte ficou impassível, mas fez-se pálida de uma cólera que não pôde ocultar e não disse mais uma palavra. Quando o Sr. Swann voltou, levou-o para a outra extremidade do salão e segredou-lhe ao ouvido. Gilberte o levou para a peça ao lado. Ouviram-se vozes exaltadas. Por todo o barulho podia-se acreditar que Gilberte, tão submissa, tão terna, tão sensata, resistia ao pedido do pai num dia daqueles e por um motivo tão insignificante. Por fim saiu dizendo-lhe:

- Sabes o que te disse. Agora, podes fazer o que quiseres.

O rosto de Gilberte permaneceu contraído durante todo o almoço depois do qual fomos para o seu quarto. Depois, de repente, sem hesitação e como se tivesse tido por um só momento, gritou:

- Duas horas! Mas você sabe que o concerto começa às duas e meia.- E disse à governanta que se apressasse.

- Mas - disse eu - isso não aborrece o seu pai?

- De jeito nenhum.

- Entretanto, ele temia que isso parecesse estranho, por causa do aniversário.

- E que me importa o que os outros pensem? Acho ridículo que se preocupe com os outros em matéria de sentimento. A gente sente para si e não para o público. Para Mademoiselle, que tem tão poucas distrações, é uma festa o concerto; não vou privá-la dele para dar satisfações ao público. E pegou o chapéu.

- Mas Gilberte - observei, agarrando-a pelo braço - não se trata de dar satisfações ao público, é para atender a seu pai.

- Você não vai me fazer advertências, espero - retrucou ela como que libertando-se vivamente.

Favor ainda mais precioso que me levarem ao Jardim da Aclimação era ir ao concerto, os Swann não me excluíam sequer de sua amizade por Bergotte; estivera na origem do encanto que eu lhes achara quando, antes mesmo de conhecer Gilberte, pensava que sua intimidade com o velho divino faria dela, mais apaixonante das amigas caso o desdém que lhe inspirava não fosse barrado a esperança de que alguma vez ela me levasse a visitar as cidades que ele amava. Ora, um dia a Sra. Swann me convidou para um grande almoço. Eu não sabia quais deveriam ser os convidados. Ao chegar, fiquei desconcertado no vestíbulo por um incidente que me intimidou. Raramente a Sra. Swann deixava de adotar os costumes tidos por elegantes durante uma temporada e que, não chegando a manter-se, são logo abandonados (como, muitos anos antes, tivera o seu *hansom cab*, ou mandara imprimir, num convite para almoço, que era para um personagem mais ou menos importante). Muitas vezes tais costumes nada tinham de misterioso e não exigiam iniciação. Foi assim que, medíocre inovação

daqueles anos, importada da Inglaterra, Odette encomendara para o marido cartões de visita em que o nome de Charles Swann era precedido de um Mr. Depois da primeira visita que lhe fizera, a Sra. Swann deixara em minha casa um desses cartões, como dizia. Jamais ninguém me mandara cartões de visita; senti tanto orgulho, tanta emoção e tanto reconhecimento que, reunindo todo o dinheiro que possuía, encomendei uma corbelha magnífica de camélias e mandei à Sra. Swann. Roguei a meu pai que mandasse um cartão à casa dela, mas antes mandando imprimir às pressas alguns em que seu nome fosse precedido de um Mr. Ele não acedeu a nenhum de meus rogos; fiquei desesperado durante alguns dias e depois me perguntei se ele não tinha tido razão. Mas o uso do Mr., apesar de inútil, era evidente. O mesmo não ocorria com outro que me foi revelado no dia daquele almoço, mas sem o seu significado. No momento em que ia passar da antecâmara para o salão, o mordomo me entregou um envelope delgado e comprido no qual estava escrito meu nome. Surpreso, agradeci, enquanto olhava o envelope. Não sabia o que fazer com ele, como um estrangeiro com um desses pequenos instrumentos que se dão aos convivas nos jantares chineses. Vi que estava fechado, receei ser indiscreto abrindo-o em seguida e o coloquei no bolso com ar entendido. A Sra. Swann me escrevera uns dias antes para que fosse almoçar "em família". No entanto estavam presentes 16 pessoas, entre as quais ignorava absolutamente que se encontrasse Bergotte. A Sra. Swann, que acabava de me "nomear", como dizia, à várias delas, de repente, logo após meu nome, da mesma forma como o acabara de falar (e como se fôssemos somente dois convidados do almoço que deviam estar mutuamente satisfeitos em se conhecer), pronunciou o nome do suave Cantor de cabelos brancos. Este nome de Bergotte me fez estremecer como o estampim de um revólver que houvessem descarregado em mim; mas instintivamente, para mostrar presença de espírito, cumprimentei-o; à minha frente, como esses *Westi-digitadores* que a gente percebe estarem intactos e de sobre-casaca no meio da fumaça de um tiro, de onde sai voando uma pomba, meu cumprimento era atribuído por um homem jovem, rude, pequenino, robusto e míope, de nariz vermelho em forma de concha de caramujo e de barbicha preta. Sentia-me mortalmente, pois o que acabava de ser reduzido a pó não era apenas o langoroso velho, qual nada mais restava, era igualmente a beleza de uma obra imensa que eu pudera acolher no organismo desfalecente e sagrado que, como um templo construído expressamente para ela; mas à qual nenhum espaço se via nesse corpo atarracado, cheio de vasos, de ossos, de gânglios, do homem achatado e de barbicha preta que estava diante de mim. Todo o Bergotte mesmo havia lenta e delicadamente elaborado, gota a gota, como a transparente beleza de seus livros, esse Bergotte, de um só golpe mais que qualquer utilidade, já que era preciso conservar o nariz em cara acima da barbicha preta; assim como de nada serve a solução que tínhamos encomendado um problema cujo enunciado lêramos de

forma incompleta, e sem levar que o tota

fingimento, se as diferenças entre as obras não seriam o resultado do trabalho, ao invés de uma diferença radical de essência entre as diversas personalidades.

Nesse meio tempo passara-se à mesa. Ao lado de meu prato encontrei um cravo cujo talo estava envolto em papel prateado. Fiquei menos embaraçado que diante do envelope entregue no vestíbulo e que já esquecera de todo. O costume, entretanto tão novo para mim, me pareceu mais inteligível quando vi todos os convidados masculinos pegarem um cravo idêntico, que acompanhava os talheres, e o colocarem na botoeira da sobre-casaca. Procedi como eles com aquele ar natural de um livre-pensador na igreja, que não conhece a missa mas se ergue quando todos se levantam e põe-se de joelhos um pouco depois de todos fazerem o mesmo. Um outro costume desconhecido e menos efêmero desagradou-me um tanto mais. Ao lado do meu prato havia outro menor, cheio de uma substância escura que eu não sabia ser caviar. Ignorava o que fazer com aquilo, mas estava resolvido a não comê-lo.

Bergotte não se sentava longe de mim; ouvia perfeitamente o que ele dizia. Compreendi então a impressão do Sr. de Norpois. Tinha, na verdade, uma voz estranha; nada altera tanto as qualidades materiais da voz como ter um conteúdo de pensamento; a sonoridade dos ditongos, a energia das labiais, tudo isto é influenciado por ele. E também a dicção. A sua parecia-me inteiramente diversa de sua forma de escrever, e até as coisas que dizia eram diferentes das que se achavam em suas obras. Porém, a voz saida de uma máscara sob a qual não é suficiente para nos fazer reconhecer um rosto que vimos primeiro a descoberto no estilo. Em certos momentos da conversa, quando Bergotte costumava falar de um modo que só parecia afetado e desagradável ao Sr. de Norpois, custou-me descobrir uma correspondência exata com as partes de seus livros em que a forma se tornava tão poética e musical. Então ele via, naquilo que falava, uma beleza plástica independente do significado das frases, e, como a palavra humana está relacionada com a alma, porém sem expressá-la como faz o estilo, Bergotte dava a impressão de falar quase a atender ao sentido, salmodiando certos termos e como se perseguisse através uma única imagem, tecendo-os sem intervalos como um mesmo som, com a mesma harmonia cansativa. De modo que um recitativo pretensioso, enfático e monótono era o sinal da qualidade estética de suas frases e o efeito, na sua conveniente mesma força que produzia em seus livros a seqüência das imagens, assim, tanto mais me custava perceber que o que ele dizia, nesses instantes parecia ser de Bergotte precisamente por ser o verdadeiro Bergotte. Era o desenvolvimento de idéias exatas, não incluídas naquele "gênero Bergotte" que todos os cronistas se haviam apropriado; e aquela dessemelhança - percebida e confusa através da conversação, como uma imagem por trás de enfumaçado - era provavelmente um outro aspecto do fato de que, lendo a página de Bergotte, ela nunca era semelhante ao que teria escrito

quaisquer vulgares imitadores que, entretanto, no jornal e no livro, ornavam tantas imagens à Ia Bergotte. Tal diferença de estilo decorria de que "o Bergotte'' acima de tudo um elemento precioso e genuíno, oculto no âmago de cada um depois, extraído dele por aquele grande escritor devido a seu gênio, extravagante era o objetivo do suave Cantor e não o de "fazer Bergotte".

Para falar a verdade o fazia malgrado seu, porque era Bergotte, e, nesse sentido, toda beleza da nova obra era a pequena quantidade de Bergotte oculta numa coisa. Mas se, devido a isso, cada uma dessas belezas era aparentada à outra reconhecível, permanecia no entanto particular, como a descoberta quando exposto à luz do dia; nova, por conseguinte diversa do que se denominou ''gênero Bergotte", que era uma vaga síntese dos Bergottes já encontrados por ele, os quais não permitiam de forma alguma que nenhum homem adivinhasse o que Bergotte descobriria em outro local. O mesmo se dá aos grandes escritores: a beleza de suas frases é imprevisível, como é mulher que ainda não se conhece; ela é criação, visto aplicar-se a um objeto no qual estão pensando e não a si mesma e que ainda não exprimi o autor de suas memórias de hoje, querendo, sem dar muito a entender, faz Saint-Simon, a rigor poderá escrever a primeira linha do retrato de Villar um homem corpulento e moreno... com uma fisionomia viva, franca, que impressionava, mas que o determinismo poderá lhe fazer encontrar a segunda linha que é verdadeiramente um tanto amalucada. A verdadeira variedade dá plenitude de elementos reais e inesperados, no ramo carregado de flores surge, contra toda expectativa, da sebe primaveril que parecia já super compasso que a imitação puramente formal da variedade (e pode-se fazer o raciocínio quanto a todas as demais qualidades do estilo) apenas fazia-me, isto é, o extremo oposto da variedade, e os imitadores só podem dar a lembrança da legítima variedade àqueles que não a souberam cometer nas obras dos mestres.

E assim - da mesma maneira como a dicção de Bergotte teria encantado se ele próprio não passasse de um amador que recitasse - Bergotte, em vez de estar ligada ao pensamento de Bergotte em trabalhado por relações vitais que o ouvido não identificava de imediato -, assim também, porque Bergotte aplicava tal pensamento com precisão à realidade que lhe agradava, sua linguagem tinha algo de positivo, de muito substancioso, que decepcionava os que esperavam ouvi-lo falar somente da "torrente eterna das aparências" e dos "misteriosos frêmitos da beleza". Enfim, a qualidade sempre rara e nova daquilo que escrevia traduzia-se em sua conversa por uma forma tão sutil de abordar um assunto, negligenciando todos os seus aspectos já conhecidos, que dava a impressão de pegá-lo por um lado menor, estar enganado, fazer paradoxos, e assim suas idéias pareciam quase sempre confusas pois cada um considera claras as idéias que estão no mesmo grau de confusão que as próprias. Aliás, se toda novidade tem

como condição a prévia eliminação do lugar-comum a que estávamos habituados e que nos parecia a realidade mesma, toda nova conversação, bem como toda pintura e toda música originais, parecerá sempre alambicada e cansativa. Baseia-se em figuras a que não estamos acostumados, o interlocutor só nos parece falar por metáforas, o que cansa e dá impressão de falta de verdade. (No fundo, as próprias formas antigas de linguagem foram outrora imagens difíceis de acompanhar quando o ouvinte não conhecia ainda o universo que pintavam. Mas há muito tempo imaginamos que era o universo real, e nos baseamos nele.) Assim, quando Bergotte, o que hoje entretanto me parece bem simples, dizia de Cottard que era um mergulhador em busca de equilíbrio, ou de Brichot, que à ele lhe dá mais trabalho fazer o penteado do que à Sra. Swann, pois, duplamente preocupado com seu perfil e sua reputação, era necessário que a todo instante o arranjo de sua cabeleira lhe desse ao mesmo tempo o aspecto de um leão e de um filósofo, as pessoas logo sentiam-se fatigadas e gostariam de assentar o pé em algo mais concreto, dizia-se, para significar mais habitual. As palavras irreconhecíveis saídas da máscara que estava à minha frente, eram mesmo do escritor que eu admirava, mas não teriam sabido inserir-se em seus livros à maneira de um puzzle que se encaixa em outros; estavam em um plano diverso e necessitavam de uma transposição mediante a qual, num dia em que repetia comigo frases que ouvira Bergotte dizer, encontrei nelas toda a estrutura de seu estilo escrito, cujas diversas peças pude reconhecer e nomear naquele discurso falado que me parecera tão diferente.

Sob um ponto de vista mais acessório, a maneira especial, um pouco intensa e minuciosa demais, que possuía de pronunciar determinadas palavras, certos adjetivos que voltavam com freqüência em sua conversação e que não dizia sem uma certa ênfase, ressaltando todas as sílabas e fazendo cantar a última (como no caso da palavra *visage*, que usava sempre no lugar de *figure*, e à qual acrescentava um grande número de w, de ss, de gg, todos parecendo explodir de sua mão nesses momentos), correspondia exatamente ao belo local em que, na sua fala, ele punha em evidência essas palavras prediletas, precedidas de uma espéde de margem e compostas de tal ordem, no número total da frase, que era-se obrigado a conta-la em toda a sua "quantidade", sob pena de incidir na mesma medida. Entretanto, não se achava na linguagem de Bergotte certas formas que nos seus livros, como nos de outros autores, modifica muitas vezes a aparência das palavras. É que, sem dúvida, provém de grandes profundidades; conduz seus raios até nossas palavras nas horas em que, abertos à conversação, estamos até certo ponto fechados para nós mesmos. Em certo aspecto, havia mais entonações, mais acento, em seus livros que em acento independente da beleza do estilo, que o próprio autor sem dúvida percebeu, pois não é separável de sua mais íntima personalidade. Era esse nos momentos em que nos seus livros Bergotte era totalmente natural; dava ritmo às palavras muitas vezes bem

insignificativas que escrevia. Fala percebida no texto, nada aí o indica e, no entanto, ele se ajunta por si frases, não é possível dizê-las de outra forma; era o que havia de mais comum, todavia, de mais profundo no escritor, e aquilo é que daria o testemunho, natureza eu diria se, apesar de todas as durezas que exprimira, ele era sua forma de todas as sensualidades, sentimental.

Certas particularidades de elocução, que existiam no estado vestígios na conversação de Bergotte, não lhe pertenciam como coisa pois, quando mais tarde conheci seus irmãos e irmãs, encontrei-as nele acentuadas. Era algo brusco e rouco nas últimas palavras de uma frase enfraquecido e agonizante no final de uma sentença triste. Swann, que Mestre quando era criança, disse-me que, naquele tempo, ouvia-se e bem como na de seus irmãos e irmãs, tais inflexões de algum modo alternadamente gritos de alegria violenta, murmúrios de lenta melancolia na sala em que brincavam todos juntos, ele fazia o seu papel melhor que ninguém em seus concertos, sucessivamente ensurdecedores e desfalecentes. Por pior que seja, todo esse rumor que se evola dos seres é fugidio. Porém não ocorreu assim com a pronúncia da família Bergotte. Por ser difícil entender, mesmo nos Mestres Cantores, como pode um artista, uma música ouvindo o gorjeio dos pássaros, Bergotte, no entanto, transpunha em sua prosa esse modo de prolongar-se nas palavras que se repetem e ações de alegria ou se esgotam em suspiros indolentes. Há em seus livros noções de frases onde a acumulação de sonoridades se prolonga, como verdadeiros acordes da abertura de uma ópera que não pode acabar e repete sua cadência suprema antes que o maestro deponha a batuta, e nas quais mais tarde um equivalente musical dos metais fonéticos da família Bergotte à ele, a partir do momento em que os transportou para seus livros inconscientemente de utiliza-los em seu discurso. No dia em que havia de escrever e, com muito maior razão mais tarde, quando o conheci, desse orquestrar para sempre.

Esses jovens Bergottes o futuro escritor e seus irmãos e irmãs sem dúvida não eram superiores, pelo contrário, aos jovens mais finos, mais espirituosos, que achavam os Bergottes muito ruidosos e até mesmo um tanto vulgares, trepidantes nos seus gracejos que caracterizavam o "gênero" meio pretensioso, meio cúpido, da casa. Mas o gênio e até o grande talento decorrem menos de elementos intelectuais e de refinamento social superiores aos de outrem, que da faculdade de transformá-los, de transpô-los. Para aquecer um líqüido com uma lâmpada elétrica, não é o caso de se ter a mais forte lâmpada possível, porém uma cuja corrente possa deixar de iluminar, ser desviada e fornecer calor em vez de luz. Para passear nos ares, não é preciso dispor do mais possante automóvel, e sim de um automóvel que, sem continuar a correr no solo e cortando com uma vertical a linha que seguia, seja capaz de converter em força ascensional a sua velocidade horizontal. Da mesma forma, aqueles que produzem obras geniais

não são os que vivem no ambiente mais delicado, que têm a mais brilhante conversação, a mais extensa cultura, mas aqueles que tiveram a força de, cessando de viver bruscamente para si mesmos, tornar sua personalidade semelhante a um espelho, de tal forma que sua vida, aliás por mais medíocre que possa ser do ponto de vista mundano e até, num certo sentido, intelectualmente falando, nele se reflita, consistindo o gênio no poder refletor e não na qualidade intrínseca do espetáculo refletido. No dia em que o jovem Bergotte pôde mostrar ao mundo de seus leitores o salão de mau gosto em que passara a infância e as conversas não muito engraçadas que mantinha com os irmãos, nesse dia ele subiu mais alto que os amigos da família, mais espirituosos e distintos: estes, em seus belos Rolls-Royce, poderiam entrar em sua casa demonstrando um certo desprezo pela vulgaridade dos Bergottes; porém, ele, no seu modesto aparelho que por fim acabava de "decolar", ele os ultrapassava.

Não mais com os membros de sua família, mas com certos escritores de seu tempo é que ele apresentava determinados traços comuns de elocução. Os mais jovens, que principiavam a renega-lo e pretendiam não ter qualquer parente intelectual com ele, manifestavam-no sem querer empregando os mesmos advérbios, as mesmas proposições que ele repetia sem cessar, construindo as frases da mesma maneira, falando com o mesmo tom amortecido, frouxo, em reação a entrar na linguagem eloqüente e fácil da geração anterior. Talvez esses jovens - e vimos quem estava nesse caso - não tivessem conhecido Bergotte. Mas o seu modo de pensar, inoculado neles, desenvolvera essas alterações da sintaxe e do acento que estão em relação necessária com a originalidade intelectual. Relação que pede para ser interpretada. Assim Bergotte, se não devia nada a ninguém seu modo de escrever, derivava o seu modo de falar de um dos antigos companheiros conversador magnífico de quem sofrera a influência e a quem imitava sem parar na conversação, mas que, sendo menos dotado que ele, nunca escrevera verdadeiramente superior. De modo que, se a gente se restringir à originalidade do enunciado, Bergotte tem de ser rotulado de discípulo, escritor de segunda mão, ao passo que, influenciado pelo amigo no terreno da conversação, fora original e criativo como escritor. Sem dúvida, ainda para se separar da geração precedente, muito amiga de abstrações, dos grandes lugares-comuns, quando Bergotte queria falar bem de um livro, o que valorizava e citava era sempre alguma cena que formasse uma imagem, algum quadro sem significado racional.

"Ah, sim" – dizia - "está bem! Há uma menina de xale cor de laranja, ah, está muito bem"-ou ainda: "Oh, sim, há uma passagem em que há um regimento que atravessa uma cidade, ah, sim; está muito bom!" Quanto ao estilo, não era inteiramente de sua época (aliás, era muito exclusivamente de seu país, detestava Tolstoi, George Eliot, Ibsen e Dostoievski), pois o vocábulo que empregava

sempre, quando queria fazer o elogio de um estilo, era "suave": "Sim, todavia gosto mais do Chateaubriand de fala do que de René, pois este me parece mais suave." Dizia essa palavra como um médico a quem um doente assegura que o leite lhe dá dor de estômago e que responde: "No entanto é bem suave." E é certo que havia no estilo de Bergotte uma espécie de harmonia semelhante àquela pela qual os antigos davam, a alguns de seus oradores, louvores cuja natureza dificilmente podemos conceber, acostumados que estamos às nossas línguas modernas onde não se busca esse tipo de efeito. Ele dizia também, com um sorriso tímido, de páginas suas pelas quais lhe manifestavam admiração:

-Creio que são bem verdadeiras, bem exatas, podem ser úteis mas simplesmente por modéstia, como uma mulher a quem se diz que seu vestido, ou sua filha, é deslumbrante, e que responde, quanto ao primeiro: - É cômodo - e quanto à segunda: -Tem um bom caráter.

Mas o instinto do construtor era profundo demais em Bergotte para que ele ignorasse que a única prova que edificara de forma útil e de acordo com a verdade residia na satisfação que a obra lhe dera, a ele em primeiro lugar, e depois aos outros. Apenas muitos anos depois, quando já não tinha mais talento, todas as vezes que escrevia alguma coisa que não o satisfazia, para não a eliminar como deveria ter feito, para publicá-la, repetia consigo, desta vez para si próprio:

"Apesar de tudo, é bem exato, não é inútil ao meu país." De forma que a frase murmurada outrora diante de seus admiradores por uma astúcia de sua modéstia, o foi, por fim, no segredo de seu coração, pelas inquietudes de seu orgulho. E as mesmas palavras que haviam servido a Bergotte como desculpa supérflua quanto ao valor de suas primeiras obras, se lhe tornaram uma espécie de consolo ineficaz pela mediocridade das últimas. Uma espécie de severidade de gosto que ele possuía, de vontade de nunca escrever senão coisas das quais pudesse dizer:

"É suave", e que o fizera ser tido, durante tantos anos, como um artista estéril, afetado, cinzelador de nadas, era, pelo contrário, o segredo de sua força, pois o hábito modela igualmente o estilo do escritor como o caráter do homem, e o autor que muitas vezes se contentou em atingir, na expressão do pensamento, um certo grau de satisfação, restringe, assim, para sempre os limites de seu talento, bem como, cedendo muitas vezes ao prazer, à preguiça, ao medo de sofrer, a gente desenha em si mesmo, num caráter onde os retoques acabam por não ser mais possíveis, o retrato dos próprios vícios e os limites da própria virtude.

Se, entretanto, malgrado tantas correspondências que percebi a seguir entre o escritor e o homem, não acreditara no primeiro momento, na casa da Sra. Swann, que se tratasse de Bergotte, que era o autor de tantos livros divinos que se achava à minha frente, talvez eu não estivesse de todo errado, pois ele mesmo

(no verdadeiro sentido da palavra) tampouco o acreditava. Não o acreditava visto demonstrar muita solicitude quanto às pessoas da sociedade (aliás, sem ser esnobe), às pessoas do mundo das letras, aos jornalistas, que lhe eram bem inferiores. Certo, agora sabia, devido ao sufrágio dos outros, que possuía gênio, diante do que não são nada a posição social e os cargos oficiais. Soubera que possuía gênio, porém não o acreditava, já que permanecia simulando deferência para com os escritores medíocres a fim de poder entrar para a Academia, enquanto esta ou o b*aubourg* Saint-Germain não tem a ver com a parte do Espírito eterno que é o autor dos livros de Bergotte mais do que com o princípio de causalidade ou a idéia de Deus. Isto ele também sabia, como um cleptômano sabe inutilmente que é um crime roubar. E o homem de barbicha e nariz de caracol tinha astúcias de cavalheiro ladrão de garfos, para se aproximar da poltrona acadêmica esperada, de uma tal duquesa que dispunha de vários votos nas eleições; mas aproximar-se cuidando para que nenhuma pessoa que considerasse um vício pretender semelhante objetivo pudesse ver sua manobra. Só o conseguia pela metade, ouviam-se alternar as frases do verdadeiro Bergotte com as do Bergotte egoísta, ambicioso e que só pensava em falar dessas pessoas poderosas, nobres ou ricas para se valorizar, logo ele que em seus livros, quando era verdadeiramente ele mesmo, mostrara tão bem, puro como o de uma fonte, o encanto dos pobres.

Quanto aos outros vícios a que aludira o Sr. de Norpois, ao amor meio incestuoso que, diziam, era até complicado de indelicadeza em matéria de dinheiro, se contradiziam de forma chocante a tendência de seus últimos romances, cheios de uma preocupação tão escrupulosa, tão dolorosa, com o bem, que as menores alegrias de seus heróis eram por ela envenenadas e que, para o próprio leitor, se desprendia um sentimento de angústia através do qual a mais doce existência parecia difícil de suportar, tais vícios, entretanto, não provavam, mesmo que se os imputassem de modo justo a Bergotte, que sua literatura fosse mentirosa, e tanta sensibilidade, uma comédia.

Do mesmo modo que, na patologia, certos estados de aparência semelhante são devidos, uns a um excesso, outros a uma insuficiência de tensão, de secreção, etc., assim pode haver vício por hipersensibilidade como há vício por falta de sensibilidade. Talvez seja apenas entre os vícios realmente viciosos que o problema moral pode se situar com toda sua força de ansiedade. E problema que o artista dá uma solução não no plano de sua vida individual, mas daquela oqio e

ridículos) do ambiente em que vivem, as frases inconseqüentes, a vida chocante de sua filha, as traições de sua mulher ou suas próprias faltas, escritores vergastam com freqüência em suas diatribes sem por isso mudar sua vida doméstica ou a linguagem grosseira que reina em seu lar. Mas este chocava menos antigamente do que no tempo de Bergotte, porque, por uma medida que a sociedade se corrompia, as noções de moralidade iam se depurando e, por outro lado, o público se punha mais ao corrente da vida privada dos escritores, do que o fizera até então; e em certas noites, no teatro, mostravam o autor que tanto admirara em Combray, sentado ao fundo de um camarote cuja conversa parecia um comentário singularmente risível ou pungente, um desmentido vergonhoso da tese que ele acabara de sustentar em sua última obra. O que outros puderam me dizer não me informou muita coisa sobre a bondade ou maldade de Bergotte. Alguns de seus íntimos forneciam provas de sua bondade, certo desconhecido citava um rasgo (tocante, pois fora evidentemente destinado a permanecer oculto) de sua profunda sensibilidade. Agira cruelmente com fulano. Mas numa estalagem de aldeia, aonde fora passar a noite, ficara acordado para uma mulher pobre que tentara se afogar, e, quando tinha sido obrigado a deixar muito dinheiro com o estalajadeiro para que não expulsasse aquela infeliz, para que cuidasse dela.

Talvez, quanto mais o grande escritor se desenvolvia em Bergotte, em detrimento do homem da barbicha, mais a sua vida individualizava nas ondas de todas as vidas que ele imaginava e não parecia obrigá-lo a deveres efetivos, que eram substituídos pelo dever de imaginar vidas. Porém, ao mesmo tempo, pois que imaginava os sentimentos dos tão bem como se fossem seus, quando era necessário dirigir-se a um pelo menos de modo passageiro, fazia-o colocando-se não no seu ponto de vista pessoal, mas no da criatura que sofria, ponto de vista de onde teria horror à linguagem dos que continuam a pensar em seus interesses mesmo que diante da dor alheia. De forma que excitou à sua volta rancores justificados e inextinguíveis. Era principalmente um homem que, no fundo, só amava de verdade imagens e (como uma miniatura no fundo de um estojo) gostava de pintá-las sob as palavras. Por um nada que lhe houvessem mandado, se este desse a ocasião de aí entrelaçar algumas, ele se mostrava pródigo na palavra e seu reconhecimento, ao passo que não testemunhava gratidão alguma por um presente rico. E, se tivesse que se defender diante de um tribunal, teria, apesar de tudo, escolhido as palavras não de acordo com o efeito que pudessem produzir sobre o juiz, mas tendo em vista as imagens que o juiz certamente não perceberia.

Naquele primeiro dia em que o vi na casa dos pais de Gilberte, contei a Bergotte que ouvira recentemente a Berma em Fedra; disse-me que, na cena em que ela permanece com o braço erguido à altura dos ombros exatamente uma das cenas

que tanto haviam aplaudido -, soubera evocar, com uma arte muito nobre, obras-primas que aliás ela talvez nunca tivesse visto, uma Hespéride que faz esse gesto sobre uma metrópole Olímpica, e também as belas virgens do antigo Erectêion.

-Pode se tratar de uma adivinhação; entretanto, creio que ela freqüenta os museus. Seria interessante "averiguar" isto ("averiguar" era uma das expressões habituais de Bergotte e que aqueles jovens que nunca o haviam encontrado lhe assimilaram, falando como ele por uma espécie de sugestão a distância).

- Está pensando nas cariátides? indagou Swann.

- Não, não. - respondeu Bergotte-, a não ser na cena em que ela confessa sua paixão a Oenone e onde faz com a mão o movimento de Hegeso na estrela do Cerâmico; é uma arte bem mais antiga que ela ressuscita. Eu falava das Corés do antigo Erectêion, e reconheço que não existe nada talvez tão distanciado da arte de Racine, porém há tantas coisas na Fedra... uma a mais... Oh! E depois, sim, é tão bonita essa pequena Fedra do séc. VI, a verticalidade do braço, os cachos do cabelo "imitando mármore", sim, todavia já é demais ter achado tudo isso. Ali existe muito mais antigüidade que em muitos livros que este ano são chamados "antigos".

Como Bergotte, num de seus livros, fizera uma célebre invocação a essas estátuas arcaicas, as palavras que dizia naquele instante eram bem claras para mim, dando-me uma nova razão para me interessar pelo desempenho da Berma. Tentava revê-la nas minhas recordações, exatamente como ela estivera naquela cena em que me lembrava que erguera o braço à altura do ombro. E dizia para comigo:

"Eis a Hespéride de Olímpia; eis a irmã de uma dessas admiráveis orantes da Acrópole; eis o que se chama uma arte nobre." Mas, para que esses pensamentos me embelezassem o gesto da Berma, teria sido necessário que Bergotte os fornecesse a mim antes da representação. Assim, enquanto aquela atitude da atriz se desenrolava de fato à minha frente, naquele momento em que a coisa ocorrida ainda possui a plenitude da realidade, eu poderia tentar extrair dela a idéia de uma escultura arcaica. Da Berma, porém, naquela cena, o que guardei era uma lembrança que já não podia modificar, tênue como uma imagem desprovida das camadas profundas do presente que se deixam escavar e de onde se pode extrair, com veracidade, algo de uma imagem à qual não se pode impor, retroativamente, uma interpretação já mais suscetível de verificação, de sanção objetiva. Para meter-se na conversa, Swann me perguntou se Gilberte pensara em me dar o que Bergotte havia escrito acerca de Fedra.

-Tenho uma filha tão estouvada. - acrescentou. Bergotte teve um sorriso modesto e protestou que eram páginas sem importância.

- Oh, não, é extraordinário o opúsculo, esse pequeno *tracf*! - disse a Sra. Swann

para se mostrar boa dona-de-casa, para fazê-lo crer que havia lido a brochura, e também porque não lhe agradava simplesmente cumprimentar Bergotte, mas fazer uma escolha entre as coisas que ele escrevia, e dirigi-lo. E, na verdade, ela o inspirou, aliás de um modo que nem pensava. Mas enfim, existem, entre o que foi a elegância do salão da Sra. Swann e toda uma parte da obra de Bergotte, relações tais que ambos podem ser, alternativamente, para os velhos de hoje, um comentário de um ao outro.

Eu continuava contando minhas impressões. Muitas vezes Bergotte não as considerava justas, porém deixava-me falar. Disse-lhe que havia adorado aquela iluminação verde que se dá no momento em que Fedra ergue o braço.

-Ah, daria muito prazer ao decorador, que é um grande artista; vou lhe contar isto, porque ele tem muito orgulho daquela luz. Quanto a mim, devo dizer que não gosto muito, pois banha tudo numa espécie de atmosfera glauca; a pequena Fedra lá dentro fica por demais parecida com um coral no fundo de um aquário. Você dirá que aquilo faz ressaltar o lado cósmico do drama. É verdade. Ainda assim, estaria melhor numa peça que se passasse no reino de Netuno. Sei bem que ali existe a vingança de Netuno. Meu Deus, não peço que só pensem em *Port-Royal*, mas, enfim, todavia, o que Racine contou não foi os amores dos ouriços-do-mar. Afinal, foi o que o meu amigo desejou e está muito bem assim, e no fundo é bem bonito. Sim, afinal você gostou, você compreendeu, não é? No fundo, pensamos da mesma maneira sobre isso; é um pouco insensato o que ele fez, não é, mas afinal é muito inteligente.

E, quando a opinião de Bergotte era desse modo contrária à minha, ele não me reduzia de forma alguma ao silêncio, à impossibilidade de responder algo, como o teria feito a opinião do Sr. de Norpois. Isto não prova que as opiniões de Bergotte fossem menos válidas que as do embaixador; ao contrário. Uma idéia vigorosa comunica um pouco da sua força ao adversário. Participando do valor universal dos espíritos, ela se insere, se implanta no espírito daquele a quem refuta, em meio às idéias adjacentes, com ajuda das quais, retomando alguma vantagem, ele a completa e retifica; de modo que a sentença final é de alguma forma a obra de duas pessoas que discutiam. É às idéias que não são propriamente idéias, às idéias que, não levando a nada, não encontram nenhum ponto de apoio, nenhum ramo fraterno no espírito do adversário, que este, às voltas com o puro vazio, não acha nada para responder. Os argumentos do Sr. de Norpois (em matéria de arte) não admitiam réplica porque estavam fora da realidade. Visto que Bergotte não afastava as minhas objeções, confessei-lhe que tinham sido desprezadas pelo Sr. de Norpois.

- Mas trata-se de um velho canário. - respondeu. Deu-lhe bicadas, pois julga sempre ter pela frente um pastel ou uma sílaba.

- Como! Você conhece Norpois? perguntou-me Swann.

- Oh, ele é tedioso como a chuva - interrompeu sua mulher, que depositava muita confiança no julgamento de Bergotte e temia, sem dúvida, que o Sr. de Norpois nos tivesse falado mal dela. -Quis conversar com ele depois do jantar; não sei se, por causa da idade ou da digestão, o fato é que o achei muito enjoado! Parece que é preciso dopá-lo.

- Sim, de fato - disse Bergotte. - Muitas vezes é obrigado a calar-se para não esgotar, antes do fim da festa, a quantidade de asneiras que engomam o peitilho da camisa e sustentam o colete branco.

-Acho Bergotte e minha mulher muito severos - comentou Swann, que assumira em sua casa o "papel" de homem de bom senso. - Reconheço que Norpois não pode interessá-los muito, mas sob um outro ponto de vista- (pois Swann gostava de recolher as belezas da "vida") -, trata-se de alguém bem curioso, bastante curioso mesmo, como "amante". Quando era secretário em Roma - acrescentou, depois de se certificar que Gilberte não podia ouvi-lo-, tinha em Paris uma amante pela qual estava apaixonado, e achava um meio de fazer a viagem duas vezes por semana para vê-la durante duas horas. Aliás, era uma mulher muito inteligente e deslumbrante naquela época; agora é uma senhora idosa. E ele teve muitas outras amantes nesse período. Quanto a mim, ficaria louco se fosse necessário que a mulher que eu amava morasse em Paris enquanto eu permanecesse retido em Roma. Para as pessoas nervosas, seria sempre necessário que amassem, como diz o povo, "gente de classe inferior", para que uma questão de interesse pusesse a mulher a quem amam à sua disposição.

Nesse momento, Swann se apercebeu da aplicação que eu podia fazer dessa máxima ao caso dele e de Odette. E, como até entre as criaturas superiores, no momento em que parecem planar conosco acima das contingências da vida, o amor-próprio permanece mesquinho, Swann foi tomado de um grande mau humor contra mim. Porém, isto só se manifestou na inquietação do seu olhar. No momento, ele não me disse nada. Não devemos nos espantar muito de semelhante coisa. Quando Racine, segundo uma narrativa aliás controvertida, mas cujo assunto se repete todos os dias na vida parisiense, acusou Scarron diante de Luís XIV, o mais poderoso rei do mundo não disse nada ao poeta na mesma noite. E foi no dia seguinte que Racine caiu em desgraça. Mas, como uma teoria deseja ser expressa por inteiro, Swann, após aquele minuto de irritação e tendo enxugado a lente do monóculo, completou seu pensamento com essas palavras que, mais tarde, deviam assumir, na minha lembrança, o valor de uma advertência profética e da qual não soube me dar conta.

- Entretanto, o perigo desse gênero de amor é que a sujeição da mulher tranqüiliza por um

instante o ciúme do homem, mas também a faz mais exigente. O homem chega a fazer a mulher viver como os prisioneiros que são iluminados dia e noite para serem mais bem vigiados. E isto, em geral, acaba em drama.

Voltei ao Sr. de Norpois.

- Não confie nele; ao contrário, tem muito má língua - disse a Sra. Swann com um acento que me pareceu tanto mais indicar que o Sr. de Norpois falara mal dela, porque Swann olhou a esposa com ar de repreensão e como que para impedi-la de falar mais.

Entretanto, Gilberte, a quem já tinham dito duas vezes que fosse se preparar para sair, ficava a nos ouvir, entre a mãe e o pai, a cujo ombro se apoiava carinhosamente. A primeira vista, nada era mais contrastante com a Sra. Swann, que era morena, do que aquela mocinha de cabelo ruivo e pele dourada. Mas, ao cabo de um instante, reconheciam-se em Gilberte diversos traços. Por exemplo, o nariz talhado em brusca e infalível decisão pelo escultor invisível que trabalha com seu cinzel para várias gerações, a expressão e os movimentos da mãe. Para fazer uma comparação em outra arte, Gilberte dava a impressão de um retrato pouco parecido ainda com a Sra. Swann, a quem o pintor, por um capricho de colorista, tivesse feito posar meio disfarçada, pronta para ir, vestida de veneziana, a um jantar à fantasia. E, como não só tivesse uma peruca loura, mas também como todo átomo sombrio fora expulso de sua pele, a qual, despida de seus véus escuros, parecia mais nua, recoberta apenas dos raios expelidos por um sol interior, a caracterização não era superficial, e sim personificada; Gilberte dava a impressão de retratar algum animal fabuloso, ou de vestir uma fantasia mitológica. Aquela pele ruiva era a de seu pai, a ponto que a Natureza parecia ter precisado, quando Gilberte fora gerada, resolver o problema de refazer aos poucos a Sra. Swann, sem ter à sua disposição como matéria-prima senão a pele do Sr. Swann. E a Natureza a utilizara com perfeição, como um mestre em marcenaria que faz questão de deixar visíveis as aparas e os nós da madeira. No rosto de Gilberte, no canto do nariz de Odette perfeitamente reproduzido, a pele se erguia para conservar intactos os dois grãos de beleza do Sr. Swann. Era uma variedade nova da Sra. Swann que se obtinha ali, ao lado dela, como um lilás branco ao lado de um lilás roxo. No entanto, era desnecessário representar a linha demarcatória entre as duas semelhanças, por ser absolutamente nítida. Em certos momentos, quando Gilberte ria, percebia-se o oval da face de seu pai no rosto da mãe, como se os pusessem juntos para ver no que daria a mistura; esse oval tornava-se preciso da mesma maneira como se forma um embrião, alongava-se obliquamente, inchava-se, e desaparecia após um instante. Nos olhos de Gilberte havia o bom olhar franco do pai; era este o olhar que mostrava quando me dera a bolinha de ágata, dizendo:

"Guarde-a como lembrança da nossa amizade."

Mas, quando lhe faziam uma pergunta sobre o que havia feito, então viam-se nos mesmos olhos o embaraço, a incerteza, a dissimulação, a tristeza que mostrava antigamente Odette, quando Swann lhe perguntava aonde tinha ido e ela lhe dava uma daquelas respostas mentirosas que desesperavam o amante e o faziam agora mudar bruscamente de assunto, como marido prudente e sem curiosidade. Muitas vezes, nos Champs-Élysées, sentira-me inquieto ao ver esse olhar de Gilberte. Porém, na maioria das vezes sem motivo. Pois nela, a sobrevivência puramente física de sua mãe, aquele olhar pelo menos o dos Champs-Élysées; já não correspondia a coisa alguma. Quando ela ia para o curso, quando devia voltar para uma aula, é que as pupilas de Gilberte faziam esse movimento que outrora, nos olhos de Odette, era provocado pelo medo de revelar que recebera, durante o dia, um de seus amantes ou que tinha pressa em comparecer a um encontro. Assim, viam-se as duas naturezas, do Sr. e Sra. Swann, ondular, refluir, invadir sucessivamente, uma sobre a outra, o corpo daquela Melusina. É claro que se conhece bem que uma criança se parece com o pai e a mãe. Mesmo a distribuição das qualidades e dos defeitos que ela herda se faz de modo tão estranho que, de duas qualidades que parecem inseparáveis em um dos pais, só uma se encontra no filho, e esta mesma aliada a defeitos do outro pai, que parecia irreconciliável com ela. E até a encarnação de uma qualidade moral em um defeito físico incompatível é muitas vezes uma das leis da parecença filial. De duas irmãs, uma terá, com a soberba estatura do pai, o espírito mesquinho da mãe; a outra, toda repleta da inteligência paterna, haverá de apresentá-la ao mundo sob o aspecto que possui a mãe; de sua mãe, o nariz grande, o ventre nodoso, e até a voz, são o revestimento de dons que se conheciam sob uma aparência magnífica. De modo que, de cada uma das irmãs, pode-se dizer com tanto mais razão que ela é quem herdou mais dos pais. É verdade que Gilberte era filha única, mas havia no mínimo duas Gilbertes. As duas naturezas, a de seu pai e de sua mãe, não faziam mais que misturar-se nela; disputavam-na, e isto ainda seria falar de modo inexato e levaria a supor que uma terceira Gilberte sofria, naquele tempo, o ser uma presa das outras duas. Ora, Gilberte era alternadamente uma e outra, e em cada instante nada mais que uma, isto é, incapaz, quando não era tão bondosa, de suportar aquilo, não podendo então a melhor Gilberte, devido à sua momentânea ausência, constatar aquela perda. Também a menos boa das duas era livre para desfrutar prazeres pouco nobres. Quando a outra falava carinhosamente do pai, tinha vistas largas, gostaríamos de dirigir com ela um belo e benéfico empreendimento, falávamos nisso, mas, quando íamos chegar a um acordo o coração de sua mãe já retomara seu posto; e era ele quem respondia; ficávamos decepcionados e irritados - quase intrigados como diante da substituição de uma pessoa - por uma reflexão mesquinha, uma troça manhosa, em que Gilberte se comprazia, pois saíam do que ela própria era naquele instante. A separação entre as duas Gilbertes era mesmo tão grande, às

vezes, que a gente se perguntava, aliás em vão, o que lhe poderiam ter feito para que ficasse tão diferente. Não só não comparecia ao encontro que nos havia proposto, sem desculpar-se depois, mas, fosse qual fosse a influência que a tivesse feito mudar de idéia, ela se mostrava tão diferente a seguir que acreditaríamos que, vítima de uma semelhança como a que está no centro dos Menecmos, não estávamos diante da pessoa que nos pedira tão gentilmente o encontro, caso não nos testemunhasse um mau humor que revelava sentir-se em falta e desejar evitar explicações.

-Vamos, vais nos fazer esperar - disse-lhe a mãe.

- Estou muito bem junto do papaizinho, quero ficar ainda mais um pouco respondeu Gilberte escondendo a cabeça nos braços do pai, que passou carinhosamente os dedos pela cabeleira ruiva.

Swann era um desses homens que, tendo vivido muito tempo nas ilusões do amor, viram o bem-estar que deram a muitas mulheres aumentar a felicidade delas sem criar, de sua parte, nenhum reconhecimento, nenhuma ternura quanto a eles; mas, no filho, julgam sentir uma afeição que, encarnada em seu próprio nome, fará com que permaneçam após a morte. Quando não houvesse mais Charles Swann, haveria ainda uma Srta. Swann, ou uma Sra. X, nascida Swann, que continuaria a amar o pai desaparecido. Talvez até a amá-lo ainda mais, pensava Swann sem dúvida, pois respondeu a Gilberte:

-És uma boa filha - com esse tom enternecido pela inquietude que nos inspira para o futuro a ternura por demais apaixonada de uma criatura destinada a nos sobreviver. Para dissimular sua emoção, ele se meteu em nossa conversa sobre a Berma. Fez-me notar, mas num tom desligado, entediado, como se quisesse permanecer de algum modo de fora daquilo que dizia, com que inteligência, com que justiça imprevista a atriz falava a Oenone:

"Tu o sabias!" Ele tinha razão: aquela entonação, pelo menos, era de um valor verdadeiramente inteligente e, portanto, deveria satisfazer meu desejo de encontrar motivos irrefutáveis de admirar a Berma. Mas era justamente devido à própria clareza que ela não o contentava. A entonação era tão engenhosa, de uma intenção e um sentido tão específicos, que parecia existir nela mesma e que toda artista dotada de inteligência poderia adquiri-la. Era uma bela idéia; mas qualquer um que a concebesse de forma tão plena a possuiria do mesmo modo. Restava à Berma o mérito de havê-la encontrado; mas pode-se empregar o vocábulo "encontrar", quando se trata de achar alguma coisa que não seria diferente se fosse recebida, alguma coisa que não se refere essencialmente ao nosso ser visto que um outro pode reproduzi-la a seguir?

- Meu Deus, mas como a sua presença eleva o nível da conversa! - disse-me, como para se desculpar junto a Bergotte, Swann, que adquirira no ambiente dos

Guermantes o hábito de receber os grandes artistas como bons amigos, aos quais se busca apenas fazer com que comam os pratos que adoram, jogar jogos ou, no campo, entregarem-se aos esportes que lhes agradam.-Parece-me que falamos bem de arte - acrescentou.

- Tudo bem, gosto muito disso - disse a Sra. Swann, lançando-me um olhar reconhecido, por bondade e também porque guardara suas velhas aspirações quanto a uma conversa mais intelectual. A seguir, foi com outras pessoas, particularmente com Gilberte, que Bergotte falou. Eu lhe dissera tudo o que sentia com uma liberdade que me espantara e que provinha de que tomara com ele, desde muitos anos (no decurso de tantas horas de solidão e de leitura, onde ele era para mim apenas a melhor parte de mim mesmo), o hábito da sinceridade, da franqueza, da confiança; ele me intimidava menos que uma pessoa com quem tivesse conversado pela primeira vez. E, no entanto, pela mesma razão, sentia-me bastante inquieto quanto à impressão que deveria ter produzido nele, visto não datar de hoje o desprezo que supusera que teria pelas minhas idéias, e sim de um tempo já antigo em que começara a ler seus livros em nosso jardim de Combray. No entanto, deveria ter me ocorrido que, se fui sincero, se apenas me abandonei ao meu pensamento ao simpatizar tanto, por um lado, com a obra de Bergotte e ao sentir, por outro lado, no teatro, um desapontamento cujos motivos ignorava, esses dois movimentos instintivos que me haviam empolgado não deviam ser tão diversos um do outro, e sim obedecer às mesmas leis; e que esse espírito de Bergotte, que eu amara em seus livros, não devia ser algo inteiramente estranho e hostil à minha decepção e à incapacidade de expressá-la. Pois minha inteligência devia ser una, e talvez mesmo só exista uma única da qual todos são colocatários, uma inteligência sobre a qual cada um de nós, do fundo de seu corpo particular, lança os seus olhares, como no teatro, onde cada um tem seu lugar; em compensação, só existe um único cenário. Sem dúvida, as idéias que eu tivera o gosto de procurar desenredar não eram as que, em geral, Bergotte aprofundava em seus livros. Mas, se se trata da mesma inteligência que tanto eu como ele possuímos à nossa disposição, ele devia, ao ouvi-las expressas por mim, recorda-las, amá-las, sorrir-lhes, provavelmente conservando, apesar de minhas suposições, diante de seu olho interior, uma parte da inteligência bem diversa da outra parte que se projetara em seus livros, e segundo a qual eu havia imaginado todo o seu universo mental. Do mesmo modo que os padres, tendo a experiência mais profunda do coração, podem melhor perdoar os pecados que não cometem, assim também o gênio, tendo a maior experiência da inteligência, pode compreender melhor as idéias mais contrárias às que formam o fundo de sua própria obra. Eu deveria me ter dito tudo isso (que aliás nada tem de agradável, pois a benevolência dos grandes espíritos tem por corolário a incompreensão e a hostilidade dos medíocres; ora, somos muito menos felizes com a amabilidade de um grande escritor, que a rigor se pode

encontrar em seus livros, do que sofremos com a hostilidade de uma mulher que não elegemos por sua inteligência, mas que não podemos evitar amar). Eu deveria ter dito tudo isso, mas não o dizia; estava convencido de que parecera um estúpido a Bergotte, quando Gilberte me sussurrou ao ouvido:

- Estou louca de alegria, porque você conquistou meu grande amigo Bergotte. Ele disse a mamãe que o achou muito inteligente.

-Aonde vamos?- perguntei a Gilberte.

-Ora, aonde quiserem; quanto a mim, você sabe, ir para cá ou para lá...

Porém, desde o incidente ocorrido no dia do aniversário da morte de seu avô, eu me perguntava se o caráter de Gilberte não era diferente do que havia pensado, se essa indiferença pelo que fizessem, se aquele juízo, aquela tranqüilidade, aquela doce e constante submissão, não esconderiam, ao contrário, desejos muito passionais que, por amor-próprio, ela não queria dar a perceber e que só revelava em sua súbita resistência quando por acaso eram contrariados. Como Bergotte morasse no mesmo bairro dos meus pais, saímos juntos; no carro, falou-me de minha saúde:

- Nossos amigos me disseram que você é doente. Lamento-o bastante. E, apesar disso, não tanto assim, pois vejo que deve possuir os prazeres da inteligência e isso, provavelmente, é o que conta para você, como para todos aqueles que conhecem tais prazeres.

Ai de mim! O que ele falava, quão pouco verdadeiro eu sentia que era para mim, a quem todo raciocínio, por elevado que fosse, deixava frio, que não era feliz senão em momentos de simples lazer, quando sentia bem-estar; percebia quanto o que desejava na vida era puramente material e com que facilidade me absteria da inteligência. Como não distinguia, entre os prazeres, aqueles que me vinham de fontes diferentes, mais ou menos profundas e duráveis, pensei, no momento de lhe responder, que teria gostado de uma existência em que estivesse ligado à duquesa de Guermantes e na qual muitas vezes teria sentido, como no antigo escritório do imposto de trânsito dos Champs-Élysées, um frescor que me recordaria Combray. Ora, nesse ideal de vida que não ousava confiar-lhe, os prazeres da inteligência não ocupariam lugar algum.

- Não senhor, os prazeres da inteligência são muito pouco para mim; não são eles o que procuro. Nem sei mesmo se alguma vez os senti.

- Acha isso mesmo? replicou ele. - Muito bem, escute; isto deve ser o que você prefere apesar de tudo, me parece. É o que acho.

Certo, ele não me convencia; no entanto, eu me sentia mais feliz, menos acanhado. Devido ao que me havia dito o Sr. de Norpois, considerara meus momentos de devaneio, de entusiasmo, de confiança em mim mesmo, como

puramente subjetivos e sem verdade. Ora, segundo Bergotte, que dava impressão de conhecer o meu caso, parecia que o sintoma a desprezar eram ao contrário as minhas dúvidas, o desgosto que sentia por mim mesmo. Principalmente o que dissera acerca do Sr. de Norpois tirava muito da força de uma condenação que eu julgara irremediável.

-Você é bem cuidado? - indagou Bergotte. - Quem é que se ocupa de sua saúde?

- Disse-lhe que era e voltaria a ser Cottard, sem dúvida.

- Mas não é disso que você precisa! respondeu. - Não o conheço como médico. Porém, vi-o na casa da Sra. Swann. É um imbecil. Supondo que isso não o impeça de ser um bom médico, o que me custa a acreditar, isso o impede de ser um bom médico para artistas, para pessoas inteligentes. Pessoas como você têm necessidade de médicos apropriados, direi quase de regimes, de medicamentos especiais. Cottard vai aborrecê-lo e o tédio por si só impedirá que seu tratamento seja eficaz. E depois, esse tratamento não pode ser o mesmo para você e para um indivíduo qualquer. Três quartas partes dos males das pessoas inteligentes provêm de sua inteligência. Falta-lhes, pelo menos, um médico que os conheça. Como quer que Cottard possa tratá-lo? Ele previu a dificuldade de digerir molhos, a perturbação gástrica, mas não a leitura de Shakespeare... Assim, seus cálculos não são mais acertados com você, o equilíbrio está rompido, é sempre o pequeno ludião que sobe. Ele descobrirá em você uma dilatação do estômago, não tem necessidade de examiná-lo visto que já o fez previamente com o olho. Você pode vê-la, pois se reflete no seu *pincenêz*.

Esta maneira de falar me cansava bastante, eu dizia comigo com a estupidez do

bom senso:

"Não existe mais dilatação do estômago refletida no *pincenêz* do professor Cottard do que as tolices ocultas no colete branco do Sr. de Norpois."

- Eu lhe aconselharia, de preferência, o doutor Boulbon - prosseguiu Bergotte. - É muito inteligente.

- É um grande admirador de suas obras – disse-lhe. - Vi que Bergotte o sabia e concluí que os espíritos fraternais depressa se ajuntam, que a gente possui poucos "amigos desconhecidos". O que Bergotte me disse a respeito de Cottard me chocou por ser bem o oposto de tudo quanto eu acreditava. De modo algum me inquietava achar o meu médico um sujeito aborrecido; esperava dele que, graças a uma arte cujas leis me fugiam, proferisse a respeito de minha saúde um oráculo indiscutível ao consultar minhas entranhas. E pouco me importava que, com o auxílio de uma inteligência, auxílio que eu mesmo poderia lhe prestar, ele procurasse compreender a minha, que eu apenas imaginava como um meio, indiferente em si mesmo, de tentar alcançar verdades exteriores. Duvidava

muito de que as pessoas inteligentes tivessem necessidade de uma higiene diversa da dos imbecis, e estava pronto a me submeter à desses últimos.

- Se alguém precisa de um bom médico, é o nosso amigo Swann - disse Bergotte. E, como eu perguntasse se ele estava doente: - Pois bem, um homem que desposou uma mulher de vida fácil, que tem de aturar, por dia, cinqüenta desfeitas de senhoras que não querem ter relações com a sua, ou de homens que dormiram com ela. Vê-se isto, elas lhe retorcem a boca. Repare as sobrancelhas circunflexas que ele apresenta quando entra em casa, para ver quem está de visita. -A má vontade com que Bergotte falava a um estranho, sobre os amigos em cuja casa era recebido há tanto tempo, era tão nova para mim como o tom quase carinhoso com que, na casa dos Swann, ele assumia a todo instante com eles. Certamente, uma pessoa como a minha tia-avó, por exemplo, teria sido incapaz, como nenhum de nós, dessas gentilezas que ouvira Bergotte

prodigalizar a Swann. Mesmo às pessoas a quem amava, ela gostava de dizer coisas desagradáveis. Mas, na ausência delas, não teria pronunciado uma só palavra que elas não pudessem ouvir. Nada era menos parecido com a alta sociedade do que a nossa de Combray. A dos Swann já era uma tendência para a alta-roda, para suas ondas versáteis. Ainda não era o mar alto, já era a laguna.

-Tudo isto fica entre nós - disse-me Bergotte, ao me deixar diante de minha porta. Alguns anos depois, eu lhe teria respondido:

"Nunca repito nada".

É a frase ritual das pessoas da alta sociedade, pela qual o maldizente é falsamente assegurado. Ela é que eu já teria dirigido a Bergotte naquele dia, pois a gente não inventa tudo o que diz, sobretudo nos momentos em que age como pessoa social. Mas não a conhecia ainda. Por outro lado, a frase de minha tia-avó numa ocasião semelhante teria sido:

"Se não quer que isto seja repetido, por que então está me dizendo?"

É a resposta das pessoas insaciáveis, das "cabeças-duras". Eu não o era. Inclinei-me em silêncio. Os literatos que, para mim, eram personagens notáveis intrigavam durante anos antes de travar com Bergotte relações que permaneciam sempre obscuramente literárias e não saíam de seu gabinete de trabalho, ao passo que eu acabava de me instalar entre os amigos do grande escritor logo à primeira vista e tranqüilamente, como alguém que, em vez de fazer fila como todos para arranjar um mau lugar, ganha os melhores, tendo passado por um corredor fechado aos outros. Se Swann o abrira para mim daquele modo, era sem dúvida porque, feito um rei que acha natural convidar os amigos do filho para o camarote real, para o iate real, assim também os pais de Gilberte recebiam os amigos da filha no meio das coisas preciosas que possuíam e das intimidades, mais preciosas ainda, que ali estavam guardadas. Mas àquela

época imaginei, e talvez com razão, que essa amabilidade de Swann era dirigida indiretamente a meus pais. Julgara ouvir outrora, em Combray, que ele se oferecera, vendo minha admiração por Bergotte, para me levar para jantar em sua casa, e que meus pais haviam recusado, alegando que eu era muito jovem e muito nervoso para "sair". Sem dúvida, meus pais representavam para certas pessoas, exatamente aquelas que me pareciam as mais maravilhosas, algo bem diverso que para mim mesmo, de modo que, como no tempo em que a dama cor-de-rosa dirigira a meu pai elogios de que ele se mostrara tão pouco digno, eu teria desejado que eles compreendessem que inestimável presente acabara de receber e testemunhassem o seu reconhecimento a esse Swann generoso e cortês que me havia, ou lhes havia, oferecido, sem parecer dar maior importância ao seu ato do que aquele delicioso rei mago do afresco de Luini, de nariz curvo e cabelos louros, e com quem, parece, lhe haviam achado grande semelhança antigamente. Infelizmente, o favor que Swann me fizera e que, ao chegar em casa, antes mesmo de tirar o sobretudo, anunciei a meus pais na esperança de que lhes despertaria no coração um sentimento tão emocionado quanto o meu e os levasse a uma "cortesia" enorme e decisiva para com os Swann, tal favor não pareceu muito apreciado por eles.

-Swann te apresentou a Bergotte? Belo conhecimento, encantadora relação! - exclamou ironicamente meu pai.- Não faltava mais nada!

Ai de mim, quando acrescentei que ele não gostava de modo algum do Sr. de Norpois: - -Naturalmente! -Tornou ele. - Isto bem prova que se trata de um espírito falso e malévolo. Meu pobre filho, já não tinhas muito senso comum; estou triste porte ver cair num ambiente que vai acabar de te desequilibrar.

A simples freqüência à casa dos Swann já estava longe de encantar meus pais. A apresentação a Bergotte lhes pareceu uma conseqüência nefasta, mas natural, de um primeiro erro, da fraqueza que haviam tido e que meu pai chamou de "falta de circunspecção". Senti que, para completar o mau humor dos pais, bastaria dizer-lhes que aquele homem perverso me achara extremamente inteligente. De fato, quando meu pai considerava que uma pessoa, um de meus companheiros, por exemplo, estava no mau caminho - como eu naquele momento - e tinha então a aprovação de alguém de quem meu pai não gostava, este via no fato a confirmação do seu diagnóstico irritado. O mal só lhe parecia ainda maior. Já ouvia o que ele exclamaria:

"Necessariamente, é tudo uma cambada!", termo que me espantava pela imprecisão e a imensidão das reformas cuja iminente introdução em minha doce vida parecia anunciar.

Mesmo que não dissesse o que Bergotte falara sobre mim, já nada poderia apagar a impressão ruim de meus pais; e que fosse um pouquinho pior, isto não

me importava. Aliás, pareciam-me tão injustos, de tal maneira apegados ao erro, que não só não tinha esperança mas nem sequer o desejo de conduzi-los a uma visão mais eqüitativa. Entretanto, sentindo, no momento em que minhas palavras saíam da boca, como iriam meus pais se assustar em pensar que eu havia agradado a alguém que julgava idiotas os homens inteligentes, era objeto de desprezo da parte das pessoas honestas, e cujos louvores, parecendo-me invejáveis, me impeliriam ao mal -foi com voz baixa e com um ar meio envergonhado, que, ao terminar a narração, aduzi o arremate:

- Ele disse aos Swann que me achara muitíssimo inteligente.

Como um cão envenenado que, no campo, se arremessa, sem o saber, precisamente sobre a erva que é o antídoto da toxina que absorveu, acabara eu de dizer a meus pais, sem ter noção de tal, a única palavra no mundo capaz de vencer, na opinião deles, o preconceito que alimentavam quanto a Bergotte, preconceito contra o qual todos os mais belos raciocínios que eu poderia ter feito, todos os louvores que fizesse, seriam em vão. No mesmo instante, a situação mudou de aspecto:

-Ah... ele disse que te achava inteligente? - exclamou minha mãe. - Isto me agrada, pois trata-se de um homem de talento.

-Como! Ele disse isso? - repetiu meu pai. - Não nego em nada o seu valor literário diante do qual todos se inclinam; apenas, é aborrecido que leve essa vida pouco honrosa da qual falou o velho Norpois com palavras encobertas - acrescentou, sem se aperceber de que, face à virtude soberana das palavras mágicas que eu acabara de pronunciar, já não podia lutar por muito tempo com a depravação dos costumes de Bergotte, nem a falsidade do seu julgamento.

-Oh, meu caro - interrompeu mamãe -, nada prova que isto seja verdade. Dizem tantas coisas. Além disso, o Sr. de Norpois é o que existe de mais gentil, mas nem sempre é muito benevolente, sobretudo para com as pessoas que não são de sua opinião.

- É verdade, eu também já havia reparado - respondeu meu pai.

-E, além disso, pode-se perdoar muito a Bergotte, visto que achou amável o meu filhinho- replicou mamãe, acariciando meus cabelos com os dedos e depondo em mim um longo olhar sonhador.

Aliás, minha mãe não havia esperado pelo veredito de Bergotte para dizer que eu podia convidar Gilberte para merendar quando recebesse meus amigos. Mas eu não ousava fazê-lo por dois motivos. Primeiro, porque na casa de Gilberte nunca serviam senão chá. Em minha casa, ao contrário, mamãe cuidava para que, junto com o chá, houvesse chocolate. Temia eu que Gilberte achasse aquilo vulgar e nos desprezasse. O outro motivo foi uma dificuldade de protocolo que

jamais consegui revogar. Quando chegava à casa da Sra. Swann, ela me perguntava:

- Como vai a senhora sua mãe?

Sondara mamãe para saber se ela faria o mesmo à chegada de Gilberte, questão que me parecia mais grave que o título de "Monsenhor" na corte de Luís XIV. Porém mamãe não quis saber de nada.

- De jeito nenhum, pois não conheço a Sra. Swann.

- Mas ela também não te conhece.

- Não digo que não, mas nós não somos obrigados a proceder da mesma maneira em tudo. Quanto a mim, vou fazer outras gentilezas a Gilberte, gentilezas que a Sra. Swann não tem para contigo.

Mas não me convenci e preferi não convidar Gilberte.

Tendo deixado meus pais, fui trocar de roupa e, esvaziando os bolsos, encontrei de repente o envelope que o mordomo da casa dos Swann me entregara antes de me introduzir no salão. Agora, estava sozinho. Abri-o; dentro havia um cartão no qual indicavam-me a dama a quem deveria oferecer o braço para ir à mesa. Foi por essa época que Bloch transtornou minha concepção do mundo, abrindo-me novas possibilidades de felicidade (que, de resto, deviam mudar-se mais tarde em possibilidades de sofrimento), ao me assegurar que, contrariamente ao que julgara no tempo de meus passeios para os lados de Méséglise, as mulheres não desejavam outra coisa senão fazer amor. Completou o serviço prestando-me um segundo que só mais tarde devia apreciar: foi ele quem me levou pela primeira vez a um bordel. Bem que me havia dito que ali havia muitas mulheres lindas que a gente podia possuir. Mas eu atribuía-lhes uma fisionomia vaga, que os bordéis me permitiriam substituir por rostos particulares. De modo que se devia a Bloch por sua "boa nova" de que a felicidade e a posse da beleza não são coisas inacessíveis e que seria inútil renunciar a elas para sempre; um obséquio do mesmo tipo do que devemos a um médico ou a um filósofo otimista que nos fazem esperar pela longevidade neste mundo, e que não estaremos totalmente separados deste quando tivermos passado a um outro, os bordéis que freqüentei alguns anos depois; ao me fornecerem amostras de felicidade, e ao me permitirem acrescentar à beleza das mulheres o elemento que não podemos inventar, que não passa do resumo das belezas antigas, o presente verdadeiramente divino, o único que não poderíamos receber de nós mesmos, diante do qual expiram todas as criações lógicas de nossa inteligência e que só podemos pedir à realidade: um encanto individual mereceram ser por mim classificados ao lado daqueles outros benfeitores de mais recente origem porém de utilidade análoga (antes dos quais imaginávamos sem calor a sedução de Mantegna, de Wagner, de Siena, através de outros pintores, outros músicos, outras

cidades): as edições ilustradas de história da pintura, os concertos sinfônicos e os ensaios sobre as "Cidades de arte". Mas a casa aonde Bloch me levou e à qual não ia, aliás, há muito tempo, era de um nível bastante inferior, o pessoal era muito medíocre e bem pouco renovado para que eu pudesse satisfazer antigas curiosidades ou adquirir novas. A dona dessa casa não conhecia nenhuma das mulheres que lhe solicitavam e oferecia sempre uma que não lhe haviam pedido. Elogiou-me sobretudo uma, da qual, com um sorriso cheio de promessas (como se isso fosse uma raridade e um regalo), dizia:

-É uma judia! Isto não lhe diz nada? - (Sem dúvida, era por isso que a chamava de Rachel.) E, com uma exaltação simplória e artificial, que esperava ser comunicativa e que acabava com um arquejo quase de gozo:

- Pois pense, meu garoto, uma judia, parece-me que deve ser de enlouquecer!

Ah! Essa Rachel, que examinei sem que me visse, era morena, nada bonita, mas tinha aspecto inteligente; e, não sem passar a língua pelos lábios, sorria com jeito bem impertinente para os fregueses que lhe apresentavam e que eu ouvia entabularem conversa com ela. Seu rosto comprido e magro era cercado de cabelos negros e crespos, irregulares como se traçados a nanquim numa aquarela. De cada vez eu prometia à patroa, que me propunha a moça com insistência particular, enaltecendo sua grande inteligência e instrução, que não deixaria de vir um dia expressamente para conhecer Rachel, a quem apelidei "Rachel-quando-do-Senhor". Mas, na primeira noite, ouvi-a no momento em que ia embora, dizendo à patroa:

- Então, fica entendido; amanhã estou livre e, se tiver alguém, não se esqueça de me mandar chamar.

E essas palavras impediram-me de ver nela uma pessoa, pois fizeram com que a classificasse logo numa categoria geral de mulheres cujo costume, comum a todas, era vir à noite para ver se não havia um ou dois luíses de ganho. Variava apenas a forma da frase, dizendo: "se tiver necessidade de mim" ou "se precisar de alguém". A patroa, que não conhecia a ópera de Halévy, ignorava por que me acostumara a chamá-la de "Rachel-quando-do-Senhor". Mas não compreender não a impedia de achar engraçada a expressão e, todas as vezes, rindo às gargalhadas, ela dizia:

- Então, ainda não será esta noite que se juntará à "Rachel-quando-do-Senhor"? Como é que o senhor diz: "Rachel-quando-do-Senhor!" Ah, é muito bem achado. Vou fazê-lo noivo. Verá que não vai se lamentar.

Uma vez quase me decidi, mas ela estava "em apertos"; de outra vez, entre as mãos do "cabeleireiro", um velho senhor que só tratava as mulheres fazendo derramar óleo em seus cabelos soltos para penteá-los depois. E cansei-me de esperar, embora algumas freqüentadoras muito humildes, dizendo-se operárias

mas sempre sem trabalho, viessem me fazer sala, mantendo comigo uma longa conversa à qual -apesar da seriedade dos assuntos abordados -a nudez parcial ou total de minhas interlocutoras dava uma saborosa simplicidade. Aliás, deixei de ir a esse bordel porque, desejoso de testemunhar meus bons sentimentos à dona da casa, a qual necessitava de móveis, dei-lhe alguns, notadamente um grande canapé que herdara de minha tia Léonie. Não os via nunca, pois a falta de espaço impedira meus pais de acomodá-los em casa e eles achavam-se amontoados num depósito. Mas, desde que os encontrei na casa onde aquelas mulheres deles se serviam, todas as virtudes que se respiravam no quarto de minha tia em Combray, pareceram-me como que supliciadas pelo contato cruel a que os entregara sem defesa! Tivesse eu violado uma morta, não teria sofrido mais. Não voltei à casa da alcoviteira, pois eles pareciam-me viver e suplicar, como os objetos aparentemente inanimados de um conto persa, nos quais estão fechadas as almas que sofrem um martírio e imploram sua libertação. Além disso, como nossa memória em geral não nos apresenta as lembranças em ordem cronológica, e sim como um reflexo em que a ordem das partes está subvertida, só muito mais tarde é que me lembrei de que fora naquele mesmo canapé que, muitos anos antes, conhecera pela primeira vez os prazeres do amor com uma de minhas priminhas, com quem não sabia onde me meter e que me dera o conselho, bastante perigoso, de aproveitar uma hora em que a tia Leónie já se levantara. Apesar da opinião contrária de meus pais, vendi uma outra parte inteira dos móveis, e principalmente uma antiga e magnífica baixela de prata da tia Leónie, a fim de poder dispor de mais dinheiro e enviar mais flores à Sra. Swann, que me dizia, ao receber imensos buquês de orquídeas:

"Se eu fosse o senhor seu pai, abriria um inquérito judicial".

Como podia adivinhar que um dia ainda haveria de lamentar muito particularmente aquela prataria e colocar certos prazeres bem acima deste, que se tornaria praticamente nulo, de fazer gentilezas aos pais de Gilberte? E fora mesmo por causa de Gilberte, e, para não deixá-la, que decidira não seguir carreira diplomática. É sempre devido a um estado de espírito, que não está destinado a durar muito, que tomamos resoluções definitivas. Mal imaginava que aquela substância estranha que se encontrava em Gilberte e se irradiava em seus pais, na casa, fazendo-me indiferente a todo o resto, que tal substância pudesse ser liberada, emigrar para outra criatura. Era, na verdade, a mesma substância, mas devendo ter sobre mim efeitos bem diversos. Pois a mesma doença evolui; e, do mesmo modo, um veneno delicioso já não é tolerado, quando, com o passar dos anos, a resistência do coração diminuiu. Entretanto, meus pais teriam desejado que a inteligência que Bergotte reconhecera em mim se manifestasse por um trabalho notável. Quando não conhecia os Swann, acreditava que era impedido de trabalhar devido ao estado de agitação que provocava a

impossibilidade de ver livremente Gilberte. Porém, quando sua casa me foi aberta, mal me sentava à escrivaninha e já me erguia e corria para a casa deles. E tão logo os deixava e voltava para casa, meu isolamento era só aparente, o pensamento já não podia remontar a corrente do fluxo das palavras pela qual me deixara levar maquinalmente durante horas. Sozinho, continuava a produzir as frases que poderiam ter agradado aos Swann e, para dar mais interesse ao jogo, ocupava o lugar dos comparsas ausentes, fazia a mim mesmo perguntas fictícias escolhidas de tal modo que meus brilhantes aspectos só lhes servissem de réplicas felizes. Silencioso, esse exercício era, no entanto, uma conversa e não uma meditação, e minha solidão uma vida mundana mental onde não era minha própria pessoa e sim alguns interlocutores imaginários que governavam minhas palavras e onde eu experimentava formar, em vez de pensamentos que julgava genuínos, os que me vinham sem esforço, sem regressão de fora para dentro, esse tipo de prazer todo passivo que alguém, empanzinado por má digestão, encontra em permanecer sossegado. Se estivesse menos decidido a me pôr definitivamente a trabalhar, talvez tivesse feito um esforço para começar logo. Porém, visto que minha resolução era formal e que antes de 24 horas, nos limites vazios do dia seguinte, onde tudo se colocava tão bem porque ainda não me encontrava lá, minhas boas disposições se realizariam facilmente, valia mais não escolher uma noite em que estivesse indisposto para um começo a que os dias seguintes infelizmente não deviam se mostrar mais propícios. Mas eu era razoável. Da parte de quem esperara anos e anos, seria pueril não suportar um atraso de três dias. Certo de que dois dias depois já teria escrito algumas páginas, não dizia mais uma só palavra a meus pais acerca de minha decisão; preferia pacientar algumas horas e levar à minha avó, consolada e convencida, a obra em andamento. Infelizmente, o dia seguinte não foi aquela jornada exterior e ampla que havia febrilmente aguardado. Quando acabou, minha preguiça e a luta penosa contra certos obstáculos internos tinham simplesmente durado vinte e quatro horas a mais. E, ao cabo de alguns dias, não tendo realizado meus planos, já não tinha a mesma esperança de que o fossem de imediato; portanto, até me faltava coragem para subordinar tudo o mais a essa realização. Recomeçava a passar a noite em claro, já não tendo, para me obrigar a deitar cedo uma noite, a ilusão certa de ver a obra ser iniciada na manhã seguinte. Antes de retomar o meu impulso, necessitava de alguns dias de trégua, e a única vez em que minha avó ousou, num tom suave e desencantado, formular esta censura:

"Muito bem, já não se fala mais nesse trabalho?"

Aborreci-me com ela, persuadido de que, não tendo sabido ver que minha decisão estava irrevogavelmente tomada, ela talvez adiasse ainda, e por muito tempo, a execução do trabalho, por causa do nervosismo que sua negação de justiça me causava e sob cujo domínio eu não desejava começar minha obra.

Ela sentiu que seu ceticismo acabava de ferir às cegas uma vontade. Desculpou-se, dizendo ao me beijar:

-Perdão, não vou dizer mais nada.

E, para que não desanimasse, assegurou-me que, no dia em que me sentisse bem de saúde, o trabalho viria sozinho por acréscimo. Além disso, dizia comigo, passando a minha vida na casa dos Swann eu não fazia o mesmo que Bergotte? A meus pais, quase parecia que, sempre sendo preguiçoso, eu levava a vida mais favorável ao meu talento, visto que me encontrava no mesmo salão de um grande escritor. Mas que alguém se dispense de formar esse talento internamente, por si próprio, e o receba de outra pessoa, é tão impossível quanto constituir uma boa saúde (apesar de não cumprir as regras da higiene e cometer os piores excessos) apenas jantando várias vezes seguidas na cidade na companhia de um médico. Aliás, a pessoa mais inteiramente enganada com a ilusão que dominava meus pais e a mim era a Sra. Swann. Quando lhe dizia que não podia ir, que era preciso que ficasse trabalhando, ela dava a impressão de achar que me fazia de rogado e que havia algo de bobo e pretensioso em minhas palavras:

- Mas Bergotte vem, certo? Será que você pensa que não está bem o que ele escreve? Está até melhor. - acrescentou -, pois está mais agudo, mais concentrado no jornal do que no livro, onde se dissolve um pouco. Consegui que fizesse de agora em diante o *leader article* no *figaro*. Será bem o homem certo no lugar certo. - E acrescentava: -Venha, você dirá melhor que ninguém o que é necessário fazer.

E era como quem convidasse um voluntário juntamente com seu coronel, era no interesse da minha carreira e, como se as obras-primas se compusessem "por relações", é que ela me dizia que não faltasse no dia seguinte ao jantar em sua casa em companhia de Bergotte. Assim, tanto da parte dos Swann como da parte de meus pais, isto é, da parte dos que, em momentos diversos, pareceram erguer obstáculos, não se fazia mais nenhuma oposição a essa doce vida em que podia ver Gilberte como quisesse, com enlevo, senão com calma. Porém calma é o que não pode haver no amor, visto que o que se obtém nunca passa de um novo ponto de partida para desejar mais. Enquanto não pudera ir à casa dela, os olhos fixos naquela ventura inacessível, não podia sequer imaginar novas causas de perturbação que ali me esperavam. Uma vez quebrada a resistência de seus pais, estando enfim resolvido o problema, este recomeçou a colocar-se, cada vez em termos diferentes. Neste sentido, a cada dia era de fato uma nova amizade que principiava. Todas as noites, voltando para casa, eu percebia que precisava dizer a Gilberte coisas capitais, das quais dependia nossa amizade, e essas coisas nunca eram as mesmas. Mas enfim sentia-me feliz, e já nenhuma ameaça se erguia contra minha felicidade. Viria uma, ai de mim, de um lado de onde jamais

percebera qualquer perigo, do lado de Gilberte e de mim mesmo. No entanto, deveria estar atormentado pelo que, ao contrário, me dava segurança, pelo que julgava ser minha felicidade. Existe no amor um estado anormal, capaz de dar logo, ao acidente mais simples em aparência, e que pode sempre ocorrer, uma gravidade que, por si mesmo, tal acidente não comportaria. O que nos faz tão feliz é a presença, no coração, de alguma coisa instável que a gente procura constantemente manter em equilíbrio e que quase não percebemos enquanto não é deslocada. Na verdade, existe um sofrimento permanente no amor, que a alegria neutraliza, torna virtual, adia, mas que pode, a qualquer momento, transformar-se no que seria há muito tempo se a gente não tivesse obtido o que desejava: atroz.

Várias vezes senti que Gilberte desejava espaçar minhas visitas. É verdade que, quando queria muito vê-la, bastava-me fazer ser convidado por seus pais, que estavam cada vez mais convencidos de minha boa influência sobre ela. Graças a eles, pensava, meu amor não corre nenhum risco; no momento em que estão a meu favor, posso ficar tranqüilo já que eles têm toda a autoridade sobre Gilberte. Infelizmente, por certos sinais de impaciência que esta deixava escapar quando seu pai me mandava buscar de algum modo contra vontade dela, eu me indagava se o que havia considerado uma proteção para a minha felicidade não seria antes o motivo secreto pelo qual não poderia durar. Da última vez que fui visitar Gilberte, estava chovendo. Ela fora convidada para uma aula de dança em casa de pessoas que mal conhecia e não podia me levar junto. Por causa da umidade, eu tomara mais cafeína que de costume. Talvez devido ao mau tempo, talvez por ter uma certa prevenção contra a casa onde aquela reunião matinal se realizaria, a Sra. Swann, no instante em que a filha ia sair, chamou-a com extrema vivacidade:

- Gilberte! - e me apontou para indicar que eu viera para vê-la e que ela devia ficar comigo. O nome de "Gilberte" fora pronunciado, ou melhor, gritado, nas melhores intenções a meu respeito; mas, diante do erguer de ombros de Gilberte ao deixar suas coisas, compreendi que sua mãe, involuntariamente, havia acelerado a evolução, talvez até então possível de ser interrompida, que aos poucos separava de mim a minha amiga.

-A gente não é obrigada a ir dançar todos os dias - disse Odette à filha, com uma sabedoria sem dúvida adquirida outrora com Swann. Depois, tornando a ser Odette, pôs-se a falar em inglês com a filha. E logo foi como se um muro me houvesse escondido uma parte da vida de Gilberte, como se um gênio malfazejo tivesse levado minha amiga para bem longe de mim. Em uma língua que conhecemos, substituímos a opacidade dos sons pela transparência das idéias. Mas um idioma desconhecido é um palácio trancado no qual aquela a quem amamos pode nos enganar, sem que, ficando de fora e desesperadamente

crispados na nossa impotência, cheguemos a ver coisa alguma, sem poder impedir nada. Assim, aquela conversa em inglês, da qual teria apenas sorrido um mês antes, e em meio à qual alguns nomes próprios franceses não deixavam de fazer crescer e orientar minhas inquietações, tinha, sustentada a dois passos de mim por duas pessoas imóveis, a mesma crueldade de um rapto, fazendo-me sentir abandonado e só. Por fim, a Sra. Swann nos deixou. Nesse dia, talvez por ódio contra mim, causa involuntária de não ter ido se divertir, talvez também porque, adivinhando que estava zangada, mostrei-me preventivamente mais frio que de hábito, o rosto de Gilberte, despido de qualquer alegria, nu, devastado, parecia, a tarde inteira, consagrar um lamento melancólico ao *pas de quatre* que minha presença a impedia de ir dançar e desafiar todas as criaturas, a começar por mim, a compreenderem as razões sutis que nela determinaram uma inclinação sentimental pelo *bóston*. [valsa de origem americana] Limitou-se, em alguns instantes, a trocar comigo, acerca do tempo que fazia, o recrudescimento da chuva, o adiantamento do pêndulo, uma conversa pontuada de silêncios e monossílabos na qual eu próprio teimava, com uma espécie de raiva desesperada, em destruir os instantes que poderíamos ter dedicado à ventura e à amizade. E, a todas as nossas frases, uma espécie de suprema dureza era conferida pelo paroxismo de sua insignificância paradoxal, que entretanto me consolava, pois impedia Gilberte de se iludir com a banalidade de minhas reflexões e com a indiferença de meu tom. Era em vão que eu dizia:

-Parece-me que no outro dia o pêndulo atrasava mais depressa-, pois ela traduzia evidentemente:

"Como você é má!"

Por mais que me obstinasse em prolongar, ao longo de todo aquele dia chuvoso, essas palavras sem aberturas, sabia que minha frieza não era algo tão definitivamente condensado como o fingia, e que Gilberte devia muito bem sentir que se, depois de já lhe ter dito três vezes, ousasse uma quarta vez repetir que os dias diminuíam, mal teria forças para evitar de me desmanchar em lágrimas. Quando ela estava assim, quando um sorriso não iluminava seus olhos e não lhe desanuviava o rosto, não se pode pintar que monotonia desoladora se imprimia em seus olhos tristes e nos traços pisados. A fisionomia, tornando-se quase feia, parecia então essas praias tediosas em que o mar, para bem longe afastado, nos cansa com um reflexo sempre igual que circunda um horizonte imutável e estreito. Por fim, não vendo ocorrer, da parte de Gilberte, a mudança feliz que esperava há muitas horas, disse-lhe que ela não era gentil:

-Você é que não é gentil - retrucou ela-, claro que não! - Perguntei-me o que havia feito e, não descobrindo, indaguei dela mesma. -Naturalmente você se considera gentil! respondeu, rindo longamente. Então percebi o que havia de doloroso para mim em não poder atingir aquele outro plano, mais inacessível, de

seu pensamento, que seu riso descrevia. Riso que parecia significar: "Não, não, não me deixo prender a nada do que você me diz; sei que está louco por mim, mas isto não me dá calor nem frio, pois você pouco me importa."

Mas eu dizia comigo que, afinal de contas, rir não é uma linguagem muito precisa para que pudesse me assegurar compreender bem aquilo. E as palavras de Gilberte eram afetuosas.

- Mas em que não sou gentil? - perguntei – Diga-me, farei tudo o que você quiser.

- Não, isto não adiantaria nada, não posso explicar. -

Por um momento tive medo que ela achasse que não a amava, e aquilo foi para mim um outro sofrimento, não menos vivo, mas que exigia uma dialética diferente.-Se soubesse o desgosto que me dá, me diria. - Mas esse desgosto, que, se tivesse duvidado de meu amor, a alegraria, ao contrário irritou-a. Então, compreendendo meu erro, decidido a não mais levar em conta suas palavras, deixando-a dizer-me sem crer nela:

- Eu o amava de verdade, você verá isso um dia- (esse dia em que os culpados afirmam que sua inocência será reconhecida e que, por motivos misteriosos, nunca é aquele em que são interrogados), tive a coragem de subitamente tomar a resolução de não mais vê-la, e sem anunciá-lo ainda, pois ela não me acreditaria.

Um desgosto causado por uma pessoa a quem amamos pode ser amargo, mesmo quando está metido no meio de preocupações, ocupações e alegrias que não têm essa pessoa por objeto, e das quais nossa atenção não se desvia a não ser de vez em quando para voltar a ele. Mas, quando semelhante desgosto nasce, como era o caso deste, num momento em que a felicidade de ver essa pessoa nos ocupa por inteiro, a brusca depressão que então se produz em nossa alma, até ali ensolarada, firme e tranqüila, determina em nós uma tempestade furiosa contra a qual não sabemos se seremos capazes de lutar até o fim. A tempestade que se desencadeava em meu coração era tão violenta que voltei para casa transtornado, mortificado, sentindo que só poderia recobrar fôlego arrepiando caminho, voltando sob qualquer pretexto para junto de Gilberte. Mas ela diria consigo:

"Ele ainda! Decididamente, posso me permitir qualquer coisa, ele há de voltar todas as vezes, tanto mais dócil quanto mais infeliz sair daqui."

Depois, era irresistivelmente arrastado para ela pelo pensamento, e essas orientações alternativas, o desvario da bússola interior, persistiram quando entrei em casa, traduzindo-se nos borrões das cartas contraditórias que escrevi a Gilberte. Ia passar por uma dessas conjunturas difíceis, diante das quais a gente se encontra, geralmente, diversas vezes na vida e que, embora não tenhamos mudado de caráter ou de natureza nossa natureza que cria, ela mesma, nossos

amores e quase as mulheres que amamos, e até os seus erros-, não enfrentamos da mesma maneira a cada vez, ou seja, em todas as idades. Nesses momentos, nossa vida está dividida e como que distribuída numa balança em dois pratos opostos, onde é mantida por inteiro. Em um, existe o nosso desejo de não desagradar, de não parecer humilde demais aos olhos da criatura a quem amamos sem conseguir compreendê-la, mas que achamos mais próprio deixar um pouco de lado para que não cultive o sentimento de se julgar indispensável; no outro, há um sofrimento não um sofrimento parcial e localizado-que, ao contrário, não poderia ser apaziguado senão se, renunciando a agradar a essa mulher e fazê-la crer que podemos passar sem ela, fôssemos ao seu encontro. Se retirarmos do prato onde está o orgulho uma pequena porção de vontade que tivemos a fraqueza de deixar com a idade, e se acrescentarmos ao prato onde está o desgosto um sofrimento físico adquirido e que permitimos que se agravasse, logo, em vez da solução corajosa que teríamos vencido aos vinte anos, é a outra, muito pesada e sem base de contrapeso, que nos dobra aos cinqüenta. Tanto mais que, mesmo repetindo as situações mudam e há possibilidades de que, no meio ou no fim da vida, tenha - para conosco a funesta complacência de complicar o amor com uma partida - hábito que a adolescência desconhece, retida demais por outros deveres e livre por si mesma.

Acabava de escrever a Gilberte uma carta em que bradava meu furor, sem contudo lançar a lama de algumas palavras postas como que ao acaso e ordem a minha amiga poderia se firmar para obter uma reconciliação; um instante após, tendo mudado o vento, eram frases ternas que lhe dirigia, pela doçura de célebre expressões desoladas, dos "nunca mais" tão emocionantes para os que os empolgam, tão tediosos para aquela que os lerá, seja por julgá-los mentirosos e traduzir "nunca mais" por "esta noite mesmo, se você me permitir", seja por acreditá-los sinceros e que, então, lhe anunciam uma dessas separações definitivas exatamente iguais em nossa vida quando se trata de pessoas por quem não estamos apaixonados. Mas, visto que somos incapazes, enquanto amamos, de agir como dignos predecessores da próxima criatura que seremos e que não amará mais, como poderíamos inteiramente imaginar o estado de espírito de uma mulher a quem, mesmo sabendo que lhe somos indiferentes, temos emprestado perpetuamente em nós - as fantasias, para nos embalar com belo sonho, ou consolar de um grande desgosto, as mesmas frases que diria se nos amasse? Diante dos pensamentos e daria ações de uma mulher a quem amamos, ficamos tão desorientados como o poderá, estar, diante dos fenômenos da natureza, os primeiros físicos (antes que a ciência se constituísse e levasse um pouco de luz ao desconhecido). Ou, pior ainda, como uma criatura para cujo espírito o princípio de causalidade mal existia, uma criatura que não seria capaz de estabelecer um elo entre um fenômeno e outro e diante quem o espetáculo do mundo seria incerto como um sonho. Certamente, eu esforçava para sair dessa

incoerência, por encontrar as causas. Procurava até "objetivo" e, para tanto, levar na devida conta a desproporção existente entre importância que tinha Gilberte para mim e, não só a que eu tinha para ela, mas a que ela própria tinha para as outras criaturas além de mim, desproporção que, se omitisse, me arriscaria a tomar uma simples amabilidade de minha amiga por um juramento apaixonado, e um passo grotesco e aviltante de minha parte pelo simples e gracioso movimento que nos dirige para uns belos olhos. Mas temia também cair no excesso oposto, onde veria na impontualidade de Gilberte um encontro, no movimento de mau humor, uma hostilidade irremediável. Procurava entre estas duas óticas igualmente deformadoras, aquela que me daria a justa vista das coisas; os cálculos que para tanto precisava fazer me distraíam de minhas mágoas; e, ou por obediência à resposta dos números, ou porque os fiz dizerem o que desejava, decidi-me, no dia seguinte, a ir à casa dos Swann, feliz, mas da mesma forma daqueles que, tendo me atormentado durante muito tempo por causa de uma viagem que não desejavam realizar, não vão muito além da estação de trem e voltam para casa a fim de desfazerem as malas. E como, enquanto a gente hesita, a única idéia de uma resolução possível (a menos que tenhamos tornado inerte essa idéia, ao decidir não tomar qualquer resolução) desenvolve, como uma semente vivaz, os delineamentos, todo o detalhe das emoções que nasciam do ato executado disse comigo que fora bastante absurdo, planejando nunca mais ver Gilberte, fazer tanto mal a mim mesmo como se houvesse realizado tal projeto e que, visto que, ao contrário, se era para acabar voltando à casa dela, bem poderia eu ter economizado tantas veleidades e aceitações dolorosas. Porém a retomada das relações de amizade só durou o tempo necessário para ir até os Swann; não porque o mordomo deles, que gostava muito de mim, me dissesse que Gilberte havia saído (de fato, soube, naquela mesma tarde, que aquilo era verdade, por intermédio de pessoas que a tinham encontrado), mas devido à maneira como me falou:

- Senhor, a senhorita saiu, posso lhe afirmar que não estou mentindo. Se o senhor quer pedir informações, posso mandar buscar a criada de quarto. Senhor, veja bem que eu faria tudo o que estivesse a meu alcance para agradá-lo e que, se a senhorita estivesse presente, eu o levaria imediatamente para junto dela.

Tais palavras, da única forma que são importantes, ou seja, involuntárias, dando-nos pelo menos uma radiografia sumária da realidade insuspeita de um discurso estudado, provavam que, no ambiente que cercava Gilberte, tinha-se a impressão de que eu lhe era inoportuno; assim, mal o mordomo as pronunciou, elas desencadearam em mim um ódio a que preferi, em vez de Gilberte, dar como objeto o próprio mordomo; concentraram-se sobre ele todos os sentimentos de cólera que eu poderia ter em relação à minha amiga; desembaraçado deles graças a tais palavras, só meu amor subsistiu; mas essas palavras me mostraram,

igualmente, que não devia por algum tempo procurar ver Gilberte. Certamente ela iria me escrever para se desculpar. Apesar disso, eu não voltaria imediatamente para vê-la, a fim de lhe provar que podia viver sem ela. Além disso, logo que tivesse recebido a carta de Gilberte, freqüentar minha amiga seria uma coisa da qual poderia facilmente me privar durante algum tempo, pois estaria certo de encontrar-me com ela quando quisesse. Para suportar com menos tristeza a ausência voluntária, precisava sentir meu coração desimpedido da terrível incerteza de saber se estávamos brigados para sempre, se ela estava noiva, viajando, ou se fora raptada. Os dias que se seguiram assemelharam-se aos daquela antiga semana do Ano-Novo que tive de passar sem Gilberte. Acabada aquela semana, outrora, por um lado minha amiga voltaria aos Champs-Élysées, e eu voltaria a vê-la como antes, tinha certeza; e, por outro lado, sabia com não menor certeza que, enquanto durassem as férias de fim de ano valia a pena ir aos Champs-Élysées. De modo que, durante aquela tristeza sem distante, suportara a tristeza com calma, pois ela não estava mesclada nem de esperança. Ao contrário, agora, era este último sentimento que, quase como o temor, fazia intolerável o meu sofrimento. Não tendo recebido carta de Gilberte naquela mesma noite, levei em conta sua negligência, suas ocupações não duvidava de encontrar uma no correio da manhã. Esperei-o, todos os dias - palpitações no coração a que sucedia um estado de abatimento quando de que na remessa havia apenas cartas de pessoas que não eram Gilberte, ou nada, o que não era pior, pois as provas de amizade de uma outra me faziam mais cruel as de sua indiferença. Punha-me a esperar o correio da tarde. Nem as horas das coletas das cartas eu me animava a sair, pois ela poderia ter minuto de entregar em mão a sua carta. Depois, acabava por chegar o momento em que nem o carteiro nem o lacaio dos Swann já poderiam vir, era preciso deixar para o dia seguinte a esperança de ser tranqüilizado, e desse modo, por julgar que o momento não duraria muito, era obrigado, por assim dizer, a renová-la sem desgosto talvez fosse o mesmo, mas, em vez de apenas prolongar uniforme -, como outrora, uma emoção inicial, recomeçava diversas vezes por dia, principiando por uma emoção tão freqüentemente renovada que terminava em mal estar puramente físico, tão momentâneo por se estabilizar, de modo que as perturbações provocadas pela espera mal tinham tempo de se acalmar antes que fosse outro motivo para esperar, e não havia mais um só minuto no dia em que estivesse nessa angústia que, no entanto, era tão difícil de suportar durante hora. Assim, meu sofrimento era infinitamente mais cruel que no tempo antigo 1° de janeiro, pois desta vez existia em mim, em lugar da aceitação simples do sofrimento, a esperança, a cada instante, de vê-lo cessar. Acabei por chegar a esta aceitação; compreendi então que devia ser desfeito e renunciei a Gilberte para sempre, no próprio interesse do meu amor, e porque antes de tudo, que ela não guardasse de mim uma lembrança desdenhosa; desse momento, e para que

amam, como no caso dos "desaparecidos", saber que não há mais nada a esperar não nos impede de continuar a esperar. A gente vive à espreita, à escuta; mães cujos filhos partiram por mar para uma exploração perigosa imaginam, a todo instante, e mesmo depois de terem, há muito tempo, certeza de que morreram, que eles vão entrar em casa, miraculosamente salvos e bem de saúde. E essa espera, conforme o poder da lembrança e da resistência dos órgãos, ou lhes permite atravessar os anos até suportarem a idéia de que os filhos não mais existem, esquecer pouco a pouco e sobreviver, ou então as faz morrer. Por outro lado, meu desgosto era um tanto consolado pela idéia de que aproveitava ao meu amor. Toda visita que fazia à Sra. Swann sem ver Gilberte era-me cruel, mas eu sentia que melhorava muito a idéia que Gilberte formava a meu respeito. Além disso, se eu procurava sempre estar certo da ausência de antes de ir à casa da Sra. Swann, isto se devia tanto à minha resolução de nosso rompimento, quanto à esperança de reconciliação que se sobrepunha à minha vontade de renunciar (bem poucas são absolutas, ao menos de modo contínuo, nesta alma humana, na qual uma das leis, fortificada pelos afluxos inesperados de lembranças diferentes, é a da intermitência) e disfarçava o que era de mais cruel. Tal esperança, eu bem sabia o que tinha de quimérico. Eu era um pobre que mistura menos lágrimas a seu pão seco se diz a si mesmo que pouco um estranho vai lhe deixar toda sua fortuna. Para tornar a realidade suportável, somos todos obrigados a alimentar algumas pequenas loucuras dentro de si. Ora, minha esperança permanecia mais intacta -e ao mesmo tempo que a seção se realizava melhor-se não encontrava Gilberte. Se eu me encontrasse de cara com ela na casa da mãe, talvez trocássemos palavras irreparáveis que fizéssemos definitiva a nossa briga, matassem minha esperança e, por outro lado, criando nova ansiedade, despertassem e tornassem mais difícil a minha resignação. Há muito tempo, e bem antes de minha briga com sua filha, a Sra. Swann me dissera:

"Faz muito bem em vir ver Gilberte, mas também gostaria que viesse por mim, não ao meu Choufleury, onde você se aborreceria porque há gente demais, mas nos outros dias em que há de me encontrar sempre um pouco tarde".

Assim, ao visitá-la, parecia apenas obedecer, muito tempo depois, o desejo antigo expresso por ela. E bem tarde, já noite fechada, quase no momento em que meus pais se punham à mesa, eu ia fazer uma visita à Sra. Swann; durante a qual sabia que não veria Gilberte e em que, no entanto, só pensaria naquele bairro, então tido como afastado, de uma Paris mais sombria que hoje; onde, mesmo no centro, não havia eletricidade na via pública e bem próxima nas casas, as lâmpadas de um salão situado no andar térreo ou num sótão baixo (como era o dos apartamentos onde a Sra. Swann normalmente bastavam para iluminar a rua e para fazer erguer os olhos dos transeuntes), ligavam a sua claridade, como a sua causa aparente e velada, à presença diante da porta de

alguns cupês bem atrelados. O transeunte acreditava, e não sem uma emoção, numa modificação ocorrida nessa causa misteriosa, quando via esses cupês pôr-se em movimento; mas era apenas um cocheiro que, temendo, os animais ficassem com frio, fazia-os dar algumas voltas de vez em quando, tanto mais impressionantes que as rodas forradas de borracha davam ao passar dos cavalos um fundo de silêncio sobre o qual ele se destacava mais distinto do que o "jardim de inverno" que naquele tempo o transeunte em geral observava, qualquer que fosse a rua, se o apartamento não estivesse em nível muito da calçada, só se via nas heliogravuras dos livros de P-J. Stahl dados como nos quais, em contraste com os raros ornamentos florais dos salões Luís hoje - uma rosa ou um íris do Japão num jarro de cristal de gargalo começado não podia conter uma só flor a mais -, parece, devido à profusão das plantas caseiras que então havia e da falta absoluta de estilização em seu arranjo, ter correspondido, para as donas de casa, mais a uma viva e deliciosa paixão pela botânica do que a uma fria preocupação com uma decoração sombria. Fazia pensar, em ponto maior, nos palacetes de então, nessas pequeninas estufas portáteis, colocadas na manhã de 1° de janeiro sob a lâmpada acesa, não tendo as crianças paciência para esperar que amanheça-, nomeio de outros presentes do dia de Ano Novo, e que, embora fosse dada, não às crianças e sim à Srta. Lili, heroína do livro, encantava-as a tal ponto que, sendo agora quase velhos, perguntavam-se se naqueles anos afortunados o inverno não teria sido a mais bela das estações. Afinal, no fundo desse jardim de inverno, através das arborescências de espécies variadas que faziam a janela iluminada parecer, vista da rua, a vidraça dessas estufas para crianças, desenhadas ou reais, o transeunte, pondo-se na ponta dos pés, em geral percebia um homem de sobrecasaca, com uma gardênia ou um cravo na botoeira, de pé diante de uma mulher sentada, ambos indefinidos como dois entalhes num topázio, ao fundo da atmosfera do salão, ambarizada pelo samovar de importação recente, à época-de vapores que dele se escapam talvez ainda hoje, mas em que, devido ao hábito, ninguém mais reparava. A Sra. Swann valorizava muito esse "chá"; julgava mostrar originalidade e irradiar encanto ao dizer a um homem:

- O senhor me encontrará todos os dias um pouco tarde, venha tomar chá-, de modo que acompanhava com um sorriso fino e doce essas palavras, pronunciadas com um ligeiro acento inglês, e de que o seu interlocutor tomava nota, cumprimentando com ar grave, como se fossem algo importante e singular que impusesse a deferência e exigisse atenção. Havia um outro motivo além dos já mencionados e para o qual as flores só tinham um caráter de ornamento no salão da Sra. Swann; esse motivo não dizia respeito à época e sim, em parte, à vida que Odette levara antigamente. Uma grande cocote, como ela o fora, vive muito para seus amantes, ou seja, em casa, o que pode levá-la a viver para si mesma. As coisas que se vêem na casa de uma mulher honesta e que

certamente podem também lhe parecer importantes, são as que, em todo caso, têm o maior valor para o cocote. O ponto culminante do seu dia é, não aquele em que se veste para a sociedade, mas aquele em que se despe para um homem. É necessário que seja tão elegante de chambre, de camisola, como em roupa de sair. Outras mulheres mostram suas jóias; porém, ela vive na intimidade de suas pérolas. Esse tipo de vida impõe a obrigação-e acaba por dar o gosto de um luxo secreto, isto é, bem próximo de ser desinteressado. A Sra. Swann o estendia às flores. Perto de sua poltrona havia sempre uma imensa taça de cristal, totalmente cheia de violetas de Parma ou de margaridas desfolhadas na água e que parecia testemunhar aos olhos do recém-chegado alguma ocupação predileta e interrompida, como o teria sido a taça de chá que a Sra. Swann bebera a noite para seu próprio prazer; uma ocupação até mais íntima e misteriosa, de tal modo que tinha-se vontade de pedir desculpas ao ver as flores ali expostas, o que faríamos ao olhar o título de um livro ainda aberto que tivesse revelado a recente leitura e, portanto, talvez o pensamento atual de Odette. E mais que o livro, as viviam; ficava-se constrangido, ao entrar para fazer uma visita à Sra. Swann, perceber que ela não estava sozinha ou, se se voltasse para casa com ela, por encontrar o salão vazio, de tal forma essas flores aí ocupavam um lugar exigente referindo-se às horas da vida da dona da casa que não eram conhecidas das flores, que não tinham sido preparadas para as visitas de Odette mas ali estavam como que esquecidas por ela, tinham tido e ainda teriam com ela conversas para lares que a gente receava perturbar e cujo segredo em vão tentaria ler, fixando os olhos a cor desbotada, líqüida, malva e dissolvida das violetas de Parma.

Em fins de outubro, Odette voltava para casa o mais regularmente que podia, tomar chá, que naqueles tempos ainda era denominado "o chá das cinco", ouvido dizer (e gostando de repetir) que, se a Sra. Verdurin organizara um salão, porque todos estavam sempre seguros de encontrá-la em casa à mesma hora; imaginava Odette ter um, do mesmo gênero, porém mais livre, sem rigor, conforme gostava de dizer. Via-se, assim, como uma espécie de Lespinasse e julho; ter fundado um salão rival ao roubar ao pequeno grupo da Du Deffand seus agradáveis homens, especialmente Swann, que a seguira em sua separação enamorada, segundo uma versão que se compreende tenha conseguido fazer ser ágil pelos novos amigos, ignorantes do seu passado, mas não por ela própria certos papéis prediletos são desempenhados por nós tantas vezes perante a sociedade, e repassados outro tanto dentro de nós, que nos referimos mais facilmente não à seu depoimento fictício que ao de uma realidade quase inteiramente esquecida. Nos dias em que a Sra. Swann absolutamente não saía, podia ser encontrada vestindo um chambre de crepe da China, branco feito a primeira nevada, e às vezes, também um desses longos encanudados de musselina de seda semelhante uma juncada de pétalas rosas ou alvas, e que hoje seriam considerados, sem motivo, pouco apropriados para o inverno. Pois tais

fazendas leves e essas cores davam à mulher no grande calor dos salões, então fechados com *reposteir*, sobre os quais o que os romancistas mundanos da época encontravam de mais elegante para dizer é que eram "delicadamente acolchoados" -o mesmo artifício das rosas que ali podiam ficar a seu lado, apesar do inverno, no encarnado de nudez, como na primavera. Por causa do abafamento dos sons pelos tapetes e isolamento da dona da casa em recantos do salão, esta não era avisada da entrada como hoje, e continuava a ler enquanto a gente já estava quase diante dela, o que vinha aumentar ainda essa impressão de romanesco, o encanto de uma espécie de segredo surpreendido, que hoje encontramos na lembrança daquelas roupas já então fora de moda, que a Sra. Swann era talvez a única a não ter abandonado, e que nos dão a idéia de que a mulher que as usava devia ser uma heroína de romance, porque, em sua maioria, nós as vimos apenas em certos romances de Henry Gréville. Odette agora tinha em seu salão, no começo do inverno, enormes crisântemos de uma variedade de cores como Swann não vira outrora em sua casa. Minha admiração por eles-quando fazia à Sra. Swann uma daquelas tristes visitas em que, devido ao meu desgosto, reencontrava toda a sua misteriosa poesia de mãe dessa Gilberte a quem ela diria no dia seguinte:

"Teu amigo me fez uma visita" - provinha sem dúvida de que, cor-de-rosa pálido como a seda Luís XV de suas poltronas, de uma alvura de neve como seu chambre de crepe da China, ou de um rubro metálico feito o seu samovar, eles sobrepunham uma decoração suplementar à do salão, decoração de um colorido também rico e requintado, porém viva, e que só haveria de durar alguns dias. Mas eu me sentia tocado pelo que esses crisântemos possuíam menos de efêmero que de relativamente duradouro em relação a esses tons, tão róseos ou tão acobreados, que o sol posto exaltado de modo tão suntuoso na névoa dos fins de tarde de novembro e que, depois de os ter visto extinguindo-se no céu, antes de entrar na casa da Sra. Swann, encontrava prolongados, transpostos na palheta inflamada das flores. Como fogos arrancados por um grande colorista à instabilidade da atmosfera e do sol, a fim de que fossem ornar uma residência humana, eles me convidavam, esses crisântemos, e apesar de toda minha tristeza, a desfrutar avidamente durante aquela hora do chá os prazeres tão curtos de novembro, cujo esplendor íntimo e misterioso faziam flamejar perto de mim. Infelizmente, não era nas conversas que ouvia que eu podia alcançá-los; pareciam-se bem pouco a eles. Mesmo na companhia da Sra. Cottard e apesar do adiantado da hora, a Sra. Swann se tornava carinhosa para dizer:

- Mas não, não é tarde, não olhe para o pêndulo, não está na hora, está parado; que tem de tão urgente para fazer? -e oferecia uma tortazinha recheada à esposa do professor, que segurava o seu porta-cartões.

- Não se pode mais ir embora desta casa - dizia a Sra. Bontemps à Sra. Swann, ao

passo que a Sra. Cottard, na surpresa de ouvir expressar sua própria opinião, exclamava:

- É o que me digo sempre no meu juízo, no meu foro íntimo! - sendo aprovada pelos senhores do Jockey que se haviam confundido em saudações, e como que cumulados de tanta honra, quando a Sra. Swann os apresentara a essa burguesinha pouco amável, que, diante dos brilhantes amigos de Odette, mantinha-se na reserva, senão no que ela denominava "defensiva", pois sempre usava uma linguagem nobre para as coisas mais simples.

- Quem diria? Faz três quartas-feiras que a senhora me rói a corda - dizia a Sra. Swann à Sra. Cottard.

-É verdade, Odette, faz séculos, eternidades que não a vejo. Bem vê que me confesso culpada, mas devo dizer-lhe - acrescentava com ar recatado e vago, pois, embora mulher de médico, não ousaria falar, sem paráfrases, do reumatismo ou das cólicas dos rins - que tenho tido pequenos problemas. Cada um tem os seus. E depois, tive uma crise em minha domesticidade masculina. Sem ter maior noção da minha autoridade que qualquer outra, tive, para dar um exemplo, de mandar e meu Vatel, que aliás creio que procurava um posto mais lucrativo. Mas sua ausência arrastou a demissão de todo o ministério. Minha criada de quarto também queria ficar, houve cenas homéricas. Apesar de tudo, mantive a direção com firmeza; trata-se de uma verdadeira lição de coisas que não foi em vão. Aborreço-a com essas histórias de criados, mas você sabe tão bem que balbúrdia é ser a gente obrigada a proceder a remanejamento em nosso pessoal. E não veremos a sua deliciosa filha? perguntava.

- Não. - respondia Swann -, minha deliciosa filha está jantando na casa de uma amiga. -E acrescentava, voltando-se para mim: -Acho que ela lhe escreveu para que viesse vê-la.

-E seus bailes? - Indagava à esposa do professor.

Eu respirava fundo. Essa fala da Sra. Swann, provando que poderia ver Gilberte quando quisesse, faz exatamente o bem que ali fora procurar, e que me tornavam tão necessitado de visitas à Sra. Swann àquela época.

- Não, vou lhe escrever um bilhete. Aliás, Gilberte e eu não podemos nos ver mais-acrescentava, dando a impressão de atribuir nossa separação a uma causa misteriosa, o que me dava ainda a ilusão de amor, alimentada assim pela maneira carinhosa com que falava dela e com a qual ela falava de mim.

-Você sabe que ela o ama infinitamente - dizia a Sra. Swann. - Não quer mesmo vir amanhã? - De súbito uma alegria me instigava: acabava de dizer a mim mesmo: "Mas, depois de tudo, por que não; viu é sua própria mãe que me faz a proposta?" Porém, logo recaía na minha consciência. Temia que, ao me ver,

Gilberte pensasse que minha indiferença dos últimos dias fora simulada, e eu preferia prolongar a separação. Durante esse a parte Bontemps se queixava do aborrecimento que lhe causavam as mulheres dos médicos, pois ela afetava achar todo mundo maçante e ridículo, e de estar com a posição do marido:

- Então a senhora pode receber sem mais nem menos cinqüenta mulheres de médicos de enfiada - dizia ela à Sra. Cottard, ao contrário, era cheia de benevolência para todos e respeitava todas as obrigações.

-Ah, a senhora é virtuosa. Quanto a mim, no Ministério, naturalmente sou social, não é? Muito bem! É mais forte que eu, a senhora sabe, essas mulheres de funcionários, não posso deixar de lhes mostrar a língua. E minha sobrinha, como eu. Nem imagina como é atrevida essa menina. Na semana passada no meu dia tinha a visita da mulher do subsecretário de Estado das Finanças, que dizia não dar nada de cozinha. - Mas, minha senhora respondeu minha sobrinha sorriso mais gracioso -, deveria no entanto saber do que se trata, visto que era ajudante de cozinheiro.

-Oh, gosto muito dessa história, acho-a bem divertida - dizia a Sra. Swann. - Mas, pelo menos para os dias de consulta deveria ter a sua pequena honra, com suas flores, seus livros, as coisas que gosta. - aconselhava ela à Sra. Cottard. - É como lhe digo: Pimbal! Na cara dela não anda com meias medidas. E aquela pequena mascarada não merece nada de coisa alguma; é astuta feito um macaco. A senhora tem a felicidade de saber conter-se; invejo as pessoas que sabem disfarçar seu pensamento.

- Mas não tenho necessidade disso, senhora: não sou tão difícil - respondia com doçura a Sra. Cottard. - Primeiro, não tenho os mesmos direitos que a senhora - acrescentava com um tom de voz um pouco mais forte que assumia, a fim de as sublinhar, cada vez que insinuava na conversa algumas dessas amabilidades delicadas, desses engenhosos elogios que causavam admiração e ajudavam a carreira do marido.-E, além disso, faço com prazer tudo o que pode ser útil à carreira do professor.

- Mas é para quem pode. Provavelmente a senhora não é nervosa. Eu, quando vejo a senhora do ministro da Guerra fazer caretas, imediatamente me ponho a imitá-la. É terrível ter um temperamento assim.

- Ah, sim - disse a Sra. Cottard -, ouvi dizer que ela tem tiques; meu marido também conhece alguém altamente colocado e, naturalmente, quando esses senhores conversam entre si...

- Mas olhe, senhora; há ainda o chefe do Protocolo, que é corcunda. É inevitável! Mal está cinco minutos na minha casa e já vou tocar na sua corcunda. Meu marido diz que vou fazer com que o demitam. Ora bolas, abaixo o Ministério!

- Sim, abaixo o Ministério! Gostaria de botar isso como divisa em meu papel de cartas. Tenho certeza de que a estou escandalizando, porque é uma boa pessoa. Quanto a mim, confesso que nada me diverte tanto como as pequenas maldades. Sem isso, a vida seria bem monótona.

E continuava a falar o tempo todo do ministério como se se tratasse do Olimpo. Para mudar de conversa, a Sra. Swann virava-se para a Sra. Cottard:

- Mas você me parece bem bonita. *Redfemfecit*?

- Não, você sabe que sou adepta fervorosa do *Raudnitz*. Aliás, é uma reforma.

- Muito bem! É de um chique!

-Quanto acha que foi? Não, mude o primeiro algarismo.

- Como? Mas foi por nada, foi dado. Disseram-me três vezes mais.

- Eis como se escreve a História - concluía a esposa do doutor. E mostrando à Sra. Swann uma manta com que esta a presenteara: -Olhe, Odette. Não está reconhecendo?

Na abertura de uma cortina, mostrava-se uma cabeça com cerimoniosa deferência, fingindo por gracejo estar com medo de incomodar: era Swann - Odette, o Príncipe de Agrigento quer saber se pode vir lhe prestar suas homenagens. Que devo lhe responder? - Ficaria encantada! - dizia Odette com satisfação, sem abandonar a calma, o que lhe era tanto mais fácil visto que sempre, mesmo quando era cocote, recebera homens elegantes.

Swann saiu a transmitir a autorização ao príncipe e, em sua companhia, voltava para junto da mulher, a menos que, no intervalo, entrasse a Sra. Verdurin. Quando se casara com Odette, pedira-lhe que não mais freqüentasse o pequeno clã (tinha para tantos motivos e, ainda que os não tivesse, teria procedido da mesma maneira a obediência era uma lei de ingratidão que não suporta exceções e que faz ressentir a negligência ou o desinteresse de todos os intermediários). Somente permitia que Odette trocasse com a Sra. Verdurin duas visitas por ano, o que ainda era excessivo a certos fiéis, indignados com a injúria feita à Patroa, que durante anos havia tratado Odette, e mesmo Swann, como os filhos queridos da casa, se continha falsos confrades que largavam certas noites para atender a um de Odette, sem dizer uma palavra, prontos, caso fossem descobertos, para desculpar com a curiosidade de encontrar Bergotte (embora a Patroa afirmasse não freqüentava os Swann, era destituído de talento e, apesar disso, procura acordzs r r

satisfação de dizer rindo:

- Vamos tão raramente à casa da Patroa desde o Cisma. Era impossível quando meu marido era solteiro, mas, para um casal, nem sempre há para se falar a verdade, o Sr. Swann não suporta a mãe Verdurin e não gostaria que eu a freqüentasse habitualmente. E eu, esposa fiel... Swann acompanhava a mulher aos saraus dos Verdurin, mas evitava estar presente quando a Sra. Verdurin vinha visitar Odette. Assim, se a Patroa estivesse no salão, o príncipe de entrava sozinho. Aliás, era também sozinho que era apresentado por Odette, preferia que a Sra. Verdurin não ouvisse nomes obscuros e, vendo mais ainda um desconhecido dela, pudesse julgar-se num meio de notabilidade sarcástica, cálculo que dava tão bom resultado que, à noite, a Sra. Verdurin dizia mágoa ao marido:

- Ambiente encantador! Estava presente toda a fina flor. - Reação que Odette, em comparação com a Sra. Verdurin, vivia numa ilusão. Não que aquele salão tivesse recém começado o que o veremos tornar-se um outro salão. A Sra. Verdurin nem sequer estava no período de incubação, quando são suspensas as grandes festas em que os raros elementos brilhantes, recentemente se afogariam na turba excessiva, e quando é preferível que o poder gerador dos justos que se conseguiu atrair, tenha produzido setenta vezes dez. Como Odette demoraria em fazê-lo, a Sra. Verdurin se propunha à "alta Sociedade" como a voz; porém, suas regiões de ataque eram ainda tão limitadas e aliás, daquelas por onde Odette apresentava alguma chance de alcançar um resultado idêntico, a furar, que esta vivia na mais completa ignorância dos planos elaborados pela Patroa. E era com a melhor boa-fé do mundo que falavam a Odette da Sra. Verdurin como sendo uma esnobe, ela se punha; dizia:

- Pelo contrário. Primeiro, ela não possui todos os elementos para falar quando não conhece ninguém. Depois, é necessário fazer-lhe justiça que é assim mesmo que lhe agrada. Não, ela gosta mesmo é das suas quartas-feiras, dos que têm conversa agradável.

E, em segredo, invejava a Sra. Verdurin (embora não desesperasse de ter ela própria, em tão grande escola, acabado por assim içá-las) essas artes às quais a patroa dava tanta importância, de modo que apenas matizassem o inexistente, esculpissem o vácuo, e sejam, propriamente falando, as Artes do Nada: a arte (para uma dona-de-casa) de saber "reunir", "agrupar", "pôr em evidência", de se "apagar", de servir de "traço-de-união". Em todo o caso, as amigas da Sra. Swann ficavam impressionadas por verem em sua casa uma mulher que normalmente só era imaginada em seu próprio salão, cercada de um quadro inseparável de convidados, de todo um grupinho que assombrava-se ver assim evocado, resumido, apertado em um único sofá, sob as aparências da Patroa, transformada em visitante no abafamento de seu casacão forrado de plumas, tão

penugento como os agasalhos de peles que revestiam o salão, em meio ao qual a própria Sra. Verdurin era um salão. As mulheres mais tímidas queriam retirar-se por discrição e, empregando o plural como quando se deseja fazer compreender aos outros que é mais sensato não cansar demais um doente que se levanta pela primeira vez, diziam: Odette, já vamos te deixar. - Invejavam a Sra. Cottard, que a Patroa chamava pelo prenome.-Será que posso te levar? - perguntava-lhe a Sra. Verdurin, que não podia suportar a idéia de que uma fiel ficaria ali em vez de segui-la. - Mas a senhora é bastante amável para me levar. - respondia a Sra. Cottard, não desejando parecer que esquecia, em favor de uma pessoa mais célebre, ter aceito a oferta da Sra. Bontemps de levá-la no seu carro enfeitado de plumas.

- Confesso que sou especialmente reconhecida às amigas que desejam levar-me com elas em seus carros. É na verdade uma pechincha, já que não tenho cocheiro. -Tanto mais - respondia a Patroa (sem ousar dizer mais, pois conhecia um pouco a Sra. Bontemps e acabava de convidá-la para as reuniões das quartas-feiras) que na casa da Sra. de Crécy você não está perto de sua casa. Oh, meu Deus! Nunca hei de chegar a dizer Sra. Swann.

Era um gracejo no pequeno clã, das pessoas que não eram dotadas de muito espírito, darem a impressão de não poderem se acostumar a dizer Sra. Swann:

-Já me habituei tanto a dizer Sra. de Crécy, que ainda costumo enganar-me. -

Somente a Sra. Verdurin, quando falava com Odette, não caía em erro e se enganava de propósito.

- Não tem medo, Odette, de morar neste bairro perdido? Creio que só ficaria meio sossegada ao voltar para casa à noite. Além disso, é tão úmido. Não deve ser nada bom para o eczema do seu marido. Ao menos não têm ratos?

- Claro que não! Que horror!

- Tanto melhor, tinham-me falado nisso. Estou muito contente em saber que não é verdade, pois tenho um medo horrível deles, e não voltaria mais aqui se tivessem. Até logo, minha querida, até breve, sabe como estou feliz por vê-la. Você não sabe arrumar os crisântemos-dizia ela ao sair, enquanto a Sra. Swann se erguia para levá-la à porta -São flores japonesas; convém dispô-las como fazem os japoneses.

-Não na opinião da Sra. Verdurin, ainda que em todas as coisas ela seja para mim a Lei dos Profetas.

-Não há ninguém como você, Odette, para encontrar crisântemos belos, ou antes tão belas, visto que parece ser assim que se diz hoje - declarara a Sra. Cottard, quando a Patroa fechara a porta.

-A cara Sra. Verdurin nem sendo benevolente para com as flores alheias-

respondia suavemente a Sra. Swann.

- Quem está cultivando, Odette? - perguntava a Sra. Cottard, para não deixar que se prolongassem as críticas à Patroa...

- Lemaitre? Confesso que na frente da casa Lemaitre havia outro grande arbusto cor-de-rosa que me fez cometer uma loucura. - Mas, por pouco recusou-se a dar informações mais precisas sobre o preço do arbusto e disse que o professor, "que no entanto não era de mau gênio", fizera um escândalo quando lhe dissera que ela não conhecia o valor do dinheiro. - Não, não, tenho melhor que Debac.

- Eu também. - dizia a Sra. Cottard -, mas confesso que faço infidelidades com Lachaume.-- Ah, você o engana com Lachaume; vou contar à ele. - replicava a Sra. Swann, que se esforçava por mostrar espírito e condolência na conversação em sua casa, onde se sentia mais à vontade que no pequeno salão. - Afinal, Lachaume faz-se na verdade muito caro; seus preços são excessivos; sabe; chego a considerá-los inconvenientes! -acrescentava rindo.

Entretanto, a Sra. Bontemps, que dissera cem vezes que não desejava ir à casa dos Verdurin, encantada por ser convidada para as quartas, pusera-se no lar como poderia fazer para lá se encontrar o maior número de vezes porém ignorava que a Sra. Verdurin desejava que não lhe faltassem a uma só; por outro lado, era dessas pessoas pouco solicitadas que, quando são convidadas para "sério'' por uma dona-de-casa, não aparecem, ao contrário dos que sabem causar sempre quando têm um momento livre e vontade de sair; elas não privam de assistir, por exemplo, ao primeiro e ao terceiro saraus, pensando que sua ausência será notada, reservando-se para o segundo e o quarto; a menos que suas intuições lhes afirmem que o terceiro será especialmente brilhante, elas não usam outra ordem, alegando que "infelizmente da última vez não se achavam disponíveis". Assim, a Sra. Bontemps computava quantas quartas-feiras ainda podia antes da Páscoa e de que maneira podia fazer para ir a mais uma quarta, se no entanto parecesse estar impondo sua presença. Contava com a Sra. Cottard; quem sairia junto, para obter algumas indicações.

-Oh, Sra. Bontemps! Vejo que está indo. Não fica bem dar o sinal de retirada. Deve-me uma compensação, por ter vindo na quinta passada... Vamos, volte a sentar-se por um momento. Assim, não vai fazer outra visita antes do jantar.

-De fato não se deixa tentar? acrescentava a Sra. Swann, estendendo-lhe um prato com doces: - Sabe que não são nada más, essas coisinhas?

-O aspecto não ajuda, mas prove, que vai ver...

- Pelo contrário, isto parece delicioso - respondia a Sra. Cottard. - Em sua casa, Odette, nunca faltam iguarias. Não preciso lhe perguntar a marca da fábrica, sei que você manda vir tudo do Rebattet. Devo dizer que sou mais eclética. Para os

sequilhos, para as guloseimas em geral, muitas vezes vou ao Bourbonneaux. Mas reconheço que eles não sabem o que é um sorvete. -Para tudo quanto é sorvete, ou refresco, Rebattet é o grande artista. Como diria meu marido, é o *nec plus ultra.* - Mas isto é simplesmente feito aqui. Não quer mesmo?

- Não poderia jantar - respondia a Sra. Bontemps - mas sento-me de novo por alguns instantes; sabe, adoro conversar com uma mulher inteligente como você. Você vai me julgar indiscreta, Odette, mas gostaria de saber como julga o chapéu da Sra. Trombert. Sei muito bem que é moda usar chapéus grandes. Ainda assim, não está um pouco exagerado? E, em comparação com o chapéu com que ela foi outro dia à minha casa, esse que ela usava há pouco era microscópico.

- Mas não, eu não sou inteligente - dizia Odette, pensando que isso ficava bem. - No fundo, sou uma palerma que acredita em tudo que lhe dizem, que se incomoda por nada.-

E insinuava que, no começo, muito sofrera por ter casado com um homem como Swann, que levava uma vida toda sua e a traía. Entretanto, o príncipe de Agrigento, tendo ouvido as palavras "não sou inteligente", achou-se no dever de protestar, mas não sabia aproveitar a ocasião própria.

- Ora, ora - gritava a Sra. Bontemps. - Então você não é inteligente?! - De fato, eu estava dizendo para mim mesmo:

Que ouço! - dizia o príncipe, apanhando a deixa. - Com certeza meus ouvidos me enganaram.

- Mas não, asseguro-lhe - dizia Odette-; no fundo sou uma pequeno-burguesa que se escandaliza facilmente, cheia de preconceitos, vivendo no seu buraco, e sobretudo muito ignorante. -E para pedir notícias do barão Charles: -Tem visto o nosso caro baronete? -dizia ela.

-Você, ignorante? -exclamava a Sra. Bontemps. - Muito bem. Que diria então do mundo oficial, todas essas mulheres de excelências, que só sabem falar de futilidades! Veja, senhora, não faz uma semana falei no Lohengrin para a ministra de Instrução Pública. Ela responde: "Lohengrin? Ah, sim, a última revista do Folies-Bergere, dizem que é hilariante." Muito bem, senhora, que quer? quando a gente ouve coisas desse tipo, chega a ferver o sangue. Tive desejos de esbofeteá-la. Pois sou lá meio geniosa, você sabe. Veja, senhor-disse, voltando-se para mim-, não tenho razão?

-Escute -dizia a Sra. Cottard -, é desculpável responder um pouco atravessado quando se é interrogada assim à queima-roupa, sem aviso. Sei disso, pois a Sra. Verdurin também tem o hábito de nos pôr entre a faca e a parede.

- A propósito da Sra. Verdurin perguntava a Sra. Bontemps à Sra. Cottard -, sabe o

que haverá na quarta-feira na casa dela?... Ah, lembro-me agora que aceitamos um convite para a quarta seguinte. Não quer jantar conosco na quarta, às oito horas? Iríamos juntas para a casa da Sra. Verdurin. Fico intimidada de entrar sozinha, não sei porque, mulherão sempre me dá medo. -Vou lhe dizer - respondia a Sra. Cottard. O que assusta na Sra. Verdurin é o seu tom de voz. Que quer? Nem todos têm uma voz tão bonita como a da Sra. Swann. Mas é só começar a conversar, como diz e logo o gelo se quebra. Pois no fundo ela é bastante acolhedora. Mas eu compreendo muito bem a sua sensação; nunca é agradável encontrar-se pela primeira vez em região perdida.

-Você também poderia jantar conosco - dizia a Sra. Bontemps à Swann. - Depois do jantar, iremos todos para a casa dos Verdurin, fazer visita mesmo que isso tenha como resultado fazer a Patroa me olhar com maus olhos e não me convidar mais, uma vez em sua casa ficaremos as três a conversar nós, pois sinto que isto é o que mais me agradaria. - Mas esta afirmação não pode ser muito verídica, pois a Sra. Bontemps perguntava:

-Quem acha que estará quarta-feira, às oito? Que vai acontecer? Pelo menos, não haverá muita gente não é?

-Certamente não irei -dizia Odette. -Só vamos aparecer rapidamente na última quarta-feira. Se não se importa de esperar até lá... -

Mas a Sra. Bontemps parecia seduzida por essa proposta de adiamento. Conquanto os méritos espirituais de um salão, e sua elegância, é geralmente antes em relações inversas do que diretas, é preciso crer, visto que a Sra. Swann achava agradável a Sra. Bontemps, que toda degradação aceita tem conseqüência tornar as pessoas menos difíceis quanto àquelas com quem pensam conviver, menos difíceis quanto ao seu espírito como em relação a mais de uma. E, se isto é verdade, os homens devem, como os povos, ver sua cultura, a sua língua, desaparecer com a sua independência. Um dos efeitos dessa inteligência é o de agravar a tendência que, a partir de uma certa idade, as pessoas de acharem agradáveis as palavras que homenageiam nosso próprio pensar, nossas inclinações, e representem um estímulo para nos entregar à elas; é a idade em que um grande artista prefere, à companhia dos gênios ou a dos alunos que só têm em comum consigo a letra de sua doutrina e pela qualidade é ouvido e incensado, em que um homem ou uma mulher notáveis, que vivem um amor, consideram como mais inteligente, em uma reunião, uma pessoa, de nível inferior, mas que, numa frase, terá revelado que sabe compreender e levar o que é uma existência voltada à galanteria, e, assim, terá lisonjeado agilmente a tendência voluptuosa do amante ou da amante; era também a idade que Swann, na qualidade de marido de Odette, se comprazia em ouvir a Sra.Bontemps dizer que era ridículo só receber duquesas (daí concluindo, do que teria feito outrora na casa dos Verdurin, que se tratava de uma boa bastante espirituosa e nada esnobe)

e a contar-lhe histórias que a faziam "Ser de riso", pois não as conhecia e de que ela, aliás, "pegava" logo o espírito, para agradar e divertir-se.

- Então o doutor não é doido por flores como você? - perguntava a Sra. Swann à Sra. Cottard.

- Ora, você sabe que meu marido é sábio; é moderado em todas as coisas. No entanto, sim, tem uma paixão.

Com os olhos brilhantes de malícia, de alegria e de curiosidade, a Sra. Bontemps indagava:

-Qual, madame?

Com simplicidade, a Sra. Cottard respondia:

- A leitura.

- Oh, é uma paixão repousante para um marido! -exclamava a Sra. Bontemps, sufocando um riso satânico. - Quando o doutor está lendo um livro, já sabe! - Muito bem, madame, isso não deve espantá-la demais... - Claro que sim! Por causa da vista. Vou estar com ele outra vez, Odette, e voltarei a bater à sua porta na próxima semana. Por falar em vista, já lhe disseram que a residência que a Sra. Verdurin acaba de comprar será iluminada com eletricidade? Não o soube pela minha pequena polícia particular, e sim de outra fonte: foi o próprio eletricista, Mildé, quem me disse. Estão vendo que cito meus informantes. Até os quartos terão lâmpadas elétricas com um abajur para matizar a luz. Evidentemente, é um luxo encantador. Aliás, as mulheres de hoje querem absolutamente o que há de mais novo, como se já não houvesse bastante novidade neste mundo. A cunhada de uma de minhas amigas tem telefone instalado em casa! Pode fazer uma encomenda a um fornecedor sem sair do seu apartamento! Confesso que fiz as mais baixas maquinações para conseguir falar um dia nesse aparelho. Aquilo me seduz muito, mas antes na casa de uma amiga do que na minha. Creio que não gostaria de ter telefone em casa. Passado o primeiro momento de diversão, deve ser uma verdadeira chatice. Muito bem, Odette, já estou indo; não retenha mais a Sra. Bontemps, porque ela vai comigo. Tenho mesmo que ir; você me faz passar cada uma! Vou chegar em casa depois do meu marido!

E eu também precisava voltar para casa, antes de haver desfrutado aqueles prazeres de inverno, dos quais os crisântemos me pareceram ser o brilhante invólucro. Tais prazeres não tinham vindo e, no entanto, a Sra. Swann não parecia esperar ainda alguma coisa. Deixava os criados levarem o chá como se tivesse anunciado:

"Vai fechar!" E acabava de me dizer: "Então, vai embora mesmo? Muito bem, *good-bye*!"

Sentia eu que poderia ter permanecido sem encontrar esses prazeres ignorados e que não era só minha tristeza que me privava deles. Não estariam, portanto, situados naquele caminho batido das horas que levam sempre tão depressa ao instante da partida, e sim em algum caminho transversal que desconhecia, e por onde seria necessário bifurcar? Pelo menos, atingira o objetivo de minha visita: Gilberte saberia que estivera na casa de seus pais em sua ausência e, como não deixava de repetir a Sra. Cottard, "conquistara logo de assalto a Sra. Verdurin", a quem, acrescentava a esposa do doutor, ela nunca vira "fazer tantas amabilidades", - Parece dissera ela

que vocês dois têm átomos enganchados. - Assim Gilberte saberia que falara dela como devia fazê-lo, com ternura, mas que já não sentia aquela incapacidade de viver sem que nos víssemos, que eu julgara ser a fonte de aborrecimento que ela sentira por mim nos últimos tempos. Dissera à Sra. Swann que não mais podia me encontrar com Gilberte. Dissera-o como se tivesse decidido para todo o sempre não mais vê-la. E a carta que iria enviar a Gilberte seria concebida dentro do mesmo espírito. Apenas, para criar coragem, propunha a mim mesmo só um supremo e breve esforço de alguns dias. Dizia comigo: "É o último encontro dela que vou recusar; aceitarei o próximo." Para que a separação fosse menos difícil de se realizar, imaginava-a como não definitiva. Mas bem sabia que iria sê-lo.

O dia 1° de janeiro me foi especialmente doloroso naquele ano. Sem dúvida, quando somos infelizes, todos os dias de festa de aniversário o são. Mas, se o dia nos recorda apenas, por exemplo, a perda de um ente querido, o sofrimento só consiste numa comparação mais viva com o passado. No meu caso, acrescentava-se a esperança não formulada de que Gilberte, tendo querido me deixar a iniciativa dos primeiros passos e, vendo que eu não os dera, houvesse esperado o pretexto do dia de Ano-Novo para me escrever: "Enfim, o que há? Sou louca por ti; vem para que nos expliquemos com toda a franqueza; não posso viver sem ver-te." Desde os últimos dias do ano, essa carta me pareceu provável. Talvez não o fosse, mas, para acreditar nessas coisas, basta o desejo e a necessidade que temos de que sejam possíveis. O soldado está persuadido de que existe à sua frente um espaço de tempo infinitamente inadiável antes de ser morto; o ladrão, antes de ser preso; os homens em geral, antes que a morte os leve. É este o amuleto que preserva os indivíduos e às vezes os povos não do perigo, e sim do medo do perigo, na verdade da crença no perigo, o que em certos casos permite que o desafiem, sem que sejam obrigatoriamente corajosos. Uma confiança desse gênero, tão pouco fundada, é a que sustenta o apaixonado que conta com uma reconciliação, com uma carta. Para que eu deixasse de esperar a de Gilberte, bastaria que deixasse de deseja-la. Embora saiba que somos indiferentes em relação à mulher que ainda amamos,

atribuímos-lhe uma série de pensamentos - mesmo que sejam de indiferença -, uma intenção de manifestá-los, uma complicação de vida interior onde somos talvez o objeto de uma antipatia, mas também de uma atenção, permanentes. Ao contrário, para imaginar o que se passava no espírito de Gilberte, seria preciso que eu simplesmente antecipasse, naquele dia de Ano-Novo, o que iria sentir num dos anos vindouros, e no qual a atenção ou o silêncio, ou o carinho, ou a frieza de Gilberte, tivessem passado quase despercebidos a meus olhos; onde não tivesse sonhado, e nem sequer pudesse sonhar, em buscar a solução dos problemas que teriam deixado de se colocar para mim. Quando a gente ama, o amor é grande demais para caber inteirinho em nós; irradia-se para a pessoa amada, encontra nela uma superfície que o faz parar, força-o a voltar ao ponto de partida e é esse choque de volta do nosso próprio carinho a que chamamos os sentimentos do outro e que nos encanta mais do que na ida, pois já não reconhecemos que procede de nós. O dia 1º de janeiro fez soar todas as suas horas sem que chegasse carta de Gilberte. E, como recebi outras congratulações tardias, ou atrasadas; pelo acúmulo de serviço no correio nessas datas, ainda esperava nos dias 3 e 4 de janeiro, entretanto cada vez menos. Chorei muito nos dias seguintes. Claro, isto porque, ao renunciar a Gilberte, fora menos sincero do que julgava, conservara a esperança de receber uma carta dela no Ano-Novo. E, vendo-o terminado antes que tivesse tomado a precaução de me servir de outra ilusão, sofria como um enfermo que esvaziou sua ampola de morfina sem ter uma outra à mão. Porém, talvez em mim essas duas explicações não se excluem, pois um só sentimento é feito às vezes de coisas contrárias; a esperança de enfim receber uma carta aproximara de mim a imagem de Gilberte; recriara as emoções que me haviam causado antigamente a espera de me encontrar junto dela, de sua vista, sua maneira de estar comigo. A possibilidade imediata de uma reconciliação suprimira essa coisa de cuja enormidade não nos damos conta: a resignação. Os neurastênicos não podem crer nas pessoas que lhes asseguram que aos poucos se acalmarão; permanecendo na cama sem receber cartas, sem ler jornais. Imaginam que tal regime só contribuirá para exasperar seu nervosismo. Da mesma forma os enamorados, como o consideram do fundo de um estado oposto, não tendo ainda começado a experimenta-lo, não podem acreditar na força benfazeja da renúncia.

Por causa da violência das batidas do meu coração, diminuíram minha dose de cafeína, e elas cessaram. Então, perguntei-me se não era um pouco devido a ela que me sentira angustiado quando quase briguei com Gilberte, e que atribuíra, cada vez que se renovava a angústia, ao sofrimento de não mais ver a minha amiga ou de arriscar-me a vê-la apenas dominada pelo mesmo mau humor. Mas, se esse medicamento estivera na origem dos sofrimentos que minha imaginação, à época, interpretara falsamente (o que não seria nada extraordinário, pois as penas morais mais cruéis têm muitas vezes como causa,

que meu sofrimento me ajudava a adivinhar sem imaginação; pudesse ainda figura-lo com clareza, certamente ainda restava tempo para avisar Gilberte de que ele haveria de formar-se aos poucos, sem dúvida era, senão iminente, pelo menos infalível. Se ao menos a própria Gilberte viesse em meu auxílio e destruísse no embrião a minha futura indiferença. As vezes não estive a ponto de escrever, ou de ir dizer a Gilberte: "Cuidado. Tome uma resolução; o passo que dou é um passo decisivo. Vou vê-la pela última vez. Em breve não a amarei mais." Mas para quê? Com que direito teria censurado à Gilberte uma indiferença que, sem me crer culpado por isso, manifestava a todos menos à ela? Pela última vez! A mim aquilo parecia uma coisa imensa, pois eu amava Gilberte. A ela, sem dúvida, causaria tanta impressão como as cartas em que os amigos pedem para nos fazer uma visita antes de se expatriarem, visita que, como de mulheres tediosas que nos amam, nós recusamos receber, pois temos outros prazeres à espera. Elástico é o tempo de que dispomos todos os dias; as paixões, sentimos que o dilatam, as que inspiramos o encolhem e o hábito o preenche.

Além disso, seria inútil falar a Gilberte, não me compreenderia. Pensamos sempre que são nossos ouvidos, nosso espírito, que escutam; as palavras só chegariam desviadas à Gilberte, como se obrigadas a atravessar a cortina móvel de uma catarata antes de atingir minha amiga; palavras irreconhecíveis, produzindo um som ridículo, não tendo mais qualquer tipo de sentido. A verdade é que aquilo que pomos nas palavras não trilha diretamente o seu caminho, não é dotada de uma evidência irresistível. É necessário que decorra muito tempo para que uma verdade da mesma espécie possa formar-se nelas. Então o adversário político que, apesar de todas as provas e arrazoados, considerava traidor o sectário da doutrina oposta, compartilha ele mesmo a convicção detestada quando já não interessa àquele que antes buscava inutilmente difundi-la.

Então, a obra-prima que, para os admiradores que a liam em voz alta, parecia mostrar por si mesma as provas de sua excelência e só oferecia aos que a escutavam uma imagem insana e medíocre, será por estes proclamada obra-prima, tarde demais para que o autor o possa saber. Da mesma forma, no amor as barreiras que, malgrado tanto esforço, não puderem ser rompidas de fora por aquele a quem elas desesperam; e é quando ele já não se preocupa com elas que, de repente, essas barreiras, atacadas outrora sem êxito, caem sem utilidade, devido ao trabalho vindo de outro lado, cumprido no íntimo daquela mulher a quem já não ama. Se anunciasse a Gilberte a minha futura indiferença e a forma de preveni-la, ela teria inferido desse gesto que meu amor e a necessidade de estar com ela seriam ainda maiores do que julgara, e o seu tédio em me ver teria aumentado. De resto, é bem certo que era esse amor que me ajudava, pelos estados de espírito disparatados que fazia sucederem dentro de mim, a prever

melhor que era o fim desse mesmo amor. Entretanto, tal advertência, talvez a tivesse endereçado a Gilberte, em carta ou de viva voz, quando já houvesse passado bastante tempo, tornando-a para mim, na verdade, menos indispensável, mas também podendo lhe provar que já podia passar sem ela. Infelizmente, certas pessoas, bem ou mal-intencionadas, falaram-lhe de mim de um modo que lhe deve ter dado idéia de que o faziam a pedido meu. Todas as vezes que tinha certeza de que o Dr. Cottard, minha própria mãe e até o Sr. de Norpois tinham, com palavras desastradas, tornado inútil todo o sacrifício que eu acabara de fazer, estragado todo o resultado de minha reserva, pois assim davam falsamente a entender que já abandonara minha atitude de discrição, sentia-me duplamente aborrecido. Primeiro, já não podia datar senão desse dia a minha penosa e frutífera abstenção que os inoportunos tinham interrompido à minha revelia e, portanto, anulado. E mais, teria tido menos prazer em ver Gilberte, que agora já não acreditava que eu estivesse dignamente resignado, e sim manobrando na sombra com vistas a um encontro que ela desdenhara marcar. Mal dizia essa tagarelice inútil de pessoas que muitas vezes, sem sequer terem a intenção de prejudicar ou de prestar um serviço, por nada, só por falar, às vezes porque não pudemos nos calar diante delas e porque são indiscretas (como nós), nos causam tantos danos num certo momento. É verdade que, no cumprimento do trabalho funesto de destruição do nosso amor, tais criaturas longe estão de desempenhar um papel igual ao de duas pessoas que têm hábito de desfazer tudo no momento em que as coisas iam se arrumar, um excesso de bondade e a outra por muita maldade. Porém não queremos mal às duas, tanto quanto aos Cottards inoportunos, pois a última é a pessoa a qual amamos e a primeira somos nós mesmos. Entretanto, como quase todas as vezes em que ia vê-la; a Sra. Swann convidava para merendar com sua filha e me dizia que respondesse diretamente à Gilberte, eu escrevia a esta muitas vezes, e nessa correspondência não escolhi frases que, segundo me parece, poderiam convencê-la, procurando apenas leito mais suave para o correr das minhas lágrimas. Pois o lamento, como não busca analisar-se e sim satisfazer-se; quando a gente começa a amar, o tempo todo não querendo saber o que é o nosso amor, mas preparando as possibilidades dos encontros do dia seguinte. Quando a ele renunciamos, procuramos sim, não distinguir bem a nossa mágoa, mas expressá-la da maneira mais caridosa possível àquela que a provocou. Dizemos as coisas que precisamos dizer e que outro não compreenderá; falamos só para nós mesmos. Eu escrevia: "Achei que não seria possível. Infelizmente, vejo que não é tão difícil." Dizia também: "Provavelmente, não voltarei a vê-la." Dizia isto, continuando a evitar uma frieza que poderia ter julgado afetada, e essas palavras faziam-me chorar ao escrevê-las, sentia que exprimiam, não aquilo em que desejava acreditar, mas o que iria acontecer. Pois, da próxima vez que me convidasse para um encontro, ainda teria, como agora, a coragem de não ceder e, de recusa em recusa, chegaria aos

poucos ao instante em que, de tanto não a ter visto, não desejaria mais vê-la. Chorava e criava coragem; conhecia a doçura de sacrificar a felicidade de estar junto dessa possibilidade; de um dia lhe parecer agradável, dia infelizmente em que mesmo agradável, me seria de todo indiferente. A própria hipótese, no entanto tão verossímil, de que me amava, como ela o dera a entender durante a última visita que lhe fizera, tornava menos cruel minha resolução, embora, naquele momento tivesse tomado como tédio para com a pessoa que nos aborrece, pois que passava de suscetibilidade ciumenta, de uma fingida indiferença parecida minha. Julgava, então, que dentro de alguns anos, depois que tivéssemos esquecido um do outro, quando poderia retrospectivamente lhe dizer que a carta, que neste momento estava a ponto de lhe escrever, não

fora sincera de modo algum, ela responderia:

"Como? Então você me amava? Se soubesse como a chegada dessa carta, na esperança de um encontro, como ela me fez chorar!"

E que voltava da casa de sua mãe e enquanto escrevia a Gilberte, apenas a idéia talvez estivesse consumando exatamente aquele mal-entendido, tal idéia, própria da tristeza, pelo prazer de pensar que era amado por Gilberte, continuaria a escrever a carta.

Se, no momento de deixar a Sra. Swann, quando o "chá" terminava pensando no que escreveria à sua filha, a Sra. Cottard, no entanto, pensava coisas muito diversas. Fazendo sua "inspeçãozinha", não deixava de elogiar a Sra. Swann pelos móveis novos, as recentes "aquisições que via no salão". Aliás, podia reencontrar ali, embora poucos, alguns dos objetos que Odette possuíra antigamente em seu apartamento da rua La Pérouse, especialmente seus fetiches, seus animais feitos de matéria preciosa.

Mas tendo a Sra. Swann conhecido, por um amigo a quem venerava, o termo *tocard* que lhe abriu novos horizontes porque designava precisamente as coisas que alguns anos antes consideraria "chiques" todas essas coisas foram aos poucos seguindo, em sua retirada, as grades douradas que serviam de apoio aos crisântemos, as várias bomboneiras da casa Giroux e o papel de cartas com coroa (para não falar dos luíses de ouro feitos de cartolina, espalhados pelas lareiras e que, bem antes que ela conhecesse Swann, um homem de gosto a aconselhara a sacrificar). Além do mais, na desordem intencional, na confusão de ateliê artístico daquelas salas de paredes ainda pintadas de cores sombrias, que as faziam tão diversas quanto possível dos salões brancos que a Sra. Swann teve mais tarde, o Extremo Oriente recuava cada vez mais diante da invasão do século XVIII; e os almofadões que a Sra. Swann colocava e apertava às minhas costas, para que me sentisse mais "confortável", estavam semeados de buquês Luís XV, e não mais, como antigamente, de dragões chineses. No quarto onde a

encontravam com mais freqüência, e do qual dizia:

-Sim, gosto muito dele; passo ali bastante tempo; não poderia viver no meio de coisas hostis e pretensiosas; é aqui que eu trabalho - (sem, aliás, precisar se era em um quadro, talvez num livro, pois começava a criar o costume de escrever, que atinge as mulheres que gostam de fazer algo e não se sentirem inúteis); estava ali rodeada de porcelanas de Saxe (porque preferia esta espécie de porcelana, cujo nome pronunciava com um acento inglês, chegando a falar a qualquer pretexto: "É lindo, isto se parece com flores de Saxe!"; temia por elas, ainda mais que outrora para os seus vasos e estatuetas da China, o toque ignorante dos criados, aos quais castigava, pelos maus transes por que passava, com acessos de cólera a que Swann, patrão suave e polido, assistia sem se mostrar chocado. A vista lúcida de certas inferioridades; aliás não tira nada do afeto; este afeto, ao contrário, é que as torna encantadoras. Agora, era mais raramente em seus chambres japoneses que Odette recebia os íntimos, preferindo as sedas claras e espumantes dos *peignoirs Watteau*, dos quais fazia o gesto de acariciar sobre os seios a espuma florida, como se se banhasse naquelas sedas, embalando-se e ostentando-se nelas com tal aspecto de bem-estar, de frescura de pele, respirando tão profundamente, que parecia considerá-las não como decorativas, mas como um quadro, porém necessárias da mesma forma que o *tub e o footing*, para contentar as exigências de sua fisionomia e os requintes de sua higiene. Tinha o hábito de dizer que mais facilmente passaria sem pão do que sem arte e sem limpeza, que lhe valeria mais a pena ver arder *A Gioconda* que as "sujeiradas" de pessoas a quem conhecia.

Teorias que pareciam paradoxais às suas amigas, mas faziam-na passar por mulher superior junto a elas, e lhe valeram a visita do ministro da Bélgica por semana, de modo que, no pequeno mundo em que ela era o sol, todos ficavam surpresos se soubessem que, em outra parte, na casa dos Verdurin, por exemplo, ela era tida por imbecil. Por causa dessa vivacidade de espírito, a Sra. Swann ria à companhia dos homens e das mulheres. Mas, quando criticava estas, falava sempre com alma de cocote, nelas assinalando os defeitos que podiam prejudica-las aos olhos dos homens: tornozelos grossos, tez ruim, pêlos nas pernas, mau cheiro, sobrancelhas postiças. Ao contrário, para que outrora se houvesse mostrado indulgente e amável, Odette era mais calada, sobretudo se se tratava de uma pessoa infeliz. Defendia-a com habilidade, "- Isto é injusto; é uma pessoa muito bondosa, não tenha dúvidas."

Não era apenas o mobiliário do salão de Odette, era a própria Odette quem a Sra. Cottard e todos os que haviam convivido antigamente com a Crécy achariam difícil de reconhecer, se a tivessem deixado de ver durante tempo. Parecia ter tantos anos menos que outrora! Sem dúvida, aquilo em parte devia-se ao fato de que ela engordara, mostrando boa saúde, com um aspecto calmo, fresco,

repousado, e, por outro lado, aos penteados novos, de cabelos que davam maior amplitude ao seu rosto, animado pelo pó-de-arroz cor-de-rosa; onde os olhos e o perfil, outrora tão salientes, pareciam agora ser reabsorvidos pelas faces. Mas havia um outro motivo para essa mudança, e consistia em que ao chegar à meia-idade, afinal havia descoberto, ou inventado, um traço pessoal, um "caráter" imutável, um "tipo de beleza" e, sobre seus traços os quais durante tanto tempo, entregues aos caprichos ocasionais e ímpetos da carne e que, ao menor cansaço, assumiam uma espécie de velhice pesada; carregando-se de anos, lhe haviam composto, bem ou mal, conforme o seu gesto, uma fisionomia esparsa, diária, informe e deliciosa - havia nesse tipo fixo, como se fosse de uma juventude imortal.

No seu quarto, em vez das belas fotografias que agora se tirava de mulher, e onde a mesma expressão enigmática e vitoriosa deixava que, fossem quais fossem, o vestido e o chapéu, a sua silhueta e seu rosto triunfavam. Swann guardava um pequeno *daguerreótipo* antigo, muito simples, e do qual, ainda não encontradas por ela, a juventude e a beleza pareciam ausentes. Mas sem dúvida Swann, fiel ou então por ter voltado à concepção diversa da nova vida saboreava naquela jovem esbelta, de olhos e feições pisadas, a atitude suspensa entre o andar e a imobilidade, uma grande *Botticellesca*. De fato, gozava de ver ainda em sua esposa um Botticelli. pelo contrário procurava não ressaltar e sim compensar; dissimular mesmo que não lhe agradava, o que era talvez para um artista o seu "caráter", como mulher julgava cheio de defeitos, não queria ouvir falar desse pintor. Possuía uma maravilhosa *écharpe* oriental, azul e rósea, que havia comprado por ser exatamente igual a da *Virgem do Magnificat*. Porém a Sra. Swann não queria usa-la. Uma vez apenas deixou o marido lhe encomendar um vestido crivado de margaridas, cinerárias, miosótis e campânulas, de acordo com a primavera. Às vezes, de noite, quando Odette estava cansada, Swann me fazia ver, em voz baixa, como ela dava, sem perceber, às suas mãos pensativas, o movimento sutil, um pouco atormentado, da Virgem que mergulha sua pena no tinteiro que o anjo lhe estende, antes de escrever no livro santo onde já está traçada a palavra "*Magnificat*". E acrescentava:

-Principalmente, não lhe diga nada; basta que o note para não fazê-lo.

A não ser nesses momentos de abandono involuntário, em que Swann tentava recuperar o melancólico ritmo *botticellesco,* o corpo de Odette era agora recortado em uma única silhueta, toda ela cingida por uma linha que, para seguir o contorno da mulher, abandonara os caminhos sinuosos, as falsas saliências e reentrâncias, os entrelaçamentos, a dispersão composta das modas de antigamente, mas que, mesmo assim, onde a anatomia se enganava fazendo voltas inúteis, aquém ou além do traçado ideal, sabia retificar num traço ousado os desvios da natureza, suprindo em grande parte do trajeto as deficiências da

carne e do tecido. Haviam sumido as almofadas, a "armadura" do terrível colete, bem como os corpinhos com alertas que, sustidos por barbatanas, sobressaíam por cima do vestido; todas as peças que, durante muito tempo, tinham acrescentado a Odette um ventre postiço e lhe haviam dado a aparência de ser composta de peças disparatadas sem qualquer individualidade que as unisse. As linhas verticais das franjas e a curva dos franzidos tinham cedido o posto à inflexão de um corpo que fazia palpitar a seda, como a sereia faz arfar as ondas, e dava à percalina uma expressão humana, agora que se libertara, como forma organizada e viva, do longo caos do envolvimento nebuloso das modas destronadas. Porém a Sra. Swann desejara, e soubera conservar, o vestígio de algumas delas até no meio das que havia substituído. Quando à noite, sem poder trabalhar e estando seguro de que Gilberte se achava no teatro com as amigas, eu ia sem avisar à casa dos pais dela, muitas vezes encontrava a Sra. Swann vestindo um elegante *déshabillé*, cuja saia, de belos tons sombrios, vermelho-escuro ou alaranjado, cores que pareciam ter um sentido especial porque já não estavam na moda, era obliquamente atravessada por uma faixa ampla e perfurada, de renda negra, que lembrava os volantes de antigamente. Quando, num dia ainda frio de primavera, antes de minha briga com sua filha, ela me levara ao Jardim da Aclimação, a Sra. Swann entreabria mais ou menos a gola da jaqueta, conforme o calor que sentia enquanto andava, de forma que aparecia a gola denteada de sua blusa bem como a vislumbrada lapela de um ausente casaco sem mangas, Semelhante a um dos que usara alguns anos antes e que lhe agradava tivessem as bordas ligeiramente picotadas; e sua escocesa, pois permanecia fiel ao tipo escocês, mas suavizando de tal modo os tons (fazendo rosa o vermelho, e lilás o azul); safira, de trevos de quatro folhas de prata e medalhões de ouro, de amuletos de turquesa, contas de topázio, no próprio vestido havia um certo desenho de cores.

Eu pensava como nos sonhos, onde alguém ama nossos desejos, como a preterimos àquela entediada, em que teríamos de encarar uma pessoa a quem já não poderíamos dizer à vontade as palavras desejadas, mas de quem sofreríamos novas friezas e inesperadas! Todos sabemos que o esquecimento e até mesmo a vaga lembrança quando já não amamos, não causam tanta dor como o amor infeliz. Eu sem confessá-lo, a doçura repousante desse esquecimento antecipado. Além disso, o que esse regime de desprendimento psíquico e delineamento pudesse ter de penoso ia aos poucos diminuindo por um outro que esse regime enfraquece a idéia fixa que forma o amor, enquanto não o completo. Meu amor ainda era bastante intenso para que continuasse até o meu prestígio aos olhos de Gilberte; prestígio que, devido à minha visita voluntária, devia, conforme achava, crescer progressivamente, de modo que os dias tranqüilos e tristes em que não a via, vindo um após outro, sem interrupção; sem prescrição (a menos que um intrometido se misturasse nos seus assuntos) eram dias ganhos e não perdidos. A

resignação, modalidade do hábito, permite certas forças e indefinidamente. Aquelas, tão ínfimas, com que pudera suportar meus dias, na primeira noite de minha briga com Gilberte, desde então chegaram à ausência incalculável. Apenas, a tendência a se prolongar, que todas as coisas têm, é por vezes cortada por impulsos bruscos, aos quais cedemos, praticamente sem escrúpulos, justo por sabermos durante quantos dias e meses teriam durado; ou saberíamos ainda, resistir. E muitas vezes ocorre que esvaziamos muitas vezes a bolsa de dinheiro bem quando ia ficar cheia, sem esperar pelo resultado do tratamento quando já estávamos acostumados a segui-lo. Um dia em que repetia à Sra. Swann as palavras de costume acerca do prazer que Gilberte ao me ver sentia; como que ao alcance da mão, aquela ventura de que já roe há tanto tempo, fiquei perturbado ao verificar que ainda não me era: desfrutá-la; e custou-me esperar pelo dia seguinte; resolvera ir surpreender antes do jantar.

O que me ajudou a ter paciência por todo o espaço de um dia; - projeto que engendrei. Desde o instante em que tudo estava esquecido, reconciliara com Gilberte, só queria vê-la como apaixonado. Todos os dias recebia de mim as mais belas flores que houvesse. Se a Sra. Swann, tivesse o direito de se mostrar mãe muito severa, não me permitisse o envio de flores, eu encontraria presentes mais preciosos e menos constantes, não me davam muito dinheiro para comprar coisas caras. Pensei nunca *potiche* chinês antigo que me fora deixado pela tia Léonie; todos os dias agourava que Françoise viria dizer-lhe: "Caiu..." e que dele não sobraria tais condições, não era mais prudente vendê-lo, para poder dar todo o presente que desejava à Gilberte? Achava que poderia conseguir uns mil francos; por estar embrulhado; por força do hábito, nunca havia reparado nele; se o desembrulhasse teria ao menos uma vantagem, a de conhecê-lo. Antes de ir à casa dos]ão m lo. o. o. oto sever svevunquanito,do já

-Oh, ela vai ficar triste - disse-me -; nem sei como é que não está presente. Saiu com muito calor de uma aula; disse que desejava tomar um pouco de ar com uma das amigas.

- Creio tê-la visto na avenida dos Champs-Élysées.

- Não acho que se tratasse dela. Em todo caso, não conte nada a seu pai, pois não gosta nada que ela saía a essas horas. *Good evening*.

Despedi-me, disse ao cocheiro que voltasse pelo mesmo caminho, mas já não encontrei os dois passeando. Para onde teriam ido? Que diriam um ao outro, na noite, com aquele ar confidencial?

Voltei para casa, segurando com desespero os dez mil francos repentinos que me permitiriam dar tantos pequenos prazeres à Gilberte, a qual, agora, estava decidido a nunca mais ver. É claro que a parada na loja do negociante de antigüidades chinesas me alegrara, pois dera-me a esperança de só ver a minha amiga reconhecida e contente comigo. Mas, se não tivesse parado, se o carro não tivesse ido pela avenida dos Champs-Élysées, não teria encontrado Gilberte e aquele rapaz. Desse modo, um mesmo fato compreende ramais opostos e a desgraça que engendra anula a felicidade que causara. Acontecera-me o contrário do que ocorre com tanta freqüência. Alguém deseja uma alegria e lhe faltam os meios materiais de obtê-la. "É triste-diz La Bruyere -amar sem possuir uma grande fortuna." Não há outro remédio senão tentar liquidar aos poucos o desejo de ter essa alegria. Quanto a mim, ao contrário, obtivera os meios materiais, mas, no mesmo instante, senão por um efeito lógico, ao menos por uma conseqüência fortuita desse primeiro êxito, escapou-me essa alegria. Aliás, parece que sempre deve nos escapar. É verdade que, normalmente, não costuma escapar na mesma noite em que adquirimos o que a torna possível. Em geral, continuamos a nos esforçar e a ter esperança durante algum tempo. Porém a felicidade jamais pode se realizar. Se as circunstâncias chegam a ser ultrapassadas, vencidas, a natureza transporta a luta de fora para dentro e aos poucos faz mudar bastante o nosso coração, a ponto que ele sinta outra coisa diversa da que vai possuir. E, se foi tão rápida a peripécia que o coração não teve tempo de mudar, nem por isso a natureza desesperada por dominar-nos, é verdade que de uma forma tardia, mais sutil; mas igualmente. Então, no último momento, a posse da felicidade nos é roubada, ou melhor, a mesma posse que, com argúcia diabólica, a Natureza encarrega de destruir a felicidade. Tendo fracassado em tudo que fosse do domínio dos fatos e da vida, impossibilidade última; a impossibilidade psicológica, o que a Natureza fenômeno da felicidade não se produz ou cede lugar às mais amargas realidades. Tinha os dez mil francos na mão. Mas eles já não me serviam para nada; aliás, gastei-os mais depressa ainda do que se tivesse mandado flores todos os dias à Gilberte, pois quando baixava a noite sentia-me tão infeliz que não podia ficar em casa e ia

chorar nos braços de mulheres a quem não amava. Já não desejava esforços para agradar Gilberte; agora, voltar à casa de Gilberte só poderia aumentar meu sofrimento. Mesmo tornar a vê-la, o que me parecera tão delicioso na véspera, hoje não me bastaria. Pois ficaria preocupado todas as horas que estivesse longe dela. Tal é a razão por que, quando uma mulher nos causa um mágoa, muitas vezes sem sabê-lo, aumenta seu domínio sobre nós, mas igualmente nossas exigências a seu respeito. Pelo mal que nos causou, a mulher cada vez mais, duplica nossas cadeias, mas também aquelas cadeias que até nos pareciam suficientes para prendê-la de tal forma que nos sentíssemos tolos. Na véspera, se não julgasse aborrecer Gilberte, teria me contentado em conceder algumas raras entrevistas, que agora já não me satisfariam e que substituíram as condições bem diversas. Pois no amor, ao contrário do que se passa: combates, quanto mais somos vencidos mais duras condições impomos; deixar de agravá-las, se, todavia, estivermos em situação de as exigir. Não era o caso quanto a Gilberte. Assim, primeiro preferi não voltar à casa de sua mãe. Continuava a dizer para mim mesmo que Gilberte não me amava, que há muito disso, que podia revê-la se quisesse e, se não quisesse, esquecê-la com rapidez. Essas idéias porém, como um remédio que é inócuo diante de certas afecções, tinham qualquer eficácia contra aquelas duas linhas paralelas que eu revia quando, lembrava de Gilberte e do rapaz, avançando devagar pela avenida Champs-Élysées. Era um novo mal, que também acabaria por se deteriorar, imagem que um dia se apresentaria a meu espírito inteiramente depurada do que possuía de nocivo, como esses venenos mortais que a gente manuseia em perigo, como um pouco de dinamite junto à qual podemos acender o sem medo de explosão. Enquanto esperava, em mim havia uma outra pessoa que lutava poderosamente contra essa força malsã; que me representava invariado o passeio de Gilberte ao crepúsculo; para quebrar os assaltos sucessivos da memória, trabalhava com eficiência a minha imaginação, em sentido com a primeira dessas duas forças, é claro que continuava a me mostrar os dois passeantes da avenida dos Champs-Élysées, oferecendo-me outras imagens desagradáveis, extraídas do passado: por exemplo, Gilberte dando de ombros quando sua mãe lhe pedia que ficasse comigo. Porém a segunda força, operando no plano das minhas esperanças, desenhava um futuro mais aprazivelmente amplo do que aquele pobre passado em suma tão restrito. Por um minuto em que revia Gilberte de mau humor, quantos outros não existiam em que eu fantasiava os passos que ela daria para nossa reconciliação, talvez até para o nosso noivado! É verdade que semelhante força de imaginação, dirigida ao futuro, era extraída toda do passado. À medida que se apagasse todo o meu aborrecimento pelo fato de Gilberte ter dado de ombros, diminuiria também a recordação de seu encanto; recordação que me fazia desejar que ela voltasse para mim. Mas achava-me ainda muito longe dessa morte do passado. Continuava sempre a amar aquela a quem de fato

julgava detestar. Cada vez que me via bem penteado, de bom aspecto, gostaria que ela estivesse presente. Sentia-me irritado com o desejo, manifestado por muitas pessoas àquela época, de me receberem e a cujas casas me recusava a ir.

Houve uma cena em casa porque não acompanhei meu pai a um jantar oficial, onde estariam os Bontemps com sua sobrinha Albertine, mocinha que era quase uma criança ainda. Os diferentes períodos de nossa vida se sobrepõem assim uns aos outros. Recusamos desdenhosamente, por causa de quem amamos e que um dia nos será indiferente, conhecer a que hoje nos é indiferente; que amanhã haveremos de amar e que talvez pudéssemos, se tivéssemos concordado em conhecê-la, amar mais cedo, e que, assim, teria abreviado nossos atuais sofrimentos, é claro que substituindo-os por outros. Os meus iam se modificando. Espantava-me verificar, no fundo de mim mesmo, um sentimento num dia, no dia seguinte um outro, geralmente inspirados por uma esperança ou por um temor em relação a Gilberte. A Gilberte que trazia dentro de mim. Tive de concordar que a outra, a de verdade, talvez fosse bem diversa desta, ignorava todos os lamentos relativos a ela e provavelmente pensava muito menos em mim não apenas do que eu nela, mas nem mesmo como a fazia pensar em mim, quando estava a sós em conversa com minha Gilberte imaginária, querendo descobrir quais seriam seus propósitos a meu respeito, fantasiando-a desse modo, com a atenção sempre voltada para mim.

Nesses períodos em que, sempre se enfraquecendo, a mágoa persiste, é necessário distinguir entre a que nos causa o pensamento constante na própria pessoa, e a que certas lembranças reavivam, uma frase infeliz pronunciada, um verbo empregado numa carta recebida. Reservando-nos para descrever por ocasião de um amor futuro as formas diversas do desgosto, diremos que, desses dois, o primeiro é infinitamente menos cruel que o segundo. Isto se deve a que a nossa opção da pessoa, vivendo sempre em nós, é embelezada com a auréola que não tivemos a lhe emprestar e se reveste, senão das freqüentes doçuras da esperança, ao menos da tranqüilidade de uma tristeza permanente. (Aliás, convém na imagem de uma pessoa que nos faz sofrer ter pouco espaço nessas composições que agravam um desgosto de amor, prolongando-o e atrapalhando sua cura; em certas moléstias a causa é desproporcional em relação à febre constante de lentidão da entrada em convalescença.) Mas, se a idéia da pessoa a quem recebe o reflexo de uma inteligência em geral otimista, o mesmo não está nessas lembranças especiais, essas frases infelizes, essa carta hostil (ainda tivesse recebido de Gilberte nenhuma que o fosse); dir-se-ia que a própria vive naqueles fragmentos, contudo tão restritos, e com uma força que longe de possuir na idéia habitual que formamos dela inteira. Não esquecemos a carta como a imagem do ser amado, numa nostalgia calma e melancólica, lemo-la, devoramo-la na terrível angústia com que nos comprime uma imagem inesperada. A formação

desses tipos de desgostos é bem diversa; eles vieram de fora e foi pelo caminho do mais cruel de sofrimento que atingiram coração. A imagem da nossa amiga, imagem que julgamos antiga e autêntica, na realidade é refeita por nós várias vezes. A lembrança cruel não contem essa imagem restaurada, pertence a outra época, é uma das raras testemunhas de um passado monstruoso. Mas, como esse passado continua a existir, em nós mesmos, porque agradou-nos substituí-lo por uma maravilhosa felicidade; um paraíso onde todos estarão reconciliados, tais lembranças e tais cartas de advertência da realidade deveriam nos fazer sentir, pelo mal súbito, o quanto estamos dela afastados nas loucas esperanças de nossa vida cotidiana. Não é que essa realidade deva permanecer sempre a mesma, embora ocorra às vezes. Na nossa vida há muitas mulheres que nunca procuramos que responderam muito naturalmente ao nosso silêncio, de modo nenhum reducional, mas por um outro silêncio análogo. Unicamente, estas, como não as amamos não contamos os anos passados longe delas e, quando raciocinamos, eficácia do isolamento, esse exemplo, que a invalidaria, é por nós de como aqueles que acreditam em pressentimentos desdenham todos os cálculos. que estes não se confirmam. Mas enfim, o afastamento pode ser eficaz. O desejo e a apetência de novo acabam renascendo nesse coração que hoje nos despreza. Apenas é preciso dar tempo ao tempo.

Ora, nossas exigências, no que concerne ao tempo são menos exorbitantes que as que o coração exige para mudar. Primeiramente é o que cedemos com a maior dificuldade, pois nosso sofrimento é cruel há pressa em vê-lo acabar. Depois, esse tempo, de que precisa o outro para mudar, servirá ao nosso também para mudar, de modo que quando nos propomos se tornar acessível terá deixado de ser um objetivo para disso, a mesma idéia de que será acessível, de que não haverá felicidade; e possamos atingir quando já não nos seja uma felicidade; pois comporta apenas uma parte da verdade. Alcança-nos quando já nos tornamos indiferentes. porém, justamente essa indiferença nos fez menos exigentes e nos permite acreditar, retrospectivamente, que a felicidade nos enfeitiçou numa época em que talvez se nos afigurasse muito incompleta. Não somos muito exigentes, nem bons juízes, acerca de coisas que não nos interessam. A gentileza de uma pessoa a quem já não amamos e que ainda parece excessiva à nossa indiferença, talvez estivesse bem longe de bastar ao nosso amor. Essas palavras ternas, à oferta de um encontro, pensamos no prazer que nos teriam causado e não em todas aquelas que desejaríamos ver imediatamente seguidas e cuja realização talvez tivéssemos impedido com essa avidez. De forma que não é certo que a ventura sobrevindo tarde demais, quando já não podemos gozá-la, quando já não amamos, seja exatamente a mesma ventura cuja falta outrora nos fez tão infelizes. Só uma pessoa poderia decidir a respeito, o nosso eu de antigamente; já não existe; e sem dúvida bastaria que retornasse para que, idêntica ou não, a felicidade se desvanecesse.

Enquanto esperava essas realizações, afinal já sem motivo, de um sonho em que não mais acreditava, à força de inventar, como no tempo em que mal conhecia Gilberte; palavras, cartas em que ela implorava o meu perdão, confessava nunca haver amado alguém além de mim, e me pedia em casamento, uma série de doces imagens incessantemente recriadas acabaram por ocupar mais lugar em meu espírito que a visão de Gilberte e do rapaz, visão que não era mais alimentada por coisa alguma. E talvez desde então tivesse voltado à casa da Sra. Swann, não fosse um sonho que tive; onde um de meus amigos, entretanto para mim desconhecido, agia comigo com a maior falsidade e achava que eu fazia o mesmo com ele. Bruscamente acordado pelo sofrimento que o sonho me causava, e vendo que a dor persistia, pensei de novo nele, procurei me lembrar quem seria o amigo que vira dormindo e cujo nome espanhol já não era distinguível. Fazendo ao mesmo tempo o papel de José e do Faraó, passei a interpretar meu sonho.

Sabia que em muitos sonhos não se deve ligar à aparência das pessoas, que podem estar disfarçadas e terem trocado seus rostos, como esses santos mutilados das catedrais que os arqueólogos ignorantes andaram refazendo, pondo sobre o corpo de um a cabeça de outro, e misturando os atributos e os nomes. Os nomes que as pessoas adotam nos sonhos podem nos levar a erros. A pessoa a quem amamos deve ser nele reconhecida apenas pela intensidade da dor que experimentamos. E a minha dor me disse que, transformada em rapaz durante o sonho, a pessoa cuja falsidade recente ainda me causava mal era Gilberte. Lembrei-me então que, da última vez que a vira, no dia em que sua mãe a impedira de ir a uma matinê dançante, Gilberte, sincera ou fingidamente, negou-se a crer na retidão de minhas intenções, rindo de forma estranha. Por associação, tal lembrança trouxe outra à memória. Muito tempo antes, foi Swann quem não quis acreditar na minha sinceridade, ou que eu fosse um digno amigo para Gilberte. Inutilmente lhe escrevera. Gilberte trouxera a carta e devolvera com o mesmo riso incompreensível. De fato, devolvera logo; lembrei-me de toda a cena por trás do bosquezinho. Fazemo-nos moralistas quando somos infelizes. A antipatia atual de Gilberte surgiu-me como um castigo infligido pela vida devido à conduta que tivera no dia. A gente crê evitar os castigos, porque evita os perigos tendo muito cuidado ao atravessar a rua. Mas há castigos internos. O acidente chega de onde nem se imagina, de dentro, do coração. As palavras de Gilberte: "Se quiser, continue a lutar" me causaram horror. E imaginava-a em situação idêntica, em sua rouparia, com o rapaz que vira em sua companhia na avenida dos Champs. Assim como fora tão insensato há tempos, ao acreditar que estava tranqüilamente instalado nos domínios da felicidade, também o era hoje, quando já desistira feliz, ao ter como seguro que pelo menos me achava tranqüilo e que assim mereceria. Pois, enquanto o nosso coração acolhe de modo permanente a imagem de outra criatura, não é apenas a nossa

felicidade que pode a qualquer momento ser destruída; quando se desvanece tal felicidade, depois de muito sofrer, tão tentador e precário como o fora a própria felicidade é o sossego. Meu sossego por regressar, pois o que penetrou no nosso espírito, modificando nosso moral, nossos desejos, graças a um sonho, também pouco a pouco se dissipa das que são prometidas a permanência e a duração, nem mesmo à dor. Aliás, sofrer pelo amor são, como se poderia dizer de certos doentes, seu próprio contágio. Como só obtêm consolo do próprio ser que causa a sua dor e essa dor já é emanação dele, é nela mesma que acabam por encontrar um remédio. A criatura amada lhes revela, num dado momento, esse remédio, pois, a melhoria revolvem dentro de si mesmos, essa dor lhes mostra um outro aspecto da que perderam, ou tão odiosa que nem mesmo sentem mais desejo de vê-la, antes de gozar sua presença; seria necessário fazê-la sofrer, ou então dar-lhe a mesma doçura que a dor lhe empresta é considerada um mérito da qual se tira um motivo de esperança.

Mas, conquanto se apaziguasse em sofrimento que voltara a despertar, não quis retornar à casa da Sra. Swann muito raramente. Primeiro porque, nas pessoas que amam e não são escondidos, o sentimento de espera - ainda que de espera inconfessa - em que transforma por si mesmo, embora de aparência idêntica, faz suceder a um um outro exatamente contrário. O primeiro era a conseqüência, o reflexo de antes dolorosos que nos tinham transtornado. A expectativa do que poder está mesclada de terror, tanto mais que desejamos nesse momento, de novo nos acontece da parte da pessoa amada, agir por conta própria e não também qual será o êxito de semelhante ato, que, uma vez cumprido, impede a ação de outro. Em breve, porém, sem que nos apercebamos de tal, nossa vida, que continua, já não é determinada, como vimos, pela recordação que sofremos mas pela esperança de um futuro imaginário. Daí então, agradável. Além disso, a primeira, durando um pouquinho, habituou-nos a viver na expectativa. O sofrimento que sentimos nos nossos últimos encontros ainda sobrevive em nós, mas já amortecido. Não temos pressa em renová-lo, tanto mais que agora já não saberíamos o que pedir. Possuir um pouco mais da mulher amada só faria tornar mais necessário aquilo que não possuímos e que, apesar de tudo, permaneceria sendo algo irredutível, visto que nossas necessidades se originam de nossas satisfações.

Por fim, uma última razão se acrescentou posteriormente a esta para fazer com que cessasse inteiramente minhas visitas à Gilberte Swann. Essa razão, mais tardia, não era que já houvesse esquecido Gilberte, mas que tentasse esquecê-la mais depressa. É claro que, desde que minha grande mágoa acabara, as visitas à casa da Sra. Swann tinham voltado a ser, para o que me restava de tristeza, o calmante e a distração que me foram preciosos no começo. Mas o motivo da eficácia do primeiro causava também a inconveniência do segundo, isto é, a

recordação de Gilberte estava intimamente associada a essas visitas. A distração só me seria útil caso tivesse sido posta em luta com um sentimento que a presença de Gilberte já não alimentava, com pensamentos, interesses e paixões com que Gilberte nada tivesse a ver. Esses estados de consciência, aos quais o ser amado permanece estranho, ocupam então no espírito um lugar que, por menor que seja a princípio, já é vedado ao amor que enchia toda a alma. É preciso tentar nutrir, fazer crescer esses pensamentos, enquanto declina o sentimento que já não passa de uma lembrança, de modo que os elementos novos introduzidos no espírito lhe contestem, lhe arranquem uma porção cada vez maior da alma, e finalmente roubem-na toda. Percebia eu que era essa a única maneira de matar um amor; era bastante jovem e corajoso para tentar fazê-lo, para assumir a mais cruel das dores, a que nasce da certeza de que, mesmo que demoremos algum tempo, chegará o dia em que atingiremos nosso objetivo. A razão que expunha agora em minhas cartas a Gilberte, acerca da recusa em vê-la, era a alusão a um misterioso mal-entendido, completamente fictício, que teria ocorrido entre mim e ela e sobre o qual primeiro havia esperado que Gilberte me desse explicações. Mas na verdade nunca, mesmo nas mais insignificantes relações da vida, são solicitados esclarecimentos por um correspondente que sabe que uma frase obscura, mentirosa, incriminadora, ali está justamente para que ele proteste, e que se dá por muito feliz em ver que, desse modo, possui e mantém a iniciativa e o domínio das operações. O mesmo ocorre nas mais carinhosas relações, onde o amor tem tanta eloqüência e a indiferença tão pouco de curiosidade. Não tendo Gilberte posto em dúvida nem procurado esclarecer o mal-entendido, ele se tornou para mim algo de real a que me referia em todas as cartas. E há nessas situações falseadas, na afetação de frieza, um sortilégio que nos faz perseverar a força de escrever: "Desde que nossos corações se desuniram"; para que Gilberte me respondesse: "Mas não estão desunidos, expliquemo-nos"; acabara por me convencer de que o estavam. Sempre repetindo: "A vida mudara para nós, mas não apagará o sentimento que tivemos", desejando ouvi-la dizer: "Mas nada mudou, esse sentimento está mais forte que nunca''; vivia com a idéia de que a vida de fato mudara, e que conservaríamos a recordação do sentimento que já não existia, como certas pessoas nervosas por terem sofrido uma enfermidade acabam por ficar sempre doentes. Agora, todas as vezes que tinha de escrever a Gilberte, reportava-me a essa mudança imaginária, cuja ausência, de agora em diante tacitamente reconhecida pelo silêncio que ela observaria a tal respeito em suas respostas, subsistiria entre nós. Depois, Gilberte deixou importar com rejeições. Ela própria adotou meu ponto de vista; e, como nos grandes oficiais em que o chefe de Estado que é recebido retoma aos poucos algumas expressões que acaba de empregar o chefe de Estado que o recebe, as vezes em que escrevia a Gilberte: "A vida pôde nos separar, a recordação em que nos conhecemos há de permanecer", ela não

deixava de responder, pôde nos separar, não poderá nos fazer esquecer as boas horas que nos sempre caras" (ficaríamos muito embaraçados para dizer por que "a vida separara, qual a mudança que se produzira). Eu já não sofria muito. No entanto, o dia em que, numa carta, lhe dizia que soubera da morte da nossa velha vendedora de balas dos Champs-Élysées, ao acabar de escrever estas palavras: "Imagino que isto te causou pesar. Em mim, veio agitar muitas lembranças", não pude me desmanchar em lágrimas ao ver que falava no passado, e, como já estava morto quase esquecido, daquele amor em que, apesar de tudo, jamais, pensar como se fosse vivo, podendo ao menos renascer. Nada mais que essa correspondência entre amigos que não queriam se ver mais. As vezes Gilberte tinha a delicadeza das que eu escrevia aos indiferentes e me confessava as mesmas aparentes marcas de afeto, tão suaves para mim por virem dela. Aliás, aos poucos, toda recusa minha em vê-la me era menos como ela se me tornasse menos cara, minhas lembranças dolorosas já não tinham força bastante para destruir, no seu retorno incessante, a formação do prazer que sentia em pensar em Florença, em Veneza. Nesses momentos, lamentava ter desistido a entrar para a carreira diplomática e de ter-me construído uma sedentária, a fim de não me afastar de uma jovem que já não mais esquecera quase por completo. A gente constrói a vida para uma pessoa, enfim podemos recebê-la em nossa vida, essa pessoa não vem, depois nós acabamos vivendo prisioneiros na morada que só a ela se dedicou.

Quando se aproximou a primavera, afastando o frio, no tempo dos santos de gelo e das chuvas de granizo da Semana Santa, como a Sra. Swann achasse que a casa estava muito gelada, aconteceu várias vezes vê-la receber as visitas envolta em peles, as mãos e os ombros friorentos desaparecendo sob o branco e brilhante tecido de um imenso regalo e de uma capa, ambos de marta-zibelina, que não retirara ao entrar e que apresentavam o aspecto das últimas nevascas de inverno, mais persistentes que as outras e que nem o calor do fogo nem o avanço da estação haviam logrado derreter. A verdade integral dessas glaciais semanas, contudo já florescentes, era-me sugerida naquele salão, aonde em breve não voltaria mais, por outras brancuras mais inebriantes, a das "bolas-de-neve", por exemplo, que reuniam no alto de seus grandes caules despidos como os arbustos lineares dos pré-rafaelitas, seus globos parcelados mas unidos, alvos como anjos anunciadores, e que eram envoltos num aroma de limão. Pois a castelã de Tansonville sabia que abril, mesmo gelado, não é destituído de flores; que o inverno, a primavera e o verão não são separados por divisões tão herméticas como é levado a crer o morador dos bulevares que, até os primeiros calores, imagina que o mundo é composto somente de casas desabrigadas sob a chuva.

Que a Sra. Swann se contentasse com as remessas que lhe fazia o seu jardineiro de Combray, e que, por intermédio de sua florista "oficial", não preenchesse as

lacunas de uma evocação insuficiente com o auxílio de empréstimos tomados à precocidade mediterrânea, longe estou de o pretender e não me preocupava com isso. Para sentir a nostalgia do campo, bastava-me que, junto com as nevadas do regalo da Sra. Swann, as bolas-de-neve (que não tinham quem sabe outro objetivo, na idéia da dona da casa, senão o de compor, aos conselhos de Bergotte, uma "sinfonia em branco maior" com suas mobílias e sua toalete) me recordassem que o encantamento da Sexta-feira Santa configura um milagre natural, a que poderíamos assistir todos os anos se fôssemos sensatos; ajudadas pelo perfume ácido e capitoso das corolas de outras espécies, cujos nomes ignorava e que tantas vezes me haviam feito parar nos meus passeios de Combray, tornassem o salão da Sra. Swann tão virginal, tão candidamente florido sem nenhuma folha, tão sobrecarregado de aromas autênticos como a pequena ladeira de Tansonville.

Mas já era demais que aquilo me fosse lembrado. Sua recordação arriscava alimentar o pouco que subsistia do meu amor por Gilberte. Assim, embora já não sofresse absolutamente durante essas visitas à Sra. Swann, tornei-as mais raras ainda e procurei vê-la o menos possível. Quando muito, como continuasse a não deixar Paris, concedia-me alguns passeios com ela. Enfim haviam voltado os dias findos, juntamente com o calor. Como sabia que antes do almoço a Sra. Swann saía por uma hora e andava um pouco pela avenida do Bois, perto da Étoile, e do mal que então se denominava "clube dos Prontos" por causa das pessoas que ficavam a olhar os ricos a quem só conheciam de nome - obtive de meus pais que no domingo (pois não estava livre a essa hora nos dias úteis) poderia almoçar depois deles, à uma e quinze, e ir dar uma volta antes. Nunca faltei um dia naquele mês de maio, visto que Gilberte estava no campo com umas amigas. Chegava ao Arco do Triunfo por volta do meio-dia. Ficava à espreita na avenida, sem deixar de olhar a esquina da ruazinha por onde a Sra. Swann, precisava andar alguns metros, vinha de sua casa. Como já fosse hora de passeantes voltarem para almoçar, restavam poucos, em sua maioria, pessoas elegantes. De súbito, sobre a areia de uma alameda, tarda, atrasada, como a mais bela flor, e que só se abriria ao meio-dia, aparecia a Sra. Swann, desabrochando a seu redor uma toalete sempre diversa, mas que recordo principalmente cor de malva; depois alçava e desenrolava sobre um longo momento de sua mais completa irradiação, o pavilhão de seda de uma sombrinha, do mesmo matiz que o desfolhar das pétalas de seu vestido. Séquito a rodeava; Swann, quatro ou cinco homens de clube que tinham ido de manhã ou que ela havia encontrado no caminho; e a negra ou cinzenta ração obediente, executando movimentos quase mecânicos de um quadro em torno de Odette, davam a essa mulher, que só possuía intensidade no aspecto de estar olhando à sua frente, dentre todos aqueles homens, como a janela da qual se houvesse aproximado, fazendo-a surgir, frágil, sem nudez de suas cores tenras, como a

aparição de um ser de uma espécie diferente, uma raça desconhecida, e de um poder quase guerreiro, graças ao que ela passava, sozinha, a sua múltipla escolta. Sorridente, feliz pelo bom tempo com o sol que ainda não incomodava, tendo o ar de segurança e calma; como aquele que rematou sua obra e não se preocupa mais com o resto, certa de que sua obra, mesmo que os transeuntes vulgares não a apreciassem era a mais bela de todas, ela a vestia para si mesma e para os amigos, com naturalidade, sem ser exagerada, mas também sem desprendimento completo, não impedindo pequenos laços de fita da blusa e da saia flutuassem de leve diante dela criaturas cuja presença não ignorava e às quais permitia, com indulgência, entregassem a seus brinquedos, conforme seu ritmo próprio, contanto que seguissem a marcha, e até sobre a sombrinha malva que muitas vezes trazia fechada ao chegar, ela deixava cair por um momento, como sobre um buquê de violetas de Parma, seu olhar feliz e tão doce que, mesmo quando não se mostrava mais a seus amigos e sim a um objeto inanimado, dava a impressão de sorrir. Assim reservava, e fazia sua toalete ocupar, aquele intervalo de elegância, espaço e necessidade os homens, a quem a Sra. Swann falava com mais intimidade, respeitavam não sem uma certa deferência de profanos, uma confissão própria ignorância e sobre o qual reconheciam à sua amiga competência e afeição, como a um doente sobre os cuidados especiais que deve tomar, ou a uma mãe sobre a educação de seus filhos. Não menos do que pela corte rodeava e não parecia ver os passantes, a Sra. Swann, devido à hora tardia em que surgira, evocava aquele apartamento onde havia passado uma manhã tão comprida e para onde precisava voltar em breve para o almoço; parecia indicar sua aproximação com a calma despreocupada de seu passeio, semelhante ao que a gente faz pelo próprio jardim; poder-se-ia dizer que, daquele apartamento, ela trazia ainda a seu redor a sombra interior e fresca. Mas, devido a tudo isto, sua vista só me fazia acentuar a sensação do ar livre e do calor. Tanto mais que, já persuadido de que, em virtude da liturgia e dos ritos em que a Sra. Swann era profundamente versada, sua toalete estava ligada à estação e à hora por um laço necessário, único, as flores de seu flexível chapéu de palha e as pequenas fitas do seu vestido me pareciam nascer do mês de maio ainda com mais naturalidade que as flores dos jardins e dos bosques; e, para conhecer o novo tumulto da estação, não precisava erguer os olhos além da sua sombrinha, aberta e estendida como um outro céu mais próximo, clemente, móvel e azul. Pois esses ritos, se eram soberanos, empregavam sua glória, e em conseqüência a Sra. Swann empregava a sua, em obedecer condescendentemente à manhã, à primavera, ao sol, os quais não me pareciam muito lisonjeados de que uma mulher tão elegante porfiasse em não ignorá-los por causa deles, escolhesse um vestido de tecido mais claro, mais leve, fazendo pensar, devido à abertura do colo e das mangas, na transpiração do pescoço e dos pulsos, que, enfim, tivesse para com eles todas as atenções de uma

grande dama que, tendo-se rebaixado alegremente para ir ver no campo pessoas comuns e que todo mundo, até o vulgo, conhece, nem ao menos deixa de vestir, especialmente para esse dia, um traje campesino. Saudei a Sra. Swann à sua chegada; ela me fez parar e me disse sorrindo:

-*Good morning*. - Demos alguns passos. E eu compreendia que era por si mesma que ela obedecia àqueles cânones conforme os quais se vestia, como a uma sabedoria superior da qual fosse a grã-sacerdotisa; pois se lhe ocorria, devido ao calor, entreabrir ou até mesmo tirar a sua jaqueta, dando-a a mim para que a carregasse, e que ela achara poder conservar abotoada, eu descobria na blusinha mil detalhes de execução que poderiam muito bem ter ficado despercebidos como as partes de orquestra a que os compositores deram o maior cuidado, embora jamais devam chegar aos ouvidos do público; ou nas mangas da jaqueta dobrada no meu braço eu via, observava longamente, por prazer ou amabilidade, um pormenor refinado, uma faixa de delicioso matiz, uma cetineta cor de malva normalmente oculta aos olhos de todos, mas tão delicadamente trabalhadas que as partes externas, como essas esculturas góticas de uma catedral, dissimuladas no reverso de uma balaustrada, a oitenta pés de altura, tão perfeitas como os baixos-relevos do grande pórtico mas que ninguém nunca vira antes que, ao acaso de uma um artista, para dominar toda a cidade, tivesse permissão para ir passear no céu, entre as duas torres.

O que aumentava a impressão de que a Sra. Swann passeava pela do Bois como na alameda de um jardim que lhe pertencesse era para pessoas que ignoravam os seus hábitos de *footing* que tivesse vindo de carro; que a seguisse, ela que desde o mês de maio estava acostumada a passar com a atrelagem mais cuidada e a mais elegante libré de Paris, languidamente sentada como uma deusa, no morno ar livre de uma imensa de oito molas. A pé, a Sra. Swann, sobretudo com o caminhar vagaroso, dava a impressão de ter cedido a uma curiosidade, de ter cometido elegante infração às regras do protocolo, como esses soberanos que, acompanhados pela admiração um tanto escandalizada de um que não se atreve a formular uma crítica, saem do camarote durante um gala e visitam o saguão, misturando-se aos outros espectadores durante minutos. Assim, entre a Sra. Swann e a multidão, esta sentia as barreiras certo tipo de riqueza e que lhe parecem ser as mais intransponíveis de Saint-Germain também tem as suas; porém falam menos aos de imaginação dos "duros". Estes, ao lado de uma grande dama mais fácil de ser confundida com uma pequena burguesa, menos distanciada; não sentirão a sua desigualdade, quase a sua indignidade, que demonstram de uma Sra. Swann. É claro que as mulheres desse gênero não ficam, como impressionadas com o brilhante aparato que as rodeia, não lhe dão maioria mas é de tanto estarem acostumadas àquilo, ou seja, por terem acabado portanto mais natural e necessário, é que julgam os outros conforme são menos

iniciados nesses hábitos de luxo; de modo que descobrem nos outros, inteiramente e fácil de verificar, demorada para adquirir, difícil de compensar, se essas colocam um transeunte no degrau mais inferior, tal ocorre da mesma forma lhe aparecem elas no mais superior, a saber, imediatamente, à primeira visão de apelação. Talvez essa classe social particular que então se compunha de como Lady Israels, mesclada às da aristocracia, e a Sra. Swann, que freqüentá-las um dia, essa classe intermediária, inferior ao Saint-Germain já que o cortejava, mas superior ao que não pertence tinha a particularidade de que, já estando afastada do mundo dos ricos a era riqueza; mas uma riqueza tornada maleável, obediente a uma destinação de pensamento artístico, ouro flexível, poeticamente cinzelado e que sabe muitas vezes essa classe, ao menos com o mesmo caráter e o mesmo fascínio. Aliás as mulheres que dela faziam parte, hoje não mais teriam aquilo como primeira condição de seu reinado, pois, com a idade, quase todas perdem beleza. Ora, tanto como do alto de sua nobre riqueza, era do auge do seu verão maduro e ainda tão saboroso que a Sra. Swann, majestosa, sorridente e boa, avançando pela avenida do Bois, via rolarem os mundos, como Hipácia, sob o vagaroso caminhar de seus pés. Os rapazes que passavam olhavam-na com ansiedade, incertos se suas vagas relações com ela (tanto mais que, tendo sido apresentados uma única vez a Swann, receavam que ele não os reconhecesse) seriam suficientes para os autorizar a cumprimentá-la. E era tremendo diante das conseqüências que se decidiam, indagando a si próprios se o seu gesto, audaciosamente provocador e sacrílego, atentando contra a inviolável supremacia de uma casta, não iria desencadear catástrofes ou fazer descer o castigo de um deus. Esse gesto acionava tão-somente, como um movimento de relojoaria, a gesticulação de pequenos personagens saldadores que não eram outros senão os da comitiva de Odette. A começar por Swann, o qual erguia sua cartola forrada de couro cru, com graça risonha, aprendida no *faubourg Saint-Germain*, mas à qual já não se aliava a indiferença que tivera antigamente, e que fora substituída (como se, em certa medida, ele tivesse absorvido os preconceitos de Odette) ao mesmo tempo pelo tédio de ter de retribuir à saudação de alguém tão mal-vestido e pela satisfação de que sua mulher conhecesse tanta gente; sentimento misto que traduzia dizendo aos amigos elegantes que o acompanhavam:

- Mais um ainda! Palavra que não sei onde Odette vai descobrir toda essa gente!
- Entretanto, tendo respondido com um aceno de cabeça ao passante alarmado já fora do alcance da vista, mas cujo coração ainda batia, a Sra. Swann se virava para mim:

-Então - dizia - acabou? Você não voltará nunca mais para ver Gilberte? Estou contente por ser uma exceção e que não tenha me "cortado" sem cerimônia. Gosto muito de vê-lo, mas gostava também da influência que exercia sobre

minha filha. Creio que ela também lamenta muito. Enfim, não quero importuná-lo, pois aí é que você não se aproximaria mais nem de mim! - - Odette, Sagan está dando bom-dia! - observava Swann à mulher. E, com efeito, o príncipe fazendo, como numa apoteose de teatro, de circo, ou num quadro antigo, seu cavalo se postar de frente, dirigia a Odette uma grande saudação teatral, meio alegórica, onde se amplificava toda a cortesia cavalheiresca do grão-senhor inclinando o seu respeito diante da mulher, ainda que encarnada numa mulher que sua mãe ou irmã não poderiam freqüentar. De resto, a todo momento, reconhecida no fundo da transparência líqüida e do verniz luminoso que sobre ela derramava a sua sombrinha, a Sra. Swann era saudada pelos últimos cavaleiros atrasados, como que filmados a galope sobre o ensolaramento branco da avenida, homens de estirpe; cujos nomes, célebres para o público - Antoine de Castellane, Adalbert Montmorency, e tantos outros eram para a Sra. Swann nomes familiares de amigos. E, como a duração média da vida -a longevidade relativa- é muito maior quanto às lembranças das sensações poéticas do que relativamente aos desgostos dolorosos, tanto tempo depois de se terem apagado as mágoas que então sentia por causa de Gilberte, sobreviveu-lhes o prazer que experimento, todas as vezes que desejo ler, numa espécie de quadrante solar, os minutos que decorrem entre quinze e uma hora, no mês de maio, ao

SEGUNDA PARTE

Nomes de Lugares: o Lugar

Quando, dois anos mais tarde, chegara a uma quase total indiferença por Gilberte, parti com minha avó para Balbec. Quando experimentava o encantamento de um rosto novo, quando era com o auxílio de outra moça que esperava conhecer as catedrais góticas, os palácios e jardins da Itália, dizia comigo tristemente que o nosso amor, na medida em que significa o amor de uma determinada criatura, talvez não seja algo muito real, pois se associações de fantasias agradáveis ou dolorosas podem uni-lo por algum tempo a uma mulher até nos fazer imaginar que foi inspirado por ela de um modo necessário, em compensação, se nos libertamos voluntariamente, ou contra a vontade, dessas associações, este amor, como se pelo contrário fosse espontâneo e surgisse apenas de nós, renascesse para se doar a outra mulher. No entanto, no momento daquela partida para Balbec e durante os primeiros tempos de minha estada, minha indiferença ainda era apenas intermitente. Muitas vezes (visto que nossa vida é muito pouco cronológica, tantos anacronismos interferindo na seqüência dos dias), eu estava vivendo naqueles dias em que amava Gilberte, anteriores à véspera ou à antevéspera. Então, não vê-la mais era-me de súbito muito doloroso, como o fora naquele tempo. O eu que a havia amado, já quase inteiramente substituído por um outro, ressurgia, e era-me restituído com mais freqüência por algo fútil do que por uma coisa importante. Por exemplo, para antecipar a minha estada na Normandia, ouvi em Balbec um desconhecido, com quem cruzara no molhe, dizer:

-A família do diretor do ministério dos Correios...

Ora (como não sabia então a influência que essa família iria ter na minha vida), essa frase deveria me parecer ociosa, porém me causou um vivo sofrimento, o sofrimento que em mim sentia um eu, abolido em grande parte há muito tempo, por estar separado de Gilberte. É que jamais voltara a pensar numa conversa que Gilberte tivera com o pai na minha presença, relativamente à família do "diretor do ministério dos Correios". Ora, as recordações de amor não fazem exceção às leis gerais da memória, elas próprias regidas pelas leis mais gerais do hábito. Como este enfraquece tudo, o que nos recorda melhor uma criatura é justamente o que tínhamos esquecido, porque era insignificante e assim lhe havíamos deixado toda sua força. Porque a melhor parte de nossa memória está fora de nós, numa brisa chuvosa, num cheiro de quarto fechado, ou no odor de uma primeira labareda, em toda parte encontramos de nós mesmos o que nossa inteligência rejeitara, por julgá-lo a última reserva do passado, a melhor, aquela que, quando todas as nossas lágrimas parecem ter secado, sabe nos fazer chorar ainda. Fora de nós? Erre para melhor dizer, mas escondida a nossos próprios olhares, num esquecimento mais ou menos prolongado. É somente graças a tal

esquecimento que pode de vez em quando, reencontrar o ser que já fomos, colocar-nos face a face àquela como o era essa criatura, sofrer de novo, porque não somos mais nós mas ele, e é quem amava a pessoa que agora nos é indiferente. Em plena luz da mente habitual, as imagens do passado empalidecem aos poucos, vão se apagando, resta mais nada delas, não as encontraremos nunca mais. Ou melhor, não as traremos mais se algumas palavras (como "diretor do ministério dos Correios) não tivessem sido cuidadosamente trancadas no ouvido, assim como se na Biblioteca Nacional o exemplar de um livro que, sem isso, se arriscaria não encontrá-lo.

Porém tal sofrimento e tal rebrotar do amor por Gilberte não foram longos que os que são sonhados, e desta vez ao contrário porque, em Balbec; hábito antigo já não estava ali para fazê-los durar. E, se tais efeitos dó parecem contraditórios, é que ele obedece a leis múltiplas. Em Paris, eu estava cada vez mais indiferente a Gilberte, graças ao hábito. A mudança de hábito, é, a momentânea cessação do Hábito, rematou a obra do Hábito quando parti! Balbec. Ele se enfraquece mas se estabiliza, traz a desagregação porém indefinidamente. Cada dia, desde muitos anos, eu vinha decalcando, bem o meu estado de alma sobre o da véspera. Em Balbec, uma cama nova com cabeceira me traziam todas as manhãs um desjejum bem diverso do de Paris. Devia mais alimentar os pensamentos de que se havia nutrido o meu amor por Gilberte; existem casos (é verdade que muito raros) em que o sedentarismo banaliza os dias, e o melhor modo de ganhar tempo é mudar de local. Minha vida em Balbec foi como a primeira saída de um convalescente que só espera por perceber que está curado.

Sem dúvida, esta viagem a faríamos hoje de automóvel, achando que desse modo, se tornaria mais agradável. Ver-se-á que, realizada assim, seria mais verdadeira em certo sentido, visto que seguiríamos mais de perto, numa intimidade mais estreita, as diversas gradações pelas quais se muda a superfície dá enfim o prazer específico da viagem não está em poder pôr-se a caminho é quando nos sentimos cansados; é tornar a diferença entre a partida e a chegada tão insensível mas tão profunda quanto possível, em senti-la na sua rota intacta, bem como era no nosso pensamento quando nossa imaginação do lugar em que vivíamos até o âmago do lugar desejado, num salto, parecia menos miraculoso por franquear uma distância do que por unir as dualidades distintas da terra, levando-nos de um para outro nome, e que esquece (melhor que um passeio, onde não existe mais chegada, pois a gente vai onde quiser) a misteriosa operação que se cumpria nesses lugares as estações, que, por assim dizer, não fazem parte da cidade mas contêm a essência de sua personalidade, do mesmo modo que lhe mostram o nome numa tabuleta indicadora.

Mas o nosso tempo, em todas as coisas, tem a mania de só querer mostrar aquilo de que se cerca na realidade, e, assim, suprimir o essencial, o ato do espírito que

as isolou dessa realidade. "Apresenta-se" um quadro no meio de móveis, de bibelôs, de tapeçarias da mesma época, cenário insípido que a dona-de-casa mais ignorante se esmera em armar, até à véspera, nos hotéis de hoje, passando agora seus dias nos arquivos e bibliotecas, cenário em meio ao qual a obra-prima que se contempla durante o jantar não provoca a mesma alegria embriagadora que só se lhe deve exigir numa sala de museu, a qual simboliza melhor, com sua nudez e seu despojamento de todas as particularidades, os espaços interiores em que o artista se abstraiu para criar.

Infelizmente, esses lugares maravilhosos de onde a gente parte para um destino longínquo, são igualmente lugares trágicos, pois, se ali se cumpre o milagre em virtude do qual os lugares que ainda não tinham existência senão em nosso pensamento passarão a ser aqueles em que iremos viver, por essa mesma razão é necessário renunciar, ao deixar a sala de espera, a reencontrar logo o quarto familiar onde estávamos há pouco. É preciso perder toda a esperança de voltar a dormir em casa, uma vez que decidimos penetrar no antro emprestado por onde se tem acesso ao mistério, num desses grandes estúdios envidraçados, como o de Saint-Lazare, onde eu fui procurar o trem para Balbec, e que estendia acima da cidade desventurada um desses imensos céus crús e cheios de amontoadas ameaças de drama, semelhantes a certos céus, de uma modernidade quase parisiense, de Mantegna ou de Veronese, e sob os quais só se podia cumprir algum ato solene e terrível como uma partida em trem de ferro ou a ereção da Cruz.

Enquanto me contentara em avistar, do fundo da minha cama em Paris, a igreja persa de Balbec em meio aos flocos de neve da tempestade, meu corpo não fizera qualquer objeção a essa viagem. As objeções começaram apenas quando compreendera que estava de partida e que, na noite da chegada, me conduziriam ao "meu" quarto, que lhe seria desconhecido. Sua revolta foi tão mais profunda quando, na própria véspera da partida, eu soubera que minha mãe não nos acompanharia, pois meu pai, retido no ministério até o momento em que partiria para a Espanha com o Sr. de Norpois, tinha preferido alugar uma casa nos arredores de Paris. Aliás, a contemplação de Balbec não me parecia menos desejável por ter de comprá-la ao preço de um mal-estar; o qual, pelo contrário, me parecia representar e garantir a realidade da impressão que ia procurar, impressão que nenhum espetáculo equivalente teria substituído, nenhum "panorama" que eu pudesse ir ver sem por isso ser impedido até de voltar para dormir em minha cama. Não era a primeira vez que percebia que as pessoas que amam não são as mesmas que desfrutam dos prazeres. Julgava desejar tão profundamente Balbec que o médico espantando-se com meu ar infeliz na manhã da partida, disse:

-Garanto-lhe que se tivesse a oportunidade de ter apenas oito dias para ir tomar

ar fresco num mar, não me faria de rogado. Você há de ver as corridas, as regatas; será ótimo.

Eu já sabia, e bem antes de ter ouvido a Berma, que, fosse qual fosse o obtido de meu amor, sempre a encontraria ao cabo de uma penosa busca, durante a qual preciso sacrificar o meu prazer a esse bem supremo, em vez de nele achar o prazer.

Minha avó, naturalmente, concebia nossa partida de modo um tanto diverso. Sempre desejosa, como antigamente, de emprestar aos presentes algo que me dava um caráter artístico, quisera, a fim de me ofertar dessa viagem, a "sensação" um tanto antiga, que seguíssemos o caminho metade por trem e outra de carro, o trajeto que a Sra. de Sévigné percorrera de Paris a "Lorient", passava por Chaulnes e pelo "Pont-Audemer". Porém minha avó fora obrigada a renunciar esse projeto, devido à proibição de meu pai, que sabia que, quando minha avó organizava uma viagem, com o objetivo de tirar dela o maior proveito possível, era inacreditável o que se podia prever de trens perdidos, malas e das dores de garganta e infrações de regulamentos. Mas, ao menos, tinha prazer de pensar que nunca, quando estivéssemos na praia, estaríamos expostos a ser surpreendidos por quaisquer das que a sua querida Sévigné denominava "Ia de carruagem", já que não conheceríamos ninguém em Balbec, pois Legrandin não dera um cartão de visitas para a sua irmã. (Abstenção que não fora apreciada da mesma maneira por minhas tias Céline e Victoire, que tinham conhecido quando era moça, aquela a quem só chamavam até então de Renée de Camb para marcar a sua intimidade de antes, e ainda conservavam presentes seus, que ornamentam um quarto e uma conversa, mas aos quais a realidade de hoje não corresponde; julgavam se vingar da afronta que nos fizeram evitando pronunciar, na casa da Sra. Legrandin mãe, o nome da filha, e, à saída, se limita felicitar-se com frases como: "Não fiz alusões ao que sabes" e "Creio que compreenderam.")

Portanto, partiríamos simplesmente de Paris naquele trem de uma e vinte e dois minutos, que já me parecia conhecido, de tanto o haver procurado um indicador das estradas de ferro, onde sempre me inspirava a emoção e bem-aventurada ilusão da partida. Como a determinação dos aspectos feitos em nossa imaginação, consiste antes na identidade dos desejos do que na precisão das informações que temos a seu respeito, julgava eu com todos os detalhes aquele prazer de viagem e não duvidava que experimentaria no vagão um prazer especial quando começasse a entardecer, e que contando tal efeito de luz ao se aproximar uma certa estação; de modo que revelando sempre em mim as imagens das mesmas cidades que eu desenvolvi. Daquelas horas da tarde que ele atravessa, parecia-me diferente de todos os outros trens; e eu acabava por dar, como ocorre muitas vezes quanto a uma pessoa que nunca vimos mas cuja

amizade nos apraz imaginar que conquistamos, uma fisionomia particular e imutável a esse viajante artista e louro que me levaria pelo seu caminho, por acaso teria dado adeus junto à catedral de Saint-Cloud, antes que ele se afastasse na direção do ocaso.

Como a minha avó não podia se resolvera ir assim "idiotamente" a Balbec, pararíamos por 24 horas na casa de uma de suas amigas, de onde eu voltaria a seguir viagem na mesma noite para não incomodar e também de modo a ver no dia seguinte a igreja de Balbec, pois tínhamos sabido que ficava muito longe de Balbec-Plage, e talvez não fosse possível ir até lá depois de ter principiado o meu tratamento de banhos. Talvez me fosse menos penoso sentir que o objetivo admirável de minha viagem estava situado antes da cruel primeira noite em que entraria numa nova morada e teria de me resignar a ficar ali. Mas primeiro era necessário deixar a antiga; minha mãe resolvera instalar-se naquele mesmo dia em Saint-Cloud, e tinha tomado, ou fingira que tomara, todas as disposições necessárias para ir diretamente a Saint-Cloud depois de nos haver deixado na estação, sem ter de passar de novo em casa, pois temia que eu, em vez de partir para Balbec, quisesse voltar com ela. E, pretextando ter muito que fazer na casa que acabara de alugar e de ter pouco tempo, mas na verdade para me poupar a crueldade dessa despedida, decidira não estar conosco-até a partida do trem, quando, dissimulada até então nos vaivéns e nos preparativos que a nada levam em definitivo, aparece bruscamente uma separação impossível de suportar, ainda que já não seja possível de evitar, inteiramente concentrada num imenso instante de lucidez impotente e suprema.

Pela primeira vez sentia ser possível que minha mãe vivesse sem mim, dedicada a outra coisa, com outra vida diferente. Ia ficar com meu pai, cuja vida talvez achasse que eu complicava e entristecia com minha saúde precária e meu nervosismo. E essa separação ainda mais me desesperava porque pensava que provavelmente fosse para minha mãe o fim das sucessivas decepções que lhe causara, que ela soubera calar, e que lhe fizeram compreender a dificuldade de férias comuns; e talvez também a primeira tentativa de uma existência à qual começara a se resignar para o futuro, à medida que os anos passavam para meu pai e para ela, existência em que a veria muito menos, na qual, o que nem nos meus pesadelos me ocorria, ela seria uma pessoa um pouco estranha para mim, como uma senhora que a gente vê entrar sozinha numa casa onde eu não estaria, perguntando ao porteiro se não havia cartas minhas.

Mal pude responder ao empregado que quis segurar minha mala. Minha mãe tentava me consolar com os meios que lhe pareciam mais eficazes. Achava que fingir não ver minha mágoa, dela troçava com carinho:

- Ora, vamos; que diria a igreja de Balbec se soubesse que é com aspecto de infeliz que te preparas para ir vê-la? É este o viajante extasiado de Ruskin? Aliás,

hei de saber se estiveste à altura das circunstâncias; eu mesma ainda estarei com o meu filhinho. Amanhã mesmo receberás uma carta da minha filha - disse minha avó -, vejo-te como a Sra. de Sévigné: carta diante dos olhos que não nos deixando um só instante.

Mamãe procurava distrair-me; perguntava o que iria encomendar para jantar, admirava Françoise e cumprimentava-a pelo chapéu e pela capa a qual reconhecia, embora antigamente lhe tivessem causado horror quando os vira igualzinhos, usados por minha tia-avó, o chapéu encimado por um pássaro, capa ornamentada de azeviche e desenhos horrendos. Mas como a capa bem gasta, Françoise mandara virá-la pelo avesso, ela exibia agora um tecido de bela cor. Quanto ao pássaro, havia muito tempo que se quebrara e fora posto de lado. E, do mesmo modo que às vezes é desconcertante encontrar refinamento que os artistas mais conscientes se esforçam por obter, em alguma canção *pop* ou na fachada de uma casa de campo, que faz desabrochar acima da porta uma flor branca ou cor de enxofre, justamente no ponto em que devia estar assim Françoise com gosto infalível e ingênuo, soubera colocar naquele chapéu, agora delicada, laçada de veludo e o laçarote de fitas que teriam encantado num quadro de Cheu ou de Whistler.

Para remontar a um tempo mais antigo, a modéstia e a honestidade; muitas vezes conferiam nobreza ao rosto da nossa velha criada, haviam alcançado os vestidos que, como mulher reservada; mas sem baixeza, que "manter seu nível e conhecer seu lugar", ela voltara a pôr para a viagem, a fim de se manter digna de ser vista conosco sem dar a impressão de querer se colocar evidência.

Assim, com o pano cor de cereja, mas fanado, de sua capa e os botões sem rudeza do seu casaco de pele, fazia pensar num desses retratos de *Artita Bretanha* pintados nos *Livros de Horas* por um velho mestre, e nos quais tudo põe tão bem no seu posto, o sentimento do conjunto é tão igualmente difundido em todas as partes, que a singularidade rica e desusada do vestuário expõe a mesma gravidade piedosa dos olhos, dos lábios e das mãos. Não se poderia falar de pensamento a propósito de Françoise. Ela não conhecia nada, naquele sentido total em que não saber nada equivale a nada compreender, a não ser as raras verdades que o coração é capaz de entender diretamente. O mundo imenso das idéias não existia para ela. Mas, diante da claridade do olhar, das linhas delicadas do nariz, dos lábios, diante de todos esses testemunhos ausentes em muitas dessas pessoas cultas, nas quais teriam significado a direção suprema, o nobre desinteresse de uma alma de elite, a gente se sentia desconcertado como diante do olhar inteligente e bondoso de um cão, ao qual, no entanto, sabemos serem estranhos todos os conceitos dos homens, e poder-se-ia perguntar se não há entre esses outros irmãos humildes, os camponeses, criaturas que sejam como os homens superiores da sociedade dos simples de espírito, ou melhor, os que,

condenados, por um destino injusto, a viver entre esses simples de espírito, privados de luz; no entanto mais natural e essencialmente aparentados às naturezas de elite do que a maioria das pessoas instruídas, são como que membros dispersos, extraviados, privados de razão, da família sagrada, parentes, que não saíram da infância, das mais altas inteligências, e a quem faltou, para terem talento, unicamente o saber-como se percebe, sem erro, na claridade de seu olhar que, todavia, não se aplica a nada.

Minha mãe, vendo que eu mal continha as lágrimas, dizia:

"Régulo tinha o costume, nas grandes ocasiões... E depois, não é bonito fazer assim para a mamãe." Citemos a Sra. de Sévigné, como a tua avó: "Vou ser obrigada a empregar toda a coragem que tu não tens."

Lembrando-se que o afeto por outrem desvia as dores egoístas, tentava me animar dizendo que sua viagem a Saint-Cloud seria tranqüila, que estava contente com o fiacre que reservara, que o cocheiro era muito bem educado e o carro confortável. Eu me esforçava por sorrir a tais pormenores e inclinava a cabeça em sinal de aquiescência e satisfação. Mas isto só servia para me representar com mais veracidade a partida de mamãe, e foi com o coração apertado que a encarei como se ela já estivesse separada de mim, sob aquele chapéu de palha redondo que comprara para usar na roça, com o vestido leve que pusera devido ao longo percurso em dia muito quente, e que a transformavam em outra, já pertencente àquela Vila de Montretout, onde não a veria.

Para evitar as crises de sufocação que a viagem me daria, o médico recomendara que tomasse um pouco de cerveja ou de conhaque no momento de partir, a fim de me pôr nesse estado que denominava "euforia", em que o sistema nervoso fica momentaneamente menos vulnerável. Ainda não estava certo se o faria ou não, mas queria pelo menos que minha avó reconhecesse, no caso de me decidir a fazê-lo, que eu procedia com sensatez e por motivo justo. Assim, falei nisso a minha avó como se minha hesitação se limitasse ao local em que haveria de beber álcool no refeitório da estação ou no vagão-restaurante. Porém logo, diante do ar de censura da fisionomia de minha avó, do seu desejo de nem querer ouvir falar naquilo:

-Como! -exclamei, decidindo-me de súbito a beber, coisa agora necessária para provar minha liberdade, visto que seu simples anúncio verbal não pudera passar sem protesto. - Como! Sabe muito bem que estou doente, sabe o que o médico me disse e é este o conselho que me dá!

Quando expliquei meu mal-estar à minha avó, ela assumiu um ar tão contristado, tão bondoso, ao responder:

- Mas então vai tomar logo essa cerveja, ou o conhaque, se é que isto vai te fazer bem.- Lancei-me nos seus braços e a cobri de beijos. E, se por fim fui beber no

bar do trem, era por sentir que sem aquilo teria um acesso muito forte de sufocação, o que magoaria muito mais a minha avó.

Quando, na primeira estação, subi para o nosso compartimento, disse-lhe que estava muito feliz por ir a Balbec, que sentia que tudo correria bem, que me habituaria depressa a estar longe de mamãe, que aquele trem era agradável; que o gerente do bar e os demais empregados eram muito simpáticos, de tal modo desejaria viajar mais seguidamente para poder revê-los. Entretanto, essas notícias pareciam inspirar a minha avó o mesmo regozijo que a mim. Evitando me disse:

-Talvez fosse melhor que cuidasses de dormir um pouco - e desviou para a janela; tínhamos baixado a cortina que no entanto, não cobria todo o vidro de forma que o sol se insinuava pela madeira envernizada da portinhola batendo sobre o estofado dos assentos a mesma luz morna e dormente que cochilava clareiras lá fora, claridade que era como um anúncio da vida em plena. Naturalmente muito mais convincente que as paisagens dos cartazes colocadas nos altos compartimentos e cujos nomes, por esse motivo, eu não conseguia ler.

Mas, quando minha avó pensava que eu mantinha os olhos fechados a via por momentos, por baixo de seu véu de grandes pintas pretas, lançar olhar; depois afastá-lo, e depois voltar a olhar-me, como alguém que propõe esforçar por habituar-se a um exercício que lhe é penoso. Então eu lhe falava, mas isso parecia não lhe agradar muito. No entanto, minha própria voz me dava muito prazer, assim como os movimentos mais invisíveis e internos do meu corpo. Portanto, tentava fazê-los durar, deixava cada uma de minhas inflexões prolongar-se por muito tempo nas palavras, sentia que - um de meus olhares se encontrava muito bem onde quer que pousasse e aí permanecesse mais tempo que de costume.

-Vamos, descansa - disse a minha avó. não podes dormir, lê alguma coisa. - E me passou um volume da Sra. de Sévigné que abri, enquanto ela se absorvia nas Memórias da Sra. de Beausergent. Ela viajava sem um tomo de uma ou de outra. Eram suas duas escritoras escritoras prediletas.

Sem mexer muito a cabeça naquele instante e experimentando grande prazer em manter uma dada posição, fiquei segurando o livro da Sra. de Sévigné sem abaixar o olhar para vê-lo, pois os olhos só tinham à sua frente o azul da janela. Mas parecia-me admirável contemplar esse cortinado, e nem me incomodaria em responder a quem quisesse me tirar daquela contemplação da cor azul do cortinado, talvez não por sua beleza e sim pela vivacidade que parecia eliminar a tal ponto todas as cores que tivera diante de meus olhos; do dia em que nascera até o momento em que acabara de engolir a bebida a qual começava a fazer efeito, que, em comparação com aquele azul, todos os coloridos eram para mim

tão baços, tão inúteis como o pode ser, retrospectivamente, a escuridão para os cegos de nascença que são operados tardiamente afinal as cores. Um velho empregado da estrada de ferro veio pedir nossas passagens. Os reflexos prateados dos botões de metal de sua túnica não deixaram encantar. Desejei lhe pedir que sentasse ao nosso lado, mas ele passou para outro vagão, e fiquei pensando com nostalgia na vida dos ferroviários que, passando o tempo todo nas estradas de ferro, sem dúvida não deixariam de ver um só dia aquele velho fiscal. O prazer que eu sentia em ver o cortinado azul e em perceber que minha boca estava entreaberta começou por fim a diminuir. Quis mover-me e me agitei um pouco; abri o livro que minha avó me estendera e pude fixar a atenção nas páginas escolhidas ao acaso. Enquanto lia, senti crescer minha admiração pela Sra. de Sévigné. Cumpre não nos deixarmos enganar pelas particularidades puramente formais, referentes a uma época e à vida social de então, e que levam muitas pessoas a julgar que já fizeram o seu pouco de Sévigné quando dizem:

"Dê-me suas ordens, querida" ou "Esse conde me pareceu possuir um pouco de espírito" ou "A coisa mais bonita do mundo é pôr o feno para secar." Já a Sra. de Simiane pensava que se parecia com a avó, Sra. de Sévigné, por ter escrito: "O Sr. de Ia Boulie vai às maravilhas, senhor, e pode perfeitamente ouvir a notícia da própria morte", ou: "Oh! meu caro marquês, como me agradou a sua carta! Como farei para respondê-la", ou ainda: "Senhor, parece que me deve uma resposta e eu, caixas de tangerinas. Envio oito, outras irão depois... A terra nunca deu tanta tangerina. Aparentemente, é para lhe agradar."

No mesmo estilo escreve cartas sobre a sangria, os limões, etc., imaginando que são cartas da Sra. de Sévigné. Porém minha avó, que chegara até estar por dentro, pelo amor aos seus, à natureza, ensinara-me a estimar suas verdadeiras belezas, que são bem diversas das outras. Deviam impressionar-me bastante, tanto mais que a Sra. de Sévigné é uma grande artista, da mesma família de um pintor que eu iria conhecer em Balbec e que teve uma influência tão profunda sobre minha visão das coisas, Elstir. Em Balbec, percebi que a Sévigné nos apresenta as coisas da mesma maneira que o pintor, ou seja, de acordo com nossas percepções, em vez de as explicar primeiro por sua causa. Mas já naquela tarde, no vagão, relendo a carta em que aparece o luar: "Não pude resistir à tentação, botei todas as minhas toucas e casacões que não eram necessários, fui para aquele passeio público onde o ar é bom como o do meu quarto; encontrei mil quimeras, monges brancos e negros; várias religiosas cinzentas e brancas; roupa branca atirada aqui e ali; homens amortalhados de pé contra árvores etc.", fiquei deslumbrado com o que teria chamado, um pouco mais tarde (pois ela não pinta as paisagens da mesma maneira que ele os caracteres?), o lado Dostoievski das Cartas da Sra. de Sévigné.

Quando à tardinha, depois de ter levado minha avó e ficar durante algumas horas na casa de sua amiga, voltei sozinho para o trem, pelo menos não achei penosa a noite que caía; é que não tinha de passá-la na prisão de um quarto cuja própria sonolência me manteria acordado; estava rodeado pela atividade calmante de todos os movimentos do trem, que me faziam companhia, se ofereciam para conversar comigo se não tivesse sono, me acalentavam com seus rumores que eu harmonizava como o som dos sinos de Combray, ora a um ritmo, ora (ouvindo, conforme a minha fantasia, primeiro quatro duplas concheias; logo uma dupla concheia furiosamente precipitada contra uma semi-mínima); suavizavam a força centrífuga da minha insônia, sobre ela exercendo pressões com as quais me mantinham em equilíbrio e a minha imobilidade. Depois, do meu sono se sentiram sustentados com a mesma impressão de que me teria proporcionado o repouso, devido à vigilância de forças poderosas no seio da Natureza e da vida, se por um momento eu pudesse me encarnar num peixe que dorme no mar, ou pudesse passear em seu entorpecimento pelas correntes vagas, ou nalguma águia unicamente apoiada na tempestade.

As auroras são um acompanhamento das longas viagens de trem, os ovos cozidos, os jornais ilustrados, os jogos de cartas e os rios onde se esforçam sem avançar. Num momento em que eu enumerava os pensamentos, que me haviam enchido o espírito nos minutos precedentes, para verificar se inspirava ou não (e quando a própria incerteza que me inspirava a pergunta me foi uma resposta afirmativa), no quadrado da janela, acima de um bosquezinho nuvens recortadas cuja suave penugem era de um róseo parado, morto, que - mais haveria de mudar, como aquele que tinge as penas da asa que o assimilam o pastel sobre o qual o depositou a fantasia do pintor. Mas eu sentia ao contrário, essa cor não era inércia nem capricho, e sim necessidade e vida. Em breve amontoaram, por detrás dela, reservas de luz. Ela se avivou, o céu tornou-se um encarnado que eu, colando os olhos no vidro, procurava perceber melhor, sentia-o relacionado com a profunda existência da Natureza; mas a linha férrea mudou de direção, o trem fez uma volta, o cenário matinal foi substituído no vidro da janela por uma aldeia noturna de telhados azuis de luar, com um, manchado pelo nácar opalino da noite, sob um céu ainda semeado de todas as suas estrelas, e eu me desolava por haver perdido a faixa de céu róseo que percebi de novo, porém rubra dessa vez, na janela do outro lado, que acabava a um segundo cotovelo da linha férrea; de modo que eu passava o tempo de uma janela a outra, para aproximar, enquadrar os fragmentos intermitentes de minha bela manhã escarlate e inconstante dela ter uma visão total, quadro contínuo. A paisagem se tornou acidentada, abrupta; o trem parou numa fresta entre duas montanhas. Ao fundo da garganta, à beira da corrente, só se via casa de guarda mergulhada na água que corria por baixo das janelas. E, se é possível que determinada terra produza uma criatura em que se possa desfrutar o particular encanto, mais ainda que a camponesa que eu tanto

desejara que aparecesse quando vagueava sozinho para os lados de Méséglise, nos bosques Roussainville, essa devia ser aquela moça alta que vi sair da casa e dirigir-se à estação, pelo caminho estreito que o sol nascente iluminava, oblíquo, levando um jarro de leite. No vale, que as alturas das vizinhas escondiam ao resto do mundo, a moça não devia ver outras pessoas senão as que vinham nos trens, que paravam por um instante. Andou ao longo dos vagões, oferecendo café com leite a alguns viajantes acordados. Colorido pelos reflexos da manhã, seu rosto era mais róseo que o céu. Diante dela, senti esse desejo de viver que renasce em nós cada vez que tomamos consciência, de novo, da beleza e da feli*d

verdade é que ela o devolvia ao ambiente. A vida teria me parecido deliciosa se eu pudesse apenas, horas seguidas, passá-las em sua companhia, acompanhá-la até a torrente, até a vaca, até o trem, estar sempre a seu lado sentir-me conhecido dela, tendo meu lugar em seu pensamento. Ela teria me iniciado nos encantos da vida rústica e das primeiras horas do dia. Fiz-lhe sim, que me servisse café com leite. Precisava ser notado por ela. Não me viu, acima de seu corpo muito grande, a pele do rosto era tão dourada e rósea dava a impressão de ser vista através de um vitral iluminado. Ela voltou não podia desviar os olhos do seu rosto cada vez maior, semelhante a um sol fosse possível encarar e que se aproximaria até chegar bem junto; deixando-se observar bem de perto, ofuscando-nos de ouro e de vermelho; em mim o olhar agudo, mas, como os empregados fechavam as portinholas o trem se pôs em marcha; vi-a deixar a estação e retomar o atalho, o dia já estava claro agora: eu me afastava da aurora. Que minha exaltação tenha sido provocada por aquela moça, ou, ao contrário, se foi a principal razão do prazer que senti me achar perto dela, não sei. Em todo caso, estava tão mesclada a ela que o desejo de revê-la era antes de tudo o desejo moral de não deixar que esse estado de excitação morresse de todo, e de não me separar para sempre da criatura que dela tomara parte, mesmo sem o saber. E não era apenas porque tal fosse agradável. Era sobretudo porque (como a máxima tensão de uma corda a mais rápida vibração de um nervo produz uma sonoridade ou uma cor que dava uma outra tonalidade ao que eu via, introduzia-me, como ator, em um único desconhecido e infinitamente mais interessante; essa bela moça que ainda conseguia avistar, enquanto o trem acelerava a sua marcha, era como uma parte da vida diferente da que eu conhecia, dela separada por uma orla e onde as sensações despertadas pelos objetos já não eram as mesmas; de onde sair agora seria o morrer para mim mesmo. Para ter a doçura de me sentir ao menos ligado à vida, bastaria que morasse bem próximo à pequena estação para poder vir todos os dias pedir café com leite àquela camponesa. Mas infelizmente ela estaria ausente da outra vida para a qual eu ia cada vez mais depressa, e que só me restava aceitar, combinando os planos que me permitiriam um dia retomar esse momento no trem e de parar naquela mesma estação, projeto que também tinha de fornecer alimento à disposição interessada, ativa, prática, maquinal, prega centrífuga, que é a do nosso espírito, pois facilmente ele se desvia do necessário para aprofundar em si mesmo, de um modo geral e desinteressante uma impressão agradável que tenhamos tido. Como, por outro lado, quer continuar a pensar nessa impressão, o espírito prefere imaginá-lo no futuro, para habilmente as circunstâncias que poderão fazê-la renascer, o que não nos conta coisa alguma sobre sua essência, porém nos evita o cansaço de recriá-la, permitindo-nos esperar recebê-la novamente de fora.

Certos nomes de cidades, Vézelay ou Chartres, Bourges ou Beau vem para

designar, por abreviatura, sua igreja principal. Essa designação que o tomamos com freqüência acaba se se tratar de lugares que ainda não conhecemos-por esculpir o nome completo, que desde então, quando incluir-lhe a idéia da cidade; a cidade que nunca vimos-há de lhe impor, como um molde-a mesma cinzelagem, o mesmo estilo, transformando-a numa espécie de grande catedral. Entretanto, foi numa estação de trem, acima de um *bufete,* em letras brancas sobre um cartaz azul, que li o nome, quase de estilo persa, de Balbec. Atravessei com rapidez a estação e o bulevar que ali terminava, e perguntei pela praia, para só ver a igreja e o mar; não pareceram compreender o que dissera. Balbec-le-Vieux, Balbec-en-Terre, onde me encontrava, não era praia nem porto. Certamente, fora mesmo no mar que os pescadores, de acordo com a *lenda*, haviam encontrado o Cristo milagroso, de que um vitral daquela igreja, que se achava a alguns metros de mim, contava a descoberta; era mesmo das falésias batidas pelas ondas que fora tirada a pedra da nave e das torres. Mas esse mar, que por isso mesmo eu pensava viesse morrer ao pé do vitral, estava a mais de cinco léguas de distância, em Balbec-Plage; ao lado de sua cúpula, aquele campanário que, por haver lido que ele próprio fora uma rude falésia normanda onde se ajuntavam os grãos e revoluteavam os pássaros, sempre imaginara como recebendo em sua base a última espuma das vagas revoltas erguia-se numa praça onde ocorria o cruzamento de duas linhas de bondes, diante de um café que ostentava, em letras de ouro, a palavra "Bilhar"; destacava-se sobre um fundo de casas a cujos telhados não se misturava nenhum mastro. E a igreja entrando na minha atenção junto com o café, com o transeunte a quem tivera de perguntar o caminho, com a estação para onde eu iria voltar-formava um todo com o resto, parecia um acidente, um produto daquele fim de tarde, na qual a cúpula suave e altiva contra o céu era como um fruto cuja pele rósea, dourada e tenra fosse amadurecida pela mesma luz que banhava as chaminés das casas. Mas não quis mais pensar em nada senão no significado eterno das esculturas quando reconheci os Apóstolos cujas estátuas moldadas vira no museu do Trocadéro e que, dos dois lados da Virgem, diante da abertura profunda do pórtico, esperavam-me como para me prestar honras. O rosto benevolente e suave, o nariz achatado, o dorso curvo, pareciam avançar com um aspecto de boas-vindas, cantando a *Alleluia* de um belo dia. Mas a gente verificava que sua expressão era imutável como a de um morto e só se modificava se andássemos a seu redor. Dizia comigo:

"É aqui, é esta a igreja de Balbec. Esta praça que parece conhecer a sua glória é o único lugar do mundo que possui a igreja de Balbec. O que vi até agora eram fotos dessa igreja, e destes Apóstolos, desta Virgem do pórtico, tão célebres, apenas as moldagens. Agora é a própria igreja, a própria estátua, são elas; elas, as únicas, e isto é muito mais."

E talvez também fosse menos. Como um rapaz, num dia de exame ou de duelo, acha o fato sobre o qual o interrogaram, a bala que ele disparou, bem pouca coisa quando pensa nas reservas de ciência e de coragem que possui e das quais gostaria de dar provas, assim também o meu espírito, que elevara a Virgem do pórtico fora das reproduções que tivera diante dos olhos, inacessível às vicissitudes que poderiam ameaçar aquelas, intacta se as destruíssem, ideal, de um universal, espantava-se ao ver a estátua que mil vezes esculpira, reduzida sua própria aparência de pedra, ocupando em relação ao alcance do meu braço, posto onde tinha por rivais um cartaz eleitoral e a ponta da minha bengala, à Praça, inseparável da saída da rua principal, não podendo fugir aos olhares e do escritório de ônibus, recebendo no rosto a metade do raio do sol poente breve, dentro de algumas horas, da claridade do lampião de que o escritor do Banco de Descontos recebia a outra metade, alcançada, ao mesmo tempo que a sucursal de um estabelecimento de crédito, pelo mofo das cozinhas da palavra submetida à tirania do particular a tal ponto que, se eu quisesse traçar, assinatura naquela pedra, seria ela, a Virgem ilustre que até então havia adotado uma existência geral e de uma beleza intangível, a Virgem de Balbec, a única (infelizmente, queria dizer ela só), que, sobre seu corpo manchado da mesma imagem que a das casas vizinhas, mostraria a todos os admiradores ali chegado contemplá-la, sem poder desfazê-las, as letras do meu nome e as marcas do pedaço de giz; e era ela, enfim, a obra de arte imortal e desejada por tanto tempo, que eu encontrava transformada, bem como a própria igreja, em uma pequena igreja de pedra de que eu podia medir a altura e contar as rugas. As horas passaram era preciso voltar para a estação, onde devia esperar minha avó e Françoise para irmos juntos à praia de Balbec. Recordava o que havia lido sobre Balbec, e as falas de Swann:

"É delicioso, tão lindo como Siena."

E só acusando de minha descrição as contingências, a má disposição em que me encontrava, o cansaço, a incerteza de saber olhar as coisas, tentava consolar-me à idéia de que restavam outras cidades, ainda intactas para mim, e que eu talvez pudesse em breve como no meio de uma chuva de pérolas, no viçoso gorjeio das gotas W Quimperlé, atravessar o reflexo esverdeado e róseo que banhava Pont-à-Coulevre no caso de Balbec, logo que ali entrara, fora como se houvesse entreaberto o nome que era necessário manter hermeticamente fechado e onde, aproveitavam a entrada que eu lhes havia aberto com imprudência, e expulsando todas as coisas que ali viviam até então; um bonde, um café, as pessoas que passavam pela sucursal do Banco de Descontos, irresistivelmente impelidos por uma externa e uma força pneumática, tinham se engolfado no interior das síla voltando a se fechar sobre eles, deixavam-nos agora enquadrar o pórtico persa e nunca mais os deixariam de conter.

No trenzinho local, que devia nos levar a Balbec-Plage, encontrei minha avó, mas ela estava sozinha, pois havia pensado em mandar Françoise antes para que tudo estivesse preparado quando chegássemos (deu-lhe indicações falsas, e Françoise partira em direção errada, e àquela hora correndo a toda a velocidade para Nantes e talvez acordasse em Bordéis). Sentei no compartimento, repleto da fugidia luz do crepúsculo e do calor da tarde (a primeira revelou-me, no rosto de minha avó, o quanto o segundo a fatigara), ela me perguntou:

-E então, é Balbec? - com um sorriso tão ardentemente iluminado pela esperança do grande prazer que, na sua opinião, eu deveria ter sentido, que não me atrevi a lhe confessar de imediato a minha decepção. Além disso, a impressão que meu espírito havia procurado preocupava-me cada vez menos à medida que ia se aproximando o local a que o meu corpo teria de se acostumar. No fim do trajeto, que ainda levaria mais de uma hora, tentava imaginar o gerente do hotel de Balbec, para quem eu ainda não existia neste momento, e gostaria de me apresentar à ele numa companhia de mais prestígio do que a da minha avó, que certamente lhe pediria um abatimento. Imaginava-o cheio de arrogância, porém muito vago de contornos.

A todo instante, o trenzinho parava numa das estações que precediam Balbec-Plage e cujos próprios nomes (Incarville, Marcouville, Doville, Pont-à-Coulevre, Arambouville, Saint-Mars-le-Vieux, Hermonville, Maineville) me pareciam estranhos, ao passo que lidos em um livro apresentariam alguma relação com os nomes de certas localidades de Combray. Mas ao ouvido de um músico dois motivos, materialmente compostos de várias notas comuns, podem não ter semelhança alguma se diferirem pelo colorido da harmonia e da orquestração. Da mesma forma, esses nomes tristes feitos de sal e areia, de espaços arejados e vazios, nomes de onde se escapava a terminação *ville* como o *vole* no jogo do *pigeon-vole*, não me lembravam em nada os nomes de Roussainville ou Martinville, os quais, porque os ouvira pronunciados com freqüência por minha tia-avó, quando estávamos sentados à mesa na "sala", tinham adquirido um certo encanto sombrio, onde talvez se misturassem essências do gosto de doces, do cheiro do fogo de lenha e do papel de um livro de Bergotte, da cor de argila da casa em frente, e que, ainda hoje, quando sobem como uma bolha de gás do fundo da minha memória, conservam sua virtude específica através das camadas superpostas de meios diferentes que precisam vencer até chegar à superfície.

Dominando o mar longínquo do alto de suas dunas, ou já se acomodando para a noite ao pé das colinas de um verde cru e de formas abruptas, como o canapé de um quarto de hotel aonde a gente acaba de chegar, eram cidadezinhas compostas de algumas residências, que as quadras de tênis prolongavam, e às vezes de algum cassino, cuja bandeira se agitava ao impulso do vento fresco, ansioso e

vazio, de estaçõezinhas que me mostravam pela primeira vez os seus hóspedes de costume, mas só em seu aspecto exterior; jogadores de tênis de bonés brancos; o chefe da estação que vivia ali com suas rosas e tamarindos; uma dama de chapéu de palha, que, seguindo o traçado diário de uma vida que eu jamais conheceria, chamava o seu *cão lebréu* que se atrasava, e voltava para seu chalé onde já estava aceso o lampião -e essas imagens, tão estranhamente comuns e desdenhosamente familiares ao meu olhar, feriam-me cruelmente a vista surpreendida e o coração saudoso. Todavia, ainda mais se agravou meu sofrimento quando descemos no hotel *Grande Hotel de Balbec*, diante da escadaria monumental que imitava o mar e, enquanto isso, minha avó, sem se preocupar com o aumento da hostilidade e o desprezo dos estranhos, em cujo ambiente íamos viver, discutia as condições com o gerente. Sujeito rechonchudo, com o rosto e a voz cheios de cicatriz de rosto, pelas sucessivas extirpações de numerosas verrugas, a voz devido aos mais diferentes por causa das origens longínquas e de uma infância cosmopolita; trajando *smoking* de mundano, com um olhar de psicólogo que em geral tomava, à chegada do ônibus, os grão-senhores por miseráveis e os do hotel por grão-senhores! Esquecendo, sem dúvida, que ele mesmo ganhava quinhentos francos por mês, desprezava profundamente às pessoas das quais recebia quinhentos francos, ou antes, como dizia, "vinte e cinco luíses", eram uma grande soma, e as considerava como fazendo parte de uma raça de párias a quem era destinado o Grande Hotel. É verdade que, naquele mesmo Palácio, havia os que não pagavam muito caro, sem deixar de ser estimados pelo gerente, desde que este estivesse certo de que, se cortavam os gastos, não fazia por falta desses e, sim, por avareza. De fato, a avareza não diminuía em nada o prestígio da pessoa, pois trata-se de um vício e, portanto, pode encontrar-se em todas as classes sociais. A posição social era a única coisa a que o gerente dava atenção; a posição social, ou antes, os sinais que lhe pareciam implicar que fosse eleitos como o não tirar o chapéu à entrada do *hall*, usar *knickerbockers*, paletó sobretudo e de tirar um charuto enfaixado em púrpura e ouro de um estojo de marrom (vantagens que, ai de mim, me faltavam todas!). Pontuava as frases com expressões escolhidas, mas sem qualquer sentido.

Enquanto ouvia minha avó, sem se constranger que ele a escuta com chapéu na cabeça e assobiando, perguntar-lhe com uma entonação artificial "quais são os seus preços?", "muito altos para o meu pequeno orçamento" esperando numa banqueta, refugiava-me no mais íntimo de mim esforçava-me por emigrar para pensamentos eternos, não deixar nada de nada vivo, na superfície de meu corpo -, insensibilizado como o são antes que por inibição se fingem de mortos ao serem feridos – a fim de não sofrer naquele ambiente onde minha falta absoluta de hábito me tornava ainda sensível diante da vista do hábito local, que naquele momento parecia de dama elegante a quem o gerente testemunhava seu respeito

tornando-se íntimo com o cãozinho que o acompanhava, e o jovem que de pluma já entrava perguntando "se havia cartas", todas essas pessoas para as quais os degraus de mármore falso era o mesmo que voltar para o seu *honre*. E admirando por tempo o olhar de Minos, Eaco e Radamanto, olhar no qual mergulhei despovoado, como em um lugar desconhecido onde nada mais além de um pacote foi lançado severamente por senhores que, pouco versados talvez na arte de receber; ostentavam o título de "chefes de recepção"; mais distante, por trás de uma vidraça fechada, havia pessoas sentadas num salão de leitura, para cuja descrição teria de escolher, alternadamente, em Dante, as cores que ele atribui ao *Paraíso e ao Inferno*, conforme pensava na ventura dos eleitos que tinham ali o direito de ler em sossego, ou no terror que teria me causado minha avó se, na sua despreocupação com esse tipo de impressões, me tivesse mandado entrar naquele recinto.

Minha impressão de solidão cresceu ainda mais um instante após. Como houvesse confessado à minha avó que não me sentia bem, que achava que íamos ser obrigados a voltar a Paris, ela dissera, sem protestar, que sairia para fazer algumas compras úteis tanto se tivéssemos de partir como ficar (e que, a seguir, eu soube que me eram todas destinadas, pois Françoise levara consigo algumas coisas que me fariam falta); esperando-a, fora dar uma volta pelas ruas entulhadas de uma multidão que ali mantinha um calor de apartamento e onde ainda estavam abertos um salão de barbeiro e uma pastelaria, na qual os fregueses tomavam gelados diante da estátua de Duguay-Trouin. Ela me causou quase o mesmo prazer que sua imagem, no meio de uma revista ilustrada, pode trazer ao doente que a folheia na sala de espera de um cirurgião. Espantava-me que houvesse pessoas bem diferentes de mim para que, nesse passeio pela cidade, o gerente me pudesse tê-lo recomendado como distração, e também para que o local de suplício, que é uma nova morada, pudesse parecer a certas pessoas "um jardim de delícias", como dizia o prospecto do hotel, que podia estar exagerando mas se dirigia a toda uma clientela cujos gostos lisonjeava. É verdade que ele invocava, para que viessem ao Grande Hotel de Balbec, não apenas "o tratamento requintado" e o "panorama feérico dos jardins do cassino", mas ainda os "decretos de Sua Majestade a Moda, que não se pode violar impunemente sem se passar por um idiota, coisa a que nenhum homem bem-educado desejaria se expor".

A necessidade que eu sentia de minha avó aumentara pelo receio de lhe haver causado uma desilusão. Ela devia estar desanimada, achando que, se eu não suportava esse cansaço, era de desesperar que qualquer viagem me fizesse bem. Decidi entrar para esperá-la; o gerente veio pessoalmente apertar um botão: e um personagem, ainda meu desconhecido, a quem chamavam *lift* (e, no ponto mais alto do hotel, lá onde ficaria o lanternim de uma igreja normanda, estava

instalado como um fotógrafo por trás de seus vidros ou um organista em sua câmara), pôs-se a descer na minha direção com a agilidade de um esquilo doméstico, industrioso e cativo. Depois, deslizando de novo ao longo de uma pilastra, arrastou-me consigo para o domo da nave comercial. A cada andar, dos dois lados de pequenas escadas de comunicação, desdobravam-se

em leque escuras galerias, nas quais, carregando um travesseiro, passava uma camareira. Aplicava ao seu rosto, que o crepúsculo me tornava indeciso, a máscara de minhas fantasias mais apaixonadas; lia no seu olhar voltado para mim o horror do meu nada. Entretanto, para dissipar, no decurso da subida interminável, a angústia mortal que experimentei em atravessar em silêncio o mistério daquele claro-escuro sem poesia, iluminado apenas por uma fileira vertical de vidraças, formada pela superposição do *water-closet* de cada andar, dirigi a palavra ao jovem organista, artesão de viagem e companheiro de minha prisão, o qual continuava a manusear os respectivos tubos de seu instrumento. Desculpei-me por ocupar tanto espaço e lhe dar tanto trabalho, e perguntei-lhe se não o incomodava no exercício de uma arte, a respeito, para lisonjear o virtuoso, fiz mais do que manifestar a minha curiosidade confessei-lhe minha predileção. Mas ele não me respondeu, fosse por estar diante de minhas palavras, atenção ao trabalho, preocupação com a etiqueta, respeito ao lugar, receio do perigo, preguiça de inteligência ou ordem do gerente. Talvez não haja nada que nos dê mais fortemente a impressão da realidade daquilo que nos é exterior como a mudança de posição de uma pessoa em reter a nós, mesmo que seja uma pessoa insignificante, antes e depois de a ter conhecido. Eu era o mesmo homem que, no fim da tarde, tomara o trenzinho em Balbec, trazia comigo a mesma alma. Porém nessa alma, no lugar onde, àquelas horas, havia a impossibilidade de imaginar o gerente, o Palácio, o seu pessoal; vaga e temerosa espera do momento da chegada, encontravam-se agora as rugas extirpadas do rosto do gerente cosmopolita (na realidade natural e monegasco, embora fosse como dizia, pois empregava sempre expressões que julgava distintas, sem perceber que eram viciosas, de originalidade romeno gesto para chamar o *lift*, o próprio *lift,* toda uma galeria de personagens saídos daquela caixa de Pandora que era o Grande Hotel, inegáveis, irremovíveis como tudo que está realizado, esterilizantes. Mas pelo menos esta mudança da qual não tomara parte, provava-me que ocorrera algo exterior a mim desprovido de interesse que fosse em si mesmo; eu estava como o viajante tendo o sol à sua frente ao iniciar uma caminhada, percebe as horas quando o vê por detrás. Morto de cansaço, sentia febre; bem que deitaria, mas não tinha nada do que era necessário para isso. Desejaria pelo menos estender-me um momento na cama, mas para que, se não poderia encontrar descanso para esse conjunto de sensações que, para cada um de nós, é o seu consciente, senão seu corpo material, e se os objetos desconhecidos que o vêm, forçando-o a colocar suas sensações em permanente

estado de latente, teriam mantido o meu olhar, meu ouvido, todos os meus sentidos, posição tão reduzida e incômoda (mesmo se tivesse esticado as pernas) de cardeal La Balue na gaiola onde não podia estar de pé nem sentado. Em atenção que põe os objetos num quarto, e o hábito que os retira, abriu para nós. Espaço era o que não havia para mim no meu quarto de Balbec, pois estava cheio de coisas que não me conheciam e viram o olhar desconfiado que lhes lancei e, sem levar em conta a minha existência, participaram que eu lhes desarrumava a sua rotina; ouvia o pêndulo, ao passo que em casa eu só ouvia por alguns segundos na semana, e apenas quando saía de uma profunda meditação- continuou sem se interromper um único instante, fazendo em língua estranha considerações que deviam ser pouco elogiosas a meu respeito, pois as grandes cortinas roxas a escutavam sem responder, mas na atitude análoga à das pessoas que dão de ombros para mostrar que a vista de um terceiro as irrita. Davam àquele quarto tão alto um caráter quase histórico que o poderia tornar apropriado ao assassinato do duque de Guise e, mais tarde, a uma visita de turistas conduzidos por um guia da agência Cookmas de modo algum ao meu sono. Sentia-me atormentado pela presença de pequenas estantes envidraçadas, ao longo das paredes, mas sobretudo por um grande espelho com pés, atravessado no meio do quarto e antes de cuja partida achava eu que para mim não haveria sossego possível. A todo instante erguia os olhos a que os objetos do meu quarto em Paris não incomodavam mais que minhas próprias pupilas, pois não eram mais que anexos de meus órgãos, uma ampliação de mim mesmo para o teto soerguido daquele *belvedere* situado no cimo do hotel e que minha avó escolhera para mim; e até mesmo nessa região mais íntima do que aquela que vemos e ouvimos, nessa região em que sentimos a qualidade dos odores, era quase no interior de mim mesmo que o cheiro do *vetiver* vinha impelir sua ofensiva até minhas últimas defesas, assédio a que eu opunha, não sem cansaço, a resposta inútil e incessante de uma fungação alarmada. Já não tendo universo nem quarto, só corpo ameaçado pelos inimigos que me cercavam, e invadido até os ossos pela febre, estava sozinho e tinha vontade de morrer. Então minha avó entrou; e, para a expansão de meu coração reprimido, abriram-se logo espaços infinitos.

Ela vestia um *chambre de tergal*, que punha em casa sempre que um de nós estava doente (pois assim sentia-se mais à vontade, dizia, atribuindo sempre motivos egoístas ao que fazia), e que servia para nos cuidar, para nos velar, era o seu traje de criada e de enfermeira, seu hábito de religiosa. Mas, ao passo que os cuidados destas, a bondade que têm, o mérito que lhes reconhecem e a gratidão que lhes devem, aumentam ainda mais a impressão que a gente tem de ser, para elas, uma outra pessoa, de sentir-se só, de guardar para si o peso dos pensamentos, de seu próprio desejo de viver, eu sabia, quando estava com minha avó, que, por maior que fosse o meu desgosto, seria acolhido com piedade ainda mais ampla; que tudo o que era meu, minhas preocupações, meu desejo, seria,

em minha avó, apoiado num desejo de conservação e acréscimo de minha própria vida, aliás mais forte que o que eu mesmo tinha. E meus pensamentos se prolongavam nela sem sofrer desvio porque passavam do meu espírito para o dela sem mudar de ambiente, de pessoa. Como alguém que deseja dar o nó à gravata diante de um espelho - compreender que a ponta que vê não está colocada, em relação a ele, no lado para onde dirige a mão, ou como um cão que persegue no solo a sombra de um inseto -, enganado pela aparência do corpo como o somos no mundo que não percebemos diretamente as almas, lancei-me nos braços de minha avó! Ergui os lábios para o seu rosto, como se assim cedesse àquele imenso abraço que ela me abria. Quando estava assim, com a boca unida às suas faces, à sua havia ali algo tão benéfico, tão nutriente, que mantinha a imobilidade, a tranqüila avidez de uma criança que mama. Depois contemplava, sem cansar, seu grande rosto desenhado como bela nuvem ardente e calma, por trás do qual sentia-se irradiar a ternura. E, aquilo que ainda recebia, por mais debilmente que fosse, um pouco de suas reações, tudo o que ainda podia ser desse modo dito a ela, ficava logo tão espiritual tão santificado, que com minhas palmas eu alisava seus lindos cabelos, que se faziam grisalhos, com tanto respeito, precaução e doçura, como se neles acariciando a sua bondade. Ela sentia tanto prazer em toda mágoa que era igual a mágoa à mim; num momento de imobilidade e de calma para os membros fatigados, algo tão delicioso que, tendo visto que ela queria ajudar me deitar e tirar os sapatos, quando fiz menção de impedi-la e de começar a me deitar sozinho, ela reteve com olhar súplice as minhas mãos que tocavam os primeiros botões de minha roupa e das botinas.

- Oh, peço-te - disse ela. - É uma alegria tão grande para tua avó; principalmente, não deixes de bater na parede se tiveres necessidade de qualquer coisa esta noite; minha cama está pegada à tua e a divisória é bem fina. No instante que estiveres deitado, bate, para ver se podemos nos ouvir.

E, de fato, naquela noite bati três pancadas que, na semana quando estive doente, renovei por alguns dias todas as manhãs, pois queria me dar leite bem cedo. Então, quando achava que ela já acordara - para que ela não esperasse e pudesse dormir de novo logo após-, arriscava três pancadas tímidas, fracamente, apesar de tudo bem distintas, pois se temia lhe interromper o sono no caso de me haver enganado e que ela já dormisse; não gostei que ela aguardasse ainda um apelo que não teria percebido a princípio e que eu não tinha mais coragem de renovar. E, mal eu dera as minhas batidas, ouvi três outras entonações diferentes, cheias de uma calma autoridade, repetidas duas vezes para maior clareza, e que significavam: "Não te inquietes, já escutei; daqui a um minuto estarei aí"; e logo depois minha avó chegava. Dizia-lhe que temera que ela não ouvisse ou pensasse que era um vizinho quem batia; ela ria:

- Confundir as batidas do meu queridinho com as de outros... milhões de distância

a sua vovó as reconheceria! Achas então que existem outras no mundo tão bobas, tão nervosas, tão divididas entre o medo de me acordar e de não ser compreendido? Mas, mesmo que o meu ratinho se contentasse com uma parede, eu logo o reconheceria, sobretudo quando é tão querido

e coitadinho é. Já fazia um momento que eu te ouvia hesitar, remexer na cama, e fazer todas as tuas manobras.

Ela entreabria as persianas; o sol já se instalara no anexo de hotel que formava uma saliência, como um consertador de telhados que madruga e principia o seu trabalho, cumprindo-o em silêncio para não despertar a cidade que ainda está dormindo, e cuja imobilidade ainda mais ressalta a agilidade do operário. Dizia-me as horas, o tempo que faria, que não valia a pena eu ir à janela, que havia névoa sobre o mar, se a padaria já estava aberta, qual era o carro que já se ouvia rodar: insignificante ante o ato, desprezível intróito do dia a que ninguém assiste; minúsculo pedacinho de vida que era só de nós dois, que eu logo haveria de evocar de bom grado durante o dia, diante de Françoise ou de estranhos, falando da névoa espessa das seis da manhã, com a ostentação, não de um saber adquirido, mas de um sinal de afeto recebido somente por mim; doce instante matinal que principiava como uma sinfonia pelo diálogo ritmado de minhas três pancadinhas, às quais a divisória, toda penetrada de ternura e alegria, harmoniosa, imaterial, cantando como os anjos, respondia com outras três pancadas, ardentemente aguardadas, duas vezes repetidas, e nas quais a parede sabia transportar inteira a alma de minha avó, e a promessa de sua vinda, com uma alegria de anunciação e uma fidelidade musical. Mas na primeira noite da chegada, quando minha avó me deixou, recomecei a passar mal, como já sofrera em Paris no momento de deixar a casa. Talvez esse meu medo de dormir num quarto desconhecido - medo que tantos outros também têm -, não passe da forma humílima, obscura, orgânica, quase inconsciente, da grande recusa desesperada oposta pelas coisas que constituem o melhor da nossa vida presente à possibilidade de revistarmos mentalmente com a nossa aceitação a fórmula de um futuro onde elas não mais apareçam; recusa que estava na base daquele horror que tantas vezes me inspirara a idéia de que meus pais um dia haveriam de morrer, que as necessidades da vida poderiam me obrigar a viver longe de Gilberte, ou simplesmente a me fixar em definitivo numa terra onde nunca mais veria os meus amigos; recusa que estava inclusive na base da dificuldade que sentia em pensar na minha própria morte ou numa sobrevivência como a que Bergotte prometia aos homens em seus livros, na qual não poderia carregar junto minhas próprias recordações, meus defeitos, meu caráter, que não se resignavam à idéia de não existir mais e não desejavam para mim nem o Nada, nem uma eternidade em que eles não existissem. Quando Swann me dissera em Paris, um dia em que me sentia bastante real:

-Você deveria partir para aquelas deliciosas ilhas da Oceania; verá que não há de voltar

mais - tive vontade de responder:

- Mas então não veria mais a sua filha e viveria em meio a coisas e pessoas que ela nunca viu. - E no entanto a razão me dizia: "- E que importa, visto que não sofrerás mais? Quando o Sr. Swann diz que não voltarás, quer dizer que não quererias mais voltar, e, visto não quereres voltar, é porque lá te sentirias feliz."

Pois minha razão sabia que o hábito de assumir agora a tarefa de me fazer amar aquela casa desconhecida, espelho do lugar, o colorido das cortinas e de parar o pêndulo - se encarrega também de nos tornar caros os companheiros que a princípio nos desagradava dar outro formato aos rostos, de fazer simpático o som de uma voz, de modificar inclinações do coração. É claro que essas amizades novas por lugares e pessoas são tecidas sobre o esquecimento das antigas; mas justamente a minha, pensava que eu podia encarar sem terror a perspectiva de uma vida em que ficaria para sempre separado de pessoas cuja lembrança me fugiria; e era como uma espécie de consolo que oferecia ao meu coração a promessa de um esquecimento que, pelo contrário, me deixava louco de desespero. E não é que o nosso coração não deva também experimentar, ao consumar-se a separação, os efeitos acostumados pelo hábito; mas, até que isso aconteça, continuará sofrendo. Temo no futuro em que não poderemos ver nem conversar com os entes queridos, quais hoje tiramos a nossa mais profunda alegria, esse temor, longe de diminuir, aumenta quando pensamos que, à dor de uma tal separação, se acrescentará; no momento nos parece ainda mais cruel, de não mais sentirmos como permanecermos indiferentes; pois então o nosso eu terá mudado; não ser mais o encanto de nossos pais, de nossa amante, de nossos amigos, que deixa estar à nossa volta; nossa afeição por eles terá sido tão bem extirpada do coração a qual hoje em dia se constitui parte tão importante, que poderiam alegrar com essa vida separada deles, cuja idéia hoje nos causa horror; será uma verdadeira morte de nós mesmos, é verdade que morte seguida de ressurreição, mas num eu diverso e que não pode inspirar afeto às partes antigas, condenadas a morrer. São elas até as mais débeis, como o obscuro das dimensões, à atmosfera de um quarto as que se assustam e reprovam; rebeliões em que se pode ver uma forma secreta, parcial, tangível e verdadeira resistência à morte, da longa resistência desesperada e cotidiana à morte refratária e sucessiva tal como se insere em todos os momentos da nossa vida; ficando pedaços de nós a cada instante e fazendo que sobre a carne morta se multipliquem células novas. Para um temperamento nervoso como o meu nos quais os intermediários nervos, cumpriam mal suas funções, não restando o passo, até à consciência, das queixas dos mais humildes elementos do que vai desaparecer; ao contrário deixando-as chegar claras, exaustivas, inumeráveis e

dolorosas; o angustioso alarme que eu experimentava sob aquele teto desaparecido e alto demais era apenas o protesto de uma amizade que sobrevivia em por um teto baixo e familiar. Sem dúvida essa amizade desapareceria, tendo seu posto em outra parte; então a morte e, depois, uma nova vida teriam nome de Hábito, cumprindo sua dupla obra; mas até o seu aniquilamento da afeição sofreria, principalmente naquela primeira noite, colocada em piedade num futuro já realizado, onde não mais havia lugar para ela, se revoltava, torturando-me com os gritos de suas lamentações cada vez que meus olhares, não podendo se desviar daquilo que a fazia sofrer, tentavam pousar no teto inacessível.

Mas na manhã seguinte! - Depois que um criado veio me acordar e me trouxe água quente; enquanto me aprontava e tentava em vão encontrar na sala as coisas de que necessitava, e de onde tirava, em desordem, somente as peças que para nada serviam, que alegria senti ao pensar no prazer do almoço e do passeio; ao ver pela janela, em todas as vitrinas das estantes, como pelas vigias de um camarote de navio; o mar límpido, sem sombras, embora metade de sua superfície, delimitada por linha delgada e móvel, estivesse ensombrecida; ao seguir com os olhos as ondas que se arremessavam uma após outra como saltadores num trampolim! Em todos os instantes, tendo na mão a toalha tesa e engomada, na qual estava escrito o nome do hotel e com a qual fazia inúteis esforços para me secar, voltava para junto da janela a fim de lançar ainda um olhar àquele vasto circo resplandecente e montanhoso; aos nevados cumes de suas ondas de esmeralda aqui e ali polida e translúcida; que, com plácida violência e aspecto leonino, deixavam erguer-se e cair as suas rampas, às quais o sol acrescentava um sorriso sem rosto. Janela à qual, a seguir, eu deveria me pôr todas as manhãs como à portinhola de uma diligência onde adormecesse um viajante, para ver se durante a noite se aproximou ou se afastou uma desejada cordilheira - aqui as colinas do mar que, antes de voltar em nossa direção a passo de dança, podem recuar para tão longe que muitas vezes eu só avistava ao fim de uma longa distância as suas primeiras ondulações, numa transparência longínqua, vaporosa e azulada; como as geleiras que se vêem no fundo dos quadros dos primitivos toscanos. De outras vezes, era bem perto de mim que o sol ria sobre essas ondas; de um verde tão macio como o que mantém nas campinas alpestres (nas montanhas onde o sol aparece aqui e ali como um gigante que descesse alegremente, por vertentes e saltos desiguais) mais a líqüida mobilidade da luz do que a umidade do solo. De resto, nessa brecha que a praia e as ondas abrem no meio do mundo, para que nela penetre e se acumule a luz, é sobretudo a própria luz, de acordo com a direção de onde provém e que seguimos com o olhar, que desloca e situa as ondulações do mar.

A diversidade de iluminação também modifica a orientação de um lugar, e nos oferece novos objetivos; dando-nos o desejo de atingi-los, não menos que o faria

um trajeto longa e efetivamente percorrido em viagem. Quando, pela manhã, o sol vinha por detrás do hotel, abrindo à minha frente as praias iluminadas até os primeiros contrafortes do mar, era como se me mostrasse uma outra vertente da cordilheira; convidando-me a fazer, pelo caminho turbilhonante de seus raios, uma viagem imóvel e variada pelos mais belos sítios da paisagem acidentada das horas. Desde a primeira manhã, o sol me indicava ao longe, com um dedo risonho, os cimos azulados do Mar que não têm nome em nenhuma carta geográfica, até que, extasiado com aquele sublime passeio à superfície rumorosa e caótica de suas cristas, vinha se abrigar do vento em meu quarto, refestelando-se na cama derramando suas riquezas na pia molhada, na mala aberta, onde, por seu esplendor e luxo deslocado, aumentava ainda mais a impressão de desordem. Infelizmente, uma hora depois, na grande sala de jantar, enquanto almoça; de um limão cortado, espalhávamos algumas gotas de ouro sobre dois peixes dos quais logo deixaram em nossos pratos a armação de suas espinhas; como uma pena e sonora como uma cítara pareceu cruel à minha avó que pudéssemos receber o vivificante sopro do vento marinho por causa da vidraça transparente mas fechada que, como uma vitrina, nos separava da praia, mas enquadrava tão perfeitamente o céu que o seu azul parecia as cordas e suas nuvens brancas, um defeito do vidro. Convencido de que estava "sentado no molhe" ou no interior do *boudoir,* de que nos fala Baudelaire, perguntava - "sol raiando sobre o mar", do poeta, não seria aquele bem diverso do dos da tarde, simples e superficiais como setas douradas e trêmulas que naquele momento queimava o mar como um topázio, fazia-o fermentar, tornava-o louro - sol como a cerveja, espumante como o leite, enquanto, por alguns instantes, - ele passeava aqui e ali grandes sombras azuis, obra sem dúvida de um deus que parecia se divertir em deslocá-las, movimentando um espelho no céu. Infelizmente não só pelo aspecto é que a sala de jantar de Balbec diferia da de Combray, para as casas fronteiras, uma sala sem ornatos, porém repleta de sol verde água de uma piscina, onde, a poucos metros de distância, a maré cheia e a claridade do dia elevavam, como diante de uma cidade celestial, uma indestrutível muralha de ouro e esmeralda. Em Combray, como todos nos conheciam, ninguém se preocupava com ninguém. E na vida de banhos de mar ninguém conhece banhos. Eu era ainda muito jovem e sensível para ter renunciado ao prazer de agradar as pessoas e possuí-las. Não tinha essa mais nobre indiferença que sentir homem mundano em relação às pessoas que ali almoçavam, nem quanto aos rapazes e moças que passavam pelo molhe; e sofria ante a idéia de que não pudesse fazer excursões com eles; a menos que minha avó, desprezando as convenções, e só preocupada com a minha saúde, lhes fosse pedir que me aceitassem como companheiro de passeios, coisa humilhante para mim. Uns se dirigiam para o chalé desconhecido; outros saíam de raquete em punho para um campo de, outros, ainda, montavam cavalos cujos cascos me pisavam o coração. Eu os olhava com uma curiosidade

apaixonada, envoltos naquela ofuscante claridade; onde se modificam todas as proporções sociais; seguia todos os seus movimentos, através da transparência daquele enorme vão envidraçado, que deixava passar a luz. Mas ela interceptava o vento, o que era um defeito na opinião de minha avó que, não podendo suportar a idéia de que eu perdesse o benefício de uma ar, abriu furtivamente uma das vidraças, fazendo ao mesmo tempo voar cardápios, os jornais, os véus e bonés das pessoas que estavam almoçando; mas ela própria, animada com aquele sopro divino, permanecia calma e sorridente como santa Blandina, no meio dos impropérios que, aumentando minha impressão de tristeza e isolamento, reuniam contra nós todos os turistas desdenhosos, despenteados, furiosos. Um certo número dos hóspedes do hotel se compunha de personalidades eminentes dos principais departamentos daquela porção da França, o que, em Balbec, dava à população, que nesse tipo de hotéis de grande luxo costuma ser banalmente rica e cosmopolita, um caráter regional bastante acentuado; eram o primeiro magistrado de Caen, o presidente da Ordem dos Advogados de Cherburgo, um respeitável tabelião de Le Mans, que, durante as férias, partindo de pontos onde haviam estado dispersos o ano inteiro como atiradores de guerrilha, ou peões do jogo de damas, vinham se concentrar neste hotel. Mandavam reservar sempre os mesmos quartos e, com as esposas que tinham pretensões aristocráticas, formavam um pequeno grupo ao qual se ajuntavam um grande advogado e um grande médico de Paris, que no dia da partida lhes diziam:

-Ah, é verdade, vocês não tomam o mesmo trem que nós. São privilegiados, estarão de volta em casa para o almoço.

-Como, privilegiados? Vocês que moram na capital, Paris, a grande cidade, enquanto eu resido numa cabeça de comarca de cem mil almas, na verdade cento e dois mil pelo último recenseamento; mas o que é isso diante de vocês, que contam com os dois milhões e meio de Paris, e que logo terão de volta o asfalto e todo o esplendor do mundo parisiense!

Diziam isto com um rolar de provinciano, sem qualquer aspereza, pois todos eram notabilidades em sua província, que, como tantos outros, poderiam ter ido à Paris, ao magistrado de Caen; tinham oferecido várias vezes um cargo no Supremo Tribunal; mas haviam preferido ficar no mesmo lugar, por amor à sua cidade, ou à sua glória ou à vida obscura, ou porque eram reacionários, e pelo prazer das amizades de vizinhança nos castelos da região. Aliás, muitos não voltavam diretamente para a sua terra. Pois-visto que a baía de Balbec era um pequeno universo à parte no meio do grande, um buquê de estações onde estavam reunidos em círculo os dias variados e os meses sucessivos, de modo que, não só nos dias em que se avistava Rivebelle, o que era sinal de tempestade, sobre cujas casas o sol brilhava, ao passo que em Balbec o céu estava negro, mas também, quando os dias frios já haviam atingido Balbec, podia-se ter certeza de

obter dois ou três meses suplementares de calor na margem oposta; os hóspedes habituais do Grande Hotel cujas férias começavam tarde, ou duravam mais tempo mandavam, ao principiarem as chuvas e os nevoeiros, à aproximação do outono, colocar suas malas num barco e partiam ao encontro do verão em Rivebelle ou Costedor. Aquele grupinho do hotel de Balbec olhava com ar desconfiado todos os recém-chegados; aparentando não se interessar por eles, iam todos pedir informações a seu respeito ao amigo comum; pois o mordomo era o mesmo-Aimé-que voltava todos os anos para a temporada de verão e lhes reservava as mesas; e as senhoras suas esposas, sabendo mulher de Aimé esperava um neném, trabalhavam cada uma, após o almoço, a peça do enxoval, sempre nos examinando com seus *lorgnons*, a minha avó e a mim, porque comíamos ovos cozidos na salada, o que era considerado vulgar; não se praticava na boa sociedade de Alençon. Afetavam uma atitude de ironia desdenhosa em relação a um francês que era chamado de Majestade e que se autoproclamara rei de uma ilhota da Oceania povoada por alguns selvagens. Estava no hotel com sua bonita amante, à cuja passagem, quando ela ia tomar banho os garotos gritavam:

"Viva a rainha!", porque ela os cobria com uma porção de moedas de cinqüenta cêntimos. O magistrado supremo e o presidente da ordem dos Advogados nem sequer desejava parecer que a via e, se algum dos amigos a olhava, julgavam-se no dever de prevenir que se tratava de uma operária.

- Mas tinham-me assegurado que em Ostende eles ocupavam a cabine

- Lógico! Alugam-na por vinte francos. Você pode ocupá-la, se lhe agradar. E sei, de fonte limpa, que ele mandou pedir uma audiência ao rei, o qual lhe fez saber que não tinha por que entrar em relações com soberanos de opereta.

-Ah, na verdade é engraçado... Há cada tipo de gente!

Sem dúvida, tudo aquilo era verdade; mas era igualmente pelo aspecto de se sentir que, para uma boa parte da multidão, eles não passavam de bons burgueses, que não conheciam aquele rei e aquela rainha, pródigos de seu dinheiro; o tabelião, o magistrado, o presidente, à passagem do que chamavam uma máscara; sentiam tanto mau humor e manifestavam em voz bem alta uma indignação que estava a par seu amigo, o mordomo, o qual, obrigado a fazer boa cara aos mais generosos que autênticos, entretanto, sempre atendendo às suas o dirigia de longe aos antigos clientes um significativo piscar de olhos. Talvez tivesse também um pouco desse mesmo tédio de serem tidos, erroneamente, menos "chiques" e de não poderem explicar que o eram ainda mais no fundo daquele "Moço bonito!", com que qualificavam um jovem engomado, filho de um grande industrial e que, todos os dias, com uma roupa nova, orquídea na botoeira, almoçava com champanha e ia, pálido, impassível, um sorriso de

indiferença nos lábios, jogar, na mesa do cassino, somas "que ele não tem fundos para perder", dizia com ar bem-informado o tabelião do primeiro magistrado, cuja mulher "sabia de boa fonte" que aquele jovem fazia os pais morrerem de desgosto.

Por outro lado, o presidente da Ordem dos Advogados e seus amigos, poupavam sarcasmos a propósito de uma velha dama rica e nobre, que andava levando consigo todos os criados. Todas as vezes que a mulher do tabelião e a do primeiro magistrado a viam na sala de jantar, por ocasião das refeições, examinavam-na insolentemente com suas lentes, com o mesmo ar minucioso e desafiador como se ela fosse algum prato de nome pomposo, mas de aparência suspeita, que, após o resultado desfavorável de uma observação metódica, é mandado embora com um gesto distante e uma careta de desgosto.

Com isso, certamente queriam indicar apenas que, se havia certas coisas que lhes faltavam no caso, algumas prerrogativas da velha dama, e o fato de estarem em relações com ela -, não era porque não pudessem, mas porque não queriam tê-las. Porém, tinham acabado por se convencer elas próprias; e era a supressão de todo desejo, de toda curiosidade pelas formas da vida que não conheciam, da esperança de agradar a novas pessoas, substituídas nelas por um desdém fingido, uma alegria artificial, que apresentava o inconveniente de colocar o desprazer sob a etiqueta de contentamento e as fazia mentir perpetuamente a si mesmas, duas condições para que fossem infelizes. Mas, sem dúvida, todo mundo naquele hotel agia da mesma maneira que elas, conquanto sob formas diversas; sacrificava, senão ao amor-próprio, ao menos a certos princípios de educação, ou a alguns hábitos intelectuais, a deliciosa inquietação de misturar-se a uma vida ignorada. Sem dúvida, o microcosmo em que se isolava a velha dama não estava empeçonhado de azedumes atrozes como o grupo em que riam de raiva a mulher do tabelião e a do primeiro magistrado. Ao contrário, estava embalsamado num perfume requintado e velhusco, mas que não era menos artificial. Pois no fundo a velha dama teria provavelmente encontrado em seduzir, em atrair a misteriosa simpatia das criaturas novas (ao mesmo tempo que ela própria se renovava), um encanto despojado do prazer que há em freqüentar apenas pessoas do seu próprio mundo e em recordar que, sendo sua sociedade a melhor que existe, torna-se desprezível o desdém alheio e mal informado. Talvez sentisse que, chegando incógnita ao Grande Hotel de Balbec, teria feito sorrir, com seu vestido de lã negra e sua touca fora de moda, a algum gaiato que teria murmurado: "que múmia!", ou principalmente a um homem de talento que, tendo conservado, como o primeiro presidente, entre as suíças grisalhas, um rosto jovem e olhos espirituosos como ela os amava, e que talvez houvesse logo indicado à lente aproximadora do *lorgnon* conjugal o aparecimento desse fenômeno insólito; talvez fosse por inconsciente receio desse

primeiro minuto, que sabemos ser breve mas que não é menos temido -como da primeira vez que a gente mergulha-, que aquela velha dama enviava previamente um criado para pôr o hotel a par de seus hábitos e, cortando as gentilezas do gerente, subia para o quarto com uma rapidez em que havia mais timidez do que orgulho, quarto onde as cortinas pessoais, substituindo as que pendiam das janelas, dos biombos e das fotografias, colocavam de tal forma entre ela e o Mundo exterior, a que devia adaptar-se, a divisão de seus hábitos, que era mais na casa que morava e na qual permanecera...

Desde então, tendo colocado entre ela de um lado, e o pessoal dos fornecedores, do outro, os seus criados que recebiam em vez dela, o daquela nova humanidade e mantinham em torno à sua patroa a atmosfera; tendo posto os seus preconceitos entre ela e os banhistas, sem se preocupar em agradar às pessoas que seus amigos não teriam recebido; era no seu mundo que continuava a viver pela correspondência com suas amigas, pela recordação, consciência íntima que possuía de sua posição, da qualidade de seus modelos de competência de sua polidez. Todos os dias, quando ela descia para dar um passeio em sua cabeça, sua criada de quarto, que carregava seus objetos pessoais, seu lacaio, que seguia à sua frente, davam a impressão dessa sentinela às portas de uma embaixada embandeirada com as cores do país do qual dá garantia para ela, em pleno solo estrangeiro, o privilégio da extraterritorialidade. Ela não deixou o quarto antes do meio da tarde; no dia em que chegamos vimos na sala de jantar aonde o gerente, como éramos recém-chegados, nos colocou sob sua proteção, à hora do almoço, como um oficial que conduz recrutas ao alfaiate para fardá-los; mas, em compensação, vimos, logo após, um fidalgo com sua filha, de uma obscura porém antiga família da Bretanha, o Sr. e a Srta. de Stermaria; cuja mesa nos haviam dado, julgando que não voltariam naquela noite. Tinham vindo a Balbec, exclusivamente, para se encontrarem com castelães que conheciam nos arredores, e não passavam pela sala de jantar do hotel, entre os convites de fora e as visitas realizadas, senão o tempo estritamente necessário. Era a sua elegância que os preservava de toda simpatia humana, de todo interesse pelos conhecidos sentados a seu redor, e no meio dos quais a Srta. de Stermaria mantinha o ar glacial apressado, distante, rude, exigente e mal-intencionado, que se põe no carro-restaurante no meio de viajantes nunca vistos, e a quem jamais voltaremos a ver, e com quem a gente não admite outras relações senão a defesa, contra nosso frango frio e do nosso canto no vagão. Mal começávamos a almoçar, vieram nos fazer erguer da mesa por ordem do Sr. de Stermaria, que acabavam de chegar e, sem o menor gesto de desculpas para nós, pediu em voz alta ao mordomo que cuidasse para que aquele erro não mais se repetisse, pois era-lhe desagradável que "pessoas a quem não conhecia" tivessem ocupado a sua mesa.

Com certeza, no sentimento que levava determinada atriz (aliás conhecida devido à sua elegância, seu espírito, suas lindas coleções de alemão do que por seus desempenhos no Odeon), e mais o seu amante, rapaz rico, pelo qual ela se empenhara, bem como dois homens muito em evidência da aristocracia, a levarem uma vida à parte, a só viajarem juntos, a almoçar Balbec muito tarde, quando todas as pessoas já haviam terminado, a passar o dia inteiro em seu salão jogando cartas, não entrava má vontade alguma, apenas as exigências do gosto que tributavam a certas formas de engenho na conversação, a certos refinamentos de boa comida, o que só lhes dava para viverem e comerem juntos, e lhes tornaria insuportável a vida em comum com pessoas que não fossem iniciadas em tudo aquilo. Mesmo diante de uma mesa posta ou de uma mesa de jogo, cada um deles precisava saber que no conviva ou parceiro sentado à sua frente repousavam, em suspenso e sem utilidade, certos conhecimentos que permitem reconhecer a obra de carregação de que muitas casas parisienses se enfeitam como se se tratasse de uma "Idade Média" ou de uma "Renascença" autênticas e, em todas as coisas, critérios que lhes eram comuns para distinguir o bom do mau. Sem dúvida, naqueles momentos não era mais do que por uma rara e engraçada interjeição, atirada no meio do silêncio da refeição, ou da partida, ou pelo vestido novo e encantador que a jovem atriz pusera para almoçar ou jogar pôquer, que se manifestava a existência especial em que seus amigos queriam ficar mergulhados em toda a parte. Assim, porém, envolvendo-os em hábitos que conheciam a fundo, bastava ela para protegê-los contra o mistério da vida ambiente. Durante as longas tardes, o mar só estava suspenso diante deles como uma tela de cor agradável pendurada no toucador de um rico solteirão, e somente no intervalo das cartadas é que um dos jogadores, não tendo coisa melhor, erguia os olhos para o mar, a fim de ter uma indicação acerca do tempo ou da hora, e lembrar aos outros que a merenda esperava. E de noite não jantavam no hotel, onde os focos elétricos, derramando luz na sala de jantar, transformavam-na num imenso aquário maravilhoso diante de cuja parede de vidro a população obreira de Balbec, os pescadores e também as famílias de pequenos burgueses, invisíveis na sombra, se comprimiam contra o vidro para contemplar, vagarosamente embalada em redemoinhos de ouro, a vida luxuosa daquelas pessoas, tão extraordinária para os pobres como a dos peixes e dos moluscos estranhos (uma grande questão social, saber se a parede de vidro protegerá sempre o festim dos animais maravilhosos e se as pessoas obscuras que olham avidamente dentro da noite virão colhê-los em seu aquário e devorá-los). Entretanto, talvez houvesse, no meio da multidão parada e confundida na noite, algum escritor, algum amador de ictiologia humana, que, observando as maxilas dos velhos monstros femininos se fecharem sobre um pedaço de alimento engolido, se interessasse em classificá-los por suas raças, pelos caracteres inatos e também pelos adquiridos, que fazem que uma velha dama

sérvia, cujo apêndice bucal é o de um grande peixe marinho, com a salada como uma La Rochefoucauld porque desde a infância vive na água doce do faubourg Saint-Germain.

Àquela hora, viam-se os três homens de *smoking* esperando a mulher que estava atrasada, a qual, em breve, depois de ter chamado o *lift* do seu andar, saía do elevador como de uma caixa de brinquedos, num vestido quase sempre novo e com *écharpes* escolhidas segundo o gosto especial do seu amante. Os quatro, que eram de opinião de que o fenômeno internacional do Palace, implantado em Balbec, fizera ali florir o luxo mas não a boa cozinha, entravam num carro e iam jantar a meia légua dali, num pequeno e bem considerado restaurante, onde; tinham intermináveis conferências como cozinheiro sobre a composição do cardápio e a confecção dos pratos. Durante esse trajeto, a estrada margeada de mansões que parte de Balbec não era para eles, - senão a distância que seria preciso um pouco distinta, na noite negra, da que separava suas residências parisienses do café Anglais ou da Tour d'Argent-antes de chegar ao pequeno e fino restaurante onde, enquanto os amigos do rapaz rico o invejavam por ter uma amante tão bem vestida, as *écharpes* desta se desdobravam diante do pequeno grupo como um véu macio e perfumado, mas que era o bastante para separá-los do resto do mundo.

Infelizmente para o meu sossego, eu estava bem longe de ser e daquela gente. Alguns ali me preocupavam; gostaria de não ser ignorado homem de testa fugidia, de olhar esquivo, que vagava entre os antolhos, os preconceitos e de sua educação, o grão-senhor daquelas terras, e que não era menos que o cunhado de Legrandin, que vinha às vezes de visita a Balbec e que aos domingos, ia para o *garden-party* semanal que ele e a mulher ofereciam, levavam do hotel uma boa parte de seus hóspedes, porque um ou dois dentre eles eram de fato convidados para a festa, e os outros, para não darem a impressão que não o eram, escolhiam esse dia para fazer uma excursão distante. Todavia a primeira vez em que entrou no hotel foi muito mal recebido, pois o pessoal acabara de chegar da Côte d'Azur, ainda não sabia de quem se tratava, estava vestido de flanela branca, mas também, fiel aos velhos costumes franceses e ignorantes da vida dos Palaces, tirara o chapéu ao entrar no saguão por lábia às senhoras, o que fez com que o gerente nem sequer tocasse no seu chapéu para cumprimentá-lo, julgando que se tratasse de alguém de condição muito humilde, que denominava homem "saindo do ordinário". Somente a mulher dele chamou a atenção para o recém-chegado, que denotava a vulgaridade afetada das pessoas elegantes, e declarou, com base no discernimento infalível e na indiscreta autoridade de uma pessoa para quem a alta sociedade de *Le Mans* não tem segredos, que sentia-se diante dela a presença de um homem de grande distinção; muito bem-educado, e que se sobressaía dentre toda aquela gente que encontrava em Balbec e que ela considerava

indignos de convívio enquanto freqüentasse. Esse juízo favorável que pronunciou a respeito do cunhado de Legrandin se fundava provavelmente no aspecto apagado de alguém que nada tem para se impor; talvez tivesse reconhecido nesse fidalgo do campo com sacristão, os sinais maçônicos de seu próprio clericalismo.

Por mais que me certificasse de que aqueles rapazes que todos montavam a cavalo em frente ao hotel eram os filhos do proprietário mal reputado de um *magazine* de novidades e que meu pai nunca teria consentido conhecer, a vida na praia os transformava, a meus olhos, em estátuas eqüestres semideuses, e o melhor que podia esperar era que nunca deixassem de lançarem olhares sobre o pobre rapaz que eu era, que só deixava a sala de jantar do hotel para ir sentar-se na areia. Gostaria de inspirar simpatia, até mesmo ao aventureiro que fora o rei de uma ilha deserta da Oceania, e até ao jovem tuberculoso, e aprazia-me pensar que sob aquele seu exterior insolente haveria uma alma tímida e carinhosa que talvez me guardasse tesouros de afeto. Aliás (ao contrário do que se costuma dizer das amizades feitas em viagem), como o sermos vistos na companhia de determinada pessoa pode nos conferir, numa praia para onde às vezes voltaremos, um prestígio seu igual na verdadeira vida mundana, não existe nada como as amizades dos banhos de mar, as quais a gente não só não evita como cultiva cuidadosamente na vida de Paris. Preocupava-me com a opinião de todas essas notabilidades momentâneas ou locais a meu respeito, devido à minha inclinação a me colocar no lugar das pessoas e a recriar seu estado de espírito; imaginava-as situadas não no seu nível real, aquele que teriam ocupado em Paris, por exemplo, e que seria um nível bastante inferior, mas no que pensavam ter, efetivamente, possuíam em Balbec, onde a falta de uma medida comum lhes dava uma superioridade relativa, emprestando-lhes um singular interesse. E, de todas essas pessoas, nenhuma havia cujo desprezo mais me fosse penoso como o do Sr. de Stermaria. Pois reparara em sua filha desde a entrada, seu lindo rosto pálido e quase azulado, o que havia de particular no porte de sua alta estatura, no seu modo de andar, e que com boas razões me evocava sua linhagem, sua educação aristocrática, e tanto mais nitidamente porque conhecia seu nome como aqueles temas expressivos criados pelos compositores de gênio e que pintam de modo esplêndido o fulgor das chamas, os murmúrios do rio e a paz campestre, que os ouvintes de um concerto, depois de terem folheado o programa, já de imaginação avivada, reconhecem bem. Acrescentando aos encantos da Srta. de Stermaria a idéia de sua causa, a "raça" tornava-os mais completos e inteligíveis. Fazia-os também mais desejáveis, anunciando serem pouco acessíveis, como um preço elevado aumenta a estima de um objeto que nos agradou. A estirpe hereditária dava àquela epiderme composta de sumos selecionados o sabor de um fruto exótico ou de um molho célebre.

Ora, o acaso pôs em nossas mãos, de repente, o modo de obtermos, minha avó e

eu, um prestígio imediato aos olhos de todos os hóspedes do hotel. De fato, desde aquele primeiro dia, no momento em que a velha dama descia de seu quarto, produzindo, devido ao lacaio que a precedia e à camareira que corria atrás dela com um livro e uma manta esquecidos, uma viva impressão nos espíritos e excitando em todos nós uma curiosidade e um respeito aos quais era visível que nem o Sr. de Stermaria escapava, o gerente se inclinou para minha avó e, por amabilidade (como se mostra o xá da Pérsia ou a rainha Ranavalo a uma pessoa obscura que, evidentemente, não pode ter qualquer relação com a poderosa Majestade, mas deve gostar de vê-lo a poucos passos), segredou-lhe ao ouvido:

"A marquesa de Villeparisis"; e, no mesmo instante ao olhar para minha avó, não pôde reter um olhar de surpresa alegre. Pode-se imaginar que a súbita aparição dela, nada mais influente, causou nos traços de uma velhinha. Não me causaria alegria maior, pois, não conhecia ninguém, sem quaisquer recurso para aproximar-me da Srta. de Stermaria. Isto é, não conhecia ninguém do ponto de vista prático. Porque esteticamente falando o número de tipos humanos é bastante limitado, onde quer que vá, do prazer de encontrar pessoas conhecidas sem ter necessidade de buscá-las; como fazia Swann com os quadros dos velhos mestres. Assim passamos os primeiros dias de nossa temporada em Balbec. Numa ocasião encontramos o porteiro dos Swann e a própria Sra. Swann, convertidos em garçom de café, num estranho de passagem que não volta a ver a praia. E uma espécie de imantação que atrai e retem por maneira tão inseparável bem apertadas umas junto à outras, certas características de fisionomia e mentalidade que quando a natureza assim introduz uma pessoa em um corpo novo não muda muito. Num garçom conservava intactos sua estrutura, o perfil do nariz e parte do queixo; a Sra. Swann, em sua nova condição no sexo masculino de banho, conservara não somente sua fisionomia, mas também sua forma especial de falar. Apenas, agora, no seu cinturão vermelho, usando a bandeirola que proíbe os banhos de mar (porque os banhos de mar aos que não sabem nadar, são muito prudentes); ela em seu antigo estado feminino como no afresco da Vida de Moisés, onde Swann a reconhecia por trás das feições da filha de Jetro. Ao passo que aquela Sra. de Villeparisis era na verdade não vítima de um encantamento que a despojasse de seu poder; ao contrário capaz de colocar influência à minha disposição, centuplicando-a; graças à ela como pelas asas de um pássaro fabuloso, levando-me em suas asas para diminuir as distâncias sociais infinitas - pelo menos em Balbec, que me separavam da Srta.de Stermaria.

Infelizmente, se havia alguém mais fechado em seu universo particular, esse alguém era minha avó. Simplesmente não me compreenderia; e no caso de haver se inteirado do interesse que me inspiravam as opiniões das pessoas e que experimentava grande prazer; mal notava e partiria de Balbec sem confessar-lhe

que essas pessoas me dariam grande satisfação, pois o prestígio da marquesa no hotel e sua amizade nos colocaria em bom lugar aos olhos de Stermaria. Não que eu imaginasse que a amiga de minha avó não fosse o protótipo da aristocracia, pois estava muito acostumado com seu nome familiar aos meus ouvidos; antes que meu espírito desde menino, ouvia-o pronunciado em casa. Seu título sobre seu nome não era mais que uma particularidade estranha; como ocorre com esses nomes de ruas, diferente do que ocorre com os nomes de ruas tão vulgares e populares. A marquesa de Villeparisis, não me trazia a visão de um mundo especial; porém minha avó achava que não se fazia amizade durante as viagens. Achando que todos partilhavam da mesma idéia, no mesmo instante, que a velha dama Villeparisis, nos olhava, minha avó não pôde reter um olhar de alegre surpresa.

A senhora de Villeparisis comia também no restaurante do hotel, mas no extremo oposto. Não conhecia nenhuma das pessoas que viviam no hotel ou que foram ali de visita, nem sequer o senhor do Cambremer; porque vi que este cavalheiro não a saudava um dia em que foi comer com sua esposa ao hotel, convidado pelo advogado de Cherburgo, o qual, transportado por aquela honra de sentar a sua mesa ao nobre, evitava a seus amigos de todos os dias e limitava-se a lhes fazer algum piscar de olhos de longe, maneira de aludir a este acontecimento histórico, bastante discreto para que não pudesse tomar-se como um convite para aproximar-se de sua mesa.

- Com todo o prazer; não tínhamos coragem de propô-la ao senhor, agora é comensal de marquesas! - disse aquela noite a mulher do magistrado.

- Ora, vamos, eles não têm nada de tão extraordinário. Vejam, tenho de jantar na casa dela. Se quiserem, podem ir no meu lugar. É um oferecimento de coração. Francamente, tanto me faz ir como ficar...

- Não, não, eu seria exonerado como reacionário. - Exclamou o magistrado, rindo até as lágrimas da piada. - E o senhor, também é recebido em Féter. - acrescentou, voltando-se para o tabelião.

- Sim, vou lá aos domingos; questão de entrar por uma porta e sair outra. Mas eles não almoçam na minha casa como na casa do advogado.

O Sr. de Stermaria não estava em Balbec naquele dia, para grande pesar advogado. Mas este, insidiosamente, comentou com o mordomo:

-Aimé, pode dizer ao Sr. de Stermaria que ele não é o único nobre que está na sala de jantar. Reparou naquele senhor que almoçou comigo esta manhã? De bigodinho, e com ar militar? Muito bem, é o marquês de Cambremer.

-Sim? Pois não me espanta.

- Isto lhe mostrará que não é o único aristocrata no salão. Que fique sabendo!

Não é mau baixar um pouco a crista desses nobres. Aimé, não diga se não quiser, não falo por mim; aliás, ele conhece bem o marquês.

E no dia seguinte o Sr. de Stermaria, que sabia que o advogado defendia a causa de um de seus amigos, foi em pessoa apresentar-se.

- Nossos amigos comuns, os de Cambremer, queriam precisamente reunir, nossos dias não coincidiram, e, enfim, não sei o que houve - disse o advogado; que, como muitos mentirosos, não imaginam que um dia alguém há de pôr em pratos limpos um detalhe insignificante, e que no entanto basta (se o acaso nos coloca a par de uma humilde realidade que está em contradição com o que se disse) para denunciar um caráter e inspirar desconfiança para sempre.

Como sempre, porém mais facilmente enquanto o pai se afastara para conversar com o advogado, eu olhava a Srta. de Stermaria. Assim como a sua autoridade ousada, sempre bela as suas atitudes, feito quando, com os cotovelos apoiados na mesa, erguia o copo acima dos antebraços; a secura do olhar esgotado; a dureza fundamental e familiar que se percebia, mal encoberta inflexões pessoais; no fundo da voz, e que havia chocado minha avó; uma estátua de cânone atávico ao qual ela voltava quando acabava de expressar seu pensamento com um olhar ou uma entonação de voz; tudo isso fazia imaginar, a que contemplava, a linhagem que lhe legara essa insuficiência de simpatia humana; lacunas de sensibilidade, uma carência de amplitude de caráter em sua forma que a todo instante fazia falta. Mas certos olhares que passavam rapidamente no fundo árido de suas pupilas e nos quais sentia-se aquela doçura quase humilde; o gosto predominante dos prazeres dos sentidos confere à mulher mais orgulhosa que algum dia acabará dando valor apenas a quem lhe proporcionar tais prazeres, seja um cômico ou um saltimbanco, pelo qual talvez um dia largará o marido; em certo matiz de pele, vivo e rosado, que se espalhava por suas faces pálidas, semelhante ao que coloria de encarnado o coração das ninféias do Vivonne, eu julgava sentir que ela facilmente me permitiria que fosse nela buscar o gosto daquela vida tão poética que levava na Bretanha, vida à qual, fosse por hábito, por distinção inata, por nojo da pobreza ou da avareza dos seus, parecia dar tão pouco valor, e que, no entanto, ela mantinha eclusa em seu corpo. Na fraca reserva de vontade que lhe fora transmitida e que dava à sua expressão algo de covarde, talvez não encontrasse a Srta. de Stermaria apoio suficiente para resistir. O chapéu de feltro cinza, encimado por uma pluma um tanto fora de moda e pretensiosa, que ela usava invariavelmente em cada refeição, fazia-a mais simpática ainda a meus olhos, não porque se harmonizasse com sua pele argêntea e rosada, e sim porque, por ele, imaginava eu que não fosse rica, aproximando-a de mim. Obrigada a uma atitude convencional devido à presença do pai, mas guiando-se já por princípios diversos dele, para olhar e classificar as pessoas que estavam à sua frente, talvez visse em mim não a linhagem insignificante, mas o sexo e a idade.

Se um dia o Sr. de Stermaria saísse sem ela, principalmente se a Sra. de Villeparisis viesse sentar-se em nossa mesa e assim lhe desse a nosso respeito uma opinião que me encorajasse a me aproximar dela, talvez pudéssemos trocar algumas palavras, marcar um encontro, ligar-nos mais. Num mês em que ela ficasse sozinha sem os pais, em seu castelo romanesco, talvez passeássemos ao crepúsculo, quando suavemente reluzissem as flores róseas das sarças sobre a água ensombrecida, debaixo dos carvalhos onde vinham morrer as ondas. Juntos, percorreríamos essa ilha imaginada por mim com tanto encanto porque teria enfeixado a vida habitual da Srta. de Stermaria e que repousava na memória de seus olhos. Pois parecia-me que não a possuiria de verdade senão ali, quando tivesse atravessado aqueles lugares que a rodeavam de tantas recordações, véu que o meu desejo queria arrancar, desses que a natureza interpõe entre a mulher e algumas criaturas (com a mesma intenção com que coloca, para todos, o ato de reprodução entre os seres humanos e o mais vivo prazer, e, no caso dos insetos, entre estes e o néctar, o pólen que eles devem transportar) a fim de que, enganados pela ilusão de possuí-la, assim de modo mais completo, sejam forçados a se apoderar primeiro das paisagens em que ela vive, e que, mais úteis para sua imaginação que o prazer sensual, não teriam contudo, sem ele, força bastante para atrair os homens. Mas tive de deixar de olhar a Srta. de Stermaria, pois seu pai, considerando sem dúvida que entrar em relações com uma personalidade importante era um ato curioso e breve, que se bastava a si mesmo e que, para desenvolver todo o interesse que comportava, não exigia mais que um aperto de mão e um olhar penetrante sem conversação imediata nem relações posteriores, já se despedira do advogado e voltara a sentar-se à frente dela, esfregando as mãos como um homem que há de fazer uma preciosa aquisição. Quanto ao advogado, tão logo passara a prior emoção daquela entrevista, como nos outros dias, ouviram-no por alguns instantes dirigir-se ao mordomo:

- Mas eu não sou rei, Aimé; vá você ver o rei... Diga, meu caro presidente, é verdade que essas trutas têm muito bom aspecto? Vamos pedi-las a Aimé. Parecem-me bem recomendáveis esses peixinhos que você tem aí; traga-nos uns tantos deles, Aimé. - Repetia o tempo todo o nome de Aimé, de modo que, quando tinha - convidado para jantar, este lhe dizia:

"Vejo que conhece muito bem a casa", e julgava dever também pronunciar constantemente "Aimé", devido à predisposição de certas pessoas em achar espirituoso e elegante imitar literalmente aquelas a quem se encontram, atitude em que entram, ao mesmo tempo, a timidez, a vulgaridade e a idiotice. Repetia-o sem parar mas com um sorriso, pois fazia questão de ostentar, a um tempo, as boas relações com o mordomo e sua superioridade sobre ele. E o próprio mordomo, toda vez que era pronunciado o seu nome, sorria um ar de carinho e

orgulho mostrando que reconhecia a honra e compreendia o gracejo.

Eram sempre aborrecidas para mim as refeições naquele vasto restaurante do Grande Hotel, normalmente apinhado, mas tornavam-se ainda mais quando chegava, para passar alguns

dias, o proprietário (ou gerente-geral eleito por assembléia de acionistas, não sei) não só daquele hotel como de sete outros situados em todas as partes da França, e que se habituara a estar sempre numa roda-viva de hotel em hotel, uma semana em cada um. Então, quase a princípio do jantar, aparecia todas as noites, na entrada da sala de jantar, homenzinho de cabelos brancos e nariz vermelho, de impassibilidade extraordinária, e que era, ao que parece, conhecido, tanto em Londres como em Monte Cario, como um dos primeiros hoteleiros da Europa. Uma ocasião eu havia saído um instante no início do jantar, como na volta passasse por todos, saudou-me, sem dúvida para mostrar que eu estava em sua casa, mas com frieza cujo motivo não consegui saber se se tratava da reserva de alguém que não esquece do que representa, ou do desdém por um freguês sem importância daqueles que, ao contrário, tinham grande importância, o gerente-geral se via, igualmente frio, porém mais profundamente, as pálpebras abaixadas; espécie de respeito pudico, como se tivesse à sua frente, numa cerimônia o pai da morta ou o Santo Sacramento. A não ser por esses cumprimentos e raros, não fazia um só movimento, como para mostrar que seus olhos davam a impressão de lhe saltarem do rosto, viam tudo; regulavam, asseguravam no "Jantar do Grande Hotel" não só o acabamento dos detalhes, mas a harmonia do conjunto. Evidentemente, ele se sentia muito mais que um regente de orquestra; sentia-se um verdadeiro generalíssimo. Julgando que uma contemplação levada ao máximo de intensidade era o bastante para lhe assegurar que tudo estava preparado, que nenhum erro cometido poderia acarretar a desordem; para assumir enfim suas responsabilidades, abstinha-se não só de qualquer gesto, como até de mover os olhos petrificados, pela atenção que abarcava e dirigia a totalidade das operações. Eu sentia que mesmo os movimentos da minha colher não lhe escapavam e, conquanto se eclipsasse logo após tomada a sopa, a revista que acabava de fazer me tirava o apetite para o resto da refeição. Seu apetite, no entanto, era muito bom, como se podia ver quando almoçava como simples particular, à mesma hora que os demais, na sala de jantar. Sua mesa apenas tinha uma peculiaridade: é que, ao lado, enquanto ele comia, o gerente habitual permanecia de pé o tempo inteiro conversando. Pois, sendo subordinado ao gerente-geral, procurava lisonjeá-lo e tinha-lhe muito medo. Durante essas refeições, eu sentia menos medo, pois o gerente, perdido no meio dos clientes, assumia a discrição de um general sentado em um restaurante onde há também soldados, e que tem o ar de não se ocupar deles. Todavia, quando o porteiro, cercado de seus criados, me anunciava:

"Amanhã ele vai para Biarritz e depois para Cannes" eu respirava mais livremente.

Minha vida no hotel se tornara não só triste, porque não tinha relações, mas incômoda, porque Françoise, em compensação, fizera muitas. Pode parecer que tais relações nos teriam facilitado muita coisa. Pelo contrário. Os proletários, embora lhes fosse muito difícil serem tratados como conhecidos por Françoise e só o conseguissem à custa de certas finezas para com ela, em compensação, quando por fim lhe alcançavam as graças, eram as únicas pessoas a lhe merecerem consideração. Seu velho código lhe ensinava que nada devia aos amigos dos patrões e, se estivesse apressada, podia mandar embora uma dama que tivesse vindo visitar minha avó. Mas, no tocante às próprias relações, ou seja, com as raras pessoas do povo admitidas à sua difícil amizade, suas ações eram reguladas pelo protocolo mais sutil e absoluto. Assim Françoise, tendo travado relações com o cafeteiro do hotel e com uma criadinha de quarto que fazia vestidos para uma senhora belga, não subia mais para preparar as coisas de minha avó imediatamente após o almoço, e sim uma hora mais tarde, porque o cafeteiro queria lhe preparar café ou chá na cafeteria, e a criada de quarto lhe pedia que fosse vê-la coser, e recusar-se a tal era-lhe impossível, pois tais coisas não se fazem. Além disso, a criadinha de quarto merecia-lhe atenções especiais, pois era órfã e fora educada por uma família estranha, em cuja casa costumava passar alguns dias. Tal situação excitava a piedade de Françoise bem como o seu desdém benevolente. Ela que possuía família, uma casinha que herdara dos pais e onde o irmão criava algumas Vacas, não podia considerar sua igual uma moça sem lar nem parentes. E, como esta esperava o dia 15 de agosto para visitar os benfeitores, Françoise não podia deixar de repetir:

-Ela me faz rir. Diz: espero ir para casa no dia 15 de agosto, casa, diz ela! E nem sequer é sua terra; trata-se de pessoas que a recolheram, e chama de sua casa como se fosse verdadeiramente sua. Pobre menina! Bastante pobrezinha para não se dar conta do que é ter uma casa.-

Embora Françoise não se relacionasse senão com criadas de quarto trazidas pelos hóspedes, as quais jantavam com ela no "refeitório dos serviçais" e que, diante a sua touca de rendas e seu fino perfil, a tomavam por uma dama, talvez nobre, requerida pelas circunstâncias ou pelo afeto a dama de companhia de minha avó, se, palavra, Françoise só conhecesse pessoas que não trabalhavam no hotel, o mal teria sido grande; pois ela não teria podido impedi-las de nos servir para a coisa, simplesmente porque, em caso algum, e mesmo desconhecidos dela, não nos serviria de nada. Mas ela também se ligara em amizade com o copeiro, com um ajudante de cozinheiro e com uma primeira camareira. No que diz respeito à nossa vida diária, foi que Françoise, que no dia em que ela chegou, quando ainda não conhecia ninguém, tocava a campainha por qualquer coisa em horas

inoportunas, quando nem minha avó nem eu teríamos coragem de fazê-lo, e respondia, se lhe fazíamos uma ligeira observação:

"Mas a gente paga bem caro pelo serviço" como se pagasse do próprio bolso, agora que era uma personalidade da cozinha, o que nos parecera de bom agouro para nossa comodidade. Se minha avó ou eu tínhamos frio nos pés, Françoise, na mesma hora, achando perfeitamente normal, não se atrevia a tocar; afirmava que aquilo não pegaria bem, pois obrigaria a reacenderem os fornos ou incomodaria os criados, que ficavam descontentes. E terminava com uma locução que, apesar da forma insegura que a pronunciava, não era menos clara e nos fazia perder a paciência:

"A Vê é que...". Não insistíamos, de medo que nos saísse com uma outra, bem grave: "Seja o que for..." De modo que não mais podíamos ter água quente. Françoise se tornara amiga da pessoa a quem cabia esquentar a água. Por fim, nós também fizemos uma amizade, embora sem que minha avó quisesse, pois ela e a Sra. de Villeparisis se encontraram certa manhã em frente, passando por uma porta, e foram obrigadas a se falarem, não sem trocarem gestos de surpresa e de hesitação, e executando movimentos de recuo, de que, afinal, fazendo protestos de delicadeza e alegria, como em certas cenas de uma peça onde dois atores monologam há muito tempo, cada um de seu lado, acompanhando os passos um do outro, fazendo de conta que não se viram ainda, e de repente se reconhecem, não podem crer nos seus olhos, entrecortam suas frases e finalmente juntos - o coro vindo após o diálogo - se lançam nos braços um do outro. Ao de um instante, a Sra. de Villeparisis, por discrição, quis deixar a minha avó que ao contrário, reteve-a até o almoço, desejando saber como procedia ela para mais cedo o correio e para que lhe servissem boa carne grelhada; pois a Villeparisis, muito gulosa, gostava bem pouco da cozinha do hotel. Serviam refeições que minha avó sempre citando a Sra. de Sévigné, a "tão magníficas que nos matavam de fome". E a marquesa todos os dias aceitava sentar-se à nossa mesa, enquanto esperava que a servissem; permitia que nos levantássemos ou nos incomodássemos por sua presença e demorávamos à mesa, conversando com ela, tendo terminado naquele momento sórdido em que as facas jazem na toalha junto dos desfeitos. De minha parte, a fim de conservar, para poder gostar de que estava na extremidade da terra, esforçava-me por olhar somente o mar, procurar nele os efeitos descritos por Baudelaire e olhar cair sobre a mesa senão nos dias em que haviam servido um monstro marinho que, ao contrário das facas e dos garfos, era de conter épocas primitivas, quando a vida começava a surgir no Oceano, cujo corpo, dotado de inumeráveis vértebras, de nervos fora construído pela natureza mas segundo um plano arquitetônico de catedral polícroma dos mares. Assim como o barbeiro que, ao ver que um oficial a quem com especial consideração reconhece um freguês que acaba de entrar para

conversar com ele, se regozija ao compreender que são da mesma época não pode deixar de ir sorrindo, em busca da saboneteira, pois no estabelecimento, juntam-se às tarefas ordinárias de simples salão, os prazeres sociais, e até mesmo aristocráticos. Assim Aimé, vendo que Villeparisis encontrara em nós amizades antigas, ia em busca de taça boa com o mesmo sorriso orgulhosamente modesto e sabiamente de uma dona-de-casa que sabe se retirar no momento oportuno. Dir-se-ia de um pai feliz e enternecido que vigia, sem perturbá-la, a ventura de um moço que principiou em sua mesa. De resto, bastava que pronunciassem diante de uma pessoa dotada de um título, para que Aimé parecesse feliz. Françoise, diante de quem não se podia dizer "o Sr. conde Fulano" a fisionomia ficasse sombria e suas palavras fossem secas e breves, fazia com que ela estimasse a nobreza em grau inferior a Aimé. Aliás, Françoise possuía uma qualidade que nos outros é o maior dos defeitos: era orgulhosa. Não era do tipo agradável de Aimé, tipo que sente e manifesta um vivo prazer quando suplicante, mas inédito, que não saiu nos jornais. Françoise, ao contrário, demonstrava espanto. Se houvessem dito diante dela que o arquiduque de cuja existência jamais suspeitara, não havia morrido como ainda vivia, teria respondido "sim", como se o soubesse há muito. Françoise, mesmo de nossos lábios, lábios de quem ela chamava seus patrões; que a tínhamos quase inteiramente do mesmo modo que um parente; não podia ouvir o nome de um nobre sem ter de reprimir um movimento; da família a que pertencia, ocupasse na sua aldeia uma posição de destaque, e que só devia ser perturbada na consideração de que gozava pelos mesmos nobres em cuja casa Aimé, pelo contrário, servira como criado desde a infância, se é que não fora educado por caridade. Assim, para Françoise, a Villeparisis é que tinha de pedir perdão por ser nobre. Mas, ao menos na França precisamente o talento; a única ocupação dos grão-senhores e das grandes Françoise, obedecendo à tendência dos criados a sempre andarem recolhendo respeito de seus patrões, informações fragmentárias sobre suas relações com as outras pessoas, das quais às vezes extraem deduções errôneas - como o faz homens acerca da vida dos animais -, achava a cada instante que estava em falta conosco. Conclusão a que aliás chegava com facilidade tanto devido ao exagerado por nós quanto ao grande prazer que sentia em nos ser desagradável. Tendo porém constatado, sem erro possível, as mil atenções que a Sra. de Villeparisis, tinha para conosco e até para com ela, Françoise perdoou-lhe o fato de ser marquesa; como ao mesmo tempo, nunca havia deixado de respeitá-la por seu título, de preferi-la a todos os nossos conhecidos. A verdade é que nenhum deles se esforçava ser tão continuamente amável. Toda vez que a minha avó reparava num livro a Sra. de Villeparisis estava lendo, ou dizia ter achado muito bom. Algumas frutas lhe mandara uma amiga, uma hora após um lacaio subia para nos trazer tais frutas. E, quando a víamos depois, para responder aos nossos agradecimentos, ela se contentava em

dizer, dando a impressão de procurar desculpar; com o pretexto de uma utilidade especial:

"Não é uma obra-prima, mas já chegam tão tarde, é necessário ter algo para ler" ou "é sempre mais prudente frutas confiáveis quando se está à beira-mar."

- Mas parece que vocês não comem ostras nunca. - disse à Villeparisis (aumentando a minha náusea daquela hora, pois a carne viva das ostras me repugnava ainda mais que a viscosidade das medusas que me incomodavam na praia de Balbec) ; aqui são excelentes! Ah, vou dizer à minha criada de que vá pegar sua correspondência ao mesmo tempo que a minha. Como? Sua filha lhe escreve todos os dias? E o que é que vocês encontram para dizer uma à outra?

Minha avó se calou, creio que por desdém, ela que repetia para mamãe as palavras da Sra. de Sévigné:

"Logo que recebo uma carta, já queria ter outra, antes de recebê-la. Poucas pessoas são dignas de compreender o que sinto."

Receei que aplicasse à Sra. de Villeparisis a conclusão:

"Procuro a minoria que me corresponde e evito os outros."

Mas ela mudou de assunto para elogiar as frutas que Villeparisis nos mandara na véspera. Eram, de fato, tão lindas que o gerente, desgosto de ver suas compoteiras desprezadas, me dissera:

- Sou como o senhor; tenho um fraco maior pelas frutas do que por qualquer outra. Minha avó disse a sua amiga que ainda mais lhe agradecia, pois as que serviam no hotel em geral eram detestáveis.

- Não posso dizer como a Sra. de Sévigné.- acrescentou - que, se não quisermos ter frutas ruins, seríamos obrigadas a mandá-las vir de Paris.

-Ah, sim, a senhora lê a Sra. de Sévigné. Vejo-a desde o primeiro dia com suas Cartas (esquecia que nunca vira a minha avó no hotel antes de reencontrá-la naquela porta). Não acha que ela é um pouco exagerada com aquela preocupação constante a respeito da filha; parece que fala demais no assunto para ser sincera. Falta-lhe naturalidade. Minha avó achou inútil a discussão e, para evitar ter de falar de coisas de que gostava diante de alguém que não podia compreendê-las, escondeu com a valise as ''Memórias da Sra. de Beausergent.''

Quando se encontrava com Françoise, no momento que esta chamava de "meio-dia", em que, com sua bela touca e cercada da consideração geral, descia para comer "no refeitório dos criados", a Sra. de Villeparisis a detinha para pedir notícias nossas. E Françoise nos transmitia os recados da marquesa:

- Ela disse: "Dê-lhes bom-dia de minha parte" -, imitando a voz da Sra. de Villeparisis, da qual julgava citar textualmente as palavras, não as deformando

menos que Platão as de Sócrates ou São João as de Jesus.

Naturalmente, Françoise ficava muito sensibilizada com essas atenções. Quando minha avó afirmava que a Sra. de Villeparisis fora deslumbrante na juventude, não acreditava, achando que esta mentia por interesse de classe, pois os ricos se defendem uns aos outros. É verdade que daquela beleza de outrora subsistiam bem poucos indícios, e, para reconstituir com eles a beleza perdida, seria preciso ser mais artista que Françoise. Pois, para bem compreender o quanto uma velha pode ter sido bonita, não basta olhar mas traduzir cada feição.

-Preciso me lembrar de lhe perguntar um dia se não me engano ao achar que existe algum parentesco entre ela e os Guermantes - disse minha avó, que com isso me indignou.

Como era possível que eu acreditasse na origem comum de dois nomes que haviam entrado em mim através de portas tão diferentes, um pela porta baixa e vergonhosa da experiência, outro pela porta de ouro da imaginação? Via-se passar por ali, já por alguns dias, com vistoso aparato, a princesa de Luxemburgo, alta, ruiva, linda, com um nariz um tanto saliente; passava algumas semanas na região. Havia parado diante do hotel, e um lacaio fora falar ao gerente, voltando a carruagem para pegar um cesto de frutas maravilhosas (que uma em uma só corbelha, como a baía, estações diferentes), com um cartão:

"A Princesa de Luxemburgo", onde estavam escritas algumas palavras a lápis. A que viajante principesco, que permanecesse incógnito no hotel, poderiam ser destinadas aquelas glaucas ameixas, luminosas e esféricas, como a redondeza do mar naquele momento; aquelas uvas transparentes, pendentes do galho seco como um claro dia de outono; aquelas pêras de um azul celeste? Pois certamente a pessoa a quem a princesa vinha visitar não podia ser a amiga de minha avó. Entretanto, na tarde seguinte, a Sra. de Villeparisis nos mandou aquele cacho de uvas fresco e dourado além de umas ameixas e pêras que logo reconhecemos.

Eu me indagava por que acaso, na luneta indiferente pela qual a Sra. de Villeparisis considerava de muito longe a agitação sumária, minúscula e vaga da multidão de pessoas que conhecia, se encontrava intercalado, no local onde ela via meu pai, um pedaço de vidro prodigiosamente aumentativo que a fazia ver com tanto destaque e no maior detalhe, tudo o que ele possuía de agradável, as contingências que o forçavam a voltar, seus aborrecimentos de alfândega, seu gosto por El Greco, e, mudando para ela a escala de visão, mostrava-lhe este único homem tão grande no meio dos outros, bem pequeninos, como aquele Júpiter a que Gustave Moreau conferiu, quando o pintou ao lado de um frágil mortal, uma estatura mais que humana.

Minha avó despediu-se da Sra. de Villeparisis para que pudéssemos ficar mais um momento a respirar o ar livre diante do hotel, à espera de que nos fizessem

sinal, pela vidraça, de que o nosso almoço estava servido. Ouviu-se um tumulto. Era a jovem amante do rei dos selvagens que acabara de tomar seu banho de mar e entrava para o almoço.

- Na verdade é uma praga; é o caso da gente deixar a França! - gritou com raiva o advogado, que passava naquele instante.

Entretanto, a esposa do tabelião arregalava os olhos para a falsa rainha.

- Não posso lhes dizer como a Sra. Blandais me irrita reparando em pessoas desse tipo -

disse o advogado ao presidente. - Gostaria de lhe dar um tapa. É assim que se dá importância a essa gentalha que certamente não deseja outra coisa. Diga ao marido dela para avisá-la que isto é ridículo; quanto a mim, não saio mais na companhia deles se continuam a prestar atenção aos embusteiros.

Quanto à visita da princesa de Luxemburgo, cuja carruagem e acessórios, no dia em que viera trazer as frutas, parara diante do hotel não havia escapado ao grupo da mulher do tabelião, da do advogado e do primeiro magistrado, já desde algum tempo muito agitadas para saber se se tratava de uma legítima marquesa e não de uma aventureira aquela Sra. de Villeparisis a quem mostravam tanta deferência. Todas aquelas senhoras ardiam por descobrir que a marquesa era indigna dessa consideração. Quando a Sra. de Villeparisis atravessava o hall a mulher do primeiro magistrado, que em toda parte vislumbrava irregularidades, erguia o nariz do trabalho e olhava-a de um modo que fazia as amigas morrerem de rir.

- Oh, vocês sabem que eu - dizia ela com orgulho - começo sempre por pensar mal. Não consigo admitir que uma mulher esteja verdadeiramente casada senão depois de ver a certidão de nascimento e os registros da cerimônia de casamento. Aliás, não se incomodem que vou fazer um pequeno inquérito.

Todos os dias aquelas senhoras vinham rindo.

- Vimos saber das novidades.

Mas, no dia da visita da princesa de Luxemburgo, a mulher do primeiro magistrado pôs um dedo sobre os lábios.

-Temos novidades.

- Oh, a senhora Poncin é extraordinária! Nunca vi ninguém assim! Mas diga... o que é que há?

- Muito bem: uma mulher de cabelos louros, uma grossa camada de pintura no rosto, um carro que cheirava a prostitutas a uma légua de distância, e como só essas senhoritas possuem, veio há pouco para visitar a pretensa marquesa.

-Ora, ora! Não diga! Ora vejam! mas é aquela dama que vimos, lembram? Bem que achamos que não nos enquadrava bem, mas não sabíamos que tinha vindo para ver a marquesa. Uma mulher com um negro, não?

- Essa mesma.

-Vejam só! E não sabe o nome dela?

- Sim, fingi que me enganava e peguei seu cartão; tem como nome de guerra o de princesa de Luxemburgo! Bem que eu tinha razão de desconfiar. Muito agradável estarmos aqui nessa promiscuidade com esta espécie de baronesa d'Ange.

O advogado citou Mathurin Régnier e Macette ao primeiro magistrado. Aliás, não é necessário crer que semelhante mal-entendido fosse momentâneo, como os que se formam no segundo ato de um *vaudeville* para se resolverem no último ato. A Sra. de Luxemburgo, sobrinha do rei da Inglaterra e do imperador da Áustria, e a Sra. de Villeparisis pareceram sempre, quando a primeira vinha buscar a segunda para passearem de carro, duas estouvadas, dessas que é bem difícil evitar nas estâncias balneárias. Três quartas partes dos homens do *faubourg* Saint-Germain passam aos olhos de uma boa parte da burguesia por crápulas arruinados (o que aliás são às vezes, individualmente) e que, portanto, ninguém recebe. A burguesia é por demais honesta nesse ponto, pois as suas taras não os impediriam de forma alguma de serem recebidos com o maior favor onde ela jamais o será. E, de tal maneira imaginam que a burguesia o sabe, que afetam com uma simplicidade no que lhes diz respeito, um menosprezo pelos amigos particularmente "duros", que aumenta ainda mais o mal-entendido. Se por acaso um homem da alta sociedade se relaciona com a pequena burguesia porque, sendo extremamente rico, ocorre-lhe presidir as mais importantes sociedades financeiras, a burguesia, que vê por fim um nobre digno de ser um grande burguês, juraria que ele não convive com o marquês jogador e arruinado, a quem julga tanto mais desprovido de relações quanto mais amável. E qual não é seu espanto quando o duque, presidente do conselho administrativo da colossal empresa, dá ao filho por esposa a filha do marquês; jogador, mas cujo nome é o mais antigo da França, assim como um soberano antes fará seu filho casar-se com a filha de um rei destronado que a de um presidente da república no exercício de seu mandato. Quer dizer que os dois mundos têm, um do outro, uma noção tão quimérica como os habitantes de uma praia situada numa das extremidades da baía de Balbec têm da praia localizada na outra extremidade: de Rivebelle avista-se um pouco Marcouville -l'Orgueilleuse, mas mesmo isto ilude, pois a gente julga ser avistado de Marcouville, de onde ao contrário, os esplendores de Rivebelle são em grande parte invisíveis.

O médico de Balbec, chamado em virtude de um acesso de febre tivera, achou

que eu não deveria ficar o dia inteiro à beira-mar, em pleno soalheira, e prescreveu para meu uso algumas receitas. Minha avó as tomou com um respeito aparente, onde logo reconheci sua firme decisão de não cumprir nenhuma, mas levou em consideração o conselho em matéria de higiene e aceitar o oferecimento da Sra. de Villeparisis para alguns passeios de carro. Eu ia à hora do almoço, do meu quarto ao de minha avó. Este não dava diretamente ao mar, como o meu, mas recebia luz de três lados diversos: de uma extremidade do molhe, de um pátio e do campo, e era mobiliado de modo diferente, com toalhas bordadas de filigranas metálicas e de flores róseas de onde parecia emanam suave e agradável que a gente encontrava ao entrar. E, nessa hora em que vindos das exposições e como que de horas diversas quebravam os ângulos do muro, ao lado de um reflexo da praia, punham na cômoda um repositório como as flores do caminho, suspendiam à parede as asas dobradas, têm as mornas de uma claridade em vias de retomar seu vôo, aqueciam como um retângulo de tapete provinciano diante da janela do patiozinho; que engrinaldava como a uma videira, aumentavam o encanto e a complexidade da decoração dos móveis, parecendo esfoliar a seda florida das poltronas, aquele quarto que eu atravessava um momento antes de me vestir para o passeio, dava a impressão de um prisma onde se decoram as cores da luz de fora, ou de uma colméia onde os sucos do dia que estivessem dissociados, esparsos, inebriantes e visíveis, ou de um jardim a lembrança que se dissolvesse numa palpitação de raios de prata e de pétalas. Porém, antes de tudo, eu abrira minhas cortinas na impaciência de saber onde a marquesa brincava aquela manhã na praia, como uma nereida. Pois nenhum desses mares ficava por ali mais de um dia. Na manhã seguinte haveria outra vez que se parecia com ele. Mas nunca vi duas vezes o mesmo mar. Havia uns de beleza tão rara que, ao percebê-los, o meu prazer em ser constatado ainda pela surpresa. Que privilégio teria uma manhã sobre as outras; a janela, ao entreabrir-se, desvelasse aos meus olhos maravilhados, glaucônome, cuja preguiçosa beleza e suave respirar tinham a transparência de uma vaporosa esmeralda, através da qual eu via fluírem os elementos que a coloriam? Fazia o sol brincar com um sorriso enfraquecido por mais invisível, que outra coisa não era que o espaço vazio reservado à superfície translúcida, que assim se tornava mais abrangente e sedutor que essas deusas que o escultor salienta em meio a um bloco, que nem consegue desbastar. Assim, com sua cor única, o mar nos convidava ao passeio pelos caminhos grosseiros e terrenos, de onde, instalados na carruagem da Sra. De Villeparisis contemplaríamos o dia inteiro, sem nunca o alcançar, o frescor de sua palpitação macia. A Sra. de Villeparisis mandara atrelar cedo, para que tivéssemos tempo de ir a Saint-Mars-le-Vêtu, ou aos rochedos de Quetteholme, ou até qualquer outro ponto de excursão que, para um carro muito vagaroso, seria bem distante e levava o dia inteiro. Na minha alegria pelo passeio demorado que íamos fazer, cantarolava uma canção recentemente

ouvida e andava de um lado para o outro à espera de que a Sra. de Villeparisis se aprontasse. Se fosse domingo, seu carro não estaria sozinho diante do hotel; vários fiacres alugados esperavam não só as pessoas que eram convidadas para o castelo de Féterne, pela Sra. de Cambremer, mas as que, em vez de ali ficarem como crianças castigadas, declaravam que o domingo era um dia aborrecido em Balbec e iam se esconder, logo após o almoço, numa praia vizinha ou visitar algum lugar das redondezas. Muitas vezes, quando perguntavam à Sra. Blandais se fora à casa dos Cambremer, ela respondia peremptoriamente:

- Não, estávamos na cascata do Balbec -, como se fosse esta a única razão pela qual não passara o dia todo em Féterne. E o advogado afirmava caridosamente:

- Invejo-os. Com muito gosto teria trocado com vocês; é bem mais divertido. Junto dos carros, diante do pórtico onde eu esperava, estava plantado, como um arbusto de rara espécie, um jovem criado do hotel que chamava a atenção de todos menos pela singular harmonia dos cabelos coloridos que por sua epiderme de planta. No interior, no *hall* que correspondia ao *nártex*, ou igreja dos catecúmenos dos templos romanos, e onde tinham direito a entrar as pessoas que não residiam no hotel, os companheiros do *groom* "externo" não trabalhavam muito mais que ele; porém ao menos executavam alguns movimentos. É provável que de manhã ajudassem na limpeza; mas de tarde estavam ali apenas como esses membros do coro que, mesmo quando não servem para nada, permanecem em cena para aumentar o número de figurantes. O gerente-geral, o mesmo que me dava tanto medo, contava aumentar consideravelmente o seu número no próximo ano, pois ''via em ponto grande". Sua decisão muito afligia o gerente do hotel, que achava que todos aqueles meninos não passavam de uns impertinentes, querendo com isso dizer que estorvavam a passagem e eram inúteis. Mas, pelo menos no espaço entre o almoço e o jantar, entre as saídas e regressos dos hóspedes, preenchiam eles o vazio da ação, como as alunas da Sra. de Maintenon que, vestidas de jovens israelitas, dançam um *intermezzo* cada vez que Ester ou Joab saem de cena. Mas o *groom* de fora, tão rico em matizes, de talhe delgado e frágil, perto de quem eu esperava que a marquesa descesse, conservava uma imobilidade cheia de melancolia, pois seus irmãos mais velhos tinham largado o hotel por destinos mais brilhantes e ele se sentia isolado naquela terra estranha. Enfim chegou a Sra. de Villeparisis. Talvez coubesse ao *groom* mandar o carro se aproximar e ajudar a senhora a subir; mas, por um lado, sabia que quem traz a criadagem consigo deve servir-se deles e, em geral, dá poucas gorjetas num hotel, e que, por outro nobres do velho *faubourg* Saint-Germain procedem da mesma maneira. A Villeparisis pertencia ao mesmo tempo a essas duas categorias. Que arborescente concluía daí que nada havia a esperar da marquesa; deixando o mordomo e a criada de quarto desta que a instalassem no carro com seus; sonhava tristemente com a sorte invejável dos irmãos sem sair

de sua imagem vegetal.

Partíamos; algum tempo após ter contornado a estação de trem, estávamos numa estrada rústica que em breve se tornou tão familiar como Combray, desde o cotovelo que principiava a se meter por entre cercados até a outra volta, quando o abandonávamos, e que, de cada lado, terras cultivadas. No meio delas, via-se aqui e ali uma macieira, é certo que de suas flores não trazendo mais que um buquê de pistilos, mas que me encantaram porque reconhecia essas folhas inimitáveis, em cuja ampla beleza, como pelo tapete de uma festa nupcial já terminada, passara recentemente de cetim branco para de flores avermelhadas. Quantas vezes em Paris, no mês de maio do ano seguinte, ocorria comprar um ramo de macieira numa florista e passar a noite diante deste onde desabrochava aquela mesma essência cremosa a polvilhar ainda a espuma, os brotos das folhas; e parecia que entre suas brancas corolas como por generosidade comigo, por gosto inventivo e também por contraste, tinha posto como brinde, de cada lado, um botão róseo que lhe contemplava, colocava-as à luz da lâmpada, por tanto tempo que ainda assim estava ali quando a aurora lhes trazia a mesma vermelhidão; estar mostrando ao mesmo tempo sobre Balbec (eu procurava naquela estrada por meio da imaginação, multiplicá-las, e estendê-las) preparado, sobre a tela já pronta, quadro que formava como aquelas do desenho que sabia de cor e que tanto desejaria ver - e um dia haveria de conseguir o momento em que a primavera cobre as telas de suas cores com a inspiração do gênio.

Antes de subir para o carro, já compusera o quadro marinho, na esperança de vê-lo sob o "sol radiante", que em Balbec eu só visse fragmentado entre tantas coisas vulgares e que meu sonho não admitia, cabines, iates de recreio. Mas, quando o carro da Sra. de Villeparisis chegou de uma colina, eu avistava o mar entre as folhagens; desapareciam na distância os detalhes contemporâneos que, por assim dizer, tinham da natureza e da história; eu podia, olhando as ondas, esforçar-me por que eram as mesmas que Leconte de Lisle nos pinta na Orestíada, quando os guerreiros da heróica Hélade, "feito bandos de pássaros, com cem mil vibram ao mar sonoro". Mas em compensação, já estava agora; mais o mar não se apresentava com vida e, sim, entorpecido; eu já não sentia força em suas cores estendidas, como as de uma pintura, entre as folhas das árvores; a água parecia tão inconsistente como o céu, e apenas um tanto mais escura que ele.

Vendo que eu gostava das igrejas, a Sra. de Villeparisis prometia-me que haveríamos de visitá-las aos poucos; principalmente a de Carqueville, "toda coberta de hera antiga", disse ela, fazendo com a mão um movimento que parecia envolver com prazer a fachada ausente em uma folhagem delicada e invisível. A Sra. de Villeparisis, com freqüência, tinha desses miúdos gestos

descritivos, acompanhados de uma palavra precisa para definir o encanto e a particularidade de um monumento, evitando sempre os termos técnicos, mas sem poder dissimular que sabia muito bem das coisas de que falava. À maneira de desculpa, alegava que um dos castelos de seu pai, no qual se criara, ficava num distrito em que havia igrejas de estilo semelhante às dos arredores de Balbec, e teria sido vergonhoso que ela não tomasse gosto pela arquitetura, ainda mais que aquele castelo era o mais belo exemplar dos da Renascença. Mas, como também era um verdadeiro museu, e como, por outro lado, ali haviam tocado Chopin e Liszt, e Lamartine recitado seus versos, e todos os artistas conhecidos de um século inteiro ali haviam deixado pensamentos, escrito melodias, feito desenhos no álbum da família; a Sra. de Villeparisis, fosse por gracejo, boa educação, modéstia verdadeira, ou falta de espírito filosófico, atribuía a essa origem puramente material o seu conhecimento de todas as artes; acabava considerando pintura e música, literatura e filosofia; como o privilégio de uma jovem educada da maneira mais aristocrática em um monumento ilustre e catalogado. Parecia que, para ela, não havia outros quadros senão os que se herdam. Ficou satisfeita que minha avó gostasse de um colar que estava usando e que lhe chegava à cintura. Estava no retrato de sua bisavó pintado por Ticiano e que nunca saíra da família, de modo que se podia afirmar que era um Ticiano legítimo. Ela não queria ouvir falar em quadros comprados Deus sabe como, por algum Creso; estava de antemão convencida de que eram falsos e não manifestava desejo algum de vê-los. Sabíamos que ela própria pintava aquarelas de flores e minha avó, que ouvira elogiá-las, falou-lhe delas. A Sra. de Villeparisis mudou de assunto, por modéstia, mas sem mostrar maior espanto ou prazer do que uma artista bastante conhecida, a quem os cumprimentos não trazem nada de novo. Contentou-se em dizer que era um passa-tempo encantador porque, se as flores nascidas do pincel não eram famosas, pelo menos pintá-las obrigava-nos a viver na companhia de flores naturais, cuja beleza, principalmente quando é necessário olhá-las bem de perto para as copiar, não cansa nunca. Mas em Balbec, a Sra. de Villeparisis tirava férias para descansar os olhos. Minha avó e eu ficamos muito espantados ao perceber que a marquesa era mais "liberal" até que a maior parte da burguesia. Ela se admirava que causas como é o do escândalo da expulsão dos jesuítas, dizendo que isto sempre se fizera, mesmo sob a monarquia, mesmo na Espanha. Defendia a República, cujo anti-clericalismo censurava apenas em termos medidos:

"Acharia tão ruim que me impedissem de ir à missa como se me forçassem a ir sem ter vontade", chegando mesmo a citar certas frases, como:

"Oh, a nobreza de hoje não vale quase nada!", ou: ''Pra mim, um homem que não trabalha não tem qualquer valor", talvez como a sentir que assumiam em sua boca um sentido picante, saboroso e memoráveis suas palavras. De tanto ouvir

expressar com franqueza opiniões avançadas; mas nunca chegar ao socialismo, que era o pesadelo da Sra. de Villeparisis - exatamente por uma dessas pessoas que, por inspirarem consideração devido a seu talento, levam nossa tímida e escrupulosa imparcialidade a recusar-se a condenar dos conservadores. Minha avó e eu não estávamos longe de acreditar que, a amável companheira, se encontravam a medida e o modelo da verdade entre outras coisas. Acreditávamos nela, sob palavra, quando discorria acerca de seus Ticianos; da galeria do seu castelo, do espírito de conversação de Luís Filipe. Porém, esses eruditos que nos assombram ao falar da pintura egípcia e das inscrições etruscas, e que se expressam de modo tão banal sobre as obras modernas; a de nos fazerem desconfiar senão exageramos o interesse das ciências em que são versados, pois, ao tratarem delas, não demonstram essa mediocridade que era de se esperar e que transparece nos seus ensaios estúpidos sobre Baudelaire. A Villeparisis, interrogada por mim acerca de Chateaubriand, Balzac e Victor Hugo; todos antigamente recebidos por seus pais e conhecidos dela mesma, achou graça na minha admiração, contava deles coisas picantes como acabavam; sobre grão-senhores ou políticos, e julgava-os com severidade exatamente porque não tinham essa modéstia, esse apagamento do próprio valor, essa arte só se contenta com um só traço preciso e não insiste, e evita acima de tudo a grandiloqüência, essa oportunidade e essas qualidades de moderação e simplicidade, próprias do verdadeiro talento, conforme lhe haviam ensinado e que ela não vacilava em lhes preferir certos homens que, de fato, talvez tivesse por isso, vantagem sobre um Balzac, um Victor Hugo ou um Vigny, numa academia ou num conselho de ministros, como Molé, Fontanes, Vil Bersot, Pasquier, Lebrun, Salvandy ou Daru.

- É como esses romances de Stendhal, por quem você parece ter admiração. Você o deixaria muito espantado se lhe falasse desse modo, que se encontrava com ele em casa do Sr. Mérimée este sim, um homem de talento-, me disse várias vezes que Beyle (era este o seu nome) era de uma vulgaridade, mas muito espirituoso num jantar e não alimentava ilusões de seus livros. Aliás, você bem sabe como respondeu, com um ar de elogios excessivos do Sr. de Balzac. Nisto, pelo menos, era homem de bom tom.

Ela possuía autógrafos de todos esses escritores e parecia achar às relações particulares que sua família tivera com tais artistas, seu julgamento a respeito deles era muito mais justo que o de rapazinhos como eu, que não os tinham conhecido.

- Creio que posso falar neles porque freqüentavam a casa de meu pai e, como dizia o Sr. Sainte-Beuve, que era muito espirituoso, sobre tais escritores, convém acreditar nos que os viram de perto e puderam julgar mais precisamente o quanto valiam.

Às vezes, como o carro subisse por uma estrada entre campos cultivados, alguns

camponeses hesitantes, parecidos com os de Combray, seguiam nosso carro, tornando mais reais os campos, ajuntando-lhes um sinal de autenticidade, como a preciosa florzinha com que certos mestres antigos assinavam os quadros. O andamento dos nossos cavalos em breve nos separava deles, porém pouco adiante já víamos outro que nos esperava, espetando na erva à nossa frente a sua estrela azul; vários deles se atreviam a chegar à beira da estrada, e formava-se uma nebulosa com minhas lembranças antigas e aquelas florzinhas domésticas.

Descíamos a encosta; então cruzávamos, subindo a pé, de bicicleta, numa carroça ou num carro, com uma dessas criaturas-flores do dia claro, mas que não são como as flores dos campos, pois cada uma encerra algo que não existe nas outras, o que impede que possamos satisfazer com suas iguais o desejo que nos inspira-, uma moça de granja que guiava sua vaca, ou meio deitada numa charrete, filha de lojista a passeio, uma senhorita elegante sentada na banqueta de um landô, diante dos pais.

Certamente Bloch me abrira uma nova era e mudara-me o valor da vida, no dia em que me ensinara que meus sonhos nos passeios solitários para os lados de Méséglise, quando desejava que passasse uma moça do campo para tomá-la nos braços, não eram uma quimera que não correspondesse a coisa alguma fora de mim, mas que toda moça que encontrasse, camponesa ou citadina, estaria em condições de satisfazer tais desejos. Conquanto agora, por estar doente e nunca sair sozinho, não pudesse fazer amor com elas, sentia-me no entanto alegre como uma criança nascida numa prisão ou num hospital e que, tendo acreditado durante muito tempo que o organismo humano só pode digerir pão seco e remédios, soube de repente que os pêssegos, abricós e uvas não são um simples ornato dos campos, mas alimentos deliciosos e assimiláveis. Mesmo que o carcereiro ou o enfermeiro não o deixe apanhar esses belos frutos, o mundo todavia lhe parece melhor e a existência mais clemente. Pois um desejo se embeleza à nossos olhos, e apoiamo-nos a ele com maior confiança quando sabemos que a realidade exterior a ele corresponde, ainda que não seja realizável ao nosso caso. Pensamos com mais alegria numa vida em que possamos imaginar saciá-lo, desde que afastemos um instante do nosso espírito o pequeno obstáculo acidental e particular que nos impede realizá-lo pessoalmente. Quanto às belas moças que passavam, desde o dia em que soubera que suas faces podiam ser beijadas, tornara-me curioso acerca de suas almas. E o universo me parecera crescer de interesse.

O carro da Sra. de Villeparisis andava rápido. Mal me dava tempo de ver a menina que vinha em nossa direção; entretanto como a beleza das criaturas não é igual à das coisas e sentimos muito bem que pertence a uma criatura útil ciente e de vontade própria, enquanto sua individualidade, alma vaga, desconhecida de mim, se pintava numa pequena imagem prodigiosamente, mas completa, no

fundo de seu olhar distraído, logo, misteriosa como os pólens bem preparados para os pistilos, sentia jorrar em mim o embrião tão minúsculo, do desejo de não deixar passar aquela menina sem que seu pensamento tomasse consciência de minha pessoa, sem impedir que seus olhos se dirigissem a outro homem, sem que me fixasse em suas fantasias e contagiar seu coração. Todavia, o nosso carro se afastava, a linda menina já estava rindo, como lhe faltassem a meu respeito sobre quaisquer noções das que constituem uma pessoa, seus olhos, que mal me haviam avistado, já me esqueciam. Julgara assim tão linda só por tê-la visto de forma tão fugaz? Talvez, a impossibilidade de ter parado junto de uma mulher, o risco de não encontrá-la em outra ocasião, davam-lhe subitamente o mesmo encanto que uma certa doença ou a pobreza que nos impedem de visitá-lo, ou, aos dias tão aborrecidos que nos restam por viver, a idéia do combate em que certamente morreria; de forma que, se não fosse o hábito, a vida deveria parecer deliciosa às pessoas que estivessem ameaçadas de morrer a todo instante ou seja, a toda humanidade. Além disso, se a imaginação é levada pelo desejo daquilo que não pode possuir, seu impulso não é limitado por uma realidade inteiramente percebida de encontros, onde o encanto da passante está em geral diretamente relacionado a rapidez da passagem. Por pouco que a noite tombava e que o carro deparava-se no campo ou na cidade, não há torso feminino, mutilado como um mármore antigo; pela velocidade que nos arrasta e pelo crepúsculo que o afoga, que não há coração, a cada volta da estrada, do fundo de cada loja, as flechas da Beleza que seria lícito perguntar se, neste mundo, ela é outra coisa além de complemento que nossa imaginação, sobre excitada pela angústia, ajusta à mulher que passa fragmentária e fugitiva. Se eu pudesse ter descido do carro e falar à moça por quem talvez ficasse decepcionado com algum defeito de sua pele, que não pudera distinguir. (Então, de súbito, todo esforço para penetrar em sua vida pareceria impossível. Pois a beleza é uma seqüência de hipóteses, e fidelidade barrando o caminho que já víamos abrir-se para o desconhecido.) Tal palavra que ela tivesse dito, um sorriso, que me houvesse fornecido; uma cifra inesperadas para ler a expressão de seu rosto e de seu porte, tornariam banais. É possível, pois jamais encontrei na vida mulheres - como naqueles dias em que estava com uma pessoa muito grave, não podia me separar não obstante os mil pretextos que inventava; em anos depois de minha primeira viagem a Balbec, dando um passeio dê um amigo de meu pai, e vendo uma mulher que caminhava depressa; pensei que não era razoável, por uma questão de conveniência, perder minha porção de felicidade na única vida que sem dúvida existe. E, saltando do carro sem pedir desculpas, parti em busca da desconhecida; perdi-a no cruzamento de duas ruas, voltei a encontrá-la numa terceira e me achei, todo resfolegante, debaixo de um lampião, diante da velha Sra. Verdurin, a quem evitava por toda a parte e que, surpresa e feliz, exclamou:

-Oh, como foi amável em correr para me cumprimentar!

Naquele ano em Balbec, quando tinha desses encontros, afirmava à minha avó e à Sra. de Villeparisis que, devido a uma grande dor de cabeça, era preferível que voltasse a pé para casa. Elas recusavam deixar-me descer do carro. E eu acrescentava a linda moça (bem mais difícil de reencontrar do que um monumento, pois era anônima e móvel) à coleção daquelas todas que tinha prometido a mim mesmo ver de perto. Entretanto, uma ocorreu passar de novo a meus olhos, em condições tais que julguei poder conhecê-la quando quisesse. Era uma leiteira que vinha de um sítio trazendo um suplemento de creme para o hotel. Pensei que me reconhecera e, de fato, olhava-me com uma atenção que talvez fosse causada pelo espanto que lhe dava a minha atenção. Ora, no dia seguinte, em que ficara repousando a manhã inteira, quando Françoise veio descerrar as cortinas, por volta do meio-dia, entregou-me uma carta que fora deixada para mim no hotel. Não conhecia ninguém em Balbec. Não tinha dúvidas de que a carta fosse da leiteira. Infelizmente, era apenas de Bergotte que, de passagem, tentara me ver mas, tendo sabido que eu dormia, deixara-me algumas linhas amáveis, para as quais o ascensorista fizera um envelope que eu havia julgado escrito pela leiteira. Fiquei tremendamente desapontado, e a idéia de que era bem mais difícil e lisonjeiro receber uma carta de Bergotte, não me consolou em nada o fato de não ter sido escrita pela leiteira. O caso é que não voltei mais a ver aquela moça, como acontecia com as outras que só avistava do carro da Sra. de Villeparisis. Vê-las e perdê-las todas; aumentava o estado de agitação em que vivia e reconhecia uma certa sapiência nos filósofos que nos recomendam limitar nossos desejos (se é que pretendem estar falando do desejo que nos inspiram as outras pessoas, pois é o único que pode provocar ansiedade, ao se aplicar ao desconhecido consciente. Supor que a filosofia queria falar do desejo das riquezas é absurdo demais). Entretanto, estava disposto a julgar incompleta semelhante sabedoria, pois dizia comigo que esses encontros me faziam achar ainda mais belo um mundo que assim deixava crescer em todos os caminhos do campo umas flores tão corriqueiras e raras a um tempo; tesouros fugitivos do dia, dádivas do passeio, que dão novo gosto à vida e que somente devido à circunstâncias contingentes, que talvez não se reproduzissem no futuro, me haviam impedido de desfrutar agora.Mas talvez, esperando que um dia, mais livre, eu pudesse encontrar moças idênticas em outras estradas, já começasse a falsear o elemento exclusivamente individual do desejo de viver com uma mulher que nos, pareceu bonita; pelo simples fato de admitir a possibilidade de fazê-lo nascer artificialmente, de modo implícito a sua natureza ilusória.

No dia em que a Sra. de Villeparisis nos levou a Carqueville, àquela igreja coberta de hera de que nos havia falado e que, edificada um outeiro, que domina a aldeia, o rio que a atravessa e que manteve sua ponte da Idade Média. Minha avó, pensando que eu gostaria de permanecer sozinho parado olhando o monumento, propôs à amiga irem ambas lanchar na confeitaria; na praça via

perfeitamente dali e que, com sua pátina dourada, era como uma outra um objeto bem antigo. Combinou-se que eu iria encontrá-las aí. Para uma igreja no bloco de verdura que tinha à minha frente, foi preciso um esforço que me pôs mais em contato com a noção de igreja; com efeito, do modo que esses estudantes que apreendem mais completamente se fazem uma frase quando são obrigados, por meio de um exercício de versão; ou a despojá-la das formas a que estão habituados, essa noção de igreja, de que precisava ao me ver diante de torres que se davam a conhecer por si mesmas; agora era obrigado a chamar constantemente em meu auxílio para não me esquecer que o arco desse punhado de erva era o de uma vidraça ogival; ali, que a saliência das folhas era devida ao relevo de um capitel. Mas então soprou um ventinho, fazendo estremecer o pórtico móvel que formava redemoinhos dos trêmulos como ondas de luz; as folhas se agitavam umas contra às outras; a fachada vegetal, toda trêmula, arrastava consigo, acariciando os pilares ondulantes e fugitivos.

Ao deixar a igreja, vi, diante da velha ponte, moças da aldeia que sem dúvida por ser domingo, estavam muito enfeitadas, interpelando os rapazes que por ali passavam. Menos bem vestida que as outras, mas parecendo ter uma certa ascendência; pois mal respondia ao que elas lhe falavam, com ar mais grave e voluntarioso; uma outra, alta, meio sentada no retiro da ponte, de pernas penduradas, tinha à sua frente um cesto cheio de peixes, provavelmente acabara de pescar. Era de pele amorenada, olhos suaves com olhar desdenhoso para tudo o que a rodeava; nariz pequeno e muito fino. Meus olhos pousaram em sua pele e, a rigor, meus lábios podiam crer que haviam seguido seus olhos. Mas não era apenas o seu corpo o que eu atingia, era igualmente a pessoa que nele vivia e com a qual estabelece uma espécie de contato quando chamamos sua atenção, e na qual como que penetramos ao lhe sugerir uma idéia. O ser interior da bela pescadora parecia ainda estar cerrado para um duvidoso que ali tivesse penetrado, mesmo depois de ter percebido minha imagem refletir-se furtivamente no espelho de seus olhos, conforme um indício de refração que me era tão desconhecido como se me houvesse colocado um visual de uma corça. Mas, da mesma forma que não me bastaria que sorvessem prazer nos seus lábios, mas que igualmente lhe dessem esse prazer; assim também desejaria que a idéia de minha imaginação entrasse naquele ser, que a ele se prendesse, não só atraísse sua atenção sobre mim, como a sua admiração, seu desejo, fazendo com que mantivesse minha lembrança até o dia em que pudesse reencontrá-la. Enquanto isso, via a alguns passos dali o lugar em que devia me esperar o carro da Sra. de Villeparisis. Só dispunha de um momento; e já sentia que as moças começavam a rir por me verem parado daquele jeito. Tinha cinco francos no bolso. Tirei-os e, antes de explicar à linda jovem o serviço de que ia encarregá-la, para ter mais chances de que reparasse em mim, ergui por um instante a moeda à altura de seus olhos.

- Visto que parece ser daqui. - disse à pescadora - poderia ter a bondade de me fazer um favor? Chegar a uma confeitaria que dizem que há numa praça mas não sei onde, e ali deve haver um carro à minha espera. Preste atenção: para evitar confusões, pergunte se é o carro da Sra. marquesa de Villeparisis. Aliás, vai ver logo qual é; tem dois cavalos.

Era isto o que eu queria que ela soubesse para fazer uma alta idéia de mim. Mas, quando pronunciei as palavras "marquesa" e "dois cavalos", experimentei um súbito sossego. Vi que a pescadora se lembraria de mim e que se dissipava, junto com meu medo de nunca mais vê-la, uma parte do meu desejo de reencontrá-la. Parecia-me que acabava de tocar sua pessoa com lábios invisíveis e que lhe agradara. Essa violenta conquista do seu espírito, essa posse imaterial, fizeram-na perder tanto mistério como o teria feito a posse física.

Descemos até Hudimesnil; de súbito invadiu-me aquela profunda felicidade que quase não sentia desde o tempo de Combray, felicidade análoga à que me haviam dado, entre outros, os campanários de Martinville. Mas desta vez permaneceu incompleta. Acabava de ver, num dos lados da estrada, na encosta por onde íamos, três árvores que deviam servir de pórtico a uma alameda encoberta, formando um desenho que já não era a primeira vez que via; não podia reconhecer o local de onde pareciam ter se destacado, mas sentia que me fora familiar antigamente. De modo que, tendo meu espírito vacilado entre um ano bem remoto e o momento presente, também vacilaram os arredores de Balbec, e perguntei-me se todo aquele passeio não seria uma ficção. Balbec um lugar onde nunca estivera a não ser na imaginação, a Sra. de Villeparisis um personagem de romance e as três velhas árvores a realidade que descobrimos ao erguer os olhos do livro que estamos lendo e que descreve um meio ao qual nos pareceu que tínhamos sido de fato transportados.

Contemplava as três árvores; via-as muito bem, mas meu espírito sentia que ocultavam algo que não conseguia apreender, como ocorre com os objetos colocados muito longe de nossos dedos, e que, mesmo que estendamos o braço, não fazemos mais que acariciar, sem poder agarrá-los. Então a gente descansa por um momento, para depois estender o braço ainda com mais força e tentar chegar mais adiante. Mas, para que meu espírito pudesse fazer o mesmo, tomar impulso era necessário que eu estivesse sozinho. Como gostaria de poder me isolar da mesma forma que o fazia em meus passeios para os lados de Guermantes, quando me separava de meus pais! Parecia-me até que deveria fazê-lo. Reconhecia o gênero de prazer que requer, na verdade, um certo esforço da mente sobressaindo de si mesma; mas muito grato em comparação com as medíocres alegrias do abandono e da renúncia. Tal prazer, cujo objeto era apenas pressentido e que eu mesmo tinha que criar, experimentava-o raras vezes apenas, mas, de cada vez, parecia-me que quaisquer coisas ocorridas no

intervalo não tinham importância quase, e que era limitante em sua realidade, poderia enfim começar uma vida verdadeira. Por um momento a mão diante dos olhos para poder fechá-los sem que a Sra. de Villeparisis notasse. Permaneci sem pensar em nada e em breve, com o pensamento concentrado, impulsionado com mais força, saltei na direção daquelas três árvores, ou nessa direção interior em cuja extremidade eu as via em mim mesmo; senti por detrás delas a presença de um objeto conhecido, porém vago, o qual pude atrair até mim. Todavia, todas as três, à medida que o carro avançava, iam aproximando. Onde as teria visto já? Não havia, nos arredores de Combray nenhum lugar onde uma alameda se abrisse daquele jeito. O local que elas me davam também não se situava naquele campo alemão aonde fora certa vez numa estação de águas com minha avó. Por acaso, seria preciso crer que em prol de uns anos já bem remotos da minha vida, a tal ponto que a paisagem, rodeava já se apagara inteiramente da memória e que, como essas páginas a gente encontra, de súbito, emocionado, num livro que pensava nunca ter lido, as únicas coisas que sobre-nadavam do livro esquecido de minha primeira infância? Ou, ao contrário, não pertenceriam apenas à essas paisagens de sonho, se mesmas, ao menos para mim, a quem o seu aspecto estranho não parecia objetivação, em meu sono, do esforço que eu fazia durante a vigília, alcançar o mistério num lugar atrás de cuja aparência eu o pressentia, acontecera tantas vezes nos passeios para os lados de Guermantes, seja para reintroduzir esse mistério em um lugar que desejara conhecer e que me parecia superficial desde que o conhecera, como Balbec? Não seriam mais que uma imagem totalmente nova, destacada de um sonho da noite precedente mais apagada que me parecia vir de muito mais longe? Ou então talvez nunca tivesse visto, e ocultavam sob si mesmos, como aquelas árvores, como a verdura que eu vira no caminho de Guermantes, um sentido tão obscuro,de decifrar como um passado longínquo, de modo que, solicitado pode aprofundar um pensamento, pensava que reconhecia uma lembrança? Por acaso não continham pensamento algum e era um cansaço da minha vista que me fazia vê-los duplos no tempo como às vezes vemos duplicadamente? Não sabia. Entretanto, vinham em minha direção, talvez aparição mística ronda de bruxas, ou de normas que me propunham seus oráculos. Eu acreditei que eram fantasmas do passado, bons companheiros de minha infância; amigos desaparecidos que invocavam as nossas comuns lembranças. O mesmo que sombras, pareciam como que me pediam que as levasse comigo, que os devolvesse a vida. Em seus singelos gestos singelos e fogosos percebia eu a impotente pena de um ser amado que perdeu o uso da palavra e se dá conta de que não poderá dizer o que quer e que nós não podemos adivinhar. E numa encruzilhada o cocheiro os deixou pra trás. O cocheiro que me arrastava em direção oposta do único que eu considerava como certo; do único que me fizera feliz de verdade e parecia ser essa a minha vida.

Vi como se distanciavam as árvores, agitando desesperadamente seus braços, como se me dissessem: "O que você não aprender hoje de nós, nunca o poderá saber. Se nos deixar cair outra vez nesse caminho, que desde o fundo queríamos elevar à sua altura, toda uma parte de si mesmo que nós levávamos voltará para sempre a um nada."

Com efeito, mesmo que mais adiante encontrasse outra vez, esse nível de prazer e de inquietação que acabava de sentir, numa noite em que me entregasse à ele – não seria tarde, porém para sempre – pois, nunca soube o que queriam me trazer essas árvores, nem onde as tinha visto. E quando o cocheiro mudou de direção, dei-lhes as costas e deixei de vê-las; enquanto que a senhora de Villeparisis perguntava-me porque eu estava tão preocupado; sentia-me tão triste como se acabasse de morrer um grande amigo, de morrer eu mesmo, de renegar a um morto ou à Deus.

Era hora de pensar na volta. A senhora Villeparisis que sentia a Natureza mais friamente do que minha avó; porém com sentido de somente apreciar museus e palácios aristocráticos, a beleza majestosa; sensível à certas coisas antigas; dizia ao cocheiro que voltasse pelo mesmo caminho que veio de Balbec; que era muito pouco freqüentado, mas que tinha árvores dos dois lados e nos pareciam admiráveis.

Quando já conhecíamos bem essa estrada antiga voltávamos, para variar, se é que à ida já não passávamos por ali, por outro caminho que cruzava os bosques do Chantereine e Canteloup. A invisibilidade dos inumeráveis pássaros que se respondiam de árvore a árvore por todos lados dava a mesma impressão de descanso que quando se têm os olhos fechados. Encadeado à minha banqueta do carro como Prometeo à sua rocha, ia eu escutando àquelas Oceánidas. E quando via por acaso a algum dos pássaros passar por detrás de umas folhas, havia tão pouca relação aparente entre ele e seus gorjeios, que eu não resistia a ver nesse pequeno corpo saltitante, assustado e cego, ser a causa dos cantos.

Aquele caminho era igual a tantos outros que só encontramos na França. Subia uma encosta bastante inclinada e logo descia, pouco a pouco, por um trecho mais largo. Aquele momento não me parecia muito atraente; estava contente apenas por voltar. Mas, depois, tornou-se motivo de alegrias; porque me ficou na lembrança como recordação, aonde iam dar essas estradas; semelhantes por onde haveria de passar mais tarde a passeio. A viagem, sem solução de continuidade e que, graças a ela, poderia ir com com meu coração. Pois, desde que o carro ou o automóvel entravam numa estradas que desse a impressão de continuar aquela que eu percorrera com de Villeparisis, minha consciência atual se acharia de imediato apoiada, em meu passado mais recente, estando abolidos todos os anos intermediários de impressões que eu tivera naqueles fins de tarde, passeando pelas cercados de Balbec; quando as folhas cheiravam bem e se

erguia a névoa, como além da próxima se vislumbrava o pôr-do-sol feito uma outra localidade distante, e que não era possível atingir na mesma tarde. Tais impressões, às quais experimentava agora, em outras regiões e estradas semelhantes, ficaram sendo todas as sensações acessórias de livre respiração, de curiosidade, de apetite e de alegria, que lhe eram comuns, excluindo todas as outras impressões se reforçavam, assumiam a consistência de uma espécie que compartilha prazer, quase de um quadro de vida que aliás muito raramente voltaria a ver; mas nos quais despertadas recordações punha em meio à realidade material percebida, uma porção bem ampla de realidade evocada, imaginada, inatingível que me dava, em meio a essas regiões que atravessava, algo mais que um momento de estética, um desejo fugaz, porém exaltado, de ali viver para sempre, quantas vezes, apenas por ter aspirado a fragrância de uma folhagem, ou estar sentado num carro defronte à Sra. de Villeparisis; de cruzarmos Luxemburgo, que lhe acenava do seu carro, e voltar para jantar no Hotel; era como que uma felicidade inefável que nem o presente nem futuro podem nos proporcionar e que só saboreamos uma vez na vida! Muitas vezes a noite já caíra antes que estivéssemos de volta; e recitava à Sra. de Villeparisis, mostrando-lhe a lua no céu, uma bela expressão de Chateaubriand, de Vigny ou de Victor Hugo: "Ela espalhava o velho segredo de melancolia" ou "Chorando como Diana junto de suas fontes" ou ainda "A era nupcial, augusta e solene".

- E acha isso bonito? perguntava-me a marquesa. - Genial, como dizer? Pois lhe direi que sempre me espanta ver que se levam agora a sério as coisas que os amigos desses cavalheiros, mesmo fazendo inteiros a seus méritos, eram os primeiros a ridicularizar. Não se prodigalizava, o qualificativo de gênio, pois, se agora a gente diz a um escritor que ele talento, ele se sente injuriado. Você me cita uma grande frase de Chateaubriand sobre o luar. Vai ver, agora, como tenho meus motivos para ser imune às expressões do Sr. de Chateaubriand vinha seguidas vezes à casa de meu pai. De resto, agradável quando não havia gente de fora, porque então se mostrava divertido. Porém, quando havia audiência, começava a fazer pose e se tornava ridículo; diante de meu pai, afirmava que havia atirado sua demissão à cara do rei e que dirigira o conclave, esquecendo que meu pai fora por ele encarregado de suplicar ao rei que voltasse a admiti-lo e ouvira fazê-lo acerca da eleição do papa os prognósticos mais descabidos. Era necessário ouvir, sobre esse famoso conclave, o Sr. de Blacas, que era pessoa bem diferente do Sr. de Chateaubriand! Quanto às frases deste sobre o luar, simplesmente se tornaram uma instituição lá em casa. Cada vez que havia luar sobre o castelo, quando tínhamos um novo convidado, nós lhe aconselhávamos que levasse o Sr. de Chateaubriand para tomar um pouco de ar depois da refeição. Quando voltavam, meu pai não deixava de chamar à parte o convidado:

"- O Sr. de Chateaubriand foi eloqüente?

- Claro que sim.

- E lhe falou do luar?

-Sim, como sabe?

-Espere, e não lhe disse... (e citava-lhe a frase)?

-Sim, mas por que o mistério...?

- E até lhe falou do luar na campanha romana.

- Mas o senhor é feiticeiro?

Meu pai não era feiticeiro, mas o Sr. de Chateaubrind se contentava em servir sempre o mesmo prato já preparado.

Ao nome de Vigny, ela começou a rir:

-Aquele que dizia: "Eu sou o conde Alfred de Vigny." A gente pode ou não ser conde, isto não tem a menor importância.

No entanto, achava que deveria ter alguma, pois acrescentava:

- Em primeiro lugar, não estou certa de que o fosse; e, de qualquer modo, era de pequena linhagem esse senhor que falou em seus versos de sua "viseira de nobre". Como tem bom gosto e é interessante para o leitor! É como Musset, simples burguês parisiense, que exclamava com ênfase: "O falcão de ouro que enfeita meu capacete." Um grão-senhor de verdade nunca diz dessas coisas. Pelo menos Musset possuía talento como poeta. Mas, tirando *Cinq-Mars*, nunca pude ler nada do Sr. de Vigny, o tédio me faz cair o livro das mãos. O Sr. Molé, dotado de todo o espírito e tato ausentes no Sr. de Vigny, empregou-os muito bem ao recebê-lo na Academia. Como? Não conhece o seu discurso? É uma obra-prima de malícia e impertinência.

Censurava em Balzac, espantando-se que seus sobrinhos o admirassem, o ter pretendido pintar uma sociedade "em que não era recebido", e sobre a qual contou mil inverossimilhanças. Quanto a Victor Hugo, ela nos dizia que o Sr. De Bouillon, pai dela, que tinha muitos amigos entre a juventude romântica, graças a eles comparecera à estréia de Hernani, mas não pudera ficar até o fim, tão ridículos que achara os versos desse escritor talentoso porém exagerado, que só recebera o título de grande poeta em virtude de um contrato ajustado e como recompensa pela indulgência interessada que tivera para com as perigosas divagações dos socialistas.

Já víamos o hotel e suas luzes, tão hostis na primeira noite, a da chegada; agora suaves e protetoras, anunciando o lar. E, quando o carro chegava à porta, o Porteiro, os *grooms e o lift*, apressados, ingênuos, vagamente inquietos com o

nosso atraso, amontoados na escadaria à nossa espera, já tornados familiares, eram como essas criaturas que mudam tantas vezes no decurso de nossa vida e como nós próprios mudamos, mas nas quais encontramos o prazer de fiel e amistosamente refletidos, enquanto durar o tempo em que são o espelho de nossos hábitos. Os preferimos aos amigos que não vemos há muito tempo, porque contêm, em maior proporção que aqueles, algo do que somos na atualidade. Somente aquele que ficara exposto ao sol o dia inteiro voltara para dentro a suportar a friagem da noite, e, todo envolto em lã, com a cabeleira escorrida e a flor curiosamente rosada das faces, no meio do *hall* envidraçado; lembrava uma planta de estufa protegida contra o frio. Descemos do carro, ajudados por muito mais empregados do hotel do que seria necessário; mas eles a importância da cena e nela julgavam-se obrigados a representar um papel. Eu estava faminto. De modo que muitas vezes, para não atrasar o jantar, não subi ao quarto, que acabara por se tornar tão realmente meu que rever agora o cortinado violáceo e as estantes baixas era encontrar-me sozinho com esse espetáculo; se refletia nas coisas como nas pessoas e esperávamos juntos no *hall;* até que o mordomo viesse nos dizer que já estávamos servidos. Era a ocasião de ouvir uma vez a Sra. de Villeparisis.

- Estamos abusando da senhora - dizia minha avó.

- Nada disso, estou encantada, isto me agrada bastante - respondia a amiga com um sorriso carinhoso, afinando a voz num tom melodioso que contava com sua simplicidade habitual.

É que, de fato, nesses momentos, ela não era natural; lembrava-se da educação, dos modos aristocráticos com que uma grande dama deve movimentar; os burgueses em cuja companhia se alegra de estar, que não é orgulhosa. A falta de verdadeira polidez que se podia observar nela eram os excessos da mesma polidez; pois nisso era possível reconhecer o vinco profissional da dama do *faubourg* de Saint-Germain, que, vendo sempre em certos burgueses descontentes que estava destinada a fazer em alguns dias, aproveitava a vida em todas as ocasiões em que lhe é possível escrever, no livro de contas de sua contabilidade para com eles, a antecipação de um tostão de crédito que lhe possa compensar no seu débito; a festa ou o jantar a que não os convidará. Assim, de sua casta social modelara a marquesa de forma definitiva, sem saber que as circunstâncias eram bem outras, as pessoas diferentes, e que em Paris poderíamos ver em sua casa seguidas vezes; de modo que esse gênio a impulsionava com ardor febril, como se o tempo que se lhe concedia para ser amável fosse muito curto, a multiplicar para nós, enquanto estávamos em Balbec; os de rosas e melões; os empréstimos de livros; os passeios de carro e verbais. Daí, seguia-se que da mesma forma que o esplendor ofuscante; o flamejar multicor e os clarões submarinos dos quartos, bem como a equitação

com que os filhos de um comerciante eram deificados, como Alexandre da Macedônia - ficaram na minha memória, como características da vida dos balneários, as amabilidades diárias da Sra. de Villeparisis e também a facilidade momentânea festiva com que minha avó as aceitava.

- Dêem-me suas capas, para que as levem para cima.

Minha avó estendia-as ao gerente e eu, por causa de suas gentilezas para comigo, estava desolado com a falta de consideração dela, que o incomodava.

- Creio que este senhor se aborreceu dizia a marquesa. - Provavelmente se julga fidalgo demais para pegar suas capas. Lembro-me do duque de Nemours, quando eu ainda era criancinha, entrando em casa de meu pai, que morava no último andar do palácio Bouillon, com um enorme pacote de cartas e jornais debaixo do braço. Creio ver o príncipe em seu fraque azul na soleira da porta (que, por sinal, tinha belos adornos em madeira; julgo que era trabalho de Bagard, aquelas pequenas molduras, vocês sabem, tão finas, a que o ebanista às vezes dava forma de conchas e de flores, como os laços que atam um buquê). - Olhe, Cyrus - dizia a meu pai. - Foi o porteiro quem me deu isto para você. Disse-me: "Já que o senhor vai à casa do senhor conde, não vale a pena que eu suba os andares, mas tenha cuidado para não desatar o nó." - Bem, já que se desembaraçou dos casacos, sente-se aqui - dizia a marquesa à minha avó, tomando-a pela mão.

- Não; se não se importa, nessa poltrona não! É muito pequena para nós duas, mas grande em excesso para mim; não ficaria à vontade.

-A senhora me faz pensar, porque era exatamente igual, numa poltrona que tive há muito tempo mas acabei por não ter como conservar, pois fora dada à minha mãe pela infeliz duquesa de Praslin. Minha mãe, que no entanto era a pessoa mais simples deste mundo, mas que ainda possuía idéias que lhe vinham de outra época e que eu já não entendia muito bem, não quisera a princípio ser apresentada à Sra. de Praslin, que era apenas uma Srta. Sebastiani, ao passo que esta, por ser duquesa, achava que não lhe cabia solicitar uma apresentação. E de fato-acrescentava a Sra. de Villeparisis, esquecendo-se que não distinguia esse tipo de nuanças - essa pretensão era insustentável, a não ser que ela fosse uma Sra. de Choiseul. Os Choiseul são o que existe de melhor, descendem de uma irmã de Luís, o Gordo, eram verdadeiros soberanos em Bassigny. Compreendo que levemos vantagens sobre eles pelas alianças e o brilho, mas a antigüidade de ambas as famílias é quase a mesma. Resultaram incidentes cômicos por causa dessa questão de precedência, como o caso de um almoço que foi servido com atraso de mais de uma hora, tempo necessário para convencer uma senhora a se deixar apresentar. Apesar de tudo, tornaram-se muito amigas, e a duquesa deu a minha mãe uma poltrona do mesmo feitio desta e na qual, como a senhora acaba

de fazer, todos se recusavam a sentar. Um dia minha mãe ouve um carro no pátio do palácio. Pergunta a um criado de que "trata."

É a Sra. duquesa de La Rochefoucauld, senhora condessa.

- Muito bem, vou recebê-la." Ao fim de um quarto de hora, ninguém: "E então? Onde e duquesa de La Rochefoucauld?"

- Está na escada, sem fôlego, senhora - responde o criado que chegara há pouco do campo, onde minha mãe tinha o bom costume de ir buscá-los. Muitas vezes vira-os nascer. É desse jeito, podem ter criados decentes. É o primeiro dos luxos. Com efeito, a duquesa Rochefoucauld ia subindo com dificuldade, porque era imensa, tão imensa que quando entrou, minha mãe teve um instante de preocupação, sem saber acomodá-la. Mas deu com os olhos na poltrona que fora presente.

-Tenha a bondade de se sentar-disse ela, empurrando-lhe a poltrona.

E a encheu-a até às bordas. Apesar de toda a sua imponência, era muito agradável.

''Ainda faz efeito quando entra'' - dizia um de nossos amigos.

-Principalmente quando sai - respondia minha mãe, cujas tiradas eram mais atrevidas do que, 11% usaria. Na própria casa da duquesa, ninguém se constrangia em gracejar de suas enormes proporções diante dela, que era a primeira a achar graça.

- O senhor está sozinho? - perguntou minha mãe um dia ao Sr. de La Rochefoucauld que fora visitar a duquesa e, à porta do salão, o duque a recebera, e minha mãe não viu sua esposa, que se achava no vão de uma janela. - Julguei que ela estivesse em casa, mas não a vejo.

- Como a senhora é amável! - respondeu o duque, homens de menos perspicácia que já conheci, mas que às vezes tinha bom espírito.

Depois do jantar, quando subia com minha avó, dizia-lhe que as coisas que nos encantavam na Sra. de Villeparisis, o tato, a finura, a discrição, o esquecimento de si mesma, talvez não devessem ter muito valor, pois as pessoas que os possuíram no mais alto grau não passaram de Molés e Loménies em compensação, se o fato de não tê-las pode tornar as relações cotidianas notáveis, ainda assim não impediu de chegar ao que foram Chateaubriand, Vigny, Balzac, vaidosos sem autocrítica, de quem era fácil zombar, como Bloch... nome de Bloch, minha avó protestava.

Gabava a Sra. de Villeparisis. Como que é o interesse da espécie que, no amor, dirige as preferências de cada pessoa e que, para que criança seja constituída da maneira mais normal, o instinto que as mulheres magras procurem os homens

gordos, e as gordas assim também eram obscuramente as exigências de minha felicidade pelo nervosismo, pela minha doentia inclinação à tristeza, ao isolamento. Dizia minha avó colocar em primeiro plano as qualidades de juízo e as próprias não só da Sra. de Villeparisis; mas de uma sociedade onde eu poderia ter sossego e distração uma sociedade semelhante àquela onde se viu o talento de um Doudan, de um Sr. de Rémusat, para não falar de uma Beau de um Joubert, de uma Sévigné, talento que proporciona mais dignidade à vida que os requintes opostos, que levaram um Baudelaire, um Poe, e um Rimbaud a sofrimentos e desconsiderações que ela não desejava ao neto. Interrompi-a para beijá-la, perguntando se havia reparado em tal ou qual frase da Sra. de Villeparisis, em que se notava a mulher que preza o seu nascimento muito mais do que diz. Desse modo, submetia minha avó as minhas impressões, pois nunca sabia o grau de estima devido a alguém senão quando ela o indicasse. Todas as noites trazia-lhe as notas que tomara durante o dia sobre todos os seres inexistentes que não fossem ela. Uma vez, disse-lhe:

- Sem ti, não poderia viver.

- Não, isso não. - respondeu com voz perturbada. - É preciso ter um coração mais forte. Se não, o que seria de ti se eu fosse viajar? Ao contrário, espero que sejas razoável e feliz.

-Saberei ser razoável e feliz se viajasses por alguns dias, mas ficaria contando as horas. - Mas, se eu partisse por alguns meses... (só de pensar nisso meu coração se apertava) por muitos anos... por...

Ficávamos calados. Não tínhamos coragem de nos olhar. No entanto, eu sofria mais pela sua angústia do que pela minha. Assim, aproximei-me da janela e lhe falei distintamente, desviando o olhar:

-Sabes como sou um sujeito de hábitos. Nos primeiros dias, em que me vejo separado das pessoas a quem amo, sinto-me infeliz. Mas depois, sem deixar de querê-las, acabo me acostumando, minha vida se torna calma, suave; e eu suportaria uma separação de meses ou anos...

Tive de me calar e olhar pela janela. Minha avó saiu do quarto por um instante. Mas, no dia seguinte, comecei a falar de filosofia, em tom bastante indiferente, mas fazendo com que minha avó prestasse atenção às minhas palavras; disse-lhe que era curioso verificar como, depois das últimas descobertas da ciência, o materialismo parecia arruinado, e que o mais provável era que ainda houvesse a imortalidade das almas e a sua futura reunião.

A Sra. de Villeparisis preveniu que dentro em breve já não poderia nos ver com freqüência. Um jovem sobrinho, que se preparava para ingressar em Saumur, e estava de guarnição nas vizinhanças, em Doncieres, vinha passar com ela algumas semanas de licença, e a marquesa ficaria ocupada quase todo o tempo.

Durante nossos passeios, havia elogiado sua profunda inteligência, sobretudo o seu bom coração; eu já imaginava que ele iria se tornar de simpatia por mim, que eu seria o seu amigo preferido e, quando um pouco antes de sua chegada, sua tia deu a entender a minha avó que ele infelizmente caíra nos braços de uma mulher má, por quem estava alucinado e que não o largaria nunca, eu, convencido que esse tipo de paixão redunda fatalmente na alienação mental, no crime e no suicídio; pensando no tempo tão curto reservado à nossa amizade, tão grande já em meu coração sem que o tivesse ainda visto, chorei por ela e pelas desgraças que a esperavam, como se chorasse por um ser querido do qual acabamos de saber que caiu gravemente doente e que seus dias estão contados.

Numa tarde de muito calor, estava eu na sala de jantar do hotel, deixada na penumbra a fim de protegê-la dos raios do sol, baixando as cortinas que a luz marejava, e que pelos interstícios deixavam passar o azul do mar, quando vi, pelo passeio central que ia da praia à estrada, um rapaz alto, magro, de pescoço e cabeça orgulhosamente empinada, olhos penetrantes, de pele tão dourada, cabelos tão louros como se tivessem absorvido todos os raios de sol. Trajava uma calça de tecido muito fino, esbranquiçado, como jamais imaginei que um homem se vestiria e que, por sua leveza, evocava o calor e o bom tempo que fazia lá, menos que o frescor do refeitório; andava muito depressa. Seus olhos, dos quais a todo instante caía o monóculo, eram da cor do mar. Todos o olharam com curiosidade, pois sabiam que aquele jovem marquês de Saint-Loupen-Bray era célebre por sua elegância. Todos os jornais haviam descrito o traje que recentemente ao servir de testemunha, num duelo, a um jovem duque, que a qualidade tão peculiar de seus cabelos, de seus olhos, de sua pele e porte, que o teriam distinguido em meio de uma multidão como um "precioso" de opala brilhante e azulada, engastado em matéria grosseira, deveria ter uma vida diversa da dos outros homens. E, em conseqüência, quando, as relações que tanto desgostavam a Sra. de Villeparisis, as mais belas mulheres da alta sociedade o disputavam entre si, sua presença, em uma praia, por exemplo ao lado da beldade famosa a quem cortejava, não só a colocava no centro das atenções, como atraía os olhares tanto sobre ele quanto sobre ela. Devido a seu charme e a sua impertinência de jovem "leão", principalmente devido a seu grande físico, alguns lhe achavam mesmo um certo ar efeminado, mas sem censurar pois sabiam o quanto era viril e que amava apaixonadamente as mulheres; era o sobrinho da Sra. de Villeparisis de quem nos falara. Fiquei encantado ao vê-lo, ia conhecê-lo durante algumas semanas e certo de que me daria todo o seu afeto. Atravessou rapidamente o hotel em todo o comprimento, parecendo perseguir o seu monóculo que volteava a seu redor como uma borboleta. Chegava da praia, e o mar que enchia até a metade a vidraça do hall, formava-lhe um fundo sobre o qual se destacava, como em certos retratos em que os pintores pretendem, sem trair em nada a observação mais exata da vida atual, porém escolhendo para seu

modelo um quadro apropriado, campo de pólo ou de golfe, pista de corridas, convés; dar um equivalente moderno dessas telas em que os primitivos faziam a figura humana no primeiro plano de uma paisagem. Um carro tirado, cavalos, o esperava diante da entrada; e, enquanto o monóculo retomava brincalhão na estrada ensolarada, com a elegância e a maestria que um pianista consegue mostrar nos trechos mais simples, onde parecia não se superar um executante de segunda categoria, o sobrinho da Sra. de Villeparisis tomando as rédeas que o cocheiro lhe dera, sentou-se a seu lado e, ao mesmo tempo que abria uma carta que o gerente lhe entregara, fez partir os cavalos.

Que decepção senti nos dias seguintes quando, cada vez que estava no hotel ou fora dele, com o pescoço erguido, equilibrando perpetuamente os movimentos dos membros ao redor do monóculo dançante e fugidio que passara a ser seu centro de gravidade-, percebi que ele não procurava aproximar-se de nós e que não nos cumprimentava, embora não pudesse ignorar que éramos amigos de sua tia!

Recordando-me da amabilidade que me haviam testemunhado a Sra. de Villeparisis e, antes dela, o Sr. de Norpois, pensava que eles talvez fossem nobres de mentira, e que um artigo secreto das leis que governam a aristocracia deve permitir, quem sabe, às mulheres e a certos diplomatas que faltem, no seu convívio com os plebeus, e por um motivo que me escapava, a essa altivez que, ao contrário, um jovem marquês praticaria impiedosamente. Minha inteligência poderia me dizer o contrário. Mas a característica da idade ridícula que eu atravessava; idade nada ingrata, aliás muito fecunda -é que não se consulta a inteligência e que os menores atributos das criaturas parecem fazer parte indivisível de sua personalidade. Sempre cercados de monstros e deuses, a gente quase não conhece o sossego. E quase todos os gestos que fazemos por essa época, desejaríamos suprimi-los mais tarde. Mas, ao contrário, o que se deveria de fato lastimar seria não mais possuirmos aquela espontaneidade que nos inspirava. Depois, vêem-se as coisas de maneira mais prática, em plena concordância com o resto da sociedade, mas a adolescência é a única época da vida em que aprendemos algo.

Aquela insolência que eu adivinhava no Sr. de Saint-Loup, e tudo o que ela implicava de dureza natural, ficou comprovada por sua atitude cada vez que passava por nós, o corpo bem empertigado, a cabeça sempre empinada, o olhar impassível, e (não será demais dizer) tão implacável, destituído desse vago respeito que se tem pelos direitos das outras criaturas, mesmo que elas não conheçam a nossa tia, e em virtude do qual minha atitude não era absolutamente a mesma diante de uma velha dama e diante de um bico de gás. Essas maneiras glaciais também estavam bem distantes das cartas encantadoras que eu, alguns dias antes, ainda imaginava que me escrevesse para me testemunhar sua

simpatia, à mesma distância em que estão as ovações da Câmara da posição medíocre e obscura de um homem imaginativo que pensa ter levantado o ânimo do povo com um discurso inesquecível e que, após ter assim sonhado em voz alta, vê-se de novo um joão-ninguém, como antes, depois de cessarem as falsas aclamações.

Quando a Sra. de Villeparisis, sem dúvida para tentar apagar a má impressão que nos causara a aparência do sobrinho, reveladora de um temperamento orgulhoso e malvado, voltou a nos falar da inesgotável bondade do seu sobrinho-neto (era filho de uma de suas sobrinhas e um pouco mais velho que eu), admirei-me como no mundo, ao desprezo de toda a verdade, atribuem-se qualidades de coração aos que o possuem tão seco, ainda que sejam amáveis com as pessoas brilhantes que fazem parte de seu ambiente social. A própria Sra. de Villeparisis acrescentou, mesmo de forma indireta, uma confirmação a esses traços essenciais do caráter de seu sobrinho, que já não me causavam dúvidas, um dia em que encontrei a ambos num caminho tão estreito que ela não teve outra alternativa senão me apresentar a ele. Pareceu não ouvir que lhe apresentavam alguém, nenhum músculo do rosto se mexeu; seus olhos; não brilhou o menor clarão de simpatia humana, mostraram simplesmente insensibilidade e inanidade do olhar, um exagero, a cuja falta nada os difere dos espelhos sem vida. Depois, fixando em mim a dureza do olhar, como para certificar-se bem de quem eu era, antes de devolver meu cumprimento; fez um movimento brusco que antes parecia efeito de um reflexo muscular do um ato voluntário, encompridou o braço em todo o seu tamanho e apresentando a mão, à distância, pondo entre ele e mim o maior intervalo possível. Quando no dia seguinte me mandou seu cartão, julguei que se tratava, no mínimo, de um duelo. Mas ele só me falou de literatura, declarando, depois de longa palestra, que muita vontade de me ver várias horas por dia. Não só dera provas, durante a conversa de um gosto muito vivo pelas coisas do espírito, como me testemunhara simpatia que combinava muito mal com a saudação da véspera. Depois, quão que saudava sempre dessa maneira quando lhe apresentavam alguém, comecei a pensar que se tratava de simples hábito mundano particular, próprio de uma parte da família, e ao qual sua mãe, que fazia questão que ele fosse admiravelmente educado, lhe acostumara o corpo; fazia tais cumprimentos sem neles pensar que em suas belas roupas, seus lindos cabelos; era algo desprovido do significado moral que eu lhe dera a princípio, uma coisa puramente aprendida, como outro hábito que tinha de fazer-se apresentar imediatamente aos pais de quem conhecia, e que se tornara tão instintivo nele que, vendo-me no dia seguinte do nosso encontro, lançou-se a mim e, sem me dar bom-dia, pediu-me que o apresentasse à minha avó que estava comigo, com a mesma rapidez febril corri para atender o pedido se devesse a um instinto defensivo, com o gesto de aparar um golpe, fechar os olhos diante de um jorro de água fervente, e que nos resguarda perigo que nos teria

atingido um momento depois.

Uma vez cumpridos os primeiros ritos de exorcismo, assim como a fada rabugenta se despoja de sua aparência inicial e se apresenta revestida de graças encantadoras, vi essa criatura desdenhosa fazer-se o mais amável e atencioso dos rapazes que já conhecera. "Bem" disse comigo, "já me equivoquei, fui vítima de uma miragem, mas só venci a primeira para cair numa outra, pois este é um grão-senhor enamorado de sua nobreza e procurando dissipar, de fato, toda a atraente educação, toda a amabilidade de Saint-Loup depois de algum tempo, deixar transparecer uma outra pessoa, mas bem daquela que eu suspeitava.

Esse rapaz, com ares de um aristocrata e de um desportista que só estimava e se mostrava curioso pelos assuntos do espírito, sobretudo manifestações modernistas da literatura e da arte que pareciam tão ridículas para a tia; estava imbuído, por outro lado, daquilo que ela denominava declamações socialistas, e, cheio do mais profundo desprezo por sua casta, passava horas estudando Nietzsche e Proudhon. Era um desses "intelectuais", prontos para a admiração, que se encerram num livro preocupados apenas com altos pensamentos. Além disso, em Saint-Loup, a expressão dessa tendência bastante abstrata e que o afastava tanto de minhas preocupações habituais, conquanto me parecesse emocionante, aborrecia-me um pouco. Posso dizer que, logo que me inteirei bem acerca de seu pai, nos dias em que acabava a leitura de umas memórias cheias de fatos relativos a esse famoso conde de Marsantes, no qual se resume a elegância tão especial de uma época já distante, e com o espírito pleno de fantasias e desejando saber detalhes sobre a vida que levara o Sr. de Marsantes; fiquei furioso ao ver que Robert de Saint-Loup, em vez de se contentar em ser o filho de seu pai; em vez de se mostrar capaz de me guiar pelo romance antiquado que fora a sua vida, se elevara à intensa admiração de Nietzehe e de Proudhon. Seu pai não teria compartilhado os meus lamentos. Era também um homem muito inteligente, que ultrapassava os limites de sua vida de homem mundano. Mal tivera tempo de conhecer o filho, mas desejara que valesse mais que ele. Creio firmemente que, ao contrário do resto da família, teria admirado o filho, alegrando-se que este abandonasse pelas meditações austeras os motivos de diversão leviana que havia tido; e, sem dizer nada, com sua modéstia de grão-senhor talentoso, teria lido às escondidas os autores prediletos do filho para avaliar o quanto Robert lhe era superior.

Apesar disso, ocorria algo muito triste: enquanto o Sr. de Marsantes, um espírito bem aberto, teria apreciado um filho tão diferente dele, Robert de Saint-Loup, como era dessas pessoas que julgam o mérito sempre ligado a certas formas de vida e arte, guardava uma lembrança afetuosa, mas eivada de um certo desdém, do pai, que se ocupara a vida inteira em caçar e correr, bocejara ao ouvir Wagner e adorava a música de *Offenbach*. Saint-Loup não era inteligente o

bastante para compreender que o valor intelectual nada tem a ver com a adesão a uma determinada fórmula estética, e nutria pela "intelectualidade" do Sr. de Marsantes quase o mesmo tipo de desdém que poderiam ter tido por Boieldieu ou por Labiche um filho de Boieldieu ou de Labiche que tivessem sido adeptos da literatura mais simbolista ou da música mais complicada.- Mal conheci meu pai- dizia Robert. Parece que foi um homem refinado. Seu grande mal foi a época deplorável em que viveu. Ser nascido no *faubourg* Saint-Germain e ter vivido na época da Belle-Hélene é uma catástrofe para uma existência. Se fosse um pequeno burguês fanático pelo Ring, talvez tivesse dado outro rumo à vida. Disseram-me que até gostava de literatura. Mas nem sabemos se isso era verdade, pois o que entendia por literatura se compunha de obras já caducas.

- Quanto a mim, se às vezes achava Robert um tanto sério demais, ele, em compensação, não entendia porque não tinha eu maior seriedade. Julgando todas as coisas apenas pela inteligência que possuem, não percebia os encantos da imaginação que me davam coisas que reputava frívolas, assombrava-se de que eu - a quem julgava muito superior a si próprio - me pudesse se interessar por elas.

Desde os primeiros dias, Saint-Loup havia conquistado minha avó, pela incessante bondade que se empenhava em testemunhar-nos, mas pela e mentalidade que punha em todas as coisas. Ora, a naturalidade-sem dúvida porque se sente nela a natureza sob a arte humana-era a qualidade que minha avó punha acima de todas, tanto nos jardins, onde não gostava que houvesse, como Combray, canteiros muito regulares, quanto na cozinha, onde detestava as ''obras complexas" em que mal se reconhecem os alimentos que foram usados para compô-las, ou na interpretação pianística, que lhe desagradava quando era apurada ou lambida, a tal ponto que sentia uma complacência toda especial por notas ligadas, pelas notas falsas, de Rubinstein. Essa naturalidade, ela a saboreava até nas roupas de Saint-Loup, de uma elegância simples, sem artifícios ou engomações, sem goma nem armação. Apreciava ainda mais aquele rapaz rico pelo descuidado e livre que tinha de viver no luxo sem "cheirar a dinheiro", sem a ares de importância; e parecia-lhe até encantadora essa naturalidade quando se manifestava pela incapacidade-que Saint-Loup conservara e que desaparece com a infância com certas particularidades fisiológicas dessa idade de impedir que se refletisse uma emoção. Qualquer coisa que desejasse, por exemplo, algo com que não contara, mesmo sendo um cumprimento, determinava nele um prazer, brusco, tão ardente, tão volátil, tão expansivo, que lhe era impossível conter ou oculta-lo; uma expressão de contentamento assomava-lhe irresistivelmente; a pele muito fina das faces deixava transparecer um vivo rubor, seus olhos refletiam a alegria e o enlevo; e minha avó era infinitamente sensível a essa aparência de inocência e franqueza, que em Saint-Loup, aliás, ao

menos na maneira, em que me liguei a ele, era bem sincera. Mas conheci outra criatura, e há muitas que como ela, qual a sinceridade fisiológica desse rubor passageiro não excluía de modo algum a duplicidade moral; muitas vezes, prova unicamente a vivacidade com que mostra o prazer, a ponto de se verem desarmadas diante dele e serem forçadas a confessa-lo aos outros, certas naturezas capazes das piores objeções. Mas, minha avó adorava mais a simplicidade de Saint-Loup, era no seu modo de ser sem rodeios, a simpatia que me devotava, e que expressava com palavras tais que ela mesma dizia consigo não saber achar mais justas e carinhosas, palavras dignas de levarem a assinatura de "Sévigné e Beausergent"; ele não se constrangia de gracejar dos meus defeitos - que desvelara com uma finura que encantara avó -, mas como ela própria o teria feito, com ternura; ao passo que exaltando minhas qualidades com um ardor e um abandono que não conhecia as reservas e a frieza, graças às quais os jovens de sua idade costumam achar que se dão importância. Mostrava, para prevenir-me o menor incômodo, para repor-me uma manta sobre as pernas sem que eu notasse, se o tempo esfriava, para arrumar uma sem nada me dizer, de ficar comigo mais tarde que de costume se me via indisposto, uma atenção vigilante que, do ponto de vista da minha saúde, chegava a achar quase excessiva, pois talvez fosse preferível menos mimos, mas que, por outro lado, tocavam-na profundamente como prova de afeição por ruim.

E bem depressa ficou claro entre nós que éramos amigos íntimos para sempre, e ele dizia "nossa amizade" como se falasse de algo importante e delicioso que existisse fora de nós mesmos e que em breve denominou - sem contar o amor por sua amante - a maior alegria de sua vida. Tais palavras me deram uma espécie de tristeza e senti-me embaraçado para respondê-las, pois a verdade é que eu não experimentava, ao me encontrar ou conversar com ele - e sem dúvida me ocorreria o mesmo em relação aos outros - aquela felicidade que, pelo contrário, podia sentir quando estava a sós. Sozinho, sentia às vezes afluir do fundo de mim mesmo uma daquelas impressões que me proporcionavam um delicioso bem-estar. Mas, desde que estivesse em companhia de alguém, desde que falasse com um amigo, meu espírito dava meia-volta, era a esse interlocutor e não a mim mesmo que dirigia seus pensamentos. E, quando estes seguiam esse caminho oposto, não me davam qualquer prazer. Tão logo me separava de Saint-Loup, ia pondo em certa ordem, com o auxílio das palavras, os minutos confusos que passara com ele; dizia comigo que tinha uma boa amizade, que um bom amigo é uma coisa rara; mas, sentir-me cercado de objetos difíceis de adquirir causava-me uma sensação que era justamente o oposto do prazer que me era natural, o oposto do prazer de haver extraído de mim mesmo, e leva-lo à claridade, algo que em mim se ocultava na penumbra. Se passara duas ou três horas a conversar com Robert, ainda que ele tivesse admirado o que eu havia dito, eu sentia uma espécie de remorso, de cansaço, de pena, por não ter ficado

sozinho e pronto enfim, para escrever. Então, retrucava a mim mesmo que ninguém é inteligente só para si, que os espíritos mais dotados apreciaram ser tidos em boa consideração, que eu não podia dar como perdidas as horas que passara a erguer uma alta idéia de mim no espírito de meu amigo, convencia-me facilmente que deveria estar feliz por isso, desejando com vivo ardor que semelhante felicidade jamais me fosse arrebatada porque não a sentira de fato. Teme-se acima de tudo a perda dos bens que existem fora de nós, pois nosso coração não chegou a se apoderar deles. Sentia-me capaz de exercer as virtudes da amizade melhor que muitos (porque poria sempre o bem de meus amigos acima de meus interesses pessoais, de que não prescindem jamais as outras pessoas, e que para mim não existiam), porém não de conhecer a alegria em um sentimento que, ao invés de aumentar as diferenças existentes entre minha alma e a dos outros-como as que existem entre todas as almas -contribuía para desfazê-las. Em compensação, às vezes meu pensamento distinguia em Saint-Loup um ser geral, o "nobre", e que, como um espírito interior, movia seus membros, ordenava seus gestos e suas opiniões; então, nesses instantes, embora junto dele, achava-me sozinho, como se estivesse diante de uma paisagem cuja harmonia compreendesse. Não era mais que um objeto que meu pensamento queria aprofundar. Experimentava uma alegria, da inteligência e não da amizade, ao encontrar sempre nele esse ser secular, o aristocrata que Robert justamente aspirava a não ser. Na agilidade física que conferia tanto encanto à sua amabilidade; no desembaraço com que oferecia seu carro à minha avó e a ajudava a subir; na destreza com que saía do carro quando temia que eu estivesse com frio, para lançar o seu casaco nos meus ombros; eu não sentia apenas a maleabilidade hereditária dos grandes caçadores que, desde muitas gerações, tinham sido os antepassados desse rapaz que aspirava à intelectualidade, algo mais que o desdém para com a riqueza, que, existindo nele junto com o gosto que sentia por ela, porque desse modo podia tratar seus amigos com mais capacidade e dava-lhe condições para lhes pôr à seus pés, com ar negligente, todo o seu luxo. Via eu, sobretudo, a certeza ou a ilusão que tiveram esses grão-senhores de serem "mais que os outros", graças a que legaram a Saint-Loup o desejo de mostrar que era "tanto como os outros", medo de parecer atencioso demais que, de fato, era-lhe verdadeiramente desconhecido e que desfigura com tanta mesquinhez e acanhamento a mais sincera generosidade plebéia. Censurava-me, às vezes, por ter prazer em considerar meu amigo só uma obra de arte, ou seja, encarar o maquinismo de todas as partes de sua pessoa como governado harmoniosamente por uma idéia geral a que eram afeitas, das quais ele não conhecia e, conseqüentemente, nada acrescentava às suas qualidades próprias, a esse valor pessoal de inteligência e de moralidade que ele tanto apreciava.

No entanto, esse mérito pessoal era, em certa medida, condicionado aquela idéia. Sua atividade mental, suas aspirações socialistas, que o levavam à procurar

jovens estudantes pretensiosos e mal vestidos, tinham nele algo de verdadeiramente puro e desinteressado que não se verificava naqueles rapazes, precisamente porque Robert era um aristocrata. Julgando-se herdeiro de uma casta ignorante e egoísta, Saint-Loup procurava, com sinceridade, que eles lhe perdoassem as origens aristocráticas, que, ao contrário, exerciam sobre eles uma sedução; com que o procurassem justamente por sua estirpe, sempre fingindo em sua presença, uma atitude de frieza e até de insolência. Assim, era Saint-Loup que vivia compelido a tomar a iniciativa para com pessoas que teriam deixado meus pais fiéis à sociologia de Combray, estupefatos porque achariam que era Robert quem devia se esquivar delas. Um dia estávamos, Robert e eu, sentados na areia e ouvimos sair, de uma barraca de lona a nosso lado, imprecações com fervilhamento de judeus que infestavam Balbec.

"Não se pode dar dois passos sem encontrá-los" - dizia a voz. ''Em princípio não sou irredutivelmente hostil à raça judaica, mas assim já é demais. Só se ouve:

"Olha, Apraão, sou eu, Chacó" e parece até estamos em Abuquir''

O homem que esbravejava assim contra Israel saiu por fim da barraca e erguemos os olhos para aquele anti-semita. Era meu companheiro Bloch. Imediatamente, Saint-Loup me pediu que lembrasse a Bloch que ambos haviam se conhecido nos exames para o bacharelado, em que Bloch obtivera o prêmio de honra, e depois tinham se encontrado numa universidade popular.

Às vezes eu sorria ao perceber em Robert o sinal das lições dos jesuítas, no desassossego que lhe causava o medo de ofender, sempre que um de seus amigos intelectuais cometia um erro mundano; fazia algo ridículo a que ele, Saint-Loup, não dava a menor importância, mas que teria envergonhado o outro se se apercebesse da falha cometida. Era Robert quem se ruborizava como se fosse ele o culpado; por exemplo, no dia em que Bloch prometeu ir vê-lo no hotel, dizendo:

-Como não suporto esperar entre o falso luxo dessas grandes caravanas e os ciganos me fazem passar mal, diga ao *laift* que os mande ficar em silêncio e que avise a você em seguida.

Pessoalmente, não tinha muito interesse em que Bloch fosse ao hotel. Ele estava em Balbec, infelizmente não sozinho e sim com suas irmãs, que tinham grande quantidade de parentes e amigos. Ora, essa colônia judia era mais pitoresca do que agradável. Acontecia em Balbec o que ocorre em certos países, a Rússia ou a Romênia, onde os cursos de geografia nos ensinam que a população judia não desfruta do mesmo favor, nem chegou ao mesmo grau de assimilação que em Paris, por exemplo. Andando sempre juntos, sem mistura de nenhum outro elemento, quando as primas e tios de Bloch, ou correligionários de ambos os sexos, iam para o cassino, umas para o baile e os outros se bifurcando para o

bacará, formavam um cortejo homogêneo e inteiramente diverso das pessoas que os olhavam passar, gente que os via ali todos os anos sem jamais trocar um cumprimento com eles, nem o grupo dos Cambremer, nem o clã do magistrado, nem os grandes e pequenos burgueses; ou mesmo simples negociantes de cereais de Paris, cujas belas filhas orgulhosas, zombeteiras e tão francesas como as estátuas de Reims, não gostariam de se misturar a essa horda de moças mal-educadas, que levavam a preocupação com a moda dos "banhos de mar" ao ponto de parecerem ter sempre o ar de quem acaba de pescar camarões ou de estarem a fim de dançar o tango. Quanto aos homens, apesar do esplendor dos *smokings* e dos sapatos envernizados, o exagero de seu tipo fazia pensar nas pesquisas ditas "inteligentes" dos pintores que, tendo que ilustrar os Evangelhos, ou as *Mil e Uma Noites*, pensam no país onde a cena ocorre, e dão a São Pedro ou a Ali Babá precisamente a mesma cara do jogador mais gordo de Balbec. Bloch me apresentou suas irmãs, a quem tratava com extrema rispidez, cortando-lhes a palavra, e que riam às gargalhadas à menor tirada do irmão, a quem admiravam e idolatravam. De modo que é possível que o ambiente dessa família tivesse, como todas as outras, talvez mais que qualquer outra, muitos encantos, qualidades e virtudes. Mas, para senti-los, seria preciso penetrar nela. Porém esse ambiente não agradava aos demais, o que eles sentiam vendo nisso a prova de um anti-semitismo contra o qual faziam frente numa compacta e fechada, onde aliás ninguém sonhava em abrir caminho.

Quanto ao *laift*, isto me surpreendia menos que alguns dias antes. BIoch me perguntara por que viera eu a Balbec (por outro lado, parecia-lhe muito natural sua presença ali) e se fora "com a intenção de fazer bons contatos"; quando soube que aquela viagem correspondia a um de meus desejos mais antigos, menos profundo do que ir a Veneza, respondeu-me:

- Sim, naturalmente, tomar sorvetes com belas senhoras, e fingindo que lê as *Stones of Venaice* de Lord John Ruskin, um melancólico maçante, um dos sujeitos mais chatos que existe. Bloch julgava, portanto, que na Inglaterra não só todas as pessoas do sexo masculino são lordes, mas também que a letra “i” se pronunciava sempre “ai” em inglês. Quanto a Saint-Loup, achava que esse erro de pronúncia não era nada grave; considerava-o decorrente, antes de tudo, da ausência de uma dessas noções que a boa sociedade, que meu novo amigo desprezava tanto quanto as possuía. O medo de que Bloch um dia se certificasse que se diz Venice e que Ruskin não é lorde, e assim imaginasse, retrospectivamente, que Saint-Loup o achara ridículo diante dele fez com que este último se sentisse culpado como se não tivesse mostrado indulgência que lhe sobrava, e o rubor que um dia haveria de colorir o rosto Bloch quando descobrisse o seu erro, ele o sentiu antecipadamente, a reversibilidade, subir ao seu. Pois pensava, e com razão, que Bloch daria mais importância que ele a

semelhante erro. E assim o provou Bloch, dias depois, ao me ouviu dizer *lift,* interrompendo-me:

- Ah, diz-se *lift*. - E num tom altaneiro: -Aliás, isto não tem nenhuma importância.

Frase análoga a um reflexo, igual em todos os homens que têm amor-próprio, tanto nas mais graves circunstâncias como nas mais ínfimas, denotando, tanto como no caso presente, que importância parece ter a coisa em questão para quem afirma que não tem importância; frase trágica, às vezes, que é a primeira a escapar e tão lancinante dos lábios de todo homem um pouco orgulhoso quando, negando-lhe um favor, acabara por lhe arrancar a última esperança a que se prendia:

"Muito bem, isto não tem mais importância, vou me arrumar de outro modo"; e esse outro modo a que se vê compelido por algo que não tem importância, às vezes pode ser o suicídio.

Depois, Bloch me disse coisas muito amáveis. Certamente desejava se mostrar muito atencioso comigo. No entanto, indagou:

- É por vontade de teres à nobreza (aliás, uma nobreza meio esquecida) que freqüentas esse Saint-Loup-en-Bray? Pois és muito ingênuo. Deves estar passando por uma crise de esnobismo. És esnobe, mesmo? Sim, não é?

Não é que seu desejo de ser amável se houvesse bruscamente mudado. Mas o que se chama em francês um tanto incorreto "a má educação" era o seu defeito; portanto, defeito em que reparava, e assim não julgava que pudesse chocar os outros. Na humanidade, a freqüência de virtudes idênticas para todos não é mais maravilhosa que a multiplicidade dos defeitos particulares de cada um. Sem dúvida, não é o senso comum a coisa mais disseminada pelo mundo, e sim a bondade. Nos pontos mais remotos e perdidos, assombramo-nos ao vê-la florescer espontânea, como num valezinho distante uma papoula igual às demais no resto do mundo, ela que nunca as viu e que jamais conheceu nada, senão o vento que às vezes faz tremular sua rubra corola solitária. Mesmo que essa bondade, paralisada pelo interesse, não chegue a se exercer, ela todavia existe, e a cada vez que não a impeça de agir um motivo egoísta, por exemplo durante a leitura de um romance ou de um jornal, ela se desabrocha, inclina-se, mesmo no coração daquele que, assassino na vida real, mantém sua ternura, enquanto leitor de folhetins, pelos fracos, pelos justos e perseguidos. Mas a variedade de defeitos não é menos admirável que a semelhança das virtudes. A pessoa mais perfeita possui um certo defeito que choca ou dá raiva. Este homem é de uma bela inteligência, enxerga tudo de um ponto de vista elevado, nunca fala mal de ninguém, mas esquece no bolso as cartas mais importantes que a gente lhe confiou porque ele mesmo se ofereceu para levá-las; e faz com que percamos um encontro importantíssimo, sem nem nos dar um sorriso de desculpas, pois

timbra em nunca saber as horas. Este outro é finíssimo, gentil, de modos tão delicados, que só nos diz coisas que nos tornam felizes; mas sentimos que cala sobre outras coisas diferentes, que as esconde no coração, onde elas azedam, e o prazer que tem em nos ver é tão caro que antes nos mataria de cansaço do que nos deixaria sozinhos.

Um terceiro é mais sincero; porém leva a sinceridade a tal extremo que, na ocasião em que nos desculpamos de não ter ido vê-lo alegando motivos de saúde, insiste em nos fazer saber que fomos vistos no teatro no mesmo dia, e de muito boa cara, ou que não lhe aproveitara muito algo que fizemos por ele, já que outros três vão lhe prestar o mesmo favor e, portanto, pouco tem a nos agradecer. Nas duas circunstâncias, o amigo anterior fingiria não saber que fôramos ao teatro e não diria que outras pessoas poderiam lhe prestar o mesmo serviço. Quanto ao último amigo, sente a necessidade de repetir ou de revelar a alguém aquilo que mais pode nos contrariar, está encantado com sua franqueza e diz firmemente:

- Eu sou assim.

Enquanto outros nos aborrecem com sua curiosidade exagerada, ou sua tão absoluta falta de curiosidade, tão grande que se pode falar nos mais sensacionais acontecimentos sem que saibam de que se trata; e outros, ainda, levam meses para nos responder uma carta, quando ela se refere a uma coisa que dizia respeito a nós e não a eles, ou então, se dizem que vêm nos perguntar algo, e ficamos sem ousar sair de casa com receio que venham e não nos encontrem, não aparecem e nos fazem ficar esperando semanas e semanas porque, não tendo recebido de nossa parte a resposta que sua carta de modo algum exigia, pensam que ficamos aborrecidos. Há os que, consultando seu desejo e não o nosso, falam sem nos deixar dizer uma só palavra, quando estão alegres têm vontade de nos ver, não importando o trabalho urgente que tenhamos; mas, quando se sentem enlanguescidos pelo tempo, ou de mau humor, não lhe podemos arrancar uma só palavra; opõem aos nossos esforços um langor inércia; não se dão ao trabalho de responder, mesmo por monossílabos, ao que foi dito como se não nos tivessem ouvido. Todos os nossos amigos têm defeitos, de modo que, para continuar a gostar deles, somos obrigados a nos consolar desses defeitos pensando em seu talento, sua bondade, sua afeição; ou prescindir deles, empregando nisso toda a nossa boa vontade. Infelizmente, nossa obstinação complacente em não ver o defeito de nosso amigo sempre está superada, sua obstinação em exibi-lo, ou pela própria cegueira, ou porque acha que cegos são os outros. Pois, ou ele não enxerga seu defeito, ou crê que os outros não o vêem. Como o risco de desagradar provém sobretudo da dificuldade de apreciar aquilo que passa despercebido ou não, pelo menos por prudência a gente nunca deveria falar de si mesmo, pois certamente este é um assunto em que podemos estar

seguros que o nosso ponto de vista e o dos outros jamais coincidirão. Se temos a surpresa em visitar uma casa de aparência comum, cujo interior está repleto de tesouros, de gazuas e de cadáveres, quanto descobrir a verdadeira vida do próximo, o universo real sob o universo aparente, não menor a sentiremos quando, em imagem que fazíamos de nós mesmos graças ao que dizem de nós, certificamos pelo que essas mesmas pessoas dizem de nós quando estamos ausentes, da imagem inteiramente diversa que têm a nosso respeito e sobre nossa vida. De que, de cada vez que falamos de nós mesmos, podemos estar seguros de nossas prudentes e inofensivas palavras, ouvidas com aparente polidez e hipócrita aprovação, deram lugar aos comentários mais exasperados ou mais divertidos, em todo caso os menos favoráveis. Nosso menor risco será o de agastar os que nos ouvem, pela desproporção que há entre a idéia que fazemos de nós próprios e as nossas palavras, desproporção que em geral converte as frases das pessoas sobre si mesmas em algo tão risível quanto o cantarolar dos falsos amados a música que experimentam a necessidade de trautear uma música de que gostam, compensando a insuficiência de seu murmúrio inarticulado por uma mímica mágica e um ar de admiração que não se justifica de forma alguma diante dos que estão escutando. E, ao mau costume de falar de si mesmo e de seus defeitos é preciso acrescentar, como se com ele formasse um só bloco inteiriço, esse costume de denunciar nas demais pessoas defeitos precisamente iguais aos que temos. Ora, é sempre desses defeitos que falamos, como se fosse uma forma de rodeios de falar de nós mesmos e que alia ao prazer da absolvição ao da que são. Além disso, parece que nossa atenção, sempre atraída para aquilo que caracteriza, assinala-o mais que qualquer outra coisa nas demais pessoas míopes que dizem de outro:

"Mas ele mal pode abrir os olhos"; um tísico tem dúvidas da integridade pulmonar do indivíduo mais robusto; uma pessoa pouco fala dos banhos que os outros não tomam; um mal-cheiroso pretende que os outros cheirem mal; um marido enganado vê em toda parte maridos enganados; a mulher leviana só vê mulheres levianas; o esnobe só enxerga esnobes. Além do mais, todo vício, como toda profissão, exige e desenvolve um conhecimento especial que se exibe com gosto. O invertido descobre logo os invertidos; o alfaiate, convidado a uma reunião social, ainda nem falou e já calcula a qualidade da fazenda da nossa roupa e seus dedos ardem por apalpar-lhe o tecido; e, se, após alguns momentos, pedimos a um dentista sua verdadeira opinião a nosso respeito, ele dirá a quantidade de nossos dentes cariados. Para ele, nada mais importante; para nós, que já reparamos em sua dentadura, nada mais ridículo. E não é apenas quando falamos de nós mesmos que achamos que os outros são cegos; agimos como se eles o fossem. Para cada um de nós, há um deus especial que nos oculta ou promete a invisibilidade do nosso defeito, assim como fecha os olhos e as narinas às pessoas que não se lavam, quanto ao sebo que trazem nas orelhas e ao cheiro

de suor que têm nas axilas, convencendo-os de que podem exibir impunemente esses defeitos ao mundo, pois este não perceberá coisa alguma. E os que usam pérolas falsas ou as presenteiam, imaginam que as tomarão por verdadeiras. Bloch era mal-educado, neurastênico, esnobe e, pertencendo a uma família pouco estimada, suportava, como o fundo do mar, incalculáveis pressões que faziam pesar sobre ele não só os cristãos da superfície, mas as camadas superpostas das castas judias superiores à sua, cada qual oprimindo com seu desprezo a que estava imediatamente abaixo. Para atingir o ar livre, atravessando famílias e famílias judaicas, Bloch teria de levar milhares e milhares de anos. Mais valia buscar saída por outro lado. Quando Bloch me falou da crise de esnobismo que eu devia estar atravessando, pedindo-me que confessasse ser um esnobe, tive vontade de lhe responder:

- Se fosse esnobe, não andaria com você. - Disse-lhe apenas que ele era pouco amável. Então quis se desculpar, mas de acordo com o jeito do homem mal-educado, que se sente feliz em desdizer suas palavras mas achando um meio de agravá-las.

- Perdoe-me - dizia agora a cada vez que nos encontrávamos -, eu te desgostei, torturei, fui mau sem motivo. E, no entanto (o homem em geral, e seu amigo em particular, é um animal estranho), não podes imaginar, eu que te incomodo tão cruelmente, a afeição que sinto por ti. Tanto, que muitas vezes chego a chorar por ti.

E deixou ouvir um soluço. O que me assombrava em Bloch, mais que os seus maus modos, era ver de que maneira a sua conversação era de qualidade desigual. Este rapaz tão difícil, que dos escritores mais em voga dizia:

-É um lúgubre idiota, um rematado imbecil -,às vezes punha-se a contar, muito divertido, anedotas que não tinham nenhuma graça, e citava uma pessoa totalmente medíocre como sendo "alguém curiosíssimo". Essa dupla medida para avaliar o espírito, a qualidade e o interesse das criaturas, não deixava de me espantar até o dia em que conheci o Sr. Bloch pai. Achava que nunca nos seria permitido conhecê-lo, pois Bloch filho falava mal de mim a Saint-Loup e deste a mim. Especialmente dissera a Saint-Loup que eu sempre era terrivelmente esnobe.

- Sim, sim, está encantado por conhecer Legrandin - disse. Esse modo de sublinhar um nome era, em Bloch, um sinônimo ao mesmo tempo de ironia e de literatura. Saint-Loup, que jamais ouvira o nomes Legrandin, espantou-se:

- Quem é?

- Oh, é alguém muito distinto. - respondeu - Bloch rindo. E punha, friorento, as mãos nos bolsos do jaquetão, convencido de que, naquele instante, estava contemplando o aspecto pitoresco de um extraordinário fidalgo provinciano,

junto a quem não era nada o nome de Barbey d'Aurevilly. Consolava-se de não saber descrever o Sr. Legrandin, pronunciando-lhe o "n" com muitos *LL* e saboreando-o como se fosse um vinho respeitável. Mas meus gozos subjetivos ficavam desconhecidos dos outros. Se falou mal de mim à Saint-Loup, por outro lado não o fez menos de Saint-Loup para mim. Ficara sabendo dos pormenores dessas maledicências desde o dia seguinte, não que fôssemos repetir um ao outro, o que nos teria parecido incorreto, mas porque Bloch, a quem era tão natural e inevitável que assim o fizéssemos, inquieto - por certo que não ia nos dizer nada que não soubéssemos, preferiu antecipar; chamando de parte Saint-Loup, confessou-lhe que falara deliberadamente mal dele para que lhe contassem, e jurou "por Zeus, filho de Kronos, guardião dos juramentos",que o amava e daria sua vida por ele; e enxugou uma lágrima. No mesmo dia deu um jeito para estar a sós comigo, me fez sua confissão, declarou que agia por meu interesse porque julgava que certa espécie de relações sociais seriam prejudiciais e que eu "valia mais que isso". Depois, segurando minha mão com um sentimentalismo de bêbado, embora sua embriaguez fosse puramente de origem nervosa, disse: - Acredita em mim, e que a funesta Ker me agarre imediatamente e me faça entrar pelas portas de Hades, odiosas aos humanos, se não é verdade que ontem, fiquei pensando em ti, em Combray, em minha ternura infinita por ti, naquelas tardes de colégio, que nem te lembras mais, passei a noite inteira chorando. Sim, a noite inteira juro-te, e infelizmente sei, pois conheço as almas humanas, que não acreditará.

De fato, não acreditava; e seu juramento "pela Ker" não acrescentava peso àquelas palavras, que eu percebia serem inventadas à medida que ele falava, o culto helênico era em Bloch puramente literário. Aliás, quando principiava em ser sentimental e queria enternecer os outros com alguma falsidade, dizia:

- Eu te juro - mais pela volúpia histérica de mentir que pelo interesse em que pensassem que dizia a verdade. Não acreditei em nada do que me disse, mas não lhe guardei rancor, pois herdara de minha mãe e de minha avó a incapacidade de ser rancoroso, mesmo contra culpados bem mais graves, e de jamais condenar ninguém.

Aliás, Bloch não era de todo um mau rapaz, podia praticar muitas bondades. E, desde que quase se extinguiu a raça de Combray, raça de onde criaturas absolutamente íntegras, como minha avó e minha mãe, e como já quase não tenho escolha senão entre brutos honrados, insensíveis e leais que, só pelo timbre da voz, mostram logo que não se preocupam de forma alguma com a nossa vida e outra espécie de pessoas que, enquanto estão conosco nos compreendem, nos estimam, se enternecem até às lágrimas e que, em compensação, horas depois fazem um cruel gracejo a nosso respeito, e no entanto voltam para nós, sempre tão compreensivos, tão encantadores, tão momentaneamente assimilados a nós

mesmos; creio que é esta última espécie de homens a que prefiro, senão pelo valor moral, ao menos pelo convívio.

- Não podes imaginar minha dor quando penso em ti - continuou Bloch. - No fundo, isto é um lado bastante judaico em mim - acrescentou ironicamente, contraindo a pupila como se cuidasse de dosar ao microscópio uma quantidade infinitesimal de "sangue judeu", e como teria podido dizê-lo (embora não o dissesse) um grão-senhor francês que entre seus ancestrais, todos cristãos, contasse entretanto com Samuel Bernard ou, mais antigamente ainda, a Virgem Maria, da qual se diz que pretendem descender os Lévys. - Fico muito satisfeito – continuou - por estabelecer deste modo em meus sentimentos a parte, aliás bem pequena, influenciada por minhas origens judaicas. - Pronunciou esta frase porque lhe pareceu a um tempo espirituoso e atrevido dizer a verdade acerca de sua raça, verdade que, da mesma forma, ele tratou de atenuar singularmente, como os avaros que decidem livrar-se das dívidas, mas só têm coragem de pagar a metade. O tipo de fraude que consiste em ter audácia de proclamar a verdade, mas misturando-a com uma boa proporção de mentiras que a falsificam, é mais espalhado do que se pensa e, até entre aqueles que habitualmente não a praticam, certas crises da vida, notadamente aquelas em que está em jogo uma relação amorosa, dão-lhes a ocasião de se entregarem a ela.

Todas essas diatribes confidenciais de Bloch à Saint-Loup contra mim, e a mim contra Saint-Loup, acabaram num convite para jantar; não tenho certeza se antes não fez uma tentativa para ter Saint-Loup sozinho. A verossimilhança torna provável essa tentativa, mas não teve sucesso, pois um dia nos disse a ambos:

- Caro mestre, e vós, cavaleiro amado de Ares, de Saint-Loup-en-Bray, domador de cavalos, já que os encontrei às margens de Anfitrite, a ressoar de espuma, perto das tendas dos Menier, os das naus velozes, quereis ambos vir jantar um dia desta semana em casa de meu ilustre pai de coração irrepreensível? - Dirigia-nos esse convite por desejar ligar-se mais estreitamente a Saint-Loup, que o faria, segundo esperava, penetrar nos ambientes aristocráticos. Formulada por mim, semelhante aspiração teria parecido a Bloch o sinal do mais horrível esnobismo, bem de acordo com a opinião que professava sobre uma parte de minha personalidade que, ao menos até então, considerava secundária; porém o mesmo desejo, de sua parte, parecia-lhe uma prova de bela curiosidade de sua inteligência, que ansiava por determinadas mudanças sociais que lhe fossem de utilidade literária. O Sr. Bloch pai, quando o filho lhe dissera que traria um amigo para jantar, nome e título declinou num tom de sarcástica satisfação:

"O Marquês de Saint-Loup-en-Bray" -sentiu uma comoção violenta, e exclamou, usando a interjeição que nele era a maior prova de deferência social:

- Caramba! O Marquês de Saint-Loup-en-Bray! - E lançou ao filho, capaz de

travar semelhantes relações olhar admirativo que significava:

"É verdadeiramente assombroso. Será que esse garoto prodígio é o meu filho?"- olhar que deu tanto prazer ao meu camarada como pai lhe houvesse aumentado a mesada em cinqüenta francos. Pois Bloch sentia muito à vontade em casa e percebia que o pai o considerava um desajustado devido à sua permanente admiração por Leconte de Lisle, Heredia e outros ''boêmios". Porém relações com Saint-Loup-en-Bray, cujo pai fora presidente da Companhia do Canal de Suez (caramba!), eram um resultado "indiscutível". Lamentava todos ter deixado em Paris o estetoscópio, com medo de estragá-lo. Somente Bloch pai tinha a arte, ou o direito, de se utilizar dele. O que, aliás, só fazia raramente, com conhecimento de causa, nos dias de baile de gala, quando tinham extras. De forma que de tais sessões de estetoscópio emanava, para quem a assistia, uma espécie de distinção, um favor de privilegiados e, para o dono da casa que as dava, um prestígio idêntico ao que o talento confere e que não poderia ter sido maior, ainda que as vistas fossem tiradas pelo próprio Sr. Bloch e o aparato fosse sua invenção.

- Não foi ontem à casa dos Salomon? - perguntavam no âmbito familiar.

- Não, não fui dos eleitos. Que foi que houve?

- Um grande aparelho, estetoscópio, toda a aparelhagem.

- Ah, o estetoscópio! Então lastimo não ter ido, pois parece que Salomon é insuperável quando o mostra.

-Que queres? - perguntou o Sr. Bloch ao filho.-Não se deve dar tudo de uma vez; desse modo fica alguma coisa a desejar.

Ocorrera-lhe, inspirado pela ternura paterna e pelo desejo de emocionar o filho, a idéia de mandar buscar o instrumento. Mas faltava o "tempo material", ou antes, achou que faltava; mas apressou-se o jantar porque Saint-Loup não dispunha de tempo suficiente, esperando um tio que vinha passar de visita com a Sra. de Villeparisis. Como esse tio era muito dado aos exercícios físicos, sobretudo às longas caminhadas, era em grande parte a pé que percorreria entre o castelo, onde veraneava, e Balbec, dormindo à noite nas fazendas, de que era incerto o momento em que chegaria. Sem ousar se mexer, Saint-Loup encarregou-me até de levar a Incarville, onde ficavam os escritórios do telégrafo, o despacho que enviava diariamente à sua amante. O tio que esperava chamava-se Palamede, prenome que herdara dos príncipes da Sicília, seus antepassados; mais tarde, quando encontrei nas minhas leituras históricas, pertencentes potentado ou príncipe da Igreja, esse mesmo nome, bela medalha da Renascimento - alguns dizem ser uma verdadeira antigüidade - sempre na família, tendo de descendente em descendente, desde o gabinete do Vaticano até o tio amigo, senti o prazer reservado àqueles que, não podendo por escassez de

formar uma coleção de medalhas ou uma pinacoteca, procuram velhos nomes (nomes de lugares, documentais e pitorescos como um mapa antigo, uma paisagem ampla, uma insígnia ou um foro consuetudinário, nomes de batismo onde se ouve ressoar, nas belas finais francesas, o defeito de pronúncia, o sotaque de uma vulgaridade racial, a fala viciosa segundo a qual nossos antepassados impunham às palavras latinas e saxãs mutilações permanentes que mais tarde passaram a ser nobres legisladoras de gramáticas) e, em suma, graças a tais coleções de sonoridades antigas dão concertos a si mesmos, à maneira dos que adquirem violas de gamba e violas de amor para tocar música de outrora em instrumentos antigos. Saint-Loup me disse que, mesmo na mais fechada sociedade aristocrática, seu tio Palamede ainda se distinguia por ser dificilmente acessível, desdenhoso, muito aferrado à sua nobreza, formando com a cunhada e algumas pessoas escolhidas o que era conhecido como o círculo dos Fênix. Ainda aí era tão temido por suas insolências que ocorreu algumas vezes que certos aristocratas, desejosos de conhecê-lo, haviam recorrido a seu próprio irmão, que se negou a apresentá-los.

- Não, não me peçam para apresentá-los a meu irmão Palamede. Mesmo que eu, minha mulher, nós todos nos empenhássemos, nada obteríamos. Ou o senhor se arriscaria a que ele não fosse amável, e eu não desejo isso. - No Jockey, ele e alguns amigos tinham relacionado duzentos sócios a quem jamais se deixariam apresentar. E, na casa do conde de Paris, era conhecido pelo apelido de "Príncipe", devido a sua elegância e a seu orgulho.

Saint-Loup me falou da juventude, há muito passada, de seu tio. Todos os dias levava mulheres ao apartamento de solteiro que dividia com dois amigos, bonitos como ele, razão pela qual os chamavam as "Três Graças".

- Um dia, um dos homens que atualmente é muito bem visto no *faubourg* Saint-Germain, como diria Balzac, mas que teve um primeiro período bastante tumultuado e mostrava estranhas preferências, pedira a meu tio que o deixasse ir àquele apartamento. Porém, mal chegado, declarou-se não às mulheres e sim a meu tio Palamede. Este fingiu não entender, chamou à parte os dois amigos com uma desculpa qualquer; voltaram, pegaram o culpado, despiram-no e lhe deram uma surra até que sangrasse, pondo-o depois porta afora, aos pontapés, sob um frio de dez graus abaixo de zero. O infeliz foi encontrado semimorto, a polícia instaurou inquérito, e custou muito ao desgraçado que a coisa não seguisse adiante. Hoje meu tio não daria um castigo tão cruel e você nem imagina o número de pessoas do povo a quem trata com afeto, ele tão altivo para com as pessoas da alta roda. Protege-os, e eles lhes pagam com a ingratidão. Ora é um criado que o serviu num hotel, a quem arranja uma colocação em Paris, ora um camponês a quem custeia o aprendizado de um ofício. É até o lado bem gentil de meu tio, em contraste com o lado mundano.

Com efeito, Saint-Loup pertencia a esse tipo de rapazes aristocratas situados a uma altura onde podem brotar essas expressões: "É o que ele tem de gentil, é o seu lado gentil", sementes preciosas que logo determina" modo de conceber as coisas, na qual não se vale nada e o "povo" vale tudo-, em outras palavras, o oposto do orgulho plebeu. - Na juventude, parece que nem pode imaginar como ele dava o tom, como ditava a lei na sociedade. De sua parte em qualquer circunstância, fazia o que lhe era mais agradável, mais cômodo, mas era logo imitado pelos esnobes. Se lhe acontecia ter sede no teatro e mandasse tirar bebidas ao camarote, era certo que, na semana seguinte, todos os salõezinhos detrás dos camarotes se encheriam de refrescos. Num verão muito chuvoso, porque ele sofreu um pouco de reumatismo, encomendou um sobretudo de vicunha fina, mas bem quente, que só se usa em cobertas de viagem, e respeitou o tecido de listras azuis e alaranjadas. Imediatamente, os grandes alfaiates receberam dos clientes encomendas de casacos listrados de azul, com franjas, de pelos compridos. Se, por um motivo qualquer, desejava tirar toda a solenidade de um jantar no castelo onde passava o dia, e, para indicar esse tom, não vestia casaco sentava-se à mesa com a jaqueta que usara de tarde, virou moda jantar no campo jaqueta. Se, ao comer um doce, se servia de um garfo em vez da colher, ou de um talher que inventara e que havia encomendado a um ourives, ou mesmo dedos, não era mais permitido fazer de outro modo. Sentira vontade de ouvir de novo certos quartetos de Beethoven (pois, com todas as suas idéias extravagantes, não é nenhum estúpido e possui talento) e encarregou alguns músicos de tocarem em sua casa aquelas peças, para ele e os amigos. A maior elegância daquele tempo era dar reuniões pouco freqüentadas, onde se ouvia música de câmara. Creio que deve ter se aborrecido nesta vida. Bonito como era,

deve ter tido muitas mulheres - Apenas não poderia dizer quais, pois ele era muito discreto. Mas sei que enganou muito minha pobre tia. O que não impediu que fosse extremamente atencioso com ela, que ela o adorasse, e que tenha chorado durante anos. Quando está em Paris vai ainda ao cemitério quase todos os dias.

Na manhã seguinte ao dia em que Robert me falara assim de seu tio, enquanto ele o esperava em vão, passava eu sozinho pela frente do cassino, vindo ao hotel, quando tive a sensação de estar sendo observado por alguém que se achava longe. Virei a cabeça e dei com um homem de uns 40 anos, muito robusto, com bigodes bem pretos e que, batendo nervosamente com a bengala nas calças, fixava em mim os olhos dilatados pela atenção. Por instantes, aqueles eram atravessados por olhares de extrema atividade, próprios apenas dos homens que estão diante de uma pessoa a quem desconhecem, pessoa que, por motivo, lhes inspira idéias que não ocorreriam a outros - por exemplo, os loucos dos espiões. Lançou-me um olhar derradeiro, a um tempo ousado e prudente; profundo, como o último golpe antes de iniciar a fuga, e, depois de olhar em redor, assumindo de repente um ar distraído e altaneiro, virou-se inteiramente para um cartaz de teatro, em cuja leitura se absorveu, cantarolando uma canção, enquanto arrumava a rosa musgosa da botoeira. Tirou uma caderneta do bolso e pareceu tomar nota do espetáculo anunciado; olhou o relógio duas ou três vezes, baixou mais sobre a testa a palheta de cor negra, prolongando-lhe a aba com a mão em viseira como para ver alguém que não chegava, fez um gesto de descontentamento como esses que a gente faz quando já está farto de esperar, mas que nunca fazemos quando esperamos de verdade; depois, empurrando o chapéu para a nuca e deixando aparecer o cabelo cortado à escovinha, mas que apresentava de cada lado grandes mechas onduladas, soltou o suspiro ruidoso não das pessoas que têm muito calor, mas das que desejam aparentar que estão com calor. Veio-me a idéia de que se tratava de um ladrão de hotel, que, já tendo reparado em mim e minha avó nos dias anteriores, e preparando um golpe, vendo que o havia surpreendido enquanto me espiava, adotara aquela nova atitude para despistar, e expressava distração e indiferença, mas com tão agressivo exagero que seu objetivo, mais que o de dissipar as suspeitas que eu porventura tivesse, parecia o de vingar uma humilhação que eu lhe houvesse infligido sem querer, dando-me a entender não tanto que não me houvesse visto, mas que eu era sem importância demais para atrair a sua atenção. Empertigava-se com ar de bravata, franzia os lábios, torcia o bigode e dava ao olhar um tom de indiferença, de dureza, quase insultante. De modo que a singularidade de sua expressão me fazia toma-lo tanto por um ladrão como por um doido. Todavia seu modo de trajar era extremamente correto, e muito mais sério e simples que o de todos os banhistas que eu via em Balbec, de forma que justificava minha jaqueta escura, tão freqüentemente humilhada pela deslumbrante alvura banal das

roupas de praia. Porém minha avó vinha a meu encontro, demos uma volta juntos e, uma hora depois, esperava-a diante do hotel, onde entrara por um momento; vi então sair a Sra. de Villeparisis na companhia de Robert de Saint-Loup e do desconhecido que me olhara tão fixamente à porta do cassino. Com a rapidez do relâmpago, o seu olhar me atravessou como no momento em que o vira pela primeira vez, e, como se não me tivesse visto, voltou a pôr diante dos olhos aquele olhar embotado, neutro, que finge nada ter visto fora e não é capaz de ler coisa alguma para dentro, olhar que expressa apenas a satisfação de sentir a seu redor as pestanas que entreabre com sua beatífica redondeza, o olhar devoto e derretido de alguns hipócritas, o olhar presunçoso de certos tolos. Vi que mudara de roupa. A que usava era ainda mais sombria; e, sem dúvida, o fato é que a verdadeira elegância está menos longe da simplicidade que a falsa; mas havia outra coisa: olhando-o de bem perto, via-se que, se a cor estava quase totalmente ausente dessas roupas, não era porque as banira por lhes ser indiferente, mas antes porque as proibira por um motivo qualquer. E a sobriedade que denotavam parecia provir mais da obediência a um regime do que da falta de gulodice. Um debrum verde-escuro se harmonizava, no tecido das calças, com o desenho das meias, refinamento que provava a vivacidade de um gosto cultivado em qualquer outra parte e ao qual esta única concessão fora feita por tolerância, ao passo que uma pinta rosada na gravata era imperceptível como uma liberdade que mal ousamos tomar.

- Como vai? Apresento-lhe o meu sobrinho, o barão de Guermantes - disse-me a Sra. de Villeparisis, enquanto o desconhecido, sem me olhar, resmungando um vago "Encantado", que fez seguir de uns grunhidos para emprestar à amabilidade um tom forçado, e dobrando o dedo mínimo, o indicador e o estendeu-me o médio e o anular, sem nenhum anel, que apertei, protegidos em, luva de couro da Suécia; depois, sem ter erguido os olhos para mim, virou-se para Sra. de Villeparisis.

- Meu Deus, onde estou com a cabeça? - disse esta. - Já te chamei, barão de Guermantes. Apresento-lhe o barão de Charles. Afinal, o erro não é grande - acrescentou -, pois também és um Guermantes.

Nesse meio tempo, saía a minha avó e começamos a andar todos. O tio de Saint-Loup não só não me honrou com uma palavra mas sequer com o olhar. Se encarava os desconhecidos (e nesse curto passeio lançou duas ou três vezes o seu olhar profundo e terrível como para sondar as pessoas insignificantes de condição bem modesta que passavam), em compensação não olhava posso julgar por mim, as pessoas conhecidas como um policial em missão secreta mas que mantém os amigos fora de sua vigilância profissional. Deixei minha avó, a Sra. de Villeparisis e ele conversando juntos, fiquei um pouco atrás com Robert:

- Diga-me, escutei bem? A Sra. de Villeparisis disse a seu tio que era um

Guermantes?

- Sim, naturalmente, é: Palamede de Guermantes.

- Mas dos mesmos Guermantes que têm um castelo perto de Combray, que pretendem descender de Genevieve de Brabante?

- Perfeitamente. Meu tio, que é o que existe de mais heráldico, lhe responderia que o nosso grito de guerra, que mais tarde foi *Passavent*, em princípio era *Combraysis* - disse ele rindo, para não dar impressão de se envaidecia dessa prerrogativa do grito, próprio só das casas quase soberanas, dos senhores de brasões. - É irmão do atual proprietário do castelo.

Assim, a Sra. de Villeparisis era parente, e bem próxima, dos Guermantes. Ela, que por muito tempo fora para mim a senhora que me dera uma caixa de chocolates com um pato, quando eu era pequeno, caixa então de tal modo a do lado de Guermantes como se tivesse sido preparada no lado de Méséglise; menos brilhante e menos considerada a meus olhos, que o oculista de Combray disse que sofria agora subitamente uma dessas altas fantásticas, semelhantes às baixas, menos imprevistas de outros objetos que possuímos, altas e baixas que introduzem na nossa adolescência, e nos aspectos de nossa vida onde subsistir algo de nossa adolescência, mudanças tão numerosas como as metamorfoses de Ovídio.

- Não existem nesse castelo os bustos de todos os antigos senhores de Guermantes?

- Sim, e são um belo espetáculo. - disse Saint-Loup com ironia. - Aqui, entre nós, acho essas coisas meio ridículas. Mas em Guermantes há coisas de maior interesse: um retrato impressionante da minha tia, pintado por Carriere. É lindo como um Whistler ou um Velásquez. -acrescentou Saint-Loup, que, no seu zelo de neófito, nem sempre conservava com exatidão a escala de valores. - Há também quadros muito curiosos de Gustave Moreau. Minha tia é sobrinha de sua amiga Sra. de Villeparisis, foi educada por ela e se casou com o primo, que também era sobrinho da tia de Villeparisis, o atual duque de Guermantes.

- Mas então o que é o seu tio...?

- Ele usa o título de barão de Charles. Na verdade, quando meu tio-avô morreu, o tio Palamede deveria ter tomado o título de príncipe des Laumes, que era o de seu irmão antes que se tornasse duque de Guermantes, pois na nossa família mudam de nome como quem troca de camisa. Mas meu tio tem idéias próprias sobre esse assunto. E, como acha que se abusa um pouco dos ducados italianos, grandezas espanholas, etc., embora pudesse ter escolhido entre quatro ou cinco títulos de príncipe, preferiu o de barão de Charles como forma de protesto e com uma simplicidade aparente onde há muito de orgulho. "- Hoje diz ele todo mundo

é príncipe; portanto, é necessário a gente se diferenciar em alguma coisa; tomarei um título de príncipe quando quiser viajar incógnito." Segundo ele, não há título mais antigo que o de barão de Charles. Para provar que é anterior ao dos Montmorency, que falsamente se diziam os primeiros barões da França, ao passo que na verdade o eram apenas da Ilha de França, onde ficava o seu feudo, meu tio lhe dará explicações durante horas e horas, e com todo o prazer, pois que, embora seja homem de gosto e muito talento, este assunto de conversação parece lhe interessar sempre. -disse Saint-Loup com um sorriso. - Mas como não sou feito ele, não me faça falar de genealogia, pois não conheço nada tão aborrecido, tão morto, como isso; e de fato a existência é muito curta para essas coisas.

Agora eu reconhecia, no olhar duro que me fizera desviar a cabeça há pouco, perto do cassino, o mesmo que vira fixado em mim em Tansonville, quando a Sra. Swann havia chamado Gilberte.

- Mas dentre as numerosas amantes que me dizia que seu tio, Sr. de Charles, havia tido, não estava a Sra. Swann?

- Oh, de jeito nenhum! Quer dizer, ele é um grande amigo de Swann e sempre o defendeu. Mas nunca se murmurou que fosse amante de sua mulher. Você provocaria um grande espanto na sociedade se desse a impressão de acreditar nisso.

Não ousei responder-lhe que maior espanto haveria em Combray se eu afirmasse o contrário.

Minha avó ficou encantada como Sr. de Charles. De fato, ele dava grande importância a questões relativas a linhagem e posição social, o que minha avó notara; mas sem aquela severidade onde em geral costuma haver uma inveja e a irritação de ver outra pessoa desfrutar vantagens que a gente deseja conseguir. Como, pelo contrário, minha avó, contente com sua sorte e não ficava lamentando de forma alguma o não viver numa sociedade mais brilhante, servia-se nas da inteligência para observar os caprichos do Sr. de Charles, falava dos Saint-Loup com essa benevolência desinteressada, sorridente, quase simpático, com que recompensamos o objeto de nossa observação casual pelo prazer que dá; e tanto mais que desta vez o objeto de observação era um personagem cujas pretensões ela considerava, senão legítimas, pelo menos pitorescas; o destacar-se vivamente das personalidades com que ela em geral tinha ocasião de lidar. Mas minha avó lhe perdoara facilmente o preconceito aristocrático, espertamente por causa da inteligência e da sensibilidade, que se adivinhava serem eternamente vivas no Sr. de Charles, ao contrário de tantas pessoas da alta sociedade de quem Saint-Loup escarnecia. Mas tal preconceito não fora entretanto sacrificado pelo tio, como o fizera o sobrinho, em favor de qualidades superiores. O Sr. Charles

antes conseguira conciliar ambas as coisas. Descendente dos duques de Nemours e dos príncipes de Lamballe, possuía arquivos, móveis, tapeçarias, retratos dos antepassados feitos por Rafael, Velásquez e Boucher; podia dizer "visitava" um museu e uma incomparável biblioteca apenas ao percorrer as acomodações da família, e colocava, ao contrário, na posição de onde o sobrinho afirmava, descender, toda a herança da aristocracia. Talvez também, por ser menos ideólogo Saint-Loup, atentava menos nas palavras e era um observador mais realista dos homens; não queria desprezar um elemento essencial de prestígio aos olhos das pessoas em geral, e que, se dava à sua imaginação prazeres desinteressados; muitas vezes ser um auxílio extremamente eficaz para sua atividade utilitária permanece aberto o debate entre os homens desse gênero e aqueles que obedecem um ideal interior que os impele a se desfazerem dessas vantagens para tentar realizá-lo, nisto semelhantes aos pintores e escritores que renunciam à virtuosidade, aos povos artistas que se modernizam, aos povos guerreiros que tomam a iniciativa do desarmamento universal, aos governos absolutistas que tornam democráticos e revogam as leis severas, muitas vezes sem que a realidade recompense seus nobres esforços; pois uns perdem seu talento, outros a secular predominância; o pacifismo às vezes multiplica a guerra, e a indulgência leva à criminalidade. Se os esforços de sinceridade e de emancipação de Saint-Loup deviam ser considerados muito nobres, a avaliar pelo resultado exterior, seria de que o Sr. de Charles se felicitasse por não participar de tais idéias, visto mandar transportar para sua casa uma grande parte dos admiráveis entalhamentos do palácio dos Guermantes em vez de trocá-los, como fizera seu sobrinho, por mobiliário de estilo moderno, dos Lebourg e dos Guillaumin. Não é menos verdade que o ideal do Sr. de Charles era bastante artificial, se é que tal adjetivo se pode aplicar à palavra ideal, tanto no sentido social como no artístico. Em certas mulheres muito belas e de rara cultura, cujas avós, dois séculos antes, estiveram misturadas à glória e elegância do antigo regime, ele descobria uma distinção que o fazia só sentir-se a gosto em sua companhia; e, sem dúvida, era sincera a admiração que lhes votava, mas, em grande parte, contribuíam para este sentimento numerosas reminiscências de história e de arte evocadas por seus nomes, assim como as lembranças da Antigüidade são um dos motivos do prazer que um homem culto encontra na leitura de uma ode de Horácio, talvez inferior a alguns poemas de hoje que o deixariam indiferente. Cada uma dessas mulheres, na opinião do Sr. de Charles, estaria para uma linda burguesa como, para uma tela contemporânea que represente uma estrada ou um casamento, está um desses quadros antigos cuja história conhecemos perfeitamente, desde o rei ou o papa que o encomendaram, passando por determinadas personagens junto a quem sua presença, por doação, compra, roubo ou herança, nos lembra algum acontecimento, ou, pelo menos, uma aliança de interesse histórico e, por conseqüência, representa a aquisição de

conhecimentos que adquirimos, dando-lhes uma nova utilidade, e aumentando o sentimento da riqueza dos recursos da nossa memória ou da nossa erudição. O Sr. de Charles se felicitava que um preconceito análogo ao seu impedisse essas grandes damas de conviverem com mulheres de sangue menos puro, pois assim se ofereciam intactas em sua nobreza inalterada, como essas fachadas do séc. XVIII sustentadas por lisas colunas de mármore róseo e que o tempo não mudou em nada.

O Sr. de Charles celebrava a verdadeira nobreza de espírito e sentimentos dessas mulheres, fazendo assim um trocadilho com a palavra nobreza, num equívoco que a si mesmo o enganava e onde residia a falsidade desse conceito bastardo, dessa mistura ambígua de aristocracia, generosidade e arte, mas também a sua sedução, perigosa para as criaturas como a minha avó, a quem o preconceito mais grosseiro porém mais inocente de um nobre, que só vê os seus brasões e não se preocupa com o resto, teria parecido excessivamente ridículo, mas que ficaria indefesa desde que algo se lhe apresentasse sob as aparências de uma superioridade espiritual, a ponto de considerar os príncipes os mais invejáveis dos homens porque poderiam ter tido um La Bruyere ou um Fénelon como preceptores.

Diante do Grande Hotel, os três Guermantes nos deixaram; iam almoçar na casa da princesa de Luxemburgo. No momento em que minha avó dizia adeus à Sra. de Villeparisis e Saint-Loup se despedia dela, o Sr. de Charles, que até então não me dirigira a palavra, deu alguns passos para trás até chegar a meu lado:

-Vou tomar chá esta noite após o jantar, no apartamento de minha tia Villeparisis disse-me.

-Espero que me dê o prazer de comparecer com a senhora sua avó.- E foi reunir-se à marquesa.

Embora fosse domingo, já não havia mais fiacres diante do hotel como no começo da temporada. A esposa do tabelião, em particular, achava ser gasto excessivo alugar todo fim de semana um carro a não ser para ir aos Cambremer; contentava-se em ficar encerrada no quarto.

- A Sra. Blandais está doente? - perguntavam ao tabelião

- Não vir hoje. Tem um pouco de dor de cabeça; deve ser o calor, a trovoada. Mas, uma coisinha de nada; mas creio que a verão esta noite. Aconselhei-a a que descansasse. Isto só poderá lhe fazer bem.

Pensei que, ao convidar-nos assim para o apartamento de sua tia, sem dúvida a prevenira de nossa visita, o Sr. de Charles teria desejado reparar a descortesia com que me tratara no passeio daquela manhã. Mas, quando entramos o sobrinho estava no salão da Sra. Villeparisis; quis cumprimentá-lo, porém por mais voltas

que desse a seu redor, não pude atrair o seu olhar, pois ele contava, em voz aguda, uma história bem malévola sobre um de seus parentes; quis cumprimentá-lo com voz bem forte, para adverti-lo de minha presença, mas, compreendi que havia reparado nela, pois, antes mesmo que meus lábios dissesse uma só palavra, no momento em que me inclinava, vi seus dois dedos estendidos para que os apertasse, sem que ele tivesse desviado os olhos ou interrompido a conversa. Evidentemente me vira, mas sem dá-lo a perceber, e só então verifiquei que seus olhos, que jamais se fixavam no interlocutor, passeavam permanentemente em todas as direções, como os de certos animais assustados, ou os desses vendedores ambulantes que, enquanto declamam seu palavreado e exibem mercadoria ilícita, perscrutam, sem todavia virar a cabeça, os diferentes pontos no horizonte de onde poderia vir a polícia. Com a nossa chegada, parecia surpresa por nos ver a Sra. de Villeparisis; parecia não estar prevenida; e fiquei mais assombrado ainda ao ouvir o Sr. de Charles dizer à minha avó:

- É encantador, não é mesmo? Disse à tia. "Ah, foi uma idéia muito boa a que tiveram." Sem dúvida havia reparado na surpresa de sua tia; e que lhe bastaria para transformar, homem acostumado a dar o tom, como esta surpresa em alegria, indicando que também se achava surpreso e que esse calculava bem, o efeito do sentimento que a nossa chegada deveria causar. Levava em muita consideração o seu sobrinho, e a Sra. de Villeparisis, sabia quanto era difícil contentá-lo, pareceu de súbito achar novas qualidades em minha avó. Não podia compreender que o Sr. de Charles não cessou de agradá-la. Mas eu não entendia que aparentemente se esquecesse, em poucas horas, o convite tão breve que nos fez naquela manhã – denominava tão premeditado, que me parecia que fizera aquilo intencionalmente parecer a idéia de minha avó, uma idéia que era somente sua. Disse com um escrúpulo de precisão que até certa idade, foi que percebi que a gente não se certifica que se conserve verdadeiras intenções de uma pessoa pelo simples fato de lhe fazer uma pergunta e que é menor o risco de um mal entendido que certamente passará em brancas nuvens, do que insistir ingenuamente:

- Mas, senhor - disse-lhe -, deve estar lembrado de que me pediu que viéssemos esta noite, não é? - Nenhum movimento, nenhum som revelou que o Sr. de Charles tivesse ouvido minha pergunta. De modo que a repeti, como os diplomatas ou os jovens que estão brigados e que, com inútil e incansável boa vontade, procuram obter esclarecimentos que o adversário decidiu não dar. Pareceu-me ver flutuar em seus lábios o sorriso dos que, de muito alto, julgam o caráter e a educação dos outros. Já que ele se recusava a uma explicação, tentei elaborar uma, e apenas cheguei a hesitar entre várias, nenhuma das quais podia ser a verdadeira. Talvez não se lembrasse, ou então fora eu quem não compreendera bem o que me havia dito pela manhã... Mais provavelmente por

orgulho, não queria dar a impressão de ter procurado atrair pessoas que desdenhava, e preferia lançar sobre elas a iniciativa de sua vinda. Mas então, se nos desdenhava, por que fizera questão que viéssemos, ou melhor, que minha avó viesse, pois de nós dois foi somente a ela que o Sr. de Charles dirigiu a palavra naquela noite, e nem uma só vez a mim? Conversando com ela na maior animação, assim como com a Sra. de Villeparisis, de algum modo escondido atrás delas como se estivesse no fundo de um camarote, contentava-se apenas em desviar por vezes o olhar inquiridor de seus olhos penetrantes e pousá-lo em meu rosto, com a mesma seriedade e o mesmo ar de preocupação que teria se estivesse lendo um manuscrito difícil de entender. Sem dúvida, a não ser por esses olhos, o rosto do Sr. de Charles seria idêntico ao de muitos homens bonitos. E, quando Saint-Loup, falando-me de outros Guermantes, disse mais tarde:

- "Ora, eles não têm esse ar de raça, de grão-senhor até a ponta dos dedos, como o tio Palamede", confirmando que o ar de raça e a distinção aristocrática não continham nada de novo e misterioso, mas eram constituídos de elementos que eu facilmente reconhecia sem que me causassem maior impressão. Percebi que se dissipava uma de minhas ilusões. Mas naquele rosto, que se parecia um pouco ao rosto de um ator devido à leve camada de pó-de-arroz que o recobria, por mais que o Sr. de Charles lhe fechasse hermeticamente a expressão, seus olhos eram como uma fenda, uma seteira que não pudera tapar e por onde, segundo a posição que a gente ocupava quanto a ele, saíam reflexos que bruscamente nos atravessavam, provindos de alguma arma interior que parecia assustadora até para aquele que, sem dominá-la, carregava-a dentro de si em estado de equilíbrio instável e sempre a ponto de explodir; e a expressão circunspecta e constantemente intranqüila desses olhos, com todo o cansaço que provocava no rosto, por mais composto e arrumado que estivesse, expresso nas olheiras muito caídas, fazia pensar num incógnito, num homem poderoso que corresse perigo e por isso se disfarçasse, ou pelo menos num sujeito perigoso, porém trágico. Gostaria de adivinhar que segredo era aquele que os outros homens não possuíam e que tornara tão enigmático o olhar do Sr. de Charles; quando o havia visto de manhã, perto do cassino. Mas agora, que já sabia a que família pertencia, não mais continuara crer que fosse o olhar de um ladrão, nem, já que o ouvira, o de um louco. Se se mostrava frio para comigo, enquanto era tão amável à minha avó, isto talvez não se devesse a uma antipatia pessoal, pois de um modo geral era benevolente para com as mulheres, de cujos defeitos falava habitualmente com muita indulgência; mas, quanto aos homens, principalmente os rapazes, tratava com um ódio violento que lembrava o de certos misóginos pelas mulheres, dois ou três gigolôs, que eram da família ou da intimidade de Saint-Loup, e cujos nomes este citara casualmente, disse:

- São uns pequenos canalhas.- com a expressão quase feroz que contrastava com

sua frieza costumeira. Compreendi o que censurava acima de tudo nos jovens de hoje era o serem muito efeminados.

- São verdadeiras mulheres - dizia com desprezo. Mas qual vida não teria parecido efeminada em comparação com a que ele desejava que levasse um homem, e ainda assim lhe parecia pouco enérgica e viril? (Ele mesmo, em suas viagens, depois de horas de caminhada, todo afogueado, lançava-se em rios gelados.) Nem sequer admitia que um homem usasse anel. Porém esse preconceito da virilidade não o impedia de possuir as mais finas qualidades de homem sensível. A Sra. de Villeparisis, que lhe pedia descrevesse para minha avó um castelo onde a marquesa da Sévigné passara um dia, acrescentando que achava um pouco literário o seu gênero de se ver separada de uma pessoa tão aborrecida como sua filha, a Srta. Grignan, respondeu:

- Pelo contrário, a mim me parece bastante verdadeiro. Aliás, era uma época em que esses sentimentos eram muito bem compreendidos. *O habitante de Monomotapa,* de La Fontaine, correndo à casa do amigo porque em sonho pareceu triste, o pombo achando que o maior dos males é a ausência de pombo, talvez lhe pareçam, minha tia, tão exagerados como a Sra. de Sévigné, não podia aguardar o momento em que estaria a sós com a filha. E é tão belo ela diz quando se separam: "Esta separação me faz doer tanto a alma que é como se fosse dor no corpo. Durante a ausência não poupamos horas. Adiava por um tempo que é a nossa aspiração."

Minha avó ficou encantada de ouvir as cartas da Sra. de Sévigné da mesma forma como o teria feito. Assombra que um homem pudesse compreendê-las tão bem. Encontrava no Sr. de Charles delicadezas e sensibilidade femininas. Mais tarde, quando estávamos a sós, avó e eu falamos dele, concordando em que devia ter sofrido a influência de uma mulher, sua mãe, ou, mais tarde, de sua filha se tinha filhos. Quanto pensava: "Uma amante", reportando-me à influência que a de Saint-Loup pudesse ter sobre ele, o que me fazia notar até que ponto pode requintar um homem à uma mulher com quem ele convive.

- E, uma vez junto da filha, ela provavelmente nada teria a dizer. - respondeu a Sra. de Villeparisis.

- Claro que sim; mesmo que fossem aquelas coisas que dizia serem "tão insignificantes que só tu e eu sabemos apreciar". E, em todo caso, estava ao lado dela. E La Bruyere diz que isso é tudo: "Se estamos junto dos seres queridos, tanto faz falar-lhes ou não."

- Tem razão; é a única felicidade - acrescentou o Sr. de Charles com voz melancólica-, e infelizmente a vida é tão mal arranjada que essa felicidade muito raramente podemos desfrutá-la. A Sra. de Sévigné é muito menos digna de compaixão que os outros, pois passou grande parte de sua vida junto de quem

amava.

- Esqueces que não se trata de amor e sim da filha.

- O importante na vida, entretanto, não é o que se ama e sim sentir o amor, - replicou ele num tom peremptório, compenetrado e quase categórico.-O que a Sra. de Sévigné sentia pela filha pode parecer-se, com maior propriedade, à paixão que Racine pintou em Andrômaca ou na Pedra e não às frívolas relações do jovem Sévigné com suas amantes. Da mesma forma, o amor de alguns místicos por Deus. Os limites muito exíguos que traçamos em torno do amor decorrem apenas da nossa grande ignorância da vida.

-Gosta muito da Andrômaca e da Fedra? - perguntou Saint-Loup ao tio, num tom levemente desdenhoso.

- Há mais verdade numa tragédia de Racine do que em todos os dramas de Victor Hugo. respondeu o Sr. de Charles.

- A sociedade é absolutamente medonha. - sussurrou-me Saint-Loup ao ouvido. - Preferir Racine a Victor Hugo, afinal, é terrível! -

Estava sinceramente entristecido com as palavras do tio, mas o prazer de dizer "afinal" e sobretudo "terrível" o consolava.

Nessas reflexões sobre a tristeza de viver separado daquilo que se ama (reflexões que fizeram minha avó dizer que o sobrinho da Sra. de Villeparisis compreendia certas obras bem melhor que a tia, e principalmente que estava em nível muito superior ao da maioria das pessoas da sociedade), o Sr. de Charles não deixava apenas transparecer uma finura de sentimento que, de fato, os homens raramente mostram; sua própria voz, semelhante a certas vozes de contralto em que não está suficientemente cultivado o registro médio, e cujo canto parece o dueto alternado de um rapaz e de uma mulher, colocava-se nas notas altas no momento em que exprimia estes pensamentos tão delicados, adquirindo uma doçura imprevista, como se contivesse coros de vozes de noivas, de irmãs, que disseminassem a sua ternura. Mas o bando de donzelas que o Sr. de Charles, com todo o seu horror por qualquer tipo de efeminamento, ficaria tão aflito de abrigar em sua voz, não se limitava à interpretação, à modulação dessas passagens sentimentais. Muitas vezes, enquanto conversava, o Sr. de Charles deixava ouvir o seu riso agudo e fresco de colegiais de pensionato ou de moças coquetes, que troçavam do próximo com malícias de pícaras e espertalhonas.

Contou que uma casa que pertencera à família, onde uma vez dormiu Maria Antonieta, e cujo parque fora desenhado por Le Nôtre, era propriedade - dos ricos financistas Israel, que o tinham comprado.

- Israel é, pelo menos, o nome que usam essas pessoas, e me parece um vocábulo genérico, étnico, em nome próprio. Não se sabe; talvez essa casta de

gente nem tenha nome é designada apenas pela coletividade a que pertencem. Dá no mesmo! Ter sido a moradia dos Guermantes e ser propriedade dos Israel!!! - gritou. - Isto me lembra aquele quarto do castelo de Blois, do qual me dizia o guarda que me guiava, visita: - Era aqui que Maria Stuart rezava; e agora é onde guardo minhas vassoura - Naturalmente, nunca mais quero saber dessa casa, que está desonrada, como não quero saber da minha prima, Clara de Chimay, que largou o marido. Mas conservo a fotografia da casa quando ainda estava intacta, como a da princesa num quartel, seus grandes olhos só viviam para meu primo. A fotografia ganha um pouco a dignidade que lhe falta quando deixa de ser reprodução da realidade e nos mostra coisas que já não existem. Poderia lhe dar uma, visto que esse tipo de arquitetura lhe interessa - disse à minha avó. Nesse momento, percebendo que o lenço bordado que trazia no bolso deixava entrever a orla colorida, empurrou-o mais para dentro, com o rosto assustado de uma mulher pudica, mas não inocente, que dissimula atrativos físicos que, por excesso de escrúpulo, julga indecentes. - Imagine a senhora continuou que tais pessoas começaram por destruir o parque do Nôtre, o que é tão criminoso quanto estraçalhar um quadro de Poussin. Por esse motivo, esses Israel deveriam estar na cadeia. É verdade - acrescentou com sorriso, após um momento de silêncio - que sem dúvida há muitos outros motivos para que devessem ser presos! Em todo caso, imagine o efeito que faz desses prédios um jardim à inglesa.

- Mas a casa é do mesmo estilo do Petit Trianon - disse a Sra. de Villeparisis -, e Maria Antonieta mandou fazer ali um jardim inglês.

- Que, da mesma forma, põe a perder a fachada de Gabriel. - respondeu o Sr. de Charles. - Evidentemente, seria um ato de selvageria mandar desmanchar agora o Hameau. Mas, sejam quais forem os gostos de hoje, duvido muito esse respeito, um capricho da Sra. Israel tenha o mesmo prestígio que a lembrança da rainha.

Nesse meio tempo, minha avó me fizera sinal para que subisse para deitar, apesar da insistência de Saint-Loup que, para grande vergonha minha, dissera, diante do Sr. de Charles, à tristeza que eu sentia muitas vezes de noite, antes de dormir, e que seu tio deveria considerar algo bem pouco viril. Demorei ainda instantes, depois saí; e fiquei muito espantado quando, logo após, tendo ouvido bater a porta do quarto e perguntado quem era, percebi a voz do Sr. de Charles que dizia em tom seco:

- É Charles. Posso entrar, senhor? Senhor continuou no mesmo tom, tão logo fechou a porta -, há pouco meu sobrinho contava que o senhor estaria um tanto aborrecido antes de dormir, e, por outro lado, que é admirador dos livros de Bergotte. Como tenho na mala um deles, que o senhor provavelmente não conhece, estou trazendo-o para que o ajude a passar esses momentos em que não

se sente feliz.

Agradeci ao Sr. de Charles, emocionado, e lhe disse que, pelo contrário, receara que o que Saint-Loup havia dito acerca do meu mal-estar com a aproximação da noite me tivesse feito parecer a seus olhos mais estúpido ainda do que era.

- Claro que não respondeu ele num tom mais suave. - O senhor talvez não tenha méritos pessoais, tão poucas pessoas o têm! Mas, ao menos por algum tempo, será jovem, o que e sempre uma sedução. Além disso, senhor, a maior das asneiras é achar ridículos ou censuráveis os sentimentos que não se tem. Gosto da noite e o senhor me diz que ela o atemoriza; gosto do aroma das rosas e tenho um amigo a quem o seu cheiro provoca febre. Julga que, por isso, acho que ele valha menos que eu? Esforço-me por compreender tudo, e evito condenar seja o que for. Enfim, não se lamente muito, não digo que essa tristeza não seja penosa; sei o que se pode sofrer por determinadas coisas que os outros não compreenderiam. Mas pelo menos o senhor empregou bem o seu afeto em sua avó. Sempre a vê. E, depois, é uma afeição lícita, isto é, bem correspondida. E há tantas outras de que não se pode dizer o mesmo!

Andava de um lado para o outro, no quarto, olhando um objeto, pegando outro para examiná-lo. Tinha a impressão de que desejava anunciar-me algo e não sabia em que termos fazê-lo.

-Tenho um outro livro de Bergotte aqui, vou mandar buscá-lo - acrescentou, tocando a campainha. Apareceu um groom dentro de instantes. - Vá chamar o mordomo. Só ele é capaz de cumprir um recado com inteligência - disse o Sr. De Charles com altivez.

- O senhor Aimé, senhor? indagou o groom.

- Não sei o seu nome, mas sim, lembro-me de ter ouvido que o chamavam de Aimé. Vá depressa, não tenho tempo a perder.

- Num instante ele estará aqui, senhor; acabei de vê-lo lá embaixo. - respondeu o groom, que desejava mostrar-se a par de tudo. Passou-se algum tempo. O groom voltou.

- O Sr. Aimé já está deitado, senhor. Mas posso me encarregar do recado.

- Não, o que tem a fazer é acordá-lo.

- Não posso, senhor, ele não dorme aqui.

- Então, deixe-nos em paz.

- Mas, senhor. - disse eu quando o groom se retirou-, é muito amável comigo; é suficiente um livro de Bergotte.

-Sim, tem razão.

O Sr. de Charles continuava a andar pelo quarto. Passaram-se alguns minutos desse modo. Depois, após uns instantes de hesitação, recomeçando várias vezes o ato interrompido, girou sobre si mesmo, lançou-me um:

- Boa-noite, senhor. - Num tom novamente áspero, e foi embora.

Na manhã seguinte, o Sr. De Charles, que deveria partir nesse mesmo dia, aproximou-se de mim na praia num momento em que eu ia tomar meu banho, a fim de me dizer, da parte de minha avó que ela me esperava tão logo saísse da água; e, depois dos nobres sentimentos - o ouvira expressar na noite anterior, fiquei muito espantado ao ouvi-lo dizer beliscando-me o pescoço com uma familiaridade e um riso bem vulgares:

-Afinal, você está se lixando para a velha vovó, hein, malandrãol

- Como, senhor, eu a adoro!

- O Senhor. - replicou, recuando um passo e com ar glacial - é jovem ainda deve aproveitar para aprender duas coisas: a primeira é abster-se de expressar sentimentos muito naturais, por serem subentendidos; a segunda é não responder de pronto ao que lhe dizem sem ter penetrado bem o seu sentido. Se tomasse cuidados há pouco, teria evitado dar a impressão de falar a torto e a direito como um surdo e, com isso, acrescentar um ridículo a mais ao ridículo de usar âncoras bordadas no seu traje de banho. Emprestei-lhe um livro de Bergotte o qual estou precisando. Mande-o trazer dentro de uma hora por esse mordomo, nome risível que tão mal lhe assenta; suponho que a estas horas já não esteja deitado. Lembro-me que ontem à noite, cedo demais talvez, lhe falei das seduções da juventude, e lhe teria prestado maior favor se lhe apontasse a leviandade; as inconseqüências e incompreensão. Espero, senhor, que esta pequena ducha seja mais salutar que o seu banho. Mas não fique aí parado, pois poderia sentir frio. Adeus, senhor.

Com certeza se arrependeu dessas palavras, pois logo depois recebi numa encadernação em marroquim em cuja capa trazia embutida uma placa de couro que representava, em meio-relevo, um ramo de miosótis o livro que emprestara e que lhe fizera chegarás mãos não por Aimé, que se achava de férias, mas pelo ascensorista.

Tendo partido o Sr. de Charles, Robert e eu pudemos enfim ir jantar à casa dos Bloch. Durante essa pequena recepção, compreendi que aquelas histórias que Bloch julgava tão engraçadas sem o serem, e as pessoas a quem considerava "curiosíssimas", eram histórias e amigos do Sr. Bloch pai, que os julgava desse modo. Há um certo número de pessoas a quem admiramos na infância: um mais inteligente que o resto da família, um professor que exalta a nossos olhos a metafísica que nos revela, um colega mais velho que nós (o que Bloch foi para mim) que despreza o Musset da *Esperança em Deus* quando ainda a aprecia que,

em compensação, quando tivermos chegado ao bom Leconte ou a Claude se extasiará como em:

A Saint-Claise, na Zuecca,

Vós estareis, vós estareis bem à vontade...acrescentando:

Pádua é um lugar bem bonito onde insignes doutores em Direito... Porém prefiro a polenta Passa em seu dominó preto

A Toppatelle e de todas as "*Noites*" só retém:

No Havre, em frente ao Atlântico,

Em Veneza, no horrível Lido,

Onde vem, na grama de um túmulo,

Morrer o pálido Adriático.

Ora, dessas pessoas a quem admiramos sem hesitar, se recolhem e citam coisas bastante inferiores a outras que recusaríamos severamente caso nos deixássemos guiar pelo nosso próprio gosto, assim como um escritor emprega num romance, sob a alegação de que são verdadeiras, "frases" e personagens que, num conjunto vivo, são um peso morto, parcela medíocre. Os retratos de Saint-Simon, que ele escreveu sem admirar-se, são sem dúvida admiráveis; mas os rasgos, que considera deliciosos, das pessoas de espírito que conheceu hoje em dia nos parecem medíocres ou ininteligíveis. Ele teria desdenhado inventar coisas, que registra como sendo tão finas ou pitorescas, da Sra. Comuel ou de Luís XIV, o que afinal é fato que se observar em outros escritores e comporta diversas interpretações, das quais basta neste momento a seguinte; que, quando o escritor se acha no estado de espírito daquele que "observa", encontra-se no estado de espírito de nível muito inferior ao daquele que cria.

Portanto, havia, encravado dentro do meu colega Bloch, um pai Bloch que se atrasava 40 anos em relação ao filho, contava anedotas insossas das quais ria, no fundo do filho, assim como fazia o pai Bloch exterior e verdadeiro, pois ao riso que este último soltava, não sem repetir duas ou três vezes à última frase para que o público saboreasse bem a história, acrescentava-se a gargalhada ruidosa com que o filho, à mesa, não deixava de saudar as anedotas do pai. Assim é que, depois de haver dito coisas muito inteligentes, o jovem Bloch, manifestando a herança recebida da família, nos contava pela trigésima vez alguns desses gracejos que o pai dava a luz (juntamente com a casaca) somente nos dias solenes em que o filho trazia alguém que valia a pena deslumbrar: um de seus professores, um colega que obtinha todos os prêmios, ou, naquela noite, Saint-Loup e eu. Por exemplo: "Um militar muito culto, que deduzira sabiamente, com base em provas, por que motivos infalíveis os japoneses, na guerra russo-japonesa, seriam vencidos e os russos vitoriosos", ou então: "É um homem

eminente que passa por ser grande financista nos meios políticos e por um grande político nos meios financeiros." Essas histórias eram intercambiáveis com uma anedota relativa ao barão de Rothschild e referente a sir Rufus Israel, personagens postos em evidência de forma equívoca, que podia dar a entender que o Sr. Bloch os conhecera pessoalmente.

Também caí na armadilha e, pela maneira que o Sr. Bloch pai falava, Bergotte, julguei que era um de seus velhos amigos. Ora, Bloch pai só conhecia pessoas célebres "sem conhecê-las", por tê-las visto de longe no teatro, nos bulevares. Aliás, imaginava que seu rosto, seu nome e sua personalidade não eram estranhos a elas, e que, ao vê-lo, eram muitas vezes obrigadas a reprimir um profundo desejo de saudá-lo. As pessoas da aristocracia conhecem diretamente os homens de talento, levam-nos para jantar, e nem por isso os compreendem melhor. Quando se viveu nesse ambiente, a estupidez das pessoas que o constituem inspira desejos de freqüentar círculos mais modestos, onde se conhecem homens de talento "sem conhecê-los", e os supomos mais inteligentes que são. Eu acabara de comprová-lo, falando de Bergotte. O Sr. Bloch pai não era o único a obter êxito na casa. Meu colega ainda mais o obtinha com as irmãs; não cessava de as entreter em tom resmungão, metendo o nariz no prato; assim, as fazia rir até às lágrimas. Além do mais, elas haviam adotado a língua do irmão, que falavam correntemente como se fosse obrigatória e o único objetivo de pessoas inteligentes. Quando chegamos, a mais velha disse a uma das menores:

- Vai avisar nosso sábio pai e nossa mãe venerável.

- Cadelas - disse-lhes Bloch - Apresento-lhes o cavalheiro Saint-Loup, o de dardos rápidos, que veio por uns dias de Boncieres, a de casa de pedra polida, fecunda em cavalos.

Como era tão vulgar como letrado, o discurso terminava habitualmente com um gracejo menos homérico:

- Vamos, feches um pouco mais esses belos broches. Que escândalo é esse? Afinal, não sei o que querem com isso.

E as senhoritas Bloch se estorciam numa tempestade de risos. Disse à elas quantas alegrias o irmão me havia proporcionado ao me recomendara a leitura de Bergotte, cujos livros adorava.

O Sr. Bloch pai, que só conhecia Bergotte de longe, e a sua vida só ouvira contar de voz pública, tinha uma forma também muito indireta de tomar conhecimento de sua obra, com o auxílio de julgamentos aparentemente literários. Vi no mundo do mais ou menos, onde se saúda no vazio e se julga em falso, a imprecisão e a incompetência não diminuem a auto-suficiência; pelo contrário é um milagre benéfico do amor-próprio que, como pouca gente pode ter amizades importantes

e profundo conhecimento, faz com que pessoas a quem faltara coisas se julguem ainda as mais favorecidas, pois a ótica das escalas sociais todos a supõem que a melhor posição é a que ocupam; portanto, acham, menos favorecidos, menos aquinhoados, dignos de compaixão, os superiores a quem nomeiam e caluniam sem conhecer, e julgam e desprezam por não compreendê-los; e, mesmo nos casos em que a multiplicação das poucas vantagens pessoais pelo amor-próprio não bastaria para assegurar a cada um a dose de felicidade, superior à concedida aos outros, e que lhe é necessária, a inveja comparecer para preencher a diferença. É verdade que, se a inveja se exprime em frases desdenhosas, é mister traduzi-las: "Não quero conhecê-lo" por "Não posso conhecê-lo". É este o sentido intelectual, mas o sentido passional da frase é, de fato: "Não quero conhecê-lo". Sabe-se que isto não é verdade e, no entanto, não é dito por simples artifício, e sim porque desse modo é sentido, e basta isso para suprimir a distância, ou seja, para tornar feliz.

O egocentrismo, permitindo que todo ser humano veja o universo a seus pés, leva-o a ser um rei. O Sr. Bloch dava-se ao luxo de ser um rei implacável quando, de manhã, tomando sua taça de chocolate, vendo a assinatura de Bergotte no fim de um artigo no jornal mal entreaberto, lhe concedia com desdém uma breve audiência, pronunciava sua sentença e se outorgava o confortável prazer de repetir, depois de cada gole da bebida fervente:

"Este Bergotte se tornou ilegível. Como pode ser tão aborrecido! Vou cancelar a assinatura. Nada mais enfeitado que essa obra de confeitaria!"

E pegava outra fatia de pão com manteiga.

Essa importância ilusória do Sr. Bloch pai se estendia, aliás, um pouco além do círculo de sua própria percepção. Em primeiro lugar, os filhos o consideravam um homem superior. Os filhos têm sempre uma tendência, seja a depreciar, seja a exaltar os pais; e, para um bom filho, seu pai é sempre o melhor dos pais, mesmo sem contar todas as razões objetivas para admirá-lo. E razões bastantes havia no caso do Sr. Bloch, que era instruído, fino, afetuoso com os seus. Entre os parentes mais próximos, todos achavam agradável o seu convívio, pois, embora a sociedade julgue as pessoas conforme um padrão, aliás absurdo, e de acordo com regras falsas porém fixas, e em comparação com a totalidade das outras pessoas elegantes, em compensação, na vida fragmentada dos burgueses, os jantares e saraus em família giram em torno de personalidades declaradas agradáveis, divertidas, e que, nas rodas elegantes, não ficariam duas noites em cartaz. Enfim, nesse ambiente em que as grandezas artificiais da aristocracia inexistem, elas são substituídas por distinções ainda mais desvairadas. Assim é que, na sua família e mesmo num grau de parentesco bastante afastado, todos chamavam o pai do meu camarada de "falso duque de Aumale", devido a uma pretensa identidade no formato do nariz e no feitio do bigode. (No mundo dos

moços de recado de um clube, se acontece a um deles usar o gorro de lado e a jaqueta bem justa de modo a se parecer, segundo julga, com um oficial estrangeiro, não é para seus companheiros uma celebridade?) A semelhança era das mais vagas, mas os outros diriam que se tratava de um título. Repetiam:

"Bloch? Qual? O duque de Aumale?" como se dissessem: "A princesa Murat? Qual? A rainha de Nápoles?" Um certo número de indícios ínfimos acabavam de lhe dar, aos olhos da parentela, uma pretensa distinção. Embora não chegasse a ter uma carruagem, o Sr. Bloch alugava em determinados eventos uma vitória descoberta tirada por dois cavalos, na Companhia de Transportes e atravessava o Bois de Boulogne languidamente estendido no veículo, a cabeça apoiada na mão, de forma que dois dedos tocassem a têmpora e outros ficassem sob o queixo; e, se as pessoas que não o conheciam o tomassem por pretensioso ao vê-lo assim, todos na família estavam convencidos de que, era assunto de coisas chiques, o tio Salomon teria podido dar lições a Gramottt Caderousse. Era dessas pessoas que, quando morrem, e por terem muitas vezes sentado à mesa do redator-chefe de *O Radical*, num restaurante das alamedas, são consideradas "figuras bem conhecidas dos parisienses" pela crônica social de jantar na mesma folha. O Sr. Bloch disse-nos, a mim e a Saint-Loup, que Bergotte sabia muito bem por que ele, Bloch, não o cumprimentava, que Bergotte evitava olhá-lo quando o via no teatro ou no clube. Saint-Loup enrubesceu, pois pensara que no clube não podia ser o Jockey, do qual seu pai fora presidente, conquanto deveria ser um clube relativamente fechado, pois o Sr. Bloch havia dito que Bergotte ali seria mais recebido agora. Assim, com medo de "subestimar o adversário", foi que Saint-Loup perguntou se aquele clube era o da rua Royale, considerado como "desqualificador" por sua família, e onde sabia que eram recebidos alguns judeus.

- Não. - respondeu com ar negligente o Sr. Bloch, entre orgulhoso e envergonhada é um pequeno clube, mas muito mais agradável, o Clube dos Palermas. Ali se junta com muita severidade a galeria.

- O presidente não é o Sr. Rufus Israel? - perguntou Bloch filho ao pai, para lhe proporcionar a ocasião de uma mentira honrosa e se dar conta de que esse financista não tinha o mesmo prestígio para Saint-Loup que para ele. Na realidade, não era Sir Rufus Israel quem fazia parte do Clube Palermas, e sim um de seus empregados. Mas, como esse empregado tinha excelentes relações com o patrão, dispunha dos cartões do grande financistas, e dava um ao Sr. Bloch quando este precisava viajar em algumas das linhas férreas, que Sir Rufus era administrador; assim é que o pai Bloch dizia:

- Vou passar no clube para pedir uma recomendação de Sir Rufus. - E aquele cartão poderia deixar deslumbrados os chefes de trem. As Srtas. Bloch estavam mais interessadas em Bergotte e, voltando a ele ao invés de continuarem no tema

dos "Palermas''. A caçula indagou ao irmão, no tom mais sério do mundo, pois achava que designar pessoas de talento, não existiam outras expressões senão as que empregava:

- É mesmo um sujeito formidável esse Bergotte? É da categoria caras de primeira, como Villiers ou Catulle?

- Vi-o muitas vezes entre as estrelas - o Sr. Nissim Bernard. - É canhoto, é uma espécie de Schlemihl.

Essa alusão à novela de Chamisso nada tinha de grave, mas o epíteto de Schlemihl fazia desse dialeto semi-alemão, semi-judeu, cujo emprego encantava o Sr. Blotch intimidade, mas este o julgava deslocado e vulgar diante de estranhos. De modo que lançou um olhar severo ao tio.

- Sim, tem talento. - disse Bloch.

-Ah! - disse gravemente a irmã, como se desse a entender que nesse caso era desculpável a minha admiração.

-Todos os escritores têm talento. - comentou o pai Bloch com desprezo.

- Parece até que vai se candidatar à Academia - disse o filho erguendo o garfo e piscando o olho com ar diabolicamente irônico.

- Ora, ora, ele não tem bagagem suficiente. Falta-lhe o calibre necessário. - respondeu o Sr. Bloch, que parecia não sentir pela Academia o desprezo do filho e das filhas. -Além disso, a Academia é um salão aristocrático e Bergotte não tem brilho algum declarou o tio Bernard, sujeito rico e herança futura da Sra. Bloch, pessoa inofensiva e doce, cujo nome de Bernard teria por si só despertado os dons de diagnóstico de meu avô, nome aliás que não estava à altura daquele rosto que parecia ter sido arrancado do palácio de Dario e reconstituído pela Sra. Dieulafoy, se, no caso de ser escolhido por algum amador desejoso de dar um remate oriental a essa figura de Susa, o nome de Nissim não tivesse estendido sobre sua pessoa as asas de algum touro androcéfalo de Khorsabad.

Porém o Sr. Bloch não cessava de insultar o tio, fosse porque o irritava a bonacheirice indefesa de sua vítima, fosse porque, sendo a villa de Balbec paga pelo Sr. Nissim Bernard, quisesse mostrar que conservava sua independência e, sobretudo, que não procurava garantir com bajulações a futura herança do ricaço. Este sentia-se constrangido principalmente por se ver tratado de modo tão grosseiro diante do mordomo. Murmurou uma frase ininteligível onde apenas se entendia:

"Quando os Mexores estão presentes." O termo Mexores designa na Bíblia os servos de Deus. Os Bloch se serviam desse nome para designar os criados e se divertiam com a certeza de não serem compreendidos pelos cristãos e pelos próprios criados, e assim se exaltava nas pessoas dos Srs. Nissim Bernard e Bloch

a sua dupla particularidade de "patrões" e "judeus". Mas este último motivo de satisfação se transformava em descontentamento na presença de estranhos. Então o Sr. Bloch, ouvindo o tio dizer "Mexores", imaginava que revelara demais o seu lado oriental, assim como uma cocote, que convida para uma reunião suas colegas acompanhadas de pessoas distintas, se irrita se elas aludem ao ofício que lhes é comum ou empregam frases pesadas. De modo que a súplica do tio não só não produziu efeito algum sobre o Sr. Bloch, como este, fora de si, não pôde mais se conter. Não perdeu a oportunidade de injuriar o pobre Nissim.

- Na verdade, quando há uma asneira pretensiosa para dizer, pode-se ter certeza que o senhor não deixará de soltá-la, não é?

- E seria o primeiro a lamber os pés de Bergotte se ele estivesse aqui! - gritou o Sr. Bloch, enquanto o Sr. Nissim Bernard, mortificado, inclinava para o prato sua barba anelada de rei Sargão. Meu colega Bloch, desde que deixara crescer a barba, que também era crespa e azulada, parecia-se muito ao tio-avô.

- Como? O senhor é filho do marquês de Marsantes? Conheci-o muito bem -, disse o Sr. Nissim Bernard a Saint-Loup. Julguei que dizia "conheci-o" no sentido em que o pai Bloch afirmava que conhecia Bergotte, isto é, de vista. Mas ele acrescentou: - Seu pai era um dos meus bons amigos. - Entretanto Bloch ficara muito vermelho, seu pai se mostrava bastante contrariado, as senhoritas sufocavam o riso. É que, no Sr. Nissim Bernard, o gosto pela ostentação contido no Sr. Bloch pai e nos seus filhos, chegara a criar o hábito da mentira permanente. Por exemplo, em viagem, quando se hospedava num hotel, o Sr. Nissim Bernard como o teria feito o Sr. Bloch pai, mandava que o criado lhe trouxesse todos os jornais à sala de jantar, em pleno almoço, quando todos estavam reunidos, para que vissem bem que viajava com um criado de quarto. Mas, aos hóspedes do hotel era ele quem travava amizade, dizia o tio uma coisa que o sobrinho jamais diria: senador. Sabia perfeitamente que acabariam descobrindo que usurpara o título; no entanto, era-lhe impossível, naquele instante, resistir à necessidade de intitular-se senador. O Sr. Bloch sofria muito com as mentiras do tio e os aborrecimentos que lhe causavam.

- Não lhe dê atenção, é muito amigo de lorotas -, disse ele a meia voz à Saint-Loup, que se interessou ainda mais pelo velho, pois sentia curiosidade pela psicologia dos mentirosos.

- Mais mentiroso ainda que o itacense Odisseus, no entanto, Atena denominava o maior mentiroso dos homens - completou nosso companheiro Bloch.

-Ah! Por exemplo! - exclamou o Sr. Nissim Bernard - diria que eu haveria de jantar com o filho de meu amigo! Na minha casa, em Paris tenho uma fotografia do senhor seu pai e muitas cartas dele. Ele sempre me chamava "meu tio", nunca soube por quê. Era um homem encantador, deslumbrante. Lembro-

me de um jantar em minha casa, em Nice, onde compareceram Sardoy-Labiche, Augier...

- Moliere, Racine, Comeille - continuou ironicamente o Sr. Bloch, pai, cujo filho terminou a enumeração, acrescentando:

-Plauto, Menandro, Calidasaa - O Sr. Nissim Bernard, ofendido, interrompeu bruscamente a narrativa e, privando asceticamente de um grande prazer, permaneceu mudo até o fim do jantar.

-Saint-Loup, do bronze de capacete - disse Bloch-, coma mais um pouco deste pato de gordurosas coxas, sobre as quais o ilustre sacrificador derramou numerosas libações de vinho tinto.

Geralmente o Sr. Bloch, depois de tirar do fundo da gaveta para um companheiro notável do filho as anedotas relativas sobre Sir Rufus Israel e outros, percebendo que o filho estava já satisfeito e comovido, retirava-se da conversa para se "rebaixar" aos olhos do estudante. Entretanto, se havia um motivo especial como, por exemplo, quando seu filho foi aprovado no exame de *agrégation*, o Bloch acrescentava à série costumeira de anedotas esta reflexão reservada de preferência aos amigos íntimos, de que o jovem Bloch se mostrou extremamente orgulhoso por vê-la trazida à luz para seus amigos:

- O Governo mostrou-se imperdível. Não consultou o Sr. Coquelin! O Sr. Coquelin fez saber que está muito descontente. (Pois o pai de Bloch se fazia de reacionário e aparentava desprezo pessoas de teatro.)

Mas as senhoritas Bloch e seu irmão enrubesceram até as orelhas de emoção, quando Bloch pai, para se mostrar sinceramente régio para com os companheiros do filho, mandou trazer champanha e anunciou, como quem não quer nada, que, para nos regalar, adquirira três poltronas de primeira para a representação que uma companhia de operetas dava aquela mesma noite no cassino. Lamentava não ter conseguido camarote. Estavam todos reservados. Além disso, sabia por experiência própria que ficariam melhor perto da orquestra. Unicamente, se o defeito do filho, isto é, que seu filho julgava invisível aos outros, era a grosseria, o do pai era a avareza. Assim, serviu numa jarra o que chamava de champanha e não passava de um vinhozinho espumante; e as poltronas de primeira se transformaram de fato em assentos comuns da platéia que custavam a metade; e, milagrosamente convencido pela intervenção divina de seu defeito, achava que nem à mesa nem no teatro (onde todos os camarotes estavam vazios) nenhum de nós perceberia a diferença. Quando o Sr. Bloch nos deixou molhar os lábios nas taças de champanha que o filho adornara com o apelido de "crateras de flancos profundamente abertos", nos fez admirar um quadro que apreciava tanto que o trouxera consigo a Balbec. Disse que era um Rubens. Saint-Loup, ingenuamente, perguntou se estava assinado. O Sr. Bloch

respondeu, enrubescendo, que mandara cortar a assinatura do pintor por causa do encaixe da moldura, o que aliás não tinha importância, visto que não desejava vendê-lo. E logo se despediu de nós para mergulhar na leitura do *Diário Oficial,* cujos números enchiam a casa e cuja leitura lhe era necessária, disse-nos, "por causa de sua situação parlamentar", e de cuja natureza não nos deu explicações.

-Vou pegar um lenço para o pescoço - disse Bloch, pois Zéfiro e Bóreas lutam furiosamente pelo mar piscoso, e por pouco que nos atrasemos após o espetáculo, só voltaremos aos primeiros clarões de Eos, a de dedos cor de púrpura.

- A propósito - perguntou a Saint-Loup quando saímos (e eu tremia, pois compreendi logo que era do Sr. de Charles que Bloch falava em tom irônico) quem é aquele excelente fantoche, de roupa escura, com quem você passeava pela praia anteontem de manhã?

-Meu tio - respondeu Saint-Loup irritado.

Infelizmente, uma gafe era algo que Bloch nem sonhava impedir. Torceu-se de riso:

- Meus cumprimentos, deveria ter adivinhado; é muito chique; tem uma impagável cara de bobo da mais alta linhagem.

-Você se engana de ponta a ponta. - retrucou Saint-Loup furioso -; ele é muito inteligente. - - Lamento-o, pois então é menos completo. De resto, gostaria muito de conhecê-lo; estou certo que escreveria coisas adequadas sobre esse tipo de gente. Quanto a ele, só o vê-lo passar é de morrer de riso. Mas deixaria de lado a parte caricata, no fundo bem desprezível para um artista apaixonado pela beleza plástica das frases, dessa cara ridícula, desculpe, que me fez rir a bandeiras despregadas, e poria em destaque o lado aristocrático de seu tio, que em suma produz um efeito incrível, e, passado o primeiro instante de riso, impressiona pelo grande estilo. Porém continuou, desta vez dirigindo-se a mim o que eu desejava lhe perguntar era algo inteiramente diverso, e, sempre que nos encontramos, algum deus, venturoso habitante do Olimpo, me varre da cabeça a idéia, e esqueço totalmente de pedir essa informação que já teria podido ser certa ainda me será útil. Quem é aquela senhora tão bonita com quem o encontrara no Jardim da Aclimação e que estava acompanhada de um senhor que julgo conhecer de vista, e de uma mocinha de cabelos compridos?

Naquela ocasião, eu não havia percebido que a Sra. Swann não se lembrara do nome de Bloch, visto que dissera um outro nome e havia caracterizado o meu companheiro como adidos ao ministério, dado esse que jamais pensei em verificar se era exato. Mas como era Bloch, que, segundo a Sra. Swann me dissera então, se fizera apresentar a ela, podia ignorar seu nome? Fiquei tão espantado que estive um momento sem responder.

- De qualquer maneira, meus parabéns - disse Bloch ; certamente não se aborrece com ela. Eu a encontrara alguns dias antes no trem do Contorno. Ela houve por bem ser amável com este seu criado aqui; nunca passei tão bons momentos; e já estamos combinando tudo para um novo encontro, quando alguém que ela conhece teve o mau gosto de subir para o nosso compartimento na antepenúltima estação.

Meu silêncio parece não ter sido muito agradável a Bloch.

-Graças a você, esperava obter o endereço dela e ir gozar, várias vezes por semana, em sua casa os prazeres de Eros, grato aos deuses. Mas não insisto, pois queres bancar o discreto quanto a uma profissional, que se entregou a mim três vezes seguidas e de modo refinadíssimo, entre Paris e o Point-du-Jour. Hei de encontrá-la uma noite dessas.

Fui visitar Bloch depois desse jantar, e ele me fez também uma visita também, só que eu havia saído e, perguntando por mim no hotel, foi avistado por Françoise que, por acaso, nunca o vira até então, embora ele tivesse ido muitas vezes a Combray. De modo que ela sabia apenas que "um dos senhores" que eu conhecia havia passado para me ver, ignorando "com que objetivo", vestido de forma comum e sem causar maior impressão. Por mais que soubesse que certas idéias sociais de Françoise seriam sempre impenetráveis para mim, pois talvez se baseassem, em parte, nas confusões que fazia entre palavras ou nomes que trocava sempre, que pude evitar, eu que há muito deixara de me preocupar com esse tipo de coisa perguntar a mim mesmo, aliás em vão, que coisa enorme o nome de Bloch poderia significar para Françoise. Pois mal lhe disse que aquele rapaz que avistara era o Sr.Bloch, ela recuou alguns passos, tão grande tinham sido seu espanto e sua admiração.

- Como, aquilo é que é o Sr. Bloch! - exclamou com ar apavorado, como, uma personalidade de tanto prestígio devesse ter uma aparência que "deste conhecer" de imediato a presença de um grande homem; e, como alguém um personagem histórico não está à altura de sua fama, ela repetia, num tom impressionado que revelava germes de um ceticismo universal:

- Como, é aqui Sr. Bloch! Ah, na verdade ninguém diria ao vê-lo! -Dava a impressão de me guardar rancor como se eu tivesse "falsificado" Bloch. No entanto, teve a bondade de acrescentar: -Pois bem, por mais Sr. Bloch que ele seja, o senhor pode estar certo que não é tão distinto quanto ele.

Em breve, a respeito de Saint-Loup a quem adorava, teve uma desilusão de outra espécie, e que durou menos: descobriu que era republicano. Ora, ainda que, ao falar por exemplo da rainha de Portugal, dissesse: "Amélia, a irmã de Filipe", com o desrespeito que, para o povo, é o maior respeito, Françoise era monarquista. Mas que, acima de tudo, um marquês, e um marquês que a deixara

deslumbrada, fosse republicano, isso para ela era algo inconcebível. E a punha de mau humor, exatamente como se eu lhe houvesse feito presente de uma caixa supostamente de ouro e que ela a seguir, depois de me haver agradecido com efusão, descobrisse, por meio de um joalheiro, que era apenas folheada. Retirou sua estima a Saint-Loup, porém logo voltou a concedê-la, pois refletiu que ele, sendo marquês de Saint-Loup, não podia ser republicano, estava apenas fingindo, por interesse, pois, com o governo atual, assim tiraria maior proveito. Desde então cessaram a sua frieza em relação a ele e o seu despeito para comigo. E, quando falava de Saint-Loup, dizia:

"É um hipócrita" com um grande e generoso sorriso que dava a entender que o "considerava" de novo tanto quanto no primeiro dia, e que o havia perdoado.

Ora, pelo contrário, a sinceridade e o desinteresse de Saint-Loup eram absolutos; e era essa grande pureza moral que, não podendo satisfazer-se inteiramente em um sentimento egoísta como o amor, e que, por outro lado, não se achava na impossibilidade, como, por exemplo, ocorria comigo, de encontrar alimento espiritual fora de si próprio, tornava-o verdadeiramente capaz de amizade, tanto quanto eu era incapaz desse sentimento.

Françoise também se enganava sobre Saint-Loup quando dizia que ele dava impressão de não desdenhar o povo, mas que aquilo não era verdade, e bastava vê-lo quando se encolerizava com o seu cocheiro. De fato, ocorrera às vezes a Robert ralhar asperamente com ele, coisa que, no seu caso, indicava antes o sentimento de igualdade que de diferença entre as classes. - Mas disse-me em resposta às censuras que lhe fiz por ter tratado o cocheiro com certa rudeza - por que motivo irei fingir cortesia com ele? Não é meu igual? Não está à mesma distância de mim que meus tios e primos? Você parece achar que eu deveria tratá-lo com considerações, como se fosse um ser inferior. Está falando como se fosse um aristocrata - concluiu com desprezo.

Com efeito, se havia uma classe contra a qual mostrava prevenção e parcialidade, essa era a aristocracia, a ponto de só dificilmente admitir a superioridade de um homem da sociedade, superioridade que mais facilmente atribuiria a um homem do povo. Como lhe falasse da princesa de Luxemburgo, a quem encontrara com sua tia:

- É uma tola - disse -, como todas as suas iguais. Aliás, é minha prima distante.

Tendo prevenção contra as pessoas que freqüentavam a sociedade, Saint-Loup raramente ia às reuniões aristocráticas e, quando comparecia, adotava uma atitude desdenhosa ou hostil, o que aumentava ainda mais, na família, o desgosto provocado por sua ligação com uma mulher "de teatro", ligação que diziam lhe ser fatal e, principalmente, de ser responsável por haver desenvolvido nele aquele espírito de difamação, aquela má tendência que já o tinha "desviado" e

que iria levá-lo a "se afastar" inteiramente de sua classe. Desse modo, alguns levianos do *faubourg* Saint-Germain eram impiedosos ao falarem da amante de Robert.

"As meretrizes fazem o seu ofício. - diziam -, valem tanto quanto as outras; mas esta, não! Não lhe perdoaremos! Fez muito mal a alguém que é nosso amigo."

Claro que Saint-Loup não era o primeiro a cair nas artimanhas de uma amante. Porém os outros continuavam sua divertida existência de mundanos, e pensando à moda de mundanos na política e em tudo o mais. Mas a família de Robert achava o "azedo". Não percebiam que para muitos jovens aristocratas uma amante é muitas vezes um mestre, e que as ligações desse gênero são a única escola de moral que os inicia numa cultura superior, onde aprendem o valor do conhecimento desinteressado; e que, sem isso, permaneceriam de espírito inculto, rudes em suas amizades, sem doçura e sem gosto. Até entre a gente baixa (que em termos de grosseria se parece tantas vezes com as pessoas da alta roda), a mulher, mais sensível, mais fina, mais ociosa, tem curiosidade por certos requintes, respeita certas belezas de arte e sentimento que, embora não os compreenda bem, coloca no entanto acima daquilo que mais desejável parece ao homem, o dinheiro, a posição social. Ora, quer se trate da amante de um jovem aristocrata, como Saint-Loup, ou de um jovem operário (os eletricistas, por exemplo, figuram atualmente nas listas da verdadeira Cavalaria), seu amante tem por ela muito respeito e, admiração para não os estender ao que ela própria respeita e admira; e, para ele, a escala de valores torna-se invertida. Devido mesmo a seu sexo, ela é frágil, tem perturbações nervosas, inexplicáveis, que no caso de um homem, e mesmo no de outra mulher, que fosse sua prima ou tia, teriam feito sorrir esse jovem robusto. Mas ele não pode ver sofrer aquela a quem ama. O jovem nobre que, como Saint-Loup, tem uma amante, adquire o hábito, quando vai jantar com ela no cabaré, de trazer no bolso o valerianato de que ela pode precisar, de recomendar ao garçom, com firmeza e sem ironia, que feche as portas sem barulho, que não enfeite a mesa com musgo úmido a fim de evitar à amiga essas indisposições que, de sua parte, jamais sentiu, que constituem para ele um mundo oculto em cuja realidade ela o ensinara a acreditar, indisposições que ele agora lastima sem que tenha necessidade de conhecê-las e que lastimará mesmo que sejam outras as mulheres a experimentá-las. A amante de Saint-Loup - como os primeiros monges da idade Média à cristandade - lhe ensinara a piedade para com os animais, pois tinha paixão por eles, e nunca viajava sem seu cachorro, seus canários, seus papagaios; Saint-Loup cuidava deles maternalmente e considerava uns brutamontes as pessoas que não tratam bem os animais. Por outro lado, uma atriz, ou que se dizia uma atriz, como a que vivia com ele-fosse inteligente ou não, coisa que eu ignorava-, fazendo com que ele achasse aborrecida a

companhia das mulheres da sociedade e considerasse um suplício o dever de ir a um sarau, preservara-o do esnobismo e o curara da frivolidade. Se, graças a ela, as relações mundanas ocupavam menos espaço na vida de seu jovem amante, em compensação a amante lhe ensinara a pôr nobreza e refinamento em suas amizades, enquanto, fosse ele um simples homem de freqüentar salões, a vaidade ou o interesse teriam orientado suas amizades, marcando-as de sua rudeza. Com seu instinto de mulher e apreciando mais nos homens certas qualidades de sensibilidade que, sem ela, o amante teria desconhecido ou depreciado, sempre soubera distinguir e escolher, de imediato, dentre os amigos de Saint-Loup, o que lhe dedicava verdadeira afeição. Sabia forçá-lo a lhe testemunhar reconhecimento, a assinalar as coisas que lhe davam prazer, as que o magoavam. E em breve Saint-Loup, sem ter mais necessidade de que a amante o advertisse, começou a preocupar-se com tudo isso, e em Balbec, onde ela não estava, e por mim, que ela nunca vira e de quem talvez ele ainda não tivesse falado em suas cartas, fechava por conta própria o vidro do carro onde eu estava, retirava as flores que me causavam mal e, quando tinha de se despedir ao mesmo tempo de várias pessoas, cuidava de deixá-las um pouco mais cedo a fim de ficar sozinho e por último comigo, estabelecendo uma distinção entre mim e eles, tratando-me de forma diferente que aos outros. Sua amante abrira-lhe o espírito ao invisível, pusera seriedade em sua vida, delicadezas em seu coração, mas tudo isso passava despercebido à família em prantos, que repetia:

"Essa meretriz ainda há de matá-lo e, enquanto isso, o desmoraliza."

É verdade que ele acabara por tirar dela todo o bem que ela podia lhe fazer; e agora ela era apenas motivo para que ele sofresse sem parar, pois criara-lhe horror e torturava-o. Um dia, principiara achá-lo bobo e ridículo, pois os amigos que possuía entre os jovens atores e autores lhe haviam assegurado que o era, e, por sua vez, ela repetia o que diziam com aquela paixão, aquela ausência de reserva que a gente mostra a cada vez que recebe de fora e adota opiniões ou costumes que ignorava de todo. Como aqueles comediantes, afirmava, sem esforço, que era intransponível o fosso entre ela e Saint-Loup, porque eram de raças diferentes, que ela era uma intelectual e ele, embora pretendesse sê-lo, era desde a origem um inimigo da inteligência. Esse modo de ver lhe parecia profundo e procurava confirmá-lo nas palavras mais insignificantes, nos menores gestos do amante. Mas, quando os mesmos amigos a convenceram também que estava destruindo, em companhia tão pouco adequada para ela, as grandes promessas de que, segundo eles, já havia dado mostras, que seu amante acabaria por prejudicá-la, e que, vivendo com ele, estava estragando o seu futuro de atriz, ao seu desprezo por Saint-Loup foi juntar-se o mesmo ódio que sentiria se ele tivesse se obstinado em inocular-lhe uma doença mortal. Procurava vê-lo o menos possível, adiando sempre o momento da ruptura definitiva, a qual me

parecia bem pouco verossímil. Saint-Loup fazia por ela tais sacrifícios que, a menos que ela fosse deslumbrante; mas nunca havia querido me mostrar sua fotografia, dizendo:

- Primeiro, não é uma beldade, e, além disso, não sai bem nas fotos; são instantâneos que eu mesmo tirei com a minha Kodak, e lhe darão uma falsa idéia dela.

Parecia difícil que encontrasse um outro homem que consentisse em tais coisas. Eu não imaginava que uma certa mania de fazer nome, até quando não se tem talento, e a estima, iriam, mais que a estima privada, de pessoas que se impõem (o que, aliás, talvez não fosse o caso da amante de Saint-Loup), pudessem ser, mesmo para uma pequena cocote motivos mais determinantes que o prazer de ganhar dinheiro. Saint-Loup que, dizia compreender bem o que se passava na cabeça da amante, não a julgava totalmente sincera, nem nas censuras injustas nem nas promessas de amor eterno, sentira entretanto, em certas ocasiões, que ela haveria de romper quando pudesse e; isso, movido sem dúvida pelo instinto de conservação do seu amor, mais carente talvez que ele próprio, empregando aliás uma habilidade prática que nele não conciliava com os maiores e mais cegos impulsos do coração, recusara-se a constituir um capital, tomara emprestada uma quantia enorme para que nunca lhe faltasse, mas só a enviava parceladamente. E de certo, caso ela tivesse na verdade pensado em largá-lo, esperaria friamente encher seu "pé-de-meia", o que, com a somas dadas por Saint-Loup, levaria sem dúvida pouco tempo, mas ainda assim; concedido em suplemento para prolongar a felicidade do meu novo amigo - ou à sua desgraça. Esse período dramático da ligação deles - e que agora havia chegado ao ponto mais agudo, mais cruel para Saint-Loup, pois ela o proibira de permanecer em Paris, onde sua presença a exasperava, e o forçara a ir passar sua licença em Balbec, próximo ao seu quartel -começara uma noite na casa de uma tia de Saint Loup, com quem obtivera licença para que sua amiga fosse recitar, para inúmeros convidados, trechos de uma peça simbolista que representara uma vez num teatro de vanguarda e pela qual o fizera compartilhar da admiração que ela própria sentia. Mas, quando ela apareceu, com um grande lírio na mão, num vestido copiado da "Ancilla Domini" e que havia convencido a Robert tratar-se de uma verdadeira "visão de arte", sua entrada foi acolhida naquela assembléia de homem de clube e de duquesas com sorrisos, que o tom monótono da salmodia, a estranheza de algumas palavras e sua repetição constante haviam transformado em risadas loucas, a princípio sufocadas e, depois, tão irresistíveis que a pobre recitando não pudera continuar. No dia seguinte, a tia de Saint-Loup foi unanimemente censurada por ter recebido em sua casa uma artista de tal modo grotesca. Um duque bem conhecido não lhe escondeu que ela só podia queixar-se de si mesma, se criticavam.

- Que diabo, também! Isso não é coisa que se apresente! Se ao menos aquela mulher tivesse talento; mas não tem e nunca terá. Bolas! Paris não é idiota, por mais que o digam. A sociedade não é só composta de imbecis. Essa moça evidentemente imaginou assombrar Paris. Mas Paris não se assombra com tanta facilidade e existem coisas que a gente não consegue engolir. Quanto à artista, saiu dizendo a Saint-Loup: - No meio de que peruas, de que galinhas mal-educadas e malandros, foi você me meter! E acho melhor dizer logo diante dos homens presentes, não houve um só que não me tivesse feito sinais, e, como repelindo suas tentativas, procuraram vingar-se.

Palavras que haviam mudado a antipatia de Robert pelas pessoas da sociedade em um horror ainda mais profundo e doloroso, inspirado principalmente por aqueles que menos o mereciam, parentes devotados que, a pedido da família, tinham procurado convencer a amiga de Saint-Loup a romper com ele, atitude que esta lhe apresentava como ditado pelo amor que dedicavam a ela. Robert, embora tivesse imediatamente deixado de freqüentá-los, pensava, quando estava longe da amiga, como agora, que eles e outros se aproveitavam para voltar à carga e talvez obtivessem os seus favores. E, quando se referia aos espertos que traem seus amigos, procuram corromper as mulheres e tentam levá-las aos bordéis, seu rosto transpirava sofrimento e ódio.

- Eu os mataria com menos remorso que a um cachorro. Ao menos o cachorro é um animal afável, leal e fiel. Pois eles merecem a guilhotina, muito mais do que os desgraçados que são levados ao crime pela miséria e pela crueldade dos ricos.

Passava a maior parte do tempo enviando cartas e telegramas à amante. Sempre que, além de proibi-lo de ir a Paris, ela achava, à distância, um meio de brigar com ele, eu logo o via por suas feições abatidas. Como a amante nunca lhe dizia o que lhe tinha a censurar, supondo que, se o não dizia, era porque não sabia e estava simplesmente farta dele, ele, no entanto, gostaria de ter explicações; e escrevia:

"Diga-me o que fiz de mal. Estou pronto a reconhecer meus erros."

O desgosto que sentia acabava fazendo com que se convencesse de que agira mal. Mas ela fazia-o esperar indefinidamente suas respostas, aliás desprovidas de sentido. Portanto, era quase sempre de rosto preocupado, muitas vezes com as mãos vazias, que eu via Saint-Loup voltar do correio, onde, junto com Françoise, eram os únicos de todo o hotel a irem buscar e levar as cartas pessoalmente, ele por impaciência de amante, ela por desconfiar dos criados. (Os telegramas a forçavam a andar ainda muito mais.)

Quando, alguns dias depois do jantar na casa dos Bloch, minha avó me disse, muito alegre, que Saint-Loup acabava de lhe perguntar se não queria que ele a fotografasse antes de deixar Balbec, e ao ver que, para isto, ela pusera seu mais

belo vestido e estava indecisa entre vários penteados, senti-me um tanto irritado com aquela infantilidade que tanto me espantava de sua parte. Cheguei mesmo a indagar comigo se não me havia enganado quanto à minha avó, se não a colocara num pedestal muito alto, se era mesmo tão desligada de sua pessoa como sempre acreditara, se não tinha até aquilo que julgara lhe fosse mais estranho, a coqueteria. Infelizmente, a contrariedade que me causara o projeto da sessão fotógrafo ficava sobretudo, a satisfação que minha avó parecia sentir com tudo aquilo, de transparecer o bastante para que Françoise o notasse, apressando-se involuntariamente a aumentá-la com um discurso sentimental e enternecido, ao qual eu quis dar a impressão de que aderia.

-Oh, senhor, esta pobre Senhora que ficará tão feliz que lhe tirem o retrato até vai pôr o chapéu que sua velha Françoise lhe arranjou; é preciso fazer-lhe a vontade, senhor!

Convenci-me de que não era cruel por zombar da sensibilidade de Françoise lembrando-me que minha mãe e minha avó, meus modelos em tudo, procediam, da mesma forma muitas vezes. Porém minha avó, percebendo que eu me mostrava aborrecido, afirmou que se aquela sessão fotográfica me contrariava, desistia dela. Não quis agir assim, e lhe assegurei que não via nenhum inconveniente deixando-a embelezar-se, mas julguei dar provas de penetração e força ao lhe dar algumas palavras irônicas e ferinas, destinadas a neutralizar o prazer que ela parecia sentir em ser fotografada, de modo que, se fui constrangido a ver o magnífico chapéu de minha avó, consegui ao menos fazer sumir de seu rosto aquela expressão de alegria que me faria feliz e que, como acontece com freqüência quando estão vivas as pessoas a quem mais amamos, surge-nos como a manifestação exasperadora de um capricho mesquinho em vez de ser a forma preciosa da felicidade que tanto lhe desejaríamos proporcionar. Meu mau humor provinha sobretudo do fato de que, naquela semana, minha avó parecera fugir-me e eu não pudesse detê-la um só instante para mim, nem de dia nem de noite. Quando voltava à tarde para estar um pouco a sós com ela, diziam-me que havia saído; ou então ela se trancava com Françoise para longos conciliábulos a que não me era permitido perturbar. E, quando, tendo passado a noite fora com Saint-Loup, pensava durante a volta no momento em que ia poder encontrar e beijar minha avó, por mais que esperasse que ela batesse no tabique aquelas pancadinhas que me avisariam para entrar em seu quarto e lhe dar boa-noite, não ouvia nada; acabava por me deitar aborrecido com ela porque me privava, com uma indiferença que era nova nela, uma alegria com a qual tanto havia contado; e ficava ainda, o coração palpitando como na minha infância, a escutar a parede, que permanecia muda, e ia adormecer em lágrimas.

Naquele dia, como nos precedentes, Saint-Loup fora obrigado à ir Doncieres,

onde agora precisariam sempre de seus serviços até o fim, enquanto não regressasse em definitivo. Lamentava que ele não estivesse em Balbec. Vira descer do carro e entrar, umas no salão de danças do cassino, outras na sorveteria, algumas jovens que de longe me haviam parecido fascinantes. Eu estava num desses períodos da juventude, desprovidos de um amor particular, vazios, onde, por toda a parte como um enamorado em relação à mulher por quem se apaixonou se deseja, se busca e se vê a Beleza. Em que um só traço real o pouco a se distinguir de uma mulher vista de longe ou de costas; nos permite projetar a Beleza diante de nós, e imaginamos tê-la reconhecido, o nosso coração bate mais forte, apressamos o passo, e sempre estaremos meio persuadidos de que era ela, contanto que a mulher tenha desaparecido: somente quando podemos alcançá-la é que percebemos nosso erro.

Além disso, cada vez mais doente, sentia-me tentado a encarecer os prazeres mais simples devido às próprias dificuldades com que me defrontava para atingi-los. Julgava perceber em todos os cantos mulheres elegantes, pois estava muito cansado, se me encontrava na praia, ou muito tímido, se estivesse no cassino ou numa confeitaria, para que pudesse aproximar-me delas fosse onde fosse. No entanto, se devesse morrer em breve, gostaria de saber como, na realidade, eram de perto as mais belas moças que a vida pudesse oferecer, ainda que fosse outro homem, ou mesmo ninguém, que devesse desfrutar essa oferta (de fato, eu não me dava conta de que havia um desejo de posse na origem de minha curiosidade). Teria ousado entrar no salão de baile caso Saint-Loup estivesse comigo. Estando sozinho, simplesmente fiquei diante do Grande Hotel, esperando o momento de ir encontrar-me com minha avó, quando, ainda quase na extremidade do molhe, onde faziam mover-se uma estranha mancha, vi que se aproximavam cinco ou seis mocinhas, tão diversas, pelo aspecto e pelos modos, de todas as pessoas a que a gente estava acostumado em Balbec, que poderiam ser, desembarcadas não se sabe de onde, um bando de gaivotas a executarem vagarosamente na praia as retardatárias alcançando as outras a esvoaçar - um passeio cujo intuito parece tão obscuro aos banhistas, a quem elas não demonstram ver, quanto claramente ditado pelo seu espírito de pássaros.

Uma dessas desconhecidas empurrava sua bicicleta; duas outras empunhavam tacos de golfe; e sua roupa singular destoava do vestido das outras moças de Balbec, entre as quais, na verdade, havia algumas que se entregavam à prática de esportes mas sem para isso adotar uma roupa especial.

Era a hora em que as damas e cavalheiros vinham diariamente dar uma volta pelo molhe, expostos aos reflexos implacáveis que fixava sobre eles, como se fossem portadores de alguma tara que ela devesse inspecionar nos menores detalhes, a esposa do primeiro magistrado, orgulhosamente sentada diante do quiosque de música, em meio à temida fila de cadeiras onde eles próprios, dali a

pouco, iriam instalar-se, atores transformados em críticos, para julgar por sua vez todos os que desfilariam à sua frente. Todas essas pessoas que andavam pelo molhe, gingando de modo tão acentuado como se ele fosse o convés de um bar (pois não sabiam erguer uma perna sem ao mesmo tempo mexer com os braços; virar os olhos, empertigar os ombros, compensar com um movimento balouçam do lado oposto o movimento que acabavam de fazer do outro lado, e congestionam a fisionomia) e que, fingindo não ver para dar a entender que não se importavam com as outras pessoas que andavam a seu lado ou vinham em sentido contrário olhando disfarçadamente para evitar esbarrões, entretanto chocavam-se com ela, pois tinham sido reciprocamente, de sua parte, motivo da mesma atenção secreta oculta sob o mesmo aparente desdém; pois o amor, e conseqüentemente o temor, da multidão constitui um dos mais poderosos impulsos em todos os homem quer procurem agradar aos outros, quer busquem espantá-los, ou ainda mostrar que os desprezam. No solitário, a reclusão, mesmo sendo absoluta e durando até o fim da vida, tem muitas vezes por princípio um amor desordenado da multidão que o avassala tanto, acima de qualquer outro sentimento, que, não podendo obter, ao sair, a admiração do porteiro, dos transeuntes, do cocheiro ali parado, prefere nunca ser visto por eles e, por isso, renuncia a toda a atividade que o obrigasse a sair de casa.

No meio de todas aquelas pessoas, algumas das quais estavam pensando em algo mas traíam então a mobilidade do espírito pelos gestos bruscos, pelos olhares que divagavam, tudo tão desarmonioso quanto à circunspecta hesitação de seus vizinhos, as mocinhas que eu vira, com o domínio dos movimentos que provém da perfeita flexibilidade do corpo e um sincero desprezo pelo resto da humanidade, vinham vindo em linha reta, sem hesitação nem rigidez, executando exatamente os movimentos desejados, numa total independência de cada um dos membros em relação aos outros, conservando a maior parte do corpo aquela habilidade tão notável nas boas valsistas. Já não estavam muito longe de mim. Embora cada qual fosse de tipo inteiramente diverso das outras, todas eram belas; para falar a verdade, eu as via há tão pouco tempo e sem ousar encará-las fixamente, que ainda não conseguira individualizar nenhuma delas. A não ser uma, cujo nariz reto e pele morena faziam contraste com as outras, como, num quadro da Renascença, um rei Mago de tipo árabe, só me eram conhecidas, esta pelos olhos duros, atrevidos e risonhos; outra pelas faces onde o tom de rosa ostentava esse marrom acobreado que dá idéia de gerânio; e mesmo esses traços eu não tinha ainda indissoluvelmente nenhum deles antes a uma que a outra menina qualquer: quando (conforme a ordem em que se desenrolava aquele conjunto, maravilhoso porque ali avizinhavam os mais diversos aspectos, e todas as gamas de cores-elas se aproximavam umas das outras, mas disposto de modo confuso como uma mulher em que eu não pudesse reconhecer e isolar as frases no momento de sua imagem, percebidas mas esquecidas logo após) via emergir

um oval branco, negros, olhos verdes, não sabia se eram os mesmos que me haviam encantado a pouco, não tinha condições de ligá-los a esta ou aquela moça que eu tivesse esperado das demais, e reconhecido. E essa ausência, na minha visão, dos limites que em breve estabeleceria entre elas, propagava através do seu grupo uma flutuação harmoniosa, a contínua translação de uma beleza fluída, coletiva e móvel.

Não era talvez somente o acaso que, na vida, para reunir essas amigas, as escolhera todas tão bonitas; talvez essas moças (cuja atitude bastava para revelar sua natureza audaciosa, frívola e dura), extremamente sensíveis a todo ridículo e a qualquer feiúra, incapazes de sentirem uma atração de ordem moral ou intelectual, tivessem naturalmente experimentado a mesma repulsa por todas as companheiras de sua idade cujas inclinações contemplativas ou sensíveis se traíssem pela timidez, pelo constrangimento, pela falta de jeito, por aquilo que elas deveriam denominar "um tipo antipático", e as tinham desse modo mantido afastadas; enquanto se haviam unido a outras para as quais as atraía uma certa mescla de graça, agilidade e elegância física, única forma sob a qual podiam imaginar a franqueza de um caráter sedutor e a promessa de boas horas de convivência. Talvez igualmente a classe a que pertenciam, e que eu não poderia precisar, estivesse nesse ponto de evolução onde, seja pelo enriquecimento e o lazer, seja pelos novos hábitos esportivos, espalhados até em certos ambientes populares, e de uma cultura física a que ainda não viera ajuntar-se a da inteligência, um meio social similar às harmoniosas e fecundas escolas de escultura, que ainda não buscam a expressão atormentada, produz, com naturalidade e abundância, belos corpos de bonitas pernas, lindas ancas, rostos saudáveis e tranqüilos, com um ar de agilidade e esperteza. E não eram nobres modelos calmos de beleza humana que eu via ali diante do mar, como estátuas expostas ao sol numa costa da Grécia?

Como se julgassem, do seio do seu bando que progredia ao longo do molhe tal um cometa luminoso, que a multidão ao redor era composta de seres de outra raça e dos quais nem sequer o sofrimento lhes despertaria um sentimento de solidariedade, elas pareciam não vê-la, forçando as pessoas paradas a se afastarem, da mesma maneira que à passagem de uma máquina que partisse desenfreada e da qual não seria acertado esperar que evitasse os pedestres, e quando muito se limitavam a entreolhar-se rindo, se algum velho senhor, cuja existência não admitiam e cujo contato evitavam, fugia com movimentos medrosos ou coléricos, mas precipitados ou risíveis. Em relação a quem não pertencesse ao seu grupo, não exibiam nenhuma afetação de desprezo; seu desprezo sincero era bastante. Mas não podiam ver um obstáculo sem se divertirem em transpô-lo, tomando impulso ou de pés juntos, pois eram todas cheias e exuberantes dessa juventude que temos tanta necessidade de consumir

que, mesmo quando estamos tristes ou doentes, obedecendo mais às exigências da idade que ao humor do dia, nunca deixamos passar uma ocasião de salto ou deslizamento, sem aproveitá-la conscienciosamente, interrompendo, semeando a nossa marcha lenta como Chopin, a frase mais melancólica-com graciosos torneios onde o capricho se mistura ao virtuosismo de seus olhos. Portanto, era toda a sua vida que me inspirava desejo; desejo odioso porque o sentia irrealizável, mas embriagador, pois o que fora até então a minha vida deixara bruscamente de ser a minha vida total, não sendo mais que uma pequena parcela do espaço estendido diante de mim, que eu ardia por transpirar, que era constituído pela vida daquelas moças, oferecendo-me esse prolongamento, essa possível multiplicação de si mesmo, que é a felicidade. E, sem dúvida, o fato de não haver entre nós nenhum hábito, nenhuma idéia em comum, devia tornar mais difícil ligar-me a elas e agradar-lhes. Mas talvez também fosse graças à essas diferenças, graças à consciência de que não entrava na composição da natureza e das ações daquelas moças nem um só elemento que eu conhecesse ou possuísse, que acabava de ocorrer em mim, à exaustão, a sede semelhante àquela com que arde uma terra esturricada; de uma vida que minha alma, visto que nunca recebera dela uma só gota, assimilaria tanto mais avidamente, a longos haustos, na mais perfeita absorção.

De tal forma olhara aquela ciclista de olhos brilhantes que ela pareceu nem perceber isso e falou à maior algo que não ouvi mas que a fez rir. Na verdade, essa morena não era a que mais me agradava, justamente por ser morena e porque (desde o dia em que vira Gilberte na pequena ladeira de Tansonville) uma menina ruiva, de pele dourada, ficara sendo para mim o ideal inacessível. Mas a própria, Gilberte, não a amara eu, sobretudo porque me surgira carimbada pela auréola de amiga de Bergotte, de ir visitar catedrais em sua companhia. E do mesmo modo não podia eu alegrar-me de ter visto essa morena me olhar (o que me fazia esperar que talvez fosse mais fácil entrar em relações primeiro com ela), pois me apresentaria, outras, à implacável que saltara por cima do velho, à cruel que dissera: "Esse velho me dá pena"; sucessivamente a todas, das quais aliás tinha o prestígio de companheira inseparável. E, no entanto, a suposição de que um dia eu poderia ser amigo desta ou daquela das moças, que seus olhos, cujos olhares desconhecida às vezes me tocavam, brincando sobre mim sem o saber, como um efeito sobre um muro, poderiam, por uma alquimia milagrosa, deixar transpenetrar ao dia, entre suas parcelas inefáveis, a idéia de minha existência, alguma amizade por minha pessoa, que eu próprio poderia um dia tomar lugar entre elas, em tese; após o passeio ao longo do mar. Essa hipótese parecia-me encerrar uma contradição insolúvel, como se diante de um friso antigo, ou de um afresco em que figura um cortejo, eu julgasse possível, enquanto espectador, tomar parte, amado por elas, em meio às divinas processionárias.

Era então irrealizável a ventura de conhecer aquelas moças? Certamente não era a primeira do gênero a que eu tivesse renunciado. Bastava lembrar que eram desconhecidas que, mesmo em Balbec, quando o carro se afastava a toda a velocidade, fora obrigado a abandonar para sempre. E até o prazer que me dava entrar no grupo, nobre como se fosse composto de virgens helênicas, provinha de possuir algo da fuga das passantes pela estrada. Essa fugacidade dos seres que não nos são conhecidos, que nos forçam a desatracar da vida costumeira onde as mulheres que freqüentamos acabam por revelar suas taras, coloca-nos nesse estado de perseguição em que nada mais detém a fantasia. Ora, desprover dela os nossos prazeres é reduzi-los a coisa alguma. Oferecidas na casa de uma dessas alcoviteiras que, aliás, eu não desprezava, como já vimos, retiradas do elemento que lhes proporcionava tantos matizes e incertezas, essas moças teriam me encantado menos. É preciso que a imaginação, despertada pela insegurança de poder atingir seu objetivo, crie uma finalidade que nos esconda a outra, e, substituindo o prazer sensual pela idéia de penetrar numa vida, nos impeça de reconhecer semelhante prazer, de experimentar seu legítimo sabor, de restringi-lo a seus limites. É preciso que entre nós e o peixe - que, se o víssemos pela primeira vez servido numa mesa não pareceria valer os mil ardis e rodeios necessários para capturá-lo se interponha, durante as tardes de pesca, o redemoinho a cuja superfície vêm aflorar, sem que saibamos exatamente o que pensamos fazer com isso, o polido de uma carne, a indecisão de uma forma, na fluidez de um azul móvel e transparente.

Aquelas moças também se beneficiavam dessa mudança de proporções sociais, característica da vida nas estâncias balneárias. Todas as vantagens que nos prolongam, nos engrandecem no nosso meio habitual, encontram-se aí invisíveis, na verdade surpresas; em compensação, as pessoas a quem indevidamente se atribuem tais vantagens só progridem amplificadas numa falsa grandeza. O que tornava mais fácil que desconhecidas, e naquele dia essas moças, adquirissem uma importância enorme a meus olhos, e fazia que fosse impossível dar-lhes a conhecer a importância que eu poderia ter.

Mas, se o passeio do pequeno grupo não era mais que um pedaço da fuga inumerável de passantes, que sempre me perturbara, essa fuga era reduzida aqui a um movimento de tal modo vagaroso que se aproximava da imobilidade. Ora, precisamente porque numa fase tão pouco rápida, os rostos, não mais envoltos num turbilhão e sim calmos e distintos, me parecessem ainda bonitos, isso me impedia de crer, como o fizera tantas vezes quando ia no carro da Sra. de Villeparisis, que, mais de perto, se eu parasse um instante, certos detalhes, uma pele bexiguenta, um defeito nas asas do nariz, um olhar comum, a careta do sorriso, um corpo mal feito, teriam substituído no corpo e no rosto da mulher os que eu sem dúvida imaginara; pois bastava um detalhe bonito do corpo, um

frescor de pele entrevisto, para que, de boa-fé, eu lhe ajuntasse um ombro delicioso, um olhar cativante, cuja lembrança ou idéia preconcebida carregava sempre comigo, decifrações rápidas de um ser que se vê de relance, expondo-nos assim aos mesmos erros que essas leituras muito apressadas em que, sobre uma única sílaba e sem ter tempo de identificar as outras, colocamos no lugar da palavra que está escrita uma outra bem diferente que a nossa memória nos fornece. Agora, porém, não podia ser desse modo. Olhara bem os seus rostos; vira cada uma delas, não em todos os instantes raramente de frente, mas mesmo assim de dois ou três ângulos bastante diferentes para que pudesse fazer a retificação, ou a verificação, e a "prova" das diversas suposições de linhas e de cores, sugeridas à primeira vista, e para ver neles, através das expressões sucessivas, algo de inalteravelmente material. Podia dizer, com toda a certeza, que nem em Paris nem em Balbec, nas hipóteses mais favoráveis do que poderiam ser, mesmo que pudesse ficar ali conversar com elas, as passantes que haviam atraído os meus olhos, jamais houvera uma cujo aparecimento, e depois o desaparecimento sem que as tivesse conhecido, deixassem mais pena do que estas o fariam, e me tivessem dado a idéia de que a amizade pudesse ser tamanha embriaguez. Nem entre as atrizes, entre as camponesas, ou entre as moças do pensionato religioso, eu vira nada tão belo, impregnado de tanto desconhecido, tão inestimavelmente precioso, tão verossimilmente inacessível. Da felicidade desconhecida e possível da vida, elas eram um exemplar delicioso e em tão perfeito estado, que era quase por motivos intelectuais que me sentia desesperado por não poder realizar, em condições únicas, sem deixar qualquer margem a um possível engano, a experiência do que nos oferece de misteriosa beleza desejada e da qual a gente se consola de nunca possuir, pelo prazer-como Swann sempre se recusara a fazer, antes de Odette - às mulheres que não deseja, de forma que morremos sem jamais ter sabido o que seria outro prazer. Sem dúvida, podia ser que na verdade não fosse um prazer desconhecido, que, de perto, o seu mistério se dissipasse, que não passasse de uma imaginação, de uma miragem do desejo. Mas, neste caso, eu só poderia atribuí-lo à necessidade de uma lei da natureza-que, aplicando-se a essas moças, seria aplicá-la a todas e não ao defeito do objeto. Pois era aquele que eu teria escolhido de todos, percebendo muito bem, com uma satisfação de botânico, não ser possível encontrar reunidas espécies mais raras do que estas jovens flores que apareciam naquele momento, à minha frente, a linha das ondas com sua ligeira semelhante a um bosquezinho de rosas da Pensilvânia, ornamento de um jardim sobre o penhasco, entre as quais cabe todo o trajeto do oceano percorrido pelo vapor, tão lento em deslizar sobre o traçado horizontal e azul que vai de um caule, que uma borboleta preguiçosa, atrasada no fundo da corola; que no casco do navio há muito ultrapassou, pode esperar, para alçar vôo, estando certa que chegará antes do navio, que somente um pedaço azulado separe ainda a proa da primeira pétala

da flor para qual ele navega.

Voltei para dentro porque devia ir jantar em Rivebelle com Robert; minha avó exigia que, nesses dias, antes de partir, eu me deitasse na cama durante hora, sesta que o médico de Balbec logo me ordenou que estendesse à todas outras tardes.

Aliás, para voltar, nem sequer havia necessidade de deixar o molhe e no hotel pelo *hall*, ou seja, por trás. Devido a um adiantamento comparável à sábado onde, em Combray, a gente almoçava uma hora mais cedo, agora, no auge do verão, os dias se tornavam tão longos que o sol ainda estava bem alto no céu, como numa hora de lanche, quando se punha a mesa para o jantar no Grande Hotel de Balbec. Assim, as grandes janelas envidraçadas e corrediças ficavam abertas ao mesmo nível do molhe. Bastava-me saltar uma estreita moldura de madeira para achar-me na sala de jantar, que logo deixava para tomar o elevador. Passando pelo escritório, dirigi um sorriso ao gerente e, sem sentir qualquer desagrado, percebi outro em seu rosto; pois, desde que me achava em Balbec, minha atenção compreensiva aos poucos se injetava naquela cara, transmutando-a como uma preparação de História Natural. Seus traços fisionômicos já eram usuais para mim, imbuídos de um significado medíocre sim, mas inteligível como uma escrita que se lê, e não se parecia de modo algum com os caracteres estranhos, intoleráveis, que seu rosto me apresentara naquele primeiro dia, quando vira à minha frente um personagem agora esquecido; personagem que, se me ocorria recordá-lo, julgava desconhecido, difícil de identificar com a personalidade polida e insignificante, da qual não era mais que a caricatura sumária e hedionda. Sem a timidez nem a tristeza do dia da minha chegada, toquei a campainha chamando o ascensorista, o qual agora já não ficava silencioso enquanto eu subia a seu lado no elevador, como numa caixa torácica móvel que se deslocasse ao longo da coluna vertebral, mas repetia-me:

- Já não há tanta gente como há um mês. E começam a ir embora, os dias vão diminuindo.- Dizia isto não porque fosse verdade, mas porque, tendo uma colocação num hotel numa região mais quente do litoral, gostaria que todos nós fôssemos embora o mais cedo possível para que o hotel fechasse e que ele dispusesse de alguns dias de folga antes de "continuar" em seu novo emprego. "Continuar" e "novo" não eram nele expressões contraditórias, pois "continuar" era a forma usual do verbo "entrar". Espantou-me apenas que ele condescendesse em dizer "colocação", pois pertencia a esse proletariado moderno que deseja apagar na linguagem os vestígios do regime da domesticidade. Aliás, após alguns instantes, anunciou-me que, na "colocação" em que ia "continuar", teria uma "túnica" mais bonita e "honorários" melhores; as palavras "uniforme" e "salário" lhe pareciam antiquadas e inconvenientes. E, como, por uma contradição absurda, o vocabulário, apesar de tudo, sobreviveu

no espírito dos "patrões" à concepção da desigualdade, eu sempre compreendia errado o que o ascensorista me dizia. Assim, a única coisa que eu desejava saber era se minha avó se encontrava no hotel. Ora, antecipando-se às minhas perguntas, o ascensorista dizia:

-Aquela senhora acaba de sair do seu quarto.

Eu sempre me confundia, achando que era a minha avó.

- Não, aquela senhora que é, acho eu, empregada dos senhores.

Como na antiga linguagem burguesa, que já deveria estar abolida, um cozinheiro não é uma empregada, eu pensava por um instante:

"Mas ele se engana, nós nem temos nem fábrica nem empregados."

De súbito, lembrava-me que a qualidade de empregado é como o aspecto do bigode para os garçons: uma satisfação; dá amor-próprio que se dá aos criados, e que aquela senhora que acabara de sair era Françoise (provavelmente em visita à cafeteria, ou a fim de ver costurar a criada do quarto da dama belga), satisfação que ainda não bastava ao ascensorista, pois costumava dizer, apiedando-se de sua classe: "o trabalhador" ou "o pequena"; servindo-se do mesmo singular de Racine quando este diz: "o pobre..." Mas, habitualmente, eu não falava com o ascensorista, pois já estavam longe a minha timidez, era o desejo de agradar dos primeiros dias. Era ele agora quem ficava sem ter respostas na curta passagem entre os andares, trajeto cujos nós precisava ir fiando através do hotel, como feito um brinquedo, e que desdobrava ao nosso redor, andar por andar, suas ramificações de corredores em cujas profundezas a luz se amaciava enfraquecia, diminuía as portas de comunicação ou os degraus das escadas interiores, que acabava convertendo naquele âmbar dourado, misterioso e inconsistente como um crepúsculo, onde Rembrandt recorta ora o peitoril de uma janela, ora a manivela de um poço. E a cada andar, um clarão dourado refletido no tapete anunciava o pôr-do-sol e a janela dos banheiros.

Perguntava-me se as moças que acabara de ver residiam em Balbec e quem poderiam ser. Quando o desejo está deste modo orientado para uma pequena tribo humana que ele escolheu, tudo o que pode referir-se a ela se torna motivo de emoção e, depois, de fantasia. Ouvira uma senhora dizer no molhe:

"É uma amiga da pequena Simonet" no mesmo tom de exatidão presunçosa de alguém que dissesse: "É o companheiro inseparável do pequeno de La Rochefoucauld". Logo se percebeu, no rosto da pessoa a quem eram dirigidas tais palavras, uma curiosidade de olhar melhor a pessoa privilegiada que era "amiga do pequeno Simonet". Seguramente, privilégio que não parecia ser dado a qualquer um. Pois a aristocracia é uma coisa relativa. E existem pequenos povoados onde o filho de uma negociante de móveis é o árbitro da elegância e

reina numa corte como um jovem príncipe de Gales. Depois, muitas vezes procurei me lembrar de que modo ressoa para mim, na praia, esse nome de Simonet, então ainda incerto em sua forma que mal distinguira, e também quanto a sua significação, na possibilidade que designasse a esta ou aquela pessoa; em suma, envolvido dessa divagação e dessa novidade tão emocionante para nós a seguir, quando esse nome, cujas letras são a cada segundo mais profundamente gravadas em nós devido a nossa atenção permanente, se torna (o que só iria acontecer comigo, quanto à pequena Simonet, alguns anos mais tarde) o primeiro vocábulo que encontraríamos ao despertar, ou após um desmaio, mesmo antes da noção da hora presente, do lugar em que estamos quase antes da palavra "eu", como se a criatura que ele nomeia fosse mais do que nós próprios, e como se, depois de alguns momentos de inconsciência, a trégua que expira fosse aquela em que, antes de tudo, deixávamos de pensar nesse nome.

Não sei por que desde o primeiro dia disse comigo que o nome de Simonet deveria ser o de uma das moças; não mais deixei de me perguntar como poderia fazer para conhecer a família Simonet; e isso por meio de pessoas que ela julgasse superiores a si mesma, o que não devia ser difícil se elas todas não passassem de garotas livres do povo, para que não formasse uma idéia desdenhosa de mim. Pois não se pode alcançar o perfeito conhecimento nem efetuar a absorção completa de quem nos desdenha, enquanto não se tiver vencido esse desdém. Ora, de cada vez que a imagem de mulheres tão diversas penetra em nós, a menos que o esquecimento ou a concorrência de outras imagens a elimine, já não temos sossego enquanto não tenhamos convertido essas estranhas em algo semelhante a nós mesmos, pois nossa alma é, sob esse aspecto, dotada do mesmo tipo de reação e de atividade do nosso organismo físico, o qual não pode tolerar a intromissão, em seu seio, de um corpo estranho sem se empenhar imediatamente em digerir e assimilar o intruso. A pequena Simonet devia ser a mais bonita de todas e, aliás, a que chegasse talvez um dia a ser minha amante, pois fora a única a reparar, duas ou três vezes, na fixidez dos meus olhares, voltando ao meio a cabeça. Perguntei ao ascensorista se acaso não conhecia os Simonet em Balbec. Não gostando de confessar que ignorava alguma coisa, ele respondeu que lhe parecera já ter ouvido falar nesse nome. Chegado ao último andar, pedi-lhe que me mandasse a lista dos hóspedes recém-chegados.

Saí do elevador, mas, em vez de ir para o meu quarto, continuei pelo corredor, pois àquela hora o camareiro daquele piso, embora temesse as correntes de ar, abrira a janela dos fundos, a qual olhava, em vez do mar, para os lados da colina e do vale, mas não os deixava ver nunca, pois seus vidros eram opacos e estavam quase sempre cerrados. Parei por um momento à sua frente, o tempo de prestar a devida devoção à "vista" que por uma vez me oferecia, para além da colina a

que se encostava o hotel, e que só continha uma casa, edificada a certa distância, mas à qual a perspectiva e a luz da tarde, conservando-lhe o volume, davam um burilamento precioso e um escrínio de veludo, como uma dessas arquiteturas em miniatura, pequeno templo ou pequena capela de ourivesaria e esmaltes que servem de relicário e que só em alguns dias são expostas à veneração dos fiéis. Mas aquele instante de adoração já durara demais, pois o camareiro que segurava numa das mãos o molho de chaves e com a outra me cumprimentava, tocando sua calota de sacristão mas sem erguê-la, devido ao ar fresco e puro do entardecer, vinha fechar as duas folhas da janela, como quem fecha as portas de um relicário e subtraía à minha adoração o monumento reduzido e a relíquia de ouro. Entrei no meu quarto. À medida que a estação avançava, mudava o quadro que se avistava da janela. No princípio, havia muita claridade e só fazia sombra se o tempo ficava mau. Desde então, no vidro glauco a que o mar parecia intumescer com suas vagas redonda engastado entre os caixilhos de ferro de minha janela como entre os chumbos de um vitral, desfiava, em toda a profunda orla rochosa da baía, triângulos empenachados de uma espuma imóvel delineada com a delicadeza de uma pena ou de uma pluma desenhada por Pisanello, e fixadas por esse esmalte branco, inalterável e cremoso que figura uma camada de neve nos trabalhos em vidro de Gallé.

Em breve os dias diminuíram e, no momento em que eu entrava no quarto, o céu violáceo, que parecia estigmatizado pela figura rígida, geométrica, passageiro e fulgurante do sol (semelhante à representação de algum sinal milagroso, de alguma aparição mística), se inclinava para o mar sobre a dobradiça do horizonte como um quadro religioso por cima do altar-mor, enquanto as diferentes partes do ocaso, expostas nos vidros das estantes baixas de mogno, que corriam ao longo das paredes -e que eu reportava em pensamento à maravilhosa pintura de que se destacavam -, pareciam-se com essas cenas diversas que algum mestre antigo realizou outrora para uma confraria sobre um relicário, e dos quais se exibem lado a lado, numa sala de museu, os painéis separados que só a imaginação do visitante volta a pôr em seu lugar sobre as predelas do retábulo. Algumas semanas mais tarde, quando eu subia, o sol já se havia posto. Semelhante àquela que eu via em Combray por cima do Calvário, quando voltava do passeio e me apressava a descer à cozinha antes do jantar; uma faixa de céu rubro ficava por sobre o mar compacto e recortado como carne congelada e, um instante após, sobre o mar já frio e azulado como o peixe a que chamam de tainha, o céu, do mesmo tom rosado de um desses salmões que dali a pouco nos iriam servir em Rivebelle, reavivava o prazer que eu teria em vestir a casaca para ir jantar. No mar, e bem perto da margem, tentavam elevar-se, uns sobre os outros, em camadas cada vez mais amplas, vapores de um negro de fuligem mas também de um polimento e de uma consistência de ágata, de um peso visível, de modo que os mais elevados, inclinando-se sobre a haste deformada e até para fora do

centro de gravidade dos que até então os haviam sustentado, pareciam estar a ponto de arrastar toda aquela armação já a meio caminho do céu, e precipitá-la no mar. A vista de um barco que se afastava como um viajante noturno dava-me a mesma impressão, que já tinha tido no trem, de estar liberado das necessidades do sono e do enclausuramento em um quarto. Aliás, já não me sentia prisioneiro no quarto em que me achava, pois, dentro de uma hora, ia deixá-lo para entrar num carro. Atirei-me na cama; e sentia-me cercado por todos os lados de imagens do mar, como se estivesse no beliche de um desses barcos que via passar bem perto de mim, barcos que depois, durante a noite, nos assombraria ver deslocarem-se lentamente na escuridão, como cisnes sombrios e silenciosos mas que não dormem.

Mas muitas vezes, de fato, não passavam de imagens; esquecia-me que, por trás dessas cores, cavava-se o triste vazio da praia, percorrida pelo vento inquieto da noite que eu tão intensamente sentira na chegada a Balbec; além do mais, mesmo em meu quarto, todo preocupado com as moças que vira passar, já não me sentia com disposição tão calma nem tão desinteressada para que pudessem produzir-se em meu espírito impressões verdadeiramente profundas de beleza. A espera pelo jantar em Rivebelle fazia meu humor ainda mais frívolo, e meu pensamento, ocupando nesses momentos a superfície do corpo, que eu ia vestir para tentar parecer o mais agradável possível aos olhos femininos que em mim se demorariam no restaurante iluminado, era incapaz de imaginar qualquer profundidade sob o colorido das coisas. E, se, debaixo da minha janela, o vôo macio e incansável dos ferreiros e das andorinhas não subisse como um repuxo, como uma girândola de vida, unindo o intervalo de seus altos foguetes com a fieira imóvel e branca dos longos sulcos horizontais, se não fosse o encantador milagre desse fenômeno natural local que una à realidade as paisagens que tinha diante dos olhos, eu poderia acreditar que não passavam de uma seleção, todo dia renovada, de pinturas que me mostravam arbitrariamente no local em que me achava e sem que tivessem relação obrigatória com este. Às vezes era uma exposição de estampas japonesas: ao lado do delgado recorte do sol, rubro e redondo como a lua, uma nuvem amarela parecia um lago, contra o qual os negros gladíolos se levantavam, como se fossem árvores plantadas à margem; uma faixa de um rosa suave, como jamais voltara a ver desde a minha primeira caixa de lápis de cor, inchava-se como um rio, em cujas margens os barquinhos pareciam estar esperando, em seco, que os pusessem para flutuar. E com o olhar desdenhoso, entediado e frívolo de um amador ou de uma mulher que percorre uma galeria entre duas visitas mundanas, murmurava comigo mesmo: "Curioso, este pôr-do-sol; é estranho; mas enfim, já vi outros tão delicados e espantosos como este." Mais me agradavam as tardes em que um navio absorvido e tornado fluido pelo horizonte surgia exatamente da mesma cor que ele, assim como numa tela impressionista, de tal modo que parecia ser também da mesma

matéria, como se sua proa e os cordames não passassem de recortes feitos no azul vaporoso do céu, que neles se fazia mais sutil e filigranado. Às vezes o oceano enchia quase toda a minha janela, aumentada como estava por uma faixa de céu bordada no alto apenas por uma linha que era do mesmo azul do mar, mas que, por isso mesmo, eu imaginava ser ainda o mar, atribuindo sua tonalidade diferente a um efeito de luz. Em outra ocasião, o mar só se pintava na parte inferior da janela, estando todo o espaço restante coberto de tantas nuvens amontoadas umas contra as outras, em bandas horizontais, que as janelas pareciam, por premeditação ou especialidade do artista, apresentar um "estudo de nuvens", ao passo que as diferentes vitrinas das estantes, mostrando nuvens semelhantes, mas em outra parte do horizonte e diversamente coloridas pela luz, pareciam oferecer como que a repetição, cara a certos mestres contemporâneos, de um só e mesmo efeito, apanhado sempre em horas diferentes, mas que agora, com a imobilidade da arte, podiam ser todos vistos em conjunto em uma mesma habitação, executados a pastel e cada qual sob seu vidro. E às vezes, no céu e no mar uniformemente cinzentos, um leve tom rosado se ajuntava com delicado requinte, enquanto uma borboleta adormecida na parte inferior da janela parecia apor com suas asas junto daquela "harmonia em cinza e rosa" ao gosto das de Whistler, a assinatura predileta do mestre de Chelsea. Até mesmo o tom de rosa desaparecia; nada mais havia para olhar. Levantava-me por um momento e, antes de me estender de novo na cama, fechava as longas cortinas. Acima delas, via, da cama, a raia de claridade que ainda restava ensombrecer-se e diminuir progressivamente; mas era sem tristeza nem nostalgia que deixava assim morrer, no alto das cortinas, a hora em que de hábito estava à mesa, pois sabia que este dia era diferente dos outros, mais comprido como os dias polares, que a noite só interrompe durante alguns minutos; sabia que da crisálida desse crepúsculo se preparava para sair, por uma radiosa metamorfose, a luz deslumbrante do restaurante de Rivebelle. Dizia-me: "é hora"; espreguiçava-me na cama, erguia-me, concluía a toalete; e achava uma delícia esses momentos inúteis, livres de todo peso material, onde, enquanto os outros estavam embaixo jantando, eu empregava as forças acumuladas pela inatividade daquele fim de dia apenas em secar o corpo, vestir o *smoking*, dar o nó na gravata, fazer todos esses gestos já dominados pelo prazer esperado de rever uma mulher que vira da última vez que fora a Rivebelle, que parecera olhar-me, e que só se levantara um instante da mesa talvez na esperança de que a seguisse; era com muita alegria que me enfeitava com todos aqueles atrativos para entregar-me inteiramente a um vida nova, livre e despreocupada, em que apoiaria minhas indecisões na calma da Saint-Loup e escolheria, entre as espécies da História Natural e as provenientes de todas as regiões, aquelas que, formando os pratos inusitados logo encomendados pelo meu amigo, teriam tentado a minha gulodice ou a minha imaginação.

Por fim chegaram os dias em que eu não podia mais entrar no hotel ao voltar do molhe, pelas janelas do refeitório. Os vidros já não estavam abertos, pois era noite lá fora e o enxame de pobres e de curiosos, atraídos pelo resplendor inacessível para eles, pendia, em negros cachos enregelados pelas paredes luminosas e escorregadias da colméia de vidro.

Bateram; era Aimé, que fizera questão de entregar-me em mão própria as últimas listas de hóspedes. Antes de se retirar, Aimé insistiu em afirmar que Dreyfus era mil vezes culpado.

- Vão saber de tudo – disse-me. -Não neste ano, mas no ano que vem. Foi um senhor muito relacionado no Estado-Maior quem me falou. Perguntei se não se resolveriam a descobrir tudo de uma vez antes do fim do ano. - Ele pousou o cigarro - continuou Aimé, imitando a cena e sacudindo a cabeça indicando, como fizera o seu hóspede, como se dissesse: não é necessário ser exigente demais. - Não este ano, Aimé - foi o que me disse batendo-me no ombro -, não é possível. Mas na Páscoa, sim! - E Aimé bateu-me de leve no ombro dizendo: - Veja, estou mostrando exatamente como ele fez seja por estar lisonjeado com aquela familiaridade de um grande personagem, seja para que eu pudesse melhor apreciar, com pleno conhecimento de causa, o valor do argumento e nossos motivos de esperança.

Não foi sem um leve choque no coração que, na primeira página da lista de hóspedes, percebi as palavras: "Simonet e família." Conservava em mim velhas fantasias, datadas da infância, e nelas toda a ternura que havia em meu coração, mas que, sentida por ele e dele não se distinguindo, me fora trazida por uma criatura tão diversa de mim quanto possível. Este ser, agora uma vez mais eu o fabricava, para tanto utilizando o nome de Simonet e a lembrança da harmonia que reinava entre os corpos jovens que tinha visto a desfilar pela praia numa procissão esportiva digna da antigüidade e de Giotto. Não sabia qual daquelas jovens era a Srta. Simonet, se alguma delas assim se chamava, mas sabia que era amado pela Srta. Simonet e que, graças a Saint-Loup, ia tentar conhecê-la. Infelizmente, Saint-Loup obtivera prorrogação da licença, mas sob a condição de comparecer todos os dias a Doncieres; e, para fazê-lo faltar às suas obrigações militares, julgara eu poder contar, não somente com sua amizade por mim, mas também com aquela mesma curiosidade de naturalista humano que tantas vezes fizera despertar em mim o desejo de conhecer uma nova espécie de beleza feminina, mesmo sem ter visto a pessoa de que falavam, e apenas por ouvir dizer que numa certa casa de frutas havia uma caixeira muito bonita. Ora, foi em vão que procurei excitar em Saint-Loup essa curiosidade, falando-lhe nas minhas moças. Nele, a curiosidade estava há muito paralisada pelo amor que dedicava àquela atriz da qual se fizera amante. E, mesmo que houvesse sentido de leve essa curiosidade, tê-la-ia reprimido em virtude de uma crença supersticiosa de

que de sua própria fidelidade poderia depender a fidelidade da amante. Assim, fomos jantar em Rivebelle sem que me prometesse ocupar-se seriamente de minhas jovens.

Nos primeiros tempos, ao chegarmos, o sol acabava de se pôr, mas o céu ainda estava claro; no jardim do restaurante, cujas luzes ainda não se achavam acesas, o calor do dia tombava, depositava-se, como no fundo de um vaso ao longo de cujas paredes a geléia transparente e sombria do ar parecia tão consistente quanto uma grande roseira, colada à parede obscura que ela estriava de rosa, e que se assemelhava à arborização que se enxerga no fundo de uma pedra de ônix. Em breve era somente à noite que descíamos do carro, e muitas vezes até já noite cerrada quando deixávamos Balbec, caso o tempo estivesse feio e tivéssemos demorado em mandar atrelar os cavalos, na esperança de uma melhora. Mas, nesses dias, era sem tristeza que ouvia o vento soprar, pois sabia que não significava o abandono dos meus projetos, a reclusão em um quarto; sabia que, na grande sala de jantar do restaurante, aonde entraríamos ao som da música dos ciganos, as inumeráveis lâmpadas triunfariam com facilidade da escuridão e do frio, aplicando-lhes seus amplos cautérios de ouro, e eu subia alegremente e me sentava ao lado de Saint-Loup no cupê que nos esperava debaixo do aguaceiro. Depois de algum tempo, as palavras de Bergotte, dizendo-se convencido de que eu, malgrado o que pretendia, tinha inclinações para desfrutar os prazeres da inteligência, que haviam dado, quanto ao que poderia fazer mais tarde, uma esperança desmentida todos os dias pelo aborrecimento que sentia em sentar à mesa para principiar um estudo crítico ou um romance. "Afinal", dizia para mim mesmo, "talvez o prazer que se tenha de escrever uma bela página não seja o critério infalível do seu valor; talvez não passe de um estado acessório que muitas vezes vem se acrescentar a ela, mas cuja falta não faz diferença. Talvez certas obras-primas tenham sido feitas entre bocejos." Minha avó desfazia minhas dúvidas dizendo que eu trabalharia bem, com alegria, se estivesse bem de saúde. E, tendo o nosso médico julgado mais prudente advertir-me dos graves riscos a que poderia me expor o meu estado; prescrevendo-me todas as precauções de higiene que deveria seguir para evitar um acidente, eu subordinava todos os prazeres ao objetivo, que achava infinitamente mais importante que eles, de me tornar bastante forte para poder realizar a obra que talvez carregasse dentro de mim, e exercia sobre mim mesmo, desde que chegará a Balbec, um controle constante e minucioso. Ninguém poderia me fazer tocar na taça de café, que me privaria do sono noturno, necessário para não me mostrar cansado no dia seguinte. Mas quando chegávamos a Rivebelle-devido à excitação, de um prazer novo, e encontrando-me nessa região diferente em que o excepcional nos faz penetrar depois de ter cortado o fio, tecido com paciência há tantos dias que nos levava à sensatez-, como se nunca devesse haver amanhã, nem objetivos elevados a realizar, logo

desaparecia aquele exato mecanismo de prudente higiene que funcionava para salvaguardá-los. Enquanto um criado pedia abrigo Saint-Loup me dizia:

- Não vai ficar com frio? Talvez fizesse melhor em conservá-lo, não é muito quente.

Respondia:

- Não, não. E talvez não sentisse o frio, mas, em todo caso, não conhecia o medo de cair doente, a necessidade de não morrer, a importância de trabalhar.

Dava minha capa; entrávamos na sala do restaurante ao som de uma marcha guerreira tocada pelos ciganos, avançávamos por entre as filas de mesas postas como num fácil caminho de glória e, sentindo o alegre ardor impressor de nossos corpos pelos ritmos da orquestra que nos concedia suas honras militar - aquele triunfo imerecido, nós o dissimulávamos por trás de um rosto grave e gelado, sob um andar cheio de lassidão, para não imitar essas cantoras de café-concerto que, a fim de cantar num tom belicoso uma canção indecente, entram em cena com entonação marcial de um general vitorioso.

A partir daquele momento, eu era um homem novo, que já não seria o neto de minha avó e só lembraria dela ao sair, e sim o irmão momentâneo dos moços que iriam nos servir.

A dose de cerveja, e com maior razão a de champanha, que em Balbec eu não consentiria em atingir numa semana, embora então à minha consciência calma e lúcida o sabor dessas bebidas apresentasse um prazer visivelmente apreciável mas facilmente sacrificado, eu a consumia numa hora, acrescentando-lhe algumas gotas de vinho do Porto, distraído demais para poder apreciá-lo, e dava ao violinista, que acabava de tocar, os dois luíses que economizava há um mês para comprar algo de que já não me lembrava. Alguns dos garçons que serviam, soltos por entre as mesas, corriam a toda pressa com um prato nas palmas estendidas, parecendo até que não deixá-lo cair fosse o objetivo dessas corridas. E, de fato, os suflês de chocolate chegavam ao destino sem terem sido revirados, as maçãs à inglesa, apesar do galope que as deveria ter sacudido, arrumadas, como na partida, em torno do carneiro de Pauillac. Reparei num desses criados, bem grande, ornado de soberbos cabelos pretos, o rosto pintado de uma cor que mais lembrava certas espécies de pássaros raros que a espécie humana, e que, correndo sem parar e, ao que parecia, sem objetivo, de uma extremidade a outra da sala, lembrava uma dessas araras que enchem os grandes aviários dos jardins zoológicos com suas cores ardentes e sua incompreensível agitação. Em breve o espetáculo se organizou, pelo menos a meus olhos, de um modo mais nobre e mais calmo.

Toda aquela atividade vertiginosa se fixou numa tranqüila harmonia. Eu olhava as mesas redondas cuja inumerável assembléia enchia o restaurante, como outros

tantos planetas, assim como eram figurados nos quadros alegóricos de antigamente. Ademais, exercia-se uma irresistível força de atração entre esses diversos astros e, em cada mesa, os ocupantes só tinham olhos para as mesas vizinhas, exceção feita a um rico anfitrião, o qual, tendo conseguido trazer um escritor famoso, empenhava-se em extrair dele, graças às virtudes da mesa giratória, frases insignificantes que deslumbravam as senhoras. A harmonia dessas mesas astrais não impedia a incessante revolução dos criados inumeráveis, que, por não estarem sentados como os que jantavam, e sim de pé, evoluíam numa zona superior. É claro que um corria para levar as entradas, trocar o vinho, juntar os copos. Porém, apesar dessas razões particulares, sua corrida permanente por entre as mesas redondas acabava por esclarecer a lei de sua circulação regulada e vertiginosa. Sentadas por detrás de um maciço de flores, duas horríveis caixas, ocupadas em cálculos sem fim, pareciam duas mágicas empenhadas em prever, por meio de cálculos astrológicos, as perturbações que às vezes poderiam ocorrer nessa abóbada celeste concebida conforme a ciência da Idade Média.

Eu lastimava um pouco todos os que jantavam porque sentia que, para eles, as mesas redondas não eram planetas e que não tinham praticado nas coisas o seccionamento que nos desembaraça de sua aparência habitual, permitindo-nos perceber analogias. Pensavam estar jantando com tal ou qual pessoa, que a refeição custaria mais ou menos tanto, e que recomeçariam no dia seguinte. Pareciam absolutamente insensíveis ao desfilar de um cortejo de jovens empregados que não tendo provavelmente nada de urgente a fazer no momento, levavam processionalmente alguns pães em grandes cestos. Alguns, muito moços, estonteados pelos cachações que os mordomos lhes davam ao passar, fixavam os olhos, melancolicamente num sonho remoto e só se consolavam se um hóspede do hotel de Balbec, onde outrora tinham sido empregados, reconhecia-os, dirigia-lhes a palavra e lhes pedia pessoalmente que levassem a champanha, impossível de beber, o que os enchia de orgulho.

Eu ouvia o vibrar de meus nervos, nos quais havia bem-estar, independente dos objetos exteriores que o pudessem proporcionar, e que o menor deslocamento que eu desse ao meu corpo, à minha atenção, bastava para me fazer experimentar, como num olho fechado uma leve compressão produz a sensação da cor. Já bebera muito vinho do Porto e, se ainda pedia mais, era menos em função do bem-estar que os novos copos me trariam do que por efeito do bem-estar produzido pelos copos anteriores. Deixei a própria música transportar meu prazer sobre cada nota, onde, docilmente, ele então vinha pousar. Se, como no caso das indústrias químicas, graças às quais são lançados para consumo, em grande quantidades, corpos que só de modo acidental se encontram na natureza, e raramente, este restaurante de Rivebelle reunia, num mesmo momento, mais

mulheres de cujo íntimo me solicitavam perspectivas de felicidade que o acaso dos passeios ou das viagens me teria feito encontrar em um ano; por um lado, aquela música que ouvíamos arranjos de valsas, de operetas alemãs, de canções de café-concerto, todas novas para mim era ela própria como um lugar de prazer aéreo, superposto ao outro e mais excitante que ele. Pois cada motivo, particular como uma mulher, não reservava, como ela o teria feito, para algum privilegiado, o segredo de volúpia que encobria: ele o oferecia a mim, me ambicionava, vinha à mim com passo caprichoso ou canalha, me abordava, me acariciava como se, de repente, eu me tornasse mais sedutor, mais rico ou poderoso; bem que eu achava nessas músicas, algo de cruel; é que todo sentimento desinteressado de beleza, todo reflexo da inteligência, lhes era desconhecido; para elas, só o prazer físico existe. E elas são o inferno mais implacável, o mais destituído de saídas para o desgraçado ciumento a quem apresentam esse prazer; prazer que a mulher desfruta com outro como sendo a única coisa que existe no mundo para aquele o enche por inteiro. Mas, enquanto eu repetia a meia voz as notas dessa música, e lhe devolvia o seu beijo, a volúpia toda sua, que me dava, se me tornou tão preciosa que eu teria deixado meus pais para seguir esse motivo pelo mundo singular que ele construía no invisível, em linhas alternadamente cheias de langor de vivacidade. Conquanto um tal prazer não seja do tipo dos que dão mais valor pessoal a que se ajuntam, pois só é sentido por ela, e conquanto, a cada vez que nossa vida, desagradamos a uma mulher que nos viu, ela ignore se, naquele momento, possuíamos ou não essa felicidade interior e subjetiva que, por conseguinte, em nada lhe teria mudado o juízo que formou a nosso respeito, eu me sentia mais poderoso, quase irresistível. Parecia-me que meu amor já não era algo desagradável e de que pudessem sorrir, mas continha precisamente a beleza tocante, a sedução dessa música, ela mesma semelhante a um ambiente simpático onde a minha amada e eu nos encontraríamos e, de súbito, ficaríamos íntimos.

O restaurante não era freqüentado apenas por mulheres levianas, mas também por pessoas da mais alta roda elegante, que ali vinham merendar às cinco da tarde ou davam grandes jantares. Os lanches ocorriam numa longa e estreita galeria envidraçada, em forma de corredor, o qual, indo do vestíbulo ao refeitório, costeava de um lado o jardim, do qual estava separada apenas por algumas colunas de pedras e pelas vidraças que se abriam aqui ou ali. Isso causava, além de numerosas correntes de ar, súbitos e intermitentes reflexos de sol, uma iluminação ofuscante e instável que quase impedia de distinguir as mulheres que, quando ali se encontravam, empilhadas de duas em duas mesas em todo o comprimento do estreito gargalo, como cintilassem a cada movimento que faziam para beber chá ou cumprimentar umas às outras, dir-se-ia um reservatório, uma armadilha em que o pescador acumulasse os fulgurantes peixes escolhidos, os quais, metade fora d'água e banhados de raios,

resplandeciam aos nossos olhos em seu brilho cambiante.

Algumas horas depois, durante o jantar, o qual era naturalmente servido no refeitório, acendiam-se as luzes, se bem que ainda estivesse claro lá fora, de modo que a gente via à nossa frente, no jardim, ao lado dos pavilhões iluminados pelo crepúsculo, e que pareciam os pálidos espectros da tardinha, alamedas arborizadas cuja glauca verdura era atravessada pelos últimos raios de sol, e que, do refeitório iluminado pelas lâmpadas, onde se jantava, surgiam, além das vidraças não mais, como se teria dito das damas que merendavam no fim da tarde, ao longo do corredor azulado e de ouro, numa faixa cintilante e úmida; mas como as vegetações de um pálido e verde aquário gigante banhado em luz sobrenatural. Erguiam-se da mesa; e, se os convivas, durante a refeição, passando o tempo todo a olhar, reconhecer, a perguntar sobre os convivas da mesa próxima, tinham sido retidos numa coesão perfeita em torno da própria mesa, a força atrativa, que os fazia orbitar ao redor de seu anfitrião de uma noite, perdia um tanto de seu poder no momento em que, para tomar café, dirigiam-se para aquele mesmo corredor em que os outros haviam tomado chá; muitas vezes acontecia que, na ocasião da passagem, algum jantar em andamento perdia um ou vários de seus corpúsculos que, tendo sofrido muito fortemente a atração do jantar rival, destacavam-se um instante do seu, onde eram substituídos por senhores ou senhoras que tinham vindo cumprimentar amigos, antes de regressar, dizendo:

-Tenho de sair para me encontrar com o Sr. X, que hoje me convidou. E, por um instante, dir-se-ia que eram dois buquês separados que houvessem trocado algumas de suas flores.

Depois o próprio corredor se esvaziava. Com freqüência, como mesmo depois de jantar ainda houvesse um pouco de claridade, esse longo corredor não era iluminado e, acotovelado pelas árvores que se inclinavam lá fora, do outro lado da vidraça, dava a impressão de uma alameda num parque espesso e tenebroso. Às vezes, a meia escuridão, uma conviva ali se demorava. Atravessando-o para sair, distinguia no corredor, uma noite, sentada no meio de um grupo desconhecido, a bela princesa de Luxemburgo. Sem parar, tirei o chapéu. Ela me reconheceu, inclinou a cabeça e sorriu; bem acima desse cumprimento, emanando daquele próprio gesto elevaram-se melodiosamente algumas palavras a mim dirigidas, e que deviam ser um "boa noite" um tanto prolongado, não para que ficasse, mas apenas para completar a saudação, transformá-la num cumprimento falado. Mas eram tão indistintas as palavras, e o único som que ouvi se prolongou tão suavemente e me parecera tão musical, que foi como se, na ramaria ensombrecida das árvores, um rouxinol se pusesse a cantar. Se, por acaso, para terminar a noitada com um grupo de amigos seus que havíamos encontrado, Saint-Loup decidia nos levar ao cassino de alguma praia vizinha, e

se, partindo com eles, punha-me sozinho num carro, eu recomendava ao cocheiro que fosse a toda a velocidade, para que se tornassem menos longos os momentos que passaria sem ter ajuda de ninguém que me dispensasse; - fornecer eu próprio à minha sensibilidade - dando marcha a ré e saindo da passividade em que me havia prendido como numa engrenagem essas modificações que recebia dos outros desde que chegara a Rivebelle. O choque possível corria se o carro que viesse em sentido contrário nesses caminhos onde só há espaço para passagem de um e onde a noite era negra, a instabilidade do solo, com freqüência desmoronado, da falésia, a proximidade de sua vertente a pique sobre o mar, disso encontrava em mim o pequeno esforço necessário para levar a imagem de temor do perigo até a minha razão. É que, do mesmo modo que, não o desejo de tornar célebre, mas o hábito de trabalhar é que nos permite produzir uma obra, não é a alegria do momento presente, mas as sábias reflexões do passado, que nos auxiliam a preservar o futuro. Ora, se já, ao chegar a Rivebelle, lançara para longe de mim essas muletas da razão, do autocontrole, que ajudam nossa fraqueza a prosseguir no caminho certo; estava exposto a uma espécie de ataxia moral, o álcool distendendo excepcionalmente meus nervos, havia dado aos minutos de uma qualidade, um encanto que não tinham por efeito me tornar mais apto sequer mais resoluto para defendê-los; pois, fazendo-me preferi-los mil vezes resto da minha vida, minha exaltação os isolava; eu era como os heróis, estava encerrado no presente; momentaneamente eclipsado, meu passado não projetava à minha frente aquela sombra de si mesmo a que chamamos futuro; colocando o objetivo da minha vida não mais na realização dos sonhos desse passado, mas na felicidade do minuto presente, nada enxergava além. De modo que, por uma contradição apenas aparente, no momento em que eu experimentava um prazer excepcional, quando sentia que minha vida podia ser feliz, em que poderia ter mais valor a meus olhos, nesse momento é que, liberto das preocupações que até então ela poderia ter me inspirado, eu a entregava sem hesitar ao acaso de um acidente. Aliás, não fazia, em suma, senão concentrar numa noite a incúria que para os outros homens está diluída em sua existência inteira, onde diariamente afrontam sem necessidade o risco de uma viagem marítima, de um passeio de aeroplano ou de automóvel, quando os espera em casa a criatura que sua morte destruiria ou quando ainda está ligado à fragilidade de seus cérebros o livro cujo próximo lançamento é a única razão de suas vidas. Da mesma forma, no restaurante de Rivebelle, nas noites em que ali ficávamos, se alguém aparecesse com o intuito de me matar, como eu só via numa distância longínqua e irreal a minha avó, o meu por vir, os livros por escrever, como aderia por inteiro ao aroma da mulher que estava na mesa vizinha, à polidez dos mordomos, aos contornos da valsa que tocavam, como estava colado à sensação do momento, não tendo mais extensão que ela nem outra finalidade senão a de não ser separado dela, seria morto contra ela, me

deixaria massacrar em resistência, sem me mexer, abelha entorpecida pelo fumo do tabaco, que já não se preocupa em conservar a provisão de seus esforços acumulados e a esperança de sua colméia.

De resto, devo dizer que esta insignificância em que recaíam as coisas mais graves, em contraste com a violência de minha exaltação, acabava por abranger até a Srta. Simonet e suas amigas. A empreitada de conhecê-las parecia-me agora fácil, porém indiferente, pois só a minha sensação atual, graças a seu extraordinário poder, à alegria que provocavam suas menores alterações e até a sua simples continuidade, tinha importância para mim; tudo o mais, parentes, trabalho, prazeres, moças de Balbec, pesava menos que um floco de espuma numa ventania que não o deixa repousar, existia apenas em relação a esse poder interior; a embriaguez realiza, por algumas horas, o idealismo subjetivo, o fenomenismo puro; tudo não passa de aparências e só existe em função do nosso sublime eu. Aliás, não quer dizer que um amor de verdade, se o tivermos, não possa subsistirem semelhante estado. Porém, sentimos tão perfeitamente, como num meio novo, que pressões desconhecidas mudaram as dimensões desse sentimento, que não podemos considerá-lo do mesmo modo que antes. Este mesmo amor, é certo que o reencontramos, porém deslocado, já sem pesar sobre nós, satisfeito com a sensação que lhe concede o presente e que nos basta, pois não nos importamos com o que não é atual. Infelizmente, o coeficiente que muda assim os valores só os muda nessa hora de embriaguez. As pessoas que não tinham mais importância e sobre as quais soprávamos como se fossem bolhas de sabão, amanhã retomarão sua densidade; será preciso tentar entregar-se novamente a trabalhos que já não significam nada. Coisa ainda mais grave, essa matemática do amanhã, a mesma de ontem, e com cujos problemas nos encontraremos inexoravelmente enleados, é ela que nos rege mesmo durante aquelas horas, salvo para nós próprios. Se está perto de nós uma mulher virtuosa ou hostil, essa coisa tão difícil na véspera a saber, que chegávamos a lhe agradar nos parece agora um milhão de vezes mais fácil sem que tenha ficado em nada, pois apenas a nossos próprios olhos, nossos próprios olhos interiores, é que mudamos. E ela fica tão descontente, no momento mesmo que nos tenhamos permitido uma familiaridade, como o estaremos no dia seguinte por ter dado cem francos ao groom, e pelo mesmo motivo que para nós foi apenas retardado: a ausência de embriaguez.

Não conhecia nenhuma das mulheres que estavam em Rivebelle e quer por fazerem parte de minha embriaguez como os reflexos fazem parte do espelho, me pareciam mil vezes mais desejáveis do que a cada vez menos existente Srta. Simonet. Uma jovem loura, sozinha, de ar triste, sob um chapéu de palha recheado de flores do campo, olhou-me por um instante com ar sonhador e me pareceu, agradável.

Depois, foi a vez de uma outra; depois, de uma terceira; por fim, de uma morena de pele deslumbrante. Ao contrário do que ocorria comigo, quase todas eram conhecidas de Saint-Loup.

Antes de conhecer a sua amante atual, ele de fato vivera de tal modo no mundo restrito da boêmia que, de todas as mulheres que jantavam naquelas noites em Rivebelle, muitas das quais ali se achavam por acaso, tendo vindo à praia, algumas para encontrar o amante, outras para tentar conseguir um, não havia quase nenhuma que ele não conhecesse por ter passado ele mesmo ou um de seus amigos-ao menos uma noite com ela. Não as saudava se estavam acompanhadas de um homem, e elas, mesmo olhando-o mais que a qualquer outro, pois indiferença que sabiam ter ele por toda mulher que não fosse a sua atriz lhe dava aos olhos delas um prestígio singular, fingiam não conhecê-lo. E uma sussurrava:

''É o pequeno Saint-Loup. Parece que está sempre amando a sua putinha. É um grande amor. Que rapaz lindo! Acho-o extraordinário! E como é chique! Mesmo assim, há mulheres que têm uma sorte! É um senhor tipo em tudo. Conheci-o muito bem quando eu estava com o d'Órleans. Os dois eram inseparáveis. Estavam na maior farra naquela época! Mas agora, nada disso; não lhe faz nenhuma infidelidade. Ah, ela pode dizer que tem mesmo sorte. E eu só me pergunto o que será que ele viu nela. É preciso que ele seja mesmo um grande idiota. Ela tem pés do tamanho de barcos, bigodes à americana, e a roupa de baixo é suja! Acho que uma operariazinha não ia querer ficar com suas calças. Repare bem nos olhos dele; faz gente se matar por um homem desses. Cale-se, ele me reconheceu, está rindo; eu sabia que ele se lembrava bem de mim.

Entre ele e elas surpreendi um olhar de inteligência. Gostaria que me apresentasse a essas mulheres, gostaria de lhes pedir um encontro e que elas com isto concordassem, mesmo que eu não pudesse aceitá-lo. Pois sem isso o rosto delas permaneceria eternamente destituído, minha memória, dessa parte de si mesmo e como se estivesse oculto por um véu; que varia em todas as mulheres, que não podemos imaginar numa delas quando não a vimos, e que só aparece no olhar que nos é dirigido e que aquiesce ao nosso desejo e nos promete que ele será satisfeito. E, no entanto, mesmo assim restrito, a fisionomia delas valia muito mais para mim que a das mulheres que eu soubesse serem virtuosas, e não me parecia, como a destas, lisa, sem interior, composta de uma única peça sem espessura. Sem dúvida, não era para mim o que deveria ser para Saint-Loup que, pela memória, sob a indiferença, para ele transparente, dos traços imóveis que fingiam não conhecê-lo ou por trás da banalidade do cumprimento que lhe teriam dirigido tanto quanto a qualquer outro, lembrava, via, entre cabelos desfeitos, uma boca arquejante e olhos semicerrados, todo um quadro silencioso como aqueles que os pintores, para iludir a maioria dos visitantes, recobrem com

um pano decente. Certamente, para mim, ao contrário, que sentia que nada do meu ser havia penetrado numa ou noutra dessas mulheres, e ali não seria transportado pelos caminhos desconhecidos que ela seguiria durante a vida, tais rostos permaneciam fechados. Mas já era muito saber que se abriam, para que me parecessem de um valor que não lhes teria atribuído se não fossem mais que belas medalhas, em vez de medalhões sob os quais se ocultavam lembranças de amor. Quanto a Robert, mal parando num lugar quando estava sentado, dissimulando com um sorriso de homem da sociedade a avidez de agir como homem de batalha, eu, encarando-o bem, percebia o quanto a ossatura enérgica de seu rosto triangular devia ser a mesma da de seus antepassados, mais apropriada para um ardente arqueiro do que para um letrado suave. Sob a pele fina, aparecia a construção ousada, a arquitetura feudal. A cabeça fazia pensar nessas torres de antigos torreões, cujas ameias inutilizadas permanecem visíveis, mas que foram preparadas internamente para serem bibliotecas.

Voltando a Balbec, a respeito de uma dessas desconhecidas a quem ele me apresentara, repetia comigo sem cessar um segundo e, no entanto, sem notar quase: "Que mulher deliciosa!" como se canta um estribilho. De certo, essas palavras eram antes ditadas por disposições nervosas que por um julgamento perdurável. Não é menos verdade que, se eu tivesse mil francos comigo e ainda houvesse joalheiros abertos àquela hora, teria comprado um anel para a desconhecida. Quando as horas da nossa vida se desenrolam assim em planos bem diversos, ocorre darmos muito de nós mesmos para diferentes pessoas que, no dia seguinte, nos parecem destituídas de interesse. Mas sentimo-nos responsáveis pelo que lhes dissemos na véspera e desejamos cumprir nossa palavra.

Como naquelas noites eu entrasse bem tarde no hotel, reencontrava com prazer em meu quarto, que já não me era hostil, a minha cama onde, no dia da minha chegada, achara que seria sempre impossível repousar e onde agora os meus membros, tão cansados, buscavam apoio; de modo que, sucessivamente, minhas coxas, meus quadris, meus ombros tentavam aderir em todos os seus pontos aos lençóis que envolviam o colchão, como se minha fadiga assemelhasse a um escultor, tivesse desejado tirar o molde total de um corpo humano - não conseguia adormecer; sentia a manhã aproximar-se; o sossego e a boa saúde estavam mais em mim. Na minha aflição, tive a idéia de que nunca mais os encontraria. Teria de dormir por muito tempo para atingi-los. Ora, ainda que cochilasse, de qualquer modo seria acordado duas horas depois pelo concerto sinfônico. De repente adormecia, caía nesse sono pesado onde se desvelam para nós o regresso à juventude, a retomada dos anos passados, sentimentos perdidos, a desencarnação a transmigração das almas, a evocação dos mortos, as ilusões da loucura, a regressarem, são aos reinos mais elementares da natureza (pois diz-

se que muitas vezes vêem animais em sonhos, mas esquece-se que quase sempre nós mesmos somos; no sonho, um animal privado dessa razão que projeta sobre as coisas um lampejo de certeza; aí, pelo contrário, só oferecemos uma visão duvidosa ao espetáculo da vida e, a cada minuto apagado pelo esquecimento, a realidade precedente se desfiada diante da que lhe sucede, como uma projeção de lanterna mágica diante da seguinte, quando se troca o vidro), todos esses mistérios que julgamos não conhecer nos quais, na verdade, somos iniciados quase todas as noites, assim como outro grande mistério do aniquilamento e da ressurreição. Tornada mais vagabunda pela digestão difícil do jantar de Rivebelle, a iluminação sucessiva e errante das zonas ensombrecidas do meu passado fazia de mim uma criatura cuja suprema felicidade seria encontrar Legrandin, com quem acabava de conversar em sonho. Depois, mesmo a minha própria vida era-me inteiramente oculta por novo cenário, como o que se coloca bem na frente do palco e diante do qual, enquanto atrás se trocam os quadros, atores representam um entreato. Aquele em que eu então desempenhava o meu papel era ao gosto dos contos orientais; nele eu nada sabia de meu passado nem de mim mesmo, devido àquela grande proximidade de um cenário interposto; não passava de um personagem que levava e sofria castigos variados por uma falta que não notava, mas que era a de ter bebido muito vinho do Porto. De súbito despertava, percebia que, graças a um longo sono não tinha ouvido o concerto sinfônico. Já era meio-dia; certifiquei-me disso pelo relógio de pulso, após alguns esforços para me levantar, esforços a princípio esbaldados e interrompidos por quedas sobre o travesseiro, mas dessas quedas curtas se seguem ao sono como a outras tonteiras, sejam causadas pelo vinho ou pela convalescença; além do mais, mesmo antes de ter olhado a hora, estava certo que já era mais de meio-dia. Ontem à tardinha, eu não passava de um ser vazio, sem peso e (como é preciso ter estado deitado para ser capaz de sentar-se e de estar dormido para conseguir calar-se) não podia deixar de me mexer nem de falar; já não possuía consistência nem centro de gravidade, achava-me como que lança parecia-me poder continuar aquele sombrio percurso até a lua. Ora, se alguns dos meus olhos não tinham visto a hora, meu corpo soubera calculá-la, havia medido o tempo não sobre um quadrante superficialmente representado, mas pelo peso progressivo de todas as minhas forças refeitas que ele, como um possante relógio, deixara descer ponto a ponto do meu cérebro para o resto do corpo, onde agora ajuntavam, até acima de meus joelhos, a abundância intacta de suas provisões. Se é verdade que o mar outrora foi o nosso meio vital, onde é necessário voltar a mergulhar o nosso sangue para recuperar nossas forças, o mesmo se dá com o esquecimento, com o nada mental; então parecemos ausentes do tempo durante algumas horas; mas as forças que se organizaram durante esse intervalo, sem serem gastas, medem-no pela quantidade delas de forma tão exata como os pêndulos de um relógio ou os escorrentes montículos de

areia da ampulheta. Aliás, não se sai mais facilmente de um tal sono do que da vigília prolongada, de tal maneira todas as coisas tendem a perdurar, e, se é verdadeiro que certos narcóticos fazem dormir, dormir por muito tempo é um narcótico ainda mais potente, após o qual temos muito trabalho para despertar. Semelhante a um marinheiro que vê muito bem o cais aonde amarrar o seu barco, no entanto ainda sacudido pelas vagas, bem que eu pensava olhar a hora e levantar-me, mas meu corpo era, a todo instante, jogado de volta ao sono; a aterrissagem era difícil e, antes de me pôr de pé para alcançar o relógio e comparar sua hora com a que me indicava a riqueza de materiais de que dispunham minhas pernas exaustas, caía ainda duas ou três vezes sobre o travesseiro.

Por fim, enxergava claramente: "duas horas da tarde", tocava a campainha, mas logo recaía num sono que, desta vez, deveria ser infinitamente mais longo, a julgar pelo repouso e pela visão de uma imensa noite ultrapassada que eu encontrava ao despertar. Entretanto, como este era causado pela entrada de Françoise, entrada decorrente do meu toque de campainha, este novo sono, que me parecia ter sido mais longo que o anterior e me trouxera tanto bem-estar e esquecimento, não durara mais que meio minuto. Minha avó abria a porta de meu quarto, e eu lhe fazia algumas perguntas sobre a família Legrandin.

Não é bastante dizer que havia recobrado a calma e a saúde, pois era mais que uma simples distância que os havia separado de mim na véspera; eu lutara a noite inteira contra uma onda contrária e, além disso, não me encontrava apenas junto delas: elas haviam reentrado em mim. Em pontos determinados e ainda um pouco dolorosos da minha cabeça vazia, e que um dia ainda seria quebrada, deixando meus pensamentos escaparem-se para sempre, estes haviam novamente assumido o seu lugar e recuperado essa existência de que, infelizmente, ainda não tinham sabido aproveitar-se.

Uma vez mais eu escapara à impossibilidade de dormir, ao dilúvio, ao naufrágio das crises nervosas. Já não temia de modo algum o que me ameaçava na véspera, à noite, quando estava desprovido de repouso. Uma vida nova se abria diante de mim; sem fazer um só movimento, pois ainda estava moído embora - disposto, gozava o meu cansaço com alegria; ele isolara e rompera os ossos das minhas pernas, dos meus braços, que eu sentia reunidos à minha frente, prontos para se recomporem, e que iria reerguer-me apenas cantando, como o arquiteto da fábula.

De súbito, recordei-me da jovem loura de ar triste que vira em Rivebelle percebia que me olhara por um instante. Durante toda a noite, muitas outras me haviam parecido agradáveis; agora somente ela vinha erguer-se do fundo de minha lembrança. Parecia-me que me havia notado; eu esperava que um dos garçons de Rivebelle viesse me dizer uma palavra de sua parte. Saint-Loup não a

conhecia e achava que era direita. Seria muito difícil vê-la, vê-la constantemente. Mas eu estava disposto a tudo para tanto; só pensava nela. Muitas vezes a filosofia fala de livres e de atos necessários. Talvez não exista um ato mais absolutamente sofrido por nós do que esse que, devido a uma força ascensional comprimida durante a ação e, uma vez estando o nosso pensamento em repouso, faz remontar desse modo até ela uma lembrança até então nivelada às outras pela força opressiva da distração, e lançar-se à frente porque, sem que o soubéssemos, continha, mais linguagem dos outros atos, um encanto que só percebemos 24 horas depois. E talvez também não haja ato mais livre, pois ainda está destituído do hábito, dessa espécie de lembrança mental que, no amor, favorece o renascimento exclusivo da imagem de uma pessoa.

Esse dia era justamente o seguinte àquele em que eu vira desfilar diante do mar o belo cortejo das moças. Sobre elas, interroguei vários hóspedes do hotel que vinham quase todos os anos a Balbec. Não puderam me dar informações. De tarde, um fotógrafo me explicou o motivo. Quem poderia reconhecer agora nelas recém-saídas, mas enfim já saídas de uma idade em que as mudanças são completas, certa massa amorfa e deliciosa, ainda bastante infantil, de meninas - apenas alguns anos antes, podiam ser vistas sentadas em círculo na areia, em tom de uma barraca; espécie de branca e indecisa constelação onde não se distinguiriam dois olhos mais brilhantes que outros, um rosto malicioso, cabelos louros, senão para logo se voltar a perdê-los e confundi-los bem depressa no seio de uma nebulosa láctea e indistinta?

Sem dúvida, naqueles anos ainda bem pouco afastados, não era à vi no grupo, como na véspera em seu primeiro aparecimento diante de mim, mas era ao próprio grupo que faltava nitidez. Então, aquelas crianças muito novinhas estavam ainda nesse grau elementar de formação em que a personalidade não imprimiu um sinal em cada rosto. Como esses organismos primitivos em que o indivíduo que não existe por si mesmo e é antes constituído pelo polipeiro que por cada um dali pólipos que o compõem, elas permaneciam comprimidas umas contra as outras. Às vezes, uma fazia a sua vizinha cair, e então um riso louco, que parecia uma manifestação de sua vida pessoal, agitava-as todas ao mesmo tempo, apagando e confundindo esses rostos indecisos e careteiros na geléia de um só cacho cintilante e trêmulo. Numa fotografia antiga que elas deveriam me dar um dia, e que guardei comigo, seu grupo infantil já apresenta o mesmo número de figurantes que o seu cortejo feminino mais tarde; sente-se ali que já deviam realizar na praia certa mancha singular que forçava todos a olharem para elas, mas ali não se pode reconhecê-las individualmente senão por meio do raciocínio, deixando livre o campo a todas as transformações possíveis durante a juventude, até o limite em que essas formas reconstituídas redundassem numa outra individualidade que também é necessária a identificar e cujo belo rosto, por

causa da concomitância de uma elevada estatura e de cabelos crespos, tem probabilidade de haver sido outrora esse encolhimento de careta mirrada apresentado pelo retrato; e a distância percorrida em pouco tempo pelos caracteres físicos de cada uma daquelas moças fazia deles um critério muito vago e, por outro lado, visto que o que possuíam em comum e, por assim dizer, de coletivo, era desde essa época bastante acentuado, ocorria às vezes às suas melhores amigas confundir uma com outra naquela fotografia, de modo que a dúvida afinal não podia ser inteiramente desfeita senão por um determinado acessório da toalete que uma delas tinha certeza de ter usado, com exclusão das outras. Desde esses dias tão diversos daquele em que eu acabava de vê-las no molhe, tão diversos e no entanto tão próximos, elas ainda se abandonavam ao riso, como eu havia reparado na véspera, mas a um riso que já não era o riso intermitente e quase automático da infância, escape espasmódico que antigamente fazia a todo instante aquelas cabeças darem um mergulho, como os ''bandos de vairões" no Vivonne se dispersavam e desapareciam para se reunirem logo após; suas fisionomias agora se haviam tornado senhoras de si mesmas, os olhos se fixavam nos objetivos que perseguiam; e ontem foram necessários a indecisão e o tremor de minha primeira percepção para confundir indistintamente, como o fizera a antiga hilaridade e a velha fotografia, as espóradas hoje individualizadas e desunidas da pálida madrépora.

Sem dúvida, muitas vezes, à passagem das belas moças, fizera a mim mesmo a promessa de revê-las. De hábito, elas não reapareciam; além disso, a memória, que depressa esquece a sua existência, dificilmente reencontraria os seus vestígios; nossos olhos talvez não as reconheçam, e já veremos passar novas moças que tampouco voltaremos a ver. Mas outras vezes, e assim devia acontecer no caso do pequeno grupo insolente, o acaso as traz com insistência para diante de nós. Este então nos parece belo, pois nele percebemos uma espécie de princípio de organização, de esforço para compor a nossa vida; e nos torna fácil, inevitável às vezes, após interrupções que poderiam fazer crer que deixaríamos de lembrança cruel, a fidelidade das imagens a cuja posse acreditaremos mais tarde ter predestinados, e que, sem ele, poderíamos, logo no começo, esquecer tão fatalmente como tantas outras.

Em breve a licença de Saint-Loup chegou ao fim. Eu não pudera esquecer aquelas moças na praia. Saint-Loup passava muito pouco tempo à tarde em Balbec para poder se ocupar delas e tentar conhecê-las por minha causa. A noite estava mais livre e continuava a me levar com freqüência a Rivebelle. Nesses restaurante como nos jardins públicos ou nos trens, há pessoas fechadas numa aparência comum e cujo nome nos assombra se, tendo-o perguntado por acaso, descemos que são não o inofensivo pobre diabo que supúnhamos, mas nada menor do que ministro ou o duque de quem muitas vezes ouvíramos falar. Já duas

ou três vezes no restaurante de Rivebelle, Saint-Loup e eu tínhamos visto sentar a uma mesa, quando todo mundo começava a retirar-se, um homem de elevada estatura, bastante musculoso, de traços regulares, barba que principiava a embranquecer, mas com olhar sonhador permanecia fixo com determinação no vazio. Uma noite em que perguntamos ao proprietário quem era aquele freguês obscuro, isolado e retardatário:

- Como? Não conhecem o célebre pintor Elstir? - indagou ele.

Swann pronunciara esse nome uma vez diante de mim, e absolutamente eu não me lembrava a propósito de quê; porém a omissão de uma lembrança, como a de um membro da frase numa leitura, beneficia às vezes não a incerteza mas a eclosão de uma certeza prematura. -É um amigo de Swann e um artista muito conhecido, de grande valor. - disse eu a Saint-Loup. E logo passou por nós dois, como um frêmito, a idéia de que Elstir era um grande artista, um homem célebre, e depois que, confundindo-nos com os outros fregueses, não desconfiava da exaltação em que nos lançara a qualidade de seu talento. Sem dúvida, o fato de que ignorava a nossa admiração e de conhecermos Swann não nos teria sido penoso se não estivéssemos igualmente nos banhos de Balbec. Mas, presos numa idade em que o entusiasmo não pode ficar silencioso e contidos numa vida em que o incógnito parece sufocante, escrevemos uma carta assinada com nossos nomes, em que revelávamos a Elstir, nos dois fregueses sentados a alguns passos dele, dois amadores apaixonados pelo seu talento, dois amigos de seu grande amigo Swann, e na qual pedíamos para apresentar nossas homenagens. Um garçom se encarregou de levar essa carta ao homem célebre.

Célebre, Elstir talvez ainda não o fosse naquele tempo tanto quanto e pretendia o proprietário do restaurante, e como, aliás, o foi pouquíssimos anos depois. Mas fora dos primeiros a morar naquele estabelecimento, enquanto esta não passava de uma espécie de granja, e a levar para ali uma colônia de artistas (que, afinal, haviam todos emigrado para outras bandas desde que a granja, em que se comia ao ar livre, debaixo de um simples alpendre, se transformara num centro elegante; o próprio Elstir só voltava naquele momento a Rivebelle por causa de uma ausência da esposa, com quem morava não longe dali). Mas um grande talento, mesmo quando ainda não é reconhecido, provoca necessariamente alguns fenômenos de admiração, e tais que o proprietário da granja fora mesmo levado a distingui-los nas perguntas de mais de uma inglesa de passagem, devido a informações sobre a vida que levava Elstir, ou pelo número de cartas que este recebia do estrangeiro. Então, notara igualmente que Elstir não gostava de ser incomodado enquanto estava trabalhando, que se levantava de noite para levar um pequeno modelo a posar nu à beira-mar, quando brilhava a lua, e dissera consigo que tantas canseiras não eram perdidas, nem injustificada a admiração dos turistas, quando reconhecera num quadro de Elstir uma cruz de madeira que

estava plantada à entrada de Rivebelle.

-É ela, sem tirar nem pôr-repetia estupefato.-Tem os quatro braços! Ah, mas também ele trabalha tanto!

E desconfiava que um pequeno "nascer do sol sobre o mar", que Elstir lhe dera, valesse mesmo uma fortuna. Nós o vimos ler nossa carta, pô-la no bolso, continuar a jantar, começar a pedir seus apetrechos, levantar-se para sair, e estávamos tão certos de tê-lo chocado com nosso pedido, que agora teríamos desejado (tanto quanto o receáramos) partir sem ser percebidos por ele. Nem um só instante pensamos numa coisa que no entanto deveria nos parecer a mais importante, ou seja, que o nosso entusiasmo por Elstir, de cuja sinceridade não teríamos permitido fosse posta em dúvida e de que poderíamos, com efeito, dar como testemunho a nossa respiração entrecortada pela espera, o nosso desejo de fazer qualquer coisa difícil ou heróica pelo grande homem, não era, como imaginávamos, admiração, já que nunca havíamos visto nada de sua autoria; nosso sentimento podia ter por objeto a idéia vazia de "um grande artista" e não uma obra que nos era ignorada. Quando muito, era admiração no vazio, o quadro nervoso, a estrutura sentimental de uma admiração sem conteúdo, isto é, algo tão indissoluvelmente ligado à infância como certos órgãos que não existem mais no homem adulto; ainda éramos crianças. Entretanto, Elstir já ia chegando à porta quando, de repente, deu meia-volta e veio até nós. Sentia-me transportado de um delicioso pavor como não poderia suportar alguns anos mais tarde, pois que, ao mesmo tempo que a idade diminui nossa capacidade, o costume da vida social nos tira toda idéia de provocar tão estranhas oportunidades, de sentir esse tipo de emoções.

Dentre as poucas palavras que Elstir nos disse ao sentar-se à nossa mesa, nunca me respondeu nas várias vezes em que lhe falei de Swann. Comecei a acreditar que não o conhecia. Nem por isso deixou de me pedir que o visitasse no seu ateliê de Balbec, convite que não dirigiu a Saint-Loup, e que fiquei devendo, o que talvez não tivesse ocorrido quanto à recomendação de Swann se Elstir lhe fosse ligado (pois a parte dos sentimentos desinteressados é maior do que se julga na vida dos homens), a algumas palavras que o fizeram imaginar que eu amava artes. Prodigalizou-me uma amabilidade que era tão superior à de Saint-Loup como esta à afabilidade de um pequeno-burguês. Ao lado da de um artista, a amabilidade de um grão-senhor, por mais encantadora que seja, dá a impressão de um desempenho de ator, de uma simulação. Saint-Loup buscava agradar; Elstir gostava de dar, de se doar. Tudo o que possuía, idéias, obras, e o restante, a que atribuía muito menos valor, teria dado com alegria a alguém que o tivesse compreendido. Mas, falta de uma sociedade suportável, vivia no isolamento, com uma selvageria que as pessoas da sociedade denominavam pose e má educação, os poderes públicos; falta de espírito de cooperação, seus vizinhos loucura, e sua

família, egoísmo e orgulho. E, sem dúvida, nos primeiros tempos havia pensado com prazer, mesmo na solidão, que, através de suas obras, dirigia-se à distância, dava uma idéia mais alta de si mesmo àqueles que o tinham desconhecido ou magoado. Talvez então vivesse a sós, não por indiferença mas por amor aos outros e, como eu renunciara a Gilberte para um dia reaparecer a seus olhos sob cores mais amáveis, destinava sua obra a alguns, como um retorno a eles, onde, sem que o revissem, o amariam, o admirariam, falariam dele; uma renúncia nem sempre é total desde o começo, quando nos decidimos por ela com a nossa alma antiga e antes que, em reação; tenha agido sobre nós, quer se trate da renúncia de um enfermo, de um monge, de um artista ou de um herói. Mas, se desejara produzir em função de algumas pessoas, ao produzir vivera para si mesmo, longe da sociedade à qual se tornara indiferente; a prática da solidão lhe conferira o amor a ela, como ocorre com toda grande coisa que no princípio receamos, porque a sabíamos incompatível com as coisas menores a que nos apegávamos e das quais ela menos nos priva do que desliga. Antes de conhecê-la, toda nossa preocupação é de saber em que medida poderemos conciliá-la com certos prazeres que deixam de sê-lo desde que a conheçamos.

Elstir não ficou muito tempo conversando conosco. Eu me prometia ir a seu ateliê nos dois ou três dias seguintes, mas, no dia seguinte àquela noite, como tivesse acompanhado minha avó até a extremidade do molhe, na direção das falésias de Canapville, na volta, à esquina de uma das ruelas que desembocam, perpendicularmente, na praia, cruzamos com uma jovem que, de cabeça baixa como um animal que fizessem a contragosto entrar no estábulo, e segurando tacos de golfe, caminhava adiante de uma pessoa autoritária, provavelmente a sua "inglesá', ou aquela de suas amigas que se parecia com o retrato de Jeffries por Hogarth, ou vermelho como se sua bebida predileta fosse o gim em vez do chá, e prolongada em pontas torcidas e cheias de tabaco um bigode grisalho porém espesso. A menina que a precedia parecia-se com a do pequeno grupo que, sob um boné, mostrava olhos risonhos num rosto imóvel e gorducho. Ora, essa que retornava naquele momento tinha também um boné preto, mas me pareceu ainda mais bonita que a outra, a linha de seu nariz era mais reta e na base a asa era maior e mais carnuda.

Depois, a outra me aparecera como uma orgulhosa moça pálida, e esta como uma criança submissa e de pele rosada. No entanto, como empurrava uma bicicleta semelhante e usasse as mesmas luvas de rena, concluí que as diferenças deviam-se talvez à maneira como eu estava colocado e às circunstâncias, pois era pouco provável que houvesse em Balbec uma outra moça de rosto apesar de tudo tão semelhante e que, no seu vestido singular, reunisse as mesmas particularidades. Ela lançou um rápido olhar na minha direção; nos dias seguintes, quando revi o pequeno grupo na praia, e até mais tarde, quando

conheci todas as moças que o formavam, nunca tive certeza absoluta que alguma delas, mesmo aquela que, de todas, mais se lhe parecia a moça de bicicleta - fosse exatamente aquela que eu vira nessa noite no extremo da praia, na esquina da rua, moça que não era muito, mas afinal era um pouco, diversa da que eu observara no cortejo.

A partir daquela tarde, eu, que nos dias anteriores havia pensado principalmente na maior delas, foi a dos tacos de golfe, presumível Srta. Simonet, que recomeçou a me preocupar. No meio das outras, ela muitas vezes parava, forçando as amigas, que pareciam respeitá-la muito, a também interromper a caminhada. É assim, fazendo alto, os olhos brilhantes sob o seu boné preto, que a revejo ainda agora, silhuetada contra a tela que o mar lhe faz, ao fundo, e separada de mim por um espaço transparente e azulado - o tempo transcorrido desde então-, primeira imagem, bem pequenina na minha memória, desejada, perseguida, depois esquecida, depois reencontrada, de um rosto que desde então com freqüência projetei no passado para poder dizer comigo acerca de uma moça que estava em meu quarto:

"É ela!"

Porém, era talvez ainda a de pele de gerânio e olhos verdes a que mais desejaria conhecer. Aliás, fosse qual fosse a que preferia avistar num determinado dia, as outras, sem ela, bastavam para excitar-me; meu desejo, mesmo se inclinando ora por uma, ora por outra, continuava - como a minha visão confusa do primeiro dia a reuni-las, a fazer delas o pequeno mundo à parte, animado de uma vida comum, que de resto elas sem dúvida tinham a pretensão de constituir; tornando-me amigo de uma delas, teria penetrado como um pagão requintado ou um cristão escrupuloso entre os bárbaros em uma sociedade rejuvenescedora onde reinavam a saúde, a inconsciência, a volúpia, a crueldade, a falta de intelectualidade e a alegria.

Minha avó, a quem havia contado minha conversa com Elstir e que se alegrava com todo lucro intelectual que eu pudesse extrair de sua amizade, achava absurdo e pouco amável que eu ainda não tivesse ido lhe fazer uma visita. Mas eu só pensava no pequeno grupo e, incerto quanto à hora em que as moças passariam pelo molhe, não ousava afastar-me. Minha avó também se espantava com a minha elegância, pois eu me lembrara de repente de roupas que até então deixara no fundo da mala. Todo dia punha uma roupa diferente e chegara a escrever a Paris para que me enviassem novos chapéus e gravatas. É um grande encanto que se acrescenta à vida numa estância balneária como Balbec, que o rosto de uma linda moça, uma vendedora de conchinhas, de doces, ou de flores, pintada em cores vivas no nosso pensamento, seja diariamente para nós, desde a manhã, a finalidade de cada um desses dias ociosos e brilhante á que a gente passa na praia. São então, e por isso mesmo, embora desocupados-alertas como

dias de trabalho, espicaçados, imantados, levemente tendentes a um momento próximo, aquele em que, sempre comprando sablés, rosas, amonitàs nos deleitaremos em ver, num rosto feminino, as cores expostas tão puramente como numa flor. Mas pelo menos pode-se primeiro falar com essas pequena vendedoras, o que evita construir com a imaginação as outras facetas diversas que nos fornece a simples percepção visual, e recriar-lhes a vida, exagerar o seu encanto, como diante de um retrato; principalmente, justo porque lhes falamos; podemos ficar sabendo onde e a que horas voltara encontrá-las. Ora, não acontecia absolutamente o mesmo comigo no que se referia às moças do pequeno grupo; visto que seus hábitos me eram desconhecidos, quando não as via em certos dias ignorando o motivo de sua ausência, procurava descobrir se se tratava de algo fixo, se só eram vistas de dois em dois dias, ou quando fazia determinado tempo, ou se havia dias em que nunca apareciam. Imaginava-me previamente amigo dela dizendo-lhes:

"Mas não estavam aqui em tal dia? -Ah, sim, é porque era sábados nós nunca vimos no sábado porque..."

Ainda se fosse tão simples saber que no triste sábado era inútil insistir, que se poderia percorrer a praia em todos os sentidos, sentar-se à frente da confeitaria, fingir comer um doce, entrar na loja de curiosidades, esperar a hora de tomar banho, de ir ao concerto, a chegada da maré, sentir o pôr-do-sol, a noite, sem ver o pequeno grupo desejado. Mas o dia fatal talvez não voltasse uma vez por semana. Pode ser que não caísse forçosamente num sábado. Talvez certas condições atmosféricas influíssem nele, ou talvez lhe fossem inteiramente alheias. Quantas observações pacientes, mas não tranqüilas, é necessário recolher sobre os movimentos aparentemente irregulares desses mundos desconhecidos antes que possamos estar seguros que não nos deixamos levar por coincidências, que nossas previsões não serão traídas, antes de deduzirmos as leis corretas, adquiridas ao custo de cruéis experiências, dessa astronomia apaixonado. Lembrando-me que não as vira no mesmo dia da semana que hoje, dizia comigo que elas não viriam, que era inútil ficar na praia. E justamente as avistava. Era a compensação, um dia que, assim como pudera supor que havia leis regulando retorno dessas constelações, calculara ser um dia nefasto, elas não apareciam. Mesmo essa primeira incerteza, se as veria ou não no mesmo dia, vinha acrescentar-se outra, mais grave, a de que jamais voltasse a vê-las, pois afinal ignorava se deveriam partir para a América ou voltar a Paris. Isto era suficiente para me fazer com que arriá-las. Podemos ter inclinação por uma pessoa. Mas, para desencadear essa tristeza, esse sentimento do irreparável, essas angústias que preparam o amor, é necessário-e é talvez isto, e não uma pessoa, o próprio objeto que a paixão deseja ansiosamente estreitar o risco de uma impossibilidade. Assim já iam atuando essas influências que se repetem no

decurso de amores sucessivos (podendo, aliás, se produzir, mas então de preferência na vida das grandes cidades, a respeito de operárias das quais não sabemos o dia de folga e nos assustamos ao não vê-las à saída do trabalho), ou, pelo menos, que se renovaram no transcurso dos meus. Talvez sejam inseparáveis do amor; talvez tudo o que formou uma particularidade do primeiro venha ajuntar-se aos seguintes por lembrança, sugestão, hábito e, através dos períodos sucessivos de nossa vida, dar a seus diferentes aspectos um caráter geral.

Eu usava de todos os pretextos para ir à praia às horas em que esperava poder encontrá-las. Tendo-as avistado uma vez durante o nosso almoço, só chegava atrasado à mesa, esperando indefinidamente no molhe que elas passassem; ficando o pouco de tempo em que estava sentado na sala de jantar a interrogar com os olhos o azul da vidraça; levantando-me bem antes da sobremesa para não perdê-las, caso estivessem passeando em outra hora e irritando-me com minha avó, inconscientemente má, quando ela me fazia ficar em sua companhia além da hora que me parecia favorável. Tentava prolongar o horizonte, colocando transversalmente a minha cadeira; se por acaso avistava qualquer uma das moças, como participavam todas da mesma essência especial, era como se tivesse visto, projetado à minha frente numa alucinação diabólica e móvel, um pouco do sonho inimigo e, no entanto, passionalmente cobiçado que ainda um momento antes só existia em meu cérebro, aliás ali estagnando de modo permanente.

Não amava a nenhuma delas, amando-as todas; entretanto, o seu possível encontro era, para os meus dias, o único elemento delicioso, e sozinho fazia nascer em mim essas esperanças onde se dobrariam todos os obstáculos, esperanças muitas vezes seguidas de raiva, quando não as via. Neste momento, essas moças eclipsavam a minha avó; uma viagem teria me sorrido se fosse para ir a um lugar onde elas se achassem. Era a elas que meu pensamento agradavelmente se prendia quando julgava pensar em outra coisa, ou em nada. Mas, quando pensava nelas, mesmo sem o saber, mais inconscientemente ainda, dava-se que eram, para mim, as ondulações montanhosas e azuis do mar, o perfil de um desfiladeiro em frente ao mar. Era o mar o que eu esperava encontrar, se fosse a uma cidade onde elas estivessem. O amor mais exclusivo por uma pessoa é sempre o amor de outra coisa.

Porque agora eu me interessava demais pelo golfe e pelo tênis, deixando fugir a ocasião de ver trabalhar e ouvir falar um artista que ela sabia ser dos maiores, minha avó me testemunhava um desprezo que me parecia provir de uma visão um pouco estreita das coisas. Antigamente eu havia entrevisto nos Champs-Élysées melhor o verificaria desde então, que, ao nos apaixonarmos por uma mulher, simplesmente projetamos nela um estado de nossa alma; que, por

conseguinte importante não é o valor da mulher mas a profundeza desse estado; e que as emoções que uma moça medíocre nos proporciona podem fazer com que subam à consciência as partes mais íntimas de nós mesmos, as mais pessoais, mais longínquas, mais essenciais, o que não faria o prazer que nos dá a convergição de um homem superior ou até a contemplação admirativa de suas obras.

Acabei por obedecer à minha avó, com tanto mais aborrecimento já que Elstir morava muito longe do molhe, numa das mais novas avenidas de Balbec. O calor do dia obrigou-me a pegar o bonde que passava pela Rua da Praia, e me esforcei para pensar que estava no antigo reino dos cimérios, talvez na terra dominadas por Marcos ou no lugar em que houve a floresta da Brocelianda, em não olhar só luxo grosseiro das construções que se desenvolviam à minha frente e entre as quais vivenda de Elstir era talvez a mais suntuosamente feia, e apesar disso alugada por ele porque, de todas as que existiam em Balbec, era a única que poderia lhe oferecer um amplo ateliê. Foi assim, desviando os olhos, que atravessei o jardim, que tinha relvado-como uma miniatura de qualquer residência burguesa nas vizinhanças de Paris-, uma pequena estatueta de galante jardineiro, bolas de vidro onde a gente se olhava, cercaduras de begônias e um pequeno caramanchão sob o qual alongavam-se cadeiras de balanço diante de uma mesa de ferro. Mas, depois de todos esses sinais de feiúra citadina, não mais prestei atenção às molduras cor de chocolate dos plintos quando estava no ateliê; senti-me absolutamente feliz, por todos os estudos que me rodeavam, imaginava a possibilidade de me darem um conhecimento poético, fecundo em alegrias, de muitas formas que até então não havia isolado do espetáculo geral da realidade. E o ateliê de Elstir me surgiu como um laboratório de uma espécie de nova criação do mundo, onde, do caos que são todas as coisas que vemos, ele havia tirado, pintando-os sobre vários retângulos de tela que estavam colocados em todos os sentidos, aqui uma onda do mar arrebentando colérica de encontro à areia com sua espuma lilás, ali um jovem de terno de brim branco, apoiado no convés de um barco. O casaco do jovem e a onda espumejante tinha adquirido uma dignidade nova pelo fato de que continuava a existir, ainda que desprovidos daquilo que aparentemente os constituía, visto onda já não podia molhar, nem o casaco vestir pessoa alguma.

No momento em que entrei, o criador estava a ponto de terminar, com pincel que tinha na mão, a forma do sol poente. Os estores se achavam descidos de quase todos os lados, o ateliê era bem refrescado e obscuro, salvo num ponto em que a claridade do dia colava à parede sua decoração deslumbrante e efêmera. Só estava aberta uma pequena janela retangular enquadrada de madressilvas que, depois de um pedaço do jardim, dava para uma avenida; de modo que a atmosfera da maior parte do ateliê estava sombria, transparente e compacta na

sua massa, mais úmida e brilhante nas fraturas onde a luz lhe colocava engastes, como um bloco de cristal de rocha, uma de cujas faces, já talhada e polida, aqui e ali, reluz e se irisa como um espelho. Enquanto Elstir, a meu pedido, continuava a pintar, eu circulava por esse claro-escuro, parando diante de um quadro e depois diante de outro. A maioria dos que me rodeavam não eram dos que mais desejaria ver de Elstir; eram pinturas pertencentes às suas duas primeiras formas, como dizia uma revista inglesa de arte atirada na mesa do salão do Grande Hotel, a maneira mitológica e aquela em que ele sofrera a influência do Japão, ambas admiravelmente representadas, segundo se dizia, na coleção da Sra. de Guermantes. Naturalmente, o que havia no seu ateliê eram só marinhas pintadas aqui em Balbec. Mas eu podia distinguir que o encanto de cada uma delas consistia numa espécie de metamorfose das coisas representadas, fenômeno análogo ao que em poesia se denomina metáfora e que, se Deus Pai havia criado as coisas nomeando-as, era tirando-lhes os nomes ou dando-lhes outros que Elstir as recriava. Os nomes que designam as coisas correspondem sempre a uma noção da inteligência, estranha às nossas impressões verdadeiras e que nos obriga a eliminar delas tudo o que não se refira a essa noção.

Às vezes, da minha janela, no hotel de Balbec, de manhã, quando Françoise abria as cortinas que ocultavam a luz de tarde, quando eu esperava o momento de partir com Saint-Loup, ocorrera-me, graças a um efeito de sol, tomar uma parte mais sombria do mar por uma costa afastada, ou olhar com alegria uma região azul e fluida sem saber se pertencia ao céu ou ao mar. Bem depressa a minha inteligência restabelecia, entre os elementos, a separação que minha impressão abolira. Era assim que me acontecia em Paris, no meu quarto, ouvir uma discussão, quase um motim, até que tivesse transferido à sua causa, por exemplo um carro cujo rodar se aproximava, esse barulho do qual então eliminava essas vociferações agudas e discordantes que meu ouvido de fato percebera, mas que minha inteligência sabia que as rodas não produzem. Mas os raros momentos em que se vê a natureza tal como é, poeticamente, era desses momentos que se compunha a obra de Elstir. Uma de suas metáforas mais freqüentes nas marinhas que tinha ali naquele momento era justamente aquela que, comparando a terra ao mar, suprimia toda demarcação entre eles. Era esta comparação, tácita e infatigavelmente repetida numa mesma tela, que aí introduzia essa unidade poderosa e multiforme, causa, às vezes não percebida claramente por eles, do entusiasmo que excitava em certos amadores a pintura de Elstir.

Era, por exemplo, para uma metáfora deste gênero num quadro que retratava o porto de Carquethuit, quadro que terminara há poucos dias e que contemplei longamente que Elstir preparara o espírito do espectador, só utilizava para o lugarejo termos marinhos, e vocábulos urbanos para o mar. Fosse porque casas escondessem uma parte do porto ou uma doca de calafetagem ou talvez o

próprio mar, abrindo-se em golfo nas terras como acontecia constantemente na região de Balbec, do outro lado da ponte avançada onde se erguia a cidadezinha com telhados que eram ultrapassados (como se o fossem por chaminés ou acompanhados por mastros, os quais pareciam fazer, dos barcos a que pertenciam, algo construído em terra, impressão que era aumentada por outros barcos, afundados ao longo do cais, mas em fileiras tão apertadas que os homens ali corseavam de um para o outro sem que se pudesse distinguir sua separação e o interstício da água, e assim, aquela flotilha de pesqueiros dava menos idéia de pertencer ao mar que, por exemplo, as igrejas de Criquebec, as quais, ao longe, cercadas por todos os lados, por serem vistas sem a cidade, numa pulverização de sol; casas vagas, pareciam sair do mar, feitas de espuma ou de alabastro e, fechadas na ode um arco-íris fruta-cor, formar um quadro místico e irreal. No primeiro plano da praia, o pintor soubera acostumar os olhos a não reconhecerem fronteiras: - demarcações absolutas, entre a terra e o oceano. Homens que empurravam barcaça para o mar corriam tanto nas ondas como sobre a areia, que, molhada, já refletiam cascos como se fosse água. O próprio mar não subia com regularidade, mas seguia os acidentes da costa, que a perspectiva ainda mais recortava, de maneira que um navio em alto-mar, meio oculto pelas obras avançadas do arsenal, parecia vagar no meio da cidade; mulheres que apanhavam mariscos nas rochas pareciam, pontos por se verem cercadas de água e devido à depressão que, após a barreira circular das rochas, abaixava o nível da praia (dos dois lados mais próximos das terras) o mar, estar numa gruta marinha coberta de barcos e ondas, aberta e protegida no meio das vagas miraculosamente afastadas. Se o quadro todo proporcionava - impressão de portos onde o mar entra terra a dentro, onde a terra já é marinha população anfíbia, a força do elemento marinho surgia de todas as partes; e - dos rochedos, à entrada do molhe, onde o mar estava agitado, sentia-se os esforços dos marinheiros e pela obliqüidade dos barcos inclinados em agudo diante da tranqüila verticalidade do entreposto, da igreja e das casas do lugar, aonde uns voltavam, de onde outros saíam para a pesca, que trotavam somente n'água como sobre um animal fogoso e veloz, cujos sobressaltos, na sua habilidade, os teriam jogado em terra. Um grupo saía alegremente a num barco sacolejante como uma carriola; um marinheiro alegre, mas atento, governava-o como se estivesse com rédeas, dirigindo a vela fogosa; um se mantinha bem no seu lugar para não fazer peso demais de um lado e virar; e assim corriam pelos campos ensolarados, nos locais despenhando-se pelas ladeiras. Era uma bela manhã apesar da tempestade que ocorrera. E até sentiam-se ainda as ações potentes que tinham neutralizá-las pelo equilíbrio dos barcos imóveis, desfrutando do sol e do frescor, nas partes em que o mar estava tão calmo que os reflexos quase mostravam mais solidez e realidade que os cascos vaporizados por um efeito de sol, e que a perspectiva confundia uns com os outros. Ou antes, não se deveria

dizer outras partes do mar. Pois entre essas partes havia tanta diferença como entre uma delas e a igreja que saía das águas, e os barcos por detrás da cidadezinha. A inteligência fazia a seguir um só elemento daquilo que era, aqui negro devido à tempestade, mais longe de uma cor única com o céu e tão lustroso como ele, e acolá tão branco de sol, de névoa e de espuma, tão compacto, tão terreno, tão circundado de casas, que se poderia pensar num calçamento de pedras ou num campo de neve, sobre o qual a gente se assombrava ao ver um navio erguer-se em subida vertical, e a seco, como um carro a resfolegar ao sair de um vau, mas que, após um momento, vendo barcos vacilantes sobre a extensão alta e desigual do platô sólido, se compreendia ser ainda o mar, idêntico em todos esses aspectos diferentes.

Ainda que se diga, com razão, que não há progresso nem descobertas na arte, mas unicamente nas ciências, e que cada artista recomeçando por conta própria um esforço individual não pode ser ajudado nem estorvado pelos esforços alheios, é preciso no entanto reconhecer que, na medida em que a arte põe em relevo certas leis, uma vez que uma indústria as vulgarizou, a arte anterior perde, retrospectivamente, um pouco de sua originalidade. Desde os tempos em que Elstir se iniciou na pintura, temos conhecido o que se denomina "admiráveis" fotografias de paisagens e cidades. Se procuramos precisar o que os amadores designam nesse caso por este epíteto, veremos que ele se aplica em geral a uma imagem singular de coisa conhecida, imagem diversa das que temos o costume de ver, singular e entretanto verdadeira, e que por esse motivo é para nós duplamente surpreendente porque nos assombra, faz que saiamos de nossos hábitos e, ao mesmo tempo, faz-nos entrar em nós mesmos ao nos recordar uma impressão. Por exemplo, determinada dessas fotografias "magníficas" ilustrará uma lei da perspectiva, nos mostrará uma certa catedral que temos o costume de ver em plena cidade, pregada, ao contrário, de um ponto escolhido de onde dará a impressão de ser trinta vezes mais alta que as casas e formando quebra-mar à beira do rio do qual na verdade está bem distante. Ora, os esforços de Elstir para não expor as coisas tais como sabia que eram, mas segundo essas ilusões de ótica de

que a nossa primeira vista é composta, o haviam conduzido precisamente a realçar algumas destas leis de perspectiva, então mais espantosas, pois a arte era a primeira a revelá-las. Um rio, devido à sinuosidade de seu curso, um golfo, por causa da aparente proximidade dos barrancos, tinham o aspecto de escavar, no meio da planície ou das montanhas, um lago absolutamente fechado de todos os lados. Num quadro feito em Balbec durante um tórrido dia de verão, uma reentrância do mar parecia, encerrada em paredes de granito cor-de-rosa, não ser o mar, o qual principiava mais ao longe. A continuidade do oceano só era sugerida pelas gaivotas que, revoluteando sobre o que ao espectador parecia

pedra, ao contrário aspiravam a umidade da onda. Outras leis se desprendiam da mesma tela como, no sopé das imensas falésias, a graça liliputiana das velas brancas sobre o espelho azul onde elas pareciam borboletas adormecidas, e certos contrastes entre a profundeza das sombras e o calor da luz. Estes jogos de sombra, também banalizados pela fotografia, haviam despertado o interesse de Elstir, a tal ponto que antigamente ele sé comprazera em pintar verdadeiras miragens, onde um castelo ornado de uma torre surgia como um castelo inteiramente circular, prolongado no alto por uma torre-e embaixo, por uma torre invertida, ou porque a pureza extraordinária de um bom tempo desse à sombra que se refletia na água a dureza e o brilho da pedra, ou porque as brumas da manhã fizessem a pedra tão vaporosa como a sombra. Da mesma forma, para lá do mar, atrás de uma fila de árvores, um outro mar principiava, rosado pelo pôr-do-sol, e que era o céu. A luz, como que inventando novos sólidos, impelia o casco do barco onde incidia, em detrimento da parte que permanecia na sombra, e arrumava, como se fossem degraus de uma escadaria de cristal a superfície, materialmente plana, mas partida pela iluminação do mar da manhã. Um rio que corre por sob as pontes de uma cidade fora apanhado de um tal ponto de vista que parecia totalmente deslocado, aqui desdobrando-se num lago, adelgaçando-se ali num filete de água, mais adiante interrompido pela interposição, de uma colina coroada de árvores, onde à noitinha a gente da cidade vai espairecer e o próprio ritmo dessa cidade transtornada só era assegurado pela vertical inflexível dos campanários que não subiam, ou antes, conforme o peso do fio de prumo marcando a cadência como numa marcha triunfal, pareciam conter em suspenso, acima deles toda a massa mais confusa das casas sobrepostas na névoa, ao longo do rio esmagado e desfeito.

E (como as primeiras obras de Elstir datavam da época em que se enfeitavam as paisagens com a presença de um personagem), sobre falésia ou na montanha, a estrada, essa porção meio humana da natureza, sofrida como o rio ou o oceano, os eclipses da perspectiva. E, se uma aresta montanhosa, ou a bruma de uma cascata, ou o mar impedissem a continuidade do caminho visível para o passeante mas não para nós, o minúsculo personagem humano, com roupa fora de moda, perdido naquelas solidões, parecia muitas vezes estar diante de um abismo, ali terminando a trilha que seguia, ao passo que, treze - metros acima, naqueles bosques de pinheiros, víamos emocionados e de coração tranqüilizado reaparecer a delgada brancura da areia hospitaleira aos passos de viajante, daquela estrada cujas curvas intermediárias, que contornavam a casca ou o golfo, nos tinham sido ocultas pela vertente da montanha.

O esforço que Elstir fazia para, em presença da realidade, se despojar de todas as noções da inteligência era tanto mais admirável porque este homem antes de pintar se fazia ignorante, esquecia tudo por probidade, pois a que sabemos não é

da gente-era dotado de uma inteligência excepcionalmente cultivada. Como lhe confessasse a decepção que sentira diante da igreja de Balbec:

- Como disse-me, ficou decepcionado com aquele pórtico? Mas é a mais linda Bíblia historiada que o povo já pôde ler. Aquela Virgem e todos os baixos-relevos que contam a sua vida são a expressão mais terna, mais inspirada desse longo poema de adoração e louvores que a Idade Média foi desenvolvendo à glória da Madona. Se soubessem, ao lado da exatidão mais minuciosa em traduzir o texto santo, quantos achados de delicadeza teve o velho escultor, quantos pensamentos profundos, quanta poesia deliciosa!

A idéia daquele grande véu no qual os anjos levam o corpo da Virgem, sagrado demais para que ousem tocá-lo diretamente (disse-lhe que o mesmo assunto era tratado na igreja de Saint-André-des-Champs; ele havia visto fotografias do pórtico desta última igreja, mas me fez notar que o empenho desses pequenos camponeses que rodeiam ao mesmo tempo a Virgem era coisa diversa da gravidade dos dois grandes anjos quase italianos, tão esguios e benignos, da igreja de Balbec); o anjo que conduz a alma da Virgem para reuni-la a seu corpo; no encontro da Virgem com Santa Isabel, o gesto desta última que toca o seio de Maria e se maravilha ao senti-lo cheio; e o braço esticado da parteira que não queria crer, sem tocar, na Imaculada Conceição; e o cinto lançado pela Virgem a São Tomás para lhe dar uma prova de sua ressurreição; e também esse véu que a Virgem arranca do seio para cobrir a nudez do filho de um lado em que a Igreja recolhe o sangue, o licor da Eucaristia, enquanto, do outro, a Sinagoga, cujo reinado é findo, tem os olhos vendados, segura um cetro partido ao meio e deixa escapar, com a coroa que lhe cai da cabeça, as tábuas da antiga Lei; e o marido que, na hora do Juízo Final, ajudando a jovem esposa a sair do túmulo, lhe apóia a mão contra seu próprio coração para sossegá-la e lhe provar que combate de verdade, será que isso é uma idéia tola ou um lugar-comum? E o anjo que leva o sol e a lua, tornados inúteis, visto que está dito que a Luz do Cruzeiro será sete vezes mais intensa que a dos astros; e aquele que mergulha a mão na água do banho de Jesus para ver se está bem quente; e aquele que sai das nuvens para pousar sua coroa na fronte da virgem; e todos os que, debruçados do alto dos céus entre os balaustres da Jerusalém celeste, erguem os braços de pavor e alegria diante dos suplícios dos malvados e da ventura dos eleitos! Pois são todos os círculos do céu, todo um gigantesco poema teológico e simbólico que o senhor tem ali. É louco, é divino, é mil vezes superior a tudo aquilo que verá na Itália, onde aliás esse tímpano foi literalmente copiado por escultores de muito menor talento. Porque, compreenda, é tudo uma questão de talento. Não houve época em que todo mundo tivesse talento, isso é pura conversa... Seria mais forte que a Idade de Ouro. O sujeito que esculpiu aquela fachada, acredite que era tão forte e tinha idéias tão profundas como as pessoas de hoje a quem o senhor mais

admira. Eu lhe mostraria tudo isso, caso fôssemos lá juntos. Há certas palavras do ofício da Assunção que foram traduzidas com uma sutileza que um Odilon Redon não igualou.

Essa ampla visão celestial de que ele me falava, esse gigantesco poeta teológico que eu compreendia ter sido escrito ali, não foi isso, no entanto, que meus olhos cheios de desejos viram, ao abrirem-se diante daquela fachada. Eu lhe falava daquelas grandes estátuas de santos que, erguidas em muletas, formavas uma espécie de avenida.

- Ela parte do fundo das idades para dar em Jesus Cristo - disse-me Elstir, - São, por um lado, seus ancestrais segundo o espírito; por outro, os reis dos Judeus, seus ancestrais segundo a carne. Todos os séculos estão ali. E, se o senhor tivesse olhado melhor o que lhe pareceu serem muletas, teria podido denominar os que se achavam erguidos. Pois, sob os pés de Moisés, teria percebido o bezerro de ouro; sob os pés de Abraão o carneiro, sob os de José o demônio aconselhando a mulher de Putifar.

Disse-lhe também que esperara encontrar um monumento quase persa que isto fora sem dúvida uma das causas de minha decepção.

- Mas há muito de verdade nisso-respondeu ele.-Certas partes são visivelmente orientais; um capitel reproduz tão exatamente um tema persa que a persistência das tradições orientais não basta para explica-la. O escultor deve ter copiado algum cofre trazido pelos navegadores.

E de fato, ele deveria mais tarde me mostrar a fotografia de um capitel onde vi dragões meio chineses que se devoravam, mas em Balbec esse detalhe de escultura me passara despercebido no conjunto do monumento, que em nada se assemelhava ao que me haviam indicado estas palavras: "igreja persa".

As alegrias intelectuais que desfrutei nesse ateliê não me impediram de forma alguma de sentir, embora nos envolvessem e contra a vontade nossa, as mornas transparências, a penumbra cintilante da peça, e, ao fundo da pequena janela enquadrada de madressilvas, na avenida bem rústica, a resistente secura da terra queimada de sol, velada exclusivamente pela transparência da distância e a sombra das árvores. Talvez o inconsciente bem-estar que me causava aquele dia, o verão viesse aumentar, como um afluente, a alegria provocada pela vista do "Por de Carquethuit".

Julgara Elstir modesto, mas percebi que me enganara ao ver seu rosto Somatizar de tristeza quando, numa frase de agradecimento, pronunciei a palavra glória. Aqueles que crêem duráveis as suas obras e era esse o caso de Elstir, adquirem o hábito de situa-las numa época em que eles mesmos não serão mais que pó. E assim, obrigando-os a refletir a cerca do nada, a idéia da glória os entristece porque é inseparável da idéia da morte. Mudei de assunto para dissipar e nuvem

de altiva melancolia com que eu, sem querer, velara a fronte de Elstir. Tinha me aconselhado -disse-lhe eu, pensando na conversa que tivéramos Legrandin em Combray e sobre a qual gostaria de ter a opinião de Elstir- que fosse à Bretanha, porque seria maléfico para um espírito já inclinado ao sonho.

- Que nada! - respondeu ele. - Quando um espírito já é inclinado ao sonho, não se deve mantê-lo afastado dele, raciona-lo. Enquanto o senhor desviar o espírito dos sonhos, não saberá nada sobre eles; o senhor será o joguete de mil aparências porque não terá compreendido a sua natureza. Se um pouco de sonho é perigoso, o que há de cura-lo não será menos sonho e sim mais sonho, todo o sonho. É importante conhecer inteiramente os próprios sonhos para não mais sofrer com eles; há uma certa separação entre o sonho e a vida, tão freqüentemente útil de se fazer que me pergunto se não se deveria, haja o que houver, pratica-la preventivamente, como certos cirurgiões dizem que é necessário extirpar o apêndice de todas as crianças para evitar a possibilidade de uma futura apendicite.

Elstir e eu tínhamos ido até o fundo do ateliê, diante da janela que dava, atrás do jardim, para uma estreita avenida transversal, quase um caminho rústico. Chegáramos até ali para respirar o ar fresco da tarde mais adiantada. Julgava-me bem distante das moças do pequeno grupo e, sacrificando de vez a esperança de vê-las, é que eu acabara por ceder aos rogos de minha avó e fora ver Elstir. Pois nunca se sabe onde está o que procuramos, e muitas vezes evitamos durante um longo período o lugar para o qual, por outros motivos, todos nos convidam. Mas não suspeitamos que ali veríamos justamente a criatura em que pensamos. Eu olhava de maneira vaga o caminho campestre que, exterior ao ateliê, passava bem junto dele mas não pertencia a Elstir. De súbito, apareceu ali, a passos rápidos, a jovem ciclista do pequeno grupo com a boina abaixada, sobre os cabelos pretos, para suas faces rechonchudas, seus olhos alegres e um pouco insistentes; e naquela senda afortunada, milagrosamente repleta de suaves promessas, eu a vi, debaixo das árvores, lançara Elstir um cumprimento sorridente de amiga, arco-íris que uniu, para mim, o nosso mundo terreno a regiões que até então julgara inacessíveis. Ela até se aproximou para estender a mão ao pintor, sem parar, e vi que tinha um sinalzinho no queixo.

- Conhece esta moça? - perguntei a Elstir, compreendendo que ele me poderia apresenta-la, convida-la para entrar. E aquele ateliê tranqüilo, com seu horizonte rural, encheu-se de um delicioso acréscimo como ocorre com uma casa onde uma criança já brinca muito e onde além disso, fica sabendo que, pela generosidade que as belas coisas e as nobres pessoas têm em aumentar indefinidamente os seus dons, está sendo preparado para ela um magnífico lanche. Elstir me disse que ela se chamava Albertine Simonet e deu-me também o nome de suas outras amigas, que lhe descrevi com exatidão suficiente para que

ele não hesitasse. Eu cometera um erro no que tangia à sua posição social, mas não no mesmo sentido que de hábito em Balbec. Ali eu tomava facilmente por príncipes os filhos de donos de lojas que andavam a cavalo. Desta vez, situara num ambiente suspeito moças de uma pequena burguesia muito rica, do mundo industrial e dos negócios. Era o que, antes de tudo, menos me interessava, pois não tinha para mim o mistério nem do povo nem de uma sociedade como a dos Guermantes. E sem dúvida, se o brilhante vazio da vida de praia não lhes houvesse conferido um prestígio prévio a meus olhos deslumbrados, prestígio que não mais perderiam, talvez eu não chegasse a lutar vitoriosamente contra a idéia de que eram filhas de fortes negociantes. Pude apenas admirar como a burguesia francesa era um esplêndido ateliê da mais variada escultura. Quantos tipos imprevistos, quanta invenção nos caracteres das fisionomias, quanta decisão, quanto frescor, quanta simplicidade nos traços!

Os velhos burgueses avaros de onde haviam brotado essas Dianas e ninfas me pareciam os maiores estatuários. Antes que tivesse tido tempo de me aperceber da metamorfose social dessas jovens, e de tal forma essas descobertas de um engano, essas modificações da noção que se tem de uma pessoa possuem a instantaneidade de uma reação química, já se instalara, por trás da aparência de um gênero tão vulgar daquelas moças que eu pensara serem amantes de ciclistas ou de campeões de boxe, a idéia de que elas podiam muito bem estar ligadas à família de algum tabelião nosso conhecido.

Não sabia absolutamente quem era Albertine Simonet. Ela decerto ignorava o que devia ser um dia para mim. Mesmo esse nome de Simonet, que eu já ouvira na praia, se me houvessem pedido que o escrevesse, tê-lo-ia grafado com dois *nn*, sem saber da importância que aquela família dava a só possuir um. À medida que se desce na escala social, o esnobismo se apega a ninharias que talvez não sejam mais nulas que as distinções da aristocracia, mas que, devido a serem mais obscuras, mais próprias a cada um, surpreendem em maior grau. Talvez tivesse havido Simonnets que se envolvessem em maus negócios, ou coisa ainda pior. O fato é que os Simonets, ao que parecia, sempre se irritavam, como diante de uma calúnia, quando lhes duplicavam o-n. Davam a impressão de serem os únicos Simonet com um ene em vez de dois, e punham nisso talvez tanto orgulho como os Montmorency de serem os primeiros barões da França.

Perguntei a Elstir se essas moças moravam em Balbec, e ele me respondeu que sim quanto a algumas delas. A casa de uma delas estava situada precisamente no extremo da praia, no ponto em que começavam as falésias de Canapville. Como era essa uma grande amiga de Albertine Simonet, mais uma razão havia para que eu acreditasse que fora mesmo esta última a que eu encontrara quando estava com minha avó. Por certo havia tantas ruazinhas perpendiculares à praia e formando com ela um ângulo semelhante, que eu não poderia especificar

exatamente de qual se tratava. A gente gostaria de ter uma lembrança precisa, mas no exato momento a visão estivera perturbada.

No entanto, que Albertine e aquela moça que entrava na casa da amiga fossem a mesma e uma só pessoa, era praticamente uma certeza. Apesar disso, ao passo que as inúmeras imagens que a segui me apresentou a morena jogadora de golfe, por mais diversas que sejam umas das outras, se superpõem (pois sei que todas lhe pertencem) e que, se remonto o fio de minhas lembranças, posso, protegido por essa identidade e como que num carinho de comunicação interior, recordar todas essas imagens sem sair de uma mesma pessoa; em compensação, se desejo remontar até a moça pela qual cruzei no dia em que estava com minha avó, é-me necessário retornar ao ar livre. Estou persuadido de que é Albertine quem encontro, a mesma que parava muitas vezes, no meio das amigas, naquele passeio, em que suas imagens se erguiam contra o horizonte do mar.

Mas todas essas imagens continuam separadas daquela outra, pois não lhe posso atribuir, retrospectivamente, uma identidade que ela não tinha para mim no momento em que impressionou meu olhar; e, apesar do que possa me garantir o cálculo das probabilidades, aquela moça de faces gorduchas, que me encarou de modo tão atrevido na esquina da ruazinha e da praia e pela qual julgo que poderia ter sido amado, no sentido estrito da palavra "rever", essa eu nunca mais revi.

Minha hesitação entre as diversas moças do pequeno grupo, todas conservando um pouco do encanto coletivo que me perturbara a princípio, terá se acrescentado igualmente a essas causas para me deixar depois, mesmo no tempo do meu maior do meu segundo-amor por Albertine, uma espécie de liberdade intermitente, e muito breve, para não amá-la? Por ter vagueado entre todas as suas amigas antes de se fixar definitivamente nela, o meu amor conservou às vezes, entre ele e a imagem de Albertine, certo "dispositivo" que lhe permitia, como uma iluminação mal adaptada, pousar em outras antes de voltar a se aplicar nela; a relação entre o mal que sentia no coração e a lembrança de Albertine não me parecia necessária, eu talvez o pudesse ter relacionado com a imagem de uma outra pessoa. O que me permitia, no luzir de um raio, fazer desvanecer-se a realidade, não só a realidade exterior, como no meu amor por Gilberte (que eu havia reconhecido como um estado interior em que extraía de mim apenas a qualidade particular, o caráter especial da criatura a quem amava, tudo aquilo que a fazia indispensável à minha felicidade), mas até a realidade interior e puramente subjetiva.

- Não há um só dia que uma ou outra delas não passe diante do ateliê e não dê uma chegadinha.- disse Elstir, desesperando-me com a idéia de que, se tivesse ido visitá-lo logo que minha avó pedira, provavelmente há muito já teria conhecido Albertine. Ela se afastara; do ateliê já não era visível. Pensei que fora juntar-se às amigas no molhe. Se pudesse estar ali com Elstir, teria travado

conhecimento com elas.

Inventei mil pretextos para que anuísse em dar uma volta pela praia comigo. Eu não tinha mais o mesmo sossego que tivera antes do aparecimento da moça no quadro da janela tão encantadora até então sob suas madressilvas e agora toda vazia. Elstir me causou uma alegria mesclada de tortura ao me dizer que daria alguns passos comigo, mas que primeiro era obrigado a terminar o pedaço que estava pintando. Eram flores, mas não daquelas cujo retrato eu mais gostaria de lhe encomendar, em vez do de uma pessoa, a fim de saber, pela revelação de seu gênio, o que tanto havia procurado em vão diante delas-espinheiros brancos, espinheiros cor-de-rosa, escovinhas, flores de macieiras. Pintando, Elstir me falava, mas eu quase não o escutava; ele já não se bastava a si mesmo, não para o intermediário preciso entre mim e aquelas moças. O prestígio que seu talento lhe dava a meus olhos ainda há pouco só valia agora na medida em que atribuía tanto a mim mesmo aos olhos do pequeno grupo ao qual seria apresentado por ele.

Eu ia e vinha, impaciente por vê-lo terminar a pintura; pegava estudos o contemplá-los; muitos deles, virados contra a parede, estavam empilhados uns sobre os outros. E, assim, ocorreu-me descobrir uma aquarela que devia pertencer a uma época bem mais antiga da vida de Elstir e me causou esse tipo específico de encanto proporcionado pelas obras não só de uma realização deliciosa, mas também de um tema tão singular e sedutor que é a ele que atribuímos uma parte desse fascínio, como se este o pintor não tivesse feito mais que descobri-lo, observá-lo,

materialmente já efetuado pela natureza, e pronto para ser reproduzido. Que tais objetos possam existir, belos até fora da interpretação do artista, isto satisfaz em nós um materialismo inato, combatido pela razão, e serve de contrapeso às abstrações da estética. Essa aquarela era o retrato de uma mulher jovem, não bonita, mas de um tipo curioso, que usava um boné bem semelhante a um chapéu-coco, mais do de uma fita de seda cor-de-cereja; uma de suas mãos, com luvas sem dedo, segurava um cigarro aceso, ao passo que a outra erguia à altura do joelho uma espécie de chapelão de jardineiro, simples anteparo de palha contra o sol. Ao lado dela, uma floreira cheia de rosas sobre uma mesa. Muitas vezes, e era o caso aqui, a singularidade dessas obras decorre sobretudo de terem sido executadas em condições particulares, de que não nos damos conta com toda a clareza a princípio; por exemplo, se o estranho vestido de um modelo feminino é um disfarce de baile à fantasia, ou se, pelo contrário, a capa rubra de um velho, que parece tê-la vestido para atender a um capricho do pintor, é a sua toga de catedrático ou de conselheira, ou sua murça de cardeal. A natureza ambígua da criatura, cujo retrato eu contemplava, provinha, sem que eu o compreendesse, de que se tratava de uma jovem atriz de outros tempos, em

meio-travesti. Mas o seu chapéu-coco, sob o qual os cabelos estavam estufados porém curtos, sua jaqueta de veludo sem lapela, abrindo-se sobre um peitilho branco, fizeram-me vacilar quanto à data da moda e ao sexo do modelo, de modo que não sabia exatamente o que tinha diante dos olhos, a não ser que era a mais luminosa das telas de pintura. E o prazer que ela me proporcionara era perturbado apenas pelo medo de que Elstir, atrasando-se ainda mais, me fizesse esperar, pois o sol já se mostrava oblíquo e bem baixo na janelinha. Medo de perder as moças, e se representava nessa aquarela estava ali como um fato real, e pintado devido à sua utilidade para a cena: o vestuário porque era preciso que a dama estivesse vestida, ou a floreira por causa das flores. O vidro da floreira, armado por ele mesmo, dava a impressão de encerrar a água onde mergulhavam as hastes cravos em algo tão límpido, quase tão líqüido quanto ela; a roupa da mulher envolvia de uma matéria que tinha um encanto independente, fraterno, e como se as obras da indústria pudessem rivalizarem encanto com as maravilhas da natureza, tão delicadas, tão saborosas ao toque do olhar, tão frescamente pintadas como o pêlo de uma gata, as pétalas de um cravo ou as penas de uma pomba. A brancura do peitilho, de uma finura de granizo, e cuja frívola plissagem tinha campânulas como o lírio-do-vale, se estrelava de claros reflexos do quarto, eles próprios agudos e finamente matizados como buquês de flores que houvessem tecido o linho em relevo. E o veludo da jaqueta, brilhante e nacarado, tinha aqui e ali algo de eriçado, picotado e veloso que dava idéia do desalinho dos cravos no vaso. Mas sentia-se, acima de tudo, que Elstir, pouco se importando para o que pudesse apresentar de imoral aquele travesti de uma jovem atriz, para quem o talento com que interpretaria o papel tinha decerto menos importância que o excitante atrativo que ela ia oferecer aos sentidos embotados ou depravados de certos espectadores, se prendera ao contrário àqueles traços de ambigüidade como a um elemento estético que valesse a pena pôr em relevo e que tudo fizera para ressaltar. Ao longo das linhas do rosto, o sexo parecia a ponto de confessar que era o de uma moça um tanto viril, depois se esvaía e mais ao longe reaparecia, sugerindo antes a idéia de um jovem efeminado vicioso e sonhador; depois fugia de novo, ficava inatingível. O caráter de tristeza sonhadora do olhar, pelo seu mesmo contraste com os acessórios pertencentes ao mundo da boemia e do teatro, não era o que havia de menos perturbador. Aliás, pensava-se que devia ser artificial e que a jovem criatura, que parecia se ofertar às carícias nesse vestido provocante, julgara provavelmente ser picante acrescentar-lhe a expressão romântica de um sentimento secreto, de um desgosto inconfesso. Embaixo do retrato estava escrito:

"Miss Sacripant, outubro de 1872".

Não pude conter minha admiração.

-Oh, não é nada, é um esboço da mocidade; era uma fantasia para uma revista

das Variedades. Tudo isto está bem distante.

-E que fim levou o modelo?

O espanto causado por minhas palavras antecedeu, no rosto de Elstir, o ar indiferente e distraído que ele imprimiu após um segundo.

- Olhe, passe-me depressa esse quadro - disse ele.-Estou ouvindo a chegada da Sra. Elstir e, embora a jovem do chapéu-coco não tenha desempenhado, garanto-lhe, nenhum papel na minha vida, é inútil que minha mulher tenha essa aquarela diante dos olhos. Só guardei isto como um documento divertido sobre o teatro daquela época.

E, antes de esconder atrás dele a aquarela, Elstir, que certamente não a via há muito, deu-lhe um olhar atento.

- Só vou poder conservar a cabeça. -murmurou; -o resto está verdadeiramente mal pintado, as mãos são de um principiante.

Eu estava desolado com a chegada da Sra. Elstir, que ia nos fazer demorar mais ainda. Em breve o peitoril da janela se apresentou cor-de-rosa. Nossa saída seria em pura perda. Não havia mais chance alguma de ver as moças e, por conseguinte, nenhuma importância que a Sra. Elstir nos deixasse mais cedo ou mais tarde. Aliás, ela não ficou por muito tempo. Achei-a extremamente aborrecida; poderia ter sido bela se tivesse vinte anos, levando um boi pela campina romana; mas seus cabelos negros embranqueciam; e ela era vulgar sem ser simples, pois achava que a solenidade das maneiras e a majestade da atitude eram requisitados por sua beleza escultural, que aliás havia perdido todos os encantos com a idade. Trajava-se com a maior

simplicidade. E a gente ficava impressionado, mas surpreso, por ouvir Elstir dizer a todo o instante, e com uma ternura respeitosa como se apenas o fato de pronunciar tais palavras lhe causasse ternura e veneração:

"Minha bela Gabrielle"

Mais tarde, quando conheci a pintura mitológica de Elstir, a Sra. Elstir também adquiriu, a meu ver, uma certa beleza. Compreendi que o pintor atribuíra de fato um caráter quase divino a um determinado tipo de ideal, resumido em certas linhas, certos arabescos que se encontravam a cada passo em sua obra, a certos cânones, visto que todo o tempo disponível, todo esforço de pensamento de que era capaz, em uma palavra, toda a sua vida, ele a consagrara à tarefa de distinguir melhores suas linhas e de reproduzi-las com a maior fidelidade. Semelhante ideal inspirava a Elstir um culto na verdade tão grave, tão exigente, que não lhe permitia jamais sentir-se satisfeito: era a parte mais íntima de si mesmo, de forma que não o pudera encarar com distanciamento e dele extrair emoções, até o dia em que o encontrou realizado exteriormente no corpo de uma

mulher, no corpo daquela que em seguida se tornou a Sra. Elstir e no qual pudera-como o que só nos é possível com o que não é nossa própria pessoa - julgá-lo meritório, comovente, divino. Além disso, que descanso pousar os lábios naquela Beleza que até então tinha de extrair de si mesmo com tanto esforço e que agora, misteriosamente encarnada, se ofertava a ele para uma série de eficazes comunhões!

Naquela ocasião, Elstir já não estava mais na primeira juventude, quando se espera a realização do ideal apenas com a força do pensamento. Aproximava-se da idade em que contamos com as satisfações do corpo para estimular a força do espírito, em que a fadiga deste, inclinando-nos ao materialismo, e a diminuição da atividade à possibilidade de influências passivamente recebidas, começam a nos fazer admitir que talvez haja certos corpos, certos ofícios, certos ritmos privilegiados realizando com tanta naturalidade o nosso ideal, que, mesmo sem gênio, apenas copiando o movimento de uma espádua, a tensão de um pescoço, faríamos uma obra-prima; é a idade em que nos agrada acariciar a Beleza do olhar fora de nós, junto a nós, num belo esboço de Ticiano descoberto num antiquário, numa amante que é tão bela como o esboço de Ticiano. Quando compreendi isto, já pude ver a Sra. Elstir com prazer, e seu corpo deixou de ser pesado, pois enchi-o de uma idéia, a idéia de que ela era uma criatura imaterial, um retrato de Elstir. Ela o era para mim e, sem dúvida, também para ele. Os dados reais da vida não contam para o artista; para ele não passam de uma ocasião para evidenciar o seu gênio. Ao ver, lado a lado, dez retratos de pessoas diversas pintados por Elstir, sente-se perfeitamente que são sobretudo Elstirs. Unicamente, depois dessa maré montante do gênio que recobre a vida, quando o cérebro se cansa, o equilíbrio pouco a pouco se rompe e, como um rio que retoma o curso após o contra-fluxo de uma maré intensa, é a vida que retoma o predomínio. Ora, enquanto durava o primeiro período, o artista foi aos poucos deduzindo a lei, a fórmula de seu dom inconsciente. Conhece que situações, se é romancista, que paisagens, se é pintor, lhe fornecem a matéria, indiferente em si, mas necessária às suas pesquisas como o seria um laboratório ou um ateliê. Sabe que fez suas obras-primas com efeitos de meia-luz, com remorsos que modificam a idéia de uma culpa, com mulheres assentadas sob as árvores ou meio mergulhadas na água como estátuas. Dia virá em que, pelo desgaste do cérebro, já não terá, diante desses materiais de que seu gênio se aproveitava, a força de cumprir o esforço intelectual necessário e único para produzir a obra; no entanto, continuará a procurá-los, feliz por se achar junto a eles devido ao prazer espiritual que despertam nele e que convida ao trabalho; e, além disso, cercando-os de uma espécie de superstição, como se fossem superiores a qualquer outra coisa, como se neles já residisse uma boa parte da obra artística que de alguma forma trariam bem acabada, não irá além de freqüentar e adorar seus modelos. Conversará indefinidamente com criminosos arrependidos, cujos remorsos e

regeneração lhe valeram outrora para assunto de seus romances; comprará uma casa de campo numa terra em que a névoa atenua a luz; passará longas horas olhando as mulheres a se banharem; colecionará belos tecidos. E assim a beleza da vida, palavra de algum modo desprovida de sentido, ponto situado aquém da arte e onde eu vira que Swann estacionava, era o lugar ao qual, pelo esmorecimento do gênio criador, por idolatria das formas que o tinham favorecido, por desejo de menor esforço, Elstir devia um dia ir retrocedendo aos poucos.

Enfim, ele acabava de dar uma última pincelada às suas flores; perdi um momento a olhá-las; não havia mérito em fazê-lo, pois sabia que as moças já não se encontravam na praia; porém, mesmo que acreditasse que elas ali permaneciam e que aqueles minutos de contemplação me impediriam de alcançá-las, ainda assim olharia o quadro, pois dizia comigo que Elstir se interessava mais por suas flores do que pelo meu encontro com as moças. O temperamento de minha avó, temperamento que era exatamente o oposto do meu egoísmo total, entretanto refletia-se no meu. Numa circunstância em que alguém que me fosse indiferente, por quem sempre fingira afeição ou respeito, arriscasse apenas uma contrariedade, ao passo que eu me visse em perigo, não faria outra coisa senão sentir pena dele pelo seu desgosto, como se fosse algo considerável, e encarar meu perigo como coisa insignificante, porque me parecia que, para essa pessoa, as coisas deveriam se apresentar sob essas proporções. Para dizer as coisas tais como são, e até indo além disso, não só não lastimava o perigo que corria, mas ia-lhe ao encontro e, no que se referia aos outros, tentava ao contrário, ainda que houvesse mais probabilidades de que recaíssem sobre mim, evitar-lhes o perigo. Isto decorre de vários motivos que não me fazem honra alguma. Um deles é que, enquanto eu não fazia mais que raciocinar, julgava principalmente apegar-me à vida: toda vez que, no decurso de minha existência, me vi assediado por preocupações morais ou apenas por inquietações de origem nervosa, às vezes tão pueris que não teria coragem de narrá-las, se então ocorria uma circunstância imprevista, que para mim envolveria risco de morte, essa nova preocupação era tão leve, relativamente às outras, que eu a acolhia com um alívio que chegava à alegria. E assim sucedia que eu, o homem menos corajoso do mundo, vinha a conhecer essa coisa que, quando eu raciocinava, me parecia tão estranha e inconcebível à minha natureza: a embriaguez do perigo. Porém, mesmo quando surgisse o perigo, ainda que mortal, e eu me encontrasse num período da vida inteiramente calmo e feliz, não poderia, se estivesse com outra pessoa, deixar de pô-la a salvo e assumir o lugar do perigo. Quando um número bem vasto de experiências terminou por demonstrar que eu agia sempre assim, e com prazer, descobri, para minha vergonha, que, ao contrário do que sempre julgara e afirmara, era bastante sensível à opinião alheia. Esse tipo de amor-próprio inconfesso, entretanto, nada

tem a ver com a vaidade e o orgulho. Pois aquilo que pode satisfazer o orgulho ou a vaidade não me dá prazer nenhum e sempre o repeli. Mas às pessoas a quem consegui esconder completamente os pequenos méritos, que talvez pudessem lhes dar uma idéia menos mesquinha a meu respeito, jamais pude negar-me o prazer de lhes mostrar que punha mais cuidado em afastar a morte de seu caminho do que do meu. Como o meu objetivo é então o amor-próprio e não a virtude, acho bem natural que em qualquer circunstância elas agissem de outra forma. Estou bem longe de censurá-las, o que talvez fizesse se fosse movido pela idéia de um dever que, nesse caso, me parecia obrigatório para elas como para mim. Pelo contrário, considero-as muito sensatas por preservarem suas vidas, mas não posso deixar de colocar a minha em segundo plano, o que é especialmente absurdo e culposo desde que julguei reconhecer que a vida de muitas pessoas, à cuja frente me coloco ao rebentar uma bomba, tem menos valor que a minha. Além disso, no dia daquela visita a Elstir, ainda estava longe o tempo em que eu tomaria consciência dessa diferença de valor e não se tratava de nenhum perigo, mas simplesmente de um sinal prévio do pernicioso amor-próprio: dar a impressão de não conceder, àquele prazer tão ardentemente desejado, mais importância que a seu trabalho de aquarelista ainda inacabado: - Afinal ficou pronto o quadro.

Logo que saímos, percebi que-como os dias eram mais longos naquela estação ainda não era tão tarde como supunha; íamos pelo molhe. Quantos ardis empreguei para reter Elstir no ponto em que achava que as moças ainda podiam passar! Mostrando-lhe os alcantis que se elevavam bem perto, não cessava de pedir que me falasse deles para fazê-lo esquecer a hora e obrigá-lo a ficar por ali. Parecia-me ter mais probabilidades de encontrar o grupo das moças se nos encaminhássemos até o fim da praia.

- Gostaria que víssemos bem de perto estes rochedos. -disse a Elstir, tendo reparado que uma das moças ia com freqüência para aqueles lados. - E, enquanto isso, fale-me de Carquethuit. Ah, como me agradaria ir a Carquethuit! - acrescentei, sem pensar que o caráter tão novo, que se manifestava com tanta força no "Porto de Carquethuit" de Elstir, referia-se mais à visão do pintor que a um mérito especial dessa praia. - Desde que vi esse quadro, é o local que mais tenho vontade de conhecer, junto com a Ponta do Raz, que por sinal daria uma viagem bem longa daqui.

- E depois, mesmo que estivesse mais perto, eu lhe aconselharia que fosse de preferência a Carquethuit-respondeu Elstir. -A Ponta do Raz é admirável, mas afinal sempre é uma grande falésia normanda ou bretã, que o senhor já conhece; ao passo que Carquethuit é bem diferente com seus rochedos sobre a praia baixa. Não conheço nada parecido na França; lembra-me antes de certos aspectos da Flórida. É um lugar curioso e também extremamente selvagem. Fica entre

Clitourps e Nehomme, e sabe muito bem como essas paragens são desoladas; o perfil das praias é deslumbrante. Aqui, a sua linha litorânea não quer dizer nada; porém lá, nem sei lhe dizer como é graciosa e suave.

A noite caía; era preciso voltar. Eu acompanhava Elstir à sua casa quando, de repente, tal como Mefistófeles aparecendo diante de Fausto, surgiram na extremidade da avenida-como uma simples objetivação irreal e diabólica do temperamento oposto a mim, da vitalidade quase bárbara e cruel de que era tão destituída a minha fraqueza, meu excesso de sensibilidade dolorosa e de intelectualismo alguns flocos dessa substância impossível de confundir com qualquer outra, algumas esporadas do grupo zoofítico das moças, as quais pareciam não me ver, mas na verdade deveriam estar fazendo a meu respeito um juízo irônico. Sentindo ser inevitável um encontro com elas, e que Elstir me chamaria, voltei-me de costas como um banhista que vai receber a onda; parei e, deixando que meu ilustre companheiro seguisse o caminho, fiquei para trás, fingindo um súbito interesse pela vitrina do negociante de antigüidades diante da qual passávamos naquele momento; estava satisfeito por dar a impressão de pensar em coisa diversa dessas moças e já sabia, obscuramente, que, quando Elstir me chamasse para ser apresentado, teria o tipo de olhar interrogativo que revela não a surpresa, mas o desejo de parecer surpreendido isto porque somos maus atores ou porque o próximo é um bom fisionomista-e talvez até chegasse a levar o dedo ao peito como se perguntasse:

"É a mim que estão chamando?", para logo acorrer, a cabeça docilmente inclinada, obediente, o rosto dissimulando friamente o tédio de ser arrancado à contemplação de velhas faianças para que me apresentassem a pessoas que não desejava conhecer. Entretanto, considerava a vitrina à espera do momento em que meu nome, gritado por Elstir, viesse me atingir como uma bala esperada e inofensiva. A certeza da apresentação a essas moças tivera por resultado não só fazer-me aparentar indiferença, mas senti-la de verdade. Inevitável daí em diante, o prazer de conhecê-las foi comprimido, reduzido, pareceu-me bem menor que o de conversar com Saint-Loup, de jantar com minha avó, de fazer excursões pelas redondezas, as quais decerto lamentaria ter de abandonar para travar relações com pessoas que pouco se interessariam por monumentos históricos. Além do mais, o que diminuía o prazer que eu teria não era somente a iminência, mas a incoerência de sua realização. Leis tão exatas como a da hidrostática mantêm a superposição das imagens que formamos numa ordem fixa, subvertida pela proximidade de um acontecimento. Elstir ia chamar-me. Mas não era daquele modo como, várias vezes, na praia ou no meu quarto, imaginara que conheceria as moças. O que ia acontecer era outro evento, para o qual não me achava preparado. Não estava reconhecendo nem o meu desejo nem o seu objeto; quase lamentava ter saído com Elstir. Mas, sobretudo, a contração do prazer que tivera anteriormente se devia à certeza de que nada mais podia subtraí-lo de mim. E esse prazer recuperou toda a sua dimensão, como em virtude de uma força elástica, quando deixou de sofrer a pressão dessa certeza, no momento em que eu, tendo decidido voltar a cabeça, vi que Elstir parado alguns passos adiante, junto das moças, despedia-se delas. A fisionomia da que estava mais perto de mim, cheia e iluminada pelos seus olhares, parecia uma torta em que houvessem reservado um lugar para um pedacinho do céu. Seus olhos, mesmo fixos, davam a impressão de mobilidade, como ocorre nesses dias de muito vento, em que o ar, embora invisível, deixa transparecer a velocidade com que passa sobre o fundo azul. Por um instante os seus olhares cruzaram com os meus, como esses céus viajantes dos dias de tempestade, que se aproximam de uma nuvem mais vagarosa, tangenciam por ela, tocam-na, ultrapassam-na. Mas não se conhecem e se separam um do outro. Assim, nossos olhares se encararam por um momento, cada um ignorando o que continha de promessas e de ameaças para o futuro continente celeste que estava à sua frente. Apenas no momento em que seu olhar pousou bem no meu foi que se turvou ligeiramente, mas sem diminuir a velocidade. Do mesmo modo, numa noite clara, a lua, arrastada pelo vento, passa por detrás de uma nuvem e encobre por um momento o seu brilho, logo reaparecendo. Mas Elstir já deixara as moças sem ter me chamado. Elas tomaram por uma rua transversal e o pintor veio até mim. Tudo estava perdido.

Já disse que Albertine não me aparecera nesse dia com o mesmo ar com que surgira nos dias precedentes e que, a cada vez, ela devia me parecer diferente. Mas, naquele momento, senti que certas modificações no aspecto, na importância, no tamanho de uma criatura podem se referir à variabilidade de certos estados interpostos entre ela e nós. E um dos que maior papel desempenham nesse caso é a crença em determinada coisa. (Naquela tarde, a crença, depois o desvanecimento da crença, de que ia conhecer Albertine, converteram-na, com segundos de intervalo, em algo quase insignificante, depois infinitamente precioso, a meus olhos alguns anos mais tarde, a crença, depois o desaparecimento da crença, de que Albertine era fiel causaram mudanças análogas.)

De certo, em Combray, já vira diminuir ou aumentar, conforme as horas; conforme eu entrasse numa ou noutra das duas grandes espécies que repartiam entre si a minha sensibilidade -o desgosto de não estar junto de minha mãe, tão imperceptível de tarde como a luz da lua enquanto brilha o sol e que, quando caía a noite, reinava sozinho em minha alma ansiosa, no lugar onde estavam as lembranças apagadas e recentes. Mas, naquele dia, vendo que Elstir deixava as moças sem ter me chamado, compreendi que as variações de importância que um prazer ou um desgosto assumem a nossos olhos podem referir-se não apenas a essa alternância de dois estados de espírito, mas à mutação de crenças invisíveis, que, por exemplo, nos fazem parecer indiferente a morte, porque a cercaram de uma luz irreal e, assim, nos permitem atribuir grande importância ao fato de irmos a um sarau musical, o qual perderia o seu encanto se, de súbito, pela notícia de que nos irão guilhotinar, a crença que envolve este sarau se dissipasse; é verdade que algo em mim sabia acerca desse papel das crenças: era a vontade; mas esta o sabe em vão se a inteligência e a sensibilidade continuam a ignorá-lo; estas agem de boa-fé quando crêem que temos vontade de abandonar uma amante, a qual apenas a vontade sabe que desejamos muito. É que elas são obscurecidas pela crença de que voltaremos a encontrá-la em breve. Mas, quando essa crença se dissipa, quando elas ficam sabendo de repente que tal amante se foi para sempre, então a inteligência e a sensibilidade, tendo perdido o equilíbrio, procedem como loucas, e o ínfimo prazer aumenta ao infinito.

Variação de uma crença, também vazio do amor, o qual, preexistente e móvel, se detém na imagem de uma mulher simplesmente porque essa mulher será quase impossível de alcançar. Desde então, pensa-se menos na mulher, que dificilmente se evoca, e mais nos meios de conhecê-la. Todo um processo de angústias se desenvolve e basta para fixar nosso amor por ela, objeto apenas conhecido do nosso amor. O amor se torna imenso, e nem imaginamos como é reduzido o lugar que a mulher real nele ocupa.

E se, de súbito, como no momento em que eu vira Elstir com as moças, acaba a

nossa preocupação, a nossa angústia, como se essa angústia fosse todo o nosso amor, parece que o amor se dissipou bruscamente, no momento mesmo em que sua presa está ao nosso alcance, presa em cujo valor não pensamos muito. Que conhecia eu de Albertine?

Um ou dois perfis diante do mar, certamente menos belos que o das mulheres de Veronese, que eu deveria preferir caso obedecesse a razões puramente estéticas. Ora, que outras razões poderia ter visto que, arrefecida a angústia, só me encontrava com esses mudos perfis, e nada mais possuía? Desde que vira Albertine, fizera todos os dias a seu respeito milhares de reflexões; mantinha, com o que eu denominava Albertine, um diálogo interior em que a fazia perguntar e responder, pensar, agir, e, na série indefinida de Albertines imaginadas que se sucediam em mim hora após hora, a Albertine real, avistada numa praia, só figurava à frente, como criadora de um papel, a estrela, só aparecia nas primeiras em uma longa série de representações. Essa Albertine era quase só uma silhueta; tudo o que se superpunha a ela era de minha invenção, já que, no amor, as nossas contribuições superam mesmo que unicamente do ponto de vista da quantidade-as que provêm da criatura amada. E isto é verdadeiro quanto aos amores mais eficazes. Há os que podem não apenas se formar, porém subsistirem redor de muito pouca coisa-e até entre os que receberam sua aprovação carnal.

Um antigo professor de desenho de minha avó teve uma filha de uma amante obscura. A mãe morreu pouco depois do nascimento da criança, e o professor teve tal desgosto que não lhe sobreviveu por muito tempo. Nos últimos meses de sua vida, minha avó e algumas senhoras de Combray, que jamais haviam querido fazer sequer uma alusão, diante do professor, àquela mulher, com quem aliás ele não vivera oficialmente e com a qual não tivera muitas relações, pensaram em assegurar o futuro da menina, contribuindo cada uma para lhe proporcionar uma renda vitalícia. Foi minha avó quem o propôs; algumas amigas se fizeram de rogadas; aquela menina valeria a pena o seu interesse, seria mesmo filha de quem se acreditava seu pai? Com mulheres do tipo daquela mãe a gente nunca sabe. Enfim se decidiram. A menina veio à casa para agradecer. Era feia e parecia-se tanto com o velho professor de desenho que dissipou todas as dúvidas; como fosse o cabelo único traço que tivesse de bonito, uma senhora disse ao pai, que a acompanhara:

- Como são lindos os seus cabelos!

E, pensando que agora a mulher culpada estava morta e o professor a caminho do túmulo, e que não haveria problemas em fazer uma alusão àquele passado que todos sempre tinham fingido ignorar, minha avó acrescentou:

- Deve ser de família. A mãe dela tinha cabelos assim tão lindos?

-Não sei respondeu ingenuamente o pai. - Nunca a vi sem chapéu.

Precisava reunir-me a Elstir. Olhei-me numa vidraça. Além do desastre de não ter sido apresentado, reparei que minha gravata estava torta e que meu chapéu deixava aparecer os cabelos compridos, o que não me caía bem; mas, de qualquer forma, sempre era uma sorte que as moças, mesmo assim, me tivessem visto na companhia de Elstir e, portanto, não pudessem me esquecer; também foi sorte que naquela tarde, e a conselho de minha avó, eu estivesse com o colete bonito, pois pouco faltara para que o substituíssem por um outro, horroroso, e com a minha melhor bengala; porque, se um evento que desejamos jamais ocorre da maneira que pensamos, à falta das vantagens com que julgávamos contar, outras, que não esperávamos, se apresentam e, assim, tudo se compensa; e de tal modo temíamos o pior que, por fim, nos inclinamos a achar que, em conjunto, e tudo pesado, o acaso nos favoreceu.

- Ficaria tão contente em conhecê-las - disse a Elstir quando me aproximei.

- Então, por que ficou a léguas de distância?

Foram estas as palavras que pronunciou, não que exprimissem o seu pensamento, visto que, se o seu desejo tivesse sido o de satisfazer o meu, nada mais fácil que chamar-me, mas talvez porque ouvisse frases desse tipo, familiar às pessoas vulgares apanhadas em falta, e porque mesmo os grandes homens são, em certos assuntos, semelhantes às pessoas vulgares, procuram suas desculpas diárias no mesmo repertório que elas, como compram o pão cotidiano no mesmo padeiro; ou então porque tais palavras, que de certa forma devem ser lidas às avessas já que sua letra significa o contrário da verdade, sejam o efeito necessário, o gráfico negativo de um reflexo.

- Elas estavam com pressa.

Eu, sobretudo, achava que as moças o haviam impedido de chamar alguém que lhes era pouco simpático; não sendo assim, ele teria me chamado, depois de todas as perguntas que lhe fizera sobre elas e do interesse que bem tinha visto que me despertavam.

- Eu lhe falava de Carquethuit - disse-me ele antes que o deixasse à porta de casa. - Fiz um pequeno esboço onde se vê bem melhor o delineamento da praia. O quadro não é mau, mas é outra coisa. Se me permite, dar-lhe-ei esse esboço em nome da nossa amizade-acrescentou, pois as pessoas que nos negam as coisas que desejamos costumam oferecer coisa diversa.

-Gostaria muito de ter uma fotografia desse retrato de Miss Sacripant, se é que possui alguma. Mas o que significa esse nome?- É o de uma personagem de uma opereta idiota, representada pelo modelo do retrato.

- Não a conheço; o senhor sabe muito bem disto, mas parece que não acredita. -

Elstir calou-se.

- No entanto, deve ser a Sra. Swann antes do seu casamento-disse eu por um desses súbitos e casuais encontros com a verdade, afinal muito raros, mas que bastam, quando ocorrem, para fornecer uma certa base à teoria dos pressentimentos desde que se tenha o cuidado de esquecer todos os erros que a invalidariam. Elstir não respondeu. Era com efeito um retrato de Odette de Crécy. Ela não o quisera conservar por muitos motivos, alguns bem evidentes. Havia outros. O retrato era anterior ao momento em que Odette, disciplinando seus traços fisionômicos, formara com seu próprio rosto e corpo essa criação que, através dos anos, deviam respeitar em suas linhas gerais os cabeleireiros e as modistas, e também a própria Odette, em seu modo de andar, de falar, de sorrir, de colocar as mãos, de olhar e de pensar. Era necessária a depravação de um amante entediado para que Swann preferisse, às numerosas fotografias da Odette que era a sua deslumbrante mulher, a pequena fotografia que tinha em seu quarto e onde, sob um chapéu de palha ornado de amores-perfeitos, se via uma mulher magra e bem feia, de cabelos em tufos e feições pisadas.

Aliás, mesmo que o retrato fosse não anterior, como a fotografia predileta de Swann, à sistematização das feições de Odette em um novo tipo, majestoso e encantador, e sim posterior, bastaria a visão de Elstir para desordenar esse tipo. O gênio artístico procede à maneira dessas temperaturas extremamente elevadas, que têm o poder de dissociar as combinações de átomos e de reagrupá-los segundo uma ordem absolutamente oposta, correspondendo a outro tipo. Toda essa harmonia artificial que a mulher impôs às suas feições e de cuja continuidade ela se assegura todos os dias diante do espelho, mudando a inclinação do chapéu, o alisado do cabelo, a jovialidade do olhar; essa harmonia, a visão do grande pintor a destrói em um segundo e, no seu lugar, procede a um reagrupamento dos traços da mulher de modo a dar satisfação a um certo ideal feminino e pictórico que traz: dentro de si. Da mesma forma, ocorre muitas vezes que, a partir de uma certa idade o olho de um grande pesquisador encontra por toda a parte os elementos necessários para estabelecer as únicas relações que o interessam. Como esses operários e jogadores, que não são pretensiosos e se contentam com o que lhes cai às mãos, poderiam dizer de qualquer coisa: isto serve. Assim, uma prima da princesa de Luxemburgo, beldade das mais altivas, tendo se deixado apaixonar outrora por uma arte que era nova então, pedira ao maior dos pintores naturalistas que fizesse o seu retrato. E logo o olho do pintor achou o que procurava em toda parte. E sobre a tela, no lugar da grande dama, havia uma moça de recados e, por trás dela, um amplo cenário inclinado e cor-de-violeta que lembrava a Praça Pigalle. Mas, mesmo sem chegar a tanto, um retrato de mulher por um grande artista não só não tenderá a satisfazer de modo algum quaisquer exigências da mulher que lhe serviu de modelo como, por

exemplo, as que, quando ela começa a envelhecer, a fazem retratar-se em roupas quase de mocinhas que realçam o seu talhe ainda juvenil e a fazem parecer irmã ou até mesmo filha de sua filha (que, se necessário, aparecerá bem mal vestida a seu lado) mas, pelo contrário, porá em relevo as desvantagens que ela procura ocultar e que, como, por exemplo, um tom de febre ou até mesmo um matiz esverdeado, o tentam mais porque têm mais "caráter"; mas são suficientes para decepcionar o espectador comum e reduzir a nada o ideal, cuja armadura a mulher sustentava com tanto orgulho e que a colocava, em sua forma única e irredutível, de fora e acima do resto da humanidade. Agora, decaída, situada fora de seu próprio tipo onde reinava invulnerável, não passa de uma mulher como qualquer outra, cuja superioridade já não nos inspira confiança. De tal modo identificamos esse tipo, não só com a beleza de uma Odette, mas a sua personalidade, sua substância íntima, que, diante do retrato que a despojou de si mesma, somos tentados a exclamar não apenas:

"Como ficou feia!", mas também: "Assemelha-se muito pouco a ela."

Mal acreditamos que se trate dela. Não a reconhecemos. E, no entanto, ali há uma criatura que bem sentimos já ter visto antes. Mas essa criatura não é Odette; o seu rosto, seu corpo, seu aspecto nos são bem conhecidos. Recordam-nos não a mulher, que nunca se mantinha assim, e cuja postura habitual de modo algum desenhou um tal estranho e provocante arabesco, mas outras mulheres, todas as que Elstir pintou e que sempre, por mais diferentes que fossem gostou de colocar assim de frente, o pé recurvado ultrapassando a saia, o grande chapéu redondo seguro na mão, correspondendo simetricamente, à altura do joelho, que ele encobre, a esse outro disco, visto de frente, o rosto. Enfim, não só um retrato genial desloca o tipo de uma mulher, tal como o estabeleceram a sul coqueteria e sua concepção egoísta da beleza, mas, se é antigo, também não se contenta em envelhecer o original da mesma forma que a fotografia, ou seja, apresentando-o com roupas fora de moda. No retrato, não é apenas a maneira de vestir da mulher que o data, mas também a maneira como o artista o pinta. Esta maneira de pintar, a primeira maneira de Elstir, era a mais terrível certidão de nascimento para Odette, pois fazia dela não somente, como suas fotos da época, a caçula das cocotes então conhecidas, mas também porque tornava seu retrato contemporâneo de um dos numerosos retratos que Manet ou Whistler pintaram com tantos modelos já desaparecidos e que pertencem ao olvido ou à História.

A tais pensamentos, silenciosamente ruminados ao lado de Elstir enquanto o acompanhava até em casa, é que me arrastava a descoberta que acabava de fazer com relação à identidade de seu modelo. Ele fizera o retrato de Odette de Crécy. Seria possível que este homem de gênio, este sábio, este solitário, este filósofo de conversação magnífica e que dominava todos os assuntos fosse o pintor ridículo e perverso adotado outrora pelos Verdurin? Perguntei-lhe se os

havia conhecido, se por acaso eles não o apelidavam de Sr. Biche. Respondeu-me que sim, sem constrangimento, como se se tratasse de um pedaço já um pouco antigo de sua existência; e não desconfiava da extraordinária decepção que me causou, mas, erguendo os olhos, leu-a no meu rosto. No seu estampou-se um ar de descontentamento. E, como já quase chegáramos à sua casa, um homem de menor inteligência e coração do que ele talvez se despedisse um tanto secamente e, depois, teria evitado encontrar-se comigo. Mas não foi assim que Elstir procedeu; como verdadeiro mestre -e ser um mestre era, talvez, do ponto de vista da criação pura, o seu único defeito, neste sentido da palavra mestre, porque um artista, para penetrar inteiramente na verdade da vida espiritual, deve ser sozinho e não prodigalizar a sua individualidade, mesmo aos discípulos buscava extrair de toda circunstância, fosse relativa a ele ou aos outros, e para melhor ilustração dos jovens, a parte de verdade que ela contivesse. Então, às palavras que poderiam vingar seu amor-próprio, preferiu as que podiam me instruir.

- Não existe homem, por mais sábio que seja- disse-me-, que não tenha, em certa época de sua juventude, pronunciado palavras, ou até levado uma vida, cuja recordação lhe seja desagradável e que ele desejasse ver abolidas. Mas não deve lamenta-la de todo, pois não pode estar seguro de se ter tornado um sábio, na medida em que isso é possível, sem passar por todas as encarnações ridículas ou odiosas que devem precedê-la. Sei que há jovens, filhos e netos de pessoas célebres, a quem os preceptores ensinaram a nobreza de espírito e a elegância moral desde o colégio. Talvez nada se tenha a dizer de suas vidas, poderiam assinar e publicar tudo o que disseram, mas são pobres espíritos, descendentes sem força dos doutrinadores, e cuja sabedoria é negativa e estéril. A gente não herda a sabedoria; é preciso descobri-la por nós mesmos depois de uma trajetória que ninguém pode fazer por nós, e que ninguém nos pode evitar, pois ela é uma forma de ver as coisas. As vidas que o senhor admira, as atitudes que julga nobres, não foram obtidas pelo pai de família ou pelo preceptor; foram precedidas por inícios bem diversos, tendo sido influenciadas pelo que lhes havia em torno, fosse bom ou banal. Representam um combate e uma vitória. Compreendo que já não reconheçamos a imagem do que fomos num primeiro período da vida, a qual, em todo o caso, nos é desagradável. Entretanto, não deve ser renegada, pois trata-se de um testemunho de que temos vivido segundo as leis da vida e do espírito e que dos elementos comuns da vida, da vida dos ateliês, dos grupos artísticos, se se trata de um pintor-extraímos algo que os supera.

Tínhamos chegado diante de sua porta.

Sentia-me decepcionado por não ter conhecido as moças. Mas enfim, agora haveria uma possibilidade de reencontrá-las na vida; deixavam de somente passar por um horizonte onde eu julgara que não as veria jamais reaparecer. A seu redor já não se agitava essa espécie de redemoinho que nos separava, e que

não passava da tradução do desejo em permanente atividade, móvel, urgente, alimentado de inquietudes despertadas em mim pela inacessibilidade delas, ou pelo seu possível desaparecimento para sempre.

Já podia agora pôr em sossego o meu desejo por elas, guardá-lo em reserva, junto com tantos outros cuja realização ia adiando, uma vez que o sabia possível. Deixei Elstir; encontrei-me a sós. Então, de súbito, apesar da minha decepção, vi no meu espírito toda essa série de acasos que não havia suspeitado pudessem realizar-se: que Elstir fosse precisamente ligado a essas moças; estas que de manhã ainda eram, para mim, figuras em um quadro que tinha como fundo o mar, me tivessem visto em companhia de um grande pintor, o qual sabia agora do meu desejo de conhecê-las e sem dúvida o apoiaria. Tudo aquilo me dera satisfação, mas uma satisfação que me ficara oculta; era como essas visitas que esperam, para nos fazer saber que estão presentes, que os demais convivas tenham se retirado, e que estejamos sozinhos.

Então nós as vemos, podemos dizer-lhes: estamos a seu dispor, e escutá-las. Às vezes, entre o momento em que estas satisfações entraram em nós e o momento em que nós entramos nelas, passaram-se tantas horas e vimos tanta gente no intervalo que tememos não nos tenham esperado. Mas elas são pacientes, não se cansam e, logo que todos foram embora, vemo-las face a face. Outras vezes, somos nós que estamos tão cansados que nos parece não termos força bastante, em nosso pensamento desfalecente, para reter essas lembranças e impressões para as quais o nosso eu frágil é o único lugar habitável, o único modo de realização. E o lamentaríamos, pois a existência quase só tem interesse nesses dias em que a poeira das realidades vem misturada com areia mágica, e um vulgar incidente da vida se transforma em motivo romanesco. Todo um promontório do mundo inacessível surge então da iluminação do sonho e entra em nossa vida; em nossa vida onde, como quem despertou de um sonho, vemos as pessoas com quem tínhamos sonhado tão intensamente que julgáramos que só haveríamos de revê-las em sonho; o sossego trazido pela possibilidade de conhecer aquelas moças quando quisesse era-me tanto mais precioso, porque agora não podia continuar em seu encalço devido aos preparativos de viagem de Saint-Loup. Minha avó desejava testemunhar a meu amigo seu agradecimento por tantas gentilezas que tivera para conosco. Disse-lhe que Saint-Loup era um grande admirador de Proudhon e sugeri que mandasse vir a Balbec numerosas cartas autografadas desse filósofo que ela havia comprado; Saint-Loup veio vê-las no hotel no dia em que chegaram, que era o da véspera de sua partida. Leu-as avidamente, manuseando cada folha com respeito, procurando reter as frases; ergueu-se depois, e já se desculpava com minha avó de ter ficado por tanto tempo, quando a ouviu dizer:

- Nada disso; leve-as. São suas, foi para você que mandei trazê-las.

Aquilo lhe deu uma alegria tamanha que não a pôde dominar, como não se pode dominar um estado físico que ocorre sem intervenção da vontade. Ficou vermelho como uma criança que está sendo castigada, e minha avó se sentiu muito mais emocionada ao ver todos os esforços que ele fizera (sem o conseguir) para conter a alegria que o agitava, do que com todos os protestos de gratidão que ele pudesse ter externado. Mas ele, temendo ter mal demonstrado o seu reconhecimento, ainda pedia que o desculpasse, no dia seguinte, debruçado à janela do trenzinho de ramal secundário que tomara para alcançar o seu quartel. Este, de fato, ficava bem perto. Saint-Loup havia pensado em ir de carro, como fazia muitas vezes quando devia voltar à tarde e não se tratava de uma partida definitiva. Mas desta vez era necessário mandar de trem sua numerosa bagagem. E ele achou mais simples subir igualmente ao vagão, de acordo com a opinião do gerente do hotel que, consultado, havia respondido que trem ou carro "seriam mais ou menos equívocos". Com isso queria dizer que seriam equivalentes (em suma, mais ou menos o que Françoise teria expressado ao dizer que "isto iria do semelhante ao mesmo").Ou seja concluiu Saint-Loup-, irei pelo "tortinho".

Também o teria tomado se não estivesse tão cansado, para acompanhar meu amigo a Doncieres; prometi-lhe, ao menos, durante o tempo que ficamos na estação de Balbec, isto é, o tempo que o maquinista dedicou a esperar alguns retardatários, sem os quais não queria partir, e também para tomar algum refresco, ir vê-lo várias vezes por semana. Como Bloch também tinha vindo à estação, para grande contrariedade de Saint-Loup, este, ao ver que meu colega o ouvia me pedir que fosse almoçar, jantar e morar em Doncieres, acabou por lhe dizer, num tom bastante frio, cujo objetivo era o de corrigir a amabilidade forçada do convite e impedir que Bloch o levasse a sério:

- Se alguma vez passar por Doncieres à tarde, poderá perguntar por mim no quartel; mas quase nunca estou livre.

Talvez Robert igualmente receasse que, sozinho, eu não fosse e, pensando que eu estivesse mais ligado a Bloch do que dizia, dava-me, assim, oportunidade de ter um companheiro de viagem que me animasse a ir.

Eu receava que esse tom, essa maneira de convidar alguém, aconselhando-o a que não fosse, fosse deixar Bloch melindrado, e achava que Saint-Loup teria feito melhor em não falar coisa alguma. Mas estava enganado, pois, logo após a partida do trem, enquanto voltávamos juntos até o cruzamento das duas avenidas onde iríamos nos separar, visto que uma levava ao hotel e a outra à vivenda dos Bloch, este não parou de indagar em que dia iríamos a Doncieres, porque, depois de "todas as amabilidades que Saint-Loup lhe fizera", seria "muito grosseiro de sua parte" não atender a seu convite. Gostei de que ele não tivesse notado o tom pouco insistente, meramente polido, com que o convite fora feito, ou, caso o houvesse notado, que fingisse e não se desse por achado. Contudo, desejaria que

Bloch não caísse no ridículo de ir de imediato a Doncieres. Mas não ousava lhe dar um conselho que só poderia incomodá-lo, mostrando-lhe que Saint-Loup fora menos insistente no convite do que ele em aceitá-lo. Bloch era extremamente inoportuno, porque, embora todos os defeitos que tivesse no gênero fossem compensados por notáveis qualidades que outras pessoas, mais reservadas, não possuíam, levava a indiscrição a um nível exasperador. Na sua opinião, a semana não poderia terminar sem que fôssemos a Doncieres. (Dizia "fôssemos", pois julgo que contava com minha presença para desculpar a sua.) Em todo o caminho de volta, diante do ginásio, debaixo das árvores, diante do campo de tênis, diante da Prefeitura, diante do mercado de conchas, parava, suplicando que eu fixasse um dia determinado; e, como eu recusasse, retirou-se aborrecido, dizendo:

- Como quiser, cavalheiro. Em todo caso, sou obrigado a ir, pois ele me convidou.

Saint-Loup temia tanto não ter agradecido à minha avó como devia, que, dois dias depois, ainda me encarregava de lhe testemunhar sua gratidão numa carta sua que recebi da cidade onde se achava aquartelado e que parecia, pelo envelope em que o correio havia carimbado o nome dela, ter corrido bem depressa ao meu encontro para me dizer que, entre suas muralhas, no quartel de cavalaria Luís XVI, ele pensava em mim. O papel trazia as armas de Marsantes, nas quais distingui um leão que superava uma coroa encimada por um barrete de par da França.

"Depois de uma viagem sem novidades (dizia-me), dedicada a ler um livro que comprei na estação, escrito por Arvede Barine (penso que seja um autor russo; pareceu-me extremamente bem escrito para um estrangeiro; mas diga o que acha, pois você, poço de ciência que leu tudo, deve conhecê-lo), eis-me de volta ao ambiente desta vida grosseira, onde infelizmente me sinto bem exilado e nada tenho do que deixei em Balbec; esta vida onde não encontro nenhuma sombra de afeto, nenhum vestígio de intelectualidade; vida cujo ambiente você sem dúvida desprezaria e que, todavia, possui algum encanto. Tudo me parece ter mudado desde que estive aqui pela última vez, pois no intervalo começou uma das épocas mais importantes da minha vida, aquela da qual data a nossa amizade. Espero que esta não, acabe jamais. Só falei dela e de você a uma única pessoa, a minha amiga, que me fez a surpresa de vir passar uma hora comigo. Ela gostaria muito de conhecê-lo e creio que você concordaria com isto, pois também é muito literária. Em compensação para repensar em nossas conversas, para reviver essas horas que jamais esquecerei, isolei-me de meus camaradas, excelentes moços mas que teriam sido incapazes de compreender essas coisas. Essas lembranças dos momentos passados com você, gostaria de evocá-las, no primeiro dia, só para mim e sem lhe escrever. Mas receio que você, espírito sutil e coração ultra-sensível, fique preocupado se não receber nenhuma carta minha,

se é que se dignou a abaixar seu pensamento logo para este rude soldado que tanto trabalho lhe há de dar para desbastar e tornar um pouco mais sutil e digno de você."

No fundo, esta carta se parecia muito, por sua ternura, àquelas que, quando ainda não conhecia Saint-Loup, imaginara que ele me escreveria, naquelas fantasias de imaginação de que me arrancou a frieza do nosso primeiro encontro, pondo-me diante de uma realidade glacial que não deveria ser definitiva. Depois de tê-la recebido, cada vez que, à hora do almoço, traziam a correspondência, eu reconhecia logo quando chegava uma carta dele, pois elas ostentavam sempre aquela fisionomia que uma criatura ausente mostra e de cujas feições (o tipo de letra) não há razão alguma para que não acreditemos extrair uma alma individual tão bem como a distinguimos na forma do nariz ou nas inflexões da voz.

Agora, eu ficava de boa vontade à mesa enquanto retiravam o serviço, e não me limitava mais a olhar o mar, a não ser no momento em que as moças do grupinho poderiam passar. Desde que vira essas coisas nas aquarelas de Elstir, procurava reencontrá-las na realidade, apreciava como elemento poético o gesto interrompido das facas ainda atravessadas, a redondeza abaulada de um guardanapo desfeito onde o sol intercala um pedaço de veludo amarelo, a taça meio vazia que assim revela a nobre amplitude de suas formas e, no fundo de seu cristal translúcido, semelhante a uma condensação do dia, um resto de vinho escuro, mas cintilante de brilhos, o deslocamento dos volumes, a transmutação dos líqüidos por efeitos de luz, a alteração das ameixas, que passam do verde ao azul e do azul ao dourado na compoteira já meio vazia, o passeio das cadeiras velhinhas que, duas vezes ao dia, vêm se instalar ao redor da toalha estendida na mesa, como sobre um altar onde são celebrados os ritos da gula, e na qual há ostras em cujo interior jazem algumas gotas de água lustral como em pequenas pias de água benta; eu tentava encontrar a beleza onde jamais imaginara que estivesse, nas coisas mais comuns, na vida profunda das "naturezas mortas".

Dias depois da partida de Saint-Loup, consegui que Elstir promovesse uma pequena matinê onde me encontraria com Albertine; houve quem me achasse elegante e charmoso, aliás qualidades ambas momentâneas, quando saía do Grande Hotel (o que se devia a um repouso prolongado e a cuidados especiais de indumentária), e lamentei não poder reservar a simpatia e a elegância (bem como o prestígio de Elstir) para a conquista de uma outra pessoa mais interessante, lamentei gastar tudo isto pelo simples prazer de conhecer Albertine. Minha inteligência julgava bem pouco valioso esse prazer, desde que estava assegurado. Mas dentro de mim a vontade não concordava um instante sequer com essa ilusão, a vontade, que é servidora perseverante e imutável de nossas personalidades sucessivas; oculta na sombra, desdenhada, de uma fidelidade

infatigável, trabalha sem cessar e sem se preocupar com as variações do nosso eu para que nunca lhe falte nada do que necessita.

Ao passo que, no momento em que vai se efetuar uma viagem desejada, a inteligência e a sensibilidade começam a perguntar-se se de fato vale a pena viajar, a vontade, que sabe que esses mestres ociosos recomeçariam imediatamente a achar maravilhosa essa viagem caso ela não pudesse realizar-se, a vontade os deixa dissertar diante da estação, multiplicar as hesitações; porém ocupa-se em pegar as passagens e vai nos colocando no vagão para quando chegue a hora da partida. Ela é tão invariável quanto a inteligência e a sensibilidade se mostram mutáveis; mas, como é silenciosa, não dá suas razões, parece quase inexistente. É à sua firme determinação que obedecem as outras partes do nosso eu, mas sem o perceber, ao passo que elas distinguem nitidamente suas próprias incertezas. Minha sensibilidade e minha inteligência instituíram então um debate sobre o valor do prazer que haveria em conhecer Albertine, enquanto eu olhava ao espelho os vãos e frágeis adornos de minha pessoa, que ambas prefeririam conservar intactos para outra ocasião; mas minha vontade não deixou passar a hora em que era necessário partir, e foi o endereço de Elstir que ela deu ao cocheiro. Minha inteligência e minha sensibilidade ainda pensaram que era uma pena, pois a sorte estava lançada. Se minha vontade tivesse dado outro endereço, elas ficariam desapontadas.

Quando cheguei em casa de Elstir, pouco depois, a princípio julguei que a Srta. Simonet não se achava presente. No ateliê estava uma jovem sentada, de vestido de seda, cabeça descoberta; eram-me desconhecidos a cabeleira magnífica,o nariz e a cor da pele, onde nada encontrei da entidade que extraíra de uma jovem ciclista que passeava coberta por uma boina, ao longo da praia. No entanto era Albertine. Porém, mesmo quando o soube, não me ocupei dela. Quando se é jovem, ao entrar em qualquer reunião social, a gente morre para si mesmo, torna-se homem diferente, visto que todo salão é um novo universo onde, obedecendo à lei de uma outra perspectiva moral, fixamos a atenção, como se fossem nos importar para sempre, em pessoas, danças, jogos de cartas, que no dia seguinte estarão esquecidos. Obrigado a seguir, para chegar a uma conversa com Albertine, um caminho que de modo algum traçara e que parava primeiro diante de Elstir, passava por outros grupos de convidados, a quem ia sendo apresentado, depois ao longo do bufê, onde me eram oferecidas, e onde comia, tortas de cerejas, enquanto escutava imóvel a música que principiavam a tocar, acabei dando a estes episódios diversos a mesma importância que à minha apresentação à Srta. Simonet, apresentação que não era senão uma a mais dentre aqueles episódios, e que eu inteiramente esquecera ter sido, alguns minutos antes, o objetivo único da minha vinda. Aliás, não ocorre o mesmo na vida ativa, com nossas verdadeiras felicidades, nossas grandes desgraças? No meio de outras

pessoas, recebemos, daquela a quem amamos, a resposta favorável ou mortal que esperávamos há um ano. Mas é preciso continuar a conversar, as idéias se ajuntam umas às outras, desenvolvendo uma superfície à qual só vem aflorar surdamente, de quando em vez, a lembrança, aliás bem profunda porém tênue, de que nos chegou a desgraça. Se, no lugar desta, vem a felicidade, pode ocorrer que somente muitos anos depois nos lembremos que o maior acontecimento da nossa vida sentimental se cumpriu sem que tivéssemos tido tempo de lhe prestar uma atenção prolongada, e quase que de tomar consciência dele, numa reunião social, por exemplo, e à qual havíamos comparecido apenas na expectativa desse acontecimento.

No momento em que Elstir me chamou para me apresentar a Albertine, sentada um pouco mais adiante, primeiro acabei de comer uma bomba de chocolate com café e pedi com interesse a um velho senhor, a quem acabara de conhecer, e ao qual julguei poder oferecer a rosa que ele admirava em minha botoeira, que me desse pormenores acerca de algumas feiras normandas. Não preciso dizer que a apresentação que se seguiu não me causou prazer nenhum, nem pareceu ter a meus olhos qualquer gravidade. Quanto ao prazer, só o conheci naturalmente um pouco mais tarde, quando, de volta ao hotel, e estando sozinho, me tornei de novo eu mesmo. Com os prazeres, ocorre o mesmo que com as fotografias. O que colhemos na presença da pessoa amada não passa de um clichê negativo que revelamos depois, logo que estivermos em casa, quando temos à nossa disposição essa câmara escura interior cuja entrada é "proibida" enquanto há gente à vista.

Se o conhecimento do prazer me foi assim retardado de algumas horas, em troca percebi logo a gravidade dessa apresentação. No momento dela, podemos sentir-nos de súbito gratificados e portadores de um "vale" para futuros prazeres, atrás do qual corríamos há várias semanas; mas bem percebemos que sua obtenção põe fim, para nós, não apenas a exaustivas buscas o que apenas poderia nos encher de júbilo-, mas também à existência de uma certa criatura, aquela que nossa imaginação tinha desfigurado, e que o nosso temor ansioso de jamais poder conhecê-la havia engrandecido. No instante em que o nosso nome ressoa na boca do apresentador, sobretudo se é cercado, como o fez Elstir, de palavras elogiosas nesse instante sacramental, análogo àquele em que, numa *féerie*, o gênio ordena a uma pessoa que seja uma outra de repente-, desaparece aquela criatura de quem nos desejávamos aproximar; antes de mais nada, como permaneceria ela igual a si mesma, já que devido à atenção que a desconhecida é obrigada a prestar ao nosso nome e à nossa pessoa nos olhos ontem situados no infinito (e que julgávamos que os nossos, errantes, mal regulados, aflitos, divergentes, jamais lograriam atingir), o olhar consciente, o pensamento incognoscível que procurávamos acaba de ser milagrosa e simplesmente substituído por nossa

própria imagem pintada como no fundo de um espelho que estivesse sorrindo. Se a encarnação de nós mesmos que nos parecia bem diverso de nós, é o que mais modifica a pessoa a quem acabam de nos apresentar, a forma dessa pessoa permanece ainda bastante imprecisa; e podemos nos indagar se ela será deus, mesa ou bacia. Porém, tão ágeis como os ceroplastas que modelam um busto à nossa frente em cinco minutos, as poucas palavras que a desconhecida vai nos dizer precisarão essa forma e lhe dar algo de definitivo que há de excluir todas as hipóteses às quais, na véspera, se entregavam o nosso desejo e a nossa imaginação. Sem dúvida, mesmo antes de comparecer àquela reunião, Albertine já não era de todo para mim esse único fantasma digno de assombrar nossa vida, que permanece para nós uma passante de quem nada sabemos, e que mal vislumbramos. Seu parentesco com a Sra. Bontemps já restringira essas hipóteses maravilhosas, tapando uma das vias por onde podiam se espalhar. À medida que me aproximava da moça, e a conhecia mais, tal conhecimento se fazia por subtração, sendo cada pedaço de imaginação e de desejo substituído por uma noção que valia infinitamente menos, noção à qual, é verdade, vinha acrescentar-se uma espécie de equivalente, no terreno da vida, ao que as sociedades financeiras dão após o reembolso da ação primitiva, e que denominam ação de usufruto. Seu nome e seus parentes haviam sido uma primeira limitação trazida às minhas hipóteses. Sua gentileza foi um outro limite, enquanto, bem junto dela, eu voltava a encontrar seu sinalzinho no rosto, abaixo do olho; enfim, admirei-me de ouvi-la empregar o advérbio "perfeitamente" em vez de "completamente", ao se referir a duas pessoas, dizendo que era "perfeitamente louca, mas afinal muito gentil" e, da outra, que "é um senhor perfeitamente vulgar e perfeitamente aborrecido". Por pouco agradável que fosse aquele emprego de "perfeitamente", indica um grau de civilização e de cultura ao qual não poderia imaginar que a bacante de bicicleta, a musa orgiástica do golfe, alcançaria. O que aliás não impediu que, após esta primeira metamorfose, Albertine devesse ainda mudar várias vezes para mim. As qualidades e os defeitos que uma criatura apresenta dispostos no primeiro plano de seu rosto ordenam-se de acordo com uma formação completamente diferente se a abordamos de um lado diverso como em uma cidade os monumentos espalhados em ordem dispersa sobre uma só linha, sob outro ponto de vista escalonam-se em profundeza e trocam suas grandezas relativas. Para começar, achei Albertine com aspecto bastante intimidado, em vez de implacável; pareceu-me mais distinta do que mal-educada, a julgar pelos epítetos de "ela terá mau gênio, ela tem um gênio esquisito" que aplicou a todas as moças de quem falei; enfim, como ponto marcante do rosto, tinha Albertine têmpora bastante afogueada e pouco agradável de ver; não mais o olhar estranho em que eu havia pensado até então. Mas aquilo não passava de uma segunda vista, e sem dúvida haveria outras pelas quais eu devia passar sucessivamente.

Assim, só depois de ter reconhecido, não sem hesitações, os erros de ótica do começo, é que podemos alcançar o conhecimento exato de uma criatura, se é que tal conhecimento é possível. Mas não o é pois, ao passo que se retifica a visão que temos dela, ela mesma, que não é um objetivo inerte, muda por conta própria; julgamos apanhá-la, ela se desloca, e, acreditando vê-la enfim mais claramente, conseguimos aclarar apenas as imagens antigas que havíamos tomado, mas essas imagens não a representam mais.

Entretanto, apesar das inevitáveis decepções que possa acarretar, essa marcha na direção do que apenas se entreviu, para o que se teve tempo de imaginar essa marcha é a única saída para os sentidos, que nela entretêm seu apetite. De que morno aborrecimento está impregnada a vida das pessoas que, por preguiça ou timidez, vão diretamente de carro à casa dos amigos, a quem conheceram sem primeiro ter sonhado com eles, sem jamais ousar, durante o caminho, parar junto de quem desejam!

Voltei para o hotel pensando naquela reunião matutina, revendo a bomba com café que acabara de comer antes de deixar que Elstir me levasse para junto de Albertine, a rosa que havia dado ao velho senhor, todos esses detalhes escolhidos à nossa revelia pelas circunstâncias e que compõem para nós, num arranjo especial e fortuito, o quadro de um primeiro encontro. Mas esse quadro, tive a impressão de vê-lo sob outro ponto de vista, de muito longe de mim mesmo, compreendendo que não havia existido só para mim quando, alguns meses depois, para meu grande espanto, como falasse a Albertine sobre o dia em que nos conhecêramos pessoalmente, ela me recordou a bomba, a flor que eu havia dado, tudo o que eu julgava, não digo importante apenas para mim, mas apenas de mim conhecido, e que encontrava assim transcrito, em uma versão de cuja existência nem suspeitava, no pensamento de Albertine.

Desde esse primeiro dia, quando ao regressar pude ver a lembrança que trazia comigo, compreendi que passe de mágica fora perfeitamente executado, e como havia conversado por um instante com a pessoa que, graças à habilidade do prestidigitador, sem ter coisa alguma daquela que eu seguira por tanto tempo à beira da praia, fora-lhe substituída. Aliás, deveria tê-lo adivinhado previamente, visto que a moça da praia fora fabricada por mim. Apesar disso, como eu a houvesse, em minhas conversas com Elstir, assimilado a Albertine, sentia-me, em relação a esta, na obrigação moral de manter as promessas de amor feitas à Albertine imaginária. A gente fica noivo por procuração e, a seguir, julga-se obrigado a desposar a pessoa interposta. Além disso, se havia desaparecido provisoriamente, ao menos da minha vida, uma angústia, à qual bastaria, para serenar, a recordação das maneiras corretas, da expressão "perfeitamente vulgar" e da têmpora afogueada, essa recordação despertava em mim um outro gênero de desejo, que, embora suave e nada doloroso, semelhante a um

sentimento fraternal, podia com o tempo se tornar bem perigoso, fazendo-me sentir a todo instante a necessidade de beijar essa nova pessoa, cujas boas maneiras e timidez, além da disponibilidade inesperada, detinham a corrida inútil da minha imaginação, mas davam origem a uma gratidão enternecida. E depois, como a memória começa de imediato a tirar fotografias independentes umas das outras, suprimindo todo elo, todo progresso entre as cenas nelas figuradas, a derradeira, na coleção das que ela expõe, não destrói forçosamente as anteriores. Em face da medíocre e palpável Albertine a quem havia falado, eu via a misteriosa Albertine diante do mar. Agora, eram lembranças, ou seja, quadros dos quais nenhum me parecia mais verdadeiro que o outro. Enfim, para terminar com esse dia de apresentação, tentando rever o sinalzinho no rosto abaixo do olho, lembrei-me que, quando Albertine fora embora, vira-lhe eu o mesmo sinalzinho no queixo. Em suma, quando a via, reparava que tinha um sinalzinho; porém, a seguir, minha memória radiante passeava pelo rosto de Albertine, pondo-o ora aqui, ora ali.

Por mais desapontado que ficasse por ter achado na Srta. Simonet uma moça muito pouco diferente de todas que conhecia, assim como a minha decepção diante da igreja de Balbec cancelava-me o desejo de ir a Quimperlé, a Pont-Aven e a Veneza, dizia comigo que, ao menos por meio de Albertine, caso ela mesma não fosse o que eu havia esperado, poderia conhecer suas amigas do pequeno grupo. A princípio julguei que iria fracassar. Como ela devia permanecer ainda muito tempo em Balbec, e eu também, achara que o melhor seria não insistir em vê-la e esperar uma ocasião que me proporcionasse um encontro. Mas isso acontecia todos os dias; era muito de temer que ela se contentasse em responder de longe à minha saudação, a qual, neste caso, repetida diariamente por toda a temporada, não levaria a coisa alguma.

Pouco tempo depois, certa manhã em que chovera e em que fazia quase frio, fui abordado no molhe por uma moça que usava boina e regalo, tão diferente daquela que vira na reunião em casa de Elstir, que parecia a meu espírito uma operação impossível reconhecer nela a mesma pessoa; todavia, pude reconhecê-la, mas após um momento de surpresa que julgo não ter escapado a Albertine. Por outro lado, lembrando-me naquele instante das "boas maneiras" que me haviam espantado, ela me deixou assombrado em sentido inverso pelo seu tom rude e suas maneiras "pequeno grupo". Quanto ao mais, a têmpora deixara de ser o centro ótico e tranqüilizador do rosto, seja porque eu estivesse colocado do outro lado dela, seja porque a boina a tapasse, seja porque a vermelhidão fosse inconstante.

-Que tempo! -disse ela.- No fundo, o verão sem fim de Balbec é uma grande piada. Você não faz nada aqui? Nunca se vê você no golfe, nos bailes do cassino; tampouco anda a cavalo. Como deve se aborrecer! Não acha que a gente se

imbeciliza ficando o tempo todo na praia? Ah, você gosta de bancar o lagarto, hein? Bem, você tem tempo. Vejo que não é como eu; adoro todos os esportes! Não esteve nas corridas da Sogne? Nós fomos até lá de bonde, e compreendo que não lhe agrade um calhambeque daqueles. Levamos duas horas até lá! No mesmo tempo, eu teria ido e voltado três vezes com a minha bicicleta.

Eu, que havia admirado Saint-Loup quando ele se referira, com toda a naturalidade, ao pequeno trem de ferro local como "tortinho", devido às numerosas curvas que fazia, fiquei intimidado com a facilidade com que Albertine dizia "calhambeque". Sentia a sua maestria em um sistema de designações em que eu temia que ela percebesse e desprezasse a minha inferioridade.

Também a riqueza de sinônimos que possuía o pequeno grupo para designar aquela estrada de ferro ainda não me fora revelada. Falando, Albertine conservava a cabeça imóvel, as narinas apertadas, e movia apenas a ponta dos lábios. Daí resultava um som como que arrastado e nasal, em cuja composição talvez entrassem heranças provincianas, uma afetação juvenil de fleuma britânica, lições de uma professora estrangeira e uma hipertrofia congestiva da mucosa do nariz. Tal emissão de voz, que aliás cedia bem depressa à medida que ia conhecendo as pessoas, e se tornava naturalmente infantil, poderia passar por desagradável. Era no entanto muito especial e me deixava encantado. Todas as vezes que ficava alguns dias sem vê-la, exaltava-me repetindo:

"Nunca se vê você no golfe", com o tom nasal com que ela falara, muito reta, sem mexer a cabeça. E então imaginava não existir pessoa mais desejável.

Formávamos, naquela manhã, um desses pares que matizam aqui e ali o passeio do molhe com seus encontros, suas paradas, justo o tempo necessário para trocar algumas palavras antes de se despedirem para cada um tomar em separado o seu passeio divergente. Aproveitei essa imobilidade para olhar e saber em definitivo onde estava situado o sinalzinho. Ora, assim como um trecho de Vinteuil que me encantara na Sonata e que minha memória fazia vaguear do andante ao final, até o dia em que, tendo em mãos a partitura, pude encontrá-lo e imobilizá-lo na minha lembrança em seu lugar devido, no *scherzo*-da mesma forma o sinalzinho que me lembrava estar ora na face, ora no queixo, parou para sempre sobre o lábio superior abaixo do nariz. Do mesmo modo encontramos, com espanto, versos que sabíamos de cor, numa peça onde não suspeitávamos que estivessem.

Naquele momento, como para que diante do mar se multiplicasse livremente, na variedade de suas formas, todo o rico conjunto decorativo que era o belo desfilar das virgens, a um tempo róseas e douradas, curtidas pelo sol e pelo vento, as amigas de Albertine, de pernas bonitas e lindo corpo, mas tão diversas umas das

outras, mostraram seu grupo, que foi se desenrolando, avançando em nossa direção, mais perto do mar, numa linha paralela. Pedi licença a Albertine para acompanhá-la por alguns instantes. Infelizmente ela se contentou em lhes abanar com a mão.

- Mas suas amigas vão se queixar se não acompanhá-las. - disse-lhe, esperando que passeássemos juntos.

Um rapaz de feições regulares, com raquetes na mão, se aproximou de nós. Era o jogador de bacará, cujas loucuras tanto indignavam a esposa do primeiro magistrado. Com ar frio, impassível, no qual evidentemente ele imaginava consistir a suprema distinção, cumprimentou Albertine.

- Está vindo do golfe, Octave? - indagou esta. - Correu tudo bem? Está em forma?

- Oh, isto me aborrece, estou em apuros - respondeu ele.

- André também estava lá?

- Sim, e fez setenta e sete.

- Oh, mas é um recorde!

- Eu tinha feito oitenta e dois ontem.

Octave era filho de um industrial muito rico que deveria desempenhar um papel importantíssimo na organização da próxima Exposição universal. Espantou-me ver a que ponto, naquele moço e nos outros raros amigos masculinos dessas moças, o conhecimento que possuíam de tudo quanto era roupa, modo de vestir, charutos, bebidas inglesas, cavalos-conhecimento que Octave possuía nos mínimos detalhes com uma infalibilidade altiva que atingia a modéstia silenciosa do sábio se desenvolvera isoladamente sem ser acompanhado da menor cultura intelectual. Não mostrava qualquer hesitação sobre a oportunidade do *smoking* ou do pijama, mas não suspeitava do caso em que se pode ou não empregar certa palavra, e nem mesmo das regras mais elementares do francês. Essa disparidade entre os dois tipos de cultura devia ser a mesma no caso de seu pai, presidente do Sindicato dos Proprietários de Balbec, pois, numa carta aberta aos eleitores, que acabara de afixar em todos os muros, dizia:

"Eu quis ver o prefeito para falá-lo a respeito disso, ele não quis ouvir minhas justas queixas."

Octave, no cassino, ganhava prêmios em todos os concursos de bóston, tango, etc., o que lhe proporcionaria, se quisesse, um belo casamento nesse ambiente de "banhos de mar", onde não é no sentido figurado, mas no literal, que as moças acabam casando com seu "par". Octave acendeu um charuto enquanto dizia a Albertine:

- Com licença. - como se pede autorização para terminar um trabalho urgente enquanto se conversa. Pois ele nunca podia "ficar sem fazer nada", embora nunca fizesse coisa nenhuma. E, como a inatividade completa acaba por ter os mesmos efeitos que o trabalho exagerado, tanto no domínio moral como na vida do corpo e dos músculos, a constante nulidade intelectual que morava por trás da fronte sonhadora de Octave acabara por lhe conferir, apesar de seu aspecto tranqüilo, ineficazes tentações de pensamento que o impediam de dormir à noite, como poderia ocorrer a um metafísico exausto.

Imaginando que se conhecesse seus amigos poderia ter mais oportunidades de ver essas moças, estava a ponto de pedir para lhe ser apresentado. Assim o disse a Albertine, logo que ele foi embora repetindo:

-Estou em apuros. Pensava incutir-lhe a idéia de me apresentar da próxima vez.

-O quê! -exclamou Albertine. - Não posso apresentá-lo a um gigolô! Isto aqui fervilha de gigolôs. Mas eles não poderiam conversar com você. Este joga muito bem o golfe, e pronto. Sei o que estou dizendo, não é absolutamente do seu gênero.

- Suas amigas vão se queixar se as deixa assim - disse eu, esperando que ela propusesse irmos juntos ao encontro delas.

- Nada disso, elas não têm necessidade alguma de mim.

Passamos por Bloch, que me lançou um sorriso fino e insinuante e, embaraçado quanto a Albertine, a quem não conhecia, ou pelo menos conhecia "sem conhecer", abaixou a cabeça para o colarinho num movimento seco e rebarbativo.

- Como é que se chama esse ostrogodo? perguntou Albertine. - Não sei por que me cumprimenta, visto que não me conhece. Portanto, não lhe retribuí seu cumprimento.

Não tive tempo de responder a Albertine, pois, caminhando direito sobre nós:

- Desculpa-me a interrupção. - disse ele-, mas queria te avisar que vou amanhã a Doncieres. Não posso mais esperar sem cometer uma grosseria e me pergunto o que Saint-Loup-en-Bray deve estar pensando de mim. Previno-te que tomo o trem das duas horas. À tua disposição.

Mas eu não pensava mais do que em rever Albertine e tentar conhecer suas amigas, e Doncieres, como elas não iam para lá e me obrigaria a voltar para casa depois da hora em que elas estariam na praia, me parecia ficar no fim do mundo. Disse a Bloch que aquilo era-me impossível.

- Pois bem, irei sozinho. Conforme os dois ridículos alexandrinos do Sr. Arouet, direi a Saint-Loup, para acalentar seu anticlericalismo: Saiba que meu dever não

depende do seu. Faça o que lhe aprouver; eu cumprirei o meu.

- Reconheço que é um belo rapaz-disse-me Albertine;- mas o fato é que ele me desagrada.

Jamais imaginara que Bloch pudesse ser tido como um belo rapaz. Era-o de fato. Com uma cabeça um tanto proeminente, um nariz bem recurvo, um ar de extrema finura, e de quem estava convencido da própria finura, tinha um rosto agradável. Mas não podia agradar Albertine. Era talvez devido às más qualidades de Albertine, à dureza e à insensibilidade do pequeno grupo, à grosseria dela para com tudo o que lhe não dizia respeito. Aliás, mais tarde, quando os apresentei, a antipatia de Albertine não diminuiu. Bloch pertencia a um meio no qual, entre o gracejo empregado na alta sociedade e o suficiente respeito pelas boas maneiras que deve ter um homem que tem "mãos limpas", ergueu-se entretanto uma espécie de compromisso particular que difere das maneiras da alta sociedade e é, apesar de tudo, uma forma singularmente odiosa de mundanismo. Quando era apresentado a alguém, Bloch se inclinava a um tempo com um sorriso de ceticismo e um respeito exagerado e, se se tratava de um homem, dizia:

- Encantado, senhor - com uma voz que se ria das palavras pronunciadas mas tinha consciência de pertencer a alguém que não era um sujeito grosseiro. Após esse primeiro momento de um costume que ele seguia e do qual, ao mesmo tempo, troçava (como quando dizia no dia 1° de janeiro: "Feliz Ano-Novo"), tomava um ar de finura e malícia e "proferia coisas sutis" que, muitas vezes, eram cheias de verdade, mas "irritavam os nervos" de Albertine. Quando lhe disse naquele primeiro dia que ele se chamava Bloch, ela exclamou:

- Eu seria capaz de jurar que era judeu. É bem do jeito deles.

Aliás, Bloch, a seguir, devia irritar Albertine de outra forma. Como diversos intelectuais, ele não podia dizer com simplicidade as coisas simples. Para cada uma, encontrava um qualificativo precioso e depois generalizava. Isto aborrecia Albertine, que não gostava muito de que se ocupassem como que ela fazia; quando torceu o pé e teve de ficarem sossego, Bloch observou: -Ela está na espreguiçadeira mas, por ubiqüidade, não deixa de freqüentar simultaneamente indistintos golfes e remotos tênis.

Aquilo não passava de "literatura", mas que, devido às dificuldades que Albertine sentia que poderia lhe criar com as pessoas cujo convite recusara, dizendo que não podia se mover, bastou para que criasse aversão ao rosto e ao som da voz do rapaz que dizia tais coisas. Separamo-nos, Albertine e eu, combinando sair juntos um dia. Conversara com ela sem mais saber aonde cairiam minhas palavras e aonde iriam parar, como se lançasse pedras num abismo sem fundo. Que em geral sejam preenchidas, pela pessoa a quem as dirigimos, de um sentido que ela tira de sua própria substância e que é bem diferente do que havíamos posto

nessas mesmas palavras, é um fato que a vida cotidiana nos revela permanentemente. Mas se, além disso, estamos juntos de uma pessoa cuja educação (como, para mim, a de Albertine) nos é inconcebível, desconhecidas as inclinações, as leituras, os princípios, não sabemos se nossas palavras nela despertam maior reação que num animal, a quem no entanto tivéssemos de fazer compreender certas coisas. De modo que tentar ligar-me a Albertine me parecia uma tomada de contato com o desconhecido, senão com o impossível, como um exercício tão incômodo feito o de domar um cavalo, tão repousante como o de criar abelhas ou cultivar rosas.

Algumas horas antes, julgara que Albertine só responderia de longe ao meu cumprimento. Acabávamos de nos separar fazendo projeto de um passeio juntos. Prometi a mim mesmo, quando encontrasse Albertine de novo, ser mais ousado com ela, e já traçara previamente o plano de tudo o que lhe diria e até mesmo (agora que tinha a impressão absoluta de que ela devia ser leviana) de todos os prazeres que lhe exigiria. Mas o espírito é influenciável como a planta, como a célula, como os elementos químicos e o meio que o modifica, se nele o mergulhamos, vem a ser as circunstâncias, um quadro novo. Tornando-me diverso pelo fato de sua própria presença, quando me encontrei de novo com Albertine disse-lhe coisas bem diferentes das que havia planejado. Depois, lembrando-me da têmpora avermelhada, perguntava a mim mesmo se Albertine não gostaria mais de uma gentileza que soubesse desinteressada. Enfim, sentia-me embaraçado diante de alguns olhares seus, de certos sorrisos. Podiam significar costumes fáceis, mas também a alegria meio boba de uma moça brincalhona, mas no fundo honesta. Uma mesma expressão, do rosto como da linguagem, podia comportar diversas acepções, e eu vacilava como um aluno diante das dificuldades de uma tradução do grego.

Desta vez nos encontramos quase em seguida com a moça alta, Andrée, a que havia saltado sobre o velho magistrado; Albertine teve de me apresentar. Sua amiga possuía olhos extraordinariamente claros, como a abertura das portas que, num quarto sombrio, dão para o sol e o reflexo esverdeado do mar imerso em luz. Passaram cinco senhores que eu conhecia muito bem de vista desde que chegara a Balbec. Muitas vezes indagara a mim mesmo quem seriam.

- Não são pessoas muito chiques - disse-me Albertine, com uma risadinha de desprezo.

-O velhinho de cabelo pintado e luvas amarelas tem uma pinta, hein?

- É o dentista de Balbec, é um bom tipo; o gordo é o prefeito, não o baixinho, esse você deve ter visto, é o professor de dança, também é detestável; não pode nos suportar porque fazemos muito barulho no cassino, estragamos suas cadeiras, queremos dançar sem tapete, de forma que nunca nos deu um prêmio, embora

somente nós é que saibamos dançar. O dentista é um bom sujeito; por mim, o cumprimentaria, para enfurecer o professor de dança, mas não podia porque com ele está o Sr. de Sainte-Croix, o conselheiro-geral, um homem de muito boa família que aderiu aos republicanos por dinheiro; nenhuma pessoa decente o cumprimenta mais. Ele conhece meu tio, por causa do governo, mas o resto da minha família lhe volta as costas. O magro, de impermeável, é o regente da orquestra. Como? Não o conhece? Ele toca divinamente. Não foi ouvir a Cavalleria Rusticana? Ah, acho-a ideal! Ele dá um concerto esta noite, mas não podemos ir porque se realiza na sala da Prefeitura. No cassino, não teria problemas, mas, na sala da Prefeitura, de onde retiraram o Cristo, a mãe de Andrée teria uma apoplexia se fôssemos. Você pode me dizer que o marido de minha tia está no governo. Mas que quer? Minha tia é minha tia. E não é por isso que não gosto dela! Ela só teve um desejo na vida: livrar-se de mim. A pessoa que verdadeiramente me serviu de mãe, e com duplo valor, já que não é nada minha, é uma amiga a quem, aliás, amo como se fosse mãe. Vou lhe mostrar a sua foto.

Fomos abordados neste momento pelo campeão de golfe e jogador de bacará, Octave.

Julguei ter descoberto um laço comum entre nós porque, pela conversa, fiquei sabendo que era parente afastado dos Verdurin, que muito o estimavam. Mas ele falou com desdém das famosas quartas-feiras e acrescentou que o Sr. Verdurin ignorava o uso do *smoking*, e era muito constrangedor encontrá-lo em certos *music-hafis*, onde a gente bem gostaria de não ser saudado aos gritos de "Alô, malandro!" por um senhor de paletó e gravata preta de tabelião de aldeia. Depois Octave nos deixou e em breve foi a vez de Andrée, que chegara a seu chalé, onde entrou sem que, em todo o passeio, tivesse dito uma só palavra. Senti muito que fosse embora, tanto mais que, enquanto falava a Albertine de sua frieza para comigo, e comparava em pensamento a dificuldade que Albertine parecia ter em me unir às suas amigas com a hostilidade contra a qual parecia ter se chocado Elstir para satisfazer meus desejos no primeiro dia, passaram umas moças a quem saudei, as senhoritas d'Ambresac, que Albertine também cumprimentou.

Pensei que minha situação fosse melhorar diante de Albertine. Elas eram filhas de uma parenta da Sra. de Villeparisis e que também conhecia a Sra. de Luxemburgo.

O Sr. e a Sra. d'Ambresac, que possuíam uma pequena herdade em Balbec e eram excessivamente ricos, levavam uma vida bem simples e sempre vestiam, o marido o mesmo gênero de casaco, e a mulher um costume escuro. Ambos faziam grandes cumprimentos à minha avó que não levavam a nada. As filhas, muito bonitas, vestiam-se com mais elegância, mas uma elegância citadina e não

de balneário. Em seus vestidos longos, debaixo de grandes chapéus, davam a impressão de pertencerem a uma outra humanidade diversa da de Albertine. Esta sabia muito bem quem eram elas.

-Ah, você conhece as pequenas d'Ambresac? Muito bem, conhece gente muito chique. Além do mais, elas são bem simples. - acrescentou como se isso fosse uma contradição. - São muito gentis, mas de tal maneira bem-educadas que não as deixam ir ao cassino, principalmente por nossa causa, porque somos inconvenientes. Agradam-lhe? Diabo, isso depende... São bem umas patinhas brancas. Isso tem seu encanto, talvez. Se você gosta das patinhas brancas, está bem servido. Parece que elas podem agradar, pois uma delas já está noiva do marquês de Saint-Loup. E isto deu muita mágoa à mais moça, que estava apaixonada pelo rapaz. Quanto a mim, só a sua maneira de falar com a ponta dos lábios me deixa enervada. E depois, elas se vestem de uma forma ridícula. Vão jogar golfe com vestido de seda. Na sua idade, são mais pretensiosas no vestir que as mulheres idosas que sabem trajar-se. Veja a Sra. Elstir. Eis aí uma mulher elegante. Respondi que ela me parecera trajada com bastante simplicidade. Albertine se pôs a rir. -Com bastante simplicidade, é certo, mas se veste admiravelmente bem e, para chegar ao que você chama de simplicidade, gasta um dinheiro louco.

Os vestidos da Sra. Elstir passavam despercebidos aos olhos de quem não tivesse gosto apurado e sóbrio das coisas da toalete. Tal gosto me faltava. Elstir o possuía no mais alto grau, pelo que me disse Albertine. Não o havia desconfiado, e nem mesmo que as coisas elegantes, porém simples, que enchiam o seu ateliê, fossem maravilhas há muito desejadas por ele, que as seguira de venda em venda, conhecendo toda a sua história, até o dia em que ganhara dinheiro bastante para possuí-las. Mas sobre tal assunto Albertine, tão ignorante quanto eu, não podia me informar coisa alguma. Ao passo que, no que dizia respeito às toaletes, advertida por um instinto de coqueteria, e talvez por uma nostalgia de moça pobre que saboreia com mais delicadeza e desinteresse, nos ricos, aquilo que ela própria não poderá usar, soube falar muito bem dos requintes de Elstir, tão exigente que achava mal vestidas todas as mulheres, e que, colocando um mundo inteiro numa proporção, num matiz, mandava fazer para a mulher, a preços exorbitantes, sombrinhas, chapéus, capas, que ensinara Albertine a achar deliciosos, e que uma pessoa destituída de gosto não teria reparado mais do que eu. De resto, Albertine, que fizera um pouco de pintura sem que tivesse, aliás, segundo confessava, nenhuma "disposição" para tal, tributava uma grande admiração a Elstir e, graças ao que ele lhe dissera e mostrara, era entendida em quadros de uma forma que muito contrastava com sem entusiasmo pela Cavalleria Rusticana. E que, na verdade, embora isso ainda não notasse, ela era muito inteligente e, nas coisas que me dizia, a estupidez não era soma do seu ambiente e

de sua idade. Elstir tivera sobre ela uma influência benéfica, mas parcial. Todas as formas da inteligência não haviam chegado a Albertine num mesmo grau de desenvolvimento. O gosto da pintura quase tinha alcançado o da toalete e de todas as formas de elegância, mas não fora seguido pelo gosto da música, que ficara bem para trás.

De nada valeu que Albertine soubesse quem eram os Ambresac, pois, como quem pode o muito nem por isso também pode o pouco, depois de eu ter saudado aquelas moças, não a achei mais disposta do que antes a me fazer conhecer suas amigas.

- Você é muito amável para lhes dar tanta importância. Não lhes preste atenção, não valem nada. Que é que essas garotas têm para um homem do seu valor? Andrée, pelo menos, é bem inteligente. É uma boa garota, apesar de perfeitamente maluca, mas as outras são mesmo muito idiotas.

Depois de ter deixado Albertine, senti de repente muita mágoa de Saint-Loup, por ter me ocultado que estava noivo, e por fazer algo tão incorreto como casar sem antes romper com a amante. No entanto, poucos dias depois fui apresentado a Andrée e, como ela falou por muito tempo, aproveitei para lhe dizer que apreciaria muito vê-la no dia seguinte; mas ela me disse que era impossível, pois encontrara a mãe passando muito mal e não queria deixá-la sozinha. Dois dias após, tendo ido visitar Elstir, este me falou da enorme simpatia que Andrée sentia por mim; como lhe respondesse:

- Mas fui eu que tive muita simpatia por ela desde o primeiro dia; tinha lhe pedido para vê-la no dia seguinte e ela disse que não podia.

- Sim, eu sei, ela me contou disse Elstir-; lamentou muito, mas havia aceitado ir a um piquenique a dez léguas daqui, aonde devia ir de *break*, e não podia mais desmarcar.

Embora a mentira fosse muito insignificante, pois Andrée me conhecia tão pouco, eu não deveria ter continuado a freqüentar uma pessoa que era capaz de dizê-la. Pois as pessoas que assim começam continuam indefinidamente.

E, se fôssemos visitar todos os anos um amigo que da primeira vez não pôde comparecer a um encontro por se achar resfriado, encontrá-lo-íamos resfriado de novo e faltaria outra vez a um encontro, ao qual não compareceria pelo mesmo motivo permanente em lugar do qual ele julga ver motivos diversos, causados pelas circunstâncias.

Uma das manhãs que se seguiram àquela em que Andrée me dissera ser obrigada a ficar junto da mãe, estava eu passeando com Albertine, a quem encontrara atirando ao ar, na ponta de uma corda, um objeto esquisito que a fazia parecer-se com a *Idolatria, de Giotto*; aliás, chama-se *diabolô* e de tal maneira

caiu em desuso que, diante do retrato de uma moça com um deles, os comentadores do futuro poderão dissertar, como diante de uma figura alegórica da Arena, sobre o que ela segura na mão. Passado um momento, sua amiga do grupo, de aspecto rude e pobre, que troçara no primeiro dia com um ar tão maligno:

"Esse pobre velho me dá pena"; falando do velho senhor roçado pelos pés ligeiros de Andrée, veio dizer a Albertine:

- Bom dia, estou incomodando?

Tirara o chapéu, que a atrapalhava, e seus cabelos, como uma variedade vegetal deslumbrante e desconhecida, caíam-lhe na testa com a minuciosa delicadeza de sua foliação. Albertine, talvez irritada por vê-la de cabeça descoberta, não respondeu nada, mantendo um silêncio glacial; apesar disso, a outra ficou, conservada a distância por Albertine, que às vezes dava um jeito de ficar a sós com ela, outras vezes de andar a meu lado, deixando-a por trás. Para que me apresentasse, fui obrigado a pedi-lo diante da outra. Então, no momento em que Albertine disse o meu nome, no rosto e nos olhos azuis daquela moça em quem achara um ar tão cruel quando havia dito:

"Esse pobre velho me dá pena" -vi passar e brilhar um sorriso cordial, amável, e ela me estendeu a mão. Seus cabelos eram dourados e não só eles; pois, se suas faces eram rosadas e os olhos azuis, era como o céu ainda purpurino da manhã onde em toda parte o ouro brilha e aponta.

Ficando logo entusiasmado, imaginei que fosse uma menina tímida quando amava e que era por mim, por amor a mim, que ela havia ficado conosco apesar das grosserias de Albertine, e que devia sentir-se feliz de poder enfim me confessar, com aquele olhar risonho e bondoso, que seria tão doce comigo quão terrível para com os outros.

É claro que devia ter reparado em mim na praia, quando não a conhecia ainda, e pensava em mim desde então: talvez fosse para se fazer admirada por mim que havia zombado do velho senhor, e porque não tivesse chegado a me conhecer é que, nos dias seguintes, ostentara aquele ar melancólico. Do hotel, muitas vezes a avistara a passar à tardinha na praia. Provavelmente era na esperança de me encontrar. E agora, constrangida pela presença de Albertine, como o tinha sido pela de todo o pequeno grupo, evidentemente não se juntava a nós, apesar da atitude cada vez mais fria de sua amiga, senão na esperança de ficar por último, de marcar encontro comigo para um momento em que tivesse meios de escapar, sem que a família e as amigas soubessem, num lugar seguro antes da missa ou depois do golfe. E era ainda mais difícil vê-la porque Andrée estava de mal com ela e a detestava.

- Durante muito tempo suportei sua terrível falsidade - disse-me Albertine -, sua

baixeza, as inúmeras sujeiras que me fez. Suportei tudo por causa das outras. Mas a última foi a gota d'água. E me contou uma intriga que essa moça havia espalhado e que, de fato, podia causar prejuízos a Andrée.

Mas as palavras a mim prometidas pelo olhar de Gisele para o momento em que Albertine nos deixasse sozinhos não puderam ser ditas, pois, tendo Albertine, obstinadamente colocada entre nós dois, continuado a responder cada vez com maior brevidade, e depois deixando inteiramente de responder às palavras da amiga, esta acabou por nos deixar. Censurei a Albertine o ter sido tão desagradável.

- Isto a ensinará a ser mais discreta. Não é má menina, mas é chata demais. Não precisa vir meter o nariz por toda parte. Porque se gruda a nós sem ter sido chamada? Por pouco não a mandei plantar batatas. Aliás, detesto que use os cabelos desse jeito; não fica bem.

Eu olhava as faces de Albertine enquanto ela falava, a indagava-me que perfume e que gosto deveriam ter; naquele dia estava, não fresca mas lisa, de um rosado unido, violáceo, cremoso, como certas rosas que têm um verniz de cera. Estava apaixonado por elas como o estamos às vezes por um espécime de flor.

- Não tinha reparado - respondi.

- No entanto, olhou muito para ela, se poderia até dizer que desejava fazer o seu retrato. -respondeu ela sem se acalmar pelo fato de que, naquele instante, era ela mesma quem eu olhava tanto. - Não creio, no entanto, que lhe agrade. Ela não flerta de jeito nenhum. Você deve gostar das moças que flertam. Em todo caso, ela não mais terá oportunidade de se grudar e se oferecer, pois em breve volta a Paris.

- Suas outras amigas vão com ela?

- Não, apenas ela e a Miss, porque ela tem de fazer exames de recuperação; vai ter de estudar muito, a pobre. Garanto-lhe que não é nada engraçado. Pode ser que lhe caia um bom tema. O acaso é importante. Assim, uma de nossas amigas pegou: "Narre um acidente ao qual tenha assistido." Isto é que é sorte. Mas conheço uma moça que teve de se virar (e por escrito, ainda por cima) com o seguinte: "Entre Alceste e Philinte, qual dos dois preferiria ter como amigo?" O que eu não teria suado com isso! Primeiro, e acima de tudo, não é pergunta que se faça a moças. As moças se unem a outras moças e não são obrigadas a ter senhores como amigos. (Esta frase, mostrando que eu tinha poucas chances de ser admitido no pequeno grupo, me fez tremer.) Mas, em todo caso, mesmo que a pergunta fosse feita a rapazes, que é que você acha que se possa dizer a respeito? Várias famílias escreveram ao Gaulois para se queixarem da dificuldade de questões semelhantes. O melhor de tudo é que, numa coletânea

das melhores provas de alunas coroadas, o assunto foi tratado duas vezes de forma absolutamente oposta. Tudo depende do examinador. Um queria que se dissesse que Philinte era um homem adulador e tratante, outro que não se podia recusar sua admiração por Alceste, o qual era por demais azedo, e que, como amigo, era preciso preferir-lhe Philinte. Como quer que as infelizes alunas se acertassem se nem os professores estão de acordo entre si? E isso ainda não é nada, pois a cada ano a coisa se torna mais difícil. Gisele só poderia se dar bem com um pistolão.

Regressei ao hotel, mas minha avó estava ausente; esperei por ela durante muito tempo; por fim, quando ela chegou, roguei-lhe que me deixasse fazer uma excursão, em condições inesperadas, que levaria talvez 48 horas; almocei com ela, encomendei um carro e mandei que me levassem à estação. Gisele não ficaria espantada por me ver ali; uma vez que faríamos baldeação em Doncieres, havia, no trem de Paris, um vagão-corredor onde, enquanto a Miss cochilasse, eu poderia levar Gisele para um canto escuro, marcar encontro com ela para o meu regresso a Paris, que eu cuidaria de apressar o mais possível. Conforme o desejo que ela me expressasse, eu a acompanharia até Caen ou mesmo a Évreux, e tomaria o primeiro trem de volta. Ainda assim, o que não pensaria Gisele se soubesse que eu havia hesitado por muito tempo entre ela e suas amigas, e que tanto quisera apaixonar-me por ela como por Albertine, pela moça de olhos claros ou por Rosemonde? Senti remorsos, agora que um amor recíproco ia me unir a Gisele. Aliás, poderia lhe assegurar, muito veridicamente, que Albertine já não me agradava. Vira-a naquela manhã voltar-se, quase me dando as costas, para falar com Gisele. Sobre a cabeça inclinada, com ar amuado, seus cabelos, que trazia penteados para trás e mais negros que nunca, brilhavam como se ela acabasse de sair de dentro d'água. Pensei até numa franga molhada, e esses cabelos tinham-me feito encarnar em Albertine uma outra alma diferente da que até então me lembravam o rosto cor-de-violeta e o olhar misterioso. Durante um momento, tudo o que pude perceber dela foram aqueles cabelos luzidios por trás da cabeça, e era apenas isso o que continuava a ver. Nossa memória se assemelha a essas lojas que, em suas vitrinas, expõem de uma certa pessoa ora uma fotografia, ora outra. E, de hábito, a mais recente é a única a permanecer, durante algum tempo, em exposição. Enquanto o cocheiro apressava o seu cavalo, eu ouvia as palavras de reconhecimento e ternura que Gisele me dizia, todas nascidas do seu sorriso bom e de sua mão estendida; é que nos períodos da minha vida em que não estava enamorado e nos quais o desejava estar, não levava em mim apenas um ideal físico de beleza entrevista que reconhecia de longe em cada passante, bastante afastada para que seus traços confusos não se opusessem a tal identificação mas também o espectro moral - sempre disposto a ser encarnado da mulher que ia se apaixonar por mim e dar-me a réplica na comédia amorosa que eu trazia inteiramente escrita na cabeça

desde minha infância e que toda jovem amável, a meu ver, estaria querendo representar, contanto que tivesse um pouco das condições físicas para o papel. Nessa peça, fosse qual fosse a nova "estrela" que eu chamasse para criar ou repetir o papel, o cenário, as peripécias e o próprio texto conservavam uma mesma forma.

Alguns dias depois, apesar da pouca pressa de Albertine em nos apresentar, eu já conhecia todo o pequeno grupo do primeiro dia, que continuava completo em Balbec (menos Gisele, que, devido a uma parada longa diante da barreira da estação e a uma mudança de horário, eu não pudera encontrar no trem, que partira cinco minutos antes da minha chegada, e na qual, além disso, já não pensava) e a mais duas ou três amigas delas que, a meu pedido, me haviam sido apresentadas. E assim, a esperança do prazer que eu teria com uma nova moça era proveniente de outra moça a quem por ela fora apresentado; a mais recente era então como uma dessas variedades de rosas que se obtém graças a uma rosa de outra espécie. E, remontando de corola em corola nessa cadeia de flores, o prazer de conhecer uma outra diferente fazia-me virar para aquela a quem a devia, com uma gratidão mesclada de tanto desejo como se fosse a minha nova esperança. Em breve passei o dia inteiro com elas.

Mas, infelizmente, na flor mais viçosa já se podem distinguir os pontos imperceptíveis que, para o espírito prevenido, delineiam o que será, pela dissecação ou frutificação das carnes hoje em flor, a forma imutável e já predestinada da semente. Seguimos encantados um nariz semelhante a uma onda minúscula, que enche deliciosamente uma água matinal e que parece imóvel, delineável, porque o mar está de tal modo tranqüilo que nem percebemos a maré. Os rostos humanos não parecem mudar no momento em que os olhamos, pois a revolução que cumprem é muito lenta para que a percebamos. Mas bastaria ver, ao lado dessas moças, sua mãe ou sua tia, para avaliar as distâncias que, sob a atração interna de um tipo em geral horrendo, essas feições teriam atravessado em menos de trinta anos, até a hora do declínio dos olhares, até o momento em que o rosto, tendo ultrapassado a linha do horizonte, já não recebe luz. Eu sabia que, tão profundo, tão inelutável como o patriotismo judeu ou o atavismo cristão, naqueles que se julgam mais liberados de suas raças, habitava, sob a rósea inflorescência de Albertine, de Rosemonde e de Andrée, desconhecidos delas próprias, mantidos em reserva pelas circunstâncias, um nariz grosso, uma boca proeminente, uma gordura que espantaria mas que na realidade já estava nos bastidores, pronta para entrar em cena, imprevista, fatal, feito uma onda de dreyfusismo, de clericalismo, de heroísmo nacional e feudal, subitamente aparecidos, ao apelo das circunstâncias, de uma natureza anterior ao próprio indivíduo, pela qual ele pensa, vive, evolui, se fortifica ou morre, sem que a possa distinguir dos motivos particulares com que a confunde. Mesmo

mentalmente, dependemos das leis naturais muito mais que julgamos e nosso espírito possui previamente, como certo criptógamo, ou determinada gramínea, as particularidades que acreditamos escolher.

Mas não apreendemos mais que as idéias secundárias sem nos apercebermos da causa primeira (raça judia, família francesa, etc.) que as produzia necessariamente e que manifestamos no momento desejado. E talvez, enquanto umas nos parecem o resultado de uma deliberação e as outras a conseqüência de um descuido na nossa higiene, herdamos da nossa família, como as papilionáceas a forma de sua semente, tanto as idéias de que vivemos como a doença de que havemos de morrer.

Como num viveiro onde as flores amadurecem em épocas diversas, eu as vira, como velhas damas, naquela praia de Balbec, essas duras sementes, esses tubérculos macios, que minhas amigas um dia haveriam de ser. Mas que importava? Neste momento era a estação das flores. Assim, quando a Sra. de Villeparisis me convidava para um passeio, eu buscava uma desculpa para não estar livre. Só visitei Elstir quando minhas novas amigas me acompanhavam. Nem mesmo pude encontrar uma tarde para ir a Doncieres a fim de ver Saint-Loup, como lhe prometera. As reuniões sociais, as conversações sérias, até mesmo uma palestra amigável, se viessem substituir meus passeios com aquelas moças, me causariam o mesmo efeito de que se nos levassem, à hora do almoço, não para comer e sim para olhar um álbum. Os homens, os rapazes, as mulheres velhas ou maduras com quem julgamos agradável conviver, só os levamos a uma superfície plana e inconsistente porque não tomamos consciência deles senão pela percepção visual reduzida a si mesma; mas é como delegada dos outros sentidos que ela se dirige às moças; eles vão procurar, uma após outra, as diversas qualidades odoríferas, tácteis, saborosas, de que desfrutam, mesmo sem ajuda das mãos e dos lábios; e, capazes, graças às artes da transposição e ao gênio da síntese em que excede o desejo, de restituir sob a cor das faces ou do busto, o contato, a degustação, o roçar proibido, eles conferem a essas moças a mesma consistência de mel que dão às rosas e às uvas quando vagueiam por um roseiral ou um vinhedo, cujos cachos comem com os olhos.

Se chovia, conquanto o mau tempo não assustasse Albertine, que era muitas vezes vista com seu impermeável, correndo de bicicleta debaixo dos aguaceiros, passávamos o dia no cassino, onde me pareceria impossível não ir naqueles dias. Eu sentia o maior desprezo pelas senhoritas d'Ambresac, que jamais entravam ali. E, com muito gosto, ajudava minhas amigas a pregar peças no professor de dança. Em geral sofríamos algumas admoestações do gerente do cassino ou dos empregados, que se arrogavam poderes ditatoriais, porque minhas amigas até a própria Andrée, que justamente devido àquele salto eu havia, desde a primeira vez, julgado uma criatura tão dionisíaca e que, pelo contrário, era frágil,

intelectual e, naquele ano, muito adoentada, mas que, apesar disso, obedecia menos ao seu estado de saúde que ao temperamento dessa idade que arrasta e confunde tudo na alegria, tanto os doentes como os robustos não podiam ir do vestíbulo ao salão de festas sem tomar impulso, saltar por cima de todas as cadeiras, voltar deslizando, conservando o equilíbrio com um gracioso movimento dos braços, cantando, misturando todas as artes nessa primeira juventude, à maneira daqueles poetas dos tempos antigos para quem os gêneros ainda não estão separados e que mesclam num poema épico os preceitos agrícolas aos ensinamentos teológicos.

Essa Andrée, que me havia parecido a mais fria da primeira vez, era infinitamente mais delicada, mais afetuosa, mais refinada que Albertine, a quem devotava uma ternura carinhosa e suave de irmã mais velha. Vinha ao cassino sentar-se a meu lado e sabia ao contrário de Albertine recusar uma valsa ou até, se eu estivesse cansado, desistir de ir ao cassino para vir ao hotel. Expressava sua amizade por mim, por Albertine, com nuanças que davam provas da mais deliciosa inteligência das coisas do coração, o que talvez se devesse em parte ao seu estado enfermiço. Tinha sempre um sorriso alegre para desculpar as criancices de Albertine, que exprimia com uma violência ingênua a atração irresistível que para ela ofereciam os prazeres a que não sabia, como Andrée, preferir decididamente uma conversa comigo. Quando se aproximava a hora de um lanche servido no campo de golfe, ela se preparava e depois ia ter com Andrée:

- E então, Andrée, está esperando o quê? Está sabendo muito bem que vamos lanchar no campo de golfe.

- Não, eu fico para conversar com ele. - respondia Andrée me apontando.

- Mas você sabe que a Sra. Durieux a convidou - gritava Albertine, como se a intenção de Andrée de ficar comigo só pudesse se explicar pela ignorância, de sua parte, de que fora convidada.

- Ora vamos, minha filha, não seja tão idiota - respondia Andrée.

Albertine não insistia, de medo que lhe propusessem ficar também.

- Faça o que quiser. - respondia sacudindo a cabeça, como se diz a um doente que por prazer se mata aos pouquinhos; - vou andando, pois parece que o seu relógio está atrasado.

E saía voando.

- Ela é encantadora, mas incrível - dizia Andrée, envolvendo a amiga num sorriso que a acariciava e julgava ao mesmo tempo.

Se, nesse prazer pelo divertimento, Albertine mostrava um pouco da Gilberte dos primeiros tempos, é que existe uma certa semelhança embora sempre evoluindo,

entre as mulheres que amamos sucessivamente, semelhança que tem a ver com a fixidez do nosso temperamento, porque é ele quem as escolhe, eliminando todas aquelas que não nos seriam, a um tempo, opostas e complementares, isto é, próprias para satisfazer nossos sentidos e deixar sofrer nosso coração.

Tais mulheres são um produto do nosso temperamento, uma imagem e uma projeção às avessas, um "negativo" da nossa sensibilidade. De modo que um romancista poderia, no decurso da vida de seu herói, pintar de modo quase exatamente igual os seus amores sucessivos e, assim, dar a impressão não de imitar a si próprio, mas de criar, visto que há menos força numa inovação artificial do que numa repetição destinada a sugerir uma verdade nova. Embora deva assinalar, no caráter do apaixonado, um índice de variação que se denuncie à medida que vai chegando a novas regiões, sob outras latitudes da vida. E talvez ainda exprimisse uma verdade a mais se, pintando caracteres para suas outras personagens, ele se abstivesse de conceder qualquer caráter à mulher amada. Conhecemos o caráter dos que nos são indiferentes; como poderíamos apreender o de uma criatura que se confunde com a nossa vida, que em breve não mais havemos de separar de nós próprios, sobre cujos motivos não cessamos de formular ansiosas hipóteses, perpetuamente remanejadas? Lançando-se para além da inteligência, nossa curiosidade quanto à mulher a quem amamos ultrapassa em sua corrida o caráter dela. Poderíamos ali parar, mas de certo não o desejaríamos. O objeto de nossa inquieta investigação é mais essencial que essas particularidades de caráter, iguais a esses pequenos losangos da epiderme cujas variadas combinações formam a florida originalidade da carne. Nossa radiação intuitiva os atravessa e as imagens que ela nos restitui não são de modo algum as de um aspecto particular, mas representam a sombria e dolorosa universalidade de um esqueleto.

Como Andrée era extremamente rica e Albertine pobre e órfã, a primeira, com grande generosidade, fazia a outra aproveitar o seu luxo. Quanto aos sentimentos que externava em relação a Gisele, não eram inteiramente aqueles que eu imaginara. De fato, em breve tivemos notícias da estudante e, quando Albertine mostrou a carta que recebera dela, carta destinada por Gisele a dar notícias da viagem e da chegada, desculpando-se pela preguiça de ainda não ter escrito às outras, fiquei surpreso ao ouvir Andrée, que julgara estar de mal com ela por toda a vida, dizer:

-Vou lhe escrever amanhã, porque se espero primeiro a sua carta, posso ficar esperando por muito tempo, ela é tão negligente. - E, virando-se para mim, acrescentou: - Evidentemente, você não a acharia muito interessante, mas é uma moça muito boa; e depois, sinto na verdade uma grande afeição por ela.

Concluí que as brigas de Andrée não duravam muito.

A não ser nos dias de chuva, como tínhamos de ir de bicicleta pelos rochedos da costa ou pelos campos, com uma hora de antecipação eu já procurava me preparar e gemia se Françoise não cuidara bem dos meus apetrechos.

Ora, mesmo em Paris, ela aprumava, altiva e raivosamente, o corpo que a idade começava a curvar, diante da menor falta de que a acusassem, ela que era tão humilde, modesta e encantadora quando seu amor-próprio era lisonjeado. Como este era o principal móvel da sua vida, a satisfação e o bom-humor de Françoise estavam na razão direta da dificuldade das coisas que lhe pediam. As coisas que tinha a fazer em Balbec eram tão fáceis que quase sempre ela demonstrava um descontentamento que, de súbito, era centuplicado, e ao qual se aliava uma irônica expressão de orgulho quando eu me queixava, no momento de ir encontrar as minhas amigas, que o meu chapéu não fora escovado, ou que minhas gravatas não estavam em ordem. Ela, que podia trabalhar tanto sem por isso achar ter feito alguma coisa, à simples observação de que um casaco não estava no lugar, não só se gabava do cuidado com que "o guardara para não deixar que ficasse empoeirado", mas, fazendo um elogio em regra de seus trabalhos, deplorava que absolutamente não eram férias o que estava passando em Balbec, que não achariam outra pessoa como ela para suportar uma vida daquelas.

- Não entendo como alguém pode deixar seus negócios desse jeito, e ver se uma outra saberia dar conta desta confusão. Até o diabo perderia o seu latim.

Ou então, contentava-se em assumir um aspecto de rainha, lançando-me olhares inflamados, e mantinha um silêncio interrompido logo que fechava a porta e enfiava pelo corredor; este, então, retumbava de frases que eu adivinhava serem injuriosas, mas que permaneciam tão indistintas como as das personagens que recitam suas primeiras palavras nos bastidores antes de entrar em cena. Além disso, quando me preparava desse modo para sair com minhas amigas, mesmo que nada me faltasse ou que Françoise estivesse de bom humor, ela ainda assim se mostrava insuportável. Pois, servindo-se de gracejos que, na minha necessidade de falar daquelas moças, eu lhe fizera sobre elas, Françoise assumia um ar de quem vai me revelar o que eu melhor do que ela saberia ser exato, mas que não o era, pois Françoise o compreendera mal. Como todos, Françoise possui seu gênio próprio; uma pessoa nunca se assemelha a um caminho reto, e nos assombra com seus desvios singulares e inevitáveis de que os outros não se apercebem, e por onde nos é penoso ter de passar. Cada vez que eu chegava ao ponto:

"Chapéu fora do lugar", "em nome de Andrée ou de Albertine", era obrigado, por Françoise, a me perder em caminhos absurdos e cheios de desvios que muito me atrasavam. O mesmo ocorria quando eu mandava preparar os sanduíches de queijo e a salada, e comprar tortas que comeria à hora do lanche, sobre o

rochedo, com essas moças, e que elas bem poderiam pagar, cada uma por sua vez, se não fossem tão interesseiras, declarava Françoise, em cujo socorro vinha então todo um atavismo de rapacidade e vulgaridade provincianas e para quem se diria que a alma repartida da defunta Eulalie se encarnara, mais graciosamente que em santo Elói, nos corpos encantadores de minhas amigas do pequeno grupo. Eu escutava essas acusações com a raiva de topar com um desses pontos a partir dos quais o caminho rústico e familiar, que era o caráter de Françoise, se tornava impraticável felizmente não por muito tempo. Depois, achado o casaco e prontos os sanduíches, eu ia procurar Albertine, Andrée, Rosemonde, por vezes outras, e, a pé ou de bicicleta, íamos embora.

Outrora, eu teria preferido que esse passeio se desse com mau tempo. Então, queria eu descobrir em Balbec "o país dos cimérios", e dias bonitos eram uma coisa que não deveria ter existido ali, uma invasão do estio vulgar dos banhistas nessa região antiga velada de brumas. Porém agora, tudo o que eu desdenhara, afastara dos olhos, não só os efeitos do sol mas também as regatas, as corridas de cavalos, tudo isso eu procuraria com paixão pelo mesmo motivo por que, antigamente, só desejava mares tempestuosos, e era porque se prendiam, uns hoje em dia como outrora os outros, a um ideal estético. É que, com minhas amigas, ia às vezes visitar Elstir e, nos dias em que as moças lá estavam, ele mostrara de preferência alguns esboços de lindas *yachtswomen* ou então um rascunho feito num hipódromo vizinho a Balbec.

Primeiramente, confessara com timidez a Elstir que não quisera comparecer às reuniões que ali se realizavam.

-Fez mal - disse-me ele -, é tão bonito, e também curioso. De início, essa criatura particular, o jóquei, no qual se fixam tantos olhos, e que diante do *paddock* está acinzentado e sombrio em sua casaca de espavento, formando um só todo com o cavalo inquieto que ele retém; como seria interessante liberar seus movimentos profissionais, mostrara mancha brilhante que produz e que também faz o pêlo dos cavalos na pista de corridas! Que transformação de todas as coisas nessa imensidade luminosa de uma pista de corridas onde nos surpreendemos com tantas sombras, reflexos que só ali se vêem! Como são lindas as mulheres ali! Especialmente a primeira reunião estava de arrebatar! Havia mulheres de extrema elegância, numa luz úmida, holandesa, onde se sentia subir, mesmo ao sol, o frio penetrante da água. Nunca vi mulheres chegando de carro, ou de binóculos, numa luz como aquela, resultante sem dúvida da umidade marinha. Ah, como gostaria de captá-la numa tela! Voltei louco daquelas corridas, com tanta vontade de trabalhar!

Depois, extasiou-se mais ainda com as reuniões de iatismo do que com as corridas de cavalos, e percebi então que as regatas, os embates esportivos, onde as mulheres bem vestidas se banhavam na glauca iluminação de um hipódromo

marinho, podiam ser, para um artista moderno, motivos tão interessantes como, para um Veronese ou um Carpaccio, as festas que eles tanto gostavam de descrever.

- Sua comparação é tanto mais exata. - disse-me Elstir -, visto que, por causa da cidade onde pintavam, tais festas eram náuticas por um lado. Apenas, a beleza das embarcações daquele tempo residia o mais das vezes no fato de serem pesadas, na sua complicação. Havia torneios marítimos como agora, geralmente em honra de alguma embaixada semelhante àquela que Carpaccio representa na *Lenda de Santa Úrsula*. Os navios eram maciços, construídos como arquiteturas, e pareciam quase anfíbios como Venezas menores no meio da outra, quando, unidos por meio de pontes levadiças, recobertos de cetim escarlate e de tapetes persas, levavam mulheres de brocado cereja ou de damasco verde até junto dos balcões incrustados de mármores multicores onde outras mulheres se debruçavam para ver, em seus vestidos de mangas negras, cujas aberturas de forro branco eram bordadas com pérolas ou ornadas de rendilhado fino. Não se sabia mais onde acabava aterra e onde começava a água, o que ainda era palácio ou já formava o navio, a caravela, a galeaça, o Bucentauro.

Albertine escutava com uma atenção apaixonada esses detalhes de toalete, essas imagens luxuosas que nos descrevia Elstir.

-Oh, como gostaria de ver os rendilhados de que fala, é tão linda a ponte de Veneza! -exclamou. -Aliás, gostaria muito de ir a Veneza!

- Talvez possa ir em breve - disse Elstir - contemplar os tecidos maravilhosos que lá se usavam. Só podiam ser vistos nos quadros dos pintores venezianos, ou então, muito raramente, nos tesouros das igrejas, e às vezes até aparecia algum para vender. Mas conta-se que um artista de Veneza, Fortuny, encontrou o segredo de sua fabricação e que, daqui a alguns anos, as mulheres poderão passear e sobretudo ficar em casa vestindo brocados tão magníficos como os que Veneza ornamentava, para suas cidadãs, com desenhos do Oriente. Mas não sei se gostaria muito disso, se isso não seria um tanto anacrônico demais para as mulheres de hoje, mesmo que se exibam nas regatas, pois, para voltar aos nossos modernos barcos de recreio, são totalmente o oposto os tempos de Veneza, "Rainha do Adriático". O maior encanto de um iate, da mobília de um iate, das roupas adequadas ao iatismo, é a sua simplicidade de coisas do mar, e eu amo tanto o mar! Confesso-lhes que prefiro as modas atuais às do tempo de Veronese e até de Carpaccio. O que há de bonito nos nossos iates e principalmente nos iates médios, pois não gosto dos enormes, bancando navios; e, mesmo no caso dos chapéus, há uma certa medida a guardar-é a coisa lisa, singela, clara, discreta que, em épocas de névoa, azuladas, adquire uma vaporosidade cremosa. É preciso que o recinto em que se está pareça um pequeno café. O mesmo ocorre com as toaletes femininas em um iate; o gracioso são as toaletes leves, brancas e

lisas, de linho, de cambraia, de brim, de pequim, que, ao sol e sobre o azul do mar, produzem um branco tão deslumbrante como uma vela branca. Aliás, há muito poucas mulheres que se vestem bem; no entanto, algumas são maravilhosas. Nas corridas, a Srta. Léa usava um chapeuzinho branco e uma sombrinha também branca que eram arrebatadores. Não sei o que daria para possuir uma sombrinha dessas.

Muito gostaria eu de saber em que semelhante sombrinha diferia das demais, e muito mais ainda o queria saber Albertine, por motivos diversos, de coqueteria feminil. Mas, como dizia Françoise dos suflês, "é conforme a mão", a diferença estava no corte.

- Era - dizia Elstir - pequenino, bem redondo, como um guarda-sol chinês.

Citei as sombrinhas de várias mulheres, mas não era nada disso. Elstir achava horríveis tais sombrinhas. Homem de gosto difícil e requintado, fazia consistirem um nada, que era tudo, a diferença entre o que usavam três quartas partes das mulheres, e que lhe causava horror, e uma coisa linda que o deslumbrava; e ao contrário do que sucedia comigo, para, quem todo luxo era esterilizante, aquilo lhe exaltava o desejo de pintar, "para tentar fazer coisas tão bonitas".

-Olhe, aí está uma menina que já compreendeu como eram o chapéu e a sombrinha. Disse-me Elstir indicando Albertine, cujos olhos brilhavam de cobiça.

- Como gostaria de ser rica para ter um iate! - disse ela ao pintor. - Eu lhe pediria conselhos para arrumá-lo. Que belas viagens poderia fazer! E como seria lindo ir às regatas de Cowes! E um automóvel! Não acha lindas as modas femininas para automóveis?

- Não. - respondeu Elstir - mas um dia serão. Aliás, há poucos costureiros, um ou dois; Callot, embora abuse um pouco das rendas, Doucet, Cheruit, às vezes Paquin. Os restantes são uns horrores.

- Mas então, há uma enorme diferença entre uma toalete de Callot e a de um costureiro qualquer? - perguntei à Albertine.

- Mas imensa, seu bobo. - respondeu ela. - Oh, perdão. Infelizmente, aquilo que custa trezentos francos em qualquer outro lugar, custa dois mil francos no estabelecimento deles. Mas nem há comparação; só parecem idênticos para quem não entende do riscado.

- Perfeitamente. - concordou Elstir - sem que se possa dizer, entretanto, que a diferença seja tão profunda como a que existe entre uma estátua da catedral de Reims e da igreja de Saint-Augustin. Olhe, a propósito de catedrais - disse ele dirigindo-se especialmente a mim, pois aquilo se referia a uma conversa da qual as moças não tinham participado e que, de resto, não as teria interessado de forma alguma -, outro dia eu lhe falava da igreja de Balbec como de uma

grande falésia, um grande montão de pedras da região, mais inversamente - disse ele, mostrando-me uma aquarela-; olhe estes rochedos (era um esboço feito muito perto daqui, nos Creuniers) -, olhe como estas rochas, delicadas e poderosamente recortadas, fazem pensar numa catedral. - De fato, dir-se-iam imensos arcos de abóbada cor-de-rosa. Mas pintados num dia tórrido, pareciam reduzidos a pó, volatilizados pelo calor, o qual havia bebido a meio o mar, que quase passara, em toda a extensão da tela, ao estado gasoso.

Naquele dia, em que a luz como que destruíra a realidade, esta se concentrara em criaturas sombrias e transparentes que, por contraste, davam uma impressão mais próxima e mais impressionante de vida: as sombras. Sequiosas de frescor, a maior parte desertando o largo inflamado, se haviam refugiado ao sopé dos rochedos, ao abrigo do sol; outras, nadando devagar nas águas como golfinhos, se chegavam aos flancos dos barcos em passeio, cujos cascos alargavam, sobre a água pálida, com seu corpo brunido e azul. Era talvez a avidez do frescor comunicada por elas o que mais contribuía para a sensação de calor desse dia e que me fez exclamar o quanto lamentava não conhecer os Creuniers. Albertine e Andrée asseguraram que eu deveria ter ido ali umas cem vezes. Nesse caso, era sem o saber, sem desconfiar que um dia a sua vista poderia me inspirar uma tal sede de beleza, não propriamente natural, como a que eu havia procurado até aqui nas falésias de Balbec, mas sim arquitetônica. Sobretudo eu que, tendo partido para ver o reino das tempestades, nunca achava, nos meus passeios com a Sra. Villeparisis onde muitas vezes só o víamos de longe, pintado no intervalo das árvores, bastante real o oceano, suficientemente líqüido, vivo, que desse forte impressão de lançar suas massas de água, e que só gostaria de ver imóvel sob um lençol invernal de bruma não poderia de jeito nenhum acreditar que sonhasse agora com um mar que não passava de um vapor esbranquiçado e que perdera a consistência e a cor. Mas este mar, Elstir, como os que sonhavam nesses barcos entorpecidos pelo calor, lhe havia provado a tamanha profundidade o encantamento que soubera transportar, fixar na tela o imperceptível refluxo da água, a pulsação de um minuto feliz; e de súbito a gente ficava de tal forma enamorado, ao ver o quadro mágico, que não tinha pensamento senão para correr mundo, a fim de encontrar aquele dia que se fora, com toda sua graça instantânea e sossegada.

De modo que, se antes dessas visitas à casa de Elstir, antes de ter visto uma tal marinha dele em que uma jovem com vestido de cambraia ou barege, num iate que arvorava a bandeira americana, punha o "duplo" espiritual de um vestido branco de cambraia e de uma bandeira na minha imaginação que, imediatamente, foi movida por um desejo insaciável de ver logo vestidos brancos de cambraia e bandeiras junto ao mar, como se aquilo nunca me houvesse ocorrido antes eu sempre me esforçara, diante do mar, para expulsar do campo

da minha visão os banhistas do primeiro plano, os iates de velas demasiado brancas como um traje de banho, tudo o que me impedia de me convencer que contemplava a onda imemorial que já desdobrava sua vida misteriosa mesmo antes do aparecimento da espécie humana; e até os dias radiosos que me pareciam revestir do aspecto banal do verão universal essa costa de brumas e de tempestades, eram apenas um simples tempo de repouso, o que em música se denomina compasso de espera, enquanto, agora, era o mau tempo que se me afigurava tornar-se um acidente funesto, não mais podendo encontrar espaço no mundo da beleza; vivamente desejava ir achar na realidade aquilo que me exaltava com tanta força e esperava que o tempo seria suficientemente favorável para ver, do alto do rochedo, as mesmas sombras azuis que havia no quadro de Elstir.

Ao longo da estrada, já não protegia a vista com as mãos como naqueles dias em que, concebendo a natureza como animada de uma vida anterior ao aparecimento do homem e em oposição a todos os aborrecidos aperfeiçoamentos da indústria, que até agora me haviam feito bocejar de tédio nas exposições universais ou nas lojas das modistas; em que tentava ver do mar apenas a seção em que não houvesse barcos a vapor, de maneira a me representá-lo como se fosse imemorial, ainda contemporâneo das eras em que fora separado da terra, pelo menos contemporâneo dos primeiros séculos da Grécia, o que me permitia repetir com veracidade os versos do "pai Leconte", tão caros a Bloch:

''Partiram já os reis das naves agressivas,
Levando, é pena, pelo mar tempestuoso,
Da heróica Hélade os homens cabeludos.''

Eu não podia mais desprezar as modistas, visto que Elstir me dissera que o gesto delicado com que fazem a última prega, uma suprema carícia aos nós ou às plumas de um chapéu já acabado, lhe interessaria tanto desenhá-lo como as posturas do jóqueis (o que deixou Albertine encantada). Mas, no que dizia respeito às modistas, era forçoso esperar o meu regresso a Paris, e quanto às corridas e às regatas, a minha volta a Balbec no ano seguinte. Até mesmo um iate que levasse mulheres vestidas de alva cambraia era inencontrável.

Muitas vezes encontrávamos as irmãs de Bloch, que eu era obrigado a cumprimentar desde que jantara em casa de seus pais. Minhas amigas não as conheciam.

- Não tenho permissão para brincar com israelitas. - dizia Albertine.

O modo como ela pronunciava a palavra, "issraelita" em vez de "izraelita", teria

bastado para indicar, mesmo que não se ouvisse o começo da frase a seguir, que não eram sentimentos de simpatia em relação ao povo eleito o que animava essas jovens burguesas, de famílias devotas, e que deviam facilmente acreditar que os judeus degolavam as crianças cristãs.

- Além disso, que gente suja essas suas amigas. - dizia Andrée com um sorriso que significava que sabia muito bem que não eram minhas amigas.

- Como tudo o que se refere à tribo - retrucava Albertine, no tom sentencioso de uma pessoa experiente.

Para falar a verdade, as irmãs de Bloch, ao mesmo tempo muito vestidas e meio nuas, de ar lânguido, aspecto atrevido, faustoso e imundo, não produziam propriamente uma boa impressão. E uma de suas primas, de quinze anos apenas, escandalizava o cassino pela admiração que mostrava pela Srta. Léa, cujo talento de atriz Bloch pai prezava muito, embora não se pudesse censurá-lo como à sobrinha, pois não era tido por inclinar-se de preferência pelos homens.

Em certos dias merendávamos em alguma das granjas-restaurantes que havia pelas redondezas. Eram estabelecimentos chamados de Ecorres, Maria-Thérese, Croix-d'Heuland, Bagatelle, Californie, Marie-Antoinette. Esta última é que fora adotada pelo pequeno grupo das moças.

Porém às vezes, em lugar de ir para uma granja, subíamos até o alto da falésia e, logo ao chegar, sentados na grama, desfazíamos os embrulhos de sanduíches e de doces. Minhas amigas preferiam os sanduíches e se espantavam de me ver comer somente um doce de chocolate, goticamente enfeitado de açúcar, ou uma torta de damasco.

É que eu não tinha nada a dizer aos sanduíches de queijo e de salada, iguaria nova e ignorante. Mas os doces eram instruídos, as tortas tagarelas. Nos primeiros havia velhos sabores de creme, e nas segundas frescores de frutas que muito sabiam acerca de Combray, de Gilberte, não só sobre a Gilberte de Combray, mas sobre a de Paris, em cujos lanches eu as havia encontrado. Elas me relembravam os pratos de sobremesa com bolinhos, das Mil e Uma Noites, que tanto distraíam a tia Léonie com seus "assuntos", quando Françoise lhe levava um dia, Aladim ou a Lâmpada Maravilhosa, outro dia, Ali Babá, o Dorminhoco Acordado, ou Simbad, o marujo embarcando em Baçorá com todas as suas riquezas. Muito me alegraria revê-los, mas minha avó não sabia aonde tinham ido parar e, aliás, imaginava que fossem pratos vulgares comprados na região. Não importa; na melancólica e champanhesa Combray as suas vinhetas se engastavam, multicores, como na escura igreja os vitrais de pedrarias cambiantes, como no crepúsculo do meu quarto as projeções da lanterna mágica, como diante da estação e da estrada de ferro do departamento os botões de ouro da Índia e os lilases da Pérsia, como a coleção de porcelanas chinesas

antigas da minha tia em sua casa sombria de velha dama provinciana.

Estendido sobre o rochedo, só via diante de mim alguns prados e, acima deles, não os sete céus da física cristã, mas a superposição de apenas dois: um mais carregado -o mar-e, ao alto, outro mais pálido. Comíamos e, se eu também tivesse trazido, para dar de presente, uma lembrancinha que agradasse a uma ou outra de minhas amigas, a alegria ocupava com tamanha e súbita violência o seu rosto translúcido, que num instante se fazia vermelho, que sua boca não a podia conter e para deixá-la sair, rebentava em riso. Estavam juntas a meu redor e, entre seus rostos, pouco afastados uns dos outros, o ar que as separava abria caminhos de azul como que traçados por um jardineiro que quisesse obter um pouco de espaço para ele próprio circular no meio de um bosque de rosas.

Esgotadas nossas provisões, brincávamos de jogos que até ali me haviam parecido tediosos, às vezes tão infantis como "a torre de guarda" ou "aquele que rir primeiro", mas dos quais agora não abriria mão nem por um império; a aurora da juventude, que ainda coloria o rosto dessas moças, e que já não me atingia na minha idade, iluminava tudo diante delas e, como a pintura fluida de certos primitivos, fazia ressaltar os mais insignificantes detalhes de suas vidas sobre um fundo de ouro. Em sua maioria, os rostos das jovens estavam confundidos naquele arreboi indeciso da aurora, de onde ainda não tinham surgido suas verdadeiras feições. Só se via uma cor admirável sob a qual não se discernia o que deveria ser o perfil dentro de alguns anos. O de hoje não apresentava nada de definitivo e bem podia ser apenas uma semelhança momentânea com um membro defunto da família, a quem a natureza quisera prestar essa cortesia comemorativa. Vem tão depressa o momento em que já não temos o que esperar, em que o corpo se fixa numa imobilidade que não promete mais surpresas, quando se perde toda a esperança ao ver, como as folhas já mortas nas árvores em pleno verão, como caem ou embranquecem os cabelos em pessoas ainda jovens; é tão curta essa manhã radiosa que acabamos por amar somente as mocinhas muito jovens, essas em quem a carne, como uma pasta preciosa, encontra-se ainda em pleno desenvolvimento. Elas não passam de uma onda de matéria dúctil, a todo instante trabalhada pela impressão passageira que as domina. Dir-se-ia que cada uma é sucessivamente uma estatueta da alegria, da seriedade juvenil, da carícia, do espanto, modelada por uma expressão franca, repleta, fugitiva. Essa plasticidade confere muita variedade e encanto aos cuidados gentis que uma adolescente mostra para conosco. Certo, são também indispensáveis na mulher adulta, e aquela a quem não agradamos, ou que não nos deixa ver que a agradamos, assume a nossos olhos algo de tediosamente uniforme. Mas tais atenções, a partir de uma certa idade, já não trazem suaves flutuações a um rosto que as lutas da existência endureceram e tomaram para sempre militante ou estático. Um pela força

contínua da obediência que submete a esposa a seu marido parece, antes que de uma mulher, o rosto de um soldado; o outro, esculpido pelos sacrifícios que dia após dia fez a mãe pelos filhos, é o de um apóstolo; ainda outro é, depois de anos de reveses e tempestades, o de um velho lobo-do-mar, numa mulher de quem somente as roupas revelam o sexo.

E, decerto, as atenções que uma mulher tem para conosco podem ainda, quando a amamos, encher de encantos novos as horas que passamos junto dela. Mas ela não é para nós, sucessivamente, uma mulher diversa. Sua alegria permanece exterior a um rosto imutável. Mas a adolescência é anterior à consolidação completa, e daí decorre que a gente experimenta, ao lado das mocinhas, esse refrigério que inspira o espetáculo das formas em constante mutação, brincando numa oposição instável que lembra a perpétua recriação de elementos primordiais da natureza que contemplamos diante do mar.

Não era apenas uma reunião social matutina, um passeio com a Sra. de Villeparisis o que eu teria sacrificado ao "jogo do anel" ou às "adivinhas" das minhas amigas.

Saint-Loup me mandara dizer várias vezes que, já que não ia visitá-lo em Doncieres, pedira uma licença de 24 horas e iria passá-la em Balbec. E eu lhe escrevia sempre que não viesse, dando como pretexto o fato de ser obrigado a me ausentar, justo naquele dia, para cumprir uma visita de obrigação de família com minha avó. Sem dúvida pensou muito mal de mim ao saber pela tia em que consistia o tal dever de família e quais as pessoas que, no caso, faziam o papel de minha avó. E, todavia, eu talvez não agisse mal em sacrificar não só os prazeres do mundanismo, mas até da amizade, ao de passar o dia inteiro naquele jardim.

As criaturas que têm a possibilidade de viver para si mesmas- é verdade que se trata de artistas, e eu, há muito, estava convencido de que nunca o seria-têm igualmente o dever de viver por si mesmas; ora, a amizade significa para elas uma dispensa desse dever, uma abdicação de si próprias. Até a conversação, que é a forma de expressão da amizade, não passa de uma divagação superficial, que não nos faz adquirir coisa alguma. Podemos conversar durante a vida inteira sem dizer nada senão repetir indefinidamente o vazio de um minuto, ao passo que a marcha do pensamento no trabalho solitário de criação artística se faz no sentido da profundidade, a única direção que não nos é fechada, onde poderíamos progredir, claro que com mais sofrimento, para obter uma verdade. E a amizade não é apenas destituída de virtudes, como a conversa; ela é, ademais, funesta. Pois a impressão de tédio que não podem deixar de sentir junto do amigo, isto é, de permanecer na superfície de si mesmos em vez de prosseguir sua viagem de descobertas nas profundezas, aqueles em que a lei de desenvolvimento é puramente interna, essa impressão de tédio a amizade nos persuade a retificá-la quando nos achamos a sós, a recordar com emoção as palavras que o nosso

amigo pronunciou, a considerá-las um dom precioso, já que não somos feito construções às quais se pode ajuntar pedras de fora, e sim feito árvores que extraem da própria seiva o nó seguinte do seu caule, o estádio superior de sua fronte. Estava mentindo a mim mesmo, interrompia o crescimento no sentido em que podia de fato crescer de verdade e ser feliz, quando me congratulava de ser estimado e admirado por uma criatura tão boa, tão inteligente, tão solicitada como Saint-Loup, quando adaptava minha inteligência, não às minhas próprias impressões obscuras, que seria obrigação minha destrinçar, mas às palavras de meu amigo, pois repetindo-as; fazendo com que me fossem repetidas por esse outro eu que vive em nós e no qual descarregamos com alívio o encargo de pensar-esforçava-me por achar uma beleza, bem diversa da que perseguia em silêncio quando estava efetivamente só, mas que conferiria mais mérito a Robert, a mim mesmo, à minha vida. Na vida que um tal amigo me proporcionava, eu surgia a mim mesmo como cuidadosamente preservado da solidão, nobremente desejoso de me sacrificar por ele; em suma, incapaz de me realizar. Ao contrário, junto dessas moças, se o prazer de que desfrutava era egoísta, ao menos não se baseava na mentira que busca nos fazer acreditar que não estamos irremediavelmente sós e que, quando conversamos com outros, nos impede de reconhecer que já não somos nós que falamos, que então nos modelamos à semelhança dos estranhos e não de um eu que difere deles. As palavras trocadas entre mim e as moças do pequeno grupo eram de escasso interesse, aliás raras, cortadas de minha parte por longos silêncios.

Isto não me impedia de sentir, quando me falavam, tanto prazer em escutá-las como de as contemplar, descobrir na voz de cada uma um quadro vivamente colorido. Era deliciado que escutava o seu gorjeio. Amar auxilia a discernir, a diferenciar. Num bosque, o amador de pássaros distingue logo esse chilrear privativo de cada ave, que o vulgo confunde. O amador de moças sabe que as vozes humanas são ainda bem mais variadas. Cada uma possui mais notas que o mais rico instrumento. E as combinações segundo as quais ele as agrupa são tão inesgotáveis quanto a variedade infinita das personalidades. Quando conversava com uma de minhas amigas, percebia que o quadro original, único, de sua individualidade era-me engenhosamente desenhado, tiranicamente imposto, tanto pelas reflexões de sua voz como pelas de seu rosto, formando dois espetáculos que traduziam, cada qual em seu plano, a mesma realidade singular. Sem dúvida, as linhas da voz, como as da fisionomia, ainda não estavam fixadas em definitivo; a primeira ainda mudaria bem como mudaria a segunda. Assim como as crianças possuem uma glândula cujo líqüido as ajuda a digerir o leite, e que deixa de existir no adulto, havia no chilreio dessas jovens, certas notas que as mulheres não têm mais. E, nesse instrumento mais variado, elas tocavam com os lábios, com aquela aplicação, aquele ardor dos anjinhos músicos de Bellini, os quais também são um apanágio exclusivo da juventude. Mais tarde, essas jovens

perderiam esse acento de convicção entusiasta que dava encanto às coisas mais simples, fosse porque Albertine, num tom autoritário, fizesse trocadilhos que as mais jovens escutavam com admiração até que o riso louco tomasse conta delas com a violência irresistível de um espirro, fosse porque Andrée se pusesse a falar de seus trabalhos escolares, mais infantis ainda que seus jogos, com uma gravidade essencialmente pueril; e as palavras delas ressoavam, semelhantes a essas estrofes dos tempos antigos onde a poesia, ainda pouco diferenciada da música, se declamava em notas diferentes. Apesar de tudo, a voz dessas moças acusava já, com nitidez, a maneira que cada uma tinha de encarar a vida, tão individual que seria generalizar demais dizer de uma:

"ela leva tudo na brincadeira", ou de outra:

"ela vai de afirmação em afirmação"; e de uma terceira:

"ela se detém numa dúvida expectante".

Os traços do nosso rosto são quase só gestos tornados definitivos pelo hábito. A natureza, como a catástrofe de Pompéia, como uma metamorfose de ninfa, nos imobilizou no movimento de costume. Da mesma forma, nossas entonações contêm nossa filosofia de vida, aquilo que a pessoa diz a si mesma a todo instante acerca das coisas. É claro que esses traços não eram somente das moças. Pertenciam a seus pais. O indivíduo banha-se em algo mais geral que ele próprio. Desse modo, os pais não fornecem apenas esse gesto habitual que são os traços do rosto e da voz, mas também certas maneiras de falar, certas frases consagradas, que, quase tão inconscientes quanto uma entonação, quase tão profundas, indicam, como ela, uma forma de encarar a vida. É verdade que, quanto às moças, há determinadas expressões que seus pais não lhes dão antes de uma certa idade, em geral não antes que se tornem mulheres. São guardadas em reserva. Assim, por exemplo, se o assunto eram os quadros de um amigo de Elstir, Andrée, que ainda usava cabelos soltos nas costas, não podia fazer pessoalmente uso da expressão empregada por sua mãe e sua irmã casada:

"Parece que o homem é encantador."

Mas isto acabaria acontecendo com a permissão para ir ao Palais-Royal. E, já desde a primeira comunhão, Albertine dizia, como uma amiga de sua tia:

"Isso me pareceria atroz."

Tinham-lhe dado também de presente o costume de repetir o que lhe diziam, a fim de dar a impressão de que se interessava e que procurava formar opinião própria. Se diziam que a pintura de um artista era boa ou que sua casa era linda:

"Ah, é boa a pintura?" "Ah, é linda a casa?"

Enfim, mais geral ainda que o legado familiar, era a matéria saborosa imposta pela província de origem, de onde elas tiravam a sua voz, e a mesma a que se

ligavam as suas entonações. Quando Andrée extraía secamente uma nota grave, não podia fazer com que a nota perigordense do seu instrumento vocal desse um forte som cantante, aliás muito em harmonia com a pureza meridional de suas feições; e às perpétuas gaiatices de Rosemonde respondiam a qualidade de sua fisionomia e as inflexões de sua voz do Norte com o sotaque de sua província. Entre essa província e o temperamento da moça, que ditava as inflexões, eu percebia um belo diálogo. Diálogo, não discórdia. Ninguém teria sido capaz de separar a moça de sua terra natal. Uma era a outra, ainda. De resto, tal reação dos materiais locais sobre o engenho que os utiliza e ao qual emprestam mais verdor, não torna menos individual a obra, e, seja a de um arquiteto, de um ebanista ou de um músico, não reflete com menor minúcia os traços mais sutis da personalidade do artista, porque este foi obrigado a trabalhar na pedra molar de Senlis ou na greda vermelha de Estrasburgo, mesmo que respeite os nós peculiares do freixo, ou que tenha considerado, na escrita, os recursos e os limites da sonoridade, as possibilidades da flauta ou da violeta.

Tudo isto eu percebia e, no entanto, conversávamos tão pouco! Ao passo que, com a Sra. de Villeparisis ou com Saint-Loup, teria demonstrado por minhas palavras muito mais prazer do que de fato sentia, pois, ao deixá-los, estava fatigado; ao contrário, deitado entre essas moças, a plenitude do que eu sentia em muito ultrapassava a pobreza e a escassez de nossas frases e transbordava dos limites da minha imobilidade e do meu silêncio em ondas de ventura, cujo marulhar vinha morrer aos pés daquelas jovens rosas.

Para um convalescente que repousa o dia inteiro num jardim ou num pomar, um aroma de flores e de frutos não impregna mais profundamente as mil e uma ninharias de que se compõe o seu farniente do que, para mim, aquela cor, aquele aroma que meus olhos iam buscar nessas jovens e cuja doçura acabava por se incorporar a mim. Assim as uvas se adoçam ao sol. E, por sua lenta continuidade, aqueles jogos tão simples também tinham determinado em mim, como ocorre com as pessoas que não fazem outra coisa senão ficar estendidas à beira-mar, respirando o sal e bronzeando-se, um alívio, um sorriso beatífico, um vago deslumbramento que me chegara até os olhos.

Às vezes uma gentileza desta ou daquela despertava em mim amplas vibrações que afastavam por algum tempo o desejo pelas outras. Assim, um dia, Albertine indagara:

- Quem tem um lápis?

Andrée dera-o, Rosemonde forneceu o papel, Albertine lhes dissera:

- Meninas, é proibido ver o que estou escrevendo.

E, depois de cuidar muito em fazer a letra clara, com o papel apoiado nos joelhos, ela o passara a mim, dizendo:

- Cuidado para que ninguém veja.

Então o desdobrei e li as palavras que me escrevera:

- Amo-te muito.

Mas, em vez de escrever asneiras gritou, voltando-se com ar subitamente impetuoso e grave para Andrée e Rosemonde

- É preciso que lhes mostre a carta que Gisele me escreveu esta manhã. Estou doida; tenho a carta aqui no bolso, e dizer que isto nos poderá ser útil!

Gisele julgara dever endereçar à amiga, a fim de que esta a comunicasse às outras, a composição que tivera de fazer para obter seu diploma de estudos do segundo grau. Os temores de Albertine acerca das dificuldades dos assuntos propostos tinham aumentado ainda mais devido aos dois entre os quais Gisele fora obrigada a optar. Um era:

"Sófocles escreve dos Infernos para consolar Racine pelo fracasso de Athaiie"; o outro: “Suponha que, após a primeira representação de Esther, a Sra, de Sévigné escreve à Sra. de La Fayette para lhe dizer o quanto lamentou a sua ausência."

Pois Gisele, por um excesso de zelo que deve ter tocado os examinadores, escolhera o primeiro, o mais difícil dos dois assuntos, e o desenvolvera de modo tão notável que obtivera 14 e fora felicitada pelo júri. Teria conseguido a menção "ótimo" se não tivesse levado pau no exame de espanhol. A composição, cuja cópia Gisele enviara a Albertine, nos foi lida imediatamente por esta, visto que, devendo ela própria passar pelo mesmo exame, desejava muito ouvir a opinião de Andrée, muito mais forte que elas todas e que podia lhe dar bons conselhos.

- Ela tem uma sorte! - disse Albertine. - Era justamente o assunto que lhe deu aqui sua professora de francês.

A carta de Sófocles a Racine, redigida por Gisele, começava assim:

"Meu caro amigo, desculpai-me o escrever-vos sem ter tido a honra de ser conhecido pessoalmente de vós, mas vossa nova tragédia, Athalie, não mostrará por acaso que estudastes perfeitamente bem as minhas modestas obras? Não pusestes versos senão na boca dos protagonistas, ou personagens principais do drama, porém escrevestes alguns, e encantadores; permiti que vos diga sem lisonjas, quanto aos coros, que não faziam má figura, segundo se diz, na tragédia grega, mas que são na França uma legítima novidade. Além do mais, o vosso talento, tão fino, tão aprimorado, tão arrebatador, tão sutil, tão delicado, alcançou uma energia pela qual vos felicito.

Athalie, Joad, eis personagens que vosso rival, Corneille, não teria burilado melhor. As índoles são viris, a intriga é simples e forte. Eis uma tragédia cujo móvel não é o amor e apresento-vos meus mais sinceros cumprimentos. Os mais

famosos preceitos nem sempre são os mais verdadeiros. Citar-vos-ei como exemplo:

''Desta paixão a sensível pintura

Chega-nos pela via mais segura.''

Tendes provado que o sentimento religioso que transborda de vossos coros não é menos capaz de emocionar. O grande público pode ter ficado desorientado, mas os verdadeiros conhecedores vos rendem justiça. Portanto, fiz questão de vos enviar minhas congratulações, às quais acrescento, meu caro confrade, a expressão dos meus mais elevados sentimentos."

Os olhos de Albertine não tinham deixado de cintilar enquanto estivera lendo:

-Parece até que ela copiou isto - exclamou, ao acabar. - Nunca teria acreditado que Gisele fosse capaz de realizar uma tarefa destas. E os versos que ela cita! De onde será que os afanou? A admiração de Albertine, é verdade que mudando de objeto, ainda mais aumentou, bem como a mais aplicada atenção, fazendo com que "os olhos lhe saíssem das órbitas" quando Andrée, consultada por ser a mais velha e a mais instruída, falou do trabalho de Gisele primeiro com uma certa ironia e, depois, com um ar displicente que mal dissimulava a sua verdadeira seriedade, e refez à sua moda a mesma carta.

- Não está má. - disse ela a Albertine mas, se eu fosse você e me dessem o mesmo tema, o que pode ocorrer, pois o apresentam seguido, não faria desse jeito. Eis como faria. Primeiro, se fosse Gisele, não me deixaria embalar e teria começado escrevendo numa folha à parte o plano da obra. Na primeira linha, a posição da questão e a exposição do tema; depois, as idéias gerais que entrariam no desenvolvimento do assunto. Por fim, a apreciação, o estilo, a conclusão. Desse modo, inspirando-se num sumário, a gente sabe aonde vai. Desde a exposição do tema, ou, se você prefere, Titine, já que se trata de uma carta, desde a entrada no assunto, Gisele comete um equívoco. Dirigindo-se a um homem do século XVII, Sófocles não devia ter escrito: "Meu caro amigo".

- É verdade, deveria tê-lo feito dizer: "Meu caro Racine" - gritou fogosamente Albertine. - Teria ficado bem melhor.

- Não. - respondeu Andrée num tom meio trocista -, deveria ter posto "Senhor". Da mesma forma, para encerrar deveria ter encontrado algo como: "Permiti, Senhor (quando muito "caro Senhor"), que vos diga dos sentimentos de estima com os quais tenho a honra de ser vosso servidor." Por outro lado, Gisele diz que os coros são uma novidade em Athalie. Ela esquece Esther, e duas tragédias pouco sabidas, mas que precisamente este ano foram analisadas pelo professor, de modo que, bastando citá-las, pois são a mania dele, a gente tem certeza de ser aprovada. São *As Judias*, de Robert Garnier, e o *Amante*, de Montchrestien.

Andrée citou estes dois títulos sem conseguir esconder um sentimento de benevolente superioridade que se exprimiu num sorriso, aliás bem gracioso. Albertine não se conteve:

-Andrée, você é de abafar - exclamou.-Vai me escrever estes dois títulos. O quê? Imagine só se me cair isso na prova; mesmo que fosse na oral, eu os citaria logo e causaria um efeito tremendo.

Mas, a seguir, cada vez que Albertine pediu a Andrée que lhe repetisse os nomes das duas peças para que ela as escrevesse, a tão sábia amiga fingiu tê-los esquecido e nunca mais pôde recordá-los.

- Depois - continuou Andrée num tom de imperceptível desdém pelas companheiras mais pueris, porém feliz por se fazer admirar e dando mais importância do que parecia à forma de como teria desenvolvido o assunto - Sófocles nos Infernos deve estar bem informado. Assim, deve saber que não é diante do grande público, mas diante do Rei-Sol e de alguns cortesãos privilegiados que Athalie foi representada. O que Gisele diz a respeito da estima dos conhecedores não está inteiramente ruim, mas poderia ser completado. Sófocles, tornado imortal, pode muito bem ter o dom da profecia e anunciar que, segundo Voltaire, Athalie não será apenas "a obra-prima de Racine, mas do espírito humano".

Albertine bebia todas essas palavras. Tinha as pupilas em fogo. E foi com a mais profunda indignação que repeliu a proposta de Rosemonde para começarem a jogar.

- Enfim. - disse Andrée no mesmo tom desligado, desenvolto, um tanto zombeteiro e ardentemente convicto-, se Gisele tivesse anotado antes as idéias gerais para desenvolvê-las, talvez houvesse pensado no que eu faria, ou seja, mostrar a diferença existente entre a inspiração religiosa dos coros de Sófocles e a dos de Racine. Eu teria feito, por meio de Sófocles, a observação de que, se os coros de Racine são impregnados de sentimentos religiosos como os da tragédia grega, não se trata todavia dos mesmos deuses. O deus de Joad nada tem a ver com o de Sófocles. E isto leva, muito naturalmente, após o fim do desenvolvimento, à conclusão: Que importa que as crenças sejam diversas?" Sófocles sentiria escrúpulos em insistir nesse ponto. Recearia ferir as convicções de Racine e, insinuando a esse respeito algumas palavras sobre seus mestres de Port-Royal, prefere felicitar o seu êmulo pela elevação do seu gênio poético,

A admiração e a atenção tinham dado tanto calor a Albertine que ela suava em bicas. Andrée conservava a fleuma sorridente de um dândi feminino.

-Também não seria mau citar alguns julgamentos de críticos célebres. - disse ela antes que recomeçassem a jogar.

-Sim - respondeu Albertine-, já me disseram isso. Os mais recomendáveis, em geral, são os julgamentos de Sainte-Beuve e Merlet, não é?

- Não está enganada de modo nenhum. - replicou Andrée que aliás se recusou a lhe escrever os dois outros nomes malgrado as súplicas de Albertine. - Merlet e Sainte-Beuve são bem lembrados. Mas é preciso citar principalmente Deltour e Gasc-Desfossés.

Enquanto isso, eu pensava na folhinha do bloco que Albertine me passara:

"Amo-te muito", e, uma hora depois, descendo os caminhos, um tanto íngremes para o meu gosto, que levavam a Balbec, dizia comigo que seria com ela que viveria o meu romance.

O estado caracterizado pelo conjunto de signos pelos quais normalmente julgamos estar enamorados, como as ordens que eu dava no hotel para não me despertarem fosse qual fosse a visita, a não ser que se tratasse de uma ou outra dessas moças, como as batidas de coração ao esperá-las (qualquer que fosse a que estivesse por chegar) e, naqueles dias, a minha raiva se não achasse um barbeiro e devesse me apresentar diante de Albertine, Rosemonde ou Andrée com a barba por fazer esse estado, sem dúvida, renascendo alternativamente por uma ou por outra, era tão diferente daquilo a que chamamos amor como difere a vida humana da dos zoófitos, nos quais a existência, a individualidade se assim podemos chamá-la, se reparte entre organismos diversos. Mas a História Natural nos ensina que se observa semelhante organização animal e que nossa própria vida, por pouco que já esteja um tanto adiantada, não é menos afirmativa sobre a realidade dos estados insuspeitados por nós antigamente e pelos quais devemos passar, mesmo que seja para abandoná-los em seguida; tal era para mim aquele estado amoroso dividido simultaneamente entre várias moças. Dividido, ou melhor, indiviso, pois, na maioria das vezes, o que me era mais delicioso, diferente do resto do mundo, o que principiava a me ser tão caro a ponto de que a esperança de voltar a vê-lo no dia seguinte era a melhor alegria da minha vida, era antes o grupo inteiro dessas moças, tomado em conjunto naquelas tardes sobre o rochedo, durante aquelas horas ao ar livre, naquela faixa de relva onde se sentavam as figuras, tão excitantes para a minha imaginação, de Albertine, de Rosemonde e de Andrée; e isto sem que eu pudesse dizer qual delas me fazia tão preciosas aquelas paragens, qual delas eu tinha mais desejos de amar.

No princípio de um amor, como no seu término, não estamos exclusivamente ligados ao objeto desse amor, ou melhor, o desejo de amar de que ele vai derivar (e, mais tarde, a recordação que ele deixa) erra voluptuosamente numa zona de encantos intercambiáveis-encantos às vezes simplesmente de natureza, de gula, de moradia-bastante harmônicos entre si para que ele não se sinta em terra estranha junto de nenhum. Além disso, como diante delas eu ainda não me

mostrava enfastiado pelo hábito, tinha a faculdade de vê-las, ou seja, de sentir profundo espanto, cada vez que me encontrava em sua presença. Por um lado, sem dúvida, esse espanto se deve à criatura que nos apresenta então uma nova faceta de si mesma; mas é tão grande a multiplicidade de cada uma, a riqueza de linhas de seu rosto e de seu corpo, linhas das quais tão pouco voltamos a encontrar, logo que não estamos mais perto da pessoa, na simplicidade arbitrária de nossa lembrança-como a memória escolheu determinada particularidade que nos impressionou, isolou-a, exagerou-a, fazendo de uma mulher que nos pareceu alta um estudo onde o comprimento do seu talhe é desmesurado, ou de uma mulher que nos pareceu loura e rosada uma pura "Harmonia em rosa e ouro", no momento em que essa mulher está de novo perto de nós, todas as outras qualidades esquecidas que lhe dão equilíbrio nos assaltam, em sua complexidade confusa, diminuindo a altura, afogando o tom róseo, e substituindo o que viemos buscar com exclusividade por outras particularidades que não nos lembrávamos de ter notado da primeira vez e que não compreendemos que contássemos tão pouco com revê-las. Lembramo-nos: íamos ao encontro de um pavão e encontramos uma peônia. E esse espanto inevitável não e o único; pois junto dele há um outro, nascido da diferença não mais entre as estilizações da lembrança e da realidade, mas entre a criatura que vimos pela última vez e a que nos surge hoje sob outro ângulo, mostrando-nos um novo aspecto. O rosto humano é verdadeiramente como o do deus de uma teogonia oriental, todo um cacho de fisionomias justapostas nos planos diferentes que não vemos ao mesmo tempo.

Mas, em grande parte, o nosso espanto provém sobretudo de que a criatura também nos apresenta uma mesma face. Ser-nos-ia necessário um tão grande esforço para recriar tudo o que nos foi proporcionado por algo que não é nós próprios ainda que seja o sabor de uma fruta-que mal recebemos a impressão descemos insensivelmente o declive da lembrança e, sem dar por isso, em pouco tempo estamos muito longe daquilo que sentimos. De modo que todo novo encontro é uma espécie de correção que nos reconduz ao que muito bem tínhamos visto. Já não nos lembrávamos mais, de tal modo o que se denomina lembrar uma criatura é na verdade esquecê-la. Mas, enquanto ainda sabemos ver, no momento em que o traço esquecido aparece nós o reconhecemos, somos obrigados a retificar a linha que se desviou e, assim, a perpétua e fecunda surpresa que fazia tão saudáveis e suavizadores para mim esses encontros diários com as bonitas moças à beira-mar, era feita de partes iguais de descobertas e reminiscências. Acrescentando-se a isto a agitação despertada pelo que elas representavam para mim, que jamais era inteiramente aquilo que eu julgara, o que fazia que a esperança do próximo encontro não mais fosse idêntica à precedente e sim à lembrança ainda vibrante do último encontro, compreender-se-á que cada passeio dava a meus pensamentos uma violenta mudança de rumo, e não na direção que eu traçara a sós no meu quarto, com a cabeça

descansada. E essa direção ficava esquecida, anulada, quando eu voltava, vibrando como uma colméia, com as frases que me haviam perturbado, e que ressoavam dentro de mim por muito tempo. Cada criatura é destruída quando a deixamos de ver; depois, o seu aparecimento seguinte é uma nova criação, diversa da que a precedeu imediatamente, senão de todas. Pois o mínimo de variedades que possa reinar em tais criações é representado pelo número dois.

Se lembramos um olhar enérgico, um jeito atrevido, o próximo encontro inevitavelmente nos deixará espantados, ou seja, quase exclusivamente impressionados com um lânguido perfil, por uma espécie de doçura sonhadora, coisas que havíamos negligenciado na recordação anterior. No confronto entre a nossa lembrança e a nova realidade, é isso que marcará a nossa decepção ou nossa surpresa, e agora nos parece o retoque da realidade advertindo-nos de que nossa recordação era falha; por seu turno, o aspecto fisionômico negligenciado da última vez e, por isso mesmo, mais sedutor agora, mais real e corrigido, se transformará em matéria de recordações e devaneios. É um perfil suave, langoroso, uma expressão sonhadora e doce, o que desejamos rever. E então, da próxima vez, o que houver de voluntário no olhar penetrante, no nariz pontudo, nos lábios cerrados, virá corrigir a defasagem entre o nosso desejo e o objeto que julgava corresponder-lhe. Fica bem entendido que essa fidelidade às impressões primeiras, puramente físicas, reencontradas sempre junto de minhas amigas, não se referia somente às suas feições, pois já vimos que eu também era sensível às suas vozes, talvez mais inquietantes (pois elas não oferecem apenas as mesmas superfícies singulares e sensuais das feições, mas fazem parte do abismo inacessível que dá a vertigem dos beijos sem esperança), vozes semelhantes ao som único de um pequeno instrumento onde cada uma punha inteira a sua alma e que era exclusivamente seu. Traçada por uma inflexão, a linha profunda de uma dessas vozes espantava-me sempre que a reconhecia depois de a ter esquecido. Tanto que as retificações que eu era obrigado a fazer a cada novo encontro, para voltar ao tom exato, eram tão adequadas a um afinador ou a um professor de canto, como a um desenhista.

Quanto à harmoniosa coesão em que se neutralizavam já algum tempo, pela resistência que cada uma opunha à expansão das demais, as diversas ondas de sentimento propagadas em mim por essas moças, tudo se rompeu em favor de Albertine, numa tarde em que brincávamos de passar anel. Era num pequeno bosque sobre a falésia. Colocado entre duas jovens estranhas ao pequeno grupo e que minhas amigas haviam trazido porque nesse dia deveríamos ser bem numerosos, eu olhava com inveja o vizinho de Albertine, um rapaz, dizendo comigo que, se estivesse no seu lugar, poderia tocar as mãos da minha amiga naqueles minutos inesperadas que talvez jamais voltassem e que tão longe poderiam me levar. Já o simples contato das mãos de Albertine, e até sem pensar

nas conseqüências que daí adviriam, me parecia delicioso. Não que eu nunca tivesse visto mãos mais lindas que as suas. Até no grupo de suas amigas, as de Andrée, delgadas e bem mais finas, tinham como que uma vida particular, dócil ao comando da moça, mas independente, e muitas vezes se alongavam diante dela como nobres lebréus, com atitudes de preguiça, de sonho profundo, e estiramentos bruscos de uma falange, devido aos quais Elstir havia feito vários estudos dessas mãos. Num deles, via-se Andrée aquecendo-as ao fogo e, diante da luz, elas mostravam a diafaneidade dourada de duas folhas de outono. Porém mais grossas, as mãos de Albertine cediam um instante e depois resistiam à pressão da mão que as apertava, transmitindo uma sensação toda particular. A pressão da mão de Albertine era dotada de uma doçura sem igual bem em harmonia com a coloração rósea, ligeiramente malva, de sua pele. Com essa pressão, parecia que a gente penetrava na moça, na profundidade de seus sentidos, assim como na sonoridade do seu riso, indecente como um barulho sensual ou como certos gritos. Era uma dessas mulheres a quem temos tão grande prazer em apertar a mão que ficamos gratos à civilização por ter feito do *shake-hand* um ato permitido entre rapazes e moças que se encontram. Se os costumes arbitrários de cortesia tivessem substituído esse aperto de mãos por outro gesto, eu teria contemplado todos os dias as mãos intangíveis de Albertine, tão ardentemente curioso de conhecer o seu contato, como o era de saber o gosto de suas faces.

Mas, no prazer de ter por muito tempo suas mãos entre as minhas, se tivesse sido o seu vizinho no jogo do anel, eu tinha como objetivo um pouco mais que esse prazer: quantas confissões, quantas declarações até hoje caladas por timidez, eu teria podido confiar a certas pressões da mão; de sua parte, como lhe teria sido fácil demonstrar, com outras pressões de mão, que me aceitava; que cumplicidade, que princípio de volúpia! Meu amor podia progredir mais em alguns minutos assim passados ao lado dela do que desde que a conhecia. E não me agüentava no lugar, pois via que aqueles minutos não durariam muito, estariam em breve chegando ao fim, pois aquele joguinho certamente não continuaria por muito tempo, e tão logo acabasse seria tarde demais. Deixei que me pegassem o anel de propósito e, uma vez no meio da roda, fingia que não o via passar e o seguia com os olhos esperando o momento em que chegasse às mãos do vizinho de Albertine; esta, rindo loucamente, estava toda cor-de-rosa na animação e alegria do jogo.

- Estamos justamente no bosque bonito - disse-me Andrée, designando as árvores que nos rodeavam, com um sorriso no olhar que era só para mim e parecia passar por cima dos jogadores como se só nós dois fôssemos bastante inteligentes para nos desdobrarmos e fazer, a respeito do jogo, uma observação de caráter poético. E ela chegou até a levar a delicadeza de espírito a ponto de cantar, sem

vontade, o "Ele passou por aqui, o furão do bosque, senhoras, passou por aqui o furão do bosque bonito", como essas pessoas que não podem ir ao Trianon sem dar uma festa estilo Luís XVI, ou que muitas vezes se divertem mandando cantar uma canção no mesmo ambiente para o qual foi escrita. E ao contrário, sem dúvida, eu teria ficado triste por não achar qualquer encanto na comparação proposta por Andrée, se tivesse tempo para pensar naquilo. Mas estava bem longe o meu espírito. Jogadores e jogadoras começavam a se espantar com a minha estupidez, e porque não pegava o anel. Eu contemplava Albertine tão bela, tão indiferente, tão alegre que, sem o prever, ia ser minha vizinha, quando enfim pegasse o anel nas mãos designadas, graças a uma manobra de que ela não suspeitava e que, se soubesse, muito a irritaria. Na febre do jogo, os longos cabelos de Albertine tinham-se desfeito um pouco e, em mechas encaracoladas, caíam-lhe pelo rosto, cuja rósea carnação ainda mais ressaltavam pela sua negra secura.

- Você tem as tranças de Laura Dianti, de Éléonore de Guyenne e de sua descendente, tão amada por Chateaubriand. Deveria usar sempre os cabelos meio caídos. - disse-lhe ao ouvido para me aproximar dela.

De repente, o anel passou para o vizinho de Albertine. Imediatamente me lancei sobre ele, brutalmente abri suas mãos, e peguei o anel; ele foi obrigado a ocupar meu posto no meio do círculo e eu tomei o seu ao lado de Albertine. Poucos minutos antes, invejava o rapaz ao ver suas mãos deslizando pelo barbante e encontrando a todo momento as de Albertine. Agora que chegara a minha vez, muito tímido para procurar esse contato, muito emocionado para poder desfrutá-lo, só conseguia sentir as batidas rápidas e dolorosas do coração. Num dado instante, Albertine se inclinou para mim com um ar de inteligência, o rosto cheio e rosado, fingindo assim que estava com o anel, a fim de enganar o furão e evitar que ele olhasse para o lado onde o anel estava sendo passado. Compreendi logo que os subentendidos expressos no olhar de Albertine se referiam àquela artimanha, mas perturbei-me ao ver assim passar em seus olhos a imagem, puramente simulada para os propósitos do jogo, de um segredo, de uma combinação que não existia entre nós dois, mas que desde então me pareceram possíveis e me seriam divinamente gratificantes. Como esse pensamento me exaltasse, senti uma leve pressão da mão de Albertine contra a minha, e seu dedo caricioso que deslizava por baixo do meu e vi que, ao mesmo tempo, ela me piscava o olho, procurando fazê-lo imperceptivelmente. De súbito, uma multidão de esperanças, até então invisíveis para mim mesmo, se cristalizaram:

"Ela aproveita o jogo para me demonstrar que me ama muito", pensei no auge de uma alegria, da qual imediatamente despenquei ao ouvir Albertine me dizer com raiva:

- Mas pegue logo o anel, seu burro, faz uma hora que estou lhe passando.

Aturdido pela dor, larguei o barbante; o furão percebeu o anel, se atirou sobre ele e tive de voltar para o meio do círculo, desesperado, olhando a ronda desenfreada que continuava a meu redor, interpelado pelos gracejos de todas as jogadoras, obrigado, para lhes responder, a rir também quando tinha tão pouca vontade disso, enquanto Albertine não parava de dizer:

- Não se deve jogar quando não se pode prestar atenção, para não fazer os outros perderem. Ou a gente não o convida nos dias em que formos jogar, Andrée, ou sou eu que não venho mais.

Andrée, superior ao jogo e que continuava cantando o seu "Bosque bonito", que Rosemonde por espírito de imitação repetia sem qualquer convicção, quis desviar as censuras de Albertine e me disse:

- Estamos a dois passos dos Creuniers que você tanto gostaria de ver. Venha, vou levá-lo até lá por um belo caminho enquanto essas doidas bancam crianças de oito anos.

Como Andrée era extremamente gentil comigo, pelo caminho lhe fui dizendo de Albertine tudo o que me parecia próprio para que esta me amasse. Andrée me respondeu que também gostava muito dela, achava-a encantadora; entretanto, meus elogios à sua amiga davam-me a impressão de não lhe causar nenhum prazer. De súbito, ao pequeno caminho vazio, parei, tocado no coração por uma doce lembrança da meninice: acabava de reconhecer, nas folhas recortadas e brilhantes que avançavam para a entrada dos Creuniers, uma moita de espinheiros-rosa sem flor, infelizmente, desde o fim da primavera. Em torno a mim flutuava uma atmosfera de antigos meses de Maria, de tardes de domingo, de crenças, de erros esquecidos. Desejaria apreendê-la. Parei por um segundo e Andrée, com adivinhação encantadora, deixou-me conversar por um instante com as folhas do arbusto. Pedi-lhe notícias das flores, aquelas flores de espinheiro-rosa semelhantes a alegres moças estouvadas, coquetes e piedosas.

- Essas senhoritas já se foram há muito tempo. - diziam-me as folhas.

E talvez pensassem que, para o grande amigo delas que eu pretendia ser, não parecia de modo algum informado sobre seus hábitos. Um grande amigo, mas que não as revia desde muitos anos, apesar de suas promessas. E, no entanto, como Gilberte fora o meu primeiro amor por uma menina, elas tinham sido o meu primeiro amor por uma flor.

- Sim, eu sei, elas vão embora em meados de junho. respondi -, mas tenho muito prazer em ver o local onde elas moravam aqui. Foram me ver em Combray, no meu quarto, trazidas por minha mãe quando eu estava doente. E nos encontrávamos aos sábados de tarde, no mês de Maria. Aqui elas podem ir às novenas?

- Oh, naturalmente! Aliás gostam muito dessas senhoritas na igreja de Saint-Denis-du-Désert, que é a paróquia mais próxima.

- E como fazer agora para vê-las?

- Ora, não antes do mês de maio do ano que vem.

- Mas posso estar certo de que elas estarão lá?

- Regularmente todos os anos.

- Só não sei se encontrarei o lugar.

- Como não!? Essas senhoritas são tão alegres; elas só param de rir para entoar cânticos, de modo que não é possível a gente se enganar e, na beira do caminho, você reconhecerá o seu aroma.

Voltei para junto de Andrée e recomecei a lhe fazer elogios acerca de Albertine. Parecia-me impossível que ela não os fosse transmitir a Albertine, tamanha era a minha insistência. E, no entanto, jamais soube que Albertine tomasse conhecimento deles. Todavia, Andrée possuía mais conhecimento em assuntos do coração do que ela, e maior refinamento na gentileza; descobrir o olhar, a palavra, a ação que mais engenhosamente pudessem dar prazer, calar uma reflexão que arriscasse magoar, fazer o sacrifício (e sem parecer que era um sacrifício) de uma hora de jogo, e até de uma reunião matinal, de um *garden-party*, para ficar junto de um amigo ou de uma amiga triste e lhe mostrar assim que preferia sua simples companhia a prazeres frívolos, tais eram as suas delicadezas habituais. Mas, depois que a gente a conhecia um pouco melhor, dir-se-ia que com ela se dava o mesmo que ocorria com esses covardes heróicos que não querem ter medo e cuja bravura é particularmente meritória; dir-se-ia que, no fundo de sua natureza, não havia nada daquela bondade que ela manifestava a todo instante por distinção moral, por sensibilidade, por vontade nobre de se mostrar boa amiga. Ao ouvir as coisas encantadoras que ela me dizia acerca de uma possível afeição entre mim e Albertine, parecia que ela iria trabalhar com todas as suas forças para realizá-la. Ora, talvez por acaso, nunca se utilizou do menor dos nadas de que dispunha e que poderiam unir-me a Albertine, e eu não juraria que meus esforços para ser amado por Albertine não tenham provocado, de sua amiga, manobras secretas destinadas a contrariá-los, mas despertado nela uma cólera aliás bem oculta e contra a qual talvez lutasse ela própria por delicadeza. Albertine seria incapaz dos mil refinamentos de bondade de Andrée, e no entanto eu não estava certo da bondade profunda desta última como o fiquei mais tarde da bondade da primeira. Sempre se mostrando indulgente para com a exuberante frivolidade de Albertine, Andrée tinha para ela palavras e sorrisos que eram de amiga, e mais, agia como amiga. Eu a vi, dia após dia, para fazê-la aproveitar o seu luxo, tornar feliz essa amiga pobre, ter, sem nenhum interesse, mais trabalho que um cortesão que deseja captar o favor

do soberano. Era encantadora de doçura, de palavras tristes e carinhosas, quando lamentavam diante dela a pobreza de Albertine, e esforçava-se mil vezes mais por ela do que o faria por uma amiga rica. Mas, se alguém suspeitasse que Albertine não era tão pobre como diziam, uma nuvem mal perceptível velava afronte e os olhos de Andrée; ela parecia de mau humor. E se iam ao ponto de dizer que afinal não tivesse tanta dificuldade de casar como pensavam, Andrée protestava com veemência e repetia quase com raiva:

-Oh, ela não poderá casar, bem sei. E isso me dá muita pena!

Mesmo no que me dizia respeito, ela era a única das moças que jamais me repetiria algo desagradável que tivessem dito de mim; mais ainda, se era eu mesmo quem o contasse a ela, dava a impressão de não acreditar ou vinha com uma explicação que tornava inofensiva a frase. É o conjunto dessas qualidades a que se denomina tato. É o apanágio das pessoas que, se vamos ao campo da honra, nos felicitam e acrescentam que não havia razão para um duelo, a fim de aumentar ainda mais aos nossos olhos a coragem de que demos prova, sem a isso ser constrangidos. São o oposto das pessoas que, nas mesmas circunstâncias, afirmam:

- Deve ser bastante aborrecido para você bater-se em duelo, mas por outro lado você não podia engolir essa afronta, não podia proceder de outra maneira.

Mas, como em tudo há prós e contras, se o prazer ou pelo menos a indiferença de nossos amigos em nos repetir algo de ofensivo que foi dito a nosso respeito prova que absolutamente não se colocam na nossa pele no momento em que nos falam, e enfiam-lhe o alfinete ou a faca como numa bexiga, a arte de nos ocultar sempre o que pode ser desagradável no que ouviram dizer de nossos atos ou da opinião que estes lhes inspiraram, pode provar, em outra categoria de amigos, a dos amigos cheios de tato, uma forte dose de dissimulação. Não há inconveniente se, de fato, não podem pensar mal de nós e se o que lhes é dito os faz apenas sofrer, como a nós mesmos. Achava que este era o caso de Andrée, sem contudo estar absolutamente certo disso.

Deixáramos o bosquezinho e seguíamos por um emaranhado de veredas muito pouco freqüentadas que Andrée conhecia perfeitamente bem.

-Olhe -disse ela de repente , eis os seus famosos Creuniers. E você ainda tem muita sorte, pois estão exatamente na hora e na luz em que Elstir os pintou.

Mas eu ainda estava muito triste por haver caído, no jogo do anel, de tão alto apogeu de esperanças. Portanto, não foi com o prazer que certamente teria sentido em outras circunstâncias que pude distinguir de súbito a meus pés, agachadas contra as rochas onde se protegiam do calor, as Deusas marinhas que Elstir espiara e surpreendera, sob uma sombria transparência tão bela como o teria sido a um Leonardo, as maravilhosas Sombras escondidas e furtivas, ágeis e

silenciosas, prestes a escorregar pelas pedras ao primeiro remoinho de luz, a se ocultar num buraco e prontas, passada a ameaça do raio luminoso, a voltar para junto do rochedo ou da alga, sob o sol esfarelador das falésias e do Oceano descolorido, cuja modorra parecem velar, guardiãs imóveis e leves, deixando aparecer à flor d'água o seu corpo viscoso e o olhar atento dos olhos fundos.

Fomos ao encontro das outras para voltar. Agora eu sabia que amava Albertine; mas infelizmente não me preocupava em confessar-lhe o meu amor. É que, desde o tempo em que brincava nos Champs-Élysées, minha concepção de amor tomara-se muito diversa, enquanto as criaturas a que sucessivamente se prendia o meu amor permaneciam quase idênticas. Por um lado, a confissão, a declaração do meu afeto àquela a quem amava já não me parecia uma das cenas capitais e necessárias do amor; e nem este seria uma realidade exterior, mas simplesmente um prazer subjetivo. E esse prazer, eu sentia que Albertine tanto mais faria o que fosse necessário para alimentá-lo quanto ignorasse que eu o experimentava.

Durante todo o caminho de volta, a imagem de Albertine, afogada na luz que emanava das outras, não foi a única a existir para mim. Mas como a lua, que durante o dia não passa de uma pequena nuvem branca de uma forma mais caracterizada e mais fixa, assume toda a sua força quando o dia se esvai, assim, logo que entrei no hotel, foi somente a imagem de Albertine que se ergueu do meu coração e se pôs a brilhar.

De súbito, meu quarto parecia novo. Claro, havia muito que já não era o aposento inimigo do primeiro dia. Modificamos sem cessar a nossa morada ao nosso redor; e, à medida que o hábito nos dispensa de sentir, suprimimos os elementos nocivos de cor, de dimensão e de cheiro que causavam nosso mal-estar. Não era mais o quarto, bastante poderoso ainda sobre a minha sensibilidade, certamente não para me fazer sofrer, mas para me proporcionar alegria, a bacia dos belos dias, semelhante a uma piscina pela metade, de que eles faziam resplandecer um azul úmido de luz, a que recobria por um instante, impalpável e branca feito uma emanação de calor, uma vela refletida e fugitiva; nem o quarto puramente estético das noites pictóricas; era o quarto em que estava há tantos dias que já não o via. Ora, eis que eu principiava a abrir os olhos para ele, mas desta vez da perspectiva egoísta que é a do amor. Imaginava que o belo espelho oblíquo, as elegantes estantes envidraçadas dariam a Albertine, se viesse me visitar, uma boa idéia a meu respeito. Em vez de um lugar de transição onde eu passasse por um momento antes de fugir para a praia ou para Rivebelle, meu quarto se tornaria real e querido para mim, renovando-se, pois eu olharia e apreciaria cada móvel com os olhos de Albertine.

Alguns dias após o jogo do anel, tendo-nos distanciado demais num passeio e como ficássemos bem contentes por encontrar em Maineville dois pequenos

tonneaux de dois lugares, que nos permitiriam voltar à hora do jantar, a vivacidade já bastante acentuada do meu amor por Albertine teve como efeito que fosse sucessivamente a Rosemonde e a Andrée que eu propusesse subissem comigo, e nem uma só vez a Albertine; a seguir, sempre convidando de preferência Andrée ou Rosemonde, levei todo o mundo, por motivos secundários de hora, caminho ou de capas, a decidir, como contra a minha vontade, que o mais prático seria levar comigo Albertine, a cuja companhia eu fingia me resignar mais ou menos. Infelizmente o amor, tendendo à assimilação completa de um ser, e como nenhum é comestível só pela conversação, Albertine, por mais que se mostrasse gentil durante esse retorno em que a levei para casa, deixou-me feliz, porém ainda mais esfomeado por ela do que estava ao partir, e contando os momentos que acabávamos de passar juntos apenas como um prelúdio, sem muita importância em si mesmo, dos que se seguiriam. Entretanto, possuía esse primeiro encanto que jamais se volta a encontrar. Ainda não pedira coisa alguma a Albertine. Ela podia imaginar o que eu desejava, mas, não tendo certeza, supor também que me inclinava a relações sem um fim determinado, nas quais devia a minha amiga achar esse vago delicioso, rico em surpresas esperadas, que é o romanesco.

Na semana seguinte, quase não tentei ver Albertine. Fingia preferir Andrée. O amor se inicia, e desejaríamos continuar para aquela a quem ama o desconhecido que ela pode amar, mas temos necessidade dela, temos necessidade de tocar menos o seu corpo que sua atenção, seu coração. Insinuamos numa carta uma maldade que obrigará a indiferente a nos pedir um favor, e o amor, segundo uma técnica infalível, aperta para nós, num movimento alternado, a engrenagem na qual não se pode mais amar nem ser amado. Consagrava a Andrée as horas em que as outras iam a alguma reunião matinal que eu sabia que Andrée sacrificaria por mim com prazer, e que mesmo com tédio teria sacrificado, por elegância moral, para não dar às outras, nem a si mesma, a idéia de que atribuía valor a um prazer relativamente mundano. Assim, eu dispunha de modo a tê-la todas as noites só para mim, não pensando em fazer ciúmes em Albertine mas aumentar a seus olhos o meu prestígio ou, pelo menos, não perdê-lo revelando-lhe que era a ela e não a Andrée quem eu amava. Tampouco o dizia a Andrée, receando que ela o fosse contar a Albertine. Quando falava de Albertine a Andrée, afetava uma frieza pela qual esta foi talvez menos enganada do que eu com sua aparente credulidade. Fingia acreditar em minha indiferença por Albertine e desejar a união mais completa possível entre mim e Albertine. É provável que, pelo contrário, ela não acreditasse na primeira nem desejasse a segunda. Enquanto lhe dizia que pouco me importava com sua amiga, eu só pensava em uma coisa: tentar travar relações com a Sra. Bontemps, que estava por algum tempo nas vizinhanças de Balbec e com quem Albertine devia ir passar em breve três dias. Naturalmente não deixei

transparecer esse desejo a Andrée e, quando lhe falei da família de Albertine, assumi um ar bastante distraído.

As respostas explícitas de Andrée não pareciam pôr em dúvida a minha sinceridade. Por que então ocorreu-lhe num daqueles dias comentar comigo:

- Justamente acabei de ver a tia de Albertine"?

Certamente não me dissera:

"Percebi muito bem pelas suas palavras, lançadas como que ao acaso, que você só pensava em travar relações com a tia de Albertine."

Mas era bem à presença, no espírito de Andrée, de semelhante idéia que ela achava mais bonito me ocultar, que parecia referir-se a palavra "justamente". Era da família de certos olhares, de certos gestos, que, embora não tenham uma forma lógica, racional, diretamente elaborada pela inteligência de quem a escuta, lhe chegam todavia com seu significado verdadeiro, assim como a palavra humana, mudada em eletricidade no telefone, se refaz palavra para ser ouvida. A fim de apagar do espírito de Andrée a idéia de que me interessava pela Sra. Bontemps, não falei mais dela apenas distraído, mas com malquerença; disse ter encontrado antigamente essa espécie de louca e esperava que isso nunca mais ocorresse. Ora, ao contrário, eu procurava encontrá-la de qualquer modo.

Tentei obter de Elstir, mas sem dizer a ninguém que o havia solicitado, que lhe falasse de mim e me reunisse a ela. Ele prometeu-me fazer conhecê-la, espantando-se contudo de que eu o desejasse, pois julgava-a uma mulher desprezível, intrigante e tão desinteressante como interesseira. Pensando que, se visse a Sra. Bontemps, Andrée o saberia mais cedo ou mais tarde, julguei que era melhor avisá-la.

-As coisas de que a gente mais procura fugir são as que chegam sem que possamos evitá-las. - disse-lhe. - Nada no mundo pode me aborrecer tanto como encontrar a Sra. Bontemps e, no entanto, não tenho como lhe escapar; Elstir deve me convidar com ela.

- Nunca duvidei um só instante - exclamou Andrée num tom amargo, enquanto seu olhar, engrandecido e alterado pelo descontentamento, fixava-se em alguma coisa invisível.

Estas palavras de Andrée não constituíam a mais ordenada exposição de um pensamento que assim pode resumir-se:

"Sei muito bem que você ama Albertine e que faz de tudo para se aproximar de sua família."

Mas eram as ruínas informes e reconstituíveis desse pensamento o que eu fizera explodir, ao me chocar com ele, apesar de Andrée. Assim como o "justamente",

essas palavras só tinham significado em grau secundário. Isto é, eram dessas que, ao contrário das afirmações diretas, nos inspiram estima ou desconfiança para com alguém, ou nos fazem brigar com ele.

Visto que Andrée não me acreditara quando lhe dizia que a família de Albertine me era indiferente, é que ela pensava que eu amava Albertine. E provavelmente não se sentia feliz com isso. Em geral, ela bancava o terceiro em meus encontros com sua amiga. Entretanto, havia dias em que eu devia ver Albertine sozinha, dias que esperava em febre, que passavam sem nada me trazer de decisivo, sem terem sido esse dia crucial cujo papel eu confiava imediatamente ao dia seguinte, que igualmente não o sustentaria; escoavam-se desse modo, sucessivamente como ondas, esses cumes logo substituídos por outros.

Cerca de um mês depois do dia em que tínhamos brincado o jogo do anel, disseram-me que Albertine devia partir na manhã seguinte para ir passar 48 horas na casa da Sra. Bontemps, e, obrigada a tomar o trem muito cedo, viria dormir na véspera no Grande Hotel, de onde, de ônibus, poderia, sem incomodar as amigas em cuja casa habitava, tomar o primeiro trem. Falei sobre isso a Andrée.

- Não creio de jeito nenhum. - disse Andrée com ar descontente.-Aliás, isso não lhe adiantaria nada, pois tenho certeza que Albertine não vai querer vê-lo, caso for sozinha ao hotel. Não seria protocolar - acrescentou, empregando um adjetivo de que muito gostava, desde pouco, no sentido de "aquilo que se faz". Digo isto porque sei das idéias de Albertine. A mim, que me importa que você a veja ou não? Tanto faz.

Reuniu-se a nós Octave, que não pôs obstáculos em dizer a Andrée o número de pontos que obtivera no golfe, na véspera, e depois Albertine, que passeava jogando o seu diabolô, como uma freira empunha o seu rosário. Graças a tal jogo ela podia ficar horas sozinha sem se aborrecer. Logo que se ajuntou a nós, surgiu-me a ponta rebelde de seu nariz, que eu havia omitido ao pensar nela nos últimos dias debaixo de seus cabelos pretos, a verticalidade da testa se opunha, e não pela primeira vez, à imagem indecisa que dela guardara, ao passo que, com sua brancura, mordiscava fortemente o meu olhar; saindo da poeira das lembranças, Albertine se reconstruía à minha frente. O golfe dá o hábito dos prazeres solitários. Aquele proporcionado pelo diabolô certamente o é. No entanto, depois de se reunir conosco, Albertine continuou a jogá-lo, sempre conversando com a gente, como uma dama a quem as amigas vieram visitar nem por isso pára de fazer crochê.

- Parece que a Sra. de Villeparisis - disse ela a Octave - fez uma reclamação ao senhor seu pai - (Eu ouvi, por detrás da palavra "parece", uma dessas notas que eram bem de Albertine; cada vez que percebia tê-las esquecido, lembrava-me,

ao mesmo tempo, de já ter entrevisto atrás delas a fisionomia decidida e francesa de Albertine. Poderia ser cego e conhecer muito bem algumas das qualidades alertas e um tanto provincianas dessas notas e da ponta do seu nariz. Umas e outro se equivaliam e teriam podido substituir-se, e sua voz era como o que dizem há de realizar o fototelefone do futuro: no som se recortava com nitidez a imagem visual). -Aliás, ela não escreveu apenas ao senhor seu pai, mas, ao mesmo tempo, ao prefeito de Balbec, para que não joguem mais diabolô no molhe. Atiraram-lhe uma bola à cara.

-Sim, eu o ouvi falar dessa reclamação. É ridícula. Já não há tantas distrações por aqui.

Andrée não se imiscuiu na conversação. Não conhecia, como tampouco Albertine e Octave, a Sra. de Villeparisis.

- Não sei por que essa senhora criou tamanho caso. - disse ela no entanto. - A velha Sra. de Cambremer também levou uma bolada mas não se queixou.

-Vou lhe explicar a diferença - respondeu gravemente Octave, riscando um fósforo. -É que, na minha opinião, a Sra. de Cambremer é uma dama da sociedade e a Sra. de Villeparisis é uma arrivista. Vocês vão ao golfe esta tarde?

E nos deixou, bem como Andrée. Fiquei sozinho com Albertine.

- Olhe. - disse ela -, eu agora arrumo os cabelos do jeito que você gosta; veja a minha mecha. Todo mundo zomba disso e ninguém sabe por quem me arrumo assim. Minha tia também vai rir de mim. Tampouco lhe direi o motivo.

Eu via de lado as faces de Albertine que muitas vezes pareciam pálidas; porém assim, banhadas por um sangue claro que as iluminava, adquiriam esse brilho que têm certas manhãs de inverno em que as pedras, parcialmente ensolaradas, parecem granito róseo e desprendem alegria. A que me dava naquele instante a vista das faces de Albertine era bem viva, mas levava a um outro desejo que não era o de passear, e sim o de beijar. Perguntei-lhe se eram verdadeiros os projetos que lhe atribuíam.

-Sim - disse ela -,vou passar esta noite no seu hotel e até vou deitar antes do jantar, pois estou um pouco resfriada. Você poderá vir assistir ao meu jantar, ao lado da cama, e depois poderemos jogar o que você quiser. Ficaria contente se for à estação amanhã de manhã, mas tenho medo que isso pareça meio estranho, não digo a Andrée, que é inteligente, mas às outras que lá estarão; iria provocar histórias se o repetissem à minha tia; mas poderíamos passar juntos o serão. Minha tia não saberá nada disso. Vou me despedir de Andrée. Então, até logo mais. Venha cedo para que tenhamos boas horas a nosso dispor - acrescentou sorrindo.

A essas palavras, fui mais além do que nos tempos em que amava Gilberte,

àqueles em que o amor me parecia uma entidade não só exterior, mas realizável. Ao passo que a Gilberte que eu via nos Champs-Élysées era uma outra diversa da que eu encontrava em mim desde que estava sozinho, de súbito, na Albertine real, a que eu via diariamente, que eu julgava cheia de preconceitos pequeno-burgueses e tão franca com a tia, vinha encarnar-se a Albertine imaginária, aquela por quem, quando não a conhecia ainda, me avaliara furtivamente molhado no molhe, a que parecia voltar a contragosto enquanto via que me afastava.

Fui jantar com minha avó; sentia em mim um segredo que ela não conhecia. Do mesmo modo, quanto a Albertine, amanhã suas amigas estariam com ela sem saber o que havia de novo entre nós dois e, ao beijar a sobrinha na testa, a Sra. Bontemps ignoraria que eu estava entre ambas, naquele arranjo de cabelos que tinha por objetivo, oculto a todos, ser agradável a mim, a mim que até então tanto invejara a Sra. Bontemps porque, aparentada às mesmas pessoas que a sobrinha, precisava usar os mesmos lutos, fazer as mesmas visitas de família; ora, acontecia que eu era para Albertine mais do que a sua própria tia. Junto desta, era em mim que ela pensaria. Não sabia muito bem o que se passaria dali a pouco. Em todo o caso, o Grande Hotel e o serão já não me pareceriam vazios; continha a minha felicidade. Chamei o elevador para subir ao quarto que Albertine ocupava, que dava para o vale. Os menores movimentos, como sentar-me na banqueta do ascensorista, eram-me suaves, pois tinham relação imediata com meu coração; eu não via, nas cordas que faziam o aparelho subir, nos poucos degraus que me restava galgar, senão as rodas, os degraus materializados da minha alegria. Bastavam-me dois ou três passos a dar no corredor antes de chegar àquele quarto onde estava encerrada a preciosa substância daquele corpo rosado-esse quarto que, mesmo que ali se devessem desenrolar atos deliciosos, conservava aquela permanência, aquele ar de ser, para um transeunte não informado, semelhante a todos os outros, que fazem das coisas as testemunhas obstinadamente mudas, os escrupulosos confidentes, os depositários invioláveis do prazer.

Esses poucos passos do patamar ao quarto de Albertine, esses passos que ninguém mais podia interromper, transpu-los com delícias, com prudência, como que mergulhado num elemento novo, como se, avançando, eu estivesse lentamente deslocando felicidade e, ao mesmo tempo, com um sentimento desconhecido de onipotência, e de entrar enfim de posse de uma herança que me pertencera o tempo todo. Depois, de súbito, pensei que errara em manter dúvidas; ela me dissera que fosse quando estivesse deitada.

Era evidente: eu sapateava de alegria; quase atirei Françoise no chão porque estava no meu caminho; corria, os olhos cintilantes, para o quarto da minha amiga. Encontrei Albertine na cama. Descobrindo-lhe o pescoço, a camisola

branca mudava as proporções do seu rosto, o qual, congestionado pela cama, pela gripe, ou pelo jantar, parecia mais róseo; pensei nas cores que tivera algumas horas antes, a meu lado, no molhe, e das quais iria enfim saber o gosto; a face estava atravessada, de alto a baixo, por uma de suas tranças negras e encaracoladas, que, para me agradar, desfizera completamente. Olhava-me sorrindo. A seu lado, na janela, o vale estava iluminado pelo luar. A visão do pescoço despido de Albertine, daquelas faces muito rosadas, me deu tal embriaguez (ou seja, pusera para mim a realidade do mundo não mais na natureza, mas na torrente de sensações que eu mal podia conter) que rompeu o equilíbrio entre a vida imensa, indestrutível, que rolava no meu ser, e a vida do universo, comparativamente tão mesquinha. O mar, que eu percebia perto do vale, na janela, os seios arqueados dos primeiros rochedos de Maineville, o céu onde a lua ainda não alcançara o zênite, tudo isso parecia mais leve de carregar do que plumas para os globos de minhas pupilas que, entre as pálpebras, eu sentia dilatadas, resistentes, prontas para erguer muitos outros fardos, todas as montanhas do mundo, sobre sua superfície delicada. Seu orbe já não se encontrava bastante preenchido pela própria esfera do horizonte. E tudo o que a natureza pudesse me trazer de vida teria me parecido bem pouco, os sopros marinhos me pareceriam curtos demais para a imensa aspiração que soerguia o meu peito. Inclinei-me para Albertine a fim de beijá-la. Ainda que a morte devesse me tocar naquele momento, isso me pareceria indiferente, ou melhor, impossível, pois a vida não estava fora de mim, estava em mim; eu teria sorrido com pena se um filósofo me externasse a idéia de que um dia, mesmo afastado, eu teria de morrer, que as forças eternas da natureza me sobreviveriam, as forças dessa natureza sob cujos pés divinos eu não passava de um grão de poeira; que, depois de mim, haveria ainda aquelas falésias arredondadas e arqueadas, aquele mar, aquele luar, aquele céu! Como seria possível isto, como poderia o mundo existir mais que eu, visto que eu não estava perdido nele, mas ele é que estava contido em mim, em mim que ele estava longe de preencher, em mim, onde, sentindo lugar para acumular tantos outros tesouros, eu jogava desdenhosamente para um canto, céu, mar e rochedos?

- Acabe com isso, ou eu toco a campainha - exclamou Albertine, vendo que me lançava sobre ela para beijá-la. Mas eu dizia comigo que não era para ficar sem fazer coisa alguma que uma moça convidava um rapaz para entrar às escondidas no seu quarto, manobrando para que sua tia não soubesse de nada, e que além disso a audácia é proveitosa para quem sabe desfrutar as ocasiões; no estado de exaltação em que me encontrava, o rosto redondo de Albertine, iluminado por um fogo interior como por uma lamparina, assumia para mim um tal relevo que, imitando a rotação de uma esfera ardente, parecia-me girar como as figuras de Michelangelo que um imóvel e vertiginoso turbilhão arrasta. Eu ia conhecer o aroma, o sabor desse desconhecido fruto róseo. Ouvi um som precipitado,

prolongado e estridente. Albertine tocara a campainha com todas as forças.

Julgara que o amor que sentia por Albertine não se baseava na esperança da posse física. Entretanto, quando me pareceu resultar da experiência daquela noite que essa posse era impossível e que, depois de não ter duvidado, no primeiro dia, na praia, que Albertine fosse uma sem-vergonha, e de ter passado depois por suposições intermediárias, pareceu-me certo, em definitivo, que ela era absolutamente virtuosa; quando, ao voltar da casa da tia, oito dias mais tarde, disse-me com frieza:

- Perdôo-o; lamento até lhe ter causado desgosto, mas não recomece nunca mais , ao contrário do que ocorrera quando Bloch me havia dito que eu poderia possuir todas as mulheres, e como se, ao invés de uma moça real, eu tivesse conhecido uma boneca de cera, deu-se que pouco a pouco se foi destacando dela o meu desejo de penetrar em sua vida, de acompanhá-la nas terras onde passara a infância, de ser iniciado por ela numa vida desportiva; e minha curiosidade intelectual sobre o que ela pensava acerca de tal ou qual assunto não sobreviveu à crença de que poderia beijá-la. Meus sonhos a abandonaram desde que deixaram de ser alimentados pela esperança de uma posse, da qual os julgara independentes. Desde então viram-se livres para se referir-conforme o encanto que lhes achasse um certo dia, sobretudo conforme a possibilidade e as chances que entrevia de ser amado por elas -a esta ou aquela das amigas de Albertine, principalmente Andrée. No entanto, se Albertine não tivesse existido, talvez eu não tivesse sentido o prazer que principiei a sentir cada vez mais, nos dias seguintes, diante da gentileza que me testemunhava Andrée. Albertine não contara a ninguém o fracasso que eu experimentara com ela.

Era uma dessas moças bonitas que, desde a extrema juventude, por sua beleza, mas principalmente por um atrativo, um encanto que permanece bem misterioso e que tem suas origens talvez nas reservas de vitalidade onde os menos favorecidos pela natureza vêm se saciar, sempre-em sua família, no meio das amigas, na sociedade-agradaram mais que outras mais belas, mais ricas; era dessas criaturas a quem, antes da idade do amor e bem mais ainda quando ele chega, se pede mais do que elas pedem e até mais do que podem dar. Desde a infância, Albertine tivera sempre em admiração a seu redor quatro ou cinco amiguinhas, entre as quais Andrée, que lhe era tão superior e o sabia (e talvez essa atração exercida por Albertine tão involuntariamente estivesse na origem, tivesse servido para a fundação do pequeno grupo). Essa atração se exercia mesmo bem longe, nos ambientes relativamente mais brilhantes onde, se houvesse uma pavana para dançar, Albertine era solicitada de preferência a uma jovem mais bem-nascida. O resultado era que, não tendo um tostão de dote, vivendo bastante mal, aliás, a cargo do Sr. Bontemps, que diziam ser corrupto e desejar livrar-se dela, ela era no entanto convidada não só para jantar mas para

morar em casa de pessoas que, aos olhos de Saint-Loup, não teriam qualquer elegância, mas que, para a mãe de Rosemonde ou para a mãe de Andrée, mulheres muito ricas mas que não conheciam tais pessoas, representavam algo enorme. Assim, Albertine passava, todos os anos, algumas semanas com a família de um diretor do Banco da França, presidente do Conselho de administração de uma grande companhia de estradas de ferro. A mulher desse financista recebia personagens importantes e jamais cumprimentara a mãe de Andrée, a qual achava descortês essa dama, mas nem por isso se sentia menos prodigiosamente interessada por tudo o que se passava na casa dela. Assim, todos os anos exortava Andrée a convidar Albertine para a sua vivenda, porque, dizia, era uma boa obra oferecer uma temporada à beira-mar a uma menina que não tinha nada de seu para viajar e com quem a tia praticamente não se importava; a mãe de Andrée provavelmente não era movida pela esperança de que o diretor do Banco e sua esposa, sabendo que Albertine era mimada por ela e sua filha, formassem uma melhor opinião sobre ambas; com muito maior razão, não esperava que Albertine, contudo tão boa e hábil, soubesse fazê-la ser convidada, ou, pelo menos, que conseguisse convidar Andrée para os *garden-party* do financista. Mas todas as noites, ao jantar, sempre assumindo um ar de indiferença e desdém, ela ficava encantada ao ouvir Albertine lhe contar o que se passara no castelo durante a sua permanência, as pessoas que ali tinham sido recebidas, quase todas conhecidas dela de vista ou pelo nome. Mesmo a idéia de que ela não os conhecia senão desse modo, ou seja, simplesmente não os conhecia (ela chamava a isto conhecer as pessoas "desde sempre") conferia uma ponta de melancolia à mãe de Andrée, enquanto fazia a Albertine perguntas sobre eles com ar altivo e distraído, com a extremidade dos lábios, e que poderia deixá-la inquieta e insegura quanto à importância de sua própria condição, caso não se tranqüilizasse a si mesma e se recolocasse na "realidade da vida" dizendo ao mordomo:

- Diga ao chefe que suas ervilhas não estão bem cozidas.

Recuperava então a sua serenidade. E estava mesmo disposta a que Andrée só se casasse com um homem, de excelente família, é claro, mas suficientemente rico para que ela também pudesse ter um chefe de cozinha e dois cocheiros. Era isso o positivo, a verdade efetiva de uma situação social. Mas que Albertine houvesse jantado no castelo do diretor do Banco com essa ou aquela dama, que essa dama chegasse mesmo a convidá-la para o inverno seguinte, isso não deixava de trazer à moça, no modo de ver da mãe de Andrée, uma espécie de consideração particular que se casava muito bem à piedade e até ao desprezo excitados pelo seu infortúnio, desprezo aumentado pelo fato de o Sr. Bontemps haver traído a sua bandeira aliando-se ao governo e até mesmo vagamente panamista, ao que diziam. O que, aliás, não impedia que a mãe de Andrée, por amor à verdade,

fulminasse com seu desprezo as pessoas que davam a impressão de crer que Albertine fosse de baixa extração.

-Como, é o que há de melhor, são Simonets com um só.

Certamente, devido ao meio em que tudo isso ia evoluindo, em que o dinheiro desempenha tal papel, e onde a elegância faz com que nos convidem mas não com que nos desposem, nenhum casamento "aceitável" poderia ser, para Albertine, a conseqüência útil da consideração tão distinta de que ela gozava e que não teriam julgado compensadora de sua pobreza. Mas só por si mesmos, e sem trazer esperança de uma conseqüência matrimonial, tais "sucessos" excitavam a inveja de certas mães maldosas, que se encolerizavam por ver Albertine ser recebida como "filha da casa" pela mulher do diretor do Banco, e até pela mãe de Andrée, a quem mal conheciam. Assim, diziam a amigos comuns a elas e a essas duas damas, que estas ficariam indignadas se soubessem a verdade, isto é, que Albertine contava na casa de uma (e vice-versa) tudo o que a intimidade em que a admitiam imprudentemente lhe permitia descobrir sobre a outra, mil pequenos segredos que seria infinitamente desagradável à interessada ver desvendados. Tais mulheres invejosas diziam isto para que se espalhasse e para que Albertine fosse mal vista pelos seus protetores. Mas semelhante política, como ocorre muitas vezes, não alcançava nenhum êxito. Sentia-se demais a maldade que a inspirava, e isto só fazia desprezar ainda mais aquelas que tinham tomado tal iniciativa. A mãe de Andrée estava bem determinada a respeito de Albertine para que mudasse de opinião. Considerava-a uma "infeliz", mas de índole excelente, e que não sabia o que mais inventar para agradar.

Se essa espécie de fama que obtivera Albertine não parecia comportar nenhum resultado prático, ela imprimira à amiga de Andrée o caráter distintivo das criaturas que, sempre solicitadas, jamais têm necessidade de se oferecer (caráter que também se encontra, por motivos análogos, num outro extremo da sociedade, nas mulheres de grande elegância) e que é não exibirem o sucesso que obtêm, mas antes ocultá-lo. Ela nunca dizia de alguém:

"Ele tem vontade de me ver", falava de todos com grande benevolência e como se fosse ela quem corresse atrás, procurasse os outros. Se falavam de um rapaz que minutos antes lhe havia feito pessoalmente as mais amargas censuras, porque ela lhe recusara um encontro, bem longe de se gabar publicamente ou de lhe querer mal, Albertine o elogiava:

- É um excelente rapaz.

Ficava mesmo muito aborrecida que se agradassem tanto dela, pois aquilo a obrigava a causar mágoa, ao passo que, por sua natureza, gostava de causar prazer. Gostava mesmo de causar prazer ao ponto de ter dito uma mentira especial a certas pessoas utilitárias, a certos homens vitoriosos. Existindo, aliás,

em estado embrionário, em um número enorme de pessoas, esse tipo de insinceridade consiste em não saber se contentar com um único ato, em causar prazer, graças a este, a uma só pessoa. Por exemplo, se a tia de Albertine desejava que a sobrinha a acompanhasse a uma reunião matinal pouco divertida, Albertine, comparecendo, poderia achar suficiente o proveito moral de ter dado prazer à tia. Mas, acolhida gentilmente pelos donos da casa, preferia lhes dizer que desejava há muito visitá-los e que escolhera aquela ocasião e solicitara a permissão da tia. Isto ainda não era bastante: naquela matinê se achava presente uma das amigas de Albertine que tivera um grande desgosto. Albertine lhe dizia:

- Não quis te deixar sozinha, julguei que te faria bem que eu estivesse junto de ti. Se queres que deixemos a matinê, vamos a outro lugar; farei o que quiseres, pois acima de tudo desejo te ver menos triste- (o que aliás também era verdade).

Às vezes, no entanto, ocorria que o objetivo fictício destruía a finalidade real. Assim, tendo Albertine um serviço a pedir para uma das amigas, ia por esse motivo visitar uma certa dama. Mas, logo ao chegar à casa dessa dama bondosa e simpática, ela, obedecendo sem querer ao princípio de utilização múltipla de uma única ação, achava mais afetuoso dar a impressão de ter vindo apenas devido ao prazer que sentia que iria experimentar ao rever aquela dama. Esta ficava muito sensibilizada pelo fato de Albertine ter percorrido um longo trajeto por pura amizade.

Vendo a dama quase comovida, Albertine gostava ainda mais dela. Unicamente, acontecia o seguinte: experimentava tão vivamente o prazer da amizade pelo qual mentirosamente pretendia ter vindo, que temia que a senhora duvidasse dos sentimentos, na verdade sinceros, se ela lhe pedisse o obséquio para a amiga. A dama julgaria que Albertine a fora visitar para aquilo, o que era verdadeiro, mas concluiria que Albertine não sentia prazer desinteressado em vê-la, o que era falso. De modo que Albertine voltava sem lhe ter pedido o obséquio, como os homens que foram tão bons com uma mulher na esperança de obter os seus favores, que não se declaram a elas para que essa bondade mantenha um caráter de nobreza. Em outros casos, não se pode dizer que o objetivo verdadeiro fosse sacrificado ao objetivo acessório e imaginado posteriormente, mas o primeiro era de tal modo oposto ao segundo que, se a pessoa que Albertine comovia ao lhe declarar um ficasse conhecendo o outro, seu prazer logo se transformaria no desgosto mais profundo. A seqüência da narrativa fará melhor compreender, bem mais adiante, esse gênero de contradições. Digamos, com um exemplo tirado a uma ordem de fatos muito diversos, que são muito freqüentes nas mais variadas situações que a vida oferece. Um marido instalou sua amante na cidade em cujo quartel está servindo. Sua mulher, que ficou em Paris e está relativamente a par da verdade, mostra-se desolada, escrevendo ao marido cartas cheias de ciúme. Ora, a amante é obrigada a vir passar um dia em Paris.

O marido não pode resistir a seus pedidos de acompanhá-la e obtém uma licença de 24 horas. Mas, como é uma boa pessoa e sofre por causar desgosto à esposa, chega em casa e lhe diz, derramando algumas lágrimas sinceras, que, transtornado pelas cartas dela, arranjou um meio de a vir consolar e abraçar. Assim, achou um meio de dar, com uma só viagem, uma prova de amor ao mesmo tempo à esposa e à amante. Mas, se a esposa soubesse o motivo pelo qual o marido tinha vindo a Paris, sua alegria se iria mudar sem dúvida em desgosto, a não ser que visse que o ingrato a tornava, apesar de tudo, mais feliz do que infeliz com suas mentiras. Entre os homens que me pareceram praticar mais assiduamente o sistema de fins múltiplos está o Sr. de Norpois. Às vezes aceitava ser o intermediário entre dois amigos brigados, e isto fazia com que o chamassem o mais obsequioso dos homens. Mas não lhe bastava dar a impressão de prestar um serviço a quem o solicitara; apresentava ao outro as negociações que fazia junto a ele como empreendidas, não a pedido do primeiro, mas no interesse do segundo, o que persuadia facilmente um interlocutor sugestionado de antemão pela idéia de que tinha à sua frente "o mais serviçal dos homens". Dessa forma, jogando em dois tabuleiros, fazendo o que em linguagem de teatro se chama contraparte, jamais deixava que sua influência corresse qualquer risco, e os serviços que prestava não constituíam uma alienação e sim uma frutificação de uma parte do seu crédito. Por outro lado, todo serviço prestado, parecendo duplamente retribuído, aumentava ainda mais a sua reputação de amigo serviçal, e serviçal com eficiência, que não faz esforços inúteis, cujos passos dão sempre bom resultado, o que era demonstrado pelo reconhecimento dos dois interessados. Essa duplicidade no obséquio era, e com desmentidos como em toda criatura humana, uma parte importante do caráter do Sr. de Norpois. E muitas vezes, no Ministério, servia-se de meu pai, que era bastante ingênuo, fazendo-o crer que o estava servindo.

Agradando mais do que desejava e não tendo necessidade de alardear o seu sucesso, Albertine guardou silêncio sobre a cena que tivera comigo ao lado da cama, e que uma moça feia gostaria de ter dado ciência ao universo inteiro. Além disso, eu não conseguia me explicar sua atitude naquela cena. Pelo que respeita à hipótese de uma virtude absoluta (hipótese que a princípio atribuíra à violência com que Albertine recusara se deixar beijar e agarrar por mim e que, de resto, não era de modo algum indispensável à minha concepção da bondade, da honestidade essencial da minha amiga), não deixei de examiná-la por diversas vezes. Essa hipótese era bem o contrário da que eu levantara no primeiro dia em que vira Albertine. Depois, tantos atos diferentes, todos de gentileza para comigo (uma gentileza carinhosa, às vezes inquieta, alarmada, ciumenta de minha predileção por Andrée), banhavam por todos os lados o gesto rude com o qual, para fugir de mim, ela tocara a campainha. Por que então me pedira para vir passar o serão junto de sua cama? Por que falava o tempo todo a linguagem da

ternura? Sobre o que repousa o desejo de ver um amigo, de temer que ele lhe prefira a sua amiga, de tentar agradá-lo, de lhe dizer romanescamente que as outras não saberão que passou o serão com ela, se lhe recusa um prazer tão simples e que não é um prazer para ela? Da mesma forma, não podia acreditar que a virtude de Albertine fosse até esse ponto e chegava a me perguntar se não houvera, para sua violência, um motivo de coqueteria, por exemplo, um aroma desagradável que julgasse ter em si e com o qual temera me incomodar, ou de pusilanimidade, se, por exemplo, julgasse, em sua ignorância das realidades do amor, que meu estado de fraqueza nervosa podia ter algo de contagioso através do beijo.

Certamente ficou desolada por não ter podido me dar prazer e me ofereceu um pequeno lápis de ouro, devido a essa virtuosa perversidade das pessoas que, enternecidas com a nossa gentileza e não concordando em nos conceder o que ela reclama, querem todavia fazer outra coisa em nosso favor: o crítico, cujo artigo lisonjearia o romancista, em vez disso o convida para jantar; a duquesa não leva o esnobe consigo ao teatro, mas manda-lhe o seu camarote para uma noite em que ela não irá. Tanto aqueles que fazem o mínimo e poderiam não fazer nada são levados pelo escrúpulo a fazer algo! Disse a Albertine que, dando-me o lápis, ela me proporcionava um grande prazer, todavia menor do que eu teria se, na noite em que ela dormira no hotel, tivesse permitido que a beijasse.

- Isto me faria tão feliz! E o que é que lhe podia acontecer? Estou surpreso que me tenha repelido.

-O que me espanta. - respondeu ela- é que você ache isso espantoso. Pergunto a mim mesma que tipo de moças poderá ter conhecido para que minha conduta lhe cause surpresa. - Estou desolado por tê-la aborrecido, mas, mesmo agora, não posso lhe dizer que considero ter procedido mal. Minha opinião é que se trata de coisas sem importância, e não compreendo que uma moça que tão facilmente pode causar prazer não consinta nisso. Entendamo-nos. - acrescentei, para dar uma meia-satisfação às suas idéias morais, lembrando-me como ela e suas amigas tinham difamado a amiga da atriz Léa-,não quero dizer que uma moça possa fazer tudo e que não existe nada que seja imoral. Assim, olhe, essas relações de que você falava outro dia a respeito de uma menina que mora em Balbec e que existiria entre ela e uma atriz, acho isso ignóbil, tão ignóbil que penso que são os inimigos dessa moça que inventaram tudo isso e que nada do que foi contado é verdade. Isto me parece improvável, impossível. Porém deixar-se beijar, e ainda mais por um amigo, já que você diz que sou seu amigo...

- É meu amigo, mas tive outros antes de você; conheci rapazes que, asseguro-lhe, tinham por mim amizade igual. Muito bem, nenhum deles teria ousado fazer coisa semelhante. Bem sabiam o par de tapas que teriam levado. Aliás, nem

pensavam nisso; a gente se apertava as mãos com toda a franqueza, como amigos, como bons camaradas; jamais nos falaríamos em beijar e não éramos menos amigos por isso. Vamos, se faz questão da minha amizade, pode ficar contente, pois é preciso que eu goste muito de você para perdoá-lo. Mas estou certa de que pouco liga para mim. Confesse que gosta mesmo é de Andrée. No fundo você tem razão; ela é muito mais amável que eu, e é deslumbrante! Ah! Os homens!

Apesar da minha decepção recente, essas palavras de tanta franqueza, dando-me uma grande estima por Albertine, causaram-me uma doce impressão. E talvez essa impressão tivesse para mim grandes e lastimáveis conseqüências, pois foi por ela que principiou a se formar aquele sentimento quase familiar, aquele núcleo moral que sempre devia subsistir no meio do meu amor por Albertine. Um tal sentimento pode ser a causa de mágoas maiores. Pois, para sofrer verdadeiramente por uma mulher, é preciso ter acreditado totalmente nela. Naquele momento, esse embrião de estima moral, de amizade, permanecia no meio da minha alma como pedra de espera. Não teria podido nada, sozinho, contra a minha felicidade se tivesse continuado assim, sem aumentar, numa inércia que deveria conservar no ano seguinte e, com muito mais razão ainda, durante as últimas semanas de minha primeira temporada em Balbec. Estava em mim como um desses hóspedes que, apesar de tudo, seria mais prudente expulsar, mas que deixam que permaneça sem inquietá-lo, de tanto que os tornam provisoriamente inofensivos sua fraqueza e seu isolamento no meio de uma alma estranha.

Agora, meus sonhos voltavam a ser livres para se reportar a esta ou àquela das amigas de Albertine e, em primeiro lugar, a Andrée, cujas amabilidades talvez me tivessem tocado menos se não tivesse certeza de que seriam conhecidas de Albertine. É claro que a preferência que há muito eu vinha fingindo por Andrée me fornecera em hábitos de conversas, de declarações de carinho como que a matéria de um amor já inteiramente pronto para ela, ao qual até então não faltara mais que um sentimento sincero a acrescentar-lhe, e que agora o meu coração livre de novo, poderia proporcionar. Mas Andrée era muito intelectual, muito nervosa, muito doentia, muito parecida comigo para que a amasse de verdade. Se agora Albertine se me afigurava oca, Andrée estava repleta de algo que eu já conhecia de sobra. No primeiro dia pensara ver na praia a amante de um corredor, embriagada de amor pelo esporte, e Andrée me dizia que havia principiado a praticar esportes a conselho do médico, a fim de curar a neurastenia e as perturbações de nutrição.

Mas seus melhores momentos eram aqueles em que traduzia um romance de George Eliot. Minha decepção, fruto de um erro inicial sobre o que seria Andrée, não teve, de fato, nenhuma importância para mim. Mas o erro era do tipo desses

que, se permitem que o amor nasça e só são reconhecidos como erros quando a situação já não pode ser mudada, tornam-se motivo de sofrimento. Tais erros- que podem ser diferentes dos que havia cometido em relação a Andrée, e até mesmo opostos provêm muitas vezes, como em particular no caso dela, do fato de que assumimos demais o aspecto e as maneiras daquilo que não somos mas desejaríamos ser, para iludir à primeira vista. A aparência exterior, à afetação, à imitação e ao desejo de ser admirado, seja pelos bons, seja pelos maus, acrescenta-se o falso aspecto das palavras e dos gestos. Há cinismos e crueldades que não resistem à prova mais que certas bondades, certas generosidades. Do mesmo modo que muitas vezes se descobre um avaro vaidoso em um homem conhecido por sua caridade, a jactância do vício nos faz supor uma Messalina em uma moça honesta cheia de preconceitos. Eu julgara encontrar em Andrée uma criatura saudável e primitiva, quando não passava de alguém que buscava saúde, como o eram talvez muitos daqueles em que ela pensava encontrá-la, e que na verdade não a possuíam, assim como um homem gordo e artrítico, de rosto vermelho e vestido de flanela branca, não é forçosamente um Hércules. Ora, há circunstâncias em que não é indiferente para a felicidade que a pessoa a quem se amou pelo que parecia ter de saudável na realidade não passasse de um desses enfermos que só recebem sua saúde de outros, como os planetas tomam emprestada a sua luz, como certos corpos se limitam a deixar passar a eletricidade.

Não importa; Andrée, como Rosemonde e Gisele, e até mais do que elas, era em última análise uma amiga de Albertine, que compartilhava a sua vida e imitava as suas maneiras a ponto de que no primeiro dia eu a princípio não as distinguira uma da outra. Entre essas moças, caules de rosas, cujo encanto principal era se destacarem sobre o mar, reinava a mesma indivisão que no tempo em que não as conhecia e quando o aparecimento de qualquer uma me causava tanta emoção por me anunciar que o pequeno grupo não estava longe. Ainda agora, a vista de uma me proporcionava um prazer onde entrava, numa percentagem que eu não saberia avaliar, a possibilidade de ver as outras a segui-la mais tarde, e, ainda que não viessem naquele dia, a oportunidade de falar a respeito delas e de saber que lhes seria dito que eu estivera na praia.

Não era mais a atração dos primeiros dias; era uma genuína veleidade de amar que hesitava entre todas, de tal forma cada uma era a substituta natural da outra. Minha maior tristeza não teria sido o fato de ser abandonado por aquela que eu preferia entre todas; mas logo preferiria, porque nela fixara a soma de tristeza e de sonho que flutuava entre elas, aquela que me tivesse abandonado. Ainda nesse caso, era a todas as suas amigas, a cujos olhos eu em breve perderia todo o prestígio, que eu teria inconscientemente lamentado naquela, tendo lhes confessado essa espécie de amor coletivo que o político ou o ator dedicam ao

público pelo qual não se consolam de ser abandonados depois de ter recebido todos os seus favores. Mesmo os favores que não pudera obter de Albertine, esperava por eles, de repente, de uma ou outra que me dissera uma palavra ou lançara um olhar ambíguo, ao me deixar à noite, devido aos quais era para essa última que se voltava o meu desejo por um dia inteiro.

E o meu desejo errava ainda mais sensualmente entre os seus rostos móveis, porque uma fixação relativa das feições já estava bastante iniciada para que se pudesse distinguir, mesmo que mudasse ainda, a efígie maleável e flutuante. Às diferenças existentes entre esses rostos estavam, sem dúvida, muito longe de corresponder as diferenças idênticas no comprimento e largura das feições, as quais, de uma a outra das moças, e por mais dissemelhantes que parecessem, talvez pudessem ser quase superpostas. Mas o nosso conhecimento dos rostos não é matemático.

Primeiro, não começa por medir as partes, mas tem como ponto de partida uma expressão, um conjunto. Em Andrée, por exemplo, a finura dos olhos doces parecia juntar-se ao nariz estreito, tão delgado como uma simples curva, que tivesse sido traçada para que fosse possível prosseguir numa só linha a intenção de delicadeza divisada anteriormente no duplo sorriso dos olhares gêmeos. Uma linha da mesma finura lhe riscava os cabelos, ágil e profunda como a que o vento traça na areia. E essa linha devia ser hereditária, pois os cabelos inteiramente brancos da mãe de Andrée eram dispostos da mesma maneira, aqui formando um tufo, ali uma depressão, como a neve que se ergue ou se afunda de acordo com as desigualdades do terreno. É evidente que, comparado à fina delineação do de Andrée, o nariz de Rosemonde parecia oferecer amplas superfícies, como uma torre alta assentada numa base poderosa. Ainda que a expressão seja bastante para fazer crer em diferenças enormes entre coisas separadas por algo infinitamente pequeno, e ainda que o infinitamente pequeno possa por si só criar uma expressão absolutamente particular, uma individualidade, o fato é que nem o infinitamente pequeno de uma linha nem a originalidade da expressão faziam com que esses rostos aparecessem irredutíveis uns aos outros. Entre os de minhas amigas, a coloração abria uma separação ainda mais profunda, não tanto pela variada beleza dos tons que lhes proporcionava, tão opostas que eu sentia diante de Rosemonde- inundada de um róseo sulfurino sobre o qual reagia ainda a luz esverdeada dos olhos -e diante de Andrée-cujas faces brancas recebiam tanto da austera distinção de seus cabelos negros o mesmo tipo de prazer como se olhasse alternadamente um gerânio à beira do mar ensolarado e uma camélia à noite; mas sobretudo porque as diferenças infinitamente pequenas das linhas se achavam desmesuradamente aumentadas, assim como as proporções entre as superfícies eram inteiramente mudadas por esse elemento novo da cor, o qual, assim como é um dispensador de matizes; e funciona também como grande

regenerador ou, pelo menos, modificador de dimensões. De maneira que as fisionomias, construídas talvez de modo pouco diverso, conforme sejam iluminadas pelo fogo de uma cabeleira ruiva ou de uma pele rosada, ou pela branca luz de um pálido fosco, encompridavam-se ou se ampliavam, tornando-se uma coisa diferente, como esses acessórios dos balés russos, que consistem às vezes, se são vistos em plena luz do dia, numa simples rodela de papel e que o gênio de um Bakst, segundo a iluminação vermelho-pálida ou lunar em que mergulha o cenário, faz incrustar-se duramente neste, como uma turquesa na fachada de um palácio, ou desabrochar molemente, rosa de bengala no meio de um jardim. Assim, ao tomar conhecimento dos rostos, nós os medimos realmente, mas como pintores e não como agrimensores.

Dava-se o mesmo com Albertine que com suas amigas. Em certos dias, delgada, pálida, aborrecida, uma transparência violácea descendo obliquamente no fundo de seus olhos, como ocorre algumas vezes no mar, ela parecia sentir uma tristeza de exilada. Em outros, seu rosto mais liso atraía os desejos à sua superfície envernizada e os impedia de irem mais além; a menos que eu não a visse de súbito de lado, pois suas faces foscas feito uma cera branca eram, na superfície, rosadas por transparência, o que dava tanta vontade de as beijar, de tocar aquela pele diferente que se esquivava. De outras vezes, a felicidade banhava suas faces de uma claridade tão móvel que a pele, tornada vaga e fluida, deixava passar como que olhares subjacentes que a faziam parecer de uma outra cor, mas não de matéria diferente da dos olhos; às vezes, sem querer, ao olhar para seu rosto matizado de pontinhos castanhos e onde flutuavam apenas duas manchas mais azuis, lembrava um ovo de pintassilgo, e muitas vezes era como uma ágata opalina, trabalhada e polida somente em dois lugares, onde, no meio da pedra escura, luzissem como asas transparentes de uma borboleta azul, os olhos, em que a carne se torna espelho e nos dá a ilusão de deixar, mais que em outras partes do corpo, que nos aproximemos da alma. Porém, com mais freqüência, tinha boa cor e se mostrava mais animada; umas vezes só era cor-de-rosa, em seu rosto branco, a ponta do nariz, fino como o de uma gatinha sorrateira, com a qual se tivesse vontade de brincar; às vezes suas faces eram tão polidas que o olhar deslizava como pelas de uma miniatura, sobre o seu esmalte rosado, ainda mais delicado e interior devido à tampa entreaberta e superposta de seus cabelos negros; ocorria que a pele de suas faces chegava ao rosa violáceo do ciclâmen, e às vezes até, quando ela estava congestionada ou febril, e dando então a idéia de uma compleição doentia que rebaixava o meu desejo a qualquer coisa de mais sensual e fazia seu olhar exprimir algo mais perverso e indecente, assumia o púrpura sombrio de certas rosas de um rubro quase negro. E cada uma destas Albertines era diferente, como é diferente cada uma das aparições da bailarina cujas cores, forma e caráter vão se transmudando, conforme os jogos inumeravelmente variados de um projetor luminoso. Talvez por serem tão

diversas as criaturas que eu contemplava em Albertine àquela época, é que mais tarde adquiri o hábito de tornar-me eu mesmo um outro personagem, de acordo com a Albertine em que pensava: um ciumento, um indiferente, um voluptuoso, um melancólico, um furioso, recriados não só ao acaso da lembrança que renascia, mas conforme a intensidade da crença interposta, para uma mesma recordação, pelo modo diverso com que a apreciava. Pois era sempre a isto que precisava retornar, a essas crenças que na maior parte do tempo nos enchem a alma à nossa revelia, mas que, todavia, têm mais importância para a nossa felicidade que determinada criatura que vemos, pois é através delas que a vemos, são elas que atribuem à criatura contemplada a sua efêmera grandeza. Para ser exato, eu deveria dar um nome diferente a cada um dos eus que a seguir pensou em Albertine; mais ainda, deveria dar um nome diferente a cada uma dessas Albertines que apareciam diante de mim, nunca a mesma, como-chamados simplesmente por mim, para maior comodidade, o mar-esses mares que se sucediam e diante dos quais, outra ninfa, se destacava Albertine. Mas principalmente da mesma forma, porém de modo bem mais útil do que se diz, numa narrativa, o tempo que estava fazendo em tal dia-deveria sempre denominar a crença que, no dia em que eu via Albertine, reinava em minha alma, formando a atmosfera e o aspecto dos seres, bem como o aspecto dos mares depende dessas névoas apenas visíveis que mudam a cor de todas as coisas devido a sua concentração, sua mobilidade, sua disseminação, sua fuga-como a que Elstir havia rompido uma tarde não me apresentando às moças com quem se detivera e cujas imagens subitamente me pareceram mais belas quando se afastavam -, névoa que alguns dias depois, quando as conhecera, tornara a formar-se, velando o seu brilho, interpondo-se muitas vezes entre elas e meus olhos, opaca e doce, semelhante à Leucotéia de Virgílio.

Sem dúvida, os rostos de todas elas tinham mudado de significação para mim, desde que o modo pelo qual era preciso lê-los me fora em certa medida indicado por suas próprias frases, às quais tanto maior valor eu podia atribuir, visto que à vontade as provocava com minhas perguntas, fazia-as variar como um experimentador que submete a contraprovas a verificação daquilo que supôs. E, em suma, é uma forma como outra qualquer de resolver o problema da existência, o de aproximar bastante as coisas e as pessoas que de longe nos pareceram belas e misteriosas, para nos darmos conta de que não têm mistério nem beleza; é uma das higienes entre as quais se pode optar, uma higiene que talvez não seja muito recomendável, mas que nos proporciona uma certa calma para passar a vida e também para nos resignarmos à morte, uma vez que nos permite não lamentar coisa alguma, convencendo-nos que alcançamos o melhor e que o melhor não é grande coisa.

Eu havia substituído, no fundo do cérebro daquelas moças, o desprezo à

castidade, a recordação de saídas diárias, por princípios honestos, talvez capazes de ceder mas tendo até então preservado de qualquer deslize aquelas que os haviam recebido de seu ambiente burguês. Ora, quando nos enganamos desde o começo, mesmo quanto às pequenas coisas, quando um erro de suposição ou de memória nos faz procurar o autor de uma intriga malévola ou o local para onde se desgarrou um objeto em direção falsa, pode acontecer que só descubramos o nosso engano para o substituir não pela verdade, mas por um outro engano. No tocante ao modo de viver daquelas moças e à forma de tratá-las, eu tirava todas as conseqüências da palavra inocência que havia lido em seus rostos, conversando familiarmente com elas. Mas talvez tivesse lido irrefletidamente, no lapso de uma decifração por demais rápida, e ali não mais estivesse escrita, como não estava o nome de Jules Ferry no programa da matinê em que pela primeira vez ouvira a Berma, o que não me impedira de garantir ao Sr. de Norpois que Jules Ferry, sem qualquer dúvida, escrevia anteatos.

No caso de qualquer das minhas amigas do pequeno grupo, como não seria o último rosto que eu tivesse visto, o único de quem me lembraria? Porque, de todas as lembranças relativas a uma pessoa, a inteligência elimina aquilo que não concorre para a utilidade imediata de nossas relações cotidianas (mesmo e sobretudo se tais relações são impregnadas de um pouco de amor, o qual, sempre insatisfeito, vive no momento a decorrer)? Ela deixa afrouxar a cadeia dos dias passados, só lhe segura com força o último elo, muitas vezes formado de metal bem diverso do dos elos desaparecidos na noite, e, na viagem que fazemos através da vida, só considera como real a região em que estamos no presente. Nenhuma das minhas primeiras impressões, já tão distantes, podia encontrar contra a sua deformação diária um recurso em minha memória; durante as longas horas que eu passava conversando, lanchando, jogando com aquelas moças, nem me lembrava que elas eram as mesmas virgens implacáveis e sensuais que eu vira, como num afresco, desfilar diante do mar.

Os geógrafos e os arqueólogos nos conduzem à ilha de Calipso, exumam o palácio de Minos. Unicamente, Calipso não passa de uma mulher, Minos de um rei sem nada de divino. Até as qualidades e os defeitos que a História nos ensina terem sido então o apanágio dessas pessoas muito reais, diferem às vezes, grandemente, das qualidades e defeitos que havíamos atribuído aos seres fabulosos do mesmo nome. Assim se dissipara toda a graciosa mitologia oceânica que eu havia elaborado nos primeiros dias.

Porém não é totalmente indiferente que nos ocorra, ao menos às vezes, passar o nosso tempo na familiaridade do que julgáramos inacessível e que havíamos desejado.

Na convivência com as pessoas que a princípio acháramos desagradáveis, persiste sempre, mesmo no meio do prazer fictício que podemos sentir junto

delas, o gosto falsificado dos defeitos que conseguiram dissimular. Mas, nas relações como as que eu tinha com Albertine e suas amigas, o legítimo prazer que está em sua origem deixa esse perfume que nenhum artífice consegue conferir aos frutos forçados, às uvas que não amadureceram ao sol. As criaturas sobrenaturais que elas tinham sido um momento para mim, conservavam ainda, mesmo sem que eu o soubesse, um tom de maravilhoso nas relações mais banais que tivera com elas, ou melhor, preservavam essas relações de terem jamais algo de banal. Meu desejo buscara com tamanha avidez a significação dos olhos que, agora, me conheciam e sorriam, mas que no primeiro dia tinham cruzado os meus olhares como raios emitidos de um outro universo, tão ampla e minuciosamente havia ele distribuído a cor e o perfume sobre a superfície carnosa daquelas moças que, estendidas sobre o rochedo, me alcançavam simplesmente sanduíches ou brincavam de adivinhações, que, em muitas dessas tardes, enquanto eu, deitado no chão, como aqueles pintores que buscam a grandeza do antigo na vida moderna e dão a uma mulher que apara a unha do pé a nobreza do "Menino que extrai o espinho" ou que, como Rubens, mudam em deusas mulheres suas conhecidas para compor um quadro mitológico, contemplava aqueles belos corpos morenos e louros, de tipos tão opostos, espalhados a meu redor pela relva, sem esvaziá-los talvez de seu conteúdo medíocre de que os enchera a experiência diária, e no entanto sem me lembrar expressamente de sua origem celeste como se, igual a Hércules ou a Telêmaco, estivesse brincando rodeado de ninfas.

Depois os concertos acabaram, chegou o mau tempo, minhas amigas deixaram Balbec, não juntas todas, como as andorinhas, mas na mesma semana. Albertine foi a primeira, de repente, sem que nenhuma das amigas pudesse entender, nem então nem mais tarde, por que voltara de súbito a Paris, onde nem trabalhos nem distrações a esperavam.

"Ela não disse quê nem porquê, e depois foi embora" resmungava Françoise, que aliás gostaria que fizéssemos o mesmo. Achava-nos indiscretos diante dos empregados, todavia já bem reduzidos em número, mas retidos pelos raros fregueses que permaneciam no hotel, diante do gerente que "comia dinheiro". É verdade que, há muito tempo, o hotel, que não tardaria a fechar, vira partir quase todo o mundo; mas também, nunca fora tão agradável como agora. Não era essa a opinião do gerente; ao longo dos salões onde a gente enregelava e a cuja porta já não montava guarda nenhum groom, ele media os corredores, de redingote novo, tão cuidado pelo barbeiro que seu rosto apagado parecia consistir em uma mistura na qual, para uma parte de carne, havia três de cosméticos, e mudando sem cessar de gravata (tais elegâncias custam mais barato que assegurar o aquecimento e manter o pessoal, e aquele que já não pode mandar dez mil francos para obras de caridade, ainda facilmente banca o generoso dando cem

sous de gorjeta ao telegrafista que lhe traz um despacho). Dava a impressão de inspecionar o nada, de querer dar, graças ao bom aspecto pessoal, um ar provisório à miséria que se sentia naquele hotel, onde a temporada não fora boa, e parecia o fantasma de um soberano que regressa para assombraras ruínas do que outrora foi seu palácio. Ficou descontente sobretudo quando o trem local, que já não tinha passageiros suficientes, deixou de funcionar até a primavera seguinte.

- O que falta aqui, - dizia o gerente- são os meios de comoção.

Apesar do débito registrado, fazia projetos grandiosos para os anos seguintes. E, como, ainda assim, era capaz de reter exatamente belas expressões quando se aplicavam à indústria hoteleira e tinham por resultado engrandecê-la:

- Eu não estava bastante bem assessorado, embora tivesse uma boa equipe na sala de jantar -dizia -; mas os grooms deixam a desejar; verão que falange saberei reunir no ano que vem.

Enquanto esperava, a interrupção dos serviços do B.C.B. o obrigava a mandar buscar a correspondência e às vezes conduzir os viajantes de carro. Eu pedia muitas vezes para sentar ao lado do cocheiro e, desse modo, passeava qualquer que fosse o tempo, como no inverno que passara em Combray.

Entretanto, às vezes, a chuva bem forte nos retinha, a minha avó e a mim; estando fechado o cassino, em peças quase completamente vazias, como no porão de um navio quando o vento sopra, e onde todos os dias, como no decorrer de uma travessia, uma nova pessoa daquelas com quem passáramos três meses sem travar relações, o primeiro presidente do conselho de Rennes, o decano de Caen, uma senhora americana e suas filhas, vinham se juntar a nós, começavam a conversar, inventavam uma forma de tornar as horas menos longas, revelavam um talento, ensinavam-nos um jogo, convidavam-nos para tomar chá ou tocar música, ou para uma reunião em determinada hora, combinando em conjunto essas distrações que possuem o verdadeiro segredo de nos dar prazer, apenas porque não pretendem mais que isso, e simplesmente nos ajudam a passar o tempo e a matar o tédio. Enfim, travavam conosco, no fim da nossa temporada, amizades que suas partidas sucessivas, no dia seguinte, vinham interromper. Cheguei a travar relações com o rapaz rico, e com um de seus amigos nobres, e com a atriz que voltara por alguns dias; mas a pequena sociedade só se compunha de três pessoas, tendo o outro amigo regressado a Paris. Convidaram-me para ir jantar com elas no seu restaurante. Creio que ficaram bem contentes por eu não ter aceito. Mas haviam feito o convite da maneira mais amável possível, e, embora na verdade partisse do rapaz rico, visto que os outros eram apenas seus hóspedes, como o amigo que os acompanhava, marquês Maurice de Vaudémont, era de casa muitíssimo nobre, a atriz instintivamente, perguntando-

me se não queria ir, acrescentou para me lisonjear:

- Isso daria imenso prazer a Maurice.

E, quando encontrei todos os três no *hall*, foi o Sr. de Vaudémont, enquanto o rapaz rico ficava em silêncio, que me disse:

- Não vai nos dar o prazer de jantar conosco?

Em resumo, aproveitara eu muito pouco de Balbec, o que me aumentava o desejo de para ali voltar. Parecia-me que ali ficara muito pouco tempo. Não era esta a opinião de meus amigos, que me escreviam para perguntar se tencionava viver em Balbec definitivamente. E, ao ver que era o nome de Balbec que eles se obrigavam a colocar no envelope, e como, em vez de dar para uma campina ou para a rua, a minha janela se abria para os campos do mar, cujo rumor ouvia à noite, e ao qual, antes de adormecer, confiara o meu sono como uma barca, tinha a ilusão de que essa promiscuidade com as ondas devia materialmente, à minha revelia, fazer penetrar em mim a noção do seu charme, à maneira das lições que a gente aprende dormindo.

O gerente me oferecia melhores quartos para o próximo ano, mas agora sentia-me ligado ao meu, onde entrava sem mais sentir o cheiro do *vetiver*, e do qual o meu pensamento, que antigamente se elevava dali com tanta dificuldade, acabara por tomar tão exatamente as dimensões que fui obrigado a fazê-lo sofrer um tratamento inverso, quando tive de me deitar de novo no meu quarto antigo, cujo teto era baixo.

De fato, tínhamos sido forçados a deixar Balbec, já que o frio e a umidade se tornaram penetrantes demais para permanecermos por muito tempo naquele hotel desprovido de lareiras e caloríferos. Aliás, esqueci quase de imediato essas últimas semanas. O que revi quase invariavelmente, quando pensei em Balbec, foram os momentos em que, todas as manhãs, como devia sair à tarde com Albertine e suas amigas, minha avó, por ordens do médico, me forçou a ficar deitado no escuro. O gerente ordenava que não fizessem barulho no meu andar e ele próprio vigiava para ser obedecido. Por causa da luz muito forte, eu conservava fechadas, o máximo de tempo possível, as grandes cortinas cor-de-violeta que me haviam testemunhado tanta hostilidade na primeira noite. Mas, apesar dos alfinetes com os quais, para que a luz do dia não passasse, Françoise as prendia à noite, e que só ela sabia retirar, apesar das cobertas, da toalha da mesa de cretone vermelho, dos tecidos pegados aqui e ali para ajustar às cortinas, não conseguia uni-los de todo e a escuridão não era completa; e parecia que se espalhavam pelo tapete um escarlate desfolhar de anêmonas, entre as quais eu não podia evitar de, por um momento, pousar os pés nus. E na parede defronte à janela, parcialmente iluminada, havia um cilindro de ouro, sem qualquer sustentáculo, colocado verticalmente e deslocando-se devagar como a

coluna luminosa que precedia os hebreus no deserto. Voltava a me deitar; obrigado a gozar, sem me mexer, apenas pela imaginação, e todos ao mesmo tempo, os prazeres dos jogos, do banho, da caminhada, que a manhã aconselhava, a alegria me fazia bater bruscamente o coração como uma máquina em plena atividade, porém imóvel, e que, para descarregar a sua velocidade, só pode girar sobre si mesma no mesmo lugar.

Sabia que minhas amigas estavam no molhe mas não podia vê-las, enquanto elas passavam diante dos píncaros assimétricos do mar, no fundo do qual, empoleirada no meio de seus cimos azulados como uma aldeia italiana, eu às vezes discernia, numa clareira, a cidadezinha de Rivebelle, minuciosamente detalhada pelo sol. Não via minhas amigas, mas (enquanto chegavam até meu *belvedere* o pregão dos jornaleiros, dos "jornalistas", como dizia Françoise, os chamados dos banhistas e das crianças que brincavam, pontuando, à maneira dos gritos dos pássaros marinhos, o ruído das ondas que quebravam suavemente) adivinhava a sua presença, ouvia o riso delas, envolto como o das nereidas na suave arrebentação que subia até os meus ouvidos.

- Olhamos para ver se você descia. - dizia-me Albertine à noite. - Mas os seus postigos ficaram fechados mesmo na hora do concerto.

Com efeito, às dez horas ele rebentava debaixo de minhas janelas. Entre os intervalos dos instrumentos, se o mar estava muito cheio, voltava-se a ouvir, contínuo e ligado, o deslizar da água de uma onda, que parecia envolver as cordas do violino em suas volutas de cristal e lançar sua espuma por sobre os ecos intermitentes de uma música submarina. Impacientava-me por não me terem trazido ainda as minhas coisas a fim de que pudesse me vestir. Soava meio-dia e por fim chegava Françoise. E, durante meses a fio, nessa Balbec que tanto desejara, porque só a imaginara batida pela tempestade e coberta de névoas, o bom tempo fora tão deslumbrante e tão fixo que, quando ela vinha abrir a janela, eu pudera sempre, sem me enganar, esperar encontrar a mesma réstia de sol dobrada no ângulo da parede externa, e de uma cor imutável que emocionava menos como um sinal de verão do que pelo teor melancólico, como o de um esmalte artificial e inerte. E, enquanto Françoise desprendia os alfinetes dos cortinados, despregava os tecidos e corria as cortinas, o dia de verão que ela aos poucos desvelava parecia tão morto, tão imemorial, como uma suntuosa e milenária múmia que nossa velha empregada não fizesse mais que ir desenrolando cuidadosamente de suas bandagens, antes de fazê-la aparecer embalsamada em seu vestido de ouro.

FIM

O CAMINHO DE GUERMANTES

Prefácio

Fernando Py

O Caminho de Guermantes, terceiro romance do ciclo Em Busca do Tempo Perdido, pode parecer um tanto árido à primeira vista. De fato, após No Caminho de Swann e do lirismo de À Sombra das Moças em Flor, deparamo-nos com a atmosfera confinada dos salões, de pouca ação e muita conversa, onde a narrativa é pontuada de gracejos por vezes ridículos e tagarelices inconseqüentes. Mas devemos estar atentos para perceber o conjunto e não nos perdermos na ilusão dos detalhes.

Este é o mais longo romance do ciclo. Nele cabem episódios díspares, embora perfeitamente ajustados ao fim visado pelo autor. Chegou a ser apontado como "romance de transição". E, apesar de essa designação ter sido aplicada ao livro em caráter, digamos, "restritivo", talvez seja apropriado mantê-la para explicar sua natureza e os propósitos de Proust ao escrevê-lo. O livro desenvolve temas já anteriormente explorados. Um deles, o da fascinação dos nomes sobre o Narrador, provém de "Nomes de lugares: o nome" (última parte de No Caminho de Swann). O Narrador se deixa seduzir pelos nomes de nobres e casas nobiliárquicas, a tal ponto que se julga apaixonado pela duquesa de Guermantes. Depois, crê-se apaixonado por outra mulher nova decepção. Tudo lhe parece transitório, e a morte de sua avó apenas contribui para reforçar essa idéia. Essa morte, colocada no meio do livro, tem uma função de marco divisório, o que melhor se verá nos romances subseqüentes.

Mas o romance pode ser considerado "de transição" sob outros aspectos: transição entre a adolescência e a idade adulta do Narrador, entre a sensibilidade juvenil e a inteligência madura, entre a vida e a morte, esta igualmente prefigurada na doença terminal de Swann. E, acima de tudo, a transição entre o transcorrer do tempo e a apreensão da realidade: o Narrador se recorda e compara as ilusões do passado às certezas do presente. E o livro se encerra com sugestões várias que alimentam as expectativas pelos romances seguintes.

-

Primeira Parte

O chilreio matinal dos pássaros soava sem graça a Françoise. Qualquer palavra das "criadinhas" lhe dava sobressaltos; incomodada pelos seus passos, indagava-se quanto a eles; é que tínhamos mudado de casa. É claro que os criados não perturbavam menos na nossa casa antiga; mas ela os conhecia; de suas idas e vindas, Françoise fizera uma coisa amigável. Agora, até ao silêncio ela prestava uma atenção dolorosa. E, como o nosso novo bairro parecia tão calmo quanto era ruidoso o bulevar para o qual se abria a nossa casa antiga, a canção (audível mesmo de longe, quando é fraca feito um motivo de orquestra) de um homem que passava fazia subir lágrimas aos olhos de Françoise exilada. Assim, se eu zombara dela, que, desolada por ter de deixar um prédio onde éramos "tão estimados por todos", fizera as malas chorando, conforme os ritos de Combray, e declarando superior a todas as casas possíveis àquela que nos pertencera; em compensação, eu, que assimilava tão dificilmente as novas coisas como facilmente abandonava as antigas, reconciliei-me com a nossa velha criada quando vi que a instalação em uma casa onde ela não recebera do porteiro, que ainda não nos conhecia, os sinais de consideração necessários à sua boa nutrição moral, deixara-a mergulhada num estado próximo ao definhamento. Somente ela poderia me compreender; certo, não seria o seu pequeno lacaio quem o faria; para ele, que era tampouco de Combray quanto possível, mudar de casa, morar em outro bairro, era como tirar férias, onde a novidade das coisas conferia o mesmo descanso que se a gente tivesse ido viajar; ele se considerava no campo; e uma coriza lhe deu, como um "golpe de ar" que se pega num vagão de trem em que a janela fecha com defeito, a impressão deliciosa de que tinha visto o campo; a cada espirro ele se regozijava por ter achado um lugar tão chique, pois sempre desejara patrões que viajassem muito. Portanto, sem ligar para ele, eu ia direto a Françoise; como caçoara de suas lágrimas diante de uma partida que me deixara indiferente, ela se mostrou fria ante a minha tristeza, visto que partilhava dela. O egoísmo dos nervosos cresce com a sua "sensibilidade"; não podem suportar, da parte dos outros, a exibição dos incômodos que cada vez mais os preocupam em si próprios. Françoise, que não deixava passar em branco o mais leve dos mal-estares que sentia, desviava o rosto se eu sofria, para que eu não tivesse o prazer de ver lamentado o meu sofrimento, e nem mesmo reparado. Assim procedeu, desde que pretendi lhe falar de nossa nova casa. De resto, tendo de ir dali a dois dias buscar roupas esquecidas na casa que acabáramos de deixar, ao passo que eu, devido à mudança, ainda estava com temperatura e, semelhante

a uma sucuri que acabasse de engolir um boi, sentia-me penosamente empanturrado por um enorme baú que minha vista precisava "digerir". Françoise, com a infidelidade das mulheres, voltou dizendo que julgara ficar sufocada em nosso antigo bulevar, que para ir até lá se sentira totalmente perdida, que nunca vira escadarias tão desconfortáveis, que não voltaria a morar lá nem "por um império" e podiam lhe dar milhões de hipóteses gratuitas e que tudo (quer dizer, o que se referia à cozinha e aos corredores) estava muito mais bem agenciado em nossa nova casa. Ora, é tempo de dizer que esta e nela tínhamos ido morar porque minha avó não estava passando bem, razão que lhe escondemos, e tinha necessidade de ar mais puro formava um apartamento nas dependências do palácio de Guermantes.

Na idade em que os Nomes, ofertando-nos a imagem do incognoscível que neles derramamos, no mesmo instante em que também designam para nós um lugar real, nos forçam desse modo a identificar um ao outro, a ponto de irmos buscar numa cidade uma alma que ela não pode conter mas que nós já não temos o poder de expulsar de seu nome, não é somente às cidades e aos rios que eles atribuem uma individualidade, como o fazem as pinturas alegóricas, não é somente ao universo físico que matizam de diferenças, que povoam com o maravilhoso, é também o universo social: então, cada castelo, cada mansão ou palácio famoso possui sua dama ou sua fada, como as florestas os seus gênios e as águas as suas divindades. Às vezes, oculta no fundo de seu nome, a fada se transforma ao sabor da vida de nossa imaginação, que a nutre; foi assim que a atmosfera em que a Sra. de Guermantes existia dentro de mim, depois de, durante muitos anos, não ter passado do reflexo de um vidro de lanterna mágica e de um vitral de igreja, começou a esmaecer quando sonhos bem diversos a impregnaram da umidade espumosa das torrentes.

Entretanto, a fada enfraquece se nos aproximamos da pessoa real a que seu nome corresponde, pois o nome, então, passa a refletir essa pessoa e ela não contém coisa alguma da fada; esta pode renascer, caso nos afastemos da pessoa. Mas, se permanecermos junto da pessoa, a fada morre definitivamente e com ela o nome, como aquela família de Lusignan que devia extinguir-se no dia em que desaparecesse a fada Melusina. Então o Nome, sob cujos retoques sucessivos poderíamos acabar por encontrar o belo retrato de uma estranha que jamais tenhamos conhecido, não passa da simples fotografia de identidade a que recorremos para saber se conhecemos, se devemos saudar ou não uma pessoa que passa. Mas que uma sensação de um ano de outrora como esses instrumentos de música registradores que guardam o som e o estilo dos diferentes artistas que os tocaram permita à nossa memória fazer-nos ouvir esse nome com o timbre especial que tinha então para o nosso ouvido e, nesse nome na aparência não mudado, sentimos a distância que separa uns dos outros os sonhos que

significaram sucessivamente para nós as suas sílabas idênticas. Por um momento, do gorjeio reouvido que ele possuía em certa primavera antiga, podemos extrair, como dos pequenos tubos de que nos servimos para pintar, o matiz adequado, esquecido, misterioso e fresco dos dias que julgáramos recordar, quando, como os maus pintores, dávamos a todo o nosso passado estendido sobre a mesma tela os tons convencionais e semelhantes da memória voluntária. Ora, pelo contrário, cada um dos momentos que o compuseram empregava, para uma criação original, numa única harmonia, as cores de antigamente que já não conhecemos e que, por exemplo, ainda me deslumbram de repente se, graças a um acaso, o nome de Guermantes, tendo retomado por um momento, após tantos anos, o som, tão diferente do de hoje, que tinha para mim no dia do casamento da Srta. Percepied, me traz ele de novo esse tom de malva tão doce, por demais brilhante e novo, com que se aveludava a túmida gravata da jovem duquesa, e, como uma pervinca inatingível, reflorida, seus olhos ensolarados de um sorriso azul. E o nome de Guermantes desse tempo é também como um desses balõezinhos em que se encerrou oxigênio ou um outro gás: quando chego a rebentá-lo, a extrair dele o que ele contém, respiro o ar de Combray daquele ano, daquele dia, mesclado a um aroma de espinheiros alvos agitados pelo vento da esquina da praça, precursor da chuva, que sucessivamente expulsava o sol, deixava-o estender-se sobre o tapete de lã vermelha da sacristia e revestir-se de uma carnadura brilhante, quase rósea, de gerânio, e dessa doçura, por assim dizer wagneriana, na alegria, que soma tanta nobreza à festividade. Porém, mesmo fora dos raros minutos como esses, em que subitamente sentimos a entidade original vibrar e readquirir sua forma e cinzeladura no seio das sílabas mortas de hoje, se, no turbilhão vertiginoso da vida atual, onde só têm um emprego inteiramente prático, os nomes perderam todo o colorido, como um pião prismático a girar muito depressa e que parece cinzento, em compensação quando, num devaneio, refletimos, procuramos, para retornar ao passado, diminuir, suspender o movimento perpétuo em que somos arrastados, aos poucos vemos de novo aparecer, justapostos, mas inteiramente distintos uns dos outros, os matizes que no decurso de nossa existência nos ofereceu sucessivamente um mesmo nome.

Sem dúvida, não sei que forma se recortava a meus olhos ante esse nome de Guermantes, quando minha ama que evidentemente ignorava, tanto quanto eu agora, em honra de quem fora composta me ninava com esta velha canção: Glória à Marquesa de Guermantes, ou quando, alguns anos depois, o velho marechal de Guermantes, enchendo de orgulho a minha criada, parava nos Champs-Élysées dizendo: "Que belo menino!" e tirava de uma bomboneira de bolso uma pastilha de chocolate. Esses anos de minha primeira infância já não estão em mim, são-me exteriores, só posso apreendê-los, como a tudo que ocorreu antes do nosso nascimento, pelo relato alheio. Porém, mais tarde,

encontro sucessivamente na duração em mim desse mesmo nome sete ou oito figuras diferentes; as primeiras eram mais belas: pouco a pouco o meu sonho, forçado pela realidade a abandonar uma posição insustentável, se entrincheirava de novo um pouco mais aquém, até ser obrigado a recuar ainda mais. E, ao mesmo tempo que a Sra. de Guermantes, transformava sua casa, igualmente provinda desse nome que fecundava ano após ano essa ou aquela palavra ouvida que modificava os meus sonhos, essa casa os refletia em suas próprias pedras, que se tornavam reverberantes como a superfície de uma nuvem ou de um lago. Um torreão sem espessura, que não passava de uma faixa de luz alaranjada e de cujo cimo o fidalgo e sua dama decidiam sobre a vida e a morte de seus vassalos, cedera o posto bem no extremo desse "lado de Guermantes" onde, por tantas e tão belas tardes, eu seguia com meus pais o curso do Vivonne - àquela terra torrentosa em que a duquesa me ensinava a pescar truta e a conhecer o nome das flores de cachos cor-de-violeta e avermelhadas que decoravam os muros baixos dos cercados vizinhos; depois fora a terra hereditária, o domínio poético, onde essa raça altiva dos Guermantes, como uma torre amarelada e florida que atravessa as idades, já se elevava sobre a França, enquanto o céu ainda estava vazio ali onde mais tarde deveria aparecer a Norte-Dame de Paris e a Norte-Dame de Chartres; quando, no alto da colina de Laon, a nave da catedral ainda não pousara como a Arca da Aliança no cimo do monte Ararat, cheia de patriarcas e de Justos ansiosamente debruçados às janelas para ver se já se apaziguara a cólera de Deus, e repleta de espécies vegetais que se multiplicarão sobre a Terra, transbordante de animais que se escapam até pelas torres, em cujo telhado passeiam pacificamente os bois contemplando do alto as planícies da Champagne; quando o viajante que deixava Beauvais à tardinha ainda não via seguirem-no, a girar, desdobradas sobre a tela de ouro do poente, as alas negras e ramificadas da catedral. Estava esse Guermantes, como o cenário de um romance, uma paisagem imaginária que eu mal podia me afigurar e sentia maior desejo de descobrir, encravado no meio de terras e estradas verdadeiras que de súbito se impregnariam de particularidades heráldicas, a duas léguas de uma estação de trem; lembrava-me eu de nomes das localidades vizinhas como se elas estivessem situadas ao pé do Parnaso ou do Hélicon, e elas se me afiguravam preciosas como as condições materiais em ciência topográfica da produção de um fenômeno misterioso. Eu revia os brasões que estão pintados nos envasamentos dos vitrais de Combray, e cujos quartéis se haviam enchido, através dos séculos, de todos os senhorios que, por aquisições ou casamentos, aquela casa ilustre havia feito voarem para si de todos os cantos da Alemanha, da Itália e da França: terras imensas do Norte, cidades poderosas do Sul, todas vindas a se juntar e compor em Guermantes e, perdendo sua materialidade, inscrever alegoricamente seu torreão de sinople ou seu castelo de prata em seu campo de azul. Ouvira falar das célebres tapeçarias de Guermantes e via-as,

azuis e medievais, um tanto espessas, destacarem-se como uma nuvem sobre o nome amarantino e legendário, à beira da antiga floresta onde Childeberto caçou seguidamente; e esse extremo fundo e misterioso de terras, essa distância de séculos, parecia-me que penetraria em seus segredos, assim como numa viagem, bastando-me para isso aproximar-me por um instante, em Paris, da Sra. de Guermantes, suserana do lugar e dama do lago, como se seu rosto e suas palavras devessem ter a posse do encanto local dos bosques e das margens, e as mesmas particularidades seculares da velha usança de seus arquivos. Então, porém, conhecera Saint-Loup; ele me ensinara que o castelo só se chamava Guermantes desde o século XVII, quando sua família o adquirira. Até então, ela residira nas vizinhanças, e seu título não provinha daquela região. A aldeia de Guermantes recebera esse nome do castelo junto ao qual fora erguida e, para que ela não lhe arruinasse as perspectivas, uma servidão, que permanecia em vigor, regulava o traçado das ruas e limitava a altura das casas. Quanto às tapeçarias, elas eram de Boucher, compradas no século XIX por um Guermantes amador, e estavam colocadas ao lado de medíocres quadros de caça que ele próprio havia pintado, num salão bem ordinário enfeitado de pelúcia e andrinopla. Por tais revelações, Saint-Loup introduziria elementos estranhos ao nome de Guermantes no castelo, elementos que não mais me permitiram continuar a extrair, apenas da sonoridade das sílabas, a fábrica das construções. Então, no fundo desse nome se desfizera o castelo refletido em seu lago, e o que me surgira ao redor da Sra. de Guermantes como sua residência fora o seu palácio de Paris, o palácio de Guermantes, límpido como o seu nome, pois nenhum elemento material e opaco lhe vinha ali interromper e cegar a transparência. Como a igreja não significa apenas o templo, mas também a assembléia de fiéis, esse palácio de Guermantes compreendia todos aqueles que partilhavam da vida da duquesa; mas os íntimos, a quem jamais vira, não passavam para mim de nomes célebres e poéticos, e, conhecendo unicamente pessoas que também não eram mais que nomes, outra coisa não faziam senão engrandecer e proteger o mistério da duquesa, estendendo à sua volta um enorme halo que quando muito se fazia mais rarefeito.

Nas festas que ela dava, como eu não imaginava para os convidados nenhum corpo, nenhum bigode, botina alguma, nenhuma frase pronunciada que fosse banal, ou mesmo original de um modo humano e racional, aquele turbilhão de nomes, introduzindo menos matéria do que o faria um banquete de fantasmas ou um baile de espectros, ao redor daquela estatueta de porcelana de Saxe que era a Sra. de Guermantes, conservava uma transparência de vitrine ao seu castelo de vidro. Depois, quando Saint-Loup me contou anedotas relativas ao capelão e aos jardineiros de sua prima, o palácio de Guermantes se tornou como o poderia ter sido outrora algum Louvre uma espécie de castelo cercado, em pleno centro de Paris, por suas terras hereditariamente possuídas, em virtude de um direito antigo

estranhamente sobrevivo, e nas quais ela exercesse ainda privilégios feudais. Mas esta última residência ela mesma se evaporara quando fomos morar, tão perto da Sra. de Villeparisis, num dos apartamentos vizinhos ao da Sra. de Guermantes, em uma ala do seu palácio. Era uma dessas velhas moradias, como talvez ainda existam, e nas quais o pátio principal seja por aluviões trazidas pela maré montante da democracia, seja por legados de tempos mais antigos em que os diversos ofícios vinham se agrupar em torno do senhor tinha muitas vezes, dos lados, balcões, oficinas, e até alguma loja de sapateiro ou de alfaiate, como as que se vêem apoiadas nos flancos das catedrais e que a estética dos engenheiros não pôde arejar, ou um porteiro remendão que criava galinhas e cultivava flores e, no fundo, no alojamento que "fazia de palácio", uma "condessa" que, quando saía em sua velha caleça tirada por dois cavalos, exibindo sobre o chapéu algumas capuchinhas que pareciam fugidas do jardinzinho da portaria (tendo ao lado do cocheiro um lacaio que descia para entregar cartões em cada residência aristocrática do bairro), enviava indistintamente sorrisos e acenos com a mão aos filhos do porteiro e aos locatários burgueses que passavam naquele instante e que ela confundia em sua desdenhosa afabilidade e igualitária arrogância.

Na casa em que tínhamos ido morar, a grande dama do fundo do pátio era uma duquesa, elegante e ainda jovem. Tratava-se da Sra. de Guermantes. E, graças a Françoise, depressa consegui informações sobre o palácio. Pois os Guermantes (que muitas vezes Françoise designava pelas expressões "lá embaixo", "os de baixo") eram sua preocupação constante desde a manhã, quando, lançando para o pátio um olhar proibido, irresistível e furtivo, enquanto penteava mamãe, dizia:

- Vejam, duas freiras; certamente vão lá embaixo ou: - Oh, que belos faisões na janela da cozinha, nem é preciso indagar de onde vêm, com certeza o duque andou caçando até à noite, quando, ao me entregar minha roupa de dormir, se ouvia o som de um piano, um eco de cançoneta, deduzia: - Têm convidados os de baixo; estão festejando -; e, no seu rosto regular, sob os cabelos agora brancos, um sorriso de juventude, animado e sóbrio, colocava por um instante cada um de seus traços no devido lugar, harmonizava-os numa ordem requintada e sutil, como antes de uma contradança.

Mas o momento da vida dos Guermantes que mais vivamente excitava o interesse de Françoise, lhe dava mais satisfação e também lhe causava mais mal, era precisamente aquele em que, abrindo-se escancaradamente os dois batentes do portão, a duquesa subia à sua caleça. Em geral, era pouco tempo depois que os nossos criados acabavam de celebrar essa espécie de páscoa solene que ninguém deve interromper, chamada o seu almoço, e durante a qual eles eram de tal modo tabus que nem meu pai se permitia tocar a campainha para chamá-los, sabendo aliás que nenhum se moveria ao quinto como ao primeiro toque, e que assim teria ele cometido essa inconveniência em pura perda, mas não sem

desprestígio para si próprio. Pois Françoise (que desde que se tornara velha fazia a todo propósito o que se chama uma "cara de circunstância") não teria deixado de lhe apresentar todo o dia um rosto cheio de pequenos traços cuneiformes e rubros que mostravam no exterior, porém de um modo pouco decifrável, o longo memorial de suas queixas e as profundas razões de seu descontentamento. Desenvolvia-os, aliás, para os bastidores, mas sem que pudéssemos distinguir perfeitamente as palavras. A isso denominava que ela acreditava ser para nós mortificante, vexatório dizer todo santo dia "missa calada".

Acabados os últimos ritos, Françoise, que era a um tempo, como na igreja primitiva, o celebrante e um dos fiéis, servia-se de um derradeiro copo de vinho, desatava o guardanapo do pescoço, dobrava-o, enxugando nos lábios um resto de água avinhada e de café, enfiava-o numa argola, agradecia com um olhar dolente ao "seu" jovem lacaio que, para mostrar zelo, lhe dizia: - Vamos, Madame, mais um pouco de uvas; estão magníficas -, e logo ia abrir a janela sob o pretexto de que fazia demasiado calor "naquela miserável cozinha". Lançando habilmente, ao mesmo tempo que abria os postigos e tomava ar, um olhar desinteressado para o fundo do pátio, ela escondia furtivamente a certeza de que a duquesa ainda não estava pronta, chocava por um momento com olhar desdenhoso e apaixonado a carruagem atrelada, e, uma vez dado com os olhos esse momento de atenção às coisas terrenas, erguia-os para o céu, cuja pureza já adivinhara ao sentir a suavidade do ar e o calor do sol; e mirava no canto do telhado o lugar onde, cada primavera, vinham fazer ninho, bem sobre a lareira do meu quarto, uns pombos semelhantes aos que arrulhavam na sua cozinha, em Combray.

- Ah, Combray, Combray! exclamava. (E o tom quase cantado com que declamava esta invocação poderia, no caso de Françoise, tanto quanto a artesiana pureza do seu rosto, fazer suspeitar uma origem meridional e que a pátria perdida que ela chorava não passava de uma pátria de adoção. Porém, talvez a gente se enganasse, pois parece que não há província que não tenha o seu sul, e com quantos saboianos e bretões não nos encontramos, nos quais se acham todas as doces transposições de longas e breves que identificam o meridional!) - Ah, Combray, quando é que voltarei a te ver, pobre terra! Quando é que poderei passar todo santo dia debaixo de teus espinheiros alvos e nossos pobres lilases, ouvindo os tentilhões e o Vivonne, que faz como que o murmúrio de alguém que sussurrasse, em vez de ouvir essa miserável campainha do nosso jovem patrão que não passa sequer meia hora sem me fazer correr ao longo desse maldito corredor! E ainda acha que não vou suficientemente depressa; seria então preciso ouvi-lo antes que tocasse a campainha; e, se a gente se atrasa um só minuto, ele "explode" em cóleras terríveis. Ai de mim, pobre Combray! Talvez só morta eu te veja de novo, quando me jogarem como uma pedra no buraco do

túmulo. Então, não sentirei mais o aroma dos teus belos espinheiros sempre alvos. Porém, no sono da morte, acho que ouvirei ainda os três toques da campainha que já me danaram em vida.

Mas ela era interrompida pelos chamados do coleteiro do pátio, aquele que antigamente tanto havia agradado à minha avó no dia em que tinha ido ver a Sra. de Villeparisis e que não ocupava um lugar menos elevado na simpatia de Françoise. Tendo erguido a cabeça ao ouvir abrir-se a nossa janela, já procurava há alguns instantes atrair a atenção de sua vizinha para lhe desejar bom-dia. A coqueteria da moça que fora um dia Françoise afinava então, para o Sr. Jupien, o rosto mal-humorado da nossa velha cozinheira entorpecido pela idade e pelo calor do forno, e foi com uma encantadora mistura de reserva, familiaridade e pudor que ela dirigiu ao coleteiro uma graciosa saudação, mas sem lhe responder em voz alta, pois, se ela de fato transgredia as recomendações de mamãe olhando para o pátio, não teria coragem de desafiá-las a ponto de conversar pela janela, o que teria o dom, segundo Françoise, de lhe valer, da parte de Madame, "um sermão completo". Ela lhe mostrava a caleça atrelada dando a impressão de dizer: "Belos cavalos, hein?", mas sempre murmurando: - Que velho traste! -e sobretudo porque sabia que ele iria responder, pondo a mão sobre a boca para ser ouvido à meia-voz:

- Vocês também poderiam ter uma dessas se quisessem, e até mesmo mais que eles, mas não gostam disso.

Françoise, depois de um sinal modesto, evasivo e encantador, cujo significado era mais ou menos: "Cada qual no seu gênero; conosco é a simplicidade", voltava a fechar a janela, de medo que mamãe chegasse. Esses vocês que poderiam ter mais cavalos que os Guermantes éramos nós, mas Jupien tinha razão em dizer "vocês", pois, a não ser no caso de certos prazeres de amor-próprio puramente pessoais (como aquele, quando ela tossia sem parar e a casa inteira receava se contaminar, de pretender, com um risinho irritante, que não estava gripada), semelhante a essas plantas que um animal, ao qual aderem por completo, nutre com os alimentos que apanha, come e digere para elas e lhes oferece em seu último e assimilável resíduo, Françoise vivia em simbiose conosco; nós é que, com nossas virtudes, nossa fortuna, nosso modo de viver, nossa posição social, devíamos nos encarregar de elaborar as pequenas satisfações de amor-próprio de que se formava acrescentando-lhe o direito reconhecido de exercer livremente o culto do almoço segundo o velho costume, comportando a conseqüente pequena tomada de ar à janela, quando acabava, algum passeio pela rua para fazer compras e uma saída aos domingos para ver a sobrinha a parte de contentamento indispensável à sua existência. Assim compreende-se que Françoise tenha ficado abatida, nos primeiros dias, numa casa em que todos os títulos honoríficos de meu pai ainda não eram conhecidos presa de um mal

que ela mesma denominava aborrecimento, aborrecimento no sentido enérgico que o termo tem em Corneille ou na pena dos soldados que acabam por se suicidar porque se "aborrecem" demais longe das noivas, da cidade natal. O aborrecimento de Françoise fora rapidamente curado precisamente por Jupien, pois ele logo lhe causou um prazer tão vivo e mais refinado do que o prazer que teria tido se nos decidíssemos a comprar uma carruagem. - São boa gente esses Jupiens (Françoise assimilava de bom grado os novos termos aos que já conhecia), muito boa gente; está na cara. - Jupien de fato soube compreender e dar a entender a todos que, se não tínhamos *equipagem*, era porque não queríamos. Esse amigo de Françoise vivia pouco em casa, pois obtivera um lugar de funcionário num ministério. Fabricante de coletes a princípio, com a "garota" que minha avó tomara por sua filha, perdera toda vantagem em exercer o ofício depois que a menina que, desde quase ainda criança, já sabia muito bem recoser uma saia na época em que minha avó fora visitar a Sra. de Villeparisis se dedicara à costura para damas e se tornara uma especialista em saias. Primeiro, fora auxiliar de uma modista, empregada para dar um ponto, remendar um volante, pregar um botão ou um colchete, ajustar uma prova com alfinetes; logo passara a segunda, depois a primeira oficial, e, tendo feito uma freguesia de damas da melhor sociedade, trabalhava em casa, ou seja, no nosso pátio, na maioria das vezes com uma ou duas de suas pequenas companheiras de ateliê, a quem empregava como aprendizes. Desde então, a presença de Jupien fora menos útil. Sem dúvida a menina, desde que crescera, precisava muitas vezes fazer coletes. Mas, ajudada por suas amigas, não tinha necessidade de ninguém. Portanto, Jupien, seu tio, solicitara um emprego. No começo era livre para voltar para casa ao meio-dia, mas depois, tendo substituído definitivamente o empregado a quem apenas auxiliava, nunca voltava antes da hora do jantar. Aliás sua titularização só se efetuou algumas semanas depois da nossa mudança, de modo que a gentileza de Jupien pôde se exercer durante muito tempo no sentido de ajudar Françoise a vencer sem muito sofrimento os primeiros tempos tão difíceis. Além disso, sem desconhecer a utilidade que assim teve para Françoise a título de "medicamento de transição", devo confessar que Jupien não me agradara muito à primeira vista. A alguns passos de distância, destruindo inteiramente o efeito que, sem isso, causariam suas faces rechonchudas e sua tez rosada, os olhos transbordantes de um olhar compadecido, desolado e sonhador, faziam pensar que estivesse bem doente ou que acabava de sofrer um grande desgosto. Não só não era nada disso como, desde que principiava a falar, aliás perfeitamente bem, mostrava-se antes frio e sarcástico. Desse desacordo entre o olhar e a palavra, resultava algo de falso que não era simpático e com o qual ele próprio parecia sentir-se tão constrangido como um convidado em traje de passeio em um sarau onde todo mundo está de casaca, ou como alguém que, tendo de responder a uma Alteza, não sabe exatamente o que é necessário dizer e

contorna a dificuldade reduzindo suas frases a quase nada. As de Jupien, ao contrário pois é simples comparação -, eram encantadoras.

Correspondendo talvez àquela inundação do rosto pelos olhos (à qual não se prestava mais atenção desde que a gente o conhecia), de fato, logo lhe percebi uma inteligência rara e uma das mais naturalmente literárias que me foi dado conhecer, neste sentido em que, provavelmente sem cultura, ele possuía ou assimilara, com o auxílio de alguns livros percorridos às pressas, as mais engenhosas expressões da língua. As pessoas mais bem-dotadas que eu conhecera haviam morrido muito jovens. Portanto, eu estava convencido de que a vida de Jupien terminaria em breve. Tinha bondade, piedade, os mais delicados e generosos sentimentos. Seu papel na vida de Françoise deixara depressa de ser indispensável. Ela aprendera a substituí-la.

Mesmo quando um fornecedor ou um criado vinha nos trazer algum pacote, Françoise, sempre dando a impressão de não se preocupar com ele, indicando-lhe apenas, com ar desligado, uma cadeira, enquanto ela continuava o seu serviço, aproveitava de modo tão hábil os poucos instantes que ele passava na cozinha à espera da resposta de mamãe, que raramente ele partia sem levar consigo indestrutivelmente gravada a certeza de que "se não tínhamos, era porque não queríamos". Se, aliás, ela se empenhava tanto para que soubessem que tínhamos "dinheiro" (pois ignorava o emprego do que Saint-Loup denominava artigos *partitivos* e dizia "ter dinheiro", 'trazer água"),' em que nos soubessem ricos, não era porque a riqueza sem mais nada, a riqueza sem a virtude, fosse o bem supremo aos olhos de Françoise, mas a virtude sem riqueza tampouco era o seu ideal. Para ela, a riqueza era como uma condição necessária da virtude, cuja falta faria a virtude destituída de mérito e de encanto. Separava-as tampouco que acabara por emprestar a cada uma as qualidades da outra, a exigir algum conforto na virtude, a reconhecer algo de edificante na riqueza.

Assim que fechava a janela, bem depressa senão mamãe, pelo visto, "lhe lançaria todas as injúrias imagináveis" -, Françoise começava, suspirando, a arrumar a mesa da cozinha.

- Há alguns Guermantes que continuam na rua da Chaise - dizia um criado-grave. - Eu tinha um amigo que trabalhou com eles de segundo cocheiro. E conheço alguém, não meu companheiro, e sim um seu cunhado, que serviu no exército com um picador do barão de Guermantes. "Vamos lá, afinal não é meu pai!", acrescentava o criado-grave, que tinha o costume de cantarolar as canções da moda, pontuando as frases com as mais recentes piadas.

Françoise, com o cansaço de seus olhos de mulher já de idade, e que aliás via tudo quanto se referia a Combray numa vaga lonjura, distinguiu não o gracejo contido naquelas palavras, mas sim que deviam mostrar alguma graça, pois não

se relacionavam com o resto da conversa, e tinham sido lançadas com força por alguém que ela sabia ser brincalhão. Assim, sorriu com ar benévolo e fascinado, como se dissesse: "Sempre o mesmo, este Victor!" Ademais, sentia-se feliz, pois sabia que ouvir coisas desse tipo se assemelha de longe a essas distrações honestas da sociedade para as quais, em todas as esferas, a gente se apressa em preparar-se, arriscando-se a apanhar um resfriado por elas. Enfim, achava que o criado-grave era um amigo para ela, pois não cessava de lhe denunciar com indignação as medidas terríveis que a República ia tomar contra o clero. Françoise ainda não compreendera que os nossos adversários mais cruéis não são os que nos contradizem e procuram nos convencer, mas aqueles que exageram ou inventam notícias que podem nos afligir, evitando dar-lhes uma aparência de justificação que diminua a nossa mágoa e nos inspire talvez uma leve estima por um partido que eles timbram em nos mostrar, para nossa tortura completa, a um tempo atroz e triunfante.

- A duquesa deve ser ligada a tudo isso disse Françoise retomando a conversação sobre os Guermantes da rua Chaise, como se recomeça um trecho musical no andante.

- Já nem sei mais quem me disse que um deles casara uma prima com o duque. Em todo caso, são dos mesmos parênteses. Uma grande família, os Guermantes! -acrescentava com respeito, assentando a grandeza dessa família a um tempo no número de membros e no brilho de sua ilustração, como Pascal assentava a verdade da religião sobre a razão e a autoridade das Escrituras. Pois, tendo apenas o vocábulo "grande" para as duas coisas, parecia-lhe que elas formavam uma só; assim, o seu vocabulário, como certas pedras, apresentava um defeito em alguns pontos, defeito que projetava obscuridade em seu pensamento.

- Pergunto-me se não serão esses que têm seu castelo de Guermantes, a dez léguas de Combray; então devem também ser parentes de sua prima de Argel.

Por muito tempo nos indagamos, minha mãe e eu, quem poderia ser essa prima de Argel, mas afinal compreendemos que Françoise queria indicar, com o nome de Argel, a cidade de Angers. O que está distante pode nos ser mais conhecido do que o que está próximo. Françoise, que conhecia o nome de Argel por causa das detestáveis tâmaras que recebíamos pelo Ano-Novo, ignorava o de Angers. Sua linguagem, como a própria língua francesa, e principalmente sua toponímia, era semeada de erros.

- Eu queria falar sobre isso ao mordomo dos Guermantes. Como é mesmo que se diz? interrompeu-se, como levantando uma questão de protocolo; e respondeu a si própria: - Ah, sim! É Antoine que se diz como se Antoine fosse um título. - Ele é quem poderá me dizer, mas é um verdadeiro senhor, um grande pedante, dir-se-ia que lhe cortaram a língua ou que ele se esqueceu de aprender a falar. Ele nem

sequer faz resposta quando lhe falam acrescentava Françoise, que dizia "fazer resposta" como a Sra. de Sévigné. - Mas ajuntava sem sinceridade -, desde o momento em que eu sei o que está cozinhando na minha marmita, não me ocupo com a dos outros. Em todo caso, tudo isso não é lá muito católico. E, depois, não é um homem corajoso (esta avaliação poderia fazer acreditar que Françoise mudara de opinião acerca da bravura que, segundo ela, em Combray, nivelava os homens aos animais ferozes; mas não se tratava disso. Corajoso para ela significava trabalhador). Diz-se também que é ladrão como uma pega, mas nem sempre se deve acreditar nos mexericos. Aqui todos os criados vão embora por causa da portaria; os porteiros são invejosos e enchem de coisas a cabeça da duquesa. Mas bem se pode dizer que é um grande fingido esse Antoine, e sua Antoinesse não vale mais que ele; dizia Françoise que, para encontrar para o nome de Antoine um feminino que designasse a mulher do mordomo, sem dúvida, em sua criação gramatical, tinha uma inconsciente recordação de *chanoine e chanoinesse* [cônego e canonisa].

E, sob este aspecto, não se expressava mal. Existe ainda, perto da Notre-Dame, uma rua chamada Canonisa, nome que lhe fora dado (por ser habitada somente de cônegos) por aqueles franceses de outrora de que Françoise era de fato contemporânea. Aliás, tinha-se, logo depois, um novo exemplo dessa maneira de formar os femininos, pois Françoise acrescentava:

- Mas seguro e certo é que o castelo de Guermantes pertence à duquesa. E na região ela é que é a senhora *mairesse* [prefeita]. Já é alguma coisa.

- Compreendo que é alguma coisa. -dizia convicto o criado-grave, sem ter percebido a ironia.

- Pensa que seja alguma coisa, meu filho? Mas, para gente como aquela, ser *maire* e *mairesse* é três vezes nada. Ah, se fosse meu o castelo de Guermantes, não me veriam com freqüência em Paris. É mesmo necessário que uns senhores, pessoas que têm com quê, como o patrão e a patroa, tenham idéias malucas na cabeça para ficarem nesta cidade miserável, em vez de irem para Combray, já que podem fazer livremente o que quiserem que ninguém os prende. Que é que esperam para ir embora, visto que nada lhes falta? Estarem mortos? Ah, se eu só tivesse pão seco para comer e um pouco de lenha para me aquecer no inverno, há muito que estaria em casa, na pobre morada do meu irmão em Combray. Lá, pelo menos, a gente se sente viver, não tem todas essas mansões pela frente, há tão pouco barulho que à noite se ouve as rãs coaxarem a mais de duas léguas.

- Isto deve ser verdadeiramente bonito, senhora! - exclamou o jovem lacaio com entusiasmo, como se esta última particularidade fosse tão exclusiva de Combray como a vida em gôndola a Veneza.

Além disso, mais recente na casa que o criado-grave, o lacaio falava a Françoise de assuntos que podiam interessar não a si mesmo, mas a ela. E Françoise, que fazia uma careta quando a tratavam de cozinheira, tinha para com o lacaio, que dizia ao falar dela "a governanta", a benevolência especial que mostram certos príncipes de segunda categoria em relação aos jovens que os tratam por Alteza.

- Ao menos a gente sabe o que está fazendo e em que estação se encontra. Não é como aqui, onde não há um mísero botão de ouro pela Páscoa nem no Natal, e nem sequer ouço um pequeno *angelus* quando ergo a minha velha carcaça. Lá a gente ouve cada hora; não passa de um pobre sino, mas você diz consigo: "Aí vem o meu irmão que volta do campo", você vê o dia que vem baixando, tocam pelos bens da terra, e você tem tempo de voltar antes de acender o lampião. Aqui é dia, é noite, e a gente vai se deitar sem poder ao menos dizer o que fez, como os animais.

- Parece que Méséglise também é muito bonita, senhora. -interrompeu o jovem lacaio, para cujo gosto a conversa ia tomando um rumo um tanto abstrato e que, por acaso, se lembrava de nos ter ouvido falar à mesa de Méséglise.

- Oh, Méséglise! - dizia Françoise com um largo sorriso que lhe vinha aos lábios sempre que pronunciavam, na sua presença, os nomes de Méséglise, de Combray e de Tansonville. De tal modo faziam parte de sua própria existência que ela experimentava, ao encontrá-los no exterior, ao ouvi-los numa conversa, uma alegria bem próxima da que um professor excita em sua classe ao fazer alusão a um determinado personagem contemporâneo, cujo nome os alunos jamais esperariam pudesse cair do alto da cátedra. Seu prazer provinha igualmente de sentir que aqueles lugares eram, para ela, algo que não seriam para os outros, velhos camaradas com quem se passam bons momentos; e ela lhes sorria como se os achasse espirituosos, porque neles encontrava muito de si própria.

- Sim, você pode dizer, meu filho, que Méséglise é muito bonita replicava ela, sorrindo sutilmente. - Mas como foi que ouviu falar de Méséglise?

- Como foi que ouvi falar de Méséglise? Mas é bastante conhecida. Falaram-me dela uma porção de vezes respondeu ele com essa inexatidão criminosa dos informantes que, todas as vezes que procuramos nos certificar objetivamente da importância que pode ter para os outros alguma coisa que nos concerne, colocam-nos na impossibilidade de consegui-lo.

- Ah, digo-lhe que a gente está melhor ali debaixo das cerejeiras do que junto do fogão.

E falava-lhe até de Eulalie como de uma boa pessoa. Pois, desde que Eulalie morrera, Françoise esquecera por completo que a estimara muito pouco em vida, como estimara bem pouco toda pessoa que nada tinha a comer dentro de

casa, que "arrebentava" de fome e vinha depois, como uma imprestável, fazer uma boquinha graças à bondade dos ricos. Já não se aborrecia pelo fato de ter Eulalie sabido tão bem "receber o seu" da parte de minha tia, todas as semanas. Quanto a esta última, Françoise não cessava de lhe entoar louvores.

- Mas então era mesmo em Combray, na casa de uma prima da patroa, que a senhora estava? - perguntava o jovem lacaio.

- Sim, na casa da Sra. Octave; ah! uma santa mulher, meus filhos. E lá havia sempre de tudo, do bom e do melhor; era uma boa mulher, pode-se dizer, que não lastimava as perdizes nem os faisões, nem nada; e a gente podia chegar para jantar às cinco, às seis, que não era carne o que havia de faltar; e de primeira, ainda por cima; e vinho branco, vinho tinto, tudo o que fosse necessário. - (Françoise empregava o verbo lastimar no mesmo sentido que La Bruyere.) - Tudo era sempre às suas custas, mesmo que a família ficasse meses ou anos. (Essa reflexão nada tinha de indelicado para conosco, pois Françoise era de um tempo em que 'custas' não era reservada ao estilo judiciário e significava simplesmente despesas.) - Ah, garanto-lhe que ninguém saía com fome. Como o Senhor cura nos observou tantas vezes, se existe uma mulher que vai direitinho para junto de Deus, é, com certeza, ela. Pobre senhora, ouço-a ainda a me dizer com sua vozinha: "Françoise, você sabe, eu não como, mas quero que seja tão bom para todos como se eu comesse." Certo que não era para ela. Se a tivessem visto; não pesava mais que um cestinho de cerejas. Não tinha mais peso nenhum. Nunca ligou para os meus conselhos, jamais quis ir ao médico. Ah! Não era lá que se comia às pressas. Ela queria que seus criados fossem bem alimentados. Aqui, ainda hoje de manhã, mal tivemos tempo de roer um bocado de pão. Tudo se faz correndo.

Exasperava-se principalmente com as torradas que meu pai comia. Estava convencida de que ele costumava comê-las de pura afetação e para obrigá-la a raspar-se.

- Posso jurar - aprovava o jovem lacaio - que nunca vi uma coisa dessas!

Dizia aquilo como se tivesse visto todas as coisas e os conhecimentos de uma experiência milenar se estendessem a todas as terras e seus usos, entre os quais não figurava em parte alguma o hábito de comer torradas.

- Sim, sim - resmungava o mordomo -, mas tudo isto bem que poderia mudar, os operários devem fazer uma greve no Canadá, e o ministro disse outro dia ao patrão que para isso ganhou duzentos mil francos.

O mordomo estava longe de censurá-lo, não que ele próprio não fosse perfeitamente honesto, mas, julgando venais todos os políticos, o crime de concussão lhe parecia menos grave que o mais leve delito de roubo. Não se indagava sequer se ouvira bem aquela frase histórica e não o abalava a

inverossimilhança de que tivesse sido pronunciada pelo próprio culpado ao meu pai, sem que este o pusesse porta a fora. Mas a filosofia de Combray impedia que Françoise esperasse que as greves no Canadá tivessem repercussão sobre o uso das torradas:

- Enquanto o mundo for mundo -dizia -, haverá patrões para nos fazerem trotar e criados para se prestarem a seus caprichos.

A despeito da teoria daquele trote perpétuo, já há um quarto de hora minha mãe, que provavelmente não empregava as mesmas medidas de Françoise para avaliar a duração do almoço dela, dizia:

- Mas o que é que pode estar fazendo lá? Há mais de duas horas que almoçam.

E tocava timidamente a campainha três ou quatro vezes. Françoise, seu lacaio e o mordomo ouviam os toques não como um chamado e sem pensar em atender, mas como os primeiros sons dos instrumentos que se afinam quando em breve recomeça um concerto e vê-se que só haverá alguns minutos de intervalo. Assim, quando os toques começavam a se repetir, e a se tornar mais insistentes, nossos criados principiavam a lhes prestar mais atenção e, calculando que já não tinham muito tempo e que estava próxima a retomada do trabalho, davam um suspiro a um tilintar mais sonoro que os outros e, tomando cada qual o seu partido, descia o lacaio para fumar um cigarro diante da porta; Françoise, após algumas reflexões a nosso respeito, tais como "parece que estão com o diabo no corpo", subia para arrumar suas coisas no sexto andar, e o mordomo, tendo ido buscar papel de carta no meu quarto, expedia rapidamente a sua correspondência privada.

Apesar do ar arrogante do seu mordomo, Françoise, logo nos primeiros dias, pudera me informar que os Guermantes não moravam no seu palácio em virtude de um direito imemorial, e sim devido a uma locação bem recente, e que o jardim para onde dava, do lado que eu não conhecia, era muito pequeno e parecido com todos os jardins vizinhos; e eu soube, enfim, que ali não se viam nem forca senhoril, nem moinho fortificado, nem *sauvoir*, nem pombal com pilastras, nem forno comum, nem celeiro de nave, nem castelinho, nem pontes fixas ou levadiças, nem sequer volantes, nem tampouco pedágio, agulhas, diplomas, murais ou marcos. Mas como Elstir, quando a baía de Balbec, tendo perdido seu mistério, tornara-se para mim uma parte qualquer, intercambiável com qualquer outra, de certa quantidade de água salgada que existe no globo terrestre, lhe restituíra subitamente uma individualidade ao me dizer que era o golfo de opala de Whistler em sua harmonia de azul prateado assim o nome de Guermantes vira morrer, aos golpes de Françoise, a última morada que dele saíra, quando um velho amigo de meu pai nos disse um dia, falando da duquesa:

- Ela ocupa a posição mais destacada no *faubourg* Saint-Germain, tem a primeira

casa do *faubourg* Saint-Germain. - Decerto, o primeiro salão e a primeira residência do *faubourg* Saint-Germain eram bem pouca coisa diante das outras residências que eu sucessivamente havia imaginado. Enfim, esta ainda, e devia ser a última, possuía algo, por mais humilde que fosse e que seria, além de sua própria matéria, uma secreta diferenciação.

E tanto me era mais necessário poder procurar no "salão" da Sra. de Guermantes, em seus amigos, o mistério de seu nome, quanto não o encontrava em sua pessoa, quando a via sair a pé de manhã, ou de carro, à tarde. Certamente, já na igreja de Combray ela me surgira ao fulgor de uma metamorfose, com suas faces irredutíveis, impenetráveis à cor do nome de Guermantes e das tardes à beira do Vivonne, no lugar do meu sonho fulminado, como um cisne ou um salgueiro no qual foi transformado um deus ou uma ninfa e que, desde então submetido às leis da natureza, deslizará pelas águas ou será agitado pelo vento. No entanto, esses reflexos desvanecidos, mal os havia deixado, tornavam a formar-se, como os reflexos róseos e verdes do sol posto, por detrás do remo que os quebrara, e, na solidão de meu pensamento, o nome de imediato se apropriara da lembrança do rosto. Mas agora eu a via muitas vezes à sua janela, no pátio, na rua; e, se nem ao menos conseguia integrar nela o nome de Guermantes, pensar que ela era a Sra. de Guermantes, eu acusava apenas a impotência do meu espírito em ir até o fim do ato que lhe pedia; mas ela, nossa vizinha, parecia cometer o mesmo erro; mais ainda, cometê-lo sem se perturbar, sem nenhum dos meus escrúpulos, sem nem sequer a suspeita de que se tratasse de um erro. Assim, a Sra. de Guermantes mostrava em seus vestidos a mesma preocupação de seguir a moda como se, julgando-se uma mulher como as outras, tivesse aspirado a essa elegância de toalete em que qualquer das mulheres a podia igualar, talvez ultrapassá-la; vira-a, na rua, olhar com admiração uma atriz bem-vestida; e de manhã, no momento em que ela ia sair a pé, como se a opinião dos transeuntes, cuja vulgaridade fazia ressaltar passeando no meio deles a sua vida inacessível, pudesse ser um tribunal para ela, eu podia vê-la diante do espelho, desempenhando, com uma convicção isenta de duplicidade e ironia, com paixão, com mau humor, com amor-próprio, como uma rainha que aceitou representar uma criada numa comédia da corte, esse papel, tão inferior a ela, de mulher elegante; e, no esquecimento mitológico de sua grandeza nativa, ela verificava se o véu estava bem colocado, ajeitava as mangas, ajustava a capa, como o cisne divino faz todos os movimentos de sua espécie animal, conserva os olhos pintados de cada lado do bico sem neles pôr o olhar e se lança de súbito sobre um botão ou um guarda-chuva, como cisne, sem se lembrar que é um deus. Mas como o viajante, decepcionado pela primeira impressão recebida de uma cidade, diz consigo mesmo que talvez penetre nos seus encantos visitando os museus, travando conhecimento com o povo, trabalhando em suas bibliotecas, eu dizia a mim mesmo que, se fosse recebido

em casa da Sra. de Guermantes, se fosse um de seus amigos, se penetrasse em sua existência, haveria de conhecer aquilo que, sob o invólucro alaranjado e brilhante, o seu nome ocultava de fato, de modo objetivo, para os outros, visto que, enfim, o amigo de meu pai dissera que o meio dos Guermantes era algo à parte no *faubourg* Saint-Germain.

A vida que eu supunha levassem naquele meio derivava de uma fonte tão diversa da experiência e me parecia dever ser tão particular, que não teria podido imaginar nos saraus da duquesa a presença de pessoas que eu tivesse freqüentado outrora, pessoas reais. Pois, não podendo mudar bruscamente a sua natureza, ali diriam frases análogas às que já lhes conhecia; seus parceiros talvez se abaixassem a lhes responder na mesma linguagem humana; e, durante uma reunião no primeiro salão do *faubourg* Saint-Germain, teria havido instantes idênticos àqueles que eu já vivenciara: o que era impossível. É verdade que meu espírito se sentia embaraçado por certas dificuldades, e a presença do corpo de Jesus Cristo na hóstia não se me afigurava um mistério mais obscuro que esse primeiro salão do *faubourg* Saint-Germain, situado à margem direita do Sena, e cujos móveis eu podia ouvir limpar pela manhã. Mas a linha de demarcação que me separava do *faubourg* Saint-Germain, por ser inteiramente ideal, tanto mais real me parecia; bem sentia que era já o *faubourg*, o capacho dos Guermantes estendido do outro lado desse Equador e do qual minha mãe ousara dizer, tendo-o visto como eu, no dia em que se achava aberta a porta deles, que se encontrava em muito mau estado. Além do mais, de que forma a sua sala de jantar, sua galeria obscura, de móveis forrados de pelúcia vermelha, que eu podia às vezes entrever pela janela da nossa cozinha, não me pareceriam possuir o encanto misterioso do *faubourg* Saint-Germain, fazendo parte dele de um modo essencial, estar ali situados geograficamente, visto que o fato de ser recebido naquela sala de jantar era ter ido ao *faubourg* Saint-Germain, ter respirado a sua atmosfera, já que todos aqueles que, antes de ir para a mesa, sentavam-se ao lado da Sra. de Guermantes no canapé de couro da galeria eram do *faubourg* Saint-Germain? Sem dúvida, em outros locais que não Saint-Germain, em certas reuniões, podia-se ver às vezes, imperando majestosamente no meio da multidão banal dos elegantes, um desses homens que não passam de nomes e que assumem, alternadamente, quando tentamos representá-los, o aspecto de um torneio e de uma floresta patrimonial. Mas aqui, no primeiro salão do *faubourg* Saint-Germain, na galeria obscura, só existiam eles. Eram de preciosa matéria as colunas que sustentavam o templo. Mesmo para as reuniões familiares, era apenas entre eles que a Sra. de Guermantes podia escolher os seus convivas, e nos jantares de doze pessoas, reunidas em torno da mesa servida, eram como estátuas de ouro dos apóstolos da Santa Capela, pilares simbólicos e consagradores, diante da Santa Mesa. Quanto à pequena extremidade do jardim que se estendia entre altos muros, atrás do palácio, e onde, no verão, a Sra. de

Guermantes mandava servir, depois do jantar, laranjada e licores, como não pensaria eu que sentar, entre as nove e onze da noite, em suas cadeiras de ferro dotadas de um tão grande poder como o canapé de couro sem respirar as brisas próprias ao *faubourg* Saint-Germain, era tão impossível como fazer a sesta no oásis de Figuig, sem por isso mesmo estar na África? Só a imaginação e a fé é que podem distinguir dos outros certos objetos, certos seres e criar uma atmosfera. Infelizmente aqueles sítios pitorescos, aqueles acidentes naturais, aquelas curiosidades locais, aquelas obras de arte do *faubourg* Saint-Germain, certamente nunca me seria dado pousar meus passos entre eles. E eu me contentava em estremecer quando lobrigava do alto-mar (e sem esperança de jamais ali abordar), como um minarete avançado, como uma palmeira inicial, como o princípio da indústria ou da vegetação exótica, o capacho gasto da margem.

Mas, se o palácio de Guermantes começava para mim no limiar do vestíbulo, suas dependências deviam estender-se muito mais além, a julgar pelo duque, o qual, considerando todos os seus locatários como rendeiros, camponeses, compradores de bens nacionais, cuja opinião não importa, fazia a barba de manhã em camisa de dormir, diante de sua janela, descia para o pátio conforme fizesse mais ou menos calor, em mangas de camisa, de pijama, de jaqueta escocesa felpuda, de cor singular, de casacos claros mais curtos que o paletó, e fazia com que um de seus picadores pusesse a trote, diante dele, algum cavalo novo que comprara. Por mais de uma vez, o cavalo derrubou o mostruário de Jupien, o qual deixou o duque indignado ao pedir uma indenização. - Quando mais não fosse, em consideração por todos os benefícios que a Senhora Duquesa faz na casa e na paróquia dizia o Sr. de Guermantes - é uma infâmia da parte desse fulano reclamar qualquer coisa. - Mas Jupien sustentara a demanda, parecendo ignorar de todo qual o "bem" que havia feito a duquesa. Entretanto, ela o fazia, mas, como não é possível estendê-lo a todo mundo, a lembrança de ter cumulado a um é motivo para se abster em relação a outro, no qual se provoca tanto maior descontentamento. Aliás, sob outros pontos de vista que não o da beneficência, o bairro parecia ao duque e isso a grandes distâncias apenas um prolongamento do seu pátio, uma pista mais comprida para seus cavalos. depois de ter visto como trotava sozinho um cavalo novo, o fazia enganchar, atravessar todas as ruas próximas, com o picador correndo a par, do carro, empunhando as rédeas, fazendo-o passar e voltar a passar por diante do duque, parado na calçada, em pé, gigantesco, enorme, vestido de claro, com o charuto na boca, a cabeça ao ar, o monóculo curioso, até o momento em que saltava à boléia, guiava ele mesmo ao cavalo para prová-lo, e se ia com o novo tiro a recolher a sua querida aos Champs-Élysées. O senhor do Guermantes dava o bom-dia no pátio a dois casais que estavam, mais ou menos, a seu mundo: um matrimônio de primos deles que, como os matrimônios de operários, nunca

estava em casa para cuidar dos meninos, já que desde a manhã a mulher se ia à escola a aprender contraponto e fuga, e o marido à seu estudo fazer esculturas em madeira e couros esculpidos; além disso, o barão e a baronesa do Norpois, vestidos sempre de negro; a mulher locadora de cadeiras e o marido de enterrar mortos que saíam várias vezes ao dia para ir à igreja. Eram sobrinhos do velho embaixador que conhecíamos e a quem justamente havia encontrado meu pai no patamar da escada, mas sem compreender de onde vinha; porque meu pai pensava que um personagem tão considerável que tinha relação com os homens mais eminentes da Europa e que provavelmente era indiferente à distinções aristocráticas, devia tratar apenas a estes nobres obscuros, clericais e limitados. Fazia pouco que viviam na casa; como Jupien fosse dizer duas palavras no pátio ao marido, que estava saudando o senhor do Guermantes, chamou-lhe Senhor Norpois por não saber exatamente seu nome.

- Ah! Senhor Norpois! Ah! A verdade que é um achado! Paciência! Esse Juan Particular não demorará para chamá-lo cuidado-*no Norpois* - exclama voltando-se para o barão, o senhor de Guermantes. Afinal podia exalar seu mau humor contra Jupien, que chamava-o *senhor* e não *senhor duque*.

Um dia que o senhor Guermantes necessitava de umas informações relacionados com a profissão de meu pai, apresentou-se com muito boa graça. Depois disso tinha que lhe pedir freqüentemente algum favor como vizinho, e assim que o via descendo a escada pensando em algum trabalho, e desejoso de evitar todo encontro, o duque deixava seus moços de quadra, saía atrás de meu pai no pátio, punha-lhe bem o capote como um serviçal dá aos antigos ajuda de câmara ao Rei; agarrava-lhe a mão e, retendo-a na sua, acariciando-lhe inclusive para lhe provar, sem pudor de cortesão, que não lhe regateava o contato de sua preciosa carne; levava-o assim, farto e sem pensar mais que em escapar, até além da porta da garagem. Tinha-nos feito grande saudações um dia que cruzou conosco no momento em que saía de carro com sua mulher, a qual devia lhe ter dito meu nome; mas, que provavelmente tinha ela recordado, tampouco minha cara. Além disso, dava uma recomendação de ser designado meramente como um de seus inquilinos! Mais importante talvez, era encontrar à duquesa em casa da senhora Villeparisis, que precisamente me tinha pedido por meio de minha avó que fosse vê-la; e ao saber que eu tinha intenção de me dedicar à literatura, tinha acrescentado que em sua casa me encontraria com alguns escritores. Mas meu pai dissera que eu era muito jovem ainda para fazer vida em sociedade, e como o estado de minha saúde não deixava de o preocupar, não tinha vontade de em ocasiões inúteis fazer novas saídas.

Como um dos lacaios da senhora Guermantes falava muito com a Francisca, ouvi que nomeava alguns dos salões que freqüentava; mas não acertava em pronunciar os nomes pois não fazia parte de sua vida, que não via mais que

através de um nome, que eram inconcebíveis. - - Esta noite haverá uma grande festa na casa da princesa de Parma. - dizia o lacaio; agora iremos, porque às cinco a senhora pega o trem de Chantilly para ir passar dois dias na casa do duque de Aumale. Eu fico aqui. Não lhe vai fazer nenhuma falta à princesa da Parma; mais de quatro vezes escreveu à senhora duquesa.

- Então não eram vocês que iam ao castelo de Guermantes este ano?

- É a primeira vez que não passaremos ali; por causa dos resfriados do senhor duque, o médico proibiu que volte lá até que ponham um calorífero; mas antes disso, todos os anos estava ali até janeiro. Se o calorífero não estiver instalado, pode que a senhora vá alguns dias ao Cannes, a casa da duquesa de Guisa; mas ainda não é seguro.

- E vocês vão ao teatro?

- Vamos algumas vezes à ópera, outras aos saraus da princesa de Parma, que são a cada oito dias; parece que é muito distinto o que apresentam: há comédias, ópera, de tudo. A senhora duquesa não quis custear; mas de toda maneira vamos uma vez a um camarote de uma amiga da senhora, outras vezes vamos à platéia da princesa do Guermantes, a mulher do primo do senhor duque. É irmã do duque da Baviera. Assim já volta para casa. - dizia o lacaio, que, bem que identificado com os Guermantes, tinha, entretanto uma noção política que lhe permitia tratar a Françoise com tanto respeito como se estivesse na casa de uma duquesa.- Tem saúde excelente, senhora.

- Ah, se não fosse por estas malditas pernas! Em plano, ainda seria menos mal. - (em plano queria dizer no pátio, nas ruas por onde gostava Françoise de passear, numa palavra, em terreno plano) - mas há estas diabólicas escadarias. Até logo, senhor, certamente ainda nos veremos hoje à tarde.

Desejava continuar a conversar com o lacaio por ter este lhe revelado que os filhos dos duques usam com freqüência um título de príncipe, que conservam até a morte do pai. Sem dúvida, o culto à nobreza, misturado e acomodado a um certo espírito de revolta contra ela, hereditariamente bebido nas glebas da França, deve ser bem intenso entre o seu povo. Pois Françoise, a quem se podia falar do gênio de Napoleão ou da telegrafia sem fio sem lhe atrair a atenção, e sem que ela diminuísse por um momento sequer os movimentos com que retirava as cinzas da lareira ou punha a mesa, exclamava, bastando-lhe saber dessas particularidades e que o filho caçula do duque de Guermantes era geralmente conhecido como príncipe de Oléron:

- Como é lindo isto! - e ficava fascinada como diante de um vitral.

Françoise soube igualmente, pelo lacaio do príncipe de Agrigento, que travara relações com ela ao vir muitas vezes trazer cartas para a duquesa, que de fato

ouvira muito falar, na sociedade, do casamento do marquês de Saint-Loup com a Srta. de Ambresac, e que estava quase decidido.

Aquela vivenda, aquela frisa, para as quais a Sra. de Guermantes transbordava a sua vida, não se me afiguravam lugares menos feéricos que seus apartamentos. Os nomes de Guise, de Parma, de Guermantes-Baviera, se diferenciavam de todas as outras localidades de veraneio a que se dirigia a duquesa, e as festas diárias que o sulco de sua carruagem uma ao seu palácio. Se me informavam eles que nesses descansos e nessas festas consistiam sucessivamente a vida da Sra. de Guermantes, não me traziam qualquer esclarecimento sobre ela. Cada uma dava à vida da duquesa uma determinação diversa, mas somente a faziam mudar de mistério, sem que deixasse nada evaporar do seu, que apenas se deslocava, protegido por um tabique, encerrado em um vaso, no meio das ondas da vida de todos. A duquesa podia almoçar diante do Mediterrâneo à época do carnaval, mas na vivenda da Sra. de Guise, onde a rainha da sociedade parisiense, em seu vestido de piquê branco, no meio de numerosas princesas, não era mais que uma convidada igual às outras, e, por isso mesmo, mais emocionante ainda para mim, mais ela mesma, ao se renovar como uma estrela da dança que, na fantasia de um passo, vem tomar sucessivamente o lugar de cada uma das bailarinas suas irmãs; podia ela contemplar sombras chinesas, mas numa reunião da princesa de Parma; assistir à tragédia ou à ópera, mas na frisa da princesa de Guermantes.

Como localizamos no corpo de uma pessoa todas as possibilidades de sua vida, a lembrança das criaturas que ela conhece e que acaba de deixar ou com quem vai se encontrar, quando eu sabia, por Françoise, que a Sra. de Guermantes iria a pé almoçar na casa da princesa de Parma, via-a descer de casa ao meio-dia, com seu vestido de cetim cor-de-carne, sobre o qual o seu rosto era do mesmo matiz, como uma nuvem ao sol poente, eram todos os prazeres do *faubourg* Saint-Germain que eu via à minha frente, nesse pequeno volume como em uma concha, entre essas valvas lustrosas de rosado nácar.

Meu pai, no ministério, tinha um amigo, um certo A. J. Moreau, o qual, para se distinguir dos outros Moreau, tivera o cuidado de preceder sempre seu nome dessas duas iniciais, de modo que o chamavam, para abreviar, de A. J.. Ora, não sei como esse A. J. se encontrou de posse de uma poltrona para uma noite de gala na ópera; enviou-a a meu pai e, como a Berma, que eu não vira mais desde a minha primeira decepção, devia representar um ato da Fedra, minha avó conseguiu que meu pai me cedesse o ingresso.

Para dizer a verdade, eu não ligava nenhuma importância a essa oportunidade de ouvir a Berma, que, alguns anos antes, me causara tanta agitação. E não foi sem melancolia que constatei a minha indiferença relativamente ao que outrora preferira à saúde e ao repouso. Não que fosse menos apaixonado que antes o

meu desejo de poder ver de perto as parcelas preciosas de realidade que a minha imaginação entrevia. Mas esta já não as situava agora na dicção de uma grande atriz; desde minhas visitas à casa de Elstir, era a certas tapeçarias, certos quadros modernos, que eu havia transferido a fé interior que sentira outrora por aquele desempenho, por aquela arte trágica da Berma; já que minha fé e o meu desejo não vinham mais prestar um culto incessante à dicção e às atitudes da Berma, o "duplo" que possuía deles em meu coração definhara aos poucos, como aqueles outros "duplos" dos mortos do antigo Egito que era necessário alimentar constantemente para lhes manter a vida. Tal arte se tornara medíocre e mesquinha. Já nenhuma alma profunda a habitava.

No momento em que, aproveitando o ingresso recebido de meu pai, eu subia a grande escadaria da ópera, percebi diante de mim um homem que a princípio julguei fosse o Sr. de Charlus, de quem possuía o aspecto e o porte; quando virou a cabeça para pedir uma informação a um empregado, vi que me enganara; entretanto, não hesitei em situar o desconhecido na mesma classe social, não só devido à maneira como se vestia, mas também pela forma como falava ao fiscal e às empregadas que o faziam esperar. Pois, apesar das particularidades individuais, ainda havia àquela época, entre todo homem chique e rico daquela parte da aristocracia e todo homem chique e rico do mundo das finanças ou da alta indústria, uma diferença bem marcante. Onde um desses últimos julgaria afirmar sua distinção com um tom categórico e altivo na presença de um inferior, o grão senhor, suave e sorridente, dava a impressão de considerar e de exercer a afetação da humildade e da paciência, a simulação de ser qualquer um dos espectadores, como um privilégio de sua boa educação. É provável que, ao vê-lo dissimulando desse modo, sob um sorriso cheio de bonomia, a soleira intransponível do pequeno universo especial que carregava dentro de si, mais de um filho de rico banqueiro, entrando nesse instante no teatro, teria tomado esse grão-senhor por um homem de pouca importância, se não lhe achasse uma espantosa semelhança com o retrato, recentemente reproduzido pelos jornais ilustrados, de um sobrinho do imperador da Áustria, o príncipe de Saxe, que se encontrava precisamente em Paris naquele momento. Sabia-o eu um grande amigo dos Guermantes. Chegando perto do fiscal, ouvi o príncipe de Saxe, ou o seu suposto, dizer sorrindo: - Não sei o número do camarote; foi sua prima que me disse que bastava eu perguntar pelo camarote dela.

Talvez fosse o príncipe de Saxe; e era talvez a duquesa de Guermantes (que, nesse caso, eu poderia avistar vivendo um dos momentos de sua vida inimaginável, no camarote de sua prima) que seus olhos viam em pensamento quando dizia: sua prima foi quem me disse que bastava perguntar pelo camarote -, de modo que aquele olhar risonho e especial, e aquelas palavras tão simples, me acariciavam o coração (bem mais do que o faria uma fantasia abstrata),

com as antenas alternativas de uma possível felicidade e de um prestígio incerto. Pelo menos, dizendo essa frase ao fiscal, entroncava numa noitada vulgar da minha vida cotidiana uma passagem eventual em direção a um mundo novo; o corredor, que lhe indicaram depois que pronunciou a palavra camarote e pelo qual se enfiou, era úmido e gretado, parecendo levar a grutas marinhas, ao reino mitológico das ninfas das águas. Eu tinha diante de mim apenas um senhor de casaca que se afastava; porém manejava a seu redor, como a um refletor defeituoso, e sem conseguir focalizá-lo exatamente sobre ele, a idéia de que ele era o príncipe de Saxe e ia ver a duquesa de Guermantes. E, conquanto ele estivesse sozinho, essa idéia exterior a ele, impalpável, imensa e sacudida como uma projeção, parecia precedê-lo e conduzi-lo como essa Divindade, invisível para o restante dos homens, que se mantém junto do guerreiro grego.

Atingi meu lugar, sempre buscando recuperar um verso da Fedra de que não me recordava com exatidão. Tal como o recitava para mim mesmo, ele não tinha o número de sílabas requerido, mas, como não tentava contá-las, parecia-me não haver nenhuma medida comum entre seu desequilíbrio e um verso clássico. Não ficaria espantado se fosse preciso tirar mais de seis sílabas a esse verso monstruoso para compor um de doze pés. Mas lembrei-me dele de repente, e as irredutíveis asperezas de um mundo inumano se desfizeram como por mágica; as sílabas do verso logo preencheram a medida de um alexandrino, o que ele possuía em excesso se desprendeu com tanta facilidade de leveza como uma bolha de ar que vem rebentar à superfície da água. E, de fato, essa enormidade com que eu vinha lutando não passava de um único pé.

Um determinado número de cadeiras de primeira fila tinham sido postas à venda no escritório e foram compradas por esnobes ou curiosos que desejavam contemplar pessoas a que não teriam outra oportunidade de ver de perto. E, com efeito, era bem um pouco de sua verdadeira vida mundana, habitualmente escondida, que se poderia considerar em público, pois, tendo a princesa de Parma repartido entre seus amigos os camarotes, os balcões e as frisas, a sala era como um salão onde cada um mudava de lugar, ia sentar-se aqui ou ali, junto de uma amiga.

A meu lado estavam pessoas vulgares que, não conhecendo os assinantes, queriam mostrar serem capazes de reconhecê-los e os nomeavam em voz alta. Acrescentavam que esses assinantes compareciam aqui como se fossem para o seu salão, com isto querendo dizer que não prestavam atenção às peças representadas. Mas era o contrário o que ocorria. Um estudante talentoso que obteve uma poltrona para ouvir a Berma só pensa em não sujar as luvas, em não aborrecer, em se acomodar com o vizinho que o acaso lhe deu, em perseguir com um sorriso intermitente o olhar fugidio, em fugir com um olhar descortês ao olhar de uma conhecida sua que descobriu na sala e que, depois de mil

perplexidades, decidiu ir cumprimentar no momento em que as três pancadas, ressoando antes que tenha chegado junto dela, forçam-no a fugir como os hebreus no Mar Vermelho, por entre as ondas encapeladas dos espectadores e espectadoras que fez levantar e a quem rasga os vestidos ou pisa as botinas. Ao contrário, era porque as pessoas da sociedade estavam em seus camarotes (por detrás dos balcões, em terraço), como em pequenos salões suspensos de que fora retirada uma divisória, ou em pequenos cafés onde se vai tomar um xarope, sem se ficar intimidado pelos espelhos com moldura de ouro e os assentos vermelhos do estabelecimento de tipo napolitano; era porque pousavam uma mão indiferente sobre os fustes dourados das colunas que sustentavam esse templo de arte lírica, era porque não se achavam emocionados com as honras excessivas que pareciam lhes prestar duas figuras esculpidas que estendiam palmas e louros para os camarotes, que somente eles poderiam ter o espírito livre para escutar a peça, desde que tivessem espírito.

No começo não foram senão vagas trevas, onde a gente via, de súbito, como o raio de uma pedra preciosa que não se enxerga, a fosforescência de dois olhos célebres, ou, como um medalhão de Henrique IV destacado sobre um fundo negro, o perfil inclinado do duque de Aumale, a quem uma dama invisível gritava:

- Monsenhor, permita-me que lhe tire o sobretudo. - ao passo que o príncipe respondia:

- Mas, ora, por quem é, senhora de Ambresac. - Ela o fazia, não obstante esse vago protesto, e era invejada de todos por causa de tal honra.

Mas, nas outras frisas, quase por toda parte, as brancas deidades que moravam nessas sombrias paragens se haviam refugiado de encontro às paredes obscuras e permaneciam invisíveis. Contudo, à medida que o espetáculo prosseguia, suas formas vagamente humanas se destacavam debilmente, uma após outra, das profundezas da noite que alcatifavam e, erguendo-se para a luz do dia, deixavam emergir seus corpos seminus e vinham parar no limite vertical e na superfície claro-escura, onde seus rostos brilhantes surgiam por trás do desfraldar risonho, espumoso e leve de seus leques de plumas, sob suas cabeleiras de púrpura entretecidas de pérolas que a ondulação da maré parecia ter encurvado; depois começavam as cadeiras da primeira fila, o remanso dos mortais para sempre separado do reino sombrio e transparente ao qual, aqui e ali, serviam de fronteira, em sua superfície líqüida e plana, os olhos límpidos e reflexivos das deusas das águas. Pois as "ostras" das margens, as formas dos monstros da orquestra, se pintavam nesses olhos segundo unicamente as leis da ótica e de acordo com o seu ângulo de incidência, como acontece no caso dessas duas partes da realidade exterior, às quais, sabendo nós que não possuem alma análoga à nossa, por mais rudimentar que seja, julgaríamos insensato dirigir um

sorriso ou um olhar: os minerais e as pessoas com quem não temos relações. Aquém, ao contrário, do limite de seu domínio, as radiosas filhas do mar se voltavam a todo instante, sorrindo, para os tritões barbudos pendurados nas anfractuosidades do abismo, ou para algum semideus aquático que ostentava por crânio uma pedra polida, sobre a qual a onda colara uma alga lisa, e por olhar um disco de cristal de rocha. Elas se debruçavam para eles, ofertavam-lhes bombons; às vezes, a onda se entreabria diante de uma nova nereida que, atrasada, sorridente e confusa, acabava de desabrochar do fundo das sombras; depois, terminado o ato, sem mais esperar ouvir os rumores melodiosos da terra que as atraíra à superfície, todas mergulhando a um só tempo, as irmãs divinas desapareciam na noite. Mas de todas estas pousadas, a cujo limiar a leve preocupação de perceber as obras dos homens levava essas deusas curiosas, que não deixam ninguém chegar perto, a mais célebre era o bloco de semi-obscuridade conhecido pelo nome de camarote da princesa de Guermantes.

Como uma grande deusa que preside de longe aos jogos das divindades inferiores, a princesa permanecera voluntariamente um pouco ao fundo, sobre um canapé lateral, vermelho como um rochedo de coral, ao lado de uma larga reverberação de vidro que era provavelmente um espelho, e fazia pensar em alguma secção que um raio teria efetuado, perpendicular, obscura e líqüida, no cristal ofuscante das águas. Ao mesmo tempo pluma e corola, bem como certas florações marinhas, uma grande flor branca, penugenta como uma asa, descia da testa da princesa ao longo de uma das faces, cuja inflexão seguia com graciosa, adorável e viva flexibilidade, e parecia encerrá-la a meio, como um rosado ovo, na doçura de um ninho de alcione. Sobre a cabeleira da princesa, descendo até suas sobrancelhas, e depois retomada mais abaixo à altura da garganta, estendia-se uma coifa composta dessas conchas brancas que são pescadas em certos mares austrais e que estavam mescladas a pérolas, mosaico marinho mal saído das ondas que por momentos se achava mergulhado na sombra, em cujo fundo, mesmo então, se revelava uma presença humana pela mobilidade deslumbrante dos olhos da princesa. A beleza que colocava esta bem acima das outras mulheres fabulosas da penumbra não era inteiramente material e não estava inclusivamente inscrita em sua nuca, nos seus ombros, nos braços, no seu talhe. Mas a linha deliciosa e inacabada desse talhe era o preciso ponto de partida, o chamariz inevitável de linhas invisíveis nas quais o olho não podia se evitar de prolongá-las, maravilhosas, engendradas ao redor da mulher como o espectro de uma figura ideal projetada nas trevas.

- É a princesa de Guermantes.- disse a minha vizinha ao senhor que estava com ela, tendo o cuidado de pôr diante da palavra princesa vários *pp*, indicando que semelhante apelativo era risível. - Ela não economizou suas pérolas. Creio que se tivesse outro tanto delas, não faria uma tal ostentação; não acho que seja distinto.

Entretanto, reconhecendo a princesa, todos os que procuravam saber quem estava na sala sentiam erguer-se no seu coração o trono legítimo da beleza. Com efeito, no caso da duquesa de Luxemburgo, da Sra. de Morienval, da Sra. de Saint-Euverte, no caso de tantas outras, o que permitia identificar-lhes os rostos era a conexão de um grosso nariz vermelho com um focinho-de-lebre ou duas faces enrugadas com um fino bigode. Aliás, esses traços eram suficientes para encantar, visto que, tendo apenas o valor convencional de uma escrita, davam a ler um nome célebre que se impunha; mas também acabavam por dar a idéia de que a feiúra tem algo de aristocrático e que é indiferente que o rosto de uma grande dama seja belo, se é distinto. Mas como certos artistas que, em vez das letras do próprio nome, põem na parte inferior de suas telas uma forma bonita por si mesma, uma borboleta, um lagarto, uma flor, da mesma maneira era a forma de um corpo e um rosto delicioso o que a princesa punha ao canto de seu camarote, mostrando assim que a beleza pode ser a mais nobre das assinaturas; pois a presença da Sra. de Guermantes, que só levava ao teatro pessoas que durante todo o tempo faziam parte de sua intimidade, era, aos olhos dos amadores da aristocracia, o melhor certificado de autenticidade do quadro que seu camarote apresentava, espécie de evocação de uma cena da vida familiar e própria da princesa nos seus palácios de Munique e de Paris.

Sendo a nossa imaginação como um realejo defeituoso que sempre toca uma coisa diversa da ária indicada, a lembrança de certas obras do século XVI começava a cantar em mim sempre que ouvia falar da princesa de Guermantes-Baviera. Precisava despojá-la agora dessas recordações, já que a via no ato de oferecer bombons cristalizados a um corpulento senhor de fraque. Claro que estava bem longe de concluir daí que ela e seus convidados fossem criaturas semelhantes às outras. Compreendia perfeitamente que o que faziam ali não passava de um jogo e que, para preludiar os atos de sua vida verdadeira (cuja parte importante, sem dúvida, não era aqui que a viviam), era conveniente, em virtude de ritos de mim ignorados, que fingissem ofertar ou recusar bombons, gesto destituído de sua significação e antecipadamente regulado como o passo de uma dançarina, que sucessivamente se ergue na ponta dos pés e gira ao redor de uma faixa. Quem sabe? Talvez no momento em que oferecia seus bombons, a Deusa dissesse num tom de ironia (pois eu a via sorrir):

- Querem bombons? - Que me importava? Eu teria achado de um requinte delicioso a secura intencional, à Mérimée ou à Meilhac, dessas palavras dirigidas por uma deusa a um semideus, que, ele sim, sabia quais eram os pensamentos sublimes que ambos resumiam, sem dúvida para o momento em que recomeçassem a viver sua vida verdadeira, e que, prestando-se a esse jogo, respondia com a mesma e misteriosa malícia:

- Sim, quero um de cereja.

E eu teria ouvido esse diálogo com a mesma avidez com que ouviria determinada cena do *Marido da Estreante*, onde a ausência de poesia, de pensamentos profundos, coisas tão familiares para mim e que suponho Meilhac seria mil vezes capaz de pôr ali, me parecia por si só uma elegância, uma elegância convencional e, portanto, mais misteriosa e instrutiva.

- Aquele gordo é o marquês de Ganançay. - disse com ar sabichão o meu vizinho, que mal ouvira o nome sussurrado atrás dele.

O marquês de Palancy, de pescoço estendido, o rosto oblíquo, o grande olho redondo colado contra o vidro do monóculo, deslocava-se devagar na sombra transparente e parecia não ver o público da orquestra, como um peixe que passa e ignora a multidão dos visitantes curiosos, por detrás da parede vítrea de um aquário. Detinha-se, por instantes, venerável, resfolegante e musgoso, e os espectadores não teriam podido dizer se sofria, dormia, nadava, punha um ovo ou simplesmente respirava. Ninguém excitava em mim tanta inveja como ele, por causa do hábito que parecia ter daquele camarote e pela indiferença com que deixava a princesa lhe estender bombons; ela então lhe lançava um olhar de seus belos olhos talhados em diamante, que a inteligência e a amizade, nesses momentos, bem pareciam fluidificar, mas que, em repouso, reduzidos à sua pura beleza material, a seu puro brilho mineralógico, incendiavam a profundidade da platéia com seus fogos inumanos, horizontais e esplêndidos, se o menor reflexo os deslocasse de leve. Entretanto, visto que ia começar o ato da Fedra representado pela Berma, a princesa chegou-se para a frente do camarote; então, como se ela própria fosse uma aparição teatral, eu vi, na zona diversa da luz que ela atravessou, mudar não somente a cor mas a matéria de seus adereços. E, no camarote seco e emerso, que não mais pertencia ao mundo das águas, a princesa, deixando de ser uma nereida, apareceu de turbante branco e de azul como uma trágica maravilhosa vestida de *Zaire* ou talvez de *Orosmane*; depois, quando se sentou na primeira fila, vi que o doce ninho de alcíone que suavemente protegia o rosado nácar de suas faces era macio, brilhoso e aveludado, uma imensa ave-do-paraíso.

Todavia, meus olhares foram desviados do camarote da princesa de Guermantes por uma mulherzinha mal vestida, feia, de olhos ardentes, que, acompanhada de dois jovens, veio sentar-se a algumas cadeiras de mim. Depois, o pano se ergueu. Não sem melancolia, verifiquei não me restar coisa alguma de minhas disposições de outrora quando, para não perder nada do fenômeno extraordinário que teria ido contemplar nos confins do mundo, mantinha o meu espírito preparado como essas placas sensíveis que os astrônomos vão instalar na África, nas Antilhas, com vistas à observação escrupulosa de um cometa ou de um eclipse; quando eu receava que alguma nuvem (má-disposição da artista, incidente na assistência) impedisse que o espetáculo alcançasse o seu máximo de

intensidade; quando julgara não assisti-lo nas melhores condições se não fosse ao próprio teatro que lhe era consagrado como um altar, onde então me pareciam ainda fazer parte, embora acessoriamente, de seu aparecimento sob o pequeno pano rubro, os fiscais de cravo branco na botoeira, nomeados por ela, o envasamento da nave acima de uma platéia cheia de pessoas mal vestidas, as empregadas vendendo um programa com a sua fotografia, os castanheiros do *square*, todos esses companheiros, esses confidentes de minhas impressões daquela época e que se me afiguravam inseparáveis dela. Fedra, a "Cena da declaração" e a Berma tinham então para mim uma espécie de existência absoluta. Situadas fora do mundo da experiência usual, existiam por si mesmas, era-me preciso ir até elas, penetraria delas o que fosse possível e, escancarando meus olhos e minha alma, absorveria ainda muito pouco. E como a vida me parecia agradável! A insignificância a qual eu levava não tinha importância nenhuma, como os momentos em que a gente se veste, quando se prepara para sair, pois que além existiam, de medo absoluto, boas e difíceis de abordar, impossíveis de possuir por inteiro, essas realidades mais sólidas, Fedra, a "maneira de recitar da Berma". Saturado por esses devaneios sobre a perfeição na arte dramática das quais então se poderia extrair uma dose importante, se nesses tempos houvessem analisado o meu espírito em algum instante que fosse do dia, e talvez da noite, eu era como uma pilha que alimenta a sua eletricidade. E chegara um momento em que, enfermo, ainda que julgasse morrer por causa disso, teria sido necessário que fosse ouvir a Berma. Mas agora, como uma colina que ao longe parece feita de azul e que, de perto, recai em nossa visão comum das coisas, tudo aquilo abandonara o universo do absoluto e não passava de uma coisa igual às outras, de que eu tomava conhecimento porque estava ali, os artistas eram pessoas da mesma natureza das que eu conhecia, procurando recitar o melhor possível aqueles versos da Fedra que já não formavam uma essência sublime e individual, apartada de tudo, e sim versos mais ou menos bem-sucedidos, prontos para entrar na imensa matéria dos versos franceses a que se misturavam. Sentia um desânimo tanto mais profundo como se o objeto do meu ativo e teimoso desejo não mais existisse; em compensação, persistiam as mesmas disposições para um devaneio fixo, que mudava ano após ano, mas me conduzia a uma brusca impulsão, desatenta do perigo. Certo dia em que, doente, eu saía para ver num castelo um quadro de Elstir, uma tapeçaria gótica, parecia-se de tal forma ao dia em que eu deveria ter partido para Veneza, ao dia em que fora ouvir a Berma, ou viajara para Balbec, que de antemão sentia que o objeto atual do meu sacrifício me deixaria indiferente dentro de pouco tempo e que eu poderia então passar bem perto dele sem ir olhar esse quadro, essas tapeçarias, pelos quais teria naqueles momentos enfrentado tantas noites insones, tantas crises dolorosas. Sentia, pela instabilidade de seu objeto, a vaidade de meu esforço e, ao mesmo tempo, a sua enormidade, na qual não acreditara, como

esses neurastênicos cuja fadiga é duplicada quando se lhes observa que estão fatigados. À espera disto, meus sonhos davam prestígio a tudo o que fosse possível ligar-se a eles. E, mesmo em meus desejos mais carnais, orientados sempre em certa direção, concentrados em torno de um mesmo sonho, eu teria podido reconhecer uma idéia como primeiro impulso, uma idéia à qual teria sacrificado a minha vida, e em cujo ponto mais central, como em meus devaneios durante as tardes de leitura no jardim de Combray, estava a idéia da perfeição.

Não tive mais a mesma indulgência de antigamente quanto às justas intenções de ternura ou de cólera que notara então na dicção e na mímica de Arícia, de Ismênia e de Hipólito. Não é que aqueles artistas eram os mesmos não buscassem sempre, com a mesma inteligência, dar à sua voz aqui uma inflexão carinhosa ou uma ambigüidade calculada, ali a seus gestos uma amplitude trágica ou uma doçura suplicante. Suas entonações ordenavam a essa voz: "Seja doce, cante como um rouxinol, acaricie", ou, ao contrário: "Torne-se furiosa", e então se precipitavam sobre ela para tentar empolgá-la em seu frenesi. Mas ela, rebelde, exterior à dicção deles, continuava sendo, irredutivelmente, sua voz natural, com seus defeitos ou encantos materiais, sua vulgaridade ou afetação cotidianas, e, assim, era um conjunto de fenômenos acústicos ou sociais que o sentimento dos versos recitados não alterara.

Do mesmo modo, os gestos desses artistas diziam a seus braços, a seu peplo: "Seja majestoso". Mas os membros insubmissos deixavam pavonear entre o ombro e o cotovelo um bíceps que nada entendia do papel; continuavam a exprimir a insignificância da vida de todos os dias e a pôr em destaque, em vez de matizes racinianos, conexões musculares; e o planejamento que soerguiam caía de novo segundo uma vertical em que uma flexibilidade insossa e têxtil era a única a disputá-lo às leis da queda dos corpos. Nesse momento, a mulherzinha perto de mim exclamou:

- Nenhum aplauso! E como ela está presa! Mas é muito velha, não agüenta mais; nesses casos a gente deve desistir.

Diante dos *psius* dos vizinhos, os dois jovens que a acompanhavam trataram de sossegá-la, e então a sua raiva só se desencadeou em seus olhos. Essa raiva, aliás, só podia se dirigir à glória, ao sucesso, pois a Berma, que ganhara tanto dinheiro, estava crivada de dívidas. Marcando sempre encontros de negócios ou de amizade a que não podia comparecer, tinha em todas as ruas moços de recados que corriam para cancelar, nos hotéis, apartamentos antecipadamente reservados e que ela nunca ia ocupar, oceanos de perfumes para lavar suas cadelas, vales para descontar com todos os diretores. À falta de gastos mais consideráveis, e menos voluptuosa que Cleópatra, teria encontrado uma forma de devorar províncias e reinos apenas em telegramas e carros da Companhia

Urbana. Mas a mulherzinha era uma atriz que não tivera oportunidade e votara ódio mortal à Berma. Esta acabava de entrar em cena. E então, ó milagre: como essas lições que debalde nos esgotamos para aprender à noite e que encontramos em nós, decoradas, depois de termos dormido, assim como essas faces de mortos que os esforços apaixonados da nossa memória perseguem sem os achar e que, quando já não pensamos neles, lá estão diante de nossos olhos, com a semelhança da vida, o talento da Berma que me fugira quando procurara com tanta avidez captar-lhe a essência, agora, após esses anos de olvido, nesta hora de indiferença, impunha-se com a força da evidência à minha admiração. Antigamente, para tentar isolar esse talento, eu desfalcava de alguma forma daquilo que ouvia o próprio papel, o papel, parte comum a todas as atrizes que representavam a Fedra e que havia estudado de antemão para ser capaz de subtraí-lo, de recolher como resíduo unicamente o talento da Sra. Berma.

Mas esse talento que eu buscava perceber fora do papel formava um só todo com ele. Assim como ocorre com um grande músico (parece que era o caso de Vinteuil, quando ele tocava piano), seu desempenho é de um tão grande pianista que já nem se sabe mais se esse artista é pianista mesmo, porque (não interpondo todo esse aparato de esforços musculares, aqui e ali coroados de efeitos brilhantes, todos esses salpicos de notas, onde pelo menos o ouvinte que não sabe a que se ater julga descobrir talento em sua realidade material, tangível) tal execução tornou-se tão transparente, tão repleta do que ele está interpretando que a ele próprio já ninguém o vê, o artista não passa de uma janela que se abre para uma obra-prima. As intenções que cercam, como um bordado majestoso ou delicado, a voz e a mímica de Arícia, de Ismênia e de Hipólito, eu lograra distingui-las; porém Fedra as interiorizara, e meu espírito não conseguira arrancar à dicção e às atitudes, apreender na avara simplicidade de suas superfícies unidas àqueles achados, aqueles efeitos que não se ressaltariam tanto se não fossem profundamente reabsorvidos. A voz da Berma, na qual não subsistia mais um só resíduo de matéria inerte e refratária ao espírito, não deixava discernir a seu redor aquele excesso de lágrimas que se via correr porque não tinham podido se embeber na voz de mármore de Arícia ou de Ismênia, mas fora delicadamente suavizado em suas menores células, como o instrumento de um grande violonista no qual se deseja louvar, quando se diz que possui um bom som, não uma particularidade física, mas uma superioridade de alma; e, como numa paisagem antiga, onde, em vez de uma ninfa desaparecida existe uma fonte inanimada, uma intenção distinguível e consciente se transformara em uma qualidade de timbre, de estranha limpidez, fria e apropriada. Os braços da Berma que os próprios versos, na mesma emissão com que faziam sair sua voz dos lábios, pareciam erguer sobre seu peito como essas folhagens que a água desloca ao se escapar; sua atitude em cena, que ela vagarosamente constituíra, que modificaria ainda, e que era feita de raciocínios

de uma profundeza diversa dos daqueles cujos traços se percebiam nos gestos das companheiras, raciocínios, porém, que tinham perdido sua origem voluntária, dissolvidos numa espécie de irradiação em que faziam palpitar, em torno ao personagem de Fedra, elementos ricos e complexos, mas que o espectador, fascinado, tomava não por um sucesso da artista e, sim, por um dom da vida; e até aqueles brancos véus, que, extenuados e fiéis, pareciam matéria viva e ter sido fiados pelo sofrimento meio pagão, meio jansenista, em torno ao qual se contraíam como um casulo frágil e friorento; tudo isto, voz, atitudes, gestos, véus, não era, ao redor daquele corpo, senão uma idéia do que é um verso (corpo que, ao contrário dos corpos humanos, não está diante da alma como um obstáculo opaco que impede percebê-la e, sim, como uma vestimenta purificada, vivificada, onde ela se difunde e onde a encontramos), senão invólucros suplementares que, em lugar de escondê-la, exibiam mais esplendorosamente a alma que os assimilara e neles se espalhara, como vagas de substâncias diversas, tornadas translúcidas, cuja superposição só faz refratar com maior riqueza o raio central e prisioneiro que as atravessa e tornar mais extensa, mais preciosa e mais linda a matéria embebida de flamas onde está envolvido. Assim, a interpretação da Berma era, em torno da obra, uma segunda obra, igualmente vivificada pelo gênio.

Minha impressão, a falar a verdade, mais agradável que a de outrora, não era diferente. Apenas, não mais a comparava a uma idéia preconcebida, abstrata e falsa, do gênio dramático, e compreendia que o gênio dramático era justamente aquilo. Havia pouco, pensava que, se não sentira prazer da primeira vez que ouvira a Berma, era que ia a ela com um desejo muito intenso, como antigamente quando encontrava Gilberte nos Champs-Élysées. Entre as duas decepções não havia talvez somente esta parecença, mas uma outra também, mais profunda. A impressão que nos causa uma pessoa, uma obra (ou uma interpretação) fortemente caracterizadas é particular. Chegamos com todas as nossas idéias de "beleza", "amplitude de estilo", "patético" que, a rigor, poderíamos ter a ilusão de reconhecer na banalidade de um talento e de um rosto corretos, porém o nosso espírito atento tem diante de si a insistência de uma forma da qual não possui o equivalente intelectual e cujo desconhecido precisa descobrir. Ouve um som agudo, uma entonação estranhamente interrogativa. Pergunta a si próprio: "É belo? O que estou sentindo é admiração? É isto a riqueza de colorido, a nobreza, a força?" E o que lhe responde de novo é uma voz aguda, é um tom curiosamente questionador, é a impressão despótica provocada por um ser a quem não se conhece, impressão puramente material e na qual não se deixa nenhum espaço vago para a "amplitude da interpretação". E, devido a isso, as obras verdadeiramente belas, se sinceramente escutadas, são as que mais devem nos decepcionar, porque, na coleção das nossas idéias, não houve nenhuma que correspondesse a uma impressão individual.

Era precisamente isso o que me mostrava o desempenho da Berma. Era bem aquilo a nobreza e a inteligência da dicção. Agora eu me dava conta dos méritos de uma interpretação ampla, poética, poderosa; ou melhor, era aquilo a interpretação a que se convencionou atribuir esses títulos, mas como se dá o nome de Marte, de Vênus e de Saturno aos astros que nada têm de mitológico. Sentimos num mundo, pensamos e nomeamos em outro mundo, podemos entre ambos estabelecer uma concordância, mas não preencher o intervalo. Era bem pouca coisa esse intervalo, essa falha, que eu tivera de transpor quando, no primeiro dia em que fora ouvir a Berma, tendo-a escutado com todos os meus ouvidos, sentira um certo esforço para reunir minhas idéias de "nobreza de interpretação", de "originalidade", e só rompera em aplausos após um instante de vazio e como se tais aplausos nascessem não de minha própria impressão, mas como se os unisse a minhas idéias antecipadas, ao prazer que tinha em dizer a mim mesmo: "Enfim, estou ouvindo a Berma." E a diferença que há entre uma pessoa, uma obra fortemente individual e a idéia de beleza existe, igualmente grande, entre o que elas nos fazem sentir e as idéias de amor e de admiração. Portanto, não as reconhecemos. Eu não sentira prazer em ouvir a Berma (como não a sentira em ver Gilberte). Dissera comigo: "Logo, não a admiro." Todavia, só pensava então em criticar o desempenho da Berma, só me preocupava com isso, tentava abrir o meu pensamento o mais amplamente possível para receber tudo o que continha a sua interpretação. Agora compreendia que era justamente isto: admirar.

Este gênio, do qual a interpretação da Berma era apenas a revelação, seria na verdade unicamente o gênio de Racine?

Foi o que acreditei, a princípio. Deveria me desenganar, tão logo terminou o ato da Fedra, depois dos aplausos do público, durante os quais minha vizinha, a velha enraivecida, erguendo a minúscula estatura e enviesando o corpo, imobilizou os músculos do rosto e cruzou os braços no peito para mostrar que não se misturava aos aplausos alheios e tornar mais evidente um protesto que julgava sensacional, mas que passou despercebido. A peça seguinte era uma das novidades que, outrora, devido à falta de celebridade, achava eu que deveriam parecer fracas, restritas, destituídas como eram de existência fora da interpretação que lhe davam. Mas eu não tinha, como no caso de uma peça clássica, essa decepção de ver que a eternidade de uma obra-prima não era mais extensa que o tamanho do palco nem durava mais que a representação que a desempenhava como uma peça circunstancial. Depois, a cada tirada que sentia que o público apreciava e que um dia seria famosa, em vez da celebridade que não pudera ter no passado, eu acrescentava a que ela teria no futuro, por um esforço de espírito contrário ao que consiste em idealizar obras-primas ao tempo de sua estréia infeliz, quando seu título, que jamais fora ouvido, não parecia devesse ser posto um dia,

confundido sob a mesma luz, ao lado do das outras obras do autor. E aquele viria a ser colocado, um dia, na lista de seus mais belos papéis, ao lado do de Fedra. Não que em si mesmo não fosse desprovido de qualquer valor literário; mas a Berma, nele, era tão sublime como em Fedra. Compreendi então que a obra do escritor não era, para a artista trágica, senão uma matéria quase indiferente em si mesma para a criação de sua obra-prima de interpretação, como o grande pintor que conhecera em Balbec, Elstir, encontrara o motivo de dois quadros que se equivalem num prédio escolar sem estilo e numa catedral que é, por si mesma, uma obra-prima. E como o pintor dissolve casa, carroça, personagens, em um grande efeito de luz

que os torna homogêneos, a Berma estendia amplas camadas de terror, de ternura, sobre as palavras fundidas por igual, todas niveladas ou ressaltadas em conjunto, e que uma artista medíocre teria destacado uma após a outra. Sem dúvida, cada qual tinha uma inflexão própria, e a dicção da Berma não impedia que se percebesse o verso. Não é já um primeiro elemento de complexidade, de beleza, quando, ouvindo uma rima, isto é, algo ao mesmo tempo igual e diferente da rima anterior, por ela motivada, mas que aí introduz a variação de uma idéia nova, se sentem dois sistemas que se superpõem, um de pensamento e o outro de métrica? No entanto, a Berma fazia entrar as palavras, até os versos e mesmo as "tiradas", em conjuntos mais vastos que eles próprios, em cuja fronteira era um encanto vê-los obrigados a parar, a interromper-se; assim um poeta sente prazer em fazer hesitar, por um momento, na rima, a palavra que vai se lançar, e um compositor em confundir as palavras diversas de um libreto em um mesmo ritmo que as arrasta e contraria. Assim nas frases do dramaturgo moderno, como nos versos de Racine, a Berma sabia introduzir essas vastas imagens de dor, de nobreza, de paixão, que eram suas obras-primas pessoais, e onde a reconheciam como se reconhece um pintor nos quadros que pintou segundo modelos diferentes.

Não mais desejaria, como antigamente, poder imobilizar as atitudes da Berma, o belo efeito de cor que ela conferia por um instante apenas numa iluminação logo desvanecida e que não se reproduzia, nem fazer com que repetisse um verso uma centena de vezes. Compreendia que meu desejo de outrora era mais exigente que a vontade do poeta, da trágica, do grande artista decorador que era o seu cenógrafo, e que aquele encanto espalhado em pleno vôo sobre um verso, aqueles gestos vacilantes perpetuamente transformados, aqueles quadros sucessivos eram o resultado fugaz, o fim momentâneo, a móvel obra-prima que a arte teatral se propunha e que a atenção de um espectador demasiadamente apaixonado acabaria por destruir, querendo fixá-la. Até nem fazia questão de voltar outro dia para ouvir de novo a Berma; estava satisfeito com ela; era quando estava admirando demais para que não ficasse decepcionado com o

objeto da minha admiração, fosse ele Gilberte ou a Berma, que eu pedia previamente à impressão do dia seguinte o prazer que me recusara a impressão da véspera. Sem procurar analisar a alegria que acabara de sentir, e a que talvez pudesse ter dado um emprego mais fecundo, murmurava comigo mesmo, como dizia outrora um de meus companheiros de colégio: "É verdadeiramente a Berma que coloco em primeiro lugar", todavia sentindo confusamente que o gênio da Berma não fosse talvez traduzido precisamente por aquela afirmação de minha preferência e por aquele posto de "primeira" que lhe atribuía, apesar da tranqüilidade que me causavam.

No momento em que principiou a segunda peça, olhei para o lado do camarote da Sra. de Guermantes. Esta princesa, por um movimento gerador de uma linha deliciosa que meu espírito perseguia no vácuo, acabava de virar a cabeça para o fundo do camarote; os convidados estavam de pé, também voltados para o fundo, e entre a dupla fila que formavam, em sua segurança e grandeza de deusa, mas com uma doçura desconhecida que se devia à confusão tímida e risonha de ter chegado tão tarde e de fazer todo mundo se levantar no meio da representação, entrou a duquesa de Guermantes, toda envolta em brancas musselinas. Foi direto para a sua prima, fez uma profunda reverência a um rapaz louro que estava sentado bem na frente e, voltando-se para os monstros marinhos e sagrados que flutuavam no fundo do antro, fez a esses semideuses do Jockey-Club que naquele instante, e especialmente o Sr. de Palancy, foram os homens que eu mais gostaria de ser um cumprimento familiar de velha amiga, alusão ao aspecto dia-a-dia de suas relações com eles há quinze anos. Eu percebia o mistério mas não podia decifrar o enigma daquele olhar risonho que ela dirigia aos amigos, no brilho azulado em que fulgia, enquanto abandonava a mão a uns e outros, e que, se lhe tivesse podido decompor o prisma, analisado suas cristalizações, talvez me revelasse a essência da vida desconhecida que nela se mostrava naquele instante. O duque de Guermantes seguia a mulher, com os reflexos de seu monóculo, o riso de seus dentes, a brancura do cravo em sua botoeira ou de seu plastrão plissado, e afastando, para dar lugar à luz de tudo isto, suas sobrancelhas, seus lábios e seu fraque; com um gesto da mão estendida, que baixou sobre os ombros deles, teso, sem mover a cabeça, ordenou que se sentassem aos monstros inferiores que lhe davam lugar, e inclinou-se profundamente diante do jovem louro. Poder-se-ia dizer que a duquesa adivinhara que sua prima, a quem criticava, diziam, o que ela chamava de exageros (nome que, de seu ponto de vista espirituosamente francês e bastante moderado, assumiam logo a poesia e o entusiasmo germânicos), usaria naquela noite uma das toaletes em que a considerava "fantasiada", e que desejara dar-lhe uma aula de bom gosto. Em vez das maravilhosas e macias plumas que desciam da cabeça da princesa até o seu pescoço, em vez da rede de conchinhas e pérolas, a duquesa não ostentava nos cabelos mais que uma simples *aigrette* que, dominando seu nariz arqueado e os

olhos saltados, parecia a crista de um pássaro. Seu pescoço e ombros emergiam de uma onda nevada de musselina contra a qual vinha bater um leque de plumas de cisne, mas a seguir o vestido, cujo corpete possuía, como único ornamento, inumeráveis palhetas, seja de metal, em varinhas ou em grãos, seja de brilhantes, modelava-lhe o corpo com uma precisão absolutamente britânica. Mas, por mais diversas que fossem as toaletes de uma e de outra, depois que a princesa cedeu à prima a cadeira que ocupava até então, viram-nas se voltarem uma para a outra e se admirarem reciprocamente.

Talvez a duquesa de Guermantes, no dia seguinte, sorrisse ao falar do penteado um tanto complicado da princesa, mas certamente iria declarar que esta nem por isso estava menos deslumbrante e maravilhosamente arrumada; e a princesa que, por gosto, achava algo um tanto frio, um tanto seco, um tanto *couturier* demais no modo como se vestia a prima, descobria um refinamento delicado naquela sobriedade estrita. Aliás, entre elas, a harmonia e a gravitação universal preestabelecida de sua educação neutralizavam os contrastes não só de ajustamento mas de atitude. Nessas linhas invisíveis e imantadas que a elegância de maneiras estendia entre elas, vinha expirar a natureza expansiva da princesa, ao passo que a retidão da duquesa se deixava atrair e infletir para elas, fazendo-se doçura e encanto. Assim como na peça que se representava, para compreender o que a Berma irradiava de poesia pessoal, bastaria confiar o papel que ela desempenhava, e que somente ela podia desempenhar, a qualquer outra atriz, o espectador que erguesse os olhos para o balcão teria visto, em dois camarotes, um "arranjo", que ela julgava relembrar os penteados da princesa de Guermantes, dar simplesmente à baronesa de Morienval o ar excêntrico, pretensioso e mal-educado, e um esforço a um tempo custoso e paciente para imitar as toaletes e a elegância da duquesa de Guermantes, fazer apenas a Srta. de Cambremer se assemelhar a uma pensionista provinciana, armada em arame, tesa, seca e aguda, um penacho de carro fúnebre verticalmente enfiado nos cabelos. Talvez o lugar desta última não fosse numa sala onde era somente com as mulheres mais brilhantes do ano que os camarotes (e até os mais altos, que de baixo pareciam grandes cestos cheios de flores humanas e ligados à abóbada da sala pelas rédeas rubras de suas divisões de veludo) compunham uma paisagem momentânea que os mortos, os escândalos, as doenças e as brigas em breve modificariam, mas que naquele momento estava imobilizada pela atenção, pelo calor, pela vertigem, pela poeira, a elegância e o tédio, nesse tipo de instante eterno e trágico de espera inconsciente e de tranqüilo embotamento que, retrospectivamente, parece ter precedido a explosão de uma bomba ou a primeira chama de um incêndio.

O motivo pelo qual a Sra. de Cambremer se achava ali era que a princesa de Parma, desprovida de esnobismo como a maior parte das legítimas altezas e, em

compensação, devorada pelo orgulho e pelo desejo de praticar a caridade, que nela igualava o gosto pelo que imaginava ser as Artes, cedera aqui e ali alguns camarotes para mulheres como a Sra. de Cambremer, que não fazia parte da alta sociedade aristocrática, mas com quem se relacionava devido às suas obras de beneficência. A Sra. de Cambremer não tirava os olhos da duquesa e da princesa de Guermantes, o que lhe era tanto mais fácil porque, não tendo verdadeiras relações com elas, não podia dar a impressão de implorar um cumprimento. Ser recebida em casa dessas duas grandes damas era no entanto o objetivo que ela perseguia há dez anos com infatigável paciência. Calculara que o conseguiria certamente dentro de cinco anos.

Mas, atingida por uma doença que não perdoa e cujo caráter inexorável julgava conhecer, vangloriando-se de saberes médicos, temia não poder viver até lá. Pelo menos sentia-se feliz naquela noite ao pensar que todas aquelas mulheres a quem mal conhecia veriam junto dela, um de seus amigos, o jovem marquês de Beausergent, irmão da Sra. de Argencourt, que também freqüentava as duas sociedades e cuja companhia as mulheres da segunda apreciavam muito ostentar aos olhos da primeira. Estava sentado atrás da Sra. de Cambremer, numa cadeira enviesada, para poder observar os demais camarotes. Conhecia todos ali e, para cumprimentar, com a arrebatadora elegância das lindas mesuras garbosas de sua cabeça loura, erguia a meio o corpo bem aprumado, com um sorriso nos olhos azuis, num misto de respeito e desenvoltura, gravando assim com precisão, no retângulo do plano oblíquo em que se achava posto, algo como uma dessas velhas estampas que mostram um grão-senhor altivo e cortesão. Muitas vezes aceitava, desse modo, ir ao teatro com a Sra. de Cambremer; na sala, e à saída, no vestíbulo, permanecia corajosamente junto dela no meio da multidão de amigas mais brilhantes do que a que lhe estava ao lado, à qual evitava falar, não querendo constrangê-las, e como se estivesse em má companhia. Se então passava a princesa de Guermantes, ligeira e bela como Diana, arrastando atrás de si uma capa incomparável, fazendo com que todas as cabeças se virassem e seguida de todos os olhares (mais pelos da Sra. de Cambremer que pelos dos outros), o Sr. de Beausergent se absorvia numa conversação com sua vizinha, não correspondia ao sorriso amistoso e deslumbrante da princesa senão por obrigação e forçado, e com a reserva bem-educada e a caridosa frieza de alguém cuja amabilidade pode se tornar momentaneamente constrangedora.

A Sra. de Cambremer, mesmo que não soubesse que a frisa pertencia à princesa, teria no entanto reconhecido que a Sra. de Guermantes era a convidada, devido ao ar de maior atenção que esta prestava ao espetáculo da cena e da sala, para ser amável com quem a convidara. Mas ao mesmo tempo que essa força centrífuga, uma força contrária desenvolvida pelo mesmo desejo de amabilidade levava a atenção da duquesa de volta à própria toalete, para a sua *aigrette*, o

colar, o corpete, e até para o da própria princesa, de quem parecia se proclamar vassala, escrava, vinda até aqui exclusivamente para vê-la, pronta para segui-la alhures se à titular do camarote lhe desse a fantasia de ir-se embora, e só considerando um grupo de estranhos curiosos o restante da sala, onde possuía entretanto um grande número de amigos, em cujos camarotes ela se encontrava em outras semanas e para com os quais então não deixava de dar mostras da mesma lealdade exclusiva, relativista e semanal. A Sra. de Cambremer estava espantada de ver a duquesa nessa noite. Sabia que ela ficava até bem tarde em Guermantes e supunha que ali se achasse ainda. Mas contaram-lhe que, às vezes, quando se dava em Paris um espetáculo que ela julgava interessante, a Sra. de Guermantes mandava atrelar um de seus carros logo depois de tomar chá com os caçadores e, ao sol poente, partia a trote rápido através da floresta crepuscular, depois pela estrada, para tomar o trem em Combray a fim de estar à noite em Paris. "Talvez ela tenha vindo de Guermantes expressamente para ouvir a Berma", pensava a Sra. de Cambremer com admiração. E se lembrava de que ouvira Swann dizer, nesse jargão ambíguo que ele possuía em comum com o Sr. de Charlus: - A duquesa é uma das criaturas mais nobres de Paris, da elite mais requintada e escolhida. - Por mim, que fazia derivar do nome de Guermantes, do nome de Baviera e do nome de Condé a vida e o pensamento das duas primas (não podia fazer o mesmo no tocante a seus rostos, pois já os vira), preferia conhecer o seu julgamento sobre a Fedra do que o do maior crítico do mundo. Pois no julgamento delas não teria encontrado mais que inteligência, inteligência superior à minha, mas da mesma natureza. Porém o que pensavam a duquesa e a princesa de Guermantes, e que me teria fornecido um documento inestimável acerca da natureza dessas duas poéticas criaturas, eu o imaginava com a ajuda de seus nomes, aos quais atribuía um encanto irracional e, com a sede e a nostalgia de uma pessoa febril, o que eu pedia que sua opinião sobre a Fedra me desse era o encanto das tardes de verão em que eu ia passear para os lados de Guermantes.

A Sra. de Cambremer tentava distinguir que espécie de toalete usavam as duas primas. Quanto a mim, não duvidava que essas toaletes lhe fossem peculiares. Não só no sentido em que a *libré* de gola vermelha ou lapela azul pertencera outrora exclusivamente aos Guermantes e aos Condé, mas antes como a um pássaro a plumagem que não é apenas um ornamento de sua beleza, mas uma extensão de seu corpo. A toalete dessas duas mulheres parecia-me como uma materialização nívea ou matizada de sua atividade interior, e, como os gestos que eu vira fazer a princesa de Guermantes, e que não duvidara correspondessem a uma idéia oculta, as plumas que desciam de sua testa e o corpete esplendoroso e recamado de sua prima pareciam ter um significado, ser, para cada uma, um atributo que era apenas delas e cujo sentido gostaria de conhecer: a ave-do-paraíso me parecia inseparável de uma, como o pavão de Juno; não imaginava

que uma pudesse usurpar o corpete recamado da outra como não faria com a égide cintilante e franjada de Minerva. E, quando erguia meus olhos para aquele camarote, muito mais que no teto do teatro, onde estavam pintadas alegorias, era como se avistasse, graças à abertura miraculosa das nuvens de costume, a assembléia dos Deuses ocupados em contemplar o espetáculo dos homens, debaixo de um toldo rubro, numa clareira luminosa, entre dois pilares do Céu. Eu contemplava essa apoteose momentânea com uma perturbação que mesclava a paz ao sentimento de ser ignorado pelos Imortais; a duquesa me vira uma vez com o marido, mas certamente não devia se lembrar disso, e não me era penoso que ela, pelo posto que ocupava no camarote, ficasse contemplando as madrepérolas anônimas e coletivas da platéia das primeiras filas, pois sentia com felicidade o meu ser dissolvido no meio delas, quando, no momento em que, em virtude das leis da refração, veio sem dúvida pintar-se na corrente impassível dos dois olhos azuis, a forma confusa do protozoário desprovido de existência individual que eu era, vi uma claridade iluminá-los: a duquesa, transformada de deusa em mulher e parecendo-me subitamente mil vezes mais bela, ergueu para mim a mão enluvada de branco que mantinha apoiada no rebordo da frisa, agitou-a em sinal de amizade, meu olhar se sentiu atravessado pela incandescência involuntária e pelo fogo dos olhos da princesa, que os fizera entrar em conflagração só pelo fato de movê-los para ver a quem a prima cumprimentava; e esta, que me reconhecera, fez chover sobre mim o aguaceiro fulgurante e celeste de seu sorriso.

Agora, todas as manhãs, bem antes da hora em que ela saía, eu rumava por um longo desvio e ia me postar na esquina da rua pela qual ela costumava descer e, quando o momento de sua passagem me parecia próximo, subia com um ar distraído, olhando na direção oposta e erguendo os olhos para ela assim que chegava à sua altura, mas como se de modo nenhum esperasse vê-la. Nos primeiros dias até, para estar mais seguro de não perdê-la, eu esperava diante da casa, E, todas as vezes que o portão principal se abria (deixando passar sucessivamente tantas pessoas que não eram aquela que eu esperava), a sua agitação logo se prolongava em meu peito, em oscilações que custavam a se acalmar. Pois nunca um fanático de uma grande comediante a quem não conhece, cansando-se de esperar de pé diante de onde saem os artistas, nunca uma multidão exasperada ou idólatra, reunida para insultar ou carregar em triunfo o condenado ou o grande homem que se julga estar a ponto de passar a cada vez que se ouve um rumor vindo do interior da prisão ou do palácio, se sentiram tão emocionados como eu, esperando a saída daquela grande dama que, em sua toalete simples, sabia, pela graça de seu caminhar (bem diverso do modo de andar que exibia ao entrar num salão ou num camarote), fazer de seu passeio matinal para mim, em todo o mundo, só existia ela a passear todo um poema de elegância e o mais requintado adereço, a mais curiosa flor do bom

tempo. Mas, depois de três dias, para que o porteiro não percebesse a minha manobra, fui até bem mais longe, até a um ponto qualquer do percurso habitual da duquesa. Com freqüência, antes daquela noite no teatro, eu dava desse modo pequenas escapadas antes do almoço, quando fazia bom tempo; se tivesse chovido, eu descia à primeira estiagem para dar alguns passos e, de repente, vindo pela calçada ainda úmida, transformada pela luz em laca de ouro, na apoteose de uma encruzilhada coberta de pó de uma névoa que o sol curtia e dourava, avistava uma pensionista seguida de sua professora, ou uma leiteira com suas mangas brancas; eu permanecia imóvel, uma mão no peito, e o coração já se lançava para uma vida estranha; procurava lembrar-me da rua, da hora, da porta em que a menina (que às vezes eu seguia) desaparecera sem voltar a sair. Felizmente, a fugacidade dessas imagens afagadas (e que eu me prometia tentar rever) as impedia de se fixarem com força em minha lembrança. Não importa, sentia-me menos triste por estar doente, de nunca ter tido ainda coragem de me pôr a trabalhar, a começar um livro. A terra me parecia mais agradável de morar, a vida mais interessante de percorrer desde que via que as ruas de Paris, como as estradas de Balbec, estavam floridas por essas belezas ignoradas que tantas vezes eu procurara fazer surgir dos bosques de Méséglise, e o desejo voluptuoso que cada uma excitava somente ela seria capaz de saciar.

Voltando da ópera, acrescentara, para o dia seguinte, às imagens que desde alguns dias sonhava reencontrar, a da Sra. de Guermantes, grandiosa, com seu penteado alto de cabelos louros e leves, com a ternura prometida no sorriso que me endereçara da frisa de sua prima. Seguiria o caminho que Françoise me dissera que a duquesa tomava e, no entanto, trataria de não perder a saída de uma aula e de um catecismo, a fim de reencontrar duas moças que havia visto na antevéspera. Mas, à espera, de vez em quando, do cintilante sorriso da Sra. de Guermantes, a sensação de doçura que ele me proporcionara me voltava à lembrança. E, sem saber muito bem o que fazia, tentava pô-los (como uma mulher observa o efeito que faria sobre o vestido uma determinada espécie de botões de pedrarias que acabam de lhe presentear) ao lado das idéias romanescas que possuía há muito e que a frieza de Albertine, a partida prematura de Gisele e, antes disso, a separação intencional e excessivamente prolongada de Gilberte, haviam liberado (a idéia, por exemplo, de ser amado por uma mulher, de ter uma vida em comum com ela); depois, era a imagem de uma ou outra das duas moças que eu aproximava dessas idéias, às quais, logo após, tratava de adaptar a lembrança da duquesa. Junto dessas idéias, a recordação da Sra. de Guermantes na ópera era bem pouca coisa, uma estrelinha ao lado da longa cauda de seu cometa flamejante; além do mais, conhecia muito bem essas idéias longo tempo antes de conhecer a Sra. de Guermantes; a recordação, ao contrário, possuía-a imperfeitamente; escapava-

me por instantes; e foi durante as horas em que, flutuando em mim na mesma qualidade das imagens de outras mulheres bonitas, ela passou aos poucos a uma associação única e definitiva exclusiva de qualquer outra imagem feminina com minhas idéias romanescas tão anteriores a ela, foi durante essas horas em que melhor a recordava que deveria ter-me ocorrido saber com exatidão em que consistia essa lembrança; mas eu não sabia então a importância que viria a ter para mim; era doce apenas como um primeiro encontro com a Sra. de Guermantes dentro de mim mesmo, era o primeiro esboço, o único verdadeiro, o único feito conforme a vida, o único que de fato foi a Sra. de Guermantes; durante as poucas horas em que tive a felicidade de a deter sem saber lhe prestar atenção, devia entretanto ser bastante encantadora essa recordação, visto que era sempre a ela, livremente ainda naquele momento, sem pressa nem cansaço, sem nada de necessário ou de ansioso, que minhas idéias de amor retornavam; a seguir, à medida que essas idéias se fixaram mais definitivamente, adquiriu delas uma força muito grande, mas tornou-se ele próprio mais vago; em breve, não consegui mais reencontrá-lo; e, nos meus devaneios, deformava-o completamente, sem dúvida, pois, cada vez que via a Sra. de Guermantes, constatava um afastamento, aliás sempre diferente, entre aquilo que havia imaginado e aquilo que via. Agora, todos os dias, certamente, no momento em que a Sra. de Guermantes desembocava no fim da rua, eu ainda avistava seu talhe alto, o rosto de olhar claro sob uma cabeleira leve, todas as coisas pelas quais estava ali; mas, em compensação, alguns segundos mais tarde, quando, tendo desviado os olhos em outra direção para fingir que não estava esperando esse encontro que viera buscar, erguia-os para a duquesa no momento em que chegava ao mesmo nível da rua que ela, e o que via então eram as marcas vermelhas, que não sabia se eram causadas pelo ar livre ou pela acne num rosto entediado que, por um sinal bastante seco e bem diverso da amabilidade da noite de Fedra, correspondia ao cumprimento que lhe dirigia diariamente com ar de surpresa e que não parecia lhe agradar. Entretanto, ao fim de alguns dias, durante os quais a lembrança das duas moças lutou com chances desiguais pelo predomínio de minhas idéias amorosas com a da Sra. de Guermantes, foi a desta, como se de si mesma, que principiou por renascer com mais freqüência, enquanto suas concorrentes eram eliminadas; em suma, foi para a Sra. de Guermantes que acabei transferindo, ainda voluntariamente e como por escolha e por prazer, todos os meus pensamentos de amor. Já não sonhava com as meninas do catecismo, nem com uma certa leiteira; e, no entanto, não esperava mais encontrar na rua o que fora buscar, nem a ternura prometida no teatro por um sorriso, nem a silhueta e o rosto claro sob a cabeleira loura que só o eram assim de longe. Agora, não poderia sequer dizer como era a Sra. de Guermantes, nem como a reconhecia, pois a cada dia, no conjunto de sua pessoa, o rosto era tão diverso como o vestido e o chapéu.

Por que, em determinado dia, vendo avançar de frente sob um capuz cor-de-malva um rosto suave e liso de encantos distribuídos com simetria ao redor de dois olhos azuis, e no qual a linha do nariz parecia reabsorvida, sabia com alegre comoção que não retornaria sem ter avistado a Sra. de Guermantes? Por que sentia a mesma perturbação, afetava a mesma indiferença, desviava os olhos da mesma forma distraída que na véspera, ao aparecimento de perfil, numa rua transversal e sob uma touquinha azul-marinho, de um nariz em formato de bico de pássaro, ao longo de uma face vermelha, cortado por um olho penetrante, como uma divindade egípcia? Certa vez, não foi apenas uma mulher de bico de pássaro o que vi, mas como que um pássaro verdadeiro: o vestido e até a touquinha da Sra. de Guermantes eram de peles e, não deixando assim ver nenhum tecido, ela parecia naturalmente forrada, como certos abutres cuja plumagem espessa, unida, fulva e macia, tem o aspecto de uma espécie de pelame. No meio dessa plumagem natural, a pequena cabeça recobria o seu bico de pássaro e os olhos saltados eram azuis e penetrantes.

Nesse dia, eu acabava de passear de um lado para o outro na rua durante horas sem avistar a Sra. de Guermantes, quando, de repente, no fundo de uma loja que vendia laticínios, escondida entre dois palacetes nesse bairro aristocrático e popular, se destacou o rosto confuso e novo de uma mulher elegante que examinava *petits suisses* e, antes que tivesse tempo de identificá-la, veio ferir-me, como um clarão que tivesse levado menos tempo a chegar até mim do que o resto da imagem, o olhar da duquesa; de outra vez, não a tendo encontrado e ouvindo bater meio-dia, compreendi que já não valia a pena ficar à sua espera, e voltava tristemente para casa; e, absorvido em minha decepção, olhando sem ver um carro que se afastava, compreendi de súbito que o movimento de cabeça que uma dama fizera pela portinhola era para mim, e que essa dama, cujas feições desfeitas e pálidas ou, pelo contrário, compostas e vivas, formavam, sob um chapéu redondo abaixo de uma longa *aigrette*, o rosto de uma estranha que eu julgara não conhecer, era a Sra. de Guermantes, por quem me deixara cumprimentar sem mesmo corresponder. E às vezes, ao voltar, encontrava-a junto da portaria, onde o detestável porteiro, cujo olhar metediço eu odiava, lhe fazia grandes cumprimentos e também, com certeza, "relatórios". Pois todo o pessoal dos Guermantes, dissimulado por trás das cortinas das janelas, espiava trêmulo o diálogo que não ouvia e em resultado do qual a duquesa não deixava de privar de suas saídas este ou aquele criado que o "*alcagüete*" denunciara. Devido a todas as aparições sucessivas de rostos diferentes que a Sra. de Guermantes oferecia, rostos que ocupavam uma extensão relativa e variada, ora estreita, ora ampla, no conjunto de sua toalete, meu amor não se ligava a esta ou aquela das partes mutantes de carne e de tecido, que assumiam, de acordo com os dias, o lugar de outras e que ela podia modificar e renovar quase inteiramente sem alterar minha perturbação, porque, através delas, através da gola nova e da face

desconhecida, eu sentia que era sempre a Sra. de Guermantes. O que eu amava era a pessoa invisível que punha em movimento tudo aquilo, era ela, cuja hostilidade me desgostava, cuja aproximação me perturbava, cuja vida desejaria captar, e dela expulsar seus amigos. Ela podia arvorar uma pluma azul ou mostrar ou exibir uma pele em chamas sem que suas ações perdessem para mim qualquer importância.

Mesmo que eu próprio não sentisse que a Sra. de Guermantes estava cansada de me encontrar todos os dias, sabê-lo-ia indiretamente pelo rosto cheio de frieza, de reprovação, de piedade que era o de Françoise quando me ajudara na preparação para essas saídas matinais. Desde que lhe pedia os meus objetos, sentia erguer-se um vento contrário nas feições retraídas e pisadas do seu rosto. Nem sequer tentava ganhar a confiança de Françoise, pois sentia que o não poderia conseguir. Por saber de imediato tudo aquilo que podia nos ocorrer de desagradável, a meus pais e a mim, ela possuía um poder cuja natureza sempre me permaneceu obscura. Talvez não fosse sobrenatural e teria sido possível explicá-lo pelos meios de informação que lhe eram próprios; é assim que povos selvagens sabem de certas notícias vários dias antes que o correio as traga à colônia européia, e que, na realidade, lhes foram transmitidas não por telefone, mas de colina em colina com o auxílio de fogueiras acesas. Assim, no caso particular de meus passeios, talvez os criados da Sra. de Guermantes tenham ouvido a patroa expressar o seu cansaço de me encontrar inevitavelmente no seu caminho e tivessem repetido tais frases a Françoise. Meus pais, é verdade, poderiam pôr a meu serviço outra pessoa que não Françoise, mas eu nada ganharia com isso. De certo modo, Françoise era menos doméstica que os outros. Em sua maneira de sentir, de ser boa e piedosa, dura e altiva, fina e limitada, de ter a pele branca e as mãos vermelhas, ela era a senhorita da aldeia cujos pais "tinham casa própria", mas, arruinados, foram obrigados a pô-la para trabalhar. Sua presença em nossa casa, graças a uma espécie de viagem ao contrário, onde é a vilegiatura que vem ao encontro do viajante, era como o ar do campo e a vida social numa fazenda de há cinqüenta anos, até nós transportados. Como a vitrine de um museu regional é decorada com essas curiosas obras que os camponeses ainda realizam e guarnecem de apassamanes em certas províncias, o nosso apartamento parisiense era decorado pelas palavras de Françoise inspiradas em um sentimento tradicional e local, e que obedeciam a regras muito antigas. E ela sabia ali traçar, como com fios coloridos, as cerejeiras e os pássaros de sua infância, o leito em que morrera sua mãe, e que ela ainda contemplava. Mas, apesar de tudo isso, desde que entrara para o nosso serviço em Paris, havia partilhado e com mais forte motivo do que qualquer outra o faria em seu lugar as idéias, as jurisprudências de interpretação dos criados dos outros pavimentos, recuperando-se o respeito que era obrigada a nos testemunhar, repetindo-nos o que a cozinheira do quarto andar dizia de grosserias à patroa, e

com uma tal satisfação de doméstica que, pela primeira vez na nossa vida, sentindo uma espécie de solidariedade com a locatária do quarto andar, nós nos dizíamos que, de fato, talvez fôssemos patrões. Essa alteração do caráter de Françoise era talvez inevitável. Certas existências são tão anormais que devem fatalmente engendrar determinadas taras, como a vida que o rei levava em Versalhes entre seus cortesãos, tão estranha como a de um faraó ou de um doge e, muito mais que a do rei, a vida dos cortesãos. A dos criados é sem dúvida de uma estranheza ainda mais monstruosa e apenas o hábito no-la oculta. Porém, ainda nos mais particulares detalhes é que eu teria sido condenado, mesmo que me livrasse de Françoise, a conservar a mesma criadagem. Pois diversos outros puderam entrar mais tarde ao meu serviço; já providos dos defeitos gerais dos criados, nem por isso deixavam de sofrer em minha casa uma rápida transformação. Como as leis do ataque acionam as do revide, para não serem feridos pelas asperezas do meu caráter, todos realizavam no seu uma reentrância idêntica e no mesmo local; e, em compensação, aproveitavam minhas lacunas para ali instalar seus avanços. Tais lacunas, eu não as conhecia, como também não as saliências a que seus intervalos davam espaço, precisamente por serem lacunas. Mas meus criados, estragando-se aos poucos, fizeram-me conhecê-las. Foi devido a seus defeitos, invariavelmente adquiridos, que soube de meus próprios defeitos naturais e invariáveis, o caráter deles me apresentou uma espécie de negativo do meu. Muito havíamos rido antigamente, minha mãe e eu, da Sra. Sazerat que dizia, falando dos criados: "Essa raça, essa espécie." Mas devo confessar que o motivo pelo qual não me ocorria substituir Françoise por qualquer outro é que esse outro teria pertencido, do mesmo modo e inevitavelmente, à raça geral dos criados e à espécie particular dos meus.

Voltando a Françoise, nunca em minha vida experimentei uma humilhação sem ter encontrado prévias condolências no seu rosto; e quando, encolerizado por sofrer os lamentos dela, tentava ao contrário fingir que obtivera um êxito, minhas mentiras vinham se quebrar inutilmente em sua incredulidade respeitosa, porém visível, e na consciência que ela possuía de sua infalibilidade. Pois conhecia a verdade; calava-a e fazia apenas um pequeno movimento de lábios como se ainda tivesse a boca cheia e acabasse de comer um bom bocado. Calava-a? Pelo menos, foi o que julguei durante muito tempo, pois a essa época eu pensava ainda que era por meio das palavras que a gente revela aos outros a verdade. Mesmo as palavras que me diziam depositavam tão bem a sua significação inalterável em meu espírito sensível, que eu já não achava possível que alguém que me tivesse dito que me amava não me amasse, que a própria Françoise não poderia duvidar, depois de o ter lido no jornal, que um padre ou um senhor qualquer fosse capaz, a um pedido enviado pelo correio, de nos remeter gratuitamente um remédio infalível contra todas as enfermidades ou um meio de centuplicar nossas rendas. (Em compensação, se o nosso médico lhe desse a

mais simples pomada contra o defluxo, ela, tão dura nos mais rudes sofrimentos, gemia por tudo quanto havia fungado, assegurando que aquilo "lhe pelava o nariz", e que a gente não sabia mais onde se meter.) Mas Françoise foi a primeira a me dar o exemplo (que só mais tarde eu devia compreender, quando me foi dado de novo, mais dolorosamente, como se verá nos últimos volumes desta obra, por uma pessoa que me era mais querida) de que a verdade não precisa ser dita para ser manifestada, e que talvez se possa obtê-la com mais certeza, sem esperar as palavras e até mesmo sem levá-las em consideração, em mil sinais exteriores, mesmo em certos fenômenos invisíveis, análogos, no mundo dos caracteres, ao que representam, na natureza física, as mudanças atmosféricas. Talvez pudesse ter desconfiado disso, visto que a mim mesmo, então, ocorria-me dizer muitas vezes coisas em que não havia verdade alguma, ao passo que a manifestava por tantas confidências involuntárias de meu corpo e de meus atos (as quais eram muito bem interpretadas por Françoise); talvez pudesse ter desconfiado, mas para isso seria necessário que eu soubesse que era então, às vezes, mentiroso e trapaceiro. Ora, a mentira e a trapaça eram em mim, como em todo mundo, comandadas de uma forma tão imediata e contingente, e para sua defesa, por um interesse tão particular, que meu espírito, fixo num belo ideal, deixava meu caráter cumprir na sombra aquelas tarefas urgentes e miseráveis e não se desviava para observá-las. Quando Françoise, à noite, era gentil comigo, e me pedia licença para se sentar no meu quarto, parecia-me que seu rosto se tornava transparente e que nela eu percebia a bondade e a franqueza. Mas Jupien, que possuía queda para a indiscrição que só vim a conhecer mais tarde, revelou posteriormente que ela dizia que eu não valia a corda para me enforcar e que procurara lhe fazer todo o mal possível. Estas palavras de Jupien mostraram-me logo, sob uma luz desconhecida, uma prova de minhas relações com Françoise tão diferente daquela em que me comprazia muitas vezes em descansar os olhos e na qual, sem a mais leve indecisão, Françoise me adorava e não perdia ocasião de me celebrar, que compreendi que não é só o mundo físico que difere do aspecto sob o qual o vemos; que toda realidade é talvez tão dissemelhante da que julgamos perceber diretamente e que compomos com a ajuda de idéias que não se mostram mas são ativas, assim como as árvores, o sol e o céu não seriam tais como os vemos se fossem conhecidos por seres que tivessem olhos constituídos de maneira diversa da nossa, ou então, que possuíssem, para esse fim, órgãos diferentes dos olhos e que proporcionassem das árvores, do sol e do céu equivalentes não-visuais. Assim como ocorreu, essa brusca fugida que me abriu uma vez Jupien para o mundo real me aterrorizou. Mesmo assim, só se tratava de Françoise, com quem pouco me preocupava. Seria assim em todas as relações sociais? E até que desespero aquilo poderia me levar um dia, se o mesmo ocorresse no amor? Era o segredo do futuro. Então, só se tratava ainda de Françoise. Pensaria ela sinceramente o que havia dito a

Jupien? Dissera-o apenas para indispor Jupien comigo, talvez para que não tomassem a sobrinha de Jupien para substituí-la? O fato é que percebi a impossibilidade de saber de modo direto e seguro se Françoise me amava ou detestava. E assim, foi ela a primeira a me dar a idéia de que uma pessoa não é, como o acreditara, clara e imóvel diante de nós com suas qualidades, seus defeitos, seus projetos, suas intenções a nosso respeito (como um jardim que se contempla, com todas as suas platibandas, através de uma grade), e sim uma sombra onde jamais podemos penetrar, para a qual não existe conhecimento direto, a respeito de quem formamos numerosas crenças com o auxílio de palavras e até mesmo de ações, umas e outras nos dando apenas informações insuficientes e, aliás, contraditórias, uma sombra onde podemos, alternadamente, imaginar, com tanto maior verossimilhança, que brilham o ódio e o amor.

Eu amava de verdade a Sra. de Guermantes. A maior felicidade que teria podido pedir a Deus seria a de lançar sobre sua cabeça todas as calamidades e que, arruinada, desconsiderada, destituída de todos os privilégios que me separavam dela, já não tendo casa onde morar nem pessoas que consentissem em cumprimentá-la, ela fosse me pedir asilo. Imaginava-a fazendo isto. E, mesmo nas noites em que alguma mudança na atmosfera ou na minha própria saúde me traziam à consciência algum rolo esquecido, no qual estavam inscritas as impressões de outrora, ao invés de aproveitar as forças de renovação que acabavam de nascer em mim, em vez de empregá-las para decifrar em mim mesmo os pensamentos que de costume me fugiam, em vez de me pôr enfim a trabalhar, preferia falar em voz alta, pensar de forma movimentada, exterior, que não passava de uma gesticulação e um discurso inúteis, um romance puramente de aventuras, estéril e sem verdade, onde a duquesa, caída na miséria, vinha me implorar, a mim que, por uma série de circunstâncias opostas, me tornara rico e poderoso. E, quando havia passado horas dessa maneira, imaginando circunstâncias, pronunciando frases que diria à duquesa ao acolhê-la sob o meu teto, a situação permanecia a mesma; infelizmente, na realidade, eu havia escolhido para amar a mulher que reunia talvez o maior número de vantagens diferentes; e aos olhos de quem, por causa disso, eu não podia esperar ter qualquer prestígio; pois ela era tão rica como o mais rico que não fosse nobre; sem contar aquele encanto pessoal que a colocava na moda, fazendo-a dentre todas uma espécie de rainha.

Sentia que lhe era desagradável ir todas as manhãs ao encontro dela; mas, mesmo que tivesse tido a coragem de ficar dois ou três dias sem fazê-lo, talvez essa abstenção, que para mim significaria um sacrifício enorme, a Sra. de Guermantes não a tivesse notado, ou a teria atribuído a algum impedimento independente da minha vontade. Na verdade eu não conseguiria deixar de ir pelo seu caminho a não ser arrumando uma forma de ficar na impossibilidade de

fazê-lo, pois a necessidade incessantemente renovada de encontrá-la, de ser durante um momento o objeto de sua atenção, a pessoa a quem se dirigia o seu cumprimento, tal necessidade era mais poderosa que o tédio de lhe ser desagradável. Seria preciso que me afastasse por algum tempo; e não tinha coragem de assim proceder. Às vezes pensava nisso. Então, dizia a Françoise que fizesse as minhas malas e, logo depois, que as desfizesse. E, como o demônio do pasticho e do medo de parecer antiquado altera a forma mais natural e mais segura de nós mesmos, Françoise, tomando emprestado este termo ao vocabulário da filha, dizia que eu era '*dingo*' (louco). Não gostava daquilo, dizia que eu "balançava" sempre, pois empregava, quando não queria rivalizar com os modernos, a linguagem de Saint-Simon. É certo que gostava ainda menos quando lhe falava como patrão. Sabia que isso não me era natural e não me assentava bem, o que ela traduzia dizendo que "o intencional não me quadrava bem". Eu só teria coragem de partir numa direção que me aproximasse da Sra. de Guermantes. Não era coisa impossível. De fato, não seria me encontrar mais perto dela do que o estava de manhã na rua, solitário, humilhado, sentindo que nem um só dos pensamentos que desejaria lhe dirigir nunca chegaria até ela, nesse marcar passo dos meus passeios, que poderia durar indefinidamente sem me trazer qualquer avanço se eu fosse para muitas léguas da Sra. de Guermantes, mas para a casa de alguém que ela conhecesse, que soubesse ser difícil na escolha de suas relações, e que me apreciasse, que poderia lhe falar de mim e, se não obter dela aquilo que eu desejava, ao menos lhe fazer saber, alguém graças ao qual, em todo caso, só pelo fato de discutir com ele se poderia encarregar-se ou não desta ou daquela mensagem junto a ela, não daria eu a meus devaneios solitários e silenciosos uma nova forma, falada, ativa, que me parecesse um progresso, quase uma realização? O que ela fazia durante a vida misteriosa da "Guermantes" que era, isto, que era objeto de um devaneio constante, intervir nessa vida, mesmo de forma indireta, como com uma alavanca, pondo em ação alguém a quem não fossem interditos o palacete da duquesa, as suas reuniões noturnas, a conversação prolongada com ela, não seria isso um contato mais distante porém mais efetivo que a minha contemplação na rua todas as manhãs?

A amizade e a admiração que Saint-Loup mostrava por mim pareciam-me indevidas e tinham-me deixado indiferente. De súbito, fizeram-se valiosas a meu ver; gostaria que ele as revelasse à Sra. de Guermantes. Seria capaz de lhe pedir que o fizesse. Pois, quando estamos apaixonados, todos os pequenos privilégios desconhecidos que possuímos, gostaríamos de poder divulgá-los à mulher a quem amamos, como fazem na vida os deserdados e os maçantes. Sofremos porque ela os ignora, buscamos consolar-nos dizendo para nós mesmos que, justamente por não serem visíveis, talvez ela acrescente à idéia que possui a nosso respeito essa possibilidade de vantagens que não conhece.

Há muito tempo Saint-Loup não podia vir a Paris, fosse, como dizia, por causa das exigências do ofício, ou antes, devido aos desgostos que lhe causava a amante, com a qual estivera já duas vezes a ponto de romper. Várias vezes me falara sobre o bem que lhe faria indo vê-lo naquela guarnição cujo nome, dois dias depois que ele deixara Balbec, me causara tanta alegria quando o li no envelope da primeira carta que dele recebera. Menos distante de Balbec do que o daria a crer a paisagem tão terrestre, era uma dessas cidadezinhas aristocráticas e militares, cercadas de uma vasta campina onde, quando faz bom tempo, tantas vezes flutua ao longe uma espécie de vapor sonoro e intermitente que assim como uma cortina de choupos desenha, com suas sinuosidades, o curso de um rio que não se vê revela as mudanças de lugar de um regimento em manobras, que a própria atmosfera das ruas, das avenidas e das praças acabou por contrair uma espécie de vibração permanente, musical e guerreira, e que o ruído mais bruto de carroça ou de bonde nela se prolonga em vagos chamamentos de clarim, indefinidamente repetidos, nos ouvidos alucinados pelo silêncio. Da mesma forma, não estava situada tão longe de Paris que eu não pudesse, descendo do trem expresso, voltar para casa, encontrar minha mãe e minha avó e dormir na minha cama. Tão logo o percebi, perturbado por um desejo doloroso, tive muito pouca vontade para decidir não voltar a Paris e permanecer naquela cidade; mas também muito pouca para impedir um empregado de elevar minha mala até um fiacre e para não assumir, enquanto o acompanhava, a alma deserta de um viajante que cuida de suas coisas e que nenhuma avó está esperando, para não subir para o carro com a desenvoltura de alguém que, tendo deixado de pensar no que deseja, parece saber o que quer, e para não dar ao cocheiro o endereço do quartel de cavalaria. Imaginava que Saint-Loup fosse dormir aquela noite no hotel onde me hospedasse, a fim de me tornar menos angustioso o primeiro contato com aquela cidade desconhecida. Um soldado de guarda foi procurá-lo e eu o esperei à porta do quartel, diante daquela nave toda retumbante do vento de novembro e de onde a cada momento, pois eram seis da tarde, homens saíam de dois em dois para a rua, vacilando como se descessem a terra em algum porto exótico onde estivessem momentaneamente desembarcados. Saint-Loup chegou, movendo e deixando voar em todos os sentidos o monóculo à sua frente: eu não mandara dizer o meu nome, e estava impaciente para gozar a sua surpresa e alegria.

- Ah, que pena! - exclamou ele, ao me ver de repente e tornando-se vermelho até a raiz dos cabelos; acabei de tomar a minha semana de serviço e só poderei sair daqui a oito dias!

E, preocupado com a idéia de me ver passar sozinho essa primeira noite, pois sabia melhor que ninguém das minhas angústias noturnas, que muitas vezes observara e suavizara em Balbec, interrompia suas queixas para se voltar para

mim, dirigir-me pequenos sorrisos, ternos olhares desiguais, uns vindo diretamente de seus olhos, outros através do monóculo; e todos eram uma alusão à emoção que sentia ao me rever, uma alusão também a essa coisa importante que nem sempre eu entendia, mas que me importava agora: a nossa amizade.

- Meu Deus, onde é que você vai dormir? Na verdade, não lhe aconselho o hotel em que fazemos as refeições, fica ao lado da Exposição onde as festas vão começar, e você estaria em meio a uma multidão enlouquecida. Não, é preferível o Hotel de Flandres; é um pequeno palácio do século XVIII com velhas tapeçarias. O que faz bastante o gênero de "velha mansão histórica".

A todo propósito Saint-Loup empregava o termo "faz" por "parece", porque a língua falada, como a escrita, experimenta de tempos em tempos essa necessidade de alterações no sentido das palavras, de requintes de expressão. E, da mesma maneira que muitas vezes os jornalistas ignoram de que escola literária provêm as "elegâncias" de que se utilizam, assim também o vocabulário e até a própria dicção de Saint-Loup eram formados pela imitação de três estetas diversos, a nenhum dos quais ele conhecia, mas cujos modos de linguagem lhe haviam sido inculcados de maneira indireta.

- Além disso, - concluiu - esse hotel está muito bem adaptado à sua hiperestesia auditiva. Você não terá vizinhos. Reconheço que é uma vantagem mesquinha, e, como, em suma, um outro viajante pode chegar aqui amanhã, não valeria a pena escolher esse hotel com vistas a um resultado precário. Não, é devido a seu aspecto que o recomendo. Os quartos são muito simpáticos, todos os móveis são antigos e confortáveis, ele possui algo de tranqüilizador.

Mas para mim, menos artista que Saint-Loup, o prazer que pode proporcionar uma bela morada era superficial, quase nulo, e não podia acalmar a minha angústia principiante, tão penosa como a que eu tivera outrora em Combray quando minha mãe não vinha despedir-se de mim ou a que sentira no dia de minha chegada a Balbec, no quarto excessivamente alto que cheirava a *vetiver*. Saint-Loup a compreendeu devido ao meu olhar fixo.

- Mas você está pouco ligando, meu pobrezinho, a esse belo palácio; está tão pálido. E eu, como um animal, lhe falo de tapeçarias que você nem mesmo tem ânimo de olhar. Conheço o quarto onde você ficaria. Pessoalmente, acho-o muito alegre, mas percebo perfeitamente que para você, com sua sensibilidade, não é nada disso. Não pense que o não compreendo; não sinto a mesma coisa, mas sei muito bem me colocar no seu lugar.

Um suboficial que experimentava um cavalo no pátio, muito ocupado em fazê-lo saltar, sem corresponder às continências dos soldados, mas cobrindo de injúrias os que se punham no seu caminho, dirigiu naquele momento um sorriso a Saint-Loup e, ao vê-lo em companhia de um amigo, cumprimentou. Mas seu cavalo se

ergueu em toda a altura, espumando. Saint-Loup lançou-se ao seu pescoço, pegou-o pelas rédeas, conseguiu acalmá-lo e voltou para junto de mim.

- Sim disse -, asseguro-lhe que percebo tudo e que sofro com o que você sente. Sinto-me infeliz. - acrescentou, pondo afetuosamente a mão no meu ombro - em pensar que, se pudesse ficar perto de você, talvez conseguisse, conversando até de manhã, desfazer um pouco da sua tristeza. Poderia emprestar-lhe muitos livros, mas você não conseguirá ler no estado em que está. E nunca poderei conseguir que me substituam aqui; já fiz isso por duas vezes seguidas porque minha garota havia chegado.

E franzia as sobrancelhas de aborrecimento e também devido ao esforço em procurar, como um médico, que remédio poderia aplicar a meu mal.

- Corre para acender o fogo no meu quarto. - disse a um soldado que passava. - Vamos, mais depressa, mexa-se.

Depois, voltou-se de novo para mim, e o monóculo e o olhar míope aludiam à nossa grande amizade:

- Não! Você aqui, neste quartel onde tanto pensei em você! Não posso acreditar em meus olhos, acho que estou sonhando. Em suma, está melhorzinho de saúde? Vai me contar tudo isto daqui a pouco. Vamos subir para o meu quarto, não fiquemos muito tempo neste pátio, faz um vento danado, eu nem sequer o sinto, mas você, que não está acostumado, receio que sinta frio. E já começou o trabalho? Não? Você é engraçado! Se fosse dotado de suas inclinações, creio que escreveria da manhã à noite. Diverte-se mais em não fazer nada. Que pena sejam os medíocres como eu que estejam sempre prontos para trabalhar, e aqueles que o poderiam não querem! E nem sequer lhe perguntei como está a senhora sua avó. Seu Proudhon já não me deixa.

Um oficial, alto, belo, majestoso, apareceu a passos lentos e solenes de uma escada. Saint-Loup o saudou e imobilizou a perpétua instabilidade do corpo enquanto mantinha a mão à altura do quepe. Mas ele havia precipitado com tamanha força, endireitando-se com um movimento tão seco, e, mal terminada a continência, fê-la recair com um puxão tão brusco, mudando todas as posições da espádua, que esse momento foi menos de imobilidade que de uma vibrante tensão onde se neutralizavam os movimentos excessivos que acabavam de se produzir e aqueles que iam começar. Entretanto, o oficial, sem se aproximar, calmo, benevolente, digno, imperial, representando em resumo o oposto de Saint-Loup, ergueu também, mas sem pressa, a mão para o quepe.

- Preciso dizer uma palavra ao capitão. - sussurrou Saint-Loup -; tenha a gentileza de ir me esperar em meu quarto; é o segundo à direita, no terceiro andar; estarei lá dentro de um momento.

E, deixando-me a passo de carga, precedido pelo monóculo que voava em todos os sentidos, marchou direto para o digno e vagaroso capitão, cujo cavalo traziam naquele instante, e que, antes de se preparar para montar, dava algumas ordens com uma nobreza estudada de gestos como num quadro histórico e como estivesse partindo para uma batalha do Primeiro Império, quando apenas voltava para casa, na residência que havia alugado durante sua estada em Doncieres, e que ficava numa praça denominada, como por uma ironia antecipada a esse napoleônida, Praça da República! Avancei pela escada, quase escorregando a cada passo nos degraus cheios de cravos, enquanto entrevia dormitórios de paredes nuas, com o duplo alinhamento de camas e de equipamentos. Indicaram-me o quarto de Saint-Loup. Fiquei um instante à frente da porta fechada, pois ouvia movimentos; mexiam numa coisa, deixavam cair outra; sentia que o quarto não estava vazio e que lá havia alguém. Mas era apenas o fogo aceso que ardia. O fogo não podia ficar tranqüilo, movia a lenha, e isso de modo bem desajeitado. Entrei; o fogo fez rolar uma chama e fumegar outra. E, mesmo quando não se mexia, fazia ouvir o tempo todo, como as pessoas vulgares, barulhos que, no instante em que eu ouvia subir a chama, se me afiguravam ruídos de fogo, mas que, se estivesse do outro lado da parede, julgaria que proviessem de alguém que se assoasse e caminhasse. Por fim, sentei-me no quarto. Tapeçarias de *liberty* e de velhos tecidos alemães do século XVIII o preservavam do cheiro que o restante do prédio exalava, e que era grosseiro, insípido e corruptível como o do pão de rala. Era ali, naquele quarto encantador, que eu teria jantado e dormido com ventura e sossego. Saint-Loup parecia se achar quase presente, graças aos livros de trabalho que estavam na mesa ao lado de fotografias, entre as quais reconheci a minha e a da Sra. de Guermantes, em virtude do fogo que acabara por se acostumar à lareira e, como um animal deitado numa espera ardente, silenciosa e fiel, deixava apenas cair, de vez em quando, uma brasa que se destroçava, ou lambia com uma chama a parede da lareira. Ouvia o tique-taque do relógio de pulso de Saint-Loup, que não devia estar muito longe de mim. Esse tique-taque mudava de lugar a todo instante, pois eu não via o relógio; parecia vir de trás de mim, de diante, da direita, da esquerda, às vezes extinguir-se como se proviesse de muito longe. De repente, descobri o relógio sobre a mesa. Então ouvi o tique-taque num ponto fixo de onde ele não mais se moveu. Julgava ouvi-lo nesse lugar, mas não o ouvia, via-o, pois os sons não têm lugar. Pelo menos, associamo-los a movimentos e, assim, têm eles a utilidade de nos avisar sobre estes, de parecer torná-los naturais e necessários. É certo que ocorre às vezes que um doente, a quem taparam hermeticamente as orelhas, não ouve mais o ruído de um fogo semelhante ao que naquele momento crepitava na lareira de Saint-Loup, trabalhando para formar tições e cinzas que a seguir deixava cair sobre a grade; não ouve também a passagem dos bondes, cuja música erguia vôo, a intervalos regulares, sobre a

grande praça de Doncieres. Então, que o doente leia, e as páginas se virem silenciosamente como se fossem folheadas por um deus. O pesado barulho de um banho que está sendo preparado se atenua, aligeira-se e se afasta feito um murmúrio celeste. O recuo do barulho e seu atenuamento tiram-lhe, quanto a nós, toda potência agressiva; ainda há pouco desesperados pelos golpes de martelo que pareciam fazer desabar o teto sobre nossa cabeça, satisfazemo-nos agora em recolhê-los, leves, remotos, caricosos como um murmúrio de folhagens que brincam na rua com a brisa. Jogamos paciência com cartas cujo rumor ninguém ouve, tanto assim que achamos não as ter removido, que elas se movem sozinhas e, vindo ao encontro de nosso desejo de jogar com elas, principiam a jogar conosco. E, a esse respeito, pode-se indagar se, quanto ao Amor (e acrescentemos ao Amor o amor à vida, o amor à glória, visto que parece haver pessoas que conhecem estes dois últimos sentimentos), não deveríamos agir como aqueles que, contra o barulho, em vez de implorar que ele cesse, tapam os ouvidos; e, imitando-os, concentrar a nossa defesa em nós próprios, dar-lhes como objeto de redução não a criatura exterior que amamos, mas a nossa capacidade de sofrer por ela.

Voltando ao som: se reforçarmos ainda os tampões que fecham o conduto auditivo, eles obrigam ao *pianissimo* a moça que tocava uma ária turbulenta acima da nossa cabeça; se untarmos um desses tampões com uma substância gordurosa, logo o seu despotismo é obedecido pela casa inteira e suas leis se estendem para o lado de fora. O *pianissimo* já não basta, o tampão faz o piano fechar-se de imediato, e a aula de música termina bruscamente; o senhor que andava sobre a nossa cabeça de súbito deixa de prosseguir em sua ronda; a circulação dos carros e dos bondes é interrompida como se se esperasse um chefe de Estado. E essa atenuação dos sons às vezes chega mesmo a perturbar o sono em vez de protegê-lo. Ontem mesmo, os rumores incessantes, descrevendo-nos de modo contínuo os movimentos na rua e na casa, acabavam por nos adormecer como um livro tedioso; hoje, na superfície de silêncio estendida sobre o nosso sono, um choque mais forte que os outros chega a fazer-se ouvir, leve como um suspiro, misterioso, sem laço com qualquer outro som. E o pedido de explicações que acarreta é suficiente para nos despertar. Que se retirem de um doente, por um momento, os algodões superpostos a seu tímpano, e de súbito a luz, o sol pleno do som se mostra de novo, ofuscante, renasce no universo; a toda pressa regressa o povo dos rumores exilados; assiste-se à ressurreição das vozes, como se elas fossem salmodiadas por anjos músicos. Num instante as ruas vazias se enchem com as asas rápidas e sucessivas dos bondes cantores. No próprio quarto, o doente acaba de criar não o fogo, como Prometeu, mas o ruído do fogo. E, aumentando e afrouxando os tampões de algodão em rama, é como se, alternadamente, se acionassem um e outro dos dois pedais ajuntados à sonoridade do mundo exterior.

Apenas, há igualmente supressões de ruído que não são momentâneas. Quem se tornou totalmente surdo não pode sequer aquecer o leite a seu lado sem precisar ficar vigiando, na vasilha destampada, o reflexo branco, hiperbóreo, semelhante ao de uma tempestade de neve, e que é o sinal premonitório ao qual é prudente em obedecer, desligando, como o Senhor afastou as águas, a tomada elétrica; pois já o ovo ascendente e espasmódico do leite que ferve está cumprindo a sua cheia em movimentos oblíquos, infla e arredonda algumas velas meio reviradas que a nata havia plissado, lança à tempestade uma de nácar; e a interrupção das correntes, se a tempestade elétrica é conjurada a tempo, fará todas girarem sobre si mesmas e as largará à deriva transformadas em pétalas de magnólia. Se o doente não tomar bem depressa as precauções necessárias, em breve seus livros e o relógio, afundados, emergirão com esforço de um mar branco após essa mascarada láctea, e ele será obrigado a chamar em seu auxílio a velha criada que, mesmo que ele seja um ilustre político ou um grande escritor, lhe dirá que não tem mais juízo que uma criança de cinco anos. Em outros momentos no quarto, mágica, diante da porta fechada, uma pessoa que não estava ali agora há pouco faz a sua aparição; é um visitante que não se ouviu entrar e que só faz gestos como num desses teatrinhos de marionetes, tão repousantes para os que se aborreceram com a linguagem falada. E para aquele surdo total, como a perda de um sentido acrescenta tanta beleza ao mundo como o não faria a sua aquisição, é com delícias que ele passeia agora numa Terra quase edênica, onde o som ainda não foi criado. As mais altas cascatas desenrolam, só para seus olhos, sua toalha de cristal, mais calmas que o mar imóvel, puras como cataratas do Paraíso. Visto que o ruído era para ele, antes de sua surdez, a forma perceptível que revestia a causa de um movimento, os objetos movidos sem rumor parecem movidos sem causa; destituídos de toda qualidade sonora, mostram uma atividade espontânea, parecem vivos; agitam-se, imobilizam-se, incendeiam-se por si mesmos. Levantam vôo por si próprios feito monstros alados da pré-história. Na casa solitária e sem vizinhos do surdo, o serviço que, antes que a enfermidade fosse completa, já mostrava mais reserva e se fazia silenciosamente está agora assegurado por mudos, com algo de sub-reptício, como ocorre com um rei de féerie. Assim também, no mesmo cenário, o edifício que o surdo vê de sua janela caserna, igreja, prefeitura não passa de uma decoração. Se um dia é demolido, poderá lançar uma nuvem de poeira e escombros visíveis. Mas ainda menos material que um prédio de teatro, de que no entanto não possui a magreza, cairá no universo mágico sem que o desmoronamento de suas pesadas pedras de cantaria venha a macular a castidade do silêncio com a vulgaridade de algum ruído.

O silêncio, bem mais relativo, que reinava no pequeno quarto militar onde me achava há pouco foi quebrado: a porta se abriu, e Saint-Loup, deixando cair o monóculo, entrou vivamente.

- Ah, Robert, como a gente passa bem no seu aposento. - disse-lhe eu -; como seria bom se me fosse permitido jantar e dormir aqui.

E, com efeito, se isso não fosse proibido, que repouso sem tristeza eu teria desfrutado ali, protegido por aquela atmosfera de tranqüilidade, vigilância e alegria que entrelinham mil vontades reguladas e sem inquietação, mil espíritos despreocupados, nessa grande comunidade que é uma caserna onde, tendo o tempo tomado a forma da ação, o triste sino das horas era substituído pela mesma alegre fanfarra desses apelos cuja sonora lembrança estava permanentemente em suspensão, difusa e pulverulenta, sobre as calçadas da cidade voz segura de ser ouvida, e musical, porque não era apenas o comando da autoridade à obediência, mas também da sabedoria à felicidade.

- Ah, você gostaria mais de dormir aqui, junto a mim, do que sair sozinho para o hotel. - disse Saint-Loup rindo.

- Oh, Robert, você é cruel por levar isso na ironia. - disse eu -, pois sabe que é impossível e que lá vou sofrer tanto.

- Muito bem! Você me lisonjeia. -tornou ele -, pois justamente agora tive essa idéia por mim mesmo, e sei que você gostaria de ficar aqui esta noite. Era precisamente isto o que eu tinha ido pedir ao capitão.

- E ele permitiu?! exclamei.

- Sem nenhuma dificuldade.

- Oh, eu o adoro!

- Não; é demais. Agora, deixe-me chamar meu ordenança para que ele se ocupe do nosso jantar. - acrescentou, enquanto eu me desviava para ocultar as lágrimas.

Várias vezes entraram um ou outro dos companheiros de Saint-Loup. Ele os enxotava:

- Vamos, dêem o fora!

Eu lhe pedia que os deixasse ficar.

- Não, vão aborrecê-lo; são criaturas completamente ignorantes que só sabem falar de corridas, quando não do tratamento dos animais. E depois, mesmo para mim, estragariam estes instantes tão preciosos que tanto desejei. Note bem que, se falo da mediocridade dos meus camaradas, não é que todo militar seja desprovido de intelectualidade. Bem longe disso. Temos um comandante que é um homem admirável. Deu um curso em que a história militar é tratada como uma demonstração, como uma espécie de álgebra. Mesmo esteticamente, é de uma beleza alternativamente indutiva e dedutiva e à qual você não seria insensível.

- Não é o capitão que me permitiu ficar aqui?

- Não, graças a Deus, pois o homem que você "adora" por tão pouco é o maior idiota que a Terra já suportou. É perfeito para se ocupar do rancho e do uniforme de seus comandados; passa horas com o sargento-mor e o alfaiate. Eis a sua mentalidade. Aliás, despreza muito, como todos, o admirável comandante de que lhe falo. Ninguém freqüenta este, porque é franco-maçom e não vai ao confessionário. Jamais o príncipe de Borodino receberia em sua casa este pequeno-burguês. O que é também um grande atrevimento da parte de um homem cujo bisavô era um pobre sitiante e que, sem as guerras de Napoleão, seria igualmente granjeiro. De resto, ele percebe um pouco a situação dúbia de que desfruta na sociedade. Mal vai ao Jockey este pretenso príncipe, de tanto que se sente constrangido. - acrescentou Robert, que, levado pelo mesmo espírito de imitação a adotar as teorias sociais de seus mestres e os preconceitos mundanos dos parentes, sem o perceber, ao amor da democracia o desdém pela nobreza do Império.

Eu examinava a foto de sua tia, e a idéia de que Saint-Loup, possuindo esse retrato, talvez me pudesse dá-lo me fez querer-lhe ainda mais e desejar prestar-lhe mil serviços, que me pareciam uma ninharia em troca dessa foto. Pois ela era como um encontro a mais, acrescentando aos que já tivera com a Sra. de Guermantes; melhor ainda, um encontro prolongado como se, por um brusco progresso de nossas relações, ela parasse ao meu lado, de chapéu de jardineiro, e tivesse me deixado olhar, pela primeira vez, com atenção, aquela polpa de rosto, aquela curva da nuca, o ângulo de sobrancelhas (até então ocultas para mim pela rapidez de sua passagem, pelo aturdimento de minhas impressões, pela inconsistência da lembrança); e sua contemplação, tanto como a do colo e dos braços de uma mulher que eu nunca houvesse visto senão de vestido afogado, representava para mim uma descoberta voluptuosa, um favor. Essas linhas que me parecia quase ser proibido olhar, poderia estudá-las ali como num tratado da única geometria que valesse para mim. Mais tarde, encarando Robert, percebi que ele era também um pouco feito a foto de sua tia, e por um mistério quase tão emocionante para mim, visto que, se seu rosto não fora diretamente produzido pelo rosto dela, ambos todavia possuíam uma origem comum. As feições da duquesa de Guermantes que estavam arquivadas na minha visão de Combray, o nariz em bico de falcão, os olhos penetrantes, pareciam ter servido igualmente para recortar - em outro exemplar análogo e delgado, de pele mais fina o rosto de Robert, quase possível de se sobrepor ao de sua tia. Observava nele, com inveja, os traços característicos dos Guermantes, dessa raça que permanecera tão particular no meio do mundo, onde ela não se perde e se conserva isolada em sua glória divinamente *ornitológica*, pois parece surgida, nas eras mitológicas, da união de uma deusa com um pássaro.

Robert, sem atinar com o motivo, estava comovido com a minha emoção. Esta, aliás, aumentava com o bem-estar causado pelo calor do fogo e pelo champanhe que, ao mesmo tempo, orvalhava de gotas de suor a minha testa e de lágrimas os meus olhos; ele regava perdizes; eu as comia com o encanto de um profano qualquer, quando encontra, numa certa existência que não conhecia, aquilo que achara incompatível com ela (por exemplo, um livre-pensador preparando um jantar requintado num presbitério). E, na manhã seguinte, ao despertar, fui lançar pela janela de Saint-Loup, que, situada bem alto, dava para toda a região, um olhar de curiosidade para travar conhecimento com minha vizinha, a campina, que não pudera observar na véspera por ter chegado muito tarde, à hora em que ela já dormia na noite. Porém, por mais cedo que ela tivesse despertado, entretanto não a vi ao abrir o postigo, como se pode vê-la da janela de um castelo, para os lados do brejo, ainda meio envolta no branco e suave manto matinal de névoa, que não me deixava perceber quase nada. Mas sabia que, antes que os soldados que se ocupavam dos cavalos no pátio tivessem terminado a sua tarefa, ela o teria despido. Enquanto esperava, só podia ver uma delgada colina, erguendo contra o quartel o seu dorso já desprovido de sombras, esguio e rugoso. Através das cortinas borrifadas de geada, não tirava os olhos dessa estranha que me encarava pela primeira vez. Mas, quando tomei o hábito de ir ao quartel, a consciência de que a colina ali se achava, por conseguinte mais real, mesmo quando não a via, do que o hotel de Balbec, do que nossa casa em Paris, nos quais pensava como se pensa nos ausentes, nos mortos, isto é, sem quase acreditar em sua existência, fez com que, mesmo sem me aperceber de tal, sua forma reverberada sempre se perfilasse acima das menores impressões que recebi em Doncieres e, para começar por aquela manhã, acima da boa impressão de calor que me proporcionou o chocolate preparado pelo ordenança de Saint-Loup naquele quarto confortável, que tinha o aspecto de um centro ótico para olhar a colina (a idéia de fazer coisa diversa de olhá-la e passear por ela tornara-se impossível devido à mesma névoa que ali havia). Embebendo a forma da colina, associado ao gosto do chocolate e à trama inteira de meus pensamentos de então, aquele nevoeiro, sem que eu absolutamente pensasse nele, vinha molhar todos os meus pensamentos com aquele tempo, como determinado ouro inalterável e maciço ficara aliado às minhas impressões de Balbec, ou como a presença vizinha das escadas exteriores de *grés* enegrecido conferiam algo de grisalho às minhas impressões de Combray. Aliás, o nevoeiro não permaneceu até muito tarde pela manhã, pois o sol começou a lançar inutilmente contra ele algumas setas que o cobriram de brilhantes, acabando por vencê-lo. A colina pôde oferecer o seu cimo acinzentado aos raios que, uma hora depois, quando desci para a cidade, davam aos vermelhos das folhas das árvores; aos rubros e azuis dos cartazes eleitorais pregados nos muros, uma exaltação que a mim mesmo me reanimava e me fazia bater, cantando, as pedras do

calçamento, sobre as quais me continha para não pular de alegria.

Mas, desde o segundo dia, precisei ir dormir no hotel. E já sabia, por antecipação, que fatalmente iria sentir-me triste. A tristeza era como um aroma irrespirável que, desde o meu nascimento, exalava para mim todo quarto novo, ou seja, todo quarto: naquele que de ordinário ocupava, eu não me achava presente, meu pensamento permanecia em outra parte, e, em seu lugar, enviava apenas o Hábito. Mas não podia encarregar esse criado menos sensível de se ocupar de meus assuntos em uma região nova, onde eu o precedia, onde chegava sozinho, onde me era necessário fazer entrar em contato com as coisas aquele "Eu" que só encontrava com anos de intervalo, mas sempre o mesmo, não tendo crescido desde Combray, desde minha primeira chegada a Balbec, chorando, sem poder ser consolado, junto de uma mala desfeita.

Ora, eu me enganara. Não tive tempo de ficar triste, pois não estive sozinho um só instante. É que me restava do palácio antigo um excedente de luxo, inaproveitável num hotel moderno, e que, destacado de toda utilidade prática, adquirira em sua ociosidade uma espécie de vida: corredores que arrepiavam caminho, dos quais a gente cruzava a todo momento as idas e vindas sem qualquer objetivo, vestíbulos compridos como corredores e ornamentados como salões, que tinham antes o aspecto de morar ali do que de fazer parte da casa, que fora impossível fazer entrar em algum apartamento, mas que rondavam o meu e logo vieram oferecer-me a sua companhia espécie de vizinhos ociosos, mas não barulhentos, fantasmas subalternos do passado a quem haviam permitido residir sem rumor à porta dos quartos que se alugavam, e que, cada vez que os encontrava em meu caminho, davam mostras de uma silenciosa deferência. Em suma, a idéia de uma residência, simples continente da nossa vida atual e que só nos preserva do frio e da vista dos outros, era absolutamente inaplicável àquela morada, conjunto de peças tão reais como uma colônia de pessoas, é verdade que de uma vida silenciosa, mas que a gente era obrigado a encontrar, a evitar e a acolher quando voltava. Procurava-se não importunar, e não se podia olhar sem respeito o grande salão que adquirira, desde o século XVIII, o hábito de se estender entre suas colunas de ouro velho, sob as nuvens de teto pintado. E a gente era tomado de uma curiosidade mais familiar pelas pequenas peças que, sem nenhum cuidado de simetria, corriam ao redor dele, inumeráveis, espantadas, fugindo em desordem até o jardim, para onde desciam tão facilmente por três degraus embotados.

Se quisesse sair ou entrar sem tomar o elevador, nem ser visto na escada principal, uma outra, menor, privativa, que não servia mais, estendia-me seus degraus tão habilmente dispostos, um após o outro, que parecia haver em sua gradação uma proporção perfeita do tipo daquela que nas cores, nos perfumes e nos sabores muitas vezes nos excitam uma sensualidade peculiar. Mas a que

existe em subir e descer, fora-me preciso vir até aqui para conhecê-la, como outrora a uma estância alpestre para saber que o ato de respirar, habitualmente não percebido, pode constituir uma volúpia permanente. Recebi essa isenção de esforço que apenas nos proporcionam as coisas que usamos longamente, quando pousei os pés pela primeira vez nesses degraus, familiares antes de serem conhecidos, como se possuíssem, talvez depositada, a eles incorporada pelos senhores de antigamente a quem acolhiam todos os dias, a antecipada suavidade de hábitos que eu ainda não adquirira e que até só poderiam se enfraquecer quando os tivesse tornado meus. Abri um quarto, a porta dupla se fechou atrás de mim, os cortinados fizeram entrar um silêncio sobre o qual senti uma espécie de embriagadora realeza; uma lareira de mármore ornada de cobres cinzelados, que seria errôneo pensar estivesse representando unicamente a arte do Diretório, me proporcionava fogo, e uma pequena poltrona de pés baixos me ajudou a aquecer-me tão confortavelmente como se estivesse sentado no tapete. As paredes estreitavam a peça, separando-a do resto do mundo e, para deixar entrar nela e nela encerrar o que a tornava completa, afastavam-se diante da biblioteca, reservavam o vão da cama a cujos lados umas colunas sustentavam ligeiramente o teto elevado da alcova. E o quarto se prolongava no sentido da profundidade em dois gabinetes tão amplos como ele, o último dos quais tinha suspenso à parede, para perfumar o recolhimento que se vinha buscar, um voluptuoso rosário de grãos de íris; as portas, se as deixava abertas enquanto me retirava para este último refúgio, não se contentavam em triplicá-lo, sem que deixasse de ser harmonioso, e não proporcionavam ao meu olhar apenas o prazer da extensão, mas ainda acrescentavam ao prazer de minha solidão, que permanecia inviolável e deixava de ser confinada, o sentimento de liberdade. Esse reduto dava para um pátio, belo, solitário, que me senti feliz de ter como vizinho quando, na manhã seguinte, o descobri cativo entre seus altos muros para onde não dava nenhuma janela, e tendo apenas duas árvores amareladas, suficientes para conferir uma suave doçura ao céu puro.

Antes de me deitar, quis sair do quarto para explorar todo o meu feérico domínio. Caminhei seguindo uma galeria longa que, sucessivamente, me fez homenagem de tudo o que possuía para me ofertar, caso eu estivesse sem sono, uma poltrona colocada a um canto, uma espineta, um vaso de faiança azul cheio de cinerárias sobre um consolo, e, em um quadro antigo, o fantasma de uma dama de outrora, os cabelos empoados entrelaçados de flores azuis e tendo na mão um buquê de cravos. Tendo chegado ao fim, sua parede maciça, onde não se abria porta alguma, disse-me singelamente: "Agora é preciso voltar, mas vês que estás em tua casa", ao passo que o tapete macio ajuntava, para não ficar atrás, que, se eu não dormisse aquela noite, poderia muito bem vir descalço, e que as janelas sem postigos que olhavam para a campina me asseguravam que passariam uma noite em claro e que, voltando à hora que eu quisesse, não tinha a temer acordar

alguém. E por trás de uma cortina descobri apenas um pequeno gabinete que, detido pela parede e não podendo se salvar, ali se escondera, todo embaraçado, e olhava-me assustado com seu olho de boi que o luar tornara azul. Deitei-me, mas a presença do edredom, das colunatas, da pequena lareira, pondo minha atenção num grau em que ela não estava em Paris, impediu-me de me entregar ao ramerrão habitual de meus devaneios. E como é esse estado particular de atenção o que envolve o sono e age sobre ele, modifica-o e o põe no mesmo plano de tal ou qual série de nossas recordações, as imagens que encheram meus sonhos naquela primeira noite foram tomadas de empréstimo a uma memória inteiramente diversa daquela a que de hábito meu sono recorria. Se fosse tentado, ao adormecer, a deixar-me arrastar de novo para a minha memória de costume, a cama à qual não estava habituado, a suave atenção que era obrigado a prestar às minhas posições quando me revirava bastariam para retificar ou manter o novo fio de meus sonhos. Ocorre com o sono o mesmo que se dá com a percepção do mundo exterior. Basta uma alteração em nossos hábitos para fazê-lo poético, basta que, ao nos despirmos, adormeçamos sem querer sobre a cama, para que as dimensões do sono sejam mudadas e que se sinta a sua beleza. A gente desperta, vê que são quatro horas no relógio, são apenas quatro horas da manhã, mas acreditamos que o dia inteiro já passou, de tanto que aquele sono de minutos, e que não buscamos, nos pareceu descer do céu, em virtude de algum direito divino, enorme e pleno como o globo de ouro de um imperador. De manhã, aborrecido com a idéia de que meu avô estava pronto e que me esperavam para ir para os lados de Méséglise, despertei com a fanfarra de um regimento que todos os dias passava debaixo de minhas janelas. Mas duas ou três vezes e o afirmo, pois não se pode descrever muito bem a vida dos homens se esta não for banhada no sono em que mergulha e que, noite após noite, a contorna como uma península é rodeada pelo mar -, o sono interposto foi em mim bastante resistente para sustentar o choque da música, e não ouvi nada. Nos outros dias, ele cedeu um instante; mas, ainda aveludada por ter dormido, minha consciência, como esses órgãos previamente anestesiados, para os quais uma cauterização, primeiramente insensível, só é percebida no fim e feito uma leve queimadura, apenas era tocada suavemente pelas pontas agudas dos pífaros que a acariciavam como um vago e fresco chilreio matinal; e, depois dessa breve interrupção em que o silêncio se fizera música, recomeçava ele com o meu sono, antes mesmo que os dragões tivessem acabado de passar, ocultando-me as últimas florações desabrochadas do ramalhete sonoro e impetuoso. E a zona da minha consciência a que haviam aflorado seus caules jorrantes era tão estreita, tão cercada de sono, que mais tarde, quando Saint-Loup me perguntava se havia escutado a música, eu não tinha certeza de que o som da fanfarra não fosse tão imaginário como o que eu ouvia durante o dia erguer-se, ao menor ruído, sobre o calçamento da cidade. Talvez o tivesse ouvido somente em sonhos, pelo receio de

ser acordado ou, ao contrário, de não acordar e não ver o desfile. Pois muitas vezes, quando eu permanecia dormindo no momento em que, ao contrário, pensava que o ruído me despertaria, julgava estar acordado, durante uma hora, enquanto dormia, e representava para mim mesmo, sobre a tela diminuta do meu sono, os diversos espetáculos de que ele me privava, mas aos quais eu tinha a ilusão de estar assistindo.

O que teríamos feito de dia, ao vir o sono, efetivamente ocorre que somente o realizamos sonhando, isto é, após a inflexão do adormecimento, conforme um outro caminho, diverso do que percorreríamos despertos. A mesma história se desvia e tem outro fim. Apesar de tudo, o mundo em que se vive durante o sono é de tal modo diferente que aqueles que têm dificuldade de adormecer procuram, antes de tudo, sair do nosso. Depois de terem desesperadamente, durante horas, de olhos fechados, revolvido pensamentos semelhantes aos que teriam tido de olhos abertos, retomam coragem se perceberem que o minuto anterior esteve carregado de um raciocínio em formal contradição com as leis da lógica e a evidência do presente; essa breve "ausência" significa que está aberta a porta pela qual talvez possam fugir logo à percepção do real, ir fazer algo mais ou menos longe dele, o que lhes dará um sono mais ou menos "bom". Mas já se deu um grande passo quando se volta as costas ao real, quando se atingem os primeiros antros onde as "auto-sugestões" preparam, como feiticeiras, a bebida infernal das doenças imaginárias ou a recrudescência das moléstias nervosas, e espiam a hora em que as crises que vêm à tona durante o sono inconsciente se manifestarão com força bastante para fazê-lo cessar.

Não longe dali está o jardim reservado onde crescem, como flores desconhecidas, os sonos tão diferentes uns dos outros, o sono do estramônio, o sono do cânhamo-da-índia, os múltiplos extratos do éter, o sono da beladona, do ópio, da valeriana, flores que permanecem cerradas até o dia em que o desconhecido predestinado vier tocá-las, fazer com que se abram, e, durante longas horas, vertam o aroma de seus sonhos particulares em uma criatura maravilhada e surpresa. No fundo do jardim fica o convento de janelas abertas onde se ouve repetir as lições aprendidas antes de dormir e que só serão sabidas ao despertar; enquanto que, presságio deste, faz ressoar o seu tique-taque esse despertador interno que a nossa preocupação regulou tão bem que, quando nossa caseira vier dizer-nos: "são sete horas!", já nos achará prontos. Das paredes escuras desse quarto que se abre sobre os sonhos, e onde trabalha sem cessar o esquecimento dos desgostos amorosos, do qual é às vezes interrompida e desfeita por um pesadelo cheio de reminiscências a tarefa de imediato reiniciada, pendem, mesmo depois que despertamos, as lembranças dos sonhos, porém tão ensombrecidas que muitas vezes só as percebemos pela primeira vez em plena tarde, quando o raio de uma idéia semelhante vem tocá-las por acaso; alguns já

harmoniosamente claros, enquanto dormimos, mas tornados tão irreconhecíveis que, não os tendo reconhecido, só podemos apressar-nos em devolvê-los à terra, como a cadáveres que se decompõem com muita rapidez, ou como objetos tão gravemente estragados e quase reduzidos a pó que nem o restaurador mais hábil poderia devolver-lhes a forma ou deles tirar alguma coisa. Perto da grade está a pedreira em que os sonos profundos vão procurar substâncias que impregnam a cabeça de camadas tão duras que, para despertar o adormecido, sua própria vontade se vê obrigada, mesmo numa manhã de ouro, a desferir enormes machadadas como um jovem Siegfried. Mais além ficam os pesadelos, que os médicos estupidamente supõem serem mais cansativos que as insônias, quando, muito pelo contrário, permitem ao pensador escapar-se da atenção; os pesadelos, com seus álbuns fantasistas, onde nossos parentes já mortos acabam de sofrer um grave acidente que não exclui uma cura próxima. Enquanto esperamos, conservamo-los numa pequena gaiola para ratos, onde eles são menores que ratinhos brancos e, cobertos de grandes botões vermelhos, cada qual ornado de uma pena, dirigem-nos discursos ciceronianos. Ao lado desse álbum, está o disco giratório do despertar, graças ao qual sofremos por um momento o tédio de ter de voltar imediatamente a uma casa que está destruída há cinqüenta anos, e cuja imagem é apagada por várias outras à medida que o sono foi se afastando, antes que chegássemos àquela a que só se apresenta uma única vez o disco ao parar, e que coincide com a que havemos de ver de olhos abertos.

Algumas vezes eu nada ouvia, estando num desses sonos em que a gente cai como num poço, do qual nos sentimos muito felizes por ser tirados um pouco mais tarde, pesados, superalimentados, digerindo tudo o que nos trouxeram, parecidos com as ninfas que nutriam Hércules, essas ágeis potências vegetativas cuja atividade redobra enquanto dormimos.

Chama-se a isto um sono de chumbo, e parece que nós mesmos nos tornamos, durante alguns momentos depois que um tal sono terminou, simples bonecos de chumbo. Não somos mais ninguém. Como, então, buscando sua personalidade, seu pensamento, como se busca um objeto perdido, acaba-se por encontrar o seu próprio eu antes que qualquer outro? Por que, quando recomeçamos a pensar, não é então uma outra personalidade, em vez da anterior, que se encarna em nós? Não se percebe o que é que dita a escolha e por que, entre os milhões de seres humanos que poderíamos ser, pomos a mão justamente sobre aquele que éramos na véspera. O que é que nos guia, quando verdadeiramente ocorreu uma interrupção (seja porque o sono tenha sido completo, ou os sonhos inteiramente diversos de nós)? Na verdade houve morte, como quando o coração deixa de bater e somos reanimados por exercícios rítmicos da língua. É claro que o quarto, ainda que o tenhamos visto uma só vez, desperta recordações das quais pendem outras mais antigas; ou em nós dormiam algumas de que tomamos consciência.

A ressurreição ao despertar após esse benéfico acesso de alienação mental que é o sono deve, no fundo, assemelhar-se ao que ocorre quando se reencontra um nome, um verso ou um refrão esquecidos. E talvez a ressurreição da alma após a morte seja concebível como um fenômeno de memória.

Quando acabara de dormir, atraído pelo céu ensolarado, mas retido pelo frio das derradeiras manhãs, tão luminosas e gélidas, em que principia o inverno, eu, para contemplar as árvores em que as folhas estavam indicadas apenas por um ou dois toques de ouro ou de rosa que pareciam ter ficado no ar, numa trama invisível, erguia a cabeça e esticava o pescoço enquanto mantinha o corpo meio escondido nos cobertores; como uma crisálida em vias de metamorfose, eu era uma criatura dupla cujas diversas partes não convinham ao mesmo ambiente; a meu ver, bastava a cor, sem calor; ao contrário, o meu peito se preocupava com o calor, e não com a cor. Só me levantava quando o fogo estava aceso e contemplava o quadro tão suave e transparente da manhã cor-de-malva e de ouro, à qual acabava de acrescentar artificialmente as partes de calor que lhe faltavam, atiçando o fogo que ardia e fumegava como um bom cachimbo e que me dava, como este o faria, um prazer a um tempo grosseiro, pois repousava num bem-estar material, e delicado, porque atrás dele se desvanecia uma pura visão. Meu gabinete de toalete era forrado de um papel vermelho violento, recamado de flores negras e brancas, às quais parece que teria alguma dificuldade de me habituar. Mas nada mais fizeram que me parecer novas, que me obrigar a entrar não em conflito mas em contato com elas, modificar a alegria e os cânticos de meu despertar; não fizeram mais que me prender à força no âmago de uma espécie de papoula para contemplar o mundo, que eu via bem diferente do que em Paris, desse alegre biombo que era essa nova casa, diversamente orientada da de meus pais e para onde afluía um ar puro. Em certos dias eu estava agitado pela vontade de rever minha avó ou pelo medo de que ela estivesse doente; ou então era a lembrança de algum negócio deixado em andamento em Paris, e que não caminhava; às vezes, também, alguma dificuldade em que, mesmo ali, arranjara um meio de meter-me. Qualquer dessas preocupações me impedira de dormir, e eu não tinha forças contra a tristeza, que, num instante, enchia toda a minha existência. Então, do hotel, eu enviava alguém ao quartel com um bilhete para Saint-Loup: dizia-lhe que, se lhe fosse materialmente possível sabia que era muito difícil -, tivesse ele a bondade de passar um instante pelo meu quarto. Dentro de uma hora ele chegava; e, ao ouvir o toque da campainha, eu me sentia liberado de minhas preocupações. Sabia que, se eram mais fortes que eu, ele era mais forte que elas e minha atenção se desligava delas e se voltava para ele, que decidiria tudo. Saint-Loup acabava de entrar e já espalhava a meu redor o ar livre em que desenvolvia tanta atividade desde a manhã, meio vital bem diverso do meu quarto, e ao qual eu me adaptava imediatamente devido a reações adequadas.

- Espero que não me queira mal por tê-lo incomodado; alguma coisa me atormenta, e você com certeza o adivinhou.

- Claro que não; pensei simplesmente que tinha vontade de me ver e achei isso muito gentil. Estava encantado que tivesse mandado me chamar. Mas afinal o que tem? Algo não está certo? Que posso fazer por você?

Ouvia as minhas explicações, respondia com precisão; mas, antes mesmo que tivesse falado, Saint-Loup já me tornara semelhante a si próprio; além das ocupações importantes que o tornavam tão apressado, tão alerta, tão contente, os aborrecimentos que me impediam mesmo agora de ficar um instante sem sofrer me pareciam, como também a ele, desprezíveis. Eu era como um homem que, não podendo abrir os olhos há vários dias, manda chamar um médico, o qual, com jeito e suavidade, lhe levanta a pálpebra, lhe tira e mostra um grão de areia; o doente está curado e fica tranqüilo. Todas as minhas dificuldades se resolveriam com um telegrama que Saint-Loup se encarregaria de expedir. A vida me parecia tão diferente, tão bonita, sentia-me inundado de um tal excesso de energia que queria agir logo.

- Que vai fazer agora? - perguntei à Saint-Loup.

- Vou deixá-lo, pois saímos em marcha daqui a três quartos de hora e precisam de mim.

- Então foi muito incômodo ter de vir?

- De jeito nenhum; o capitão se mostrou muito gentil; disse que, se era por sua causa, eu tinha mesmo de vir; mas enfim não quero parecer que estou abusando.

- Mas, se eu me levantasse depressa e fosse por minha vez ao local em que vocês fazem as manobras, isso me interessaria muito e talvez pudesse conversar com você nos intervalos.

- Não lhe aconselho isso; você ficou acordado, quebrando a cabeça por uma coisa que, esteja certo, não tem a menor importância; mas agora que isso não o incomoda mais, volte ao travesseiro e durma, o que será excelente contra a desmineralização de suas células nervosas; não adormeça rápido demais porque a nossa maldita banda vai passar debaixo das suas janelas; mas logo depois, acho que terá sossego, e nos encontraremos esta noite para jantar.

Porém, pouco mais tarde, fui assistir com freqüência aos exercícios do regimento no campo, quando comecei a me interessar pelas teorias militares que os amigos de Saint-Loup expunham ao jantar; e tornou-se o desejo de meus dias ver mais de perto seus diferentes chefes, como alguém que faz da música o seu principal estudo, e vive nos concertos, sente prazer em freqüentar os cafés onde se mistura à vida dos músicos da orquestra. Para chegar ao campo das manobras, precisava dar grandes caminhadas. À noite, após o jantar, a vontade

de dormir me fazia às vezes tombar a cabeça, como se tivesse uma vertigem. No dia seguinte, eu me dava conta de que não ouvira a fanfarra, assim como, em Balbec, nos dias seguintes às noites em que Saint-Loup me levara a Rivebelle para jantar, não ouvira o concerto na praia. E, no momento em que desejava me levantar, experimentava a deliciosa incapacidade de fazê-lo; sentia-me ligado a um solo invisível e profundo pelas articulações, que o cansaço me fazia sensíveis, de radículas musculosas e nutritivas. Sentia-me cheio de forças, a vida se estendia mais longa diante de mim; e que eu recuara até as boas fadigas de minha infância em Combray, no dia seguinte àquele em que tínhamos ido passear no caminho de Guermantes. Os poetas pretendem que reencontremos por um momento aquilo que fomos outrora, quando entramos em determinada casa, determinado jardim, onde vivemos na juventude. Trata-se de peregrinações muito arriscadas essas em cujo término se colhem tanto decepções como sucessos. Os locais fixos, contemporâneos de anos diferentes, vale mais encontrá-los em nós mesmos. É para isso que podem servir, em certa medida, as canseiras seguidas de uma boa noite. Mas estas, para nos fazerem descer às galerias mais subterrâneas do sono, onde nenhum reflexo da vigília, nenhum clarão de memória vem mais iluminar o monólogo interior, se é verdade que ele mesmo aí não cessa, revolvem tão bem o solo e o tufo do nosso corpo que nos fazem reencontrar, lá onde os nossos músculos mergulham e retorcem suas ramificações, e haurindo a vida nova, o jardim em que vivemos quando crianças. Não há necessidade de viajar para revê-lo, é preciso descer para encontrá-lo. O que cobriu a terra não está mais sobre ela, mas abaixo; a excursão basta para visitar a cidade morta, é necessário proceder à escavações. Porém, já se verá como certas impressões fugidias e casuais levam muito melhor ainda ao passado, com uma precisão mais aguda, um vôo mais leve, mais imaterial, mais vertiginoso, mais infalível, mais imortal, do que esses deslocamentos orgânicos.

Às vezes o meu cansaço era ainda maior: sem poder me deitar, eu seguia as manobras durante vários dias. Como era então abençoado o rei deitando na cama, parecia-me ter enfim escapado a egresso cantadores, a feiticeiros, como os que povoam os "romances" amados do século XVII. Meu sono e minha manhã opulenta do dia seguinte não passavam de um delicioso conto de fadas. Encantador; talvez também benéfico. Dizia para mim mesmo que os piores sofrimentos têm o seu asilo, que sempre é possível, à falta de coisa melhor, encontrar repouso. Tais pensamentos me levavam muito longe.

Nos dias de descanso, e em que Saint-Loup, entretanto, não podia sair, ia eu com freqüência vê-lo no quartel. Era longe; precisava deixar a cidade, transpor o viaduto, de cujos dois lados eu desfrutava um panorama amplo. Uma brisa moderada soprava quase sempre naquelas alturas, enchendo os prédios erguidos

dos três lados do pátio, que ecoavam sem parar como um antro de ventos. E, quando Saint-Loup estava ocupado com algum serviço, eu o esperava diante da porta do seu quarto, ou no refeitório, conversando com alguns de seus amigos a quem me apresentara (e que depois cheguei a ver algumas vezes, mesmo quando ele se achava ausente), vendo pela janela, a cem metros abaixo, a campina desnuda, mas onde, aqui e ali, sementeiras novas, muitas vezes ainda molhadas da chuva e iluminadas pelo sol, ostentavam algumas faixas verdes de um brilho e de uma limpidez translúcida de esmalte, acontecia-me ouvir falar nele; e bem cedo pude perceber o quanto ele era querido e popular. Entre muitos voluntários, que pertenciam a outros esquadrões, jovens burgueses ricos que só viam a alta sociedade aristocrática de fora, e sem nela penetrar, a simpatia que excitava neles o que sabiam do caráter de Saint-Loup era duplicada pelo prestígio que a seus olhos possuía aquele moço que muitas vezes, nas noites de sábado, quando vinham a Paris de licença, tinham visto ceando com o duque de Uzes e o príncipe de Orléans, no Café de La Paix. Por causa disso, em seu belo rosto, no seu modo despreocupado de andar, de cumprimentar, no perpétuo balançar de seu monóculo, na fantasia de seus quepes por demais altos, de suas calças de um pano muito fino e rosado, haviam eles introduzido a idéia de um "chique" de que afirmavam serem destituídos os oficiais mais elegantes do regimento, e até o soberbo capitão a quem devera eu o fato de ter dormido no quartel, e que parecia, comparativamente, solene demais e quase vulgar.

Um dizia que o capitão comprara um novo cavalo. - Ele pode comprar todos os cavalos que quiser. Domingo de manhã me encontrei com Saint-Loup na Alameda das Acácias; ele monta com outro porte! dizia outro; e com conhecimento de causa; pois esses jovens pertenciam a uma classe que, se não freqüenta o mesmo pessoal mundano, não é diferente, no entanto, graças ao dinheiro e ao lazer, da aristocracia, na experiência de todas aquelas elegâncias que podem ser compradas. Quando muito, a elegância deles, no que respeita ao vestuário, por exemplo, possuía algo de mais aplicado, de mais impecável, do que aquela negligente e livre elegância de Saint-Loup, que tanto agradava à minha avó. Era emocionante para aqueles filhos de grandes banqueiros ou de corretores, ao comerem ostras após a sessão teatral, verem numa mesa vizinha o suboficial Saint-Loup. E quantos relatos feitos, segunda-feira no quartel, ao voltar da licença, por um deles que pertencia ao mesmo esquadrão de Saint-Loup e a quem este cumprimentara "muito amavelmente"; ou por um outro que não era do mesmo esquadrão, mas que acreditava que, apesar disso, Saint-Loup o reconhecera, pois duas ou três vezes acertara o monóculo em sua direção.

- Sim, meu irmão o viu no La Paix. - dizia um outro que passara o dia na casa da amante -; parece até que usava um fraque meio folgado e que não lhe caía bem.

- Como era o seu colete?

- Não estava de colete branco, e sim cor-de-malva, com um tipo de palmas; estupendo!

Quanto aos veteranos (homens do povo que ignoravam o Jockey e que simplesmente incluíam Saint-Loup na categoria dos suboficiais muito ricos, à qual faziam entrar todos aqueles que, arruinados ou não, mantinham um certo nível de vida, possuíam uma cifra bem elevada de rendimentos ou de dívidas e eram generosos para com os soldados), se não viam nada de aristocrático no modo de andar, no monóculo, nas calças e nos quepes de Saint-Loup, nem por isso, no entanto, tais coisas lhe eram destituídas de importância e significação. Em tais particularidades reconheciam eles o caráter, o gênero que de uma vez por todas haviam conferido ao mais popular dos graduados do regimento maneiras que não eram idênticas às de ninguém, descaso pelo que pudessem pensar os chefes, e que se lhes afigurava a conseqüência natural de sua bondade para com os soldados. O café da manhã no dormitório, ou o repouso na cama à tarde, parecia melhor quando algum veterano servia ao grupo guloso e dorminhoco um saboroso detalhe sobre um quepe de Saint-Loup.

- Era tão alto como a minha mochila.

- Ora, velho! Não me venha com histórias para boi dormir. Não podia ser tão alto assim. -interrompia um jovem licenciado em letras que procurava, usando essa expressão popular, não parecer um recruta e se arriscando, com essa contradita, a fazer confirmar um fato que o encantava.

- Ah, não era então da altura da minha mochila? Você mesmo a mediu, talvez? Pois afirmo que o tenente-coronel olhava-o como se o desejasse pôr na solitária. E o nosso famoso Saint-Loup nem se importava! Ia, vinha, baixava a cabeça, erguia a cabeça, e sempre com aquele jogo do monóculo. O que não vai dizer o capitão! Ah, é bem possível que não diga nada, mas por certo aquilo não vai lhe agradar. Mas esse quepe ainda não é nada. Dizem que tem mais de trinta desses em casa.

- Como é que sabe disso, velho? Pelo nosso maldito cabo? -perguntava o jovem licenciado com pedantismo, exibindo os novos modos de dizer que aprendera recentemente e com os quais gostava de ornamentar a conversa.

- Como é que sei? Pelo seu ordenança, ora!

- Eis aí um sujeito que não deve ser nada infeliz.

- Compreendo. Tem mais sorte que eu, é claro! E ainda lhe dá as suas coisas, e tudo o mais. Não lhe bastava o que recebia da cantina. E vai daí, o nosso Saint-Loup recomenda, o furriel que o diga: "Quero que ele seja bem alimentado, custe o que custar."

E o veterano compensava a insignificância das palavras com a energia do tom,

numa imitação medíocre que obtinha o maior êxito.

Ao sair do quartel, eu dava uma volta e depois, aguardando o momento em que ia almoçar diariamente com Saint-Loup, no hotel em que ele e seus amigos tinham se hospedado, dirigia-me para o meu, tão logo o sol se punha, a fim de ter duas horas para ler e descansar. Na praça, o entardecer pousava, nos telhados do castelo, nuvenzinhas rosadas que combinavam com a cor dos tijolos e completavam a harmonização suavizando-os com um reflexo. Tamanha corrente de vida me afluía aos nervos que nenhum dos meus movimentos poderia esgotá-la; cada um dos meus passos, depois de ter tocado uma laje da praça, ressaltava, parecia-me ter nos calcanhares as asas de Mercúrio. Uma das fontes estava cheia de um clarão vermelho e na outra o luar tornava opalina a cor da água. Entre elas, meninos brincavam, soltavam gritos, descreviam círculos, obedecendo a alguma necessidade da hora, à maneira dos gaviões ou dos morcegos. Ao lado do hotel, os antigos palácios nacionais e a estufa de Luís XVI, nos quais se encontravam agora a Caixa Econômica e o regimento, estavam iluminados de dentro pelas douradas e pálidas lâmpadas do gás já aceso, que, no dia claro ainda, convinha àquelas amplas e altas janelas do século XVIII, onde ainda não se apagara o último reflexo do poente, como conviria a uma cabeça avivada em tons de vermelho um adereço de concha loura, e me convencia a ir ao encontro de meu fogo e de minha lâmpada que, na fachada do hotel em que eu morava, lutava sozinha contra o crepúsculo e pela qual eu regressava à casa, antes que fosse inteiramente noite, com prazer, como se faz pelo lanche. Conservava, dentro de casa, a mesma plenitude de sensação que experimentava lá fora. Ela curvava de tal modo a aparência das superfícies que nos parecem muitas vezes planas e vazias, a luz amarela do fogo, o espesso papel azul do céu sobre o qual a tardinha riscara, como um colegial, garatujas a lápis cor-de-rosa, a toalha de desenho singular da mesa redonda, sobre a qual uma resma de papel de escola e um tinteiro me esperavam com um romance de Bergotte, que desde então essas coisas continuaram a me parecer ricas de toda uma espécie particular de existência que julgo poderia extrair delas se me fosse dado encontrá-Ias de novo. Pensava com alegria nesse quartel que acabara de deixar e cujo cata-vento girava em todos os sentidos. Como um mergulhador respirando por um tubo que sobe até a superfície das águas, era para mim como estar de novo ligado a uma vida saudável, ao ar livre, ter aquele quartel como ponto de contato, aquele alto observatório que dominava a campina trilhada de canais de esmalte verde, e a cujos barracões e edifícios eu contava, graças a um precioso privilégio que esperava fosse duradouro, poder ir quando quisesse, certo de sempre ser bem recebido.

Às sete horas eu me vestia e voltava a sair para jantar com Saint-Loup no hotel em que ele se hospedava. Gostava de ir a pé. A escuridão era profunda, e desde o

terceiro dia começou a soprar, mal baixava a noite, um vento gélido que parecia anunciar a neve. Enquanto caminhava, parece que não deixava de pensar na Sra. de Guermantes; era só para tentar me sentir próximo dela que viera à guarnição de Robert. Mas uma recordação e um desgosto são coisas móveis. Há dias em que se vão para tão longe que mal os avistamos e os julgamos desaparecidos. Então prestamos atenção em outras coisas. E as ruas daquela cidade ainda não eram para mim, como nos locais onde temos o hábito de viver, simples meio de ir de um ponto para outro. A vida que levavam os habitantes daquele mundo desconhecido me parecia dever ser maravilhosa, e às vezes os vidros iluminados de alguma residência me mantinham longo tempo imóvel na noite, pondo diante de meus olhos cenas verídicas e misteriosas de existências em que eu jamais penetraria. Aqui o gênio do fogo me mostrava, num quadro purpurino, a taverna de um comerciante de castanhas onde dois suboficiais, com os cinturões colocados nas cadeiras, jogavam cartas sem adivinhar que um mágico os fazia surgir da noite, como numa aparição teatral, e os evocava tais como eram efetivamente, naquele instante mesmo, aos olhos de um passante parado que eles não podiam ver. Em um pequeno armazém de *bricabraque*, uma vela meio consumida, projetando seu clarão avermelhado sobre uma gravura, transformava-a em sangüínea, enquanto, lutando contra a sombra, a claridade do lampião amorenava um pedaço de couro, esmaltava um punhal de faiscantes lantejoulas, em quadros que não eram mais que cópias medíocres depositava uma douração preciosa como a pátina do passado ou o verniz de um mestre, e por fim fazia daquele casebre, onde só havia imitações e ninharias, um inestimável Rembrandt. Às vezes eu erguia os olhos para um amplo apartamento antigo, cujos postigos ainda não se achavam cerrados e onde homens e mulheres anfíbios, adaptando-se de novo cada noite a viver em um outro elemento que não o dia, nadavam lentamente no espesso licor que, ao cair da noite, surge incessantemente do reservatório das lâmpadas para encher os quadros até os bordos de suas paredes de pedra e de vidro, e em cujo seio eles propagam, deslocando seus corpos, redemoinhos suntuosos e dourados. Retomava o meu caminho, e muitas vezes, na rua negra que passa diante da catedral, como antigamente no caminho de Méséglise, a força do meu desejo me fazia parar; parecia-me que uma mulher iria surgir para satisfazê-lo; se, na escuridão, sentia de súbito passar um vestido, a própria violência do prazer que experimentava impedia-me de crer que aquele roçar fosse casual, e tentava cerrar em meus braços uma passante assustada. Essa ruazinha gótica guardava para mim algo tão real que, se ali pudesse agarrar e possuir uma mulher, me teria sido impossível não acreditar que se tratasse da antiga volúpia que nos iria unir, mesmo que essa mulher não passasse de uma simples profissional ali postada todas as noites, mas à qual o inverno, a nostalgia, a escuridão e a Idade Média teriam emprestado o seu mistério. Eu pensava no futuro: tentar esquecer a Sra. de Guermantes me

parecia horrível, porém razoável, e, pela primeira vez, possível, talvez fácil. No sossego absoluto daquele bairro, ouvia à minha frente palavras e risos que deviam provir dos que passeavam meio ébrios e voltavam para casa. Parava para vê-los, olhava para o lado de onde escutava o barulho. Mas era obrigado a esperar muito tempo, pois o silêncio circundante era tão profundo que deixava fluir com força e nitidez extremas os rumores ainda longínquos. Enfim chegavam os passeantes, não à minha frente, como julgara, mas bem atrás. Ou porque o cruzamento das ruas e a interposição das casas tivessem causado por refração aquele erro de acústica, ou porque é difícil situar um som cujo local não é conhecido, eu me havia enganado não só quanto à distância, mas também quanto à direção.

O vento aumentava. Era todo eriçado e granuloso de uma aproximação de neve; alcancei a rua principal e saltei para o bondezinho de cuja plataforma um oficial, que parecia não vê-los, respondia às continências dos soldados broncos que passavam pela calçada com o rosto vermelho de frio; e faziam pensar, naquela cidade que o brusco salto do outono nesse princípio de inverno parecia ter arrastado mais para o norte, nas faces rubicundas que Breughel confere a seus alegres camponeses, farristas e gelados.

E, justamente no hotel em que eu tinha encontro marcado com Saint-Loup e seus amigos e para onde as festas que começavam atraíam muita gente da vizinhança e estranhos, havia, enquanto eu atravessava diretamente o pátio que dava para cozinhas avermelhadas onde giravam frangos no espeto, onde se assavam porcos, onde lagostas ainda vivas eram atiradas naquilo que o hoteleiro chamava de "fogo eterno", uma grande afluência (digna de algum "Recenseamento em Belém", como os que eram pintados pelos velhos mestres flamengos) de pessoas que chegavam e se reuniam em grupos no pátio, indagando ao patrão ou a um de seus ajudantes (que lhes indicava um alojamento na cidade quando não os achava de boa cara) onde poderiam ter quarto e comida, enquanto um garçom passava segurando pelo pescoço uma ave que se debatia. E, na grande sala de jantar que atravessei no primeiro dia, antes de alcançar a pequena peça onde me esperava o meu amigo, era igualmente numa refeição do Evangelho, figurado com a ingenuidade dos tempos de outrora e o exagero da Flandres, que fazia pensar o número de peixes, de frangas cevadas, de tetrazes, de galinholas, de pombos, trazidos, enfeitados e fumegantes, por garçons sem fôlego que deslizavam pelo chão encerado para ir mais depressa e depô-los sobre o imenso consolo, onde logo eram trinchados, mas onde pois muitas das refeições já estavam acabando quando eu chegara ficavam empilhados inutilmente; como se sua profusão e a precipitação daqueles que os traziam respondessem, muito mais que aos pedidos dos fregueses, ao respeito ao texto sagrado escrupulosamente seguido em sua letra, mas ingenuamente ilustrado por detalhes reais tomados de

empréstimo à vida local, e à preocupação estética e religiosa de mostrar aos olhos o brilho da festa pela profusão de avitualhas e pela pressa dos empregados. Um dentre eles, na extremidade da sala, sonhava, imóvel, ao lado de um guarda-louças; e, para indagar àquele, que parecia ser o único com tranqüilidade suficiente para me responder, em que peça fora preparada a nossa mesa, avançando por entre os fogareiros acesos aqui e ali, a fim de impedir que se resfriassem os pratos dos retardatários o que não impedia que no centro da sala estivessem as sobremesas erguidas nas mãos de um enorme boneco a que às vezes serviam de suporte as asas de um pato de cristal, ao que parecia, mas na realidade feito de gelo, cinzelado diariamente a ferro em brasa por um cozinheiro escultor, no melhor gosto flamengo -, eu seguia reto, arriscando-me a ser derrubado pelos outros, na direção desse empregado, no qual julguei reconhecer um personagem tradicional nesses temas sagrados e de quem reproduzia escrupulosamente o rosto achatado, ingênuo e mal traçado, a expressão sonhadora, já meio presciente do milagre de uma presença divina de que os outros ainda não haviam suspeitado. Acrescentemos que, em virtude sem dúvida das festas próximas, a essa figuração se juntou um suplemento celeste inteiramente recrutado dentre um pessoal de querubins e serafins. Um jovem anjo músico, de louros cabelos emoldurando um rosto de quatorze anos, na verdade não tocava nenhum instrumento, mas devaneava diante de um gongo ou de uma pilha de pratos, ao passo que anjos menos infantis se apressavam através dos espaços desmesurados da sala, agitando o ar com o frêmito incessante dos guardanapos que desciam ao longo do corpo em forma de asas pontiagudas de primitivos. Fugindo dessas regiões mal definidas, veladas por uma cortina de palmas, onde os servidores celestiais pareciam, de longe, dar a impressão de chegarem do emprego, abri caminho até a saleta onde ficava a mesa de Saint-Loup. Ali encontrei alguns de seus amigos com quem ele jantava sempre, todos nobres, salvo um ou dois plebeus, mas em quem os nobres tinham, desde o colégio, adivinhado amigos e aos quais se haviam ligado de muito boa vontade, provando assim que não eram, em princípio, hostis aos burgueses, fossem mesmo republicanos, contando que tivessem as mãos limpas e comparecessem à missa. Logo na primeira vez, antes que nos sentássemos à mesa, puxei Saint-Loup para um canto da sala de jantar e, diante de todos os outros, mas que aliás não nos ouviam, disse-lhe:

- Robert, o momento e o local não são próprios para lhe dizer isso, mas só vai levar um minuto. Sempre me esqueço de lhe perguntar no quartel; não é o retrato da Sra. de Guermantes o que você tem sobre a mesa?

- Claro que sim; é o da minha boa tia.

- Ora, é verdade, que loucura a minha; eu bem que o sabia antes, mas nunca pensara nisso; meu Deus, os seus amigos devem estar impacientes, falemos

rápido, eles nos olham, ou fica para outra vez, isto não tem nenhuma importância.

- Que nada! Continue, eles estão aí é para esperar.

- De jeito nenhum, faço questão de ser cortês; eles são tão amáveis. Aliás, não tenho como proceder de outro modo, você sabe.

- Conhece então essa grande Oriane?

Essa "grande Oriane", como se tivesse dito "boa Oriane", não significava que Saint-Loup considerasse a Sra. de Guermantes como especialmente bondosa. Nesse caso, boa, excelente, grande, são simples reforços de "essa", designando uma pessoa que ambos os interlocutores conhecem e de quem não se sabe muito bem o que dizer ante uma pessoa que não é da nossa intimidade. "Boa" serve de *hors-d'oeuvre* e permite esperar um momento até que se tenha achado: "O senhor a vê muitas vezes?" ou "Faz meses que não a vejo", ou "Eu a vi na terça", ou "Ela já não deve estar na primeira juventude".

- Não sei dizer como me diverte que seja o retrato dela, pois moramos na mesma casa agora e eu soube a seu respeito coisas inauditas (ficaria muito embaraçado para dizer quais) que fazem com que ela me interesse muito, de um ponto de vista literário, você compreende, como direi, de um ponto de vista balzaquiano, você que é tão inteligente há de compreender isto em meia palavra, mas acabemos depressa; o que é que seus amigos hão de pensar de minha educação!

- Mas eles não pensam absolutamente nada; eu lhes disse que você é sublime, e eles estão ainda mais intimidados que você.

- Você é muito gentil. Mas veja: a Sra. de Guermantes não imagina que nos conhecemos, não é?

- Não sei; não a vejo desde o último verão, pois não consegui licença depois que ela voltou.

- É que, me disseram, ela me considera um perfeito idiota.

- Não creio nisso; Oriane não é nenhuma águia, mas também não tem nada de estúpida.

- Você bem sabe que, em geral, não faço nenhuma questão que torne públicos os bons sentimentos que sente por mim, pois não tenho amor-próprio. Assim, lastimo que tenha dito coisas amáveis sobre mim a seus amigos (com quem vamos nos reunir dentro de dois segundos). Mas, quanto à Sra. de Guermantes, se puder lhe fazer saber, mesmo com um pouco de exagero, o que

pensa a meu respeito, me daria um grande prazer.

- Com muito gosto, se é somente isto o que tem a me pedir; não é muito difícil, mas que importância pode ter o que ela venha a pensar de você? Suponho que estará pouco se importando. Em todo caso, se é apenas isso, poderemos falar do assunto diante de todos, ou quando estivermos a sós, pois receio que você se canse de falar em pé e de forma tão incômoda, quando temos tantas oportunidades de estar juntos.

Era justamente esse incômodo que me dera coragem de falar com Robert; a presença dos outros servia-me de pretexto que me autorizasse a dar às minhas frases um jeito breve e desarrumado, graças ao qual podia mais facilmente dissimular a mentira que pregava ao dizer a meu amigo que esquecera o seu parentesco com a duquesa e para não lhe dar tempo de me fazer, sobre os meus motivos para desejar que a Sra. de Guermantes me soubesse ligado a ele, inteligente, etc., perguntas que tanto mais me desconcertariam como não saberia de que modo lhe responder.

- Robert, você, tão inteligente, me espanta que não compreenda que não se deve discutir o que dá prazer aos amigos, mas fazê-lo. Quanto a mim, se me pedisse seja o que for, e até desejaria muito que me pedisse alguma coisa, asseguro que não lhe pediria explicações. Vou mais longe do que desejo; não faço questão de conhecer a Sra. de Guermantes; mas deveria ter dito, para experimentá-lo, que desejaria jantar com a Sra. de Guermantes e sei que você não me conseguiria semelhante coisa.

- Não só conseguiria como vou consegui-lo.

- Quando?

- Logo que for a Paris, dentro de três semanas, sem dúvida.

- Veremos; aliás, ela nem vai querer isso. Nem sei lhe dizer como estou agradecido.

- Ora, não é nada.

- Não me diga isso, é demais, porque agora vejo o amigo que você é; seja ou não importante a coisa que lhe peço, seja ou não desagradável, que eu a queira de verdade ou só para o experimentar, pouco importa, você diz que a fará e assim mostra a finura de sua inteligência e do seu coração. Um amigo estúpido teria discutido.

Era justamente o que ele acabara de fazer; mas talvez eu quisesse prendê-lo pelo amor-próprio; talvez também fosse sincero, parecendo-me que a única pedra de toque do mérito era a utilidade que poderiam ter para mim os outros em relação à única coisa que eu julgava importante: o meu amor. Depois acrescentei, ou por duplicidade, ou por um acréscimo verdadeiro de ternura causado pela gratidão, pelo interesse e por tudo que a natureza pusera dos próprios traços da Sra. de

Guermantes em seu sobrinho Robert:

- Mas é tempo de nos reunirmos aos outros e só lhe pedi uma das duas coisas, a menos importante; a outra é mais importante para mim, mas receio que você me recuse; não lhe aborreceria que nos tratássemos por tu?

- Aborrecer-me? Ora, por Deus! Alegria! Lágrimas de alegria! Felicidade desconhecida!

- Como lhe agradeço... te agradeço. Bem, depois que você tiver começado! Isto me dá um tal prazer que você até pode não fazer nada quanto à Sra. de Guermantes se não quiser; o tratamento por tu já me basta.

- Faremos as duas coisas.

- Oh, Robert! Escuta. - disse ainda à Saint-Loup durante o jantar. - Oh, é tão cômica esta conversa de frases interrompidas, e aliás não sei por quê. Mas você sabe, a dama de quem lhe acabei de falar?

- Sim.

- Sabe bem a quem estou me referindo?

- Ora, você acha que sou algum cretino do Valais, um retardado?

- Será que você não desejaria me dar a fotografia dela?

Contava pedi-la apenas emprestada. Mas, no momento de falar, fui atacado de timidez, achei o meu pedido indiscreto e, para não deixá-lo reparar naquilo, formulei-o mais brutalmente e ainda o aumentei, como se fosse muito natural.

- Não, primeiro seria necessário que lhe pedisse licença. - respondeu ele.

Em seguida enrubesceu. Compreendi que tinha um pensamento oculto, que me atribuía outro, que só serviria ao meu amor pela metade, sob a reserva de certos princípios de moral, e o detestei. E, no entanto, estava comovido por ver como Saint-Loup se mostrava diferente a meu respeito desde que não mais estava sozinho com ele e seus amigos faziam o papel de terceiros. Sua maior gentileza me teria deixado indiferente se julgasse que era intencional; mas sentia-a involuntária e feita de tudo aquilo que ele devia dizer de mim quando eu estivesse ausente e que ele calava quando estávamos a sós. Nas nossas palestras, é certo que eu desconfiava do prazer que ele tinha em conversar comigo, mas esse prazer ficava quase sempre inexpresso. Agora, diante das mesmas frases minhas, que normalmente desfrutava sem o notar, ele espiava com o rabo dos olhos para ver se produziam nos amigos o efeito que havia esperado e que devia corresponder ao que lhes tinha anunciado. A mãe de uma estreante não põe sua atenção mais suspensa das réplicas da filha e da atitude do público. Se eu dizia uma palavra de que ele, sozinho comigo, tivesse sorrido, receando agora que a não compreendessem, me dizia:

- Como, como? para me fazer repeti-la, para forçar a prestar atenção, e, voltando-se logo para os outros e, sem querer, pondo-se a olhá-los com um riso bonachão, provocador do riso deles, apresentava-me pela primeira vez a idéia que fazia de mim e que já muitas vezes devia lhes ter expressado. De modo que, repentinamente, eu me via a mim mesmo do exterior, como alguém que lê o próprio nome no jornal ou se vê num espelho.

Numa daquelas noites, ocorreu-me desejar contar uma história bastante engraçada acerca da Sra. Blandais, mas parei imediatamente, pois me lembrei que Saint-Loup já a conhecia e, quando fora contá-la no dia seguinte à minha chegada, ele me interrompeu dizendo:

- Você já me contou esta em Balbec.

Portanto, fiquei surpreso de vê-lo insistir para que continuasse, assegurando que não conhecia aquela história e que ela o divertiria muito. Disse-lhe:

- Você deve estar esquecido, mas logo vai reconhecê-la.

- De modo nenhum, juro que estás confundindo. Nunca me contaste isso. Vai.

E, durante toda a história, cravava febrilmente os olhos maravilhados ora em mim, ora nos companheiros. Só entendi quando, ao terminar no meio das risadas de todos, percebi que ele imaginara que a história daria aos companheiros uma alta idéia do meu espírito e que fora para isso que fingira não a conhecer. Assim é a amizade.

Na terceira noite, um de seus amigos, ao qual não tivera ainda ocasião de falar nas duas primeiras vezes, conversou comigo longamente; e ouvia-o dizer a Saint-Loup, a meia voz, do prazer que lhe dera a nossa conversa. E, de fato, passamos juntos quase toda a noite conversando diante de nossos copos de vinho Sauterness que não chegamos a esvaziar, separados, protegidos dos outros pelos véus magníficos de uma dessas simpatias entre homens que, quando não têm por fundamento a atração física, são as únicas inteiramente misteriosas. Assim dessa natureza enigmática me parecera em Balbec o sentimento que Saint-Loup me tributava, que não se confundia com o interesse de nossas conversações, desligado de todo laço material, invisível, intangível e cuja presença, no entanto, experimentava em si mesmo como uma espécie de flogisto, de gás, o bastante para falar sorrindo sobre aquilo. E talvez houvesse algo de mais surpreendente ainda naquela simpatia nascida ali em uma única noite, como uma flor que desabrochasse em poucos minutos ao calor daquela saleta. Como Robert me falasse de Balbec, não pude deixar de lhe perguntar se estava de fato decidido que se casasse com a Srta. de Ambresac. Declarou-me que não só não estava nada decidido como jamais se falara em tal assunto, que ele nunca a vira, e não sabia de quem se tratava. Se eu tivesse visto, naquele momento, algumas das pessoas da sociedade que tinham anunciado esse casamento, me comunicariam

o da Srta. de Ambresac com alguém que não fosse Saint-Loup e o deste com alguém que não fosse ela. E os teria deixado muito espantados ao recordar-lhes as suas predições opostas e ainda tão recentes. Para que esse joguinho pudesse continuar e multiplicar as falsas notícias, acumulando sucessivamente sobre cada nome o maior número possível delas, a natureza dotou esse tipo de jogadores de uma memória tanto mais curta quanto maior a sua credulidade. Saint-Loup me falara de outro de seus companheiros, que também se achava presente, com o qual se entendia especialmente bem, pois eram, naquele meio, os dois únicos partidários da revisão do processo Dreyfus.

- Oh, esse não é como Saint-Loup, é um energúmeno. - disse o meu novo amigo -; nem sequer é confiável.

No começo, dizia: "É só esperar, há um homem que conheço bem, muito fino, cheio de bondade, o general de Boisdeffre; pode-se, sem hesitação, aceitar o seu parecer," Mas, quando ele soube que Boisdeffre proclamava a culpabilidade de Dreyfus, Boisdeffre já não valia mais nada; o clericalismo e os preconceitos do Estado-Maior o impediam de julgar com isenção, embora ninguém seja, ou pelo menos fosse tão clerical do que o nosso amigo, antes do seu Dreyfus. Disse-nos, então, que em todo caso iríamos saber a verdade, pois o caso ia ficar nas mãos de Saussier, e que este, soldado republicano (nosso amigo era de uma família ultramonarquista), era um homem de bronze, uma consciência inflexível. Mas, quando Saussier proclamou a inocência de Esterhazy, ele encontrou novas explicações para esse veredito, desfavoráveis não a Dreyfus, mas ao general Saussier. Era o espírito militarista que cegava Saussier (e notem que ele é tão militarista quanto clerical, ou pelo menos o era, pois já não sei o que pensar a seu respeito). Sua família ficou desolada por vê-lo abraçar tais idéias.

- Vejam disse eu, meio me voltando para Saint-Loup, para não dar a impressão de me isolar, bem como para seu companheiro, e a fim de fazê-lo participar da conversa -, é que a influência que se atribui ao meio é sobretudo verdadeira quanto ao meio intelectual. Cada um é homem de uma idéia própria; há muito menos idéias do que homens, portanto todos os homens de uma mesma idéia são parecidos. Como uma idéia nada tem de material, os homens que só materialmente estão ao redor do homem de uma idéia não a modificam em nada.

Nesse momento fui interrompido por Saint-Loup, porque um dos jovens militares acabara, sorrindo, de me apontar a ele, dizendo: "Duroc, é tal e qual Duroc." Eu não sabia o que aquilo queria dizer, mas sentia que a expressão do rosto intimidado era mais que benevolente. Saint-Loup não se contentou com essa aproximação. Num delírio de alegria que sem dúvida duplicava a que sentia em me fazer brilhar diante dos amigos, repetia-me com extrema volubilidade, dando-me pancadinhas como a um cavalo que tivesse chegado em primeiro

lugar:

- És o homem mais inteligente que conheço, e sabes disto.- Reconsiderou, acrescentando: - Juntamente com Elstir Isto não te incomoda, não é mesmo? Escrúpulos, compreendes. Comparação: digo-te como teriam dito a Balzac: sois o maior romancista do século, junto com Stendhal. Excesso de escrúpulos, compreendes; no fundo, admiração imensa. Não? Não combinas com Stendhal? - acrescentava, com uma ingênua confiança no meu julgamento que se traduzia por uma risonha interrogação encantadora, quase infantil, de seus olhos verdes. - Muito bem, vejo que és da minha opinião. Bloch detesta Stendhal, acho que é uma besteira da parte dele. A Cartuxa é mesmo uma coisa enorme, não? Estou contente por seres da minha opinião. Que é que preferes na Cartuxa? Responde. - dizia-me ele com uma impetuosidade juvenil. E sua força física, ameaçadora, chegava quase a dar algo de assustador à pergunta.

- Mosca? Fabrice?

Respondi com timidez que Mosca tinha alguma coisa do Sr. de Norpois. Diante disso, tempestade de riso do jovem Siegfried-Saint-Loup. E eu não tinha acabado de acrescentar:

- Mas Mosca é bem mais inteligente, menos pedante. -e já ouvia Robert gritar "bravo!" batendo palmas de verdade, rindo de sufocar e exclamando: - É de uma justeza! Excelente! És extraordinário!

Quando eu estava falando, a aprovação dos outros ainda parecia demais a Saint-Loup, que exigia silêncio. E, como um maestro interrompe os músicos batendo com a batuta porque alguém fez barulho, ele repreendeu o perturbador:

- Gibergue. - disse -, deve ficar calado quando estão falando. Vamos, continue disse para mim.

Respirei, pois receava que me fizesse principiar tudo de novo. E como uma idéia continuei - é algo que não pode participar dos interesses humanos e nem poderia gozar de suas vantagens, os homens de uma idéia não são influenciados pelo interesse.

- E então, estão de boca aberta, meus meninos? - exclamou, quando terminei de falar, Saint-Loup, que me seguira com o olhar com a mesma solicitude ansiosa como se eu tivesse caminhado na corda bamba. - Que é que você queria dizer, Gibergue?

- Eu dizia que o senhor aqui me recordava muito o comandante Duroc. Parece-me até que o estava ouvindo.

- Pensei nisso já diversas vezes. - respondeu Saint-Loup. - Há muitos pontos de contato, mas você verá que este possui muitas coisas que Duroc não tem.

Assim como um irmão desse amigo de Saint-Loup, educado na *Schola cantorum*, pensava a respeito de toda nova obra musical não como seu pai, sua mãe, seus primos e companheiros de clube, mas precisamente como todos os outros alunos da *Schola*, aquele suboficial nobre (de quem Bloch formou uma idéia extraordinária quando lhe falei dele, pois, comovido ao saber que era do seu mesmo partido, imaginava-o todavia, por causa de suas origens aristocráticas e de sua educação religiosa e militar, uma criatura bem diferente, com o mesmo encanto de um nativo de um país longínquo) tinha uma "mentalidade" como então se principiava a dizer, análoga à de todos os dreyfusistas em geral e de Bloch em particular, e sobre a qual não podiam ter nenhum tipo de influência as tradições de sua família e os interesses de sua carreira. Assim é que um primo de Saint-Loup havia casado com uma jovem princesa do Oriente que, diziam, fazia versos tão belos como os de Victor Hugo ou Alfred de Vigny e a quem, não obstante, atribuíam um espírito diverso daquele que se podia imaginar, um espírito de princesa do Oriente presa num palácio das Mil e Uma Noites. Aos escritores que tiveram o privilégio de serem admitidos em sua intimidade, foi reservada a decepção, ou antes, a alegria, de ouvir uma conversa que dava idéia não de Xerazade, mas de uma criatura de gênio do gênero de Alfred de Vigny ou de Victor Hugo.

Agradava-me conversar sobretudo com este rapaz, como aliás com os outros amigos de Robert, e com o próprio Robert, sobre o quartel, os oficiais da guarnição, sobre o exército em geral. Graças a essa escala imensamente ampliada pela qual vemos as coisas, por pequeninas que sejam, entre as quais comemos, conversamos e levamos nossa vida real, graças a essa extraordinária majoração que elas sofrem e que faz com que o resto, ausente do mundo, não possa lutar com elas e assuma, a seu lado, a inconsistência de um sonho, eu começara a me interessar pelas diversas personalidades do quartel, pelos oficiais que avistava no pátio quando ia ver Saint-Loup ou, se estava acordado, quando o regimento passava debaixo de minhas janelas. Desejaria obter detalhes acerca do comandante que Saint-Loup tanto admirava e sobre o curso de história militar que me teria encantado "mesmo esteticamente". Sabia que, em Robert, certo verbalismo era com muita freqüência um tanto vazio, mas de outras vezes significava a assimilação de idéias profundas que ele era bem capaz de compreender. Infelizmente, do ponto de vista do exército, Robert estava preocupado, naquele momento, sobretudo com o Caso Dreyfus. Falava pouco dele, pois era o único de sua mesa a se declarar dreyfusista; os outros eram violentamente hostis à revisão, excetuando o meu vizinho de mesa, esse meu novo amigo cujas opiniões pareciam por demais vacilantes. Admirador convicto do coronel, que era tido por um oficial notável e que, em diversas ordens do dia, condenara a agitação contra o exército, o que o fazia passar por antidreyfusista, soubera meu vizinho que seu chefe deixara escapar algumas afirmações que

fizeram crer que sentia algumas dúvidas quanto à culpabilidade de Dreyfus e conservava sua estima a Picquart. Em todo caso, quanto a este último aspecto, o boato de relativo dreyfusismo do coronel era sem fundamento, como todos os boatos nascidos não se sabe onde e que se multiplicam em torno de qualquer grande processo. Pois, pouco mais tarde, esse coronel, tendo sido encarregado de interrogar o antigo diretor do Gabinete de Informações, tratou-o com uma brutalidade e um desprezo nunca anteriormente igualados. Fosse como fosse, e embora jamais se tivesse permitido informar-se diretamente com o coronel, meu vizinho fizera a Saint-Loup a cortesia de lhe dizer no tom com que uma dama católica anuncia a uma dama judia que seu padre censura os massacres de judeus na Rússia e admira a generosidade de certos israelitas que o coronel não era para o dreyfusismo para um certo dreyfusismo pelo menos o adversário fanático, estreito, que haviam acreditado.

- Isto não me espanta. -observou Saint-Loup -, pois trata-se de um homem inteligente. Mas, apesar de tudo, cegam-no os preconceitos de nascimento e principalmente o clericalismo. Ah! - disse-me -, o comandante Duroc, o professor de história militar de quem te falei, eis aí um homem que parece compartilhar a fundo nossas idéias. Aliás, o contrário é que teria me assombrado, pois ele não só é de uma inteligência sublime, mas radical-socialista e franco-maçom.

Tanto por delicadeza para com os amigos, a quem eram desagradáveis as profissões de fé dreyfusistas de Saint-Loup, como porque o resto me interessava mais, perguntei a meu vizinho se era exato que esse comandante fizera, da história militar, uma demonstração de verdadeira beleza estética.

- Absolutamente exato.

- Mas que entende o senhor por isso?

- Pois bem; por exemplo, tudo o que o senhor lê, suponho, na narrativa de um historiador militar, os menores fatos, os mais insignificantes acontecimentos, não são mais que sinais de uma idéia que é preciso desvelar e que muitas vezes encobre outras, como um palimpsesto. De modo que o senhor tem um conjunto tão intelectual como o que possa oferecer qualquer ciência ou qualquer arte, e que satisfaz o espírito.

- Exemplos, se não estou abusando.

- É difícil dizer-te como. - interrompeu Saint-Loup. - Lês, por exemplo, que um tal corpo tentou... Antes de ir mais adiante, o nome do corpo e sua composição têm seu significado. Se não é a primeira vez que se tenta a operação, e se, para a mesma operação, vemos aparecer um outro corpo, isto é talvez o sinal de que os precedentes foram aniquilados ou grandemente danificados pela dita operação, que já não estão mais em estado de levá-la ao fim. Ora, é necessário inquirir que corpo era esse que hoje está aniquilado; se eram tropas de choque, postas de reserva para ataques importantes, visto que um novo corpo de qualidade inferior tem poucas chances de êxito onde aquelas fracassaram. Além do mais, se não se está no início de uma campanha, esse mesmo corpo novo pode estar formado de elementos colhidos aqui e ali, o que, no tocante às forças de que ainda dispõe o beligerante, à aproximação do momento em que elas serão inferiores às do adversário, pode fornecer indicações que darão à própria operação que esse corpo vai tentar um significado diverso, porque, se ele já não está em condições de reparar suas perdas, seus próprios sucessos não farão mais que encaminhá-lo, aritmeticamente, para o aniquilamento final. De outra parte, o número designativo do corpo que lhe é oposto não é menos destituído de significação. Se, por exemplo, trata-se de uma unidade muito mais fraca, e que já consumiu várias unidades importantes do adversário, a mesma operação muda de caráter, pois, ainda que devesse findar pela perda da posição sustentada pelo defensor, o fato de havê-la ocupado por algum tempo pode representar um grande triunfo, se foi suficiente para destruir, com forças mínimas, outras muito importantes do adversário. Podes compreender que, se na análise dos corpos empenhados encontram-se coisas de tamanha importância, o estudo da própria posição, das estradas de ferro e de rodagem que ela domina, dos abastecimentos que protege, acarreta ainda maiores conseqüências. É preciso estudar o que eu chamaria de todo o contexto geográfico. - acrescentou ele, rindo. (E, com efeito, mostrou-se tão contente com esta expressão que, a seguir, de cada vez que a empregava, ria sempre o mesmo riso.) - Enquanto a operação está em preparativos por um dos beligerantes, se lês que uma de suas patrulhas foi aniquilada nas proximidades da posição pelo outro beligerante, uma das conclusões que podes tirar é que o primeiro procurava informar-se quanto aos trabalhos defensivos com que o segundo intentava fazer fracassar o seu ataque. Uma ação especialmente violenta contra um dado ponto pode significar o desejo de conquistá-lo, mas também a intenção de reter nele o adversário, de não responder ao seu ataque ali onde ele atacou, ou também não passar de um despiste e ocultar, pelo recrudescimento da violência, as baixas de tropas no local. (É um despiste clássico nas guerras de Napoleão.) Por outro lado, para compreender o significado de uma manobra, seu objetivo provável e, conseqüentemente, de que outras será acompanhada ou seguida, não é indiferente consultar, não tanto o que a tal propósito anuncia o comandante o que pode ser destinado a enganar o

adversário, a mascarar um fracasso possível como os regulamentos militares do país. É sempre de se admitir que a manobra que um exército quis tentar é aquela prescrita pelo regulamento em vigor em circunstâncias análogas. Se, por exemplo, o regulamento recomenda que um ataque frontal seja acompanhado por um outro de flanco, se, tendo fracassado este segundo ataque, o comandante pretende que ele não tem qualquer relação com o primeiro e não passava de uma diversão, há uma oportunidade para que a verdade deva ser procurada no regulamento e não nas palavras do comandante. E não existem apenas os regulamentos de cada exército, mas as suas tradições, seus costumes, suas doutrinas. O estudo da ação diplomática, sempre em permanente estado de ação e reação sobre a ação militar, também não deve ser desprezado. Incidentes na aparência insignificantes, mal compreendidos à época, te explicarão que o inimigo, contando com uma ajuda da qual esses incidentes mostram de que foi privado, só realizou de fato uma parte de sua ação estratégica. De modo que, se sabes ler a história militar, o que representa uma narração confusa para o leitor comum é, para ti, um encadeamento tão racional como um quadro para o amador que sabe enxergar o que o personagem traz consigo, segura nas mãos, enquanto que o visitante aturdido dos museus se deixa confundir e sente vertigens devido a umas cores vagas. Mas, como ocorre em certos quadros, em que não basta reparar que o personagem segura um cálice, mas é preciso saber por que o pintor lhe pôs esse cálice nas mãos, e o que deseja simbolizar com isso, essas operações militares, mesmo sem contar com sua finalidade imediata, são habitualmente, no espírito do general que dirige a campanha, calcadas em batalhas mais antigas, que são, se quiseres, como o passado, como a biblioteca, como a erudição, como a etimologia, como a aristocracia das batalhas novas. Repara que não te falo, neste momento, da identidade local como direi? -espacial das batalhas. Ela também existe. Um campo de batalha não foi, ou não será, através dos séculos apenas o campo de uma só batalha. Se foi campo de batalha, é que reunia certas condições de situação geográfica, de natureza geológica, e até de defeitos próprios para incomodar o adversário (um rio que o corte em dois, por exemplo) e que fazem dele um bom campo de batalha. Portanto, foi e será. Não se faz um ateliê de pintura com qualquer sala, não se faz um campo de batalha com qualquer local. Há lugares predestinados. Ainda uma vez, porém, não era disso que eu falava, e sim do tipo de batalha que se imita, de uma espécie de decalque estratégico, de pasticho tático se quiseres: a batalha de Ulm, de Lodi, de Leipzig, de Canas. Não sei se ainda haverá guerras, nem entre que povos; mas, se houver, fica certo de que haverá (e deliberadamente da parte do chefe) uma batalha de Canas, uma de Austerlitz, uma de Rossbach, uma de Waterloo, sem falar de outras. Alguns não se envergonham de dizê-lo. O marechal von Schlieffen e o general de Falkenhausen prepararam previamente contra a França uma batalha de Canas, à maneira de Aníbal, com fixação do adversário em toda

a frente e avanço pelas duas alas, sobretudo pela direita, na Bélgica, ao passo que Bernhardi prefere a ordem oblíqua de Frederico, o Grande, antes Leuthen do que Canas. Outros expõem menos cruamente seus pontos de vista, mas posso te garantir, meu velho, que Beauconseil, esse comandante de cavalaria a quem te apresentei outro dia e que é um oficial de grande futuro, estudou a fundo o seu ataquezinho do Pratzen, conhece-o como a palma da mão, mantém-no de reserva e, se algum dia tiver oportunidade de executá-lo, não vacilará no golpe e nos há de servi-lo em grande escala. O rompimento do centro em Rívoli, vê, ainda vai se repetir, se houver guerras. Não é mais caduco do que afiada. Acrescento que estamos quase condenados aos ataques frontais porque não queremos cair de novo nos erros de 1870, e sim fazer ofensiva, apenas ofensiva. A única coisa que me perturba é que, se só vejo espíritos retrógrados se oporem a essa magnífica doutrina, no entanto um de meus mais jovens mestres, que é um homem de gênio, Mangin, gostaria que se deixasse um lugar, naturalmente provisório, à defensiva. A gente fica muito embaraçado para lhe responder quando ele cita como exemplo Austerlitz, onde a defensiva é apenas o prelúdio do ataque e da vitória.

Essas teorias de Saint-Loup me fizeram feliz. Permitiram-me esperar que talvez eu não me enganasse em minha vida em Doncieres, com respeito a esses oficiais de quem ouvia falar bebendo o Sauternes que projetava encantadores reflexos sobre eles, com o mesmo caso de aumento que me fizera parecer imensos, enquanto estava em Balbec, o rei e a rainha da Oceania, e pequena sociedade dos quatro *gourmets*, o jovem jogador, o cunhado de Legrandin, agora diminuídos a meus olhos a ponto de me parecerem inexistentes. O que me agradava, hoje, talvez não se me tornasse indiferente amanhã, como até então sempre me sucedera; a criatura que eu era ainda naquele momento talvez não fosse votada a uma destruição próxima, visto que, à paixão ardente e fugitiva que eu dedicava, naquelas poucas noites, a tudo o que se referisse à vida militar, Saint-Loup, pelo que acabara de me dizer quanto à arte da guerra, acrescentava uma base intelectual, de natureza permanente, capaz de sujeitar-me com força bastante para que pudesse acreditar, sem tentar enganar a mim mesmo, que, uma vez longe dali, continuaria a me interessar pelos trabalhos de meus amigos de Doncieres e não tardaria em voltar para junto deles. A fim de estar mais certo, no entanto, de que essa arte bélica fosse mesmo uma arte no sentido espiritual da palavra:

- Você me interessa, perdão, tu me interessas muito. - disse à Saint-Loup -; mas conta-me, há um ponto que me inquieta. Sinto que poderia me apaixonar pela arte militar, mas para isso seria necessário que não a julgasse diversa das outras artes, a tal ponto que a regra aprendida não fosse tudo. Tu me dizes que se copiam batalhas. Encontro nisso um efeito estético, como dizias, de ver sob uma

batalha moderna uma outra mais antiga. Nem sei te dizer como isto me agrada. Mas então, o gênio do comandante não vale nada? Na verdade, ele não faz senão aplicar regras? Ou então, para ciência igual, existem grandes generais, como há grandes cirurgiões que, sendo idênticos os elementos fornecidos por dois estados doentios, do ponto de vista material, sentem no entanto por um nada, talvez tirado de sua experiência, mas interpretado, que num caso é preferível fazer isto, noutro caso melhor fazer aquilo, que nesse caso o melhor talvez seja operar e naquele abster-se?

- Claro que sim! Verás Napoleão não atacar quando todas as regras mandam que ataque, mas uma obscura adivinhação o aconselha a não fazê-lo. Por exemplo, vês em Austerlitz, ou então em 1806, suas instruções a Lannes. Mas verás generais imitarem escolasticamente determinada manobra de Napoleão e chegarem a resultado diametralmente oposto. Dez exemplos disso em 1870. Porém, mesmo para a interpretação do que pode fazer o adversário, o que ele faz é apenas um sintoma que pode significar muitas coisas diferentes. Cada uma delas possui chances idênticas de ser a verdadeira se nos ativermos ao raciocínio e à ciência, assim como, em certos casos complexos, toda a ciência médica do mundo não será bastante para decidir se o tumor invisível é fibroso ou não, se a operação deve ou não ser feita. É o faro, a adivinhação do tipo da Sra. de Thebes (tu me compreendes), que decide tanto no grande general como no grande médico. Assim te disse, para dar um exemplo, o que podia significar um reconhecimento no começo de uma batalha. Mas pode significar dez outras coisas; por exemplo, fazer o inimigo crer que vai ser atacado num ponto enquanto se deseja atacá-lo em outro, erguer uma cortina que o impeça de ver os preparativos da operação verdadeira, forçá-lo a trazer tropas, a fixá-las, a imobilizá-las em outro local diverso de onde elas serão necessárias, inteirar-se das forças de que ele dispõe, sondá-lo, forçá-lo a abrir o jogo. Até, às vezes, o fato de se empregarem tropas enormes numa operação não é prova de que ela seja a verdadeira; pois muito bem pode-se executá-la a sério, embora se trate apenas de um despistamento, para que tal despistamento tenha mais probabilidades de iludir. Se tivesse tempo de te contar, sob este ponto de vista, as guerras de Napoleão, asseguro-te que estes simples movimentos clássicos que estudamos, e que nos verás executando em serviço no campo, por simples distração de passeio, meu jovem tratante; não, sei que estás doente, perdão! Muito bem, numa guerra, quando sentimos por trás desses movimentos a vigilância, o raciocínio e as profundas investigações do alto comando, emocionamo-nos diante deles como diante dos simples fogos de um farol, luz material, mas emanação do espírito e que pesquisa o espaço para assinalar o perigo aos navios. Talvez esteja errado em te falar exclusivamente da literatura de guerra. Na realidade, como a direção do vento e da luz, e a constituição do solo, indicam para que lado uma árvore há de crescer, as condições em que se

faz uma campanha e as características da região na qual se manobra comandam de algum modo, e limitam, os pianos entre os quais o general pode escolher. De forma que, ao longo das montanhas, num sistema de vales, em determinadas planícies, é quase com o caráter de necessidade e de beleza grandioso de avalanchas que podes prever a marcha dos exércitos.

- Agora, tu me recusas a liberdade do chefe, a adivinhação do adversário que deseja ler em seus planos, e que há pouco admitias.

- Mas de jeito nenhum! Lembra-te daquele livro de filosofia que líamos juntos em Balbec, a riqueza do mundo dos possíveis em relação ao mundo real. Muito bem! Ocorre o mesmo na arte militar. Numa dada situação, haverá quatro planos que se impõem, e entre eles o general pôde escolher, como uma doença pode seguir diversas evoluções às quais o médico deve se cingir. E ainda aí a fraqueza e a grandeza humanas são novas fontes de incerteza. Pois entre esses quatro planos, digamos que por motivos contingentes (como objetivos acessórios a atingir, ou o tempo, que urge, ou o número pequeno, ou o mau abastecimento dos efetivos), o general prefira o primeiro plano, que é menos perfeito, mas de execução menos dispendiosa, mas rápida e que tem como terreno uma região mais rica para alimentar o seu exército. Tendo começado por esse primeiro plano no qual o inimigo, a princípio inseguro, em breve lerá claramente, ele pode não conseguir êxito, devido a obstáculos excessivos - é o que denomino o acaso que provém da fraqueza humana -, e abandoná-lo para tentar o segundo, o terceiro ou o quarto planos. Mas também pode acontecer que ele não tenha tentado o primeiro e dá-se aqui o que chamo de grandeza humana senão por despiste, a fim de fixar o adversário de modo a surpreendê-lo no ponto em que este não imaginava ser atacado. Foi assim que, em Ulm, Mack, que esperava o inimigo a oeste, foi envolvido pelo norte, onde se considerava bem tranqüilo. Aliás, o meu exemplo não é muito bom. E Ulm é um tipo melhor de batalha de envolvimento que o futuro verá reproduzir-se, porque não é unicamente um exemplo clássico em que os generais hão de se inspirar, mas uma forma de algum modo necessária (necessária entre outras, o que dá margem à escolha, à variedade), como um tipo de cristalização. Mas tudo isso não significa nada, pois esses quadros, apesar de tudo, são fictícios. Retorno ao nosso livro de filosofia: isto é como os princípios racionais ou as leis científicas, a realidade se conforma a essas coisas de maneira aproximada; mas lembra-te do grande matemático Poincaré: ele não está certo de que as matemáticas sejam rigorosamente exatas. Quanto aos próprios regulamentos, de que já te falei, eles são em suma de uma importância secundária; aliás, são mudados de tempos em tempos. Assim, quanto a nós, da cavalaria, vivemos de acordo com o Serviço de Campanha, de 1895, do qual se pode dizer que está ultrapassado, pois se baseia na velha e desusada doutrina que considera que o combate de cavalaria tem um efeito quase só moral

devido ao terror que causa ao adversário. Ora, os mais inteligentes de nossos mestres, que são o que há de melhor na cavalaria, e notadamente o comandante de que te falei, consideram ao contrário que a decisão será obtida graças a uma verdadeira peleja em que se esgrimam o sabre e a lança e onde será vencedor o mais tenaz, não só moralmente e devido a uma impressão de terror, mas materialmente.

- Saint-Loup tem razão e é provável que o próximo Serviço de Campanha apresente o traço dessa evolução. - disse o meu vizinho.

- Não me desagrada a tua aprovação, pois tuas opiniões parecem causar mais impressão do que as minhas sobre o meu amigo. - disse rindo Saint-Loup, seja que essa simpatia nascente entre mim e o seu companheiro o agastasse um pouco, seja que ele achasse amável consagra-la constatando-a oficialmente. - E, depois, talvez eu tenha diminuído a importância dos regulamentos. É certo que são mudados. Mas, enquanto isso, eles comandam a situação militar, os planos de campanha e a concentração. Se refletem uma falsa concepção estratégica, podem ser o princípio inicial da derrota. Tudo isto é um pouco técnico demais para ti. - disse ele. - No fundo, não te esqueças de que o que precipita ao máximo a evolução da arte da guerra são as próprias guerras. No decurso de uma campanha, se é um tanto prolongada, vê-se um dos beligerantes aproveitar-se das lições que lhe dão os êxitos e os enganos do adversário, aperfeiçoar os métodos deste, que, por sua vez, disputa com ele. Mas isto pertence ao passado. Com os terríveis progressos da artilharia, as guerras futuras, se ainda houver guerras, serão tão curtas que, antes que se possa sonhar em tirar partido das informações, a paz já estará concluída.

- Não sejas tão suscetível. - disse eu a Saint-Loup, respondendo ao que ele dissera antes destas últimas palavras. - Eu te escutei com bastante avidez!

- Se não te irritas de novo e me dás licença. - tornou o amigo de Saint-Loup -, acrescentarei ao que acabas de dizer que, se as batalhas se imitam e se superpõem, não é apenas devido ao espírito do chefe. Pode suceder que um erro do chefe (por exemplo, sua avaliação insuficiente do mérito do adversário) o conduza a pedir sacrifícios exagerados às tropas, sacrifícios que certas unidades hão de cumprir com uma abnegação tão sublime que seu papel, assim, será análogo ao daquela outra unidade em uma determinada batalha diversa, e ambas serão citadas na história como exemplos intercambiáveis: para nos atermos a 1870, a guarda prussiana em Saint-Privat, os turcos em Froeschwiller e em Wissemburgo.

- Ah! Intercambiáveis, muito justo! Excelente! Tu és inteligente. - disse Saint-Loup.

Não me deixavam indiferente estes últimos exemplos, como ocorria sempre que

alguém me mostrava o geral sob o particular. Entretanto, o que me interessava era o gênio do chefe. Gostaria de perceber em que consistia, e como, em determinada circunstância em que o chefe sem gênio não poderia resistir ao adversário, se comportaria o chefe genial para reparar a batalha comprometida, o que, segundo Saint-Loup, era bem possível e fora realizado várias vezes por Napoleão. E, para compreender em que consistia o valor militar, eu pedia comparações entre os generais cujos nomes conhecia, indagava o que possuía a mais a natureza de um chefe, perguntava a respeito dos dotes de um estrategista, arriscando-me a aborrecer meus novos amigos, que ao menos não o aparentavam e me respondiam com infatigável bondade.

Sentia-me separado, não só da grande noite gelada que se estendia ao longe e na qual ouvíamos de vez em quando o silvo de um trem que apenas tornava mais vivo o prazer de estar ali, ou as batidas de uma hora que felizmente ainda estava afastada daquela em que esses rapazes deveriam pegar os sabres e ir embora, mas também de todas as preocupações exteriores, quase até da lembrança da Sra. de Guermantes, pela bondade de Saint-Loup à qual a de seus amigos, que se lhe acrescentava, dava como que maior espessura, e também pelo calor daquela saleta de jantar, pelo sabor dos pratos requintados que nos serviam. Davam tanto maior prazer à minha imaginação quanto à minha gulodice; às vezes, a pequena porção de natureza de onde tinham sido extraídos rugosa pia benta da ostra na qual ficam algumas gotas de água salgada, ou sarmento nodoso, pâmpanos amarelados de um cacho de uvas, essa porção ainda os cercava, incomestível, poética e distante como uma paisagem, e fazendo seguir-se, no decurso do jantar, as evocações de uma sesta sob uma videira e de um passeio no mar; de outras vezes, somente pelo cozinheiro é que era posta em relevo essa particularidade original das avitualhas, que ele apresentava em seu quadro natural como uma obra de arte; e um peixe cozido em molho de escabeche era trazido num longo prato de barro, onde, como se destacasse em relevo sobre camadas de ervas azuis, infrangível mas contorcido ainda por ter sido jogado vivo em água fervente, rodeado de um círculo de mariscos, animalzinhos satélites, caranguejos, camarões e mexilhões, era como se aparecesse numa cerâmica de Bernard Palissy.

- Estou com ciúmes, estou furioso. - disse-me Saint-Loup, meio rindo, meio a sério, fazendo alusão às intermináveis conversas à parte que eu tinha com seu amigo. - Será que você o acha mais inteligente que eu? Gosta mais dele que de mim? Os homens que querem uma mulher desaforadamente, que vivem numa sociedade de mulherengos se permitem gracejos que outros não se atreveriam, pois veriam nelas não menos que a inocência.

Já que a conversação tornava-se generalizada evitavam todos falar em Dreyfus com receio de constranger Saint-Loup. No entanto, uma semana depois, dois de

seus camaradas falaram como era curioso que, vivendo num meio tão militar eram tão dreyfusista e quase antimilitarista.

- O caso é disse eu sem querer entrar em detalhes – que a influência do meio não tem a influência que se acredita.

Claro que eu esperava parar nesse ponto. Apesar disso as reflexões que formulara a Saint-Loup alguns dias antes textualmente, com essas palavras, pelo menos dissera-as quase para desculpar-me acrescentando:

- Era justamente o que para mim e por outro dia... - não contara com o reverso da gentil admiração de Robert por mim assim como por algumas outras pessoas. Essa admiração era completa; tanto que ao fim de quarenta e oito horas, ele se referia à mim esquecido que tais idéias não eram suas. Assim, no que concernia minha modesta tese, Saint-Loup, absolutamente como se ela sempre houvesse habitado o seu cérebro, e como se eu não fizesse mais que boas-vindas em suas terras, achou-se no dever de me desejar calorosamente um meio de aprovar-me:

- Claro que sim! O meio não tem tanta importância.

E, com a mesma força de temesse ser interrompido ou incompreendido por mim, disse:

- A verdadeira influência é a do meio intelectual! Cada qual é o homem de sua própria idéia.

Deteve-se por um momento com um sorriso de quem digeriu bem, deixou cair o monóculo e pousando o olhar em mim como uma barreira:

- Todos os homens de uma mesma idéia são semelhantes. - disse-me em tom de desafio.

Sem dúvida não se lembrava que eu lhe dissera, poucos dias antes, aquilo que na dúvida dizia ele também. Nem sempre eu chegava a fundo com Saint-Loup com a mesma disposição de ânimo. Em compensação lembrava tão bem todas as noites se uma recordação, um desgosto que a gente sinta são capazes de nos abandonarmos às vezes, a ponto de não os percebermos mais, também há várias noites em que por muito tempo não nos largam. Havia tarde em que ao atravessar a cidade achava que encontraria a Sra. de Guermantes, e sentia tantas dores no peito como se fora seccionado, que mal podia respirar. Dir-se-ia que uma parte de mim fora substituído por um sofrimento equivalente a nostalgia e ao amor. E, por mais bem-feitos que fossem os pontos de sutura, a gente vive muito mal quando a saudade de alguém substitui nossas vísceras, parece que aquela ocupa mais lugar do que estas, sentimo-la permanentemente, e depois, que ambigüidade sermos obrigados a pensar uma parte do nosso corpo! Unicamente, parece que ficamos valendo mais. À menor brisa, suspiramos de

opressão, mas também de langor. Eu contemplava o céu. Se estava claro, dizia comigo: "Talvez ela esteja no campo, contemple as mesmas estrelas, e quem sabe se, ao chegar ao restaurante, Robert não vai me dizer: ''Boas notícias. Minha tia acaba de me escrever, ela gostaria de te ver, e virá até aqui." Não era só no firmamento que eu colocava o pensamento da Sra. de Guermantes. Um ventinho suave que passasse parecia trazer-me uma mensagem dela, como outrora de Gilberte nos trigais de Méséglise: a gente não muda, o que fazemos é inserir nos sentimentos relativos a uma criatura certo número de elementos adormecidos que eles desertam, mas que não lhe são estranhos. E, além disso, tais sentimentos particulares, algo em nós sempre se esforça por levá-los a uma verdade maior, ou seja, fazê-los juntarem-se a um sentimento mais geral, comum a toda a humanidade, coisas com que os indivíduos e os desgostos que nos causam não são mais que uma oportunidade de nos pôr em contato. O que proporcionava um pouco de prazer à minha pena é que eu a sabia uma parcela mínima do amor universal. Sem dúvida, por julgar reconhecer tristezas que experimentara a respeito de Gilberte, ou então quando à noite, em Combray, mamãe não ficava no meu quarto, e também a lembrança de certas páginas de Bergotte, no sofrimento que sentia e ao qual a Sra. de Guermantes, mais sua frieza e sua ausência, não estavam claramente ligadas como a causa o é ao efeito no espírito de um sábio, eu não concluía que a Sra. de Guermantes fosse tal causa. Pois não há dores físicas difusas, estendendo-se por irradiação nas regiões exteriores à parte doente, mas que as abandonam para se dissipar por inteiro se um facultativo toca o ponto preciso de onde elas provêm? E, no entanto, antes disso, sua extensão dava-nos um tal caráter de vaguidão e de fatalidade que, impotentes em explicá-la, e até em localizá-la, julgávamos impossível fosse curada. Encaminhando-me para o restaurante, dizia comigo: "Já faz quatorze dias que não vejo a Sra. de Guermantes." Quatorze dias, o que só parecia uma coisa imensa para mim, que, quando se tratava da Sra. de Guermantes, contava os minutos. Para mim, não eram apenas as estrelas e a brisa, mas até as divisões aritméticas do tempo que adquiriam algo de poético e doloroso. Todo dia era agora como a crista móvel de uma incerta colina: de um lado, eu sentia que podia cair no esquecimento; do outro, era levado pela necessidade de rever a duquesa. E estava mais próximo ora de um, ora de outro, não tendo equilíbrio estável. Um dia eu me disse: "Talvez haja uma carta esta noite" e, ao chegar para jantar, tive a coragem de indagar de Saint-Loup:

- Por acaso, não recebeste notícias de Paris?

- Sim. - respondeu-me com ar sombrio -, e elas não são boas.

Respirei, compreendendo que não era somente ele quem tinha desgostos e que as notícias eram de sua amante; mas logo vi que uma das conseqüências seria a de impedir Robert, durante muito tempo, de me levar à casa de sua tia.

Percebi que rebentara uma briga entre ele e a amante, seja por correspondência, seja que ela tivesse vindo visitá-lo de manhã, entre dois trens. E as brigas, ainda as menos graves, que tinham tido até então pareciam sempre insolúveis. Pois ela tinha mau gênio, sapateava, chorava, por motivos tão incompreensíveis como as crianças que se trancam num quarto escuro, não vêm jantar, recusando-se a dar qualquer explicação e apenas redobram de soluços quando, perdendo a paciência, lhes damos palmadas. Saint-Loup sofreu horrivelmente com essa briga, mas é uma forma de dizer por demais simples e que torna falsa a idéia que se deve fazer dessa dor. Quando Robert se achou sozinho de novo, sem mais ter de pensar na amante, que partira cheia de respeito por ele ao vê-lo tão enérgico, as angústias que sentira nas primeiras horas se acabaram diante do irreparável, e o fim de uma angústia é algo tão suave que a briga, uma vez certa, assumiu para ele um pouco do mesmo tipo de encanto que lhe daria uma reconciliação. Aquilo de que principiou a sofrer um pouco mais tarde foram uma dor e um acidente secundário cujos fluxos vinham incessantemente de si mesmo, à idéia de que ela talvez quisesse reaproximar-se, que não era impossível que esperasse uma palavra dele, que, enquanto isso, por vingança, talvez fizesse nalguma noite, em algum lugar, alguma coisa, e que bastaria que ele telegrafasse que ia chegar para que tal coisa não ocorresse, que talvez outros se aproveitariam do tempo que perdia, e que, dentro de alguns dias, seria tarde demais para tê-la de volta, pois já teria sido tomada por alguém. De todas essas possibilidades ele não sabia coisa alguma, sua amante mantinha um silêncio que acabou por lhe transtornar as idéias, a ponto de fazê-lo indagar-se se ela não estaria escondida em Doncieres ou se não teria partido para a Índia.

Tem-se dito que o silêncio é uma força; num sentido inteiramente diverso, é de fato uma força terrível à disposição dos que são amados. Ele aumenta a ansiedade de quem está esperando. Nada convida tanto a aproximar-se de uma criatura como aquilo que dela nos separa, e qual a barreira mais intransponível que o silêncio? Diz-se também que o silêncio é um suplício, capaz de tornar louco a quem a ele seja coagido nas prisões. Mas que suplício maior do que guardar silêncio o de suportá-lo vindo de quem se ama! Robert se dizia: "Que será que ela está fazendo então, para se calar desse modo? Sem dúvida está me enganando com outros..." E pensava ainda: "Que será que eu fiz para que se cale assim? Talvez me odeie, e para sempre." E se acusava. Dessa forma, o silêncio o enlouquecia mesmo, pelo ciúme e pelo remorso. Além disso, mais cruel que o das prisões, semelhante silêncio é a própria prisão. Um tabique imaterial, sem dúvida, mas impenetrável, essa camada interposta de atmosfera vazia, mas que os raios visuais do abandonado não podem atravessar. Existirá mais terrível iluminação que o silêncio que nos mostra não uma ausente, mas mil, cada uma se entregando a uma traição? Às vezes, num alívio brusco, Robert julgava que aquele silêncio ia terminar em breve, que a carta esperada chegaria. Ele a via,

ela chegava, ele auscultava cada ruído, já estava acalmado, murmurava:

"A carta! A carta!" Depois de assim ter entrevisto um oásis imaginário de carinho, voltava a ver-se engatinhando no deserto real do silêncio sem fim.

Sofria por antecipação, sem se esquecer de uma só, todas as dores de um rompimento que, em outras ocasiões, julgava poder evitar, como as pessoas que regulam todos os seus assuntos em vista de uma expatriação que não se efetuará, e cujo pensamento, que já não sabe onde deverá situar-se no dia seguinte, agita-se momentaneamente desligado delas, semelhante ao coração que se retira de um enfermo e que permanece batendo, separado do corpo. Em todo caso, a esperança de que a amante regressaria lhe dava a coragem para perseverar no rompimento, assim como a crença de que se retornará vivo da batalha ajuda a enfrentar a morte. E, como o hábito é, de todas as plantas humanas, a que menos precisa de solo nutritivo para viver e que é a primeira a aparecer sobre o rochedo aparentemente o mais desolado, talvez praticando

a princípio o rompimento por dissimulação, acabasse Robert por se acostumar sinceramente a ele. Mas a incerteza mantinha nele um estado que, ligado à recordação daquela mulher, se parecia com o amor. Entretanto, ele se obrigava a não lhe escrever, pensando talvez que seria menos cruel o tormento de viver sem a amante do que viver com ela em determinadas condições, ou que, depois da forma como se tinham deixado, esperar as suas desculpas era necessário para que ela conservasse o que ele julgava lhe dedicar, se não amor, ao menos a estima e o respeito. Contentava-se em ir ao telefone, que acabavam de instalar em Doncieres, e pedir notícias, ou dar instruções a uma criada de quarto que colocara junto da amiga. De resto, tais comunicações eram complicadas e lhe ocupavam mais tempo, porque, seguindo as opiniões de seus amigos literários quanto à feiúra da capital, mas sobretudo em consideração de seus animais, seus cachorros, seu macaco, seus canários e seu papagaio, cujos gritos incessantes o seu proprietário de Paris deixara de tolerar, a amante de Robert acabava de alugar uma pequena propriedade nos arredores de Versalhes. Entretanto, Robert, em Doncieres, já não dormia um só instante de noite. Uma vez, no meu quarto, vencido pelo cansaço, adormeceu um pouco. Mas de repente começou a falar, queria correr, evitar alguma coisa; dizia: - Estou ouvindo... não, não faça... - Acordou. Disse-me que acabara de sonhar que estava no campo, na casa do sargento-mor. Este procurava afastá-lo de certa parte da casa. Saint-Loup adivinhara que o sargento-mor hospedava em sua casa um tenente muito rico e depravado, que ele sabia que desejava muito a sua amiga. E de súbito, no sonho, ouvira distintamente os gritos intermitentes e regulares que sua amante costumava soltar nos momentos de volúpia. Quisera obrigar o sargento-mor a levá-lo àquele quarto. E este o detinha para impedi-lo de entrar ali, ao passo que fingia um ar ofendido com tanta indiscrição que Robert dizia que nunca poderia

esquecer.

- Meu sonho é idiota acrescentou, ainda sufocado.

Mas vi perfeitamente que, na hora seguinte, esteve várias vezes a ponto de telefonar à amante para lhe pedir a reconciliação. Meu pai tinha telefone há pouco, mas não sei se isso teria servido muito a Saint-Loup. Aliás, não me parecia muito conveniente dar a meus pais, mesmo a um simples aparelho instalado em casa deles, esse papel de intermediário entre Saint-Loup e sua amante, por mais distinta e nobre de sentimentos que ela fosse. O pesadelo que Saint-Loup tivera se apagou um pouco de seu espírito. Com olhar distraído, fixo, ele veio me visitar durante todos aqueles dias atrozes que delinearam para mim, seguindo-se um após outro, a curva magnífica de alguma rampa duramente forjada, onde Robert ficava, perguntando-se que resolução a sua amiga iria tomar.

Por fim, ela lhe perguntou se ele consentia em perdoá-la. E, logo que ele compreendeu que o rompimento fora evitado, percebeu todos os inconvenientes de uma reaproximação. Aliás, já sofria menos e quase aceitara uma dor da qual seria preciso, talvez dentro de poucos meses, encontrar de novo a dentada caso a ligação recomeçasse. E talvez só tenha hesitado por enfim estar certo de poder reaver a amante; de poder e, conseqüentemente, fazê-lo. Unicamente ela, para poder recuperar a calma, pediu-lhe que não voltasse a Paris a 14 de janeiro. Ora, ele não tinha ânimo de ir a Paris sem vê-Ia. Por outro lado, ela consentira em viajar em sua companhia, mas para isso era necessário uma licença especial, que o capitão de Borodino não queria conceder.

- Isto me aborrece por causa da nossa visita à casa de minha tia, que terá de ser adiada. Sem dúvida voltarei a Paris pela Páscoa.

- Não poderemos ir à casa da Sra. de Guermantes nessa ocasião, pois então já estarei em Balbec. Mas isso não tem importância.

- Em Balbec? Mas você não iria só no mês de agosto?

- Sim, mas este ano, devido à minha saúde, devem me mandar mais cedo.

Todo o seu temor era de que eu julgasse mal a sua amante, depois do que me contara.

- Ela é violenta só porque tem muita franqueza, é demasiado íntegra nos seus sentimentos. Mas é uma criatura sublime. Tu não podes imaginar as delicadezas poéticas que possui. Vai passar, todos os anos, o Dia de Finados em Bruges. É "bem", não é verdade? Se algum dia a conheceres, verás, ela tem uma grandeza...

E, como estivesse imbuído de uma certa linguagem que se falava em torno daquela mulher, nos meios literários:

- Ela tem algo de sideral e até de *fatídico*, compreendes o que quero dizer, o poeta que era quase um sacerdote.

Durante todo o jantar, procurei um pretexto que permitisse a Saint-Loup pedir à tia que me recebesse sem esperar que ele voltasse a Paris. Ora, tal pretexto me foi fornecido pelo desejo que eu tinha de rever os quadros de Elstir, o grande pintor que Saint-Loup e eu tínhamos conhecido em Balbec. Pretexto em que havia, aliás, alguma verdade, pois se, em minhas visitas a Elstir, pedira eu à sua pintura que me conduzisse à compreensão e ao amor das coisas melhores que ela própria, a um degelo verdadeiro, a uma autêntica praça de província, a mulheres de carne e osso na praia (quando muito, lhe encomendara o retrato das realidades que não soubera aprofundar, como um caminho orlado de espinheiros-alvos, não para que me conservasse a sua beleza, mas para que a desvelasse para mim), agora, pelo contrário, a originalidade e a sedução de tais pinturas é que excitavam o meu desejo, e o que eu queria ver acima de tudo eram outros quadros de Elstir.

Parecia-me, aliás, que seus menores quadros eram algo inteiramente diverso das obras-primas de outros pintores, mesmo os maiores que ele. Sua obra era como um reino fechado, de fronteiras indevassáveis, de matéria sem par. Colecionando avidamente as raras revistas onde tinham sido publicados estudos sobre ele, fiquei sabendo que só recentemente é que ele começara a pintar paisagens e naturezas-mortas, mas que havia principiado por quadros mitológicos (vira eu as fotos de dois deles no seu ateliê), e que depois ficara por muito tempo impressionado pela arte japonesa.

Algumas obras mais características de suas diferentes maneiras se achavam na província. Certa casa dos Andelys, onde se encontrava uma de suas mais belas paisagens, parecia-me tão preciosa, dava-me um desejo tão vivo de viajar como uma aldeia de Chartres, em cuja pedra de mó está engastado um glorioso vitral; e eu me sentia atraído para esse homem que, no interior de sua casa grosseira, na rua principal, encerrado como um astrólogo, interrogava um desses espelhos do mundo que é um quadro de Elstir e que talvez tivesse comprado por milhares de francos com essa simpatia que une até os corações, até as índoles dos que pensam da mesma forma que nós acerca de um assunto essencial. Ora, três obras importantes do meu pintor preferido estavam relacionadas numa daquelas revistas como pertencentes à Sra. de Guermantes. Afinal, foi com sinceridade que, na tarde em que Saint-Loup me anunciara a viagem de sua amiga a Bruges, pude, no decorrer do jantar, diante de seus amigos, atirar-lhe como que de improviso:

- Escuta, me permites? Na última conversa a respeito da dama de que falamos, não te lembras de Elstir, o pintor que conheci em Balbec?

- Sim, naturalmente.

- Lembras-te da minha admiração por ele?

- Perfeitamente, e da carta que lhe mandamos entregar.

- Muito bem. Um dos motivos, e não dos mais importantes, um motivo acessório pelo qual eu desejaria conhecer a dita senhora, sabes muito bem qual é?

- Claro que sim! Tantos parênteses!

- É que ela possui em casa pelo menos um quadro muito bonito de Elstir.

- Ora, eu não sabia.

- Elstir estará em Balbec, sem dúvida, pela Páscoa. Sabe que ele passa agora quase o ano inteiro naquela costa. Gostaria muito de ter visto esse quadro antes de minha partida. Não sei se você tem bastante intimidade com sua tia; não poderia, valorizando-me habilmente a seus olhos a ponto que ela não se recuse, pedir-lhe que me deixe ir ver o quadro sem estar na sua companhia, já que você não estará presente?

- Está combinado, respondo por ela; vou tratar disso.

- Robert, como gosto de você.

- Você é amável em gostar de mim, mas também o seria se me tratasse por tu como me prometeu e como começara a fazê-lo.

- Espero que não seja a sua partida o que estão tramando. - disse-me um dos amigos de Robert. - Você sabe, se Saint-Loup sai de licença, isso não deve mudar coisa alguma, pois estamos aí. Será talvez menos agradável para você, mas não mediremos esforços para tentar fazê-lo esquecer a ausência dele.

Com efeito, no momento em que se supunha que a amiga de Robert estava sozinha em Bruges, acabava-se de saber que o capitão de Borodino, até então de opinião contrária, vinha de conceder ao suboficial Saint-Loup uma longa licença para Bruges. Eis o que se passara. O príncipe, muito cioso de sua basta cabeleira, era um assíduo freguês do maior cabeleireiro da cidade, outrora ajudante do velho cabeleireiro de Napoleão III. O capitão de Borodino dava-se bem com o cabeleireiro, pois era, apesar de seus modos imponentes, muito simples com as pessoas do povo. Mas o cabeleireiro, em cujo estabelecimento o príncipe tinha uma conta atrasada de pelo menos cinco meses, e que os frascos de "Portugal", de "Água dos Soberanos", os ferros de frisar, as navalhas e os couros inchavam, não menos que os xampus, os cortes de cabelo, etc., colocava mais alto Saint-Loup, que pagava integralmente as contas, possuía vários carros e cavalos de sela. Posto ao corrente do aborrecimento de Saint-Loup por não poder viajar com a amante, o cabeleireiro vivamente falou do assunto ao príncipe, atado com uma sobrepeliz branca no momento em que o barbeiro lhe mantinha a cabeça

inclinada e ameaçava a sua garganta. A narração dessas aventuras galantes de um rapaz arrancou ao capitão-príncipe um sorriso de indulgência bonapartista. É pouco provável que pensasse em sua conta não paga, mas a recomendação do cabeleireiro o inclinava tanto ao bom humor como ao mau humor de um duque. Ainda estava com o queixo coberto de espuma quando prometeu a licença, que foi assinada na mesma tarde. Quanto ao cabeleireiro, que se acostumara a gabar-se incessantemente, e que, para isso, se arrogava, com extraordinária faculdade de mentiras, prestígios totalmente inventados, por uma vez que prestou um serviço notável a Saint-Loup, não só não lhe trombeteou o mérito, mas, como se a vaidade tivesse necessidade de mentir, e, quando não havia motivos para fazê-lo, cedesse o lugar à modéstia, jamais voltou a falar do caso a Robert.

Todos os amigos de Robert me disseram que, enquanto ficasse em Doncieres, ou em qualquer época em que para ali regressasse, se Robert estivesse ausente, os seus carros, seus cavalos, suas casas, suas horas de liberdade estariam à minha disposição, e eu sentia que era de coração que aqueles rapazes punham o seu luxo, sua juventude e o seu vigor a serviço da minha fraqueza.

- Por que afinal recomeçaram eles, após terem insistido para que eu ficasse não haveria você de voltar todos os anos? Veja que esta vida lhe agrada muito! E mesmo porque você se interessa por tudo que se passa no regimento, como se fosse um veterano.

Não tivesse ouvido; e, conversando com ele (sem cessar de cruzar e descruzar as pernas, inclinando-se para trás, numa atitude displicente, com o pé na mão), chamava-o de "meu caro". Ao contrário, porém, de uma nobreza cujos títulos ainda guardavam sua significação, providos, como continuavam, de ricos morgadios que recompensavam gloriosos serviços e faziam mais viva a lembrança de altas funções em que se exerce o comando sobre muitos homens e onde é necessário conhecê-los, o príncipe de Borodino se não distintamente e em sua consciência clara e pessoal, pelo menos no corpo, que o revelava por seus modos e atitudes considerava a sua linhagem como uma prerrogativa de fato; a esses mesmos plebeus a quem Saint-Loup bateria no ombro e tomaria pelo braço, ele se dirigia com uma afabilidade imponente, em que uma reserva cheia de grandeza temperava a bonomia sorridente que lhe era natural, num tom ao mesmo tempo de sincera benevolência e de altivez intencional. Isto, sem dúvida, se devia a que ele estava menos afastado das grandes embaixadas e da corte, onde seu pai desfrutara dos mais altos cargos e onde as maneiras de Saint-Loup, de cotovelo na mesa e pé na mão, teriam sido mal recebidas; mas se devia, sobretudo, a que desprezava menos essa burguesia, visto que ela era o grande reservatório onde o primeiro imperador fora buscar seus marechais, seus nobres, e onde o segundo encontrara um Fould e um Rouher.

Sem dúvida, filho ou neto de imperador, e só tendo um esquadrão para

comandar, as preocupações de seu pai ou de seu avô não podiam, por falta de objeto a que se aplicar, sobreviver de fato no pensamento do Sr. De Borodino. Mas, como o espírito de um artista continua a modelar muitos anos depois de se haver extinto a estátua que esculpiu, tais preocupações tinham tomado corpo nele, nele se haviam materializado, encarnado; eram elas que o seu rosto refletia. Era com a vivacidade do primeiro imperador na voz que ele dirigia uma censura a um cabo, com a melancolia sonhadora do segundo que exalava a baforada de um cigarro. Quando passava em trajes civis pelas ruas de Doncieres, um certo brilho do olhar, fugindo por sob o chapéu-coco, fazia reluzir em torno ao capitão um soberano incógnito; as pessoas tremiam quando ele entrava no escritório do sargento-mor, seguido pelo ajudante e pelo furriel, como por Berthier e por Masséna. Quando escolhia a fazenda de uma calça para o seu esquadrão, fixava no cabo alfaiate um olhar capaz de frustrar Talleyrand e de enganar Alexandre. E às vezes, ao passar uma tropa em revista, parava, deixando que seus admiráveis olhos azuis sonhassem, torcia o bigode, dava a impressão de edificar uma Prússia e uma Itália novas. Mas logo, tornando-se de Napoleão III à Napoleão I, observava que o enfardamento não estava polido e queria provar o rancho da tropa. E em sua casa, na vida privada, era para as esposas de oficiais burgueses (desde que não fossem franco-maçons) que mandava exibir não apenas uma baixela de Sevres, de azul régio, digna de um embaixador (dada a seu pai por Napoleão, e que parecia ainda mais preciosa na casa provinciana onde residia, no Passeio Público, como essas porcelanas raras que os turistas admiram com mais prazer no armário rústico de uma velha casa senhorial transformada em fazenda bem freqüentada e próspera), mas ainda outros presentes do imperador: aquelas nobres e encantadoras maneiras que também teriam feito maravilhas em algum posto de representação, se para alguns o ser "nascido" não representasse passar a vida inteira no mais injusto dos ostracismos, assim como os gestos familiares, a bondade, a graça e, encerrando imagens gloriosas sob um azul igualmente régio, a relíquia misteriosa, iluminada e sobrevivente do olhar. E, a propósito das relações burguesas que o príncipe cultivava em Doncieres, convém dizer o seguinte: o tenente-coronel tocava piano admiravelmente, a esposa do médico-chefe cantava como se tivesse conquistado um primeiro prêmio no conservatório. Este último casal, assim como o tenente-coronel e sua mulher, jantava todas as semanas na casa do Sr. de Borodino. Certamente ficavam lisonjeados, sabendo que o príncipe, quando ia de licença a Paris,-jantava na casa da Sra. de Pourtales, dos Murat, etc.. Mas diziam consigo: "É um simples capitão, sente-se muito feliz por irmos à sua casa; afinal, é um grande amigo nosso." Mas, quando o Sr. de Borodino, que desde há muito vinha trabalhando para aproximar-se de Paris, foi nomeado para Beauvais, fez a sua mudança, esqueceu tão completamente os dois casais músicos como o teatro de Doncieres e o pequeno restaurante de onde mandava vir com freqüência o seu

almoço e, para grande indignação deles, nem o tenente-coronel, nem o médico-chefe, que tantas vezes tinham jantado em casa do príncipe, nunca mais receberam, em toda a vida, qualquer notícia sua.

Certa manhã, Saint-Loup me confessou que escrevera à minha avó para lhe dar notícias a meu respeito e lhe sugerir a idéia de conversar comigo, já que estava em funcionamento um serviço telefônico entre Doncieres e Paris. Em breve, no mesmo dia, ela devia me mandar chamar ao aparelho, e ele me aconselhou que estivesse às quinze para as quatro no posto. Àquela época, o telefone ainda não era de uso tão corrente como hoje. E, no entanto, o hábito leva tão pouco tempo para despojar de seu mistério as forças sagradas com que estamos em contato que, não tendo conseguido imediatamente a minha ligação, a única idéia que tive foi de que aquilo era tão demorado, tão incômodo, que quase acabei fazendo uma queixa: como todos nós agora, eu não achava bastante rápida, à minha disposição, em suas bruscas mudanças, a admirável magia pela qual são suficientes uns poucos instantes para que surja junto a nós, invisível mas presente, a criatura a quem desejávamos falar e que, ficando à sua mesa, na cidade em que mora (no caso

de minha avó era Paris), sob um céu diverso do nosso, durante um tempo que não é forçosamente o mesmo, em meio a circunstâncias e preocupações que ignoramos e que essa criatura vai nos dizer, se acha de súbito transportada a centenas de léguas (ela e todo o ambiente em que permanece mergulhada), perto de nossos ouvidos, no momento em que o nosso capricho assim ordenou. E somos como o personagem do conto a quem uma fada, ante o desejo que ele exprime, faz surgir, banhada em claridade sobrenatural, a avó ou a noiva no ato de folhear um livro, de derramar lágrimas, de colher flores, tão perto do espectador e entretanto tão longe, no próprio local onde se encontra de verdade. Para que tal milagre se cumpra, basta-nos aproximar os lábios da prancheta mágica e chamar - às vezes, admito-o, um pouco longamente as Virgens Vigilantes, cuja voz podemos ouvir todos os dias sem jamais conhecer-lhes o rosto, e que são anjos da guarda nas trevas vertiginosas cujas portas vigiam com ciúme; as Todo-poderosas devido a quem os ausentes surgem ao nosso lado, sem que seja permitido vislumbrá-los; as Danaides do invisível que sem cessar esvaziam, voltam a encher e transmitem as umas de sons; as irônicas Fúrias que, no momento em que murmuramos uma confidência a uma amiga, com a esperança de que ninguém nos ouça, gritam cruelmente: "Estou ouvindo!"; as servas sempre irritadas do Mistério, as desconfiadas sacerdotisas do Invisível, as Senhoritas do telefone!

E logo que nosso chamado ressoou, na noite cheia de aparições para a qual só os nossos ouvidos se abrem, um leve ruído um ruído abstrato o da distância suprimida e a voz do ser amado se dirige a nós. É ele, é a sua voz que nos fala,

que está ali.

Mas como está longe! Quantas vezes não pude escutá-la sem angústia, como se diante dessa impossibilidade de ver, antes de longas horas de viagem, aquela cuja voz estava tão perto de meu ouvido, eu sentisse melhor o que há de decepcionante na aparência de uma reaproximação mais doce, e a que distância podemos estar das pessoas amadas no momento em que parece não termos mais que estender a mão para retê-las. Presença real a dessa voz tão próxima na separação efetiva! Mas também antecipação de uma separação eterna! Com muita freqüência, escutando desse modo, sem ver quem me falava de tão longe, pareceu-me que essa voz clamava das profundezas de onde não se sobe, e conheci a ansiedade que ia me estreitar um dia, quando uma voz voltasse assim (sozinha e já não presa a um corpo que eu não devia rever nunca mais) a cochichar no meu ouvido palavras que eu gostaria de beijar de passagem sobre lábios para sempre em pó.

Infelizmente, naquele dia em Doncieres o milagre não ocorreu. Quando cheguei ao posto telefônico, minha avó já me havia chamado; entrei na cabine, a linha estava ocupada; alguém conversava, sem dúvida sem saber que não havia ninguém para lhe responder, pois, quando puxei para mim o receptor, aquele pedaço de madeira se pôs a falar como Polichinelo; fi-lo calar-se, assim como no guignol, repondo-o em seu lugar, mas, como Polichinelo, logo que o trazia para junto de mim, ele começava o seu palavrório. Em desespero de causa, acabei por pendurar em definitivo o receptor, acabei por sufocar as convulsões daquela coisa sonora, que tagarelou até o último segundo, e fui procurar o funcionário que me disse para esperar um momento; depois falei e, após alguns instantes de silêncio, ouvi de súbito aquela voz que eu julgava erroneamente conhecer tão bem, pois até então, de cada vez que minha avó conversava comigo, o que ela me dizia eu sempre o acompanhara na partitura aberta de seu rosto, onde os olhos ocupavam enorme espaço; mas sua própria voz, escutava-a hoje pela primeira vez. E porque essa voz me surgia mudada em suas proporções desde o instante em que era um todo, e assim me chegava sozinha e sem o acompanhamento das feições do rosto, descobri o quanto era doce aquela voz; talvez mesmo nunca o tivesse sido a esse ponto, pois minha avó, sentindo-me distante e infeliz, julgava poder abandonar-se à efusão de uma ternura que, por "princípios" de educação, ela habitualmente recalcava e escondia. A voz era doce, mas também como era triste, primeiro devido à própria doçura, quase filtrada, mais do que nunca o seriam algumas vozes humanas, de toda dureza, de todo elemento de resistência aos outros, de todo egoísmo; frágil à força de delicadeza, parecia a todo instante prestes a quebrar-se, a expirar em um puro correr de lágrimas; a seguir, tendo-a sozinha comigo, vista sem a máscara do rosto, nela reparava, pela primeira vez, os desgostos que a tinham marcado no

decurso da vida.

Além disso, seria unicamente a voz que, por estar só, me dava essa nova impressão que me dilacerava? De jeito nenhum, mas esse isolamento da voz era antes como um símbolo, uma evocação, um efeito direto de outro isolamento, o de minha avó, pela primeira vez separada de mim. As ordens e proibições que me dirigia a todo momento no comum de sua vida, o tédio à obediência ou a febre da rebelião que neutralizavam a ternura que eu sentia por ela, eram suprimidos naquele momento e até poderiam sê-lo para o futuro (visto que minha avó já não exigia ter-me junto dela sob sua lei, e dizia de sua esperança que eu ficasse em Doncieres, ou, em todo caso, que prolongasse a minha estada o máximo possível, se isso fosse proveitoso à minha saúde e ao meu trabalho); assim, o que eu tinha sob o pequeno sino próximo ao meu ouvido era, desembaraçada das pressões opostas que todos os dias lhes fizeram contrapeso, e desde agora irresistível, animando-me todo inteiro, a nossa mútua ternura. Minha avó, dizendo-me que ficasse, dava-me uma ansiosa e louca necessidade de voltar. Essa liberdade que me deixava daí em diante, e à qual eu jamais imaginara que ela consentisse, pareceu-me de repente tão triste como o poderia ser minha liberdade após a sua morte (quando ainda a amasse e ela tivesse para sempre renunciado a mim). Eu gritava: "Vovó, vovó", e desejaria beijá-la; mas, perto de mim só tinha aquela voz, fantasma tão impalpável como o que talvez viesse me visitar quando minha avó morresse. "Fale comigo"; mas aconteceu então que, deixando-me mais só ainda, deixei subitamente de perceber aquela voz. Minha avó já não me ouvia, não estava mais em comunicação comigo, tínhamos deixado de estar em face um do outro, de ser audíveis um para o outro, eu continuava a interpelá-la, tateando na noite, sentindo que os apelos dela também deveriam ter se extraviado. Palpitava com a mesma angústia que, num passado remoto, experimentara antigamente num dia em que, bem pequeno, eu a havia perdido na multidão, angústia menos por não encontrá-la do que por sentir que ela me procurava, por sentir que ela dizia consigo que eu a estava procurando; angústia muito parecida com a que eu sentiria no dia em que falamos àqueles que já não podem nos responder e a quem desejaríamos pelo menos fazer ouvir tudo aquilo que não lhes dissemos, e com a segurança de que já não sofremos. Parecia-me que já era uma sombra querida que eu acabava de deixar perder-se por entre as sombras e, sozinho diante do aparelho, continuava a repetir em vão: "Vovó, vovó", como Orfeu, sozinho, repete o nome da morta. Decidi deixar o posto, ir ao encontro de Robert no restaurante para lhe dizer que, indo talvez receber uma correspondência que me obrigaria a regressar, gostaria de saber, fosse como fosse, o horário dos trens. E, no entanto, antes de tomar essa resolução, teria desejado invocar uma última vez as Filhas da Noite, as Mensageiras da palavra, as divindades sem rosto; mas as caprichosas Guardiãs não mais tinham querido abrir as Portas maravilhosas, ou sem dúvida não o

puderam; por mais que invocassem, segundo seu costume, o venerável inventor da imprensa e o jovem príncipe amador de pintura impressionista e de automobilismo (o qual era sobrinho do capitão de Borodino), Gutenberg e Wagram deixaram suas súplicas sem resposta, e eu fui embora, sentindo que o Invisível solicitado permaneceria surdo.

Chegando junto de Robert e seus amigos, não lhes confessei que meu coração não estava mais com eles, que minha partida já estava irrevogavelmente decidida. Saint-Loup pareceu acreditar em mim, mas soube depois que ele, desde o primeiro momento, compreendera que minha incerteza era simulada e que no dia seguinte já não me encontraria. Ao passo que, deixando os pratos esfriando à frente deles, seus amigos procuravam com ele, no guia, o trem que eu poderia tomar de volta a Paris, e, enquanto se ouviam na noite estrelada e fria os silvos das locomotivas, eu certamente já não sentia a mesma tranqüilidade que me haviam proporcionado aqui, em tantas noites, a amizade de uns e a passagem distante de outros. Entretanto, não faltavam naquela noite, sob uma outra forma, a esse mesmo ofício. Minha partida me acabrunhou menos quando não fui mais obrigado a pensar nela sozinho, quando senti empregar-se nisso a atividade mais normal e mais saudável de meus enérgicos amigos, os companheiros de Robert, e daqueles outros seres fortes, os trens, cujas idas e vindas, de manhã à noite, de Doncieres a Paris, esmigalhavam, retrospectivamente, em possibilidades cotidianas de regresso, o que havia de mais compacto e insustentável no meu longo isolamento de minha avó.

- Não duvido da veracidade de tuas palavras e que não contas partir ainda. - disse Robert rindo -, mas procede como se partisses e vem me dizer adeus amanhã cedinho, pois sem isso estou me arriscando a não te ver mais; almoço justamente na cidade, o capitão me autorizou; é necessário que eu esteja de volta ao quartel às duas horas, pois vamos marchar o dia inteiro. Por certo o senhor com quem vou almoçar a três quilômetros daqui vai me trazer de volta a tempo para estar às duas no quartel.

Mal dissera estas palavras, quando vieram me procurar, da parte do hotel, dizendo que me chamavam no posto telefônico. Corri, pois ele ia fechar. A palavra "interurbano" voltava sem cessar nas respostas que me davam os empregados. Sentia-me no auge da ansiedade, pois era minha avó quem chamava. O escritório ia fechar. Por fim, consegui a ligação.

- És tu, vovó? -

Uma voz de mulher, com um forte sotaque inglês, me respondeu:

- Sim, mas não reconheço a sua voz.

Tampouco reconhecia eu a voz que me falava, já que minha avó não me tratava de "você". Enfim, tudo se esclareceu. O rapaz cuja avó pedira para chamá-lo ao

telefone tinha um nome quase igual ao meu e morava num anexo do hotel. Ao me chamarem no mesmo dia em que eu quisera telefonar à minha avó, eu não duvidara um só instante que fosse ela quem me chamava. Ora, era por uma simples coincidência que o posto telefônico e o hotel acabavam de cometer um duplo erro.

Na manhã seguinte, atrasei-me e não encontrei Saint-Loup, que já saíra para almoçar no tal castelo próximo. Cerca de uma e meia, preparava-me para ir, fosse como fosse, ao quartel para já estar ali à sua chegada, quando, atravessando uma das avenidas que me levavam ao mesmo, vi, na própria direção em que eu ia, um tílburi que, passando junto a mim, me obrigou a desviar-me; um suboficial o conduzia, de monóculo no olho era Saint-Loup. A seu lado estava o amigo em cuja casa almoçara e que eu já encontrara uma vez no hotel em que Robert jantava. Não tive coragem de chamá-lo, visto que não estava sozinho, mas, desejando que parasse para me levar consigo, atraí sua atenção com um grande cumprimento supostamente motivado pela presença de um desconhecido. Sabia que Robert era míope e no entanto julgava que, se pelo menos me visse, não deixaria de me reconhecer; ora, ele viu perfeitamente o cumprimento e lhe correspondeu, mas sem deter-se; e, afastando-se rapidamente, sem um sorriso, sem que um só músculo do rosto se movesse, contentou-se em manter a mão erguida à altura do quepe, como se respondesse a um soldado a que não houvesse reconhecido. Corri até o quartel, mas ainda estava longe; quando cheguei, o regimento se perfilava no pátio, onde não me deixaram ficar, e senti-me desolado por não ter podido dizer adeus a Saint-Loup; subi para o seu quarto, e ele já não se achava ali; pude indagar a seu respeito a um grupo de soldados doentes, recrutas dispensados da marcha, o jovem bacharel e um veterano que observavam o regimento em forma.

- Vocês não viram o sargento-mor Saint-Loup? - perguntei.

- Ele já desceu, senhor. - disse o veterano.

- Não o vi. - disse o bacharel.

- Não viste disse o veterano-, sem mais se ocupar de mim -, não viste o nosso famoso Saint-Loup, que arrasa com suas calças novas? Quando o capitão vir aquilo, com fazenda de oficial!

- Fazenda de oficial... tens cada uma! - disse o jovem bacharel que, enfermo no quarto, não fazia marchas e tentava, não sem uma certa inquietação, ser atrevido com os veteranos. - Aquilo é fazenda de oficial tanto quanto esta aqui.

- Senhor?! - exclamou furioso o veterano que falara das calças. Estava indignado porque o jovem bacharel punha em dúvida que aquelas calças fossem de fazenda de oficial; mas, bretão, nascido numa aldeia que se chama Penguern-Stereden, tendo aprendido o francês com tanta dificuldade como se fosse inglês

ou alemão, quando era possuído por uma emoção, dizia duas ou três vezes "Senhor" para ter tempo de encontrar as palavras; depois desses preparativos, entregava-se à eloqüência, contentando-se em repetir algumas palavras que conhecia melhor, mas sem pressa, tomando cuidado contra a falta de hábito da pronúncia.

- Ah, então é um pano como esse? - retomou ele, com uma colera de que progressivamente iam aumentando a intensidade e a lentidão de seu enunciado.

- Ah, é um pano como esse! Quando digo que é uma fazenda de oficial, quando te digo, e já que te digo, é que sei, eu penso. A gente não precisa gastar palavras com isso.

- Ah, sendo assim... - disse o jovem bacharel, vencido por essa argumentação. - Veja, aí está justamente o capitão passando. Não, mas olha só o Saint-Loup. Isso é modo de atirar a perna? E, depois, a cabeça. Nem parece um suboficial. E o monóculo então? Ah, ele é um dos tais.

Pedi àqueles soldados, que minha presença não perturbava, que me deixassem olhar também pela janela. Não me impediram de fazê-lo, e tampouco se mexeram. Vi o capitão de Borodino passar majestosamente, fazendo trotar o seu cavalo e parecendo ter a ilusão de que se achava na batalha de Austerlitz. Alguns curiosos estavam reunidos diante das grades do quartel para ver o regimento sair. Ereto no seu cavalo, o rosto um tanto cheio, as faces de uma plenitude imperial, o olhar lúcido, o príncipe devia ser o joguete de alguma alucinação, como eu próprio o era de cada vez que, após a passagem do bonde, o silêncio que se seguia ao seu rolar me parecia percorrido e estriado por uma vaga palpitação musical. Sentia-me desolado por não ter me despedido de Saint-Loup, mas parti do mesmo jeito, pois minha única preocupação era voltar para junto de minha avó; até esse dia, naquela cidadezinha, quando pensava no que minha avó estaria fazendo, solitária, imaginava-a como ela era comigo, mas suprimindo-me, sem levar em conta os efeitos dessa supressão sobre ela; agora, precisava livrar-me, o mais depressa possível, em seus braços, do fantasma, até então insuspeitado e de súbito evocado por sua voz, de uma avó realmente separada de mim, resignada, tendo, o que ainda não lhe conhecera, uma idade, e que acabava de receber uma carta minha no apartamento vazio onde eu já imaginara mamãe quando partira para Balbec.

Infelizmente, esse fantasma, foi ele mesmo que avistei quando, ao entrar no salão sem que minha avó estivesse avisada do meu regresso, a encontrei lendo. Eu estava ali, ou melhor, ainda não estava, pois ela não o sabia e, como uma mulher que a gente surpreende no ato de fazer um trabalho que esconderá ao entrarmos, estava entregue a pensamentos que jamais havia mostrado diante de mim. De mim por esse privilégio que não dura e em que temos, durante o breve

instante do regresso, a faculdade de assistir bruscamente à nossa própria ausência não havia ali senão o testemunho, o observador, de chapéu e capa de viagem, o estranho que vem tirar uma foto dos lugares que nunca mais há de ver. O que se fez em meus olhos, mecanicamente, quando avistei minha avó, foi mesmo uma fotografia. Jamais vemos os seres queridos a não ser no sistema animado, no movimento permanente de nossa incessante ternura, a qual, antes de deixar chegarem até nós as imagens que nos apresentam o seu rosto, arrebata-as em seu turbilhão, atira-as sobre a idéia que fazemos deles desde sempre, fá-las aderir a ela, coincidir com ela. Como, visto que eu fazia a fronte e as faces de minha avó significarem o que havia de mais delicado e permanente em seu espírito, como, visto que todo olhar habitual é uma necromancia e cada rosto que amamos é o espelho do passado, como não teria eu omitido o que nela pudera ter-se tornado pesado e diferente, considerando que, mesmo nos espetáculos mais indiferentes da vida, o nosso olhar, carregado de pensamentos, negligencia, como o faria uma tragédia clássica, todas as imagens que não concorrem para a ação, retendo apenas as que podem tornar inteligível o desfecho? Mas que, em vez do nosso olhar, seja uma objetiva puramente material, uma placa fotográfica, que haja contemplado, e então o que havemos de ver, por exemplo no pátio do Instituto, em vez da saída de um acadêmico que quer chamar um fiacre, será a sua vacilação, suas precauções para não cair para trás, a parábola de sua queda, como se estivesse embriagado, ou como se o solo estivesse coberto de gelo. Dá-se o mesmo quando uma cruel cilada do acaso impede a nossa inteligente e piedosa ternura de acorrer a tempo para ocultar a nossos olhos o que eles jamais devem contemplar, quando aquela é ultrapassada por estes que, chegando primeiro e entregues a si mesmos, funcionam mecanicamente à maneira de películas, mostrando-nos, em vez do ser amado que há muito já não existe, mas cuja morte a nossa ternura jamais quisera nos fosse revelada, o ser novo que cem vezes ao dia ela revestia de uma querida aparência falsa. E, como um enfermo que, não vendo há muito tempo a si mesmo e compondo a todo instante o rosto que não enxerga segundo a imagem ideal que de si próprio conserva no pensamento, recua ao perceber no espelho, no meio de um rosto árido e deserto, a protuberância oblíqua e rósea de um nariz gigantesco feito uma pirâmide do Egito, eu, para quem a minha avó era ainda eu próprio, eu que nunca a vira senão em minha alma, sempre no mesmo lugar do passado, através da transparência de lembranças contíguas e superpostas, de repente, em nosso salão que fazia parte de um mundo novo, o do Tempo, aquele em que vivem os estranhos de quem se diz "está bem envelhecido", eis que pela primeira vez e apenas por um instante, pois desapareceu logo, avistei no canapé, à luz da lâmpada, rubra, pesada e vulgar, enferma, devaneando, passeando por um livro os olhos um tanto alucinados, uma velha acabada que eu não conhecia.

Ao meu pedido para ir ver os Elstirs da Sra. de Guermantes, Saint-Loup dissera:

- Respondo por ela.

E, com efeito, só ele é que havia respondido por ela. Respondemos facilmente aos outros quando, dispondo no pensamento as pequenas imagens que os figuram, manejamo-las à vontade. É claro que, mesmo nesse momento, levamos em conta as dificuldades provenientes da natureza de cada um, diversas da nossa, e não deixamos de recorrer a esse ou àquele poderoso meio de ação sobre ela, interesse, persuasão, emoção, que há de neutralizar tendências contrárias. Porém, essas diferenças quanto à nossa natureza, é ainda a nossa natureza que as imagina; essas dificuldades, somos nós que as erguemos; esses meios de ação eficazes, somos nós que os dosamos. E os movimentos que em nosso espírito fizemos outra pessoa repetir, e que a fazem agir à nossa vontade, quando queremos que ela os execute na vida, tudo então muda, e damos de encontro a resistências imprevistas que podem ser invencíveis. Uma das mais fortes é sem dúvida a que pode desenvolver, numa mulher que não ama, o nojo que lhe inspira, fétido e insuperável, o homem que a ama: durante as longas semanas em Paris, sua tia, a quem não duvidei que ele tivesse escrito para rogar-lhe que o fizesse, não me convidou uma única vez para que fosse à sua casa ver os quadros de Elstir.

Recebi sinais de frieza da parte de outra pessoa da casa. Foi de Jupien. Acharia ele que eu deveria entrar para lhe dar bom-dia, na minha volta de Doncieres, antes até de subir para o meu quarto? Minha mãe disse que não, não precisava ficar espantado. Françoise lhe dissera que ele era assim, sujeito a bruscos acessos de mau humor, sem motivo. Isso passava sempre em pouco tempo.

Entretanto, o inverno findava. Certa manhã, depois de algumas semanas de aguaceiros e tempestades, ouvi na minha lareira em lugar do vento informe, elástico e sombrio que me sacudia de vontade de ir à beira mar o arrulho dos pombos que nidificavam na muralha: irisado, imprevisto como um primeiro jacinto rompendo suavemente seu coração nutritivo para que dele brotasse, malva e acetinada, sua flor sonora, fazendo entrar, como uma janela aberta, no meu quarto ainda fechado e escuro, a quentura, o deslumbramento, a fadiga de um primeiro dia bonito. Naquela manhã, surpreendi-me a cantarolar uma música de café-concerto que havia esquecido desde o ano em que deveria ter ido a Florença ou a Veneza. Tão profundamente, ao acaso dos dias, age a atmosfera sobre nosso organismo, extraindo as obscuras reservas em que tínhamos esquecido as melodias inscritas que nossa memória não decifrou. Um sonhador mais consciente em breve acompanhou o músico que eu ouvia dentro de mim, sem mesmo ter reconhecido de imediato o que ele estava tocando.

Sabia muito bem que não eram próprios de Balbec os motivos pelos quais, quando ali chegara, não havia encontrado em sua igreja o encanto que ela me apresentava antes que a conhecesse; que em Florença, em Parma ou em Veneza,

minha imaginação já não poderia substituir-se a meus olhos para contemplar. Sentia-o. Do mesmo modo, numa tarde de primeiro de janeiro, ao cair da noite, diante de uma coluna de anúncios, eu descobrira a ilusão que existe em crer que certos dias de festa diferem essencialmente dos outros. E, no entanto, não podia evitar que a lembrança do tempo durante o qual julgara passar em Florença a Semana Santa continuasse a fazer desta como que a atmosfera da Cidade das Flores, a dar ao dia da Páscoa, ao mesmo tempo, algo de florentino, e a Florença algo de pascal. A semana da Páscoa ainda estava longe; mas, na fileira dos dias que se estendiam à minha frente, os dias santos destacavam-se mais claros no fim dos dias médios. Tocados por um raio como certas casas de uma aldeia que se entrevê ao longe num efeito de sombra e luz, detinham em si todo o sol.

O tempo melhorara. E até meus pais, aconselhando-me a passear, davam-me um pretexto para continuar minhas saídas matutinas. Gostaria de acabar com elas, pois aí encontrava a Sra. de Guermantes. Mas era por causa dela mesma que pensava o tempo todo nessas saídas, o que me fazia achar a cada instante um novo motivo para sair, motivo que não tinha qualquer relação com a Sra. de Guermantes e convencia-me facilmente que, se ela não existisse, nem por isso deixaria de passear a essa mesma hora.

Aí, se para mim encontrar qualquer outra pessoa que não ela seria indiferente, sentia que, para ela, encontrar qualquer outro que não eu teria sido suportável. Sucedia-lhe, nos seus passeios matinais, receber cumprimentos de muitos patetas, e que ela considerava como tais. Mas julgava o aparecimento deles, se não uma promessa de satisfação, ao menos obra do acaso. E fazia-os parar às vezes, pois há momentos em que se tem necessidade de sair de si mesmo, aceitar a hospitalidade da alma alheia, sob a condição de que essa alma, por modesta e feia que seja, seja uma alma estranha, ao passo que no meu coração ela sentia, exasperada, que o que teria encontrado era ela própria. Assim, mesmo quando eu tinha, para seguir o mesmo caminho, um motivo diverso que o de vê-la, tremia como um culpado no momento em que ela passava; e às vezes, para neutralizar o que podiam ter de excessivo as minhas tentativas de aproximação, mal correspondia a seu cumprimento, ou olhava-a fixamente sem saudar, e nada conseguia a não ser irritá-la ainda mais e fazer com que começasse a me achar cada vez mais insolente e mal-educado.

Usava ela agora vestidos mais leves, ou pelo menos mais claros, e descia a rua onde, como se já fosse primavera, diante das estreitas lojas intercaladas entre as amplas fachadas dos velhos palacetes aristocráticos, na varanda da vendedora de manteiga, de frutas, de legumes, os toldos já estavam pendurados para proteger do sol. Dizia comigo que a mulher que via ao longe a caminhar, abrir a sombrinha, atravessar a rua era, de acordo com a opinião dos conhecedores, a maior artista contemporânea na arte de realizar esses movimentos e transformá-

los em algo delicioso. Entretanto, ela avançava; ignorando aquela reputação que se espalhara, seu corpo delgado, refratário, e que nada havia absorvido, se encurvava obliquamente sob uma estola de surah violeta. Seus olhos claros e entediados olhavam para frente distraídos e talvez me tivessem visto; ela mordia o canto da boca; via-a endireitar o regalo, dar esmola a um pobre, comprar um buquê de violetas a uma vendedora, com a mesma curiosidade que eu teria tido em contemplar um grande pintor a dar pinceladas. E, quando, tendo chegado onde eu estava, cumprimentava-me acrescentando às vezes um leve sorriso, era como se tivesse executado para mim, ajuntando-lhe uma dedicatória, uma aquarela que era uma obra-prima. Cada um de seus vestidos era-me como uma ambiência natural, necessária, como a projeção de um aspecto particular de sua alma. Numa dessas manhãs de quaresma em que ela ia almoçar na cidade, encontrei-a usando um vestido de veludo vermelho-claro, ligeiramente decotado. O rosto da Sra. de Guermantes parecia pensativo debaixo dos cabelos louros. Eu estava menos triste que de costume porque a melancolia de sua expressão, a espécie de claustro que a violência da cor punha entre ela e o resto do mundo conferiam-lhe algo de solitário e infeliz que me tranqüilizava. Aquele vestido me parecia a materialização, a seu redor, dos raios escarlates de um coração que eu não lhe conhecia e que talvez pudesse consolar; refugiada na luz mística do tecido de ondas suaves, ela me fazia pensar nalguma santa dos primeiros tempos cristãos. Então, sentia vergonha de magoar aquela mártir com a minha vista.

"Mas enfim, a rua é de todo mundo."

"A rua é de todo mundo", continuava eu, dando a estas palavras um sentido diverso e admirando que, de fato, na rua populosa, freqüentemente molhada de chuva, e que se tornava preciosa como o é às vezes a rua nas velhas cidades da Itália, a duquesa de Guermantes misturasse à vida pública momentos de sua vida secreta, mostrando-se assim a qualquer um, misteriosa, acotovelada por todos, com a esplêndida gratuidade das grandes obras-primas. Como eu saía de manhã depois de ficar acordado a noite inteira, à tarde meus pais diziam que me deitasse um pouco e procurasse dormir. Para saber como dormir, não é preciso muita reflexão, mas o hábito é muito útil para tanto e até mesmo a ausência de reflexão. Ora, nessas ocasiões ambos me faziam falta. Antes de adormecer pensava por muito tempo que o não conseguiria, que, mesmo dormindo, me restaria um pouco de pensamento. Não passava de um clarão na quase obscuridade, mas bastava para refletir, no meu sono, primeiro a idéia de que eu não poderia dormir, depois, reflexo desse reflexo, que era dormindo que eu tinha tido a idéia de que não dormia; depois, por uma nova refração, meu despertar... em um novo sono onde eu queria contar aos amigos que tinham entrado no meu quarto que, há pouco, dormindo, julgava que não dormia. Tais sombras mal se distinguiam: seria necessária uma grande e muito vã delicadeza de percepção

para discerni-las. Assim, mais tarde, em Veneza, bem depois do pôr-do-sol, quando parece que é completamente noite, no entanto, vi, graças ao eco invisível de uma derradeira nota de luz indefinidamente sustentada nos canais como por efeito de algum pedal ótico, os reflexos dos palácios desenrolados como para sempre em veludo mais negro sobre o cinza crepuscular das águas. Um de meus sonhos era a síntese do que minha imaginação procurara representar muitas vezes, na vigília, de uma certa paisagem marinha e de seu passado medieval. Em meu sono, eu via uma cidade gótica no meio de um mar de ondas imobilizadas como num vitral. Um braço de mar dividia a cidade em duas; a água verde se estendia a meus pés; banhava, na margem oposta, uma igreja oriental e depois casas que ainda existiam no século XIV, de forma que ir na direção delas seria remontar o curso das idades. Este sonho, onde a natureza aprendera a arte, onde o mar tornara-se gótico, este sonho onde eu desejava, onde julgava abordar o impossível, parecia-me que já o tivera muitas vezes. Mas como é próprio daquilo que se imagina ao dormir, multiplicar-se no passado e parecer, embora sendo novo, familiar, achei que me enganara. Ao contrário, percebi que tivera de fato muitas vezes aquele sonho.

Até as diminuições que caracterizam o sono se refletiam no meu, mas de forma simbólica: eu não podia distinguir, na obscuridade, os rostos dos amigos que ali estavam, pois a gente dorme de olhos fechados; eu, que fazia incessantemente raciocínios verbais ao sonhar, logo que desejava falar a esses amigos sentia o som deter-se em minha garganta, pois a gente não fala distintamente no sono; queria ir-lhes ao encontro e não podia mover as pernas, pois a gente também não caminha no sonho; e, de repente, envergonhava-me de aparecer diante deles, pois a gente dorme despido. Assim, de olhos cegos, lábios selados, pernas pregadas, corpo nu, a figura do sono que meu próprio sono projetava dava a impressão dessas grandes figuras alegóricas em que Giotto representou a Inveja com uma serpente na boca, e que Swann me oferecera.

Saint-Loup veio a Paris somente por algumas horas. Conquanto me assegurasse que não tivera ocasião de falar à prima a meu respeito:

- Ela não é nada amável, Oriane. - disse, traindo-se ingenuamente -; não é mais a minha Oriane de outrora, mudaram-na. Juro-te que já não vale a pena que te ocupes dela. Fazes-lhe muita honra. Não queres que te apresente à minha prima Poictiers? - acrescentou sem se dar conta de que aquilo não me traria nenhum prazer. - Eis uma moça inteligente e que vai te agradar. Casou-se com meu primo, o duque de Poictiers, que é um bom rapaz, mas um tanto simplório para ela. Falei-lhe de ti. Pediu-me que te levasse para visitá-la; é bem mais bonita que Oriane, e mais jovem. É bastante gentil, sabes? É o que há de distinto.

Eram expressões há pouco e ardentemente adotadas por Saint-Loup e que significavam

que a prima possuía uma natureza delicada:

- Não digo que seja dreyfusista, é necessário levar em conta o seu ambiente, mas enfim ela diz: "Se ele era inocente, que horror seria que fosse para a Ilha do Diabo!" Compreendes, não é? E depois, afinal, é uma pessoa que faz muito por suas antigas governantas; proibiu que as mandassem subir pela escada de serviço. Asseguro-te, é uma pessoa muito distinta. No fundo, Oriane não gosta dela porque sente que ela é mais inteligente.

Embora absorvida pela piedade que lhe causava um lacaio dos Guermantes o qual não podia ir ver a noiva mesmo quando a duquesa estava fora, pois aquilo seria logo denunciado pelo porteiro -, Françoise ficou aflita por não se achar presente no momento da visita de Saint-Loup, mas é que agora também andava em visitas. Saía infalivelmente nos dias em que eu tinha necessidade dela. Era sempre para ir ver o irmão, a sobrinha, e sobretudo a própria filha, chegada de pouco a Paris. Já a natureza familiar dessas visitas de Françoise aumentava a minha irritação de ser privado de seus serviços, pois previa que ela haveria de falar de cada visita como de uma dessas coisas que e impossível dispensar, segundo as leis ensinadas em Saint-André-des-Champs. Assim, não ouvia nunca as suas desculpas sem um mau humor bastante injusto, que era levado ao auge pela maneira não como Françoise dizia: "Fui ver o meu irmão, fui ver minha sobrinha", mas sim: "Fui ver meu irmão, entrei correndo cumprimentar a sobrinha" (ou "minha sobrinha a açougueira"). Quanto à filha, Françoise gostaria que voltasse a Combray. Mas a nova parisiense, usando, como uma elegante, abreviaturas, porém vulgares, dizia que a semana que devesse passar em Combray lhe pareceria bem comprida sem ao menos ler o '*Intran*.' Muito menos ainda queria ir à casa da irmã de Françoise nada têm de "*Interessante*", dando à palavra interessante um sentido novo e horrível. Não podia decidir-se a voltar para Méséglise onde "todos são tão idiotas", onde, no mercado, as comadres, as *pétrousses*, descobririam um parentesco com ela e diriam: "Vejam, não é a filha do defunto Bazireau.'' Preferia morrer a voltar a se fixar naquela terra, "agora que provara o gostinho da vida em Paris", e Françoise, tradicionalista, sorria entretanto com indulgência ao espírito de inovação que a nova "parisiense" encarnava quando dizia: "Muito bem, mãe, se não tiveres saída, é só mandar-me um ''*pneu*." O tempo voltara a esfriar. - Sair? Para quê? Para acabar morrendo. - dizia Françoise que preferia ficar em casa durante a semana em que a filha, a irmã e a açougueira tinham ido a Combray. Além disso, última sectária em quem sobreviveu obscuramente a doutrina da minha tia Léonie no tocante à física, Françoise acrescentava ao falar desse tempo fora de estação:

- É o restante da cólera de Deus! -

Mas eu só respondia às suas queixas com um sorriso cheio de langor, tanto mais indiferente a essas predições, visto que, de qualquer modo, o tempo seria bom

para mim; já via brilhar o sol da manhã sobre a colina de Fiesole, aquecia-me a seus raios; sua intensidade me obrigava a abrir e fechar as pálpebras sorrindo e, como lamparinas de alabastro, elas se enchiam de um clarão róseo. Não eram só os sinos que voltavam da Itália, a Itália voltava com eles. Não faltariam flores às minhas mãos fiéis para honrar o aniversário da viagem que eu tivera de fazer outrora, pois, desde que o tempo voltava a ser frio em Paris, como em outro ano por ocasião dos nossos preparativos para partir pelo fim da quaresma, no ar líqüido e glacial que banhava os castanheiros, os plátanos dos bulevares e a árvore do pátio da nossa casa, os narcisos, os junquilhos e as anêmonas de Ponte-Vecchio já entreabriam as suas folhas, como numa taça de água pura.

Meu pai nos contara que agora sabia, por meio de A. J., para onde ia o Sr. de Norpois quando o encontrava.

- Vai à casa da Sra. de Villeparisis, são muito conhecidos, e eu não sabia de nada. Parece que se trata de uma pessoa deliciosa, uma mulher superior. Devias ir vê-la. - disse-me. - Aliás, fiquei muito espantado. Ele me falou do Sr. de Guermantes como de um homem muito distinto; eu sempre o julgara um cretino. Parece que sabe uma infinidade de coisas, e tem um gosto perfeito; apenas é muito soberbo pelo seu nome e por seus parentes. Ademais, segundo Norpois, sua fortuna é imensa, não só aqui mas em toda a Europa. Parece que o imperador da Áustria e o da Rússia o tratam como a um igual. O pai Norpois me disse que a Sra. de Villeparisis gostava muito de ti e que, no seu salão, irias conhecer pessoas interessantes. Ele me fez um grande elogio de ti; tu o encontrarás em casa dela, e ele poderia ser um bom conselheiro, mesmo se deves escrever. Pois vejo que não farás outra coisa. Podem achar isso uma boa carreira; quanto a mim, não é a que teria preferido para ti, mas em breve serás um homem, não estaremos sempre a teu lado, e não devemos impedir que sigas a tua vocação.

Se ao menos eu tivesse podido começar a escrever! Mas fossem quais fossem as condições em que abordasse esse projeto (assim como, pobre de mim, o de não mais beber álcool, o de deitar cedo, dormir, passar bem de saúde), desde que fosse com exaltação, com método, com prazer, privando-me de um passeio, adiando-o e reservando-o como uma recompensa, aproveitando uma hora de boa saúde, utilizando para tanto a inação forçada de um dia de doença, o que acabava sempre por sair de meus esforços era uma página em branco, virgem de toda escrita, inelutável como a carta obrigatória que em certos lances acabamos fatalmente por tirar, de qualquer modo que se tenha antecipadamente embaralhado as cartas. Eu não passava do instrumento dos hábitos de não trabalhar, de não me deitar, de não dormir, que deviam realizar-se custasse o que custasse; se não lhes resistia, se me contentava com o pretexto que extraíam da primeira circunstância que lhes proporcionava aquele dia para deixá-los agir à sua vontade, eu me livrava da questão sem maiores perigos, não deixava de

repousar algumas horas no fim da noite, lia um pouco, não fazia muitos excessos, mas, se queria contrariá-los, se pretendia ir mais cedo para a cama, beber somente água, eles se irritavam, dispunham de grandes meios de que se valiam para me deixar bem doente, e eu era obrigado a duplicar a dose de álcool, passava dois dias sem ir para a cama, e nem sequer podia ler, prometendo a mim mesmo ser mais razoável de outra vez, isto é, ser menos sábio, como uma vítima que se deixa roubar de medo de ser assassinada, caso resista.

Nesse meio tempo, meu pai se encontrara uma ou duas vezes com o Sr, de Guermantes, e agora que o Sr. de Norpois lhe dissera que o duque era um homem notável, ele prestava mais atenção a suas palavras. No pátio, falavam justamente da Sra. de Villeparisis.

- Ele me disse que era a sua tia; ele pronuncia Viparisi. Disse que ela era extraordinariamente inteligente. Chegou mesmo a acrescentar que ela possuía um "balcão de espírito". - concluiu meu pai, impressionado com a vaguidão desse termo, que lera já algumas vezes em memórias, mas ao qual não atribuía um sentido preciso. Minha mãe tinha tanto respeito por ele que, vendo-o não julgar indiferente que a Sra. de Villeparisis mantivesse balcão de espírito, achou que esse fato seria de alguma significação. Conquanto sempre tivesse sabido, pela minha avó, o que valia a marquesa, imediatamente fez, a respeito dela, uma idéia mais vantajosa. Minha avó, que estava um pouco adoentada, a princípio não foi favorável à visita. E depois se desinteressou. Desde que ocupávamos o nosso novo apartamento, a Sra. de Villeparisis lhe pedira várias vezes que a fosse ver, e minha avó sempre respondera que não vinha saindo ultimamente, numa dessas cartas que, por um hábito novo e que não compreendíamos, ela nunca fechava, deixando a Françoise o cuidado de fazê-lo. Quanto a mim, sem me afigurar muito bem esse "balcão de espírito", não ficaria muito espantado se visse a velha senhora de Balbec instalada diante de um balcão, o que, aliás, aconteceu.

Além disso, meu pai também gostaria de saber se o apoio do embaixador lhe valeria muitos votos no Instituto, onde contava se apresentar como membro independente. A falar a verdade, sem ousar duvidar do apoio do Sr. de Norpois, não tinha certeza dele, entretanto; julgara estar tratando com más línguas quando lhe haviam dito no ministério que o Sr. de Norpois, desejando apresentar-se sozinho ao Instituto, levantaria todos os obstáculos possíveis a uma candidatura que, aliás, o incomodaria particularmente naquela ocasião em que estava apoiando outra. No entanto, quando o Sr. Leroy-Beaulieu o aconselhara a se apresentar e havia calculado as suas chances, ficara impressionado ao ver que, entre os colegas com que podia contar em tais circunstâncias, o eminente economista não citara o Sr. de Norpois. Meu pai não se atrevia a apresentar a questão diretamente ao antigo embaixador, mas esperava que eu voltasse da casa da Sra. de Villeparisis com sua eleição decidida. Tal visita era iminente. A

propaganda do Sr. de Norpois, capaz de fato de garantir a meu pai dois terços da Academia, lhe parecia além do mais bem provável, visto que era proverbial a obsequiosidade do embaixador, e as pessoas que menos o estimavam reconheciam que ninguém apreciava tanto prestar serviços. Por outro lado, sua proteção, no ministério, estendia-se sobre meu pai de uma forma muito mais acentuada que sobre qualquer outro funcionário.

Meu pai teve um outro encontro, mas este primeiro lhe causou um espanto e depois uma indignação extremas. Passou na rua pela Sra. Sazerat, cuja relativa pobreza reduzia sua vida em Paris a raras temporadas em casa de uma amiga. Ninguém aborrecia tanto meu pai como a Sra. Sazerat, a ponto que mamãe era obrigada a lhe dizer, uma vez por ano, com voz doce e implorativa: "Meu amigo, é necessário que eu convide ao menos uma vez a Sra. Sazerat, ela não vai ficar muito tempo" e até: "Escuta, meu amigo, vou te pedir um grande sacrifício, vou fazer uma visitinha à Sra. Sazerat. Sabes que não gosto de te aborrecer, mas seria gentil da tua parte." Ele ria, zangava-se um pouco, e ia fazer a tal visita. Portanto, embora a Sra. Sazerat não o divertisse em nada, ao encontrá-la foi em sua direção, tirando o chapéu; mas, para sua grande surpresa, a Sra. Sazerat se contentou com um cumprimento frio, forçado pela cortesia relativamente a alguém que é culpado de má ação ou condenado a viver daí em diante em um hemisfério diferente. Meu pai voltou zangado para casa, estupefato. No dia seguinte, minha mãe encontrou a Sra. Sazerat em um salão. Esta não lhe estendeu a mão, e lhe sorriu com um ar distante e triste como a uma pessoa com quem tivesse brincado na infância, mas com a qual há muito deixasse de ter quaisquer relações porque tem levado uma vida desregrada, casou com um presidiário ou, o que é pior, é um homem divorciado. Ora, meus pais haviam concedido e inspirado sempre à Sra. Sazerat a mais profunda estima. Porém (o que minha mãe ignorava), a Sra. Sazerat, única de sua espécie em Combray, era dreyfusista. Meu pai, amigo do Sr. Méline, estava convencido da culpabilidade de Dreyfus. Mandara passear, com mau humor, alguns colegas que lhe haviam pedido que assinasse uma moção revisionista. Não me falou durante oito dias quando soube que eu seguira uma linha diversa de comportamento. Suas opiniões eram conhecidas. Não estavam longe de considerá-lo nacionalista. Quanto à minha avó, a única da família a quem parecia inflamar uma dúvida generosa, cada vez que lhe falavam da inocência possível de Dreyfus, sacudia a cabeça num movimento de que então não percebíamos o sentido, e que era semelhante ao de uma pessoa a quem acabam de perturbar em pensamentos mais sérios. Minha mãe, dividida entre o amor a meu pai e a esperança de que eu fosse inteligente, mantinha uma indecisão que traduzia pelo silêncio. Enfim, meu avô, adorando o exército (conquanto suas obrigações de guarda nacional tivessem sido o pesadelo de sua maturidade), nunca via, em Combray, um regimento desfilar diante da grade sem tirar o chapéu quando passavam o coronel e a bandeira.

Tudo isso era bastante para que a Sra. Sazerat, que conhecia a fundo a vida de desinteresse e de honra de meu pai e de meu avô, os considerasse cúmplices da Injustiça. Perdoam-se os crimes individuais, mas não a participação num crime coletivo. Quando soube que meu pai era antidreyfusista, colocou, entre ela e ele, continentes e séculos. O que explicava que, a uma tal distância no tempo e no espaço, seu cumprimento haja parecido imperceptível a meu pai e que ela não tenha pensado em um aperto de mão ou em palavras, que não poderiam transpor os mundos que os separavam.

Devendo Saint-Loup vir a Paris, prometera-me levar à casa da Sra. de Villeparisis, onde eu esperava, sem lhe ter dito, que encontraríamos a Sra. de Guermantes. Pediu-me que fosse jantar no restaurante com ele e a amante, a quem levaríamos a seguir a um ensaio. Devíamos ir buscá-la de manhã, nos arredores de Paris, onde morava.

Pedira a Saint-Loup que o restaurante aonde íamos jantar (na vida dos jovens aristocratas que gastam dinheiro, o restaurante desempenha um papel tão importante como as arcas de tecidos nos contos árabes) fosse, de preferência, o que Aimé me anunciara como sendo aquele para o qual devia trabalhar como mordomo, enquanto esperava a temporada de Balbec. Era um grande encanto para mim, que sonhava com tantas viagens e tão poucas fazia, rever alguém que tomava parte, mais que de minhas lembranças de Balbec, da própria Balbec, que ia lá todos os anos, que, quando o cansaço ou os estudos me forçavam a permanecer em Paris, nem por isso deixava de contemplar, nos longos fins de tarde de julho, esperando que os hóspedes chegassem para jantar, o sol descer e se pôr no mar, através das vidraças da ampla sala de jantar, por trás das quais, à hora em que ele desaparecia, as asas imóveis dos barcos distantes e azulados pareciam borboletas exóticas e noturnas em uma vitrine. Ele próprio magnetizado pelo seu contato com o potente ímã de Balbec, aquele mordomo, por sua vez, transformava-se num ímã para mim. Conversando com ele, eu esperava já estar em comunicação com Balbec, e perceber, no mesmo local, um pouco do encanto da viagem.

Saí cedinho de casa, onde deixei Françoise gemendo porque o lacaio noivo não pudera, mais uma vez, na véspera à noite, ir ver sua prometida. Françoise o encontrara aos prantos, ele estivera a ponto de ir esbofetear o porteiro, mas se contivera, pois queria manter o emprego.

Antes de chegar à casa de Saint-Loup, que devia esperar-me à porta, encontrei Legrandin, que havíamos perdido de vista desde Combray e que, bem grisalho agora, conservara o ar ingênuo e jovem. Deteve-se.

- Ah, eis você, feito homem chique - disse-me ele -, e ainda por cima de sobrecasaca! Eis uma *libré* à qual não se adequaria a minha independência. É

verdade que você deve ser mundano, fazer visitas! Para ir sonhar como o faço, diante de alguma sepultura meio destruída, minha *lavalliere* e minha jaqueta não estão deslocadas. Você sabe que aprecio a bela qualidade de seu espírito; é o mesmo que dizer o quanto lamento que vá renegá-la entre os Gentios. Sendo capaz de permanecer por um instante na atmosfera nauseabunda dos salões, irrespirável para mim, lança contra o seu próprio futuro a condenação, a maldição do Profeta. Daqui vejo isso, você freqüenta os "corações levianos", a sociedade dos castelos; tal é o vício da burguesia contemporânea. Ah, os aristocratas, o Terror foi bastante culpado de não ter degolado a todos. São todos crápulas sinistros, quando não simplesmente sombrios idiotas. Enfim, meu pobre rapaz, se isso lhe agrada! Enquanto você vai a algum *Eive o'clock*, seu velho amigo será mais feliz que você, pois, sozinho num subúrbio, verá subir no céu violáceo a lua cor-de-rosa. A verdade é que quase não pertenço a esta Terra onde me sinto de tal modo exilado; é necessária toda a força da lei da gravidade para me manter aqui e evitar que eu fuja para uma outra esfera. Sou de outro planeta. Adeus, não leve a mal a velha franqueza do camponês do Vivonne que também permaneceu camponês do Danúbio. Para lhe provar que me importo com você, vou enviar-lhe o meu último romance. Mas você não vai gostar; não é bastante degenerado, bastante fim de século para você; é muito franco, muito honesto. O que lhe serve é Bergotte, você mesmo já o confessou, é *faisandé* para o paladar estragado de degustadores requintados. No seu grupo, devo ser considerado um velho pretensioso; cometi o erro de pôr o meu coração no que escrevo, isto já passou da moda; e depois, a vida do povo não é distinta o suficiente para interessar as suas *snobinettes*. Vamos, procure se lembrar de vez em quando das palavras de Cristo: "Fazei isto e vivereis." Adeus, amigo.

Não foi de muito mau humor contra Legrandin que o deixei. Algumas lembranças são como amigos comuns, sabem fazer reconciliações; lançada no meio dos campos semeados de botões-de-ouro, onde se acumulavam ruínas feudais, a pontezinha de madeira nos una, a mim e a Legrandin, como-as duas margens do Vivonne.

Tendo deixado Paris, onde, apesar da primavera que principiava, as árvores dos bulevares mal estavam carregadas das primeiras folhas, o trem circular nos deixou, a Saint-Loup e a mim, na aldeia dos arredores em que morava a amante dele. Foi uma verdadeira maravilha ver cada jardinzinho adornado dos imensos altares brancos das árvores frutíferas em flor. Era como uma dessas festas singulares, poéticas, efêmeras e locais que a gente vem contemplar de muito longe em datas fixas, mas esta era dada pela natureza. As flores das cerejeiras são tão estreitamente unidas aos ramos como um envoltório branco, que de longe, entre as árvores que não estavam nem floridas nem cobertas de folhas, poderíamos julgar, pelo dia de sol ainda tão frio, que era a neve, aliás derretida,

que ainda permanecia junto aos arbustos. Mas as grandes pereiras envolviam cada casa, cada pátio modesto, com uma brancura mais vasta, mais unida, mais deslumbrante, como se todas as residências, todas as cercas do povoado estivessem fazendo na mesma data a sua primeira comunhão.

Essas aldeias dos arredores de Paris conservam ainda, às suas portas, parques dos séculos XVII e XVIII que foram as "loucuras" dos intendentes e das favoritas. Um horticultor utilizara um deles, situado em nível inferior à estrada, para a cultura de árvores frutíferas (ou talvez tivesse apenas conservado o delineamento de um imenso pomar daquela época). Cultivadas em quincôncios, essas pereiras, mais espaçadas, menos avançadas do que as que havia eu visto, formavam grandes quadriláteros separados por cercas baixas de flores brancas, a cada lado dos quais a luz vinha pintar-se de maneira diversa, embora todos esses quartos sem teto e ao ar livre parecessem ser os do Palácio do Sol, exatamente como poderia ser descoberto em alguma Creta; e também lembravam as câmaras de um reservatório ou as partes de mar que o homem subdivide para alguma pesca ou ostreicultura, quando se via, conforme a exposição, a luz vir brincar nas latadas, como nas águas primaveris, e fazer quebrar-se aqui e ali, cintilando pela treliça cheia do azul dos ramos, a espuma alvejante de uma flor musgosa e ensolarada.

Era uma aldeia antiga, com sua velha prefeitura tostada e dourada, diante da qual, à maneira de paus de sebo e auriflamas, três grandes pereiras estavam, como para uma festa cívica e local, galantemente ornamentadas de cetim branco. Nunca Robert me falou com tanta ternura de sua amiga como durante esse trajeto.

Somente ela possuía raízes em seu coração; o futuro que ele tinha no exército, sua posição mundana, sua família, tudo isto com certeza não lhe era indiferente, mas nada valia junto das menores coisas que diziam respeito à sua amante. Só ela tinha prestígio a seus olhos, um prestígio infinitamente maior que o dos Guermantes e o de todos os reis da Terra. Não sei se formulava a si mesmo que ela era de uma essência superior a tudo, mas sei que só tinha consideração e preocupação pelo que lhe concernia. Por ela, era capaz de sofrer, ser feliz, talvez de matar. Na verdade, para ele nada existia de interessante, apaixonante, senão o que queria e o que faria a sua amada, o que se passava, perceptível no máximo por expressões fugidias, no exíguo espaço do seu rosto e sob a sua fronte privilegiada. Tão cuidadoso para tudo o mais, admitia a possibilidade de um casamento brilhante apenas para poder continuar a sustenta-la, conserva-la. Se lhe perguntassem a que preço a estimava, julgo que nunca se poderia imaginar um preço bastante elevado. Se não a desposava, é que um instinto prático lhe fazia sentir que, quando não tivesse mais nada a esperar dele, ela o abandonaria ou, pelo menos, viveria como bem entendesse, e que seria necessário mantê-la

na expectativa do amanhã. Pois supunha que ela talvez não o amasse. Sem dúvida, a afeição geral chamada amor devia força-lo como todos os homens a crer, por instantes, que ela o amava. Mas praticamente sentia que esse amor que a moça manifestava por ele não impedia que ficasse com ele apenas devido a seu dinheiro, e que, no dia em que ela nada mais tivesse a esperar dele, se apressaria (vítima das teorias de seus amigos literatos e amando-o sempre, pensava Robert) em abandona-lo.

- Hoje, se for boazinha. -disse-me ele -, vou lhe dar um presente que a deixará satisfeita. É um colar que ela viu na casa Boucheron. É um tanto caro para mim neste momento: trinta mil francos. Mas essa pobre menina não teve tantos prazeres assim na vida. Vai ficar contentíssima. Falou-me dele e disse que conhecia alguém que lho daria talvez. Não creio que seja verdade, mas entendi-me de qualquer jeito com Boucheron, que e o fornecedor de minha família, para que o reserve para mim. Fico feliz em pensar que vais vê-la; de rosto não é nada extraordinária, sabes - (percebi perfeitamente que ele pensava o contrário e não o confessava para que minha admiração fosse maior) -; tem acima de tudo um tino esplêndido; talvez não ouse falar muito diante de ti, mas já me alegro, por antecipação, com o que ela me dirá de ti depois; sabes, ela diz coisas que a gente pode aprofundar indefinidamente, na verdade possui algo de *pítico!*''

Para chegar à casa em que ela morava, passamos por jardinzinhos e eu não pude deixar de parar, pois estavam todos floridos de cerejeiras e pereiras; sem dúvida vazios e desabitados ainda ontem, como uma propriedade que não foi alugada, eram subitamente embelezados e povoados por aquelas recém-chegadas da véspera e cujos lindos vestidos brancos avistávamos através das grades na esquina das aléias.

- Escuta, já que vejo que desejas observar tudo isto, criatura poética. - disse Robert -, espera-me aqui; minha amiga mora bem pertinho e vou busca-la.

Enquanto esperava, dei alguns passos, à frente dos modestos jardins. Se erguia a cabeça, por vezes via moças nas janelas, mas mesmo ao ar livre e à altura de um pequeno andar, aqui e ali, leves e esbeltas em sua fresca toalete cor-de-malva, jovens moitas de lilases, suspensas às folhagens, deixavam-se embalar pela brisa sem se ocupar do passante que levantava os olhos para o entressolo de verdura. Nelas, eu reconhecia os pelotões violáceos dispostos à entrada do parque do Sr. Swann, passada a pequena barreira branca, nas tardes quentes da primavera, para uma deslumbrante tapeçaria provinciana. Tomei por um atalho que terminava numa campina. Soprava ali uma aragem fria, viva como em Combray; mas, no meio da terra fértil, úmida e campesina, que poderia ficar às margens do Vivonne, não deixara de aparecer, pontual ao encontro como todo o grupo de seus companheiros, uma grande pereira branca que agitava, risonha, e opunha ao sol, como uma cortina de luz materializada e palpável, suas flores

convulsivas pela brisa, porém lustrosas e envernizadas de prata pelos raios.

De repente, Saint-Loup surgiu acompanhado de sua amante; e então, nessa mulher que era para ele todo o amor, todas as doçuras possíveis da vida, cuja personalidade, misteriosamente encerrada em um corpo como num Tabernáculo, era ainda o objeto sobre o qual trabalhava sem cessar a imaginação do meu amigo, que ele sentia que jamais haveria de conhecer, e de quem se indagava perpetuamente o que seria em si mesma, por detrás do véu dos olhares e da carne, nessa mulher eu reconheci de imediato "Rachel-quando-do-Senhor", aquela que, alguns anos antes as mulheres mudam tão depressa de condição nesse mundo, quando mudam -, dizia à alcoviteira:

"Então, amanhã à noite, se a senhora precisar de mim para alguém, mande-me chamar."

E quando, de fato, "mandavam chamá-la" e ela se achava a sós no quarto com alguém, sabia tão perfeitamente o que desejavam dela que, depois de ter fechado à chave, por precaução de mulher prudente, ou por um gesto ritual, começava a despir-se de todas as suas coisas, como fazemos diante do médico que vai auscultar-nos, e só parava se o "alguém", não apreciando a nudez completa, lhe dizia que ficasse de camisa, como certos facultativos que, tendo o ouvido muito fino e receando que o paciente se resfrie, se limitam a ouvir a respiração e as batidas do coração através de um tecido. A essa mulher, cuja vida inteira, cujos pensamentos, cujo passado, cujos homens por quem pudesse ter sido possuída eram para mim coisa tão indiferente que, se me tivesse contado tudo isto, tê-la-ia escutado por simples cortesia e sem mesmo ouvi-la senti que a inquietação, o tormento, o amor de Saint-Loup se haviam aplicado até fazer, do que era para mim somente um jogo mecânico, um objeto de sofrimentos infinitos, tendo como prêmio a própria existência. Vendo esses dois elementos dissociados (porque havia conhecido "Rachel-quando-do-Senhor" num bordel), compreendia que muitas mulheres por quem os homens vivem, sofrem, se matam, podem ser em si mesmas, ou para outros, o que Rachel era para mim. A idéia de que é possível ter uma dolorosa curiosidade no que respeitava à sua vida, deixava-me estupefato. Poderia contar muitas trepadas suas a Robert, as quais me pareciam a coisa mais indiferente do mundo. E como elas o teriam magoado! E quanto não daria para conhecê-las, sem consegui-lo.

Percebia tudo quanto uma imaginação pode pôr atrás de um palminho de cara como o daquela mulher, se foi a imaginação que a conheceu primeiro; e, inversamente, em que miseráveis elementos materiais e desprovidos de todo valor podia decompor-se o que era o objetivo de tantas fantasias, se, ao contrário, aquilo fosse mesmo conhecido de maneira oposta, através do conhecimento mais trivial. Compreendia que o que me parecera não valer vinte francos, quando me fora oferecido por tal preço no bordel, onde, para mim, não passava de uma

mulher desejosa de ganhar vinte francos, pode valer mais que um milhão, mais que a família, mais que todas as posições invejadas, se nela se começa por imaginar uma criatura desconhecida, curiosa de se conhecer, difícil de obter, de conservar. Decerto era o mesmo rosto franzino e miúdo que Robert e eu víamos. Porém, a ele chegáramos por vias opostas que jamais se comunicariam, e dele nunca veríamos a mesma face. Esse rosto, com seus olhares, seus sorrisos, os movimentos da boca, eu o conhecera de fora como sendo o de uma mulher qualquer, que faria tudo o que eu quisesse por vinte francos. Assim os olhares, os sorrisos e os movimentos da boca me haviam parecido apenas significativos de atos gerais, sem nada de individual, e sob os quais não teria tido a curiosidade de procurar uma pessoa. Mas o que, de algum modo, me fora oferecido à partida, esse rosto permissivo, fora para Robert um ponto de chegada, para o qual se dirigia através de tantas esperanças, dúvidas, suspeitas e fantasias. Dava mais de um milhão para possuir, a fim de que não fosse oferecido a outros, o que me fora ofertado, como a todos, por vinte francos. Por que motivo ele não a obtivera por tal preço, isso talvez se devesse-ao acaso de um instante, um instante durante o qual aquela que parece prestes a se entregar se furta, tendo porventura um encontro, alguma razão que a faz mais difícil nesse dia. Se está tratando com um sentimental, ela começa um jogo terrível, mesmo que não o perceba, e sobretudo se o percebe. Incapaz de superar sua decepção, de passar sem essa mulher, ele a persegue, ela foge, de modo que um sorriso que ele já não se atrevia a esperar é pago mil vezes mais do que o deveriam ser os últimos favores. Nesse caso, acontece mesmo, às vezes, quando se teve, por uma mescla de ingenuidade no julgamento e de covardia no desgosto, a loucura de fazer de uma mulher à-toa um ídolo inacessível, cujos últimos favores, ou até o primeiro beijo, jamais poderemos obtê-los, nem sequer teremos coragem de pedi-los para não desmentir as seguranças do amor platônico. E então é um grande sofrimento abandonar a vida sem ter jamais sabido o que poderia ter sido o beijo da mulher a quem mais amamos. Os favores de Rachel, no entanto, Saint-Loup os obtivera a todos por acaso. Certamente, se soubesse agora que haviam sido ofertados a todo mundo por um "luís," decerto teria sofrido terrivelmente, mas nem por isso deixaria de dar um milhão para conservá-los, pois tudo o que ficasse sabendo não poderia fazê-lo sair pois o que está acima das forças do homem só pode ocorrer contra sua vontade, pela ação de alguma grande lei natural do caminho que ele trilhava e de onde esse rosto só lhe podia aparecer através dos sonhos que concebera. A imobilidade desse rosto miúdo, como o de uma folha de papel submetida às pressões colossais de duas atmosferas, me parecia equilibrada pelos dois infinitos que vinham terminar nela sem se encontrarem, pois ela os separava. E com efeito, olhando-a Robert e eu, não a víamos pelo mesmo lado do mistério.

Não era "Rachel-quando-do-Senhor" que me parecia insignificante. Era a

potência da imaginação humana, a ilusão sobre a qual pousavam as dores do amor que eu julgava grandes. Robert viu que eu estava emocionado. Desviei os olhos para as pereiras e cerejeiras do jardim em frente para que ele pensasse que era a sua beleza que me impressionava. E impressionava-me um pouco da mesma forma, colocava também junto a mim essas coisas que só se vêem com os olhos, mas que sentimos no coração. Os arbustos que eu vira no jardim, tomando-os por deuses estranhos, acaso não me enganara como Madalena quando, em outro jardim, num dia cujo aniversário ainda ia ocorrer em breve, ela viu uma forma humana e "julgou que era o jardineiro"? Guardiães das lembranças da idade de ouro, fiadores da promessa de que a realidade não é o que se julga ser, que o esplendor da poesia e o clarão maravilhoso da inocência podem resplandecer nela e poderão ser a recompensa que nos esforçaremos por merecer, as grandes criaturas brancas admiravelmente inclinadas acima da sombra propícia à sesta, à pesca, à leitura, não seriam por acaso anjos? Troquei algumas palavras com a amante de Saint-Loup. Atravessamos a aldeia. As casas eram sórdidas. Mas, ao lado das mais miseráveis, das que pareciam ter sido queimadas por uma chuva de salitre, um viajante misterioso, detido por um dia na cidade maldita, um anjo resplandecente mantinha-se de pé, estendendo largamente sobre ela a deslumbrante proteção de suas asas de inocência em flor: era uma pereira. Saint-Loup adiantou-se alguns passos comigo:

- Gostaria que pudéssemos, nós dois, esperar juntos, e gostaria ainda mais de almoçar sozinho contigo, e que ficássemos juntos a sós, até o momento de ir para a casa de minha tia. Mas minha pobre garota, isso lhe dá tanto prazer e ela é tão gentil comigo, sabes, não pude me negar. Além do mais, ela te agradará, é uma literata, uma vibrante, e depois é algo tão gentil almoçar com ela no restaurante, ela é tão agradável, tão simples, está sempre satisfeita com tudo.

Entretanto, creio que justamente naquela manhã, e provavelmente pela única vez, Robert se evadiu por um momento para fora da mulher que, carinho após carinho, lentamente compusera, e percebeu de repente a alguma distância de si uma outra Rachel, um duplo dela, mas absolutamente diverso, e que parecia uma simples putinha. Deixando o belo pomar, íamos tomar o trem para voltar a Paris quando, na gare, Rachel, andando a alguns passos de nós, foi reconhecida e interpelada por "galinhas" vulgares como ela, e que a princípio, julgando-a sozinha, lhe gritaram:

- Alô, Rachel! Vem conosco! Luciene e Germaine já estão no vagão e ainda há exatamente um lugar! Vem, vamos juntas ao *skating*. -

Elas se apressavam a apresentar dois caixeiros, seus amantes, que as acompanhavam, quando, diante do jeito meio sem graça de Rachel, ergueram curiosamente os olhos para mais longe, viram-nos e se desculparam despedindo-se e recebendo de Rachel também um adeus, um pouco embaraçado mas

amistoso. Eram duas pobres prostitutas, com golas de falsa lontra, tendo mais ou menos o aspecto que apresentava Rachel quando Saint-Loup a vira pela primeira vez. Ele não as conhecia, nem mesmo sabia seus nomes, e, vendo que pareciam muito ligadas à sua amiga, teve a idéia de que esta talvez tivesse tido seu lugar, talvez o tivesse ainda, numa vida insuspeitada dele, bem diversa da que eles levavam juntos, uma vida em que se conseguiam mulheres por um *luís*, ao passo que ele dava mais de cem mil francos anuais a Rachel. Não fez mais que entrever essa vida, mas também, no meio dela, uma Rachel completamente diferente da que conhecia, uma Rachel semelhante àquelas duas pequenas prostitutas, uma Rachel por vinte francos. Em suma, por um instante Rachel se desdobrara para ele, que percebera a uma certa distância de sua Rachel a Rachel putinha, a Rachel verdadeira, supondo que a Rachel putinha fosse mais real que a outra. Robert talvez tenha tido então a idéia daquele inferno em que vivia, com a perspectiva e necessidade de um matrimônio rico, de uma venda de seu nome, para poder continuar a dar cem mil francos anuais a Rachel; e talvez pudesse lhe escapar facilmente e ter os favores de sua amante, como aqueles caixeiros os de suas rameiras, por preço vil. Mas como fazê-lo? Ela não desmerecera em nada. Menos satisfeita, ela seria menos gentil, não lhe diria nem escreveria mais aquelas coisas que o tocavam tanto e que ele citava com um pouco de ostentação aos companheiros, tendo o cuidado de assinalar o quanto era gentil da parte dela, omitindo porém o fato de que a sustentava com fausto, e até que lhe dava o que quer que fosse, que aquelas dedicatórias numa fotografia ou aquela fórmula para terminar um despacho eram a transmutação, sob sua forma mais preciosa e reduzida, de cem mil francos. Se evitava dizer que essas raras gentilezas de Rachel eram pagas por ele, seria falso dizer e no entanto esse raciocínio simplista é usado absurdamente para com todos os amantes que pagam, para tantos maridos que era por amor-próprio ou por vaidade. Saint-Loup era bastante inteligente para perceber que teria encontrado, fácil e gratuitamente na sociedade, todos os prazeres da vaidade graças a seu grande nome, a seu belo rosto, e que sua ligação com Rachel, ao contrário, era o que o havia posto um pouco fora desse mundo e fazia com que fosse menos cotado. Não, esse amor-próprio de querer mostrar que temos gratuitamente as marcas visíveis da predileção daquela a quem amamos é simplesmente um derivado do amor, a necessidade de figurar para si mesmo e para os outros como sendo amado pela que se ama tanto. Rachel se aproximou de nós, deixando as duas prostitutas subirem para seu compartimento; mas, não menos que a falsa lontra delas e o ar afetado dos caixeiros, os nomes de Lucienne e de Germaine mantiveram por um instante, diante de Robert, a nova Rachel. Por um momento, ele imaginou uma vida da praça Pigalle, com amigos desconhecidos, aventuras sórdidas, tardes de divertimentos ingênuos, passeios ou farras, naquela Paris onde as ensolaradas ruas, desde o bulevar de Clichy, não lhe pareceu o mesmo da claridade solar em

que ele passeava com a amante, e sim outro, pois o amor e o sofrimento, que forma com ele um todo único, têm, como a embriaguez, o poder de nos diferenciar as coisas. Ele suspeitou quase uma Paris desconhecida em meio à própria Paris; sua ligação lhe surgiu como a exploração de uma vida estranha, pois se, com ele, Rachel era um pouco parecida a seu amante, era entretanto uma boa parte de sua vida verdadeira que Rachel vivia com ele, e mesmo a parte mais preciosa, devido às fabulosas somas que ele lhe dava, a parte que a fazia de tal modo invejada das amigas e que lhe permitiria um dia retirar-se para o campo ou de se lançar nos grandes teatros, depois de ter feito o seu pé-de-meia. Robert gostaria de perguntar à amiga quem eram Lucienne e Germaine, as coisas que estas lhe teriam dito se ela tivesse subido para o seu compartimento, e em que, ela e suas companheiras, teriam passado juntas um dia que talvez tivesse acabado como divertimento máximo, após os prazeres do *skafing*, na taverna da Olympia, se ele, Robert, e eu não estivéssemos presentes. Por um instante, as vizinhanças da Olympia, que até então lhe tinham parecido aborrecidas, excitaram a sua curiosidade, seu sofrimento, e o sol daquele dia primaveril na rua Caumartin, onde talvez, se não tivesse conhecido Robert, Rachel teria ido há pouco e ganho um *luís*, lhe deu uma vaga nostalgia. Mas para que fazer perguntas a Rachel, quando sabia previamente que a resposta seria um simples silêncio ou uma mentira, ou algo ainda mais penoso para ele, sem todavia lhe descrever coisa nenhuma? Os empregados fechavam as portas, subimos rapidamente para um vagão de primeira, as pérolas admiráveis de Rachel fizeram-no ver de novo que ela era uma mulher de alto preço, ele acariciou-a, fê-la entrar em seu próprio coração, onde a contemplou, interiorizada, como tinha feito até então salvo durante esse breve instante em que a vira numa praça Pigalle de pintor impressionista -, e o trem partiu. Aliás, era verdade que ela era uma "literária". Não deixou de me falar em livros, *art nouveau*, tolstoísmo, a não ser para censurar Saint-Loup por beber demais.

- Ah, se pudesses viver um ano comigo, haveriam de ver, eu te faria beber água e serias muito melhor.

- Combinado! Vamos.

- Mas sabes muito bem que tenho mais o que fazer (pois ela levava a sério a arte dramática). Além disso, o que diria a tua família?

E pôs-se a fazer, sobre a família de Robert, censuras que me pareceram aliás muito justas e às quais Saint-Loup aderiu inteiramente, conquanto desobedecesse a Rachel no artigo sobre o champanha. Eu, que temia tanto o excesso de vinho para Saint-Loup e sentia a boa influência de sua amante, estava pronto a aconselhá-lo que mandasse a família passear. As lágrimas subiram aos olhos da moça porque tive a imprudência de falar de Dreyfus.

- O pobre mártir. - disse ela, retendo um soluço -, vão fazê-lo morrer lá longe.

- Tranqüiliza-te, Zézette. - retrucou Robert. - Ele voltará, será absolvido, o erro será reconhecido.

- Mas antes disso ele estará morto! Enfim, pelo menos seus filhos usarão um nome imaculado. Mas o que me mata é pensar no que deve estar sofrendo. E acredita que a mãe de Robert, uma mulher piedosa, diz que ele deve permanecer na ilha do Diabo, mesmo se for inocente; não é um horror?

- Sim, é absolutamente verdade, ela diz essas coisas. - afirmou Robert. - É minha mãe, nada tenho a objetar, mas é bem claro que ela não possui a sensibilidade de Zézette.

Na realidade, esses almoços, "coisas tão amáveis", sempre transcorriam muito mal. Pois, logo que Saint-Loup se achava com a amante em um local público, imaginava que ela olhava para todos os homens presentes, tornava-se sombrio, ela se apercebia de seu mau humor, que se divertia talvez em atiçar, mas que, mais provavelmente por um bobo amor-próprio, não queria, ofendida com o seu tom, parecer que buscava desarmar; dava a impressão de não desviar os olhos deste ou daquele homem, e, aliás, nem sempre o fazia por puro divertimento. De fato, quando o senhor que, no teatro ou no café, fosse seu vizinho, ou simplesmente o cocheiro do fiacre que eles tinham tomado, tivesse algo de agradável, Robert, logo advertido pelo ciúme, o havia notado antes de sua amante; imediatamente via nele um desses seres imundos de que me falara em Balbec, que pervertem e desonram as mulheres para se divertirem, e suplicava à amante que desviasse dele os olhares, e por isso mesmo o apontava. Ora, às vezes ela achava que Robert tinha tido tão bom gosto nas suas suspeitas que acabava mesmo por deixar de importuná-lo a fim de que ele se tranqüilizasse e consentisse em ir dar uma volta, para lhe dar tempo de entrar em conversação com o desconhecido, muitas vezes de marcar um encontro, e às vezes até de darem uma escapada. Desde que entramos no restaurante, percebi muito bem que Robert mostrava preocupação. É que logo havia reparado, o que nos escapara em Balbec, que, no meio de seus colegas vulgares, Aimé, com um brilho modesto, irradiava, bem involuntariamente, o romanesco que emana, durante alguns anos, de cabelos finos e de um nariz grego, graças aos quais ele se distinguia em meio à multidão dos outros criados. Estes, quase todos de idade avançada, representavam tipos extraordinariamente feios e marcados de padres hipócritas, de confessores santarrões, mais freqüentemente de velhos atores cômicos, cujo crânio de pão de açúcar não se encontra mais senão nas coleções de retratos expostas no saguão humildemente histórico dos teatrinhos antiquados, onde são representados como lacaios ou supremos pontífices, e cujo tipo solene parecia ser conservado por aquele restaurante, graças a um recrutamento selecionado e talvez a um modo de nomeação hereditário, numa espécie de

colégio inaugural. Infelizmente, Aimé, tendo-nos reconhecido, veio ele próprio atender-nos, enquanto se escoava para outras mesas o cortejo dos grandes sacerdotes de opereta. Aimé se informou sobre a saúde de minha avó, pedi-lhe notícias da esposa e dos filhos. E ele as deu com emoção, pois era um homem muito apegado à família. Tinha um ar inteligente, enérgico, mas respeitoso. A amante de Robert pôs-se a encará-lo com estranha atenção. Mas os olhos fixos de Aimé, aos quais uma leve miopia dava uma espécie de profundeza dissimulada, não traíram qualquer impressão em meio do seu rosto imóvel. No hotel provinciano, onde servira muitos anos antes de ir a Balbec, o belo desenho, agora um tanto amarelecido e fatigado, que era o seu rosto, e que durante tantos anos, como certa gravura que representava o príncipe Eugênio, tinham visto sempre no mesmo lugar, no fundo da sala de jantar ordinariamente vazia, não devia ter atraído muitos olhares curiosos. Durante muito tempo havia permanecido na ignorância do valor artístico de seu rosto, certamente por falta de conhecedores, e aliás pouco disposto a fazê-lo notado, pois era de temperamento frio. Quando muito, uma parisiense de passagem, detendo-se alguma vez na cidade, teria erguido os olhos para ele, teria pedido que ele fosse servi-la no quarto antes de voltar para o trem, e, no vazio translúcido, monótono e profundo dessa existência de bom marido e de doméstico provinciano, Aimé havia enterrado o segredo de um capricho sem amanhã que ninguém jamais viria descobrir. No entanto, deve ter percebido a insistência com que os olhos da jovem artista se fixavam nele. Em todo caso, isso não escapou a Robert, em cujo rosto eu via espalhar-se um rubor não vivo como o que lhe daria uma coloração purpurina se ele tivesse uma emoção brusca -, porém fraco, esmaecido.

- É muito interessante esse mordomo, Zézette? - perguntou à amante depois de ter dispensado Aimé com muita brusquidão. - Dir-se-ia que desejas fazer um estudo tirado dele.

- Já começa de novo. Eu tinha certeza!

- Mas o que é que começa, minha pombinha? Se estava errado, já não está aqui quem falou. Mas ainda assim tenho o direito de te pôr de sobreaviso contra esse lacaio que conheço de Balbec (sem isso não me importa), e que é um dos maiores velhacos que a Terra já viu.

Ela pareceu querer obedecer a Robert e travou comigo uma conversa literária à qual ele se misturou. Eu não me aborrecia ao conversar com ela, pois Rachel conhecia muito bem as obras que eu admirava e mais ou menos estava de acordo comigo em suas apreciações; mas como eu ouvira dizer, pela Sra. de Villeparisis, que ela não tinha talento, não dava muita importância a essa cultura. Rachel gracejava com finura sobre mil assuntos, e teria sido verdadeiramente agradável caso não afetasse, de maneira irritante, o jargão dos teatros e dos ateliês. Estendia-o, aliás, a tudo e, por exemplo, tendo adquirido o hábito de dizer

de um quadro, se era impressionista, ou de uma ópera, se era wagneriana: "Ah, está certo", num dia em que um rapaz lhe beijara a orelha, e que, lisonjeado por ter ela simulado um arrepio, bancava o modesto, ela disse: - Sim, como sensação, acho que está certo. - Mas o que principalmente me espantava era que as expressões próprias de Robert (e que, aliás, tinham talvez chegado até ele por meio de literatos que ela conhecia), Rachel as empregava diante dele, e ele diante dela, como se se tratasse de uma linguagem necessária e sem se darem conta do vazio de uma originalidade que é de todos.

Ao comer, ela se atrapalhava com as mãos a tal ponto que fazia supor que devia se mostrar muito embaraçada no palco. Só recobrava a destreza no amor devido a essa premonição tocante das mulheres que amam tanto o corpo do homem que adivinham logo o que dará mais prazer a esse corpo, todavia tão diverso do seu.

Deixei de tomar parte na conversa quando se falou de teatro, pois nesse assunto Rachel era muito malévola. É verdade que assumiu, em tom de comiseração contra Saint-Loup, o que provava que o atacava muitas vezes diante dele mesmo -, a defesa da Berma, ao dizer:

- Oh, não! É uma mulher notável. Evidentemente, o que ela faz já não nos diz nada, não corresponde mais absolutamente ao que procuramos, mas é preciso colocá-la no momento em que apareceu, a gente lhe deve muito. Fez as coisas certo, tu sabes. E, depois, é uma mulher tão corajosa, tem um grande coração, naturalmente não preza as coisas que nos interessam, mas teve, como um rosto bem impressionante, uma bela qualidade de inteligência. - (Os dedos não acompanham da mesma forma todos os juízos estéticos. Se se trata de pintura, para mostrar que é uma bela peça, de largas pinceladas, limita-se a ressaltar o polegar. Mas a "bela qualidade de espírito" é mais exigente. São-lhe precisos dois dedos, ou melhor, duas unhas, como se se tratasse de fazer pular um grão de poeira.) Mas, aberta esta exceção, a amante de Saint-Loup falava dos artistas mais conhecidos num tom de ironia e superioridade que me irritava, porque eu achava que ela é que lhes era inferior enganando-me nisso. Rachel percebeu muito bem que a devia considerar uma artista medíocre e, pelo contrário, ter muita consideração por aqueles a quem ela desprezava. Mas não se sentiu ofendida, porque há, no grande talento ainda não reconhecido, como o seu, por mais seguro que possa estar de si mesmo, uma certa humildade, e proporcionamos as considerações que exigimos não aos nossos dons ocultos, mas à posição que adquirimos. (Uma hora depois, eu devia ver, no teatro, a amante de Saint-Loup demonstrar muita deferência para com os artistas sobre quem externava um juízo tão severo.) Assim, por menos dúvidas que pudesse ter deixado o meu silêncio, ela insistiu para que jantássemos juntos de noite, assegurando que jamais se agradara tanto da conversa de alguém como da minha. Se ainda não estávamos no teatro, aonde deveríamos ir após a refeição,

dávamos a impressão de nos acharmos num *foyer*, decorado com retratos antigos da companhia, de tal forma os mordomos tinham caras que pareciam perdidas com toda uma geração de artistas fora do comum, do Palais-Royal; também pareciam acadêmicos: parado diante de um bufê, um examinava pêras com o rosto e a curiosidade desinteressada que poderia ter o Sr. de Jussieu. Outros, a seu lado, lançavam pela sala os olhares cheios de curiosidade e frieza que os membros do Instituto, já presentes, lançam sobre o público trocando algumas palavras que ninguém ouve. Eram figuras célebres entre os *habitués*. Entretanto, mostrava-se um novato, de nariz pregueado e lábio hipócrita, que tinha um jeito de igreja e exercia as funções pela primeira vez, e todos observavam o novo eleito. Mas em breve, talvez para que Robert partisse e ela pudesse encontrar-se a sós com Aimé, Rachel pôs-se a encarar um jovem bolsista que almoçava com um amigo numa mesa próxima.

- Zézette, peço-te que não olhes assim para esse rapaz. - disse Saint-Loup, em cujo rosto os rubores hesitantes de há pouco se haviam concentrado em uma sombra sangrenta que dilatava e afundava os traços distendidos do meu amigo -; se pretendes nos fazer uma cena, prefiro almoçar em separado e ir te esperar no teatro.

Nesse momento, vieram dizer a Aimé que um senhor lhe rogava fosse lhe falar na portinhola de seu carro. Saint-Loup, sempre inquieto e temendo que se tratasse de um recado amoroso a ser transmitido à sua amante, olhou pela vidraça e vislumbrou, no fundo de seu cupê, as mãos enfiadas em luvas brancas raiadas de preto, com uma flor na botoeira, o Sr. de Charlus.

- Estás vendo. - disse-me ele em voz baixa - que minha família me manda perseguir até aqui. Peço-te, eu não posso mais, mas já que conheces bem o mordomo, que certamente nos vai denunciar, diga-lhe que não vá até o carro. Pelo menos que seja um garçom que não me conheça. Se dizem a meu tio que não me conhecem, sei como ele é, não virá olhar no café, detesta esses locais. E, mesmo assim, não é asqueroso que um velho mulherengo como ele, que ainda não sossegou, me dê permanentemente lições de moral e venha me espionar?!

Aimé, tendo recebido minhas instruções, enviou um de seus ajudantes, que devia dizer que ele não podia ausentar-se do salão naquele momento e que, se perguntassem pelo marquês de Saint-Loup, que não o conheciam. E logo o carro partiu. Mas a amante de Saint-Loup, que não entendera nossas frases sussurradas em voz baixa e julgara que se tratava do rapaz a quem Robert lhe censurara por ter encarado, explodiu em insultos:

- Como? É esse rapaz agora?! Fazes bem em me prevenir; oh, é delicioso almoçar nessas condições! Não ligue para o que ele diz, está um tanto ofendido, e principalmente - acrescentou ela voltando-se para mim -, ele diz isto porque

julga que é elegante, que isso de ter ciúmes é coisa de grão-senhor.

E pôs-se a dar sinais de nervosismo com os pés e com as mãos.

- Mas Zézette, para mim é que é desagradável. Tu nos tornas ridículos aos olhos deste senhor que vai ficar convencido que lhe dás atenções, e que me parece que é o que existe de pior.

- A mim, ao contrário, ele me agrada muito; em primeiro lugar, tem olhos deslumbrantes, e que possuem uma forma de olhar as mulheres; percebe-se que ele deve amá-las.

- Cala-te pelo menos até que eu tenha ido embora, se é que estás louca! - gritou Robert. - Garçom, minhas coisas.

Não sabia se devia segui-lo.

- Não, preciso estar sozinho. - disse-me no mesmo tom com que acabara de falar à amante e como se estivesse zangado comigo. Sua cólera parecia uma mesma frase musical sobre a qual, numa ópera, cantam-se várias réplicas no libreto, inteiramente diversas entre si de sentido e de natureza, mas que ela reúne num mesmo sentimento. Quando Robert partiu, sua amante chamou Aimé e lhe pediu várias informações. E, a seguir, quis saber o que eu achava dele.

- Tem um olhar divertido, não é? Compreende, o que me agradaria seria saber o que ele pode estar pensando, ser servida por ele muitas vezes, levá-lo em viagem. Porém não mais do que isso. Se a gente fosse obrigada a amar todas as pessoas que nos agradam, seria no fundo uma coisa terrível. Robert não tem motivos para imaginar coisas. Tudo isto só me passa pela cabeça, Robert devia ficar tranqüilo. - Continuava a olhar para Aimé. - Veja, repare nos olhos pretos que ele tem; gostaria de saber o que há por detrás deles.

Em breve, vieram lhe dizer que Robert a mandava chamar em um gabinete particular, onde, passando por uma outra entrada, ele fora acabar o seu almoço sem atravessar o restaurante. Assim, fiquei sozinho, e depois Robert me mandou chamar por minha vez. Encontrei sua amante estendida num sofá rindo ante os beijos e as carícias que ele lhe prodigalizava. Bebiam champanha.

- Meus cumprimentos. - disse-lhe ela, pois aprendera recentemente essa fórmula que lhe parecia a última palavra em matéria de ternura e de espírito.

Eu almoçara mal, não me sentia à vontade e, sem que as palavras de Legrandin servissem de nada para isso, lamentava começar num gabinete reservado de restaurante e acabar nos bastidores de teatro aquela primeira tarde de primavera. Depois de ter olhado a hora para ver se não estava atrasada, Rachel me ofereceu champanha, estendeu-me um de seus cigarros orientais e retirou para mim uma rosa do corpete. Então murmurei comigo:

"Não tenho muito que lamentar o meu dia; estas horas passadas junto dessa moça não estão perdidas para mim, visto que, por meio dela, possuo, coisa graciosa e que a gente pode pagar caro, uma rosa, um cigarro perfumado e uma taça de champanha." Dizia-o porque me parecia, dessa forma, dotar de um caráter estético, e assim justificar, salvar essas horas de tédio. Talvez devesse ter pensado que a própria necessidade que eu experimentava de uma razão que me consolasse do meu tédio bastava para provar que eu não sentia nada de estético. Quanto a Robert e sua amante, davam a impressão de não guardar qualquer lembrança da discussão que tinham tido minutos antes e nem que eu assistira à tal cena. Não fizeram qualquer alusão a ela, não procuraram nenhuma desculpa para o fato, e nem mesmo para o contraste que formavam com ela as suas maneiras de agora. À força de beber champanha com eles, comecei a sentir um pouco a embriaguez que experimentara em Rivebelle, provavelmente a mesma. Não só cada gênero de embriaguez, desde aquela que dá o sol ou a viagem, àquela que dá o cansaço ou o vinho, mas também cada grau de sobriedade, e que deveria trazer consigo uma "cota" diferente, como as que mostram os fundos no mar, põe a nu em nós, precisamente na profundidade em que se encontra, um homem especial. O gabinete em que se achava Saint-Loup era pequeno, mas o espelho único que o decorava era de tal espécie que parecia refletir uns trinta gabinetes, ao longo de uma perspectiva infinita; e a lâmpada elétrica, colocada no topo da moldura, devia à noite, quando estava acesa, seguida da procissão de uns trinta reflexos semelhantes a ela própria, dar ao bebedor, mesmo solitário, a idéia de que o espaço a seu redor se multiplicava, ao mesmo tempo que suas sensações exaltadas pela embriaguez e que, encerrado sozinho nesse pequeno reduto, no entanto reinava sobre algo muito mais extenso, em sua curva indefinida e luminosa, que uma aléia do "Jardim de Paris". Ora, sendo eu então nesse momento esse bebedor, de súbito, procurando-o no espelho, avistei-o, horrível, desconhecido, a encarar-me. A alegria da embriaguez era mais forte que o nojo; por alegria-ou bravata, sorri-lhe, ao mesmo tempo que ele me sorria. Sentia-me de tal forma sob o império efêmero e poderoso do minuto em que as sensações são tão fortes, que não sei se minha única tristeza seria pensar que o eu horrendo que acabava de ver estava talvez no seu último dia, e que nunca mais encontraria aquele estranho durante a minha vida.

Robert só estava aborrecido por eu não querer brilhar mais aos olhos de sua amante.

- Ora vamos, este senhor que encontraste esta manhã e que mistura esnobismo e astronomia, conta-lhe, eu não me lembro bem e olhava-a com o rabo do olho.

- Mas, meu filho, não há nada a dizer além do que já disseste. - És insuportável. Então conta coisas de Françoise nos Champs-Élysées; isso vai lhe agradar muito.

- Ah sim. Bobbey me falou tanto de Françoise. - E, segurando Saint-Loup pelo

queixo, repetiu, por falta de invenção, atraindo esse queixo para a luz: - Meus cumprimentos!

Desde que os atores já não eram exclusivamente, para mim, os depositários, na dicção e no desempenho, de uma verdade artística, interessavam-me por si mesmos; divertia-me, julgando ter diante de mim os personagens de um velho romance cômico, em ver a ingênua ouvir distraidamente, no rosto novo de um jovem fidalgo que acabava de entrar na sala, a declaração que lhe fazia o jovem galã na peça, ao passo que este, no fogo intenso de sua tirada amorosa, não deixava de dirigir um olhar inflamado a uma velha senhora sentada num camarote vizinho, e cujas pérolas magníficas o tinham siderado; e assim, sobretudo graças às informações dadas por Saint-Loup acerca da vida privada dos artistas, eu via uma outra peça, muda e expressiva, representar-se por detrás da peça falada, a qual, aliás, apesar de medíocre, me interessava; pois nela sentia germinar e desabrochar, durante uma hora, à luz da ribalta feitas da aglutinação, sobre o rosto de um ator, de um outro rosto de pintura e papelão, as palavras de um papel sobre a sua alma pessoal -, essas individualidades vivazes e efêmeras que são as personagens de uma peça, igualmente sedutoras, que a gente ama, admira, lastima, e que desejaríamos voltar a encontrar ainda, tão logo deixamos o teatro, mas que já se desagregaram em um comediante que não tem mais a condição que tinha na peça, num texto que já não exibe o rosto do comediante, num pó colorido que o lenço desfaz, que, numa palavra, viraram elementos que nada mais têm deles, por causa de sua dissolução, consumidas logo após o encerramento do espetáculo, e que fazem, como a perda de um ente querido, duvidar da realidade do eu e meditar sobre o mistério da morte.

Um número do programa me foi extremamente penoso. Uma moça, que Rachel e várias de suas amigas detestavam, devia fazer sua estréia cantando canções antigas, estréia na qual fundara todas as suas esperanças de futuro e as dos seus. Essa moça tinha um traseiro proeminente, quase ridículo, e uma voz bonita, mas muito débil, enfraquecida ainda pela emoção, e que contrastava com aquela musculatura possante. Rachel colocara na sala um certo número de amigos e amigas cujo papel era desconcertar a estreante com seus sarcasmos; sabiam que era tímida, e contavam fazê-la perder a cabeça de modo que ela fosse um total fiasco, após o que o diretor não lhe assinaria o contrato. Desde as primeiras notas da infeliz, alguns espectadores, recrutados para esse fim, começaram a apontar para as suas costas, rindo; algumas mulheres que participavam do complô riram bem alto, cada nota aflautada aumentava a hilaridade intencional que se transformava em escândalo. A infeliz, que suava de dor sob a maquilagem, tentou lutar por um momento; depois lançou a seu redor, sobre a assistência, olhares desolados, indignados, que só fizeram redobrar os apupos. O espírito de imitação, o desejo de se mostrarem espirituosas e atrevidas, fez com que belas

atrizes, que não tinham sido prevenidas, entrassem no jogo, e lançavam às outras umas olhadelas de malévola cumplicidade, torciam-se de rir em violentas explosões, de modo que, no fim da segunda canção, e embora o programa anunciasse cinco, o diretor de cena fez baixar o pano. Esforcei-me para não pensar naquele incidente, como no sofrimento da minha avó quando meu tio-avô, para aborrecê-la, fazia meu avô beber conhaque, pois a idéia da malvadeza possuía, para mim, algo de muito doloroso. No entanto, assim como a piedade pela desgraça não é talvez muito exata, pois com a imaginação recriamos toda uma dor, pela qual o infeliz, obrigado a lutar contra ela, nem pensa em enternecer-se, do mesmo modo a malvadeza não tem provavelmente na alma do mau essa pura e voluptuosa crueldade que tanto mal nos faz só de imaginar. O ódio o inspira, a cólera lhe dá um ardor e uma atividade que nada têm de muito alegre; seria necessário sadismo para dele extrair prazer, e o malvado julga que é malvado aquele a quem faz sofrer. Rachel certamente imaginava que a atriz que ela fazia sofrer estava longe de ser interessante e, em todo caso, fazendo-a sofrer, achava que ela própria vingava o bom gosto e dava uma lição a uma colega ruim. Não obstante, preferi não falar daquele incidente, visto não ter tido nem a coragem nem o poder de impedi-lo; teria sido muito penoso para mim, falando bem da vítima, fazer assemelharem-se às satisfações da crueldade os sentimentos que animavam os carrascos daquela estreante.

Mas o começo do espetáculo interessou-me de outra maneira. Fez-me compreender em parte a natureza da ilusão de que era vítima Saint-Loup em relação a Rachel e que colocara um abismo entre as imagens que nós dois tínhamos acerca de sua amante, quando a víamos naquela mesma manhã sob as pereiras em flor. Rachel representava um papel quase de simples figurante na pecinha. Porém, vista assim, era uma outra mulher. Possuía um desses rostos que o afastamento e não necessariamente o da platéia ao palco, sendo para isso o mundo apenas um teatro maior modela e que, vistos de perto, recaem em pá. Junto dela, não se via mais que uma nebulosa, uma via-láctea de sardas, pontinhos, e nada mais. A uma distância adequada, tudo aquilo deixava de ser visível e, das faces apagadas, reabsorvidas, erguia-se, como um crescente lunar, um nariz tão fino, tão puro, que a gente desejaria tornar-se objeto da atenção de Rachel, revê-la tanto quanto se quisesse, possuí-la junto de si, caso nunca a houvesse visto de outro modo e de perto. Não era a minha situação, mas a de Saint-Loup, quando a vira representar pela primeira vez. Então, perguntara-se como se aproximar dela, como conhecê-la, abrira-se nele todo um domínio maravilhoso aquele onde ela vivia do qual emanavam deliciosas radiações, mas onde não poderia penetrar. Saiu do teatro dizendo a si próprio que seria louco se lhe escrevesse, que ela não lhe responderia, pronto para dar sua fortuna e seu nome para a criatura que nele vivia em um mundo de tal forma superior a essas realidades por demais conhecidas, um mundo embelezado pelo desejo e pelo

sonho, quando do teatro, velha construçãozinha que tinha ela mesma o aspecto de um cenário, viu à saída dos artistas, por uma porta, desembocar o grupo alegre e gentilmente enchapelado dos artistas que tinham representado. Pessoas jovens que os conheciam ali estavam a esperá-los. Sendo o número de peões humanos menor que o das combinações que podem formar, numa sala em que faltam todas as pessoas que a gente podia conhecer, encontra-se uma que nunca se julgaria ter ocasião de rever e que vem tão a propósito que o acaso parece providencial, ao qual, entretanto, um outro acaso substituiria se tivéssemos ido não àquele lugar, mas a outro, onde teriam nascido desejos diferentes e onde seria reencontrado outro velho conhecido para secundá-los. As portas de ouro do mundo dos sonhos tinham-se fechado de novo sobre Rachel antes que Saint-Loup a tivesse visto sair do teatro, de modo que as sardas e os sinaizinhos careceram de importância. Todavia lhe desagradaram, visto que, deixando de estar só, já não tinha o mesmo poder de sonhar que no teatro. Mas tal poder, embora já não o pudesse perceber, continuava a reger seus atos como esses astros que nos governam por sua atração, mesmo nas horas em que não são visíveis para nós. Assim, o desejo da comediante de finos traços, que nem mesmo estavam presentes na lembrança de Robert, fez com que, abordando o antigo colega que ali se achava por acaso, ele se fizesse apresentar à pessoa sem traços e com sardas, pois era a mesma, e dizendo consigo que mais tarde buscaria saber qual das duas essa mesma pessoa era na realidade. Ela estava apressada e, naquele momento, nem mesmo dirigiu a palavra a Saint-Loup, e só depois de vários dias é que ele pôde enfim, conseguindo que ela deixasse os companheiros, regressar em sua companhia. Ele já a amava. A necessidade de sonho, o desejo de ser feliz devido àquela com quem se sonhou fazem não ser necessário muito tempo para que a gente confie todas as oportunidades de ventura àquela que, alguns dias antes, não passava de uma aparição fortuita, desconhecida, indiferente, nos tablados do palco.

Quando, descido o pano, passamos para o palco, intimidado por passear ali, quis falar vivamente com Saint-Loup; desse modo, minha atitude, como não soubesse qual a que devia tomar naqueles lugares novos para mim, seria totalmente monopolizada pela nossa conversa e pensariam que eu estava tão absorto nela, tão distraído, que achariam natural que eu não tivesse as expressões de fisionomia que deveria ter num lugar onde, atento a tudo o que eu mesmo dizia, mal sabia onde me achava; e apanhando, para sair mais depressa, o primeiro assunto da conversa:

- Sabes, - disse a Robert - que fui te dizer adeus no dia da minha partida? Nunca tivemos oportunidade de falar a respeito. Cumprimentei-te na rua.

- Nem me fales nisso. - respondeu ele -, fiquei entristecido. Encontramo-nos bem perto do quartel, mas não pude parar porque já estava muito atrasado. Garanto

que estava desolado.

Assim, ele me reconhecera! Revia eu ainda o cumprimento totalmente impessoal que me dirigira erguendo a mão ao quepe, sem um olhar que denunciasse que me conhecera, sem um gesto que manifestasse lastimar o fato de não poder parar. Evidentemente, essa ficção que adotara naquele momento, de não me reconhecer, devia lhe ter simplificado muitas coisas. Mas eu estava estupefato de que tivesse sabido adotá-la tão rapidamente e antes que um reflexo revelasse a sua primeira impressão. Já havia notado em Balbec que, ao lado dessa sinceridade ingênua do seu rosto, cuja pele deixava ver por transparência o brusco afluir de certas emoções, seu corpo fora admiravelmente treinado pela educação para determinado número de dissimulações de conveniência e que, como um perfeito comediante, podia, em sua vida de caserna, em sua vida mundana, desempenhar papéis diferentes, um após o outro. Num de seus papéis, ele gostava profundamente de mim, tratava-me quase como se eu fosse seu irmão; meu irmão ele o fora, voltara a sê-lo, mas por um instante tinha sido um outro personagem que não me conhecia e que, segurando as rédeas, monóculo no olho, sem um olhar nem um sorriso, erguera a mão à viseira do quepe para me dar corretamente a saudação militar!

Os cenários ainda armados, entre os quais passava, vistos assim de perto, desprovidos de tudo o que lhes acrescentam o afastamento e a iluminação que o grande pintor que os executara havia calculado, eram miseráveis, e Rachel, quando me aproximei dela, não sofreu menor poder de destruição. As asas de seu nariz encantador tinham ficado na perspectiva, entre a platéia e o palco, bem como o relevo dos cenários. Já não era ela, só a reconhecia graças aos olhos, onde sua identidade se refugiara. A forma e o brilho desse jovem astro, tão fulgurante ainda há pouco, haviam desaparecido. Em compensação, como se nos aproximássemos da lua e ela deixasse de parecer-nos cor-de-rosa e ouro, naquele rosto tão igual momentos antes eu só distinguia protuberâncias, manchas, ravinas. Apesar da incoerência em que se resolviam de perto, não somente o rosto feminino mas as telas pintadas, sentia-me feliz por estar ali, por andar entre os cenários, todo esse quadro que outrora o meu amor à natureza me faria considerar tedioso e artificial, mas ao qual a sua pintura por Goethe no Wilhelm Meister me dera uma certa beleza; e já me sentia encantado por avistar, em meio aos jornalistas ou às pessoas da sociedade amigos das atrizes, que cumprimentavam, conversavam, fumavam, como se estivessem na cidade, um rapaz de touca de veludo negro, de saia hortênsia, as faces pintadas de lápis vermelho como uma página de álbum de Watteau, que, de boca risonha, os olhos voltados para o céu, esboçava sinais graciosos com as palmas das mãos, saltando de leve, parecia de tal maneira pertencer a uma espécie diferente das pessoas razoáveis de paletó e sobrecasaca, em meio às quais perseguia como um louco o

seu sonho extasiado, tão alheio às preocupações de suas vidas, tão anterior aos hábitos de sua civilização, tão isento das leis da natureza, que era algo tão repousante e viçoso como ver uma borboleta extraviada na multidão, seguir com os olhos, entre os frisos, os arabescos naturais que ali traçava o seu folguedo alado, arrebicado e caprichoso. Mas, no mesmo instante, Saint-Loup imaginou que sua amante prestava atenção naquele dançarino, que ensaiava pela última vez uma figura da fantasia em que ia aparecer, e seu rosto voltou a ficar sombrio.

- Poderias olhar para o outro lado. - disse-lhe soturnamente Robert. - Sabes que esses dançarinos não valem a corda a que fariam bem subir para quebrar o pescoço, e são pessoas capazes de irem se gabar depois que lhes deste confiança. Aliás, estás ouvindo muito bem que te dizem para ir ao camarim para te preparar. Vais chegar atrasada de novo.

Três senhores três jornalistas -, vendo o jeito enfurecido de Saint-Loup, aproximaram-se, divertidos, para ouvir o que se dizia. E, como estavam armando um cenário do outro lado, ficamos apertados contra eles.

- Oh, mas reconheço-o, é meu amigo! - exclamou a amante de Saint-Loup ao reparar no dançarino. - Como é bonito, olhem estas mãozinhas que dançam como todo o resto do corpo!

O dançarino virou-se para ela e, sua pessoa humana aparecendo sob o silfo que ele se empenhava em ser, a gelatina precisa e cinzenta de seus olhos estremeceu e brilhou por entre as pestanas endurecidas e pintadas, e um sorriso prolongou-lhe a boca de ambos os lados na face coberta de pastel vermelho; depois, para divertir a moça, como uma cantora que cantarola por complacência a melodia em que lhe dissemos que a admirávamos, pôs-se a refazer o movimento de suas palmas, arremedando a si próprio com uma finura de pastichador e um bom humor de criança.

- Oh, que gentileza a sua em imitar a si mesmo! - exclamou Rachel batendo palmas.

- Rogo-te, minha filha. - disse-lhe Saint-Loup com voz desolada -, não te dês em espetáculo desse modo, tu me matas; juro que se dizes uma só palavra a mais, não te acompanho ao camarim e vou embora; vamos, não te faças de má. E não fiques assim, aspirando a fumaça do charuto; vai te fazer mal. - acrescentou ele, voltando-se para mim com aquela solicitude que me testemunhava desde Balbec.

- Oh, que sorte se fores embora!

- Previno-te que não voltarei mais.

- Nem ouso esperá-lo.

- Escuta, sabes, eu te prometi o colar se fosses gentil, mas já que me tratas deste

modo...

- Ah, eis uma coisa que não me espanta de tua parte. Fizeste uma promessa, e eu bem deveria ter imaginado que não haverias de cumpri-la. Queres alardear que tens dinheiro, mas não sou interesseira como tu. Não ligo para o teu colar. Tenho alguém que me poderá dá-lo.

- Ninguém mais te poderá dar esse colar, pois eu o reservei na casa Boucheron e tenho a sua palavra de que o venderá somente a mim.

- É isso mesmo, quiseste me prender, tomaste todas as precauções antecipadamente. É bem como se diz: *Marsantes, Mater Semita*, sente-se o cheiro da raça. - retrucou Rachel, repetindo uma etimologia fundada num grosseiro contra-senso, pois semita significa "senda" e não "semita", mas que os nacionalistas aplicavam a Saint-Loup devido às suas opiniões dreyfusistas, que no entanto ele devia à atriz. (Esta era menos indicada que ninguém para chamar de judia a Sra. de Marsantes, em quem os etnógrafos da sociedade nada podiam encontrar de judaico, a não ser o seu parentesco com os Lévy-Mimpoix.) - Mas nem tudo está liquidado, podes estar certo. Uma palavra dada em tais condições não tem nenhum valor. Agiste traiçoeiramente comigo. Boucheron vai saber disso e hão de lhe dar o dobro pelo colar. Fica tranqüilo que em breve terás notícias minhas.

Robert tinha cem vezes razão. Mas as circunstâncias são sempre tão confusas que o que tem cem vezes razão pode não tê-la uma vez. E não pude evitar de me lembrar aquela frase desagradável, no entanto bem inocente, que ele dissera em Balbec:

- Desse modo, tenho-a nas mãos.

- Compreendeste mal o que disse a respeito do colar. Eu não o havia prometido de maneira formal. Do momento em que fazes tudo para que te deixe, entende, é muito natural que não te dê o colar; não percebo onde é que está a traição nesse caso, nem admito ser interesseiro. Não se pode dizer que eu faça alarde do meu dinheiro, digo-te sempre que sou um pobre-diabo sem tostão. Não procedes bem tomando as coisas por esse lado, minha filha. Em que eu sou interessado? Sabes muito bem que meu único interesse és tu.

- Sim, sim, podes continuar. - disse ela ironicamente, esboçando o gesto de alguém que nos faz a barba. E voltando-se para o dançarino: - Ah, na verdade ele é assombroso com as mãos. Eu, que sou mulher, não poderia fazer o que ele faz e voltando-se para ele, mostrando-lhe as feições convulsivas de Robert:

- Olha, ele está sofrendo. - disse baixinho, no momentâneo impulso de uma crueldade sádica, aliás sem qualquer relação com seus verdadeiros sentimentos de afeto por Saint-Loup.

- Escuta, pela última vez, te juro que, por mais que faças, poderás sentir daqui a oito dias todos os remorsos do mundo, mas eu não voltarei; a taça está repleta, presta atenção, isto é irrevogável, um dia hás de te arrepender e será tarde demais.

Talvez fosse sincero, e o tormento de abandonar a amante lhe parecia menos cruel que o de estar junto dela em determinadas condições.

- Mas meu filho. - acrescentou, dirigindo-se a mim -, não fiques aí que vais começar a tossir.

Mostrei-lhe o cenário que me impedia de mudar de lugar. Ele tocou de leve no chapéu e disse ao jornalista:

- Senhor, pode jogar fora o charuto? O fumo faz mal ao meu amigo.

A amante, sem esperá-lo, encaminhava-se para o camarote e, voltando-se:

- Será que essas mãozinhas fazem a mesma coisa com as mulheres? - atirou ela ao dançarino do fundo do teatro, com uma voz artificialmente melodiosa e inocente de "ingênua".

- Tu mesmo pareces uma mulher. Acho que seria possível fazer uma combinação entre ti e uma de minhas amigas.

- Não é proibido fumar, que eu saiba; quando a gente está enfermo, deve ficar em casa. -disse o jornalista.

O dançarino sorriu misteriosamente à atriz.

- Oh, cala-te! Estás me deixando louca! - gritou ela.

- Vais ver que coisas faremos.

- Em todo caso, senhor, não é nada amável. - disse Saint-Loup ao jornalista, sempre em tom suave e cortês, com o ar de constatação de alguém que acaba de julgar, retrospectivamente, um incidente findo.

Nesse momento, vi Saint-Loup erguer o braço verticalmente acima da cabeça, como se tivesse feito um sinal a alguém que eu não via, ou como um regente de orquestra, e de fato sem maior transição que, num simples gesto de batuta, numa sinfonia ou num balé, ritmos violentos se sucederam a um gracioso andante -, depois das palavras polidas que acabava de dizer, abateu a mão sobre a face do jornalista numa bofetada sonora.

Agora que, às conversações cadenciadas dos diplomatas, às artes risonhas da paz, sucedera o ímpeto furioso da guerra, golpes chamando golpes, não ficaria muito espantado em ver os adversários banhando-se no próprio sangue. Mas o que não podia compreender (como as pessoas que não consideram ser justo que ocorra uma guerra entre dois países quando ainda só se pensou numa retificação de

fronteiras, ou a morte de um doente quando apenas se cuidava de um tumor no fígado) era como Saint-Loup pudera fazer seguir, às palavras que apreciavam um matiz de amabilidade, um gesto que não provinha de modo algum delas, que elas não anunciavam, o gesto daquele braço erguido não só com desprezo pelo direito das gentes, mas pelo princípio de causalidade, numa geração espontânea de cólera, esse gesto criado *ex nihilo*. Felizmente o jornalista que, cambaleando ante a violência do golpe, empalidecera e hesitara por um momento, não reagiu. Quanto a seus amigos, um desviara logo a cabeça, observando com atenção, para o lado dos bastidores, alguém que evidentemente não se achava ali; o segundo fingiu que um cisco lhe entrara no olho e pôs-se a apertar as pálpebras com caretas de dor; quanto ao terceiro, saíra correndo a gritar:

- Meu Deus, acho que vai subir o pano, vamos perder nossos lugares!

Gostaria de falar com Saint-Loup, mas ele estava de tal modo cheio de sua indignação contra o dançarino, que esta vinha exatamente assomar-lhe à superfície das pupilas; como uma armadura interior, esticava-lhe as faces, de forma que sua agitação interior se traduzia por uma total imobilidade externa; ele não possuía nem mesmo o relaxamento, o "jogo" necessário para acolher uma palavra minha e a ela responder. Os amigos do jornalista, vendo que tudo estava terminado, voltaram para junto dele, ainda trêmulos. Mas, envergonhados por havê-lo abandonado, esforçavam-se absolutamente para que ele julgasse que não tinham notado coisa alguma. Assim, um dissertava sobre o cisco no olho, outro sobre o alarma falso que tivera ao pensar que subiam o pano, o terceiro sobre a extraordinária semelhança de uma pessoa que passara com seu irmão. E até lhe manifestaram um certo mau humor por não ter compartilhado de suas emoções.

- Como, não reparou? Será que não enxerga bem?

- Quer dizer que vocês todos são uns medrosos resmungou o jornalista esbofeteado.

Inconseqüentes com a ficção que haviam adotado e devido à qual deveriam mas nem pensaram nisso fingir não compreender o que ele queria dizer, proferiram uma frase que é de tradição em tais circunstâncias:

- Você está se exaltando. Calma! Parece até que tomou o freio nos dentes!

Pela manhã eu havia compreendido, diante das pereiras em flor, em que ilusão se baseava o amor de Robert por "Rachel-quando-do-Senhor", mas igualmente percebia o que, pelo contrário, tinham de real os sofrimentos que nasciam desse amor. Aos poucos, a dor que ele estava sentindo há uma hora, sem parar, se retraiu, abrigou-se nele, e uma zona disponível e branda apareceu em seus olhos. Deixamos o teatro, Saint-Loup e eu, e primeiro caminhamos um pouco. Atrasei-me um tanto na esquina da avenida Gabriel, de onde muitas vezes via Gilberte

chegar outrora. Durante alguns segundos tentei recordar essas impressões distantes e ia reunir-me a Saint-Loup a passo "ginástico", quando vi que um senhor muito mal vestido parecia falar-lhe de bem perto. Concluí que era um amigo pessoal de Robert; no entanto, eles pareciam se aproximar ainda mais um do outro; de súbito, como aparece no céu um fenômeno astral, vi corpos ovóides assumirem, com vertiginosa rapidez, todas as posições que lhes permitiriam compor, diante de Saint-Loup, uma constelação instável. Lançados como por uma funda, pareceram-me ser pelo menos em número de sete. Todavia, não eram senão os dois punhos de Saint-Loup, multiplicados por sua velocidade, mudando de lugar naquele conjunto aparentemente ideal e decorativo. Mas essa peça de artifício não passava de uma sova que Saint-Loup aplicava e cujo caráter agressivo, em vez de estético, me foi revelado primeiro pelo aspecto do senhor mediocremente vestido, o qual pareceu perder ao mesmo tempo toda compostura, um maxilar e muito sangue. Ele deu explicações mentirosas às pessoas que se aproximavam para interrogá-lo, virou a cabeça e, vendo que Saint-Loup se afastava definitivamente para se juntar a mim, ficou olhando-o com ar de rancor e abatimento, mas de modo algum furioso. Ao contrário, Saint-Loup o estava, embora não tivesse sofrido nenhum golpe, e seus olhos ainda brilhavam de cólera quando me alcançou. O incidente não se ligava em nada, conforme eu receara, às bofetadas do teatro. Era um passeante apaixonado que, vendo o belo militar que era Saint-Loup, fizera-lhe certas propostas. Meu amigo não se recobrava do assombro que lhe causara a audácia daquela "corja" que nem mesmo esperava as sombras da noite para se arriscar, e falava das propostas que lhe tinham sido feitas com a mesma indignação com que os jornais falam de um roubo a mão armada, ousado em pleno dia, num bairro central de Paris. Entretanto, o senhor espancado era desculpável nisto que um plano inclinado aproxima muito depressa demais o desejo do gozo para que a simples beleza já surja como um consentimento. Ora, que Saint-Loup fosse belo, isso era indiscutível. Murros como os que acabara de dar têm uma certa utilidade, para homens da espécie do que o abordara há pouco, no sentido de fazê-los refletir seriamente, mas durante bem pouco tempo, para que possam se corrigir e assim escapar aos castigos judiciais. Assim, embora Saint-Loup tivesse dado a surra sem pensar muito, todas as do mesmo gênero, mesmo que venham em auxílio das leis, não chegam a homogeneizar os costumes.

Esses incidentes, e sem dúvida aquele em que mais pensava, decerto deram a Robert o desejo de ficar um pouco sozinho. Depois de um momento, pediu que nos separássemos e que eu fosse, de minha parte, à casa da Sra. de Villeparisis; ali se encontraria comigo, mas preferia que não entrássemos juntos, para parecer que acabava de chegar a Paris, em vez de dar a entender que já tínhamos passado juntos uma parte da tarde.

Como havia suposto, antes de travar conhecimento com a Sra. de Villeparisis em Balbec, existia uma grande diferença entre o ambiente em que ela vivia e o da Sra. de Guermantes. A Sra. de Villeparisis era uma dessas mulheres que, nascidas numa casa gloriosa, e entrando pelo casamento em outra que não o era menos, todavia não desfrutam de uma grande posição social, e, fora algumas duquesas suas sobrinhas ou cunhadas, e mesmo uma ou duas cabeças coroadas, velhas relações de família, não têm em seu salão senão um público de terceira ordem, burguesia, nobreza de província ou deteriorada, cuja presença há muito afastou as pessoas elegantes e esnobes que não são obrigadas a comparecer por dever de parentesco ou de intimidade bem antiga. Por certo, ao cabo de alguns instantes não tive nenhuma dificuldade em compreender por que a Sra. de Villeparisis se achava, em Balbec, tão bem informada, e melhor que nós próprios, dos menores detalhes da viagem que meu pai fazia então pela Espanha com o Sr. de Norpois. Mas, apesar disso, não era possível deter-se à idéia de que a ligação, já de vinte anos, da Sra. de Villeparisis com o embaixador pudesse ser a causa da desclassificação da marquesa numa sociedade em que as mulheres brilhantes exibiam amantes menos respeitáveis que este, o qual, aliás, já não era para a marquesa, provavelmente há muito tempo, outra coisa que não um velho amigo. Tivera a Sra. de Villeparisis outras aventuras antigamente? Sendo então de um temperamento mais apaixonado que agora, numa velhice apaziguada e piedosa, que no entanto devia um pouco do seu colorido àqueles anos ardentes e consumidos, não quisera, na província onde vivera por muito tempo, evitar certos escândalos, desconhecidos das novas gerações, as quais apenas constatavam os seus efeitos pela composição misturada e defeituosa de um salão destinado, a não ser isso, a tornar-se um dos mais isentos de toda liga medíocre? Essa "má língua" que o sobrinho lhe atribuía acaso lhe valera inimigos naqueles tempos? Levara-a a aproveitar-se de certos êxitos junto aos homens para exercer vinganças contra mulheres? Tudo isso era possível; e não era a maneira requintada, sensível matizando tão delicadamente não só as expressões como as entonações -, com que a Sra. de Villeparisis falava do pudor e da bondade que poderia invadir semelhante hipótese; pois os que não só falam bem de certas virtudes, mas até lhes sentem o encanto e as compreendem às maravilhas, e saberão pintar, em suas memórias, uma digna imagem dela, provêm muitas vezes mas eles próprios não fazem parte da geração muda, frustrada e sem arte, que as praticou. Esta se reflete, porém não continua neles. Em vez do caráter que possuía a geração anterior, encontra-se nela uma sensibilidade e uma inteligência que não servem à ação. E, houvesse ou não, na vida da Sra. de Villeparisis, desses escândalos que o brilho de seu nome teria apagado, foi essa inteligência, uma inteligência quase de escritor de segunda ordem mais que de mulher da sociedade, certamente a causa de sua decadência mundana.

Decerto eram qualidades muito pouco exaltantes, como a ponderação e a

moderação, que a Sra. de Villeparisis principalmente pregava; mas, para falar da moderação de modo perfeitamente adequado, a moderação não basta e são necessários certos méritos de escritor que suponham uma exaltação pouco medida; eu notara em Balbec que o gênio de alguns grandes artistas permanecia incompreendido pela Sra. de Villeparisis, e que ela apenas sabia troçar deles com finura, e dar à sua incompreensão uma forma espirituosa e graciosa. Mas esse espírito e essa graça, no grau a que haviam chegado nela, tornavam-se eles mesmos em outro plano, e ainda que empregados para depreciar as mais altas obras verdadeiras qualidades artísticas. Ora, tais qualidades exercem em toda situação mundana uma ação mórbida eletiva, como dizem os médicos, e tão desagregadora que as mais solidamente assentadas mal podem lhes resistir alguns anos. O que os artistas chamam inteligência parece pretensão pura à sociedade elegante, a qual, incapaz de se pôr no único ponto de vista de onde eles julgam tudo, jamais compreendem a atração particular à qual cedem ao escolher uma expressão ou ao estabelecer uma aproximação e experimenta junto deles um cansaço e uma irritação, de onde bem depressa nasce a antipatia. Entretanto, em sua conversação, e o mesmo ocorre com as Memórias que foram editadas posteriormente, a Sra. de Villeparisis só mostrava uma espécie de graça totalmente mundana. Tendo abordado grandes coisas sem aprofundá-las, às vezes sem distingui-las, detivera apenas, dos anos que tinha vivido, e que aliás pintava com muito encanto e exatidão, o que tinham oferecido de mais frívolo. Mas uma obra, mesmo que se debruce exclusivamente sobre assuntos que não são intelectuais, ainda assim é uma obra da inteligência, e, para dar num livro, ou numa conversa que dele pouco difira, a impressão acabada da frivolidade, é preciso uma dose de seriedade de que seria incapaz uma pessoa inteiramente frívola. Em certas memórias escritas por uma mulher e consideradas obras-primas, determinada frase, citada como um modelo de graça leve, sempre me fez supor que, para chegar a essa leveza, a autora deveria ter possuído outrora uma ciência um tanto pesada, uma cultura rebarbativa, e que, quando jovem, provavelmente parecia às amigas uma literata pedante. E, entre certas qualidades literárias e o fracasso mundano, é tão necessária a conexão que, lendo hoje as Memórias da Sra. de Villeparisis, certo epíteto adequado, certas metáforas que se repetem bastarão ao leitor para que reconstitua, com seu auxílio, a saudação profunda, mas glacial, que deveria dirigir à velha marquesa, na escadaria de uma embaixada, uma esnobe como a Sra. Leroi, que talvez lhe deixasse um cartão ao ir à casa dos Guermantes, mas jamais punha os pés no seu salão, com receio de ali se desclassificar no meio de todas aquelas esposas de médicos ou de tabeliães. Literata pedante, talvez a Sra. de Villeparisis o tivesse sido na primeira juventude e, ébria então de seu saber, talvez não soubera conter, contra pessoas da sociedade menos inteligentes e instruídas que ela, os ditos mordazes que o atingido não esquece.

Depois, o talento não é um apêndice postiço que se ajunta artificialmente a essas qualidades diversas que fazem ter êxito na sociedade, a fim de formar, com o todo, o que os mundanos denominam uma "mulher completa". Ele é o produto vivo de uma certa índole moral onde geralmente fazem falta muitas qualidades e onde predomina uma sensibilidade, com outras manifestações que não percebemos num livro e que podem se fazer sentir bem vivamente no curso da existência, como, por exemplo, certas curiosidades, certas fantasias, o desejo de ir aqui ou ali por seu próprio prazer e não no intento de aumentar, manter ou simplesmente fazer funcionar as relações mundanas. Eu vira em Balbec a Sra. de Villeparisis encerrada entre seus iguais e sem dar uma olhada às pessoas sentadas no saguão do hotel. Mas tivera o pressentimento de que tal abstenção não era por indiferença, e parece que nem sempre se instalara nela. Acontecia-lhe relacionar-se com este ou aquele indivíduo que não possuía nenhum título para ser recebido em sua casa, às vezes porque o julgara bonito, ou apenas porque lhe haviam dito que era divertido, ou porque lhe parecera diferente das pessoas que conhecia, as quais, àquela época em que não as apreciava ainda por julgar que jamais a abandonariam, pertenciam todas ao *faubourg* Saint-Germain. Tal boêmio, tal pequeno-burguês a quem havia distinguido, era ela obrigada a fazer convites, cujo valor ele não podia apreciar, com uma insistência que a desqualificava aos poucos aos olhos dos esnobes habituados a estimar um salão antes conforme as pessoas que a dona da casa exclui do que pelas pessoas que recebe. Certamente, se num dado momento da juventude a Sra. de Villeparisis, aborrecida com a satisfação de pertencer à fina flor da aristocracia, de alguma forma se divertira em escandalizar as pessoas entre as quais vivia, em desfazer deliberadamente a sua posição social, todavia começara a dar importância a essa posição depois que a perdera. Quisera mostrar às duquesas que valia mais que elas, dizendo e fazendo tudo o que elas não ousavam fazer nem dizer. Mas agora que estas, a não ser as de sua mais próxima intimidade, não mais compareciam à sua casa, ela sentia-se diminuída e desejava reinar ainda, mas de outra maneira que pelo espírito. Gostaria de atrair todas aquelas que tivera tanto empenho em afastar. Quantas vidas de mulheres, vidas aliás mal conhecidas (pois cada uma, de acordo com a idade, conheceu um mundo diferente, e a discrição dos velhos impede os jovens de formar uma idéia do passado e de abarcar todo o ciclo), foram assim divididas em períodos contrastantes, o último todo empenhado em reconquistar aquilo que no segundo fora tão alegremente lançado ao vento. Lançado ao vento de que modo? Os jovens tanto menos o imaginam por terem ante os olhos uma velha e respeitável marquesa de Villeparisis, e não fazem idéia de que a grave memorialista de hoje, tão digna sob sua peruca branca, pudesse ter sido outrora uma alegre consumidora que, nesse tempo, talvez fizesse as delícias e devorasse a fortuna de homens há muito deitados na sepultura. Que se tenha empenhado em desfazer, desse modo, com uma indústria natural e

perseverante, uma posição social que recebera do berço insigne, não quer dizer aliás, de maneira nenhuma, que, mesmo nessa época recuada, a Sra. de Villeparisis não atribuísse grande valor à sua posição. Da mesma forma, o isolamento e a inação em que vive um neurastênico podem ser urdidos por ele da manhã à noite, sem por isso lhe parecerem suportáveis; e, ao passo que se apressa em acrescentar outra malha à rede que o mantém prisioneiro, é possível que sonhe unicamente com bailes, caçadas e viagens. Trabalhamos a todo instante para dar sua forma à nossa vida, mas copiando, malgrado nosso, como um desenho, os traços da pessoa que somos e não daquela que nos agradaria ser. Os cumprimentos desdenhosos da Sra. Leroi podiam exprimir, de algum modo, a verdadeira natureza da Sra. de Villeparisis, mas não correspondiam absolutamente aos seus desejos.

Sem dúvida, no mesmo momento em que a Sra. Leroi, segundo uma expressão cara à Sra. Swann, "cortava" a marquesa, esta podia buscar consolo lembrando-se que um dia a rainha Maria Amélia lhe dissera: "Gosto de você como a uma filha." Mas essas amabilidades régias, secretas e ignoradas, só existiam, para a marquesa, cobertas de pó feito o diploma de um antigo primeiro prêmio do Conservatório. Os únicos reais lucros mundanos são os que geram vida, os que podem desaparecer sem que seu beneficiário tenha de procurar retê-los ou divulgá-los, porque no mesmo dia cem outros lhes sucederam. Lembrando-se dessas palavras da rainha, a Sra. de Villeparisis, no entanto, as teria de boa vontade trocado pelo perpétuo poder de ser convidada que a Sra. Leroi possuía, como, num restaurante, um grande artista desconhecido, e cujo gênio não está escrito nem nos traços da fisionomia tímida, nem no corte antiquado do casaco puído, bem que desejaria ser o jovem corretor do último degrau da sociedade, mas que almoça numa mesa vizinha com duas atrizes, e para quem, numa corrida obsequiosa e interminável, se apressam patrão, mordomo, garçons, moços de recados e até ajudantes de cozinheiro, que saem em desfile para cumprimentá-lo como nas féeries, enquanto avança o despenseiro, tão empoeirado como suas garrafas, ofuscado e de pernas tortas feito se, vindo da adega, tivesse torcido o pé antes de subir à claridade.

No entanto, é preciso dizer que, no salão da Sra. de Villeparisis, a ausência da Sra. Leroi, se deixava desolada a dona da casa, passava despercebida aos olhos de um grande número de convidados. Ignoravam totalmente a situação particular da Sra. Leroi, conhecida apenas do mundo elegante, e não duvidavam que as recepções da Sra. de Villeparisis fossem, como hoje estão convencidos disso os leitores de suas Memórias, as mais brilhantes de Paris.

Nessa primeira visita que, deixando Saint-Loup, fui fazer à Sra. de Villeparisis, segundo o conselho que o Sr. de Norpois havia dado a meu pai, encontrei-a em seu salão revestido de seda amarela, sobre a qual se desta cavam os canapés e as

admiráveis poltronas de tapeçaria de Beauvais em uma cor rósea, quase violácea, de framboesas maduras. Ao lado dos retratos dos Guermantes, dos Villeparisis, viam-se ofertados pelo próprio modelo os da rainha Maria Amélia, da rainha dos belgas, do príncipe de Joinville e da imperatriz da Áustria. A Sra. de Villeparisis, com uma touca de rendas pretas do tempo antigo (que ela conservava com o mesmo instinto precavido de cor local ou histórica de um hoteleiro bretão que, por mais parisiense que tenha se tornado a sua freguesia, julga mais hábil que suas criadas conservem as toucas e as mangas largas), estava sentada a uma pequena escrivaninha, onde, à sua frente, ao lado de seus pincéis, de sua palheta e de uma principiada aquarela de flores, havia, em copos, em pires, em taças, rosas espumosas, zínias, cabelos-de-vênus, que, devido à afluência das visitas naquele momento, ela deixara de pintar e que davam a impressão de atrair fregueses para o balcão de uma florista, em alguma estampa do século XVIII. Naquele salão, ligeiramente aquecido de propósito porque a marquesa se resfriara ao voltar do castelo, havia, dentre as pessoas presentes quando cheguei, um arquivista com quem a Sra. de Villeparisis havia classificado, pela manhã, as cartas autografadas de personalidades históricas a ela endereçadas e que estavam destinadas a figurar em *fac símiles* como peças justificativas nas Memórias que ela estava redigindo, e um historiador solene e intimidado que, tendo sabido que ela possuía por herança um retrato da duquesa de Montmorency, viera lhe pedir licença para reproduzi-lo em uma prancha de sua obra sobre a Fronda, visitantes a que se veio juntar meu antigo colega Bloch, agora jovem autor dramático, com quem a marquesa contava para conseguir-lhe de graça os artistas que tocariam em suas próximas reuniões matinais. É verdade que o caleidoscópio social estava prestes a mudar e que o caso Dreyfus ia precipitar os judeus para o último degrau da escala social. Mas, por um lado, por mais que rugisse o ciclone dreyfusista, não é no começo de uma tempestade que as ondas atingem sua maior violência. E, além disso, a Sra. de Villeparisis, deixando uma parte inteira de sua família esbravejar contra os judeus, permanecera até então inteiramente alheia ao Caso Dreyfus e não se preocupava com ele. Por fim, um rapaz como Bloch, que ninguém conhecia, podia passar despercebido, enquanto os grandes judeus representativos de seu partido já estavam ameaçados. Bloch ostentava agora o queixo pontuado por uma barba de "bode", usava óculos, uma longa sobrecasaca e uma luva, feito um papiro, na mão. Os romenos, os egípcios e os turcos podem detestar os judeus. Mas, num salão francês, as diferenças entre esses povos não são perceptíveis, e um israelita, fazendo sua entrada como se saísse do fundo do deserto, o corpo inclinado como uma hiena, a nuca baixada obliquamente e se espalhando em grandes *salões*, satisfaz inteiramente um certo gosto de orientalismo. Para isto, unicamente, é preciso que o judeu não pertença à "sociedade", sem o que ele toma facilmente o aspecto de um lorde, e suas maneiras ficam de tal forma

afrancesadas que, nele, o nariz rebelde, que aumenta, como as capuchinhas, nas direções mais imprevistas, antes faz pensar no nariz de Mascarilho que no de Salomão. Porém Bloch, não tendo sido "maleabilizado" pela ginástica do *faubourg*, nem enobrecido por um cruzamento com a Inglaterra ou a Espanha, permanecia, para um amador de exotismo, tão estranho e saboroso de se olhar, apesar da sua roupa européia, como um judeu de Decamps. Admirável força da raça que, do fundo dos séculos, impele até a moderna Paris, nos corredores de nossos teatros, por trás dos guichês de nossas repartições, num enterro, na rua, uma falange intacta, que, estilizando o penteado moderno, absorvendo, fazendo esquecer e disciplinando a sobrecasaca, em suma continua sendo idêntica à dos escribas assírios que, pintados em trajes de cerimônia na frisa de um monumento de Susa, defendem as portas do palácio de Dario. (Uma hora mais tarde, Bloch ia imaginar que era por má vontade anti-semita que o Sr. de Charlus se informava se ele tinha prenome judeu, quando era simplesmente por curiosidade estética e amor à cor local.) Mas, além disso, falar da permanência de raças dá inexatamente a idéia de que somos herdeiros dos judeus, dos gregos, dos persas, de todos esses povos aos quais será melhor deixar sua variedade. Pelas pinturas antigas, conhecemos o rosto dos antigos gregos, vimos assírios no frontão de um palácio de Susa. Ora, quando encontramos na sociedade alguns orientais que pertencem a este ou àquele grupo racial, parece que estamos em presença de criaturas que a força do espiritismo teria feito aparecer. Conhecíamos apenas uma imagem superficial; eis que ela assumiu uma profundidade, estende-se pelas três dimensões, move-se. A jovem dama grega, filha de um rico banqueiro, e agora na moda, parece uma dessas figurantes que, num balé a um tempo histórico e estético, simbolizam a arte helênica em carne e osso; e no teatro ainda, a cenografia banaliza tais imagens; ao contrário, o espetáculo a que nos faz assistir a entrada de uma turca ou de um judeu no salão, animando as figuras, torna-as mais estranhas, como se de fato se tratasse de seres evocados por esforço mediúnico. É a alma (ou antes, o pouco a que ela se reduz, pelo menos até aqui, nesse tipo de materialização), é a alma, entrevista antes por nós apenas nos museus, a alma dos gregos antigos, dos antigos judeus, arrancada a uma vida ao mesmo tempo insignificante e transcendental, que parece executar à nossa frente essa mímica desconcertante. Na jovem dama grega que se esquiva, o que em vão desejaríamos abraçar é uma figura outrora admirada nos flancos de um vaso. Parecia-me que, se tivesse tirado clichês de Bloch, à luz do salão. da Sra. de Villeparisis, eles teriam dado aquela mesma imagem que nos mostram as fotografias espíritas, tão perturbadora por não parecer emanar da humanidade, tão decepcionante porque mesmo assim se assemelha demais à humanidade. De um modo geral, mesmo a nulidade das frases ditas pelas pessoas em meio às quais vivemos nos dá a impressão do sobrenatural no nosso pobre mundo de todos os dias, onde até um homem de gênio, de quem esperamos, reunidos como ao

redor de uma mesa giratória, o segredo do infinito, pronuncia apenas estas palavras as mesmas que acabavam de sair dos lábios de Bloch:

- Tenham cuidado com a minha cartola.

- Meu Deus, os ministros, meu caro senhor, - estava dizendo a Sra. de Villeparisis, dirigindo-se mais particularmente ao meu antigo camarada e retomando o fio de uma conversação que a minha chegada havia interrompido -, ninguém queria vê-los. Por pequenina que eu fosse, lembro-me ainda do rei pedindo a meu avô que convidasse o Sr. Decazes para uma festa em que meu pai devia dançar com a duquesa de Berry. - Dar-me-ia prazer, Florimond dizia o rei. Meu avô, que era um tanto surdo, tendo entendido Sr. de Castries, achou muito natural o pedido. Quando compreendeu que se tratava do Sr. Decazes, teve um instante de revolta, mas inclinou-se e escreveu na mesma noite ao Sr. Decazes, pedindo que lhe fizesse o favor e a honra de comparecer ao seu baile que se daria na semana seguinte. Pois era-se cortês naqueles tempos, senhor, e uma dona de casa não saberia se limitar a enviar seu cartão sem acrescentar por escrito: "uma taça de chá" ou "chá dançante" ou "chá musical". Mas, se se conhecia a polidez, igualmente não se ignorava a impertinência. O Sr. Decazes aceitou, mas, na véspera do baile, todos souberam que meu avô, sentindo-se adoentado, havia cancelado a festa. Obedecera ao rei, mas não tivera o Sr. Decazes no seu baile... Sim, senhor, lembro-me muito bem do Sr. Molé; era um homem de espírito, e o provou quando recebeu o Sr. de Vigny na Academia, mas era em extremo solene, e o vejo ainda descendo para jantar em sua casa com a cartola na mão.

- Ah, é bem evocativo de um tempo tão perniciosamente filisteu, pois, sem dúvida, tratava-se de um hábito universal estar de chapéu na mão em casa. - disse Bloch, desejoso de aproveitar aquela ocasião tão rara para instruir-se, junto a uma testemunha ocular, acerca das particularidades da vida aristocrática de antigamente, enquanto o arquivista, espécie de secretário intermitente da marquesa, lançava a esta olhares enternecidos e parecia nos dizer:

"Eis como ela é, ela sabe tudo, conheceu todo mundo, podem interrogá-la sobre o que quiserem, ela é extraordinária."

- De modo algum. - respondeu a Sra. de Villeparisis, trazendo para mais perto de si o copo onde estavam mergulhados os cabelos-de-vênus que dali a pouco voltaria a pintar -, era apenas um hábito do Sr. Molé. Nunca vi meu pai de chapéu em casa, exceto, é claro, quando o rei aparecia, pois, como o rei em toda parte está em casa, o dono da casa é apenas um visitante em seu próprio salão.

- Aristóteles nos diz, no capítulo II... - ousou o Sr. Pierre, o historiador da Fronda, mas de modo tão tímido que ninguém lhe prestou atenção. Atingido desde algumas semanas por insônias nervosas que resistiam a todos os tratamentos, ele já não se deitava e, quebrado pela fadiga, só saía quando seus trabalhos exigiam

que se deslocasse. Incapaz muitas vezes de recomeçar as expedições tão simples para os outros, mas que lhe custavam tanto como se, para realizá-las, tivesse que descer da lua, surpreendia-se com freqüência ao ver que a vida de cada um não estava organizada de modo permanente a dar o máximo de rendimento aos bruscos impulsos da sua. Às vezes, encontrava fechada uma biblioteca que só tinha ido ver postando-se artificialmente de pé e numa casaca, como um personagem de Wells. Felizmente, encontrara a Sra. de Villeparisis em casa e ia ver o retrato.

Bloch lhe cortou a palavra.

- Na verdade, - disse ele, respondendo ao que a Sra. de Villeparisis acabara de dizer a respeito do protocolo que regulava as visitas reais -, eu não sabia absolutamente nada disso (como se fosse estranho que o não soubesse).

- A propósito desse tipo de visitas, sabe da brincadeira estúpida que me fez na manhã de ontem o meu sobrinho Basin? - perguntou a Sra. de Villeparisis ao arquivista. - Em vez de se anunciar, mandou dizer-me que era a rainha da Suécia que desejava me ver.

- Ah, ele lhe mandou dizer isso sem mais nem menos? É boa! - exclamou Bloch, rebentando numa gargalhada, enquanto o historiador sorria com majestosa timidez.

- Estava muito espantada, pois fazia poucos dias que regressara do campo; para ter um pouco de sossego, recomendara que não dissessem a ninguém que me encontrava em Paris, e me indagava como a rainha da Suécia já o soubera. - continuou a Sra. de Villeparisis, deixando os convivas espantados de que uma visita da rainha da Suécia não fosse por si só nada de anormal para a anfitriã.

Decerto que, se de manhã a Sra. de Villeparisis tinha compulsado com o arquivista a documentação de suas Memórias, naquele momento ensaiava sem querer seu mecanismo e sortilégio sobre um público mediano, representativo daquele em que se recrutariam os seus leitores um dia. O salão da Sra. de Villeparisis podia diferenciar-se de um salão verdadeiramente elegante, de que estariam ausentes muitas das burguesas que ela recebia e onde, em compensação, se veriam algumas das damas brilhantes que a Sra. Leroi acabara por atrair, mas essa nuança não era perceptível em suas Memórias, de onde desaparecem certas relações medíocres que tivera a autora, pois não têm ocasião de serem citadas; e aí não fazem falta visitantes inexistentes, porque, no espaço forçosamente restrito que as Memórias oferecem, podem figurar poucas pessoas, e, se tais pessoas são personalidades principescas, históricas, acha-se alcançada a impressão máxima de elegância que algumas Memórias podem fornecer ao público. No entender da Sra. Leroi, o salão da Sra. de Villeparisis era um salão de terceira categoria; e a Sra. de Villeparisis sofria com o julgamento

da Sra. Leroi. Mas hoje quase ninguém mais sabe quem era a Sra. Leroi, seu julgamento se desfez, e é o salão da Sra. de Villeparisis, que a rainha da Suécia freqüentava, e que fora freqüentado pelo duque de Aumale, pelo duque de Broglie, por Thiers, Montalembert, pelo Monsenhor Dupanloup, que será considerado como um dos mais brilhantes do século XIX por essa posteridade que não mudou desde os tempos de Homero e de Píndaro, e para quem a posição invejável é a de nascimento nobre, real ou quase real, a amizade dos reis, dos líderes do povo, dos homens ilustres.

Ora, de tudo isto a Sra. de Villeparisis tinha um pouco em seu salão atual e nas recordações, às vezes retocadas de leve, e com auxílio das quais ela o prolongava no passado. Além disso, o Sr. de Norpois, que não era capaz de refazer uma posição sólida para a amiga, em compensação lhe trazia estadistas estrangeiros ou franceses que precisavam dele e sabiam que a única maneira eficaz de cortejá-lo era freqüentar a casa da Sra. de Villeparisis. Talvez a Sra. Leroi também conhecesse essas eminentes personalidades européias. Mas, como mulher agradável e que se esquiva ao tom das pretensiosas, ela evitava falar da questão do Oriente aos primeiros-ministros, tanto quanto da essência do amor aos romancistas e aos filósofos.

- O amor? - dissera uma vez em resposta a uma dama pretensiosa que a interrogara:

"- Que pensa do amor?"

- O amor? Faço-o muitas vezes, mas nunca falo sobre ele.

Quando tinha em sua casa celebridades literárias e políticas, contentava-se, como a duquesa de Guermantes, em fazê-las jogar pôquer. Com freqüência, eles gostavam mais disto que das grandes conversas sobre idéias gerais a que os constrangia a Sra. de Villeparisis. Porém, tais conversações, talvez ridículas na sociedade, forneceram às "Lembranças" da Sra. de Villeparisis alguns desses trechos excelentes, dessas dissertações políticas que ficam muito bem nessas Memórias, como em tragédias à moda de Corneille. Aliás, apenas os salões das Sras. de Villeparisis podem passar à posteridade porque as Sras. Leroi não sabem escrever e, mesmo que soubessem, não teriam tempo para tal. E, se as disposições literárias das Sras. de Villeparisis são o motivo do desdém das Sras. Leroi, por sua vez o desdém destas serve singularmente às disposições literárias das Sras. de Villeparisis, proporcionando às damas literatas o lazer que a carreira das letras exige. Deus, que quer que haja alguns livros bem escritos, inspira para tanto esses desdéns ao coração das Sras. Leroi, pois sabe que, se elas convidassem as Sras. de Villeparisis para jantar, estas largariam imediatamente os seus estúdios e mandariam atrelar as carruagens para as oito horas.

Após um instante entrou, a passo lento e solene, uma velha dama de alta estatura

e que, sob o chapéu de palha de aba erguida, entremostrava um penteado monumental à maneira de Maria Antonieta. Eu não sabia então que se tratava de uma das três mulheres que ainda era possível observar na sociedade parisiense, e que, como a Sra. de Villeparisis, sendo de alto berço, tinham sido reduzidas, por motivos que se perdiam na noite dos tempos, e que só poderia ter-nos dito algum velho distinto daquela época, a receber apenas pessoas que ninguém mais desejava acolher em outro lugar. Cada uma dessas damas tinha a sua "duquesa de Guermantes", sua sobrinha brilhante que vinha lhe pagar suas obrigações, mas que não seria capaz de atrair à sua casa a "duquesa de Guermantes" das outras duas. A Sra. de Villeparisis era muito ligada a essas três damas, mas não gostava delas. Talvez a situação destas, tão análoga à sua, lhe mostrasse uma imagem que não lhe era nada agradável. E depois, azedas, literatas, procurando, pela quantidade de sainetes que faziam representar, dar a si mesmas a ilusão de um salão, tinham entre si rivalidades que uma fortuna bastante arruinada no decurso de uma vida pouco tranqüila, forçando-as a buscar, a desfrutar do concurso gratuito de um artista, transformava numa espécie de luta pela vida. Além do mais, a dama do penteado à Maria Antonieta, cada vez que via a Sra. de Villeparisis, não podia evitar pensar que a duquesa de Guermantes não ia às suas recepções das sextas. Seu consolo era que a essas sextas jamais faltava, como boa parenta, a princesa de Poix, que era a sua Guermantes, e que nunca ia à casa da Sra. de Villeparisis, embora a Sra. de Poix fosse amiga íntima da duquesa.

Todavia, do palácio do cais Malaquais aos salões da rua de Tournon, da rua de Ia Chaise e do *faubourg* Saint-Honoré, um laço tão forte quanto detestado uma as três divindades decaídas, das quais bem que eu gostaria de saber, folheando algum dicionário mitológico da sociedade, que aventura galante, que petulância sacrílega, havia causado a punição. A mesma origem brilhante, a mesma decadência atual, colaborava talvez muito em tal necessidade que as impelia, ao mesmo tempo, a se odiarem e a se freqüentarem. E, depois, cada uma encontrava nas outras um modo cômodo de fazer finezas aos visitantes. Como é que estes não julgariam penetrar no *faubourg* mais fechado quando eram apresentados a uma dama de grandes títulos, cuja irmã havia desposado um duque de Sagan ou um príncipe de Ligne? Tanto que se falava infinitamente mais na imprensa desses pretensos salões do que dos verdadeiros. Mesmo os sobrinhos grã-finos, a quem um camarada pedia que o apresentassem na sociedade (Saint-Loup em primeiro lugar), diziam:

"Vou levá-lo à casa da minha tia Villeparisis ou da minha tia X; é um salão interessante." Eles sabiam principalmente que isto lhes daria menos trabalho do que fazer penetrar os tais amigos em casa das sobrinhas ou cunhadas elegantes dessas damas. Os homens muito idosos, as moças que o tinham sabido por eles, disseram-me que essas velhas damas não eram recebidas devido ao

desregramento incrível de sua conduta, a qual, quando objetei que isso não era um impedimento à elegância, me foi apresentada como tendo ultrapassado todas as proporções conhecidas hoje. O mau procedimento daquelas damas solenes, que se mantinham sentadas e bem direitas, adquiria, na boca dos que tocavam no assunto, algo que eu não podia imaginar, proporcional à grandeza das épocas pré-históricas, à Idade do Mamute. Em resumo, aquelas três Parcas de cabelos brancos, azuis ou cor-de-rosa tinham contribuído para a ruína de um número incalculável de senhores. Eu pensava que os homens de hoje exagerassem os vícios daqueles tempos fabulosos, como os gregos que formaram Ícaro, Teseu e Hércules com homens pouco diferentes dos que muito tempo depois os divinizaram. Mas só se faz a soma dos vícios de uma criatura quando esta já não está em condições de praticá-los, e quando, pela enormidade do castigo social, que principia a cumprir-se e que é só o que se pode constatar, medimos, imaginamos e exageramos a do crime cometido. Nessa galeria de figuras simbólicas que é a "sociedade", as mulheres verdadeiramente levianas, as Messalinas completas, apresentam sempre o aspecto solene de uma dama de pelo menos setenta anos, altaneira, que recebe a quantos pode, mas não a quem deseja, a cuja casa não admitem ir as mulheres cuja conduta se presta um pouco a falatórios, e à qual o Papa dá sempre a sua "rosa de ouro", e que às vezes escreveu acerca da juventude de Lamartine uma obra premiada pela Academia Francesa.

- Bom dia, Alix. - disse a Sra. de Villeparisis à dama de penteado branco à Maria Antonieta, a tal dama lançava um olhar penetrante sobre a assembléia a fim de ver se não havia naquele salão algo que pudesse ser útil para o seu e que, em tal caso, deveria descobrir por si mesma, pois a Sra. de Villeparisis, sem dúvida, seria bastante maligna para tentar ocultá-lo. Assim é que a Sra. de Villeparisis teve grande cuidado de não apresentar Bloch à velha dama, com receio de que ela fizesse representar o mesmo *sainete* da sua casa na mansão do cais Malaquais. Com isso, aliás, estava pagando na mesma moeda. Pois a velha dama tivera na véspera em sua casa a Sra. Ristori, que recitara versos, e fora cuidadosa no sentido de que a Sra. de Villeparisis, a quem havia furtado a artista, ignorasse o fato até que estivesse consumado. Para que esta não soubesse do caso pelos jornais, e não ficasse ofendida, vinha ela mesma contá-lo como se não se sentisse culpada. A Sra. de Villeparisis, julgando que minha apresentação não oferecia os mesmos inconvenientes da de Bloch, pôs-me em presença da Maria Antonieta do cais. Esta, fazendo o mínimo de movimentos possível, buscando na velhice aquela linha de deusa de Coysevox que tinha, há muitos anos, encantado a juventude elegante e que falsos homens de letras celebravam agora em rimas forçadas tendo aliás adquirido o hábito do empertigamento altaneiro e compensatório, comum a todas as pessoas a quem uma desgraça particular obriga permanentemente a dar o primeiro passo -, inclinou levemente a cabeça

com majestade glacial e, virando-se para o outro lado, não se ocupou mais de mim, como se eu nunca tivesse existido. Sua atitude de duplo objetivo parecia dizer à Sra. de Villeparisis:

"Veja que mais uma ou outra relação é algo a que não dou nenhuma importância, e que os rapazinhos sob nenhum ponto de vista, sua linguaruda não me interessam."

Mas quando, um quarto de hora depois, ela se retirou, aproveitando-se da balbúrdia, segredou-me ao ouvido que comparecesse na sexta-feira seguinte ao seu camarote, onde estaria com uma das três, cujo nome fulgurante aliás ela mesma nascera Choiseul me causou um efeito prodigioso.

- Senhor, creio que deseja escrever algo sobre a Sra. duquesa de Montmorency. - disse a Sra. de Villeparisis ao historiador da Fronda, com esse ar rabugento de que, sem querer, sua grande amabilidade se franzia devido às rugas de aborrecimento, ao despeito fisiológico da velhice, bem como pela afetação de imitar o tom quase camponês da antiga aristocracia. - Vou lhe mostrar o seu retrato, o original da cópia que está no Louvre.

Ela se ergueu, pousando os pincéis perto de suas flores, e o pequeno avental, que então apareceu à sua cintura e que ela usava para não se sujar com as cores, aumentava ainda mais a impressão quase de uma camponesa que lhe davam o boné e as grossas lentes dos óculos, e contrastava com o luxo de seus empregados, do mordomo que trouxera o chá e os doces, do lacaio de *libré* a quem tocou a campainha, chamando-o para que iluminasse o retrato da duquesa de Montmorency, abadessa de um dos mais célebres cabidos do Oriente. Todos tinham se levantado.

- O engraçado, - disse ela - é que nesses cabidos em que nossas tias-avós eram freqüentemente abadessas, as filhas do rei da França não teriam sido admitidas. Eram cabidos extremamente fechados.

- Não admitidas as filhas do rei; e por quê? - indagou Bloch, estupefato.

- Mas é porque a Casa da França já não possuía bastantes quartéis de nobreza, desde que fez casamentos desiguais.

O espanto de Bloch ia aumentando.

- Casamentos desiguais na Casa da França? Como assim?

- Aliando-se aos Médicis, ora. - respondeu a Sra. de Villeparisis no tom mais natural. - O retrato é belo, não? E num estado perfeito de conservação. - acrescentou.

- Minha querida amiga. - disse a dama penteada à Maria Antonieta -, deve lembrar-se de que, quando lhe trouxe Liszt, ele lhe disse que este é que era a

cópia.

- Eu me inclinarei diante de uma opinião de Liszt sobre música, mas não sobre pintura! Além do mais, ele já estava caducando e eu não me lembro de que tenha dito isto alguma vez. Mas não foi você quem me trouxe Liszt. Já tinha jantado umas vinte vezes com ele na casa da princesa de Sayn-Wittgenstein.

O golpe de Alix falhara; ela calou-se, permanecendo de pé e imóvel. Corri camadas de pó emplastando-lhe o rosto, este parecia um rosto de pedra. E, como o perfil era nobre, ela se assemelhava, sobre o pedestal triangular e musgoso oculto pelo mantelete, à deusa estragada de um parque.

- Ah, eis ainda um outro belo retrato. - disse o historiador.

A porta se abriu e a duquesa de Guermantes entrou.

- Alô, bom-dia. - disse-lhe a Sra. de Villeparisis sem mover a cabeça, tirando de um bolso do avental uma mão que estendeu à recém-chegada; e logo deixando de se ocupar dela para se dirigir ao historiador. - É o retrato da duquesa de La Rochefoucauld...

Um jovem criado de ar arrogante e rosto encantador (mas cortado tão rente para ficar perfeito que seu nariz estava um tanto vermelho e a pele ligeiramente inflamada, como se conservassem traços da recente e escultural incisão) entrou trazendo um cartão numa salva.

- É aquele senhor que já veio várias vezes para ver a Sra. marquesa.

- Disse-lhe que eu recebia?

- Ele ouviu as conversas.

- Pois bem, faça-o entrar. É um senhor que me apresentaram. - disse a Sra. de Villeparisis. - Disse-me que muito desejava ser recebido aqui. Nunca o autorizei a vir. Mas enfim, são já cinco vezes que ele se incomoda, não convém constranger as pessoas. Senhor. - disse-me ela e o senhor acrescentou, designando o historiador da Fronda -, apresento-lhes a minha sobrinha, a duquesa de Guermantes.

O historiador inclinou-se profundamente, bem como eu, e, julgando que esse cumprimento devia ser seguido por uma reflexão cordial, seus olhos se animaram e ele se preparava para abrir a boca, porém gelou-o o aspecto da Sra. de Guermantes, que aproveitara a independência de seu torso para lançá-lo adiante com uma polidez exagerada e retraí-lo com justeza, sem que sua fisionomia e seu olhar parecessem ter notado que havia alguém diante deles; depois de ter soltado um leve suspiro, limitou-se a manifestar a nulidade da impressão que lhe produziam a vista do historiador e a minha, executando certos movimentos das narinas com uma precisão que atestava a inércia absoluta de sua

atenção ociosa.

Entrou o visitante inoportuno, encaminhando-se diretamente para a Sra. de Villeparisis com ar ingênuo e fervoroso; era Legrandin.

- Fico-lhe muito grato por me receber, senhora. - disse ele, sublinhando a palavra muito; - é um prazer de qualidade totalmente rara e sutil que dá a um velho solitário, asseguro-lhe que sua repercussão...

Parou de repente, ao me ver.

- Eu estava mostrando a este senhor o belo retrato da duquesa de La Rochefoucauld, esposa do autor das Máximas; veio-me de família.

Quanto à Sra. de Guermantes, cumprimentou Alix desculpando-se por não ter podido ir visitá-la naquele ano como nos anteriores.

- Tive notícias suas por meio de Madeleine. - acrescentou.

- Ela almoçou comigo esta manhã. - disse a marquesa do cais Malaquais, com a satisfação de pensar que a Sra. de Villeparisis jamais poderia dizer outro tanto.

Nesse meio tempo, eu conversava com Bloch e, receando, pelo que me tinham dito acerca da mudança do pai a seu respeito, que invejasse a minha vida, disse-lhe que a sua devia ser mais feliz. Tais palavras eram de minha parte um simples efeito da amabilidade. Mas elas convencem facilmente de sua boa sorte aqueles que têm muito amor-próprio, ou lhes dão o desejo de convencer os outros disso.

- Sim, de fato levo uma vida deliciosa. - disse-me Bloch com ar de beatitude. - Tenho três grandes amigos, nem desejaria um outro a mais, uma amante adorável, sou infinitamente feliz. Raro é o mortal a quem o pai Zeus concede tantas venturas.

Acho que, principalmente, procurava elogiar a si próprio e fazer-me sentir inveja. Talvez também houvesse algum desejo de originalidade em seu otimismo. Ficou evidente que não queria responder as mesmas banalidades de todos:

"Oh, não foi nada, etc." quando, à minha pergunta "Esteve bonita?", a propósito de uma matinê dançante dada em sua casa, e à qual eu não pudera comparecer, respondeu num tom igual e indiferente, como se se tratasse de outra pessoa:

- Claro que sim, foi muito bonita, não podia ser melhor. Foi de fato deslumbrante.

- Isso que a senhora nos informa é infinitamente interessante para mim. - disse Legrandin à Sra. de Villeparisis -, pois exatamente dizia comigo outro dia que a senhora marquesa possuía muito dele na viva nitidez das frases, nesse algo que designarei com dois termos contraditórios, a rapidez lapidar e a imortal instantaneidade. Gostaria, esta noite, de tomar nota de todas as coisas que a

senhora diz; mas poderei retê-las. Elas são amigas da memória, de acordo com uma frase de Joubert, creio. Nunca leu Joubert? Oh, a senhora marquesa lhe agradaria tanto! Nesta mesma noite me permitiria enviar-lhe suas obras, com muito orgulho de lhe apresentar o seu espírito. Ele não possuía a força da senhora marquesa. Mas era dotado também de muita graça.

Desejaria ir logo cumprimentar Legrandin, mas ele se mantinha constantemente o mais possível afastado de mim, sem dúvida esperando que eu não ouvisse as lisonjas que, com grande refinamento de expressão, não deixava de dirigir à Sra. de Villeparisis. Ela fez pouco caso, sorrindo, como se ele estivesse gracejando, e voltou-se para o historiador:

- E esta aqui é a famosa Marie de Rohan, duquesa de Chevreuse, que casou em primeiras núpcias com o Sr. de Luynes.

- Minha querida, a Sra. de Luynes me faz lembrar Yolande; ela foi ontem lá em casa e, se eu soubesse que a sua vesperal não estava ocupada por ninguém, teria mandado buscá-la. A Sra. Ristori, que chegou de improviso, disse diante da autora uns versos da rainha Carmen Sylva; eram de uma beleza!

"Que perfídia!" pensou a Sra. de Villeparisis. - "Certamente era nisso que estava falando baixinho, outro dia, à Sra. de Beaulaincourt e à Sra. de Chaponay." - Eu estava livre respondeu. - Ouvi a Sra. Ristori nos seus bons tempos; hoje não passa de uma ruína. E depois, detesto os versos de Carmen Sylva. A Ristori veio aqui uma vez, trazida pela duquesa de Aosta, recitar um canto do *Inferno* de Dante. Aí é que ela é incomparável.

Alix suportou o golpe sem fraquejar. Permanecia de mármore. Seu olhar era penetrante e vazio, o nariz nobremente recurvo. Mas uma face se escamava. Vegetações leves, estranhas, verdes e róseas, invadiam o queixo. Talvez um inverno mais a derrubasse.

- Olhe, senhor, se gosta de pintura, observe o retrato da Sra. de Montmorency. - disse a Sra. de Villeparisis a Legrandin, para interromper os cumprimentos que recomeçavam.

Aproveitando o fato de que ele se afastara, a Sra. de Guermantes o designou à tia com um olhar irônico e interrogativo.

- É o Sr. Legrandin disse a Sra. de Villeparisis a meia voz. - Tem uma irmã que se chama Sra. de Cambremer, o que aliás não deve lhe dizer mais do que a mim.

- Como, mas conheço-a perfeitamente! - exclamou a Sra. de Guermantes pondo a mão diante da boca. - Ou melhor, não a conheço; mas não sei o que deu em Basin, que encontra o marido sabe Deus onde, e diz a essa mulheraça que venha visitar-me. Não posso nem dizer o que foi essa visita. Ela me contou que fora a Londres, enumerou-me todos os quadros do British. Aqui

como me vê, ao sair de sua casa, vou deixar um cartão na casa desse monstro. E não que seja coisa das mais fáceis, pois, sob o pretexto de estar agonizante, encontra-se sempre em casa; e, tanto faz visitá-la às sete horas da noite ou às nove da manhã, ela está pronta a nos oferecer torta de morangos. Está claro que é mesmo um monstro. - continuou a Sra. de Guermantes diante de um olhar interrogativo da tia. - É uma pessoa impossível; ela diz "plumitivo" e coisas assim.

- O que quer dizer "plumitivo"? - indagou a Sra. de Villeparisis à sobrinha.

- Não faço a menor idéia! - exclamou a duquesa com raiva fingida. - Nem quero saber. Não falo esse tipo de francês. - E, vendo que a tia não sabia de fato o que significava "plumitivo", para ter a satisfação de mostrar que era sábia tanto quanto purista, e para troçar da tia depois de haver troçado da Sra. de Cambremer: - Claro que sim. - disse com um meio-sorriso reprimido pelos restos do mau humor afetado -, todo mundo sabe disso, um plumitivo é um escritor, é alguém que se utiliza de uma pena. Mas é uma palavra horrível. É de fazer cair os dentes do siso. Jamais me obrigarão a dizer isto. Com que então, é o irmão dela! Ainda não tinha percebido. Mas no fundo não é incompreensível. Ela tem a mesma humildade de esteira de cama, os mesmos recursos de biblioteca ambulante. É tão bajuladora, tão enfadonha como ele. Começo a perceber bem esse parentesco.

- Sente-se, vai-se tomar um pouco de chá. - disse a Sra. de Villeparisis à Sra. de Guermantes -; sirva-se você mesma, não precisa ver os retratos de suas tataravós, conhece-os tão bem quanto eu.

A Sra. de Villeparisis voltou em breve para sentar-se e pôs-se a pintar. Todos se aproximaram; aproveitei para ir ao encontro de Legrandin e, não achando nada de culposo em sua presença na casa da Sra. de Villeparisis, disse-lhe, sem imaginar o quanto iria a um tempo feri-lo e fazê-lo acreditar na intenção de o ferir:

- Muito bem, senhor, estou quase desculpado de estar num salão, visto que o encontro aqui. - O senhor Legrandin concluiu dessas palavras (pelo menos foi esse o juízo que fez de mim alguns dias depois) que eu era uma criaturinha essencialmente má que só se agradava do mal.-Você poderia ter a delicadeza de começar por me cumprimentar. - respondeu-me ele, sem me estender a mão e num tom de voz enraivecido e vulgar que não lhe imaginava e que, sem qualquer relação racional com o que ele dizia de costume, possuía uma outra mais imediata e impressionante com algo que estava sentindo. É que, como estamos sempre ocultando o que sentimos, nunca pensamos no modo pelo qual o expressaríamos. E, de repente, é um animal imundo e desconhecido que se faz ouvir em nós e cujo acento às vezes pode causar medo a quem recebe essa confidência involuntária, elíptica e quase irresistível de nosso defeito ou de nosso

vício, como o causaria a súbita confissão, indireta e estranhamente proferida por um criminoso que não pudesse deixar de confessar um assassinato do qual não o sabíamos culpado. Decerto, eu bem sabia que o idealismo, mesmo subjetivo, não impede que grandes filósofos continuem sendo gulosos ou que se apresentem tenazmente à Academia. Mas na verdade Legrandin não precisava lembrar tão amiúde que pertencia a um outro planeta, quando todos os seus movimentos convulsivos de cólera ou de amabilidade eram governados pelo desejo de obter uma boa posição social neste.

- Naturalmente, quando me perseguem vinte vezes seguidas para que eu vá a um certo lugar continuou em voz baixa -, conquanto eu tenha direito à minha liberdade, não posso todavia proceder como um grosseirão.

A Sra. de Guermantes se assentara. Seu nome, como era seguido pelo título, ajuntava à pessoa física o seu ducado, que se projetava a seu redor e fazia reinar a frescura sombria e dourada dos bosques de Guermantes no meio do salão, em torno ao tamborete em que ela estava. Apenas sentia-me espantado de que a semelhança não fosse mais legível no rosto da duquesa, que nada possuía de vegetal e onde, quando muito, as sardas que, parece, deveriam estar brasonadas pelo nome de Guermantes - eram o efeito mas não a imagem de longas cavalgadas ao ar livre. Mais tarde, quando a duquesa se me tornou indiferente, cheguei a conhecer muitas de suas particularidades, e notadamente (a fim de me ater no momento àquilo cujo encanto já sofria sem que o soubesse então distinguir) seus olhos, onde está preso, como num quadro, o céu azul de uma tarde francesa, largamente descoberto, banhado de luz mesmo quando ela não brilhava; e uma voz que se julgaria, pelos primeiros sons enrouquecidos, quase canalha, onde se arrastava, como pelos degraus da igreja de Combray, ou pela pastelaria da praça, o ouro preguiçoso e fértil de um sol provinciano. Mas, neste primeiro dia, eu não distingui coisa alguma; minha atenção ardente volatilizava de imediato o pouco que pudesse ter recolhido e onde poderia ter encontrado algo relativo ao nome de Guermantes. Em todo caso, dizia comigo que era mesmo ela quem designava para todo mundo o nome da duquesa de Guermantes: a vida inconcebível que este nome significava, continha-a de fato aquele corpo; ele acabava de introduzi-la no meio de seres diversos, naquele salão que a rodeava de todos os lados e sobre o qual ela exercia uma reação tão viva que eu supunha ver, no ponto onde essa vida deixava de alongar-se, uma franja de efervescência a delimitar-lhe as fronteiras; na circunferência que a saia de pequim azul recortava sobre o tapete, e nas claras pupilas da duquesa, na intersecção dos problemas, das lembranças, do pensamento incompreensível, depreciativo, divertido e curioso que as povoavam, e das imagens estranhas que aí se refletiam. Talvez tivesse ficado menos impressionado se a encontrasse em casa da Sra. de Villeparisis em uma vesperal, em vez de vê-la assim num dos "dias" da

marquesa, num desses chás que, para as mulheres, não passam de uma curta parada no meio da sua saída e onde, conservando o chapéu com que acabam de fazer compras, trazem à série de salões a qualidade do ar de fora e dão mais claridade a Paris no fim da tarde do que as altas janelas abertas por onde se ouve o rolar das vitórias: a Sra. de Guermantes estava com um chapéu de palha ornado de acianos; e o que essas flores me evocavam não era, sobre as trilhas de Combray onde muitas vezes as colhera, sobre a ladeira rente à sebe de Tansonville, os sóis dos anos de outrora; era o odor e a poeira do crepúsculo, tais como há pouco ainda estavam, no momento em que a Sra. de Guermantes acabara de atravessá-los, na rua de La Paix. Com ar risonho, desdenhoso e vago, os lábios apertados num rito, ela, com a ponta da sombrinha, como se com a extrema antena de sua vida misteriosa, desenhava círculos no tapete; depois, com essa atenção indiferente que principia por eliminar todo ponto de contato entre o que a gente considera e o próprio eu, seu olhar se fixava alternadamente em cada um de nós, depois inspecionava os canapés e as poltronas, porém suavizando-se então com aquela simpatia humana que desperta a própria presença insignificante de uma coisa que se conhece, de uma coisa que é quase uma pessoa; aqueles móveis não eram como nós, pertenciam vagamente ao seu mundo, estavam ligados à vida de sua tia; depois, do móvel de Beauvais aquele olhar se voltava para a pessoa que nele estava sentada, e então retomava o mesmo ar de perspicácia e de desaprovação que o respeito da Sra. de Guermantes pela tia a teria impedido de exprimir, mas enfim que ela teria sentido se houvesse percebido sobre as poltronas, em vez da nossa presença, a de uma mancha de graxa ou de uma camada de pó.

O excelente escritor G*** entrou; vinha fazer à Sra. de Villeparisis uma visita que julgava um suplício. A duquesa, que se mostrou encantada em revê-lo, no entanto não lhe fez nenhum sinal, mas, com toda a naturalidade, ele se chegou para junto dela, visto que o encanto da duquesa, seu tato, sua simplicidade, faziam-na ser considerada uma mulher de espírito. Aliás, mandava a polidez que fosse falar com ela, pois, como ele era agradável e famoso, a Sra. de Guermantes o convidava seguidamente para almoçar, mesmo a sós com ela e o marido, ou, no outono, em Guermantes, se aproveitava dessa intimidade para convidá-lo algumas noites para jantar com altezas curiosas de conhecê-lo. Pois a duquesa gostava de receber certos homens de elite, porém sob a condição de que fossem solteiros, condição que, mesmo casados, eles preenchiam sempre para ela, pois, como suas mulheres, sempre mais ou menos vulgares, destoariam num salão onde só havia as mais elegantes beldades de Paris, eram sempre convidados sem elas; e o duque, para prevenir toda e qualquer suscetibilidade, explicava a esses viúvos forçados que a duquesa não recebia mulheres, não suportava a sociedade das mulheres, quase como se fosse por ordens do médico e como se este dissesse que ela não podia permanecer num quarto onde houvesse cheiros, comer coisas

excessivamente salgadas, viajar no último vagão ou usar colete. É verdade que esses grandes homens viam, na casa dos Guermantes, a princesa de Parma, a princesa de Sagan (a quem Françoise, ouvindo sempre falar dela, acabou por chamá-la, crendo que esse feminino era exigido pela gramática, de A Sagana), e muitas outras, mas a sua presença era justificada dizendo-se que pertenciam à família, ou eram amigas de infância que não se podia eliminar. Convencidos ou não pelas explicações que o duque de Guermantes lhes dera sobre a singular enfermidade da duquesa de não poder freqüentar mulheres, os grandes homens as transmitiam às esposas. Algumas pensavam que a doença não passava de um pretexto para ocultar o seu ciúme, pois a duquesa queria ser a única a reinar sobre uma corte de adoradores. Mais ingênuas ainda, outras pensavam que talvez a duquesa fosse um tipo singular, até mesmo com um passado escandaloso, que as mulheres não desejavam ir à casa dela, e que ela dava um nome de sua fantasia à necessidade. As melhores, ouvindo os maridos dizerem maravilhas do espírito da duquesa, achavam que esta era tão superior ao resto das mulheres que se aborrecia na sua sociedade, pois as mulheres não sabem falar de nada. E é verdade que a duquesa se aborrecia junto das mulheres quando a sua qualidade principesca não lhes emprestava um interesse especial. Mas as esposas eliminadas se enganavam ao imaginar que a Sra. de Guermantes não queria receber senão homens para poder falar de literatura, ciência e filosofia. Pois nunca falava disso, ao menos com os grandes intelectuais. Se, em virtude da mesma tradição de família que faz com que as filhas dos grandes militares conservem, em meio às suas mais vaidosas preocupações, o respeito às coisas do exército, ela, neta de mulheres que tinham sido ligadas a Thiers, Mérimée e Augier, pensava que, antes de tudo, é preciso guardar em seu salão um espaço para as pessoas de espírito, mas, por outro lado, mantivera, da maneira a um tempo condescendente e íntima com que esses homens eram recebidos em Guermantes, o costume de considerar as pessoas de talento como relações familiares, cujas qualidades não ofuscam e a quem não se fala de suas obras, o que aliás não lhes interessaria. E, além disso, o gênero de espírito de Mérimée, e de Meilhac e Halévy, que era o seu, a conduzia, por contraste com o sentimentalismo verbal de uma época anterior, a um tipo de conversação que rejeita tudo aquilo que se exprime em frases altissonantes e demonstra sentimentos elevados, e fazia com que ela exibisse uma espécie de elegância, quando estava com um poeta ou um músico, em só falar dos pratos que comiam ou dos jogos de cartas que iam praticar. Semelhante abstenção apresentava, para um terceiro que não estivesse ao corrente da coisa, algo de perturbador que chegava ao mistério. Se a Sra. de Guermantes lhe perguntava se desejaria ser convidado junto com determinado poeta célebre, ele comparecia à hora marcada, devorado de curiosidade. A duquesa falava ao poeta sobre o tempo que estava fazendo. Passavam à mesa.

- Gosta desse modo de preparar os ovos? perguntava ela ao poeta.

Diante de sua aquiescência, de que ela compartilhava, pois tudo o que fosse de sua casa lhe parecia delicioso, até mesmo uma cidra detestável que mandava vir de Guermantes:

- Torne a servir ovos ao senhor. - ordenava ao mordomo, enquanto o terceiro, ansioso, esperava sempre o que o poeta e a duquesa tinham a se dizer, visto que, apesar de mil dificuldades, haviam conseguido uma forma de se ver antes da partida do poeta. Mas a refeição continuava, os pratos eram levados uns após outros, não sem fornecer à Sra. de Guermantes a ocasião de gracejos espirituosos ou de finas historietas. Entretanto, o poeta comia sempre sem que o duque ou a duquesa parecessem lembrar que ele era poeta. E logo o jantar acabava, e as pessoas se despediam sem ter dito uma palavra da poesia que, no entanto, todos apreciavam, mas da qual ninguém falava, devido a uma reserva análoga àquela da qual Swann me dera a antecipação. Essa reserva era simplesmente de bom gosto. Mas, para o terceiro, se refletisse um pouco a respeito, tinha ela algo de muito melancólico, e as refeições do círculo dos Guermantes faziam então pensar nessas horas que namorados tímidos passam muitas vezes juntos, falando de banalidades até o instante de se separarem, e sem que, seja por timidez, pudor ou falta de jeito, tenham podido passar do coração aos lábios o grande segredo que ficariam tão felizes em confessar. Aliás, cumpre acrescentar que tal silêncio guardado sobre coisas profundas, cujo momento de serem abordadas sempre se espera em vão, se podia passar como característico da duquesa, nela não era absoluto. A Sra. de Guermantes tinha passado a juventude num ambiente um pouco diverso, também aristocrático, porém menos brilhante e sobretudo menos fútil que o daquele em que hoje vivia, e de grande cultura. Este deixara à sua frivolidade atual uma espécie de tufo mais sólido, invisivelmente nutritivo, e onde a própria duquesa ia buscar (muito raramente, pois detestava o pedantismo) alguma citação de Victor Hugo ou de Lamartine que, muito bem adequada, dita com um olhar sentido de seus belos olhos, não deixava de surpreender e de encantar. Às vezes até, sem pretensões, com pertinência e simplicidade, ela dava a um dramaturgo acadêmico um conselho sagaz, fazia com que atenuasse uma situação ou modificasse um desfecho.

Se, no salão da Sra. de Villeparisis, tanto como na igreja de Combray, eu custava a encontrar no rosto bonito e por demais humano da Sra. de Guermantes o desconhecido de seu nome, pensava ao menos que, quando ela falasse, sua conversação, profunda, misteriosa, teria uma estranheza de tapeçaria medieval, de vitral gótico. Mas, para que eu não me decepcionasse com as palavras que ouviria pronunciar a uma pessoa que se chamava Sra. de Guermantes, mesmo que não a amasse, não bastaria que tais palavras fossem delicadas, belas e profundas; seria necessário que refletissem aquele tom de amaranto da última

sílaba de seu nome, aquela cor que, desde o primeiro dia, eu me espantava por não encontrar em sua pessoa, e que eu fizera refugiar-se no seu pensamento. Decerto eu já ouvira a Sra. de Villeparisis, Saint-Loup, pessoas cuja inteligência nada apresentava de extraordinário, pronunciarem sem precauções esse nome de Guermantes, simplesmente como sendo o de uma pessoa que chegaria de visita ou com quem iam jantar, não parecendo sentir nesse nome terrenos de bosques amarelecidos e todo um misterioso recanto de província. Mas isto devia ser uma afetação da parte deles, como quando os poetas clássicos não nos advertem das profundas intenções que no entanto tiveram, afetação que eu também me esforçava por imitar, dizendo no tom mais natural: a duquesa de Guermantes, como um nome que se assemelhasse a outros. Além disso, todos asseguravam que se tratava de uma mulher muito inteligente, de conversação espirituosa, vivendo num grupinho dos mais interessantes: palavras que se faziam cúmplices do meu sonho. Pois, quando diziam "grupo inteligente", "conversação espirituosa", o que imaginava não era, de modo algum, a inteligência tal como eu a conhecia, mesmo que fosse a dos maiores espíritos, não era de forma alguma de pessoas como Bergotte que eu compunha aquele grupo. Não; por inteligência, eu entendia uma faculdade inefável, dourada, impregnada de um frescor silvestre. Mesmo enunciando as coisas mais inteligentes (no sentido em que empregava o vocábulo "inteligente", quando se tratava de um filósofo ou de um crítico), a Sra. de Guermantes teria talvez decepcionado ainda mais a minha expectativa de uma faculdade tão especial, do que se, numa conversação insignificante, ela se limitasse a falar de receitas culinárias ou do mobiliário do castelo, se restringisse a citar nomes de vizinhos ou de parentes seus, que me tivessem evocado a sua vida.

- Pensava encontrar Basin aqui, ele planejava vir vê-la. - disse a Sra. de Guermantes à tia.

- Não vejo o seu marido há vários dias. - respondeu a Sra. de Villeparisis num tom suscetível e amuado. - Não o vi, ou melhor, quem sabe uma vez, desde aquela graçola encantadora de se fazer anunciar como a rainha da Suécia.

Para sorrir, a Sra. de Guermantes apertou os cantos da boca feito se tivesse mordido o véu.

- Jantamos ontem com ela na casa de Blanche Leroi, a senhora não a reconheceria; ela se tornou enorme, tenho certeza de que está doente.

- Estava justamente dizendo a estes senhores que você achava que ela se parecia com uma rã.

A Sra. de Guermantes fez ouvir uma espécie de som rouco, o que indicava que ela troçava por desencargo de consciência.

- Não sabia que tinha feito esta linda comparação, mas, nesse caso, agora foi a rã

que conseguiu tornar-se tão grande como o boi. Ou melhor, não é precisamente isto, porquanto toda a sua corpulência se acumulou no ventre; é antes uma rã em estado interessante.

- Ah, acho engraçada a sua imagem. - disse a Sra. de Villeparisis, que, no fundo, diante dos visitantes, tinha muito orgulho do espírito da sobrinha.

- Ela é principalmente arbitrária. - replicou a Sra. de Guermantes, destacando com ironia o epíteto escolhido, como o teria feito Swann -, pois confesso jamais ter visto uma rã grávida. Em todo caso, essa rã, que aliás não pede rei, pois nunca a vi tão brincalhona como depois da morte do marido, deve ir jantar lá em casa um dia, na próxima semana. Eu disse que, de qualquer modo, avisaria a senhora.

A Sra. de Villeparisis deixou ouvir uma espécie de resmungo indistinto.

- Sei que ela jantou anteontem na casa da Sra. de Mecklembourg. - acrescentou. - Lá estava Hannibal de Bréauté. Ele veio contar-me tudo, devo dizer, aliás, que com muita graça.

- Nesse jantar havia alguém ainda mais espirituoso que Babal. - disse a Sra. de Guermantes, que, por mais íntima que fosse do Sr. de Bréauté-Consalvi, fazia questão de mostrá-lo chamando-o por esse diminutivo. - Era o Sr. Bergotte.

Eu não imaginara que Bergotte pudesse ser tido como espirituoso; ademais, ele me parecia como que mesclado à humanidade inteligente, quer dizer, infinitamente distante daquele reino misterioso que eu havia percebido sob os véus de púrpura de uma frisa, e onde o Sr. de Bréauté, fazendo rir a duquesa, mantinha com ela, na língua dos deuses, esta coisa inimaginável: uma conversação entre pessoas do *faubourg* Saint-Germain. Fiquei aflito ao ver romper-se o equilíbrio e Bergotte passar por cima do Sr. de Bréauté. Sobretudo, porém, o que me desesperou foi ter evitado Bergotte na noite da Fedra, não ter ido ao seu encontro, quando ouvi a Sra. de Guermantes dizer à Sra. de Villeparisis:

- É a única pessoa que tenho vontade de conhecer. - acrescentou a duquesa, em quem sempre se podia ver, como no momento de uma maré espiritual, o fluxo de uma curiosidade em relação a intelectuais famosos cruzando-se com o reflexo do esnobismo aristocrático. - Isso me daria muito prazer!

A presença de Bergotte a meu lado, presença que me teria sido tão fácil de conseguir, mas que eu pensara pudesse dar má idéia de mim à Sra. de Guermantes, teria sem dúvida tido como resultado, ao contrário, que a duquesa me chamasse ao seu camarote para me pedir que levasse um dia o grande escritor para almoçar.

- Parece que ele não tem sido muito amável; apresentaram-no ao Sr. de Cobourg e ele não lhe disse uma só palavra. - acrescentou a Sra. de Guermantes,

assinalando esse traço curioso como se contasse que um chinês se assoara com papel. - Não lhe disse uma só vez "Monsenhor" continuou, divertida por esse detalhe, tão importante para ela como a recusa, por um protestante, durante uma audiência do Papa, de se pôr de joelhos diante de Sua Santidade.

Interessada por essas particularidades de Bergotte, não dava, aliás, a impressão de achá-las censuráveis, parecendo antes considerá-las um mérito, sem que soubesse exatamente de que tipo. Apesar desse modo estranho de compreender a originalidade de Bergotte, sucedeu-me posteriormente não julgar de todo desprezível o fato de que a Sra. de Guermantes, para grande espanto de muitos, achasse Bergotte mais espirituoso que o Sr. de Bréauté. Tais julgamentos subversivos, isolados e, apesar de tudo, justos, são assim levados à sociedade por algumas raras pessoas superiores às outras. E nela desenham os primeiros delineamentos da hierarquia de valores tal como será estabelecida pela geração seguinte, em vez de prender-se eternamente à antiga.

O conde de Argencourt, encarregado dos Negócios da Bélgica e primo em terceiro grau por casamento da Sra. de Villeparisis, entrou coxeando, seguido logo de dois rapazes, o barão de Guermantes e Sua Alteza o duque de Châtellerault, a quem a Sra. de Guermantes disse:

- Bom-dia, meu pequeno Châtellerault. - com um ar distante e sem se erguer do tamborete, pois era uma grande amiga da mãe do jovem duque, o qual, por causa disso e desde a infância, sentia enorme respeito por ela. Altos e esguios, de pele e cabelos dourados, inteiramente do tipo Guermantes, esses dois rapazes davam a idéia de uma condensação da luz primaveril e vesperal que inundava o grande salão. Conforme um hábito que estava na moda na ocasião, puseram a cartola no chão, a seu lado. O historiador da Fronda pensou que estivessem constrangidos, como um camponês quando entra na Prefeitura e não sabe o que fazer do chapéu. Julgando dever vir caridosamente em auxílio do jeito canhestro e da timidez que lhes atribuía, disse-lhes:

- Não, não as coloquem no chão; assim vão estragá-las.

Um olhar do barão de Guermantes, tornando oblíquo o plano de suas pupilas, derramou-lhes de súbito uma cor de um tom azul cru e cortante que gelou o benévolo historiador.

- Como se chama este senhor? - perguntou-me o barão, que acabara de ser-me apresentado pela Sra. de Villeparisis.

- Sr. Pierre. - respondi a meia voz.

- Pierre de quê?

- Pierre é o seu sobrenome; é um historiador de muito mérito.

- Bem, se o senhor o diz...

- Não, é um hábito novo que têm estes senhores de pôr os chapéus no chão. - explicou a Sra. de Villeparisis -; sou como o senhor, não consigo habituar-me. Mas prefiro assim do que o que faz o meu sobrinho Robert, que sempre deixa o seu na antecâmara. Quando o vejo entrar assim, digo-lhe que parece o relojoeiro e pergunto se veio acertar os pêndulos.

- Falava_ há pouco, senhora marquesa, do chapéu do Sr. Molé; em breve chegaremos a fazer, como Aristóteles, um capítulo sobre os chapéus disse o historiador da Fronda, um tanto sossegado pela intervenção da Sra. de Villeparisis, mas com voz ainda tão fraca que ninguém, a não ser eu, o ouviu.

- Ela é verdadeiramente espantosa, a duquesinha. - disse o Sr. de Argencourt, mostrando a Sra. de Guermantes que conversava com G. - Desde que haja um homem em evidência no salão, está sempre a seu lado. É claro que quem se acha ali só pode ser o sumo pontífice. Não pode ser todos os dias o Sr. de Borelli, Schlumberger ou d'Avenel. Mas então será o Sr. Pierre Loti ou o Sr. Edmond Rostand. Ontem à tarde, na casa dos Doudeauvilles, onde, de passagem, ela estava esplêndida sob um diadema de esmeraldas, num longo vestido rosado de cauda, tinha de um lado o Sr. Deschanel e do outro o embaixador da Alemanha: discutia com eles sobre a China; o grosso do público, a distância respeitosa, e que não ouvia o que eles estavam dizendo, se perguntava se haveria guerra. Na verdade, dir-se-ia uma rainha que se dirigisse a seus cortesãos.

Todos se aproximaram da Sra. de Villeparisis para vê-la pintar.

- Estas flores são de um tom róseo verdadeiramente celeste. - disse Legrandin -; quero dizer, da cor do céu róseo. Pois existe um róseo celeste como há um azul celeste. Porém murmurou, para tentar ser ouvido somente pela marquesa -, creio que me inclino mais para o róseo sedoso, para o encarnado vivo da cópia que a senhora faz. Ah! A senhora deixa muito para trás o Pisanello e Van Huysum, com seu herbário minucioso e morto.

Um artista, por mais modesto que seja, aceita sempre ser preferido aos rivais e cuida apenas de lhes fazer justiça.

- O que lhe dá essa impressão é que eles pintavam flores daquele tempo, que já não conhecemos, mas possuíam grande técnica.

- Ah, flores daquele tempo! Como é engenhoso! - exclamou Legrandin.

- Com efeito, a senhora pinta belas flores de cerejeira... ou de rosas de maio disse o historiador da Fronda, não sem hesitação quanto à flor, mas com segurança na voz, pois começava a esquecer o incidente dos chapéus.

- Não, são flores de macieira. - disse a duquesa de Guermantes, dirigindo-se à tia.

- Ah, vejo que é uma camponesa; como eu, você sabe distinguir as flores.

- Ah, sim; é verdade! Mas julgava que o tempo das macieiras já havia passado. - disse ao acaso o historiador da Fronda, para se desculpar.

- Não, pelo contrário, elas ainda não estão floridas, só daqui a quinze dias, talvez três semanas. - disse o arquivista, o qual, administrando até certo ponto as propriedades da Sra. De Villeparisis, estava mais a par das coisas do campo.

- Sim, e ainda nos arredores de Paris, onde estão muito adiantadas. Na Normandia, por exemplo, na casa de seu pai - disse a marquesa, designando o duque de Châtellerault -, que possui magníficas macieiras à beira-mar, como num biombo japonês, elas só estão de fato cor-de-rosa depois de 26 de maio.

- Não as vejo nunca -disse o jovem duque- porque me provocam a febre do feno; é incrível.

- Febre do feno. Nunca ouvi falar nisso. disse o historiador.

- É a doença da moda. - disse o arquivista.

- Depende. Talvez não lhe desse nada se fosse um ano de maçãs. Conhece o ditado dos normandos: "Para um ano em que houver maçãs" - disse o Sr. de Argencourt que, não sendo inteiramente francês, procurava dar-se ares de parisiense.

- Tem razão. - respondeu a Sra. de Villeparisis à sobrinha -; são macieiras do Sul. Foi uma florista que me enviou esses ramos, pedindo que os aceitasse. Espanta-o, senhor Valleneres -disse ela voltando-se para o arquivista - que uma florista me mande ramos de macieira? Mas, apesar de ser uma velha dama, conheço muita gente, tenho alguns amigos - acrescentou sorrindo por simplicidade, como geralmente acreditaram, mas antes, na minha opinião, porque achava picante envaidecer-se da amizade de uma florista quando dispunha de tão elevadas relações.

Bloch se ergueu para ir, por sua vez, admirar as flores que a Sra. de Villeparisis estava pintando.

- Não importa, marquesa - disse o historiador voltando à sua cadeira -, mesmo que ocorresse de novo uma dessas revoluções que têm tão freqüentemente ensangüentado a história da França e, meu Deus, nos tempos em que vivemos, nunca se sabe - acrescentou, lançando um olhar circunspecto em torno, como para ver se não achava algum "mau pensador" no salão, embora não o esperasse -, com um talento como o seu e falando cinco línguas, a senhora poderia sempre estar segura de se livrar de apertos.

O historiador da Fronda gozava de um certo repouso, pois havia esquecido suas insônias. Mas se lembrou de repente que não dormia há seis dias; então um duro cansaço, nascido de seu espírito, se apoderou de suas pernas, fê-lo curvar os

ombros, e seu rosto desolado pendeu como o de um velho.

Bloch quis fazer um gesto para exprimir sua admiração, mas, com uma cotovelada, derrubou o vaso onde estavam os ramos de macieira, e toda a água se espalhou pelo tapete.

- Na verdade, a senhora tem dedos de fada - disse à marquesa o historiador, que, de costas naquele momento, não percebera o desastre de Bloch.

Mas este julgou que tais palavras se aplicavam a ele próprio e, para esconder sob uma insolência a vergonha de seu gesto infeliz:

- Isso não tem nenhuma importância - disse -, pois nem fiquei molhado.

A Sra. de Villeparisis tocou a campainha e um lacaio veio enxugar o tapete e reunir os cacos de louça. Ela convidou os dois rapazes para a matinê, bem como a duquesa de Guermantes, a quem recomendou:

- Lembre-se de avisar Gisele e Berthe - eram as duquesas de Auberjon e de Portefin - de que estejam aqui um pouco antes das duas, para me ajudar - como teria dito a mordomos extras que chegassem de antemão - a fim de preparar as compoteiras.

Não tinha, para com os parentes principescos, nem mesmo com o Sr. de Norpois, nenhuma dessas amabilidades que mostrava para com o historiador, com Cottard, com Bloch ou comigo, e tais parentes pareciam não ter para ela outro interesse senão o de apresentá-los para satisfazer nossa curiosidade. É que sabia que não precisava incomodar-se com pessoas para quem não era uma mulher mais ou menos brilhante, e sim a irmã suscetível e econômica de seu pai ou de seu tio. Não lhe teria servido de nada procurar brilhar diante deles, a quem não poderia enganar quanto à sua situação, e que, melhor que ninguém, conheciam a sua história e respeitavam a estirpe ilustre de que ela descendia. Mas, principalmente, já não passavam, tirara ela, de um resíduo morto que não mais daria frutos, não a faziam mais conhecer os seus novos amigos, nem partilhar de seus prazeres. Ela só podia alcançar a sua presença, ou a possibilidade de falar deles, na sua recepção das cinco horas, como mais tarde em suas Memórias, lá que aquela era apenas uma espécie de ensaio, de primeira leitura em vez alta diante de um pequeno círculo. E na companhia que todos esses parentes nobres lhe prestavam para interessar, deslumbrar e arrastar a companhia dos Cottard, dos Bloch, dos autores dramáticos notórios, historiadores da Fronda de todos os tipos, era nessa última companhia que, para a Sra. de Villeparisis - à falta da parte do mundo elegante que não ia à sua casa -, se encontravam o movimento, a novidade, as diversões e a vida; era dessas pessoas que ela podia extrair vantagens sociais (o que bem valeria que as fizesse encontrar às vezes a duquesa de Guermantes, sem que jamais tivessem conhecido): jantares com homens notáveis cujos trabalhos a tinham interessado, uma ópera-cômica ou uma

pantomima já encenada e que o autor fazia representar em sua casa, camarotes para espetáculos curiosos. Bloch se ergueu para ir embora. Dissera em voz alta que o incidente do vaso de flores não tinha qualquer importância, mas o que havia dito baixinho era diferente, mais diferente até do que pensava:

- Quando não se tem criados perfeitamente adestrados para saber colocar um vaso; corre-se o risco de molhar e mesmo de ferir os visitantes, é bom não ter esses lixos. - resmungava em voz baixa. Bloch era dessas pessoas suscetíveis e nervosas que não podem suportar terem feito uma asneira, que, no entanto, não confessam a si mesmos, e que lhes estraga o dia inteiro. Furioso, estava cheio de negros pensamentos, não mais queria freqüentar a sociedade. Um pouco de distração era necessária naquele momento. Felizmente, em um segundo, a Sra. de Villeparisis logrou detê-lo. Seja por conhecer as opiniões de seus amigos e a vaga anti-semita que principiava a se elevar, já por distração, ela não o apresentara às pessoas que ali se achavam. Entretanto, ele, que não tinha o traquejo da sociedade, julgou que, ao retirar-se, devia cumprimentá-los, por uma questão de cortesia, mas sem amabilidade; inclinou várias vezes a cabeça, enfiou o queixo barbudo no colarinho postiço, olhando sucessivamente cada um através do *pince-nez*, com ar de frieza e descontentamento.

Mas a Sra. de Villeparisis o fez parar; tinha receio de lhe falar ainda do pequeno ato que devia ser representado em sua casa e, por outro lado, não teria gostado que ele partisse sem ter tido a satisfação, de conhecer o Sr. de Norpois (que ela se espantava de não ver entrar), e, embora tal apresentação fosse supérflua, pois Bloch já se resolvera a persuadir os dois artistas, de que falara, a vir cantarem de graça na casa da marquesa, no interesse de sua glória, numa das recepções freqüentadas pela elite da Europa. Chegara mesmo a propor, a mais, uma atriz trágica, "de olhos garços, bela como Hera", que diria prosas líricas com a noção da "beleza plástica". Mas, diante de seu nome, a Sra. de Villeparisis havia recusado: era a amiga de Saint-Loup.

- Tenho melhores notícias - disse-me ela ao ouvido -; creio que o caso deles está se azedando, e em breve estarão separados. Apesar de um oficial que desempenhou um papel abominável em toda a história - acrescentou. (Pois a família de Robert começava a nutrir ódio mortal ao Sr. de Borodino por ter dado licença para que fosse a Bruges, a instâncias do barbeiro, e acusava-o de favorecer uma ligação infame.) - É um sujeito muito vil - disse-me a Sra. de Villeparisis com o acento virtuoso dos Guermantes, mesmo os mais depravados. - Muito, muito vil repetiu, pondo três *mm* em muito. Sentia-se que ela não duvidava que ele entrasse de terceiro em todas as orgias. Mas, como a amabilidade era, na marquesa, o hábito predominante, sua expressão de severidade franzida em relação ao horrível capitão, cujo nome pronunciou com ênfase irônica: "o príncipe de Borodino", como mulher para quem o Império não tem valor, acabou

num terno sorriso na minha direção, acompanhado de uma piscadela mecânica de vaga conivência comigo.

- Gosto muito de Saint-Loup-en-Bray - disse Bloch -, embora ele seja muito sovina, porque é muito bem-educado. Gosto muito, não dele, mas das pessoas extremamente bem-educadas, é tão raro - continuou, sem se dar conta, porque ele próprio era muito mal-educado, de como suas palavras desagradavam. - Vou dar-lhes uma prova, que me parece bem típica, de sua perfeita educação. Encontrei-o certa vez com um rapaz, quando ia subir no seu carro de belas rodas, depois de ter ele próprio passado as correias esplêndidas em dois cavalos nutridos de aveia e cevada, e que não é preciso excitar com o chicote cintilante. Ele nos apresentou, mas não percebi o nome do rapaz, pois a gente nunca percebe o nome das pessoas a quem somos apresentados -acrescentou rindo, porque se tratava de um gracejo de seu pai. - De Saint-Loup-en-Bray não deixou a sua simplicidade, não prestou atenções exageradas ao rapaz, não pareceu de modo algum incomodado. Ora, por acaso, soube, alguns dias depois, que aquele jovem era filho de Sir Rufus Israels!

O fim dessa historieta pareceu menos chocante que o seu começo, pois permaneceu incompreensível para as pessoas presentes. Com efeito, Sir Rufus Israels, que parecia a Bloch e a seu pai uma personagem quase régia, diante da qual Saint-Loup devia tremer, era, pelo contrário, aos olhos do meio Guermantes, um estrangeiro arrivista, tolerado pela sociedade, e de cuja amizade não se tinha idéia de orgulhar-se, muito ao contrário!

- Soube-o - disse Bloch pelo procurador de Sir Rufus Israels, - que é amigo de meu pai e um homem absolutamente extraordinário. Ah! Um indivíduo bastante curioso - acrescentou, com essa energia afirmativa, esse acento de entusiasmo que só emprestamos às convicções que não formamos por conta própria. - Mas diga-me - continuou Bloch, - falando baixinho comigo -, qual será a fortuna de Saint-Loup? Compreendes perfeitamente que, se pergunto isto, interessa-me tanto como os anos quarenta, mas do ponto de vista balzaquiano, compreendes. E nem ao menos sabes em que estará investida, se ele possui títulos franceses, títulos estrangeiros, terras?

Não pude informá-lo de nada. Deixando de falar a meia voz, Bloch pediu em voz alta licença para abrir as janelas e, sem esperar a resposta, encaminhou-se para elas.

A Sra. de Villeparisis disse que era impossível abri-las, que ela estava gripada.

- Ah, isso deve lhe fazer mal - comentou Bloch, decepcionado. - Mas pode-se dizer que faz calor! - E pôs-se a rir, obrigando seu olhar a uma ronda pela assistência, numa indagação que reclamava apoio contra a Sra. de Villeparisis. Não o obteve no meio daquelas pessoas bem-educadas. Seus olhos incendiados,

que não tinham podido seduzir ninguém, retomaram resignados o tom sério; declarou, para disfarçar a derrota: - Está fazendo pelo menos vinte e dois graus. Vinte e cinco? Não me espanta. Estou quase suando. E não tenho, como o sábio Antenor, filho do rio Alfeu, a faculdade de mergulhar na onda paterna, para estancar o suor, antes de me meter numa banheira luzidia e de me untar de óleos perfumados. - E com aquela necessidade que temos de esboçar, para uso alheio, teorias médicas cuja aplicação seria favorável ao nosso próprio bem-estar: - Visto que a senhora julga que lhe faz bem! Quanto a mim, acho o contrário. É justamente isso o que a deixa gripada.

Bloch mostrara-se encantado à idéia de conhecer o Sr. de Norpois.

- Gostaria - disse - de fazê-lo falar acerca do caso Dreyfus.

- Aí está uma mentalidade que não conheço bem, e seria muito atraente ter uma intervenção com esse diplomata considerável - aduziu num tom sarcástico, para não parecer que se julgava inferior ao embaixador.

A Sra. de Villeparisis lamentou que ele tivesse dito aquilo em voz alta, mas não ligou muita importância ao fato quando viu que o arquivista, cujas opiniões nacionalistas a traziam, por assim dizer, encadeada, achava-se longe demais para poder ouvir. Ficou mais chocada ao escutar que Bloch, arrastado pelo demônio de sua má-educação, que o tornara previamente cego, lhe perguntava, rindo pelo gracejo paterno:

- Não terei lido, de sua autoria, um sábio estudo em que ele demonstrava com razões irrefutáveis que a guerra russo-japonesa devia terminar com a vitória dos russos e a derrota dos japoneses? E já não está um tanto caduco? Parece-me que foi ele quem vi olhar para sua cadeira, antes de ir sentar-se nela, deslizando como se andasse sobre rodas.

- Nunca na vida! Espere um instante - acrescentou a marquesa -, não sei o que poderá estar fazendo.

Tocou a campainha e, quando o criado entrou, como ela não dissimulava de modo algum e até gostava de mostrar que seu velho amigo passava a maior parte do tempo em sua casa:

- Vá logo dizer ao Sr. de Norpois que venha; ele está catalogando papéis no meu escritório; disse que viria dentro de vinte minutos e já faz quase duas horas que estou esperando. Ele lhe falará do caso Dreyfus, de tudo aquilo que o senhor quiser - disse ela a Bloch em tom amuado -; não aprova muito o que está acontecendo.

Pois o Sr. de Norpois estava em más relações com o ministério atual, e a Sra. de Villeparisis, conquanto ele não se permitisse levar-lhe pessoas do governo (ainda assim ela mantinha sua altivez de dama da alta aristocracia e permanecia alheia

e acima das relações que ele era obrigado a cultivar), estava, por meio dele, a par do que se passava. Da mesma forma, os políticos do regime não ousariam pedir ao Sr. de Norpois que os apresentasse à Sra. de Villeparisis. Porém, vários deles tinham ido procurá-lo na casa dela, no campo, quando precisaram de seu concurso em circunstâncias graves. Conheciam o endereço. Iam ao castelo. Não viam a castelã. Mas no jantar ela dizia:

- Senhor, sei que vieram incomodá-lo. Os negócios vão melhor? Não está com muita pressa? indagou a Sra. de Villeparisis à Bloch.

- Não, não, eu queria partir porque não me sinto muito bem; talvez seja mesmo ocasião de fazer uma estação de cura em Vichy por causa da minha vesícula biliar - disse ele, articulando estas palavras com uma ironia satânica.

- Pois veja: o meu sobrinho-neto Châtellerault deve ir até lá; o senhor poderia combinar ir junto. Será que ele ainda está aqui? Ele é muito amável, o senhor sabe - disse a Sra. de Villeparisis, talvez de boa-fé e pensando que duas pessoas que ela conhecia não tinham motivo para não se juntarem.

- Oh, não sei se isso lhe agradará, não o conheço... quase; lá está ele. - disse Bloch, confuso e deslumbrado.

Certamente o mordomo não executara de modo completo a comissão de que acabara de ser encarregado para o Sr. de Norpois. Pois este, para fazer acreditar que chegava de fora e que ainda não tinha visto a senhora da casa, agarrou seu chapéu, ao azar, na sala de espera, e beijou ceremoniosamente a mão da senhora de Villeparisis, perguntando como se encontrava, com o mesmo interesse que se manifesta depois de uma larga ausência. Ignorava que a marquesa de Villeparisis havia tirado de antemão toda verossimilhança àquela comédia, à qual, pelo resto, pôs fim levando o senhor de Norpois e Bloch a um salão vizinho. Bloch, que tinha visto todos os cumprimentos que os demais dirigiam ao que ainda não sabia que fosse o senhor de Norpois, assim como as saudações compassadas, graciosos e profundos com que o embaixador respondia àqueles, sentia-se inferior a, todo aquele cerimonial, e, molestado ao pensar que jamais se dirigia a ele, havia-me dito, por alardear de desenvoltura:

« Quem é esse pedaço de imbecil?»

Possivelmente, pelo resto, como todas as saudações do senhor de Norpois feriam o melhor que havia em Bloch; a franqueza mais direta de um ambiente moderno; encontrava-os em parte sinceramente ridículos. Como quer que fosse, deixaram de lhe parecer tais, e inclusive encantaram-no o instante em que foi ele mesmo, Bloch, quem se encontrou convertido em objeto deles.

- Senhor embaixador - disse a senhora de Villeparisis - quero lhe apresentar este cavalheiro. O senhor Bloch, o senhor marquês de Norpois.

Apesar da maneira que tinha de tratar ao senhor de Norpois com aspereza, mostrava particular empenho em chamar-lo « senhor embaixador» , por urbanidade, por exagerada consideração à categoria de embaixador, consideração que lhe tinha inculcado o marquês, e, enfim, por aplicar essas maneiras menos familiares, mais cerimoniosas para com um determinado homem, que, no salão de uma mulher distinta, ao contrastar com a liberdade de que esta usa com seus demais assíduos, indicam imediatamente ser seu amante.

O senhor de Norpois afogou seu olhar azul em sua barba branca, dobrou profundamente sua elevada estatura como se inclinasse acima de tudo o que de notório e imponente representava para ele o nome de Bloch, e murmurou:

« Encantado!» , enquanto seu jovem interlocutor, lisonjeado, mas julgando que o célebre diplomático ia demasiado longe, retificou presunçoso e disse:

« Nada disso! Ao contrário, que está encantado sou eu!»

Mas esta cerimônia que o senhor de Norpois, por amizade à senhora Villeparisis, renovava com cada desconhecido que sua antiga amiga lhe apresentava, ainda não parecia à esta suficiente cortesia para com Bloch, ao que disse:

- Mas pergunte-lhe tudo o que deseja saber! Leve-lhe ao lado, se for mais cômodo; ficará encantado de conversarem; parece-me que queria falar da questão do caso Dreyfus -acrescentou, sem preocupar-se se agradava ou não o senhor Norpois; mais nem menos que não lhe tivesse ocorrido solicitar sua vênia ao retrato da duquesa de Montmorency antes de fazer que o iluminassem para que o visse o historiador, ou consultar o parecer do chá antes de servir-lhe uma taça.

- Fale alto - disse ao Bloch-, é um pouco surdo; mas lhe dirá tudo o que deseje saber; conheceu muito bem Bismarek e Cavour. - Não é verdade - disse com força - que conheceu muito bem Bismarck?

- Você tem alguma coisa em preparação? - perguntou-me o senhor de Norpois, fazendo-me um gesto de inteligência enquanto estreitava-me a mão cordialmente. Aproveitou disso para descarregar cortesmente o chapéu, que eu acreditara que devia trazer consigo em sinal de cerimônia, porque acabava de perceber que era o meu que pegara, por acaso. - Havia-me mostrado uma pequena obra um tanto traçada, em que se dedicava a “cortar cabelos em quatro.” Daria-lhe francamente minha opinião; o que fez não valia a pena ser colocado no papel. Prepara algo? Tem enchido o miolo com Bergotte, se não me falhe a lembrança?

- Ah, não fale mal de Bergotte! - exclamou a duquesa

- Não discuto seu talento de pintor; a ninguém lhe ocorreria semelhante coisa, duquesa. Sabe gravar com o buril ou à água-forte, já que não pinta a

brochadas, como Cherbuliez, uma vasta composição. Mas parece-me que nosso tempo incorre em uma confusão de gêneros, e que o que é próprio do novelista é urdir uma intriga e levantar os corações mas bem que esmerar-se em desenhar à ponta seca um frontispício ou uma vinheta. Tenho que ver seu pai no domingo, em casa do bom A. J. - acrescentou, voltando-se para mim.

Por um instante esperei, ao vê-lo falar com a senhora de Guermantes, que acaso me emprestasse para ir a casa desta a ajuda que me tinha negado para, ir ao senhor Swann.

- Outra de minhas grandes admirações – disse ele - é Elstir. Parece que a duquesa de Guermantes tem alguns seus quadros maravilhosos, especialmente o admirável molho de rabanetes que vi de passada na Exposição e que tanto eu gostaria de voltar a ver; que obra de mestre é esse quadro! E, em efeito, de ter sido eu um homem destacado e se me tivessem perguntado que obra pictórica preferia, teria chamado aquele molho de rabanetes.

- Uma obra de mestre? - exclamou o senhor de Norpois com expressão de estranheza e de censura. Nem sequer tem a pretensão de ser um quadro, a não ser um simples esboço (tinha razão). Se o chama você obra de mestre a esse esboço, o que diria você para a *Virgem* de Hébert ou do Dagnan-Bouveret?

- Já ouvi que rechaçava o amigo de Roberto - disse a senhora do Guermantes a sua tia depois que Bloch levou à parte ao embaixador; - acredito que nada tem que lamentar com isso, já sabe que é uma calamidade, não tem nem faísca de talento, e ainda por cima é grotesco.

- Mas, como a conhece, duquesa? - disse o senhor de Argencourt.

- Pois então o senhor não sabe que ela recitou em minha casa antes que em qualquer outro lugar? Nem por isso me orgulho do fato - disse rindo a Sra. de Guermantes, feliz no entanto, já que falavam nessa atriz, de fazer saber que ela tivera a primazia de seus ridículos. - Vamos, só me resta partir - acrescentou sem se mexer.

Acabava de ver entrar o marido, e, pelas palavras que pronunciava, aludia ao cômico de parecerem estar fazendo juntos uma visita de núpcias, e de modo algum às relações muitas vezes difíceis existentes entre ela e aquele imenso rapagão que ia envelhecendo, mas que continuava a levar sempre uma vida de jovem. Passeando pelo grande número de pessoas que rodeavam a mesa de chá o olhar afável, malicioso e um tanto ofuscado pelos raios do sol poente, de suas pequenas pupilas redondas e precisamente incrustadas no olho como "moscas" de alvo, que sabia visar e acertar tão perfeitamente, como excelente atirador que era, o duque avançava com uma lentidão maravilhada e prudente, como se, intimidado por uma tão brilhante assembléia, temesse pisar nos vestidos e atrapalhar as conversas. Um permanente sorriso de bom rei de Yvetot,

levemente embriagado, uma das mãos meio estendida, flutuando, como a barbatana de um tubarão, ao lado do peito, e que ele deixava ser apertada indistintamente por seus velhos amigos e pelos desconhecidos que lhe eram apresentados, lhe permitiam, sem precisar fazer um só gesto, nem interromper a sua ronda complacente, indolente e régia, satisfazer a solicitude de todos, murmurando apenas: "Boa-tarde, meu velho", "Boa-tarde, meu caro amigo", "Encantado, senhor Bloch", "Boa-tarde, Argencourt", e junto a mim, que fui o mais favorecido, ao ouvir meu nome: "Boa-tarde, meu pequeno vizinho, como está seu pai? Que belo homem!" Só deu grandes demonstrações de atenção à Sra. de Villeparisis, que o saudou com um aceno de cabeça, tirando uma das mãos do aventalzinho.

Extraordinariamente rico, num mundo onde a gente o é cada vez menos, tendo assimilado à sua pessoa, de modo permanente, a noção dessa enorme fortuna, a vaidade do grão-senhor era nele duplicada pela do homem endinheirado, a educação refinada do primeiro sendo o bastante para controlar a suficiência do segundo. Compreendia-se, aliás, que os seus sucessos com as mulheres, que constituíam a infelicidade da sua, não fossem devidos exclusivamente ao seu nome e à sua fortuna, pois ele ainda mostrava grande beleza, com um perfil que tinha a pureza e a nitidez de contornos de um deus grego.

- Na verdade, ela representou em sua casa? - perguntou o Sr. de Argencourt à duquesa.

- Ora, ela veio recitar, com um buquê de lírios na mão e outros lírios "sôbe" o vestido. (A Sra. de Guermantes, como a Sra. de Villeparisis, afetava pronunciar certos vocábulos de modo bastante provinciano, embora de forma alguma rolasse os rr como sua tia.)

Antes que o Sr. de Norpois, constrangido e forçado, levasse Bloch para a pequena sacada onde poderiam conversar a sós, voltei um instante para junto do velho diplomata e insinuei-lhe uma palavra a respeito da cadeira acadêmica que meu pai almejava. A princípio, ele quis adiar a conversa para mais tarde. Mas objetei que iria partir para Balbec.

- Como! Você vai de novo a Balbec? Mas de fato é um verdadeiro *globe-trotfer*! -

Depois, ouviu-me. Ao nome de Leroy-Beaulieu, o Sr. de Norpois me encarou com ar suspeito. Imaginei que ele talvez tivesse dito ao Sr. Leroy-Beaulieu algo desfavorável a meu pai, e temia que o economista o houvesse repetido. E logo pareceu animado de verdadeira afeição por meu pai. E, após uma dessas lentidões de conversa onde subitamente uma palavra explode, como que a contragosto de quem fala, quando a irresistível convicção arrebata os esforços balbuciantes que fazia por se manter calado:

- Não, não - disse-me emocionado -; não convém que seu pai se candidate. Não

deve candidatar-se no -seu próprio interesse, por si mesmo, por respeito a seu valor, que é grande e que ele comprometeria em tal aventura. Ele vale mais que isso. Caso fosse nomeado, teria tudo a perder e nada a ganhar. Graças a Deus, ele não é orador. E isso é a única coisa a contar para os meus caros confrades, ainda quando o que se diz não passa de ninharias. Seu pai tem um objetivo importante na vida; deve caminhar diretamente para ele, sem se deixar desviar pelos bosques, mesmo que sejam os do jardim de Academo, mais espinhosos que floridos. Além disso, obteria apenas uns poucos votos. A Academia gosta de obrigar o postulante a um estágio antes de admiti-lo em seu meio. Hoje em dia, nada se pode fazer. Mais tarde, não afirmo. Mas é necessário que seja a própria Companhia que vá buscá-lo. Ela pratica com mais fetichismo do que felicidade o fará dos nossos vizinhos de além-Alpes. Leroy-Beaulieu falou-me de tudo isso de uma forma que não me agradou. Aliás, pareceu-me mais ou menos defender a candidatura de seu pai. Eu talvez lhe tenha feito sentir um tanto vivamente que, acostumado a lidar com algodão e metais, ele desconhecia o papel dos imponderáveis, como dizia Bismarck. O que, antes de tudo, é preciso evitar, é que seu pai se candidate: *Principüs obsta*. Seus amigos se veriam numa posição delicada se ele os pusesse diante do fato consumado. Olhe - disse bruscamente, com um ar de franqueza, cravando em mim os olhos azuis -, vou lhe dizer uma coisa que vai espantá-lo de minha parte, eu que tanto aprecio a seu pai. Pois bem, justamente porque o estimo (somos os dois inseparáveis, Arcades ambos), justamente porque conheço os serviços que ele pode prestar ao país, os recifes que pode evitar se permanecer no leme, por afeto, por estima elevada, por patriotismo, não votaria nele. De resto, julgo ter-lhe dado a entender isso mesmo. - (E acreditei perceber em seus olhos o perfil assírio e severo de Leroy-Beaulieu.) - Portanto, dar-lhe o meu voto seria, de minha parte, uma espécie de palinódia. - Por diversas vezes, o Sr. de Norpois chamou seus colegas de fósseis. Fora outras razões, todo membro de um clube ou de uma academia compraz-se em atribuir aos colegas o tipo de caráter mais oposto ao seu, menos pela vantagem de poder dizer: "Ah, se isso só dependesse de mim!", do que pela satisfação de apresentar o título que obteve como mais difícil e lisonjeiro. - Eu lhe direi - concluiu o Sr. de Norpois - que, no interesse dele e de todos os seus, prefiro para seu pai uma eleição triunfal dentro de dez ou quinze anos. - Palavras que foram julgadas por mim, se não ditadas pelo ciúme, ao menos por uma falta absoluta de obsequiosidade e que depois assumiram, pelos próprios fatos, um sentido diverso.

- O senhor não pretende falar acerca do Instituto do Preço do Pão durante a Fronda? -perguntou o historiador da Fronda, timidamente, ao Sr. de Norpois. - Poderia com isso obter um êxito considerável - (o que significava fazer-me uma publicidade monstro) -, acrescentou, sorrindo para o embaixador com pusilanimidade, mas também com uma ternura que o fez erguer as pálpebras e

descerrar os olhos, grandes como um céu. Parecia-me já ter visto esse olhar; no entanto, somente hoje conhecera o historiador. De súbito, lembrei-me: havia visto esse mesmo olhar nos olhos de um médico brasileiro que pretendia curar as sufocações do gênero das que eu tinha por meio de absurdas inalações de essências vegetais. E como, para que tomasse mais cuidado pela minha pessoa, lhe dissesse que conhecia o professor Cottard, respondera-me como no interesse de Cottard:

- Pois eis aí um tratamento que, se o senhor lhe falasse nele, iria fornecer-lhe assunto para uma sensacional comunicação à Academia de Medicina! - Não ousara insistir, mas olhara-me com aquele mesmo ar de interrogação tímido, interessado e suplicante que eu acabara de admirar no historiador da Fronda. Certamente esses dois homens não se conheciam e não se pareciam em nada, mas as leis psicológicas possuem, como as leis físicas, uma certa generalidade. E, se as condições necessárias são as mesmas, um mesmo olhar ilumina animais humanos diversos, como um mesmo céu matinal a lugares da terra situados bem longe um do outro, e que nunca se viram entre si. Não ouvi a resposta do embaixador, pois todos, com algum rumor, se aproximaram da Sra. de Villeparisis para vê-la pintar.

- Sabe de quem estamos falando, Basin? - perguntou a duquesa ao marido.

- Naturalmente adivinho. - disse o duque.

- Ah, não é o que chamamos uma comediante de alta linhagem.

- O senhor nunca poderia imaginar algo tão risível - continuou a Sra. de Guermantes, dirigindo-se ao Sr. de Argencourt.

- Era até *drolático* - interrompeu o Sr. de Guermantes, cujo estranho vocabulário permitia-lhe, a um tempo, não ser considerado um tolo pelas pessoas da sociedade, e ser tido, pelos homens de letras, como o pior dos imbecis.

- Não posso compreender - retornou a duquesa - como Robert pôde chegar a se apaixonar por ela. Oh, sei muito bem que nunca se deve discutir tais coisas - acrescentou com um belo muxoxo de filósofa e de sentimental desencantada. - Sei que qualquer um pode amar seja o que for; - e acrescentou, porque, se ainda zombava da nova literatura, esta, talvez pela vulgarização dos jornais ou através de certas conversas, nela se infiltrara um pouco - é isso mesmo o que há de bonito no amor, porque é justamente o que o torna "misterioso".

- Misterioso! Ah, confesso que é um pouco forte para mim, minha prima. - disse o conde de Argencourt.

- Mas sim, é muito misterioso o amor - replicou a duquesa, com um doce sorriso de amável mulher mundana, mas também com a convicção intransigente de uma wagneriana que afirma, a um homem do seu círculo, que não há somente

barulho em *A Valquíria*. Aliás, no fundo, não se sabe por que uma pessoa ama a outra; talvez não seja, em absoluto, devido ao que imaginamos aduziu ela sorrindo, repelindo assim, de um golpe, com sua interpretação, a idéia que ela própria acabara de externar. - E depois, no fundo, nunca se sabe de coisa alguma. - concluiu, com ar cético e fatigado. - Assim, olhe, é mais "inteligente": nunca se deve discutir a escolha dos amantes.

Mas, depois de ter firmado esse princípio, traiu-o imediatamente ao criticar a escolha de Saint-Loup.

- Mesmo assim, vejam, julgo espantoso que se possa achar sedutora uma pessoa ridícula.

Bloch, ouvindo que falávamos de Saint-Loup e compreendendo que ele se encontrava em Paris, pôs-se a dizer tanto mal dele que todos ficaram revoltados. Começava a nutrir ódios e via-se que, para saciá-los, não recuaria diante de nada. Tendo estabelecido o princípio de que possuía um alto valor moral, e que o tipo de pessoas que freqüentava a Boulie (círculo esportivo que ele acreditava ser elegante) merecia o cárcere, pareciam-lhe meritórios todos os golpes que pudesse lhes dar. Certa ocasião, chegou a falar de um processo que pretendia abrir contra um de seus amigos da Boulie. No decurso desse processo, contava fazer um depoimento mentiroso e cuja falsidade, no entanto, o acusado não teria condições de provar. Desse modo, Bloch, que aliás não pôs em execução o seu projeto, pensava transtorná-lo e levá-lo ao desespero. Que mal havia nisso, já que aquele a quem desejava ferir de tal maneira era um homem que só pensava na elegância, um homem da Boulie, e que contra semelhantes pessoas todas as armas são válidas, sobretudo da parte de um santo como ele, Bloch?

- Entretanto, veja - a Sra. Swann objetou o Sr. de Argencourt, o qual, acabando enfim por compreender o sentido das palavras da prima, estava impressionado com a sua justeza e buscava na memória o exemplo de pessoas que se houvessem apaixonado por gente que não lhe agradava.

- Ah, ela não está exatamente no mesmo caso - protestou a duquesa. - Seria mesmo de espantar, pois tratava-se de uma perfeita imbecil, mas não era ridícula e foi bonita.

- Hum, hum - resmungou a Sra. de Villeparisis.

- Ah, não a achava bonita? Mas ela tinha coisas encantadoras, lindos olhos, lindos cabelos, vestia-se e veste-se ainda admiravelmente. Agora, reconheço que é imunda, mas foi uma criatura deslumbrante. O que não me dá menos desgosto de que Charles tenha se casado com ela, pois foi algo totalmente inútil. -

A duquesa não julgava ter dito nada de notável, mas, como o Sr. de Argencourt se pôs a rir, repetiu a frase, seja por achá-la engraçada, seja apenas por achar

amável o homem que ria, a quem se pôs a olhar com expressão carinhosa, para acrescentar o encanto da doçura ao do espírito. Ela continuou:

- Sim, não é verdade? Não vale a pena, mas enfim ela não era desprovida de encantos, e eu compreendo perfeitamente que a amassem, ao passo que a garota de Robert, asseguro-lhes que é de matar de rir. Bem sei que me podem retrucar com a velha lenga-lenga de Augier: "Que importa o frasco, desde que eu me embriague?" Muito bem, Robert talvez esteja embriagado, mas na verdade não mostrou bom gosto na escolha da garrafa! Antes de tudo, imaginem que ela teve a pretensão de fazer com que eu levantasse uma escadaria em pleno salão. Coisa sem importância, não é mesmo? E me anunciou que ficaria deitada de bruços nos degraus. Ademais, se tivessem ouvido o que ela recitava! Conheço apenas uma cena, mas não creio que se possa imaginar algo parecido: chama-se *As Sete Princesas*.

- *As Sete Princesas*, oh, que esnobismo! - exclamou o Sr. de Argencourt. - Mas espere, eu conheço a peça inteira. O autor a enviou ao rei, que nada entendeu e me pediu que a explicasse.

- Não é por acaso do Sr Peladan? - perguntou o historiador da Fronda, com uma intenção de finura e atualidade, mas tão baixo que a pergunta passou despercebida.

- Ah, o senhor conhece *As Sete Princesas*? - replicou a duquesa ao Sr. de Argencourt. - Meus cumprimentos! Eu só conheço uma, mas essa me tirou a curiosidade de conhecer as outras seis. Se forem todas iguais à que vi!

"Que tola!", pensei, irritado com a fria acolhida que me fizera. Sentia uma espécie de rude contentamento ao constatar a sua completa incompreensão de Maeterlinck. "É por uma mulher assim que, todas as manhãs, percorro tantos quilômetros! Sou até bom demais! Agora, sou eu quem não quer mais saber dela." Tais eram as palavras que eu me dizia; eram o oposto do meu pensamento; eram puras palavras de conversação, como as que dizemos nesses momentos em que, agitados demais para permanecer sozinhos com nós mesmos, sentimos a necessidade de, na falta de outro interlocutor, conversar conosco, sem sinceridade, como com um estranho.

- Não posso lhe dar uma idéia - continuou a duquesa. - Aquilo era da gente se torcer de riso. Não deixaram de fazê-lo, e até demais, pois a mulherzinha não gostou disso, e no fundo Robert sempre me quis mal pelo que aconteceu. O que aliás não lastimo, pois, se tudo tivesse corrido bem, a garota voltasse, quem sabe; e eu me pergunto até que ponto isso teria agradado a Marie-Aynard.

Assim era chamada na família a mãe de Robert, a Sra. de Marsantes, viúva de Aynard de Saint-Loup, para distingui-la de sua prima, a princesa de Guermantes-Baviere, outra Maria, a cujo prenome os sobrinhos, primos e cunhados

acrescentavam, para evitar confusão, ora o prenome do marido, ora um de seus outros prenomes, o que resultava em Marie-Gilbert ou Marie-Hedwige.

- Em primeiro lugar, houve na véspera uma espécie de ensaio que foi uma beleza! -prosseguiu ironicamente a Sra. de Guermantes. - Imaginem que ela recitava uma frase, nem mesmo isso, um quarto de frase, e depois parava; não dizia mais nada durante cinco minutos. Sem exagero!

- Oh! Oh! Oh! - exclamou o Sr. de Argencourt. - Com toda a polidez do mundo, permiti-me insinuar que aquilo talvez espantasse um pouco. E ela me respondeu textualmente: "É sempre necessário dizer uma coisa como se a gente mesma a estivesse compondo." Se refletirem nisso, verão que é monumental essa resposta.

- Mas eu julgava que ela não recitava mal os versos - disse um dos dois rapazes.

- Ela nem desconfia do que é isso - respondeu a Sra. de Guermantes. - Em todo caso, não precisei ouvi-la. Bastou-me vê-la chegar com os lírios! Logo percebi que ela não tinha talento, quando vi os lírios!

Todos riram.

- Minha tia, não me levou a mal o gracejo de outro dia a respeito da rainha da Suécia? Venho lhe pedir perdão.

- Não, não te quero mal por isso; dou-te até o direito de comer, se estás com fome.

- Vamos, Sr. Valleneres, banque a mocinha da casa - disse a Sra. de Villeparisis ao arquivista, segundo um gracejo consagrado.

O Sr. de Guermantes se endireitou na poltrona onde se afundara, o chapéu a seu lado sobre o tapete, examinou com ar satisfeito os pratos de sequilhos que lhe eram apresentados.

- Mas, com muito gosto; agora que começo a ficar familiarizado com esta nobre assistência, aceitarei um pudim; parecem excelentes.

- O senhor desempenha às maravilhas o seu papel de mocinha da casa - disse o Sr. de Argencourt que, por espírito de imitação, repetiu o gracejo da Sra. de Villeparisis.

O arquivista apresentou o prato com sequilhos ao historiador da Fronda.

- O senhor cumpre às maravilhas as suas funções - disse este por timidez e para tentar ganhar a simpatia geral.

Assim, lançou um olhar furtivo de conivência àqueles que já tinham feito como ele.

- Diga-me, minha boa tia - perguntou o Sr. de Guermantes à Sra. de Villeparisis -, quem é aquele senhor bastante simpático, que ia saindo quando eu entrava? Devo

conhecê-lo, porque me fez um grande cumprimento, mas não o reconheci; a senhora sabe, eu me confundo com os nomes, o que é bem desagradável. - concluiu com ar de satisfação.

- O Sr. Legrandin.

- Ah, mas Oriane tem uma prima cuja mãe, se não me engano, é Grandin de nascimento. Sei muito bem, são os Grandin de I'Épervier.

- Não respondeu a Sra. de Villeparisis -, não há relação nenhuma. Estes são Grandin simplesmente. Grandin de absolutamente nada. Mas só querem sê-lo de tudo o que se possa imaginar. A irmã deste se chama Sra. de Cambremer.

- Ora, Basin, você sabe muito bem a quem a minha tia está se referindo - exclamou a duquesa com indignação -; é o irmão daquele enorme herbívoro que você teve a estranha idéia de mandar me visitar outro dia. Ela ficou uma hora; pensei que fosse enlouquecer. Mas já comecei imaginando que ela é que era louca, ao ver entrar em minha casa uma pessoa a quem não conhecia e que parecia uma vaca.

- Escute, Oriane, ela me perguntou qual era o seu dia de recepção; e eu não podia ser grosseiro; e depois, ora, você exagera; ela não parece uma vaca - acrescentou com ar queixoso, mas não sem lançar furtivamente um olhar risonho à assistência.

Sabia ele que a verve da esposa precisava ser estimulada pela contradição, a contradição do bom-senso que protesta, por exemplo, que não se pode tomar uma mulher por uma vaca (era assim que a Sra. de Guermantes, encarecendo uma primeira imagem, chegava muitas vezes a produzir seus ditos mais espirituosos). E, ingenuamente, o duque se apresentava, sem parecê-lo, para ajudá-la a concluir o jogo, como, num vagão, o parceiro inconfesso de um jogador que faz um truque de cartas.

- Reconheço que ela não parece uma vaca, pois parece muitas! - exclamou a Sra. de Guermantes. - Juro que estava muito embaraçada ao ver aquele rebanho de vacas que entrava de chapéu no meu salão, e que me perguntava como é que eu ia. De um lado, tinha vontade de lhe responder: "Mas, rebanho de vacas, você confunde, você não pode ter relações comigo, pois é um rebanho de vacas"; e, de outro lado, tendo procurado na minha memória, acabei por julgar que a sua Cambremer era a infanta Dorothée, que tinha dito que viria certa vez e que também era bastante bovina, de modo que estive quase para dizer Vossa Alteza real e falar na terceira pessoa majestática a um rebanho de vacas. Ela também tem o tipo de papada da rainha da Suécia. Aliás, aquele ataque a viva força fora preparado por um tiro a distância, de acordo com todas as regras da arte. Desde não sei quanto tempo, eu era bombardeada com seus cartões, encontrava-os por toda a parte, em todos os móveis, como prospectos. Ignorava o objetivo dessa

publicidade. Em minha casa só se via "Marquês e Marquesa de Cambremer" com um endereço do qual já não me lembro e de que, aliás, estou resolvida a nunca utilizar.

- Mas é muito lisonjeiro parecer-se com uma rainha - disse o historiador da Fronda.

- Oh, meu Deus! Senhor, os reis e as rainhas já não valem grande coisa no nosso tempo -disse o Sr. de Guermantes, porque tinha a pretensão de ser um espírito liberal e moderno, e também para não dar a impressão de levar muito em conta as relações reais, com que muito se preocupava.

Bloch e o Sr. de Norpois, que haviam se erguido, encontraram-se mais perto de nós.

- Senhor - disse a Sra. de Villeparisis -, falou-lhe do Caso Dreyfus?

O Sr. de Norpois ergueu os olhos para o céu, porém sorrindo, como para atestar a enormidade dos caprichos aos quais a sua Dulcinéia lhe impunha o dever de obedecer. Não obstante, falou a Bloch, com muita afabilidade, dos anos terríveis, talvez fatais, que a França atravessava. Como isso provavelmente significava que o Sr. de Norpois (a quem Bloch todavia dissera acreditar na inocência de Dreyfus) fosse ardentemente anti-dreyfusista, a amabilidade do embaixador, o jeito que aparentava ao dar razão ao seu interlocutor, de não duvidar que fossem da mesma opinião, de ligar-se em cumplicidade com ele para arrasar com o governo, lisonjeavam a vaidade de Bloch e excitavam sua curiosidade. Quais eram os pontos importantes, que o Sr. de Norpois não especificava, mas sobre os quais parecia admitir, implicitamente, que Bloch e ele estavam de acordo, que opinião teria assim acerca do Caso, que pudesse reuni-los? Bloch tanto mais se espantava do acordo misterioso que parecia existir entre ele e o Sr. de Norpois, por ser um acordo só de natureza política, visto que a Sra. de Villeparisis falara longamente ao Sr. de Norpois sobre os trabalhos literários de Bloch.

- O senhor não é do seu tempo disse a este o antigo embaixador -; e por isso eu o felicito; o senhor não pertence a este tempo em que os estudos desinteressados já não existem, onde só se vendem ao público inépcias ou obscenidades. Esforços tais como o seu deveriam ser estimulados se tivéssemos um governo.

Bloch sentia-se lisonjeado por sobrenadar sozinho no naufrágio universal. Mas ainda aí desejaria precisões, saber de que inépcias falava o Sr. de Norpois. Bloch tinha o sentimento de trabalhar no mesmo sentido que muitos, não se julgara tão excepcional. Retornou ao Caso Dreyfus, mas não pôde destrinçar a opinião do Sr. de Norpois. Tentou fazê-lo falar dos oficiais cujo nome volta e meia aparecia nos jornais naquele momento; provocavam mais curiosidade que os homens da política envolvidos no mesmo Caso, porque não eram já conhecidos como estes, e, numa vestimenta especial, do fundo de uma vida diferente e de um silêncio

religiosamente conservado, apenas acabavam de surgir e de falar, como Lohengrin descendo de uma barca conduzida por um cisne. Graças a um advogado nacionalista a quem conhecia, Bloch pudera assistir a várias audiências do processo Zola. Lá chegava pela manhã, para só sair à tardinha, com uma provisão de sanduíches e uma garrafa de café, como no concurso geral ou nas composições de bacharelado, e, como essa mudança de hábitos despertasse a excitação nervosa que o café e as emoções do processo alçavam ao cúmulo, ele saía dali de tal forma enamorado de tudo o que se passara que, à noitinha, chegando em casa, queria mergulhar novamente no belo sonho e corria para encontrar, num restaurante freqüentado pelos dois partidos, companheiros com quem voltava a falar incessantemente sobre o que acontecera durante o dia, e reparava, com uma ceia encomendada num tom imperioso que lhe dava a ilusão do poder, o jejum e as canseiras de um dia começado tão cedo e no qual não tinha almoçado. O homem, jogando perpetuamente entre os dois planos da experiência e da imaginação, gostaria de aprofundar a vida ideal das pessoas que conhece e conhecer as criaturas cuja vida teve de imaginar. As perguntas de Bloch, o Sr. de Norpois respondeu:

- Há dois oficiais envolvidos no processo em curso, e de quem ouvi falar antigamente através de um homem cujo parecer inspirava-me grande confiança e que deles fazia uma alta idéia, o Sr. de Miribel; são o tenente-coronel Henry e o tenente-coronel Picquart.

- Mas! - exclamou Bloch -, a divina Atena, filha de Zeus, pôs no espírito de um o contrário do que está no espírito do outro. E eles lutam um contra o outro, como dois leões. O coronel Picquart desfrutava de uma alta posição no exército, mas a sua Moira o levou para o lado que não é o seu. A espada dos nacionalistas cortará seu corpo delicado, e ele servirá de pasto aos animais carniceiros e aos pássaros que se nutrem da gordura dos mortos.

O Sr. de Norpois não respondeu.

- De que falam eles a um canto? - indagou o Sr. de Guermantes à Sra. de Villeparisis, apontando o Sr. de Norpois e Bloch.

- Do Caso Dreyfus.

- Ah, diabo! A propósito, sabia quem é partidário ferrenho de Dreyfus? Aposto como não adivinha. Meu sobrinho Robert! Pois lhe digo que no Jockey, quando souberam dessas proezas, foi uma revolta, uma indignação geral. Como vai ser proposto para sócio daqui a oito dias...

- Evidentemente - interrompeu a duquesa -, se são todos como Gilbert, que sempre sustentou que todos os judeus deveriam ser despachados para Jerusalém.

- Ah, então o príncipe de Guermantes está perfeitamente de acordo com as

minhas idéias -interrompeu o Sr. de Argencourt.

O duque se orgulhava da esposa, mas não a amava. Muito presunçoso, detestava ser interrompido e, além disso, em casa se habituara a ser brutal com ela. Fremido de uma dupla cólera de mau marido de palavra cortada e de bom falador a quem não ouvem, parou de súbito e lançou à duquesa um olhar que constrangeu a todos.

- Que história é essa de falar de Gilbert e de Jerusalém? - perguntou afinal. - Não se trata disso. Mas - acrescentou em tom mais suave - você há de confessar que, se um dos nossos fosse recusado pelo Jockey, e sobretudo Robert, cujo pai foi seu presidente durante dez anos, seria o cúmulo. Que quer, minha cara? A coisa alarmou essa gente, ficaram de olhos arregalados; não posso culpá-los. Sabe que não alimento, pessoalmente, nenhum preconceito racial; acho que é coisa ultrapassada e tenho a pretensão de acompanhar o meu tempo. Mas enfim, que diabo! Quando alguém se chama marquês de Saint-Loup, não pode ser dreyfusista; que quer que eu lhe diga?!

O Sr. de Guermantes pronunciou essas palavras "quando alguém se chama marquês de Saint-Loup" com ênfase. No entanto, bem sabia que era muito mais importante chamar-se "duque de Guermantes". Mas, se o seu amor-próprio tendia antes a exagerar a superioridade do título de duque de Guermantes, talvez não fossem tanto as regras do bom gosto como as leis da imaginação que o levavam a diminuí-lo. Cada um vê mais bonito o que vê a distância, o que vê nos outros. Pois as leis gerais que regulam a perspectiva na imaginação se aplicam igualmente bem tanto aos duques como aos outros homens. Não só as leis da imaginação, mas também as da linguagem. Ora, qualquer das leis da linguagem poderia ser aplicada aqui. Uma pretende que nos expressemos como as pessoas de nossa classe mental, e não da nossa estirpe de origem. Assim, o Sr. de Guermantes podia ser, em suas expressões, mesmo quando queria falar da nobreza, tributário de baixos burgueses que diriam: "quando alguém se chama duque de Guermantes", ao passo que um homem letrado, um Swann, um Legrandin, não o teria dito. Um duque pode escrever romances de cordel, mesmo sobre os costumes da alta sociedade, pois os títulos de nobreza de nada valem neste caso, e o epíteto de aristocrático pode ser merecido pelos escritos de um plebeu. Quem era neste caso o burguês a quem o Sr. de Guermantes ouvira dizer: "Quando alguém se chama", sem dúvida ele não o sabia. Mas uma outra lei da linguagem é que, de vez em quando, assim como aparecem e desaparecem certas doenças de que a seguir não se ouve mais falar, nascem, não se sabe como, seja espontaneamente, seja por um acaso comparável àquele que fez germinar na França uma erva daninha da América, cuja semente, grudada na lã de um cobertor de viagem, caiu num barranco da estrada de ferro, modas de expressões que se ouvem na mesma década, ditas por pessoas que não se

combinaram para isso. Ora, da mesma forma que, em determinado ano, ouvi Bloch dizer, falando de si mesmo: "Como as pessoas mais agradáveis, mais brilhantes, mais sérias, mais exigentes, perceberam que só havia uma criatura que achavam inteligente, agradável, e que não podiam dispensar, e que era Bloch", e a mesma frase na boca de muitos outros jovens que não o conheciam e que apenas substituíam o nome de Bloch pelo seu próprio nome, assim também eu devia ouvir muitas vezes o "Quando alguém se chama".

- Que quer? - continuou o duque. - Com o espírito que reina por lá, é bastante compreensível.

- É principalmente cômico - respondeu a duquesa -, considerando as idéias da mãe dele, que nos arrasa da manhã à noite com a Pátria Francesa.

- Sim, mas não existe só a sua mãe; não é preciso nos contar lorotas. Por aí anda uma fulana, uma sirigaita da pior espécie, que tem maior influência sobre ele e que é precisamente compatriota do Sr. Dreyfus. Ela transmitiu a Robert o seu estado de espírito.

- Talvez não saiba, senhor duque, mas há uma palavra nova para expressar esse gênero de espírito - disse o arquivista, o qual era secretário de comitês anti-revisionistas. - Diz-se "mentalidade". Significa exatamente a mesma coisa, mas ao menos ninguém sabe o que quer dizer. É o que há de mais fino, como se diz, o *derniercri*.

Entretanto, tendo ouvido o nome de Bloch, ele o via fazer perguntas ao Sr. de Norpois, com uma inquietação que despertou uma inquietação diversa, mas igualmente intensa na marquesa. Temendo o arquivista e se fingindo de antidreyfusista com ele, receava as suas censuras caso ele percebesse que havia recebido um judeu mais ou menos filiado ao "Sindicato".

- Ah, mentalidade; vou tomar nota, hei de aproveitar - disse o duque. (Não se tratava de uma imagem: o duque possuía um caderninho cheio de "citações", e que relia antes dos grandes jantares.) - "Mentalidade" me agrada. Há várias dessas palavras novas que se lançam, porém elas não duram. Ultimamente, tenho lido que um escritor era "*talentudo*". Compreenda quem quiser. Depois, nunca mais vi tal palavra.

- Mas mentalidade é mais empregada que "*talentudo*" - disse o historiador da Fronda para se misturar à conversa. - Sou membro de uma Comissão no Ministério da Instrução Pública, onde a ouvi empregar diversas vezes, e também no meu grupo, o círculo Volney, e até no jantar em casa do Sr. Émile Ollivier.

- Eu que não tenho a honra de fazer parte do Ministério da Instrução Pública - respondeu o duque com fingida humildade, mas com uma vaidade tão profunda que sua boca não pôde evitar de sorrir e seus olhos de lançar à assistência olhares

cintilantes de alegria, sob cuja ironia enrubesceu o pobre historiador -, eu que não tenho a honra de fazer parte do Ministério da Instrução Pública - repetiu, ouvindo-se falar nem do círculo Volney (pertenço apenas ao União e ao Jockey); o senhor não pertence ao Jockey? - perguntou ele ao historiador que, enrubescendo ainda mais, previa uma insolência sem compreendê-la, e se pôs a tremer com todos os membros; -eu que não janto sequer na casa do Sr. Émile Ollivier, confesso que não conhecia "mentalidade". Estou certo de que está no mesmo caso que eu, Argencourt. Sabe por que não é possível mostrar as provas da traição de Dreyfus? Parece que é porque ele é amante da mulher do ministro da Guerra; é o que se murmureja à boca pequena.

- Ah, pensava que fosse do presidente do Conselho disse o Sr. de Argencourt.

- Acho vocês todos muito tediosos com este assunto - disse a duquesa de Guermantes, que, do ponto de vista mundano, fazia sempre questão de mostrar que não se deixava levar por ninguém. - Isso não pode ter importância para mim, no que respeita aos judeus, pela boa razão de que não tenho relações com eles, e pretendo continuar sempre nessa feliz ignorância. Mas, por outro lado, acho intolerável que, ao pretexto de que são bem pensantes, de que nada compram dos comerciantes judeus ou de que têm escrito "Morte aos judeus" em suas sombrinhas, um bando de senhoras Durand ou Dubois, a quem jamais teríamos conhecido, nos sejam impostas por Marie-Aynard ou por Victurnienne. Fui à casa de Marie-Aynard anteontem. Antigamente era um encanto. Hoje, a gente encontra ali todas as pessoas que a gente tem passado a vida evitando, sob o pretexto de que são contra Dreyfus, e outras que a gente nem imagina quem são.

- Não; trata-se da mulher do ministro da Guerra. É pelo menos o rumor que corre nas ruelas - retornou o duque, que, assim, empregava na conversa alguns termos que considerava *Ancien Régime*. - Enfim, seja como for, sabe-se que eu, pessoalmente, penso o contrário de meu primo Gilbert. Não sou um feudal, como ele, passearia com um negro, se este fosse um de meus amigos, e pouco me importaria a opinião de terceiros, mas enfim, de qualquer modo, hão de concordar que, quando alguém se chama Saint-Loup, não pode se divertir em contrariar as idéias de todos que têm mais espírito que Voltaire e até que o meu sobrinho. E, sobretudo, a gente não se entrega ao que denominaria acrobacias de sensibilidade oito dias antes de se candidatar ao Clube! Esta é dura de roer! Não, provavelmente foi a sua peruinha que lhe meteu isso na cabeça. Ela o terá convencido de que se classificaria entre os "intelectuais". Os intelectuais, é o "doce de creme" desses senhores. Aliás, isso causou um belo trocadilho, mas muito maldoso. E o duque citou baixinho para a duquesa e o Sr. de Argencourt: *Mater Semita*, que, de fato, já se dizia no Jockey, pois, de todas as sementes migradoras, aquela a que estão ligadas as asas mais sólidas, que lhe permitem ser disseminada a maior distância de seu local de eclosão, é ainda a piada.

- Poderíamos pedir explicações ao senhor aqui, pois tem o aspecto de uma intelectual - disse ele indicando o historiador. - Mas é preferível não falar nisso, tanto mais que o fato é completamente falso. Não sou tão ambicioso como a minha prima Mirepoix, que pretende poder seguir a filiação de sua casa, antes de Jesus Cristo, até a tribo de Levi, e comprometo-me a demonstrar que nunca houve uma gota de sangue judeu em nossa família. Mas enfim, não convém que nos deixemos embair; é certo que as encantadoras opiniões do senhor meu sobrinho podem causar muito barulho em Landerneau. Ainda mais que Fezensac está doente, e Duras é quem vai presidir a eleição, e vocês sabem como ele gosta de provocar incômodos - concluiu o duque, que jamais chegara a conhecer o sentido exato de certas palavras e julgava que "provocar

incômodos" queria dizer não "importunar", e sim "complicar as coisas".

- Em todo caso, se Dreyfus é inocente - interrompeu a duquesa -, ele não o prova de modo algum. Que cartas idiotas, enfáticas, escreve da sua ilha! Não sei se o Sr. Esterhazy vale mais que ele, mas tem outra finura na forma de compor as frases, uma outra cor. Isto não deve agradar aos partidários de Dreyfus. Que desgraça para eles não poderem trocar de inocente!

Todo mundo riu às gargalhadas.

- Ouviu a frase de Oriane? - perguntou ansiosamente o duque à Sra. de Villeparisis.

- Sim, acho-a muito engraçada.

Aquilo não bastava ao duque:

- Ora, quanto a mim, não a considero engraçada; ou melhor, pouco me importa se é engraçada ou não. Não faço caso algum do espírito.

O Sr. de Argencourt protestou.

- Ele não pensa uma só palavra do que está dizendo - murmurou a duquesa.

- Sem dúvida, é porque fiz parte das Câmaras, onde ouvi discursos brilhantes que não significavam coisa alguma. Ali aprendi a apreciar principalmente a lógica. Decerto, é a isto que devo não ter sido reeleito. As coisas engraçadas me são indiferentes.

- Basin, não banque o Joseph Prudhomme, sabe muito bem que ninguém aprecia mais o espírito que você.

- Deixe-me acabar. É justamente porque sou insensível a um certo gênero de facécias, que prezo muitas vezes o espírito de minha mulher. Pois parte em geral de uma observação justa. Ela raciocina como um homem, formula como um escritor.

Bloch procurava fazer com que o Sr. de Norpois se pronunciasse acerca do coronel Picquart.

- É fora de dúvida - respondeu o Sr. de Norpois - que seu depoimento era necessário. Sei que, sustentando esta opinião, fiz mais de um de meus colegas soltar gritos, mas julgo que o governo tinha o dever de deixar falar o coronel. Não se sai de um impasse desses com uma simples pirueta, ou então arriscamo-nos a cair num atoleiro. Quanto ao próprio oficial, esse depoimento provocou uma impressão das mais favoráveis na primeira audiência. Quando o viram, bem aprumado em seu belo uniforme dos caçadores, vir contar, num tom perfeitamente simples e franco, o que tinha visto e o que havia suposto, e dizer: "Pela minha honra de soldado" (e aqui a voz do Sr. de Norpois vibrou num leve tremolo patriótico), "esta é a minha convicção", não há como negar, a impressão foi profunda.

"Aí está, ele é dreyfusista, sem qualquer sombra de dúvida", pensou Bloch.

- Mas o que lhe tirou inteiramente as simpatias que pudera angariar a princípio foi a sua confrontação com o arquivista Gribelin, quando se ouviu esse velho funcionário, esse homem que só tem uma palavra - (e o Sr. de Norpois acentuou com a energia das convicções sinceras as palavras seguintes) -, quando o viram olhar nos olhos ao seu superior, não temer enfrentá-lo e dizer-lhe, num tom que não admitia réplica: "Ora, meu coronel, o senhor bem sabe que, neste momento, como sempre, nunca menti, bem sabe que sempre digo a verdade." O vento mudou, e por mais que Picquart movesse céus e terra nas audiências seguintes, fez um completo fiasco. "Não, decididamente ele é antidreyfusista, claro", pensou Bloch. "Mas se julga Picquart um traidor que mente, como pode levar a sério as suas revelações e evocá-las como se lhes achasse algum encanto e as acreditas se sinceras? E se, ao contrário, enxerga em Picquart um homem justo que descarrega sua consciência, como pode supor que esteja mentindo em sua confrontação com Gribelin?"

Talvez o motivo pelo qual o Sr. de Norpois falava desse jeito a Bloch, como se ambos estivessem de acordo, decorresse de que ele era de tal modo antidreyfusista que, achando que o governo não o era bastante, era tão inimigo deste como os dreyfusistas. Talvez porque o objeto a que se ligava em política fosse algo mais profundo, situado num plano diverso, e de onde o dreyfusista aparecia como uma modalidade sem importância e que não merece prender a atenção de um patriota preocupado com os grandes problemas externos. Ou melhor, talvez porque as máximas de sua sabedoria política, aplicando-se apenas às questões de forma, de procedimento, de oportunidade, eram tão impotentes para resolver as questões de fundo, como em filosofia a pura lógica o é para destrinçar as questões da existência ou porque essa mesma sabedoria lhe fizesse achar perigoso tratar desses assuntos e, por prudência, se limitasse a falar de

circunstâncias secundárias. Mas onde Bloch se enganava era quando julgava que o Sr. de Norpois, ainda que menos prudente de temperamento e de espírito menos exclusivamente formal, lhe pudesse dizer, caso o quisesse, a verdade sobre o papel de Henry, de Picquart, de Du Paty de Clam, sobre todos os pontos do Caso Dreyfus. De fato, Bloch não podia duvidar que o Sr. de Norpois conhecesse a verdade sobre todas essas coisas. Como podia ignorá-la, visto que conhecia os ministros? Por certo, Bloch pensava que a verdade política pode ser aproximadamente reconstituída pelos cérebros mais lúcidos, porém imaginava, bem como a maioria do povo, que ela habita sempre, indiscutível e material, o *dossiê secreto* do presidente da República e do presidente do Conselho, os quais dão conhecimento dele aos ministros. Ora, mesmo quando a verdade política abrange documentos, é raro que estes alcancem mais valor que um clichê radioscópico, onde o vulgo supõe que a enfermidade do paciente se inscreve com todas as letras, ao passo que, de fato, esse clichê fornece um simples elemento de apreciação que se juntará a muitos outros, sobre os quais há de se aplicar o raciocínio do médico, e de onde ele vai extrair o seu diagnóstico. Assim, a verdade política, ao nos aproximarmos dos homens bem informados, nos foge quando julgávamos atingi-la. Mesmo mais tarde, e para permanecer no Caso Dreyfus, quando ocorreu um fato tão estarrecedor como a confissão de Henry, seguida de seu suicídio, tal fato foi logo interpretado de modo oposto pelos ministros dreyfusistas, e por Cavaignac e Cuignet, que haviam descoberto a falsidade e conduzido o interrogatório; mais ainda, entre os próprios ministros dreyfusistas, e do mesmo tom, julgando não só conforme os mesmos documentos, mas dentro do mesmo espírito, o papel de Henry foi explicado de maneira inteiramente oposta, uns vendo nele um cúmplice de Esterhazy, outros, ao contrário, atribuindo esse papel a Du Paty de Clam, concordando assim com uma tese do seu adversário Cuignet e estando em completa oposição com seu partidário Reinach. Tudo o que Bloch pôde extrair do Sr. de Norpois foi que, se era verdade que o chefe do Estado-Maior, o Sr. de Boisdeffre, fizera uma comunicação secreta ao Sr. de Rochefort, havia aí, sem dúvida alguma, uma coisa singularmente lamentável.

- Tenha como certo que o ministro da Guerra deve ter *in petto* pelo menos, votado seu chefe de Estado-Maior aos deuses infernais. Um desmentido oficial não seria, a meu ver, uma excrescência. Mas o ministro da Guerra, sobre o assunto, se exprime com muita crueza *infer pocula.*" (entre amigos) De resto, há certos assuntos sobre os quais é muito imprudente criar uma agitação que depois nos fuja ao controle.

- Mas esses documentos são visivelmente falsos - disse Bloch.

O Sr. de Norpois não respondeu, mas declarou que não aprovava as manifestações do príncipe Henry de Orléans:

- Além disso, elas podem apenas perturbar a serenidade do tribunal e estimular agitações que, num ou noutro sentido, seriam de lamentar. Certamente é necessário dar um basta às manobras antimilitaristas, mas também não devemos passar por alto as agitações provocadas pelos elementos de direita que, em vez de servir à idéia patriótica, sonham em servir-se dela. A França, graças a Deus, não é uma república sul-americana, e não se faz sentir a necessidade de um general de pronunciamento.

Bloch não conseguiu fazê-lo falar sobre a questão da culpabilidade de Dreyfus, nem que desse um prognóstico acerca do julgamento que resultaria do processo civil atualmente em curso. Em compensação, o Sr. de Norpois pareceu satisfeito em lhe fornecer detalhes sobre as conseqüências desse veredicto.

- Se for uma condenação - disse ele -, será provavelmente cassada, pois é raro que, num processo em que os depoimentos das testemunhas são tão numerosos, não haja vícios de forma que os advogados possam invocar. Quanto à balbúrdia criada pelo príncipe Henri de Orléans, duvido muito que tenha sido do gosto de seu pai.

- Acha que Chartres apóia Dreyfus? - perguntou a duquesa sorrindo, olhos arregalados, as faces rosadas, o nariz inclinado para o pires de biscoitinhos, com ar escandalizado.

- De modo nenhum. Quis dizer apenas que há em toda a família, por esse lado, um senso político de que se pôde ver, no caso da admirável princesa Clémentine, o *nec plus ultra*, e que seu filho, o príncipe Ferdinand, conservou como legado precioso. Não haveria de ser o príncipe da Bulgária quem abraçaria o comandante Esterhazy.

- Teria preferido um simples soldado - murmurou a Sra. de Guermantes, que jantava diversas vezes com o búlgaro na casa do príncipe de Joinville e que lhe respondera, certa vez, quando ele lhe perguntara se não era invejosa: "Sim, monsenhor, de seus braceletes."

- Não vai esta noite ao baile da Sra. de Sagan? - perguntou o Sr. de Norpois à Sra. de Villeparisis, para cortar a conversa com Bloch. Este não desagradava ao embaixador, que nos disse mais tarde, não sem ingenuidade, e sem dúvida por causa de alguns vestígios que subsistiam, na linguagem de Bloch, da moda neo-homérica que ele, no entanto, já abandonara: - Ele é bem divertido, com seu jeito de falar um tanto antiquado, um tanto solene. Por um pouco mais, dir-se-ia "*as Doutas Irmãs*", como Lamartine ou Jean-Baptiste Rousseau. É algo que se tornou muito raro na juventude de hoje, e já o era na anterior. Nós mesmos éramos um pouco românticos. -

Mas, por singular que lhe parecesse o interlocutor, o Sr. de Norpois considerava que a conversa já havia durado demais.

- Não, senhor, não vou mais aos bailes - respondeu ela com um lindo sorriso de velha. - E os senhores, vão? É próprio da sua idade - acrescentou, englobando num mesmo olhar o Sr. de Châtellerault, seu amigo, e Bloch. - Eu também fui convidada disse ela, fingindo que se sentia vaidosa com aquilo. - Até vieram me convidar. (Vieram referia-se à princesa de Sagan.)

- Eu não tenho cartão de convite - informou Bloch, pensando que a Sra. de Villeparisis lhe fosse oferecer um, e que a princesa de Sagan ficaria feliz em receber o amigo de uma pessoa que ela tinha ido convidar pessoalmente.

A marquesa não respondeu coisa alguma, e Bloch não insistiu, pois tinha um negócio mais sério a tratar com ela e para o qual acabava de lhe pedir um encontro para dali a dois dias. Tendo ouvido os dois rapazes dizer que haviam pedido demissão do círculo da rua Royale, onde qualquer um entrava facilmente, queria pedir à Sra. de Villeparisis que o fizesse ser recebido nele.

- Não são muito falsamente elegantes, muito esnobes, esses Sagans? - indagou ele com ar sarcástico.

- De forma alguma, é o que fazemos de melhor no gênero - respondeu o Sr. de Argencourt, que adotara todos os gracejos parisienses.

- Então - disse Bloch, meio irônico - é que se chama uma das solenidades, das grandes sessões mundanas da estação!

A Sra. de Villeparisis disse alegremente à Sra. de Guermantes:

- Ora vamos, então é uma grande solenidade mundana o baile da Sra. de Sagan?

- Não é a mim que se deve perguntar isso - respondeu-lhe a duquesa com ironia - ; ainda não cheguei a saber o que é uma solenidade mundana. Além do mais, os assuntos mundanos não são o meu forte.

- Ah, eu julgava o contrário - disse Bloch, que pensava ter a Sra. de Guermantes falado com sinceridade.

Para grande desespero do Sr. de Norpois, Bloch continuou a lhe fazer muitas perguntas sobre o Caso Dreyfus; o Sr. de Norpois declarou que o coronel Du Paty de Clam lhe dava, mais ou menos, a impressão de um cérebro um tanto confuso e que talvez não fora escolhido com muita felicidade para conduzir essa coisa delicada que é um inquérito, e que exige tanto sangue-frio e discernimento.

- Sei que o partido socialista exige a sua cabeça com insistência, bem como a libertação imediata do prisioneiro da Ilha do Diabo. Porém, penso que ainda não estamos reduzidos assim a um ato de tal modo vergonhoso dos Srs. Gérault-Richard e cúmplices. Até agora, esse caso é muito complicado. Não digo que tanto de um lado como de outro haja coisas muito baixas e vis para ocultar. Que mesmo certos protetores mais ou menos desinteressados desse seu cliente

possam ter boas intenções não digo o contrário; mas bem sabe que de boas intenções o inferno está cheio - acrescentou com um olhar penetrante. - É essencial que o governo dê a impressão de que já não está em mãos das facções de esquerda e de que não lhe resta senão entregar-se, de pés e mãos atados, às intimidações de não sei qual exército pretoriano, que, acredite-me, não é o Exército. É claro que, se ocorresse um fato novo, seria tentada uma revisão. A conseqüência salta aos olhos. Reclamar semelhante coisa é o mesmo que arrombar uma porta aberta. Nesse dia, ou o governo há de saber falar alto e em bom som, ou abdicará do que é a sua prerrogativa essencial. Os despropósitos não bastarão. Será preciso dar juízes a Dreyfus. E isto será coisa fácil, pois, embora seja costume em nossa doce França, onde gostamos de nos caluniar a nós próprios, acreditar ou deixar que acreditem que, para fazer ouvir as palavras da verdade e da justiça, é indispensável atravessar o canal da Mancha, o que muitas vezes é uma forma disfarçada de alcançar o Spree. Não somente em Berlim é que há juízes. Mas, uma vez posta em movimento a ação governamental, saberão os senhores ouvir o governo? Quando ele os convidar a cumprir com o seu dever cívico, saberão escutá-lo, ajuntar-se-ão ao redor dele? Ao seu patriótico apelo, saberão não ficar surdos e responder: "Presente!"?

O Sr. de Norpois fazia essas perguntas a Bloch com uma veemência que, sem deixar de intimidá-lo, também o lisonjeava: pois o embaixador dava a impressão de dirigir-se, na pessoa dele, a todo um partido, de interrogar Bloch como se este houvesse recebido as confidências de semelhante partido e pudesse assumir a responsabilidade pelas decisões que seriam tomadas.

- Se os senhores não se desarmarem - continuou o Sr. de Norpois sem esperar a resposta coletiva de Bloch -, se, antes mesmo que esteja seca a tinta do decreto que instituiria o processo de revisão, obedecendo a não sei que insidiosa palavra de ordem, os senhores não se desarmarem, mas se se restringirem a uma oposição estéril que, para alguns, parece a *ultima ratio* da política, se se retirarem para as suas tendas e queimarem os navios, será para seu maior dano. São os senhores prisioneiros dos fautores da desordem? Por acaso, deram-lhes garantias? - Bloch estava embaraçado para responder. O Sr. de Norpois não lhe deu tempo para isso. - Se a negativa for verdadeira, como quero crer, e se os senhores têm um pouco daquilo que, infelizmente, me parece faltar a alguns de seus chefes e amigos, certo espírito político, no próprio dia em que houver intervenção na Câmara Criminal, se não se deixarem levar pelos pescadores de águas turvas, terão ganho a partida. Não afirmo que todo o Estado-Maior possa sair incólume do episódio, mas já será muito bom que pelo menos uma parte possa livrar a cara sem pôr fogo na pólvora. Aliás, é claro que compete ao governo proclamar o direito e fechar a lista excessivamente longa dos crimes impunes, decerto que não obedecendo às excitações socialistas, e nem sei de que

soldadesca ajuntou, - encarando Bloch nos olhos e talvez com o instinto de todos os conservadores para obter apoios no campo adversário. - A ação governamental deve se exercer sem a preocupação de sobrelanços, venham de onde vierem. O governo não está, graças a Deus, às ordens nem do coronel Driant nem no pólo oposto, do Sr. Clémenceau. É necessário abater os agitadores profissionais e impedi-los de levantar a cabeça. A França, em sua imensa maioria, deseja o trabalho dentro da ordem! A esse respeito, já formei a minha religião. Mas não é preciso temer o esclarecimento da opinião; e, se alguns carneiros, desses que tão bem conheceu o nosso Rabelais, se atirarem n'água de cabeça baixa, seria conveniente mostrar-lhes que essa água é turva, que foi deliberadamente turvada por uma corja que não é da nossa casa, a fim de lhe dissimular o fundo perigoso. E o Governo não deve parecer que sai a contragosto de sua passividade, quando exercer o direito que lhe é essencialmente seu, ou seja, de pôr em movimento a Senhora Justiça. O Governo aceitará todas as sugestões dos senhores. Se se demonstrar que houve erro judicial, o governo estará apoiado por uma esmagadora maioria, o que lhe permitiria dar as cartas.

- O senhor, cavalheiro - disse Bloch, voltando-se para o Sr. de Argencourt, a quem fora apresentado ao mesmo tempo que aos demais -, certamente é dreyfusista: no estrangeiro, todo mundo o é.

- É uma questão que só diz respeito aos franceses, não é mesmo? - respondeu o Sr. de Argencourt, com essa insolência particular, que consiste em emprestar a um interlocutor uma opinião de que se sabe claramente que ele não compartilha, pois acaba de emitir uma outra oposta.

Bloch enrubesceu; o Sr. de Argencourt sorriu, olhando a seu redor, e se esse sorriso, enquanto dirigia aos demais convivas, foi maldoso para Bloch, ele o temperou de cordialidade detendo-o finalmente sobre o meu amigo, a fim de lhe tirar o pretexto para se aborrecer com as palavras que os outros acabavam de ouvir e que nem por isso eram menos cruéis. A Sra. de Guermantes disse ao ouvido do Sr. de Argencourt algo que não ouvi, mas que deveria se relacionar com a religião de Bloch, pois nesse momento passou pelo rosto da duquesa essa expressão a que o medo de ser observado pela pessoa de quem se fala confere algo de hesitante e falso, e na qual se mistura a alegria curiosa e malévola que inspira um agrupamento humano, ao qual nos sentimos radicalmente estranhos. Para se desforrar, Bloch voltou-se para o duque de Châtellerault:

- O senhor, cavalheiro, visto que é francês, certamente sabe que no estrangeiro são dreyfusistas, embora na França se finja nunca saber o que se passa no exterior. Além do mais, sei que se pode conversar com o senhor, Saint-Loup me afirmou.

Porém o jovem duque, que percebia que todos se colocavam contra Bloch e que

era covarde como se é muitas vezes na sociedade, empregando, de resto, um espírito afetado e mordaz que, por atavismo, parecia herdar do Sr. de Charlus:

- Desculpe-me, senhor, não discutir contigo o Caso Dreyfus, mas trata-se de um assunto que tenho por norma discutir apenas entre *jaféticos*.

Todos sorriram, menos Bloch, não que não tivesse o costume de dizer frases irônicas acerca de suas origens judaicas, sobre o seu lado que se prendia um pouco ao Sinai. Mas em vez de uma dessas frases, as quais sem dúvida não estavam prontas, o gatilho da máquina interior fez disparar uma outra na boca de Bloch. E só se pôde recolher isto:

- Mas como foi que o senhor pôde saber? Quem lhe contou? como se ele fosse filho de um condenado a trabalhos forçados. Por outro lado, tendo em vista o seu nome, que não passa precisamente por ser cristão, e seu rosto, o seu espanto demonstrava uma certa ingenuidade.

Não ficando totalmente satisfeito com o que lhe dissera o Sr. de Norpois, Bloch se aproximou do arquivista e lhe perguntou se não se via às vezes, na casa da Sra. de Villeparisis, o Sr. Du Paty de Clam ou o Sr. Joseph Reinach. O arquivista não respondeu; era nacionalista e não deixava de pregar à marquesa que em breve haveria uma guerra social, e que ela deveria ser mais prudente na escolha de suas relações. Perguntava a si mesmo se Bloch não seria um emissário secreto do Sindicato, que tivesse vindo para obter informações dele, e foi imediatamente repetir à Sra. de Villeparisis as perguntas que Bloch acabara de lhe fazer. Ela achou que Bloch era pelo menos mal-educado, talvez perigoso para a situação do Sr. de Norpois. Por fim, quis dar uma satisfação ao arquivista, a única pessoa que lhe inspirava algum temor, e por quem era doutrinada sem muito sucesso. (Todas as manhãs ele lia para ela o artigo do Sr. Judet no *Le Petit Journal*.) Logo, quis indicar a Bloch que ele não deveria voltar e achou naturalmente, em seu repertório mundano, a cena pela qual uma grande dama põe alguém porta afora, cena que não comporta de maneira nenhuma o dedo em riste e os olhos flamejantes que as pessoas imaginam. Como Bloch se aproximasse dela para se despedir, afundada em sua grande poltrona, a marquesa pareceu meio imersa em vaga sonolência. Seus olhos afogados só apresentavam o clarão débil e encantador de uma pérola. As despedidas de Bloch, mal abrindo no rosto da marquesa um sorriso de langor, não lhe arrancaram uma palavra sequer, e ela não lhe estendeu a mão. Tal cena levou Bloch ao auge do espanto, mas, como um grupo de pessoas a estava testemunhando, julgou que não poderia prolongar-se sem inconveniente para ele, e, para forçar a marquesa, estendeu espontaneamente a mão que não lhe apertavam. A Sra. de Villeparisis ficou chocada. Mas sem dúvida, tendo que dar uma satisfação imediata ao arquivista e ao clã antidreyfusista, queria também resguardar o futuro, e contentou-se em abaixar as pálpebras e entrecerrar os olhos.

- Creio que ela dorme - disse Bloch ao arquivista, o qual, sentindo-se apoiado pela marquesa, assumiu um ar de indignação.

- Adeus, senhora exclamou ele.

A marquesa fez um leve movimento de lábios de criatura agonizante que desejaria abrir a boca, mas cujo olhar já não reconhece ninguém. Depois se voltou, transbordante de vida reencontrada, para o marquês de Argencourt, enquanto Bloch se afastava, persuadido de que ela estava de "miolo mole". Cheio de curiosidade e desejoso de esclarecer um incidente tão estranho, ele retornou para vê-la alguns dias depois. Ela o recebeu muito bem, pois era uma mulher bondosa, porque o arquivista não se achava presente, porque fazia questão do *sainete* que Bloch deveria representar em sua casa, e, por fim, porque desempenhara o papel de grande dama que desejava fazer, o qual foi universalmente admirado e comentado naquela mesma noite nos diversos salões, mas segundo uma versão que já não tinha qualquer relação com a verdade.

- A senhora falava das Sete Princesas, duquesa; sabe que o autor desse... como direi, desse memorial, é um de meus compatriotas (e nem por isso me sinto mais orgulhoso) - disse o Sr. de Argencourt, com uma ironia mesclada pela satisfação de conhecer melhor que os outros o autor de uma obra da qual se acabava de falar. - Sim, ele é de nacionalidade belga - acrescentou.

- Verdade? Não, não o estamos acusando de qualquer conivência em *As Sete Princesas*. Felizmente para o senhor e seus compatriotas, o senhor não se parece em nada com o autor de semelhante inépcia. Conheço belgas muito gentis, o senhor, o seu rei, que é um pouco tímido mas cheio de verve, meus primos Ligne e muitos outros, mas felizmente o senhor não fala a mesma linguagem do autor das Sete Princesas. Aliás, se quer que lhe diga, já é demais falar nisso, pois não vale coisa nenhuma. Trata-se de pessoas que procuram parecer obscuras e até ridículas conseguem ficar, para ocultar o fato de não terem idéias. Se existisse algo em tudo isso, eu lhe diria não temer certas audácias - acrescentou ela em tom sério desde que houvesse pensamento. Não sei se o senhor viu a peça de Borrelli. Pessoas houve que se sentiram chocadas; quanto a mim, mesmo que me apedrejassem - acrescentou, sem se dar conta de que não corria muitos riscos -, confesso que a achei infinitamente curiosa. Mas *As Sete Princesas!* Por mais que uma delas seja boazinha para o meu sobrinho, não posso levar os sentimentos de família...

A duquesa parou de repente, pois entrava uma dama que era a viscondessa de Marsantes, a mãe de Robert. A Sra. de Marsantes era considerada, no *faubourg* Saint-Germain, como um ser superior, de uma bondade e de uma resignação angélicas. Era o que me haviam dito e eu não tinha nenhum motivo especial para surpreender-me de tal fato, não sabendo, naquele momento, que ela era a

própria irmã do duque de Guermantes. Mais tarde, sempre me espantava a cada vez que tomava conhecimento, naquela sociedade, de que mulheres melancólicas, puras, sacrificadas, veneradas como ideais santas de vitral, tinham florescido no mesmo tronco genealógico dos irmãos brutais, depravados e vis. Irmãos e irmãs, quando são muito parecidos de rosto, como o eram o duque de Guermantes e a Sra. de Marsantes, pareciam-me dever ter em comum uma única inteligência, um mesmo coração, como no caso de uma pessoa que pode ter bons e maus momentos, mas de quem, afinal, não se pode esperar grande discernimento se tem espírito limitado, e uma abnegação sublime se é de coração duro.

A Sra. de Marsantes seguia as aulas de Brunetiere. Entusiasmava o *faubourg* Saint-Germain e, por sua vida de santa, também o edificava. Porém a conexão morfológica do belo nariz e do olhar penetrante levava-me, entretanto, a classificar a Sra. de Marsantes na mesma família intelectual e moral de seu irmão, o duque. Eu não podia crer que só pelo fato de ser mulher e, talvez, por ter sido infeliz e desfrutar da opinião de todos a seu favor, ela pudesse ser tão diferente dos seus, como nas canções de gesta, onde todas as virtudes e as graças estão reunidas na irmã de irmãos ferozes. Parecia-me que a natureza, menos livre que os antigos poetas, devia se servir quase que exclusivamente dos elementos comuns à família, e não podia atribuir-lhe tal poder de inovação que fizesse, com os materiais análogos aos que compõem um tolo e um rústico, um grande espírito sem qualquer tara de imbecilidade, uma santa sem mancha nenhuma de brutalidade. A Sra. de Marsantes trajava um vestido de surah branco, de grandes palmas, sobre as quais se destacavam flores negras de pano. É que ela perdera, havia três semanas, seu primo, o Sr. de Montmorency, o que no entanto não a impedia de fazer visitas, de comparecer a jantares íntimos, mas de luto. Era uma grande dama. Por atavismo, sua alma estava repleta da frivolidade das existências da corte, com tudo o que elas têm de superficial e rigoroso. A Sra. de Marsantes não tivera forças para lastimar por muito tempo seu pai e sua mãe, mas por nada no mundo teria usado trajes coloridos antes do mês seguinte à morte do primo. Foi mais do que gentil comigo, pois eu era o amigo de Robert, e porque não pertencia ao mesmo mundo dele. Esta bondade era acompanhada de uma timidez fingida, dessa espécie de intermitente movimento de perda da voz, do olhar, do pensamento que é recolhido como uma sala indiscreta, para não ocupar muito espaço, para ficar bem aprumada, mesmo na flexibilidade, como

exige a boa educação. Boa educação que, aliás, não é preciso tomar ao pé da letra, pois várias dessas damas recaem depressa na sem-vergonhice dos costumes sem jamais perder a correção quase infantil de maneiras. A Sra. de Marsantes irritava um pouco ao conversar, porque, de cada vez que se tratava de

um plebeu, por exemplo Bergotte ou Elstir, ela dizia, destacando a palavra, valorizando e salmodiando-a em dois tons diferentes, numa modulação que era particular aos Guermantes:

- Tive a honra, a grande honra de encontrar o Senhor Bergotte, de conhecer o Senhor Elstir -, seja para fazer admirada a sua humildade, seja pelo mesmo gosto do Sr. de Guermantes de regressar às formas em desuso, para protestar contra os costumes da má educação de hoje, quando já não se diz bastantes vezes "honrado". Fosse qual fosse o verdadeiro desses dois motivos, de qualquer modo sentia-se que, quando a Sra. de Marsantes dizia:

"Tive a honra, a grande hon-ra", ela julgava preencher um grande papel e mostrar que sabia acolher os nomes dos homens de valor como os teria recebido a eles próprios em seu castelo, se eles se encontrassem nas vizinhanças. De outra parte, como sua família era numerosa, e ela a apreciasse muito, e, de palavra lenta e amiga de explicações, quisesse fazer compreender os parentescos, ocorria-lhe (sem nenhum desejo de espantar e sinceramente gostando apenas de falar de camponeses comoventes e sublimes guardas florestais) citar a todo instante todas as famílias da alta aristocracia da Europa, o que as pessoas menos brilhantes não lhe perdoavam e, se eram um tanto intelectuais, troçavam como se se tratasse de uma estupidez.

No campo, a Sra. de Marsantes era adorada pelo bem que fazia, mas principalmente porque a pureza de um sangue, onde, há várias gerações, só se encontrava o que há de mais grandioso na história da França, retirara à sua maneira de ser tudo aquilo que as pessoas do povo chamam de "maneiras", e lhe concedera a simplicidade perfeita. Ela não temia abraçar uma pobre mulher infeliz, e lhe dizer que fosse buscar uma carrada de lenha no castelo. Era, diziam, a perfeita cristã. Fazia questão de obter um casamento formidavelmente rico para Robert. Ser grande dama é posar de grande dama, ou seja, por um lado, representar simplicidade. É um jogo que custa muito caro, tanto mais que a simplicidade só deslumbra com a condição de que os outros saibam que a pessoa possa não ser simples, isto é, que seja muitíssimo rica. Disseram-me depois, quando contei que a tinha visto:

- Deve ter percebido que ela foi deslumbrante. -

Porém, a verdadeira beleza é tão particular, tão nova, que não é reconhecida como tal. Naquele dia, disse apenas, de mim para mim, que ela possuía um nariz bem pequeno, olhos muito azuis, pescoço comprido e ar triste.

- Escuta - disse a Sra. de Villeparisis à duquesa de Guermantes -, creio que daqui a pouco terei a visita de uma mulher que não desejas conhecer; prefiro que estejas prevenida para que isso não te aborreça. Além do mais, podes ficar tranqüila, nunca a terei de novo em casa futuramente, mas ela deve vir hoje pela

única vez. É a mulher de Swann.

A Sra. Swann, vendo as proporções que assumia o Caso Dreyfus, e temendo que as origens de seu marido se voltassem contra ela, rogara-lhe que nunca mais falasse na inocência do condenado. Quando ele não estava presente, ia mais longe e fazia profissão do mais ardente nacionalismo; aliás, nisso só fazia seguir a Sra. Verdurin, em cuja casa despertara e atingira uma verdadeira exasperação, um anti-semitismo burguês e latente. A Sra. Swann obtivera, com essa atitude, a entrada em algumas das ligas de senhoras da sociedade anti-semitas, que principiavam a se formar, e travara relações com diversas pessoas da aristocracia. Pode parecer estranho que, longe de imitá-las, a duquesa de Guermantes, tão amiga de Swann, ao contrário, sempre resistisse ao desejo, que ele não lhe ocultara, de lhe apresentar sua esposa.

No entanto, veremos mais tarde que isso era um efeito do caráter especial da duquesa, que julgava não ter de fazer essa ou aquela coisa, e impunha, com despotismo, o que havia decidido o seu "livre-arbítrio" mundano, extremamente arbitrário.

- Agradeço que tenha-me prevenido - respondeu a duquesa. - De fato, isto me seria muito desagradável. Mas, como a conheço de vista, levantar-me-ei a tempo.

- Asseguro-te, Oriane, que ela é muito agradável, é uma mulher excelente - disse a Sra. de Marsantes.

- Não duvido, mas não tenho necessidade alguma de certificar-me por mim mesma.

- Foste convidada à casa de Lady Israels? - perguntou a Sra. de Villeparisis à duquesa, para mudar de assunto.

- Graças a Deus não a conheço - respondeu a Sra. de Guermantes. É à Marie-Aynard que é preciso fazer tal pergunta. Ela a conhece, e eu sempre me pergunto por quê.

- De fato, conheci-a - respondeu a Sra. de Marsantes -, confesso os meus erros. Mas estou resolvida a não mais ter relações com ela. Parece que é das piores e não o esconde. Aliás, todos nós fomos muito confiantes, muito hospitaleiros. Não freqüentarei mais ninguém dessa raça. Enquanto tínhamos velhos primos de província, a quem fechávamos a porta, nós a abríamos para os judeus. Agora vemos a sua gratidão. Ai de mim, nada tenho a dizer, tenho um filho adorável e que declama, jovem doido que é, todas as insanidades possíveis - acrescentou, percebendo que o Sr. de Argencourt fizera alusão a Robert. - Mas, a propósito de Robert, por acaso a senhora não o viu? - perguntou ela à Sra. de Villeparisis -; como hoje é sábado, eu achava que ele poderia passar vinte e quatro horas em

Paris e, nesse caso, certamente viria visitar-nos.

- Robert aqui! Mas eu nem sequer recebi uma palavra dele; creio que não o vejo desde Balbec.

- Está tão ocupado, tem tantas coisas para fazer - disse a Sra. de Marsantes.

Um imperceptível sorriso fez ondular os cílios da Sra. de Guermantes, que contemplava o círculo que, com a ponta da sombrinha, ia traçando no tapete. A cada vez que o duque deixava por demais abertamente a esposa, a Sra. de Marsantes tomava, contra o próprio irmão, as dores da cunhada. Esta guardava de semelhante proteção uma lembrança reconhecida e rancorosa, e não se aborrecia muito com as *estroinices* de Robert. Nesse momento, a porta se abriu de novo e o próprio Robert entrou.

- Ora vejam, quando se fala de Saint-Loup - disse a Sra. de Guermantes.

A Sra. de Marsantes, que estava de costas para a porta, não vira o filho entrar. Quando o viu, a alegria, nessa mãe, bateu verdadeiramente como se tivesse asas; o corpo da Sra. de Marsantes se ergueu a meio, seu rosto palpitou e ela fitou Robert com um olhar maravilhado:

- Como, então vieste?! Que felicidade! Que surpresa!

- Ah, quando se fala de Saint-Loup! Compreendo - disse o diplomata belga, rindo às gargalhadas.

- É delicioso - replicou secamente a Sra. de Guermantes, que detestava os trocadilhos e só arriscara aquele dando a impressão de zombar de si mesma. - Boa-noite, Robert disse ela -; ora, ora, assim é que se esquece da sua tia.

Conversaram por um instante e sem dúvida a meu respeito, pois, enquanto Saint-Loup se aproximava da mãe, a Sra. de Guermantes voltou-se para mim.

- Boa-noite, como vai? - disse ela.

Deixou chover sobre mim a luz do seu olhar azul, hesitou por um instante, desdobrou e estendeu a haste de seu braço, inclinou para diante o corpo, que se endireitou rapidamente para trás, como um arbusto que foi vergado e que, deixado livre, retorna à posição natural. Assim agia sob o fogo dos olhares de Saint-Loup, que a observava e fazia esforços desesperados para obter ainda um pouco mais de sua tia. Receando que a conversa caísse no vazio, veio alimentá-la e respondeu por mim:

- Não passa muito bem, está um tanto cansado; além disso, ele se sentiria melhor se te visse mais vezes, pois não te escondo que gosta muito de te ver.

- Ah, mas ele é muito amável - disse a Sra. de Guermantes com um ar deliberadamente banal, como se eu lhe tivesse entregado a sua capa. - Fico muito

lisonjeada.

- Olha, vou ficar um pouco junto de minha mãe, fica na minha cadeira - disse-me Saint-Loup, forçando-me assim a sentar ao lado da tia. Nós dois nos calamos.

- Vejo-o às vezes de manhã - disse ela, como se fosse uma notícia que me desse e como se eu não a visse.

- Isso faz muito bem à saúde. - Oriane disse a meia voz a Sra. de Marsantes -, você dizia que ia ver a Sra. de Saint-Ferréol; será que poderia ter a gentileza de lhe dizer que não me espere para jantar? Ficarei em casa porque estou com Robert. Se não fosse abuso, pediria também a você que dissesse, ao passar em casa, que mandem logo comprar os charutos que Robert aprecia, chamados "Corona". Ele já não tem mais.

Robert se aproximou; apenas ouvira pronunciar o nome da Sra. de Saint-Ferréol.

- Quem é essa tal de Sra. de Saint-Ferréol? - perguntou em tom de espanto e decisão, pois afetava ignorar tudo o que dissesse respeito à sociedade.

- Ora, meu querido, sabes muito bem disse sua mãe -; é a irmã de Vermandois; foi ela quem te deu aquele belo jogo de bilhar de que tanto gostavas.

- Como, é a irmã de Vermandois?! Não fazia a menor idéia. Ah, a minha família é espantosa - disse ele, voltando-se a meio para mim e assumindo, sem o perceber, a entonação de Bloch, assim como tomava de empréstimo as suas idéias. - Conhece pessoas incríveis, pessoas que se chamam mais ou menos Saint-Ferréol (destacando a última consoante de cada palavra), ela vai a um baile, passeia numa vitória, leva uma existência fabulosa. É prodigioso.

A Sra. de Guermantes fez com a garganta esse leve ruído, breve e intenso, como o de um sorriso forçado que se corta de imediato, e que se destinava a mostrar que ela participava, na medida em que o parentesco a obrigava, do espírito do sobrinho. Vieram anunciar que o príncipe de Faffenheim-Munsterburg-Weiningen mandava dizer ao Sr. de Norpois que acabava de chegar.

- Vá procurá-lo, senhor - disse a Sra. de Villeparisis ao antigo embaixador, que foi ao encontro do primeiro-ministro alemão.

Mas a marquesa o chamou de novo.

- Espere, senhor; é preciso que eu lhe mostre a miniatura da imperatriz Carlota?

- Ah, creio que ele ficaria encantado - disse o embaixador num tom convicto e como se invejasse o ministro venturoso pelo favor que o esperava.

- Ah, sei que ele é muito bem pensante - observou a Sra. de Marsantes -; e isso é tão raro entre os estrangeiros. Mas estou informada. É o anti-semitismo em pessoa.

O nome do príncipe conservava, na franqueza com que suas primeiras sílabas eram como se diz em música atacadas, e na balbuciante repetição com que as escondia, o impulso, a ingenuidade amaneirada, as pesadas "delicadezas" germânicas, projetadas como ramagens esverdeadas sobre o "Heim" de esmalte azul-escuro, que desdobrava o misticismo de um vitral renano por detrás dos ouros pálidos e finamente burilados do século XVIII alemão. Esse nome continha, por entre os diversos nomes de que se formava, o de uma pequena estação de águas alemã, onde, bem pequenino, eu estivera com minha avó, ao sopé de uma montanha honrada pelos passeios de Goethe, e de cujos vinhedos bebíamos no Kurhof a ilustre produção, de nome composto e retumbante como os epítetos que Homero confere a seus heróis. Assim, mal ouvi pronunciar o nome do príncipe, quando, antes de me lembrar das águas termais, pareceu-me que diminuía, que se impregnava de humanidade, que encontrava um lugar suficiente em minha memória, à qual aderiu, familiar, terra-a-terra, pitoresco, saboroso, leve, com algo de autorizado, de prescrito. Bem mais; o Sr. de Guermantes, explicando quem era o príncipe, citou diversas vezes os seus títulos, e reconheci o nome de uma aldeia atravessada pelo rio onde, todas as tardes, terminado o tratamento, eu ia de barca em meio aos mosquitos; e o de uma floresta bastante afastada para que o médico me permitisse alcançá-la a passeio. E, de fato, era compreensível que a suserania do senhor se estendesse aos lugares circunvizinhos e associasse de novo, na enumeração de seus títulos, os nomes que se podem ler, uns ao lado dos outros, num cartão de visitas. Assim, sob a viseira do príncipe do Sacro-lmpério e do escudeiro da Francônia, o que vi foi a fisionomia de uma terra querida onde haviam se detido para mim, com freqüência, os raios do sol das seis horas, pelo menos antes que entrasse o príncipe, governador do Reno e eleitor palatino. Pois, em poucos instantes, fiquei sabendo que os rendimentos que ele obtinha da floresta e do rio povoados de gnomos e ondinas, onde se ergue o velho castelo que mantém a lembrança de Lutero e de Luís o Germânico, ele os empregava para possuir cinco automóveis Charron, um palacete em Paris e outro em Londres, um camarote às segundas-feiras na ópera, e outro às "terças" nos "Franceses". Não me parecia, e ele próprio não dava a impressão de acreditar nisso, um homem diferente dos outros de igual fortuna e da mesma idade que tinham uma origem menos poética. Possuía a sua cultura, o seu ideal, alegrava-se da sua linhagem, mas apenas devido às vantagens que esta lhe conferia, e só demonstrava uma ambição na vida a de ser eleito membro correspondente da Academia de Ciências Morais e Políticas, razão pela qual tinha vindo à casa da Sra. de Villeparisis. Se ele, cuja esposa liderava um dos círculos mais fechados de Berlim, solicitara ser apresentado em casa da marquesa, não era porque anteriormente desejara tal coisa. Roído há muitos anos por essa ambição de entrar para o Instituto, infelizmente nunca pudera contar com mais de cinco acadêmicos que

parecessem dispostos a votar nele. Sabia que o Sr. de Norpois dispunha, por si só, de pelo menos uma dezena de votos, aos quais seria capaz de acrescentar alguns outros, graças a transações hábeis. Assim, o príncipe, que o havia conhecido na Rússia, quando ambos eram embaixadores, fora vê-lo e fizera de tudo para conseguir o seu apoio. Porém, por mais que multiplicasse as gentilezas e conseguisse condecorações russas para o marquês, e o citasse em artigos sobre política estrangeira, tinha diante de si um ingrato, um homem para quem todas essas delicadezas

pareciam não contar, que não fizera sua candidatura avançar um passo e nem sequer lhe prometera seu voto! É claro que o Sr. de Norpois o recebia com extrema polidez, e nem queria que ele se incomodasse e "tivesse o trabalho de vir até a sua porta", e ia ele próprio ao palacete do príncipe e, quando o cavalheiro teutônico dizia:

"Bem que eu gostaria de ser seu colega", respondia num tom esperançoso: "Eu ficaria muito feliz!" E sem dúvida um ingênuo, um doutor Cottard, diria consigo: "Ora, aí está ele na minha casa, foi ele quem se deu o trabalho de vir, porque me considera uma pessoa mais importante que ele, disse que ficaria feliz se eu pertencesse à Academia, as palavras ainda assim têm um sentido, que diabo! Sem dúvida, se ele não se propõe a votar em mim, é que não pensa nisso. Ele fala muito do meu grande poder, com certeza julga que as cotovias já me caem assadas do céu, que disponho de tantos votos quantos queira, e é por isso que não me oferece o seu, mas basta-me colocá-lo entre a espada e a parede, cá entre nós, e lhe dizer: 'Muito bem! Vote em mim' e ele será obrigado a fazê-lo."

Mas o príncipe de Faffenheim não era um ingênuo; era o que o doutor Cottard teria chamado "um fino diplomata", e sabia que o Sr. de Norpois não era menos fino, nem um homem que não descobrisse por si mesmo que poderia ser agradável a um candidato votando nele. O príncipe, em suas embaixadas e como ministro das Relações Exteriores, mantivera, por seu país, em vez de agora para proveito próprio, dessas conversações em que se sabe, por antecipação, até onde se deseja ir e o que não nos farão dizer. Não ignorava que, na linguagem diplomática, conversar significa oferecer. E para tanto é que obtivera para o Sr. de Norpois a insígnia de Santo André. Mas se comunicasse a seu governo a entrevista que tivera depois disso com o Sr. de Norpois, teria podido enunciar em seu despacho: "Compreendi que tomara pelo caminho errado." Pois, desde o momento em que voltara a pronunciar a palavra Instituto, o Sr. de Norpois lhe repetira:

- Eu gostaria muito disso, por meus colegas. Creio que eles devem se sentir verdadeiramente honrados pelo fato de o senhor ter pensado neles. É uma candidatura bem interessante, um pouco fora de nossos hábitos. O senhor sabe, a Academia é muito rotineira, ela se apavora com tudo o que lhe saiba a novidade.

Pessoalmente, censuro-a por isto. Quantas vezes aconteceu-me dá-lo a entender aos meus colegas. Nem sei mesmo, Deus me perdoe, se alguma vez a palavra "rançosos" não me saiu da boca - acrescentou com um sorriso escandalizado, a meia voz, quase à parte, como num efeito teatral e lançando ao príncipe uma olhadela rápida e oblíqua de seu olho azul, como um velho ator que deseja apreciar o seu efeito. - Príncipe, o senhor compreende que não gostaria de deixar que uma personalidade tão eminente como a sua se metesse numa jogada de antemão perdida. Enquanto as idéias de meus colegas permanecerem tão atrasadas, creio que seria sábio se se abstivesse. Aliás, queira acreditar que, se algum dia visse um espírito um pouco mais novo, um pouco mais vivo, desenhar-se nesse colégio que tende a se tornar uma necrópole, se vislumbrasse uma oportunidade possível para o senhor, seria o primeiro a avisá-lo.

"A insígnia de Santo André é um erro", pensou o príncipe; "as negociações não adiantaram um passo; não era isto o que ele queria. Não peguei a chave adequada."

Era um tipo de raciocínio de que o Sr. de Norpois, formado na mesma escola que o príncipe, seria capaz. Pode-se troçar da pedantesca simplicidade com que os diplomatas do tipo de Norpois se extasiam diante de uma palavra oficial mais ou menos insignificante. Mas a sua infantilidade tem uma contrapartida: os diplomatas sabem que, na balança que assegura esse equilíbrio, europeu ou outro, que se denomina paz, os bons sentimentos, os bons discursos e as súplicas pesam muito pouco; e que o peso pesado, o verdadeiro, o determinante, consiste em outra coisa, na possibilidade que o adversário tem, se é bastante forte, ou não tem, de contentar um desejo por meio de troca. Essa ordem de verdades, que uma pessoa inteiramente desinteressada, como a minha avó, por exemplo, não teria compreendido, o Sr. de Norpois e o príncipe von*** se tinham muitas vezes visto às voltas com ela. Encarregado dos negócios em países com os quais muitas vezes tínhamos estado a dois passos da guerra, o Sr. de Norpois, ansioso com o aspecto que iam tomando os acontecimentos, sabia muito bem que não era por meio da palavra "Paz", ou da palavra "Guerra" que elas lhe seriam notificadas, mas por uma outra, aparentemente banal, terrível ou abençoada, que o diplomata, com a ajuda de sua cifra, saberia ler de imediato, e à qual, para resguardar a dignidade da França, responderia com outra palavra, igualmente banal, mas por baixo da qual o ministro da nação inimiga veria logo: Guerra. E até mesmo, segundo um costume antigo, análogo ao que dava ao primeiro encontro de dois seres prometidos um ao outro a forma de uma entrevista fortuita num espetáculo do Teatro do Ginásio, o diálogo em que o destino ditaria a palavra "Guerra" ou a palavra "Paz" em geral não ocorria no gabinete do ministro, mas no banco de um "Kurgarten", onde o ministro e o Sr. Norpois iam ambos beber copinhos de uma água curativa nas fontes termais. Por uma espécie de tácita

convenção, eles se encontravam à hora regulamentar, primeiramente dando juntos alguns passos de um passeio que, sob sua aparência benigna, os dois interlocutores sabiam que era tão trágico quanto uma ordem de mobilização. Ora, em um negócio privado como aquela candidatura ao Instituto, o príncipe utilizara-se do mesmo sistema de induções que havia posto em prática na carreira, e do mesmo método de leitura através dos símbolos superpostos.

Decerto não se pode pretender que minha avó e seus raros semelhantes fossem os únicos a ignorar esse gênero de cálculo. Em parte, a média da humanidade, exercendo profissões traçadas com antecedência, fica, devido à sua falta de intuição, no mesmo nível de ignorância de minha avó, que o devia ao seu grande desinteresse. Muitas vezes é preciso descer até os seres sustentados, homens ou mulheres, para ter de procurar o móvel da ação ou palavras aparentemente as mais inocentes, no interesse e na necessidade de viver. Qual o homem que não sabe que, quando vai pagar a uma mulher e esta lhe diz: "Não falemos de dinheiro", esta frase deve ser interpretada, como se diz em música, como "um compasso de silêncio", e que, se mais tarde ela lhe declara: "Fizeste-me sofrer muito, muitas vezes me ocultaste a verdade, não agüento mais", ele deve entender:

"Um outro protetor mais me oferece"? E mesmo isso não passa da linguagem de uma cocote bem próxima das mulheres da sociedade. Os apaches fornecem exemplos mais impressionantes. Mas o Sr. de Norpois e o príncipe alemão, se os apaches lhes eram desconhecidos, tinham se acostumado a viver no mesmo plano das nações, as quais também são, apesar de sua grandeza, criaturas de astúcia e egoísmo, que só se domam pela força, pela consideração do seu interesse, que pode levá-las ao assassínio, um assassínio também muita vez simbólico, já que a simples hesitação em combater ou a recusa em combater podem significar para uma nação: "perecer". Mas, como tudo isso não está escrito nos diversos Livros Amarelos e outros, o povo é de índole pacifista; se é guerreiro, o é instintivamente, por ódio, por rancor, e não pelos motivos que moveram os estadistas prevenidos pelos Norpois.

No inverno seguinte, o príncipe esteve seriamente enfermo; curou-se, mas seu coração ficou irremediavelmente afetado.

"Diabo!", pensou, "não há tempo a perder no caso do Instituto; pois, se demoro muito, arrisco-me a morrer antes de ser nomeado. Seria verdadeiramente desagradável."

Escreveu um ensaio sobre a política dos últimos vinte anos para a Revue des Deux Mondes e, em muitos pontos, referiu-se ao Sr. de Norpois nos termos mais elogiosos. Este foi visitá-lo para agradecer, acrescentando que não sabia como expressar a sua gratidão. O príncipe disse para si mesmo, como alguém que

acaba de experimentar outra chave para a fechadura: "Ainda não é esta", e, sentindo-se um tanto sufocado ao levar o Sr. de Norpois até a porta, pensou: "Com os diabos! Esses sujeitos vão me deixar arrebentar antes de me aceitarem. Apressemo-nos."

Na mesma noite, encontrou-se com o Sr. de Norpois na ópera:

- Meu caro embaixador - disse-lhe -, o senhor me dizia esta manhã que não sabia como me provar o seu reconhecimento; é muito exagero de sua parte, pois não me deve coisa alguma, mas vou ter a indelicadeza de tomá-lo ao pé da letra.

O Sr. de Norpois não estimava menos o tato do príncipe do que o príncipe o seu. Compreendeu logo que não era um pedido que lhe ia fazer o príncipe de Faffenheim, e sim um oferecimento, e, com uma sorridente afabilidade, achou-se no dever de escutá-lo.

- Bom, vai me achar muito indiscreto. Existem duas pessoas às quais sou muito ligado, e de forma completamente diversa, como vai compreender, e que se fixaram há pouco em Paris, onde contam viver de agora em diante: minha mulher e a grã-duquesa Jean. Elas darão alguns jantares, principalmente em honra ao rei e à rainha da Inglaterra, e o seu sonho seria de poder oferecer aos convivas uma pessoa a quem, sem a conhecer, ambas tributam grande admiração. Confesso que não sabia como fazer para lhes contentar o desejo, quando soube há pouco, pelo maior dos acasos, que o senhor conhecia essa pessoa; sei que vive muito retirada, só deseja ver pouca gente, *happy few*; mas, se o senhor me der o seu apoio, com a benevolência que me tem testemunhado, estou certo de que ela permitiria que o senhor me apresentasse em sua casa e que eu lhe transmitisse o desejo da grã-duquesa e da princesa. Talvez até consentisse em vir jantar com a rainha da Inglaterra e, quem sabe, se não a aborrecermos demais, passar conosco o feriado da Páscoa em Beaulieu, na casa da grã-duquesa Jean. Esta pessoa se chama a marquesa de Villeparisis. Confesso que a esperança de me tornar um dos convivas habituais de semelhante círculo de espírito me consolaria, me faria encarar sem tédio a renúncia a me candidatar ao Instituto. Em sua casa, também se cuida de coisas da inteligência e de finas conversas.

Com uma sensação inexprimível de prazer, o príncipe sentiu que a fechadura não resistia e que, por fim, aquela chave entrava.

- Uma tal opção é bem inútil, meu caro príncipe - respondeu o Sr. de Norpois -; nada se harmoniza melhor com o Instituto que o salão do qual o senhor está falando e que é um autêntico viveiro de acadêmicos. Transmitirei o seu pedido à senhora marquesa de Villeparisis: ela certamente ficará lisonjeada. Quanto a ir jantar em sua casa, ela sai muito pouco, e isso talvez seja mais difícil. Mas eu o apresentarei, e o senhor mesmo poderá defender a sua causa. Principalmente,

não é necessário renunciar à Academia; almoço precisamente, de amanhã a quinze dias, na casa de Leroy Beaulieu, para logo depois ir em sua companhia a uma sessão importante. Sem ele, ninguém pode ser eleito; eu já lhe havia falado no seu nome, que ele naturalmente conhece às maravilhas. Fez-me algumas objeções. Mas acontece que ele precisa do apoio do meu grupo para a próxima eleição, e tenho a intenção de voltar à carga; dir-lhe-ei muito francamente os laços bastante cordiais que nos unem, não lhe esconderei que, se o senhor se candidatar, pediria a todos os meus amigos que votassem no senhor (o príncipe soltou um profundo suspiro de alívio), e ele sabe que tenho amigos. Acho que, se conseguisse me certificar do seu concurso, suas chances seriam bem fortes. Vá, portanto, nesse dia, às seis da tarde, à casa da Sra. de Villeparisis; eu o introduzirei e poderei lhe dar conta da minha entrevista da manhã.

Assim é que o príncipe de Faffenheim fora induzido a visitar a Sra. de Villeparisis. Minha profunda desilusão se deu quando ele falou. Eu não imaginara que, se uma época tem traços característicos e gerais mais fortes que uma nacionalidade, de modo que, num dicionário ilustrado, onde se dá até o retrato legítimo de Minerva, Leibnitz, com sua peruca e seu mantéu, difere pouco de Marivaux ou de Samuel Bernard, uma nacionalidade tem traços particulares mais fortes que uma casta. Ora, tais traços se traduziram diante de mim, não por um discurso em que julgasse de antemão ouvir o roçagar dos elfos e a dança dos Kobolds, mas por uma transposição que não menos legitimava essa origem poética: o fato de que, inclinando-se pequeno, vermelho e barrigudo, diante da Sra. de Villeparisis, o governador do Reno lhe disse:

- Pom tia, zenhorra marrquesa - com o mesmo sotaque de um porteiro alsaciano.

- Não quer que lhe alcance uma taça de chá ou um pedaço de torta recheada? Está muito boa - disse-me a Sra. de Guermantes, desejosa de se mostrar o mais gentil possível.

- Faço as honras desta casa como se fosse a minha - acrescentou num tom irônico, que dava à sua voz algo um tanto gutural, como se ela estivesse abafando um riso rouco.

- O senhor - disse a Sra. de Villeparisis ao Sr. de Norpois - vai lembrar que daqui a pouco tem algo a dizer ao príncipe a respeito da Academia? -

A Sra. de Guermantes baixou os olhos, e deu uma virada no pulso para ver as horas.

- Oh, meu Deus; é tempo de me despedir da minha tia, devo ainda passar na casa da Sra. de Saint-Ferréol, e vou cear na casa da Sra. Leroi. E levantou-se sem se despedir de mim. Acabava de ver a Sra. Swann, que pareceu bem constrangida ao dar comigo. Sem dúvida, lembrava-se de me ter dito, antes que a qualquer outra pessoa, estar convencida da inocência de Dreyfus.

- Não quero que minha mãe me apresente à Sra. Swann - disse-me Saint-Loup. - É uma antiga prostituta. Seu marido é judeu, e ela nos prega o nacionalismo. Ora, aí está o meu tio Palamede.

A presença da Sra. Swann tinha para mim um interesse especial, por causa de um fato ocorrido alguns dias antes e que é preciso relatar, devido às conseqüências que teria mais tarde, e que seguiremos em detalhe no momento oportuno. Assim, alguns dias antes desta visita, recebi uma que de modo algum esperava: a de Charles Morei, o filho, desconhecido de mim, do antigo criado de quarto do meu tio-avó. Esse tio-avô (em cuja casa eu vira a dama cor-de-rosa) tinha morrido no ano anterior. Seu criado de quarto manifestara diversas vezes a intenção de vir visitar-me; eu ignorava o motivo de sua visita, mas tê-lo-ia recebido de boa vontade, pois sabia por Françoise que ele conservara um verdadeiro culto à memória de meu tio e em todas as oportunidades fazia a sua romaria ao cemitério. Obrigado, no entanto, a ir tratar-se em sua terra, e contando ficar muito tempo lá, enviou-me o filho. Fiquei surpreso ao ver entrar um belo moço de dezoito anos, vestido antes com luxo do que bom gosto, mas que, entretanto, parecia tudo, menos um lacaio. Aliás, fez questão, desde o começo, de cortar os laços com a domesticidade de onde saía, informando-me, com um sorriso satisfeito, que obtivera o primeiro prêmio do Conservatório. O objetivo de sua visita era este: dentre as lembranças recebidas de meu tio Adolphe, seu pai separara algumas que julgara inconveniente enviar a meus pais, mas que, segundo pensava, eram de natureza a interessar um rapaz da minha idade. Eram fotografias de atrizes célebres, de grandes cocotes que meu tio conhecera, as últimas imagens daquela vida de velho boêmio que ele separava, por um compartimento estanque, de sua vida de família. Enquanto o jovem Morei as mostrava, dei-me conta de que ele procurava me falar como a um igual. Sentia, em dizer "você" e usar o menos possível "senhor", o prazer de alguém cujo pai nunca havia empregado, ao dirigir-se a meus pais, senão a "terceira pessoa". Quase todas as fotos traziam uma dedicatória do tipo: "Ao meu. melhor amigo." Uma atriz mais ingrata e mais prudente escrevera: "Ao melhor dos amigos", o que lhe permitia, conforme me asseguraram, dizer que meu tio não era de modo algum o seu melhor amigo, mas o amigo que lhe prestara o maior número de pequenos serviços, o amigo de que ela se servia, um homem excelente, quase um velho animal. Por mais que o jovem Morei procurasse fugir às suas origens, sentia-se que a sombra de meu tio Adolphe, venerável e desmedida aos olhos do velho lacaio, não cessara de flutuar, quase sagrada, sobre a infância e a juventude do filho. Enquanto eu olhava as fotografias, Charles Morei examinava o meu quarto. E, como eu procurasse um lugar para guardá-las:

- Mas como é que - disse ele (num tom em que a censura não tinha necessidade

de se expressar, de tanto que se continha nas próprias palavras) não vejo uma só fotografia do seu tio neste quarto?

Senti a vermelhidão me subir ao rosto, e balbuciei:

- Acho que não tenho.

- Mas como, você não tem uma só fotografia de seu tio Adolphe, de quem gostava tanto? Vou lhe mandar uma, que pegarei dentre as muitas que meu pai possui, e espero que a colocará no lugar de honra, sobre esta cômoda que lhe proveio justamente de seu tio. -

É verdade que, como eu não tinha sequer uma fotografia de meu pai ou de minha mãe no quarto, não havia nada de chocante que ali não existisse uma do meu tio Adolphe. Mas não era difícil adivinhar que, para Morei, que transmitira ao filho essa maneira de ser, meu tio era o personagem importante da família, de quem meus pais unicamente herdavam um brilho amortecido. Eu era mais favorecido porque meu tio dizia diariamente que eu seria uma espécie de Racine, de Vaulabelle, e Morei me considerava mais ou menos como um filho adotivo, como o filho de eleição de meu tio. Bem depressa percebi que o filho de Morei era bastante "arrivista". Assim, naquele dia, perguntou-me, por ser também o seu tanto compositor, e capaz de musicar alguns versos, se eu não conhecia algum poeta de posição importante no mundo da nobreza. Citei-lhe um. Ele não conhecia as obras desse poeta e jamais ouvira falar no seu nome, de que tomou nota.

Ora, soube que pouco depois ele escrevera ao poeta, dizendo-lhe ser admirador fanático de suas obras e que musicara um soneto seu, e ficaria feliz se o libretista lhe conseguisse uma audição na casa da condessa***. Era ir um pouco depressa demais e desmascarar o seu plano. O poeta, melindrado, não respondeu.

Aliás, Morei parecia possuir, além da ambição, uma viva tendência às realidades mais concretas. Havia reparado, no pátio, na sobrinha de Jupien ocupada em fazer um colete e, embora me dissesse apenas ter precisamente necessidade de um colete "de fantasia", senti que a moça lhe causara uma grande impressão. Não hesitou em pedir que descesse e o apresentasse, "mas não relacionado com a sua família, o senhor me compreende, conto com sua discrição quanto a meu pai, diga apenas um grande artista seu amigo, compreende, é preciso impressionar bem os comerciantes." Embora me tivesse insinuado que, não o conhecendo bastante para chamá-lo "caro amigo", ele compreendia, eu poderia lhe dizer, diante da moça, algo como "não caro Mestre, evidentemente..., mas, se quiser: ''caro grande artista'" evitei, na loja, "qualificá-lo", como diria Saint-Simon, e me limitei a responder aos seus "você" com "você". Entre algumas peças de veludo, ele encomendou uma do mais vivo vermelho, e tão gritante que, apesar do seu mau gosto, nunca mais pôde usar esse colete. A moça voltou a

trabalhar com suas duas "aprendizes", mas pareceu-me que a impressão fora recíproca, e que Charles Morei, que ela julgou pertencesse ao "meu mundo" (apenas mais elegante e mais endinheirado), lhe agradara singularmente. Como eu ficara muito espantado por encontrar, entre as fotografias que me enviara seu pai, uma do retrato de Miss Sacripant (isto é, Odette) por Elstir, disse a Charles Morei, acompanhando-o até o portão principal:

- Receio que você não possa me informar. Será que meu tio conhecia bastante esta senhora? Não vejo em que época da vida de meu tio possa situá-la; e isto me interessa, por causa do Sr. Swann... - Justamente eu me esquecia de lhe dizer que meu pai havia recomendado que chamasse a sua atenção para essa senhora.

De fato, essa demi-mondaine almoçava na casa do seu tio no último dia em que o viu. Meu pai estava indeciso se podia ou não fazê-la entrar. Parece que o senhor agradou bastante àquela mulher leviana, e ela esperava revê-lo. Mas, justamente por aquela época, houve uma briga na família, pelo que me disse meu pai, e o senhor nunca mais avistou seu tio. - Sorriu nesse instante para a sobrinha de Jupien, dando-lhe adeus de longe. Ela o observava, sem dúvida admirando o seu rosto magro, de feições regulares, seus cabelos leves e os olhos alegres. Apertando-lhe a mão, eu pensava na Sra. Swann, e dizia para mim mesmo, espantado, de tal modo eram diferentes e separadas na minha recordação, que de agora em diante teria de identificá-la com a "dama cor-de-rosa".

O Sr. de Charlus logo se sentou ao lado da Sra. Swann. Em todas as reuniões em que se achava, e desdenhoso quanto aos homens, cortejado pelas mulheres, ia logo se juntar à mais elegante, de cuja toalete se sentia envaidecido. A casaca ou o fraque do barão faziam-no parecer-se com esses retratos, pintados por um grande colorista, de um homem de preto, mas que tem perto de si, sobre uma cadeira, uma capa deslumbrante que vai pôr para um baile à fantasia. Essa familiaridade, em geral com alguma Alteza, proporcionava ao Sr. de Charlus as distinções que apreciava. Por exemplo, em decorrência disso, acontecia que as donas de casa deixavam, numa festa, que o barão tivesse uma cadeira só para ele na frente, na companhia das damas, enquanto os outros homens se amontoavam no fundo. Além disso, muito absorto, ao que parecia, em contar em voz alta histórias divertidas à dama encantada, o Sr. de Charlus estava dispensado de cumprimentar os outros e, por conseguinte, de ter deveres a cumprir.

Por detrás da barreira perfumada que lhe erguia a beldade escolhida, ele estava isolado no meio de um salão como num camarote no meio de uma sala de espetáculos e, quando vinham cumprimentá-lo, através, por assim dizer, da formosura da sua companheira, era desculpável que respondesse com muita brevidade e sem interromper o que falava a uma senhora. Decerto a Sra. Swann não era exatamente o tipo de pessoa com quem ele apreciava se mostrar desse modo. Mas professava admiração por ela, amizade por Swann, sabia que ela

ficaria lisonjeada com o seu desvelo, e ele próprio sentia-se encantado por estar comprometido com a mais bela pessoa ali presente.

A Sra. de Villeparisis, aliás, só estava meio contente com a visita do Sr. de Charlus. Este, apesar de lhe achar graves defeitos, gostava muito dela. Mas, por momentos, sob o ímpeto da cólera, devido a agravos imaginários, endereçava-lhe, sem resistir a seus impulsos, cartas de extrema violência em que levava em conta coisas miúdas que até então parecia não ter notado. Entre outros exemplos, posso citar este fato, porque minha temporada em Balbec me pôs ao corrente dele: a Sra. de Villeparisis, receando não ter levado dinheiro suficiente para prolongar suas férias em Balbec, e não querendo mandar vir dinheiro de Paris por ser avara e por temer os gastos supérfluos, pedira emprestados três mil francos ao Sr. de Charlus. Este, um mês depois, descontente com a tia por um motivo insignificante, reclamou o empréstimo por um despacho telegráfico. Recebeu dois mil novecentos e noventa e alguns francos. Vendo a tia alguns dias após em Paris e conversando amistosamente com ela, fez-lhe notar, com muita doçura, o erro cometido pelo banco encarregado da remessa.

- Mas não houve erro - respondeu a Sra. de Villeparisis -, o despacho pelo telégrafo custa seis francos e setenta e cinco cêntimos.

- Ah, desde o momento em que não é intencional, tudo bem - replicou o Sr. de Charlus. - Falei apenas para o caso da senhora ignorá-lo, porque então, se o banco tivesse agido da mesma forma com pessoas que lhe sejam menos íntimas do que eu, isso poderia contrariá-la.

- Não, não há erro algum.

- No fundo, a senhora teve toda a razão - concluiu alegremente o Sr. de Charlus, beijando com ternura a mão da tia. De fato, ele não lhe queria mal por isso, de modo algum, e sorria apenas daquela pequena mesquinharia. Mas, pouco tempo depois, julgando que, num caso de família, sua tia quisera enganá-lo e "armar todo um complô contra ele", e, como ela se escudasse bobamente atrás de homens de negócios com os quais precisamente achava que ela se aliara contra ele, o Sr. de Charlus lhe escrevera uma carta transbordante de furor e insolência. "Não me contentarei em me vingar", acrescentou em pós-escrito, "vou torná-la ridícula. A partir de amanhã vou contar a todo o mundo a história do despacho telegráfico e dos seis francos e setenta e cinco cêntimos que a senhora reteve sobre os três mil francos que lhe emprestei; vou desonrá-la." Em vez disso, foi no dia seguinte pedir perdão à tia Villeparisis, arrependido de uma carta em que havia frases verdadeiramente horríveis. Além disso, a quem poderia ele contar a história do despacho telegráfico? Não desejando a vingança, mas sim uma sincera reconciliação, agora mesmo é que devia calar-se a respeito dela. Mas antes já a contara por toda parte, quando estava de bem com a tia, contando-a

sem maldade, para fazer rir, e porque era a indiscrição em pessoa. Contara-a, mas sem que a Sra. de Villeparisis o soubesse. De modo que, tendo sabido pela sua carta que ele pretendia desonrá-la divulgando um episódio onde ele próprio lhe declarara que ela agira bem, a Sra. de Villeparisis pensara que ele se enganara antes, e mentia fingindo amá-la. Tudo isto se pacificara, mas ambos não sabiam exatamente a opinião que um tinha do outro. Decerto, trata-se aí de um caso um tanto especial de brigas intermitentes. De natureza diversa eram as brigas de Bloch e de seus amigos. De outra natureza ainda, as do Sr. de Charlus, como se verá, com pessoas bem diferentes da Sra. de Villeparisis. Apesar disso, é preciso lembrar que a opinião que temos uns dos outros, as relações de amizade, de família, não têm nada de fixo a não ser em aparência, e são eternamente mutáveis como o mar. Daí, tanto rumor de divórcio entre esposos que parecem tão perfeitamente unidos e que, pouco depois, falam ternamente um do outro; tantas infâmias ditas por um amigo que julgávamos inseparável e com quem nos reconciliaremos antes de termos tido tempo de nos recobrar da surpresa; tantas alianças desfeitas entre os povos, em tão pouco tempo.

- Meu Deus, a coisa está ardendo entre meu tio e a Sra. Swann - disse-me Saint-Loup. - E mamãe que, em sua inocência, vem perturbá-los. Aos puros, tudo é puro!

Eu observava o Sr. de Charlus. O pequeno tufo de seus cabelos cinzentos, seu olho, cuja sobrancelha estava erguida pelo monóculo e que sorria, sua botoeira com flores rubras, formavam como que os três vértices móveis de um triângulo convulsivo e impressionante. Não ousara cumprimentá-lo, pois ele não me fizera nenhum aceno. Ora, ainda que ele não se tivesse virado na minha direção, eu estava convencido de que me havia visto; enquanto contava alguma história à Sra. Swann, cujo esplêndido manto cor de amor-perfeito flutuava até mesmo sobre um joelho do barão, os olhos errantes do Sr. de Charlus, idênticos aos de um camelô que teme a chegada do rapa, certamente haviam explorado cada parte do salão, descobrindo todas as pessoas que ali se encontravam. O Sr. de Châtellerault foi cumprimentá-lo sem que nada no rosto do Sr. de Charlus revelasse que ele tivesse percebido o jovem duque antes do momento em que este se achou à sua frente. Era assim que, nas reuniões um pouco numerosas como esta, o Sr. de Charlus conservava, de forma quase constante, um sorriso sem direção determinada nem destinação especial, e que, preexistente desse modo aos cumprimentos dos recém-chegados, apresentava-se, quando estes penetravam em sua zona, desprovido de qualquer sinal de amabilidade para com eles. Não obstante, era necessário que eu fosse cumprimentar a Sra. Swann. Mas, como ela ignorava que eu conhecia a Sra. de Marsantes e o Sr. de, Charlus, mostrou-se bastante fria, temendo sem dúvida que eu lhe pedisse para ser apresentado. Então, encaminhei-me para o Sr. de Charlus e logo me arrependi,

pois, devendo muito bem ter-me visto, não o deixou transparecer em coisa alguma. No momento em que me inclinei diante dele, encontrei, distante de seu corpo, do qual impedia-me de me aproximar todo o comprimento de seu braço estendido, um dedo viúvo, por assim dizer, de um anel episcopal, que ele dava a impressão de oferecer, para que o beijassem no lugar consagrado, e pareceu que eu havia penetrado, contra a vontade do barão, e por um arrombamento cuja responsabilidade ele me deixava, na permanência e na dispersão anônima e vaga de seu sorriso. Essa frieza não foi própria a encorajar a Sra. Swann a abandonar a sua.

- Como pareces cansado e inquieto - disse a Sra. de Marsantes ao filho, que tinha vindo saudar o Sr. de Charlus.

E com efeito, os olhos de Robert pareciam por instantes atingir uma profundeza que logo abandonavam, como um mergulhador que tocou o fundo. Tal fundo, que fazia tanto mal a Robert quando o tocava, que ele o abandonava logo para a ele retornar um momento após, era a idéia de que havia rompido com a amante.

- Não quer dizer nada - acrescentou sua mãe acariciando-lhe o rosto. - É bom estar com o meu filhinho.

Mas como essa ternura parecia irritar Robert, a Sra. de Marsantes arrastou o filho para o fundo do salão, onde, num desvão forrado de seda amarela, algumas poltronas de Beauvais condensavam seus panejamentos violáceos como íris purpurinos num campo de botões-de-ouro. A Sra. Swann, achando-se sozinha e tendo compreendido que eu era ligado a Saint-Loup, me fez sinal para que fosse para junto dela. Não a tendo visto há bastante tempo, não sabia de que lhe falar. Não perdia de vista o meu chapéu, entre todos os que se encontravam no tapete, mas perguntava-me, com curiosidade, a quem poderia pertencer um que não era o do duque de Guermantes, em cuja copa a letra G estava superada pela coroa ducal. Eu sabia quem eram todos os visitantes e não achava um só a quem pudesse pertencer o tal chapéu.

- Como é simpático o Sr. de Norpois - disse eu à Sra. Swann, apontando-o.

- É verdade que Robert de Saint-Loup me disse que é uma peste, mas...

- Ele tem razão - respondeu ela.

E, vendo que seu olhar refletia algo que estava me escondendo, apertei-a com perguntas. Talvez satisfeita por parecer estar muito ocupada com uma pessoa naquele salão, onde não conhecia quase ninguém, ela me levou para um canto.

- Aqui está o que, com certeza, o Sr. de Saint-Loup quis lhe dizer - respondeu ela - , mas não lho repita, pois ele me acharia indiscreta e eu faço muita questão de sua estima, sou muito "cavalheiro", você sabe. Ultimamente Charlus tem jantado na casa da princesa de Guermantes; não sei como, falaram de você. O Sr. de

Norpois lhes teria dito uma estupidez, não vá se inquietar com isso, ninguém deu importância, sabiam muito bem de que boca saía aquilo que você era um adulador meio histérico. Já falei bem antes do meu espanto que um amigo de meu pai, como era o Sr. de Norpois, pudesse se exprimir dessa maneira ao falar de mim. Experimentei um espanto maior ao saber que minha emoção daquele dia antigo, quando falara da Sra. Swann e de Gilberte, era conhecida da princesa de Guermantes, de quem me julgava ignorado.

Cada uma de nossas ações, de nossas palavras, de nossas atitudes, está separada do "mundo", das pessoas que não as perceberam diretamente, por um meio cuja permeabilidade varia ao infinito e nos permanece desconhecida; tendo sabido pela experiência que determinada frase importante que vivamente desejáramos fosse difundida (como aquelas, tão entusiastas, que eu outrora dizia a todo mundo em qualquer ocasião a respeito da Sra. Swann, pensando que entre tantos bons grãos disseminados se encontraria um que germinasse), sucedera, muitas vezes devido ao nosso próprio desejo, ficar imediatamente sepultada, com muito mais razão estávamos longe de crer que certa palavra minúscula, que havíamos esquecido, e até mesmo jamais pronunciada por nós e formada a meio caminho pela refração imperfeita de uma palavra diferente, seria transportada, sem que sua marcha nunca se detivesse, a distâncias infinitas no caso, até a residência da princesa de Guermantes e fosse divertir às nossas custas o festim dos deuses. O que recordamos de nossa conduta permanece ignorado do nosso vizinho mais próximo; o que esquecemos haver dito, ou mesmo aquilo que nunca dissemos, vai causar hilaridade até em outro planeta, e a idéia que os outros fazem de nossos feitos e gestos já não se parece com a que nós próprios deles nos fazemos, assim como um desenho a um decalque mal feito e onde, ora a um traço negro corresponderia um espaço vazio, e a um branco um contorno inexplicável. Além do mais, pode ocorrer que o que não foi reproduzido seja um traço irreal que só vemos por complacência, e que, ao contrário, o que nos parece acrescentado nos pertença de verdade, mas de modo tão essencial que nos escapa inteiramente. De modo que essa prova estranha que nos parece tão pouco semelhante tem às vezes o gênero de verdade, com certeza pouco lisonjeiro, mas profundo e útil, de uma fotografia de raios X. Não é motivo para que nos reconheçamos nela. Alguém que tem o hábito de sorrir ao espelho diante de seu belo rosto e ao seu belo torso, se lhe mostrarmos a sua radiografia, terá, diante dessa enfiada de ossos, indicada como sendo uma imagem de si mesmo, a mesma suspeita de erro daquele que visita uma exposição e que, diante do retrato de uma mulher jovem, lê no catálogo: Dromedário deitado. Mais tarde, essa discrepância, entre a imagem que desenhamos e a que é desenhada por outrem, devia eu descobri-la através de terceiros, que, vivendo devotamente em meio a uma coleção de fotografias que haviam tirado de si mesmos, enquanto à sua volta careteavam imagens horrendas, normalmente invisíveis para eles próprios, sentiam-se

profundamente espantados, se por um acaso lhas mostravam, dizendo:

"É o senhor."

Alguns anos antes, ficaria muito feliz em dizer à Sra. Swann "com que objetivo" me mostrara tão carinhoso para com o Sr. de Norpois, visto que esse "objetivo" era o desejo de conhecê-la. Porém não o sentia mais, não amava mais a Gilberte. Por outro lado, não conseguia identificar a Sra. Swann com a dama cor-de-rosa da minha infância. Assim, falei da mulher que me preocupava naquele momento.

- Viu agora há pouco a duquesa de Guermantes? - perguntei à Sra. Swann.

Mas, como a duquesa não cumprimentava a Sra. Swann, esta queria dar a impressão de considerá-la uma pessoa sem importância e cuja presença nem sequer se percebe.

- Não sei, não realizei - disse com ar desagradável, empregando uma palavra traduzida do inglês.

Entretanto, eu gostaria de obter informações não só a respeito da Sra. de Guermantes, mas sobre todas as criaturas que tinham relações com ela, e, exatamente como Bloch, com a falta de tato das pessoas que procuram, na conversação, não agradar os outros, mas elucidar egoistamente questões que lhes interessam, interroguei a Sra. de Villeparisis acerca da Sra. Leroi, para tentar imaginar perfeitamente a vida da Sra. de Guermantes.

- Sim, eu sei - disse ela com desdém fingido -; é filha de um desses grandes comerciantes de madeira. Sei que ela agora dá recepções, mas estou muito velha para fazer novos conhecimentos. Conheci pessoas tão interessantes, tão gentis que, na verdade, creio que a Sra. Leroi não acrescentaria nada ao que já possuo.

A Sra. de Marsantes, que fazia de dama de honra da marquesa, me apresentou ao príncipe e ainda não tinha acabado quando o Sr. de Norpois me apresentou igualmente nos mais calorosos termos. Talvez achasse cômodo fazer-me uma fineza que não punha em risco o seu crédito, já que eu acabava justamente de ser apresentado, talvez porque pensasse que um estranho, mesmo pessoa ilustre, estivesse menos a par dos salões franceses e quem sabe podia crer que o apresentavam a um rapaz da alta sociedade, talvez para exercer uma de suas prerrogativas, a de acrescentar o peso de sua própria recomendação de embaixador, ou pelo gosto arcaico de fazer reviver, em honra ao príncipe, o uso, lisonjeiro para essa Alteza, de que seriam necessários dois padrinhos para quem lhe quisesse ser apresentado.

A Sra. de Villeparisis interpelou o Sr. de Norpois, sentindo a necessidade de me dizer, por meio dele, que nada lastimava em não conhecer a Sra. Leroi.

- Senhor embaixador, não é verdade que a Sra. Leroi é uma pessoa sem

interesse, muito inferior a todas estas que se encontram aqui e que tive razão em não atraí-la?

Seja por independência, seja por cansaço, o Sr. de Norpois se limitou a responder por um cumprimento cheio de respeito, porém vazio de significado.

- Senhor - disse-lhe rindo a Sra. de Villeparisis -, há pessoas bem ridículas. Creia que tive hoje a visita de um senhor que quis me fazer acreditar que tinha mais prazer em beijar a minha mão do que a de uma jovem.

Compreendi imediatamente que se tratava de Legrandin. O Sr. de Norpois sorriu com um leve piscar de olho, como se se tratasse de uma concupiscência tão natural que não se poderia querer mal àquele que a sentia, quase um princípio de romance que estava prestes a absolver, até mesmo a encorajar, com uma indulgência perversa à Voisenon ou à Crébillon.

- Muitas mãos de jovens mulheres seriam incapazes de fazer o que vejo ali - disse o príncipe mostrando as aquarelas começadas pela Sra. de Villeparisis. E lhe perguntou se ela havia visto as flores de Fantin-Latour, que acabavam de ser expostas.

- Elas são de primeira ordem e, como se diz hoje, de um belo pintor, de um dos mestres da palheta -declarou o Sr. de Norpois -; acho apenas que não podem sustentar comparação com as da Sra. de Villeparisis, onde reconheço melhor o colorido da flor. Mesmo considerando que a parcialidade de velho amante, o costume de lisonjear e as opiniões admitidas num círculo ditassem estas palavras ao antigo embaixador, elas entretanto provavam sobre que vazio de gosto genuíno repousa o julgamento artístico das pessoas da sociedade, tão arbitrário que uma ninharia as pode levar aos piores absurdos, quando não encontram pela frente nenhuma impressão verdadeiramente sentida.

- Não tenho mérito algum em conhecer as flores, sempre vivi no campo - respondeu com modéstia a Sra. de Villeparisis. - Mas acrescentou graciosamente, dirigindo-se ao príncipe -, se desde muito jovem tive, sobre elas, noções um pouco mais sérias do que as outras crianças da roça, devo-as a um homem muito distinto do seu país, o Sr. de Schlegel. Conheci-o em Broglie, aonde minha tia Cordelia (a marechala de Castellane) seu filho me havia levado. Lembro-me muito bem que o Sr. Lebrun, o Sr. de Salvandy e o Sr. Doudan faziam-no falar sobre as flores. Eu era muito pequenina, não podia compreender bem o que ele dizia. Mas ele se divertia em me fazer brincar e, ao voltar ao seu país, enviou-me um belo herbário como lembrança de um passeio que tínhamos feito de *phaéton* ao Vai Richer, e onde adormeci sobre seus joelhos. Sempre guardei esse herbário, e ele me ensinou a reparar bem nas particularidades das flores, o que não teria percebido sem ele. Quando a Sra. de Barante publicou algumas cartas da Sra. de Broglie, bonitas e afetadas como o era ela própria, esperava eu

encontrar ali algumas das conversas do Sr. de Schlegel. Mas tratava-se de uma mulher que só buscava na natureza argumentos para a religião.

Robert me chamou do fundo do salão, onde se achava com a mãe.

- Tens sido gentil - disse-lhe eu. - Como te agradecer? Podemos jantar juntos amanhã?

- Amanhã, se quiseres, mas então na companhia de Bloch; encontrei-o à porta; após um instante de frieza, pois eu, contra a minha vontade, deixara sem resposta duas cartas dele (não me disse que era isto o que o ofendera, mas o compreendi perfeitamente), mostrou-se de tal modo amável que não pude ser ingrato para um amigo assim.

Entre nós, da sua parte pelo menos, sinto que é para a vida e para a morte.

Não creio que Robert se enganasse de modo algum. A difamação furibunda era muitas vezes, em Bloch, o efeito de uma viva simpatia que ele julgava não lhe tributarem. E, como imaginava pouco a vida dos outros, não pensava que pudessem ter estado enfermos ou em viagem, etc.; um silêncio de oito dias lhe parecia decorrer de uma frieza intencional. Assim, eu jamais acreditara que suas piores violências de amigo e, mais tarde, de escritor fossem muito profundas. Exacerbava-se se lhe respondiam com uma dignidade glacial, ou uma trivialidade que o animava a redobrar os golpes, mas cedia com freqüência a uma simpatia calorosa.

- Quanto a ser gentil - continuou Saint-Loup -, pretendes que o tenho sido para contigo, mas não fui gentil de modo nenhum, minha tia disse que tu é que foges dela, que não lhe dizes uma só palavra. Ela se indaga se não tens algo em seu desfavor.

Felizmente para mim, se me iludia com tais palavras, nossa partida para Balbec, que eu julgava iminente, me impediria de tentar ver de novo a Sra. de Guermantes, de lhe assegurar que nada tinha contra ela e, assim, colocá-la na necessidade de me provar que ela é quem tinha algo contra mim. Mas aquilo bastou-me para lembrar que ela nem sequer me convidara para ir ver os seus Elstirs. Além disso, não se tratava de uma decepção; absolutamente não esperava que ela me falasse nisso; sabia que não lhe agradava, que não podia esperar que me amasse; o máximo a que podia aspirar era que, graças à sua bondade, tivesse dela, já que não deveria revê-la antes de deixar Paris, uma impressão inteiramente afável, que eu levaria a Balbec indefinidamente prolongada, intacta, ao invés de uma recordação mesclada de tristeza e ansiedade.

A todo momento a Sra. de Marsantes interrompia a conversa com Robert para me dizer o quanto ele lhe falara de mim, o quanto me estimava; tratava-me com uma solicitude que quase me dava pena, pois sentia-a ditada pelo temor de se

zangar por minha causa com o filho, esse filho que ainda não vira hoje e com quem estava impaciente por se sentir a sós, e sobre quem, então, julgava que o império que exercia não se igualava ao meu, a que devia poupar. Tendo-me ouvido antes pedir a Bloch notícias do Sr. Nissim Bernard, seu tio, a Sra. de Marsantes indagou se era o mesmo que havia morado em Nice.

- Nesse caso, conheceu ali o Sr. de Marsantes antes que se casasse comigo - respondera a Sra. de Marsantes. - Meu marido falou-me diversas vezes dele como de um homem excelente, de coração terno e generoso.

"E dizer que uma vez ao menos ele não mentiu; é incrível!", teria dito Bloch.

Durante todo esse tempo, desejaria dizer à Sra. de Marsantes que Robert sentia por ela infinitamente mais afeto que por mim e que, mesmo que ela me demonstrasse hostilidade, eu não era de natureza a procurar preveni-lo contra ela. Mas, desde que a Sra. de Guermantes partira, eu estava mais livre para observar Robert, e só então percebi que novamente uma espécie de cólera parecia ter-se erguido nele, aflorando-lhe ao rosto sombrio e endurecido. Temia eu que, à lembrança da cena da tarde, ele se sentisse humilhado diante de mim por ter se deixado tratar tão rudemente pela amante sem retrucar.

Bruscamente, ele se arrancou de junto da mãe, que lhe passara um braço pelo pescoço e, vindo para mim, arrastou-me para trás do pequeno balcão florido da Sra. de Villeparisis, onde esta voltara a sentar-se, e fez me sinal para que o seguisse ao pequeno salão. Dirigia-me para lá com vivacidade quando o Sr. de Charlus, achando que me encaminhava para a saída, deixou de súbito o Sr. de Faffenheim, com quem estava conversando, e deu uma volta rápida que o pôs cara a cara comigo. Vi com inquietação que pegara o chapéu em cujo fundo havia um G e uma coroa ducal. No vão da porta do pequeno salão, disse-me sem me olhar:

- Já que o senhor agora freqüenta a sociedade, dê-me então o prazer de ir visitar-me. Mas é bastante complicado - acrescentou com ar distraído e intencional, e, como se se tratasse de um prazer que ele temia não mais encontrar, uma vez que deixasse escapar a ocasião de combinar comigo os meios de realizá-lo. - Paro pouco em casa, seria necessário que o senhor me escrevesse. Porém preferiria lhe explicar isso com mais sossego. Vou sair dentro de um instante.

Pode dar dois passos comigo? Não vou detê-lo mais que um momento.

- Seria melhor que prestasse atenção, senhor - disse-lhe. - Por engano, pegou o chapéu de um dos visitantes.

- Quer me impedir de pegar meu chapéu?

Como o mesmo me acontecera um pouco antes, imaginei que alguém levara o seu chapéu e ele tomara um ao acaso para não voltar de cabeça descoberta, e eu

o embaraçava ao revelar o seu ardil. Assim, não insisti. Disse-lhe que primeiro tinha de falar com Saint-Loup.

- Ele está falando com aquele idiota do duque de Guermantes - acrescentei.

- É encantador o que o senhor diz, vou contá-lo ao meu irmão.

- Ah, o senhor acha que isso pode interessar ao Sr. de Charlus? - (Imaginava que, se ele tinha um irmão, esse irmão deveria chamar-se também Charlus. Saint-Loup me dera algumas explicações a esse respeito em Balbec, mas eu as tinha esquecido.)

- Quem é que está falando no Sr. de Charlus? - perguntou o barão num tom insolente. - Vá para junto de Robert. Sei que o senhor participou, esta manhã, de um desses almoços de orgia que ele tem com uma mulher que o desonra. O senhor deveria usar de sua influência sobre ele para lhe fazer compreender o desgosto que ele causa à sua pobre mãe, e a nós todos, arrastando o nosso nome na lama.

Gostaria de lhe ter respondido que no almoço aviltante só se falara de Emerson, Ibsen, Tolstoi, e que a moça rogara a Robert que só bebesse água. A fim de dar um pouco de alívio a Robert, cujo orgulho julgava ferido, procurei desculpar a sua amante. Não sabia que naquele momento, apesar de encolerizado contra ela, era a si mesmo que dirigia as censuras. Mesmo nas brigas entre um homem bondoso e uma mulher malvada, e quando o direito está inteiramente de um lado, ocorre sempre que existe uma ninharia que pode dar à malvada a aparência de não estar errada num determinado ponto. E, como ela despreza todos os outros pontos, por pouco que o bondoso tenha precisão dela e seja desmoralizado pela separação, seu enfraquecimento o tornará escrupuloso, ele se lembrará das censuras absurdas que lhe foram feitas e se indagará se elas não terão algum fundamento.

- Creio que andei errado nesse caso do colar - disse Robert. - E claro que não procurei com más intenções, mas sei muito bem que os outros não se colocam no mesmo ponto de vista que nós mesmos. Ela teve uma infância muito dura. Para ela eu sou, no entanto, o rico que julga que se pode conseguir tudo através do dinheiro, e contra quem o pobre não pode lutar, trate-se de influenciar Boucheron ou de ganhar um processo no tribunal. Sem dúvida, ela foi bem cruel comigo, que nunca procurei senão o seu bem. Mas percebo perfeitamente que ela acha que eu desejei lhe fazer sentir que se pode sujeitá-la pelo dinheiro, e isto não é verdade. Ela, que me ama tanto, que deverá estar pensando! Pobre querida, se soubesse, ela tem tamanhas delicadezas, não posso te dizer, muitas vezes ela fez coisas adoráveis para mim. Como deve se sentir desgraçada neste momento! Em todo caso, aconteça o que acontecer, não quero que ela me tome por um grosseirão, corro à casa de Boucheron a buscar o colar. Quem sabe, talvez ao ver

que ajo assim, reconheça os seus erros. Estás vendo? A idéia de que ela sofre neste momento é o que não consigo suportar! O que a gente sofre, a gente sabe, não é nada. Mas ela, pensar que está sofrendo e não poder imaginá-lo; creio que ficaria louco, preferiria não vê-la nunca mais a deixá-la sofrer. Que seja feliz sem mim, se for preciso, é só o que peço. Escuta, sabes que, para mim, tudo que lhe diz respeito é imenso, assume algo de cósmico, corro para o joalheiro e depois vou lhe pedir perdão. Até chegar lá, que pensará ela de mim? Se ela ao menos soubesse que eu ia vê-la! Poderás passar na casa dela casualmente; quem sabe, tudo se acomodaria talvez. Talvez -disse ele com um sorriso, como se não ousasse crer num tal sonho- iremos todos os três jantar no campo. Mas não é possível saber ainda, nunca sei como tratá-la; pobre pequena, talvez vá machucá-la ainda. E depois, sua decisão talvez seja irrevogável.

Arrastou-me bruscamente para a sua mãe.

- Adeus - disse-lhe -; sou obrigado a partir. Não sei quando voltarei de licença, sem dúvida não antes de um mês. Escreverei logo que souber.

Certamente Robert não era desses filhos que, quando estão na sociedade com a mãe, julgam que uma atitude exasperada em relação a ela deve compensar os sorrisos e cumprimentos que dirigem aos estranhos. Nada é mais comum que essa odiosa vingança dos que parecem achar que a grosseria em relação à família completa naturalmente o tom de cerimônia. Diga o que diga a pobre mãe, o filho, como se levado sem querer e como desejando fazê-la pagar caro a sua presença, refuta imediatamente com uma contradição irônica, precisa, cruel, a asserção timidamente arriscada; a mãe adota logo, sem por isso desarmá-lo, a opinião daquele ser superior que ela continuará a enaltecer a todos, na sua ausência, como sendo um temperamento delicioso e que, no entanto, não lhe poupa nenhum dos dardos mais agudos. Saint-Loup era bem diferente, mas a angústia provocada pela ausência de Rachel fazia que, por motivos diversos, ele se comportasse não menos duramente com a mãe. E às palavras que pronunciou, vi a mesma palpitação, semelhante ao de uma asa, que a Sra. de Marsantes não pudera reprimir à chegada do filho, soerguê-la toda; mas agora era uma fisionomia ansiosa e uns olhos desolados o que ela lhe dirigia.

- Como, Robert, vais embora? É sério? Meu filhinho! No único dia em que poderia estar contigo!

E baixinho, no tom mais natural, com uma voz de que se esforçava por banir toda tristeza para não inspirar ao filho uma piedade que talvez fosse cruel para ele, ou inútil, e servisse apenas para irritá-lo, como um argumento de simples bom senso, acrescentou:

- Sabes que não é gentil o que estás fazendo.

Mas a essa simplicidade ajuntava tanta timidez, para lhe mostrar que não tolhia a

sua liberdade, tanta ternura para que ele não a censurasse por atrapalhar os seus divertimentos, que Saint-Loup não pôde deixar de perceber em si mesmo a possibilidade de um enternecimento, ou seja, um obstáculo para passar o resto da noite com a amiga. Assim, enraiveceu-se:

- É lamentável, mas, gentil ou não, é assim.

E fez à mãe as censuras de que sem dúvida se sentia talvez merecedor. É assim que os egoístas têm sempre a última palavra; tendo estabelecido, em primeiro lugar, que a sua resolução é inabalável, quanto mais tocante é o sentimento para o qual lhes apelam com o fim de que renunciem a tal resolução, tanto mais condenáveis julgam, não a si próprios, que lhe resistem, mas aqueles que os põem diante da necessidade de lhe resistir, de modo que sua própria dureza pode chegar à mais extrema crueldade sem que isso, a seus olhos, não faça mais que agravar a culpa da pessoa bastante indelicada para sofrer, para ter razão, e assim covardemente lhes causar a dor de agir contra sua própria piedade. Aliás, por si mesma a Sra. de Marsantes deixou de insistir, pois sentia que não poderia retê-lo.

- Deixo-te - disse-me ele -; mas não o prenda por muito tempo, mamãe, pois ele precisa fazer uma visita daqui a pouco.

Percebia eu muito bem que minha presença não podia dar nenhum prazer à Sra. de Marsantes, mas preferia, não saindo com Robert, que ela não me julgasse misturado a esses prazeres que a privavam da sua companhia. Gostaria de encontrar alguma desculpa para a conduta do filho, menos por afeto a ele do que por piedade dela. Mas foi ela quem falou primeiro:

- Pobre filhinho - disse -, estou certa de que o magoei. Veja, meu senhor, as mães são tão egoístas, e ele, no entanto, tem tão poucos divertimentos, já que vem poucas vezes a Paris. Meu Deus, se ele ainda não saiu, gostaria de ir ao seu encontro, decerto que não para retê-lo, mas para lhe dizer que não lhe quero mal, que acho que ele tem razão. Não se incomoda que eu vá olhar na escada?

E fomos até lá:

- Robert, Robert! - gritou ela. - Não, já se foi, é tarde demais.

Agora eu me encarregaria de uma missão para provocar o rompimento entre Robert e sua amante, com tanta boa vontade como, poucas horas antes, para que ele partisse a fim de ir viver só com ela. No primeiro caso, Robert me julgaria um amigo traidor; no outro, sua família teria me considerado o seu mau gênio. No entanto, eu continuaria sendo o mesmo homem a algumas horas de distância.

Voltamos para o salão. Não vendo retornar Saint-Loup, a Sra. de Villeparisis trocou com o Sr. de Norpois esse olhar dubitativo, trocista e sem muita piedade que se tem ao indicar uma esposa ciumenta em excesso ou uma mãe carinhosa demais (que dão aos outros o espetáculo da comédia) e que significa:

"Olha, deve ter havido tempestade."

Robert foi à casa da amante levando-lhe o esplêndido colar que, segundo tinham combinado, não lhe deveria dar. Mas deu no mesmo, afinal, pois ela não o quis e, mesmo depois, ele não conseguiu fazer com que aceitasse. Alguns amigos de Robert pensavam que essas provas de desinteresse que ela dava seriam um cálculo para prendê-lo ainda mais. Entretanto, ela não ligava para o dinheiro, a não ser talvez para poder gastá-lo sem conta. Eu a vi fazer caridades insensatas, a torto e a direito, a pessoas que ela julgava pobres. "Nesse momento", diziam a Robert os seus amigos, para compensar, com suas palavras mal-intencionadas, uma ação desinteressada de Rachel, "nesse momento ela deve estar no passeio das Folies Bergere. Essa Rachel é um enigma, uma verdadeira esfinge." De resto, quantas mulheres interessadas, visto serem mantidas, não as vemos nós, por uma delicadeza que floresce em meio a essa existência, criar por si mesmas mil pequenos limites à generosidade dos amantes!

Robert ignorava quase todas as infidelidades da amante e fazia o espírito trabalhar sobre o que não passava de nadas insignificantes em face à verdadeira vida de Rachel, vida que só principiava todos os dias quando ele acabava de deixá-la. Ignorava quase todas essas infidelidades. Poderiam ter lhe contado tudo sem abalar sua confiança em Rachel; pois, devido a uma encantadora lei da natureza, que se manifesta no seio das mais complexas sociedades, é que se vive na perfeita ignorância daquilo que se ama. De um lado do espelho, o enamorado se diz:

"É um anjo, jamais se dará a mim, não tenho mais que morrer, e no entanto ela me ama; ela me ama tanto que talvez... mas não, não seria possível!"

E, na exaltação do seu desejo, na angústia da espera, quantas jóias não depõe aos pés dessa mulher, como não corre ele a pedir dinheiro emprestado a fim de lhe poupar preocupações! Entretanto, do outro lado da divisória através da qual essas conversas não passarão mais que as dos passeantes diante de um aquário, o público diz:

"Não a conhece? Parabéns: ela roubou, arruinou não sei quantos homens, não há nada pior que essa mulher. É uma pura trapaceira. E espertalhona!"

E talvez o público não esteja absolutamente enganado no que concerne a este último epíteto, pois mesmo o homem descrente, que não está verdadeiramente apaixonado por essa mulher e a quem ela apenas agrada, diz a seus amigos:

"Não, meu caro, não se trata absolutamente de uma cocote; não digo que não tenha tido dois ou três caprichos na vida, mas não é uma mulher que se paga, ou então seria cara demais. Com ela, é cinqüenta mil francos ou nada."

Ora, Saint-Loup gastara cinqüenta mil francos com ela, possuíra-a uma vez, mas

Rachel, achando para isso, aliás, um cúmplice nele mesmo, na pessoa do seu amor-próprio, soube convencê-lo de que ele era daqueles que a tinham tido por nada. Assim é a sociedade, onde cada criatura é dupla, e onde o indivíduo mais transparente, o de pior fama, nunca será conhecido por um outro a não ser no fundo e sob a proteção de uma concha, de um suave casulo, de uma deliciosa curiosidade natural. Havia em Paris dois excelentes homens a quem Saint-Loup não mais cumprimentava e de quem nunca falava sem que a voz lhe tremesse, chamando-os de exploradores de mulheres: é que tinham sido arruinados por Rachel.

- Só me arrependo de uma coisa - disse-me bem baixinho a Sra. de Marsantes. - É de lhe haver dito que não era gentil. Ele, esse filho adorável, único, como não existe outro igual, ter dito que não era gentil na única vez em que o vejo; preferiria ter recebido uma paulada, pois estou certa de que, seja qual for o seu prazer desta noite, ficará estragado para ele por causa dessa palavra injusta. Mas, senhor, não vou retê-lo mais, visto que está com pressa.

A Sra. de Marsantes se despediu com ansiedade. Tais sentimentos se referiam a Robert, ela era sincera. Porém deixou de sê-lo para tornar-se de novo uma grande dama:

- Fiquei tão interessada, tão feliz, lisonjeada, em conversar um pouquinho com o senhor. Obrigada, obrigada!

E, com ar humilde, lançava sobre mim olhares agradecidos, arrebatados, como se minha conversação fosse um dos maiores prazeres que tivesse conhecido na vida. Esses olhares encantadores combinavam muito bem com as flores negras do vestido branco de ramagens. Eram de uma grande dama que conhece o seu ofício.

- Mas não estou com pressa, Senhora - respondi -; além disso, espero o Sr. de Charlus, com quem devo ir-me.

A Sra. de Villeparisis ouviu estas últimas palavras. Pareceu contrariada com elas. Se não se tratava de uma coisa que não poderia interessar a um sentimento dessa natureza, ter-me-ia parecido que o que alarmava a Sra. de Villeparisis naquele momento era o pudor. Mas essa hipótese nem sequer ocorreu ao meu espírito. Sentia-me contente com a Sra. de Guermantes, com Saint-Loup, a Sra. de Marsantes, o Sr. de Charlus, a Sra. de Villeparisis; não refletia e falava alegremente, a torto e a direito.

- Deve partir com meu sobrinho Palamede? - perguntou ela.

Pensando que poderia produzir uma impressão bastante favorável sobre a Sra. de Villeparisis o fato de eu ser ligado a um sobrinho que ela prezava tanto, respondi com alegria:

- Ele me pediu que saíssemos juntos. Estou encantado. Aliás, somos mais amigos do que a senhora imagina, e estou decidido a fazer tudo para que o sejamos ainda mais.

De contrariada, a Sra. de Villeparisis passou a mostrar-se inquieta.

- Não o espere - disse ela com ar de preocupação -; está conversando com o Sr. de Faffenheim. Já não pensa no que lhe disse. Olhe, parta logo, aproveite depressa agora que ele está de costas.

Essa primeira emoção da Sra. de Villeparisis teria se assemelhado, não fossem as circunstâncias, ao pudor. Sua insistência e oposição poderiam parecer, se apenas consultássemos a sua fisionomia, ditadas pela virtude. De minha parte, não tinha pressa alguma em ir encontrar-me com Robert e sua amante. Mas a Sra. de Villeparisis parecia fazer tanta questão de que eu fosse embora que, pensando que talvez ela tivesse negócios importantes a tratar com o sobrinho, lhe fiz minhas despedidas.

Ao lado dela, o Sr. de Guermantes, soberbo e olímpico, sentava-se pesadamente. Dir-se-ia que a noção, onipresente em todos os seus membros, de suas grandes riquezas lhe conferia uma densidade especialmente alta, como se tivessem sido fundidas no crisol em um só lingote humano, para produzir esse homem que valia tão caro. No momento em que dele me despedi, ergueu-se cortesmente do assento e senti a massa inerte de trinta milhões de francos que a velha educação francesa fazia mover, erguia e punha de pé à minha frente. Parecia-me ver aquela estátua de Júpiter Olímpico que Fídias, dizem, fundira integralmente em ouro. Tal era a força que a educação dos jesuítas exercia sobre o Sr. de Guermantes, sobre o corpo do Sr. de Guermantes ao menos, pois não reinava da mesma forma sobre o espírito do duque. O Sr. de Guermantes ria dos próprios ditos espirituosos, mas se mantinha impassível diante dos alheios. Na escada, ouvi atrás de mim uma voz que me interpelava:

- É assim que o senhor me espera!

Era o Sr. de Charlus.

- Importa-lhe andar comigo um pouco a pé? - perguntou-me secamente ao chegarmos ao pátio. - Vamos caminhar até que eu haja encontrado um fiacre que me convenha.

- O senhor queria falar de alguma coisa?

- Ah, sim, de fato, eu tinha certas coisas a lhe dizer, mas já não sei se as direi. Decerto julgo que poderiam ser, para o senhor, o ponto de partida de vantagens inestimáveis. Mas entrevejo também que trariam à minha existência, à minha idade, quando a gente começa a preferir a tranqüilidade, muita perda de tempo, incômodos de todo tipo; ora, pergunto-me se o senhor valeria a pena que eu me

desse a todo esse trabalho, e não tenho o prazer de conhecê-lo bastante para decidir-me. Também é possível que não se interesse muito pelo que poderia fazer pelo senhor, para que eu sofra tantos aborrecimentos, pois, senhor, repito com toda a franqueza que, para mim, não passa talvez de aborrecimento.

Protestei que, nesse caso, não era preciso pensar nisso. Essa ruptura de negociações pareceu não lhe agradar.

- Essa cortesia não significa nada - retrucou num tom duro. - Não há nada mais agradável do que aborrecer-se por uma pessoa que valha a pena. Para os melhores dentre nós, o estudo das artes, o gosto pelas antigüidades, as coleções, os jardins, não passam de *ersatz*, sucedâneos, álibis. No fundo do nosso tonel, como Diógenes, procuramos um homem. Cultivamos begônias, aparamos teixos como último recurso, porque os teixos e as begônias se deixam manusear. Porém preferiríamos empregar o nosso tempo com um arbusto humano, se estivermos certos de que ele vale a pena. Toda a questão está aí; o senhor deve se conhecer um pouco. Vale a pena ou não?

- Não gostaria, senhor, por nada deste mundo, de ser motivo de suas preocupações -disse-lhe -; mas, quanto ao meu prazer, creia que tudo o que vier de sua parte me dará grande alegria. Estou profundamente comovido de que tenha se interessado por mim, procurando me ser útil.

Para meu grande espanto, foi quase com efusão que ele me agradeceu estas palavras. Passando seu braço por baixo do meu com aquela familiaridade intermitente que já me assombrara em Balbec, e que contrastava com a dureza do acento, disse-me:

- Com a desconsideração própria da sua idade, o senhor poderia às vezes ter palavras capazes de cavar um abismo intransponível entre nós. Ao contrário, essas que acaba de pronunciar pertencem ao gênero que é justamente capaz de me emocionar e fazer muito pelo senhor.

Enquanto caminhava de braço dado comigo e dizia estas palavras que, embora mescladas de desdém, eram tão afetuosas, o Sr. de Charlus ora fixava seus olhares em mim com aquela fixidez intensa, aquela dureza penetrante que me haviam impressionado na primeira manhã, em que o vira diante do cassino em Balbec, e até muitos anos antes, perto do espinheiro cor-de-rosa, ao lado da Sra. Swann, que então eu julgava sua amante, no parque de Tansonville, ora fazia-os errarem a seu redor, examinando os fiacres que passavam em grande quantidade àquela hora de repouso, com tamanha insistência que vários paravam, tendo o cocheiro imaginado que desejavam tomá-lo. Mas o Sr. de Charlus os despedia logo.

- Nenhum me convém - disse ele -; é tudo uma questão de lanternas, do bairro a que regressam. Eu gostaria, senhor - continuou -, que não se equivocasse quanto

ao caráter puramente desinteressado e caritativo da proposta que lhe vou fazer.

Impressionava-me o quanto a sua dicção se assemelhava à de Swann, ainda mais do que em Balbec.

- O senhor é bastante inteligente, suponho, para não acreditar que ela seja inspirada por "ausência de relações", pelo medo da solidão e do tédio. Não preciso lhe falar da minha família, pois acho que um rapaz de sua idade, pertencente à pequena burguesia - (acentuou esse termo com satisfação) deve conhecer a história da França. São as pessoas da minha sociedade que não lêem nada e possuem uma ignorância de lacaio. Antigamente os camareiros do rei eram recrutados entre os grão-senhores; agora os grão-senhores não são mais que camareiros. Mas os jovens burgueses como o senhor lêem; o senhor certamente conhece, a respeito dos meus, a bela página de Michelet: "Vejo-os bem grandes, esses poderosos Guermantes. E quem é, junto deles, o pobre reizinho da França, fechado em seu palácio de Paris?" Quanto ao que sou pessoalmente, senhor, é um assunto de que não me agrada muito falar. Mas enfim, talvez o senhor o saiba, pois um artigo retumbante do *Times* lhe faz alusão, que o imperador da Áustria, que sempre me honrou com a sua benevolência e tem a bondade de manter comigo relações de parentesco, declarou recentemente, numa conversa que se tornou pública, que, se o Sr. Conde de Chambord houvesse tido a seu lado um homem tão profundamente conhecedor, como eu, dos bastidores da política européia, seria hoje rei da França. Muitas vezes pensei, senhor, que havia em mim, não devido a meus fracos dons, mas sim a circunstâncias que um dia talvez aprenderá, um tesouro de experiências, uma espécie de dossiê secreto e inestimável, que julguei não dever utilizar pessoalmente, mas que seria sem preço para um jovem a quem eu entregaria, em poucos meses, o que levei mais de trinta anos para adquirir e que talvez seja o único a possuir. Não falo do prazer intelectual que o senhor teria em aprender certos segredos que um Michelet dos nossos dias daria anos de sua vida para conhecer, e graças aos quais certos fatos ganhariam a seus olhos um aspecto inteiramente diverso. E não falo apenas dos fatos consumados, mas do encadeamento das circunstâncias - (era uma das expressões prediletas do Sr. de Charlus e, freqüentemente, quando a pronunciava, juntava as mãos como quando a gente quer rezar, mas com os dedos rígidos, e como para fazer compreender, com esse complexo, tais circunstâncias, que não especificava, e o seu encadeamento.) - Eu lhe daria uma explicação inédita, não só do passado mas também do futuro.

O Sr. de Charlus se interrompeu para me fazer perguntas sobre Bloch, de quem haviam falado, sem que parecesse ouvir, na casa da Sra. de Villeparisis. E, com esse acento que ele sabia tão bem destacar daquilo que dizia, de modo a dar a impressão de que pensava em coisa diferente e de falar maquinalmente por

simples polidez, perguntou se meu colega era jovem, bonito, etc. Bloch, se o ouvisse, teria ainda muito mais trabalho do que com o Sr. de Norpois, mas, devido a razões bem diversas, para saber se o Sr. de Charlus era a favor ou contra Dreyfus.

- Não está errado, se quiser se instruir - disse o Sr. de Charlus após fazer essas perguntas acerca de Bloch -, em ter entre seus amigos alguns estrangeiros.

Respondi que Bloch era francês.

- Ah! - exclamou o Sr. de Charlus - pensei que fosse judeu.

A declaração dessa incompatibilidade me fez acreditar que o Sr. de Charlus era mais antidreyfusista que qualquer das pessoas que eu conhecera. Ao contrário, ele protestou contra a acusação de traição levantada contra Dreyfus. Porém fê-lo sob esta forma:

- Creio que os jornais dizem que Dreyfus cometeu um crime contra a sua pátria, creio que é isso, não presto muita atenção aos jornais; leio-os como lavo as mãos, sem achar que valha a pena me interessar. Em todo caso, o crime é inexistente, o compatriota do seu amigo teria cometido um crime contra a sua pátria se houvesse traído a Judéia, mas o que é que ele tem a ver com a França?

Objetei que, se alguma vez houvesse uma guerra, os judeus seriam igualmente convocados como os demais.

- Talvez, e não é certo que não se trate de uma imprudência. Mas, se convocarem senegaleses e malgaxes, não creio que façam muito empenho em defender a França, o que é natural. O seu Dreyfus antes poderia ser condenado por infração às regras da hospitalidade. Mas deixemos isso. Talvez o senhor possa pedir a seu amigo que me consiga assistir a alguma bela festa no Templo, a uma circuncisão, aos cantos judeus. Talvez ele pudesse alugar uma sala e proporcionar-me algum espetáculo bíblico, assim como as meninas de Saint-Cyr representaram episódios tirados dos Salmos por Racine, para distração de Luís XIV. Talvez pudessem até me arrumar algumas cenas para fazer rir. Por exemplo, uma luta entre o seu amigo e o pai deste em que aquele o ferisse como Davi a Golias. Isso comporia uma farsa bem divertida. Ele poderia até, uma vez que principiou, dar boas pancadas na carcaça ou, como diria a minha velha criada, na rabugenta da mãe. Isto seria muito bem-feito e não nos desagradaria, não é, meu amiguinho, pois ambos apreciamos os espetáculos exóticos, e espancar essa criatura extra-européia seria dar um corretivo merecido a um velho camelo.

Dizendo essas horríveis palavras quase doidas, o Sr. de Charlus me apertava o braço a ponto de me fazer sentir mal. Lembrava-me da família do Sr. de Charlus citando tantos casos de bondade admiráveis do barão, para com essa velha criada

cujo *patoá molieresco* acabava de evocar, e dizia comigo que seria interessante estabelecer as relações, ao que me parecia pouco estudadas até agora, entre a bondade e a malvadeza em um mesmo coração, por mais diversas que pudessem ser. Adverti-o de que, em todo caso, a Sra. Bloch já não existia e que, quanto ao Sr. Bloch, eu me perguntava até que ponto ele se entregaria a um jogo que poderia muito bem vazar-lhe os olhos. O Sr. de Charlus pareceu zangado.

- Eis uma mulher que teve grande sorte em morrer -disse ele. - Quanto aos olhos vazados, justamente a sinagoga é cega, não enxerga as verdades do Evangelho. De qualquer forma, pense, neste momento, em todos esses desgraçados judeus que tremem diante da fúria estúpida dos cristãos, que honra seria para eles verem um homem como eu condescender em divertir-se com seus jogos!

Naquele instante vi o Sr. Bloch pai que passava, sem dúvida indo adiante do filho. Ele não nos via, mas ofereci-me ao Sr. de Charlus para apresentá-lo. Tinha certeza da cólera que ia desencadear em meu companheiro:

- Apresentá-lo a mim! Mas é preciso que o senhor não tenha muita noção dos valores! Não me conhece tão facilmente assim. No caso presente, a inconveniência seria dupla por causa da juventude do apresentador e da indignidade do apresentado. Quando muito, se um dia me derem o espetáculo asiático que eu esboçava, poderia dirigir a esse velhote horrível algumas palavras carregadas de bonomia. Mas com a condição de que se deixe surrar barbaramente pelo filho. Eu poderia chegar mesmo a exprimir a minha satisfação. -

Aliás, o Sr. Bloch não prestava nenhuma atenção em nós. Estava ocupado em dirigir grandes cumprimentos à Sra. Sazerat, cumprimentos que ela acolhia muito bem. Aquilo me surpreendia, pois outrora, em Combray, ela ficara indignada pelo fato de meus pais terem recebido o jovem Bloch, de tanto que ela era anti-semita.

Mas o dreyfusismo, como uma corrente de ar, fizera voar o Sr. Bloch até ela alguns dias antes. O pai do meu amigo achara encantadora a Sra. Sazerat e estava particularmente envaidecido pelo anti-semitismo dessa dama, julgando-o uma prova da sinceridade de sua fé e da verdade de suas opiniões dreyfusistas e que assim dava mais valor à visita que ela o autorizara a fazer. Nem sequer se ofendera que ela tivesse dito estouvadamente na sua presença:

- O Sr. Drumont tem a pretensão de pôr os revisionistas no mesmo saco que os protestantes e os judeus. É deliciosa essa promiscuidade!

- Bernard - dissera ele com orgulho, na volta, ao Sr. Nissim Bernard -, sabes, ela tem o preconceito! -

Mas o Sr. Nissim Bernard nada respondera, erguendo aos céus um olhar angélico.

Entristecendo-se com a desgraça dos judeus, lembrando-se dos amigos cristãos, tornando-se amaneirado e preciosista à medida que os anos passavam, por motivos que veremos mais tarde, dava idéia agora de uma larva pré-rafaelita onde os pêlos fossem imundamente implantados, como cabelos afogados numa opala.

- Todo esse Caso Dreyfus - continuou o barão, sempre segurando o meu braço - só tem um inconveniente: é que destrói a sociedade (não digo a boa sociedade, há muito que a sociedade não merece esse epíteto elogioso) pelo afluxo de senhores e senhoras do Camelo, da Camelaria, da Cameleira, enfim, pessoas desconhecidas que encontro até na casa de minhas primas, porque fazem parte da Liga da Pátria Francesa, antijudaica, não sei o quê, como se uma opinião política desse direito a uma qualificação social.

Esta frivolidade do Sr. de Charlus o aproximava mais da duquesa de Guermantes. Apontei-lhe a semelhança. Como parecesse crer que eu não a conhecia, lembrei-lhe a vesperal da ópera onde ele dera a impressão de querer se esconder de mim. Disse-me com tanto empenho que absolutamente não me vira que teria acabado por acreditar nele, se em breve um pequeno incidente não me levasse a pensar que o Sr. de Charlus, talvez excessivamente orgulhoso, não gostava de ser visto em minha companhia.

- Voltemos ao senhor – disse - e aos meus projetos a seu respeito. Senhor, existe entre certos homens uma franco-maçonaria de que não posso lhe falar, mas que neste momento conta em suas fileiras quatro soberanos da Europa. Ora, os companheiros de um deles, que é o imperador da Alemanha, querem curá-lo de sua quimera. Isto é uma coisa muito grave e pode nos levar à guerra. Sim, senhor, perfeitamente. O senhor conhece a história daquele homem que julgava manter numa garrafa a princesa da China. Era uma loucura. Curaram-no. Mas, desde que deixou de ser louco, tornou-se imbecil. Há males cuja cura não se deve procurar porque eles nos protegem contra outros mais graves. Um de meus primos tinha uma doença do estômago, não podia digerir coisa alguma. Os mais sábios especialistas do estômago cuidaram dele sem resultado. Eu o levei a um certo médico (de passagem, uma criatura bastante curiosa e sobre a qual haveria muito a dizer). Este adivinhou logo que se tratava de uma doença nervosa, convenceu o enfermo, ordenou-lhe que comesse sem receio o que quisesse que seria sempre bem tolerado. Mas seu primo também sofria de nefrite. O que o estômago digere perfeitamente, o rim acaba por não poder eliminar, e meu primo, em lugar de viver até velho com uma doença imaginária do estômago que o forçava a seguir uma dieta, morreu aos quarenta anos, com o estômago curado, mas o rim perdido. Com um adiantamento formidável sobre sua própria vida, quem sabe se o senhor não será o que poderia ter sido um homem eminente do passado se um gênio benfazejo lhe houvesse revelado, em meio à

humanidade que as ignorava, as leis do vapor e da eletricidade. Não seja bobo, não recuse por discrição. Compreenda que, se lhe presto um grande serviço, não imagino que seja menor o que há de me prestar. Há muito que as pessoas da sociedade cessaram de me interessar, só tenho uma paixão, buscar redimir as culpas da minha vida, fazendo com que tire proveito do que sei uma alma ainda virgem e capaz de ser inflamada pela virtude. Tive grandes desgostos, senhor, de que lhe falarei talvez um dia; perdi minha mulher, que era a criatura mais nobre, mais bela, a mais perfeita que se possa imaginar. Tenho parentes jovens que são, não direi indignos, mas incapazes de receber a herança moral de que lhe falo. Quem sabe se o senhor não é aquele em cujas mãos pode ficar essa herança, aquele que eu poderei orientar e erguer tão alto na vida? A minha ganharia por acréscimo. Quem sabe se, ao lhe revelar as grandes questões diplomáticas, voltaria eu mesmo a lhes sentir o gosto e por fim me pusesse a fazer coisas interessantes em que o senhor seria o parceiro. Porém, antes de sabê-lo, seria necessário que o visse várias vezes, com muita freqüência, todos os dias.

Desejaria desfrutar das boas disposições inesperadas do Sr. de Charlus para lhe perguntar se ele não poderia me fazer encontrar com sua cunhada, mas, naquele momento, tive o braço vivamente deslocado por uma sacudidela, como um choque elétrico. Era o Sr. de Charlus que acabava de retirar precipitadamente o seu braço de sob o meu. Embora falando sempre, e voltando os olhos em todas as direções, somente agora é que vira o Sr. de Argencourt, que desembocava de uma rua transversal. Ao nos ver, este pareceu contrariado, lançou sobre mim um olhar de desconfiança, quase como aquele olhar destinado a uma criatura de outra raça que a Sra. de Guermantes lançara sobre Bloch, e tratou de evitar-nos. Mas parecia que o Sr. de Charlus se preocupava em lhe mostrar que não buscava de modo algum não ser visto por ele, pois chamou-o e para lhe dizer algo bem insignificante. E, talvez temendo que o Sr. de Argencourt não me reconhecesse, o Sr. de Charlus lhe disse que eu era um grande amigo da Sra. de Villeparisis, da duquesa de Guermantes, de Robert de Saint-Loup, que ele mesmo, Charlus, era um velho amigo de minha avó, feliz em tributar ao neto um pouco da simpatia que sentia por ela. Não obstante, reparei que o Sr. de Argencourt, a quem no entanto mal havia sido apresentado na casa da Sra. de Villeparisis e a quem o Sr. de Charlus acabava de falar longamente da minha família, fez-se mais frio comigo do que o fora uma hora antes, e desde então, durante muito tempo, procedia da mesma forma quando me encontrava. Observou-me naquela noite com uma curiosidade que nada tinha de simpática e pareceu mesmo ter de vencer uma certa resistência quando, ao nos deixar, depois de breve hesitação, estendeu-me a mão, que retirou logo.

- Lamento esse encontro - disse o Sr. de Charlus. - Este Argencourt, bem-nascido mas mal-educado, diplomata mais que medíocre, marido detestável e

mulherengo, velhaco feito nas comédias, é um desses homens incapazes de compreender, mas bem capazes de destruir as coisas verdadeiramente grandes. Espero que a nossa amizade o seja, se deve se fundar um dia, e que o senhor me faça a honra de mantê-la, tanto como eu, a salvo dos coices de um desses burros que, por ociosidade, por falta de jeito, por malvadeza, esmagam o que parece feito para durar. Infelizmente, é por esse molde que é feita a maioria das pessoas deste mundo.

- A duquesa de Guermantes parece muito inteligente. Falávamos há pouco de uma possível guerra. Parece que a duquesa tem, a esse respeito, luzes especiais.

- Não tem nenhuma - respondeu secamente o Sr. de Charlus. - As mulheres e, aliás, muitos homens não entendem nada das coisas de que eu desejaria falar. Minha cunhada é uma mulher encantadora que se imagina ser ainda dos tempos dos romances de Balzac, quando as mulheres tinham influência na política. A convivência delas não poderia exercer agora sobre o senhor senão uma influência maléfica, como aliás toda e qualquer convivência. E era justamente uma das primeiras coisas que ia lhe dizer quando esse idiota me interrompeu. O primeiro sacrifício que tem de me fazer o hei de exigir tantos quantos forem os benefícios que lhe fizer - é o de não freqüentar a sociedade. Sofri agora há pouco ao vê-lo nessa reunião ridícula. O senhor me dirá que também ali estive, mas para mim não era uma reunião mundana, e sim uma visita de família. Mais tarde, quando for um homem *arrivé*, se lhe agradar descer por instantes à sociedade, talvez não haja inconveniente. Então já não precisarei lhe dizer de que utilidade lhe seria. O "Sésamo" do palacete Guermantes e de todos aqueles que merecem que a porta se abra de par em par diante do senhor, eu é que o detenho. Serei juiz e tenciono permanecer o árbitro da hora. Atualmente o senhor é um catecúmeno. Sua presença naquela reunião era um tanto escandalosa. É preciso, antes de tudo, evitar a indecência.

Como o Sr. de Charlus falava da visita à casa da Sra. de Villeparisis, desejei indagar sobre o seu parentesco exato com a marquesa, a origem desta, mas a pergunta se fez em meus lábios de forma diferente da que eu quisera, e acabei perguntando o que era a família Villeparisis.

- Meu Deus, a resposta não é muito fácil - respondeu o Sr. de Charlus com uma voz que parecia deslizar nas palavras. - É como se o senhor me pedisse para dizer o que é o nada. Minha tia, que pode permitir-se a tudo, teve a fantasia, ao se casar em segundas núpcias com um certo Sr. Thirion, de mergulhar no nada o maior nome da França. Este Thirion pensou que poderia sem inconveniente, como ocorre nos romances, assumir um nome aristocrático e extinto. A história não diz se ele foi tentado por La Tour de Auvergne, se hesitou entre Toulouse e Montmorency. Em todo caso, fez uma escolha diferente e tornou-se o Sr. de Villeparisis. Como não há mais ninguém com tal nome desde 1702, imaginei que

ele queria modestamente significar com isso que se tratava de um senhor de Villeparisis, pequena localidade perto de Paris, e que possuía uma banca de advogado ou um salão de cabeleireiro em Villeparisis. Porém minha tia não sabia nada a esse respeito aliás, chega a uma idade em que não se entende mais de coisa alguma. Ela pretendeu que esse marquesado estava na família, escreveu a todos nós, quis fazer as coisas regularmente, não sei por quê. Uma vez que se se apropria de um nome ao qual não se tem direito, o melhor é não estar com tantas histórias, como a nossa excelente amiga, a condessa de M***, que, apesar dos conselhos da Sra. Alphonse Rothschild, recusou aumentar *os dinheiros de São Pedro* por um título que nem por isso se tornaria mais verdadeiro. O engraçado é que, desde essa ocasião, minha tia monopolizou todas as pinturas que se referiam aos verdadeiros Villeparisis, com os quais o falecido Thirion não tinha qualquer parentesco. O castelo de minha tia se tornou uma espécie de sede de monopólio de seus retratos, autênticos ou não, sob o fluxo crescente dos quais alguns Guermantes e alguns Condes, que no entanto não são de pouca importância, tiveram de desaparecer. Os negociantes de quadros fabricam-nos todos os anos. E ela chega mesmo a ter, na sala de jantar, no campo, um retrato de Saint-Simon por causa do primeiro casamento de sua sobrinha com o Sr. de Villeparisis, e embora o autor das Memórias tenha talvez outros títulos para o interesse dos visitantes que não o fato de ter sido bisavô do Sr. Thirion. Não passando de uma Sra. Thirion, a Sra. de Villeparisis completou a queda que havia começado em meu espírito quando vira a composição misturada do seu salão. Eu achava injusto que uma mulher, de quem até o título e o nome eram tão recentes, pudesse iludir os contemporâneos e devesse iludir também a posteridade, graças às amizades régias. Voltando a ser o que me havia parecido em minha infância, uma pessoa que nada tinha de aristocrático, esses grandes parentescos que a cercavam me pareceram restar de todo estranhos a ela. Desde então, não deixou de se mostrar encantadora conosco. Às vezes eu ia vê-la, e ela me mandava uma lembrança de vez em quando. Mas de modo algum eu tinha a impressão de que pertencesse ao *faubourg* Saint-Germain, e, se queria alguma informação a respeito, ela seria uma das últimas pessoas a quem me dirigiria.

- Atualmente - continuou o Sr. de Charlus - o senhor só faria prejudicar sua situação freqüentando a sociedade; deformaria seu caráter e sua inteligência. Ademais, seria necessário fiscalizar até mesmo, e sobretudo, suas camaradagens. Tenha amantes, caso sua família não veja inconveniente nisso, isso não me diz respeito e até só posso encorajá-lo a tanto, seu travesso, que logo logo vai ter de fazer a barba - disse ele, tocando-me o queixo. - Mas a escolha dos amigos homens tem uma outra importância. Em cada dez pessoas, oito são uns canalhas, miseráveis capazes de lhe fazer danos de que o senhor jamais se há de recobrar. Olhe, meu sobrinho Saint-Loup é, a rigor, um excelente companheiro para o senhor. Do ponto de vista do seu futuro, ele não lhe poderá

ser útil para nada; mas para isso, basto eu. E afinal de contas, para sair com o senhor nos momentos em que estiver farto de mim, não me parece apresentar nenhum inconveniente grave, ao que suponho. Pelo menos, trata-se de um homem, não é um desses efeminados, como a gente encontra tanto hoje em dia, que parecem pequenos *truqueurs* e que amanhã talvez levem ao cadafalso suas inocentes vítimas. - (Eu não sabia o significado desse termo de gíria, *truqueur*. Quem quer que o conhecesse, ficaria tão surpreendido como eu. As pessoas da sociedade gostam de falar em gíria, e aquelas a quem se pode censurar certas coisas, de mostrar que não receiam falar nas mesmas. Prova de inocência a seus olhos. Porém perderam a noção da escala de valores, já não percebem o grau a partir de que um certo gracejo se torna muito especial, por demais chocante, e será mais uma prova de corrupção do que de ingenuidade.) - Ele não é como os outros; é muito amável e bastante sério.

Não pude deixar de sorrir diante desse epíteto de "sério", ao qual a entonação que lhe dava o Sr. de Charlus parecia conferir o sentido de "virtuoso", de "bem-comportado", como de uma operariazinha se diz que é séria. Nesse momento passou um fiacre que ia à toa; um cocheiro jovem, tendo descido da boléia, conduzia-o do fundo do carro, onde se assentara sobre almofadas, parecendo meio bêbado. O Sr. de Charlus fê-lo parar com vivacidade. O cocheiro parlamentou por um momento.

- Para que lado o senhor vai?

- Para o seu. (Aquilo me espantou, pois o Sr. de Charlus já recusara vários fiacres com lanternas da mesma cor.)

- Mas não quero voltar para a boléia. Importa-se que eu fique dentro do carro?

- Não, mas baixe a capota. Enfim, pense na minha proposta - disse-me o Sr. de Charlus antes de ir embora. - Dou-lhe alguns dias para refletir, escreva-me. Repito-lhe, será preciso vê-lo todos os dias e que eu receba do senhor garantias de lealdade, de discrição, que aliás, devo dizê-lo, o senhor parece oferecer. Mas, durante a minha vida, tenho sido tão freqüentemente enganado pelas aparências que não quero mais confiar nelas. Diabo, não é nada demais que, antes de abandonar um tesouro, eu saiba em que mãos vou depositá-lo. Enfim, lembre-se bem do que lhe estou oferecendo, o senhor é como Hércules de quem, infelizmente, não parece ter a forte musculatura, na encruzilhada de dois caminhos. Procure não ter de lamentar pelo resto da vida não haver escolhido aquele que conduziria à virtude. Como disse, dirigindo-se ao cocheiro -, ainda não baixou a capota? Eu mesmo vou dobrar as molas. Pelo visto, creio que terei também de conduzir o carro, levando em conta o estado em que parece estar.

E saltou para junto do cocheiro, no fundo do fiacre, o qual partiu a trote largo.

De minha parte, mal entrei em casa encontrei uma réplica da conversa que

haviam tido um pouco antes o Sr. de Norpois e Bloch, mas sob uma forma breve, invertida e cruel: era uma discussão entre o nosso mordomo, que era dreyfusista, e o dos Guermantes, antidreyfusista. As verdades e contraverdades que entre si opunham no alto os intelectuais da Liga da Pátria Francesa e a dos Direitos do Homem se propagavam de fato até as profundezas do povo. O Sr. Reinach manobrava, pelo sentimento, pessoas que jamais o tinham visto, enquanto que para ele a questão Dreyfus se apresentava diante de sua razão apenas como um teorema irrefutável e que ele "demonstrou de fato" com o mais espantoso êxito da política racional (êxito contra a França, disseram alguns) que jamais se viu. Em dois anos, ele substituiu um ministério Billot por um ministério Clémenceau, mudou de alto a baixo a opinião pública, tirou Picquart da prisão para colocá-lo, ingrato, no Ministério da Guerra. Talvez esse nacionalista manobrador de massas fosse ele próprio manobrado por sua raça. Quando os sistemas filosóficos que contêm mais verdades são ditados a seus autores, em última análise por razões de sentimento, como supor que, numa simples questão política, como o Caso Dreyfus, motivos desse gênero não possam, contra a vontade do raciocinador, governar-lhe a razão? Bloch julgava ter escolhido logicamente o seu dreyfusismo, e no entanto sabia que seu nariz, sua pele e cabelos tinham-lhe sido impostos pela sua raça. Evidentemente, a razão é mais livre; todavia, ela obedece a certas leis que não impôs a si mesma. O caso do mordomo dos Guermantes e do nosso era particular. As vagas das duas correntes, do dreyfusismo e do antidreyfusismo, que dividiam a França de alto a baixo, eram bem silenciosas, mas os raros ecos que emitiam eram sinceros. Ouvindo alguém, que no meio de uma conversa afastava-se voluntariamente do caso, anunciar furtivamente uma notícia política, em geral falsa mas sempre desejada, era possível deduzir do objeto de suas previsões a orientação de seus desejos. Assim, defrontavam-se sobre alguns pontos, de uma parte um apostolado tímido, de outra uma santa indignação. Os dois mordomos que ouvi ao voltar para casa eram exceção à regra. O nosso deixou ouvir que Dreyfus era culpado; o dos Guermantes, que ele era inocente. Não era para dissimular suas convicções, mas por maldade e encarniçamento no jogo. Nosso mordomo, inseguro sobre se ia ocorrer a revisão, queria previamente, no caso de um fracasso, tirar ao mordomo dos Guermantes a alegria de julgar derrotada uma causa justa. O mordomo dos Guermantes pensava que, no caso de uma recusa à revisão, o nosso ficaria mais aborrecido por ver ser mantido um inocente na Ilha do Diabo. O porteiro os olhava. Tive a impressão de que não era ele quem dividia a domesticidade dos Guermantes.

Subi e achei minha avó bem pior. Desde algum tempo, sem bem saber do que sofria, ela se queixava da saúde. Na enfermidade é que percebemos que não vivemos sós, mas acorrentados a uma criatura de outro reino, cujos abismos nos separam, que não nos conhece e pelo qual nos é impossível fazer-nos compreender: nosso corpo. Qualquer assaltante que encontrássemos no caminho,

talvez pudéssemos sensibilizá-lo em seu interesse pessoal, senão pela nossa desgraça. Mas rogar piedade ao nosso corpo é discursar diante de um polvo, para quem nossas palavras não podem ter mais sentido que o rumor das águas, e com o qual nos aterrorizaríamos de ser condenados a conviver. Os achaques de minha avó lhe passavam muitas vezes despercebidos à atenção, sempre voltada para nós. Quando ela sofria muito, esforçava-se em vão para compreender seus males a fim de curá-los. Se os fenômenos mórbidos de que seu corpo era o palco permaneciam obscuros e inatingíveis ao seu pensamento, eram nítidos e inteligíveis para os seres que pertenciam ao mesmo reino físico deles, destes a quem o espírito humano acabou por se dirigir para compreender o que lhe diz seu corpo, como diante das respostas de um estrangeiro a gente vai procurar alguém do mesmo país para servir de intérprete. Estes podem conversar com o nosso corpo, dizer-nos se sua cólera é grave ou em breve se acalmará. Cottard, que haviam chamado para junto da minha avó e que nos irritara ao perguntar com um sorriso fino, desde o primeiro minuto em que lhe tínhamos dito que ela estava doente:

"Doente? Não será pelo menos uma doença diplomática?", Cottard tentou, para acalmar a agitação da sua cliente, a dieta de leite. Mas as perpétuas sopas de leite não fizeram efeito porque minha avó punha nelas muito sal, cuja inconveniência era ignorada naquele tempo (pois Widal ainda não tinha feito suas descobertas). Sendo a medicina um compêndio de erros sucessivos e contraditórios dos médicos, recorrendo-se aos melhores dentre estes corre-se o risco de solicitar uma verdade que será reconhecida como falsa alguns anos depois. De modo que acreditar na medicina seria a maior loucura, caso não acreditar em absoluto nela não fosse uma outra ainda maior, pois desse amontoado de erros se desprenderam, ao longo dos anos, algumas verdades. Cottard havia recomendado que lhe medissem a temperatura. Foram buscar um termômetro. Em quase toda a sua altura, o tubo estava vazio de mercúrio. Mal se distinguia, agachada no fundo de sua pequena cuba, a salamandra cor de prata.

Parecia morta. Puseram o canudinho de vidro na boca da minha avó. Não precisamos deixá-lo ali por muito tempo; a pequena feiticeira não havia demorado em tirar o seu horóscopo. Encontramo-la imóvel, empoleirada a meio em sua torre e, sem mais um gesto, mostrando-nos com exatidão a cifra que todos nós lhe pedíramos e que todas as reflexões que pudesse fazer sobre si mesma a alma da minha avó teriam sido bem incapazes de lhe fornecer: 38,3°. Pela primeira vez, sentimos uma certa inquietação.

Sacudimos com força o termômetro para apagar o signo fatídico, como se, assim, tivéssemos podido abaixar a febre ao mesmo tempo que a temperatura marcada. Infelizmente, ficou bem claro que a pequena sibila desprovida de razão não fornecera arbitrariamente aquela resposta, pois no dia seguinte, mal o

termômetro foi recolocado entre os lábios de minha avó, quase imediatamente, como de um só salto, magnífica de certeza e da intuição de um fato para nós invisível, a pequena profetisa viera parar no mesmo ponto, numa imobilidade implacável, mostrando-nos ainda a marca de 38,3° de sua haste fulgurante. Não nos dizia outra coisa, e, por mais que desejássemos, quiséssemos, implorássemos, permanecia surda e parecia que esse era o seu último aviso ameaçador. Então, para tentar constrangê-la a modificar sua resposta, recorremos a uma outra criatura do mesmo reino, porém mais poderosa, que não se contenta em interrogar o corpo mas pode comandá-lo, um febrífugo da mesma natureza da aspirina, ainda não empregado à época. Não tínhamos baixado o termômetro além dos 37,5°, na esperança de que assim não teria de subir. Mandamos dar esse febrífugo à minha avó e depois recolocamos o termômetro. Como um guarda implacável a quem se mostra a ordem de uma autoridade superior, cuja proteção se obteve, e que, encontrando-a em ordem, responde:

"Está certo, não tenho nada a dizer, já que é assim, passem", a vigia da torre não se mexeu desta vez. Mas, carrancuda, parecia dizer: "De que lhes servirá isto? Já que conhecem a quinina, ela me dará ordens no sentido de não me mover uma vez, dez vezes, vinte vezes. E depois ficará cansada, conheço-a; vamos! Isto não vai durar para sempre. E então vocês vão ficar na mesma." Então a minha avó sentiu, em si mesma, a presença de uma criatura que conhecia melhor o corpo humano que ela, a presença de uma contemporânea de raças desaparecidas, a presença do primeiro ocupante bem anterior à criação do homem que pensa; sentiu esse aliado milenar que a apalpava, até com certa dureza, na cabeça, no coração, no cotovelo, reconhecendo os locais, organizando tudo para o combate pré-histórico que ocorreu logo após. Num instante, a serpente Píton esmagada, a febre foi vencida pelo poderoso elemento químico a que minha avó, através dos reinos, passando por cima de todos os animais e vegetais, gostaria de poder agradecer. E ficava abalada com essa entrevista que acabava de ter, através de tantos séculos, com um elemento anterior à própria criação das plantas. Por seu turno, o termômetro, como uma Parca momentaneamente vencida por um deus mais antigo, mantinha imóvel o seu fuso de prata. Infelizmente, outras criaturas inferiores que o homem treinou para a caça desses animais misteriosos que não pode perseguir no fundo de si mesmo nos traziam cruelmente, todos os dias, uma taxa de albumina fraca, mas suficientemente fixa para que parecesse estar em relação com algum estado persistente que ignorávamos. Bergotte havia incubado em mim o instinto escrupuloso que me fazia subordinar a minha inteligência, quando me falara do doutor Du Boulbon como de um médico que não me aborreceria, que encontraria modos de tratar, mesmo que fossem aparentemente bizarros, mas que se adaptariam à singularidade de minha inteligência. Mas as idéias se transformam em nós, triunfam sobre as resistências que a princípio lhes opomos e se alimentam de ricas reservas intelectuais já prontas, que não

sabíamos feitas para elas. Agora, como acontece cada vez que as frases ouvidas, a propósito de alguém que não conhecemos, têm a virtude de despertar em nós a idéia de um grande talento, de uma espécie de gênio, no fundo de meu espírito eu fazia o doutor Du Boulbon se beneficiar dessa confiança ilimitada que nos inspira aquele que, com um olho mais penetrante que o de outro, percebe a verdade. Certamente eu sabia que ele era especialista mais das doenças nervosas, aquele a quem Charcot, antes de morrer, havia previsto que reinaria sobre a neurologia e a psiquiatria.

- Ah, não sei, é bem possível - disse Françoise, que se achava presente e ouvira pela primeira vez o nome de Charcot e o de Du Boulbon. Mas isso não a impedia em absoluto de dizer: - É possível. -

Seus "é possível", seus "pode ser", seus "eu não sei" eram exasperantes em casos parecidos. A gente ficava com vontade de lhe responder: "Está claro que você não sabia, pois já que não conhece nada do assunto de que se trata como é que pode dizer se é possível ou não, você não sabe nada disso. Em todo caso, agora você não pode dizer que não sabe o que Charcot disse sobre Du Boulbon, etc.; está sabendo porque nós o dissemos, e os seus 'talvez', os seus 'é possível' não são aceitáveis, visto que é certo".

Apesar dessa competência mais particular em matéria nervosa e cerebral, como eu soubesse que Du Boulbon era um grande médico, um homem superior, de uma inteligência inventiva e profunda, supliquei à minha mãe que o mandasse vir, e a esperança de que, por uma visão justa do mal, ele talvez a curasse, acabou por vencer o medo que tínhamos de assustar a minha avó, chamando um novo médico. O que decidiu minha mãe foi que, inconscientemente animada por Cottard, minha avó não saía mais, não deixava a cama. Debalde nos respondia com a carta da Sra. de Sévigné sobre Madame de La Fayette:

"Diziam que ela estava louca por não querer sair. Eu dizia a essas pessoas tão precipitadas em seu julgamento: 'Madame de La Fayette não está louca', e ficava nisso. Foi preciso que ela morresse para verem que tinha razão em não querer sair."

Du Boulbon, chamado, discordou, se não da Sra. de Sévigné, que não lhe citaram, pelo menos de minha avó. Em vez de auscultá-la, pousando nela seus admiráveis olhares onde havia talvez a ilusão de que estava escrutando profundamente a enferma, ou o desejo de lhe dar essa ilusão, que parecia espontânea mas devia ter se tornado maquinal, ou de não lhe deixar ver que pensava em algo bem diverso, ou para obter domínio sobre ela, começou a falar de Bergotte.

- Ah, acredito minha senhora, é admirável; como tem razão em gostar dele! Mas qual de seus livros prefere? Verdade? Meu Deus, talvez seja de fato o melhor! Em todo caso, é o seu romance mais bem estruturado: Claire é encantadora;

como personagem masculino, qual é o que mais lhe agrada?

A princípio, julguei que ele a fazia desse modo falar sobre literatura porque a medicina o aborrecia, talvez também para mostrar sua largueza de espírito, e até mesmo, com uma finalidade mais terapêutica, para que a doente adquirisse mais confiança, fazê-la ver que não estava inquieto, distraí-la de seu estado. Mas depois compreendi que, sobretudo notável como alienista e por seus estudos sobre o cérebro, quisera verificar, com suas perguntas, se a memória de minha avó estava intacta.

Como contra a vontade, interrogou-a um pouco sobre sua vida, de olho fixo e sombrio. Depois, de repente, como se percebesse a verdade e decidisse atingi-la custasse o que custasse, com um gesto preliminar que parecia difícil de esboçar-se, afastando as ondas das últimas hesitações que poderia ter e de todas as objeções que lhe poderíamos fazer, examinando minha avó com olhar lúcido, livremente e como que pisando enfim a terra firme, pontuando as palavras com um tom suave e sedutor do qual a inteligência matizava todas as inflexões (aliás, sua voz permaneceu, em toda a visita, caricosa, como era o seu natural, e, sob as sobrancelhas espessas, seus olhos irônicos eram cheios de bondade):

- A senhora irá bem um dia, remoto ou próximo, e só depende de si mesma que esse dia seja hoje, quando compreender que não tem nada e retomará a vida comum. Disse-me já não comia, nem saía?

- Mas doutor, estou com um pouco de febre.

Ele tocou-lhe a mão.

- Não neste momento, em todo caso. E depois, que bela desculpa! Não sabe que deixamos ao ar livre, e que fazemos superalimentação, no caso de tuberculosos com 39° de febre?

- Mas também tenho um pouco de albumina.

- Não deveria sabê-lo. A senhora tem o que descrevi como albumina mental. Todos nós já tivemos, no decurso de uma indisposição, nossa crisezinha de albumina, que nosso médico se apressou a tornar duradoura ao nos fazer notá-la. Para uma só afecção que os médicos curam com medicamentos (assegura-se, pelo menos, que isso aconteceu algumas vezes), provocam dez outras em pacientes saudáveis, inoculando-lhes esse agente patogênico, mil vezes mais virulento que todos os micróbios, a idéia de que estamos doentes. Uma tal crença, poderosa sobre o temperamento de todos, age com especial eficácia sobre os nervosos. Digam-lhes que uma janela fechada está aberta às suas costas, e eles começam a espirrar; façam-nos acreditar que puseram magnésia em sua beberagem, e eles serão tornados de cólicas; que o seu café estava mais forte que de costume, e eles não pregarão os olhos de noite. Acredite, senhora, que não

me bastou ver seus olhos, ouvir apenas o modo como se expressa, que direi? Ver a senhora sua filha e o seu neto, que se parece tanto contigo, para saber com quem estava tratando?

-Tua avó poderia talvez ir sentar-se, se o doutor der licença, numa alameda tranqüila dos Champs-Élysées, perto daquele bosque de loureiros diante do qual brincavas antigamente -disse-me a minha mãe, assim consultando indiretamente a Du Boulbon e cuja voz assumia por isso algo de tímido e deferente que não teria se se dirigisse somente a mim. O médico voltou-se para a minha avó e, como não era menos letrado que sábio:

- Vá aos Champs-Élysées, minha senhora, para perto do bosque de loureiros apreciado pelo seu neto. O loureiro lhe será salutar. Ele purifica. Depois de haver exterminado a serpente Píton, foi com um ramo de loureiro à mão que Apolo entrou em Delfos. Queria, assim, preservar-se dos germes mortais da fera venenosa. Verá que o loureiro é o mais antigo, o mais venerável e, acrescentarei o que tem seu valor terapêutico tanto como profiláxico -, o mais belo dos antissépticos.

Como uma grande parte do que os médicos sabem lhes é ensinada pelas doenças, são facilmente levados a crer que esse saber dos "pacientes" é o mesmo em todos eles, e gabam-se de espantar aquele com quem se encontram com alguma observação aprendida com aqueles a quem trataram antes. Assim, foi com um fino sorriso de parisiense que, conversando com um camponês, esperaria assombrá-lo servindo-se de uma palavra dialetal, que o doutor Du Boulbon disse à minha avó:

- Provavelmente o tempo ventoso conseguiria fazê-la dormir, enquanto que fracassariam os mais fortes hipnóticos.

- Pelo contrário, doutor, o vento me impede absolutamente de dormir.

Mas os médicos são suscetíveis:

- Ah! - murmurou Du Boulbon, franzindo as sobrancelhas, como se lhe tivessem pisado no pé e se as insônias de minha avó nas noites tempestuosas lhe fossem uma injúria pessoal. Todavia, não era dotado de muito amor-próprio e como, na situação de um "espírito superior", julgava de seu dever não confiar muito na medicina, retomou logo a serenidade filosófica.

Minha mãe, no seu desejo apaixonado de ser tranqüilizada pelo amigo de Bergotte, acrescentou, em apoio ao médico, que uma prima-irmã de minha avó, presa de uma afecção nervosa, ficara sete anos reclusa em seu quarto em Combray, sem se levantar mais que uma ou duas vezes por semana.

- Veja, minha senhora; eu não sabia disso e poderia tê-lo dito.

- Mas doutor, eu não sou absolutamente igual a ela, pelo contrário. Meu médico

não pode me fazer ficar deitada - disse a minha avó, ou porque se sentisse irritada com as teorias do médico, ou porque desejasse submeter-lhe as objeções que lhe poderiam ser feitas, na esperança de que ele as refutasse, e que, tão logo ele partisse, ela não mais teria qualquer dúvida a opor a seu feliz diagnóstico.

- Mas é claro, minha senhora, não é possível ter, perdoe-me a expressão, todas as vesânias; a senhora tem outras, não essa. Ontem, visitei uma casa de saúde para neurastênicos. No jardim, um homem estava em pé sobre um banco, imóvel como um faquir, o pescoço inclinado numa posição que devia ser bastante penosa. Como lhe perguntasse o que fazia ali, respondeu-me sem fazer um movimento nem virar a cabeça:

- Doutor, sou extraordinariamente sujeito a reumatismo e resfriado; acabo de fazer muito exercício e, enquanto assim me aquecia bestamente, meu pescoço estava abrigado na gola de flanela. Se agora o afastasse desse abrigo, antes que meu corpo esfrie, tenho a certeza de ficar com um torcicolo ou apanhar uma bronquite.

- "E de fato a apanharia. O senhor é um grande neurastênico, isso é que é" disse-lhe. Sabem qual foi a razão que me deu para provar que não? É que, ao passo que todos os enfermos do estabelecimento tinham a mania de ver o peso, a ponto de ser preciso colocar correntes na balança para que não passassem o dia inteiro a se pesar, a ele eram obrigados a forçá-lo a subir à balança, de tão pouca vontade que tinha em pesar-se. Gabava-se de não ter a mania dos outros, sem pensar que também tinha a sua e que era ela que o preservava de uma outra. Não fique ofendida com a comparação, minha senhora, pois aquele homem que não ousava virar o pescoço, com medo de ficar resfriado, é o maior poeta do nosso tempo. Aquele pobre maníaco é a mais alta inteligência que conheço. Tolere que a considerem nervosa. A senhora pertence a essa família magnífica e lastimável que é o sal da terra. Tudo o que sabemos de grandioso nos vem dos nervosos. Foram eles e não os outros que fundaram as religiões e compuseram as obras-primas. O mundo jamais saberá tudo o que lhes deve, e principalmente o que eles sofreram para lhe dar o que deram. Desfrutamos das finas músicas, dos belos quadros, mil delicadezas, mas não sabemos o que essas obras custaram aos que as inventaram, em insônias, choros, risos espasmódicos, urticárias, asmas, epilepsias, numa angústia de morrer que é pior que tudo isso, e que a senhora talvez conheça - acrescentou ele, sorrindo à minha avó -, pois, confesse, quando cheguei, a senhora não estava muito tranqüila. A senhora se julgava doente, talvez perigosamente enferma. Deus sabe de que afecção julgava a senhora descobrir em si mesma os sintomas. E a senhora não se enganava, possuía-os. O nervosismo é um pastichador genial. Não há doença que ele não imite às maravilhas. Ele imita, a ponto de iludir-nos, a dilatação dos dispépticos, as náuseas da gravidez, a arritmia do cardíaco, o estado febril do tuberculoso. Capaz

de ensinar o médico, por que não enganaria o doente? Ah, não julgue que ridicularizo os seus males; não me empenharia em tratá-los se não soubesse compreendê-los. E, veja bem, não há boa confissão que não seja recíproca. Disse-lhe que sem doença nervosa não existe um grande artista; digo-lhe mais acrescentou, erguendo gravemente o dedo -, não há um grande sábio. Acrescentarei que, sem que ele próprio seja atingido por uma doença nervosa, não há, não me faça dizer um bom médico, mas um médico correto das doenças nervosas. Na patologia nervosa, um médico que não diz muita asneira é um doente meio curado, como um crítico é um poeta que já não faz versos, um policial é um ladrão que já não rouba. Quanto a mim, não me julgo albuminúrico feito a senhora, não tenho o medo nervoso do alimento, do ar livre, mas não consigo dormir sem me levantar mais de vinte vezes para verificar se minha porta está fechada. E, nessa casa de saúde onde encontrei ontem um poeta que não virava o pescoço, eu ia reservar um quarto, pois, cá entre nós, lá passo as minhas férias a me tratar, desde que aumentei meus males cansando-me demais em curar os males alheios.

- Mas, doutor, deverei fazer uma cura semelhante? - disse espantada a minha avó.

- É inútil, minha senhora. As manifestações que acusa cederão ante a minha palavra. E depois, a senhora tem por perto alguém muito poderoso que de agora em diante se constituirá o seu médico. É o seu mal, o seu excesso de atividade nervosa. Se soubesse a forma de curá-la, evitaria fazê-lo. Basta-me dirigir esse mal. Vejo sobre sua mesa um livro de Bergotte. Curada de seu nervosismo, a senhora não gostaria mais dele. Ora, teria eu o direito de trocar as alegrias que ele proporciona pela integridade nervosa que será certamente incapaz de proporcioná-las? E essas mesmas alegrias constituem um poderoso remédio, talvez o mais eficaz de todos. Não, não

quero mal à sua energia nervosa. Peço-lhe apenas que me ouça; confio a senhora a ela. Que dê marcha a ré. A força que empregava para impedi-la de passear, de se alimentar bastante, que a empregue em fazê-la comer, sair, ler, se distrair de todas as formas. Não me diga que está cansada. O cansaço é a realização orgânica de uma idéia preconcebida. Comece por não pensar nele. E, se tiver uma pequena indisposição, o que pode ocorrer com todo mundo, será como se não a tivesse, pois ela terá feito da senhora, conforme uma expressão profunda do Sr. de Talleyrand, um sadio imaginário. Olhe, ela principiou a curá-la, a senhora está me escutando bem ereta, sem ter se apoiado uma só vez, o olho vivo, fisionomia atenta, e isso há uma meia hora marcada no relógio; e nem mesmo se deu conta de tal. Senhora, tenho muita honra em cumprimentá-la.

Quando, após ter conduzido o doutor até a porta, voltei para o quarto onde minha mãe estava sozinha, o desgosto que me oprimia há várias semanas se desfez;

senti que minha mãe ia deixar explodir sua alegria e que ia ver a minha, e experimentei essa impossibilidade de suportar a espera do instante próximo, em que uma pessoa, junto a nós, vai se emocionar, impossibilidade que, em outra ordem, é um tanto como o medo que experimentamos quando sabemos que alguém vai entrar e assustar-nos, por uma porta ainda fechada; quis dizer uma palavra a mamãe, mas minha voz se quebrou e, rompendo em lágrimas, fiquei por muito tempo com a cabeça em seu ombro, chorando, saboreando, aceitando essa dor, agora que sabia que ela saíra da minha vida, como gostamos de exaltar-nos com projetos virtuosos que as circunstâncias não nos permitem pôr em prática. Françoise me exasperou por não tomar parte em nossa alegria. Estava muito comovida porque rebentara uma cena terrível entre o lacaio e o porteiro delator. Fora preciso que a duquesa interviesse com sua bondade, restabelecesse uma aparência de paz e perdoasse ao lacaio. Pois era bondosa, e o emprego seria ideal se ela não desse ouvidos aos mexericos.

Há vários dias já tinham começado a saber que minha avó estava doente e todos pediam notícias. Saint-Loup me escrevera: "Não quero aproveitar essas horas em que a tua querida avó não passa bem para te fazer o que é muito mais que simples censuras e das quais ela não tem culpa nenhuma. Porém mentiria se dissesse, mesmo provisoriamente, que alguma vez esquecerei a perfídia da tua conduta, e que jamais haverá perdão para a tua trapaça e tua traição."

Porém alguns amigos, achando minha avó pouco doente ou até ignorando que ela o estivesse, tinham-me pedido que os encontrasse no dia seguinte nos Champs-Élysées, para ali fazer uma visita e comparecer, no campo, a um jantar que me agradava. Não tinha mais nenhum motivo para renunciar a esses dois prazeres. Quando haviam dito à minha avó que agora era necessário, para obedecer ao doutor Du Boulbon, que ela passeasse muito, viu-se que ela imediatamente falou nos Champs-Élysées. Ser-me-ia fácil conduzi-la até lá; e, enquanto ela estivesse lendo sentada, poderia me entender com meus amigos acerca do local onde nos encontraríamos, e ainda teria tempo, se me apressasse, de pegar com eles o trem para Ville-d'Avray. No momento combinado, minha avó não quis sair, achando-se cansada. Mas minha mãe, instruída por Du Boulbon, teve a energia de se zangar e se fazer obedecer. Quase chorava à idéia de que minha avó recairia em sua fraqueza nervosa e não mais se recobraria. Nunca um dia tão bonito e quente se prestou de modo mais admirável à saída de casa. O sol, mudando de lugar, intercalava aqui e ali, na solidez quebrada do balcão, suas musselinas inconstantes e dava à pedra de cantaria uma tépida epiderme, um halo de ouro impreciso. Como Françoise não tivera tempo de enviar um "cabo" à sua filha, deixou-nos logo após o almoço. Já era muito que antes tivesse entrado na loja de Jupien, para que ele desse um ponto no mantelete que a minha avó iria pôr para sair. Voltando justo naquele instante de meu passeio matinal, fui com ela à casa do coleteiro.

- É o seu patrãozinho quem a traz aqui, é a senhora quem o traz, ou então é algum vento favorável que os traz a ambos? - perguntou Jupien a Françoise.

Embora não tivesse muito ensino, Jupien respeitava tão naturalmente a sintaxe como o Sr. de Guermantes, apesar de seus esforços, a violava. Logo que Françoise partiu e o mantelete já estava consertado, foi necessário que minha avó se vestisse. Tendo recusado obstinadamente que mamãe ficasse com ela, levou um tempo enorme, sozinha, para se aprontar. E agora que eu sabia que ela estava bem de saúde, com essa estranha indiferença que temos para com os parentes enquanto estão vivos, que faz com que os negligenciemos em favor de todo o mundo, achava-a muito egoísta por demorar tanto, por me arriscar a ficar atrasado quando ela sabia que eu tinha um encontro com meus amigos e devia jantar em Ville d'Avray. De tanta impaciência, acabei por descer antes, depois de me dizerem duas vezes que ela já estaria pronta. Por fim ela foi ao meu encontro (sem se desculpar pelo atraso, como fazia de costume nesses casos, vermelha e distraída como uma pessoa que está com pressa e esqueceu metade de suas coisas), no momento em que eu chegava à porta envidraçada, entreaberta, que deixava entrar o ar líqüido,

vibrante e morno de fora, como se tivessem aberto um reservatório entre as gélidas paredes do prédio, sem absolutamente aquecê-las.

- Meu Deus, já que vais ver os teus amigos, eu bem podia ter posto outro mantelete. Com este, fico parecendo meio miserável.

Impressionou-me vê-la tão congestionada e compreendi que, atrasando-se, devia ter se apressado muito. Como acabávamos de deixar o fiacre à entrada da avenida Gabriel, nos Champs-Élysées, vi que minha avó se afastara, sem me falar, e se dirigia para o pequeno pavilhão antigo, de grades verdes, onde um dia eu tinha esperado por Françoise. O mesmo guarda florestal que ali se encontrava então ainda permanecia junto da "marquesa", quando, seguindo minha avó que, devido certamente a uma náusea, levava a mão à boca, subi os degraus

do teatrinho rústico erguido no meio dos jardins. Na fiscalização, como nesses circos de feira em que o *clown*, pronto para entrar em cena e todo enfarinhado, recebe ele mesmo à porta os ingressos, a "marquesa", arrecadando as entradas, estava sempre ali com o seu rosto enorme e irregular, endurecido de grosseira maquilagem, e seu bonezinho de flores vermelhas e renda preta encarrapitado sobre a peruca ruiva. Mas não creio que me reconhecesse. O guarda, abandonando a vigilância da grama, com cuja cor seu uniforme combinava, conversava sentado a seu lado.

- Pelo visto - dizia -, está sempre aqui. Não pensa em se aposentar?

- E por que me aposentaria, meu senhor? Diga-me onde estarei melhor do que aqui, a meu gosto e com todo o conforto? E depois, sempre há movimento e

distração; é o que chamo meu pequeno Paris; meus fregueses me põem a par do que está acontecendo. Olhe, há um que saiu há menos de cinco minutos, é um magistrado da mais alta posição. Pois bem, senhor! -exclamou com ardor, como se estivesse pronta para sustentar essa afirmação pela violência, caso o agente da autoridade fizesse cara de lhe contestar a exatidão - há oito anos, está ouvindo, todos os dias que Deus dá, às três em ponto ele está aqui, sempre bem-educado; nunca levantou a voz, nem sujou coisa alguma; e fica lendo seus jornais por mais de meia hora, e mais as suas necessidades. Apenas num só dia ele não compareceu. No momento não reparei, mas à noite, de repente, pensei comigo: "Olha, aquele senhor não veio, talvez esteja morto." Aquilo mexeu comigo, pois eu crio amizade às pessoas quando são bem-educadas. Por isso, fiquei muito contente quando o vi no dia seguinte, e lhe disse: "Senhor, aconteceu-lhe alguma coisa ontem?" Então ele me disse que nada lhe acontecera, que sua mulher é que havia morrido, e ele ficara tão transtornado que não pudera vir. Claro que estava muito triste, compreende, vinte e cinco anos de casados, mas mesmo assim parecia contente por voltar. A gente percebia que ele tinha sido transtornado nos seus pequenos hábitos. Procurei reanimá-lo e disse: "É preciso não se deixar abater. Venha sempre como antes; no seu desgosto, será uma pequena distração."

A "marquesa" assumiu um tom mais doce, pois havia constatado que o vigia das árvores e gramados a escutava com bonomia, sem pensar em contradizê-la, mantendo inofensiva na bainha uma espada que parecia antes algum instrumento de jardinagem ou um atributo de horticultura.

- E depois - disse ela -, escolho os meus fregueses, não recebo qualquer um no que chamo os meus salões. Será que isto não parece um salão, com as minhas flores? Como tenho fregueses muito gentis, um ou outro sempre deseja me trazer um raminho de lilases, de jasmins ou de rosas, esta minha flor predileta.

Enrubesci à idéia de que talvez fôssemos mal avaliados por essa senhora, por nunca lhe trazer lilases nem rosas bonitas; e, para tentar escapar fisicamente ou de não ser por ela julgado senão por contumácia a um julgamento desfavorável, avancei para a porta de saída. Mas nem sempre na vida são tidas por mais amáveis as pessoas que trazem lindas rosas, pois a "marquesa", julgando que eu me aborrecia, dirigiu-se a mim:

- Não quer que eu lhe abra um reservado?

E, como eu recusasse:

- Não quer mesmo? - acrescentou com um sorriso -; é oferecido de boa vontade, mas bem sei que são necessidades que não basta não pagar para senti-las.

Nesse momento, uma mulher mal vestida entrou precipitadamente, parecendo justamente senti-las. Mas não fazia parte do mundo da "marquesa", pois esta, com uma ferocidade de esnobe, disse-lhe secamente:

- Nenhum está livre, senhora.

- Será que vai demorar muito? - indagou a pobre senhora, vermelha sob suas flores amarelas.

- Ah, senhora, aconselho-a a ir a outra parte, pois, como vê, ainda há estes dois senhores à espera - disse ela, apontando para mim e para o guarda -, e só tenho um reservado; os outros estão em obras... Tem cara de mau pagador disse a "marquesa". - Não é esse o tipo daqui, essa gente não tem asseio, nenhum respeito, e eu teria de passar uma hora limpando por causa dela. Não lastimo os seus dois tostões.

Por fim a minha avó saiu e, imaginando que ela não procuraria compensar com uma gorjeta a indiscrição que havia mostrado ficando ali tanto tempo, bati em retirada para não sofrer uma parte do desdém que certamente lhe testemunharia a "marquesa", e me enfiei por uma alameda, mas devagar, para que minha avó pudesse me alcançar com facilidade e continuar junto comigo. Foi o que logo aconteceu. Pensava que minha avó ia dizer: "Eu te fiz esperar demais; mas acho que mesmo assim não vais faltar ao encontro com teus amigos", mas ela não disse uma só palavra, e, embora um tanto desapontado, eu não quis ser o primeiro a falar. Por fim, erguendo o olhar para ela, vi que, sempre caminhando a meu lado, ela tinha a cara virada para o lado oposto. Receei que ainda estivesse com náuseas. Encarei-a melhor e me espantei com seu passo sacudido. Seu chapéu estava torto na cabeça, seu casaquinho sujo, e ela apresentava uma fisionomia descomposta e descontente, o rosto rubro e preocupado de uma pessoa que acaba de ser atropelada por um carro ou que tiraram de um fosso.

- Receei que tivesse tido um enjôo, vovó; estás te sentindo melhor?

Sem dúvida ela pensou que era impossível não responder sem inquietar-me.

- Ouvi toda a conversa entre a "marquesa" e o guarda disse. - Era exatamente como Guermantes e o pequeno clã dos Verdurin. Meu Deus! Em que termos galantes eram tratadas aquelas coisas! - E ela acrescentou ainda, diligentemente, esta frase da sua marquesa, a dela, Sra. de Sévigné: "Ao ouvi-los, pensava que eles me preparavam as delícias de uma despedida."

Estas foram as palavras que me disse, e nas quais pusera toda a sua finura, o seu gosto pelas citações, sua memória relativa aos clássicos, até um pouco mais do que habitualmente faria e como para mostrar que mantinha mesmo a posse daquilo tudo. Mas essas frases, adivinhei-as mais do que as ouvi, de tanto que as pronunciava com uma voz pastosa e cerrando os dentes mais do que poderia explicá-lo o medo de vomitar.

- Vamos - disse eu com bastante displicência, a fim de não parecer que levava a sério demais o seu mal-estar -; já que estás um pouco enjoada, voltemos para

casa, não quero fazer passear pelos Champs-Élysées uma avó que está com indigestão.

- Não tinha coragem de te pedir isto por causa dos teus amigos - respondeu ela. - Pobre pequeno! Mas já que o queres, é o mais aconselhável.

Tive medo de que ela própria reparasse na maneira como pronunciava estas palavras.

- Vamos - disse-lhe bruscamente -, não te canses falando, já que estás com enjôo, seria um absurdo; pelo menos espera que entremos em casa.

Ela me sorriu tristemente e apertou-me a mão. Compreendera que não tinha como me ocultar aquilo que eu adivinhara logo: acabara de sofrer um pequeno ataque.

Segunda Parte

Capítulo Primeiro

Doença da minha avó. – Doença de Bergotte. – O duque e o médico. – Declínio da minha avó. – Sua morte.

Atravessamos a avenida Gabriel, no meio da multidão de passeantes. Fiz a minha avó sentar-se num banco e fui procurar um fiacre. Ela, em cujo coração eu sempre me colocava para ajuizar a pessoa mais insignificante, agora estava fechada para mim, tornara-se uma parte do mundo exterior, e, mais do que a simples passantes, eu ainda era forçado a lhe calar o que pensava de seu estado, silenciar acerca da minha inquietação. Não poderia falar-lhe disso com mais confiança que a uma pessoa estranha. Ela acabava de me restituir os pensamentos, os desgostos, que desde a minha infância lhe confiara para sempre. Ainda não estava morta. Eu já me sentia só. E até aquelas alusões que ela fizera aos Guermantes, a Moliere, a nossas conversas sobre o pequeno clã, assumiam uma aparência sem apoio, sem causa, fantástica, porque saíam do nada dessa mesma criatura que amanhã talvez já não existisse e para quem já não teriam sentido algum, daquele nada incapaz de concebê-las que minha avó seria em breve.

- Senhor, não digo que não, mas o senhor não marcou hora comigo, não tem número. Além disso, não é meu dia de consulta, O senhor deve ter o seu médico. Não posso substituí-lo, a menos que ele me mande chamar para uma conferência. É uma questão de ontologia...

No momento em que eu fazia sinal para um fiacre, havia encontrado o célebre professor E***, quase amigo de meu pai e de meu avô, de qualquer modo em relações com eles, e que morava na avenida Gabriel, e, tomado de súbita inspiração, fizera-o parar no instante em que entrava em casa, pensando que talvez desse um conselho excelente para a minha avó. Mas, apressado, depois de ter apanhado a sua correspondência, queria despedir-me e só lhe pude falar subindo com ele no elevador, do qual me pediu para deixar apertar os botões, o que nele era mania.

- Mas, meu senhor, não lhe peço que receba minha avó, há de compreender depois do que lhe disser, ela não tem condições de subir; pelo contrário, peço-lhe que passe daqui a meia hora em nossa casa, para onde ela vai voltar.

- Passar em sua casa? Mas, senhor, nem pense nisso. Vou jantar na casa do

ministro do Comércio, preciso fazer uma visita antes, vou me vestir imediatamente e, para cúmulo da desgraça, uma das minhas duas casacas se rasgou e a outra não tem botoeira para colocar as condecorações. Rogo-lhe, faça-me o favor de não tocar nos botões do elevador, o senhor não sabe manejá-los, é preciso prudência em tudo. Essa botoeira vai me atrasar ainda mais. Enfim, por amizade com os seus familiares, se a sua avó vier logo, poderei recebê-la. Mas previno-lhe que só terei exatamente um quarto de hora para atendê-la.

Eu partira de imediato, sem mesmo ter saído do elevador, que o professor E*** pusera ele próprio em movimento para me fazer descer, não sem me olhar com desconfiança.

Bem dizemos que a hora da morte é incerta, mas, quando dizemos isto, afiguramo-nos essa hora como situada num espaço vago e longínquo, não imaginamos que ela tenha uma relação qualquer com o dia já começado, e possa significar que a morte ou sua primeira posse parcial de nós, após a qual não nos larga mais poderá ocorrer nessa mesma tarde, tão pouco incerta, essa tarde em que o emprego de todas as horas está previamente agendado. A gente se empenha em passear para obter, em um mês, o total de ar puro necessário, hesitamos quanto à escolha de uma capa para levar, do cocheiro para chamar, estamos num fiacre, o dia está inteiramente diante de nós, curto, porque desejamos voltar a tempo para receber uma amiga; também gostaríamos que fizesse bom tempo amanhã; e não desconfiamos que a morte que caminhava em nós em outro plano escolheu precisamente aquele dia para entrar em cena, dentro de alguns minutos, mais ou menos no instante em que o carro alcançasse os Champs-Élysées.

Talvez aqueles a quem habitualmente assusta a singularidade própria da morte encontrem algo de tranqüilizador nesse gênero de morte esse gênero de primeiro contato com a morte porque aí ela se reveste de uma aparência conhecida, familiar, cotidiana. Precederam-na um bom almoço e a mesma caminhada que fazem as pessoas de boa saúde. Um regresso em carro descoberto se superpõe ao seu primeiro ataque; por mais doente que estivesse minha avó, afinal diversas pessoas poderiam dizer que às seis da tarde, quando voltamos dos Champs-Élysées, elas a haviam cumprimentado, passando de carro descoberto, num tempo magnífico. Legrandin, que se dirigia para a praça da Concórdia, tirou o chapéu para nós, detendo-se com ar de espanto. Eu, que ainda não me desligara da vida, perguntei à minha avó se ela havia correspondido, lembrando-lhe que ele era suscetível. Minha avó, decerto me achando muito superficial, erguera a mão como para dizer:

"E então? Isso não tem nenhuma importância."

Sim, poderia ser dito, momentos antes, enquanto eu buscava um fiacre, que

minha avó estava sentada num banco, na avenida Gabriel, que logo depois ela havia passado em carro descoberto. Mas seria mesmo verdade? O banco, ele, para que se mantenha numa avenida embora também esteja submetido a certas condições de equilíbrio -, não necessita de energia. Mas, para que uma criatura viva seja estável, mesmo apoiada num banco ou dentro de um carro, é preciso uma tensão de forças que em geral não percebemos, assim como não percebemos a pressão atmosférica, pois se exerce em todos os sentidos. Talvez se se fizesse o vácuo em nós e se nos deixassem suportar a pressão do ar, sentiríamos, no instante que precederia a nossa destruição, o terrível peso que nada mais neutralizaria. Da mesma forma, quando os abismos da doença e da morte se abrem em nós e que nada mais temos a opor ao tumulto com que o mundo e o nosso próprio corpo desabam sobre nós, então, até sustentar o peso de nossos músculos, até o arrepio que nos devasta a medula, então, até mesmo manter-nos imóveis no que de hábito julgamos não ser mais que a simples posição negativa de uma coisa, exige, se desejamos que a cabeça permaneça ereta e o olhar tranqüilo, uma energia vital e torna-se objeto de uma luta exaustiva.

E, se Legrandin nos olhara com aquele ar de espanto, era que, a ele como aos que então passavam, no fiacre em que minha avó parecia estar sentada sobre a banqueta, ela lhes aparecera afundando, deslizando para o abismo, agarrando-se desesperadamente às almofadas que mal podiam reter seu corpo precipitado, os cabelos em desordem, o olhar perdido, já incapaz de fazer frente ao assalto das imagens que sua pupila não conseguia mais sustentar. Ela aparecera, embora a meu lado, mergulhada nesse mundo desconhecido em cujo seio já recebera os golpes de que ostentava os sinais quando a vira há pouco nos Champs-Élysées, seu chapéu, seu rosto e seu casaco desarrumados pela mão do anjo invisível com quem havia lutado.

Desde então, tenho pensado que aquele momento de seu ataque não deve ter surpreendido de todo a minha avó, que talvez ela mesma o houvesse previsto muito tempo antes, e vivera à sua espera. Sem dúvida, não tinha sabido quando viria o instante fatal, incerta, semelhando-se aos amantes que uma dúvida do mesmo gênero leva alternativamente a alimentar esperanças sem fundamento e suspeitas injustificadas sobre a fidelidade de sua amante. Mas é raro que essas grandes enfermidades, como a que por fim acabava de feri-la em pleno rosto, não se alojem por muito tempo no doente antes de matá-lo, e durante esse período não se façam logo conhecer, como um vizinho ou locatário sociável. É um terrível conhecimento, menos pelos sofrimentos que provoca do que pela estranha novidade das restrições definitivas que impõe à vida. Vemo-nos morrer, neste caso, não no próprio momento da morte, porém meses e até anos antes, desde que ela horrendamente veio morar conosco. A doente trava conhecimento

com o estranho que ela ouve ir e vir pelo cérebro.

Decerto não o conhece de vista, mas, pelos ruídos que o ouve fazer regularmente, deduz os seus hábitos. Será um malfeitor? Certa manhã, não o ouve mais. Foi-se embora.

Ah, se fosse para sempre! De noite, ele voltou. Quais são os seus desígnios? O médico, submetido à indagação, como uma amante adorada, responde com juramentos acreditados num dia, postos em dúvida no outro. De resto, mais que o da amante, o médico desempenha o papel dos domésticos interrogados. Eles não passam de terceiros. A amante que pressionamos, que suspeitamos esteja a ponto de nos trair, é a própria vida e, embora sintamos que já não é a mesma, ainda acreditamos nela, pelo menos ficamos em dúvida até o dia em que ela enfim nos abandona.

Coloquei minha avó no elevador do professor E*** e, um instante após, ele veio ao nosso encontro e nos fez passar ao seu gabinete. Porém aí, por mais pressa que tivesse, seu jeito mal-humorado mudava, de tão fortes que são os hábitos, e ele se mostrava amável e até mesmo jovial com seus pacientes. Como sabia que minha avó era muito letrada, e ele o era igualmente, pôs-se a citar durante dois ou três minutos, e aludindo ao tempo radioso que fazia, versos lindos sobre o verão. Sentara-a numa poltrona, ficando ele contra a luz, de maneira a observá-la bem. Seu exame foi minucioso, precisou até que eu saísse por um momento. Continuou ainda o exame e depois, tendo terminado, embora o quarto de hora já se esgotasse, pôs-se a fazer novos recitativos à minha avó. Dirigiu-lhe mesmo algumas pilhérias com bastante finura, que eu teria preferido ouvir em outra ocasião, mas que me tranqüilizaram completamente devido ao tom engraçado do médico. Lembrei-me então que o Sr. Fallieres, presidente do Senado, sofrera há muitos anos um falso ataque, e que, para desespero de seus concorrentes, retomara suas funções três dias depois, preparando mesmo, segundo se dizia, uma candidatura mais ou menos remota à Presidência da República. Minha confiança num pronto restabelecimento de minha avó foi tanto mais completa porque, no momento em que me lembrava do exemplo do Sr. Fallieres, fui distraído dessa comparação por uma sonora gargalhada que rematou um gracejo do professor E***. Após o que, ele puxou o relógio, franziu febrilmente as sobrancelhas ao ver que estava atrasado cinco minutos e, ao passo que se despedia, tocava a campainha para que lhe trouxessem a sua casaca imediatamente. Deixei a minha avó passar primeiro, fechei a porta e pedi ao doutor que me dissesse a verdade.

- A sua avó está perdida - disse ele. - É um ataque provocado pela uremia. Em si, a uremia não é fatalmente uma doença mortal, mas o caso me parece desesperador. Nem preciso lhe dizer que espero estar enganado. Além disso, com Cottard, estão em excelentes mãos. Com licença -disse ao ver entrar uma

camareira com sua casaca nos braços. - O Senhor sabe que vou jantar com o ministro do Comércio, e tenho uma visita para fazer antes. Ah, a vida não é um mar de rosas, como se crê na sua idade.

E estendeu-me graciosamente a mão. Eu voltara a fechar a porta e um lacaio nos guiava no vestíbulo, a mim e à minha avó, quando ouvimos grandes gritos de cólera. A camareira se esquecera de abrir a botoeira para as condecorações. Aquilo ainda ia levar dez minutos. O professor continuava sempre a esbravejar, enquanto eu olhava, no patamar da escada, para a minha avó, que estava perdida. Como está sozinha cada pessoa!

Regressamos a casa.

O sol declinava; inflamava um muro interminável que o nosso fiacre tinha de ladear antes de atingir a rua em que morávamos, muro sobre o qual a sombra do carro e do cavalo, projetada pelo poente, se destacava em negro sobre o fundo avermelhado, como um carro fúnebre numa terracota de Pompéia. Enfim chegamos. Fiz a enferma sentar-se ao pé da escadaria, no vestíbulo, e subi para avisar a minha mãe. Disse-lhe que minha avó voltara um tanto adoentada, e tivera uma tonteira. Desde as minhas primeiras palavras, a fisionomia de minha mãe atingiu o paroxismo de um tal desespero, entretanto já resignado, que compreendi que há muitos anos ela o trazia preparado dentro de si mesma para um dia incerto e final. Não me perguntou nada; parecia que, assim como a maldade gosta de exagerar os sofrimentos dos outros, ela não queria admitir, por ternura, que sua mãe estivesse muito mal, principalmente que se tratasse de uma doença que podia afetar a inteligência. Mamãe estremecia, seu rosto chorava sem lágrimas, ela se apressou a dizer que fossem buscar o médico, mas, como Françoise perguntasse quem estava doente, não pôde responder, a voz se lhe embargou na garganta. Desceu correndo comigo, e apagando do rosto o soluço que o contraía. Minha avó esperava embaixo, no canapé do vestíbulo, mas, logo que nos ouviu, ergueu-se, ficou em pé, fez a mamãe alegres acenos com a mão. Eu lhe envolvera metade da cabeça com uma mantilha de renda branca, dizendo que era para que não sentisse frio na escada. Não queria que mamãe notasse muito a alteração da fisionomia, o desvio da boca; minha precaução era inútil: mamãe se aproximou da minha avó, beijou-lhe a mão como a de seu Deus, susteve-a, ergueu-a até o elevador com infinitas precauções, em que havia, junto com o medo de não se mostrar cuidadosa e de magoá-la, a humildade de quem se sente indigno de tocar o que conhece de mais precioso; mas nem uma só vez ergueu os olhos e fitou o rosto da enferma. Talvez para que esta não se entristecesse ao pensar que a sua vista poderia inquietar a filha. Talvez de medo de uma dor mais intensa que ela não ousava afrontar. Talvez por respeito, pois não julgava que lhe fosse permitido sem impiedade constatar vestígios de algum enfraquecimento intelectual no rosto venerado. Talvez para melhor conservar,

posteriormente, intacta, a imagem do verdadeiro rosto de sua mãe, radiante de espírito e bondade. Assim subiram elas, uma ao lado da outra, minha avó meio oculta em sua mantilha, minha mãe desviando o olhar.

Durante todo esse tempo, havia uma pessoa que não tirava seus olhos do que se podia adivinhar dos traços modificados de minha avó que a filha desta não ousava ver, uma pessoa que lançava sobre eles um olhar assombrado, indiscreto e de mau agouro: era Françoise. Não que não amasse sinceramente a minha avó (até ficara decepcionada e quase escandalizada pela frieza de mamãe, a quem desejaria ter visto lançar-se chorando nos braços de sua mãe), mas tinha uma certa inclinação a imaginar sempre o pior, trouxera da infância duas particularidades que pareceriam dever excluir-se, mas que, quando se ajuntam, se fortalecem: a falta de educação das pessoas do povo, que não procuram dissimular as impressões, até mesmo o doloroso espanto que nelas causa a vista de uma alteração física que seria mais delicado não parecer notar; e a rudeza insensível da campônia que arranca as asas das libélulas antes de ter ocasião de torcer o pescoço aos frangos, e que não dispõe do pudor que a faria ocultar o interesse que sente ao ver a carne que sofre.

Quando, graças aos cuidados perfeitos de Françoise, minha avó se viu acomodada na cama, percebeu que falava mais facilmente; a pequena ruptura ou obstrução de uma artéria, causada pela uremia, certamente fora bem leve. Então quis atender a mamãe, assisti-la nos instantes mais cruéis que esta já havia atravessado.

- Muito bem, minha filha - disse-lhe segurando a mão e conservando a outra adiante da boca para dar essa causa aparente à leve dificuldade que ainda tinha para pronunciar certas palavras -, é assim que tens pena da tua mãe? Pareces acreditar que uma indigestão não é desagradável!

Então, pela primeira vez os olhos de minha mãe fitaram apaixonadamente os de minha avó, não desejando ver o restante de sua face, e ela disse, começando a lista desses falsos juramentos que não podemos cumprir:

- Mamãe, logo ficarás curada; é a tua filha quem te promete.

E, encerrando o seu amor mais forte e toda a sua vontade para que a mãe sarasse, num beijo a quem os confiou e que acompanhou com o pensamento, com todo o seu ser até a beira dos lábios, foi depositá-lo humilde e piedosamente na testa adorada.

Minha avó se queixava de uma espécie de aluvião de cobertas que se formava o tempo todo sobre sua perna esquerda e que ela não conseguia erguer. Mas não percebia que era ela mesma a causa daquilo, de modo que todos os dias acusava injustamente Françoise de "forrar" mal a sua cama. Devido a um movimento convulsivo, ela repelia daquele lado todas as vagas dessas cobertas espumantes

de fina lã que ali se amontoavam como as areias numa enseada depressa transformada em praia (se não construíssem um dique) pelos afluxos sucessivos da maré.

Minha mãe e eu (cuja mentira era previamente desmascarada por Françoise, perspicaz e injuriosa) nem mesmo queríamos dizer que minha avó estivesse gravemente enferma, como se isso pudesse agradar aos inimigos que aliás ela não possuía, e como se fosse mais afetuoso achar que ela não estava tão mal assim, em suma, pelo mesmo sentimento instintivo que me fizera supor que Andrée se queixava demais de Albertine para muito poder amá-la. Os mesmos fenômenos se reproduzem, dos particulares à massa, nas grandes crises. Numa guerra, aquele que não ama o seu país não fala mal dele, mas julga-o perdido, lamenta-o, vê preta a situação.

Françoise nos prestava um serviço infinito, com sua faculdade de passar sem dormir, de fazer os trabalhos mais pesados. E, se, tendo ido se deitar após várias noites passadas em claro, éramos obrigados a chamá-la um quarto de hora depois que adormecesse, ela sentia-se tão feliz de poder fazer o trabalho mais penoso como se se tratasse das coisas mais simples do mundo, que, longe de rezingar, mostrava no rosto a satisfação e a modéstia. Apenas quando chegava a hora da missa e a do desjejum, minha avó podia estar agonizante que Françoise se eclipsava a tempo de não se atrasar. Não podia nem queria ser substituída pelo seu jovem lacaio. Decerto trouxera de Combray uma idéia muito alta dos deveres de cada um para conosco; não teria tolerado que um dos nossos criados nos "faltasse". Isso a fizera uma educadora tão nobre, tão imperiosa, tão eficaz, que jamais houvera em nossa casa criados tão corrompidos que não se modificassem logo, e apurassem a sua concepção de vida a ponto de não mais tocarem num tostão e de se precipitarem por menos serviçais que até então fossem para me tirar das mãos e não deixar que me cansasse carregando o menor pacote. Mas também em Combray Françoise contraíra o hábito, trazido a Paris, de não poder suportar qualquer auxílio em seu trabalho. Ver que lhe prestavam ajuda parecia-lhe uma ofensa, e alguns criados ficaram semanas inteiras sem obter uma resposta dela à sua saudação matinal, chegando até a sair de férias sem que ela lhes dissesse adeus e sem adivinharem o motivo, na verdade pela única razão de que tinham querido fazer um pouco do seu trabalho, num dia em que estava adoentada. E, naquele momento em que minha avó passava tão mal, a tarefa de Françoise lhe parecia particularmente sua própria. Não desejava, ela, a titular, deixar que lhe furtassem o seu papel naqueles dias de gala. Assim, seu jovem lacaio, afastado por ela, não sabia o que fazer, e, não contente em ter, a exemplo de Victor, tirado meu papel de cartas no meu escritório, pusera-se também a carregar volumes de versos da minha bibliografia. Lia-os durante boa parte do dia, não só por admiração pelos poetas

que os haviam composto, mas também para, na outra parte do dia, ornamentar de citações as cartas que escrevia aos amigos da aldeia. Certamente pensava deslumbrá-los desse modo. Mas, como não tinha muita lógica nas idéias, imaginara que aqueles poemas, encontrados em minha biblioteca, eram coisa conhecida de todos e às quais é costume a gente se referir. De forma que, escrevendo àqueles camponeses cujo pasmo prelibava, entremeava suas próprias reflexões com versos de Lamartine, como se dissesse: quem viver, verá, ou até: bom-dia.

Por causa dos tormentos de minha avó, permitiram que tomasse morfina. Infelizmente, se esta os acalmava, contribuía para aumentar a taxa de albumina. Os golpes que destinávamos ao mal que se instalara em minha avó acabavam sempre por fracassar; era ela, era o seu pobre corpo interposto que os recebia, sem que ela se queixasse mais que com um débil gemido. E as dores que lhe causávamos não eram compensadas por um bem que não lográvamos obter-lhe. O mal feroz que desejaríamos exterminar, quase não o tocáramos, só fazíamos exasperá-lo ainda mais, talvez apressando a hora em que a cativa seria devorada. Nos dias em que a taxa de albumina se mostrava muito alta, o doutor Cottard, após alguma hesitação, recusava a morfina. Nesse homem tão insignificante, tão vulgar, havia, naqueles breves instantes em que deliberava, em que os perigos de um tratamento ou outro lutavam dentro de si até que se decidisse por um deles, uma espécie de grandeza própria de um general que, vulgar no resto de sua vida, é um grande estrategista e, num momento delicado, depois de ter refletido por um instante, conclui pelo que é militarmente mais sábio e diz:

"Fazer frente a Leste."

Do ponto de vista clínico, por menos esperanças que tivesse em pôr um fim àquela crise de uremia, era necessário não cansar os rins. Mas, por outro lado, quando minha avó ficava sem morfina, suas dores tornavam-se insuportáveis; recomeçava perpetuamente um certo movimento que lhe era difícil fazer sem gemer.

Em grande parte, o sofrimento é uma espécie de necessidade do organismo de tomar consciência de um estado novo que o inquieta, de tornar a sensibilidade adequada a esse estado. Pode-se distinguir essa origem da dor no caso de incômodos que não o são para todo mundo. Num quarto repleto de fumaça de odor penetrante, dois homens grosseiros entram e vão se dedicar sem problema a seus afazeres; um terceiro, de organização mais refinada, há de mostrar uma perturbação incessante. Suas narinas não deixarão de aspirar ansiosamente o odor que aparentemente deveria tentar não sentir e que buscará, de cada vez, fazer aderir, por um conhecimento mais preciso, ao seu olfato incomodado. Daí decorre sem dúvida que uma viva preocupação impede que nos queixemos de uma dor de dentes. Quando a minha avó sofria desse modo, o suor escorria sobre

sua vasta fronte cor-de-malva, aí colando mechas brancas do cabelo; e, se ela achasse que não estávamos no quarto, soltava gritos:

- Ah!, é horroroso! -

Mas, se se apercebia de minha mãe, empregava logo toda a energia para apagar do rosto os traços de sofrimento ou, ao contrário, repetia as mesmas queixas, acompanhando-as de explicações que davam retrospectivamente um outro sentido às que minha mãe pudera ouvir:

- Ah, minha filha, é horrível ficar deitada com esse sol tão lindo, quando a gente gostaria de ir passear; choro de raiva contra essas prescrições de todos vocês.

Mas não conseguia evitar os olhares queixosos, o suor da testa, o sobressalto convulsivo dos membros, logo reprimido.

- Não estou passando mal, só me queixo porque estou mal acomodada na cama, sinto os cabelos em desordem, tenho náuseas, e bati contra a parede.

E minha mãe, à beira da cama, presa àquele sofrimento como se, à força de penetrar com os olhos aquela testa dolorosa, aquele corpo que escondia o mal, conseguisse enfim atingi-lo e carregá-lo, minha mãe dizia:

- Não, mãezinha, não te deixaremos sofrer assim, vamos achar alguma coisa, tem paciência por um segundo; permite que te beije sem que precises te mexer?

E, inclinada sobre a cama, as pernas dobradas, meio de joelhos, como se, de tanta humildade, tivesse mais oportunidades de satisfazer o seu próprio dom apaixonado, inclinava para a minha avó toda a sua vida em seu rosto como em um cibório que lhe estendesse, decorado em relevos de covinhas e rugas tão apaixonadas, tão desoladas e tão doces, que não se sabia se tinham sido cinzeladas pelo buril de um beijo, de um soluço ou de um sorriso. Minha avó também procurava inclinar o rosto para mamãe.

Mudara de tal forma que, se tivesse forças para sair, sem dúvida só a teriam reconhecido pela pluma do chapéu. Suas feições, como nas sessões de Modelagem, pareciam aplicar-se, num esforço que a desviava de tudo o mais, a conformá-la a um certo modelo que nós não conhecíamos. Esse trabalho de estatuária chegava ao fim e, se o rosto de minha avó havia diminuído, ela igualmente endurecera. As veias que a atravessavam pareciam não de mármore, mas as de uma pedra mais rugosa. Sempre inclinada para diante pela dificuldade de respirar, ao mesmo tempo que dobrada sobre si mesma pelo cansaço, sua fisionomia abatida, apequenada, atrozmente expressiva, parecia, numa primitiva escultura quase histórica, a figura rude, violácea, ruiva, desesperada de alguma selvagem guardiã de túmulo. Mas a obra não estava inteiramente acabada. A seguir era preciso quebrá-la e, depois, descê-la a esse mesmo túmulo, guardado tão penosamente e com tão dura contração.

Num desses momentos em que, segundo a expressão popular, não se sabe mais a que santo apelar, como minha avó tossisse e espirrasse muito, seguiu-se o conselho de um parente que afirmava que, com o especialista X, a gente estava livre de perigo em três dias. As pessoas da sociedade falam isto de seu médico e são acreditadas, como Françoise acreditava nos anúncios dos jornais. O especialista veio com seu estojo coberto com o catarro de todos os seus clientes, como o odre de Éolo. Minha avó negou-se redondamente a se deixar examinar. E nós, constrangidos com o clínico, que se incomodara inutilmente, concordamos com o desejo que ele exprimiu de examinar nossos respectivos narizes, que todavia não tinham coisa alguma. Ele sustentava que sim e que, fosse enxaqueca ou cólica, enjôo ou diabete, tudo não passava de uma enfermidade do nariz mal resolvida. Disse a cada um de nós:

- Eis aí um pequeno corneto que bem gostaria de reexaminar. Não espere muito. Com algumas cauterizações ficará livre. -

Claro que pensávamos em coisa bem diferente. No entanto, nos perguntávamos:

"Mas livre de quê?"

Em breve todos estávamos doentes; ele só se enganara colocando a coisa no presente. Pois, desde o dia seguinte, seu exame e seu curativo provisório fizeram efeito. Todos nós tivemos catarro. E, como encontrasse na rua meu pai sacudido de violentos acessos de tosse, sorriu à idéia de que um ignorante pudesse imaginar que o mal provinha de sua intervenção. Ele nos examinara quando já estávamos doentes.

A enfermidade de minha avó deu motivo a que diversas pessoas manifestassem um excesso ou uma insuficiência de simpatia que nos surpreenderam tanto como o tipo de acaso pelo qual umas e outras nos revelavam conexões de circunstâncias, ou mesmo de amizades, de que nunca suspeitáramos. E as demonstrações de interesse, dadas pelas pessoas que vinham incessantemente pedir notícias, revelavam-nos a gravidade de um mal que ainda não tínhamos suficientemente isolado, separado das mil impressões dolorosas sentidas junto de minha avó. Prevenidas por telegrama, suas irmãs não saíram de Combray. Tinham descoberto um artista que lhes proporcionava sessões de excelente música de câmara, e em cuja audição elas pensavam encontrar, mais do que à cabeceira da enferma, um recolhimento e uma elevação dolorosa, cuja forma não deixou de parecer insólita. A Sra. Sazerat escreveu a mamãe, mas como uma pessoa de quem nos separara o noivado bruscamente desfeito (a ruptura era o dreyfusismo). Em compensação, Bergotte veio todos os dias passar muitas horas comigo.

Sempre gostara de fixar-se numa casa durante algum tempo, e onde não precisasse fazer despesas. Mas antigamente era para ali falar sem ser

interrompido, e agora para manter silêncio por muito tempo, sem que lhe pedissem a palavra. Pois estava muito doente, diziam uns que de albuminúria, como minha avó. Segundo outros, tinha um tumor. Ia enfraquecendo; era com dificuldade que subia a nossa escada, e com mais dificuldade ainda que descia. Embora apoiado ao corrimão, tropeçava muitas vezes, e creio que ficaria em casa se não temesse perder totalmente o hábito e a possibilidade de sair, ele, o "homem da barbicha" que eu conhecera alerta, não fazia tanto tempo. Já não enxergava quase nada, e até suas palavras freqüentemente se embaralhavam.

Mas ao mesmo tempo, pelo contrário, suas obras, conhecidas apenas dos literatos à época em que a Sra. Swann patrocinava seus tímidos esforços de divulgação, agora engrandecidas e fortes aos olhos de todos, tinham adquirido enorme poder de expansão no grande público. Decerto ocorre que é somente após a sua morte que um escritor se torna célebre. Mas era ainda em vida e durante o seu longo trajeto para a morte, ainda não alcançada, que ele assistia ao caminhar de suas obras em direção à Fama. Pelo menos, um autor falecido se torna ilustre sem se cansar. O esplendor do seu nome detém-se ante a pedra de seu túmulo. Na surdez do sono eterno, ele não é mais importunado pela Glória. Mas para Bergotte a antítese não estava inteiramente finda. Ele ainda existia o bastante para que o tumulto o incomodasse. Movimentava-se ainda, embora de modo penoso, enquanto suas obras, saltitantes como filhas muito amadas, mas cuja impetuosa juventude e ruidosos prazeres nos fatigam, arrastavam todos os dias admiradores novos para junto de seu leito.

As visitas que ele agora nos fazia chegavam-me com alguns anos de atraso, pois já não o admirava tanto. O que não estava em contradição com aquele aumento de sua fama. Raramente uma obra se torna inteiramente compreendida e vitoriosa sem que a de um outro escritor, obscuro ainda, não tenha começado, junto a alguns espíritos mais difíceis, a substituir por um novo culto aquele que quase acabou de impor-se. Nos livros de Bergotte, que eu relia muitas vezes, suas frases eram tão claras a meus olhos quanto as minhas próprias idéias, os móveis do meu quarto e os carros da rua. Todas as coisas ali se viam com facilidade, se não tais como eram sempre vistas, pelo menos tais como se tinha o hábito de vê-las agora. Ora, um novo escritor havia começado a publicar obras em que as relações entre as coisas eram tão diversas das que as ligavam para mim que eu não entendia quase nada do que ele escrevia. Dizia, por exemplo:

"As mangueiras de irrigação admiravam a bela manutenção das estradas" (e isso era fácil, eu deslizava ao longo dessas estradas) "que partiam a cada cinco minutos de Briand e de Claudel". Então, já não compreendia nada, pois havia esperado um nome de cidade e me davam um nome de gente. Apenas, sentia que não se tratava de uma frase mal feita, mas eu é que não era bastante forte e ágil para ir até o fim. Retomava meu impulso, ajudando-me com os pés e as

mãos para chegar ao local de onde veria as novas relações entre as coisas. De cada vez, tendo chegado quase à metade da frase, voltava a cair, como mais tarde no regimento durante o exercício chamado mastro. Nem por isso deixava de ter pelo novo escritor a admiração de um garoto canhestro, e a quem dão zero em ginástica, por um outro mais habilidoso.

Desde então admirei menos a Bergotte, cuja clareza me pareceu insuficiência. Houve um tempo em que a gente reconhecia bem as coisas, quando era Fromentin quem as pintava, e não as reconhecia mais quando se tratava de Renoir. As pessoas de gosto nos dizem hoje que Renoir é um grande pintor do século XVIII. Mas, dizendo isso, esquecem o Tempo e que muito precisou decorrer, mesmo em pleno século XIX, para que Renoir fosse saudado como um grande artista. Para desse modo conseguirem ser reconhecidos, o pintor e o artista originais procedem à maneira de oculistas. O tratamento pela sua pintura, pela sua prosa, nem sempre é agradável. Quando está acabado, o clínico nos diz:

"Olhe agora."

E eis que o mundo (que não foi criado só uma vez, mas tantas vezes quantas apareceu um artista original) nos surge inteiramente diverso do antigo, mas perfeitamente claro. Mulheres passam pela rua, diferentes das de outrora, visto que lidamos com Renoirs, esses Renoirs onde nos recusávamos antigamente a ver mulheres. As carruagens também são Renoirs, assim como a água e o céu: temos vontade de passear pela floresta idêntica à que no primeiro dia nos parecia tudo, menos uma floresta, e como, por exemplo, uma tapeçaria de numerosos matizes, mas onde faltavam justamente os matizes próprios às florestas. Tal é o universo novo e perecível que acaba de ser criado. Há de durar até a próxima catástrofe geológica que um novo pintor ou um novo escritor originais desencadearão. Este que para mim substituíra Bergotte me cansava, não pela incoerência, mas pela novidade, perfeitamente coerente, de relações que eu não tinha o hábito de seguir.

O ponto, sempre o mesmo, em que eu me sentia cair, indicava a identidade de cada esforço que teria de fazer. Além do mais, quando, uma vez em mil, eu podia seguir o escritor até o final de sua frase, o que eu via era sempre de uma graça, de uma veracidade, de um encanto, análogos aos que encontrara antigamente na leitura de Bergotte, porém mais deliciosos. Lembrava que não fazia assim tantos anos que uma semelhante renovação do mundo, parecida à que esperava de seu sucessor, fora Bergotte quem me trouxera. E chegava a me perguntar se haveria alguma verdade nessa distinção que fazemos sempre entre a arte, que não é mais avançada que nos tempos de Homero, e a ciência em progresso contínuo. Ao contrário, talvez a arte se assemelhasse nisso à ciência; todo novo escritor original parecia-me estar progredindo sobre aquele que o havia precedido; e quem sabe se dali a vinte anos, quando eu soubesse

acompanhar sem fadiga o novo de hoje, não surgiria um outro, diante de quem o atual iria se juntar a Bergotte? Falei a este último do novo escritor. Desgostou-me dele menos ao afirmar que sua arte era empolada, fácil e vazia do que ao contar-me que o tinha visto, e que se parecia com Bloch, a ponto de provocar confusão. Esta imagem se alinhou, daí em diante, sobre as páginas escritas, e eu já não me julguei obrigado ao trabalho de compreendê-lo. Se Bergotte me falara mal dele, creio que era menos por ciúme do seu sucesso do que por ignorância de sua obra. Não lia quase nada.

A maior parte do seu pensamento já passara do cérebro para os livros. Havia emagrecido como se tivesse sofrido uma operação dos mesmos. Seu instinto reprodutor já não o induzia à atividade, agora que pusera para fora quase tudo o que pensava. Levava uma vida vegetativa de convalescente, de uma parturiente; seus belos olhos permaneciam imóveis, vagamente ofuscados, como os de um homem estendido à beira-mar que, num vago devaneio, se limita a olhar cada pequenina onda. Aliás, se eu tinha menos interesse em conversar com ele do que outrora, não sentia remorsos por isso. Era Bergotte de tal modo um homem de hábitos, tanto simples como luxuosos, que uma vez que os adquiria tornavam-se-lhe indispensáveis durante algum tempo. Não sei o que o fez nos visitar da primeira vez, mas, a seguir, aparecia todos os dias pelo motivo por que tinha vindo na véspera. Chegava como se tivesse ido ao café, para que não conversassem com ele, para que pudesse bem raramente -falar, de modo que, afinal, não seria possível encontrar um indício de que se emocionasse com o nosso desgosto ou que lhe fosse agradável encontrar-se na minha companhia, se se quisesse deduzir alguma coisa de tal assiduidade. Esta não era indiferente à minha mãe, sensível a tudo o que podia ser considerado homenagem à sua doente. E todos os dias ela me dizia:

- Principalmente não te esqueças de lhe agradecer.

Tivemos discreta atenção de mulher, como a merenda que nos serve entre duas sessões de pose a companheira de um pintor -, suplemento a título gracioso das que nos fazia o seu marido, a visita da Sra. Cottard. Vinha oferecer-nos o seu camareiro, caso preferíssemos o serviço de um homem, pois ia "enterrar-se no campo"; e, diante de nossa recusa, disse que pelo menos esperava que aquilo não fosse uma "desfeita" da nossa parte, palavra que em seu mundo significava um falso pretexto para não aceitar um convite. Assegurou-nos que o professor, que em casa jamais falava de seus clientes, estava tão triste como se se tratasse dela própria. Veremos mais tarde que, mesmo se isso fosse verdade, seria a um tempo muito pouco e demais, vindo da parte do mais infiel e agradecido dos maridos.

Oferecimentos tão úteis e infinitamente mais tocantes pela sua maneira (que era uma mistura da mais alta inteligência, do coração mais generoso e de uma rara

felicidade de expressão) me foram dirigidos pelo grão-duque herdeiro de Luxemburgo. Conhecera-o em Balbec, aonde fora visitar uma de suas tias, a princesa de Luxemburgo, enquanto ele ainda era apenas conde de Nassau. Poucos meses depois, casara-se com a deslumbrante filha de uma outra princesa de Luxemburgo, excessivamente rica, pois era a filha única de um príncipe a quem pertencia um imenso negócio de farinhas. Em vista disso, o grão-duque de Luxemburgo, que não tinha filhos e adorava o sobrinho Nassau, fizera aprovar pela Câmara que este fosse declarado grão-duque herdeiro. Como em todos os casamentos desse gênero, a origem da fortuna é o obstáculo, como o é também a causa eficiente. Eu me lembrava desse conde de Nassau como de um dos mais notáveis rapazes que já encontrara, já devorado então pelo sombrio e extraordinário amor à noiva. Fiquei bastante comovido com as cartas que não deixou de me escrever durante a doença de minha avó, e mamãe, ela mesma comovida, repetia tristemente uma frase de sua mãe: - Sévigné não teria dito melhor.

No sexto dia, mamãe, para ceder aos rogos de minha avó, teve de deixá-la por um momento e fingir que ia deitar-se. Para que minha avó adormecesse, eu preferiria que Françoise não saísse do quarto. Apesar das minhas súplicas, ela saiu; amava a minha avó; com sua clarividência e seu pessimismo, julgava-a perdida. Portanto, desejaria lhe proporcionar todos os cuidados possíveis. Mas acabavam de dizer que havia chegado um operário eletricista, muito antigo no seu estabelecimento, cunhado do patrão, estimado no nosso prédio, onde vinha trabalhar desde muitos anos, e especialmente estimado por Jupien. Haviam mandado chamar esse operário antes que minha avó caísse enferma. Parecia-me que podiam mandá-lo embora ou deixar que esperasse. Mas o protocolo de Françoise não o permitia, seria falta de delicadeza dela para com aquele bom homem, o estado de saúde de minha avó já não contava. Quando, ao cabo de um quarto de hora, exasperado, fui buscá-la na cozinha, encontrei-a conversando com ele no patamar da escada de serviço, cuja porta estava aberta, procedimento que tinha a vantagem de permitir, caso um de nós chegasse, que se julgasse que estavam se despedindo, porém o inconveniente de produzir terríveis correntes de ar. Então Françoise deixou o operário, não sem antes lhe gritar ainda alguns cumprimentos, que esquecera, para a sua mulher e seu cunhado. Preocupação típica de Combray, essa de não ser indelicado, que Françoise transportava até a política externa. Os simples de espírito imaginam que as amplas dimensões dos fenômenos sociais são uma excelente ocasião de penetrar mais na alma humana; ao contrário, deveriam compreender que é descendo em profundidade em um indivíduo que teriam chances de compreender esses fenômenos. Françoise repetira mil vezes ao jardineiro de Combray que a guerra é o mais insensato dos crimes e que o que importa é viver. Ora, quando rebentou a guerra russo-japonesa, sentiu-se constrangida, em face do czar, pelo fato de

não termos ido à guerra para ajudar "os pobres russos", "visto sermos aliados", dizia. Não achava isso delicado quanto a Nicolau II, que sempre tivera "tão boas palavras para conosco"; era um efeito do mesmo código que a impediria de recusar um copinho de Jupien, que bem sabia iria "contrariar sua digestão", e que, tão perto da morte de minha avó, lhe dava a idéia de que, se não se desculpasse pessoalmente com esse bom eletricista que tivera tanto incômodo, cometeria a mesma descortesia de que julgava culpada a França por permanecer neutra relativamente ao Japão.

Felizmente nos vimos bem depressa desembaraçados da filha de Françoise, que tivera de se ausentar por várias semanas. Aos conselhos habituais dados em Combray à família de um enfermo:

"Não vão tentar uma pequena viagem, mudança de ares, a volta do apetite, etc." ela acrescentara a idéia quase única que forjara especialmente, e que assim repetia todas as vezes que a víamos, sem se cansar, e como que para metê-la na cabeça dos outros:

- Ele deveria ter se tratado radicalmente desde o começo.

Não preconizava um gênero de cura em vez de outro, desde que o tratamento fosse radical. Quanto a Françoise, ela via que eram dados poucos remédios à minha avó. Como, segundo ela, não servem senão para arruinar o estômago, sentia-se contente com isso, porém, mais do que contente, humilhada. Tinha no sul uns primos relativamente ricos cuja filha, adoecendo em plena adolescência, morrera aos vinte e três anos; durante alguns anos, o pai e a mãe se arruinaram na compra de remédios, em consulta a médicos diferentes, em peregrinações de uma estância termal a outra, até que ela morreu. Ora, isso parecia a Françoise, no caso desses parentes, uma espécie de luxo, como se eles tivessem tido um castelo ou cavalos de corrida. Eles próprios, por mais aflitos que estivessem, extraíam uma certa vaidade de tantas despesas. Não possuíam mais nada, nem principalmente o bem mais precioso, a filha, mas gostavam de repetir que tinham feito por ela tanto ou mais que as pessoas mais abastadas. Os raios ultravioleta, a cuja ação fora a infeliz submetida várias vezes por dia, durante meses, deixavam-nos especialmente lisonjeados. O pai, envaidecido em sua dor por uma espécie de glória, chegava de vez em quando a falar da filha como de uma estrela da ópera pela qual se tivesse arruinado. Françoise não era insensível a tanta encenação; a que rodeava a doença de minha avó lhe parecia meio pobre, boa para uma enferma num teatrinho provinciano.

Houve um instante em que as perturbações da uremia alcançaram os olhos de minha avó. Durante alguns dias, ela não viu absolutamente nada. Seus olhos não eram de modo algum como os de um cego, permanecendo os mesmos. E só percebi que ela não enxergava por causa da estranheza de um certo sorriso de

acolhimento que ela exibia logo que abriam a porta, até que lhe pegavam a mão para dar-lhe bom-dia, sorriso que principiava cedo demais e permanecia estereotipado em seus lábios, fixo, mas sempre de frente e tentando ser visto de todos os lados, porque já não dispunha do olhar para regulá-lo, indicar-lhe o momento, a direção, adaptá-lo, fazê-lo variar de acordo com a mudança de lugar ou de expressão da pessoa que acabava de entrar, porque ficava sozinho, sem um sorriso dos olhos que desviasse um pouco dele a atenção do visitante, e que desse modo assumia, em sua falta de jeito, uma importância excessiva, dando a impressão de uma amabilidade exagerada. Depois, a vista voltou completamente; dos olhos, o mal nômade passou aos ouvidos. Durante alguns dias, minha avó ficou surda. E, como tivesse medo de ser surpreendida pela entrada súbita de alguém que não ouvira aproximar-se, a todo momento ela virava a cabeça bruscamente para a porta (embora deitada do lado da parede). Mas o movimento de seu pescoço era desajeitado, pois não é em poucos dias que nos acostumamos a essa transposição, senão de olhar os ruídos, ao menos de escutar com os olhos. Por fim as dores diminuíram, porém o embaraço da fala aumentou. Éramos obrigados a fazer minha avó repetir quase tudo o que dizia.

Agora minha avó, sentindo que já não a entendiam, renunciava a pronunciar uma só palavra e permanecia imóvel. Quando me via, experimentava uma espécie de sobressalto como às pessoas a quem de súbito falta o ar, queria falar-me, mas só articulava sons inteligíveis. Então, dominada por sua impotência, deixava tombar a cabeça, esticava-se inteiramente na cama, a fisionomia grave, de mármore, as mãos imóveis sobre o lençol ou ocupando-se de uma ação puramente material, como a de enxugar os dedos com o lenço. Não queria pensar. Depois começou a ter uma agitação constante. Incessantemente desejava levantar-se.

Mas nós a impedíamos o mais possível de fazê-lo, com receio de que ela se apercebesse de sua paralisia. Um dia em que a deixáramos sozinha por um instante, encontrei-a de pé, de camisola, tentando abrir a janela. Em Balbec, num dia em que tinham salvo, contra a sua vontade, uma viúva que se jogava ao mar, ela me dissera (talvez movida por um desses pressentimentos que por vezes lemos no mistério, aliás tão obscuro, de nossa vida orgânica, mas onde parece refletir-se o futuro) que não conhecia crueldade maior do que arrancar uma desesperada à morte que ela desejou e fazê-la regressar a seu martírio.

Apenas tivemos tempo de segurar minha avó, que manteve com mamãe uma luta quase brutal; depois, vencida, sentada à força numa poltrona, abandonou seus intentos, deixou de lastimar-se, seu rosto se tornou impassível e ela pôs-se a catar cuidadosamente os pêlos que em sua camisola deixara um cobertor que lhe havíamos jogado em cima.

Seu olhar mudou completamente, muitas vezes inquieto, queixoso, desvairado. Já

não era o seu olhar de outrora, era o olhar impertinente de uma velha que está variando.

De tanto lhe perguntar se queria ser penteada, Françoise acabou por se convencer de que a pergunta vinha de minha avó. Trouxe escovas, pentes, água-de-colônia e um peignoir. Dizia:

- Isto não pode cansar a Sra. Amédée; por mais fraca que a gente esteja, sempre pode ser penteada. - Isto é, nunca estamos demasiadamente fracos para que outra pessoa não possa, no que lhe diz respeito, pentear-nos.

Mas, quando entrei no quarto, vi entre as mãos cruéis de Françoise, encantada como se estivesse a ponto de devolver a saúde à minha avó, sob a desolação de uma velha cabeleira que não tinha forças para suportar o contato do pente, uma cabeça que, incapaz de manter a posição que lhe fixavam, tombava numa vertigem contínua, em que o esgotamento das forças se alternava com a dor. Vi aproximar-se o momento em que Françoise ia acabar e não ousei apressá-lo dizendo:

"Basta", com medo de que me desobedecesse. Mas, em compensação, precipitei-me quando, para que minha avó visse se estava bem penteada, Françoise, inocentemente feroz, lhe chegou um espelho. Primeiro, fiquei feliz em poder arrancá-lo a tempo de suas mãos, antes que minha avó, de quem havíamos cuidadosamente afastado qualquer espelho, tivesse inadvertidamente visto uma imagem de si própria que não podia conceber. Mas infelizmente, quando, um momento após, inclinei-me para ela, a fim de beijar aquela testa que tanto se cansara, ela me encarou com ar atônito, receoso, escandalizado: não me havia reconhecido.

Segundo o nosso médico, era um sintoma de que aumentava a congestão cerebral. Era preciso aliviá-lo. Cottard hesitava. Françoise esperou um instante que lhe aplicassem ventosas "clarificadas". Procurou-lhe os efeitos num dicionário, mas não pôde encontrá-los. Mesmo que dissesse "escarificadas" em vez de "clarificadas", nem assim teria encontrado tal adjetivo, pois não o procurava no ''e'' nem no ''c''- de fato, ela dizia "clarificadas", mas escrevia (e conseqüentemente julgava que era escrito) "esclarificadas". Cottard, o que a decepcionou, preferiu as sanguessugas, mas sem muita esperança. Quando, horas depois, entrei no quarto de minha avó, presas à sua nuca, às suas têmporas, às suas orelhas, as pequenas serpentes negras se estorciam na cabeleira ensangüentada, como as da Medusa. Mas, em seu rosto pálido e apaziguado, inteiramente imóvel, vi totalmente abertos, luminosos e calmos, seus belos olhos de outrora, talvez ainda mais carregados de inteligência do que antes da enfermidade, porque, visto que ela não podia falar, não devia mexer-se, era só a seus olhos que confiava o pensamento, o pensamento que ora ocupa em nós lugar

imenso, oferecendo-nos tesouros insuspeitados, ora parece estar reduzido a nada e depois renascer como que por geração espontânea, graças a algumas gotas de sangue que são retiradas seus olhos doces e líqüidos como o óleo em que de novo ardia o fogo aceso, iluminando diante da enferma o universo reconquistado. Sua calma não era mais o sossego do desespero, mas da esperança. Compreendia que estava melhor, queria ser prudente, não se mover, e fez-me apenas o dom de um belo sorriso para que eu soubesse que se sentia melhor, e me apertou levemente a mão.

Sabia eu que desgosto causava à minha avó a vista de certos animais e, com mais forte razão, o ser tocada por eles. Sabia que era em consideração a uma utilidade superior que tolerava as sanguessugas. Assim, Françoise me exasperava ao repetir-lhe com esses risinhos que a gente tem com as crianças que desejamos fazer brincar:

- Oh, esses bichinhos que estão correndo sobre a senhora! -

Além do mais, aquilo era tratar sem respeito a nossa doente, como se ela tivesse voltado a ser criança.

Porém minha avó, cuja fisionomia assumira a calma bravura de um estóico, nem sequer parecia ouvi-la.

Infelizmente, logo que foram retiradas as sanguessugas, a congestão se tornou cada vez mais grave. Surpreendeu-me que, naquele momento em que minha avó estava tão mal, Françoise desaparecesse a todo instante. É que havia encomendado um vestido de luto e não queria fazer esperar a costureira. Na vida da grande maioria das mulheres, tudo, mesmo o desgosto mais profundo, redunda numa questão de prova de roupa.

Alguns dias depois, enquanto eu dormia, minha mãe veio me chamar no meio da noite. Com a atenção carinhosa que, nas grandes ocasiões, as pessoas acabrunhadas por uma dor profunda evidenciam mesmo para com os pequenos incômodos alheios, ela me disse:

- Perdoa-me vir perturbar o teu sono.

- Não estava dormindo - respondi, acordando.

Dizia-o de boa-fé. A grande modificação que provoca em nós o despertar é menos o fato de nos introduzir na vida clara da consciência do que de nos fazer perder a lembrança da luz um tanto mais nuançada em que repousava a nossa inteligência, como no fundo opalino das águas. Os pensamentos meio velados, sobre os quais ainda há pouco deslizávamos, conduziam em nós um movimento perfeitamente suficiente para que pudéssemos designá-los com o nome de vigília. Mas o despertar então encontra uma interferência de memória. Pouco depois, denominamo-lo de sono porque não nos lembramos mais dele. E quando

reluz essa brilhante estrela, que, no momento do despertar, ilumina por detrás de quem dorme o seu sono inteiro, ela o faz crer, durante alguns segundos, que não se tratava de sono e sim de vigília. Na verdade, estrela cadente que, com sua luz, transporta a existência mentirosa, mas também os aspectos do sono, e só permite ao que desperta dizer consigo:

"Dormi."

Com uma voz tão doce que parecia recear me fazer mal, minha mãe me perguntou se não me cansaria muito levantar-me, e, acarinhando-me as mãos:

- Meu pobre menino, só poderás contar agora com teu papai e tua mamãe.

Entramos no quarto. Curvada em semicírculo sobre a cama, um ser diverso que não a minha avó, uma espécie de animal que se tivesse disfarçado com seus cabelos e deitado em seus lençóis, arquejava e se lamuriava, sacudindo as cobertas com suas convulsões. As pálpebras estavam fechadas, e era porque fechavam mal, antes que porque se abrissem, que deixavam ver um canto da pupila, velado, remelento, refletindo a obscuridade de uma visão orgânica e de um sofrimento interno. Toda essa agitação não se dirigia a nós, que ela não via nem conhecia.

Mas, se era apenas um animal que ali se debatia, onde estava a minha avó? No entanto, a gente reconhecia o formato de seu nariz, agora desproporcionado em relação ao rosto, mas junto ao qual continuava um sinalzinho, e sua mão que afastava as cobertas com um gesto que outrora indicava que as cobertas a incomodavam e que agora não significava coisa alguma.

Mamãe me pediu que trouxesse um pouco d'água com vinagre para molhar a testa de minha avó. Era a única coisa que a refrescava, segundo mamãe, que a via tentar afastar os cabelos. Mas da porta fizeram-me sinal que voltasse. A nova de que minha avó estava nas últimas espalhara-se imediatamente pela casa. Um desses "extras" que mandam chamar nos períodos excepcionais para aliviar o trabalho dos criados, o que transforma as agonias em algo semelhante a festas, acabava de fazer entrar o duque de Guermantes, o qual, parado na ante-sala, perguntava por mim; não pude fugir-lhe.

- Acabo de saber, meu caro senhor, essas notícias macabras. Gostaria de apertar a mão de seu pai em sinal de condolências.

Desculpei-me com a dificuldade de incomodá-lo naquele momento. O Sr. de Guermantes caía como no instante em que se parte de viagem. Porém sentia de tal modo a importância da cortesia que estava nos fazendo, que isso lhe ocultava o resto e ele queria absolutamente entrar no salão. Em geral, tinha o hábito de cumprir integralmente as formalidades com que decidira honrar alguém, e pouco se importava se as malas fossem feitas ou que o esquife estivesse pronto.

- Mandaram chamar Dieulafoy? Ah, é um grave erro. E se me tivessem dito, ele teria vindo por minha causa; não me recusa nada, embora se tenha negado a ir à casa da duquesa de Chartres. Como vêem, coloco-me decididamente acima de uma princesa de sangue real. Aliás, diante da morte, somos todos iguais - acrescentou, não para me convencer de que minha avó se tornaria sua igual, mas tendo talvez percebido que uma conversação prolongada, relativamente a seu poder sobre Dieulafoy e à sua preeminência sobre a duquesa de Chartres, não seria de bom-tom. De resto, seu conselho não me espantava. Sabia que em casa dos Guermantes citava-se com freqüência o nome de Dieulafoy (apenas com um pouco mais de respeito) como o de um "fornecedor" sem rival. E a velha duquesa de Mortemart, nascida Guermantes (impossível compreender por que razão, quando se trata de uma duquesa, dizem quase sempre: "a velha duquesa de" ou, ao contrário, com um ar fino e Watteau, se ela é jovem, "a duquesinha de"), preconizava quase mecanicamente e com um piscar de olhos nos casos graves:

"Dieulafoy, Dieulafoy", como se tivessem necessidade de um sorveteiro "Poiré Blanche" ou, para os biscoitos, "Rebattet, Rebattet". Mas eu ignorava que meu pai acabava de mandar chamar precisamente Dieulafoy.

Nesse momento, minha mãe, que esperava com impaciência os balões de oxigênio que deveriam tomar mais fácil a respiração de minha avó, entrou ela mesma na ante-sala, onde não imaginava encontrar o Sr. de Guermantes. Gostaria de tê-lo escondido em qualquer lugar. Porém, persuadido de que nada era mais essencial nem lisonjeiro para minha mãe, nem mais indispensável para manter sua reputação de perfeito cavalheiro, ele me pegou violentamente pelo braço e, apesar de eu me defender como contra uma violação, repetindo:

"Cavalheiro, Cavalheiro, Cavalheiro", arrastou-me em direção a mamãe, dizendo-me: - Quer me fazer a grande honra de me apresentar à senhora sua mãe? - derrapando um pouco na palavra mãe. E de tal modo achava que a honra era somente dela, que não podia evitar um sorriso, fazendo uma cara solene. Não pude deixar de nomeá-lo, o que logo deslanchou, de sua parte, reverências e pulinhos de dança, e ele ia recomeçar o cerimonial completo da saudação. Pensava até em travar conversa, porém minha mãe, mergulhada em sua dor, disse-me que voltasse depressa e nem sequer respondeu às frases do Sr. de Guermantes, que, esperando ser recebido como visita e vendo pelo contrário que o deixavam sozinho na antesala, teria acabado por sair se, no mesmo instante, não tivesse visto entrar Saint-Loup, que chegara naquela manhã a Paris e acorrera em busca de novidades.

- Ah, esta é muito boa! - gritou alegremente o duque segurando o sobrinho pela manga, que quase lhe arrancou, sem se preocupar com a presença de minha mãe que voltava a atravessar a ante-sala. Saint-Loup não estava aborrecido,

creio, apesar de sua mágoa sincera, nem evitava estar comigo, considerando as suas disposições a meu respeito. Foi-se, arrastado pelo tio que, tendo algo de muito importante para lhe dizer, e que quase fora a Doncieres com essa intenção, não cabia em si de contente por se ter poupado tamanho incômodo.

- Ah, se me tivessem dito que bastaria atravessar o pátio e te encontraria aqui, teria julgado que era uma grande piada! Como diria o teu camarada Bloch, é de matar. - E, afastando-se com Robert, a quem segurava pelo ombro: - Dá no mesmo repetia -, bem se vê que acabo de tocar em corda de enforcado ou coisa parecida; tenho uma sorte bárbara! -

Não é que o duque de Guermantes fosse mal-educado, muito pelo contrário. Mas era desses homens incapazes de se pôr no lugar dos outros, desses homens semelhantes nisso à maioria dos médicos e coveiros, e que, depois de assumir uma fisionomia solene e dizer:

"São momentos muito penosos", e abraçar-nos e aconselhar-nos o repouso, só consideram uma agonia ou um enterro como uma reunião mundana mais ou menos restrita, em que, com uma jovialidade por um instante recalcada, procuram com o olhar a pessoa a quem podem falar de suas ninharias, pedir que os apresentem a uma outra, ou oferecer um lugar no carro para levá-las de volta. O duque de Guermantes, felicitando-se pelos "bons ventos" que o haviam impelido para o sobrinho, ficou tão espantado com a acolhida, todavia tão natural, de minha mãe que mais tarde declarou que ela era tão desagradável quanto cortês era meu pai, que ela tinha "ausências", durante as quais não parecia sequer ouvir as coisas que lhe diziam e que, em sua opinião, não estava em seu perfeito juízo ou talvez não o tivesse de todo. Por fim consentiu, pelo que me disseram, em atribuir aquilo em parte às "circunstâncias" e declarar que minha mãe lhe parecera muito "afetada" pelo acontecimento. Mas guardava ainda nas pernas o restante das saudações e reverências para trás que o haviam impedido de executar até o fim, e aliás percebia tampouco o que era o desgosto de minha mãe que me perguntou, na véspera do enterro, se eu não procurava distraí-la.

Um cunhado de minha avó, que era religioso e a quem eu não conhecia, telegrafou da Áustria, onde estava o *prior* de sua ordem, e, tendo obtido autorização por favor excepcional, veio naquele dia. Acabrunhado de tristeza, lia ao pé da cama textos de rezas e meditações, sem no entanto desviar da enferma os olhos pequeninos. Num momento em que minha avó estava sem sentidos, a vista da tristeza daquele padre me fez mal, e o encarei. Pareceu surpreender-se com minha piedade e então ocorreu algo singular. Juntou as mãos sobre o rosto como um homem absorvido em dolorosa meditação, mas, compreendendo que eu ia desviar os olhos dele, verifiquei que deixara os dedos um pouco separados. E, no momento em que meu olhar o deixou, percebi que seu olho agudo se aproveitara daquele abrigo das mãos para observar se minha dor era sincera.

Estava emboscado ali como na sombra de um confessionário. Percebeu que o estava observando e logo fechou hermeticamente a grade dos dedos que deixava entreaberta. Mais tarde voltei a vê-lo, e nunca se cuidou entre nós daquele instante. Ficou tacitamente combinado que eu não notara que ele me espiava. No padre, como no alienista, há sempre um tanto de juiz de instrução. Aliás, qual o amigo, por mais caro que seja, em cujo passado, em comum com o nosso, não tenha havido esses minutos em que achamos mais cômodo persuadir-nos de que ele os esqueceu?

O médico deu uma injeção de morfina e, para tornar menos penosa a respiração, pediu balões de oxigênio. Minha mãe e o doutor os seguravam nas mãos; logo que um terminava, passava-se a outro. Eu saíra um momento do quarto. Ao voltar, achei-me como que diante de um milagre. Acompanhada em surdina por um murmúrio incessante, minha avó parecia dirigir-nos um longo cântico feliz que preenchia o quarto, rápido e musical. Logo compreendi que esse cântico não era menos inconsciente, que era tão puramente mecânico feito o arquejar de ainda há pouco. Talvez refletisse em fraca medida algum bem-estar causado pela morfina. Resultava, sobretudo, como o ar já não passava da mesma maneira pelos brônquios, de uma mudança de registro da respiração. Aliviado graças ao duplo efeito do oxigênio e da morfina, o sopro de minha avó já não gemia nem se debatia, porém vivo, leve, deslizava, patinando, para o fluido delicioso. Talvez o hálito, insensível como o do vento na flauta de um caniço, se misturasse, nesse cântico, a alguns desses suspiros mais humanos que, liberados pela aproximação da morte, fazem acreditar em impressões de sofrimento ou de felicidade naqueles que já não sentem mais nada, e vinham acrescentar um acento mais melodioso, mas sem mudar de ritmo, a essa longa frase que se elevava, subia ainda, e depois recaía, para erguer-se de novo do peito aliviado em perseguição ao oxigênio. Depois, chegado assim tão alto, prolongado com tanta força, o cântico, mesclado a um murmúrio de súplicas na volúpia, parecia deter-se em certos momentos, exatamente como uma fonte esgotada.

Françoise, quando possuída de grande desgosto, experimentava a necessidade bem inútil de exprimi-lo, mas não tinha a arte tão simples. Julgando minha avó inteiramente perdida, eram as suas próprias impressões que se esforçava para nos dar a conhecer. E só sabia repetir:

- Isso me dá uma coisa... no mesmo tom com que dizia quando tomava muita sopa de couve: - Tenho um peso no estômago o que, em ambos os casos, era mais natural do que ela parecia julgar. Tão fracamente traduzido, seu desgosto não era menos intenso, agravado pelo aborrecimento de que sua filha, retida em Combray (que a jovem parisiense denominava agora a *cambrousse* e onde se sentia transformar-se *pétrousse*), não pudesse verossimilmente voltar para a cerimônia fúnebre que Françoise sentia dever ser algo magnífico. Como sabia

que éramos pouco expansivos, convocara previamente Jupien para todas as tardes da semana. Sabia que ele não estaria livre à hora do enterro. Queria ao menos, na volta, contar-lhe.

Fazia várias noites que meu pai, meu avô e um de nossos primos velavam e não saíam mais da casa. Seu devotamento contínuo acabava por assumir uma máscara de indiferença, e a interminável ociosidade em torno dessa agonia fazia-os dizerem as mesmas frases que são inseparáveis de uma estada prolongada num vagão de estrada de ferro. Além do mais, esse primo (sobrinho de minha tia-avó) causava-me tanta antipatia quanta estima merecia e geralmente obtinha. Conjurava-no sempre com as perífrases em uso, como as almas do outro mundo, se assombrava ao menor ruído, dizia:

- Parece-me que é ela. -

Mas, em vez de terror, era uma doçura infinita o que essas palavras despertavam em minha mãe, que desejaria tanto que os mortos voltassem, para às vezes ter a mãe a seu lado.

Voltando agora àquelas horas de agonia:

- Sabe o que é que as irmãs dela nos telegrafaram? - perguntou meu avô a meu primo.

- Sim, Beethoven, disseram-me; é de se pôr num quadro, e isso não me espanta.

- Minha pobre mulher que as amava tanto - disse meu avô enxugando uma lágrima. - Não devemos lhes querer mal. São doidas varridas, eu sempre disse. Que está acontecendo, não dão mais oxigênio?

Minha mãe disse:

- Mas então mamãe vai recomeçar a respirar mal.

O médico respondeu:

- Oh não, o efeito do oxigênio vai durar ainda um bom tempo; vamos recomeçar daqui a pouco.

Parecia-me que não se teria dito isso no caso de uma agonizante e que, se esse bom efeito deveria durar, é que tinham algum poder em sua vida. O silvo do oxigênio cessou durante alguns momentos. Mas a queixa feliz da respiração continuava a jorrar sempre, leve, atormentada, incompleta, recomeçando sem cessar. Por instantes, parecia que tudo estava acabado, o sopro se extinguia, seja por essas mesmas mudanças de oitavas que há na respiração de uma pessoa que dorme, seja por uma intermitência natural, um efeito da anestesia, o progresso da asfixia, alguma fraqueza do coração. O médico voltou a tomar o pulso de minha avó, mas, como se um afluente viesse trazer seu tributo à corrente ressequida, já um novo canto se harmonizava à frase interrompida. E esta

continuava em outro diapasão com o mesmo impulso inesgotável.

Quem sabe se, mesmo que minha avó disso não tivesse consciência, tantos estados ternos e venturosos não escapavam dela agora como esses gases mais leves contidos durante longo tempo? Dir-se-ia que tudo o que ela tinha para nos contar se expandia, que era a nós que se dirigia com aquela prolixidade, aquela pressa, aquela efusão.

Ao pé da cama, convulsa por todos os haustos daquela agonia, não chorando mais, mas às vezes inundada em lágrimas, minha mãe apresentava a desolação sem pensamento de uma folhagem que a chuva açoita e o vento revolve. Mandaram-me enxugar os olhos antes de ir beijar a minha avó.

- Mas eu julgava que ela não via mais - observou meu pai.

- Nunca se sabe replicou o doutor.

Quando meus lábios a tocaram, as mãos de minha avó se agitaram, ela foi toda percorrida por um longo tremor, seja por reflexo, seja porque certas afeições tenham a sua hiperestesia que reconhece, através do véu da inconsciência, aquilo que elas quase não necessitam de sentidos para amar. De súbito, minha avó se ergueu a meio, fez um esforço violento, como alguém que defende sua vida. Françoise não pôde resistir àquela cena e rompeu em soluços. Lembrando-me do que dissera o médico, tentei fazê-la sair do quarto. Nesse momento, minha avó abriu os olhos. Precipitei-me para Françoise a fim de lhe ocultar as lágrimas, enquanto meus pais falavam à doente.

O rumor do oxigênio silenciara, o médico se afastou da cama.

Minha avó estava morta.

Horas depois, Françoise pôde pela última vez, e sem maltratá-los, pentear aqueles lindos cabelos que mal principiavam a embranquecer e até então haviam parecido mais jovens que ela. Mas agora, pelo contrário, eram os únicos a impor a coroa da velhice sobre o rosto tornado jovem e de onde haviam desaparecido as rugas, as contrações, os empastamentos, as tensões e as dobras que há tanto tempo lhe vinham aumentando o sofrimento. Como antigamente, quando seus pais lhe haviam escolhido um esposo, ela apresentava feições finamente traçadas pela pureza e pela submissão, as faces brilhantes de uma casta esperança, de um sonho de ventura, e até de uma alegria inocente que os anos lhe tinham destruído aos poucos. A vida, ao se retirar, acabava de carregar as desilusões da existência. Um sorriso parecia pousado sobre os lábios de minha avó. Sobre aquele leito fúnebre, a morte, como o escultor da Idade Média, deitara-a sob a aparência de uma mocinha.

Capítulo Segundo

Visita de Albertine. – Perspectiva de casamento rico para alguns amigos de Saint-Loup. - O espírito dos Guermantes diante da princesa de Parma. - Estranha visita ao Sr. de Charlus. - Cada vez compreendo menos o seu caráter. - Os sapatos vermelhos da duquesa.

Conquanto fosse apenas um domingo de outono, eu acabava de renascer, a existência estava intacta à minha frente, pois de manhã, após uma série de dias temperados, houve um nevoeiro frio que só se dissipara por volta do meio-dia. Ora, uma mudança de tempo é suficiente para recriar o mundo e nós mesmos. Antigamente, quando o vento soprava na minha lareira, eu escutava suas pancadas contra o alçapão de tal modo emocionado como se, iguais às famosas pancadas de arco com que principia a Sinfonia em dó menor, fossem os irresistíveis apelos de um destino misterioso. Toda mudança visível da natureza nos oferece uma transformação idêntica, adaptando à nova forma de ser das coisas os nossos desejos harmonizados. Desde o despertar, a bruma fizera de mim, em vez da criatura centrífuga que a gente é nos dias bonitos, um homem voltado para si mesmo, que deseja um cantinho ao lado da lareira e um leito compartilhado, Adão friorento à procura de uma Eva sedentária naquele mundo diferente.

Entre a cor cinza e suave de um campo matinal e o gosto de uma taça de chocolate, eu introduzia toda a originalidade da vida física, intelectual e moral que havia levado cerca de um ano antes a Doncieres, e que, brasonada com a forma oblonga de uma colina escalvada presente sempre, mesmo quando estava invisível -, formava em mim uma série de prazeres totalmente distintos de todos os outros, indizíveis aos amigos naquele sentido que as impressões ricamente entretecidas umas nas outras que os orquestravam, bem mais os caracterizavam para mim, e à minha revelia, do que os fatos que eu teria podido contar. Sob esse ponto de vista, o mundo novo em que o nevoeiro daquela manhã me havia mergulhado era um mundo já conhecido de mim (o que só o tomava mais verdadeiro) e esquecido fazia algum tempo (o que lhe devolvia todo o seu frescor). E pude contemplar alguns dos quadros de bruma que minha memória adquirira, notadamente diversos "Manhã em Doncieres", seja no primeiro dia no quartel, seja numa outra ocasião, num castelo vizinho aonde Saint-Loup me levara para passar vinte e quatro horas: da janela, cujas cortinas eu erguera de madrugada antes de voltar a deitar-me, no primeiro um cavaleiro, no segundo (no estreito limite de um charco e de um bosque, de que todo o resto estava mergulhado na uniforme doçura líqüida da bruma) um cocheiro no ato de brunir uma correia, tinham me aparecido como essas personagens singulares, mal

distintas para o olho obrigado a adaptar-se ao vago misterioso das penumbras que emergem de um afresco apagado.

Era de minha cama que eu olhava hoje essas lembranças, pois voltara a deitar-me para esperar o momento em que, aproveitando a ausência de meus pais, que tinham ido passar alguns dias em Combray, contava ir naquela mesma noite ouvir uma pequena peça que se representava em casa da Sra. de Villeparisis. Se eles estivessem de volta, talvez eu não ousasse fazê-lo; minha mãe, nos escrúpulos de seu respeito pela recordação de minha avó, queria que as demonstrações de pesar que lhe eram feitas o fossem livre e sinceramente; não teria me proibido aquela saída, mas a desaprovaria. De Combray, ao contrário, consultada, só teria me respondido com um triste:

"Faze o que quiseres. Já és bastante grande para saberes o que deves fazer", mas censurando-se por me haver deixado sozinho em Paris, e, julgando o meu desgosto pelo seu, teria desejado para ele as distrações que recusava a si mesma e que se convencia que minha avó, preocupada sobretudo com a minha saúde e o meu equilíbrio nervoso, me teria aconselhado.

Desde a manhã, haviam acendido o novo calorífero a água. Seu ruído desagradável que dava de vez em quando uma espécie de soluço não tinha qualquer relação com minhas lembranças de Doncieres. Mas o seu encontro prolongado com estas dentro de mim, naquela tarde, ia fazê-lo contrair com elas uma afinidade tal que, a cada vez que (um tanto) desabituado dele ouvisse de novo o aquecimento central, ele me faria recordá-las.

Em casa só havia Françoise. A claridade acinzentada, caindo como uma chuva fina, tecia sem parar filetes transparentes em que os passeantes dominicais pareciam argentar-se.

Eu havia jogado a meus pés o *Fígaro*, que todos os dias mandava comprar conscienciosamente desde que lhe enviara um artigo que não fora publicado; apesar da ausência de sol, a intensidade da luz indicava que ainda estávamos no meio da tarde. As cortinas de tule da janela, vaporosas e fiáveis como o não seriam num dia bonito, tinham aquela mesma mescla de doçura e fragilidade das asas das libélulas e dos vidros de Veneza. Pesava-me tanto mais estar sozinho naquele domingo porque mandara de manhã uma carta à Srta. de Stermaria.

Robert de Saint-Loup, que sua mãe conseguira fazer romper com a amante após dolorosas tentativas abortadas, e que desde essa época fora enviado a Marrocos para esquecer aquela a quem já não amava fazia algum tempo, escrevera-me um bilhete, recebido na véspera, em que me anunciara sua próxima chegada à França para uma licença bem curta. Como só estaria de passagem em Paris (onde a família sem dúvida temia que reatasse com Rachel), avisava-me, para mostrar que havia pensado em mim, que encontrara em Tânger a Srta., ou

melhor, a Sra. de Stermaria, pois ela se divorciara após três meses de casamento. E Robert, lembrando-se do que lhe havia dito em Balbec, pedira de minha parte um encontro com a jovem senhora. Ela jantaria de bom grado comigo, respondera-lhe, num dos dias em que, antes de regressar à Bretanha passaria em Paris. Robert dizia-me que me apressasse em escrever à Sra. de Stermaria, pois ela certamente já chegara. A carta de Saint-Loup não me deixara espantado, embora eu não tivesse notícias dele desde a ocasião da doença de minha avó, quando me acusara de perfídia e traição. Então eu percebera muito bem o que se passara. Rachel, que gostava de provocar o seu ciúme tinha também motivos acessórios para me querer mal, convencera o amante que eu havia feito tentativas sorrateiras para ter relações com ela durante a ausência de Robert. É provável que ele continuasse a crer que aquilo era verdade, mas deixara de se interessar por ela, de modo que, verdade ou não, era-lhe totalmente indiferente e só a nossa amizade subsistia.

Quando, uma vez em que voltei a vê-lo, quis tentar falar-lhe de suas censuras, ele se limitou a um sorriso bom e carinhoso com o qual dava a impressão de desculpar-se, e depois mudou de assunto. Não que não devesse, mais tarde, rever Rachel às vezes em Paris. É raro que as criaturas que desempenharam um papel importante em nossa vida saiam dela de repente de modo definitivo. Voltam a pousar nela por instantes (a ponto de que alguns crêem num recomeço do amor) antes de deixá-la para sempre.

A ruptura de Saint-Loup com Rachel rapidamente se lhe tornara menos dolorosa graças ao prazer tranqüilizante que lhe davam os incessantes pedidos de dinheiro de sua amiga. O ciúme, que prolonga o amor, não pode conter muito mais coisas que as outras formas de imaginação. Se a gente leva, quando em viagem, três ou quatro imagens que aliás se perderão pelo caminho (os lírios e as anêmonas de Ponte Vecchio, a igreja persa nas brumas, etc,), a mala já está bem cheia. Quando abandonamos uma amante, bem que gostaríamos, até que a tenhamos esquecido um pouco, que ela não se tornasse propriedade de três ou quatro protetores possíveis e que a gente imagina, isto é, de quem nos sentimos enciumados: os que não imaginam não são coisa nenhuma. Ora, os freqüentes pedidos de dinheiro de uma amante abandonada não nos dariam uma idéia perfeita da sua vida mais do que os gráficos de temperatura elevada o dariam de sua doença. Mas, mesmo assim, estes últimos seriam um sinal de que ela está doente, e os primeiros fornecem uma presunção, por certo bastante vaga, de que a abandonada ou abandonadora não deve ter encontrado grande coisa em matéria de protetores abastados. Assim, cada pedido é acolhido com a alegria que uma calmaria produz nas dores do ciumento, e seguido imediatamente da remessa de dinheiro, pois desejamos que não lhe falte nada, menos amantes (um dos três amantes que imaginamos), durante o tempo que a gente levar para se

recobrar um pouco e poder saber, sem desfalecimento, o nome do sucessor. Às vezes Rachel voltou, já tarde da noite, para pedir ao antigo amante licença para dormir a seu lado até a manhã. Era uma grande doçura para Robert, pois ele se dava conta do quanto tinham vivido intimamente juntos, apesar de tudo, só de ver que, mesmo ocupando sozinho a maior parte da cama, não a incomodava em nada para dormir. Compreendia que ela estava, junto de seu corpo, mais a cômodo que em qualquer outra parte, que ela se encontrava a seu lado mesmo que fosse num hotel como num quarto conhecido há muito, onde a gente tem nossos hábitos e onde dorme melhor. Sentia que seus ombros, suas pernas, todo ele, eram para ela, ainda quando se mexia demais devido à insônia ou por ter trabalho a fazer, dessas coisas tão perfeitamente usuais que não podem embaraçar e cuja percepção aumenta mais a sensação de repouso.

Voltando para trás, tanto mais me havia perturbado a carta que Robert me escrevera de Marrocos porque percebia, nas entrelinhas, aquilo que ele não ousara dizer mais explicitamente. "Podes muito bem convidá-la para um gabinete reservado" dizia-me. "É uma jovem encantadora, de temperamento agradável, vocês se entenderão perfeitamente e desde já estou certo de que hás de passar uma bela noite."

Como meus pais voltavam no fim da semana, sábado ou domingo, e depois eu seria forçado a jantar todas as noites em casa, escrevera logo à Sra. de Stermaria para lhe propor o dia que ela desejasse, até sexta-feira. Responderam-me que receberia uma carta cerca das oito horas, naquele mesmo dia. Eu atingiria bem depressa essa hora se tivesse tido uma visita durante a tarde que me separava dela. Quando as horas se envolvem nas conversas, já não podemos mais medi-las, nem sequer vê-las, elas se desvanecem e, de súbito, muito longe do ponto em que nos havia fugido, é que reaparece diante da nossa atenção o tempo ágil e escamoteado. Mas, se estamos sós, a preocupação, trazendo para diante de nós o momento ainda distante e aguardado sem cessar, com a freqüência e a uniformidade de um tique-taque, divide, ou antes, multiplica as horas por todos os minutos que, entre amigos, não teríamos contado. E confrontada, pela recorrência incessante do meu desejo, com o prazer ardente que eu desfrutaria em apenas alguns dias, ai de mim, com a Sra. de Stermaria, aquela tarde, que eu iria acabar sozinho, parecia-me bem vazia e melancólica.

Por momentos, eu ouvia o barulho do elevador que subia, mas que era seguido de um segundo barulho, não o que eu esperava, o da parada no meu andar, mas um outro bem diferente do que fazia para continuar o seu caminho rápido para os andares superiores e que, por significar tantas vezes a deserção do meu quando eu esperava uma visita, ficou sendo para já não desejava mais nenhum, um barulho mim, mais tarde, e até quando doloroso por si mesmo, em que ressoava como que uma sentença de abanupado ainda por várias horas em sua tarefa

dono. Cansado, resignado, e imemorial, o dia cinzento fiava a sua apassamanaria de nácar, e eu me entristecia ao pensar que ia ficar sozinho com ele, que não me conhecia mais que uma operária que, instalada junto à janela para ver mais claro, fazendo o seu trabalho, não se ocupa de modo algum com a pessoa presente na sala. De repente, sem que tivesse ouvido soar a campainha, Françoise veio abrir a porta e introduziu Albertine, que entrou risonha, silenciosa, repleta, contendo na plenitude de seu corpo, preparados para que continuasse a vivê-los, vindos em minha direção, os dias passados naquela Balbec aonde eu jamais regressara. Por certo, de cada vez que revemos uma pessoa com quem as relações por mais insignificantes que sejam já mudaram dá-se como que uma confrontação de duas épocas. Para tanto, não há tempo que venha visitar-nos como amiga, basta necessidade que uma antiga amada visita a Paris de alguém que conhecemos no dia-a-dia de um certo gênero de vida, e que essa vida tenha cessado, mesmo que tenha sido apenas há uma semana. Em cada traço risonho, interrogativo e constrangido da fisionomia de Albertine, eu podia soletrar estas perguntas:

''E a Sra. de Villeparisis? E o professor de dança? E o confeiteiro?"

Quando ela se sentou suas costas pareciam dizer-me:

"Droga, não há falésias aqui, permite-me como teria feito em Balbec?", eu me sentei mesmo assim perto dela, que parecia uma feiticeira que me apresentasse um espelho do tempo. Nisso eram pessoas que revemos raramente, mas que outrora semelhante a todas as pessoas que conviveram mais intimidade conosco. Mas, quanto a Albertine, havia mais nos nossos encontros diários, do que isso. Certamente, mesmo em Balbec, de tão cotidiana que ela era. Mas eu sempre me surpreendia ao avistá-la, idas do vapor róseo que as banhava, agora mal se podia reconhecê-la. Depois era outro rosto, brotado como de uma estátua. Suas feições haviam mudado; seu corpo se desenvolvera. Já não era, ou melhor, por fim já se apresentara; restava quase nada da bainha em que estivera envolvida e em cuja superfície mal se desenhava, em Balbec, a forma futura.

Desta vez Albertine voltava a Paris mais cedo que de costume. De ordinário só chegava na primavera, de modo que eu, já perturbado há algumas semanas pelas tempestades sobre as primeiras flores, não separava, no prazer que sentia, a volta de Albertine e a da boa estação. Bastava que me dissessem que ela se achava em Paris e que passara em minha casa para que a revisse como uma rosa à beira-mar. Não sei bem se era o desejo de Balbec ou o desejo por ela que então se apoderava de mim, e talvez mesmo o desejo por ela fosse uma forma indolente, preguiçosa e incompleta de possuir Balbec, como se possuir materialmente uma coisa, fixar residência numa cidade, equivalesse a possuí-la espiritualmente. E de resto, mesmo materialmente, quando já não era embalada pela minha imaginação diante do horizonte marinho, mas imóvel junto a mim,

ela seguidamente me parecia uma rosa bem pobre, diante da qual gostaria muito de fechar os olhos para não ver certo defeito das pétalas e para acreditar que respirava na praia.

Posso dizê-lo aqui, muito embora não soubesse então o que só devia ocorrer mais adiante. Decerto é mais razoável sacrificar a vida às mulheres que aos selos do correio, às velhas caixas de rapé, e até aos quadros e às estátuas. Apenas, o exemplo das outras coleções nos deveria advertir que trocássemos, que não tivéssemos somente uma mulher, porém várias. Essas misturas encantadoras que uma jovem faz com uma praia, com a cabeleira trançada de uma estátua de igreja, com uma estampa, com tudo aquilo pelo qual se ama em uma delas um quadro encantador a cada vez que ela aparece, tais misturas não são muito estáveis. Vivei completamente com uma mulher e não vereis mais coisa alguma do que vos fez amá-la; certamente se os dois elementos se desunem, o ciúme pode juntá-los de novo. Se, depois de um longo tempo de vida em comum, eu devesse acabar por ver em Albertine apenas uma mulher ordinária, alguma intriga dela com uma criatura a quem tivesse amado em Balbec seria talvez o bastante para que nela se incorporasse e amalgamasse a praia e o rebentar das ondas. Unicamente, tais misturas secundárias já não deslumbram nossos olhos; é ao nosso coração que elas são sensíveis e funestas. Não se pode achar desejável o renovar do milagre sob uma forma tão perigosa. Mas estou antecipando os anos. E aqui devo apenas lamentar não ter permanecido bastante sábio para ter simplesmente minha coleção de mulheres, como se tem binóculos antigos, nunca suficientemente numerosos por trás da vitrine, onde sempre um lugar vazio espera um binóculo novo e mais raro.

Contrariamente à ordem habitual de suas férias, naquele ano ela vinha diretamente de Balbec e ainda ficara lá bem menos tempo que de costume. Fazia muito tempo que não a via. E, como não conhecesse nem de nome as pessoas que ela freqüentava em Paris, nada sabia dela nos períodos que permanecia sem me procurar. Tais períodos eram com freqüência bem longos. Depois, um belo dia, Albertine surgia bruscamente, e suas róseas aparições e silenciosas visitas informavam-me bem pouco sobre o que pudesse ter feito no intervalo, que ficava mergulhado nessa obscuridade de sua vida que meus olhos pouco se preocupavam em romper. Entretanto, dessa vez alguns indícios pareciam mostrar que deveriam ter ocorrido coisas novas nessa vida. Mas talvez se devesse simplesmente deduzir deles que se muda muito depressa na idade que tinha Albertine. Por exemplo, sua inteligência mostrava-se melhorada, e, quando voltei a lhe falar do dia em que pusera tanto empenho em impor sua idéia de fazer com que Sófocles escrevesse:

"Meu caro Racine", ela foi a primeira a rir abertamente. - Andrée é quem tinha razão, eu era estúpida - disse ela -; seria necessário que Sófocles escrevesse:

"Senhor". - Respondi que o "senhor" e o "caro senhor" de Andrée não eram menos engraçados que o "meu caro Racine" dela e o "meu caro amigo" de Gisele, mas que, no fundo, só os professores eram estúpidos ao mandarem endereçar por Sófocles uma carta a Racine. Aí, Albertine não me acompanhou. Não via o que aquilo apresentava de estúpido; sua inteligência se entreabrira, mas não se desenvolvera. Havia novidades mais atraentes nela; eu sentia, na mesma mocinha bonita que acabava de sentar-se junto à minha cama, algo diverso e, nas linhas que no olhar e nas feições do rosto expressam a vontade habitual, uma mudança de aspecto, uma semiconversão como se tivessem sido destruídas aquelas resistências contra as quais eu me chocara em Balbec, numa noite já longínqua em que formávamos um par simétrico porém inverso daquele da tarde atual, visto que então era ela que estava deitada e eu ao lado da cama. Querendo e não ousando assegurar-me se agora ela se deixaria beijar, de cada vez que ela se erguia para ir embora eu lhe pedia para ficar ainda. Isso não era fácil de conseguir, pois, embora ela não tivesse o que fazer (não fosse isso teria pulado fora), era uma pessoa pontual e aliás pouco amável comigo, não parecendo achar mais nenhum prazer na minha companhia. No entanto, de cada vez, após ter consultado o relógio de pulso, ela voltava a sentar-se a meu pedido, de modo que passara várias horas comigo e sem que eu lhe tivesse pedido nada; as frases que lhe dizia ligavam-se às que lhe dissera nas horas precedentes, e não se relacionavam em nada com o que eu pensava, com o que desejava, permaneciam-lhe indefinidamente paralelas. Não há nada como o desejo para impedir as coisas que dizemos de terem alguma semelhança com o que nos vai pelo pensamento. O tempo urge, e no entanto parece que queremos ganhar tempo falando sobre assuntos totalmente estranhos ao que nos preocupa. Conversamos, quando a frase que desejaríamos pronunciar já seria acompanhada de um gesto, supondo mesmo que para nos darmos o prazer do imediato e matar a curiosidade que experimentamos relativamente às reações que trouxer sem dizer palavra, sem pedir qualquer licença, não teríamos feito tal gesto. Certo, eu não amava Albertine de forma alguma: filha da bruma lá de fora, ela podia apenas contentar o desejo da imaginação que o tempo novo despertara em mim e que era intermediário entre os desejos que podem satisfazer, por um lado, as artes culinárias e as da escultura monumental, pois fazia-me sonhar ao mesmo tempo em mesclar à minha carne uma matéria diferente e cálida, e de ligar por algum ponto, a meu corpo estendido, um corpo divergente, como o corpo de Eva mal se ligava pelos pés aos quadris de Adão, a cujo corpo estava quase perpendicular naqueles baixos-relevos romanos da catedral de Balbec que representam de modo tão nobre e pacífico, ainda quase como um friso antigo, a criação da mulher; Deus ali está por toda parte seguido, como por dois ministros, de dois anjinhos nos quais se reconhecem como essas criaturas aladas e turbilhonantes do verão que o inverno surpreendeu e poupou os

Amores de Herculanum ainda vivos em pleno século XIII, e arrastando o seu último vôo, cansados mas sem faltar à graça que se pode esperar deles, sobre toda a fachada do pórtico.

Ora, esse prazer que, satisfazendo o meu desejo, me teria livrado daquele devaneio, e que eu buscaria de boa vontade em qualquer outra mulher bonita, se me tivessem perguntado em que no decurso daquela conversa interminável em que eu calava a Albertine a única coisa em que pensava se baseava a minha hipótese otimista acerca das possíveis complacências, teria talvez respondido que tal hipótese era devida (enquanto os traços esquecidos da voz de Albertine redesenhavam-me o contorno de sua personalidade) ao aparecimento de certas palavras que não faziam parte de seu vocabulário, ao menos na acepção que ela lhes dava agora. Como me dissesse que Elstir era bobo e eu protestasse, replicou sorrindo:

- Você não me compreende; quero dizer que foi bobo nestas circunstâncias, mas sei perfeitamente que é uma pessoa bem distinta.

Da mesma forma, para dizer do golfe de Fontainebleau que ele era elegante, declarou:

- Trata-se de uma seleção de fato.

A propósito de um duelo que eu tivera, disse-me a respeito de minhas testemunhas:

- São testemunhas de elite e, olhando meu rosto, confessou que gostaria de me ver "usando bigodes". Chegou até, e minhas chances me pareceram então bem grandes, a dizer, termo que eu teria jurado que ela ignorava no ano anterior, que, desde que tinha visto Gisele, passara-se um certo "lapso de tempo". Não é que Albertine não possuísse, quando eu estivera em Balbec, um lote bem sortido dessas expressões que revelam de imediato que a gente saiu de uma família abastada, e que de ano em ano uma me abandona à filha, como lhe dá, à medida que esta cresce, suas próprias jóias, nas ocasiões importantes. Sentira que Albertine deixara de ser uma menininha quando um dia, para agradecer um presente que uma estranha lhe dera, havia respondido:

"Estou confusa." A Sra. Bontemps não pudera evitar olhar para o marido, que dissera:

- Diabo, ela já tem quatorze anos.

A inabilidade mais acentuada se assinalara quando Albertine, falando de uma jovem de maus modos, dissera:

"Nem se pode ver se ela é bonita, pois tem uma mão de rouge na cara."

Enfim, embora ainda fosse mocinha, já assumia maneiras de mulher do seu

meio e de sua classe ao dizer, se alguém fazia caretas:

"Não posso vê-lo porque tenho vontade de fazer o mesmo", ou, se se divertiam com imitações: "O mais engraçado, quando você arremeda, é que fica parecido com ela." Tudo isso é extraído do tesouro social. Mas justamente o meio de Albertine não me parecia poder fornecer-lhe "distinto", no sentido em que meu pai falava de determinado colega que ainda não conhecia e de quem lhe gabavam a grande inteligência: "Parece que é alguém muito distinto." Mesmo para o golfe, "seleção" me pareceu tão incompatível com a família Simonet como o seria, acompanhado do adjetivo "natural", com um texto vários séculos anterior aos trabalhos de Darwin. "Lapso de tempo" pareceu-me ainda de melhor agouro. Por fim, surgiu-me a evidência de perturbações que eu não conhecia, mas próprias para autorizar-me todas as esperanças, quando Albertine me disse, com a satisfação de uma pessoa cuja opinião não é indiferente:

-A meu ver, é o que poderia acontecer de melhor... Estimo que seja a melhor solução, a solução elegante.

Aquilo era tão novo, tão visivelmente se tratava de um aluvião a deixar supor tão caprichosos desvios através de atalhos outrora desconhecidos dela, que, desde a expressão "A meu ver", puxei Albertine e, no "Estimo", sentei-a na minha cama.

Ocorre, sem dúvida, que as mulheres pouco instruídas, que se casam com um homem altamente letrado, recebem tais expressões junto com seu dote. E, pouco depois da metamorfose que se segue à noite de núpcias, quando fazem suas visitas e se mostram reservadas com as antigas amigas, nota-se com espanto que se tornaram mulheres se, decretando que uma pessoa é inteligente, põem dois “LL” na palavra "inteligente". Mas isso é justamente o sinal de uma mudança, e me parecia que entre o vocabulário de Albertine que eu havia conhecido - aquele em que as maiores ousadias eram dizer de uma pessoa esquisita:

"É um tipo", ou, se lhe propunham um jogo: ''Não tenho dinheiro a perder", ou ainda, se determinada amiga lhe fazia uma censura que ela achasse injusta: "Ah, na verdade, acho-te magnífica!", frases ditadas nesses casos por uma espécie de tradição burguesa quase tão antiga como o próprio *Magnificat* e que uma moça um tanto encolerizada e certa de seus direitos emprega, como se diz, "muito naturalmente", ou seja, porque as aprendeu de sua mãe, como a dizer as orações e a cumprimentar. Todas essas frases, a Sra. Bontemps as aprendera ao mesmo tempo que o ódio aos judeus e a estima pelos negros, em que se é sempre conveniente e distinto, mesmo sem que a Sra. Bontemps lhes houvesse formalmente ensinado, mas como se modela no gorjeio dos pintassilgos pais o dos pintassilgos recém-nascidos, de modo que eles próprios se tornam verdadeiros pintassilgos. Apesar de tudo, "seleção" me pareceu alógeno, e "Estimo", animador. Albertine já não era a mesma, portanto não agiria, não

reagiria talvez da mesma forma. Não somente não sentia mais amor por ela, como já não tinha a temer, como em Balbec, quebrar nela uma amizade por mim que não existia mais. Não havia dúvida alguma de que há tempos eu lhe era muito indiferente. Percebia que, para ela, eu já não fazia absolutamente parte do "pequeno grupo" a que antigamente tanto buscara, e ao qual depois ficara tão feliz por ter sido agregado. Além disso, como ela já nem sequer tinha, como em Balbec, um ar de franqueza e de bondade, não tive muitos escrúpulos. Entretanto, creio que o que me decidiu foi uma última descoberta filológica. Como continuasse a acrescentar novos elos à cadeia externa de frases sob a qual ocultava meu desejo íntimo, ia falando, tendo agora Albertine à beira da cama, de uma das meninas do pequeno grupo, mais miúda que as outras, mas que ainda assim achava bonita:

- Sim - respondeu Albertine -, ela parece uma pequena *musmê*. - Evidentemente, quando conhecera Albertine, a palavra "musmê" era-lhe ignorada.

Era verossímil que, se as coisas tivessem seguido seu curso normal, ela jamais a houvesse aprendido e eu, de minha parte, não teria visto nenhum inconveniente nisso, pois não há vocábulo mais horrendo. Ao ouvi-lo, sente-se a mesma dor de dentes de como se tivéssemos posto um pedaço muito grande de gelo na boca. Mas em Albertine, bonita como ela era, até "musmê" não podia me desagradar. Em compensação, pareceu-me que revelava, se não uma iniciação externa, pelo menos uma evolução interna.

Infelizmente, chegara a hora em que deveria dizer-lhe adeus se quisesse que ela voltasse a tempo para o seu jantar e também para que me levantasse logo para o meu. Era Françoise quem o preparava, não gostava que ele esperasse e já devia achar contrário a um dos artigos de seu código que Albertine, na ausência de meus pais, me tivesse feito uma visita tão prolongada e que iria atrasar tudo. Mas, diante de "musmê", essas razões caíram, e me apressei a dizer:

- Sabe que absolutamente não sou coceguento? Você poderia me fazer cócegas durante uma hora que eu não sentiria nada.

- Verdade?

- Juro.

Claro que ela compreendeu que se tratava da expressão desajeitada de um desejo, pois, como alguém que nos oferta encomenda que não ousamos solicitar, mas que nossas palavras deram a entender que nos poderia ser útil:

- Quer que eu tente? - disse ela com a humildade da mulher. - Se quiser, mas então seria mais cômodo que você se estendesse completamente na cama.

- Assim?

- Não, venha mais fundo.

- Mas não sou pesada demais?

Quando terminava a frase, a porta se abriu e Françoise entrou trazendo uma lâmpada. Albertine só teve tempo de se sentar de novo na cadeira. Talvez Françoise tivesse escolhido aquele instante para nos confundir, tendo estado a escutar à porta ou até a olhar pelo buraco da fechadura. Mas eu não precisava fazer tal suposição; Françoise poderia desdenhar certificar-se com os olhos daquilo que seu instinto já lhe deveria ter farejado bastante, pois, à força de viver comigo e meus pais, o receio, a prudência, a atenção e a astúcia tinham acabado por lhe dar, a nosso respeito, essa espécie de conhecimento instintivo e quase divinatório que o marinheiro possui do mar, o caçador da caça e, da doença, se não o médico, pelo menos muitas vezes o doente. Tudo o que ela assim chegava a saber poderia assombrar com tanta razão como o estágio avançado de certos conhecimentos entre os antigos, tendo em vista os meios quase nulos de informação que eles possuíam (os seus não eram muito numerosos: algumas frases, mal formando a vigésima parte de nossa conversa no jantar, recolhidas de passagem pelo mordomo e transmitidas inexatamente à copa). Ainda seus próprios erros eram devidos, como os dos antigos, como as fábulas em que Platão acreditava, antes a uma falsa concepção do mundo e às idéias preconcebidas do que à insuficiência de recursos materiais. Assim é que, nos nossos dias, as maiores descobertas sobre os costumes dos insetos ainda puderam ser feitas por um sábio que não dispunha de nenhum laboratório, de nenhum aparelho. Mas, se os constrangimentos resultantes de sua condição de doméstica não a tinham impedido de adquirir uma ciência indispensável à arte que era a sua finalidade e que consistia em nos confundir, comunicando-nos os resultados -, o constrangimento fizera mais: aqui, o obstáculo não se contentara em não paralisar o impulso, havia-o ajudado com todas as forças. Sem dúvida, Françoise não desdenhava nenhum auxiliar, por exemplo a dicção e a atitude. Como era que (se nunca acreditava no que lhe dizíamos e que desejávamos que ela acreditasse) admitia, sem qualquer sombra de dúvida, o que toda pessoa de sua condição lhe contasse de mais absurdo e que pudesse ao mesmo tempo chocar nossas idéias, de tal forma que sua maneira de ouvir as nossas asserções testemunhava-lhe a incredulidade, e o tom com que contava (pois o discurso indireto lhe permitia dirigir-nos os piores insultos impunemente) a história de uma cozinheira que lhe dissera ter ameaçado os patrões e deles obtivera mil favores, chamando-os diante de todo mundo de "lixo", mostrava que, para ela, aquilo eram palavras do Evangelho. Françoise até acrescentava:

- Se eu fosse patroa, me sentiria envergonhada. -

Por mais que déssemos de ombros, apesar da pouca simpatia inicial pela senhora do quarto andar, como se tivéssemos ouvido uma fábula inverossímil, diante desse relato de tão mau exemplo, a narradora, ao fazê-lo, sabia adotar o tom

cortante e peremptório da mais indiscutível e exasperante afirmação. Mas sobretudo, assim como os escritores alcançam muitas vezes um poder de concentração de que os teria dispensado o regime de liberdade política ou de anarquia literária, quando se acham atados de pés e mãos pela tirania de um monarca ou de uma poética, pela severidade das regras da prosódia ou de uma religião de Estado, da mesma forma Françoise, não podendo nos responder de um modo explícito, falava como Tirésias e teria escrito como Tácito. Sabia fazer com que tudo o que não podia exprimir diretamente coubesse numa frase que não podíamos incriminar sem nos acusarmos, até menos que numa só frase, num silêncio, na maneira como colocava um objeto.

Assim, quando me ocorria deixar na mesa, por descuido, no meio de outras, uma determinada carta que não era necessário que ela visse, porque, por exemplo, ali se falava dela com uma malevolência que fazia supor outra igualmente grande tanto no destinatário como no remetente, de noite, se eu chegava inquieto e ia direto para o quarto, sobre minhas cartas arrumadas em ordem e numa pilha perfeita, o documento comprometedor era o primeiro a saltar-me aos olhos, como não podia deixar de ter saltado aos olhos de Françoise, colocado por ela acima de todos, quase à parte, numa evidência que era uma linguagem, tinha a sua eloqüência e, desde a porta, sobressaltava-me como um grito. Ela excedia em regular essas encenações destinadas a instruir tão bem o espectador, na sua ausência, que este ficava sabendo que ela já sabia de tudo quando depois fizesse a sua entrada. Para fazer falar desse modo um objeto inanimado, possuía ela a arte a um tempo genial e paciente de Irving e de Frédérick Lemaitre. Naquele momento, sustendo acima de mim e de Albertine a lâmpada acesa que não deixava na sombra nenhuma das depressões ainda visíveis que o corpo da moça cavara no cobertor, Françoise dava a impressão de ser *A Justiça iluminando o Crime*. O rosto de Albertine não saía perdendo com essa iluminação. Esta lhe revelava nas faces o mesmo verniz ensolarado que me encantara em Balbec. Esse rosto de Albertine, cujo conjunto, por fora, possuía às vezes uma espécie de palidez lívida, mostrava pelo contrário, à medida que a lâmpada as iluminava, superfícies tão brilhante e uniformemente coloridas, tão resistentes e lisas, que seria possível compara-las às firmes carnações de certas flores. No entanto, surpreso com a entrada imprevista de Françoise, exclamei:

- Como, já a lâmpada? Meu Deus, como é intensa essa luz! Claro que meu objetivo era, com a segunda dessas frases, dissimular a perturbação e, com a primeira, desculpar o meu atraso. Françoise respondeu com uma ambigüidade cruel:

- É pra mim apagar?

- Para eu apagar? - murmurou Albertine ao meu ouvido, deixando-me encantado com a vivacidade familiar com que, tomando-me ao mesmo tempo por mestre e

por cúmplice, insinuou essa afirmação psicológica no tom interrogativo de uma questão gramatical.

Quando Françoise deixou o quarto e Albertine se assentou de novo na minha cama:

- Sabe de que tenho medo - disse-lhe-; é que, se continuarmos desse jeito, não poderei evitar beijá-la.

- Seria uma bela duma desgraça.

Não obedeci de imediato a esse convite. Outro tê-lo-ia mesmo achado supérfluo, pois Albertine tinha uma pronúncia tão sensual e tão doce que, só de falar, parecia beijar a gente. Uma palavra dela era um favor, e sua conversa cobria a gente de beijos. Entretanto, era-me bem agradável aquele convite. Sê-lo-ia também mesmo se viesse de outra moça da mesma idade; mas que agora Albertine fosse tão fácil para mim, causava-me aquilo, mais que prazer, uma confrontação de imagens impregnadas de beleza. Lembrava-me de Albertine, primeiro diante da praia, quase pintada sobre o fundo do mar, não tendo para mim uma existência mais real do que essas visões de teatro, em que não se sabe se vemos a atriz que deve aparecer, uma figurante que a substitui nesse momento, ou uma simples projeção. Depois, a mulher verdadeira se destacara do feixe luminoso, viera até mim, mas simplesmente para que eu pudesse verificar que, no mundo real, não tinha de modo algum essa facilidade amorosa que lhe supunham no quadro mágico. Soubera eu que não era possível tocá-la, beijá-la, que se podia apenas conversar com ela, que para mim ela não era uma mulher, como não eram uvas os cachos de jade, decoração incomestível das mesas de antigamente. E eis que, no terceiro plano, ela me aparecia real, como no segundo conhecimento que dela tivera, mas fácil como no primeiro; fácil, e tanto mais deliciosa por haver eu acreditado por tanto tempo que não o era. Meu acréscimo de conhecimento da vida (a vida menos unida, menos simples do que julgara a princípio) ia redundar provisoriamente no agnosticismo. O que se pode afirmar, visto que o que se considera provável antes se mostrou a seguir como falso, surgindo de novo em terceiro lugar como verdade? (E infelizmente eu não estava terminando minhas descobertas acerca de Albertine.) Em todo caso, mesmo se não existisse a atração romanesca desse conhecimento de uma riqueza bem maior de planos desvelados um após outro pela vida (atração inversa à que sentia Saint-Loup, durante os jantares em Rivebelle, em redescobrir, entre as máscaras que a existência superpusera numa fisionomia tranqüila, as feições que ele tivera outrora sob seus lábios), saber que beijar as faces de Albertine era uma coisa possível tornava-se para mim um prazer talvez maior ainda que o de beijá-las. Que diferença entre possuir uma mulher sobre a qual só o nosso corpo se gruda, porque não passa de um pedaço de carne, e possuir a moça que víamos na praia com as amigas em certos dias, sem mesmo

saber por que tais dias, em vez de outros, o que nos fazia tremer com receio de não revê-la! A vida, complacentemente, nos revelara o romance todo daquela moça, emprestara-nos, para vê-la, um instrumento ótico, depois outro, e acrescentara ao desejo carnal o acompanhamento, que o centuplica e diferencia, desses desejos mais espirituais e menos saciáveis que não saem de seu torpor e o deixam ir sozinho quando não pretende mais que a busca de um pedaço de carne, mas que, para a posse de toda uma região de lembranças de que se sentiam nostalgicamente exilados, erguem-se tempestuosos a seu lado, aumentam-no, sem poder segui-lo até a consumação, até a assimilação, impossível sob a forma de uma realidade material em que é desejada, mas esperam esse desejo a meio caminho e, no momento da lembrança, do regresso, fazem-lhe escolta novamente; em vez das faces da primeira que viesse, por mais frescas que fossem, porém anônimas, sem segredo, sem prestígio, beijar aquelas com que há tanto tempo sonhara seria conhecer o gosto, o sabor de uma cor contemplada com muita freqüência. Viu-se uma mulher, simples imagem no cenário da vida, como Albertine, de perfil diante do mar, e depois, essa imagem, pôde-se destacá-la, colocá-la junto a si, e ver-lhe aos poucos o volume e as cores, como se se tivesse feito passá-la por detrás dos vidros de um estetoscópio. É por isso que as mulheres um pouco difíceis, que não possuímos de imediato, e que não sabemos logo se algum dia as possuiremos, são as únicas interessantes. Pois conhecê-las, abordá-las, conquistá-las, é fazer variar de forma, de grandeza, de relevo, a imagem humana; é uma lição de relativismo na apreciação de um corpo, de uma mulher, que é lindo contemplar de novo quando ela retomou sua finura de silhueta no cenário da vida. As mulheres conhecidas antes nos bordéis não interessam porque permanecem invariáveis.

Por outro lado, Albertine mantinha, reunidas a seu redor, todas as impressões de uma série marítima que me era especialmente cara. Parece-me que poderia, nas duas faces da moça, beijar toda a praia de Balbec.

- Se na verdade me permite que a beije, preferiria deixar isto para mais tarde e escolher bem o momento. Apenas seria necessário que você então não se esquecesse da permissão. Preciso de um "vale para um beijo", - Preciso assiná-lo?

- Mas, se eu o cobrasse logo, ainda assim teria outro mais tarde?

- Você me diverte com seus "vales"; vou lhe passar um de vez em quando.

- Diga-me outra coisa; você sabe, em Balbec, quando ainda não a conhecia, muitas vezes você tinha um olhar duro, astucioso; pode me dizer em que pensava naqueles instantes?

- Ah, não tenho a menor lembrança.

- Olhe, para ajudá-la: um dia a sua amiga Gisele saltou de pés juntos sobre a

cadeira em que estava sentado um velho senhor. Tente lembrar-se do que estava pensando nesse momento.

- Gisele era com quem menos andávamos; ela pertencia ao pequeno grupo, se quiser, mas não inteiramente. Devo ter pensado que ela era vulgar e bem mal-educada.

-Ah! É tudo?

Bem que eu gostaria, antes de beijá-la, poder invadi-la do mistério que ela possuía para mim na praia antes que a conhecesse, reencontrar nela a região em que vivera antes; pelo menos, no seu lugar, se não a conhecesse, podia insinuar todas as recordações de nossa vida em Balbec, o rumor das ondas rebentando sob a minha janela, os gritos das crianças. Porém, deixando meu olhar deslizar sobre o belo globo róseo de suas faces, cujas superfícies, docemente encurvadas, vinham morrer aos pés das primeiras pregas de seus lindos cabelos negros, que corriam em cadeias movimentadas, erguiam seus contrafortes escarpados e modelavam as ondulações de seus vales, disse comigo:

"Enfim, não tendo conseguido em Balbec, vou saber o gosto da rosa desconhecida que são as faces de Albertine. E, já que os círculos por que podemos fazer atravessar as coisas e os seres, no transcurso da nossa existência, não são muito numerosos, talvez eu possa considerar a minha como de certo modo cumprida quando, tendo feito sair de seu quadro longínquo o rosto florido que havia escolhido entre todos, o tiver trazido para este novo plano onde por fim o conhecerei através dos lábios." Dizia-me isto porque achava que havia um conhecimento pelos lábios; dizia-me que ia conhecer o gosto dessa rosa carnal porque não havia imaginado que o homem, criatura evidentemente menos rudimentar que o ouriço-do-mar ou mesmo a baleia, é no entanto desprovido ainda de um certo número de órgãos essenciais e, principalmente, não possui nenhum que sirva para o beijo. Supre esse órgão ausente por meio dos lábios, pelos quais chega talvez a um resultado um pouco mais satisfatório do que se estivesse reduzido a acariciar a bem-amada com uma defesa de cornos. Porém os lábios, feitos para trazer ao paladar o sabor das coisas que os tentam, devem contentar-se, sem compreender seu erro e sem confessar sua decepção, em vagar na superfície e se chocar diante da cerca da face impenetrável e desejada. Aliás, nesse momento, ao próprio contato da carne, os lábios, mesmo na hipótese de que se tornassem mais hábeis e mais bem-dotados, sem dúvida não poderiam degustar com maior intensidade o sabor que a natureza atualmente os impede de alcançar, pois, nessa zona desolada em que não conseguem encontrar seu alimento, acham-se eles sozinhos, já que o olhar e, depois, o olfato os abandonaram há muito. Primeiro, à medida que minha boca principiou a se aproximar das faces que meus olhares lhe tinham proposto que beijasse, estes, desviando-se, viram faces novas; o pescoço, examinado de mais perto e como

que à lupa, mostrou nos sulcos da pele uma robustez que modificou o caráter do rosto.

As últimas aplicações da fotografia que deitam aos pés de uma catedral todas as casas que nos tinham parecido muitas vezes, de perto, quase tão altas como as torres, fazem manobrar sucessivamente, como um regimento, por fileiras, em ordem dispersa, em massas cerradas, os mesmos monumentos, aproximam uma da outra as duas colunas da Piazzetta há pouco tão distantes, afastam a próxima Santa Maria della Salute e, num fundo pálido e degradado, conseguem fazer caber um horizonte imenso sob o arco de uma ponte, no vão de uma janela, entre as folhas de uma árvore situada no primeiro plano e de tom mais vigoroso, dão sucessivamente por moldura, a uma mesma igreja, as arcadas de todas as outras -, não vejo senão isto que possa, assim como o beijo, fazer surgir, daquilo que julgamos algo de aspecto definido, as cem outras coisas que ela também é, visto cada uma estar em relação a uma perspectiva não menos legítima. Em suma, assim como em Balbec, Albertine muitas vezes me parecera diferente, agora, como se, ao acelerar prodigiosamente a rapidez das mudanças de coloração que nos oferece uma pessoa em nossos diversos encontros com ela, eu quisesse fazê-las caber todas em poucos segundos para recriar experimentalmente o fenômeno que diversifica a individualidade de uma criatura e extrair umas das outras, como de um estojo, todas as possibilidades que ela encerra, naquele curto trajeto de meus lábios às suas faces foram dez Albertines que vi; essa única moça, como uma deusa de várias cabeças, quando eu tentava aproximar-me da que vira por último, dava lugar a uma outra. Pelo menos, aquela cabeça, enquanto eu não a tocara, eu a estava enxergando, e um leve perfume vinha dela até mim. Mas infelizmente pois para o beijo, as nossas narinas são tão mal colocadas como nossos lábios, e mal feitas -, de repente meus olhos deixaram de ver, e por sua vez o nariz, esmagando-se, não percebeu mais qualquer aroma; e, sem conhecer mais, por isso, o gosto do rosa desejado, compreendi, por esses indícios detestáveis, que estava afinal beijando as faces de Albertine.

Seria porque representávamos (configurada pela revolução de um sólido) a cena inversa da de Balbec, porque eu estava deitado e ela erguida; capaz de esquivar-se a um ataque brutal e de manejar prazer a seu gosto, que ela me deixou agora tomar com tanta facilidade o que havia recusado antes com um ar tão severo? (Sem dúvida, desse ar de antigamente, a expressão de volúpia que seu rosto assumia hoje à aproximação de meus lábios só diferia por um desvio infinitesimal de linhas, mas no qual pode caber toda a distância que há entre o gesto de um homem que liquida com um ferido e o de um que o socorre, entre um retrato sublime e um horroroso.) Sem saber que tinha de fazer as honras e mostrar-me grato pela sua mudança de atitude a algum benfeitor involuntário que, nos últimos meses, em Paris ou em Balbec, trabalhara por mim, pensei que

o modo como estávamos colocados fosse o motivo principal daquela mudança. No entanto, foi outro motivo o que me forneceu Albertine; exatamente este:

- Ah, é que naquela ocasião, em Balbec, eu não o conhecia; podia julgar que você tivesse más intenções. -

Essa explicação me deixou perplexo. Sem dúvida, Albertine falara sinceramente. Uma mulher tem tamanha dificuldade em reconhecer nos movimentos de seus membros, nas sensações experimentadas pelo seu corpo, durante uma conversa íntima com um camarada, a falta desconhecida em que receava que um estranho premeditasse fazê-la cair!

Em todo caso, fossem quais fossem as modificações ocorridas desde algum tempo em sua vida e que talvez explicassem que cedesse tão facilmente, ao meu desejo momentâneo e puramente físico, aquilo que em Balbec recusara horrorizada ao meu amor, uma outra bem mais espantosa se produziu em Albertine, naquela mesma tarde, logo que suas carícias me trouxeram a satisfação que ela bem deve ter notado e que eu temia viesse a causar-lhe o pequeno movimento de repulsa e pudor ofendido que Gilberte havia tido em caso semelhante, por detrás do bosque de loureiros, nos Champs-Élysées. Ocorreu exatamente o contrário. No momento em que a deitara na minha cama e começara a acariciá-la, Albertine já tomara um aspecto que não lhe conhecia, de boa vontade dócil, de simplicidade quase pueril. Apagando nela todas as preocupações, todas as presunções habituais, o momento que precede o prazer, semelhante nisso ao que se segue à morte, restituíra-lhe aos traços rejuvenescidos como que a inocência dos primeiros anos. E, sem dúvida, toda criatura cujo talento é subitamente posto em jogo torna-se modesta, aplicada e encantadora; sobretudo se, pelo talento, sabe nos dar um grande prazer, ela própria se sente feliz com isso, quer dá-lo o mais completo possível. Mas, nessa nova expressão do rosto de Albertine, havia, mais que desinteresse, consciência e generosidade profissionais, uma espécie de devotamento convencional e repentino; e era mais além da própria infância, era à juventude de sua raça que ela havia regressado. Bem diversa de mim, que desejara unicamente um apaziguamento físico enfim obtido. Albertine parecia achar que teria havido de sua parte certa grosseria em julgar que esse prazer material não fosse acompanhado de um sentimento moral e rematasse alguma coisa. Ela, tão apressada há pouco, agora, sem dúvida por achar que os beijos importam em amor e que o amor está acima de qualquer outro dever, dizia, quando lhe recordava o seu jantar:

- Mas, ora, isto não quer dizer nada, tenho tempo de sobra.

Parecia constrangida em erguer-se imediatamente, depois de tudo o que acabara de fazer, constrangida pelo decoro, como Françoise quando julgara, sem ter

sede, dever aceitar com satisfação decente o copo de vinho que Jupien lhe oferecera, não se atrevendo a sair logo depois de ter bebido o último gole, mesmo que a chamasse algum dever imperioso. Albertine e esta era talvez, com uma outra que mais tarde se verá, uma das razões que, sem eu saber, me haviam feito desejá-la era uma dessas encarnações da camponesinha francesa cujo modelo está em pedra em Saint-André-des-Champs. De Françoise, que no entanto deveria tornar-se em breve sua inimiga mortal, reconheci nela a cortesia para com o hóspede e o estranho, a decência, o respeito pela cama.

Françoise, que, após a morte da minha tia, julgava poder falar apenas num tom compungido, teria achado chocante, nos meses que precederam o casamento da filha, que esta, passeando com o noivo, não lhe desse o braço. Albertine, imobilizada junto a mim, dizia-me:

- Você tem lindos cabelos, olhos muito bonitos; você é gentil.

Como lhe dissesse, ao observar-lhe que já era tarde:

- Não acredita em mim? ela me respondeu, o que talvez fosse verdade, mas somente desde dois minutos e durante algumas horas:

- Sempre acredito em você.

Falou-me de mim, da minha família, do meu ambiente social. Disse:

- Oh, sei que seus pais conhecem pessoas importantes. Você é amigo de Robert Forestier e Suzanne Delage. -

No primeiro minuto, esses nomes não me disseram absolutamente nada. Mas de súbito me lembrei que de fato brincara com Robert Forestier nos Champs-Élysées, e que depois jamais voltara a vê-lo. Quanto a Suzanne Delage, era a sobrinha-neta da Sra. Blandais, e eu deveria uma vez ter ido a uma aula de dança em casa de seus pais, onde chegaria mesmo a ter um papel numa comédia de salão. Mas o medo de rir feito um louco e de botar sangue pelo nariz me impediram de comparecer, de modo que nunca mais voltara a vê-Ia. Quando muito, julgara ter compreendido outrora que a governanta de pluma dos Swann tinha estado em casa de seus pais, mas talvez se tratasse apenas de uma irmã dessa governanta, ou de uma amiga. Garanti a Albertine que Robert Forestier e Suzanne Delage tinham pouco a ver com a minha vida.

- É possível, mas suas mães são amigas; isto permite situar você. Várias vezes cruzo com Suzanne Delage na Avenida de Messiney ela é muito chique. -

Nossas mães só se conheciam na imaginação da Sra. Bontemps que, tendo sabido que outrora eu brincara com Robert Forestier, ao qual, parece, recitava versos, concluíra daí que éramos ligados por relações de família. Ela jamais deixava, segundo me disseram, passar o nome de mamãe sem exclamar:

- Ah, sim, é o ambiente dos Delages, dos Forestiers, etc. -, dando a meus pais um ponto a favor que eles não mereciam.

Aliás, as noções sociais de Albertine eram de uma total estupidez. Julgava os Simonnets com dois "nn" inferiores não apenas aos Simonets com um "n" só, mas a todas as outras pessoas possíveis. Que alguém tenha o mesmo nome que a gente, sem ser da nossa família, é um grande motivo para desdenhá-lo. Certamente, existem exceções.

Pode acontecer que dois Simonnets (apresentados um ao outro numa dessas reuniões onde se tem necessidade de falar de qualquer coisa e onde, aliás, sentimo-nos cheios de disposições otimistas, por exemplo no cortejo de um enterro que vai para o cemitério), vendo que se chamam do mesmo modo, procurem, com benevolência recíproca, e sem resultado, saber se têm algum parentesco. Mas isto é só uma exceção. Muitos homens são pouco honrados, mas nós ignoramos ou não nos preocupamos com tal. Mas, se a homonímia faz com que nos remetam cartas a eles destinadas, ou vice-versa, começamos a desconfiar, muitas vezes justificadamente, do quanto eles valem. Receamos confusões, prevenimo-las com um esgar de nojo se nos falam deles. Lendo no jornal o nosso nome, que eles trazem, parece-nos que o usurparam. Os pecados dos outros membros do corpo social nos são indiferentes. Descarregamo-los mais pesadamente sobre nossos homônimos. O ódio que sentimos pelos outros Simonnets é tão mais intenso por não ser individual, mas por transmitir-se hereditariamente. Ao cabo de duas gerações, a gente se lembra apenas da careta insultante que os avós tinham para com os outros Simonnets; ignoramos a sua causa; não ficaríamos espantados ao saber que aquilo principiou com um assassinato. Até o dia freqüente em que, entre uma Simonnet e um Simonnet que absolutamente não têm qualquer parentesco, tudo isso acaba em casamento.

Não só Albertine me falou de Robert Forestier e de Suzanne Delage, mas espontaneamente, por um dever de confidência, criado pela aproximação dos corpos, ao menos no começo, durante uma primeira fase e antes que tenha engendrado uma duplicidade especial e o segredo para com o mesmo ser, Albertine me contou, sobre sua família e um tio de Andrée, uma história da qual se recusara, em Balbec, a me dizer uma só palavra, mas achava que não devia mais ter segredos comigo. Agora, mesmo que sua melhor amiga lhe tivesse dito algo contra mim, ela se sentiria no dever de contar-me. Insisti para que voltasse para casa; Albertine acabou saindo, mas tão confusa, por mim, devido à minha grosseria, que quase ria para me desculpar, como uma dama a cuja casa comparecemos de paletó, que nos aceita assim, mas sem que isso lhe seja indiferente.

- Está rindo? - disse-lhe.

- Não rio, estou sorrindo - respondeu com ternura. - Quando irei revê-lo? - acrescentou, como se não admitisse que aquilo que acabáramos de fazer, visto que de costume é o coroamento, não fosse ao menos o prelúdio de uma grande amizade, de uma amizade preexistente e que devíamos descobrir, confessar, e que só ela poderia explicar aquilo a que nos entregáramos.

- Já que me autoriza a tanto, quando puder, mandarei buscá-la.

Não tive coragem de lhe dizer que queria subordinar tudo à possibilidade de ver a Sra. de Stermaria.

- Ai de mim! Será de improviso, nunca sei por antecipação - disse-lhe. - Seria possível mandar buscá-la na tarde em que eu estiver livre?

- Em breve será bem possível, pois terei uma entrada independente da de minha tia. Mas neste momento é impraticável. Em todo caso, virei ao ocaso amanhã ou depois de amanhã, à tarde. Só me receba se puder.

Chegando à porta, espantada porque eu não a havia precedido, estendeu-me o rosto, achando que não havia necessidade alguma de um grosseiro desejo físico para que agora nos beijássemos. Como as curtas relações que tínhamos tido juntos eram pouco dessas a que às vezes conduzem uma intimidade absoluta e uma escolha de coração, Albertine julgara dever improvisar e acrescentar momentaneamente, aos beijos que havíamos trocado na cama, o sentimento de que esses beijos teriam sido o emblema para um cavaleiro e sua dama, tais como os podia conceber um jogral gótico.

Quando me deixou a jovem picarda, que o imagista de Saint-André-des-Champs teria podido esculpir em seu pórtico, Françoise me trouxe uma carta que me encheu de alegria, pois era da Sra. de Stermaria, que aceitava jantar comigo na quarta-feira. Da Sra. de Stermaria, ou seja, para mim, mais que da Sra. de Stermaria real, daquela em que eu havia pensado o dia inteiro antes da chegada de Albertine. É esse o terrível engano do amor, que nos faz brincar com uma mulher não do mundo exterior, mas com uma boneca no interior do nosso cérebro, a única, aliás, que podemos ter sempre à nossa disposição, a única que possuiremos, que o arbítrio da lembrança, quase tão absoluto como o da imaginação, pode também ter feito diferente da mulher real como da Balbec real fora para mim a Balbec sonhada; criação fictícia à qual, pouco a pouco, para nosso sofrimento, forçaremos a mulher real a se assemelhar.

Albertine me atrasara tanto que a comédia acabava de terminar, quando cheguei à casa da Sra. de Villeparisis; e, pouco interessado em ir de encontro à onda de convidados que se escoava comentando a grande novidade, a separação, que diziam ser já coisa liqüidada, entre o duque e a duquesa de Guermantes, e esperando o momento de poder saudar a dona da casa, estava sentado numa poltrona vazia no segundo salão quando, do primeiro, onde sem dúvida estivera

sentada na primeira fila, vi sair, majestosa, ampla e alta, num longo vestido de cetim amarelo, ao qual estavam aplicadas em relevo imensas papoulas negras, a duquesa. Sua vista já não me perturbava. Certo dia, pondo as mãos na minha testa (como era seu hábito quando receava me fazer mal), e dizendo-me:

"Não continues com tuas saídas para encontrar a Sra. de Guermantes, és o motivo de troça da casa. Além disso, vê como a tua avó está passando mal, na verdade tem coisas mais sérias a fazer do que te postares no caminho de uma mulher que zomba de ti", de um só golpe, como um hipnotizador que nos faz regressar de um país longínquo onde imaginávamos estar, e nos reabre os olhos, ou como o médico que, apelando para nosso sentimento do dever da realidade, cura-nos do mal imaginário que alimentávamos minha mão me havia despertado de um sonho longo demais. O dia seguinte fora dedicado a dar um último adeus a esse mal a que eu renunciava; tinha cantado, chorando, durante horas inteiras, o "Adeus" de Schubert:

- Adeus, vozes estranhas Te chamam para longe, celeste irmã dos Anjos.

E depois, tudo acabado. Terminei com minhas saídas matutinas, e tão facilmente, que extraí então o prognóstico, que mais tarde veremos ter sido falso, de que me habituaria com facilidade, no decurso da existência, a deixar de ver uma mulher. E, quando, logo depois, Françoise me contou que Jupien, desejoso de aumentar seus negócios, procurava uma loja no bairro, querendo eu encontrar-lhe uma (também feliz da vida, a flanar pela rua que já do meu leito ouvia gritar luminosamente como uma praia, de ver, sob a cortina de ferro erguida das leiterias, as pequenas leiteiras de alvas mangas), pude recomeçar minhas saídas. De resto, com maior liberdade; pois tinha consciência de não mais fazê-las com a finalidade de ver a Sra. de Guermantes: como uma mulher, que toma infinitas precauções quando tem um amante e que, desde o dia em que rompeu com ele, deixa suas cartas ao acaso, com o risco de revelar ao marido o segredo de uma falta com que deixou de se assustar ao mesmo tempo que cessou de cometê-la.

O que me dava pena era saber que quase todas as casas eram habitadas por gente infeliz. Aqui, a mulher chorava sem parar porque o marido a enganava. Ali, dava-se o contrário. Além, uma mãe trabalhadora, moída de pancadas por um filho bêbado, procurava ocultar seus sofrimentos aos olhos dos vizinhos. Uma metade inteira da humanidade chorava. E, quando a conheci, vi que era tão exasperante que me perguntei se o marido ou a mulher é que tinham razão, e seriam adúlteros apenas porque a genuína felicidade lhes fora recusada e se mostravam leais e gentis para com qualquer pessoa que não fosse a esposa ou o marido. Em breve, já não tinha sequer a desculpa de ser útil a Jupien para continuar minhas romarias matinais. Pois soube-se que o marceneiro do nosso pátio, cuja oficina era separada da loja de Jupien somente por um tabique delgado, ia ser despedido pelo gerente porque dava marteladas muito

barulhentas. Jupien não podia esperar nada melhor, as oficinas possuíam um subsolo, onde ele poderia guardar os trabalhos de madeira, e que se comunicava com a nossa adega. Jupien colocaria ali o seu carvão, arrancaria o tabique e disporia de uma loja única e ampla. Além disso, como achasse muito elevado o aluguel que o Sr. de Guermantes cobrava, deixava que visitassem o local para que, desanimado por não encontrar locatário, o duque se resignasse a lhe fazer um abatimento, e então Françoise, tendo reparado que, mesmo após a hora das visitas, o porteiro deixava encostada a porta da loja a alugar, logo farejou um ardil do porteiro para atrair a noiva do lacaio dos Guermantes (ali estes achariam um recanto de amor) e a seguir surpreendê-los.

Fosse como fosse, embora não tendo mais de procurar uma loja para Jupien, continuei a sair antes do almoço. Muitas vezes, nessas saídas, encontrei o Sr. de Norpois.

Ocorria que, conversando com um colega, ele me lançava um olhar que, depois de me examinar da cabeça aos pés, se desviava para seu interlocutor sem sequer me sorrir nem saudar, como se absolutamente não me conhecesse. Pois entre esses diplomatas importantes, olhar de uma certa maneira não tem por finalidade nos fazer saber que nos viram, e sim que não nos viram e que têm a falar assuntos sérios com o colega. Menos discreta comigo era uma mulher alta, com quem cruzara seguidamente perto de casa. Pois, embora não a conhecesse, ela se virava para mim, esperava-me inutilmente diante das vitrines, sorria-me como se fosse me beijar, fazia o gesto de se entregar. Retomava o ar glacial para comigo se encontrava algum conhecido seu. Desde há muito, nessas andanças matinais, conforme o que eu tivesse a fazer, mesmo que fosse para comprar o jornal mais insignificante, escolhia o caminho mais direto, sem lastimar se estava fora do percurso habitual dos passeios da duquesa e se ao contrário, dele fazia parte, sem escrúpulos e sem dissimulação porque já não me parecia o caminho proibido onde eu arrancaria a uma ingrata o favor de vê-la a seu pesar. Mas eu não imaginara que a minha cura, dando-me relativamente à Sra. de Guermantes uma atitude normal, ao mesmo tempo realizaria a mesma obra no tocante a ela e tornaria possível uma amabilidade e uma amizade que já não me importavam mais. Até então os esforços do mundo inteiro reunidos para me aproximarem dela teriam sido em vão diante da má sorte que lança um amor infeliz. Fadas mais poderosas que os homens decretaram que, em tais casos, nada poderá servir até o dia em que tivermos dito sinceramente em nosso coração as palavras:

"Já não amo."

Ficara querendo mal a Saint-Loup por não me ter levado à casa de sua tia. Porém, tanto quanto qualquer pessoa, ele não era capaz de quebrar um encanto. Enquanto amava a Sra. de Guermantes, as provas de gentileza que recebia de

outrem, os cumprimentos, tudo isso não fazia sofrer, não só porque não vinham dela, mas porque ela não saberia deles. Ora, mesmo que ela soubesse, isso não teria sido de nenhuma utilidade. Até nos detalhes de uma afeição, uma ausência, a recusa de um jantar, um rigor involuntário, inconsciente, servem mais que todos os cosmos e as roupas mais belas. Haveria arrivistas, se se ensinasse neste setor a arte de ser arrivista.

No momento em que ela atravessava o salão onde eu estava sentado, com o pensamento cheio da lembrança de amigos que eu não conhecia e que ela ia talvez reencontrar dali a pouco em um outro sarau, a Sra. de Guermantes me viu na poltrona, verdadeiro indiferente que tentava apenas ser amável, quando, enquanto amava, tanto e tão inutilmente havia tentado assumir um ar de indiferença; ela esquinou, veio até mim e, recobrando o sorriso da noite da ópera e que o sentimento penoso de ser amada por alguém a quem não amava não mais podia apagar:

- Não, não se incomode; permita-me que me sente por um instante a seu lado? - disse-me, juntando graciosamente a sua saia imensa que sem isto teria ocupado toda a poltrona.

Mais alta que eu, e aumentada ainda de todo o volume de seu vestido, era eu quase roçado por seu admirável braço despido em torno ao qual uma penugem imperceptível e inumerável fazia fumegar, perpetuamente, como que um vapor dourado, e pelos cachos louros dos cabelos que me enviavam o seu aroma. Não dispondo de espaço, ela não podia virar-se facilmente para mim e, obrigada a olhar para diante mais que para o meu lado, assumia uma expressão doce e sonhadora, como num retrato.

- Tem notícias de Robert? - indagou.

A Sra. de Villeparisis passou nesse momento.

- Muito bem! O senhor chega numa bela hora, pelo muito que o vemos...

E notando que eu falava com sua sobrinha, talvez imaginando que éramos mais ligados do que pensava:

- Mas não quero atrapalhar a sua conversa com Oriane - acrescentou (pois os bons ofícios da alcoviteira fazem parte dos deveres de uma dona de casa). - Não quer vir jantar quarta-feira com ela?

Era o dia em que eu devia jantar com a Sra. de Stermaria. Recusei:

- E sábado?

Voltando minha mãe no sábado ou no domingo, seria pouco gentil não ficar para jantar todas as noites com ela; portanto, recusei de novo.

- Ah, o senhor não é um homem fácil de se ter em casa.

- Por que nunca vai me visitar? - perguntou a Sra. de Guermantes quando a Sra. de Villeparisis se afastou para felicitar os artistas e enviar à diva um buquê de rosas, cujo único valor estava na mão que o oferecia, pois só custara vinte francos. (Aliás, era este o seu prêmio máximo quando só cantara uma vez. As que prestavam seu concurso em todas as matinês e vesperais recebiam rosas pintadas pela marquesa.) - É aborrecido vê-lo apenas na casa dos outros. Já que não quer jantar comigo na casa de minha tia, por que não vir jantar em minha casa?

Algumas pessoas que se haviam demorado o mais possível, sob qualquer pretexto, e que por fim saíam, vendo a duquesa sentada a conversar com um rapaz, num móvel tão estreito que nele só cabiam duas pessoas, pensaram que tinham sido mal informados, que era o duque e não a duquesa quem pedia a separação, e por minha causa; e apressaram-se a espalhar a novidade. Eu estava em melhores condições que ninguém para conhecer a falsidade daquilo. Mas surpreendia-me que, nesses períodos difíceis em que se realiza uma separação, ainda não consumada, a duquesa, em vez de se isolar, convidasse justamente alguém que conhecia tão pouco. Tive a suspeita de que o duque fora o único a não querer que ela me recebesse e que, agora que a abandonava, já não via obstáculos a que ela se cercasse de pessoas que lhe agradavam.

Dois minutos antes, eu teria ficado estupefato se me dissessem que a Sra. de Guermantes ia me pedir para visitá-la, e ainda mais que lá fosse jantar. Por mais que soubesse que o salão Guermantes não podia apresentar as particularidades que eu havia extraído desse nome, o fato de que me fora proibido nele penetrar, obrigando-me a dar-lhe o mesmo gênero de existência dos salões cuja descrição lemos num romance ou vimos num sonho, fazia-me imaginá-lo bem diferente, mesmo quando estivesse seguro de que era igual a todos os outros; entre ele e mim havia a barreira onde termina o real. Jantar em casa dos Guermantes era como empreender uma viagem desejada há muito tempo, fazer passar um desejo de minha cabeça diante dos olhos e tomar conhecimento de um sonho. Pelo menos deveria acreditar que se tratasse de um desses jantares aos quais o dono da casa convida alguém, dizendo:

"Venha, não haverá absolutamente ninguém, a não ser nós", fingindo atribuir ao pária o receio, que sentem, de vê-lo misturado a seus amigos, e procurando até mesmo transformar em um invejável privilégio reservado somente aos íntimos a quarentena do excluído, não obstante selvagem e favorecido. Senti, ao contrário, que a Sra. de Guermantes desejava me fazer desfrutar do que possuía de mais agradável quando me disse, pondo, por outro lado, diante de meus olhos, como que a beleza violácea de uma chegada à casa da tia de Fabrice e o milagre de uma apresentação ao conde Mosca:

- Sexta-feira o senhor não estaria livre para uma pequena reunião seria ótimo.

Estará presente a princesa de Parma, que é encantadora; antes de tudo, não o convidaria se não fosse para se encontrar com pessoas agradáveis.

Abandonada nos meios mundanos intermediários que entrara a um movimento perpétuo de ascensão, a família, ao contrário, dele desempenha um papel importante nos meios extremos, como a pequena burguesia e a aristocracia principesca, que não pode procurar elevar-se, visto que, acima dela, no seu ponto de vista especial, não existe nada. A amizade que me testemunhavam "a tia Villeparisis" e Robert fizera de mim, talvez, para a Sra. de Guermantes e seus amigos, que viviam sempre encerrados em si mesmos e numa mesma confraria, objeto de uma atenção da qual eu nem sequer suspeitava.

A Sra. de Guermantes possuía desses parentes um conhecimento familiar, cotidiano, comum e bem diferente daquele que imaginávamos e no qual, se somos compreendidos, longe de nossos atos serem expelidos como um grão de poeira do olho ou a gota d'água da traquéia, podem ficar gravados, ser comentados, contados ainda durante anos depois de nós mesmos os termos esquecido, no palácio em que ficamos estarrecidos por reencontrá-los como uma carta nossa em uma preciosa coleção de autógrafos.

Uns meros elegantes podem proibir o acesso à sua porta excessivamente invadida. Mas a dos Guermantes não o era. Um estranho quase nunca teria ocasião de passar diante dela. Uma vez que lhe indicassem algum, a duquesa não pensava em preocupar-se com o valor mundano que ele traria, já que era coisa que ela conferia e não podia receber. Ela só pensava em suas qualidades reais. A Sra. de Villeparisis e Saint-Loup lhe haviam dito que eu as possuía. E, sem dúvida, ela não acreditaria neles se não tivesse notado que eles jamais poderiam fazer com que eu viesse quando não o desejassem, e que eu, portanto, não dava importância à sociedade, o que para a duquesa parecia sinal de que um estranho fazia parte das "pessoas agradáveis". Era de ver, quando falava de mulheres de que não gostava, como logo mudava de fisionomia se nomeavam, a propósito de alguma, por exemplo a cunhada.

- Oh, ela é encantadora - dizia, com ar de certeza e finura. A única razão que dava, para tal, era que essa dama se recusara a ser apresentada à marquesa de Chaussegros e à princesa de Silistrie. Não acrescentava que essa dama recusara ser apresentada a ela própria, duquesa de Guermantes. Entretanto, isto ocorrera, e desde esse dia o espírito da duquesa trabalhava para saber o que podia se passar na casa dessa dama tão difícil de conhecer. Morria de vontade de ser recebida em sua casa. As pessoas mundanas têm de tal modo arraigado o hábito de serem procuradas que aquele que se lhes esquiva lhes parece uma fênix e monopoliza a sua atenção.

O verdadeiro motivo de me fazer um convite seria por acaso, no espírito da Sra.

de Guermantes (desde que já não a amava), o fato de que eu não procurava seus parentes, embora por eles fosse procurado? Não sei. Em todo caso, tendo se decidido a me convidar, queria fazer-me as honras do que possuía de melhor em sua casa, e afastar aqueles de seus amigos que poderiam impedir-me de voltar, aqueles que sabia serem tediosos. Eu não soubera a que atribuir a mudança de itinerário da duquesa quando a vira desviar-se de seu caminho estrelar, vir sentar-se a meu lado e convidar-me para jantar, efeito de causas ignoradas. Por falta de um sentido especial que nos informe a respeito, afiguramo-nos as pessoas que mal conhecemos como eu à duquesa como se pensassem em nós unicamente nos raros momentos em que nos vêem. Ora, esse olvido ideal em que julgamos que eles nos mantêm é totalmente arbitrário. De modo que, enquanto no silêncio da solidão, semelhante ao de uma noite linda, imaginamos as diferentes rainhas da sociedade a prosseguir o seu caminho no céu a uma distância infinita, não podemos evitar um sobressalto de mal-estar ou de prazer se nos cai lá de cima, como um aerólito que tivesse gravado o nosso nome, o qual julgávamos desconhecido em Vênus ou Cassiopéia, um convite para jantar ou um falatório maldoso. Às vezes, quem sabe, quando, à imitação dos príncipes persas que, segundo o *Livro de Ester*, mandavam ler os registros em que estavam inscritos os nomes daqueles dentre seus súditos que lhes haviam testemunhado zelo, a Sra. de Guermantes, consultando a lista das pessoas bem-intencionadas, dissera consigo a meu respeito:

"Um a quem havemos de convidar."

Mas outros pensamentos a tinham distraído (De zelos tumultuosos um príncipe cercado é para novos assuntos sem cessar arrastado.) até o momento em que me enxergara sozinho como Mardoqueu à porta do palácio; e, tendo-lhe refrescado a memória o ver-me ali, queria, como Assuero, acumular-me com seus dons.

Entretanto, devo dizer que uma surpresa de gênero oposto se seguiu à que eu tivera no momento em que a Sra. de Guermantes me havia convidado. Esta primeira surpresa, como eu achara mais modesto de minha parte, e mais agradecido, não a dissimular e, ao contrário, exprimir com exagero o que tinha de alegre, a Sra. de Guermantes, que se dispunha a partir para um último sarau, acabava de me dizer, quase como uma justificação, e com receio de que eu não soubesse bem quem ela era, por causa do ar tão espantado que eu fazia por ter sido convidado para sua casa:

- O senhor sabe, sou tia de Robert de Saint-Loup, que o estima muito, e afinal já nos vimos aqui.

Respondendo que sabia disso, acrescentei que conhecia também o Sr. de Charlus, o qual "fora muito bom comigo em Balbec e em Paris". A Sra. de Guermantes estacou de espanto, e seus olhos pareceram se reportar, como para uma

verificação, a uma página já mais antiga do livro interior.

- Como! Então conhece Palamede? -

Este prenome assumia na boca da Sra. de Guermantes uma grande doçura devido à simplicidade involuntária com que falava de um homem tão brilhante, mas que para ela não passava do seu cunhado, do seu primo, e com que fora criada. E, no cinzento confuso que era para mim a vida da duquesa de Guermantes, esse nome de Palamede punha como que a claridade dos dias longos de verão em que brincara com ele no jardim, em Guermantes, quando menina. Aliás, naquela porção há muito passada de suas vidas, Oriane de Guermantes e seu primo Palamede tinham sido bem diferentes do que se tornaram desde então; o Sr. de Charlus, principalmente, todo entregue a seus gostos pela arte, de tal modo os reprimira mais tarde que fiquei espantado ao saber que o imenso leque de íris amarelos e negros, que a duquesa desdobrava naquele momento, fora pintado por ele. Poderia igualmente mostrar-me uma pequena sonatina que o barão havia composto para ela outrora. Eu ignorava totalmente que o barão possuísse todos esses talentos, dos quais nunca falava. Digamos de passagem que o Sr. de Charlus não gostava que a família o chamasse de Palamede. Quanto a Mémé, ainda se poderia compreender que não gostasse. Essas estúpidas abreviaturas são um sinal da incompreensão que a aristocracia tem da própria poesia (aliás, o mesmo se dá entre os judeus, pois um sobrinho de Lady Israels, chamado Moïse, era normalmente chamado na sociedade de "Momo"), e, ao mesmo tempo, da sua preocupação em não parecer dar importância ao que é aristocrático. Ora, o Sr. de Charlus tinha, a tal respeito, mais imaginação poética e mais manifesto orgulho. Mas o motivo por que se agradava tão pouco de "Mémé" não era este, visto que se estendia também ao prenome de Palamede. A verdade é que, julgando-se e sabendo pertencer a uma família principesca, desejaria que o irmão e a cunhada o tratassem por "Charlus", como a rainha Maria Amélia ou o duque de Orléans podiam dizer de seus filhos, netos, sobrinhos e irmãos:

"Joinville, Nemours, Chartres, Paris",

- Como é misterioso esse Mémé - exclamou a duquesa. - Falamos-lhe longamente do senhor, disse-nos que ficaria muito feliz em conhecê-lo, perfeitamente como se nunca o tivesse visto. Confesse que é engraçado! E às vezes o que não é nada amável de minha parte dizer de um cunhado a quem adoro e cujo raro valor admiro meio louco.

Fiquei chocado com esse qualificativo aplicado ao Sr. de Charlus e doeu comigo que essa meia-loucura explicava talvez algumas coisas, por exemplo, que ele parecesse tão encantado com o projeto de solicitar a Bloch que batesse na própria mãe. Percebi que, não só pelas coisas que dizia, mas pelo modo como as

dizia, o Sr. de Charlus era um tanto louco. Da primeira vez que se ouve um advogado ou um ator, surpreendemo-nos com o tom bem diferente de sua conversação. Mas como a gente se dá conta de que todos acham isso natural, nada dizemos aos outros, e nada a nós mesmos, contentamo-nos em apreciar o grau de talento. Quando muito, pensamos num ator do Théâtre-Français:

"Por que, em vez de deixar recair o seu braço erguido, ele o fez abaixar-se por meio de pequenas sacudidelas interrompidas por pausas, durante pelo menos dez minutos?" ou num Labori: "Por que, desde que abriu a boca, emitiu ele esses sons trágicos, inesperados, para dizer as coisas mais simples?" Mas, como todo mundo admite isto *a priori*, a gente não fica chocado. Da mesma forma, refletindo no caso, dizia-se que o Sr. de Charlus falava de si com ênfase, num tom que absolutamente não era o de ordinário. Parecia que se deveria a todo instante dizer-lhe: "Mas por que o senhor grita tão alto? Por que é tão insolente?" Apenas, todos pareciam ter admitido tacitamente que era assim mesmo. E entravam na roda que o festejava enquanto ele estava perorando. Mas, evidentemente em certos momentos, um estranho julgaria estar ouvindo um demente a berrar.

- Mas - retomou a duquesa, com a ligeira impertinência que nela se enxertava à simplicidade - está o senhor bem certo de que não se confunde, que fala mesmo do meu cunhado Palamede? Por mais que ele ame os mistérios, este me parece demais!

Respondi que estava absolutamente certo e que talvez o Sr. de Charlus tivesse ouvido mal o meu nome.

- Muito bem, vou deixá-lo disse a duquesa como que lamentando. - Preciso ir a um segundo sarau na casa da princesa de Ligne. Não vai até lá? Não, o senhor não gosta da sociedade? Tem muita razão, é aborrecido. Se eu não fosse obrigada! Mas é minha prima, não seria gentil faltar. Lamento egoistamente, por mim, porque poderia levá-lo e até trazê-lo de volta. Então, despeço-me e felicito-me pela quarta-feira.

Que o Sr. de Charlus tivesse enrubescido por minha causa dias antes do Sr. de Argencourt, ainda passa. Mas, para a própria cunhada, que fazia uma idéia tão alta dele, que negasse conhecer-me fato tão natural, pois eu conhecia a um tempo a sua tia e o seu sobrinho -, era algo que eu absolutamente não podia compreender. Terminarei isto, dizendo que, de um certo ponto de vista, havia uma verdadeira grandeza na Sra. de Guermantes, grandeza que consistia em apagar completamente tudo o que outros teriam só parcialmente esgotado. Mesmo que nunca me tivesse encontrado a espioná-la, a assediá-la, a segui-la em seu caminho naqueles passeios matinais, mesmo que nunca tivesse respondido à minha saudação cotidiana com impaciência e irritação, mesmo que não houvesse mandado Saint-Loup embora, quando ele lhe suplicara que me

convidasse, não poderia ter comigo maneiras mais nobremente, naturalmente amáveis. Não só não perdia tempo em explicações retrospectivas, em meias palavras, em sorrisos ambíguos, em subentendidos, não só mostrava em sua afabilidade atual, sem retrocessos, sem reticências, algo de tão altivamente retilíneo como sua majestosa estatura, mas os agravos que pudesse ter sentido contra alguém no passado estavam tão inteiramente reduzidos a cinzas, e essas mesmas cinzas eram lançadas tão longe de sua memória ou, pelo menos, de sua maneira de ser, que, ao ver o seu rosto de cada vez que ela precisava tratar com a mais bela das simplificações, o que em tantos outros teria sido pretexto para uns restos de frieza, para recriminações, tinha-se a idéia de uma espécie de purificação. Mas, se eu estava surpreso com a modificação que nela se operara a meu respeito, como o era ainda mais por descobrir em mim uma mudança bem maior a respeito dela! Não houvera um só instante em que eu não retomasse vida e alento se não buscasse, tramando sempre novos projetos, alguém que me fizesse ser recebido por ela e, após essa primeira ventura, não buscasse ainda outras mais para o meu coração cada vez mais exigente! A impossibilidade de encontrar algo nesse sentido é que me fizera partir para Doncieres, a fim de ver Robert de Saint-Loup. E agora, era exatamente devido a uma carta sua que eu estava agitado, mas por causa da Sra. de Stermaria, e não da Sra. de Guermantes.

Acrescentemos, para acabar com esta noitada, que ali se passou um fato, desmentido alguns dias depois, o qual não deixou de me assombrar, fez-me zangar por algum tempo com Bloch e que constitui em si uma dessas curiosas contradições cuja explicação iremos encontrar em Sodoma. Pois bem, Bloch, na casa da Sra. de Villeparisis, não cessou de me elogiar o ar de amabilidade do Sr. de Charlus, o qual, quando o encontrava na rua, o olhava nos olhos como se o conhecesse, tinha vontade de conhecê-lo, sabia muito bem quem ele era. Primeiro, sorri daquilo, visto que Bloch se expressara com tamanha violência, em Balbec, a respeito do mesmo Sr. de Charlus. E pensei simplesmente que Bloch, a exemplo de seu pai quanto a Bergotte, conhecia o barão "sem conhecê-lo". E aquilo que tomava por um olhar amável era um olhar distraído. Mas enfim Bloch chegou a tantas minúcias e pareceu tão seguro de que, em duas ou três ocasiões, o barão viera abordá-lo, que, lembrando-me de haver falado de meu colega ao Sr. de Charlus, o qual, de volta de uma visita à casa da Sra. de Villeparisis, fizera várias perguntas, formei a suposição de que Bloch não mentia, que o Sr. de Charlus soubera o seu nome, que ele era meu amigo, etc.. Assim, pouco depois, no teatro, pedi ao Sr. de Charlus para lhe apresentar Bloch e, com sua aquiescência, fui procurá-lo. Mas, logo que o Sr. de Charlus o viu, um espanto rapidamente reprimido se desenhou em seu rosto, onde foi substituído por um cintilante furor. Não só não estendeu a mão a Bloch, mas cada vez que este lhe dirigia a palavra respondia-lhe com o ar mais insolente, com uma voz cortante e

irritada. De modo que Bloch, que, pelo que dizia, não recebera do barão senão sorrisos, julgou que eu não o tinha recomendado e sim desservido, durante a curta conversa em que, sabendo do gosto do Sr. de Charlus pelos protocolos, lhe falara do meu camarada antes de conduzi-lo até ele. Bloch nos deixou, extenuado como quem tenta montar num cavalo prestes, o tempo todo, a tomar o freio nos dentes ou a nadar contra as ondas que o repeliam sem cessar sobre as pedras, e não voltou a falar comigo durante seis meses.

Os dias que precederam meu jantar com a Sra. de Stermaria não foram deliciosos, mas insuportáveis. É que, em geral, quanto mais curto o tempo que nos separa daquilo a que nos propusemos, mais longo parece, pois a ele aplicamos medidas mais breves ou simplesmente porquê imaginamos medi-lo. O papado, dizem, conta por séculos, e talvez mesmo nem pense em contar, pois seu objetivo está no infinito. Estando o meu apenas à distância de três dias, eu contava por segundos, entregava-me a essas fantasias que são começos de carícias, carícias que nos enraivece não poder fazer com que as termine a própria mulher (precisamente essas carícias, à exclusão de todas as outras). E em suma, se é certo que em geral a dificuldade de atingir o objeto de um desejo contribui para aumentá-lo a dificuldade, não a impossibilidade, pois esta última o suprime, no entanto, para um desejo puramente físico, a certeza de que será realizado num momento próximo e determinado não é menos estimulante que a incerteza; quase tanto como a dúvida ansiosa, a ausência de dúvida é intolerável a espera do prazer infalível porque faz dessa espera uma realização inumerável e, devido à freqüência das representações antecipadas divide o tempo em fatias tão miúdas que provocam angústia.

O que me faltava era possuir a Sra. de Stermaria: há vários com uma atividade incessante, meus desejos tinham preparado isso na minha imaginação, e somente ele; um outro (o prazer com uma mulher) não teria motivo, visto que o prazer não passa da realização de vontade prévia, que não é sempre a mesma, que muda de acordo com as combinações da fantasia, os acasos das recordações, o estado do temperamento, a ordem da disponibilidade dos desejos, dos quais os últimos saciados descansam até que tenha sido um tanto esquecida a decepção de seu cumprimento; eu já deixara a grande estrada dos desejos genéricos e caminhava pela trilha de um desejo mais particular; seria preciso, para desejar outro encontro, voltar de muito longe para retomar a grande estrada e seguir por outro atalho. Possuir a Sra. de Stermaria na ilha do Bois de Boulogne, para onde a convidara para jantar, tal era o prazer que eu fantasiava a todo instante. Prazer que teria sido destruído caso eu jantasse nessa ilha sem a Sra. de Stermaria; mas talvez também bastante diminuído se jantasse, embora com ela, em outro local. De resto, as atitudes conforme as quais se imagina um prazer são anteriores à mulher, ao tipo de mulheres que lhe convêm.

São essas atitudes que o governam, e até mesmo o lugar; e, devido a isso, fazem retornar alternativamente, ao nosso pensamento caprichoso, tal mulher, tal lugar, tal quarto, que em outras semanas teríamos desdenhado. Filhas da atitude, tais mulheres não se dão bem sem a cama grande, onde encontramos paz a seu lado, e outras, para serem acariciadas com intenção mais secreta, necessitam de folhas ao vento, de águas na noite, são leves e fugidias como umas e outras.

Decerto, já bem antes de ter recebido a carta de Saint-Loup e quando ainda não se tratava da Sra. de Stermaria, a ilha do Bois me havia parecido apropriada para o prazer, pois me acontecera ter estado ali a fim de degustar a tristeza de não ter nenhum prazer para abrigar naquelas paragens. É pelas margens do lago que conduzem a essa ilha e ao longo das quais, nas últimas semanas de verão, costumam passear as parisienses que ainda não se despediram, que, não sabendo mais onde encontrá-la e nem mesmo se já deixou Paris, perambulamos na esperança de ver passar a moça por quem nos apaixonamos no último baile do ano e que não poderemos mais encontrar em nenhuma recepção antes da primavera seguinte. Sentindo-se nas vésperas ou talvez no dia seguinte à partida do ente querido, a gente segue, à beira da água trêmula, essas belas alamedas onde uma Primeira folha rubra já desponta como uma última rosa, escruta esse horizonte em que, por um artifício inverso ao desses panoramas sob cuja rotunda os personagens de cera do primeiro plano dão à tela pintada do fundo a aparência ilusória da profundidade e do volume, nossos olhos passam sem transição do parque cultivado às alturas naturais do Meudon e do monte Valérien, não sabendo onde pôr um limite, e colocam a verdadeira campina na obra de jardinagem, cujo encanto artificial projetam muito além dela; da mesma forma, esses pássaros raros criados em liberdade num jardim botânico e que todos os dias, ao sabor de seus passeios alados, vão buscar até nos bosques limítrofes uma nota exótica. Entre a última festa do ano e o exílio do inverno, percorremos ansiosamente esse reino romanesco de encontros incertos e de melancolias amorosas, e não ficaríamos mais surpresos que ele estivesse situado fora do universo geográfico do que; em Versalhes, no alto do terraço, observatório em torno ao qual as nuvens se acumulam contra o céu azul no estilo de Van der Meulen, depois de assim nos termos elevado para fora da natureza, soubéssemos que ali onde esta na extremidade do grande canal, as aldeias que não podemos no horizonte ofuscante como o mar, se chamam Fleurus ou recomeça, distinguir, Nimegue.

E, passado o último carro, quando sentimos com pesar que ela já não virá, vamos jantar na ilha; acima dos choupos trêmulos que recordam incessantemente os mistérios do entardecer mais do que a eles respondem, uma nuvem rósea põe uma última cor de vida no céu apaziguado. Algumas gotas de chuva caem sem rumor na água antiga, mas que, na sua divina infância, continua sendo da cor do

tempo e que a todo instante esquece as imagens das nuvens e das flores. E, depois de os gerânios terem lutado inutilmente contra o crepúsculo ensombrecido, intensificando a iluminação de suas cores, uma bruma vem envolver a ilha, que adormece; passeamos na escuridão úmida ao longo das águas, onde no máximo a passagem silenciosa de um cisne nos espanta, como num leito noturno os olhos crescidos e abertos um instante e o sorriso de uma criança que não imaginávamos acordada. Então tanto mais gostaríamos de ter conosco a amada quanto mais sós nos sentimos e mais distantes nos podemos julgar estar.

Mas a essa ilha, onde mesmo no verão era freqüente o nevoeiro, como me sentiria feliz em levar a Sra. de Stermaria, agora que havia chegado a estação chuvosa, que chegara o fim do outono! Se o tempo que fazia desde domingo não deixaria acinzentadas e marítimas as regiões em que vivia a minha fantasia como outras estações as tornavam embalsamar das luminosas, italianas -, a esperança de possuir a Sra. de Stermaria dentro de poucos dias teria bastado para fazer erguer-se, vinte vezes por hora, uma cortina de bruma em minha imaginação monotonamente nostálgica. Em todo caso, o nevoeiro que desde a véspera se erguera sobre a própria Paris não só me fazia pensar incessantemente na terra natal da jovem senhora que eu acabava de convidar, mas, como era provável que, bem mais espesso ainda do que na cidade, devesse à tardinha invadir o Bois, sobretudo à beira do lago, eu pensava que, para mim, a ilha dos Cisnes representaria um pouco da ilha da Bretanha, cuja atmosfera marítima e brisa havia sempre envolvido a meus olhos, como uma vestimenta, a pálida silhueta da Sra. de Stermaria. Certamente, quando somos jovens, na idade que eu tinha em meus passeios para os lados de Méséglise, nosso desejo, nossa crença atribuem ao vestido de uma mulher uma particularidade individual, uma irredutível essência. Perseguimos a realidade. Porém, à força de deixá-la escapar, acabamos por verificar que, através de todas essas tentativas baldadas onde nos defrontamos com o Nada, subsiste algo de sólido, que é o que procurávamos. Começamos a conhecer o que amamos; tentamos obtê-lo, ainda que à custa de um artifício. Então, na falta da crença desaparecida, a roupa significa o suprimento dessa crença por meio de uma ilusão voluntária. Eu sabia que, a meia hora de casa, não ia encontrar a Bretanha. Mas, ao passear abraçado à Sra. de Stermaria pelas trevas da ilha, à beira d'água, procederia como outros que, não podendo penetrar num convento, pelo menos, antes de possuir uma mulher, vestem-na de freira.

Podia até mesmo esperar ouvir, com a jovem senhora, algum ruído de vagas, pois, à véspera do jantar, desencadeou-se uma tempestade. Eu começava a fazer a barba para ir à ilha e garantir o reservado (embora àquela época do ano a ilha estivesse vazia e o restaurante deserto), além de encomendar o cardápio para o jantar do dia seguinte, quando Françoise me anunciou Albertine. Fi-la entrar logo,

indiferente a que ela me visse enfeado por um queixo preto, a mesma mulher para que, em Balbec, nunca me achava bastante bonito e que outrora me custara tanta agitação e sofrimento quanto agora a Sra. de Stermaria. Fazia questão que esta tivesse a melhor impressão possível da noite seguinte. Assim, pedi a Albertine que me acompanhasse imediatamente à ilha para ajudar-me a programar o cardápio. Aquela a quem se dá tudo é tão rapidamente substituída por uma outra que se fica espantado de dar o que se tem de novo, a cada hora, sem esperança de futuro. À minha proposta, o rosto sorridente e rosado de Albertine, sob um gorro liso que descia até muito baixo, até os olhos, pareceu hesitar. Ela devia ter outros projetos; em todo caso, sacrificou-os a mim facilmente, para minha grande satisfação, pois eu dava muito mais importância a ter comigo uma jovem que sabia cuidar da casa e poderia muito melhor do que eu encomendar o jantar.

É certo que ela representara algo bem diverso para mim em Balbec. Mas nossa intimidade, mesmo quando não a julguemos então muito estreita, com uma mulher por quem somos apaixonados, cria entre ela e nós, apesar das carências que nos fazem sofrer, elos sociais que sobrevivem ao nosso amor e até a recordação desse amor. Então, naquela que já não é para nós mais que um meio e um caminho para outras, ficamos tão surpresos e divertidos ao compreender, por nossa memória, o quanto o seu nome significou de original para o outro ser que fomos outrora, como se, depois de ter indicado a um cocheiro um endereço, bulevar dos Capucines ou uma rua pensando somente na pessoa que vamos encontrar ali, percebêssemos que esses nomes foram antigamente o das monjas capuchinhas cujo convento ali se encontrava e o da barca que atravessava o Sena.

Certamente os meus desejos de Balbec haviam tão bem amadurecido o corpo de Albertine, acumulando nele sabores tão vivos e doces que, durante a nossa caminhada até o Bois, enquanto o vento como um jardineiro zeloso sacudia as árvores, fazia cair os frutos e varria as folhas secas, dizia eu comigo que, se houvesse algum risco de que Saint-Loup estivesse enganado, ou que eu tivesse compreendido mal a sua carta e que meu jantar com a Sra. de Stermaria não levasse a nada, teria marcado encontro com Albertine naquela mesma noite, bem mais tarde, a fim de, durante uma hora puramente voluptuosa, tendo em meus braços o corpo de que a minha curiosidade havia outrora calculado e sopesado todos os encantos, encantos que agora superabundavam, esquecer as emoções e as tristezas desse começo de amor pela Sra. de Stermaria. E decerto, se pudesse supor que esta não me concederia nenhum favor nessa primeira noite, acharia muito decepcionante o tempo que passaria com ela. Sabia muito bem, por experiência própria, como os dois estágios, que se sucedem em nós nesses começos de amor por uma mulher que desejamos sem conhecê-la, amando

nela, antes que a ela própria, quase desconhecida ainda, a vida particular em que se banha, como esses dois estágios estranhamente se refletem no domínio dos fatos; ou seja, não mais em nós mesmos, mas em nossos encontros com ela. Hesitamos, sem jamais ter falado com ela, tentados que estávamos pela poesia que representa para nós. Será ela ou uma outra? E eis que os sonhos se fixam a seu redor, não fazendo senão um todo com ela. O primeiro encontro, que em breve ocorrerá, deveria refletir esse amor nascente. De jeito nenhum. Como se fosse necessário que a vida material também tivesse o seu primeiro estágio, amando-a já, nós lhe falamos do jeito mais insignificante:

"Pedi-lhe que viesse jantar nesta ilha porque pensei que o cenário lhe agradaria. Aliás, não tenho nada de especial para lhe dizer. Mas receio que esteja muito úmido aqui e que sinta muito frio."

- "Não, não."

- "Está dizendo isso por amabilidade. Concedo que lute por mais um quarto de hora contra o frio, para não atormentá-la, mas, dentro de quinze minutos; levá-la-ei daqui à força: não quero que apanhe um resfriado." E, sem lhe ter dito coisa alguma, levamo-la de volta, sem lembrar nada dela; quando muito, uma certa maneira de olhar, mas só pensando em tornar a vê-la. Ora, dá segunda vez, sem nem mesmo encontrar mais o olhar, lembrança única, mas apesar disso só pensando em revê-la, o primeiro estágio já está ultrapassado. Nada ocorreu no intervalo. Entretanto, em vez de falar do conforto do restaurante, dizemos, sem que isso surpreenda a pessoa nova, que achamos feia, mas a quem desejaríamos que falasse de nós em todos os momentos de sua vida:

"Temos muito que fazer para vencer todos os obstáculos acumulados entre nossos corações. Julga que conseguiremos? Acredita que possamos ter razão contra os nossos inimigos e esperar um futuro feliz?"

Mas essas conversas opostas, a princípio insignificantes e depois fazendo alusão ao amor, entre nós não ocorreriam, eu podia crer na carta de Saint-Loup. A Sra. de Stermaria se entregaria desde a primeira noite, e eu não teria portanto necessidade de convocar Albertine, como último caso, para o fim da noite. Era inútil, Robert nunca exagerava, e sua carta era bem clara!

Albertine falava pouco, pois sentia que eu estava preocupado. Demos alguns passos, sob a grota esverdeada, quase submarina, de uma espessa mata, sobre cuja cúpula ouvíamos zunir o vento e salpicar a chuva.

Eu esmagava contra a terra as folhas secas que afundavam no solo como conchas e empurrava com a bengala castanhas picantes como ouriços. Nos galhos, as últimas folhas convulsas só seguiam o vento no comprimento de seu pedúnculo; porém, às vezes, rompendo-se este, elas caíam por terra e alcançavam o vento correndo. Eu pensava, com alegria, o quanto, se esse tempo

continuasse, estaria a ilha mais distante ainda e, de qualquer modo, inteiramente deserta. Subimos de novo para o carro e, como a borrasca se acalmara, Albertine me pediu que seguíssemos até Saint-Cloud. Assim como as folhas secas embaixo, no alto as nuvens seguiam o vento; crepúsculos migratórios, cuja superposição rósea, azul e verde era vista através de uma espécie de seção cônica praticada no céu, já estavam preparados com destino a climas mais amenos.

Para ver de mais perto uma deusa de mármore que se erguia em seu pedestal e, sozinha num grande bosque que lhe parecia ser dedicado, enchia-o do terror mitológico, meio animal, meio sagrado, de seus impulsos furiosos, Albertine subiu num montículo, enquanto eu a esperava no caminho. Ela mesma, vista assim de baixo, não mais gorda e roliça como no outro dia na minha cama, onde os sulcos do seu pescoço surgiam à lupa dos meus olhos mais próximos, mas cinzelada e fina, parecia uma pequena estátua sobre a qual os minutos felizes de Balbec tinham passado a sua pátina. Quando voltei a estar sozinho em casa, lembrando-me que fizera uma excursão à tardinha com Albertine, que jantaria dois dias depois em casa da Sra. de Guermantes e que precisava responder a uma carta de Gilberte, três mulheres que eu havia amado, disse comigo mesmo que a nossa vida social é, como um ateliê de artista, repleta de esboços abandonados onde, por um momento, julgáramos poder fixar nossa carência de um grande amor, mas não imaginava que algumas vezes, se o esboço não é muito antigo, pode acontecer que o retomemos e fazemos dele uma obra completamente diversa, e talvez até mais importando que aquela que a princípio havíamos projetado.

No dia seguinte fez um tempo bom, mas frio: sentia-se o inverno (e, de fato, a estação se antecipara tanto que seria um milagre se encontrássemos no Bois, já devastado, algumas cúpulas de ouro verde). Ao despertar, vi, como da janela da caserna de Doncieres, a bruma fosca, densa e branca, que pendia alegremente ao sol, consistente e doce como açúcar em fio. Depois o sol se escondeu e a bruma se tornou ainda mais espessa a tarde. E logo escureceu e fui fazer a minha toalete, pois ainda era muito cedo para sair; decidi mandar um carro à Sra. de Stermaria. Não tive coragem de ir nele, para não forçá-la a fazer o trajeto comigo, mas pelo cocheiro mandei-lhe um bilhete no qual perguntava se permitia que eu fosse busca-Ia. Enquanto esperava, estendi-me na cama, fechei os olhos por um momento e depois voltei a abri-los. Acima das cortinas só havia uma delgada faixa de luz que ia escurecendo. Reconhecia essa hora inútil, profundo vestíbulo do prazer, e cujo vazio sombrio e delicioso já aprendera a conhecer em Balbec; quando estava sozinho no quarto como agora, e todos os demais jantavam, eu via sem tristeza o dia morrer acima das cortinas, sabendo que em breve, após uma noite tão curta como as do pólo, ele haveria de

ressuscitar mais brilhante na fulguração de Rivebelle. Saltei da cama abaixo, passei a gravata preta, dei uma escovadela nos cabelos, últimos gestos de um aprontamento tardio, executados em Balbec, pensando não em mim mas nas mulheres que veria em Rivebelle, enquanto lhes sorria de antemão no espelho oblíquo do quarto, e que, por causa disso, ficaram sendo os signos precursores de um divertimento mesclado de luzes e música. Como os mágicos, eles evocavam, mais ainda, realizavam-no já graças a isso eu possuía de sua verdade uma noção tão segura, uma fruição tão completa de seu encanto frívolo e embriagador, quanto as que tivera em Combray no mês de julho, quando ouvia as marteladas do encaixotador e, no frescor do meu quarto escuro, gozava do calor e do sol.

Portanto, já não era bem a Sra. de Stermaria que eu teria desejado ver. Forçado agora a passar a noite com ela, preferiria, como esta era minha última noite antes do regresso de meus pais, ficar livre e cuidar de ver de novo mulheres de Rivebelle. Tornei a lavar as mãos, pela última vez e no passeio que o prazer me fazia dar por todo o apartamento, enxuguei-as na sala de jantar às escuras. Ela me pareceu aberta para a antecâmara terminada, mas o que eu havia tomado pela fresta iluminada da porta, que contrário estava fechada, era apenas o reflexo branco da minha toalha num espelho colocado ao longo da parede, esperando que o pusessem no lugar quando da volta de mamãe. Pensei em todas as miragens que assim descobrira em nosso apartamento e que não eram apenas óticas, pois nos primeiros dias julgara que a vizinha possuía um cachorro, por causa de um uivo prolongado, quase humano, que emitia um certo cano de cozinha de cada vez que abriam a torneira. E a porta que abria para o patamar só se fechava muito lentamente, com as correntes de ar da escada, executando os cortes de frases voluptuosas e gemedoras que se superpõem ao *Coro dos Peregrinos*, perto do final da abertura de Tannhauser.

Aliás, como acabasse de recolocar a toalha no seu lugar, tive ocasião de ouvir uma nova audição desse fascinante trecho sinfônico, pois, tendo soado um toque de campainha, corri para abrir a porta da antecâmara ao cocheiro que me trazia a resposta. Pensei que seria:

"Essa dama está lá embaixo", ou "Essa dama está esperando". Mas ele tinha uma carta na mão. Vacilei um instante em tomar conhecimento do que a Sra. de Stermaria havia escrito, o que, enquanto tomava da pena, poderia ser outra, mas que agora era, destacado dela, um destino que sozinho prosseguia em sua rota e ao qual ela já não podia mudar. Pedi ao cocheiro que voltasse a descer e esperasse um momento, embora ele resmungasse contra a névoa. Quando ele saiu, abri o envelope. No cartão:

"Viscondessa Alix de Stermaria".

Minha convidada escrevera:

> *"Estou desolada, um contratempo me impede de jantar esta noite com o senhor na ilha do Bois. Esperava esse encontro como a uma festa. Escreverei mais demoradamente de Stermaria. Peço desculpas. Saudações."*

Fiquei imóvel, aturdido pelo choque. A meus pés jaziam o cartão e o envelope, como a bucha de uma arma de fogo depois de disparado o tiro. Amassei-os. Analisei aquela frase. "Ela me diz que não pode jantar comigo na ilha do Bois. Poderia concluir-se que ela jantaria comigo em outro local. Não serei indiscreto a ponto de ir buscá-la, mas enfim isto se poderia entender deste modo." E essa ilha do Bois, como há quatro dias o meu pensamento ali se achava previamente instalado na companhia da Sra. de Stermaria, era difícil fazê-lo voltar de lá. Involuntariamente, o meu desejo retomava a direção que vinha seguindo há tantas horas e, apesar daquele recado, por demais recente para prevalecer contra ele, instintivamente eu ainda me preparava para sair, como um aluno, reprovado num exame, gostaria de responder a uma questão a mais. Acabei decidindo ir dizer a Françoise que descesse para pagar o cocheiro. Atravessei o corredor, não a encontrei, passei pela sala de jantar; de repente, meus passos deixaram de ressoar no assoalho como tinham feito até então e emudeceram num silêncio que mesmo antes que eu reconhecesse sua causa, deu-me uma sensação de sufocamento e de clausura. Eram os tapetes que, para a volta de meus pais tinham começado a pregar, tapetes que são tão belos nas manhãs felizes, quando, em meio à sua desordem, o sol nos espera como um meigo que tenha chegado para nos levar a almoçar no campo, e pousa sobre o olhar da floresta, mas que agora, ao contrário, eram o primeiro arranjo da prisão invernal, de onde, obrigado como estaria a viver e a fazer as minhas refeições em família, não poderia mais sair livremente.

- O senhor precisa tomar cuidado para não cair, eles ainda não estão pregados gritou Françoise.

- Eu devia ter acendido a luz. Já estamos no fim de setembro, os dias bonitos estão acabados.

Em breve, o inverno; no canto da janela, como sobre um vidro de Gallé, um filão de neve endurecida; e, mesmo nos Champs-Élysées, em vez das jovens que a gente espera, apenas os pardais sozinhos. O que aumentava o meu desespero de não ver a Sra. de Stermaria era que sua resposta me fazia supor que, ao passo que eu, hora após hora, desde domingo, não vivia senão para aquele jantar, ela

com certeza não pensara nele uma vez sequer. Mais tarde, soube de um absurdo casamento por amor que ela consumara com um rapaz a quem já devia estar se encontrando naquele momento e que, sem dúvida, a fizera esquecer o meu convite. Pois, se disso se tivesse lembrado, é claro que não teria esperado o carro, que aliás, conforme a combinação, não devia lhe mandar, para avisar-me que não estava livre. Meus sonhos sobre uma jovem virgem feudal numa ilha brumosa tinham aberto o caminho a um amor ainda inexistente. Agora, a minha decepção, minha cólera, meu desejo desesperado de recuperar aquela que acabava de se recusar podiam, pondo de lado a minha sensibilidade, fixar o amor possível que até então minha fantasia apenas pudera oferecer-me, porém de maneira mais frouxa.

Quantos em nossas recordações, quantos mais em nosso esquecimento, não existem esses rostos de moças e mulheres, todos diferentes; aos quais só acrescentamos um encanto e um desejo ardente de revê-las porque, no momento supremo, se haviam furtado! No caso da Sra. de Stermaria, era bem mais e me bastava agora, para amá-la, voltar a vê-la para que fossem renovadas essas impressões tão vivas, porém muito curtas que a memória, sem isso, não teria forças para sustentar na ausência. As circunstâncias decidiram de outra maneira: não mais voltei a vê-la. Não foi ela a quem amei, mas poderia ter sido. E uma das coisas que me tonaram extremamente cruel o amor que eu ia ter em breve foi, ao lembrar dessa noite, dizer a mim mesmo que, se circunstâncias muito simples houvessem modificado, esse amor poderia dirigir-se a outra pessoa, à de Stermaria; aplicado àquela que o inspirou muito pouco depois, não por conseguinte como eu teria tanta vontade, tanta necessidade de absolutamente necessário e predestinado.

Françoise me deixara sozinho na sala de jantar, dizendo-me que estava errado em ficar ali antes que ela tivesse acendido o fogo para o jantar, pois antes mesmo da chegada de meus pais e desde a noite, começava a minha reclusão. Avistei um enorme rolo de tapetes, que haviam posto num canto do bufê, e, ocultando ali a minha cabeça, engolindo a poeira deles e as minhas lágrimas, semelhante aos judeus que cobriam a cabeça de cinzas durante o luto, comecei a soluçar. Tremia, não só porque a peça estava fria, mas porque uma extraordinária queda de temperatura (contra cujo perigo e, diga-se a verdade, contra o seu leve deleite não se procura reagir) é provocada por certas lágrimas que nossos olhos choram, gota a gota, como uma chuva fina, penetrante, glacial, e que parecem nunca mais terminar. De súbito, ouvi uma voz:

- Pode-se entrar? Françoise me disse que devias estar na sala de jantar. Vim ver se não queres ir jantar comigo em algum lugar, se isto não te faz mal, pois há um nevoeiro que se pode cortar com a faca.

Era Robert de Saint-Loup, que eu julgava estar ainda no Marrocos ou em pleno

mar, e que havia chegado pela manhã.

Já disse (e precisamente fora, em Balbec, Robert de Saint-Loup quem me ajudara, a seu pesar, a tomar consciência disso) o que penso da amizade, a saber: que vale tão pouco, que me custa compreender que homens de certo talento, como Nietzsche, por exemplo, tenham tido a ingenuidade de lhe atribuir um certo valor intelectual e, em conseqüência, recusar-se às amizades a que não estivesse ligada a estima intelectual. Sim, espantou-me sempre ver que um homem que levava a sinceridade consigo mesmo a ponto de se afastar, por escrúpulo de consciência, da música de Wagner, imaginasse que a verdade pode cumprir-se nesse modo de expressão, confuso e inadequado por natureza, que são em geral as ações e, em particular, as amizades, e que possa haver um sentido qualquer no fato de alguém deixar o trabalho para ir visitar um amigo e juntos chorarem ao saber da falsa notícia do incêndio do Louvre. Em Balbec, eu chegara a considerar o prazer de jogar com as moças menos funesto à vida espiritual, à qual pelo menos ele permanece alheio, do que a amizade, cujo esforço inteiro consiste em nos fazer sacrificar a única parte real e incomunicável de nós próprios (a não ser por meio da arte) a um eu superficial que não encontra, como o outro, alegria em si mesmo e sim o enternecimento confuso de se sentir sustentado por estacas externas, hospitalizado numa individualidade estranha, onde, feliz com a proteção que lhe é dada, faz reluzir seu bem estar aprobativo e se maravilha com qualidades a que chamaria defeitos e buscaria corrigir em si mesmo. Além do mais, os difamadores da amizade podem, sem ilusões e não sem remorsos, ser os melhores amigos do mundo, da mesma forma que um artista que traz dentro de si uma obra-prima e que sente que seu dever seria o de viver para trabalhar, apesar disso, para parecer ou arriscar-se a ser egoísta, dá sua vida por uma causa inútil, e a concede com bravura tanto maior quanto mais desinteressadas fossem as razões pelas quais preferiria não concedê-la. Mas, seja qual for minha opinião acerca da amizade, até para só falar do prazer que ela me proporcionava, de qualidade tão medíocre que me parecia algo intermediário em sentir o cansaço e o tédio, não há beberagem tão funesta que não possa, em determinados momentos, tornar-se preciosa e reconfortante, dando-nos a excitação necessária, o calor que não conseguíamos encontrar em nós mesmos.

Decerto, eu estava longe de querer pedir a Saint-Loup, como desejava uma hora antes, que me levasse para rever as mulheres de Rivebelle; o rastro que deixara em mim o desacerto com a Sra. de Stermaria não queria ser apagado tão depressa, mas, no instante em que não mais sentia no coração nenhum motivo de felicidade, Saint-Loup, ao entrar, representou como que a chegada da bondade, da alegria, da vida, que estavam fora de mim sem dúvida, mas se me ofertavam e só pediam para ser minhas. O próprio Saint-Loup não compreendeu meu grito de gratidão e minhas lágrimas de enternecimento. Por outro lado, o que existe de

mais paradoxalmente afetuoso que um desses amigos diplomata, explorador, aviador, ou militar como era Saint-Loup, e que, partindo no dia seguinte para o campo, e dali para Deus sabe onde, parece que criam para si mesmos, na reunião noturna que nos dedicam, uma impressão de que nos espantamos que possuíssem, de tão rara e breve que é, ser-lhes tão doce, e, visto que tanto lhes agrada, de não vê-los prolongá-la ainda mais ou renová-la mais seguidamente? Uma refeição conosco, coisa tão natural, dá a esses viajantes o mesmo prazer estranho e delicioso que os nossos bulevares a um asiático.

Partimos juntos para jantar e, descendo a escada, lembrei-me de Doncieres, onde todas as noites eu ia encontrar Robert no restaurante, e das saletas de jantar esquecidas. Recordei-me de uma na qual jamais voltara a pensar e que não era no hotel em que Saint-Loup jantava, mas em outro, bem mais modesto, intermediário entre hospedaria e pensão familiar, e onde a gente era servido pela dona do estabelecimento e uma das criadas. A neve me fizera parar ali. Além disso, Robert naquela noite não deveria jantar no hotel, e eu não quisera ir mais longe. Levaram-me os pratos para cima, a uma saleta toda revestida de madeira. A lâmpada se apagou durante o jantar, e a criada me acendeu duas velas. Eu, fingindo que não via muito bem ao estender-lhe meu prato, enquanto ela servia batatas, agarrei-lhe o antebraço como para guiá-la. Vendo que não o retirava, acariciei-o e depois, sem dizer uma só palavra, puxei-a toda para mim, soprei a vela e disse-lhe que me bolinas se quisesse algum dinheiro. Nos dias seguintes, o prazer físico me parece exigir, para ser desfrutado, não somente aquela criada, mas a sala de jantar de madeira, tão isolada. Entretanto, foi para aquela em que jantavam Robert e seus amigos que voltei todas as noites, por hábito, por amizade, até minha partida de Doncieres. E, todavia, mesmo nesse hotel em que ele se hospedava com os amigos, eu já não pensava há muito tempo. Não aproveitamos quase nada da nossa vida, deixamos inacabadas nos crepúsculos de verão ou nas noites prematuras de inverno as horas em que no entanto nos havia parecido estar encerrado um pouco de prazer ou de paz.

Mas essas horas não estão absolutamente perdidas. Quando, por sua vez, soam novos momentos de prazer, que transcorreriam do mesmo modo, tão frágeis e lineares, tais horas vêm lhes trazer o embasamento, a consistência de uma orquestração opulenta. Assim, estendem-se até uma dessas felicidades típicas, que só encontramos de vez em quando, mas que continuam a existir; no presente exemplo, era o abandono de tudo o mais para ir jantar num ambiente confortável que, graças às lembranças, encerra num cenário natural promessas de viagem, com um amigo que vai agitar nossa vida dormente com toda a sua energia, toda a sua afeição, comunica-nos um prazer emocionado, bem diverso daquele que poderíamos dever ao nosso próprio esforço ou a distrações mundanas; vamos ser apenas dele, fazer-lhe juras de amizade que, nascidas nos limites dessa hora,

ficando nelas encerradas, talvez não sejam cumpridas no dia seguinte, mas que eu podia fazer sem escrúpulo a Saint-Loup, visto que, com uma coragem em que havia muito de sabedoria e o pressentimento de que a amizade não pode aprofundar-se, no dia seguinte teria partido novamente.

Se, ao descer as escadas, revivia as noites de Doncieres, bruscamente, quando chegamos à rua, a noite quase completa, onde o nevoeiro parecia ter apagado os lampiões que, muito débeis, só se distinguiam de muito perto, me reconduziu a não sei que chegada, à noite, a Combray, quando a cidade só se mostrava iluminada de longe em longe, e em que a gente tateava numa escuridão úmida, morna e sagrada de presépio, mal estrelada aqui e ali por uma luzinha que não brilhava mais que um círio. Entre aquele ano de Combray, aliás incerto, e as noites de Rivebelle revisitadas há pouco por sobre as cortinas, quantas diferenças! Ao percebê-las, eu experimentava um entusiasmo que poderia ter sido fecundo se estivesse sozinho e teria evitado, desse modo, o rodeio de tantos anos inúteis pelos quais ainda haveria de passar antes que se declarasse a vocação invisível de que esta obra é a história. Se tal ocorresse naquela noite, esse carro teria tido o mérito de se tornar mais memorável para mim que o do doutor Percepied, em cujo assento eu compusera aquela pequena descrição encontrada exatamente há pouco tempo, modificada e inutilmente enviada para o *Fígaro* dos campanários de Martinville.

Será que é porque não revivemos os nossos anos em sua seqüência contínua, dia a dia mas sim na lembrança fixada no frescor ou na insolação de uma manhã ou de uma tarde, recebendo a sombra de um tal ponto isolado, fechado, invisível, parado e perdido, longe de todo o resto, e que assim as mudanças graduadas, não só no exterior mas também nos nossos sonhos e no nosso caráter em evolução, mudanças que nos conduziram insensivelmente pela vida, de um tempo a um outro bem diverso, achando-se suprimidas, se revivemos uma outra lembrança resgatada de um ano diferente, encontramos entre eles, graças a lacunas, as imensas muralhas de esquecimento, algo como o abismo de uma diferença de altitude, como a incompatibilidade de duas qualidades incomparáveis da atmosfera respirada e de colorações envolventes? Mas, entre as lembranças que acabava de ter, sucessivamente, de Combray, de Doncieres e de Rivebelle, sentia naquele instante bem, mais que uma distância de tempo, a distância que haveria entre universos diferentes, onde a matéria não seria a mesma. Se, numa obra, quisesse imitar aquela em que surgissem brunidas minhas mais insignificantes recordações de Rivebelle, ser-me-ia necessário traçar veios cor-de-rosa, em definitivo translúcida, compacta, refrescante e sonora a substância até então análoga à argila escura e tosca de Combray. Porém Robert, tendo acabado de dar suas explicações ao cocheiro, veio reunir-se a mim no carro. Fugiram as idéias que me haviam aparecido.

São deusas que se dignam às vezes a se tornar visíveis a um mortal solitário, na volta de um caminho e até em seu quarto quando está dormindo, enquanto elas, de pé no vão da porta, lhe trazem a sua anunciação. Mas, logo que se juntam duas pessoas, elas desaparecem, os homens em sociedade não as percebem nunca; eu me encontrei lançado à amizade.

Bem que Robert, ao chegar, me advertira que o nevoeiro era muito intenso, mas, enquanto conversávamos, a névoa não deixou de espessar-se. Já não era a bruma leve que eu desejara ver elevar-se da ilha e nos envolver, à Sra. de Stermaria e a mim. A dois passos, os lampiões se apagavam e era então a noite, tão profunda como em pleno campo, numa floresta, ou melhor, em alguma suave ilha da Bretanha para a qual eu tivesse querido ir; senti-me perdido como nas costas de um mar setentrional onde arriscamos vinte vezes a vida antes de alcançar um albergue solitário; deixando de ser uma miragem que se procura, o nevoeiro se transformava num daqueles perigos contra os quais se luta, de modo que tivemos, para achar nosso caminho e atingir um porto abrigado, as dificuldades, a inquietação e por fim a alegria proporcionada pela segurança tão insensível ao que não está ameaçado de perdê-la ao viajante perplexo e extraviado. Só uma coisa quase comprometeu o meu prazer durante nossa aventurosa caminhada devido ao assombro irritado em que me lançou por um momento.

- Sabes, contei a Bloch - disse Saint-Loup - que não gostavas dele tanto assim, que lhe achavas certas vulgaridades. Eis como eu sou, gosto das situações resolvidas - concluiu com um ar satisfeito e com um tom que não admitia réplica.

Eu estava estupefato. Não apenas depositava a confiança mais absoluta em Saint-Loup, na lealdade de sua amizade, e ele a traíra pelo que dissera a Bloch, mas também me parecia que, além disso, deviam impedir de fazê-lo não só seus defeitos como suas qualidades, aquela extraordinária dose de educação que podia levar a polidez até uma certa falta de franqueza. Seria seu ar triunfante aquele que assumimos para dissimular algum embaraço, confessando uma coisa que sabemos que não deveríamos ter feito? Traduziria o seu inconsciente? Uma estupidez que elevava à condição de virtude um defeito que não lhe conhecia? Um acesso de mau humor passageiro contra mim que o levasse a abandonar-me, ou o registro de um acesso de mau humor passageiro contra Bloch, a quem quisera dizer algo desagradável, mesmo me comprometendo? Aliás, seu rosto estava estigmatizado, enquanto me dizia essas palavras vulgares, por uma horrível sinuosidade que apenas lhe vira uma ou duas vezes na vida, e que, seguindo primeiro aproximadamente a parte central do rosto, tão logo chegada aos lábios torcia-os, dando-lhes uma hedionda expressão de baixeza, quase de bestialidade, bem passageira e certamente ancestral. Devia haver nesses momentos, que sem dúvida só se repetiam uma vez a cada dois anos, um eclipse parcial de seu próprio eu pela passagem, sobre ele, da personalidade de um

antepassado que ali se refletia. Tanto quanto o ar de satisfação de Robert, suas palavras "gosto das situações resolvidas" se prestavam à mesma dúvida e poderiam incorrer na mesma censura. Queria dizer-lhe que, se a gente gosta de situações resolvidas, é preciso ter esses acessos de franqueza no que diz respeito a si próprio, e não alardear virtude muito fácil à custa dos outros. Mas o carro já havia parado à porta do restaurante, cuja ampla fachada envidraçada e fulgurante era a única a vencer a escuridão. O próprio nevoeiro, devido à confortável claridade do interior, parecia, já da calçada, indicar a entrada com a alegria desses criados que refletem as disposições do patrão; irisava-se dos mais delicados matizes e mostrava a entrada como a coluna luminosa que guiou os hebreus. Aliás, havia muitos destes entre os fregueses. Pois era nesse restaurante que Bloch e seus amigos vinham encontrar-se há muita tempo, ébrios de um jejum tão esfaimante como o jejum ritual que pelo menos só ocorre uma vez por ano -, jejum de café e de curiosidade política. Visto que toda excitação mental confere um valor predominante, uma qualidade superior aos hábitos que a ela se relacionam, não há gosto um pouco vivo que não reúna em torno de si uma sociedade a que unifica, e onde a consideração dos outros membros é o que, principalmente, cada um procura na vida. Aqui, conquanto seja uma aldeia do interior, podereis encontrar apaixonados pela música; o melhor do seu tempo, o mais luzidio de seu dinheiro, vão parar nas sessões de música de câmara, nas reuniões em que se fala de música, no café onde se encontram entre amadores e onde se acotovelam com os músicos da orquestra. Outros, apaixonados pela aviação, esforçam-se por ser bem recebidos pelo velho garçom do bar envidraçado do alto do aeródromo; ao abrigo do vento, como na jaula de vidro de um farol, poderão seguir, na companhia de um aviador que não voa no momento, as evoluções de um piloto que executa *loopings*, ao passo que um outro, invisível no instante anterior, vem aterrissar bruscamente, abater-se com o grande rumor de asas do pássaro. O pequeno grupo que se reunia para tentar perpetuar e aprofundar as emoções fugidias do processo Zola, da mesma forma dava grande importância a esse café. Mas era mal visto pelos jovens nobres, que formavam a outra parte da freguesia e tinham adotado uma segunda sala do café, separada da outra somente por um leve parapeito decorado de vegetação. Consideravam Dreyfus e seus partidários como traidores, embora, vinte e cinco anos depois, quando as idéias já tinham tido tempo de se classificar, e o dreyfusismo de assumir uma certa elegância na História, os filhos, bolchevizantes e valsistas, desses mesmos aristocratas jovens devessem declarar aos "intelectuais" que os interrogavam, que certamente, se tivessem vivido naquele tempo, seriam partidários de Dreyfus; sem mais saber ao certo o que fora o Caso do que o que foram a condessa Edmond de Pourtales ou a marquesa de Galliffet, ambas esplendores extintos no dia em que haviam nascido. Pois, na noite desse nevoeiro, os nobres do café que mais tarde deveriam ser os pais

desses jovens intelectuais retrospectivamente dreyfusistas ainda eram solteiros. Certo, um casamento rico era visado pelas famílias de todos, mas ainda não se realizara no caso de nenhum deles. Ainda virtual, contentava-se esse rico matrimônio, desejado ao mesmo tempo para vários (havia diversos "partidos ricos" em vista, mas enfim o número de grandes dotes era muito menor que o de aspirantes), em acender uma certa rivalidade entre esses rapazes.

Para infelicidade minha, como Saint-Loup tivesse ficado alguns minutos com o cocheiro, a fim de lhe recomendar que voltasse para buscar-nos após o jantar, tive de entrar sozinho. Ora, para começar, uma vez na porta giratória, a que não estava acostumado, achei que não conseguiria mais sair. (Diga-se de passagem, para os amadores de um vocabulário mais preciso, que essa porta-tambor, apesar de sua aparência pacífica, chama-se *porta-revólver*, do inglês *revolving-door*.)

Naquela tarde, o dono do café, que não se atrevia a molhar-se indo lá fora, nem deixar seus fregueses, permanecia contudo perto da entrada para ter o prazer de ouvir as queixas joviais dos que chegavam, iluminados pela satisfação de pessoas que tinham custado a chegar e passado pelo medo de perder-se. Entretanto, a risonha cordialidade de sua acolhida se dissipou ante um desconhecido que não sabia se livrar das giratórias de vidro. Essa prova flagrante de ignorância fê-lo franzir os sobrolhos, como a um examinador que não tem vontade de pronunciar o *dignus est intrare*. Para cúmulo do azar, fui sentar-me na sala reservada à aristocracia, de onde ele veio me retirar rudemente, indicando, com uma grosseria a que logo se adaptaram todos os garçons, um lugar na outra sala. A sala não me agradou, tanto mais que a banqueta em que me encontrava já estava repleta de gente e que eu tinha à minha frente a porta reservada aos judeus que, não sendo giratória, ao abrir-se e fechar a todo instante me enviava um frio terrível. Mas o dono da casa recusou outro lugar, dizendo:

- Não, senhor, não posso incomodar todo mundo por sua causa. -

Aliás, esqueceu em breve o comensal tardio e incomodativo que eu era, pois mostrava-se submisso a cada recém-chegado, que, antes de pedir sua caneca de cerveja, sua asa de frango frio, ou o seu *grog* (pois há muito já passara a hora do jantar), devia, como nos antigos romances, pagar sua cota falando de sua aventura no momento em que penetrava naquele asilo de calor e segurança, onde o contraste com aquilo de que havíamos escapado fazia reinar a jovialidade e a camaradagem que se divertem ante o fogo de um *bivaque*.

Um contava que o seu carro, julgando ter chegado à ponte da Concórdia, fizera três vezes a volta em torno aos Inválidos; outro que o seu, tentando descer a avenida dos Champs-Élysées, entrara num matagal do Rond-Point, de onde levou três quartos de hora para sair. Depois, seguiam-se lamentações acerca do

nevoeiro, frio, do silêncio de morte nas ruas, lamentações ditas e ouvidas com ar excepcionalmente alegre, o que explicava a doce atmosfera da sala onde, à exceção do lugar que eu ocupava, fazia calor, por causa da luz muito viva que obrigava a piscar os olhos já desabituados a enxergar, e pelo rumor da conversa que devolvia a atividade os ouvidos.

Os que chegavam mal conseguiam manter silêncio. A singularidade das peripécias, que julgavam únicas, lhes queimava a língua e eles procuravam com os olhos alguém com quem pudessem entabular conversação: O próprio dono do estabelecimento perdia o senso das distâncias:

- O senhor príncipe de Foix perdeu-se três vezes, vindo da porta de Saint-Martin - não receava dizer rindo, não sem designar, como numa apresentação, o célebre aristocrata a um advogado judeu, o qual, ainda outro dia, fora separado dele por uma barreira bem mais difícil de transpor do que a sebe ornada de verduras.

- Três vezes! Vejam só! - disse o advogado, tocando no seu chapéu.

O príncipe não gostou da frase de aproximação. Fazia parte de um grupo aristocrático para o qual o exercício da impertinência, mesmo a respeito da nobreza quando esta não era da primeira classe, parecia seca ocupação única. Não responder a uma saudação; se o homem cortês reincidisse, soltar uma risadinha trocista, ou erguer a cabeça para trás com ar furioso; fingir não reconhecer um homem idoso que lhes houvesse prestado um serviço; reservar o punho da mão e as saudações aos duques e aos amigos muito íntimos dos duques que estes lhes apresentassem: tal era a atitude desses jovens e em particular do príncipe de Foix. Essa atitude era favorecida pela desordem da primeira juventude (quando, até na burguesia, parecemos ingratos e nos mostramos grosseiros porque, tendo esquecido durante meses de escrever a um benfeitor que acaba de perder a esposa, passamos a não cumprimentá-lo, para simplificar as coisas), mas era inspirada principalmente por um super agudo esnobismo de casta. É verdade que, a exemplo de certas afecções nervosas cujas manifestações se atenuam na idade madura, tal esnobismo em geral devia deixar de se traduzir de um modo tão hostil entre os que tinham sido jovens tão insuportáveis. Uma vez passada a juventude, é raro que permaneçamos confinados à insolência. Havíamos achado que só ela existia, e de súbito descobrimos, por mais príncipe que sejamos, que há também a música, a literatura, e até mesmo a deputação. A ordem dos valores humanos encontra-se mudada, e entramos em conversação com pessoas que outrora fulminávamos com o olhar. Boa oportunidade a desses jovens que tiveram paciência para esperar e cujo caráter é bastante bem formado se assim se pode dizer para que sintam prazer em receber, por volta dos quarenta, as boas graças e a acolhida que lhes foram secamente recusadas aos vinte!

A propósito do príncipe de Foix convém dizer, visto que a ocasião é propícia, que ele pertencia a um grupo de doze a quinze jovens e a um grupo ainda mais restrito de quatro. O grupo de doze a quinze possuía a característica, a que, suponho, escapava o príncipe, de que os jovens apresentavam, cada um, um duplo aspecto. Crivados de dívidas, pareciam uns pobre, diabos aos olhos dos fornecedores, apesar de toda a satisfação que este mostravam ao lhes dizer:

"Senhor conde, Senhor marquês, Senhor duques." Esperavam livrar-se dos problemas por meio do famoso "casamento rico", também chamado "saco graúdo", e, como os dotes polpudos que cobiçavam não passavam de quatro ou cinco, vários dirigiam surdamente suas baterias para a mesma noiva. O segredo ficava tão bem guardado que, quando um deles ia ao café e dizia:

- Meus excelentes camaradas, eu sou muito amigo de vocês para não lhes anunciar o meu noivado com a Srta. de Ambresac -, ressoavam diversas exclamações, pois muitos deles, julgando tudo já acertado para eles mesmos com a própria senhorita, não tinham o sangue-frio necessário para sufocar, no primeiro instante, seu grito de raiva e de estupefação:

- Então, agrada-te casar, Bibi? - não podia evitar de exclamar o príncipe de Châtellerault, que deixava cair o garfo, de espanto e desespero, pois acreditava que o mesmo noivado da Srta. de Ambresac ia em breve ser tornado público, mas com ele, Châtellerault. E, no entanto, Deus sabe tudo o que seu pai habilmente contara aos Ambresac contra a mãe de Bibi.

- Então, agrada-te casar? - não pode deixar de indagar de novo a Bibi, que, mais bem preparado, pois que tivera o tempo todo para escolher sua atitude desde que era "quase oficial", respondia sorrindo:

- Estou contente não por me casar, de que não tinha aliás nenhuma vontade, mas por esposar Daisy d'Ambresac, que me parece deliciosa. -

Durante essa resposta, o Sr. de Châtellerault conseguira recobrar-se e pensava que era preciso, o mais rápido possível, voltar suas baterias na direção da Srta. de Ia Canourgue ou de Miss Foster, os grandes partidos nº 2 e nº 3, pedir paciência aos credores que esperavam o casamento d'Ambresac e, por fim, explicar às pessoas a quem dissera que a Srta. de Ambresac era encantadora que esse casamento era bom para Bibi, mas que ele teria brigado com toda a sua família se a tivesse desposado. A Sra. de Soléon, segundo diria, chegara ao ponto de afirmar que não iria recebê-los.

Mas, se aos olhos dos fornecedores, donos de restaurantes, etc., eles pareciam pessoas de poucas posses, em compensação, seres duplos, quando se encontravam na sociedade, não eram mais julgados conforme a deterioração de sua fortuna e os tristes expedientes de que lançavam mão para tentar repará-la. Voltavam a ser o Senhor príncipe, o Senhor duque de Tal, e só eram avaliados de

acordo com seus brasões. Um duque quase bilionário e que parecia reunir tudo em si ficava abaixo deles, porque, como chefes de linhagem, eles eram antigamente príncipes soberanos de uma pequena região onde tinham o direito de cunhar moeda, etc.. Muitas vezes, nesse café, um baixava os olhos quando um outro entrava, de forma a não forçar o recém-chegado a saudá-lo. É que ele havia, em sua perseguição imaginativa da riqueza, convidado um banqueiro para jantar. De cada vez que um homem da sociedade entra, nessas condições, em relações com um banqueiro, este lhe faz perder uns cem mil francos, o que não impede o homem mundano de recomeçar com outro. Continua-se a queimar círios à a consultar médicos.

Mas o príncipe de Foix, ele próprio rico, pertencia não só a esse grupo elegante de uns quinze rapazes, mas a um grupo mais fechado e inseparável, de apenas quatro membros, de que fazia parte Saint-Loup, Nunca se convidava um deles sem os outros, chamavam-nos os quatro gigolôs, eram vistos sempre juntos em passeio, nos castelos, onde lhes davam quartos que se comunicavam entre si, de modo que tanto mais que eram todos muito bonitos corriam rumores sobre sua intimidade.

Pude desmenti-los da maneira mais formal no que dizia respeito a Saint-Loup. Mas o curioso é que, se mais tarde se soube que esses rumores eram verdadeiros no tocante aos quatro, em compensação, cada um deles o tinha ignorado totalmente quanto aos outros três; e, no entanto, cada um deles cuidara de bem informar-se acerca dos outros, seja para matar um desejo ou melhor, um sentimento de rancor, ou impedir um casamento, ou levar vantagem sobre o amigo desmascarado. Um quinto (pois nos grupos de quatro geralmente têm-se mais que quatro) se juntara aos quatro platônicos, e este era mais platônico do que os outros. Porém, escrúpulos religiosos o contiveram até muito depois que o grupo dos quatro se desunisse, ele, já casado, pai de família, implorava a Lourdes que o próximo filho fosse menino ou menina e, nos intervalos, lançava-se sobre os militares. Apesar dos modos do príncipe, o fato é que a frase dita em sua presença não lhe fora dirigida diretamente, o que fez menos forte a sua cólera do que o teria a não ser assim. Além do mais, aquela reunião noturna tinha algo de excepcional. Afinal, o advogado não tinha mais condições da travar conhecimento com o príncipe de Foix do que o cocheiro que havia conduzido esse nobre senhor. Assim, este último julgou poder responder, com ar arrogante e como que à parte, àquele interlocutor que, graças ao nevoeiro, era como um companheiro de viagem encontrado nalguma prata situada nos confins do mundo, batida pelos ventos ou envolta nas brumas.

- Perder o caminho não é nada; o pior é não encontrá-lo. -

A justeza desse pensamento assombrou o dono da casa, pois já o ouvira ser expresso. Com efeito, ele tinha o hábito de comparar sempre aquilo que ouvia ou

lia a um determinado texto já conhecido, e sentia despertar sua admiração caso não visse diferença. Tal estado de espírito não é desprezível, pois, aplicado às conversações políticas, à leitura dos jornais, forma opinião pública e, desse modo, torna possíveis os maiores acontecimentos. Muitos donos de café alemães, admirando apenas seu freguês ouviam-no diversas vezes naquela tarde. Igual, quando diziam que a França, a Inglaterra e a Rússia "buscavam" a Alemanha, tornaram possível, por ocasião do incidente de Agadir, uma guerra que aliás não rebentou. Os historiadores, se não erraram em desistir de explicar os atos dos povos pela vontade dos reis, devem substituí-la pela psicologia do indivíduo, do indivíduo medíocre.

Em política, o dono do café onde eu acabara de chegar só aplicava, fazia algum tempo, sua mentalidade de professor de recitação a um certo número de trechos sobre o Caso Dreyfus. Se não achava os termos conhecidos nas frases de um freguês ou nas colunas de um jornal, declarava enfadonho o artigo, ou insincero o freguês. O príncipe de Foix, ao contrário, maravilhava-o a ponto de mal deixar seu interlocutor acabar a frase.

- Bem dito, meu príncipe, muito bem dito (o que, em suma, queria dizer, "recitado sem erro"), é isso, é isso! - exclamava, expandindo-se, como se diz nas *Mil e Uma Noites*, "até os limites da satisfação". Mas o príncipe já desaparecera na salinha. Depois, como a vida continua mesmo após os mais singulares acontecimentos, os que saíam do mar de nevoeiro encomendavam, uns a sua bebida, outros o seu jantar; e, entre estes, os rapazes do Jockey que, devido ao caráter anormal do dia, não hesitaram em se instalar em duas mesas na sala grande, e assim se acharam bem perto de mim. Desse modo, o cataclismo estabelecera, mesmo da salinha à sala grande, entre todas essas pessoas estimuladas pelo conforto do restaurante, depois de longamente errarem no oceano de bruma, uma familiaridade da qual eu era o único excluído e que devia assemelhar-se à que reinava na Arca de Noé. De repente, vi o dono do café dobrar-se em curvaturas, os *maitres d'hôtel* acorrerem todos, o que chamou a atenção dos fregueses.

- "Depressa, chamem Cyprien, uma mesa para o Senhor marquês de Saint-Loup - gritava o dono do café, para quem Robert não era apenas um grão-senhor que gozava de verdadeiro prestígio, mesmo aos olhos do príncipe de Foix, mas um freguês que levava a vida à larga e gastava muito dinheiro naquele restaurante.

Os fregueses da sala grande olhavam com curiosidade, os da salinha chamavam sem parar o amigo que acabava de enxugar os pés. Mas, no momento em que Saint-Loup ia entrar na salinha, avistou-me na grande:

- Meu Deus! - exclamou o que fazes aí, e com essa porta aberta à tua frente? - disse, não sem lançar um olhar furioso ao patrão, que correu para fechá-la

desculpando-se com os garçons: - Sempre lhes digo que a mantenham fechada.

Eu fora obrigado a afastar a minha mesa e outras que estavam diante da minha, para ir ao encontro de Robert.

- Por que saiu do lugar? Gostas mais de jantar aí do que na salinha? Mas, meu caro, vais ficar enervado. O senhor vai me fazer o favor de condenar essa porta - disse ao dono do estabelecimento. -

Neste mesmo instante, senhor marquês, os fregueses que chegarem a partir de agora hão de passar pela saleta, eis tudo.

E, para melhor mostrar seu zelo, encarregou dessa operação um *maitre d'hôtel* e vários garçons, fazendo em voz alta ameaças terríveis caso ela não fosse levada a bom termo. Deu-me excessivas demonstrações de respeito para que eu esquecesse que elas não tinham começado desde a minha chegada, mas unicamente após a entrada de Saint-Loup e, para que eu não acreditasse todavia que eram devidas exclusivamente à amizade que me demonstrava seu rico e aristocrático freguês, endereçava-me às escondidas pequenos sorrisos onde parecia declarar-se uma simpatia bem pessoal.

Por trás de mim, a frase de um freguês me fez virar a cabeça por um segundo. Acabara de ouvir, em vez das palavras: "Asa de frango, muito bem, um pouco de champanha, mas bem seco", estas outras: "Eu preferiria a glicerina. Sim, quente, muito bem." Tive curiosidade de ver quem era o asceta que se infligia um tal cardápio. Voltei vivamente a cabeça para Saint-Loup a fim de não ser reconhecido pelo estranho *gourmet*. Era simplesmente um médico meu conhecido, a quem um cliente, aproveitando-se do nevoeiro para encurralá-lo naquele café, fazia uma consulta. Como os banqueiro os médicos dizem "eu".

Entretanto, eu olhava para Robert e pensava numa coisa. Havia nesse café, e conhecera eu na vida, muitos estrangeiros, intelectuais, artistas de todo tipo, resignados ao riso que provocavam a sua capa pretensiosa, suas gravatas à 1830 e, bem mais ainda, seus movimentos desajeitados chegando mesmo a provocar esse riso para mostrar que não se preocupavam com essas coisas, e que eram pessoas de real valor intelectual e moral e de profunda sensibilidade. Desagradavam os judeus principalmente, os judeus não assimilados bem entendido, não era o caso dos outros; às pessoas que não podem suportar uma aparência estranha, adoidados (como Bloch a Albertine). Geralmente, logo se reconhecia que, se tinham contra si os cabelos muito compridos, o nariz e os olhos grandes demais; os gestos bruscos e teatrais, seria pueril julgá-los por isso, pois tinham muito talento e coração e, sob esse aspecto, eram pessoas de quem se poderia gostar profundamente. Quanto aos judeus em particular, eram poucos aqueles cujos pais não fossem de uma generosidade de coração, de uma largueza de espírito, de uma sinceridade que, em comparação, a mãe de Saint-

Loup - e o duque de Guermantes fariam reles figura moral devido à sua secura; sua religiosidade superficial, que bradava apenas contra os escândalos, sua apologia familiar de um cristianismo que findava infalivelmente (pelas vias imprevistas da inteligência estimada com exclusividade) num colossal casamento por dinheiro. Mas, enfim, no caso de Saint-Loup, fosse qual fosse o modo como os defeitos dos pais se combinassem numa criação nova de qualidades, reinava a mais atraente abertura de espírito e de coração. E então - é preciso dizê-lo para a glória imortal da França, quando tais qualidades se encontram num francês puro, seja da aristocracia ou do povo, elas florescem; seria muito dizer que se desvanecem, pois a medida e a restrição nelas persistem com uma graça que o estrangeiro, por mais estimável que seja, não nos apresenta. É claro que os outros também possuem qualidades intelectuais e morais, e, se é obrigatório atravessar primeiro o que desagrada, o que choca e o que faz sorrir, não são menos preciosas.

Mas de qualquer modo é uma bela coisa, talvez exclusivamente francesa, que o que é belo a critério da eqüidade, o que vale segundo o espírito e o coração, seja primeiro um encanto para os olhos, colorido com graça, cinzelado com justeza, realize igualmente na sua matéria e em sua forma a perfeição interior. Eu olhava para Saint-Loup e dizia comigo que era uma bela coisa quando não há desgraça física para servir de vestíbulo às graças interiores, e que as asas do nariz são delicadas e de um desenho perfeito como as asas das borboletinhas que pousam nas flores das campinas, nos arredores de Combray; e que o verdadeiro *opus francigenum*, cujo segredo não se perdeu desde o século XIII e que não pereceria com as nossas igrejas, não são tanto os anjos de pedra de Saint-André-des-Champs como os pequenos franceses, nobres, burgueses ou campesinos, de rosto esculpido com aquela delicadeza e sinceridade, que permaneceram tão tradicionais como no pórtico famoso, mas ainda criadoras.

Depois de ter se afastado por um instante para vigiar ele próprio o fechamento da porta e a encomenda do jantar (insistiu muito para que pedíssemos carne de vaca, pois as de galinha sem dúvida não estavam muito boas), o dono do estabelecimento voltou para nos dizer que o Senhor príncipe de Foix gostaria que o Senhor marquês lhe permitisse vir jantar numa mesa perto.

- Mas elas estão todas ocupadas - respondeu Robert, vendo as mesas que bloqueavam a minha.

- Quanto a isso, não quer dizer nada - retrucou o patrão -; se for agradável ao senhor marquês, ser-me-ia bem fácil pedir a essas pessoas que mudassem de lugar. São coisas que é possível fazer pelo Senhor marquês!

- Mas quem decide és tu - disse-me Saint-Loup - Foix é um bom rapaz, não sei se te aborrecerá. É menos idiota que muitos. -

Respondi a Robert que certamente ele me agradaria, mas que, como na ocasião estava jantando com ele e sentia-me muito feliz por isso, gostaria que estivéssemos a sós.

- Ah, o Senhor príncipe tem uma capa muito bonita - disse o patrão enquanto nós deliberávamos.

- Sim, conheço-a - respondeu Saint-Loup.

Eu queria contar a Robert que o Sr. de Charlus fingira para a cunhada que não me conhecia e lhe perguntar qual poderia ser o motivo dessa dissimulação, mas fui impedido pela chegada do Sr. de Foix. Tendo vindo para saber se o seu pedido fora aceito, percebemos que estava parado a dois passos de nós. Robert nos apresentou, mas não escondeu ao amigo que, tendo de conversar comigo, preferia que nos deixasse em paz. O príncipe se afastou, acrescentando à saudação de despedidas que me fez um sorriso que designava Saint-Loup e parecia desculpar-se, com a decisão deste, por uma apresentação breve que desejaria mais longa. Mas nesse momento Robert, parecendo tocado por uma idéia súbita; afastou-se com seu camarada, depois de me haver dito:

- Fica sentado e começa a jantar, que já volto - e desapareceu na salinha.

Aborreci-me ao ouvir os jovens chiques, a quem não conhecia, contarem as histórias mais ridículas e maledicentes sobre o jovem grão-duque herdeiro de Luxemburgo (ex-conde de Nassau), que me conhecera em Balbec e dera provas bastante delicadas de simpatia durante a doença de minha avó. Um pretendia que ele dissera à duquesa de Guermantes:

- Exijo que todos se levantem quando minha mulher passar e que a duquesa teria respondido (o que não apenas era desprovido de espírito, mas de exatidão, visto que a avó da jovem princesa fora sempre a mulher mais honesta do mundo):

- Se é preciso que a gente se levante quando passar a tua mulher, isso era diferente no caso da avó dela, pois com ela os homens se deitavam. -

Depois tagarelavam que, tendo ido visitar naquele ano, em Balbec, sua tia a princesa de Luxemburgo, e tendo parado no Grande Hotel, queixara-se ao gerente (meu amigo) de que não tinham hasteado a flâmula de Luxemburgo por sobre o molhe. Ora, essa flâmula era menos conhecida e de menos emprego que as bandeiras da Inglaterra ou da Itália, e foram necessários vários dias para conseguirem uma, para vivo descontentamento do jovem grão-duque. Não acreditei numa só palavra dessa história, mas prometi a mim mesmo, que quando fosse a Balbec, interrogar o gerente do hotel de modo a ter certeza de que era pura invenção.

À espera de Saint-Loup, pedi ao dono do restaurante que me trouxesse pão.

- Imediatamente, senhor barão - disse ele, solícito.

- Não sou barão - respondi com ar de tristeza em vez de rir.

- Oh, perdão, senhor conde!

Não tive tempo de fazer ouvir um segundo protesto, depois do qual certamente me tornaria "Senhor marquês", pois tão depressa como anunciara, Saint-Loup reapareceu na entrada, tendo à mão a grande vicunha do príncipe, pelo que compreendi que ele a havia pedido me manter abrigado. Fez-me de longe um sinal para que eu não me levantasse, avançou; seria preciso avançar mais a minha mesa ou que eu trocasse de lugar para que ele pudesse sentar-se. Logo que entrou na grande sala, Saint-Loup subiu rapidamente para as banquetas de veludo que faziam a volta ao longo da parede e onde, além de mim, estavam sentados apenas três ou quatro rapazes do Jockey, conhecidos dele, que não tinham encontrado lugar na salinha. Entre as mesas, estavam estendidos fios elétricos a uma certa altura; sem se embaraçar com eles, Saint-Loup saltou-se com destreza, como um cavalo de corrida por sobre um obstáculo; confuso porque ele se desempenhava assim unicamente por minha causa e com o objetivo de evitar-me um movimento bem simples, eu estava ao mesmo tempo maravilhado com a segurança com que meu amigo cumpria aquele exercício de acrobacia; e não era o único; pois, ainda que o tivessem mediocremente apreciado caso partisse de um freguês menos aristocrático e menos generoso, o dono e os garçons se mostravam fascinados como conhecedores na pesagem; um garçom, como que paralisado, ficara imóvel com um prato que os convivas ao lado esperavam; e, quando Saint-Loup, tendo que passar por trás de seus amigos, grimpou sobre o rebordo do encosto, onde avançou equilibrando-se, romperam discretos aplausos no fundo da sala. Enfim, tendo chegado onde eu estava, estacou de súbito com a precisão de um chefe diante da tribuna de um soberano e, inclinando-se, estendeu-me com ar de cortesia e submissão a capa de vicunha, que logo após, estando sentado a meu lado, sem que eu tivesse de fazer um só movimento, arrumou sobre minhas espáduas, como um xale quente e leve.

- Olha, antes que me esqueça - disse Robert -, meu tio Charlus tem algo para te dizer. Prometi que te levaria à casa dele amanhã à noite.

- Ia justamente falar nele. Mas amanhã à noite vou jantar na casa da tua tia Guermantes.

- Sim, há uma tremenda comilança amanhã na casa de Oriane. Não estou convidado. Mas meu tio Palamede gostaria que lá não fosses. Não podes te desconvidar? Em todo caso, vai à casa do tio Palamede depois. Creio que ele faz questão de te ver. Vejamos, podes muito bem estar lá às onze horas. Onze horas, não te esqueças, encarrego-me de avisá-lo. Ele é muito suscetível. Se não fores, vai embirrar contigo. Sempre terminam cedo na casa de Oriane. Aliás, preciso

falar com Oriane por causa do meu posto em Marrocos, de onde gostaria de me transferir. Ela é tão gentil para essas coisas e consegue tudo com o general de Saint-Josep, de quem depende isso. Mas não lhe fale neste assunto. Já me dirigi à princesa de Parma; as coisas correrão por si mesmas. Ah, o Marrocos é muito interessante. Teria muito o que te falar sobre ele. Há pessoas muito finas por lá. Sente-se a igualdade da inteligência.

- Não achas que os alemães podem ir à guerra por causa disso?

- Não; aquilo os aborrece, e no fundo é muito justo. Mas o imperador é pacífico. Os alemães estão sempre nos fazendo acreditar que desejam a guerra para nos forçar a ceder. Confira o pôquer. O príncipe de Mônaco, agente de Guilherme II, vem dizer-nos confidencialmente que a Alemanha se lançará sobre nós se não cedermos. Então cedemos. Mas, se não cedêssemos, não haveria nenhum tipo de guerra. Basta pensares que coisa cósmica seria uma guerra hoje. Seria mais catastrófica do que Crepúsculo *dos Deuses, a*penas duraria menos tempo.

Falou-me da amizade, da predileção, da nostalgia (muito embora, todos os viajantes do seu tipo, fosse partir outra vez no dia seguinte, em alguns meses, que devia passar no campo, e devesse voltar só durante quarenta e oito horas a Paris, antes de voltar a Marrocos, ou a outra parte; as palavras que assim lançou no calor do coração que eu tinha naquela noite acendiam neste um suave devaneio. Nossas raras conversações íntimas, e sobretudo esta, desde então fizeram época na minha memória tanto para ele, como para mim, esta foi a noite da amizade.

No entanto, a que eu entendia naquele momento (e, devido a isso, não sem algum remorso) não era de modo nenhum, como temia, a que lhe agradaria inspirar. Ainda repleto de prazer que tinha tido ao vê-lo avançar em ligeiro galope e atingir graciosamente a meta, sentia que esse prazer decorria de que cada um dos movimentos desenrolados ao longo da parede, sobre a banqueta, tinha o seu significado, sua causa, na natureza individual talvez do próprio Saint-Loup; porém mais ainda naquela que, por nascimento e educação, havia herdado de sua raça. Uma certeza de gosto na ordem, não do belo, mas das maneiras, e que em presença de uma nova circunstância fazia com que o homem elegante apreendesse logo como no caso de um músico a quem pedem que toque um trecho musical que desconhece o sentimento, o movimento que a circunstância reclama, e a ela adaptar o mecanismo, a técnica que melhor lhe convém, permitindo depois a esse gosto agir sem o freio de nenhuma outra consideração, que teria paralisado a tantos jovens burgueses, não só pelo receio de parecerem ridículos aos olhos dos outros) faltando às conveniências, como de serem julgados solícitos em excesso aos de seus amigos, e que em Robert era substituído por um desdém que certamente ele jamais experimentara no coração, mas que recebera por herança em seu corpo, submetendo os modos de seus ancestrais a uma familiaridade que eles achavam não poder senão encantar e lisonjear

aquele a quem ela se dirigia; enfim, uma nobre liberalidade que, não levando em conta tantas vantagens materiais (os gastos em profusão naquele restaurante tinham acabado por fazer dele, aqui como em outros locais, o freguês mais em moda e o grande favorito, situação que acentuava a solicitude para com ele, não só dos empregados da casa mas também de toda a juventude mais brilhante), fazia-o espezinhá-las, como aquelas banquetas de púrpura efetiva e simbolicamente pisoteadas, semelhantes a um caminho suntuoso que só agradava ao meu amigo na medida em que lhe permitia vir até mim com mais graça e rapidez; tais eram as qualidades, todas essenciais à aristocracia, que, por trás daquele corpo, não opaco e obscuro como teria sido o meu, mas límpido e significativo, transpareciam como, através de uma obra de arte, a força industriosa e eficiente que a criou, e tomavam os movimentos daquela corrida ligeira que Robert desenvolvera ao longo da parede, tão inteligíveis e cativantes como os dos cavaleiros esculpidos num friso.

"Ah! -teria pensado Robert -, vale a pena que eu tenha passado a juventude a desprezar meu nascimento, a enaltecer unicamente a justiça e o espírito, a escolher, fora dos amigos que me eram impostos, companheiros canhestros e mal vestidos, se possuíam eloqüência, para que o único ser que aparecesse em mim, de que guardem preciosa lembrança, seja não aquele que a minha vontade, esforçando-se e merecendo, moldou à minha semelhança, mas um ser que não é obra minha, que nem mesmo sou eu, que sempre desprezei e busquei vencer? Vale a pena que eu tenha amado meu amigo preferido como amei, para que o maior prazer que ele ache em mim seja o de descobrir algo de muito mais geral que eu próprio, um prazer que não é absolutamente, como ele diz e não pode sinceramente crê-lo, um prazer de amizade, mas um prazer intelectual e desinteressado, uma espécie de prazer de arte?" Eis o que hoje temo que Saint-Loup haja pensado algumas vezes. Ele se enganou neste caso.

Se não tivesse amado, como o fez, alguma coisa mais elevada que a elasticidade inata de seu corpo, se não estivesse, desde tanto tempo, isolado do orgulho nobiliárquico, haveria mais aplicação e pesadume na sua própria agilidade, uma vulgaridade importante em suas maneiras. Como à Sra. de Villeparisis fora preciso muita seriedade para que ela conferisse à sua conversação e suas memórias o sentimento da frivolidade, que é intelectual, assim também, para que o corpo de Saint-Loup fosse habitado por tanta aristocracia, seria preciso que esta houvesse desertado de seu pensamento, levantado para os mais altos fins e, reabsorvida em seu corpo, nele se fixasse em linhas nobres e inconscientes. Por isso a sua distinção de espírito não era destacada de uma distinção física, que não seria completa se faltasse a primeira.

Um artista não tem necessidade de exprimir diretamente seu pensamento em sua obra para que esta lhe reflita a qualidade; pode-se dizer até que o louvor mais alto

de Deus está na negação do ateu, que acha a criação perfeita o bastante para prescindir de um criador. E bem sabia eu, também, que não era somente uma obra de arte o que admirava nesse jovem cavaleiro, desenrolando ao longo da parede o friso de sua corrida; o jovem príncipe (descendente de Catherine de Foix, rainha de Navarra e neta de Carlos VII), que ele acabava de deixar em meu benefício, a situação de nascimento e de fortuna que ele inclinava diante de mim, os ancestrais desdenhosos e desenvoltos que sobreviviam na segurança, na agilidade e na polidez com as quais acabava de dispor em torno a meu corpo friorento a capa de vicunha, tudo isso não seria como amigo mais antigo do que eu em sua vida, pelos quais eu julgaria devêssemos estar sempre separados, e que, ao contrário, ele os sacrificava a mim devido a uma escolha que só se pode fazer nas alturas da inteligência, com aquela liberdade soberana de que os movimentos de Robert eram a imagem e na qual se realiza a amizade perfeita? Do que a familiaridade de um Guermantes em lugar da distinção que tinha em Robert, porque nele o desdém hereditário não passava de roupagem, transformada em graça inconsciente, de uma verdadeira humildade moral - houvesse revelado de soberba vulgar, eu pudera conscientizá-lo, não no Sr. de Charlus, em quem os defeitos de caráter que até então não compreendia bem se haviam superposto aos hábitos aristocráticos, mas no duque de Guermantes. No entanto, também este, no conjunto vulgar que tanto desagradara à minha avó, quando o conhecera antigamente na casa da Sra. de Villeparisis, oferecia partes de grandeza antiga e que me foram sensíveis quando fui jantar em sua casa, no dia seguinte à noitada que passei com Saint-Loup.

Não me haviam aparecido, nem nele nem na duquesa, quando os vira pela primeira vez em casa de sua tia, assim como também não vira no primeiro dia as diferenças que separavam a Berma de suas companheiras, ainda que nesta as particularidades fossem infinitamente mais captáveis do que nas pessoas da sociedade, visto que se tornam mais marcantes à medida que os objetos são mais reais, mais concebíveis pela inteligência. Mas enfim, por mais leves que sejam as nuanças sociais (e ao ponto que, quando um pintor verídico feito Sainte-Beuve quer assinalar sucessivamente as nuanças existentes entre os salões da Sra. Geoffrin, da Sra. Récamier e dá Sra. de Boigne, eles surgem todos tão semelhantes que a principal verdade que, contra a vontade do autor, ressalta de seus estudos, é a nulidade da vida de salão), entretanto, em virtude do mesmo motivo que em relação a Berma, quando os Guermantes se me tornaram indiferentes, e a gotinha dá sua originalidade não mais foi vaporizada pela minha imaginação, pude recolhê-la, por imponderável que fosse.

Não tendo a duquesa me falado do marido, na recepção em casa de sua tia, eu me indagava se, com os rumores de divórcio que corriam ele compareceria ao jantar.

Mas logo me inteirei completamente, pois, entre os lacaios que se mantinham de pé na antecâmara e que (visto que então deviam considerar-me um pouco feito os filhos do ebanista, isto é, talvez com mais simpatia do que a seu patrão, mas como incapaz de ser recebido em casa dele) deviam especular sobre as causas dessa revolução, vi deslizar o Sr. de Guermantes, que vigiava a minha chegada para me receber à porta e me tirar ele próprio o meu sobretudo.

- A Sra. de Guermantes vai ficar satisfeitíssima - disse-me num tom habilmente persuasivo. Permita-me que o livre de seus trastes (achava a um tempo bonachão e cômico falar a linguagem do povo). Minha mulher temia um pouco uma deserção de sua parte, embora o senhor nos tivesse reservado o dia. Desde hoje de manhã dizíamos um ao outro: "Verá como ele não vem." Devo dizer que a Sra. de Guermantes estava mais certa do que eu. Não é fácil contar com o senhor, e eu estava convencido de que nos faltaria com a palavra.

O duque era tão mau marido, tão brutal até, conforme diziam, que a gente lhe era grato, como se é grato aos malvados por sua doçura, por essas palavras "Senhora de Guermantes", com as quais dava a impressão de estender sobre a duquesa uma asa protetora para que formasse um todo só com ele. Entrementes, tomando-me familiarmente pela mão, assumiu o dever de me guiar e introduzir nos salões. Essa ou aquela expressão corrente pode agradar na boca de um camponês, caso mostre a sobrevivência de uma tradição local, o vestígio de um acontecimento histórico, talvez ignorados daquele que lhes faz alusão; da mesma forma, aquela cortesia do Sr. de Guermantes, e que ele iria me testemunhar durante toda a reunião, encantou-me como um resto de hábitos várias vezes seculares, hábitos em especial do século XVII. As pessoas dos tempos antigos nos parecem infinitamente longe de nós. Não nos animamos a supor-lhes intenções profundas além do que expressam formalmente; ficamos espantados quando encontramos um sentimento mais ou menos idêntico ao que experimentamos em um herói de Homero ou numa engenhosa e fingida tática de Aníbal durante a batalha de Canas, quando ele deixou seu flanco ser invadido para envolver o adversário de surpresa; dir-se-ia que nos representamos o poeta épico e o general tão afastados de nós como um animal visto no jardim zoológico. O mesmo se dá com certos personagens da corte de Luís XIV, quando encontramos sinais de cortesia nas cartas escritas por eles a algum homem de categoria inferior e que não lhes pode ser útil em nada; tais cartas nos deixam surpresos, pois nos revelam de súbito, entre os grãos-senhores, todo um universo de crenças que eles jamais exprimiam diretamente, ruas que os governavam, e em especial a crença de que é preciso, por delicadeza, fingir certos sentimentos e exercer com o maior escrúpulo determinadas funções de amabilidade.

Este afastamento imaginário do passado é talvez um dos motivos que permitem compreender que até mesmo grandes escritores tenham achado uma beleza

genial nas obras de medíocres mistificadores como Ossiaçu. Sentimo-nos tão espantados de que bardos longínquos possam ter idéias modernas, que nos maravilhamos se, no que julgamos ser um velho canto gaélico, encontramos uma idéia que só teríamos considerado engenhosa num contemporâneo. Um tradutor talentoso não tem mais que acrescentar a um autor antigo que ele reconstitui com maior ou menor fidelidade, exceto que, assinados por um nome contemporâneo e publicados à parte, pareceriam apenas agradáveis: e logo atribui uma comovedora grandeza ao seu poeta que, desse modo, dedilha o teclado de vários séculos. Esse tradutor só seria capaz de escrever um livro medíocre, se tal livro fosse publicado como um original seu. Dado como sendo tradução, parece uma *obra-prior*. O passado não só não é fugaz como também permanece parado. Só meses após o começo de uma guerra é que as leis votadas sem pressa podem agir eficazmente sobre ela; é apenas uns quinze anos depois de um crime, que permanecia obscuro, que um magistrado pode ainda encontrar elementos que servirão para esclarecê-lo; depois de séculos e séculos, o sábio que estuda, numa região longínqua, a toponímia e os costumes dos habitantes poderá ainda colher entre eles uma determinada lenda, anterior ao cristianismo e já incompreendida, se não mesmo esquecida, nos tempos de Heródoto e que, no apelativo dado a uma rocha, num rito religioso, permanece no meio do presente como uma emanação mais densa, estável, imemorial. Também havia uma emanação da vida da corte, bem menos antiga, se não nas maneiras freqüentemente vulgares do Sr. de Guermantes pelo menos no espírito que as dirigia. Eu deveria apreciá-la ainda, como um aroma antigo, quando o encontrei um pouco mais tarde no salão, pois nos fora até lá de imediato. Deixando o vestíbulo, eu dissera ao Sr. de Guermantes que desejava muito ver os seus Elstirs.

- Estou às suas ordens. Então, o Sr. Elstir é um de seus amigos? Estou muito penalizado, pois conheço-o um pouco, é um homem amável, o que os nossos pais chamavam um bom homem; eu deveria ter-lhe pedido que me fizesse a fineza de vir e convidá-lo para jantar. Ele certamente ficaria muito lisonjeado por passar a noite em sua companhia. -

Muito pouco *ancien régime*, quando assim se esforçava por sê-lo; o duque voltava a sê-lo em seguida, sem querer. Tendo indagado se desejava que me mostrasse esses quadros, conduziu-me afastando-se graciosamente diante de cada porta, desculpando-se quando, para me mostrar o outro, era obrigado a passar adiante, pequena encenação que, desde os tempos em que Saint-Simon narra que um antepassado dos Guermantes, deu as honras do palácio com os mesmos escrúpulos no cumprimento dos deveres frívolos do gentil-homem devia, antes de chegar até nós, ter sido representada por muitos outros Guermantes para muitas outras visitas. E, como eu dissera ao duque preferir ficar a sós diante dos quadros por um momento, ele se afastou discretamente dizendo que o encontrasse mais

tarde no salão.

Uma vez sozinho com os quadros de Elstir, esqueci completamente a hora do jantar; de novo, como em Balbec, tinha diante de mim os fragmentos daquele mundo de cores desconhecidas que era apenas a projeção da maneira particular de ver desse grande pintor e que suas palavras não traduziam de modo algum. As partes das paredes cobertas de pinturas suas, todas homogêneas umas às outras, eram como imagens luminosas de uma lanterna mágica, a qual, no caso presente, seria a cabeça do artista e cuja estranheza não se poderia suspeitar se apenas se conhecesse o homem, ou seja, enquanto somente se visse a lanterna cobrindo a lâmpada, antes mesmo que algum vidro colorido lhe tivesse sido posto. Entre esses quadros, alguns dos que pareceriam extremamente ridículos às pessoas da sociedade eram os que me interessavam mais que os outros, naquilo que recriavam essas ilusões de ótica que nos provam não identificaríamos os objetos se não fizéssemos intervir o raciocínio. Quantas vezes, de carro, não descobrimos uma longa rua clara que principia a poucos metros de nós, quando à nossa frente está apenas um trecho de muro fortemente iluminado que nos dá a miragem da profundidade! Portanto, não é lógico, não por artifício de simbolismo, mas por um retorno sincero à própria raiz da impressão, representar uma coisa por essa outra que, no fulgor de uma primeira ilusão, tomamos por ela? As superfícies e os volumes são na realidade independentes dos nomes de objetos que a nossa memória lhes impõe quando os reconhecemos. Elstir procurava extrair o que sabia daquilo que acabava de sentir; seu esforço muitas vezes se dera no sentido de dissolver esse agregado de raciocínios a que denominamos visão. As pessoas que detestavam esses "horrores" espantavam-se de que Elstir admirasse Chardin, Perronneau, tantos pintores que elas, pessoas da sociedade, apreciavam. Não percebiam que Elstir refizera por conta própria, diante do real (com a indicação particular de seu gosto por certas pesquisas), o mesmo esforço de um Chardin ou de um Perronneau, e que, conseqüentemente, quando deixava de trabalhar para si mesmo, admirava neles as tentativas do mesmo gênero, espécies de fragmentos antecipados de obras suas. Mas as pessoas da sociedade não acrescentavam pelo pensamento, à obra de Elstir, essa perspectiva do Tempo que lhes permitiria gostar ou, pelo menos, olhar sem constrangimento a pintura de Chardin. Entretanto, os mais velhos poderiam dizer consigo que no decurso de sua vida tinham visto, à medida que os anos os afastavam dela, a distância intransponível entre o que julgavam uma obra-prima de Ingres e o que julgavam dever permanecer para sempre um horror (por exemplo, a *Olímpia* de Manet) diminuir até que as duas telas parecessem gêmeas. Mas lição alguma se aproveita porque não sabemos descer ao geral e imaginamos sempre estar em face de uma experiência que não tem precedentes no passado.

Fiquei comovido ao reencontrar em dois quadros (estes mais realistas e de um estilo anterior) um mesmo senhor, uma vez de fraque no seu salão, outra vez de cartola e casaca numa festa popular à beira d'água, onde evidentemente não tinha o que fazer, e que provava que para Elstir ele não era apenas um modelo habitual, mas um amigo, talvez um protetor, que ele gostava, como outrora Carpaccio com certos senhores notáveis e perfeitamente parecidos de Veneza, de representar em seus quadros, do mesmo modo que Beethoven sentia prazer em inscrever, no alto de uma obra preferida, o nome querido do arquiduque Rodolfo. Essa festa à beira d'água apresentava algo de fascinante. Os vestidos das mulheres, as velas dos barcos, os inumeráveis reflexos de umas e outras achavam-se próximos àquele quadrado de pintura que Elstir recortara de uma tarde maravilhosa. O que deslumbrava no vestido de uma mulher, que deixara por um instante de dançar devido ao calor e à sufocação, era também cambiante, e da mesma maneira, no pano de uma vela parada, na água do pequeno porto, no portão de madeira, nas folhagens e no céu. Assim, num dos quadros que eu vira em Balbec, o hospital, tão belo sob o céu de lápis-lazúli como a própria catedral, parecia, mais ousado que o Elstir teórico, que o Elstir homem de gosto e apaixonado pela Idade Média, declamar: "Não existe gótico, não existe obra-prima, o hospital sem estilo vale o glorioso portal"; da mesma forma, eu ouvia: "A dama um tanto vulgar, que um diletante a passeio evitaria contemplar, e excluiria do quadro poético que a natureza compõe diante dele, essa dama também é bela; seu vestido recebe a mesma luz que a vela do barco, e não há coisas mais ou menos preciosas, o vestido comum e a vela em si mesma bonita são dois espelhos do mesmo reflexo. Todo o valor está nos olhos do pintor."

Ora, este soubera, imortalmente, parar o movimento das horas naquele instante luminoso em que a dama sentira calor e cessara de dançar, em que a árvore estava cingida de um, círculo de sombra, em que as velas pareciam deslizar sobre um verniz dourado. Mas, justamente porque o instante pesava sobre nós com tanta força essa tela tão fixa dava a impressão mais fugaz, sentia-se que a dama ia logo virar-se, os barcos desaparecerem, a sombra mudar de lugar, a noite cair; que o prazer acaba, que a vida passa, e que os instantes, mostrados ao mesmo tempo por tantas luzes que lhes são vizinhas, já não se encontram.

Eu reconhecia ainda um aspecto, é verdade que bem diverso, do que é o *Instante,* em algumas das aquarelas de assuntos mitológicos, datando dos começos de Elstir e que também ornavam aquele salão. As pessoas mundanas "avançadas" chegavam "até" essa maneira, porém não iam adiante. Decerto não se tratava do que Elstir fizera de melhor, mas a sinceridade com que o assunto era enfocado já lhe retirava a frieza. Assim é que, por exemplo, as Musas estavam representadas como o seriam criaturas pertencentes a uma espécie fóssil mas que não teria sido raro, nos tempos mitológicos, ver passar à tardinha, em grupos de duas ou três, ao

longo de alguma trilha montanhosa. Por vezes um poeta, de uma raça que também tivesse uma individualidade particular para um zoólogo (caracterizada por uma certa sexualidade), passeava com uma Musa, como, na natureza, criaturas de espécies diversas, porém amigas, e que andam em companhia. Numa dessas aquarelas, via-se um poeta, cansado por uma longa caminhada na montanha, que um centauro, que encontrou, penalizado com sua fadiga, toma sobre seu lombo e o transporta. Em outras mais, a imensa paisagem (em que a cena mítica e os heróis fabulosos ocupam um lugar minúsculo e estão como que perdidos) é retratada, dos píncaros ao mar, com uma exatidão que indica, mais que a hora, até o minuto, devido ao grau preciso do declínio do sol e à fidelidade fugitiva das sombras. Desse modo o artista apresenta, subitaneizando-a, uma espécie de realidade histórica vivida ao símbolo da fábula, pinta-a e a relata no pretérito perfeito.

Enquanto eu contemplava as pinturas de Elstir, haviam soado os toques de campainha dos convidados que chegavam, ininterruptos, toques que me haviam docemente embalado.

Mas o silêncio que lhes sucedeu, e que já durava há muito tempo, acabou - é verdade que menos rapidamente - por me despertar do devaneio, como o silêncio que sucede à música de Lindoro arranca Bártolo de seu sono. Receei que se esquecessem de mim, que estivessem à mesa, e fui depressa para o salão. À porta do gabinete dos Elstirs encontrei um criado que esperava, velho ou empoado, não sei, com ar de um ministro espanhol, mas tributando-me o mesmo respeito que teria deposto aos pés de um rei. Pelo seu aspecto, senti que teria me esperado ainda uma hora, e pensei apavorado no atraso que devia ter causado ao jantar, ainda mais que prometera estar às onze horas na casa do Sr. de Charlus.

O ministro espanhol (não sem que eu tornasse a encontrar no caminho o lacaio perseguido pelo porteiro, que, radiante de felicidade quando lhe pedi notícias da noiva, disse que justamente o dia seguinte era o da folga de ambos e que poderia passar o dia inteiro com ela, e enalteceu a sós a bondade da duquesa) conduziu-me ao salão, onde eu temia encontrar o Sr. de Guermantes de mau humor. Ao contrário, ele me acolheu com uma alegria evidentemente em parte fictícia e ditada pela polidez, mas por outro lado sincera, inspirada pelo seu estômago, em que tamanho atraso havia atiçado a fome, pela consciência de uma impaciência igual em todos os convidados, os quais enchiam completamente o salão. De fato, soube mais tarde que tinham me esperado cerca de três quartos de hora.

O duque de Guermantes, sem dúvida, pensou que prolongar o suplício geral por dois minutos não o agravaria, e que a polidez, tendo-o feito adiar por tanto tempo o momento de se pôr à mesa, tal polidez seria mais completa se, não mandando servir imediatamente, conseguisse me convencer de que eu não estava atrasado e que não tinham esperado por mim. Assim, perguntou-me, como se tivéssemos

ainda uma hora até o jantar, o que achara eu dos Elstirs. Mas, ao mesmo tempo, e sem deixar perceber os espasmos de seu estômago, para não perder mais um segundo, de combinação com a duquesa, procedia às apresentações. Só então percebi que se produzira a meu redor, que até aquele dia exceto o estágio no salão da Sra. Swann fora habituado em casa da minha mãe, em Combray e em Paris, às maneiras protetoras ora na defensiva, de burgueses rabugentos que me tratavam como criança, uma mudança de cenário comparável à que introduz *Parsifal* de súbito no meio das donzelas-flores. As que me rodeavam, inteiramente decidi todas (sua carnadura aparecia dos dois lados de um ramo sinuoso de formosa ou sob as largas pétalas de uma rosa), só me cumprimentavam deslizando sobre mim longos olhares acariciantes como se apenas a timidez as impedisse de beijar-me. Nem por isso muitas deixavam de ser bastante honestas, do ponto de vista dos costumes; muitas, não todas, pois as mais virtuosas não sentiam pelas levianas aquela repulsa que minha mãe experimentaria. Os caprichos do comportamento, negados por santas amigas apesar da evidência, pareciam, no mundo dos Guermantes, ter muito mais importância que as relações que se tinham sabido conservar. Fingia-se ignorar que o corpo de uma dona de casa era manuseado por quem quisesse, contanto que seu "salão" permanecesse intacto. Como o duque ligava muito pouco aos convidados (com quem e de quem há muito já não tinha o que aprender), porém muito a mim, cujo tipo de superioridade, sendo desconhecido, causava-lhe até certo ponto o mesmo tipo de respeito que os ministros burgueses aos grão-senhores da corte de Luís XIV, ele evidentemente considerava que o fato de não conhecer seus convidados não tinha qualquer importância, se não para eles, ao menos para mim, e, enquanto eu me preocupava, por sua causa, com o efeito que teria sobre eles, o que se preocupava apenas com o que eles me causariam.

Primeiramente, aliás, ocorreu uma dupla confusão. De fato, no momento mesmo em que eu entrara no salão, o Sr. de Guermantes, sem sequer me dar tempo de cumprimentar a duquesa, me conduzira, como para fazer uma surpresa, àquela pessoa a quem parecia dizer:

"Eis o seu amigo; veja como eu o trago seguro pelo cangote", a uma dama de muito baixa estatura. Ora, bem antes que, impelido pelo duque, eu chegasse diante dela, essa dama não cessara de me dirigir, com seus grandes e doces olhos negros, os mil sorrisos de compreensão que endereçamos a uma velha conhecida que talvez não nos reconheça. Como era justamente o meu caso e eu não conseguisse me lembrar de quem se tratava, desviei a cabeça, sempre andando, de modo a não ter de responder até que a apresentação me livrasse do embaraço. Enquanto isso, a dama continuou a manter em equilíbrio instável o seu sorriso destinado a mim. Dava a impressão de querer se livrar rapidamente dele e que eu finalmente dissesse:

"Ah, minha senhora, como vai ficar contente mamãe por nos termos encontrado!"

Sentia-me tão impaciente por saber-lhe o nome quanto ela de ver que por fim a saudava com pleno conhecimento de causa, e que seu sorriso, indefinidamente prolongado como um sol sustenido, podia enfim cessar. Mas o Sr. de Guermantes deu-se tão mal, pelo menos na minha opinião, que me pareceu ter nomeado somente a mim, de modo que eu ignorava sempre quem era a pseudo-desconhecida, a qual não teve presença de espírito para identificar-se, de tão claros lhe parecessem os motivos de nossa intimidade, obscuros para mim. Com efeito, tão logo me juntei a ela, não me estendeu a mão, mas segurou familiarmente a minha e me falou no mesmo tom de como se eu estivesse tão a par que ela das boas recordações a que se reportava mentalmente. Disse-me o quanto Albert, que compreendi ser seu filho, iria lamentar não ter podido vir. Procurei entre meus antigos colegas aquele que se chamasse Albert, só encontrei Bloch, mas aquela senhora não podia ser Madame Bloch, que já falecera há muitos anos. Esforcei-me em vão para adivinhar esse passado comum a nós dois, ao qual ela se referia em pensamento. Porém não o percebia melhor, através do azeviche translúcido das grandes e doces pupilas que só deixavam passar o sorriso, do que se distingue uma paisagem situada por detrás de um vidro negro, embora inflamado pelo sol. Ela me perguntou se meu pai não se cansava demais, se eu não queria ir um dia ao teatro com Albert, se estava menos doente, e como as minhas respostas, titubeando eu na escuridão mental em que me achava, só se tornaram distintas para dizer que não me sentia bem naquela noite, ela própria tratou de empurrar uma cadeira para mim, com mil atenções a que jamais se acostumaram os outros amigos de meus pais. Enfim, achado o enigma me foi dado pelo duque:

- Ela o acha encantador - murmurou-me ao ouvido, o qual se sentiu ferido como se essas palavras não lhe fossem estranhas. Eram as que a Sra. de Villeparisis nos dissera, à minha avó e a mim, quando tínhamos conhecido a princesa de Luxemburgo. Então compreendi tudo: a dama presente nada tinha em comum com a Sra. de Luxemburgo, mas pela linguagem de quem me servia descobri a espécie de gente. Era uma Alteza. De maneira alguma conhecia a mim e à minha família, porém, saída da mais nobre raça e possuindo a maior fortuna do mundo (pois, filha do príncipe de Parma, desposara um primo igualmente principesco), desejava, em sua gratidão ao Criador, testemunhar ao próximo, por mais pobre ou humilde que fosse, que não o desprezava. Para falar a verdade, os sorrisos poderiam ter-me feito adivinhá-lo, eu vira a princesa, de Luxemburgo comprar pãezinhos de centeio na praia para dá-los à minha avó como se esta fosse um animal do Jardim da Aclimação. Mas ela era apenas a segunda princesa de sangue real a quem me apresentavam, e era desculpável de minha

parte não ter distinguido os traços gerais da amabilidade dos grandes. Aliás, não tinham eles mesmos se dado ao trabalho de me advertir que não levasse muito em conta essa amabilidade, visto que e duquesa de Guermantes, que me fizera tantos acenos na ópera, parecerá estar furiosa por tê-la saudado na rua, como as pessoas que, tendo alguma vez dado um *louís* a alguém, pensam que com isso estão quites para sempre. Quanto ao Sr. de Charlus, seus altos e baixos eram ainda mais contrastantes. Enfim, como veremos, conheci altezas e majestades de outra espécie, rainhas que fazem de rainha, e falam não segundo os hábitos de suas congêneres, e sim como as rainhas das peças de Sardou.

Se o Sr. de Guermantes tivera tanta pressa em apresentar-me é que é intolerável o fato de haver, numa reunião, alguém desconhecido de uma Alteza real, coisa que não pode se prolongar por um segundo. Fora essa mesma pressa que Saint-Loup tivera em se fazer apresentado à minha avó. Ademais, por um resto herdado da vida das cortes que se denomina polidez mundana e que não é superficial, mas em que, por uma ação de fora para dentro, é a superfície que se torna essencial e profunda, o duque em duquesa de Guermantes consideravam como um dever mais essencial o da caridade, da castidade, da piedade e da justiça, tantas vezes negligenciados pelo menos por um deles, o dever mais inflexível de não falar à Princesa de Parma senão na terceira pessoa.

Na falta de ainda não ter ido a Parma (o que desejava desde longínquas férias de Páscoa), conhecer a princesa, que eu sabia possuir o mais belo palácio daquela cidade única, onde aliás tudo devia ser homogêneo e isolado como estava do resto do mundo, entre os muros polidos, na esfera, sufocante como uma tarde de verão sem vento na praça de uma cidadezinha italiana, do seu nome compacto e por demais doce, isso deveria ter substituído de súbito aquilo que eu procurava imaginar pelo que existia de verdade em Parma, numa espécie de chegada fragmentária e sem que me movesse; era, na álgebra da viagem à cidade de Giorgione, como uma primeira equação dessa incógnita. Mas se eu, há muitos anos como um perfumista a um bloco cerrado de matéria graxa -, fizera esse nome de princesa de Parma absorver o perfume de milhares de violetas, em compensação, desde que vi a princesa, que até então estaria convencido tratar-se pelo menos da Sanseverina, uma segunda operação principiou, operação que, a falar a verdade, só terminou alguns meses mais tarde, e que consistiu, com o auxílio de novas compressões químicas, em expelir todo óleo essencial de violetas e todo perfume stendhaliano do nome da princesa e a incorporar nele, em seu lugar, a imagem de uma mulherzinha morena, ocupada em obras de caridade, de uma gentileza de tal modo humilde que se compreendia logo de que orgulho altaneiro essa gentileza se originava. Aliás semelhante, com poucas diferenças, às outras grandes damas, ela era tampouco stendhaliana como, por exemplo, em Paris, no bairro da Europa, a rua de Parma, que se assemelha

muito menos ao nome de Parma que todas as ruas que a circundam e faz pensar menos na Chartreuse onde Fabrice morre do que na sala dos passos perdidos da estação de Saint-Lazare.

Sua gentileza decorria de duas causas. Uma, de caráter geral, era a educação que essa filha de soberanos havia recebido. Sua mãe (não só aliada a todas as famílias reais da Europa, mas ainda em contraste com a casa ducal de Parma mais rica que qualquer princesa reinante) lhe inculcara, desde a mais tenra idade, os preceitos orgulhosamente humildes de um esnobismo evangélico; e agora, cada traço do rosto da filha, a curva de seus ombros, os movimentos de seus braços pareciam repetir:

"Lembra-te que, se Deus te fez nascer sobre os degraus de um trono, não deves te aproveitar da tua situação para desprezar aqueles a quem a divina Providência quis (que ela seja louvada!) que tu fosses superior pelo nascimento e pela fortuna. Pelo contrário, sê bondosa para com os pequenos. Teus avós eram príncipes de Cleves e de Juliers desde 647; Deus, na Sua bondade, quis que possuísses quase todas as ações do canal de Suez e três vezes tantas da *Royal Dutch* quantas possui *Edmond de Rothschild*; tua filiação em linha direta está estabelecida pelos genealogistas desde o ano 63 da era cristã; tens como cunhadas duas imperatrizes. Assim, ao falares, não tenhas nunca o ar de te lembrares de tão grandes privilégios, não que sejam precisos (pois nada se pode mudar à antigüidade da raça e sempre se terá necessidade de petróleo), mas é inútil espalhar que és mais bem-nascida que ninguém e que teus investimentos são de primeira ordem, visto que todos sabem disso. Sê prestativa aos infelizes. Fornece, a todos aqueles que a bondade celestial te fez a graça de pôr abaixo de ti, o que puderes doar sem prejuízo de tua posição, ou seja, recursos em dinheiro, até mesmo cuidados de enfermeira; mas nunca, bem entendido, convites às tuas recepções, o que não lhes faria bem algum, mas, diminuindo o teu prestígio, tiraria à tua ação benfazeja toda a sua eficácia."

Assim, mesmo nos momentos em que não podia fazer o bem, a princesa procurava mostrar, ou melhor, fazer crer por todos os sinais exteriores da linguagem muda, que não se julgava superior às pessoas do meio em que se encontrava. Tinha com cada um essa encantadora polidez que têm para com os inferiores as pessoas bem-educadas, e a todo momento; para se mostrar útil, movia sua cadeira para me dar mais espaço, segurava minhas luvas, oferecia-me todos esses serviços, indignos das orgulhosas burguesas, e que de boa vontade prestam as soberanas ou, instintivamente e por hábito profissional, os antigos criados. O outro motivo de gentileza que me mostrou a princesa de Parma era mais particular, porém de modo algum ditado por uma misteriosa simpatia por mim. Mas essa nova razão, não tive oportunidade de aprofundá-la naquele momento. De fato, o duque, parecendo ter pressa de acabar as apresentações,

arrastara-me para outra das donzelas-flores. Ouvindo o seu nome, disse-lhe que havia passado diante de seu castelo, não longe de Balbec.

- Oh! Como teria ficado feliz em mostrá-lo ao senhor - disse ela quase em voz baixa como para se mostrar mais modesta, mas num sentido, cheio de pena pela ocasião perdida de um prazer especial; e acrescentou com um olhar insinuante: - Espero que nem tudo esteja perdido. E devo dizer que o que lhe teria interessado mais seria o castelo de minha tia Brancas; foi construído por Mansard; é a pérola da província. -

Não é somente ela quem teria ficado contente de mostrar seu castelo, mas tia Brancas, que não ficaria menos encantada em me fazer as honras em seu, pelo que me assegurou essa dama com palavras nada comprometedoras, que, evidentemente, pensava que, sobretudo num tempo em que a terra tende a passar às mãos dos financistas que não sabem viver, o importante é que os grandes mantenham as altas tradições da hospitalidade senhoril. Era também porque ela buscava, como todas as pessoas do seu meio, dizer as coisas que podiam dar o máximo prazer ao interlocutor, dar a mais alta idéia de si mesmo, fazê-lo acreditar que lisonjeava as pessoas a quem escrevia, que honrava seus anfitriões, que todos estavam ansiosos para conhecê-lo. A falar a verdade, existe até mesmo na burguesia às vezes, esse costume de querer dar aos outros uma idéia agradável aos mesmos. Encontra-se nela essa disposição benevolente, a título de qualidade individual que compensa um defeito, não, infelizmente, entre os amigos mais certos, mas pelo menos entre as companheiras mais agradáveis. Em todo caso, floresce completamente isolada. Numa parte importante da aristocracia, ao contrário, esse traço de caráter deixou de ser individual; cultivado pela educação, mantido pela idéia de uma grandeza própria que não pode recear ser humilhada, que não conhece rivais, sabe que por meio da amenidade ela pode fazer as pessoas felizes e se compraz em fazê-las. Isso tornou-se o caráter genérico de uma classe. Até aqueles cujos defeitos pessoais muito opostos os impedem de conservá-lo no coração trazem consigo o seu sinal inconsciente no seu vocabulário ou em sua gesticulação.

- É uma mulher muito bondosa - disse-me o Sr. de Guermantes a respeito da princesa de Parma - e que sabe ser uma "grande dama" como pessoa.

Enquanto eu era apresentado às mulheres, havia um senhor que dava numerosos sinais de agitação: era o conde Hannibal de Bréauté-Consalvi. Tendo chegado tarde, não tivera tempo de se informar acerca dos convivas e, quando entrei no salão, vendo em mim um convidado que não fazia parte da sociedade da duquesa e, portanto, deveria possuir títulos bastante extraordinários para nela penetrar, instalou seu monóculo na curva arcada dos supercílios, pensando que isso o ajudaria muito a distinguir que espécie de homem eu era. Sabia que a Sra. de Guermantes possuía, apanágio precioso das mulheres verdadeiramente

superiores, aquilo a que se chama um "salão", ou seja, acrescentava por vezes às pessoas de seu mundo alguma notabilidade que acabava de revelar a descoberta de um remédio ou a produção de uma obra-prima. O *faubourg* Saint-Germain permanecia ainda sob a impressão de ter sabido que, na recepção oferecida ao rei e à rainha da Inglaterra, a duquesa não temera convidar o Sr. Detaille. As mulheres de espírito do *faubourg* mal se consolavam por não terem sido convidadas, de tanto que estavam interessadas em se aproximar desse gênio estranho. A Sra. de Courvoisier afirmava que também estivera presente o Sr. Ribot, mas tratava-se de uma invenção, destinada a fazer acreditar que Oriane procurava tornar seu marido embaixador. Enfim, para cúmulo do escândalo, o Sr. de Guermantes, com uma galanteria digna do marechal de Saxe, se apresentara no salão da *Comédie Française* e rogara à Srta. Reichenberg que fosse recitar versos diante do rei, o que acontecera e constituíra um fato sem precedentes nos anais das reuniões mundanas. À lembrança de tantos imprevistos (que aliás aprovava plenamente, sendo ele mesmo um ornamento e, assim como a duquesa de Guermantes, porém do masculino, uma consagração para um salão), o Sr. de Bréauté se perguntara quem poderia eu ser, sentia um terreno bem vasto aberto às investigações. Por um momento, o nome do Sr. Widor passou pelo seu espírito; porém julgou que eu era muito jovem para ser um organista, e o Widor bem pouco notável para ser "recebido". Mais verossimilmente, pareceu-lhe ver em mim apenas o novo adido da legação da Suécia, de quem lhe tinham falado; e preparava-se para me pedir notícias do rei Oscar; por quem fora por várias vezes muito bem recebido; mas, quando o duque, para me apresentar, disse meu nome ao Sr. de Bréauté, este, vendo que esse nome lhe era absolutamente desconhecido, já não duvidou desde então encontrando-me ali, que eu fosse alguma celebridade. Decididamente, Oriane não fazia asneiras e conhecia a arte de atrair os homens em evidência, à percentagem de um para cem bem entendido, sem o que teria depreciado o seu salão. O Sr. de Bréauté começou, portanto, a lamber os beiços e a fungar com as gulosas narinas, com o apetite despertado não só pelo bom jantar que estava certo de comer, mas pelo caráter da reunião, que a minha presença não podia deixar de tornar interessante e que lhe forneceria assunto de conversação picante durante o almoço do dia seguinte em casa do duque de Chartres. Ainda não estava bastante certo de saber se eu era o homem de cujo soro contra o câncer acabavam de fazer experiências ou autor cujo próximo anteato se ensaiava no *Théâtre-Français*, mas, grande intelectual, grande entusiasta de "narrativas de viagens", não cessava de multiplicar diante de mim as reverências, os sinais de inteligência, os sorrisos filtrados pelo seu monóculo; seja baseado na idéia falsa de que um homem de valor o estimaria mais se ele conseguisse lhe gravar no espírito a ilusão de que para ele, conde de Bréauté-Consalvi, os privilégios do pensamento não eram menos dignos de respeito que os do berço; seja simplesmente por precisão e

dificuldade de expressar sua satisfação, na ignorância da língua em que deveria falar-me, em suma, como se se achasse a presença de um dos "naturais" de uma terra desconhecida, onde tivesse abordado a sua jangada e com os quais, por esperança de lucro, enquanto observasse curiosamente os seus costumes e sem interromper as demonstrações de amizade e nem de soltar grandes gritos de boa vontade com eles, trataria de trocar ovos de avestruz e especiarias por miçangas. Depois de corresponder da melhor maneira à sua alegria, apertei a mão duque de Châtellerault, que já havia encontrado na casa da Sra. de Villeparisis, da qual dissera-me ele tratar-se de uma espertalhona. Ele era Guermantes, por causa dos cabelos louros, o perfil arqueado, os pontos que se altera a pele do rosto, tudo o que já se vê nos retratos dessa família que nos deixaram os séculos XVI e XVII. Mas, como eu já não amasse a duquesa, sua reencarnação em um rapaz não me servia de atrativo, como o gancho que fazia o nariz do duque de Châtellerault como a assinatura de um pintor que eu tivesse estudado há muito, mas que já não me interessava de modo algum.

Depois, também saudei o príncipe de Foix e, para infelicidade de minhas falanges, que ficaram doloridas, deixei-as serem estreitadas no torno que era o aperto de mãos à alemã, acompanhado de um sorriso irônico ou bonachão, do príncipe de Faffenheim, o amigo do Sr. de Norpois, e a quem, com a mania dos apelidos própria àquele ambiente, chamavam tão universalmente de Príncipe Von, que ele mesmo assinava "Príncipe Von" ou, quando escrevia aos íntimos, "Von". A rigor, essa abreviatura ainda se entendia, por causa da extensão de um nome composto. Porém, menos se poderiam perceber os motivos que faziam substituir Elisabeth ora por Lili ora por Bebeth, como em outra sociedade pululavam os Kikim. Entretanto, explica-se que homens bastante frívolos e ociosos tenham adotado "Quiou", para não perderem tempo dizendo "Montesquiou". Mas percebe-se menos o que ganhavam apelidando um de seus primos Dinand, em vez de Ferdinand. Aliás, não seria preciso acreditar que, para dar apelidos, os Guermantes invariavelmente procedessem à repetição de uma sílaba. Assim, duas irmãs, a condessa de Montpeyroux e a viscondessa de Vélude, ambas de extrema corpulência, nunca se ouviam chamar, sem de modo algum se importarem e sem que ninguém pensasse sequer em sorrir, de tão antigo era o hábito, senão por "Pequena" e "Pequenina". A Sra. de Guermantes, que adorava a Sra. de Montpeyroux, caso esta ficasse gravemente enferma, perguntaria em lágrimas à sua irmã: "É certo que a Pequena está muito mal?"

A Sra. de I'Éclin, que usava cabelos em *bandós* que lhe cobriam totalmente as orelhas, era chamada sempre de "ventre faminto"." Às vezes contentavam-se em acrescentar um “a” ao nome ou sobrenome do marido para designar a esposa. Tendo o homem mais avaro, mais sórdido, mais desumano do *faubourg* o prenome de Raphael, a sua encantadora, a sua flor, saindo também do rochedo,

sempre se assinava Raphaela; mas estas são simples amostras de regras inumeráveis, algumas das quais sempre poderemos explicar quando se apresentar a ocasião.

A seguir, pedi ao duque a apresentação ao príncipe de Agrigento.

- Como, o senhor não conhece este excelente Gri-gri? - exclamou o Sr. de Guermantes, e disse o meu nome ao Sr. d'Agrigento. O nome deste último, tantas vezes citado por Françoise, me aparecera sempre como uma vidraça transparente, sob a qual eu via, batidos pelos raios oblíquos de sol dourado, às margens do mar violáceo, os cubos rosados de uma cidade antiga da qual eu não duvidava que o príncipe de passagem em Paris, por um breve milagre não fosse ele próprio, tão luminosamente siciliano e gloriosamente patinado, o soberano efetivo. Ai de mim, o besouro vulgar que me apresentaram, e que fez umas piruetas para me cumprimentar com uma desenvoltura pesadona que acreditava ser elegante, era tão independente de seu nome como de uma obra de arte que tivesse possuído, sem trazer sobre si nenhum reflexo dela, sem tê-la jamais talvez sequer olhado. O príncipe de Agrigento era tão inteiramente destituído do que quer que fosse de principesco e que pudesse fazer pensar em Agrigento, que era, de se supor que seu nome, completamente distinto dele, ligado por coisa nenhuma à sua pessoa, tivesse tido o poder de atrair a si tudo o que pudesse haver de vaga poesia naquele homem como em qualquer outro, e de encerra-Ia, após essa operação, nas sílabas encantadas. Se a operação havia sofrido, em todo caso fora bem feita, pois não restava um átomo, sequer encanto a extrair desse parente dos Guermantes. De modo que ele era, ao mesmo tempo, o único homem do mundo a ser príncipe de Agrigento talvez o único homem do mundo que o fosse menos. Além disso, muito fazia em sê-lo, mas como um banqueiro se sente feliz por possuir numerosas ações de uma mina, sem se preocupar se essa mina responde pelos belos nomes de mina Ivanhoé e mina Primerose, ou se se chama apenas mira Premier. Entretanto, ao passo que terminavam as apresentações, tão demoradas de se referir, mas que, principiadas desde a minha entrada no salão tinham durado apenas alguns minutos, e que a Sra. de Guermantes, num tom quase suplicante, me dizia:

- Estou certa de que Basin o deixou cansado levando-o assim de uma para outra; queremos que conheça nossos amigos, porém, acima de tudo, desejamos que não se canse para que venha visitar-nos com freqüência.

O duque, com um movimento bastante canhestro e timorato, fez sinal para que servissem o jantar; o que gostaria de ter feito uma hora antes, gasta por mim na contemplação dos Elstirs.

É preciso acrescentar que faltava um dos convidados, o Sr. Grouchy, cuja esposa, nascida Guermantes, viera sozinha, pois o marido devia chegar diretamente da

caça em que passara o dia inteiro. Este Sr. Grouchy, descendente daquele Grouchy do Primeiro império de quem se fala falsamente que sua ausência no começo de Waterloo fora a causa principal da derrota de Napoleão, era de excelente família, no entanto insuficiente aos olhos de certos obstinados pela nobreza. Assim, o príncipe Guermantes, que anos depois deveria ser menos difícil para consigo mesmo tinha o costume de dizer às sobrinhas:

- Que desgraça para essa pobre de Guermantes (a viscondessa de Guermantes, mãe da Sra. de Grouchy), que jamais pôde casar as filhas! - Mas meu tio, a mais velha se casou com o Sr. de Grouchy. Eu não chamo aquilo de marido! Enfim, dizem que o tio François pediu a mão da caçula; assim, não ficarão todas solteiras.

Logo que se deu a ordem de servir à mesa, num vasto estalido giratório, múltiplo e simultâneo, as portas do salão de refeições se abriram de par em par; um mordomo, que parecia um mestre de cerimônias, inclinou-se diante da princesa de Parma e anunciou a notícia: "Madame está servida", num tom que se assemelhava àquele em que teria dito: "Madame agoniza", mas que não lançou qualquer tristeza na assembléia, pois foi com um ar contente e como no verão, em Robinson, que os casais avançaram, um após o outro, na direção da sala de jantar, separando-se ao alcançarem seu posto, onde os lacaios lhes acomodavam as cadeiras às costas; a última, Sra. de Guermantes, caminhou na minha direção para que a conduzisse à mesa e sem que eu experimentasse a menor sombra da timidez que seria de recear, pois, como caçadora a quem uma grande habilidade muscular tornou fácil a graça, sem dúvida, vendo que eu me colocara do lado errado, girou a meu redor com tanta precisão que encontrei seu braço sobre o meu e, naturalmente, enquadrei-me num ritmo de movimentos ajustados e nobres. Obedeci-lhes com tanto mais facilidade quanto os Guermantes não davam a isso mais importância que, à ciência, um verdadeiro sábio, em cuja casa nos sentimos menos intimidados que na de um ignorante; abriram-se outras portas, por onde entrou a sopa fumegante, como se o jantar ocorresse num teatro de marionetes habilmente montado e onde a chegada tardia do jovem convidado pusesse, a um sinal do dono, todas as engrenagens em ação.

Tímido, e não majestosamente soberano, fora aquele sinal do duque, ao qual correspondera o desencadeamento daquela vasta, engenhosa, obediente e opulenta relojoaria mecânica e humana. A indecisão do gesto não prejudicou, a meu ver, o efeito do espetáculo que lhe era subordinado. Pois eu sentia que o que o fizera hesitante e embaraçado fora o temor de me deixar ver que só esperavam por mim para jantar e que me haviam esperado por muito tempo, assim como a Sra. de Guermantes temia que me cansassem depois de eu ter olhado tantos quadros e não me deixassem tomar fôlego, apresentando-me a jato contínuo. De modo que era a falta de grandeza no gesto que revelava a grandeza

verdadeira, assim como aquela indiferença do duque no que diz respeito ao seu próprio luxo e às suas atenções para com um convidado, insignificante em si mesmo, mas a quem desejava honrar. Não é que o Sr. de Guermantes não fosse, sob certos aspectos, bastante comum e não tivesse mesmo ridículo de homem excessivamente rico, e o orgulho de um arrivista que ele não era. Porém, assim como funcionário ou um padre vêem seu talento medíocre multiplicado ao infinito (como uma onda por todo o mar que se comprime atrás dela) por aquelas forças em que se apóiam, a Administração francesa e a Igreja católica; assim o Sr. de Guermantes era levado por essa outra força, a mais genuína polidez aristocrática. Tal polidez exclui muitas pessoas. A Sra. de Guermantes não teria recebido a Sra. de Cambremer ou o Sr. de Forcheville. Mas, no momento em que alguém, como era o meu caso, parecesse capaz de agregado ao meio Guermantes, essa polidez descerrava tesouros de simplicidade hospitaleira mais magníficos ainda, se possível, do que esses velhos salões, esses móveis maravilhosos que aí se conservavam. Quando queria aprazer a alguém, o Sr. de Guermantes tinha assim para fazer dele nesse dia o personagem principal, uma arte que sabia aproveitar as circunstâncias e o local. Sem dúvida, em Guermantes, suas "distinções" e suas "graças" tomariam outra forma. Mandaria atrelar o carro para levar-me a passear sozinho com ele antes do jantar. Tais como eram, a gente se sentia sensibilizado por suas maneiras, como nos sentimos, ao ler *Memórias do tempo, pelas mãos de Luís XIV*, quando responde bondosamente, com ar risonho e uma meia reverência, a algum solicitante. Nos dois casos é preciso ainda compreender que semelhante polidez não vai além do que a palavra significa. Luís XIV (a que, no entanto, os fanáticos da nobreza de seu tempo censuram sua pouca preocupação com a etiqueta, embora, diz Saint-Sim ele tenha sido apenas um rei muito pequeno para o seu posto em comparação com Filipe de Valois, Carlos V, etc.) manda redigir as mais minuciosas instruções para que os príncipes da casa real e os embaixadores saibam a que soberanos devem abrir passagem. Em certos casos, diante da impossibilidade de chegar a um acordo, prefere-se convir que o filho de Luiz XIV, Monsenhor, só receberá determinado soberano estrangeiro fora, ao livre, para que não se diga que, entrando no castelo, um precedeu o outro e o Eleitor paladino, ao receber o duque de Chevreuse para jantar, finge de doente para não ceder a mão, e janta com ele, mas deitado, o que contou a dificuldade. O Senhor Duque, evitando as ocasiões de ser preposto serviço de Monsieur, faz com que este, a conselho do rei, seu irmão, que aliás gosta muito dele, arranje um pretexto para mandar subir o primo a seus aposentos e obrigá-lo a apresentar-lhe a camisa. Mas, quando se trata de um sentimento profundo, de coisas do coração, o dever, tão inflexível se cuidar de polidez, muda completamente. Algumas horas após a moléstia desse irmão, uma das pessoas que lhe foram mais queridas, sua Monsieur, segundo a expressão do duque de Montfort, está "ainda muquente",

Luís XIV canta árias de óperas, espanta-se de que a duquesa de Bourgogne, que mal consegue dissimular sua dor, tenha um ar tão melancólico, e, querendo que a alegria recomece logo, para que os cortesãos se decidam a voltar ao jogo, ordena ao duque de Bourgogne que inicie uma partida de *brelan*. Ora, não só nas ações mundanas e comedidas, mas na linguagem mais involuntária, nas preocupações, no emprego do tempo do Sr. de Guermantes, encontrava-se o mesmo contraste: os Guermantes não sentiam mais desgostos que os outros mortais, pode-se até dizer que sua verdadeira sensibilidade era menor; em compensação, seu nome era visto todos os dias nas notas sociais do *Galois* por causa do prodigioso número de enterros em que julgariam culpável não se inscrever. Como o viajante encontra, quase idênticas, as casas cobertas de terra, os terraços que Xenofonte e São Paulo poderiam ter conhecido, do mesmo modo nas maneiras do Sr. de Guermantes, homem comovente de amabilidade e revoltante de dureza, escravo das menores obrigações e indiferente aos mais sagrados pactos, eu encontrava ainda intacto, após decorridos mais de dois séculos, esse desvio próprio à vida da corte sob Luís XIV e que transporta os escrúpulos de consciência do domínio das afeições e da moralidade para as questões de pura forma.

A outra razão da amabilidade que me demonstrou a princesa de Parma era mais particular. É que estava previamente convencida de que tudo o que via na casa da duquesa de Guermantes, coisas e pessoas, era de qualidade superior a tudo o que possuía em sua casa. Na casa de todas as outras pessoas, ela agia, na verdade, como se assim fosse; frente ao prato mais simples, às flores mais comuns, ela não se contentava em se extasiar, pedia licença para já no dia seguinte mandar buscar a receita ou examinar a espécie pelo seu cozinheiro ou jardineiro-chefe, personagens de gordos salários, que tinham seu carro particular e sobretudo pretensões profissionais, e que se sentiam muito humilhados por virem variedade de cravos que não era nem pela metade mais linda, nem tão matizada, e nem tão grande quanto às dimensões das flores, como as que eles tinham obtido há muito tempo na casa da princesa. Mas, se, da parte desta, na casa de todos, esse espanto diante das menores coisas era fictício e destinado a mostrar que ela não extraía da superioridade de sua classe e de suas riquezas um orgulho proibido pelos seus antigos preceptores, dissimulado por sua mãe e insuportável aos olhos de Deus, em compensação era com toda a sinceridade que olhava o salão da duquesa de Guermantes como um lugar privilegiado onde só podia passar de surpresas a delícias. Aliás, de um modo geral, mas que seria bem insuficiente para explicar esse estado de espírito, os Guermantes eram muito diversos do resto da sociedade aristocrática; eram mais preciosos e mais raros. À primeira vista, me haviam dado uma impressão contrária; achara-os vulgares, parecidos com todos os homens e todas as mulheres, mas porque, previamente, eu vira neles, como em Balbec, em Florença, em Parma, somente os nomes. É claro que, neste salão,

todas ao mulheres que imaginara como estatuetas de Saxe afinal se assemelhavam mais à grande maioria das mulheres. Porém, assim como em Balbec ou Florença, os Guermantes, depois de terem desapontado a imaginação popular que se pareciam mais a seus semelhantes do que a seu nome, podiam seguir, embora em grau menor, oferecer à inteligência certas particularidades que os distinguiam. Até o seu físico, a cor de um rosado especial de sua carnação, que às vezes ia até o violáceo, um certo louro quase luminoso dos cabelos delicados, mesmo entre os homens, condensados em tufos dourados e macios, metade de *líquens paritários* e metade de *pelagfelina* (fulgor luminoso a que correspondia um certo brilho de inteligência pois, se diziam a pele e os cabelos dos Guermantes, dizia-se também o espírito dos Guermantes, como o espírito dos Mortemart uma certa qualidade social mais refinada desde antes de Luís XIV e tanto mais reconhecida por todos quanto eles mesmos a promulgavam), tudo isso fazia com que, na própria matéria, por mais preciosa que fosse, da sociedade aristocrática onde os encontravam envolvidos aqui e ali, os Guermantes permanecessem reconhecíveis, fáceis de discernir e de seguir, como os fios que entremeiam com seu louro o jaspe e o ônix, ou, melhor ainda, como a ondulação dessa cabeleira de claridade cujas crinas despenteadas correm como raios flexíveis nos flancos da ágata musgosa.

Os Guermantes, pelo menos os dignos desse nome, não eram apenas de uma qualidade de carnação, de cabelo, de olhar transparente refinado, mas possuíam uma maneira de andar, uma postura, uma forma de saudar, de olhar antes de apertar a mão, pelas quais eram tão diferentes em tudo isso de qualquer homem mundano como este de um camponês em mangas de camisa. E apesar de sua amabilidade, as pessoas diziam: "Não têm eles verdadeiramente direito, conquanto o dissimulem, quando nos vêem andar, saudar, sair'' todas essas coisas que, cumpridas por eles se tornariam tão graciosas como o vôo das andorinhas ou a inclinação da rosa, de pensar: ''Eles são de uma raça diferente da nossa, e nós somos príncipes da Terra?" Mais tarde, compreendi que os Guermantes me julgavam de fato pertencente a outra raça, mas que excitava a sua inveja, que eu possuía méritos que ignorava e que eles professavam considerar únicos importantes. Ainda mais tarde, senti que essa profissão de fé só era meio sincera e que, neles, o desdém ou o espanto coexistiam com a admiração e a inveja.

A flexibilidade física essencial aos Guermantes era dupla; graças a uma, sempre em ação, a todo momento, e se, por exemplo, um Guermantes macho ia saudar uma dama, obtinha uma silhueta de si mesmo feita do equilíbrio instável de movimentos assimétricos e nervosamente compensados, uma perna arrastando um pouco, seja de propósito, seja porque, tendo sido muitas vezes fraturada na caça, imprimia ao torso, para alcançar a outra perna, um desvio a que a subida de uma espádua fazia contrapeso, enquanto o monóculo se instalava no olho,

levantando uma sobrancelha no mesmo instante em que o topete dos cabelos se abaixava para a saudação; a outra flexibilidade, como a forma da onda, do vento ou da estria guardada para sempre pela concha ou pelo barco, estilizara-se, por assim dizer, em uma espécie de mobilidade fixa, encurvando o nariz agudo que, sob os olhos azuis à flor da pele, acima dos lábios muito delgados, de onde saía, nas mulheres, uma voz rouca, lembrava a origem fabulosa, apontada no século XVI pela boa vontade dos genealogistas parasitas e helenizantes dessa raça, antiga sem dúvida, mas não até o ponto que pretendia quando lhes davam por origem a fecundação mitológica de uma ninfa por um pássaro divino.

Os Guermantes não eram menos especiais do ponto de vista intelectual que do ponto de vista físico. Salvo o príncipe Gilbert (o marido, de idéias antiquadas, de "Marfe Gilbert" e que fazia sua mulher sentar-se à esquerda quando passeavam de carro, porque ela era de sangue menos bom, embora real, do que ele; mas ele era uma exceção e, ausente, era objeto de zombarias na família e de anedotas sempre novas), os Guermantes, mesmo vivendo na pura nata da aristocracia, afetavam não fazer caso algum da nobreza. As teorias da duquesa de Guermantes, que, a falar a verdade, à força de ser Guermantes, se tornava em certa medida alguma coisa de diverso e mais agradável, de tal modo punham a inteligência acima de tudo e eram em política tão socialistas que a gente se indagava onde, no seu palácio, se escondia o gênio encarregado de assegurar a manutenção da vida aristocrática, e que, sempre invisível, mas evidentemente oculto ora na antecâmara, ora no salão, ora no gabinete de toalete, lembrava aos criados dessa mulher que não acreditava em títulos que a tratassem por Senhora Duquesa, a essa pessoa que só gostava da leitura e não tinha qualquer respeito humano, que fosse jantar em casa de sua cunhada quando dessem as oito horas e que se decotasse para isso. O mesmo gênio da família apresentava à Sra. de Guermantes a situação das duquesas, pelo menos das primeiras dentre elas e, como ela, multimilionárias, o sacrifício a aborrecidos chás, a jantares na cidade, reuniões, de horas em que ela teria podido ler coisas interessantes, como necessidades desagradáveis análogas à chuva, e que a Sra. de Guermantes aceitava exercendo sobre elas a sua verve frondosa, mas sem ir ao ponto de procurar os motivos de sua aceitação. Este curioso efeito do acaso, que o mordomo da Sra. de Guermantes sempre dissesse "Senhora Duquesa" a essa mulher que só acreditava na inteligência, contudo não parecia chocá-la. Nunca pensara em pedir-lhe que dissesse "senhora" simplesmente. Levando a boa vontade até seus extremos limites, poder-se-ia acreditar que, distraída, ela ouvisse apenas "Senhora" e que o apêndice verbal que lhe era acrescentado passava despercebido; unicamente, se ela se fingia surda, não era muda. Ora, de cada vez que precisava dar um recado ao marido, dizia ao mordomo: "Lembre ao Senhor Duque..."

Aliás, o gênio da família tinha outras ocupações; por exemplo, fazer falar de moral. Certamente, havia Guermantes mais especialmente inteligentes, Guermantes mais especialmente moralistas, e de hábito não eram os mesmos. Mas os primeiros mesmo um Guermantes que cometera falsificações e trapaceava no jogo, e era o mais delicioso de todos, aberto à todas as idéias novas e justas tratavam ainda melhor da moral que os segundos, e da mesma forma que a Sra. de Villeparisis, nos momentos em que o gênio da família se exprimia pela boca da velha dama. Em momentos idênticos, via-se de repente os Guermantes assumirem um tema quase tão antiquado, tão bonachão e, devido ao seu maior encanto, mais comovente, quanto o da marquesa, para dizer de uma criada:

- Sente-se que no fundo ela é boa, não é vulgar; deve ser filha de gente direita, certamente sempre se conservou no bom caminho. -

Nesses momentos, o gênio da família se transformava em entonação. Mas às vezes era também um jeito, expressão fisionômica, a mesma na duquesa e no seu avô, o marechal, uma espécie de inapreensível convulsão (semelhante à da Serpentes gênio cartaginês da família Barca), e que várias vezes me fizera bater o coração, em seus passeios matinais, quando, antes de ter reconhecido a duquesa de Guermantes, sentia-me encarado por ela do fundo de uma pequena loja de laticínios. Esse gênio interviera numa circunstância que estava longe de ser indiferente não só aos Guermantes, mas aos Courvoisiers; a parte adversa da família e, embora de tão bom sangue como os Guermantes, o exato oposto deles (era até por sua avó Courvoisier que os Guermantes explicavam o preconceito do príncipe de Guermantes de sempre falar em nascimento e nobreza, como se tratasse da única coisa a ter importância).

Não só os Courvoisiers não reservavam à inteligência, o mesmo nível que os Guermantes, mas dela não tinham a mesma idéia. Para um Guermantes (mesmo que imbecil), ser inteligente era ter a língua ferina, ser capaz de dizer coisas maldosas, ganhar a vez; era também poder discutir com a gente tanto sobre pintura como sobre arquitetura, sobre música, falar inglês. Os Courvoisiers faziam da inteligência uma idéia menos favorável e, por pouco que alguém não pertencesse ao seu mundo, ser inteligente não estava longe de significar "ter provavelmente assassinado pai e mãe". Para eles, a inteligência era a espécie de "pé-de-cabra" graças à qual as pessoas que não se conheciam nem de Eva nem de Adão forçavam as portas dos salões mais respeitados, e, na casa dos Courvoisiers, sabia-se que sempre acabava saindo caro receber semelhante "gentinha". Às mais insignificantes asserções das pessoas inteligentes que não eram da alta sociedade, os Courvoisiers opunham uma desconfiança sistemática. Tendo alguém dito certa vez:

"Mas Swann é mais jovem que Palamede. Pelo menos ele o diz, e, se o diz,

esteja certo de que tem interesse nisso" - respondera a Sra. de Gallardon. Além disso, como se comentasse a respeito de duas estrangeiras muito elegantes que os Guermantes recebiam, que haviam feito passar em primeiro lugar uma delas por ser a mais velha: "Mas será mesmo a mais velha?" indagara a Sra. de Gallardon, não, positivamente, como se esse tipo de pessoas não tivesse idade, mas como se, verossimilmente desprovidas de estado civil e religioso, de seguras tradições, elas fossem mais ou menos jovens como as gatinhas de uma mesma ninhada, entre as quais somente um veterinário poderá decidir-se. Num sentido, melhor que os Guermantes, os Courvoisiers mantinham aliás a integridade da nobreza, graças, a um tempo, à estreiteza de seu espírito e à maldade de seu coração. Assim como os Guermantes (para quem, acima das famílias reais e de algumas outras como os Lignes, os La Tremoïlles, etc., todo o resto se confundia num vago rebotalho) eram insolentes para com as pessoas de raça antiga que moravam nos arredores de Guermantes, precisamente porque não davam atenção a esses méritos de segunda categoria de que se ocupavam grandemente os Courvoisiers, a falta desses méritos pouco lhes importava. Certas mulheres que não desfrutavam de posição muito elevada em sua província, mas, esplendidamente casadas, ricas, bonitas, queridas pelas duquesas, eram para Paris, onde se está pouco a par de "pai e mãe", um excelente e elegante artigo de importação. E podia ocorrer, conquanto raramente, que tais mulheres fossem, através da princesa de Parma ou em virtude de seu encanto pessoal, recebidas em casa de certas Guermantes. Mas a seu respeito jamais se desarmava a indignação dos Courvoisiers. Encontrar entre as cinco e as seis, na casa de sua prima, pessoas com cujos pais os seus pais não gostavam de conviver no *Perche* tornava-se para eles um motivo de raiva crescente e um tema de inesgotáveis invectivas. Assim que, por exemplo, a encantadora condessa G*** entrava na casa dos Guermantes, o rosto da Sra. de Villebon tomava precisamente a expressão que assumiria caso tivesse de recitar o verso:

“E se restar apenas um, este serei eu” verso que aliás desconhecia. Esta Courvoisier, quase todas as segundas, comera bombas de creme a poucos passos da condessa G***, mas sem resultado. E a Sra. de Villebon confessava em segredo que não podia conceber como sua prima Guermantes recebia uma mulher que nem sequer pertencia à segunda sociedade em Châteaudun.

- De fato, não vale a pena que minha prima seja tão difícil em sua relação; isso já é zombar da sociedade - concluía a Sra. de Villebon com diversa expressão no rosto, esta sorridente e maliciosa no desespero, e à qual um jogo de adivinhação antes aplicaria outro verso, que a condessa naturalmente também não conhecia:

“Graças aos deuses! Minha desgraça é superior à minha esperança”

De resto, antecipemo-nos aos acontecimentos dizendo que a "perseverança", rima da "esperança" no verso seguinte, da Sra. de Villebon em esnobar a Sra.

G*** não foi de todo inútil. Aos olhos da Sra. G***, ela dotou a Sra. de Villebon de um prestígio tal, aliás puramente imaginário, que, quando a filha da Sra. G***, que era a mais bela e mais rica dos bailes da época, chegou à idade de se casar, espantaram-se ao vê-la recusar todos os duques. É que sua mãe, lembrando-se das afrontas semanais que suportara na rua de Grenelle em recordação de Châteaudun, só desejava um marido para a filha: um rapaz da família Villebon.

Em apenas um ponto os Guermantes e os Courvoisiers se encontravam: era a arte, aliás infinitamente variada, de marcar as distâncias. As maneiras dos Guermantes não eram inteiramente uniformes em todos. Mas, por exemplo, todos os Guermantes, dentre os que o eram de verdade, quando vos apresentavam a eles, procediam com uma espécie de cerimônia, mais ou menos como se o fato de vos estenderem a mão fosse tão considerável como se se cuidasse de vos sagrar cavaleiro. No momento em que um Guermantes, mesmo que tivesse apenas vinte anos, mas já caminhando nas pegadas dos mais velhos, ouvia vosso nome pronunciado pelo apresentador, deixava cair sobre vós, como se de modo algum se decidisse a cumprimentar-vos, um olhar em geral azul, sempre da frieza de uma lâmina, que parecia pronto a mergulhar nos mais fundos recessos do vosso coração. Aliás, era o que os Guermantes julgavam estar fazendo na verdade, visto que todos se achavam uns psicólogos de primeira ordem. Com esse exame, pensavam aumentar ainda mais a amabilidade da saudação que se seguiria e que não vos seria dada a não ser com pleno conhecimento de causa. Tudo isto se passava a uma distância de vós que, por pequena que fosse, se se tratasse de combate de esgrima, parecia enorme para um aperto de mão e gelava, neste como no primeiro caso, de modo que, quando o Guermantes, depois de uma rápida invasão aos últimos esconderijos de vossa alma e de vossa honorabilidade, vos julgara digno de vos encontrardes com ele daí em diante, sua mão, dirigida para vós na extremidade de um braço estendido em todo o seu comprimento, dava a impressão de vos apresentar um florete para um combate singular, e essa mão estava enfim tão longe do Guermantes nesse momento que, quando ele então inclinava a cabeça, era difícil distinguir se estava saudando a vós ou à sua própria mão. Certos Guermantes, não tendo o senso da medida, ou sendo incapazes de não se repetirem sem cessar, exageravam ao recomeçar tal cerimônia cada vez que vos encontrassem. Já que não mais precisavam proceder ao prévio exame psicológico para o qual o "gênio da família" lhes delegara seus poderes e de cujos resultados deviam se lembrar, a insistência do olhar perfurante que precedia o aperto de mão só podia explicar-se pelo automatismo que esse olhar adquirira, ou então por algum dom de fascínio que os Guermantes julgavam possuir.

Os Courvoisiers, cujo físico era diferente, tinham tentado em vão assimilar tal saudação perscrutadora e se restringiram à rigidez altiva ou à rápida negligência.

Em compensação, era aos Courvoisiers que algumas raríssimas Guermantes pareciam ter tomado de empréstimo a saudação das damas. Com efeito, no momento em que alguém vos apresentasse a uma dessas Guermantes, ela vos fazia um grande cumprimento no qual aproximava de vós, mais ou menos num ângulo de quarenta e cinco graus, a cabeça e o busto, ficando imóvel a parte inferior do corpo (muito alta até a cintura, que servia de eixo). Porém, mal desse modo projetara em vossa direção a parte superior de sua pessoa, logo a lançava para trás além da vertical, com uma brusca retirada aproximadamente igual de comprimento. A inversão consecutiva neutralizava o que vos parece ter sido concedido, o terreno que julgastes haver ganho nem mesmo ficava adquirido, como em matéria de duelo, e as posições primitivas eram guardadas.

Essa mesma anulação da amabilidade pela retomada das distâncias (que, de origem, era Courvoisier e destinada a mostrar que antecipações feitas no primeiro movimento não passavam de um disfarce instantâneo) se manifestava de modo bem claro, tanto nas Courvoisier como nas Guermantes, nas cartas que delas se recebiam, ao menos durante os primeiros tempos de sua convivência. O "corpo" da carta por conter frases que não se escreveriam, parece, senão a um amigo, mas é em vão que pensaríeis poder gabar-vos de ser o amigo da dama, pois carta começava por: "Senhor" e terminava por: "Creia, Senhor, nos meus melhores sentimentos." E logo, entre esse frio começo e o fim glacial que mudava o sentido de tudo o mais, poderiam suceder-se (se se tratasse de uma carta em resposta a uma outra vossa de condolências) as mais importantes pinturas do desgosto que a Guermantes tivera ao perder a irmã, da intimidade que existira entre elas, das belezas da região onde ela passava as férias, dos consolos que encontrava no encanto dos netinhos, mas tudo isso não passava de uma carta como as que se encontram nas coleções; cujo caráter íntimo, no entanto, não implicava maior intimidade entre você e a missivista do que se se tratasse de Plínio o Jovem ou da Sra. de Guermantes.

É verdade que certas Guermantes vos escreviam, das primeiras vezes, "meu caro amigo", "meu amigo": não eram sempre as mais simples dentre elas, mas antes aquelas que, vivendo apenas no meio de reis e, por outro lado, sendo "levianas", tinham a certeza de que, no seu orgulho, que provinha delas causava prazer e, em sua corrupção, possuíam o há de não regatear nenhuma das satisfações que pudessem oferecer. Aliás como bastava que tivessem uma trisavó comum nos tempos de Luís XIII que um jovem Guermantes dissesse, falando da marquesa de Guermantes da “tia Adam", tão numerosos eram os Guermantes que, mesmo para os simples rituais, o do cumprimento de apresentação, por exemplo, era muitas variantes. Cada subgrupo um tanto refinado possuía a sua, que transmitida de pais a filhos como uma receita de vulnerário ou uma forma própria de preparar doces. Era assim que se via o punho da mão de Saint-Loup se

destacar, como que a contragosto, no momento em que ouvi vosso nome, sem participação do olhar, sem acréscimo da saudação. O desgraçado plebeu que por um motivo especial o que de resto bem raramente era apresentado a alguém do subgrupo Saint-Loup, abaixava a cabeça diante daquele mínimo tão brusco de saudação, que voluntariamente revestia as aparências da inconsciência, para saber o que o Guermantes poderia ter contra ele. E ficava bastante espantado aos que esta ou aquele julgava oportuno escrever muito especialmente ao apresentador, para lhe dizer o quanto lhe agradara a pessoa apresentada e ele ou ela esperava voltar a vê-lo. Tão particularizados como os gestos mecânicos de Saint-Loup eram os saltos de dança complicados e rápidos (julgados ridículos pelo Sr. de Charlus) do marquês de Fierbois e os passos graves e medidos do príncipe de Guermantes. Mas é impossível descrever aqui a riqueza dessa coreografia dos Guermantes por causa da extensão mesma do corpo de baile.

Para voltar à antipatia que animava os Courvoisiers contra a duquesa de Guermantes, poderiam os primeiros ter tido o consolo de lastimá-la quando solteira, pois então possuía pouco dinheiro. Infelizmente, uma espécie de emanação fuliginosa e *sui generis* ocultava, furtava aos olhos todo o tempo, a riqueza dos Courvoisiers que, por maior que fosse, permanecia obscura. Uma Courvoisier extremamente rica em vão desposava um grande partido; ocorria sempre que o jovem casal não possuía domicílio próprio em Paris, onde "parava" em casa dos sogros, e no resto do ano vivia na província em meio a uma sociedade sem mistura, mas também sem brilho. Enquanto Saint-Loup, que só possuía dívidas, deslumbrava Doncieres com suas parelhas de cavalos, um Courvoisier muito rico nunca ali tomava senão o trem. Inversamente, e aliás muitos anos antes, a Srta. de Guermantes (Oriane), que não possuía grande coisa, fazia mais falar de suas toaletes do que todas as Courvoisiers juntas das suas. Até mesmo o escândalo de suas frases era uma espécie de propaganda do seu modo de se vestir e de se pentear. Ela ousara dizer ao grão-duque da Rússia:

- Vejamos, Monsenhor, parece que deseja mandar assassinar Tolstoi? - num jantar ao qual não tinham convidado os Courvoisiers, aliás pouco informados sobre Tolstoi. E não o eram muito mais acerca dos autores gregos, a julgar pela duquesa de Gallardon, sogra da princesa de Gallardon (então ainda solteira), que, não tendo sido honrada uma só vez, nos últimos cinco anos, por uma visita de Oriane, respondera a alguém que lhe havia perguntado pelos motivos de sua ausência:

- Parece que ela recita Aristóteles (ela queria dizer Aristófanes) na sociedade. Não tolero isto em minha casa!

Pode-se imaginar o quanto aquela "tirada" da Srta. de Guermantes sobre Tolstoi, se indignava os Courvoisiers, deixava maravilhados os Guermantes, e, desse modo, todos os que lhes estavam ligados, não só perto como de longe. A condessa

viúva de Argencourt, nascida Seineport, que recebia um pouco a todo o mundo porque era uma literata, embora seu filho fosse um tremendo esnobe, contava a frase diante dos letrados dizendo:

- Oriane de Guermantes, que é fina como o coral, maliciosa como o macaco, dotada para tudo, que faz aquarelas dignas de um grande pintor e versos como os fazem muito poucos poetas e, bem sabem, como família é o que existe de mais elevado; sua avó era Srta. de Montpensier, e ela é a décima oitava Oriane de Guermantes sem uma aliança desigual, o sangue mais puro e mais antigo da França. -

Assim, os falsos honrados de letras, os semi-intelectuais que a Sra. de Argencourt recebia, imaginavam de Oriane de Guermantes, que jamais teriam oportunidade de conhecer pessoalmente, como algo de mais maravilhoso e mais extraordinário que a princesa Badrulbudur, não só sentiam-se prontos para morrer por ela ao saber que uma pessoa tão nobre glorificava Tolstoi acima de tudo, mas sentiam também que no seu espírito recobrava novas forças o seu próprio amor por Tolstoi e seu desejo de resistência ao czarismo. Essas idéias liberais podia ter se debilitado neles, poderiam eles ter duvidado de seu prestígio, no ousando mais confessá-las, quando subitamente da própria Srta. de Guermantes, ou seja, de uma jovem tão indiscutivelmente preciosa e autorizada, de cabelos caídos sobre a testa (o que uma Courvoisier jamais teria consentido em usar), lhes vinha um tal auxílio. Desse modo, certo número de boas ou más realidades ganham muito em receber a adesão de pessoas que têm autoridade sobre nós. Por exemplo, entre os Courvoisiers, os ritos de amabilidade na rua compunham-se de um certo cumprimento, feio e pouco amável em si mesmo, mas de que se sabia ser a maneira distinta de cumprimentar, de forma que todo mundo, eliminando o sorriso e a boa acolhida, se esforçava por imitar essa ginástica fria. Mas Guermantes, em geral, e particularmente Oriane, conhecendo melhor que ninguém esses ritos, não hesitavam, ao avistar-nos de um carro, em não fazer uma saudação gentil com a mão e, num salão, deixando os Courvoisiers fazerem suas saudações rígidas e emprestadas, esboçavam encantadoras reverências, estendendo-nos a mão como a um camarada, sorrindo com seus olhos azuis, de modo que, de repente, graças aos Guermantes entrava na substância da distinção, até aí um tanto vazia e seca, tudo naturalmente nos agradaria, e que nos empenháramos em anular, a acolhida, a expansão de uma amabilidade verdadeira, a espontaneidade. Da mesma forma, porém devido a uma reabilitação dessa vez pouco justificada é que as pessoas que mais entranhado têm o gosto da música medíocres, das melodias, por banais que sejam, que têm algo de acariciante e chegam, graças à cultura sinfônica, a mortificar esse gosto em si mesmo. Mas, uma vez chegadas a esse ponto, quando maravilhadas com razão deslumbrante colorido orquestral de Richard Strauss, vêem este mesmo acolher, com uma indulgência digna de Auber, o motivo mais vulgar que essas pessoas apreciam encontra de súbito uma justificativa em autoridade tão alta, que as extasia e elas se encantam sem escrúpulos com uma gratidão dobrada, ao ouvir Salomé, com o que lhes era proibido apreciar nos Diamantes da Coroa.

Autêntica ou não, a apóstrofe da Srta. de Guermantes ao grão-duque, divulgada de casa em casa, era ocasião para contar com que elegância excessiva Oriane se apresentara naquele jantar. Mas, se o luxo (o que precisamente a tornava inacessível aos Courvoisiers) não nasce da riqueza, mas da prodigalidade, esta

ainda dura mais tempo, enfim, se é sustentada pela primeira, que lhe permite então exibir todo o seu brilho. Ora, em vista dos princípios alardeados não só por Oriane, mas pela Sra. de Villeparisis, a saber, que a nobreza não conta, que é ridículo preocupar-se com a estirpe, que a fortuna não traz felicidade, que só a inteligência, o coração e o talento têm importância, os Courvoisiers podiam esperar que, em virtude dessa educação que ela recebera da marquesa, Oriane se casaria com alguém que não pertencesse à alta sociedade, um artista, um condenado da justiça, um pobretão, um livre-pensador, que ela entraria definitivamente para a categoria que os Courvoisiers denominavam "os transviados". Tanto mais podiam esperá-lo, considerando que a Sra. de Villeparisis, atravessando naquele momento, do ponto de vista social, uma crise difícil (nenhuma das raras pessoas brilhantes que encontrei em sua casa voltara ainda ao seu convívio), ostentava um horror profundo à sociedade que a mantinha afastada.

Mesmo quando falava de seu sobrinho, o príncipe de Guermantes, que a visitava, não eram poucas as zombarias que lhe fazia, porque ele era muito presumido com sua nobreza. Mas, no próprio instante em que se tratava de encontrar um marido para Oriane, já não tinham sido os príncipes escarnecidos pela tia e a sobrinha a ganharem a disputa; fora o misterioso "gênio da família". Tão infalivelmente, como se a Sra. de Villeparisis e Oriane nunca tivessem falado senão de títulos de renda e de genealogias, em vez de mérito literário e qualidades de coração, e como se a marquesa estivesse por alguns dias como estaria mais tarde morta e enterrada na igreja de Combray, onde cada membro da família não passava de um Guermantes, com uma privação de individualidade e de pronomes de que dava fé, sobre os grandes cortinados negros, o solitário G de púrpura, encimado pela coroa ducal; fora sobre o homem mais rico e mais bem-nascido, sobre o maior Partido do *faubourg* Saint-Germain, o filho mais velho do duque de Guermantes, o príncipe des Laumes, que o gênio da família fizera recair a escolha da intelectual, desrespeitosa e evangélica Sra. de Villeparisis. E, durante duas horas, no dia do casamento, a Sra. de Villeparisis teve em sua casa todas as pessoas da nobreza de quem troçava, de quem troçou até com os poucos burgueses íntimos que havia convidado e com quem o príncipe des Laumes deixou cartões antes de "cortar as amarras" logo no ano seguinte. Para cúmulo do desespero dos Courvoisiers, as máximas que fazem das iniciais e do talento as únicas superioridades sociais começavam a ser declamadas na casa da princesa des Laumes logo após o casamento. E diga-se de passagem, a esse respeito o ponto de vista defendido por Saint-Loup, quando vivia com Rachel, freqüentava os amigos de Rachel, desejava se casar com Rachel, comportava por mais horror que inspirasse à família menos mentira que o das senhoritas Guermantes em geral, enaltecendo a inteligência, quase não admitindo que se pusesse em dúvida a igualdade dos homens, enquanto tudo isso

levava precisamente ao mesmo resultado de que se elas houvessem professado máximas contrárias, isto é, a casar com um duque riquíssimo. Ao contrário, Saint-Loup agia de acordo com suas teorias, o que fazia dizerem que estava em mau caminho. Certamente do ponto de vista moral, Rachel de fato era pouco satisfatória. Mas não é certo que, se uma pessoa não valesse mais, porém fosse duquesa ou possuísse muitos milhões, a Sra. de Marsantes fosse desfavorável ao casamento.

Ora, para regressar à Sra. de Laumes (logo depois duquesa da Guermantes pela morte do sogro), foi um acréscimo de pena infligido aos Courvoisiers, que as teorias da jovem princesa, ficando desse modo em sua linguagem, em nada norteassem a sua conduta; pois assim, tal filosofia (se se pode falar deste jeito) não prejudicava em coisa alguma a elegância aristocrática do salão Guermantes. Está visto que todas as pessoas que a Sra. de Guermantes não recebia imaginavam que era por não serem bastante inteligentes; e determinada americana rica, que jamais possuíra outro livro senão um pequeno exemplar antigo, jamais aberto, de poesias colocado, por ser "da época", sobre um móvel de seu gabinete, mostrava apreço que dava às qualidades do espírito pelos olhares famintos que lançava sobre a duquesa de Guermantes quando esta entrava na Ópera. Sem dúvida, a Sra. de Guermantes também se mostrava sincera quando elegia uma pessoa devido à sua inteligência. Quando dizia de uma mulher: parece que é "encantadora", ou de um homem, que era tudo o que há de mais inteligente, não julgava ter outros motivos para consentir em recebê-lo, senão esse encanto ou essa inteligência, visto que o gênio dos Guermantes não intervinha nesse último minuto: mais profundo, situado à entrada obscura da região em que os Guermantes julgavam, esse gênio vigilante impedia os Guermantes de acharem o homem inteligente ou a mulher encantadora caso estes não tivessem valor mundano, atual, ou futuro. O homem declarado sábio, mas como um dicionário, ou, pelo contrário, vulgar, com um espírito de caixeiro-viajante; a mulher bonita possuía um gênio terrível, ou falava demais. Quanto às pessoas que não tinham posição social, que horror, eram esnobes. O Sr. de Bréauté, cujo castelo era bem vizinho Guermantes, só freqüentava as altezas. Porém caçoava delas e sonhava apenas viver nos museus. Assim, a Sra. de Guermantes se mostrava indignada quando chamavam o Sr. de Bréauté de esnobe.

- Babal, esnobe! Mas o senhor está louco, meu pobre amigo; é exatamente o contrário, ele detesta as pessoas brilhantes, não há maneira de apresentá-lo a alguém. Nem mesmo na minha casa. Se o convido com algum conhecido novo, ele só vem resmungando.

Não é que, mesmo na prática, os Guermantes não dessem muito mais valor à inteligência que os Courvoisiers. De um modo positivo, essa diferença entre os

Guermantes e os Courvoisiers já dera suficientes bons frutos. Assim, a duquesa de Guermantes, de resto envolta num mistério diante do qual sonhavam de longe tantos poetas, oferecera a recepção da qual já falamos, em que o rei da Inglaterra se sentira melhor que em qualquer outra parte, pois ela tivera a idéia, que jamais ocorreria ao espírito dos Courvoisiers, e a ousadia, que esfriaria o ânimo de todos eles, de convidar, além das personalidades que acabamos de mencionar, o músico Gaston Lemaire e o dramaturgo Grandmougin. Mas era sobretudo do ponto de vista negativo que a intelectualidade se fazia sentir. Se o coeficiente necessário de inteligência e de encanto diminuía à medida que se elevava o nível social da pessoa que desejava ser convidada à casa da duquesa de Guermantes, até aproximar-se do zero quando se tratava das principais cabeças coroadas, em compensação, quanto mais se descia abaixo desse nível régio, mais o coeficiente se elevava. Por exemplo, na casa da princesa de Parma havia uma quantidade de pessoas que a Alteza recebia porque eram conhecidos de infância, ou porque estavam ligados a determinada duquesa, ou à pessoa de certo soberano, aliás por mais feias, aborrecidas ou estúpidas que fossem tais pessoas; ora, para um Courvoisier, o motivo "apreciado pela princesa de Parma", "irmã, por parte de mãe, da duquesa d'Arpajon", "passando três meses por ano com a rainha da Espanha", teria bastado para fazê-lo convidar tais pessoas, mas a Sra. de Guermantes, que recebera cortesmente o seu cumprimento nos últimos dez anos em casa da princesa de Parma, nunca as deixara transpor o seu limiar, considerando que, no tocante aos salões, dá-se o mesmo no sentido social como no sentido material da palavra, onde são bastantes alguns móveis que a gente não acha bonitos, mas conserva para encher espaço e mostrar riqueza, para torná-lo horrível. Um tal salão se parece a uma obra onde não sabemos nos abster de frases que demonstram sabedoria, brilhantismo e facilidade. Como um livro, como uma residência, a qualidade de um "salão", pensava com acerto a Sra. de Guermantes, tem por pedra angular o sacrifício.

Muitas das amigas da princesa de Parma e com quem a duquesa - Guermantes se contentava, há muitos anos, com o mesmo cumprimento correto ou em lhes mandar cartões, sem jamais convidá-las e nem ir às festas, queixavam-se discretamente à Alteza, a qual, nos dias em que o Sr. de Guermantes ia vê-la sozinho, tocava no assunto. Mas o astuto senhor, mal marido para a duquesa no que dizia respeito às amantes, porém comparava a toda prova no referente ao bom funcionamento do seu salão (e do espírito de Oriane, que era a atração principal), respondia: - Mas será que minha mulher a conhece? Ah, então deveria mesmo tê-la convidado. Mas vou dizer a verdade a Vossa Alteza: no fundo, Oriane não aprecia a conversa das mulheres. Ela está cercada de uma corte de espíritos superiores; quanto a mim, não sou seu marido, não passo de seu primeiro lacaio. A não ser um número bem pequeno delas, que são muito espirituosas, as mulheres a aborrecem. Vejamos, Vossa Alteza, que possui tanta

finura, não me dirá que a marquesa de Souvré tenha espírito. Sim, compreendo muito bem, a princesa recebe por uma questão de bondade. E depois, ela a conhece. Vossa Alteza diz que Oriane a viu; é possível, mas bem pouco, asseguro-lhe. E depois, vou dizer à princesa, isso ocorre um tanto por falta minha. Minha mulher anda muito cansada e tanto gosta de ser amável que, se a deixasse agir, seria um não acabar de visitas que ela faria. Ainda ontem à noite, estava febril, receava desgostar a duquesa de Bourbon se não fosse à sua casa. Tive de lhe mostrar os dentes e proibir que atrelassem o carro. Saiba a princesa que tenho desejo de nem sequer dizer a Oriane que Vossa Alteza me falou da Sra. de Souvré. Oriane estima tanto Vossa Alteza que logo iria convidar a Sra. de Souvré, seria uma visita a mais, isso nos obrigaria a travar relações com a irmã, cujo marido não conheço bem. Creio que não direi absolutamente nada a Oriane, se a princesa me permite. Com isto, evitaremos a ela muita fadiga e agitação. E lhe asseguro que a Sra. de Souvré não se verá privada. Ela vai a toda parte, aos locais mais brilhantes. Quanto a nós, nem sequer recebemos, fazemos jantarzinhos de nada, a Sra. de Souvré se aborreceria mortalmente. -

A princesa de Parma, ingenuamente convencida de que o duque de Guermantes não transmitiria o seu pedido à duquesa e desolada por não ter podido obter o convite desejado pela Sra. de Souvré, sentia-se tanto mais lisonjeada por ser uma das *habitués* de um salão tão pouco acessível. Sem dúvida, tal satisfação não era isenta de aborrecimentos. Assim, cada vez que a princesa de Parma convidava a Sra. de Guermantes, tinha de quebrar a cabeça para não convidar ninguém que pudesse desagradar à duquesa e a impedi-la de comparecer.

Nos dias costumeiros (depois do jantar, em que tinha sempre, desde cedo, alguns convivas, tendo conservado os hábitos antigos), o salão da princesa era aberto aos *habitués* e, de um modo geral, a toda a alta aristocracia francesa e estrangeira. A recepção consistia em que, ao sair da sala de jantar, a princesa sentava-se num canapé diante de uma grande mesa redonda, conversava com duas das mulheres mais importantes que tinham jantado, ou então passava os olhos por uma revista, jogava cartas (ou fingia jogar, conforme um costume da corte alemã), seja fazendo paciência, seja tomando como parceira, real ou suposta, um personagem em evidência. Cerca das nove horas, a porta do grande salão não deixava mais de se abrir de par em par, de voltar a fechar-se, de se abrir de novo, para dar passagem aos visitantes que haviam jantado às pressas (ou, se jantavam na cidade, surripiavam o café dizendo que iam voltar, contando, de fato, "entrar por uma porta e sair por outra") a fim de se submeterem aos horários da princesa. No entanto, esta, atenta ao jogo ou à conversação, fingia não ver as que chegavam e só no momento em que estavam a dois passos de distância é que ela se erguia graciosamente, sorrindo com bondade para as mulheres. Entretanto, estas faziam, diante da Alteza de pé, uma reverência que ia

até a genuflexão, de modo a pôr seus lábios à altura da bela mão que pendia muito baixo e beijá-la. Mas nesse momento a princesa, como se de cada vez se surpreendesse com um protocolo, que no entanto conhecia perfeitamente, erguia a ajoelhada como que à força com uma graça e uma doçura sem iguais, e beijava-a nas faces. Graça e doçura que tinham como condição, se dirá, a humildade com que a recém-chegada dobra o joelho. Certamente; e parece que numa sociedade igualitária a polidez desapareceria não, como se crê, por defeito de educação, mas porque, em uns, desapareceria a deferência devida ao prestígio que deve ser imaginário para ser eficaz, e, sobretudo, nos outros, a amabilidade, que se prodigaliza e se refina quando se sente que possui, para quem a recebe, um valor infinito que, num mundo baseado na igualdade, cairia subitamente a zero, como tudo aquilo que só tem valor fiduciário. Porém esse desaparecimento da polidez numa sociedade nova não é seguro, e às vezes estamos dispostos a crer que as condições atuais de um estado de coisas sejam as únicas possíveis. Excelentes espíritos acreditaram que uma república não poderia ter diplomacia e alianças, e que a classe camponesa não suportaria a separação da Igreja do Estado. Afinal, a polidez em uma sociedade igualitária não seria um milagre superior ao sucesso das estradas de ferro e à utilização militar do aeroplano. Depois, se de fato a polidez desaparecesse, nada prova que isso seria uma desgraça. Enfim,uma sociedade não seria secretamente hierarquizada, à medida que fosse verdadeiramente mais democrática? É bem possível.

O poder político dos papas aumentou muito desde que eles deixaram de possuir Estados e exércitos; as catedrais gozavam de um prestígio bem menor aos olhos de um devoto do século XVII do que de um ateu do século XX, e, se a princesa de Parma fosse soberana de um Estado, sem dúvida eu tanto teria vontade de falar a seu respeito como a respeito de um presidente da república, ou seja, não falaria nada.

Uma vez erguida a impetrante e beijada pela princesa, esta voltava a sentar-se, retomaria o seu jogo de paciência, não sem ver se a recém chegada era pessoa de importância, conversado um instante com ela, fazendo-a sentar-se numa poltrona.

Quando o salão se enchia demais, a dama de *honor* encarregada do serviço de ordem abria espaço, guiando os *habitués* para um imenso *hall* que dava para um salão repleto de quadros, de curiosidades relativas à casa dos Bourbons. Os convivas habituais da princesa então faziam de bom grado o papel de cicerones e diziam coisas interessantes, que os jovens não tinham paciência de ouvir, mais atentos em olhar as Altezas vivas (e, caso possível, fazerem-se apresentar a elas pela dama e as senhoritas de *honor*) do que em considerar as relíquias de soberanas mortas. Excessivamente ocupados em conhecimentos que poderiam fazer e convites que talvez arrumassem, não sabiam absolutamente nada, mesmo

após muitos anos, a respeito do que havia naquele precioso museu dos arquivos da monarquia, e lembravam-se apenas, confusamente, de que era ornamentado de cactos e de palmeiras gigantes que faziam esse centro de elegâncias parecer-se ao *Palmarium* do Jardim da Aclimação.

Sem dúvida para mortificar-se, a duquesa de Guermantes vinha às vezes fazer naquelas noites uma visita de digestão à princesa, que a conservava o tempo todo a seu lado, sempre gracejando com o duque. Mas quando a duquesa vinha jantar, a princesa evitava ter os seus *habitués* e fechava a porta ao levantar da mesa, com receio de que visitantes pouco escolhidos desagradassem à exigente duquesa. Nessas noites, se alguns fiéis não prevenidos se apresentassem à porta da Alteza, o porteiro dizia:

- Sua Alteza Real não recebe esta noite -, e eles iam embora.

Aliás, muitos amigos da princesa sabiam previamente que nessa data não seriam convidados. Era uma série particular, uma série fechada a tantos daqueles quê desejariam estar incluídos nela. Os excluídos podiam, quase com certeza; revelar os efeitos, e diziam entre si num tom de despeito:

-Você sabe muito bem que Oriane de Guermantes nunca se desloca sem seu estado-maior. —

Com a ajuda deste, a princesa de Parma procurava cercar a duquesa como que de uma muralha protetora contra as pessoas cujo êxito junto a ela seria mais duvidoso. Porém a vários dos amigos preferidos da duquesa, a vários membros desse brilhante "estado-maior", a princesa de Parma se sentia constrangida ao fazer amabilidades, visto que a tinham muito pouco para com ela. Certo, a princesa admitia que era possível se divertirem muito mais na companhia da Sra. de Guermantes do que na sua própria. Bem se via obrigada a constatar que todos se ajuntavam nos "dias" da duquesa que ela mesma lá encontrava com freqüência três ou quatro Altezas que se contentavam em deixar o cartão em sua casa. E, por mais que decorasse as frases de Oriane, imitasse os seus vestidos, servisse em seus chás as mesmas tortas com recheio de morango, havia ocasiões em que ela ficava sozinha o dia inteiro com uma dama de honor e um conselheiro de uma legação estrangeira. Assim, quando (como fora o caso de Swann antigamente) alguém não terminava nunca o dia sem ter ido passar duas horas na casa da duquesa e fazia uma visita a cada dois anos à princesa de Parma, esta não sentia muita vontade, mesmo para agradar a Oriane, de fazer a esse Swann qualquer um convite para jantar. Em suma, convidar a duquesa era para a princesa de Parma uma ocasião de perplexidades, de tanto que ela se inquietava pelo medo de que Oriane achasse tudo ruim. Mas em compensação, e pelo mesmo motivo, quando a princesa de Parma ia jantar na casa da Sra. de Guermantes, estava antecipadamente certa de que tudo correria bem, seria

delicioso, e só tinha um receio: era o de não saber compreender, reter, agradar, de não saber assimilar as idéias e as pessoas. Sob tal aspecto, a minha presença excitava a sua atenção e sua cupidez, tanto quanto o teria feito uma nova maneira de decorar a mesa com guirlandas de frutos, incerta sobre se era uma ou outra, a decoração da mesa ou a minha presença, que era mais particularmente um desses encantamentos, segredo do sucesso das recepções de Oriane; e, na dúvida, bem decidida a tentar ter a ambos em seu próximo jantar. Aliás, o que justificava plenamente a curiosidade arrebatada que a princesa de Parma trazia à casa da duquesa era esse elemento único, perigoso, excitante, em que a princesa mergulhava com uma espécie de temor, de pasmo e de delícia (como, à beira-mar, num desses "rolos de ondas" de que os banhistas mostram o perigo, simplesmente porque nenhum deles sabe nadar), de onde saía retemperada, feliz, rejuvenescida, e que se denominava o espírito dos Guermantes. O espírito dos Guermantes entidade tão inexistente quanto a quadratura do círculo, segundo a duquesa, que se julgava a única Guermantes a possuí-lo era uma reputação como as carnes de porco de Tours fritas na banha, ou os biscoitos de Reims. Sem dúvida (como uma característica individual não emprega para se propagar os mesmos meios da cor dos cabelos ou da pele) certos íntimos da duquesa, e que não eram do seu sangue, possuíam esse espírito, o qual, em compensação, não pudera penetrar em certos Guermantes por demais refratários a qualquer tipo de espírito. Os detentores do espírito dos Guermantes, não aparentados à duquesa, tinham em geral como traço próprio o terem sido homens brilhantes, dotados para uma carreira à qual, foi sem as artes, a diplomacia, a eloqüência parlamentar, o exército, haviam preferido a vida de salão. Essa preferência talvez pudesse ser explicada para uma certa falta de originalidade ou de iniciativa, ou de força de vontade ou de saúde, ou de oportunidade, ou pelo esnobismo. No caso de alguns deles (aliás, é preciso reconhecer que se tratava de uma exceção), se o salão Guermantes fora o obstáculo de sua carreira, era contra a sua vontade. Assim, um médico, um pintor e um diplomata de grande futuro não tinham obtido êxito em suas carreiras, para as quais entretanto eram mais esplendidamente dotados que muitos, porque sua intimidade em casa dos Guermantes fazia com que os dois primeiros passassem por gente da sociedade, e o terceiro por um reacionário, o que impedira aos três de serem reconhecidos por seus pares. A antiga toga e o capelo rubro que revestem e cobrem ainda os colégios eleitorais das faculdades não é, ou pelo menos não era, não há muito tempo ainda, mais que a sobrevivência puramente exterior de um passado de idéias acanhadas, de um sectarismo fechado. Sob o capelo de borla de ouro, como os sumos sacerdotes sob o barrete cômico dos judeus, os "professores" estavam ainda, nos anos que precederam o Caso Dreyfus, encerrados em idéias rigorosamente farisaicas. Du Boulbon era no fundo um artista, mas salvara-se porque não gostava da sociedade. Cottard freqüentava os Verdurin, a Sra.

Verdurin era uma cliente, e depois, ele era protegido por sua vulgaridade; enfim, na sua casa só se recebia a Faculdade, nos ágapes sobre os quais flutuava um odor de ácido fênico. Porém nos corpos fortemente constituídos, onde aliás o rigor dos preconceitos não passa do resgate da mais bela integridade, das idéias morais mais elevadas, que enfraquecem nos meios mais tolerantes e mais livres e rapidamente dissolutos, um professor, na sua toga de cetim escarlate forrada de arminho como a de um *Dog* (isto é, um duque) de Veneza encerrado no palácio ducal, era tão virtuoso, tão ligado a nobres princípios, mas tão impiedoso para com todo elemento estranho, como esse outro duque, excelente mas terrível, que era o Sr. de Saint-Simon. Estranho era o médico mundano, que possuía outras maneiras, outras relações. Para bem fazer as coisas, o infeliz de quem aqui falamos, a fim de não ser acusado pelos colegas de desprezá-los (que idéia de pessoa mundana!) se lhes ocultava a duquesa de Guermantes, contar desarmá-los oferecendo jantares mistos, em que o elemento médico se misturava no elemento mundano. Não sabia que desse modo assinava a sua perda, ou melhor, que dela era informado quando o conselho dos Dez (um pouco mais elevado em número) precisava prover uma cátedra, e que sempre o nome de um médico mais normal, ainda que mais medíocre, que saía de uma faculdade, e que o veto ressoava na antiga faculdade, tão solene, tão terrível, tão ridículo, como o "juro" com que morreu Moliere. O mesmo se dava igualmente com o pintor, rotulado para sempre de mundano, quando mundanos, que praticavam a arte, haviam conseguido ser rotulados de artistas; o mesmo quanto ao diplomata com muitas ligações reacionárias.

Mas esse caso era o mais raro. O tipo de homens distintos que formavam o fundo do salão Guermantes era o de pessoas que haviam renunciado voluntariamente (ou que julgavam tê-lo feito, pelo menos) ao resto, a tudo aquilo que fosse incompatível com o espírito dos Guermantes, a polidez dos Guermantes, com esse encanto indefinível, odioso a todo "corpo", por menos centralizado que fosse.

E as pessoas que sabiam que outrora um desses *habitués* do salão da duquesa obtivera a medalha de ouro do Salon, que um outro, secretário da Conferência dos Advogados, tivera começos brilhantes na Câmara, que um terceiro servira habilmente à França como encarregado de negócios, poderiam considerar como frustradas as pessoas que não tinham feito mais coisa alguma nos últimos vinte anos. Mas esses "bem informados" eram pouco numerosos, e os próprios interessados teriam sido os últimos a recordá-lo, achando de nenhum valor esses títulos antigos, em virtude mesmo do espírito de Guermantes: pois não fazia este acusar de maçante, de bedel, ou até, ao contrário, de caixeiro, a esses ministros eminentes, um deles um tanto solene, o outro amador de trocadilhos, a que os jornais entoavam louvores, mas ao lado de quem a Sra. de Guermantes bocejava e dava mostras de impaciência se a imprudência de uma dona de casa lhe dera

um ou outro por vizinho? Já que ser um estadista de primeira ordem não era de modo algum uma recomendação para a duquesa, aqueles seus amigos que haviam pedido demissão da "carreira" ou do exército, que não se tinham reapresentado à câmara, julgavam, vindo almoçar e conversar todos os dias com sua grande amiga, e encontrando-a na casa de Altezas, aliás pouco apreciadas por eles, pelo menos era o que diziam, ter escolhido a melhor parte, ainda que seu aspecto melancólico, mesmo em meio ao ambiente alegre, contradissesse um tanto o fundamento de semelhante juízo.

É preciso reconhecer ainda que a delicadeza da vida social, a finura das conversações na casa dos Guermantes tinham, ainda que de modo tênue, algo de real. Nenhum título oficial valia naquele meio o encanto de certos preferidos da Sra. de Guermantes, que os mais poderosos ministros não teriam podido atrair à casa deles. Se, neste salão, tantas ambições intelectuais e até

mesmo nobres esforços tinham sido enterrados para sempre, pelo menos de suas cinzas havia brotado a mais rara floração de mundanismo. É claro que os homens de espírito, como Swann, por exemplo, se julgavam superiores aos homens de valor, a quem desdenhavam; é que a duquesa colocava acima de tudo não a inteligência, e sim força superior, segundo ela, mais rara, mais requintada, da inteligência, elevada a uma variedade verbal de talento o espírito. E antigamente, na casa dos Verdurin, quando Swann julgava Brichot e Elstir, um como pedante, o outro como um grosseirão, apesar de todo o saber de um e de todo o gênio do outro, era a infiltração do espírito de Guermantes que o fizera classificá-los desse modo. Jamais ousara apresentar nem um nem outro à duquesa, sentindo de antemão com que aspecto ela teria acolhido as tiradas de Brichot e as graçolas de Elstir, visto que o espírito de Guermantes enquadrava frases pretensiosas e prolongadas do gênero sério ou humorístico na mais intolerável imbecilidade.

Quanto aos Guermantes conforme a carne, conforme o sangue, o espírito de Guermantes não se havia apossado deles de modo tão completo como ocorre, por exemplo, nos cenáculos literários onde todo mundo tem uma mesma forma de pronunciar, de enunciar e, conseqüentemente, de pensar -, certamente não é porque a originalidade seja mais profunda nos ambientes mundanos e neles oponha obstáculos à imitação. Mas a imitação tem como condições não só a ausência de uma originalidade irredutível, mas ainda uma finura relativa de ouvido, que permite discernir primeiro que se imita logo após. Ora, havia alguns Guermantes aos quais este senso musical faltava tão inteiramente como aos Courvoisiers. Para tomar como exemplo o exercício a que se denomina, numa outra acepção da palavra imitação, "fazer imitações" (o que se dizia na casa dos Guermantes, "fazer caricatura"), por mais que a Sra. de Guermantes fizesse admiravelmente, os Courvoisiers eram tão incapazes de se darem conta disso

como se, em vez de homens e mulheres, fossem um bando de coelhos, pois nunca tinham sabido observar o defeito ou o acento que a duquesa cuidava de arremedar. Quando ela "imitava" o duque de Limoges os Courvoisiers protestavam:

- Oh, não! Ele não fala absolutamente desse jeito. Jantei com ele ainda ontem na casa de Bebeth, ele me falou a noite inteira, não falava assim -, ao passo que os Guermantes um tanto cultive dos exclamavam:

- Meu Deus, como Oriane é divertida! O mais forte é que enquanto o imita se parece com ele! Julgo ouvi-lo. Oriane, um pouco mais de Limoges! -

Ora, esses Guermantes (mesmo sem chegar aos que eram verdadeiramente notáveis, os quais, quando a duquesa imitava o duque de Limoges, diziam com admiração:

"Ah, pode-se dizer que você o tem", ou "Como tu o tens", por mais que fossem faltosos de espírito, segundo a Sra.Guermantes (no que ela estava certa), à força de ouvir e de contar da duquesa, tinham chegado a imitar mais ou menos a sua maneira de se expressar, de julgar, aquilo a que Swann teria chamado, bem como a própria duquesa, sua maneira de "redigir", até o ponto de apresentar em sua conversação alguma coisa que para os Courvoisiers parecia incrivelmente idêntica ao espírito de Oriane e era considerada por eles como o espírito de Guermantes. Como esses Guermantes eram, para ela, não só parentes mas admiradores, Oriane (que mantinha bem afastado o resto da família e vingava-se agora com seus desdéns de todas as maldades que esta lhe fizera quando ela era solteira) ia visitá-los às vezes, e geralmente em companhia do duque, quando saía com ele no verão. Tais visitas eram um acontecimento. A princesa d'Épinay, que recebia em seu grande salão do andar térreo, sentia o coração bater-lhe mais vivamente ao avistar de longe, como os primeiros clarões de um incêndio inofensivo ou os "reconhecimentos" de uma invasão inesperada, atravessando lentamente e inclinando uma sombrinha, de onde jorrava um aroma de verão.

- Olha, Oriane - dizia ela como um "alerta" que procurava advertir seus visitantes com prudência, e para que tivessem tempo de sair em ordem, que evacuassem os salões sem pânico. Metade dos presentes não ousava ficar, erguia-se.

- Não? Por quê? Fiquem sentados, estou encantada em tê-los mais um pouquinho dizia a princesa com uma voz fingida, mas com aspecto desembaraçado e à vontade (para bancar a grande dama). - Vocês poderiam ter que se falar. - Verdade que têm pressa? Pois bem, irei à casa de vocês - respondia a dona da casa àquelas que não desgostava ver partir. O duque e a duquesa saudavam muito cortesmente pessoas que viam ali há muitos anos sem por isso conhecê-las mais, e que mal os cumprimentavam, por discrição. Logo que saíam, o duque amavelmente pedia informações a respeito delas, para dar a impressão de se

interessar pela qualidade intrínseca das pessoas que ele não recebia devido à maldade do destino ou por causa do estado de nervos de Oriane, para quem fazia mal freqüentar mulheres:

- Quem era aquela senhora baixinha de chapéu cor-de-rosa?

- Mas, meu primo, você a viu muitas vezes; é a viscondessa de Tours, nascida Lamarzelle. - Pois sabe que é bonita? Tem um ar inteligente; se não fosse um pequeno defeito no lábio superior, com certeza seria deslumbrante. Se existe um visconde de Tours, não deve aborrecer-se. Oriane, sabe em quem me fizeram pensar as suas sobrancelhas e o implante de seus cabelos? Em sua prima, Hedwige de Ligne. -

A duquesa de Guermantes, que se aborrecia quando falavam da beleza de uma mulher que não ela, deixava cair a conversa. Não contara corrigir o gosto do marido em fazer ver que estava perfeitamente a par das pessoas a quem não recebia, pelo que julgava mostrar-se mais "sério" que a esposa.

- Mas - dizia de repente - com força você pronunciou o nome de Lamarzelle. Lembro-me de que, quando estava na Câmara, foi pronunciado um discurso absolutamente notável... - Era o tio da moça que você acabou de ver.

- Ah, que talento! Não, minha pequena - dizia o duque-

A viscondessa de Égremont, que a Sra. de Guermantes não podia suportar que, não se arredando da casa da princesa d'Épinay, onde se abaixava, voluntariamente ao papel de criada (disposta a bater na sua, ao voltar para casa), ficava, confusa, desamparada, mas ficava quando o par ducal se achava ali, retirava os abrigos, tratava de fazer-se útil e por discrição se oferecia para passar à sala ao lado.

- Não faça chá para nós, conversemos tranqüilamente somos pessoas simples, sem cerimônias. Aliás - acrescentou, voltando-se para a Sra. d'Épinay (deixando a Égremont corada, humilde, ambiciosa e solícita) -, só podemos lhe dar um quarto de hora. -

Esse quarto de hora era inteiramente ocupado com uma espécie de exposição das frases que a duquesa pronunciara durante a semana e que ela mesma certamente havia citado, mas que, muito habilmente, o duque, tendo o ar de censurá-la a propósito de incidentes que as tinham provocado, levava-a a dizê-las de novo como que involuntariamente.

A princesa d'Épinay, que estimava a prima e sabia que ela possuía um fraco pelos cumprimentos, extasiava-se com seu chapéu, sua sombrinha, seu espírito.

- Fale-lhe de sua toalete o quanto quiser - dizia o duque no tom emburrado que adotara e que temperava com um sorriso malicioso para que não levassem a sério o seu descontentamento- mas é o nome do céu, não de seu espírito, pois eu

passaria muito bem sem uma mulher tão inteligente. Provavelmente, vocês fazem alusão ao mau trocadilho que ela faz a respeito de meu irmão Palamede - acrescentou, sabendo muito bem que a princesa e o resto da família ignoravam ainda esse trocadilho, e encantado em valorizar sua mulher. - Primeiro, acho indigno de umas pessoa que diz às vezes, reconheço-o, coisas muito bonitas, fazer maus trocadilhos, mas sobretudo sobre meu irmão que é muito suscetível e, se isto tem como resultado ficar de mal com ele, vejam se na verdade valeria a pena!

- Mas nós não sabemos! Um trocadilho de Oriane? Deve ser delicioso. Oh, conte-o.

- Não, não - replicava o duque, ainda amuado embora sorridente -, estou feliz que vocês ainda não o conhecem. Falando sério, gosto muito do meu irmão.

- Escute, Basin - dizia a duquesa, a quem chegara o momento, de replicar ao marido -, não sei por que você diz que isto pode aborrecer Palamede; sabe muito bem que é exatamente o contrário. Ele é suficientemente inteligente para se melindrar com esse gracejo estúpido que não tem nada de indelicado. Você está fazendo todos crerem que se trata de uma maldade que eu tenha dito; mas simplesmente respondi algo que não tem graça, e você é que lhe dá importância com a sua indignação. Não o compreendo. Você nos deixa terrivelmente intrigados. De que se trata?

- Oh, evidentemente nada de grave! - exclamava o Sr. de Guermantes. - Talvez tenham ouvido dizer que meu irmão queria dar *Brézé*, o castelo de sua mulher, à sua irmã Marsantes.

- Sim, mas disseram-nos que ela não o desejava, que não gostava da região em que ele se localizava, pois o clima não lhe convinha.

- Pois bem; justamente alguém dizia tudo isso à minha mulher e que, se meu irmão dava esse castelo à nossa irmã, não seria para lhe causar prazer e sim para amofiná-la. ''É que é tão trocista," o Charlus, dizia essa pessoa. Ora, vocês sabem que Brézé é régio, pode valer vários milhões, é uma antiga terra do rei, e existe lá uma floresta, das mais belas da França. Há muitas pessoas que apreciariam lhes fizessem troças desse tipo. Assim, ao ouvir o termo de "taquin" aplicado a Charlus porque estava dando um castelo tão lindo, Oriane não pôde evitar de exclamar, involuntariamente, devo confessá-lo, ela não pôs maldade, pois aquilo veio rápido como um relâmpago: "Taquín... taquin... então é Taquin o Soberbo!" Vocês compreendem -acrescentava, retomando seu aspecto emburrado e não sem ter lançado um olhar ao redor para avaliar o efeito produzido pelo espírito da mulher, pois o duque era bastante cético quanto ao conhecimento que a Sra. d'Épinay teria de história antiga -, vocês compreendem, é por causa de Tarquínio, o Soberbo, o rei de Roma; é estúpido, é um mau trocadilho, indigno de

Oriane. E depois, eu que sou mais circunspecto que minha mulher, se possuo menos espírito, pelo menos penso nas conseqüências; se desgraçadamente repetirem isto ao meu irmão, seria uma coisa terrível! Tanto mais - acrescentou - que, como Palamede é mesmo muito altivo e também melindroso, muito dado aos mexericos, até fora da questão do castelo, é preciso reconhecer que Taquin o Soberbo lhe cai muito bem. O que salva os ditos de Madame é que, mesmo quando ela quer se rebaixar a trocadilhos vulgares, permanece espirituosa, apesar de tudo, e pinta muito bem as pessoas.

Assim, graças uma vez a Taquin o Soberbo, outra vez a uma outra frase, essas visitas do duque e da duquesa aos membros da família renovavam a provisão de histórias, e a emoção que elas causavam durava por muito tempo após a partida da mulher de espírito e de seu empresário. Primeiro, regalavam-se com os privilegiados que tinham estado na festa (ali pessoas que ali haviam ficado) com as frases que Oriane dissera.

- Não conheciam Taquin o Soberbo? - perguntava a princesa d'Épinay.

- Sim - respondia corando a marquesa de Baveno -, a princesa de Sarsina-La Rochefoucauld já me falou nisso, mas não exatamente nos mesmos termos? Mas isto deve ter sido bem mais interessante de ouvir contar desse jeito diante de minha prima - acrescentava, como teria dito: ouvi-lo contar acompanhado pelo autor. - Nós falávamos da última da Oriane, que estava aqui há pouco diziam a uma visita que ficaria desolada por não ter vindo uma hora antes.

- Como? Oriane estava aqui?

- Claro que sim; se você tivesse chegado um pouco mais cedo - respondia a princesa d'Épinay, sem censura, mas dando a entender tudo aquilo que a desastrada perdera era por sua própria culpa que não assistira à criação do mundo ou à última representação de Madame Carvalho.

- Que é que diz da última de Oriane?

Confesso apreciei muito o “Taquin, o Soberbo" e a frase ainda era comida fria no almoço do dia seguinte, entre os íntimos que eram convidados para isso, e reaparecia com diversos molhos durante a semana. Além disso, a princesa, fazendo naquela semana sua visita anual à princesa de Parma, aproveitou para perguntar à Alteza se ela conhecia o trocadilho, e contou-lhe.

- Ah, Taquin o Soberbo - dizia é princesa de Parma, os olhos esbugalhados por uma admiração *a priori*, mal que implorava um suplemento de explicações a que não se recusava a princesa d'Épinay. - Confesso que Taquin o Soberbo me agrada infinitamente como redação -concluía a princesa.

Na realidade, o termo "redação" não convinha em absoluto a esse trocadilho, mas a princesa d'Epinay, que tinha a pretensão de haver assimilado o espírito dos

Guermantes, tomara à Oriane as expressões "redigido, redação", usando-as sem muito discernimento.

Ora, a princesa de Parma, que não gostava muito da princesa d'Épinay, a quem considerava feia, sabia ser avara, e julgava maldosa, dos Courvoisiers, reconheceu o vocábulo "redação", que ouvira ser pronunciado pela de Guermantes e que ela não saberia aplicar por si mesma. Teve, de fato, a impressão de que era a "redação" que fazia o encanto de Taquin o Soberbo e, sem esquecer de todo a sua antipatia pela dama feia, a avarenta, não pôde evitar um tal sentimento de admiração por uma moça que possuía a esse ponto o espírito dos Guermantes, que desejou convidar a princesa d'Épinay para a ópera. Susteve-a a idéia de que talvez fosse conveniente consultar primeiro a Sra. de Guermantes. Quanto à Sra. D'Épinay que, bem diferente dos Courvoisiers, fazia muitos obséquios a Oriane e a estimava, mas sentia-se enciumada pelas relações dela e agastada com os gracejos que a duquesa lhe diria diante de todos acerca de sua avareza, contou, ao chegar a casa, como a princesa de Parma custara a compreender Taquin o Soberbo e quanto era preciso que Oriane fosse esnobe para ter entre seus íntimos semelhante perua.

- Jamais teria podido freqüentar a princesa de Parma, se o quisesse - disse ela aos amigos que tinha ao jantar - porque o Sr. d'Épinay não me permitiria nunca devido à sua imoralidade aludindo a certas libertinagens puramente imaginárias da Sra. de Parma. Porém, mesmo se eu tivesse um marido menos severo, confesso que o não poderia. Não sei como Oriane faz para vê-la constantemente. Quanto a mim, vou até lá uma vez ao ano e me custa muito chegar ao fim da visita. -

Quanto aos Courvoisiers que se encontravam na casa de Vinturnienne no momento da visita da Sra. de Guermantes, a chegada da duquesa em geral punha-os em fuga por causa da exasperação que lhes causavam os "salamaleques exagerados" que faziam para Oriane. Apenas um permaneceu no dia do "Taquin o Soberbo". Não compreendeu bem o gracejo, mas ainda assim pela metade, pois era pessoa instruída. E os Courvoisiers foram repetindo que Oriane chamara o tio Palamede de "Tarquínio o Soberbo", o que, segundo elas, pintava-o muito bem.

- Mas por que inventar tantas histórias com Oriane? - acrescentavam. - Não fariam mais por uma rainha. Em suma, quem é Oriane? Não digo que os Guermantes não sejam de velha cepa, mas os Courvoisiers não lhes cedem a palma em nada, nem como ilustração, nem como antigüidade, nem como alianças. É preciso não esquecer que, no Camp du Drap d'or, como o rei da Inglaterra perguntasse a Francisco I qual era o mais nobre dos senhores ali presentes: "Sire, respondeu o rei da França, é o Courvoisier." -

Aliás, mesmo que todos os Courvoisiers tivessem ficado, as frases de Oriane os teriam deixado tanto mais insensíveis quanto os incidentes que em geral os faziam surgir seriam considerados por eles de um ponto de vista inteiramente diverso. Se, por exemplo, faltassem cadeiras numa recepção dada por uma Courvoisier, ou se ela se enganava de nome ao falar a uma visitante que não reconhecera, ou se um de seus criados lhe dirigia uma frase ridícula, a Courvoisier, extremamente aborrecida, vermelha, trêmula de agitação, deplorava semelhante contratempo.

E, quando recebia um visitante e Oriane devia comparecer, ela dizia num tom ansiosa e imperiosamente interrogativo:

- O senhor a conhece? - temendo, se o visitante não a conhecesse, que sua presença causasse má impressão em Oriane. Mas a Sra. de Guermantes, pelo contrário, extraía de tais incidentes a oportunidade de historietas que faziam os Guermantes rirem às lágrimas, de modo que se era obrigado a invejá-la por sua falta de cadeiras, por ter cometido ou deixar que o criado cometesse uma gafe, por ter recebido em sua casa uma pessoa que ninguém conhecia, como se é obrigado a felicitar-se que os grandes escritores tenham sido mantidos à parte pelos homens e traído pelas mulheres quando suas humilhações e sofrimentos foram, se não o acidente do seu gênero pelo menos a substância de sua obra.

Os Courvoisiers já não eram capazes de se alçar ao espírito de ração que a duquesa de Guermantes introduzia na vida mundana e o adaptando-a conforme um instinto seguro às necessidades do momento, fazia dela uma coisa artística, no ponto em que a aplicação puramente razoável de regras rígidas também teria dado maus resultados, como que desejando obter êxito no amor ou na política, reproduzisse ao pé da letra em sua própria vida, as façanhas de Bussy d'Amboise. Se os Courvoisiers davam um jantar íntimo ou um jantar para um príncipe, o acréscimo de homem de espírito, de um amigo de seus filhos, lhes pareceria uma anomalia capaz de produzir o pior efeito. Uma Courvoisier, cujo pai fora ministro do Imperador, tendo que dar uma reunião matinal em honra da princesa Mathilde, deduziu, por espírito de geometria, que só podia convidar bonapartistas.

Ora, ela quase não os conhecia. Todas as mulheres elegantes de suas relações, todos os homens agradáveis, foram impiedosamente banidos, porque, por serem legitimistas por opinião ou ligações, poderiam, segundo a lógica dos Courvoisiers, desagradar à Alteza Imperial. Esta, que recebia em sua casa a flor do *faubourg* Saint-Germain, ficou muito espantada quando encontrou na casa da Sra. de Courvoisier somente uma *céledo papa-jantares*, viúva de um antigo prefeito do Império, a viúva do diretor dos Correios e algumas pessoas conhecidas por sua fidelidade a Napoleão I e pela estupidez e aborrecimento que causavam. Nem assim a princesa Mathilde deixou de espalhar o generoso e suave esplendor de

sua graça soberana sobre aqueles monstrengos calamitosos que a duquesa de Guermantes evitou convidar quando chegou sua vez de receber a princesa, e substituiu, sem arrazoados *a priori* sobre o bonapartismo, pelo mais previsto ramalhete de todas as beldades, de todos os valores, de todas as celebridades, que uma espécie de faro, de tato e de perícia lhe fazia sentir que seriam agradáveis à sobrinha do Imperador, mesmo quando fossem da própria família do rei. Não faltou ali nem sequer o duque d'Aumale e quando ao se retirar, a princesa, erguendo a Sra. de Guermantes, que lhe fazia reverência e queria lhe beijar a mão, beijou-a em ambas as faces, foi do fundo do coração que pôde assegurar à duquesa que nunca havia passado um dia melhor nem assistido a melhor festa. A princesa de Parma era Courvoisier pela incapacidade de inovar em matéria social, mas, diversamente dos Courvoisiers, a surpresa que lhe causava permanentemente a duquesa de Guermantes engendrava não como neles a antipatia, e sim a admiração maravilhada. Tal admiração era ainda acrescida devido à cultura infinitamente inferior da princesa. A própria Sra. de Guermantes estava, sob esse aspecto, muito menos avançada do que supunha. Mas bastava que o fosse mais que a Sra. de Parma para impressionar a esta. E, como cada geração de críticos se limita a tomar o caminho oposto das verdades admitidas pelos seus predecessores, bastava à duquesa dizer que Flaubert, esse inimigo dos burgueses, era antes de tudo um burguês, ou que havia muito da música italiana na obra de Wagner, para proporcionar à princesa, sempre à custa de um novo esgotamento, como a alguém que nada em meio à tempestade, horizontes que lhe pareciam inauditos e permaneciam confusos para ela. Estupefação, aliás, diante dos paradoxos proferidos não só a respeito de obras artísticas, mas até sobre pessoas de seu conhecimento, e também a cerca de atos mundanos. Sem dúvida, a incapacidade de a Sra. de Parma separar o verdadeiro espírito (o que a fazia crer no alto valor intelectual de algumas e, sobretudo, de certas Guermantes sobre as quais, a seguir, ficava confusa ao ouvir a duquesa lhe dizer sorrindo que não passavam de simples tolas) era uma das causas da admiração que a princesa experimentava sempre ao ouvir a Sra. de Guermantes julgar as pessoas. Mas havia uma outra e que eu, que conhecia àquela época mais livros que pessoas e melhor a literatura do que a sociedade, me expliquei pensando que a duquesa, vivendo dessa vida mundana, cujo ócio e esterilidade estão, para uma atividade social verdadeira, como, na arte, a crítica está para a criação, estendia às pessoas de seu ambiente a instabilidade de pontos de vista, a sede malsã do raciocinador que, para saciar o seu espírito demasiadamente seco, vai buscar qualquer paradoxo ainda um tanto fresco e não se constrangerá de sustentar a opinião refrigerante de que a mais bela Ifigênia é a de Piccinni e não a de Glucke, se for preciso, que a verdadeira Pedra é a de Pradon.

Quando uma mulher inteligente, instruída e espirituosa se casara com um tímido pobre-diabo, que era visto raras vezes e nunca se ouvia, a Sra. de Guermantes

um belo dia inventava uma volúpia espirituosa não só descrevendo a mulher, mas "descobrindo" o marido. Quanto ao casal Cambremer, por exemplo, se tivesse vivido naquele ambiente, a duquesa decretaria que a Sra. de Cambremer era estúpida e, em compensação, que a pessoa interessante, desconhecida, deliciosa, votada ao silêncio por mulher tagarela, mas tendo mil vezes mais valor que a esposa, era o mesmo, e a duquesa teria experimentado, ao declarar isso, o mesmo gênero de refrigério do crítico que, depois de sessenta anos que se vem admirando o Hernani, confessa preferir-lhe *O Leão Amoroso* por causa da mesma necessidade doentia de novidades arbitrárias se, desde a mocidade era alimentada uma mulher modelo, uma verdadeira santa, por se haver casado com um patife, um belo dia a Sra. de Guermantes afirmava que esse era um homem leviano, porém de grande coração, que a dureza implacável da mulher levara à verdadeiras inconseqüências. Eu sabia que não era apenas entre as obras, na longa série dos séculos, mas até no seio de uma mesma obra, que a crítica se compraz em mergulhar de novo nas sombras o que há muito tempo era radioso, e a fazer sair da sombra o que parece votado à definitiva obscuridade. Não só vira Bellini, Winterhalter, os arquitetos jesuítas e um ebanista da Restauração virem ocupar o lugar de gênios de quem se dizia já estarem cansados, simplesmente porque os ociosos intelectuais já se haviam cansado deles, como estão sempre cansados, estão sempre mandando os neurastênicos; como também vira preferirem em Sainte-Beuve, sucessivamente o crítico e o poeta, Musset renegado quanto aos versos, à exceção de umas pecinhas bem insignificantes, e exacerbado como contista. Sem dúvida, erram certos ensaístas em colocar, acima das cenas mais célebres do Cid e de Polieucto, certa tirada do Mentir - que dá, como um mapa antigo, informações sobre a Paris da época, mas sua predileção, justificada se não por motivos de beleza, ao menos por interesse documental, é ainda por demais racional para a crítica alucinada. Ela troca todo o Moliere por um verso de *O Estouvado* e, mesmo acharem tedioso o *Tristão* de Wagner, nele salva uma "bela nota de trompa" no momento em que passam os caçadores. Essa depravação ajudou-me a compreender aquela da qual fazia prova a Sra. de Guermantes quando decidi que um homem de sua sociedade, reconhecido por ter um grande coração, porém tolo, era um monstro de egoísmo, mais esperto do que se imaginava; que outro, conhecido por sua generosidade, podia simbolizar a avareza; que uma boa mãe não se incomodava com seus filhos, e que uma mulher que julgava cheia de vícios possuía os mais nobres sentimentos. Ou que estragadas pela nulidade da vida mundana, a inteligência e a sensibilidade da Sra. de Guermantes eram instáveis demais para que, nela pulsa não se sucedesse bem rápido ao entusiasmo (com o risco de novamente sentir-se atraída pelo gênero de espírito que sucessivamente buscara e desprezara) e, para que o encanto que achara em um homem generoso não mudasse, se ele a freqüentasse bastante, buscava demais em si mesma direções

que era incapaz de lhe dar, numa irritação que julgava produzida pelo seu admirador e que o era unicamente pela impotência em que se está de encontrar um prazer quando se contenta em procurá-lo.

As variações de julgamento da duquesa não poupavam ninguém, exceto o marido. Somente ele não a havia amado nunca; nele, ela sentira sempre um caráter de ferro, indiferente aos caprichos que ela sentia, desdenhoso de sua beleza, violento, de uma vontade que jamais se dobrava e sob cuja única lei os nervos sabem achar sossego. Por outro lado, o Sr. de Guermantes, perseguindo um mesmo tipo de beleza feminina, mas encontrando-o em amantes freqüentemente renovadas, não tinha, tão logo as deixava, e para troçar delas, senão uma só companheira duradoura, idêntica, que o irritava muitas vezes por sua tagarelice, mas que ele sabia que toda a sociedade a considerava a mais bela, mais virtuosa, mais inteligente e mais instruída da aristocracia, uma mulher que ele, Sr. de Guermantes, era muito feliz em ter encontrado, que encobria todas as suas desordens, recebia como ninguém e mantinha o salão deles como o primeiro salão do *faubourg* Saint-Germain. Esta opinião alheia, ele próprio a partilhava; muitas vezes de mau humor contra a mulher, sentia orgulho dela. Se, tão avarento quanto ostentador, recusava-lhe a menor quantia para obras de caridade, para os criados, fazia questão de que ela tivesse os mais magníficos vestidos e as mais belas parelhas na carruagem. Enfim, buscava ressaltar o valor do espírito de sua mulher. Ora, a cada vez a Sra. de Guermantes acabava de inventar, relativamente aos méritos e aos defeitos, bruscamente invertidos por ela, de um de seus amigos, um novo e saboroso paradoxo, ardia por ensaiá-lo diante de pessoas que soubessem degustá-lo, fazê-los saborear sua originalidade psicológica, e para brilhar sua lapidar malevolência. Sem dúvida essas novas opiniões em geral não continham mais verdade que as antigas, e muitas vezes menos; mas justo o que possuíam de arbitrário e inesperado lhes conferia algo de intelectual que as fazia tão emocionantes de comunicar. Apenas, o paciente sobre quem acabava de se exercer a psicologia da duquesa era geralmente um íntimo, de quem aqueles a quem ela desejava transmitir sua descoberta ignoravam totalmente que não estivesse no auge do favor; e também a reputação que possuía a Sra. de Guermantes de amiga incomparável, sentimental, suave e devotada, tornava difícil principiar o que ela podia, quando muito, intervir em seguida, como que constrangida e forçada, dando a réplica para apaziguar, para contradizer em aparência, para apoiar de fato um comparsa que decidira provocá-la; era exatamente o papel em que excedia o Sr. de Guermantes.

Quanto às ações mundanas, era ainda um outro prazer, arbitrariamente teatral, que a Sra. de Guermantes experimentava em emitir, sobre elas, juízos imprevistos que fustigavam de surpresas incessantes e deliciosas a princesa de Parma. Porém, esse prazer da duquesa foi menos com ajuda da crítica literária

do que segundo a vida política e a crônica particular que tentei compreender qual poderia ser. Os editos sucessivos, contraditórios, pelos quais a Sra. de Guermantes invertia sem cessar os valores no caso das pessoas de seu meio, não lhe bastavam para distraí-la, e ela procurava também, na maneira como dirigia a própria conduta social, de que dava conta em suas menores decisões, desfrutes dessas emoções artificiais, obedecer a esses deveres fictícios que estimulam a sensibilidade das assembléias e se impõem ao espírito dos políticos. Sabe-se que, quando um ministro explica à Câmara que julgou fazer bem seguindo uma linha de conduta que, de fato, parece bem simples ao homem de bom senso que, no dia seguinte, lê no seu jornal o resumo da sessão, tal leitor de bom senso, no entanto, se sente subitamente impressionado e começa a duvidar de ter tido razão ao aprovar o ministro, vendo que o discurso deste foi ouvido em meio a uma viva agitação e pontuado de pressões de censura, como: "É muito grave", pronunciadas por um adepto cujo nome e títulos são tão longos e seguidos de movimentos tão acentuados que, em toda a interrupção, a expressão "é muito grave!" ocupa menos lugar do que um hemistíquio num alexandrino. Por exemplo, quando o Sr. de Guermantes, via que o príncipe des Laumes, tinha assento à Câmara, lia-se às vezes nos jornais de Paris, conquanto fosse principalmente destinado à circunscrição de Méséglise e a fim de mostrar aos leitores que não tinham votado num mandatário inativo e mudo: "Senhor de Guermantes-Bouillon, príncipe des Laumes: Isto é terrível (Muito bem! Muito bem! No centro e em alguns bancos à direita, vivam: exclamações à extrema esquerda.)"

O leitor de bom senso guarda ainda um vislumbre de fidelidade sábio ministro, mas seu coração e sacudido por novas palpitações às primeiras palavras do novo orador, que responde ao ministro: "O espanto, o estupor, não é dizer demais viva sensação na parte direita do semicírculo, que me causam as palavras deste que ainda é, suponho, membro do governo..." (Tempestade de aplausos; alguns deputados dirigem-se apressadamente para o banco dos ministros; o Sr. subsecretário de Estado de Correios e Telégrafos faz, do seu posto, um sinal afirmativo a cabeça.) Essa "tempestade de aplausos" desfaz as últimas resistências do leitor de bom senso; ele acha insultante para a Câmara, monstruosa, uma forma de proceder que em si mesma é insignificante; se necessário, algum fato normal; por exemplo: querer que os ricos paguem mais que os pobres, esclarecer uma iniqüidade, preferir a paz à guerra; ele o achará escandaloso e nele verá uma ofensa a certos princípios em que, na verdade, ainda não havia pensado, princípios que não estão inscritos no coração do homem, mas que emocionam intensamente devido às aclamações que desencadeiam e às maiorias maciças que congregam.

É preciso, além disso, reconhecer que semelhante sutileza dos políticos, que

serviu para me explicar o meio Guermantes e, mais tarde, outros meios, não passa da perversão de uma certa finura de interpretação muitas vezes designada pela locução "ler nas entrelinhas". Se, nas assembléias, há o absurdo pela perversão dessa finura, há estupidez por falta dessa finura no público que leva tudo "ao pé da letra", que não suspeita de uma demissão quando um alto dignitário é dispensado de suas funções "a seu pedido" e que diz consigo: "Não foi exonerado porque ele mesmo pediu demissão"; não imagina uma derrota, quando os russos, com um movimento estratégico, recuam diante dos japoneses para posições mais fortes e previamente preparadas; não enxerga uma recusa quando, tendo uma província pedido independência ao imperador da Alemanha, este lhe concede a autonomia religiosa. É possível, aliás, para retornar a estas sessões da Câmara, que, quando se abrem, os próprios deputados se assemelham ao homem de bom senso que lerá o seu resumo. Sabendo que operários em greve enviaram seus delegados ao ministro, talvez se indaguem ingenuamente: "Ah, bem, que se terão dito? Esperemos que tudo se acomode", no momento em que o ministro sobe à tribuna, em meio ao profundo silêncio que já estimula emoções artificiais. As primeiras palavras do ministro: "Não tenho necessidade de dizer à Câmara que possuo um alto senso dos deveres do governo para não receber essa delegação, de que a autoridade do meu cargo não precisava tomar conhecimento" são um lance teatral, pois era a única hipótese que o bom-senso dos deputados não havia formado. Mas justamente porque se trata de um lance teatral, é acolhido por tais aplausos que só ao cabo de alguns minutos é que o ministro pode se fazer ouvir, esse ministro que receberá, ao voltar à sua cadeira, as felicitações dos colegas. Há tanta emoção como no dia em que ele se esqueceu de convidar para uma grande festa oficial o presidente do conselho municipal, que lhe fazia oposição, e declarou-se que numa e noutra circunstância ele agira como homem de Estado.

O Sr. de Guermantes, nessa época de sua vida, para grande espanto dos Courvoisiers, fizera muitas vezes parte dos colegas que vinha felicitar o ministro. Mais tarde, ouvi contar que, mesmo num período em que desempenhou um importante papel na Câmara, e que se pensava para num ministério ou numa embaixada, ele era, quando um amigo vinha pedir um favor, infinitamente mais simples, bancava politicamente muito menos o grande personagem do que qualquer outro que não fosse o duque de Guermantes. Pois, se ele afirmava que a nobreza não valia muito, considerava seus colegas como seus iguais, não pensava uma só palavra do que dizia. Buscava, fingia estimar, mas desprezava as situações políticas e, como continuava a ser para si mesmo o Sr. de Guermantes, elas não colocavam em torno a sua pessoa esse estilo empolado dos grandes empregos que faz inacessíveis os outros. Desse modo, seu orgulho protegido contra qualquer golpe, não só as suas maneiras de uma familiaridade ostensiva, mas também o que nele pudesse haver de simplicidade autêntica.

Para regressar às suas decisões artificiais e emocionantes, como, a dos políticos, a Sra. de Guermantes não menos desconcertava os Guermantes, os Courvoisiers, todo o *faubourg* e, mais que ninguém, a princesa de Parma, devido aos decretos inesperados, sob os quais sentiam-se princípios que tanto mais impressionavam quanto menos se estava prevenido para eles. Se o novo ministro da Grécia dava um baile à fantasia, cada qual escolhia uma, e perguntava-se qual seria a da duquesa. Uma pensava que gostaria de ir fantasiada de duquesa de Borgonha, uma outra dava como provável a fantasia de princesa de Deryabar, uma terceira a de Psiquê. E no fim, tendo uma Courvoisier perguntado:

- De que vais te fantasiar, Oriane? - provocava a única resposta em que não teriam pensado:

- De coisa nenhuma! E que dava muito trabalho às línguas, como reveladora da opinião de Oriane sobre a verdadeira posição mundana do novo ministro da Grécia e sobre a conduta a adotar a seu respeito, isto é, a opinião que não deveria ter previsto, a saber que uma duquesa "não tinha" que ir ao baile de fantasia desse novo ministro.

- Não vejo que haja necessidade de ir ao baile do ministro da Grécia, a quem não conheço; não sou grega, e por que iria? Nada tenho a fazer lá - dizia a duquesa.

- Mas todo mundo vai, parece que será um encanto! - exclamava a Sra. de Gallardon.

- Mas também é um encanto ficar ao pé da lareira - replicava Sra. de Guermantes.

Os Courvoisiers não se refaziam do assombro, mas os Guermantes sem imitar, aprovavam:

- Naturalmente, nem todo mundo está, Oriane, em situação de romper com todos os costumes. Porém, de um lado não se pode dizer que ela esteja errada em querer nos mostrar que exageramos ao nos fazermos tão submissos diante desses estrangeiros que nem sempre se sabe de onde vêm.

Naturalmente, conhecendo os comentários que uma ou outra atitude não deixavam de provocar, a Sra. de Guermantes sentia tanto prazer em comparecer a uma festa em que não contavam com ela, como em ficar em casa ou ir com o marido ao teatro, numa noite de festa a que "todo mundo" comparecia, ou então, quando pensavam que ela eclipsaria os mais belos diamantes com um diadema histórico, surgir sem uma única jóia e com um vestido diverso daquele que julgavam erroneamente ser de rigor. Embora fosse antidreyfusista (sem deixar de crer na inocência de Dreyfus, assim como passava a vida na sociedade acreditando apenas nas idéias), causara sensação imensa, numa recepção em

casa da princesa de Ligne; primeiro permanecendo sentada quando todas as damas se ergueram à entrada do general Mercier, e a seguir, levantando-se e chamando ostensivamente seus criados quando um orador nacionalista principiara uma conferência, mostrando assim que não achava que as reuniões mundanas fossem

feitas para se falar de política; todas as cabeças se haviam voltado para ela, num concerto da Sexta-feira Santa, em que, apesar de voltaireana, não permanecera, pois achara indecente que pusessem o Cristo em cena. Sabe-se o que é, mesmo para as maiores mundanas, o momento do ano em que começam as festas; a ponto de que a marquesa de Amoncourt, que, por necessidade de falar, mania psicológica, e também por falta de sensibilidade, acabava muitas vezes por dizer asneiras, pudera responder a alguém que tinha vindo dar-lhe os pêsames pela morte do pai, o Sr. de Montmorency:

- É talvez ainda mais triste que nos ocorra semelhante desgosto no momento em que temos no espelho centenas de convites. -

Ora bem, nesse momento do ano, quando convidavam para jantar a duquesa de Guermantes, apressando-se com receio de que já estivesse comprometida, ela o recusava pela única razão a que um mundano jamais ocorreria: ia partir em excursão para visitar os lordes da Noruega, que a interessavam. As pessoas da sociedade ficavam estupefatas com aquilo e, sem se preocuparem em imitar a duquesa, sentiam no entanto, com o seu ato, a espécie de alívio que se tem em Kant quando, após a mais rigorosa demonstração do determinismo, descobre-se que acima do mundo da necessidade existe o da liberdade. Toda invenção em que jamais se pensou excita o espírito, mesmo das pessoas que não sabem aproveita-la. A da navegação a vapor era de pouca importância comparada com o seu uso à época sedentária. A idéia de que se podia voluntariamente renunciar a cem jantares e almoços na cidade, a duzentos "chás", a trezentas recepções noturnas, às mais brilhantes segundas da ópera e às terças do "Français", parar de visitar os lordes da Noruega, não pareceu aos Courvoisiers mais explicado que as *Vinte mil léguas submarinas*, mas comunicou-lhes a mesma sensação de independência e charme. Assim, não havia dia em que não se ouvisse dizer não só "Você conhece a última frase de Oriane?", mas também "Você sabe a última de Oriane?" E da "última de Oriane?", como da última "frase" de Oriane, repetia-se: "É bem de Oriane", "É bem da Oriane", "É pura Oriane". A última de Oriane era, por exemplo, que, tendo que responder nome de uma sociedade patriótica ao cardeal X, bispo de Mâcon (a quem de hábito o Sr. de Guermantes, quando falava dele, chamava de "Senhor de Mascou", pois o duque achava aquilo "França antiga"), como todos pudessem imaginar de que jeito seria a carta e achassem bom o começo: "Eminência" ou "Monsenhor" mas embaraçavam-se diante do resto; a carta de Oriane, para espanto de todos, principiava por "Senhor

cardeal" devido a um velho costume acadêmico, ou por "Meu primo", expressão usual entre os príncipes da Igreja, os Guermantes e os soberanos que pediam a Deus que os tivessem a uns e outros "sob Sua santa e digna guarda". Para que se falasse de uma "última de Oriane", bastava que, num espetáculo que comparecia Paris inteira, e onde se representava uma peça muito simpática, como procurassem a Sra. de Guermantes no camarote da princesa de Parma, da princesa de Guermantes e de tantas outras que a tinham convidado, encontravam-na sozinha, de preto, com um chapeuzinho minúsculo numa poltrona a que chegara quando do erguer do pano.

- Ouve-se melhor no caso de uma peça que valha a pena - explicava, para escândalo dos Courvoisiers e deslumbramento dos Guermantes e da princesa de Parma, que descobriam subitamente que o "gênero" de ouvir o começo de uma peça era mais novo, demonstrava mais originalidade e inteligência (o que não era de espantar da parte de Oriane) do que chegar para o último ato após um jantar e uma aparição em um sarau. Tais eram os diferentes gêneros de espanto para os quais a princesa de Parma sabia que poderia preparar-se; propunha uma pergunta literária ou mundana à Sra. de Guermantes, e que faziam que, durante esses jantares na casa da duquesa, a Alteza não se aventurasse sobre o menor assunto a não ser com a prudência inquieta e maravilhosa da banhista que emerge entre duas vagas.

Dentre os elementos que, ausentes dos outros dois ou três salões, mais ou menos equivalentes que estavam à frente do *faubourg* de Sant-Germain, diferenciavam destes o salão da duquesa de Guermantes, com Leibnitz admite que cada mônada, refletindo todo o universo, acresceu lhe algo particular, um dos menos simpáticos era habitualmente fornecido por uma ou duas mulheres muito belas que ali só se achavam por sua beleza, pelo uso dela fizera o Sr. como em outros salões, certo era um ardente apreciador de pouco, pois o duque possuía voltas e majestosas, de Vitória de Samotrácia, muitas vezes ruivas, como a mais viscondessa d'Arpajon, que ele teve tempo a lhe enviar até dez duquesas, correspondendo-se estava em Guermantes, e de ser capaz de passar, que, num inverno todas as semanas a Paris, fazia de ordinário, essas beldades que já não o eram como a Sra. Oriane. Todavia, talvez o prestígio da esperança de serem recebidas em sem meio bastante aristocrático - decidido, mais até que pelo desejo deste. Além do mais, resolutas que elas penetrassem para encontrar uma aliada, graças o Sr. de Guermantes recusava apaixonado por outra. Assim em casa da duquesa quando antes de que o duque, cada vez por um simples capricho, em trouxesse para o salão de sua esposa. Por um primeiro beijo, porque contara, ou, ao contrário, por vezes a gratidão, o desejo do que a expectativa e o intenção dessa oferta era obstada por mulheres que haviam correspondido as vezes até quando ainda não tivessem sido seqüestradas por ele, que passava junto delas

quase por seus filhos, aos quais às vezes chegava a dar um irmão e a apresentação à Sra. De Guermantes o duque, desempenhara um papel no espírito da amante, a própria ligação transformara os pontos de vista desta; o duque não era mais, para ela, o marido da mais elegante mulher de Paris, mas um homem amado por nova amante, um homem que freqüentemente lhe proporcionara os meios e o gosto de mais luxo e que invertera a ordem anterior de importância, - questões de esnobismo e de interesse; enfim, por vezes, um ciúme de todos os tipos animava as amantes do duque contra a Sra. de Guermantes.

Mas este era o caso mais raro; aliás, quando por fim chegava o dia da apresentação (num momento em que a amante já era, em geral, bem indiferente ao duque, cujos atos, como os de todo mundo, eram o mais das vezes comandados pelos atos anteriores, cujo móvel primeiro já não existia), ocorria seguidamente que era a Sra. de Guermantes quem procurava receber a amante, em que esperava e tinha tanta necessidade de encontrar, contra seu terrível marido, uma preciosa aliada. Não que, salvo em raros momentos, em casa, onde, quando a duquesa falava demais, ele deixava escapar algo, mas palavras e sobretudo silêncios fulminantes, o Sr. de Guermantes faltasse, quanto à esposa, com o que se chama "as formalidades". As pessoas que os não conheciam podiam enganar-se. Às vezes, no outono, entre as coloridas de Deauville, as águas, a partida para Guermantes e as caçadas, em poucas semanas que passavam em Paris, como a duquesa apreciavam o café-concerto, o duque lá ia com ela passar uma noite. O público reparava logo, numa dessas frias descobertas onde só cabem duas pessoas - aquele Hércules de *smoking* (pois na França dá-se a tudo que seja mais ou menos britânico o nome que já não se usa na Inglaterra), de monóculo no olho, tendo na mão, gorda porém bonita, em cujo dedo anular brilhava um anel de safira, um enorme charuto de que de vez em quando tirava uma baforada, os olhos normalmente voltados para o palco, mas, quando os deixava cair sobre a platéia, onde aliás não conhecia absolutamente ninguém, abrandava os olhares com um ar de doçura, de reserva, de polidez e consideração. Quando uma peça lhe parecia engraçada, não muito indecente, o duque se voltava risonho para a mulher, partilhava com ela, como um sinal de inteligência, de bondade, a alegria inocente que lhe proporcionava a nova canção. E os espectadores podiam crer que não havia melhor marido que ele, nem ninguém mais invejável do que a duquesa aquela mulher que estava fora de todos os interesses do duque nesta vida, aquela mulher que ele não amava, a quem jamais deixara de trair; quando a duquesa se sentia cansada, via-se o Sr. de Guermantes levantar-se, colar-lhe ele próprio a capa, arrumando-lhe os colares para que não se enganchassem no forro, e abrir-lhe caminho até a saída, com os cuidados explícitos e respeitosos que ela recebia com a frieza da mundana; e às vezes até com a amargura um tanto irônica da esposa desabusada que não tem mais qualquer ilusão a perder. Mas, apesar dessas exterioridades, outra porção

dessa polidez que tem feito subirem os deveres das profundezas à superfície, em uma época já antiga, mas que ainda permanece quanto aos sobreviventes, a vida da duquesa era difícil. O Sr. de Guermantes só se tornava generoso e humano para uma nova amante, a qual tomava, como acontecia com freqüência, o partido da duquesa; esta via tornarem-se de novo possíveis, para ela, generosidades para com os inferiores, caridades para os pobres, e até para ela própria, mais tarde, um novo e magnífico automóvel. Mas da irritação que, de hábito, vinha bem depressa para a Sra. de Guermantes quanto às pessoas que lhe eram muito submissas, não se excetuavam as amantes do duque. Em breve a duquesa se aborrecia delas. Ora, naquele momento as relações do duque com a Sra. d'Arpajon chegavam ao fim. Uma outra amante despontava.

Sem dúvida, o amor que o Sr. de Guermantes tivera sucessivamente por todas elas recomeçava um dia a se fazer sentir: primeiro, esse amor, ao morrer, legava-as, como belos mármores mármores lindos para o duque, que assim se fazia parcialmente artista, porque as havia amado e agora era sensível às linhas que não teria apreciado sem o amor que justapunham, no salão da duquesa, suas formas durante longo tempo inimigas, devoradas pelos ciúmes e as querelas, e por fim reconciliadas na paz da amizade; depois, essa mesma amizade era um efeito do amor, que fizera com que o duque de Guermantes reparasse, em suas amantes, virtudes que existem em todo ser humano, mas que só à volúpia são perceptíveis, por mais que a ex-amante, que se torna "uma excelente camarada" que faria qualquer coisa por nós, seja um clichê, como o médico ou o pai que não são um médico ou um pai, e sim um amigo. Mas, durante um primeiro período, a mulher que o Sr. de Guermantes começava a abandonar se queixava, fazia cenas, mostrava-se exigente, parecia indiscreta, intrigante. O duque principiava a embirrar com ela. Então a Sra. de Guermantes tinha ocasião de pôr em evidência os defeitos verdadeiros ou supostos de uma pessoa que a irritava. Conhecida pela bondade, a Sra. de Guermantes recebia os telefonemas, as confidências, as lágrimas da abandonada, e não se queixava. Ria daquilo com seu marido, e depois com alguns íntimos. E, julgando, por essa piedade que mostrava à infortunada, ter o direito de escarnecê-la em sua própria presença, por qualquer coisa que dissesse, contanto que isso pudesse entrar no quadro do caráter ridículo que o duque e a duquesa lhe haviam forjado recentemente, a Sra. de Guermantes não se vexava de trocar olhares de irônica inteligência com o marido.

Entretanto, sentando-se à mesa, a princesa de Parma se lembrava que desejava convidar a Sra. d'Heudicourt para a ópera e, querendo saber se isso não desagradaria à Sra. de Guermantes, procurou sondá-la. Neste,momento entrou o Sr. de Grouchy, cujo trem, devido a um descarrilamento tivera um atraso de uma hora. Desculpou-se como pôde; se sua mulher fosse uma Courvoisier, teria

morrido de vergonha. Mas não era à toa que a Sra. de Grouchy era uma Guermantes. Como o seu marido se desculpara pelo atraso:

- Vejo - disse ela tomando a palavra que, até para as pequenas coisas, estar atrasado é uma tradição em sua família.

- Sente-se, Grouchy, e não fique embaraçado - disse o duque.- Sempre caminhando com o meu tempo, sou forçado a reconhecer que a batalha de Waterloo teve algo de bom, pois permitiu a restauração do Bourbons e, melhor ainda, de um jeito que os fez impopulares. Mas vale que o senhor é um verdadeiro Nimrod!

- De fato, consegui algumas boas peças. Vou me permitir enviar amanhã à duquesa uma dúzia de faisões.

Um pensamento pareceu passar pelos olhos azuis da Sra. Guermantes. Ela insistiu para que o Sr. de Grouchy não se incomodasse em mandar os faisões. E, fazendo um sinal para o lacaio noivo, com quem conversara ao deixar a sala dos Elstirs:

- Poullein - disse ela-; você irá buscar os faisões do senhor e os trará imediatamente, pois, não é mesmo, Grouchy, o senhor permite que eu faça algumas gentilezas? Nós dois, Basin e eu, não comeremos faisões.

- Mas depois de amanhã haverá tempo - observou o Sr. de Grouchy.

- Não, prefiro amanhã - insistiu a duquesa.

Poullein empalidecera; seu encontro com a noiva havia falhado. Aquilo bastava para a distração da duquesa, que fazia questão de que tudo mantivesse um aspecto humano.

- Sei que é o seu dia de folga - disse ela a Poullein-; não tenho mais que trocar com Georges, que sairá amanhã e ficará trabalhando depois de amanhã.

- Mas depois de amanhã a noiva de Poullein não estaria livre; por isso importa ter folga. Logo que Poullein saiu da sala, todos cumprimentaram a duquesa por sua bondade com os criados.

- Mas eu só faço com eles o que gostaria que fizessem comigo.

- Exatamente! Eles podem dizer que tem um bom lugar na casa.

- Não é tanto assim. Mas acho que me estimam. Este é um pouco irritante porque está apaixonado; julga dever tomar uns ares melancólicos.

Nesse momento, Poullein voltou.

- De fato - disse o Sr. de Grouchy -, ele não parece risonho.- Com essa gente é preciso ser bom, mas não bom demais.

- Reconheço que não sou terrível; durante o dia inteiro ele não terá mais a fazer

que ir buscar os seus faisões, ficar aqui sem fazer nada e comer a sua porção.

- Muita gente gostaria de estar em seu lugar - disse o Sr. de Grouchy -, pois a inveja é cega.

- Oriane - disse a princesa de Parma -, tive outro dia a visita de sua prima d'Heudicourt; evidentemente, é uma mulher de inteligência superior. É uma Guermantes, e isso diz tudo, mas falam que é maldizente...

O duque lançou à mulher um longo olhar de intencional espanto. A Sra. de Guermantes se pôs a rir. A princesa acabou percebendo.

- Mas... quer dizer que não são... da minha opinião?... - indagou ela, inquieta.

- Mas Vossa Alteza é boa demais para se importar com as caras de Basin. Vamos, Basin, não dê impressão de estar insinuando coisas más sobre nossos parentes.

- Ele a considera muito má? - perguntou vivamente a princesa.

- Absolutamente - replicou a duquesa. - Não sei quem disse a Vossa Alteza que ela era maldizente. Pelo contrário, é uma criatura excelente, jamais diz mal de ninguém, nem faz mal a quem quer que seja.

- Ah! - disse a Sra. de Parma, aliviada. - Nem eu tampouco notara coisa alguma. Mas, como sei que muitas vezes é difícil não ter um pouco de malícia quando se possui bastante espírito...

- Ah, isto, por exemplo, ela possui ainda menos.

- Menos espírito? - indagou a princesa, pasma.

- Olhe, Oriane - interrompeu o duque em tom queixoso e lançando a seu redor, à direita e à esquerda, olhares divertidos -, você está ouvindo que a princesa lhe diz que se trata de uma mulher superior.

- E não é?

- Pelo menos é superiormente gorda.

- Não o escute, Alteza, ele não está sendo sincero. Ela é estúpida, como - disse com voz forte e rouca a Sra. de Guermantes, que literalmente "um ganso", como se diz na província.

Bem mais "França antiga" ainda que o duque quando não cuidava disso, procurava muitas vezes sê-lo, porém de uma forma oposta ao gênero "punho de renda" e deliqüescente do marido e, na realidade, bem mais fina, por uma espécie de pronúncia quase camponesa que possuía um áspero e delicioso sabor de terra.

- Mas é a melhor mulher do mundo. E depois, nem sei mesmo se, em tal grau,

pode-se chamar a isso de estupidez. Acho que jamais conheci criatura semelhante; é caso para um médico, aquilo tem algo de patológico, é uma espécie de "inocente", de cretina, de "retardada", como nos melodramas ou como na Arlesiana. Sempre me pergunto, quando ela está aqui, se não chegou o momento em que sua inteligência vai despertar o que sempre dá um pouco de medo. - A princesa se maravilhava dessas expressões, sempre se mostrando estupefata com o veredicto.

- Ela me falou, bem como a Sra. d'Épinay, na sua frase acerca de *Taquin, o Soberbo*. É deliciosa - concluiu.

O Sr. de Guermantes explicou-me a frase. Tive vontade de lhe dizer que seu irmão, que pretendia não me conhecer, esperava-me naquela mesma noite às onze horas. Mas eu não tinha perguntado a Robert se poderia falar desse encontro e, como o Sr. de Charlus quase me houvesse fixado tal encontro, em contradição com o que dissera à duquesa, achei mais delicado calar-me.

- *Taquin, o Soberbo* não é nada mau- disse o Sr. de Guermantes-, mas a Sra. d'Heudicourt provavelmente não lhe contou uma frase bem mais bonita que Oriane disse outro dia, em resposta a um convite para almoçar.

- Oh, não! Diga-a.

- Ora, Basin, cale-se; primeiro, é uma frase estúpida e vai me fazer ser julgada pela princesa como inferior à tola da minha prima. E depois não sei por que digo minha prima. É uma prima de Basin. Ainda assim um pouco parenta minha.

- Oh! - exclamou a princesa de Parma à idéia de que poderia achar estúpida a Sra. de Guermantes, e protestando desesperadamente que nada podia fazer com que a duquesa decaísse do posto que ocupava em sua admiração.

- E depois, já lhe retiramos as qualidades do espírito; como a expressão tende a negar-lhe certos dons do coração, parece-me inoportuna.

- Negar! Inoportuna!

- Como ela se exprime bem! - disse o duque com uma ironia fingida e para que admirassem a duquesa.

- Ora, Basin, não zombe de sua mulher.

- É preciso dizer a Vossa Alteza Real - replicou o duque - que a prima de Oriane é superior, bondosa, gorda, tudo o que quiserem, mas precisamente, como direi... pródiga.

- Sim, eu sei; ela é bem avarenta - interrompeu a princesa.

- Eu não me permitiria esta expressão, mas a senhora achou a palavra exata. Isto se traduz na casa bem arrumada e particularmente na cozinha, que é excelente,

mas medida.

- Isto chega mesmo a dar lugar a cenas bem cômicas - interrompeu o Sr. de Bréauté. - Assim, meu caro Basin, fui passar um dia em Heudicourt, onde você e Oriane eram esperados. Haviam feito suntuosos preparativos quando, de tarde, um lacaio trouxe um despacho de vocês dizendo que não vinham mais.

- Isto não me espanta - disse a duquesa, que não só era difícil de apanhar, como queria que todos o soubessem.

- Sua prima leu o telegrama, ficou desolada e, logo após, sem me perturbar e dizendo não ser necessário fazer tantas despesas inúteis relativamente a um senhor sem importância como eu, chamou o lacaio: "Diga ao cozinheiro-chefe para retirar o frango", gritou-lhe. E de noite, ouvi que perguntava ao mordomo: "E então? E os restos do boi de ontem? Não vai servi-los?"

- De resto, é preciso reconhecer que o passadio ali é perfeito - disse o duque, julgando mostrar-se *ancien régime* ao empregar esse termo. - Não conheço casa onde melhor se coma.

- Nem menos - acrescentou a duquesa.

- É muito saudável, e o bastante para o que se chama um plebeu vulgar feito eu - continuou o duque -; a gente fica com fome.

- Ah, como dieta é de fato mais higiênico do que opulento. Aliás, não é tão bom assim -devolveu a duquesa, que não gostava muito que dessem o título de melhor mesa de Paris a outra que não a sua.

- Acontece com minha prima o mesmo que se dá com os autores constipados que põem uma peça em um ato, ou um soneto, a cada quinze anos. É o que se chama de pequenas obras-primas, ninharias que são jóias, numa palavra, a coisa de que mais tenho horror. Na casa de Zénaïde, a cozinha não é ruim, mas poderiam achá-la mais a contento se ela não fosse tão parcimoniosa. Há umas coisas que o cozinheiro-chefe produz bem, mas há outras coisas em que ele falha. Já tive ali, como em toda parte, jantares horríveis; mas me fizeram menos mal do que em outro lugar, porque o estômago, no fundo, é mais sensível à quantidade que à qualidade. Enfim, para acabar - concluiu o duque -, Zénaïde insistia para que Oriane fosse almoçar, e, como a minha mulher não gosta muito de sair de casa, resistia, e procurava saber se, sob o pretexto de uma refeição íntima não a embarcavam deslealmente numa grande festança e em vão tentava averiguar quais eram os convidados que haveria para esse almoço. “Vente, vem insistia Zénaïde”, gabando as coisas boas que haveria para o almoço, - Hás de comer um purê de castanhas, digo só isto, e haverá pequenas *bouchées a Ia reine*.

- Sete *bouchées* - gritou Oriane.

- Enfim é que teremos no mínimo oito!

Ao cabo de alguns instantes, a princesa, tendo entendido, deixou rebentar o seu riso como o rolar de uma trovoada.

- Ah, então seremos mínimo oito, é sensacional! Como está bem redigido! - disse ela, tendo num supremo esforço, encontrado a expressão de que se servira a Sra. d'Épinaey e que desta vez se aplicava melhor.

- Oriane, é muito bonito o que diz a princesa; ela diz que está "bem redigido"

- Mas, meu amigo, não está me dizendo nada de novo; eu sei que a princesa é muito espirituosa - respondeu a Sra. de Guermantes, que apreciava facilmente uma expressão quando, a um tempo, era pronunciada por uma Alteza e elogiava o seu próprio espírito. - Estou muito orgulhosa de que Vossa Alteza aprecie minhas modestas redações. Todavia, não me lembro de ter dito semelhante coisa. E, se o disse, era para elogiar a minha prima, pois, se tinha sete *bouchées,* as bocas, se ouso expressar-me assim, deviam ultrapassar uma dúzia...

Durante todo esse tempo, a condessa d'Arpajon que, antes do jantar, me dissera que sua tia ficaria muito feliz em me mostrar o seu castelo da Normandia, dizia-me, por sobre a cabeça do príncipe de Agrigento, que desejaria receber-me, sobretudo, na Côte-d'Or, pois lá, em Pont-le-Duc, elem se achava em casa.

- Os arquivos do castelo lhe interessariam. Há correspondências excessivamente curiosas entre todas as pessoas mais notáveis dos séculos XVII, XVIII e XIX. Ali passo horas maravilhosas, vivo no passado- garantiu o Sr. de Guermantes que me prevenira ser fortíssima em literatura.

- Ela possui todos os manuscritos do Sr. de Bornier - retornou a princesa, falando da Sra. d'Heudicourt, pois desejava fazer valer as boas razões que podia ter para se ligar a ela.

- Ela deve ter sonhado, julgo que nem sequer o conhecia - disse a duquesa.

- O que é principalmente interessante é que tais correspondências são de pessoas de diversos países - continuou a condessa d'Arpajon que aliada às principais casas ducais e até soberanas da Europa, sentia-se feliz por lembrá-lo.

- Mas sim, Oriane. Você se lembra muito bem daquele jantar em que teve o Sr. Bornieer como vizinho.

Mas Basin, interrompeu a duquesa:

- Se quiser me dizer que conheci o Sr. de Bornier, naturalmente; ele até veio várias vezes para me visitar, mas nunca me decidi a convidá-lo porque, de cada vez, teria sido obrigada a desinfetar a casa com formol. Quanto a esse jantar, até me recordo muito bem; não foi de jeito nenhum na casa de Zénaide, que nunca viu Bornier em toda a sua vida, e que deve achar, se alguém lhe fala da Filha de

Roland, que se trata de uma princesa Bonaparte que diziam ser noiva do filho do rei da Grécia; não, foi na embaixada da Áustria. O encantador Hoyos pensara agradar-me, colocando numa cadeira ao lado da minha esse acadêmico empesteado. Achei que era vizinha de um esquadrão de *gendarmes*. Fui obrigada a tapar o nariz como pude durante todo o jantar, e só tive coragem de respirar no *gruyere*!

O Sr. de Guermantes, que atingira seu fim secreto, examinou com o rabo do olho, no rosto dos convivas, a impressão causada pela frase da duquesa.

- Aliás, acho um encanto particular nas correspondências - continuou, apesar da interposição da cara do príncipe de Agrigento, a dama forte em literatura que possuía tão curiosas cartas em seu castelo.

- Já repararam que muitas vezes as cartas de um escritor são superiores ao resto de sua obra? Como se chama então esse autor que escreveu *Salambô*?

Eu teria preferido não responder, para não prolongar a conversa, mas senti que desgostaria o príncipe de Agrigento, que parecia saber perfeitamente de quem era *Salambô* e me deixar, por pura cortesia, o prazer de declinar o seu nome, mas estava num embaraço cruel.

- Flaubert - acabei por dizer, mas o sinal de assentimento feito pela cabeça do príncipe abafou o som de minha resposta, de modo que minha interlocutora não soube exatamente se eu dissera Paul Bert ou Fulbert, nomes que não a deixaram inteiramente satisfeita.

- Em todo caso - redargüiu ela -, como sua correspondência é curiosa e superior a seus livros! Ela o explica, aliás, pois vê-se, por tudo o que se diz ali sobre o trabalho que dá fazer um livro, que não se tratava de um verdadeiro escritor, um homem dotado.

- Já que falam de correspondências, acho admirável a de Gambetta - disse a duquesa de Guermantes, para mostrar que não temia interessar-se por um proletário e um radical.

O Sr. de Bréauté compreendeu todo o espírito dessa audácia, olhou ao redor com um olhar a um tempo "tocado", enternecido, após o que enxugou o monóculo.

- Deus, é terrivelmente enfadonho A Filha de Roland - disse o Sr. de Guermantes, com a satisfação que lhe dava o sentimento de sua superioridade sobre uma obra com que tanto se aborrecera, talvez também pelo suave *mari magno* que experimentamos, no meio de um bom jantar, em nos lembrarmos de tão terríveis serões.

- Mas apresentava alguns bons versos, um sentimento patriótico. - Insinuei que não sentia qualquer admiração pelo Sr. de Bornier.

- Ah, o senhor tem algo a censurar-lhe - indagou com curiosidade o duque, que sempre achava, quando falavam mal de um homem, que isto se devia a um sentimento pessoal, e, quando bem de uma mulher, que indicava o princípio de um romancezinho.

- Vejo que o senhor tem algo contra ele. Que foi que ele lhe fez? Conte-nos! Mas sim, deve haver algum ressentimento entre os senhores, visto que o está difamando. A Filha de Roland é uma peça comprida, mas muito penetrante.

- "Penetrante" é bem adequado para um autor tão odorífero - interrompeu ironicamente a Sra. de Guermantes. - Se este pobre rapaz alguma vez se encontrou com ele, é compreensível que esteja com ele pelo nariz!

- Aliás, devo confessar a Vossa Alteza - retornou o duque, dirigindo-se à princesa de Parma que, A Filha de Roland à parte, em literatura e até em música, sou terrivelmente antiquado, e não há rouxinol por mais velho que não me agrade. Talvez não acredite, mas de noite, se minha mulher se senta ao piano, acontece-me pedir-lhe que toque uma velha ária de Auber, de Boieldieu, e até de Beethoven. É disto que eu gosto. Quanto a Wagner, faz-me dormir imediatamente.

- Você está errado retrucou a Sra. de Guermantes -; apesar da extensão insuportável, Wagner é dotado de gênio. Lohengrin é uma obra prima. Mesmo no Tristão existe aqui e ali uma página curiosa. E o Coro das fiandeiras do Navio Fantasma é pura maravilha.

- Não é, Babal? - disse o Sr. de Guermantes, dirigindo-se ao Sr. de Bréauté -, nós preferimos; os encontros de nobre companhia dão-se todos no encanto desta casa. É delicioso. E Fra Diavolo, e A Flauta Mágica, e O Chalé, e As Bodas de Fígaro, e Os Diamantes da Coroa, isso é que é música! Em literatura, é a mesma coisa. Assim, adoro Balzac, O Baile de Sceaux, Os Moicanos de Paris."

- Ah, meu caro, se você entra em luta por Balzac não vai terminar tão cedo. Guarde isso para um dia em que Mémé estiver presente. Este é melhor ainda, sabe-o de cor.

Irritado com a interrupção da mulher, o duque manteve-a por instante sob o fogo de um silêncio ameaçador. Entretanto, a Sra. d'Arpajon trocara com a princesa de Parma, sobre a poesia trágica e a poesia em geral, frases que não me chegaram distintamente, quando ouvi esta, pronunciada pela Sra. d'Arpajon:

- Oh, tudo o que Vossa Alteza quiser, concordo que ele nos faz ver feio o mundo porque não sabe distinguir entre o que é feio e o que é belo, ou melhor, porque sua vaidade insuportável lhe faz acreditar que tudo o que diz é belo; reconheço com Vossa Alteza que, na peça em questão, há coisas ridículas, inteligíveis, falta de gosto, que ela é difícil de compreender, que, para ler, dá tanto trabalho como

se estivesse escrita em russo ou em chinês, pois evidentemente trata-se de tudo menos de francês; mas, quando a gente se dá a esse trabalho, como fica recompensada, há tanta imaginação! -

Desse pequeno discurso eu não ouvira o começo. Acabei por entender não só que o poeta incapaz de distinguir o belo do feio era Victor Hugo, mas ainda que a poesia que dava tanto trabalho para compreender como se fosse russo ou chinês era: Quando a criança aparece, o círculo familiar aplaude em grandes gritos...peça do primeiro período do poeta, e que está ainda mais próximo da Sra. Deshoulieres que do Victor Hugo da Legenda dos Séculos. Longe de achar ridícula a Sra. d'Arpajon, eu a vi (a primeira daquela mesa tão real, tão qualquer, onde eu me sentara com tanta decepção), eu a vi com os olhos do espírito, sob aquela touca de rendas, de onde se escapam os anéis redondos de longos caracóis, usados pela Sra. de Rémusat, a Sra. de Broglie, a Sra. de Saint-Aulaire, todas essas mulheres tão distintas que, em suas cartas encantadoras, citam, com tanta sabedoria e pertinência, Sófocles, Schiller e a Imitação, mas a quem as primeiras poesias dos românticos causavam esse horror e esse cansaço, para minha avó inseparáveis dos últimos versos de Stéphane Mallarmé.

- A Sra. d'Arpajon gosta muito de poesia - disse à Sra. de Guermantes a princesa de Parma, impressionada com o tom ardente com que o discurso fora pronunciado.

- Não, ela não entende absolutamente nada de poesia - respondeu em voz baixa a Sra. de Guermantes, que aproveitou que a Sra. d'Arpajon, respondendo a uma objeção do general de Beautreillis, estava por demais ocupada com as próprias palavras para ouvir as que a duquesa sussurrava. - Ela se tornou literária desde que foi abandonada. Devo dizer a Vossa Alteza que eu é que suporto o peso de tudo isso, porque é junto a mim que ela vem gemer de cada vez que Basin não vai vê-la, isto é, quase todos os dias. Não é absolutamente culpa minha se ela o entedia, não posso forçá-lo a ir à casa dela, embora preferisse que ele lhe fosse um pouco mais fiel, pois assim a veria um pouco menos. Mas ela o aborrece, o que não é extraordinário. Não é má pessoa, mas é entediante a um ponto que a senhora não pode imaginar. Todos os dias, ela me dá tanta dor de cabeça que sou obrigada a tomar de cada vez uma pílula de piramido. E tudo isso porque aprouve a Basin, durante um ano, me enganar com ela. E, com tudo isso, ter um lacaio que está apaixonado por outra mocinha à toa e que se mostra de cara amarrada se não peço a essa jovem que deixe um momento a sua rendosa calçada para vir tomar chá comigo! Oh, a vida é um tédio -, concluiu langorosamente a duquesa.

A Sra. d'Arpajon aborrecia o Sr. de Guermantes, principalmente porque ele se tornara, desde pouco, o amante de uma outra, que eu fiquei sabendo ser a marquesa de Surgis-le-Duc.

Era justamente o lacaio privado de seu dia de folga quem estava servindo à mesa. E pensei que, triste ainda, ele o fazia muito perturbado, pois reparei que, passando os pratos ao Sr. de Châtellerault, se desempenhava tão desajeitadamente da tarefa que o cotovelo do duque esbarrou diversas vezes no cotovelo do criado. O jovem duque de modo algum se zangou com o lacaio enrubescido; pelo contrário, olhou-o risonho com seu olhar azul-celeste. O bom humor não me pareceu, da parte do conviva, prova de bondade. Mas a insistência de seu riso me fez acreditar que, evitando a par da decepção do criado, talvez, ao contrário, experimentasse alegria maldosa.

- Mas, minha cara você sabe que não é uma descoberta que está fazendo ao nos falar de Victor Hugo - continuou a duquesa, dirigindo-se desta vez à Sra. d'Arpajon, a quem acabava de ver virar a cabeça inquieta. - Não espera lançar este estreante. Todos sabem que ele tem talento. O que é detestável é o Victor Hugo do fim, *A Legenda dos Séculos* não sei mais os títulos. Mas *As Folhas de Outono, Os Cantos do Crepúsculo;* são muitas vezes de um poeta, de um verdadeiro poeta. Até nas *Contemplações* - acrescentou a duquesa, a quem os interlocutores não ousavam contradizer, e não sem razão -, ainda há coisas bonitas. Mas confesso acho melhor não me aventurar depois do *Crepúsculo*! E depois, nas belas poesias de Victor Hugo, e elas existem, encontra-se muitas vezes mesmo uma idéia profunda.

E com um sentimento de justiça, fazendo sair a triste idéia de todas as forças de sua entonação, colocando-a além da voz e fixando à sua frente um olhar atraente e sonhador, a duquesa disse lentamente:

- Olhem: "A mágoa é um fruto. Deus não a faz crescer. Sobre o galho ainda frágil para carregá-la", ou então, ainda: "Os mortos bem pouco duram... Ai de mim, tombam em pó no túmulo, menos depressa que em nosso coração!"

E, ao passo que um sorriso desencantado franzia com graciosa sinuosidade a sua boca dolorosa, a duquesa fixou na Sra. d'Arpajon o olhar pensativo de seus olhos claros e encantadores. Eu começava a conhecê-los, bem como a sua voz, tão asperamente saborosa, tão pesadamente arrastada. Nesses olhos e nessa voz, eu encontrava muito da natureza de Combray. Certo, na afetação com que essa voz fazia aparecer por instantes uma rudeza de solo, havia muitas coisas: a origem toda provinciana de um ramo da família de Guermantes, que permanecera mais tempo localizado, mais atrevido, mais selvagem, mais provocante; e depois, o hábito de pessoas verdadeiramente distintas e de pessoas de espírito que sabem que a distinção não está em falar com os cantos da boca, e também de nobres que confraternizaram mais de boa vontade com seus camponeses do que com os burgueses; particularidades todas que a posição de rainha da Sra. de Guermantes lhe permitira exibir mais facilmente, desfraldar as velas. Parece que essa mesma voz existia em suas irmãs, que ela detestava e que, menos inteligentes e

quase burguesmente casadas, se se pode empregar este advérbio quando se trata de nobres obscuros, enfurnados em sua província ou em Paris, num *faubourg* Saint-Germain sem brilho, também possuíam essa voz, mas tinham-na refreado, corrigido, adocicado tanto quanto podiam, assim como é bem raro que um dentre nós tenha o topete de sua originalidade e não se aplique em assemelhar-se aos modelos mais elogiados. Mas Oriane era de tal modo mais inteligente, de tal modo mais rica, e sobretudo de tal modo mais na moda do que suas irmãs, tivera, como princesa des Laumes, tanta influência junto ao príncipe de Gales, que havia compreendido que essa voz discordante era um atrativo, e fizera dessa voz, na ordem da sociedade, com a audácia da originalidade e do êxito, aquilo que, na ordem do teatro, uma Réjane, uma Jeanne Granier (de resto, se comparação, naturalmente, entre o valor e o talento destas duas artista)- fizeram da sua algo de admirável e distintivo que talvez as irmãs de Réjae de Granier, que ninguém jamais conheceu, tentaram disfarçar como um defeito. Há tantos motivos para ampliar sua originalidade local, os escritores preferidos da Sra. de Guermantes - Mérimée, Meilhac e Halévy tinham vindo ajuntar, com o respeito ao "natural", um desejo de prosaísmo pelo qual ela atingia a poesia, e um espírito puramente de sociedade que ressuscitava paisagens diante de mim. Além disso, a duquesa, acrescentando a essas influências um interesse artístico, era bem capaz de ter escolhido, para maior parte das palavras, a pronúncia que lhe parecia a mais *belle-de-France*, a mais da Champagne, visto que, se não totalmente na medida de sua cunhada Marsantes, ela quase que só empregava o puro vocabulário de que poderia ter se servido um velho escritor francês. E, quando se estava cansado da compósita e variada linguagem moderna, era, mesmo sabendo que ela exprimia menos coisas, um grande repouso ouvir a conversa da Sra.Guermantes quase o mesmo repouso, quando se estava a sós com ela, ainda restringia e aclarava o seu fluxo, do que o que se experimenta ao ouvir uma velha canção. Então, olhando e ouvindo a Sra. de Guermantes, eu via, prisioneiro da permanente e tranqüila tarde de seus olhos, um *belle-de-France* ou da Champagne estender-se, azulado, oblíquo, com mesmo ângulo de inclinação que possuía em Saint-Loup. Assim, por essas diversas formações, a Sra. de Guermantes exprimia a um tempo a mais antiga França aristocrática, e depois, muito mais tarde, o modo como a duquesa de Broglie poderia ter desfrutado e censurado Victor Hugo sob a monarquia de Julho, enfim, um vivo gosto pela literatura produzida por Mérimée e Meilhac. A primeira dessas formações me agradava mais que a segunda, me auxiliava mais a reparar a decepção da viagem e da chegada a esse *faubourg* Saint-Germain, tão diferente daquilo que eu havia pensado; mais preferia ainda a segunda à terceira. Pois, ao passo que a Sra. de Guermantes era Guermantes quase que sem querer, seu *pailleronismo* (derivado de Édouard Pailleron); seu gosto por Alexandre Dumas Filho eram refletidos e intencionais. Como esse gosto era o oposto ao meu, ela fornecia

literatura ao meu espírito quando me falava do *faubourg* Saint-Germain, e nunca me parecia tão estúpida ao *faubourg* Saint-Germain quando me falava de literatura. Comovida pelos últimos versos, a Sra. d'Arpajon exclamou:

- Estas relíquias do coração também possuem seu pó! Senhor, precisa escrever-me isto no meu leque - disse ela ao Sr. de Guermantes.

- Pobre mulher, ela me dá pena - disse a princesa de Parma à Sra. de Guermantes.

- Não; que Vossa Alteza não se enterneça, pois ela não o merece. - Mas... perdão por lhe dizer isto... contudo, ela o ama de verdade! - Mas de modo algum; ela é incapaz disso; julga que o ama como julga neste instante que cita Victor Hugo, quando está dizendo um verso de Musset. Olhem - acrescentou a duquesa com um tom melancólico -, ninguém mais que eu se sentiria tocado por um sentimento verdadeiro. Porém vou lhes dar um exemplo. Ontem, ela fez uma cena terrível para Basin; Vossa Alteza talvez creia que fosse porque ele ama outras mulheres, porque ele já não a ama; de modo algum, era porque ele não quer apresentar seus filhos ao Jockey! Vossa Alteza acha que isso seja atitude de pessoa enamorada? Não! Digo mais - acrescentou a Sra. de Guermantes, incisiva: - é uma pessoa de rara insensibilidade.

Entretanto, foi com os olhos brilhantes de satisfação que o Sr. de Guermantes ouvira sua mulher falar de Victor Hugo "à queima-roupa" e citar-lhe aqueles poucos versos. Por muito que a duquesa o irritasse, ele se sentia orgulhoso dela em momentos como aquele. Oriane é verdadeiramente extraordinária. Pode falar sobre tudo, leu tudo. Ela não podia adivinhar que a conversa recairia esta noite sobre Victor Hugo. Sobre qualquer assunto que a interroguem, ela está pronta, pode enfrentar os mais sábios. Este rapaz deve estar subjugado.

- Mas mudemos de assunto - acrescentou a Sra. de Guermantes porque ele é muito suscetível. Você deve me achar muito fora de moda - continuou, dirigindo-se a mim: sei que hoje em dia é considerado fraqueza amar as idéias em poesia, a poesia em que existe um pensamento.

- Fora de moda? - disse a princesa de Parma com a leve surpresa que lhe causava essa vaga novidade inesperada, embora soubesse que a conversa da duquesa de Guermantes lhe reservava sempre aqueles choques sucessivos e deliciosos, aquele espanto sufocante, aquela saudável fadiga após os quais pensava instintivamente na necessidade de tomar um escalda-pés num reservado e caminhar depressa para "fazer a reação".

- De minha parte não, Oriane - disse a Sra. de Brissac -; não censuro Victor Hugo por ter idéias, muito pelo contrário; mas por ir buscá-las no que é monstruoso. No fundo, foi ele quem nos habituou ao feio e literatura. Já existe muita feiúra na vida. Por que, pelo menos, não esquecê-Ia enquanto estamos lendo? Um

espetáculo penoso de que nos desviaríamos na vida, eis o que atrai Victor Hugo.

- Mesmo assim, Victor Hugo não é tão realista quanto Zola? - perguntou a princesa de Parma-

O nome de Zola não fez mover um só músculo ao rosto do Sr. de Beautreillis. O antidrey fusismo do general era profundo demais para que buscasse exprimi-lo. E seu silêncio benevolente, quando tais assuntos eram abordados, tocava os profanos com a mesma delicadeza que mostram um padre ao evitar falar-nos de nossos deveres religiosos, um financista ao não se empenhar em recomendar-nos os negócios que dirige, um Hércules, a se mostrar afável e não nos dar socos.

- Sei que o senhor é parente do almirante Jurien de La Graviere - disse-me com ar entendido a Sra. de Varambon, dama de honra da princesa de Parma, mulher excelente porém tacanha, indicada à princesa da Parma antigamente pela mãe do duque. Ela ainda não me dirigira a palavra e jamais pude, depois, apesar das admoestações da princesa e de meus próprios protestos, lhe tirar da cabeça a idéia de que eu tinha alguma coisa a ver com o almirante acadêmico, que me era totalmente desconhecido. A obstinação da dama de honra da princesa de Parma em ver em mim um sobrinho do almirante Jurien de La Graviere tinha em si mesma algo de vulgarmente risível. Mas o erro cometido por ela não passava do tipo excessivo e ressequido de tantos erros mais leves, mais nuançados, involuntários ou intencionais, que acompanham o nosso nome na "ficha" que a sociedade estabelece a nosso respeito. Lembre-se de que um amigo dos Guermantes, tendo vivamente manifestado seu desejo de me conhecer, deu-me como motivo o fato de que eu conhecia muito bem a sua prima, Sra. da Chaussegros, "ela é encantadora e gosta muito do senhor". Tive o escrúpulo, totalmente vão, de insistir em que ele estava equivocado, que eu não conhecia a Sra. de Chaussegros. "Então é a sua irmã que o senhor conhece, dá no mesmo. Ela o encontrou na Escócia." Eu jamais fora à Escócia e, por honestidade, inutilmente informei disso o meu interlocutor. Fora a própria Sra. de Chaussegros quem dissera que me conhecia, e, sem dúvida, acreditavam de boa-fé, devido a uma primeira confusão, pois ela jamais deixou de me estender a mão ao se encontrar comigo. E, como, em suma, o meio que eu freqüentava era exatamente o mesmo do da Sra. de Chaussegros, minha humildade não fazia sentido. Que eu fosse íntimo dos Chaussegros era literalmente um erro, mas, do ponto de vista social, tinha equivalência à minha posição, se se pode falar de posição no caso de um homem jovem como eu. O amigo dos Guermantes, ainda que só dissesse falsidades a meu respeito, não me rebaixou nem me valorizou (do ponto de vista mundano) na idéia que continuou a fazer de mim. E, afinal de contas, para aqueles que não estão representando uma comédia, o tédio de viver sempre a mesma personagem é dissipado num instante, como se subíssemos ao palco, quando uma pessoa faz de nós uma idéia falsa, julga que temos relação

com uma senhora que não conhecemos e somos notados por tê-la conhecido no decurso de uma viagem encantadora que jamais fizemos. Erros multiplicativos e amáveis quando não têm a inflexível rigidez do que cometia, e continuou a cometer vida afora, apesar de minhas negativas, a imbecil dama de *honor* da Sra. de Parma, presa para sempre na crença de que eu era parente do aborrecido almirante Jurien de La Graviere.

- Ela não é muito forte - disse-me o duque -; e depois, não precisa de muitas libações; creio-a ligeiramente sob a influência de Baco. -

Na verdade, a Sra. de Varambon só bebera água, mas o duque apreciava usar suas locuções favoritas

- Mas Zola não é um realista, Alteza! É um poeta! - afirmou a duquesa de Guermantes, inspirando-se em estudos críticos que havia lido naqueles últimos anos e adaptando-os ao seu temperamento pessoal. Agradavelmente sacudida até aqui, no curso do banho de espírito, um banho para si mesma, e que tomava nessa noite, julgando que lhe fosse particularmente salutar, deixando-se levar pelos paradoxos que, um após outro, iam jorrando diante deste, mais tremendo que os outros, a princesa de Parma saltou, com receio de ser derrubada. E foi com voz entrecortada, como se estivesse sem fôlego, que exclamou:

- Zola, um poeta!

- Sim - respondeu rindo a duquesa, encantada com aquele efeito de sufocação. - Que Vossa Alteza veja bem como ele engrandece tudo o que toca. Poderá me dizer que ele toca apenas naquilo que... traz felicidade! Porém faz disso algo de imenso! Ele possui o estrume épico! É o Homero da lixeira! Não tem suficientes maiúsculas para escrever a palavra de Cambronne.

Apesar do extremo cansaço que principiava a sentir, a princesa estava deslumbrada; nunca se sentira melhor. Não trocaria por uma temporada em Schonbrunn, que no entanto era a única coisa que lisonjeava, aqueles jantares divinos da Sra. de Guermantes, tonificantes devido a tanto sal.

- Ele o escreve com um grande C! - exclamou a Sra. d'Arpajon.

- Ou melhor, com um grande M, acho eu, minha pequena - respondeu a Sra. de Guermantes, não sem ter trocado com o marido um olhar alegre que queria dizer: "Ela é idiota demais!" - Olhe justamente - disse-me a Sra. de Guermantes fixando em mim um olhar risonho e suave e porque, como perfeita dona de casa, pretendia, acerca do artista que especialmente me interessava, deixar luzir seu conhecimento e, caso necessário, dar-me ocasião de mostrar o meu -olhe disse-me ela, agitando levemente o seu leque de plumas, tanta consciência possuía naquele instante de que exercia plenamente os deveres da hospitalidade; e, para não falar a nenhum, fazendo sinal para que voltassem a me dar aspargos com

molho *mousseline* -, olhe, creio que Zola escreveu justamente um estudo sobre Elstir, esse pintor de quem o senhor foi olhar alguns quadros agora há pouco, os únicos, aliás, que aprecio dele - acrescentou.

Na realidade, ela detestava a pintura de Elstir, mas julgava de qualidade única tudo o que se achava em sua casa. Perguntei ao Sr. de Guermantes se sabia o nome do senhor que figurava de cartola no quadro popular, e que eu reconhecera como sendo o mesmo de que os Guermantes possuíam, bem ao lado, o retrato de traje a rigor, datando mais ou menos do mesmo período em que a personalidade de Elstir ainda não se libertara de todo e se inspirava um pouco em Manet.

- Meu Deus - respondeu-me ele -, sei que é um homem que não é desconhecido nem um imbecil em sua especialidade, mas confundo-me com os nomes. Tenho-o na ponta da língua, senhor... senhor... enfim, pouco importa, não sei mais. Swann poderia lhe dizer isso, foi ele quem fez com que a Sra. de Guermantes comprasse esses troços, ela que é sempre muito amável, que tem sempre receio de contrariar se recusa alguma coisa; cá entre nós, acho que ele nos impingiu umas drogas. O que posso afirmar é que aquele cavalheiro é, para Elstir, uma espécie de Mecenas que o lançou, e seguidamente o tem livrado de apuros encomendando-lhe quadros. Por gratidão (se chama a isso de gratidão, depende dos gostos), ele o pintou naquele quadro, onde, com seu jeito endomingado, faz um efeito bem divertido. Pode ser um figurão muito importante, mas evidentemente ignora em que circunstâncias se põe uma cartola. Com a sua, no meio de todas aquelas moças de cabelos soltos, dá impressão de um pequeno notário de província na farra. Mas, diga-me, parece que o senhor está inteiramente apaixonado por esses quadros. Se eu tivesse sabido disso antes, teria me informado para lhe responder. Além do mais, não faz sentido quebrar a cabeça para examinar a pintura do Sr. Elstir - como se se tratasse de *A Fonte*, de Ingres, ou de *Os filhos de Eduardo,* de Paul Delaroche. O que se pode apreciar naquilo é que é finamente observado, agradável, parisiense, e depois passa-se adiante. Não há necessidade de ser um erudito para olhar aquilo; sei muito bem que são simples esboços, mas não creio que sejam bastante trabalhados. Swann teve o topete de querer que comprássemos um *Molho de Aspargos*. Chegaram a ficar aqui por alguns dias. Não havia outra coisa no quadro, um molho de aspargos precisamente iguais aos que o senhor está comendo. Mas eu recusei-me a engolir os aspargos do Sr. Elstir. Pedia trezentos francos por eles. Trezentos francos por um molho de aspargos! Um *luís*, eis o que valem, mesmo quando novos. Achei demais. Quando ele acrescenta a essas coisas um certo número de personagens, fica tudo com um ar meio canalha, pessimista, que me desagrada. Espanta-me ver um espírito fino, um cérebro dotado como é o seu caso, gostar dessas coisas.

- Mas não sei por que diz isso, Basin - comentou a duquesa, que não gostava que

depreciassem o que seus salões continham. - Longe estou de admitir tudo sem distinção nos quadros de Elstir. Há o que pegar e o que deixar. Mas nem sempre é desprovido de talento. E é precioso confessar que estes que comprei são de rara beleza.

- Oriane, nesse gênero, prefiro mil vezes o pequeno estudo do Sr. Vibert que vimos na Exposição dos Aquarelistas. Não é nada, se quiser, caberia na palma da mão, mas possui espírito até a ponta dos dedos: esse missionário descarnado, sujo, diante daquele padre afeminado que faz pular seu cãozinho, é todo um poemeto de finura e até de profundidade.

- Creio que o senhor conhece o Sr. Elstir - disse-me a duquesa. - O homem é agradável.

- É inteligente - disse o duque -; a gente se espanta, ao conversar com ele, de que sua pintura seja tão vulgar.

- É mais do que inteligente, é até bastante espirituoso - afirmou a duquesa com o ar entendido e degustador de alguém que conhece o assunto.

- Ele não tinha principiado um retrato seu, Oriane? - perguntou a princesa de Parma.

- Sim, em vermelho-lagosta - respondeu a Sra. de Guermantes -, mas não é isso que fará passar seu nome à posteridade. É um horror, Basin queria destruí-lo.

Esta frase, a Sra. de Guermantes pronunciava-a seguidamente. Outras vezes, porém, sua apreciação era diversa:

- Não gosto da sua pintura, mas ele fez antigamente um belo retrato meu. Um destes juízos endereçava-se de costume às pessoas que falavam à duquesa sobre o seu retrato, o outro aos que não lhe falavam dele e aos quais ela desejava informar sobre sua existência. O primeiro era-lhe inspirado pela coqueteria; o segundo, pela vaidade.

- Fazer um horror com um retrato seu! Mas então não é um tolo, é uma mentira: eu, que mal sei segurar um pincel, tenho a impressão de que, se a pintasse, apenas representando o que vejo, faria uma obra - disse ingenuamente a princesa de Parma.

- Ele me vê provavelmente como eu própria me vejo, isto é, destituída de atrativos - disse a Sra. de Guermantes com o olhar melancólico, modesto e carinhoso, que lhe pareceu o mais apropriado mostrá-la bem diferente do que a pintara Elstir.

- Esse retrato não deve desagradar à Sra. de Gallardon – disse o duque.

- Porque ela não entende nada de pintura? - indagou a princesa de Parma, que sabia que a Sra. de Guermantes desprezava infinitamente sua prima.

- Mas é uma boa mulher, não? -

O duque assumiu um ar profundo espanto.

- Ora, Basin, não vê que a princesa está zombando de você? A princesa nem pensava nisso. Ela sabe tão bem quanto você que é um veneno antigo - continuou a Sra. de Guermantes, cujo bulário, habitualmente limitado a todas essas velhas expressões, era horroroso como esses pratos que se podem descobrir nos livros deliciosos, Pampille.

Mas na realidade tornados tão raros, em que as geléias, a manteiga, os sumos e as almôndegas são autênticos, não comportam nenhuma mistura, e onde até se manda buscar o sal dos pântanos salinos Bretanha: pelo acento, pela escolha dos vocábulos, sentia-se que o fumento das conversações da duquesa provinha diretamente de Guermantes. Desse modo, a duquesa diferia essencialmente de seu sobrinho Saint-Loup, que absorvera tantas idéias e expressões novas; é difícil, quando se é turbado pelas idéias de Kant e pela nostalgia de Baudelaire, escrever elegante de Henrique IV, de modo que a pureza mesma da língua da duquesa era um sinal de limitação e que, nela, a inteligência e a sensibilidade permaneciam fechadas a todas as coisas novas. Mesmo o aspecto, o espírito da Sra. de Guermantes me agradava, justamente pelo que excluía (e que precisamente compunha a matéria de meu próprio pensamento) e por tudo o que, devido a isso mesmo, pudera conservar, com atraente vigor dos corpos flexíveis que nenhuma reflexão exaustiva, nenhum cuidado moral ou perturbação nervosa poderiam alterar. Seu espírito formação tão anterior ao meu, era para mim o equivalente do que nascera o andar das moças do pequeno grupo à beira-mar. A Sra. de Guermantes me ofertava, domados e submissos pela amabilidade, pelos valores espirituais, a energia e o encanto de uma cruel menina aristocracia dos arredores de Combray, que, desde a infância, montava cavalo, descadeirava os gatos, arrancava os olhos dos coelhos, e, tanto como ela, permanecera uma flor de virtude, teria podido, já que possuía as mesmas elegâncias não muitos anos atrás, ser a mais notável amante do príncipe de Sagan. Unicamente, era incapaz de compreender o que eu havia procurado nela o encanto do nome de Guermantes e o pouquinho que eu encontrava, um resto provinciano de Guermantes. Nossas relações se fundavam num mal-entendido que não podia deixar de se manifestar desde que minhas homenagens, em lugar de se dirigirem à mulher relativamente superior que ela julgava ser, se encaminhassem para qualquer outra mulher igualmente medíocre e de quem se evocasse o mesmo encanto involuntário. Mal-entendido tão natural e que existirá sempre entre um rapaz sonhador e uma mulher da sociedade, e que o perturba profundamente enquanto ele ainda não reconhecer a natureza de suas faculdades de imaginação e não tiver sua parte nas inevitáveis decepções que deve experimentar com as criaturas, tal como no teatro, em viagem, ou mesmo no amor.

Tendo o Sr. de Guermantes declarado (continuando com os aspargos de Elstir e os que acabavam de ser servidos após o *poulet financiere*) que os aspargos verdes crescidos ao ar livre, e que, como tão espirituosamente diz o autor refinado que se assina E. de Clermont-Tonnerre, "não possuem a rigidez impressionante de seus irmãos", deveriam ser comidos com ovos, -comentou o Sr. de Bréauté: o que agrada a uns e desgosta a outros, e vice-versa. Na província de Cantão, na China, não nos podem oferecer algo mais refinado que ovos de hortulana completamente podres.

O Sr. de Bréauté, autor de um estudo sobre os mórmons, publicado na *Revue des Deux Mondes*, só freqüentava os meios aristocráticos, e entre estes somente os que tinham uma certa fama de inteligência. De modo que, pela sua presença pelo menos assídua, na casa de uma mulher, a gente reconhecia se esta possuía um salão. Pretendia detestar a sociedade e afirmava separadamente a cada duquesa que era devido a seu espírito e à sua beleza que ele a procurava. Todas se convenciam disso. Sempre que, com a morte na alma, se resignava a ir a um sarau de gala na casa da princesa de Parma, convocava-as a todas para lhe darem ânimo e, assim, só aparecia no meio de um círculo íntimo. Para que sua reputação de intelectual sobrevivesse à sua mundanidade, ele, aplicando certas máximas do espírito de Guermantes, partia com damas elegantes para longas viagens científicas, à época dos bailes; e, quando uma pessoa esnobe, por conseguinte ainda sem situação, começava a ir a toda parte, o Sr. de Bréauté punha uma obstinação feroz em não querer conhecê-la, nem se deixar apresentar. Seu ódio aos esnobes decorria de seu esnobismo, mas aos ingênuos, ou seja, ao mundo, fazia crer que ele estava isento dessa acusação.

- Babal sempre sabe tudo! - exclamou a duquesa de Guermantes

- Acho encantadora uma terra em que a gente quer estar segura de que o fornecedor nos venda ovos bem podres, ovos do ano do cometa *Imme* daqui mergulhando neles um pãozinho com manteiga. Devo dizer que isto acontece na casa da tia Madeleine (Sra. de Villeparisis), onde serve coisas apodrecidas, até mesmo ovos e, como a Sra. d'Arpajon protestam: ora, Phili, você sabe disso tão bem quanto eu. O pintinho já está no ovo. Nem sei como têm juízo para se manterem quietinhos ali. Não é omelete, é um galinheiro, mas, pelo menos, não vem indicado no cardápio. Você fez bem em não ir jantar lá, anteontem. Havia um rodovalho em acúmulo fênico! Não parecia um serviço de mesa, mas um serviço de contágio. Verdadeiramente, Norpois leva a fidelidade até o heroísmo! - ele repetiu. - Creio que o vi na casa dela no dia em que ela fez aquela réplica ao tal Sr. Bloch (o Sr. de Guermantes, talvez para dar feição mais estrangeira a um nome judeu, não pronunciava o *ch* de Bloch feito um K, e sim como na palavra alemã *hoch*), que dissera, já não sei de que *puefa* (poeta), que era sublime. Por mais que Châtellerault fustigasse as canelas do senhor este não entendia e achava

que as joelhadas do meu sobrinho se destinavam a uma moça que estava sentada junto dele (aqui o Sr. de Guermantes enrubesceu de leve). Não percebia que irritava a nossa tia com seus "*games*", dados a torto e a direito. Em breve, a tia Madeleine, que não tinha papas na língua, retrucou: - Ei, senhor, o que guardará então para o Sr. Bossuet? - (O Sr. de Guermantes julgava que, diante de um nome célebre o uso de senhor e de uma partícula eram essencialmente *Ancien Régime)* - Era da gente pagar para ver.

- E o que respondeu o Sr. Bloch? - perguntou distraidamente a Sra. de Guermantes, que, por falta de originalidade naquele instante, julgou dever copiar a pronúncia germânica do marido.

- Ah, asseguro-lhes que o Sr. Bloch não esperou pela resposta correu ainda.

- Ah, sim, lembro-me muito bem de o ter visto naquele dia - disse-me a Sra. de Guermantes acentuando as palavras, como se essa lembrança tivesse algo que devesse me lisonjear bastante. - É muito interessante na casa da minha tia. No último sarau, onde justamente o encontrei, desejava lhe perguntar se aquele velho senhor que sentou perto de nós não seria François Coppée. O senhor deve saber todos os nomes - disse ela com sincera inveja quanto às minhas relações e também por amabilidade para comigo, a fim de ostentar aos olhos dos convidados um rapaz tão versado em literatura.

Assegurei à duquesa não ter visto nenhuma figura célebre no sarau da Sra. de Villeparisis.

Disse-me arrebatadamente a Sra. de Guermantes, confessando assim que seu respeito pelos literatos e seu desdém pelas coisas mundanas eram mais superficiais do que dizia e talvez mais do que imaginava:

- Como! Não havia grandes escritores! O senhor me surpreende, pois no entanto lá estavam alguns tipos impossíveis!

Eu me lembrava muito bem daquela noite, por causa de um incidente de todo insignificante. A Sra. de Villeparisis apresentara Bloch à Sra. Alphonse de Rothschild, mas meu camarada não entendera o nome e, julgando que se tratava de uma velha inglesa meio doida, só respondera por monossílabos às frases prolixas da velha Beldade, quando a Sra. de Villeparisis, apresentando-a a outro qualquer, pronunciara, desta vez distintamente: "a baronesa Alphonse de Rothschild". Tinham entrado então nas artérias de Bloch, subitamente e de um só golpe, tantas idéias de milhões e de prestígio, as quais deveriam ter sido prudentemente subdivididas, que ele sentira como que um choque no coração, um arrebatamento no cérebro e pusera-se a exclamar na presença da velha e amável senhora: "Se eu tivesse sabido!" exclamação cuja estupidez o impedira de dormir durante oito dias. Essa frase de Bloch era de pouco interesse, mas eu a recordava como prova de que às vezes na vida, sob o impacto de uma emoção

excepcional, a gente diz o que pensa.

- Creio que a Sra. de Villeparisis não é absolutamente... moral - disse a princesa de Parma, sabendo que não se ia à casa da tia da duquesa e, pelo que esta acabava de dizer, vendo que era possível falar livremente. Mas tendo a Sra. de Guermantes um ar de desaprovação, ela emendou: - Mas a esse ponto, a inteligência faz perdoar tudo.

- Vocês fazem da minha tia a idéia que se faz geralmente - replicou a duquesa -; e que, em suma, é bem falsa. É justamente o que me dizia Mémé ainda ontem. - Ela enrubesceu, uma lembrança ignorada de mim lhe embaciou o olhar. Formei a suposição de que o Sr. de Charlus lhe pedira para me desconvidar, como já mandara Robert pedir-me que não comparecesse à casa dela. Tive a impressão de que o rubor aliás incompreensível para mim que tivera o duque ao falar há pouco do irmão não podia ser atribuído à mesma causa. - Pobre tia! Ela conservará a reputação de uma pessoa do *Ancien Régime*, de espírito fascinante e de libertinagem desenfreada; não há inteligência mais burguesa, mais séria, mais terna; ela há de passar por uma protetora das artes, o que significa ter sido a amante de um grande pintor, mas ele jamais pôde fazê-la compreender o que era um quadro; e, quanto à sua vida, bem longe de ser uma pessoa depravada, ela era realmente feita para o casamento, de tal modo nascera Conjugal que, não tendo podido conservar um esposo, que aliás era um canalha, nunca teve uma ligação que não levasse tão a sério como se se uma união legítima, com as mesmas suscetibilidades, as mesmas cores, a mesma fidelidade. Reparem que estas são às vezes as mais sinceras em suma, há mais amantes que maridos inconsoláveis.

- Entretanto, Oriane, repare justamente no seu cunhado Palamódik de que está falando; ele não tem amante que possa sonhar ser chorado, como o foi a pobre Sra. de Charlus.

- Ah! - respondeu a duquesa- que Vossa Alteza me permita não ser inteiramente de sua opinião. Nem todos gostam de ser chorados da mesma forma, cada qual tem suas preferências. Enfim, ele lhe votou um verdadeiro culto após a sua morte. É verdade que algumas vezes fazemos pelos mortos o que não faríamos pelos vivos.

- Primeiro - respondeu a Sra. de Guermantes, com um acento sonhador que contrastava com sua intenção zombeteira a gente vai ao enterro, o que nunca se faz pelos vivos! - O Sr. de Guermantes encarou o Sr. de Bréauté com ar malicioso, como para provocá-lo a rir do espírito da duquesa. - Mas, enfim, confesso francamente - continuou a Sra. do Guermantes que a forma como eu desejaria ser pranteada por um homem a quem amasse não é a de meu cunhado.

O rosto do duque se ensombreceu. Não gostava que a mulher emitisse juízos a torto e a direito, sobretudo acerca do Sr. de Charlus.

- Você é difícil. A mágoa dele sensibilizou todo mundo - disse ele em tom mal humorado. Mas a duquesa possuía, em relação ao marido, esta espécie dó ousada dos domadores ou dos que convivem com um doido e não receiam molestá-lo:

- Muito bem! Que é que você quer, é edificante, não digo que ele vai todos os dias ao cemitério lhe contar quantas pessoas teve no jantar; lamenta-a enormemente, mas como a uma prima, a uma avó, a uma irmã. Não é luto de marido. É verdade que se tratava de dois santos, o que torna o luto um pouco especial.

O Sr. de Guermantes, irritado com o falatório da mulher, fixava nela as pupilas carregadas, com terrível imobilidade.

- Não é para falar mal do pobre Mémé, que, entre parênteses, não estava livre esta noite -prosseguiu a duquesa -; reconheço que é bom como pessoa, delicioso, tem uma delicadeza, um coração de mulher, o Mémé!

- O que você diz é absurdo - interrompeu vivamente o Sr. de Guermantes. - Mémé não tem nada de afeminado, ninguém é mais viril que ele.

- Mas não digo que ele seja afeminado de jeito nenhum. Comenta pelo menos o que estou dizendo - retrucou a duquesa. - Ah, aí, quando acha que querem mexer com seu irmão... -acrescentou ela voltando-se para a princesa de Parma.

- É muito gentil, é delicioso de ouvir. Não há nada tão belo como dois irmãos que se estimam - disse a princesa de Parma, como o teria feito muita gente do povo, pois pode-se pertencer pelo sangue a uma família principesca e, pelo espírito, a uma família bem popular.

- Já que falávamos da sua família, Oriane - disse a princesa -, vi ontem o seu sobrinho Saint-Loup; creio que desejava lhe pedir um favor. -

O duque de Guermantes franziu o cenho jupiteriano. Quando não gostava de prestar um favor, não queria que a mulher se encarregasse dele, sabendo que isso daria no mesmo e que as pessoas a quem a duquesa se visse obrigada a pedi-lo o inscreveriam no débito comum do casal, tanto como se fosse solicitado apenas pelo marido.

- Por que não me pediu pessoalmente? - Indagou a duquesa. - Ele ficou duas horas aqui, ontem, e Deus sabe como pôde ser aborrecido. Não seria mais estúpido que qualquer outro se tivesse tido, como tantas pessoas da sociedade, a inteligência de saber continuar estúpido. Apenas, esse toque de sabedoria é que é terrível. Ele quer ter uma inteligência aberta... aberta a todas as coisas que não compreende. Ele lhe fala de Marrocos, é horrível.

- Ele não quer voltar para lá por causa de Rachel - disse o príncipe de Foix.

- Mas já que romperam - interrompeu o Sr. de Bréauté.

- Tanto não romperam que eu a encontrei há dois dias na *garçonniere* de Robert; asseguro-lhe que não davam a impressão de pessoas brigadas - respondeu o príncipe de Foix, que apreciava espalhar todos os rumores que pudessem fazer gorar um casamento para Robert e que, aliás, podia ter sido enganado pelos reatamentos intermitentes de uma ligação efetivamente encerrada.

- Essa Rachel me falou do senhor; vejo-a de quando em vez, passando de manhã pelos Chames-Élysées, é uma espécie de *évaporée* como dizem os senhores, o que os senhores chamam uma *dégrafée*, uma espécie de "Dama das camélias", no sentido figurado, é claro. - Esse discurso me era dirigido pelo príncipe Von, que fazia questão de mostrar-se a par da literatura francesa e das finuras parisienses.

- Justamente, é a propósito de Marrocos... - exclamou a princesa, apanhando a deixa precipitadamente.

- Que pode querer ele para o Marrocos? - perguntou severamente o Sr de Guermantes -; Oriane não consegue absolutamente nada nesse sentido. E ele bem o sabe.

- Ele crê que inventou a estratégia - prosseguiu a Sra. de Guermantes -; e depois, emprega palavras impossíveis para as menores coisas, o que não impede que faça borrões em suas cartas. Outro dia, disse que tinha comido batatas sublimes e que achara para alugar um camarote sublime.

- Ele fala latim - encareceu o duque.

- Como, latim? - perguntou a princesa.

- Palavra de honra! Que Vossa Alteza pergunte a Oriane se eu exagero.

- Como não, Alteza; outro dia ele disse uma frase, de um só diálogo: "Não conheço mais tocante exemplo de *sic transit gloria mundi*"; da frase a Vossa Alteza porque, depois de vinte perguntas e apelando 15 lingüistas, chegamos a reconstituí-la, mas Robert lançou-a sem tomar algo, mas se podia verificar que havia latim aí, ele dava a impressão de um personagem do Doente imaginário! E tudo isso se relacionava à morte da imperatriz da Áustria!

- Pobre mulher! - exclamou a princesa. - Era uma criatura preciosa!

- Sim - concordou a duquesa -; um tanto louca, um tanto insensata, mas era uma boa mulher, uma louca gentil e muito amável; a qual nunca entendi por que jamais comprara uma dentadura que se mantivesse firme; a sua se despregava sempre antes do fim das frases, e ela era obrigada a interrompê-las para não a engolir.

- Essa Rachel me falou do senhor; disse-me que o pequeno Saint-Loup o adorava, chegava a preferi-lo a ela - disse-me o príncipe Von, comendo sempre como um ogro, o rosto vermelho, e cujo riso perpétuo descobria todos os dentes.

- Mas então, ela deve ter ciúme de mim e me detestar respondeu

- De forma alguma. Ela me falou muito bem do senhor. A amado príncipe de Foix talvez se sentisse enciumada se ele o preferisse a ela.

- Não compreende? Volte comigo, que eu lhe explicarei tudo.

- Não posso; vou à casa do Sr. de Charlus às onze horas.

- Veja só; ontem ele me convidou para jantar esta noite, mas que não aparecesse depois das dez e quarenta e cinco. Mas, se o senhor deve ir à casa dele, ao menos venha comigo até o Théâtre-Français, e o senhor estará na periferia - disse o príncipe, que sem dúvida achava que aquilo queria dizer "nas proximidades", ou talvez "no centro".

Porém seus olhos dilatados em seu belo rosto rechonchudo e vermelho me deram medo, e recuei dizendo que um amigo devia vir me buscar. Tal resposta não me parecia ofensiva. Entretanto, o príncipe pensava de modo diverso, pois nunca mais me dirigiu a palavra.

- É preciso justamente que eu vá ver a rainha de Nápoles, que desgosto ela não deve sentir! - disse (ou pelo menos me pareceu ter dito) a princesa de Parma. Pois estas palavras só me vieram indistintamente através das outras, mais próximas, que me dirigira no entanto em voz baixa, o príncipe Von, que sem dúvida receava, caso falasse em tom mais alto, ser ouvido pelo Sr.

de Foix.

- Ah, não - respondeu a duquesa -; creio que ela não tem desgosto nenhum.

- Nenhum? Você está sempre nos extremos, Oriane - disse o Sr. de Guermantes, retomando seu papel de falésia que, opondo-se às vagas, obriga-as a lançarem mais alto o seu rolo de espumas.

- Basin sabe ainda melhor que eu que estou dizendo a verdade - replicou a duquesa -, mas julga-se forçado a assumir ares de severidade devido à sua presença; tem medo que eu a escandalize.

- Oh, não, por favor! - exclamou a princesa de Parma, temendo que por causa dela alterassem em alguma coisa aquelas deliciosas quartas-horas da duquesa de Guermantes, aquele fruto proibido que a própria rainha da Suécia ainda não tivera o direito de comer.

Pois foi justamente ao próprio Basin que ela respondeu, como ele dizia, com um ar banalmente triste:

"Mas a rainha está de luto; por que? É um desgosto para Vossa Majestade?"

- "Não, não é luto fechado, é um luto aliviado, muito aliviado; é pela minha irmã."

- A verdade é que ela está encantada, seja como for; Basin sabe disso perfeitamente, ela nos convidou para uma festa no mesmo dia e deu-me duas pérolas. Gostaria que ela perdesse uma irmã diariamente! Ela não chora a morte da irmã, ri às gargalhadas. Provavelmente diz consigo, como Robert, que transita nem sei do quê mais - acrescentou por modéstia, pois sabia-o muito bem.

Aliás, a Sra. de Guermantes só estava fazendo espírito, e do mais falso, pois a rainha de Nápoles, como a duquesa d'Alençon, também morta de modo trágico, era dotada de um coração generoso e havia chorado sinceramente os seus. A Sra. de Guermantes conhecia bastante as nobres irmãs bávaras, suas primas, para ignorá-lo.

- Ele gostaria de não regressar a Marrocos - disse a princesa de Parma, apanhando de novo esse nome de Robert que a Sra. de Guermantes lhe estendia muito involuntariamente como uma vara. - Creio que conhece o general de Monserfeuil.

- Muito pouco - respondeu a duquesa, que no entanto era íntima desse oficial.

A princesa explicou o que Robert desejava.

- Meu Deus, se eu o visse... Pode acontecer que o encontre - respondeu, para não dar a impressão de recusar, a duquesa, cujas relações com o general de Monserfeuil pareciam rapidamente espaçar-se quando tratava de lhe pedir algo. No entanto, essa incerteza não bastou ao duque, interrompendo a mulher, disse:

- Sabe muito bem que não o verá, Oriane e, além disso, já pediu duas coisas a que ele não entendeu. Minha esposa tem mania de ser amável - continuou, cada vez mais furioso, para forçar a princesa a retirar seu pedido, sem que isso pusesse em dúvida a amabilidade da duquesa e para que a Sra. de Parma atribuísse a coisa ao próprio caráter de Robert, basicamente caprichoso. - Robert poderia obter o que quisesse com Monserfeuil. Apenas, como ele não sabe o que quer, manda pedi-lo por nosso intermédio, porque sabe não há melhor modo de fazer fracassar a coisa. Oriane pediu coisas demais a Monserfeuil. Um pedido dela agora é motivo para que ele recuse.

- Bem, nessas condições... - disse a Sra. de Parma.

- Naturalmente - concluiu o duque.

- Esse pobre general foi outra vez derrotado nas eleições - disse a princesa de Parma, para mudar de assunto.

- Oh, não é nada grave, é apenas a sétima vez - disse o duque, que, tendo sido ele

próprio obrigado a renunciar à política, apreciava bastante o fracasso eleitoral dos outros. - Ele se consolou fazendo um filho na mulher.

- Como! A pobre! - espantou-se a princesa.

- Perfeitamente - respondeu a duquesa -; é o único "arredondamento" - disse - em que o pobre general jamais fracassou.

Daí em diante eu jamais deveria deixar de ser convidado, mesmo com apenas algumas pessoas, para aquelas refeições cujos convivas imaginara outrora como os *Apóstolos da Santa Ceia*. De fato, eles se reuniam ali, como os primeiros cristãos, não para partilhar apenas um alimento material, aliás delicioso, mas para uma espécie de *Ceia social*; de modo que, em poucos jantares assimilei o conhecimento de todos os amigos dos anfitriões, amigos aos quais me apresentavam com um matiz tão acentuado de benevolência (como alguém a quem tivessem preferido paternalmente o tempo inteiro) que não houve um dentre eles que não acreditasse correr em falta para com o duque e a duquesa se desse um baile sem fazer figurar numa lista de convidados e, ao mesmo tempo, enquanto bebia um dos *ypuems* das adegas dos Guermantes, eu saboreava as hortulanas preparadas conforme as diferentes receitas que o duque elaborava e prudentemente modificava. Entretanto, para quem já se sentara mais de uma vez à mesa mística, não era necessária a manducação dessas últimas. Velhos amigos do Sr. e da Sra. de Guermantes vinham visitá-los depois do jantar, "como palitos", como diria a Sra. Swann, sem serem esperados, e no inverno tomavam uma taça de chá de tília sob as luzes do grande salão; no verão, um copo de laranjada no escuro da extremidade do jardim retangular. Nunca se conhecera dos Guermantes, naquelas noites após o jantar no jardim, mais que a laranjada. Ela possuía algo de ritual. Acrescentar-lhes outros refrescos pareceria desvirtuar a tradição, assim com uma grande reunião mundana no Saint-Germain já não é uma reunião mundana se há uma comédia ou música. É necessário convir que se veio simplesmente mesmo que houvesse quinhentas pessoas fazer uma visita à princesa de Guermantes; por exemplo, admiraram a minha influência porque pude fazer que acrescentassem à laranjada uma garrafa de suco de cereja cozida, de pêra cozida. Por causa disso, criei inimizade ao príncipe de Agrigento que, semelhante a todas as pessoais destituídas de imaginação, mas não de avareza, se maravilhavam do que a gente bebe e pede licença para tomar um pouco. De modo que, de cada vez, o Sr. d'Agrigento, diminuindo a minha ração, estragava o meu prazer. Pois aquele suco de frutas nunca é servido em quantidade bastante para matar a sede. Nada cansa menos que essa transposição em sabor, das cores de uma fruta, que, cozida, parece retroceder à estação das flores. Empurpurado como um pomar na primavera, ou então incolor e fresco feito o zéfiro sob as árvores frutíferas, o suco se deixa respirar e contemplar gota a gota, e o Sr. d'Agrigento impedia-me regularmente de me saciar. Apesar dessas

compotas, a laranjada tradicional subsistiu como o chá de tília. Sob tais espécies modestas, a comunhão social nem por isso deixava de se realizar. Sem dúvida, nisso os amigos do Sr. e da Sra. de Guermantes ainda assim haviam permanecido, como eu os imaginara a princípio, mais diferentes do que me poderia levar a crer o seu aspecto decepcionante. Muitos velhos vinham receber, na casa da duquesa, ao mesmo tempo que a invariável bebida, um acolhimento freqüentemente bem pouco amável. Ora não podia isto dever-se ao esnobismo, pertencendo eles próprios a um nível social a que nenhuma outra pessoa era superior; nem ao amor ao luxo: eles talvez o apreciassem, mas em meios sociais inferiores poderiam conhecer um luxo esplêndido, pois nessas mesmas noites a esposa encantadora de um riquíssimo romancista teria feito de tudo para tê-los em deslumbrantes caçadas, que era necessário saber fazer.

- O aroma da baunilha que havia no excelente gelado que nos serviu há pouco, duquesa, provém de uma planta que tem o mesmo nome. Produz flores tanto masculinas como femininas, mas uma espécie de parede dura, colocada entre elas, impede qualquer comunicação. Assim, nunca se obtiveram frutos até o dia em que um jovem negro nativo da ilha de Reunião e chamado Albius (o que, entre parênteses, é bastante engraçado para um negro, pois Albius quer dizer branco) teve a idéia de - os órgãos separados em contato com a ajuda de um estilete.

- Babal, você é divino, você sabe tudo! - exclamou a duquesa.

- Mas você mesma, Oriane, me ensinou coisas de que eu nem sequer suspeitava - disse a princesa.

- Direi a Vossa Alteza que foi Swann quem sempre me falou muito sobre botânica. Às vezes, quando nos entediava ir a um chá ou a uma reunião matinal, partíamos para o campo e ele me mostrava casamentos extraordinários de flores, o que é muito mais divertido que os casamentos de pessoas, e aliás, ocorrem sem luxo, nem sacristia. Nunca tínhamos tempo de ir muito longe. Agora, que já existe o automóvel, seria um encanto. Infelizmente, nesse intervalo ele próprio fez um casamento ainda mais espantoso e que torna tudo difícil. Ah! senhora, a vida é uma coisa horrível, a gente passa o tempo fazendo coisas que nos aborrecem, e, quando, por acaso, se conhece alguém em cuja companhia poderia ir ver coisas interessantes, ele acaba fazendo o casamento como o de Swann. Colocada entre a renúncia aos passeios botânicos e a obrigação de freqüentar uma pessoa indecorosa, escolhi a primeira destas calamidades. Aliás, no fundo não haveria necessidade de ir tão longe. Parece que, no meu recanto de jardim passam-se de dia mais coisas inconvenientes que à noite... no Bois de Boulogne! Apenas, isto não é notado porque entre flores é feito com muita simplicidade; vê-se apenas uma chuvinha alaranjada, ou então uma mosca, muito poeirenta, que vem secar as patas ou tomar uma ducha antes de entrar

numa flor. E tudo está acabado!

- A cômoda em que a planta está colocada também é esplêndida é estilo Império, creio - disse a princesa que, não sendo familiarizada aos trabalhos de Darwin e de seus sucessores, compreendia mal o sentido dos gracejos da duquesa.

- Lindo, não? Estou encantada de que Vossa Alteza tenha gostado - respondeu a duquesa. - É uma peça magnífica. Direi que sempre ando no estilo Império, mesmo no tempo em que não estava na moda. Lembro de que em Guermantes me fiz amaldiçoar pela minha sogra porque mandei descer do sótão os esplêndidos móveis do Império que Basin havia herdado dos Montesquiou e com ele mobiliara a ala inteira que ocupava.

O Sr. de Guermantes sorriu. Devia lembrar-se, no entanto, de que as coisas se tinham passado de maneira muito diferente. Mas como os gracejos da princesa des Laumes acerca do mau gosto de sua sogra eram tradicionais durante o curto espaço de tempo em que o príncipe estivera enamorado da mulher, ao seu amor por esta sobrevivera um certo desdém pela inferioridade de espírito daquela, desdém a que, aliás, se mesclava muita afeição e respeito.

- Os Lénas têm a mesma poltrona com incrustações de Wedgewood; é linda, mas prefiro a minha - disse a duquesa, com o mesmo ar de imparcialidade de quem não possuísse nenhum desses dois móveis -; de resto, reconheço que eles têm coisas maravilhosas que não possuo.

A princesa de Parma se manteve em silêncio.

- Mas é verdade; Vossa Alteza não conhece a coleção deles. Oh, devia pelo menos uma vez visitá-los comigo. É uma das coisas mais magníficas de Paris, feito um museu que fosse vivo.

E, como essa proposição era uma das audácias mais "Guermantes" de duquesa, porque os Léna, para a princesa de Parma, não passavam de simples usurpadores, visto que o filho deles, como o seu, usava o título de duque de Guastalla, a Sra. de Guermantes, lançando-a assim, não se conteve (de tanto que o amor pela própria originalidade prevalecia nela sobre sua deferência para com a princesa de Parma) em deitar sobre os demais convivas uns olhares divertidos e risonhos. Estes também se esforçavam por sorrir, a um tempo assustados, assombrados e, principalmente, encantados ao pensar que eram testemunhas da "última" de Oriane e poderiam contá-la "bem quentinha". Só estavam meio estupefatos, pois sabiam que a duquesa possuía a arte de não levar em consideração nenhum dos preconceitos Courvoisier em favor do êxito de uma vida mais picante e agradável. Pois não tinha ela, nos últimos anos, juntado a princesa Mathilde ao duque de Aumale, que escrevera ao próprio irmão da princesa a famosa carta: "Em minha família, todos os homens são bravos e todas as mulheres são castas" Ora, visto que os príncipes continuam príncipes mesmo

quando parecem querer esquecer que o são, o duque de Aumale e a princesa Mathilde tanto se agradaram um do outro, na casa da Sra. de Guermantes, que a seguir se visitaram com essa faculdade de esquecer o passado que Luís XVIII demonstrou quando escolheu para ministro a Fouché, que havia votado pela morte de seu irmão. A Sra. de Guermantes nutria o mesmo projeto de reconciliação entre a princesa Murat e a rainha de Nápoles. Enquanto isso, a princesa de Parma parecia tão embaraçada como o teriam podido ficar os herdeiros da coroa dos Países-Baixos e da Bélgica, respectivamente o príncipe de Orange e o duque de Brabante, se lhes quisessem apresentar o Sr. de Mailly-Nesle, príncipe de Orange, e o Sr. de Charlus, duque de Brabante. Antes porém, a duquesa, a quem Swann e o Sr. de Charlus (em este último estivesse resolvido a ignorar os Lénas) tinham, com muito forço, acabado por fazê-la apreciar o estilo Império, exclamou:

- Alteza, sinceramente, não posso dizer até que ponto achará lindo aquilo! Confesso que o estilo Império me impressionou sempre. Mas na casa dos Lénas, é uma verdadeira alucinação. Essa espécie de... como direi... de refluxo da expedição ao Egito e depois, também, o remontar anos da Antigüidade; tudo isso que invade as nossas casas; as Esfinges que vêm sem colocar aos pés das poltronas; as serpentes que se enrolam nos candelabros; uma Musa enorme, que nos estende um pequeno facho para esquentar o aquecedor, ou que está tranqüilamente postada por cima de nossa lareira e se debruça sobre nossa pêndula, e depois todas as lâmpadas de Pompéia; e depois todas as camas em forma de barco, que parecem ter sido achadas no Nilo e de onde a gente espera ver sair Moisés, aquelas quadrigas de antigamente, que galopam ao longo das mesinhas-de-cabeceira...

- A gente não fica bem - disse a princesa.

- Não - respondeu a Sra. de Guermantes, mas acrescentou, assistindo com um sorriso: -gosto de ficar mal sentada nesses assentos de mogno recobertos de veludo grená ou de seda verde. Aprecio esse desconforto de guerreiros que só compreendem a cadeira e que, no meio do grande salão, cruzavam os feixes e empilhavam os lauréis. Asseguro-lhe qualquer um na casa dos Lénas, não se pensa um só instante na maneira como se está sentado, quando se vê à sua frente uma grande velhaca de Vitória pintada a fresco na parede. Meu marido vai me achar muito má realista, mas sou muito mal pensante, como bem sabe; asseguro-lhe que, na casa dessa gente acaba-se por gostar de todos aqueles “N”, de todas essas abelhas. Meu Deus! - como sob os reis, desde muito tempo, não estamos bem estragados quanto à glória, aqueles guerreiros que traziam tantas coroas que punham até nos braços das poltronas, acho que tudo isso tem um certo *chiquê*! Vossa Alteza deveria...

- Meu Deus, se julga assim aí que não será fácil.

- Mas Vossa Alteza verá que tudo há de se resolver a contento. São muito boas pessoas, nada imbecis. Levamos lá a Sra. de Chevreuse - acrescentou a duquesa, conhecendo a força do exemplo - e ela ficou encantada. O filho é até bastante agradável... O que vou dizer não é muito conveniente ajuntou -, mas ele tem um quarto e, sobretudo, uma cama onde a gente gostaria de dormir... sem ele! Menos conveniente ainda é que fui visitá-lo um dia em que estava doente e acamado. A seu lado, sobre o rebordo da cama, havia esculpida uma longa sereia reclinada, deslumbrante, com uma cauda de nácar, e que segurava na mão uma espécie de lótus. Asseguro-lhe - continuou a Sra. de Guermantes, falando mais devagar para ressaltar melhor as palavras, que parecia modelar com o trejeito de seus lindos lábios a forma afuselada de suas longas mãos expressivas, enquanto cravava na princesa um olhar doce, fixo e profundo - que com as palmas e a coroa de ouro que estava ao lado era emocionante, bem ao jeito do arranjo de *O Rapaz e a Morte*, de Gustave Moreau. (Certamente Vossa Alteza conhece esta obra-prima.)

A princesa de Parma, que ignorava até o nome do pintor, sacudiu violentamente a cabeça e sorriu com ardor, a fim de manifestar sua admiração por esse quadro. Mas a intensidade de sua mímica não chegou para substituir aquele brilho que fica ausente de nossos olhos enquanto não sabemos de que desejam nos falar.

- É um lindo rapaz, não é mesmo? - indagou.

- Não, pois parece um tapir. Os olhos são um pouco feito os de uma rainha Hortênsia para abajur. Mas, provavelmente, ele pensou que seria meio ridículo para um homem desenvolver essa parecença, e isto se perde nas faces brunidas que lhe dá um aspecto bastante mameluco. Sente-se que o esfregador deve passar lá todas as manhãs. Swann - acrescentou, retornando ao leito do jovem duque ficou impressionado com a semelhança daquela Sereia com *A Morte*, de Gustave Moreau. Por outro lado - continuou num tom mais rápido é no entanto sério, a fim de fazer rir mais -não precisamos nos assustar, pois tratava-se de um simples resfriado, e o rapaz passa bem que é uma beleza.

- Não dizem que ele é esnobe? - perguntou o Sr. de Bréauté com ar maldoso, alerta e esperando na resposta a mesma precisão como se houvesse dito: "Disseram-me que só tem quatro dedos na mão direita, é verdade?"

- Me...u Deus, n... não! - respondeu a Sra. de Guermantes com um sorriso de suave indulgência. - Talvez um pouquinho esnobe na aparência, porque é extremamente jovem, mas ficaria espantada se ele o fosse na realidade, pois é inteligente - acrescentou, como se na sua opinião houvesse uma incompatibilidade absoluta entre esnobismo e inteligência. - Ele é fino, e o vi engraçado - disse ela ainda, rindo com um ar *gourmet* e entendido, como se julgar alguém engraçado exigisse uma certa expressão gaiata, ou como se as piadas do duque de Guastalla lhe voltassem ao espírito naquele instante. - Afinal,

como ele não é recebido, tal esnobismo não poderia manifestar-se - continuou ela, sem imaginar que, desse modo, não animava muito a princesa de Parma. - Eu me pergunto o que dirá o príncipe de Guermantes, que chama de Sra. Léna, se souber que fui à casa dela.

- Mas como! - exclamou a duquesa com extraordinária vivacidade a senhora sabe que fomos nós que cedemos a Gilbert (hoje ela arrependida amargamente disso) uma sala inteira de jogo, em estilo Império, que nos provinha de *guiou-guiou* e que é um esplendor! Não havia lugar aqui para acomodá-la; e no entanto, acho que ficaria melhor do que na casa dele. É belíssima, metade etrusca, metade egípcia...

- Egípcia? - perguntou a princesa, a quem etrusca dizia pouco.

- Meu Deus, um pouco de ambas, era o que Swann nos explicou-me apenas, a senhora sabe, sou uma pobre ignorante. E depois no fundo, Alteza, é preciso levar em conta que o Egito do estilo Império nada tem a ver com o verdadeiro Egito, nem seus romanos com os romanos, na sua Etrúria...

- Verdade? - comentou a princesa.

- Não, é como o que se chamava um costume Luís XV sob o segundo Império, na juventude de Anna de Mouchy ou da mãe do coronel Brigode. Agora há pouco Basin lhe falava de Beethoven. Outro dia, tocamos algo dele, muito bonito aliás, um pouco frio, onde há um tema russo, comovente pensar que ele acreditava ser russo aquilo. Do mesmo modo, os pintores chineses julgaram copiar Bellini. Ademais, até no mesmo país, talvez que alguém observa as coisas de um modo um tanto novo, quatro quartos das pessoas não vêem nada do que lhes mostra. É preciso pelo menos ter quarenta anos para que cheguem a perceber.

- Quarenta anos! - exclamou a princesa, espantada.

- Sim - continuou a duquesa, acrescentando cada vez mais palavras (que eram quase palavras minhas, pois eu justamente emitira ante dela uma idéia análoga), graças à sua pronúncia, o equivalente do que para os caracteres impressos, se denomina "itálico" -, é como uma espécie de primeiro indivíduo isolado de uma espécie que ainda não existe e há de pulular, um indivíduo dotado de um tipo de sentido que a humanidade em seu tempo não possui. Quase não posso me citar, pois eu, pelo e contrário, sempre gostei desde o princípio de todas as manifestações interessantes, por mais novas que fossem. Mas enfim, outro dia fui com a duquesa ao Louvre e passamos diante da Olympia de Manet. Agora, ninguém se espanta mais. Aquilo parece uma coisa de Ingres! E, no entanto, Deus como tive de quebrar lanças por esse quadro, que não me agrada, mas certamente é de alguém. Seu lugar talvez não seja exatamente no Louvre.

- A grã-duquesa vai bem? - perguntou a princesa de Parma, a quem a tia do czar era infinitamente mais familiar que o modelo de Manet.

- Sim, falamos de Vossa Alteza. - No fundo - continuou a duquesa, aferrada à sua idéia a verdade - é que, como diz meu cunhado Palamede, tem-se entre nós e cada pessoa o muro de uma língua estranha. De resto, reconheço que com ninguém mais isto é tão exato como com Gilbert. Se lhe agrada ir aos Lénas, Vossa Alteza possui bastante espírito para que possa fazer seus atos dependerem do que pode vir a pensar aquele homem, uma boa criatura inocente, mas que enfim tem idéias do outro mundo. Sinto-me mais próxima, mais consangüíneo de meu cocheiro, de meus cavalos, do que desse homem que se refere o tempo todo ao que teriam pensado na época de Filipe, o Audaz, ou de Luís, o Gordo. Imagine que, quando ele passeia pelo campo com ar bonachão, afasta os camponeses com a bengala, dizendo: "Vamos, rústicos!" Quando ele me fala, sinto-me intimamente tão espantada como se ouvisse que me dirigiam a palavra os "jazentes" dos antigos túmulos góticos. Por mais que seja meu primo, essa pedra mortuária viva me dá medo e só penso em deixá-lo em sua Idade Média. Fora isso, reconheço que jamais assassinou alguém.

- Acabo justamente de jantar com ele na casa da Sra. de Villeparisis - disse o general, mas sem sorrir nem aderir aos gracejos da duquesa.

- O Sr. de Norpois estava presente? - indagou o príncipe Von, que pensava sempre na Academia de Ciências Morais.

- Sim - disse o general. - Chegou mesmo a falar no seu imperador.

- Parece que o imperador Guilherme é muito inteligente, mas não aprecia a pintura de Elstir. Aliás, não estou dizendo isto contra ele - observou a duquesa -; compartilho o seu modo de ver. Embora Elstir tenha pintado um belo retrato meu. Ah, não o conhecem? Não se parece comigo, mas é curioso. Ele é interessante durante as poses. Transformou-me numa espécie de velhinha. O quadro imita *As Regentes do Hospital*, de Frans Hals. Penso que o senhor conhece estas sublimidades, para tomar emprestada uma expressão tão cara ao meu sobrinho - disse ela virando-se para mim e agitando de leve o seu leque de plumas negras. Bem empertigada na cadeira, erguia nobremente a cabeça para trás, pois, embora sendo sempre uma grande dama, representava um pouquinho de grande dama. - Disse-lhe que antigamente fora a Amsterdam e a Haia, mas que, como o meu tempo era escasso, e para não misturar tudo, deixara Haarlem de lado.

- Ah, a Haia, que museu! - exclamou o Sr. de Guermantes.

Disse-lhe que ele havia sem dúvida admirado a Vista de Delft, de Vermelho. Porém o duque era menos instruído que orgulhoso. Assim, contentou-se em me responder com um ar de auto-suficiência, como de cada vez que falavam de uma obra, de um museu ou mesmo de um Salão que não dava resposta:

- Se é para se ver, eu vi!

- Como! O senhor viajou para a Holanda e não foi a Haarlem? - exclamou a duquesa. - Mas ainda que só dispusesse de um quarto de hora é algo extraordinário para se ter visto, os Hals. Diria mais: alguém que pudesse vê-los do alto de um segundo andar, num bonde à disparada, estivessem expostos de fora, deveria arregalar os olhos. -

Esta frase não chocou pelo desconhecimento que revelava da maneira como se formam em nós as impressões artísticas, e porque parecia implicar que nosso olho no caso, é um simples aparelho registrador que pega instantâneos. O Sr. de Guermantes, feliz porque ela falava com tanta competência de assuntos que me interessavam, observava o célebre porte distinto da esposa, escutava o que ela dizia de Frans Hals e pensava:

"Ela domina qualquer assunto. Meu jovem convidado, pode se dizer que tem diante de si uma grande dama de outrora em toda a acepção do termo, como existe uma segunda hoje."

Assim eu os via a ambos isolados desse de Guermantes, no qual, antigamente, imaginava-os levando uma vida inconcebível, agora semelhantes aos outros homens e às outras mulher, apenas um tanto defasados em relação a seus contemporâneos, mas igualmente, como tantos casais do *faubourg* Saint-Germain, em que a mulher teve a arte de parar na idade de outro, e o homem, a má sorte de descer à ingrata idade do passado; uma permanecendo ainda Luís XV quando o marido é pomposamente Luís Filipe. Que a Sra. de Guermantes fosse igual às outras mulheres, isto para mim fora a princípio uma decepção; agora, por reação, e com a ajuda de tantos bons vinhos, era um deslumbramento *Um Dom João da Áustria*, uma *Isabela d'Este*, por nós situados no museu dos nomes, comunicam-se tão escassamente com a grande história tanto do lado de Méséglise como do lado de Guermantes. Isabela d'Este foi sem dúvida, na realidade, uma princesa bem insignificante, parecida àquelas sob Luís XIV, não obtinham nenhuma posição especial na corte. Mas, parecendo-nos de uma essência única e portanto incomparável, não pode concebê-la de uma grandeza inferior à dele; de modo que uma ceia com Luís XIV nos pareceria oferecer apenas algum interesse, ao passo que em Isabela d'Este encontraríamos, vista com nossos próprios olhos por um acaso sobrenatural, uma heroína de romance. Ora, depois de haver percebida, estudar Isabela d'Este, transplantando-a pacientemente desse mundo para o da história, que sua vida e seu pensamento nada continham dessa estranheza misteriosa que nos sugeria o seu nome, uma vez consumada essa decepção, ficamos infinitamente gratos a essa princesa por ter tido, da pintura de Mantegna, conhecimentos quase iguais aos do Sr. Lafenestre, até então desprezados por todos e postos, como teria dito Françoise, "mais abaixo da terra". Depois de haver transposto as alturas inacessíveis do

nome de Guermantes, ao descer a vertente interna da vida da duquesa, experimentava, ao encontrar ali os nomes, em outros pontos familiares, de Victor Hugo, de Frans Hals e, infelizmente, de Gilbert, o mesmo espanto que um viajante, depois de levar em conta, para apreender a singularidade dos costumes em um vale agreste da América Central ou do norte da África, o afastamento geográfico e a estranheza das denominações da flora, experimenta ao descobrir, uma vez atravessada uma cortina de aloés gigantescos ou de mancenilheiras, habitantes que (às vezes até diante das ruínas de um teatro romano e de uma coluna dedicada a Vênus) estão lendo a Mérope ou a Alzira [Mérope e Alzira: as tragédias de Voltaire]. E tão longe, tão à parte, tão acima das burguesas instruídas que eu conhecera, a cultura similar pela qual a Sra. de Guermantes se esforçara, sem interesse, sem motivo de ambição, em descer ao nível das que ela não conheceria jamais, tinha o caráter meritório, quase tocante à força de ser inutilizável, de uma erudição em matéria de antigüidades fenícias num político ou num médico.

- Poderia mostrar-lhe um muito bonito - disse-me amavelmente a Sra. de Guermantes, falando-me de Hals -, o mais belo, segundo algumas pessoas, e que herdei de um primo alemão. Infelizmente, encontra-se "enfeudado", no castelo; não conhece esta expressão? Eu tampouco -acrescentou, com esse seu gosto de fazer gracejos (com o que se julgava tão moderna) sobre os costumes antigos, mas aos quais se achava inconsciente e ferozmente aferrada. - Estou satisfeita de que tenha visto os meus Elstirs, mas confesso que ficaria ainda mais se tivesse podido lhe fazer as honras do meu Hals, desse quadro "enfeudado".

- Conheço-o - disse o príncipe Von -; é o grão-duque de Hesse.

- Justamente. Seu irmão se casara com minha irmã - disse o Sr. de Guermantes -; aliás, sua mãe era prima-irmã da mãe de Oriane.

- Mas, no que se refere ao Sr. Elstir - acrescentou o príncipe, eu me permitirei dizer que, sem opinar sobre suas obras, que não conheço, o ódio com que o persegue o imperador não me parece que deva ser debitado contra ele. O imperador é de uma inteligência admirável.

- Sim, jantei duas vezes com ele; uma vez na casa de minha Sagan, outra na casa de minha tia Radziwill, e devo dizer que o julguei curioso. Não o achei simples. Mas ele tem algo de divertido, de "adquirir" - disse a duquesa, sublinhando a expressão como um cravo verde, seja, uma coisa que me espanta e não me agrada infinitamente, uma coleção que é espantoso possa ter sido obtida, mas que acho ficaria igualmente bem se não fosse feita. Espero que o senhor não se sinta chocado.

- O imperador é de uma inteligência inaudita - prosseguiu o príncipe Von -; ama apaixonadamente as artes; sobre as obras de arte possui um gosto de algum modo

infalível, jamais se engana. Se uma coisa é bonita, ele a reconhece de imediato e cria-lhe ódio; se detesta algo, não há dúvida alguma, é que é excelente. -

Todos sorriram.

- O senhor me tranqüiliza - disse a duquesa.

- Eu compararia de bom grado o imperador - prosseguiu o príncipe que, não sabendo pronunciar a palavra "arqueólogo" (ou seja, como se estivesse escrito *arkeólogo*), não perdia nunca oportunidade de servir-se de um velho arqueólogo (e o príncipe disse "arxeólogo") que temos era Berlim. Diante dos antigos monumentos assírios, o velho arxeólogo chora? Mas se se trata de uma falsificação moderna, se não é uma peça verdadeiramente antiga, ele não chora. Então, quando se quer saber se uma peça arxeológica é verdadeiramente antiga, levamo-la ao velho arxeólogo. Se chora, a gente compra a peça para o museu. Se seus olhos permanecem secos, enviamo-la de volta ao negociante e o processamos por falsário. Muita bem, de cada vez que janto em Potsdam, todas as peças de que o imperador afirma: "Príncipe, é preciso que vejais, está cheio de genialidade", tome nota daquilo para evitar ir vê-las, e, quando ouço-o explodir contra uma exposição, corro até lá logo que me seja possível.

- O Sr. de Norpois não é favorável a uma aproximação anglo-francesa? - perguntou o Sr. de Guermantes.

- De que lhes serviria? - indagou, a um tempo irritado o príncipe Von, que não podia suportar os ingleses. - Eles são imbecis. Sei muito bem que não é como militares que eles os ajudariam. Mas ainda assim, pode-se julgá-los pela estupidez de seus generais. Um de meus amigos conversou recentemente com Botha, vocês sabem, o chefe dos boêres. Ele lhe dizia: "É espantoso um exército como esse. Aliás, gosto dos ingleses, mas enfim leve em conta que eu, que não passo de um camponês, venci em todas as batalhas. E na última, quando eu caía sob um número de inimigos vinte vezes superior, enquanto me rendia porque não havia outro jeito, ainda tive meios de fazer dois mil prisioneiros! E isso porque eu não passava de um chefe de camponeses, mas, se aqueles imbecis tivessem de medir forças como um verdadeiro exército europeu, é de se tremer por eles só em pensar no que poderia acontecer!" Além do mais, basta ver que o rei deles, que os senhores conhecem tão bem quanto eu, passa por ser um grande homem na Inglaterra.

Eu mal escutava essas histórias, do tipo das que o Sr. de Norpois contava a meu pai; não forneciam alimento algum às fantasias que eu amava. E, além disso, mesmo que possuíssem a substância de que eram desprovidas, seria preciso que fossem de qualidade muito excitante para que minha vida interior pudesse despertar durante essas horas mundanas em que eu habitava a minha epiderme, meus cabelos bem penteados, meu peitilho de camisa, isto é, em que eu nada

podia experimentar do que era para mim o prazer na vida.

- Ah, não sou de sua opinião - disse a Sra. de Guermantes, que julgava que o príncipe alemão carecia de tato -; acho o rei Eduardo encantador, tão simples, e bem mais fino que se acredita. E a rainha é, mesmo ainda agora, o que conheço de mais belo em todo o mundo.

- Mas, Senhorra duquesa - disse o príncipe irritado, sem perceber que estava desagradando -; todavia, se o príncipe de Gales fosse um simples particular, não haveria um único círculo que o não tivesse eliminado e ninguém teria consentido em lhe apertar a mão. A rainha é arrebatadora, excessivamente doce e limitada. Mas enfim, existe algo de chocante nesse casal régio que é literalmente sustentado por seus súditos, que faz com que os grandes financistas judeus paguem todas as contas que eles deveriam pagar e em troca nomeia-os baronetes do reino. É como o príncipe da Bulgária...

- É o nosso primo - disse a duquesa. - Ele tem espírito.

- É meu também - disse o príncipe. - Mas nem por isso vamos achar que é uma excelente pessoa. Não, é de nós que é necessário que os senhores se aproximem, é o maior desejo do imperador, mas ele quer que isto venha do coração; ele disse: o que desejo é um aperto de mão, e não um cumprimento de chapéu! Assim vós seríeis invencíveis. Seria isto mais prático do que a aproximação anglo-francesa que prega o Sr. de Norpois.

- O senhor o conhece, bem sei - disse-me a duquesa de Guermantes para não me deixar de fora na conversação. Lembrando-me que o Sr. de Norpois dissera que eu dava a impressão de querer beijar-lhe a mão, pensando que ele sem dúvida contara esse episódio à Sra. de Guermantes e, em todo caso, só poderia lhe ter falado a meu respeito de modo malévolo, visto que, apesar de sua amizade por meu pai, não hesitara em tornar-me tão ridículo, não fiz o que teria feito um homem mundano. Este dito para dar a impressão de ser a causa voluntária das maledicências do embaixador, que não passariam de represálias mentirosas e interessadas.

- Pelo e contrário, - disse eu, que, para meu grande pesar, achava que o Sr. de Norpois não gostava de mim.

- Está muito enganado - replicou a Sra. Guermantes. Ele gosta muito do senhor. Pode perguntar a Basin; se tenho fama de ser amável demais, com ele não se dá o mesmo. Ele lhe dirá, que nunca ouvimos Norpois falar de alguém com tanta amabilidade como de senhor. E, ultimamente, quis fazer com que lhe dessem um posto esplêndido no Ministério. Como soube que o senhor andava doente e não poderia aceitá-lo, teve a delicadeza de nem sequer falar de sua boa intenção senhor seu pai, a quem tributa uma afeição infinita. -

O Sr. de Norpois justamente era a última pessoa de quem eu esperaria um bom emprego. A verdade é que, sendo trocista e até mesmo bastante mal-intencionado, aqueles que se haviam deixado levar, como eu, por suas aparências de São Luís, fazendo justiça debaixo de um carvalho, pelos tons de voz facilmente compassivos que saíam de sua boca um pouco harmoniosos demais, acreditavam numa verdadeira perfídia ao saberem de alguma maledicência a seu respeito, vinda de um homem que dera a impressão de pôr o coração em suas palavras tais maledicências eram por demais freqüentes nele. Isto porém, não impedia de angariar simpatias, de enaltecer aqueles de quem gostava e de ter prazer em se mostrar serviçal para com eles.

- Aliás, não me espanta que ele o estime - disse a Sra. de Guermantes, - Ele é inteligente. E compreendo muito bem – acrescentou para os outros, e fazendo alusão a um projeto de casamento que eu ignorava que minha tia, que já não o diverte muito como velha amante, lhe pareça inútil como nova esposa. Tanto mais que acho que, mesmo amante ela já não o é há bastante tempo. Ela só tem relações, se assim posso me exprimir, com o bom Deus. É mais beata do que possam imaginar, e Booz Norpois pode dizer como nos versos de Victor Hugo: Há muito tempo que aquela com quem dormi, Senhor, Trocou meu leito pelo vosso!

Na verdade, minha pobre tia é como esses artistas de vanguarda que atacam a vida toda a Academia e, nos seus últimos anos, fundam agenciazinha; ou então como os padres que deixam a batina e criam seu próprio uso uma religião pessoal. Então, valeria mais conservar o hábito ou não coabitar.

- E quem sabe - acrescentou a duquesa com ar sonhador -; talvez seja em previsão da viuvez. Nada mais triste que o luto que não se pode suportar.

- Ah, se a Sra. de Villeparisis se tornasse Sra. de Norpois, creio que nosso primo Gilbert teria um ataque - disse o general de Saint-Joseph. - O príncipe de Guermantes é encantador, mas, de fato, permanece muito preso às questões de nascimento e de etiqueta disse a princesa de Parma. - Fui passar dois dias em sua casa no campo, enquanto infelizmente a princesa estava enferma. Estava acompanhada de Pequena (era um apelido que se dava à Sra. d'Hunolstein porque era imensa). O príncipe veio esperar-me embaixo da escadaria, ofereceu-me o braço e fez que não via a Pequena. Subimos ao primeiro andar até a entrada dos salões e então ali, afastando-se para me deixar passar, disse: "Ah, bom-dia, senhora d'Hunolstein (ele nunca a chama de outro modo depois da separação dela), fingindo só então se aperceber da Pequena, a fim de mostrar que não era obrigado a recebê-la embaixo.

- Isto absolutamente não me espanta. Não preciso lhe dizer - observou o duque, que se julgava extremamente moderno, depreciador, mais que qualquer outro, do nascimento, e até republicano que não possuo muitas idéias em comum com

meu primo. Vossa Alteza pode imaginar que nos entendemos mais ou menos sobre todas as coisas como o dia com a noite. Mas devo dizer que, se minha tia esposasse Norpois, uma vez pelo menos eu seria da opinião de Gilbert. Ser a filha de Florimond de Guise e fazer um tal casamento seria, como se diz, de fazer rir as galinhas, que querem que lhes diga? -Estas últimas palavras, que o duque pronunciava geralmente no meio de uma frase, eram ali totalmente inúteis. Tinha ele, porém, uma necessidade permanente de dizê-las, necessidade que o obrigava rejeitá-las para o fim de um período caso não achassem lugar em outra parte. Era para ele, entre outras coisas, uma questão de métrica. - Notem - acrescentou - que os Norpois são honrados gentis-homens, de boa casa e de boa cepa.

- Escute, Basin, não vale a pena zombar de Gilbert para falar como ele - disse a Sra. de Guermantes, para quem a "bondade" de uma origem, não menos que a de um vinho, consistia exatamente, como para o príncipe para o duque, em sua antigüidade. Porém, menos franca do que o primo e mais delicada que o marido, fazia questão de não desmentir, conservando, o espírito de Guermantes e desprezava a estirpe em suas palavras, com risco de honrá-la por seus atos.

- Mas os senhores não são até um pouco primos? - perguntou o general de Saint-Joseph. - Parece-me que Norpois desposara uma La Rochefoucauld.

- De modo algum dessa forma. Ela pertencia ao ramo dos duques de La Rochefoucauld, e minha avó descende dos duques de Doudeauvilik. É a própria avó de Édouard Coco, o homem mais sensato da família respondeu o duque, o qual possuía, acerca da sensatez, idéias um tanto superficiais e os dois ramos estão separados desde Luís XIV; de modo que o parentesco seria um tanto afastado.

- Ora, isto é interessante; eu não o sabia - disse o general.

- Além disso - prosseguiu o Sr. de Guermantes -, a sua mãe creio, é irmã do duque de Montmorency e desposara primeiro o La Tour d'Auvergne.

Mas, como esses Montmorencys mal são Montmorencys, e esses La Tour d'Auvergnes não são absolutamente La Tour d'Auvergnes, não como lhe dê uma alta posição. Diz ele, o que seria mais importante, agora descende de Saintrailles, e como nós descendemos deste em linha direta havia em Combray uma rua de Saintrailles na qual eu jamais chegara a pensar. Ela levava da rua de La Bretonnerie à rua de I'Oiseau. E, callié Saintrailles, companheiro de Joana d'Arc, fizera, ao desposar uma Guermantes, entrar para a sua família o condado de Combray, suas armas esquartejavam as de Guermantes na parte inferior de um vitral de Santo Hilárlgt. Vi novamente degraus de escura argila arenosa enquanto uma moldura transportava esse nome de Guermantes ao tom esquecido em que o ouvi lá outrora, tão diferente daquele com que significava os amáveis

anfitriões; - cuja casa eu jantava esta noite. Se o nome de duquesa de Guermantes para mim um nome coletivo, não era só na História, pela adição de todas as mulheres que o haviam usado, mas também ao longo de minha juventude que já vira, nesta única duquesa de Guermantes, tantas mulheres diferentes se superporem, cada qual desaparecendo quando a seguinte assumia maior consistência. As palavras não mudam tanto de sentido; durante séculos, como para nomes no intervalo de alguns anos. A memória e nosso coração não são bastante grandes para poderem ser fiéis. Não temos bastante espaço, no nosso pensamento atual, para nele guardar os mortos ao lado dos vivos. Somos obrigados a edificar sobre o que precedeu e que só encontramos ao acaso de uma escavação, do tipo aquela que o nome de Saintrailles acabava de realizar. Achei inútil explicar tudo isso, e até, um pouco antes, mentira implicitamente ao não responder, quando o Sr. de Guermantes indagara: "Não conhece a nossa parente?"; talvez ele até soubesse que eu a conhecia, mas foi só por uma questão de boa educação que não insistiu. A Sra. de Guermantes me arrancou do devaneio.

- Quanto a mim, acho tudo isso muito tedioso. Escute, as que não são sempre assim tediosas na minha casa. Espero que o senhor volte logo a jantar conosco, para uma compensação, dessa vez sem genealogias - disse a meia voz a duquesa, incapaz de compreender o gênero de encanto que eu podia encontrar em sua casa e de ter a humildade de só me agradar apenas como um herbário cheio de plantas fora de moda.

O que a Sra. de Guermantes julgava decepcionar a minha expectativa era, pelo contrário, aquilo que afinal, pois o duque e o general não deixaram mais de conversar sobre genealogias salvava a minha noite de uma decepção completa. Como não a experimentara até então? Cada um dos convivas do jantar, enfarpelando-se do nome misterioso sob o qual eu o conhecera e sonhara a distância, de um corpo e de uma inteligência semelhantes ou inferiores aos de todas as pessoas que eu conhecia, dera-me a impressão da insípida vulgaridade que pode conferir a entrada no porto danês de Elsinor a todo leitor apaixonado do Hamlet. Sem dúvida, essas regiões geográficas e esse passado antigo, que punham matas e campanários góticos em seu nome, tinham em certa medida formado seu rosto, seu espírito e seus preconceitos, mas ali não subsistiam a não ser como a causa no efeito, ou seja, talvez possíveis de distinguir pela inteligência, mas de modo algum sensíveis à imaginação.

E esses preconceitos de outros devolveram de súbito aos amigos do Sr. e da Sra. de Guermantes a sua perdida poesia. É claro que as noções possuídas pelos nobres e que fazem deles os letrados, os etimologistas da língua, não das palavras mas dos nomes (e isso ainda apenas relativamente à metade ignorante da burguesia, pois se, igual em mediocridade, um devoto será mais capaz de nos

responder sobre a liturgia do que um livre-pensador, em compensação um arqueólogo anticlerical poderá muitas vezes fazer reparos a seu cura sobre tudo o que se refira até mesmo à igreja deste), tais noções se quisermos falar na verdade, isto é, no espírito, não tinham sequer para esses grãos-senhores o encanto que teriam tido para um burguês. Eles sabiam talvez menos que eu que a duquesa de Guise era princesa de Cleves, de Orleans e de Porcien, etc., mas haviam conhecido, antes mesmo de todos esses nomes, a fisionomia da duquesa de Guise que desde então esse nome refletia. Eu havia começado pela fada, embora ela devesse perecer logo; apenas pela mulher.

Nas famílias burguesas vê-se por vezes nascerem ciúmes se a irmã caçula se casa antes da primogênita. Assim, o mundo aristocrático, sobretudo o dos Courvoisiers, mas também o dos Guermantes, reduzia sua grandeza nobiliárquica a simples superioridades domésticas, em virtude de uma infantilidade que eu havia conhecido antes (era para mim o seu único encanto) nos livros.

Tallemant des Réaux não dá impressão de falar dos Rohan, quando conta com evidente satisfação que o Sr. de Guéménée gritava a seu irmão: "Podes entrar aqui, não é o Louvre!" e dizia do cavalheiro porque este era filho natural do duque de Clermont: "Ele pelo menos príncipe!" A única coisa que me deu pena naquela conversa foi ver que, absurdos históricos referentes ao encantador grão-duque herdeiro de Luxemburgo encontravam crédito naquele salão, tanto como junto aos companheiros de Saint-Loup. Decididamente, tratava-se de uma epidemia geral, talvez não durasse mais que dois anos, mas que se estendia a todos. Repetiam-se as mesmas narrativas falsas, acrescentavam-lhes outras. Compreendi que a própria princesa de Luxemburgo, tendo o ar de defender o difícil sobrinho, fornecia armas para que o atacassem.

- O senhor faz mal em defendê-lo - disse-me o Sr. de Guermantes, como o fizera Saint-Loup. - Olhe, deixemos de lado até a opinião de nossos parentes, que é unânime - fale dele à seus criados, que no fundo são as pessoas que melhor nos conhecem. - Sra. de Luxemburgo dera seu criadinho negro ao sobrinho negrinho, soltou chorando: "Grão-duque bateu em mim, mim não gosta - grão-duque mau. Impressionante!" E posso falar dele com conhecimento de causa, é primo de Oriane.

Aliás, não posso dizer quantas vezes ouvi naquela noite as palavras "primo" e "prima". De uma parte, o Sr. de Guermantes, quase a cada nome que pronunciavam, exclamava:

"Mas é um primo de Oriane!" com a mesma satisfação de um homem que, perdido numa floresta, lê na ponta das setas, dispostas em sentido contrário sobre uma placa indicativa e seguidas de uma cifra bem pequena de quilômetros: "Belvedere Casimir-Pérfe "Croix du Grand-Veneur", e compreende assim que

está no caminho certo. Por outro lado, estas palavras "primo" e "prima" eram empregadas com intenção bem diversa (que aqui fazia exceção) pela embaixatriz da Turquia, a qual chamara após o jantar. Devorada pela ambição mundana e dotada de verdadeira inteligência assimilativa, aprendia com a mesma facilidade a história da retirada dos *Dez Mil* ou a perversão sexual entre os pássaros. Teria sido impossível apanhá-la em erro sobre os mais recentes trabalhos alemães, porque tratassem de economia política, de versarias diversas - mas de onanismo, ou da filosofia de Epicuro. De resto, era uma mentira perigosa ouvir, pois permanentemente, sem erro, apontava-nos as mulheres ultralevianas, as irrepreensíveis modelos de virtude, punha-nos sobreaviso a respeito de um senhor animado das mais puras intenções; contava histórias que parecem sair de um livro, não por serem sérias, devido à sua inverossimilhança que essa época, ela era pouco recebida. Freqüentava por algumas semanas mulheres de extremo brilho, como a duquesa de Guermantes, em geral ia forçada a limitar-se, quanto às famílias mais nobres, obscuros que os Guermantes já não freqüentavam. Esperava ter um aspecto inteiramente mundano ao citar os maiores nomes de pessoas pouco recebidas na sociedade e que eram amigos seus. E logo o Sr. de Guermantes, julgando tratar-se de pessoas que jantavam amiúde em sua casa, fremia alegremente por encontrar-se em terreno conhecido e soltava um brado de reunião: "Mas é um primo de Oriane! Conheço-o como a palma da mão. Ele mora na rua Vaneau. Sua mãe era a Srta. D'Uzes." A embaixatriz via-se forçada a confessar que seu exemplo era tirado de animais menores. Cuidava de relacionar seus amigos aos do Sr. de Guermantes, apanhando-o de soslaio:

- Sei perfeitamente a quem pretende se referir. Não, não são esses, são primos. -

Mas esta frase de refluxo lançada pela pobre embaixatriz expirava bem depressa. Pois o Sr. de Guermantes, desapontado, respondia:

- Ah, então não percebo a quem deseja referir-se. -

A embaixatriz não replicava nada, pois, se jamais conhecia senão os primos daqueles a quem deveria conhecer, freqüentemente ocorria que esses primos não eram sequer parentes. Depois, da parte do Sr. de Guermantes, era um novo jorrar de "Mas é uma prima de Oriane", palavras que pareciam ter para o Sr. de Guermantes, em cada uma de suas frases, a mesma utilidade de que certos epítetos cômodos possuem para os poetas latinos, pois lhe fornecem um dáctilo ou um corresponder para seus hexâmetros. Pelo menos, a explosão de "Mas é uma prima de Oriane" me pareceu bem natural quando aplicada à princesa de Guermantes, a qual era de fato parenta bem próxima da duquesa. A embaixatriz dava a impressão de não gostar dessa princesa, pois me disse bem baixinho:

- Ela é estúpida. Mas não, ela não é bonita. Trata-se de uma reputação usurpada. Aliás -acrescentou com um ar a um tempo refletido, repulsivo e decidido -, ela

me parece bastante antipática. -

Porém, muitas vezes o parentesco de primos estendia-se muito mais longe; a Sra. de Guermantes sentia-se na obrigação de tratar de "minha tia" as pessoas com quem não lhe encontrariam um ancestral comum sem remontar pelo menos até Luís XV, da mesma forma que, de cada vez que a infelicidade dos tempos fazia que uma multimilionária desposasse algum príncipe, cujo trisavô se casara, com um da Sra. de Guermantes, com uma filha de Louvois, uma das alegrias da americana consistia em poder, logo na primeira visita ao palácio de Guermantes, onde aliás ela era mais ou menos mal recebida e mais ou menos bem esmiuçada, dizer "minha tia" à Sra. de Guermantes, que a deixava fazê-lo com um sorriso maternal. Mas pouco me importava o que fosse o "nascimento" para o Sr. de Guermantes e o Sr. de Beauserfeuil; nas conversas deles a esse respeito, eu buscava apenas um prazer poético. Sem que eles mesmos o conhecessem, proporcionavam-me todavia esse prazer; como viriam feito lavradores ou marinheiros falando do plantio ou das marés, idades muito pouco destacadas deles próprios para que pudessem ver beleza que eu pessoalmente me encarregava de extrair delas. Por vezes, mais que a uma raça, era um fato particular, uma que um nome recordava. Ouvindo o Sr. de Guermantes lembrar que a Sra. de Bréauté era uma Choiseul e sua avó uma Lucinge, julguei a camisa banal de simples botões de pérola, sangrarem em dois guizos de cristal estas nobres relíquias: o coração da Sra. de Praslin e o Duque de Berri; outras relíquias eram mais voluptuosas, os longos cabelos da Sra. de Tallien ou da Sra. de Sabran.

Algumas vezes o que eu via não era uma simples relíquia. Mais instruído que a esposa sobre o que haviam sido os seus ancestrais, ao Sr. de Guermantes ocorria achar-se de posse de recordações que davam à conversa um belo ar de antiga residência desprovida de verdadeiras obras primas, porém repleta de quadros legítimos, medíocres e majestosos, cujo conjunto impressiona. Tendo o príncipe de Agrigento indagado por que o príncipe Von dissera, falando do duque de Aumale, "meu tio", o Sr. de Guermantes respondeu:

- Porque o irmão de sua mãe, o duque de Wurtemberg, havia desposado uma filha de Luís Filipe. -

Então contemplei pouco um relicário, semelhante aos pintados por Carpaccio ou Memling, desde o primeiro compartimento, em que a princesa, nas festas das núpcias de seu irmão, o duque de Orléans, aparecia vestida com um simples traje de jardim para testemunhar seu mau humor por ter visto serem repelidos os seus embaixadores que tinham ido pedir para ela a mão do príncipe de Siracusob até o último, em que ela acaba de dar à luz um menino, o duque de Wurtemberg (o próprio tio do príncipe com quem eu acabava de jantar), naquele castelo de Fantasia, um desses lugares tão aristocráticos como certa famílias. Eles também, como duram mais de uma geração, vêem ligar-se àquele seu meio mais de uma

personalidade histórica; especialmente naquele vai-e-vem, lado a lado, as recordações da Margravina de Bayreuth, daquela outro princesa um tanto fantástica (a irmã do duque de Orléans), a quem, dizia-se, o nome do castelo do esposo agradava, do rei da Baviera e, por fim, do príncipe Von, de quem precisamente era o endereço, para o qual acabava de pedir ao duque de Guermantes que lhe escrevesse, pois o havia herdado e só o alugava, durante as representações de Wagner, ao príncipe Polignac, outro "fantasista" delicioso. Quando o Sr. de Guermantes, para explicar como era parente da Sra. d'Arpajon, se obrigava a remontar, de longe e simplesmente, pelas cadeias e as mãos juntas de três ou cinco avó a Marie-Louise ou a Colbert, ainda era a mesma coisa: em todos esses casos, um grande evento histórico só aparecia, de passagem, disfarçado, restringido, no nome de uma propriedade, nos prenomes de uma mulher escolhidos por ser ela neta de Luís Filipe e de Maria-Amélia, considerados não mais como rei e rainha da França, mas apenas na medida em que, sendo avós, deixaram uma herança. (Por outros motivos, vê-se num dicionário da obra de Balzac, onde os personagens mais ilustres só figuram conforme suas ligações com a *Comédia Humana*, Napoleão ocupar um espaço bem menor que o de Rastignac, e ocupá-lo exclusivamente por haver falado às senhoritas de Cinq-Cygne.) Desse modo a aristocracia, em uma construção pesada, aberta em raras janelas, deixando entrar pouca luz, mostrando a mesma falta de ousadia, mas igualmente a mesma força maciça e cega da arquitetura romana, encerra em si toda a História, rodeia-a de muralhas, torna-a carrancuda.

Assim os espaços de minha memória se cobriam aos poucos de nomes que, ordenando-se, compondo-se uns em relação aos outros, estabelecendo entre eles ligações cada vez mais numerosas, imitavam essas obras de arte acabadas, onde não existe um só toque isolado, onde cada parte recebe sucessivamente da outra a sua razão de ser como ela lhes impõe a sua.

Já que o nome do Sr. de Luxemburgo voltara à baila, a embaixatriz da Turquia contou que o avô da jovem senhora (o que possuía aquela imensa fortuna proveniente das farinhas e das massas), tendo convidado o Sr. de Luxemburgo para almoçar, este recusara o convite mandando escrever no envelope: "Sr. de ***, moleiro", ao que o avô respondera: "Sinto muito que não possa vir, caro amigo, tanto mais que eu poderia desfrutar de sua intimidade, pois estávamos em família e não haveria ao jantar senão o moleiro, seu filho e o senhor." Tal história era não somente odiosa para mim, que sabia da impossibilidade moral que meu caro Sr. de Nassau escrevesse ao avô de sua esposa (do qual, aliás, sabia que seria herdeiro) qualificando-o de "moleiro", mas a estupidez desse relato era evidente mesmo desde as primeiras palavras, pois o apelativo de moleiro era claramente colocado para indicar o título da fábula de La Fontaine [*O Moleiro, o*

Filho e o Burro] Porém existe no *faubourg* Saint-Germain um pavor tal, quando a malevolência a agrava, que todos acharam que a história era autêntica e que o avô, a quem, sem receio, afirmaram logo tratar-se de pessoa notável, mostrara mais espírito que o marido de sua neta. O duque de Châtellerault quis aproveitar essa história para contar a que eu ouvira no café: "Todo mundo se deitava", mas, logo às primeiras palavras, e quando falou da pretensão do Sr. de Luxemburgo de que, diante de sua mulher, o Sr. de Guermantes se levantasse, a duquesa o fez; protestou:

- Não, ele é muito ridículo, mas de forma alguma a esse ponto! -

Intimamente, eu estava persuadido de que todas as histórias relativas ao Sr. de Luxemburgo eram igualmente falsas e que, de cada vez que me encontrasse em presença de um dos atores ou testemunhas, ouviria o mesmo desmentido. Contudo, perguntava a mim mesmo se o desmentido da de Guermantes se devia à preocupação com a verdade ou ao amor-próprio. Em todo caso, este último cedeu ante a malevolência, pois ela acrescentou rindo:

- De resto, também tive a minha pequena afronta, pois ele me convidou para o chá, desejando me fazer conhecer a grã-duquesa de Luxemburgo; é assim que ele tem o bom gosto de chamar sua esposa, ao escrever à tia. Apresentei-lhe minhas escusas e acrescentei: "Quanto à grã-duquesa de Luxemburgo', entre aspas, diga-lhe que, se quiser visitar-me, estarei em casa depois das cinco todas as quintas-feiras." Sofri mesmo uma segunda afronta. Estando em Luxemburgo, telefonei-lhe para que viesse falar comigo no aparelho. Sua Alteza ia almoçar, acabava de almoçar, duas horas se passaram sem resultado e então empreguei outro meio: "Tenha bondade de dizer ao conde de Nassau que venha me falar?" Ferido no fundo da alma, ele acorreu imediatamente. -

Todos riram do relato da duquesa e de outros análogos, isto é, estou convencido disso, de mentiras, porque jamais conheci homem tão inteligente, melhor, mais fino; falemos claro, mais requintado do que esse Luxemburgo-Nassau. Adiante veremos que a razão estava comigo. Devo reconhecer que, no meio de todas essas perfídias, a Sra. de Guermantes teve, no entanto, uma frase amável.

- Ele nem sempre foi assim - disse ela. - Antes de perder a razão, de ser, como nos livros, o homem que se julga transformado em reles, ele não era imbecil e até, nos primeiros tempos de noivado, referia-se a esta de modo bastante simpático, com uma felicidade inesperada: "É um verdadeiro conto de fadas, será necessário que eu faça minha entrada em Luxemburgo numa carruagem de *féerie*", dizia ele a seu tio d'Ornessan, que lhe respondeu, pois como sabem o Luxemburgo não é muito grande: "Um carruagem de *féerie*? Temo que não consigas entrar. Aconselho-te antes usar carrinho puxado por cabras." Não só isto não aborreceu Nassau, como foi ele próprio o primeiro a nos contar o caso,

rindo.

- Ornessan tem bastante espírito e a quem puxar: sua mãe é uma, Montjeu. Passa bem mal, o pobre Ornessan.

Este nome teve a virtude de interromper as maldades sem graça que se desenrolariam ao infinito. De fato, o Sr. de Guermantes explicou que a bisavó do Sr. de d'Ornessan era a irmã de Marie de Castille Montjeu, mulher de Timoléon de Lorraine e, em conseqüência, tia de Oriane. De forma que a conversação retornou às genealogias, ao passo que a imbecil embaixatriz da Turquia me segredava ao ouvido:

- O senhor parece estar em muito boas relações com o duque de Guermantes, tenha cuidado. -

E, como eu lhe pedisse explicações:

- Quero dizer, o senhor me compreenderá com meia palavra, que é um homem a quem se poderia confiar sem perigo a sua filha, mas não o seu filho. -

Ora, pelo contrário, se algum homem amou apaixonada e exclusivamente as mulheres, esse foi com certeza o duque de Guermantes. Porém o erro, a antífrase ingenuamente acreditada eram para a embaixatriz como um meio vital, fora do qual não podia movimentar-se.

- Seu irmão Mémé, que aliás para mim, por outros motivos (ele não a saudava), é profundamente antipático, sente um verdadeiro desgosto pelos costumes do duque. Da mesma forma a sua tia Villeparisis. Ah! Eu a adoro. Eis uma santa mulher, o verdadeiro tipo das grandes damas de outrora. Não é apenas a própria virtude, mas a reserva. Ela ainda diz: "Senhor" ao embaixador Norpois, a quem vê todos os dias e que, entre parênteses, deixou uma excelente lembrança na Turquia.

Eu nem mesmo respondia à embaixatriz, a fim de ouvir as genealogias. Nem todas eram importantes. Ocorria até que, no correr da conversa, uma das alianças inesperadas de que soube por meio do Sr. de Guermantes, era uma aliança desigual, porém não sem charme, pois, unindo, sob a monarquia de Julho, o duque de Guermantes e o duque de Fezensac às duas deslumbrantes filhas de um ilustre navegador, dava assim às duas duquesas o picante imprevisto de uma graça exoticamente burguesa, *luisfilipemente* indiana. Ou então, sob Luís XIV, um Norpois se casara com a filha do duque de Mortemart, cujo título ilustre ressaltava, no longínquo dessa época, o nome de Norpois, que eu achava baço e podia julgar recente, nele cinzelando profundamente a beleza de uma medalha. E, aliás, nesses casos não era somente o nome menos conhecido que se beneficiava da aproximação: o outro, tornado banal à força de brilhar, me impressionava mais sob aquele novo aspecto mais obscuro, como, dentre os

quadros de uma colorista fulgurante, o mais incisivo é por vezes um retrato todo em negro. A nova mobilidade de que pareciam dotados todos aqueles nomes, vindo colocar-se ao lado de outros de que os pensaria tão distanciados, não decorria unicamente da minha ignorância; essas contradanças que executavam no meu espírito, não a tinham eles realizado menos facilmente naquelas épocas em que um título, estando sempre aderido a uma terra, seguia-a de uma família para outra, de modo que, por exemplo, na bela construção feudal que é o título de duque de Nemours ou do duque de Chevreuse, eu podia descobrir sucessivamente abrigados, como na morada hospitaleira de bernardo-eremita, um Guise, um príncipe da Sabóia, um Orléans, um Luynes. Algumas vezes, vários permaneciam em competição na disputa de uma mesma concha: para o principado de Orange, a família real dos Países-Baixos e os Srs. De Mailly-Nesle; para o ducado de Brabante, o de Charlus e a família real da Bélgica; outros tantos para os títulos do duque de Nápoles, de duque de Parma, de duque de Reggio. Às vezes, cria-se o contrário: a concha estava há tanto tempo desabitada pelos próprios mortos desde muito, que eu nunca me dera conta de que determinar o nome de castelo que pudesse ter sido, numa época enfim bem pouco, a recusa de um nome de família. Assim, como o Sr. de Guermantes respondesse a pergunta do Sr. de Monserfeuil:

- Não, minha prima era uma realista, era filha do marquês de Féterne, que teve um certo destaque na guerra dos Chouans -

Eu, ao ver esse nome de Féterne, que para mim, de temporada em Balbec, era um nome de castelo, transformar-se naquilo que jamais sonhara, um nome de família, senti o mesmo espanto que o *féerie*, em que os torreões e uma escadaria se animam, tornando-se pessimista. Nesta acepção, pode-se dizer que a História, mesmo simplesmente genealógica, dá vida às velhas pedras. Na sociedade parisiense houve homens que ali desempenharam um papel tão considerável, que foram mais citados por sua elegância ou por seu espírito, sendo igualmente de pensamento ilustre, como o duque de Guermantes ou o duque de La Trémb. Caíram hoje no esquecimento, porque, como não tiveram descendentes o nome já não é mais ouvido, ressoa como nome ignorado; quando muito nome de coisa, sob a qual não imaginamos descobrir o nome de homem que sobrevive em algum castelo, em alguma aldeia distante. Num dia não tão longínquo, o viajante que, nos confins da Borgonha, parar na aldeia de Charlus para visitar sua igreja, se não for muito estudioso ou demais apressado para examinar as pedras tumulares, há de ignorar que aquele nome de Charlus foi o de um homem que se igualava aos *Maus*. Esta reflexão lembrou-me que precisava ir embora e que, enquanto escutava o Sr. de Guermantes falar de genealogia, aproximava-se a hora em que eu tinha um encontro com o seu irmão. Quem sabe, continue a pensar um dia até Guermantes não parecerá outra coisa senão um nome salvo

para os arqueólogos por acaso detidos em Combray, e que, diante do vitral de Gilberto, o Mau, terão a paciência de ouvir os discursos do Sr. de Théodore ou de ler o guia do cura. Mas, enquanto um grande não está extinto, mantém em plena luz aqueles que o usaram; e sem dúvida, por um lado, o interesse que oferecia a meus olhos a ilustração famílias era que, partindo de hoje, se pode segui-las, remontando por degrau, até muito além do século XIV e encontrar as Memórias correspondências de todos os ascendentes do Sr. de Charlus, de Agrigento e da princesa de Parma, num passado em que a noite impenetrável cobriria as origens de uma família burguesa, e onde distinguimos, sob a projeção luminosa e retrospectiva de um nome, a origem e a persistência de certas características nervosas, de certos vícios, de desordens de tais ou quais Guermantes. Quase patologicamente idênticos aos de hoje, de século em século eles excitam o interesse alarmado de seus correspondentes, sejam eles anteriores à princesa Palatina e à Sra. de Motteville, ou posteriores ao príncipe de Ligne.

Aliás, minha curiosidade histórica era frágil em comparação com o prazer estético. Os nomes citados tinham como efeito desencarnar os convidados da duquesa, que, por mais que se chamassem príncipe de Agrigento ou de Cystria, sua máscara de carne e de inteligência comum os transforma em homens quaisquer, de modo que, afinal, eu fora dar comigo no capacho do vestíbulo, não no limiar, como pensara, mas no termo do mundo encantado dos nomes. O próprio príncipe de Agrigento, logo que ouvi que sua mãe era uma Damas, neta do duque de Módena, foi liberado, como de um companheiro químico instável, do rosto e das palavras que o impediam de ser reconhecido, indo formar, com Damas e Módena, que não passavam de títulos, uma combinação infinitamente mais sedutora. Todo nome deslocado pela atração de um outro, com o qual não supunha tivesse qualquer afinidade, deixava o lugar imóvel que ocupava em meu cérebro, onde o hábito o havia deslustrado e, indo juntar-se aos Mortemarts, aos Stuarts ou aos Bourbons, desenhava com eles ramos do mais gracioso efeito e de um colorido cambiante. O próprio nome de Guermantes recebia, de todos os belos nomes extintos e com tanto maior ardor reacendidos, a que eu apenas acabava de saber que estava ligado, uma determinação bem nova, puramente poética. No máximo, na extremidade de cada bojo de estirpe altaneira, podia eu vê-la desabrochar-se em alguma figura de rei sábio ou de princesa ilustre, como o pai de Henrique IV ou a duquesa de Longueville. Mas, como essas faces, diferentes nisto da dos convivas, não estavam, para mim, empastadas de nenhum resíduo de experiência material e de mediocridade mundana, permaneciam, em seu belo desenho e seus reflexos mutáveis, homogêneas a esses nomes, que, a intervalos regulares, cada qual de cor diversa, se destacavam da árvore genealógica de Guermantes e não toldavam de nenhuma matéria estranha e opaca os brotos translúcidos, alternantes e multicores, que, assim como nos antigos vitrais de Jessé os antepassados de Jesus, floresciam de ambos os lados da

árvore de vidro.

Em várias ocasiões eu já quisera retirar-me e, acima de qualquer outro motivo, devido à insignificância que minha presença impunha àquela reunião, contudo uma daquelas que eu imaginara tão bonitas durante tanto tempo, e que sem dúvida o teria sido se não tivesse uma testemunha oportuna. Ao menos a minha partida ia permitir que os convidados, uma que o profano já não se achasse presente, se constituíssem por firm comitê secreto. Iriam poder celebrar os mistérios para cuja comemoração se haviam reunido, pois evidentemente não era para falar de Frans Haia da avareza, e para falar à moda da burguesia. Só diziam ninharias, dúvidas, porque me achava ali, e eu sentia remorsos, ao ver todas essas mulheres separadas, por impedi-las, com minha presença, de levar ao mais precioso de seus salões, a vida misteriosa do *faubourg* Saint-Germain. Mas essa partida, que a todo instante eu queria efetuar, o Sr. e a Sra Guermantes, levando o sacrifício a ponto de reter-me, adiavam-na. Curioso ainda, diversas damas que tinham vindo apressadas, encantadas, cheias de adornos, consteladas de pedrarias, para, por minha culpa, a ter apenas uma festa que não diferia essencialmente das que se davam no *faubourg* Saint-Germain, assim como em Balbec não nos sentimos numa cidade que se diferencie da que nossos olhos estão acostumados a ver: várias dessas damas se retiraram, não decepcionadas, como deveriam ter ficado, mas agradecendo efusivamente à Sra. de Guermantes pelo seu delicioso dia que tinham passado, como se nos outros dias, aqueles em que, não comparecera, as coisas não se houvessem passado de outro modo. Seria de fato por causa de jantares como aquele que todas as pessoas se preparavam e recusavam deixar que os burgueses penetrassem nos seus salões tão fechados? Por jantares como esse? Iguais se eu estivesse ausente? Suspeitei disso por um momento, mas era absurdo o simples bom senso me permitia afastar essa hipótese. E depois, se a mim tivesse acolhido, que restaria do nome de Guermantes, já tão degradado em Combray?

Além disso, aquelas mulheres-flores eram, num grau estranho, de ser contentadas por outra pessoa, ou desejosas de a contentar, por mais de uma, à qual eu não dirigira durante toda a noite mais que duas ou três frases cuja estupidez me fizera enrubescer, fez questão de vir me dizer antes de deixar o salão, e fixando em mim seus belos olhos a acariciar endireitando a grinalda de orquídeas que contornava seu peito, que intenso prazer tivera em conhecer-me, e me falar da alusão velada a um convidado para jantar de seu desejo de "arranjar alguma coisa", depois que tivesse "marcado o dia" com a Sra. de Guermantes. Nenhuma dessas damas partiu antes da princesa de Parma. A presença desta não se deve antes de uma Alteza era uma das duas razões, por mim não adivinhadas, pelas quais a duquesa insistira tanto para que eu ficasse. Quando a Sra. de Parma se ergueu, foi como uma liberação. Todas as senhoras, tinham feito uma

genuflexão diante da princesa, que as soergueu; receberam dela num beijo, e como uma bênção que tivessem pedido de joelhos, a permissão de pedir sua capa e chamar os criados. De modo que ocorreu, diante da porta, uma recitação gritada de grandes nomes da História da França. A princesa de Parma tinha proibido à Sra. de Guermantes que descesse para acompanhá-la até o vestíbulo, de medo que ela se resfriasse, e o duque acrescentara:

- Vamos, Oriane, já que Sua Alteza o permite, lembre-se do que lhe disse o médico.

- Creio que a princesa de Parma ficou muito contente de jantar com o senhor. -

Eu conhecia a fórmula. O duque atravessara todo o salão para vir pronunciá-la diante de mim, com ar obsequioso e compenetrado, como se me entregasse um diploma ou oferecesse salgadinhos. E percebi, no prazer que ele parecia experimentar naquele momento e que lhe dava ao rosto, por um instante, uma expressão tão doce, que o gênero de cuidados que aquilo representava para ele era dos que haveria de cumprir até o extremo final da vida, como essas funções honoríficas e cômodas que, mesmo idoso, a gente ainda conserva. No momento em que eu ia partir, a dama de *honor* da princesa voltou ao salão por ter se esquecido de levar os cravos maravilhosos, vindos de Guermantes, que a duquesa dera à Sra. de Parma. A dama de honor estava muito vermelha, sentia-se que ela fora repreendida, pois a princesa, tão boa com todos, não podia sofrer sua impaciência diante da tolice da sua aia. Assim, esta corria com pressa levando os cravos, mas, para conservar seu aspecto desenvolto e rebelde, falou ao passar por mim:

- A princesa acha que estou atrasada; queria que fôssemos embora e ainda assim ter os cravos. Diabo! Não sou um passarinho, não posso estar em vários lugares ao mesmo tempo.

Ai de mim! A razão de não se erguer antes de uma Alteza não era a única. Não pude partir imediatamente porque havia uma outra: era que aquele famoso luxo, desconhecido dos Courvoisiers, que os Guermantes, opulentos ou meio arruinados, distinguiam-se em fazer com que os amigos desfrutassem, não era apenas um luxo material, como eu o experimentara freqüentes vezes com Robert de Saint-Loup, mas igualmente um luxo de palavras encantadoras, de atos gentis, toda uma elegância verbal alimentada por uma verdadeira riqueza interior. Mas, como esta, na ociosidade mundana, permanece desaproveitada, derramava-se às vezes, buscava um derivativo numa espécie de efusão fugidia, tanto mais ansiosa, e que teria podido, da parte da Sra. de Guermantes, fazer acreditar em afeição. Aliás, ela a sentia no momento em que a deixava transbordar, pois achava então, na companhia do amigo ou amiga com quem se encontrava, uma espécie de embriaguez, de modo algum sensual, análoga à que a música empresta à certas

pessoas; acontecia-lhe desprender uma flor do corpete, ou um medalhão, e dá-lo a alguém com quem desejaria prolongar o convívio; no entanto, melancolicamente, que tal prolongamento não levaria a vazias conversações e onde nada iria além do prazer nervoso, a emoção passageira, semelhantes aos primeiros ardores da primavera impressão que deixam de lassitude e tristeza. Quanto ao amigo, não iria deixar-se enganar demais pelas promessas, das mais embriagadoras que já ouvira, proferidas por aquelas mulheres que, por sentirem com tanta intensidade a doçura de um instante, fazem deste, com uma delicadeza e nobreza ignoradas das criaturas normais, uma obra-prima comovente graça e de bondade, e nada mais têm a dar de si próprias quando um outro instante chegar. Seu afeto não sobrevive à exaltação que o dita; e a ternura de espírito que então as levara a adivinhar todas as coisas que eles faríamos ouvir e ao dizer lhes permitirá afinal, alguns dias mais perceber nossos ridículos e divertir-se à custa deles com um outro visitante, com o qual estarão desfrutando um desses "momentos musicais" que são tão breves.

No vestíbulo, onde pedi a um lacaio os meus *show-boots*, que trouxera por precaução devido à neve e de que haviam caído alguns flocos, desfeitos em lama, não me apercebendo de que era pouco elegante, pelo sorriso desdenhoso de todos, uma vergonha que alcançou seu grau mais elevado quando vi que a Sra. de Parma ainda não se fora e eu estava calçando minhas galochas americanas.

A princesa veio até mim.

- Oh, que bela idéia! - exclamou - como é prático! Eis um homem inteligente Senhora, é preciso que compremos isto - disse ela à sua dama de honror, ao passo que a ironia dos lacaios se transmudava em respeito, e os criados se mostravam solícitos a meu redor, a fim de saber onde eu pudera encontrar aquelas maravilhas.

- Graças a isto, o senhor nada tem a temer mesmo que volte a nevar e o senhor tiver de ir para longe; não há estações - disse a princesa.

- Oh, sob este aspecto, Vossa Alteza Real pode ficar tranqüila - interrompeu a dama de honor com ar astuto -; não vai nevar mais.

- Que sabe sobre isto, Senhora? - perguntou com azedume excelente de princesa de Parma, a quem a patetice da dama de honor só conseguia irritar.

- Posso afirmá-lo a Vossa Alteza Real: não pode mais nevar de novo, é materialmente impossível.

- E por quê?

- Não pode mais nevar, fizeram o bastante para isso.

A ingênua senhora não percebeu a cólera da princesa nem o divertimento das demais pessoas, pois, em vez de se calar, disse-me com um sorriso ameno, sem

levar em conta minhas negativas quanto ao almirante Jurien de La Graviere:

- Aliás, que importa? O senhor deve ter sangue frio. Sangue bom não nega.

E, tendo acompanhado a princesa de Parma, o Sr. de Guermantes me disse, pegando o meu sobretudo:

- Vou ajudá-lo a entrar em sua casaca. -

Já nem sorria ao empregar esta expressão, pois as que são mais comuns, por isso mesmo, devido à afetação de simplicidade dos Guermantes, tornavam-se mais aristocráticas. Uma exaltação, que só levava à melancolia, pois era artificial, foi também o que senti, embora bem diversamente da Sra. de Guermantes, quando enfim saí de sua casa, no carro que ia transportar-me ao palacete do Sr. de Charlus. Podemos nos entregar, à nossa escolha, a uma ou outra das duas forças: uma se ergue de nós mesmos, emana de nossas impressões profundas; a outra nos vem de fora. A primeira traz naturalmente consigo uma alegria, a que provém da vida das criaturas. A outra corrente, a que busca introduzir em nós o movimento com que se agitam as pessoas exteriores, não é acompanhada de prazer; porém podemos acrescentar-lhe um, por repercussão, numa embriaguez tão artificial que se muda rapidamente em tédio e tristeza; daí a fisionomia melancólica de tantos mundanos e, neles, tantos estados nervosos que podem chegar até o suicídio. Ora, no carro que me levava ao Sr. de Charlus, eu me sentia atormentado por esta segunda espécie de exaltação, bem diferente da que nos é dada por uma impressão pessoal, como a que tivera em outros carros: uma vez em Combray, na carriola do Dr. Percepied, de onde avistara desenharem-se contra o poente os campanários de Martinville; um dia, em Balbec, na caleça da Sra. de Villeparisis, procurando desemaranhar a lembrança que me oferecia uma atéia de árvores.

Porém, nesta terceira viatura, o que eu tinha diante dos olhos do espírito eram aquelas conversas que me haviam parecido tão tediosas no jantar da Sra. de Guermantes, por exemplo, as narrativas do príncipe Von sobre o imperador da Alemanha, sobre o general Botha e o exército inglês. Acabava de fazê-las passar pelo estetoscópio interior, através do qual desde que já não somos nós mesmos, desde que, dotados de uma alma mundana, só queremos receber nossa vida por meio dos outros, realçamos o que nos disseram e fizeram. Como um homem ébrio, cheio de disposições de ternura para com o garçom do café que o serviu, eu me admirava de minha ventura, é verdade que não sentida por mim no próprio instante, de ter jantado com alguém que conhecia tão bem a Guilherme II e sobre quem havia contado anedotas palavras bastante espirituosas. E recordando-me, com o sotaque alemão do príncipe, da história do general Botha, eu ria bem alto, como se esse riso, semelhante a certos aplausos que aumentam a admiração interior, fosse necessário àquela narrativa para lhe corroborar a

comicidade. Por trás dos vidros de aumento, até mesmo os juízos da Sra. de Guermantes que me haviam parecido idiotas (por exemplo, sobre os quadros de Frans Hals, de que seria preciso vê-los de um bonde) ganhavam uma vida e uma profundidade extraordinárias. E devo dizer que, se tal exaltação decaía logo, não era absolutamente insensata. Assim como podemos, um belo dia, nos sentir felizes em conhecer a pessoa que desdenhávamos em extremo, porque se achava ligada a uma moça a qual amamos, a quem elas podem nos apresentar, oferecendo-nos desse modo utilidade e satisfação, coisas de que a julgaríamos para sempre destituídas; não há conversas, nem mesmo relações, de que não se possa estar de que não se tirará alguma coisa um dia. O que me dissera a Sra. de Guermantes a respeito dos quadros que seria interessante ver, mesmo de um bonde, era falso, mas continha uma parte de verdade que me foi preciosa depois. Da mesma forma, os versos de Victor Hugo que ela me havia citado eram, é preciso confessá-lo, de uma época anterior àquela em que ele se tornou mais que um homem novo, onde fez aparecer na evolução uma espécie literária ainda desconhecida, dotada de órgãos mais complexos. Naqueles primeiros poemas, Victor Hugo pensa ainda, em vez de se contentar como a Natureza, em fazer pensar. "Pensamentos", ele os expressava entrando sob a forma mais direta, quase no sentido em que o duque empregava as palavra quando, em Guermantes, achando enfadonho e antiquado que os convivas de suas festas de gala fizessem seguir a sua assinatura, no álbum do castelo, de uma reflexão filosófico-poética, advertia os recém-chegados; com um tom suplicante:

- O seu nome, meu caro, mas nada de pensamentos! -

Ora, eram estes "pensamentos" de Victor Hugo (quase tão ausentes da *Legenda dos séculos* como as "árias" e as "melodias" da segunda maneira de Wagner) que a Sra. de Guermantes apreciava no primeiro Victor Hugo. Mas não totalmente sem motivo. Tais pensamentos eram tocantes e já em torno deles, sem que a forma tivesse ainda a profundidade a que deveria atingir bem mais tarde, o fluxo de palavras numerosas e de serem opulentamente articuladas fazia-os inassimiláveis àqueles versos que podem descobrir num Corneille, por exemplo, e onde um romantismo fica emitente contido, e que tanto mais nos emociona, todavia não penetrou às fontes físicas da vida, nem modificou o organismo inconsciente generalizável em que se acolhe a idéia. Assim, procedera eu mal em conformar-me até então às últimas coletâneas de Victor Hugo. Certo, das primeiras era apenas uma parte ínfima que adornava a conversa da Sra. de Guermantes. Mas justamente, citando desse modo um verso isolado, decuplica-se o seu valor atrativo.

Os que entraram ou tornaram a entrar em minha memória, no decurso daquele jantar, magnetizavam por sua vez, chamavam a si com tal força as peças em que habitualmente se achavam encravados, que minhas mãos, eletrizadas, não

puderam resistir mais de quarenta e oito horas à força que as conduzia ao volume em que estavam encadernados *As Orientais e Os Cantos do Crepúsculo*. Amaldiçoei o lacaio de Françoise por ter doado à sua terra natal o meu exemplar das *Folhas de outono*, e o mandei comprar outro sem perder um só instante. Reli esses volumes do princípio ao fim, e não encontrei a paz senão quando percebi de súbito, esperando-me na luz em que ela os havia banhado, os versos que me citara a Sra. de Guermantes. Por todos esses motivos, as conversas com a duquesa se pareciam a esses conhecimentos adquiridos na biblioteca de um castelo, antiquada, incompleta, incapaz de formar uma inteligência, desprovida de quase tudo de que gostamos, oferecendo-nos entretanto, às vezes, alguma informação curiosa, até mesmo a citação de uma bela página que não conhecíamos, e cujo conhecimento mais tarde nos sentimos felizes ao lembrar que o devemos a uma magnífica casa senhorial. Então, por haver encontrado o prefácio de Balzac à *Cartuxa de Parma* ou *cartas inéditas de Joubert*, somos tentados a exagerar o valor da vida que ali passamos e cuja frivolidade estéril esquecemos por esse ganho de uma noite.

Sob esse ponto de vista, se a alta sociedade não pudera no primeiro momento corresponder ao que minha imaginação esperava, e, por conseguinte, devia chocar-se a princípio pelo que tinha em comum com todas as sociedades, em vez de impressionar-se pelo que possuísse de diferente, revelou-se, no entanto, aos poucos, muito diversa.

Os grãos-senhores são quase as únicas pessoas de quem se pode aprender tanto como dos camponeses; sua conversação adorna-se de tudo o que concerne à terra, às residências tais como eram habitadas antigamente, aos costumes de outrora, a tudo aquilo que o mundo do dinheiro profundamente desconhece. Supondo que o aristocrata mais moderado em suas aspirações tenha acabado por atingir a época em que vive, sua mãe, seus tios, suas tias-avós o põem em contato, quando ele se recorda de sua infância, com o que poderia ser uma vida quase ignorada atualmente. Na câmara mortuária de um falecido de hoje, a Sra. de Guermantes não teria feito assinalar, mas assinalaria de pronto, todas as infrações feitas aos usos. Sentia-se chocada ao ver, num enterro, mulheres misturadas aos homens, quando há uma cerimônia particular que deve ser celebrada pelas mulheres. No caso do manto, cujo emprego Bloch teria sem dúvida pensado que se limitava aos enterros, por causa dos cordões do manto de que se fala nas relações de guias, o Sr. de Guermantes podia lembrar-se do tempo em que, ainda vira-o ser utilizado no casamento do Sr. de Mailly-Nesle. Enquanto Loup vendera sua preciosa "Árvore genealógica", retratos antigos Bouillon e cartas de Luís XIII para comprar quadros de Carriere e *modernstyle*, o Sr. e a Sra. de Guermantes, movidos por um sentimento, que o amor ardente pela arte talvez desempenhasse um papel menor tornava a eles próprios mais

medíocres, tinham conservado seus maravilhosos móveis de Boulle, que aliás ofereciam um conjunto atraente para artista. Da mesma forma um literato ficaria encantado com sua coroação, que para ele seria pois um faminto não precisa de outro faminto; um dicionário vivo de todas essas expressões que a cada dia mais se acham esquecidas: *des cravates à Ia Saint-Joseph, des enfants voués au* etc., e que só se encontram entre os que se fazem amáveis e benévolos conservadores do passado. O prazer que um escritor sente entre eles, muito mais do que entre outros escritores, esse prazer não é sem perigo, ele se arrisca a acreditar que as coisas do passado possuem um atrativo por si mesmas e que deve passá-las tais como são para a sua natimorta nesse caso, exalando um tédio do qual ele se consola, dizendo a si próprio: "É lindo porque é verdadeiro; é assim que se diz." Tais conversações aristocráticas, aliás, tinham na casa da Sra. de Guermantes o encanto de serem mantidas em excelente francês. Por isso, tornavam legítima a parte da duquesa, a sua hilaridade diante de termos como "vático", "cósmico", "pítico", "supereminente" que Saint-Loup empregava como ante de seus móveis da casa Bing.

Apesar de tudo, bem diversas nisto daquilo que eu pudera sentir diante dos espinheiros-alvares ou degustando uma *madeleine*, as histórias que ouvira na casa da duquesa eram-me estranhas. Tendo penetrado no instante em mim, que só fisicamente era possuído por elas, ter-se-ia que (de natureza social e não individual) estavam impacientes por sair, me agitava no carro, como uma pitonisa. Esperava um novo jantar em que pudesse tornar-me uma espécie de príncipe X, da Sra. de Guermantes, recontá-las. Enquanto esperava, elas faziam trepidar meus lábios, que balbuciavam, e em vão tentava recobrar meu espírito vertiginosamente arrastado por uma força centrífuga. Foi assim, com a febril impaciência não carregar por mais tempo o seu peso, solitário num carro, onde ali compensava a falta de conversação falando em voz bem alta, que toquei campainha da porta do Sr. de Charlus, e foi em longos monólogos comigo mesmo, onde repetia-me tudo o que iria lhe contar e já não pensava no que podia ele ter a me dizer, que passei o tempo todo que permanecendo num salão aonde me conduzira um lacaio, e que, de qualquer modo, estava agitado demais para observar. Sentia uma tal necessidade de que o Sr. Charlus escutasse os relatos que eu ardia por lhe contar, que fiquei cruelmente decepcionado ao pensar que o dono da casa talvez dormisse e que me seria necessário voltar a cozer no meu quarto minha embriaguez de palavras. Com efeito, acabava de verificar que fazia vinte e cinco minutos que ali estava, que talvez me houvessem esquecido naquele salão, do qual, não obstante a longa espera, podia pelo menos dizer que era imenso, verdoengo, com alguns retratos. A necessidade de falar não impede apenas de escutar, mas de ver; e, nesse caso, a ausência de toda descrição do meio exterior já é uma descrição de um estado interno. Ia sair do salão para tentar chamar alguém e, se não encontrasse pessoa alguma, refazer o caminho

até as antecâmaras e mandar que me abrissem a porta, quando, no momento mesmo em que acabara de me erguer e dar alguns passos no chão de mosaico, surgiu um lacaio com ar preocupado:

- O Sr. barão teve encontros até agora – disse-me - Ainda há várias pessoas que o aguardam. Vou fazer todo o possível para que receba o senhor. Já mandei telefonar duas vezes ao secretário.

- Não, não se incomode, tinha um encontro com o Sr. barão, mas já é muito tarde e, desde que está ocupado esta noite, voltarei outro dia.

- Oh! não se vá senhor! - exclamou o criado. - O senhor barão poderia ficar descontente. Vou tentar de novo.

Lembrei-me do que ouvira contar acerca dos criados do Sr. de Charlus e de seu devotamento ao patrão. Não se podia dizer dele exatamente como o príncipe de Conti, que procurava agradar tanto ao criado como ao ministro, mas de tal modo soubera fazer das menores coisas que pedia uma espécie de favor que, à noite, reunidos os criados a seu redor a uma respeitosa distância, depois de havê-los percorrido com o olhar, dizia: "Coignet, o castiçal!" ou: "Ducret, a camisa!", e era com resmungos de inveja que os outros se retiravam, enciumados daquele que acabava de ser distinguido pelo patrão. Até dois deles, que se detestavam, cuidavam cada qual de retirar o favor ao outro, indo sob o pretexto mais absurdo, dar recados ao barão, se este subira mais cedo, na esperança de ser incumbido aquela noite de levar o castiçal ou a camisa de dormir. Se o barão dirigia diretamente a palavra a um deles sobre qualquer coisa que não se relacionasse com o serviço, mais ainda, se, durante o inverno, no jardim, sabendo que um dos cocheiros estava gripado, lhe dizia ao cabo de dez minutos: "Cubra-se!", os outros ficavam quinze dias sem falar ao doente, por ciúme, devido à graça que lhe fora concedida.

Ainda esperei dez minutos e, depois de me pedirem que não demorasse muito porque o Sr. barão, cansado, precisara mandar embora diversas pessoas importantes, que haviam marcado encontro há longo tempo introduziram-me à sua presença. Tal encenação em torno ao Sr. de Charlus, me parecia ter muito menos grandeza que a simplicidade de seu irmão Guermantes, mas a porta já estava aberta, e eu acabava de ver o barão de *chambre chinês*, colo desnudo, estendido num canapé. Impressionou-me, no mesmo instante a vista de uma cartola *huit-reflets* sobre uma cadeira, e uma peliça, como se o barão tivesse acabado de chegar. O lacaio se retirou. Julguei que o Sr. de Charlus viesse ao meu encontro. Sem fazer um; movimento, fixou em mim o olhar implacável. Aproximei-me dele e o cumprimentei não me estendeu a mão, não me correspondeu, nem me disse que pegasse uma cadeira. Ao fim de um momento perguntei-lhe, como se faria um médico mal-educado, se era necessário que eu

ficasse de pé. Falei sem má intenção, mas o ar de cólera fria do Sr. de Charlus pareceu agravar-se mais ainda. Eu ignorava, aliás, que na sua casa de campo, no castelo de Charlus, ele tinha o hábito de, após o jantar de tanto que gostava de se fazer de rei; instalar-se numa poltrona no *fumoir*, deixando os convidados de pé a seu redor. Pedia o fogo a um, a outro oferecia um charuto e após alguns instantes, dizia:

- Mas d'Argencourt, sente-se, pegue uma cadeira meu caro, etc. -, tendo feito questão de prolongar o tempo deles em pé apenas para lhes mostrar que era dele que emanava a permissão de se sentarem. - Sente-se na poltrona Luís XIV - respondeu-me com ar imperioso e mais para me obrigar a afastar-me dele que como um convite para que me sentasse. Peguei uma poltrona que não se achava distante. - Ah! Eis o que o senhor chama uma poltrona Luís XIV! Vejo que é um rapaz instruído exclamou com escárnio.

Eu estava de tal modo estupefato que não me mexi, nem para ir embora, como deveria, nem para mudar de assento como ele desejava.

- Senhor - disse-me ele, pesando todas as palavras e fazendo preceder as mais impertinentes de um duplo par de consoantes a entrevista que condescendi em lhe dar, a instâncias de uma pessoa quer deseja ou não ser nomeada, há de marcar coisa melhor; talvez forçasse um pouco o sentido dos vocábulos, o que não se deve fazer, mesmo que ignore o seu valor, e pelo simples respeito por si mesmo, ao lhe dizer que sentirei simpatia pelo senhor. Entretanto, creio que "benevolência", no seu sentido mais eficazmente protetor, não excederia nem o que eu sentia nem o que me propunha a manifestar. - Desde meu regresso a Paris, eu lhe fizera saber: mesmo em Balbec, que o senhor podia contar comigo. - Eu, que me lembrava com que despropósito o Sr. de Charlus se separara de mim em Balbec esbocei um gesto de recusa. - Como? - gritou ele encolerizado (e na verdade o seu rosto convulso e branco diferia tanto de sua fisionomia ordinária como o mar, quando, numa manhã de tempestade, percebemos, em vez da sorridente superfície habitual, mil serpentes de baba e de espuma) - O senhor afirma que não recebeu minha mensagem (quase uma declaração) para ter de se lembrar de mim? Que havia como decoração em torno ao livro que lhe fiz chegar às mãos?

- Uns entrelaçamentos historiados muito bonitos - disse-lhe.

- Ah! - respondeu ele com ar de desprezo - os jovens franceses conhecem pouco as obras-primas de nosso país. Que se diria de um jovem berlinense que não conhecesse *A Valquíria*? Aliás, é preciso que o senhor tenha mesmo olhos de não ver, pois me disse que havia passado duas horas diante dessa obra-prima. Vejo que não é maior conhecedor de flores que de estilos; não proteste quanto aos estilos - gritou ele num tom de raiva extremamente agudo -, o senhor nem sequer

sabe sobre o que está sentado, oferece ao seu traseiro um banquinho de estilo Diretório por uma bergere Luís XIV. Qualquer dia há de tomar os joelhos da Sra. de Villeparisis por um lavabo e nem se sabe o que fará neles. Da mesma forma, o senhor nem mesmo reconheceu na encadernação do livro de Bergotte o dintel de miosótis da igreja de Balbec. Existiria um modo mais límpido de lhe dizer: "Não se esqueça de mim"?

Eu encarava o Sr. de Charlus. Certamente, sua cabeça magnífica, e que repugnava, levava contudo vantagem sobre a de todos os seus; dir-se-ia um Apolo envelhecido; porém uma escuma olivácea, hepática, parecia estar a ponto de escorrer de sua boca ruim. Quanto à inteligência, não se podia negar que a sua, por um vasto ângulo de compasso, abarcava muitas coisas que estariam para sempre desconhecidas do duque de Guermantes. Mas, por mais que algumas belas palavras colorissem todos os seus ódios, sentia-se que, ainda que em seu discurso houvesse ora orgulho ofendido, ora um amor decepcionado, ou um rancor, sadismo, impertinência, uma idéia fixa, aquele homem era capaz de assassinar e de provar, à força de lógica e de hábeis palavras, que tivera razão em fazê-lo e nem por isso era menos superior em cem côvados ao seu irmão, à sua cunhada, etc., etc..

- Assim como em *As Lanças de Velásquez* - continuou ele -, o vencedor avança na direção do mais humilde, como deve fazê-lo todo indivíduo nobre, visto que eu era tudo e o senhor não era nada, fui eu que dei os primeiros passos na sua direção. O senhor respondeu bobamente ao que não me cabia denominar grandeza. Mas não me deixei desanimar. Nossa religião prega a paciência. A que tive para com o senhor me será creditada, espero como igualmente o ter apenas sorrido daquilo que poderia ser tachado de impertinência, se estivesse a seu alcance ser impertinente com alguém que o ultrapassa de tantos côvados; mas enfim, senhor, já não se trata mais disso. Submeti-o à prova que o único homem eminente do nosso mundo chama, com espírito, prova da excessiva amabilidade e declara de direito ser a mais terrível de todas, a única em condições de separar o joio do trigo. Eu lhe censuraria somente o tê-la suportado sem pois os que triunfam dela são muito raros. Mas pelo menos, e essa conclusão que pretendo tirar das últimas palavras que havemos de tratar aqui na Terra, julgo estar ao abrigo de seus intentos caluniadores.

Até então, não havia imaginado que a cólera do Sr. de Charlus pudesse ter sido causada por alguma frase desabonadora que lhe houvesse repetido. Interroguei minha memória; não falara dele a ninguém. O malvado a construíra com todas as letras. Garanti ao Sr. de Charlus absolutamente não dissera coisa alguma a seu respeito.

- Não creio ter podido aborrecê-lo ao dizer à Sra. de Guermantes que era ligado ao senhor. Ele sorriu com desdém, fez altear-se a voz aos mais extremos

registros e de lá ferindo com doçura a nota mais aguda e insolente:

- Oh, senhor falou com extrema lentidão e em tom natural, como que se encantando, de passagem, com as estranhezas dessa graça - descendente -, acho que o senhor prejudica a si mesmo ao se acusar ter dito que possuímos "ligações". Não espero uma grande exatidão de alguém que facilmente tomaria um móvel de Chippendale por uma cadeira rococó, mas enfim não penso - acrescentou com afagos vocais à voz, mais maliciosos e que faziam flutuar em seus lábios até mesmo urgir um sorriso encantador -, não penso que o senhor tenha dito, nem julgado; que éramos ligados! Quanto ao fato de se ter gabado de ter sido apresentado à mim, de ter conversado comigo, de me conhecer um pouco, de ter obtido, quase sem solicitação, a possibilidade de um dia ser meu protegido; acredito pelo contrário, muito natural e inteligente que o tenha feito. A enorme diferença de idade que existe entre nós permite-me reconhecer, sem ridicularizar que essa apresentação, essas conversas, esse vago princípio de relação sejam para o senhor, não me cabe dizer uma honra, mas enfim, pelo menos uma vantagem, e que julgo foi tolice de sua parte não o tê-la divulgado, mas sim não ter sabido conservá-la. Acrescentarei até -disse ele, pensando bruscamente, e por um instante, da cólera altaneira a uma doçura de tal modo repassada de tristeza que pensei fosse começar a chorar - que quando deixou sem resposta a proposição que lhe havia feito em Paris, me pareceu de tal forma inaudito da parte do senhor, pessoa que se afigurava de boa educação e de boa família burguesa (apenas neste aditivo a sua voz teve um pequeno assobio de impaciência), que tive a ingenuidade de acreditar em todas as historietas que não ocorrem nunca, nas quadras extraviadas, nos erros de endereço. Reconhecia ser de minha parte uma grande ingenuidade, porém São Boaventura preferia crer que pudesse voar a que um religioso mentisse. Enfim, tudo isso acabou, a coisa não o satisfez, não se fala mais no assunto. Unicamente, parece-me que o senhor poderia ter-me escrito (e havia mesmo um tom de choro em sua voz), nem que fosse apenas em consideração à minha idade. Eu imaginara, em relação ao senhor, coisas infinitamente sedutoras, que evitara lhe contar. O senhor preferiu recusar sem saber, é problema seu. Mas, como lhe digo, sempre se pode escrever. Eu, em seu lugar, e mesmo no meu, o teria feito. Por causa disso, prefiro o meu lugar ao seu, e digo por causa disso porque acredito que todos os lugares são iguais, e sinto mais simpatia por um operário inteligente do que por muitos duques. Mas posso dizer que prefiro o meu lugar porque na minha vida inteira, que já principia a ser bastante longa, sei que jamais fiz o que o senhor fez. (Sua cabeça estava virada para a sombra, eu não podia ver se de seus olhos escorriam lágrimas, como a sua voz dava a entender.) Dizia-lhe que dei cem passos em sua direção o que teve por efeito que o senhor desse duzentos para trás. Agora é a minha vez de me afastar e nós não nos conheceremos mais. Não guardei o seu nome, e sim o seu caso, para que, nos dias em que for tentado a crer que os homens têm coração, cortesia ou simplesmente a inteligência de não

deixar escapar uma oportunidade sem igual, eu me lembre que isto será situá-los muito alto. Não, que o senhor tenha dito que me conhecia quando isso era verdadeiro pois agora vai deixar de sê-lo só posso achar que seja natural e o tenho por homenagem, ou seja, por agradável. Infelizmente, noutro local e em circunstâncias diversas, o senhor teve palavras bem diferentes.

- Senhor, juro-lhe que não disse nada que pudesse ofendê-lo.

- E quem disse que me senti ofendido? - gritou ele com fúria, erguendo-se violentamente no canapé onde até então permanecera imóvel, enquanto, ao passo que se crispavam as lívidas serpentes escumosas de seu rosto, sua voz tornava-se alternadamente aguda e grave como uma borrasca desencadeada e ensurdecedora. A força com que de hábito falava, e que fazia os desconhecidos se virarem na rua, estava centuplicada como o é de um forte se, ao invés de ser tocado ao piano, é executado pela orquestra e cada vez mais se transforma em fortíssimo. O Sr. de Charlus uivava. - Pensa que está em condições de me ofender? Por acaso não sabe com quem está falando? Julga que a saliva envenenada de quinhentos sujeitinhos seus amigos, empilhados uns sobre os outros, conseguiria babar sequer sobre meus augustos artelhos?

Desde um momento, ao desejo de convencer o Sr. Charlus de que jamais dissera nem ouvira dizer mal dele, havia sucedido uma raiva louca, provocada pelas palavras que lhe ditava apenas, segundo achava, o seu imenso orgulho. Talvez fossem elas, aliás, ao menos em parte, o efeito desse orgulho. Quase tudo o mais provinha de um sentimento que eu ignorava e ao qual, portanto, não tinha culpa de não atribuir seu respeitável papel. Poderia ao menos, à falta do sentimento desconhecido, mesclar de orgulho, se me lembrasse das palavras da Sra. de Guermantes, um tom de loucura. Mas naquele momento, a idéia de loucura nem sequer me apareceu ao espírito. Segundo achava, não havia nele mais que orgulho, e em apenas furor. Este furor (no momento em que o Sr. de Charlus deixou de uivar para falar de seus augustos artelhos, com uma majestade acompanhada de um esgar, uma expressão de vômito pelo nojo que lhe causavam obscuros blasfemadores), este furor não se conteve mais. Com um movimento impulsivo, eu quis quebrar alguma coisa, e, como um resto de discernimento me fazia respeitar um homem tão mais velho que eu, e devido à sua dignidade artística, as porcelanas alemãs colocadas a seu redor, precipitei-me para a cartola nova do barão, atirei-a ao assoalho, pisoteei encarnicei-me em rebentá-la totalmente, arranquei-lhe o forro, rasguei a aba, sem escutar as vociferações do Sr. de Charlus que continuavam, atravessando a peça para ir embora, abri a porta. Para meu grande espanto, a cada lado desta, se mantinham dois lacaios que se afastaram devagar para dar a impressão de que ali se achavam unicamente de passagem de serviço. (Mais tarde soube seus nomes, um se chamava Burnier e o Charmel.) Não me enganei um só instante com a

explicação que seu ar despreocupado parecia me propor. Era inverossímil; três outras me pararam menos: uma, que o barão recebia, por vezes, hóspedes contra quem poderia necessitar de auxílio (mas por quê?), julgando necessário ter posto de socorro por perto; a outra, que, atraídos pela curiosidade, tinha-se posto à escuta, não imaginando que eu saísse tão depressa; a terceira que toda a cena que me fizera o Sr. de Charlus fora preparada e representada, e ele próprio lhes pedira que escutassem, por amor ao espetáculo, junto a um erudito de que todos tirariam proveito. Minha cólera não acalmara a do barão; mas a minha saída do que pareceu causar-lhe viva dor. Chamou-me, mandou me chamar e, afinal, esquecendo que um momento antes, ao falar de "seus augustos artelhos acreditara me fazer o testemunho de sua própria deificação, correu as pressas, alcançou-me no vestíbulo e barrou-me a porta.

- Vamos, não se faça de criança, volte por um minuto; quem muito ama, bem diga, e, se o castiguei muito, foi porque o amo de fato. -

Minha cólera passara, deixei seguir o verbo "castigar" e acompanhei o barão que, chamando um lacaio, mandou, sem nenhum amor-próprio, que levasse os pedaços da cartola destruída e a substituíssem por outra.

- Se quiser me dizer, senhor, quem me caluniou perfidamente - disse eu ao Sr. de Charlus- ficarei para sabê-lo e confundir o impostor.

- Quem? Não o sabe? Não guarda lembrança do que fala? Pensa que as pessoas que me prestam o serviço de me advertir dessas coisas não começam por me pedir segredo? E julga que vou faltar ao que prometi?

- Senhor, é impossível dizer-me? - perguntei, buscando uma última vez em minha cabeça (onde não encontrava ninguém) a pessoa a quem pudera ter falado do Sr. de Charlus.

- O senhor não me ouviu falar que prometi manter segredo a quem me informou? - disse-me com voz estridente. - Vejo que, ao gosto pelas conversas abjetas, o senhor junta o das insistências vãs. Deveria ter pelo menos a inteligência de aproveitar esta última entrevista, e falar para dizer algo que não seja exatamente nada.

- Senhor - respondi afastando-me -, insulta-me; estou desarmado, visto que tem várias vezes a minha idade, a partida não é igual; por outro lado, não posso convencê-lo, jurei-lhe que não disse nada.

- Então estou mentindo! - exclamou ele num tom terrível, e dando um tamanho salto que se achou de pé a dois passos de mim.

- Enganaram-no.

Então, com voz suave, afetuosa, melancólica, como naquelas sinfonias que executam sem interrupção entre os diversos trechos, e onde um gracioso *scherzo*

amável, idílico, sucede aos trovões do primeiro trecho:

- É bem possível - disse. - Em princípio, uma frase repetida raramente é verdadeira. Sua é a culpa, se não tendo aproveitado as ocasiões de me visitar que eu lhe havia oferecido, o senhor não pode fornecer-me, com essas palavras francas e diárias que criam a confiança, o preservativo único e soberano contra uma palavra que o apresentasse como um traidor. Em todo caso, verdadeira ou falsa, a frase realizou sua obra. Já não posso me livrar da impressão que ela me causou. Não posso nem dizer que aquele que ama bastante castiga muito, pois castiguei-o muito, mas já não o estimo. -

Dizendo tais palavras, ele me forçara a sentar de novo e tocara a campainha. Um novo lacaio entrou.

- Traga bebidas, e diga que mandem preparar o cupê, -

Observei que não tinha sede, que era bem tarde e que aliás possuía um carro.

- Provavelmente, pegaram-no e o mandaram de volta - disse ele -; não se preocupe. Mandei preparar para que o levem... Se receia, que seja muito tarde... poderia lhe dar um quarto aqui...

Disse que minha mãe estaria inquieta.

- Ah, sim, verdadeira ou falsa, a frase realizou a sua obra. Minha simpatia um tanto prematura florescera cedo e, como aquelas macieiras de que o senhor falava poeticamente em Balbec não pôde resistir à primeira geada. -

Se a simpatia do Sr. de Charlus fora destruída, no entanto, ele não poderia agir de outra maneira, visto que sempre dizendo que estávamos brigados, fazia-me ficar, beber, convidava-me para dormir na casa e ia mandar-me levar à minha. Dava a impressão até de que receava o instante de me deixar e achar-se a sós, esse tipo de temor um tanto ansioso que sua cunhada e prima Guermantes me parecia sentir, uma hora atrás quando quis forçar-me a permanecer ainda um pouco com uma espécie de igual queda passageira por mim, do mesmo esforço para prolongar um minuto.

- Infelizmente - prosseguiu ele -, não possuo o dom de fazer reflorir o que uma vez foi destruído. Minha simpatia pelo senhor está morta. Nada pode ressuscitá-la. Creio não ser indigno de me confessar o lamento. Sempre me sinto um pouco feito o Booz de Victor Hugo: de viúvo, sou só e sobre mim a noite desce.

Voltei a atravessar com ele o grande salão verdoengo. Disse-lhe, bem ao acaso, o quanto o achava bonito seus móveis.

- Não é mesmo? Respondi

- É necessário amar alguma coisa. O madeiramento é de Bagard. E bonito mesmo, veja o senhor, é que foi feito para combinar com as cadeiras de

Beauvais e os consolos. Repare, estes repetem o mesmo tema decorativo do madeiramento. Só existiam dois lugares onde ocorria o mesmo: Louvre e a casa do Sr. d'Hinnisdal. Mas naturalmente, quando decidi morar nesta rua, encontrou-se um velho palácio Chimay que ninguém tinha visto, pois aqui estava somente para mim. Em suma, está muito bem. Poderia talvez ser melhor, mas enfim não está mal. Há coisas bonitas não? O retrato de meus tios, o rei da Polônia e o rei da Inglaterra, de Mignard. Mas o que estou lhe dizendo? O senhor o sabe tão bem quanto eu, pois esteve esperando neste salão. Não? Ah, é que o levaram para o salão azul - disse ele com um ar seja de impertinência devido à minha falta de curiosidade, seja de superioridade pessoal e por não ter indagado porque havia feito esperar. - Olhe, neste gabinete há todos os chapéus usados por Madame Élisabeth, pela princesa de Lamballe e pela Rainha. Não lhe interessa, dir-se-ia que o senhor nem está vendo. Talvez esteja sofrendo de uma afecção do nervo óptico. Se gosta mais desse tipo de Natureza, eis um arco-íris de Turner que principia a brilhar entre esses dois Rebrancits, como sinal de nossa reconciliação. Ouça: Beethoven se junta.

E, de fato, distinguiam-se os primeiros acordes da terceira parte da sinfonia Pastoral, "*A alegria após a tempestade*", executados por músicos junto de nós, sem dúvida no andar de cima. Perguntei ingenuamente se por acaso tocavam aquilo e quem eram os músicos.

- Bem, não se sabe. Não se sabe nunca. São músicos invisíveis. Lindo, não? - disse-me num tom levemente impertinente e que, entretanto, lembrava um pouco a influência e o acento de Swann. - Mas o senhor importa-se com isso como um peixe com uma maçã. Deseja voltar para casa, arriscando-se a faltar com o respeito a Beethoven e a mim. Ergue contra si mesmo o julgamento e a condenação - acrescentou num tom afetuoso e triste, ao chegar o momento da minha partida. - Desculpar-me-á por não acompanhá-lo como as boas maneiras me obrigariam a fazer disse-me. - Desejoso de não mais revê-lo, pouco me importa passar cinco minutos mais com o senhor. Todavia, estou cansado e tenho muito que fazer. - No entanto, reparando que o tempo estava bom: - Muito bem! Sim, vou subir ao carro. Está fazendo um luar magnífico, que irei contemplar no Bois depois de o ter deixado em casa. Como! O senhor não sabe se barbear, mesmo numa noite em que janta na cidade ainda mostra alguns pêlos - comentou, segurando-me o queixo entre dois dedos, por assim dizer magnetizados, que, depois de resistirem por um momento, subiram até as minhas orelhas como os dedos de um cabeleireiro. - Ah, seria agradável olhar este "luar azul" no Bois com alguém como o senhor falou-me com uma súbita doçura como que involuntária; e, depois, com ar triste: - Pois ainda assim o senhor é gentil, poderia sê-lo mais que ninguém - acrescentou, tocando-me paternalmente o ombro. - Outrora, devo dizer que o achava bem insignificante. -

Eu deveria pensar que ele me considerava como tal, ainda hoje. Bastava lembrar-me da raiva com que me falara há meia hora apenas. Apesar disso, tinha a impressão de que ele estava sendo sincero naquele momento, que seu bom coração triunfava do que eu supunha ser um estado quase delirante de suscetibilidade e orgulho. O carro estava à nossa frente, e ele ainda encompridava a conversa.

- Vamos - disse de repente -; suba. Em cinco minutos iremos até sua casa. E lhe darei uma boa-noite que cortará rente e para sempre as nossas relações. Já que devemos nos separar de uma vez por todas, é preferível que o façamos como na música, num acorde perfeito. -

Apesar dessas afirmações solenes de que não nos veríamos nunca mais, eu teria jurado que o Sr. de Charlus, desgostoso por não ter sabido controlar-se há pouco, temendo me haver magoado, não se aborreceria se me revisse mais uma vez. Não me enganava, pois, ao cabo de um momento:

- Ora, ora! Pois não é que ia me esquecendo do principal? - disse ele. - Em memória da senhora sua avó, mandei encadernar para o senhor uma curiosa edição da Sra. de Sévigné. Eis o que vai impedir este nosso encontro de ser o último. É preciso que a gente se console, dizendo que raramente se liquidam num dia os assuntos complicados. Veja quanto tempo durou o Congresso de Viena.

- Mas eu poderia mandar buscá-lo sem o incomodar - respondi atenciosamente.

- Queira calar-se, bobinho - retrucou encolerizado-; e não tinha o ar grotesco de considerar como coisa de pouca monta a honra de ser provavelmente (não digo certamente, pois será talvez um lacaio que - entregará os volumes) recebido por mim. - Recobrou-se: - Não queria, deixá-lo com tais palavras. Nada de dissonância; antes o silêncio eterno do acorde dominante! - Era por causa dos próprios nervos que parecia temer o regresso imediatamente após as ásperas palavras de briga. - Não quer vir até o Bois - me disse, num tom antes afirmativo que interrogativo segundo me pareceu, não porque não quisesse me convidar, mas por recear que seu amor-próprio sofresse uma recusa. - Muito bem, então - disse, alongando o assunto - é o momento em que, segundo Whistler, os burgueses voltam para casa (talvez quisesse ferir meu amor-próprio) e é quando convém começar a olhar. Mas o senhor nem sabe mesmo quem é Whistler. -

Mudei de assunto e lhe perguntei se a princesa de Léna era uma pessoa inteligente. O Sr. de Charlus parou e, assumindo o tom mais depreciativo que lhe conheci:

- Ah, senhor, faz alusão aqui a uma ordem de nomenclatura corte a qual nada tenho a ver. Talvez haja uma aristocracia entre os taitianos, mas confesso que não a conheço. O nome que acaba de pronunciar é estranho; entretanto, ressoou aos meus ouvidos faz alguns dias. Perguntavam-me se condescenderia em que me

fosse apresentado o jovem duque de Guastalla! O pedido me espantou, pois o duque de Guastalla não tem necessidade de ser apresentado a mim, pela simples razão de que é meu primo e me conhece desde sempre; é filho da princesa de Parma e, como parente jovem bem-educado, nunca deixa de vir me cumprimentar no dia de Ano-Novo. Mas, dadas as informações, não se tratava do meu parente e sim de um filho da pessoa que lhe interessa. Como não existe princesa com esse nome supus que se tratasse de uma mendiga que dormisse debaixo da ponte de Léna e que assumira pitorescamente o título de princesa de Léna, como se costuma dizer a *Pantera dos Batignolles* ou o *Rei do Aço*. Mas não, tratava-se de uma pessoa rica, cujos móveis muito bonitos, que eu admirara numa exposição, têm sobre o nome do proprietário a vantagem de não serem falsos. Quanto ao pretenso duque de Guastalla, devia ser corretor de câmbio do meu secretário, o dinheiro consegue tantas coisas. Mas não o imperador, parece, divertiu-se em dar a tais pessoas um título precisamente indisponível. Talvez seja uma demonstração de poder, ou de ignorância, ou malícia; acho principalmente que é uma partida que ele pregou dessa forma aos usurpadores sem querer. Mas enfim, não posso lhe dar esclarecimentos sobre tudo isso, minha competência se limita ao *faubourg* Saint-Germain onde entre todos os Courvoisiers e os Gallardons o senhor encontrará, se conseguir alguém que o apresente à eles, velhas megeras extraídas expressamente de Balzac e que hão de diverti-lo. Naturalmente, tudo isto nada tem a ver com o prestígio da princesa de Guermantes, mas, sem mim e meu Sésamo, a morada desta é inacessível.

- Senhor, o palácio da princesa de Guermantes é verdadeiramente muito bonito.

- Oh, não é muito bonito. É o que há de mais bonito; depois da princesa, é claro.

- A princesa de Guermantes é superior à duquesa de Guermantes?

- Ah, não tem comparação. (É de notar que, quando as pessoas da sociedade têm um pouco de imaginação, coroam ou destronam, ao sabor de suas simpatias ou brigas, aqueles cuja posição parecia ser a mais sólida e a mais bem estabelecida.) A duquesa de Guermantes (não a chamando de Oriane, talvez quisesse colocar mais distância entre ela e mim) é deliciosa, muito superior ao que o senhor possa imaginar. Mas enfim é imensurável como a sua prima. Esta é exatamente o que as pessoas dos Mercados imaginam que era a princesa de Metternich. Mas a Metternich julgava ter lançado Wagner porque conhecia Victor Maurel. A princesa de Guermantes, ou melhor, sua mãe, conheceu o verdadeiro. O que é um prestígio, sem falar da incrível beleza dessa mulher. E nada como os jardins de Ester!

- Não se pode visitá-los?

- Não, é preciso ser convidado, mas não convidam ninguém a menos que eu intervenha. - Porém, logo retirando, após haver lançado, a isca dessa oferta,

estendeu-me a mão, pois acabávamos de chegar à minha casa.

- Meu papel está findo, senhor; apenas acrescento estas poucas palavras. Um dia, um outro talvez lhe ofereça a sua simpatia como eu o fiz. Que o exemplo de hoje lhe sirva de ensino. Não o negligencie. Uma simpatia é preciosa sempre. O que não se pode fazer sozinho na vida, pois há coisas que não se pode pedir, nem querer, nem aprender por si mesmo, vários o conseguem, e sem necessidade de serem treze como no romance de Balzac, nem quatro, como em *Os três Mosqueteiros*. Adeus.

Devia estar cansado e ter desistido de ir ver o luar, pois me pediu para dizer ao cocheiro que voltasse para casa. E logo fez um movimento rápido como se quisesse mudar de idéia. Mas eu já transmitira a ordem e, para não me atrasar mais, fui tocar a campainha da porta, sem mais pensar no que tinha de fazer ao Sr. de Charlus, relativamente ao imperador da Alemanha; ao general Botha, narrativas há pouco tão obsedantes, mas que a sua acolhida inesperada e fulminante tinha feito voar para bem longe de mim.

Entrando em casa, vi sobre minha escrivaninha uma carta que o jovem lacaio de Françoise escrevera a um de seus amigos e que havia esquecido. Desde que minha mãe estava ausente, ele não recuava diante de nenhuma sem-cerimônia; mas culpado fui eu por ter lido a carta sem e envelope, inteiramente aberta e que, para minha única desculpa, parecia oferecer-se a mim.

Caro amigo e primo:

Espero que a saúde vá sempre bem e que seja o mesmo, - toda a pequena família, particularmente para meu jovem afilhado Joseph, que eu ainda não tive o prazer de conhecer mas que prefiro a todos como sendo meu afilhado, essa relíquia do coração também o seu pó, sobre seus restos sagrados não erguemos. Aliás caro amigo e primo quem te diz que amanhã tu e tua mulher minha prima Marie, não serão ambos precipitados até o fim do mar como o marinheiro atado ao auto do grande mastro, pois esta vida não é mais que um vale obscuro. Caro amigo é preciso dizer que minha principal ocupação do teu espanto tenho certeza, agora a poesia que amo com delícia, pois é preciso passar o tempo. Assim caro amigo não fique muito surpreso se não respondi ainda tua última carta, na falta do perdão deixa que venha o olvido. Corto tu sabes, a mãe da Senhora morreu em sofrimentos inexprimíveis a deixaram muito cansada pois ela teve a visita de três médicos até. No dia de seu enterro fez um lindo dia pois todas as amizades, Senhor vieram em multidão assim como vários ministros. Levaram mais de duas horas para ir ao cemitério o que fará a todos abrir grandes olhos em sua aldeia onde certamente não se fará outro lado pela tia Michu. Assim minha vida não será mais que um longo soluço. Divirto-me enormemente com a motocicleta que ultimamente aprendi. Que diriam vocês amigos se eu chegasse assim a toda

pressa aos Écorres. Mas aqui não me calarei mais pois sinto que a embriaguez da desgraça arrebata a razão. Freqüento a duquesa Guermantes, pessoas que tu nem nunca ouviu seus nomes em nossas terras ignorantes. Assim é com prazer que mandarei livros de Racine, de Victor-Hugo, de *Páginas escolhidas* de Chenedollé, de Musset, pois desejaria curar a terra que me deu a luz da ignorância que leva fatalmente até o crime. Não vejo mais nada para te dizer e te envio como o pelicano cansado de uma longa viagem minhas boas saudações assim como tua mulher a meu afilhado e a irmã Rose. Possam não dizer dela: E rosa ela só viveu o que vivem as rosas, como disse Victor Hugo, o soneto de Arvers, Alfred de Musset todos esses grandes gênios que por causa disso fizeram morrer nas chamas da fogueira como Joana d'Arc. Em breve a tua próxima missiva recebe meus beijos como os de um irmão Périgot (Joseph).

Somos atraídos por qualquer vida que nos apresente algo de desconhecido, por uma última ilusão a destruir. Apesar disso, as misteriosas palavras, graças às quais o Sr. de Charius me levara a imaginar a princesa de Guermantes como uma criatura extraordinária e diferente daquilo que eu conhecia, não bastam para explicar a estupefação em que fiquei, em breve seguida pelo temor de ser vítima de uma brincadeira de mau gosto, maquinada por alguém que quisesse me levar à porta de uma residência aonde eu iria sem ser convidado, quando, cerca de dois meses depois do jantar na casa da duquesa, e enquanto ela se achava em Cannes, tendo aberto um envelope cuja aparência não me advertia de nada de extraordinário, li estas palavras impressas num cartão: "A princesa de Guermantes, nascida duquesa de Baviera, estará em sua residência no dia ***." Sem dúvida, ser convidado para a casa da princesa de Guermantes talvez não fosse, do ponto de vista mundano, algo de mais difícil que jantar na casa da duquesa, e meus frágeis conhecimentos de heráldica me haviam ensinado que o título de príncipe não está acima do de duque. Depois, dizia comigo que a inteligência da mulher da alta sociedade não pode ser de uma essência tão heterogênea à de suas congêneres como o pretendia o Sr. de Charlus, e de uma essência tão heterogênea à de uma outra mulher. Porém minha imaginação, semelhante a Elstir quando reproduzia um efeito de perspectiva sem levar em conta noções de física que no entanto poderia possuir, pintava-me não o que eu sabia, mas o que ela via; o que ela via, isto é, o que lhe mostrava o nome. Ora, mesmo quando eu não conhecia a duquesa, o nome de Guermantes precedido do título de princesa, como uma nota ou uma cor ou uma quantidade profundamente modificada por valores contíguos, pelo "signo" matemático ou estético que as afeta, sempre me evocara algo bem diverso. Com esse título, o encontramos sobretudo nas Memórias do tempo de Luís XIII e de Luís XIV, da corte da Inglaterra, da rainha da Escócia, da duquesa de Aumale; e eu imaginava o palácio da princesa de Guermantes como mais ou menos freqüentado pela duquesa de Longueville e pelo grande Condé, cuja presença tornava bem pouco

verossímil que eu penetrasse ali alguma vez. Muitas coisas que o Sr. de Charlus me dissera tinham dado uma vigorosa chicotada na minha imaginação e, fazendo-a esquecer o quanto a realidade a desapontara na casa da duquesa de Guermantes (tanto novos nomes das pessoas como no dos nomes de lugares), haviam-na empurrado na direção da prima de Oriane. Aliás, o Sr. de Charlus só me enganou por algum tempo quanto ao valor e à variedade imaginária das pessoas da alta sociedade, porque ele próprio se enganava. E isso talvez porque não fazia nada, não escrevia, não pintava, nem mesmo lia de uma forma séria e aprofundada. Mas, superior às pessoas da alta sociedade em vários graus, se era deles e de seu espetáculo que extraía a matéria de sua conversação, não era por isso compreendido deles. Falando como artista, podia quando muito fazer emanar o encanto falacioso das pessoas da alta sociedade. Mas fazer emanar tão só para os artistas, em relação aos quais pode ele representar o papel de rena entre os esquimós; este precioso animal arrebatado para eles, sobre as rochas desertas, musgos e líquens que eles não saberiam descobrir nem utilizar, mas que, uma vez digeridos pelas renas produziam-se para os habitantes do extremo setentrional um alimento assimilável. Ao que eu acrescentarei que aqueles quadros que o Sr. de Charlus fazia da alta sociedade eram animados de muita vida pela mistura de ódios ferozes e de suas devotas simpatias. Os ódios dirigidos sobretudo contra as pessoas jovens, a adoração excitada principalmente por certa mulheres. Se, entre estas, a princesa de Guermantes era colocada pelo Sr. de Charlus no trono mais elevado, suas misteriosas palavras sobre "o inacessível palácio de Aladim", que sua prima habitava, não bastavam para explicar a minha estupefação. Apesar do que se refere aos diversos pontos de vista subjetivos neles ampliações artificiais de que falarei, não é menos verdadeiro que experimentei alguma realidade objetiva em todas essas criaturas e, por conseguinte, uma diferença entre elas.

Aliás, como poderia ser de outro modo? A humanidade que freqüentamos e que se assemelha um pouco aos nossos sonhos é, no entanto, a mesma que, nas Memórias, nas cartas de pessoas notáveis, vemos descritas e temos desejado conhecer. O velho mais insignificante com quem jantamos é o mesmo de quem, num livro sobre a guerra de 70, lemos emocionados a orgulhosa carta ao príncipe Frederico Carlos. Aborrecemo-nos ao jantar porque a imaginação está ausente e nos distraímos com um livro, pois aí ela nos faz companhia. Mas é das mesmas pessoas que se trata. Gostaríamos de ter conhecido Madame Pompadour, que tão bem protegeu as artistas, e tanto nos aborreceríamos a seu lado como junto das modernas Egérias, a cuja casa não podemos nos decidir a voltar, de tão medíocres que são elas. Nem por isso é menos verdadeiro que essas diferenças permanecem. As pessoas nunca são inteiramente idênticas umas às outras, o seu modo de comportar-se a nosso respeito, mesmo em nível igual de amizade, traz diferenças que afinal servem de compensação. Quando conheci a Sra. de Montmorency, ela gostava de me dizer coisas desagradáveis, mas, se eu

precisava de um favor, ela utilizava, para obtê-lo com eficiência, todo o crédito que possuía, sem poupar coisa alguma. Ao passo que uma outra, como a Sra. de Guermantes, jamais desejou desagradar-me, só me dizia coisas que me dessem prazer, cumulava-se de todas as gentilezas que formavam o rico modo de vida moral dos Guermantes; mas se eu lhe pedisse uma ninharia além de tudo isso, não teria dado um passo para consegui-lo, como nesses castelos onde a gente tem à nossa disposição um automóvel, um lacaio, mas onde é impossível obter um copo de cidra não previsto no arranjo das festas. Qual era para mim a verdadeira amiga: a Sra. de Montmorency, tão feliz em melindrar-me e sempre disposta a me servir, ou a Sra. de Guermantes, sofrendo com o menor desagrado que me causassem e incapaz do menor esforço para me ser útil? Por outro lado, dizia-se que a duquesa de Guermantes só falava de frivolidades, e sua prima, com o mais medíocre espírito, de coisas sempre interessantes. As formas de espírito são tão variadas, tão opostas, não só na literatura mas na sociedade, que não são só Baudelaire e Mérimée que têm o direito de se desprezar mutuamente. Tais particularidades formam em todas as pessoas um sistema de olhares, de discursos, de ações, tão coerente, tão despótico, que quando estamos em sua presença parece-nos superior ao resto. Na Sra. de Guermantes, suas palavras, deduzidas como um teorema de seu gênero de espírito, me pareciam as únicas que se poderiam dizer. E, no fundo, eu era de sua opinião quando ela me dizia que a Sra. de Montmorency era estúpida e possuía o espírito aberto a todas as coisas que não compreendia, ou quando, tendo sabido de uma maldade sua, a duquesa me dizia:

- É isto a que o senhor chama de uma boa mulher; é o que eu chamo de monstro. -

Porém essa tirania da realidade que está diante de nós, essa evidência da luz da lâmpada que faz empalidecer a aurora já distante como uma simples lembrança desapareciam quando eu estava longe da Sra. de Guermantes, e uma dama diversa me dizia, pondo-se ao mesmo nível que eu, e considerando a duquesa muito acima de nós:

- No fundo, Oriane não se interessa por nada, nem por ninguém - e até o que na presença da Sra. de Guermantes teria parecido impossível de acreditar, tanto que ela mesma proclamava o contrário:

- Oriane é esnobe. -

Matemática alguma nos permitindo converter a Sra. d'Arpajon e a Sra. de Montpensier em quantidades homogêneas, era-me impossível responder, caso me perguntassem qual delas se me afigurava superior à outra. Ora, dentre os traços peculiares ao salão da princesa de Guermantes, o mais habitualmente citado era um exclusivismo em parte ao nascimento real da princesa, e sobretudo

o rigorismo quase fóssil de preconceitos aristocráticos do príncipe, preconceitos que aliás o duque e a duquesa não deixavam de ridicularizar na minha presença e que, naturalmente, devia me fazer considerar como mais inverossímil ainda que convidasse aquele homem para quem só contavam as Altezas e os duques; e que em todo jantar fazia uma cena porque não tivera na mesa o lugar que teria tido direito sob Luís XIV, lugar que, graças à sua extrema erudição em matéria de história e genealogia, era o único a conhecer. Por causa disso, muitas pessoas da sociedade decidiam em favor do duque e da duquesa as diferenças que os separavam de seus primos.

- O duque e a duquesa são muito mais modernos, muito mais inteligentes, não se ocupam apenas, como os outros, com o número de quartéis do escudo, o salão deles está trezentos anos mais adiantado que o do seu primo! Eram frases costumeiras cuja lembrança me fazia agora estremecer ao olhar o cartão de convite, ao qual essas frases davam muito mais probabilidades de ter sido enviado por um mistificador.

Se o duque e a duquesa ainda não houvessem partido para Cannes; eu teria podido procurar saber por eles se o convite recebido era verdadeiro. Essa dúvida em que me encontrava não se deve nem mesmo, como por um momento me lisonjeara em acreditar, ao sentimento que um homem, mundano não experimentaria e que em conseqüência um escritor, embora pertencendo além disso à categoria das pessoas da sociedade, deveria reproduzir a fim de ser bem "objetivo" e pintar diversamente cada classe. De fato, encontrei ultimamente, num encantador volume de Memórias, o registro de incertezas análogas àquelas pelas quais me fazia passar o cartão de convite da princesa. "Georges e eu; ou Hely e eu, não tenho o livro à mão para verificar ardíamos tanto de vontade de sermos admitidos no salão da Sra. Delessert que, tendo dela recebido um convite, julgamos prudente, cada um por seu lado, assegurarmo-nos que não éramos vítimas de uma brincadeira." Ora, o narrador não é outro senão o conde d'Haussonville; o que se casou com a filha do duque de Broglie, e o outro rapaz que, "por seu lado" vai se certificar se não é objeto de uma mistificação é, conforme se chame Georges ou Hely, um dos dois inseparáveis amigos do Sr. D'Haussonville; ou Sr. d'Harcourt ou o príncipe de Chalais.

No dia em que deveria ter lugar o sarau na casa da princesa de Guermantes, fiquei sabendo que o duque e a duquesa estavam de volta à Paris desde a véspera. O baile da princesa não os teria feito regressar, porém um de seus primos se achava muito enfermo e, além do mais, o duque fazia muita questão de ir a uma festa que se daria naquela noite e onde ele próprio devia comparecer fantasiado de Luís XI e sua mulher de Isabel da Baviera. E resolvi ir visitá-los de manhã. Mas, tendo eles saído muito cedo, ainda não haviam regressado; primeiro fiquei espreitando a chegada do carro de um pequeno cômodo que julgava ser

um bom posto de vigia. Na realidade, escolhera muito mal o meu observatório, de onde pouco enxergava do nosso pátio, mas vi diversos outros, o que, sem utilidade para mim, divertiu-me por alguns instantes. Não é somente em Veneza que dispomos desses pontos de vista sobre várias casas ao mesmo tempo que têm tentado os pintores, mas igualmente em Paris. Não me refiro a Veneza por acaso. É em seus bairros pobres que fazem pensar certos bairros pobres de Paris, de manhã, com suas altas chaminés dilatadas, às quais o sol dá os róseos mais vivos, os mais claros vermelhos; é todo um jardim que floresce acima das casas, e floresce em matizes tão variados que se diria, plantado sobre a cidade, o jardim de um amador de tulipas de Delft ou de Haarlem. Além disso, a extrema proximidade das casas, de janelas opostas, dando para um mesmo pátio, faz ali, de cada quadrado de janela, a moldura onde uma cozinheira sonha olhando para o chão, ou mais adiante, uma moça se deixa pentear por uma velha com cara, mal distinta na sombra, de bruxa; assim cada pátio formava para o vizinho da casa, suprimindo o ruído pela sua distância, deixando ver os gestos silenciosos por detrás do retângulo envidraçado das janelas, uma exposição de cem quadros holandeses justapostos. É claro que do palácio de Guermantes não se possuía o mesmo gênero de vistas, mas sim igualmente curiosas, principalmente do estranho ponto trigonométrico em que me havia colocado e onde o olhar não era interrompido por nada, por serem muito íngremes e relativamente vagos os terrenos que precediam as alturas distantes que formavam o palácio da princesa de Silistrie e da marquesa de Plassac, primas muito nobres do Sr. de Guermantes, e a quem eu não conhecia. Até esse palácio (que era do pai delas, Sr. de Bréquigny) não havia senão corpos de edifícios pouco elevados, orientados das mais diversas formas, e que, sem deter a vista, prolongavam a distância com seus planos oblíquos. O torreão de telhas rubras da cocheira onde o marquês de Frécourt guardava seus carros bem que terminava numa agulha mais alta, mas tão delgada que não escondia coisa alguma, e fazia pensar nessas lindas construções antigas da Suíça que despontam, isoladas, do sopé de uma montanha. Todos esses pontos, vagos e divergentes, em que os olhos repousam, faziam parecer mais distante do que se estivesse separado de nós por várias ruas ou numerosos contrafortes o palácio da Sra. de Plassac, na realidade bem vizinho, mas quimericamente afastado como uma paisagem alpestre. Quando suas largas janelas quadradas, fulgurantes do sol como lâminas de cristal de rocha, eram feitas para limpeza, ao seguir nos diferentes andares os lacaios, impor de distinguir muito bem, mas que batiam tapetes ou passavam os espanadores, sentia-se o mesmo prazer que em examinar, numa paisagem de Elstir, um viajante em diligência, ou um guia, em diferentes grau altitude do São Gotardo. Mas, do "ponto de vista" em que me colocava arriscava-me a não ver voltar o Sr. e a Sra. de Guermantes, de modo que tarde, quando fiquei livre para retomar a minha espreita, simplesmente coloquei na escada, de onde não me podia passar

despercebida a abertura da porta principal, e foi ali que me postei, embora não mais surgissem, fulgurantes com seus lacaios tornados minúsculos pelo afastamento e empenhados na limpeza, as belezas alpestres dos palácios de Bréquig Tresmes. Ora, semelhante espera na escada deveria ter para mim conseqüências tão consideráveis e revelar-me uma paisagem não mais tumultuada, porém moral, tão importante que é preferível retardar a narrativa por uns momentos, fazendo-a ser precedida primeiro pela da visita que fiz aos Guermantes logo que soube que tinham regressado. Foi o duque somente quem me recebeu na biblioteca. No momento em que entrei, saía um homenzinho de cabelos completamente brancos, ar pobre, com uma gravata preta como as que usavam o tabelião de Combray e vários amigos de meu avô, porém de aspecto ainda mais tímido, e que, fazendo-me grandes cumprimentos, não quis descer enquanto eu não passasse. O duque gritou da biblioteca alguma coisa que não entendi, e o outro respondeu com os cumprimentos dirigidos à parede, pois o duque não podia vê-lo, mesmo assim repetidos sem cessar, como esses inúteis sorrisos de pé as que conversam com a gente por telefone; tinha uma voz de falsete voltou a cumprimentar-me com a humildade de um homem de negócio bem podia tratar-se de um negociante de Combray, de tal modo era do provinciano, antiquado e afável da gente humilde, dos velhos modelos daquelas bandas.

- O senhor verá Oriane dentro em breve - disse o duque, quando entrei. - Como Swann deve chegar daqui a pouco, trazendo-lhe as preciosas de seu estudo sobre as moedas da Ordem de Malta e, o que é pior a fotografia imensa onde mandou reproduzir as duas faces dessas mesma Oriane preferiu vestir-se primeiro, para poder ficar com ele até o momento de ir jantar. Já estamos atulhados de coisas, a ponto de não saber onde colocá-las, e me pergunto onde vamos pôr essa fotografia. Mas eu tenho uma mulher muito gentil, que gosta muito de ser agradável. Achou que era amável pedir a Swann para olhar, uns ao lado dos outros, todos esses grandes senhores da Ordem, cujas medalhas ele encontrou em Rodes. Pois ele dizia Malta, e é Rodes, mas é a mesma Ordem de São João de Jerusalém. No fundo, ela só se interessa por isso porque Swann se ocupa do assunto. Nossa família está muito mesclada a toda essa história; mesmo hoje em dia, meu irmão, que o senhor conhece, é um dos mais altos dignitários da ordem de Malta. Mas, por mais que eu tivesse falado de tudo isso a Oriane, ela não teria me dado ouvidos. Em compensação, bastou que as pesquisas de Swann sobre os Templários (pois é incrível o empenho das pessoas de uma religião em estudar a dos outros) o tenha conduzido à história dos Cavaleiros de Rodes, herdeiros dos Templários, para que logo Oriane quisesse ver as cabeças desses cavaleiros. Eles eram bem insignificantes em comparação com os Lusignan, reis de Chipre, de que descendemos em linha direta. Mas até agora Swann não se ocupou deles, e assim Oriane não quer saber nada sobre os Lusignan. -

Não pude falar imediatamente ao duque sobre o motivo da minha visita. Com efeito, algumas parentas ou amigas, como a Sra. de Silistrie e a duquesa de Montrose, tinham vindo fazer uma visita à duquesa que freqüentemente recebia antes do jantar, e, não a encontrando, ficaram por um instante com o duque. A primeira dessas damas (a princesa de Silistrie), trajada com simplicidade, seca porém de aspecto amável, segurava uma bengala na mão. A princípio, receei que estivesse machucada ou fosse doente. Pelo contrário, mostrava-se bem ágil. Falou com tristeza ao duque sobre um primo-irmão dele não do lado dos Guermantes, porém mais brilhante ainda, se possível-, cujo estado de saúde, muito abalado desde algum tempo, agravara-se de repente. Mas era visível que o duque, mesmo compadecendo-se da sorte de seu primo e repetindo: - Pobre Mamá! É um bom rapaz -, formava um diagnóstico favorável.

De fato, o jantar ao qual devia comparecer o duque divertia-o, o grande sarau na casa da princesa de Guermantes não o aborrecia, mas principalmente devia ele ir, à uma da manhã, com sua mulher, a uma ceia de gala e um baile à fantasia, para o qual estavam prontas uma fantasia de Luís XI para ele e uma de Isabel da Baviera para a duquesa. E o duque pretendia não ser perturbado nesses múltiplos divertimentos pelo sofrimento do bom Amanien d'Osmond. Duas outras damas portadoras de bengala, a Sra. de Plassac e a Sra. de Tresmes, ambas filhas do conde de Bréquigny, chegaram em seguida para uma visita a Basin e declararam que o estado do primo Mamá já era sem esperanças. Depois de dar de ombros, e para mudar de assunto, o duque lhes perguntou se elas iam à noite à casa de Marie Gilbert. Responderam que não, devido ao estado de Amanien, que se achava nas últimas, e até haviam desistido do jantar aonde ia o duque, e do qual enumeraram os convivas, o irmão do rei Teodósio, a infanta Maria-Conceição etc.. Como o marquês d'Osmond era parente delas num grau menos próximo que de Basin, sua "defecção" pareceu ao duque uma espécie, censura indireta de seu comportamento, e ele se mostrou pouco amável. Assim, embora tivessem descido das alturas do palácio de Bréquigny para ver a duquesa (ou melhor, para lhe anunciar o caráter alarmante da doença de seu primo, incompatível para os parentes com reuniões mundanas), permaneceram por muito tempo, e, munidas de seu bastão de alpinista Walpurge e Dorothée (tais eram os prenomes das duas irmãs) retomaram caminho escarpado de sua cumeeira. Nunca me ocorreu indagar aos Guermantes a que correspondiam aquelas bengalas, tão comuns em certo lugar do *faubourg* Saint-Germain. Talvez, considerando toda a paróquia como: domínio e não gostando de tomar fiacres, davam longas caminhadas, as quais alguma fratura antiga, devida ao uso imoderado da caça e as quedas de cavalo que muitas vezes comportam, ou simplesmente aos reumatismos provenientes da umidade da margem esquerda do Sena e dos ventos dos castelos, tornavam a bengala necessária. Talvez não houvessem partido em expedição tão distante pelo bairro; e, tendo apenas descido ao seu poder (pouco afastado do da

duquesa) para a colheita das frutas necessárias: compotas, vinham, antes de voltar para casa, dar boa-noite à Sra. de Guermantes, a cuja casa não chegavam contudo ao ponto de levar uma podeira ou um regador. O duque pareceu comovido pelo fato de eu o ter visitado no próprio dia de seu regresso. Mas seu rosto se anuviou quando falei que viera para pedir à sua esposa que se informasse se a sua prima havia de fato convidado. Eu acabava de tocar num desses tipos de serviços que o Sr. e a Sra. de Guermantes detestavam prestar. O duque me disse - era demasiado tarde, que, se a princesa não me enviara convite, ele daria impressão de estar pedindo um, que seus primos já lhe haviam recusado outro, certa ocasião, e ele não mais queria, nem de perto nem de longe parecer estar se metendo nas listas deles, "de se imiscuir", enfim, que nada sabia sequer se ele e sua esposa, que jantavam na cidade, voltariam imediatamente para casa, que nesse caso a melhor desculpa de não terem ido à recepção da princesa seria ocultar-lhe seu regresso a Paris, que, certamente a não ser isso, ao contrário se apressariam em comunicá-lo, enviando uma palavra ou dando um telefonema a meu respeito, seguramente demasiado tarde, pois em qualquer hipótese as listas da princesa já estariam fechadas.

- O senhor não está de mal com ela - disse-me com ar de suspeita os Guermantes receavam sempre não estarem a par das últimas desavenças e que as pessoas procurassem reconciliar-se às suas costas. Enfim, como o duque possuía o hábito de tomar a si todas as decisões que podiam parecer pouco amáveis:

- Olhe, meu menino - disse-me de súbito como se a idéia lhe viesse bruscamente ao espírito -, tenho até vontade de não dizer a Oriane que me falou neste caso. O senhor sabe como ela é gentil. Além do mais, ela gosta imensamente do senhor e desejaria mandar um recado à prima, apesar de tudo o que lhe dissesse, e, se estiver cansado depois do jantar, não mais teria desculpa, seria obrigado a comparecer à recepção. Não, decididamente não lhe direi nada. Aliás, o senhor irá vê-la daqui a pouco. Nem uma palavra sobre o assunto, peço-lhe. Se o senhor resolver ir à casa de meus primos, não preciso lhe externar que alegria teremos em passar a noite em sua companhia. -

Os motivos de humanidade são sagrados para que aquele, diante de quem os invocam, não se incline perante eles, creia-o sinceros ou não; não quis nem por um momento pesar na balança o meu convite e o possível cansaço da Sra. de Guermantes e prometi ao duque não falar à esposa acerca do objetivo de minha visita, exatamente como se estivesse iludido pela pequena comédia representada pelo Sr. de Guermantes. Perguntei-lhe se achava que eu teria ocasião de ver, na casa da princesa, a Sra. de Stermaria.

- Não - disse-me ele com ar de conhecedor -; conheço o nome que o senhor diz por vê-lo nos anuários dos clubes, não é absolutamente o tipo de gente que

freqüente a casa de Gilbert. Lá o senhor só verá pessoas excessivamente distintas e muito enfadonhas, duquesas que usam títulos que se julgariam extintos e que vieram à luz devido às circunstâncias, todos os embaixadores, muitos Coburgos, Altezas estrangeiras, mas não espere nem a sombra de um Stermaria; Gilbert ficaria doente só de ouvir a sua hipótese. Olhe, o senhor aprecia a pintura, é preciso que lhe mostre um quadro soberbo que comprei do meu primo, em parte em troca dos Elstir de que decididamente não gostávamos. Foi-me vendido como sendo um Philippe de Champagne, mas acho que é ainda superior. Quer saber a minha opinião? Creio que é um Velásquez e da melhor época - disse-me o duque fitando-me nos olhos, ou para conhecer a minha impressão, ou para aumentá-la. Entrou um lacaio.

- A senhora duquesa manda perguntar ao senhor duque se o senhor duque deseja receber o Sr. Swann, pois a senhora duquesa ainda não está pronta.

- Mande entrar o Sr. Swann - disse o duque depois de ter consultado o relógio de pulso e visto que ele próprio ainda dispunha de alguns minutos antes de ir se preparar.

- Naturalmente minha mulher, que lhe disse que viesse, ainda não se aprontou. É inútil falar diante de Swann do sarau de Marie-Gilbert - disse o duque. - Não sei se ele está convidado. Gilbert o estima bastante, por julgá-lo neto natural do duque de Berri; é uma história comprida. (Se não fosse isso, imaginei meu primo que tem um ataque sempre que vê um judeu a cem metros.) Mas enfim, isto agora se agrava com o Caso Dreyfus; Swann deveria compreender, mais do que ninguém que precisava cortar todos os laços com essas pessoas; mas, pelo visto anda dizendo coisas desagradáveis.

O duque chamou de novo o lacaio para saber se o criado que enviara à casa do primo Osmond já estava de volta. Com efeito, o plano do duque era o seguinte: como achasse, e com razão, que o primo estava agonizante, fazia questão de pedir notícias suas antes da morte, ou seja, antes do luto forçado. Uma vez protegido pela certeza oficial de que Amanien vivia, sairia rápido para o seu jantar, para a recepção do príncipe, para o baile onde estaria fantasiado de Luís XI e onde iria ter o mais picante encontro com uma amante nova, e não mandaria mais pedir notícias antes do dia seguinte, quando os prazeres houvessem terminado. Então poriam luto caso o primo tivesse morrido durante a noite.

- Não, senhor duque, ainda não chegou.

- Diabo! Aqui só fazem as coisas à última hora! - exclamou o duque, ante a idéia de que Amanien pudera ter tido tempo de "rebentar" antes da saída dos vespertinos e assim lhe fazer gorar o baile à fantasia. Mandou comprar *Le Temps*, onde não havia nada. Fazia muito tempo que eu não via Swann, e me indaguei

por instante se ele outrora não raspava o bigode, ou não tinha os cabelos todos à escovinha, pois achava-o bem mudado; mas era apenas que ele de fato se achava muito "mudado", pois estava bem doente, e a doença produz modificações tão profundas no rosto como usar barba ou variar a repartição do cabelo. (A doença de Swann era a mesma que lhe arrebatar a mãe e que a acometera exatamente na idade em que ele estava. Nossas existências são de fato, pela hereditariedade, tão cheias de cifras cabalísticas, de maus-olhados, como se na verdade existissem feiticeiras. E assim como há uma certa duração da vida para a humanidade em geral, também existe uma para as famílias em particular; isto é, nas famílias, para os metidos que se parecem.) Swann estava trajado com uma elegância que, como a de sua mulher, associava o que ele era ao que havia sido. Ajustado numa sobrecasaca cinzento-pérola, que acentuava a sua alta estatura, esbelto, luvas brancas riscadas de negro, usava uma cartola gris de forma dilata que Delion só fabricava para ele, para o príncipe de Sagan, para o Sr. de Charlus, para o marquês de Módena, para o Sr. Charles Haas e para o de Louis de Turenne.

Surpreendeu-me o encantador sorriso e o afeto do aperto de mão com que ele respondeu ao meu cumprimento, pois julguei, depois de tanto tempo, ele não me reconheceria de imediato; falei do meu espanto; ele o acolheu às gargalhadas, meio indignado, e com nova pressão da mão, como se supor que não me reconhecer fosse da sua sanidade mental ou da sinceridade de seu afeto. E, no entanto, o que ocorria; soube mais tarde que só me identificou alguns minutos depois, ouvindo chamarem o meu nome. Porém mudança alguma na sua fisionomia, nas suas palavras, nas coisas que me disse traiu a descoberta que uma palavra do Sr. de Guermantes lhe fez ver, tal a sua maestria e segurança no jogo da vida mundana. Aliás, punha nessa vida aquela espontaneidade de maneiras e a iniciativa pessoal, mesmo em matéria de indumentária, que caracterizavam o gênero dos Guermantes. Assim é que a saudação que me fizera o velho *clubman* sem me reconhecer não fora o cumprimento frio e empertigado do mundano puramente formalista, mas uma saudação cheia de uma amabilidade real, de graça verdadeira, como por exemplo a da duquesa de Guermantes (que chegava a ser a primeira a sorrir antes mesmo que a gente a houvesse cumprimentado, caso nos reconhecesse), por oposição aos cumprimentos mais mecânicos, habituais às damas do *faubourg* Saint-Germain. Foi assim ainda que o seu chapéu, que conforme um hábito que tendia desaparecer ele colocara a seu lado no chão, era forrado de couro verde, o que em geral não se fazia, mas isso porque dizia ele sujava menos, mas na realidade por ser muito elegante.

- Olhe, Charlus, você, que é um grande conhecedor, venha ver uma coisa; depois disso, meus meninos, vou pedir licença para deixá-los um instante enquanto ponho uma casaca; aliás, acho que Oriane não deve de morar. -

E mostrou o seu "Velásquez" a Swann.

- Mas parece-me que conheço isto - disse Swann, com a careta das pessoas enfermas para quem falar já é uma fadiga.

- Sim - disse o duque, carrancudo pela demora do conhecedor em expressar sua admiração. - Provavelmente o viu na casa de Gilbert.

- Ah, de fato, lembro-me.

- Que é que você pensa que seja?

- Muito bem; se estava na casa de Gilbert é provavelmente um de seus ancestrais -disse Swann num misto, de ironia e deferência para com a grandeza que teria achado descortês em ignorar, mas da qual, por bom gosto, não queria falar.

- Certamente que sim – disse o duque. - É Boson (nem sei mais que número) mas que me importa. Você sabe que não sou tão feudal como o meu primo. Ouvi pronunciar, o nome de Rigaud, - disse ele pregando em Swann um olhar da aristocracia e ao mesmo tempo para tentar ler o seu pensamento. - Vejamos, nada de lisonjas. Julga que isto seja de uma sumidade que acabei de nomear?

- Não. - disse Swann.

- Mas então, afinal eu não conheço nada, não me cabe decidir de quem é esse borrão. Mas você, um diletante, um mestre na matéria, à quem o atribuiu?

Swann hesitou por um momento diante da tela que visivelmente achava horrenda:

- À malevolência! - respondeu rindo ao duque, o duque não pôde evitar um gesto de raiva. Quando se acalmou:

- Vocês são amáveis. Esperem Oriane por um instante; vou pôr a minha casaca e já volto, Mandarei dizer à minha patroa que os dois a estão esperando.

Conversei um instante com Swann sobre o Caso Dreyfus e perguntei-lhe como era possível que todos os Guermantes fossem antidreyfusista.

- Primeiro, porque no fundo toda essa gente é anti-semita - respondeu Swann, que no entanto sabia muito bem, por experiência própria, que alguns não o eram, mas que, como todas as pessoas que esposam uma opinião apaixonada, preferia, para explicar que certas pessoas dela não compartilhassem, supor-lhe uma razão preconcebida, um preconceito contra o qual nada havia de fazer, em vez de razões que se pudessem discutir. Aliás, tendo chegado à cláusula prematura de seus dias, como um animal fatídico e a que provocam, ele execrava essas perseguições e retornava ao reduto religioso de seus pais.

- Quanto ao príncipe de Guermantes, isto é verdade. - declarava.

- Já me haviam dito que ele era anti-semita.

- Oh, esse nem se fala!

De tal modo que, quando oficial e tendo uma terrível dor de dentes, preferiu continuar sofrendo a consultar o único dentista da região, que era judeu; e mais tarde deixou incendiar-se em seu castelo, que havia pegado fogo porque teria sido necessário mandar pedir as bombas emprestadas ao castelo vizinho, que é dos Rothschild.

- Por acaso o senhor irá esta noite à sua casa?

- Sim. - respondeu -, embora esteja muito cansado. Mas me enviou um telegrama para me avisar que tinha algo a me dizer. Penso que estarei por demais adoentado por esses dias para ir até lá ou para recebê-lo, o que me deixará muito agitado. Prefiro desembaraçar-me de tudo isso.

- Mas o duque de Guermantes não é anti-semita.

- Claro que sim, pois é antidreyfusista - respondeu Swann, sem perceber que fazia uma declaração de princípios. - Isto não importa que me sinta desgostoso por ter decepcionado esse homem (que digo, é duque) não admirando o seu pretenso Mignard, ou coisa que o valha.

- Mas enfim - prossegui, voltando ao Caso Dreyfus -, a duquesa é inteligente.

- Sim, é encantadora. Aliás, na minha opinião, era-o ainda mais quando se chamava apenas princesa des Laumes. Seu espírito adquiriu algo de mais anguloso, tudo isso era mais tenro na grande dama juvenil. Mas enfim, mais ou menos jovens, homens ou mulheres que quer o senhor? -, todos eles pertencem a uma outra raça, não se tem impunemente mil anos de feudalismo no sangue. Naturalmente, eles crêem que isto não pesa nada em suas opiniões.

- Mas Robert de Saint-Loup, no entanto, é dreyfusista.

- Ah, tanto melhor, ainda mais que o senhor sabe que sua mãe é contra. Tinham-me dito que ele o era, mas não estava certo disso. Isto me dá uma grande satisfação. Não me espanta, pois ele é muito inteligente. É uma grande coisa isto!

O dreyfusismo tornara Swann de uma ingenuidade extraordinária e atribuíra ao seu modo de ver um impulso e um desvio mais notáveis ainda do que outrora o fizera o seu casamento com Odette; essa nova desclassificação melhor se chamaria reclassificação; só podia ser honrosa para ele, visto que o fazia voltar ao caminho pelo qual tinham vindo os seus e de onde o haviam desviado as suas relações aristocráticas. Mas Swann, precisamente no momento mesmo em que, tão lúcido, era-lhe dado, graças aos dons herdados de sua ascendência, enxergar uma verdade ainda oculta às pessoas da alta sociedade, mostrava-se todavia de uma cômica cegueira. Submetia todas as suas admirações e desprezos a um critério novo: o dreyfusismo. Que o antidreyfusismo da Sra. Bontemps o fizesse considerá-la idiota não era menos espantoso que o fato de que, quando se casara,

a havia achado inteligente. Também não era muito grave que a nova onda atingisse nele os juízos políticos e o fizesse perder a lembrança de haver tratado de mercenário, de espião da Inglaterra (era um absurdo do meio Guermantes) a Clemenceau, a quem agora declarava ter considerado sempre uma consciência, um homem de ferro, como Cornély.

- Não, eu nunca lhe disse coisa diversa. O senhor está confundindo. -

Mas, ultrapassando os julgamentos políticos, a onda invertia em Swann os juízos literários e até a forma de exprimi-los. Barres perdera todo talento, e mesmo suas obras da juventude eram fraquinhas, mal podiam ser relidas.

- Tente, não conseguirá ir até o fim. Que diferença de Clemenceau! Pessoalmente, não sou anticlerical, mas como, a seu lado, se nota que Barres não tem ossos! Grande sujeito o velho Clemenceau. Como conhece a sua língua! -

Além do mais, os antidreyfusistas não teriam direito de criticar estas loucuras. Explicavam que se era dreyfusista porque se era de origem judaica. Se um católico praticante, como Saniette, manifestava-se a favor da revisão, devia-se isto a ele ser dominado pela Sra. Verdurin, que agia como feroz radical. Ela sobretudo contra os "padrecos". Saniette era mais imbecil do que ela, não sabia o dano que a Patroa lhe causava. Se objetavam que Brichot também era amigo da Sra. Verdurin e pertencia à "Pátria Francesa", é quando era mais inteligente.

- O senhor o vê de quando em vez? - perguntei a Swann, referindo-me à Saint-Loup.

- Não, nunca. Escreveu-me outro dia para que pedisse ao de Mouchy e a alguns outros que votassem a seu favor no Jockey, onde entrou sem dificuldade alguma.

- Apesar do Caso Dreyfus?

- Não levantaram essa questão. De resto, direi que depois disso, não ponho mais os pés naquele lugar.

Voltou o Sr. de Guermantes e em breve surgiu sua mulher, já pronta, alta e magnífica em um vestido de cetim vermelho cuja saia era bordada de lantejoulas. Ostentava nos cabelos uma grande pluma de avestruz tingida de púrpura; e trazia nos ombros uma *écharpe* de tule do mesmo vermelho.

- Como fica bem forrar o chapéu de verde - disse a duquesa, a quem nada escapava. - Aliás, em você, Charlus, tudo é bonito, tanto o que você usa como o que fala, tanto o que lê como o que faz. -

Swann, sem parecer ouvi-la, contemplava a duquesa como o teria feito diante de uma tela de mestre e, a seguir, buscou o seu olhar, fazendo com a boca o trejeito que quer dizer:

"Puxa!"

A Sra. de Guermantes desatou a rir.

- Minha *toalete* lhe agrada, fico feliz com isso. Mas devo dizer que não agrada muito -continuou, com ar aborrecido. - Meu Deus, como é terrível a gente se vestir e ter de sair quando gostaria de ficar em casa!

- Que rubis esplêndidos!

- Ah, meu caro Charles, pelo menos vê-se que conhece o assunto. Não é como aquele idiota do Monserfeuil que me perguntava se eram verdadeiros. Devo confessar que jamais vi outros tão lindos. É um presente da duquesa. Para o meu gosto são um pouquinho grandes, um tanto cálida *bordeaux* cheio até às bordas, mas resolvi pô-los porque veremos esta grã-duquesa na casa de Marie-Gilbert - acrescentou a Sra. de Guermantes sem desconfiar que semelhante afirmação destruía as do duque.

- O que há na casa da princesa? - perguntou Swann.

- Quase nada - apressou-se a dizer o duque, a quem Swann fizera crer que ele não fora convidado.

- Mas como, Basin? Pois foi convocada toda a nobreza e seu domínio. Será uma tremenda carnificina. O que vai ser bonito - acrescentou a duquesa, olhando para Swann com ar delicado -são aqueles maravilhosos jardins, se a tempestade que está se aprontando não desabar. Você os conhece. Já estive lá, há coisa de um mês, na ocasião em que os lilases estavam em flor; não se pode ter uma idéia de como aquilo conseguia ser bonito. E depois o chafariz; enfim, é verdadeiramente Versalhes em Paris.

- Que espécie de mulher é a princesa? - perguntei.

- Mas o senhor já sabe, pois a viu aqui; sabe que é linda como o sol, é também um pouco tola, muito gentil, apesar de toda a sua altivez germânica, de grande coração e cheia de gafes.

Swann era bastante fino para não perceber que a Sra. de Guermantes procurava naquele momento "fazer espírito Guermantes", e sem muito esforço, pois não fazia mais que tornar a servir, sob uma forma menos perfeita, antigas frases suas. Não obstante, para provar à duquesa que compreendia a sua intenção de ser engraçada, e como se ela o fosse realmente, sorriu com ar meio forçado, causando-me, por esse tipo especial de insinceridade, o mesmo constrangimento que eu sentira outrora ao ouvir meus pais falarem com o Sr. Vinteuil sobre a corrupção em certos meios (ao passo que sabiam perfeitamente que a maior delas era a que reinava em Montjouvain) ou Legrandin nuançar a conversação para uns bobos, escolher epítetos delicados que ele sabia muito bem não poderem ser compreendidos por um público rico ou elegante, porém iletrado.

- Mas Oriane, o que é que você está dizendo? Marie tola? Ela leu tudo, é musical

como um violino.

- Mas meu pobre Basin, você é uma criança que acaba de nascer. Como se não se pudesse ser tudo isso e um pouco tola! Tola, de fato, é exagerado. Não, ela é nebulosa, é Hesse-Darmstadt, Santo Império e uma lesma. Só a sua pronúncia já me enerva. Reconheço, aliás, que é uma encantadora maluquinha. Para começar, só essa idéia de descer do seu trono alemão para se casar bem burguesmente com um simples particular. É certo que ela o escolheu! Ah, mas é verdade - disse ela voltando-se para mim - o senhor não conhece Gilbert! Vou lhe dar uma idéia dele: faz algum tempo, ficou de cama porque deixei um cartão de visitas na casa da Sra. Carnot... Mas não, meu caro Charlus - disse a duquesa para mudar de assunto, vendo que a história do seu cartão de visitas à Sra. Carnot parecia enfurecer o Sr. de Guermantes -, você sabe que não mandou a fotografia dos nossos cavaleiros de Rodes, de que gosto por sua causa, e que estava com tanta vontade de conhecer.

Entretanto, o duque não cessara de encarar fixamente a mulher:

- Oriane, precisaria pelo menos contar a verdade e não engolir metade dela. É preciso dizer - retificou, dirigindo-se a Swann que a embaixatriz da Inglaterra naquela ocasião, uma boa mulher, mas que, um pouco no mundo da lua e era useira e vezeira nesse tipo de indecência, tivera a idéia bem extravagante de convidar-nos junto com o doente e sua esposa. Ficamos, até Oriane e eu, bastante surpresos, tanto mais que a embaixatriz conhecia as mesmas pessoas que nós para não nos convidar justamente para uma reunião tão estranha. Havia um ministro que orou mas enfim passo uma esponja sobre isso, nós não tínhamos sido avisados, caímos na armadilha; mas é preciso reconhecer, aliás, que toda essa gente era muito polida. Só que aquilo já era demais. A Sra. de Guermantes, nem sempre me dá a honra de me consultar, julgou dever deixar seu castelo no Élysées. Gilbert talvez tenha ido um pouco longe, ao ver nisso uma é espécie de mancha sobre o nosso nome. Mas não convém esquecer que, à parte, o Sr. Carnot, que de resto ocupava muito convenientemente seu posto, era neto de um membro do tribunal revolucionário que mandava matar num só dia onze dos nossos.

- Pois então, Basin, por que é que você ia jantar todas as noites em Chantilly? O duque de Aumale não era menos neto de um membro do tribunal revolucionário, com a diferença de que Carnot era um homem correto e Philippe-Égalité um tremendo canalha.

- Desculpe-me interrompê-los para dizer que mandei a fotografia. - disse Swann.
- Não compreendo como não tenha sido entregue.

- Isso me deixa só meio espantada - observou a duquesa. Meus criados dizem-me apenas o que julgam necessário. Provavelmente não apreciam a Ordem de São

João. - E tocou a campainha.

- Você sabe, Oriane, que, quando eu ia jantar em Chantilly, era sem entusiasmo.

- Sem entusiasmo, mas com camisola de dormir para o caso de príncipe convidá-lo para passar a noite, o que aliás raramente fazia; um perfeito grosseirão que era, feito todos os Orléans... Sabe com quem jantaremos na casa da Sra. de Saint-Euverte? - perguntou a Sra. de Guermantes ao marido. - Fora os convidados que você já sabe, estará, convidado à última hora, o irmão do rei Teodósio.

A essa notícia, os traços da duquesa respiraram satisfação, e as palavras de tédio:

- Ah, meu Deus; mais príncipes.

- Mas este é gentil e inteligente - disse Swann.

- Mas, mesmo assim, não completamente -respondeu a duquesa, dando a impressão de escolher as palavras para conferir mais novidade a seu pensamento. - Já repararam que, entre os príncipes, os mais inteligentes não o são inteiramente? Claro que sim, asseguro-lhes! É preciso ter sempre uma opinião sobre tudo. Então, como não possuem nenhuma, passam a primeira parte de suas vidas perguntando as nossas, e a segunda a nos tornar a servi-las. É absolutamente necessário que digam que isto foi bem representado, que aquilo não foi representado tão bem. Não há qualquer diferença. Vejam, este jovem Teodósio Caçula (não me recordo de seu nome) me perguntou como se chamava um motivo de orquestra. Respondi -disse a duquesa, de olhos brilhantes e desatando a rir com os lindos lábios vermelhos que se chamava um "motivo de orquestra". Pois bem; no fundo ele não ficou satisfeito. Ah, meu querido Charles - prosseguiu a Sra. de Guermantes com ar lânguido -, como pode ser aborrecido jantar fora! Há noites em que seria preferível morrer! É verdade que morrer talvez também seja tão tedioso, pois não se sabe de que se trata.

Surgiu um lacaio. Era o jovem noivo que tivera desavenças com o porteiro até que a duquesa, na sua bondade, estabelecera uma paz aparente entre ambos.

- Deverei ir esta noite pedir notícias do Sr. marquês d'Osmond? - indagou ele.

- De jeito nenhum, nada disso antes de amanhã de manhã! Nem quero que você permaneça na sua casa esta noite. O lacaio do marquês, que você conhece, não teria mais que vir lhe dar as notícias e dizer que fosse nos procurar. Saia, vá para onde quiser, caia na esbórnia, durma fora, não quero saber de você antes de amanhã cedo.

Uma alegria imensa transbordou do rosto do lacaio. Enfim ia poder passar longas horas com sua prometida, a quem quase não via mais desde que, após uma nova cena com o porteiro, a duquesa gentilmente lhe explicara que era melhor não sair para evitar novos conflitos. À idéia de que por fim teria uma noite livre, o

lacaio nadava em felicidade. A duquesa o percebeu e compreendeu. Sentiu um aperto no coração e uma alegria em todos os membros à vista daquela felicidade que sentiam sem o seu consentimento, escondendo-se dela, e que a irritava e enciumava.

- Não, Basin, pelo contrário, que ele permaneça aqui, que não se mexa da casa.

- Mas Oriane, isto é um absurdo; todos os seus criados estão aqui; e, além disso, você terá à meia-noite a camareira e o roupeiro para o baile à fantasia. Ele não vai servir para coisa nenhuma, e, como só ele é amigo do lacaio de Mamá, prefiro mil vezes mandá-lo para longe daqui.

- Escute, Basin deixe-me; terei justamente de lhe mandar dizer algo esta noite, não sei bem a que horas. Não saia daqui um só minuto - disse ela ao lacaio desesperado.

Se sempre havia discussões e se os criados ficavam pouco na casa da duquesa, a pessoa a quem se devia atribuir essa guerra contínua era bastante inenarrável, mas não se tratava do porteiro. Sem dúvida para barulhos mais rudes, para os martírios mais cansativos a infligir, para os quais terminavam em pancadaria, a duquesa lhe confiava os instrumentos; além do mais, ele desempenhava seu papel sem imaginar que o haviam confiado. Como os criados, admirava a bondade da duquesa; os lacaios pouco esclarecidos vinham, depois de ser despedidos, muitas vezes com Françoise, afirmando que a casa do duque teria sido o lugar de Paris se não fosse a portaria. A duquesa manobrava a portaria se manobrou por muito tempo o clericalismo, a franco-maçonaria, o povo judeu, etc.. Um lacaio entrou.

- Por que não mandaram subir o pacote que o Sr. Swann trouxe? Mas a propósito (você sabe que Mamá está muito doente, Charlus), quem foi buscar notícias do Sr. marquês d'Osmond já voltou?

- Acabou de chegar, senhor duque. Espera-se que o senhor marquês faleça de um momento para o outro.

- Ah, ele está vivo! - exclamou o duque com um suspiro de alívio. - Espera-se, espera-se! Grande agoureiro é você! Enquanto há vida, há esperança - disse-nos o duque com ar satisfeito. - Pintavam-no como já morto e enterrado. Dentro de oito dias estará mais galhardo que eu.

- Os médicos é que disseram que ele não passaria desta noite eles queriam voltar durante a madrugada. O chefe disse que era inútil, pois o senhor marquês já deveria estar morto. Só sobreviveu graças às lavagens de óleo canforado

- Cale-se, pedaço de asno -gritou o duque no auge da cólera. -Quem lhe está perguntando tudo isso? Você não compreendeu nada do que lhe disseram.

- Não foi a mim, foi a Jules.

- Vai calar ou não? -bramiu o duque; e, voltando-se para Swann - Que felicidade que esteja vivo! Vai readquirir as forças pouco a pouco. Estar vivo depois de semelhante crise. Já é uma coisa excelente. Não se pode pedir tudo ao mesmo tempo. Uma pequena lavagem a óleo canforado não deve ser desagradável - disse o duque esfregando as mãos. - Ele está vivo, que mais querem? Depois de ter passado pelo que passou, já é muito bom. É mesmo de dar inveja uma compleição destas. Ah, os doentes! Tem-se por eles, uns cuidados que não têm para conosco. Hoje de manhã, o diabo do cozinheiro me fez uma perna de carneiro assada, com molho *bearnês*, reconheço que foi caprichado, mas justamente por isso comi tanto que ainda me pesa no estômago. O que não impede que venham pedir notícias minhas, como as vão pedir ao meu caro Amanien. Pedem até demais. Isto cansa. É preciso deixá-lo respirar. Matam-no, indo saber a todo instante notícias suas.

- Muito bem! - disse a duquesa ao lacaio que se retirava. - Eu havia dito que me subissem a fotografia envelopada que o Sr. Swann me mandou.

- Senhora duquesa, é tão grande que não sei se passaria pela porta. Deixamo-la no vestíbulo. A senhora duquesa quer que a traga?

- Bem, neste caso não; deveriam ter-me dito; mas, se é tão grande, eu a verei daqui a pouco ao descer.

- Também esqueci de dizer à senhora que a senhora condessa Molé deixara hoje de manhã um cartão de visitas para a senhora duquesa.

- Como, hoje de manhã? - exclamou a duquesa com ar descontente e achando que uma senhora tão jovem não podia se permitir deixar cartões de visita pela manhã.

- Cerca das dez horas, senhora duquesa.

- Mostre-me os cartões.

- Em todo caso, Oriane, quando você diz que Marie teve uma idéia esquisita em se casar com Gilbert - prosseguiu o duque, voltando à sua primeira conversa -, é você mesma quem tem um modo singular de escrever a história. Se alguém foi idiota nesse casamento, foi Gilbert, por ter desposado justamente uma parenta tão próxima do rei dos belgas, que usurpou o nome de Brabante, que nos pertence. Numa palavra, somos do mesmo sangue dos Hesse, e do ramo mais antigo. É sempre cabotino falar de si mesmo - disse ele dirigindo-se a mim. - Mas, afinal, quando estivemos não só no Darmstadt, mas até no Cassei e em todo o Hesse eleitoral, todos os landgraves sempre fizeram notar amavelmente que nos cediam o passo e o primeiro lugar, visto sermos nós do ramo mais antigo.

- Mas afinal, Basin, não me venha contar que aquela pessoa que era major em todos os regimentos de seu país, que noivou com o rei da Suécia...

- Oh, Oriane, esta é forte demais! Dir-se-ia que você não sabe que o avô do rei da Suécia cultivava a terra em Pau, quando fazia novecentos anos que já pertencíamos à mais alta estirpe da Europa.

- Isto não impede que quando se dizia na rua: "Vejam, eis o rei da Suécia", todo mundo corresse para vê-lo até a Praça da Concórdia, e, se disserem: "Eis o Sr. de Guermantes", ninguém saiba quem seja.

- Eis já uma razão!

- Aliás, não posso compreender como, desde o momento em que o título de duque de Brabante passou para a família real da Bélgica, você possa ter pretensões a ele.

O lacaio voltou com o cartão de visitas da condessa Molé, ou antes, com o que ela deixara como cartão. Alegando não ter nenhum consigo, tirara do bolso uma carta que havia recebido e, guardado o conteúdo, dobrara o canto do envelope que trazia o nome: "A condessa Molé". Como o envelope era muito grande, de acordo com o formato do papel para que estava em moda naquele ano, esse "cartão", manuscrito, tinha quase o dobro do tamanho de um cartão de visitas comum.

- É o que se chama a simplicidade da Sra. Molé - disse a duquesa com ironia. - Quer nos fazer acreditar que não tinha cartão de visitas para mostrar a sua originalidade. Mas nós conhecemos tudo isso (não é mesmo, meu caro, Charlus?); somos nós próprios bastante velhos e originais, para aprender com o espírito de uma damazinha que estreou há quatro anos; é encantadora, mas ainda assim não me parece possuir lastro suficiente, imaginar que possa espantar a alta sociedade com coisa tão trivial como deixar um envelope feito fosse um cartão de visitas, e deixá-lo às dez da manhã. A rata velha da sua mãe lhe mostrará que sabe tanto quanto ela sobre esse capítulo.

Swann não pôde se abster de sorrir pensando que a duquesa, aliás era um tanto ciumenta do sucesso da Sra. Molé, julgaria bem definido "espírito dos Guermantes" alguma resposta impertinente a propósito da visitante.

- Quanto ao título de duque de Brabant, já lhe disse cem vez, Oriane...- continuou o duque, a quem a duquesa cortou a palavra

- Mas meu caro Charlus, incomodo-me com a sua fotografia.

- Ah! *extinctor draconis latrator Anúbis*{9} - disse Swann.

- Sim, é tão bonito o que você me disse sobre isso em comparação com o São Jorge de Veneza. Mas não entendo por que Anúbis.

- Como é aquele que é antepassado de Babal? - indagou o Sr. de Guermantes.

- Você queria ver a sua baballe - disse a Sra. de Guermantes no tom seco, para

mostrar que ela própria desprezava esse trocadilho. - Queria vê-los a todos - acrescentou.

- Escute, Charlus, desçamos para esperar que o carro fique pronto - disse o duque -; você nos fará sua visita no vestíbulo, pois minha mulher não nos deixará em paz enquanto não tiver visto a sua fotografia. Para falar a verdade, estou menos impaciente - acrescentou com ar de satisfação. - Sou um homem calmo, mas ela é bem capaz de nos fazer morrer se não o vir.

- Sou inteiramente de sua opinião, Basin - disse a duquesa -; vamos para o vestíbulo e pelo menos ficamos sabendo por que é que viemos do seu gabinete, ao passo que jamais saberemos por que viemos dos condes de Brabant.

- Já lhe repeti cem vezes de que modo o título entrou na casa de Hesse - disse o duque (enquanto íamos ver a fotografia e eu pensava naquelas que Swann me trazia em Combray) -; pelo casamento de um Brabant, em 1241, com a filha do último landgrave da Turíngia e de Hesse, de forma que foi antes o título de príncipe de Hesse que entrou na casa de Brabant do que o de duque de Brabant na casa de Hesse. De resto, você se lembra que o nosso grito de guerra era o dos duques de Brabant: "*Limburgo a quem o conquistou*", até que trocamos as armas dos Brabants pelas dos Guermantes, no que aliás creio que fizemos mal, e o exemplo dos Gramonts não contribuiu para me fazer mudar de opinião.

- Mas - respondeu a Sra. de Guermantes - como foi o rei dos belgas que o conquistou... Além disso, o herdeiro da Bélgica chama-se duque de Brabant.

- Mas, minha filha, o que você diz não tem pé nem cabeça e peca pela base. Sabe tão bem quanto eu que existem títulos de pretensão que subsistem perfeitamente se o território é ocupado por um usurpador. Por exemplo, o rei da Espanha se intitula precisamente duque de Brabant, invocando desse modo uma possessão menos antiga que a nossa, porém mais antiga que a do rei dos belgas. Ele também se diz duque de Borgonha, rei das Índias Ocidentais e Orientais, e duque de Milão. Ora, ele não possui mais a Borgonha, as Índias ou o Brabant do que eu próprio possuo este último, como igualmente o não possui o príncipe de Hesse. Da mesma forma, o rei da Espanha nem por isso deixa de proclamar-se rei de Jerusalém, o mesmo fazendo o imperador da Áustria, e nem um nem outro possuem Jerusalém.

Parou por um instante, no constrangimento de que o nome de Jerusalém pudesse deixar Swann embaraçado, devido aos "casos em andamento", mas prosseguiu tanto mais rápido:

- O que você está dizendo, pode dizer de tudo. Fomos duque de Aumale, ducado que passou tão regularmente para a casa da França como Joinville e Chevreuse para a casa de Alberto. Não erguemos mais reivindicações sobre esses títulos do que sobre o de marquês de Noirmoutiers, que foi nosso e se tornou bem

regularmente apanágio da casa de La Trémoille, mas, pelo fato de que certas cessões sejam válidas, não se conclui que todas o sejam. Por exemplo - disse ele voltando-se para mim -, o filho da minha cunhada ostenta o título de príncipe de Agrigento, que nos vem de Joana a Louca, como aos de La Trémoille o de príncipe de Tarento. Napoleão deu esse título de Tarento a um soldado, que aliás podia ser excelente veterano, mas nisso o imperador dispôs do que ainda menos pertencia do que Napoleão III, ao fazer um duque de Montmorency, Périgord tinha ao menos por mãe uma Montmorency, ao passo que o Tarento de Napoleão I só possuía de Tarento a vontade do imperador de que ele fosse. Isto não impediu Chaix d'Est-Ange, fazendo alusão ao nosso tio Cote de perguntar ao procurador imperial se ele fora pegar o título de duque, Montmorency nos fossos de Vincennes.

- Escute, Basin, não peço nada melhor que segui-lo aos fossos de Vincennes e até a Tarento. E a propósito, meu caro Charlus, é justamente o que eu queria lhe dizer enquanto me falava do seu São Jorge de Veneza que eu e Basin temos a intenção de passar a primavera próxima na *Itátiê* e na Sicília. Se viesse conosco, veja como seria diferente! Não falo apenas da alegria de vê-lo, mas imagine, com tudo o que me contou muitas vezes sobre os vestígios da conquista normanda e os vestígios da antigüidade; imagine o que seria uma viagem como essa, feita em sua companhia, quer dizer que até Basin que digo! Até Gilbert tirariam proveito dela, pois sinto que mesmo as pretensões à coroa de Nápoles e todas essas imaginações me interessariam, caso fossem explicadas por você nas velhas igrejas romanas ou em pequenas aldeias empoleiradas como nos quadros dos primitivos. Mas vamos olhar a sua fotografia. Desfaça o embrulho - disse a duquesa a um lacaio.

- Mas, Oriane, esta noite não! Você poderá vê-la amanhã - o duque, que já me fizera sinais de terror ao ver o tamanho da fotografia.

- Mas agrada-me ver isto na companhia de Charlus - retorquiu a duquesa com um sorriso a um tempo fingidamente sensual e finamente psicológico, pois, em seu desejo de ser amável para com Swann, falava do prazer que sentiria em contemplar essa fotografia como do prazer que um enfermo teria em chupar uma laranja, ou como se, ao mesmo tempo, combinasse uma escapada com amigos ou informasse a um biógrafo sobre os gostos lisonjeiros para ela.

- Pois bem, ele virá visitá-la expressamente para isso - declarou o duque, a quem a mulher teve de ceder. - Vocês vão passar três horas juntos diante da fotografia, se lhes agrada - disse ele ironicamente. - Mas onde vai pôr um troço desse tamanho?

- Mas no meu quarto; quero tê-lo diante dos olhos.

- Ah, como quiser; se ficar no seu quarto, terei chances de não vê-lo nunca mais

- disse o duque, sem pensar na revelação que fazia tão estouvadamente sobre a natureza negativa de suas relações conjugais.

- Pois bem, você vai desembrulhar isto com todo o cuidado - ordenou a Sra. de Guermantes ao criado (ela multiplicava as recomendações para ser amável com Swann).

- Não estrague também o envelope!

- Precisaremos respeitar até o envelope! - disse-me baixinho o duque, erguendo as mãos para o céu.

- Mas, Swann. - acrescentou - eu, que não passo de um pobre marido bem prosaico, o que me admira nisso tudo é que você tenha podido achar um envelope dessas dimensões. Onde desencravou isso?

- É a casa de fotogravuras que freqüentemente faz esse tipo de remessas. Mas o dono é um grosseirão, pois vejo que sobrescritou "Duquesa de Guermantes", sem "Senhora".

- Perdôo-lhe - disse distraidamente a duquesa, que, parecendo subitamente invadida por uma idéia que a alegrava, reprimiu um leve sorriso, mas voltando logo a Swann:

- E então, não diz se vai conosco à Itália?

- Senhora, acho que não será possível.

- Então a Sra. de Montmorency tem mais sorte. O senhor esteve com ela em Veneza e Vicenza. Ela me disse que, na sua companhia, viam-se coisas que a gente jamais veria sozinha, de que ninguém nunca havia falado, que o senhor lhe mostrou coisas espantosas e, mesmo nas coisas conhecidas, disse que pôde compreender detalhes diante dos quais, sem o senhor, teria passado vinte vezes sem nunca notá-los. Decididamente, foi mais beneficiada que nós... Tome o imenso envelope de fotografias do Sr. Swann - disse ela ao criado - vá pô-lo, dobrado num canto, de minha parte, às dez e meia da noite, na casa da Sra. condessa de Molé.

Swann deu uma gargalhada.

- Mesmo assim gostaria de saber - disse-lhe a Sra. de Guermantes - como, com dez meses de antecipação, o senhor pode saber que será impossível?

- Minha cara duquesa, eu lhe direi, se faz muita questão; mas, antes de tudo, pode ver como estou doente.

- Sim, meu caro Charlus, acho que está com uma cara nada boa, não estou contente com sua cor; mas não lhe peço isso para daqui a oito dias, peço-lhe para daqui a dez meses. Em dez meses a gente tem tempo de se curar, você sabe.

Nesse momento, um lacaio veio anunciar que o carro já estava parado.

- Vamos, Oriane, a cavalo - disse o duque, que já batia os pés de impaciência há alguns instantes, como se ele próprio fosse um dos cavalos que esperavam.

- Pois bem, numa palavra, qual o motivo que o impedirá de ir à Itália? - indagou a duquesa, levantando-se para se despedir de nós.

- Mas, minha cara amiga, é que já estarei morto há vários meses. Segundo os médicos que consultei, no fim do ano o mal de que sofro e aliás, pode me levar de repente, em todo caso não me deixará mais de três, ou quatro meses de vida. E isto ainda é um grande *maximum* -respondeu Swann sorrindo, enquanto um lacaio abria a porta envidraçada do vestíbulo, para deixar passar a duquesa.

- Que é que está me dizendo? - exclamou a duquesa, deteve-se por um segundo em seu caminho para o carro, e erguendo os olhos azuis e melancólicos, mas cheios de incerteza. Colocada pela primeira vez na vida entre dois deveres tão diversos como subir para o carro a fim de ir jantar fora, e manifestar piedade por um homem que vai morrer, ela não via nada no código das conveniências que indicasse a jurisprudência a seguir e, não sabendo a que dar a primazia, julgou dever fazer cara de não acreditar que a segunda alternativa ocorresse, de modo a obedecer à primeira, que naquele momento exigia menos esforço; e pensou que a melhor maneira de resolver o conflito era negá-lo:

- Está gracejando? - perguntou à Swann.

- Seria um gracejo de gosto encantador - respondeu ironicamente Swann. - Não sei por que lhe digo isto, até hoje não lhe havia falado da minha doença. Mas, como me perguntou e que agora posso morrer de um dia para o outro... Mas sobretudo não desejo que se atrase, vai jantar - acrescentou ele, porque sabia que, para os outros, seus próprios compromissos mundanos têm prioridade sobre a morte de um amigo, e que ele se punha no lugar deles graças à sua polidez. Porém a da duquesa permitia a esta perceber também, confusamente, que o jantar ao qual compareceria devia contar menos para Swann que a sua própria morte. Assim, continuando o seu caminho na direção do carro, deu de ombros dizendo:

- Não se preocupe com esse jantar. Não tem nenhuma importância. -

Mas essas palavras puseram de mau humor o duque, que gritou:

- Vamos, Oriane, não fique aí tagarelando e trocando as suas lamentações com Swann, você sabe muito bem que a Sra. de Saint-Euverte faz questão de que a gente esteja na mesa às oito em ponto. É necessário saber o que você quer; já faz cinco minutos que os cavalos estão esperando. Peço-lhe perdão, Charles - disse ele voltando-se para Swann -, mas já são dez para as oito. Oriane está sempre atrasada; vamos levar mais de cinco minutos para chegar à casa da velha Saint-

Euverte.

A Sra. de Guermantes avançou decididamente na direção do carro e deu um último adeus a Swann:

- O senhor sabe, voltaremos a falar disso; não creio numa só palavra do que me diz, mas precisamos ter uma conversa a respeito juntos. Deixaram-no impressionado; venha almoçar o dia que quiser (para a Sra. de Guermantes, tudo se resolvia sempre em almoços), o senhor me dirá o dia e a hora e, erguendo a saia vermelha, pousou o pé no estribo. Ia entrar no carro quando, vendo aquele pé, o duque exclamou com voz terrível:

- Oriane, que é que você vai fazer, infeliz! Está de sapatos pretos! Com um vestido vermelho! Suba para o quarto depressa e ponha sapatos vermelhos, ou então dirigiu-se ao lacaio avise imediatamente a camareira da Sra. duquesa para mandar descer os sapatos vermelhos.

- Mas, meu amigo - respondeu docemente a duquesa, constrangida por ver que Swann, que saía comigo mas quisera deixar passar o carro a nossa frente, ouvira tudo -, visto que estamos atrasados...

- Não, não; temos todo o tempo. Faltam apenas dez para as oito, não gastaremos dez minutos para ir ao parque Monceau. E depois, afinal, o que é que deseja? Mesmo que fossem oito e meia eles esperariam; mas você não pode ir com um vestido vermelho e sapatos pretos. Além disso, não seremos os últimos, ande, há os Sassenage, você sabe que eles nunca chegam antes de vinte para as nove.

A duquesa tornou a subir para o quarto.

- Os pobres maridos, hem! - disse o Sr. de Guermantes -; zomba-se muito deles, mas ainda têm algo de bom. Não fosse eu, Oriane ia jantar de sapatos pretos.

- Não fica feio - observou Swann -; eu já havia reparado nos sapatos pretos e absolutamente não me chocaram.

- Não digo que não - respondeu o duque -; mas é mais elegante que sejam da mesma cor do vestido. E depois, fique tranqüilo, logo ao chegar, ela teria notado, e eu é que seria obrigado a vir buscá-los. Teria jantado às nove horas. Adeus, meus meninos - disse ele afastando-nos suavemente -, vão tratando de ir antes que Oriane desça. Não é que ela não goste de ver os dois.

Ao contrário, gosta muito de vê-los. Se ainda os encontra aqui, vai voltar a tagarelar, já está bem cansada, chegará morta ao jantar. E depois, confesso francamente que estou morrendo de fome. Almocei muito mal esta manhã ao descer do trem. É verdade que havia um tal molho bearnês, mas, apesar disso, não me incomodaria nada, de jeito nenhum, em sentar-me de novo à mesa. Cinco para as oito! Ah, as mulheres! Ela vai fazer mal ao estômago de nós dois, pois é bem menos forte do pensam.

O duque absolutamente não se vexava de falar das indisposições da mulher e de suas próprias a um agonizante, já que os primeiros o interessavam mais, parecendo-lhe, assim, mais importantes. Desse modo, apenas por boa educação e galhardia que, depois de nos ter gentilmente despedido, gritou da porta com voz ostentatória a Swann, que já se achava no pátio:

- E além disso, não se deixe impressionar pelas asneiras dos médicos, que diabo! São uns burros! Você está firme como o Pont-Neuf. Acaba enterrando a todos nós!

FIM

SODOMA E GOMORRA

Prefacio

Fernando Py

*O tema principal de **Sodoma e Gomorra** é a inversão sexual, tema que, por outro lado, aparece, veladamente ou não, em todo o desenrolar de **Em Busca do Tempo Perdido**. Mas podemos ver, igualmente, um tema secundário, e não menos apaixonante, que é o do ciúme do homem pela mulher amada, em que Proust retoma alguns aspectos que já havia analisado anteriormente em "Um amor de Swann", segunda parte de No Caminho de Swann. Porém, é neste Sodoma e Gomorra que avulta a análise do homossexualismo.*

Logo no começo, o Narrador tem a revelação da homossexualidade masculina, o que o faz perceber, a uma luz inteiramente nova, certos fatos e episódios que não compreendia ou a que dera interpretação errônea. Alertado agora, aos poucos vai verificando que o homossexualismo é mais generalizado do que imaginara, inclusive o homossexualismo feminino. Desvenda-se, então, para ele, um mundo de equívocos e mal-entendidos, um universo de vícios e prazeres nefandos, aos quais, com horror, atribui os nomes das duas cidades bíblicas, pecaminosas, que teriam sido destruídas pelo fogo dos céus: Sodoma seria o reduto dos homossexuais masculinos; Gomorra, o refúgio das homossexuais femininas. Em meio a tamanha depravação, o Narrador vai perdendo sua esperança e fé no ser humano, ainda mais quando, em seu segundo "momento" de Balbec, é que principia a dar-se conta efetivamente da morte de sua querida avó, que o acompanhara da primeira vez.

Fiel à estrutura simétrica de sua obra, Marcel Proust concentrou aqui os dois pólos da inversão sexual e oferece-nos um romance que mergulha em cheio e fundo na análise desse comportamento. Sodoma e Gomorra constitui, ao mesmo tempo, o ponto central de todo o ciclo e aquele a partir do qual esse mesmo ciclo assume o caráter de análise impiedosa, afastando-se muito do lirismo dos dois primeiros volumes e da mundanidade polida, episódica, de O Caminho de Guermantes.

Primeira Parte

Capítulo Primeiro

A casa da Sra. de Villeparisis, atravessava o pátio vagarosamente, varrido, envelhecido pela luz do dia e de cabelos grisalhos. Fora necessária uma indisposição da Sra. de Villeparisis (conseqüência da enfermidade do Marquês de Fierbois, com quem o barão se achava mortalmente rompido) paf! que o Sr. de Charlus fizesse uma visita àquela hora, quem sabe pela primeira vez em sua vida. Pois, com aquela singularidade dos Guermantes, - em vez de se conformarem com a vida mundana, modificavam-na segundo seus hábitos pessoais (não mundanos, julgavam, e dignos, portanto, quase humilhasse diante deles essa coisa sem valor, o mundanismo, o desgostoso modo é que a Sra. de Marsantes não tinha dias marcados, e recebia as amigas todas as manhãs das dez ao meio-dia), o barão, reservando esse tempo para a leitura, a busca de antigüidades, etc., nunca fazia uma visita senão entre às quatro e às seis da tarde. Às seis, ia ao Jockey ou passeava pelo Bois. Ao cabo de um instante, fiz um novo movimento de recuo para não ser visto por Jupien; em breve estaria em sua hora de ir para o escritório, de onde só voltava para o jantar, e isso mesmo nem sempre, desde que sua sobrinha se achava fora, há uma semana, com suas aprendizes, na costureira de uma freguesa para terminar um vestido. Depois, percebendo que ninguém podia me ver, resolvi não me mexer de novo com receio de perder, caso devesse realizar-se o milagre, a chegada, quase impossível de aguardar tantos obstáculos de distância, de riscos e de perigos, do insensato enviado de tão longe, como embaixador, à virgem que há bastante tempo prolongava a sua espera. Sabia eu que tal espera não era mais passiva na flor macho, cujos estames se haviam virado espontaneamente para o inseto pudesse mais facilmente recebê-la; do mesmo modo, a flor fêmea que ali se achava, curvaria faceira os seus "estilos" e, para ser mais bem penetrada por ele, andaria imperceptivelmente a metade do caminho como uma adolescente hipócrita, mas fogosa. As próprias leis do mundo vegetal são governadas por leis cada vez mais altas. Se a visita de um inseto, isto é, a entrega da semente de uma outra flor, é habitualmente necessária para fecundar uma flor, é porque a autofecundação, a fecundação da flor por ela mesma, como os casamentos repetidos dentro de uma família, levaria à degenerescência e à esterilidade, ao passo que o acasalamento operado pelos insetos confere às gerações seguintes da mesma espécie um vigor desconhecido de seus ancestrais. Entretanto, tal progresso só pode ser excessivo e a espécie chegar a se desenvolver desmensuradamente; então, assim como uma

antitoxina protege contra a doença, como a tireóide regula nossa gordura, como a derrota vem punir o orgulho, cansaço, o prazer, e como o sono, por sua vez, repousa do cansaço, num ato excepcional de autofecundação vem, no momento próprio, dar volta em torno, a sua freada, para restituir à nova flor que dela se desviara exageradamente. Minhas reflexões tinham seguido uma vertente que descreverei mais tarde, e eu já deduzira da aparente astúcia das flores uma conseqüência sobre toda uma parte inconsciente da obra literária, quando vi o Sr. de Charlus que tornava a sair da casa da marquesa. Haviam se passado apenas uns poucos minutos desde a sua entrada. Talvez tivesse sabido pela velha parenta, ou por um criado, da grande melhora, ou antes, da cura completa daquilo que não passara de uma indisposição da Sra. de Villeparisis. Neste momento, em que ele não se julgava observado por ninguém, de pálpebras baixas contra o sol, o Sr. de Charlus relaxara em sua fisionomia aquela tensão, amortecera aquela vitalidade fictícia, que nele mantinham a animação de conversa e a força de vontade. Pálido como um mármore, tinha um nariz imponente, e seus finos traços já não recebiam de um olhar voluntarioso um sentido diferente que alterasse a beleza de seu modelo; sendo apenas um Guermantes, parecia já esculpido, ele, Palamede XV, na capela de Combray. No entanto, esses traços gerais de toda uma família assumiam, no rosto do Sr. de Charlus, uma finura mais espiritualizada, sobretudo mais suave. Por ele, eu lastimava que adulterasse normalmente com tantas violências, esquisitices desagradáveis, mexericos, durezas, suscetibilidades e arrogâncias, que ocultasse sob uma brutalidade postiça a amenidade, a bondade que, no momento em que saía da casa da Sra. de Villeparisis, eu via estampar-se tão ingenuamente em seu rosto. Piscando contra o sol, parecia sorrir quase; visto assim em repouso e como que ao natural, achei em seu rosto algo de tão afetuoso, de tão desarmado, que não pude deixar de pensar como o Sr. de Charlus se zangaria caso soubesse estar sendo observado; pois, no que me fazia pensar esse homem tão inflamado, que tanto gabava a sua virilidade, a quem todo mundo parecia odiosamente efeminado, no que ele de imediato me fazia pensar de tal modo possuía os traços, a expressão e o sorriso, era numa mulher!

Ia mover-me de novo para que ele não pudesse me perceber; não tive tempo nem necessidade disso. O que vi! Frente a frente, naquele pátio onde seguramente nunca se haviam encontrado (o Sr. de Charlus só vinha ao palácio Guermantes à tarde, às horas em que Jupien estava no escritório), o barão, tendo subitamente aberto bem os olhos meio cerrados, observava com atenção extraordinária o antigo alfaiate à porta da loja, ao passo que este, repentinamente pregado em seu lugar diante do Sr. de Charlus, enraizado como uma planta, contemplava com ar maravilhado a corpulência do barão, que envelhecia. Coisa mais espantosa ainda, como mudasse a atitude do Sr. de Charlus, a de Jupien pôs-se logo em harmonia com ela, como se seguisse as leis de uma arte secreta. O

barão, que agora dissimulara a impressão que sentira, mas que, apesar da indiferença, parecia não se afastar senão contra a vontade, ia e vinha, olhava meio vago da maneira como pensava realçar a beleza de suas pupilas, passando um aspecto presunçoso, negligente e ridículo.

Ora, Jupien, perdendo iodo com ar humilde e bondoso que sempre lhe conhecera, tinha (em perfeita, simetria com o barão) erguido a cabeça de novo, dera a seu talhe uma vantagem, pousara o punho nas ancas com uma impertinência grotesca; fazia ressaltar o traseiro, assumia poses com a coqueteria que poderia; a orquídea para com o besouro providencialmente surgido. Eu não sabia que ele pudesse parecer tão antipático. Mas ignorava também que fosse capaz de representar de improviso a sua parte naquela espécie de cena de mudos, que (embora se encontrasse pela primeira vez em presença de Charlus) dava a impressão de ter sido longamente ensaiada não chega espontaneamente a essa perfeição a não ser quando achamos um compatriota no estrangeiro, com quem então o entendimento se faz o mesmo, visto que o intérprete é idêntico e sem que nenhum dos dois nunca mais se tenha encontrado.

Aliás, aquela cena positivamente não era nada cômica; estava própria de uma singularidade ou, se preferem, de uma naturalidade cuja beleza aumentava a cada instante. O Sr. de Charlus, por mais que aparentasse um ar desligado, baixava distraidamente as pálpebras, erguia-as de vez em quando e, então, lançava a Jupien um olhar atento. Mas (sem dúvida por pensar que semelhante cena não poderia prolongar-se indefinidamente naquele local, seja por motivos que se compreenderão mais tarde, seja por aquele sentimento da brevidade de todas as coisas que faz com que se deseje que cada tiro acerte no alvo, e que torna tão emocionante o espetáculo de todo amor), cada vez que o Sr. de Charlus encarava Jupien, era como se seu olhar fosse acompanhado de uma palavra, o que o tornava infinitamente dessemelhante dos olhares em geral dirigidos a uma peste que se conhece ou não se conhece; olhava Jupien com a fixidez particular de alguém que vai nos dizer:

"Perdoe a minha indiscrição, mas o senhor tem um longo fio branco nas costas", ou então: "Não creio estar enganado: o senhor também deve ser de Zurique; parece-me já tê-lo encontrado muitas vezes na loja do antiquário."

Assim, a cada dois minutos a mesma questão parecia intensamente se colocar a Jupien na olhadela do Sr. de Charlus como essas frases interrogativas de Beethoven, repetidas indefinidamente a intervalos iguais, e destinadas com um luxo exagerado de preparativos a conduzir um novo motivo, uma mudança de tom, uma "reentrada". Precisamente, a beleza dos olhares do Sr. de Charlus e de Jupien, pelo contrário, provinha do fato de que, ao menos provisoriamente, tais olhares não pareciam ter por finalidade levar a alguma coisa. Essa beleza, era a primeira vez que eu via o barão e Jupien manifestá-la. Nos olhos de um e de

outro, o que acabara de erguer-se era o céu, não o de Zurique, mas de alguma cidade oriental cujo nome eu ainda não adivinhara. Qualquer que fosse a interrupção que pudesse deter o Sr. de Charlus e o alfaiate, o seu acordo parecia concluído, e aqueles inúteis olhares não eram mais que prelúdios rituais, semelhantes às festas celebradas antes de um matrimônio já combinado. Mais próximos da natureza ainda e a multiplicidade dessas comparações é por si só tanto mais natural que um mesmo homem, ao ser examinado durante alguns minutos, parece sucessivamente um homem, um homem-pássaro ou um homem-inseto, etc. -, dir-se-ia dois pássaros, o macho e a fêmea, o macho procurando avançar, a fêmea - Jupien já não respondendo com qualquer sinal a essa manobra, mas encarando o seu novo amigo sem espanto, com uma fixidez alheada, sem dúvida considerada mais perturbadora e a única útil, uma vez que o macho dera os primeiros passos, e contentando-se em alisar as plumas. Enfim, a indiferença de Jupien já pareceu não lhe bastar; daquela certeza de ter conquistado, a se fazer perseguir e desejar, não havia mais que um passo, e Jupien, resolvendo partir para o trabalho, saiu pela porta principal. Entretanto, só depois de ter voltado duas ou três vezes a cabeça é que escapuliu para a rua, aonde o barão, receando perder a sua pista (assobiando com ar fanfarrão, não sem gritar um "até logo" ao porteiro, que, meio bêbado e ocupado em atender a visitantes num quartinho atrás da cozinha, nem sequer o ouviu), correu vivamente para alcançá-lo. No mesmo instante em que o Sr. de Charlus atravessava a porta zumbindo como um grande besouro, um outro, este verdadeiro, entrava no pátio. Quem sabe não era este o esperado há tanto tempo pela orquídea, e que vinha trazer-lhe o pólen tão raro sem o qual ela continuaria virgem? Porém, fui desviado ao seguir as evoluções do inseto, pois, após alguns instantes, prendendo mais a minha atenção, Jupien (talvez para apanhar um pacote que levou mais tarde, e que esquecera na emoção que lhe causara o aparecimento do Sr. de Charlus, talvez apenas por um motivo mais natural), Jupien voltou, seguido pelo barão. Este, disposto a apressar as coisas, pediu fogo ao alfaiate, mas observou logo:

- Peço-lhe fogo, mas vejo que esqueci meus charutos.

- As leis da hospitalidade prevaleceram sobre as regras da coqueteria. - Entre, vai ter tudo o que quiser - disse o alfaiate, em cuja fisionomia o desdém cedeu lugar ao contentamento. A porta da loja voltou a fechar-se atrás deles e não pude ouvir mais nada. Perdera de vista o besouro, não sabia se ele era o inseto necessário à orquídea, mas já não duvidava, quanto a um inseto bem raro e a uma flor cativa, da milagrosa possibilidade da conjunção, quando o Sr. de Charlus (simples comparação no tocante aos acasos providenciais, sejam quais forem, e sem a menor pretensão científica de relacionar certas leis da botânica com aquilo que às vezes se chama impropriamente a homossexualidade), que, há

muito tempo, só vinha a esta casa às horas em que Jupien estava ausente, pela casualidade de uma indisposição da Sra. de Villeparisis, encontrara o alfaiate e, com ele, a boa fortuna reservada aos homens do gênero do barão por uma dessas criaturas que até podem ser, como se verá, infinitamente mais jovens que Jupien, e mais belas, o homem predestinado para que aqueles tenham a sua parte de volúpia neste mundo: o homem que só ama os velhos.

Aliás, o que acabo de dizer aqui é o que só haveria de compreender alguns minutos mais tarde, de tal modo aderem à realidade essas propriedades de ser invisível, até que uma circunstância a tenha despojado delas. Em todo caso, no momento sentia-me bastante aborrecido por não mais ouvir a conversa do velho coleteiro com o barão. Percebi então a loja para alugar, separada da de Jupien apenas por um tabique bastante delgado. Para chegar até ela, bastava subir ao nosso apartamento, ir à cozinha, descer a escada de serviço até os porões, segui-los internamente em toda a extensão do pátio e, chegado à altura do subsolo, em que há poucos meses o marceneiro ainda serrava a sua madeira, e onde Jupien tencionava pôr o seu carvão, subir os poucos degraus que davam acesso ao interior da loja. Assim, todo o caminho se faria às escondidas, eu não seria visto por ninguém. Era o meio mais prudente. Não foi o que adotei, mas, indo ao longo das paredes, contornei o pátio ao ar livre, procurando não ser visto. Se não o fui, penso que o devo mais ao acaso que à cautela. Quanto ao fato de me haver arriscado a semelhante imprudência, quando o caminho pelos porões era tão seguro, vejo três razões possíveis, caso haja alguma. Primeiro, a impaciência. Depois, talvez, uma recordação obscura do episódio de Montjouvain, escondido diante da janela da Srta. Vinteuil. De fato, as coisas desse gênero, a que assisti, tiveram sempre, no cenário, o caráter mais imprudente e menos verossímil, como se tais revelações só devessem constituir a recompensa de um ato cheio de riscos, embora em parte clandestino. Por fim, mal ouso confessar a terceira razão, devido a seu caráter de infantilidade, que foi, segundo creio, inconscientemente determinante. Desde que, para seguir e ver desmentidos os princípios militares de Saint-Loup, eu acompanhara em minúcias a guerra dos Boers, fora levado a reler antigas histórias de explorações, de viagens. Tais histórias me haviam apaixonado, e aplicava-as à vida corrente para criar mais ânimo. Quando as crises me forçavam a ficar vários dias e várias noites seguidas não apenas sem dormir, mas sem me deitar, sem comer nem beber, no instante em que o sofrimento e a exaustão chegavam a tal ponto que eu achava nunca mais me livraria deles, então eu pensava num determinado viajante atirado à praia, intoxicado por ervas daninhas, tremendo de febre em suas roupas ensopadas pela água do mar, e que, no entanto, sentia-se melhor ao fim de dois dias e retomava o caminho ao acaso, em busca de quaisquer habitantes que talvez fossem antropófagos. Seu exemplo me fortificava, dava-me esperança, e eu sentia vergonha de ter desanimado por um momento. Lembrando os bôers

que, tendo pela frente exércitos ingleses, não temiam se expor no instante em que era necessário atravessar regiões de campo raso antes de encontrar um cerrado, eu pensava:

"Tinha graça que eu fosse mais pusilânime, quando o teatro das operações é simplesmente o nosso próprio pátio, e quando eu, que me bati em duelo tantas vezes sem nenhum medo, devido ao Caso Dreyfus, o único ferro que tenha a temer é o do olhar dos vizinhos, que têm mais que fazer que olhar para o pátio."

Mas, quando entrei na loja, evitando ao máximo fazer estalar o assoalho, dando-me conta de que o mais leve rumor da loja de Jupien era ouvido no aposento em que eu estava, pensei o quanto Jupien e o Sr. de Charlus tinham sido imprudentes e como o acaso lhes fora providencial. Não ousava mexer-me. O palafreneiro dos Guermantes, aproveitando sem dúvida a ausência deles, transportara para a sala em que me encontrava uma escada de mão, guardada até então na estrebaria. E, se eu subisse nela, poderia abrir os postigos e ouvir como se estivesse na própria loja de Jupien. Mas receei fazer barulho. Além do mais, era inútil. Nem tive mesmo de lamentar só haver chegado ao meu aposento ao fim de alguns minutos. Pois, conforme o que ouvi nos primeiros instantes no de Jupien, e que não passaram de sons inarticulados, suponho que foram ditas poucas palavras. É verdade que aqueles sons eram tão violentos que, se não tivessem sido sempre repetidos uma oitava mais alta por um gemido paralelo, eu poderia julgar que uma pessoa degolava outra junto de mim, e que, a seguir, o assassino e sua vítima ressuscitada tomavam um banho para apagar os sinais do crime. Mais tarde concluí que existe uma coisa tão ruidosa como a dor: é o prazer, sobretudo quando a ele se ajuntam - na falta do receio de ter filhos, o que não podia ser o caso atual, apesar do exemplo inconvincente da Legenda Áurea preocupações imediatas de propriedade. Por fim, ao cabo de meia hora, aproximadamente (durante a qual eu subira a escada com pés de gato, para espreitar pelo postigo, que, não abri), iniciou-se uma conversação.

Jupien recusava, decidido, o dinheiro que o Sr. de Charlus queria lhe oferecer.

Depois, o barão deu um passo para fora da loja.

- Por que você usa o queixo rapado desse modo? - disse Jupien ao Sr. de Charlus em tom carinhoso. - É tão bonito uma bela barba!

- Puf! É detestável - deu o barão. -

Entretanto, demorava-se ainda no limiar da porta e Jupien informações sobre o bairro. Não sabe nada acerca do vendedor de castanhas da esquina? Não, não o da esquerda, este é um horror, mais no lado par, um rapagão bem moreno. E o farmacêutico de frente tem um ciclista muito gentil que leva os seus medicamentos.

Essas perguntas notadamente aborreceram a Jupien, pois, erguendo-se com o despeito de grande amante traída, respondeu:

- Vejo que tem no coração volúpia!

Proferida em tom doloroso, glacial e amaneirado, esta censura foi claramente sensível ao Sr. de Charlus, que, para desfazer a má impressão que sua ansiedade produzira, dirigiu a Jupien, baixinho demais para que eu distinguisse bem as palavras, uma rogativa que, sem dúvida, exigiria que eles continuassem sem sua permanência na loja, o que sensibilizou o alfaiate o bastante para dissipar-lhe a mágoa, pois ele ficou olhando o rosto do barão, gordo, congestionado sob os seus cabelos grisalhos, com o ar inundado de felicidade de alguém cujo amor-próprio acaba de ser profundamente lisonjeado decidindo conceder ao Sr. de Charlus o que este lhe pedia, Jupien, fez algumas observações faltosas de distinção, como:

- Puxa, que bunda! - disse ao barão com ar risonho, emocionado, superior e grato:

- Bem, vamos lá, seu garotão!

- Se insisto na questão do condutor de bonde - prosseguiu de Charlus com tenacidade -, é que, fora tudo o mais, poderia ter interesse para a volta. Acontece-me, realmente, como ao califa que corria Bagdá disfarçado em simples mercador, condescender em seguir alguma criaturinha cuja silhueta me agrade.

Fiz aqui a mesma observação que tinha feito sobre Bergotte. Se alguma vez ele tivesse de responder diante de um tribunal, empregaria não frases próprias para convencer os juízes, mas essas frases *bergotescas* que seu temperamento literário especial sugeriria naturalmente e lhe daria prazer em empregá-las. Semelhante o Sr. de Charlus, falando ao alfaiate, servia-se da mesma linguagem que empregaria com as pessoas mundanas do seu meio, até exagerando os tiques, ou porque a timidez contra a qual se esforçava por lutar a um orgulho excessivo, ou porque, impedindo-o de se dominar sentimo-nos mais inibidos diante de alguém que não pertence ao meio, ela o forçava a revelar, a desnudar sua natureza, que, de fé orgulhosa e um tanto louca, como dizia a Sra. de Guermantes.

- Para perder seu rastro - continuou ele como um professorzinho, um jovem e belo médico, no mesmo bonde da criaturinha, de quem mesmo no feminino para seguir a regra (como se diz, falando que Vossa Alteza está bem-disposta?). Se ela muda de bonde, faço, tal os micróbios da peste, a coisa incrível chamada "baldeação", tomo um número que, ainda que o entreguem a mim, nem sempre é o número 1! Assim, mudo até três ou quatro vezes de "carro". Por vezes arribo às onze horas da noite para chegar em Orléans, é preciso voltar! Se se tratasse apenas da garantia de Orléans! Mas uma vez, por exemplo, não tendo podido

entabular conversa antes, fui mesmo até Orléans, num desses vagões horríveis em que se tem por vista inteira, em meio a triângulos de trabalhos manuais ditos "de malha", a fotografia das principais obras-primas de arquitetura da rede ferroviária. Só restava um lugar vago, e eu tinha à minha frente, como monumento histórico, uma "vista" da catedral de Orléans, que é a mais feia da França, e tão cansativa de olhar, assim a contragosto, como se me tivessem obrigado a olhar as suas torres na bolinha de vidro de uma dessas canetas óticas que produzem oftalmias. Desci nos Aubrais ao mesmo tempo que a minha criaturinha, que, ai de mim, tinha toda a família à espera na plataforma (quando supunha tivesse todos os defeitos, menos o de possuir uma família)! Só tive como consolo, enquanto esperava o trem que me levaria de volta a Paris, a casa de Diane de Poitiers. Por mais que ela tivesse enfeitiçado a um de meus régios antepassados, eu teria preferido uma beleza mais viva. Por isso, para remediar o aborrecimento desses regressos solitários, é que eu gostaria muito de conhecer algum servente dos vagões-leito, um motorista de ônibus. Aliás, não fique chocado - concluiu o barão -, tudo isto é uma questão de gênero. O que diz respeito aos jovens da alta sociedade, por exemplo, não desejo nenhuma posse física, mas não fico tranqüilo enquanto não lhes toco, não quero dizer materialmente, enquanto não lhes toco a corda sensível. Uma vez que, em lugar de deixar minhas cartas sem resposta, um rapaz não cessa mais de me escrever, e está à minha disposição moral, fico sossegado, ou pelo menos ficaria se logo não me dominasse a preocupação por um outro. Muito curioso, não é mesmo? A propósito de jovens da alta sociedade, não conhece algum dentre os que vêm aqui?

- Não, meu boneco. Ah, sim, um moreno, bem alto, de monóculo, que ri sempre e vive se voltando.

- Não percebo quem você quer dizer. -

Jupien completou o retrato, o Sr. de Charlus não conseguia descobrir de quem se tratava, pois ignorava que o antigo coleteiro era uma dessas pessoas, mais numerosas do que se julga, que não lembram a cor dos cabelos das pessoas a quem conhecem pouco. Mas para mim, que sabia dessa fraqueza de Jupien, que trocava moreno por louro, o retrato me pareceu relacionar-se precisamente com o duque de Châtellerault.

- Voltando aos jovens que não são do povo - continuou o barão -, no momento a minha cabeça está virada por um estranho rapaz, um jovem burguês inteligente, que se mostra a meu respeito de uma descortesia incrível. Não faz a menor idéia da prodigiosa personagem que sou e do vibrião microse que ele representa. Afinal, que importa! Esse burrinho pode zurrar o quiser diante de minhas augustas vestes de bispo.

- Bispo! Exclamou Jupien, que nada compreendera das últimas frases que o Sr. de Charlus acabava de pronunciar, mas a quem a palavra "bispo" deixara estupefato - Mas isto não vai bem com a religião - disse ele.

- Tenho três papas, na família - respondeu o Sr. de Charlus e o direito a me vestir em público, devido a um título cardinalício, já que a sobrinha do meu tio-avô trouxe a meu avô o título de duque, que lhe foi substituído. Vejo que metáforas o deixam surdo e que a história da França lhe é indiferente, de resto -acrescentou, talvez menos à maneira de conclusão do que só uma advertência -, essa atração que exercem sobre mim os rapazes me fogem, naturalmente de medo, pois apenas o respeito lhes encerra a bestialidade para gritarem que me amam, exige, da parte deles, uma posição eminente. Contudo, a sua fingida indiferença pode produzir, apesar disso - um efeito diretamente contrário. Tolamente prolongada, ela me causa dó. Para dar um exemplo numa classe que lhe será mais familiar: quando fizeram reparos em meu palácio, a fim de que não se sentissem enciumadas todas as duquesas que disputavam a honra de poder dizer que me haviam hospedado, fui passar alguns dias "de hotel", como se costuma dizer. Um dos camareiros era meu conhecido; mostrei-lhe um curioso *boy* que fechava as portinholas e se mantinha refratário às minhas propostas. Por fim exasperado, para lhe provar que minhas intenções eram puras, mandei oferecer-lhe uma quantia ridiculamente elevada, unicamente para que ele subisse e me falasse por cinco minutos no meu quarto. Esperei-o inutilmente. Tomei-lhe então uma tal repugnância que saí pela porta de serviço, para não enxergar de novo a cara daquele safado. Soube depois que nunca lera nenhuma de minhas cartas, que tinham sido interceptadas. A primeira pelo camareiro do meu andar, que era invejoso; a segunda, pelo porteiro do dia, que era virtuoso; a terceira, pelo porteiro da noite, que ambicionava o jovem *boy* e dormia com ele à hora em que Diana se levantava. Nem por isso deixou de persistir a minha repugnância; e, se me houvessem trazido o *boy* como um simples despojo de caça numa salva de prata, eu o poria num vômito. Porém, o mal é que temos falado de coisas sérias e agora está tudo acabado entre nós, quanto ao que eu esperava. Mas você pode me prestar muitos serviços, intervir; mesmo que não, só esta idéia já devolve um certo ânimo, e sinto que nada acabou.

Desde o começo desta cena, para os meus olhos arregalados operara-se uma revolução no Sr. de Charlus, tão completa, tão imediata como se ele tivesse sido tocado por uma varinha mágica. Até então, que não compreendera, não tinha visto. O vício (fala-se deste modo por comodidade de linguagem), o vício de cada um o acompanha à maneira daquele gênio, que era invisível para os homens enquanto ignoravam a sua presença. A bondade, a artimanha, o nome, as relações mundanas não se deixam descobrir, e cada qual as traz escondidas. O próprio Ulisses a princípio não reconheceu Atenéia. Mas os deuses são

imediatamente perceptíveis aos deuses, o semelhante o é bem depressa a seu semelhante, e assim o fora ainda o Sr. de Charlus a Jupien. Até aqui eu me encontrara em presença do Sr. de Charlus da mesma forma que um homem distraído, que, diante de uma mulher grávida em cujo talhe pesadão não reparou, enquanto ela lhe repete sorrindo:

- Sim, estou meio cansada agora teima em lhe perguntar, indiscreto:

- Mas o que sente a senhora? -

Até que quando alguém lhe diz:

- Está grávida e aí. - de súbito, percebe o ventre e não verá mais que este. É a razão que abre os olhos; um engano dissipado nos confere um sentido a mais.

As pessoas que não gostam de reportar-se, como exemplos dessa lei, aos senhores de Charlus de seu conhecimento, de quem por muito tempo não tinham desconfiado até o instante em que, sobre a lisa superfície do indivíduo semelhante aos outros, tenham chegado a aparecer, traçados com uma tinta até então invisível, os caracteres que compõem a palavra cara aos antigos gregos, não têm, para se convencerem de que o mundo que os rodeia lhes aparece primeiramente nu, desprovido de mil ornatos que ele oferece a outros mais cientes, senão que relembrar quantas vezes na vida lhes aconteceu estarem a ponto de cometer uma gafe. Nada, no rosto privado de caracteres desse ou daquele homem, podia lhes fazer supor que ele era exatamente o irmão ou o noivo, ou o amante de uma mulher de quem iam exclamar:

- É uma anta! -

Mas então, por sorte, uma palavra que lhes sussurra um vizinho faz parar em seus lábios o termo fatal. Logo aparecem, como um *Mane Thecel Fares*, estas palavras: ele é o noivo, ou ele é o irmão, ou ele é o amante da mulher que não convém que se chame diante dele:

- É uma anta. -

E só essa nova noção arrastará consigo todo um reagrupamento, a retirada ou o avanço da fração das noções, dali em diante completadas, que se possuíam acerca do resto da família. Ao Sr. de Charlus era baldado que se acoplasse um outro ser, que o diferenciasse dos demais homens, como no centauro o cavalo; era baldado que este ser fizesse um só corpo com o barão; eu nunca o havia percebido. Agora o abstrato se materializara, e o ser enfim compreendido perdera logo o poder de continuar invisível, e a transmutação do Sr. de Charlus numa pessoa nova era tão completa que não só os contrastes do seu rosto, de sua voz, mas, retrospectivamente, também os próprios altos e baixos de suas relações comigo, tudo o que até então havia parecido incoerente ao meu espanto tornava-se inteligível, mostrava-se evidente, como uma frase, que não percebe qualquer

sentido enquanto permanece decomposta em letras arranjadas ao acaso, exprimem-se os caracteres se acham recolocados na ordem correta, um pensamento que já não poderá ser esquecido. Além do mais, eu compreendia agora por que, ainda há pouco quando o vira sair da casa da Sra. de Villeparisis, pudera achar que o Sr. de Charlus tinha um jeito de mulher: pois era uma! Pertencia à raça daquelas criaturas, menos contraditórias que parecem, cujo ideal é viril, justamente porque seu temperamento é feminino, e que na vida são semelhantes outros homens, porém apenas na aparência; aí onde cada um traz constantemente, nesses olhos com os quais vê todas as coisas no universo, uma silhueta gravada na pupila não é para eles a de uma ninfa, mas de um *efeboy*. Raça sobre a qual pesa uma maldição e que tem de viver na mentira e na penúria, pois que se tem por punível e vergonhoso, por inconfessável, o falho desejo, o que é para cada criatura a doçura máxima de viver; que deve renegar seu Deus, visto que, mesmo os cristãos, quando comparecem como açoitados à barra do tribunal, é-lhes necessário, diante do Cristo e em seu nome defenderem-se como de uma calúnia daquilo que é a sua própria vida! Filhos sem mãe, à qual são obrigados a mentir mesmo à hora de lhe fechar os olhos; amigos sem amizades, apesar de todas as que inspiram o seu encanto reconhecido com freqüência e das que seu coração, em geral bondoso, sentiria; porém, podem chamar-se amizades essas relações que só vegetam a favor de uma mentira e de onde os faria rejeitar com desgosto primeiro impulso de confiança e de sinceridade que se sentissem tentados a ter, a menos que se dirijam a um espírito imparcial, e até mesmo simpático, mas que então, perturbado a respeito deles por uma psicologia convencional, fará derivar do vício confessado o mesmo afeto que lhe é estranho, assim como alguns juízes pressupõem e desculpam mais facilmente o assassínio entre os invertidos e a traição entre os judeus por raridades extraídas do pecado original e da fatalidade da raça? Enfim pelo menos conforme a primeira teoria que à conta deles eu esboçava então, teoria a seguir veremos modificar-se, e na qual isto os irritaria mais que tudo essa contradição não se ocultasse a seus olhos pela própria ilusão que fazia ver e viver amantes a quem está quase fechada a possibilidade de amor, cuja esperança lhes dá forças para suportar tantos riscos e solidão; visto que justamente estão apaixonados por um homem que não teria de mulher, um homem que não seria invertido e que, por conseguinte, pode amá-los; de modo que o seu desejo permaneceria insaciável para perder-se o dinheiro, não lhes entregasse verdadeiros homens e se a imaginação não acabasse por fazê-los tomar por homens de verdade os invertidos a quem se prostituem. Sem honra, senão precária; sem liberdade, senão provisória, até a descoberta do crime; sem posição que não seja instável, como para o poeta, festejado na véspera em todos os salões, aplaudido em todos os teatros de Londres e, no dia seguinte, expulso de todos os quartos, sem poder achar um travesseiro onde repousar a cabeça, dando voltas à pedra de amolar

como no verso do Poema "*A cólera de Sansão*", de Alfred de Vigny (1797-1863) como Sansão, ele fica repetindo:

"Os dois sexos morrerão cada qual por seu lado; excluídos até, salvo nos dias de grande infelicidade, em que a maioria se reúne ao redor de sua vítima"; como os judeus ao redor de Dreyfus de toda simpatia, e às vezes da sociedade, de seus semelhantes, aos quais dão o desgosto de ver que são, pintados num espelho que, não os adulando mais, acusa todas as taras que não tinham desejado notar em si mesmos e que os faz compreenderem que aquilo a que denominam amor (e a que, brincando com a palavra, haviam anexado, por sentido social, tudo quanto a poesia, a pintura, a música, a cavalaria, o ascetismo tinham podido acrescentar ao amor) decorre não de um ideal de beleza que tenham escolhido, mas de uma enfermidade incurável; como ainda os judeus (salvo uns poucos que só desejam conviver com os de sua raça, e têm sempre nos lábios as palavras rituais e os gracejos consagrados), fugindo uns dos outros, buscando os que lhes são mais contrários, que não querem saber deles, perdoando as suas zombarias, embriagando-se com suas complacências; mas ainda assim unidos a seus semelhantes pelo ostracismo que os fere, o opróbrio em que caíram, tendo acabado por adquirir, graças a uma perseguição idêntica à de Israel, os caracteres físicos e morais de uma raça, às vezes bela, freqüentemente horrível, encontrando apesar de todas as troças com que o mais mesclado, mais assimilado à raça adversa, é relativamente, em aparência, o menos invertido, cobre aquele que simplesmente continuou a sê-lo um descanso no convívio de seus semelhantes, e até um apoio na existência, até que, negando sempre formarem uma raça (cujo nome é a maior injúria), os que conseguem ocultar que a ela pertencem, desmascaram-nos de boa vontade, não tanto para lhes causar dano, coisa que não detestam, quanto para se desculparem, e indo buscar, como um médico pesquisa o apendicite, a inversão até na História, tendo prazer em lembrar que Sócrates era um deles, como os israelitas dizem que, era judeu, sem pensar que não havia anormais quando o homossexual a regra, nem anticristãos antes de Jesus Cristo, que só o opróbrio no crime, pois só deixou de subsistir para aqueles que eram refratários de toda pregação, a todo exemplo, a todo castigo, em virtude de uma distinção inata e de tal modo especial que repugna mais aos outros homens daquele que possa vir acompanhado de altas qualidades morais) do que vícios que se contradizem, como o roubo, a crueldade, a má-fé, mais compreendidos e, portanto, mais desculpados pelo comum dos homens; - formando uma franco-maçonaria bem mais extensa, mais eficaz e suspeita que a das lojas, pois repousa numa identidade de gostos, aparências, de hábitos, de perigos, de aprendizagem, de saber, de tráfico; glossários, e na qual os próprios membros que aspiram a não ser conhecidos logo se reconhecem por traços naturais ou de convenção, involuntárias ou intencionais, que assinalam ao mendigo um de seus semelhantes o grão-senhor que lhe fecha a porta de seu

carro; ao pai, no noivo da filha; ao que desejara curar-se, confessar-se, defender-se, no médico, no pai, no advogado a quem recorreu; todos forçados a proteger o seu segredo; tendo a sua parte no segredo dos outros, de que o restante da humanidade - não suspeita e que faz com que os mais inverossímeis romances de aventuras lhes pareçam verdadeiros; pois, nessa vida romanesca, anacrônica; o embaixador é amigo do preso; o príncipe, com uma certa liberdade dos que lhe confere a educação aristocrática e que um pequeno-burguês medroso não teria, ao sair da casa da duquesa, vai se entender como apache; parte reprovada da coletividade humana, porém parte importante, que se suspeita onde não está, ostensiva, insolente, impune onde é adivinhada; contando com adeptos por toda a parte, no povo, no exército, no templo, na penitenciária, no trono; vivendo enfim, ao menos um grande número, na intimidade cariciosa e arriscada dos homens da outra parte, provocando-os, brincando com eles ao falar do seu vício como se não fosse seu; jogo que se torna fácil pela cegueira ou pela falsidade dos outros, já que pode se prolongar durante anos até o dia do escândalo, em que domadores são devorados; até então obrigados a ocultar a sua vida, a virar os olhos de onde gostariam de fixá-los, a fixá-los de onde gostariam de desviá-los, de mudar o gênero de muitos adjetivos em seu vocabulário; o freio social em comparação com o freio interior que seu vício, ou o que denomina impropriamente desse modo, lhes impõe não mais em relação à outros mas a si mesmos, e de maneira que a eles próprios não pareça vício. Porém alguns, mais práticos, mais apressados, que não têm de pechinchar e de renunciar à simplificação da vida e a esse ganha tempo que pode resultar da cooperação, formaram duas sociedades, das quais a segunda é composta exclusivamente de criaturas semelhantes a eles. Isto é chocante naqueles que são pobres e vêm da província, sem relações de amizade, sem outra coisa a não ser a ambição de um dia se transformarem num médico ou advogado célebre, cujo espírito ainda está vazio de opiniões, cujo corpo é destituído das maneiras que eles esperam tornar bem depressa, assim como comprariam móveis, para seu quartinho do *Quartier latin*, de acordo com o que notassem e copiassem dos que já "venceram" na profissão útil e séria em que sonham se encaixar e tornar-se ilustres; nestes, seu gosto especial, herdado sem que soubessem, como a inclinação para o desenho, para a música, à cegueira, é talvez a única originalidade viva, despótica, e que em certas noites força-os a não comparecerem a determinada reunião, proveitosa à sua carreira, com pessoas das quais, para o resto, adotam os modos de falar, de pensar, de se vestir, de se pentear. Em seu bairro, onde sem isto só convivem com colegas, mestres ou algum conterrâneo já triunfante e que os protege, logo descobriram outros rapazes de quem o mesmo gosto especial os aproxima, como numa aldeia se ligam o professor secundário e o tabelião, ambos amantes da música de câmara e do marfim da Idade Média; aplicando ao objeto de sua distração o mesmo instinto utilitário, o mesmo espírito profissional que os norteia

em sua carreira, reencontram-nos em sessões onde não se admite nenhum profano, desses que congregam amadores de antigas caixas de rapé, de estampas japonesas, de flores raras; e onde, devido ao prazer de se instruir, da utilidade das trocas e do temor das competições, reinam a um tempo, como numa Bolsa de Selos, a estreita harmonia dos especialistas e as ferozes rivalidades dos colecionadores. Aliás, ninguém no café onde eles têm sua mesa sabe que reunião é aquela, se se trata de uma sociedade de pesca, se é de secretários de redação, ou de filhos do Indra, de tal modo sua compostura é correta, o seu aspecto reservado e frio; a tal ponto que não ousam olhar senão às escondidas para os rapazes da moda, os jovens "leões" que, a poucos metros de distância, fazem estardalhaço de suas amantes, e entre os quais os que os admiram sem ousar erguer a vista saberão, vinte anos depois, quando uns estiverem às vésperas de entrar para uma academia, e outros forem sisudos homens de clube, que o mais sedutor, agora um corpulento e grisalho Charlus, era de fato igual a eles, mas em outra parte, em outro mundo, sob outros símbolos externos, com sinais estranhos, cuja diferença os induziu à erro. Porém, os agrupamentos são mais ou menos avançados; e, como a União das Esquerdas difere da Federação Socialista e determinada sociedade de música de Mendelssohn da *Schola Cantorum*, certas noites, em outra mesa, há extremistas que deixam aparecer um bracelete sob o punho da camisa, às vezes um colar pela do colarinho, forçam, com seus olhares insistentes, seus cacarejos, carícias entre si, um grupo de colegiais a fugir rapidamente, e são dos, com uma polidez em que se incuba a indignação, por um garçon, como nas noites em que serve a dreyfusistas, ficaria satisfeito em chamar a polícia se não lhe fosse conveniente guardar as gorjetas.

São semelhantes organizações profissionais que o espírito o gosto dos solitários, e sem demasiado artifício de uma parte, já que só faz imitar os próprios solitários que julgam que nada difere de mais organizado do que aquilo que lhes parece um amor incompreendido; todavia com algum artifício, pois essas diferentes classes correspondem, tanto como a tipos psicológicos diversos, a momentos sucessivos de evolução patológica ou apenas social. E, com efeito, é bem raro quando um dia ou outro, não seja em tais organizações que os solitários acabem por fundir-se, às vezes por simples lassidão, por comodidade (como os mais avessos a tais coisas acabem por mandar instalar, receber ou por comprar na casa Potin). Ali, eles são em geral muito mal recebidos pois, em sua vida relativamente pura, a falta de experiência, a saturação pelos devaneios a que estão reduzidos marcaram mais fortemente aquelas características especiais de afeminamento que os profissionais buscaram apagar. E é preciso confessar que, em alguns desses renegados, a mulher não só está internamente unida ao homem, mas hediondamente visível; agitados como estão em um espasmo de história; por um riso agudo que lhes convulsiona os joelhos e as mãos, e não ressentem ao comum dos homens mais do que esses macacos de olhos cólicos e

olheiras fundas, de pés compreensíveis, que vestem fraque e gravata preta. De modo que esses novos recrutas são julgados, por que no entanto são menos castos, de convivência comprometedora, difícil a sua admissão; entretanto, são aceitos, beneficiando-se então dessas facilidades, pelas quais o comércio e as grandes empresas têm transformado a vida das pessoas, tornando-lhes acessíveis mercadorias até muito caras; até mesmo difíceis de encontrar, e que agora os substituem com a superabundância daquilo que eles sozinhos não tinham chegado a descobrir nas maiores multidões. Porém, mesmo com esses exultantes instáveis, a coação social é ainda pesada demais para alguns deles, sobretudo entre aqueles em que não exerce efeito o freio mental; acham ainda mais estranho do que é o seu tipo de amor. Não deixemos de lado aqueles que, como o caráter excepcional de sua ação os faz pensar serem superiores a elas, desprezam as mulheres, do homossexualismo o privilégio dos grandes gênios e das épocas; e, quando buscam fazer compartilhar o seu gosto, é menos com os que lhes parecem predispostos a isso, como o morfinômano à morfina, do que com aqueles a quem julgam dignos, por zelo apostólico, como outros pregam o sionismo, a recusa ao serviço militar, o saint-simonismo, o vegetarianismo e a anarquia. Alguns, se são surpreendidos de manhã, deitados ainda, exibem uma admirável cabeça de mulher, de tanto que a expressão é geral e simboliza todo o sexo; até os cabelos o afirmam; soltos, sua inflexão é tão feminina, eles caem tão naturalmente em caracóis sobre o rosto, que a gente se espanta de que a jovem, a mocinha Galatéia, que mal desperta no inconsciente desse corpo de homem em que está encerrada, tenha sabido tão engenhosamente, por si mesma, sem tê-lo aprendido de ninguém, desfrutar das menores saídas de sua prisão e encontrar o que era necessário à sua vida. Evidentemente, o moço que possui essa maravilhosa cabeça não diz:

"Sou uma mulher."

E, mesmo se (por tantas razões possíveis) ele vive com uma mulher, pode lhe negar seja uma, jurar-lhe que nunca teve relações com homens. Que ela o contemple como acabamos de o mostrar, deitado no leito, de pijama, braços despidos, despido o pescoço sob os cabelos negros. O pijama tornou-se uma camisola de mulher, a cabeça, a de uma linda espanhola. A amante se assombra dessas confidências feitas aos seus olhares, mais verdadeiras do que o poderiam ser as palavras, e até os atos; e que os próprios atos, se é que já não o fizeram, não poderão deixar de confirmar, pois toda criatura segue em busca do seu prazer; e, se essa criatura não é excessivamente viciosa, procura-o num sexo oposto ao seu. Ora, para o invertido, o vício principia não quando trava relações (pois há demasiados motivos que podem comandá-las), mas quando ele procura o seu prazer nas mulheres. O moço a quem acabamos de descrever era tão manifestamente uma mulher, que as mulheres que o olhavam com desejo eram

votadas ao mesmo desapontamento (a menos que se tratasse de um gosto especial) daquelas que, nas comédias de Shakespeare, ficam decepcionadas com uma moça disfarçada que se faz passar por um adolescente. O engano é igual, o próprio invertido o sabe, e adivinha a desilusão que a mulher há de sentir logo que tombe o disfarce, e percebe o quanto esse erro sobre o sexo é uma fonte de poesia fantasiosa. Além disso, mesmo que confesse à sua amante exigente (se ela não é gomorriana):

"Eu sou uma mulher", dentro dele, todavia, com que artimanhas, com que agilidade, com que obstinação de planta trepadora, a mulher inconsciente e visível busca o órgão masculino! Basta olhar essa cabeleira encaracolada sobre o travesseiro branco para compreender que, à noite, se este moço escapa por entre os dedos de seus pais, apesar deles, apesar de si mesmo, será para ir procurar mulheres. Sua amante pode castigá-lo, trancá-lo; na manhã seguinte, o homem-fêmea terá achado um modo de se enamorar com um homem, como a campânula arremessa as gavinhas onde tiver um ancinho ou uma enxada. Por que o motivo, admirando no rosto do homem as delicadezas que nos tocam, uma graça, um ar natural na amabilidade como os homens não possuem, ficaríamos desolados ao saber que esse moço procura boxeadores? Trata-se de aspectos diversos de uma mesma realidade. E mesmo aquilo que nos repugna é o mais tocante, mais até que todas as delicadezas, pois representa um admirável esforço inconsciente da natureza: o reconhecimento do sexo por si mesmo, apesar da escamoteação do sexo, surge como a tentativa inconfessa de *evadir-sepis* aquilo que um erro inicial da sociedade colocou longe de si. Alguns, tiveram sem dúvida a mais tímida infância, quase não se preocupam com o tipo de material de prazer que recebem, contanto que possam relacioná-lo com um rosto masculino. Ao passo que outros, certamente por terem sentido mais agressivos, dão a seu prazer material localizações imperiosas. Ofenderiam talvez, com suas confissões, o tipo mediano das pessoas. Talvez vivam menos exclusivamente sob o signo de Saturno, pois, para as mulheres não estão totalmente excluídas como para os primeiros; relativamente a estes, aqueles não existiriam sem a conversação, a coqueteria dos amores intelectuais. Mas os segundos procuram aquelas que amam as mulheres, que podem conseguir-lhes algum moço, aumentar o prazer que sentem em se encontrar com eles; e bem mais, eles podem, da mesma forma, ter com elas o mesmo prazer que desfrutariam com um homem. Daí decorre que, no caso dos que amam os primeiros, o ciúme só é aguçado pelo prazer que poderiam ter com um homem e que é o único a lhes parecer uma traição, visto que não participam do amor das mulheres, não praticaram senão por hábito e para reservar-se a possibilidade do casamento imaginando tão parcamente o prazer que este pode proporcionar, que não podem tolerar que aquele a quem amam o desfrute; ao passo que os segundos inspiram com freqüência o ciúme devido a seus amores com mulheres. Pois, nas relações que

mantêm com elas, representam, para a mulher que ama as mulheres, o papel de uma outra mulher, e a mulher lhes oferece, ao mesmo tempo, mais ou menos aquilo que eles encontram num homem, de modo que o amigo ciumento sofre por sentir aquele a quem unido àquela que para ele é quase um homem, ao mesmo tempo que quase deixam lhe escapar, visto que, para essas mulheres, é algo que ele reconhece, uma espécie de mulher. Tampouco não falemos desses jovens doidivanas que, por uma espécie de infantilidade, para amofinar os atuais; melindrar os pais, se empenham em escolher roupas que parecem vestido; pintar os lábios e sombrear os olhos; deixemo-los de lado, pois são os mesmos que voltaremos a encontrar quando tiverem sofrido cruelmente demais por sua afetação, passando toda uma vida a tentar reparar em vão, com um aspecto severo, protestante, o dano que causaram a si próprios à época em que eram arrastados pelo mesmo demônio que impele algumas moças do *faubourg* Saint-Germain a viverem de maneira escandalosa, a romper com todos os costumes, a achincalhar sua família, até o dia em que se dedicam, com perseverança e sem sucesso, a subir de novo a vertente que antes lhes parecera tão divertido descer ou melhor, que não tinham podido evitar descer. Deixemos enfim para mais tarde aqueles que fizeram um pacto com Gomorra. Falaremos deles quando o Sr. de Charlus os conhecer. Deixemos todos esses, de uma variedade ou outra, que aparecerão por sua vez, e, para terminar esta primeira exposição, digamos só uma palavra acerca de quem tínhamos começado a falar agora há pouco, os solitários. Julgando o seu vício mais excepcional do que é, foram viver sozinhos no dia em que o descobriram, depois de o ter trazido consigo por muito tempo sem o conhecer, muito mais tempo apenas do que outros. Pois a princípio ninguém sabe que é invertido, ou poeta, ou esnobe, ou malvado. Certo colegial que aprendia versos de amor ou olhava imagens obscenas, se então se apertava contra um camarada, imaginava-se apenas a comungar com ele num mesmo desejo de mulher. Como acreditaria não ser idêntico a todos, quando reconhece a substância daquilo que sente ao ler a Sra. de Lafayette, Racine, Baudelaire, Walter Scott, ao passo que ainda é bastante incapaz de observar a si mesmo para se dar conta daquilo que acrescenta de sua palavra, e de que, se o sentimento é igual, o seu objeto é diferente, pois a quem ele deseja é Rob Roy e não Diana Vernon? Para muitos, por uma prudência defensiva do instinto que precede a visão mais clara da inteligência, o espelho e as paredes de seu quarto desaparecem sob os cromos que representam atrizes; fazem versos desse tipo:

"Só amo a Cloé neste mundo. Ela é divina, ela é loura; E de amor meu coração se inunda."

Precisaríamos, por isso, situar no começo dessas vidas um gosto que a seguir não encontraríamos neles, como aqueles caracóis louros das crianças que logo após se tornam mais castanhos? Quem sabe se as fotografias de mulheres não são um

início de hipocrisia, e também um início de horror aos demais invertidos? Mas os solitários são precisamente, aqueles a quem a hipocrisia é dolorosa. Talvez o exemplo dos judeus, de colônia diferente, ainda não seja suficientemente vigoroso para explicar como a educação tem pouca influência sobre eles, e com que arte acaba por voltar, não talvez a alguma coisa tão simplesmente atroz como o doido (a que os doidos, sejam quais forem as precauções tomadas, sempre são salvos do rio aonde se atiraram, se envenenam, compram um revólver, etc), mas a uma vida de que os homens da outra raça não só compreendem, não imaginam e odeiam os prazeres necessários, mas cujo freqüente perigo e a vergonha permanente lhes causariam horror; vez, para descrevê-los, é preciso pensar, senão nos animais que não domesticam, nos leõezinhos, pretensamente domados, mas que continha sendo leões, pelo menos nos negros, a quem exaspera a existência incontrolável dos brancos, e que preferem os riscos da vida selvagem e suas manias incompreensíveis. Quando chegar o dia em que se descobrirem incapazes, a um tempo, de mentir aos outros e de mentir a si próprios, ao pai, para viver no campo, fugindo a seus semelhantes (que julgam ser numerosos) por horror à monstruosidade ou receio da tentação, e da humanidade por vergonha. Jamais alcançando a verdadeira maturidade mergulhados na melancolia, de vez em quando, num domingo sem lua; dar um passeio por um caminho até chegar a uma encruzilhada, onde, que hajam dito uma só palavra, foi esperá-los um de seus amigos de infância que mora num castelo vizinho. E eles recomeçam os jogos de antigamente, sobre a relva, de noite, sem trocar palavra. Durante a semana vêem na casa de um ou do outro, conversam sobre qualquer coisa, sem alusão ao que se passou, exatamente como se não houvessem feito; não devessem tornar a fazer coisa alguma, a não ser, em suas relações: pouco de frieza, ironia, irritabilidade e rancor, por vezes ódio. Depois o vizinho parte para uma dura viagem a cavalo em lombo de mula, escalando, deita-se na neve; seu amigo, que identifica o próprio vício com um fraqueza de temperamento, e com a vida caseira e tímida, compreende que o vício não mais poderá viver em seu amigo emancipado a milhares de metros acima do nível do mar. E, de fato, o outro se casa. No entanto, abandonado não se cura (apesar dos casos em que se verá que a inversão sexual é curável). Exige que seja ele próprio a receber de manhã, o creme fresco das mãos do moço leiteiro e, nas tardes em que desejos o agitam demais, perde-se pelas ruas até ensinar o caminho a bêbado, até ajeitar a camisa de um cego. Sem dúvida, a vida de certo invertido parece mudar às vezes, o seu vício (como se diz) já não surgem seus hábitos; porém, nada se perde: uma jóia escondida se acha; quando a quantidade de urina de um enfermo diminui, é porque ele transpira mais, porém é necessário que sempre se produza a excreção. Um dia esse homossexual perde um primo jovem e, pela sua mágoa inconsolável, compreendemos que era para esse amor, talvez casto, e de que se empenhava

mais em conservar a estima do que em obter a posse, que os desejos haviam passado por transferência, assim como num orçamento, sem que se mude nada no total, certas despesas são transferidas para outro exercício. Como se dá no caso dos doentes, em quem uma crise de urticária faz desaparecer por uns tempos as suas indisposições habituais, o amor puro a um parente jovem parece, no invertido, ter momentaneamente substituído, por metástase, certos hábitos que retomarão, um dia ou outro, o lugar do mal vicariante e curado.

Entretanto, o vizinho casado do solitário regressou; diante da beleza da jovem esposa e da ternura com que seu marido a trata, no dia em que o amigo é forçado a convidá-los para jantar, sente vergonha do passado. Já em estado interessante, ela deve voltar cedo, deixando seu marido; este, quando chega a hora de voltar, pede que o acompanhe a seu amigo, o qual a princípio não alimenta qualquer suspeita, mas que na encruzilhada, sem que troquem uma só palavra, se vê atirado à grama pelo alpinista que em breve será pai. E os encontros recomeçam até o dia em que vem instalar-se, não longe dali, um primo da jovem senhora, com quem agora vai passear sempre o marido. E este, se o abandonado o visita, buscando aproximar-se dele, furibundo, repele-o, indignado de que o outro não tenha tido o tato de pressentir o nojo que ele lhe inspira de agora em diante. Todavia, em certa ocasião apresenta-se um desconhecido enviado pelo vizinho infiel; porém, muito atarefado, o abandonado não pode recebê-lo, e só mais tarde compreende com que objetivo o estranho viera.

Então, isolado, o solitário enlanguesce. Não tem outro prazer senão ir ao balneário vizinho para pedir informações a um determinado funcionário das estradas de ferro. Mas este recebeu uma promoção e foi nomeado para a outra extremidade da França; o solitário não mais poderá ir lhe perguntar o horário dos trens, o preço das passagens de primeira classe, e, antes de voltar para sonhar em sua torre, como Griselda, demora-se na praia, como uma estranha Andrômeda que nenhum Argonauta virá libertar, como uma medusa estéril que há de morrer sobre a areia, ou então permanece preguiçosamente na plataforma, antes da partida do trem, a lançar à multidão de viajantes um olhar que parecerá indiferente, desdenhoso ou distraído aos de uma outra raça, mas que, como o clarão luminoso de que são providos alguns insetos para atrair os da mesma espécie, ou como o néctar que certas flores oferecem para atrair os insetos que hão de fecundá-las não enganaria o amador quase sem encontrar um prazer bastante singular, bem difícil de situar, que lhe é oferecido, o confrade com quem nem especialista poderia falar no idioma insólito; quando muito, algum mapa da pilha da estação pareceria interessar-se por esse idioma, mas apenas para obter uma vantagem material, como aqueles que, no *College de France*, sala em que o professor de sânscrito fala sem audiência, vão seguir outros, mas

unicamente para se aquecerem. Medusa! Orquídea! Quando eu seguia o meu instinto, em Balbec, a medusa me repugnava; mas, se eu soubesse observá-la, como Michelet, do ponto de vista da história natural da estética, veria uma deliciosa girândola azul-celeste. Acaso não são como veludo transparente de suas pétalas, como que as orquídeas cor-de-malva do mar? Como tantas criaturas dos reinos animal e vegetal como a planta que produziria a baunilha, mas que, porque nela o órgão masculino está separado do feminino por uma membrana, permanece estável se os beija-flores ou certas abelhas minúsculas não transportarem o pólen de uns a outros, ou se o homem não as fecundar artificialmente; e aqui a palavra "fecundação" deve ser tomada em seu sentido moral, já que, no sentido físico, a união do macho com o macho é estéril, mas não é indiferente que um indivíduo possa encontrar o único prazer que ele seja suscetível de desfrutar, e que "aqui neste mundo toda criatura" possa dar a alguém, "sua música, sua flama ou seu perfume". O Sr. de Charlus era desses homens que podem ser chamados excepcionais, pois, por mais numerosos que sejam, a satisfação de suas carências sexuais, tão fácil no caso dos outros independe da coincidência de um número excessivo de condições e que são muito difíceis de encontrar. Para os homens como o Sr. de Charlus e com a ressalva dos arranjos que vão aparecendo aos poucos e que já se pode pressentir, exigidos pela necessidade de prazer que se resigna a consentimentos incompletos-, o amor mútuo, afora as dificuldades tão grandes, por vezes insuperáveis, que encontra no comum das criaturas, acrescenta-lhes outras tão especiais, que aquilo que é sempre bem raro para todos torna-se, no caso deles, quase impossível, e, se ocorre um encontro verdadeiramente auspicioso para eles, ou que a natureza assim lhes faz pareceu a sua felicidade, bem mais ainda que a do amoroso normal, possui algo de extraordinário, de selecionado, de profundamente necessário. O ódio dos Capuletos e dos Montecchios não era nada diante dos estorvos de todo gênero que foram vencidos, das eliminações especiais que a natureza teve de fazer aos acasos, já bem raros, que conduzem ao amor, antes que um antigo coleteiro, que contava partir calmamente para seu escritório, vacile deslumbrado, ante um cinqüentão que está principiando a engordar. Esse Romeu e essa Julieta podem julgar, com todo o direito, que seu amor não é o capricho de um instante, mas uma verdadeira predestinação preparada pelas harmonias de seu temperamento, não só pelo seu temperamento próprio, mas também pelo de seus ascendentes, pela sua mais longínqua hereditariedade, a tal ponto que a criatura que a eles se ajunta lhes pertence desde antes do nascimento, e os atraiu com uma força comparável à que dirige os mundos em que passamos nossas vidas anteriores.

O Sr. de Charlus distraíra-me de ver se o besouro levava à orquídea o pólen que ela aguardava há tanto tempo, e que ela só tinha oportunidade de receber graças a um acaso tão improvável que se poderia chamá-lo de uma espécie de milagre.

Mas era igualmente um milagre aquele a que eu acabava de assistir, quase do mesmo gênero e não menos prodigioso. Desde que considerei o encontro desse ponto de vista, tudo me pareceu impregnado de beleza. As mais extraordinárias artimanhas que a natureza tem inventado para obrigar os insetos a assegurarem a fecundação das flores que, sem eles, não poderiam sê-lo, porque a flor macho está muito afastada da flor fêmea, ou que, se é o vento que deve assegurar o transporte do pólen, torna-o muito mais fácil de se desprender da flor macho, muito mais fácil de ser apanhado de passagem pela flor fêmea, suprimindo a secreção do néctar, que já não é útil, visto não haver insetos para atrair, e até o brilho das corolas que os atraem, e o ardil que, para que a flor seja reservada ao pólen apropriado, que somente nela pode germinar, lhe faz segregar um licor que a imuniza contra os demais pólens não me pareciam mais maravilhosos que a existência da subvariedade dos invertidos, destinada a assegurar os prazeres ao amor invertido que envelhece: os homens que são atraídos não por todos os homens, porém devido a um fenômeno de correspondência e de harmonia comparável aos que regulam a fecundação das flores heterostiladas trimorfas como o *Lythrum salicaria* unicamente pelos homens muito mais velhos que eles. Desta subvariedade Jupien acabava de me fornecer um exemplo, todavia menos surpreendente que outros que todo herborizador humano, todo botânico moral, poderá observar apesar de sua raridade, e que lhes apresentará um frágil rapaz que espera os avanços de um robusto e barrigudo qüinquagenário, ficando tão indiferente aos avanços de outros jovens como ficam estéreis as flores hermafroditas de estilete curto da *Primula veris*, enquanto só são fecundadas por outras *Primula veris* também de estilete curto, ao passo que recebem alegremente o pólen das *Primula veris* de estilete comprido.

Aliás, no que se referia ao Sr. de Charlus, percebi mais adiante que, para ele, havia diversos tipos de conjunções, das quais algumas, por sua multiplicidade, sua instantaneidade apenas visível, e principalmente pela falta de contato entre os dois atores, lembravam ainda mais essas flores que são fecundadas num jardim pelo pólen de flor vizinha que elas nunca hão de tocar. Com efeito, havia certas visitas a quem lhe bastava fazer vir até sua casa, manter durante algumas sob o domínio de sua palavra, para que seu desejo, aceso em algum controle, se satisfizesse. Por simples palavras a conjunção se realizava; simplesmente como pode realizar-se entre os infusórios. Às vezes, ocorrera sem dúvida comigo na noite em que fora chamado por ele depois do jantar dos Guermantes, a saciedade viera graças a uma violenta reprimenda que o barão lançara em rosto do visitante, como certas flores em virtude de um impulso, borrifam a distância o inseto inconscientemente cúmplice e desavisado. O Sr. de Charlus, passando de dominado à dominador, sentia-se depurado de sua inquietação e, calmo, mandava de volta o visitante que logo deixara de lhe parecer desejável. Enfim, como a própria inversão decorre de que o invertido está demasiadamente

próximo da mulher para poder ter relações proveitosas com ela, enquadra-se de modo numa lei mais importante que faz com que tantas flores hermafroditas permaneçam infecundas, ou seja, a da esterilidade da autofecundação a verdade que os invertidos que estão em busca de um macho contenta muitas vezes com um invertido tão efeminado quanto eles. Mas basta não pertencerem ao sexo feminino, do qual possuem um embrião de que podem se utilizar, o que acontece com tantas flores hermafroditas e até em determinados animais hermafroditas, como o caramujo, que não podem ser fecundados por si mesmos, mas podem sê-lo por outros hermafroditas-, daí que os invertidos, que gostam de se dizer originários do Antigo Osíris ou da idade de ouro da Grécia, remontariam ainda mais além àquelas e de ensaio em que não existiam nem as flores dióicas nem os animais unissexuados, àquele hermafroditismo inicial, de que parecem conservar vestígios alguns rudimentos de órgãos masculinos na anatomia da mulher e de órgãos femininos na anatomia do homem. Eu achava a mímica de Jupien e de Charlus, a princípio tão incompreensível para mim, tão curiosa como aqueles gestos tentadores dirigidos aos insetos, conforme as flores ditas compostas, alçando os semiflósculos de seus capítulo para serem vistas de mais longe, como certa flor heterostilada que oferece seus estames, recurvando-os para dar passagem aos insetos, ou que oferece uma ablução, e simplesmente, também, nos perfumes do néctar; no brilho das corolas, que naquele momento atraíam insetos a partir daquele dia; o Sr. de Charlus devia mudar a hora de suas visitas à Sra. de Villeparisis, não que não pudesse ver Jupien em outro lugar e cômodo, mas porque, tanto quanto para mim, o sol da tarde e as flores do arbusto estavam sem dúvida ligados à sua recordação. Além disso, se contentou em recomendar os Jupien à Sra. de Villeparisis, à duquesa de Guermantes, a toda uma brilhante freguesia que foi tanto mais assídua junto à jovem bordadeira, quanto as poucas damas que haviam resistido ou apenas demorado foram, da parte do barão, objeto de terríveis represálias, ou para que servissem de exemplo, ou porque houvessem despertado o seu furor e se revoltassem contra seus projetos de dominação. O barão tornou o negócio de Jupien cada vez mais lucrativo até torná-lo definitivamente como secretário e estabelecê-lo nas condições que mais tarde veremos.

- Ah, é um homem feliz, esse Jupien! - dizia Françoise, que tinha tendência a diminuir ou a

exagerar as bondades alheias, conforme visassem a ela ou aos outros. Aliás, neste caso ela não precisava exagerar e nem sentia inveja, pois gostava sinceramente de Jupien.

- Ah, é um homem tão bom - o barão acrescentava -, tão distinto, tão devoto, tão correto! Se eu tivesse uma filha casadoura e pertencesse à sociedade rica, eu a daria ao barão de olhos fechados.

- Mas, Françoise - dizia docemente minha mãe -, essa sua filha teria muitos maridos. Lembre-se de que já a prometeu a Jupien.

- Ora essa! - respondia Françoise. - Esse é outro que faria bem feliz a uma mulher. Não importa que haja ricos e pobres, isto não quer dizer nada para a natureza. O barão e Jupien são exatamente o mesmo tipo de pessoas.

Além do mais, eu então exagerava muito, diante daquela primeira revelação, o caráter eletivo de uma conjunção tão selecionada. Decerto, cada uma das pessoas idênticas ao Sr. de Charlus é uma criatura extraordinária, visto que, se não faz concessões às possibilidades da vida, procura essencialmente o amor de um homem da outra raça, ou seja, de um homem que ama as mulheres (e que, conseqüentemente, não poderá amá-lo); contrariamente ao que eu achava no pátio, onde acabava de ver Jupien girar em torno do Sr. de Charlus como a orquídea a fazer avanços ao besouro, essas criaturas de exceção, que lastimamos, formam uma multidão, como o veremos no decorrer desta obra, por um motivo que só deverá ser revelado no fim, e eles próprios se lamentam antes por serem excessivamente numerosos do que escassos. Pois os dois anjos que foram colocados às portas de Sodoma para saber se os habitantes, segundo diz o Gênesis, haviam feito inteiramente todas aquelas coisas cujo clamor subira até o Eterno tinham sido, e só podemos nos alegrar por isso, muito mal escolhidos pelo Senhor, o qual só deveria ter confiado a tarefa a um sodomita. Àquele, as desculpas:

"Pai de seis filhos, tenho duas amantes, etc." não o teria feito abaixar benevolamente a espada flamejante e suavizar as sanções. Teria respondido: "Sim, e tua mulher sofre as torturas do ciúme. Mas, ainda que essas mulheres não tenham sido escolhidas por ti em Gomorra, tu passas as noites com um tropeiro do Hebron."

E imediatamente o teria feito caminhar até a cidade que ia ser destruída pela chuva de fogo e de água. Ao contrário, deixaram fugir todos os sodomitas envergonhados, mesmo ao verem um rapaz, eles virassem a cabeça como a mulher de Loth, serem, por isso, transformados como ela em estátuas de sal. De modo que tiveram uma descendência numerosa, na qual o gesto se fez costume semelhante ao das mulheres debochadas que, dando a impressão de uma prateleira de calçados por detrás de uma vitrine, desviam a cabeça um estudante. Esses descendentes dos sodomitas, tão numerosos que se pode aplicar outro versículo do Gênesis: "se alguém puder contar a poeira da terra, poderá igualmente contar essa posteridade", fixaram-se em toda a terra, têm tido acesso a todas as profissões e entram com tanta facilidade nos clubes mais fechados que, quando um sodomita neles admitido, as bolas pretas ali são na maioria de sodomitas, mas que têm cuidado de incriminar a sodomia, como se tivessem herdado a mentira; permitiu a seus ancestrais abandonarem a cidade maldita. É

possível regressem a ela um dia. Com certeza formam, em todos os países; colônia oriental, cultivada, musical, maledicente, que possui qualidades encantadoras e defeitos insuportáveis. Vê-lo-emos de modo mais aprofundado ao correr das páginas seguintes; mas quisemos prevenir o erro fato que consistiria, tal como se encorajou um movimento sionista, em criar um movimento sodomita e reconstruir Sodoma. Ora, tão logo chegassem os sodomitas abandonariam a cidade para não parecer pertencerem à ela tomariam a esposa, sustentariam amantes em outras cidades, onde, aliás encontrariam todas as distrações convenientes. Só iriam a Sodoma nos dias de extrema necessidade, quando a cidade estivesse vazia, nesses tempos em que a fome faz o lobo deixar a selva, ou seja, tudo se passaria como em Londres, em Berlim, em Roma, em Petrogrado ou em Paris.

Em todo caso, naquele dia, antes de minha visita à duquesa, eu não ia tão longe em meus pensamentos, e estava desolado por ter perdido a vez, ao prestar atenção na conjunção Jupien-Charlus, a chance de ver a fecundação da flor pelo besouro.

Segunda Parte

Capítulo Primeiro

O Sr. de Charlus em sociedade. - Um médico. - Face característica da Sra. de Vaugoubert. - A Sra. d'Arpajon, o repuxo de Hubert Robert e a alegria do grão-duque Wladimir. - A Sra. d Amoncourt, a Sra. de Citri, a Sra. de Saint-Euverte, etc. - Curiosa palestra entre Swann e o príncipe de Guermantes. - Albertine ao telefone. - Visitas enquanto espero minha segunda e última viagem a Balbec. - Chegada a Balbec. - Ciúme em relação a Albertine.

Como não tinha pressa em chegar àquele sarau dos Guermantes a que não estava certo de que fora convidado, fiquei à toa na rua; porém, o dia de verão não parecia ter mais pressa do que eu em se mover. Embora já fossem mais de nove horas, era ainda esse dia que, sobre a Praça da Concórdia, dava ao obelisco de Luxor um aspecto de *nougat* cor-de-rosa. Depois, modificou-lhe o matiz e mudou-o em matéria metálica, de modo que o obelisco tornou-se não só mais precioso, mas também pareceu adelgaçado e quase flexível. Imaginava-se que poderiam torcê-lo, que talvez já houvessem falseado ligeiramente aquela jóia. A lua estava agora no céu como um quarto de laranja delicadamente descascada, conquanto meio amassada. Porém, mais tarde devia ser feita do ouro mais resistente. Encolhida sozinha atrás dela, uma pobre estrelinha ia servir de companhia única à lua solitária, ao passo que esta, sempre a proteger a sua amiga, porém mais ousada e indo na dianteira, brandiria como uma arma irresistível, como um símbolo oriental, o seu amplo e maravilhoso crescente de ouro.

Diante do palácio da princesa de Guermantes, encontrei o duque de Châtellerault; já não me lembrava que meia hora antes ainda me perseguia o receio que em breve iria dominar-me de novo de comparecer sem ter sido convidado. Inquietamo-nos, e é por vezes muito depois da hora do perigo esquecida graças à distração, que nos lembramos de nosso desassossego. Cumprimentei o jovem duque e entrei no palácio. Mas aqui, faz-se antes necessário que eu aponte uma circunstância mínima, que permitirá se compreenda um fato que se seguirá em breve. Existia alguém que, nesta noite como nas noites precedentes, pensava muito no duque de Châtellerault, aliás sem suspeitar de quem se tratava: era o porteiro da Sra. de Guermantes, a quem por esse tempo chamava-se "o

ladrador". O Sr. de Châtellerault, bem longe de ser um dos íntimos da princesa visto ser um de seus primos-, era recebido em seu salão pela primeira vez. Seus pais, brigados com ela por dez anos, tinham-se se reconciliado há duas semanas e, forçados a se ausentarem de Paris, haviam encarregado o filho de representá-los. Ora, alguns dias antes, o porteiro da princesa encontrara nos Champs-Élysées um jovem a quem achara encantador, mas que não lhe fora possível identificar. Não que o jovem não se mostrasse tão amável como generoso. Todos os favores que o porteiro imaginara ter de ceder a um senhor tão moço, ele, ao contrário, os havia recebido. Mas o Sr. de Châtellerault era tão medroso quanto imprudente; e tanto mais decidido estava a guardar o incógnito por ignorar de quem se tratava; teria medo bem maior, embora sem fundamento, se o tivesse conhecido. Limitara-se a se fazer passar por um inglês, e a todas as perguntas apaixonadas do porteiro, desejoso de reencontrar uma pessoa a quem tanto devia em prazer e liberalidades, o duque se restringira a responder, ao longo da avenida Gabriel: "*I do not speak french*."

Se bem que, apesar de tudo devido à origem materna de seu primo-, o duque de Guermantes afetasse achar um nadinha de CourvoisicK no salão da princesa de Guermantes-Baviera, em geral julgava-se o espírito de iniciativa e a superioridade intelectual dessa dama conforme uma inovação que não se encontrava em nenhuma outra parte naquele meio. Após o jantar, e qualquer que fosse a importância da reunião que deveria seguir-se os assentos, na casa da princesa de Guermantes, achavam-se dispostos de tal maneira a formar pequenos grupos que, se necessário, davam-se as costas. A princesa então evidenciava o seu sentido social indo sentar-se como por preferência sua, em um deles. De resto, ela não temia eleger atrair um membro de outro grupo. Se, por exemplo, ela fizera notar ao Sr. Detaille, que naturalmente concordara, como a Sra. de Villemur, cuja posição em outro grupo a fazia ser vista de costas, possuía uma bela nuca, a princesa não hesitava em erguer a voz:

- Sra. de Villemur, o Sr. Detaille, como grande pintor que é, está admirando o seu pescoço. A Sra. de Villemur sentia naquilo um convite direto à conversação; com a destreza que dá o hábito da equitação, fazia sua cadeira girar lentamente num arco de três quartos de círculo e, sem incomodar em nada os vizinhos, ficava quase de frente para a princesa.

- Não conhece o Sr. Detaille? - perguntava a dona da casa, a quem não bastava a hábil e recatada conversão de sua conviva.

- Não o conheço, mas conheço as suas obras. - respondia a Sra. de Villemur com o ar de respeito, insinuante e oportuno, que muitos lhe invejavam, enquanto dirigia ao famoso pintor, que a interpelação não lhe bastara para apresentá-lo de maneira formal, um cumprimento imperceptível.

- Venha, Sr. Detaille - dizia a princesa; vou apresentá-lo à Sra. de Villemur. -

Esta, então, empregava tanto engenho para abrir espaço ao autor do *Sonho* como há pouco em se virar para ele. E a princesa avançou uma cadeira para si própria; de fato, só interpelara a Sra. de Villemur para ter um pretexto de largar o primeiro grupo, onde passara os dez minutos regulamentares, e conceder ao segundo igual duração de presença. Em três quartos de hora, todos os grupos tinham recebido a sua visita, que parecia ter sido guiada, de cada vez, somente pelo imprevisto e pelas predileções, mas tivera por objetivo sobretudo pôr em relevo com que naturalidade "uma grande dama sabia receber". Mas agora os convidados do sarau começavam a chegar, e a dona da casa se havia sentado não longe da porta altiva e empertigada, em sua majestade quase régia, os olhos flamejantes de incandescência própria entre duas Altezas sem beleza e a embaixatriz da Espanha.

Eu era o último da fila, atrás de uns convidados que tinham chegado um pouco antes de mim. À minha frente estava a princesa, cuja formosura, entre tantas outras, não é só o que me faz recordar essa festa. Mas o rosto da dona da casa era tão perfeito, cinzelado como uma tão linda medalha, que conservou para mim uma virtude comemorativa. A princesa tinha o hábito de dizer aos convidados, ao encontra-los alguns dias antes de seus saraus:

- O senhor virá, não é mesmo? - como se estivesse grandemente desejosa de conversar com eles. Mas como, pelo contrário, não tinha nada para lhes falar quando chegavam junto dela, contentava-se, sem se erguer, em interromper por um instante a sua vã conversação com as duas Altezas e a embaixatriz e agradecer, dizendo:

- Foi gentil em ter vindo -, não que achasse que o convidado dera provas de gentileza ao comparecer, mas para aumentar ainda a sua; e logo, devolvendo-o à correnteza, acrescentava: - Encontrará o Sr. de Guermantes à entrada dos jardins de modo que o convidado saía e a deixava tranqüila. Para alguns até, ela nem dizia nada, contentando-se em lhes mostrar seus admiráveis olhos de ônix, como se tivessem vindo exclusivamente para uma exposição de pedras preciosas.

A primeira pessoa a passar antes de mim era o duque de Châtellerault. Tendo de corresponder a todos os sorrisos, a todos os apertos de mão que lhe vinham do salão, ele não reparara no porteiro. Mas, desde o primeiro instante, o porteiro o reconhecera. Aquela identidade que tanto desejara saber, num momento iria conhecê-la. Perguntando ao seu criado da antevéspera qual o nome que devia anunciar, o porteiro não estava; mas comovido, julgava-se indiscreto, indelicado. Parecia-lhe que ia revelar a todos (que no entanto não desconfiariam de coisa alguma) um segredo que era o culpado de surpreender daquele modo e expor em público: ouvir a resposta do convidado:

- O duque de Châtellerault -, sentiu perturbado por tamanho orgulho que emudeceu por um instante. O duque o encarou, reconheceu-o, viu-se perdido, ao passo que o criado, que se lembrara e conhecia perfeitamente o seu cerimonial para completar por si mesmo um apelativo tão modesto, gritou com a energia profissional que se aveludam com uma ternura íntima:

- Sua Alteza Monsenhor o duque de Châtellerault -

Mas agora era a minha vez de ser anunciado. Absorvido na contemplação da dona da casa que ainda não me vira, nem pensara nas funções terríveis para mim, conquanto de modo diverso do que para o Sr. Châtellerault desse porteiro vestido de preto como um carrasco, cercado de uma tropa de lacaios das mais ridentes librés, robustos latagões prontos para agarrarem um intruso e pô-lo porta afora. O porteiro perguntou meu nome; dei-lhe tão maquinalmente como o condenado à morte se deixa prender ao cepo. De imediato ele ergueu majestosamente a cabeça e, antes que eu tivesse podido implorar-lhe que me anunciasse a meia voz a fim de resguardar meu amor-próprio, caso não fosse convidado, e o da princesa de Guermantes, caso o fosse, berrou as sílabas inquietadoras com uma força capaz de abalar a abóbada do palácio.

O ilustre Huxley (aquele cujo sobrinho ocupa atualmente um cume preponderante no universo da literatura inglesa) conta que uma de suas doentes não mais tinha coragem de freqüentar a sociedade, pois muitas vezes, na própria poltrona que lhe indicavam com um gesto cortês, ela via sentado um velho senhor. Estava bem certa de que, ou o gesto convidativo ou a presença do velho senhor, seria uma alucinação, pois não lhe designariam daquele modo uma poltrona ocupada. E, quando Huxley, para curá-la, obrigou-a a voltar a uma festa, ela teve um momento de penosa hesitação perguntando-se se o gesto amável que lhe faziam era a coisa real, ou se para obedecer a uma visão inexistente, ela iria em público sentar-se nos joelhos de um senhor de carne e osso. Sua breve incerteza foi cruel. Mais talvez do que a minha. A partir do momento em que ouvira o ribombar de ouvir meu nome, como o rumor prévio de um possível cataclismo, fui obrigado para em todo caso defender minha boa-fé e como se não estivesse atormentado por nenhuma dúvida, avançar para a princesa com ar resoluto.

Ela me avistou quando eu estava a poucos passos de distância o que não me permitiu mais duvidar de que fora vítima de uma maquinação em vez de permanecer sentada como fazia quanto aos outros convidados, ergueu-se e veio ao meu encontro. Um segundo após, pude soltar o suspiro de alívio da doente de Huxley, quando, tendo resolvido sentar-se na poltrona, encontrou-a desocupada e compreendeu que o velho senhor é que era uma alucinação. A princesa acabava de me estender a mão, sorrindo. Ficou de pé durante alguns momentos, com o tipo de graça particular à estância de Malherbe que termina assim:

E os Anjos para honrá-los se levantam.

Ela se desculpou pelo fato de a duquesa ainda não ter chegado, como se eu devesse me aborrecer sem a presença dela. Para me fazer esse cumprimento, ela executou a meu redor, segurando-me a mão, um giro cheio de graça, em cujo turbilhão eu me sentia arrastado. Quase esperava que ela me entregasse então, como uma condutora de *cotillon* (dança), uma bengala de cabo de marfim ou um relógio-pulseira. Na verdade, não me deu nada disso e, como se em lugar de dançar o *bóston* tivesse antes ouvido um sacrossanto quarteto de Beethoven, cujos sublimes acentos temesse perturbar, parou nesse ponto a conversa, ou melhor, não a principiou e, ainda radiante de me ter visto entrar, limitou-se a indicar o local onde se encontrava o príncipe.

Afastei-me dela e não mais tive coragem de me aproximar, sentindo que ela não tinha absolutamente nada a me dizer e que, em sua imensa boa vontade, aquela mulher maravilhosamente alta e bela, nobre como o eram tantas grandes damas que subiram tão altivamente ao cadafalso, não poderia, sem ousar oferecer-me água de erva-cidreira, senão repetir-me o que já me havia dito duas vezes:

- O senhor encontrará o príncipe no jardim. -

Ora, ir ao encontro do príncipe seria sentir renascer minhas dúvidas sob forma diversa. Em todo caso, precisava encontrar alguém que me apresentasse. Ouvia-se, dominando todas as conversações, o inesgotável falatório do Sr. de Charlus, que estava conversando com Sua Excelência o duque de Sidonia, com quem acabava de travar conhecimento. De profissão para profissão, nós nos adivinhamos, e de vício para vício também. O Sr. de Charlus e o Sr. de Sidonia tinham de imediato farejado cada um o do outro, que, quanto a ambos, era, em sociedade, o de serem monologadores, a ponto de não poderem suportar nenhuma interrupção. Tendo logo percebido que o mal era sem remédio, como diz um célebre soneto, tomaram a resolução não de se calar, mas de falar cada qual sem cuidar do que o outro dizia, o que provocara aquele rumor confuso, produzido nas comédias de Moliere por vários personagens que falam ao mesmo tempo coisas diferentes. O barão, sua voz estrepitosa, estava certo, aliás, de que teria a vantagem, que cobria a voz fraca do Sr. de Sidonia, sem no entanto desencorajar a este, quando o Sr. de Charlus

retomava fôlego por um instante, o intervalo era preenchido pelo sussurro do nobre da Espanha, que continuara imperturbavelmente o seu discurso. Bem que eu podia pedir ao Sr. de Charlus que me apresentasse ao príncipe de Guermantes, mas receava (com sobra das razões) que ele se irritasse comigo. Eu agira com ele da maneira mais ingrata, desdenhando pela segunda vez os seus oferecimentos, nem lhe dando sinal de vida desde a noite em que me reconduzira tão afetuosamente à minha casa. E no entanto não dava de modo algum, como

desculpa prévia, a cena que acabara de ver, naquela mesma tarde, entre ele e Jupien. Não suspeitava nada de parecido. É verdade que pouco tempo antes, como meus pais me censurassem a preguiça e por ainda não ter escrito um bilhete ao Sr. de Chary eu os censurara violentamente por quererem que aceitasse propostas deste nestas. Mas somente a cólera e o desejo de achar a frase que lhes podia ser mais desagradável é que me haviam ditado aquela resposta mentirosa. Na realidade, eu nada imaginara de sensual, nem sequer de sentimental, sob as ofertas do barão. Dissera aquilo a meus pais como simples besteira. Mas às vezes o futuro nos habita sem que o saibamos, e nossas palavras que crêem mentir estão descrevendo uma realidade que se aproxima. O Sr. de Charlus decerto perdoaria minha ingratidão. Mas o que o deixaria furioso é que a minha presença esta noite na casa da princesa de Guermantes, como fazia algum tempo na casa da prima desta, parecia desprezar a solene declaração:

- Não se entra nesses salões senão por mera intermédio. -

Falta grave, crime por ventura irreparável, eu não seguira a ordem hierárquica. O Sr. de Charlus sabia muito bem que os raios que brandia contra aqueles que não se curvavam às suas ordens, ou a quem criara rancor, começavam a ser tidos, para muita gente, por mais ódio que ele lhes imprimisse, por raios de cartolina, e já não tinham forças de expulsar fosse quem fosse de lugar algum. Mas talvez julgasse que seu poder diminuído grande ainda, permanecia intacto aos olhos dos novatos como eu. Assim não julguei muito apropriado pedir-lhe um favor numa festa em que só a minha presença parecia um irônico desmentido a suas pretensões.

Naquele momento fui detido por um homem bastante vulgar, o professor E***. Ficara surpreso ao avistar-me na casa dos Guermantes. Eu não o estava menos por encontrá-lo, pois jamais tinham visto, e a seguir nunca mais viram, na casa da princesa, uma pessoa do seu tipo. Acabara de curar o príncipe, que já tomara a extrema-unção, de uma pneumonia infecciosa; e o reconhecimento especial que tivera por ele a Sra. de Guermantes era motivo para que rompessem com os costumes e o convidassem. Como não conhecia absolutamente ninguém naqueles salões e não podia perambular a sós por ali indefinidamente, como um ministro da morte, sentiu, ao me reconhecer, pela primeira vez na vida, uma infinidade de coisas para me dizer, assumir uma atitude, e esta era uma das razões por que se dirigira a mim. Havia uma outra. Dava muita importância ao fato de jamais errar um diagnóstico. Ora, a sua clientela era tão numerosa que ele nem sempre se recordava muito bem, quando só vira uma vez o enfermo, se a doença seguira exatamente o curso que ele havia previsto. Talvez não se tenha esquecido de que, no momento do ataque da minha avó, eu a levara a sua casa, naquele entardecer em que ele se cobria de tantas condecorações. Depois de tanto tempo, já não se lembrava da participação que lhe haviam mandado à época.

- A senhora sua avó já está morta, não? - perguntou-me num tom de voz em que uma quase certeza acalmava uma ligeira apreensão. - Ah, com efeito! Aliás, desde o primeiro minuto em que a vi, meu prognóstico fora totalmente sombrio, lembro-me bem.

Foi assim que o professor E*** soube, ou tornou a saber, da morte da minha avó, e isso, devo dizê-lo em seu louvor, que é extensivo a todo o corpo médico, sem manifestar, sem talvez mesmo sentir, nenhuma satisfação. Os erros dos médicos são inumeráveis. Habitualmente, eles pecam por otimismo quanto ao regime, por pessimismo quanto ao desfecho.

- Vinho? Em quantidade moderada não poderá lhe fazer mal; em suma, é um tônico... O prazer físico? Afinal é uma função. Permito-lhe sem abuso, o senhor compreende. O excesso é um defeito em tudo. -

De súbito, que tentação para o doente o renunciar a essas duas fontes de ressurreição, a água e a castidade! Em compensação, se se tem algo no coração, se se tem albumina, etc., não se tem por muito tempo. De bom grado, perturbações graves, mas funcionais, são atribuídas a um câncer imaginário.

Inútil continuar visitas que não saberiam refrear um mal inelutável. Que o enfermo, entregue a si mesmo, se imponha então um regime implacável e a seguir se cure, ou pelo menos sobreviva; o médico, saudado na avenida da ópera, quando o acreditava há muito no cemitério do Pere Lachaise, verá nesse cumprimento um gesto de maliciosa insolência. Um inocente passeio realizado diante de seu nariz e de suas barbas não provocaria mais cólera ao juiz que, dois anos antes, havia pronunciado uma sentença de morte contra o malandro, que parece não ter medo nenhum. Os médicos (não se trata de todos, é claro, e nós não omitimos, mentalmente, admiráveis exceções) em geral ficam mais descontentes, mais irritados, com a invalidação de seu diagnóstico do que satisfeitos com a sua execução. É o que, sem dúvida, explica que o professor E***, por mais que sentisse uma certa satisfação intelectual ao ver que não se enganara, só tenha me falado com tristeza da desgraça que atingira. Não lhe interessava abreviar a conversa, que o deixava desembaraçado, dando-lhe um motivo para ficar. Falou-me do calor excessivo que fazia, mas, embora fosse letrado e pudesse expressar-se em bom francês disse:

- Não sofre com esta hipertermia? -

É que a medicina fez ali, progressos em seus conhecimentos desde Moliere, porém nenhum em no vocabulário. Meu interlocutor acrescentou:

- O que é preciso fazer são as sudações que causa esse tempo, sobretudo nos salões superaquecidos. O senhor poderá remediá-lo com o calor, quando voltar para casa e tiver vontade de beber (o que, evidentemente, significa bebidas quentes). -

Devido à maneira como a minha avó tinha morrido, o assunto; interessava-me e eu lera recentemente no livro de um grande sábio que a transpiração era nociva aos rins, ao fazer passar pela pele, aquilo cuja saída está em outra parte. Deplorava eu aqueles dias de canícula em que minha avó morrera e não estava longe de incriminá-los. Não falei disso ao doutor E***, mas por si mesmo ele me disse:

- A vantagem de um tempo excessivamente quente, em que a transpiração é muito abundante, é que os rins ficam tanto mais aliviados. - A medicina não é uma ciência exata - Agarrado a mim, o professor E*** só desejava não me deixar a quem eu acabara de avistar, fazendo grandes reverências à princesa de Guermantes para a esquerda e a direita, depois de ter recuado um passo, o marquês de Vaugoubert. Recentemente o Sr. de Norpois nos apresentara, e eu esperava encontrar nele alguém que fosse capaz de me apresentar ao dono da festa. As proporções desta obra não me permitem explicar aqui por causa de quais incidentes da juventude o Sr. de Vaugoubert era um dos únicos homens do mundo (talvez o único) que estava, como se diz em Sodoma, "em confidências" com o Sr. de Charlus. Mas, se o nosso ministro junto ao rei Teodósio - possuía alguns dos defeitos do barão, era apenas como bem pálido reflexo. Era apenas sob uma forma infinitamente esmaecida, sentimental e simpática que ele apresentava essas alternâncias de simpatia e ódio pelas quais o desejo de seduzir e logo depois o receio igualmente imaginário de ser, senão desprezado, ao menos descoberto, faziam passar o barão. No entanto, o Sr. de Vaugoubert apresentava essas alternâncias, tornadas ridículas por uma castidade, um "platonismo" (aos quais, como grande ambicioso que era, sacrificara desde a época do concurso todo e qualquer prazer), sobretudo por sua nulidade intelectual. Mas, ao passo que no Sr. de Charlus os elogios imoderados eram clamados num verdadeiro assombro de conseqüência e temperados com as zombarias mais finas e mordazes, e que marcam um homem para sempre, no Sr. de Vaugoubert, pelo contrário, a simpatia era expressa com a banalidade de um homem de ínfima categoria, de um homem da alta sociedade e de um funcionário, os agravos (em geral inteiramente forjados, como no caso do barão) se exprimiam com uma malevolência sem tréguas, mas sem espírito, e que tanto mais chocava por estar habitualmente em contradição com o que o ministro dissera seis meses antes e talvez dissesse de novo tempos depois: regularidade na mudança que conferia uma poesia quase astronômica às diversas fases da vida do Sr. de Vaugoubert, embora, a não ser isso, ninguém menos que ele faria pensar num astro.

O cumprimento que me fez não tinha nada do que o teria feito o Sr. de Charlus. A esse cumprimento o Sr. de Vaugoubert, além das mil maneiras que julgava serem as da sociedade e da diplomacia, dava um ar cavalheiresco, elegante, risonho, a fim de parecer, de um lado, encantado com a existência enquanto

interiormente remoía os dissabores de uma carreira sem progressos e ameaçada por uma aposentadoria e, de outro lado, jovem, viril e atraente, enquanto via e nem mais ousava encarar no espelho as rugas a se fixarem nos contornos de um rosto que desejaria conservar cheio de seduções. Não é que desejasse conquistas efetivas, cuja simples idéia lhe dava medo devido ao que diriam, aos escândalos, às chantagens. Tendo passado de uma devassidão quase infantil à mais absoluta continência, que datava do dia em que pensara no Quai d'Orsay e quisera fazer uma grande carreira, tinha ele o aspecto de um animal enjaulado, lançando para todas as partes olhares que exprimiam medo, cobiça e estupidez. A sua era tamanha que ele não refletia que os malandros de sua adolescência já não eram garotos e que, quando um jornaleiro lhe gritava bem no seu nariz:

- La Presse! mais ainda que de desejo, ele estremecia de pavor, julgando-se reconhecido e desmascarado.

Mas, na falta dos prazeres sacrificados à ingratidão do Quai d'Orsay, o Sr. de Vaugoubert e por isso é que desejava agradar ainda tinha súbitos impulsos do coração. Deus sabe com quantas cartas ele aborrecia o ministério, de que artimanhas pessoais lançava mão, quantos adiantamentos operava sobre o crédito da Sra. de Vaugoubert (que, devido à sua corpulência, ao berço nobre e a seu ar masculino, e sobretudo por causa da mediocridade do marido, julgavam dotada de capacidades eminentes, preenchendo as verdadeiras funções de ministro), para fazer entrar para o pessoal da legação, sem qualquer motivo legítimo, um jovem destituído de todo mérito. É verdade que alguns meses, alguns anos mais tarde, de medo que o adido insignificante parecesse, sem sombra de má intenção, ter dado mostras de frieza para com seu chefe, este, achando-se desprezado ou traído, empregava o mesmo ardor histérico em puni-lo como outrora em favorecê-lo. Removia céus e terras para ser lembrado, e o diretor dos assuntos políticos recebia diariamente uma carta:

"Que espera para desembaraçar desse atrevido? Faça-o trabalhar um pouco, no seu interesse que ele precisa é comer o pão que o diabo amassou."

Por esse mal posto de adido junto ao rei Teodósio era pouco agradável. Mas, quanto ao resto, graças a seu perfeito bom-senso de homem de sociedade, o Vaugoubert era um dos melhores agentes do governo francês. Quando um homem pretensamente superior, Jacobino, que era sábio todas as coisas, o substituiu mais tarde, não tardou a estourar a guerra da França e o país no qual reinava o rei.

Como o Sr. de Charlus, o Sr. de Vaugoubert não gostava de cumprimentar primeiro. Um e outro preferiam "responder", sempre receando falatório que aquele a que, não fosse isso, teriam estendido a mão pudesse ter ouvido a seu respeito desde que haviam se encontrado pela última vez. Quanto a mim, o Sr. de

Vaugoubert não teve de formular semelhante questão, pois eu de fato tinha ido cumprimentá-lo primeiro, nem que fosse apenas pela diferença de idade. Respondeu-me com ar maravilhado e encantado, e seus olhos continuaram a se agitar como se de cada lado houvesse alfafa proibida de pastar. Pensei que fosse conveniente solicitar-lhe minha apresentação à Sra. de Vaugoubert, antes da apresentação ao príncipe de que só depois contava lhe falar. A idéia de me colocar em relações à esposa pareceu enchê-lo de alegria, tanto por si como por ela, e conduziu-me com passo deliberado em direção à marquesa. Chegando diante dela e designando-me com a mão e os olhos, com todos os sinais possíveis de consideração, permaneceu todavia mudo e se retirou, passados alguns segundos, com um ar buliçoso, para deixar-me a sós com sua mulher. Esta logo me estendera a mão, mas sem saber a quem se dirigia aqui gesto de amabilidade, e então compreendi que o Sr. de Vaugoubert se esquecera de dizer meu nome, talvez nem sequer me houvesse reconhecido, e sem querer, por polidez, confessá-lo, fizera a apresentação reduzir-se a uma espécie de pantomima. Assim eu não me achava mais avançado; como me falhei apresentar ao dono da casa por uma mulher que não sabia o meu nome. Ademais, via-me forçado a conversar por alguns instantes com a Sra. de Vaugoubert. E isto me aborrecia sob dois aspectos. Não pretendia eternizar-me naquela festa, pois combinara com Albertine (dera-lhe um camarote para a Fedra) que ela viria visitar-me um pouco antes da meia-noite. Claro que de modo nenhum estava enamorado dela; fazendo-a vir naquela noite, eu obedecia a um desejo sensual apenas, embora estivéssemos, naquela época tórrida do ano em que a sensualidade liberada visita mais bom grado os órgãos do gosto, procura principalmente o frescor. Mais do beijo de uma moça, a sensualidade precisa de uma laranjada, de um banho, e até mesmo de contemplar aquela lua descascada e suculenta que saciava a sede do céu.

Entretanto, contava desembaraçar-me, ao lado de Albertine que aliás me lembrava a frescura das ondas; das mágoas que não deixariam de me ocasionar muitos daqueles rostos encantadores (pois a festa que a princesa dava era tanto de moças como de senhoras). Por outro lado, o rosto da imponente Sra. de Vaugoubert, bourboniano e inexpressivo, nada tinha que atraísse.

Dizia-se no Ministério, sem qualquer sombra de malícia, que em casa era o marido que vestia saias e a mulher que usava calças. Ora, havia mais verdade nisso do que se imaginava. A Sra. de Vaugoubert era um homem. Se fora sempre assim, ou se se tornara tal como a via, pouco importa; pois, num caso ou noutro, estamos diante de um dos mais emocionantes milagres da natureza, e que, principalmente o segundo, fazem o reino humano assemelhar-se ao reino das flores. Na primeira hipótese se a futura Sra. de Vaugoubert sempre fora tão pesadamente macha; a natureza, com um ardil benfazejo e diabólico, dá à moça

o aspecto enganador de um homem. E o adolescente, que não gosta de mulheres e quer curar-se, acha com alegria este subterfúgio de descobrir uma noiva que lhe representa um estivador. No caso contrário, se a mulher não possuía antes as características masculinas, ela as adquire pouco a pouco para agradar ao marido, até inconscientemente, por esse gênero de mimetismo que faz com que certas flores adquiram a aparência dos insetos que desejam atrair. A mágoa de não ser amada, de não ser um homem, acaba fazendo-a viril. Mesmo fora do caso que nos ocupa, quem não notou de que modo os casais mais dentro da normalidade acabam por se parecer, e às vezes até a intercambiar as suas qualidades? Um antigo chanceler alemão, o príncipe de Bülow, casara-se com uma italiana. Com o tempo, no Pincio, notou-se o quanto o marido germânico adquirira a *finesse* italiana, e a princesa italiana a rudeza germânica. Para sair até um ponto excêntrico das leis que traçamos, todos conhecem um eminente diplomata francês, cuja origem só era lembrada por seu nome, um dos mais ilustres do Oriente. Ao amadurecer, ao envelhecer, revelou-se nele o oriental de que jamais haviam suspeitado, e, vendo-o, lamenta-se a ausência do que o fez que o completaria. Para voltar aos costumes bastante ignorados do embaixador, cuja silhueta ancestralmente expressa da qual acabamos de evocar, a Sra. de Vaugoubert realizava o tipo adquirido ou predestinado cuja imagem imortal é a princesa palatina, sempre em roupa de montar, e que, tendo tomado ao marido mais que a virilidade, esposando os defeitos dos homens que não gostam de mulheres, denuncia em suas cartas de comadre as relações que tiveram entre si todos os grão-senhores da corte de Luís XIV. Uma dessas que se acrescentam ainda ao ar masculino de mulheres como a de Vaugoubert é que o abandono em que são deixadas por seus maridos a vergonha que sentem por isso fazem murchar pouco a pouco tudo que nelas é próprio da mulher. Acabam por adquirir as qualidades e os defeitos que o marido não possui. À medida que eles são mais frívolos, mais efeminados, mais indiscretos, elas se tornam como que a efígie sem as virtudes que o esposo deveria possuir. Traços de opróbrio, de aborrecimento, de indignação obscuros no rosto da Sra. de Vaugoubert. Infelizmente eu sentia que ela me observava com interesse e curiosidade como um desses rapazes que agradavam de Vaugoubert e que ela tanto desejaria ser, agora que seu marido envelhecendo, preferia a juventude. Olhava-me com a atenção dessas provincianas que, num catálogo de loja de novidades, copiam o *taillear*, adequado à linda criatura desenhada (na realidade, a mesma em todas páginas, mas ilusoriamente multiplicada em criaturas diferentes, pelo grau diversidade de poses e à variedade dos vestidos). A atração vegetal que impelia para mim a Sra. de Vaugoubert era tão forte que chegou ao ponto de segurar-me pelo braço para que a levasse beber um copo de laranjada. Desvencilhei-me, porém, alegando que, visto que precisava sair e ainda não fora apresentado ao dono da casa. A distância que me separava da entrada dos jardins, onde

conversava com algumas pessoas, não era muito grande, porém mais medo do que para transpô-la, me fosse necessário expor-me à fogo contínuo.

Muitas mulheres, por meio de quem me parecia possível obter apresentação, estavam no jardim, onde, fingindo uma admiração exaltada não sabiam bem o que fazer. As festas desse tipo são em geral atentas; só têm realidade no dia seguinte, quando ocupam a atenção das pessoas que não foram convidadas. Se um verdadeiro escritor, destituído de amor-próprio de tantos literatos, ao ler o artigo de um crítico que se lhe testemunhou a maior admiração, vê citados os nomes de autores medíocres, mas não o seu, não tem tempo de se deter no que poderia ser ele um motivo de espanto: seus livros o reclamam. Mas uma mulher da sociedade não tem o que fazer e, vendo no *figaro*:

"Ontem o príncipe e a princesa de Guermantes deram uma grande reunião noturna, etc.", exclama: Como! Há três dias conversei durante uma hora com Marie-Gilbert sem que ela me dissesse nada! E quebra a cabeça para adivinhar o que pode ter feito contra os Guermantes. É preciso esclarecer que, no que dizia respeito às festas da princesa, o espanto era às vezes tão grande entre os convidados como entre os que não tinham estado presentes. Pois os convites explodiam no momento em que menos os esperavam, e apelavam para pessoas que a Sra. De Guermantes havia esquecido durante anos. E quase todas as pessoas da alta sociedade são tão insignificantes que cada um de seus pares não toma, para avaliá-las, senão a medida de sua amabilidade: convidado, estima-as; excluído, detesta-as. Quanto a estes últimos, se, de fato, a princesa, mesmo se fossem seus amigos, não os convidava, devia-se isto muitas vezes ao temor de descontentar "Palamede", que os havia excomungado. Assim, eu podia ter certeza de que ela não falara de mim ao Sr. de Charlus, sem o que não me encontraria ali. Ele estava agora diante do jardim, ao lado do embaixador da Alemanha, reclinado na rampa da grande escadaria que levava ao palácio, de forma que os convidados, apesar das três ou quatro admiradoras que tinham se agrupado em torno do barão e quase o ocultavam, eram obrigados a vir cumprimentá-lo. Ele retribuía declinando o nome das pessoas. E sucessivamente ouvia-se:

- Boa-noite, Sr. du Hazay; boa-noite, Sra. da La Tour du Pin-Verclause; boa-noite, Sra. de La Tour du Pin-Gouvernet; boa-noite, Philibert; boa-noite, minha cara embaixatriz, etc. -

Isto formava um cacarejo contínuo, interrompido por recomendações benévolas ou perguntas (cujas respostas não ouvia), que o Sr. de Charlus fazia num tom adocicado, artificial, a fim de testemunhar a indiferença, e benigno:

- Tomem cuidado para que a menina não sinta frio, os jardins são sempre um tanto úmidos. Boa-noite, Sra. de Brantes. Boa-noite, Sra. de Mecklembourg. E a

menina veio? Com aquele encantador vestido cor-de-rosa? Boa-noite, Saint-Géran. -

Certamente ele sentia orgulho nessa atitude. O Sr. de Charlus sabia que era um Guermantes que ocupava um lugar proeminente naquela festa. Mas não havia só orgulho, e essa mesma palavra festa evocava, para o homem de dotes estéticos, o sentido luxuoso, curioso, que essa reunião pode ter se é dada não na casa de pessoas da alta sociedade, mas num quadro de Carpaccio ou de Veronese. É mesmo mais provável que o príncipe alemão, que o Sr. de Charlus era, devesse antes imaginar a festa que se desenrola em Tannhâuser, e a si mesmo como o Margrave, tendo, à entrada da Warburg, uma boa palavra de condescendência para cada convidado, enquanto a sua passagem pelo castelo ou pelo parque é saudada pela longa frase, cem vezes repetida, da famosa "Marcha". No entanto, precisava decidir-me. Percebia perfeitamente, sob as árvores, mulheres a quem estava mais ou menos ligado, mas elas pareciam transformadas, pois estavam na casa da princesa e não na de sua prima, e eu as via sentadas não diante de um prato de Saxe, mas sob os galhos de um castanheiro. A elegância do ambiente não contava para, mesmo que fosse infinitamente menor que na casa de "Oriane", eu, sentido perturbação igual. Desde que a eletricidade se extinga em salão e devamos substituí-la por lampiões a óleo, tudo nos parece maior. Arrancou-me da minha incerteza a Sra. de Souvré:

- Boa-noite - disse vindo ao meu encontro. - Faz muito tempo que não vê a duquesa de Guermantes? - Ela primava em dar a esse tipo de frase uma entonação provava que não as dizia por simples tolice, como as pessoas que, não sabendo de que falar, abordam-nos mil vezes citando uma relação freqüentemente muito vaga. Ao contrário, teve ela um sutil fio condutor de olhar, que significava:

"Não creia que o não reconheci. O senhor é o rapaz que vi na casa da duquesa de Guermantes. Lembro-me muito bem. Infelizmente, a proteção que estendia sobre mim aquela frase de aparência estúpida e de intenção delicada era extremamente frágil e desvaneceu logo que pretendi usá-la. A Sra. de Souvré possuía a arte, caso se tratasse de apoiar uma solicitação junto a alguém importante, de parecer ao mesmo tempo, aos olhos do solicitante, que o estava recomendando e, aos olhos da alta personagem, que não o estava recomendando, de modo que os gesto de duplo sentido lhe abria um crédito de reconhecimento quanto a este último, sem lhe criar nenhum débito em relação ao outro. Animada, pelas boas graças desta senhora a lhe pedir que me apresentasse ao Sr. De Guermantes, ela aproveitou um instante em que os olhos do dono da casa não estavam voltados para nós, tomou-me maternalmente pelos ombros e sorrindo à figura virada do príncipe que não podia vê-la, impeliu-me com um movimento pretensamente protetor e voluntariamente ineficaz, que me deixou imóvel quase

no meu ponto de partida. Tal é a covardia das pessoas da sociedade. Maior ainda foi a de uma dama que veio me cumprimentar, chamando-me pelo meu nome. Eu procurava achar o seu enquanto lhe falava; lembrava-me muito bem de haver jantado com ela, lembrava-me das palavras que ela dissera. Porém, minha atenção, voltada para a região interior onde existiam essas lembranças dela, não podia descobrir-lhe o nome. Entretanto ele se achava ali. Meu pensamento se empenhara numa espécie de jogo com ele para captar-lhe os contornos, a letra pela qual se principiava, e, por fim, iluminá-lo por completo. Era trabalho perdido. Ela, sentia mais ou menos a sua massa, o seu peso, mas, quanto às suas formas, confrontando-as com o tenebroso cativo agachado na noite interna dizia eu comigo: "Não é isto." Decerto o meu espírito teria podido criar mais difíceis apelativos. Por desgraça, não era caso de criar e sim de produzir. Toda ação do espírito é facilitada se não está submetida ao esquecimento. Ali eu era forçado a me submeter. Por fim, de um golpe, o nome surgiu inteiro:

"Senhora d'Arpajon".

Estou errado em dizer que ele veio, pois julgo não me surgiu numa propulsão de si mesmo. Tampouco penso que as ligeiras e numerosas lembranças que se relacionavam com essa dama, e às quais eu não cessava de pedir que me ajudassem (por exortações do tipo desta: "Vamos, esta dama é que é amiga da Sra. de Souvré, que experimenta em relação a Victor Hugo uma admiração tão ingênua, mesclada de tanto pasmo e horror"), não creio que todas essas lembranças, revoando entre mim e seu nome, tenham servido no que quer que fosse para fazê-lo flutuar. Nesse grande "esconde-esconde" que se brinca na memória, quando se deseja encontrar um nome, não existe uma série de aproximações graduadas. Não se vê coisa alguma, e depois, de súbito, aparece o nome exato e bem diferente daquilo que julgávamos adivinhar. Não foi ele que veio até nós. Não, creio antes que, à medida que vivemos, passamos o nosso tempo a nos afastar da zona em que um nome é nítido, e era por um exercício da minha vontade e de minha atenção, que aumentava a acuidade de meu olhar interior, que de chofre eu havia perfurado a semi-obscuridade e visto com clareza. Em todo caso, se há transições entre o esquecimento e a lembrança, então essas transições são inconscientes. Pois os nomes de etapas por que passamos, antes de achar o nome verdadeiro, são falsos e em nada nos aproximam dele. Nem chegam a ser propriamente nomes, mas, muitas vezes, simples consoantes, e que não se achariam no nome reencontrado. Aliás, esse trabalho do espírito, passando do nada à realidade, é tão misterioso que é possível que, afinal, essas consoantes falsas sejam degraus prévios, desajeitadamente colocados para ajudar-nos a alcançar o nome correto. "Tudo isto, dirá o leitor, nada me informa acerca da falta de complacência dessa dama; mas, já que vos

demorastes tanto tempo, deixai-me, senhor autor, fazer-vos perder mais um minuto para dizer que é lastimável que, jovem como éreis (ou como era o vosso herói caso não seja vós), já tivésseis tão pouca memória a ponto de não poder lembrar-vos do nome de uma dama que conhecíeis tão bem." De fato, é lastimável, senhor leitor. E mais triste do que pensais, quando se sente aí o anúncio da época em que os nomes e as palavras desaparecerão da zona clara do pensamento, e onde será preciso renunciar para sempre a dizer para nós mesmos os nomes daqueles a quem melhor conhecemos. É lastimável, com efeito, que desde a juventude se necessite desse trabalho para reencontrar nomes que se conhecem bem. Mas, se essa deficiência só ocorresse quanto aos nomes mal conhecidos, muito naturalmente olvidados, e de que ninguém se dá ao trabalho de tentar recordar, tal deficiência não deixaria de ter suas vantagens. "E quais são, se me fazeis o favor?" Bem, meu senhor, é que só o mal faz a gente reparar e aprender, permitindo decompor os mecanismos sem isso, não conheceríamos. Um homem que todas as noites tomba uma massa no seu leito e não vive mais até o momento de acordar se erguer, por acaso esse homem pensará alguma vez em fazer, se não descobertas, ao menos pequeninas observações sobre o sono? Mal ele se dorme. Um pouco de insônia não é inútil para dar valor ao projetar alguma luz sobre essa noite. Uma memória sem falhas não é excitante muito poderoso para estudar os fenômenos da memória. "E. a Sra. d'Arpajon vos apresentará ao príncipe?" Não, mas calai-vos e deixe-me retomar minha narrativa.

A Sra. d'Arpajon foi mais covarde ainda que a Sra. de Souvré, sua covardia tinha mais desculpas. Ela sabia que sempre tivera pouca poder na sociedade. Semelhante poder fora ainda mais debilitado pela ação que tivera com o duque de Guermantes; o abandono deste dera-lhe o golpe de misericórdia. O mau humor que lhe causou o meu pedido de apresentação ao príncipe fê-la manter um silêncio que teve a ingenuidade de acreditar ser um sinal de não ter ouvido o que eu dissera. Nem mesmo percebeu que a cólera a fazia franzir as sobrancelhas. Ou talvez, ao contrário, houvesse percebido e não se preocupasse com a contradição; servindo-se dela para a aula de discrição que podia me dar sem muita graça seria, quero dizer, uma aula muda e que nem por isso era menos elogiosa. Além do mais, a Sra. d'Arpajon estava muito contrariada; muitos olhares se haviam erguido para um balcão renascentista, em cujo ângulo em lugar de estátuas monumentais que se colocavam tanto por essa casa, debruçava-se, não menos escultural do que elas, a magnífica duquesa de Surgis-le-Duc, a que acabava de suceder à Sra. d'Arpajon no coração de Basin de Guermantes. Sob o leve tule branco que a abrigava do frescor da noite, via-se, flexível, o seu corpo sedutor de Vitória. Eu só podia recorrer ao Sr. de Charlus, que voltara para uma peça do andar térreo que dava para o jardim. Tive todo o tempo; já que ele fingia estar absorvido numa simulada de que lhe permitia dar a

impressão de não ver as pessoas para admirar a intencional e artística simplicidade de seu fraque; em uns detalhes que só um costureiro teria percebido, tinha o aspecto de uma "Harmonia" em preto e branco de Whistler; ou melhor, preto, branco e vermelho, pois o Sr. de Charlus trazia, suspensa por uma larga fita à camisa, a cruz em esmalte branco, preto e vermelho de cavaleiro da ordem religiosa de Malta. Nesse momento, a partida do barão foi interrompida Sra. de Gallardon, conduzindo seu sobrinho, o visconde de Courvoisier; rapaz de belo rosto e de ar impertinente:

- Meu primo - disse ela permita-me que lhe apresente meu sobrinho Adalbert. Adalbert, tu sabes, famoso tio Palamede de quem sempre ouves falar.

- Boa-noite, senhora de Gallardon - respondeu o Sr. de Charlus. E acrescentou, sem mesmo olhar para o rapaz:

- Boa-noite, senhor - com ar emburrado e um tom de voz tão violentamente descortês que todo mundo ficou estupefato. Talvez o Sr. de Charlus, sabendo que a Sra. de Gallardon tinha dúvidas sobre seus costumes e não pudera certa vez resistir ao prazer de lhes fazer alusão, fizesse questão de cortar de vez tudo o que ela poderia fantasiar acerca de uma acolhida amável a seu sobrinho, ao mesmo tempo que fazia uma retumbante profissão de indiferença quanto aos jovens; talvez não tivesse achado que o dito Adalbert correspondesse com aspecto suficientemente respeitoso às palavras da tia; talvez, desejoso de mais tarde fazer seus avanços a um primo tão agradável, quisesse obter as vantagens de uma agressão prévia, como os soberanos que, antes de principiar uma ação diplomática, apóiam-na com uma ação militar.

Não seria tão difícil como eu achava que o Sr. de Charlus concordasse com o meu pedido de apresentação. Por um lado, no decurso dos últimos vinte anos, esse Dom Quixote lutara contra tantos moinhos de vento (muitas vezes parentes que ele pretendia terem se comportado mal com ele), com tanta freqüência proibira alguém "como pessoa impossível de ser recebida" em casa de tais ou quais Guermantes, que estes começavam a ter medo de que os indispusesse com todas as pessoas de quem gostavam, que os privasse até a morte da convivência de alguns estreantes que lhes despertavam a curiosidade, para esposar os rancores trovejantes porém inexplicáveis de um cunhado ou primo que desejaria que por ele abandonassem mulher, irmão e filhos. Mais inteligente que os outros Guermantes, o Sr. de Charlus percebia de que só levavam em conta as suas proibições uma vez em duas, e, antecipando o futuro, temendo que um dia fosse dele que se privassem, começara a contemporizar, a baixar seus preços, como se diz. Além do mais, se possuía a faculdade de dar por meses ou anos uma vida idêntica a uma pessoa detestada a esta não teria tolerado que fizessem um convite e seria antes capaz de se bater como um carregador contra uma rainha, dado que para ele não mais contava a qualidade de quem se lhe opunha. Em

compensação era possuído de freqüentes explosões de cólera para que não fossem muito fragmentárias.

"Imbecil! Idiota! Hão de pô-lo no seu lugar, varrê-lo para o esgoto onde, infelizmente, não será inofensivo para a higiene da cidade!" berrava, mesmo sozinho em casa, à leitura de uma carta que julgava irreverente, ou lembrando-se de uma frase que lhe haviam repetido. Mas uma nova cólera contra um segundo imbecil dissipava a outra, e, por menos que o primeiro se mostrasse diferente, a crise que ele havia ocasionado era esquecida, não tendo duração suficiente para formar uma base de ódio sobre a qual se pudesse construir. Desse modo, talvez eu tivesse, apesar de seu mau humor contrário, obtido sucesso junto a ele, quando lhe pedi que me apresentasse o príncipe, caso não tivesse tido a infeliz idéia de acrescentar por escrúpulo e para que ele não pudesse me atribuir a indelicadeza de ter entrado ao acaso, contando com ele para ficar na festa:

- O senhor sabe que os conheço muito bem; a princesa foi muito amável comigo.

- Pois bem; o senhor os conhece, em que precisa de mim para ser apresentado?- respondeu-me em tom cortante; voltando-me as costas, retomou a posição fingido ler um anúncio, do embaixador da Alemanha e um personagem que eu não conhecia.

Então, do fundo daqueles jardins onde outrora o duque criava animais raros, chegou-me, pelas portas escancaradas, o rumor de aspirar que hauria tantas elegâncias e nada queria perder. O ruído se aproximou, caminhei casualmente em sua direção, tanto que a expressão "boa-noite" foi sussurrada ao meu ouvido pelo Sr. de Bréauté, não com som ferroso e embotado de uma faca passada pelo amolador, e menos como o grito do pequeno javali devastador de terras cultivadas, mas, a voz de um possível salvador. Menos potente que a Sra. de Souvré, menos profundamente atingido do que ela de imprestabilidade, muito menos à vontade com o príncipe do que o era a Sra. d'Arpajon, talvez alimentando ilusões quanto à minha situação no meio dos Guermantes, ou talvez a conhecendo melhor que eu. Tive entretanto, nos primeiros segundos, a dificuldade de captar sua atenção, pois, com as narinas dilatadas ele olhava para todos os lados, assestando curiosamente o seu movimento, como se se achasse em presença de quinhentas obras-primas. Mas, escutado o meu pedido, acolheu-o com satisfação, conduziu-me para o príncipe e me apresentou com ar guloso, cerimonioso e vulgar, como lhe passasse, recomendando-os, um prato de sequilhos. Tanto a acolhida do duque de Guermantes era, quando ele o queria, amável, cheia de camaradagem, cordial e familiar, quanto achei o do príncipe comedidor, solene, altivo. Mal me sorriu, pronunciou gravemente:

"Senhor."

Muitas vezes eu ouvira o duque zombar da arrogância do primo. Mas, desde as

primeiras palavras que este me disse e que, por sua frieza e seriedade, faziam inteiro contraste com a linguagem de Basin, compreendi de imediato homem fundamentalmente desdenhoso era o duque, que nos falava desde a primeira visita "de igual para igual", e que, dos dois primos, o príncipe, era verdadeiramente simples. Descobri em sua reserva um sentimento não direi de igualdade, o que teria sido inconcebível nele, mas pelo menos da consideração que se pode ter para com um inferior, como acontece em todos os meios fortemente hierarquizados; no Palais por exemplo, numa faculdade, onde um procurador-geral ou um "deão", conscientes de seu alto cargo, escondem talvez muito mais simplicidade real e, quando os conhecemos melhor, mais bondade, simplicidade verdadeira, cordialidade, em sua altivez tradicional, que os outros mais modernos na afetação de uma camaradagem divertida.

- Pretende seguir a carreira do senhor seu pai? - indagou ele com ar distante, porém interessado.

Respondi sumariamente à sua pergunta, compreendendo que só a fizera por delicadeza, e me afastei para deixá-lo acolher os novos visitantes.

Reparei que Swann, quis falar-lhe, mas naquele momento vi que o príncipe de Guermantes, em vez de receber no mesmo sítio o cumprimento do marido de Odette, arrastara-o logo, com a força de uma bomba aspiradora, para o fundo do jardim, para, segundo algumas pessoas afirmaram, "pô-lo porta afora".

Estava de tal maneira distraído na sociedade que só dois dias depois é que soube, pelos jornais, que uma orquestra tcheca havia tocado a noite toda e que, de minuto em minuto, se haviam sucedido fogos de bengala; recuperei um pouco de atenção à idéia de ir ver o célebre repuxo de Hubert Robert. Numa clareira reservada para belas árvores, das quais diversas eram tão antigas quanto ele, a gente o avistava de longe, afastado, esbelto, imóvel, duro, só deixando ser agitada pela brisa a queda mais leve de seu penacho pálido e fremente. O século XVIII havia depurado a elegância de suas linhas, mas, fixando o estilo do repuxo, parecia ter-lhe estancado a vida; àquela distância, tinha-se antes a impressão de arte que a sensação de água. A própria neblina úmida que se acumulava permanentemente no seu topo conservava o caráter do seu tempo, como as nuvens que no céu se juntam ao redor dos palácios de Versalhes. De perto, no entanto, percebia a gente que, sempre respeitando o desenho previamente traçado como as pedras de um palácio antigo, eram águas sempre novas que, lançando-se e querendo obedecer às ordens antigas do arquiteto, só as cumpriam exatamente parecendo violá-las, pois somente os seus mil saltos esparsos poderiam dar, à distância, a impressão de um único jato. Este, na realidade, era tão freqüentes vezes interrompido quanto à dispersão da queda, ao passo que, de longe, me havia parecido inflexível, denso, de uma continuidade sem lacunas. Um pouco mais de perto, via-se que tal continuidade, toda linear na aparência,

era assegurada a todos os pontos da ascensão do jato, por toda parte em que ele deveria quebrar-se, pela entrada em linha, pela retomada lateral de um jato paralelo que subia mais alto que o primeiro e era ele próprio, a uma altura maior, mas já fatigante para ele, ultrapassado por um terceiro. De perto, gotas sem força recaíam da coluna de água, cruzando na passagem com suas irmãs que subiam e, às vezes, esborrifadas num remoinho do ar perturbado por aquele esguicho sem trégua; flutuavam antes de mergulharem no tanque. Contrariavam com suas ações, com sua trajetória em sentido inverso, e esfumavam com seu vapor a retidão e a tensão daquele tecido, carregando acima de si nuvem oblonga feita de milhares de gotículas, mas aparentemente pintadas de castanho dourado e imutável, que subia, infringente, imóvel, impelida, rápida, para reunir-se às nuvens do céu. Infelizmente, um pé-de-vento estava para arremessá-la obliquamente à terra; às vezes, até um simples jato desobediente divergia e, se não se mantivesse a uma distância respeitada molharia até os ossos a turba imprudente e contemplativa.

Um desses pequenos acidentes, que só aconteciam no momento e que a brisa refrescava, foi bastante desagradável. Fizeram crer à Sra. d'Arpajon que o duque de Guermantes que na verdade ainda não chegara estava com a Sra. de Surgis nas galerias de mármore róseo, a que tinha acesso pela dupla série de colunas, cavada no interior, que se erguia das calçadas do tanque. Pois bem, no momento em que a Sra. d'Arpajon ia meter-se por uma das colunas, uma forte rajada de brisa morna tomou repuxo e alagou tão inteiramente a bela dama que, caindo a água de seu decote para dentro do vestido, ficou ela tão encharcada como se lhe tivessem dado um banho. E logo, não longe dela, um grunhido compassado retumbou com força bastante para poder se fazer ouvir por todo um exército que, entretanto, periodicamente prolongado como se fosse dirigido não em conjunto, mas sucessivamente a cada parte das tropas; era o grão-duque Wladimir que ria com todas as forças ao ver a imersão da Sra. d'Arpajon, uma das coisas mais divertidas, gostava ele de dizer depois, a que havia assistido em toda a sua vida. Como algumas pessoas compassivas mostrassem ao moscovita que uma palavra de pêsames de sua parte seria talvez merecida e daria prazer àquela dama que, apesar dos quarenta anos bem puxados, e enquanto se enxugava com sua écharpe, sem pedir ajuda a ninguém, se livrava contudo da água que molhava maliciosamente a calçada da fonte, o grão-duque, aliás dotado de bom coração, julgou dever concordar; e logo que os últimos dobrados militares do riso se extinguiram, ouviu-se um novo ribombar ainda mais violento que o outro.

- Bravo, minha velha! - gritou ele batendo palmas como no teatro.

A Sra. d'Arpajon não se sensibilizou de que lhe elogiassem a habilidade em detrimento de sua juventude; como se alguém lhe dissesse, ensurdecido pelo barulho da água, que o trovejar de Monsenhor no entanto dominava:

- Creio que Sua Alteza Imperial lhe disse algo.

- Não, - respondeu ela - foi à Sra. de Souvré.

Atravessei os jardins e subi a escadaria onde a ausência do príncipe, que desaparecera na companhia de Swann, engrossava ao redor do Sr. de Charlus a chusma de convidados, assim como, quando Luís XIV não se encontrava em Versalhes, havia mais pessoas com Monsieur, seu irmão. Fui detido na passagem pelo barão, enquanto atrás de mim duas damas e um rapaz se aproximavam dele para cumprimentá-lo.

- É gentil vê-lo aqui - disse-me ele estendendo a mão. - Boa noite, senhora de La Tremoïlle, boa-noite, minha cara Herminie. -

Mas sem dúvida, a lembrança daquilo que me dissera acerca de seu papel de chefe no palácio Guermantes dava-lhe o desejo de parecer sentir, em relação a quem o descontentara mas que não tinha podido impedir, uma satisfação à qual a sua impertinência de grão-senhor e sua euforia de histérico conferiram imediatamente uma forma excessiva de ironia:

- É gentil - repetiu – mas, principalmente muito engraçado. -

E pôs-se a gargalhar, parecendo ao mesmo tempo testemunhar a sua alegria e a impotência da palavra humana em expressá-la; entretanto, algumas pessoas, sabendo o quanto era, a um tempo, de difícil acesso e dado a "tiradas" insolentes, aproximavam-se curiosas e, com uma pressa quase indecente, por pouco não se punham a correr.

- Vamos, não se aborreça - disse ele, tocando-me suavemente no ombro -, sabe perfeitamente que o estimo bastante. Boa-noite, Antioche, boa-noite, Louis-René. Já foi ver o repuxo? - perguntou-me num tom mais afirmativo que indagador. - Bem bonito, não é mesmo? É maravilhoso. Poderia naturalmente ser bem melhor ainda, se se suprimissem algumas coisas, e então não haveria nada semelhante na França. Mas tal como é, já está entre os melhores. Bréauté lhe dirá que erraram em colocar lampiões, para tentar fazer esquecer que foi ele quem teve esta idéia absurda. Mas, em suma, só conseguiu enfeia-lo muito pouco. É muito mais difícil desfigurar uma obra-prima do que criá-la. Aliás, já desconfiávamos vagamente que Bréauté fosse menos poderoso que Hubert Robert.

Retomei a fila de visitantes que entravam no palácio.

- Faz muito tempo que viu minha deliciosa prima Oriane? - perguntou a princesa, que havia pouco desertara sua poltrona na entrada, e com quem eu voltava para os salões.

- Ela deve vir esta noite, vimo-nos à tarde - acrescentou a dona da casa. - Ela me prometeu. Aliás, creio que o senhor jantará com nós duas na casa da rainha da

Itália, na embaixada, quinta-feira. Estarão presentes todas as Altezas possíveis, será muito intimidante.

De modo algum podiam intimidar a princesa de Guermantes, cujos salões fervilhavam delas, e que dizia:

- Meus Coburguinhos como se dissesse: - Meus cãezinhos.

Assim, a Sra. de Guermantes disse:

- Será muito intimidante por simples tolice, que, entre as pessoas mundanas, ainda supera a vaidade.

Sobre sua própria genealogia, ela sabia ainda menos que um suplente da História. No que se referia às suas relações, timbrava em mostrar que conhecia os apelidos que lhes haviam dado. Tendo-me perguntado se eu estaria na semana seguinte em casa da marquesa de La Pommeliere, a qual seguidamente chamavam "la Pomme" (a Maçã), a princesa, obtendo de uma resposta negativa, calou por uns momentos. Depois, sem nenhum outro motivo que uma exibição intencional de erudição involuntária, de qualidade e de conformidade ao espírito geral, acrescentou:

- É uma mulher muito agradável, a Pomme!

Enquanto a princesa conversava comigo, faziam precisa entrada o duque e a duquesa de Guermantes. Mas não pude ir primeiro ao encontro deles, pois fui apanhado no caminho pela embaixatriz da Turquia a qual, apontando-me a dona da casa que eu acabava de deixar, segurando-me pelo braço:

- Ah, que mulher deliciosa é a princesa; ser superior a todos nós! Parece-me que, se eu fosse homem - acrescentou ela num tom com um pouco de baixeza e de sensualidade orientais -, consagraria minha vida à essa criatura celestial. -

Respondi que de fato ela parecia encantadora, mas que conhecia mais a sua prima, a duquesa.

- Mas, não há relação nenhuma - disse a embaixatriz. - Oriane é uma encantadora mulher da sociedade que tira o seu espírito de Mémé e de Babal, ao que Marie-Gilbert é alguém.

Não gosto muito que me digam assim sem rodeios o que devo pensar das pessoas que conheço. E não havia razão nenhuma para que a embaixatriz da Turquia emitisse sobre o valor da duquesa de Guermantes: juízo mais correto que o meu. Por outro lado, o que também explicava minha irritação contra a embaixatriz é que as falhas de um simples conhecido, e até de um amigo, são para nós verdadeiros venenos, contra os quais felizmente somos "mitridatizados".

[Mitridatização ou mitridatismo, é a imunização relativa ou tolerância à ingestão de certas substâncias tóxicas ou venenosas, por meio de doses inicialmente

pequenas, depois sucessivamente aumentadas de determinado veneno. O nome provém de Mitridates VI Eupátor, rei do Ponto (c. 130 - 63 a.C.). (Nota do tradutor)]

Mas, sem recorrer ao mínimo aparato de comparação científica e falar de anafilaxia, digamos que, no seio de nossas relações amistosas ou puramente mundanas, existe uma hostilidade momentaneamente curada, porém recorrente por acessos. Habitualmente, sofre-se pouco com tais venenos, quando se trata de pessoas naturais: - Dizendo "Babai" e "Mémé", para designar pessoas que não conhecia, a embaixatriz da Turquia suspendia os efeitos do "mitridatismo" que ao contrário o faziam tolerável à mim. Irritava-me, o que era tanto mais injusto; visto que ela não falava assim para que acreditassem que era íntima de “Mémé", mas por causa de uma instrução muito superficial, que a fazia nomear esses nobres segundo o que julgava ser o costume do país. Fizera o seu curso em alguns meses e não se submetera à provas. Mas, refletindo nisso, achava um outro motivo para o meu desprazer de ficar junto da embaixatriz. Não fazia muito tempo que, na casa de "Oriane", essa mesma personalidade diplomática me havia dito, com ar sério e compenetrado, que a princesa de Guermantes era-lhe francamente antipática. Achei bom não deter-me nessa reviravolta: fora causada pelo convite para a festa daquela noite. A embaixatriz estava sendo perfeitamente sincera ao dizer que a princesa de Guermantes era uma criatura sublime. Sempre pensara desse modo. Mas, não tendo sido até então convidada para a casa da princesa, julgara dever atribuir a esse gênero de não-convite a forma de uma abstenção voluntária por princípios. Agora, que fora convidada e verossimilmente o seria daí em diante, sua simpatia podia exprimir-se livremente. Não há necessidade, para explicar três quartos das opiniões que se fazem sobre as pessoas, de ir até o despeito amoroso, à exclusão do poder político. O juízo permanece incerto: um convite recusado ou recebido o determina. Além disso, a embaixatriz da Turquia, como dizia a duquesa de Guermantes, que repassara comigo a inspeção dos salões, "fazia bem". Sobretudo, era muito útil. As verdadeiras estrelas da sociedade se cansam de comparecer a ela. Quem estiver curioso por avistá-las deve em geral emigrar para um outro hemisfério, onde elas estão mais ou menos sozinhas. Mas as mulheres semelhantes à embaixatriz sendo todas recentes na sociedade, não deixam de nela brilhar, por assim dizer, por toda parte ao mesmo tempo. São úteis para esse tipo de representações que se denominam sarau, festa mundana, e às quais antes se fariam arrastar, moribundas, do que faltariam. São as figurantes com as quais sempre se pode contar, ardorosas para nunca perder uma festa. Assim, os rapazes tolos, ignorando que se trata de falsas estrelas, vêem nelas as rainhas da elegância, ao passo que seria preciso uma aula para explicar-lhes em virtude de quais motivos a Sra. Standish, desconhecida deles e pintando almofadas, longe da sociedade, era pelo menos tão grande dama como a

duquesa de Doudeauville.

Na vida cotidiana, os olhos da duquesa de Guermantes eram distraídos e um tanto melancólicos; fazia brilhá-los apenas de uma chama espiritual cada vez que tinha de cumprimentar algum amigo, exatamente como se este fosse uma frase de espírito, uma tirada encantadora, um presente para delicados, cuja degustação pusesse uma expressão de finura e de alegria no rosto do conhecedor. Mas, no caso dos grandes saraus, como tivesse demasiados cumprimentos a fazer, achava que seria fatigante, depois de cada um deles, apagar a luz de cada vez. Tal como uma gulosa literatura, indo ao teatro para assistir a uma novidade no meio da cena, testemunha sua certeza de não passar uma noite aborrecida; enquanto entrega seus pertences à zeladora, os lábios programados para um sorriso sagaz, o olhar avivado para uma aprovação maliciosa; assim era que, desde a sua chegada, a duquesa acendia a luz para toda noite. E ao passo que ela entregava a sua capa noturna, de um magnífico vermelho de Tiepolo, a qual deixou ver uma verdadeira gargantilha a qual lhe tapava o pescoço, depois de ter lançado ao vestido um último e rápido olhar; minucioso e repleto de costureira, que é o de uma mulher da sociedade, Oriane assegurou-se quanto ao cintilar dos olhos não menos do que suas outras jóias. Debalde algumas "boas línguas", como o Sr. Jouville, se precipitaram para o duque a fim de impedi-lo de entrar:

- Então o senhor ignora que o pobre Mamá está à morte? Acabam de lhe dar a extrema-unção.

- Sei, sei - respondeu o Sr. de Guermantes, afastando os aborrecidos para poder entrar. - Oviático produziu um grande efeito - acrescentou, sorrindo de prazer à lembrança do baile à fantasia ao qual estava decidido a não faltar, depois do sarau do príncipe.

- Não queríamos que soubessem que tínhamos voltado - disse-me a duquesa. Não importava que a princesa houvesse previamente desmentido essa afirmativa de contar-me que vira rapidamente a prima, que lhe prometera comparecer; e o duque, após um longo olhar com que prostrara a esposa durante cinco minutos:

- Contei a Oriane as suas dúvidas. -

Agora que ela via que tinham fundamento e que não precisava dar nenhum passo a respeito para tentar dissipá-las, declarava-as absurdas e gracejou longamente comigo.

- Que idéia achar que não fora convidado! A gente é sempre convidado depois. Acha que não poderia fazê-lo ser convidado à casa da minha prima? -

Devo dizer que ela, depois disso, fez seguidamente coisa bem mais difíceis por mim; não obstante, evitei tomar suas palavras no sentido de que eu fora muito reservado. Começava a conhecer o valor exato da linguagem falada ou muda da

amabilidade aristocrática, amabilidade que se sente feliz em lançar um bálsamo sobre o sentimento de inferioridade daqueles com os quais se exerce, mas não a ponto de dissipá-lo, nesse caso não mais teria razão de ser. "Mas o senhor é nosso igual, senão melhor", pareciam dizer os Guermantes; e diziam-no da maneira mais gentil que se possa imaginar, para serem amados, admirados, mas não para serem acreditados; que a gente desvelasse o caráter fictício dessa amabilidade é o que eles denominavam ser bem-educado; considerar real a amabilidade era a má educação. Aliás, recebi pouco tempo depois uma lição que acabou por me informar, com a mais perfeita exatidão, a extensão e os limites de certas formas de amabilidade aristocrática. Era numa matinê dada pela duquesa de Montmorency para a rainha da Inglaterra; houve uma espécie de pequeno cortejo para ir ao *buffet,* e à frente caminhava a soberana, dando o braço ao duque de Guermantes. Cheguei nesse momento. Com sua mão livre, o duque me fez, a menos de quarenta metros de distância, mil acenos de chamada e de amizade e que pareciam querer dizer que podia aproximar-me sem receio, que não seria comido cru em vez dos sanduíches. Mas eu, que começava a me aperfeiçoar na linguagem das cortes, em vez de me aproximar sequer de um passo, nesses quarenta metros de distância, inclinei-me profundamente, mas sem sorrir, como o teria feito diante de alguém que mal conhecesse, e depois continuei meu caminho na direção oposta. Poderia ter escrito uma obra-prima, que os Guermantes me honrariam menos do que por essa saudação. Não só não passou despercebida aos olhos do duque, que naquele dia teve de responder a mais de quinhentas pessoas, mas também aos da duquesa, a qual, tendo encontrado minha mãe, contou-lhe o caso, evitando dizer-lhe que eu procedera mal, que deveria ter me aproximado; disse-lhe que seu marido ficara encantado com minha saudação, na qual era impossível fazer entrar mais coisas. Não cessaram de encontrar naquela saudação todas as qualidades, sem mencionar todavia a que parecera a mais preciosa, a saber, que fora discreta, e não deixaram igualmente de me fazer cumprimentos que eu compreendi serem ainda menos uma recompensa pelo passado do que uma indicação para o futuro, à maneira da que é delicadamente fornecida aos alunos pelo diretor de um estabelecimento de educação:

- Não se esqueçam, meus caros meninos, que estes prêmios são menos para vocês que para seus pais, a fim de que eles os matriculem no próximo ano. -

Assim é que a Sra. de Guermantes, quando alguém de um mundo diferente entrava no seu meio, elogiava diante dele as pessoas discretas "que a gente encontra quando vai procurá-las e que se fazem esquecer no resto do tempo", como se avisa de um modo indireto a um criado que cheira mal que os banhos são perfeitos para a saúde.

Enquanto eu conversava com a Sra. de Guermantes, antes mesmo que ela tivesse

deixado o vestíbulo, ouvi uma voz que, no futuro, devia discernir sem erro possível. Era, no caso particular, a do Sr. de Vaugoubert conversando com o Sr. de Charlus. Um clínico não precisa que o doente em observação erga a camisa, nem de ouvir a sua respiração, a voz é suficiente. Quantas vezes mais tarde fiquei impressionado, num salão, pela entonação ou o riso de determinado homem, que no entanto copiava exatamente a linguagem de sua profissão ou as maneiras do seu ambiente, afetando uma distinção severa ou uma familiaridade vulgar, mas cuja voz falsa bastava para assinalar: "é um Charlus" ao meu ouvido treinado como o diapasão de um afinador! Naquele momento, passou todo o pessoal embaixada, saudando o Sr. de Charlus. Se bem que minha descoberta do gênero de doença em questão datasse apenas daquele mes (quando avistara o Sr. de Charlus e Jupien), eu não teria tido necessidade de fazer perguntas nem de auscultar para emitir um diagnóstico.

Sr. de Vaugoubert, conversando com o Sr. de Charlus, pareceu incerto: tudo, deveria saber do que se tratava, após as dúvidas da adolescência invertido julga-se o único de seu tipo no universo; só mais tarde outro exagero que a única exceção é o homem normal. Porém, ansioso e timorato, o Sr. de Vaugoubert não se entregava há muito tempo que para ele teria sido o prazer. A carreira diplomática tivera sobre ele efeito de uma ordenação religiosa. Combinada com a assiduidade à E. de Ciências Políticas, ela o votara desde os seus vinte anos à castidade cristã. Assim como cada sentido perde força e vivacidade, atrofiando quando não é posto para funcionar, o Sr. de Vaugoubert, da mesma forma que o homem civilizado já não seria capaz dos exercícios de força em acuidade do ouvido do homem das cavernas, tinha perdido a perspicácia especial que raramente se encontrava em falta no Sr. de Charlus; e, mesas oficiais, seja em Paris, seja no estrangeiro, o ministro pleni-potentário não chegava sequer a reconhecer aqueles que, sob o disfarce do uniforme, eram no fundo seus iguais. Alguns nomes pronunciados pelo Sr. de Charlus, indignado se os citassem por seus gostos, mas sempre se divertindo em fazer conhecer os dos outros, causaram no Sr. de Vaugoubert um espanto delicioso. Não que depois de tantos anos ele sonhasse em desfrutar de alguma oportunidade feliz. Porém, essas revelações rápidas, semelhantes àquelas que nas tragédias de Racine mostram a Atália e a Abrler que Jonas pertence à raça de Davi, que Ester, sentada na púrpura, tem pais judeus, mudando o aspecto da alegação de X... ou de determinado serviço do Ministério das Relações Exteriores, tornavam retrospectivamente esses palácios tão misteriosos como o templo de Jerusalém ou a sala do trono de Susa. Diante daquela embaixada, cujo pessoal jovem foi inteiro apertar a mão do Sr. de Charlus, o Sr. de Vaugoubert assumiu o ar maravilhado de Elisa ao exclamar, em Esther:

Céus! Que numeroso enxame de inocentes beldades se oferta a meus olhos em

multidão e sai de todos os lados! Que amável pudor em seus rostos se espelha!

Depois, desejoso de ser mais "bem informado", lançou risonho ao Sr. de Charlus um olhar tolamente interrogativo e concupiscente:

- Mas é claro! - disse o Sr. de Charlus, com o ar douto de um erudito falando a um ignaro. E logo o Sr. de Vaugoubert (o que muito irritou o Sr. de Charlus) não tirou mais os olhos daqueles jovens secretários, que o embaixador de X na França, velho reincidente, não escolhera ao acaso. O Sr. de Vaugoubert calava-se; eu via apenas os seus olhares. Mas, habituado desde a infância a atribuir, mesmo ao que é mudo, a linguagem dos clássicos, eu fazia com que os olhos do Sr. de Vaugoubert dissessem os versos com que Ester explica a Elisa que Mardoqueu, zeloso por sua religião, se empenhou em colocar a serviço da rainha somente moças que professassem o mesmo credo. Entretanto o seu amor pela nossa nação povoou este palácio de filhas de Sião, Jovens e tenras flores pela sorte agitadas, sob um céu estrangeiro, como eu, transplantadas. Em local isolado de testemunhas profanas, Ele (o excelente embaixador) empenha seu estudo e seus cuidados em formá-las. Por fim o Sr. de Vaugoubert falou sem ser pelo olhar.

- Quem sabe - disse com melancolia se, no país em que vivo, não existe a mesma coisa?

- É provável - respondeu o Sr. de Charlus -, a começar pelo rei Teodósio, conquanto eu não saiba nada de positivo a seu respeito. - Oh! Isso não! - Então não devia ser permitido que parecesse tanto. E é todo cheio de maneiras. É o gênero "mimoso", o tipo que eu mais detesto. Eu não teria coragem de me mostrar em sua companhia na rua. Além disso, o senhor deve muito bem conhecê-lo pelo que é; é conhecido como o lobo branco. - O senhor se engana completamente a seu respeito. Aliás, ele é encantador. No dia em que foi assinado o acordo com a França, o rei me beijou. Nunca fiquei tão emocionado. - Era a ocasião para o senhor lhe dizer o que desejava. - Oh, meu Deus, que horror! Se ele suspeitasse! Mas quanto a isso não tenho receio. - Palavras que ouvi, pois estava pouco afastado, e que fizeram com que recitasse mentalmente:

“Até hoje o rei ignora quem sou, E este segredo mantém presa a minha língua.”

Esse diálogo meio mudo, meio falado só durara poucos instantes e eu apenas dera alguns passos no salão com a duquesa de Guermantes quando uma pequena senhora morena, extremamente bonita, a deteve:

- Desejava tanto vê-la! D'Annunzio a avistou de um camarote; escreveu à princesa de T*** uma carta em que disse que jamais vira algo tão belo. Ele daria toda a sua vida por dez minutos de conversação com a senhora. Em todo caso, mesmo que não possa ou não queira, a carta está em meu poder. Seria preciso marcar-me um encontro. Há certas coisas que não posso dizer aqui. Vejo que o

senhor não me reconhece - acrescentou dirigindo-se a mim -; conheci-o na casa da princesa de Parma a qual eu nunca tinha ido. O imperador da Rússia gostaria que seu pai fosse enviado à Petersburgo. Se pudesse comparecer na terça-feira, justamente Isvolski estará lá, falaria com o senhor. Tenho um presente para lhe dar querida - acrescentou, voltando-se para a duquesa - e que não daria a nenhuma outra pessoa. Os manuscritos de três peças de Ibsen, que ele mandou pelo seu velho enfermeiro. Guardarei um e lhe darei os outros.

O duque de Guermantes não estava encantado com tais ofertas. Como não tinha certeza se Ibsen ou d'Annunzio eram vivos ou mortos; via os escritores e os dramaturgos indo visitar sua mulher e pondo-a em suas obras. As pessoas da sociedade facilmente imaginam os livros como sendo uma espécie de cubo, do qual uma das faces é retirada, de modo que o autor se apressa em "fazer entrar" lá dentro as pessoas que encontra. É claro que se trata de um procedimento desleal, e não passam de gente de pouca importância. Certo, não seria aborrecido vê-los "de passagem", graças a eles, se lemos um livro ou um artigo, conhecemos "o reverso cartas", podemos "levantar as máscaras". Apesar de tudo, o mais prudente é limitarmo-nos aos autores mortos. O Sr. de Guermantes apenas achava "perfeitamente conveniente" o senhor que fazia os necrológicos no *Le Gaur*; *e*ste, pelo menos, contentava-se em citar o nome do Sr. de Guermantes no alto das pessoas relacionadas, "notadamente" nos enterros em que assinara o livro de presença. Quando preferia que seu nome não figurasse, em vez de assinar o duque enviava uma carta de pêsames à família do falecido, testemunhando-lhe os seus sentimentos. Que essa família pudesse publicar no jornal:

"Entre as cartas recebidas, citemos a do duque de Guermantes, etc.", aquilo não era culpa do noticiarista, e sim do filho, irmão ou pai da morta, que o duque qualificava de arrivistas, e com quem daí em diante, estava decidido a não ter mais relações (o que denominavas, não conhecendo bem o sentido das locuções, "ter contas a ajustar"). Por certo que os nomes de Ibsen e d'Annunzio, e sua sobrevivência; fizeram franzir as sobrancelhas do duque, que ainda não estava muito longe de nós para não ter ouvido as amabilidades diversas da Sra. Timoléon d'Amoncourt. Era uma mulher encantadora, de um espírito, como sua beleza, tão deslumbrante, que só um dos dois teria conseguido agradar. Mas, nascida fora do meio em que agora vivia, só tendo aspirado a princípio a um salão literário, amiga sucessivamente de modo algum amante, pois era de costumes muito puros e exclusivamente de cada grande escritor que lhe dava todos os seus manuscritos e escrevia livros para ela; e, tendo-a o acaso introduzido no *faubourg* Saint-Germain, esses privilégios literários lhe valeram naquele meio. E agora desfrutava de uma posição que a eximia de outras graças além da sua presença espalhava. Mas, habituada outrora à esperteza, às

manobras, aos serviços, perseverava neles, embora não fossem mais necessários. Tinha sempre um segredo de Estado para revelar, um potentado a nos dar a conhecer, a aquarela de um mestre a nos oferecer. Em todas essas atrações inúteis havia um pouco de mentira, mas eles faziam de sua vida uma comédia de uma complicação cintilante e era exato que ela conseguia nomear prefeitos e generais. Sempre caminhando a meu lado, a duquesa de Guermantes deixava a luminosidade azulada dos olhos flutuar à sua frente, porém no vago, a fim de evitar as pessoas com quem não queria entrar em contato e das quais por vezes adivinhava, de longe, o obstáculo ameaçador. Avançávamos entre uma dupla sebe de convidados, que, sabendo que jamais conheceriam "Oriane", desejavam ao menos, como curiosidade, mostrá-la à própria esposa:

- Ursule, depressa, depressa, vem ver a senhora de Guermantes, que está conversando com esse rapaz. -

E sentia-se que não faltava muito para que trepassem nas cadeiras para ver melhor, como na parada de 14 de julho ou no Grand Prix. Não é que a duquesa de Guermantes tivesse um salão mais aristocrático do que sua prima. O da primeira era freqüentado por pessoas que a segunda jamais quis convidar, principalmente por causa de seu marido. Jamais teria recebido a Sra. Alphonse de Rothschild, que, amiga íntima da Sra. de La Trémoïlle e da Sra. de Sagan, como a própria Oriane, freqüentava muito a casa desta última. O mesmo ocorria também com o barão Hirsch, que o príncipe de Gales levara a sua casa, mas não à casa da princesa, a quem teria desgostado com isso, e igualmente com algumas grandes notoriedades bonapartistas ou até republicanas, que interessavam à duquesa, mas que o príncipe, realista convicto, não teria desejado receber. Visto que seu anti-semitismo era também de princípios, não se dobrava diante de nenhuma elegância, por mais acreditada que fosse, e se recebia Swann, de quem era o amigo de sempre, sendo aliás o único dos Guermantes que o chamava de Swann e não de Charles, é que, sabendo que a avó de Swann, protestante casada com um judeu, tinha sido amante do duque de Berri, tentava de vez em quando acreditar na lenda que fazia o pai de Swann um filho natural do príncipe. Nessa hipótese, que todavia falsa, Swann, filho de um católico, o qual por sua vez era filho de Bourbon e de uma católica, nada tinha que não fosse cristão.

- Como, você não conhece estes esplendores? - perguntou a duquesa, ao falar-me do lugar em que nos achávamos. Mas, depois de celebrado o "palácio" da prima, apressou-se a acrescentar que preferia mil vezes "seu humilde casebre". - Aqui, é admirável para uma visita. Mas morreria de desgosto se me fosse necessário ficar dormindo em quartos onde aconteceram tantos fatos históricos. Isso me causaria o efeito de ter ficado após o fechamento, de ter sido esquecida, no castelo de Bloiag Fontainebleau ou até no Louvre, e de ter, como único recurso contra a Alteza, murmurar para mim mesma que estou no quarto em que

Monalde foi assassinado. Como camomila, é insuficiente. Veja, ali está a Sra. Saint-Euverte. Jantamos há pouco em sua casa. Como ela dá amanhã a grande recepção anual, pensava que ela teria ido dormir. Mas ela não parece perder uma festa. Se esta tivesse lugar no campo, ela viria numa carroça, mas não deixaria de comparecer.

Na realidade, a Sra. de Saint-Euverte viera naquela noite, menos pelo prazer de não faltar a uma festa em casa dos outros do que para assegurar o sucesso da sua, recrutar os últimos aderentes e, de qualquer maneira, passar *in extremis* a revista das tropas que, no dia seguinte, deixariam evoluir brilhantemente no seu *garden-party*. Pois já não era de poucos anos que os convidados das festas Saint-Euverte não eram mais os mesmos de antigamente. As notabilidades femininas do meio Guermantes, tão disseminadas então, cumuladas de gentileza pela dona da casa, tinham poucos levado suas amigas. Ao mesmo tempo, por um trabalho paralelamente progressivo, mas em sentido inverso, a Sra. de Saint-Euverte reduzira, ano após ano, o número das pessoas desconhecidas do mundo elegante. Deixava-se de ver uma, depois outra. Durante algum tempo funcionou o sistema de "fornadas", que permitia, graças às festas sobre as quais se fazia social, convidar os renegados para que se divertissem entre eles, o que pensava de convidá-los com as pessoas do primeiro nível. De que podiam queixar-se? Não tinham (*panem et circenses*) bolinhos e um belo programa musical? Assim, de alguma forma em simetria com as duas duquesas exiladas, que outrora, quando estreara o salão Saint-Euverte, tinham sustentado, como duas *cariátides*, a abóbada oscilante, nos últimos anos mescladas à alta sociedade, não se distinguiram mais que duas pessoas heterogêneas: a velha Sra. de Cambremer e a mulher de um arquiteto linda voz, à qual era-se freqüentemente obrigado a pedir que cantasse. Não conhecendo mais ninguém na casa da Sra. de Saint-Euverte, chorando suas companheiras perdidas, sentindo que incomodavam, pareciam estar quase morrendo de frio como duas andorinhas que não emigraram a tempo. Assim, no ano seguinte não foram convidadas; a Sra. de Franquetot procurou batalhar em favor da prima que tanto apreciava a música. Mas, como não pôde obter para ela uma resposta mais explícita que estas palavras:

"Mas sempre se pode entrar para ouvir a música que lhe agrade, não há nenhum crime nisto!", a Sra. de Cambremer não julgou o convite muito insistente, e desistiu.

Diante dessa transmutação, operada pela Sra. de Saint-Euverte, de um salão de leprosos em um salão de grandes damas (a última forma, de aparência ultra-chique, que ele havia assumido), podia causar espanto que a pessoa que daria no dia seguinte a festa mais brilhante da temporada precisasse, na véspera, dirigir um supremo apelo às suas tropas. Mas é que a preeminência do salão Saint-

Euverte só existia para aqueles cuja vida mundana consiste apenas em ler a notícia das matinês e dos saraus, no *Le Gaulois* ou no *Fígaro*, sem jamais terem ido a nenhum deles. A esses mundanos, que só vêem a sociedade no jornal, a enumeração das embaixatrizes da Inglaterra, da Áustria, etc., das duquesas d'Uzes, de La Trémoille, etc., etc. bastava para que imaginassem de bom grado o salão Saint-Euverte como o primeiro de Paris, quando de fato era dos últimos. Não que as notícias fossem mentirosas. A maioria das personalidades citadas tinham estado presentes. Mas cada uma comparecera à custa de súplicas, finezas, serviços prestados, e tendo o sentimento de honrar infinitamente a Sra. de Saint-Euverte. Tais salões, mais evitados que procurados, e aonde só se vai de encomenda, por assim dizer, só iludem as leitoras da seção de "Mundanismo". Passam por alto uma festa verdadeiramente elegante, em que uma dona de casa, podendo ter todas as duquesas, que ardem por estar "entre os eleitos", só convida a duas ou três, e não manda pôr o nome de seus convidados no jornal. Assim essas mulheres, desconhecendo ou desdenhando o poder que assumiu a publicidade atualmente, são elegantes para a rainha da Espanha, mas desconhecidas da multidão, porque a primeira sabe, e a segunda ignora quem elas são.

A Sra. de Saint-Euverte não era dessas mulheres e, como boa apanhadora, vinha colher para o dia seguinte tudo quanto era convidado. O Sr. de Charlus não o era, havia se recusado sempre a ir à casa dela. Porém estava rompido com tanta gente que a Sra. de Saint-Euverte podia atribuir aquilo ao temperamento do barão.

Decerto, se ali houvesse apenas Oriane, a Sra. de Saint-Euverte não teria necessidade de incomodar-se, pois o convite fora feito de viva voz e, além disso, aceito com essa enganosa e encantadora boa vontade, no ciclo da qual triunfam os acadêmicos de cuja casa o candidato sai em nado e sem duvidar que possa contar com seu voto. Mas não havia somente ela. O príncipe de Agrigento compareceria? E a Sra. de Durfort? Aliás para vigiar sua colheita, a Sra. de Saint-Euverte julgara mais útil e conveniente transportar-se em pessoa; insinuante com uns, imperativa com outros, apresentava para todos, com palavras encobertas, divertimentos inimagináveis não poderiam ver de novo, e a cada um prometia que haveria de achar em sua casa a pessoa a quem desejava, ou o personagem que precisava encontrar. E essa espécie de função de que estava investida uma vez por ano; assim como certas magistraturas da antigüidade; de pessoa que no dia seguinte dará o mais considerável *garden-party* da temporada conferia-lhe momentânea autoridade. Suas listas estavam feitas e terminadas, de modo que, percorrendo os salões da princesa com lentidão para derramar sucessivamente em cada ouvido:

- Não se esqueça de mim amanhã -, ela desfrutava da glória efêmera de desviar

os olhos, continuando sorrir; se percebia alguma feiosa a evitar ou algum fidalgote que uma camaradagem escolar fizera ser admitido em casa de "Gilbert", e cuja presença em seu *garden-party* não somaria nada. Preferia não lhe falar para por a dizer em seguida:

- Fiz meus convites de modo verbal e infelizmente não o encontrei. -

Assim ela, simples Saint-Euverte, fazia com seus esquadrinhadores uma triagem na composição do sarau da princesa. E procedendo dessa forma, julgava-se uma verdadeira duquesa de Guermantes. É preciso dizer que esta última tampouco dispunha, como se poderia acreditar, da liberdade de seus sorrisos e cumprimentos. Por um lado sem dúvida, quando os recusava, era voluntariamente:

- Mas ela me aborrece - dizia. - Será que vou ser obrigada a lhe falar do seu sarau que durara uma hora inteira?

Viu-se passar uma duquesa bem morena, cuja feiúra e estupidez assim como certos desvios de conduta, tinham exilado não da sociedade, mas de algumas intimidades elegantes.

- Ah! - sussurrou a Sra. Guermantes, com o golpe de vista preciso e desabusado do conhecedor a quem se mostra uma jóia falsa - recebe-se isto, aqui?! -

Pelo simples aspecto da dama meio estragada, e cujo rosto estava coberto de sinais de pêlos negros, a Sra. de Guermantes avaliava a medíocre cotação daquele sarau. Fora educada com aquela dama, mas cessara todas as relações com ela; só respondeu ao seu cumprimento com uma inclinação de cabeça bastante seca.

- Não compreendo - disse-me, como para se desculpar que Marie-Gilbert nos convide com toda essa lama. Pode-se dizer que aqui há de todas as paróquias. Era muito mais bem organizado na casa Mélanie Pourtales. Podia ter o Santo Sínodo e o Templo do Oratório, se bem lhe aprouvisse, mas pelo menos não nos mandavam convidar nesses dias. -

Mas, em grande parte, era por timidez, por medo de ter uma cena com o marido, que não queria que ela convidasse artistas, etc. ("Marie-Gilbert" protegia muitos deles, e era preciso tomar cuidado para não ser abordada por uma ilustre cantora alemã), e também por um certo receio quanto ao nacionalismo, que a duquesa, possuidora como o Sr. de Charlus do espírito dos Guermantes, desprezava do ponto de vista mundano (pois agora, para glorificar o Estado-Maior, faziam passar um general plebeu adiante de certos duques), mas ao qual, entretanto, como sabia que era considerada mal pensante, fazia amplas concessões, a ponto de recear ter de estender a mão a Swann nesse ambiente anti-semita. Sob este aspecto, logo se sentiu tranqüilizada, pois soube que o príncipe não deixara Swann

entrar e tivera com ele "uma espécie de altercação". Não se animava a ter de conversar em público com o "pobre Charles", a quem preferia estimar na intimidade.

- E agora aquela outra ali? - exclamou a Sra. de Guermantes ao ver uma pequena dama de ar um tanto estranho, num vestido negro de tal modo simples que se poderia dizer tratar-se de uma desgraçada, lhe fazer, bem como o seu marido, um grande cumprimento. Não a reconheceu e, tendo dessas insolências, empertigou-se como que ofendida e olhou sem responder: - Quem é essa pessoa, Basin? - indagou com ar de espanto, ao passo que o Sr. de Guermantes, para desculpar a descortesia da mulher, cumprimentava a dama e apertava a mão do marido.

- Mas é a Sra. de Chaussepierre, você foi muito descortês. Não sei o que Chaussepierre. O sobrinho da velha Chanlivault.

- Não conheço nada disso. Quem é a mulher, por que está me cumprimentando?

- Ora, você conhece muito bem, é a filha da Sra. de Charleval, Henriette Montmorency.

- Ah, mas conheci muito bem a sua mãe, ela era encantadora, muito espirituosa. Por que se casou com essas pessoas que eu não conheço? Você disse que ela se chama Sra. de Chaussepierre? - disse Oriane, escondendo esta última palavra com ar interrogativo e como se receasse enganar-se.

O duque lançou-lhe um olhar duro.

- Chamar-se Chaussepierre não é tão ridículo como você parece imaginar! O velho Chaussepierre era irmão da Charleval, de quem já falei, da Sra. de Sennecour e da viscondessa du Merlerault. São pessoas de elite.

- Ah, chega! - exclamou a duquesa, que, como domadora, não queria dar nunca a impressão de que se intimidava com os olhares devoradores da fera. - Basin, você faz a minha alegria. Não sei aonde foi descobrir esses nomes, mas dou-lhe todos os meus cumprimentos. Se eu ignorava Chaussepierre, li Balzac, você não é o único, e li até Labiche. Aprecio Chanlivault, não odeio Charleval, mas confesso que du Merlerault é a obra-prima. Além disso, confessemos que Chaussepierre também não está! Você colecionou tudo isso, não é possível! O senhor que deseja escrever um livro - disse-me ela deveria conservar Charleval e du Merlerault; - não encontrará nada melhor.

- Ele vai é simplesmente arranjar um processo e irá para a cadeia; você lhe dá muitos maus conselhos, Oriane. - Espero que ele tenha à sua disposição pessoas mais jovens, se tem vontade de pedir maus conselhos, e sobretudo de segui-los. Mas se não tenciona fazer coleção pior que um livro! -

Bem longe de nós, uma altiva e maravilhosa moça destacava suavemente num

vestido branco, todo diamantes e tule. A Sra. de Guermantes a observou enquanto ela falava diante de todo um grupo fascinado pela sua beleza.

- A sua irmã por toda parte é a mais bonita e está encantadora esta noite - disse ela, enquanto pegava uma cadeira, ao príncipe de Chimay que passava. O coronel de Froberville (seu tio era o general do mesmo nome) veio sentar-se ao nosso lado, assim como o Sr. de Bréauté, ao passo que o Sr. de Vaugoubert, requebrando-se (por um excesso de polidez que conservava mesmo quando jogava tênis, onde à força de pedir licença às pessoas notáveis, antes de rebater a bola, fazia inevitavelmente com que o seu lado perdesse a partida), voltava para junto do Sr. de Charlus (até então quase embrulhado na saia imensa da condessa Molé - que ele fazia profissão de admirar entre todas as mulheres), e por acaso no momento em que vários membros de uma nova missão diplomática em Paris cumprimentavam o barão. À vista de um jovem secretário de ar particularmente inteligente, o Sr. de Vaugoubert fixou no Sr. de Charlus um sorriso onde visivelmente desabrochava uma só pergunta. De bom grado, talvez, Sr. de Charlus comprometeria alguém; mas sentir-se ele próprio comprometido por esse sorriso que partia de outro e que só podia ter um sentido; o exasperou.

- Não sei absolutamente nada; peço-lhe que guarde sua curiosidade para si mesmo, pois ela me deixa mais que frio. Além disso, neste caso particular, o senhor comete um engano lamentável. Creio que este jovem é absolutamente o contrário. -

Aqui, o Sr. de Charlus, irritado por ter sido denunciado por um tolo, não dizia a verdade. O secretário, se o barão tivesse dito a verdade, teria feito exceção naquela embaixada. De fato, ela era composta de personalidades bem diferentes, várias extremamente medíocres, de modo que, se buscassem o motivo pelo qual tinham sido escolhidas, só poderiam descobrir a inversão. E, pondo à testa dessa pequena Sodoma diplomática um embaixador que, ao contrário, apreciava as mulheres com um exagero cômico de galã de revista e que manobrava em regra o seu batalhão de travestis, pareciam ter obedecido à lei dos contrastes. Apesar do que via, não acreditava na inversão. Disto deu provas imediatas, casando sua irmã com um encarregado de negócios a quem julgava, erroneamente, um conquistador. Desde então, tornou-se um tanto incômodo e foi em breve substituído por uma Excelência nova que assegurou a homogeneidade do conjunto. Outras embaixadas procuraram rivalizar com esta, mas não puderam disputar-lhe o prêmio (como no concurso geral, onde um certo liceu o obtém sempre), e foi necessário que se passassem mais de dez anos antes que, tendo-se introduzido adidos heterogêneos naquele todo tão perfeito, uma outra pudesse enfim arrebatar-lhe a funesta palma e andar na frente.

Tranqüilizada quanto ao receio de ter de conversar com Swann, a Sra. de Guermantes sentia apenas curiosidade sobre o assunto da conversa que ele tivera

com o dono da casa.

- Sabe qual foi o assunto? - indagou o duque ao Sr. de Bréauté.

- Ouvi dizer - respondeu este que era a respeito de um pequeno ato que o escritor Bergotte fizera representar na casa deles. Aliás, era arrebatador. Mas parece que o ator se caracterizara de Gilbert, a quem o Sr. Bergotte quisera de fato retratar.

- Vejam só, teria me divertido muito ao ver Gilbert ser representado - disse a duquesa sorrindo sonhadoramente.

- Foi sobre essa pequena representação - continuou o Sr. de Bréauté, avançando sua mandíbula de roedor que Gilbert pediu explicações a Swann, que se contentou em responder, o que todo mundo achou muito espirituoso:

"- Mas de jeito nenhum, não se assemelha em nada com o senhor; o senhor é muito mais ridículo!"

- Aliás, parece - prosseguiu o Sr. de Bréauté que aquela pecinha era deliciosa. A Sra. Molé estava presente e se divertiu bastante.

- Como? A Sra. Molé vai lá? - perguntou a duquesa espantada.

- Ah, certamente foi Mémé quem arrumou isso!

- É o que sempre acaba acontecendo com esses locais. Todo mundo, um belo dia, começa a ir lá e eu, que me excluo voluntariamente por princípio, fico sozinha a me aborrecer no meu canto. -

Desde a narrativa que acabava de lhe fazer o Sr. de Bréauté, a duquesa de Guermantes (se não sobre o salão Swann, ao menos sobre a hipótese de encontrar-se com Swann dentro de um instante) já havia adotado, como se vê, um novo ponto de vista.

- A explicação que o senhor nos dá - disse ao Sr. de Bréauté o coronel de Froberville - é totalmente forjada. Tenho meus motivos para dizê-lo. O príncipe, pura e simplesmente, fez um escândalo diante de Swann, dando-lhe a entender, como diziam nossos pais, que não mais se mostrasse em sua casa, considerando as opiniões que defende. E, no meu parecer, o tio Gilbert teve mil vezes razão, não só de fazer aquela cena, mas deveria ter rompido há mais de seis meses com um dreyfusista confesso.

O pobre Sr. de Vaugoubert, transformado desta vez de péssimo jogador de tênis numa verdadeira bola de tênis que arremessamos descuidados, viu-se projetado na direção da duquesa de Guermantes, a quem, deu suas homenagens. Foi bastante mal recebido, pois Oriane convencida de que todos os diplomatas ou políticos de seu convívio eram uns palermas.

O Sr. de Froberville forçosamente se beneficiara com a situação favorável que,

desde pouco tempo, se formara a respeito dos militares da sociedade. Infelizmente, se a mulher com quem se casara era parenta legítima dos Guermantes, era uma parenta extremamente pobre, e ele próprio havia perdido a sua fortuna, eles quase não tinham relações; e eram dessas pessoas que são deixadas de lado a não ser nos menos importantes, quando lhes ocorria perderem ou casar um parente. Então faziam verdadeiramente parte da comunhão da alta sociedade, como católicos que só o são de nome e se aproximam da santa mesa apenas uma vez por ano. Sua situação material teria sido mesmo desgraçada se a Sra. de Saint-Euverte, fiel à afeição que dedicara ao falecido general Froberville, não ajudasse o casal de todas as maneiras, fornecendo distrações às duas meninas. Mas o coronel, que passava por rapaz, não era uma alma agradecida. Tinha inveja dos esplendores da benfeitora que não deixava de elogiá-los sem cessar e sem medidas; no *garden-party* anual era para ele, sua mulher e suas filhas um prazer maravilhoso a que não faltariam por todo o ouro do mundo, mas um prazer envenenado pelo pensamento das alegrias de orgulho que dele tirava a Sra. de Saint-Euverte. O anúncio desse *garden-party* nos jornais, que a seguir, dei uma descrição detalhada, acrescentavam de modo maquiavélico:

"Voltaremos a essa bela festa", os detalhes complementares sobre as toaletes, dados durante vários dias seguidos, tudo isto fazia tão mal aos Frobervilles, que eles, bastante privados de prazeres e sabendo que podiam contar com os daquela festa, chegavam, todos os anos, a desejar que o mau tempo lhe prejudicasse o êxito, consultavam o barômetro e antegozavam, deliciados, os primórdios de uma tempestade que pudesse fazer gorar a festa.

- Não discutirei política com você, Froberville - disse o Sr. de Guermantes -; mas, no que tange a Swann, posso dizer com franqueza que sua conduta a nosso respeito foi inqualificável. Apadrinhado na sociedade antigamente por nós, e pelo duque de Chartres, dizem-me que é abertamente dreyfusista. Nunca teria acreditado nisso da parte dele, ele que é um fino *gourmet*, um espírito positivo, um colecionador, apreciador de livros antigos, membro do Jockey, um homem rodeado da consideração geral, um conhecedor de boas firmas e que nos enviava o melhor vinho do porto que se pode beber, um diletante, um pai de família. Ah, fui bem enganado. Não falo de mim; é voz corrente que sou uma velha besta, opinião que não conta, uma espécie de pobre-diabo, mas ao menos por Oriane ele não deveria ter feito isso, devia ter desaprovado abertamente os judeus e os sectários do condenado.

- Sim, depois da amizade que sempre lhe testemunhou a minha mulher - prosseguiu o duque, que evidentemente considerava que condenar Dreyfus por alta traição, fosse qual fosse a opinião que se tivesse intimamente quanto à sua culpabilidade, constituía uma espécie de agradecimento pelo modo como se fora recebido no *faubourg* Saint-Germain ele deveria ter retirado sua solidariedade.

Pois, perguntem a Oriane, ela sentia verdadeira amizade por ele. -

A duquesa, pensando que um tom ingênuo e calmo daria um valor mais sincero e dramático às suas palavras, disse com uma voz de colegial, como se deixasse simplesmente sair a verdade de sua boca e apenas dando aos olhos uma expressão um tanto melancólica:

- Mas é verdade, não tenho motivo algum para ocultar que sentia um afeto sincero por Charles!

- Vejam, não a obriguei a falar. E, depois disso, ele leva a ingratidão ao ponto de ser dreyfusista!

- A propósito de dreyfusistas - disse eu -, parece que o príncipe Von o é.

- Ah, o senhor faz bem em me falar dele! - exclamou o Sr. de Guermantes -; já ia esquecendo que ele me pediu para vir jantar segunda-feira. Mas seja ele dreyfusista ou não, pouco me importa, visto que é estrangeiro. É-me perfeitamente indiferente. No caso de um francês, a coisa muda de figura. É verdade que Swann é judeu. Mas até o dia de hoje desculpe-me Froberville eu tinha tido a fraqueza de crer que um judeu pudesse ser francês, quero dizer, um judeu honrado, homem da alta sociedade. Ora, Swann era exatamente isto, em toda a extensão da palavra. Pois bem, ele me obriga a reconhecer que me enganei, visto que toma o partido de Dreyfus (que, culpado ou não, de modo algum faz parte do seu meio, e a quem jamais teria encontrado) contra uma sociedade que o havia adotado, que o tratara como a um dos seus. Não há o que negar, nós todos éramos fiadores de Swann, eu teria jurado pelo seu patriotismo como pelo meu. Ah, ele nos recompensa muito mal. Confesso que nunca esperaria isso de sua parte. Julgava-o melhor. Ele tinha espírito (em seu gênero, bem entendido). Bem sei que já cometera a insanidade de seu casamento vergonhoso. Olhem, sabem a que pessoa o casamento de Swann fez muito mal? A minha mulher. Oriane muitas vezes tem o que eu chamaria afetação de insensibilidade. Mas, no fundo, ela sente com uma intensidade extraordinária. -

A Sra. de Guermantes, encantada com essa análise do seu caráter, escutava-o com ar modesto, mas não dizia uma só palavra, por escrúpulo de aquiescer com o elogio, sobretudo com receio de interrompê-lo. O Sr. de Guermantes poderia falar uma hora a esse respeito que ela teria se mexido ainda menos do que se lhe tocassem música.

- Pois bem! Lembro-me quando ela soube do casamento de Swann, sentiu-se magoada; achou, aquilo era malfeito da parte de alguém a quem tínhamos testemunhado amizade. Ela gostava muito de Swann; ficou muito desgostosa. Não é mesmo, Oriane? -

A Sra. de Guermantes julgou dever responder a uma apelação tão direta, sobre

um assunto que lhe permitiria, sem que desobedecesse, confirmar os louvores que sentia estar acabados. Num tom simples, e com um ar tanto mais estudado quanto desejaria parecer ela disse com uma doçura reservada:

- É verdade, Basin não se engana. -

- E, no entanto, ainda não era a mesma coisa. Que querem, é o amor, embora, na minha opinião, deva permanecer dentro de certos limites. Eu ainda poderia desculpar um rapaz, um fedelho que se deixa abalar por utopias. Porém Swann, um homem inteligente, de uma delicadeza comprovada, um fino conhecedor de quadros, um familiar do duque de Chartres, do próprio Gilbert! -

O tom que o Sr. de Guermantes empregou era aliás perfeitamente simpático, sem sombra da vulgaridade que muitas vezes demonstrava. Falava com uma tristeza levemente indignada, porém tudo nele respirava aquela doce gravidade que faz o encanto untuoso de certas personagens de Rembrandt, por exemplo o *burgo-mestre*. Sentia-se que a questão da imoralidade da conduta de Swann no Caso Dreyfus nem mesmo se apresentava ao duque, de tão fora de dúvida que estava; sentia-se nele a aflição de um pai que vê um de seus filhos, pecar cuja educação fez os maiores sacrifícios, arruinar voluntariamente a magnífica situação que lhe proporcionara e desonrar um nome respeitado com desatinos que os princípios ou preconceitos da família não podem admitir. É verdade que o Sr. de Guermantes não havia manifestado outrora um espanto de tal modo profundo e doloroso ao saber que Saint-Loup era dreyfusista. Mas, primeiro, considerava o sobrinho um rapaz no mau caminho e de quem nada poderia espantar enquanto não se emendasse; ao pai que Swann era o que o Sr. de Guermantes chamava "um homem ponderado, uma pessoa que desfrutava de uma posição de primeira ordem". Depois principalmente, passara-se um período bastante longo, durante o qual do ponto de vista histórico, os acontecimentos pareceram em parte ajudar a tese dreyfusista, a oposição antidreyfusista havia redobrado de violência e, de puramente política a princípio, tornara-se social. Era agora questão de militarismo, de patriotismo, e as ondas de cólera erguidas à sociedade, tinham tido tempo de adquirir aquela força que jamais têm, começo de uma tempestade.

- Vejam - continuou o Sr. de Guermantes - mesmo do ponto de vista de seus caros judeus, já que faz questão aberta de apoiá-los, Swann cometeu um disparate de alcance incalculável. Achava que todos eles estão secretamente unidos e, de alguma forma, são obrigados a prestar auxílio a alguém de sua raça, mesmo se não o conhecem. É um perigo público. Evidentemente, temos sido indulgentes demais, e o deslize de Swann terá tanto mais repercussão porque ele era estimado, e até recebido, sendo de certo modo quase que o único judeu que conhecíamos. Poderá dizer-se: *Ab uno disce omnes*{10}. (A satisfação de ter

descoberto na memória, no momento adequado, uma citação tão oportuna bastou para iluminar com um sorriso orgulhoso a melancolia do grão-senhor traído.)

Sentia eu grande vontade de saber o que se passara exatamente entre Swann e o príncipe, e de ver o primeiro, caso ainda não houvesse deixado a festa.

- Eu lhe direi - falou-me a duquesa, a quem eu externara este meu desejo - que, quanto a mim, não faço muita questão de vê-lo, pois parece, segundo o que me disseram há pouco na casa da Sra. de Saint-Euverte, que ele desejaria, antes de morrer, que eu conhecesse a sua mulher e sua filha. Meu Deus, tenho uma pena infinita de que esteja doente, mas primeiro espero que não seja tão grave assim. Depois, afinal isso não é um motivo, porque de fato seria fácil demais. Bastava que um escritor sem talento dissesse: "Vote a meu favor na Academia, porque minha mulher vai morrer e eu quero dar-lhe esta última alegria." Não haveria mais salões se a gente fosse obrigada a conhecer todos os agonizantes. Meu cocheiro poderia alegar: "Minha filha está muito mal, faça com que eu seja recebido na casa da princesa de Parma." Adoro Charles e me dá muita pena fazer-lhe uma recusa. Assim, é por isso que prefiro evitar que ele me peça. Espero de todo o meu coração que ele não esteja para morrer, como afirma, mas, se isso de fato se verificar, não seria para mim o momento oportuno de conhecer essas duas criaturas que me privaram do mais agradável de meus amigos durante quinze anos, e que ele me deixaria por nada, uma vez que eu nem sequer poderia aproveitar-me disso para vê-lo, pois estaria morto!

Mas o Sr. de Bréauté não cessara de ruminar o desmentido que lhe fizera o coronel de Froberville.

- Não duvido da exatidão de seu relato, meu caro amigo - disse ele -, mas a minha versão era de boa fonte. Foi o príncipe de La Tour d'Auvergne que me contou.

- Espanta-me que um erudito como o senhor diga ainda príncipe de La Tour d'Auvergne -interrompeu o duque de Guermantes -; o senhor sabe muito bem que ele absolutamente não o é. Só existe um membro dessa família. É o duque de Bouillon, tio de Oriane.

- O irmão da Sra. de Villeparisis? - perguntei, lembrando-me de que esta era uma Srta. de Bouillon.

- Perfeitamente. Oriane, a duquesa de Lambresac, a está cumprimentando.

De fato, via-se, por instantes, formar-se e passar como uma estrela cadente um débil sorriso destinado pela duquesa de Lambresac à alguma pessoa que ela havia reconhecido. Tal sorriso, no entanto, em vez de precisar-se numa afirmação ativa, numa linguagem muda; porém, mergulhava quase de imediato numa espécie de êxtase ideal que não distinguia nada, ao passo que a cabeça se

inclinava num gesto de bênção beatífica, lembrando o que inclina para a multidão de comungantes prelado já meio senil. A Sra. de Lambresac não o era de modo algum, eu já conhecia esse tipo especial de distinção antiquada. Em Combray Paris, todas as amigas de minha avó tinham o hábito de cumprimentar, numa reunião mundana, com um aspecto tão seráfico feito se tivessem visto alguém de seu conhecimento na igreja, no momento da elevação ou durante um enterro, e lhe atirassem molemente um cumprimento que terminasse em reza. Ora, uma frase do Sr. de Guermantes ia completar a comparação que eu fazia.

- Mas o senhor viu o duque de Bouillon - disse-me ele - Estava saindo da biblioteca quando o senhor ia entrando. Era um homem baixinho e de cabelos brancos. -

Fora ele quem eu tomara por um pequeno-burguês de Combray, e cuja semelhança com a Sra. de Villeparisis eu descobria agora, pensando nele. A parecença das saudações dissipadas da duquesa de Lambresac com as das amigas de minha avó tinham começado a me interessar, ao mostrar-me que, nos meios estreitos e fechados, sejam da pequena burguesia ou da alta nobreza, subsistem às maneiras antigas, permitindo-nos, como a um arqueólogo, recuperar o que podia ser a educação e a parte da alma que ela reflete no tempo do visconde d'Arlincourt e de Loisa Puget. A perfeita conformidade de aparência de um pequeno-burguês de Combray de sua idade e o duque de Bouillon, lembrava-me melhor agora (o que já me impressionara tanto quando vira a avô materna de Saint-Loup, o duque de La Rochefoucauld, num estereótipo em que ele era exatamente igual ao meu tio-avô, tanto no rosto como no aspecto e nos modos de ser) que as diferenças sociais, e até individuais, fundem-se a distância na uniformidade de uma época. A verdade é que a semelhança dos trajes e também a reverberação, pela fisionomia ao espírito da época ocupam numa pessoa um lugar sensivelmente mais importante que o de sua casta, a qual só tem papel considerável no amor-próprio do interessado e na imaginação dos outros, de forma que não é preciso percorrer as galerias do Louvre para perceber que um grão-senhor do tempo de Luís Filipe é menos diferente de um burguês do tempo de Luís Filipe, que de um grão-senhor do tempo de Luís XIV.

Neste momento, um músico bávaro de longos cabelos, que a princesa de Guermantes protegia, saudou Oriane. Esta respondeu com uma inclinação de cabeça, mas o duque, furioso por ver sua mulher cumprimentar alguém a quem ele não conhecia, que tinha modos singulares e que, tanto quanto o Sr. de Guermantes julgava saber, era de muito má reputação, virou-se para a mulher com ar terrível e interrogativo, como se dissesse:

- "Quem é esse ostrogodo?"

A situação da pobre Sra. de Guermantes já era bastante complicada e, se o

músico tivesse tido um pouco de piedade dessa esposa mártir, teria se afastado bem depressa. Mas, fosse por desejo de não permanecer debaixo da humilhação que lhe acabava de ser infligida em público, no meio dos mais velhos amigos do círculo do duque, cuja presença talvez tivesse justamente motivado um pouco a sua silenciosa inclinação, e para mostrar que era de direito, e não sem conhecê-la, que havia saudado a Sra. de Guermantes, fosse por obedecer à inspiração obscura e irresistível da gafe que o levara a aplicar a própria letra do protocolo num momento em que devia antes restringir-se ao espírito; o músico se aproximou ainda mais da Sra. de Guermantes e lhe disse:

- Sra. duquesa, gostaria de solicitar a honra de ser apresentado ao duque. -

A Sra. de Guermantes era bem infeliz.

Mas enfim, por mais que fosse uma esposa traída, ainda assim era a duquesa de Guermantes e não podia parecer destituída do direito de apresentar ao marido as pessoas que conhecia.

- Basin - disse ela; permita que lhe apresente o Sr. d'Herweck.

- Não lhe pergunto se irá amanhã à casa da Sra. de Saint-Euverte - disse o coronel de Froberville à Sra. de Guermantes, para dissipar a penosa impressão produzida pela solicitação intempestiva do Sr. d'Herweck. - Paris inteira vai estar lá. -

Entretanto, virando-se num só movimento e como de uma só peça para o músico indiscreto, o duque de Guermantes, enfrentando-o monumental, mudo, enfurecido, como Júpiter entronado, permaneceu imóvel desse jeito por alguns segundos, os olhos flamejando de cólera e de espanto, os cabelos frisados parecendo sair de uma cratera. Depois, como no transporte de um impulso que só a polidez solicitada lhe permitia cumprir, e após ter dado a impressão, por sua atitude de desafio, de atestar a toda a assistência que não conhecia o músico bávaro, cruzando às costas as duas mãos enluvadas de branco, inclinou-se para diante e fez ao músico uma saudação tão profunda, cheia de tanta estupefação e raiva, tão brusca, tão violenta, que o artista, tremendo, recuou, inclinando-se para não receber uma cabeçada no ventre.

- Mas é que justamente não estarei em Paris - respondeu a duquesa ao coronel de Froberville. - Dir-lhe-ei (não deveria confessa-lo) que cheguei à minha idade sem conhecer os vitrais de Montfort-l'Amaury. É vergonhoso, mas é assim. Então, para reparar essa ignorância culpável, prometi ir vê-los amanhã. -

O Sr. de Bréauté sorriu com finura. De fato, compreendera; se a duquesa pudera ficar até a sua idade sem conhecer os vitrais de Montfort-l'Amaury, essa visita artística não assumia de súbito o caráter urgente de uma intervenção cirúrgica e teria podido sem risco, depois adiada durante mais de vinte e cinco anos, sofrer

um atraso de vinte e quatro horas. O projeto da duquesa era simplesmente o decreto baixado, à Sra. dos Guermantes, de que o salão Saint-Euverte decididamente não era casa verdadeiramente distinta, mas uma casa em que a gente era dada para depois se enfeitarem conosco na crônica social do *Gaulois* casa que distinguiria com um selo de suprema elegância àquelas (aquilo menos aquela, caso se tratasse de uma só) que ali não seriam visto o delicado prazer do Sr. de Bréauté, duplicado pelo prazer poético pelas pessoas da alta sociedade ao verem a Sra. de Guermantes; coisas que sua posição menos elevada não lhes permitia imitar, mas simples visão lhes provocava o sorriso do camponês ligado à sua terra; que vê homens mais livres e mais afortunados passarem acima de sua cabeça, esse prazer delicado não tinha qualquer relação com o encantamento dissimulado, porém desvairado, que logo experimentou o Sr Froberville. Os esforços que o Sr. de Froberville fazia para que não ouvissem seu riso tinham-no feito ficar vermelho como um galo e, apesar disso; entrecortando as palavras com soluços de hilaridade, que ele exclamou tom misericordioso:

- Oh, pobre tia Saint-Euverte, ela vai ficar doente causa disso! Não, a infeliz não vai ter a sua duquesa. Que golpe! Essa é de matar! - acrescentou, torcendo-se de riso. E na sua embriaguez não deixou de socorrer-se dos pés e esfregar as mãos. Sorrindo com um só nos cantos da boca ao Sr. de Froberville, de quem apreciava as más intenções, mas nem por isso menos sentia um tédio mortal, a Sra. Guermantes acabou por se decidir a abandoná-lo.

- Escute, vou ser obrigada a me despedir do senhor - disse-lhe a duquesa, erguendo-se com ar de resignação melancólica, e como se representasse uma desgraça para ela. Ao encanto de seus olhos azuis, voz docemente musical fazia pensar na queixa poética de uma fada. - Ele quer que eu vá ficar um pouco com Marie. -

Na realidade, estava farta de ouvir Froberville, o qual não cessava de invejá-la por ir a Montfort-l'Amaury, quando ela sabia muito bem que era a primeira vez que ele ouvia falar daqueles vitrais, e que, por outro lado, não perderia por nada no mundo uma reunião na casa da Sra. de Saint-Euverte.

- Adeus, mal pude lhe falar assim mesmo na sociedade, a gente mal se vê, não diz as coisas que gostaria de dizer. Aliás, dá-se o mesmo em toda parte na vida. Esperemos após a morte que as coisas sejam mais bem arranjadas. Pelo menos, não haverá necessidade de estar sempre a decotar-se. E mesmo assim, quem sabe? Talvez a gente exiba os ossos e os vermes para as grandes recepções. Por que não? Olhem só a tia Rampillon; acham muita diferença entre isso e um esqueleto de vestido de baile? É verdade que ela tem todos os direitos, pois já completou no mínimo cem anos. Era já um dos monstros sagrados diante de quem eu me recusava a inclinar-me quando estreei na sociedade. Julgava-a morta há muito tempo, o que, aliás, seria a única explicação para o espetáculo

que nos oferece. É impressionante e litúrgico. Puro Campo-Santo!-

A duquesa deixara Froberville; ele se reaproximou:

- Queria dizer-lhe uma última palavra. -

Um tanto irritada:

- O que deseja ainda? - disse-lhe ela com altivez.

E ele, receando que no último instante ela desistisse de Montfort-l'Amaury:

- Não tive coragem de lhe falar por causa da Sra. de Saint-Euverte, para não magoá-la, mas já que não tenciona ir até lá, posso lhe dizer que estou feliz pela senhora, pois há sarampo na casa dela!

- Oh, meu Deus! - exclamou Oriane, que tinha medo de doenças.

- Mas quanto a mim não quer dizer nada, pois eu já tive sarampo. Não se tem sarampo duas vezes. - São os médicos que dizem isto. Conheço pessoas que já tiveram até quatro vezes. Enfim, está avisada. -

Quanto a ele, seria preciso que tivesse de fato esse sarampo fictício, e que ficasse preso ao leito para se resignar a faltar à festa Saint-Euverte, esperada há tantos meses. Teria o prazer de ali ver tantas elegâncias! O maior prazer de constatar certas coisas goradas e, principalmente, o de poder durante muito tempo vangloriar-se de ter convivido com as primeiras e, exagerando-as ou inventando-as, deplorar as segundas.

Aproveitei que a duquesa se afastara a fim de também sair dali; fui para o *fumoir*, procurando informar-me acerca de Swann.

- Não creia numa só palavra do que falou Babal - disse-me a Sra. de Guermantes. - Jamais

a pequena Molé teria ido se enfiar lá. Dizem isso para nos atrair. Não recebem ninguém e não são convidados a parte alguma. Ele mesmo o confessa: "Ficamos os dois sozinhos junto à lareira." Como ele diz sempre nós, não como o rei, mas em nome da mulher, não insisto. Mas estou bem informada - acrescentou a duquesa.

Cruzamos por dois jovens cuja grande e dissemelhante beleza se originava de uma mesma mulher. Eram os dois filhos da Sra. de Surgis, a nova amante do duque de Guermantes. Resplandeciam das perfeições da mãe, mas cada um de perfeição diversa. Para um havia passado, ondulante num corpo viril, a régia imponência da Sra. de Surgis, e a mesma palidez ardente, arruivada e sacra afluía às faces marmóreas da mãe e desse filho; mas seu irmão havia recebido a fronte grega, o nariz perfeito, o pescoço de estátua, os olhos infinitos. Feita assim de presentes diversos que a deusa havia repartido, essa dupla beleza oferecia o

prazer abstrato de pensar que sua causa estava fora deles; dir-se-ia os principais atributos da mãe se haviam encarnado em dois corpos aparentes: que um dos jovens tinha a estatura e a tez de sua mãe, e o seu olhar, como os seres divinos que eram apenas a força e a beleza de Júpiter ou de Minerva. Cheios de respeito pelo Sr. de Guermantes, diziam:

- É um grande amigo de nossos pais. -

O mais velho, no entanto, achou que era prudente não vir cumprimentar a duquesa, de quem conhecia a inimizade por sua mãe, sem talvez compreender-lhe o motivo. Ao passar por nós, desviou ligeiramente a cabeça. O mais novo, que imitava o irmão, porque, sendo estúpido e além disso míope, não podia ter opinião pessoal, inclinou a cabeça no mesmo ângulo e ambos foram para a sala de jogos, um atrás do outro, semelhantes a duas figuras alegóricas.

No momento de chegar àquela sala, fui detido pela marquesa Citri, ainda bonita, mas quase soltando espuma pela boca, de raiva. De parentesco bastante nobre, procurara e conseguira fazer um belo casamento ao desposar o Sr. de Citri, cuja bisavó era uma Aumale-Lorraine. Mas ao mesmo tempo que experimentara essa satisfação, seu temperamento negativista lhe fizera criar horror às pessoas da alta sociedade, o que não excluía absolutamente a vida mundana. Não só, numa recepção, ela zombava de todo mundo; como também semelhante zombaria continha algo de tão violento que o progresso do seu riso não era bastante áspero e se transformava num assovio gutural:

- Ah! - disse ela, apontando para a duquesa de Guermantes que acabara de a deixar e já estava um pouco distante. - O que me transtorna é que eu possa levar essa vida. -

Seriam essas palavras de uma santa furibunda, que se espanta de que os gentios não cheguem por si mesmos à verdade ou de uma anarquista sequiosa de carnificina? Em todo caso, essa apóstrofe era tão pouco justificada quanto possível. Primeiro, a "vida que levava" a Sra. de Guermantes diferia muito pouco (salvo a indignação) da da Sra. Citri. Esta se mostrava estupefata

de ver a duquesa capaz deste sacrifício mortal: assistir a uma recepção de Marie-Gilbert. É necessário dizer que, no caso em apreço, a Sra. de Citri gostava muito da princesa, que na verdade era muito bondosa, e sabia que lhe dava muita satisfação em comparecer à sua festa. Assim, para estar presente, dispensara naquela noite uma bailarina que julgava ser genial e que devia iniciá-la nos mistérios da coreografia russa. Um outro motivo que tirava todo valor à raiva concentrada Sra. de Citri, ao ver Oriane cumprimentar este ou aquele convidado, é que a Sra. de Guermantes, embora em estado bem menos avançado, apresentava os mesmos sintomas do mal que assolava a Sra. de Citri. Viu-se que ela carregava os seus germes de nascença. Afinal, mais inteligente que a Sra. de

Citri, a duquesa teria tido mais direitos do que a outra a esse niilismo (que era somente mundano), mas é verdade que certas qualidades antes ajudam a suportar os defeitos do próximo do que contribuem para que se sofra com eles; e um homem de grande talento habitualmente prestará menos atenção às asneiras de outrem do que o faria um tolo. Já descrevemos longamente o tipo de espírito da duquesa para provar que, se nada tinha em comum com uma alta inteligência, era ao menos dotada de espírito, um espírito apto a utilizar (como um tradutor) diferentes formas de sintaxe. Ora, nada disso parecia autorizar a Sra. de Citri a desprezar qualidades tão parecidas com as dela. Ela achava todo mundo idiota, mas, em sua conversação e nas cartas, mostrava-se ainda inferior às pessoas que tratava com tanto desdém. Além disso, sentia uma tal necessidade de destruir que, após ter mais ou menos renunciado à sociedade, os prazeres que então buscou, sofreram sucessivamente o seu terrível poder dissolvente. Depois de ter deixado as recepções para freqüentar sessões musicais, pôs-se a dizer:

- Gostam de ouvir música? Ah, meu Deus, isso depende dos momentos. Mas como pode ser aborrecido! Ah, Beethoven, que barbeiro! - quanto a Wagner, e depois quanto a Franck, Debussy, ela nem se dava ao trabalho de dizer "que barbeiro", contentando-se em passar a mão pelo rosto como um barbeiro. Em breve, tudo se tornou aborrecido.

- São tão aborrecidas as coisas bonitas! Ah, os quadros, são de a gente ficar louco! Como vocês tinham razão, é aborrecido escrever cartas! -

Finalmente, foi a própria vida que ela nos declarou ser uma coisa enfadonha, sem que se soubesse com certeza de onde tirava o seu termo de comparação. Não sei se é por causa do que a duquesa de Guermantes, no primeiro dia em que jantei em sua casa, disse acerca dessa peça, mas a sala de jogos, ou *fumoir*, com seu pavimento ilustrado, suas trípodes, suas figuras de deuses e de animais que nos olhavam, as esfinges ao comprido dos braços das cadeiras, e sobretudo a imensa mesa de mármore ou mosaico esmaltado, coberta de signos simbólicos mais ou menos imitados da arte etrusca e egípcia, aquela sala de jogos teve sobre mim o efeito de uma

verdadeira câmara mágica. Ora, numa cadeira próxima da mesa refulgente e augúrio, o Sr. de Charlus, sem tocar em nenhuma carta, insensível ao que se passava a seu redor, incapaz de perceber que eu acabara de entrar, parecia exatamente um mágico que aplicasse todo o poder de sua vontade e de seu raciocínio em elaborar um horóscopo. Não apenas, como a uma Pítia sobre uma trípode, os olhos lhe saíam das órbitas, mas, para que nada viesse distraí-lo dos trabalhos que exigiam a cessação dos movimentos mais simples, ele (tal como um calculador que não quer fazer outra coisa enquanto não tiver resolvido o seu problema) depusera à sua frente o charuto ainda há pouco trazia na boca, não tendo agora liberdade de espírito para fumá-lo. Vendo as duas divindades

agachadas que tinha em seus braços da poltrona colocada à sua frente, poder-se-ia acreditar que o barão buscava descobrir o enigma da Esfinge, não fosse antes o enigma de um jovem vivo Édipo, assentado precisamente naquela poltrona, onde se instalara para jogar. Ora, a figura à qual o Sr. de Charlus aplicava, e como tal contém todas as suas faculdades espirituais e que na verdade não era daquela como de hábito se estudam conforme a geometria, era a que lhe propunham as listras do rosto do jovem marquês de Surgis; parecia, tão profundamente o Sr. de Charlus estava absorto diante dela, alguma palavra cifrada, alguma artimanha, algum problema de álgebra de que procurava desvendar o enigma ou achar a fórmula. Diante dele, os signos sibilinos e as figuras inscritas na tábua da Lei pareciam o engrimanço que ia permitir ao velho feitio saber em que sentido se orientariam os destinos do jovem. De súbito percebeu que eu o observava. Ergueu a cabeça como se saísse de um devaneio e me sorriu, enrubescendo. Neste instante, o outro filho da Sra. Surgis reuniu-se ao que estava jogando, para olhar as suas cartas. Quando o Sr. de Charlus soube por mim que eram irmãos, seu rosto não pode simular a admiração que lhe inspirava uma família criadora de obras tão esplêndidas e diferentes. E o que ainda aumentaria o entusiasmo do barão seria saber que os dois filhos da Sra. de Surgis-le-Duc não eram apenas da mesma mãe, e sim do mesmo pai. Os filhos de Júpiter dissemelhantes, mas isto decorre de que ele desposou primeiro Métis, o destino era dar à luz aos filhos com juízo, depois Têmis, e a seguir Eurín Latona, e por último somente Juno. Mas de um só pai a Sra. de Surgis fizera nascer dois filhos que haviam recebido as suas belezas, porém belezas diferentes. Por fim, tive o prazer de que Swann entrasse naquela sala bem vasta, tanto que a princípio ele não me viu. Prazer mesclado de uma tristeza que os demais convidados talvez não sentissem, mas entre eles consistia naquela espécie de fascinação exercida pelas formas inesperadas e singulares de uma morte próxima, de uma morte que, diz o povo, já se tem no rosto. E foi com uma estupefação quase mal-educada onde entrava a curiosidade indiscreta, a crueldade, um regresso um pouco inquieto e preocupado sobre si mesmo (a um tempo mistura de *suave mari-magno* ["*É doce, no vasto mar*"] e de *memento-guia pu/vis guia pu/vis es et in pu/verem reverteris* ["Lembra-te, homem, de que és pó e ao pó voltarás." (N, do T)] teria dito Robert), que todos os olhos se fixaram naquele rosto cujas faces a doença cavara de tal modo, como uma lua minguante, que, a não ser de um certo ângulo, sem dúvida aquele sob o qual Swann se observava, rodavam como um cenário inconsistente ao qual uma ilusão de ótica pode somente conferir a aparência de espessura. Seja por causa da ausência dessas faces, que não mais estavam ali para diminuí-lo, seja que a arteriosclerose, que também é uma intoxicação, o avermelhasse como o teria feito a embriaguez ou o deformasse como o faria a morfina, o nariz de polichinelo de Swann, durante longo tempo incorporado a um rosto agradável, parecia agora enorme, intumescido,

carmesim, antes o nariz de um velho hebreu que o de um curioso Valois. Além disso, nele talvez, naqueles últimos dias, a raça fazia reaparecer mais acentuadamente o tipo físico que a caracteriza, ao mesmo tempo que o sentimento de uma solidariedade moral com os outros judeus, solidariedade que Swann parecia haver esquecido a vida inteira, e que, enxertados uns sobre os outros, a doença mortal, o Caso Dreyfus, a propaganda anti-semita haviam despertado. Existem alguns judeus, muito finos no entanto e mundanos delicados, nos quais permanecem de reserva e nos bastidores, a fim de fazer sua entrada numa determinada hora de suas vidas, como numa peça, um grosseirão e um profeta. Swann chegara à idade do profeta. Certamente com sua figura de onde, sob a ação da doença, segmentos inteiros haviam desaparecido como num bloco de gelo que se derrete e do qual caem paredes inteiras, ele mudara muito. Mas eu não podia evitar de ficar impressionado ao ver o quanto mais mudara ele em relação a mim. Aquele homem excelente, culto, que eu estava bem longe de aborrecer-me ao encontrar, não conseguia eu compreender como pudera antigamente impregná-lo de um mistério tal que seu aparecimento nos Champs-Élysées me fazia bater o coração, a ponto de eu ter vergonha de me aproximar de sua pelerine forrada de seda, e que, à porta do apartamento em que morava uma tal criatura, eu não podia bater sem ser possuído de uma perturbação e de um tremor infinitos. Tudo isto havia desaparecido não só de sua residência, mas também de sua pessoa, e a idéia de conversar com ele podia me ser agradável ou não, mas não afetava em nada o meu sistema nervoso. E, além disso, como havia mudado desde aquela mesma hora; em suma, poucas horas mais cedo em que o encontrara no *gabir* duque de Guermantes! Teria tido realmente uma cena com o príncipe que o deixara transtornado? A suposição não era necessária. Os menores traços exigidos a alguém que está muito enfermo depressa se tornam parecidos a um esgotamento excessivo. Por pouco que seja exposto, já fatigado, aonde for mesmo num sarau, sua fisionomia se decompõe e azulesce, como se dá uma pêra madura demais em menos de vinte e quatro horas, ou como prestes a talhar. Ademais, a cabeleira de Swann apresentava falhas alguns pontos e, como dizia a Sra. de Guermantes, precisava de um forno pois tinha o ar canforado, e mal canforado. Eu ia atravessar o *fumoir* e falar com Swann quando, infelizmente, uma mão se abateu sobre meu ombro:

- Bom dia, meu caro, estou em Paris por quarenta e oito horas. Passei na tua casa e me disseram que estavas aqui, de forma que é a ti que a minha tia da honra da minha presença em sua festa. -

Era Robert Saint-Loup. Disse-lhe, quanto achava bonita aquela casa.

- Sim, faz o gênero do monumento histórico. Quanto a mim, acho-a aborrecida. Não fiquemos perto do Palamede, senão ele nos pega. Como a Sra. Molé (pois é ela quem dá saída atualmente) acaba de sair, ele se encontra inteiramente

desamparado. Parece que era um verdadeiro espetáculo, ele não arredou um só instante, só a deixou quando a pôs no carro. Não lhe quero mal por isso; apenas acho engraçado que o meu conselho de família, que sempre se mostrou tão severo comigo, seja composto precisamente dos parentes que mais fizeram das suas, a começar pelo mais pandego de todos, o meu tio Charlus, que é meu suplente de tutor, que teve tantas mulheres como *Dom Juan* e que em sua idade não entrega os pontos. Cogitou-se por um momento de me nomearem um conselho judiciário. Acho que, quando todos esses velhos peraltas se reuniam para examinar o assunto, fazendo-me vir para me passar lição de moral e dizer que eu dava desgostos à minha mãe, não deviam poder olhar uns para os outros sem rir. Examinarás a composição do conselho: parece que escolheram precisamente aqueles que mais andaram levantando saias. -

Pondo de lado o Sr. de Charlus, a cujo respeito o esperto do meu amigo já não me parecia justificado, mas por outros motivos, aliás deviam modificar-se mais tarde em meu espírito; Robert não tinha razão em julgar extraordinário que lições de sensatez fossem dadas a um jovem por parentes que haviam feito loucuras, ou as faziam ainda. Mesmo que o atavismo e as parecenças de família fossem as únicas causas em jogo, é inevitável que o tio que prega o sermão tenha mais ou menos os mesmos defeitos que o sobrinho a quem foi encarregado repreender. O tio, aliás, não põe nisso nenhuma hipocrisia, enganado está pela faculdade que têm os homens de acreditar, em cada nova circunstância, que se trata de "outra coisa", faculdade que lhes permite adotar erros artísticos, políticos, etc.; sem se aperceberem de que são os mesmos que tomaram por verdades, dez anos antes, a propósito de uma outra escola de pintura, que condenavam, de um outro caso político, que juravam merecer o seu ódio, de que se afastaram, e que esposam sem os reconhecer sob um novo disfarce. Além disso, mesmo que as faltas do tio sejam diferentes das do sobrinho, ainda assim a hereditariedade pode não menos constituir em certa medida a lei causal, pois o efeito nem sempre se parece à causa, como a cópia ao original, e até mesmo se as faltas do tio são piores, ele pode perfeitamente achá-las menos graves. Quando o Sr. de Charlus acabava de fazer advertências indignadas a Robert, que, aliás, naquela época, não conhecia os verdadeiros gostos do tio, e mesmo que fosse ainda naquela em que o barão afrontava os próprios gostos, poderia ele ter sido perfeitamente sincero ao considerar, do ponto de vista do homem mundano, que Robert era infinitamente mais culpável que ele. Pois Robert não chegara quase a ser banido de seu mundo, quando seu tio fora encarregado de fazê-lo recobrar a razão? Pois não faltara pouco para que fosse recusado no Jockey? Não era ele objeto de escárnio pelas loucas despesas que fazia por uma mulher da pior categoria, por suas amizades com pessoas, escritores, atores, judeus, dos quais nenhum pertencia a seu mundo, por suas opiniões que não se diferençavam das de um traidor, pela mágoa que causava a todos os seus? E em que podia se comparar essa vida escandalosa à do

Sr. de Charlus, que soubera, até agora, não só conservar mais ainda engrandecer a sua posição de Guermantes, sendo na sociedade uma criatura absolutamente privilegiada, solicitada, adulada pelos grupos mais seletos, e que, casado com uma princesa de Bourbon, mulher eminente, soubera fazê-la feliz, e votara à sua memória um culto mais fervoroso, mais exato do que o que se tem de hábito entre os mundanos, e também fora tão bom marido como filho extremoso?

- Mas estás bem certo de que o Sr. de Charlus possui tantas amantes? - indaguei, não evidentemente com a diabólica intenção de revelar a Robert o segredo que havia surpreendido, mas todavia irritado por vê-lo sustentar um engano com tanta certeza e suficiência. Ele se contentou em dar de ombros, como resposta, ao que julgava ingenuidade de minha parte.

- Aliás, não o censuro; acho que tem toda a razão. -

E principiou a esboçar para mim uma teoria que lhe teria dado horror em Balbec (onde não se limitava a invectivar os sedutores, parecendo-lhe a morte a única pena proporcional ao crime). É que então ainda era apaixonado e ciumento. Chegou ao ponto de me fazer o elogio dos bordéis. - Só lá é que se encontra chinelo para o pé, o que chamamos no regimento o seu gabarito. - mostrava por esse tipo de locais o desagrado que manifestara em quando eu fizera alusão a eles, e, ouvindo-o agora, disse-lhe que fora quem me levara a um deles; mas Robert me respondeu que esse do Bloch devia ser "extremamente vulgar, o paraíso dos pobres".

- Isso depende, afinal de contas; onde é que fica? -

Mostrei-me confuso, lembrava-me que, de fato, era lá que se entregava por um luís aquela que Robert tanto amara.

- Em todo caso, vou te fazer conhecer outros, melhores, aonde vão mulheres incríveis. -

Ao ouvir-me expressar de que me levasse o mais cedo possível aos bordéis que conhecia e que de fato deviam ser bem superiores ao que me indicara Bloch, Robert relatou com sinceridade não poder fazê-lo dessa vez, visto que regressava no dia seguinte.

- Ficará para a minha próxima temporada - disse. - Até há moças - acrescentou com ar misterioso. - Há uma senhorita creio que d'Orgeville, ainda vou te dizer com exatidão, que é filha de uma família das melhores; a mãe é mais ou menos La Croix-l'Évêque, são gente fina, e até um pouco parentes, salvo engano, da tia Oriane. Aliás, só de ver a garota sente-se que é filha de pessoas distintas (senti estender-se por momento, sobre a voz de Robert, a sombra do gênio de Guermantes, passou como uma nuvem, mas a grande altura e sem se deter). Parece mesmo um caso sensacional. Os pais estão sempre doentes e não podem

ocupar-se dela. Que diabo! A menina procura não se aborrecer e eu conto contigo para distrair essa criança!

- Ah, e quando votarás?

- Não sei, não fazes questão absoluta de duquesas (o título de duquesa é, na aristocracia, o único a designar uma posição especialmente brilhante, como para o povo, o de princesa), há, em outro gênero, a principal camareira da Sra. Putbus.

Nesse momento, a Sra. de Surgis entrou na sala de jogos à procura dos filhos. Ao avistá-la, o Sr. de Charlus foi ao seu encontro com tal amabilidade que a marquesa ficou tanto mais agradavelmente surpreendida por esperar uma grande frieza da parte do barão, o qual o tempo todo se arvorara em protetor de Oriane e o único da família muitas vezes por demais complacente às exigências do duque por causa de sua doença e por ciúme quanto à duquesa a manter impiedosamente a distância as amantes do irmão. Assim, a Sra. de Surgis compreenderia muito bem as razões da atitude que temia da parte do barão, mas de modo algum suspeitou dos motivos da acolhida inteiramente oposta que dele acontecesse. Ele lhe falou com admiração do retrato que Jacquet fizera dela antigamente. Essa admiração chegou mesmo a exaltar-se a um entusiasmo que em parte era interessado para impedir que a marquesa se afastasse para "fisgá-la", como dizia Robert dos exércitos inimigos dos quais se deseja forçar manter engajados os efetivos em um determinado ponto, talvez fosse igualmente sincero. Pois, se todos se compraziam em admirar nos filhos o porte de rainha e os olhos da Sra. de Surgis, o barão podia experimentar um prazer inverso, mas igualmente vivo, de reencontrar esses encantos reunidos em feixe na mãe deles, como num retrato que por si mesmo não inspira desejos, mas alimenta, com a admiração estética que inspira, os desejos que revela. Estes vinham, retrospectivamente, dar um encanto voluptuoso ao próprio retrato de Jacquet e, naquele momento, o barão o teria adquirido de bom grado para nele estudar a genealogia fisiológica dos dois jovens Surgis.

- Vês que eu não exagerava - disse Robert. - Repara um pouco na solicitude do tio para com a Sra. de Surgis. E até isso me espanta. Se Oriane soubesse, ficaria furiosa. Francamente, há bastantes mulheres para que ele se lance justamente sobre essa – acrescentou.

Como todas as pessoas que não estão apaixonadas, imaginava que se escolhe a pessoa que se ama após mil deliberações e segundo qualidades e conveniências diversas. Aliás, completamente enganado a respeito do tio, que julgava dado às mulheres, Robert, em seu rancor, falava do Sr. de Charlus com excessiva leviandade. Não se é sempre impunemente o sobrinho de alguém. Muitas vezes é por seu intermédio que um hábito hereditário se transmite mais cedo ou mais

tarde. Assim, podia-se fazer toda uma galeria de retratos que tivesse por título o da comédia alemã tio e sobrinho, onde se veria o tio zelando ciumento, embora involuntariamente, para que o sobrinho acabasse por se parecer com ele. Acrescentarei até que essa galeria ficaria incompleta se nela não fizessem figurar os tios que não têm qualquer parentesco real, sendo apenas tios da esposa do sobrinho. Os senhores de Charlus estão, de fato, de tal modo convencidos de serem os únicos bons esposos, e mais, os únicos de quem uma mulher jamais terá ciúmes, que em geral, por afeição à sobrinha, fazem-na casar também com um Charlus. O que enreda todo o fio das semelhanças. E ao afeto pela sobrinha se junta às vezes o afeto igualmente pelo seu noivo. Tais matrimônios não são raros, e muitas vezes são os que se chamam felizes.

- De que falávamos? Ah, dessa alta, loura, a camareira da Sra. Putbus. Ela também gosta das mulheres, mas creio que isso pouco te importa; posso te dizer com franqueza, nunca vi uma criatura tão linda.

- Imagino-a bastante Giorgione, não?

- Loucamente Giorgione! Ah, se eu tivesse tempo de ficar em Paris, quantas coisas magníficas para fazer! E depois, passa-se a uma outra. Pois, quanto ao amor, estás vendo, é uma brincadeira, estou bem curado. -

Percebi logo, com surpresa, que ele não estava menos curado da literatura, enquanto que era apenas sobre os ratos que me parecera desabusado no nosso último encontro ("É quase um canalha & Cia.", me dissera), o que se podia explicar por seu jurado rancor relativamente a certos amigos de Rachel. De fato, tinham-na vencido de que jamais teria talento se deixasse Robert, "homem de raça", assumir influência sobre ela, e, junto com ela, zombavam dele nos jantares que ele lhes oferecia. Mas, na realidade, o amor de Robert pelas letras nada tinha de profundo, não emanava de sua natureza verdadeira, não passava de um derivado de seu amor por Rachel e se fizera com esta, ao mesmo tempo que seu horror aos gozadores e seu respeito religioso pela virtude das mulheres.

- Que ar estranho têm aqueles dois rapazes! Olhe essa curiosa paixão pelo jogo, marquesa. - disse o Sr. de Charlus, designando à Sra Surgis os seus dois filhos, como se ignorasse absolutamente quem endeusava. - Devem ser dois orientais, têm certos traços característicos, talvez são turcos - acrescentou, a um tempo para confirmar ainda sua fingida inocência, testemunhar uma vaga antipatia que, quando a seguir cedesse o posto à amabilidade, provaria que esta se endereçava unicamente à idade dos filhos da Sra. de Surgis, tendo principiado apenas no momento em que o barão soubera de quem se tratavam. Talvez também o Sr. de Charlus, de quem a insolência era um dom natural que ele sentia satisfação em exercer, aproveitasse o minuto em que dava amostras de ignorar quem eram os dois rapazes para se divertir à custa da Sra. de Surgis e se entregar às suas troças

costumeiras, como Scapin aproveita o disfarce de seu amo para lhe dar umas belas pauladas.

- São meus filhos - disse a Sra. de Surgis, com um rubor que não mostraria se fosse mais esperta sem ser mais virtuosa. Teria então compreendido que o ar de indiferença absoluta, ou de zombaria, que o Sr. de Charlus manifestava a respeito de um rapaz não era mais sincero que sua admiração bem superficial que testemunhava a uma mulher, e não expressava o verdadeiro fundo de sua natureza. Aquela a quem poderia indefinidamente lançar as frases mais lisonjeiras sentiria ciúmes do olhar que o barão, enquanto lhe falava, ia lançando a um homem que em seguida fingia não ter notado. Pois esse olhar era um olhar diferente daqueles que o Sr. de Charlus reservava para as mulheres; um olhar especial, vindo das profundezas e que mesmo num sarau não podia deixar de se dirigir aos jovens, como os olhares de um costureiro que revelam sua profissão pelo modo imediato que eles têm de se dirigir às roupas.

- Oh, como é curioso - respondeu o Sr. de Charlus não sem insolência, dando a impressão de obrigar seu pensamento a cumprir um longo trajeto para levá-lo a uma realidade tão diversa da que ele fingira ter suposto. - Mas eu não os conhecia - acrescentou, temendo ter ido longe demais na expressão de antipatia e, assim, ter paralisado na marquesa a intenção de lhe apresentar os filhos.

- Permitiria que os apresentasse ao senhor? - indagou timidamente a Sra. de Surgis.

- Ora, meu Deus! Como não? Mas olhe, eu talvez não seja uma pessoa tão divertida para rapazes tão jovens - entoou o Sr. de Charlus com o ar de hesitação e de frieza de alguém que deixa que lhe arranquem uma cortesia.

- Arnulphe, Victurnien, venham depressa - chamou a Sra. de Surgis.

Victurnien ergueu-se com decisão.

Arnulphe, sem ver mais longe que o irmão, seguiu-o docilmente.

- Eis agora a vez dos filhos - comentou Robert. - É de morrer de rir. Ele procura agradar até o cachorro da casa. E é tanto mais engraçado, visto que meu tio detesta os gigolôs. E olha como os ouve com seriedade. Se fosse eu quem os quisesse apresentar, logo ele me mandaria plantar batatas. Escuta, vou ter de cumprimentar Oriane. Tenho tão pouco tempo para ficar em Paris que quero tentar ver aqui todas as pessoas a quem teria de deixar cartões de visita, não fosse isso.

- Como parecem ser bem-educados, como têm boas maneiras - ia dizendo o Sr. de Charlus.

- O senhor acha? - respondia a Sra. de Surgis, encantada.

Tendo Swann me avistado, aproximou-se de Saint-Loup e de mim. A alegria judaica era nele menos refinada que os gracejos de homem mundano.

- Boa-noite - disse-nos.

- Meu Deus, nós três juntos, vão pensar que é uma reunião do sindicato. Por pouco não vão procurar onde está a caixa! -

Não percebera que o Sr. de Beaucerfeuil estava às suas costas e o escutava. O general involuntariamente franziu as sobrancelhas. Ouvíamos a voz do Sr. de Charlus bem perto de nós:

- Como? O senhor se chama Victurnien, como no Gabinete das Antigüidades? - dizia o barão a fim de prolongar a conversa com os dois rapazes.

- De Balzac, sim - respondeu o mais velho dos Surgis, que jamais lera uma linha sequer desse romancista, mas a quem seu professor havia assinalado, dias antes, a semelhança de seu prenome com o de d'Esgrignon. A Sra. de Surgis estava encantada por ver o filho brilhar e o Sr. de Charlus extasiado ante tanta ciência.

- Parece que Loubet está conosco, isso de fonte seguríssima - disse a Saint-Loup, mas desta vez em voz mais baixa para não ser ouvido pelo general, Swann, para quem as relações republicanas de sua mulher se tornavam mais interessantes desde que o Caso Dreyfus era o centro de suas preocupações. - Digo-lhe isto porque sei que, no fundo, o senhor está do nosso lado.

- Mas nem tanto assim; o senhor se engana completamente - respondeu Robert. - Trata-se de um caso mal conduzido, ao qual lamento muito ter me associado. Não tinha nada que me meter. Se pudesse começar, ficaria à parte. Sou soldado e antes de tudo pelo exército. Se ficar um momento com o Sr. Swann, estarei contigo daqui a pouco. Vou ver minha tia. -

Mas percebi que era com a Srta. d'Ambresac que ele ia conversar e desgostei-me à idéia de que me houvesse mentido acerca de seu possível noivado. Tranqüilizei-me ao saber que Robert lhe fora apresentado a meia hora pela Sra. de Marsantes, que desejava esse casamento, pois os d'Ambresac eram muito ricos.

- Por fim - disse o Sr. de Charlus à Sra. de Surgis encontrei um rapaz instruído, que leu, que sabe quem é Balzac. E isso me causa muito mais satisfação por tê-lo conhecido justamente onde isso se faz mais raro, em casa de um de meus parentes, em casa de um dos nossos -acrescentou sublinhando essas palavras.

Por mais que aparentassem achar todos, homens iguais, os Guermantes, nas grandes ocasiões em que se achavam com pessoas "bem nascidas", e sobretudo menos "bem nascidas", a desejavam e podiam lisonjear, não hesitavam em extrair as velhas lembranças de família.

- Antigamente - continuou o barão - aristocratas significava os melhores, pela inteligência, pelo coração. Ora, eis o primeiro dentre nós que vejo conhecer quem seja Victurnien d'Esgrignon. Aliás, estou admirado quando digo o primeiro. Há também um Polignac e um Montesquiou. -acrescentou o Sr. de Charlus, que sabia que essa dupla assimilação devia inebriar a marquesa. - Além disso, os seus filhos têm a quem puxar; o avô materno deles possuía uma coleção célebre do século XVIII. Trar-lhe-ei a minha se me quiser dar o prazer de ir almoçar comigo um dia - disse ao jovem Victurnien. - Vou lhe mostrar uma curiosa edição do Gabinete das Antigüidades com correções da mão do próprio Balzac. Ficarei encantado em comparar os dois Victurnien.

Eu não podia decidir-me a deixar Swann. Ele atingira aquela grande fadiga em que o corpo de um enfermo não é mais que uma retorta onde se processam reações químicas. Seu rosto estava marcado por pequenos pontos azuis da Prússia, que davam a impressão de não pertencer ao mundo dos vivos, e desprendiam esse tipo de odor que, no colégio, depois das "experiências", torna tão desagradável a permanência numa sala de aula de "Ciências". Perguntei-lhe se não tivera uma longa conversa com o príncipe de Guermantes e se não queria me contar de que se tratara.

- Sim - disse ele -, mas atenda primeiro ao Sr. de Charlus e à Sra. de Surgis. Eu esperarei aqui.

Com efeito, o Sr. de Charlus propusera à Sra. de Surgis deixar, aquele aposento excessivamente abafado e irem sentar-se por um momento em outro, e, para tanto, não pedira aos dois filhos que acompanhasse a mãe, porém a mim. Desse modo, ele dava a impressão de não ligar aos dois jovens, após tê-los seduzido. Ademais, me fazia uma polidez fácil, pois a Sra. de Surgis-le-Duc era bem mal-vista. Infelizmente, apenas nos sentáramos num vão sem saída, ocorreu passar a Sra. de Saint-Euverte, alvo das zombarias do barão. Ela, talvez para dissimular, ou desdenhar abertamente os maus sentimentos que inspirava ao Sr. de Charlus, e sobretudo para mostrar que era íntima de uma dama que conversava tão familiarmente com ele, fez um cumprimento desdenhosamente amigável àquela beldade famosa, que lhe respondeu olhando com o rabo do olho para o Sr. de Charlus com um sorriso zombeteiro. Mas o vão era tão estreito que, quando a Sra. de Saint-Euverte quis, atrás de nós, continuar a pescar seus convidados para o dia seguinte, achou-se presa e não pôde se livrar facilmente, momento precioso que o Sr. de Charlus, desejoso de fazer brilhar sua verve insolente aos olhos da mãe dos dois jovens, tratou cuidadosamente de aproveitar. Uma pergunta idiota que lhe fiz sem malícia forneceu-lhe motivo para um triunfal completo de que a pobre da Sra. de Saint-Euverte, quase imobilizada atrás de nós, não podia perder uma só palavra.

- Imagine que este jovem impertinente - disse ele, designando-me à Sra. de

Surgis acaba de me perguntar, sem a menor preocupação que se deve ter para ocultar esse gênero de necessidade, se eu ia à casa da Sra. de Saint-Euverte, ou seja, o mesmo, conforme creio, se eu tinha cólicas. Em todo caso, tentaria me aliviar num local mais confortável do que na casa de uma pessoa que, se tenho boa memória, celebrava o centenário quando estreei na sociedade, isto é, não na casa dela. E, no entanto, quem mais do que ela seria interessante de ouvir? Quantas recordações históricas, vistas e vividas, do tempo do Primeiro Império e da Restauração, e também quantas histórias íntimas que certamente nada tinham de Saint ("santo"), mas deveriam ser muito vertes ("verdes"), a julgar pelas ágeis coxas da venerável saltadeira! O que me impediria de interrogá-la acerca dessas épocas apaixonantes é a sensibilidade de meu aparelho olfativo. A proximidade desta senhora é bastante. De repente digo para mim mesmo: "Oh, meu Deus! Rebentaram minha latrina!" e é simplesmente a marquesa que acaba de abrir a boca para fazer um convite. E compreendam que, se tivesse a infelicidade de ir à casa dela, a latrina se multiplicaria em um formidável tonel de dejetos. Entretanto, ela carrega um nome místico que sempre me faz pensar, com júbilo, embora ela tenha há muito passado pela data de seu jubileu, naquele verso estúpido, dito "deliqüescente": Ah, verde, como era verde a minha alma nesse dia... Mas preciso de uma verdura mais limpa. Dizem-me que a cavadora infatigável dá *garden Parties*. Quanto a mim, chamo a isso "convites para passear nos esgotos". Será que a senhora há de querer ir sujar-se lá? - perguntou ele à Surgis, que dessa vez sentiu-se constrangida. Pois, querendo fingir ao barão que lá não ia, e sabendo que daria dias de sua vida para não faltar a uma matinê Saint-Euverte, venceu a dificuldade pela média, isto é, incerteza. Tal incerteza assumiu uma forma tão imbecilmente diletante e mesquinhamente vulgar, que o Sr. de Charlus, não receando ofender a de Surgis, à qual todavia desejava agradar, pôs-se a rir para lhe mostrar "aquilo não colava".

- Admiro sempre as pessoas que fazem planos - disse - muitas vezes desisto na última hora. Há um caso de vestido de verão, pode mudar as coisas. Agirei sob a inspiração do momento.

De minha parte, estava indignado com o abominável discurso do Sr. de Charlus. Desejaria acumular de bens a doadora de *garden-parties*. Infelizmente na sociedade, como no mundo político, as vítimas são tão covardes que não se pode querer mal aos carrascos por muito tempo. A Sra. Saint-Euverte, que lograra retirar-se do vão cuja entrada impedíamos, roçou involuntariamente pelo barão de passagem e, por um reflexo de esnobismo que aniquilava nela toda a cólera, talvez até na esperança de tal tipo de abordagem que não devia ser a primeira tentativa:

- Oh, perdão - senhor de Charlus! exclamou -, espero não o ter machucado como se se ajoelhasse diante de seu mestre.

Este só se dignou a responder com um largo sorriso irônico e concedeu apenas um "boa-noite" que, como se só se desse conta da presença da marquesa quando ela o saudara primeiro, era um insulto a mais. Enfim, com um servilismo supremo, do qual sofria por ela, a Sra. de Saint-Euverte se aproximou de mim e, tomando-me à parte, disse-me ao ouvido:

- Mas, que foi que eu fiz ao Sr. de Charlus? Dizem que não me acha bastante chique para ele - ajuntou, rindo à bandeiras despregadas.

Permaneci sério. Por um lado, achava estúpido que ela parecesse acreditar, ou quisesse fazer crer, que ninguém de fato era tão chique feito ela. Por outro lado, as pessoas que riem com tanta força do que falaram, e que não é engraçado, tomando a seu cargo a hilaridade, dispensara- nos desse modo de participar dela.

- Outros asseguram que ele está ofendido porque não o tenho convidado. Mas ele não me encoraja muito. Dá impressão de estar amuado comigo (a expressão pareceu-me fraca). Procure sabê-lo e venha dizer se vai amanhã. E, se ele sentir remorsos e quiser acompanhá-lo, traga-o. Para todo pecado, misericórdia. Isso até me daria bastante prazer, por causa da Sto. de Surgis, a quem o fato aborreceria. Dou-lhe carta branca. O senhor tem faro mais fino para essas coisas, e eu não quero dar a impressão de mendigar convidados. Em todo caso, conto absolutamente com o senhor.

Imaginei que Swann devia cansar-se de me aguardar. Além disso, não queria voltar muito tarde para casa, devido a Albertine, e, despedindo-me da Sra. de Surgis e do Sr. de Charlus, fui ao encontro do meu doente na sala de jogos. Perguntei-lhe se o que dissera ao príncipe, na conversa que tiveram no jardim, fora exatamente o que o Sr. de Bréauté (não lhe disse o nome) nos contara e se relacionava com uma pecinha de Bergotte. Ele desatou a rir:

- Não há nisso uma só palavra de verdade, uma única sequer; foi tudo inteiramente inventado e teria sido completamente idiota. Na verdade, é inaudita essa geração espontânea do erro. Não pergunto quem lhe disse isto, mas seria de fato curioso, num quadro tão delimitado quanto este, remontar de pessoa em pessoa para saber como tal coisa se formou. De resto, como pode interessar às outras pessoas o que o príncipe me falou? As pessoas são bastante curiosas. Por mim, nunca fui curioso, a não ser quando estive apaixonado e quando fui ciumento. E pelo muito que me adiantou! O senhor é ciumento? -

Disse a Swann que jamais sentira ciúmes, que nem mesmo sabia de que se tratava.

- Pois bem, felicito-o. Quando se tem um pouquinho de ciúme, isso não chega a ser desagradável sob dois pontos de vista. De um lado, porque permite às pessoas que não são curiosas interessarem-se pela vida das outras pessoas, ou pelo menos de uma outra. E depois, porque faz muito bem sentir a doçura de possuir, de subir

no carro com uma mulher, de não deixá-la ir sozinha. Isto, porém, ocorre apenas nos primeiros tempos do mal ou quando a cura está quase completa. No intervalo, é o mais atroz dos suplícios. Aliás, mesmo as duas doçuras de que lhe falo, devo lhe dizer que pouco as conheci: a primeira, por culpa da minha natureza, que não é capaz de reflexões muito prolongadas; a segunda, por causa das circunstâncias, por culpa da minha mulher, quero dizer, das mulheres de quem estive enciumado. Mas não importa. Mesmo quando a gente não liga mais às coisas, não é absolutamente indiferente que nos tenham importado, porque era sempre por motivos que aos outros escapavam. Percebemos que está em nós apenas a lembrança desses sentimentos; em nós é que é preciso entrar para contemplá-la. Não caçoe muito desse jargão idealista, mas o que quero dizer é que tenho amado muito a vida e amado muito as artes. Pois bem, agora que estou um tanto cansado para viver com os outros, esses antigos sentimentos tão pessoais, tão meus, parecem-me, o que é a mania de todos os colecionadores, muito preciosos. Abro o coração para mim mesmo como uma espécie de vitrina, contemplo um a um tantos amores que os outros não terão conhecido. E dessa coleção, à qual estou agora ainda mais ligado do que às outras, digo-me, um tanto como Mazarino quanto a seus livros, mas, enfim, sem qualquer angústia, que será bem aborrecido deixar tudo isto. Mas vamos à conversa com o príncipe, não a contaria senão a uma só pessoa e essa pessoa vai ser o senhor. - Eu não podia ouvi-lo sem ser impelido pela conversa que o Sr. de Charlus, que voltara à sala de jogos, proferia indefinidamente bem perto de nós.

- E o senhor também lê? O que faz? - perguntou ele ao conde Arnulphe, que nem sequer conhecia o livro de Balzac. Mas sua miopia, como ele visse tudo muito diminuído, dava o aspecto de quem enxerga de muito longe, de modo que, rara poesias deus grego escultural, em suas pupilas se inscreviam como que distintas estrelas misteriosas.

- E se fôssemos dar alguns passos pelo jardim, senhor - disse a Swann, enquanto o conde Arnulphe, com voz vacilante que parecia indiferente que seu desenvolvimento, ao menos mental, não era completo, respondeu ao Sr. de Charlus com uma precisão ingênua e complacente:

- Oh, no meu caso é antes o golfe, o tênis, o balão, a corrida a pé, e sobretudo o jóquei.

Da mesma forma Minerva, tendo-se subdividido, deixara de ser, numa determinada cidade, a deusa da Sabedoria e encarnara uma parte de si mesma em uma divindade puramente esportiva, hípica, "Athenas Hippia". Também ia a Saint-Moritz para esquiar, pois Palas Tritogenéia freqüentava altos cimos e capturava os cavaleiros.

- Ah! - respondeu o Sr. de Charlus; com o sorriso transcendente do intelectual que

nem se dá ao trabalho de dissimular sua zombaria, mas que, além disso, sente-se tão superior aos outros e despreza de tal modo a inteligência dos que são menos tolos, mal os diferencia dos que o são mais, uma vez que lhe possam ser agradáveis de outra maneira. Falando a Arnulphe, o Sr. de Charlus achava que lhe conferia por isso mesmo uma superioridade que todos deveriam invejar e reconhecer.

- Não - respondeu-me Swann; -estou cansado demais para caminhar; é preferível que nos sentemos em algum canto, já não agüento ficar de pé. -

Era verdade; e, no entanto, começar a conversar já lhe deu uma certa vivacidade. É que na fadiga mais real existe, sobretudo entre às pessoas nervosas, uma parcela que depende da atenção e que só se conserva através da memória. Ficamos subitamente cansados logo que começamos conversar, e para nos refazermos da fadiga basta esquecê-la. De certo Swann não era exatamente um desses fatigados exaustos que, chegam abatidos, desfeitos, não se agüentando mais nas pernas, reanimam-se numa conversa como uma flor na água e podem, durante horas, esgotar nas próprias palavras forças que infelizmente não transmitem aos que os escutam e que parecem cada vez mais abatidos à medida que o conversador se sente mais recuperado. Mas Swann pertencia àquela forte raça judia, de energia vital e resistência à morte parecem participar os próprios indivíduo atacados cada qual de doenças particulares, como ela própria o é a perseguição, eles se debatem indefinidamente em agonias terríveis que podem prolongar-se além de todo limite verossímil, quando já não se vê mais que uma barba de profeta encimada por um nariz imenso que se dilata para haurir os últimos fôlegos, antes da hora das orações rituais e quando principia o desfile pontual dos parentes afastados que avançam com movimentos mecânicos, como num friso assírio.

Fomos nos sentar, mas antes de se afastar do grupo que o Sr. de Charlus formava com os dois jovens e a mãe destes, Swann não pôde evitar lançar, sobre o corpete da Sra. de Surgis, longos olhares de conhecedor, dilatados e concupiscentes. Colocou o monóculo para observar melhor e, sempre falando comigo, de vez em quando deixava cair um olhar na direção daquela dama.

- Eis, palavra por palavra, a minha conversa com o príncipe - disse-me logo que nos sentamos; e, se está lembrado do que lhe disse há pouco, verá por que o escolhi para confidente. E depois, também, por uma outra razão que um dia o senhor saberá. "- Meu caro Swann disse-me

o príncipe de Guermantes -, o senhor há de me desculpar se tenho dado a impressão de evitá-lo desde algum tempo. (Eu absolutamente não percebera nada, pois andava doente e fugia de todo o mundo.) Em primeiro lugar, tinha ouvido dizer, e bem previa, que o senhor tinha opiniões inteiramente opostas às

minhas acerca do caso desgraçado que divide o nosso país. Ora, ser-me-ia muito penoso que as professasse diante de mim. Meu nervosismo era tão grande que a princesa, tendo ouvido há dois anos, o seu cunhado, o grão-duque de Hesse, dizer que Dreyfus era inocente, não se contentara em rebater a afirmativa com vivacidade, mas também não a repetira para mim, com receio de me contrariar. Quase na mesma ocasião, o príncipe real da Suécia viera a Paris e, tendo provavelmente ouvido dizer que a imperatriz Eugênia era dreyfusista, confundira-a com a princesa (estranha confusão, há de convir, entre uma mulher da estirpe da minha esposa e uma espanhola, muito menos bem-nascida do que se diz, e casada com um simples Bonaparte) e lhe havia dito: 'Princesa, estou duplamente feliz em vê-la, pois sei que professa as mesmas idéias que eu sobre o Caso Dreyfus, o que não me espanta, visto que Vossa Alteza é bávara.' O que acarretara ao príncipe esta resposta: 'Monsenhor, não passo de uma princesa francesa, e penso como todos os meus compatriotas.' Ora, meu caro Swann, há cerca de um ano e meio, uma conversa que tive com o general de Beauserfeuil fez-me suspeitar de que, não propriamente um erro, porém graves irregularidades haviam sido cometidas no desenrolar do processo."

Fomos interrompidos (Swann fazia questão de que não lhe ouvissem a narrativa) pela voz do Sr. de Charlus que (aliás, sem se incomodar conosco) passava reconduzindo a Sra. de Surgis e se deteve para retê-la ainda mais, fosse por causa dos filhos dela, ou por esse desejo próprio dos Guermantes de não ver acabar o minuto atual, desejo que os agulhava numa espécie de ansiosa inércia. Swann revelou-me a problema um pouco depois, algo que para mim tirou ao nome de Surgis-le-Duca poesia que eu lhe atribuíra. A marquesa de Surgis-le-Duc tinha uma ação mundana muito maior, alianças muito mais belas que seu primo, conde de Surgis, que, pobre, vivia em suas terras. Mas a palavra findava o título, "le Duc", de modo algum tinha a origem que eu lhe emprestava e que me fizera aproximá-lo, na minha imaginação, de Bourg-l'A Bois-le-Roi, etc.. Simplesmente um conde de Surgis desposara, durante a Restauração, a filha de um industrial riquíssimo, Sr. Leduc, ou Le Duc, próprio filho de um fabricante de produtos químicos, o homem mais rico do seu tempo, e que era para da França. O rei Carlos X havia criado para si e o filho nascido desse casamento o marquesado de Surgis-le-Duc, pois o marquesado de Surgis já existia na família. O acréscimo do nome burguês impedira esse ramo de se aliar, por causa da enorme fortuna, às primeiras famílias do reino. E a marquesa atual de Surgis-le-Duc, de grande nascimento, poderia ter uma situação de primeira ordem. Um demônio de perversidade a impelira, desdenhando sua situação já feita, a abandonar o lar conjugal, a viver da maneira mais escandalosa. Depois, o mundo desdenhava por ela há vinte anos, quando estava a seus pés, lhe faltara cruelmente, quando fazia dez anos que ninguém mais a saudava, a não ser as amigas fiéis, e ela empreendera reconquistar laboriosamente, peça por peça o que possuía ao

nascer (reviravoltas que não são raras).

Quanto aos grãos-senhores seus parentes, por ela outrora renegados e que por sua vez a tinham renegado, desculpava a marquesa a satisfação que teria em trazê-los para si própria com as recordações da infância que poderia evocar com eles. E, dizendo isto para dissimular o seu esnobismo, mentia talvez menos do que julgava. - Basin, é toda a minha juventude! dizia ela no dia em que o duque lhe voltara. E, de fato, era pouco verdadeiro. Porém, ela calculara mal ao escolhê-lo como amante. Todas as amigas da duquesa de Guermantes iam tomar partido por ela assim, a Sra. de Surgis desceria pela segunda vez àquele despenhadeiro que tanto lhe custara subir.

- Pois bem! - estava lhe dizendo o Sr. de Charlus que fazia questão de prolongar a conversa. - Deponha as minhas homenagens ao pé do belo retrato. Como vai ele? Que é feito dele?

- Mas - respondeu a Sra. de Surgis - o senhor sabe que já não o tenho: meu marido não ficou satisfeito com ele.

- Não ficou satisfeito? Uma das obras-primas nossa época, igual à duquesa de Châteauroux, de Nattier, e que aliás pretendia fixar uma não menos majestosa e assassina deusa! Oh, a pequena gola azul! É de se dizer que Vermeer nunca pintou um tecido com tanta maestria, não o digamos muito alto para que Swann não nos ataque com a intenção de vingar o seu pintor predileto, o mestre de Delft. -

A marquesa, virando-se, dirigiu um sorriso e estendeu a mão a Swann, que se erguera para cumprimentá-la. Mas quase sem dissimulação, ou porque uma vida já adiantada lhe tirasse a vontade moral daquilo, pela indiferença à opinião, ou o vigor físico de o fazer, pela excitação do desejo e o enfraquecimento da energia que ajuda a ocultá-lo, logo que Swann, ao apertar a mão da marquesa, viu tão de perto e por cima o seu colo, mergulhou um olhar atento, sério, absorto, quase preocupado, nas profundezas do corpinho, e suas narinas, que o perfume da mulher inebriava, palpitaram como uma borboleta prestes a pousar na flor entrevista. Bruscamente, ele se subtraiu à vertigem que sentira, e a própria Sra. de Surgis, embora constrangida, reprimiu um hausto profundo, de tal modo o desejo é contagioso às vezes.

- O pintor ficou melindrado - disse ela ao Sr. de Charlus e o levou de volta. Disseram que estava agora na casa de Diane de Saint-Euverte.

- Jamais acreditarei - replicou o barão - que uma obra-prima tenha tão mau gosto.

- Ele lhe fala do seu retrato. Quanto a mim, eu lhe falaria tão bem como Charlus desse retrato - disse-me Swann, afetando um tom arrastado e vulgar e seguindo

com os olhos o par que se afastava. - E isto certamente me daria muito mais prazer do que a Charlus - acrescentou. Perguntei-lhe se o que se dizia sobre o Sr. de Charlus era verdade, no que, aliás, mentia duplamente, pois, se não sabia que alguma vez houvessem falado naquilo, em compensação sabia muito bem, desde pouco tempo, que aquilo a que me referia era verdadeiro. Swann deu de ombros como se eu tivesse proferido um absurdo.

- É um amigo delicioso. Mas preciso acrescentar que é puramente platônico? Ele é mais sentimental que os outros, eis tudo; por outro lado, como nunca vai muito longe com as mulheres, isto deu uma espécie de crédito aos rumores insensatos a que o senhor quer se referir. Talvez Charlus ame muito os seus amigos, mas fique certo de que isso, aliás, nunca se passou a não ser na sua cabeça e no seu coração. Enfim, talvez tenhamos dois segundos de tranqüilidade. Portanto, - o príncipe de Guermantes continuou: "Confessar-lhe-ei que semelhante idéia de uma possível ilegalidade na condução do processo era-me extremamente penosa devido ao culto que o senhor sabe que tenho pelo exército; voltei a falar no assunto com o general e, infelizmente, não tive mais qualquer dúvida a respeito. Direi francamente que, em tudo isso, a idéia de que um inocente poderia sofrer a mais infamante das penas nem sequer me ocorrera. Porém, atormentado pela idéia da ilegalidade, pus-me a estudar o que não quisera ler, e eis que as dúvidas, desta vez não só sobre a ilegalidade, mas também sobre a inocência, começaram a assediar-me. Julguei preferível não nisso à princesa. Deus sabe como ela se tornou tão francesa quanto. Apesar de tudo, desde o dia em que a desposei, tive tanta coqueteria a mostrar-lhe a nossa França em toda a sua beleza, e aquilo que, para ela possui de mais esplêndido, o seu exército, que me era cruel de dar-lhe parte das minhas suspeitas que, na verdade, só atingiam aos oficiais. Mas pertenço a uma família de militares; não queria crer que alguns oficiais pudessem estar enganados. Voltei a falar do assunto Beauserfeuil; ele me confessou que haviam sido urdidas maquinações culposas, que o borderô talvez não fosse de Dreyfus, mas que existia evidências de sua culpabilidade. Era o documento Henry. E, alguns meses depois, sabia-se que se tratava de um documento falso. Desde então escondido da princesa, pus-me a ler todos os dias *Le Siecle*, *Vaurme*; em breve não tive mais dúvida alguma, já não podia dormir. Externei meus sofrimentos morais ao nosso amigo, o abade Poiré, no qual encontrei espanto a mesma convicção, e por meio dele mandei rezar missas em intenção de Dreyfus, de sua desgraçada mulher e de seus filhos. Nesse mesmo tempo, uma manhã em que ia ao quarto da princesa, vi a sua camareira esconder alguma coisa na mão. Perguntei-lhe rindo o que era, mas ela enrubesceu e não quis dizer-me de que se tratava. Eu tinha a maior confiança, mas esse incidente me deixou muito perturbado (e, sem dúvida, também a princesa, a quem sua camareira o narrou decerto), pois minha querida mal me falou durante o almoço que se seguiu. Naquele dia, perguntei ao abade Poiré se

poderia rezar no dia seguinte a minha missa por Dreyfus. Bom! - exclamou Swann em voz baixa, interrompendo-se. Ergui a cabeça e vi o duque de Guermantes dirigindo-se a nós.

- Perdão por incomodá-los, meus filhos. Meu rapaz - disse ele para mim -, sou delegado da parte de Oriane. Marie e Gilbert lhe pediram que fique para cear com eles na companhia de apenas cinco ou seis pessoas: a princesa de Hesse, a Sra. de Ligne, a Sra. de Tarente, a Sra. de Chevreuse e a duquesa d'Arenbe. Infelizmente não podemos ficar, pois temos de ir a uma espécie de reunião dançante. -

Eu o escutava, porém cada vez que temos algo a fazer no momento determinado, encarregamos, dentro de nós próprios, um certo personagem habituado a esse tipo de ocupação, de vigiar a hora e de advertir a tempo. Esse servidor interno me lembrou, como eu lhe havia, dido horas antes, que Albertine, naquele instante bem longe de meu pensamento, deveria ir à minha casa logo após o teatro. Assim, recusei convite. Não é que não me agradasse estar na casa da princesa de Guermantes. Desse modo, os homens podem desfrutar de diversos gêneros de prazer verdadeiro é aquele pelo qual abandonam o outro. Mas esse último, se é aparente, ou apenas só aparente, pode iludir quanto ao primeiro, sossega ou despista os ciumentos, faz extraviar-se o julgamento da sociedade. E no entanto, bastaria, para que o sacrificássemos a outro, um pouco de felicidade ou de sofrimento. Às vezes, uma terceira ordem de prazeres mais graves, porém mais essenciais, ainda não existe para nós, e sua virtualidade só se expressa despertando mágoas e desânimos. Entretanto, é a esses prazeres que nos entregamos mais tarde. Para dar um exemplo inteiramente secundário, um militar em época de paz sacrificará a vida mundana ao amor, mas, declarada a guerra (e mesmo sem que seja necessário fazer intervir a idéia de um dever patriótico), o amor à paixão de se bater, mais forte que o amor. Por mais que Swann dissesse que se sentia feliz em me contar sua história, eu bem percebia que sua conversação comigo, devido ao adiantado da hora, e porque ele estava demasiado enfermo, era um daqueles cansaços dos quais aqueles que sabem que se matam nas vigílias ou nos excessos têm, ao voltar para casa, um remorso exasperado, semelhante ao que têm, da louca despesa que mais uma vez acabam de fazer, os pródigos, que entretanto não conseguirão evitar, no dia seguinte, jogar dinheiro pela janela. A partir de um certo grau de enfraquecimento, seja causado pela doença, seja pela idade, todo prazer roubado ao sono, fora dos hábitos, todo desregramento, torna-se tedioso. O conversador continua a falar por polidez, por excitação, porém sabe que já passou a hora em que ainda poderia adormecer, e sabe também das censuras que dirigirá a si mesmo durante a insônia e o cansaço que irão se seguir. Aliás, até mesmo o prazer momentâneo já se acabou; o corpo e o espírito estão por demais destituídos de suas forças para

acolher agradavelmente o que parece uma diversão a seu interlocutor. Assemelham-se a um apartamento num dia de partida ou de mudança, onde são verdadeiras maçadas as visitas que a gente recebe sentado nas malas, os olhos fixos no relógio da sala.

- Enfim sós - disse-me ele; nem sei mais onde estava. Disse-lhe, não é mesmo?, que o príncipe havia perguntado ao abade Poiré se este podia mandar rezar a sua missa por Dreyfus. "Não", me respondeu o abade (digo-lhe - disse Swann, - porque é o príncipe que me fala, compreende?), "pois tenho uma outra missa que, esta manhã, encarregaram-me igualmente por ele. - Como disse-lhe existe outro católico além de mim que esteja convencido da sua inocência? - Pode-se crer. - Mas a convicção desse outro partidário deve ser menos antiga do que a minha. -No entanto, esse partidário já me mandava rezar missas quando o senhor ainda julgava que Dreyfus era culpado. - Ah, bem vejo que não é alguém do nosso meio. - Pelo contrário! - Na verdade, há dreyfusistas entre nós? O senhor me intriga; se o conheço, gostaria de me lançar sobre esse pássaro raro. - O senhor o conhece, ele se chama - A princesa de Guermantes. Enquanto eu receava dar suas opiniões nacionalistas e a fé francesa da minha querida ela tivera medo de alarmar minhas opiniões religiosas, meus sentimentos patrióticos. Mas, por seu lado, pensava como eu, embora desde muito tempo antes de mim. E aquilo que sua camareira ocultava ao entrar no quarto, o que ela ia lhe comprar todas as manhãs, era *L'Aurore*. Meu Swann, desde esse momento pensei no prazer que lhe daria ao dizer todas as minhas idéias eram, a tal respeito, aparentadas às suas; perdão não o ter dito antes. Se se recorda do silêncio que guardei diante da cena, não se espantará que ter idéias iguais às suas me haveria então, respeitado ainda mais de sua pessoa do que pensar diferentemente. Pois tais assuntos era-me infinitamente penoso de abordar. Quanto mais creio qual erro, que até mesmo crimes foram cometidos, mais sangro no meu afinco pelo exército. Teria imaginado que opiniões semelhantes às minhas levariam longe de lhe inspirar a mesma dor, quando me disseram outro dia quanto o senhor reprovava com energia as injúrias ao exército e que os dreyfusistas aceitassem aliar-se aos insultadores. Isto decidiu-me; admitir que me foi cruel confessar o que penso acerca de certos oficiais, feliz ou poucos numerosos, mas é um alívio não precisar mais manter-me longe do senhor e, principalmente, que o senhor tenha compreendido que, se permiti alimentar outros sentimentos, é que não duvidava quanto ao bem fundamentado da sentença. Desde que tive uma dúvida, só podia desejar uma coisa: a reparação do erro." Confesso-lhe que estas palavras do príncipe de Guermantes me deixaram profundamente comovido. Se o conhecesse como eu, se soubesse de onde ele teve de vir para chegar a esse ponto sentiria admiração por ele, e ele a merece. Além disso, sua opinião me espanta, é uma natureza tão direita! -

Swann esquecia que, de falara-me justo o contrário, que as opiniões naquele Caso Dreyfus eram comandadas pelo atavismo. Quando muito, fizera exceção para a inteligência, porque em Saint-Loup ela chegara a vencer o atavismo e a fazer ditar um dreyfusista. Ora, acabava de ver que essa vitória fora de curta duração e que Saint-Loup passara para o campo adversário. Portanto, essa retidão de coração que ele dava agora o papel atribuído há pouco à inteligência. Na realidade, descobrimos sempre tarde demais que nossos adversários tinham um motivo para pertencer ao partido em que estão, e que depende do que possa haver de justo nesse partido, e que os que pensam como nós o fazem porque isto os obrigou a inteligência, caso sua natureza moral for muito baixa para ser invocada, ou sua retidão, se for tão frágil a sua agudeza.

Swann agora julgava indistintamente inteligentes aqueles que eram de sua opinião, seu velho amigo o príncipe de Guermantes e meu colega Bloch, a quem mantivera afastado até então, e que ele convidava para almoçar. Swann interessou muito a Bloch ao lhe dizer que o príncipe de Guermantes era dreyfusista.

- Precisamos pedir a ele que assine as nossas listas em defesa de Picquart; com um nome como o seu, o efeito seria formidável. -

Porém Swann, aliando à sua ardente convicção de israelita a moderação diplomática do mundano, de que sobre modo adquirira os hábitos para poder tão tardiamente desfazer-se deles, recusou-se a autorizar Bloch a enviar ao príncipe, mesmo como que espontaneamente, uma circular para que fosse assinada.

- Ele não pode fazer isso, não convém pedir-lhe o impossível - repetia Swann. - Eis um homem encantador que percorreu milhares de léguas para chegar até nós. Ele pode nos ser muito útil. Se assinasse a sua lista, ele simplesmente se comprometeria junto aos seus, seria repreendido por nossa causa, talvez se arrependesse de suas confidências e não faria mais nenhuma. -

Mais ainda, Swann recusou-se a assinar o próprio nome. Achava-o hebraico demais para não causar um mau efeito. E depois, se aprovava tudo quanto dissesse respeito à revisão do processo, não queria de modo algum ser envolvido na campanha antimilitarista. Usava, o que jamais fizera até então, a condecoração que ganhara, como todo jovem mobilizado em 1870, e acrescentou ao seu testamento um codicilo para solicitar que, contrariamente às disposições precedentes, fossem dadas honras militares ao seu grau de cavaleiro da Legião de Honra. O que reuniu em torno da igreja de Combray um verdadeiro batalhão desses cavaleiros, sobre cujo futuro chorava Françoise antigamente, quando sentia a perspectiva de uma guerra. Numa palavra, Swann recusou-se a assinar a circular, de modo que, se passava por um dreyfusista radical aos olhos de muitos, meu colega considerou-o militarista e frouxo,

infectado de nacionalismo.

Swann deixou-me sem me apertar a mão, para não ser obrigado a fazer despedidas naquela sala onde possuía tantos amigos, porém me disse:

- O senhor deveria ir ver sua amiga Gilberte. Ela cresceu de fato e mudou muito; o senhor não a reconheceria. Ela ficaria tão feliz! -

Eu já não amava Gilberte. Para mim, ela era como uma morta que se chorou por muito tempo; depois veio o esquecimento e, se ela ressuscitasse, não mais poderia inserir-se numa vida que já não era feita para ela. Não tinha mais vontade de vê-la, e nem mesmo aquela vontade de lhe mostrar que não fazia questão de vê-la e que cada dia, no tempo em que a amava, prometia a mim mesmo testemunhar-lhe quando a deixasse de amar. Assim, não mais procurando afetar, diante de Gilberte, ter desejado de todo o meu coração voltar a encontrá-la, e de ter sido impedido de fazê-lo, como se diz, devido a circunstâncias independentes da minha vontade, que só ocorrem, de fato, ao menos com certa continuidade, quando a vontade não se lhes opõe, bem longe de acolher com reservas o convite de Swann, não o deixei sem que me houvesse prometido explicar em detalhes à sua filha os contratempos que me haviam privado, e ainda me privariam de ir vê-la.

- Aliás, vou escrever-lhe daqui a pouco ao voltar para casa. - acrescentei. - Mas diga-lhe que é uma carta de ameaça, pois dentro um ou dois meses estarei totalmente livre, e então, ela que trema, estarei em sua casa com a mesma freqüência de antigamente.

Antes de deixar Swann, disse-lhe uma palavra sobre sua saúde.

- Não, a coisa não está tão má assim - respondeu-me. - Além disso, como lhe dizia, ando muito cansado e aceito antecipadamente, com resignação o que possa acontecer. Unicamente, confesso que seria bem irritante morrer antes do fim do Caso Dreyfus. Todos esses canalhas têm mais de mostrar o trunfo no bolso. Não duvido que finalmente sejam vencidos, mas afinal, são muito poderosos, têm apoio em toda parte. No momento em que tudo parece correr bem, tudo se arrebenta. Bem que desejaria viver bastante para ver Dreyfus reabilitado e Picquart coronel.

Depois que Swann foi embora, voltei para o grande salão onde, encontrava essa princesa de Guermantes à qual eu não sabia então que dia haveria de estar tão ligado. A paixão que ela teve pelo Sr. de Charlus, não se revelou a princípio para mim. Notei apenas que o barão, a partir de certa época e sem tomar pela princesa nenhuma dessas inimizades que nele não causavam espécie, mesmo continuando a dedicar-lhe tanta má afeição talvez, parecia descontente e irritado cada vez que lhe falavam dela. Jamais incluía o seu nome na lista de pessoas com quem desejava jantar. É verdade que, antes disso, eu ouvira um homem da

sociedade muito maldoso, dizer que a princesa estava completamente mudada, ela estava apaixonada pelo Sr. de Charlus, mas essa maledicência me parecia absurda e me havia indignado. Bem que eu notara, com espanto, que quando contava algo que me dizia respeito, se no meio da narrativa aparecia o Sr. de Charlus, a atenção da princesa punha-se logo nesse grau mais próximo que é o de um doente, o qual, ao ouvir-nos falar de nós mesmos, conseqüentemente de modo distraído e despreocupado, reconhece de chofre numa palavra, o nome do mal de que está sofrendo, o que, ao mesmo tempo, o alegra e desperta-lhe o interesse. Assim, se lhe dizia: "Justamente Sr. de Charlus me contava...", a princesa retomava nas mãos as rédeas frouxas de sua atenção. E certa vez, tendo eu dito diante dela que o Sr. Charlus sentia uma afeição bastante viva por determinada pessoa, vi o espanto surgir nos olhos da princesa aquela expressão diversa e momentânea que traça nas pupilas como que o sulco de uma rachadura, e que provém de um pensamento que nossas palavras, sem querer, despertaram na criatura a quem falamos, pensamento secreto que não se há de traduzir por palavras, mas que subirá das profundezas por nós remexidas à superfície um instante alterada do olhar. Mas, se minhas palavras tinham emocionado a princesa, eu não adivinhara de que modo. Aliás, pouco depois ela começou a me falar do Sr. de Charlus e quase sem rodeios. Se aludia aos rumores que raras pessoas faziam correr acerca do barão, era apenas como as absurdas e infames invenções. Mas, por outro lado, dizia:

- Acho que uma mulher que se apaixona por um homem de valor imenso como Palamede também deveria ter bastante largueza de visão, bastante devotamento, para aceitá-lo e compreendê-lo como um todo, tal como é, para respeitar sua liberdade, suas fantasias, procurar unicamente amenizar-lhe as dificuldades e consolá-lo de suas mágoas. -

Ora, com essas frases no entanto de tal modo vagas, a princesa de Guermantes revelava aquilo que buscava exaltar, da mesma forma como fazia às vezes o próprio Sr. de Charlus. Pois não ouvi tantas vezes este último dizer a pessoas até então incertas se ele era ou não caluniado: "Eu, que tive tantos altos e baixos na minha vida, que conheci toda espécie de gente, tanto reis como ladrões, e até, devo dizer, com uma leve preferência pelos ladrões, que tenho perseguido a beleza sob todas as suas formas, etc." e por essas palavras que ele julgava hábeis, e desmentindo rumores de cuja existência não suspeitavam (ou para conceder à verdade, por gosto, por cautela, por preocupação com a verossimilhança, uma parte que somente ele considerava mínima), tirava a uns as últimas dúvidas a seu respeito e inspirava as primeiras aos que ainda não as tinham alimentado. Pois o mais perigoso dos encobrimentos é o da própria falta no espírito do culpado. O conhecimento permanente que tem dela o impede de supor o quanto é geralmente ignorada, o quanto uma mentira completa seria facilmente aceita e,

em compensação, de perceber a que grau de verdade principia a confissão, para os outros, nas palavras que acredita inocentes. E, por outro lado, agiria muito mal se tentasse abafá-la, pois não há vícios que não encontrem apoios complacentes na alta sociedade, e já se viu modificar todo o arranjo de um castelo para que dormisse uma irmã junto de sua irmã, logo que se soube que ela não a amava apenas como irmã. Mas o que me revelou de súbito o amor da princesa foi um fato particular, sobre o qual não insistirei aqui, pois faz parte da narrativa bem diversa em que o Sr. de Charlus deixou morrer uma rainha para não perder o cabeleireiro que devia frisá-lo, em proveito de um cobrador de ônibus diante do qual sentiu-se prodigiosamente intimidado. Entretanto, para terminar a respeito do amor da princesa, digamos qual foi o nada que me abriu os olhos. Naquilo eu estava sozinho no carro com ela. No momento em que passávamos diante de uma caixa postal, ela mandou parar. Não havia trazido lacaio, a meio uma carta do regalo e iniciou o movimento de descer a fim de ir à caixa. Eu quis detê-la, a princesa debateu-se um pouco, e já nos demos conta, um e outro, de que o nosso primeiro gesto fora, o seu comprometedor, por parecer que ocultava um segredo, o meu indiscreto, ao perceber essa ocultação. Foi ela quem se recobrou mais depressa. Fazendo-se muito vermelha subitamente, deu-me a carta, não mais tive coragem de recusá-la; porém, ao colocá-la na caixa, vi sem querer que era endereçada ao Sr. de Charlus.

Voltando para trás e àquela primeira recepção na casa da princesa de Guermantes, fui fazer-lhe minhas despedidas, pois seus primos iam levar-me e tinham muita pressa. No entanto, o Sr. de Guermantes quis despedir-se do irmão. Tendo a Sra. de Surgis tido tempo, numa porta de dizer ao duque que o Sr. de Charlus fora encantador com ela e com seus filhos, essa grande amabilidade do irmão, a primeira que tivera em tal exposição de idéias, tocou profundamente Basin e despertou-lhe sentimentos; e na família que jamais adormeciam por muito tempo. No momento em que nos despedíamos da princesa, ele, sem agradecer expressamente ao Sr. de Charlus, fez questão de lhe exprimir o seu afeto, ou porque de fato tivesse dificuldades em contê-lo, ou porque o barão se lembrou de que o tipo de atitudes que tivera aquela noite não passaria despercebido aos olhos do irmão, do mesmo modo como, para lhe criar no futuro associações saudáveis, a gente dá açúcar a um cachorro que se pôs nas patas traseiras.

- Ora bem, irmãozinho - disse o duque detendo o Sr. de Charlus e pegando-o docemente pelo braço -, é assim que se passa pelo irmão mais velho ser nem sequer dar boa-noite? Não te vejo mais, Mémé, e nem sabes como isto me faz falta. Procurando cartas antigas, encontrei justamente as da pobre mamãe, todas tão carinhosas contigo.

- Obrigado, Basin - respondeu o Sr. de Charlus com voz alterada, pois nunca podia

falar da mãe sem emoção.

- Deverias te decidir a me deixar instalar um pavilhão para ti em Guermantes - prosseguiu o duque.

- É lindo ver dois irmãos tão carinhosos um com o outro - disse a princesa a Oriane. - Ah, duvido que possam existir muitos irmãos como estes. Eu o convidarei com o barão - prometeu-me a duquesa. - Vocês não estão de mal?... Mas o que é que eles podem ter para se falar? -acrescentou em tom inquieto, pois ouviu indistintamente as palavras deles. Sempre tivera um certo ciúme do prazer que o Sr. de Guermantes experimentava em conversar com o irmão sobre um passado de que mantinha um tanto afastada a esposa. Esta sentia quando os dois estavam felizes por se acharem assim juntos e ela, não podendo mais conter sua impaciente curiosidade, ia para perto deles, sua chegada lhes causava desagrado. Mas, naquela noite, a esse habitual ciúme acrescentava-se outro. Pois, se a Sra. de Surgis contara ao Sr. de Guermantes as atenções de seu irmão, a fim de que fosse agradecê-las, ao mesmo tempo algumas amigas devotadas do casal Guermantes julgaram dever avisar a duquesa de que a amante de seu marido fora vista conversando com o irmão deste. E a Sra. de Guermantes se atormentava com isso.

- Lembra-te como éramos felizes outrora em Guermantes - continuou o duque, dirigindo-se ao Sr. de Charlus. - Se aparecesses por lá algumas vezes no verão, poderíamos recomeçar a nossa boa vida. Lembras-te do velho Courveau: "por que é que Pascal é troublant?

- Porque é trou... trou..." - pronunciou o Sr. de Charlus como se respondesse ainda ao professor. - "E por que é que Pascal é troublé? Porque é trou... trou...

- Muito bem, o senhor será aprovado, certamente receberá uma menção, e a senhora duquesa lhe dará um dicionário de chinês."

- Pois tu te lembras, Basin, naquela época eu tinha uma paixão pela China.

- Se me lembro, meu querido Mémé! E creio ver ainda o velho jarrão que te trouxera Hervey de Saint-Denis. Ameaçavas ir passar definitivamente a tua vida na China, de tão apaixonado que estavas por aquele país; já gostavas de fazer longas vagabundagens. Ah, foste um tipo especial, pois pode-se dizer que nunca, em coisa alguma, tiveste os mesmos gostos de todo mundo... -

Mas apenas dissera tais palavras, o duque enrubesceu, pois conhecia, se não os costumes, ao menos a reputação do irmão. Como jamais lhe falara naquilo, estava tanto mais constrangido por ter dito algo que podia parecer relacionar-se com o caso, e mais ainda por ter se mostrado constrangido. Após um segundo de silêncio:

- Quem sabe - disse ele para desfazer suas últimas palavras - se não estavas

apaixonado por uma chinesa, antes de amar a tantas brancas, e lhes agradares, a julgar por uma certa dama a quem deste muita satisfação esta noite ao conversar com ela. Ela ficou encantada contigo.

O duque havia prometido a si próprio não falar da Sra. de Surgis, mas, em meio à confusão que a gafe que acabara de cometer lançara nas suas idéias, apegara-se à mais próxima, que era justamente aquela que não devia aparecer na conversa, embora a tivesse motivado. Mas o Sr. de Charlus notara o rubor do irmão. E como os culpados que não desejam parecer embaraçados quando se fala diante deles do crime que pretendem não ter cometido, e julgam dever prolongar uma conversação perigosa:

- Estou encantado - respondeu-lhe -; mas faço questão de reportar-me à tua frase anterior, que me parece profundamente verdadeira. Tu dizias que nunca tive as mesmas idéias de todo mundo, não dizias idéias, dizias gostos. Como é exato! Nunca tive em coisa alguma os gostos mundo; como é exato! Tu dizias que eu tinha gostos especiais.

- Absolutamente não - protestou o Sr. de Guermantes, que de fato não disse palavras e talvez não acreditasse na realidade, no caso do irmão, só elas designam. E, além disso, julgar-se-ia por acaso no direito de comentá-lo devido à singularidades que, de qualquer maneira, tinham percebido bastante duvidosas ou bastante secretas para não prejudicar a excepcional posição de Charlus? Mais ainda, sentindo que essa posição do irmão ia colocar-se a serviço de suas amantes, o duque dizia consigo que aquilo bem valia algumas complacências em troca; se tivesse, no momento, conhecido alguma ligação "especial" do irmão, ele, na esperança do apoio que o irmão lhe daria, esperança unida à piedosa lembrança do tempo passado, teria passado por cima, fechando os olhos a tudo, caso necessário, até estenderia a mão.

- Vamos, Basin; boa-noite, Pamede. - disse a duquesa, roída de raiva e de curiosidade; -se resolveram passar a noite aqui, é melhor que fiquemos para a ceia. Faz meia hora que nos deixam de pé, a Marie e a mim. -

O duque deixou o irmão a um abraço significativo; e nós três descemos a escadaria imensa do palácio da princesa. Dos dois lados, nos degraus mais altos, espalhavam-se casais que esperavam que seu carro aparecesse. Ereta, isolada, ladeada por mim e pelo marido, a duquesa mantinha-se à esquerda da escadaria, já envolta em seu manto à Tiepolo, o broche de rubis fechando-lhe a garganta, devorada pelos olhos das mulheres e dos homens, que procuravam surpreender o segredo da sua beleza e da sua elegância. Esperando o seu carro no mesmo degrau da escada da Sra. de Guermantes, mas na extremidade oposta, a Srt. de Gallardon, que desde muito perdera toda a esperança de ser um dia visitada por sua prima, virava as costas para não parecer vê-la, e sobretudo para não

oferecer a prova de que esta não a cumprimentava. A Sra. de Gallardon estava de muito mau humor, pois os senhores que a acompanhavam tinham julgado dever falar-lhe de Oriane:

- Absolutamente, não faço questão nenhuma de vê-la - respondera-lhes; aliás, avistei-a há pouco, ela principia a envelhecer; parece que não consegue se acostumar. O próprio Basin foi quem disse. E bem o compreendo, pois, como não possui inteligência, é malvada e tem maus modos, percebe que, quando lhe faltar a beleza, não terá mais absolutamente nada.

Eu pusera meu sobretudo, o que o Sr. de Guermantes, que receava gripes, censurou ao descer comigo, por causa do calor que fazia. E a geração de nobres, que mais ou menos havia passado por monsenhor Saint-Loup, fala um francês tão ruim (à exceção dos Castellane), que o duque assim exprimiu seu pensamento:

- É preferível não estar coberto antes de ir para fora, pelo menos em tese geral.

Revejo toda esta saída, revejo, se não é por engano que coloco esta cena na escadaria, retrato destacado de seu quadro, o príncipe de Sagan, para quem seria essa a última recepção mundana, descobrir-se para render suas homenagens à duquesa, com uma revolução tão ampla do chapéu alto na mão de branco enluvada, combinando com a gardênia da botoeira, que a gente se espantava de que não fosse um chapéu de feltro, ornado de plumas, do Antigo Regime, do qual várias figuras ancestrais estavam perfeitamente reproduzidas na daquele grão-senhor.

Pouco se deteve junto dela, porém mesmo as suas atitudes de um momento bastavam para compor todo um quadro vivo e como que uma cena histórica. Por outro lado, como está morto desde então e eu mal o avistara quando vivo, de tal modo tornou-se para mim um personagem histórico, ao menos da história mundana, que ocorre espantar-me ao pensar que uma mulher e um homem de meu conhecimento sejam sua irmã e seu sobrinho.

Enquanto descíamos as escadas, ia subindo, com um ar de fadiga que bem lhe assentava, uma mulher aparentando quarenta anos, mas que deveria ter mais. Era a princesa d'Orvillers, filha natural, conforme diziam, do duque de Parma, e cuja voz suave se escondia num vago acento austríaco. Ela avançava, alta, inclinada, num vestido de seda branco e florido, deixando ofegar o colo delicioso, palpitante e exausto através de um colar de diamantes e de safiras. Sempre sacudindo a cabeça como uma potranca real que se embaraçasse com seu cabresto de pérolas, de valor inestimável e de peso incômodo, pousava aqui e ali os olhares doces e encantadores, de um azul que, à medida que principiava a desgastar-se, tornava-se ainda mais acariciante e fazia à maioria dos convidados que se retiravam um aceno amigável de cabeça.

- Que bela hora arranjou para chegar, Paulette! - disse a duquesa.

- Ah, lamento muito! Mas na verdade não houve possibilidade material - respondeu a princesa d'Orvillers, que tomara emprestado à duquesa de Guermantes esse gênero de frases, mas acrescentava-lhe a sua doçura natural e o ar de sinceridade conferido pela energia de um acento vagamente doce numa voz tão suave. Ela dava a impressão de aludir a contratempos de vida muito longos para narrar, e não vulgarmente às recepções, embora naquele momento regressasse de várias delas. Mas não eram estas que a forçavam a vir tão tarde. Como o príncipe de Guermantes houvesse impedido sua mulher, durante longos anos, de receber a Sra. d'Orvillers, esta, quando foi levantada a proibição, contentara-se em responder aos convites, para não dar a entender que estava sequiosa por eles, com simples cartões de visitas deixados no palácio. Ao fim de dois ou três anos de utilização desse método, ela própria comparecia, mais tarde, como se estivesse voltando do teatro. Dessa forma, dava a impressão de não ligar a mínima para a recepção, nem de ser vista ali, simplesmente fazendo uma visita ao príncipe e à princesa somente por simpatia, no momento em que, tendo já ido embora três quartos dos convidados, ela "gozaria mais a presença deles".

- Oriane, de fato, - ao último degrau resmungou a Sra. de Gallardon. - Não compreendo como Basin a deixa falar à Sra. d'Orvillers. Não é o Sr. de Gallardon que me permitiria fazer isto. - Quanto a mim, reconhecera na Sra. d'Orvillers mulher que, perto do palácio Guermantes, lançara-me longos olfatos, langorosos, virava-se, parava diante das vitrines das lojas. A Sra. de. Guermantes me apresentou; a Sra. d'Orvillers foi encantadora, nem muito amável nem constrangida. Olhou-me como a todo mundo com seus olhos verdes... Porém nunca mais, quando a encontrasse, eu deveria receber parte de um só daqueles avanços em que ela parecia oferecer-se. Existem olhares especiais que parecem nos reconhecer, e que um rapaz só recebe de certas mulheres e de certos homens até o dia em que nos conhecem e ficam sabendo que somos amigos de pessoas a que também estão ligados.

Anunciaram que o carro já avançara. A Sra. de Guermantes puxou a saia vermelha, como para descer a escada e subir ao carro, mas, animada talvez pelo remorso, ou pelo desejo de agradar e, sobretudo, de aproveitar a brevidade que o impedimento material de prolongá-lo impunha um ato tão tedioso, olhou para a Sra. de Gallardon; depois, como se somente então a tivesse avistado, atravessou todo o comprimento do degrau até descer e, tendo chegado à prima deslumbrada, estendeu-lhe a mão.

- Há quanto tempo! - disse-lhe a duquesa que, para não ser obrigada a desenvolver tudo o que se continha de pesar e de desculpas legítimas nessa fórmula, voltou-se com ar assustado para o duque, o qual, de fato, tinha descido comigo em direção ao carro, esbravejava ao ver que a mulher seguira em

direção à Sra. de Gallardon e interrompia a circulação dos outro carros.

- Oriane ainda está mesmo muito bonita! - disse a Sra. do Gallardon. - Fazem-me rir as pessoas quando dizem que não nos damos bem; por motivos em que não precisamos meter os outros, podemos ficar anos e anos sem nos vermos; mas temos bastantes recordações comuns para que possamos algum dia ficar afastadas, e, no fundo, ela bem sabe que a estimo ainda mais que muitas pessoas a quem vê todos os dias e que nos são do seu sangue. -

A Sra. de Gallardon era na verdade como esposos amorosos desdenhados que a todo transe querem fazer acreditar que e mais amados do que aqueles escolhidos por sua bela. E pelos elos que, sem se preocupar com a contradição com o que havia dito pouco antes, ela prodigalizava ao falar da duquesa de Guermantes provava indiretamente que esta possuía a fundo as normas que devem orientar em sua carreira a uma rainha da elegância, a qual, na ocasião mesma em que seu vestido mais maravilhoso excita, além da admiração, a inveja, deve saber atravessar uma escadaria inteira para desarmá-la.

- Pelo menos, presta atenção para não molhar os sapatos - (pois havia caído uma breve pancada de chuva) - disse o duque, que ainda estava furioso por ter esperado.

Durante a volta, devido à exigüidade do cupê, os sapatos vermelhos se achavam forçosamente pouco afastados dos meus; e a Sra. de Guermantes, receando até que me houvessem tocado, disse ao duque:

- Este rapaz vai ser obrigado a dizer-me, como em não sei mais qual caricatura: "Senhora, diga logo que me ama, mas não pise meus pés desse jeito." -

Aliás, meus pensamentos andavam bem longe da Sra. de Guermantes. Desde que Saint-Loup me falara de uma moça de alta linhagem que freqüentava um bordel e da camareira da baronesa Putbus, era nessas duas pessoas que, em bloco, se resumiam os desejos que me inspiravam diariamente tantas beldades de ambas as classes; de uma parte, as vulgares e magníficas, as majestosas camareiras de casa nobre, cheias de orgulho, e que dizem "nós" ao falar das duquesas; de outra parte, aquelas moças de que às vezes me bastava, mesmo sem as ter visto passar de carro ou a pé, ter lido o nome num noticiário de baile para me enamorar delas e, depois de procurar conscienciosamente no anuário dos castelos o lugar onde passavam o verão (muitas vezes deixando-me iludir por um nome parecido), sonhar, alternativamente, ir habitar as planícies do Oeste, as dunas do Norte e os bosques de pinheirais do Sul. Mas, por mais que fundisse inteira toda a matéria carnal mais requintada para compor, conforme o ideal que me traçara Saint-Loup, a jovem leviana e a camareira da Sra. Putbus, faltava às minhas duas beldades possíveis aquilo que eu ignoraria enquanto as não tivesse visto: o caráter individual. Em vão eu devia esgotar-me para tentar imaginar,

durante os meses em que o meu desejo se dirigia de preferência às moças, como era feita e quem seria aquela de quem Saint-Loup me havia falado; e, durante os meses em que teria preferido uma camareira, a da Sra. Putbus. Mas que tranqüilidade, depois de ter sido perpetuamente perturbado por meus desejos inquietos, por tantas criaturas fugitivas de quem muitas vezes nem mesmo sabia os nomes, que de todo jeito eram tão difíceis de encontrar, e mais ainda de conhecer, impossíveis talvez de conquistar, o haver reservado, de toda essa beleza esparsa, fugidia, anônima, dois espécimes de elite, munidos de sua ficha identificadora, e que eu pelo menos tinha certeza de conseguir quando quisesse! Adiava a hora de entregar-me a esse duplo prazer, como adiava a do trabalho, mas a certeza de quando quisesse quase me dispensava de agarrá-lo, como esses compridos soporíferos que é bastante ter ao alcance da mão para não precisar deles e adormecer. No universo inteiro eu não desejava mais que, mulheres das quais, é verdade, não conseguia imaginar o rosto, mas quem Saint-Loup me ensinara os nomes e garantira a complacência modo que, se por suas palavras de há pouco havia fornecido um trabalho à minha imaginação, em compensação proporcionara um aprazível descanso, um repouso duradouro à minha vontade.

- Pois bem - disse-me a duquesa. - Fora os bailes, não poder lhe ser útil de algum modo? Encontrou algum salão onde deseja quem apresente? -

Respondi-lhe que temia que o único que desejava conhecer não fosse suficientemente distinto para ela.

- Qual é? - indagou ela com voz rouca e ameaçadora, sem quase abrir a boca.

- A baronesa Putbus -

Desta vez, ela fingiu verdadeira cólera.

- Ah, não! Isso é que não. Está zombando de mim. Nem sei mesmo por qual acaso sei o nome desse camelo. Pois ela é o lodo da sociedade. É como se o senhor me dissesse que o apresentasse à minha caixeira. E, mesmo assim, não; a minha caixeira é encantadora. Você é meio doido, meu pobre rapaz. Em todo caso peço-lhe por favor, seja polido para com as pessoas a quem o apresento deixe-lhes cartões, vá visitá-las e não lhes fale da baronesa Putbus, que é desconhecida. -

Perguntei-lhe se a Sra. d'Orvillers não era um tanto leviana.

- Oh, de jeito nenhum, o senhor está confundindo, ela seria antes presunçosa. Não é mesmo, Basin?

- Sim; de qualquer modo, creio que nunca houve o que dizer a seu respeito - disse o duque. - Não quer ir conosco ao baile à fantasia? - perguntou-me - Eu lhe emprestaria um manto veneziano e sei de alguém que terá enorme satisfação com isso; primeiro a Oriane, é escusado dizer, mas estou me referindo à princesa

de Parma. Todo o tempo ela entoa os seus louvores, só jura pelo senhor. O amigo tem a sorte visto ser a princesa um tanto madura de que ela seja de uma pudicícia absoluta. Não fosse isso, certamente o tomaria como chichisbéu, como se dizia na minha juventude, uma espécie de cavaleiro servidor.

Eu não fiz questão do baile à fantasia, mas do encontro com Albertine. Portanto, recusei. O carro havia parado, o lacaio bateu no portão principal, os cavalos escarvaram até que ele fosse escancarado, e o carril penetrou no pátio.

- Até mais ver - disse o duque.

- Às vezes, tenho lastimado morar assim tão perto de Marie - disse a duquesa porque; gosto muito dela, gosto um pouquinho menos de vê-la. Mas nunca lastimo essa proximidade tanto como esta noite, pois isto me faz ficar tão pouco tempo em sua companhia.

- Vamos, Oriane, nada de discursos. -

A duquesa desejaria que eu entrasse por um momento em sua casa. Riu muito, bem como o duque, quando eu disse que não podia porque uma moça devia me fazer uma visita precisamente àquela hora.

- O senhor tem uma hora muito divertida para receber suas visitas - disse a duquesa.

- Vamos, minha querida, despachemo-nos - disse o Sr. de Guermantes à mulher. - Faltam quinze para a meia-noite e é hora de a gente se fantasiar... -

Diante da porta, severamente guardada por elas, ele topou com as duas damas de bengala que não tinham receado descer de suas alturas a fim de evitar um escândalo.

- Basin, fizemos questão de preveni-lo, por medo de que seja visto nesse baile: o pobre Amanien acaba de morrer faz uma hora. -

O duque teve um instante de alarme. Via a famosa festa evaporar-se para ele desde o momento em que, devido àquelas malditas montanhesas, era advertido da morte do Sr. d'Osmond. Mas recuperou-se rápido e atirou às duas primas esta frase em que expressava, com a determinação de não renunciar a um prazer, a sua incapacidade de assimilar exatamente os volteios da língua francesa:

- Está morto! Mas não, estão exagerando, exagerando! -

E sem mais se ocupar das duas parentas que, munidas de seus *alpenstocks*, iam fazer a escalada dentro da noite, ele se precipitou em busca de notícias, interrogando o seu criado de quarto:

- Meu capacete já chegou?

- Sim, senhor duque.

- Tem um buraco por onde se possa respirar? Não tenho vontade de ficar asfixiado, que diabo!

- Sim, senhor duque.

- Ah, maldição! Esta é uma noite de desgraças! Oriane, esqueci de perguntar a Babal se os sapatos de polainas eram para você!

- Mas meu querido, já que o roupeiro da ópera Cômica está aí, ele nos dirá. Por mim, não creio que possa combinar com suas esporas.

- Vamos procurar o roupeiro - disse o duque. - Adeus, meu rapaz; gostaria de convidá-lo para entrar conosco, enquanto experimentamos as fantasias, para diverti-lo. Mas ficaríamos conversando, já vai dar meia-noite e é preciso que não cheguemos atrasados para que a festa seja completa.

Eu também tinha pressa de deixar o Sr. e a Sra. de Guermantes o mais rápido possível. Fedra terminava cerca das onze e meia. Pelo tempo decorrido, Albertine já devia ter chegado. Fui direto a Françoise:

- A Srta. Albertine está aí?

- Ninguém chegou.

Meu Deus, isto queria dizer que ninguém viria? Sentia-me atormentado, a visita de Albertine parecia-me agora tanto mais desejável, por ser menos certa. Françoise também estava aborrecida, mas por um motivo inteiramente diverso. Acabava de instalar sua filha à mesa para uma refeição suculenta. Mas, ao ouvir-me chegar, vendo que lhe faltava tempo para tirar os pratos e preparar as agulhas e a linha, como se se tratasse de uma costura e não de uma ceia, disse-me:

- Ela acaba de tomar umas colheradas de sopa; obriguei-a a chupar uns frutos - para reduzir assim a quase nada a refeição da filha, e como se fosse culposa a abundância. Mesmo no almoço ou no jantar, se eu cometesse a falta de entrar na cozinha, Françoise fingia que tinham terminado e até desculpava dizendo:

"Eu tinha querido comer um pedaço", ou "umboca '' - Mas a gente logo se tranqüilizava ao ver a multidão de pratos que, enchiam a mesa e que Françoise, surpreendida pela minha súbita entrada; como um malfeitor que ela não era, não tivera tempo de fazer desaparecer. Depois, acrescentou:

- Vamos, vai te deitar, já trabalhaste demasiado - (pois queria que a filha desse a impressão não só de não nos custar - de viver de privações, mas também de se matar de trabalho por nossa causa). - Não fazes mais que atravancar a cozinha e sobretudo incomoda o patrão que espera a visita. Vamos, sobe - prosseguiu, como se fosse obrigada a usar de autoridade para mandar a filha dormir, a qual, uma vez que estava gorada a ceia, estava ali por estar, e que, se eu tivesse

permanecido ali mais cinco minutos, teria saído por si mesma. E voltando-se para com o belo francês popular e no entanto meio individual, que era o seu:

- Pois não vê o patrão que a vontade de dormir lhe desfaz a cara? -

Eu ficara encantado por não ter de conversar com a filha de Françoise. Já disse que ela era de uma região bem próxima da de sua prima; no entanto, bem diferente pela natureza do terreno, das culturas, do dia-a-dia; principalmente por certas particularidades dos habitantes. Assim, a "açougueira" e a sobrinha de Françoise não se davam nada bem, mas tinham algo em comum: quando saíam a recado, demoravam-se horas "na casa da marquês" ou "na casa da prima", sendo incapazes de terminar uma conversação, em cujo transcorrer se dissipava o motivo que as havia feito sair, de tal modo que se lhes perguntavam, ao regressarem:

- E então, o Sr. marquês de Norpois estará visível às seis e quinze? - elas nem mesmo batiam na testa dizendo:

- Ah, esqueci mas: - Ah, não entendi que o patrão tinha perguntado isso, pensei que era só para cumprimentar o senhor marquês" - Se elas "perdiam a cabeça" desse jeito quanto a uma coisa dita uma hora antes, em compensação era impossível tirar-lhes da cabeça o que tinha ouvido a irmã ou a prima dizerem uma vez. Assim, se a "açougueira" ouvira dizer que os ingleses nos tinham feito a guerra em 1870 ao mesmo tempo que os prussianos (e por mais que eu lhe explicasse que aquilo era sonho), a cada três semanas me repetia no decurso de uma conversa:

- E por causa dessa guerra que os ingleses nos fizeram em 1870, ao mesmo tempo que os prussianos.

- Mas eu já lhe disse cem vezes que você está enganada. -

Ela respondia, o que deixava claro que nada abalava a sua convicção:

- Em todo caso, não é motivo para lhes querer mal. Desde 1870, muita ocorreu debaixo das pontes, etc. -

Uma outra vez, pregando uma guerra contra a Inglaterra, que eu desaprovava, dizia:

- Decerto, sempre é melhor não haver guerra. Mas, visto que é necessário, é preferível começar logo. Como explicava a mana há pouco, desde essa guerra que os ingleses nos fizeram em 1870, os tratados comerciais nos arruínam. Depois de os termos derrotado, não se deixará mais entrar na França um só inglês sem pagar trezentos francos de entrada, como nós fazemos agora para ir à Inglaterra.

Tal era, além de grande honestidade e, quando falavam, de uma surda obstinação

em não se deixarem interromper, em recomeçarem vinte vezes do ponto em que por acaso eram interrompidas, o que acabava por dar às suas frases a solidez inabalável de uma fuga de Bach, o caráter dos habitantes daquela terrinha, que não contava mais de quinhentos, orlada de castanheiros, salgueiros, campos de batatas e de beterrabas. Ao contrário, a filha de Françoise falava, julgando-se uma mulher moderna e fora dos caminhos muito batidos, a gíria parisiense e não perdia nenhum dos gracejos adjuntos. Tendo-lhe dito Françoise que eu chegava da casa de uma princesa:

- Ah, sem dúvida uma princesa de fancaria. -

Vendo que eu esperava uma visita, fingiu julgar que me chamava Charles. Respondi-lhe ingenuamente que não, o que lhe permitiu encaixar:

- Ah, era o que eu pensava!

"E dizia comigo Charles *attend* (*charlatan)*{11}."

Não era de muito bom gosto. Mas fiquei menos indiferente quando, como consolo pelo atraso de Albertine, ela me disse:

- Acho que o senhor pode esperá-la sentado. Ela não vem mais. Ah, as nossas gigoletes de hoje!

Assim, o seu linguajar diferia do da mãe; mas o que é mais curioso, a fala de sua mãe diferia da de sua avó, natural de Bailleau-le-Pin, que era bem próximo da região de Françoise. No entanto, os dialetos diferiam ligeiramente como as duas paisagens. A região da mãe de Françoise, em declive e descendo para um barranco, era povoada de salgueiros. E, muito longe dali, pelo contrário, havia na França uma pequena região onde se falava quase exatamente o mesmo dialeto que em Méséglise. Fiz essa descoberta ao mesmo tempo que aquilo me aborreceu. Com efeito, certa vez achei Françoise em animada conversa com uma camareira da casa, que era dessa região e falava aquele dialeto. Elas quase se compreendiam, eu não as compreendia absolutamente, elas o sabiam, e nem por isso deixavam de conversar, com a desculpa, acreditavam, da alegria de serem conterrâneas; embora nascidas tão longe uma da outra, diante de mim naquela língua estranha, como quando não se deseja ser compreendido. Esses pitorescos estudos de geografia lingüística e de camaradagem, prossegui todas as semanas na cozinha, sem que eu sentisse nenhum prazer naquilo. Como, de cada vez que se abria o portão principal, o porteiro apertava um botão elétrico que iluminava a escada, e como todos os locatários já estivessem em casa, deixei imediatamente a cozinha e voltei a sentar na antecâmara para espiar, ali onde a cortina um pouco estreita, que não cobria inteiramente a porta envidraçada de nosso apartamento, deixei passar a sombria raia vertical formada pela semi-obscuridade da escada; para que de repente, essa raia se tornasse de um amarelo

dourado, é que Albertine acabara de entrar embaixo e em dois minutos estaria junto de mim; nenhuma outra pessoa podia chegar àquela hora. E eu permanecia, sem poder desviar os olhos da raia que se obstinava em continuar sombria; debruçava-me todo para estar certo de ver bem; porém, por mais que olhasse o negro traço vertical, apesar de meu desejo apaixonado, não me concedia contentamento embriagador que eu teria tido se o visse mudar-se, por súbito encantamento significativo, numa luminosa barra de ouro. Era inquietação demais por causa dessa Albertine, em quem não havia pensado sequer três minutos durante o sarau Guermantes! Porém, despertando os sentimentos de espera que outrora experimentara a respeito de outras moças principalmente Gilberte, quando ela demorava a chegar, a possível privação de um simples prazer físico causava-me um cruel sofrimento moral.

Tive de voltar para o quarto. Françoise me seguiu. Como eu estivesse de volta da recepção, ela achava inútil que eu guardasse a rosa de botoeira, e veio tirá-la. Seu gesto, fazendo-me lembrar que Albertine podia não vir mais e obrigando-me também a confessar que desejava estar elegante para ela, provocou-me uma irritação que foi duplicada pelo fato que havia machucado a flor enquanto me desprendia violentamente. Palavras de Françoise:

- Seria melhor deixar que a tirasse em vez de estragá-la desse jeito. -

Aliás, suas menores palavras me exasperavam. Enquanto a gente espera, sofre tanto com a ausência de quem está lembrando que não pode suportar a presença de outra pessoa.

Depois que Françoise saiu do quarto, pensei que, se chegara a essa coqueteria em relação a Albertine, era uma pena que tivesse mostrado tantas vezes a ela tão mal barbeado, com uma barba de muitos dias, nas noites em que a deixava vir para recomeçar nossas carícias. Sentia que, despreocupada de mim, ela me deixava sozinho. Para embelezar pouco o meu quarto, caso Albertine ainda viesse, e porque era uma das coisas mais belas que eu possuía, voltei a colocar pela primeira vez em muitos anos, sobre a mesa que ficava junto da cama, aquele porta-papéis ornado de turquesas que Gilberte me encomendara para envolver a plaquete de Bergotte e que, durante tanto tempo, quisera eu guardar comigo enquanto dormia, ao lado da bolinha de ágata. Além disso, talvez tanto como Albertine, ainda não chegada, sua presença naquele momento em um "alhures" que ela evidentemente achara mais agradável e que eu não conhecia causava-me um sentimento doloroso que, apesar do que eu dissera há uma hora apenas a Swann, acerca da minha incapacidade de sentir ciúmes, teria se transformado, se visse a minha amiga a intervalos menos longos, numa ansiosa necessidade de saber onde e com quem ela passava o tempo. Não me animava a mandar um recado à casa de Albertine, era muito tarde, mas, na esperança de que, ceando talvez com amigas num café, ela tivesse a idéia de me telefonar,

torci o interruptor e, restabelecendo a comunicação no meu quarto, cortei-a entre a central e o quarto do porteiro, a que estava normalmente ligado àquela hora. Ter um receptor no corredorzinho para onde dava o quarto de Françoise teria sido mais simples, menos incômodo, porém inútil. Os progressos da civilização permitem a cada um manifestar qualidades insuspeitadas ou vícios novos que os tornam mais caros ou mais insuportáveis a seus amigos. Foi assim que a descoberta de Edison permitira à Françoise adquirir um defeito a mais, que era o de se recusar a servir-se do telefone, por mais urgência ou utilidade que houvesse nisso. Ela encontrava um jeito de se furtar quando queriam lhe ensinar a usá-lo, como outros fogem no momento de serem vacinados. Assim, o telefone estava instalado no meu quarto e, para que não incomodasse meus pais, sua campainha fora substituída por um simples rumor de torniquete. De medo de não ouvi-lo, eu não me movia. Minha imobilidade era tal que, pela primeira vez depois de meses, reparei no tique-taque da pêndula. Françoise veio arrumar as coisas. Conversava comigo, mas eu detestava aquela conversa, sob cuja continuidade uniformemente banal meus sentimentos se alteravam de minuto a minuto, passando do temor à ansiedade, da ansiedade à decepção completa. Diversamente das palavras vagamente satisfeitas que me julgava obrigado a dirigir-lhe, sentia tão infeliz a minha fisionomia que pretextei estar sofrendo de um reumatismo para explicar a discordância entre minha indiferença simulada e aquela expressão dolorosa; além disso, temia que as palavras pronunciadas por Françoise, aliás a meia voz (não por causa de Albertine, pois ela julgava passada há muito a hora de sua possível chegada), me impedissem de ouvir o apelo salvador que não viria mais. Françoise foi se deitar; despedi-a com uma rude brandura, para que o que ela faria ao sair não abafasse o do telefone.

Recomecei a sofrer; quando estamos esperando, do ouvido que recolhe os ruídos do espírito que os despoja e analisa, e do espírito ao coração, a quem ele emite seus resultados, o duplo trajeto é tão rápido que nós nem sequer pudemos perceber sua duração, e parece que estamos ouvindo direto com o coração.

Eu era torturado pela incessante reincidência do desejo, se mais ansioso e jamais satisfeito, de um rumor de chamada; eis que chegando ao ponto culminante de uma ascensão atormentada pelas esperanças de minha angústia solitária, do fundo da Paris populosa e noturna, próxima de mim, ao lado de minha biblioteca, ouvi de repente, uma mecânica sublime, como no Tristão a écharpe agitada ou a flauta de cana do pastor - ruído de pião do telefone.

Levantei-me depressa; era Albertine.

- Não incomodo ao telefone numa hora destas?

- Claro que não... - disse, reprimindo a alegria, pois o que ela dizia acerca da hora indevida sem dúvida era para se desculpar por vir num momento tão tardio, e

não que viesse.

- Você vem? - perguntei num tom indiferente.

- Claro que não, se você não tem necessidade absoluta de mim.

Uma parte de mim à qual a outra queria se juntar estava em Albertine. Era preciso que ela viesse, mas no começo eu não lhe disse nada; como estávamos em comunicação, disse para mim mesmo que poderia sempre obrigá-la, no último instante, ou a vir até minha casa, ou a me deixar correr até a sua.

- Sim, estou perto de casa - disse ela; e um pouco longe da sua. Não tinha lido bem o seu recado. Acabei de relê-lo e pensei que você não estivesse me esperando. -

Percebi que ela mentia e agitado na minha fúria, mais ainda pela necessidade de incomodá-la do que de vê-la é que desejava obrigá-la a vir. Mas queria primeiro recusar o que pretendia obter dentro de instantes. Mas onde estava ela? Às suas palavras misturavam-se outros sons: a buzina de um ciclista, a voz de uma mulher que cantava, uma fanfarra distante ressoavam tão distintamente como a voz querida, como para me mostrar que era mesmo Albertine em seu meio até que estava perto de mim naquele momento, como um torrão de terra com o qual foram trazidas todas as gramíneas que o cercavam. Os mesmos ruídos que eu ouvia também feriam seus ouvidos e estorvavam sua atenção pormenores de verdade, estranhos ao assunto, inúteis em si mesmos, mais necessários para nos revelar a evidência do milagre; vestígios sóbrios e encantadores, descritivos de alguma rua parisiense, vestígios igualmente intensos e cruéis de um sarau desconhecido que, à saída da Fedra, havia impedido Albertine de vir até minha casa.

- Começo prevenindo-a de que não é para que você venha, pois a essa hora você me deixaria muito constrangido - disse-lhe; - estou caindo de sono. E depois, afinal, há um monte de complicações. Faço questão de lhe dizer que não havia mal-entendido possível em meu bilhete. Você me havia respondido que estava combinado. Então, se você não tinha compreendido, o que é que queria dizer com isso?

- Eu disse que estava combinado, apenas já não me lembrava bem do que fora combinado. Mas vejo que você está aborrecido e isto me incomoda. Lamento ter ido à Fedra. Se tivesse adivinhado que ia causar tantos transtornos... - acrescentou, como todas as pessoas que, sendo culpadas de uma coisa, aparentam crer que é uma outra coisa que lhes censuram.

- Fedra não tem nada a ver com o meu descontentamento, visto que fui eu quem lhe aconselhou que fosse.

- Então você ficou aborrecido comigo; é pena que já seja tão tarde esta noite;

não fosse isso eu teria ido a sua casa, mas irei amanhã ou depois de amanhã para me desculpar.

- Oh, não! Albertine, peço-lhe; depois de ter-me feito perder uma noite, deixe-me ao menos em paz nos dias seguintes. Não estarei livre nos próximos quinze dias, ou três semanas. Escute, se lhe aborrece nos separarmos com uma impressão de cólera, e, no fundo, talvez tenha razão, então ainda prefiro, cansaço por cansaço, já que a esperei até esta hora e que você ainda está na rua, que venha imediatamente, vou tomar café para despertar.

- Não seria possível deixar isto para amanhã? Porque a dificuldade... -

Ao ouvir estas palavras de desculpa, pronunciadas como se ela não viesse, senti que, ao desejo de rever o rosto aveludado que já em Balbec orientava todos os meus dias para o momento em que, diante do mar cor-de-malva de setembro, eu estaria ao lado daquela rósea flor, tentava dolorosamente unir-se um elemento bem diverso. Essa tremenda necessidade de uma criatura, eu aprendera a conhecê-la em Combray a respeito de minha mãe, e até ao ponto de desejar morrer se ela me mandava dizer por Françoise que não poderia subir. Esse esforço do antigo sentimento para se combinar e fazer apenas um só elemento com o outro, mais recente, e que tinha somente como objeto a superfície colorida, a rósea carnação de uma flor de praia, esse esforço muitas vezes leva apenas (no sentido químico) a um corpo novo, que pode durar pouco mais que alguns instantes. Naquela noite ao menos, e por muito tempo ainda, os dois elementos permaneceram dissociados. Mas, já às últimas palavras ouvidas pelo telefone, comecei a compreender que a vida de Albertine estava situada (sem dúvida não do ponto de vista material) a uma tal distância de mim que me seriam necessárias sempre explorações fatigantes para lhe pôr a mão em cima; mais ainda: estava organizada como fortificações de campanha e, para maior segurança, com o tipo daquelas a que bem mais tarde adquiriu-se o hábito de tornar "camufladas". Aliás, Albertine, em um nível mais elevado do dela fazia parte desse tipo de pessoas a quem a porteira promete ao portador entregar a carta quando voltar para casa até o dia em que descobrimos que precisamente ela (a pessoa encontrada fora e a que demos permissão de escrever) é que é a porteira, de modo que ela mora mais na portaria na casa que nos indicou (a qual, por sua vez é um pequeno bordel do qual a porteira é a cafetina) ou então dá o endereço de um prédio onde é conhecida por cúmplices que não revelam seu segredo, de onde lhe farão chegar as nossas cartas, mas onde esta reside, onde, quando muito, deixou suas coisas. Existências dispostas sobre cinco ou seis linhas estratégicas, de maneira que, quando se deseja conhecer essa mulher, bate-se muito à direita, ou muito à esquerda, muito adiante, ou muito atrás, podendo-se ignorar tudo durante meses. Quanto a Albertine, eu sentia que jamais aprenderia coisa alguma, que a multiplicidade entremeada de detalhes reais e de fatos

mentirosos eu chegaria a me desembaraçar. E que isto seria sempre assim, a menos que a colocasse na prisão (porém, foge-se) até o fim. Naquela noite, essa conecção fez passar através de mim não mais que uma inquietude, mas eu sentia fremir como que uma antecipação de longos sofrimentos.

- Claro que não respondi; já lhe disse que não estaria antes de três semanas, e muito menos amanhã que em qualquer outro - disse.

- Bem, então... tenho que andar depressa... é aborrecido, pois estou na casa de uma amiga que... -

Eu sentia que ela não acreditara que eu aceitaria sua proposta de vir, a qual, pois, não era sincera, e quis colocá-la entre a espada e a parede.

- Que me importa a sua amiga? Venha ou não venha, você é quem decide, não sou eu quem lhe pede para vir, foi você quem propôs.

- Não se zangue, vou pegar um fiacre e estarei em sua casa dentro de dez minutos. Assim, dessa Paris de cujas profundezas noturnas emanava até meu quarto, medindo o raio de ação de um ser longínquo, mensagem invisível, o que ia surgir e aparecer após essa primeira anunciação era aquela Albertine que eu havia conhecido outrora sob o céu da Balbec, quando os garçons do Grande Hotel, ao porem a mesa, eram ofuscados pela luz do poente, quando, estando as vidraças totalmente abertas, a aragem imperceptível do entardecer corria livremente da praia, onde demoravam os últimos passeantes, para a enorme sala de jantar onde ainda não se haviam sentado os primeiros comensais, e quando, no espelho; colocado por detrás do balcão, passava o reflexo rubro do casco e se deitava ao ficar por muito tempo o reflexo cinzento da fumaça do último vapor de Rivebelle. Eu já não me perguntava o que poderia ter atrasado Albertine quando Françoise entrou no meu quarto e disse:

- A senhorita Albertine está aí -, se respondi sem nem mesmo mover a cabeça, foi apenas para dissimular:

- Como, a Srta. Albertine vem tão tarde? -

Mas então, erguendo os olhos para Françoise, como na curiosidade de que sua resposta devia corroborar a aparente sinceridade de minha pergunta, percebi, com admiração e furor, que, capaz de rivalizar com a própria Berma na arte de fazer falar as roupas inanimadas e as feições do rosto, Françoise soubera "ensinar" ao seu corpete, a seus cabelos, cujos fios mais brancos tinham sido trazidos à superfície, exibidos como uma certidão de nascimento, a seu pescoço encurvado pela fadiga e pela obediência. Eles a lamentavam por ter sido arrancada ao sono e à tepidez do leito, no meio da noite, na sua idade, obrigada a se vestir às pressas, arriscando-se a pegar uma pneumonia. Assim, temendo ter dado a impressão de desculpar-me pela chegada tardia de Albertine, disse:

- Em todo caso, estou muito contente por ela ter vindo, não podia ser melhor e deixei explodir minha profunda alegria. Que não ficou muito tempo sem mistura, quando ouvi a resposta de Françoise. Esta, sem proferir nenhuma queixa, parecendo mesmo sufocar da melhor maneira uma tosse irresistível, e apenas cruzando o xale como se tivesse frio, começou a me contar tudo o que dissera a Albertine, não tendo esquecido de lhe pedir notícias da tia.

- Justamente dizia eu que o patrão devia recear que a senhorita não viesse mais, pois isto não são horas de chegar, daqui a pouco será de manhã. Mas ela devia estar em lugares onde se divertia bastante, pois não só não falou que estava contrariada por ter feito o patrão esperar, como também me respondeu com ar de pouco-caso: - Antes tarde que nunca! - E Françoise acrescentou estas palavras que me partiram o coração: - Falando desse modo, ela se denunciou. Talvez tivesse desejado fingir, mas...

Eu não tinha de que ficar espantado. Acabo de dizer que raramente Françoise se justificava, nos recados que lhe incumbiam, se não do que havia dito e sobre o que discorria de bom grado, ao menos da resposta esperada. Mas se, por exceção, ela nos repetia as frases que nossos amigos tinham dito, por mais curtas que fossem, em geral arranjava um meio, graças à expressão se necessário, ao tom com que assegurava terem sido acompanhadas, para lhes atribuir algo de ferino. A rigor, aceitava ter sofrido um insulto de um fornecedor a cujo estabelecimento a tínhamos enviado, insulto, aliás, provavelmente imaginário, desde que, dirigindo-se a ela, que nos representava, que falara em nosso nome, tal insulto nos atingisse de ricochete. Só restava responder-lhe que compreendera mal, que estava atacada de mania de perseguição, e que todos os comerciantes não se achavam unidos contra ela. Aliás, seus sentimentos pouco me importavam. Não ocorria o mesmo com os de Albertine. Ao repetir-me estas palavras: - Antes tarde que nunca! -, Françoise lembrou-me logo os amigos em cuja companhia Albertine terminara sua noite, divertindo-se ali, e bem mais do que comigo.

- Ela é cômica, tem um chapeuzinho achatado e, com seus olhos graúdos, isto lhe dá um ar engraçado, principalmente, sua capa, que faria melhor se mandasse para a cerzidora, pois está toda comida. Ela me diverte - acrescentou, como se zombasse de Albert Françoise dificilmente compartilhava de minhas impressões, mas experimentava um vivo desejo de fazer conhecer as suas. Eu nem mesmo queria parecer compreender que esse riso significava o desdém e a zombaria, - para rebater golpe por golpe, respondi a Françoise, muito embora não conhecesse o chapeuzinho de que ela falava:

- O que você chama "chapeuzinho achatado" é algo simplesmente encantador...

- Quer dizer que é três vezes nada - disse Françoise exprimindo desta vez com franqueza de um verdadeiro desprezo. Então (num tom suave e moderado, para que minha resposta mentirosa parecesse a expressão, não da minha cólera, mas da verdade, e entretanto sem perder tempo, para não fazer Albertine esperar), dirigi à Françoise estas palavras cruéis:

- Você é muito boa – disse melosamente - você é gentil, você tem mil qualidades, mas está no mesmo ponto que no dia em que chegou a Paris, tanto para entender de coisas de toilette como para pronunciar de modo correto as palavras e não cometer erros. -

E esta censura era particularmente estúpida, pois as palavras francesas, de que somos tão orgulhosos de pronunciar corretamente, não passam elas mesmas de "erros" cometidos por bocas gaulesas que pronunciavam arrevesadamente o latim ou o saxão, não passando a nossa língua da pronúncia defeituosa de algumas outras. O gênio lingüístico é o estado vivo, o passado e o futuro do

francês, eis o que deveria interessar nos erros de Françoise. A "cerzidora" em vez de "cerzideira" não seria tão curioso como aqueles animais sobreviventes de épocas remotas, como baleia ou a girafa, e que nos mostram os estágios que a vida animal atravessou? - E acrescentei - Já que você, depois de tantos anos, ainda não aprendeu, quer dizer que jamais aprenderá. Console-se, pois isto a impede de ser uma excelente pessoa e de preparar às maravilhas: bifes; geléia e mais uma infinidade de coisas. O chapéu que você acha simpático é copiado de um chapéu da princesa de Guermantes que custou quinhentos francos. Aliás, pretendo em breve oferecer um outro ainda mais belo à Srta. Albertine.

Eu sabia que o que mais podia aborrecer a Françoise, que eu gastasse dinheiro com pessoas de quem ela não gostava. Respondeu-me com algumas palavras que uma brusca sufocação tornou inteligíveis. Quando mais tarde soube que ela sofria do coração, quanto remorso não senti por jamais me recusar ao prazer feroz e estéril de retrucar desse modo às suas palavras! Ademais, Françoise detestava Albertine porque esta, sendo pobre, não poderia aumentar o que Françoise chamava minhas superioridades. Sorria benévola cada vez que eu era convidado pela Sra. de Villeparisis. Em troca, indignava-se por Albertine não praticar a reciprocidade. Eu fora obrigado a inventar supostos presentes dados por esta e em cuja existência Françoise jamais dera o menor sinal de fé. Essa falta de reciprocidade a chocava sobretudo em matéria alimentar. Que Albertine aceitasse jantares de mamãe, se não éramos convidados para ir à casa da Sra. Bontemps (a qual, no entanto, passava a metade do tempo fora de Paris, já que o marido aceitava "postos" como outrora, quando estava farto do ministério), isto lhe parecia da parte de minha amiga uma indelicadeza que ela indiretamente punia, recitando esta quadrinha corrente em Combray:

Mangeons mon pain, - Je le veux bien. - Mangeons le tien. - Je n'ai plus faim{12}.

Fingi que estava escrevendo.

- A quem escreve? - perguntou Albertine entrando.

- A uma bela amiga minha, Gilberte Swann. Não a conhece?

- Não.

Desisti de fazer a Albertine algumas perguntas sobre a sua noitada, sentia que lhe faria censuras e que não teríamos tempo, em vista do adiantado da hora, de nos reconciliarmos o bastante para passar aos beijos e carícias. Assim, foi com eles que eu quis começar desde o primeiro minuto. Além disso, se estava mais calmo, nem por essa razão me sentia feliz. A perda de toda bússola, de toda orientação, que caracteriza a espera, subsiste mesmo após a vinda da pessoa esperada e, substituindo em nós a calma em que imaginávamos a sua chegada com tanto prazer, impede-nos de sentir o menor prazer que seja. Ali estava Albertine; meus

nervos destroçados, continuando com sua agitação, esperavam-na ainda.

- Posso dar-lhe um bom beijo, Albertine?

- Tantos quantos quiser - disse ela com toda a sua bondade. Eu nunca a vira tão bonita.

- Mais um ainda? Mas você sabe que isto me dá um prazer imenso.

- E a mim, ainda mil vezes mais - respondeu ela. - Oh, que linda pasta de papéis você tem aí!

- Leve-a, dou-lhe como lembrança.

- Você é tão gentil...

Ficaríamos para sempre curados do romantismo, se, para se pensar naquela a qual amamos, procurássemos ser aquele que seremos quando não mais amamos. O porta-papéis, a bolinha de ágata de Gilberte, tudo isso recebeu outrora a sua importância apenas de um estado puramente interior, visto; agora eram para mim um porta-papéis e uma bolinha quaisquer.

Perguntei a Albertine se não queria beber.

- Parece-me que laranjas e água - disse-me ela - Seria perfeito.

Assim, pude destacar com seus beijos aquele frescor que me parecia superior a eles, na casa da princesa de Guermantes. E a laranja espremida na água parecia entregar, à medida que ia bebendo, a vida secreta de seu amadurecimento, sua feliz mistura contra certos estados desse corpo humano que pertence a um reino diverso, sua impotência em fazê-lo viver, mas em compensação os jogos irrigadores pelos quais lhe podia ser favorável, sem mistérios revelados; desfruta à minha sensação, mas de modo algum à minha inteligência.

Depois que Albertine saiu, lembrei-me que prometera à Swann escrever à Gilberte e achei mais gentil fazê-lo imediatamente. Foi sem emoção, e como que escrevendo a última linha de um tedioso dever de aulas; que tracei sobre o envelope o nome de Gilberte Swann com que outrora cobrira meus cadernos para dar-me a ilusão de que me correspondia com ela. E eu, se era eu quem antigamente escrevia esse nome, agora a tarefa estava entregue, pelo hábito, a um desses numerosos secretários de que ela se utiliza. Aquele podia, com tanto mais calma, escrever o nome de Gilberte visto que, posto em mim recentemente pelo hábito, recém-colocado a serviço, não conhecera Gilberte e sabia apenas, sem emprestar realidade nenhuma a essas palavras, porque me ouvira falar delas, que se tratava de uma jovem da qual estivera enamorado. Não podia acusá-lo de secura. O indivíduo que eu era agora dela era a "testemunha" mais bem escolhida para compreender o que ela própria havia sido. O porta-papéis e a bolinha de ágata tinham-se tornam, simplesmente para mim, relativamente a

Albertine, o que haviam sido à Gilberte, o que teriam sido para toda criatura que não tivesse lançada sobre eles o reflexo de uma chama interior. Mas agora, havia em mim uma nova perturbação, que alterava, por sua vez, o verdadeiro poder das coisas e das palavras. E, como Albertine me dissesse, ainda para me agradecer:

- Gosto tanto de turquesas! - respondi-lhe:

- Não deixe morrer estas que estou confiando-lhe-, assim como às pedras, o futuro da nossa amizade, que no entanto, não era mais capaz de inspirar a Albertine um sentimento do quanto fora de conservar aquele que me unira outrora a Gilberte.

Aconteceu por essa época um fenômeno que só merece ser mencionado porque se encontra em todos os períodos importantes da História. No momento mesmo em que eu escrevia à Gilberte, o Sr. de Guermantes, mal tendo regressado do baile à fantasia, ainda adornado com seu capacete, pensava que no dia seguinte se veria forçado a estar oficialmente de luto, e decidiu antecipar em oito dias a estação de águas que deveria fazer. Quando voltou, três semanas depois (e para adiantar, visto que apenas acabo de escrever a minha carta à Gilberte), os amigos do duque que o tinham visto, tão indiferente a princípio, tornar-se um antidreyfusista furioso, ficaram mudos de surpresa ao ouvi-lo (como se a estação de águas não tivesse agido unicamente na bexiga) responder-lhes:

- Pois bem, o processo será revisado e ele vai ser absolvido; não se pode condenar um homem contra o qual nada existe. Já viram alguma vez um gagá como Froberville? Um oficial preparando os franceses para a matança (quer dizer, para a guerra)! Época estranha! -

Ora, nesse intervalo o duque de Guermantes conhecera na estação de águas três senhoras encantadoras (uma princesa italiana e suas duas cunhadas). Ouvindo-as dizer algumas palavras sobre os livros que liam, sobre uma peça que se representava no Cassino, o duque de súbito compreendera que tinha a haver-se com mulheres de intelectualidade superior e com quem, como dizia, não dispunha de forças. Nem por isso ficara menos contente de ser convidado pela princesa para jogar *bridge*. Porém mal chegara à casa desta, como lhe dissesse, no fervor de seu antidreyfusismo sem matizes:

- Pois bem, não nos falam mais da revisão do famoso Caso Dreyfus -, grande fora a sua estupefação ao ouvir a princesa e as cunhadas afirmarem:

- Nunca esteve tão próxima a revisão. É impossível manter na prisão quem nada fez.

- Há?

Há balbuciara a princípio o duque, como diante da descoberta de uma alcunha

esquisita, que fosse usada numa casa para ridicularizar alguém que até então julgasse inteligente. Mas ao cabo de alguns dias, como por covardia e espírito de imitação a gente grita:

- Olá, Jojotte! - sem saber por quê, a um grande artista a quem ouvimos chamar desse modo naquela casa, o duque, ainda bem constrangido pelo novo costume, entretanto dizia:

- De fato, se não há nada contra ele. -

As três damas encantadoras achavam que ele não se acostumava muito rápido e o maltratavam um pouco.

- Mas no fundo, nenhuma pessoa um pouco inteligente poderia acreditar que houvesse algo contra ele. -

De cada vez que surgia um fato "esmagador" contra Dreyfus, e o duque, julgando que aquilo iria convertê-las, vinha anunciá-lo, as três damas encantadoras riam muito e não tinham problemas, com uma grande finura de dialética, em mostrar-lhe que o argumento era sem valor e inteiramente ridículo. O duque voltara a Paris como um dreyfusista enraivecido. E com certeza nós não pretendemos que as três damas encantadoras fossem naquele caso mensageiras da verdade. Mas é de notar que a cada dez anos, quando se deixou um homem cheio de uma verdadeira convicção, ocorre que sendo inteligente, uma solitária dama encantadora entre no seu caminho e que ao fim de alguns meses o conduza à opiniões contrárias. Nesse ponto há muitos países que se comportam como o homem; muitos países aos quais deixaram cheios de ódio contra um povo e passados seis meses, mudaram de sentimento e desfizeram suas alianças.

Durante algum tempo não vi mais Albertine, mas continuei, a visitar à Sra. de Guermantes, que já não falava à minha imaginação, ao palácio das fadas e suas residências, tão inseparáveis delas como, do molusco que fabricou e nela se abriga, a valva de nácar ou de esmalte, ou o torreão guarnecido de ameias de sua concha. Eu não saberia classificar melhor; sendo a dificuldade do problema tão insignificante, como impossível não de resolver, mas também de colocar. Antes da dama, era preciso abordar o palácio das fadas. Ora, uma recebia todos os dias após o almoço de verão; mesmo antes de chegar a sua casa, era necessário baixar a capota do fiacre, tão intenso era o sol, cuja lembrança, sem que eu me dê conta, ia entrar na impressão total. Pensava unicamente em ir ao *Coaraia-Reine*; na verdade, antes de chegar à reunião de que um homem desconhece teria talvez zombado, eu sentia, como numa viagem pela Itália, um deslumbramento, um deleite de que o palácio não mais se separaria-: minha memória. Ademais, devido ao calor da estação e da hora, fechara hermeticamente os postigos nos vastos salões retangulares do andar térreo onde

recebia. No princípio eu não reconhecia bem a dona de suas visitas, nem mesmo a duquesa de Guermantes que, com sua voz rouca, me pedia que fosse sentar-me junto dela, numa poltrona *Beauvais* que representava *O Rapto de Europa*. Depois distinguia, nas redes, as amplas tapeçarias do século XVIII que representavam barcos com mastros floridos de malvas-rosas, sob as quais eu me achava, não como no palácio do Sena, mas de Netuno, à margem do rio Oceano, onde a duquesa de Guermantes se transformava numa espécie de divindade da água. Não acabaria mais, se fosse enumerar todos os salões diferentes deste. Este exemplo basta para mostrar que eu incluía, nos juízos mundos de impressões poéticas que nunca levava em consideração no mundo de calcular o total, de modo que, quando avaliava os méritos de um salão, nunca era exato. Claro que essas causas de erro estavam longe de serem as únicas, mas não tenho mais tempo, antes de minha partida para Balbec (onde, para minha infelicidade, vou fazer uma segunda temporada que também seria a última), de iniciar pinturas da alta sociedade que terão seu lugar bem interiormente. Digamos apenas que àquela primeira falsa razão (minha relativamente frívola e que fazia supor o apego à sociedade) de minha carta à Gilberte e da volta aos Swann que ela parecia indicar, poderia Odette acrescentar tão inexatamente uma segunda. Não pensei até agora nos aspectos diferentes que a sociedade apresenta para uma mesma pessoa, senão supondo que o mundo não muda: se a mesma dama que não conhece ninguém vai à casa de todos, e uma outra, que desfrutava de uma posição dominante é desprezada, sentimo-nos tentados a ver nisso unicamente os altos e baixos puramente pessoais que, de quando em vez, trazem a uma mesma sociedade, em virtude de especulações na Bolsa, uma ruína estrondosa ou um enriquecimento inesperado. Ora, não é somente isso. Numa certa medida, as manifestações mundanas (muito inferiores aos movimentos artísticos, às crises políticas, à evolução que leva o gosto do público para o teatro de idéias, e depois para a pintura impressionista, para a música alemã e complexa, depois para a música russa e simples, ou para as idéias sociais, as idéias de justiça, a reação religiosa, o sobressalto patriótico, são entretanto o seu reflexo remoto, partido, incerto, perturbado e mutável. De forma que até mesmo os salões não podem ser pintados numa imobilidade estática que, até agora, pôde ser conveniente ao estudo dos caracteres, os quais deverão também ser como que apanhados em um movimento quase histórico. O gosto pelas novidades, que leva os homens da sociedade, mais ou menos sinceramente ávidos de se informarem sobre a evolução intelectual, a freqüentarem os meios em que podem segui-la, fá-los habitualmente preferir alguma dona-de-casa até então inédita, que representa ainda bem frescas as esperanças de mentalidade superior, tão murchas e ressequidas nas mulheres que exerceram durante muito tempo o poder mundano, daquelas de quem conhecem os pontos fracos e fortes e que já não lhes falam à imaginação. E assim, cada época acha-se personificada em mulheres novas,

num novo grupo de mulheres que, estreitamente ligadas ao que aguça as curiosidades mais novas, parecem, na sua toilette, surgir apenas naquele momento, como uma espécie desconhecida provinda do último dilúvio, beldades irresistíveis de cada novo Consulado, de cada novo Diretório. Porém, muitas vezes as novas donas de casa são simplesmente, como certos estadistas em seu primeiro ministério mas que há quarenta anos batiam em todas as portas sem que lhes abrissem, mulheres que não eram conhecidas da sociedade, mas que nem por isso recebiam menos, há muito tempo, e à falta de melhor, alguns "raros íntimos". Decerto, nem sempre era este o caso e quando, com a prodigiosa florescência dos balés russos, sucessivamente reveladora de Bakst, de Nijinski, de Benois, do gênio de Stravinski, a princesa Yourbeletieff, jovem madrinha de todos esses novos grandes homens, apareceu trazendo na cabeça uma imensa e trêmula *aigrette*, desconhecida das parisienses e que elas todas procuraram imitar; pôde-se crer que essa maravilhosa criatura fora trazida pelos russos em suas bagagens inumeráveis e como se fosse o seu mais precioso tesouro; mas, quando a seu lado, em seu proscênio, virmos assistir todas as apresentações dos "Russos", como uma verdadeira fada, tão desconhecida da aristocracia, a Sra. Verdurin, poderemos responder às pessoas da sociedade, que facilmente supuseram a Sra. Verdurin fora desembarcada com a trupe de Diaghilev, que esta senhora já existira em espécie bem diversa e passara por avatares diferentes, de que aquele não disse senão pelo fato de ser o primeiro que afinal trazia, daí em diante assessorado e em marcha cada vez mais rápida, o sucesso durante tanto tempo infrutiferamente esperado pela Patroa. Quanto à Sra. Swann, de fato a atividade que ela representava não tinha o mesmo caráter coletivo. Seu mundo cristalizara-se em torno de um homem, um moribundo, que havia passado quase de súbito, na ocasião em que seu talento se esgotava, da obscuridade à glória retumbante. Era imensa a admiração pelas obras de Bergotte. Ele passava o dia inteiro sendo exibido na casa da Sra. Swann, que superava um homem influente:

- Eu lhe falarei; e ele vai lhe escrever um artigo. -

De resto, ele estava em condições de fazê-lo, e até mesmo de redigir um pequeno ato para a Sra. Swann. Mais perto da morte, andava pouco menos mal do que no tempo em que vinha saber notícias da minha avó. É que grandes sofrimentos físicos lhe haviam imposto um regime; a doença é o mais ouvido dos médicos: à bondade e ao saber fazem-se amenas promessas; ao sofrimento, obedece-se.

Decerto o pequeno clã dos Verdurin possuía atualmente um ressentimento muito mais vivo que o salão ligeiramente nacionalista, ainda mais literário, e sobretudo bergótico, da Sra. Swann. O pequeno clã era de fato o centro ativo de uma longa crise política que chegara a seu máximo de intensidade: o dreyfusismo. Mas as

pessoas da sociedade eram na maioria de tal modo anti-revisionistas, que um salão dreyfusista parecia algo tão impossível como, em outra época, um salão da Comuna. A princesa Caprarola, que travara conhecimento com a Sra. Verdurin durante uma grande exposição que esta organizara, bem que lhe fora fazer uma longa visita na esperança de desencaminhar alguns elementos interessantes do pequeno clã e agregá-los a seu próprio salão, visita no decurso da qual a princesa (representando em miniatura as duquesas de Guermantes) tomavam em contrapartida das opiniões recebidas, declarara idiotas as pessoas do mundo, o que a Sra. Verdurin achara de uma grande coragem. Mas essa coragem não iria mais tarde ao ponto de ousar, sob o fogo dos olhares das damas nacionalistas, saudar a Sra. Verdurin nas corridas de Balbec. Quanto à Sra. Swann, ao contrário, os antidreyfusistas lhe agradeciam o ser "bem pensante", o que lhe atribuía um duplo mérito, por ser casada com um judeu. Não obstante, as pessoas que jamais tinham ido à sua casa imaginavam que ela recebia somente alguns israelitas obscuros e alunos de Bergotte. Assim, classificam-se mulheres muito mais qualificadas que a Sra. Swann no último degrau da escala social, ou por causa de suas origens, ou porque não gostam de jantares na cidade e dos saraus onde nunca são vistas, o que é falsamente atribuído ao fato de que não teriam sido convidadas, seja porque elas nunca falam de suas amizades mundanas, mas apenas de arte e literatura, seja porque as pessoas escondem o fato de que vão à casa delas, ou então ocultam que as recebem para não se mostrarem impolidas com os outros; enfim, por mil razões que acabam por fazer de tal ou qual dentre elas, aos olhos de alguns, a mulher que não se recebe. Assim ocorria com Odette. A Sra. d'Épinoy, por ocasião de uma subscrição que desejava fazer para a *Patrie française*, tendo de ir visitá-la, como teria entrado na casa de sua vendedora, aliás convencida de que só encontraria rostos, nem sequer desprezíveis, mas desconhecidos, estacou diante da porta que se abrira não para o salão que imaginava, mas para uma sala mágica onde, como que devido a uma mudança à vista numa *féerie*, reconheceu nas figurantes sedutoras, meio estendidas nos divãs, sentadas em poltronas, chamando a dona da casa pelo seu nome de batismo, as altezas e duquesas que ela própria, princesa d'Épinoy, tinha muita dificuldade em atrair à sua própria casa, e às quais naquele momento, sob os olhos benévolos de Odette, o marquês du Lau, o conde Louis de Turenne, o príncipe Borghese e o duque d'Estrées, trazendo laranjada e bolinhos, serviam de criados e escanções. Como a princesa d'Épinoy colocava, sem se aperceber de tal, a qualidade mundana no interior das criaturas, viu-se obrigada a desencarnar a Sra. Swann e a reencarná-la em uma mulher elegante. A ignorância da vida real que levam as mulheres que não a expõem nos jornais estende assim sobre certas situações (contribuindo desse modo para diversificar os salões) um véu de mistério. Quanto a Odette, no começo, alguns homens da mais alta sociedade, curiosos de conhecer Bergotte, tinham estado em sua casa para um jantar íntimo.

Ela tivera o tato, recentemente adquirido, de não divulgá-lo; ali eles encontravam talvez recordação do "pequeno núcleo", do qual Odette, desde o cisma, conservara as tradições a mesa posta, etc.. Odette levava-os com Bergotte, a quem isto aliás acabava de matar, às estréias interessantes. Eles falaram dela a algumas mulheres do seu mundo capazes de se interessar com tanta novidade. Estavam elas persuadidas de que Odette, íntima de Bergotte, mais ou menos havia colaborado em suas obras, e a julgavam mil vezes mais inteligente que as mulheres mais notáveis do *Faubourg*, pelo mesmo motivo porque punham toda sua esperança política em certos republicanos legítimos como o Sr. De o Sr. Deschanel, ao passo que viam a França no abismo se fosse chamado ao pessoal monarquista a quem não recebiam para jantar, aos Charlus aos Doudeauville, etc. Esta mudança da posição de Odette cumpriu-se a parte dela com uma discrição que a tornava cada vez mais rápida e secreta mas não a deixava absolutamente suspeitar do público, inclinado pelas crônicas do Gaulois o progresso ou a decadência de um salão de modo que um dia, no ensaio geral de uma peça de Bergotte dado numa das salas mais elegantes em benefício de uma obra de caridade, foi um verdadeiro lance teatral quando se viu, no camarote da frente, que era o outro, virem sentar-se, ao lado da Sra. Swann, a Sra. de Marsantes e que, pelo apagamento progressivo da duquesa de Guermantes (faltando honrarias e anulando-se ao menor esforço), estava se tornando a leoa, a rainha da época: a condessa Molé. "Quando nem adivinhávamos quando e havia começado a subir, disseram de Odette, no momento em que, se viu entrar a condessa Molé no camarote, "ela atingiu o último degrau." De maneira que a Sra. Swann podia crer que era por esnobismo que eu me reaproximara de sua filha. Odette, apesar de suas brilhantes amigas, nem por isso deixou de ouvir a peça com extrema atenção, como se estivesse ali apenas para escutá-la, da mesma maneira como antigamente atravessava o Bois por higiene e para fazer exercício. Homens que outrora eram menos solícitos em redor chegaram-se ao balcão incomodando a toda a gente, para suspenderem-se à sua mão a fim de se aproximar do círculo imponente que ela se cercava. Odette, com um sorriso antes de amabilidade que de ironia, respondia pacientemente às suas perguntas, afetando mais calma do que pensavam e que era talvez sincera, pois tal exibição não passava de exibição tardia de uma intimidade habitual e discretamente oculta. Por detrás daquelas três damas, atraindo todas as atenções, estava Bergotte cercado pelo príncipe de Agrigento, pelo conde Louis de Turenne e pelo *marquillo* de Bréauté. E é fácil compreender que, para os homens que eram recebidos em toda parte e que não mais podiam esperar uma superestimação senão da busca de originalidade, essa demonstração que pensavam dar de seus valor ao se deixarem atrair por uma dona-de-casa tida como grande intelectual e junto a quem esperavam encontrar todos os dramaturgos e romancistas em voga, era mais viva e excitante do que aqueles saraus em casa da princesa de

Guermantes, que, sem nenhum programa ou atração nova sucediam-se há tantos anos, mais ou menos iguais ao que tão longamente descrevemos. Naquele grande mundo dos Guermantes, de onde a curiosidade se afastava um pouco, as novas modas intelectuais não se enganavam em divertimentos à sua imagem, como nessas pecinhas de Bergotte escritas para a Sra. Swann, como nas verdadeiras sessões de Salvação pública (se a alta sociedade pudesse interessar-se pelo Caso Dreyfus) onde, na casa da Sra. Verdurin, se reuniam Picquart, Clemenceau, Zola, Reinach e Labori. Gilberte também contribuía para a situação da mãe, pois um tio de Swann acabava de lhe deixar cerca de oitenta milhões, o que fazia com que o *faubourg* Saint-Germain começasse a pensar nela. O reverso da medalha era que Swann, de resto agonizante, professava opiniões dreyfusistas, porém isto não prejudicava a mulher e até lhe prestava serviço. Não a prejudicava porque diziam:

- Ele é esclerosado, idiota, a gente não liga para ele, só a sua mulher é que importa, e ela é encantadora. -

Porém até o dreyfusismo de Swann era útil à Odette. Entregue a si mesma, ela talvez fizesse às mulheres elegantes concessões que a perderiam. Ao passo que nas noites em que arrastava o marido para jantar no *faubourg* Saint-Germain, Swann, ficando ferozmente no seu canto, não se constrangia em dizer em voz alta, caso visse Odette fazer-se apresentar a alguma dama nacionalista:

- Ora, Odette, você está louca. Peço-lhe que fique quieta. Seria uma baixeza de sua parte fazer-se apresentar a anti-semitas. Eu a proíbo. -

As pessoas mundanas, a quem todos acorrem, não estão acostumadas a tanto orgulho nem a tamanha falta de educação. Pela primeira vez viam alguém que se julgava "mais" que elas. Comentavam-se esses resmungos de Swann, e os cartões dobrados choviam na casa de Odette. Quando esta estava de visita à casa da Sra. d'Arpajon, criava-se um vivo e simpático movimento de curiosidade.

- Não se aborreceu por tê-la apresentado? - dizia a Sra. d'Arpajon. - Ela é muito gentil. Foi Marie de Marsantes quem me deu a conhecê-la.

- Não, pelo contrário, parece que ela é o que há de mais inteligente; é encantadora. Eu até desejava encontrá-la. Diga-me onde ela mora. -

A Sra d'Arpajon dizia à Sra. Swann que se divertira bastante na casa desta na antevéspera e que, por ela, abandonara com alegria a Sra. de Saint-Euverte. E era verdade, pois preferir a Sra. Swann era mostrar-se inteligente, como ir a um concerto em vez de comparecer a um chá. Mas, quando a Sra. de Saint-Euverte ia à casa da Sra. d'Arpajon ao mesmo tempo que Odette, como a Sra. de Saint-Euverte era muito esnobe e a Sra. d'Arpajon, embora a tratasse de cima, fazia questão de manter suas recepções, esta não apresentava Odette para que a Sra. de Saint-Euverte não soubesse de quem se tratava. A marquesa imaginava que

deveria ser alguma princesa que saía muito pouco, visto que não a conhecia, e prolongava a visita, respondia indiretamente ao que Odette dizia, mas a Sra. d'Arpajon permanecia de ferro. E, quando a Sra. de Saint-Euverte, derrotada, ia embora:

- Eu não lhe apresentei - dizia a dona da casa à Odette - porque a gente; gosta muito de ir à casa dela e ela convida imensamente; você não poderia se livrar.

- Oh, isso não tem importância - dizia Odette. Mas manteve a idéia de que não gostavam de ir à casa da Sra. de Saint-Euverte, o que até certo ponto era verdade, e daí concluiu que possuía uma situação muito superior à Sra. de Saint-Euverte, conquanto a posição dela fosse muito boa e Odette ainda não tivesse nenhuma. Ela não percebia isso e, embora todas as amigas da Sra. de Guermantes tivessem relações com a Sra. d'Arpajon, quando esta convidava a Sra. Swann, Odette dizia com ar escrupuloso:

- Vou à casa da Sra. d'Arpajon, mas vocês vão me achar muito antiquada; isto me deixa contrariada por causa da Sra. de Guermantes - (que, aliás, ela não conhecia. Os homens distintos pensavam que o fato da Sra. Swann conhecer certas pessoas da alta sociedade se atribuía a que ela fosse uma mulher superior, provavelmente uma grande musicista, e que ir à sua casa seria uma espécie de título extra-mundano, como para um duque ser doutor em ciências. As mulheres completamente nulas eram atraídas para Odette por uma razão oposta; sabendo que ela ia ao concerto Colonne e se declarava wagneriana, concluíam daí que devia ser uma "farsista" e ficavam muito entusiasmadas à idéia de conhecê-la. Mas, pouco seguras de sua própria situação, temiam comprometer-se em público parecendo estar ligadas à Odette e, se num concerto de caridade viam a Sra. Swann, desviavam o rosto, achando impossível cumprimentar, aos olhos da Sra. de Rochochouart, uma mulher que era bem capaz de ter ido à Bayreuth o que significava capaz de levar uma vida desregrada.

Toda pessoa em visita a outra fazia-se diferente. Sem falar das maravilhosas metamorfoses que assim se efetuavam entre as fadas na reunião da Sra. Swann, o Sr. de Bréauté. Subitamente valorizado pela ausência de pessoas que de hábito o rodeavam, pelo ar de satisfação que tinha de se encontrar tão bem ali, como se, em vez de ir a uma festa, tivesse posto os óculos para encerrar-se a fim de ler *La Revoe des Deux Mondes*, pelo rito misterioso que parecia cumprir vindo visitar Odette, o próprio Sr. de Bréauté dava a impressão de um novo homem. Eu teria dado muito para ver quais alterações sofreria a duquesa de Montmorency-Luxembourg naquele meio novo. Mas ela era uma das pessoas a quem nunca se poderia apresentar à Odette. A Sra. de Montmorency, muito mais benevolente para com Oriane do que esta o era quanto a ela, espantava-me bastante ao dizer a propósito da Sra. de Guermantes:

- Ela conhece pessoas de espírito, todos gostam dela, e creio que, se tivesse tido um pouco mais de coerência, chegaria formar um salão. A verdade é que não liga para isso, está coberta de razão e é feliz assim, requisitada por todos. -

Se a Sra. de Guermantes não tinha um "salão", então o que era um "salão"? A estupefação em que me lançaram tais palavras não era maior do que aquela que causei à Sra. de Guermantes ao lhe dizer que apreciava bastante ir à casa da Sra. de Montmorency. Oriane achava-a uma velha cretina.

- Quanto a mim, vá lá - dizia ela -, sou forçada a isso, é minha tia; mas você! Ela nem sequer sabe atrair as pessoas agradáveis. -

A Sra. de Guermantes não percebia que as pessoas agradáveis deixavam-me frio, que, quando ela me dizia "salão Arpajon", eu via uma borboleta amarela, e "salão Swann" (a Sra. Swann recebia em casa, no inverno, das seis às sete), uma borboleta preta de asas mosqueadas de neve. Ainda este último salão, que não o era, a duquesa o julgava, conquanto inacessível para ela, dispensável para mim, devido às "pessoas de espírito". Mas a Sra. de Luxembourg! Se eu já houvesse "produzido" algo que me fizesse ser notado, ela teria concluído que uma dose de esnobismo pode aliar-se ao talento. E levei ao cúmulo a sua decepção: confessei-lhe que não ia à casa da Sra. de Montmorency (como ela acreditava) para "tomar apontamentos" e "fazer um estudo". A Sra. de Guermantes, de resto, não se enganava mais que os romancistas mundanos que analisam cruelmente, de fora, as ações de um esnobe ou de quem é tido como tal, mas jamais se colocam no seu interior, na época em que floresce na imaginação toda uma primavera social. Eu mesmo, quando quis saber que tipo tão grande de prazer sentiria em ir à casa da Sra. de Montmorency, fiquei um tanto desapontado. No faubourg Saint-Germain, ela morava numa velha casa cheia de pavilhões separados por pequenos jardins. Debaixo da abóbada, uma estatueta atribuída a Falconet representava uma fonte, de onde, aliás, escorria uma umidade permanente. Um pouco mais longe, a porteira, com os olhos sempre vermelhos, fosse por desgostos, fosse por neurastenia, enxaqueca ou gripe, jamais respondia, limitando-se a fazer um gesto vago indicando que a duquesa se encontrava em casa e deixava cair das pálpebras algumas gotas sobre uma taça repleta de miosótis. O prazer que me dava observar a estatueta, porque ela me lembrava um pequeno jardineiro em gesso que havia num jardim de Combray, não era nada comparado ao que me causavam a grande escadaria úmida e sonora, cheia de ecos, como a de certos estabelecimentos de banhos de outrora, os vasos cheios de cinerárias azul sobre azul na antecâmara, e sobretudo o toque da campainha, que era exatamente o do quarto de Eulalie. Esse toque levava ao auge o meu entusiasmo; mas parecia-me por demais humilde para que o pudesse explicar à Sra. de Montmorency, de modo que essa dama me via sempre num deslumbramento de cuja causa nunca suspeitou.

As Intermitências do Coração

Minha segunda chegada a Balbec foi bem diversa da primeira o gerente fora em pessoa me esperar em Pont-à-Couleuvre, repetindo o quanto considerava os hóspedes titulares, o que me fez recear que ele me via enobrecido, até que compreendi que, na obscuridade de sua memória gramatical, titular significava simplesmente "preferido". Aliás, à medida que aprendia novos idiomas, falava pior os idiomas anteriores.

Anunciou que me reservara um quarto bem no alto do hotel.

- Espero - disse, - que o senhor não veja nisso falta de cortesia; aborrecia-me dar-lhe um quarto do qual o senhor é indigno, porém o fiz em relação aos barulhos, pois assim não terá ninguém por cima a lhe cansar os trépanos (em vez de rt - “panos"). Fique tranqüilo, mandarei fechar as janelas para que elas não incomodem. Nesse ponto, sou intolerável - (tais palavras não exprimiam o seu pensamento, que era o de que o achariam sempre inexorável a esse respeito. Mas talvez perfeitamente o de seus camareiros. Aliás, os quartos eram da primeira estada. Não eram inferiores, mas eu havia subido na estima do gerente. Poderia mandar acender a lareira se quisesse (pois eu partira pela Páscoa, por ordem dos médicos), mas ele receava não houvesse "fixuras” no teto.

- Sobretudo, espere sempre, para acender uma fogueira, quando a anterior esteja consumada (em vez de "consumida"). Pois é importante evitar incendiar a lareira, tanto mais que para alegrar um pouco, mandei colocar por cima um grande vaso de porcelana chinesa que isso poderia danificar.

Informou-me, com muita tristeza, da morte do presidente da Ordem dos Advogados de Cherburgo.

- Era um velho experiente - disse-me ele (provavelmente por "espertalhão"), e deu-me a entender que seu fim foi antecipado por uma vida de "devastações", o que significava "devassidões".

- Há já algum tempo eu notava que, após o jantar, ele cochichava no salão (sem dúvida em vez de "cochilava"). Ultimamente, havia mudado de tal forma que, se não soubessem que era ele, ao vê-lo não tinha nada de reconhecido (em vez de "reconhecível", sem dúvida).

- Compensação feliz, o presidente do conselho de Caen acabava de receber a "chibata" de comandante da Legião de Honra. Certamente que ele tem capacidade, mas creio que a deram sobretudo por sua grande "impotência".

Aliás, voltavam a falar dessa "decoração" no *Écho* de Paris da véspera, do qual o gerente lera apenas "o primeiro parafo" (em vez de "parágrafo"). A política do Sr.

Caillaux estava bem arranjada.

- De resto, acho que eles têm razão - disse ele. - Ele nos põe demais sob a cópula da Alemanha (sob a "cúpula").

Como esse tipo de assunto, tratado por um hoteleiro, me parecia tedioso, deixei de escutá-lo. Pensava nas imagens as quais me haviam decidido voltar a Balbec. Eram bem diferentes das de outrora, a visão que eu vinha buscar era tão esplêndida como a primeira era brumosa; não deviam me decepcionar menos. As imagens escolhidas pela lembrança são tão arbitrárias, tão estreitas, tão inatingíveis como as que a imaginação havia formado e a realidade destruíra. Não há motivo para que, fora de nós, um local de verdade possua de preferência os quadros da memória do que os do sonho. E depois, uma nova realidade nos fará talvez esquecer, e até mesmo detestar, os desejos em virtude dos quais tínhamos partido. Aqueles que me haviam feito partir para Balbec se relacionavam em parte com o fato de que os Verdurin (de cujos convites jamais me aproveitara, e que certamente ficariam felizes por me receberem, caso eu fosse ao campo a fim de desculpar-me de nunca lhes ter feito uma visita em Paris), sabendo que vários fiéis passariam as férias naquela costa, e tendo por isso alugado para toda a temporada um dos castelos do Sr. de Cambremer (La Raspeliere), enviei, feito um verdadeiro doido, o nosso jovem lacaio para se informar se essa dama levaria a sua camareira à Balbec. Eram onze horas da noite. O porteiro levou muito tempo para abrir e por milagre não mandou passear o meu mensageiro, não mandou chamar a polícia, contentando-se em recebê-lo muito mal, dando-lhe porém a informação desejada. Disse que de fato a camareira principal acompanharia a patroa, primeiro às águas da Alemanha, depois a Biarritz e, finalmente, à casa da Sra. Verdurin. Desde então eu me tranqüilizara, ficando satisfeito por ter aquele pão no forno. Podia dispensar-me dessas buscas nas ruas onde estava desprovido, junto às belezas que encontrava, desse cartão de recomendação que seria, ao lado do "Giorgione", o ter jantado na mesma noite com sua patroa, na casa dos Verdurin. Além disso, ela faria talvez melhor idéia a meu respeito, ainda mais sabendo que eu conhecia não somente os burgueses locatários de La Raspeliere como também seus proprietários, e principalmente Saint-Loup, que, não podendo me recomendar a distância à camareira (esta ignorava o nome de Robert), escrevera para mim uma calorosa carta aos Cambremer. Pensava que, afora toda a utilidade de que me poderiam ser, a Sra. de Cambremer, a nora nascida em Legrandin, haveria de interessar-me para conversar.

- É uma mulher inteligente - me assegurara - Até certo ponto, naturalmente. Ela não te dirá coisas definitivas (as coisas "definitivas" tinham sido substituídas pelas coisas "sublimes" por Robert, que modificava, a cada cinco ou seis anos, algumas de suas expressões prediletas, sempre conservando as principais), mas é uma

natureza, ela tem personalidade e intuição; diz a propósito a palavra exata. De vez em quando é enervante, solta asneiras para "bancar gente fina", o que é tanto mais ridículo, visto que nada é menos elegante que os Cambremer; nem sempre está atualizada, mas enfim, é uma das pessoas mais suportáveis de se freqüentar.

Logo que lhes chegou às mãos a recomendação de Robert à Cambremer, fosse pelo esnobismo que os fazia desejar indiretamente serem amáveis com Saint-Loup, fosse por gratidão pelo que ele fizera por um de seus sobrinhos em Doncieres, e mais provavelmente, sobretudo, por bondade e tradições hospitaleiras, tinham escrito longas cartas pedindo que, morasse com eles e, se preferia ser mais independente, oferecendo-se para procurar um quarto. Quando Saint-Loup lhes objetou que eu ficaria no Grande Hotel de Balbec, responderam que ao menos esperavam uma visita desde a minha chegada e, se ela demorasse demais, não deixariam de me procurar para convidar-me à freqüentar os seus *garden-parties*.

Sem dúvida, nada ligava de modo essencial a camareira da Sra. Putbus à região de Balbec; ali, ela não seria para mim como a camponesa que eu, sozinho na estrada de Méséglise, chamara tantas vezes em vão com todas as forças do meu desejo.

Mas há muito eu já deixara de tentar extrair de uma mulher como; que a raiz quadrada de seu desconhecido, o qual não resistia muitas vezes a uma simples apresentação. Pelo menos em Balbec, aonde eu não ia há muito tempo, teria essa vantagem na falta da relação necessária que não existia entre a região e aquela mulher; a de que o sentimento da realidade não me seria suprimido ali pelo hábito, como em Paris, onde, seja em, minha própria casa, seja num quarto conhecido, o prazer junto de uma mulher não podia me dar por um só instante a ilusão de que, em meio às coisas cotidianas, me abria acesso a uma vida nova. (Pois, se o hábito é, uma segunda natureza, ele nos impede de conhecer a primeira, da qual não tem nem as crueldades nem os encantos.) Ora, essa ilusão, eu a teria talvez numa região nova onde a sensibilidade renasce ante um raio de sol, e onde, justamente acabaria de exaltar-me a camareira que eu desejava; porém iremos ver que as circunstâncias não só impedirão que essa mulher vá à Balbec, mas também que eu nada temeria tanto quanto a sua provável chegada; de modo que este objetivo principal da minha viagem não foi alcançado, nem mesmo perseguido. Decerto a Sra. Putbus não deveria ir tão cedo à casa dos Verdurin naquela temporada; mas tais prazeres escolhidos podem estar distantes desde que sua vinda esteja assegurada e que, durante a sua espera, possamos entregar-nos, daqui até lá, à preguiça de tentar agradar e à impotência de amar. Além disso, eu não ia a Balbec com um espírito tão pouco prático feito da primeira vez; há sempre menos egoísmo na imaginação pura do que na recordação; e eu sabia que ia precisamente me encontrar num desses lugares em

que pululam as belas desconhecidas. Uma praia não as oferece menos que um salão de baile; eu pensava previamente nos passeios diante do hotel, sobre o molhe, com o mesmo tipo de prazer que a Sra. de Guermantes me proporcionaria se, em vez de me mandar convidar para brilhantes jantares, sugerisse mais vezes o meu nome, para as listas de cavalheiros, às donas-de-casa que davam bailes. Travar relações femininas em Balbec me seria tão fácil quanto difícil me fora antigamente, pois agora tinha ali tantos apoios e conhecimentos como era destituído deles na minha primeira viagem.

Fui arrancado de meus devaneios pela voz do gerente, cujas dissertações políticas não havia escutado. Mudando de assunto, falou-me da alegria do presidente do conselho de Caen ao saber da minha chegada, e que viria visitar-me no quarto na mesma noite. A idéia dessa visita me assustou de tal maneira pois principiava a sentir-me esgotado, que lhe implorei que a evitasse (o que me prometeu) e, para maior segurança, que mandasse seus empregados montarem guarda no meu andar, na primeira noite.

O gerente parecia não apreciá-los muito.

- Sou obrigado o tempo todo a correr atrás deles, pois falta-lhes inércia demais. Se eu não estivesse aí, eles não se mexeriam. Vou colocar o ascensorista de plantão na sua porta. - Perguntei se este era afinal "chefe dos *grooms*".

- Ainda não é bem velho na casa - respondeu-me. - Tem companheiros mais velhos que ele. Isso causaria protestos. Em todas as coisas é necessário “granulações.”("gradações"). Reconheço que ele possui uma boa aptitude (em vez de "atitude") diante de seu ascensor. Mas ainda é um pouco jovem para situações semelhantes. Isto faria contraste com os outros, que são bem antigos. Falta-lhe um pouco de seriedade, que é a qualidade primitiva (sem dúvida, a qualidade primordial, a qualidade mais importante). É preciso que seja mais repensável (meu interlocutor queria dizer responsável). De resto, só pode confiar em mim. Conheço o assunto. Antes de tomar meus galões como gerente do Grande Hotel, fiz minhas primeiras armas às ordens do Sr. Paillard. -

Essa comparação impressionou-me e agradeci ao gerente o ter vindo em pessoa até Pont-à-Couleuvre.

- Ora, de nada. Isto só me fez perder um tempo infinito (em vez de "ínfimo"). - Além disso, já tínhamos chegado.

Forte perturbação de todo o meu ser. Desde a primeira noite, como eu sofresse de uma violenta crise de fadiga cardíaca, tratando de vencer meu sofrimento, abaixei-me com prudência e bem devagar para tirar os sapatos. Porém mal tocara o primeiro botão de minha botina, meu peito inchou-se, repleto de uma presença desconhecida, divina, soluços me sacudiram, lágrimas me rolaram dos olhos. A criatura que vinha em meu socorro, me salvava da secura da alma, era

aquela que, muitos anos antes, num momento de aflição e solitude idênticas, num momento em que eu não mais possuía de mim, havia entrado e me devolvera a mim mesmo, pois, era eu e mais do que eu (o continente que é mais que o conteúdo e como ela me trazia). Eu acabava de perceber, em minha memória, debruçado sobre minha fadiga, o rosto preocupado, terno e desapontado de minha avó, assim como estivera na primeira noite da chegada; o rosto de minha avó; daquela que eu me espantara e censurara de lamentar tão pouco e que dela só possuía o nome, mas de minha avó verdadeira, de quem, pela primeira vez desde os Champs-Élysées onde ela tivera o seu ataque, eu encontrara a realidade viva numa lembrança involuntária e completa. Essa realidade, não existe para nós enquanto não for recriada pelo nosso pensamento (todos os homens que participassem de uma gigantesca batalha seriam grandes poetas épicos). E assim, num desejo louco de me precipitar em seus braços, era apenas naquele instante (mais de um ano após o seu falecimento devido a esse anacronismo que muitas vezes impede o calendário dos fatos de coincidir com o dos sentimentos) que eu acabava de saber que a estava morta. Muitas vezes falara eu nela desde esse momento, e até pensara nela, mas sob as minhas palavras e pensamentos de rapaz ingrato, egoísta e cruel, nunca houvera nada que se assemelhasse à minha avó, pois que, na minha leviandade, no meu amor pelo prazer, no meu hábito de vê-la enferma, eu continha em mim apenas em estado virtual a lembrança do que ela havia sido. Em qualquer momento que a consideremos, nossa alma total só tem um valor quase fictício, apesar do saldo numeroso de suas riquezas, pois ora umas, ora outras são indisponíveis, quer se trate de riquezas efetivas ou de riquezas da imaginação; e para mim, por exemplo, tanto as do antigo nome de Guermantes, como aquelas, bem mais graves, da verdadeira lembrança de minha avó. Pois às perturbações da memória estão ligadas as intermitências do coração. É sem dúvida a existência do nosso corpo, para nós semelhante a um vaso em que estaria encerrada a nossa espiritualidade, que nos induz a supor que todos os nossos bens interiores, nossas alegrias passadas, todas as nossas dores estão perpetuamente sob nossa posse. Talvez também seja incorreto crer que nos fujam ou que retornem. Em todo caso, se permanecem dentro de nós, na maior parte do tempo ficam num domínio desconhecido onde não têm nenhuma utilidade para nós, e onde até os mais comuns são recalcados por lembranças de ordem diferente e que excluem toda simultaneidade com eles na consciência. Mas, se o quadro de sensações em que estão conservados se recupera, têm por sua vez aquele mesmo poder de expulsar tudo o que lhes é incompatível, de instalar sozinho em nós o eu que lhes deu vida. Ora, como esse que eu acabara subitamente de tornar-me não havia existido desde aquela noite remota em que minha avó me despira quando da minha chegada a Balbec, foi bem naturalmente, não depois do dia atual, que esse eu ignorava, mas como se houvesse no tempo séries diversas e paralelas sem solução de continuidade, logo

após a primeira noite de outrora, que aderi ao instante em que minha avó se debruçara sobre mim.

O eu que eu era então, e que desaparecera durante tanto tempo, estava de novo tão perto de mim que me parecia ouvir ainda as palavras que tinham imediatamente precedido e que no entanto não passavam de um sonho, como um homem mal desperto julga perceber bem pertinho os rumores de seu sonho que se desvanece. Eu já não era senão aquela criatura que buscava refugiar-se nos braços de sua avó, a apagar com beijos os vestígios de suas mágoas, essa criatura que, quando eu era este ou aquele que em mim se haviam sucedido desde algum tempo, eu teria, para imaginar, tanta dificuldade que agora me seria necessário fazer esforços, aliás inúteis, para voltar a sentir os desejos e as alegrias de um daqueles que eu já não era, pelo menos por algum tempo. Lembrava-me como, uma hora antes do momento em que minha avó se inclinara desse modo, em seu chambre, para as minhas botinhas, vagando eu na rua sufocante de calor, diante da confeitaria, achara que jamais poderia, dada a necessidade que sentia de beijá-la, esperar a hora que ainda devia passar sem ela. E agora que essa mesma necessidade renascia, sabia que poderia esperar horas e horas, que ela nunca mais estaria a meu lado; não fazia mais que descobri-lo porque, sentindo-a pela primeira vez, viva, verdadeira, enchendo meu coração a ponto de parti-lo, reencontrando-a enfim, acabava de saber que a perdera para sempre. Perdida para sempre; eu não podia compreender e me exercitava em sofrer a dor dessa contradição: de um lado, uma existência, uma ternura, sobreviventes em mim tais como as havia conhecido, ou seja, feitas para mim, um amor onde tudo achava de tal modo em mim o seu complemento, seu objetivo, sua direção constante, que o gênio de grandes homens, todos os gênios que pudessem ter existido desde o começo do mundo não teriam valido para a minha avó um só de meus defeitos; e de outro lado, logo que eu revivera essa felicidade como atual, senti-la atravessada pela certeza, que se lançava como uma dor física à repetição, de um nada que havia apagado minha imagem dessa ternura, que havia destruído essa existência, abolido retrospectivamente nossa mútua predestinação e feito de minha avó, no momento em que a reencontrava como num espelho, uma simples estranha que um acaso fizera passar alguns anos junto de mim, como poderia ter sido junto de qualquer outro, mas para quem, antes e depois, eu não era nada e não seria nada.

Em vez dos prazeres que tivera desde algum tempo, o único que seria possível desgrudar nesse momento teria sido, retocando o passado, diminuir as dores que a minha avó sentira antigamente. Ora, eu não lembrava apenas naquele chambre, vestimenta apropriada, a ponto de se ter quase simbólica, às fadigas, sem dúvida malsãs, mas igualmente suave que ela tomava por mim; pouco a pouco, eis que me lembrava de todas as ocasiões em que eu havia aproveitado,

mostrando-lhe, exagerando, se necessário, os meus sofrimentos, para lhe causar uma dor que eu logo imaginava desfeita pelos meus beijos, como se a minha ternura fosse tão capaz, a minha felicidade, de fazer a sua. E pior que isto, eu que agora já não percebia felicidade a não ser encontrando-a espalhada em minha lembrança sobre os planos daquele rosto modelados e inclinados pelo carinho, encara outrora uma fúria insensata em tentar extirpar-lhe até os menores prazeres, como naquele dia em que Saint-Loup tirara a fotografia de minha avó; e quando, tendo dificuldade de dissimular a puerilidade quase ridícula e sua coqueteria em posar com seu chapéu de abas largas, numa penúria apropriada, deixara-me levar a proferir uns resmungos impacientes o ferir que, sentira-o por uma contração de sua face, tinham atingido o alvo; era em mim que tais resmungos feriam agora, era impossível para sempre o consolo de mil beijos. Porém nunca mais eu poderia apagar aquela contração de sua face, nem esse sofrimento do seu coração, ou melhor, do meu. Pois, como os mortos não mais existem senão em nós, é em nós mesmos que batem sem cessar quando nos obstinamos a recordar os golpes que lhes assentamos. Por mais cruéis que fossem essas dores, eu me ligava a elas com todas as forças, pois sentia perfeitamente que elas eram o efeito da recordação de minha avó, a prova de que essa lembrança que eu tinha estava bastante presente em mim. Sentia que só a recordava de fato através da dor e desejaria que se encravassem mais solidamente ainda aqueles pregos que cravavam a sua memória. Não buscava tornar mais suave o sofrimento, embelezá-lo, fingir que minha avó estava apenas ausente e momentaneamente invisível, ao dirigir à sua fotografia (a que fora tirada por Saint-Loup e eu trazia comigo) palavras e rogativas como a um ser separado de nós por uma indissolúvel harmonia. Jamais o fiz, pois não só estava empenhado em sofrer, mas também em respeitar a originalidade do meu sofrimento tal como o havia sentido de súbito, sem querer, e que desejava continuar sofrendo; seguindo suas próprias leis, a cada vez que voltasse essa contradição estranha da sobrevivência e do nada entrecruzados em mim. Essa imposição dolorosa e atualmente incompreensível, eu não sabia, é claro, se algum dia poderia arrancar-lhe um pouco de verdade, mas sim que esse pouco de verdade, se alguma vez o pudesse extrair, só poderia ser dela, tão particular, tão espontânea, que não fora traçada pela minha inteligência nem atenuada pela minha pusilanimidade, mas que a própria morte, a brusca revelação da morte, como um raio, abrira em mim um duplo e misterioso sulco, segundo um gráfico sobrenatural, inumano.

(Quanto a olvidar minha avó, em que eu vivera até agora, nem mesmo podia sonhar em ligar-me a ele para lhe extrair a verdade; porquanto em si mesmo não passava de uma negação, do enfraquecimento das idéias, incapazes de recriar um momento real da vida e obrigadas a substituí-lo por imagens convencionais e indiferentes.)

Talvez, entretanto, o instinto de conservação, a engenhosidade da inteligência que nos preserva da dor, já começasse a reconstruir sobre ruínas ainda fumegantes, a colocar os primeiros alicerces de sua obra útil e nefasta, e eu desfrutasse por demais a doçura de me lembrar tais e tais opiniões da criatura querida, lembrá-las como se ela pudesse tê-las ainda, como se ela existisse, como se eu continuasse a existir para ela. Porém, logo que cheguei a adormecer, nessa hora, mais verídica, em que meus olhos se fechavam às coisas de fora, o mundo do sono (em cujo limiar a inteligência e a vontade, momentaneamente paralisadas, não mais podiam disputar-me à crueldade de minhas impressões verdadeiras) refletiu, refratou a dolorosa síntese da sobrevivência e do nada, na profundeza orgânica, tornada translúcida, das vísceras misteriosamente iluminadas. Mundo do sono, onde o conhecimento interno, posto sob a dependência das perturbações de nossos órgãos, acelera o ritmo do coração ou da respiração, pois que uma mesma dose de terror, de tristeza, de remorso, age com centuplicada força se é desse modo injetada em nossas veias; logo que, para percorrermos as artérias da cidade subterrânea, sulcamos as águas escuras do nosso próprio sangue como por um Letes interior de dobras sêxtuplas, surgem-nos grandes figuras solenes, abordam-nos e nos abandonam, deixando-nos em lágrimas. Em vão procurei minha avó, assim que desembarquei sob os pórticos sombrios; no entanto sabia que ela existia ainda, mas de uma vida diminuída, tão pálida como a da recordação; a escuridão aumentava, assim como o vento; tardava meu pai, que devia conduzir-me à presença dela. De repente, faltou-me a respiração, senti o coração como que endurecido, acabava de me lembrar que desde longas semanas me esquecera de escrever à minha avó. Que deveria ela pensar de mim? "Meu Deus", dizia comigo, "como não deve estar infeliz nesse pequeno quarto que alugaram para ela, tão pequeno como para uma antiga criada, onde ela está sozinha com a guarda que puseram para cuidá-la e onde ela não pode se mexer, pois está sempre um tanto paralisada e não quis se levantar uma só vez! Ela deve acreditar que a esqueço desde que morreu, como deve se sentir sozinha e abandonada! Oh! Preciso correr para vê-la, não posso esperar um segundo, não posso esperar que meu pai chegue, mas onde? Como pude esquecer o endereço? Contanto que ela ainda me reconheça! Como pude esquecê-la durante meses?" Está escuro, não encontrarei, o vento impede de prosseguir; mas eis meu pai que passeia à minha frente; grito-lhe: “Onde está minha avó? Dê-me o endereço. Ela está bem? Tem certeza de que não lhe falta nada? - Claro que não - responde meu pai -, podes ficar tranqüilo. Seu guarda é uma pessoa muito organizada. De vez em quando manda-se uma pequena quantia para que lhe seja possível comprar-lhe o estritamente necessário. Às vezes ela pergunta o que é feito de ti. Disseram-lhe até que ias escrever um livro. Ela pareceu contente. Enxugou uma lágrima. Então julguei lembrar-me que, um pouco antes de sua morte, minha avó me dissera, soluçando, com ar humilde, como uma velha que

o criado expulsa, como uma estranha: "Hás de permitir que, mesmo assim, te vejo algumas vezes, não passes muitos anos sem me visitar. Pensa que fostes meu netinho e que as avós não esquecem." Revendo aquele rosto tão submisso, tão suave, tão infeliz, que ela possuía, queria correr logo para ela e dizer-lhe aquilo que deveria ter dito então: "Mas, avó, tu me verás quantas vezes quiseres, só tenho a ti neste mundo, não te deixarei nunca mais." Como a deve ter feito soluçar o meu silêncio, durante todos esses meses em que não fui até lá onde ela está deitada! O que não terá imaginado? E foi também soluçando que disse a meu pai: - Depressa, depressa, o endereço, leva-me até lá. Mas ele: - É que... não sei se poderás vê-la. Depois, sabes, está muito fraca, muito fraca, já não é mais ela mesma, creio que isto vai ser até penoso para ti. E não me lembro do número exato da avenida. - Mas dize-me, tu que sabes, não é verdade que os mortos não vivem mais. Mesmo assim, não é verdade, apesar do que se diz, visto que a minha avó existe ainda. Meu pai sorriu tristemente: Oh, bem pouco, sabes bem pouco. Creio que farias melhor em não ir até lá. Não lhe falta nada tudo está em ordem. - Mas ela fica muitas vezes sozinha? - Sim, mas é preferível isto para ela. É preferível que não pense, só poderia lhe fazer mal. Freqüentemente faz mal pensar. Aliás, tu sabes, está muito abatida. Deixar-te-ei a indicação precisa para que possas ir até lá; não vejo o que poderias fazer ali e não creio que o guarda permitiria que a visses. - No entanto, sabes bem que viverei sempre junto dela, cervos, cervos, Francis Jammes. Porém já atravessara de volta o rio de tenebrosos meandros, regressara à superfície onde se abre o mundo dos vivos; de forma que, se ainda repetia: "Francis Jammes, cervos, cervos", a seqüência dessas palavras não me oferecia o sentido límpido e a lógica que exprimiam tão naturalmente para mim há um instante apenas, e que não mais podia recordar. Já nem sequer percebia por que a palavra Aias, que meu pai dissera há pouco, significara de imediato: "Cuidado com o frio", sem qualquer dúvida possível. Esquecera-me de fechar os postigos e decerto o dia claro me havia despertado. Mas não pude suportar ter debaixo dos olhos aquelas ondas do mar que minha avó outrora podia contemplar durante horas; a nova imagem de sua beleza indiferente era logo completada pela idéia de que ela não as via mais; desejaria tapar os ouvidos ao seu rumor, pois agora a plenitude luminosa da praia cavava um vazio em meu peito; tudo parecia dizer-me, como aquelas alamedas e gramados de um jardim público onde outrora me perdera dela, quando era bem pequeno: "Não a vimos", e, sob o redondo céu pálido e divino, eu me sentia oprimido, como debaixo de uma imensa cúpula azulada que fechasse um horizonte no qual não estava a minha avó. Para não ver mais coisa alguma, desviei-me para o lado da parede, mas, ai de mim, o que ficava à minha frente era aquele tabique que antigamente servia, entre nós, de mensageiro matinal; aquele tabique tão dócil como um violino para traduzir todos os matizes de um sentimento, que dizia tão exatamente à minha avó o meu temor a um tempo de

despertá-la e, se já estivesse acordada, de não ser ouvido por ela e de que ela não se animasse a mover-se, e, logo depois, como a réplica de um segundo instrumento, me anunciava a sua vinda e me convidava ao sossego. Não tinha coragem de me aproximar dessa divisória mais que de um piano em que minha avó teria tocado e que vibraria ainda com seu toque. Sabia que poderia agora bater até com mais força, que nada mais conseguiria despertá-la, que eu não ouviria resposta alguma, que minha avó não mais viria. E eu nada mais pedia a Deus, se existe um paraíso, senão poder bater naquela divisória as três pancadinhas que minha avó reconheceria entre mil, e às quais responderia por essas três outras pancadinhas que queriam dizer: "Não te inquietes, meu ratinho, compreendo que estejas impaciente, mas já estou indo", e que me deixasse ficar com ela por toda a eternidade, que não seria bastante longa para nós dois.

O gerente veio indagar se eu não queria descer. De qualquer modo, havia cuidado do meu "posto" na sala de jantar. Como não me visse, receara que estivesse com minhas sufocações de antigamente. Esperava que aquilo não passasse de pequena "dor de garganta" e me garantiu ter ouvido dizer que era acalmada com o auxílio do que ele denominava o "calipto". Entregou-me um bilhete de Albertine. Ela não deveria vir a Balbec este ano, mas, tendo mudado de intenção, estava há três dias, não exatamente em Balbec, mas a dez minutos de trem numa estação vizinha. Temendo que eu estivesse cansado da viagem, abstivera-se na primeira noite, mas mandava perguntar quando poderia recebê-la. Informei-me se ela tinha vindo em pessoa, não para vê-la, mas para cuidar de não a ver; respondeu-me o gerente. Mas ela queria que fosse o mais cedo possível; a menos que o senhor não tenha motivos absolutamente "necessito" , senhor vê concluiu que todo mundo aqui o deseja, em definitivo. Mas eu não queria ver ninguém.

No entanto na véspera, à chegada, sentira-me retomado pelo canto indolente da vida dos banhos de mar. O mesmo ascensorista silencioso, desta vez por respeito, não por desdém, e rubro de prazer, pusera o elevador em andamento. Erguendo-me ao longo da coluna que subia, para atravessar o que outrora fora para mim o mistério de um hotel desconhecido, onde, quando se chega, turista sem proteção e sem prestígio, um hóspede que se recolhe ao quarto, cada moça que desce para jantar, cada um que passa nos corredores estranhamente delineados, e a jovem chega da América com sua dama de companhia e que desce para jantar levantam sobre nós um olhar onde não se lê nada daquilo que nos agradaria. Dessa vez, ao contrário, eu experimentava o prazer bem repousante de subir no hotel conhecido, onde me sentia em casa, onde mais uma vez cumpria aquela operação de começar sempre, mais longa, mais difícil que o revirar das pálpebras, e que consiste em pousar nas coisas a alma que nos é familiar em vez das que nos aterrorizava. Seria necessário agora, disse eu comigo, sem suspeitar

da brusca mudança da alma que me esperava; sempre há outros hotéis onde jantaria pela primeira vez, onde o hábito ainda não teria matado em cada andar, diante de cada porta, o terrífico dragão que parecia velar por uma existência encantada, onde teria eu de aproximar-me dessas mulheres desconhecidas que os palácios, os cassinos, as praias à maneira de vastos politiqueiros, não fazem mais que reunir e obrigar a viver em comum?

Agradara-me até que o aborrecido presidente do conselho tivesse tanta pressa de me ver; observava, no primeiro dia, as vagas, as cadeias das montanhas; do azul do mar, suas geleiras e cascatas; sua elevação e sua majestade negligente apenas ao sentir, pela primeira vez em muitos anos, ao lavar as mãos, esse cheiro especial dos sabonetes, excessivamente perfumados, do Grande Hotel, o qual, parecendo pertencer, a um tempo, elos do momento presente à estada passada, flutuava entre eles como o encanto real de uma vida particular à qual só se volta para mudar a gravata. Quando os cortinados da cama, muito finos, muito leves e muito amplos, impossíveis de bordar, de prender, e que permaneciam estufados em torno das cobertas; em volutas moventes, me entristeceriam outrora. Somente embalaram na redonda incômoda e bojuda de suas velas, o sol glorioso e cheio de esperanças da primeira manhã. Mas este não teve tempo de aparecer. Na primeira noite, a atroz e divina presença havia ressuscitado. Pedi ao gerente que saísse, e que não deixasse entrar ninguém. Disse-lhe que ficaria deitado e recusei sua oferta de mandar buscar na farmácia a excelente droga. Gostou da minha recusa, pois temia que os hóspedes ficassem incomodados pelo cheiro do "calipto". O que me valeu este cumprimento:

- O senhor está em dia - (queria dizer "certo"), e essa recomendação: - Cuidado para não se sujar à porta, pois mandei "untar" as fechaduras, e, se um empregado se permitisse bater em seu quarto, seria "moído" de pancadas. E que isto fique estabelecido, pois não gosto de "repetições" (evidentemente aquilo significava: "não gosto de dizer duas vezes a mesma coisa"). Apenas uma observação: não quer que lhe mande subir um pouco de vinho velho do qual tenho lá embaixo uma burrica (sem dúvida por barrica)? Não lha trarei sobre uma salva de prata como a cabeça de “lonathan" (João Batista) e previno-lhe que não se trata de um Château-Lafite, mas é mais ou menos equívoco (em vez de "equivalente"). E como é leve, poderiam lhe preparar um pequeno linguado. - Recusei tudo, mas assombrou-me ouvir o nome do peixe (sole) ser pronunciado como o da árvore (saule, salgueiro), por um homem que deveria ter encomendado tantos em sua vida.

Apesar das promessas do gerente, pouco depois me trouxeram o cartão de visitas dobrado da marquesa de Cambremer. Tendo vindo visitar-me, a velha senhora mandara perguntar se me achava presente, e, ao saber que minha chegada datava apenas da véspera, e que eu estava adoentado, ela não insistira, e (sem

dúvida não sem parar na farmácia ou na mercearia, onde o lacaio, saltando da sege, entrava para pagar alguma conta ou comprar mantimentos) voltara a partir para Féterne, na sua velha caleche de oito molas tirada por dois cavalos. Aliás, bem freqüentemente se ouvia o rodar e se admirava o aparato da sua caleche nas ruas de Balbec e de algumas outras pequenas localidades da costa, situadas entre Balbec e Féterne. Não que essas paradas nas lojas de fornecedores fossem o objetivo desses passeios. Ao contrário, o objetivo era algum chá ou *garden-party*, na casa de um fidalgo provinciano ou de um burguês bastante indignos da marquesa. Porém esta, embora dominasse de muito alto, pelo nascimento e pela fortuna, a pequena nobreza das vizinhanças, possuía, em sua bondade e simplicidade perfeitas, tanto receio de decepcionar alguém que a convidasse, que comparecia às mais insignificantes reuniões mundanas dos arredores. Decerto, em vez de rodar tanto para vir escutar, no calor do salãozinho sufocante, uma cantora em geral sem talento e que, a qualidade de grande dama da região e musicista famosa, era preciso felicitar com exagero, a Sra. de Cambremer teria preferido ir dar um passeio ou permanecer nos maravilhosos jardins de Féterne, onde a mansa de uma pequena baía vem morrer em meio às flores. Mas ela sabia que sua vinda provável fora anunciada pelo dono da casa, fosse este nobre, ou um burguês de Maineville-la-Teinturiere ou de Chattoncourt-e-gueilleux. Ora, se a Sra. de Cambremer tinha saído nesse dia sem fazer presença na festa, este ou aquele convidado, vindo de alguma praiazinha que se estendem à beira-mar, pudera ouvir e ver a caleche da marquesa, o que anularia a desculpa de não ter podido deixar Féterne. Por outro lado, por mais que esses donos de casa vissem a Sra. de Cambremer comparecer aos concertos dados em casa de pessoas onde eles a consideravam deslocada, a pequena diminuição que, a seus olhos, era por esse efeito infligida à posição da boníssima marquesa, desaparecia logo que eram os que a recebiam, e era febrilmente que se indagavam se a teriam ou não para o seu chá. Que alívio para as inquietações sentidas durante vários dias, se, depois do primeiro trecho cantado pela filha dos donos da casa, ou por algum amador em férias, um convidado anunciava (sinal infalível de que a marquesa compareceria à vesperal) ter visto os cavalos da famosa caleche, parados diante do relojoeiro ou do farmacêutico! Então a Sra. de Cambremer (que de fato não demoraria a entrar junto com sua nora, os convidados naquele momento hospedados em sua casa e que ela pedira permissão, com que alegria concedida para trazer) retomava todo o seu brilho aos olhos dos donos da casa, para quem a recompensa de sua esperada viram talvez fosse a causa determinante e inconfessa da decisão que haviam tomado há um mês: infligirem-se a balbúrdia e a despesa para dar um vesperal. Vendo a marquesa presente a seu chá, recordavam, não mais sua complacência em comparecer ao dos vizinhos pouco qualificados, numa antigüidade de sua família, o luxo de seu castelo, a descortesia de sua nora nascida Legrandin que, por sua arrogância, realçava a

bonomia, um tanto antiquada da sogra. Já acreditavam ler, nas notas sociais do Guermantes, o tópico que eles próprios cozinhariam em família, todas as portas fechadas à chave, sobre "o pequeno recanto da Bretanha onde a gente se diverte de fato, a vesperal ultra-secreta que só se dissolveu depois que se ter dos donos da casa a promessa de que em breve dariam outra". Todos os dias esperavam o jornal, ansiosos por não terem visto ainda figurar nele sua vesperal, temendo haver conseguido a Sra. de Cambremer apenas por seus convidados, não para a multidão dos leitores. Por fim chegava o bendito:

"A temporada está excepcionalmente brilhante este ano em Balbec. A moda são os pequenos concertos das tardes, etc.."

Graças a Deus, o nome da Sra. de Cambremer fora bem grafado e "citado ao acaso", mas ao alto. Restava apenas parecer aborrecido com essa indiscrição dos jornais, que podia causar rixas com pessoas a quem não fora possível convidar, e perguntar hipocritamente à Sra. de Cambremer quem fora capaz da perfídia de enviar aquele eco, ao que a marquesa, benevolente e grande dama, dizia:

- Compreendo que isto os aborreça, mas quanto a mim fiquei muito feliz que soubessem que estava em casa dos senhores.

No cartão que me enviou, a Sra. de Cambremer havia escrito que dava uma vesperal dois dias depois. E certamente há apenas dois dias, por mais cansado que estivesse da vida mundana, teria sido um verdadeiro prazer para mim desfrutá-la transplantada para aqueles jardins onde cresciam em plena terra, graças à exposição de Féterne; as figueiras, as palmeiras, os canteiros de rosas, e até ao mar, muitas vezes de um azul e de um sossego mediterrâneos e no qual o pequeno iate dos proprietários, antes do começo da festa, ia apanhar, nas praias do outro lado da baía, os convidados mais importantes, e que, com seus toldos estendidos contra o sol, servia de refeitório, quando todos já haviam chegado, e voltava à tardinha para reconduzir aqueles que trouxera. Luxo encantador, mas tão dispendioso que, em parte, a fim de cortar as despesas que ele acarretava, é que a Sra. de Cambremer havia procurado aumentar seus rendimentos de diversas maneiras, principalmente alugando pela primeira vez uma de suas propriedades, bem diferente de Féterne: La Raspeliere. Sim, dois dias antes, o quanto uma vesperal dessas, povoada de pequenos nobres desconhecidos, num ambiente novo, não teria me distraído da "alta roda" parisiense! Mas agora os prazeres não tinham mais nenhum sentido para mim. Assim, escrevi à Sra. de Cambremer para desculpar-me, da mesma forma como, uma hora antes, mandara despedir Albertine: o desgosto abolira em mim a possibilidade do desejo, de modo tão completo como uma febre muito alta tira o apetite. Minha mãe devia chegar no dia seguinte. Parecia-me que era menos indigno de viver junto dela, que a compreenderia melhor agora que toda uma vida estranha e degradante dera lugar ao retorno das lancinantes lembranças que cingiam e

enobreciam minha alma e a sua de coroas de espinhos. Acreditava-o assim; na realidade, há muita distância entre os desgostos verdadeiros, como era o de mamãe que literalmente nos tiram a vida por muito tempo, às vezes para sempre, quando se perde a criatura amada -, e os demais desgostos, apesar de tudo passageiros, como devia ser o meu, que se vão tão depressa como tarde chegaram, que só são conhecidos muito tempo depois do acontecimento porque, para senti-los, houve necessidade de os "compreender"; desgostos como tantas pessoas os experimenta dos quais o que atualmente me torturava só se diferenciava pela modalidade da lembrança involuntária.

Quanto a um desgosto tão profundo como o de minha mãe, eu devia conhecê-lo um dia, e o veremos na continuação desta narrativa; mas, era agora e nem assim que eu o imaginava. Não obstante, como recitador que deveria conhecer o seu papel e estar no seu posto há muito; que apareceu apenas no último segundo e, tendo lido somente uma vez o que tem a dizer, sabe dissimular com extrema habilidade ao chegar o momento em que deve dar a réplica; para que ninguém perceba o atraso do meu desgosto, inteiramente novo, permitiu-me, quando minha mãe chegou, que lhe falasse como se tivesse sido sempre o mesmo. Apenas imaginou que a vista daqueles lugares onde eu tinha estado com minha avó (e aliás não era isto) o havia despertado. Então pela primeira vez, e porque eu sentia uma dor que nada era, ao lado da sua, mas que me abria os olhos, dei-me conta, com terror, do que ela podia sofrer. Pela primeira vez compreendi que aquele olhar fixo e sem lágrimas (o que fazia com que Françoise pouco lamentasse), que ela apresentava desde a morte de minha avó, estava preso naquela incompreensível contradição da lembrança e do nada. Além disso, embora sempre com seus véus negros, mais vestidos naquela região nova, mais me impressionava a transformação que se fizera nela. Não é muito dizer que havia perdido toda a alegria; fundida, fixa numa espécie de imagem implorando; ela parecia ter medo de ofender com movimento excessivamente brusco, com um tom de voz alto demais, a dolorosa presença que não a abandonava. Mas principalmente, desde que vi entrar com seu manto de crepe, percebi o que me havia escapado em Paris; que já não era minha mãe quem eu tinha diante dos olhos: mas minha avó. Como nas famílias reais e ducais, à morte do chefe, o filho assume o seu título e, de duque de Orléans, de príncipe de Tarento, ou de príncipe des Laumes, torna-se rei da França, duque de La Trémoille, duque Guermantes, assim muitas vezes, devido a um acontecimento de outra ordem e de mais profunda origem, o morto se apodera do vivo, que se torna seu sucessor análogo, o continuador de sua vida interrompida. Talvez a grande mágoa que se segue, numa filha como era mamãe, à morte da sua não faça mais que romper mais cedo a crisálida, apressar a metamorfose do aparecimento de um ser que trazemos em nós, e que, sem essa crise faz queimar as etapas e saltar de um pulo os períodos, só teria sobrevivido mais lentamente. Talvez, na saudade daquela que

já não existe, haja espécie de sugestão que acaba por trazer às nossas feições semelhança que aliás, teríamos em potencial, e sobretudo talvez haja uma parado nossa atividade mais particularmente individual (em minha mãe, o bom senso, a alegria zombeteira que lhe vinha do pai), que não receávamos exercer enquanto vivia o ser amado, mesmo que fosse às suas custas, e que contrabalançava o caráter que havíamos herdado exclusivamente dele. Uma vez que a pessoa amada está morta, sentiríamos escrúpulos em ser outra, não mais admiramos senão o que ela era, o que já éramos, porém misturado à outra coisa, e que vamos unicamente ser de hoje em diante. É neste sentido (e não naquele tão vago, tão falso, em que é geralmente entendido) que se pode dizer que a morte não é inútil, que o morto continua a agir sobre nós. Trata-se até mais que um vivo porque, sendo a verdadeira realidade apreendida apenas pelo espírito, só conhecemos de fato o que somos obrigados a recriar pelo pensamento, aquilo que a vida cotidiana nos oculta... Enfim, neste culto da dor pelos nossos mortos, devotamos uma idolatria pelo que eles amaram. Não só minha mãe não podia separar-se da bolsa de minha avó, que se tornara mais preciosa do que se fosse de safiras e diamantes, de seu regalo, de todos aqueles vestuários que ainda mais acentuavam a semelhança de aspecto entre elas, mas até mesmo dos volumes da Sra. de Sévigné que minha avó trazia sempre consigo, exemplares que minha mãe não trocaria nem mesmo pelo próprio manuscrito das Cartas. Antigamente, ela gracejava com a mãe, que jamais lhe escrevia sem citar uma frase da Sra. de Sévigné ou da Sra. de Beausergent. Em cada uma das três cartas que recebi de mamãe antes de sua chegada a Balbec, ela citou a Sra. de Sévigné, como se essas três cartas não tivessem sido endereçadas por ela a mim, mas por minha avó a ela. Quis descer e ir até o molhe para ver aquela praia de que minha avó lhe falava todos os dias ao lhe escrever. Segurando a sombrinha da mãe, eu a vi pela janela adiantar-se, toda de preto, com passos tímidos, piedosos, pela areia que os pés queridos haviam pisado antes dela, e dava a impressão de ir em busca de uma morta que as ondas deviam trazer. Para não deixá-la jantar sozinha, tive de descer com ela. O presidente do conselho e a viúva do presidente da Ordem dos Advogados fizeram-se apresentar. E tudo o que se relacionava com minha avó era-lhe tão sensível, que ela se sentiu infinitamente tocada e conservou sempre a recordação e o reconhecimento pelo que lhe disse o presidente do conselho, como ao contrário sofreu com indignação o fato de que a viúva do presidente da Ordem dos Advogados não tivesse tido uma só palavra em lembrança da morta. Na realidade, o presidente do conselho não se preocupava com ela mais do que a viúva. As palavras comovidas de um, recebera como o silêncio da outra, embora minha mãe pusesse entre ambos uma grande distância, não passavam da forma diversa de exprimir aquela indiferença que nos inspiram os mortos. Creio, porém, que minha mãe achou principalmente doçura nas palavras em que, contra a minha vontade deixei passar um pouco do meu

sofrimento. Aquilo só conseguia deixar minha mãe feliz (apesar de todo o carinho que sentia por mim), como tudo o que assegurasse à minha avó uma sobrevivência nos corações. Nos dias seguintes, minha mãe descia para sentar-se na praia, para fazer exatamente o que sua mãe fizera, e de quem lia os dois livros preferidos: as *Memórias da de Beausergent* e as *Cartas, da Sra. de Sévigné*. Ela, e nenhum de nós teria suportado que chamassem a esta última de "espirituosa marquesa"; nem a La Fontaine de "le Bonhomme". Mas, quando lia nas cartas as palavras "minha filha", julgava ouvir sua mãe lhe falando.

Teve o azar, numa dessas peregrinações em que não queria ser perturbada, de encontrar na praia uma senhora de Combray, seguida das filhas. Creio que seu nome era Sra. Poussin. Mas entre nós só a chamávamos de "Vais ver o que te acontece", pois era com essa frase perpétua que repetia advertindo as filhas para os males que acarretariam às mesmas; por exemplo, dizia a uma delas que esfregava os olhos: "Quando tiveres uma boa oftalmia, vais ver o que te acontece." De longe, dirigia à mamãe longas saudações lacrimosas, mas não de condolências, e sim gênero de educação. Não tivéssemos perdido a minha avó, e só teríamos motivo de estar felizes, ela teria feito o mesmo. Vivia bastante retirada em Combray, num imenso jardim, nunca achava nada bastante suave e impunha suavizações até às palavras e nomes próprios da língua francesa. Achava muito duro chamar de "colher" à peça de prata em que se servisse do seu xarope e, em conseqüência, só dizia "coler"; teria receio de maltratar o doce cantor de Telêmaco chamando-o rudemente Fénelon como o fazia eu mesmo, com conhecimento de causa, pois tinha por amigo a criatura mais inteligente, mais bondosa e de maior coragem, inesquecível para quantos o conheceram, Bertrand de Fénelon e ela só dizia "Fénélon", achando que o acento agudo lhe acrescentava alguma suavidade. O genro desta Sra. Poussin, menos suave, e cujo nome esqueci de todo, sendo notório em Combray, ocorreu-lhe carregar com a caixa, fazendo principalmente o meu tio perder uma quantia respeitável.

Mas como a maioria das pessoas de Combray dava-se tão bem com os outros membros da família, disso não resultou qualquer frieza, contentando-se elas em lamentar a Sra. Poussin. Ela não costumava receber, mas, cada vez que alguém passava pelas grades do seu jardim, parava para admirar suas admiráveis sombras, sem poder distinguir mais nada. Ela absolutamente não nos incomodou em Balbec, onde só a vi uma vez, no momento em que estava dizendo à filha, que roía as unhas:

- Quando tiveres um boi, panarício, vais ver o que te acontece.

Enquanto mamãe lia na praia, eu ficava sozinho no quarto. Recordava-me dos últimos tempos de vida da minha avó e tudo o que se relacionava com eles, a porta da escadaria, que se mantivera aberta quando tínhamos saído para o nosso último passeio. Em contraste com tudo aquilo, o resto do mundo apenas parecia

real, e o meu sofrimento o envenenava todo. Por fim, minha mãe exigiu que eu saísse. Mas a cada passo, algum aspecto esquecido do cassino, da rua em que, esperando-a na primeira noite, eu caminhara até o monumento de Duguay-Trouin, impedia-me de ir adiante, como um vento contra o qual não se pode lutar; baixava os olhos para não ver. E, depois de recobrar um pouco de força, voltava para o hotel, para o hotel onde sabia que, de agora em diante, era impossível, por mais que esperasse, encontrar minha avó, minha avó que eu encontrara outrora, na primeira noite da chegada.

Como era a primeira vez que saía, muitos criados que ainda não me conheciam me olharam com curiosidade. Na própria entrada do hotel, um jovem *groom* tirou o boné para me saudar, recolocando-o com presteza. Acreditei que Aimé, segundo sua própria expressão, lhe "passara a senha" para que me cumprimentasse. Mas no mesmo instante percebi que o tirava novamente para outra pessoa que chegava. A verdade era que aquele rapaz não sabia fazer outra coisa na vida senão tirar e pôr o boné, e o fazia extremamente bem. Tendo compreendido que era incapaz de outra coisa e que excedia naquilo, cumpria-o o maior número possível de vezes por dia, o que lhe valia da parte dos hóspedes uma simpatia discreta mas generalizada, uma grande simpatia igualmente da parte do porteiro a quem incumbia o trabalho de contratar os *grooms*, e que, até achar esse pássaro raro, não pudera encontrar um só que não despedisse em menos de oito dias, para grande espanto de Aimé, que dizia:

- No entanto, nesse ofício só se exige que sejam corteses, não deveria ser tão difícil. -

O gerente também fazia questão de que tivesse o que ele chamava uma bela "presença", querendo dizer que ali permanecessem, ou porque se referisse mesmo a uma boa “presença."

O aspecto do gramado que se estendia por detrás do hotel fora modificado pela criação de algumas platibandas floridas e a retirada não só de um arbusto exótico, mas também do *groom* que, naquele primeiro ano, decorava exteriormente a entrada com o tronco flexível do seu talhe e o colorido curioso de sua cabeleira. Havia seguido uma condessa polonesa que o tomara como secretário, nisso imitando seus dois irmãos mais velhos e a irmã datilógrafa, arrancados ao hotel por personalidades de regiões e sexos diversos, que haviam se encantado com o charme deles. Permanecia apenas o irmão caçula ninguém queria por ser estrábico. Sentia-se muito feliz quando a polonesa e os protetores dos outros dois vinham passar algum tempo hotel de Balbec. Pois, apesar de invejar os irmãos, amava-os e podia durante algumas semanas, cultivar sentimentos de família.

A abadessa Fontevrault não tinha por acaso o hábito, deixando as suas monjas

compartilhar a hospitalidade que Luís XIV oferecia àquela outra Mortemantf, amante, à Sra. de Montespan? Quanto a ele, era o primeiro ano em Balbec; ainda não me conhecia, mas, tendo ouvido seus companheiros mais antigos, quando me diziam a palavra senhor, acrescentar-lhe ao nome, imitou-os desde a primeira vez com ar de satisfação, fosse para manifestar o seu conhecimento relativamente a uma personalidade, que julguei conhecida; fosse para se conformar a um uso que ignorava cinco minutos antes; mas, ao qual lhe parecia indispensável não faltar. Eu compreendi muito bem o encanto que aquele grande palácio poderia oferecer às pessoas. Estava erguido como um teatro, e um compartimento que animava até a curvatura da abóbada. Ainda que o hóspede não fosse uma espécie de espectador, estava permanentemente mesclado ao espetáculo; não apenas como nesses teatros em que os atores representem uma cena na platéia; mas, como se a vida do espectador se desenrolasse em meio às suntuosidades da cena. O jogador de tênis podia regressar; o casaco de flanela branca, que o porteiro teria vestido; a casaca azul, com gola de prata para lhe dar a correspondência. Se este jogador de tênis não desejava subir a pé, nem por isto estava menos misturado aos atores, tendo ao seu lado, para acionar o elevador, o ascensorista também ricamente uniformizado. Os corredores dos andares entremostravam uma fuga de camareiras e mensageiras, belas de encontro ao mar como o friso das *Panatenifdb*, e até aos seus quartinhos aonde chegavam por sábios desvios os apresentadores da beleza feminina ancila. Embaixo, dominava o elemento masculino, fazendo desse hotel, devido à extrema e ociosa juventude dos empregados, como que uma espécie de tragédia judeu-cristã que se encorpasse fosse perpetuamente representada. Assim, não podia deixar de dizer aos mesmos, ao vê-los, não certamente os versos de Racine que me vieram ao espírito na casa da princesa de Guermantes, enquanto o Sr. de Vaugoubest contemplava os jovens secretários da embaixada que saudavam o Sr. de Charlus, porém outros versos do mesmo Racine, desta vez não de Esther, mas de Athalie; pois desde o *hall*, o que no século XVII se chamava Pórticos, mantinha-se "um povo florescente" de jovens *grooms*, especialmente à hora das refeições, como os jovens israelitas dos coros de Racine. Não creio que um só deles pudesse dar sequer a vaga resposta que Jonas encontra para Atália, quando esta indaga ao príncipe menino:

"Qual é, pois, o seu emprego?", visto não terem nenhum. Quando muito, se perguntassem a qualquer deles, como a velha rainha:

“Mas de que se ocupa toda essa gente encerrada neste lugar?" -poderia ter dito:

"Vejo a ordem pomposa destas cerimônias e para elas contribuo."

Às vezes, uma das jovens figurantes caminhava na direção de algum personagem mais importante, porém logo essa jovem beldade voltava para o coro e, a menos que não fosse o instante de uma pausa contemplativa, todos

entrelaçavam suas evoluções inúteis, respeitosas, decorativas e cotidianas. Pois, a não ser em seus "dias de folga", longe do mundo educado e não franqueando o vestíbulo, levavam a mesma existência eclesiástica dos levitas em Athalie, e diante desse "grupo jovem e fiel"," representando ao pé dos degraus cobertos de magníficos tapetes, eu podia indagar-me se penetrava no Grande Hotel de Balbec ou no templo de Salomão.

Subia diretamente para o quarto. Meus pensamentos estavam ligados habitualmente aos últimos dias da enfermidade de minha avó, a seus sofrimentos, que eu revivia, acrescentando-lhes esse elemento, ainda mais difícil de suportar que o próprio sofrimento alheio e aos quais é ajuntado por nossa piedade cruel; quando julgamos estar apenas recriando as dores de um ser querido, nossa piedade as exagera; mas talvez seja ela que detenha a verdade, mais do que a consciência que têm dessas dores aqueles que as sofrem, e aos quais é oculta essa tristeza de suas vidas, que a piedade vê e com que se desespera. Todavia, a minha piedade teria, num novo impulso, ultrapassado os sofrimentos de minha avó se eu então tivesse sabido aquilo que ignorei por muito tempo; que, na véspera de sua morte, num instante de consciência e assegurando-se de que eu não me achava ali, ela pegara a mão de mamãe e, depois de lhe ter colado os lábios febris, lhe dissera:

"Adeus, minha filha, adeus para sempre."

Talvez também seja essa lembrança que minha mãe nunca mais deixou de encarar tão fixamente. Depois, voltavam-me as doces recordações. Ela era a minha avó e eu o seu neto. As expressões de sua fisionomia pareciam escritas só para mim; ela estava em toda a minha vida, os outros só existiam relativamente a ela, no julgamento que ela me fazia a seu respeito; mas nossas relações foram por demais fugidias para não terem sido acidentes. Ela já não me conhece, eu jamais voltarei a vê-la. Não tínhamos sido quase exclusivamente um para o outro, tratava-se de uma estranha. Essa estranha, eu a contemplava na fotografia tirada por Saint-Loup. Mamãe encontrara Albertine, insistira comigo para que a visse, por causa das amabilidades que dissera a respeito de minha avó e de mim. Marquei-lhe um encontro. Preveni o gerente para que a fizesse esperar no salão. Disse-na que já a conhecia de muito, a ela e a suas amigas, bem antes que houvessem atingido a “Idade da pureza", mas que estava aborrecido, devido às coisas que tinham dito sobre o hotel.

- Não devem ser muito "ilustradas" para falarem assim. A menos que as tenham caluniado. Compreendi facilmente que "pureza" fora dito em vez de "puberdade" .

Esperando a hora de ir ao encontro de Albertine, mantinha os olhos fixos; como sobre um desenho que a gente acaba por não ver mais, de tanto olhar, na

fotografia tirada por Saint-Loup, quando subitamente pensei novo:

"É a avó, sou seu neto", como um amnésico redescobre seu nome, como um doente muda de personalidade.

Françoise entrou para me dizer que Albertine já chegara e, vendo a fotografia:

- Pobre Senhora, é realmente ela, até no sinalzinho do rosto; no dia em que o marquês a fotografou, ela tinha estado bem doente, por duas vezes passou mal. "Principalmente Françoise", tinha me dito, "é preciso que meu neto não o saiba" - ela o escondia bem, estava sempre alegre em sociedade. Unicamente, por exemplo, eu achava que às vezes ela parecia ter o espírito um pouco monótono . Mas isso passava depressa. E depois ela me disse assim: "Se um dia me acontecer alguma coisa, é preciso que ele tenha um retrato meu. Nunca mandei tirar nenhum." Então, mandou-me perguntar ao senhor, mas recomendando-lhe que não contasse ao patrão que fora ela que o pediu se ele não poderia lhe tirar a foto. Mas, quando voltei para dizer se ela não queria mais, porque se achava com aparência muito ruim. "É aí pior", disse-me, "do que não ter fotografia nenhuma." Mas, como ela era boba, acabou por se arrumar tão bem, pondo um grande chapéu de abas largas, que já não parecia mais desfigurada do que quando se achava " em pleno dia claro. Estava bem satisfeita com sua fotografia, pois naquele momento não acreditava que fosse voltar de Balbec. Por mais que lhe dissesse: "Patroa, não deve falar desse jeito, não gosto de ouvi-la falar assim", aquilo estava na sua cabeça. E, diabos, fazia vários dias que ela não podia comer. Era por isso que deixava o patrão ir jantar bem longe com o senhor marquês. Então, em vez de ir para a mesa, fingia estar lendo e, logo que o carro do marquês saía, ela subia para se deitar. Havia dias em que desejava prevenir a patroa para que viesse vê-la ainda. E depois tinha medo de assustá-la, já que não lhe dissera nada. "É melhor que ela fique com o marido, não é mesmo, Françoise?" - Olhando-me, Françoise perguntou bruscamente se me "sentia indisposto". Disse-lhe que não; e ela:

- E depois me prende aqui para conversar. Talvez sua visita já tenha chegado. Preciso descer. Não é uma pessoa para aqui. E estabanada como é, poderia ter ido embora. Ela não gosta de esperar. Ah, agora a senhorita Albertine é alguém.

- Está enganada, Françoise, ela está muito bem, está até bem demais para aqui. Mas vá avisá-la de que não poderei vê-la hoje.

Quantas exclamações apiedadas eu teria despertado em Françoise, caso ela me tivesse visto chorar! Ocultei-me cuidadosamente. Sem isto, eu teria tido a sua simpatia. Mas dei-lhe a minha. Não nos colocamos bastante no coração dessas pobres camareiras que não podem nos ver chorar, como se chorar nos fizesse mal; ou talvez lhes fizesse mal; Françoise me dissera quando eu era pequeno:

- Não chore assim, não gosto de vê-lo chorar desse jeito. -

Não apreciamos as grandes frases, as declarações, e erramos; assim, fechamos o coração ao patético rural, à lenda que a pobre criada, despedida talvez injustamente por furto, muito pálida, subitamente mais humilde como se se tratasse de um crime a ser acusada, desenrola, invocando a honestidade do pai, os princípios da mãe, os conselhos da avó. É claro que essas mesmas criadas que não podem suportar nossas lágrimas, sem escrúpulo, nos farão apanhar um resfriado porque a camareira do andar de baixo gosta das correntes de ar e não seria cortês suprimi-las. Pois é necessário que mesmo aqueles que têm razão, como Françoise, também estejam errados, para fazer da justiça uma coisa impossível. Até os humildes prazeres das criadas provocam ou a recusa ou a zombaria dos patrões. Pois é sempre um nada, mas ingenuamente sentimental, anti-higiênico. Assim, elas podem dizer:

- Como, a mim que só peço isso o ano inteiro, eles me negam! -

E no entanto os patrões concordariam com muito mais, desde que não seja estúpido e perigoso para elas ou para eles. Certamente, à humildade da pobre camareira trêmula, prestes a confessar o que não praticara, dizendo "partirei esta noite, se preciso for", não é possível resistir. Mas também é preciso saber não permanecer insensível, apesar da banalidade solene e ameaçadora das coisas que ela diz, sua herança materna e a dignidade da "roça", diante de uma velha cozinheira, criada na vida e numa ascendência honrosas, empunhando a vassoura como mastro, levando o seu papel para o trágico, entrecortando-o de choros, instigando-se majestosamente.

Naquele dia recordei ou imaginei tais coisas e relacionei-as com a nossa velha criada e, desde então, apesar de tudo que pôde fazer a Albertine, amei Françoise com uma afeição, é verdade, intermitente, mas do mais forte gênero, o que tem por base a piedade. Decerto, sofri o dia inteiro ficando diante da fotografia de minha avó. Ela me torturava. Entretanto, menos do que o fez a visita do gerente a noite. Como lhe falasse de minha avó e ele me renovasse suas condolências, ouvi-o dizer-me (pois gostava de empregar os termos que pronunciava mal):

- É como no dia em que a Senhora sua avó teve aqui *simécope*; quis avisá-lo porque, devido aos hóspedes, o senhor compreende, podia dar prejuízo à casa. Teria sido preferível que ela partisse naquela mesma noite. Mas suplicou-me que nada dissesse e me prometeu que não teria mais *simécope* ou que, logo à primeira, iria embora. Entretanto, o chefe do andar me comunicou que ela teve uma outra. Mas, enfim, os senhores eram antigos hóspedes que a gente procurava satisfazer, e já que ninguém se queixou... -

Portanto, minha avó tivera síncopes e as escondia de mim. Talvez no momento mesmo em que eu fora menos gentil para com ela, quando era obrigada, sempre sofrendo, a prestar atenção para mostrar-se de bom humor para não me irritar e

parecer estar de boa saúde, a fim de não ser despejada do hotel. *Simécope* era uma palavra que, assim pronunciada, eu jamais teria imaginado que, aplicada a outros, talvez tivesse parecido ridícula, mas que, em sua estranha novidade sonora, é semelhante à de uma dissonância original, permaneceu sendo, durante muito tempo, o que era capaz de despertar em mim as mais dolorosas sensações.

No dia seguinte fui, a pedido de mamãe, estender-me um pouco na areia, ou melhor, nas dunas, ali onde se fica escondido por suas ondulações, e onde sabia que Albertine e suas amigas não poderiam me encontrar. Minhas pálpebras, abaixadas, só deixavam passar uma única luz, inteiramente cor-de-rosa, a das paredes internas dos olhos. Depois se fecharam completamente. Então minha avó me apareceu sentada numa poltrona. Muito fraquinha, parecia viver menos que qualquer outra pessoa. Entretanto ouvia-a respirar; às vezes, um sinal mostrava que ela compreendera o que dizíamos, meu pai e eu. Mas, por mais que a beijasse, não conseguia despertar um olhar de afeição em seus olhos, um pouco de cor em suas faces. Ausente de si mesma, dava a impressão de não me amar, de não me conhecer, talvez mesmo de não me ver. Eu não podia adivinhar o segredo de sua indiferença, do seu abatimento, de seu descontentamento silencioso. Arrastei meu pai à parte.

- Contudo, estás vendo - disse-lhe -, não há o que dizer, ela percebeu perfeitamente cada coisa. É a ilusão completa da vida. Se se pudesse mandar vir o teu primo que pretende que os mortos não vivem! Faz mais de um ano que ela está morta e afinal vive sempre. Mas por que não deseja me beijar? - Olha, sua pobre cabeça cai de novo. - Achas mesmo que isso poderia lhe fazer mal, que ela poderia morrer ainda mais? Não é possível que já não me ame. Por mais que a beije, será que ela não me sorrirá nunca mais?

- Que queres, os mortos são os mortos.

Alguns dias depois, a fotografia tirada por Saint-Loup era doce de olhar; já não despertava a recordação do que me dissera Françoise porque essa recordação não me deixara mais e eu me habituara a ela. Mas, diante da idéia que eu me fazia de seu estado tão grave e doloroso daquele dia, a foto, aproveitando ainda as manhas que tivera a minha avó e que logravam enganar-me até quando me foram reveladas, mostrava-a tão elegante, tão despreocupada, debaixo do chapéu que ocultava um pouco o seu rosto, que eu a via menos infeliz e de melhor saúde do que imaginara. E no entanto suas faces, tendo mantido à sua revelia uma expressão própria, algo de plúmbeo, de esgazeado, como o olhar de um animal que se sentisse já escolhido e designado, minha avó exibia um ar de condenada à morte, um ar involuntariamente sombrio, inconscientemente trágico, que me escapava, mas que impedia mamãe de olhar jamais para aquela fotografia, essa fotografia que lhe parecia menos uma fotografia de sua mãe do que a de sua doença, de um insulto que essa doença fazia ao rosto brutalmente

esbofeteado de minha avó.

Depois, um dia decidi-me mandar dizer a Albertine que a receberia em breve. É que, numa manhã de grande calor prematuro, os milhares de gritos das crianças que brincavam, dos banhistas que se divertiam, dos jornaleiros, tinham-me descrito em traços de fogo, em labaredas entrelaçadas, a praia ardente que as pequenas ondas vinham, uma a uma, banhar de seu frescor; começara então o concerto sinfônico misturado ao barulho das águas, no qual os violinos vibravam como um enxame de abelhas disperso sobre o mar. E logo eu desejara ouvir novamente o riso de Albertine, rever suas amigas, aquelas mocinhas que se destacavam contra as ondas e que tinham ficado em minha lembrança como o encanto inseparável, a flora característica de Balbec; e resolvera mandar por Françoise um recado a Albertine, para a semana próxima, enquanto o mar, subindo suavemente a cada rebentar das ondas, cobria inteiramente de rolamentos de cristal a melodia cujas frases surgiam separadas umas das outras, como aqueles anjos tocadores de alaúde que, no topo da catedral italiana, erguem-se por entre as cristas de pórfiro azul e de jaspe espumante. Mas, no dia em que Albertine veio, o tempo se arruinara de novo, refrescara, e além disso não tinha oportunidade de ouvir sua risada; ela estava de muito mau humor.

- Basta! Está insuportável este ano - disse ela. - Vou tratar de não mexer muito. Sabe que estou aqui desde a Páscoa, já faz mais de um mês não há ninguém. Se acha que é bem divertido isso...

Apesar da chuva e do céu que mudava a cada instante, depois de ter acompanhado Albertine até Épreville, pois ela fazia, segundo sua expressão, "o vai-vem'' entre essa pequena praia, onde estava a vivenda da Sra. Bontemps-Incarville, onde fora "tomada em pensão" pelos pais de Rosemonde, saí para passear sozinho por aquela grande estrada pela qual tomava o carro da Sra. de Villeparisis quando íamos passear com minha avó; poças d'água, que o sol que brilhava não havia secado, tornavam o solo um verdadeiro lamaçal, e eu pensava em minha avó, que outrora não podia dar dois passos sem se enlamear. Mas, quando cheguei à estrada, foi um deslumbramento. Ali onde eu não vira com minha avó, no mês de agosto, mais do que folhas cortadas; que a localização das macieiras, estavam elas agora em plena floração a perder de vista, de um luxo inaudito, os pés na lama e em vestido de baile sem tomar precauções para não estragar o cetim róseo mais maravilhoso que já se viu e que o sol fazia brilhar; o horizonte remoto do mar fornecia às macieiras uma espécie de pano de fundo de estampa japonesa; se eu erguia a cabeça para contemplar o céu por entre as flores, que faziam parecer quase violento o seu azul tranqüilo; elas pareciam afastar-se para mostrar a profundidade daquele paraíso. Sob esse azul, uma brisa leve, porém fria, fazia tremular ligeiramente os ramos avermelhados. Borboletas azuis vinham pousar nos ramos e saltitavam por entre as flores, indulgentes,

como se um amador de exotismos e de cores houvesse criado artificialmente aquela beleza viva. Mas emocionava até às lágrimas porque, embora fosse bem longe em seus efeitos de arte refinada, sentia-se que era natural, que aquelas macieiras estavam ali, em pleno campo, como camponeses numa estrada real da França. Depois, aos raios de sol sucederam da chuva; riscaram todo o horizonte e encerraram a fila de macieiras em sua rede cinzenta. Mas estas continuavam a erguer a sua beleza, florida, rósea, ao vento que se tornara glacial sob o aguaceiro que caía: era um dia de primavera.

Capítulo Segundo

Os mistérios de Albertine. - As moças que ela vê no espelho. - A dama desconhecida. - O ascensorista. - A Senhora de Cambremer. - Os prazeres do Sr. Nissim Bernard. - Primeiro esboço do estranho caráter de Morel. - O Sr. de Charlus janta em casa dos Verdurin.

No meu receio de que o prazer que tivera naquele passeio solitário enfraquecesse em mim a lembrança de minha avó, procurei reavivá-la pensando num certo sofrimento moral que ela tivesse tido; a meu apelo, tal sofrimento buscava construir-se em meu coração, onde alicerçava seus imensos pilares; mas meu coração, sem dúvida, era muito pequeno para ele, eu não tinha forças para carregar comigo uma dor tão grande, minha atenção se esquivava no momento em que se reformava toda, e seus arcos desabavam antes de se juntarem, como desabam as ondas antes de ter formado a sua abóbada.

Entretanto, apenas pelos meus sonhos quando estava adormecido, eu poderia compreender que minha mágoa pela morte de minha avó ia diminuindo, pois neles parecia menos oprimida pela idéia que eu me fazia de seu nada. Via-a sempre enferma, mas em vias de se restabelecer; achava-a melhor. E, se ela aludisse ao que havia sofrido, eu lhe fechava os lábios com meus beijos e lhe garantia que agora estava curada para sempre. Teria desejado fazer que os céticos constatassem que a morte é na verdade uma doença da qual nos restabelecemos. Apenas, já não achava em minha avó a rica espontaneidade de antigamente. Suas palavras não passavam de uma resposta dócil, enfraquecida, quase um simples eco das minhas; ela não era mais que o reflexo de meu próprio pensamento.

Incapaz como ainda me encontrava experimentando de novo um desejo físico, Albertine recomeçava, no entanto, inspirar-me como que um desejo de felicidade. Certos sonhos de ternura compartilhada, sempre flutuantes em nós, aliam-se de bom grado por uma espécie de afinidade à lembrança (desde que esta já se tenha tornado um tanto vaga) de uma mulher com quem tenhamos desfrutado prazeres. Este sentimento me recordava aspectos do rosto de Albertine, mais doces, menos alegres, bem diversos dos que o desejo físico teria evocado; e, como era também menos do que este último, eu teria de boa vontade adiado sua realização para o inverno seguinte, sem procurar rever Albertine em Balbec antes de partida. Porém, mesmo em meio a um desgosto ainda vivo, o

desejo renasce. De minha cama, onde me faziam permanecer por muito tempo o repouso, todos os dias, eu desejava que Albertine viesse recomeçar no jogos de outrora. Não se vê, no próprio quarto em que perderam os esposos em breve de novo enlaçados darem um irmão ao pequeno morto? Eu tentava distrair-me desse desejo indo à janela a fim de contemplar o mar desse dia. Como no primeiro ano, os mares, de um dia para o outro, raramente eram os mesmos. Mas, além disso, de modo algum, assemelhavam aos daquele primeiro ano, fosse porque agora era a primavera com seus temporais, fosse porque, mesmo que eu tivesse vindo na mesma data da primeira vez, tempos diversos, mais mutáveis, teriam desaconselhado aquele litoral a certos mares indolentes, vaporosos e ágeis que eu vira dormir na praia durante os dias mais quentes. Ergue imperceptivelmente o seio azulado com suave palpitação, fosse principalmente porque meus olhos, instruídos por Elstir para reter precisamente os elementos que outrora eu voluntariamente eliminava, contemplavam longamente o que no primeiro ano não sabiam ver. Essa oposição, que então impressionava tanto, entre os passeios agrestes que dava com a Sra. Villeparisis e aquela vizinhança fluida, inacessível e mitológica, do oceano, já não existia para mim. E, pelo contrário, em certos dias o próprio mar me parecia agora quase rural. Nos dias bem raros de verdadeiro bom tempo, o calor traçara na água, como através dos campos, uma estrada poeirenta e branca, por detrás da qual se erguia, como um campanário da aldeia, a fina ponta de um barco de pesca. Um rebocador, de que só a chaminé, fumegava ao longe como uma usina afastada, ao passo que sozinho no horizonte, um quadrado branco e inflado, pintado sem dúvida por uma vela, mas que parecia compacto e um tanto calcário, lembrava um ângulo ensolarado de alguma construção isolada, hospital ou escola. Nuvens e o vento, nos dias em que a eles se juntava o sol, rematavam, não o erro de julgamento, pelo menos a ilusão do primeiro olhar, que ele desperta na imaginação. Pois a alternância de espaços de cores nitidamente recortadas como as que resultam, no campo, da continuidade de culturas diferentes, as desigualdades ásperas, amarelas e mel, lamacentas da superfície marinha, as colheitas, os declives que escondia da vista um barco, onde uma equipagem de hábeis marinheiros parecia ceifar, tudo isso nos dias tempestuosos fazia do oceano algo de tão variado, tão consistente, tão acidentado, tão populoso, tão civilizado como caminho carroçável pelo qual eu passeava outrora, como não tardaria a passear agora. E uma vez, não mais podendo resistir ao meu desejo, em vez de voltar a deitar-me, vesti-me e fui procurar Albertine em Incarville. Pediria que me acompanhasse até Douville, onde iria fazer em Féterne uma visita à Sra. de Cambremer e, na La Raspeliere, uma visita à Sra. Verdurin. Durante esse tempo, Albertine me aguardaria na praia e voltaríamos juntos à noite. Fui tomar o trenzinho local, de que aprendera outrora, com Albertine e suas amigas, todos os apelidos que lhe davam na região, onde era chamado o *Tortuoso*, por causa de suas voltas

inumeráveis; ora o *Calhambeque*, porque não avançava; *Transatlântico*, por causa de uma terrível sirena que possuía, para que os passageiros embarcassem; Decauville e Funi, embora não fosse de forma alguma um funicular, mas porque subia a falésia, nem sequer, a rigor, um Decauville, mas por possuir uma bitola de 60; o B.A.G., porque ia de Balbec a Grattevast passando por Angerville, Tram; e o T.S.N., porque fazia parte da linha dos *tramways* do sul da Normandia. Instalei-me num vagão onde estava sozinho; fazia um sol esplêndido, a gente abafava; baixei o estore azul, que não deixou passar mais que uma réstia de sol. Porém logo vi a minha avó, exatamente como se havia sentado no trem à nossa partida de Paris para Balbec, quando, na mágoa de me ver tomar cerveja, preferira não olhar, fechar os olhos e dar a impressão de estar dormindo. Eu, que antigamente não podia suportar a mágoa que ela sentia quando meu avô tomava conhaque, infligira-lhe esta, não apenas a de me ver tomar, a convite de outro, uma bebida que ela considerava funesta para mim, mas forçara-a a deixar-me livre para beber à vontade; mais ainda, por meus acessos de cólera, minhas crises de sufocação, eu a forçara a ajudar-me, a aconselhar-me que o fizesse, numa resignação suprema da qual guardava na memória a imagem muda, desesperada, de olhos fechados para não ver. Uma tal lembrança, como um toque de varinha mágica, me recuperara a alma que eu estava em vias de perder fazia algum tempo; que poderia eu fazer de Rosemonde (Albertine?), quando meus lábios inteiros eram percorridos unicamente pelo desejo desesperado de beijar uma morta? Que poderia eu dizer aos Cambremer e aos Verdurin, quando meu coração batia com tanta força porque, nele, reformava a cada instante a dor que minha avó sofrera? Não pude permanecer naquele vagão. Logo que o trem parou em Maineville-la-Teinturiere, desci, renunciando aos meus projetos. Maineville adquirira desde algum tempo uma considerável importância e uma reputação especial, porque um gerente de numerosos cassinos, comerciante de bem-estar, mandara construir, não longe dali, com um luxo de mau; capaz de rivalizar com o de um palácio, um estabelecimento ao qual iremos, e que era, para falar francamente, a primeira casa pública para trato elegante que se teve idéia de construir nas costas da França. Na verdade cada porto tem a sua, porém boa apenas para marinheiro e amadores do pitoresco, a quem diverte ver, bem perto da igreja a patroa quase tão velha, venerável e musgosa, postar-se diante de sua mal-afamada à espera do regresso dos barcos de pesca.

Afastando-me da deslumbrante casa de "prazer", insolente, erguida ali apesar dos protestos das famílias debalde endereçados ao feito, atingi a falésia e por ali segui os tortuosos caminhos em direção à Balbec. Ouvi sem responder os apelos dos espinheiros-alvos. Vizinhos ricos das flores das macieiras, eles as achavam bem pesadas, embora reconhecendo a pele fresca das filhas, de pétalas róseas, desses fabricantes de cidra. Sabiam que, menos ricamente dotadas, eram no tanto, mais procuradas e que lhes bastava, para agradarem, uma branca amarrotada.

Quando cheguei, o porteiro do hotel entregou-me um convite para um enterro assinado: pelo marquês e a marquesa de Gonneville, o visconde e a viscondessa d'Amfreville, o conde e a condessa de Berneville, o marquês e a marquesa de Graincourt, o conde d'Amenoncourt, a condessa de Mainville, o conde e a condessa de Franquetot, a condessa de Chaverny, nascida d'Aigleville, e que afinal compreendi porque me fora enviado, ao reconhecer os nomes da marquesa de Cambremer, e quando vi que a morta era uma prima dos Cambremers chamada Éléonore-Euphrasie-Humbertine de Cambremer, condessa de Criquetot. Em toda a extensão dessa família provinciana, cuja enumeração enchia linhas finas e cerradas, não havia um só burguês, e aliás nem um título conhecido, mas todo o grupo e subgrupo de nobres da região que faziam ressoar seus nomes em todos os lugares interessantes das redondezas com alegres finais em *villie*, em *court*, vezes mais surdos (em *tot*). Vestidos com a telha de seu castelo; ou com reboco de sua igreja, a cabeça vacilante mal ultrapassando a abóbada da construção central, e unicamente para ornarem-se com a clarabóia; ou as armações do telhado em forma de cone, davam a impressão de terem ressoado o toque de reunião de todas as belas aldeias escalonadas ou dispersas num raio de cinqüenta léguas e de as terem disposto em armação cerrada, sem uma só lacuna, sem um intruso, no tabuleiro retangular e compacto do convite aristocrático bordado de preto.

Minha mãe tornara a subir para seu quarto, meditando na carta da Sra. de Sévigné:

"Não visito nenhum dos que desejam me divertir; palavras encobertas, o que eles querem é impedir-me de pensar em você e isso me ofende", porque o presidente do conselho lhe dissera que deveria distrair-se. Ele me sussurrou:

- É a princesa de Parma. -

Meu temor dissipou-se ao ver que a mulher que o magistrado me indicava não tinha qualquer relação com Sua Alteza Real. Mas, como esta mandara reservar um quarto para passar a noite ao voltar da casa da princesa de Luxemburgo, a notícia teve, para muitos, o efeito de fazê-los tomar pela princesa de Parma toda nova dama recém-chegada e, para mim, o de fazer-me subir e ficar fechado em meu sótão. Não gostaria de estar ali sozinho. Eram apenas quatro horas. Pedi a Françoise que fosse buscar Albertine, para que viesse passar comigo o final da tarde.

Creio que mentiria se dissesse que já principiara a dolorosa e perpétua desconfiança que Albertine devia me inspirar, e com maior razão o caráter especial, sobretudo *gomorriano*, que deveria revestir essa desconfiança. Decerto, desde aquele dia, mas que não era o primeiro minha espera foi um tanto ansiosa. Françoise, logo que partiu, demorou tanto tempo que comecei a desesperar. Não

havia acendido a lâmpada. Quase não havia claridade. O vento fazia estalar a bandeira do cassino. E, mais débil ainda que o silêncio da praia, por onde o mar subia, e como uma voz que traduzisse e aumentasse a vagarosa enervante daquela hora inquieta e falsa, um realejo parado diante do hotel tocava valsas vienenses. Por fim Françoise chegou, mas sozinha.

- Fui o mais rápido que pude, mas ela não queria vir porque não se achava bem penteada. Se não ficou uma hora se empoando, cinco minutos é que não foi. Vai ser uma verdadeira perfumaria aqui. Ela vem, ficou para trás para se arrumar diante do espelho. Pensava já encontrá-la aqui. -

Ainda se passou longo tempo antes que Albertine chegasse. Porém a alegria e a amabilidade que demonstrou dessa vez dissiparam a minha tristeza. Anunciou-me (ao contrário do que havia dito outro dia) que ficaria por toda a temporada e perguntou se não poderíamos, como no primeiro ano, ver-nos todos os dias. Disse-lhe que naquele momento estava triste demais e que seria melhor mandar buscá-la de vez em quando, no último instante, como em Paris.

- Se alguma vez sentir-se aflito ou o coração o aconselhar, não hesite -disse ela -, mande me buscar, virei depressa; e, se não recear que isso faça escândalo no hotel, permanecerei o tempo que quiser. -

Ao trazê-la, Françoise ostentara um ar feliz, como cada vez que se dava a um trabalho por mim e conseguia me agradar. Mas Albertine em si não entrava em nada nessa alegria, e já no dia seguinte Françoise devia me dizer estas palavras profundas:

- O patrão não deveria ver essa moça; bem sei o tipo de caráter que ela tem, vai lhe dar desgostos.

Reconduzindo Albertine, vi pela sala de jantar iluminada a princesa de Parma. Limitei-me a olhá-la, cuidando em não ser visto. Mas confesso: achei uma certa grandeza na régia polidez que me fizera sorrir na casa Guermantes. É um princípio que os soberanos estejam em sua casa à parte, e o protocolo o traduz em usos mortos e sem valor, como àquela que o dono da casa fique de chapéu na mão em sua própria realeza, para mostrar que não está mais em sua casa, mas na do príncipe; essa idéia, a princesa de Parma talvez não a formulasse, porém estava tão imbuída que todos os seus atos, espontaneamente inventados circunstâncias a traduziam. Quando se ergueu da mesa, deu uma cativa gorjeta a Aimé como se este estivesse ali apenas para servi-la recompensasse, ao deixar um castelo, um mordomo afeto a seu ser. Aliás, não se contentou com a gorjeta; mas, com um sorriso gracioso dirigiu-lhe algumas palavras amáveis e lisonjeiras de que sua mãe a abastecera. Um pouco mais, e ela lhe teria dito que, quanto mais bem dirigido o hotel, tanto mais florescente a Normandia, e que de todos os países do mundo ela preferia a França. Outra moeda deslizou das mãos da

princesa para o copeiro que ela mandara chamar e a quem fez questão de exprimir seu contentamento, como um general que acaba de fazer uma revista. Naquele momento, o ascensorista viera dar uma resposta; ganhou uma frase, um sorriso e uma gorjeta, tudo isso misturado às palavras, estímulo, humildes, destinadas a lhes provar que ela não era mais que um deles. Como Aimé, o copeiro, o ascensorista e os demais julgaram, pouco polido não sorrir de orelha a orelha a uma pessoa que lhes sorria, ela foi em breve cercada por um grupo de criados, com quem conversou demoradamente; como tais maneiras eram desacostumadas nos palácios, pessoas que passavam pela praia, ignorando o seu nome, acreditaram estar vendo uma *habituée* de Balbec, e que, devido a uma extração medíocre; a um interesse profissional (talvez fosse a esposa de um corretor) era menos diferente da criadagem que seus clientes verdadeiramente elegantes. Quanto a mim, pensei no palácio de Parma, nos conselhos religiosos, meios políticos dados a essa princesa, que lidava com o povo; como se devesse conciliar-lhe as graças para reinar um dia; mais ainda, como se já reinasse.

Voltei para o meu quarto, mas ali não me achava sozinho. Ouvia alguém tocando com suavidade trechos de Schumann. Com certeza ocorre as pessoas, mesmo aquelas a quem mais amamos, saturam-se com a tristeza ou a irritação que provém de nós. Entretanto, existe algo que tem capacidade de exasperar que pessoa alguma consegue atingir: Albertine me fizera anotar as datas em que deveria ausentar-se à casa de amigas durante alguns dias, e fizera-me também escrever os endereços para o caso que eu tivesse necessidade dela numa dessas noites, pois nenhuma residia muito longe. Isto fez com que, para achá-la, de moça em moça, bem naturalmente se foi formando a meu redor um laço de flores. Ouso confessar que muitas de suas amigas, eu não a amava ainda, me proporcionaram, numa ou noutra praia, alguns instantes de prazer. Essas jovens companheiras benevolentes não me pareciam muito numerosas. Mas ultimamente voltei a pensar nisso, seus nomes me regressaram.

Contei que, somente naquela temporada, doze me concederam seus frívolos favores. Um nome a mais me acudiu logo, totalizando treze. Tive então uma espécie de medo infantil de permanecer nesse número. Ai de mim, pensava que havia esquecido a primeira, Albertine, que já não estava e foi a décima quarta.

Para retomar o fio da narrativa, eu anotara os nomes e endereços das moças onde a encontraria nos tais dias em que ela não estivesse em Incarville, mas imaginara que aproveitaria melhor esses dias indo à casa da Sra. Verdurin. Além disso, nossos desejos por mulheres diferentes não têm sempre a mesma intensidade. Em determinada noite não podemos passar sem uma que, depois disso, não nos perturbará durante um ou dois meses. Ademais, além das causas de alternância de que não é aqui o lugar de estudar, depois das grandes fadigas carnais, a mulher cuja imagem freqüenta a nossa momentânea senilidade; é

uma mulher a quem quase não faríamos mais que beijar na fronte. Quanto a Albertine, eu a via raramente, e apenas em tardes muito espaçadas, quando não podia passar sem ela. Se um tal desejo me possuísse quando ela estivesse longe demais de Balbec para que Françoise pudesse ir a seu encontro, eu enviava o ascensorista a Épreville, a La Sogne, a Saint-Frichoux, pedindo-lhe que terminasse um pouco mais cedo o seu trabalho. Ele entrava em meu quarto, mas deixando a porta aberta, pois, embora cumprisse conscienciosamente com seu "batente", que era bem pesado, e consistia em numerosas limpezas desde as cinco da manhã, não podia resolver-se ao esforço de fechar uma porta e, se lhe observassem que estava aberta, voltava e, fazendo um esforço máximo, encostava-a de leve. Com o orgulho democrático que o caracterizava e ao qual não atingem em suas carreiras liberais os membros de profissões um tanto numerosas, advogados, médicos, que somente a um outro advogado, homem de letras ou médico chamam:

- Meu confrade -, ele, usando com razão um termo reservado aos corpos restritos, como as academias por exemplo, me dizia, falando de um *groom* que era ascensorista uma vez a cada dois dias:

- Vou tratar de ser substituído por meu colega. -

Esse orgulho não o impedia, com o objetivo de melhorar o que denominava seus vencimentos, de aceitar remunerações pelos recados, o que fizera Françoise criar-lhe horror:

- Sim, da primeira vez que a gente o vê é capaz de dar a hóstia sem confissão; mas há dias em que ele é cortês como a de uma prisão. Todos eles são caça-níqueis. -

Categoria em que ela as vezes havia classificado Eulalie e onde infelizmente, por todas as doenças que aquilo um dia deveria trazer, ela já colocava Albertine, pois muitas vezes vinha pedir a mamãe, para a minha amiga pouco afortunada, miúdos, ninharias, o que Françoise achava indesculpável, porque a Sra. Bontemps só tinha uma criada para fazer tudo. Bem depressa, o ascensorista, tirando o que eu chamaria a sua *libré* e que ele denominava sua casaca, aparecia de bengala e chapéu de palha, cuidando do seu andar porte erguido, pois a mãe lhe recomendara que nunca assumisse o, -"operário" ou *groom*. Da mesma forma que, graças aos livros, a ciência,, acessível a um operário que não é mais operário depois que findou seu trabalho, assim, graças ao chapéu de palha e ao par de luvas, a elegância tornou-se acessível ao ascensorista, o qual, deixando à noite de fazer aos hóspedes, julgava-se, como um jovem cirurgião que despiu o jaleco; o sargento Saint-Loup sem o uniforme, um perfeito mundano. Aliás, não destituído de ambição, nem tampouco de talento para manipular a sua gaiola e nos deixar entre dois andares. Mas sua linguagem era defeituosa. Acreditava na

sua ambição porque, referindo-se ao porteiro, de quem dependia:

- Meu porteiro - falava, com o mesmo tom que um homem, que possuindo em Paris o que o *groom* teria chamado "um hotel particular", falava do seu porteiro. Quanto à linguagem do ascensorista, é curioso que algo que ouvia um hóspede dizer cinqüenta vezes por dia "elevador", nunca pudesse ser ele próprio senão "ascensor". Certas coisas nesse ascensorista eram muito irritantes: qualquer coisa que eu lhe dissesse, ele me interrompia e numa locução, "é claro!", ou "logo vi!", que parecia significar ou que minha observação era de uma tal evidência que todo mundo a teria feito, ou então atribuir a si o mérito, como se ele é que me chamasse a atenção ao fato. "É claro!" ou "logo vi!", proferidos com a maior energia, retornava de dois em dois minutos à sua boca, a propósito de coisas que nunca teriam ocorrido, o que irritava tanto que logo me punha a dizer o contrário para lhe mostrar que não compreendia nada. Mas à minha segunda aflição, embora não fosse conciliável com a primeira, ele também não deixava de retrucar: "É claro!", ou "logo vi!", como se estas palavras fossem inevitáveis. Também dificilmente lhe perdoava que empregasse certos termos seu ofício, e que, por isso mesmo, seriam perfeitamente adequados no sentido próprio, apenas no sentido figurado, o que lhes dava uma intenção espirituosa bem tola; por exemplo, o verbo pedalar. Ele nunca o usava quando fazia uma corrida de bicicleta. Mas se, a pé, correra para chegar na hora para indicar que havia caminhado depressa dizia:

- Como pedalei! -

O ascensorista era antes baixinho, malfeito de corpo e muito feio. Isso não impedia que, cada vez que lhe falavam de um rapaz alto, esbelto e fino, ele dissesse:

- Ah, sim, sei, um que é bem do meu tamanho. -

E um dia em que esperava uma resposta sua, como alguém subisse a escada, eu, ao ruído dos passos, abrira com impaciência a porta do quarto e vira um *groom*, belo como Endimião, os traços incrivelmente perfeitos, que vinha a chamado de uma dama que eu não conhecia. Quando o ascensorista regressou, ao lhe dizer com que impaciência eu havia esperado a sua resposta, contei que julgara que era ele quem subia, mas que se tratava de um *groom* do Hotel da Normandia. E ele disse:

- Ah, sim, sei quem é, só existe um, um rapaz do meu tamanho. De cara, também se parece muito comigo, de tal modo que poderiam nos tomar um pelo outro, dir-se-ia que é meu irmão. -

Enfim, queria parecer ter compreendido tudo desde o primeiro instante, o que fazia com que, logo que lhe recomendassem alguma coisa, dissesse:

- Sim, sim, sim, sim, sim, compreendo muito bem com uma clareza e um tom inteligente que me iludiram por algum tempo; mas as pessoas, à medida que a gente as conhece, são como um metal mergulhado numa mistura alteradora, e aos poucos vemo-las perderem suas qualidades (como às vezes seus defeitos). Antes de lhe fazer minhas recomendações, vi que deixara aberta a porta; chamei-lhe a atenção, receava que nos ouvissem; condescendeu ao meu desejo e voltou, após ter diminuído a abertura.

- É para agradá-lo. Mas não há ninguém neste andar senão nós dois.

E logo ouvi passar uma pessoa, depois duas, e depois três. Isso me irritava por causa da possível indiscrição, mas sobretudo porque via que aquilo não o admirava de maneira nenhuma e se tratava de um vai-vém normal.

- Sim, é a camareira do lado que vai buscar suas coisas. Oh, não tem importância, é o copeiro que traz as suas chaves. Não, não, não é nada, o senhor pode falar, é meu colega que vai pegar no serviço. -

E, como todos os motivos que as pessoas tinham para passar não diminuíssem o meu aborrecimento pelo fato de que podiam me ouvir, diante de minhas ordens formais ele foi, não fechar a porta, pois isto estava acima das forças daquele ciclista que desejava uma moto, mas empurrá-la um bocadinho mais.

- Assim ficaremos tranqüilos. -

Estávamos tranqüilos de tal maneira que uma americana entrou e saiu, desculpando-se por se haver enganado de quarto.

- Você vai me trazer essa moça - disse eu, depois de ter eu próprio batido a porta com toda a força, o que levou um outro *groom* a verificar se não havia uma janela aberta.

- Você se lembra bem: Srta. Albertine Simonet. Aliás, está no envelope. Você só precisa lhe dizer que isto vem de minha parte. Ela virá de muito bom grado - acrescentei para encorajá-lo e não me humilhar demais.

- É claro! -

Mas não, ao contrário, não é nada natural que vir de Berneville até aqui.

- Com grado. É muito incômodo venha de bom grado que venha consigo. - Sim, sim, sim, sim, compreendo! -

Você lhe dizendo: “muito bem” - respondia ele, com esse tom preciso e fino que há muito "boa impressão", porque eu sabia que era a qual já deixara de me causar a nitidez aparente, muita estupidez e indeterminação. Mecânico recobria-se.

- Não ficarei fora por muito tempo – dizia-

- A que horas terá voltado?

O ascensorista que, levando ao extremo a regra ditada por Bélise para evitar reincidência do mesmo compasso, contentava-se sempre com uma só negativa.

- Posso muito bem ir até lá. Justamente as saídas tinham sido suspensas há pouco porque havia um almoço de vinte talheres. E era a minha vez de sair à tardinha. É justo que eu saia um pouco esta noite. Levo a minha bicicleta. Assim irei depressa. -

E uma hora depois ele chegava sozinho dizendo:

- O senhor esperou bastante, o porteiro não vai ficar aborrecido comigo? - Ah, obrigado, o senhor Paul? Não sabe onde estive. Nem o chefe da portaria tem nada a dizer. -

Mas certa vez em que lhe dissera:

- É absolutamente necessário, que a traga -, ele me falou sorrindo:

- O senhor sabe que não a encontrei. Ela não está aí. E não pude permanecer por muito tempo; tinha medo, de ser como o meu colega, que foi enviado do hotel - (pois o ascensorista, que dizia reentrar no caso de uma profissão na qual se entra pela primeira vez: "eu gostaria muito de reentrar para os Correios", em compensação, fosse para adoçar a coisa, se se tratasse dele, fosse para insinuá-la mais adocicada e perfidamente, se se tratasse de outrem, suprimia o *re* inicial. Não era por maldade que ele sorria, e dizia:

"sei que ele foi enviado sim por timidez."

Julgava diminuir a importância de sua falta, levando-a na brincadeira.

Da mesma forma, se me havia dito:

- O senhor sabe que não a encontrei não era porque julgasse que eu de fato já o sabia. Pelo contrário, não duvidava que eu o ignorasse e, principalmente, assustava-se como para evitar a si próprio as angústias que, isso causaria. Assim, dizia "o senhor sabe" pretendia ao pronunciar as frases destinadas a revelar-me aquilo. Jamais nos deveríamos encolerizar contra aqueles que, apanhados em falta por nós, põem-se a troçar. Eles procedem assim não porque zombem, mas por tremerem à idéia de que possamos estar descontentes. Testemunhemos uma grande piedade, demonstremos uma grande ternura por aqueles que riem. Semelhante a um verdadeiro acesso, a perturbação do ascensorista lhe trouxera não apenas um rubor apoplético, mas também uma alteração da linguagem, que subitamente se tornara familiar. Acabou por explicar-me que Albertine não estava em Épreville, que deveria regressar somente às nove horas e que se às vezes, o que significava por acaso, voltasse mais cedo, lhe dariam o meu recado e, em todo caso, ela estaria comigo antes de uma da madrugada.

Aliás, ainda não foi naquela noite que principiou a tomar consistência a minha cruel desconfiança. Não, para dizê-lo de imediato e embora o caso haja ocorrido somente algumas semanas depois, ela nasceu de uma observação de Cottard. Naquele dia, Albertine e suas amigas tinham desejado arrastar-me ao cassino de Incarville, e por sorte minha eu não as teria encontrado (pois queria fazer uma visita à Sra. Verdurin que me convidara várias vezes) se não fosse detido exatamente em Incarville por uma pane no trem que ia demorar algum tempo para ser reparada. Andando de um lado para o outro à espera de que terminassem, encontrei-me de súbito frente a frente com o doutor Cottard, que fora a Incarville para dar uma consulta. Hesitei quase em cumprimentá-lo, visto que não respondera a nenhuma de minhas cartas. Mas a amabilidade não se manifesta em todo mundo da mesma forma. Não tendo sido restringido pela educação às mesmas regras fixas de polidez das pessoas da sociedade, Cottard era cheio de boas intenções que se ignoravam, que se negavam, até o dia em que ele tinha ocasião de manifestá-las. Desculpou-se, havia certamente recebido as minhas cartas, havia assinalado a minha presença aos Verdurin, que tinham muita vontade de me ver e a cuja casa me aconselhou que fosse. Queria mesmo levar-me até lá na mesma noite, pois ia pegar de volta o trenzinho local para jantar com eles. Como eu hesitasse e ele ainda dispunha de algum tempo para tomar o trem, pois a pane ia demorar para ser reparada, fi-lo entrar no pequeno cassino, um daqueles que me haviam parecido tão tristes na noite da minha primeira chegada, e agora estava cheio do tumulto das moças que, por falta de cavalheiro, dançavam juntas. Andrée veio ter comigo, deslizando; eu contava partir em breve com Cottard para a casa dos Verdurin, quando recusei definitivamente o seu oferecimento, possuído pelo desejo muito vivo de ficar com Albertine. É que acabava de ouvi-la rir. E esse riso evocava logo as carnações róseas, as perfumadas paredes, contra as quais parecia que acabara de se esfregar e de que o acre sensual e revelador como um aroma de gerânio, parecia transportar consigo algumas partículas quase imponderáveis, irritantes e secretas.

Uma das moças que eu não conhecia sentou-se ao piano, e Andrée pediu a Albertine que valsasse com ela. Feliz, nesse pequeno cassino, por pensar que ia permanecer com aquelas moças, observei a Cottard como dançavam bem. Mas ele, do ponto de vista especial do médico, e com a educação de quem não levava em conta o fato de eu conhecer aquelas moças, às quais no entanto me vira cumprimentar, respondeu:

- Sim, mas são bem imprudentes os pais que deixam as filhas adquirirem semelhante hábitos. Certamente eu não permitiria às minhas que viessem até aqui, ao menos são bonitas? Não distingo suas feições. Olhe - acrescenta mostrando-me Albertine e Andrée que valsavam lentamente, apertadas uma

contra a outra -, esqueci o meu *pince-nez* e não enxergo bem, mas com certeza elas estão no auge do gozo. Não se sabe muito bem que é principalmente pelos seios que elas o experimentam. E repare, os seios delas tocam completamente. -

De fato, o toque não cessara entre os de Andrée e os de Albertine.

Não sei se elas ouviram ou adivinharam a reflexão, do Cottard, mas desligaram-se levemente uma da outra, sempre continuando a valsar. Nesse momento, Andrée disse uma palavra a Albertine, e esta riu com o mesmo riso penetrante e profundo que eu escutara há pouco. Mas a perturbação que me causou desta vez foi apenas cruel; Albertine dava impressão de mostrar desse modo, de fazer notar a Andrée, algum frêmito voluptuoso e secreto. Aquele riso soava como os primeiros ou os últimos acordes de uma festa desconhecida.

Saí com Cottard, conversando com ele, distraído, só por instantes pensando na cena que acabava de presenciar. Não é que a conversa de Cottard fosse interessante. Naquele momento até se tornara azeda, pois acabávamos de ver o doutor Du Boulbon, que não nos percebeu. Ele viera passar algum tempo do outro lado da baía de Balbec, onde era muito consultado. Ora, Cottard, embora habitualmente declarasse que não praticava medicina nas férias, havia esperado formar nessa costa uma clientela de escol, a que Du Boulbon se constituía num obstáculo. Por certo o médico de Balbec não podia incomodar a Cottard. Não passava de um médico bastante consciencioso que sabia tudo e a quem não se podia falar no menor prurido sem que ele indicasse logo, numa fórmula complexa, a pomada, loção ou tingimento adequados. Como dizia Marie Gineste em seu bonito linguajar, ele sabia "encantar" as feridas e as chagas. Mas não tinha qualquer ilustração. E de fato já causara um pequeno aborrecimento a Cottard. Este, desde que desejara trocar sua cátedra pela de terapêutica, se fizera especialista em intoxicações, perigosa inovação da medicina que serve para renovar os rótulos dos farmacêuticos, dos quais todo produto é declarado inteiramente atóxico, ao contrário das drogas similares, e até desintoxicante. É a propaganda da moda; mal sobrevive, por baixo, em outras ilegíveis, como um débil vestígio de uma moda precedente, a afirmativa de que o produto foi cuidadosamente antisseptizado. As intoxicações também servem para que o doente se tranqüilize, ao saber alegremente que sua paralisia é apenas uma enfermidade tóxica.

Ora, tendo um grão-duque vindo passar alguns dias em Balbec e estando com um olho extremamente inchado, mandara trazer Cottard, o qual, em troca de algumas cédulas de cem francos (o professor não se incomodava por menos), atribuíra a inflamação a um estado tóxico e prescrevera um regime desintoxicante. Visto que o olho não desinchava, o grão-duque recorreu ao médico ordinário de Balbec, o qual em cinco minutos retirou um grão de poeira. No dia seguinte não havia mais nada. Entretanto, um rival mais perigoso era uma

celebridade em doenças nervosas.

Era um homem rubro, jovial, a um tempo porque o convívio com o descontrole nervoso não o impedia de gozar de muito boa saúde, mas também para tranqüilizar seus doentes com o riso grosso de seus bons-dias e de seu até logo, pronto para ajudar com seus braços de atleta a lhes vestir mais tarde a camisa-de-força. Não obstante, quando se conversava com ele em sociedade, fosse de política ou de literatura, ele escutava com uma benevolência atenta, como se indagasse: "De que se trata?", sem se pronunciar de imediato, como se se tratasse de uma consulta. Mas enfim, este, fosse qual fosse o talento que tivesse, era um especialista. Assim, toda a raiva de Cottard recaía sobre Du Boulbon. Aliás, deixei logo o professor amigo dos Verdurin, para recolher-me, prometendo ir vê-los.

Era profundo o mal que me haviam feito suas palavras no tocante a Albertine e Andrée. Mas os piores sofrimentos não foram sentidos por mim de imediato, como ocorre com esses venenos que só agem depois de um certo tempo.

Albertine não veio na noite em que o ascensorista fora buscá-la, apesar da segurança deste. Por certo, os encantos de uma pessoa são uma causa menos comum de amor que uma frase do tipo desta:

"Não, esta noite não estarei livre."

Não se dá atenção a essa frase se se está em presença de amigos; estamos alegres toda a noite, não nos preocupamos com determinada imagem; durante esse tempo, ela está mergulhada na mistura necessária; ao regressar, encontra-se o clichê pronto e perfeitamente nítido. Percebe-se que a vida já não é aquela que se teria deixado por uma ninharia na véspera, pois, se continuamos a não temer a morte, não mais temos coragem de pensar na separação. Além disso, não a partir de uma da madrugada (hora que o ascensorista havia fixado), mas das três horas, não mais experimentei como outrora o sofrimento de sentir diminuir as minhas chances de que ela aparecesse. A certeza de que não viria trouxe-me um sossego absoluto, alívio; essa noite era simplesmente uma noite como tantas outras em geral eu não a via, e dessa idéia eu começava. E desde então, destacando-se à esse Nada aceito, tornava-se doce o pensamento de que a veria no dia seguinte ou em outros dias. Às vezes, nessas noites de espera, a angústia agia como a um remédio que se tomou. Falsamente interpretada por aquele que sofre, julga ele estar angustiado por causa daquela que não vem. Em tal caso o amor nasce, como certas doenças nervosas, da explicação incorreta de um mal penoso. Explicação que não é útil retificar, pelo menos no que concerne ao amor, sentimento que é sempre errôneo, seja qual for a sua causa.

No dia seguinte, quando Albertine me escreveu dizendo que acabava de voltar a Épreville, e portanto não recebera a tempo o meu recado, e viria, se eu o

permitisse, visitar-me à noite por detrás das palavras da carta, como por trás das que me dissera uma vez ao telefone; julgamos sentir a presença de prazeres e de criaturas que ela teria preferido a mim. Mais uma vez fui inteiramente abalado pela dolorosa curiosidade de saber o que poderia ela ter feito, devido ao amor latente que sempre trazemos dentro de nós; durante um momento, cheguei a acreditar que esse amor iria ligar-me a Albertine, porém ele se contentou em fremir dentro de mim; e seus últimos ruídos se extinguiram sem que se pusesse em marcha.

Eu havia compreendido mal, na minha primeira estada em Balbec, o caráter de Albertine e talvez o mesmo tivesse acontecido com Andrée. Achara ser frivolidade ingênua de sua parte, se todas as nossas súplicas não conseguiam retê-la e fazê-la faltar a um *garden-party,* a um passeio em lombo de burro, a um piquenique.

Em minha segunda estada em Balbec; suspeitei que essa frivolidade era apenas aparente, o *garden-party* um biombo, senão uma invenção. Ocorria, sob formas diversas, o seguinte (entendo a coisa vista por mim, do meu lado do vidro que de modo algum era transparente, e sem que pudesse saber o que havia de verdadeiro do outro lado): Albertine me fazia os mais apaixonados protestos de ternura. Vigiava a hora porque precisava fazer uma visita a uma dama que recebia, ao que parece, todos os dias às cinco da tarde em Infreville. Atormentado por uma suspeita e aliás sentindo-me adoentado, pedia a Albertine, suplicava-lhe que permanecesse comigo. Era impossível (e ela até nem tinha mais que cinco minutos para ficar), pois aquilo aborreceria a tal dama, pouco hospitaleira e suscetível, e, ao que dizia à Albertine, enfadonha.

- Mas pode-se perfeitamente deixar de fazer uma visita.

- Não, minha tia me ensinou que é necessário ser polido com todos.

- Mas eu a tenho visto não ser polida muitas vezes.

- Não é a mesma coisa, essa dama iria me querer mal e haveria de me intrigar com minha tia. E já não estou assim em tão boas relações com ela. E ela faz questão de que eu visite essa dama ao menos uma vez.

- Mas já que ela recebe todos os dias. -

Aí Albertine, apanhada em contradição, modificava o motivo:

- Claro que recebe todos os dias. Mas hoje marquei um encontro com algumas amigas na casa dela. Assim, a gente se aborrece menos.

- Então, Albertine, você prefere a dama e suas amigas a mim, já que, para não deixar de fazer uma visita aborrecida, prefere largar-me sozinho, doente e desolado?

- Pouco me importaria que a visita fosse aborrecida, mas é em atenção à elas. Vou trazê-las de volta no meu carro. Sem isso elas não teriam nenhum meio de transporte. -

Observei à Albertine que havia trens de Infreville até às dez horas da noite.

- É verdade, mas você sabe que é possível que nos peçam para ficar para a ceia. Ela é muito hospitaleira.

- Muito bem, você recusará.

- Vou aborrecer ainda mais a minha tia.

- De resto, você pode cear e tomar o trem das dez horas.

- Fica meio apertado.

- Então nunca posso ir jantar no centro da cidade e voltar de trem. Mas olhe, Albertine, vamos fazer algo bem simples: sinto que o ar livre me fará bem; e, já que você não pode deixar de visitar essa dama, vou acompanhá-la até Infreville. Não tenha medo, não irei até a *Tour Élisabeth* (a vivenda da tal dama), não verei nem a dama nem suas amigas. -

Albertine parecia ter recebido um tremendo golpe. Suas palavras saíam entrecortadas. Disse que os banhos de mar não lhe agradavam.

- Mas aborrece-lhe que eu a acompanhe?

- Como é que pode dizer uma coisa dessas? Bem sabe que o meu maior prazer é sair com você. -

Uma brusca reviravolta se operara.

- Já que vamos passear juntos - disse ela -, por que não irmos para o outro lado de Balbec, poderíamos jantar juntos. Seria tão bom. No fundo, aquela costa é muito mais bonita. Começo

a detestar Infreville e o resto, esses lugarezinhos de cor verde-espinafre.

- Mas a amiga de sua tia ficará aborrecida se você não for visitá-la.

- Pois bem, ela se acalmará.

- Não, não convém aborrecer as pessoas.

- Mas ela nem sequer perceberá; recebe todos os dias. Tanto faz que eu vá amanhã, depois de amanhã, dentro de oito dias ou em duas semanas.

- E suas amigas?

- Oh, elas já me deixaram na mão em várias ocasiões. Agora é a minha vez.

- Mas para o lado que você propõe, não há trem depois das nove.

- Muito bem, que belo negócio! Nove horas é perfeito. E depois, a gente nunca

precisa se preocupar com o problema de volta. Sempre haveremos de encontrar uma charrete, uma bicicleta, e, faltando tudo isso, temos nossas pernas.

- Sempre havemos de encontrar? Como você anda depressa, Albertine! Para os lados de Infreville, onde as pequenas estações de madeira são coladas umas às outras, sim. Mas do lado oposto não é a mesma coisa.

- Mesmo desse lado. Prometo trazê-lo de volta são e salvo. -

Eu sentia que, por mim, Albertine renunciava a alguma coisa já combinada que ela não queria me revelar, e que haveria alguém que ficaria infeliz como eu estava. Vendo que o que desejara não era possível, pois queria acompanhá-la, renunciava francamente a isso. Sabia que não era irremediável. Pois, como as mulheres que têm várias coisas na vida, possuía esse ponto de apoio que jamais enfraquece: a dúvida e o ciúme. Por certo ela não procurava excitá-los, pelo contrário. Mas os enamorados tão suspicazes que imediatamente farejam a mentira. De modo que Albertine, não sendo melhor que qualquer outra, sabia por experiência (nem desconfiar que o devia ao ciúme) que sempre estava segura de encontrar as pessoas a quem uma noite deixara esperando. A pessoa desconhecida que ela abandonava por mim sofreria, iria amá-la ainda mais (Albertine não sabia que era por isso), e, para não continuar a sofrer, voaria por si mesma para junto dela, como eu o teria feito. Mas eu não quero causar desgostos, nem me cansar, nem entrar no terrível caminho das investigações, da vigilância multiforme, inumerável.

- Não, Albertine, não quero estragar o seu prazer, vá para a casa de sua dama de Infreville; ou enfim, para a casa da pessoa de quem ela é o pseudônimo, pouco me importa. O verdadeiro motivo pelo qual não saio com você é que você não deseja, que o passeio que você daria comigo não é o que gostaria de dar; a prova é que você se contradisse mais de cinco vezes sem perceber. -

Pobre Albertine receou que suas contradições, de que não percebera tivessem sido mais graves, não lembrando exatamente as mentiras que havia pregado:

- É bem possível que eu tenha caído em contradições. O ar marinho me tira todo o raciocínio. Troquei os nomes o tempo inteiro. -

O que me provou que ela agora não teria necessidade de muitas doces afirmações para que eu acreditasse no que dizia voltei a sentir a dor de um ferimento ao ouvir esta confissão do que eu só vagamente havia suposto:

- Pois bem, está combinado, vou embora - disse ela num tom trágico, não sem olhar a hora para ver se não estava atrasada para o outro, agora que eu lhe fornecia o pretexto para não passar a noite comigo. - Você é muito mau. Modifico tudo para passar uma noite boa com você e é você não quer e ainda me acusa de mentirosa. Nunca o tinha visto ser tão cruel. O mar será o meu túmulo.

Não o verei nunca mais. (Meu coração bateu à estas palavras, apesar de eu estar certo de que ela voltaria no dia seguinte o que aconteceu.) Vou me afogar, vou lançar-me às águas. - Como Safo! - Mais um insulto; você tem dúvidas não só sobre o que digo, mas também sobre o que faço.

- Mas, minha pequena, juro que não tinha nenhuma intenção, você sabe que *Safo* se precipitou no mar.

- Sim, sim, você não tem nenhuma confiança em mim. -

Albertine viu que faltavam vinte minutos para as oito na pêndula; receou atrasar-se para o que tinha de fazer e, preferindo a despedida mais breve (da qual, de resto, desculpou-se ao vir visitar-me no dia seguinte; provavelmente nesse dia a outra pessoa não estava livre), fugiu em passos rápidos gritando:

- Adeus para sempre - com ar desolado. E talvez estivesse mesmo desolada. Pois, sabendo melhor do que eu o que fazia naquele instante, ao mesmo tempo mais severa e mais indulgente consigo própria do que eu era com ela, talvez ainda assim duvidasse de que eu não a quisesse receber mais, em vista da maneira como me havia deixado. Ora, creio que ela fazia mesmo questão de mim, a ponto de a outra pessoa estar mais enciumada que eu próprio.

Dias depois, em Balbec, como estivéssemos na sala de dança do cassino, entraram a irmã e a prima de Bloch, que se haviam tornado ambas muito bonitas, mas a quem não cumprimentei por causa de minhas amigas, pois a mais jovem, a prima, com o conhecimento de todos, vivia com a atriz a quem havia conhecido por ocasião da minha primeira temporada. A uma alusão que fiz à meia-voz, Andrée me disse:

- Oh, sob esse aspecto eu sou como Albertine: não há nada que me dê tanto horror quanto isso.

Quanto a Albertine, pondo-se a conversar comigo no canapé em que estávamos sentados, dera as costas às duas moças de maus costumes. E no entanto eu havia reparado que antes desse movimento, na ocasião em que a Srta. Bloch e sua prima tinham aparecido, passara pelos olhos de minha amiga essa atenção brusca e profunda que por vezes conferia ao rosto malicioso de Albertine um ar sério, até mesmo grave, deixando-a triste depois. Porém, logo volvera para mim os seus olhos, que entretanto permaneceram singularmente imóveis e sonhadores. Tendo a Srta. Bloch e sua prima acabado por ir-se embora, depois de rirem muito alto e soltarem gritos inconvenientes, perguntei a Albertine se a lourinha (a que era amiga da atriz) não era a mesma pessoa que na véspera ganhara o prêmio do desfile de carros de flores.

- Ah, não sei - disse Albertine -, uma delas é loura? Digo-lhe que elas me interessam muito pouco, nunca as observei. Uma delas é loura? - indagou com ar

interrogativo e desligado às três amigas. Referindo-se a pessoas que Albertine encontrava todos os dias no molhe, essa ignorância me pareceu muito excessiva para não ser fingida.

- Elas também não parecem nos olhar muito - disse eu a Albertine, talvez na hipótese, que no entanto não considerava de modo consciente, de que Albertine gostasse de mulheres, e, a fim de lhe tirar toda a pena, mostrando-lhe que não havia atraído a atenção delas e que, de um modo geral, não é costume, mesmo entre as mais viciosas, preocuparem-se com mocinhas que desconhecem.

- Não nos olharam? - respondeu Albertine irrefletidamente. - Não fizeram outra coisa o tempo todo.

- Mas você não podia saber - disse eu -, estava de costas para elas.

- Pois bem, e aquilo ali? - retrucou ela, mostrando-me, encaixado na parede à nossa frente, um grande espelho que eu não havia notado e no qual eu entendia agora que minha amiga, sem parar de falar, não cessara de pregar seus belos olhos cheios, preocupação.

A partir do dia em que Cottard entrou comigo no pequeno cassino de Incarville, ainda que não partilhasse da opinião que ele emitira, Albertine já não me pareceu a mesma; sua vista causava-me cólera. Eu próprio havia mudado tanto quanto ela me parecia outra. Deixara de lhe querer bem; sua presença, na sua ausência quando isso lhe podia ser repetido, falava dela da maneira mais ferina. Contudo, havia tréguas.

Um dia, soube que Albertine e Andrée tinham aceitado um convite de Elstir. Não duvidando que haviam feito porque poderiam na volta se divertir, como alunas de internato, imitando as moças de maus costumes, achando nisso um prazer inconfesso de virgens que me apertava o coração, sem avisar, para constrangê-las e privar Albertine do prazer com que contava, cheguei de improviso na casa de Elstir. Mas ali só encontrei Andrée. Albertine escolhera outro dia, quando a tia deveria comparecer. Então pensei comigo que Cottard devia ter se enganado; a impressão favorável que me produzira a presença da Andrée sem sua amiga prolongava-se e alimentava em mim disposições mais amenas acerca de Albertine. Mas estas não duraram mais do que frágil boa saúde dessas pessoas delicadas, sujeitas a melhoras passageiras, a quem basta um nada para fazê-las ter uma recaída. Albertine incitava Andrée a brincadeiras que, sem irem muito longe, não eram talvez inteiramente inocentes; padecendo dessa suspeita, terminava por afastá-la. Sentia-me curado, a suspeita renascia sob outra forma. Acabava de ver Andrée, num daqueles movimentos graciosos que lhe eram particulares, pousar carinhosamente a cabeça no ombro de Albertine, beijar-lhe o pescoço entrecerrando os olhos; ou então, elas haviam trocado uma piscadela; uma palavra escapara a alguém que as vira juntas a caminho do banho;

pequenos nadas feito os que flutuam de modo habitual na atmosfera ambiente, onde a maioria das pessoas os absorvem o dia inteiro sem que sua saúde se ressinta disso, ou que o seu humor se altere, mas que são mórbidos e geradores de novos sofrimentos para uma criatura que já está predisposta a tanto. Às vezes até, sem que eu tivesse voltado a ver Albertine, sem que ninguém me falasse dela, eu reencontrava na memória uma pose de Albertine junto de Gisele que então me havia parecido inocente; era o que, bastava agora para destruir a calma que eu pudera achar, não tinha sequer, a necessidade de ir respirar lá fora os germes perigosos, pois, como diria Cottard, intoxicara a mim mesmo. Pensava então em tudo o que soubesse acerca do amor de Swann por Odette, da maneira como Swann fora enganado em toda a sua vida. No fundo, a hipótese que me fez construir aos poucos todo o caráter de Albertine e interpretar dolorosamente cada instante de uma vida que eu não podia controlar por completo foi a Swann, tal como me haviam contado que era. Essas narrativas contribuíram para fazer com que, no futuro, minha imaginação se entregasse ao jogo de supor que Albertine poderia, ao invés de ser uma boa moça, ter a mesma imoralidade, a mesma capacidade de enganar de uma antiga cocote, e pensava em todos os sofrimentos que, nesse caso, teriam me esperado se a devesse amar alguma vez.

Um dia, estando nós reunidos no molhe diante do Grande Hotel, acabava de dirigir a Albertine as palavras mais duras e mais humilhantes, e Rosemonde dizia:

- Ah, como você mudou com ela! Antigamente, tudo era para ela, ela é que segurava as rédeas; agora não é boa nem para os cães comerem. -

Para ressaltar ainda mais a minha atitude quanto a Albertine, eu estava dirigindo todas as amabilidades possíveis a Andrée, que, se era atingida pelo mesmo vício, me parecia mais desculpável por ser doente e neurastênica, quando vimos desembocar, ao trotezinho de seus dois cavalos, na rua perpendicular ao molhe em cuja esquina estávamos, a caleche da Sra. de Cambremer. O presidente do conselho, que naquele momento avançava para nós, afastou-se de um salto, quando reconheceu o carro, para não ser visto em nossa companhia; depois, quando pensou que os olhares da marquesa podiam cruzar com os seus, inclinou-se com um enorme cumprimento de chapéu. Mas o carro, em vez de continuar pela rua de La Mer, como parecia provável, desapareceu por detrás da entrada do hotel. Passaram-se mais ou menos dez minutos, quando o ascensorista, todo esbaforido, veio me avisar:

- É a marquesa de Cambremer, que veio até aqui visitar o senhor. Subi a seu quarto, procurei no salão de leitura, não podia encontrar o senhor. Felizmente que tive a idéia de olhar a praia. -

Mal acabara de falar, quando, seguida de sua nora e de um senhor muito cerimonioso, caminhou para mim a marquesa, provavelmente de volta de uma

vesperal ou de um chá nas vizinhanças, e toda encurvada sob o peso, menos da velhice que da multidão de objetos de luxo, dos quais ela achava mais amável e mais digno de sua estirpe estar recoberta, a fim de parecer o mais "vestida" possível às pessoas a quem vinha visitar. Em suma, era esse "desembarque" dos Cambremer no hotel que tanto receava a minha avó outrora, quando queria que se deixasse Legrandin na ignorância de que talvez fôssemos a Balbec. Então mamãe ria dos temores inspirados por um acontecimento que ela julgava impossível. Eis que, enfim, ele se produzia, entretanto por outras vias e sem que Legrandin contribuísse em nada para isso.

- Posso ficar, se não estou incomodando? - perguntou Albertine (em cujos olhos permaneciam, causadas pelas coisas cruéis que eu acabara de dizer-lhe, algumas lágrimas que notei sem parecer vê-las, mas não regozijar-me com elas). - Teria alguma coisa para lhe dizer. - Um chapéu de plumas, encimado por um alfinete de safira, estava colocado de qualquer jeito sobre a peruca da Sra. de Cambremer, como uma insígnia cuja exibição é necessária, mas suficiente, o local indiferente, a elegância convencional e a imobilidade inútil. Apesar do calor, a boa senhora vestira uma mantilha de azeviche semelhante a uma dalmática, sobre a qual caía uma estola de arminho cujo porte parecia estar em relação, não com a temperatura e a estação, mas com o caráter da cerimônia. E sobre o peito da Sra. de Cambremer, uma coroa de baronesa, ligada a uma correntinha, pendia a maneira de uma cruz peitoral.

O cavalheiro era um famoso advogado de Paris, de família nobre, que fora passar três dias na casa dos Cambremes. Era um desses homens a quem a consumada experiência profissional faz com que desprezem um pouco sua profissão e que dizem, por exemplo:

"Sou eu que advogo bem; portanto, já não me diverte advogar", ou: "Não me interessa mais operar; sei que opero bem."

Inteligentes, artistas, vêem em torno de sua maturidade, fortemente recompensada pelo sucesso; brilhante "inteligência", essa natureza de "artista" que os confrades lhes reconhecem e que lhes confere um certo gosto e discernimento. Apaixonam-se pela partitura, não de um grande artista, mas de um artista contudo bem distinto, para a aquisição de cujas obras empregam os gordos dividendos que lhes traz sua carreira. Le Sidaner era o artista eleito pelo amigo dos Cambremer, o qual aliás era bem agradável. Falava bem dos livros, mas não das obras dos verdadeiros mestres, daqueles que dominaram a si próprios. O único defeito constrangedor desse diletante era o de empregar certas frases feitas com insistência, por exemplo: "na maior parte", o que dava àquilo de que ele queria falar algo de importante e de incompleto.

A Sra. de Cambremer, segundo ela me disse, aproveitara uma vesperal de

amigos seus perto de Balbec para visitar-me, como havia prometido a Robert de Saint-Loup.

- O senhor sabe que dentro em pouco ele deve vir passar alguns dias aqui na região. Seu tio Charlus está veraneando em casa da cunhada, a duquesa de Luxemburgo, e o Sr. de Saint-Loup aproveitará a ocasião para, ao mesmo tempo, ir cumprimentar a tia e rever seu antigo regimento, onde é muito querido, muito estimado. Muitas vezes recebemos oficiais que nos falam dele sem poupar elogios. Como seria agradável que o senhor e ele nos dessem o prazer de ir a Féterne. -

Apresentei-lhe Albertine e suas amigas. A Sra. de Cambremer nos apresentou à sua nora. Esta, glacial como era com a pequena nobreza que a vizinhança de Féterne a obrigava a freqüentar; cheia de reserva por medo de comprometer-se, estendeu-me ao contrário a mão com um sorriso radiante, plena de segurança e de alegria diante de um amigo de Robert de Saint-Loup, e que este, com mais finura mundana do que desejaria aparentar, lhe havia dito ser muito ligado aos Guermantes. Assim, ao contrário de sua sogra, a Sra. de Cambremer ostentava dois tipos de polidez completamente diversos. Teria sido quando muito o primeiro, seco, insuportável, que ela teria me concedido se eu a conhecesse através de seu irmão Legrandin. Mas para um amigo dos Guermantes ela não possuía sorrisos que bastassem. A peça mais cômoda do hotel para recepção era o salão de leitura, esse lugar outrora tão terrível onde agora eu entrava dez vezes por dia, saindo livremente, feito dono, como esses loucos mansos, há tanto tempo pensionistas de um asilo que o médico lhes confiou a chave do mesmo. Assim, ofereci-me à Sra. de Cambremer para conduzi-la até lá. E, como aquele salão já não me inspirava timidez e não mais oferecia encantos, porque a face das coisas muda para nós como a das pessoas, foi sem perturbação que lhe fiz aquela proposta. Mas ela a recusou, preferindo ficar fora, e nós nos sentamos ao ar livre, no terraço do hotel. Ali encontrei e recolhi um livro da Sra. de Sévigné que mamãe não tivera tempo de levar em sua fuga precipitada, ao perceber que visitas chegavam para mim. Assim como a minha avó, ela temia essas invasões de estranhos e, de medo de não mais poder escapar, se se deixasse cercar, fugia com uma rapidez que fazia sempre, meu pai e eu, zombarmos dela. A Sra. de Cambremer segurava na mão, junto com o cabo da sombrinha, várias bolsas bordadas, uma cestinha, uma carteira dourada de onde pendiam fios de *grenats* e um lenço de renda. Creio que lhe seria mais cômodo colocá-los sobre uma cadeira; mas sentia que teria sido inconveniente e inútil pedir-lhe que abandonasse os ornamentos de sua turnê pastoral e de seu sacerdócio mundano. Contemplávamos o mar calmo onde flutuavam gaivotas esparsas como corolas brancas.

Por causa do nível de simples *medium* a que nos degrada a conversação

mundana, e também o nosso desejo de agradar, não com o auxílio de qualidades ignoradas por nós mesmos, mas daquilo que julgamos ser apreciado pelos que se acham conosco, instintivamente me pus a falar à Sra. de Cambremer, nascida Legrandin, da mesma forma que o teria feito seu irmão.

- Elas possuem - disse-lhe eu, referindo-me às gaivotas - uma imobilidade e uma brancura de ninféias. -

E com efeito elas pareciam oferecer um alvo inerte às pequenas ondas que as balançavam a ponto de que estas, por contraste, davam a impressão de ir em sua perseguição, de modo intencional e animadas de vida própria. A velha marquesa não se cansava de elogiar a soberba vista do oceano que tínhamos em Balbec e me invejava, ela que de La Raspeliere (onde aliás não residia naquele ano) só via as ondas de muito longe. Possuía dois hábitos singulares, que resultavam a um tempo de seu exaltado amor às artes (sobretudo pela música e de sua insuficiência dentária. De cada vez que falava de estética, as glândulas salivares, como as de certos animais na época do cio, entram numa fase de hipersecreção tal, que a boca desdentada da velha dama deixava passar, nos cantos dos lábios cobertos de um leve buço, algumas gotas cujo lugar não era ali. Logo em seguida, ela as engolia com um suspiro, como alguém que recobra a respiração. Enfim, se se tratasse de um bem grande beleza musical, ela em seu entusiasmo erguia os braços e proferia alguns juízos sumários, energicamente mastigados e, se necessária, nasais. Ora, eu jamais pensara que a praia vulgar de Balbec pudesse oferecer na verdade uma "vista de mar", e as simples palavras da Sra. de Cambremer mudavam minhas idéias a respeito. Em compensação, e isso eu lhe disse, sempre ouvira celebrar a vista única de La Raspeliere, situada no topo da colina e de onde, num grande salão de duas lareiras, uma fila inteira de janelas olha, do fundo dos jardins entre as folhagens, o mar até além de Balbec, e outra fila, para o vale.

- Como o senhor é amável e como está bem dito: o mar entre as folhagens. É encantador. Dir-se-ia... um leque...

Senti, a uma profunda respiração destinada a engolir a saliva e a secura do buço, que o cumprimento era sincero. Mas a marquesa nascida Legrandin permaneceu fria para mostrar seu desdém não pelas minhas palavras, mas pelas da sogra. Além disso, não só desprezava a inteligência desta, como deplorava a sua amabilidade, sempre receando que as pessoas não fizessem uma alta idéia dos Cambremer.

- E como é bonito o nome - disse eu. - Gostaria de saber a origem de todos esses nomes. - Quanto a esse posso lhe dizer - respondeu com doçura a velha dama. É uma residência de família, da minha avó Arrachepel; não é uma família ilustre, mas boa e antiga família provinciana.

- Como, não é ilustre? - interrompeu secamente sua nora. - Um vitral inteiro da catedral de Bayeux está cheio de suas armas, e a principal igreja de Avranches contém seus monumentos funerários. Se esses velhos nomes o divertem - acrescentou -, o senhor chega com um ano de atraso. Tínhamos conseguido nomear para, curato de Criquetot, apesar de todas as dificuldades que existem para mudança de diocese, o decano de uma região onde pessoalmente possuo terras, muito longe daqui, em Combray, onde o bom padre sentia que estava ficando neurastênico. Infelizmente o ar marinho não foi bom para sua idade avançada; sua neurastenia aumentou e ele acabou voltando para Combray. Mas, enquanto foi nosso vizinho, divertiu-se em ir consultar todas as velhas cartas e escreveu uma pequena brochura bastante curiosa sobre os nomes da região. Aliás, isso lhe deu no gosto, pois parece que ele ocupa seus últimos anos em escrever uma grande obra sobre Combray e redondezas. Vou enviar-lhe a sua brochura sobre as cercanias de Féterne. É um trabalho de beneditino. Nela o senhor lerá coisas muito interessantes sobre a nossa velha Raspeliere, de que a minha sogra fala tão modestamente.

- Em todo caso, este ano - respondeu a velha marquesa - La Raspeliere não é mais nossa e não me pertence. Mas sente-se que o senhor possui uma natureza de pintor; deveria desenhar, e eu gostaria muito de lhe mostrar Féterne, que é bem melhor que La Raspeliere. -

Pois, desde que os Cambremer haviam alugado esta última residência aos Verdurin, sua posição dominante deixara bruscamente de lhes parecer o que havia sido para eles durante tantos anos, isto é, com a vantagem única na região de ter vista a um tempo para o mar e para o vale, em compensação lhes dera de golpe e de contragolpe o inconveniente de que era preciso sempre subir e descer para chegar e sair. Em suma, julgar-se-ia que, se a Sra. de Cambremer a alugara, fora menos para aumentar suas rendas do que para poupar seus cavalos. E ela dizia-se encantada de poder enfim ter o tempo todo o mar tão pertinho, em Féterne, ela que durante tanto tempo, esquecendo os dois meses que ali passava, só o vira do alto e como que num panorama.

- Descubro-o na minha idade - dizia - e como o aproveito! Isto me faz tão bem! Alugaria La Raspeliere por um nada a fim de ser constrangida a morar em Féterne.

- Para retornar a assuntos mais interessantes - prosseguiu a irmã de Legrandin, que dizia "Minha mãe" à velha marquesa, mas com o passar dos anos assumira maneiras insolentes com ela -, o senhor falava de ninféias; penso que conhece as que Claude Monet pintou. Que gênio! Isto me interessa tanto mais que, perto de Combray, esse lugar onde lhe disse que possuía terras... -

Mas ela preferiu não falar muito de Combray.

- Ah, certamente é a série de que nos falou Elistir, o maior dos pintores contemporâneos! -exclamou Albertine que nada dissera até então.

- Ah! Vê-se que a senhorita ama as artes - gritou a velha marquesa que, numa respiração profunda, reabsorveu um jato de saliva.

- Permita-me preferir-lhe Le Sidaner, senhorita - disse sorrindo o advogado, com um ar de conhecedor. E, como antigamente havia apreciado ou vira apreciar certas "audácias" de Elstir, acrescentou: - Elstir era dotado, chegou quase até a fazer parte da vanguarda, mas não sei por que cessou de segui-la, estragou sua vida. -

A Sra. de Cambremer deu razão ao advogado no que dizia respeito a Elistir, mas, para grande desgosto de seu convidado, igualou Monet a Le Sidaner. Não se pode dizer que ela fosse idiota; transbordava de uma inteligência que eu sentia ser-me completamente inútil. Precisamente o sol, declinando, fazia as gaivotas serem agora amareladas, como as ninféias em outra tela dessa mesma série de Monet. Eu disse que a conhecia e (continuando a imitar a linguagem do irmão, cujo nome ainda não me atrevera a declarar) acrescentei que era uma pena não ter ela tido a idéia de vir na véspera, pois, à mesma hora, era uma luz de Poussin o que ela poderia ter admirado. Diante de um fidalgote normando, desconhecido dos Guermantes, e que lhe dissesse que deveria ter vindo na véspera, a Sra. de Cambremer-Legrandin decerto se empertigaria com ar ofendido. Mas ainda que eu pudesse ter sido bem mais familiar, ela só se derramaria numa doçura mole e sumarenta; no calor daquele belo fim de tarde, eu podia fartar-me à vontade no grande bolo de mel que tão raramente era a Sra. de Cambremer e que substituiu os bolinhos que não tive a lembrança de oferecer. Mas o nome de Poussin, sem alterar a amenidade da mulher mundana, ergueu os protestos da diletante. Ouvindo esse nome, a Sra. de Cambremer, por seis vezes, que quase nenhum intervalo separava, deu esse estalido de língua contra o céu da boca que serve para indicar, a uma criança que fez uma asneira, ao mesmo tempo uma censura por ter começado e a proibição de continuar.

- Em nome do céu, depois de um pintor como Monet, que é certamente um gênio, não vá nomear um velho rotineiro e sem talento como Poussin. Eu lhe direi sem rodeios que o considero o mais paulificante dos barbeiros. Que é que o senhor quer, não consigo chamar aquilo de pintura. Monet, Degas, Manet, sim, são pintores! É muito curioso - acrescentou ela, fixando um olhar escrutador e deslumbrado num ponto vago do espaço, onde percebia o próprio pensamento -, é muito curioso, antigamente eu preferia Manet. Agora, sempre admiro Manet, está claro, mas creio que lhe prefiro talvez Monet, ainda. Ah, as catedrais! -

Ela punha tanto escrúpulo quanto complacência em me informar acerca da evolução sofrida pelo seu gosto. E sentia-se que as fases por que havia passado

esse gosto não eram, segundo ela, menos importantes que as diversas maneiras do próprio Monet. Aliás, eu não tinha que me sentir lisonjeado que ela me confidenciasse as suas admirações, pois, mesmo diante da mais tacanha provinciana, ela não podia ficar cinco minutos sem experimentar a necessidade de confessá-las. Quando uma senhora nobre de Avranches, que não teria sido capaz de distinguir Mozart de Wagner, dizia diante da Sra. de Cambremer:

- Não tivemos nenhuma novidade interessante na nossa temporada em Paris, fomos uma vez à ópera-Cômica, onde representavam *Pelléas et Mélisande*, é horrível!

A Sra. de Cambremer não só fervia como também sentia necessidade de gritar:

- Mas pelo contrário, é uma pequena obra-prima! e de discutir.

Era talvez um hábito de Combray, adquirido junto às irmãs de minha avó, que chamavam àquilo "combater por uma boa causa", e que apreciavam os jantares em que, todas as semanas, sabiam que teriam de defender seus deuses contra os filisteus. Da mesma forma, a Sra. de Cambremer gostava de "ativar o sangue", "engalfinhando-se" sobre arte, como outros sobre política. Ela tomava o partido de Debussy como tomaria o de uma amiga sua a quem houvessem acusado de má conduta. Entretanto, devia compreender muito bem que, ao dizer:

"Mas não, é uma pequena obra-prima", não podia improvisar, junto à pessoa a quem punha em seu devido lugar, toda a evolução da cultura artística, ao termo da qual ficassem de acordo sem ter necessidade de discutir.

- Será preciso que eu pergunte a Le Sidaner o que ele pensa de Poussin - disse-me o advogado. - É uma pessoa fechada, silenciosa, mas saberei muito bem fazê-lo falar.

- Aliás - continuou a Sra. de Cambremer -, tenho horror aos ocasos, é romântico, é pura ópera. É por isso que detesto a casa de minha sogra, com suas plantas do Sul. O senhor verá, aquilo parece um parque de Monte-Carlo. É por isso que prefiro o seu litoral; é mais triste, mais sincero. Há um pequeno caminho de onde não se vê o mar. Nos dias de chuva, só tem lama; é todo um mundo. É como em Veneza, detesto o Grande Canal e não conheço nada mais tocante que as pequenas ruelas. De resto, é uma questão de ambiência.

- Mas - disse-lhe eu, sentindo que a única maneira de reabilitar Poussin aos olhos da Sra. de Cambremer era informá-la de que ele voltara a estar na moda -, o Sr. Degas assegura que não conhece nada mais belo que os Poussins de Chantilly.

- Oh, eu não conheço esses de Chantilly - disse a Sra. de Cambremer, que não queria ser de opinião diversa da de Degas -, mas posso falar dos do Louvre que são uns horrores.

- Ele também os admira imensamente.

- Será necessário que os veja de novo. Tudo isto é um pouco antigo na minha cabeça -respondeu ela após um instante de silêncio, e, como se o juízo favorável que em breve certamente iria fazer acerca de Poussin devesse depender não da notícia que eu acabara de lhe dar, mas do exame suplementar e desta vez definitivo a que tencionava submeter os Poussins do Louvre para ter a faculdade de reconsiderar seu julgamento. Contentando-me com o que era um começo de retratação, visto que se ela ainda não admirava os Poussins, guardava-se para uma deliberação posterior, eu, para não deixá-la por mais tempo na tortura, disse a sua sogra o quanto me haviam falado das admiráveis flores de Féterne. Modestamente, ela se referiu ao jardinzinho de cultivo que possuía nos fundos e aonde, pela manhã, empurrando uma porta, ela ia de chambre dar de comer a seus pavões, procurar ovos já postos e colher zínias ou rosas que, no centro da mesa, dando aos ovos à Ia crême ou às frituras uma orla de flores, recordavam-lhe as suas alamedas.

- É verdade que temos muitas rosas - disse ela. - Nosso roseiral está quase um pouco perto demais da casa; há dias em que me dá dor de cabeça. É mais agradável no terraço da Raspeliere, onde o vento traz o aroma das flores porém menos inebriante. -

Voltei-me para a sua nora:

-Completamente Péleas. - disse-lhe para conformar sua afeição pelo modernismo.

- Esse perfume de rosas subindo até o terraço é puro. É tão forte na partitura que eu, como tenho *fever* e de *rose-rever*, espirrava cada vez que ouvia a cena. - Que obra de mestre! - exclamou a Sra. de Cambremer. - Sou doida de ciúmes! -, aproximando-se de mim com gestos de uma mulher selvagem. Como se quisesse me fazer agrados, usando os dedos para tocar as notas imaginárias; a cantarolar alguma coisa que supus ser para ela os adeus de Péleas; e continuou com uma insistência veemente, como se fosse importante que a Sra. de Cambremer me recordasse naquele momento a cena ou antes, talvez, me mostrasse que se lembrava. -Acredito até ser mais belo que *Parsifal* – acrescentou - porque no *Parsifal* junta-se às belezas um certo halo de frases melódicas, portanto caducas, já que são melódicas.

- Sei que é uma grande musicista, senhora - disse-lhe à dama. - Gostaria muito de ouvi-la. - A Sra. de Cambremer-Legrandin contemplou o mar para não tomar parte na conversa. Considerando-se que o que a sogra gostava não era música, julgava o talento dela, um dos mais notáveis na realidade que lhe atribuíam, do mesmo modo sem interesse. É verdade que era aluna ainda viva de Chopin; declarava com razão que a maneira de tocar, o "sentimento" do Mestre não se transmitira através dela à Sra. de Cambremer; mas tocar como Chopin estava

longe de ser uma referência para a irmã de Legrandin, que ninguém desprezava tanto como o músico polonês. - Oh! elas estão voando! - exclamou Albertine mostrando as gaivotas que, desembaraçando-se por um momento de seu incógnito de flores, subiam todas juntas para o sol.

- Suas asas gigantes as impedem de andar - disse a Sra. de Cambremer, confundindo as gaivotas com o albatroz.

- Gosto muito delas, via-as em Amsterdã - disse Albertine - Elas sentem o mar, vêm aspira-lo até através das pedras da rua.

- Ah, esteve na Holanda, conhece os Vermeer? Indagou imperiosamente a Sra. de Cambremer, e no mesmo tom com que teria perguntado: "Conhece os Guermantes?", pois o esnobismo, mudando de lado muda de acento.

Albertine respondeu que não: achava que se tratava de pessoas vivas. Porém isso passou despercebido.

-Eu ficaria contente de lhe tocar uma música - disse-me a Sra. de Cambremer. - Mas, eu toco apenas algumas coisas que já não interessam à sua geração. Fui educada no culto de Chopin - disse ela em voz baixa para a nora não ouvir; ela sabia que esta achava que Chopin, nada tinha a ver com música; toca-lo bem ou mal eram expressões destituídas de significado. A nora reconhecia que a sogra era dotada de técnica, embelezava as passagens.

- Jamais me farão afirmar que ela é musicista - concluía a Sra. de Cambremer-Legrandin. Como se julgava "avançada" e (em arte apenas) "nunca demais à esquerda", dizia, pensava não só que a música progride, mas também que o faz numa única direção, e que Debussy era uma espécie de super-Wagner, ainda um pouco mais avançado que Wagner. Não percebia que, se Debussy não era tão independente de Wagner; como ela própria deveria acreditar dentro de alguns anos, pois enfim a gente se serve das armas conquistadas para terminar de livrar-se daquele a quem momentaneamente venceu, ele no entanto, buscava, após a saciedade que se começava a sentir das obras muito completas, onde tudo está expresso, contentar a necessidade oposta. É claro que teorias sustentavam momentaneamente essa reação, semelhantes àquelas que, em política, correm em apoio às leis contra as congregações, as guerras no Oriente (ensino contra a natureza, perigo amarelo, etc., etc.). Dizia-se que numa época de pressa era conveniente uma arte rápida, exatamente como se teria dito que a guerra futura não podia durar mais que uma quinzena, ou que, com as estradas de ferro, seriam abandonados os pequenos recantos caros às diligências a que o automóvel, entretanto, deveria restituir todas as honras. Recomendava-se que não se cansasse a atenção do auditório, como se não dispuséssemos de atenções diferentes, das quais compete justamente ao artista despertar as mais elevadas. Pois aqueles que bocejam de cansaço depois de dez linhas de um artigo

medíocre haviam refeito, todos os anos, a viagem à Bayreuth a fim de ouvir a *Tetralogia*. Aliás, chegaria o dia em que, durante algum tempo, Debussy seria declarado tão frágil quanto Massenet, e as emoções de Mélisande rebaixadas ao nível das de Manon. Pois as teorias e as escolas, como os micróbios e os glóbulos, entredevoram-se e garantem, com sua luta, a continuidade da vida. Mas esse tempo ainda não havia chegado.

Como na Bolsa, quando ocorre um movimento de alta, e toda uma categoria de valores se aproveita disso, certo número de autores desdenhados se beneficia com a reação, ou porque não mereciam esse desdém, ou simplesmente o que permitia dizer que uma novidade os realçava: - Porque nele haviam incorrido. E ia-se até buscar, num passado solitário, alguns talentos independentes sobre cuja reputação não parecia dever influir o movimento atual, mas cujo nome dizia-se que um dos mestres novos o citava com benevolência. Muitas vezes era porque um mestre, fosse qual fosse, por mais exclusiva que deva ser sua escola, julga de acordo com seu sentimento original, render justiça ao talento onde quer que se encontre; e até menos ao talento, a alguma inspiração agradável que teve outrora, se liga a um instante amado de sua adolescência. Outras vezes, certos artistas de outra época exibem, num simples trecho realizado, que se assemelha ao que o mestre aos poucos percebeu que ele o desejou fazer. Então, enxerga nesse antigo como que um precursor; a nele, sob outra forma, um esforço parcial e momentaneamente fraternos trechos de Turner na obra de Poussin, uma frase de Flaubert em Montesquieu. E às vezes também, o rumor da predileção do mestre era o resultado de um engano, nascido não se sabe onde e divulgado na escola. Mas ao ser citado, beneficiava-se então da firma sob cuja proteção entrara justamente a tempo, pois, se existe alguma liberdade, um gosto genuíno, na arte é do mestre, as escolas, essas, só se dirigem no sentido da teoria. Fora assim que o espírito, seguindo seu curso habitual que avança por uma direção inclinando-se uma vez num sentido, na vez seguinte em sentido contrário; havia trazido luz do alto sobre um certo número de obras, às quais havia necessidade de justiça, ou de renovação, ou o gosto de Debussy, ou seu capricho, ou algum propósito que ele talvez não tivera, havia acrescentado de Chopin. Enaltecidas pelos juízes nos quais se tinha inteira confiança; beneficiando-se da admiração que Pelléas excitava, encontraram nela brilho novo; e mesmo aqueles que não as tinham ouvido novamente, estavam tão desejosos de as amar que o faziam sem querer; embora com ilusão de liberdade. Mas a Sra. de Cambremer-Legrandin ficava uma parte do ano na província. Mesmo em Paris, doente, ela vivia muito presa no quarto. É verdade que o inconveniente podia sobretudo se fazer sentir à escolha das expressões que a Sra. de Cambremer julgava estarem na moda, e que antes se conformariam melhor à linguagem escrita, nuança que não discernia, pois tirava-as mais da leitura que da conversação. Esta é tão necessária para o conhecimento exato das opiniões como as expressões novas. Entretanto,

esse rejuvenescimento dos *Noturnos* ainda não era anunciado pelos críticos. A novidade só se transmitira pelas conversações "jovens". Permanecia ignorada da Sra. de Cambremer-Legrandin. Dei-me prazer de fazê-la ciente, porém dirigindo-me para tanto à sua sogra, e no bilhar, quando, para atingir uma bola, joga-se pela beirada, de Chopin, bem longe de estar fora de moda, era o compositor preferido Debussy.

- Vejam só! É divertido. - disse-me sorrindo a nora, como se tudo aquilo não passasse de um paradoxo criado pelo autor de *Pelléas*.

Agora era certo que ela só ouviria Chopin com respeito e até com prazer de ouvir minhas palavras, que acabavam de fazer soar a hora da libertação da velha marquesa, puseram-lhe no rosto uma expressão de reconhecimento por mim, e sobretudo de alegria. Seus olhos brilharam como os de Latude na peça denominada "*Latude, ou Trinta e cinco anos de cativeiro*," e seu peito aspirou o ar marinho com aquela dilatação que Beethoven tão bem assinalou no *Fidelio*, quando seus prisioneiros por fim respiram "este ar que vivifica". Julguei que ela ia pousar no meu rosto os lábios com seu buço.

- Como, o senhor gosta de Chopin? Ele gosta de Chopin, ele gosta de Chopin! - exclamou ela num acasalamento apaixonado, como se dissesse: "Como, o senhor conhece também a Sra. de Francquetot?", com a diferença de que minhas relações com a Sra. de Francquetot lhe teriam sido profundamente indiferentes, ao passo que o meu conhecimento de Chopin lançou-a numa espécie de delírio artístico. A hipersecreção salivar não bastou mais. Não tendo nem mesmo procurado compreender o papel de Debussy na reinvenção de Chopin, sentiu apenas que meu juízo era favorável. O entusiasmo musical a arrebatou:

- Élodie! Élodie! Ele gosta de Chopin. -

Seus seios se soergueram e os braços agitaram-se no ar.

- Ah, bem que eu senti que o senhor era músico exclamou. - *Hhartista* como o senhor é, compreendo que goste. É tão belo! -

E sua voz era tão pedregosa como se, para exprimir seu ardor por Chopin, ele houvesse, imitando Demóstenes, enchido a boca com os pedregulhos da praia. Por fim veio o refluxo, atingindo até o pequeno véu que ela não teve tempo de pôr a salvo e foi traspassado; e afinal a marquesa enxugou com seu lenço bordado a baba de espuma com que sua lembrança de Chopin

acabava de lhe umedecer o buço.

- Meu Deus - disse-me a Sra. de Cambremer-Legrandin -, acho que minha sogra está bastante atrasada; esquece que temos de jantar em casa do meu tio de Ch'nouville. E além disso, Cancan não gosta de esperar. -

"Cancan" ficou incompreensível para mim e pensei que talvez se tratasse de um

cachorro. Mas, quanto aos primos de Ch'nouville, eis o que ocorria. Com o passar do tempo, amortecera na jovem marquesa o prazer de pronunciar-lhes o nome dessa maneira. E no entanto fora para desfrutá-lo que ela antigamente decidira casar-se. Em outros grupos mundanos, quando se falava dos Chenouville, o costume era (ao menos de cada vez que a partícula vinha precedida de um nome que terminasse por vogal, pois em caso contrário era-se obrigado a apoiar-se no *de*, visto recusar-se a língua a pronunciar Madam' d' Ch'nonceaux) que fosse sacrificado o *e* mudo da partícula. Dizia-se:

"Senhor d' Chenouville".

Entre os Cambremer a tradição era inversa, mas igualmente imperiosa. Era o *e* mudo de Chenouville que se suprimia em todos os casos. Que o nome fosse precedido de "meu primo" ou de "minha prima", era sempre de "Ch'nouville" e nunca de Chenouville. (No caso do pai desses Chenouvilles, dizia-se "*notre onc/e*" *noite;* pois não se era bastante refinado em Féterne para pronunciar "noite" como teriam feito os Guermantes, cuja algaravia intencional, suprimiu consoantes e nacionalizando os nomes estrangeiros, era tão difícil de dizer como o francês antigo ou o dialeto moderno.) Toda pessoa que entrasse para a família Cambremer recebia logo, sobre essa questão dos Ch'nouville, uma advertência da qual a Srta. Legrandin não tivera necessidade. Uma vez em visita, ouvindo uma moça dizer:

"Minha tia d'Uzai", "mon onk de Ray"; ela não reconhecera de imediato esses nomes ilustres que tinha o *h -kj* - de pronunciar: *Uzes e Rohan*; sentira o espanto, o embaraço e a vergonha de alguém que tem à sua frente, na mesa, um utensílio recentemente inventado de que não conhece o uso e com o qual não tem coragem de começar a comer. Mas, na noite e no dia seguinte, repetira deliciada: "minha tia d',tJ -y - com aquela supressão do *s* final, supressão que a deixara estupefata na véspera, mas que agora lhe parecia tão vulgar não conhecer que, tendo suas amigas lhe falado de um busto da duquesa d'Uzes, a Srta. Legradin lhe respondera mal-humorada, e num tom altivo:

- Você poderia ao responder como é correto: "Mame d'Uzai". -

Desde então compreendo que, em virtude da transmutação das matérias consistentes em elementos cada vez mais sutis, a fortuna considerável e tão honradamente adquirida que herdara do pai, a educação completa que havia recebido, sua assiduidade à Sorbonne, tanto às aulas de Caro como às de Brunetiere, e aos concertos Lamoureux, tudo isso devia volatilizar-se, encontrar sua sublimação última no prazer de dizer um dia: "minha tia d'Uzai". Isso não exclui de seu espírito a idéia de que continuaria a freqüentar, ao menos nos primeiros tempos após o matrimônio, não certas amigas de quem gostava; e que não estava resignada a sacrificar, porém determinadas outras de quem não

gostava e às quais desejava poder dizer (pois se casara para aquilo)-; lhe apresentar minha tia d'Uzai; e, quando viu que essa aliança era, extremamente difícil: - Vou apresentá-la à minha tia de Ch'nouville. - Vou levá-la para jantar com os Uzai. -

Seu casamento com o Sr. de Cambremer, dera-lhe a oportunidade de dizer a primeira dessas frases, mas não a segunda, visto que a sociedade que seus sogros freqüentavam não era aquela que ela havia julgado e com a qual continuava a sonhar. E, depois de me ter dito de Saint-Loup (para tal adotando uma expressão do próprio Robert, se, para conversar com ela, eu falava como Legrandin, por uma sugestão inversa ela me respondia no linguajar de Robert, que não sabia ser tom de empréstimo a Rachel), aproximando o polegar do indicador, entrecerrando os olhos como se encarasse algo infinitamente delicado conseguira capturar:

- Ele tem uma bela qualidade de espírito! Elogiou-o com tanto calor que poderiam achar que estava apaixonada por ele (aliás, tinham cochichado que outrora, quando estava em Doncieres, Robert fora seu amante), mas na verdade simplesmente para que eu o confirmasse e chegar a isto:

- O senhor é muito ligado à duquesa de Guermantes. Estou doente, quase não saio, e sei que ela permanece confinada num círculo de amigos seletos, o que acho muito bom, e assim conheço-a muito pouco, mas sei que é uma mulher absolutamente superior. -

Sabendo que a Sra. de Cambremer mal a conhecia, e para me fazer tão pequeno quanto ela, ladeei esse assunto e respondi à marquesa que havia conhecido principalmente o seu irmão, Sr. Legrandin. A este nome, ela assumiu o mesmo ar evasivo que eu tivera para com a Sra. de Guermantes, mas acrescentando-lhe uma expressão de descontentamento, pois pensou que eu dissera aquilo para humilhar, não a mim, mas a ela. Estaria roída pelo desespero de ter nascido Legrandin? Pelo menos, era o que afirmavam as irmãs e cunhadas do marido, nobres damas provincianas que não conheciam ninguém e não sabiam coisa alguma, invejavam a inteligência da Sra. de Cambremer, sua instrução, sua fortuna, os dotes físicos que ostentara antes de cair enferma.

- Ela não pensa em outra coisa, é isto que a está matando - diziam essas maldosas quando falavam da Sra. de Cambremer a qualquer pessoa, mas de preferência a um plebeu, para que este, se era presumido e estúpido, desse mais valor à gentileza com que o tratavam, com essa afirmativa do que possui a plebe de vergonhoso, ou então, se era tímido e fino, e aplicasse as palavras a si mesmo, para terem o prazer, sempre recebendo-o bem, de lhe fazerem indiretamente uma insolência. Mas, se essas damas julgavam falar a verdade em respeito à cunhada, enganavam-se. Tanto menos sofria esta por ter nascido Legrandin, visto

haver perdido a lembrança de o ter sido. Sentiu-se melindrada por eu ter lhe devolvido tal lembrança e calou-se como se não tivesse compreendido nada, não julgando necessária uma precisão, nem mesmo uma confirmação de minha parte.

- Nossos parentes não são a causa principal do encurtamento da nossa visita - disse-me a velha Sra. de Cambremer, que provavelmente estava mais farta que sua nora quanto ao prazer que há em dizer: "Ch'nouville". - Mas, para não cansá-lo com muita gente, este senhor - disse ela mostrando o advogado não ousou trazer aqui a esposa e o filho. Eles passeiam na praia à nossa espera e já devem começar a se aborrecer. -

Pedi que os indicassem exatamente e corri para buscá-los. A mulher tinha um rosto redondo como certas flores da família das ranunculáceas e, no canto dos olhos, um signo vegetal bastante considerável. E, já que as gerações humanas conservam seus caracteres como uma família de plantas, da mesma forma que no rosto murcho da mãe, o mesmo sinal, que poderia auxiliar na classificação de uma variedade, inchava-se sob o olho do filho; minha solicitude para com sua mulher e seu filho comoveu o advogado. Manifestou interesse pela minha estada em Balbec.

- O senhor encontrar-se um tanto deslocado, pois aqui a maioria é de estrangeiros. E, enquanto falava, ia me olhando, pois, não gostando de estrangeiras embora muitos deles fossem seus clientes, queria assegurar-se de que eu não era hostil à sua xenofobia, caso em que teria batido em retirada, dizendo:

- Naturalmente, a Sra. X pode ser uma mulher encantadora. É uma questão de princípios. - Como, à época, eu não tinha nenhuma opinião acerca dos estrangeiros, não testemunhei desaprovação, e ele se sentiu em terreno seguro. Chegou a me convidar para que fosse um dia à sua casa, em Paris, a fim de ver sua coleção de Le Sidaner, e arrastar comigo os Cambremer, dos quais evidentemente julgava que eu fosse íntimo.

- Eu o convidaria junto com Le Sidaner - disse-me ele, convencido de que eu só viveria na expectativa desse dia bendito. - O senhor verá que homem especial. E seus quadros o deixarão encantado. É claro que não posso rivalizar com os grandes colecionadores, mas creio que sou eu quem possui a maior quantidade de suas telas preferidas. Isso lhe interessará tanto mais, ao voltar de Balbec, por serem marinhas, pelo menos na maior parte. -

A mulher e o filho, constituídos da natureza vegetal, escutavam com recolhimento. Sentia-se que em Paris a sua residência era uma espécie de templo de Le Sidaner. Esses gêneros de templo não são inúteis. Quando o deus tem dúvidas sobre si próprio, tapa com facilidade as fissuras de sua opinião com

os testemunhos irrecusáveis de criaturas que devotaram a vida à sua obra.

A um sinal de sua nora, a Sra. de Cambremer ia se levantando e me dizia:

- Já que o senhor não quer instalar-se em Féterne, não gostaria pelo menos de vir jantar um dia na semana, amanhã, por exemplo? - E em sua benevolência, para decidir-me, acrescentou: - O senhor reencontrará o conde de Crisenoy - que eu absolutamente não havia perdido, pela simples razão de que não o conhecia. Ela ainda começava a fazer brilhar a meus olhos novas tentações, porém estacou de repente. O presidente do conselho que, ao regressar, soubera que ela estava no hotel, procurara-a sorrateiramente por toda parte, e ficara vigiando; fingindo encontrá-la por acaso, veio apresentar-lhe suas homenagens. Compreendi que a Sra. de Cambremer não desejava estender a ele o convite para o almoço que acabava de me fazer. No entanto, ele a conhecia há bem mais tempo do que eu, sendo há vários anos um dos convivas de costume das vesperais de Féterne que eu tanto invejava durante minha primeira estada em Balbec. Mas a antigüidade não é tudo para as pessoas mundanas. E de muito bom grado reservam os almoços para as relações novas que ainda espicaçam a sua curiosidade, sobretudo quando chegam precedidas de uma recomendação calorosa e de prestígio como a de Saint-Loup. A Sra. de Cambremer calculou que o presidente do conselho não tinha ouvido o que ela dissera, mas, para acalmar os remorsos que sentia, dirigiu-lhe as frases mais amáveis. No ensolaramento que afogava no horizonte a costa dourada de Rivebelle, habitualmente invisível, discernimos, mal destacados do azul luminoso, saindo das águas, róseos, argentinos, imperceptíveis, os pequenos sinos do *ângelus* que ressoavam nos arredores de Féterne.

- Isto ainda é bastante *Pelléas* - observei à Sra. de Cambremer-Legrandin. - Sabe a que cena quero me referir?

- Creio que sim. -

Mas "não sei coisa nenhuma" era o que proclamavam a sua voz e seu rosto, que não se ajustavam a qualquer lembrança, e o seu sorriso sem apoio, no ar. A velha marquesa não se recobrava do pasmo de que os sinos chegassem até nós e ergueu-se, pensando na hora:

- Mas na verdade - disse eu -, em geral, aqui de Balbec não se enxerga essa costa e nada se ouve também. É preciso que o tempo tenha mudado e haja bem alargado o horizonte. A não ser que os sinos venham buscá-la, pois estou vendo que eles a fazem partir; são para a senhora a sineta do jantar. -

O presidente do conselho, pouco sensível ao toque dos sinos, espiava furtivamente o molhe, entristecendo-se por vê-lo tão deserto aquela tarde.

- O senhor é um verdadeiro poeta - disse-me a Sra. de Cambremer. - Percebe-se que é tão vibrante, tão artista... Venha que vou lhe tocar Chopin - acrescentou,

erguendo os braços com ar extasiado e pronunciando as palavras com uma voz rouca, que parecia deslocar pedregulhos. Depois veio a deglutição da saliva, e a velha dama enxugou instintivamente com o lenço a leve escovinha, dita à americana, do seu buço.

O presidente do conselho, sem querer, me prestou um grande serviço dando o braço à marquesa para conduzi-la ao carro, pois certa vulgaridade de ousadia e de gosto pela ostentação dita uma conduta que outros hesitariam em assumir, e que está longe de desagradar na vida mundana. Além disso, depois de tantos anos, estava muito mais habituado do que eu. Bendizendo-o, não tive coragem de imitá-lo e caminhei ao lado da Sra. de Cambremer-Legrandin,

que quis ver o livro que eu trazia na mão. O nome da Sra. de Sévigné fê-la fazer uma careta; e, empregando uma palavra que havia lido em certos jornais, mas que, falada e posta no feminino, e aplicada a um escritor do século XVII, dava um efeito esquisito, ela me perguntou:

- Acha-a verdadeiramente talentosa? -

A velha marquesa deu ao lacaio o endereço de uma pastelaria aonde precisava ir antes de voltar à estrada, rósea da poeira da tarde, em que azulavam em forma de garupa os rochedos escalonados. Perguntou a seu velho cocheiro se um dos cavalos, que era friorento, fora suficientemente agasalhado, se o casco de outro não o incomodava.

- Vou escrever-lhe para combinarmos - disse-me ela a meia voz. - Vi que o senhor conversava sobre literatura com minha nora, ela é adorável - acrescentou, embora não pensasse desse modo; mas havia adquirido o hábito conservado por bondade de o dizer para que seu filho não desse a impressão de ter feito um casamento por dinheiro.

- E depois - aduziu num último mastigamento entusiasta - ela é tão *harrtthisstta!* -

Em seguida subiu para o carro, balançando a cabeça, erguendo o cabo da sombrinha, e voltou pelas ruas de Balbec, sobrecarregada dos ornamentos de seu sacerdócio, como um velho bispo em viagem de crisma.

- Ela o convidou para almoçar - disse-me severamente o presidente do conselho quando o carro se afastou e eu voltei com minhas amigas. - Estamos estremecidos. Julga que me descuido dela. Diabos, sou fácil de tratar, sempre estou aí para responder: "Presente." Mas quiseram tomar conta de mim. Ah, então - acrescentou com ar finório e erguendo o dedo como alguém que distingue e argumenta isso eu não permito. É atentar contra a liberdade de minhas férias. Fui obrigado a dizer: "Chega!" O senhor parece estar muito bem com ela. Quando atingir a minha idade, verá que a sociedade é bem pouco e lamentará ter dado tanta importância a essas ninharias. Bem, vou dar uma volta

antes do jantar. Adeus, crianças - gritou, como se já estivesse distante cinqüenta passos.

Quando me despedi de Rosemonde e de Gisele, viram elas com espanto que Albertine, parada, não as seguia.

- E então, Albertine, que estás fazendo? Não sabes que horas são? - Voltem - respondeu-lhes Albertine com autoridade. - Preciso falar com ele - acrescentou, apontando-me com ar submisso. Rosemonde e Gisele me olharam, penetradas de um novo respeito por mim. Era delicioso sentir que, por um momento ao menos, aos próprios olhos de Rosemonde e de Gisele, eu era para Albertine algo de mais importante que a hora de regressar, que suas amigas, e podia até mesmo ter com ela graves segredos aos quais era impossível misturá-las.

- Quer dizer que não te veremos esta noite?

- Não sei, depende dele. Em todo caso, até amanhã.

- Subamos para o meu quarto - disse-lhe eu depois que as amigas se afastaram. Tomamos o elevador; ela se manteve em silêncio diante do ascensorista. O hábito de ser obrigado a recorrer à observação pessoal e à dedução para conhecer os assuntos particulares dos patrões, essas pessoas estranhas que conversam entre si e não lhes falam, desenvolve entre os "empregados" (como o ascensorista denominava os criados) um grande poder de adivinhação, maior do que entre os "patrões". Os órgãos se atrofiam ou tornam-se mais robustos ou mais sutis, conforme aumenta ou diminui a necessidade de seu uso. Desde que existem estradas de ferro, a necessidade de não perder o trem nos ensinou a prestar atenção nos minutos, enquanto que, entre os antigos romanos, cuja astronomia era não só mais sumária; mas cuja vida era também menos apressada, a noção não dos minutos, mas até das horas fixas, mal existia. Assim, o ascensorista compreendera e esperava contar aos camaradas que Albertine e eu estávamos preocupados. Mas ele nos falava sem parar porque era destituído de tato. Entretanto, eu via desenhar-se em seu rosto, substituindo a impressão habitual de alegria e amizade com que me fazia subir pelo elevador, um raro aspecto de abatimento e inquietação. Como lhe ignorava a causa, para tentar distraí-lo, apesar de mais preocupado com Albertine, disse-lhe que a dama que acabara de partir se chamava marquesa de Cambremer e não de Camembert. No andar pelo qual passávamos então, avistei, carregando um travesseiro, uma camareira horrível que me saudou com respeito, esperando uma gorjeta à saída. Gostaria eu de saber se fora ela que tanto havia desejado na noite da minha primeira chegada a Balbec, mas nunca pude ter certeza. O ascensorista jurou-me, com a sinceridade da maioria dos falsos testemunhos, mas sem abandonar seu ar desesperado, que fora mesmo sob o nome de Camembert que a marquesa lhe pedira que a anunciasse. E, para falar a verdade, era natural que tivesse

entendido um nome que já conhecia. Além disso, tendo sobre a nobreza e a natureza dos nomes com que se fazem os títulos noções extremamente vagas, que são as de muita gente que não é ascensorista, o nome de Camembert lhe parecera tanto mais verossímil, porque, sendo aquele queijo universalmente conhecido, não seria de espantar que se houvesse extraído um marquesado de um renome tão glorioso, a menos que não fosse o do marquesado que desse a sua celebridade ao queijo. Todavia, como reparava que eu não queria parecer que me enganava, e sabia que os patrões gostam de ver obedecidos seus caprichos mais fúteis e aceitas suas mentiras mais evidentes, prometeu-me, como bom criado, passar a dizer Cambremer. É verdade que nenhum lojista da cidade ou nenhum camponês das redondezas, onde o nome e a pessoa dos Cambremer eram perfeitamente conhecidos, jamais poderiam cometer o erro do ascensorista. Mas o pessoal do Grande Hotel de Balbec absolutamente não era da região. Provinha diretamente, com todo o material, de Biarritz, Nice e Monte-Carlo, uma parte tendo sido encaminhada para Deauville, outra para Dinard e a terceira reservada para Balbec. Mas a dor angustiosa do ascensorista não fez mais que crescer. Para que ele assim se esquecesse de me testemunhar o seu devotamento com os sorrisos costumeiros, era preciso que lhe tivesse acontecido alguma desgraça. Talvez tivesse sido "enviado". Prometi a mim mesmo, nesse caso, tentar conseguir que ele permanecesse no emprego, pois o gerente me garantira que ratificaria tudo o que eu decidisse em rei, - ao seu pessoal. - O senhor pode fazer sempre o que desejar, eu autorizo previamente. -

De súbito, como acabasse de sair do elevador, comparara a aflição e o ar desesperado do ascensorista. Por causa da presença de Albertine, eu não lhe dera os cem *sous* que tinha o hábito de lhe pôr na mão, ao subir. E esse imbecil, em vez de entender que eu não queria fazer alarde de gorjetas diante de terceiros, começara a tremer, supondo que aquilo estava acabado de uma vez por todas, que nunca mais lhe daria - Pensava que eu caíra no "desvio" (como teria dito o duque de Guermantes tal suposição não lhe inspirava nenhuma piedade por mim, mas uma terrível decepção egoísta. Disse comigo que eu era menos desarrazoado do que achava minha mãe, quando não ousava deixar de dar um dia a soma exagerada, mas febrilmente esperada, que dera na véspera. Mas também sendo dado até ali por mim, e sem qualquer dúvida, ao habitual ar de alegria em que não hesitava em ver um sinal de simpatia pareceu-me desmentir segura significação. Ao ver o ascensorista, no seu desespero, prestes de atirar do quinto andar, perguntei-me se (caso se achassem respectivamente trocadas as nossas condições sociais, por exemplo, devido a uma revogação) em vez de manobrar gentilmente para mim o elevador, o ascensorista se transformasse num burguês, eu não teria me jogado, e se não há certas classes do povo mais duplicidade que entre os mundanos; mas sem dúvida, reserva-se para a nossa ausência as frases desfavoráveis, de onde a atitude a nosso respeito não seria

insultuosa se fôssemos inferiores.

No entanto, não se pode dizer que no hotel de Balbec o ascensorista fosse o mais interesseiro. Sob esse aspecto, o pessoal dividia-se em duas categorias: por um lado, os que faziam diferenças entre os hóspedes mais sensíveis à gorjeta razoável de um velho nobre (aliás, em condição de evitar-lhes os vinte e oito dias de convocação, recomendando-lhes ao general de Beautrillis) do que às larguezas despropositadas de um rasto, que revelava nisso mesmo uma falta de experiência que só diante dele se chamava bondade. Por outro lado, aqueles para quem nobreza, inteligência, celebridade, situação, maneiras era algo inexistente, coberto por uma cifra; para esses, só havia uma hierarquia, o dinheiro que se tem, ou melhor, se é dado. Talvez o próprio Aimé, que, devido ao grande número de hotéis que servira, afirmava possuir uma grande sabedoria mundana, pertencesse à essa categoria. Quando muito, dava um toque social e de conhecimento das famílias a esse gênero de apreciação, dizendo, por exemplo, da princesa de Luxemburgo:

- Há muito dinheiro ali? (o ponto de interrogação para informar-se ou para controlar definitivamente as informações que tomara antes de conseguir para um freguês um cozinheiro para Paris; ou lhe garantir uma mesa à esquerda, à entrada, com vista para o mar, em Balbec). Apesar disso, embora não desprovido de interesse, não o teria exibido da maneira tolamente desesperada do ascensorista. Aliás, a ingenuidade deste último talvez simplificasse as coisas. A comodidade de um grande hotel, de uma casa como o era antigamente a de Rachel e que, sem intermediários, à face até então glacial de um empregado ou de uma mulher, a vista de uma cédula de cem francos, e com mais forte razão uma de mil, mesmo dada uma vez ou outra, traz um sorriso e oferecimentos. Pelo contrário, na política, nas relações de amante para amante, há muita coisa colocada entre o dinheiro e a docilidade. Tantas coisas que mesmo aqueles em quem o dinheiro afinal desperta o sorriso são amiúde incapazes de acompanhar o processo interno que os liga, e se julgam e são mais delicados. E depois, isso filtra a conversação polida dos "Já sei o que me resta fazer: amanhã vão me encontrar no necrotério." Assim, encontram-se na sociedade polida poucos romancistas, poetas, todas essas criaturas sublimes que falam justamente do que não convém falar.

Logo que ficamos sozinhos e fomos pelo corredor, Albertine disse:

- Que é que você tem contra mim? -

Minha dureza para com ela fora mais penosa para mim mesmo? Não passaria, de minha parte, de uma astúcia inconsciente para levar minha amiga, perante mim, àquela atitude de temor e de súplica que me permitiria interrogá-la, e talvez ficar sabendo qual das duas hipóteses que eu há muito formava a seu

respeito era a verdadeira? Sempre é certo que, quando ouvi sua pergunta, senti-me subitamente feliz como alguém que alcança um objetivo há muito desejado. Antes de responder, levei-a até minha porta. Esta, abrindo-se, fez refluir a luz cor-de-rosa que enchia o quarto e mudava a musselina branca das cortinas estendidas sobre a noite num tom de aurora. Cheguei à janela; as gaivotas haviam pousado novamente nas ondas; mas agora eram róseas. Fi-lo reparar a Albertine.

- Não mude de assunto, seja franco comigo - disse ela.

Menti. Declarei-lhe que ela devia ouvir primeiro uma confissão, a de uma grande paixão que eu tivera fazia algum tempo por Andrée, e o fiz com uma simplicidade e uma franqueza dignas do teatro, mas que na vida só temos para com os amores que já não sentimos. Retomando a mentira que pregara à Gilberte antes de minha primeira estada em Balbec, porém variando-a, e para melhor me fazer acreditado por ela quando lhe dizia agora que não a amava, fui ao ponto de deixar escapar que outrora estivera prestes a enamorar-me dela, mas que muito tempo se passara, que ela para mim não era mais que uma boa camarada e que, mesmo que o quisesse, já não me teria sido possível experimentar de novo a seu respeito sentimentos mais ardentes. Além disso, apoiando-me assim, diante de Albertine, nesses protestos de frieza para com ela, eu só fazia devido a uma circunstância e de um fim particulares tornar mais sensível, acentuar com mais intensidade esse ritmo binário que o amor adota em todos aqueles que duvidam demais de si mesmos para crer que uma mulher possa amá-los um dia; também que eles a possam amar de verdade. Conhecem-se o bastante para saber que, junto das mais diferentes, experimentavam as mesmas esperanças, as mesmas angústias, inventavam os mesmos romances, pronunciam as mesmas palavras, para igualmente se darem conta de que seus sentimentos e ações não se relacionam estreita e necessariamente com a mulher amada, mas passam a seu lado, salpicam-na, circundam-na com fluxo que se lança ao longo dos rochedos, e o sentimento de sua própria instabilidade ainda faz aumentar neles a desconfiança de que essa mulher, por quem tanto gostariam de ser amados, não os ama em absoluto. Porém, faria o acaso, visto que ela é apenas um simples acidente colocado diante do jorrar dos nossos desejos, que fôssemos nós mesmos o objetivo; dos desejos dela? Assim, mesmo tendo necessidade de expandir para ela esses sentimentos, tão diversos dos sentimentos simplesmente humanos que nosso próximo nos inspira, esses sentimentos tão especiais que são os sentimentos amorosos, depois de ter dado um passo adiante, confessando àquela a quem amamos a nossa ternura por ela, nossas esperanças, e temendo desagradar-lhe, também confusos por sentir que a linguagem que lhe falamos não se formou expressamente para ela, que nos serviu; e servirá para outras, que se ela não nos ama não poderá nos compreender; e que então

falamos com falta de gosto, com o impudor do pedante, que dirige às pessoas ignorantes frases sutis que não são para elas, esse terror, essa vergonha, trazem o contra-ritmo, o refluxo, a necessidade ainda que recuando a princípio, retirando vivamente a simpatia primeiro confessada de retomar a ofensiva e de recuperar a estima, a autoridade; o ritmo duplo é perceptível nos diversos períodos de um mesmo amor, em todos os períodos correspondentes de amores similares, em todas as criaturas que melhor se analisam do que se prezam.

No entanto, se estava um pouco mais vigorosamente acentuado que de hábito naquele discurso que eu fazia à Albertine era apenas para me permitir passar mais rápida e energicamente ao ritmo oposto que minha ternura escondia.

Como Albertine tivesse dificuldade em acreditar que lhe dizia sobre minha impossibilidade de a amar de novo, por causa do tão longo intervalo, apoiei o que chamava de esquisitice do meu temperamento; dos exemplos tirados de pessoas a quem, por culpa delas ou minha, havia deixado passar a hora de as amar, sem poder, por mais que o desejasse encontrá-la depois. Assim, dava a um tempo a impressão de me desculpar com ela, como de uma indelicadeza, dessa incapacidade de recomeçar a amá-la, e de procurar fazê-la compreender os motivos psicológicos daquilo como se me fossem peculiares. Porém, explicando-me desse modo, e estendendo-me sobre o caso de Gilberte, com quem fora de fato rigorosamente verdadeiro o que o era muito pouco aplicado em relação a Albertine, não fazia mais que tornar minhas asserções tão plausíveis; quanto fingia acreditar que não o fossem. Sentindo que Albertine apreciava o que julgava ser "o meu modo franco de falar" e reconhecendo em minhas deduções a clareza da evidência; desculpei-me do primeiro, dizendo que bem sabia que a gente sempre desagradava ao dizer a verdade; e que esta, aliás, deveria parecer-lhe incompreensível. Ao contrário, ela me agradeceu a sinceridade e acrescentou que, quanto ao resto, compreendia às maravilhas um estado de espírito tão freqüente e tão natural.

Confessando a Albertine um sentimento imaginário por Andrée e por ela própria uma indiferença que, para parecer totalmente sincera e sem exagero, assegurei-lhe incidentalmente, como por escrúpulo de polidez, não dever ser tomada muito ao pé da letra, pude enfim, sem recear que Albertine lhe suspeitasse amor, falar-lhe com uma doçura que há muito me recusava e que me pareceu deliciosa. Quase acariciei a minha confidente; falando de sua amiga, a quem amava, vinham-me lágrimas aos olhos. Mas, vindo aos fatos, disse-lhe por fim que ela sabia o que era o amor, suas suscetibilidades, seus sofrimentos e que talvez, como já velha amiga minha, se empenhasse em fazer cessar as grandes mágoas que me causava, não diretamente, pois não era ela que eu amava, se ousava repeti-lo sem constrangê-la, mas indiretamente, atingindo-me em meu amor por Andrée. Interrompi-me para olhar e mostrar a Albertine um grande pássaro solitário e

apressado que, longe, à nossa frente, fustigando o ar com as batidas regulares de suas asas, passava rapidamente por sobre a praia, aqui e ali manchada de reflexos semelhantes a pedacinhos de papel vermelho rasgados, e atravessava-a em todo o comprimento, sem diminuir o vôo, sem desviar sua atenção, sem mudar de caminho, como um emissário que vai levar bem longe uma mensagem urgente e de importância capital.

- Ele ao menos vai direto ao fim - comentou Albertine em tom de censura.

- Você me diz isso porque não sabe o que eu desejaria dizer-lhe. Mas é tão difícil que prefiro desistir; estou certo de que você se aborreceria; e tudo só ficaria nisso: eu não seria mais feliz em nada com aquela a quem amo de fato e teria perdido uma boa camarada.

- Mas eu lhe juro que não me aborreceria. -

Tinha ela um ar tão suave, tão tristemente dócil e como que esperasse de mim a sua felicidade, que eu mal me segurava para não beijá-la e beijá-la quase com o mesmo tipo de prazer que sentiria em beijar minha mãe naquele rosto novo que já não oferecia a face alerta e ruborizada de uma gatinha teimosa e perversa, de narizinho róseo e arrebitado, mas parecia, na plenitude de sua tristeza acabrunhada, todo fundido na bondade em amplas vazas escorridas e pendentes. Abstraindo o meu amor como uma loucura crônica sem reação com ela, pondo-me no seu lugar, eu me enternecia diante daquela boa moça habituada a que tivessem consigo atitudes amáveis e leais, e que bom rapaz que julgara que eu podia ser para ela, a perseguia desde algumas semanas; perseguições que haviam atingido por fim o seu ponto culminante. Por colocar-me num ponto de vista puramente humano, exterior à nós dois e de onde o meu amor ciumento se desvanecia, é que sentia por Albertine essa profunda piedade, que seria menor se não a amasse. De resto, na oscilação ritmada que vai da declaração à briga (o meio mais seguro, o mais eficazmente perigoso para formar, por movimentos opostos e sucessivos, um nó que não se desata e nos prende solidamente a uma pessoa), no seio do movimento de retração que constitui um dos dois elementos do ritmo, para que distinguir ainda os refluxos da piedade humana que opostos ao amor, embora tendo talvez inconscientemente a mesma causa em todo caso produzem os mesmos efeitos? Ao nos lembrarmos mais tarde do total de tudo o que fizemos por uma mulher, percebemos muitas vezes que os atos inspirados pelo desejo de mostrar que amamos, de nos fazer amados, de obter favores, não ocupam mais espaço do que os devidos à necessidade humana de reparar os erros relativos à criatura amada, por simples dever moral, como se não mais a amássemos.

- Mas afinal, que poderei ter feito? - indagou Albertine.

Bateram; era o ascensorista; a tia de Albertine, que passava de carro pelo hotel,

havia parado para ver se por acaso ela não se achava ali e levá-la de volta. Albertine mandou dizer que não podia descer, que fossem jantar sem esperá-la, que não sabia a que horas chegaria à casa.

- Mas sua tia não vai ficar aborrecida?

- Imagine! Ela vai compreender muito bem. -

Assim, portanto, ao menos naquele momento, como talvez jamais houvesse outro, um encontro comigo acontecia ser, aos olhos de Albertine, devido às circunstâncias, algo de uma tão evidente importância que devia superar tudo o mais, e ao qual, reportando-se instintivamente sem dúvida a uma jurisprudência familiar, enumerando certas conjunturas em que, quando estava em jogo a carreira do Sr. Bontemps não haviam desistido diante de uma viagem, minha amiga tinha a certeza de que sua tia acharia muito natural ver sacrificada a hora do jantar. Essa hora remota que ela passava sem mim, com os seus, Albertine dava-me agora, fazendo-a deslizar até mim; eu podia utilizá-la à vontade. Acabei pois, ousar dizer-lhe o que me haviam contado do seu gênero de vida e que apesar da aversão profunda que me inspiravam as mulheres portadoras do mesmo vício, eu não me incomodara até que me haviam dito o nome de sua cúmplice, e que ela facilmente podia compreender, tendo em vista o quanto eu amava Andrée, como deveria ter sofrido. Talvez fora mais hábil dizer que também me haviam nomeado outras mulheres, que me eram indiferentes. Mas a brusca e terrível revelação que me fizera Cottard entrara em mim dilacerando-me, tal e qual, inteira, sem mais nada. E assim como, antes, eu jamais teria por mim mesmo a idéia de que Albertine amava Andrée, ou que pelo menos pudesse ter brincadeiras caricosas com ela, caso Cottard não me houvesse chamado a atenção para a sua atitude ao valsar, da mesma forma não soubera passar deste pensamento ao outro, para mim totalmente diverso, de que Albertine pudesse ter com outras mulheres, que não Andrée, relações a que nem o afeto serviria de desculpa. Albertine, antes mesmo de me jurar que aquilo não era verdade, manifestou, como toda pessoa a quem acabam de falar dela desse modo, cólera, aborrecimento e, em relação ao caluniador desconhecido, a raivosa curiosidade de saber quem era e o desejo de ser confrontada com ele para poder confundi-lo. Mas garantiu-me que, pelo menos a mim, não me queria mal por isso.

- Se isso fosse verdade, eu lhe teria confessado. Mas tanto eu como Andrée temos horror dessas coisas. Não chegamos à nossa idade sem ver mulheres de cabelos curtos, que têm maneiras masculinas e são do gênero que você diz. E não há nada que mais nos revolte.

Albertine só me dava a sua palavra, peremptória e sem provas. Mas era justamente o que melhor podia me acalmar, pois o ciúme pertence a essa família de dúvidas doentias que cedem muito mais à energia de uma afirmativa

do que à sua verossimilhança. É aliás próprio do amor tornar-nos a um tempo mais desconfiados e mais crédulos, fazer-nos suspeitar, mais depressa do que o faríamos quanto a uma outra, daquela a quem amamos, e mais facilmente acreditar em suas negações. É preciso amar para preocupar-se com que não existam apenas mulheres honestas, ou melhor, para reparar nisso, e é preciso também amar para desejar que existam, isto é, para ter certeza de que existem. É humano buscar a dor e logo livrar-se dela. As proposições capazes de o conseguir facilmente nos parecem verdadeiras, não se discute muito sobre um calmante que produz efeito. E depois, por múltipla que seja a criatura que amamos, pode em todo caso apresentar-nos duas personalidades essenciais conforme nos surja como nossa, ou com seus desejos voltados para outrem. A primeira dessas personalidades possui a força particular que nos impede de crer na realidade da segunda, o segredo específico para acalmar os sofrimentos que esta última provocou. A criatura amada é sucessivamente o mal e o remédio que suspende e agrava o mal. Sem dúvida, há muito tempo, pela força que exercia em minha imaginação e minha faculdade sensitiva o exemplo de Swann, eu estava preparado para julgar verdadeiro o que receava em vez daquilo que teria desejado. Assiti a doçura trazida pelas afirmações de Albertine esteve a um passo de me comprometer porque me lembrei da história de Odette. Mas disse a mim, mesmo que, se era justo considerar o pior não só quando, para comprometer os sofrimentos de Swann tentara colocar-me em seu lugar, mas também agora que se tratava de mim mesmo, buscando a verdade como se fosse de outro. Todavia não era preciso que, por crueldade para comigo, tratasse do que escolhe o local em que talvez seja mais útil, mas também onde o sol está mais exposto, eu chegasse ao erro de julgar uma suposição; mais ficara verdadeira que as outras, só porque era a mais dolorosa. Não haveria uma boa família burguesa, e Odette, verdadeiramente, entre Albertine, era moça de muito abismos, abandonada pela mãe desde a infância? A palavra de uma não podia ser comparada com a de outra. Além disso, Albertine não tinha em mentir-me com o mesmo interesse que Odette a Swann. E ainda a este, Odette havia contado o que Albertine acabara de negar. Eu teria portanto, cometido uma falha de raciocínio tão grave, embora inversa como a que me inclinasse uma hipótese apenas porque esta me fazia sofrer menos que as outras, separasse sem levar em consideração essas diferenças de fato nas outras situações; e reconstituindo a vida real de minha amiga unicamente segundo o que soubera acerca da de Odette. Tinha diante de mim uma nova Albertine, vislumbrada por mim diversas vezes, em minha primeira estadia em Balbec; em que de fato tinha sido sincera e bondosa; uma Albertine que, por afeição a mim, acabava por perdoar minhas suspeitas tratando de dissipá-las. Fez-me sentar a seu lado na cama. Agradeci-lhe o que havia dito, assegurei-lhe que estávamos reconciliados; que não seria mais duro com ela. Disse-lhe que, de qualquer modo deveria voltar para jantar em

casa. Ela me perguntou se não me sentia bem assim. E, puxando a minha cabeça para uma carícia como jamais me fizera, que isso se devia à nossa rusga terminada. Passou ligeiramente a língua sobre meus lábios, o qual tentava entreabrir; mas não os descerrei.

- Como és mau. - disse ela.

Devia ter ido embora naquela mesma noite sem jamais tornar a vê-la. Desde então percebi que o amor não era compartilhado; porque existem pessoas para quem não existe amor compartilhado. Um pode gostar da felicidade daquele simulacro que me era dado nesses momentos únicos; nos quais a bondade da mulher, ou o seu capricho ao acaso, dizem sobre nosso desejos, numa perfeita coincidência, as palavras e as mesmas ações como se fôssemos verdadeiramente, amados. Sábio seria considerar com curiosidade uma pequena parcela de ventura, na falta da qual eu morreria sem ter suspeitado o que pode ser essa ventura para os corações menos difíceis ou mais favorecidos; supor que ela fazia parte de uma felicidade vasta e duradoura que só me aparecia naquele ponto; e, para que o dia seguinte não desse um desmentido a esse fingimento, não procurar pedir um favor a mais depois daquele que só fora alcançado devido a um artifício de um minuto de exceção. Deveria ter deixado Balbec, fechar-me na solidão e nela permanecer em harmonia com as últimas vibrações da voz que eu soubera por um instante fazer amorosa, e da qual só exigiria que nunca mais se dirigisse a mim, por medo de que, com uma palavra nova que daí em diante só poderia ser diferente, ela viesse ferir com uma dissonância o silêncio sensitivo onde, como que graças a um pedal, a tonalidade da ventura poderia sobreviver em mim por muito tempo.

Tranqüilizado pela minha explicação com Albertine, recomecei a viver mais junto de minha mãe. Ela gostava de me falar docemente do tempo em que minha avó era mais jovem. Temendo que eu me censurasse pelas tristezas com que poderia ter ensombrado o fim daquela vida, ela voltava de bom grado aos anos em que meus primeiros estudos haviam causado a minha avó alegrias que até então me foram sempre ocultadas. Falávamos de novo sobre Combray. Minha mãe me disse que lá pelo menos eu lia e que em Balbec deveria fazer o mesmo, caso não escrevesse. Respondi que, justamente para me rodear das lembranças de Combray e dos belos pratos pintados, gostaria de reler *As Mil e Uma Noites*. Como outrora, em Combray, quando ela me dava livros de aniversário, foi às escondidas, para me fazer uma surpresa, que minha mãe mandou buscar, ao mesmo tempo, *As Mil e Uma Noites*, de Galland, e *As Mil Noites e Uma Noite*, de Mardrus. Mas depois de haver lançado um olhar sobre as duas traduções, minha mãe bem gostaria que eu me limitasse à de Galland, conquanto temesse influenciar-me devido ao seu respeito pela liberdade intelectual, ao receio de intervir desastradamente na vida de meu pensamento, e

ao sentimento de que, sendo mulher, julgava faltar-lhe, por um lado, a necessária competência literária, e, por outro, achava que não devia julgar as leituras de um rapaz de acordo com aquilo que a chocava. Lendo certos contos, revoltara-se com a imoralidade do assunto e a crueza da expressão. Mas sobretudo, conservando preciosamente como relíquias não apenas o broche, a sombrinha, a capa e o volume da Sra. de Sévigné, mas também os hábitos de pensamento e linguagem de sua mãe, procurando em qualquer ocasião a opinião que esta teria dado, minha mãe não podia duvidar da condenação que minha avó teria pronunciado contra o livro de Mardrus. Lembrava-se que em Combray, enquanto que, antes de partir para os lados de Méséglise, eu lia Augustin Thierry, minha avó, contente pelas minhas leituras e meus passeios, indignava-se entretanto ao ver aquele, cujo nome permanecia ligado a este hemistíquio: "Reina, após, Meroveu" chamado *Merowig;* recusar-se Carolíngios em vez de Carlovíngios, aos quais permanecia fiel. Enfim eu lhe contara o que minha avó tinha pensado dos nomes gregos que segundo Leconte de Lisle, dava aos deuses de Homero, chegando até a um dever religioso a adoção da ortografia grega para as coisas mais simples, achando que nisso consistia o talento literário. Tendo, por exemplo, que dizer numa carta que o vinho bebido em sua casa era um verdadeiro néctar, ele escrevia "um verdadeiro nektar", com k, o que lhe permitia troça de Lamartine. Ora, se uma *Odisséia*, de onde estivessem ausentes os nomes de Ulisses e de Minerva, já não era para a minha avó a *Odisséia*, que diria então se visse já deformado na capa o título de suas *Mil e Uma Noites*, não mais encontrando, transcritos exatamente como ela o tempo todo se habituara a dizê-los, os nomes imortalmente familiares de Sherazade, de Dinazarda, e onde, eles próprios desbalizados, se é que se pode aplicar o vocábulo à histórias muçulmanas, o encantador Califa e os poderosos Gênios; os mal se reconheciam, sendo denominados, um o "Khalifat", os outros "Gennis"? No entanto, minha mãe entregou-me as duas obras, e eu lhe disse que as leria nos dias em que estivesse cansado demais para passear. Aliás, tais dias não eram muito freqüentes. Como antigamente, íamos merendar "em grupo", Albertine, suas amigas e eu, no rochedo ou na granja Marie-Antoinette. Havia ocasiões, porém, em que Albertine me dava este grande prazer. Dizia-me:

- Hoje eu quero estar um pouco sozinha com você, será mais agradável que fiquemos os dois juntos. -

Então dizia que tinha coisas a fazer, de que aliás não precisava prestar contas, e para que as outras, se fossem sem nós passear e merendar, não pudessem nos encontrar, íamos sozinhos, como dois amantes, à Bagatelle ou à Croix d'Heulan, ao passo que o grupo, que jamais teria tido a idéia de nos procurar por lá, aonde nunca ia, permanecia indefinidamente em Marie-Antoinette, na esperança de ver-nos chegar.

Lembro-me dos dias quentes de então, em que da testa dos empregados da granja, que trabalhavam ao sol, caía uma gota de suor, vertical, regular, intermitente, como a gota d'água de um reservatório, e se alternava com a queda do fruto maduro que se desprendia da árvore nos cercados vizinhos; continuam sendo, ainda hoje, junto com esse mistério de uma mulher oculta, a parte mais consistente de todo amor que se me apresente. Uma mulher de quem me falam e na qual não pensaria um só instante, eis que modifico todos os encontros da semana para conhecê-la, se se trata de uma semana em que faz um tempo daqueles, se devo vê-la nalguma granja isolada. Por mais que saiba que esse tipo de tempo e de encontro não são dela, são todavia a isca bem conhecida a mim, a que me deixo prender e que basta para me agarrar. Sei que essa mulher, num tempo frio, numa cidade, poderia tê-la desejado, mas sem a companhia de um sentimento romanesco, sem me apaixonar; o amor nem por isso é menos forte, uma vez que me encadeou graças às circunstâncias; apenas é mais melancólico, como na vida se tornam os nossos sentimentos pelas pessoas, à medida que mais percebemos a parte cada vez menor que elas representam para os mesmos, e que o amor novo, que desejaríamos fosse tão durável, abreviado como nossa própria vida, será o último.

Havia ainda poucas pessoas da sociedade em Balbec, poucas moças. Às vezes eu via uma ou outra, parada na praia, sem atrativo, e que no entanto muitas coincidências pareciam atestar ser a mesma de quem eu me desesperava por não poder me aproximar no momento em que ela saía com as amigas do carrossel ou da aula de ginástica. Se era a mesma (e eu evitava falar nisso a Albertine), a moça que eu julgara inebriante não existia. Mas eu não conseguia ter certeza, pois o rosto dessas moças não ocupava na praia uma dimensão, não oferecia uma forma permanente, contraído, dilatado, transformado como era pela minha própria expectativa, pela inquietação do meu desejo, ou por um bem-estar que se basta a si mesmo, pelos vestidos diferentes que trajam, pela rapidez de seu passo ou pela sua imobilidade. Todavia, bem de perto, duas ou três me pareciam adoráveis. Cada vez que via uma destas, tinha vontade de levá-las para a avenida dos Tamaris, ou para as dunas, ou, melhor ainda, para os rochedos. Mas ainda que no desejo, em comparação com a indiferença, já entre aquela audácia que é um verdadeiro começo unilateral de realização, mesmo assim, entre o meu desejo e a ação, que seria o meu pedido para beijá-la, havia todo o "branco" indefinido da hesitação e da timidez. Então eu entrava na confeitaria, bebia, um após outro, sete a oito cálices de vinho do porto. Em seguida, em vez do intervalo impossível de preencher entre o meu desejo e a ação, o efeito do álcool traçava uma linha que os reunia a ambos. Não havia mais lugar para o temor ou a hesitação. Parecia-me que a moça ia voar para mim. Eu ia até ela, e por si sós iam saindo de meus lábios estas palavras:

- Gostaria de passear com você. Não quer que a leve aos rochedos? Lá ninguém nos incomoda, lá atrás do bosquezinho que abriga do vento a casa desmontável, atualmente desabitada... -

Todas as dificuldades da vida estavam aplainadas, já não havia obstáculos para o enlaçamento de nossos corpos. Pelo menos, não para mim. Pois para ela, que não havia bebido, eles não tinham sido volatilizados. Se o tivesse feito, o universo perderia alguma realidade a seus olhos, e mesmo assim, o sonho longamente acariciado que então lhe pareceria de súbito realizável talvez absolutamente não fosse o de cair nos meus braços.

Não só as moças eram pouco numerosas, mas, naquela estação; ainda não era "a estação", ficavam por pouco tempo. Lembro-me de uma tez rubra de olhos verdes, duas faces coradas, e cujo rosado duplo se assemelhava aos grãos alados de certas árvores. Não sei que brisa a trouxera a Balbec e que outra a levara embora. Foi de modo brusco que durante vários dias senti um desgosto que me atrevi a confessar à Albertine, quando compreendi que ela se fora para sempre.

É preciso dizer que muitas delas eram moças que eu ou absolutamente não conhecia, ou deixara de ver há muitos anos. Freqüentemente, antes de me encontrar com elas, eu lhes escrevia. Se a sua resposta fazia crer num possível amor, que alegria! No começo de uma amizade, uma mulher, e até mesmo se esta amizade não se deve realizar em seguida, não é possível separar-se dessas primeiras cartas recebidas. Desejaria tê-las o tempo todo conosco, como lindas flores recebidas, ainda bem frescas, e que não cessamos de contemplar senão para respirá-las de mais perto. A frase que sabemos de cor é agradável de reler e, naquelas menos literalmente apreendidas, desejamos verificar o grau de ternura de uma expressão. Escreveu ela: "Votre chere lettre"? Pequena decepção na doçura que respiramos e que deve ser atribuída a uma leitura muito rápida; à escrita ilegível da correspondente; ela não escreveu: "et votre chere leHres, mas: "en voyant cette lettre". Mas o restante é tão carinhoso. Oh! Quanta flores iguais chegam amanhã! Depois, isto apenas não é bastante; é preciso confrontar, às palavras escritas, os olhares, a voz. Marcamos encontro, e sem que ela talvez tenha mudado ali onde julgávamos, pela descrição feita; ou pela recordação pessoal, encontrar a fada Viviane, achamos o Gato de Botas. Mesmo assim, marcamos encontro para o dia seguinte, pois apesar de tudo é ela e o que desejávamos era ela. Ora, esses desejos por uma mulher com quem se sonhou não tornam absolutamente necessária a beleza de um determinado traço. Tais desejos são apenas o desejo de uma criatura; vagos como o perfume, assim como o estoraque era o desejo de Protiera, o açafrão o desejo etéreo, as substâncias aromáticas o desejo de Hera, a mirra o perfume das nuvens, o maná o desejo de Nicéia, o incenso perfume do mar. Mas estes perfumes cantados

pelos hinos órficos são bem menos numerosos do que as divindades a quem adoram. A mirra é o perfume das nuvens; mas também de Protógonos, de Netuno, de Nereu, de Leteo; o incenso é o perfume do mar, mas também da bela Dicéia, de Têmis, de Circe, das nove musas, de Éos, de Mnemósina, do Dia, de Dikaiosuné. Quanto ao estoraque, o maná e as substâncias aromáticas, seria um não acabar de dizer as divindades que os inspiram, de tão numerosas que são. Anfíetes possui todos os perfumes, exceto o incenso; e Gaia rejeita apenas as favas e as substâncias aromáticas. Assim, eram desse tipo os desejos que eu tinha dessas moças. Menos numerosos do que elas, mudavam-se em decepções e tristezas bem semelhantes umas às outras. Eu jamais quis a mirra. Reservei-a para Jupien e para a princesa de Guermantes, pois ela é o desejo de Protógonos, "o de dois sexos, tendo o mugido do touro, de inumeráveis orgias, memorável, inenarrável, descendo, cheio de júbilo, para os sacrifícios dos orgiofantas".

Mas em breve a estação atingiu o auge; todos os dias era uma chegada nova e, para a freqüência de súbito crescente de meus passeios, que substituía a leitura agradável das *Mil e Uma Noites*, havia uma causa desprovida de prazer e que os envenenava a todos. A praia estava agora povoada de moças; e, como a idéia que me havia sugerido Cottard, embora não me despertasse novas suspeitas, tornara-me frágil e sensível a esse respeito, e cauteloso para não deixá-las formarem-se em mim; quando uma jovem chegava a Balbec eu me sentia pouco à vontade, propunha a Albertine as excursões mais afastadas, para que ela não pudesse travar conhecimento e, até, se fosse possível, nem sequer visse a recém-chegada. Naturalmente, temia ainda mais aquelas cujos maus costumes eram bem conhecidos, ou de quem se sabia a má reputação; tentava persuadir a minha amiga de que essa má reputação não se baseava em nada, era caluniosa, talvez por um medo inconfesso, ainda inconsciente, de que ela procurasse unir-se à

depravada, ou que lamentasse não poder procurá-la por minha causa, ou que julgasse, pelo número de exemplos, que um vício tão disseminado não seria condenável. Negando-o em cada culpada, eu chegava a pretender nada menos que o lesbianismo não existia. Albertine adotava a minha incredulidade quanto ao vício desta ou daquela:

- Não, creio que é só atitude; ela quer se mostrar. -

Mas então eu quase lamentava ter repugnado pela inocência, pois desagradava-me que Albertine, tão severa antigamente, pudesse achar que essa "atitude" fosse algo de muito lisonjeiro, vantajoso, para que uma mulher isenta desses gostos procurasse fingi-los. Gostaria que mulher nenhuma chegasse mais a Balbec; tremia ao pensar que, como era reais ou menos a época em que a Sra. Putbus devia chegar à casa dos Verdurin, sua camareira, cujas preferências Saint-Loup não me ocultara, poderia vir excursionar até a praia e, se fosse num dia em que eu não estivesse junto de Albertine, tentar corrompê-la. Chegava a indagar de

mim mesmo, já que Cottard não me ocultara que os Verdurin me apreciavam muito, e, embora não querendo parecer que corriam atrás de mim, como ele dizia, fariam tudo para que eu fosse à casa deles, senão poderia, mentir ante a promessa de levar-lhes em Paris todos os Guermantes do mundo, obter da Sra. Verdurin que, sob qualquer pretexto, ela avisasse a Sra. Putbus que lhe seria impossível conservar em sua casa a camareira e a mandasse de volta o mais rápido possível.

Apesar desses pensamentos e como era sobretudo a presença Andrée que me inquietava, a tranqüilidade que me haviam trazido as palavras de Albertine durava ainda um pouco. Aliás, eu sabia que em breve teria menos necessidade dela, pois Andrée deveria partir com Gisele e Rosemonde, quase no momento em que todo mundo chegava, não tendo que ficar junto de Albertine mais que algumas semanas. Durante estas, aliás, Albertine pareceu combinar tudo o que fazia, tudo o que dizia, com vistas à destruir minhas suspeitas, se ainda me ficava alguma, ou impedi-las de renascerem. Arranjava-se para nunca ficar sozinha com Andrée e insistia quando voltávamos, para que eu a acompanhasse até a sua porta; e que fosse buscá-la quando devíamos sair. Entretanto, de seu lado, Andrée procedia de igual maneira, parecia evitar ver Albertine. E esse aparente conluio entre elas não era o único sinal de que Albertine deveria ter posto sua amiga ao corrente de nossa conversação, pedindo-lhe que tivesse a gentileza de acalmar minhas suspeitas absurdas.

Por essa época, ocorreu no Grande Hotel de Balbec um escândalo que não foi próprio para mudar a inclinação dos meus tormentos. A relação que Bloch mantinha há algum tempo, com uma antiga atriz, relações secretas que em breve não lhes bastaram mais. O serem vistas parecia-lhes acrescentar alguma perversidade a seu prazer; desejavam que os olhares de todos se banhassem em seus perigosos embates. Isto começou com carícias, que afinal podiam ser atribuídas à intimidade de amigas, no salão de jogo; em torno da mesa de bacará. Depois, atreveram-se a mais. E por fim, uma tarde, num canto nem mesmo escuro do grande salão de dança, sobre um canapé, não se constrangeram mais do que se estivessem em sua casa. Dois oficiais, que estavam não longe dali com suas esposas, foram queixar-se ao gerente. Por um momento, julgou-se que o seu protesto teria alguma eficácia. Mas tinham contra si o fato de que, tendo vindo por uma noite de Netteholme, onde moravam, a Balbec, não podiam ser úteis em nada ao gerente. Ao passo que, mesmo sem que ela soubesse, e ainda que o gerente lhe fizesse alguma observação, pairava sobre a Srta. Bloch a proteção do Sr. Nissim Bernard. Convém dizer por quê. O Sr. Nissim Bernard praticava no mais alto grau as virtudes da família. Todos os anos alugava em Balbec uma vivenda magnífica para o seu sobrinho, e nenhum convite poderia impedi-lo de voltar para jantar em sua casa, que na verdade era a deles. Mas

nunca almoçava em casa. Todos os dias estava ao meio-dia no Grande Hotel. É que ele sustentava, como outros, a um figurante de ópera, um "empregado", bem semelhante a esses *grooms* de que falamos, e que nos fazia pensar nos jovens israelitas de Esther e de Athalie. A falar a verdade, os quarenta anos que separavam o Sr. Nissim Bernard do jovem empregado deveriam preservar este de um contato pouco amável. Porém, como diz Racine com tanta sabedoria nos mesmos coros: *Mon Dieu, qu'une vertu naissante Parmi tant de périls marche à pas incertains! Qu'une âme qui te cherche et veut être innocente Trouve d'obstacle à ses desseins*{13}*!*

O jovem empregado, por mais que fosse "longe do mundo criado", no Templo-Palácio de Balbec, não seguira o conselho de Joad: *Sur la richesse et l'or ne mets point ton appui*{14}.

Talvez achasse uma desculpa, dizendo: "Os pecadores cobrem a terra." Fosse como fosse, e embora o Sr. Nissim Bernard não esperasse um prazo tão curto, logo ao primeiro dia:

Et soit frayeur encor ou pour le caresser De ses bras innocents il se sentit presser{15}*."*

E, desde o segundo dia, o Sr. Nissim Bernard, passeando o empregado, "a aproximação contagiosa lhe alterava a inocência". Desde então, a vida do jovem havia mudado.

Era em vão que ele carregava o pão e o sal, como lhe mandava o seu chefe, todo o seu rosto cantava:

De fleurs en fleurs, de plaisirs en plaisirs Promenons nos désirs. De nos ans passagers le nombre est incertain. Hâtons-nous aujourd'hui de jouir de la viel L'honneur et les emplois Sont le prix d'une aveugle et douce obéissance, Pour la triste innocence Qui viendrait élever la voix{16}.

Desde esse dia, o Sr. Nissim Bernard jamais deixara de vir ocupar sua mesa no almoço (como o teria feito à orquestra alguém que sustenta uma figurante, figurante essa de um gênero fortemente caracterizado e que ainda espera o seu Degas). O prazer do Sr. Nissim Bernard era seguir na sala de jantar, e até às longínquas perspectivas onde, sob sua palmeira, se assentava o caixa, as evoluções do adolescente atencioso no serviço, no serviço de todos e menos no do Sr. Nissim Bernard; desde que este o sustentava, fosse porque o jovem menino do coro não julgasse necessário manifestar a mesma gentileza a alguém de quem se sabia suficientemente amado, fosse por que tal amor o irritasse ou que temesse que, uma vez descoberto, lhe fizesse perder outras ocasiões. Mas, até mesmo essa frieza agradava ao Sr. Nissim Bernard, por tudo o que ela dissimulava. Seja por atavismo hebraico ou pela profanação do sentimento cristão, singularmente

se deleitava com a cerimônia raciniana, fosse judia ou católica. Caso se tratasse de uma verdadeira representação de Esther ou de Athalie, o Sr. Nissim Bernard teria lamentado que a diferença de séculos não lhe tivesse permitido conhecer o autor, Jean Racine, a fim de obter um papel maior para o seu protegido. Mas, como a cerimônia do almoço não provinha de nenhum escritor, ele se contentava em estar em bons termos com o gerente e com Aimé para que o "jovem israelita" fosse promovido às funções desejadas, de subchefe ou até mesmo de chefe; graduado. Tinham-lhe sido oferecidas as de despenseiro. Mas o Sr. Bernard o obrigou a recusá-la, pois assim não poderia mais vir vê-lo, todos os dias, correndo pelo refeitório verde e fazer-se servir por ele como um estranho. Tal prazer era tão forte que todos os anos o Sr. Bernard regressava a Balbec e almoçava fora, hábitos em que o Sr. Bloch via, no primeiro, um gosto poético pela claridade e os ocasos daquela costa preferida a todas as outras; e, no segundo, uma inveterada mania de velho celibatário.

A falar a verdade, esse engano dos parentes do Sr. Nissim Bernard, os quais não desconfiavam do motivo real de sua volta a Balbec todos os anos, e do que a pedante sra. Bloch denominava as suas infidelidades culinárias, esse engano era uma verdade mais profunda e do segundo grau. Pois o próprio Sr. Nissim Bernard ignorava o que podia entrar de amor à praia de Balbec, da vista marítima que se tem do restaurante, e dos hábitos maníacos, no seu gosto de sustentar, como a uma figurante de ópera de outra espécie, a que ainda faltasse um Degas, um dos empregados da casa que também eram "meninas". Assim, o Sr. Bernard mantinha excelentes relações com o gerente daquele teatro que era o hotel de Balbec, e com o diretor de cena e regente Aimé, cujo papel em todo esse negócio não era dos mais claros. Um dia, dar-se-iam intrigas para conseguir um grande papel, talvez uma posição de mordomo. Enquanto esperava, o prazer do Sr. Nissim Bernard, por mais poético e sossegadamente contemplativo que fosse, tinha um tanto das características desses homens mulherengos que sempre sabem. Swann outrora, por exemplo que, indo a uma festa, encontrarão a sua amante. Mal o Sr. Bernard se assentasse, já veria o objeto de seus anseios avançar em cena, trazendo na mão frutas ou charutos numa bandeja. Assim todas as manhãs, após haver beijado a sobrinha, ter se inquietado com os trabalhos de meu amigo Bloch e dado de comer torrões de açúcar na palma estendida a seus cavalos, febrilmente se apressava a chegar para almoçar no Grande Hotel. A casa poderia estar em chamas, sua sobrinha ter um ataque, que mesmo assim sem dúvida ele sairia.

Receava, como a uma peste, um resfriado que o pusesse de cama pois era hipocondríaco e que houvesse necessidade de mandar pedir a Aimé que lhe enviasse para sua casa, antes da hora da refeição, o seu jovem amigo.

Aliás, ele gostava do labirinto de corredores, gabinetes secretos, salões, vestiários,

despensas e galerias que era o hotel de Balbec. Por atavismo de oriental amava os serralhos e, quando saía à noite, viam-no explorar-lhe às escondidas os esconderijos. Ao passo que, arriscando-se até o subsolo e apesar de tudo procurando não ser visto e evitar o escândalo, o Sr. Nissim Bernard, em sua busca de jovens levitas, lembrava estes versos de La Juive: *Ô Dieu de nos peres/ Parmi nous descends/ Cache nos mysteres A Toei/ des méchantsils*{17}

Eu, ao contrário, subia para o quarto de duas irmãs que tinham acompanhado a Balbec, como camareiras, uma velha dama estrangeira. Era o que a linguagem dos hotéis denominava "mensageiras", e a de Françoise, que pensava que um mensageiro [*courrier*] ou uma mensageira [*courriere*] e - ali para fazer recados [*courses*], "recadeiras" *[coursieres*]. Quanto aos hotéis, conservaram-se com mais nobreza no tempo em que se cantava: "É o mensageiro de gabinete."

Apesar da dificuldade que um hóspede encontrava para ir aos quartos das camareiras, e reciprocamente, eu bem depressa liguei-me em amizade muito viva com estas duas pessoas: Srta. Marie Gineste e Sra. Célesté Albaret. Nascidas ao sopé das altas montanhas da região central da França, à beira de regatos e de torrentes (a água passava mesmo sob a casa da família, onde girava um moinho, e que fora devastada diversas vezes pela inundação), elas pareciam ter-lhes conservado a natureza. Marie Gineste a mais regularmente rápida e sacudida; Céleste Albaret, mais vagarosa e perseguida, parada como um lago, porém com terríveis acessos de efervescência em que o seu furor lembrava o perigo das enchentes e dos turbilhões ligados que arrastam tudo, devastam tudo. Vinham ver-me diversas vezes pela manhã, quando eu ainda estava deitado. Jamais conheci pessoas tão voluntariamente ignorantes, que não haviam aprendido absolutamente nada na escola, e cuja linguagem, no entanto, possuía algo de tão literário que, sem o natural quase selvagem de seu tom, a gente poderia julgar afetadas as suas palavras. Com uma familiaridade que não aperfeiçôo, apesar dos elogios (que não estão aqui para me louvar, mas para louvar o gênio estranho de Céleste) e das críticas, igualmente falsas, mas muito sinceras, que estas frases parecem comportar a meu respeito, enquanto eu mergulhava pãezinhos no meu leite, Céleste me dizia:

- Ó diabinho preto de cabelo de galo, ó que profunda malícia! Não sei em que pensava sua mãe quando o fez, pois o senhor é igual a um pássaro. Olha, Marie, não parece até que ele alisa as penas, e vira o pescoço com facilidade? Tem um ar tão leve que parece estar aprendendo a voar. Ah, o senhor tem sorte de que aqueles que o geraram o tenham feito nascer entre os ricos; que seria do senhor, perdulário como é? Olha como ele joga fora o pãozinho só porque tocou na cama. Bem, agora derramou o leite, espere que vou lhe pôr um guardanapo, pois o senhor não saberia colocá-lo sozinho; nunca vi ninguém tão bobo e desajeitado como o senhor. -

Ouvia-se então o ruído mais regular de torrente de Marie Gineste que, furiosa, fazia reprimendas à irmã:

- Ora, Céleste, não vais calar a boca? Estás louca para falares ao senhor desse modo? - Céleste limitava-se a sorrir; e, como eu detestava que pusessem um guardanapo:

- Mas não, Marie! Vê só, olha como se ergue feito uma serpente. Uma verdadeira serpente, estou dizendo. -

Aliás, ela era pródiga em comparações zoológicas, pois, segundo dizia, não se sabia quando eu estava dormindo, eu revoluteava a noite inteira como uma borboleta e de dia era tão rápido como aqueles esquilos, "sabes Marie, como se vêem na nossa casa, tão ágeis que mesmo com os olhos não é possível segui-los." -

- Mas, Céleste, sabes que ele não gosta de pôr guardanapo quando está comendo.

- Não é que não goste, é para mostrar que não lhe podem mudar a vontade. É um senhor, e quer que saibam que é um senhor. Trocam-lhe os lençóis dez vezes se for preciso, e ele não se incomoda. Os de ontem, tudo bem, mas os de hoje, mal acabam de ser colocados e já precisam de troca; ah, eu tinha razão em dizer que ele não foi feito para nascer entre os pobres. Olha, seus cabelos se eriçam, incham-se de cólera como as penas dos pássaros. Pobre avezinha! -

Aqui não era só Marie que protestava, mas também eu, pois de modo algum me sentia um senhor. Mas Céleste jamais acreditava na sinceridade da minha modéstia e, cortando-me a palavra:

- Ah, novelo! Ah, doçura! Ah, perfídia! Astuto entre os astutos, safado entre os safados! Ah, Moliere! - (Era o único nome de escritor que conhecia, mas aplicava-o a mim, significando com isso alguém que seria ao mesmo tempo capaz de compor e representar peças.)

- Céleste! - gritava imperiosamente Marie, que, ignorando o nome de Moliere, temia que se tratasse de uma nova injúria. Céleste se limitava a sorrir:

- Então não viste na sua gaveta a fotografia dele, quando criança? Queria nos fazer acreditar que o vestiam sempre de modo muito simples. E ali, com sua bengalinha, a gente só enxerga peles e rendas, como um príncipe nunca teve. Mas isso não é nada diante de sua imensa majestade e de sua bondade ainda mais profunda.

- Então - estrugia a torrente Marie - agora deste para mexer em suas gavetas? -

Para acalmar os temores de Marie, perguntei-lhe o que pensava do que fazia o Sr. Nissim Bernard.

- Ah, senhor, é dessas coisas que eu não poderia acreditar que existissem: foi

preciso vir para cá e, levando vantagem sobre Céleste por uma vez, com uma palavra mais profunda: - Ah, veja, senhor, nunca se sabe o que pode acontecer numa vida. -

Para mudar de assunto, falava-lhe da vida de meu pai, que trabalhava dia e noite.

- Ah, senhor, são vidas em que não se reserva nada para si mesmo, nem um minuto, nem um prazer; tudo, inteiramente tudo, é um sacrificar-se para os outros, são vidas doadas... Olha, Céleste, que distinção só para pousar a mão no cobertor e pegar o seu pãozinho! Ele pode fazer as coisas mais insignificantes e é como se toda a nobreza da França se deslocasse em cada um de seus movimentos.

Aniquilado por esse retrato tão pouco verídico, mantinha-me calado; Céleste via nisso uma nova artimanha:

- Ah, fronte que tens um ar tão puro e que escondes tantas coisas, faces amigas e frescas como o fino de uma amêndoa, mãozinhas de cetim bem felpudo, unhas como garras; - Olha, Marie, observa-o beber o leite com um recato que me dá vontade de rezar minha oração. Que ar sério! Deveriam tirar o seu retrato neste monento. Ele tem tudo das crianças. Foi de beber leite como elas que conservam a pele clara? Ah, juventude! Ah, linda pele! O senhor jamais há de envelhecer. Tem sorte, nunca terá de erguer a mão contra ninguém, pois tem olhos de quem sabe impor a sua vontade. E agora ficou furioso. Pôs-se de pé direito como uma evidência.

Françoise absolutamente não gostava que elas, a quem chamava duas adulonas, viessem conversar desse modo comigo. O gerente, que espreitava tudo através dos empregados, chegou a me observar gravemente que não era digno de um hóspede conversar com mensageiras. Eu, que achava as "adulonas" superiores a todas as hóspedes do hotel, limitei-me a desatar a rir na sua cara, convencido de que ele não compreenderia as minhas explicações. E as duas irmãs voltavam.

- Observa, Marie, os seus traços finos. O miniatura perfeita, mais linda que a mais preciosa que se veria numa vitrina, pois possui movimentos, e palavras que é da gente ficar escutando dias e noites.

Era milagre que uma dama estrangeira tivesse podido trazê-las, pois, sem saber história nem geografia, elas detestavam francamente os ingleses, os alemães, os russos, os italianos, a "escória" dos estrangeiros e, com exceções, só gostavam de franceses. Seu rosto de tal modo havia conservado a umidade do barro maleável de seus rios, que, quando se falava num estrangeiro que estava no hotel, Céleste e Marie, para repetir o que ele havia dito, aplicavam sobre os próprios rostos o rosto dele, seus lábios transformavam-se nos lábios dele, seus olhos eram os olhos dele, e a gente gostaria de guardar essas admiráveis máscaras de teatro. A própria Céleste parecendo repetir apenas o que dissera o gerente ou algum de

meus amigos, inseria em seu pequeno relato frases fictícias, onde estavam pintados maliciosamente todos os defeitos de Bloch ou do presidente do conselho etc., sem parecer que o fazia. Sob a forma de relatório de uma simples comissão de que se houvesse atenciosamente encarregado, era um retrato inimitável. Elas nunca liam nada, nem mesmo um jornal. No entanto, um dia acharam na minha cama um volume. Eram os poemas admiráveis, menos obscuros, de Saint-Léger Léger. Céleste leu algumas páginas e me disse:

- Mas o senhor tem certeza de que são mesmo versos, não seriam antes adivinhações? -

Evidentemente, para uma pessoa que aprendera na infância uma única poesia: *Ici bas tous /es /fias meurent* ["Aqui todos os Idas morrem"]," havia falta de transição. Creio que sua obstinação em nada aprender provinha um pouco de sua terra malsã. Eram no entanto tão dotadas como um poeta e com mais modéstia do que eles em geral. Pois, se Céleste havia dito algo de notável que eu, não me lembrando bem, pedia que me repetisse, ela garantia tê-lo esquecido.

Elas nunca lerão livros, mas também nunca os escreverão.

Françoise ficou grandemente impressionada ao saber que os dois irmãos dessas mulheres tão simples haviam desposado, um, a sobrinha do arcebispo de Tours, o outro, uma parenta do bispo de Rodez. Para o gerente, nada disso teria qualquer significado. Às vezes, Céleste censurava o marido por não compreendê-la, e eu espantava-me que ele pudesse suportá-la. Pois em certos momentos, fremente, furiosa, destruindo tudo, ela era detestável. Pretende-se que o líqüido salgado que é o nosso sangue não passa da sobrevivência interna do elemento marinho primitivo. Da mesma maneira, julgo que Céleste, não só em seus furores, mas também em suas horas de depressão, conservava o ritmo dos regatos de sua terra. Quando estava esgotada, era ao jeito deles: estava verdadeiramente seca. Então nada poderia revivificá-la. Depois, subitamente, a circulação retornava a seu alto corpo leve e magnífico. A água corria na transparência opalina de sua pele azulada. Ela sorria ao sol e se fazia mais azul ainda. Nesses momentos, era verdadeiramente celeste.

Conquanto a família Bloch que jamais houvesse desconfiado do motivo pelo qual o tio nunca almoçava em casa, aceitando isso desde o começo como uma mania de velho celibatário, talvez devido às exigências da ligação com alguma atriz, tudo quanto se referisse ao Sr. Nissim Bernard era tabu para o gerente do hotel de Balbec. E eis a razão por que, sem nem mesmo referi-lo ao tio, ele finalmente não se atrevera a censurar a sobrinha, recomendando-lhe contudo uma certa circunspecção. Ora, a moça e sua amiga, que durante alguns dias tinham se julgado excluídas do cassino e do Grande Hotel, vendo que tudo se ajeitava, ficaram felizes por mostrar aos pais de família, que as mantinham à parte, que

podiam se permitir tudo impunemente. É claro que não foram ao ponto de renovar a cena pública que revoltara a todos. Mas pouco a pouco os seus modos reapareceram insensivelmente. E, numa noite em que eu saía do cassino já meio apagado, com Albertine e Bloch, a quem havíamos encontrado, elas passaram abraçadas, sem parar de se beijar, e, ao cruzarem por nós, soltaram cacarejos, risos e gritos indecentes. Bloch baixou os olhos para não parecer ter reconhecido a irmã, e eu me sentia torturado ao pensar que aquela linguagem particular e atroz se dirigia talvez a Albertine.

Outro incidente ainda mais fixou minhas preocupações sobre o lado de Gomorra. Eu havia visto na praia uma bela jovem esguia e pálida, cujos olhos, ao redor do centro, dispunham raios tão geometricamente luminosos que se pensava, diante de seu olhar, em alguma constelação. Pensava eu o quanto essa moça era mais bonita que Albertine e como não seria mais sábio renunciar à outra. Todavia, o rosto dessa mulher passara pela plaina invisível de uma vida de grande baixeza; da constante aceitação de experiências vulgares; tanto que seus olhos, apesar de mais nobres que o restante da fisionomia, não deviam irradiar senão apetites e desejos. Ora, no dia seguinte, estando essa jovem bem longe de nós no cassino, vi que ela não cessava de pousar em Albertine os fogos alternados e giratórios de seus olhares. Dir-se-ia que lhe fazia sinais como com a ajuda de um farol. Torturava-me que minha amiga visse que lhe prestavam tamanha atenção; temia que esses olhares incessantemente iluminados tivessem o sentido convencional de um encontro de amor para o dia seguinte. Quem sabe? Esse encontro talvez não fosse o primeiro. A jovem de olhos radiosos poderia ter vindo num outro ano a Balbec. Talvez porque Albertine já tivesse cedido à seus desejos, ou aos de uma amiga, é que ela se permitia endereçar-lhe aqueles sinais brilhantes. Faziam então mais do que reclamar alguma coisa para o presente; autorizavam-se para isso com os bons momentos do passado. Nesse caso, tal encontro não devia ser o primeiro, mas a conseqüência de passeios dados juntos em outros anos. E de fato, os olhares não diziam: "Queres?"

Logo que a jovem avistara Albertine, voltara a cabeça inteiramente para ela e fizera luzir em sua direção olhares repletos de memória, como se receasse e sentisse espanto de que minha amiga não lembrasse. Albertine, que a via muito bem, permaneceu imóvel, com fleuma, de modo que a outra, com o mesmo grau de discrição de um homem que, vendo a antiga amante com um amante novo, deixou de olhá-la, não mais se ocupando de sua pessoa como se ela não existisse.

Mas, alguns dias depois, tive a prova dos gostos dessa jovem; também, da probabilidade de que ela tivesse conhecido Albertine antigamente. Muitas vezes, quando na sala do cassino duas moças se desejavam produzia-se como que um fenômeno luminoso, uma espécie de corredor fosforescente que ia de uma para

outra. Digamos, de passagem, que é com o auxílio de tais materializações, mesmo que imponderáveis, por esses signos astrais que inflamam toda uma parte da atmosfera, que Gomorra, dispersa, tende, em cada cidade, em cada aldeia, a reunir seus membros separados, para reconstituir a cidade bíblica, ao passo que em toda parte prosseguem idênticos esforços, ainda que em vista de uma construção intermitente, por meio dos nostálgicos, hipócritas e, às vezes, corajosos exilados de Sodoma.

Uma vez vi a desconhecida que Albertine parecia não reconhecer, justo num momento em que passava a prima de Bloch. Os olhos da jovem resplandeceram, mas via-se bem que ela não conhecia a moça israelita. Via-a pela primeira vez, sentia um desejo, e nada de dúvidas, de modo algum a mesma certeza que experimentara quanto a Albertine. Albertine com cuja camaradagem de tal modo deveria ter contado que, diante de sua frieza, sentira a surpresa de um estrangeiro habituado a Paris, mas que nela não mora e que, tendo regressado para ali passar algumas semanas, em vez do teatrinho onde se acostumara a passar boas noitadas, vê que construíram um banco.

A prima de Bloch foi sentar-se a uma mesa, onde se pôs a folhear uma revista. Em breve a jovem foi sentar-se ao lado dela, com ar distraído. Mas, debaixo da mesa, poderia ver-se, dali a pouco, tocarem-se os seus pés, depois suas pernas e suas mãos, que estavam entrelaçadas. As palavras seguiram-se, travou-se a conversação, e o ingênuo marido da jovem senhora, que a procurava por todo lado, espantou-se de vê-la fazendo projetos para a mesma noite com uma moça que ele não conhecia. Sua mulher lhe apresentou como amiga de infância a prima de Bloch, sob um nome inteligível, pois havia esquecido de lhe perguntar como se chamava. Mas a presença do marido fez avançar um passo mais a intimidade delas, pois passaram a tratar-se por tu, visto que se haviam conhecido no internato de freiras, incidente do qual deram boas risadas mais tarde, bem como do marido enganado, com uma alegria que deu oportunidade a novas carícias.

Quanto a Albertine, não posso afirmar que em parte alguma, no cassino ou na praia, ela tivesse maneiras tão livres com uma moça. Achava-lhe até um excesso de frieza e de insignificância, que parecia, mais que da boa educação, um ardil destinado a eliminar as suspeitas. A determinada moça, ela possuía um modo rápido, frio e decente de responder em voz bem alta:

- Sim, eu irei ao tênis mais ou menos às cinco. Vou tomar banho amanhã de manhã cerca das oito horas -, e de deixar imediatamente a pessoa a quem acabara de dizer isto, a qual parecia terrivelmente querer dizer outra coisa, marcar um encontro, ou melhor, depois de o ter combinado em voz baixa, dizer alto aquela frase, na verdade insignificante, para "não se fazer notar". E, quando, em seguida, eu a via pegar a bicicleta e sair na disparada, não podia evitar de

pensar que ela ia encontrar-se com aquela a quem mal falara.

De qualquer modo, quando alguma jovem senhora muito formosa, descia do automóvel na praia, Albertine não podia deixar de virar-se. E explicava logo:

- Eu estava olhando a bandeira nova que puseram na porta de banho. Poderiam ter gastado mais. A outra já era bem vagabunda. - de fato esta é ainda pior.

Uma vez Albertine não se limitou à frieza e só contribuiu para me deixar mais infeliz. Sabia que eu ficava aborrecido com a probabilidade dela encontrar-se às vezes com uma amiga de sua tia, que era "de maus costumes" e, de vez em quando, vinha passar dois ou três dias em casa da Sra. Bontemps. Gentilmente, Albertine me dissera que não mais a cumprimentaria. E, quando essa mulher ia a Incarville, Albertine dizia:

- A propósito, sabe que ela está aqui? Já não lhe disseram? como para me mostrar que ela não a via às escondidas.

Num dia em que me dizia isso, acrescentou:

- Sim, encontrei-a na praia e, de propósito, por grosseria, quem lhe dei um encontrão ao passar por ela. Deixei-a desarrumada.

Quando Albertine disse isso, voltou-me à memória uma frase da Sra. Bontemps,: - qual jamais pensara de novo, aquela em que havia dito, diante de mim a Sra. Swann, o quanto a sua sobrinha Albertine era atrevida, como se tratasse de uma qualidade, e como Albertine dissera a não sei mais qual mulher de funcionário que o pai desta fora um ajudante de cozinha. Mas uma palavra da mulher a quem amamos não se conserva por muito tempo em sua pureza; ela se corrompe, deteriora-se. Uma ou duas noites depois, voltei a pensar na frase de Albertine e já não foi a má educação de quem se orgulhava e que só podia causar um sorriso o que essa frase me pareceu significar mais outra coisa, e que Albertine, talvez mesmo sem uma finalidade precisa, para irritar os sentidos daquela dama ou lembrar-lhe maldosamente antigas propostas, talvez aceitas outrora, roçara rapidamente por ela e, pensando que eu talvez o tivesse sabido porque fora em público, quisera desse modo evitar previamente uma interpretação desfavorável. Aliás, os ciúmes que me causavam as mulheres que talvez andassem com Albertine iam cessar de repente.

Estávamos, Albertine e eu, diante da estação do trenzinho locar Balbec. Tínhamos tomado o ônibus do hotel por causa do mau tempo. Longe de nós encontrava-se o Sr. Nissim Bernard, que estava com um machucado. Fazia algum tempo que vinha enganando o menino do Athalie com o rapaz de uma granja muito freqüentada das vizinhanças de Cerejeiras. Esse rapaz rubro, de feições rudes, era exatamente como tivesse um tomate no lugar da cabeça. Um tomate exatamente igual servia de cabeça a seu irmão gêmeo. Para o

contemplador desinteressado, há muito de belo nessas semelhanças perfeitas de dois gêmeos, que a natureza, como se se houvesse momentaneamente industrializado, parece produzir em série. Infelizmente, o ponto de vista do Sr. Nissim Bernard era diferente, e essa parecença era exterior apenas. O tomate não se comprazia freneticamente em fazer com exclusividade as delícias das damas, e o tomate não detestava condescender aos gostos de certos senhores. Ora, cada vez que, sacudido, assim como que por um reflexo, pela lembrança das boas horas passadas com o tomate número um, o Sr. Bernard se apresentava em *Às Cerejeiras*, míope como era (e, aliás, a miopia não era necessária para confundi-los), o velho israelita, representando o Anfitrião sem o saber, dirigia-se ao irmão gêmeo, dizendo:

- Queres marcar um encontro para esta noite? - recebia logo uma surra vigorosa. Chegou até a renovar-se no decurso de uma mesma refeição, em que ele continuava com o outro as frases começadas com o primeiro. Por fim, aquilo acabou por aborrecê-lo de tal modo que, por associação de idéias, se enjoou dos tomates, mesmo dos comestíveis, e, se ouvia a seu lado, no Grande Hotel, um viajante encomendá-los, sussurrava-lhe:

- Desculpe-me, senhor, por dirigir-me a sua pessoa sem conhecê-lo. Porém ouvi que encomendou tomates. Eles estão podres hoje. Digo-lhe isto no seu interesse, pois por mim tanto faz, nunca os como.

O estrangeiro agradecia com efusão àquele vizinho filantropo e desinteressado, chamava o garçom, fingia mudar de idéia:

- Não, decididamente nada de tomates. -

Aimé, que conhecia a cena, ria-se por dentro e pensava: "É um velho astuto esse Sr. Bernard; ainda achou um meio de mudar o prato."

O Sr. Bernard, à espera do trem atrasado, não fazia questão nenhuma de cumprimentar a Albertine e a mim, por causa do olho machucado. E nós muito menos ainda de lhe falar. Todavia isso teria sido quase inevitável se, naquele momento, uma bicicleta não arremetesse contra nós a toda velocidade; dela saltou o ascensorista, sem fôlego. A Sra. Verdurin havia telefonado pouco depois da nossa partida para que eu fosse jantar em sua casa, dali a dois dias; logo veremos o porquê. Depois de me dar os detalhes do telefonema, o ascensorista nos deixou e, como esses "empregados" democratas que afetam ser independentes em relação aos burgueses, e entre eles restabelecem o princípio de autoridade, querendo dizer que o porteiro e o cocheiro poderiam ficar descontentes se ele se atrasasse, acrescentou:

- Já vou indo por causa dos chefes.

As amigas de Albertine estavam fora por algum tempo. Eu desejava distraí-la.

Supondo que ela ficaria feliz em passar as tardes só comigo em Balbec, sabia eu contudo que a felicidade nunca se deixa possuir inteiramente, e que Albertine, ainda na idade (que certas pessoas jamais ultrapassam) em que não se descobriu que essa imperfeição decorre de quem experimenta a felicidade e não de quem a proporciona, talvez fosse tentada a atribuir a mim a causa da sua decepção. Preferia que ela a imputasse às circunstâncias que, por mim combinadas, não nos dariam a oportunidade de estarmos a sós, impedindo-a de ficar sem mim no cassino e no molhe! Assim, pedira-lhe naquele dia que me acompanhasse à Doncieres, aonde iria visitar Saint-Loup. Com o mesmo objetivo de deixá-la ocupada, aconselhava-lhe a pintura, que ela havia aprendido outrora. Trabalhando, ela não se indagaria se era feliz ou infeliz. De bom grado a levaria igualmente, dê vez em quando, para jantar na casa dos Verdurin e dos Cambremer, os quais certamente receberiam de boa vontade uma amiga apresentada por mim; mas primeiro era necessário que tivesse a certeza de que a Sra. Putbus ainda não chegara a La Raspeliere. Só no próprio local é que poderia certificar-me; e, como sabia por antecipação que dois dias depois Albertine seria obrigada a ir aos arredores com sua tia, aproveitara a ocasião para enviar um despacho à Sra. Verdurin, perguntando se poderia me receber na quarta-feira. Se a Sra. Putbus se achasse presente, eu daria um jeito para ver a sua camareira, assegurar-me se não seria arriscado que ela fosse a Balbec e, nesse caso, saber quando, para levar Albertine bem longe dali nesse dia. O trenzinho local, dando uma volta inexistente quando eu e minha avó o havíamos tomado, passava agora por Doncieres-la-Goupil, grande estação de onde partiam os trens importantes e principalmente o expresso em que eu tinha vindo de Paris para visitar Saint-Loup, e no qual voltara. E, devido ao mau tempo, o ônibus do Grande Hotel nos conduziu, a mim e a Albertine, à estação do bondinho, Balbec-Plage.

O trenzinho ainda não havia chegado, porém via-se, ocioso e lento, o penacho de fumo que ele deixara no caminho e que agora, reduzido a seus escassos meios de nuvem pouco móvel, subia devagar as verdes vertentes da falésia de Criquetot. Por fim o trenzinho, a que o fumo havia precedido para assumir a direção vertical, chegou por sua vez, lentamente. Os viajantes que iam tomá-lo afastaram-se para lhe dar lugar; mas sem apressar-se, sabendo que lidavam com um andarilho complacente, quase humano, e que, guiado como a bicicleta de um novato pelos sinais condescendentes do chefe da estação, sob a tutela poderosa do mecânico, não se arriscava a atropelar ninguém e pararia onde quisessem.

Meu despacho explicava o telefonema dos Verdurin e chegava tanto mais a propósito, pois a quarta-feira (dentro de dois dias) era dia de jantar de gala, tanto em La Raspeliere como em Paris, o que eu ignorava. A Sra. Verdurin não dava "jantares", mas tinha "quartas-feiras". As quartas-feiras eram obras de arte. Sabendo que não tinham rival em parte alguma, a Sra. Verdurin introduzia

matizes entre elas.

- Esta última quarta-feira não valia a anterior - dizia. - Mas creio que a próxima será uma das mais bem-sucedidas que já dei. -

Chegava por vezes a confessar:

- Esta quarta não estava à altura das outras. Em compensação, reservo-lhes uma grande surpresa para a próxima. -

Nas últimas semanas da temporada de Paris, antes de partir para o campo, a Patroa anunciava o fim das quartas-feiras. Era uma ocasião para estimular os fiéis:

- Há somente três quartas, só faltam duas - dizia, com o mesmo tom de que se o mundo estivesse por acabar. - Não vá perder a quarta-feira próxima de encerramento. -

Mas esse encerramento era fictício, pois ela avisava:

- Agora, oficialmente não há mais quartas-feiras. Foi a última quarta deste ano. Mas em todo caso estarei aqui na quarta. Daremos uma quarta-feira íntima; quem sabe? Essas pequenas quartas íntimas talvez sejam as mais agradáveis. -

Na Raspeliere, as quartas eram forçosamente restritas, e como, segundo se houvesse encontrado um amigo de passagem, fora este convidado para tal ou qual dia, quase todos os dias eram quarta-feira.

- Não me recordo bem do nome dos convidados, mas sei que lá está a Sra. Marquesa de Camembert - dissera-me o ascensorista.

A lembrança de nossas explicações relativas aos Cambremer não chegara a suplantar definitivamente a da palavra antiga, cujas sílabas familiares e plenas de sentido vinham em socorro do jovem empregado quando ele se mostrava embaraçado com esse nome difícil, e eram imediatamente preferidas e readotadas por ele, não por preguiça e como um velho hábito inextirpável, mas por causa da necessidade de lógica e de clareza que elas satisfaziam.

Apressamo-nos a procurar um vagão vazio, onde eu pudesse beijar Albertine durante todo o trajeto. Não o tendo encontrado, subimos para um compartimento onde já se achava instalada uma dama de cara imensa, velha e feia, de expressão masculina, muito *endomingada*, e que lia a *Revue des Deux Mondes*. Malgrado sua vulgaridade, era pretensiosa em seus gestos, e eu me diverti em indagar a mim mesmo a que categoria social ela podia pertencer; concluí de imediato que devia se tratar de alguma gerente de uma grande casa de tolerância, uma alcoviteira em viagem. Suas maneiras e seu rosto o proclamavam. Apenas, eu ignorava até então que tais senhoras lessem *La Revue des Deux Mondes*. Albertine mostrou-me, sorrindo, não sem piscar o olho. A

dama tinha um aspecto muito digno; e, como de minha parte eu trazia em mim a consciência de que estava convidado para dali a dois dias, no ponto final da linha da pequena estrada de ferro. Para ir à casa da célebre Sra. Verdurin, de que era esperado numa estação intermediária por Robert de Saint-Loup e que, um pouco mais adiante, daria um grande prazer à Sra. de Cambremer, indo parar em Féterne, meus olhos cintilaram de ironia ao considerar essa dama importante que parecia crer que, devido a seu vestido rebuscado, às plumas do seu chapéu e a sua *Revue des Deux Mondes,* era um personagem mais considerável do que eu. Esperava que essa dama não permanecesse por muito mais tempo que o Sr. Nissim Bernard e que descesse pelo menos em Toutainville; mas não. O trem parou em Épreville, ela ficou sentada. O mesmo ocorreu em Montmartin-sur-Mer, em Parville-la-Bingard, em Incarville, de modo que, por desespero, quando o trem deixou Saint-Frichoux, que era a última estação antes de Doncieres, comecei a abraçar Albertine sem mais me ocupar com essa dama.

Em Doncieres, Saint-Loup tinha vindo esperar-me na *gare*, com as maiores dificuldades, disse-me, pois, parando na casa da tia, meu telegrama só lhe chegara às mãos há poucos instantes, e ele só podia dedicar-me uma hora, visto não ter conseguido distribuir seu tempo com antecipação. Ai de mim, essa hora me pareceu bastante longa, pois mal desceu do vagão Albertine só cuidou de Saint-Loup. Não conversava comigo, mal me respondia se lhe dirigia a palavra, repelia-me quando me aproximava dela. Em compensação, com Robert, ria o seu riso feiticeiro, falava-lhe com volubilidade, brincava com o cão que ele trazia e, ao mesmo tempo que acariciava o animal, roçava de propósito em seu dono. Lembrei-me de que, no dia em que Albertine deixara-se beijar por mim pela primeira vez, eu tivera um sorriso de gratidão pelo sedutor desconhecido que operara nela uma tão profunda modificação, simplificando tanto a minha tarefa. Pensava nele agora com horror. Robert devia ter percebido que Albertine não me era indiferente, pois não respondeu às suas provocações, o que a pôs de mau humor contra mim; depois, ele me falou como se eu estivesse sozinho, o que, quando ela o notou, me fez subir na sua estima. Robert me perguntou se eu não queria tentar encontrar, entre os amigos com os quais me fazia jantar todas as noites em Doncieres, quando eu lá estivera, aqueles que ainda se achavam ali. E, como ele próprio incidia no gênero de pretensão irritante que reprovava:

- De que te serve tê-los encantado com tanta perseverança se não queres revê-los? -, declinei de sua proposta porquanto não desejava correr o risco de me afastar de Albertine, mas também porque agora estava desligado deles. Deles, quer dizer, de mim. Desejamos apaixonadamente que exista uma outra vida na qual seríamos iguais ao que somos nesta. Mas não refletimos que, mesmo sem esperar essa outra vida, somos nesta, ao fim de alguns anos, infiéis ao que havíamos sido; ao que desejaríamos de nós mesmos; como dessas pessoas com

quem fomos ligados, mas que há muito já não vemos; por exemplo, os amigos de Saint-Loup, que tanto me agradava encontrar todas as noites no *faisan*; cuja conversa só seria para mim agora importuna e constrangedora. A tal respeito, e porque preferi não ir e encontrar lá o que me havia agradado, um passeio a Doncieres poderia como que me prefigurar a chegada ao paraíso. Sonha-se muito com o paraíso, ou melhor, com numerosos paraísos sucessivos, mas todos eles são, bem antes da morte, paraísos perdidos e onde a gente se sentiria perdido.

Saint-Loup nos deixou na *gare*.

- Mas vais ter cerca de uma hora de espera - disse. - Se a passares aqui, verás sem dúvida o meu tio Charlus, que em breve há de tomar o trem para Paris, dez minutos antes do teu. Já me despedi dele, pois sou obrigado a regressar antes da hora do seu trem. Não pude lhe falar de ti visto que ainda não lera o teu telegrama. -

As censuras que fiz a Albertine depois que Saint-Loup nos deixou, ela me respondeu que desejara, com sua frieza para comigo, dissipar a idéia que ele pudesse ter tido se, no momento da parada do trem, me tivesse visto inclinado sobre ela e com o braço a enlaçar o seu talhe. De fato, ele havia reparado nessa posição (coisa que eu não percebera, pois do contrário me colocaria mais corretamente ao lado de Albertine) e tivera tempo de me dizer ao ouvido:

- É isso... essas meninas tão bestinhas de que me falaste e que não queriam freqüentar a Srta. de Stermaria porque achavam que não se comportava bem? -

Eu dissera com efeito a Robert, e muito sinceramente, quando fora de Paris para visitá-lo em Doncieres, e como voltássemos a falar de Balbec, que nada havia a fazer com Albertine, que ela era a virtude em pessoa. E agora que, por mim mesmo, há muito tempo, soubera que aquilo era falso, desejava ainda mais que Robert acreditasse que era verdade. Bastaria dizer a Robert que amava Albertine. Robert era dessas criaturas que sabem renunciar a um prazer para poupar ao amigo sofrimentos que continuaria sentindo como se fossem seus.

- Sim, ela é muito criança. Mas não sabes nada sobre ela? - acrescentei com inquietação.

- Nada, a não ser que os vi abraçados como dois amantes.

- Sua atitude não dissipava nada - disse eu a Albertine quando Saint-Loup nos deixou.

- É verdade concordou ela; fui desajeitada, magoei-o, sinto-me bem mais infeliz que você. Verá que nunca mais será assim; perdoe-me - disse ela, estendendo-me a mão com ar triste. Nesse momento, do fundo da sala de espera onde estávamos sentados, vi passar lentamente, seguido a certa distância por um

empregado que carregava suas malas, o Sr. de Charlus. Em Paris, onde eu só o encontrava em reuniões festivas, imóvel, apertado numa casaca preta, mantido em direção vertical por seu aprumo orgulhoso, seu impulso para agradar, pelo brilho da conversa, eu não me dava conta do quanto ele havia envelhecido. Agora, num terno claro de viagem que o fazia parecer mais gordo, em marcha e bamboleando-se, balançando um ventre barrigudo e um traseiro quase simbólico, a crueldade do dia claro decompunha, em arrebique sobre os lábios, em pó-de-arroz fixado pelo *cold-cream* na ponta do nariz, em negro nos bigodes tingidos cuja cor de ébano contrastava com os cabelos grisalhos, tudo aquilo que pareceria, sob as luzes, a animação da tez numa pessoa ainda jovem.

Enquanto conversava com ele, mas brevemente, por causa do seu trem, eu olhava para o vagão de Albertine para lhe fazer sinal de que já iria ao seu encontro. Quando desviei a cabeça para o Sr. de Charlus, ele me pediu que lhe fizesse o favor de chamar um militar, parente seu, que estava do outro lado da via férrea, exatamente como se fosse subir no nosso trem, mas em sentido oposto, na direção que se afastava de Balbec.

- Ele faz parte da banda do regimento - disse o Sr. de Charlus. - Como o senhor tem a sorte de ser muito jovem e eu o aborrecimento de ser bastante velho, bem pode poupar-me atravessar a linha e ir até lá... -

Senti-me no dever de ir até o militar apontado e, com efeito, vi, pelas liras bordadas na sua gola, que pertencia à banda. Mas, no momento em que eu ia prestar contas do meu recado, qual não foi minha surpresa e, posso dizer, o meu prazer ao reconhecer Morel, o filho do lacaio de meu tio e que me recordava tantas coisas! Esqueci de dar o recado do Sr. de Charlus.

- Como! Está em Doncieres?

- Sim, e incorporaram-me à banda, a serviço das baterias. -

Mas ele me falou isso num tom seco e altivo. Tornara-se muito posudo e, evidentemente, a minha vista, lembrando-lhe a profissão do pai, não lhe era agradável. De súbito, vi o Sr. de Charlus arremeter contra nós. Meu atraso claramente o impacientara.

- Eu gostaria de ouvir um pouco de música esta noite - disse ele a Morel sem mais rodeios; -dou quinhentos francos pelo recital, isto poderia talvez interessar um de seus amigos, se é que os tem na banda. -

Por mais que eu conhecesse a insolência do Sr. de Charlus, fiquei estupefato que ele nem sequer desse bom-dia a seu jovem amigo. Aliás, o barão não me deu tempo para refletir. Estendendo-me a mão, afetuosamente, disse:

- Até logo, meu caro - para indicar que eu nada mais tinha a fazer ali. De resto, eu já deixara por muito tempo sozinha a minha querida Albertine.

- Veja - disse-lhe eu, subindo para o vagão -, a vida dos banhos de mar e a vida de viagens fazem-me compreender que o teatro do mundo dispõe de menos cenários que de atores, e de menos atores que de "situações".

- A propósito de que está dizendo isso?

- É que o Sr. de Charlus acabou de me pedir que lhe chamasse um de seus amigos, o qual, justo nesse instante, na gare, reconheci como sendo um dos meus. -

Porém, dizendo isso, perguntava a mim mesmo de que modo o barão podia conhecer Morel. A desproporção social, em que a princípio não havia pensado, era imensa. Primeiro, tive a idéia de que seria por meio de Jupien, cuja filha, estão lembrados, parecera enamorar-se do violinista. Entretanto, o que espantava era que, devendo viajar para Paris dentro de cinco minutos, o barão pedisse para ouvir música em Doncieres. Revendo, porém, na lembrança a filha de Jupien, eu começava a achar que os "reconhecimentos", pobre expediente de obras fictícias, ao contrário, talvez exprimissem uma parte importante da vida, se a gente soubesse chegar ao verdadeiro romanesco, quando tive subitamente uma revelação e compreendi que fora bem ingênuo. O Sr. de Charlus por nada neste mundo conhecia Morel, nem este ao Sr. de Charlus, o qual, deslumbrado mas também tímido, ante um militar que, no entanto, só ostentava liras, requisitara-me, em sua emoção, para lhe trazer aquele a quem não imaginava que eu conhecesse. Em todo caso, a oferta dos quinhentos francos deveria, para Morel, ter substituído a ausência de relações anteriores, pois vi que continuavam a conversar, sem cuidar que se achavam ao lado do nosso trem. E, lembrando-me de como o Sr. de Charlus se dirigira a Morel e a mim, eu percebia a sua semelhança com certos parentes seus, quando apanhavam uma mulher na rua. Unicamente, o objeto visado mudara de sexo. A partir de uma certa idade, e até se se efetuam em nós evoluções diferentes, mais nos tornamos nós mesmos, mais se acentuam os traços de família. Pois a natureza, continuando harmoniosamente a trama de sua tapeçaria, interrompe a monotonia da composição graças à variedade das figuras intercaladas. Aliás, a altivez com que o Sr. de Charlus medira de alto a baixo o violinista é relativa conforme o ponto de vista em que nos coloquemos. Teria sido entendida pela maioria das pessoas da sociedade, que se inclinavam diante dele, mas não pelo chefe de polícia que, alguns anos depois, mandaria vigiá-lo.

- O trem de Paris já deu sinal, senhor - disse o empregado que carregava as malas.

- Mas eu não vou tomar o trem, ponha tudo isso no depósito, que diabo! - retrucou o Sr. de Charlus, dando vinte francos ao empregado, que ficou estupefato com a reviravolta e encantado com a gorjeta. Tal generosidade logo atraiu uma

vendedora de flores:

- Fique com estes cravos, olhe esta bela rosa, meu bom senhor, vai lhe trazer felicidade. - O Sr. de Charlus, impaciente, estendeu-lhe quarenta *sous,* em troca do que a mulher ofereceu suas bênçãos e, de novo, as flores.

- Meu Deus, se ela nos deixasse em paz - disse o Sr. de Charlus, dirigindo-se num tom irônico e gemendo, como se fosse uma pessoa enervada, a Morel, a quem achava uma certa doçura em solicitar apoio. - O que temos a nos dizer já é bem complicado. -

Visto que o carregador do trem ainda não estava muito longe, talvez o Sr. de Charlus não quisesse ter uma audiência numerosa, talvez essas frases incidentais permitissem à sua timidez altiva não abordar muito diretamente o pedido de um encontro. O músico, voltando-se para a vendedora de flores com ar franco, imperativo e decidido, ergueu-lhe uma palma que a repelia e dava a entender que não queriam as suas flores e que ela desse o fora o quanto antes. Com deslumbramento, o Sr. de Charlus viu esse gesto autoritário e viril, feito pela mão graciosa para a qual ele ainda pareceria muito pesado, muito maciçamente brutal, com uma firmeza e um desembaraço precoces, que conferiam a esse adolescente ainda imberbe o ar de um jovem Davi, capaz de assumir um combate contra Golias. A admiração do barão era involuntariamente, mesclada desse sorriso que experimentamos ao ver numa criança uma expressão sisuda acima de sua idade.

- Eis alguém por quem desejaria ser acompanhado em minhas viagens e auxiliado em meus negócios. Como me simplificaria a vida! - disse consigo o Sr. de Charlus.

Partiu o trem de Paris (que o barão não tomou). Depois, subimos para o nosso, Albertine e eu, sem que eu ficasse sabendo o que fora feito de Morel e do Sr. de Charlus.

- Nunca mais devemos brigar; novamente lhe peço que me perdoe - voltou a dizer Albertine, aludindo ao incidente Saint-Loup. - Precisamos ser sempre amáveis um com o outro continuou com ternura. - Quanto ao seu amigo Saint-Loup, se acha que ele não interessa no que quer que seja, engana-se redondamente. O que me agrada nele é que parece gostar muito de você.

- É muito bom rapaz - disse eu, evitando atribuir a Robert qualidades superiores imaginárias, como por amizade não teria deixado de fazer caso se tratasse de outra pessoa que não Albertine. - É uma criatura excelente, franca, devotada, leal, com quem se pode contar para tudo. -

Dizendo isto, eu me limitava, tolhido pelo ciúmes, a falar a verdade sobre Saint-Loup, mas era a verdade mesmo o que eu exprimia. Pois fora exatamente nos

mesmos termos que se expressara a Sra. de Villeparisis para me falar dele, quando eu ainda não o conhecia, e o imaginava tão diferente, tão altaneiro, e dizia comigo:

"Acham-no bom por que é um grão-senhor."

Da mesma forma, quando ela me dissera:

"Ele ficaria tão feliz", eu pensara depois de o ter avistado diante do hotel, pronto para guiar, que as palavras de sua tia eram pura banalidade mundana, destinadas a me lisonjear. E a seguir havia percebido que ela falara sinceramente, pensando no que me interessava, nas minhas leituras, e por saber que era daquilo que Saint-Loup gostava, como me devia suceder dizer sinceramente a alguém que estava escrevendo a história de seu antepassado La Rochefoucauld, autor das *Máximas*, e que desejaria pedir conselhos à Robert:

- Ele ficaria muito feliz. É que eu aprendera a conhecê-lo. Mas, ao vê-lo pela primeira vez, não acreditara que uma inteligência aparentemente minha pudesse envolver-se em tanta elegância exterior de indumentária suas atitudes. Devido a sua plumagem, eu o julgara um ser de outra espécie.

Agora era Albertine quem, um pouco talvez porque Saint-Loup, em consideração para comigo, a tratara de modo tão frio, me disse o que eu havia pensado outrora:

- Ah, ele é tão devotado assim?! Percebo que acham sempre todas as virtudes nas pessoas quando elas saem do *faubourg* Saint-Germain. -

Ora, que Saint-Loup pertencesse ao *faubourg* Saint-Germain era coisa em que eu não pensara uma só vez sequer em todos esses anos, quando, despojando-se de seu prestígio, ele me manifestara as suas virtudes. Mudança de perspectiva para contemplar os seres, já mais impressionante na amizade que nas simples relações sociais, mas quanto mais ainda no amor, onde o desejo, numa escala tão vasta, aumenta em tamanhas proporções os menores sinais de frieza, que bem menos me seria necessário do que a que possuía de início Saint-Loup, para que eu me acreditasse desde o começo desdenhado por Albertine, para que imaginasse suas amigas como criaturas maravilhosamente inumanas e que só atribuísse à indulgência que se tem para com a beleza e para com uma certa elegância o juízo de Elstir, quando ele me dizia acerca do pequeno grupo, exatamente nos mesmos sentimentos que a Sra. de Villeparisis sobre Saint-Loup: - São boas moças. -

Ora, esse julgamento não era o que eu de bom grado faria ao ouvir Albertine dizer:

- Em todo caso, devotado ou não, espero não mais tornar a vê-lo, já que ele causou desavença entre nós. Não devemos mais brigar. Não é justo. -

Considerando que Albertine parecera ter desejado Saint-Loup, eu me sentia mais ou menos curado por algum tempo da idéia de que ela amava as mulheres, o que se me afigurava inconciliável. E, diante do impermeável de Albertine, no qual ela parecia tornar-se uma outra pessoa, a infatigável irradiação das tardes chuvosas, e que, colante, maleável e cinzento naquela ocasião, parecia menos proteger seu vestuário contra a água do que ter sido encharcado por ela e ligar-se ao corpo de minha amiga, como que para modelar-lhe as formas para um escultor, arranquei aquela túnica que esposava zelosamente um colo desejado e, puxando Albertine ao meu encontro:

Mais toi, ne veux-tu pas, voyageuse indolente, Rêver sor mon épaule en y posant ton front{18}?"

- Disse-lhe, tomando sua cabeça em minhas mãos e lhe mostrando as grandes campinas inundadas e mudas que se estendiam no entardecer até o horizonte fechado pelas cadeias paralelas de longínquos e azulados vales.

Dois dias depois, na quarta-feira famosa, nesse mesmo trem que acabava de tomar em Balbec para ir jantar a Raspeliére, tinha especial interesse em não perdê-lo à Cottard no Graincourt-Saint-Vast, onde um novo chamado telefônico da senhora de Verdurin me tinha indicado que encontraria. Devia subir no trem e me indicar onde achar os carros que se mandavam à estação, de Raspeliére. Por isso, como o trem não se detinha mais que um instante em Graincourt, primeira estação depois de Doncières, localizei-me de antemão na portinhola, a tal ponto temia não vê-lo em Cottard ou que não me visse. Vãos temores! Não tinha advertido até onde o pequeno clã moldava seus membros conforme um mesmo tipo; estes além disso, esperavam na plataforma em grande traje de ornamento e se reconheciam em seguida por certa expressão de segurança, elegância e familiaridade, com as olhadas que franqueavam as filas apertadas do público vulgar, como um espaço livre e sem obstáculos à vista, espreitavam a chegada de algum confrade que tinha tomado o trem na estação anterior e faiscavam já pela próxima conversação. Esse sinal de seleção que já tinha marcado aos membros do pequeno grupo, pelo costume de comerem juntos, não só os distinguia quando eram numerosos e constituíam uma força, agrupados e formando uma mancha mais brilhante no meio do turbilhão de passageiros; o que Brichot chamava o *Pecus;* sobre cujos rostos opacos não podia ler-se nenhuma noção relativa aos Verdurin, nenhuma esperança de jantar jamais na Raspeliére. Por outra parte, esses passageiros vulgares se interessaram menos que eu se diante deles se pronunciassem; e apesar da notoriedade adquirida por alguns, os nomes desses fiéis que me assombrava ver; continuavam jantando fora de sua casa; sendo deste modo que vários já o faziam desde antes de meu nascimento, segundo os relatos que tinha ouvido, em uma época; uma vez suficientemente vaga e distante

para que me tentasse exagerar seu afastamento. O contraste entre a continuação não só de sua existência, mas sim da plenitude de suas forças e o aniquilamento de tantos amigos que já tinha visto desaparecer aqui ou lá, dava-me essa mesma sensação que experimentamos quando na ultima hora dos jornais lêem precisamente a notícia que menos esperávamos; por exemplo a de um falecimento prematuro e que nos parece fortuito, porque os motivos resultantes nos são desconhecidos. Esse sentimento é que a morte não alcança uniformemente a todos os homens, mas que uma onda mais avançada de sua trágica crescente arrasta uma existência situada ao nível de outras que por muito mais tempo perdoarão as ondas sucessivas. Veremos, por outra parte, mais tarde, a diversidade de quão mortos circulam invisivelmente e são a causa do inesperado especial que apresentam as necrologias dos jornais. Além disso, via que com o tempo não só se revelam e se impõem dons reais que possam coexistir com a pior vulgaridade de conversação, mas sim até indivíduos medíocres chegam à esses lugares. Vinculados na imaginação de nossa infância a alguns anciões célebres sem pensar que o seriam, certo número de anos mais tarde, seus discípulos convertidos em Mestres; e que agora inspiram o respeito e o temor que experimentavam antes. Mas se os nomes dos fiéis não eram conhecidos dos peitilhos, seu aspecto, entretanto, os fazia muito visíveis. Até no trem (quando ao azar uns e outros falavam o que poderiam fazer no dia, os reunia a todos), não tendo que recolher na estação seguinte mais que um solitário, o vagão em que se encontravam juntos, designado pelo cotovelo do escultor Ski, adornado pelo *Tempo* de Cottard, florescia de longe como um carro de luxo e recolhia na estação requerida ao companheiro atrasado. O único ao qual lhe tivessem escapado esses sinais de promissão, devido a sua semi-cegueira, era Brichot. Mas também um dos confrades assegurava voluntariamente a favor do cego, as funções de vigilante, e assim que a gente visse seu chapéu de palha, seu guarda-chuva verde e seus óculos verdes, encaminhava-o com pressa e doçura para o compartimento eleito. De tal sorte que não havia exemplo de que um dos fiéis extraviasse dos outros no percurso do caminho, a menos que provocasse as mais graves suspeita de farra ou até de não ter viajado com *o trem*.. Às vezes se produzia o inverso: um fiel tinha afastado-se bastante, na tarde e, por conseguinte, fazia sozinho parte do percurso, antes de que o alcançasse o grupo; mas até isolado nessa forma, sendo único em sua espécie, não deixava de produzir, o mais freqüentemente, algum efeito. O futuro fazia o qual se dirigia o designava à pessoa sentada no banco de em frente, a que se dizia:

- Deve ser alguém. - distinguia uma vaga auréola já em volto ao chapéu flexível de Cottard ou do escultor Ski, e não se assombrava, a não ser na metade quando, na estação seguinte, uma multidão elegante, se era seu ponto terminal, recebia o fiel na portinhola e o acompanhava por volta de um dos carros que esperavam, sendo todos cumprimentados até o chão pelo empregado de Doville;

ou invadia o compartimento se era uma estação intermediária. Era o que fazia precipitadamente, porque alguns tinham chegado com atraso justo no momento em que o trem, já na estação, dispunha-se a sair de novo, o turbilhão que Cottard conduziu a passo redobrado até o vagão em cujas janelas tinha visto meus sinais. Brichot, que se encontrava entre esses fiéis, era-o muito mais no curso desses anos, em que outros tinham diminuído sua assiduidade. Sua vista se debilitava progressivamente, e o tinha obrigado, até em Paris, a diminuir cada vez mais os trabalhos noturnos. Por outra parte, pouca simpatia tinha pela Nova Sorbonne, em que as idéias de exatidão científica à alemã começavam a prevalecer sobre o humanismo. Agora, limitava-se exclusivamente ao seu curso e às bancas de exame; dispunha também de muito mais tempo para se dedicar ao mundanismo, ou seja, às reuniões dos Verdurin, ou àquelas oferecidas às vezes aos Verdurin por um ou outro fiel, trêmulo de emoção. É verdade que em duas ocasiões o amor quase fizera o que os trabalhos já não podiam mais: desligar Brichot do pequeno clã. Contudo, a Sra. Verdurin, que "velava por sua sementeira" e, aliás, tendo se habituado a isso no interesse de seu salão, acabara por encontrar um prazer desinteressado nesse gênero de dramas e de execuções, fizera-o romper irremediavelmente com a pessoa perigosa, pois sabia, como ela mesma o afirmava, "para ordem em tudo" e "aplicar o ferro em brasa na ferida". Isto lhe fora tanto mais fácil no caso de uma das pessoas perigosas, que era simplesmente lavadeira de Brichot, e a Sra. Verdurin, que tinha livre acesso ao quinto andar do professor, rubra de orgulho quando se dignava a subir-lhe as escadas; não fizera mais que pôr no olho da rua aquela mulher de nada.

Como dissera a Patroa a Brichot:

- Uma mulher feito eu lhe faz a honra de vir à sua casa e o senhor recebe uma criatura dessas? -

Brichot jamais esquecera o serviço que a Sra. Verdurin lhe havia prestado, ao impedir que sua velhice soçobrasse no lodo, e se lhe mostrava cada vez mais apegado, ao passo que, em contraste com essa renovada afeição e talvez devido a ele, a Patroa começava a se aborrecer com um fiel excessivamente dócil; com a obediência do qual estava certa por antecipação. Mas Brichot extraía de sua intimidade com os Verdurin um brilho que o distinguia entre todos os colegas da Sorbonne. Estes ficavam deslumbrados com a narrativa que Brichot lhes fazia de jantares aos quais nunca seriam convidados, com a menção nas revistas; ou o retrato exposto no Salão, que dele haviam feito este ou aquele escritor ou pintor famosos; cujo talento os titulares das outras cátedras da Faculdade de Letras prezavam; mas sem terem a menor possibilidade de chamar a atenção, enfim, com a própria elegância indumentária do filósofo mundano; elegância que a princípio haviam tomado por displicência, até que seu colega benevolamente lhes explicasse, que fica bem pousar a cartola no chão, no decorrer de uma visita, e

não é adequada para os jantares no campo, por mais elegantes que sejam, onde convém que a substituam pelo chapéu de feltro que cai muito bem com o *smoking*. Durante os primeiros segundos em que o pequeno grupo se engolfou no vagão, nem sequer pude falar a Cottard, pois ele estava sufocado, menos por haver corrido para apanhar o trem do que pelo encantamento de tê-lo apanhado tão a tempo. Com isso, experimentava mais que a alegria de um êxito quase que a hilaridade de boa farsa.

- Ah, essa é boa! - disse ele, ao se recobrar. - Um pouco mais... Puxa! Isto é o que se chamaria chegar a propósito! - acrescentou piscando o olho, não para indagar se a expressão era correta, pois agora transbordava de segurança, mas por satisfação. Por fim, conseguiu apresentar-me aos outros membros do pequeno clã. Aborreceu-me verificar que estavam quase todos vestindo o que em Paris se chama *smoking*. Eu havia esquecido que os Verdurin principiavam uma evolução tímida em direção à sociedade, atenuada pelo Caso Dreyfus, acelerada pela música "nova", evolução, aliás, desmentida por eles, e que continuariam a desmentir até que houvesse chegado a bom termo, como esses objetivos militares que um general só anuncia quando os alcançou, de modo a não parecer derrotado se lhe falharem. De outra parte, a sociedade estava bem preparada para ir a seu encontro. Eram ainda considerados como pessoas que ninguém da sociedade freqüentava, mas que pouco se importavam com isso. O salão Verdurin passava por um templo da música. Fora lá, diziam, que Vinteuil encontrara inspiração e encorajamento. Ora, se a sonata de Vinteuil continuava totalmente incompreendida e mais ou menos desconhecida, o seu nome, pronunciado como o do maior compositor contemporâneo, era dotado de um prestígio extraordinário. Enfim, tendo certos jovens do *faubourg* achado que deviam ser tão instruídos como os burgueses, havia três dentre eles que tinham aprendido música e junto aos quais a sonata de Vinteuil gozava de imensa reputação. De volta para casa, falavam nisso à mãe inteligente que os impelira a cultivar-se. E, interessando-se pelos estudos dos filhos, as mães, no concerto, olhavam com algum respeito a Sra. Verdurin, que, no camarote de primeira, seguia a partitura. Até aqui, esse mundanismo latente dos Verdurin só se traduzia por dois fatos. Por um lado, a Sra. de Verdurin dizia da princesa de Caprarola:

- Ah! Essa é inteligente, é uma mulher agradável. O que não posso tolerar são os imbecis, as pessoas que me enfadam, isso me deixa louca. -

O que faria pensar a alguém um pouco inteligente que a princesa de Caprarola, mulher da mais alta sociedade, fizera uma visita à Sra. Verdurin. Tinha até chegado a pronunciar seu nome por ocasião de uma visita de pêsames à Sra. Swann, após a morte do marido desta, e lhe perguntara se ela os conhecia.

- Como diz? - retrucara Odette, com ar subitamente triste. - Verdurin. - Ah! Então sei -volvera ela desolada. - Não os conheço, ou melhor, conheço-os sem

conhecer, são gente que vi outrora em casa de amigos, há muito tempo; são agradáveis. -

Logo que a princesa de Caprarola partiu, Odette bem que desejaria ter dito simplesmente a verdade. Mas a mentira imediata era não o produto de seus cálculos, mas a revelação de seus temores, de seus desejos. Ela negava não o que seria hábil negar, mas o que desejaria fosse inexistente, mesmo que o interlocutor viesse a saber uma hora depois que de fato se tratava disso. Pouco depois readquiria a sua segurança e até a ir ao encontro das perguntas, dizendo, para não parecer que alheia chegava:

- Mas como! A Sra. Verdurin? Conheci-a enormemente. Como receava a reação de humildade, feito uma grande dama que conta que pegam uma afetação.

- Faz algum tempo, fala-se muito nos Verdurin - dizia a senhora no bonde.

Odette, com um desdenhoso sorriso de duquesa, respondia:

- Se ouve sim; parece-me de fato que se fala muito neles de tempos em tempos; claro que -há dessa gente nova chegando à sociedade sem pensar em tempos, e ela era uma das mais novas.

- A princesa de Caprarola jantou conosco, ela mesmo - replicou a Sra. de Souvré.

- Ah! - respondeu Odette, acentuando casa de Verdurin com seu sorriso. - Isto não me espanta. É sempre pela princesa que essas coisas principiam; e depois vai uma outra, a condessa Capraroli por exemplo. -

Dizendo isto, Odette demonstrava um profundo desdém por essas duas grandes damas que tinham o hábito de inaugurar os salões recém abertos. No seu tom, sentia-se que isso queria dizer que tanto ela, Odette, como a Sra. de Souvré não se deixariam levar por uma coisa dessas. Depois da confissão feita pela Sra. Verdurin acerca da inteligência da princesa de Caprarola, o segundo sinal de que os Verdurin tinham consciência de seu futuro destino era que (sem o ter formalmente pedido, é claro) desejavam que viesse jantar em sua casa em traje de gala; o Sr. Verdurin poderia ser saudado sem constrangimento pela recepção; pois aquele que estava "em apuros" seu sobrinho estava agora em alta esfera.

Entre os que subiram para o meu vagão em Graincourt, estava Saniette, que antigamente fora expulso da casa dos Verdurin por seu primo Forcheville, porém retornara. Seus defeitos, do ponto de vista mundano, eram outrora apesar das qualidades superiores, do mesmo tipo dos de Cottard: timidez, desejo de agradar, e foram poupados para consegui-lo. Mas se a vida, fazendo com que Cottard parecesse frio, de aparências de Trino seu desdém, de gravidade, que se acentuavam enquanto dizia suas proezas, diante dos alunos complacentes; e não em casa dos Verdurin (onde, pela sugestão que exercem revestidos minutos antigos, quando novamente nos achamos num ambiente sobrenatural),

permanecera um pouco o mesmo; ao menos em sua clínica, no serviço do hospital, na Academia de Medicina, cavara um verdadeiro abismo entre o Cottard atual e o antigo. Esses mesmos defeitos, ao contrário, eram exagerados em Saniette, à medida que este procurava corrigi-los. Viam que era enfadonho muitas vezes, que não o escutavam, em vez de ir devagar como Cottard o teria feito, e forçar a atenção com sua autoridade; não somente procurava, com ar brincalhão, fazer-se perdoar de autoridade excessivamente sério de sua conversa, mas também apressava ao tom de locução, cortava, empregava abreviações para parecer menos longo, mais familiar com as coisas de que falava, e apenas conseguia, fazendo-as ininteligíveis, parecer interminável. Sua segurança não era como a de Cottard, que gelava seus doentes, os quais respondiam às pessoas que elogiavam a sua amenidade nos salões:

- Não é mais o mesmo homem quando nos recebe em seu consultório, nós em plena luz, e ele na contraluz, o olhar penetrante. -

A segurança de Saniette não se impunha, sentia-se que ocultava demasiada timidez, que bastaria um nada para pô-la em fuga. Saniette, a quem os amigos sempre diziam que desconfiava muito de si mesmo, e que de fato via pessoas (a quem julgava, com razão, bastante inferiores) obterem facilmente o sucesso que lhe era recusado, já não começava uma história sem sorrir do engraçado da mesma, com receio de que um ar de seriedade não valorizasse bastante a sua mercadoria. Às vezes, dando crédito à comicidade que ele próprio parecia achar no que ia dizer, faziam-lhe o favor de um silêncio geral. Mas a narrativa fracassava inteiramente. Um conviva dotado de bom coração deslizava por vezes a Saniette o estímulo privado, quase secreto, de um sorriso de aprovação, fazendo-o chegar furtivamente até ele, sem chamar atenção, como se deslizasse um bilhete. Mas ninguém ia ao ponto de assumir a responsabilidade, a arriscar a adesão pública de uma boa risada. Muito tempo depois de finda e liqüidada a história, Saniette, desolado, ficava sorrindo sozinho consigo mesmo, como se ainda desfrutasse nela, e para si próprio, o deleite que fingia achar bastante e que os demais não haviam sentido. Quanto ao escultor Ski, assim chamado por causa da dificuldade que sentiam de pronunciar o seu nome polonês, e porque ele próprio afetava, desde que vivia numa certa sociedade, não querer ser confundido com parentes em muito boa posição social, mas um tanto aborrecidos e muito numerosos, tinha, aos quarenta e cinco anos e bastante feio, uma espécie de criancice, de fantasia sonhadora que conservara por ter sido, até os dez anos, o mais arrebatador menino-prodígio do mundo, coqueluche de todas as damas. A Sra. Verdurin afirmava que ele era mais artista que Elstir. Aliás, Ski não possuía com aquele senão semelhanças meramente externas. Bastaram para que Elstir, que certa vez se encontrara com Ski, sentisse por ele a profunda repulsa que nos inspiram, mais ainda que as criaturas inteiramente opostas a nós, aqueles que se

nos assemelham para pior, nos quais se ostenta o que possuímos de menos bom, os defeitos de que nos curamos, lembrando-nos de modo deplorável o que poderíamos ter parecido a certas pessoas antes que nos tornássemos o que somos. Mas a Sra. Verdurin achava que Ski tinha mais temperamento que Elstir porque não havia nenhuma arte para a qual ele não tivesse facilidade, e estava convencida de que ele poderia erguer essa facilidade até o talento, caso fosse menos preguiçoso. E, para a Patroa, essa preguiça parecia um dom a mais, sendo o contrário do trabalho, que ela julgava o quinhão das criaturas sem gênio. Ski pintava tudo o que quisesse sobre botões de punho ou bandeiras de portas. Cantava com voz de compositor, tocava de ouvido, dando no piano a impressão de orquestra, menos por seu virtuosismo do que pelos seus falsos baixos, que significavam a impotência dos dedos, para indicar que ali havia um pistão, que aliás imitava com a boca. Procurando as palavras ao falar, para fazer crer numa impressão curiosa, da mesma forma que retardava um acorde vibrado em seguida, dizendo:

"Ping", para fazer sentir os cobres, passava por ser maravilhosamente inteligente, mas suas idéias na verdade se resumiam em duas ou três grandemente limitadas. Aborrecido com sua reputação de fantasioso; metera na cabeça mostrar que era uma pessoa prática, positiva, de onde lhe provinha uma afetação triunfante de falsa precisão, de falso bom-senso, agravados por sua falta de memória e pelas informações sempre inexatas. Seus movimentos de cabeça, de pescoço, de pernas teriam sido graciosos se ele ainda tivesse nove anos, cachos louros, uma grande gola de rendas e botinhas de couro vermelho. Tendo os dois chegado à estação de Graincourt antes da hora, como Cottard e Brichot, tinham ido dar uma volta, deixando Brichot na sala de espera. Quando Cottard quisera retornar, Ski respondera:

- Nada de pressa. Hoje não é o trem local que passa, é o departamental. -

Encantado por ver o efeito que essa nuança de precisão produzia em Cottard, acrescentou, falando de si mesmo:

- Sim, porque Ski ama as artes, modela o barro, julgam que ele não é prático. Ninguém conhece a linha melhor que eu. -

Não obstante, tinham voltado para a gare, quando de repente, percebendo a fumacinha do trenzinho que chegava, Cottard, dando um berro, gritara:

- Não temos mais que correr desabaladamente. -

Com efeito, tinham chegado justo a tempo, pois a diferença entre o trem local e o trem departamental só existira na cabeça de Ski.

- Mas será que a princesa não está no trem? - perguntou Brichot com voz vibrante. Suas enormes lunetas, resplendentes como os refletores que os

laringologistas prendem à testa para iluminar a garganta dos pacientes, pareciam ter emprestado sua vida aos olhos do professor e, talvez devido ao esforço que este fazia para acomodar sua visão a elas, pareciam, ainda que nos mais insignificantes momentos, olhar por si mesmas com uma atenção contínua e uma extraordinária fixidez. A doença, aliás, tirando aos poucos a vista a Brichot, revelara-lhe as belezas deste sentido, como tantas vezes é necessário que nos decidamos a separar-nos de um objeto, dá-lo de presente por exemplo, para que o contemplemos, lastimemos, admiremos.

- Não, não, a princesa foi acompanhar até Maineville alguns convidados que tomavam o trem para Paris. Nem mesmo seria impossível que a Sra. Verdurin, que tinha o que fazer em Saint-Mars, estivesse com ela! Assim, viajaria conosco e trilharíamos juntos o caminho, seria agradável. Trataremos de abrir o olho em Maineville, e bem! Ah! Não tem importância, pode-se dizer que quase perdemos a carruagem.

Quando vi o trem, fiquei siderado. É o que se chama chegar no momento psicológico. Imaginem se tivéssemos perdido o trem. A Sra. Verdurin, vendo que os carros chegavam sem nós: *tableau!* - acrescentou o doutor, que ainda não se refizera do susto.

- Eis uma aventura nada vulgar. Então, Brichot, que diz da nossa escapadela? - indagou o doutor com certo orgulho.

- Palavra de honra - respondeu Brichot; de fato, se você não tivesse achado o trem, teria sido, como diria o finado Villemain, um profundo golpe para o bando! -

Mas eu, distraído desde os primeiros instantes por essa gente a quem não conhecia, lembrei-me de súbito do que Cottard me havia dito no salão de dança do pequeno cassino, e, como se um elo invisível pudesse reatar um órgão e as imagens da lembrança, a de Albertine, apoiando seus seios contra os de Andrée, causava-me uma dor terrível ao coração. Esse mal não durou muito; a idéia de eventuais relações entre Albertine e outras mulheres já não me parecia possível desde a antevéspera, quando as provocações que minha amiga fizera a Saint-Loup haviam excitado em mim um novo ciúme que fizera esquecer o primeiro. Eu tinha a ingenuidade das criaturas que julgam que um gosto obrigatoriamente exclui o outro. Em Arembouville, como o trem estivesse superlotado, entrou no nosso compartimento um granjeiro de macacão azul, que só possuía uma passagem de terceira. O doutor, achando que não se poderia deixar viajar a princesa em tal companhia, chamou um empregado, exibiu seu cartão de médico de uma grande companhia de estrada de ferro, e forçou o chefe da estação a mandar descer o granjeiro. Esta cena magoou tanto o bom coração e alarmou de tal modo a timidez de Saniette que, desde que a viu começar,

temendo já, devido à quantidade de camponeses que se achavam na plataforma, que assumisse as proporções de uma insurreição popular, fingiu estar com dor de barriga e, para que não pudessem acusá-lo de ter sua parte de responsabilidade no ato de violência do doutor, enfiou pelo corredor pretextando encontrar o que Cottard denominava os *waters*. Não os achando, pôs-se a olhar a paisagem de outra extremidade do "tortinho".

- Se são estas as suas estréias na casa da Sra. Verdurin, senhor - disse-me Brichot, que fazia questão de mostrar seus talentos a um "novato" -, verá que não existe ambiente onde melhor se sinta a "doçura de viver", como dizia um dos inventores do diletantismo, do *que-me-importismo*, de muitas palavras em "ismo" que estão na moda entre nossas *snobinettes*; quero referir-me ao senhor príncipe de Talleyrand. -

Pois, quando falava desses grandes senhores do passado, achava espirituoso e "cor da época" fazer preceder seu título de príncipe, e dizia "senhor duque de La Rochefoucauld", "senhor cardeal de Retz", aos quais também chamava, de quando em vez: "Esse strugo for lifer de Gondi", "esse boulangista de Marcillac". E nunca deixava de chamar Montesquieu, com um sorriso, quando falava dele: "O senhor presidente Secondat de Montesquieu." Um mundano de espírito ficaria agastado com esse pedantismo que cheirava a escola. Mas, nas maneiras perfeitas de um mundano ao falar de um príncipe, existe igualmente um pedantismo que trai uma outra casta, aquela em que se faz preceder o nome de Guilherme de "o imperador" e no qual se fala na terceira pessoa a uma Alteza.

- Ah, esse - prosseguiu Brichot, falando do "senhor príncipe de Talleyrand" -, é preciso saudá-lo de chapéu na mão. É um antepassado.

- É um meio encantador - disse-me Cottard; - o senhor encontrará um pouco de tudo, pois a Sra. Verdurin não é exclusivista: sábios ilustres como Brichot, gente da alta nobreza, como, por exemplo, a princesa Sherbatoff, uma grande dama russa, amiga da grã-duquesa Eudoxie, e que só a visita mesmo às horas em que ninguém mais é recebido. -

De fato, a grã-duquesa Eudoxie, embora não se incomodasse que a princesa Sherbatoff, que desde muito tempo não era mais recebida por ninguém, fosse à sua casa quando pudesse haver visitas, deixava-a vir somente bem cedinho, quando não tinha junto dela nenhum dos amigos aos quais teria sido tão desagradável encontrar a princesa, como constrangedor seria para esta. Como fazia três anos que, logo após ter deixado, feito uma manicure, a grã-duquesa, a Sra. Sherbatoff partia para a casa da Sra. Verdurin, que recém acabava de acordar, e não mais a largava, pode-se dizer que a fidelidade da princesa ultrapassava infinitamente até a de Brichot, entretanto tão assíduo a essas quartas-feiras, onde tinha o prazer de julgar-se, em Paris, uma espécie de Chateaubriand

na Abbaye-aux-Bois, e onde, no campo, experimentava a ilusão de tornar-se o equivalente do que podia ser, na casa da Sra. du Châtelet, aquele a quem sempre chamava (com malícia e satisfação de letrado): "o Sr. de Voltaire". Sua falta de relações permitira à princesa Sherbatoff mostrar aos Verdurin, desde alguns anos, uma fidelidade que fazia dela mais que uma "fiel" comum, a fiel típica, o ideal que a Sra. Verdurin por muito tempo julgara inacessível e que agora, na idade crítica, achava por fim encarnada nessa nova recruta feminina. Por mais que os ciúmes torturassem a Patroa, não havia exemplo de que os mais assíduos de seus fiéis não a tivessem "largado" alguma vez. Os mais caseiros se deixavam tentar por uma viagem; os mais castos tinham tido uma aventura; os mais robustos podiam apanhar uma gripe; os mais ociosos estar ocupados durante as vinte e quatro horas; os mais indiferentes ir fechar os olhos da mãe agonizante. E era debalde que a Sra. Verdurin lhes dizia então, como a imperatriz romana, que ela era o único general a quem sua legião deveria obedecer, ou, como o Cristo ou o Kaiser, que aquele que amava o pai e a mãe tanto quanto a ela própria, e não estava pronto para deixá-los e segui-la, não era digno dela, que, em vez de se exaurir no leito ou se deixar enganar por uma prostituta, fariam melhor em permanecer junto dela, remédio único e única volúpia. Porém, o destino, que às vezes se compraz em embelezar o fim das existências muito prolongadas, fizera com que a Sra. Verdurin encontrasse a princesa Sherbatoff. Brigada com a família, exilada de seu país, conhecendo apenas a baronesa Putbus e a grã-duquesa Eudoxie, a cujas residências, como não tivesse vontade de encontrar as amigas da primeira, e visto que a segunda não desejava que suas amigas encontrassem a princesa, ela só comparecia às horas matinais, quando a Sra. Verdurin ainda estava dormindo, não se recordando de ter ficado de cama uma única vez desde os doze anos, quando tivera rubéola, tendo respondido no dia 31 de dezembro à Sra. Verdurin, que, inquieta por estar sozinha, lhe perguntara se não podia ficar, para dormir de improviso, apesar da passagem do ano:

- Mas o que é que poderia me impedir de ficar, seja qual for o dia? Além disso, nesse dia a gente fica em família, e vocês são a minha família -, vivendo numa pensão e mudando de pensão quando os Verdurin se mudavam, seguindo-os em seus veraneios, a princesa realizara tão admiravelmente, para a Sra. Verdurin, o verso de Vigny: *Toi seuie me parus ce qu'on cherche toujours*{19}.; que a presidenta do pequeno círculo, desejosa de assegurar-se uma "fiel" até a morte, pedira-lhe que a que morresse por último se fizesse enterrar ao lado da outra.

Diante de estranhos entre os quais é preciso incluir sempre aquele a quem mais mentimos, porque é aquele por quem nos seria mais penoso ser desprezado: nós mesmos; a princesa Sherbatoff tinha o cuidado de representar suas três únicas amizades com a grã-duquesa, com os Verdurin e com a baronesa Putbus como as únicas, não devido a cataclismos independentes de sua vontade que as

tivessem feito emergir em meio à destruição de tudo o mais, mas que uma livre escolha as fizera eleger de preferência a quaisquer outras, e às quais um certo gosto pela Sra. Verdurin. Eles conhecem todo mundo. E depois, pelo menos, não são grã-finos de meia-tigela. Têm peso. Em geral, avalia-se que a Sra. Verdurin tem uma fortuna de trinta e cinco milhões. Diabo! Trinta e cinco milhões já é alguma coisa! Assim, não é das que lambem a colher. - O senhor me falava da duquesa de Guermantes. Vou lhe dizer a diferença: a Sra. Verdurin é uma grande dama; a duquesa de Guermantes provavelmente é uma simplória. Percebe bem a nuança, não é? Em todo caso, que os Guermantes compareçam ou não à casa da Sra. Verdurin, ela recebe, o que vale mais, os d'Sherbatoff, os d'Forcheville, e *tutti quanti*, pessoas da mais alta classe, toda a nobreza da França e de Navarra, a quem o senhor me verá falar de igual para igual. Aliás, esse gênero de pessoas de bom grado procura os príncipes da ciência -acrescentava com um sorriso de amor-próprio beato, levado a seus lábios pela satisfação orgulhosa, não porque a expressão, outrora aplicada aos Potain, aos Charcot, se aplicasse a ele agora, mas porque enfim sabia empregar como convinha todas as que o uso autoriza e que, depois de as ter estudado por muito tempo, ele dominava a fundo. Assim, após me haver citado a princesa Sherbatoff entre as pessoas que a Sra. Verdurin recebia, Cottard acrescentou, piscando o olho:

- Vê o tipo da casa, compreende o que quero dizer? -

Com isso, queria significar o que existe de mais grã-fino. Ora, receber uma dama russa que só conhecia a grã-duquesa Eudoxie era pouco. Porém, mesmo que a princesa Sherbatoff não a conhecesse, nem por isso diminuiria a opinião de Cottard quanto à suprema elegância do salão Verdurin e à sua alegria de ser recebido ali. O esplendor de que nos parecem revestidas as pessoas que freqüentamos não é mais intrínseco do que o dessas personagens de teatro, para cujo vestuário é inútil que um diretor gaste centenas de milhares de francos na compra de roupas autênticas e de jóias verdadeiras que não produzirão efeito algum, quando um grande decorador dará uma impressão de luxo mil vezes mais suntuoso, ao dirigir um raio fictício sobre um gibão de pano grosseiro, semeado de tampinhas de vidro e sobre um manto de papel. Certo homem terá passado a sua vida no meio dos graúdos da terra, que para ele não eram mais que fastidiosos parentes, ou relações aborrecidas, porque um hábito, contraído desde o berço, os despojara a seus olhos de todo prestígio. Mas, em compensação, basta que esse prestígio venha, por algum acaso, acrescentar-se às pessoas mais obscuras, para que incontáveis Cottards tenham vivido ofuscados por mulheres tituladas, cujo salão imaginavam ser o centro de elegâncias aristocráticas, e que nem ao menos eram o que representavam a Sra. de Villeparisis e suas amigas (grandes damas decaídas que a aristocracia que fora educada com elas não mais freqüentava); não, essas, cuja amizade foi o orgulho de tantas pessoas, se essa

gente publicasse suas *Memórias* e desse o nome de tais mulheres e das que elas recebiam, ninguém, tanto a Sra. de Cambremer como a Sra. de Guermantes, poderia identificá-las. Mas que importa! Um Cottard, assim, tem sua baronesa ou sua marquesa, que, para ele, é "a baronesa" ou "a marquesa", como, em Marivaux, a baronesa de quem nunca se diz o nome e da qual não se tem a mínima idéia de que alguma vez tivesse tido um. Cottard tanto mais julga encontrar aí resumida a aristocracia a qual ignora essa dama como, quanto mais duvidosos são os títulos, mais as coroas ocupam lugar nas taças, na prataria, no papel de cartas, nas malas. Numerosos Cottards, que acreditaram passar suas vidas no coração do *faubourg* Saint-Germain, tiveram talvez sua imaginação mais encantada de sonhos feudais do que os que efetivamente viveram entre príncipes, da mesma forma que, para o pequeno comerciante que aos domingos vai por vezes visitar edifícios "dos velhos tempos", é às vezes naqueles em que todas as pedras são da nossa época, e cujas abóbadas foram pintadas de azul e semeadas de estrelas de ouro pelos discípulos de Viollet-le-Duc, que mais tem a sensação de Idade Média.

- A princesa estará em Maineville. Viajará conosco. Mas não o apresentarei a ela de imediato. Será preferível que a Sra. Verdurin o faça. A menos que eu encontre uma oportunidade. Pode estar certo de que então a agarrarei pelos cabelos.

- De que estavam falando? - perguntou Saniette, que fingia ter ido tomar um pouco de ar.

- Eu citava a este cavalheiro - disse Brichot - uma frase que o senhor conhece bem, daquele que, na minha opinião, é o primeiro dos fins de século (do século XVIII, bem entendido), o supracitado Charles-Maurice, abade de Périgord. Começara prometendo tornar-se um bom jornalista. Mas desencaminhou-se, quero dizer, fez-se ministro! A vida tem dessas desgraças. Político aliás pouco escrupuloso, que, com desdéns de grão-senhor de raça, não se constrangia em trabalhar em suas horas pelo rei da Prússia, é o caso de se dizer, e morreu na pele de um centro-esquerda.

Em Saint-Pierre-des-lfs subiu uma jovem esplêndida que, infelizmente, não fazia parte do pequeno grupo. Eu não podia desviar os olhos de sua carne de magnólia, de seus olhos pretos, da alta e admirável construção de suas formas. Passado um instante, ela quis abrir uma janela, pois fazia calor no compartimento, e, não desejando pedir licença a todos, como só eu não estivesse de capa, disse-me com voz rápida, fresca e risonha:

- Não lhe incomoda o ar, cavalheiro? -

Desejaria dizer-lhe:

- Venha conosco à casa dos Verdurin ou: - Diga-me seu nome e seu endereço. - Respondi: - Não, o ar não me incomoda, senhorita. -

E em seguida, sem se mover do lugar:

- O fumo não incomoda seus amigos? e acendeu um cigarro. Na terceira estação, ela desceu de um salto. No dia seguinte, perguntei a Albertine quem poderia ser. Pois, estupidamente, julgando que só se pode amar a uma coisa, enciumado com a atitude de Albertine a respeito de Robert, sentia-me seguro quanto às mulheres. Albertine me disse, creio que sinceramente, que não sabia.

- Gostaria tanto de tornar a vê-la! - exclamei.

- Sossegue, a gente se encontra sempre de novo - observou Albertine.

Nesse caso particular, ela se enganava; jamais voltei a ver nem a identificar a linda jovem do cigarro. De resto, veremos porque, durante muito tempo, tive de deixar de procurá-la. Mas não a esqueci. Muitas vezes me ocorre, ao pensar nela, ser tomado de um desejo louco. Mas esses retornos do desejo obrigam-nos a refletir que, se quiséssemos reencontrar essas moças com o mesmo prazer, seria também necessário regressar ao ano que depois foi seguido por dez outros durante os quais a moça perdeu o frescor. Às vezes, pode-se encontrar uma criatura, mas não abolir o tempo. Tudo isso até o dia, triste e imprevisto como uma noite de inverno, em que já não procuramos aquela moça, nem qualquer outra, e em que encontrá-la chegaria a assustar-nos. Pois já não sentimos atrativos suficientes para agradar, nem forças para amar. Não, é claro, que a gente esteja, no sentido próprio do termo, impotente. E, quanto a amar, amaríamos mais que nunca. Mas sentimos que se trata de uma empreitada demasiado grande para o pouco de forças que nos resta. O repouso eterno já dispôs intervalos em que não se pode sair nem falar. Pôr o pé no degrau devido é uma vitória, como não falhar no salto mortal. Ser visto nesse estado por uma mocinha a quem amamos, mesmo que tenhamos conservado o rosto e os cabelos louros de rapaz! Já não podemos nos arriscar ao cansaço de acompanhar o passo da juventude. Tanto pior se o desejo carnal reduplica ao invés de se amortecer! Trazem-nos então uma mulher a quem não nos preocupamos em agradar, que só por uma noite partilhará o nosso leito e que nunca mais veremos.

- Devem continuar não tendo notícias do violinista - disse Cottard.

De fato, o acontecimento do dia no pequeno clã era o "sumiço" do violinista predileto da Sra. Verdurin. Prestando serviço militar perto de Doncieres, ele vinha três vezes por semana jantar em La Raspeliere, pois tinha licença noturna. Ora, na antevéspera, pela primeira vez os fiéis não tinham conseguido descobri-lo no trem. Supusera-se que havia faltado. Mas embora a Sra. Verdurin tivesse mandado esperar o trem seguinte, e por fim o último, o carro voltara vazio.

- Certamente, ele está preso, não há outra explicação para a sua fuga. Ah, diabos! Vocês sabem, no serviço militar, com esses rapazes, basta um sargento ranzinza.

- Será tanto mais mortificante para a Sra. Verdurin - disse Brichot se ele "some" ainda esta noite, quando nossa amável anfitriã recebe para jantar, justamente pela primeira vez, os vizinhos que alugaram La Raspeliere, o marquês e a marquesa de Cambremer.

- Esta noite, o marquês e a marquesa de Cambremer! - gritou Cottard. - Mas eu não sabia absolutamente nada. Naturalmente sabia, como todos vocês, que eles deveriam vir um dia, mas não imaginava que estivesse tão próximo. Diabos! - disse ele, voltando-se para mim: que foi que lhe disse: a princesa Sherbatoff, o marquês e a marquesa de Cambremer. - E depois de ter repetido esses nomes, embalando-se com sua melodia: - Bem vê que atiramos bem. Não importa -disse ele -, para quem está começando, o senhor acerta em cheio. Vai ser um espetáculo brilhante. - E, voltando-se para Brichot, acrescentou: - A Patroa deve estar furiosa. Já é hora de chegarmos para lhe dar auxílio. -

Desde que a Sra. Verdurin estava na Raspeliere, afetava, diante dos fiéis, estar de fato na obrigação e no desespero de convidar uma vez os seus proprietários. Assim, dizia, teria melhores condições para o ano seguinte, e não o fazia senão por interesse. Mas pretendia ter tamanho horror, achar uma tal monstruosidade um jantar com pessoas que não fossem do pequeno grupo, que o adiava sempre. Aliás, se o jantar a assustava um pouco pelos motivos que ela proclamava, exagerando-os, por outro lado, encantava-a por razões de esnobismo que ela preferia calar. Portanto, era meio sincera, julgava o pequeno clã como algo de tão único no mundo, um desses conjuntos que levam séculos para que se constitua outro idêntico, que tremia à idéia de ver nele introduzidas essas pessoas provincianas, que ignoravam a Tetralogia e os Mestres, que não saberiam sustentar sua parte no concerto da conversação geral e eram capazes, comparecendo à casa da Sra. Verdurin, de destruir uma das famosas quartas-feiras, obras-primas incomparáveis e frágeis, semelhantes aos cristais de Veneza que uma nota desafinada basta para quebrar.

- Além disso, devem ser o que há de mais anti-militaristas - dissera o Sr. Verdurin.

- Ah, isso, por exemplo, pouco me importa, já faz muito tempo que falam nessa história -respondera a Sra. Verdurin, que, sinceramente dreyfusista, desejaria no entanto encontrar, na preponderância de seu salão dreyfusista, uma recompensa mundana. Ora, o dreyfusismo triunfava politicamente, mas não entre os mundanos. Labori, Reinach, Picquart e Zola continuavam sendo, para a gente mundana, uns traidores que só podiam afastá-los do pequeno núcleo. Assim, depois dessa incursão na política, a Sra. Verdurin fazia questão de regressar à arte. Aliás, d'Indy e Debussy não estavam "mal" no Caso Dreyfus?

- No que tange ao Caso, não teríamos mais que colocá-los junto de Brichot - disse

ela, pois o universitário era o único dos fiéis que tomara o partido do Estado-Maior, o que o fizera baixar muito na estima da Sra. Verdurin. - Não se é obrigado a falar eternamente do Caso Dreyfus. Não, a verdade é que os Cambremer me aborrecem. -

Quanto aos fiéis, tão excitados pelo desejo inconfesso que tinham de conhecer os Cambremer como iludidos pelo aborrecimento representado que a Sra. Verdurin dizia sentir em recebê-los, retomavam todos os dois conversando com ela, os frágeis argumentos que ela própria invocava - favor desse convite, buscavam torná-los irresistíveis.

- Decida-se de uma vez - repetia Cottard -, e terá as concessões quanto ao aluguel, eles que pagarão o jardineiro, e os senhores poderão utilizar-se do prado.

- Tudo isso bem vale a pena de aborrecer-se por uma noite. Só falo disso no interesse - acrescentava, conquanto o coração lhe palpitasse uma vez, quando, no carro da Sra. Verdurin, havia cruzado com o da velha Sra. de Cambremer na estrada, e sobretudo ao ser humilhado pelos empregados da estrada de ferro, quando se encontrava perto do marquês, na estação. Por seu turno, os Cambremer, vivendo realmente muito longe do movimento mundano para poderem sequer suspeitar que certas mulheres elegantes falavam da Sra. Verdurin com alguma consideração, imaginavam que este era uma pessoa que só podia conhecer boêmios, não era nem mesmo intimamente casada, e que, no tocante a pessoas "bem nascidas", não veria nunca senão a eles, Cambremer. Resignavam-se a jantar na casa dela, ao menos para estarem em bons termos com uma locatária cujo retorno esperavam por numerosas temporadas, sobretudo desde que tinham sabido, no mês anterior, que ela havia acabado de herdar tantos milhões. Era em silêncio e sem gracejos de mau gosto que eles se preparavam para o dia falar. Os fiéis já não esperavam que eles comparecessem algum dia, pois a Sr. Verdurin tantas vezes fixara, diante deles, a data sempre mudada. Essas falsas resoluções objetivavam não só fazer ostentação do tédio que lhe provocava esse jantar, como também manter em suspense os membros do pequeno grupo que residiam nas vizinhanças e eram às vezes tentados a abandoná-la. Não que a Patroa adivinhasse que o "grande dia" lhes era tão agradável quanto a si própria, mas porque, tendo-os persuadido que tal jantar era para ela a mais terrível das maçadas, podia apelar para o seu devotamento.

- Vocês não vão me deixar sozinha frente a frente com esses chineses! Pelo contrário, é preciso que sejamos em grande número para suportar o tédio. Naturalmente, não poderemos falar coisa alguma sobre o que nos interessa. Que querem, será uma quarta-feira malograda!

- Com efeito - respondeu Brichot, dirigindo-se a mim-, creio que a Sra. Verdurin, que é muito inteligente e põe muita coqueteria na organização de suas quartas,

não fazia questão de receber esses fidalgotes de grande linhagem mas sem espírito. Não pôde resolver-se a convidar a velha marquesa, mas resignou-se ao filho e à nora.

- Ah, veremos a marquesa de Cambremer? - indagou Cottard com um sorriso em que julgou dever pôr um tanto de lascívia e afetação, embora ignorasse se a Sra. Cambremer era bonita ou não. Mas o título de marquesa lhe despertava imagens prestigiosas e galantes.

- Ah! Conheço-a - informou Ski, que a encontrara uma vez quando passeava com a Sra. Verdurin.

- Não a conhece no sentido bíblico? - perguntou o doutor, deslizando um olhar ambíguo por baixo do seu *lorgnon*, pois esse era um de seus gracejos favoritos.

- Ela é inteligente - disse-me Ski. - Naturalmente continuou, vendo que eu ficava calado e acentuando, a sorrir, cada palavra -, ela é e não é inteligente; falta-lhe instrução, é frívola, mas tem o instinto das coisas belas. Ficará calada, mas jamais dirá uma asneira. E, além disso, possui uma linda coloração. Seria divertido pintar o seu retrato - acrescentou, entrecerrando os olhos como se a estivesse contemplando a posar diante dele. Como eu pensava exatamente o contrário daquilo que Ski exprimia com tantas nuanças, contentei-me em dizer que ela era a irmã de um engenheiro muito distinto, o Sr. Legrandin.

- Pois bem, como vê, será apresentado a uma bela mulher - disse-me Brichot e nunca se sabe o que pode resultar daí. Cleópatra não era sequer uma grande dama, era a mulherzinha, a mulherzinha inconsciente e terrível do nosso Meilhac, e veja as conseqüências, não só para aquele palerma do Marco Antônio, mas também para o mundo antigo.

- Já fui apresentado à Sra. de Cambremer -respondi.

- Ah! Mas então vai se achar em terreno conhecido.

- E tanto mais satisfeito ficarei em vê-la, pois ela me prometeu uma obra do antigo cura de Combray sobre todos os lugares desta região - respondi -, e vou poder lembrar-lhe sua promessa. Interesso-me por esse padre e também pelas etimologias.

- Não confie muito nas que ele indica - observou Brichot; - a obra, de que existe um exemplar em La Raspeliere, e que me diverti em folhear, nada me diz que valha a pena; está repleta de erros. Vou lhe dar um exemplo. A palavra *bricq* entra na formação de uma grande quantidade de nomes de lugares das nossas redondezas. O bom eclesiástico teve a idéia, mais ou menos extravagante, de que ela provém de *briga*, altura, lugar fortificado. Ele a vê já nas povoações célticas, Latobriges, Nemetobriges, etc., e a segue até em nomes como Briand, Brion, etc. Para voltar à região que temos o prazer de atravessar neste momento com o senhor, Bricquebosc significaria o bosque da altitude; Bricqueville, a habitação da altura; Bricquebec, onde vamos parar em breve antes de chegar a Maineville, a altura perto do regato. Ora, não se trata absolutamente disso, pela razão de que *bricq* é a velha palavra norueguesa que significa simplesmente ponte. Assim também como *fleur*, que o protegido da Sra. de Cambremer se dá um trabalho infinito para ligar ora às palavras escandinavas *floi, fio*, ora aos termos irlandeses *ae* e *aer*, é, pelo contrário, sem dúvida nenhuma, o *fjord* dos dinamarqueses e significa porto. Da mesma forma, o excelente padre julga que a estação de Saint-Martin-le-Vêtu, vizinha a La Raspeliere, signo da Saint-Martin-le-Vieux (vetos). É certo que o vocábulo *vieux* desempenhou grande papel na toponímia desta região. Em geral, *vieux* procede de *vadtel** e significa um *vau*, como no lugar chamado os *Vieux*. É o que os angloa chamavam *ford* (Oxford, Hereford). Mas, no caso particular, *vieux* provém não de *vetus*, mas de *vastatus*, *lugar devastado e nu*. Perto daqui, os senhores têm Sottevast, o *vast de Setold*, Brillevast, o *vast de Berold*. Tenho tanto mais certeza do erro do cura, pois antigamente Saint-Martin-le-Vieux se chamava Saint-Martin-du-Gast e até Saint-Martin-de-Terregate. Ora, o *v e o g* nessas palavras são a mesma letra. Diz-se *devastar,* mas também *desgastar Jacheres e gâtines* (do alto alemão *wastinna*) têm esse mesmo sentido; Terregate, portanto, é *terra vasta*. Quanto a Saint-Mars, outrora (*honni soil qui mal y pense*!) Saint-Merd, é Saint-Medardus, que ora é Saint-Médard; Saint-Mard, Saint-Marc, Cinq-Mars e até Dammas. Aliás, não convém esquecer que, bem perto daqui, lugares que trazem este mesmo nome de *Mars* atestam simplesmente uma origem pagã (o deus Marte) que permanece viva nesta região, mas que o santo homem se recusa a reconhecer. As colinas dedicadas aos deuses são especialmente bem numerosas, como a montanha de Júpiter (*Jeumont*). O seu cura não quer ver nada disso e, em compensação, por toda parte onde o cristianismo deixou vestígios, estes lhe escapam. Prolongou sua viagem até *Loctudy*, nome bárbaro, segundo ele, ao passo que se trata de *Locus*

sancti Tudeni, e também não adivinhou, em *Sammarcoles, Sanctus Martialis*. O seu cura -continuou Brichot, vendo que eu estava interessado em ouvir as palavras terminadas em *hon*, *honre, holm* do termo *holl (hollus), colina*, ao passo que elas provêm do norueguês *holm, ilha*, que o senhor bem conhece em Estocolmo, e que se espalhou em toda esta região: Houlme, Engohomme, Tahoume, Robehomme, Néhomme, Quettehou, etc. -

Esses nomes me fizeram pensar no dia em que Albertine quisera ir a Amfreville-la-Bigot (do nome dos deuses de seus senhores sucessivos, me disse Brichot), e onde ela a seguir me propusera jantarmos juntos em Robehomme. Quanto a Montmartin, íamos passar por ela dentro de alguns instantes.

- Néhomme não fica perto de Carquethuit e de Clitourps? -perguntei.

- Perfeitamente. Néhomme é o *holm, a ilha* ou península do famoso visconde Nigel, cujo nome permaneceu igualmente em Néville. Carquethuit e Clitourps, de que o senhor fala, são, para o protegido da Sra. de Cambremer, ocasião de cometer outros erros. Sem dúvida, ele vê muito bem que *carque* é uma igreja, a Kirsche dos alemães. O senhor conhece Querqueville, Carquebut, para não falar em Dunquerque. Pois então seria preferível que parássemos nesta famosa palavra *dun*, que para os celtas significava uma *elevação*. E isso o senhor há de encontrar em toda a França. Seu abade se hipnotiza diante de Duneville. Mas no Eure-et-Loir teria encontrado Châteaudun; Dun-le-Roi, no Cher; Duneau, no Sarthe; Dun, no Ariege; Dune-les-Places, na Nievre, etc., etc.. Este *dun* fá-lo cometer um erro curioso no que concerne a Douville, onde desceremos e onde nos esperam os carros confortáveis da Sra. Verdurin. *Douville*, em latim *donvilla*, diz ele. De fato, Douville está ao sopé de grandes elevações. O seu cura, que sabe tudo, ainda assim percebe que cometeu um engano. Com efeito, leu, num antigo livro de registros, *Domvilla*. Então ele se retrata; *Douville*, segundo ele, é um feudo do abade, *domino abbati*, do monte Saint-Michel. Com isso, regozija-se, o que é bem estranho quando se pensa na vida escandalosa que, desde o capitulário de Saint-Clair-sur-Epte, levavam no monte Saint-Michel, e que não seria mais extraordinário do que ver o rei da Dinamarca suserano de todo este litoral, onde ele mandava celebrar muito mais o culto de Odin do que o do Cristo. Por outro lado, a suposição de que o *n* foi mudado para *u* não me choca e exige menos alteração do que o muito correto *Lyon*, que também deriva de *dun* (*Lugdunum)*. Mas enfim, o abade se engana. Douville nunca foi Donville, e sim Doville, Eudonis Villa, a aldeia de Eudes. Douville se chamava antigamente Escalecliff, a escada da vertente. Por volta de 1233, Eudes le Bouteiller, senhor de Escalecliff, partiu para a Terra Santa; no momento da partida, mandou entregar à Igreja a abadia de Blanchelande. Troca de belos gestos: a aldeia tomou o seu nome, de onde atualmente Douville. Mas acrescento que a toponímia, em que aliás sou bastante ignaro, não é uma ciência exata; se não tivéssemos esse testemunho

histórico, Douville poderia muito bem provir de Ouville, ou seja, as Águas. As formas em *ai (Ai gues-Mortes*), de *aqua*, mudam-se amiúde em *eu*, em *ou*. Ora, bem perto de Douville havia águas renomadas. Imagine então como estaria contente o cura por encontrar ali algum traço cristão, ainda que essa região pareça ter sido bastante difícil para evangelizar, visto que foi necessário que insistissem nela, sucessivamente, Santo Ursal, São Gofroi, São Barsanore, São Laurent de Brévedent, o qual por fim passou o encargo para os monges de Beaubec. Porém quanto a *tuit*, o autor se engana; vê aí uma forma de *toft, cabana,* como em Criquetot, Ectot, Yvetot, ao passo que se trata de *thveit, roçado, arroteamento*, como em Braquetuit, Le Thuit, Regnetuit, etc. Da mesma forma, se ele reconhece em Clitourps o *thorp* normando, que significa *aldeia*, quer que a primeira parte do nome derive de *clivus, vertente*, quando na realidade provém de *cliff, rochedo*. Mas seus erros mais grosseiros decorrem menos de sua ignorância do que de seus preconceitos. Por bom francês que a gente seja, devemos negar a evidência e tomar Saint-Laurent-en-Bray pelo sacerdote romano tão conhecido, quando se trata de São Lourenço O'Toole, arcebispo de Dublin? Porém, mais que o sentimento patriótico, o preconceito religioso do seu amigo fá-lo cometer graves deslizes. Assim, o senhor tem, longe dos nossos anfitriões de La Raspeliere, dois Montmartin, Montma - sur-Mer e Montmartin-en-Graignes. Quanto a Graignes, o bom cura não cometeu erro, viu perfeitamente que Graignes, em latim *grania*, em grego *crer** significa *charco, pântano*; quantos Cresmays, Croen, Grenneville, Lengrorr não se poderiam citar? Mas, quanto a Montmartin, o seu pretenso lingüista quer absolutamente que se trate de paróquias dedicadas a São Martin. Fundamenta-se em que o santo é o padroeiro da cidade, mas não se dá conta de que só posteriormente foi tomado como tal; ou melhor, está cego por ódio ao paganismo; não quer ver que se teria dito Mont-Saint-Martin como se diz Mont-Saint-Michel, se se tratasse de São Martinho, ao passo que o nome de Montmartin se aplica de modo bem mais pagão a templos consagrados ao deus Marte, templos dos quais, é verdade, não possuímos outros vestígios, mas que a inconteste presença da vizinhança de vastos acampamentos romanos tornaria mais verossímeis, mesmo sem o nome de Montmartin, que elimina qualquer dúvida. O senhor vê que o livrinho que vai encontrar em La Raspeliere não é dos mais bem-feitos.

- Objetei que em Combray, o cura nos ensinara com freqüência etimologias interessantes. Provavelmente, estava mais seguro em seu terreno, a viagem à Normandia o terá desambientado.

- E não o terá curado - acrescentei - pois chegara neurastênico e partiu com reumatismo.

- Ah! É culpa de neurastenia. Ele caiu da neurastenia na filologia, como teria dito meu *boop* mestre Poquelin. Diga então, Cottard, acha que a neurastenia possa ter

uma influência nefasta sobre a filologia, a filologia uma influência calmante sobre a neurastenia, e a cura da neurastenia conduzir ao reumatismo{20}?

- Perfeitamente, o reumatismo e a neurastenia são duas formas variantes do neurartritismo. Pode-se passar de uma a outra por metástase.

- O eminente professor - disse Brichot - exprime-se, Deus me perdoe, num francês tão mesclado de latim e de grego como o poderia ter feito o próprio St. Purgon, de molieresca memória! Quanto a mim, meu tio, quero dizer nosso Sarcey nacional... -

Porém não pôde terminar sua frase. O professor acabava de ter um sobressalto e dar um berro:

- Caramba! - exclamou passando enfim à linguagem articulada - Já passamos por Maineville (hbl hê!) e até por Renneville. -

Acabava de verificar que o trem parava em Saint-Mars-le-Vieux, onde quase todos os passageiros desciam.

- No entanto, eles não devem ter queimado a parada. Não prestamos atenção, falando nos Cambremer.

- Escute, Ski, olhe, vou lhe dizer "uma boa coisa" - disse Cottard, que se agradara dessa expressão utilizada em certos ambientes médicos. - A princesa deve estar no trem; não nos terá visto e deve ter subido para outro compartimento. Vamos à sua procura.

- Contanto que tudo isso não vá trazer encrenca!

E levou todos nós em busca da princesa Sherbatoff. Encontrou-a no canto de um vagão vazio, lendo *La Revue des Deux-Mondes*. Com receio de respostas grosseiras, adquirira há muitos anos o hábito de manter-se em seu lugar, ficar no seu cantinho, na vida como no trem, e de esperar para estender a mão a quem a cumprimentasse. Continuou a ler quando os fiéis entraram no vagão. Reconheci-a logo; essa mulher, que podia ter perdido sua posição social, mas nem por isso deixava de ser de elevado nascimento, que em todo caso era a pérola de um salão como o dos Verdurin, era a dama que, no mesmo trem, eu julgara na antevéspera poder ser uma dona de bordel. Sua personalidade social tão incerta imediatamente se me tornou clara quando soube o seu nome, como quando, após ter sofrido sobre uma adivinhação, descobre-se enfim a palavra que torna evidente tudo o que permanecia obscuro e que, para as pessoas, é o nome. Saber, dois dias após, que ela era a pessoa a cujo lado viajamos de trem, sem ter conseguido descobrir o seu nível social, é uma surpresa muito mais divertida do que ler na edição seguinte de uma revista a palavra-chave do enigma proposto no número anterior. Os grandes restaurantes, os cassinos, os "tortinhos" são o museu das famílias desses enigmas sociais.

- Princesa, nós a perdemos em Maineville! Permite que tomemos lugar em seu compartimento?

- Mas como não? - disse a princesa, que, ouvindo Cottard falar-lhe, só então ergueu da revista os olhos, que, como os do Sr. de Charlus, embora mais suaves, viam muito bem as pessoas de cuja presença ela parecia não tomar conhecimento. Cottard, pensando que o fato de ter sido convidado com os Cambremer, era para mim uma recomendação suficiente, ao fim de um instante tomou a decisão de me apresentar à princesa; esta se inclinou com extrema polidez, mas parecia pela primeira vez ouvir meu nome.

- Diabo! - exclamou Cottard. - Minha mulher se esqueceu de trocar os botões do meu colete branco. Ah, as mulheres! Nunca pensam em nada. Jamais se case, está vendo? - disse-me ele. E, como este era um dos gracejos que julgava convenientes quando não se tinha o que dizer, olhou a princesa e os demais fiéis com o rabo do olho; estes, porque ele era professor e acadêmico, sorriram, admirando o seu bom humor e sua ausência de pose. A princesa nos informou que o jovem violinista já fora encontrado. Ficara de cama na véspera por causa de uma enxaqueca, mas compareceria à noite e levaria consigo um velho amigo de seu pai, que havia encontrado em Doncieres. A princesa ficara sabendo da nova pela Sra. Verdurin, com quem almoçara de manhã. - Disse-nos com uma voz breve, onde o rolar dos *rr* do acento russo era suave meio enrolado no fundo da garganta, como se fossem *II* e não *rr*.

- Ah, senhora almoçou com ela esta manhã - disse Cottard à princesa, mas olhando para mim, pois essas palavras tinham por finalidade mostrar o quanto a princesa era íntima da Patroa. - A princesa, sim, é que é uma fiel!

- *Siri, gosto desse pequeno cilculo, inteligente, agladável, nada mau, muito simples, nada esnobe, e onde se tem espilito até a ponta das unhas*.

- Devo ter perdido a minha passagem, não a encontro - exclamou Cottard; aliás sem se inquietar além da medida. Sabia que em Douville, onde os landôs iam esperar-nos, o empregado o deixaria passar e nem por isso, cumprimentaria menos rasgadamente, a fim de dar, com tal saudação, explicação de sua indulgência, a saber, que ele reconhecera perfeitamente em Cottard um *habitué* dos Verdurin.

- Não me levarão até a polícia por causa disso - concluiu o doutor.

- O senhor dizia haver perto daqui umas águas famosas? - perguntei a Brichot. - Como é que se sabe?

- O nome da próxima estação o atesta, entre muitos outros testemunhos. Ela se chama Fervaches.

- *Não compleendo bem o que ele quel dizel* - enrolou a princesa num tom em que

me teria dito, por gentileza:

- Ele nos incomda, não é mesmo?

- Mas, princesa, Fervaches quer dizer águas ferventes, fervida *aquae*... Mas, a propósito do jovem violinista - continuou Brichot - eu me esquecia de lhe dizer a grande novidade, Cottard. Sabia que o nosso pobre amigo Dechambre, o antigo pianista favorito da Sra. Verdurin, acaba de morrer? É terrível.

- Ele ainda era jovem - respondeu Cottard -, mas devia cuidar do fígado, devia estar com alguma porcaria ali, andava com uma cara horrível faz algum tempo.

- Mas não era assim tão jovem - disse Brichot. - No tempo em que Elstir e Swann iam à casa da Sra. Verdurin, Dechambre já era uma notoriedade parisiense, e, o que é espantoso, sem ter recebido no estrangeiro o batismo do sucesso. Ah! Ele não era um adepto do Evangelho segundo são Barnum [Alusão a T Barnum, charlatão americano, dono de um circo muito famoso.]

- Mas o senhor está confundindo, ele não podia ir à casa da Sra. Verdurin naquela ocasião, pois ainda andava de fraldas. - Mas, a menos que minha velha memória seja infiel, parece-me que Dechambre tocava a Sonata de Vinteuil para Swann, quando esse *clubman*, de relações cortadas com a aristocracia, ainda não imaginava que viria a ser o príncipe consorte aburguesado da nossa Odette nacional. -

- É impossível, a Sonata de Vinteuil foi tocada na casa da Sra. Verdurin muito tempo depois que Swann deixara de comparecer a ela - disse o doutor, que, como as pessoas que trabalham muito e julgam dever reter várias coisas que imaginam lhes serão úteis, esquecem muitas outras, o que lhes permite se extasiarem diante da memória de pessoas que nada têm para fazer. - O senhor está prejudicando suas relações, mas no entanto não tem o miolo mole -disse o doutor sorrindo.

Brichot convenceu-se de que estava errado. O trem parou. Estávamos na Sogne. Este nome intrigava-me.

- Como gostaria de saber o que significavam todos esses nomes - disse eu a Cottard,

- Ora, pergunte a Brichot, ele talvez saiba.

- Mas a *Sogne é a Cegonha, Siconia* - respondeu Brichot, a quem eu ardia por fazer perguntas acerca de muitos outros nomes.

Esquecendo-se de que fazia questão do seu "canto", a Sra. Sherbatoff ofereceu-me amavelmente trocar de lugar comigo para que eu pudesse conversar melhor com Brichot, a quem desejava indagar sobre outras etimologias que me interessavam, e assegurou ser-lhe indiferente viajar na frente, atrás, de pé, etc.

Permanecia na defensiva enquanto ignorava as intenções dos recém-chegados, mas, quando reconheceu que eles eram amáveis, buscou de todas as formas agradar a cada um. Por fim o trem parou na estação de Douville-Féterne, que, estando situada mais ou menos à mesma distância das aldeias de Féterne e de Douville, trazia seus dois nomes devido a essa particularidade.

- Caramba! - exclamou o doutor Cottard, quando chegamos à barreira onde nos tomavam as passagens e mal fingindo só então perceber a coisa. - Não consigo encontrar o meu tíquete, devo tê-lo perdido. -

Mas o empregado, tirando o seu casquete, garantiu que aquilo não tinha importância e sorriu respeitosamente.

A princesa (dando explicações ao cocheiro, como o faria uma espécie de dama de honra da Sra. Verdurin, a qual, por causa dos Cambremer, não pudera comparecer à gare, o que aliás era raro que fizesse) levou-me consigo para um dos carros, assim como a Brichot. Para no outro subiram o doutor, Saniette e Ski.

O cocheiro, embora muito jovem, era o principal cocheiro dos Verdurin, o único a ter verdadeiramente o título de cocheiro; levava-os a todos os passeios de dia, pois conhecia todos os caminhos, e de noite ia buscar e trazer de volta os fiéis. Era acompanhado por cocheiros extras (que ele próprio escolhia) para caso de necessidade. Era um rapaz excelente, sóbrio e despachado, mas com um desses rostos melancólicos em que o olhar muito fixo mostrava que por uma ninharia punha-se bilioso e até mesmo com idéias negras. Mas, naquele momento, sentia-se muito feliz, pois conseguira colocar o irmão, outro excelente modelo de homem, na casa dos Verdurin. Primeiro atravessamos Douville. Pequenos outeiros relvados desciam até o mar em amplas pastagens, às quais a saturação da umidade e o sal davam uma espessura, uma suavidade, uma viveza de tons extremamente As ilhotas e chanfraduras de Rivebelle, muito mais aproximadas aqui do que em Balbec, davam a essa parte do mar o aspecto, novo para mim, de plano em relevo. Passamos por pequenos chalés, quase todos alugados por pintores; tomamos por uma vereda onde vacas, em liberdade, tão assustadiças como nossos cavalos, nos barraram a passagem por dez minutos; nos metemos pela estrada.

- Mas em nome dos céus - disse Brichot de repente -, voltemos ao pobre Dechambre; acham que a Sra. Verdurin sabe? Por acaso lhe disseram? -

A Sra. Verdurin, como quase todas as pessoas da sociedade, justamente porque necessitava da sociedade dos outros, não pensava mais nelas nem um só dia depois de mortas, pois não mais podiam comparecer às quartas, nem aos sábados, nem jantar de chambre. E não se podia dizer do pequeno clã, que nisso era a imagem de todos os salões, que se compunha mais de mortos que de vivos, visto que, desde que alguém morria, era como se nunca houvesse existido. Mas,

para evitar aborrecimento de ter de falar dos defuntos, e até de suspender os jantares devido a um luto, coisa impossível para a Patroa, o Sr. Verdurin fingia que a morte dos fiéis afetava de tal modo a esposa que, no interesse de sua saúde, não convinha falar nisso. Além disso, e talvez justamente porque a morte dos outros lhe parecia um acidente tão vulgar e definitivo, a idéia de sua própria morte lhe causava horror e ela evitava toda reflexão que pudesse relacionar-se com isto. Quanto a Brichot, como era um homem excelente, e perfeitamente iludido com o que o Sr. Verdurin dizia da esposa, receava para a amiga as emoções de semelhante desgosto.

- Sim, ela sabe de tudo desde hoje de manhã - disse a princesa; não foi possível ocultar-lhe.

- Ah, com mil diabos! - gritou Brichot. - Ah, deve ter sido um choque terrível, um amigo de vinte e cinco anos! Eis um que era dos nossos!

- É claro, é claro, mas o que quer? - disse Cottard. - São circunstâncias sempre penosas; mas a Sra. Verdurin é uma mulher forte, mais cerebral ainda do que emotiva.

- Não sou inteiramente da opinião do doutor - disse a princesa, a quem decididamente seu modo rápido de falar, seu acento murmurado, davam um aspecto a um tempo amuado e rebelde. - A Sra. Verdurin, sob uma aparência fria, esconde tesouros de sensibilidade. O Sr. Verdurin me disse que teve muito trabalho para impedir que ela fosse a Paris para a cerimônia fúnebre; foi obrigado a fazê-la acreditar que tudo se realizaria no campo.

- Ah, diabo! Ela queria ir a Paris. Mas sei muito bem que é uma mulher de coração, talvez até de coração demais. Pobre Dechambre! Como dizia a Sra. Verdurin há menos de dois meses: "Perto dele, Planté, Paderewski, e até Risler, nada fica de pé." Ah! Ele pôde afirmar, mais justamente do que aquele insignificante do Nero, que achou meios de lograr a própria ciência alemã: *Quais artifex pereo*!'' Mas ele, Dechambre, pelo menos deve ter morrido no cumprimento do sacerdócio, em odor de devoção beethoveniana; e corajosamente, não tenho dúvidas; em boa justiça, esse oficiante da música alemã teria merecido morrer celebrando a Missa em ré. Porém, de outra parte, era homem de acolher a morte com um trinado, pois esse intérprete de gênio encontrava às vezes, em sua ascendência de natural da Champagne aparisianado, audácias e elegâncias de *garde-française*.[“*Meu artista morre comigo*!". Segundo Suetónio, em suas *Vidas dos Doze Césares*, palavras do imperador romano Nero, ao ver que sua morte era inevitável.]

Das alturas em que já estávamos, o mar não mais aparecia, assim como de Balbec, semelhante a ondulações de montanhas sublevadas, mas, ao contrário, como aparece de um pico, ou de uma estrada que contorna a montanha, uma

geleira azulada, ou um planalto ofuscante, situados a uma altitude inferior. O recorte dos redemoinhos parecia imobilizado e ter desenhado para sempre os seus círculos concêntricos; e até o esmalte do mar, que insensivelmente mudava de cor, tomava, para o fundo da baía, onde se cavava um estuário, a brancura azulada de um leite onde pequenos barcos negros, que não andavam, pareciam presos como moscas. Achava eu que seria impossível descobrir em algum lugar um quadro mais amplo. Mas a cada volta uma parte nova se lhe acrescentava e, quando chegamos ao posto alfandegário de Douville, o espigão de rocha, que até então nos ocultara metade da baía, recolheu-se, e de súbito vi à minha esquerda um golfo tão profundo como aquele que tivera até o momento diante dos olhos, mas alterando-lhe as proporções e multiplicando-lhe a beleza. Naquele ponto tão elevado, o ar se tornava de uma vivacidade e de uma pureza que me embriagavam. Eu amava os Verdurin; que eles nos houvessem mandado um carro me parecia de uma bondade enternecedora. Desejaria beijar a princesa. Disse-lhe que jamais vira algo tão belo. Ela declarou amar também aquela região mais que qualquer outra. Mas eu percebia perfeitamente que para ela, como para os Verdurin, o importante era não contemplá-la como turistas, mas ali fazer boas refeições, receber uma sociedade que lhes agradasse, escrever cartas, ler, em suma viver, deixando passivamente a sua beleza banhá-los, em vez de fazerem dela o objeto de suas preocupações.

Na alfândega, tendo o carro ali parado por um instante àquela tamanha altitude acima do mar, que, como de um pico, a vista do abismo azulado quase dava vertigens, abri a janela; o rumor, distintamente ouvido de cada onda que se quebrava, possuía, em sua doçura e nitidez, algo de sublime. Pois não era como um índice de medida que, invertendo nossas impressões habituais, nos mostra que as distâncias verticais podem, assimiladas às distâncias horizontais, ao contrário da representação que nosso espírito faz habitualmente delas; e que, aproximando assim de nuvens do céu, não são grandes; que são até menores para um rumor que as franquezas como fazia o daquelas pequenas ondas, pois o meio que precisa atravessar é mais puro? E com efeito, se recuamos apenas dois metros para trás da alfândega, não distinguimos mais esse rumor das ondas, a que duzentos metros de rocha não tinham roubado sua delicada, minuciosa e suave precisão. Dizia comigo que minha avó teria por ele aquela admiração que lhe inspiravam todas as manifestações da natureza ou da arte, em cuja simplicidade se lê a grandeza. Sentia-me enternecido pelo fato de que os Verdurin nos tivessem mandado buscar na gare. Disse-o à princesa, que pareceu achar que eu exagerava demais uma simples cortesia. Sei que mais tarde confessou a Cottard que me julgava muito entusiasta; ele lhe respondeu que eu era emotivo em excesso e que precisaria de calmantes e de fazer retiro. Eu mostrava à princesa cada árvore, cada casinha desabando sob suas casas; fazia com que admirasse tudo, gostaria de apertar ela própria contra meu coração. Disse-me ela que via

que eu era dotado para a pintura, que deveria desenhar, que estava surpresa de que ainda não me houvessem dito. E confessou que de fato aquela região era pitoresca. Atravessamos a encarapitada no alto, a pequena aldeia de Englesqueville (Engleberti at disse-nos Brichot).

- Mas tem certeza de que vai haver o jantar desta noite, princesa, apesar da morte de Dechambre? - acrescentou ele, sem pensar que a vinda dos carros em que estávamos já era uma resposta.

- Sim! - disse a princesa -, o Sr. Veldulin até fez questão de que não fosse adiado, justamente para impedir sua mulher de "pensar". E depois, passados tantos anos em que ela nunca deixou de receber às quartas-feiras, essa mudança nos seus hábitos poderia impressioná-la. Está muito nervosa atualmente. O Sr. Verdurin estava particularmente feliz porque os senhores vinham jantar esta noite, pois sabia que isso seria uma grande distração para a Sra. Verdurin -disse a princesa, esquecendo o seu fingimento de não ter ouvido falar em mim. - Creio que os senhores farão bem em não falar de nada diante da Sra. Verdurin - acrescentou a princesa.

- Ah! A senhora faz muito bem em avisar-me - respondeu ingenuamente Brichot: Transmitirei a recomendação a Cottard. -

O carro parou por um instante. Tornou a partir, mas o ruído que as rodas faziam na aldeia havia cessado. Tínhamos entrado na aléia de honra de La Raspeliere, onde o Sr. Verdurin nos esperava no patamar.

- Fiz bem em pôr o *smoking* - disse ele, constatando com prazer que os fiéis trajavam o seu - visto que recebo honra tão elegantes. -

E, como eu me desculpasse pelo meu jaquetão:

- Ora, é perfeito. Aqui são jantares entre camaradas. Eu poderia oferecer-lhe um de meus *smokings*, mas não lhe serviria. -

O *shake-hand* cheio de emoção que, ao penetrar no vestíbulo da La Raspeliere, e à maneira de condolências pela morte do pianista, Brichot deu ao Patrão não causou nenhum comentário da parte deste. Falei-lhe da minha admiração por aquela terra.

- Ah! Tanto melhor, e o senhor não viu nada, nós lhe mostraremos. Por que não passa algumas semanas aqui? O ar é excelente. -

Brichot receava que seu aperto de mão não tivesse sido compreendido.

- Pois bem! Esse pobre Dechambre! - disse, mas à meia-voz, temendo que a Sra. Verdurin não estivesse longe.

- É horrível - respondeu alegremente o Sr. Verdurin.

- Tão jovem - continuou Brichot. Irritado em perder tempo com essas inutilidades, o Sr. Verdurin replicou num tom apressado e com um gemido extremamente agudo, não de desgosto, mas de impaciência irritada:

- Pois bem, sim, mas o que é que o senhor quer, não podemos fazer nada contra isso, não serão nossas palavras que haverão de ressuscitá-lo, não é mesmo? - E, voltando-lhe a ternura com a jovialidade: - Vamos, meu caro Brichot, largue depressa as suas coisas. Temos uma *bouillabaisse* que não pode esperar. Principalmente, em nome do céu, não vá falar de Dechambre à Sra. Verdurin! O senhor sabe que ela oculta muito o que sente, mas tem uma verdadeira doença de sensibilidade. Não, mas eu lhe juro que, quando soube que Dechambre estava morto, quase chorou - disse o Sr. Verdurin num tom profundamente irônico. Ouvindo-o, dir-se-ia ser necessária uma espécie de loucura para lamentar a morte de um amigo de trinta anos, e, por outro lado, a união perpétua do Sr. Verdurin com a esposa não ia, da parte dele, sem que ele sempre a julgasse, e que ela freqüentemente o irritava.

- Se lhe falar nele, ainda vai acabar doente. É deplorável, três semanas depois de sua bronquite. Nesses casos, eu é que sou o enfermeiro. Compreenda que evito tais situações. Aflija-se no íntimo com o destino de Dechambre, o quanto quiser. Pense nisso, mas não fale no assunto. Eu gostava de Dechambre, mas não pode me querer mal por gostar ainda mais da minha mulher. Olhe, aí está Cottard, pode lhe perguntar. -

E, de fato, ele sabia que um médico da família sabe prestar pequenos serviços, como, por

exemplo, prescrever que não é preciso sentir desgostos. Cottard, dócil, dissera à Patroa:

- Agite-se desse modo, e amanhã me fará 39 graus de febre como teria dito à cozinheira: "Amanhã, você vai me preparar miúdos de vitela." À falta de curar, a medicina se ocupa em mudar o sentido dos verbos e dos pronomes.

O Sr. Verdurin ficou feliz em constatar que Saniette, apesar das respostas grosseiras que havia sofrido na antevéspera, não desertara o pequeno núcleo. De fato, a Sra. Verdurin e seu marido tinham adquirido, na ociosidade, instintos cruéis a que não mais bastavam as grandes circunstâncias, muito raras. De fato, haviam conseguido indispor Odette com Swann, Brichot com a amante. Era claro que recomeçariam com outros. Na ocasião não se apresentava todos os dias. Ao passo que, devido à sua sensibilidade fremente e à sua timidez receosa e logo assustada, Saniette lhes oferecia um bode expiatório cotidiano. Assim, de medo que ele abandonasse, tinham o cuidado de convidá-lo com palavras amáveis e persuasivas, como fazem no liceu os veteranos e no regimento os antigos, em relação a um calouro a que desejam aliciar para agarrá-lo, com o fim único de o

lisonjear e então pregar-lhe peças, quando ele não mais poderá escapar.

- Principalmente - lembrou à Brichot Cottard, que não ouvira o Sr. Verdurin *motus* [mudo] diante da Sra. Verdurin.

- Não tenha receio, Cottard, está lidando com um sábio, como diz Teócrito. Além disso, o Sr. Verdurin tem razão; para que servem nossos queixumes? - acrescentou; pois, capaz de assimilar as formas verbais e as idéias que elas lhe traziam; não tendo porém finura, admirara nas palavras do Sr. Verdurin o mais corajoso estoicismo. - Não importa, é um grande talento que desaparece.

- Como, ainda estão falando de Dechambre? - indagou o Sr. Verdurin, que nos havia precedido e que, vendo que não o seguíamos, voltara para trás - Escute - disse ele a Brichot -, não é preciso exagerar em nada. Não é porque está morto que devemos transformá-lo no gênio que ele não era. Está entendido que ele tocava bem, estava principalmente bem adaptado aquele transplantado, não existe mais. Minha mulher entusiasmou-se por ele e foi a sua fama. Sabem como ela é. Direi mais, no interesse mesmo de sua reputação ele morreu no momento adequado, no ponto, como as lagostas de Caen, grelhadas conforme as receitas incomparáveis de Pampille, vão-se, espero (a menos que se eternizem com suas *jeremíadas* neste *casbahaterto* a todos os ventos). Não há de querer, no entanto, que todos nós rebentemos porque Dechambre está morto, e ainda por cima quando, há mais de um ano, via-se obrigado a fazer escalas antes de dar um concerto para reencontrar momentaneamente, bem momentaneamente, a sua agilidade. Aliás, irão ouvir esta noite, ou pelo menos encontrar, pois esse velhaco abandona muitas vezes, após o jantar, a arte pelas cartas, alguém que é um artista diferente de Dechambre, um rapazinho que minha mulher descobriu (como tinha descoberto Dechambre, e Paderewski, e o resto): Morel. Ele ainda não chegou, esse bugre. Vou ser obrigado a enviar um carro para esperar o último trem. Vem com um velho amigo de família com quem se encontrou a que o mata de aborrecimento, mas sem o qual, para não ter queixas do pai, seria obrigado a ficar em Doncieres para lhe fazer companhia: o barão de Charlus.

Os fiéis entraram.

O Sr. Verdurin, tendo ficado para trás comigo, enquanto eu me desfazia de minhas coisas, tomou-me pelo braço de brincadeira, como faz num jantar o dono da casa que não tem convidada para lhe oferecer o braço:

- Fez boa viagem?

- Sim, o Sr. Brichot ensinou-me coisas que me interessaram muito - disse eu, pensando nas etimologias, e porque ouvira dizer que os Verdurin sentiam muita admiração por Brichot.

- Ficaria espantado se ele não lhe tivesse ensinado coisa alguma - disse o Sr.

Verdurin; - é um homem tão apagado, que pouco fala das coisas que sabe. -

Esse cumprimento não me pareceu muito justo.

- Ele tem um ar encantador - disse eu.

- Requintado, delicioso, nada de coisas malfeitas, fantasista, leve, minha mulher o adora, eu também! - respondeu o Sr. Verdurin num tom exagerado e como se recitasse uma lição. Só então compreendi que o que me dissera de Brichot era irônico. E me perguntei se o Sr. Verdurin, desde os tempos antigos de que ouvira falar, já não havia se livrado da tutela da mulher.

O escultor ficou muito espantado ao saber que os Verdurin consentiam em receber o Sr. de Charlus. Ao passo que no *faubourg* Saint-Germain, onde o Sr. de Charlus era tão conhecido, jamais se falava dos seus costumes (ignorados da maioria, objeto de dúvida da parte de outros que preferiam acreditar em amizades exaltadas, mas platônicas, em imprudências e, por fim, cuidadosamente dissimulados pelos poucos bem informados, que davam de ombros quando alguma Gallardon malévola arriscava uma insinuação); tais costumes, conhecidos apenas por alguns íntimos, eram, ao contrário, diariamente censurados longe do meio em que ele vivia, como certos tiros de canhão que a gente só escuta após a interferência de uma zona de silêncio. Aliás, nesses meios burgueses e artísticos, onde ele passava por ser a própria encarnação da inversão sexual, sua grande posição mundana e suas altas origens eram totalmente ignoradas, por um fenômeno análogo ao que faz com que, entre o povo romeno, o nome de Ronsard seja conhecido como o de um grão-senhor, ao passo que sua obra poética é desconhecida. Mais ainda: na Romênia, a nobreza de Ronsard repousa num erro. Da mesma forma, se, no mundo dos pintores e dos comediantes, o Sr. de Charlus tinha tão má reputação, isto se dava porque o confundiam com um certo conde Leblois de Charlus, com quem não tinha o menor parentesco, ou era um parente muito distante, e que fora detido, talvez por engano, numa batida de polícia que ficou famosa. Em suma, todas as histórias que contavam acerca do Sr. de Charlus aplicavam-se ao falso. Muitos profissionais juravam ter tido relações com o Sr. de Charlus e o faziam de boa-fé, julgando que o falso Charlus era o verdadeiro, e o falso talvez favorecesse, meio por ostentação de nobreza, meio por dissimulação de vício, uma confusão que, para o verdadeiro (o barão que conhecemos), foi por muito tempo prejudicial e, a seguir, quando ele decaiu, tornou-se cômodo pois também lhe permitiu que dissesse:

"Não sou eu."

De fato, atualmente não era dele que falavam. Por fim, o que acrescentava à falsidade dos comentários um fato verdadeiro (os gostos do barão) era que ele fora amigo íntimo e totalmente puro de um autor que, no mundo teatral, tinha,

não se sabe por quê, essa reputação e absolutamente não a merecia. Quando os viam juntos numa estréia, diziam:

- Estamos sabendo - da mesma forma que se julgava que a duquesa de Guermantes tinha relações imorais com a princesa de Parma; lenda indestrutível, pois só se desvaneceria com uma aproximação à essas duas grandes damas, a que nunca verossimilmente haveriam de atingir as pessoas que a repetiam, senão contemplando-as no teatro e caluniando-as para o ocupante da poltrona ao lado. Dos costume do Sr. de Charlus, o escultor concluía, com tanto menos hesitação, que, a situação mundana do barão devia ser bastante ruim, visto que não possuía sobre a família a que pertencia o Sr. de Charlus, sobre seu título e sobre seu nome, nenhum tipo de informação. Da mesma forma que Cottard achava que todo mundo sabe que o título de doutor não significa nada, e o de interno dos hospitais alguma coisa, as pessoas da sociedade se enganam ao pensar que todos possuem, sobre a importância social de seus nomes as mesmas noções que têm eles próprios e as pessoas de seu meio. O príncipe de Agrigento passava por um resto aos olhos de um empregado de clube ao qual devia vinte e cinco luíses, só readquirindo sua importância no *faubourg* Saint-Germain, onde possuía três irmãs duquesas, pois não é sobre as pessoas modestas, a cujos olhos vale pouco, mas sobre as pessoas brilhantes, que estão a par do que ele é, que produz algum efeito o grão-senhor. Aliás, o Sr. de Charlus ia verificar, naquela mesma noite, que o Patrão possuía noções pouco aprofundadas sobre as mais ilustres famílias ducais. Convencido de que os Verdurin iam dar um passo em falso deixando que se introduzisse num salão tão "seleto" um indivíduo tarado, e escultor julgou dever chamar à parte a Patroa.

- O senhor está totalmente enganado; aliás, não acredito nunca nessas coisas; e depois, mesmo que fossem verdadeiras, digo-lhe que não seriam comprometedoras para mim, - retrucou a Sra. Verdurin, furiosa, pois, sendo Morel o principal elemento das quartas-feiras, ela fazia acima de tudo questão de não contrariá-lo.

Quanto a Cottard, não podia dar opinião, pois pedira licença para subir e "dar um recado" no bom retiro e em seguida escrever, no quarto do Sr Verdurin, uma carta urgente para um enfermo.

Um grande editor de Paris, que viera de visita e pensara que haveriam de retê-lo, foi-se embora brutalmente, às pressas, compreendendo que não era suficientemente elegante para o pequeno clã. Era um homem alto e forte, muito moreno, estudioso, com algo de cortante. Dava a impressão de uma espátula de ébano.

A Sra. Verdurin, que, para nos receber no seu salão imenso, onde troféus de gramíneas, de papoulas, flores do campo, colhidas no próprio dia, alternavam

com o mesmo motivo pintado em camafeu, dois séculos antes, por um artista de gosto refinado, se levantara por um momento de uma partida que jogava com um velho amigo, pediu licença para terminá-la em dois minutos, sempre conversando conosco. Aliás, o que eu lhe disse acerca das minhas impressões só parcialmente lhe agradou. Primeiro, eu estava escandalizado de ver que ela e seu marido se recolhiam, todos os dias, muito tempo antes da hora daqueles ocasos, que passavam por ser tão lindos vistos daquele rochedo, e mais ainda do terraço de La Raspeliere, e pelos quais eu teria viajado léguas.

- Sim, é incomparável - disse rapidamente a Sra. Verdurin, lançando uma olhada às imensas janelas que faziam de vidraças. - Por mais que olhemos isso o tempo todo, nunca nos cansamos - e voltou a absorver-se nas cartas.

Ora, o meu próprio entusiasmo me fazia exigente. Lastimava não ver do salão os rochedos de Darnetal, que Elstir me assegurara serem adoráveis naquele momento em que refratavam tantas cores.

- Ah, o senhor não pode vê-los daqui, seria necessário ir até a extremidade do parque, à "vista da baía". Do banco que ali se encontra, o senhor abrangerá todo o panorama. Mas não pode ir sozinho; acabaria se perdendo. Vou conduzi-lo até lá, se quiser - acrescentou languidamente.

- Mas não, ora, já não bastam as dores que apanhaste no outro dia, queres ainda mais? Ele vai voltar outro dia e então verá a vista da baía - disse o Sr. Verdurin.

Não insisti, compreendendo que bastava aos Verdurin saberem que aquele sol poente era, mesmo no seu salão ou na sua sala de jantar, uma pintura magnífica, como um precioso esmalte japonês, justificando o preço elevado que pagavam pelo aluguel de La Raspeliere toda mobiliada, mas para o qual raramente erguiam os olhos; seu grande negócio aqui era viver de maneira agradável, passear, comer bem, conversar, receber amigos agradáveis, aos quais proporcionavam divertidos jogos de bilhar, boas refeições, alegres merendas. Entretanto, mais tarde, vi com que inteligência eles tinham aprendido a conhecer aquela região, fazendo os hóspedes darem passeios tão "inéditos" como a música que faziam com que escutassem. O papel que as flores da Raspeliére, os caminhos à beira-mar, as velhas casas, as igrejas desconhecidas representavam na vida do Sr. Verdurin era tão grande, que aqueles que somente o viam em Paris e que substituíam a vida à beira-mar e no campo pelos luxos citadinos mal podiam compreender a idéia que ele próprio se fazia de sua vida e a importância que suas alegrias lhe davam a seus próprios olhos. Essa importância ainda era acrescida pelo fato de que os Verdurin estavam persuadidos de que La Raspeliere, que pretendiam comprar, era uma propriedade única no mundo. Essa superioridade, que o seu amor-próprio lhes atribuía à Raspeliere, justificou a seus olhos o meu entusiasmo que, sem isso, os teria irritado um pouco, por causa das

decepções que ele comportava (como as que a audição da Berma me provocara outrora) e de que eu lhes fazia sincera confissão.

- Ouço o carro que está voltando. Esperemos que ele os tenha encontrado - murmurou a Patroa de repente.

Digamos, numa palavra, que a Sra. Verdurin, afora até as mudanças inevitáveis da idade, já não se parecia mais à que era no tempo em que Swann e Odette ouviam em sua casa o pequeno trecho de Vinteuil. Mesmo quando o tocavam, ela já não se obrigava a mostrar o aspecto extenuado de admiração que assumia antigamente, pois este se tornara a sua própria fisionomia. Sob a ação de inumeráveis nevralgias, causadas pela música de Bach, de Wagner, de Vinteuil e de Debussy, a testa da Sra. Verdurin adquirira enormes proporções, como os membros que um reumatismo termina por deformar. Suas têmporas, semelhantes a duas belas esferas ardentes, doloridas e leitosas, onde imortalmente rola a Harmonia, repeliam de cada lado mechas prateadas e proclamavam da parte da Patroa, sem que esta precisasse falar:

"Sei o que me espera esta noite."

Suas feições não mais se davam ao trabalho de formular sucessivamente impressões estéticas muito fortes, pois elas próprias eram como que sua expressão permanente em um rosto soberbo e devastado.

Essa atitude de resignação aos sofrimentos sempre iminentes infligidos pelo Belo, e a coragem que tivera em pôr um vestido quando mal se levantava após a última sonata, faziam com que a Sra. Verdurin, mesmo para escutar a música mais cruel, conservasse uma fisionomia desdenhosamente impassível e até chegasse a se esconder para engolir duas colheradas de aspirina.

- Ah, sim, ei-los - exclamou o Sr. Verdurin com alívio, vendo a porta se abrir e deixar passar Morel, seguido do Sr. de Charlus. Este, para quem jantar na casa dos Verdurin não era de forma alguma comparecer à sociedade, mas ir a um lugar suspeito, estava intimidado como um colegial que entra pela primeira vez num bordel e com mil respeitos para com a dona. Assim, o desejo habitual do Sr. de Charlus, de parecer frio e viril, foi dominado (quando apareceu na porta aberta) por essas idéias tradicionais de cortesia, que se revelam desde que a timidez arruína uma atitude fictícia e apela para os recursos do inconsciente. Quando é num Charlus, seja ele burguês ou nobre, que age tal sentimento de polidez instintiva e atávica para com desconhecidos, é sempre a alma de um parente do sexo feminino, auxiliadora como uma deusa, ou encarnada como um duplo, que se encarrega de introduzi-lo num novo salão e de modelar sua atitude até que ele tenha chegado diante da dona da casa. Certo pintor jovem, educado por uma santa prima protestante, entrará com a cabeça oblíqua e vacilante, os olhos no teto, as mãos presas a um regalo invisível, cuja forma evocada e cuja

presença real e tutelar auxiliarão o artista intimidado a franquear, sem agorafobia, o espaço cavado de abismos que vai do vestíbulo ao salão pequeno. Assim, a piedosa parenta, cuja lembrança o guia hoje, entrava, há muitos anos e com um aspecto tão gemente, que todos se perguntavam qual a desgraça que vinha anunciar, quando às suas primeiras palavras compreenderam, como agora ocorria com o pintor, que ela vinha fazer uma visita de digestão. Em virtude dessa mesma lei que exige que a vida, no interesse do ato ainda não cumprido, mande servir, utilize, desnature, numa perpétua prostituição, os mais respeitáveis legados, por vezes os mais santos, por vezes os mais inocentes, do passado, e, embora ela engendrasse então um aspecto diferente, um dos sobrinhos da Sra. Cottard, que afligia a família por seus modos afeminados e suas relações, fazia sempre uma entrada alegre como se viesse dar uma surpresa ou anunciar uma herança, iluminado por uma felicidade de cuja causa seria baldado perguntar-lhe, que se ligava à sua hereditariedade inconsciente e a seu sexo desviado. Andava na ponta dos pés, estava sem dúvida ele próprio espantado de não ter à mão um carnê de cartões de visita, estendia a mão abrindo a boca em forma de coração, como vira a tia fazer, e seu único olhar inquieto era para o espelho, onde parecia querer verificar, embora estivesse de cabeça descoberta, se o seu chapéu, como um dia indagara a Sra. Cottard a Swann, não estava de través.

Quanto ao Sr. de Charlus, a quem a sociedade na qual tinha vivido fornecia, nesse momento crítico, exemplos diferentes, outros arabescos de amabilidade e, enfim, a máxima que se deve conhecer em certos casos, para com simples pequeno-burgueses, externar e oferecer as mais raras graças, habitualmente conservadas em reserva, foi bamboleando com afetação e a mesma amplitude como que umas saias houvessem alargado e embaraçado os seus requebros, que ele se dirigiu para a Sra. Verdurin, com um ar tão lisonjeado e honrado que se diria que ser apresentado em sua casa teria sido para ele um favor supremo. Seu rosto, meio inclinado, onde a satisfação competia com as conveniências, sulcava-se de pequeninas rugas de afabilidade. Julgar-se-ia ver avançar a Sra. de Marsantes, de tanto que, naquele momento, sobressaía a mulher que um erro da natureza colocara no corpo do Sr. de Charlus. Decerto, esse erro o barão duramente havia penado para dissimulá-lo e assumir uma aparência masculina. Porém, mal o conseguira e eis que, tendo conservado ao mesmo tempo os mesmos gostos, o hábito de sentir como mulher lhe dava uma nova aparência feminina, nascida esta não da hereditariedade, mas da vida individual. Como chegava aos poucos a pensar, mesmo os fatos sociais, no feminino; isto sem se dar conta de tal, pois não é somente à força de mentir para os outros, mas também de mentir para si mesmo, que se deixa de perceber que se mente, embora ele tivesse pedido ao corpo que tornasse manifesto (no momento em que entrava na casa dos Verdurin) toda a cortesia de um grão-senhor, esse corpo, que compreendera perfeitamente aquilo que o Sr. de Charlus deixara de ouvir, desenrolou, a ponto de

que o barão teria merecido o epíteto de *lady-like*, todas as seduções de uma grande dama. Afinal, pode-se separar inteiramente o aspecto do Sr. de Charlus do fato de que os filhos, visto nem sempre se parecerem com os pais, mesmo não sendo invertidos e procurarem mulheres, consumam no rosto a profanação de sua mãe? Mas deixemos aqui o que mereceria um capítulo à parte: as mães profanadas.

Conquanto razões outras presidissem a essa transformação do Sr. de Charlus e fermentos puramente físicos fizessem "trabalhar" nele a matéria e passar seu corpo, aos poucos, para a categoria de corpos de mulher, todavia a mudança que aqui assinalamos era de origem espiritual. À força de se julgarem enfermas, as pessoas o acabam sendo, emagrecem, não têm mais forças para se levantar, sofrem de enterites nervosas. À força de pensar com ternura nos homens, uma pessoa se torna mulher e uma saia postiça entrava seus passos. A idéia fixa nelas pode modificar o sexo (assim como em outros casos a saúde).

Morel, que o seguia, veio cumprimentar-me.

Desde aquele momento, devido a uma dupla mudança que nele se efetuava, ele me causou (ai de mim, que não o soube perceber em tempo) uma má impressão. Eis o motivo.

Disse eu que Morel, tendo escapado à servidão do pai, comprazia-se em geral numa familiaridade extremamente desdenhosa. Falara comigo, no dia em que me levara as fotografias, sem sequer uma vez me dizer "senhor" e tratando-me de alto a baixo. Qual não foi minha surpresa, na casa da Sra. Verdurin, ao vê-lo inclinar-se profundamente diante de mim, e só diante de mim, e ao ouvir, antes mesmo que ele tivesse pronunciado outras frases, as expressões de "respeito" e "muito respeitoso" palavras que eu considerava impossíveis em seus lábios ou em seus escritos a mim dirigidas! Tive logo a impressão de que ele queria me pedir alguma coisa. Tomando-me à parte ao cabo de um minuto:

- O senhor me prestaria um grande serviço - disse ele, chegando dessa vez a me falar na terceira pessoa ocultando inteiramente à Sra. Verdurin e a seus convidados o tipo de profissão que meu pai exerceu em casa de seu tio. Seria preferível dizer que ele era, em sua família, o intendente de domínios tão vastos que isto o fazia quase da mesma classe que seus pais. - O pedido de Morel me contrariava infinitamente, não por me obrigar a engrandecer a posição de seu pai, o que na verdade pouco me importava, mas a fortuna ao menos aparente do meu, o que achava ridículo. Mas seu aspecto era tão infeliz, tão premente, que não recusei.

- Não, antes do jantar - pediu-me em tom de súplica; o senhor tem mil pretextos para chamar à parte a Sra. Verdurin.

Foi o que fiz, com efeito, cuidando de realçar da melhor maneira o brilho do pai

de Morel, sem exagerar muito "o modo de vida" e a "abastança" de meus pais. Isso passou como carta no correio, apesar do espanto da Sra. Verdurin, que vagamente conhecera meu avô. E, como fosse desprovida de tato e odiava as famílias (esse dissolvente do pequeno núcleo), depois de haver dito que outrora avistara meu bisavô e de ter se referido a ele como a alguém mais ou menos idiota que nada teria compreendido do pequeno grupo, e que, conforme sua expressão, "não era dos deles", ela me disse:

- Aliás, isso de famílias é tão enfadonho; a gente só aspira em sair delas; - e em seguida contou-me, do pai de meu avô, essa tirada que eu ignorava, embora em casa tivesse suspeitado (não chegara a conhecê-lo, mas falavam muito nele) de sua avareza (oposta à generosidade um tanto faustosa do meu tio-avô, o amigo da dama cor-de-rosa e patrão do pai de Morel): - Já que seus pais tinham um intendente tão elegante, isto prova que há pessoas de todos os matizes nas famílias. O pai de seu avô era tão avarento que, quase caduco no fim da vida cá entre nós, ele nunca foi muito forte, o senhor os compensa a todos -, não se conformava em gastar três sous com o ônibus. De modo que tinham sido obrigados a mandar alguém segui-lo, pagar em separado ao trocador e fazer acreditar ao velho que seu amigo, Sr. de Persigny, ministro de Estado, conseguira que ele andasse de graça nos ônibus. De resto, estou muito contente que o pai do nosso Morel tenha tido tão boa situação. Eu havia compreendido que ele era professor de liceu, não quer dizer nada, entendi mal. Mas não tem importância, pois aqui só apreciamos o valor próprio, a contribuição pessoal, o que chamo de participação. Contanto que seja da arte, numa palavra, contanto que seja da confraria, o resto pouco importa. -

A maneira como Morel o era tanto quanto pude sabê-lo que ele amava bastante as mulheres e os homens para agradar a cada sexo com a ajuda do que experimentara no outro - é o que veremos mais tarde. O essencial a dizer aqui é que, desde que lhe dei minha palavra no sentido de intervir junto à Sra. Verdurin, sobretudo desde que o fiz, e sem ser possível voltar atrás, o "respeito" de Morel por mim se desvaneceu como por encanto, desapareceram as fórmulas respeitosas, e ele chegou mesmo, durante algum tempo, a me evitar, cuidando para parecer que me desdenhava, de forma que, se a Sra. Verdurin queria que lhe dissesse alguma coisa lhe pedisse determinado trecho de música, ele continuava a falar como fiel, depois com outro, mudava de lugar se me aproximava dele. Eram forçados a lhe dizer até três ou quatro vezes que eu lhe dirigira a palavra, após o que ele me respondia, constrangido, de modo breve, a menos que estivéssemos a sós. Neste caso, tornava-se expansivo, amistoso, pois apresentava aspectos de caráter muito encantadores. Nem por isso deixei de concluir, por aquela primeira reunião noturna, que sua natureza devia ser vil, que ele não recuava, se necessário, diante de nenhuma baixeza, ignorava a gratidão.

Nisso assemelhava-se ao comum dos homens. Mas, como eu tinha dentro de mim um pouco de minha avó e me agradava a diversidade dos homens, sem deles nada esperar ou lhes querer mal, não me importei com sua baixeza, e diverti-me com sua boa disposição quando apareceu, e até no que acho ter sido uma sincera amizade de sua parte quando, tendo dado toda a volta de seus falsos conhecimentos da natureza humana, ele percebeu (por impulsos, pois era dotado de estranhos retrocessos à sua selvageria primitiva e cega) que minha suavidade para com ele era desinteressada, que minha indulgência não provinha de uma falta de perspicácia, mas do que chamou de bondade, e que sobretudo eu me encantava com sua arte, que não passava de admirável virtuosismo, mas que me fazia (sem que ele fosse um verdadeiro músico, no sentido intelectual do termo) ouvir de novo ou conhecer tantas belas músicas. Aliás, um *manager*, o Sr. de Charlus, em quem eu ignorava esses talentos (embora a Sra. de Guermantes, que o conhecera bem diferente na sua juventude, afirmasse que ele lhe compusera uma sonata, pintara um leque, etc.), modesto no que concernia a suas verdadeiras superioridades, mas de primeira ordem, soube colocar esse virtuosismo a serviço de um senso artístico multiforme, e que o decuplicou.

Imagine-se algum artista puramente habilidoso dos *Ballets* russos, estilizado, instruído, desenvolvido em todos os sentidos pelo Sr. Diaghilev.

Acabava de transmitir à Sra. Verdurin a mensagem de que me havia encarregado Morel, e falava sobre Saint-Loup com o Sr. de Charlus, quando Cottard entrou no salão anunciando, como se se tratasse de um incêndio, que os Cambremer estavam chegando. A Sra. Verdurin, para não parecer, diante de novatos como eu e o Sr. de Charlus (que Cottard não tinha visto), ligar tanta importância à chegada dos Cambremer, não se mexeu, não respondeu nada ao anúncio daquela novidade, contentando-se em dizer ao doutor, abanando-se com graça e com o mesmo tom artificial de uma marquesa do Théâfre-français:

- O barão nos dizia justamente... -

Era demais para Cottard! Com menos vivacidade do que faria outrora, pois o estudo e as altas posições tinham tornado mais vagarosa a sua fala, mas ainda assim com aquela emoção que reencontrou:

- Um barão! Onde isso, um barão?- procurando-o com os olhos, num espanto que ofuscou. A Sra. Verdurin, com a indiferença afetada de um criado, diante dos convidados, acabada a entonação artificial e aumentada de um desempenho de Dumas Filho, respondeu:

- Ora, o barão de Charlus. -

Aliás, não desagradava se fazer de grande dama.

O Sr. de Charlus apertou com um sorriso benévolo atacou de súbito, vendo

entrarem os Cambremers. Ao entrarem o Sr. de Charlus me arrastava para um canto sem apalpar meus músculos, ao que Cambremer de modo algum se assemelhava dizia este com ternura, inteiramente do lado oposto que se ouvira falar nele, ou de cartas dele, do seu físico assombrava. Sem dúvida, a gente via que havia escolhido, para vir colocar de través em linha oblíqua, entre tantas outras, que não se vê no rosto, um nariz; que indicava uma estupidez vulgar, de uma pele normanda de vermelhidão do Sr. de Cambremer; aguardassem nas pálpebras tão suaves pelos belos dias ensolarados e divertidos em ver, paradas à beira da estrada, às sombras dos álamos, mas aquelas pálpebras abaixadas, teriam impedido a própria inteligência postado com a exigüidade daquele olhar de narigão atravessado. Por uma transposição nos olhava com o nariz. Esse nariz do Sr. de Charlus era um pouco bonito demais, por demais forte, com excesso de importância. Convexo, brunido, reluzente, novamente disposto a compensar a insuficiência se os olhos são às vezes o órgão em que seja qual for, aliás a íntima solidariedade dos traços uns sobre os outros, o nariz revela mais facilmente a tolice.

Por mais conveniência a Sra. de Cambremer usava sempre, mesmo de manhã, algo que ofuscava e exasperava o brilho das roupas desconheciam, não se podia compreender que a mulher do presidente do conselho declarasse com ar de faro e de autoridade, como pessoa que tem mais experiência do que nós acerca da alta sociedade de Alençon, que diante de Sr. de Cambremer logo nos sentíamos, mesmo antes de saber de quem se tratava, em presença de um homem de alta distinção, de um homem perfeitamente bem-educado, diferente do gênero de Balbec, enfim, um homem junto a quem se podia respirar. Era para ela, asfixiada por tantos turistas de Balbec que não conheciam o seu mundo, como um frasco de sais. Pareceu-me, ao contrário, que ele era dessas pessoas que minha avó teria achado logo "muito mau" e, como não compreendia o esnobismo, sem dúvida ficaria estupefata de que ele tivesse conseguido se casar com a Srta. Legrandin, que devia ser difícil em matéria de distinção, ela, cujo irmão era "tão bom". Quando muito, podia-se dizer da feiúra vulgar do Sr. de Cambremer que ela era um pouco da região e tinha algo de muito antigamente local; diante de seus traços errôneos e que se teria desejado retificar, pensava-se nesses nomes de cidadezinhas normandas sobre cuja etimologia o meu cura se enganava porque os camponeses, articulando mal ou tendo mal compreendido o termo normando ou latim que as designa, acabaram por fixar num barbarismo que já se encontra nas cartulárias, como diria Brechot, um contra-senso e um vício de pronúncia. A vida nessas velhas cidadezinhas pode aliás passar-se agradavelmente, e o Sr. de Cambremer devia ter qualidades, pois, se era próprio de uma mãe que a velha marquesa preferisse seu filho à nora, em compensação, ela, que tinha vários filhos, dos quais dois pelo menos não eram desprovidos de mérito, freqüentemente declarava que o marquês, em sua opinião, era o melhor

da família. Durante o pouco tempo que havia passado no exército, seus companheiros, achando muito comprido dizer Cambremer, tinham lhe dado o apelido de Cancan, que ele de resto não merecera em nada. Sabia ornar um jantar ao qual o convidavam, dizendo no momento do peixe (mesmo que o peixe estivesse podre) ou à entrada:

- Mas sim senhor, parece que está mesmo um belo animal. -

E sua mulher, tendo adotado ao entrar para a família tudo o que julgava fazer parte do gênero daquela sociedade, punha-se à altura dos amigos do marido, e talvez procurasse agradar-lhe como uma amante, e como se outrora tivesse estado ligada à sua vida de solteiro, dizendo com ar displicente quando falava dele aos oficiais:

- Vão ver Cancan, Cancan foi a Balbec, mas estará de volta esta noite. -

Estava furiosa por se comprometer aquela noite com os Verdurin e só comparecia às instâncias da sogra e do marido, no interesse da locação. Porém, menos bem-educada que eles, não ocultava o motivo e fazia quinze dias que troçava com as amigas sobre esse jantar.

- Sabem que vamos jantar com nossos locatários? Isso bem merece um aumento. No fundo, estou bastante curiosa por saber o que podem ter feito da nossa pobre e velha Raspeliere (como se ali tivesse nascido e encontrasse todas as recordações dos seus). Nosso velho guarda nos disse ainda ontem que não era possível reconhecer mais nada. Nem tenho coragem de pensar em tudo o que deve se passar lá dentro. Acho que faremos bem em mandar desinfetar tudo antes de nos reinstalarmos. -

Ela chegou altaneira e rabugenta, com o ar de grande dama cujo castelo, por ocasião de uma guerra, tivesse sido ocupado pelos inimigos, mas que ainda assim sente-se em casa e faz questão de mostrar aos vencedores que eles são intrusos.

A princípio a Sra. de Cambremer não pôde me ver porque eu estava numa sacada lateral com o Sr. de Charlus, que me dizia ter sabido por Morel que seu pai fora "intendente" em minha família, e que ele, Charlus, contava muito com minha inteligência e magnanimidade (termo comum a ele e a Swann) para recusar-me o ignóbil e mesquinho prazer que pequenos imbecis vulgares (eu estava prevenido) não deixariam de gozar em meu lugar, revelando aos nossos anfitriões pormenores que estes poderiam julgar depreciativos.

- O simples fato de que me interesse por ele e estenda sobre ele a minha proteção tem algo de sobre-eminente e abole o passado - concluiu o barão.

Escutando-o e prometendo silêncio, que aliás teria guardado mesmo sem a esperança de, em troca, passar por inteligente e magnânimo, eu olhava a Sra. de Cambremer. E custou-me reconhecer a coisa sumarenta e deliciosa que eu tivera

no outro dia junto a mim à hora da merenda, no terraço de Balbec, na bolacha que via, dura como uma pedra, e na qual os fiéis em vão tentariam cravar o dente. Antecipadamente irritada com o jeito bonachão que o marido herdara da mãe e que o faria assumir um ar de honrado quando o apresentassem aos fiéis, e no entanto desejosa de preencher suas funções de mulher da alta sociedade, quando lhe nomearam Brichot, quis fazê-lo travar conhecimento com o marido, porque vira suas amigas mais elegantes procederem desse modo; mas ou a raiva ou o orgulho, vencendo a ostentação do *savoir-vivre*, fê-la dizer, não como deveria:

- Permita-me apresentar-lhe o meu marido e sim: - Apresento-lhe o meu marido -, mantendo assim altaneiro o estandarte dos Cambremer, a despeito deles mesmos, pois o marquês inclinou-se diante de Brichot tão profundamente como ela havia previsto. Mas todo esse humor da Sra. de Cambremer mudou de súbito quando ela avistou o Sr. de Charlus, a quem conhecia de vista. Jamais conseguira fazer-se apresentada a ele, mesmo à época em que tivera uma ligação com Swann. Pois o Sr. de Charlus, tomando sempre o partido das mulheres, de sua cunhada contra as amantes do Sr. de Guermantes, de Odette, então ainda não casada, porém antiga ligação de Swann, contra as novas, severo defensor da moral e protetor fiel dos cônjuges, fizera a Odette a promessa de não se deixar apresentar à Sra. de Cambremer, promessa que mantivera. Certamente a Sra. de Cambremer não duvidara que era na casa dos Verdurin que haveria por fim de conhecer esse homem inabordável. O Sr. de Cambremer sabia que aquilo seria uma tão grande satisfação para ela que ele próprio se sentia enternecido, e olhou para a mulher com um ar que significava:

"Está contente por ter se decidido a vir, não é mesmo?"

Aliás, falava muito pouco sabendo que se casara com uma mulher superior.

- Eu, indigno - dizia-a todo instante, e de bom grado citava uma fábula de La Fontaine e uma de Florian, que lhe pareciam aplicar-se à sua ignorância e, por outro lado permitir-lhe, sob as formas de uma lisonja desdenhosa, mostrar aos homens da ciência que não eram do Jockey, que se pode muito bem casar e ter lido fábulas. O diabo é que só conhecia duas. Assim, elas retornavam muitas vezes. A Sra. de Cambremer não era idiota, mas possuía diversos hábitos muito irritantes. Nela, a deformação dos nomes não tinha absolutamente nada do desdém aristocrático. Não seria ela que, como a duquesa de Guermantes (que, pelo nascimento, deveria estar, mais que a Sra. de Cambremer, ao abrigo desse ridículo), teria dito, para não parecer saber o nome pouco elegante (quando agora é o de uma das mulheres mais difíceis com quem se possa ter intimidade) de Julien de Monchâteau:

- Uma senhorazinha... Pico della Mirandola. -

Não, quando a Sra. de Cambremer citava falsamente um nome, era por benevolência, para não dar a entender que conhecia algo, e quando todavia por sinceridade o confessava, julgando que o ocultava ao desmarcá-lo. Se, por exemplo, defendia uma mulher, procurava dissimulá-lo, sempre querendo não mentir àquela que lhe suplicava que dissesse a verdade, que tal senhora era atualmente amante do Sr. Sylvain Lévy, e dizia:

- Não... não sei absolutamente nada sobre ela, creio que lhe censuraram o ter inspirado uma paixão a um senhor cujo nome desconheço, algo como Cahn, Kohn ou Kuhn; aliás, creio que este senhor já está morto há muitíssimo tempo e que nunca houve nada entre eles. -

É o procedimento semelhante ao dos mentirosos e inversamente ao deles os quais julgam que, alterando o que fizeram quando o contam a uma amante ou simplesmente a um amigo, imaginam que uma e outro não verão imediatamente que a frase dita (assim como Cahn, Kohn ou Kuhn) é interpolada, e de espécie diversa das que compõem a conversação e têm fundo falso.

A Sra. Verdurin perguntou ao ouvido do esposo:

- Devo dar o braço ao barão de Charlus? Como terás à tua direita a Sra. de Cambremer, poderíamos cruzar as finezas.

- Não - disse o Sr. Verdurin -, visto que a outra é de grau mais elevado (querendo dizer que o Sr. de Cambremer era marquês), o Sr. de Charlus, em suma, é seu inferior.

- Pois bem, vou colocá-lo ao lado da princesa. -

E a Sra. Verdurin apresentou a Sra. Sherbatoff ao Sr. de Charlus; ambos se inclinaram em silêncio, com o ar de que sabiam muito bem um sobre o outro e de se prometerem segredo mútuo. O Sr. Verdurin me apresentou ao Sr. de Cambremer. Antes mesmo que me tivesse falado com sua voz forte e levemente gaguejante, sua elevada estatura e seu rosto colorido manifestaram, em sua oscilação, a hesitação marcial de um chefe que busca nos tranqüilizar e diz:

"Falaram-me a respeito, vamos dar um jeito nisso; vou mandar cancelar sua punição; não somos vampiros; tudo correrá bem."

Depois, apertando-me a mão:

- Creio que conhece minha mãe - disse ele. O verbo "crer" lhe parecia, aliás, convir à discrição de um primeiro encontro, porém de maneira alguma exprimir uma dúvida, pois acrescentou: - De resto, trago uma carta dela para o senhor. -

O Sr. de Cambremer estava ingenuamente feliz em rever os lugares onde vivera por tanto tempo:

- Reencontro-me - disse à Sra. Verdurin, enquanto o seu olhar se maravilhava por

reconhecer as pinturas de flores em extremos acima das portas, e os bustos em mármore sobre seus altos pedestais. Entretanto, podia achar-se desambientado, pois a Sra. Verdurin havia trazido uma boa quantidade de velhas coisas bonitas que possuía. Desse ponto de vista, a Sra. Verdurin, mesmo passando aos olhos dos Cambremer por devastar tudo, não era revolucionária, mas inteligentemente conservadora, num sentido que eles não compreendiam. Assim, acusavam-na injustamente de detestar a velha mansão e desonrá-la com simples tecidos em vez de sua rica pelúcia, como um cura ignorante que censurasse um arquiteto diocesano por recolocar no seu lugar próprio velhas madeiras esculpidas deixadas num canto e que o eclesiástico achava melhor substituir pelos ornamentos adquiridos na praça de Saint-Sulpice. Enfim, um jardim de pároco principiava a substituir, diante do castelo, as platibandas que faziam o orgulho não só dos Cambremer, mas também de seu jardineiro. Este, que considerava os Cambremer como os seus únicos senhores e gemia sob o jugo dos Verdurin, como se a terra tivesse sido momentaneamente ocupada por um invasor e uma tropa de veteranos, ia em segredo levar suas condolências à proprietária despojada, indignava-se com o desprezo com que eram tratadas as suas araucárias, suas begônias, seus saiões, suas dálias duplas, e de que ousassem, numa tão rica morada, plantar flores tão comuns como a macela e o mimo-de-vênus. A Sra. Verdurin sentia essa oposição surda e havia decidido, caso fizesse um longo contrato de arrendamento ou até mesmo chegasse a comprar La Raspeliere, a impor como condição a demissão do jardineiro, a quem a velha proprietária, ao contrário, prezava muito. Ele a servira por nada em tempos difíceis, adorava-a; mas, por esse estranho desdobramento da opinião das pessoas do povo, em que o desprezo moral mais profundo se entranha na mais apaixonada estirpe que, por sua vez, cavalga velhos rancores não abolidos, ele dizia muitas vezes que a Sra. de Cambremer, em 1870, surpreendida pela invasão do castelo que possuía no Leste, tivera de sofrer durante um mês o contato dos prussianos:

- O que muito se censurou na senhora marquesa foi o de ter tomado, durante a guerra, o partido dos prussianos e de tê-los inclusive alojado em sua casa. Em uma outra ocasião, eu compreenderia; mas em tempo de guerra, ela não deveria ter feito isso. Não é correto. -

De motivo que ele lhe era fiel até a morte, venerava-a por sua bondade e acreditava culpada de traição. A Sra. Verdurin sentiu-se melindrada porque o Sr. de Cambremer pretendia reconhecer tão bem La Raspeliere.

- No entanto, o senhor deve encontrar algumas mudanças - respondeu. - Primeiro, havia uns grandes diabos de bronze de Barbedienne e uns ridículos banquinhos de pelúcia que me apressei a mandar para o sótão, que ainda é bom demais para eles. -

Depois dessa réplica acerba dirigida ao Sr. de Cambremer ela lhe ofereceu o braço para ir à mesa. Ele hesitou por um momento, dizendo consigo:

"Ainda assim, não posso passar adiante do Sr. de Charlus"

Mas, pensando que este era um velho amigo da casa, uma vez que não tinha o lugar de honra, decidiu-se a tomar o braço que lhe era oferecida. E disse à Sra. Verdurin o quanto se sentia orgulhoso por ser admitido cenáculo (era assim que ele chamava o pequeno núcleo, não sem rir um pouco de satisfação por saber esse termo).

Cottard, que estava sentado ao lado do Sr. de Charlus, observava-o por sob o lorgnon a fim de travar conhecimento e quebrar o gelo, com piscadelas muito mais insistentes do que outrora, e não cortadas pela timidez. E seus olhares insinuantes, acrescidos pelo sorriso, já não eram contidos pelas lentes do lorgnon e transbordavam de todos os lados. O barão, que em toda parte via facilmente semelhantes, não duvidou que Cottard fosse um deles e estivesse a namorá-lo. E logo evidenciou ao professor a dureza dos invertidos sexuais tão desdenhosos com aqueles a quem agradam como ardentemente soltos para com quem lhes agrada. Sem dúvida, embora cada qual fala mentirosamente da ternura de ser amado, sempre recusada pelo destino trata-se de uma lei geral, cujo império está bem longe de estender-se unicamente sobre os Charlus, a que diz que a criatura a quem não amam que nos ama pareça-nos insuportável. A essa criatura, a essa mulher dá quem não diremos que nos ama, mas que nos importuna, preferimos a companhia de qualquer outra, que não terá o seu encanto, nem seus dotes, seu espírito. Ela só os recobrará para nós quando nos deixar de amar. Neste sentido, poderia ver-se apenas a transposição, sob uma forma engraçada, dessa regra universal, na irritação causada num invertido por um homem que lhe desagrada e o procura. Mas nele, ela é bem mais forte. Assim, ao passo que o comum dos homens a procura dissimular quando a experimenta, o invertido, implacavelmente, fá-la sentir ao homem que a provoca, como com certeza a não faria sentir a uma mulher; como, por exemplo, o Sr. de Charlus à princesa de Guermantes, cuja paixão o entediava, embora o lisonjeasse. Mas, quando vêem um outro homem testemunhar-lhes um gosto particular; então, ou por incompreensão de que seja o mesmo gosto do deles; ou por lembrança infeliz de que esse gosto, por eles embelezado enquanto eles mesmos o experimentam, é considerado como vício; seja pelo desejo de se reabilitarem com um rompante, numa circunstância em que isso nada lhes custa; seja pelo temor de serem adivinhados, que experimentam de súbito, quando o desejo não mais os impulsiona, de olhos vendados, de imprudência em imprudência; seja pelo furor de sofrer de fato com a atitude equívoca de outro o dano que, quanto à sua atitude, se esse outro lhes agradasse, não receariam causar-lhe, aqueles a quem não constrange seguirem um rapaz durante léguas, não lhe tirarem os olhos de

cima no teatro, mesmo que esteja com amigos, arriscando-se com isso a fazê-lo brigar com eles, a gente pode ouvi-lo dizer, por pouco que os olhe um outro que não lhes agrada:

- Cavalheiro, por quem o senhor me toma? (simplesmente porque os tomam pelo que eles são.) Não o compreendo, é inútil insistir, o senhor está enganado; ir, se necessário, até as bofetadas e, diante de alguém que conhece o imprudente, indignar-se:

- Como? O senhor conhece esse salafrário? Ele tem um jeito de olhar para a gente! E que maneiras! -

O Sr. de Charlus não foi tão longe, mas mostrou o ar ofendido e glacial que assumem, quando parecemos julgá-las levianas, as mulheres que o não são, e ainda mais aquelas que o são. Ademais o invertido, posto em presença de outro invertido, vê não apenas uma imagem desagradável de si mesmo que, puramente inanimada, só poderia ferir seu amor-próprio, mas também um outro eu, vivo, que age no mesmo sentido, portanto capaz de fazê-lo sofrer em seus amores. Assim, é num instinto de conservação que ele falará todo o mal do possível concorrente, ou com as pessoas que podem prejudicar a este (e sem que o invertido não se inquiete de passar por mentiroso, quando desse modo liquida o invertido não aos olhos das pessoas que podem ser informadas a respeito de seu próprio caso), ou com o rapaz que ele "agarrou", que talvez lhe venha a ser arrebatado, e a quem trata de convencer que as mesmas coisas, que este tem todas as vantagens de fazer com ele, causariam a desgraça da sua vida se se deixasse levar a fazê-las com o outro.

Quanto ao Sr. de Charlus, que talvez pensasse nos perigos (totalmente imaginários) que a presença desse Cottard, cujo sorriso entendia de modo errôneo, faria correr a Morel, um invertido que não agradasse não era apenas uma caricatura de si mesmo, era igualmente a rival escolhido. Um comerciante que explora um ramo raro dos negócios desembarcando numa cidade da província onde acaba de instalar-se para o resto da vida, se vê que, na mesma praça, bem defronte, o mesmo negócio é explorado por um concorrente, não fica menos desnorteado que um Charlus que, indo ocultar seus amores numa região tranqüila, vê no dia de chegada o gentil-homem do lugar, ou o cabeleireiro, cujo ar e maneiras não lhe deixam quaisquer dúvidas. Muitas vezes, o comerciante acaba sentindo um verdadeiro ódio pelo concorrente; por vezes, tal ódio degenera em melancolia, e por pouco que haja hereditariedade bastante carregada, já se vê em cidadezinhas o comerciante mostrar indícios de loucura que só se pode curar convencendo-o a vender seu "fundo" e a expatriar-se. A raiva do invertido é ainda mais lancinante. Compreendeu que, desde o primeiro instante, o gentil-homem e o cabeleireiro desejaram seu jovem camarada. Por mais que repita a este, cem vezes por dia, que o cabeleireiro e o gentil-homem

são bandidos cuja aproximação o desonraria, é obrigado, como Harpagão, a velar pelo seu tesouro e levanta-se da cama à noite para ver se não lhe roubam. E sem dúvida é mais ainda que o desejo ou até comodidade de hábitos comuns e quase tanto como essa experiência de si mesmo que é a única verdadeira, faz com que o invertido despiste o invertido com uma rapidez e uma segurança quase infalíveis. Ele pode enganar-se por um momento; mas uma adivinhação rápida o põe de novo no caminho da verdade. Assim, o erro do Sr. de Charlus foi de curta duração. Discernimento divino mostrou-lhe, após um instante, que Cottard não era de sua espécie e que não havia o que temer de seus avanços, nem quanto a si mesmo, o que só faria deixá-lo exasperado, nem quanto a Morel, o que lha pareceria mais grave. Voltou a tranqüilizar-se e, como estivesse ainda sob a, influência da passagem de Vênus Andrógina, sorria às vezes debilmente aos Verdurin sem se incomodar em abrir a boca, apenas franzindo um canto dos lábios e, por um segundo, acendia ternamente os olhos, ele, tão cioso de sua virilidade, exatamente como o teria feito sua cunhada, a duquesa de Guermantes.

- Caça muito, senhor? - perguntou a Sra. Verdurin com desprezo ao Sr. de Cambremer.

- Ski já lhe contou que nos aconteceu uma boa? - indagou Cottard à Patroa.

- Caço principalmente na floresta de Chatepie - respondeu o Sr. de Cambremer.

- Não, não contei nada - disse Ski.

- Merece ela o seu nome? - perguntou Brichot ao Sr. de Cambremer, depois de ter-me olhado com o rabo dos olhos, pois me havia prometido falar em etimologias, recomendando que dissimulasse à Cambremer o desprezo que lhe inspiravam as do cura de Combray.

- Com certeza é porque não sou capaz de compreender, mas não alcancei sua pergunta -disse o Sr. de Cambremer.

- Quero dizer: será que por lá cantam muitas pegas? - esclareceu Brichot.

Entretanto, Cottard sofria porque a Sra. Verdurin ignorava que eles quase haviam perdido o trem.

- Vamos - disse a Sra. Cottard ao marido para animá-lo-, conta a tua odisséia.

- De fato, ela sai fora do comum - disse o doutor, que recomeçou sua narrativa. - Quando vi que o trem estava na gare, fiquei petrificado. Tudo isso por culpa de Ski.

- O senhor é meio bizarróide em suas informações, meu caro! E Brichot que nos esperava na gare! - Pensava - disse o universitário, lançando a seu redor o que lhe restava de olhar e sorrindo com seus lábios delgados - que, se o senhor se havia demorado em Graincourt, era porque encontrara alguma peripatética.

- Cale-se, por favor. Imagine se minha mulher o ouvisse! - disse o doutor. - A patroa é ciumenta.

- Ah, esse Brichot! - exclamou Ski, em quem o divertido gracejo de Brichot despertara a alegria costumeira. - É sempre o mesmo. - embora na verdade não soubesse dizer se o universitário tivesse sido libertino algum dia. E, para acrescentar a essas palavras consagradas o gesto ritual, fingiu que não podia resistir ao desejo de lhe beliscar a perna. - Ele não muda, esse galhofeiro de Brichot - continuou Ski, e, sem pensar no que a quase cegueira do universitário ajuntava de triste e cômico a essas palavras, acrescentou: - Sempre um olhinho para as mulheres.

- Vejam - disse o Sr. de Cambremer - o que é encontrarmos um sábio. Faz quinze anos que caço na floresta de Chantepíe e nunca havia pensado no que seu nome significa.

A Sra. de Cambremer lançou um olhar severo ao marido; não gostaria que ele se humilhasse de tal forma diante de Brichot. Ficou mais contrariada ainda quando, a cada "frase feita" empregada por Cancan, Cottard, que conhecia o forte e o fraco delas, pois tinha-as trabalhosamente aprendido, demonstrava ao marquês, o qual confessava sua tolice, que elas não queriam dizer nada:

- Por que: burro como uma porta? Acha que as portas são mais burras do que qualquer outra coisa? O senhor diz: repetir cem vezes a mesma coisa. Por que particularmente cem? Por que: dormir como uma pedra? Por que: com todos os diabos? Por que: levar vida desregrada? - Mas então a defesa do Sr. de Cambremer ficava a cargo de Brichot, que explicava a origem de cada locução. Mas a Sra. de Cambremer ocupava-se principalmente em examinar as mudanças que os Verdurin tinham trazido a La Raspeliere, a fim de poder criticar algumas, levar outras para Féterne, ou talvez as mesmas.

- Pergunto-me o que quer dizer este lustre todo atravessado. Mal reconheço minha velha Raspeliere - acrescentou com um sorriso familiarmente aristocrático, como se falasse de um servidor, não propriamente para designar-lhe a idade, mas para dizer que ele a vira nascer. E, como era um tanto livresca na linguagem:

- Ainda assim, - acrescentou a meia voz - parece-me que, se eu morasse em casa alheia, teria algum escrúpulo em mudar tudo assim.

- É uma pena que os senhores não tenham vindo com eles - disse a Sra. Verdurin ao Sr. de Charlus e a Morel, na esperança de que o Sr. de Charlus voltasse com freqüência e se inclinasse à regra de chegarem todos no mesmo trem. - Tem certeza de que Chantepie quer dizer "a pega que cantai!"; Chochotte? - ajuntou ela, para mostrar que, como grande dona-de-casa; tomava parte em todas as conversas ao mesmo tempo.

- Mas fale-me um pouco desse violinista-disse-me a Sra. de Cambremer- ele me interessa; adoro a música e creio que já ouvi falar nele, por favor queira informar-me, sim? -

Soubera que Morel tinha vindo com o Sr. de Charlus e desejava, sendo apresentada ao primeiro, travar relações com o segundo. Entretanto, acrescentou, para que eu não pudesse adivinhar esse motivo:

- O Sr Brichot também me interessa. -

Pois, se era muito instruída, como ocorre com certas pessoas predispostas à obesidade e que mal comem e caminham o dia inteiro sem cessar de engordar a olhos vistos, assim a Sra. de Cambremer, por mais que se aprofundasse, sobretudo em Féterne, numa filosofia cada vez mais esotérica, numa música cada vez mais transcendente, só saía desses estudos para maquinar intrigas que lhe permitissem "acertar" as amizades burguesas de juventude e travar relações que a princípio julgara fazerem parte da sociedade da família do marido, mas que em seguida percebeu estarem situadas muito mais alto e longe. Um filósofo que não era bastante moderno para ela, Leibnitz, disse que a trajetória da inteligência ao coração é muito longa. Essa trajetória, a Sra. de Cambremer, berre como o seu irmão, não tinha mais forças para percorrê-la. Só abandonando a leitura de Stuart Mill pela de Lachelier, à medida que acreditava menor na realidade do mundo exterior, mais se encarniçava, antes de morrer, em conseguir uma boa posição neste último. Apaixonada pela arte realista nenhum objeto lhe parecia suficientemente humilde para servir de modelo ao pintor ou ao escritor. Um quadro ou um romance mundano lhe provocariam náuseas; um mujique de Tolstoi e um camponês de Millet eram o extremo limite social, que ela não permitia ao artista ultrapassar. Mas franquear o que limitava suas próprias relações, elevar-se até o convívio das duquesas, era a finalidade de todos os seus esforços, de tal modo permanecia ineficaz, contra o esnobismo congênito e mórbido que nela se desenvolvia, o tratamento espiritual a que se submetia através do estudo de obras-primas. Esse esnobismo terminara até curando certas inclinações à avareza e ao adultério, a que era propensa quando jovem, assemelhando-se nisso a esses singulares e contínuos estados patológicos que parecem imunizar os que deles sofrem contra outras doenças. Aliás, eu não podia, ao ouvi-la falar, deixar de fazer justiça ao refinamento de suas expressões, sem todavia sentir nenhum prazer nisso. São as que empregam, numa certa época, todas as pessoas de uma mesma estatura intelectual, de modo que a expressão refinada fornece de imediato, como o arco de um círculo, o meio de descrever e limitar toda a circunferência. Assim, tais expressões fazem com que as pessoas que as empregam me aborreçam logo como já conhecidas, mas também passam por superiores e muitas vezes me foram oferecidas como vizinhas deliciosas e inapreciadas.

- A senhora bem sabe que muitas regiões florestais tiram o seu nome dos animais que as povoam. Vizinho à floresta de Chantepie, temos o bosque de Chantereine.

- Não sei de que rainha se trata, mas o senhor não é galante com ela - disse o Sr. de Cambremer.

- Pegue essa, Chochotte - disse a Sra. Verdurin. - E, fora isso, a viagem correu bem?

- Só encontramos vagas humanidades que enchiam o trem. Mas respondo à pergunta do Sr. de Cambremer; rainha não é aqui a mulher de um rei, mas a rã. É o nome que ela conservou por muito tempo nesta região, como o testemunha a estação de Renneville, que deveria escrever-se Reinneville.

- Parece-me que a senhora possui aí um belo animal - disse o Sr. de Cambremer à Sra. Verdurin, mostrando-lhe um peixe. Era um desses cumprimentos com que ele julgava pagar sua cota num jantar e já retribuir à gentileza. (“Inútil convidá-los," dizia com freqüência à mulher, falando de tais ou quais amigos. "Ficaram encantados de nos terem à sua mesa. Eles é que nos agradeciam.") - Aliás, devo dizer-lhe que há muitos anos vou quase diariamente a Renneville e lá não vi mais rãs do que em qualquer outro lugar. A Sra. de Cambremer mandou vir aqui o cura de uma paróquia onde possui fortes propriedades e que tem o mesmo feitio de espírito que o senhor, pelo que parece. Ele escreveu uma obra.

- Sei disso, eu a li com grande interesse - respondeu hipocritamente Brichot.

A satisfação que seu orgulho recebia indiretamente dessa resposta fez rir longamente o Sr. de Cambremer.

- Pois bem, o autor, como direi, dessa geografia, desse glossário, discorre longamente acerca do nome de uma pequena localidade de que nós éramos outrora, se assim posso dizer, os senhores, e que se chama Pont-à-Couleuvre. Ora, é evidente que não passo de um vulgar ignorante ao lado desses poços de ciência, mas já fui mil vezes a Pont-à-Couleuvre, e diabos me levem se vi alguma vez uma única dessas serpentes danadas, digo danadas, apesar do elogio que lhes faz o bom La Fontaine (*O Homem e a Cobra* era uma das duas fábulas).

- O senhor não viu, mas foi o senhor quem viu direito - respondeu Brichot.

- Certames, o escritor de que fala conhece a fundo o seu assunto, escreveu um litro notável.

- Claro! - exclamou a Sra. de Cambremer. - Este livro, é bolo que se diga, é um verdadeiro trabalho de beneditino.

- Sem dúvida ele consultado *pouillés* (entende-se por isso a lista dos benefícios e curatos de cada diocese, o que lhe pôde fornecer o nome dos patronos antigos e dos colatores eclesiásticos). Mas existem outras fontes. Um de meus amigos mais

sábios nelas se abeberou. Descobriu que este mesmo lugar era denominado Pont-à-Quileuvre. Esse nome esquisito o incitou a remontar mais longe ainda, a um texto latino em que a ponte que o seu amigo crê infestada de cobras é designada: *Pons cus aperit*. Ponte fechada, que se abria mediante uma contribuição razoável.

- O senhor falava de rãs. Eu; achando-me no meio de pessoas tão sábias, tenho a impressão de que via rã diante do areópago - (era a segunda fábula) - disse Cancan, que muitas vezes fazia rindo esse gracejo, graças ao qual acreditava ao mesmo tempo, por humildade e bem a propósito, fazer profissão de ignorância e ostentação de saber. Quanto a Cottard, bloqueado pelo silêncio do Sr. de Charlus e tentando dar-se importância sob outros aspectos, voltou-se para mim e me fez uma dessas perguntas que impressionavam seus doentes se eram acertadas e mostravam que ele estava, por assim dizer, no corpo deles; se pelo contrário, eram erradas, permitiam-lhe retificar certas teorias, ampliar antigos pontos de vista.

- Quando o senhor chega a locais relativamente elevados como este em que nos encontramos no momento, reparou que isto aumenta sua tendência às sufocações? - indagou, certo ou de se fazer admirar, ou de completar seus conhecimentos. O Sr. de Cambremer ouviu a pergunta, e sorriu.

- Não posso lhe dizer como me agrada saber que o senhor tem sufocações - lançou-me ele através da mesa. Com isso, ele não queria dizer que a coisa o alegrava, embora isso também fosse verdade. Pois esse homem excelente não podia no entanto ouvir falar de desgraça de outrem sem um sentimento de bem-estar e um espasmo de hilaridade que rapidamente cediam à piedade de um bom coração. Mas sua frase tinha um outro sentido, que esclareceu a seguinte:

- Isto me agrada - disse - porque precisamente a minha irmã também sofre disso.

Em suma, aquilo lhe agradava como se me tivesse ouvido citar como sendo um de meus amigos alguém que tivesse freqüentado muito a sua casa.

- Como é pequeno o mundo - foi a reflexão que ele formulou mentalmente e que vi escrita no seu rosto sorridente quando Cottard me falou de minhas sufocações. E estas se tornaram, a partir desse jantar, uma espécie de relações comuns de que o Sr. de Cambremer jamais deixava de pedir notícias, nem que fosse apenas para transmiti-las à irmã.

Enquanto respondia às perguntas que sua mulher me fazia sobre Morel, eu pensava numa conversa que tivera com minha mãe à tarde. Como, embora não me desaconselhasse a ir à casa dos Verdurin, se isso podia distrair-me, ela me lembrasse que se tratava de um ambiente que não teria agradado a meu avô e o teria feito exclamar:

"Em guarda!", minha mãe havia acrescentado: - Escuta, o presidente Toureuil e sua esposa me disseram que haviam jantado com a Sra. Bontemps. Não me perguntaram nada. Mas julguei compreender que o casamento de Albertine contigo seria o sonho da sua tia. Creio que a verdadeira razão é que és muito simpático a todos eles. Ainda assim, o luxo que eles acham que poderias lhes dar, as relações que mais ou menos sabem que nós temos, creio que tudo isso não lhes é estranho, embora secundário. Não te falaria nisso porque não ligo muito para tais coisas, mas, como suponho que vão te falar, preferi tomar a dianteira.

- Mas tu, que achas de Albertine? perguntara eu a mamãe.

- Ora, eu, não serei eu quem se casará com ela. Decerto podes arranjar coisa mil vezes melhor em matéria de casamento. Mas creio que tua avó não gostaria que te influenciassem. Atualmente não posso te dizer como acho Albertine, não acho nada. Direi como a Sra. de Sévigné: "Ela tem boas qualidades, pelo menos é o que creio. Mas agora no começo, só sei louvá-la com negativas. Ela não é isto, ela não tem o sotaque de Rennes. Com o tempo, talvez, eu diga: ela é isto." E sempre a acharei bem, se ela te fizer feliz. -

Mas, com essas mesmas palavras, que colocavam nas minhas mãos a decisão sobre a minha própria felicidade, minha mãe me pusera nesse estado de dúvida em que eu já me vira quando, tendo meu pai permitido que eu fosse à representação da *Fedra*, e principalmente, que me tornasse escritor, sentira de súbito uma responsabilidade excessivamente grande, o medo de afligi-lo, e aquela melancolia que se sente quando se deixa de obedecer a ordens que, no dia-a-dia, nos ocultam o futuro, de perceber que afinal começamos a viver a vida de verdade, como gente grande, a única vida que está à disposição de todos nós. Talvez fosse melhor esperar um pouco, começar a lidar com Albertine como antigamente, para tentar ver se a amava de verdade. Poderia levá-la à casa dos Verdurin para distraí-la, e isso me lembrou que eu mesmo só estava ali aquela noite para saber se a Sra. Putbus ali estava hospedada ou ainda ia chegar. Em todo caso, não viera para jantar.

- A propósito de seu amigo Saint-Loup - disse-me a Sra. de Cambremer, empregando assim uma expressão que denotava mais seguimento nas idéias do que suas frases dariam a entender; pois, falando de música, pensava em Guermantes -, o senhor sabe que todo mundo fala de seu casamento com a sobrinha da princesa de Guermantes. Dir-lhe-ei que, de minha parte, não me preocupo a mínima com esses mexericos mundanos. -

Assaltou-me o temor de haver falado sem simpatia, diante de Robert, dessa jovem falsamente original, cujo espírito era tão medíocre quanto violento o caráter. Há quase uma só notícia que venhamos a saber que nos faça lastimar uma de nossas frases. Respondi à Sra. de Cambremer que não sabia de nada; que

aliás era verdade, e que além disso a noiva me parecia ainda muito jovem.

- Talvez por causa disso é que o noivado ainda não seja oficial; em todo caso, falam muito nisso. -

Tendo ouvido que a Sra. de Cambremer me falar de Morel e julgando que ainda o fazia quando baixou a voz para me falar do noivado de Saint-Loup, disse-lhe secamente a Sra. Verdurin:

- Quero preveni-la; não é música sem valor o que aqui se toca. A senhora sabe, em arte os fiéis das minhas quartas, meus filhos, como lhes chamo, é uma coisa espantosa como são avançados - ajuntou ela com ar de orgulhoso terror. - Muitas vezes lhe digo: "Meu pessoalzinho, vocês andam mais depressa do que aqui a sua Patroa, a quem, no entanto, passam as audácias por nunca terem causado medo." Todos os anos isso vai um pouco mais longe; virá em breve o dia em que ultrapassarão Wagner e d'Indy.

- Mas é muito bom ser avançado, nunca se é o bastante - disse a Sra. de Cambremer, sempre inspecionando cada canto da sala de jantar, procurando reconhecer as coisas que a sogra havia deixado, as que a Sra. Verdurin trouxera, e apanhar esta em flagrante delito de falta de gosto. No entanto, buscava falar-me do assunto que mais a interessava: o Sr. de Charlus. Achava tocante que o barão protegesse um violinista. - Ele parece inteligente. É até de uma verve extrema para quem já é um tanto idoso.

- Idoso? Mas ele não tem jeito de idoso; olhe, o cabelo ainda é de moço. (Pois fazia uns três ou quatro anos que a palavra "cabelo" fora empregada no singular por um desses desconhecidos que são os lançadores de modas literárias, e todas as pessoas que tinham o comprimento de raio da Sra. de Cambremer diziam "o cabelo", não sem um sorriso afetado. Atualmente, ainda se diz "o cabelo", mas do excesso do singular renascerá o plural.)

- O que me interessa, acima de tudo, no Sr. de Charlus - acrescentou - é que se sente nele o dom. Digo-lhe que pouco me importa o saber. O que se aprende não me interessa. -

Tais palavras não estão em contradição com o valor particular da Sra. de Cambremer, que era precisamente imitado e adquirido. Mas justamente uma das coisas que se deviam saber naquele momento é que o saber não é nada e não pesa coisa alguma ao lado da originalidade. A Sra. de Cambremer aprendera, como o resto, que não é preciso aprender nada.

- É por isso - disse ela - que Brichot, que tem lá o seu lado curioso, pois não desprezo certa erudição saborosa, interessa-me no entanto muito menos. -

Mas Brichot, naquele instante, só estava ocupado com uma coisa: ouvindo que falavam de música, receava que o assunto recordasse à Sra. Verdurin a morte de

Dechambre. Queria dizer alguma coisa para afastar essa lembrança funesta. O Sr. de Cambremer forneceu-lhe a ocasião com esta pergunta:

- Então, os lugares onde há florestas têm sempre nomes de animais?

- Como não? - respondeu Brichot, contente por ostentar seu saber diante de tantos novos, entre os quais eu lhe dissera que estava certo de interessar ao menos um. - Basta ver como, nos próprios nomes de pessoas, uma árvore é conservada, como um feto na hulha. Um de nossos padres conscritos se chama Sr. de Saulces de Freycinet, o que significa, salvo engano, lugar plantado de salgueiros e de freixos, *salix et fraxinetum*; seu sobrinho, Sr. de Selves, reúne mais árvores ainda, visto que se chama de *Selves, sylva*. -

Com satisfação, Saniette via a conversa animar-se.

Podia, já que Brichot falava o tempo todo, conservar um silêncio que lhe evitaria ser o objeto dos motejos do Sr. e da Sra. Verdurin. E, tornando-se ainda mais sensível na alegria da libertação, emocionara-se ao ouvir o Sr. Verdurin, malgrado a solenidade de um tal jantar, dizer ao mordomo que pusesse uma jarra d'água junto do Sr. Saniette, que não bebia outra coisa. (Os generais que mais sacrificam soldados fazem questão de mantê-los bem alimentados.) Enfim, a Sra. Verdurin sorrira uma vez para Saniette. Decididamente eram boas pessoas. Ele não mais seria torturado.

Nesse momento, a refeição foi interrompida por um convidado que eu me esquecera de citar, um ilustre filósofo norueguês que falava francês muito bem, porém muito lentamente, por dois motivos: primeiro, porque, tendo-o aprendido há pouco e não querendo cometer erros (entretanto cometia alguns), reportava-se para cada palavra a uma espécie de dicionário interior; depois, porque, sendo metafísico, pensava sempre o que desejava dizer enquanto o dizia, o que, mesmo num francês, é causa de lentidão. De resto, era uma criatura deliciosa, embora aparentemente igual a tantas outras, menos sob um aspecto. Esse homem, de falar tão vagaroso (havia um certo silêncio entre duas palavras), tornava-se de uma rapidez vertiginosa para escapar logo que se despedia. Da primeira vez, sua precipitação fazia pensar numa cólica ou até numa necessidade mais imperiosa.

- Meu caro... colega - disse ele a Brichot, depois de haver deliberado em seu espírito se "colega" era o termo conveniente -, tenho uma espécie de desejo de saber se há outras árvores na nomenclatura de sua bela língua francesa latina normanda. A senhora (ele queria dizer Sra. Verdurin, embora não se atrevesse a encará-la) me disse que o senhor sabia todas as coisas. Não será este precisamente o momento?

- Não, momento de comer - interrompeu a Sra. Verdurin, que via que o jantar não acabava. - Ah, muito bem - respondeu o escandinavo baixando a cabeça para o prato, com um sorriso triste e resignado. - Porém devo observar, a

senhora que se me permite esse questionário, perdão, essa questação - que amanhã devo voltar a Paris para jantar na Tour d'Argent ou no Hotel Meurice. Meu confrade francês -, Sr. Boutroux, deve nos falar de sessões de espiritismo perdão, de evocações espirituosas que ele controlou.

- Não é tão bom como dizem, o Tour d'Argent - retrucou a Sra. Verdurin, irritada. - Cheguei a ter ali uns jantares detestáveis.

- Mas estou enganado, o que se come na casa da Senhora não é a mais fina cozinha francesa?

- Meu Deus, positivamente não é mau - respondeu a Sra. Verdurin suavizada. - E, se o senhor voltar na quarta-feira próxima, será ainda melhor.

- Mas segunda-feira parto para a Argélia e de lá vou até o Cabo. E, quando estiver no Cabo da Boa Esperança, não poderei mais encontrar o meu ilustre colega perdão, não poderei encontrar mais o meu confrade. -

E pôs-se, por obediência, após ter fornecido essas desculpas retrospectivas, a comer com rapidez vertiginosa. Mas Brichot estava bem feliz de poder dar outras etimologias vegetais e respondeu, interessando de tal modo o norueguês que este parou novamente de comer, mas fazendo sinal de que podiam lhe tirar o prato cheio e servir o seguinte:

- Um dos Quarenta - disse Brichot - é chamado Houssaye, ou lugar plantado de azevinhos (houx); no nome de um fino diplomata, o Sr. d'Ormesson, o senhor encontra o olmo (orme), o ulmus caro a Virgílio e que deu seu nome á cidade de Ulm; no de seus colegas, o Sr. de La Boulaye, a bétula (bouleau); no Sr. d'Aunay, o amieiro (aune); no Sr. de Bussiere, o buxo (buís); no Sr. Albaret, o alburno (aubier) (prometi a mim mesmo dizê-lo a Céleste); no Sr. de Cholet, a couve (chou); e a macieira (pommíer) do nome do Sr. de La Pommeraye que nós ouvimos conferenciar (lembra-se, Saniette?), na época em que o bom Porei fora enviado aos confins do mundo como procônsul na Odéonie? -

Ao nome de Saniette pronunciado por Brichot, o Sr. Verdurin lançou à mulher e a Cottard um olhar irônico que desmontou o tímido.

- Afirmava o senhor que Cholet provém de chou - disse eu a Brichot. - Será que uma estação pela qual passei antes de chegar a Doncieres, Saint-Frichoux, também provém de chou? - Não, Saint-Frichoux é Sanctus Fructuosus, como Sanctus Ferreolus deu Saint-Fargeau, mas isto não é absolutamente de origem normanda.

- Ele sabe coisas demais, ele nos aborrece - gargarejou docemente a princesa. -

Há tantos outros nomes que me interessam, mas não posso perguntar-lhe todos de uma só vez:

E, virando-me para Cottard:

- Será que a Sra. Putbus está aqui? - indaguei.

- Graças a Deus, não - respondeu a Sra. Verdurin, que ouvira a minha pergunta. - Tratei de desviar as suas vilegiaturas para Veneza; estamos livres dela este ano.

- Eu mesmo vou ter direito a duas árvores - disse o Sr. de Charlus -, pois tenho mais ou menos reservada uma pequena casa entre Saint-Martin-du-Chêne e Saint-Pierre-des-lfs.

- Mas é muito perto daqui; espero que volte muitas vezes em companhia de Charlie Morel. Não terá mais do que entrar em acordo com o nosso pequeno grupo quanto aos trens, está a dois passos de Doncieres - disse a Sra. Verdurin, que detestava que não viessem pelo mesmo trem e às horas em que enviava os carros para a estação. Ela sabia como era penosa a subida para La Raspeliere, mesmo contornando-a por trás da Féterne, o que dava um atraso de meia hora, e temia que aqueles que formassem um grupo à parte não encontrassem carros para levá-los, ou que, tendo na verdade ficado em casa, pudessem pretextar não terem encontrado carros em Douville-Féterne e não se sentirem com forças para fazer uma tal subida a pé. A esse convite, o Sr. de Charlus se limitou a responder com uma inclinação muda.

- Ele não deve ser fácil de tratar todos os dias, tem um ar afetado - sussurrou Ski ao doutor que, tendo permanecido uma criatura simples, apesar de uma camada superficial de orgulho, não procurava ocultar que Charlus o esnobava.

- Sem dúvida, ele ignora que em todas as estações de águas e até em Paris, nas clínicas, os médicos, para quem sou naturalmente o "grande chefe", fazem questão de me apresentar a todos os nobres que aí estejam e que não vão demorar muito. Isso torna até bem agradável para mim a permanência nas estâncias balneárias - acrescentou com ar leviano. - Mesmo em Doncieres, o major do regimento, que é médico assistente do coronel, convidou-me para almoçar com ele dizendo que eu estava em condições de jantar com o general. E esse general era um senhor de alguma coisa. Não sei se esses títulos de nobreza são mais ou menos antigos que o deste barão.

- Não deixe que isto lhe suba à cabeça, é uma bem pobre coroa - respondeu Ski a meia voz, e acrescentou algo confuso com um verbo, onde apenas distingui as últimas sílabas "ardor", ocupado como estava em ouvir o que Brichot dizia ao Sr. de Charlus.

- Provavelmente não, lamento dizer-lhe, o senhor só tem uma árvore, pois, se Saint-Martin-du-Chêne é evidentemente Sanctus Martínus juxta quercum, por outro lado a palavra if pode ser simplesmente a raiz, ave, eve, que quer dizer úmido, como em Aveyron, Lodeve, Yvette, e que o senhor vê subsistir em nossas

pias (évíers) de cozinha. É a "água", que em bretão se diz Ster: Stermaria, Sterlaer, Sterbouest, Ster-en-Dreuchen. -

Não escutei o final, pois, por maior que fosse o prazer que sentia em voltar a ouvir o nome de Stermaría, ouvia sem querer, a meu lado, Cottard dizendo baixinho a Ski:

- Ah, mas eu não; sabia! Então, trata-se de um senhor que sabe se virar por todos os lados na vida! Como! Pertence à confraria! No entanto não tem os olhos pisados. Precisarei de cuidar dos pés embaixo da mesa, era só o que faltava; me deixasse bolinar por ele. Aliás, isto só parcialmente me deixa espantado. Vejo diversos nobres na ducha, em trajes de Adão; são mais ou menos uns degenerados. Nem lhes falo, porque, afinal, sou funcionário e isto poderia me causar transtornos. Mas eles sabem perfeitamente quem sou.

Saniette, a quem a interpelação de Brichot assustara, começava a respirar como alguém que tem medo da tempestade e que percebe que o raio não foi seguido de nenhum rumor de trovão, quando ouviu o Sr. Verdurin questioná-lo, fixando nele um olhar que não largava o infeliz enquanto estava falando, de modo a perturbá-lo imediatamente e a não lhe permitir recobrar o ânimo:

- Mas Saniette, como é que sempre nos ocultou que freqüentava as matinês do Odeon? - Trêmulo como um recruta diante de um sargento torturador, Saniette respondeu, dando à sua frase as menores dimensões que pôde, a fim de que tivesse mais chances de escapar aos golpes:

- Uma vez, em La Chercheuse.

- Que é que ele está dizendo? - bramiu o Sr. Verdurin, com ar a um tempo desgostoso e furibundo, franzindo as sobrancelhas como se necessitasse de toda a sua atenção para entender algo de ininteligível. - Primeiro, não se compreende o que está dizendo. O que tem você na boca? -perguntou o Sr. Verdurin, cada vez mais violento, e aludindo ao defeito de pronúncia de Saniette. - Pobre Saniette, não quero que o faça infeliz - disse a Sra. Verdurin num tom de falsa piedade e para não deixar dúvida em ninguém quanto às insolentes intenções do marido.

- Eu estava na Ch...

- Che, che, che, procure falar claramente -, disse o Sr. Verdurin -, não o ouço de jeito nenhum. -

Quase nenhum dos fiéis continha o riso e tinham o aspecto de um bando de antropófagos em que a ferida feita num branco desperta o gosto pelo sangue. Pois o instinto de imitação e a ausência de coragem governam tanto as sociedades como as multidões. E todo mundo ri de alguém de quem se vê zombar, arriscando-se a venerá-lo dez anos depois em um círculo onde é admirado. Da mesma forma, o povo aclama e enxota os reis.

- Ora - disse a Sra. Verdurin -, não é culpa dele.

- Também não é minha, a gente não janta fora quando não consegue mais articular as palavras.

- Eu estava assistindo e *La Chercheuse d'esprit*, de Favart.

- O quê! É a Chercheuse d'esprit que você chamava de Chercheuse? Ah! É magnífica, eu poderia ficar imaginando cem anos que não descobriria nada - exclamou o Sr. Verdurin, que no entanto logo acharia que alguém não era letrado, artista, "não era dos seus", se ouvisse dizer o título completo de certas obras. Por exemplo, era imperioso dizer *Le Malade, Le Bourgeois*; e aqueles que acrescentassem *lmaginaire ou Gentilhomme* teriam revelado não serem "da roda", assim como, em um salão, alguém prova não pertencer à alta sociedade ao dizer: o Sr. de Montesquiou-Fezensac em vez de Sr. de Montesquiou{21}.

- Mas não é assim tão extraordinário - observou Saniette, sufocado pela emoção, porém risonho, conquanto não tivesse vontade de rir. -

A Sra. Verdurin estourou:

- Ah, é? - exclamou, escarnecendo. - Fique certo de que ninguém no mundo poderia adivinhar que se tratava de *La Chercheuse d'esprit*. -

O Sr. Verdurin retornou com voz suave e, dirigindo-se ao mesmo tempo a Saniette e a Brichot:

- Aliás, é uma bela peça *La Chercheuse d'esprit*. -

Pronunciada em tom sério, esta simples frase, onde não se podia achar nenhum sinal de maldade, fez tanto bem a Saniette e excitou nele tanta gratidão como se fosse uma amabilidade. Ele não pôde proferir uma só palavra e manteve um silêncio feliz. Brichot foi mais loquaz:

- É verdade - respondeu ele ao Sr. Verdurin- e, se a fizessem passar por obra de algum autor sármata ou escandinavo, poderiam apresentar a candidatura de *La Chercheuse d'esprit* à condição vacante de obra-prima. Mas diga-se, sem faltar com o respeito aos manes do gentil Favart, ele não era de temperamento ibseniano. (E logo enrubesceu até as orelhas, pensando no filósofo norueguês, o qual tinha um ar infeliz porque buscava em vão identificar que tipo de vegetal podia ser o *buis* de que há pouco falara Brichot a propósito de Bussiere.) Aliás, a satrapia de Porei estava ocupada agora por um funcionário que é um tolstoiniano de rigorosa observância, e poderia ocorrer que víssemos *Anna Karenina* ou *Ressurreição* sob a arquitrave odeônica.

- Sei a qual retrato de Favart o senhor quer se referir - disse o Sr. de Charlus. - Vi uma prova muito linda na casa da condessa Molé. -

O nome da condessa Molé causou forte impressão na Sra. Verdurin:

- Ah! O senhor costuma ir à casa da Sra. de Molé! - exclamou ela. Pensava que se dizia "a condessa Molé", "Sra. Molé", simplesmente por abreviação, como ouvia dizer os Rohan, ou, por desdém, como ela própria dizia: senhora La Trémoïlle. Não tinha nenhuma dúvida de que a condessa Molé, conhecendo a rainha da Grécia e a princesa de Caprarola, tivesse mais que ninguém direito à partícula, e estava decidida, de uma vez por todas, a dá-la a uma pessoa tão brilhante e que se mostrava muito amável com ela. Assim, para mostrar que falara desse modo intencionalmente e não regateava esse "de" à condessa, prosseguiu: - Mas eu absolutamente não sabia que o senhor conhecia a senhora de Molé! - como se fosse duplamente extraordinário que o Sr. de Charlus conhecesse aquela dama e que a Sra. Verdurin não soubesse que ele a conhecia. Ora, a alta sociedade, ou pelo menos aquilo que o Sr. de Charlus assim denominava, forma um todo relativamente homogêneo e fechado. Se, por um lado, é compreensível que na disparatada imensidade da burguesia um advogado diga, a alguém que conhece um de seus companheiros de colégio: "Mas como diabos você conhece Fulano?" em compensação, espantar-se de que um francês conheça o sentido das palavras tempo ou floresta não seria mais extraordinário do que se admirar dos acasos que tinham podido reunir o Sr. de Charlus e a condessa Molé. Ademais, mesmo se um tal conhecimento não tivesse decorrido naturalmente das leis mundanas, se tivesse sido fortuito, como seria estranho que a Sra. Verdurin o ignorasse, já que via o Sr. de Charlus pela primeira vez e que as relações deste com a Sra. Molé estavam longe de ser a única coisa que ela não sabia a seu respeito, de que, na verdade, não sabia nada.

- Quem era que representava essa *Chercheuse d'esprit*, meu caro Saniette? - perguntou o Sr. Verdurin. Mesmo sentindo que a tempestade passara, o antigo arquivista hesitou em responder.

- Mas também, tu o intimidas - disse a Sra. Verdurin -, zombas de tudo o que ele diz e depois queres que ele responda. Vamos, diga quem representava aquilo, e lhe daremos galantina para levar para casa - acrescentou ela, fazendo uma alusão malévola à ruína em que caíra Saniette querendo salvar um casal amigo.

- Lembro-me apenas de que era a Sra. Samary que fazia o papel da Zerbine - disse Saniette.

- A Zerbine? O que é isso? - gritou o Sr. Verdurin como se houvesse um incêndio.

- É uma personagem do antigo repertório, como *O Capitão Fracasso*, como quem diz o Fanfarrão, o Pedante.

- Ah, o pedante é você! A Zerbine! Não, mas ele está tocado! - exclamou o Sr. Verdurin.

A Sra. Verdurin olhou para seus convivas rindo, para desculpar Saniette.

- A Zerbine! Ele pensa que todo mundo sabe logo o que significa isso. Você é como o Sr. de Longepierre, o homem mais idiota que conheço, que outro dia nos falava familiarmente "o Banat". Ninguém ficou sabendo do que ele estava falando. Finalmente fomos informados de que se tratava de uma província da Sérvia. -

Para terminar com o suplício de Saniette, que me fazia mais mal do que a ele, perguntei a Brichot se sabia o que significava Balbec.

- Balbec é provavelmente uma corruptela de Dalbec - disse ele. - Seria preciso consultar as cartas dos reis da Inglaterra, suseranos da Normandia, pois Balbec era dependente da baronia de Douvres, devido a que se dizia muitas vezes Balbec d'Outre-Mer, Balbec-en-Terre. Mas a própria baronia de Douvres dependia do bispado de Bayeux e, apesar dos direitos que os templários tiveram momentaneamente sobre a abadia a partir de Louis d'Harcourt, patriarca de Jerusalém e bispo de Bayeux, os bispos dessa diocese é que foram coletores dos bens de Balbec. Foi o que me explicou o deão de Doville, homem calvo, eloqüente, quimérico e *gourmet*, que vive na obediência a Brillat-Savarin, e me expôs incertas pedagogias com termos um tanto sibilinos, enquanto me fazia comer admiráveis batatas fritas. -

Ao passo que Brichot sorria, para mostrar o que havia de espirituoso em juntar desse modo coisas tão dispares e empregar para coisas comuns uma linguagem ironicamente elevada, Saniette tentava encaixar algo espirituoso que pudesse reerguê-lo de seu desmoronamento de há pouco. A saída era o que ele chamava de "semelhança", mas que mudara de forma, pois existe uma evolução para os trocadilhos bem como para os gêneros literários e as epidemias, que desaparecem substituídos por outros, etc. Antigamente, a forma dessa "semelhança" era o "cúmulo". Mas estava antiquada, ninguém mais a empregava, e somente Cottard é que dizia ainda às vezes, durante uma partida de piquet:

- Sabem qual é o cúmulo da distração? É tomar o édito de Nantes por uma inglesa. -

Os cúmulos tinham sido substituídos pelos apelidos. No fundo, era sempre a mesma velha "semelhança", mas, como o apelido estava na moda, ninguém se dava conta disso. Infelizmente para Saniette, quando esses ditos não eram seus e normalmente desconhecidos do pequeno núcleo, ele os citava tão timidamente que, apesar do riso com que os acompanhava para assinalar o seu caráter humorístico, ninguém os compreendia. E, se, ao contrário, o dito era de sua palavra, como ele o houvesse conhecido através de um dos fiéis, este o repetia, adotando-o, e a frase então se tornava conhecida, mas não como sendo de

Saniette. Assim, quando ele introduzia um desses, todos o reconheciam, mas, como ele se dava por autor, acusavam-no de plágio.

- Pois bem - prosseguiu Brichot -, Bec em normando quer dizer regato; existe a abadia de Bec, Mobec, o regato do pântano (mor ou mer queria dizer pântano, como em Morville, ou em Bricquemar, Alvimare, Cambremer); Bricquebec, o regato da altura, provém de briga, lugar fortificado, como em Bricqueville, Bricquebosc, o Bric, Briand, ou então de brice, ponte, que é o mesmo que bruck em alemão (Innsbruck) e que bridge em inglês, que é a terminação de tantos nomes de localidades (Cambridge, etc.). Temos ainda na Normandia muitos outros bec: Caudebec, Balbec, Robec, o Bec Hellouin, Becquerel. É a forma normanda do germano Bach, Offenbach, Anspach; Varaguebec, da antiga palavra varaigne, equivalente de souto (garenne), bosques, tanques reservados. Quanto a dar - prosseguiu Brichot -, trata-se de uma forma de Thal, vale: Dametal, Rosendal, e até mesmo, perto de Louviers, Beccial. Orio que deu nome a Dalbec aliás é um encanto. Visto de uma penedia (Fels em alemão; o senhor tem mesmo, não longe daqui, "toupeira", o que, na sua opinião, não era próprio para um homem inteligente.

- Não disse ele com um ar de eqüidade -, creio que sua mulher e ele são feitos um para o outro. Deus sabe que não conheço criatura mais aborrecida sobre a face da Terra e ficaria exasperada se me fosse preciso passar duas horas com ela. Mas dizem que ele a considera muito inteligente. É preciso confessar: o nosso Tiche era sobretudo extremamente imbecil! Já o vi deslumbrado com pessoas que o senhor nem imagina, grandes idiotas que jamais haveríamos de querer em nosso pequeno clã. Pois bem! Ele lhes escrevia, discutia com ela, ele, Elstir! Isto não impede seus lados encantadores, ah! Encantadores, encantadores e deliciosamente absurdos, é claro! - Pois a Sra. Verdurin estava convencida de que os homens verdadeiramente notáveis praticam mil loucuras. Idéia falsa onde, entretanto, existe um pouco de verdade. Claro que as "loucuras" das pessoas são insuportáveis. Mas um desequilíbrio que somente se descobre com o passar do tempo é a conseqüência da entrada, num cérebro humano, de delicadezas para as quais ele habitualmente não é feito. De maneira que irritam as estranhezas de pessoas encantadoras, mas também não há pessoa encantadora que não seja estranha. - Olhe, já vou poder mostrar-lhe as flores -disse ela, vendo que o marido lhe fazia sinal de que podiam erguer-se da mesa. E retomou o braço do Sr. de Cambremer. O Sr. Verdurin quis desculpar-se com o Sr. de Charlus logo que deixou a Sra. de Cambremer, e dar-lhe os seus motivos, sobretudo pelo prazer de conversar sobre esses matizes mundanos com um homem titulado, momentaneamente tido como inferior àqueles que tomavam o lugar a que julgava ter direito. Mas, antes de tudo, fez questão de mostrar ao Sr. de Charlus que intelectualmente o considerava muito, para pensar que ele desse

atenção a tais bagatelas:

- Desculpe-me o estar falando dessas ninharias - começou -, pois suponho perfeitamente o pouco caso que o senhor dá a essas coisas. Os espíritos burgueses fazem questão disso, mas os outros, os artistas, as pessoas que o são de fato, pouco se importam. Ora, desde as primeiras palavras que trocamos, compreendi que o senhor era um desses! -

O Sr. de Charlus, que dava a essa locução um sentido completamente diverso, teve um estremecimento. Depois das olhadelas do doutor, a franqueza injuriosa do Patrão o sufocava.

- Não proteste, meu caro senhor, é um deles, está claro como o dia- prosseguiu o Sr. Verdurin. - Repare que não sei se o senhor exerce alguma arte, mas não é necessário e nem sempre é bastante. Dechambre, que acaba de falecer, trabalhava perfeitamente com o mais robusto mecanismo, mas não era desses, sentia-se logo que ele não era Brichot; não é Morel é, minha mulher é, sinto que o senhor é...

- Que ia me dizer? - interrompeu o Sr. de Charlus, que principiava a tranqüilizar-se com o que o Sr. Verdurin queria significar, mas que preferia que ele gritasse mais baixo essas palavras de duplo sentido.

- Nós apenas o colocamos à esquerda - respondeu o Sr. Verdurin.

O Sr. de Charlus, com um sorriso compreensivo, bonachão e insolente, respondeu:

- Mas ora! Isto não tem nenhuma importância, aqui! - E deu um risinho que lhe era especial, que lhe vinha provavelmente de alguma avó bávara ou lorena, que o herdara ela própria, idêntico, de uma avó, de modo que ele soava assim, sem mudança, desde não poucos séculos, nas velhas cortes da Europa, e cujo precioso timbre era desfrutado com gosto como o de certos instrumentos antigos hoje raríssimos.

Há momentos em que, para pintar completamente a alguém, é necessário que a imitação fonética se junte à descrição, e a do personagem que o Sr. de Charlus representava, arriscava-se a ser incompleta devido à falta desse risinho tão fino, tão leve, como certas suítes de Bach nunca são exatamente reproduzidas porque faltam às orquestras essas "pequenas trombetas" de som tão particular, para as quais o autor escreveu tal ou qual parte.

- Mas - explicou o Sr. Verdurin, constrangido foi de propósito. - Não dou a menor importância a títulos de nobreza - acrescentou, com esse sorriso de desdém que já vi em tantas pessoas que conheço, ao contrário de minha avó e de minha mãe, para com tudo aquilo que não possuem, diante daqueles que, segundo pensam, não poderão com isso se sentir superiores a elas. - Mas enfim, já que estava

presente justo o Sr. de Cambremer, que é marquês, ao passo que o senhor é somente barão...

- Permita - respondeu o Sr. de Charlus, com ar altivo, ao Sr. Verdurin espantado - sou igualmente duque de Brabant, donzel de Montargis, príncipe de Oléron, de Carency, de Viareggio e de Dunes. Aliás, isso não tem a menor importância. Não se atormente - acrescentou, retomando o seu risinho fino, que se esvaneceu diante destas últimas palavras: - Logo vi que o senhor não estava habituado.

A Sra. Verdurin veio ao meu encontro para me mostrar as flores de Elstir. Se este ato, há muito tão indiferente para mim, de ir jantar fora, ao contrário não me houvesse, sob a forma que o renovaria inteiramente de uma viagem ao longo do litoral, seguida de uma subida em carro até duzentos metros acima do mar, causado uma espécie de embriaguez, esta não se dissipara na Raspeliere.

- Olhe, veja só isto - disse a Patroa, mostrando-me grandes e magníficas rosas de Elstir, mas cujo untuoso escarlate e a brancura agitada se realçavam com um relevo um tanto cremoso demais sobre a jardineira em que estavam. - Acha que ele poderia ainda ter mão bastante para fazer isto? É demais! E depois, é belo como matéria, seria divertido de apalpar. Nem posso lhe dizer como era divertido vê-las sendo pintadas. Sentia-se que ele se empenhava em buscar este efeito. -

O olhar da Patroa se demorou sonhadoramente naquele presente do ato em que se achavam resumidos não só o seu grande talento, mas a longa amizade que somente sobrevivia nessas lembranças que lhe deixara por trás das flores que ele outrora colhera para ela própria; a Sra. Verdurin julgava rever a bela mão que as havia pintado, certa manhã, com todo seu frescor, de modo que, umas sobre a mesa, o outro encostado numa poltrona da sala de jantar, tinham podido figurar em colóquio, para o almoço da Patroa, as rosas ainda vivas e o seu retrato meio parecido. Meio oferecido, apenas, pois Elstir só podia olhar uma flor transplantando-a primeiro para esse jardim interior onde sempre somos forçados a permanecer. Nesta aquarela, ele havia mostrado a aparição das rosas que contemplara e que, sem ele, nunca teríamos conhecido; de forma que se pode dizer que era uma variedade nova com que esse pintor, como um horticultor engenhoso, havia enriquecido a família das rosas.

- A partir do dia em que ele abandonou o pequeno núcleo, era um homem acabado. Parece que meus jantares o faziam perder tempo, que eu prejudicava o desenvolvimento do seu gênio - disse ela num tom irônico. - Como se a convivência com uma mulher como eu, pudesse não ser saudável a um artista! - exclamou num assomo de orgulho.

Bem junto a nós, o Sr. de Cambremer, que já estava sentado, esboçou, ao ver o Sr. de Charlus de pé, um movimento para se levantar e ceder sua cadeira. Tal oferecimento talvez não correspondesse, no pensamento do marquês, senão a um

propósito de vaga polidez. O Sr. de Charlus preferiu atribuir-lhe a significação de um dever que o simples gentil homem sabia que precisava prestar a um príncipe, e não achou melhor maneira de estabelecer o seu direito a essa precedência senão declinando-a. Assim, exclamou:

- Mas como! Peço-lhe! Ora essa! - O tom astuciosamente incisivo desse protesto já continha algo de fortemente "Guermantes", que se acusou sobretudo no gesto imperativo, inútil e familiar com que o Sr. de Charlus pousou ambas as mãos, e como que para forçá-lo a reassentar-se, nos ombros do Sr. de Cambremer, que não se levantara: - Ora veja, meu caro insistiu o barão era só o que faltava! Não há motivo para isso! Em nosso tempo só se reservam estas coisas para os príncipes de sangue real. -

Não emocionei mais aos Cambremer do que à Sra. Verdurin com meu entusiasmo pela sua casa. Pois eu me mantinha frio diante das belezas que me apontavam e exaltava-me com reminiscências confusas: por vezes chegava até a lhes confessar a minha decepção sem achar algo de acordo com o que seu nome me fizera imaginar. Deixei indignada a Sra. de Cambremer ao lhe dizer que julgara que aquilo tudo fosse mais campesino. Em compensação, parei em êxtase a aspirar o aroma de um vento encanado que passava pela porta.

- Vejo que o senhor aprecia as correntes de ar disseram-me eles.

Meu elogio da lustrina verde que tapava um caixilho quebrado não teve melhor êxito:

- Mas que horror! - gritou a marquesa.

O cúmulo foi quando eu disse:

- Minha maior alegria se deu quando cheguei. Ao ouvir meus passos ressoarem na galeria, julguei que entrava em não sei qual escritório da prefeitura da aldeia, onde existe o mapa da região. -

Desta vez a Sra. de Cambremer me voltou resolutamente as costas.

- Não achou tudo isto muito mal arranjado? - perguntou-lhe o marido, com a mesma solicitude apiedada com que indagaria de que modo a mulher havia suportado uma triste cerimônia.

- Há coisas belas. -

Mas como a malevolência, quando as regras fixas de um gosto seguro não lhe impõem limites inevitáveis, acha tudo que criticar na pessoa ou na casa de quem nos suplantou:

- Sim, mas não estão em seu lugar. E serão mesmo tão belas assim? - disse a Sra. de Cambremer.

- O senhor reparou - disse o Sr. de Cambremer, com uma pena em que transparecia alguma firmeza - que há quadros de Jouy em que se vê a tela, coisas já totalmente gastas neste salão?

- E esta peça de tecido com suas grandes rosas, como uma manta de camponesa - disse a Sra. de Cambremer, cuja cultura, toda postiça, aplicava-se exclusivamente à filosofia idealista, à pintura impressionista e à música de Debussy. E, para não protestar exclusivamente em nome do luxo, mas também do bom gosto:

- E puseram meia cortina! Que falta de estilo! Que querem dessa gente, não sabem nada, onde teriam aprendido? Devem ser grandes comerciantes aposentados. Já não é muito mau para eles. Os lustres me pareceram bonitos - disse o marquês, sem que soubessem por que ele excetuava os lustres, assim como, a cada vez que se falava de uma igreja, fosse a catedral de Chartres, de Reims, de Amiens, ou a igreja de Balbec, inevitavelmente o que ele sempre se apressava a citar como admirável era: "a caixa do órgão, o púlpito e as obras de misericórdia".

- Quanto ao jardim, nem falemos - disse a Sra. de Cambremer. - É um massacre. Essas aléias que vão em ziguezague!

Aproveitei que a Sra. Verdurin estava servindo o café para dar uma espiada na carta que o Sr. de Cambremer me entregara, na qual a sua mãe me convidava para jantar. Com um pingo de tinta, a escrita traduzia uma individualidade, de agora em diante reconhecível entre todas, sem que mais houvesse necessidade de recorrer à hipótese de penas especiais, como tintas raras e misteriosamente fabricadas não se fazem necessárias ao pintor para que este exprima a sua visão original. Mesmo um paralítico afetado de agrafia após um ataque e reduzido a olhar os caracteres como um desenho, sem os saber ler, teria compreendido que a Sra. de Cambremer pertencia a uma velha família em que a cultura entusiasta das letras e das artes havia arejado um pouco as tradições aristocráticas. Ele teria adivinhado igualmente em que época a marquesa aprendera simultaneamente a escrever e a tocar Chopin. Era a época em que as pessoas bem-educadas observavam o preceito de ser amáveis e a regra dita dos três adjetivos. A Sra. de Cambremer combinava regra e preceito. Um adjetivo laudatório não lhe bastava, ela o fazia seguir (após um pequeno travessão) de um segundo, e depois (após novo travessão) de um terceiro. Mas o que lhe era particular é, que, contrariamente à finalidade social e literária que se propunha, a sucessão dos três epítetos nos bilhetes da Sra. de Cambremer assumia o aspecto, não de uma progressão, mas de um diminuendo. Nesta primeira carta, a Sra. de Cambremer disse que havia visto Saint-Loup e, mais do que nunca, apreciara suas qualidades "únicas raras reais" e que ela devia voltar com um de seus amigos (precisamente aquele que amavam nora) e que, se eu quisesse vir com ou sem eles jantar em

Féterne, ela ficaria "encantada feliz contente". Talvez porque nela o desejo de amabilidade não se igualasse à fertilidade da imaginação e à riqueza do vocabulário, é que essa dama, levada a empregar três exclamações, não tinha, forças para conferir à segunda e à terceira mais que um eco enfraquecido da primeira. Houvesse apenas mais um quarto adjetivo, e nada restaria da amabilidade inicial. Enfim, por uma certa simplicidade refinada que não devia deixar de produzir uma considerável impressão na família e mesmo no seu círculo de relações, a Sra. de Cambremer tinha se habituado a substituir a palavra "sincera", que podia acabar por assumir um ar mentiroso: pela palavra "verdadeira". E, para deixar claro que se tratava mesmo de algo sincero, rompia a aliança convencional que colocaria "verdadeira" antes da substantivo, e o punha corajosamente depois. Suas cartas terminavam por: "Creia na minha afeição verdadeira", "creia na minha simpatia verdadeira". Infelizmente, aquilo de tal modo se tornara uma fórmula, que essa afetação de franqueza dava mais a impressão de polidez insincera do que as antigas fórmulas de cujo sentido ninguém mais se recorda. Aliás, sentia-me incomodado para ler devido ao rumor confuso das conversações, dominadas pela voz mais alta do Sr. de Charlus, que não largara o seu assunto e dizia ao Sr. de Cambremer:

- O senhor me fazia pensar, ao querer que eu tomasse o seu posto, num cavalheiro que me enviou esta manhã uma carta, endereçando-a "A Sua Alteza o barão de Charlus", e que começava por. "Monsenhor".

- De fato, o seu correspondente exagerava um pouco - respondeu o Sr. de Cambremer, entregando-se a uma discreta hilaridade. O Sr. de Charlus a tinha provocado; mas dela não participou.

- Porém, no fundo, meu caro - disse -, repare que, do ponto de vista da heráldica, ele é que está com a verdade. Não faço disso uma questão pessoal, acredite. Fala como se se tratasse de outro. Mas o que quer, História é História. Nada podemos e não está em nós refazê-la. Não lhe citarei o imperador Guilherme, que em Kiel nunca deixou de me tratar de Monsenhor. Ouvi dizer que chamava assim a todos os duques franceses, o que é abusivo, e que era talvez simplesmente uma delicada atenção que, por sobre a nossa cabeça, visava a França.

- Delicada e mais ou menos sincera - disse o Sr. de Cambremer.

- Ah, não sou de sua opinião. Note que, pessoalmente, um senhor da última ordem como esse Hohenzollem, além do mais protestante, e que despojou o meu primo, o rei de Hanôver, não é de molde a me agradar - acrescentou o Sr. de Charlus, a quem o Hanôver parecia falar mais a seu coração do que a Alsácia-Lorena. - Porém acredito profundamente sincera a inclinação do imperador por nós. Os imbecis dirão que se trata de um imperador de teatro. Mas, ao contrário, ele é extraordinariamente inteligente. Porém não entende de pintura e obrigou o

Sr. Tschudi a retirar os Elstir dos museus nacionais. Mas Luís XIV não gostava dos mestres holandeses, também tinha o gosto pelo aparato e, em suma, foi um grande soberano. E Guilherme II ainda armou seu país do ponto de vista militar e naval, como Luís XIV deixou de fazer, e espero que seu reinado jamais conheça os reveses que escureceram o final do reinado daquele a quem banalmente se chama o Rei-Sol. Na minha opinião, a República cometeu um grande erro ao repelir as amabilidades do Hohenzollern, ou só as retribuindo a conta-gotas. Ele mesmo percebe muito bem isso, e diz, com aquele dom de expressão que possui: "O que desejo é um aperto de mão, e não um cumprimento de chapéu." Como homem, é vil: abandonou, renegou, entregou seus melhores amigos em circunstâncias em que seu silêncio foi tão miserável como grande foi o silêncio deles - continuou o Sr. de Charlus que, sempre arrastado por sua inclinação, deslizava para o Caso Eulenbourg e se lembrava da frase que lhe dissera um dos acusados da mais alta posição: "E preciso mesmo que o imperador tenha confiança em nossa delicadeza para ter ousado permitir semelhante processo! Mas, aliás, não se enganou ao ter tido fé na nossa discrição. Até no cadafalso teríamos calado a boca." - De resto, aquilo tudo nada tem a ver com o que queria dizer, a saber que, na Alemanha, como príncipes mediatizados, somos Durchlaucht, e que, na França, nossa posição de Alteza era publicamente reconhecida. Saint-Simon pretende que a tomamos por abuso, no que se engana redondamente. O argumento que ele apresenta, a saber, que Luís XIV nos proibiu que o chamássemos de Rei Cristianíssimo, ordenando-nos que o tratássemos simplesmente de Rei, apenas prova que dependíamos dele e de modo algum que não tivéssemos a qualidade de príncipe. Sem o que, seria preciso negá-la ao duque de Lorena e a tantos outros. Além disso, vários de nossos títulos provêm da casa de Lorena através de Thérese d'Espinoy; minha bisavó, que era filha do donzel de Commercy. -

Tendo percebido que Morel o escutava, o Sr. de Charlus desenvolveu mais amplamente os motivos de sua pretensão.

- Já fiz observar ao meu irmão que não é na terceira parte do Gotha, mas na segunda, para não dizer na primeira, que devem encontrar-se a notícia sobre a nossa família - disse ele, sem se dar conta de que Morel não sabia o que era o Gotha. - Mas isso é com ele, ele é meu chefe de armas e, desde que ache bom assim e deixe correr a coisa, não tenho senão que fechar os olhos.

- O Sr. Brichot me interessou muito - disse eu à Sra. Verdurin, que vinha a meu encontro, enquanto metia no bolso a carta da Sra. de Cambremer. - É um espírito culto e um bom homem -respondeu ela friamente. - É claro que não possui nem gosto nem originalidade; tem uma memória tremenda. Diziam dos "avós" das pessoas que recebemos esta noite, dos emigrados, que eles nada haviam esquecido. Mas pelo menos eles tinham a desculpa - disse ela, fazendo sua uma

frase de Swann - de que não haviam aprendido coisa alguma. Ao passo que Brichot sabe tudo e nos atira à cabeça, durante o jantar, pilhas de dicionários. Creio que o senhor já não ignora nada sobre o que quer dizer o nome de tal aldeia ou de tal cidade. -

Enquanto a Sra. Verdurin falava, eu pensava que me prometera perguntar-lhe algo, mas não conseguia me lembrar do que fosse.

- Estou certo de que falavam de Brichot - disse Ski.

- Hein? Chantepie e Freycinet, ele não perdoou nada. Eu bem que a estava observando, minha Patroazinha. - Bem que reparei, só me faltou explodir.

Hoje eu não saberia dizer como a Sra. Verdurin estava vestida aquela noite. Talvez nem naquele momento o soubesse, pois não tenho espírito de observação. Mas, sentindo que sua toalete não era despretensiosa, disse-lhe algumas palavras amáveis e até de admiração. Ela era como quase todas as mulheres, que imaginam que um cumprimento que lhes façam é a estrita expressão da verdade, e que é um juízo que se declara imparcialmente, irresistivelmente, como se se tratasse de um objeto de arte sem relação com uma pessoa. Assim, foi com uma seriedade que me fez enrubescer pela minha hipocrisia, que ela me fez esta orgulhosa e ingênua pergunta, habitual em tais circunstâncias:

- Agrada-lhe?

- Certamente estão falando de Chantepie -disse o Sr. Verdurin, aproximando-se.

Pensando na minha lustrina verde e num cheiro de mato, eu era o único a não perceber que, enumerando essas etimologias, Brichot fizera com que rissem dele. E, como as impressões que davam às coisas o seu valor para mim eram daquelas que as outras pessoas ou não sentem ou recalcam, sem pensar, como sendo insignificantes, e que, por conseguinte, se eu as pudesse comunicar, ficariam incompreendidas ou teriam sido desdenhadas, eram inteiramente inutilizáveis para mim e, além disso, tinham o inconveniente de me fazer passar por estúpido aos olhos da Sra. Verdurin, que via que eu "engolira" Brichot, como já o parecera aos olhos da Sra. de Guermantes porque gostava de comparecer à casa da Sra. d'Arpajon. No caso de Brichot, entretanto, havia uma outra razão. Eu não pertencia ao pequeno clã. E em todo clã, seja mundano, político ou literário, desenvolve-se uma facilidade perversa de descobrir, numa conversação, num discurso oficial, numa novela, num soneto, tudo o que o leitor honesto jamais teria sonhado ver. Quantas vezes me aconteceu, lendo com certa emoção um conto habilmente escrito por um acadêmico um pouco antiquado, estar prestes a dizer a Bloch ou à Sra. de Guermantes:

- Como é lindo! quando, antes que tivesse aberto a boca, eles exclamavam, cada qual numa linguagem diferente:

- Se quiser passar um bom momento, leia um conto de Fulano. A estupidez humana jamais foi tão longe. -

O desprezo de Bloch decorria principalmente de que certos efeitos de estilo, aliás agradáveis, eram um tanto fanados; o da Sra. de Guermantes, de que o conto parecia provar justamente o contrário do que o autor queria dizer, por motivos de fato que ela engenhosamente deduzia, mas nos quais eu nunca teria pensado. Tão surpreso fiquei ao ver a ironia que se ocultava sob a aparente amabilidade dos Verdurin para com Brichot, como ao ouvir, alguns dias mais tarde, em Féterne, os Cambremer dizerem-me, diante do elogio entusiasmado que eu fazia de La Raspeliere:

- Não é possível que o senhor esteja sendo sincero, depois do que eles fizeram daquilo. - É verdade que confessaram que a baixela era bonita. Como as chocantes cortininhas, eu também não a tinha visto.

- Enfim, agora, quando voltar a Balbec, o senhor saberá o que Balbec significa - disse ironicamente o Sr. Verdurin.

O que me interessava eram justamente as coisas que Brichot me ensinava. Quanto ao que chamavam o seu espírito, era exatamente o mesmo que outrora fora tão apreciado no pequeno clã. Falava com a mesma irritante facilidade, mas suas palavras já não possuíam alcance, precisavam vencer um silêncio hostil ou ecos desagradáveis; o que havia mudado era não o que ele narrava, e sim a acústica do salão e as disposições do público.

- Cuidado! - disse a Sra. Verdurin a meia voz, mostrando Brichot.

Este, mantendo o ouvido mais penetrante que a vista, lançou à Patroa um olhar logo desviado de míope e de filósofo. Se esses olhos eram menos agudos, os de seu espírito em compensação lançavam sobre as coisas um olhar mais vasto. Via o pouco que se podia esperar das afeições humanas, e resignava-se. Certamente sofria com isso. Ocorre que, mesmo aquele que numa só noite, num meio onde tem o hábito de agradar, adivinha que o acharam ou muito frívolo, ou por demais pedante, ou demasiado canhestro, ou excessivamente atrevido, etc., volta infeliz para casa. Muitas vezes, foi por causa de uma questão de opiniões, sistema, que ele pareceu absurdo ou antiquado aos outros. Muitas vezes sabe perfeitamente que esses outros não se lhe igualam em valor. Pode facilmente dissecar os sofismas de que os outros se valeram para condená-los tacitamente, quer ir fazer uma visita, escrever uma carta: mais prudente, não faz nada, espera o convite da semana seguinte. Por vezes também essa desgraças, em vez de terminarem numa noite, duram meses. Devidas à instabilidade dos julgamentos humanos, aumentam-nas ainda mais. Pois apenas sabe que a Sra. X... o despreza, sentindo que é estimado na casa da Sra. Y.., declara ser esta bem superior e emigra para o seu salão. Aliás, não é aqui o local de pintar esses homens, superiores à vida

mundana, mas que não tendo sabido realizar-se fora dela, felizes por serem acolhidos, amargurados quando os desconhecem, descobrindo todos os anos as taras da dona da casa a quem incentivavam, e o gênio da que não tinham apreciado seu devido valor, arriscando-se a retornar a seus primeiros amores quando tiverem sofrido os inconvenientes que igualmente traziam os segundos, e quando os desses primeiros estiverem um tanto esquecidos. Por essas pequenas desgraças pode-se avaliar o desgosto que causava a Brichot aquela que ele sabia definitiva. Não ignorava que a Sra. Verdurin ria às vezes publicamente dele, e até de suas enfermidades, e, sabendo o pouco que se deve esperar das afeições humanas, submetera-se, e nem por isso deixava de considerar a Patroa como sua melhor amiga. Mas, ao rubor que se espalhou pelo rosto do universitário, a Sra. Verdurin compreendeu que ele, ouvira e prometeu a si mesma ser amável com ele durante a noite. Não puder deixar de lhe dizer que ela era muito pouco para com Saniette.

- Como não sou amável! Mas ele nos adora, o senhor não sabe o que somos para ele! Meu marido fica às vezes um pouco irritado com sua estupidez, e é preciso convir que tem razão, mas, nesses momentos, por que é que ele não reage um pouco mais em vez de assumir esses ares de cão escorraçado? Não é franco. Não gosto disto. O que não impede que eu tente sempre acalmar o meu marido, porque, se ele vai muito longe, Saniette poderia não voltar; e isso eu não desejaria, pois, aqui para nós, ele não tem um só tostão, precisa desses jantares. E depois, afinal, se ele fica melindrado, se não volta mais, não é da minha conta; quando se tem necessidade dos outros que se procure não ser tão idiota.

- O ducado de Aumale esteve durante muito tempo na nossa família, antes de passar para a Casa da França - explicava o Sr. de Charlus ao Sr. de Cambremer, diante de Morel embasbacado e para quem, a falar a verdade, toda essa dissertação era, se não endereçada, ao menos destinada. - Tínhamos precedência sobre todos os príncipes estrangeiros; poderia dar-lhe cem exemplos. A princesa de Croyl, tendo desejado, no enterro de Monsieur, pôr-se de joelhos junto da minha trisavó, esta lhe observou abertamente que ela não tinha direito ao lajedo, mandou retirá-la pelo oficial de serviço e levou o caso ao rei, que ordenou à Sra. de Croy que pedisse desculpas à Sra. de Guermantes na casa desta. Tendo o duque de Borgonha vindo à nossa casa com os aguazis, a varinha erguida, obtivemos do rei que a mandasse abaixar. Sei que não fica bem falar das virtudes dos seus. Mas é bem conhecido que os nossos sempre estiveram à frente na hora do perigo. Nosso grito de armas, quando deixamos o dos duques de Brabant, foi "Passavant". De modo que esse direito de ser em toda parte os primeiros, que tínhamos reivindicado durante séculos na guerra, é bem legítimo em suma que o tenhamos depois obtido na Corte. E, que diabo, ali sempre nos foi reconhecido. Dar-lhe-ei ainda como prova a princesa de Baden. Como se esquecera do seu

posto, chegando até a disputar o lugar a essa mesma duquesa de Guermantes de que lhe falei há pouco, e quisera entrar primeiro no Paço, aproveitando um movimento de hesitação que talvez tivesse tido minha parenta (embora não houvesse razão para tal), o rei exclamou vivamente: "Entre, entre, minha prima; a senhora de Baden sabe muito bem o que lhe deve." E era como duquesa de Guermantes que possuía esse lugar, embora por si mesma tivesse uma origem bastante elevada, visto que era, pelo lado materno, sobrinha da rainha da Polônia, da rainha da Hungria, do Eleitor Palatino, do príncipe de Savóia-Carignan e do príncipe de Hanôver, depois rei da Inglaterra.

- *Maecenas atavus edite regibus*{22}*!"* - disse o Sr. de Brichot, dirigindo-se ao Sr. de Charlus, que respondeu com uma leve inclinação de cabeça a essa cortesia.

- Que está dizendo? - perguntou a Sra. Verdurin a Brichot, a quem desejaria reparar as palavras ditas pouco antes.

- Eu falava, Deus me perdoe, de um dândi que era a flor da sociedade (a Sra. Verdurin franziu as sobrancelhas) lá pelo século de Augusto (a Sra. Verdurin, tranqüilizada pela distância dessa sociedade, assumiu uma expressão mais serena), de um amigo de Virgílio e Horácio, os quais levavam a adulação ao ponto de dizer-lhe na cara as suas ascendências mais que aristocráticas, régias; numa palavra, referia-me a Mecenas, um rato de biblioteca que era amigo de Horácio, de Virgílio e de Augusto. Estou certo de que o Sr. de Charlus sabe muito bem, sob todos os aspectos, quem foi Mecenas. -

Olhando graciosamente de esguedelha para a Sra. Verdurin, porque a ouvira convidar Morel daí a dois dias, e receando não ser convidado, o Sr. de Charlus disse:

- Creio que Mecenas era algo como o Verdurin da Antigüidade. -

A Sra. Verdurin só pôde reprimir a meio um sorriso de satisfação. Dirigiu-se a Morel:

- É muito agradável o amigo de seus pais - disse. - Vê-se que é um homem instruído, bem-educado. Fará boa figura no nosso pequeno núcleo. Onde mora ele em Paris?

Morel guardou um silêncio altivo e pediu somente para jogar uma partida de cartas. A Sra. Verdurin exigiu primeiro um pouco de violino. Para espanto geral, o Sr. de Charlus, que jamais falava de seus grandes dons, acompanhou no mais puro estilo o último trecho (inquieto, atormentado, schumanesco, mas enfim anterior à sonata de Franck) da sonata para piano e violino de Fauré. Senti que ele daria a Morel, maravilhosamente dotado para o som e o virtuosismo, precisamente o que lhe faltava, a cultura e o estilo. Mas pensei com curiosidade naquilo que une, num mesmo homem, uma tara física e um dom do espírito. O

Sr. de Charlus não era muito diferente do irmão, o duque de Guermantes. Ainda há pouco (e isso era raro), falara num francês tão ruim como o deste. Censurando-me (sem dúvida para que eu falasse em termos elogiosos de Morel à Sra. Verdurin) por jamais ir visitá-lo, e invocando minha discrição, dissera-me:

- Mas já que sou eu quem lhe pede, só eu é que poderia formalizar-me. -

Isto poderia ser dito pelo duque de Guermantes. Em resumo, o Sr. de Charlus não passava de um Guermantes. Mas bastara que a natureza desequilibrasse suficientemente nele o sistema nervoso para que, em vez de uma mulher, como o teria feito seu irmão, ele preferisse um pastor de Virgílio ou um aluno de Platão; e logo as qualidades desconhecidas do duque de Guermantes e freqüentemente ligadas a esse desequilíbrio tinham feito do Sr. de Charlus um delicioso pianista, um pintor amador que possuía um certo gosto, um conversador eloqüente. O estilo rápido, ansioso, encantador, com que o Sr. de Charlus executava o trecho schumanesco da sonata de Fauré quem poderia discernir que esse estilo tinha o seu correspondente (não me atrevo a dizer a sua causa) nas características inteiramente físicas, nas imperfeições nervosas do Sr. de Charlus? Mais tarde explicaremos esta expressão - "imperfeição nervosa" e por quais motivos um grego dos tempos de Sócrates e um romano dos tempos de Augusto podiam ser o que se sabe enquanto permaneciam homens absolutamente normais, e não homens-fêmeas como os vemos atualmente. Assim como reais inclinações artísticas, não chegadas a termo, o Sr. de Charlus tinha, bem mais que o duque, amado sua mãe, amado a esposa, e até anos depois, quando lhe falavam nelas, brotavam-lhe lágrimas, porém superficiais, como a transpiração de um homem muito gordo, cuja testa por um nada se umedece de suor. Com a diferença de que a este se diz: "Como o senhor está com calor!" enquanto se finge não ver o choro dos outros. Finge-se, isto é, finge-o a sociedade; pois o povo se inquieta de ver chorar, como se um soluço fosse mais grave que uma hemorragia. A tristeza que se seguiu à morte da esposa, graças ao hábito de mentir, não excluía no Sr. de Charlus uma vida que não lhe era adequada. Ainda mais tarde, ele teve a ignomínia de dar a entender que, durante a cerimônia fúnebre, achara um meio de pedir o nome e o endereço ao menino do coro. E talvez fosse verdade. Findo o trecho musical, permiti-me reclamar Franck, o que pareceu causar tanto sofrimento à Sra. de Cambremer que não insisti.

- O senhor não pode gostar disso - disse-me ela. Em seu lugar, pediu as festas de Debussy, o que fez gritarem:

- Ah, é sublime! desde a primeira nota.

Porém Morel percebeu que só conheciam os primeiros compassos e, por brincadeira, sem qualquer intenção de mistificar, principiou uma marcha de Meyerbeer. Infelizmente, como fez poucas transições e não avisou nada, todo

mundo acreditou que ainda se tratava de Debussy, e continuaram a exclamar "Sublime!" Morel, revelando que o autor não era o de *Pelléas*, mas o de *Roberto o Diabo*, causou certa frieza. A Sra. de Cambremer não teve tempo de o sentir por si mesma, pois acabava de descobrir um caderno de Scarlatti e se lançara sobre ele num ímpeto de histérica.

- Oh, toque isto, tome, este aqui, é divino! - gritava.

No entanto, desse autor por tanto tempo desprezado, e erguido há pouco às mais altas honrarias, o que ela escolhia em sua impaciência febril era um desses trechos malditos que muitas vezes nos impediram de dormir, e que uma aluna desapiedada recomeça indefinidamente no andar vizinho ao nosso. Mas Morel estava farto de música, e, como fazia questão de jogar cartas, o Sr. de Charlus, para participar da partida, desejaria um uíste.

- Há pouco, ele disse ao Patrão que era príncipe - disse Ski à Sra. Verdurin -, mas isto não é verdade; ele pertence a uma simples família burguesa de pequenos arquitetos.

- Quero saber o que o senhor dizia de Mecenas. Isto me diverte, e muito! - repetiu a Sra. Verdurin a Brichot, com uma amabilidade que o deixou exaltado. Assim, para brilhar aos olhos da Patroa e talvez aos meus:

- Mas, para falar a verdade, senhora, Mecenas me interessa principalmente por ter sido o primeiro apóstolo marcante desse Deus chinês que hoje conta na França mais seguidores do que Brama, que o próprio Cristo, o todo-poderoso Deus Que-Mim-Porta. -

A Sra. Verdurin já não se contentava, nesses casos, em mergulhar a cabeça nas mãos. Abatia-se com o ímpeto dos insetos chamados efêmeros sobre a princesa Sherbatoff; se esta estivesse a pouca distância, a Patroa se agarrava à axila da princesa, fincava-lhe as unhas e, por alguns instantes, ocultava a cabeça como uma criança que brinca de esconde-esconde. Dissimulada por esse anteparo protetor, podia ela pretender que ria até as lágrimas e também podia perfeitamente não pensar, em nada, como as pessoas que, enquanto fazem uma oração um tanto longo, têm a sábia precaução de esconder o rosto nas mãos. A Sra. Verdurin imitava ao ouvir os quartetos de Beethoven, a um tempo para mostrar que os considerava como uma oração, e para que não vissem que dormia.

- Falo com toda a seriedade, senhora - disse Brichot. - Acho que hoje é demasiado grande o número de pessoas que passam o tempo todo considerando que seu umbigo é o centro do mundo. Em boa doutrina, não tenho coisa alguma a objetar e não sei qual nirvana que tende a nos dissolver no grande Todo (o qual, como Munique e Oxford, está muito mais perto de Paris do que Asnieres ou Bois-Colombes), mas não é nem de um bom francês, nem mesmo de um bom

europeu, quando os japoneses estão talvez às portas da nossa Bizâncio, que antimilitaristas socializados discutam gravemente acerca das virtudes cardeais do verso livre. -

A Sra. Verdurin julgou que podia largar a espádua machucada da princesa e deixou reaparecer seu rosto, não sem fingir que enxugava os olhos e recuperar o fôlego duas ou três vezes. Mas Brichot queria que eu tivesse a minha parte no festim, e, tendo aprendido, nas sustentações de teses a que presidia como ninguém, que nunca se lisonjeia tanto a juventude como repreendendo-a, dando-lhe importância, fazendo-se tratar por ela de reacionário:

- Eu não gostaria de blasfemar contra os deuses da juventude - disse ele, lançando-me esse olhar furtivo que um orador dirige às escondidas a alguém presente no auditório, e de quem cita o nome. - Não gostaria de ser condenado como herético e relapso na capela mallarmaica, onde o nosso novo amigo, como todos de sua idade, deve ter ajudado a missa esotérica, ao menos como menino de coro, e ter se mostrado deliqüescente ou rosa-cruz{23}. Mas, na verdade, já vimos muitos desses intelectuais adorando a Arte com um A maiúsculo e que, quando já não lhes basta embriagarem-se com Zola, tomam injeções de Verlaine. Tornando-se eterômanos por devoção baudelairiana, não mais seriam capazes do esforço viril que a pátria pode lhes pedir um dia ou outro, anestesiados que estão pela grande nevrose literária na atmosfera quente, enervante, pesada de odores malsãos, de um simbolismo de casa de ópio.

Incapaz de fingir a menor sombra de admiração pela tirada inepta e diversificada de Brichot, voltei-me para Ski e lhe garanti que se equivocava inteiramente sobre a família a que pertencia o Sr. de Charlus; respondeu-me que estava seguro do que afirmara e acrescentou que eu até lhe dissera que o verdadeiro nome dele era Gandin, Le Gandin.

- Eu lhe disse - respondi - que a Sra. de Cambremer era irmã de um engenheiro, Sr. Legrandin. Nunca lhe falei do Sr. de Charlus. Há tanta relação de nascimento entre ele e a Sra. de Cambremer, como entre os Grande Condé e Racine.

- Ah, eu pensava - disse Ski descuidadamente, sem se desculpar pelo seu erro, como não se desculpara pelo que, algumas horas antes, quase nos fizera perder o trem.

- Pretende o senhor ficar muito tempo no litoral? - perguntou a Sra. Verdurin ao Sr. de Charlus, em quem pressentia um fiel, tremendo à idéia de que ele voltasse logo para Paris.

- Meu Deus, a gente nunca sabe - respondeu o Sr. de Charlus num tom arrastado e fanhoso. - Gostaria de ficar até fins de setembro.

- O senhor tem razão - disse a Sra. Verdurin; - é a ocasião das belas tempestades.

- Para falar a verdade, não seria isso o que me decidiria a permanecer. Faz algum tempo que tenho negligenciado demais o arcanjo São Miguel, meu padroeiro, e gostaria de compensá-lo ficando até o dia de sua festa, a 29 de setembro, na abadia do Mont.

- Essas coisas lhe interessam muito? - indagou a Sra. Verdurin, que talvez conseguisse calar o seu anticlericalismo ferido, caso não temesse que uma tão longa excursão fizesse o violinista e o barão "largarem" por 48 horas.

- Talvez a senhora esteja atacada de surdez intermitente - disse o Sr. de Charlus com insolência. - Eu lhe disse que São Miguel era um de meus gloriosos padroeiros. - Depois, sorrindo num êxtase benévolo, os olhos fixos na distância, a voz erguida numa exaltação que me pareceu mais do que estética, conquanto religiosa: - É tão belo, no ofertório, quando Miguel se mantém de pé junto do altar, de manto branco, balançando um turíbulo de ouro, e com tal quantidade de perfumes que o odor sobe até Deus!

- A gente poderia ir até lá em bando - sugeriu a Sra. Verdurin, apesar de seu horror ao clero.

- Nesse momento, desde o ofertório - prosseguiu o Sr. de Charlus, que, por outros motivos, mas da mesma maneira que os bons oradores da Câmara, jamais respondia a uma interrupção e fingia não a ter ouvido-, seria um deslumbramento ver o nosso amigo palestrinizando e executando até uma ária de Bach. Ficaria louco de júbilo, e o bom abade também; e seria a maior homenagem, ao menos a maior homenagem pública, que eu poderia fazer ao meu santo padroeiro. Que exemplo edificante para os fiéis! Logo falaremos sobre isso ao jovem Angélico musical, militar como São Miguel.

Saniette, chamado para fazer o papel de morto, declarou que não sabia jogar uíste. E Cottard, vendo que não havia mais tempo antes da hora do trem, pôs-se logo a começar uma partida de écarfé com Morel. O Sr. Verdurin, furioso, caminhou com ar terrível para Saniette:

- Você não sabe jogar nada! - gritou, danado por ter perdido uma oportunidade de jogar uíste e encantado por ter encontrado um modo de injuriar o antigo arrivista. Este, aterrorizado, resolveu ser espirituoso:

- Sim, sei tocar piadas - disse. Cottard e Morel estavam sentados frente a frente. - Ao senhor que honra - disse Cottard.

- E se nos aproximássemos um pouco da mesa de jogo? - sugeriu ao Sr. de Cambremer.

O Sr. de Charlus, inquieto por ver-se violinista na companhia de Cottard.

- É tão interessante como essas questões de etiqueta, que já não significam grande coisa no nosso tempo, os únicos reis que nos restam, pelo menos na

França, são os reis do baralbê, e me parece que eles vêm a rodo às mãos do jovem virtuoso - acrescentou a seguir, com uma admiração por Morel que se estendia até a sua maneira de jogar, igualmente para lisonjeá-lo e, por fim, para explicar o movimento que fazia debruçando-se sobre o ombro do violinista.

- Eu corto! - disse Cottard, imitando o sotaque rastaqüera; seus filhos riram às gargalhadas, como faziam seus alunos e o chefe da clínica, quando o Mestre, mesmo à cabeceira de um doente em estado grave, lançava, com a máscara impassível do epiléptico, uma de suas facécias de costume.

- Não sei beth o que devo jogar - disse Morel, consultando o Sr. de Cambremer.

- Quanto quiser; de qualquer modo será derrotado, desse jeito ou de outro, será igual, - Igual... *Galli-Marié*? - comentou o doutor, escorregando para o Sr. de Cambremer um olhar insinuante e benévolo.

- Era o que chamávamos a verdadeira diva, era o sonho, uma Cármen como nunca mais se verá. Era,a mulher para o papel. Gostava também de ouvir *Ingalli-Marié*{24}.

O marquês se ergueu com essa vulgaridade desdenhosa das pessoas bem-nascidas que não compreendem que insultam o dono da casa parecendo não estar certo de poder freqüentar os seus convidados e que se desculpam como hábito inglês para empregar uma expressão depreciativa:

- Quem é este senhor que está jogando cartas? Que faz na vida? O que é que ele vende? Gosto muito de saber com quem me encontro, para não me ligar com qualquer um. Ora, não ouvi o seu nome quando o senhor deu-me a honra de me apresentar a ele. -

Se o Sr. Verdurin, autorizando-se com estas últimas palavras, tivesse de fato apresentado aos convidados o Sr. de Cambremer, este o levaria a mal. Mas sabendo que o contrário é que ocorrera, achava gracioso parecer bom moço e modesto sem perigo. O orgulho que tinha o Sr. Verdurin de sua intimidade com Cottard só fez aumentar desde que o doutor se tornara um professor ilustre. Porém, já não se exprimia sob a forma ingênua de outrora. Então, quando Cottard mal era conhecido, se falavam ao Sr. Verdurin das nevralgias faciais de sua esposa:

- Não há nada a fazer - dizia ele, com o ingênuo amor-próprio das pessoas que acham ilustre o que lhes diz respeito, e que todos conhecem o professor de canto da sua filha. - Se ela tivesse um médico de segunda categoria, a gente poderia tentar outro tratamento, mas, quando este médico se chama Cottard (nome que ele pronunciava como se fosse Bouchard ou Charcot), o remédio é agüentar firme. -

Utilizando um procedimento inverso, sabendo que o Sr. de Cambremer

certamente já ouvira falar no famoso professor Cottard, o Sr. Verdurin assumiu um ar simplório.

- É o nosso médico de família, um grande coração, que nós adoramos e que se faria esquartejar por nós; não é um médico, é um amigo; não creio que o senhor o conheça nem que o seu nome lhe diga alguma coisa; em todo caso, para nós é o nome de um bom homem, de um caríssimo amigo, Cottard. -

Este nome, murmurado com ar modesto, enganou o Sr. de Cambremer, que julgou tratar-se de outra pessoa.

- Cottard? O senhor não está falando do professor Cottard? -

Ouviu-se precisamente a voz do dito professor que, atrapalhado com uma jogada, dizia, segurando as cartas:

- Foi aqui que os atenienses se aterraram.

- Ah, sim, justamente, ele é professor - disse o Sr. Verdurin.

- O quê! O professor Cottard! O senhor não está enganado? Tem certeza de que se trata do mesmo? O que mora na rua de Bac!

- Sim, ele mora na rua de Bac, 43. O senhor o conhece?

- Mas todo mundo conhece o professor Cottard. É uma sumidade! É como se o senhor me perguntasse se eu conhecia Bouffe de Saint-Blaise ou Courtois-Suffit. Bem que eu havia reparado, ao ouvi-lo falar, que não era um homem comum e foi por isso que me permiti perguntar-lhe.

- Vamos, o que é preciso ajuntar? Trunfo? - perguntava Cottard.

Depois, bruscamente, com uma vulgaridade que teria sido irritante mesmo numa circunstância heróica, em que um soldado quer emprestar uma expressão familiar ao desprezo pela morte, mas que se tornava duplamente estúpido no passatempo sem perigo das cartas, Cottard, decidindo-se a jogar trunfo, tomou um aspecto sombrio, "cabeça tonta", e, por alusão aos que arriscam a pele, jogou sua carta como se fosse a sua vida, gritando:

- Afinal de contas, dane-se! -

Não era o que precisava jogar, mas teve um consolo. No meio do salão, numa larga poltrona, a Sra. Cottard, cedendo ao efeito, irresistível nela, da digestão, depois de vãos esforços, havia cedido ao sono vasto e leve que dela se apoderava. Por mais que se endireitasse às vezes para sorrir, seja por zombaria dela própria, seja com receio de deixar sem resposta alguma palavra amável que lhe dirigissem, sem querer recaía no mal delicioso e implacável. Mais que o ruído, o que a despertava assim por um segundo apenas era o olhar (que, por ternura, ela via mesmo de olhos fechados, e previa, pois a mesma cena se verificava todas as

noites e obcecava o seu sono, como a hora em que é preciso que nos levantemos), o olhar pelo qual o professor assinalava o sono da esposa às pessoas presentes. Para começar, contentava-se em olhá-la e sorrir, pois, se como médico censurava esse sono após o jantar (pelo menos, dava essa razão científica para se zangar no fim, mas não é certo que ela fosse determinante, tal a variedade de pontos de vista que possuía a respeito), como marido todo-poderoso e zombeteiro ficava encantado em troçar da mulher, de a princípio só a despertar pela metade, a fim de que ela voltasse a adormecer e ele tivesse o prazer de despertá-la novamente. Agora, a Sra. Cottard dormia a sono solto.

- Ora, ora, Léontine, estás pescando? - gritou-lhe o professor.

- Estou escutando o que diz a Sra. Swann, meu caro - respondeu debilmente a Sra. Cottard, que recaiu; na sua letargia.

- É loucura! - exclamou Cottard; - daqui a pouco vai garantir que não dormiu. É como os pacientes que vão a uma consulta e afirmam que nunca dormem.

- Talvez o imaginem - disse rindo a Sra. de Cambremer.

Mas o doutor gostava tanto de contradizer como de troçar e, principalmente não admitia que um profano lhe fosse falar de medicina.

- Ninguém imagina que não dorme - decretou em tom dogmático.

- Ah, - respondeu o marquês, inclinando-se respeitosamente como o teria feito Cottard outrora.

- Bem se vê - prosseguiu Cottard que o senhor não administrou, como eu, até dois gramas de trional sem chegar a provocar sonolência.

- É verdade, é verdade - respondeu o marquês, rindo com ar de presumido - nunca tomei trional, nem nenhuma dessas drogas que logo não fazem mais efeito, mas desarranjam o estômago. Quando se caça a noite inteira, como eu na floresta de Chantepie, asseguro-lhe que não é necessário trional para poder dormir.

- São os ignorantes que dizem isso - respondeu o professor. - O trional recupera às vezes de modo notável o tônus nervoso. O senhor fala do trional, mas sabe ao menos o que é?

- Mas...Já ouvi dizer que é um medicamento para dormir.

- O senhor não respondeu à minha pergunta - replicou doutoralmente o professor, que, três vezes por semana, estava "de exame" na Faculdade. - Não lhe pergunto se faz ou não dormir, mas de que se trata. Pode me dizer o que contém em partes de amila e etila?

- Não - respondeu o Sr. de Cambremer, embaraçado.

- Prefiro um bom cálice de aguardente fina ou até vinho do Porto 345.

- Que são dez vezes mais tóxicos - interrompeu o professor.

- Quanto ao trional - animou-se o Sr. de Cambremer -, minha mulher usa todas essas coisas; seria melhor que o senhor falasse com ela.

- Que deve saber mais ou menos tanto quanto o senhor. Em todo caso, se a sua mulher toma trional para dormir, o senhor está vendo que a minha não precisa disso. - Vamos, Léontine, mexe-te, vais ficar anquilosada; por acaso eu durmo depois do jantar? Que vai ser de ti aos sessenta, se hoje dormes como uma velha? Vais engordar, paralisas a circulação... Ela nem sequer me ouve mais. - Fazem mal à saúde esses cochilos após o jantar, não é, doutor? - disse o Sr. de Cambremer para reabilitar-se junto a Cottard. - Depois de comer bastante, seria preciso fazer exercício.

- Histórias! -respondeu o doutor. - Examinou-se igual quantidade de alimento do estômago de um cão que permanecera em repouso, e no estômago de um cão que havia corrido, e ficou no primeiro que a digestão estava mais adiantada.

- Então é o sono que interrompe a digestão?

- Isto depende se se trata de uma digestão esofágica, estomacal ou intestinal; é inútil lhe dar explicações que o senhor não compreenderia, visto que não fez estudos de medicina. Vamos, Léontine, de pé! Está na hora de partir. -

Não era verdade, pois o doutor apenas ia continuar seu jogo de cartas, mas assim ele esperava contrariar, da maneira mais brusca, o sono da mulher a quem dirigia as mais sábias exortações, sem obter resposta. Ou porque uma vontade de dormir persistia na Sra. Cottard, mesmo em estado de sono, ou porque a poltrona não desse apoio à sua cabeça, esta última foi lançada mecanicamente da esquerda para a direita, e de baixo para cima, no vácuo, como um objeto inerte, e a Sra. Cottard, de cabeça oscilante, ora tinha o ar de quem ouvia música, ora parecia entrar na última fase da agonia. Lá onde fracassavam as admoestações cada vez mais veementes do marido, o sentimento da própria idiotice venceu:

- O banho está bom de temperatura - murmurou ela -, mas as plumas do dicionário... - -exclamou, endireitando-se. - Oh, meu Deus, como sou tola! Que estou dizendo? Estava pensando no meu chapéu, devo ter dito alguma asneira, um pouco mais e eu ia adormecer; é esse maldito fogo. -

Todo mundo se pôs a rir, pois não havia nenhum fogo aceso.

- Estão zombando de mim - disse a Sra. Cottard, rindo ela própria. Mão na testa, ela apagou, com a leveza do magnetizador e uma habilidade de mulher que arruma o penteado, os últimos vestígios do sono; desejo apresentar minhas humildes escusas à querida Sra. Verdurin e dela saber a verdade. -

Mas seu sorriso tornou-se logo triste, pois o professor, sabendo que a mulher buscava agradá-lo e temia não o conseguir, acabava de gritar-lhe:

- Olha-te no espelho, estás vermelha como se tivesses uma erupção de acne, pareces uma velha camponesa.

- Sabem, ele é encantador-disse a Sra. Verdurin; -tem um bonito lado de bonomia, malícia. E depois, trouxe meu marido das portas do túmulo quando toda a Faculdade já o dava por perdido. Passou três noites junto dele, sem ir deitar-se. Assim, Cottard, para mim, já sabem -acrescentou num tom grave e quase ameaçador, erguendo a mão para as duas esferas de mechas brancas suas têmporas musicais, e como se quiséssemos tocar no doutor: - é agrado! Poderia pedir tudo o que quisesse. Aliás, não o chamo de doutor Cottard, chamo-o de doutor Deus! E, mesmo dizendo isto, calunio-o, por este Deus repara, na medida do possível, uma parte das desgraças o outro é responsável.

- Jogue trunfo - disse a Morel o Sr. de Charlus com ar feliz.

- Trunfo, para ver - disse o violinista.

- Seria preciso anunciar primeiro o rei - volveu o Sr. de Charlus -, o senhor está distraído, mas como joga bem!

- Tenho o rei - disse Morel.

- É um belo homem - respondeu o professor.

- Que negócio é este com essas estacas? - indagou a Sra. Verdurin, mostrando ao Sr. de Cambremer um soberbo escudo esculpido acima da lareira.

- São suas armas? - acrescentou com desdém irônico.

- Não, não são as nossas - respondeu o Sr. de Cambremer. - Nós usamos escudo de ouro com três faixas ameadas contra-ameadas de goles, com cinco peças, cada uma carregada de um relevo de ouro. Não, essas aí pertencem aos d'Arrachepel, que não eram da nossa linhagem, mas de quem herdamos a casa; e nunca os de nossa linhagem quiseram mudar aqui fosse o que fosse. Os Arrachepel (antigamente Pervilain, dizem) usavam escudo de ouro com cinco estacas pontiagudas de goles. Quando se aliaram aos Féterne, o seu escudo mudou, porém permaneceu, cantonada de vinte cruzetas recruzetadas, a estaca diminuída; fincada, de ouro, acompanhada à destra de um vôo de arminho. - Pegue essa - disse baixinho a Sra. de Cambremer. - Minha bisavó era um d'Arrachepel, ou de Rachepel se preferir, pois os dois nomes são encontrados nas velhas cartas - continuou o Sr. de Cambremer, que enrubescia vivamente, pois só então lhe ocorrera a idéia de que sua mulher lhe tinha horror e receou que a Sra. Verdurin aplicasse a si mesma palavras que de modo algum a visavam. - A História pretende que, no século XI, o primeiro Arrachepel, Macé, dito Pelvilain, tenha demonstrado especial habilidade nos cercos para arrancar estacas. De

onde o cognome de Arrachepel, com o qual foi nobilitado, e os bastiões que a gente vê persistir em suas armas através dos séculos. Trata-se dos bastiões que, para tornar mais inabordáveis as fortificações, plantavam, fincavam em terra permita-me a expressão diante delas, e que eram ligados entre si. São os que a senhora muito chamava de estacas e que não tinham nada dos bastões flutuantes do La Fontaine{25}. Pois tinham fama de tornar uma praça inexpugnável. Evidentemente, com a artilharia moderna isto faz sorrir. Mas é preciso lembrar que se trata do século XI.

- Falta-lhe atualidade - disse a Sra. Verdurin -,

- Mas a pequena campânula tem caráter. A senhora tem - disse Cottard uma veia de... *turlututu* [palavra que seguidamente empregava para evitar o termo de Moliere{26}.

- Sabem por que foi reformado o rei de ouros?- perguntou Cottard.

- Bem que eu desejaria estar em seu posto - disse Morel, a quem entediava o serviço militar.

- Ah! O mau patriota - exclamou o Sr. de Charlus, que não pôde conter-se de beliscar a orelha do violinista.

- Não, não sabem por que o rei de ouros foi reformado? - repetiu Cottard, que insistia em seus gracejos. - É porque só tem um olho.

- O senhor tem um parceiro forte, doutor - disse o Sr. de Cambremer, para mostrar a Cottard que sabia quem ele era.

- Este rapaz é espantoso - interrompeu ingenuamente o Sr. de Charlus, assinalando Morel. - Joga como um deus. -

Esta reflexão não agradou muito ao doutor, que respondeu:

- Quem viver verá. Para espertalhão, espertalhão e meio.

- A dama, o ás - anunciou triunfalmente Morel, a quem a sorte favorecia.

O doutor curvou a cabeça como não pudesse negar essa boa sorte e confessou, fascinado:

- É belo.

- Ficamos muito contentes em jantar com o Sr. de Charlus - disse a Sra. de Cambremer à Sra. Verdurin.

- Não o conheciam? É extremamente agradável, é especial, é de uma época (teria ficado muito embaraçado para dizer qual) - respondeu a Sra. Verdurin com o sorriso satisfeito de uma diletante, de um juiz e de uma dona-de-casa.

A Sra. de Cambremer perguntou-me se eu iria a Féterne com Saint-Loup. Não

pude deixar de soltar um grito de admiração ao ver a lua suspensa, como um lampião alaranjado, à abóbada dos carvalhos que partia do castelo.

- Isso ainda não é nada; daqui a pouco, quando a lua estiver mais alta e o vale ficar iluminado, será mil vezes mais lindo. Eis o que não têm em Féterne! - disse a Sra. Verdurin em tom desdenhoso à Sra. de Cambremer, a qual não sabia o que responder, não querendo depreciar a sua propriedade, sobretudo diante dos locatários.

- A senhora ainda fica por algum tempo na região? - Perguntou o Sr. de Cambremer à Sra. Cottard, o que podia passar por uma vaga intenção de convidá-la e que dispensava por ora encontros mais precisos.

- Oh, certamente, senhor, faço muita questão desse êxodo anual por causa das crianças. Digam o que disserem, elas têm necessidade de ar livre. Talvez eu seja muito primitiva nisso, mas creio que curativo algum vale mais, para as crianças, que o ar livre, ainda que me provem o contrário por A mais B. Seus rostinhos já estão mudados. A Faculdade queria mandar-me para Vichy; mas lá é sufocante demais e eu cuidarei do meu estômago quando os rapazes já estiverem bem grandes. E depois, o professor, com os exames, tem sempre muito trabalho, e os calores o cansam muito. Acho que uma pessoa tem necessidade de repouso total quando esteve o ano inteiro muito atarefada. De qualquer maneira, ficaremos ainda um bom mês.

-Ah, então nos veremos de novo.

- Aliás, eu tanto mais sou obrigada a ficar porque meu marido deve ir dar uma volta pela Savóia, e só dentro de uma quinzena é que vai fixar-se aqui. Prefiro o lado do vale ao do mar -prosseguiu a Sra. Verdurin.

- Vão ter um tempo esplêndido na volta. - Era preciso mesmo ver se os carros estão prontos, para o caso que o senhor faça absolutamente questão de regressar esta noite a Balbec -disse-me o Sr. Verdurin -, pois não vejo necessidade disso. Nós o mandaríamos levar de carro amanhã de manhã. Certamente vai fazer um dia lindo. As estradas estão admiráveis. -

Eu disse que era impossível.

- Mas, em todo caso, ainda não é hora - objetou a Patroa. - Deixe-os sossegados, têm tempo de sobra. Nada adiantará chegar uma hora antes na estação. Estão melhor aqui. E você, meu pequeno Mozart - disse ela a Morel, não ousando dirigir-se diretamente a Charlus - não quer ficar? Temos belos quartos que dão para o mar.

- Mas ele não pode - respondeu o Sr. de Charlus pelo jogador que, absorvido, não ouvira. - Só tem licença até meia-noite. Precisa voltar para dormir, como um menino muito obediente e bem comportado - acrescentou em tom complacente,

amaneirado, insistente, feito sentisse uma sádica volúpia em empregar essa casta comparação e igualmente em apoiar de passagem a sua voz sobre o que se referisse a Morel, em tocá-lo, na falta de mão, com palavras que pareciam apalpá-lo.

Pelo sermão que me dirigira Brichot, o Sr. de Cambremer concluíra que eu era dreyfusista. Como fosse tão antidreyfusista quanto possível, por cortesia para com um inimigo, pôs-se a fazer o elogio de um coronel judeu que sempre fora muito correto com um primo dos Chevreny e lhe conseguira a promoção que ele merecia.

- E meu primo tinha idéias absolutamente contrárias - disse o Sr. de Cambremer, deixando no vago o que seriam essas idéias, mas que eu senti serem tão antigas e malformadas como o seu rosto, idéias que algumas famílias de certas cidadezinhas deveriam ter há muito tempo. - Pois bem, o senhor sabe, acho isso muito bonito. - concluiu o Sr. de Cambremer.

É verdade que ele não empregava "bonito" no sentido estético em que designaria para sua mãe ou sua mulher, obras diversas, mas obras de arte. O Sr. de Cambremer servia-se antes desse qualificativo para felicitar, por exemplo, uma pessoa de saúde frágil que houvesse engordado um pouco.

- Como, recuperou três quilos em dois meses? Fique sabendo que isto é bonito! -

Estavam servidos refrescos numa mesa. A Sra. Verdurin convidou os senhores para irem escolher pessoalmente a bebida que lhes agradasse. O Sr. de Charlus foi beber o seu copo e voltou rapidamente a sentar-se perto da mesa de jogo e não se moveu mais dali. A Sra. Verdurin lhe perguntou:

- Não provou da minha laranjada? -

Então o Sr. de Charlus, com um gracioso sorriso, num tom cristalino que raramente ostentava e com mil trejeitos da boca e requebros do talhe, respondeu:

- Não, preferi o seu vizinho, o refresco de morango, acho, é delicioso. -

É singular que uma certa ordem de atos secretos tenha como conseqüência exterior uma forma de falar ou de gesticular que os revela. Se uma pessoa crê ou não na Imaculada Conceição ou na inocência de Dreyfus, ou na pluralidade dos mundos, e deseja calar-se a respeito, não se achará na sua voz, nem no seu modo de andar, coisa alguma que permita entrever seu pensamento. Mas, ao ouvir o Sr. de Charlus dizer com aquela voz aguda e com esse sorriso e esses gestos:

- Não, preferi o seu vizinho, o refresco de morango -, a gente podia dizer: - Vejam, ele ama o sexo forte com certeza igual à que permite a um juiz condenar um criminoso que não confessou, e um médico a um paralítico geral que talvez não conheça a sua enfermidade, mas que comete tais erros de pronúncia que deles se pode deduzir que morrerá dentro de três anos. Talvez as pessoas que

concluam da maneira de dizer: - Não, preferi o seu vizinho, o refresco de morango por um amor chamado antifísico, não precisem de tanta ciência. Mas dá-se que aqui existe uma relação mais direta entre o signo revelador e o segredo. Sem dizê-lo precisamente, sente-se que é uma doce e risonha dama que nos responde e que parece amaneirada porque se faz passar por um homem, e que a gente não está acostumada a ver os homens fazerem tantos trejeitos. E talvez seja mais gracioso pensar que, há muito tempo, um certo número de mulheres angélicas foram arroladas por engano no sexo masculino, onde, exiladas, enquanto batem as asas em vão para os homens, a quem inspiram uma repulsa física, sabem arrumar um salão, compõem "interiores". O Sr. de Charlus não se importava que a Sra. Verdurin ficasse de pé, e permanecia instalado em sua poltrona para estar mais perto de Morel.

- Não acha um crime - disse a Sra. Verdurin ao barão - que este aí, que poderia encantar-nos com seu violino, esteja numa mesa de écarté? Quando se toca violino como ele!

- Ele joga cartas muito bem, faz tudo muito bem, é extremamente inteligente - disse o Sr. de Charlus, enquanto olhava o jogo, a fim de dar conselhos a Morel. Esta, aliás, não era a única razão para que ele não se levantasse da poltrona diante da Sra. Verdurin. Com o singular amálgama que fizera de suas concepções sociais, a um tempo de grão-senhor e de apreciador de arte, em vez de ser polido, da mesma forma como o seria um homem do seu meio, fazia para si próprio, segundo Saint-Simon, como que quadros vivos; e, naquele momento divertia-se em figurar o marechal d'Huxelles, o qual o interessava ainda sob outros aspectos e de quem se dizia que era presunçoso a ponto de não se, erguer de sua cadeira, com um ar de preguiça, diante do que havia de mais distinto na Corte.

- Diga então, - ao Charlus falou a Sra. Verdurin, que principiava a tomar familiaridades -, não teria o senhor em seu bairro algum velho nobre arruinado que pudesse me servir de porteiro?

- Como não?... Como não?... - respondeu o Sr. de Charlus, sorrindo com ar de bons- cheirice. - Mas não lhe aconselho.

- Por quê?

- Recearia pela senhora; que os convidados elegantes não passassem além da portaria. - Foi a primeira escaramuça entre eles. A Sra. Verdurin mal lhe deu atenção. Infelizmente deveria haver outras em Paris. O Sr. de Charlus continuou sem abandonar sua poltrona. Aliás, não podia deixar de sorrir imperceptivelmente ao ver o quanto a submissão, tão facilmente obtida, da Sra. Verdurin confirmava suas máximas favoritas acerca do prestígio da aristocracia e da covardia dos burgueses. A Patroa não parecia de modo algum espantada

pela postura do barão e, se o deixou, foi apenas porque se inquietara de me ver importunar do pelo Sr. de Cambremer. Mas antes disso, queria esclarecer as relações do Sr. de Charlus com a condessa Molé.

- O senhor me disse que conhecia a Sra. Molé. Costuma ir à casa dela? - indagou, conferindo às palavras "ir à casa dela" o sentido de ser recebido em sua casa, de ter recebido autorização de ir visitá-la.

O Sr. de Charlus respondeu com um acento de desdém, uma afetação de precisão e um tom de salmodia:

- Ora, às vezes. -

Este "às vezes" provocou dúvidas na Sra. Verdurin, que perguntou:

- Não tem encontrado lá o duque de Guermantes?

- Ah, não me lembro.

- Ah - disse a Sra. Verdurin -, o senhor não conhece o duque de Guermantes?

- Mas como não haveria de conhecê-lo? - respondeu o Sr. de Charlus, a quem um sorriso fez ondular a boca. O sorriso era irônico; mas, como o barão temia deixar ver um dente de ouro, quebrou o sorriso com um refluxo dos lábios, de modo que a sinuosidade dali resultante foi a de um sorriso de benevolência:

- Por que o senhor diz: "Como não haveria de conhecê-lo?"

- É que ele é meu irmão - disse negligentemente o Sr. de Charlus, deixando a Sra. Verdurin imersa na estupefação e na incerteza de saber se o seu convidado zombava dela, se era um filho natural ou filho de outro leito. A idéia de que o irmão do duque de Guermantes se chamasse barão de Charlus não lhe ocorreu ao espírito. Dirigiu-se a mim:

- Agora há pouco ouvi que o Sr. de Cambremer o convidava para jantar. O senhor compreende, para mim tanto faz. Porém, no seu interesse, espero que o senhor não vá. Em primeiro lugar, aquilo está infestado de gente aborrecida. Ah! Se o senhor gosta de jantar com condes e marqueses provincianos que ninguém conhece, estará bem servido.

- Creio que serei obrigado a comparecer uma ou duas vezes. Aliás, não estou muito livre, pois tenho uma jovem prima que não posso deixar sozinha (achava que essa pretensa parenta simplificaria as coisas para que eu saísse com Albertine). Mas, quanto aos Cambremer, como já a apresentei a eles...

- Faça o que quiser. O que posso lhe dizer é que é excessivamente malsão; quando apanhar um catarro, ou esses reumatismos de família, vai ficar bem arranjado.

- Mas o local não é bem bonito?

- Mmm... sim, se quiserem. Quanto a mim, confesso francamente que prefiro cem vezes a vista daqui para este vale. Primeiro, ainda que nos pagassem, eu não teria ficado com outra casa, porque o ar marinho é fatal ao Sr. Verdurin. Por pouco que a sua prima seja nervosa... Mas de resto o senhor é nervoso, creio... tem sufocações. Pois bem! O senhor verá. Vá por uma vez, que não dormirá durante oito dias. Mas isto não é da nossa conta. - E sem pensar no que sua nova frase ia ter de contraditório com as anteriores: - Se lhe diverte ver a casa que não é má, bonita seria demais, mas enfim divertida, com o velho fosso, a velha ponte levadiça, como é preciso que eu dê um jeito e jante lá uma vez, pois bem! Venha nesse dia, tratarei de levar todo o meu pequeno círculo, e então será galante. Depois de amanhã iremos a Arembouville de carro. A estrada é magnífica, há uma cidra deliciosa. Venha então. O senhor, Brichot, virá também. E o senhor também, Ski. Será uma excursão que aliás o meu marido já deve ter arrumado. Não sei exatamente a quem ele convidou. Sr. de Charlus, não é dos tais? -

O barão, que somente ouvira esta última frase e não sabia que se falava de uma excursão a Arembouville, teve um sobressalto:

- Estranha pergunta murmurou num tom malicioso, que deixou irritada a Sra. Verdurin.

- Aliás - disse-me ela -, enquanto espera o jantar dos Cambremer, por que não traz aqui a sua prima? Será que ela gosta de conversação, de pessoas inteligentes? E agradável? Sim? Pois muito bem! Venha com ela. Não existem só os Cambremer no mundo. Compreendo que se sintam felizes em convidá-la, pois não conseguem apanhar ninguém. Aqui ela terá bons ares, e sempre homens inteligentes. Em todo caso, espero que não me largue na próxima quarta. Ouvi dizer que o senhor tinha um chá em Rivebelle com sua prima, o Sr. de Charlus e não sei quem mais. Devia arranjar um modo de trazer tudo isso para cá, seria interessante uma pequena chegada em massa. As comunicações não podem ser mais fáceis, os caminhos são encantadores; em caso de necessidade, mandarei buscá-lo. De resto, não sei o que pode atraí-lo em Rivebelle, está infestada de mosquitos. Decerto acredita na reputação das tortas. Meu cozinheiro as faria bem melhor. Eu mesma lhe darei a torta normanda, a verdadeira, e sablés, só lhe digo isto. Ah, se o senhor faz questão da porcaria que se serve em Rivebelle, que assim seja; eu não assassino os meus convidados, Senhor, e, mesmo que o quisesse, meu cozinheiro recusaria fazer essa coisa inominável e mudaria de casa. As tortas de lá a gente não sabe de que são feitas. Conheço uma pobre menina a quem aquilo causou uma peritonite que a levou em três dias. Tinha só dezessete anos. É triste devido à sua pobre mãe - acrescentou a Sra. Verdurin com ar melancólico, sob as esferas de suas têmporas carregadas de experiência e dor. - Mas enfim, vá merendar em Rivebelle se lhe diverte ser explorado e atirar dinheiro pela janela. Unicamente, peço-lhe, é uma missão de confiança

que lhe atribuo: quando for seis horas, traga todo o seu pessoal para cá, não vá deixar as pessoas voltarem cada qual para sua casa, em debandada. Poderá trazer quem quiser. Não diria isso a qualquer um. Mas estou certa de que seus amigos são gentis, vejo logo que havemos de nos compreender. Além do pequeno núcleo, quarta-feira vêm justamente pessoas muito agradáveis. Não conhece a pequena Sra. de Longpont? Ela é deslumbrante e cheia de espirito, nada esnobe, verá que ela lhe agradará muito. E ela também deve trazer todo um bando de amigos - acrescentou a Sra. Verdurin, para me mostrar que isso era distinto e me animar pelo exemplo. - Veremos quem é que terá maior influência e quem trará mais gente, Barbe de Longpont ou o senhor. E depois, creio que também se deve trazer Bergotte - acrescentou com ar vago, já que esse concurso de uma celebridade se tornara muito improvável devido a uma nota aparecida nos jornais pela manhã, anunciando que a saúde do grande escritor inspirava os mais sérios cuidados. - Enfim, o senhor verá que há de ser uma de minhas quartas de maior êxito, não quero ter mulheres aborrecidas. De resto, não avalie por esta noite, que falhou inteiramente. Não proteste, não deve ter-se entediado mais que eu, pois eu mesma a achei cacetíssima. Saiba que não será sempre como hoje. Aliás, não falo dos Cambremer, que são impossíveis, mas conheci gente da alta sociedade que passava por ser agradável. Pois bem! Ao lado de meu pequeno núcleo, não existiam. Ouvi-o dizer que achava Swann inteligente. Primeiro, minha opinião é que era muito exagerado, mas sem mesmo abordar o caráter do homem, que sempre considerei fundamente antipático, sorrateiro, dissimulado, tive-o diversas vezes no jantar das quartas. Pois bem! O senhor pode indagar aos outros, mesmo ao lado de Brichot, que está longe de ser uma águia, que é um bom professor de segunda que fiz entrar para o Instituto, mesmo assim, Swann não valia nada. Era tão apagado! - E como eu externasse uma opinião contrária: - É assim. Não quero lhe dizer nada contra ele, visto que era seu amigo; aliás, gostava muito do senhor falou-me a seu respeito de modo delicioso, mas pergunte a estes se ele jamais disse alguma coisa de interessante em nossos jantares. Isso afinal é a pedra de toque. Pois bem! Não sei por quê, mas Swann, aqui em casa, não dava nada, não rendia coisa alguma. E o pouco que ele ainda valia, adquiriu-o aqui. - Assegurei-lhe que ele era inteligente. - Não, o senhor só acreditava nisso porque o conhecia há menos tempo do que eu. No fundo, bem depressa a gente lhe dava a volta. A mim, ele aborrecia. (Tradução: ele comparecia à casa dos La Trémoïlle e à dos Guermantes, e sabia que eu não ia.) E eu posso tolerar tudo, menos o tédio. Ah, isso não! -

O horror ao tédio era agora, para a Sra. Verdurin, o motivo encarregado de explicar a composição do pequeno grupo. Ela ainda não recebia duquesas por ser incapaz de entediar-se, como era incapaz de fazer um cruzeiro marítimo por causa dos enjôos. Dizia comigo que o que a Sra. Verdurin proclamava não era absolutamente falso, e, nesse caso, mesmo que os Guermantes tivessem

declarado Brichot o homem mais imbecil que já houvessem encontrado, eu ficaria incerto de que, se no fundo ele não era superior ao próprio Swann, era-o pelo menos às pessoas que, dotadas do espírito dos Guermantes e tendo o bom gosto de evitar e o pudor de enrubescer de suas facécias pedantescas, eu o indagava a mim mesmo, como se a natureza da inteligência pudesse esclarecer-se em alguma medida pela resposta que eu me daria com a seriedade de um cristão influenciado por Port-Royal, que se questiona o problema da Graça.

- O senhor verá - continuou a Sra. Verdurin -, quando se tem gente da alta sociedade com pessoas verdadeiramente inteligentes, pessoas do nosso meio, aí é que é necessário vê-los, o aristocrata mais espirituoso no reino dos cegos não passa de um zarolho aqui. Além disso, acolhe com frieza os outros, que já não se sentem mais à vontade. Aí eu me pergunto se, em vez de tentar fusões que estragam tudo, não seria melhor arranjar umas séries só para os aborrecidos, de modo que pudéssemos gozar plenamente do nosso pequeno grupo. Concluindo, o senhor virá com sua prima. É conveniente. Bem. Pelo menos, aqui, ambos terão o que comer. Em Féterne, é a fome, é a sede. Ah, por exemplo, se gosta de ratos, vá logo para lá, será servido a contento. E lhe guardarão tanto quanto quiser. Aí sim, o senhor morre de fome. De resto, quando eu for lá, jantarei antes de partir. E para que fique mais alegre, o senhor deveria vir buscar-me. Tomaríamos um bom chá e cearíamos na volta. Gosta de tortas de maçã? Sim? Ótimo! Nosso cozinheiro-chefe prepara-as como ninguém. Bem vê que eu tinha razão de dizer que o senhor foi feito para viver aqui. Portanto, venha morar conosco. Sabe muito bem que há muito mais lugar em nossa casa do que parece. Não o digo para não atrair as pessoas aborrecidas. Poderia trazer sua prima para morar aqui. Ela respiraria um ar diferente do de Balbec. Com o ar daqui, tenho a pretensão de curar os incuráveis. Palavra que os curei, e não é de hoje. Pois morei outrora bem perto daqui, alguma coisa que havia desencovado, que obtive por um pedaço de pão e que possuía um caráter diferente do da Raspeliere deles. Vou mostrá-la, se formos passear. Porém reconheço que, mesmo aqui, o ar é realmente vivificante. Não desejo falar muito nisso, pois os parisienses começariam a apreciar o meu cantinho. Essa foi sempre a minha boa sorte. Enfim, fale nisso à sua prima. Vão lhe ser dados dois lindos quartos com vistas para o vale; verá o que é isso pela manhã, o sol na neblina! E quem-é esse Robert de Saint-Loup de que fala? - Acrescentou com ar inquieto, porque ouvira que eu deveria ir vê-lo em Doncieres e temia que ele me fizesse desertar. - Talvez fosse melhor trazê-lo para cá, se não é uma pessoa aborrecida. Ouvi falar dele por Morel; parece que é um de seus grandes amigos - disse a Sra. Verdurin, mentindo completamente, pois Saint-Loup e Morel nem sequer tinham noção da existência um do outro. Mas, tendo ouvido que Saint-Loup conhecia o Sr. de Charlus, pensava que era através do violinista e queria dar a impressão de estar ciente de tudo. - Por acaso ele não pratica a medicina, ou a literatura? O senhor sabe que,

se tem necessidade de recomendações para os exames, Cottard pode tudo, e faço dele o que quero. Quanto à Academia, para mais tarde, pois julgo que ainda não tem idade para isso, disponho de vários votos. Seu amigo estaria aqui em terra conhecida e talvez o divertisse ver a casa. Donciers não tem graça nenhuma. Enfim, o senhor proceda como entender, como lhe parecer melhor - concluiu sem insistir, para não dar a impressão de que procurava a nobreza, e porque sua pretensão era de que o regime sob o qual fazia viver os fiéis, a tirania, fosse denominado liberdade.

- Vamos, o que é que tens? - indagou ela, ao ver o Sr. Verdurin que, fazendo gestos de impaciência, alcançava o terraço de tábuas que se estendia sobre a sala, do lado do vale, como um homem que sufoca de raiva e precisa de ar. Foi ainda Saniette quem te irritou? Mas, visto que sabes que ele é um idiota, toma o teu partido e não fica nesse estado... Não gosto disto disse-me ela porque é mau para ele, deixa-o congestionado. Mas devo confesse! também que às vezes é necessário ter uma paciência de santo para aturar Saniette, e sobretudo lembrar que é uma caridade recolhê-lo. De minha parte, confesso que o esplendor da sua tolice é antes uma alegria. Pena que ouviu a frase dele depois do jantar: "Não sei jogar uíste, mas sei tom piano." Tremenda, não? É grande como o mundo, e aliás uma mentira, ele não sabe um nem outro. Porém meu marido, sob sua aparência rude, é muito sensível, muito bondoso, e essa espécie de egoísmo de Saniette, preocupado sempre com o efeito que vai fazer, deixa-o fora de si... Vamos, meu querido, acalma-te, sabes muito bem que Cottard te disse que faz mal para o teu fígado. E tudo acaba recaindo sobre mim - disse a Sra. Verdurin. - Amanhã Saniette vai ter a sua pequena crise de nervos e lágrimas. Pobre homem, está muito doente. Mas afinal isso não é motivo para que mate os outros. E, além disso, mesmo nos momentos em que mais sofre, quando a gente gostaria de sentir pena dele, sua tolice corta logo qualquer sentimento. Ele é por demais estúpido. Basta que lhe digas, muito gentilmente, que tais cenas fazem vocês dois ficarem doentes, que ele não volte aqui; como é o que ele mais teme, isso terá um efeito calmante sobre seus nervos - soprou a Sra. Verdurin a seu marido.

Mal se distinguia o mar pelas janelas da direita. Mas as do outro lado mostravam o vale sobre o qual agora caíra a neve do luar. De vez em quando, ouvia-se a voz de Morel e a de Cottard.

- Tem o trunfo?

- Yes.

- Ah, o senhor tem boas - disse a Morel, em resposta à sua pergunta, o Sr. de Cambremer, pois havia visto que o jogo do doutor estava repleto de trunfos.

- Aqui está a dama de ouros - disse o doutor.

- Isto é trunfo, sabia? Eu corto, eu faço a vaza...

- Mas não há mais Sorbonne - disse o doutor ao Sr. de Cambremer; só existe a Universidade de Paris. - O Sr. de Cambremer confessou que ignorava o motivo pelo qual o doutor lhe fazia essa observação. - Eu julgava que o senhor estava falando da Sorbonne - replicou o doutor. - Tinha ouvido o senhor dizer: "tu nous la sors bonne" - acrescentou piscando o olho, para mostrar que se tratava de um trocadilho. - Espere - disse ele mostrando o adversário -, preparo-lhe um golpe de Trafalgar. -

E o golpe devia ser excelente para o doutor, pois, em sua alegria, ele se pôs a rir, movendo voluptuosamente os ombros, o que, na família, no "gênero" Cottard, era um traço quase zoológico de satisfação. Na geração anterior, o movimento de esfregar as mãos como se se ensaboassem, acompanhava o movimento. O próprio Cottard usara primeiro, simultaneamente, a dupla mímica; porém um dia, sem que se soubesse a que intervenção conjugal, magistral, quem sabe, aquilo era devido, o esfregar das mãos havia desaparecido. O doutor, mesmo no dominó, quando forçava o adversário a "pedir" e a ficar com o carroção, o que para ele era o mais vivo dos prazeres, contentava-se com o movimento dos ombros. E quando o mais raramente possível ia à sua terra natal por alguns dias, encontrando lá o seu primo-irmão, o qual ainda estava na fase da esfregação de mãos, dizia na volta à Sra. Cottard:

- Achei bastante vulgar o pobre Renê. - Tem aquela coisinha? - disse ele, voltando-se para Morel. - Não? Então eu jogo este velho David.

- Mas então o senhor tem cinco, e ganhou!

- Eis uma bela vitória, doutor - disse o marquês.

- Uma vitória de Pirro - disse Cottard, voltando-se para o marquês e encarando-o por sobre o seu *lorgnon*, para avaliar o efeito de sua tirada.

- Se ainda temos tempo - disse ele a Morel -, dou-lhe a sua revanche. É a minha vez... Ah, não, eis os carros; ficará para a sexta, e eu lhe mostrarei um golpe todo especial. -

Sr. e Sra. Verdurin nos conduziram para fora. A Patroa foi particularmente carinhosa com Saniette, a fim de assegurar-se de que ele voltaria no dia seguinte.

- Mas não me parece que esteja bem agasalhado, meu filho - disse-me o Sr. Verdurin, cuja idade permitia esse tratamento paternal. - Tenho a impressão de que o tempo mudou. -

Estas palavras encheram-me de alegria, como se a vida profunda, e o aparecimento de combinações diferentes que elas implicam na natureza, devesse anunciar outras mudanças, estas a cumprirem-se na minha vida e nela criar possibilidades novas. Mal se abria a porta para o parque antes de partir, e já se sentia que um outro "tempo" ocupava a cena desde alguns instantes; sopros

frescos, volúpia estival, erguiam-se na mata de abetos (onde outrora a Sra. de Cambremer sonhava com Chopin) e quase imperceptivelmente, em meandros acariciadores, em remoinhos caprichosos, principiavam os seus leves noturnos. Recusei o agasalho que nas noites seguintes deveria aceitar quando Albertine estivesse presente, antes pelo segredo do prazer do que pelo perigo do frio. Procuraram em vão o filósofo norueguês. Sentira uma cólica? Teria medo de perder o trem? Um aeroplano viera buscá-lo? Fora arrebatado numa assunção? O fato é que desaparecera sem que ninguém percebesse, como um deus.

- O senhor está errado - disse-me o Sr. de Cambremer -, faz um frio de pato.

- Por que de pato? - indagou o doutor.

- Cuidado com as sufocações - prosseguiu o marquês.

- Minha irmã nunca sai à noite. De resto, ela está bem mal hipotecada, neste momento. Em todo caso, não fique de cabeça descoberta, ponha logo o seu boné.

- Não são sufocações a frigore - disse Cottard sentenciosamente.

- Ah, então - disse o Sr. de Cambremer, inclinando-se -, visto que é de seu aviso...

-Aviso ao leitor! - exclamou Cottard, deslizando seus olhares para fora do lorgnon, a fim de sorrir. O Sr. de Cambremer riu, mas, convencido de que estava com a razão, insistiu.

- No entanto - disse ele -, cada vez que minha irmã sai à noite, tem uma crise.

- É inútil argumentar - respondeu o doutor, sem se dar conta de sua descortesia. - Aliás, não pratico a medicina à beira-mar, salvo se sou chamado em consulta. Estou aqui de férias. -

De resto, ele o estava ainda mais talvez do que o desejaria. Tendo-lhe dito o Sr. de Cambremer, ao subir para o carro:

- Temos a sorte de também ter perto de nós (não do seu lado da baía, mas do outro, mas ela é até apertada nesse local) uma outra celebridade médica, o Dr. Du Boulbon. -

Cottard, que de hábito, por deontologia, abstinha-se de criticar os confrades, não pôde deixar de gritar, como o fizera diante de mim no dia funesto em que tínhamos ido ao pequeno cassino:

- Mas isto não é um médico. Ele pratica a medicina literária, é a terapêutica fantasista, é charlatanismo. Aliás, nós estamos em bons termos. Tomaria o barco para ir visitá-lo uma vez se não estivesse obrigado a me ausentar. -

Mas, pelo ar que assumira Cottard para falar de Du Boulbon ao Sr. de Cambremer, senti que o barco, no qual iria de bom grado visitá-lo, muito se parecia com o navio que, para arruinar as águas descobertas por um outro

médico literário, Virgílio (o qual, assim, lhes roubava toda a clientela), os doutores de Salerno haviam fretado, mas que soçobrou com eles durante a travessia.

- Adeus, meu bom Saniette, não deixe de vir amanhã; bem sabe que meu marido o aprecia muito. Aprecia o seu espírito, sua inteligência; mas, se, como sabe perfeitamente, gosta de atitudes bruscas, o fato é que não pode passar sem vê-lo. É sempre a primeira pergunta que me faz: "Será que Saniette vem? Gosto tanto de vê-lo."

- Eu nunca falei isto - disse o Sr. Verdurin a Saniette com uma franqueza simulada que parecia conciliar perfeitamente o que dizia a Patroa com a maneira como ele tratava Saniette. Depois, consultando o relógio, sem dúvida para não prolongar as despedidas na umidade da noite, recomendou aos cocheiros que não se atrasassem, que fossem prudentes na descida, e assegurou-nos que chegaríamos antes do trem. Este devia deixar os fiéis, um numa estação, outro em outra, terminando por mim, pois nenhum ia a tão grande distância como Balbec, e principiando pelos Cambremer. Estes, para não fazerem os cavalos subirem de noite até La Raspeliere, tomaram o trem conosco em Douville-Féterne. Com efeito, a estação mais próxima da casa deles não era esta, que, já um pouco distante da aldeia, o é ainda mais do castelo, porém La Sogne.

Chegando à gare de Douville-Féterne, o Sr. de Cambremer fez questão de dar "a peça", como dizia Françoise, ao cocheiro dos Verdurin (justamente o gentil cocheiro sensível de idéias melancólicas), pois o marquês era generoso e nisso antes "puxava à sua mamãe". Mas fosse porque o seu "lado do papai" interviesse aqui, e enquanto dava a moeda experimentava o escrúpulo de um erro cometido ou por ele, que, enxergando mal, dava por exemplo um sou em vez de um franco, ou pelo destinatário, que não perceberia da importância do que lhe davam. Assim, observou:

- É mesmo um franco que lhe estou dando, não? - disse ao cocheiro, fazendo rebrilhar a moeda na luz, e para que os fiéis pudessem repeti-lo à Sra. Verdurin. - Não é? É mesmo de vinte sous, já que foi só uma pequena corrida. - Ele e a Sra. de Cambremer nos deixaram em La Sogne. - Eu direi à minha irmã - repetiu-me ele - que o senhor tem sufocações, estou certo de interessá-la. -

Compreendi o que ele queria dizer: agradar-lhe. Quanto à sua mulher, empregou, ao despedir-se de mim, duas dessas abreviaturas que, mesmo escritas, me chocavam então numa carta, embora nos tenhamos habituado depois a isso, mas que, faladas, me pareciam, e até mesmo hoje, conter, em sua displicência intencional, em sua familiaridade adquirida, algo de insuportavelmente pedante:

- Encantada por ter passado a noite com o senhor - disse-me ela. - Recomendações a Saint-Loup se o vir. -

Dizendo-me esta frase, a Sra. de Cambremer pronunciou Saint-Loupe. Jamais pude saber quem o pronunciara assim diante dela, ou quem lhe tivera dado a entender que se devia pronunciar desse modo. Sempre é verdade que, durante algumas semanas, ela pronunciou Saint-Loupe e que um homem que lhe tinha grande admiração, e que com ela fazia uma só pessoa, fez o mesmo. Se outras pessoas diziam Saint-Lou, eles insistiam, diziam com força Saint-Loupe, ou para dar indiretamente uma lição aos demais, ou para se distinguir deles. Mas, sem dúvida, mulheres mais brilhantes que a Sra. de Cambremer lhe disseram, ou lhe fizeram indiretamente compreender que não se devia pronunciar assim, e que o que ela tomava por originalidade era um erro que faria com que a julgassem pouco a par das coisas da sociedade, pois, pouco depois, a Sra. de Cambremer voltava a dizer Saint-Lou, e seu admirador igualmente deixou toda resistência, ou porque ela o tivesse advertido, ou porque tivesse ele percebido que ela já não fazia soar a final, dizendo consigo que, para que uma mulher daquele valor, daquela energia e de tanta ambição houvesse cedido, era preciso que fosse por uma boa razão. O pior de seus admiradores era o marido. A Sra. de Cambremer gostava de fazer aos outros brincadeiras muitas vezes bem impertinentes. Logo que ela investia desse modo contra mim ou contra algum outro, o Sr. de Cambremer punha-se a olhar a vítima, rindo. Como o marquês fosse vesgo o que dá uma intenção de espírito à própria graça dos imbecis -, o efeito daquele riso era o de trazer um pouco de pupila para o branco do olho, que sem isso ficaria completo. Da mesma forma, uma abertura põe um tanto de azul num céu coberto de nuvens. O monóculo protegia do resto essa operação delicada, como um vidro sobre um quadro precioso. Quanto à própria intenção do riso, não se sabe se por acaso seria amável: "Ah, tratante! Poderia considerar-se digno de inveja. Está recebendo os favores de uma mulher de espírito rude"; ou travessa: "Espero que se arranje, senhor, engolindo cobras e lagartos"; ou prestimosa: "O senhor sabe, aqui estou; levo a coisa a rir, pois é puro gracejo, mas não deixaria que o maltratassem"; ou cruelmente cúmplice: "Não tenho porque atirar o meu grãozinho de sal, mas bem vê que morro de rir com todas essas maldades que ela lhe prodigaliza. Gargalho como um corcunda, portanto aprovo, eu o marido. Agora, se lhe der na telha corcovear, achará quem lhe faça frente, meu senhor. Primeiro, lhe daria um par de bofetadas, com capricho, depois iríamos cruzar os ferros na floresta de Chantepie." Fosse qual fosse o resultado dessas diversas interpretações da alegria do marido, os gracejos da esposa rapidamente acabavam. Então o Sr. de Cambremer cessava de rir, a pupila momentaneamente desaparecia e, como a gente perdera havia alguns minutos o hábito daquele olho inteiramente branco, dava este àquele rubro normando algo a um tempo de exangue e de extático, como se o marquês acabasse de ser operado ou como se implorasse aos céus, sob o monóculo, as palmas do martírio.

Capítulo Terceiro

Tristezas do Sr. de Charlus. - Seu duelo fictício. - As estações do "Transatlântico". - Cansado de Albertine, desejo romper com ela.

Eu caía de sono. Fui levado de elevador até o meu andar não pelo ascensorista, mas pelo groom vesgo que travou conversa para me contar que sua irmã continuava a viver com o cavalheiro tão rico e que, certa vez, como ela tivesse vontade de voltar para casa em lugar de permanecer séria, o seu cavalheiro fora procurar a mãe do vesgo e dos outros filhos mais afortunados, a qual encaminhara o mais rápido possível a insensata à casa de seu amigo.

- Saiba o senhor, é uma grande dama a minha irmã. Ela toca piano, fala espanhol. E o senhor não a acreditaria ser irmã do simples empregado que o faz subir no elevador; ela não se nega coisa alguma. Tem a sua camareira pessoal, e não me espantaria que um dia venha a ter o seu carro. É muito bonita, se o senhor a visse, um tanto orgulhosa, mas diabos! isto se compreende. Tem muito espírito. Nunca deixa um hotel sem se aliviar num armário, numa cômoda, para deixar uma lembrancinha à camareira que há de fazer a limpeza. Às vezes, até no carro ela faz isso e, depois de pagar a corrida, oculta-se num canto, coisa de muito rir, para ver reclamar o cocheiro que terá de lavar o carro. Meu pai também deu uma boa, ao encontrar para o meu irmão mais novo aquele príncipe indiano que havia conhecido antigamente. Naturalmente é outro gênero. Mas a posição é soberba. Se não fossem as viagens, seria o ideal. Até agora, só eu é que fiquei no desvio. Mas nunca se sabe. A sorte está na minha família; quero sabe se não serei um dia presidente da República? Mas estou fazendo-o tagarelar (eu não dissera uma só palavra e começava a dormir ao ouvir as suas). Boa-noite, senhor. Oh, obrigado, senhor! Se todo mundo tivesse tão bom coração como o senhor, não haveria mais desgraçados. Mas como diz a minha irmã, sempre é necessário que os haja para que, agora que sou rica, possa cagar neles um pouco. Desculpa a expressão. Boa-noite, senhor.

Talvez a cada noite aceitemos o risco de viver, dormindo, sofrimentos que consideramos nulos e não acontecidos, pois foram suportados no decorrer de um sono que julgamos sem consciência. Com efeito, nessas noites em que eu regressava tarde da Raspeliere, sentia muito sono. Porém, logo que chegaram os frios intensos eu não podia adormecer imediatamente, pois o fogo da lareira iluminava como se uma lâmpada se acendesse. Apenas, não passava de uma

chama e também como uma lâmpada, como o dia quando cai a tarde sua luz muito viva não tardava a diminuir; e eu caía no sono, o qual é como um segundo apartamento que tivéssemos e onde, abandonando o nosso, fôssemos dormir. Tem campainhas próprias, e às vezes somos violentamente despertados por um rumor de timbre, perfeitamente escutado por nossos ouvidos, quando todavia ninguém tocou. Tem seus criados, seus visitantes particulares que vêm buscar-nos para sair, de modo que estamos prontos para levantar-nos quando nos é forçoso constatar, por nossa quase imediata transmigração para o outro apartamento, o da véspera, que o quarto está vazio, que não veio ninguém. A raça que o habita, como a dos primeiros humanos, é andrógina. Ali, um homem, ao cabo de um instante, aparece sob o aspecto de uma mulher. As coisas ali possuem uma inclinação a se tornarem homens, e os homens em amigos e inimigos. O tempo que transcorre para o adormecido, durante esse sono, é absolutamente diverso do tempo em que se cumpre a vida do homem acordado. Ora seu curso é muito mais rápido: um quarto de hora parece um dia inteiro; às vezes, muito mais longo: julgamos ter dado um breve cochilo e dormimos o dia todo. Então, no carro do sono, descemos às profundezas em que a recordação não pode mais alcançá-lo e para aquém das quais o espírito foi obrigado a arrepiar caminho. A parelha de cavalos do sono, semelhante à do sol, caminha num passo tão igual, numa atmosfera onde não pode mais detê-lo nenhuma resistência, que é preciso algum pedregulho aerolítico estranho a nós (por qual Desconhecido dardejado do céu azul?) para atingir o sono regular (que, sem isso, não teria motivo algum para se deter e duraria, com um movimento igual, séculos afora) e fazê-lo, numa curva brusca, retornar ao real, queimar etapas, atravessar regiões próximas à vida ou breve o adormecido ouvirá, desta, os rumores quase vagos ainda, mas já perceptíveis, conquanto deformados e aterrissar de chofre no despertar. Então, desses sonos profundos, a gente acorda numa aurora, sem saber onde está, não sendo ninguém, novo, pronto para tudo, o cérebro vazio desse passado que era a vida até ali. E talvez ainda seja mais belo quando a aterrissagem do despertar se faz de maneira brutal e os nossos pensamentos do sono, ocultos por um manto de esquecimento, não têm tempo de regressar progressivamente antes que o sono acabe. Então, da negra tempestade que nos parece que atravessamos (mas nem sequer dizemos nós), saímos deitados, sem pensamentos: um nós que não tivesse conteúdo.-Que martelada a criatura ou a coisa que ali está recebeu a ponto de ignorar tudo; estupefata até o momento em que a memória, acorrendo, lhe restitua a consciência ou a personalidade? Ainda, para esses dois tipos de despertar, convém não adormecer, mesmo que profundamente, sob a lei do hábito. Pois o hábito vigia tudo o que encerra em suas redes; é preciso escapar a ele, adormecer no momento em que se julgava fazer coisa bem diversa do que dormir, numa palavra, receber um sono que não permanece sob a tutela da previdência, na companhia, mesmo oculta, da reflexão. Ao menos nesses

despertares, tais como os que acabo de descrever, e que eram na maior parte do tempo os meus quando eu tinha jantado na véspera na Raspeliere, tudo se passava como se assim fosse, e posso testemunhá-lo, eu, o estranho humano que, esperando que a morte o venha libertar, vê os postigos fechados, não sabe nada do mundo, permanece imóvel feito uma coruja e, como esta, só vê um pouco de claridade nas trevas. Tudo se passa como se assim fosse, mas talvez somente uma camada de estopa impediu o adormecido de perceber o diálogo interior das lembranças e a incessante tagarelice do sono. Pois (o que aliás pode se explicar igualmente no primeiro sistema, mais amplo, mais misterioso, mais astral) no momento em que se produz o despertar, o adormecido ouve uma voz interior que lhe diz: "Não vem jantar esta noite, meu caro amigo? Como seria agradável!" e pensa: "Sim, como seria agradável, irei"; depois, acentuando-se o despertar, ele recorda de súbito: "Minha avó só tem algumas semanas de vida, afirma o doutor." Ele toca a campainha, chora à idéia de que não será, como antigamente, a sua avó, a sua avó agonizante, mas um criado-grave indiferente que virá atendê-lo. Todavia, mesmo que o sono o levasse para bem longe do mundo habitado pela recordação e pelo pensamento, através de um éter onde estivesse sozinho, mais que sozinho, sem nem sequer ter esse companheiro em que a gente se vê a si mesmo, estava ele fora do tempo e de suas medidas. E já entra o camareiro e ele não se anima a perguntar-lhe a hora, pois ignora se dormiu, ou quantas horas dormiu (indaga a si próprio se não foram dias, de tal modo retorna com o corpo exausto e o espírito descansado, o coração nostálgico, como de uma viagem demasiado distante para que não tenha durado muito tempo). Decerto pode-se pretender que só existe um tempo, pelo fútil motivo de que foi olhando para a pêndula que se constatou ser apenas um quarto de hora o que pensáramos fosse um dia inteiro. Mas, no momento em que o verificamos, somos justamente um homem desperto, mergulhado no tempo dos homens despertos; desertamos do outro tempo. Talvez até mais que de um outro tempo: de uma outra vida. Os prazeres que temos no sono, não os fazemos figurar na conta dos prazeres experimentados durante a existência. Para só aludirmos ao mais vulgarmente sensual de todos, qual de nós, ao despertar, não sentiu alguma irritação por ter experimentado, enquanto dormia, um prazer que, se não queremos nos cansar demais, já não podemos, uma vez despertos, renovar indefinidamente nesse dia? É como uma riqueza perdida. Tivemos prazer em uma outra vida que não a nossa. Sofrimentos e prazeres do sonho (que em geral se dissipam rapidamente ao despertar), se os fizéssemos figurar num orçamento, não seria no da vida corrente. Disse eu: dois tempos; talvez exista apenas um, não que o do homem desperto seja válido para o adormecido, mas talvez porque a outra vida, aquela em que se dorme, não esteja em sua parte profunda submetida à categoria do tempo. Assim eu o representava quando, no dia seguinte aos jantares na Raspeliere, adormecia tão completamente. Eis o porquê. Principiava a

desesperar-me, ao acordar, vendo que, depois de ter chamado dez vezes, o criado-grave não aparecia. Na undécima vez ele entrava. Era apenas a primeira vez. As dez outras não tinham passado de esboços no meu sono, que durava ainda, do toque de campainha que eu desejava. Minhas mãos entorpecidas nem mesmo se haviam mexido. Ora, nessas manhãs (e é o que me faz dizer que o sono talvez ignore a lei do tempo), o meu esforço para me acordar consistia sobretudo em um esforço para adaptar o bloco obscuro, não definido, do sono que eu acabava de viver, aos quadros do tempo. Não é fácil tarefa; o sono, que não sabe se dormimos duas horas ou dois dias, não pode nos fornecer nenhum ponto de referência. E, se não o encontrarmos no exterior, não conseguindo retornar ao tempo, voltamos a adormecer, por cinco minutos que parecem três horas. Eu sempre disse e experimentei que o mais poderoso dos hipnóticos é o sono. Depois de ter dormido profundamente por duas horas, ter combatido tantos gigantes e de ter travado para sempre tantas amizades, é bem mais difícil despertar do que depois de ter tomado vários gramas de veronal. Pensando assim sobre um e outro, fiquei surpreendido ao saber, pelo filósofo norueguês, que o soubera pelo Sr. Boutroux, "seu eminente colega, perdão, confrade", o que o Sr. Bergson pensava das alterações particulares da memória devidas aos hipnóticos. "Está entendido", teria dito o Sr. Bergson ao Sr. Boutroux, a crer no filósofo norueguês, "que os hipnóticos tomados de vez em quando em doses moderadas não têm influência sobre essa memória sólida da nossa vida cotidiana, tão bem instalada em nós. Mas existem igualmente outras memórias, mais altas e também mais instáveis. Um de meus colegas está dando um curso de História antiga. Disse-me que, se na véspera havia tomado um comprimido para dormir, tinha dificuldade, durante a aula, de encontrar as citações gregas de que necessitava. O médico que lhe recomendara esses comprimidos assegurou-lhe que não tinham influência sobre a memória. É que o senhor talvez não tenha de fazer citações gregas, respondera o historiador, não sem um toque de “orgulho zombeteiro." Não sei se esta conversação entre o Sr. Bergson e o Sr. Boutroux estará correta. O filósofo norueguês, todavia tão profundo e claro, passionalmente atento, pode ter compreendido mal. Pessoalmente, minha experiência me proporcionou resultados opostos. Os momentos de *olvidey* que, no dia seguinte, se seguem à ingestão de certos narcóticos têm uma semelhança meramente parcial, mas perturbadora, com o esquecimento que reina no decurso de uma noite de sono profundo e natural. Ora, o que eu esqueço, num e noutro caso, não é determinado verso de Baudelaire, qual antes me fatiga, "assim como um tímpano", não é certo conceito de um dos filósofos citados, é a própria realidade das coisas vulgares que me cercam se durmo e cuja não-percepção faz de mim um louco; é se estou acordado e saio, logo após um sono artificial não o sistema de Porfírio ou de Plotino, que posso discutir tão bem como em qualquer outro dia, mas à resposta que prometi dar a um convite, cuja lembrança foi

substituída por um branco total. A idéia elevada permaneceu em seu lugar; o que o hipnótico pôs fora de uso é o poder de agir nas pequenas coisas, em tudo o que exige atividade para recuperar bem a tempo, para agarrar determinada lembrança da vida cotidiana. Apesar de tudo o que se possa dizer da sobrevivência após a destruição do cérebro, reparo que a cada alteração do cérebro corresponde um fragmento de morte. Todos nós possuímos as nossas lembranças, se não a faculdade de recordá-las, diz, segundo Bergson, o grande filósofo norueguês, cuja linguagem não procurei imitar, para não demorar ainda mais. Se não a faculdade de recordá-las. Mas o que é uma lembrança da qual não se recorda? Porém vamos mais longe. Não nos recordamos das lembranças dos últimos trinta anos; mas elas nos banham por inteiro; por que então parar a trinta anos, por que não prolongar até além do nascimento essa vida anterior? Desde o momento em que não conheço toda uma parte das lembranças que estão por detrás de mim, desde o momento em que elas me são invisíveis, que não tenho a faculdade de chamá-las a mim, quem me diz que nessa massa desconhecida de mim não há recordações que remontam muito além da minha vida humana? Se posso ter em mim e a meu redor tantas lembranças de que não me recordo, esse olvido (ao menos olvido de fato, visto que não possuo a faculdade de nada ver) pode estender-se sobre uma vida que vivi no corpo de outro homem, até mesmo em outro planeta. Um mesmo esquecimento apaga tudo. Mas então, que significa essa imortalidade da alma, de que o filósofo norueguês afirmava a realidade? A criatura que serei após a morte não tem mais motivos de se lembrar do homem que sou desde o nascimento, assim como este último não se recorda do que eu fui antes de nascer.

O criado-grave entrava. Eu não lhe dizia que havia tocado a campainha diversas vezes, pois já percebia que o fizera até então enquanto sonhava. No entanto, assustava-me pensar que semelhante sonho tivera a nitidez do conhecimento. Teria o conhecimento, reciprocamente, a irrealidade do sonho? Em compensação, perguntava-lhe quem havia tocado tanto aquela noite. Ele dizia "ninguém", e podia afirmá-lo, pois o "quadro" das chamadas o teria registrado. Entretanto, escutava os toques repetidos, quase furiosos, que ainda vibravam em meu ouvido e me deviam permanecer perceptíveis durante vários dias. No entanto, é raro que o sono lance desse modo, na vida desperta, lembranças que não morrem com ele. Podem-se contar esses aerólitos. Se se trata de uma idéia que o sono forjou, ela depressa se dissocia em fragmentos tênues, não encontrados. Porém aí o sono fabricara sons. Mais materiais e mais simples, duravam por mais tempo. Espantava-me a hora relativamente matinal que o camareiro me dizia. Nem por isso me sentia menos repousado. São os sonos leves que têm longa duração, porque, intermediários entre a vigília e o sono, mantendo da primeira uma noção um tanto apagada mas permanente, é-lhes necessário infinitamente mais tempo para repousar-nos do que um sono

profundo, o qual pode ser de curta duração. Sentia-me bem disposto por outra razão. Se é bastante lembrarmo-nos de que estamos cansados para sentirmos penosamente o nosso cansaço, dizer para nós mesmos: "Estou descansado", basta para criar o repouso.

Ora, havia sonhado que o Sr. de Charlus estava com cento e dez anos e acabara de dar um par de tapas na própria mãe, Sra. Verdurin, porque ela comprara um buquê de violetas por cinco bilhões; portanto, estava certo de ter dormido profundamente e sonhado às avessas todas as minhas noções da véspera e todas as possibilidades da vida corrente; bastava isso para que me sentisse inteiramente repousado. Teria deixado bem surpreendida a minha mãe, que não podia compreender a assiduidade do Sr. de Charlus na casa dos Verdurin, se lhe tivesse contado (precisamente no dia em que fora encomendada a touca de Albertine, sem nada lhe dizer e para lhe fazer uma surpresa) com quem o Sr. de Charlus fora jantar num salão do Grande Hotel de Balbec. O convidado não era outro senão o lacaio de uma prima dos Cambremer. Este lacaio vestia-se com grande elegância e, quando atravessou o hall com o barão, "fez-se de homem do mundo" aos olhos dos turistas, como teria dito Saint-Loup. Mesmo os jovens grooms, os "levitas" que desciam em bando os degraus do templo nesse instante, porque era o momento da rendição, não prestaram atenção nos dois recém-chegados, dos quais um o Sr. de Charlus, timbrava em mostrar, baixando os olhos, que eles pouco lhe importavam. Dava a impressão de abrir passagem no meio deles. "Prosperai, cara esperança de uma santa nação", citou ele, lembrando-se dos versos de Racine, ditos num sentido bem diverso. - O que diz, senhor? perguntou o lacaio, pouco a par dos clássicos. O Sr. de Charlus não lhe respondeu, pois punha um certo orgulho em não fazer caso das perguntas e em caminhar direito para a frente como se não houvesse outros fregueses no hotel e no mundo só existisse ele, barão de Charlus. Mas, tendo continuado os versos de Josabeth: “Vinde, vinde, minhas filhas", sentiu-se desgostoso e não acrescentou, como ela: "é preciso chamá-las", pois esses jovens ainda não tinham alcançado a idade em que o sexo está inteiramente formado e que agradava ao Sr. de Charlus. Aliás, se escrevera ao lacaio da Sra. de Chevregny, por não duvidar de sua docilidade, havia esperado que fosse mais viril. Ao vê-lo, achara-o mais efeminado do que o desejaria. Disse-lhe que pensara tratar com alguém diferente, pois conhecia de vista outro lacaio da Sra. de Chevregny, em quem de fato havia reparado no carro. Era um tipo de camponês bem rústico, completamente o oposto deste, que, julgando, pelo contrário, suas afetações como superioridades, e estando certo de que fossem essas qualidades de mundano que seduziriam o Sr. de Charlus, não compreendeu sequer de que é que o barão queria falar.

- Mas não tenho nenhum companheiro, a não ser um, a quem o senhor não pode ter deitado o olho; é horroroso, parece um camponês brutamontes. -

E, à idéia de que talvez semelhante rústico fosse o que o barão vira, sentiu uma pontada no seu amor-próprio. O barão o adivinhou e, ampliando o inquérito:

- Mas eu não fiz um voto especial de só conhecer gente da Sra. de Chevregny - disse. - Será que aqui, ou em Paris, já que vai partir em breve, não poderia você apresentar-me muitos de seus companheiros, de uma casa ou de outra?

- Oh, não respondeu o lacaio -, não freqüento ninguém da minha classe. Só lhes falo sobre o serviço, mas há alguém muito distinto que poderei fazer com que conheça.

- Quem? - indagou o barão.

- O príncipe de Guermantes. -

O Sr. de Charlus ficou despeitado de que só lhe oferecessem um homem daquela idade, e para o qual, aliás, não necessitava da recomendação de um lacaio. Assim, declinou a oferta em tom seco e, não se deixando desanimar pelas pretensões mundanas do criado, recomeçou a explicar-lhe o que desejava, o gênero, o tipo, mesmo que fosse um jóquei, etc. Receando que o tabelião que passava nesse momento o tivesse escutado, julgou prudente mostrar que falava de coisa bem diversa daquela que poderiam supor, e disse com insistência e como que para o público, mas feito não fizesse mais que continuar a conversação:

- Sim, apesar da minha idade, mantive o gosto de comprar quinquilharias, o gosto pelos lindos bibelôs, faço loucuras por um velho bronze, por um lustre antigo. Adoro o Belo. -

Mas, para fazer o lacaio entender a mudança de assunto que tão rapidamente consumara, o Sr. de Charlus acentuava de tal modo cada palavra e, mais ainda, para ser ouvido pelo tabelião, gritava-as todas com tanta força, que todo esse jogo de cena teria bastado para denunciar o que ele ocultava a ouvidos mais avisados que os do oficial do ministério. Este não desconfiou de coisa alguma, bem como nenhum outro hóspede do hotel, pois todos viram um elegante estrangeiro no lacaio tão bem vestido. Em compensação, se os homens da sociedade se equivocavam, tomando-o por um americano muito elegante, mal apareceu diante dos criados foi logo adivinhado por eles, assim como um forçado reconhece outro, e até mesmo mais depressa, farejado a distância como um animal por certos animais. Os chefes da categoria ergueram os olhos. Aimé lançou um olhar suspeitoso. O copeiro, dando de ombros, disse por trás da mão, porque julgava isso cortês, uma frase injuriosa que todos ouviram. E até a nossa velha Françoise, cuja vista diminuía e que passava naquele momento ao pé da escada para ir jantar nos "mensageiros", ergueu a cabeça, reconheceu um criado onde os convivas do hotel não o suspeitavam como a velha ama Euricléia reconhece Ulisses bem antes dos pretendentes assentados no festim e, vendo o Sr.

de Charlus andar familiarmente com ele, demonstrou uma expressão acabrunhada, como se de repente as maldades de que ouvira falar e em que não tinha acreditado houvessem adquirido a seus olhos uma pungente verossimilhança. Ela nunca me falou, nem a ninguém, deste incidente, o qual, todavia, deve ter dado trabalho considerável a seu cérebro, pois mais tarde, cada vez que, em Paris, teve ocasião de ver "Julien", que até então apreciara tanto, sempre se mostrou cortês com ele, mas de uma cortesia que se resfriara e estava sempre acrescida de forte dose de reserva. Esse mesmo incidente, ao contrário, levou alguém bem diverso a me fazer uma confidência; foi Aimé. Quando eu cruzara pelo Sr. de Charlus, este, que não esperava encontrar-me, gritou-me, erguendo a mão: "Boa-noite", com a indiferença, ao menos aparente, de um grão-senhor que julga que tudo lhe é permitido e que acha mais hábil dar a entender que não se esconde. Ora, Aimé, que nesse momento o observava com olhar desconfiado e viu que eu cumprimentava o companheiro daquele em que estava certo de ver um criado, perguntou-me nessa mesma noite de quem se tratava. Pois, desde algum tempo, Aimé gostava de conversar, ou melhor, como dizia, sem dúvida para marcar o caráter, segundo ele filosófico, dessas conversas, de "discutir" comigo. E, como várias vezes lhe dissesse que me sentia constrangido que ele ficasse de pé junto a mim enquanto eu jantava, em vez de sentar-se e compartilhar da minha refeição, declarava que jamais vira um freguês com "raciocínio tão justo". Naquele momento, conversava com dois garçons. Tinham me saudado; não sabia por quê; seus rostos eram-me desconhecidos, embora ressoasse, na sua conversa, um rumor que não me parecia novo. Aimé censurava-os por causa do noivado de ambos, que desaprovava. Tomou-me como testemunha; eu disse que não podia ter uma opinião, visto que não os conhecia. Eles recordaram-me os seus nomes e também que muitas vezes me haviam servido em Rivebelle. Mas um deixara crescer o bigode, o outro o raspara e havia cortado o cabelo à escovinha; e devido a isso, e apesar de ser a mesma cabeça de outrora que estava sobre seus ombros (e não uma outra, como nas restaurações errôneas da Notre-Dame), ela me havia permanecido tão invisível como esses objetos que escapam às mais minuciosas perquirições, e que estão simplesmente aos olhos de todos, que não os percebem, acima de uma lareira. Logo que lhes soube os nomes, reconheci com exatidão a melodia incerta de suas vozes porque revi os rostos antigos que a determinavam.

- Eles querem se casar e nem mesmo sabem o inglês! - disse Aimé, que não imaginava que eu estivesse pouco a par da profissão de hoteleiro e não conseguia compreender que, se não se conhecem as línguas estrangeiras, não se pode contar com uma boa situação. Eu, que pensava que ele facilmente saberia que o novo freguês era o Sr. de Charlus, e imaginava até que devia lembrar-se dele, por tê-lo servido, quando o barão viera visitar a Sra. de Villeparisis por ocasião da

minha primeira temporada em Balbec, disse-lhe o seu nome. Ora, não só Aimé não se lembrava do barão de Charlus, mas também esse nome lhe pareceu causar uma profunda impressão. Disse-me que iria procurar, no dia seguinte, em seus guardados, uma carta que eu talvez pudesse explicar-lhe. Tanto mais espantado fiquei, pois que o Sr. de Charlus, quando quisera dar-me um livro de Bergotte, em Balbec, naquela temporada, tinha mandado chamar especialmente Aimé, a quem deve ter encontrado em seguida nesse restaurante de Paris onde eu jantara com Saint-Loup e a amante deste, e onde o Sr. de Charlus tinha ido nos espionar. É verdade que não pudera cumprir pessoalmente essas missões, estando deitado da primeira vez e, da segunda, ocupado em serviço. No entanto, eu sentia muitas dúvidas quanto à sua sinceridade, quando afirmava não conhecer o Sr. de Charlus. Por um lado, devia ser conveniente ao barão. Como todos os chefes de andar do hotel de Balbec, como vários camareiros do príncipe de Guermantes, Aimé pertencia a uma raça mais antiga que a do príncipe, e portanto mais nobre. Quando alguém pedia um salão, a princípio acreditava-se a sós. Mas em breve avistava na copa um escultural mordomo, desse gênero etrusco ruivo de que Aimé era o tipo, um tanto envelhecido pelos excessos de champanha e vendo aproximar-se a hora necessária da água de Contrexéville{27}.

Todos os fregueses só lhes pediam que os servissem. Os grooms, que eram jovens, escrupulosos, apressados, a quem uma amante esperava na cidade, tratavam de escapulir. Assim, Aimé lhes censurava o não serem sérios. Estava no seu direito. Sério, ele o era. Tinha mulher e filhos, e ambições para a família. Portanto, não repelia as tentativas que uma estrangeira ou um estrangeiro lhe faziam, mesmo que tivesse de ficar toda a noite. Pois o trabalho deve estar acima de tudo. De tal modo ele era do gênero que podia agradar ao Sr. de Charlus, que suspeitei que mentia quando me disse não conhecê-lo. Enganava-me. Era com toda a sinceridade que o groom havia dito ao barão que Aimé (que lhe passara uma reprimenda no dia seguinte) estava deitado (ou tinha saído) e, da outra vez, que estava de serviço. Mas a imaginação supõe além da realidade. E o embaraço do groom provavelmente causara, no Sr. de Charlus, quanto à sinceridade de suas desculpas, dúvidas que nele haviam ferido sentimentos dos quais Aimé não suspeitava. Viu-se também que Saint-Loup impedira que Aimé fosse ao carro onde o Sr. de Charlus que, não sei como, obtivera o novo endereço do mordomo, passara por uma nova decepção. Aimé, que não o percebera, experimentou o espanto que se pode imaginar quando, na mesma noite do dia em que eu almoçara com Saint-Loup e sua amante, recebeu uma carta lacrada com as armas de Guermantes e da qual citarei aqui algumas passagens, como exemplo de loucura unilateral de um homem inteligente que se dirigisse a um imbecil sensato. "Senhor, não pude conseguir, apesar dos esforços que assombrariam muitas pessoas que buscam inutilmente ser recebidas e saudadas por mim, que

escutasse as poucas explicações que não me pedia, mas que eu julgava apresentar-lhe, devido à minha e à sua dignidade. Portanto, vou escrever aqui o que seria mais fácil dizer-lhe de viva voz. Não lhe ocultarei que da primeira vez que o vi, em Balbec, sua figura me pareceu francamente antipática. Seguiam-se então reflexões sobre a semelhança notada apenas no segundo dia com um amigo defunto, pelo qual o Sr. de Charlus sentira grande afeição.

"Então, tive por um momento a idéia de que o senhor poderia, sem prejudicar em nada a sua profissão, vir jogar comigo partidas de cartas, com as quais a alegria desse amigo sabia dissipar a minha tristeza, para dar-me a ilusão de que ele não estava morto. Seja qual for a natureza das suposições mais ou menos tolas que o senhor provavelmente fez, e mais ao alcance de um serviçal (que nem merece tal nome, já que não quis servir) do que a compreensão de um sentimento tão elevado, julgou o senhor provavelmente dar-se importância, ignorando quem eu era e o que era, mandando responder, quando lhe mandava pedir um livro, que estava deitado; ora, é um erro supor que um mau procedimento acrescenta o que quer que seja à graça, de que aliás o senhor é inteiramente destituído. Teria eu ficado nisso, se por acaso, na manhã seguinte, não lhe pudesse falar. Sua semelhança com meu pobre amigo acentuou-se de tal maneira, fazendo até desaparecer a forma insuportável de seu queixo proeminente, que compreendi que era o defunto que, nesse momento, emprestava-lhe um pouco de sua expressão tão bondosa a fim de lhe permitir que voltasse a me impressionar e impedi-lo de perder a oportunidade única que se lhe oferecia. Com efeito, embora eu não deseje, visto que nada disso tem mais razão de ser e que não terei mais ocasião de encontrá-lo nesta vida, misturar a isso tudo brutais questões de interesse, ficaria muito feliz em obedecer às súplicas do morto (pois creio na comunhão dos santos e em sua veleidade de intervenção no destino dos vivos), de agir consigo como com ele, que tinha seu carro, seus criados, e a quem era muito natural que eu consagrasse a maior parte de minhas rendas, pois amava-o como a um filho. O senhor decidiu de outra forma. A meu pedido de que me trouxesse um livro, mandou responder que precisava sair. E esta manhã, quando mandei lhe pedir que viesse ao meu carro, o senhor, se posso lhe falar assim sem sacrilégio, renegou-me pela terceira vez. O senhor me desculpará por não colocar neste envelope as gorjetas elevadas que contava dar-lhe em Balbec, e nas quais muito penoso me seria insistir em relação a uma pessoa com que, por um instante, julguei que iria dividir tudo. Quando muito, poderia poupar-me fazer, junto ao senhor, em seu restaurante, uma quarta tentativa inútil e até à qual não iria a minha paciência. (E aqui o Sr. de Charlus dava o seu endereço, a indicação das horas em que seria encontrado, etc.) Adeus, senhor. Como creio que, sendo de tal modo parecido com o amigo que perdi, não deve ser inteiramente estúpido, a menos que a fisionomia se revele como uma ciência falsa, estou convencido de que um dia, se pensar de novo

neste incidente, não o será sem experimentar uma certa pena e algum remorso. De minha parte, creia que bem sinceramente não lhe guardo amargura nenhuma. Teria preferido que nos separássemos com uma lembrança menos ruim do que a desta terceira tentativa inútil. Será logo esquecida. Somos como esses navios que o senhor deve ter avistado às vezes de Balbec, que se cruzam por um momento; poderia haver, para cada um deles, vantagens em parar; porém um julgou de modo diverso; em breve não se avistarão sequer no horizonte, e o encontro está apagado; mas, antes dessa separação definitiva, cada qual saúda o outro, e é o que faz aqui, senhor, desejando-lhe boa sorte, o barão de Charlus."

Aimé nem sequer havia lido essa carta até o fim, pois não entendera nada e desconfiava de uma mistificação. Quando lhe expliquei quem era o barão, ele pareceu um tanto sonhador e sentiu aquela pena que o Sr. de Charlus lhe predissera. Nem mesmo juraria que ele então não tivesse escrito para se desculpar perante um homem que dava carros a seus amigos. Mas, nesse intervalo, o Sr. de Charlus travara relações com Morel. Quando muito, sendo essas relações talvez platônicas, o Sr. de Charlus buscava às vezes, por uma noite, uma companhia como aquela em que eu acabava de encontrá-lo no hall. Mas ele não podia mais desviar de Morel o sentimento violento que, livre alguns anos antes, desejara fixar-se em Aimé e que havia ditado a carta que me mostrara o mordomo e me fazia sentir constrangido pelo Sr. de Charlus. Por causa do amor anti-social que era o do Sr. de Charlus, constituía essa carta um exemplo mais impressionante da força poderosa e insensível dessas correntes da paixão e dentro das quais o enamorado, como um nadador que é arrastado sem o perceber, rapidamente perde a terra de vista. É claro que o amor de um homem normal também pode, quando o amoroso, pela invenção sucessiva de seus desejos, de suas penas, de suas decepções e de seus projetos, constrói todo um romance inteiro sobre uma mulher que ele não conhece, permitir que se meça um bem considerável afastamento das duas pontas de compasso. Todavia, um tal afastamento era singularmente ampliado pela natureza de uma paixão que em geral não é partilhada e pela diferença das condições de Aimé e do Sr. de Charlus.

Todos os dias eu saía com Albertine. Ela resolvera dedicar-se a pintura e havia escolhido primeiramente, para trabalhar, a igreja de Saint-Jean-de-la-Haise, que não é mais freqüentada por ninguém, sendo muito mal conhecida, difícil de fazer-se indicar, impossível de descobrir sem guia e demorada de se atingir em seu isolamento, a mais de meia hora da estação de Épreville, depois de passadas há muito as últimas casas da aldeia de Quetteholme. Quanto ao nome de Épreville, não encontrei concordância entre o livro do cura e as informações de Brichot. Para um, Épreville era a antiga Sprevílla; o outro indicava como

etimologia Aprívilla.

Da primeira vez, tomamos a pequena estrada de ferro em sentido oposto ao de Féterne, ou seja, na direção de Grattevast. Mas era um dia de canícula e já fora terrível partir logo em seguida do almoço. Eu teria preferido não sair tão cedo; o ar luminoso e ardente despertava idéias de indolência e refrescamento. Sujeitava nossos quartos, o meu e o de minha mãe, conforme sua exposição, a temperaturas desiguais, como quartos de estâncias balneárias. O gabinete de toalete de mamãe, festoado pelo sol, de uma brancura fulgurante e mourisca, parecia estar mergulhado no fundo de um poço, devido aos quatro muros de estuque para os quais dava, ao passo que lá em cima, no quadrado vazio, o céu, cujas ondas macias e superpostas se viam deslizar umas sobre as outras, parecia (por causa do desejo que tínhamos) estar situado num terraço ou (visto às avessas em algum espelho pendurado à parede) ser uma piscina cheia de uma água azul, reservada às abluções. Apesar dessa temperatura abrasadora, tínhamos tomado o trem de uma da tarde. Porém Albertine sentira muito calor no vagão, e mais ainda durante o longo trajeto a pé, e eu temia que ela se resfriasse ao ficar, em seguida, imóvel naquela concavidade úmida que o sol não atingia. Por outro lado, e desde nossas primeiras visitas a Elstir, tendo-me apercebido de que ela apreciava não apenas o luxo mas até um certo conforto, do qual a privava sua falta de dinheiro, entendera-me com um locador de Balbec para que todos os dias um carro viesse buscar-nos. Para sentir menos calor, tomávamos pela floresta de Chantepie. A invisibilidade dos inúmeros pássaros, alguns meio marinhos, que se respondiam uns aos outros ao nosso lado nas árvores, dava a mesma impressão de repouso de quando estamos de olhos fechados. Ao lado de Albertine, preso em seus braços no fundo do carro, escutava essas oceânides. E, quando por acaso via um desses músicos que passava de um ramo a outro, havia tão pouca relação aparente entre ele e seus trinados, que não julgava enxergar a causa destes no pequeno corpo saltitante, humilde, assustado e sem olhos. O carro não podia nos levar até a igreja. Eu o mandava parar à saída de Quetteholme e me despedia de Albertine. Pois ela me impressionara ao dizer dessa igreja, como de outros monumentos, ou de certos quadros:

- Que prazer seria ver tudo isto na sua companhia! -

E eu não me sentia capaz de dar-lhe esse prazer. Só o sentia diante das belas coisas se estivesse sozinho, ou quando fingia estar e ficava calado. Mas já que ela pensara poder experimentar, graças a mim, as sensações de arte que não se comunicam desse modo, achava eu mais prudente dizer-lhe que a deixava e voltaria para buscá-la no fim do dia, mas que, até lá, era preciso que regressasse com o carro para fazer uma visita à Sra. Verdurin ou aos Cambremer, ou até passar uma hora com mamãe em Balbec, mas nunca mais distante que isso. Pelo menos nos primeiros tempos. Pois, tendo-me dito Albertine uma vez por

capricho:

"É aborrecido que a natureza tenha feito tão mal as coisas e que tenha posto Saint-Jean-dela-Haise de um lado, La Raspeliere de outro, e que a gente fique o dia inteiro aprisionado no local que escolheu".

Logo que recebi a touca e o véu, encomendei para minha desgraça um automóvel em Saint-Fargeau (*Sanctus Ferreolus*, segundo o livro do cura). Albertine, deixada por mim na ignorância, e que viera me buscar, ficou surpresa ao ouvir diante do hotel o ronco do motor, e encantada quando soube que esse automóvel era para nós dois. Fi-la subir por um instante para o meu quarto. Ela pulava de alegria.

- Vamos visitar os Verdurin?

- Sim, mas é preferível que não vá desse jeito, pois vai ter o seu auto. Veja, ficará melhor assim. -

E apresentei-lhe a touca e o véu que havia escondido.

- É para mim? Oh, como você é gentil! - exclamou ela, saltando-me ao pescoço, Aimé nos encontrou na escada, orgulhoso da elegância de Albertine e do nosso meio de transporte, pois esses autos eram bastante raros em Balbec, e deu-se o prazer de descer atrás de nós. Albertine, desejando ser vista um pouco em sua nova toalete, pediu-me para suspender a capota, que se baixaria depois para que ficássemos livremente juntos.

- Vamos - disse Aimé ao motorista, a que, aliás, não conhecia e que não se havia mexido -, não ouves que te dizem para suspender a capota? -

Pois Aimé, curtido pela vida de hotel, onde de resto havia conquistado um cargo eminente, não era tão tímido como o cocheiro do fiacre, para quem Françoise era uma "dama": apesar da falta de apresentação prévia, tratava por tu os plebeus a quem nunca vira, sem que se soubesse com certeza se era, de sua parte, desdém aristocrático ou fraternidade popular.

- Eu não sou livre - respondeu o motorista, que não me conhecia. - Fui chamado a serviço da Srta. Simonet. Não posso levar o cavalheiro. -

Aimé desatou a rir:

- Mas ora, seu grande imbecil - respondeu ele ao motorista, a quem logo convenceu -, é justamente a Srta. Simonet, e o cavalheiro que te manda erguer a capota é justamente o teu patrão. -

E, como Aimé, embora não tivesse pessoalmente simpatia por Albertine, estava, por minha causa, orgulhoso da toalete que ela vestia, segredou ao chofer:

- Se pudesses, hem! Bem que gostarias de conduzir todos os dias princesas como

esta! - Nesta primeira vez, não fui só eu quem pôde ir a La Raspeliere, como fiz outros dias enquanto Albertine pintava; ela quis ir comigo até lá. Achava que poderíamos perfeitamente parar aqui e ali na estrada, mas julgava impossível começar indo a Saint-Jean-dela-Haise, isto é, numa outra direção, e fazer um passeio que parecia votado a um dia diferente. Ao contrário, soube pelo motorista que nada era mais fácil do que ir a Saint-Jean, onde chegaríamos em vinte minutos, e que poderíamos ali ficar, se quiséssemos, várias horas, ou então ir bem mais longe, pois de Quetteholme a La Raspeliere ele não levaria mais que trinta e cinco minutos. Compreendemo-lo assim que o automóvel, avançando, transpôs de um só ímpeto vinte passos de um excelente cavalo. As distâncias são unicamente a relação entre o espaço e o tempo e variam com este. Exprimimos a dificuldade que temos em nos dirigir a um local num sistema de léguas e quilômetros que se torna falso desde que essa dificuldade diminui. Com isso, a arte também é modificada, pois uma aldeia que parecia localizar-se num mundo bem diverso de outra, torna-se vizinha sua numa paisagem cujas dimensões estão mudadas. Em todo caso, saber que talvez exista um universo em que 2 mais 2 fazem 5 e onde a linha reta não seja o caminho mais curto entre dois pontos, teria assombrado menos a Albertine do que ouvir o motorista dizer que era fácil ir, numa mesma tarde, a Saint-Jean e à Raspeliere. Douville e Quetteholme, Saint-Mars-le-Vieux e Saint-Marsle-Vêtu, Gourville e Balbec-le-Vieux, Tourville e Féterne, prisioneiros tão hermeticamente fechados até ali na célula de dias distintos como outrora Méséglise e Guermantes, e sobre as quais os mesmos olhos não podiam pousar numa única tarde, libertos agora pelo gigante de botas de sete léguas, vieram reunir por volta da hora do nosso chá suas torres e campanários, seus velhos jardins que o bosque, ao aproximar-se, se apressava a descobrir. Chegando à estrada do precipício, o auto subiu de um só impulso, com um ruído contínuo de motor, como uma faca que se afia, ao passo que o mar, rebaixado, se alargava aos nossos pés. As casas antigas e rústicas de Montsurvent acorreram, mantendo presos contra si o seu vinhedo ou o seu roseiral; os abetos de La Raspeliere, mais agitados que quando se erguia o vento da tardinha, correram em todos os sentidos para nos evitar, e um criado novo, que eu ainda não tinha visto, veio receber-nos na escadaria, enquanto o filho do jardineiro, revelando disposições precoces, devorava com os olhos o local do motor. Como não era segunda-feira, não sabíamos se haveríamos de encontrar a Sra. Verdurin, pois, a não ser naquele dia em que ela recebia, era imprudente ir visitá-la de improviso. Sem dúvida, "em princípio" ela ficava em casa, mas essa expressão, que a Sra. Swann empregava no tempo em que também procurava formar o seu pequeno clã e atrair os convivas sem se mexer, conquanto muitas vezes não tirasse nem para os gastos, e que ela, num contra-senso, traduzia "por princípio", significava apenas "em regra geral", isto é, com numerosas exceções. Pois não só a Sra. Verdurin gostava de sair como também levava muito longe os deveres

da hospitalidade, e, quando tinha convidados para o almoço, logo após o café, os licores e os cigarros (apesar do primeiro entorpecimento do calor e da digestão quando se teria preferido contemplar, através das folhagens do terraço, a passagem do paquete de Jersey pelo mar de esmalte), o programa compreendia uma série de passeios no decurso dos quais os convivas, instalados à força num carro, eram conduzidos a contragosto para um ou outro dos panoramas que se multiplicam em torno de Douville. Aliás, esta segunda parte da festa não era (depois de cumprido o esforço de se levantar e subir para o carro) a que menos agradava aos convivas, já preparados pelos pratos suculentos, os vinhos finos ou a cidra espumante, a se deixar embriagar facilmente pela pureza da brisa e a magnificência dos sítios. A Sra. Verdurin fazia com que estes lugares fossem visitados pelos estrangeiros um pouco feito os anexos (mais ou menos distantes) de sua propriedade, e que não se podia deixar de ir ver, uma vez que se vinha almoçar em casa dela e que, reciprocamente, não seria possível conhecer se não se fosse recebido em casa da Patroa. Essa pretensão de arrogar-se um direito único sobre os passeios, como sobre o recital de Morel e antigamente o de Dechambre, e de constranger as paisagens a fazerem parte do pequeno clã, não era aliás tão absurda quanto parece à primeira vista. A Sra. Verdurin troçava da falta de gosto que, segundo ela, os Cambremer demonstravam não só no mobiliário de La Raspeliere e no arranjo do jardim, mas também nos passeios que davam ou mandavam dar pelos arredores. Do mesmo modo que, a seu ver, La Raspeliere só principiara a tornar-se o que deveria ter sido depois de se constituir no asilo do pequeno clã, afirmava ela que os Cambremer, refazendo perpetuamente em sua caleche, ao longo da estrada de ferro, à beira-mar, a única estrada ordinária que existe nas cercanias, moravam desde sempre na região, mas não a conheciam. Havia um pouco de verdade nesta asserção. Fosse rotina, falta de imaginação, curiosidade por uma região que parece batida de tão próxima, os Cambremer só saíam de casa para ir sempre aos mesmos locais e pelos mesmos caminhos. Decerto, riam muito da pretensão dos Verdurin em fazê-los conhecer sua própria terra. Mas, colocados entre a espada e a parede, eles e até o seu cocheiro teriam sido incapazes de nos levar aos lugares esplêndidos, e um tanto secretos, aonde nos conduzia o Sr. Verdurin, erguendo aqui a barreira de uma propriedade particular, mas abandonada, onde outros não acreditariam ser possível aventurar-se; ali, descendo de carro para seguir um caminho que não era *carroçável*, mas tudo isso com a segura recompensa de uma paisagem maravilhosa. Digamos, além disso, que o jardim da Raspeliere era de certa forma um resumo de todos os passeios que se podia fazer a muitos quilômetros em derredor. Primeiro, por causa de sua posição dominante, olhando de um lado para o vale, do outro para o mar, e depois porque, mesmo de um só lado, o do mar, por exemplo, tinham sido abertas clareiras no meio das árvores, de tal maneira que daqui se avistava um horizonte, dali um outro. Em cada uma

dessas perspectivas existia um banco; a gente vinha assentar-se alternativamente naquele de onde se avistava Balbec, ou Parville, ou Douville. Mesmo numa só direção, fora colocado um banco mais ou menos a pique sobre a falésia, em local relativamente retirado. Destes últimos, tinha-se um primeiro plano de verdura e um horizonte que já parecia o mais vasto possível, mas que ia se ampliando indefinidamente se, continuando por um estreito caminho, a gente andava até um banco seguinte, de onde se abrangia todo o círculo do mar. Ali se percebia nitidamente o rumor das vagas, que, pelo contrário não chegava às partes mais recônditas do jardim, lá onde as vagas ainda se deixavam avistar, porém não ouvir. Esses locais de repouso tinham na Raspeliere, para os donos da casa, o nome de "vistas". E de fato, reuniam em torno do castelo as mais belas "vistas" das regiões vizinhas, das praias, ou das florestas, muito diminuídas pelo afastamento, como o imperador Adriano reunira em sua vida reduções dos monumentos mais célebres de diversos países. O nome que se seguia à palavra "vista" não era forçosamente o de um ponto do litoral, porém, muitas vezes da margem oposta da baía e que se descortinava com certo relevo, apesar da extensão do panorama. Da mesma forma que se pegava um livro na biblioteca do Sr. Verdurin: para ir ler durante uma hora na "vista de Balbec", assim também, se o tempo estava bom, ia-se tomar licor na "vista de Rivebelle", desde que não ventasse muito, pois, apesar das árvores plantadas de cada lado, o ar era bastante vivo ali.

Voltando aos passeios de carro que a Sra. Verdurin organizava para a tarde, se a Patroa encontrava na volta os cartões de algum mundano "de passagem pelo litoral", fingia estar encantada, mas desolava-se por haver perdido essa visita e (embora ainda não viessem senão para ver "a casa" ou conhecer por um dia uma mulher cujo salão artístico era célebre, porém não freqüentado em Paris) mandava convidá-lo sem demora pelo Sr. Verdurin, para que viesse jantar na quarta-feira seguinte. Como muitas vezes o turista era obrigado a viajar antes, ou temia os regressos tardios, a Sra. Verdurin havia convencionado que aos sábados encontrá-la-iam sempre à hora da merenda. Essas merendas não eram extremamente numerosas, e eu já conhecera em Paris outras mais brilhantes na casa da princesa de Guermantes, da Sra. de Galliffet ou da Sra. d'Arpajon. Mas aqui justamente não era mais Paris, e o encanto do quadro não reagia para mim sobre o aspecto aprazível da reunião, e sim sobre a qualidade dos visitantes. O encontro de determinado mundano, que em Paris não me proporcionaria prazer nenhum, mas que na Raspeliere, aonde viera de longe pela floresta de Chantepie ou por Féterne, mudava de caráter, de importância, tornava-se um incidente agradável. Às vezes era alguém que eu conhecia perfeitamente e a quem não teria dado um passo para encontrar na casa dos Swann. Mas seu nome soava de outra forma naqueles alcantis, como o de um ator que se ouve muitas vezes num teatro, impresso em cor diferente no cartaz; de um espetáculo extraordinário e de

gala, onde sua notoriedade se multiplica de repente, no imprevisto do contexto. Como no campo a gente não tem cerimônia, freqüentemente o mundano trazia por conta própria os amigos em cuja casa se hospedava, alegando baixinho, como desculpa, à Sra. Verdurin, que não poderia deixá-los, porque estava na casa deles; em compensação, a esses anfitriões, fingia ele oferecer, como uma espécie de atenção, o divertimento de ir a um centro espiritual nessa vida monótona de praia, de visitar uma residência magnífica e de saborear um chá excelente. Isto, em seguida, compunha uma reunião de valor mediano; e, se um pequeno recanto de jardim com algumas árvores, que pareceria mesquinho no campo, adquire um encanto extraordinário na avenida Gabriel ou então na rua de Monceau, onde somente multimilionários podem permitir-se coisa semelhante, inversamente, senhores que estão em segundo plano num sarau parisiense assumiam todo o seu valor segunda-feira à tarde, em La Raspeliere. Mal sentavam-se em torno à mesa coberta de uma toalha bordada de vermelho, e onde sob os tremós de camafeu serviam-lhes bolos folhados, pastéis normandos, tortas em forma de barco, repletas de cerejas como pérolas de coral, "diplomatas", e logo aqueles convidados sofriam, com a proximidade da profunda concha de azul para a qual abriam as janelas e que não podia se deixar de ver, ao mesmo tempo que eles, uma alteração, uma transmutação profunda que os mudava em algo mais precioso. Mais ainda, mesmo antes de os ter visto, quando vinham na segunda-feira à casa da Sra. Verdurin, as pessoas que em Paris apenas tinham olhares cansados pelo hábito para as atrelagens elegantes que estacionavam diante de um palacete suntuoso, sentiam o coração bater à vista de duas ou três feias carruagens paradas diante da Raspeliere, sob os grandes pinheiros. Sem dúvida, por ser diferente o quadro agreste e porque as impressões mundanas, graças a essa transposição, retomavam o seu frescor. Era também porque a má carruagem que se tornava para ir visitar a Sra. Verdurin evocava um belo passeio e um custoso "trato" concluído com um cocheiro que havia pedido "tanto" pela jornada. Mas a curiosidade levemente excitada, em relação aos que chegavam, ainda impossíveis de distinguir, também provinha de que cada um indagava a si próprio: "Quem poderá ser?", pergunta a que era difícil responder, por não se saber quem poderia vir passar oito dias na casa dos Cambremer ou alhures, e que sempre se gosta de fazer nas vidas agrestes e solitárias, onde o encontro de um ser humano que se deixou de ver havia muito tempo, ou a apresentação a alguém que não se conhece, já não é mais essa coisa fastidiosa que é na vida de Paris, e interrompe deliciosamente o espaço vazio das vidas demasiado isoladas, em que até a hora do correio se torna agradável. E, no dia em que fomos de automóvel a Raspeliere, como não se tratava de uma segunda-feira, o Sr. e a Sra. Verdurin deviam estar atormentados pela necessidade de ver gente, necessidade que perturba os homens e as mulheres e dá ao doente, que encerraram longe dos seus, para uma cura de isolamento,

vontade de se atirar pela janela. Pois, tendo-nos respondido o novo criado de pés mais rápidos, e já familiarizado com essas expressões, que "se madame não tinha saído, devia estar na 'vista de Douville', e que ele ia ver", voltou logo para dizer-nos que seríamos recebidos por ela. Encontramo-la um tanto despenteada, pois estava chegando do jardim, do galinheiro e do pomar, aonde fora dar de comer a seus pavões e galinhas, procurar ovos, colher frutas e flores para "fazer seu trilho de mesa", trilho que lembrava em miniatura o do parque; mas, sobre a mesa, apresentava a diferença de só fazê-lo suportar coisas úteis e boas para comer; pois, ao redor desses outros presentes do jardim que eram as peras, os ovos batidos em ponto de neve, erguiam-se hastes elevadas de viperinas, de cravos, de rosas e de coreópsis, entre as quais se viam, como entre estacas indicadoras e floridas, deslocando-se pelos vidros da janela, os barcos ao largo. Pelo espanto que o Sr. e a Sra. Verdurin, interrompendo o arranjo de flores para receber os visitantes anunciados, mostraram ao ver que esses visitantes eram apenas Albertine e eu, percebi que o novo criado, cheio de zelo, mas a quem seu nome ainda não era familiar, repetira-o mal e que a Sra. Verdurin, ouvindo o nome de visitantes desconhecidos, mesmo assim dissera que os mandasse entrar, tanta a sua necessidade de ver qualquer pessoa. E o novo criado contemplava da porta este espetáculo, a fim de compreender o papel que desempenhávamos na casa. A seguir, afastou-se correndo, a grandes pernadas, pois só estava contratado desde a véspera. Depois de ter mostrado bastante sua touca e seu véu aos Verdurin, Albertine lançou-me um olhar para me lembrar de que não tínhamos muito tempo à nossa frente para o que desejávamos fazer. A Sra. Verdurin queria que esperássemos a hora do chá, porém recusamos, quando, de súbito, se apresentou um projeto que liquidaria todos os prazeres que eu me prometia lucrar desse passeio com Albertine: a Patroa, não podendo decidir-se a nos deixar, ou talvez a deixar escapar uma nova distração, queria voltar conosco. Habituada desde muito a que oferecimentos desse gênero não causassem prazer, e provavelmente não tendo certeza de que este nos causasse algum, dissimulou sob um excesso de confiança a timidez que sentia ao nos fazê-lo, e nem sequer dando a impressão de supor que pudesse haver dúvidas quanto à nossa resposta, não nos fez nenhuma pergunta, porém disse ao marido, falando de Albertine e de mim como se nos fizesse um favor:

- Eu os levarei de volta. -

Ao mesmo tempo, um sorriso se lhe aplicou à boca, sorriso que não lhe pertencia propriamente, sorriso que eu já vira em certas pessoas, quando diziam a Bergotte com ar finório:

- Comprei o seu livro, é assim-assim -, um desses sorrisos coletivos, universais, que, quando as pessoas dele necessitam como a gente se utiliza da estrada de ferro ou dos carros de mudança -, tomam emprestado, menos alguns muito

refinados como Swann ou o Sr. de Charlus, em cujos lábios nunca vi pousar tal sorriso. Desde aquele momento a minha visita estava envenenada. Fiz cara de não haver compreendido. Após um instante, tornou-se evidente que o Sr. Verdurin participaria da festa.

- Mas será um passeio muito longo para o Sr. Verdurin - objetei.

- Que nada! - replicou a Sra. Verdurin com ar condescendente e divertido - ele diz que muito lhe agradará refazer com essa mocidade o caminho que tantas vezes percorreu outrora; se necessário, ficará ao lado do *wattman*; isto não o assusta e nós dois voltaremos bem direitinho pelo trem como bons esposos. Olhem, ele parece encantado. -

Ela dava a impressão de falar de um grande pintor velho cheio de bonomia que, mais moço que os jovens, alegra-se em garatujar figuras para fazer rir seus netinhos. O que aumentava a minha tristeza era que Albertine parecia não compartilhá-la e achar divertido circular desse modo por toda a região com os Verdurin. Quanto a mim, o prazer que me havia prometido desfrutar com ela era tão imperioso que não quis deixar que a Patroa o estragasse; inventei mentiras que as irritantes ameaças da Sra. Verdurin tornavam desculpáveis, mas que Albertine, ai de mim, contradizia.

- Mas temos uma visita a fazer - disse eu.

- Que visita? - perguntou Albertine.

- Eu lhe explicarei, é indispensável.

- Pois bem, nós os esperaremos - disse a Sra. Verdurin, resignada a tudo.

No último minuto, a angústia de sentir que me arrebatavam um prazer tão desejado deu-me coragem para ser descortês. Recusei redondamente, dizendo ao ouvido da Sra. Verdurin que, por causa de um desgosto que Albertine havia tido e sobre o qual queria me consultar, era absolutamente necessário que estivesse a sós com ela. A Patroa assumiu um aspecto irritado:

- Está bem, não iremos - disse-me, a voz trêmula de cólera.

Senti que estava tão zangada que, para parecer que cedia um pouco, disse:

- Mas a gente talvez pudesse...

- Não - retrucou ela, mais furiosa ainda; quando digo não, é não. -

Julguei que estávamos rompidos; mas ela nos chamou à porta para nos recomendar que não "largássemos" a quarta-feira seguinte e que não viéssemos naquela máquina, que era perigosa à noite, mas pelo trem com todo o pequeno grupo, e mandou parar o auto, já em marcha, na descida do parque, pois o novo criado se esquecera de pôr na capota o pedaço de torta e os *sablés* que ela

mandara embrulhar para nós. Tornamos a partir, escoltados um momento pelas casinhas, que acorriam com suas flores.

A fisionomia da região nos parecia toda mudada, de tanto que a noção do espaço está longe de ser a que desempenha o maior papel na imagem topográfica que formamos de cada uma delas. Dissemos que a do tempo as afasta ainda mais. E ela também não será a única. Certos lugares que vemos sempre isolados nos parecem não ter medida comum com o resto, quase fora do mundo, como essas pessoas a quem conhecemos em períodos à parte da nossa vida, no regimento, na nossa infância, e que não relacionamos com coisa alguma. No primeiro ano da minha temporada em Balbec, existia uma elevação a que a Sra. de Villeparisis gostava de nos levar, porque dali só se via a água e os bosques, e que se chamava Beaumont. Como o caminho pelo qual ela mandava seguir para lá chegar, e que achava ser o mais bonito devido às velhas árvores, era o tempo todo em aclive, os cavalos do seu carro iam a passo e levavam muito tempo. Uma vez chegados ao alto, descíamos, passeávamos um pouco, voltávamos a subir para o carro, e regressávamos pelo mesmo caminho sem ter encontrado nenhuma aldeia, nenhum castelo. Eu sabia que Beaumont era algo de muito curioso, muito longínquo, muito altaneiro, e não tinha a mínima idéia da direção em que se encontrava, pois jamais tomara o caminho de Beaumont para ir a outro lugar; aliás, levava-se muito tempo de carro para chegar até lá. Evidentemente fazia parte do mesmo departamento (ou da mesma província) de Balbec, mas, para mim, estava situado num plano diverso, gozava de um privilégio especial de extraterritorialidade. Mas o automóvel, que não respeita nenhum mistério, depois de ter passado por Incarville, cujas casas eu ainda levava nos olhos, como descêssemos a costa pelo atalho que vai dar em Parville (Paterni villa), avistando o mar de um terrapleno onde estávamos, perguntei como se chamava aquele lugar e, antes mesmo que o chofer me respondesse, reconheci Beaumont, a cujo lado assim passava sem o saber de cada vez que tomava o trenzinho, pois ficava a dois minutos de Parville. Como um oficial de meu regimento, que teria me parecido uma criatura especial, por demais bonachão e simples para pertencer a uma grande família, já muito distante e misterioso para ser simplesmente de uma grande família, e do qual viesse a saber que era cunhado e primo de tais ou quais pessoas com quem eu jantava fora, assim Beaumont, de súbito ligado a locais de que o supunha tão diferente, perdeu seu mistério e assumiu seu posto na região, fazendo-me pensar com terror que Madame Bovary e a Sanseverina talvez me tivessem parecido criaturas semelhantes às outras se eu as tivesse encontrado em outra parte que não a atmosfera fechada de um romance. Pode parecer que meu amor pelas feéricas viagens de trem deveria impedir-me de compartilhar do encantamento de Albertine diante do automóvel que leva, mesmo um doente, aonde ele quer, e impede como eu o fizera até aqui que consideremos a localização como marca individual, a essência sem sucedâneo

das belezas inamovíveis. E sem dúvida, o automóvel não fazia dessa localização, como outrora o trem de ferro, quando eu viera de Paris a Balbec, um objetivo subtraído às contingências da vida comum, quase ideais à partida, e que, continuando a sê-lo à chegada - à chegada nessa grande residência onde não mora ninguém e que leva apenas o nome da cidade: a estação -, tem o ar de prometer-lhe enfim o acesso como se fosse a sua materialização. Não, o automóvel não nos conduzia assim feericamente a uma cidade que víamos primeiro no conjunto que resume o seu nome, e com as ilusões do espectador na platéia. Ele nos fazia entrar nos bastidores da rua, parava para pedir uma informação a um habitante. Mas, como para compensar uma progressão tão familiar, temos os próprios titubeios do chofer, incerto quanto ao caminho, e que retrocede, e os ziguezagues da perspectiva, que fazem um castelo jogar os quatro-cantos com uma colina, uma igreja e o mar enquanto nos aproximamos dele, embora debalde se encolha sob sua folhagem secular; e esses círculos, cada vez mais próximos, que o automóvel descrevia em torno de uma cidade fascinada, que fugia em todos os sentidos para lhe escapar e sobre a qual, finalmente, avança direto, a pique, no fundo do vale, onde ela jaz por terra; de modo que essa localização, único ponto que o automóvel parece ter destituído do mistério dos trens expressos, dá pelo contrário a impressão de que o descobrimos, de que o determinamos nós mesmos como que a compasso, de nos ajudar a sentir, com mão mais amorosamente exploradora, com mais fina precisão, a verdadeira geometria, a bela "medida da terra". O que infelizmente eu ignorava naquela ocasião, e só vim a saber dois anos mais tarde, é que um dos fregueses do chofer era o Sr. de Charlus, e que Morel, encarregado de pagá-lo e guardando para si uma parte do dinheiro (fazendo o chofer triplicar e quintuplicar o número dos quilômetros), estava muito ligado a este (enquanto fingia não conhecê-lo diante dos outros) e utilizava o seu carro para corridas distantes. Se então eu soubesse disso, e que provinha daí a confiança que os Verdurin, sem o saberem, logo tiveram nesse chofer, tivessem sido evitados muitos dos aborrecimentos de minha vida em Paris, no ano seguinte, bem como diversas infelicidades relativas a Albertine; mas eu não o suspeitava em absoluto. Em si mesmos, os passeios do Sr. de Charlus de auto com Morel não me interessavam diretamente. Aliás, o mais das vezes limitavam-se a um almoço ou a um jantar num restaurante da costa, onde o Sr. de Charlus passava por um velho criado arruinado, e Morel, que tinha a missão de pagar as contas, por um bondoso fidalgo. Conto aqui uma dessas refeições, que pode dar uma idéia das outras. Era num restaurante de forma oblonga, em Saint-Mars-le-Vêtu.

- Será que não poderiam levar isto daqui? - perguntou o Sr. de Charlus a Morel, como a um intermediário, e para não se dirigir diretamente aos garçons. Por "isto", ele designava três rosas murchas, com que um maitre d'hôtel bem-intencionado julgara dever decorar a mesa.

- Sim. - disse Morel embaraçado. Não gosta de rosas?

- Provaria, ao contrário, pelo pedido em questão, que as amo, já que não há rosas aqui (Morel pareceu surpreso), mas na verdade não gosto muito de rosas. Sou bastante sensível aos nomes; e, quando uma rosa é um pouco bonita, ficamos sabendo que ela se chama Baronesa de Rothschild ou Marechala Niel, o que nos deixa frios, Gosta dos nomes? Já encontrou belos títulos para seus pequenos trechos de concerto?

- Há um deles que se chama Poema Triste.

- É horrível - respondeu o Sr. de Charlus com voz aguda e estridente como uma bofetada.

- Mas eu não tinha pedido champanha? - disse ele ao maitre d'hôtel, que julgara trazê-lo, colocando diante dos dois fregueses duas taças cheias de vinho espumante.

- Mas, senhor...

- Leve daqui este horror, que não tem nenhuma relação com o pior dos champanhas. É o vomitivo chamado cup, onde em geral se põem três morangos podres numa mistura de vinagre e água de Seltz... Sim continuou ele, virando-se para Morel o senhor parece ignorar o que seja um título. E até na interpretação daquilo que executa melhor, parece não perceber do lado mediúnico da coisa.

- O senhor diz? - indagou Morel que, não tendo compreendido absolutamente nada do que o barão dissera, temia ficar privado de uma informação útil, como, por exemplo, um convite para almoçar.

Tendo o Sr. de Charlus desdenhado considerar "O senhor diz?" como uma pergunta, Morel, conseqüentemente, sem obter resposta, achou melhor mudar de conversa e dar-lhe um torneio sensual:

- Olhe, é a lourinha que vende estas flores de que o senhor não gosta; mais uma que tem seguramente uma amiguinha. E a velha que janta na mesa do fundo, também.

- Mas como sabes de tudo isso? - perguntou o Sr. de Charlus, maravilhado com a presciência de Morel.

- Oh, em um segundo eu as adivinho. Se nós dois passeássemos no meio de uma multidão, o senhor veria que não me engano duas vezes. -

E quem naquele momento houvesse olhado Morel, com seu ar de menina em meio à sua máscula beleza, teria compreendido a obscura adivinhação que não o apontava menos a certas mulheres do que elas a ele. Tinha vontade de suplantar Jupien, vagamente desejoso de acrescentar ao seu "fixo" os rendimentos que, segundo julgava, o coleteiro extraía do barão.

- E, quanto aos gigolôs, ainda sou mais entendido, posso poupar-lhe todos os erros. Em breve, chegará à feira de Balbec, onde encontraremos muitas coisas. E em Paris, então! Aí é que o senhor haverá de se divertir. -

Mas uma prudência hereditária de criado fê-lo dar um outro sentido à frase que já estava começando. De modo que o Sr. de Charlus julgou que se tratava sempre de moças.

- Veja o senhor - disse Morel, desejoso de excitar, de um modo que achava menos comprometedor para si mesmo (embora na realidade fosse mais imoral), os sentidos do barão -, meu sonho seria encontrar uma moça bem pura, de me fazer amado por ela, e tirar-lhe a virgindade. -

O Sr. de Charlus não pôde impedir-se de beliscar suavemente a orelha de Morel, mas acrescentou com ingenuidade:

- Para que te serviria isto? Se lhe acabasses com a donzelice, serias obrigado a casar com ela.

- Casar com ela? - exclamou Morel, que sentia que o barão estava "alto", ou então que não pensava no homem, afinal mais escrupuloso do que imaginava, com quem estava falando. - Casar? Uma ova! Prometeria, sim, mas logo que pequena operação fosse levada a cabo de modo satisfatório, abandonava-a na mesma noite. -

O Sr. de Charlus tinha o hábito, quando uma ficção podia causar-lhe um momentâneo prazer sensual, de dar-lhe sua adesão, pronto para retirá-la inteiramente, instantes depois, quando o prazer se esgotasse.

- Verdadeiramente farias isto? - indagou a Morel, rindo e apertando-o com mais força.

- E como! - disse Morel, vendo que não desagradava ao barão se continuasse a lhe explicar sinceramente o que era de fato um de seus desejos.

- É perigoso - disse o Sr. de Charlus.

- Eu faria antecipadamente as minhas malas e sumiria sem deixar endereço.

- E eu? - disse o barão.

- Eu o levaria comigo, é claro - apressou-se a dizer Morel, que não pensara no que seria do Sr. de Charlus, o qual era o menor de seus cuidados. - Olhe, existe uma garota que agradaria muito para o caso, é uma costureirinha que possui sua loja no palacete do Senhor duque.

- A filha de Jupien! - exclamou o barão, enquanto entrava o copeiro. - Oh, jamais! - acrescentou, ou porque a presença de um estranho o tivesse esfriado, ou porque, mesmo nessas espécies de missas negras, em que as pessoas se

comprazem em achincalhar as coisas mais santas, ele não pudesse resolver-se a fazer entrar pessoas por quem nutria amizade. - Jupien é um bom homem, a mocinha é encantadora, seria horrível causar-lhes esse desgosto. -

Morel sentiu que tinha ido longe demais e se calou. Mas seu olhar continuava, no vago, a fixar-se na moça, diante da qual quisera certa vez que eu o chamasse de "meu caro artista" e a quem encomendara um colete. Muito trabalhadora, a garota não tirava férias, mas depois eu soube que, enquanto o violinista estava nos arredores de Balbec, ela não cessava de pensar no seu belo rosto, enobrecido pelo fato de que, tendo visto Morel em minha companhia, ela o tomara por um "senhor".

- Nunca ouvi Chopin tocar piano - disse o barão; - e no entanto poderia, pois tomava lições com Stamati, mas ele me proibiu de ir ouvir, na casa da minha tia Chimay, o mestre dos Noturnos. - Que asneira que ele fez! - exclamou Morel.

- Pelo contrário - replicou vivamente o Sr. de Charlus com voz aguda. - Ele provava ser inteligente. Compreendera que eu era um "temperamento" e que sofreria a influência de Chopin. Isso não importa, porquanto abandonei a música bem jovem, como aliás tudo. E depois, a gente imagina um pouco - acrescentou com uma voz anasalada, vagarosa e lânguida; - sempre existe gente que ouviu, que nos dá uma idéia. Mas afinal Chopin era só um pretexto para voltar ao lado mediúnico que você negligencia.

Observar-se-á que, após uma interpolação da linguagem vulgar, a do Sr. de Charlus se tornara bruscamente tão preciosa e altaneira como o era de hábito. É que a idéia de que Morel "largaria" sem remorsos uma moça violada fizera-o de súbito experimentar um prazer completo. Desde aí os seus sentidos se apaziguaram por algum tempo, e o sádico (este sim, verdadeiramente mediúnico), que durante alguns instantes substituíra o Sr. de Charlus, havia fugido e devolvera a palavra ao legítimo Sr. de Charlus, cheio de refinamento artístico, de sensibilidade e bondade.

- Outro dia, você tocou a transcrição para piano do quarteto XV, o que já é absurdo, pois nada é menos pianístico. Ela é destinada para pessoas a quem as cordas por demais tensas do Surdo glorioso fazem mal aos ouvidos. Ora, justamente esse misticismo quase acre é que é divino. Em todo caso, o senhor o tocou muito mal, modificando todos os movimentos. É preciso tocar aquilo como se o senhor o estivesse compondo: o jovem Morel, acometido de uma surdez momentânea e de um gênio inexistente, permanece imóvel por um momento; depois, tomado do delírio sagrado, ele toca, ele compõe os primeiros compassos; então, esgotado por semelhante esforço de transe, ele se abate, deixando cair a bela mecha para agradar à Sra. Verdurin, e, mais ainda, assim dispõe de tempo para reconstituir a prodigiosa quantidade de massa cinzenta que gastou para a

objetivação pítica; então, tendo recobrado as forças, tomado de nova e condoreira inspiração, lança-se para a sublime frase inesgotável que o virtuoso berlinense (cremos que o Sr. de Charlus designava desse modo a Mendelssohn) devia infatigavelmente imitar. É dessa maneira, a única e verdadeiramente transcendente e animadora, que o farei tocar em Paris. - Quando o Sr. de Charlus lhe dava conselhos desse gênero, Morel ficava muito mais assustado que ao ver o maitre d'hôtel levar suas rosas e seu cup desdenhados, pois se perguntava ansiosamente qual o efeito que aquilo produziria sobre a "classe". Mas não para demorar-se nessas reflexões, pois o Sr. de Charlus lhe dizia imperiosamente:

- Pergunte ao maitre d'hôtel se ele não tem um bom cristão.

- Boro cristão? Não compreendo.

- Bem vê que tratamos de frutas, é uma pêra. Esteja certo de que a Sra. de Cambremer a tem em sua casa, pois a comi dessa d'Escarbagnas, que ela é, também a tinha. O Sr. Thibaudier a envia e ela diz: "Eis um bom cristão que está lindo."

- Não, eu não sabia.

- Ali, vejo que o senhor não sabe nada. Se nem sequer leu Moliere... Pois bem, visto que não deve saber encomendar, mais que o resto, peça muito simplesmente uma pêra que se colhe justo perto daqui, a Louise-Bonned'Avranches{28}.

- A...?

- Espere, já que é tão canhestro, vou eu mesmo pedir outras, que prefiro: Maitre d'hôtel, tem o senhor a Doyenné des Comices?

Charlie, deveria ler a página sensacional que sobre essa pêra escreveu a duquesa Émilie de Clermont-Tonnerre.

- Não, senhor; não tenho.

- Tem o Triunfo de Jodoigne?

- Não, senhor.

- A Virginie-Dallet? A Passe-Colmar? Não? Pois bem, já que não tem nada, vamos embora. A duquesa d'Angoulême ainda não está madura; vamos, Charlie, partamos. - Infelizmente para o Sr. de Charlus, a sua falta de bom-senso, talvez a castidade das relações que provavelmente mantinha com Morel fizeram com que, desde essa época, se empenhasse em cumular o violinista de estranhas gentilezas que este não podia compreender, e às quais sua natureza, doida à sua moda, porém ingrata e mesquinha, só podia corresponder com uma secura ou uma violência sempre maiores, e que mergulhavam o Sr. de Charlus antes tão

altivo, agora todo tímido em acessos de legítimo desespero. Veremos como nas menores coisas, Morel, que acreditava ter se transformado num Charlus mil vezes mais importante, compreendera de esguedelha, tomando-as ao pé da letra, as orgulhosas informações do barão quanto à aristocracia.

Por ora, digamos simplesmente, enquanto Albertine me espera em Saint-Jean-de-la-Haise, que se havia uma coisa que Morel punha acima da nobreza (e isso, em princípio, era bastante nobre, sobretudo vindo de alguém cujo prazer era ir procurar menininhas despercebidamente com o chofer) era a sua reputação artística e o que poderiam pensar na classe de violino. Sem dúvida era feio, pois sentia o Sr. de Charlus todo dedicado à sua pessoa, que desse a impressão de renegá-lo, de zombar dele, da mesma maneira como, logo que lhe prometi guardar segredo sobre as funções de seu pai na casa de meu tio-avô, ele passara a tratar-me com altivez. Mas, por outro lado, seu nome de artista diplomado, Morel, parecia-lhe superior a um "nome". E quando o Sr. de Charlus, em seus devaneios de ternura platônica, queria fazer com que ele tomasse um título de sua família, Morel recusava energicamente. Quando Albertine achava mais prudente ficar em Saint-Jean-dela-Haise para pintar, eu tomava o auto e não era só a Gourville e a Féterne que podia ir, mas também a Saint-Mars-le-Vieux e até a Criquetot, antes de voltar para pegá-la. Fingindo estar ocupado com outra coisa que não ela, e ser obrigado a deixá-la por outros prazeres, só nela pensava. Muitas vezes não ia além da grande planície que domina Gourville, e, como esta se assemelha um pouco à que principia acima de Combray, na direção de Méséglise, eu, ainda que a uma enorme distância de Albertine, sentia-me alegre ao pensar que, se meus olhares não podiam chegar até ela, aquela poderosa e suave brisa marinha que passava a meu lado, alcançando muito mais do que eles, deveria baixar, sem ser detida por nada, até Quetteholme, para agitar os ramos das árvores que ocultavam Saint-Jean-dela-Haise sob sua folhagem, acariciando o rosto da minha amiga, e, assim, lançando um duplo elo entre nós dois. Naquele retiro indefinidamente aumentado, mas sem riscos, como nesses jogos em que duas crianças se encontram por instantes fora do alcance da voz e da vista uma da outra, e onde, mesmo estando afastadas, permanecem juntas. Eu regressava por esses caminhos de onde se avista o mar e onde, outrora, antes que ele aparecesse por entre os ramos, eu fechava os olhos para bem pensar que o que ia ver era mesmo o queixoso ancestral da terra, prosseguindo, como no tempo em que ainda não existiam seres vivos, em sua demente e imemorial agitação. Agora, essas estradas não eram para mim senão o meio de ir ao encontro de Albertine; quando as reconhecia tão iguais, sabendo até onde iriam em linha reta, onde fariam uma curva, eu me lembrava de que as seguira pensando na Srta. de Stermaria, e também que a mesma pressa de encontrar-me com Albertine, eu a tivera em Paris ao descer as ruas por onde passava a Sra. de Guermantes; assumiam, para mim, a profunda monotonia, a significação moral de uma

espécie de linha que seguia o meu caráter. Era natural e, contudo, não era indiferente; lembravam-me que minha sorte consistia apenas em perseguir fantasmas, criaturas cuja realidade em boa parte estavam na minha imaginação; de fato, existem seres e fora o meu caso desde a juventude - para quem nada do que possui um valor fixo, verificável por outros, a fortuna, o sucesso, as altas posições, é levado em conta; o que lhes é necessário, são os fantasmas. Sacrificam tudo o mais, põem tudo em ação, fazem tudo servir para achar determinado fantasma. Mas este não tarda em se desvanecer; então correm atrás de outro, prontos para voltarem logo ao primeiro. Não era a primeira vez que eu procurava Albertine, a moça vista no primeiro ano diante do mar. É verdade que outras mulheres haviam sido intercaladas entre a Albertine amada da primeira vez e esta a quem quase não deixava no momento; outras mulheres, notadamente a duquesa de Guermantes. Mas, dirão, por que tantos cuidados a respeito de Gilberte, ter tanto trabalho por causa da Sra. de Guermantes, se, tornando-se amigo desta, fizera-o com o único fim de não mais pensar nela, mas somente em Albertine? Antes de morrer, Swann teria podido responder, ele que fora amador de fantasmas. De fantasmas perseguidos, esquecidos, de novo procurados, às vezes para uma só entrevista, e a fim de tocar numa vida irreal que logo se evolava, estavam cheias as estradas de Balbec. Pensando que suas árvores, pereiras, macieiras, tamargas, me sobreviveriam, parecia-me receber delas o conselho de me pôr enfim a trabalhar enquanto não soasse a hora do repouso eterno. Eu saltava do carro em Quetteholme, corria pela íngreme descida, cruzava o regato por uma tábua e encontrava Albertine que pintava diante da igreja toda em torreões, espinhosa e rubra, florescente como um roseiral. Só o tímpano era liso; e, à superfície ridente da pedra, afloravam anjos que continuavam, diante do casal do século XX, a celebrar, círios na mão, as cerimônias do século XIII. Era deles que Albertine procurava fazer o retrato em sua tela preparada e, imitando Elstir, dava grandes pinceladas, buscando obedecer ao nobre ritmo que tornava esses anjos, dissera-lhe o grande mestre, tão diferentes de todos os que conhecia. Depois ajuntava as suas coisas. Apoiados um no outro, subíamos a encosta, deixando a igrejinha, tão tranqüila como se não nos tivesse visto, a escutar o perpétuo rumor do regato. Em breve o auto partia, fazia-nos tomar de regresso um caminho diverso do que seguíramos na ida. Passávamos por Marcouville-l'OrgueilIeuse. Sobre sua igreja, metade nova, metade restaurada, o sol poente estendia sua pátina, tão linda como a dos séculos. Através dela, os grandes baixos-relevos pareciam ser vistos apenas sob uma camada fluida, meio líqüida, meio luminosa; a Santa Virgem, Santa Isabel e São Joaquim nadavam ainda no impalpável remoinho quase em seco, à flor d'água ou à tona do sol. Numa cálida poeira surgiam as numerosas estátuas modernas, erguendo-se sobre colunas até meia altura dos véus dourados do poente. Defronte à igreja, um grande cipreste parecia estar dentro de uma espécie de recinto

consagrado. Descíamos um instante para o contemplar e dávamos alguns passos. Tanto quanto de seus membros, tinha Albertine consciência de sua touca de palha da Itália e da écharpe de seda (que, para ela, não eram a sede das menores sensações de bem-estar), e delas recebia, enquanto ia ao redor da igreja, uma outra espécie de impulsão, traduzida por um contentamento inerte mas no qual eu encontrava graça; touca e écharpe que eram apenas uma parte recente, adventícia, de minha amiga, mas que já me era bastante cara e cujo rastro eu seguia com os olhos, ao longo do cipreste, no ar da tardinha. Ela própria não podia vê-lo, mas desconfiava que tais elegâncias faziam bem, pois me sorria harmonizando o porte da cabeça com o chapéu que a completava:

- Não gosto, é restaurada - disse-me ela, mostrando a igreja e lembrando-se do que Elstir havia dito acerca da preciosa, da inimitável beleza das velhas pedras. Albertine sabia reconhecer de pronto uma restauração. A gente só podia assombrar-se com a segurança de gosto que ela já possuía em matéria de arquitetura, a par do gosto deplorável que conservava em música. Tanto quanto Elstir, eu não gostava dessa igreja, e foi sem me dar prazer que sua fachada veio postar-se, ensolarada, aos meus olhos, e só desci a contemplá-la para ser agradável a Albertine. E achava, no entanto, que o grande impressionista estava em contradição consigo mesmo; por que esse fetichismo ligado ao valor arquitetônico objetivo, sem levar em conta a transfiguração da igreja no poente?

- Não - disse Albertine -, decididamente não me agrada; gosto do seu nome de Orgueilleuse (orgulhosa). Mas o que será preciso indagar a Brichot é por que Saint-Mars se chama "le Vêtu". Iremos lá na próxima vez, não? - perguntava-me olhando-me com seus olhos negros, sobre os quais a touca estava abaixada como outrora a sua pequena boina. Seu véu flutuava.

Eu voltava ao auto com ela, feliz por irmos juntos, no dia seguinte, a Saint-Mars, de que, naqueles dias ardentes em que só se pensava em banhos de mar, os dois antigos campanários de um rosa-salmão, com telhas em losango, ligeiramente inclinadas e como que palpitantes, pareciam velhos peixes agudos, imbricados de escamas, musgosos e arruivados, que, sem dar a impressão de se moverem, erguiam-se numa água transparente e azul. Para resumir, deixando Marcouville, bifurcávamos numa encruzilhada de caminhos, onde havia uma granja. Às vezes Albertine mandava parar e me pedia que fosse buscar sozinho, a fim de poder beber no carro, vinho Calvados ou cidra, que asseguravam não ser espumante e que nos borrifava por completo. Estávamos apertados um contra o outro. As pessoas da granja mal avistavam Albertine no auto fechado, e eu lhes devolvia as garrafas; partíamos novamente, como para continuar naquela nossa vida, essa vida de amantes que elas podiam achar que levávamos, e da qual essa parada para beber não passasse de um momento insignificante; suposição que teria parecido tanto menos inverossímil se nos vissem depois que Albertine houvesse

bebido a sua garrafa de cidra; de fato, ela parecia então não mais poder suportar, entre nós dois, um intervalo que de hábito não a incomodava; sob sua saia de algodão, suas pernas apertavam-se contra as minhas, ela aproximava do meu rosto as suas faces que se tornavam pálidas, quentes e rubras nos pômulos, com algo de ardente e descorado como o têm as mulheres dos arrabaldes. Nesses momentos, quase tão depressa como de personalidade, ela mudava de voz, perdia a sua e assumia uma outra, enrouquecida, ousada, quase crapulosa. A tarde caía. Que prazer senti-la juntinho a mim, com sua écharpe e sua touca, lembrando-me que é sempre assim, lado a lado, que se encontram os que se amam! Talvez eu sentisse amor por Albertine, mas não tinha coragem de dá-lo a perceber, se bem que, se existisse em mim, não podia ser senão como uma verdade sem valor até que fosse possível verificá-la pela experiência; ora, isto me parecia irrealizável e fora dos planos da minha vida.

Quanto ao meu ciúme, forçava-me a deixar Albertine o menos possível, embora soubesse que ela não o haveria de curar totalmente senão separando-me dela para sempre. Podia até senti-lo junto dela, mas então cuidava para que não se renovassem as circunstâncias que o tivessem despertado em mim. Foi assim que, num dia de bom tempo, saímos para almoçar em Rivebelle. As grandes portas envidraçadas do refeitório, daquele hall em forma de corredor que servia para os chás, estavam abertas de par em par para a relva dourada pelo sol e das quais o vasto restaurante luminoso parecia fazer parte. O garçom de rosto róseo, de cabelos negros revoltos como chamas, movia-se por toda aquela vasta extensão menos depressa que antigamente, pois não era mais simples garçom, mas um chefe de mesa; não obstante, devido a sua atividade natural, às vezes de longe, no refeitório, às vezes mais perto, porém do lado de fora, servindo à fregueses que tinham preferido almoçar no jardim, a gente o avistava ora aqui, ora ali, como estátuas sucessivas de um jovem deus corredor, umas no interior, aliás bem iluminado, de uma sala que se prolongava em grama verde, outras sob as folhagens, na claridade da vida ao ar livre. Por um instante, esteve ao nosso lado. Albertine respondeu distraidamente ao que eu lhe dizia. Ela o mirava com os olhos crescidos. Durante alguns minutos, senti que é possível estar junto da pessoa amada e todavia não tê-la consigo. Pareciam estar num tête-à-tête misterioso, tornado mudo pela minha presença, e talvez continuação de encontros antigos que eu não conhecia, ou apenas de um olhar que ele lhe lançara e do qual eu era o terceiro importuno e de quem se escondem. Mesmo quando, chamado com violência por seu patrão, ele se afastou, Albertine, embora continuasse a almoçar, já não parecia considerar o restaurante e os jardins senão como pista iluminada, onde aparecia aqui e ali, em cenários variados, o deus corredor de cabelos negros. Num momento, cheguei a perguntar-me se, para segui-lo, ela não iria me deixar sozinho na mesa. Porém nos dias seguintes comecei a esquecer para sempre essa impressão penosa, pois havia decidido jamais voltar a

Rivebelle e fizera com que Albertine, que me assegurou ter ido ali pela primeira vez, me prometesse que não voltaria nunca mais. E neguei que o garçom de pés ágeis só tivesse olhos para ela, para que Albertine não julgasse que minha companhia a houvesse privado de um prazer. Aconteceu-me voltar por vezes a Rivebelle, porém só, e beber demais, como já o fizera. Esvaziando um último copo, eu contemplava uma rosácea pintada na parede branca e reportava a ela o prazer que experimentava. Somente ela, no mundo, existia para mim; eu a perseguia, a tocava e a perdia sucessivamente com meu olhar fugidio e era indiferente ao futuro, contentando-me com a rosácea como uma borboleta que gira ao redor de uma borboleta pousada, com a qual vai acabar a vida num ato de suprema volúpia. Ora, eu achava perigoso deixar que se instalasse em mim, mesmo sob uma forma leve, um mal que se assemelha a esses estados patológicos habituais a que não se costumam dar atenção, mas a que, se sobrevém o menor acidente, imprevisível e inevitável, bastam para lhe conferir logo uma extrema gravidade. O momento talvez fosse particularmente bem escolhido para renunciar a uma mulher, a quem nenhum sofrimento muito recente e muito vivo me obrigava a pedir esse bálsamo contra um mal que possuem aquelas que o provocaram. Eu me sentia tranqüilizado por esses mesmos passeios que, embora no momento só os considerasse como uma espera de um amanhã que, apesar do desejo que me inspirava, não deveria ser diferente da véspera, tinham o encanto de serem arrancados aos lugares onde até então se encontrava Albertine, e onde eu não estava com ela, na casa de sua tia, na casa das amigas. Encanto não de uma alegria positiva, mas apenas do apaziguamento de uma inquietação, e contudo bem intenso. Pois a alguns dias de distância, quando voltava a pensar na granja diante da qual tínhamos bebido cidra, ou simplesmente nos poucos passos que déramos defronte de Saint-Mars-le-Vêtu. Lembrando-me que Albertine caminhava a meu lado com sua touca, o sentimento de sua presença acrescentava de súbito uma certa virtude à imagem indiferente da igreja nova, que, no momento em que a fachada ensolarada vinha desse modo pousar por si mesma em minha lembrança, era como uma grande compressa calmante que houvesse aplicado ao meu coração. Eu deixava Albertine em Parville, mas para ir encontrá-la de tarde e estender-me a seu lado na praia e no escuro. Claro que não a via diariamente, e no entanto podia dizer comigo: "Se ela contasse o emprego de seu tempo, de sua vida, era ainda eu quem ocuparia o maior lugar"; e passávamos juntos longas horas seguidas que davam aos meus dias uma tão doca embriaguez que até quando, em Parville, ela saltava do auto que eu ia lhe enviar de novo uma hora depois, já não me sentia sozinho no carro, como se, antes de desembarcar, ela tivesse deixado flores ali. Poderia ter deixado de vê-la todos os dias; e seria feliz, pois sentia que o efeito calmante dessa felicidade podia prolongar-se por vários dias. Mas então ouvia Albertine, ao deixar-me, dizer à sua tia ou a uma amiga:

- Então, amanhã às oito e meia. Não podemos chegar tarde, eles estarão prontos às oito e quinze. -

A conversação de uma mulher amada se parece a um solo que recobre uma água subterrânea e perigosa; a todo momento, sente-se por detrás das palavras a presença e o frio penetrante de um lençol invisível; percebe-se aqui e ao seu pérfido transudar, mas ele próprio permanece oculto. Tão logo ouvia a frase de Albertine, a minha calma ficava destruída. Desejava pedir para ir vê-la na manhã seguinte, a fim de impedi-la de comparecer a esse misterioso encontro das oito e meia de que se falara na minha frente em meias palavras. Sem dúvida, me obedeceria das primeiras vezes, lastimando, no entanto, ter de renunciar a seus projetos; depois teria descoberto minha necessidade permanente de estragá-los; e eu me transformaria naquele para quem se esconde tudo. E, além disso, é provável que essas festas das quais me via excluído consistissem em muito pouca coisa, e que era talvez por receio de que eu me encontrasse com uma certa convidada vulgar ou maçante que não me convidavam. Infelizmente, essa vida tão mesclada à de Albertine não exercia efeitos apenas sobre mim; ela me tranqüilizava; porém causava à minha mãe inquietações cuja confissão a destruía. Como eu voltasse contente para casa, decidido a terminar de um dia para o outro uma existência cujo fim eu julgava depender exclusivamente da minha vontade, minha mãe me disse, ao ouvir-me dizer ao chofer que fosse buscar Albertine após o jantar:

- Como gastas dinheiro! (Françoise, em seu linguajar simples e expressivo, dizia com mais força: "O dinheiro voa.") - Procura - continuou mamãe - não ficar como Charles de Sévigné, cuja mãe dizia: "Sua mão é um crisol onde o dinheiro se derrete." E depois, creio que de fato saíste bastante com Albertine. Asseguro-te que é exagerado, que até mesmo para ela pode parecer ridículo. Fico encantada que isso te distraia, não te peço que não a vejas mais, mas enfim que não seja impossível um ficar sem o outro. -

Minha vida com Albertine, vida carente de grandes prazeres pelo menos de grandes prazeres percebidos; essa vida que eu tencionava mudar de um dia para o outro, escolhendo uma hora de calma, tornou-se-me de repente necessária por algum tempo, quando se achou ameaçada pelas palavras de mamãe. Disse à minha mãe que suas palavras acabavam de atrasar talvez de dois meses a decisão que pediam e que, sem elas, seria tomada antes do fim da semana. Mamãe pôs-se a rir (para não me deixar triste) do efeito instantâneo de seus conselhos, e prometeu-me não voltar a falar no assunto, para não impedir que renascesse a minha boa intenção. Mas, desde a morte de minha avó, cada vez que mamãe se deixava rir, o riso principiado estacava de súbito e terminava com uma expressão quase soluçante de sofrimento, ou devido ao remorso de, por um instante, ter podido esquecer, ou pela recrudescência com que esse esquecimento

tão breve reavivara ainda mais a sua cruel preocupação. Mas, à que lhe causava a lembrança da minha avó, instalada em minha mãe como uma idéia fixa, senti que desta vez se acrescentava uma outra, relativa a mim, por causa de seus temores pelas conseqüências de minha intimidade com Albertine; intimidade que ela, no entanto, não se animava a estorvar devido ao que lhe acabara de dizer. Mas não pareceu persuadida de que eu não estava enganado. Lembrava-se durante quantos anos minha avó e ela não me haviam mais falado de meu trabalho e de uma norma de vida mais higiênica e que, dizia eu, só a agitação em que me punham as suas exortações bastava para me impedir de começá-la, e que, apesar de seu silêncio obediente, eu não havia seguido.

Depois do jantar, o auto trazia de volta Albertine; ainda havia um pouco de claridade. O ar estava menos quente, mas, após um dia abrasador, nós dois sonhávamos com frescores ignorados. Então, a nossos olhos empobrecidos, a lua muito estreita apareceu, a princípio (como na noite em que eu fora à casa da princesa de Guermantes e Albertine me telefonara) como a leve e delgada casca, depois como o quarto fresco de uma fruta que uma faca invisível começasse a descascar no céu. Também às vezes, era eu quem ia buscar a minha amiga, então um pouco mais tarde; ela devia esperar-me diante das arcadas do mercado, em Maineville. Nos primeiros instantes, eu não a distinguia; já me inquietava que não devesse aparecer, que tivesse compreendido mal. Então, via-a, com sua blusa branca de pintas azuis, saltar para o meu lado, no carro, num leve pulo que mais parecia o de um animalzinho que de uma moça. E era ainda como uma cadelinha que ela principiava logo a me acariciar sem fim. Quando a noite descia completamente e, como dizia o gerente do hotel, o céu ficava todo semeado de estrelas, se não íamos passear na floresta com uma garrafa de champanha, sem nos preocuparmos com os passeantes que deambulavam ainda sobre o molhe fracamente iluminado, mas que nada poderiam vislumbrar a dois passos sobre a areia escura, ficávamos estendidos ao pé das dunas; aquele mesmo corpo, em cuja flexibilidade vivia toda a graça feminina, marinha e esportiva das moças que eu vira passar pela primeira vez diante do horizonte das ondas, mantinha-o apertado contra o meu, sob a mesma coberta, exatamente à beira do mar imóvel, visível por um trêmulo reflexo; e o escutávamos sem cansar e com o mesmo prazer, seja quando retinha sua respiração, suspensa por tempo bastante para que se julgasse estancado o refluxo, seja quando enfim exalava a nossos pés o murmúrio esperado e atrasado. Eu acabava por levar Albertine à Parville. Chegado diante de sua casa, era necessário interromper nossos beijos de medo que nos vissem; não tendo vontade de ir deitar-se, ela voltava comigo até Balbec, de onde a levava uma última vez até Parville; os motoristas desses primeiros tempos do automóvel eram pessoas que iam deitar-se a qualquer hora. E, de fato, eu só voltava para Balbec com a primeira umidade da manhã, dessa vez sozinho, mas envolto ainda

pela presença de minha amiga, repleto de uma quantidade de beijos longa para se esgotar. Na minha mesa encontrava um telegrama ou um cartão-postal. Era de Albertine ainda! Ela os escrevera em Quetteholme, enquanto eu saíra sozinho de auto e para me dizer o que pensava de mim. Eu me deitava na cama relendo-os. Então percebia, acima das cortinas, o primeiro clarão do dia e dizia comigo que devíamos nos amar, apesar de tudo, pois tínhamos passado a noite aos beijos. Quando via Albertine no molhe, na manhã seguinte, sentia tanto medo de que ela me dissesse que não estava livre aquele dia, não podendo aquiescer aos meus pedidos para passearmos juntos, que atrasava esse pedido o mais que podia. Sentia-me tanto mais inquieto porque ela estava com um aspecto frio e preocupado; passavam pessoas que a conheciam; sem dúvida, havia ela formado, para a tarde, projetos dos quais eu estava excluído. Eu a olhava, olhava aquele corpo encantador, aquele rosto rosado de Albertine, erguendo à minha face o enigma de suas intenções, a decisão desconhecida que deveria fazer a felicidade ou a desgraça da minha tarde. Era todo um estado de espírito, todo um futuro de existência que assumira diante de mim a forma alegórica e fatal de uma moça. E, quando por fim me decidia, quando com o ar mais indiferente possível perguntava:

- Vamos passear juntos daqui a pouco e de noite? e ela me respondia:

- Com muito gosto -, então toda a brusca reviravolta, na figura rósea, da minha longa inquietude por uma quietude deliciosa, tornava-me ainda mais preciosas essas formas a que eu devia perpetuamente o bem-estar, o sossego que se experimenta depois que desaba um temporal. Eu repetia comigo mesmo: "Como ela é gentil, como é adorável!" numa exaltação menos fecunda do que a devida à embriaguez, apenas mais profunda que a da amizade, mas muito superior à da vida mundana. Só não contratávamos o automóvel quando havia jantar na casa dos Verdurin e nos dias em que, não estando Albertine livre para sair comigo, eu aproveitava para avisar as pessoas que queriam me ver de que permaneceria em Balbec. Nesses dias eu dava licença a Saint-Loup para que fosse me visitar; mas somente nesses dias. Pois, numa vez em que ele chegara de surpresa, eu teria preferido privar-me de ver Albertine do que arriscar-me a que ele a encontrasse e que ficasse comprometido o estado de calma feliz em que me achava desde algum tempo e que se renovasse o meu ciúme. E só havia sossegado depois que Saint-Loup se fora. Assim, ele se limitava, com pesar mas escrupulosamente, a nunca vir a Balbec sem que o chamasse. Outrora, pensando com inveja nas horas que a Sra. de Guermantes passava com ele, quanto valor dava eu à sua presença! As criaturas não cessam de mudar de lugar em relação a nós. Na marcha insensível porém eterna do mundo, consideramo-las como imóveis num instante de visão, curto demais para que seja percebido o momento que as carrega. Porém, basta escolher na nossa memória duas imagens suas tomadas

em instantes diversos, todavia bastante próximos, para que não tenham mudado, ao menos sensivelmente, e a diferença das duas imagens mede o deslocamento que operaram em relação a nós. Ele me inquietou horrivelmente ao falar dos Verdurin; receei que me pedisse para ser recebido em casa deles, o que seria suficiente, por causa do ciúme que eu não deixava de sentir, para estragar todo o prazer que ali encontrava com Albertine. Felizmente, porém, Robert me confessou, pelo contrário, que desejava acima de tudo não conhecê-los.

- Não - disse ele -, acho exasperantes esses meios clericais. -

A princípio não compreendi esse adjetivo "clerical" aplicado aos Verdurin, mas a continuação da frase de Saint-Loup esclareceu-me o seu pensamento, suas concessões às modas da linguagem, que a gente muita vez se espanta de ver empregadas pelos homens inteligentes.

- São meios - disse ele onde se forma uma tribo, onde se fazem congregações e capelinhas. Não me dirás que não é uma pequena seita; tudo mel para quem pertence ao grupo, e nenhum desprezo bastante para as pessoas de fora. A questão não é, como para Hamlet, ser ou não ser, mas ser deles ou não ser deles. Tu és deles, o meu tio Charlus é deles. Que queres? Jamais gostei disso, a culpa não é minha. Fica entendido que a regra que eu impusera a Saint-Loup, de só vir me visitar a meu chamado, eu a estabeleci estritamente para qualquer pessoa com quem aos poucos me relacionava na Raspeliere, em Féterne, em Montsurvent e arredores; e, quando avistava do hotel a fumaça do trem das três horas que, na anfractuosidade das falésias de Parville, deixava seu penacho estável que permanecia por muito tempo enganchado no flanco das verdes vertentes, não tinha nenhuma hesitação quanto ao visitante que vinha tomar chá comigo e que, à maneira de um deus, ainda estava oculto sob aquela nuvenzinha. Sou obrigado a confessar que esse visitante, previamente autorizado a vir por mim, não foi quase nunca Saniette, e muitas vezes censurei-me por isto. Mas a consciência que tinha Saniette de aborrecer (naturalmente ainda mais vindo fazer uma visita do que contando uma história) fazia com que, embora fosse mais instruído, mais inteligente e melhor pessoa que os outros, parecia impossível experimentar junto dele não só algum prazer como outra coisa que não um *spleen* quase intolerável e que estragava toda a nossa tarde. Provavelmente, se Saniette confessasse francamente esse tédio que receava causar, a gente não temeria tanto as suas visitas. O tédio é um dos males menos graves que temos de suportar; o seu talvez só existisse na imaginação dos outros, ou lhe fora inoculado por eles graças a uma espécie de sugestão, que encontrava pasto em sua agradável modéstia. Mas ele tanto se empenhava em não dar a perceber que não era procurado, que não tinha coragem de oferecer-se. Certamente estava correto em não proceder como as pessoas que ficam tão contentes em desfazer-se em cumprimentos nos lugares públicos que, não nos tendo visto desde muito e

lobrigando-nos em um camarote com pessoas brilhantes a quem desconhecem, lançam-nos uma saudação furtiva e ruidosa, desculpando-se com a emoção e o prazer que sentiram ao ver-nos, ao constar que reatamos os prazeres sociais, que temos bom aspecto, etc. Mas Saniette, ao contrário, carecia muito de audácia. Poderia, na casa da Sra. Verdurin ou no trenzinho, dizer-me que sentiria muito prazer em ir visitar-me em Balbec, caso não me fosse incômodo. Tal proposta não teria me assustado. Pelo contrário, ela nada oferecia, mas com uma fisionomia torturada e um olhar tão indestrutível como um esmalte cozido, em cuja composição, porém, entrava, com um desejo palpitante de nos ver a menos que não achasse alguém mais divertido; a vontade de não deixar perceber esse desejo, dizia-me com ar desligado:

- O senhor não sabe o que vai fazer nestes dias? Porque sem dúvida irei para perto de Balbec. Mas não tem importância, eu só estava perguntando por acaso. -

Aquele ar não me enganava, e os signos inversos com ajuda dos quais exprimimos nossos sentimentos pelo seu oposto são de uma leitura tão clara, que é de perguntar-se como ainda existem pessoas que dizem, por exemplo: "Tenho tantos convites que não sei o que fazer", para dissimular que não são convidados. Porém, mais ainda, aquele ar desligado, possivelmente devido ao que entrava em sua turva composição, nos causava o que jamais teria podido fazer o temor ao tédio ou a confissão franca do desejo de nos ver, isto é, essa espécie de mal-estar, de repulsa, que, na ordem das relações de simples polidez social, é o equivalente ao que, no amor, é o oferecimento disfarçado, que faz a uma dama o amoroso a quem ela não ama, de vê-la no dia seguinte, enquanto, ao mesmo tempo, protesta que não faz questão disso, ou nem sequer esse oferecimento, mas uma atitude de falsa frieza. E logo emanava da pessoa de Saniette um não sei quê, fazendo com que a gente lhe respondesse com o ar mais afetuoso do mundo:

- Não, infelizmente, esta semana, vou explicar-lhe... -

E eu deixava que viessem, em vez de Saniette, pessoas que estavam longe de ter o seu valor, mas que não possuíam o seu olhar carregado de melancolia e sua boca encrespada da amargura inteira de todas as visitas que ele tinha vontade, calando-a, de fazer a uns e outros. Infelizmente, era bem raro que Saniette não encontrasse no "tortinho" o convidado que vinha me visitar, se é que este já não me dissera na casa dos Verdurin:

- Não se esqueça de que vou visitá-lo na quinta-feira -, dia em que eu precisamente havia dito a Saniette que não estava livre. De modo que ele acabava por imaginar a vida como cheia de divertimentos organizados à sua revelia, se não mesmo contra ele. Por outro lado, como a gente nunca é completamente uno, aquele discreto exagerado era doentiamente indiscreto. A única vez em que por acaso veio visitar-me, contra a minha vontade, uma carta,

não sei de quem, estava atirada sobre a mesa. Ao cabo de um momento, percebi que ele só distraidamente escutava o que lhe dizia. A carta, cuja procedência ele ignorava por completo, o fascinava, e eu julgava que a qualquer instante as suas pupilas esmaltadas iam saltar das órbitas para se unirem à carta sem importância, mas que sua curiosidade imantava. Dir-se-ia um pássaro que vai se lançar fatalmente ao encontro de uma serpente. Por fim, não pôde mais conter-se e primeiro mudou-a de lugar, como para pôr ordem no meu quarto. Não lhe bastando isso, pegou-a, virou-a, revirou-a, como se o fizesse maquinalmente. Uma outra forma de sua indiscrição era que, uma vez grudado na gente, não conseguia ir embora. Como me achasse adoentado naquele dia, pedi-lhe que tomasse o trem seguinte, que partia dentro de meia hora. Ela não duvidou de que eu estivesse mal, porém respondeu:

- Ficarei uma hora e um quarto, depois partirei. -

Depois, sofri de não lhe haver dito, de cada vez que o podia fazer, que viesse. Quem sabe? Talvez eu tivesse conjurado sua má sorte, e o houvessem convidado outros por quem imediatamente me largaria, de forma que meus convites teriam tido a dupla vantagem de lhe proporcionar alegria e de me desembaraçar dele. Nos dias seguintes aos quais eu havia recebido, naturalmente não esperava visitas, e o automóvel vinha nos buscar a mim e a Albertine. E, quando regressávamos, Aimé, no primeiro degrau da escada, não podia deixar de espiar, com olhos apaixonados, curiosos e glutões, que tipo de gorjeta eu dava ao chofer. Por mais que eu encerrasse a moeda ou a nota na mão fechada, os olhares de Aimé afastavam meus dedos. Desviava a cabeça após um segundo, pois era discreto, bem-educado, e até mesmo se contentava com benefícios relativamente pequenos. Mas o dinheiro recebido por outrem excitava nele uma curiosidade irreprimível, dando-lhe água na boca. Nesses curtos instantes, tinha o ar atento e febril de uma criança que lê um romance de Júlio Verne, ou de uma pessoa que janta tão longe de nós, num restaurante, e que, vendo que nos trincham um faisão, que ele próprio não quer ou não pode saborear, abandona por um instante seus pensamentos sérios para pregar na ave um olhar que o amor e a inveja tornam risonho. Assim ocorriam diariamente aqueles passeios de automóvel. Mas uma vez, quando eu subia pelo elevador, o ascensorista me disse:

- Aquele cavalheiro esteve aqui, e deixou um recado para o senhor. -

O ascensorista me disse tais palavras com voz absolutamente mudada, tossindo cuspindo-me na cara.

- Que resfriado que peguei! - acrescentou, como se eu não fosse capaz de percebê-lo por mim mesmo. -

O doutor disse que é coqueluche e recomeçou a tossir e a cuspir em mim.

- Não se canse falando - disse-lhe eu com ar de bondade fingida.

Temia pegar a coqueluche, a que, com minha tendência às sufocações, me seria bastante penosa. Mas ele empenhou todo o seu orgulho, como um virtuoso que não quer se confessar doente, em falar e cuspir o tempo todo.

- Não, isso não quer dizer nada - disse ele (para você, talvez, pensei, mas não para mim). - Aliás, vou em breve de volta a Paris (tanto melhor, desde que não me passe a coqueluche antes). - Parece - continuou - que Paris é bem magnífica. Deve ser mais magnífica ainda do que aqui e em Monte-Carlo, embora alguns companheiros e mesmo fregueses, e até mordomos que iam a Monte-Carlo devido à estação, tenham me dito muitas vezes que Paris era menos magnífica que Monte-Carlo. Talvez estivessem enganados e, no entanto, para ser mordomia não se pode ser imbecil; para guardar todos os pedidos, reservar todas as mesas, é preciso ter uma cabeça! Disseram-me que era ainda mais terrível do que escrever peças e livros. -

Tínhamos quase chegado ao meu andar, quando o ascensorista me fez descer até embaixo, porque achou que o botão funcionava mal, e consertou-o num piscar de olhos. Disse-lhe que preferia subir a pé, o que queria dizer, e ocultar, que preferia não pegar coqueluche. Mas, com um acesso de tosse cordial e contagioso, ele me impeliu para o elevador.

- Agora, não há mais perigo, consertei o botão. -

Vendo que ele não parava de falar, preferindo conhecer o nome do visitante e o recado que deixara, em vez do paralelo entre as belezas de Balbec, Paris e Monte-Carlo, disse-lhe (como a um tenor que nos importuna com Benjamin Godard: cante de preferência Debussy):

- Mas quem foi que veio me visitar?

- É o cavalheiro com quem o senhor saiu ontem. Vou buscar o seu cartão, que está com o porteiro. -

Como na véspera eu dei de cara Saint-Loup na estação de Doncieres, antes de ir buscar Albertine, julguei que o ascensorista falava de Saint-Loup, mas tratava-se do chofer. E, designando-o com estas palavras: "O cavalheiro com quem o senhor saiu ontem", ele ao mesmo tempo ensinava-me que um operário é tão exatamente um cavalheiro como um homem da alta sociedade. Lição de palavras, simplesmente. Pois, quanto à coisa, eu nunca fizera distinção entre as classes. E, se tivera, ao ouvir chamar um chofer de cavalheiro, o mesmo espanto do conde X... (que não o era senão há oito dias e a quem, tendo dito: "a condessa parece cansada", fiz virar a cabeça para trás para ver de quem eu falava), era apenas por falta de hábito do vocabulário; jamais fizera diferença entre os operários, os burgueses e os fidalgos, e teria tomado indiferentemente uns e outros por amigos, com uma certa preferência pelos operários, e depois pelos fidalgos, não por gosto, mas sabendo que se pode exigir deles mais polidez para

com os operários do que da parte dos burgueses, seja porque os fidalgos não desdenham os operários como o fazem os burgueses, ou então porque são de boa vontade atenciosos para com qualquer pessoa, como as mulheres bonitas se sentem felizes em dar um sorriso que sabem ser acolhido com tanta alegria. Aliás, não posso dizer que esse modo que eu tinha de colocar a gente do povo em pé de igualdade com as pessoas da sociedade, se foi muito bem admitida por esta, sempre satisfizesse plenamente a minha mãe. Não que, humanamente, ela fizesse qualquer diferença entre as criaturas e, sempre que Françoise tinha algum desgosto ou se achava enferma, era consolada e cuidada por mamãe com a mesma amizade, o mesmo devotamento que sua melhor amiga. Mas minha mãe era muito filha de meu avô para que socialmente não levasse em conta as castas. Por mais que as pessoas de Combray tivessem coração, sensibilidade e assimilassem as mais belas teorias sobre a igualdade humana, quando um lacaio se emancipava, dizia uma vez "você" e insensivelmente passava a não me tratar mais na terceira pessoa, minha mãe mostrava, diante dessas usurpações, o mesmo descontentamento que explode, nas *Memórias de Saint-Simon*, cada vez que um senhor que não tem direito utiliza um pretexto para assumir a qualidade de "Alteza", numa ata autêntica, ou para não render aos duques o que lhes devia e de que pouco a pouco se dispensa. Existia um "espírito de Combray" tão refratário que serão necessários séculos de bondade (a de minha mãe era infinita), de teorias igualitárias, para chegar a dissolvê-lo. Não posso dizer que em minha mãe não tivessem permanecido indissolúveis certas parcelas desse espírito. Tão dificilmente daria ela a mão a um lacaio como facilmente lhe entregava dez francos (o que a este, aliás, causava muito mais prazer). Para ela, quer o confessasse ou não, os patrões eram os patrões, e os criados eram aqueles que comiam na cozinha. Quando ela via um chofer de automóvel jantar comigo no refeitório, não ficava nada contente e me dizia:

- Acho que poderias ter coisa melhor que um motorista para amigo - como teria dito, se se tratasse de um casamento: poderias encontrar melhor partido. -

O chofer (felizmente nunca pensei em convidá-lo) viera me dizer que a Companhia de autos, que o enviara a Balbec para a estação, dera-lhe ordem para voltar a Paris no dia seguinte. Esse motivo, tanto mais que o chofer era encantador e se exprimia de maneira tão simples que a gente pensava sempre estar ouvindo palavras do Evangelho, pareceu-nos de acordo com a verdade. Era só meia verdade, no entanto. De fato, ele nada mais tinha a fazer em Balbec. E, em todo caso, não tendo a Companhia senão meia confiança na veracidade do jovem evangelista, apoiado em sua roda consagradora, queria que ele voltasse o mais depressa possível a Paris. E, com efeito, se o jovem apóstolo realizava miraculosamente a multiplicação dos quilômetros quando os computava para o Sr. de Charlus, em compensação, desde que se tratava de prestar contas à

Companhia, ele dividia por seis o que havia ganho. O resultado é que a Companhia, pensando ou que ninguém mais dava passeios em Balbec, o que a estação tornava inverossímil, ou que era lesada, achava, num ou noutro caso, que o melhor era chamá-lo de volta a Paris, onde aliás não se fazia grande coisa. O desejo do chofer era evitar a estação morta. Já disse o que ignorava então e cujo conhecimento teria me poupado muitos desgostos que ele era muito ligado a Morel (sem que jamais parecessem conhecer-se diante dos outros). A partir do dia em que ele foi chamado, sem saber ainda que dispunha de um meio para ficar em Balbec, fomos obrigados a nos contentar com o aluguel de um carro para nossos passeios, ou às vezes, para distrair Albertine, e como ela gostasse de equitação, de cavalos de sela. Os carros eram ruins.

- Que calhambeque! - dizia Albertine.

Aliás, muitas vezes eu bem gostaria de ficar a sós. Sem querer fixar uma data, aspirava a que tivesse fim aquela vida, pela qual me censurava de renunciar, não tanto ao trabalho, mas aos prazeres. No entanto, ocorria também que os hábitos que me retinham fossem de súbito abolidos, principalmente quando algum antigo eu, cheio do desejo de viver alegremente, substituía por um instante o eu atual. Experimentei especialmente esse desejo de evasão num dia em que, tendo deixado Albertine na casa da tia, fui a cavalo visitar os Verdurin e tomara pelos bosques um atalho agreste de que eles me haviam elogiado a beleza. Esposando as formas da falésia, ora o caminho subia, ora, estreitado entre espessas moitas de árvores, aprofundava-se em gargantas selvagens. Por um momento, os rochedos despidos que me cercavam e o mar que se avistava entre as suas chanfraduras flutuaram diante de meus olhos como fragmentos de outro universo: eu havia reconhecido a paisagem montanhosa e marinha que Elstir atribuíra por moldura a essas duas admiráveis aquarelas: "Poeta encontrando uma Musa" e "Rapaz encontrando um Centauro", que eu tinha visto na casa da duquesa de Guermantes. De tal maneira a sua lembrança recolocava fora do mundo atual os lugares em que me encontrava, que não me espantaria se, como o jovem de idade pré-histórica que Elstir havia pintado, tivesse cruzado no meu passeio com um personagem mitológico.

De repente, meu cavalo se cabritou; tinha ouvido um barulho singular, e eu senti dificuldades para dominá-lo e não ser jogado ao chão; depois ergui os olhos cheios de lágrimas para o ponto de onde parecia vir esse barulho, e vi, a uns cinqüenta metros acima da cabeça, ao sol, entre duas grandes asas de aço fulgurante que o carregavam, uma criatura cujo rosto indistinto me pareceu assemelhar-se ao de um homem. Fiquei tão emocionado como o poderia ter ficado um grego que visse pela primeira vez um semideus. E também chorava, pois estava prestes a chorar no momento em que reconhecera que o barulho se fazia acima da minha cabeça os aeroplanos ainda eram escassos naquele tempo,

à idéia de que aquilo que ia ver pela primeira vez era um aeroplano. Então, como quando se sente que vem no jornal uma frase emocionante, só esperava avistar o aeroplano para me debulhar em lágrimas. Entretanto, o aviador pareceu hesitar quanto à direção a tomar; eu sentia abertas à sua frente diante de mim, se o hábito não me aprisionasse todas as rotas do espaço, da vida; ele avançou, pairou por um instante sobre o mar e, depois, tomando bruscamente uma decisão, parecendo ceder a alguma atração contrária à da gravidade, como que regressando à sua terra, ele se afastou direto para o céu com um leve movimento de suas asas douradas. Para voltar agora ao mecânico, ele não só pediu a Morel que os Verdurin substituíssem o seu *break* por um auto (o que, dada a generosidade dos Verdurin quanto aos fiéis, era relativamente fácil), porém, o que era mais complicado, que o seu principal cocheiro, aquele rapaz sensível e de pensamentos melancólicos, fosse trocado por ele, motorista. Isto foi realizado em poucos dias pela seguinte forma. Morel começara por mandar roubar tudo o que era necessário para que o cocheiro atrelasse. Um dia, este não achava o freio, noutro dia a barbela. De outras vezes, era a almofada da sela que desaparecia, e até o seu chicote, sua manta, o martinete, a ponta da ferradura, a pele de camurça. Mas ele sempre se arrumava com os vizinhos; contudo, chegava atrasado, o que excitava contra ele a irritação do Sr. Verdurin, mergulhando-o num estado de tristeza e idéias negras. O chofer, intimado a regressar, declarou a Morel que ia voltar a Paris. Era preciso dar um grande golpe. Morel convenceu os criados do Sr. Verdurin de que o jovem cocheiro havia afirmado que os faria cair a todos numa cilada e se gabava de poder enfrentar todos os seis, e lhes disse que eles não poderiam deixar passar aquilo. De sua parte, não podia meter-se no negócio, mas prevenia-os a fim de que tomassem a dianteira. Combinou-se que, enquanto o Sr. e a Sra. Verdurin e seus amigos estivessem dando um passeio, cairiam todos sobre o rapaz na cavalariça. Direi, conquanto não passasse de uma ocasião para o que haveria de acontecer, mas porque as personagens me interessaram depois, que naquele dia um amigo dos Verdurin estava de férias na casa destes, e insistiram para que desse um passeio antes de sua partida, fixada para aquela mesma noite. O que muito me surpreendeu, quando todos saíram a passeio, foi que, nesse dia, Morel, que vinha conosco a pé, pois deveria tocar violino sob as árvores, me disse:

- Escute, estou com o braço machucado; não quero dizê-lo à Sra. Verdurin, mas peça-lhe que traga um de seus criados, Howsler, por exemplo, para carregar meus instrumentos.

- Creio que outro seria mais bem escolhido - respondi -, pois precisam dele para o jantar. - Uma expressão de cólera passou pelo rosto de Morel.

- De modo nenhum; não desejo confiar meu violino a qualquer pessoa. -

Compreendi tarde demais a razão daquela preferência. Howsler era o irmão

bem-amado do jovem cocheiro e, se ficasse em casa, poderia ir em seu socorro. Durante o passeio, bem baixinho para que o Howsler mais velho não nos ouvisse:

- Eis um bom rapaz - disse Morel. - De resto, seu irmão o é igualmente. Se não tivesse o funesto hábito de beber...

- Como? Beber? - perguntou a Sra. Verdurin, empalidecendo à idéia de ter um cocheiro que bebesse.

- A senhora não percebe nada. Sempre digo para mim mesmo que é um milagre que não lhe aconteça um acidente enquanto a está conduzindo.

- Mas então ele leva outras pessoas?

- Basta ver quantas vezes já caiu, tem o rosto sempre cheio de equimoses. Não sei como já não se matou; até quebrou os varais.

- Eu não o vi hoje - disse a Sra. Verdurin, trêmula ante a idéia do que poderia ter ocorrido com ela própria. - O senhor me deixa consternada. -

Quis abreviar o passeio a fim de voltar para casa, e Morel escolheu uma ária de Bach com variações infinitas para fazê-la durar. Logo ao chegar, ela dirigiu-se à cocheira, viu os varais novos e Howsler ensangüentado. Ia dizer-lhe, sem fazer qualquer observação, que já não precisava de cocheiro e entregar-lhe o salário, mas ele próprio, não querendo acusar os camaradas, a cuja animosidade atribuía retrospectivamente o roubo diário de todas as selas, etc., e vendo que sua paciência só o levava a deixar-se cair como morto no chão, pediu para ir embora, o que simplificou tudo. O chofer entrou no dia seguinte e, mais tarde, a Sra. Verdurin (que fora obrigada a contratar outro) ficou tão satisfeita com ele que o recomendou calorosamente a mim como pessoa de absoluta confiança. Eu, que ignorava tudo, contratei-o por dia em Paris; mas isso já é antecipar demais, pois tudo será relatado na história de Albertine.

Neste momento, estamos na Raspeliere, onde acabo de jantar pela primeira vez com minha amiga, e o Sr. de Charlus com Morel, filho suposto de um "intendente" que ganhava trinta mil francos fixos por ano, possuía um carro e numerosos mordomos subalternos, jardineiros, administradores e granjeiros sob suas ordens. Porém, visto que me antecipei desse modo, não quero todavia deixar o leitor sob a impressão de que Morel tivesse cometido uma perversidade absoluta. Ele era principalmente cheio de contradições, capaz em certos dias de uma verdadeira gentileza. Naturalmente, fiquei muito espantado ao saber que o cocheiro fora despedido, e bem mais ao reconhecer em seu substituto o chofer que nos levava a passeio, a mim e a Albertine. Mas ele me contou uma história complicada, segundo a qual regressara a Paris, de onde fora chamado pelos Verdurin, e não duvidei sequer por um segundo. A despedida do cocheiro deu motivo a que Morel conversasse um tanto comigo, a fim de manifestar-me sua

tristeza pela partida daquele excelente rapaz. De resto, mesmo afora os momentos em que eu estava sozinho e em que ele saltava literalmente sobre mim com uma expansão de alegria, Morel, vendo que todos me festejavam na Raspeliere e sentindo que ele se excluía voluntariamente da familiaridade de alguém que não lhe oferecia perigo, pois me fizera destruir as pontes e me tirara qualquer possibilidade de assumir ares protetores para consigo (ares que eu absolutamente não pensara em assumir), deixou de se manter afastado de mim. Atribuí sua mudança de atitude à influência do Sr. de Charlus, a qual, de fato, o tornava em certos casos menos limitado, mais artista; mas em outros, em que aplicava ao pé da letra as fórmulas eloqüentes, mentirosas e aliás momentâneas do mestre, o fazia ainda mais bobo. O que o Sr. de Charlus poderia lhe ter dito, foi com efeito a única coisa que supus. Como poderia então adivinhar o que depois me disseram (e de que nunca tive certeza, pois as afirmações de Andrée sobretudo que dissesse respeito a Albertine, especialmente mais tarde, sempre me pareceram sujeitas a aval, porquanto, como já vimos anteriormente, ela não gostava com sinceridade da minha amiga, e tinha-lhe inveja), o que, em todo caso, se era verdade, foi-me notavelmente oculto por ambos: que Albertine conhecia muito a Morel? A nova atitude que este adotou para comigo por ocasião da despedida do cocheiro permitiu-me mudar de opinião a seu respeito. Conservei de seu caráter a triste idéia que formara devido ao servilismo que ele havia mostrado quando precisara de mim, seguido, tão logo fora prestado o serviço, de um desdém que chegara ao ponto de fingir que não me via. Era necessário acrescentar, a isso, a evidência de suas relações de venalidade com o Sr. de Charlus, e também seus instintos de bestialidade inconseqüente, cuja não-satisfação (quando isso ocorria), ou as complicações que acarretavam, era a causa de suas tristezas; mas esse caráter não era tão uniformemente mau e cheio de contradições. Parecia-se a um velho livro da Idade Média, cheio de erros, de tradição absurda, de obscenidades; era extraordinariamente composto. A princípio, eu julgara que sua arte, em que de fato era verdadeiramente um mestre, lhe proporcionara superioridades que ultrapassassem o virtuosismo do executante. Certa vez em que manifestara meu desejo de me pôr a trabalhar, ele me disse:

- Trabalhe, torne-se ilustre.

- De quem é isso? - perguntei-lhe.

- De Fontanes, para Chateaubriand. -

Conhecia também uma correspondência amorosa de Napoleão. Bem, pensei, ele é letrado. Mas essa frase, que ele havia lido não sei onde, era sem dúvida a única que conhecia de toda a literatura antiga e moderna, pois repetia-a para mim todas as noites. Uma outra, que repetia mais vezes para impedir-me que dissesse alguma coisa a seu respeito para quem quer que fosse, era esta, que ela

igualmente acreditava ser literária, mas é apenas francesa ou pelo menos não oferece nenhum tipo de sentido, salvo talvez para um criado que faz mistério de tudo: "Desconfiemos dos desconfiados." No fundo, indo dessa máxima estúpida até a frase de Fontanes para Chateaubrind, ter-se-ia percorrido toda uma parte, variada mas menos contraditória do que parece, do caráter de Morel. Esse rapaz que, por qualquer dinheiro, teria feito fosse o que fosse, e sem remorsos talvez não sem uma estranha contrariedade, que chegasse à sobreexcitação nervosa, mas à qual não ficaria nada bem o nome de remorso; que teria, se fosse de seu interesse, mergulhado na dor e até mesmo no luto famílias inteiras, esse rapaz que colocava o dinheiro acima de tudo, e, para não falar em bondade, acima dos mais naturais sentimentos de pura humanidade, esse mesmo rapaz, no entanto, punha acima do dinheiro o seu diploma de primeiro prêmio do Conservatório e a preocupação de que não pudessem falar nada de desabonador a seu respeito na classe de flauta ou de contraponto. Assim, suas maiores cóleras, seus mais sombrios e injustificados acessos de mau humor provinham do que ele denominava (sem dúvida generalizando alguns casos particulares em que encontrara pessoas malévolas) a patifaria universal. Gabava-se de escapar-lhe, não falando jamais de ninguém escondendo o seu jogo e desconfiando de todo mundo. (Para minha desgraça, pelo que devia resultar disso após o meu regresso a Paris, sua desconfiança não "funcionara" em relação ao chofer de Balbec, no qual é certo que reconhecera um semelhante, ou seja, contrariamente à sua máxima, um desconfiado na boa acepção do termo, um desconfiado que se cala obstinadamente diante das pessoas honestas e logo depois se associa a um crápula.) Parecia-lhe e isso não era absolutamente falso que semelhante desconfiança lhe permitiria sempre livrar-se de qualquer situação, de escapulir, imperceptível, através das mais perigosas aventuras, e sem que nada pudessem contra ele, não só provar mas nem sequer dizer nada a seu respeito no estabelecimento da rua Bergere. Estudaria, tornar-se-ia ilustre, talvez fosse um dia, com respeitabilidade intacta, presidente do júri de violino em concurso daquele prestigioso Conservatório. Mas seria talvez inserir lógica demais no cérebro de Morel fazer saírem suas contradições umas das outras. Na realidade, sua natureza era de fato como um papel no qual se fizeram tantas dobras, em todos os sentidos, que é impossível desemaranhar qualquer coisa. Ele parecia ter princípios bastante elevados e, numa escrita magnífica, enfeiada pelos mais grosseiros erros de ortografia, passava horas escrevendo ao irmão, que este havia agido mal com as irmãs, que ele era o seu irmão mais velho, o seu arrimo; às irmãs, que estas haviam cometido uma inconveniência a seu respeito.

Dentro em pouco, no fim do verão, quando se descia do trem em Douville, o sol, amortecido pela bruma, já não era, no céu uniformemente cor-de-malva, senão um bloco vermelho. À grande paz que desce à noite sobre aqueles prados densos e salinos e que estimulara muitos parisienses, na maioria pintores, a fazerem uma

temporada em Douville, acrescentava-se uma umidade que os fazia voltar cedo para seus pequenos chalés. Em muitos destes, a lâmpada já se achava acesa. Apenas algumas vacas ficavam de fora contemplando o mar, a mugir, ao passo que outras, interessando-se mais pela humanidade, voltavam sua atenção para os nossos carros. Somente um pintor, que havia armado o cavalete numa delgada eminência, cuidava de tentar reproduzir aquela grande calma, aquela luz tranqüila. Talvez as vacas fossem lhe servir, inconsciente e benevolamente, de modelos, pois seu ar contemplativo e sua presença solitária, quando os humanos já tinham se recolhido, contribuíam a seu modo para a poderosa impressão de repouso que se desprende da noite. E, algumas semanas depois, a transposição não foi menos agradável, quando, com o avanço do outono, os dias tornaram-se bem curtos e foi necessário fazer essa viagem com a noite fechada. Se eu fosse dar uma volta de tarde, precisaria regressar para vestir-me às cinco horas o mais tardar, quando o sol redondo e rubro já descera para o meio do espelho oblíquo, outrora detestado, e, como um fogo grego, incendiava o mar em todos os vidros da minha biblioteca. Tendo algum gesto encantador suscitado, enquanto eu passava o meu *smoking*, o eu alerta e frívolo que era o meu quando ia jantar em Rivebelle com Saint-Loup, e a noite em que eu pensara levar a Srta. de Stermaria para jantar na ilha do Bois, pus-me a cantarolar inconscientemente a mesma canção daquele tempo; e foi somente ao percebê-lo que reconheci pela canção o cantor intermitente, o qual, de fato, só sabia aquela. Da primeira vez que a cantara, começava a amar Albertine, mas achava que jamais a conheceria. Mais tarde, em Paris, fora quando a deixara de amar e poucos dias depois de a ter possuído pela primeira vez. Agora, era amando-a de novo e no momento de ir jantar com ela, para grande mágoa do gerente, que julgava que eu acabaria por ir morar na Raspeliere e deixaria seu hotel, e que afirmava ter ouvido dizer que ali grassavam febres devidas aos pântanos do Bec, bem como a suas águas "acocoradas". Eu me sentia feliz com essa multiplicidade que via assim na minha vida que se desenrolava em três planos; e depois, quando nos tornamos por um momento um homem antigo, isto é, diferente do que somos desde muito, a sensibilidade, não estando mais amortecida pelo hábito, recebe, dos menores choques, impressões tão vivas que fazem empalidecer tudo o que as precedeu e às quais, devido à sua intensidade, nos prendemos com a exaltação de um bêbado.

Já era noite fechada quando subíamos para o ônibus ou o carro que nos levaria à gare a fim de tomarmos o trenzinho. No hall, o presidente do Conselho nos dizia:

- Ah, vão à Raspeliere! Com os diabos, essa Sra. Verdurin tem topete para obrigá-los a fazer uma hora de trem à noite, só para jantar. E depois, refazer o trajeto às dez horas, com um vento danado! Bem se vê que os senhores não têm nada para fazer - acrescentava, esfregando as mãos.

Sem dúvida, falava desse jeito pela contrariedade de não ser convidado, e também pela satisfação que ostentam os homens "ocupados" mesmo que pelo trabalho mais idiota de "não terem tempo" de fazer o que fazemos. Decerto é legítimo que o homem que redige relatórios, enumera cifras, responde a cartas de negócios, segue o movimento da Bolsa experimente, quando nos diz com uma risadinha:

- É bom para os senhores, que não têm o que fazer -, um agradável sentimento de superioridade. Porém esta se afirmaria igualmente desdenhosa, e mais ainda (pois o homem ocupado também janta fora), se a nossa distração consistisse em escrever o *Hamlet* ou apenas em lê-lo. Nisso os homens ocupados são faltosos de reflexão, pois a cultura desinteressada, que lhes parece cômico passatempo de gente ociosa quando a surpreendem no momento em que é praticada, deveriam eles pensar que é a mesma que, no seu próprio ofício, coloca acima do nível geral homens que talvez não sejam melhores magistrados ou administradores que eles, mas diante de cujo rápido progresso inclinam-se, dizendo:

- Parece que é um grande letrado, um indivíduo muito distinto. -

Mas, sobretudo, o presidente do Conselho não se dava conta de que o que me agradava naqueles jantares na Raspeliere era que, como dizia ele com razão, embora em tom de crítica, eles "representavam uma verdadeira viagem", uma viagem cujo encanto me parecia tanto mais vivo por não ser ela o seu próprio fim, e nem procurávamos nela nenhum prazer, estando este adstrito à reunião para a qual nos dirigíamos e que não deixava de ser muito modificada por toda a atmosfera que a cercava.

Já era noite agora, quando trocava o calor do hotel que se tornara o meu lar pelo vagão onde embarcava com Albertine e onde o reflexo da lanterna na vidraça indicava, em certas paradas do trenzinho impulsivo, que tínhamos chegado a uma estação. Para não corrermos o risco de que Cottard não nos avistasse, e não tendo ouvido anunciar a estação, eu abria a portinhola, mas o que se precipitava no vagão não eram os fiéis, e sim o vento, a chuva, o frio. Na obscuridade, eu distinguia os campos, ouvia o mar, estávamos em plena campina. Albertine, antes que nos reuníssemos ao pequeno núcleo, olhava-se num espelhinho tirado de um *nécessaire* de ouro que trazia consigo. De fato, nas primeiras vezes, tendo a Sra. Verdurin feito com que ela subisse para o seu gabinete de toalete a fim de que se arrumasse para jantar, eu experimentara, no seio da profunda tranqüilidade em que vivia desde algum tempo, um pequeno movimento de inquietação e ciúme ao ser obrigado a deixar Albertine ao pé da escada, e me sentira tão ansioso enquanto estava sozinho no salão em meio ao pequeno clã e perguntava a mim mesmo o que faria a minha amiga lá em cima, que, no dia seguinte, por telegrama, depois de pedir algumas indicações ao Sr. de Charlus sobre o que havia de mais elegante no gênero, encomendei à casa *Cartier* um

nécessaire que era a alegria de Albertine e também a minha. Era para mim um penhor de calma e também da solicitude da minha amiga. Pois ela certamente adivinhara que eu não gostava que ficasse sem minha companhia na casa da Sra. Verdurin, e se arranjava para fazer no vagão toda a sua toalete anterior ao jantar. No número dos *habitués* da Sra. Verdurin, e o mais fiel de todos, contava-se agora e desde vários meses o Sr. de Charlus. Regularmente, três vezes por semana, os viajantes que estacionavam nas salas de espera ou na plataforma de Doncieres-Oeste viam passar aquele homem corpulento, de cabelos grisalhos e bigode preto, os lábios rubros de uma pintura que se notava menos no fim da estação que no verão, quando a luz intensa a fazia mais crua, e o calor, meio líqüida. Enquanto se dirigia para o trenzinho, não podia deixar (só por hábito de conhecedor, visto que agora possuía um sentimento que o tornava casto ou, pelo menos, durante a maior parte do tempo, fiel) de lançar sobre os carregadores, os militares, os rapazes de uniforme de tênis um olhar furtivo, a um tempo inquisitorial e timorato, após o qual baixava logo as pálpebras sobre os olhos quase fechados, com a unção de um eclesiástico a desfiar o seu rosário, com a reserva de uma esposa votada ao seu único amor, ou de uma jovem bem-educada. Os fiéis tanto mais estavam convencidos de que ele não os vira, porque subia para um compartimento diverso do deles (como igualmente o fazia a princesa Sherbatoff), como homem que não sabe se ficariam satisfeitos ou não de serem vistos na sua companhia e que deixa a todos o direito de ir procurá-lo caso tenham vontade. Tal vontade não foi sentida nas primeiras vezes pelo doutor, que desejava deixássemos o barão a sós em seu compartimento. Dissimulando sua natureza vacilante desde que alcançara uma grande posição como médico, foi sorrindo, virando-se e olhando Ski por cima do *pince-nez*, que ele disse por malícia ou para surpreender de esguedelha a opinião dos companheiros:

- Vocês compreendem, se eu estivesse sozinho, solteiro... mas, por causa de minha mulher, pergunto-me se posso deixá-lo viajar conosco depois do que o senhor me disse - sussurrou o doutor.

- Que é que estás dizendo? - indagou a Sra. Cottard.

- Nada, isto não é contigo, não é assunto para as mulheres - respondeu o doutor, piscando o olho, com uma majestosa satisfação de si mesmo, que ficava entre o ar sonso que mantinha ante os alunos e os enfermos, e a inquietação que outrora acompanhava suas tiradas na casa dos Verdurin, e continuou a falar em voz baixa.

A Sra. Cottard só percebeu as palavras "da confraria" e "lingüinha", e, como na linguagem do doutor a primeira designava a raça judaica e a segunda as pessoas que falam pelos cotovelos, a Sra. Cottard concluiu que o Sr. de Charlus devia ser um judeu tagarela. Não entendeu que mantivessem o barão à parte por causa disso, e julgou de seu dever de decana do clã exigir que não o deixassem a sós, e

nos encaminhamos todos para o compartimento do Sr. de Charlus, guiados por Cottard, sempre perplexo. Do seu canto, onde lia um volume de Balzac, o Sr. de Charlus percebeu aquela hesitação; entretanto, não erguera os olhos. Mas, como os surdos-mudos reconhecem, devido a uma corrente de ar insensível aos demais, que alguém está chegando por trás deles, o barão possuía, para ser advertido da frieza que sentiam a seu respeito, uma verdadeira hiperacuidade sensorial. Esta, como tem o hábito de fazer em todos os domínios, engendrara sofrimentos imaginários no espírito do Sr. de Charlus. Como esses nevropatas que, sentindo um leve frescor, induzem que deve haver uma janela aberta no andar de cima, enfurecem-se e entram a espirrar, o Sr. de Charlus, se uma pessoa mostrasse diante dele um ar preocupado, concluía que tinham repetido a essa pessoa uma frase que ele pronunciara a seu respeito. Mas nem sequer havia necessidade de que tivesse um ar distraído, ou sombrio, ou risonho: ele os inventava. Em compensação, a cordialidade mascarava-lhe facilmente as maledicências que ele desconhecia. Tendo adivinhado da primeira vez a hesitação de Cottard, se, para grande espanto dos fiéis, que não se julgavam percebidos ainda pelo leitor de olhos baixos, ele lhes estendeu a mão quando chegaram a distância conveniente, limitou-se, quanto a Cottard, a uma inclinação de todo o corpo, logo vivamente endireitado, sem apertar com a mão enluvada de couro da Suécia a mão que o doutor lhe estendera.

- Fizemos questão absoluta de viajar em sua companhia, senhor, e não deixá-lo sozinho desse jeito no seu canto. É um grande prazer para nós - disse a Sra. Cottard bondosamente ao barão.

- Fico muito honrado - enunciou o barão, inclinando-se com ar frio.

- Fiquei muito contente ao saber que o senhor tinha escolhido definitivamente esta região para fixar aqui os seus tabern... - Ela ia dizer tabernáculos, mas essa palavra lhe pareceu hebraica e pouco delicada para um judeu que poderia ver nela uma alusão. Assim, conteve-se para escolher uma outra expressão que lhe fosse familiar, ou seja, uma expressão solene: para fixar aqui, eu queria dizer, os seus *penares* - (é verdade que essas divindades tampouco pertenciam à religião cristã, mas a uma que está extinta há tanto tempo que já não tem seguidores a quem receemos melindrar). - Infelizmente, nós, com a volta às aulas e o serviço hospitalar do doutor, nunca podemos fixar domicílio por muito tempo em um mesmo local. - E exibindo-lhe uma caixa: - Aliás, veja como nós, mulheres, somos menos felizes que o sexo forte; para ir tão pertinho como a casa dos nossos amigos Verdurin, somos obrigadas a levar conosco toda uma série de bagagens. -

Durante todo esse tempo, eu olhava o volume de Balzac do barão. Não era uma brochura, comprada ao acaso como o volume de Bergotte que ele me emprestara no primeiro ano. Era um livro de sua biblioteca e, como tal, trazia a divisa:

"Pertenço ao barão de Charlus", a qual por vezes era substituída, para mostrar o gosto dos Guermantes pelo estudo: *In proeliis non semper* e, ainda outra: *Non sine labore*{29}.

Porém, nós as veremos em breve substituídas por outras, para tentar agradar a Morel. A Sra. Cottard, ao cabo de um instante, adotou um assunto que achava tocar mais pessoalmente ao barão:

- Não sei se o senhor é da minha opinião -disse ela -, mas tenho idéias muito liberais e, a meu ver, desde que sejam praticadas com sinceridade, todas as religiões são boas. Não sou como as pessoas a quem à vista de um... protestante deixa hidrófobas.

- Ensinaram-me que a minha era a verdadeira - respondeu o Sr. de Charlus. -

"É um fanático", pensou a Sra. Cottard; "Swann, a não ser no fim, era mais tolerante; é verdade que se tratava de um convertido." Ora, pelo contrário, o Sr. de Charlus era não só cristão, como todos sabiam, mas também piedoso à maneira da Idade Média. Para ele, como para os escultores do século XIII, a Igreja cristã era, no sentido vivo do termo, povoada por uma multidão de seres tidos como perfeitamente reais: profetas, apóstolos, anjos, santas personagens de toda espécie, que cercavam o Verbo encarnado, sua mãe e, seu esposo, o Padre eterno, todos os mártires e doutores, tais como seu povo, em alto-relevo se apressa no pórtico ou enche a nave das catedrais. Entre todos eles, o Sr. de Charlus escolhera como patronos intercessores os arcanjos Miguel, Rafael e Gabriel, com os quais tinha freqüentes conversações, a fim de que eles comunicassem suas preces ao Padre eterno, diante de cujo trono estão postados. Assim, o engano da Sra. Cottard muito me divertia.

Para abandonarmos o terreno religioso, digamos que o doutor, que chegara a Paris com a magra bagagem de conselhos de uma mãe camponesa, e depois, absorvido pelos estudos quase puramente materiais, aos quais aqueles que desejam subir bastante na carreira médica são obrigados a se consagrar durante muitos anos, nunca se cultivara; adquirira mais autoridade, mas não experiência. Tomou ao pé da letra a palavra "honrado" e com isso ficou a um tempo satisfeito, pois era vaidoso, e aflito, pois era uma boa pessoa.

- Esse pobre Charlus - disse ele de noite à mulher - deu-me pena quando disse que se sentia honrado em viajar conosco. Sente-se, pobre diabo, que ele não tem relações, que se humilha.

Mas dali a pouco, sem necessidade de serem guiados pela caridosa Sra. Cottard, os fiéis conseguiram dominar o constrangimento que todos haviam mais ou menos sentido a princípio por se acharem junto do Sr. de Charlus. Sem dúvida, na sua presença, conservavam sem cessar no espírito a lembrança das revelações

de Ski e a idéia da estranheza sexual que estava inclusa em seu companheiro de viagem. Mas essa própria estranheza exercia sobre eles uma espécie de atração. Conferia, para eles, à conversa do barão, aliás notável mas em pontos que não podiam apreciar, um sabor que transformava a conversa mais interessante, até mesmo a de Brichot, em algo insosso. Por outro lado, desde o princípio, todos se mostraram satisfeitos ao reconhecer que ele era inteligente.

- O gênio pode ser vizinho da loucura - enunciou o doutor e, se a princesa, ávida por instruir-se, insistia, ele nada mais dizia, já que esse axioma era tudo o que sabia sobre o gênio e, além disso, não lhe parecia tão demonstrado como tudo o que se referisse à febre tifóide e ao artritismo. E como se tornara orgulhoso e permanecera mal-educado:

- Nada de perguntas, princesa, não me interrogue, estou à beira-mar para um descanso. Aliás, a senhora não me compreenderia, pois não sabe medicina. -

E a princesa se calava, desculpando-se, achando Cottard um homem encantador e compreendendo que as celebridades nem sempre são abordáveis.

Nesse primeiro período, tinham portanto achado o Sr. de Charlus inteligente, apesar de seu vício (ou aquilo que geralmente se chama desse modo). Agora, sem perceberem, era devido a esse vício que o achavam mais inteligente que os outros. As máximas mais simples que, habilmente provocado pelo universitário ou o escultor, o Sr. de Charlus enunciava acerca do amor, do ciúme, da beleza, por causa da experiência singular, secreta, refinada e monstruosa em que as havia haurido, assumiram para os fiéis aquele encanto do exotismo que uma psicologia, análoga à que nos tem oferecido o tempo todo a nossa literatura dramática, adquire numa peça da Rússia ou do Japão representada por artistas desses países. Arriscavam ainda, quando ele não estava ouvindo, um gracejo de mau gosto:

- Oh! - cochichava o escultor, ao ver um jovem empregado de longos cílios de bailarina indiana e que o Sr. de Charlus não pudera evitar de encarar. - Se o barão se põe a namorar o fiscal, não estaremos perto de chegar, pois o trem irá de marcha a ré. Olhem só a forma como ele o encara; já não é num trenzinho de ferro que estamos, é num funicular. -

Mas, no fundo, se o Sr. de Charlus não comparecia, ficavam quase decepcionados de viajar apenas entre pessoas comuns, e de não terem junto deles aquele personagem pintalgado, pançudo, semelhante a alguma caixa de proveniência exótica e suspeita, que deixa escapar o curioso odor de frutas, às quais o simples pensamento de provar nos causaria náuseas. Desse ponto de vista, os fiéis do sexo masculino tinham satisfações mais vivas, no curto pedaço do trajeto que se fazia entre Saint-Martin-du-Chêne, onde embarcava o Sr. de Charlus, e Doncieres, estação em que Morel se juntava a nós. Pois, enquanto o

violinista não se achava presente (e se as senhoras e Albertine, formando grupo à parte para não incomodar a conversa, mantinham-se afastadas), o Sr. de Charlus, para não parecer que evitava certos assuntos, não se constrangia de falar daquilo "que se convencionou chamar os maus costumes". Albertine não podia constrangê-lo, pois estava sempre com as senhoras, por deferência de moça que não quer que sua presença restrinja a liberdade da conversa. Ora, eu suportava com facilidade o não tê-la a meu lado, com a condição, porém, de que permanecesse no mesmo vagão. Pois eu, que não mais sentia ciúme nem quase amor por ela, não pensava no que fazia Albertine nos dias em que não a via; em compensação, quando estava ali, um simples tabique que, a rigor, pudesse dissimular uma traição, era-me insuportável e, se ela ia com as senhoras para o compartimento vizinho, ao fim de um momento, sem poder ficar no mesmo lugar, arriscando-me a constranger o interlocutor, fosse Brichot, Cottard ou Charlus, e a quem não podia explicar o motivo de minha saída, eu me levantava, deixava-os ali e, para ver se não havia nada de anormal, passava para o outro lado.

Até Doncieres, o Sr. de Charlus, sem medo de escandalizar, falava às vezes muito cruamente dos costumes que ele declarava, por sua conta, não achar nem bons nem maus. Fazia-o por habilidade, para mostrar sua largueza de espírito, persuadido como estava de que os seus não despertavam nenhuma suspeita entre os fiéis. Acreditava que havia no universo algumas pessoas que, conforme uma expressão que mais tarde se lhe tornou familiar, "tinham opinião assente a seu respeito". Mas ele imaginava que essas pessoas não passavam de três ou quatro e que não havia nenhuma delas no litoral da Normandia. Essa ilusão pode espantar, provindo de alguém tão fino, tão inquieto. Mesmo quanto aos que supunha mais ou menos informados, gabava-se de que o fossem apenas de modo vago, e tinha a pretensão, segundo alguém lhe dissesse tal ou qual coisa, de pôr essa pessoa fora das suposições de um interlocutor que, por polidez, fingia aceitar suas palavras. Mesmo desconfiando do que eu podia saber ou supor a seu respeito, pensava que essa opinião, que julgava ser muito mais antiga de minha parte do que o era na realidade, fosse geral, e que lhe bastava negar este ou aquele detalhe para ser acreditado, quando pelo contrário, se o conhecimento do conjunto precede sempre o dos detalhes, facilita infinitamente a investigação destes e, tendo destruído o poder de invisibilidade, já não permite ao dissimulador ocultar o que lhe agrada. Na verdade, quando o Sr. de Charlus, convidado para jantar por um certo fiel ou um certo amigo dos fiéis, fazia os mais complicados rodeios para incluir o nome de Morel em meio aos nomes de dez pessoas que citava, não suspeitava que aos motivos sempre diversos que dava do prazer ou da comodidade que sentiria aquela noite em ser convidado juntamente com ele, seus anfitriões, aparentando acreditá-lo piamente, substituíam todos os motivos por um só, sempre o mesmo, e que o barão julgava ignorado por eles, ou seja,

que ele o amava. Da mesma forma, a Sra. Verdurin, parecendo sempre admitir totalmente os motivos meio artísticos, meio humanitários, que o Sr. de Charlus lhe dava acerca do interesse que tinha por Morel, não cessava de agradecer ao barão, emocionada, a tocante generosidade, dizia, que ele mostrava pelo violinista. Ora, qual seria o espanto do Sr. de Charlus se, num dia em que ele e Morel estavam atrasados e não haviam chegado pelo trem, ouvisse a Patroa dizer:

- Só estamos esperando essas senhoritas. -

Tanto mais estupefato ficaria o barão, pois que, não saindo de La Raspeliere, fazia ali o papel de capelão, de abade do repertório, e às vezes (quando Morel tinha quarenta e oito horas de licença), dormia lá dois dias seguidos. A Sra. Verdurin lhes dava então dois quartos com comunicação interna e, para deixá-los à vontade, dizia:

- Se desejarem tocar música, não se acanhem; as paredes são como as de uma fortaleza, não há ninguém no andar dos senhores, e meu marido tem sono de pedra. -

Nesses dias, o Sr. de Charlus substituía a princesa, indo pegar os novatos na estação; desculpava a Sra. Verdurin de não ter vindo por causa de um estado de saúde, que ele descrevia tão bem que os convidados entravam com uma cara de circunstância e soltavam uma exclamação de espanto ao encontrar a Patroa de pé e bem disposta, num vestido semidecotado. Pois o Sr. de Charlus, para a Sra. Verdurin, tornara-se momentaneamente o fiel dos fiéis, uma segunda princesa Sherbatoff. De sua posição mundana ela estava bem menos segura do que da posição da princesa, imaginando que, se esta só desejava freqüentar o pequeno núcleo, era por desprezo aos outros, e predileção por ele. Como semelhante ficção era própria dos Verdurin, que consideravam aborrecidos aqueles a quem não podiam freqüentar, era incrível que a Patroa pudesse julgar a princesa uma alma de aço que detestava a vida chique. Mas não desistia e estava certa de que era com sinceridade e pelo gosto das coisas intelectuais que a grande dama também não freqüentava os aborrecidos. Aliás, para os Verdurin, o número destes diminuía. A vida dos banhos de mar tirava a uma apresentação as conseqüências para o futuro que se poderia recear em Paris. Homens brilhantes que tinham ido sem a mulher a Balbec, o que facilitava tudo, davam os primeiros passos na Raspeliere e, de aborrecidos, tornavam-se requintados. Foi o caso do príncipe de Guermantes, a que todavia a ausência da princesa não teria decidido a ir "como solteiro" à casa dos Verdurin, se o ímã do dreyfusismo não fosse tão poderoso que o fizesse galgar de um só impulso as encostas que levam a Raspeliere, infelizmente num dia em que a Patroa havia saído. A Sra. Verdurin não estava bem certa de que ele e o Sr. de Charlus pertencessem à mesma sociedade. O barão afirmara que o duque de Guermantes era seu irmão, mas

aquilo talvez fosse mentira de um aventureiro. Por mais elegante que ele se mostrasse, por mais amável, por mais "fiel" quanto aos Verdurin, a Patroa hesitava quase em convidá-lo com o príncipe de Guermantes. Consultou Ski e Brichot:

- O barão e o príncipe de Guermantes; será que funciona?

- Meu Deus, senhora, quanto a um dos dois creio que posso dizer...

- Mas, um dos dois, de que pode me adiantar? - replicara a Sra. Verdurin, irritada.
- Eu lhes pergunto se dará certo os dois juntos?

- Ah, senhora, eis uma coisa que é bem difícil de saber. -

A Sra. Verdurin não punha qualquer malícia naquilo. Estava certa dos costumes do barão, mas, quando se expressava desse modo, não pensava neles, mas simplesmente em saber se poderiam convidar juntos o príncipe e o Sr. de Charlus, se aquilo combinava. Não punha nenhuma intenção malévola no emprego dessas frases feitas e que os "pequenos clãs" artísticos favorecem. Para pavonear-se com o Sr. de Guermantes, desejava levá-lo, na tarde que se seguiria ao almoço, a uma festa de caridade na qual marinheiros da costa representariam uma aparelhagem. Mas, não tendo tempo de se ocupar de tudo, delegou suas funções ao fiel dos fiéis, ao barão.

- O senhor compreende, não é necessário que eles fiquem imóveis feito mexilhões, é preciso que não deixem de ir e vir, para que se veja a confusão, não sei o nome disso tudo. Mas o senhor, que vai muitas vezes ao porto de Balbec-Plage, poderia muito bem mandar fazer um ensaio sem se cansar. O senhor deve ser muito mais entendido do que eu, Sr. de Charlus, em fazer funcionar os marujinhos. Mas, afinal, estamos tendo muito trabalho com o Sr. de Guermantes. Talvez seja um imbecil do Jockey. Oh, meu Deus, falei mal do Jockey e parece-me que me lembro que o senhor é sócio. Ei, barão, não me responde, será que é mesmo sócio? Não quer sair conosco? Veja, aqui está um livro que recebi, acho que pode lhe interessar. É de Roujon. O título é bonito: *Entre os homens*.

De minha parte, estava muito satisfeito de que o Sr. de Charlus substituísse tantas vezes a princesa Sherbatoff, pois não me achava de bem com esta, por um motivo a um tempo insignificante e profundo. Um dia em que estava no trenzinho, como de costume cumulando de amabilidades a princesa Sherbatoff, vi embarcar a Sra. de Villeparisis. Com efeito, esta viera passar algumas semanas na casa da princesa de Luxemburgo, mas, preso à necessidade cotidiana de ver Albertine, eu jamais respondera aos múltiplos convites da marquesa e de sua régia anfitriã. Senti remorsos ao ver a amiga de minha avó e, por puro dever (sem deixar a princesa Sherbatoff), conversei com ela durante muito tempo. De resto, ignorava absolutamente que a Sra. de Villeparisis sabia perfeitamente quem era a minha vizinha, mas que não desejava conhecê-la. Na

estação seguinte, a Sra. de Villeparisis deixou o vagão, e eu até me censurei por tê-la ajudado a descer; fui sentar-me ao lado da princesa. Porém dir-se-ia cataclismo freqüente nas pessoas cuja posição é pouco sólida e que temem que a gente haja ouvido falar mal delas e as despreze que ocorrera uma mudança. Mergulhada na sua Revue des Deux Mondes, a Sra. Sherbatoff mal respondeu com o canto da boca às minhas perguntas e acabou por me dizer que eu lhe causava uma enxaqueca. Eu nada entendia do meu crime. Quando disse adeus à princesa, o sorriso habitual não iluminou o seu rosto, uma seca saudação abaixou o seu queixo, ela nem sequer me estendeu a mão e desde aí nunca mais voltou a falar-me. Mas deve ter falado aos Verdurin e não sei para dizer o quê, pois sempre que eu perguntava a eles se não deveria fazer uma gentileza à princesa Sherbatoff, eles em coro se precipitavam:

- Não! Não! Não! Sobretudo isso! Ela não gosta de amabilidades! -

Não o faziam para me ver rompido com ela, mas a princesa conseguira que acreditassem ser insensível às amabilidades, uma alma inacessível às vaidades deste mundo. É preciso ter visto o político que passa por ser o mais íntegro, o mais intransigente, o mais inabordável desde que está no poder; é preciso tê-lo visto no tempo de sua desgraça, mendigar timidamente, com um sorriso radiante de apaixonado, o cumprimento altivo de um jornalista qualquer; é preciso ter visto o aprumo de Cottard (que seus novos clientes tomavam por uma barra de ferro), e saber de que despeitos amorosos, de que fracassos de esnobismo eram feitos a aparente altivez, o anti-esnobismo universalmente admitido da princesa Sherbatoff, para compreender que na humanidade a regra que comporta exceções, e claro que os duros são frágeis repelidos, e que os fortes, sem se preocuparem se são queridos ou não, são os únicos que possuem essa doçura que o vulgo toma por fraqueza. Ademais, não devo julgar severamente a princesa Sherbatoff. Seu caso é tão freqüente!

Um dia, no enterro de um Guermantes, um homem notável a meu lado me mostrou um senhor esbelto e dotado de um rosto bonito.

- De todos os Guermantes - disse o meu vizinho -, este é o mais extraordinário, o mais singular. É o irmão do duque. -

Respondi-lhe imprudentemente que se equivocava, que aquele senhor, sem qualquer parentesco com os Guermantes, se chamava Fournier-Sarloveze. O homem notável voltou-me as costas e daí em diante nunca mais me cumprimentou.

Um grande músico, membro do Instituto, alto dignitário oficial e que conhecia Ski, passou por Arembouville, onde tinha uma sobrinha, e compareceu a uma quarta-feira na casa dos Verdurin. O Sr. de Charlus mostrou-se particularmente amável com ele (a pedido de Morel) e sobretudo para que, quando de regresso a

Paris, o acadêmico lhe permitisse assistir a diversas sessões privadas, ensaios, etc., em que tocava o violinista. O acadêmico, lisonjeado e aliás pessoa encantadora, prometeu e cumpriu a promessa. O barão ficou muito comovido com todas as gentilezas que esse personagem (que aliás, de sua parte, amava profunda e exclusivamente as mulheres) teve para com ele, com todas as facilidades que lhe proporcionou para ver Morel em lugares oficiais, onde os profanos não entram, com todas as oportunidades oferecidas pelo célebre artista ao jovem virtuoso para se apresentar; fazer-se conhecido, designando-o, de preferência a outros de igual talento, para audições que deviam ter uma repercussão especial. Mas o Sr. de Charlus não desconfiava que devia tanto maior reconhecimento ao mestre, visto que este, duplamente merecedor, ou, se preferem, duas vezes culpado, não ignorava coisa alguma acerca das relações entre o violinista e seu nobre protetor. Ele as favoreceu, certamente sem simpatia por elas, não podendo compreender outro amor que não o da mulher, que havia inspirado toda a sua música, mas por indiferença moral, complacência e servilismo profissionais, amabilidade mundana, esnobismo. Quanto às dúvidas sobre o caráter dessas relações, tinha-as tão poucas que, desde o primeiro jantar em La Raspeliere, perguntara a Ski, falando do Sr. de Charlus e de Morel como se falasse de um homem e sua amante:

- Faz muito tempo que estão juntos? -

Porém, mundano demais para deixar transparecer fosse o que fosse aos interessados, pronto, se aparecessem falatórios entre os colegas de Morel, a reprimi-los e a tranqüilizar Morel, dizendo-lhe paternalmente:

- Dizem isso de todo mundo, hoje em dia -, não deixou de cumular o barão de gentilezas que este achava encantadoras, embora naturais, incapaz de supor no ilustre mestre tanto vício ou tanta virtude. Pois as palavras que se diziam na ausência do Sr. de Charlus, as insinuações sobre Morel, ninguém era de alma tão baixa que fosse repeti-las. E no entanto, esta simples situação basta para mostrar que mesmo esta coisa universalmente desacreditada, que em parte alguma encontraria um defensor o mexerico; também ele, ou que tenha por objeto a nós mesmos e se nos torne desse modo particularmente desagradável, ou que nos informe sobre um terceiro algo que ignorávamos, tem seu valor psicológico. Ele impede o espírito de adormecer sobre a visão artificial do que julga serem as coisas e que não passa da aparência destas. Revira esta última com a destreza mágica de um filósofo idealista e rapidamente nos apresenta uma ponta insuspeitada do avesso do tecido. Poderia o Sr. de Charlus imaginar estas palavras ditas por certa amável parenta:

- Como queres que Mémé esteja apaixonado por mim? Então esqueces que sou uma mulher?! -

E, no entanto, ela nutria uma amizade verdadeira e profunda pelo barão. Como então espantar-se, no caso dos Verdurin, com cuja bondade e afeto ele não tinha direito nenhum de contar, de que as palavras que diziam longe dele (e não foram só palavras, conforme se verá) fossem tão diversas do que ele imaginava, ou seja, simples reflexo das que ouvia quando se achava presente? Somente estas ornavam de inscrições afetuosas o pequeno pavilhão ideal onde por vezes o Sr. de Charlus vinha sonhar sozinho, quando por um instante introduzia a sua imaginação na idéia que os Verdurin faziam dele. Ali a atmosfera é tão simpática, tão cordial, o repouso tão reconfortante, que, quando o Sr. de Charlus, antes de adormecer, vinha ali descansar um momento de suas preocupações, nunca saía sem um sorriso. Mas, para cada um de nós, esse gênero de pavilhão é dúplice: diante daquele que julgamos ser o único existe outro, normalmente invisível para nós, o verdadeiro, simétrico em relação ao que conhecemos, porém muito diferente e cuja ornamentação, em que não achamos nada do que esperávamos ver, nos assombraria como se fosse feita com os símbolos odiosos de uma hostilidade insuspeitada. Que pasmo para o Sr. de Charlus, se ele penetrasse num desses pavilhões adversos graças a um mexerico, como por uma dessas escadas de serviço onde, à porta dos apartamentos, são rabiscados a carvão grafitos obscenos por fornecedores descontentes ou criados despedidos! Mas, da mesma forma como somos privados desse senso de orientação de que são dotados certos pássaros, falta-nos o sentido da visibilidade, como o das distâncias, e julgamos estar próxima a atenção interessada de pessoas que, pelo contrário, jamais pensam em nós, e não suspeitamos que, durante esse tempo, somos para os outros a sua única preocupação. Assim, o Sr. de Charlus vivia iludido como o peixe que julga que a água em que nada se estende para além do vidro de seu aquário, que lhe apresenta o reflexo dessa água, ao passo que não vê a seu lado, na sombra, o passeante divertido que segue suas evoluções ou o piscicultor todo-poderoso que, no momento imprevisto e fatal, diverso desse momento em relação ao barão (para quem o piscicultor, em Paris, será a Sra. Verdurin), irá tirá-lo sem piedade do ambiente em que gostava de viver para arremessá-lo a outro. De resto, os povos, na qualidade de coleções de indivíduos, podem oferecer exemplos mais ampliados, porém idênticos em cada uma de suas partes, desta cegueira profunda, obstinada e desconcertante. Até aqui, se ela fora causa de que o Sr. de Charlus mantivesse, no pequeno clã, conversas de uma habilidade inútil ou de uma audácia que fazia sorrir às escondidas, ainda não tivera para ele, nem deveria tê-lo em Balbec, conseqüências graves. Um pouco de albumina, de açúcar, de arritmia cardíaca não impede que a vida continue de modo normal para aquele que nem sequer percebe isso, enquanto que só o médico vê no caso um presságio de catástrofes. No momento presente, o gosto platônico ou não do Sr. de Charlus por Morel somente impelia o barão a dizer de bom grado, na ausência de Morel, que o achava muito bonito, pensando que isso

será ouvido com toda a inocência, e nisso agia como um homem fino que, chamado a depor diante do tribunal, não se acanhará de entrar em detalhes que aparentemente lhe são desvantajosos, mas que, por isso mesmo, têm maior naturalidade e menos vulgaridade do que os protestos convencionais de um réu de teatro. Com a mesma liberdade, sempre entre Doncieres-Oeste e Saint-Martin-du-Chêne ou vice-versa; o Sr. de Charlus falava de bom grado acerca das pessoas que, segundo parece, têm costumes bem estranhos, e até mesmo acrescentava:

- Afinal de contas, digo "estranhos" não sei por quê, pois isso nada possui de tão estranho -para mostrar a si próprio como se sentia à vontade com seu público. E ele o era de fato, com a condição de que fosse ele a tomar a iniciativa das operações e soubesse que a galeria estava muda e risonha, desarmada pela credulidade ou pela boa educação. Quando o Sr. de Charlus não falava de sua admiração pela beleza de Morel, como se não tivesse nenhuma relação com um gosto chamado vício, tratava desse vício, mas como se de modo algum fosse o seu. Por vezes até não hesitava em chamá-lo pelo seu nome. Como, depois de haver observado a bela encadernação de seu Balzac, eu lhe perguntasse o que preferia na *Comédia Humana*, respondeu-me, dirigindo seu pensamento para uma idéia fixa:

- Tanto faz, as pequenas miniaturas, como *O Cura de Tours e A Mulher Abandonada*, ou os grandes afrescos, como a série das *Ilusões Perdidas*. Como! Não conhece as *Ilusões Perdidas*? É tão belo! O momento em que Carlos Herrera indaga o nome do castelo pelo qual está passando a sua caleche: é Rastignac, a moradia do rapaz a quem ele amou outrora. E o abade nesse momento cai num devaneio que Swann denominava, o que era bem espirituoso, a "*Tristeza de Olímpio*" da pederastia. E a morte de Lucien! Já não me lembro qual foi o homem de gosto que teve esta resposta, a quem lhe perguntava que acontecimento mais o afligira em toda a sua vida: "*A morte de Lucien de Rubempré em Esplendores e Misérias*{30}".

- Sei que Balzac vai passando muito bem este ano, como no ano passado o pessimismo - interrompeu Brichot. - Mas com o risco de entristecer as almas atacadas de deferência balzaquiana, sem pretender, Deus me livre!, o papel de guarda das letras e abrir processo contra erros de gramática, confesso que o copioso improvisador de quem o senhor parece sobrestimar singularmente as espantosas elucubrações, pareceu-me sempre um escriba insuficientemente meticuloso. Eu li estas *Ilusões Perdidas* de que nos fala, barão, torturando-me para atingir um fervor de iniciado, e confesso com toda a simplicidade de alma que esses romances-folhetins redigidos em *pathos*, em algaravia dupla ou tripla ("Esther feliz", "Aonde levam os maus caminhos", "Por quanto o amor fica aos velhos"), sempre me deram o efeito dos mistérios de Rocambole, promovido por

inexplicável favor à condição precária de obra-prima.

- O senhor diz isso porque não conhece a vida - retrucou o barão, duplamente irritado, pois sentia que Brichot não haveria de compreender suas razões de artista nem quaisquer outras.

- Entendo perfeitamente - respondeu Brichot- que, para falar como mestre Rabelais, o senhor quer dizer que sou muito *sorbonagra*, *sorbonícola e sorboniforme*{31}. Entretanto, assim como os camaradas, gosto que um livro dê impressão de sinceridade e de vida, não sou desses clérigos...

- O quarto de hora de Rabelais - interrompeu Cottard, com um ar não mais de dúvida, mas de espirituosa segurança - ... que fazem voto de literatura seguindo a regra da Abbaye-aux-Bois, na obediência do Sr. visconde de Chateaubriand, grande mestre do chique, segundo a regra estrita dos humanistas. O Sr. visconde de Chateaubriand

- Chateaubriand com batatas? - interrompeu o doutor Cottard. - É ele o patrono da confraria - continuou o gracejo do doutor, o qual em compensação, alarmado pela frase do universitário, olhou inquieto para o Sr. de Charlus. Era uma falta de tato de Brichot, segundo Cottard, cujo trocadilho fizera aflorar um fino sorriso aos lábios da princesa Sherbatoff.

- Com o professor, a ironia mordaz do perfeito cético jamais perde os seus direitos - disse ela por amabilidade e para mostrar que a "palavra" do médico não lhe passara despercebida.

- O sábio é forçosamente cético - respondeu o doutor.

- Que sei eu? "Conhece-te a ti mesmo." dizia Sócrates. É muito justo, o excesso é um defeito em tudo. Mas fico embasbacado quando penso que bastou isso para fazer durar o nome de Sócrates até nossos dias. O que existe nessa filosofia? Pouca coisa, em suma. Quando se pensa que Charcot e outros realizaram trabalhos mil vezes mais notáveis, e que pelo menos se apóiam em alguma coisa, a respeito da supressão do reflexo pupilar como síndrome da paralisia geral, e que estão quase esquecidos! Em suma, Sócrates não é extraordinário. Trata-se de pessoas que não tinham nada para fazer, que passavam o dia inteiro a passear, a discutir. É como Jesus Cristo: Amai-vos uns aos outros... Muito bonito!

- Meu amigo... - implorou a Sra. Cottard.

- Naturalmente a minha mulher protesta, todas elas são umas neuróticas.

- Mas, meu doutorzinho, eu não sou neurótica - murmurou a Sra. Cottard.

- Como? Ela não é neurótica? Quando seu filho está doente, ela apresenta fenômenos de insônia. Mas, afinal, reconheço que Sócrates e o resto são necessários para uma cultura superior, para se obter talentos de exposição.

Costumo citar sempre a meus alunos no primeiro ano. O padre Bouchard, que soube disso, felicitou-me.

- Não sou dos cultores da forma pela forma e também não entesouraria como poesia a rima milionária - retorquiu Brichot. - Mas ainda assim *A Comédia Humana* (bem pouco humana) é por demais o oposto dessas obras em que a arte excede o fundo, como diz a besta do Ovídio. E é permitido preferir uma trilha a meia encosta, que leve ao curato de Meudon ou à ermida de Ferney, a igual distância da Vallée-aux-Loups, onde Renê cumpria magnificamente os deveres de um pontificado sem mansuetude, e *Jardies,* onde Honoré de Balzac, atormentado pelos esbirros, não parava de cacografar para uma polonesa, como apóstolo zeloso da algaraviada.

- Chateaubriand está muito mais vivo do que o senhor diz, e Balzac mesmo assim é um grande escritor - respondeu o Sr. de Charlus, ainda por demais impregnado do gosto de Swann para não se sentir irritado com Brichot - e Balzac conheceu até mesmo essas paixões que todo mundo ignora ou só estuda para as difamar. Sem voltar a falar das imortais *Ilusões Perdidas, Sarrazine, A Menina dos Olhos de Ouro, Uma Paixão no Deserto*, até a bastante enigmática *A Falsa Amante* salta em meu apoio. Quando eu falava a Swann sobre esse aspecto "fora da natureza" de Balzac, ele me dizia: - O senhor é da mesma opinião de Taine. Eu não tive a honra de conhecer o Sr. Taine - acrescentou o Sr. de Charlus (com esse hábito irritante do "senhor" inútil que têm as pessoas da sociedade, como se julgassem que, tachando de senhor a um grande escritor, lhe conferiam uma honra, talvez guardassem as distâncias e davam a entender que o não conheciam) eu não conhecia o Sr. Taine, mas me sentia muito honrado de ser da mesma opinião que ele. -

Aliás, malgrado esses ridículos hábitos mundanos, o Sr. de Charlus era muito inteligente, e é provável que, se algum casamento antigo tivesse estabelecido laços entre a sua família e a de Balzac, ele teria sentido (de resto, não menos que Balzac) uma satisfação de que, no entanto, não poderia deixar de vangloriar-se como de um sinal de admirável condescendência.

Às vezes, na estação seguinte a Saint-Martin-du-Chêne, rapazes embarcavam no trem. O Sr. de Charlus não podia deixar de olhá-los, mas como abreviava e disfarçava a atenção que lhes prestava, esta parecia ocultar um segredo, mais especial até que o verdadeiro; dir-se-ia que o barão os conhecia; deixava-o transparecer contra a sua vontade, depois de ter aceito o seu sacrifício, antes de virar-se para nós, como esses meninos que, devido a uma briga dos pais, foram proibidos de cumprimentar seus camaradas, mas que, ao se encontrarem, não podem deixar de erguer a cabeça antes de recair sob a férula do preceptor. À expressão grega de que o Sr. de Charlus, falando de Balzac, fizera seguir a alusão à "Tristeza de Olímpio" em *Esplendores e Misérias,* Ski, Brichot e Cottard se

entreolharam com um sorriso, talvez menos irônico de que impregnado da satisfação que sentiriam os convivas que tivessem conseguido que Dreyfus falasse sobre o seu próprio caso, ou a imperatriz do seu reinado. Contavam levá-lo um pouco mais adiante no assunto, mas já estávamos em Doncieres, onde Morel se reuniria a nós. Diante dele, o Sr. de Charlus vigiava cuidadosamente a sua conversa, e, quando Ski desejou fazê-lo voltar ao amor de Carlos Herrera por Lucien de Rubempré, o barão mostrou-se contrariado, misterioso, e por fim (vendo que não o escutavam), assumiu o ar severo e justiceiro de um pai que ouvisse dizer indecências diante da filha. Tendo Ski teimado um pouco para que ele continuasse, o Sr. de Charlus, de olhos fora das órbitas, erguendo a voz, disse em tom significativo e apontando para Albertine, que todavia não podia escutar-nos, ocupada em conversar com a Sra. Cottard e a princesa Sherbatoff, e no tom ambíguo de alguém que pretende dar uma lição a pessoas mal-educadas:

- Creio que não faltará ocasião de falar dessas coisas que podem interessar a essa moça.

Mas eu compreendi perfeitamente que, para ele, a "moça" não era Albertine e sim Morel; mais tarde, aliás, comprovou ele a justeza da minha interpretação, com as frases de que se serviu ao pedir que não mais se conversasse sobre tais assuntos na presença de Morel.

- O senhor sabe - disse-me ele, falando do violinista - que ele absolutamente não é o que poderiam acreditar; é um menino muito honrado, que sempre teve muito juízo, um menino muito sério. -

Sentia-se por essas palavras que o Sr. de Charlus considerava a inversão sexual como um perigo tão ameaçador para os jovens como a prostituição para as mulheres, e que se ele se servia do epíteto de "sério" para Morel, era no mesmo sentido que tem quando aplicado a uma operariazinha. Então Brichot, para mudar de conversa, perguntou se eu pretendia ficar ainda muito tempo em Incarville. Por mais que eu lhe tivesse observado várias vezes que não morava em Incarville, mas em Balbec, ele recaía sempre no mesmo erro, pois era sob o nome de Incarville, ou Balbec-lncarville, que designava aquela parte do litoral. Assim, há pessoas que falam da mesma coisa que nós, chamando-as por nomes um pouco diferentes. Certa dama do *faubourg* Saint-Germain me perguntava sempre, quando queria falar da duquesa de Guermantes, se fazia muito tempo que eu não via Zénaïde, ou Oriane-Zénaïde, e o resultado é que eu não compreendia no primeiro instante. Provavelmente, houvera um tempo em que, chamando-se Oriane uma parenta da Sra. de Guermantes, chamavam a esta de Oriane-Zénaïde para evitar confusões. Talvez também houvesse no começo apenas uma estação em Incarville, e de onde se ia de carro até Balbec.

- De que estavam falando, então? - indagou Albertine, espantada com o tom

solene de pai de família que o Sr. de Charlus acabara de assumir.

- De Balzac - apressou-se a responder o barão - e você hoje está precisamente com a toalete da princesa de Cadignan, não a primeira, a do jantar, mas a segunda. -

Esta circunstância decorria de que, para escolher as toaletes de Albertine, eu me inspirava no gosto que ela havia formado graças a Elstir, o qual muito apreciava uma sobriedade que poderia chamar-se britânica, não fosse temperada de uma certa doçura, certa languidez francesa. Na maioria das vezes, seus vestidos prediletos ofereciam aos olhos uma harmoniosa combinação de tons cinzentos, como a de Diane de Cadignan. Não havia ninguém como o Sr. de Charlus para saber apreciar em seu justo valor as toaletes de Albertine; logo em seguida, seus olhos descobriam o que lhes formava a raridade, o valor; jamais teria dito o nome de um tecido em vez de outro, e reconhecia os costureiros. Só que apreciava para as mulheres um pouco mais de brilho e de cor do que o tolerado por Elstir. Assim, naquela noite, lançou-me ela um olhar meio risonho, meio inquieto, franzindo seu narizinho róseo de gata. Com efeito, cruzada sobre sua saia de crepe da China cinzenta, sua jaqueta de cheviote cor-de-cinza fazia crer que Albertine estivesse toda de gris. Mas, fazendo-me sinal para que a ajudasse, pois suas mangas bufantes precisavam ser abaixadas ou erguidas para tirar ou botar sua jaqueta, Albertine despiu esta e, como essas mangas eram escocesas de um tom muito suave, róseo, azul pálido, esverdeado, furta-cor, foi como se num céu cinzento se formasse um arco-íris. E ela se perguntava se aquilo iria agradar ao Sr. de Charlus.

- Ah! - exclamou este encantado - eis um raio de luz, um prisma de cores. Apresento-lhe os meus cumprimentos.

- Mas este Senhor aqui é que possui todos os méritos - respondeu gentilmente Albertine, designando-me, pois gostava de mostrar o que lhe provinha de minha parte.

- Só as mulheres que não sabem se vestir é que receiam a cor - continuou o Sr. de Charlus. - Pode-se ser deslumbrante sem vulgaridade, e suave sem ser insosso. Além disso, você não tem os mesmos motivos que a Sra. de Cadignan para querer parecer desligada da vida, pois era a idéia que ela desejava incutir em d'Arthez com essa toalete gris. -

Albertine, a quem interessava essa muda linguagem dos vestidos, fez perguntas ao Sr. de Charlus acerca da Princesa de Cadignan.

- Oh, é uma novela refinada - disse o barão num tom sonhador.

- Conheço o jardinzinho em que Diane de Cadignan passeava com a Sra. d'Espard. É o jardim de uma de minhas primas.

- Todas essas questões do jardim de sua prima – murmurou Brichot a Cottard - podem, assim como a sua genealogia, ter importância para este excelente barão. Mas que interesse tem isso para nós, que não temos o privilégio de passear nele, nem conhecemos essa dama e não possuímos títulos de nobreza? -

Pois Brichot não imaginava que fosse possível alguém interessar-se por um vestido ou um jardim como por uma obra de arte, e que era como em Balzac que o Sr. de Charlus revia as pequenas alamedas da Sra. de Cadignan. O barão continuou:

- Mas o senhor a conhece - disse-me ele, falando daquela prima e para me lisonjear, dirigindo-se a mim como a alguém que, exilado no pequeno clã, se não era propriamente de seu mundo para o Sr. de Charlus, ao menos o freqüentava. - Em todo caso, deve tê-la visto na casa da Sra. de Villeparisis.

- A marquesa de Villeparisis, a quem pertence o castelo de Baucreux? - perguntou Brichot com ar submisso.

- Sim, conhece-a? - indagou secamente o barão.

- De forma alguma - respondeu Brichot -, mas nosso colega Norpois passa, todos os anos, uma parte de suas férias em Baucreux. Já tive ocasião de lhe escrever para lá. -

Disse eu a Morel, pensando interessar-lhe, que o Sr. de Norpois era amigo de meu pai. Mas nenhum movimento de seu rosto mostrou que ele tivesse ouvido, de tal modo considerava meus pais como gente sem importância, e que não estavam muito longe do que havia sido o meu tio-avô, em cuja casa o pai dele fora criado de quarto e que; aliás, contrariamente ao restante da família, como gostava de "fazer encrencas", deixara em seus criados uma recordação fascinante. - Parece que a Sra. de Villeparisis é uma mulher superior; porém, nunca me foi dado julgá-lo por mim mesmo, assim como o resto dos meus colegas. Pois Norpois, que aliás é cheio de cortesia e afabilidade no Instituto, não apresentou nenhum de nós à marquesa. Não sei de ninguém recebido por ela, a não ser o nosso amigo Thureau-Dangin, que tinha com ela antigas relações de família, e também Gaston Boissier, a quem ela desejou conhecer devido a um estudo que a interessava muito especialmente. Jantou lá uma vez e voltou fascinado. E o fato é que a Sra. Boissier não foi convidada.

A esses nomes, Morel sorriu enternecido:

- Ah, Thureau-Dangin - disse-me ele, tão interessado agora como fora indiferente ao ouvir falar do marquês de Norpois e de meu pai. - Thureau-Dangin e seu tio formavam um bom par de amigos. Quando uma dama queria um bom lugar para uma recepção da Academia, o seu tio dizia: "Escreverei a Thureau-Dangin." E naturalmente o lugar era logo enviado, pois bem

compreende que ele não negaria coisa alguma a seu tio, que se desforraria de volta. Diverte-me igualmente ouvir o nome de Boissier, pois era lá que seu tio-avô mandava comprar todos os presentes para as senhoras no Ano-Novo. Sei disso, pois conheço a pessoa encarregada de fazê-lo. -

Fazia mais que conhecê-la, era o pai dele. Algumas das lembranças afetuosas de Morel à memória de meu tio ligavam-se ao fato de que não tencionávamos permanecer sempre no palacete de Guermantes, aonde só fôramos morar por causa da minha avó! Às vezes, falava-se de uma possível mudança. Ora, para compreender os conselhos que a tal respeito me dava Charles Morel, é preciso saber que, antigamente meu tio-avô morava no bulevar Malesherbes 40-bis. Como nós íamos muito à casa de meu tio Adolphe, até o dia fatal em que fiz meus pais brigarem com ele ao contar a história da dama cor-de-rosa, resultou daí que, na família, em vez de se dizer "casa do seu tio", dizia-se "no 40-bis": Primas de minha mãe diziam com o ar mais natural do mundo:

- Ah! Domingo não podemos visitar vocês, pois vão jantar no 40-bis. -

Se eu ia visitar uma parenta, recomendavam-me que passasse primeiro no 40-bis, para que meu tio não se melindrasse por não ter começado por ele. Ele era proprietário da casa e, para falar a verdade, mostrava-se muito difícil na escolha dos locatários, que eram todos seus amigos, ou ficariam sendo. O coronel barão de Vatry vinha todos os dias fumar um charuto com ele a fim de mais facilmente obter os consertos. A porta da rua estava sempre fechada. Se, numa janela, meu tio avistava uma roupa, um tapete, enfurecia-se e mandava retirá-los mais rapidamente do que hoje o faz a polícia. Mas afinal, nem por isso deixava de alugar uma parte da casa, reservando para seu uso apenas dois andares e as cavalariças. Apesar disso, sabendo que lhe agradava elogiassem a boa manutenção da casa, louvavam o conforto do "palacete" como se meu tio fosse o seu único ocupante, e ele deixava que o dissessem, sem opor o desmentido formal que seria de esperar. Seguramente o "palacete" era confortável (pois meu tio introduzia nele todas as invenções da época). Porém nada possuía de extraordinário. Só meu tio, embora dizendo com falsa modéstia "meu casebre", estava persuadido, ou pelo menos inculcara a seu criado de quarto, à mulher deste, ao cocheiro, à cozinheira a idéia de que não existia nada em Paris que se comparasse ao pequeno palacete em conforto, luxo e satisfação. Charles Morel crescera dentro dessa fé. E nela permanecera. Assim, mesmo nos dias em que não conversava comigo, se, no trem, eu falasse a alguma pessoa sobre a possibilidade de uma mudança, logo ele me sorria e, piscando o olho com ar de entendido, dizia:

- Ah, o que o senhor precisaria era de alguma coisa do tipo do 40-bis! Aí é que haveria de sentir-se a gosto! Pode-se dizer que seu tio entendia dessas coisas. Estou certo de que em Paris inteira não existe nada que valha o 40-bis.

Ao ar melancólico que o Sr. de Charlus assumira ao falar da princesa de Cadignan, bem senti que essa novela não o fazia pensar apenas no jardinzinho de uma prima muito indiferente. Caiu num profundo devaneio e, como que falando para si mesmo, exclamou:

- *Os Segredos da Princesa de Cadignan!* Que obra-prima! Como é profunda, como é dolorosa essa má reputação de Diane, que tanto receia que o homem a quem ama o venha a saber! Que verdade eterna, e mais geral do que aparenta! Como vai longe isso! -

O Sr. de Charlus pronunciou essas palavras com uma tristeza que, no entanto, a gente sentia que ele não achava sem atrativos. Provavelmente o Sr. de Charlus, não sabendo ao certo em que medida os seus costumes eram ou não conhecidos, estremecia desde algum tempo à idéia de que voltaria a Paris e que o encontrariam com Morel, a família deste acabasse por intervir e que, assim, a sua felicidade ficasse comprometida. Tal eventualidade provavelmente só lhe aparecera até então como algo de profundamente penoso e desagradável. Mas o barão era muito artista. E agora que, desde um momento, confundia sua situação com a descrita por Balzac, refugiava-se de algum modo na novela, e, ao infortúnio que talvez o ameaçasse e, de qualquer forma, não deixava de assustá-lo, ele tinha esse consolo de encontrar na própria ansiedade aquilo que Swann e o próprio Saint-Loup teriam denominado algo de "muito balzaquiano". Essa identificação com a princesa de Cadignan tornara-se fácil ao Sr. de Charlus graças à transposição mental que se lhe tornara um hábito e da qual já dera vários exemplos. Aliás, era o bastante para que a simples substituição da mulher, como objeto amado, por um rapaz desencadeasse imediatamente, em torno deste, todo o processo de complicações sociais que se desenvolvem ao redor de uma ligação comum. Quando, por um motivo qualquer, introduz-se de uma vez por todas uma mudança no calendário ou nos horários, se se faz principiar o ano algumas semanas mais tarde ou soar a meia-noite quinze minutos mais cedo, como os dias, mesmo assim, terão vinte e quatro horas e os meses trinta dias, tudo o que decorre da medida do tempo permanecerá idêntico. Tudo pode ter sido alterado sem causar nenhum transtorno, pois as relações entre os números são sempre as mesmas. Assim ocorre com os que seguem "a hora da Europa central" ou os calendários orientais. Parece até que o amor-próprio que se tem em sustentar uma atriz desempenhava um papel nesta ligação. Quando, desde o primeiro dia, o Sr. de Charlus tomara informações sobre Morel, certamente ficara sabendo que era de origem humilde; mas uma *demi-mondaine* a quem amamos, nada perde de seu prestígio para nós por ser filha de gente pobre. Em compensação, os músicos conhecidos a quem ele mandara escrever nem mesmo por interesse, como os amigos que, apresentando Swann a Odette, haviam-na descrito como mais difícil e mais requisitada do que o era por simples

banalidade de homens em evidência que exaltam um estreante, haviam respondido ao barão:

- Ah, grande talento, boa situação, naturalmente considerando que é um jovem, muito apreciado pelos conhecedores, irá longe. -

E, com a mania dos que ignoram a inversão, falando da beleza masculina:

- E depois, dá gosto vê-lo tocar; faz melhor figura que ninguém num concerto; tem lindos cabelos, uma postura distinta; a cabeça é atraente e ele parece um violinista de retrato. -

Assim o Sr. de Charlus, aliás sobreexcitado por Morel, que não o deixava ignorar de quantas propostas era objeto, sentia-se lisonjeado em trazê-lo consigo, de construir-lhe um pombal a que ele voltasse várias vezes. Pois desejava estar livre o restante do tempo, o que se fazia necessário para a sua carreira, que o Sr. de Charlus queria que Morel continuasse, por mais dinheiro que tivesse de lhe dar, fosse por causa daquela idéia muito Guermantes de que é necessário que um homem faça alguma coisa, de que as pessoas só valem pelo seu talento, e que a nobreza ou o dinheiro são somente o zero que multiplica um valor, fosse por ter medo de que, ocioso e sempre a seu lado, o violinista acabasse se aborrecendo. Enfim, não queria privar-se do prazer que sentia consigo próprio, de dizer por ocasião de certos concertos de gala: "Este a quem aclamam no momento estará comigo esta noite." As pessoas elegantes, quando estão enamoradas, e de qualquer maneira que o estejam, põem sua vaidade naquilo que pode destruir as vantagens anteriores em que sua vaidade encontrou satisfação. Morel, sentindo que eu não tinha maldade com ele, sinceramente ligado ao Sr. de Charlus e, por outro lado, de uma indiferença física absoluta em relação a ambos, acabou por manifestar a meu respeito os mesmos

sentimentos de calorosa simpatia de uma cocote que sabe que não a desejamos e que seu amante tem em nós um amigo sincero que não tentará fazê-lo romper com ela. Não só me falava exatamente como outrora Rachel, a amante de Saint-Loup, mas também, conforme o que me repetia o Sr. de Charlus, dizia de mim, na minha ausência, as mesmas coisas que Rachel falava sobre mim a Robert. Por fim, o Sr. de Charlus me dizia:

- Ele gosta muito do senhor.

Como Robert: - Ela gosta muito de ti. -

E, como o sobrinho em nome da amante, era em nome de Morel que o tio me pedia muitas vezes que fosse jantar com eles. Além disso, não havia menos tempestades entre eles do que entre Robert e Rachel. Certo, quando Charlie (Morel) ia embora, o Sr. de Charlus não lhe poupava elogios, repetindo desvanecido que o violinista era muito bom para ele. Mas era visível, no entanto,

que freqüentemente Charlie, mesmo diante de todos os fiéis, tinha um ar irritado em vez de parecer sempre feliz e submisso como o teria desejado o barão. Essa irritação chegou até, mais tarde, devido à fraqueza que fazia o Sr. de Charlus perdoar as atitudes inconvenientes de Morel, ao ponto de o violinista não mais ocultá-la, ou ainda a afetava. Vi o Sr. de Charlus entrando num vagão onde se achava Morel com alguns de seus amigos militares e ser recebido com um dar de ombros do músico, acompanhado com um piscar de olhos a seus amigos. Ou então fingia estar dormindo, como alguém a quem semelhante chegada é o cúmulo do aborrecimento. Ou punha-se a tossir; os outros riam, simulando, para divertir-se, o falar amaneirado de homens como o Sr. de Charlus; atraíam Charlie para um canto e este acabava por voltar, como que forçado, para junto do Sr. de Charlus, cujo coração era transpassado por todos esses maus-tratos. É inconcebível que os tenha suportado; e essas formas cada vez diferentes de sofrimento colocavam de novo para o Sr. de Charlus o problema da felicidade, forçavam-no não apenas a pedir mais, como também a desejar outra coisa, já que a combinação precedente se achava viciada por uma lembrança horrível. E no entanto, por mais penosas que fossem logo tais cenas, convém reconhecer que, nos primeiros tempos, se manifestava em Morel o gênio do homem do povo da França, emprestando-lhe formas encantadoras de simplicidade, de aparente franqueza, e até de uma altivez independente que parecia inspirada pelo desinteresse. Isso era falso, mas a vantagem da atitude estava bem mais a favor de Morel, considerando-se que, enquanto aquele que ama está sempre forçado a voltar à carga, a insistir, pelo contrário, é fácil ao que não ama seguir uma linha reta, inflexível e graciosa. Ela existia, por privilégio da raça, no rosto tão aberto desse Morel de coração tão fechado, nesse rosto adornado com a graça neo-helênica que floresce nas basílicas da Champagne. Apesar de sua altivez artificial, seguidamente, avistando o Sr. de Charlus no momento em que não o esperava, ficava constrangido diante do pequeno clã, enrubescia, baixava os olhos, para deslumbramento do barão que via naquilo todo um romance. Era simplesmente um sinal de irritação e de vergonha. A primeira por vezes se expressava; pois, por mais calma e energicamente decente que fosse a atitude de Morel, ele não passava sem desmentir-se com freqüência. Às vezes até, a alguma palavra que o barão lhe dissesse, estourava da parte de Morel uma réplica insolente, em tom duro, e com o qual todos ficavam chocados. O Sr. de Charlus baixava a cabeça com ar triste, nada respondia e, com a faculdade que têm os pais idólatras de achar que ninguém repara na frieza e dureza dos filhos, nem por isso deixava de entoar louvores ao violinista. Aliás, o Sr. de Charlus não era sempre tão submisso, mas suas rebeliões em geral não alcançavam seu objetivo, principalmente porque, tendo convivido com pessoas da alta sociedade, levava em conta, no cálculo das reações que podia despertar, a baixeza, se não original pelo menos adquirida pela educação. Ora, em vez disso, encontrava em

Morel alguma veleidade plebéia de indiferença momentânea. Infelizmente para o Sr. de Charlus, ele não compreendia que, para Morel, tudo cedia diante das questões em que o Conservatório e a boa reputação no Conservatório (porém isto, que devia ser mais grave, não se colocava de momento) entravam em jogo. Assim, por exemplo, os burgueses mudam facilmente de nome por vaidade, os grão-senhores por vantagem. Para o jovem violinista, ao contrário, o nome de Morel estava indissoluvelmente ligado a seu prêmio de violino; logo, era impossível modificá-lo. O Sr. de Charlus gostaria que Morel tivesse tudo dele, mesmo o seu nome. Considerando que o prenome de Morel era Charles, que se assemelhava a Charlus, e que a propriedade em que eles se encontravam tinha o nome de Charmes, quis convencer Morel de que um belo nome, agradável de dizer, era a metade de uma reputação artística, e que o virtuoso devia sem hesitar tomar o nome de “Charmel", discreta alusão ao local de seus encontros. Deu de ombros Morel e, como último argumento, o Sr. de Charlus teve a infeliz idéia de acrescentar que tinha um criado de quarto que se chamava desse modo. Não fez mais que excitar a furiosa indignação do rapaz.

- Houve um tempo em que meus antepassados sentiam-se orgulhosos do título de criado de quarto, de mordomo do rei. - Houve um outro - respondeu altivamente Morel - em que meus antepassados mandaram cortar o pescoço dos seus. -

O Sr. de Charlus ficaria muito espantado se pudesse supor que, na falta de "Charmel", resignado a adotar Morel e a lhe dar um dos títulos da família de Guermantes de que dispunha, mas que as circunstâncias, conforme se verá, não lhe permitiram oferecer ao violinista, este o houvesse recusado, pensando na reputação artística ligada a seu nome de Morel e nos comentários que fariam na "classe". De tal modo colocava ele a rua Bergere acima do faubourg Saint-Germain! Ao Sr. de Charlus forçoso lhe foi contentar-se, no momento, em mandar fazer, para Morel, anéis simbólicos com a antiga inscrição: *PLVS VLTRA CAROLVS*. Por certo, diante de um adversário de uma espécie a que não conhecia, o Sr. de Charlus deveria mudar de tática. Mas quem é capaz de tal? Além disso, se o Sr. de Charlus tinha dessas inabilidades, tampouco Morel as deixava de ter. Bem mais do que a simples circunstância que provocou o rompimento, o que devia, ao menos provisoriamente (mas esse provisório veio a ser definitivo), perdê-lo ante o Sr. de Charlus é que nele não havia apenas a baixeza, que o fazia ser vulgar diante da severidade e responder com insolência à doçura. Paralelamente à natural baixeza, havia nele uma neurastenia complicada com a má educação, que, despertando em toda circunstância em que estivesse em falta ou dependesse de alguém, fazia com que, no próprio momento em que necessitaria de toda a sua gentileza, de toda a sua doçura, de toda a sua alegria para desarmar o barão, ele se tornasse sombrio, intratável; procurasse travar discussões em que sabia que divergiam dele, sustentava seu ponto de vista hostil

com uma fraqueza de razões e uma violência cortante que só fazia aumentar essa mesma fraqueza. Pois bem depressa, à falta de argumentos, ainda assim os inventava, revelando destarte toda a extensão de sua tolice e ignorância. Estas mal se mostravam quando ele era amável e só procurava agradar. Pelo contrário, só elas é que apareciam em seus acessos de mau humor sombrio, nos quais, de inofensivas tornavam-se odiosas. Então o Sr. de Charlus sentia-se farto pondo toda a sua esperança num dia seguinte melhor, ao passo que Morel, esquecendo que o barão o fazia viver faustosamente, ostentava um sorriso irônico de piedade superior e dizia:

- Nunca aceitei nada de ninguém. Desse modo, não há ninguém a quem eu deva um só muito obrigado.

Nesse meio tempo, e como se tivesse de lidar com um homem da alta sociedade, o Sr. de Charlus continuava a exercer as suas cóleras, verdadeiras ou fingidas, porém agora inúteis. Entretanto, nem sempre o eram. Assim, um dia (que se coloca aliás após aquele primeiro período) em que o barão voltava comigo e Charlie de um almoço em casa dos Verdurin, julgando passar o fim da tarde e a noite com o violinista em Doncieres, a despedida deste, logo que o trem partiu, respondendo:

- Não, tenho o que fazer -, causou ao Sr. de Charlus uma tão forte decepção que, embora tentasse mostrar boa cara diante do azar, vi que lágrimas dissolviam o cosmético de suas pestanas, enquanto que ele permanecia estupidificado diante do trem. Essa dor foi tamanha que, como Albertine e eu pretendêssemos acabar o dia em Doncieres, disse ao ouvido dela que não gostaria de deixar sozinho o Sr. de Charlus, que me parecia, não saber por quê, muito desgostoso. A querida pequena aceitou de bom grado. Então, perguntei ao Sr. de Charlus se não desejava que o acompanhasse um pouco. Ele também aceitou, mas recusou incomodar por isso a minha prima. Achei uma certa doçura (e sem dúvida pela última vez, pois estava decidido a romper com ela) em lhe ordenar suavemente, como se ela fosse minha mulher:

- Volta sozinha, vou me encontrar contigo esta noite -, e em ouvi-la, como o faria uma esposa, dar-me licença de proceder como quisesse e aprovar que me pusesse à disposição do Sr. de Charlus, caso este, de quem muito gostava, precisasse de mim.

Fomos, o barão e eu, ele bamboleando a sua corpulência, com seus olhos de jesuíta baixos, eu seguindo-o até um café onde nos serviram cerveja. Senti os olhos do Sr. de Charlus presos pela inquietação a algum projeto. De súbito, pediu papel e tinta e pôs-se a escrever com rapidez singular. Enquanto enchia folha após folha, seus olhos brilhavam num devaneio raivoso. Depois de escrever oito páginas:

- Posso pedir-lhe um grande obséquio? - indagou. - Desculpe-me fechar esta carta. Mas é necessário. O senhor vai tomar um carro, um auto se puder, para ir mais depressa. Certamente ainda encontrará Morel no seu quarto, aonde foi se trocar. Pobre menino, quis bancar o fanfarrão no momento de nos deixar, mas fique certo de que ele está com o coração mais pesado que eu. O senhor vai entregar-lhe esta carta e, se ele perguntar onde é que me viu, dirá que desembarcou em Doncieres (o que aliás era verdade) para ver Robert (o que talvez não seja verdade), mas que me encontrou com alguém a quem não conhecia, que eu parecia bastante encolerizado, que o senhor julgou surpreender palavras de envio de testemunhas (na verdade, bato-me amanhã). Principalmente, não lhe diga que peço para chamá-lo, nem procure trazê-lo, mas, se ele quiser voltar com o senhor, não o impeça. Vá, meu menino, é para o bem dele, o senhor pode evitar um grande drama. Enquanto estiver fora, vou escrever às minhas testemunhas. Impedi o senhor de ir passear com sua prima. Espero que ela não me queira mal por isso, e até o creio. Pois trata-se de uma alma nobre e sei que é daquelas que sabem não se furtar à grandeza das circunstâncias. Terá de agradecei-lhe em meu nome. Sou-lhe pessoalmente devedor e agrada-me que assim seja. -

Sentia grande piedade pelo Sr. de Charlus; parecia-me que Charlie poderia impedir esse duelo, do qual talvez fosse a causa; e, se assim era, sentia-me revoltado que ele tivesse ido embora com aquela indiferença em vez de dar assistência a seu protetor. Minha indignação cresceu quando, ao chegar à casa em que residia Morel, reconheci a voz do violinista que, pela necessidade de expandir sua alegria, cantava a plenos pulmões: "Na noite de sábado, depois do batente!" Se o pobre Sr. de Charlus o ouvisse, justo ele que desejava que acreditassem, e sem dúvida acreditava, que Morel tinha o coração pesado naquele momento! Charlie pôs-se a dançar de prazer quando me viu.

- Oh, meu velho (perdoe-me chamá-lo desse modo, mas com essa maldita vida de militar a gente adquire maus hábitos), que sorte que o vejo! Não tenho nada a fazer de noite. Vamos passá-la juntos, que tal? Ficaremos aqui, se isto lhe agrada; se achar melhor, vamos passear de bote, tocaremos música, não tenho qualquer preferência.

Disse-lhe que era obrigado a jantar em Balbec, ele tinha muita vontade de que o convidasse, mas eu não queria.

- Mas, se está tão apressado, por que veio até aqui?

- Trago-lhe uma carta do Sr. de Charlus. -

A esse nome, toda a sua alegria desapareceu; seu rosto contraiu-se.

- Como! Até aqui ele vem me importunar? Então eu sou um escravo! Meu velho, seja amável. Não vou abrir a carta. Você lhe dirá que não me encontrou.

- Não seria melhor abri-la? Acho que contém algo de grave.

- Cem vezes não, você não conhece as mentiras, as manhas infernais desse velho pirata. É um truque para que vá vê-lo. Pois bem! Não irei, quero ter paz esta noite.

- Mas não haverá um duelo amanhã? - perguntei a Morel, que eu julgava a par de tudo.

- Um duelo? -indagou com ar estupefato. - Não sei uma só palavra a respeito. Afinal, pouco me importa. Esse velho repulsivo bem pode se deixar esfaquear se lhe agrada. Mas olhe, você me deixou intrigado; em todo caso, vou ler a carta dele. Diga-lhe que a deixou aqui, para o caso de eu voltar para casa. -

Enquanto Morel me falava, eu olhava com espanto os admiráveis livros que o Sr. de Charlus lhe dera e que atulhavam o quarto. Tendo o violinista recusado aqueles que traziam a divisa: "Pertenço ao barão, etc.", divisa que lhe parecia insultante para si próprio, como um sinal de posse, o barão, com o engenho sentimental em que se compraz o amor infeliz, tinha variado com outras, provenientes de ancestrais, porém encomendadas ao encadernador conforme as circunstâncias de uma amizade melancólica. Às vezes eram breves e confiantes, como *Spes mea*, ou como *Exspectata non eludet*; às vezes, apenas resignadas, como "Esperarei"; algumas galantes: *Mesmes*, prazer do Mestre, ou recomendando a castidade, como aquela tomada de empréstimo aos Simiane, semeada de *torres de blau* (azul) e de flores-de-lis, e desviada de seu sentido: *Sustentant lilia turres*; outras, enfim, desesperadas e marcando encontro no céu para quem não quisera saber dele na terra: *Manet ultima coelo*; e achando muito verdes as uvas que não podia alcançar, fingindo não ter procurado aquilo que não obtivera, o Sr. de Charlus dizia em uma: *Non mortale quod opto*. Mas não tive tempo de ver todas. Se o Sr. de Charlus, lançando no papel essa carta, parecera possuído do demônio da inspiração que fazia correr a sua pena, assim que Morel rompeu o selo: *Atavis et armis*{32}.

Acometido por um leopardo acompanhado de duas rosas de goelas, pôs-se a ler com tão grande febre como a que tivera o Sr. de Charlus ao escrever, e sobre essas páginas preenchidas ao acaso, o seu olhar não corria menos depressa que a pena do barão.

- Ah, meu Deus! - gritou - só faltava mais essa! Mas onde encontrá-lo? Deus sabe onde estará agora. -

Insinuei que, se a gente se apressasse, iria encontrá-lo ainda no mesmo café onde ele pedira cerveja para se refazer.

- Não sei se voltarei - disse ele à governanta da casa, e acrescentou *in petto*: - Isso dependerá do aspecto que as coisas assumirem. -

Minutos depois chegávamos ao café. Notei o aspecto do Sr. de Charlus ao me avistar. Vendo que eu não voltava sozinho, senti que a respiração e a vida lhe eram devolvidas. Estando naquela noite num estado de espírito em que não podia dispensar Morel, inventara que lhe tinham dito que dois oficiais do regimento haviam falado mal dele a propósito do violinista e que ele ia enviar-lhes suas testemunhas. Morel adivinhara o escândalo, sua vida ficaria impossível no regimento, e havia acorrido. No que absolutamente não procedera mal. Pois, para tornar mais verossímil a sua mentira, o Sr. de Charlus já escrevera a dois amigos (um deles era Cottard) para pedir que fossem suas testemunhas. E, se o violinista não tivesse vindo, é certo que, doido como era o Sr. de Charlus (e para mudar sua tristeza em furor), ele os teria enviado a um oficial qualquer, ao acaso, oficial com quem lhe seria um alívio bater-se. Durante esse tempo, o Sr. de Charlus, lembrando-se que era de mais pura estirpe que a Casa de França, dizia consigo que ele era muito bom por inquietar-se tanto por causa do filho de um mordomo, cujo patrão ele não se dignaria a freqüentar. Por outro lado, se apenas lhe agradava agora a companhia dos crápulas, o hábito arraigado que têm estes de não responder a uma carta, de faltar a um encontro sem prevenir, sem se desculparem depois, dava-lhe, como se tratava muitas vezes de amores, tantas emoções, e, no resto de tempo, lhe causava tanta irritação, constrangimento e raiva, que às vezes chegava a lamentar a multiplicidade de caretas por um nada, a exatidão escrupulosa dos príncipes e embaixadores, os quais, se desgraçadamente lhe eram indiferentes, apesar de tudo davam-lhe uma espécie de repouso. Habituado aos modos de Morel e sabendo da pouca influência que tinha sobre ele e de como era incapaz de insinuar-se numa vida em que as camaradagens vulgares mais consagradas pelo hábito ocupavam excessivo lugar e tempo para que se reservasse uma hora ao grão-senhor repelido, orgulhoso e que implorava em vão, o Sr. de

Charlus estava de tal modo persuadido de que o músico não viria, de tal maneira receava estar brigado para sempre com ele, por ter ido longe demais, que mal pôde reter um grito ao vê-lo. Porém, sentindo-se vencedor, fez questão de ditar as condições de paz e delas tirar as vantagens que pudesse.

- Que vem fazer aqui? - disse-lhe. - E o senhor? - acrescentou, olhando-me - eu lhe havia recomendado, acima de tudo, que não o trouxesse.

- Ele não queria me trazer - disse Morel, virando para o Sr. de Charlus, na ingenuidade de sua coqueteria, olhares convencionalmente tristes e langorosamente desusados, com um ar, que sem dúvida julgava irresistível, de querer beijar o barão e de ter vontade de chorar. - Fui eu que vim contra a vontade dele. Venho, em nome da nossa amizade, para suplicar de joelhos que não cometa essa loucura. -

O Sr. de Charlus delirava de alegria. A reação era muito forte para os seus

nervos; apesar disso, manteve-se senhor da situação.

- A amizade, que o senhor invoca de modo bastante inoportuno - respondeu ele em tom seco - devia pelo contrário conseguir a aprovação de sua parte, quando acho que não devo deixar passar em branco as impertinências de um tolo. Além disso, se eu quisesse obedecer aos rogos de uma afeição que já conheci mais bem inspirada, não poderia mais fazê-lo, visto que as cartas já foram expedidas às minhas testemunhas e não duvido que sejam aceitas. O senhor sempre agiu comigo como um perfeito imbecil e, em vez de se orgulhar, como seria de seu direito, da predileção com que eu o assinalava, em vez de fazer compreender, à chusma de ajudantes ou de criados em meio aos quais a lei militar o força a viver, que motivo de incomparável orgulho era para o senhor uma amizade como a minha, procurou desculpar-se, quase transformando num mérito estúpido o fato de não ser devidamente reconhecido. Sei que nisso acrescentou, para não deixar perceber o quanto certas cenas o haviam humilhado o senhor só é culpado de ter-se deixado levar pelo ciúme dos outros. Mas como é que, na sua idade, pode ser tão criança (e criança mal-educada) para não ter adivinhado imediatamente que minha preferência pelo senhor e todas as vantagens que daí deviam resultar iriam provocar ciúmes? Que todos os seus camaradas, enquanto o incitavam a brigar comigo, iriam trabalhar para tornar o seu posto? Achei que não devia mostrar-lhe as cartas que recebi, sobre o assunto, de todos aqueles em quem mais confia. Desdenho tanto as investidas desses lacaios como suas vãs zombarias. A única pessoa que me preocupa é o senhor, porque muito o estimo, mas a afeição tem limites, e o senhor bem o deveria saber. -

Por mais dura que fosse a palavra "lacaio" aos ouvidos de Morel, cujo pai fora lacaio, mas justamente porque o fora, a explicação de todas as desventuras sociais pelo "ciúme", explicação simplista e absurda, mas que não se desgasta, e que, em determinada classe, "pega" sempre de modo tão infalível como os velhos truques junto ao público dos teatros, ou a ameaça do perigo clerical nas assembléias, encontrava nele um crédito quase tão forte como em Françoise ou nos criados da duquesa de Guermantes, para quem era a causa única dos males da humanidade. Não duvidou que seus camaradas tivessem tentado arrebatar-lhe o lugar e mais infeliz se sentia com aquele duelo calamitoso e, aliás, imaginário.

- Oh, que desespero! - gritou Charlie. - Não sobreviverei a isto. Mas eles não devem vir vê-lo antes de se encontrar com esse oficial?

- Não sei, acho que sim. Mandei dizer a um deles que ficarei aqui esta noite e lhe darei as minhas instruções.

- Espero que, até ele chegar, eu já possa ter feito o senhor recobrar a razão; permita-me apenas que permaneça a seu lado - pediu-lhe Morel com ternura. Era tudo o que o Sr. de Charlus desejava. Não cedeu logo.

- O senhor faria mal em aplicar aqui o "quem muito ama, muito castiga" do provérbio, pois era ao senhor que eu amava muito, e pretendo castigar, mesmo após a nossa briga, aqueles que covardemente tentaram lhe fazer mal. Até agora, as suas insinuações indagativas, que ousavam me perguntar como é que um homem como eu podia ombrear-me com um gigolô de sua espécie, saído do nada, só respondi com a divisa de meus primos La Rochefoucauld: "É meu prazer." Eu mesmo lhe observei várias vezes que esse prazer era suscetível de tornar-se o meu maior prazer, sem que de sua arbitrária elevação resultasse um abaixamento para mim. -

E, num movimento de orgulho quase louco, exclamou erguendo os braços:

- *Tantus ab uno splendor*{33}!

- Condescender não é descer - acrescentou mais calmo, depois desse delírio de orgulho e alegria. - Espero ao menos que meus dois adversários, apesar de sua estirpe inegável, sejam de um sangue que eu possa fazer correr sem desonra. Sobre tal assunto, andei tomando algumas informações discretas que me deixaram tranqüilo. Se tem alguma gratidão por mim, deveria ao contrário sentir-se orgulhoso por ver que, por sua causa, retomo o temperamento belicoso de meus antepassados, dizendo como eles, no caso de um desfecho fatal: "A morte é vida para mim." -

E o Sr. de Charlus dizia-o com sinceridade, não só por amor a Morel, mas também porque uma inclinação pelos combates, que ele ingenuamente acreditava herdar dos ancestrais, lhe dava tanta alegria à idéia de se bater que esse duelo, maquinado a princípio apenas para fazer com que Morel voltasse, fazia com que experimentasse agora uma certa mágoa em desistir dele. Jamais tivera uma questão qualquer sem se julgar logo valoroso e identificado ao ilustre conde de Guermantes, ainda que, em se tratando de outro, esse mesmo ato de marchar para o campo de honra lhe parecesse da última insignificância.

- Creio que será muito bonito - disse-nos com sinceridade, salmodiando cada palavra. - Ver Sarah Bernhardt no L'Aiglon, que é isso? Cocô. Mounet-Sully, no *Édipo*? Cocô. No máximo ela alcança uma certa lividez de transfiguração, quando aquilo se passa nas *Arenas de Nimes*. Mas o que é isso ao lado dessa coisa inaudita, ver combater o próprio descendente do *Condestável*? -

E a esta simples idéia, o Sr. de Charlus, não se contendo de alegria, pôs-se a dar golpes e contragolpes que lembravam Moliere, fazendo-nos aproximar prudentemente de nós os nossos copos e recear que os primeiros entrechoques de lâmina fossem ferir os adversários, o médico e as testemunhas.

- Que espetáculo sugestivo não seria para um pintor! Você, que conhece o Sr. Elstir-disse-me ele -, deveria trazê-lo. -

Respondi que ele não se encontrava no litoral. O Sr. de Charlus insinuou que poderiam passar um telegrama.

- Oh, digo isto por causa dele - acrescentou, diante do meu silêncio. - É sempre interessante para um mestre (e na minha opinião ele é um mestre) fixar um exemplo de semelhante revivescência étnica. E talvez não exista um por século.

Mas, se o Sr. de Charlus se encantava à idéia de um combate que a princípio julgara totalmente fictício; Morel pensava com terror nos mexericos que, da banda do regimento, poderiam estender-se, graças ao rumor que o duelo provocaria, até o templo da rua Bergere. Vendo já a sua "classe" informada de tudo, fazia-se cada vez mais insistente junto ao Sr. de Charlus, o qual continuava a gesticular ante a embriagadora idéia de se bater. Suplicou ao barão que lhe permitisse não abandoná-lo até dois dias mais tarde, data suposta do duelo, para vigiá-lo e tentar fazê-lo escutar a voz da razão. Uma tão terna proposta triunfou das últimas hesitações do Sr. de Charlus, que disse que ia buscar encontrar uma saída, que dali a dois dias enviaria uma resolução definitiva. Desse modo, não resolvendo a questão de vez, o Sr. de Charlus sabia conservar Charlie durante pelo menos dois dias e aproveitaria a ocasião para dele obter compromissos para o futuro em troca de sua renúncia ao duelo, exercício, dizia, que o encantava por si mesmo e do qual não se privava sem pena. E nisto, aliás, era sincero, pois sempre tivera prazer em ir ao campo de honra quando se tratava de cruzar bordos ou de trocar balas com um adversário. Por fim Cottard chegou, muito atrasado, pois, encantado por servir de testemunha, porém mais emocionado ainda, fora obrigado a parar em todos os cafés ou granjas da estrada pedindo que lhe indicassem o "n° 100" ou o "local exato".

Logo que chegou, o barão o conduziu a um aposento isolado, pois achava mais regulamentar que eu e Charlie não assistíssemos à entrevista e era mestre em definir um aposento qualquer a afetação provisória de sala do trono ou de deliberações.

Uma vez a sós com Cottard, agradeceu-lhe calorosamente, mas demonstrou que parecia provável que as frases repetidas na realidade não tivessem sido ditas, e que, em tais condições, o doutor houvesse por bem avisar à segunda testemunha de que, salvo possíveis complicações, o incidente dava-se por encerrado. Afastando-se o perigo, Cottard mostrou-se desapontado. Por um momento, pensou mesmo em manifestar cólera, mas lembrou-se de que um de seus mestres, que fizera a mais bela carreira de seu tempo, tendo deixado de entrar para a Academia por apenas alguns votos, havia mostrado boa cara à má sorte e fora apertar a mão doutor concorrente eleito. Desse modo, o doutor evitou uma expressão de desafio, que não teria mudado coisa alguma, e depois de ter murmurado, ele, o mais medroso dos homens, que há certas coisas que não se pode deixar confessar, acrescentou que era melhor assim, que com esta solução

ele ficava contente. O Sr. de Charlus, desejoso de provar sua gratidão ao doutor, da mesma forma que o senhor duque, seu irmão, ajeitaria a gola do paletó de meu pai, principalmente como uma duquesa teria abraçado uma plebéia, aproximou sua cadeira bem perto da do doutor, apesar do desagrado que este lhe inspirava. E não apenas sem prazer físico, mas vencendo uma repulsão física, como Guermantes e não como invertido, para dizer adeus ele ao doutor, pegou-lhe a mão e acariciou-a por um instante com uma bondade de dono que afaga o focinho de seu cavalo e lhe dá açúcar. Mas Cottard, que nunca deixara ver ao barão que nem mesmo tivesse ouvido os mais vagos rumores maliciosos acerca dos costumes deste, e nem por isso o deixava de considerar, em seu foro íntimo, como fazendo parte da classe dos "anormais" (a tal ponto que, com sua habitual impropriedade de termos e no tom mais sério, dizia de um criado de quarto do Sr. Verdurin: "Não é a amante do barão?"), personagens de que tinha pouca experiência, imaginou que essa carícia da mão era o imediato prelúdio de uma violação, para cuja realização visto que o duelo não passara de um pretexto ele fora atraído a uma cilada e levado pelo Sr. de Charlus àquele gabinete solitário onde ia ser agarrado à força. Não se atrevendo a deixar a cadeira, revirava os olhos de pavor, como se houvesse caído nas mãos de um selvagem do qual não tivesse certeza de que não se alimentava de carne humana. Por fim o Sr. de Charlus, largando-lhe a mão e querendo ser amável até o fim:

- Vai tomar alguma coisa conosco, como se diz, o que antigamente se chamava um mazagrã ou um gloria, bebidas que agora só se encontram, como curiosidades arqueológicas, nas peças de Labiche e nos cafés de Doncieres. Um gloria seria bem adequado ao local, não? E às circunstâncias, que diz?

- Sou presidente da liga antialcoólica - respondeu Cottard. - Bastaria que um medicastro provinciano passasse para que começassem a dizer que eu não dou o exemplo. *Os homini sublime dedit coelumque tueri*{34} -acrescentou.

Embora isso nada tivesse a ver com o assunto, pois era bem pobre o seu estoque de citações latinas, bastando aliás para maravilhar os alunos. O Sr. de Charlus deu de ombros e reconduziu Cottard para junto de nós, depois de lhe haver pedido segredo sobre o que se passara, segredo que tanto mais lhe importava, pois que o motivo do duelo abortado era puramente imaginário, sendo preciso evitar que chegasse aos ouvidos do oficial arbitrariamente posto em questão. Enquanto nós quatro bebíamos, a Sra. Cottard, que esperava pelo marido do lado de fora, diante da porta, e que o Sr. de Charlus vira muito bem, sem se preocupar em mandar chamá-la, entrou e cumprimentou o barão, que lhe estendeu a mão como a uma camareira, sem se mexer do assento, em parte como um rei que recebe homenagens, em parte como um esnobe que não deseja que uma mulher pouco elegante se assente à sua mesa, em parte como egoísta que tem prazer em estar sozinho com os amigos e não quer ser importunado. Assim, a Sra. Cottard ficou

de pé, falando ao Sr. de Charlus e a seu marido. Mas talvez porque a cortesia, o que "se tem a fazer", não seja privilégio exclusivo dos Guermantes, e pode subitamente iluminar e guiar os cérebros mais indecisos, ou porque, enganando muito a mulher, Cottard por momentos, numa espécie de compensação, sentisse necessidade de protegê-la contra quem lhe faltasse com o devido respeito, o doutor bruscamente franziu as sobrancelhas, o que eu jamais o vira fazer, e, sem consultar o Sr. de Charlus, como dono:

- Vamos, Léontine, não fiques assim de pé; senta-te.

- Mas não o incomodo? - indagou timidamente a Sra. Cottard ao barão, o qual, surpreendido com o tom do doutor, nada respondera. E, sem lhe dar tempo dessa vez, Cottard repetiu com autoridade:

- Já te disse para sentares.

Após um momento, a gente se dispersou, e então o Sr. de Charlus disse a Morel:

- De toda esta história, que terminou melhor do que você merecia, concluo que não sabe se comportar e que, ao final de seu serviço militar, eu mesmo o levarei de volta a seu pai, como fez o arcanjo Rafael, enviado por Deus ao jovem Tobias. -

E o barão se pôs a sorrir com ar de grandeza e uma alegria de que Morel, a quem a perspectiva de ser desse modo mandado de volta não agradava nada, parecia não compartir. Na embriaguez de se comparar ao arcanjo e Morel ao filho de Tobias, o Sr. de Charlus não pensava mais na finalidade de sua frase, que era tatear o terreno para saber se, como o desejava, Morel consentiria em voltar com ele a Paris. Embriagado pelo seu amor ou pelo amor-próprio, o barão não viu, ou fingiu não ver, a careta do violinista, pois, tendo deixado este sozinho no café, disse-me com um sorriso orgulhoso:

- Reparou, quando o comparei ao filho de Tobias, como ele delirava de alegria? É porque, como é muito inteligente, compreendeu logo que o Pai, junto ao qual ia viver de agora em diante, não era o seu pai carnal, que deve ser um horrendo criado de quarto com bigodes, mas seu pai espiritual, isto é, Eu. Que orgulho para ele! Com que altivez erguia a cabeça! Como se sentia alegre por ter compreendido! Estou certo de que vai repetir todos os dias: "ó, Deus, que destes o bem-aventurado arcanjo Rafael por guia a vosso servo Tobias em uma longa viagem, concedei a nós, vossos servidores, que sejamos sempre por ele protegidos e dotados de seu socorro." Não tenho nem mesmo necessidade - acrescentou o barão, muito convencido de que se assentaria um dia diante do trono de Deus - de lhe dizer que eu era o enviado celeste, ele o compreendeu por si mesmo e está mudo de felicidade! -

E o Sr. de Charlus (a quem, pelo contrário, a felicidade não tirava a palavra),

pouco se importando com alguns passeantes que viravam a cabeça para ele, julgando ter dado com um louco, gritou com todas as suas forças, erguendo os braços:

- Aleluia!!!

Esta reconciliação só pôs fim durante algum tempo aos tormentos do Sr. de Charlus; muitas vezes Morel, tendo partido em manobras longe demais para que o Sr. de Charlus pudesse ir vê-lo e enviar-me para lhe falar, escrevia ao barão cartas desesperadas e ternas, em que lhe assegurava que teria de matar-se, devido a uma coisa horrível que o punha na necessidade de ter vinte e cinco mil francos. Não dizia que coisa horrível era essa e, mesmo que o dissesse, sem dúvida era invenção. Quanto ao dinheiro, o Sr. de Charlus o teria enviado de boa vontade, se não sentisse que aquilo dava a Charlie condições de não precisar dele e também de ter os favores de outra pessoa. Assim, recusava, e seus telegramas tinham o tom seco e cortante de sua voz. Quando estava certo de seu efeito, desejava que Morel rompesse com ele para sempre, pois, persuadido de que o contrário é que haveria de ocorrer, dava-se conta de todos os inconvenientes que renasceriam dessa ligação inevitável. Mas, se não chegasse resposta alguma de Morel, ele deixava de dormir, não tinha mais nenhum momento de sossego, tão grande é de fato o número de coisas que vivemos sem as conhecer, e das realidades interiores e profundas que nos permanecem ocultas. Então, ele formulava todas as hipóteses acerca dessa enormidade que fazia com que Morel tivesse necessidade de vinte e cinco mil francos, dava-lhes todas as formas, ligava-lhes sucessivamente diversos nomes próprios. Creio que naqueles momentos o Sr. de Charlus (embora por essa época o seu esnobismo, diminuindo, já tivesse sido alcançado, senão ultrapassado, pela crescente curiosidade que o barão mostrava pelo povo) devia se lembrar com certa nostalgia dos graciosos turbilhões multicores das reuniões mundanas, em que as mulheres e os homens mais encantadores só o procuravam pelo prazer desinteressado que ele lhes dava, onde ninguém teria sonhado em "armar-lhe um golpe", inventar uma "coisa horrível", pela qual estariam prontos a matar-se caso não recebessem imediatamente vinte e cinco mil francos. Creio que então, e talvez porque, ainda assim, permanecera mais aferrado a Combray do que eu e houvesse enxertado a altivez feudal no orgulho alemão, devia julgar que não se é impunemente o amante sincero de um criado, que o povo não é exatamente a sociedade, que ele não inspirava confiança ao povo, como sempre ocorrera comigo.

A estação seguinte do trenzinho, Maineville, lembra-me justamente um incidente relativo a Morel e ao Sr. de Charlus. Antes de falar nele, devo dizer que a chegada a Maineville (quando se levava até Balbec um recém-chegado elegante que, para não perturbar, preferia não se hospedar na Raspeliere) era ocasião de cenas menos penosas do que a que vou contar dentro de um instante. O recém-

chegado, tendo suas bagagens miúdas no trem, em geral achava o Grande Hotel um tanto afastado, mas, como não havia antes de Balbec senão praiazinhas com vivendas desconfortáveis, resignava-se, de gosto pelo luxo e pelo bem-estar, ao longo trajeto, quando, no momento em que o trem estacionava em Maineville, via bruscamente erguer-se o Palace, que ele não podia suspeitar fosse uma casa de prostituição.

- Mas não precisamos ir mais longe - dizia infalivelmente à Sra. Cottard, mulher conhecida como de espírito prático e boa conselheira. - Eis exatamente o que me serve. Para que continuar até Balbec, onde certamente não será melhor? Só pelo aspecto, acho que tem todo o conforto; Poderia perfeitamente mandar buscar a Sra. Verdurin, pois pretendo, em troca de suas gentilezas, dar algumas reuniões em sua homenagem. Ela não terá de andar tanto como se eu morasse em Balbec. Isto me parece perfeitamente adequado para ela, e para sua esposa, meu caro professor. Deve ter salões; convidaremos as senhoras. Cá entre nós, não compreendo por que, em vez de alugar La Raspeliere, a Sra. Verdurin não veio morar aqui. É muito mais sadio que nas velhas casas como La Raspeliere, que é forçosamente úmida, e aliás sem ser limpa; eles não têm água quente, a gente não pode lavar-se como queira. Maineville me parece bem mais agradável. A Sra. Verdurin, aqui, teria desempenhado perfeitamente o seu papel de dona-de-casa. Em todo caso, cada um com seu gosto; quanto a mim, vou fixar-me aqui. Senhora Cottard, não quer descer comigo? Despachemo-nos, o trem não vai demorar a partir. A senhora me guiaria até essa casa que será a sua e que já deve ter freqüentado várias vezes. É um quadro que parece feito para a senhora. - Custava-nos muito fazê-lo calar-se e, sobretudo, impedi-lo de descer, pois o infeliz convidado, com a obstinação que muitas vezes provém das gafes, insistia, pegava as suas malas e não queria dar ouvidos a coisa alguma, até que lhe asseguravam que nem a Sra. Verdurin nem a Sra. Cottard jamais iriam vê-lo naquela casa. - Em todo caso, vou fixar domicílio ali. A Sra. Verdurin não terá mais do que me escrever.

A lembrança relativa a Morel se refere a um incidente de caráter mais particular. Houve outros, porém contento-me aqui, à medida que o "tortinho" pára e o empregado grita Doncieres, Grattevast, Maineville, etc., em assinalar o que a praiazinha e a guarnição evocam. Já falei de Maineville (media villa) e da importância que ela adquiria devido àquela suntuosa casa de mulheres recentemente construída, não sem despertar os protestos inúteis das mães de família. Mas, antes de dizer em que Maineville tem alguma relação, na minha memória, com Morel e o Sr. de Charlus, tenho de apontar a desproporção (que mais tarde terei de esmiuçar) entre a importância que Morel atribuía a conservar livres determinadas horas e a insignificância das ocupações em que pretendia empregá-las, sendo que essa mesma desproporção ocorria em meio às

explicações de outra natureza que dava ao Sr. de Charlus. Ele, que se fingia de desinteressado com o barão (e podia fazê-lo sem riscos, tendo em vista a generosidade de seu protetor), quando desejava ter a noite livre para dar uma aula, etc., não deixava de acrescentar a seu pretexto estas palavras ditas com um sorriso de cupidez:

- E depois, isto pode me fazer ganhar quarenta francos. Não é nada. Permita-me ir, pois, como vê, é do meu interesse. Diabos, não tenho rendas como o senhor, preciso ir fazendo a minha situação, é o momento de ganhar uns trocados. -

Ao desejar dar a sua aula, Morel não estava sendo de todo insincero. Por um lado, é falso que o dinheiro não tenha cor. Uma nova maneira de ganhá-lo devolve o brilho às moedas que o uso gastou. Se de fato ele havia saído para dar uma aula, é possível que dois luíses entregues na despedida por uma aluna tenham produzido sobre ele um efeito diverso de dois luíses caídos das mãos do Sr. de Charlus. Depois, o homem mais rico caminharia, por dois luíses, quilômetros que se transformam em léguas quando se é filho de um criado de quarto. Mas várias vezes, acerca da realidade da aula de violino, o Sr. de Charlus tinha dúvidas, tanto maiores, visto que o músico freqüentemente invocava pretextos de outro gênero, de natureza inteiramente desinteressada do ponto de vista material, e além disso absurdos. Assim, Morel não podia deixar de apresentar uma imagem de sua vida, mas voluntariamente, e também involuntariamente, de tal modo ensombrecida que somente certas partes se deixavam distinguir. Durante um mês ele se pôs à disposição do Sr. de Charlus, com a condição de ter as noites livres, pois desejava freqüentar assiduamente o curso de álgebra. Ir depois visitar o Sr. de Charlus? Ah, impossível, as aulas iam às vezes até muito tarde.

- Mesmo até depois das duas da manhã? - perguntava o barão.

- Às vezes.

- Mas a álgebra se aprende tão facilmente num livro.

- Até mais facilmente, pois não entendo grande coisa nas aulas.

- Então? Aliás, a álgebra não vai te servir para nada.

- Gosto disso. Dissipa a minha neurastenia. -

"Não, não pode ser a álgebra que lhe faz pedir licenças noturnas", dizia consigo o Sr. de Charlus. "Estará ligado à polícia?"

Em todo caso Morel, fossem quais fossem as objeções que lhe fizessem, reservava certas horas tardias, seja para a álgebra, seja para o violino. Uma vez não foi uma nem outra coisa, mas o príncipe de Guermantes, que, tendo vindo passar alguns dias na praia para visitar a duquesa de Luxemburgo, encontrou o músico, sem saber de quem se tratava e sem que Morel tampouco o conhecesse,

e lhe ofereceu cinqüenta francos para passarem a noite juntos na casa de mulheres em Maineville; prazer duplo para Morel, pelo dinheiro recebido do Sr. de Guermantes e pela volúpia de achar-se rodeado de mulheres cujos seios morenos se exibiam desnudos. Não sei como o Sr. de Charlus soube do local e do que se passava, mas não do nome do sedutor. Louco de ciúme, e a fim de conhecer este último, telegrafou a Jupien, que chegou dois dias depois, e, quando, no começo da semana seguinte, Morel anunciou que de novo estaria ausente, o barão perguntou a Jupien se ele se encarregaria de comprar a patroa do estabelecimento e conseguir que os escondessem, a ele e Jupien, para assistirem à cena.

- Está entendido. Vou cuidar disso, seu tratante - respondeu Jupien ao barão.

Não se pode compreender a que ponto essa inquietação agitava e, por isso mesmo, havia enriquecido momentaneamente o espírito do Sr. de Charlus. Assim, o amor provoca verdadeiras convulsões geológicas do pensamento. No do Sr. de Charlus, que ainda poucos dias antes se assemelhava a uma planície tão uniforme que, na maior distância, não se poderia perceber uma única idéia ao nível do solo, tinham-se bruscamente erguido, duras como pedras, um maciço de montanhas, mas de montanhas que fossem igualmente esculpidas, como se algum estatuário, em vez de transportar o mármore, o tivesse cinzelado no local e onde se retorciam, em grupos gigantes e titânicos, a Fúria, o Ciúme, a Curiosidade, a Inveja, o ódio; o Sofrimento, o Orgulho, o Receio e o Amor.

Nesse meio tempo, chegara o dia em que Morel devia estar ausente. A missão de Jupien obtivera êxito. Ele e o barão deveriam chegar por volta das onze da noite e ficariam escondidos. Três ruas antes de chegar a essa esplêndida casa de prostituição (aonde vinha gente de todos os arredores elegantes), o Sr. de Charlus andava na ponta dos pés, dissimulava a voz, suplicava a Jupien que falasse mais baixo, de medo que Morel os ouvisse lá de dentro. Ora, logo que entrou a passo de gato no vestíbulo, o Sr. de Charlus, pouco habituado a esse tipo de lugares, encontrou-se, para seu terror e estupefação, num local mais barulhento que a Bolsa de Valores ou a Sala dos Leilões. Era em vão que recomendava, às *soubrettes* que se apressavam a seu redor, que falassem mais baixo; e aliás a sua própria voz era abafada pelo barulho dos gritos e imprecações de uma velha "subpatroa" de peruca muito escura, com um rosto em que se estampava a gravidade de um notário ou de um padre espanhol, e que, a todo instante, soltava, com voz de trovão, fazendo alternativamente abrir e fechar as portas, como se regula a circulação dos carros: "Ponha o cavalheiro no 28, no quarto espanhol." "Já não se pode passar." "Abram a porta, estes cavalheiros perguntam pela Srta. Noémie. Ela os espera no salão persa."

O Sr. de Charlus estava assustado como um provinciano que tem de atravessar os bulevares; e, para empregar uma comparação infinitamente menos sacrílega que o assunto representado nos capitéis do pórtico da velha igreja de Couliville, as vozes das jovens criadas repetiam mais baixo, sem se cansar, a ordem da subpatroa, como esses catecismos que ouvimos os alunos salmodiarem na sonoridade de uma igreja rural. Por mais medo que tivesse, o Sr. de Charlus, que na rua tremia à idéia de ser ouvido, convencendo-se de que Morel estava à janela, talvez não se assustasse tanto em meio ao ranger daquelas escadarias enormes, onde se compreendia que não era possível ouvir coisa alguma dos quartos. Afinal, no termo de seu calvário, encontrou a Srta. Noémie, que devia escondê-lo com Jupien, mas principiou por fechá-lo num salão persa extremamente suntuoso, de onde ele não via nada. Ela disse-lhe que Morel pedira uma laranjada e que, logo que a tivessem servido, introduziriam os dois viajantes num salão transparente. Enquanto isso, como a reclamassem, ela lhes prometeu, como num conto, que, para passarem o tempo, iria mandar-lhes "uma mulherzinha inteligente". Pois ela estava sendo chamada. A mulherzinha inteligente vestia um *peígnoír* persa, que desejava tirar. O Sr. de Charlus pediu-lhe que não fizesse nada, e ela mandou subir champanha, que custava quarenta francos a garrafa. Durante todo esse tempo, Morel na verdade estava com o príncipe de Guermantes; para salvar as aparências, fingira enganar-se de quarto, entrara num em que havia duas mulheres, as quais se apressaram a deixar os dois cavalheiros a sós. O Sr. de Charlus ignorava tudo isso, mas praguejava e queria abrir as portas; mandou chamar de novo a Srta. Noémie, a qual, tendo ouvido a mulherzinha inteligente dar ao Sr. de Charlus detalhes sobre Morel que não concordavam com os que ela mesma dera a Jupien, fê-la retirar-se e em breve enviou, para substituí-la, "uma mulherzinha gentil", que não lhes mostrou nada de mais, mas falou o quanto a casa era séria e também pediu champanha. O barão, espumando de ódio, mandou que a Srta. Noémie voltasse; esta lhes disse:

- Sim, demora um pouco, essas damas tomam atitudes, não parece que ele tenha vontade de fazer alguma coisa. -

Por fim, diante das promessas e ameaças do barão, a Srta. Noémie saiu com ar contrariado, assegurando-lhes que não esperariam mais de cinco minutos. Tais cinco minutos duraram uma hora, após o que Noémie conduziu, na ponta dos pés, o Sr. de Charlus, ébrio de furor, e Jupien, desolado, para uma porta entreaberta, dizendo:

- Os cavalheiros vão ver muito bem. Aliás, neste momento não é interessante, ele está com três damas e conta-lhes a sua vida no regimento. -

Enfim o barão pôde ver pela abertura da porta e também nos espelhos. Mas um

terror mortal o obrigou a apoiar-se à parede. Era Morel mesmo que ele tinha diante de si, mas, como se ainda existissem os mistérios pagãos e os enfeitiçamentos, era antes a sombra de Morel. Morel embalsamado, nem sequer Morel ressuscitado como Lázaro, uma aparição de Morel, um fantasma de Morel. Morel retornando ou evocado naquele quarto (onde por todo lado as paredes e os divãs repetiam emblemas de feitiçaria), que estava a poucos metros dele, de perfil, Morel tinha, como depois da morte, perdido todas as cores; entre aquelas mulheres, com as quais era de esperar que se entregasse a alegres folguedos, permanecia lívido, preso a uma imobilidade artificial; para beber a taça de champanha à sua frente, seu braço sem forças tentava estender-se devagar e tombava. Tinha-se a impressão desse equívoco que faz que uma religião fale de imortalidade, mas por isso entende alguma coisa que não exclui o Nada. As mulheres o atormentavam com perguntas. As perguntas das mulheres se faziam mais inquisitivas, mas Morel, inanimado não tinha força para lhes responder. Nem sequer se produzia o milagre de uma palavra murmurada. O senhor de Charlus teve um só instante de vacilação e compreendeu a verdade e que já por estupidez de Jupien quando fora acertar tudo, já fora por poder de expansão dos segredos confiados que nunca os conservara seja pelo caráter indiscreto dessas mulheres, seja por temor da polícia, tinham avisado Morel que dois senhores haviam pago muito caro para vê-lo, tinham-no feito sair o príncipe de Guermantes, permutado em três mulheres e colocado o pobre Morel, tremente e paralisado de tal modo pelo estupor que se o senhor de Charlus o via mal, era porque ele estava apavorado e sem palavras, não se atrevia a tomar seu copo por temor a deixá-lo cair, vendo totalmente o barão.

A história por outra parte não termina melhor para o príncipe de Guermantes. Quando o tinham feito sair para que não visse o senhor de Charlus, furioso por sua desilusão sem suspeitar quem era o autor, tinha suplicado ao Morel, sempre sem lhe deixar saber sua identidade, que se vissem na noite seguinte na pequena casa que havia alugado e que apesar do escasso tempo que devia ocupar, fora adornado, de acordo com o mesmo costume maníaco que já observamos em casa da senhora de Villeparisis, com grande quantidade de lembranças de família, para sentir-se mais aclimado.

Por isso no dia seguinte, Morel, que voltava com freqüência a cabeça, tremendo que o seguisse e o espiasse a mando do senhor de Charlus, tinha terminado por entrar na casa. Um serviçal o fez entrar em salão, dizendo que ia avisar ao senhor (seu amo lhe tinha recomendado que não pronunciasse seu título de príncipe temendo despertar suspeitas). Mas quando Morel estava sozinho e quis olhar no espelho para ver se sua mecha estava despenteada, foi como uma alucinação. Sobre a estufa, as fotografias identificáveis para o violinista, por ter visto em casa do senhor de Charlus, da princesa de Guermantes, da duquesa de

Luxemburgo e da senhora de Villeparisis, petrificaram-no primeiro de assombro. No mesmo momento advertiu a do

senhor de Charlus, que estava um pouco apartada. O barão parecia imobilizado à Morel com seu olhar estranho e fixo. Louco de medo, Morel, que voltava de seu primitivo estupor e não duvidava que essa não fosse uma cilada em que o tinha feito cair o senhor de Charlus, para comprovar se era fiel, desceu de quatro os poucos degraus da casa e saiu correndo pela estrada. Quando o príncipe de Guermantes (depois de ter feito esperar o que acreditou necessário a uma relação de passagem, não sem haver perguntado se era muito prudente e se o indivíduo não seria perigoso), entrou no salão, não encontrou ninguém. Por mais que explorasse toda a casa, com seu serviçal e com o revólver em punho a casa inteira, que não era grande, e os recantos do jardinzinho e o porão, desaparecera o companheiro cuja presença julgara certa. Encontrou-o várias vezes durante a semana seguinte. Mas de cada vez, era Morel, o sujeito perigoso, quem fugia, como se o príncipe fosse mais perigoso ainda. Renitente em suas suspeitas, Morel nunca as dissipou, e mesmo em Paris, a simples vista do príncipe de Guermantes bastava para pô-lo em fuga. Por onde se vê que o Sr. de Charlus foi protegido de uma infidelidade que o desesperava, e vingado sem jamais tê-lo imaginado, e nem principalmente de que modo.

Mas as lembranças do que me contaram a respeito já não substituídas por outras, pois o B.C.N., retomando a sua marcha de "calhambeque", continua a largar ou apanhar os viajantes nas estações seguintes.

Em Grattevast, onde morava sua irmã com quem fora passar a tarde, subia às vezes o Sr. Pierre de Verjus, conde de Crécy (a quem chamavam apenas conde de Crécy), fidalgo pobre mas de extrema distinção, que eu conhecera através dos Cambremer, a quem aliás era pouco ligado. Reduzido a uma vida extremamente modesta, quase miserável, sentia eu que um charuto, uma "consumação" eram coisas tão agradáveis para ele que tomei o hábito, quando não podia ver Albertine, de convidá-lo para vir a Balbec. Muito fino e expressando-se às mil maravilhas cabeça toda branca e encantadores olhos azuis, falava principalmente com o canto dos lábios, e muita delicadeza, dos confortos da vida senhorial, que evidentemente conhecera, e também de genealogias. Como lhe perguntasse o que estava gravado em seu anel, disse com um sorriso modesto:

- É um ramo de *verjus* (agraço{35}).

E acrescentou com prazer de degustador:

- Nossas armas são um ramo de agraço simbólico, pois me chamo *Verjus* com caule e folhas de sinople. -

Creio, porém, que ficaria decepcionado se em Balbec eu só lhe oferecesse verjus para beber. Ele apreciava os vinhos mais caros, decerto por privação, pelo conhecimento profundo daquilo de que se achava privado, por gosto, talvez também por inclinação exagerada. Assim, quando o convidava para jantar em Balbec, ele encomendava a refeição com uma ciência requintada, mas comia um pouco demais, e sobretudo bebia, mandando guardar os vinhos que deviam ser bebidos logo, e gelar aqueles que deviam ficar no gelo. Antes e depois do jantar, indicava a data ou o número que desejava de um vinho do porto ou de um conhaque, como o teria feito para a ereção geralmente ignorada de um marquesado, mas que ele conhecia igualmente bem.

Como eu era para Aimé um freguês predileto, ficava ele encantado que eu desse esses jantares extras e gritava para os garçons:

- Depressa, preparem a mesa 25; - ele nem mesmo dizia "preparem", mas "preparem-me", como se fosse para ele próprio. E, como a linguagem dos mordomos de hotel não é exatamente a mesma da dos chefes de mesa, subchefes, copeiros, etc., no momento em que eu pedia a nota, ele dizia ao garçom que nos servira, com um gesto repetido e apaziguador da palma da mão, como se quisesse acalmar um cavalo prestes a tomar o freio nos dentes:

- Não avance muito (para a nota); vá devagarinho, bem devagarinho. -

Depois, como o garçom partisse com esse aviso, Aimé, receando que suas recomendações não fossem observadas com exatidão, tornava a chamá-lo:

- Espere, eu mesmo vou pôr os preços. -

E, como eu lhe dissesse que aquilo não fazia diferença:

- Tenho por princípio que, como se diz vulgarmente, não se deve burlar o freguês. -

Quanto ao gerente, observando as roupas simples, sempre as mesmas e bastante gastas do meu convidado (e contudo ninguém poria tão bem em prática a arte de se vestir com opulência, como um elegante de Balzac, se possuísse meios), limitava-se, por minha causa, a inspecionar de longe para ver se tudo corria bem e a exigir, com um olhar, que pusessem um calço no pé da mesa que não estava a prumo. Não que não soubesse meter a mão na massa como qualquer outro, embora ocultasse os seus começos como lava-pratos.

Foi preciso, todavia, uma circunstância excepcional para que um dia ele próprio destrinchasse os perus. Eu havia saído, mas soube que ele o fizera com uma majestade sacerdotal, cercado, a respeitosa distância do trinchante, de um círculo de garçons que assim procuravam menos aprender do que se exibir, e tinham um ar beatífico de admiração. Aliás, não foram vistos de modo algum pelo gerente (que mergulhava num gesto lento no flanco das vítimas e sem

despregar os olhos, compenetrados de sua alta função e como se devesse ler algum augúrio). O sacrificador nem sequer percebeu minha ausência. Quando o soube, ficou desolado.

- Como, o senhor não me viu decepar eu mesmo os perus? -

Respondi que, não tendo podido ver até então Roma, Veneza, Siena, o museu do Prado, o museu de Dresde, as Índias, nem Sarah na Fedra, já conhecia a resignação e acrescentaria à lista o seu trinchamento dos perus. A comparação com a arte dramática (Sarah na Fedra) foi a única que ele pareceu compreender, pois sabia por mim que, nos dias de representações de gala, *Coquelin sênior* aceitara papéis de estreante, ou até o de personagens que só dizem uma frase ou nem dizem nada.

- Tanto faz, estou desolado pelo senhor. Quando é que vou trinchar de novo? Seria preciso um acontecimento, seria preciso uma guerra. -

(Com efeito, foi necessário o armistício.) Desde esse dia, o calendário foi mudado, contava-se assim: "Foi no dia seguinte àquele em que trinchei pessoalmente os perus." - "Foi exatamente oito dias depois que o gerente trinchou ele próprio os perus." - Assim, aquela prossectomia serviu, como o nascimento de Cristo ou a Hégira, de ponto de partida para um calendário diverso dos demais, mas que não logrou sua extensão nem igualou sua duração.

A tristeza da vida do Sr. de Crécy tanto provinha de não mais possuir cavalos e uma mesa suculenta, como de conviver com pessoas que imaginavam que Cambremer e Guermantes fossem uma só família. Quando viu que eu sabia que Legrandin, que agora se fazia chamar Legrand de Méséglise, a que não tinha o menor direito, aliás animado pelo vinho que bebia, teve uma espécie de acesso de alegria. Sua irmã me dizia com ar de compreensão:

- Meu irmão jamais se sente tão feliz como quando pode conversar com o senhor. -

De fato, ele sentia-se existir desde que descobrira alguém que conhecia a mediocridade dos Cambremer e a grandeza dos Guermantes, alguém para quem o universo social existia. Como se, após o incêndio de todas as bibliotecas do globo e a ascensão de uma raça totalmente ignorante, um velho latinista retomasse pé e confiança na vida ao ouvir alguém citar-lhe um verso de Horácio. Assim, se ele jamais saía do vagão sem me dizer:

- Para quando, a nossa pequena reunião? - tanto era por avidez de parasita, como por gula de erudito, e porque considerava os ágapes de Balbec como uma ocasião para conversar, ao mesmo tempo, sobre assuntos que lhe eram caros e de que não podia falar com ninguém, e análogos nisso a esses jantares em que se reúnem em datas fixas, diante da mesa particularmente suculenta do Círculo da

União, a Sociedade dos Bibliófilos. Muito modesto no que se referia à sua própria família, não foi pelo Sr. de Crécy que fiquei sabendo que ela era bem grande e um autêntico ramo, enraizado na França, da família inglesa que leva o título de Crécy. Quando soube que ele era um verdadeiro Crécy, contei-lhe que uma sobrinha da Sra. de Guermantes havia desposado um americano de nome Charles Crécy e lhe disse que pensava que o mesmo não tinha qualquer relação com ele.

- Nenhum - disse-me. - Como também (apesar de que minha família não possui tanta ilustração) muitos americanos que se chamam Montgommery Berry, Chandos ou Capei não têm qualquer relação com as famílias de Pembroke, de Buckingham, d'Essex, ou com o duque de Berry. -

Pensei várias vezes em lhe dizer, para diverti-lo, que conhecia a Sra. Swann, a qual, como cocote, era conhecida antigamente sob o nome de Odette de Crécy; mas, embora o duque d'Alençon não pudesse ficar constrangido que lhe falassem de Émilienne d'Alençon, não me julguei bastante íntimo do Sr. de Crécy para levar o gracejo a esse ponto.

- Ele pertence a uma grande família - disse-me um dia o Sr. de Montsurvent. - Seu patronímico é Saylor. - E acrescentou que, no seu velho castelo acima de Incarville, aliás quase inabitável, e que, embora o Sr. de Crécy tivesse nascido muito rico, estava atualmente arruinado demais para poder reformá-lo, lia-se ainda a antiga divisa da família. Achei essa divisa muito bonita, aplicada aplicada à impaciência de uma raça de presa aninhada naquele ambiente de onde outrora devia alçar vôo, seja, hoje, atribuída à contemplação do declínio, à espera da morte próxima naquele retiro selvagem e dominador. Com efeito, é nesse duplo sentido que essa divisa joga com o nome de Saylor: *Ne sçais I'heure*{36}.

Em Hermonville, embarcava às vezes o Sr. de Chevregny, cujo nome, disse-me Brichot, significava (como o de Monsenhor de Cabrieres) "lugar onde se reúnem as cabras". Era parente dos Cambremer e, por causa disso, e devido a uma falsa apreciação da elegância, estes o convidavam freqüentemente a Féterne, mas apenas quando não tinham convidados para exibir. Vivendo o ano inteiro em Beausoleil, o Sr. de Chevregny permanecera mais provinciano do que eles. Assim, quando ia passar algumas semanas em Paris, não tinha um só dia a perder para tudo o que "haveria de ver"; a tal ponto que às vezes, um pouco aturdido pelo número de espetáculos digeridos depressa demais, quando lhe perguntavam se tinha visto uma determinada peça, chegava a não ter certeza. O que era raro, pois ele conhecia as coisas de Paris com esse pormenor particular às pessoas que raramente a visitam. Aconselhava-me as "novidades" que convinha ir ver ("Isto vale a pena"), aliás considerando-as apenas do ponto de vista da noite agradável que fazem passar, e ignorando o ponto de vista estético

até não desconfiar sequer que pudessem, de fato, constituir às vezes uma "novidade" na história da arte. Assim é que, falando de tudo sob um mesmo plano, ele nos dizia:

- Uma vez fomos à ópera-Cômica, mas o espetáculo não era famoso. Chamava-se *Pélleas et Mélisande*. É insignificante. Périer representa sempre bem, mas é preferível vê-lo em outra coisa. Em compensação, no *Gymnase*, representava-se A Castelã. Voltamos duas vezes lá; não deixem de ir, merece ser vista. E depois, é representada às maravilhas. Verão Frévalles, Marie Magnier, Baronfils. -

Citava-me até nomes de atores de que eu jamais ouvira falar, e sem fazê-los preceder de "senhor", "senhora" ou "senhorita", como o teria feito o duque de Guermantes, o qual falava no mesmo tom cerimoniosamente desdenhoso das "*canções da Srta. Yvette Guilbert*" e das "experiências do Sr. Charcot". O Sr. de Chevregny não procedia dessa forma; dizia Cornaglia e Dehelly, como teria dito Voltaire e Montesquieu. Nele, relativamente aos atores e a tudo quanto fosse parisiense, o desejo de se mostrar desdenhoso, que tinha o aristocrata, era vencido pelo de parecer familiar, próprio do provinciano.

Logo depois do meu primeiro jantar na Raspeliere com o que ainda se chamava em Féterne "o jovem casal", embora o Sr. e a Sra. de Cambremer já não fossem jovens, a velha marquesa me escrevera uma dessas cartas cuja caligrafia se reconhece entre milhares. Dizia-me: "Traga sua prima deliciosa encantadora -, agradável. Será um encanto, um prazer" falhando sempre com tal infalibilidade a progressão esperada por aquele que recebia a carta, que acabei por mudar de opinião acerca da natureza daqueles diminuendo, por julgá-los intencionais e por encontrar neles a mesma deterioração do gosto transposta para a ordem mundana que levava Sainte-Beuve a quebrar todas as alianças de palavras, a alterar toda expressão um tanto habitual. Dois métodos, sem dúvida ensinados por mestres diferentes, contrariavam-se nesse estilo epistolar, o segundo fazendo a Sra. de Cambremer compensar a banalidade dos adjetivos múltiplos ao empregá-los em escala descendente, e evitando acabar no acorde perfeito. Em troca, eu me inclinava a ver, nessas gradações inversas, não mais o requinte, como quando elas eram obra da velha marquesa, mas sim falta de jeito, todas as vezes em que eram empregadas pelo marquês, seu filho, ou por suas primas. Pois em toda a família, até um grau bastante afastado e por uma imitação admirável da tia Zélia, a regra dos três adjetivos era muito estimada, bem como uma certa maneira entusiasta de retomar a respiração ao falar. Imitação que aliás passara ao sangue; e, quando na família uma meninazinha, desde a infância, parava ao falar para engolir saliva, diziam: - Ela puxou à tia Zélia e sentiam que mais tarde o seu lábio teria uma rápida inclinação a sombrear-se de um leve buço, e prometiam cultivar nela as disposições que mostrasse para a música. As relações dos Cambremer não tardaram a ser menos perfeitas com a Sra.

Verdurin do que comigo, e por motivos diversos. Desejavam convidar esta última. A "jovem" marquesa dizia-me com desdém:

- Não vejo por que não havemos de convidar essa mulher; no campo, a gente visita qualquer um; isso não traz conseqüências. -

Mas no fundo, muito impressionados, não cessavam de me consultar sobre a maneira como deveriam realizar o seu desejo de polidez. Como nos haviam convidado para jantar, a mim e a Albertine, na companhia de amigos de Saint-Loup, pessoas elegantes da região, proprietários do castelo de Gourville, e que mais ou menos representavam a elite normanda, que a Sra. Verdurin apreciava, embora não quisesse aparentá-lo, aconselhei aos Cambremer que convidassem a Patroa também. Mas os castelães de Féterne, por medo (de tanto que eram tímidos) de descontentar seus nobres amigos, ou (de tanto que eram ingênuos) que o Sr. e a Sra. Verdurin se entediassem com pessoas que não eram intelectuais, ou ainda (como estavam impregnados de um espírito rotineiro que a experiência não fecundara), receando misturar os gêneros e cometer uma tolice, declararam que aquilo não "daria certo" em conjunto, que "estragaria", e que era melhor reservar a Sra. Verdurin (que haveriam de convidar com todo o seu pequeno grupo) para um outro jantar. Para o próximo o elegante, com os amigos de Saint-Loup do pequeno grupo só convidaram Morel, a fim de que o Sr. de Charlus fosse indiretamente informado sobre as pessoas brilhantes que eles recebiam, e também para que o músico fosse um elemento de distração para os convidados, pois pediram-lhe que levasse o seu violino. Acrescentaram-lhe Cottard, porque o Sr. de Cambremer declarou que ele era um sujeito animado e fazia boa figura num jantar; além do mais, seria conveniente estar em bons termos com um médico, para o caso de alguém ficar doente. Mas convidaram-no sozinho, para "não começar nada com a mulher". A Sra. Verdurin ficou indignada quando soube que dois membros do pequeno grupo tinham sido convidados sem ela para um jantar íntimo em Féterne. Ditou ao doutor, cujo primeiro movimento fora de aceitar o convite, uma altiva resposta em que dizia: "Nós jantamos esta noite na casa da Sra. Verdurin", plural que deveria ser uma lição para os Cambremer, e mostrar-lhes que ele era inseparável da Sra. Cottard. Quanto a Morel, a Sra. Verdurin não teve necessidade de lhe traçar uma conduta impolida, que ele próprio adotou espontaneamente. Eis por quê. Se, no que se refere aos seus prazeres, tinha ele, em relação ao Sr. de Charlus, uma independência que a este muito afligia, já vimos que a influência deste último se fazia sentir mais em outros domínios e que, por exemplo, ele havia ampliado seus conhecimentos musicais e apurado o estilo do virtuose. Porém, ao menos do ponto de vista da nossa narrativa, não passava de uma influência. Em compensação, havia um terreno sobre o qual aquilo que o barão dizia era cegamente acreditado e feito por Morel. Cega e loucamente, pois não só os

ensinamentos do Sr. de Charlus eram falsos como também, ainda que válidos para um grão-senhor, tornavam-se grotescos aplicados ao pé da letra por Morel. O terreno em que Morel se tornava tão crédulo e era tão dócil ao mestre era o terreno mundano. O violinista que, antes de conhecer a Sr. de Charlus, não tinha noção alguma da sociedade, tomara ao pé da letra o esboço altivo e sumário que lhe traçara o barão:

- Há um certo número de famílias preponderantes - dissera-lhe o Sr. de Charlus. - Antes de tudo os Guermantes, que contam quatorze alianças com a Casa de França, o que aliás é principalmente lisonjeiro à Casa de França, pois era a Aldonca de Guermantes e não a Luís o Gordo, seu irmão consangüíneo, porém segundo-gênito, que deveria ter voltado ao trono da França. Sob Luís XIV, pusemos luto pela morte de Monsenhor, pois tínhamos a mesma avó que o rei. Muito abaixo dos Guermantes, pode-se todavia citar os La Trémoïlle, descendentes dos reis de Nápoles e dos condes de Poitiers; os d'Uzes, pouco antigos como família mas que são os mais antigos pares; os Luynes, bem recentes, mas com o brilho das grandes alianças; os Choiseul, os Harcourt, os La Rochefoucauld. Acrescente ainda os Noailles, apesar do conde de Toulouse, os Montesquiou, os Castellane e, salvo esquecimento, isso é tudo. Quanto a todos esses fidalgotes que se chamam marquês de *Cambremerda* ou de *Vaitefumar*, não há nenhuma diferença entre eles e o último soldado do seu regimento. Que você vá fazer xixi na casa da condessa Cocô e cocô na da baronesa Xixi, é a mesma coisa, terá comprometido a sua reputação e tomado um trapo sujo por papel higiênico. É uma porcaria. -

Morel recolhera piedosamente essa lição de história, talvez um tanto sumária; julgava as coisas como se ele próprio fosse um Guermantes e sonhava com uma ocasião de se encontrar com os falsos La Tour d'Auvergne para fazê-los sentir, com um soco desdenhoso, que ele não os levava a sério. Quanto aos Cambremer, eis que justamente podia mostrar-lhes que não valiam mais que "o último soldado de seu regimento". Não respondeu ao convite deles e na noite do jantar desculpou-se à última hora com um telegrama, deslumbrado como se acabasse de agir feito um príncipe de raça. Além disso, resta acrescentar que não se pode imaginar o quanto, de um modo geral, o Sr. de Charlus podia ser insuportável, minucioso, e até, ele tão fino, também imbecil, em todas as ocasiões em que entravam em jogo os defeitos do seu caráter. De fato, pode-se dizer que estes são como que uma enfermidade intermitente do espírito. Quem já não reparou no fato entre as mulheres, e até nos homens, dotados de inteligência notável porém afligidos de nervosismo? Quando estão felizes, sossegados, satisfeitos com o ambiente, fazem com que admiremos seus preciosos dotes; é literalmente a verdade que fala por sua boca. Uma enxaqueca, uma pequena picada de amor-próprio, basta para mudar tudo. A luminosa inteligência, convulsiva, brusca e

acanhada, só reflete um ego irritado, perspicaz, caprichoso, fazendo todo o possível para desagradar.

Foi intensa a cólera dos Cambremer; e, no intervalo, outros incidentes levaram a uma certa tensão em suas relações com o pequeno clã. Quando voltávamos, os Cottard, Charlus, Brichot, Morel e eu, de um jantar na Raspeliere e como os Cambremer, que tinham almoçado com amigos em Arembouville, tivessem feito na ida uma parte do trajeto conosco:

- O senhor, que tanto aprecia Balzac e sabe reconhecê-lo na sociedade contemporânea -dissera eu ao Sr. de Charlus -, deve achar que esses Cambremer saíram das Cenas da Vida Provinciana. -

Mas o Sr. de Charlus, exatamente como se fosse amigo deles e eu o tivesse melindrado com minha observação, cortou-me bruscamente a palavra:

- O senhor diz isto porque a mulher é superior ao marido - replicou ele em tom seco.

- Oh, eu não queria dizer que ela era a Musa do Departamento, nem a Sra. de Bargeton, muito embora... -

O Sr. de Charlus interrompeu de novo:

- Diga antes a Sra. de Mortsauf. -

O trem parou, e Brichot desceu.

- Por mais que lhe fizéssemos sinais, o senhor é terrível.

- Como?

- Ora, não percebeu que Brichot está loucamente apaixonado pela Sra. de Cambremer? - Pela atitude dos Cottard e de Charlie, vi que aquilo era aceito sem sombra de dúvida no pequeno núcleo. Creio que havia maldade da parte deles.

- Pois não notou como ele ficou perturbado quando você falava dela? - continuou o Sr. de Charlus, que gostava de mostrar que tinha experiência com as mulheres e falava do sentimento que elas inspiram com um ar natural, e como se este sentimento fosse o que ele próprio sentisse habitualmente. Porém um certo ar de paternidade equívoca em relação a todos os jovens apesar de seu amor exclusivo por Morel acabou desmentindo, pelo tom, as opiniões de mulherengo que ele emitia:

- Oh, esses meninos! - disse com voz aguda, piegas e cadenciada. - É preciso ensinar-lhes tudo, são inocentes como criança recém-nascida, não sabem reconhecer quando um homem está enamorado de uma mulher. Na sua idade eu era mais esperto - acrescentou, pois gostava de empregar as expressões do mundo apache, talvez por gosto, talvez para não parecer, evitando-as, que

freqüentava aqueles para quem tais expressões faziam parte do vocabulário corrente. Alguns dias mais tarde, fui obrigado a render-me à evidência e reconhecer que Brichot estava apaixonado pela marquesa. Desgraçadamente, aceitou vários almoços na casa dela. A Sra. Verdurin achou que era tempo de dar um basta naquilo. Fora a utilidade que ela via numa intervenção, para a política do pequeno núcleo, sentia por esses tipos de explicações e pelos dramas daí decorrentes um prazer cada vez mais vivo e que a ociosidade faz nascer tanto no mundo aristocrático como na burguesia. Foi um dia de grande emoção na Raspeliere quando se viu a Sra. Verdurin desaparecer durante uma hora com Brichot, a quem soube-se que ela dissera que a Sra. de Cambremer zombava dele, que ele era motivo de troça em seu salão, que ele ia desonrar a sua velhice, comprometer a sua posição no ensino. Chegou ao ponto de falar em termos tocantes da lavadeira com quem ele vivia em Paris, e de sua filhinha. Ela venceu, e Brichot deixou de ir a Féterne, mas seu desgosto foi tal que, durante dois dias, julgamos que perderia completamente a visão, e, em todo caso, sua enfermidade se agravou a um estágio que se tornou definitivo. Entretanto, os Cambremer, cuja raiva contra Morel era grande, convidaram uma vez, e de propósito, o Sr. de Charlus, mas sem o violinista. Não recebendo resposta do barão, receararam ter cometido uma gafe, e, achando que o rancor era mau conselheiro, escreveram um pouco tardiamente a Morel, servilismo que fez sorrir o Sr. de Charlus, mostrando-lhe o seu poder.

- Responda por nós dois que aceito - disse o barão a Morel.

Chegado o dia do jantar, esperavam no grande salão de Féterne. Na realidade, os Cambremer davam o jantar para a fina flor da elegância que eram o Sr. e a Sra. Féré. Mas de tal modo temiam desagradar o Sr. de Charlus que, embora tivessem conhecido os Féré através do Sr. de Chevregny, a Sra. de Cambremer sentiu-se febril ao ver, no dia do jantar, que este os vinha visitar em Féterne. Inventaram todos os pretextos para mandá-lo para Beausoleil o mais rápido possível, mas não tão depressa que ele não cruzasse no pátio com o casal Féré, os quais ficaram tão chocados por vê-lo assim mandado embora, como ele envergonhado. Mas, custasse o que custasse, os Cambremer queriam poupar ao Sr. de Charlus a vista do Sr. de Chevregny, achando que este era provinciano, devido a matizes que se deixam passar em família e só se levam em conta diante de estranhos, que são precisamente os únicos a não perceberem tal. Mas ninguém gosta de exibir os parentes que permanecem aquilo que tanto nos esforçamos por deixar de ser. Quanto ao Sr. e à Sra. Féré, eram no mais alto grau aquilo que se chama pessoas de muita distinção. Aos olhos dos que assim os qualificavam, sem dúvida os Guermantes, os Rohan e vários outros também eram pessoas muito distintas, mas o seu nome dispensava de dizê-lo. Como nem todos sabiam do elevado nascimento da mãe do Sr. Féré nem da mãe da Sra. Féré, e do círculo

extraordinariamente fechado que ela e o marido freqüentavam, quando diziam os seus nomes, sempre acrescentavam, para explicar, que se tratava "do que há de melhor". O seu nome obscuro acaso lhes ditava uma espécie de sobranceira reserva? Sempre é fato que os Féré não tinham relações com pessoas que os La Trémoille teriam freqüentado. Fora necessário a posição de rainha do litoral, que a velha marquesa de Cambremer possuía na Mancha, para que os Féré viessem a uma de suas vesperais todos os anos. Tinham-nos convidado para jantar, e muito contavam com o efeito que o Sr. de Charlus ia produzir neles. Anunciaram discretamente que ele estava no número dos convivas. Por acaso, a Sra. Féré não o conhecia. A Sra. de Cambremer teve com isso uma grande satisfação, e pelo seu rosto perpassou o sorriso do químico que vai pôr em contato, pela primeira vez, dois corpos especialmente importantes. A porta se abriu, e a Sra. de Cambremer esteve a ponto de desmaiar ao ver Morel entrar sozinho. Como um secretário encarregado de desculpar o seu ministro, como uma esposa morganática a exprimir o pesar que tem o príncipe de estar doente (assim fazia a Sra. de Clinchamp em relação ao duque d'Aumale), Morel disse, no tom mais leviano:

- O barão não poderá vir. Está um pouco indisposto; pelo menos, acho que é por causa disso; não estive com ele esta semana - acrescentou, desesperando até com essas últimas palavras a Sra. de Cambremer, que dissera ao casal Féré que Morel estava com o Sr. de Charlus em todas as horas do dia. Os Cambremer fingiram que a ausência do barão era um atrativo a mais para a recepção, e, sem que Morel ouvisse, diziam aos convidados:

- Passaremos bem sem ele, não é mesmo? Até será mais agradável. -

Mas estavam furiosos, suspeitaram de uma intriga urdida pela Sra. Verdurin, e, em represália, quando esta voltou a convidá-los para La Raspeliere, o Sr, de Cambremer, não podendo resistir ao prazer de rever sua casa e de se reencontrar com o pequeno grupo, compareceu, mas só, dizendo que a marquesa estava desolada, pois seu médico lhe ordenara que não deixasse o quarto. Com essa meia presença, os Cambremer julgaram, a um tempo, dar uma lição ao Sr. de Charlus e mostrar aos Verdurin que não lhes deviam senão uma polidez restrita, como as princesas de sangue outrora acompanhavam as duquesas, mas unicamente até o meio do segundo quarto. Ao fim de algumas semanas, estavam quase brigados. O Sr. de Cambremer me dava explicações:

- Direi que com o Sr. de Charlus era mesmo difícil. Ele é extremamente drey fusista...

- Mas não!

- Sim... em todo caso seu primo, o príncipe de Guermantes, o é; falam muito mal dele por isso. Tenho parentes que notam muito essas coisas. Não posso freqüentar

essas pessoas; acabaria brigando com minha família.

- Visto que o príncipe de Guermantes é dreyfusista, tanto melhor - disse a Sra. de Cambremer; pois Saint-Loup, que dizem que vai casar com a sobrinha deles, também é. Talvez até seja este o motivo do casamento.

- Ora, minha cara, não diga que Saint-Loup, de quem tanto gostamos, é dreyfusista. Não convém espalhar levianamente essas alegações - disse o Sr. de Cambremer- - Você o deixaria malvisto no exército!

- Ele foi, mas não o é mais - disse eu ao Sr. de Cambremer.

- Quanto ao seu casamento com a Srta. de Guermantes-Brassac, é certo mesmo?

- Só se fala nisso, mas o senhor está em condições de sabê-lo.

- Mas eu repito que ele disse a mim mesma que era dreyfusista - insistiu a Sra. de Cambremer.

- De resto, é muito desculpável; os Guermantes são meio alemães.

- Quanto aos Guermantes da rua de Varenne, pode dizer que o são inteiramente - observou Cancan. - Mas Saint-Loup é vinho de outra pipa; ainda que tenha toda uma parentela alemã, seu pai reivindicava, acima de tudo, o seu título de grão-senhor francês; voltou à ativa em 1871 e foi morto durante a guerra da maneira reais bela. Por muito que eu seja intransigente sobre a matéria, não é preciso exagerar num sentido ou noutro. *In medio... virtus*, ah! não consigo me lembrar. É algo que diz o doutor Cottard. Eis aí um que tem sempre a palavra pronta. Deveriam ter aqui um Petit Larousse. -

Para evitar pronunciar-se sobre a citação latina e abandonar o assunto Saint-Loup em que seu marido parecia achar que ela carecia de tato, a Sra. de Cambremer tocou no caso da Patroa, cujo estremecimento com eles ainda era necessário explicar.

- Alugamos La Raspeliere à Sra. Verdurin com toda a boa vontade - disse a marquesa. Apenas, ela parece ter acreditado que, com a casa e tudo o que achou meios de se atribuir, a utilização do prado, as velhas tapeçarias, todas as coisas que absolutamente não estavam no contrato, teria ainda mais direito a ligar-se a nós. São coisas inteiramente distintas. Nosso erro foi o de não ter mandado fazer as coisas por um procurador ou uma agência. Em Féterne isso não tem importância, mas creio que daqui estou vendo a cara que faria a tia de Ch'nouville se visse aparecer, no meu dia de recepção, a velha Verdurin toda descabelada. Quanto ao Sr. de Charlus, naturalmente ele conhece pessoas muito distintas, mas também gente de muito má posição. -

Perguntei quem. Pressionada, a Sra. de Cambremer acabou por dizer:

- Afirma-se que é ele quem sustenta um senhor Moreau, Morille, Morue, já nem

sei mais. Nenhuma relação, é claro, com Morel, o violinista - acrescentou enrubescendo. - Quando senti que a Sra. Verdurin imaginava que, por ser nossa locatária na Mancha, teria o direito de me fazer visitas em Paris, compreendi ser necessário cortar as amarras.

Apesar dessa desavença com a Patroa, os Cambremer não estavam de mal com os fiéis, subindo de bom grado ao nosso vagão quando se achavam na linha. Quando estávamos prestes a chegar a Douville, Albertine, pegando uma última vez o seu espelho, julgava conveniente às vezes mudar as luvas ou tirar por um momento o chapéu e, com o pente de tartaruga que eu lhe dera e que ela trazia nos cabelos, alisava os coques, ajeitava os fofos e, caso necessário, erguia o rolo de cabelos acima das ondulações que caíam em vales regulares até a nuca. Uma vez dentro dos carros que nos esperavam, a gente absolutamente não sabia mais onde estava; as estradas não tinham iluminação; pelo ruído mais forte das rodas, reconhecíamos estar atravessando uma aldeia, julgávamos ter chegado, e nos achávamos em pleno campo, ouvíamos sinos ao longe, esquecíamos estar de *smoking*, e tínhamos quase adormecido quando, no fim dessa longa margem de escuridão que, devido à distância percorrida e aos incidentes característicos de todo trajeto em estrada de ferro, parecia ter nos levado até uma hora avançada da noite e quase à metade do caminho de volta a Paris de repente, depois que o rodar do carro sobre uma areia mais fina revelara que acabávamos de entrar no parque, explodiam, reintegrando-nos na vida mundana, as ofuscantes luzes do salão e, depois, da sala de jantar, onde sentíamos um vivo movimento de recuo ao ouvir soar aquelas oito horas que acreditávamos passadas há muito, enquanto que os numerosos serviços e os vinhos finos iam suceder-se ao redor dos homens de fraque e das mulheres meio decotadas, num jantar de claridade rutilante como um verdadeiro jantar na cidade e a que apenas cercava, desse modo mudando o seu caráter, a dupla écharpe sombria e singular que haviam tecido, desviadas por essa utilização mundana de sua primitiva solenidade, as horas noturnas, campestres e marinhas da ida e da volta. Esta, com efeito, nos forçava a deixar o esplendor radiante e logo esquecido do salão luminoso, pelos carros onde eu me acomodava com Albertine para que minha amiga não pudesse estar com os outros sem mim, e muitas vezes por uma outra causa ainda, que era nós dois podermos fazer muita coisa num carro escuro, onde, no caso de se filtrar um súbito raio de luz, os solavancos da descida aliás nos desculpariam de estarmos agarrados um ao outro. Quando o Sr. de Cambremer ainda não havia brigado com os Verdurin, ele me perguntava:

- Não acha que vai ter sufocações, com esse nevoeiro? Minha irmã teve sufocações terríveis esta manhã. Ah, o senhor também teve - dizia com satisfação. - Vou contar a ela esta noite. Sei que, logo que eu chegar, ela imediatamente vai se informar se o senhor não as tem há muito tempo. -

Aliás, ele só me falava das minhas sufocações para chegar às da irmã, e me fazia descrever as particularidades das primeiras apenas para assinalar melhor as diferenças existentes entre as duas. Mas apesar destas, como as sufocações da irmã lhe parecessem dever constituir autoridade, não podia crer que o que "aprovava" nas suas não fosse indicado para as minhas, e irritava-se por ver que eu não o experimentava, pois há uma coisa ainda mais difícil do que seguir um regime: é não impô-lo aos outros.

- Aliás, que digo eu, um profano, quando o senhor está aqui diante do areópago, na fonte. Que pensa disso o professor Cottard? Além disso, voltei a ver sua mulher uma outra vez porque ela dissera que rainha "prima" era um tipo esquisito e eu quis saber o que ela entendia por isso. Ela negou que o havia dito, mas terminou por confessar que falara de uma pessoa que julgara encontrar com minha prima. Não lhe sabia o nome e disse afinal que, se não se enganava, era a mulher de um banqueiro, a qual se chamava Lina, Linétte, Lisette, Lia, enfim, alguma coisa desse gênero.

Eu pensava que "mulher de um banqueiro" fora posto ali apenas para maior delimitação. Quis indagar a Albertine se aquilo era verdade. Mas preferia aparentar ser aquele que sabe a ser o que faz perguntas. Além disso, Albertine não teria respondido nada, ou um "não", cujo "n" seria hesitante demais e o "ão" acentuado em excesso. Albertine jamais contava fatos que pudessem prejudicá-la, e sim outros que só podiam explicar-se pelos primeiros, pois a verdade é antes uma corrente que parte do que nos dizem, e que captamos, por invisível que seja, do que a própria coisa que nos disseram. Assim, quando lhe afirmei que uma mulher que ela havia conhecido em Vichy era de mau gênero, jurou-me que essa mulher não era de modo algum aquilo que eu imaginava e jamais tentara induzi-la a nada. Mas, noutro dia, como lhe falasse de minha curiosidade por esse tipo de gente, acrescentou que a dama de Vichy também tinha uma amiga que ela, Albertine, não conhecia, mas que a dama lhe havia "prometido apresentar". Para que o tivesse prometido, era portanto necessário que Albertine o desejasse, ou que a dama soubesse, ao oferecê-lo, que lhe causava prazer. Mas, se eu o objetasse a Albertine, daria a impressão de que só dispunha de revelações por meio dela, e logo as teria interrompido. Não saberia de mais nada e teria deixado de me fazer temido. Aliás, estávamos em Balbec, a dama de Vichy e sua amiga moravam em Menton; o afastamento e a impossibilidade do perigo destruiriam logo as minhas suspeitas. Muitas vezes, quando o Sr. de Cambremer me interpelava da plataforma da estação, eu acabava de aproveitar-me das trevas com Albertine, e com tanto mais dificuldade porque ela se debatera um pouco, receando que as trevas não fossem bem completas.

- Sabe que tenho certeza de que Cottard nos viu; de resto, mesmo sem ver, ele bem que ouviu a sua voz sufocada, justo no momento em que se falava das suas

sufocações de outro gênero - dizia-me Albertine ao chegar à gare de Douville, onde retomávamos o trenzinho para o regresso. Mas esse regresso, bem como a ida, ao dar-se certa impressão de poesia, revelava em mim o desejo de fazer viagens, de levar uma vida nova, e, desse modo, fazia-me desejar abandonar qualquer projeto de casamento com Albertine, e até acabar definitivamente com as nossas relações, e assim me tornava, devido mesmo à sua natureza contraditória, mais fácil esse rompimento. Pois na volta, como na ida, em cada estação havia conhecidos que embarcavam conosco ou nos cumprimentavam da plataforma; acima dos prazeres furtivos da imaginação, dominavam estes, contínuos, da sociabilidade, que são tão apaziguadores, tão calmantes. Antes das próprias estações, já seus nomes (que tanto me haviam feito sonhar, desde o dia em que os ouvira, na primeira tarde em que viajara com minha avó) tinham se humanizado, tinham perdido sua singularidade desde a noite em que Brichot, a pedido de Albertine, nos explicara mais completamente suas etimologias. Eu achara um encanto essa "flor" (fleur) com que terminavam certos nomes, como Figuefleur, Honfleur, Flers, Barfleur, Harfleur, etc., e divertido o "boi" (boeut) que existe no fim de Bricqueboeuf. Mas a flor e o boi desapareceram quando Brichot (e isto ele me dissera no primeiro dia no trem) nos informara que *fleur* quer dizer "porto" (como fiord) e que *boeuf,* em normando *budh*, quer dizer cabana. Como citava diversos exemplos, o que me parecera particular se generalizava: Bricqueboeuf juntava-se a Elbeuf, e, mesmo num nome à primeira vista tão individual como o local, feito o nome de Pennedepie, onde as estranhezas mais impossíveis de elucidar pela razão me pareciam amalgamadas desde um tempo imemorial em um vocábulo vilão, saboroso e endurecido como determinado queijo normando, fiquei desolado ao encontrar o *pen gaulês* que significa "montanha" e se encontra tanto em Penmarch como nos Apeninos. Como a cada parada do trem eu sentisse que teríamos mãos amigas para apertar, dizia à Albertine:

- Trate logo de perguntar a Brichot os nomes que quer saber. Você me falou de Marcouville-l'Orgueilleuse.

- Sim, gosto muito desse orgulho, é uma aldeia altiva - disse Albertine.

- Achá-la-ia mais altiva ainda - respondeu Brichot - se em vez de sua forma francesa, ou até de baixa latinidade, tal como a encontramos no cartulário do bispo de Bayeux, Marcovilla *superba*, tomasse a forma mais antiga, mais vizinha do normando, *Marculphivífia superba*, a aldeia, o domínio de Marculph. Em quase todos estes nomes que terminam em *ville*, vocês ainda poderiam ver, erguido sobre esta costa, o fantasma dos rudes invasores normandos. Em Hermonville, você não teve, de pé à pontinhola do vagão, mais que o nosso excelente doutor que, evidentemente, não tem nada de chefe normando. Porém, fechando os olhos, poderia ver o ilustre Herimund (Herimundivifa). Conquanto

eu não saiba por que se vai por estas estradas, compreendidas entre Loigny e Balbec-Plage, em vez das outras, bem mais pitorescas, que levam de Loigny ao velho Balbec, a Sra. Verdurin talvez já o tenha levado de carro para aquelas bandas. Então deve ter visto Incarvillle, ou aldeia de Wiscar, e Tourville, antes de chegar à casa da Sra. Verdurin, é a aldeia de Turold. Além disso, não houve só normandos. Parece que os alemães chegaram até aqui (Aumenancourt, Alemanicurtis); não o digamos àquele jovem oficial que vejo daqui; seria capaz de não mais querer ir visitar seus primos. Houve também saxões, como o testemunha a fonte de Sissone (um dos passeios prediletos da Sra. Verdurin, e com toda a razão), tanto como na Inglaterra o Middlesex, o Wessex. Coisa inexplicável, parece que os godos, gueux como diziam, vieram até cá, e mesmo os mouros, pois Mortagne provém de Mauretania. Ficou o vestígio deles em Gourville (Gothorumvifia). Aliás, também subiste algum vestígio dos latinos: Lagny (Latiniacum).

- Quanto a mim, peço a explicação de Thorpehomme - disse o Sr. de Charlus. - Compreendo "homme" - acrescentou, enquanto Cottard e o escultor trocavam um olhar de inteligência. - Mas Thorp?

- "Homme" não significa de modo algum aquilo que o senhor é naturalmente levado a crer, barão - respondeu Brichot, olhando maliciosamente para o escultor e Cottard. - "Homme" nada tem a ver aqui com o sexo a que não devo minha mãe. "Homme" é Holm, que significa "ilhota", etc. Quanto a Thorp, ou "aldeia", encontramo-lo em cem palavras com que já aborreci o nosso jovem amigo. Assim, em Thorpehomme não existe nome de chefe normando, mas palavras do idioma normando. Veja como toda esta região foi germanizada.

- Creio que ele exagera - disse o Sr. de Charlus.

- Estive ontem em Orgeville... - Desta vez devolvo-lhe o homem que havia tirado em Thorpehomme, barão. Seja dito sem pedantismo; uma carta de Roberto I nos dá para Orgeville, Otgerivifia, o domínio de Otger. Todos estes nomes são os de antigos senhores. Orgeville-la-Venelle corresponde a I'Avenel. Os Avenel eram uma família conhecida na Idade Média. Bourguenolles, aonde a Sra. Verdurin nos levou outro dia, escrevia-se "Bourg de Môles", pois essa aldeia pertenceu no século XI a Baudouin de Môles, bem como La Chaise-Baudouin; mas eis-nos em Doncieres.

- Meu Deus, quantos tenentes vão tentar embarcar! - disse o Sr. de Charlus com simulado pavor. - Digo-o pelos senhores; quanto a mim, não me incomoda, pois vou descer aqui.

- Está ouvindo, doutor? - disse Brichot. - O barão tem medo de que os oficiais lhe passem por cima do corpo. E contudo estão no seu papel, encontrando-se agrupados aqui, pois Doncieres é exatamente Saint-Cyr, dominus Cyriacus. Há

muitos nomes de cidades onde sanctus e sancta são substituídos por dominus e domina. Ademais, esta cidade tranqüila e militar apresenta às vezes falsos ares de Saint-Cyr, de Versalhes e até de Fontainebleau.

Durante esses regressos (como nas idas), eu dizia a Albertine que se arrumasse, pois sabia muito bem que em Amancourt, em Doncieres, em Épreville e em Saint-Vast, nós teríamos de receber visitas breves. Aliás, tais visitas não eram desagradáveis, fosse, em Hermonville (o domínio de Herimund), a do Sr. de Chevregny, aproveitando a oportunidade de que tinha vindo receber convidados para me convidar a ir almoçar no dia seguinte em Montsurvent, ou, em Doncieres, a brusca invasão de um dos encantadores amigos de Saint-Loup, enviado por este (se não estivesse livre) para me transmitir um convite do capitão de Borodino, do grupo de oficiais no Coq Hardi, ou dos suboficiais no Faisan Doré. Saint-Loup vinha muitas vezes pessoalmente, e, durante todo o tempo em que ele ali se encontrava, eu, sem que ninguém percebesse, mantinha Albertine prisioneira sob meu olhar, aliás inutilmente vigilante. Entretanto, por uma vez interrompi a guarda. Como houvesse uma longa parada, Bloch, tendo-nos cumprimentado, retirou-se quase imediatamente para se juntar ao pai, o qual acabava de herdar do tio, e, tendo alugado um castelo que se chamava La Commanderie, achava bem próprio de um grão-senhor só circular em sege de posta, com postilhões de libré. Bloch pediu-me que o acompanhasse até a carruagem.

- Mas apressa-te, pois esses quadrúpedes são impacientes; vêm, homem caro aos deuses, que darás alegria a meu pai. -

Mas eu sofria muito em deixar Albertine no trem com Saint-Loup; eles poderiam falar-se enquanto eu estivesse de costas, ir para outro vagão, sorrir-se, tocar-se; meu olhar aderente a Albertine não podia destacar-se dela enquanto Saint-Loup ali estivesse. Ora, vi muito bem que Bloch, que me havia pedido como um serviço que fosse cumprimentar seu pai, primeiro achou pouco gentil que eu recusasse, visto que nada me impedia, já que os empregados tinham avisado que o trem ainda ficaria pelo menos um quarto de hora na estação, e que quase todos os passageiros, sem os quais o trem não partiria, haviam descido; e a seguir não duvidou de que fosse porque, decididamente minha conduta nessa ocasião lhe servia de prova decisiva -, eu era um esnobe. Pois não ignorava o nome das pessoas com quem eu me achava. De fato, o Sr. de Charlus me dissera, algum tempo antes e sem se lembrar ou importar-se que isso já fora feito outrora para se aproximar dele:

- Mas apresente-me o seu companheiro. O que você faz é uma falta de respeito para comigo - e havia conversado com Bloch, que parecera agradar-lhe imensamente, tanto que o havia gratificado com um "espero tornar a vê-lo".

- Então é irrevogável, não queres andar estes cem metros para cumprimentar meu pai, a quem isso daria tanta satisfação? - indagou Bloch.

Sentia-me desgraçado por dar a impressão de que faltava com a boa camaradagem, ainda mais pelo motivo suposto por Bloch, e por ver que ele imaginava que eu já não era o mesmo para com meus amigos burgueses na presença de pessoas "bem-nascidas". Desde esse dia, deixou de me testemunhar a mesma amizade e, o que me era mais penoso, não teve mais a mesma estima pelo meu caráter. Mas, para desenganá-lo quanto ao motivo que me fizera permanecer no vagão, teria de lhe dizer alguma coisa a saber, que eu tinha ciúmes de Albertine -, o que me seria ainda mais doloroso do que deixá-lo crer que eu era estupidamente mundano. É assim que, teoricamente, achamos que deveríamos sempre nos explicar com toda a franqueza, evitar mal-entendidos. Mas com muita freqüência a vida os combina de tal maneira que, para dissipá-los, nas raras circunstâncias em que isso seria possível, teríamos de revelar o que não é o caso presente - algo que deixaria o nosso amigo ainda mais ofendido do que a culpa imaginária de que nos acusa, ou um segredo cuja divulgação e era o que me acabava de ocorrer nos parece ainda pior que o mal-entendido. E além disso, mesmo sem explicar a Bloch, visto que não podia fazê-lo, a razão pela qual eu não o acompanhara, se eu lhe tivesse pedido que não ficasse magoado, não teria feito mais que aumentar essa mágoa, mostrando que dela me apercebera. Não havia o que fazer senão inclinar-se diante desse fato que havia desejado que a presença de Albertine me impedisse de acompanhá-lo e que acreditasse pelo contrário que era dessa gente brilhante a que, embora o tivesse sido cem vezes mais, só teria por efeito que me ocuparia então exclusivamente de Bloch e o reservasse toda minha cortesia. Bastou assim acidentalmente, absurdamente um incidente (neste caso a presença de Albertina e de Saint-Loup) interpor-se entre dois destinos cujas linhas convergiam uma para outra, para que se desviassem, apartassem-se mais e mais e já não pudessem aproximar-se. E há amizades mais formosas que as de Bloch e a minha, que se viram destruídas sem que o involuntário autor do desgosto tenha podido lhe explicar nunca ao aborrecido o que sem dúvida curasse seu amor próprio e devolvesse sua simpatia decrescente. Amizades mais formosas que a de Bloch não seria por outra parte dizer muito. Tinha todos os defeitos que mais me desgostavam. Minha ternura pela Albertina era acidentalmente o que me permitia suportá-los. Assim nesse singelo momento em que eu conversei com ele enquanto vigiada com um olho ao Roberto, Bloch me disse que havia almoçado em casa da senhora de Bontemps e que todos haviam falado com os maiores elogios de mim até o declinar de Hélios. Bom, pensei, como a senhora de Bontemps acredita que Bloch é um gênio, o sufrágio entusiasta que me terá concedido produzirá mais pelo que todos outros pudessem haver dito, e isso chegará de volta até Albertina. De um dia ao outro, não pode deixar de inteirar-se, e me assombra que sua tia

não lhe haja dito ainda que sou um homem superior.

- Sim, - adicionou Bloch, - todos fizeram seu elogio. Eu só guardei um silêncio tão profundo como se em lugar do almoço, por outra parte medíocre que nos serviam, tivesse absorvido papoula, de cara ao bem-aventurado irmão de Tanathos e da Letea, o divino Hypnos que envolve com doces ligaduras o corpo e a língua; e não é que o admire menos que essa banda de cães ávidos com os quais haviam-me convidado. Mas eu o admiro porque o compreendo e eles admiram-lhe sem o compreender. Para dizê-lo melhor, admiro-o muito para falar assim de você, em público; tivesse-me parecido uma profanação elogiar em voz alta o que levo no mais fundo de meu coração. Por mais que perguntassem a seu respeito, um pudor sagrado, filho de Kronion, fez-me emudecer.

Não tive o mau gosto de parecer descontente, mas esse pudor me pareceu parente muito mais que de Kronion; desse pudor que impede a um crítico que nos admira, falar de nós para que o templo secreto no qual reinamos não seja invadido pela turfa dos leitores ignorantes e os jornalistas; com o pudor do homem de estado que não nos condecora para que não confundam-nos em meio da gente que não vale o mesmo que nós; com o pudor do acadêmico que não vota por nós para nos economizar a vergonha de ser colega de X ..., que não tem talento; com o pudor enfim mais respeitável e mais criminoso; entretanto dos filhos que rogam-nos não escrevamos de seus pais defuntos, que teve muitos méritos para lhes assegurar o silêncio e o descanso, impedir que se mantenha a vida e se crie glória ao redor do pobre morto, que preferiria seu nome pronunciado pelas bocas dos homens às coroas conduzidas, muito piedosamente por outra parte, até sua tumba. Se enquanto Bloch me desesperava por não compreender os motivos que me impediam de saudar seu pai, fala-me irritado ao me confessar que me descuidasse em casa da senhora de Bontemps (agora compreendia por que Albertina não tinha aludido nunca a esse almoço e ficava em silêncio quando lhe falava do afeto de Bloch por mim) o jovem israelita produziu no senhor de Charlus uma impressão muito distinta a chateação. Na verdade Bloch acreditava agora que não só não podia eu estar nem um segundo longe da gente elegante, mas sim ciumento das iniciativas que puderam ter com ele (como o senhor de Charlus) tratava de lhe pôr travas e lhe impedia de vincular-se, com eles; mas por sua parte o barão lamentava não ter visto mais a meu companheiro. Segundo seu costume, cuidou-se de demonstrá-lo. Começou por me fazer, sem aparentá-lo, algumas pergunta a respeito de Bloch, mas com um tom tão negligente, com um interesse que parecia de tal modo simulado que ninguém podia acreditar que ouvisse as respostas. Com um ar desprendido, com uma melancolia que mais que indiferença indicava distração e como uma simples cortesia por mim.

- Parece inteligente, disse que escrevia tem talento?

Disse-lhe ao senhor de Charlus que tinha sido muito amável ao lhe dizer que esperava voltar a vê-lo. Nem por um momento revelou o barão que tinha ouvido minha frase e como a repeti quatro vezes sem ter resposta, acabei por duvidar se não teria sido vítima de uma miragem acústica quando acreditei ouvir o que havia dito o senhor de Charlus.

- Vive em Balbec? - cantarolou o barão, com um aspecto tão pouco inquisitivo que é irritante que o idioma francês não possua outro sinal além disso do de interrogação para terminar essas frases aparentemente tão pouco interrogativas. É verdade que esse sinal não serviria ao senhor de Charlus. Não, alugara perto daqui, a *Encomenda*.

Uma vez que soube o que desejava o senhor de Charlus fingiu desprezar Bloch.

- Que horror!, - exclamou devolvendo à voz todo seu vigor de clarim. Todas as localidades ou propriedades chamadas *A Encomenda*. foram construídas ou possuídas pelos Cavaleiros da Ordem de Malta (a qual pertenço) como os lugares chamados o Templo ou a Cavalaria dos Templários. Se eu habitasse a *Encomenda* seria muito natural. Mas um judeu...

Por outra parte não me assombra; isso depende de um curioso afã pelo sacrilégio próprio dessa raça. Assim que um judeu tem bastante dinheiro para comprar um castelo, escolhe sempre um que se chama o Priorado, a Abadia, o Monastério, a Casa de Deus. Tive que ver isso com um funcionário judeu, adivinhem onde vivia? Em Pont-*l.Evêque*. Cansado da desgraça deu um jeito de o mandarem à Bretanha, no Pont-*l.Abbè*. Quando na Semana Santa dão esses espetáculos indecentes que se chamam *A Paixão,* a metade da sala está cheia de judeus, encantados de pensar que vão crucificar pela segunda vez à Jesus, pelo menos em efígie. No concerto do Lamoureux, tinha uma vez por vizinho um rico banqueiro judeu. Tocaram *a Infância do Cristo*, de Berlioz, e causava pena. Mas logo recuperou a beatitude que lhe é habitual para ouvir o encantamento da Sexta-Feira Santa.

- Seu amigo vive na *Encomenda*, desgraçado! que sadismo! Você me indicará o caminho -adicionou voltando para seu ar indiferente; para que um dia possa ir ver como suportam nossos antigos domínios semelhante profanação. É uma desgraça, porque é educado e parece fino. Só faltaria viver na rua do Templo, em Paris.

O senhor de Charlus parecia com essas palavras querer encontrar unicamente um novo exemplo de sua teoria; mas em realidade me expor uma pergunta com dois objetos cujo principal era saber a direção de Bloch. Com efeito, fez notar Brichot, a rua do Templo se chamava rua da Cavalaria do Templo.

- E a esse respeito permite uma observação, barão? - disse o universitário.

- O que? O que é? - disse secamente o senhor de Charlus, ao que essa observação impedia conseguir seu relatório.

- Não, nada, - respondeu Brichot, embaralhado. - Era a propósito da etimologia de Balbec que me pediram. A rua do Templo se chamava antes *Varre du Bac,* porque a Abadia do Bac, na Normandia, tinha aí, em Paris, sua vara da justiça.

O senhor de Charlus nada respondeu e aparentou não ter ouvido, o que nele constituía uma das formas de insolência.

- Onde vive seu amigo em Paris? Como as três quartas partes das ruas tiram seu nome de uma igreja ou uma abadia, há probabilidade de que continue o sacrilégio. Não se pode impedir que os judeus vivam no bulevar de Madalena, no bairro de São Honorato ou na praça de São Agustin. Enquanto não chegam ao pérfido refinamento de escolher domicílio na praça do átrio de Nossa Senhora, na rua do Arcebispado, na rua Canonesa ou na de Ave-Maria, terá que lhes ter em conta as dificuldades.

Não pudemos informar ao senhor de Charlus qual era a atual direção de Bloch, nos era desconhecida. Mas eu sabia que os escritórios do pai estavam na rua dos Mantos Brancos.

- Oh! é o cúmulo da perversidade! - exclamou o senhor de Charlus, que pareceu achar uma profunda satisfação em seu próprio grito de irônica indignação. Rua dos Mantos Brancos! -repetiu, espremendo cada sílaba com uma risada. -Que sacrilégio! Pensem que esses Mantos Brancos profanados pelo senhor Bloch eram os dos frades mendicantes, ditos servos da Santa Virgem, que São Luís assentou ali. E a rua sempre pertenceu à ordens religiosas. A profanação é tanto mais diabólica porque, a dois passos da rua dos *Blancs-Manteaux*, existe uma rua cujo nome não me lembro e que é inteira concedida aos judeus; há caracteres hebraicos nas lojas, fábricas de pães ázimos, açougues judeus, é a perfeita *Judengasse* de Paris. O Sr. de Rochegude a denomina gueto parisiense. Era aí que o Sr. Bloch deveria morar. Naturalmente - prosseguiu num tom bastante enfático e altaneiro, e dando, para sustentar conceitos estéticos com uma resposta que lhe dirigia,- malgrado seu, a sua hereditariedade, um ar de velho mosqueteiro de Luís XIII à sua cabeça atirada para trás só me ocupo de tudo isso do ponto de vista da arte. A política não é da minha competência, e eu não posso condenar em bloco, visto tratar-se de Bloch, uma nação que conta Spinoza entre seus membros ilustres. E admiro bastante Rembrandt para não reconhecer a beleza que se pode extrair da freqüência à sinagoga. Mas enfim, um gueto é tanto mais belo quanto mais homogêneo e mais completo. Aliás, fique certo, de tal modo o instinto prático e a cupidez se misturam nesse povo ao sadismo, que a

proximidade da rua hebraica de que lhe falo, a comodidade de ter à mão os açougues de Israel, fez com que o seu amigo escolhesse a rua dos Blancs-Manteaux. Como é curioso! Aliás, é por ali que residia um estranho judeu que mandara ferver hóstias, após o que imagino que o fizeram ferver a ele próprio, o que é mais estranho ainda, já que isso parece significar que o corpo de um judeu pode valer tanto quanto o corpo do bom Deus. Talvez fosse possível combinar com seu amigo para que ele nos leve a visitar a igreja dos Blancs-Manteaux. Considere que foi lá que deixaram exposto o corpo de Luís de Orléans depois de seu assassinato por João sem Medo, o qual, infelizmente, não nos livrou dos Orléans. De resto, dou-me pessoalmente muito bem com meu primo, o duque de Chartres, mas, enfim, trata-se de uma raça de usurpadores, que mandaram assassinar Luís XVI e despojar Carlos X e Henrique V. Além disso, têm a quem sair, pois contam entre seus antepassados a Monsenhor, a quem assim chamavam sem dúvida por ser a mais espantosa das velhas damas, o Regente e o resto. Que família! -

Esse discurso anti-semita ou pró-semita conforme se leve em conta o exterior das frases ou as intenções que elas revelam me fora comicamente interrompido por uma frase que Morel me sussurrou e que teria desesperado o Sr. de Charlus. Morel, que havia reparado na impressão que Bloch produzira, agradecia-me ao ouvido o tê-lo "despachado", acrescentando cinicamente:

- Ele bem que desejaria ficar, isso tudo é ciúmes; gostaria de tomar o meu posto. É bem típico de um judeu!

- Poderíamos aproveitar essa parada que se prolonga para pedir algumas explicações rituais ao seu amigo. Será que não podia trazê-lo de volta? - perguntou-me o Sr. de Charlus com a ansiedade da dúvida.

- Não, é impossível; ele já se foi de carro e, além disso, aborrecido comigo.

- Obrigado, obrigado - me sussurrou Morel.

- A desculpa é absurda, sempre se pode alcançar um carro, nada o impediria de tomar um auto - respondeu o Sr. de Charlus, como homem acostumado a que todos se inclinassem diante dele. Mas, reparando no meu silêncio: - Qual é esse carro mais ou menos imaginário? perguntou-me com insolência e numa última esperança. - É uma sege de porta aberta e que já deve ter chegado à Commanderie. - Diante do impossível, o Sr. de Charlus se resignou e pareceu gracejar. - Compreendo que tenham recuado diante do cupê redundante. Pois, seria um *recupê*{37}

Finalmente fomos avisados de que o trem ia partir, e Saint-Loup nos deixou. Mas esse dia foi o único em que ele, subindo para o nosso vagão, me fez involuntariamente sofrer com a idéia de ter de deixá-lo por um instante com

Albertine para acompanhar Bloch. Das outras vezes a sua presença não me torturou. Pois, por si mesma, Albertine, para me evitar qualquer inquietação, colocava-se, sob um pretexto qualquer, de tal forma que nem mesmo sem querer poderia roçar em Robert, que ficava quase longe demais até para lhe estender a mão; desviando dele os olhos, logo que ele se achava presente, ela punha-se a conversar ostensivamente, e quase com afetação, com qualquer outro dos passageiros, continuando nesse jogo até que Saint-Loup descesse. De modo que, assim, as visitas que ele nos fazia em Doncieres não me causavam nenhum sofrimento, nem sequer nenhum incômodo, não constituíam qualquer exceção entre as outras, pois todas eram agradáveis, trazendo-me de certa maneira a homenagem e o convite daquela terra. Já desde o fim do verão, no nosso trajeto de Balbec a Douville, quando eu avistava de longe aquela estação de Saint-Pierre-des-lfs, onde à tardinha cintilava por um instante a crista das falésias, toda rosada como ao sol poente a neve de uma montanha, ela já não me fazia pensar (não falo nem mesmo na tristeza que a vista de seu estranho relevo subitamente me causara na primeira noite, ao me dar tão grande vontade de tomar o trem de volta para Paris em vez de continuar até Balbec) no espetáculo que de manhã se podia ter dali, segundo me dissera Elstir, na hora que precede o nascer do sol em que todas as cores do arco-íris se refratam sobre os rochedos, e onde tantas vezes ele havia despertado o menino que, durante um ano, lhe servira de modelo, a fim de pintá-lo inteiramente nu na areia da praia. O nome de Saint-Pierre-des-lfs anunciava-me apenas que ia aparecer um qüinquagenário estranho, espirituoso e maquilado, com quem eu poderia falar sobre Chateaubriand e Balzac. E agora, nas névoas da tarde, detrás daquela falésia de Incarville que tanto me fizera sonhar outrora, o que eu via, como se a sua greda antiga se tornasse transparente, era a bela casa de um tio do Sr. de Cambremer e na qual eu sabia que ficariam sempre contentes em me acolher caso não quisesse jantar na Raspeliere ou voltar a Balbec. Assim, não eram somente os nomes de lugares dessa região que haviam perdido o seu mistério inicial, mas os próprios lugares. Os nomes, já meio vazios de um mistério que a etimologia substituíra pelo raciocínio, tinham baixado ainda mais um grau. Em nossos regressos a Hermonville, a Saint-Vast, a Arembouville, no momento em que o trem parava, avistávamos sombras que a princípio não reconhecíamos e que Brichot, que não via coisa alguma, poderia talvez ter tomado, de noite, por fantasmas de Herimund, de Wíscar e de Herimbald. Era simplesmente o Sr. de Cambremer, completamente rompido com os Verdurin, que reconduzia convidados e que, da parte de sua mãe e da esposa, vinha me perguntar se eu não queria que ele me "raptasse" para hospedar-se alguns dias em Féterne, onde iam apresentar-se uma excelente musicista que me cantaria todo o Glück e um renomado jogador de xadrez com quem eu disputaria excelentes partidas que não prejudicariam a pesca e o iatismo na baía, nem mesmo os jantares dos Verdurin, para os quais o marquês

se comprometia, sob palavra de honra, a "emprestar-me", mandando que me levassem e trouxessem para maior facilidade, e também para maior segurança.

- Mas não posso crer que seja bom para o senhor ir até tão alto. Sei que minha irmã não o poderia suportar. Voltaria num tal estado! Aliás, no momento ela não anda muito bem... Na verdade, o senhor teve uma crise tão forte! Amanhã não poderá ficar de pé! - E se torcia de riso, não por maldade, mas pelo mesmo motivo por que não podia, sem rir, ver um coxo estatelar-se na rua ou conversar com um surdo. - E então? O quê, o senhor não tem um acesso há quinze dias? Pois saiba que isso é ótimo! Verdadeiramente, deveria vir instalar-se em Féterne, conversaria com minha irmã sobre suas sufocações. -

Em Incarville, era o marquês de Montpeyroux que, não tendo podido ir a Féterne, pois ausentara-se para caçar, tinha vindo "ao trem" de botas e com o chapéu ornado com uma pluma de faisão, a fim de apertar a mão de parentes e anunciar-me, na mesma ocasião, para o dia que eu quisesse, a visita de seu filho, que ele me agradecia que eu recebesse e gostaria muito que o fizesse ler um pouco; ou então o Sr. de Crécy, que vinha fazer a sua digestão, dizia ele, fumando seu cachimbo, aceitando um ou até vários charutos, e que me dizia:

- Pois bem, o senhor não marca um dia para a nossa próxima reunião à Lúculo? Não temos nada a nos dizer? Permita-me que lhe lembre que deixamos em aberto no trem a questão das duas famílias Montgommery. É preciso que encerremos o assunto. Conto com o senhor. - Outros vinham apenas comprar jornais. E também muitos conversavam conosco, tanto que eu sempre desconfiei acharem-se ali na plataforma, na estação mais próxima de seu pequeno castelo, somente por não terem o que fazer senão encontrar num momento pessoas conhecidas. Em suma, um quadro da vida mundana como qualquer outro, eram essas paradas do trenzinho. Este parecia ter consciência do papel que lhe cabia, adquirira uma certa amabilidade humana: paciente, de temperamento dócil, esperava pelos retardatários o tempo que eles quisessem, e até mesmo, depois de ter partido, parava para recolher os que lhe faziam sinal; estes então corriam atrás dele, resfolegando, no que se pareciam a ele, mas com a diferença de que o alcançavam a toda velocidade, ao passo que ele só se utilizava de uma sábia lentidão. Assim Hermonville, Arembouville, Incarville já nem sequer me evocavam as rudes grandezas da conquista normanda, não satisfeitas de se haverem totalmente despojado da inexplicável tristeza em que as banhara outrora na umidade da noite. Doncieres! Para mim, mesmo depois de a ter conhecido e de haver despertado do meu sonho, o quanto não restava nesse nome, por muito tempo, das ruas agradavelmente gélidas, das vitrinas iluminadas, das aves suculentas! Doncieres! Agora, nada mais era que a estação onde embarcava Morel; Égleville (Aquilaevilla), aquela em que geralmente nos esperava a princesa Sherbatoff; Maineville, a estação em que descia Albertine

nas noites de bom tempo, quando, não estando muito cansada, tinha vontade de se demorar ainda um momento comigo, visto que, por um atalho, não precisava caminhar muito mais do que se tivesse descido em Parville (Paterni villa). Não só eu já não sentia o temor ansioso do isolamento que me oprimira na primeira noite, como também não mais tinha que recear a sua renovação, nem de sentir-me desenraizado ou de me achar sozinho nessa terra que produzia não apenas castanheiros e tamargueiras, mas também amizades que, ao longo do percurso, formavam uma longa cadeia, interrompida como a das colinas azuladas, por vezes ocultas na anfratuosidade do rochedo ou por detrás das tílias da avenida, mas delegando a cada estação um amável gentil-homem que vinha, com um cordial aperto de mão, interromper o meu caminho, impedir-me de sentir sua extensão e, se preciso, oferecer-se para continuá-la comigo. Um outro estaria na estação seguinte, de forma que o apito do trenzinho não nos fazia deixar um amigo senão para permitir que encontrássemos outros. Entre os castelos mais afastados e o trem de ferro que os costeava quase ao passo de uma pessoa que caminha depressa, tão curta era a distância que no momento em que, na plataforma, diante da sala de espera, os seus proprietários nos interpelavam, quase poderíamos acreditar que o faziam da soleira de sua porta, da janela do seu quarto, como se a pequena via férrea departamental não passasse de uma rua de província e o solar isolado de um hotel citadino; e até nas raras estações em que eu não ouvia o "boanoite" de ninguém, o silêncio possuía uma plenitude nutritiva e calmante, pois eu o sabia formado pelo sono de amigos que se deitavam cedo na mansão próxima, onde a minha vinda seria saudada com alegria se eu precisasse despertá-los para lhes pedir um serviço de hospitalidade. Além do que, o hábito preenche de tal modo o nosso tempo que, no fim de alguns meses, não nos resta um só instante livre numa cidade em que, ao chegarmos, o dia nos dava a disponibilidade de suas doze horas; se por acaso uma hora ficasse vaga, não mais teria a idéia de empregá-la em visitar uma igreja pela qual outrora eu tinha vindo a Balbec, nem mesmo confrontar um local pintado por Elstir com o esboço que eu vira em casa dele, mas ir jogar mais uma partida de xadrez em casa do Sr. Féré. Com efeito, era a influência degradante, como também o encanto, que tivera essa região de Balbec de se converter para mim numa verdadeira terra de conhecidos; se sua repartição territorial, sua semeadura extensiva ao longo do litoral em culturas diversas conferiam obrigatoriamente às visitas que eu fazia a esses diferentes amigos a forma de viagem, também restringiam essa viagem a não ter mais que o agrado social de uma série de visitas. Os próprios nomes de lugares, tão perturbadores para mim outrora, que o simples *annuaire des châteaux*, folheado no capítulo do departamento da Mancha, me causava tanta emoção como o Indicador das estradas de ferro, tinham-se tornado tão familiares que eu podia até consultar esse mesmo Indicador, na página Balbec-Douville por Doncieres, com a mesma

tranqüilidade de um catálogo de endereços. Nesse vale por demais social, a cujos flancos eu sentia grudada, visível ou não, uma comparsaria de amigos numerosos, o grito poético da noite já não era o da coruja ou da rã, e sim o "Como vai?" do Sr. de Criquetot ou o "Kairé!" de Brichot. A atmosfera já não despertava angústias e, carregada de eflúvios puramente humanos, era facilmente respirável, até mesmo excessivamente calmante. O benefício que eu dela tirava era, pelo menos, o de só ver as coisas do ponto de vista prático. O casamento com Albertine me parecia uma loucura.

Capítulo Q uarto

Brusca reviravolta para Albertine. - Desolação pela madrugada. - Vou imediatamente para Paris com Albertine.

Só esperava uma oportunidade para a ruptura definitiva. E, uma noite, como mamãe partisse no dia seguinte para Combray, onde ia assistir uma irmã de sua mãe em sua última enfermidade, deixando-me para que aproveitasse os ares marinhos, como o teria desejado a minha avó, eu lhe anunciara que irrevogavelmente estava decidido a não casar com Albertine e em breve ia deixar de vê-la. Estava contente de ter podido, com estas palavras, dar uma satisfação à minha mãe na véspera de sua partida. Ela não me ocultara que isto havia sido de fato uma satisfação bem grande. Precisava também explicar-me com Albertine. Como voltasse com ela da Raspeliere, tendo os fiéis descido, uns em Saint-Mars-le-Vêtu, outros em Saint-Pierre-des-lfs, outros ainda em Doncieres, sentindo-me especialmente feliz e desligado dela, decidira-me, agora que só havia nós dois no vagão, a abordar finalmente o assunto. Aliás, a verdade é que aquela dentre as moças de Balbec que eu amava, embora ausente naquela ocasião como suas amigas, mas que ia voltar (agradava-me estar com todas, pois cada uma delas tinha, para mim, como no primeiro dia, algo da essência das outras, como se pertencesse a uma raça à parte), era Andrée. Visto que ela ia chegar de novo a Balbec dentro de alguns dias, certamente viria logo me visitar, e então, para estar livre, não casar com ela se não quisesse, para poder ir a Veneza e, no entanto, daqui até lá, tê-la todinha para mim, o meio que adotaria seria não dar a entender que me aproximava demais dela e, desde a sua chegada, quando estivéssemos conversando, lhe diria: - Que pena que eu não a tenha visto algumas semanas antes! Eu a teria amado; agora, meu coração já está preso. Mas isto não quer dizer nada, nós nos veremos amiúde, pois estou entristecido com meu outro amor, e você me ajudará a consolar-me. - Sorria interiormente ao pensar nessa conversação, pois, assim, daria a Andrée a ilusão de que não a amava de verdade; desse modo, ela não ficaria cansada de mim e eu aproveitaria alegre e suavemente a sua ternura. Mas tudo isso só tornava mais necessário falar afinal seriamente com Albertine, para não agir de forma indelicada, e, visto estar resolvido a me dedicar à sua amiga, era preciso que ela, Albertine, soubesse perfeitamente que eu não a amava. Era preciso dizer-lhe imediatamente, pois Andrée podia chegar a qualquer momento. Porém, como nos aproximássemos de Parville, senti que não teríamos tempo nessa noite e que

era preferível deixar para o dia seguinte o que agora estava irrevogavelmente decidido. Portanto, contentei-me em lhe falar do jantar que tivéramos na casa dos Verdurin. No momento em que repunha a sua capa, tendo o trem acabado de deixar Incarville, última estação antes de Parville, ela me disse:

- Então amanhã, de novo Verdurin, não se esqueça que é você quem vai me buscar. -

Não pude evitar dizer com bastante secura:

- Sim, a menos que eu "largue", pois começo a achar esta vida verdadeiramente idiota. Em todo caso, se formos, para que o meu tempo na Raspeliere não seja inteiramente perdido, será necessário que pense em pedir à Sra. Verdurin algo que muito possa interessar-me, ser um objeto de estudo e me dar prazer, pois de fato tive pouco prazer este ano em Balbec.

- Isto não é gentil para comigo, mas não lhe quero mal porque sinto que você está nervoso. Qual seria esse prazer?

- Que a Sra. Verdurin faça tocar para mim peças de um compositor cuja obra conhece muito bem. Eu também conheço uma, porém creio que há outras e eu teria necessidade de saber se foram editadas, se são diversas das primeiras.

- Que compositor?

- Minha queridinha, quando eu te disser que se chama Vinteuil, ficarás mais adiantada? - Podemos ter desenvolvido todas as idéias possíveis, que a verdade nunca penetra nelas, e é de fora, quando menos se espera, que ela nos dá sua tremenda picada e nos fere para sempre.

- Você não sabe como me diverte - respondeu Albertine erguendo-se, pois o trem ia parar. - Não só isto me diz muito mais do que você poderia pensar, mas mesmo sem a Sra. Verdurin poderei lhe dar todas as informações que quiser. Lembra-se que falei de uma amiga mais velha, que me serviu de mãe e de irmã, e com quem passei em Trieste os meus melhores anos e que, aliás, devo reencontrar dentro de algumas semanas em Cherburgo, de onde viajaremos juntas (é meio barroco, mas você sabe como amo o mar); pois bem, essa amiga (oh, não é absolutamente o tipo de mulher que você poderia imaginar!), veja que coisa extraordinária, é justamente a melhor amiga da filha desse Vinteuil, e eu conheço quase tanto a filha de Vinteuil. Nunca as chamo senão de minhas duas irmãs mais velhas. Não me sinto constrangida em mostrar que sua pequena Albertine poderá lhe ser útil nesses assuntos de música, de que você diz, aliás com razão, que não entendo nada. -

A essas palavras, pronunciadas quando chegávamos à estação de Parville, tão longe de Combray e de Montjouvain, tanto tempo depois da morte de Vinteuil, uma imagem se agitava em meu coração, uma imagem mantida em reserva

durante tantos anos que, mesmo se tivesse podido adivinhar o seu poder nocivo ao armazená-la outrora, acharia que, com o passar do tempo, ela o tivesse perdido inteiramente; conservada viva no fundo de mim como Orestes, cuja morte os deuses haviam impedido, a fim de que, no dia marcado, regressasse à sua terra para punir o assassinato de Agamenon - para meu suplício, talvez para meu castigo, quem sabe, de ter deixado morrer a minha avó; surgindo de súbito do fundo da noite onde parecia sepultada para sempre e ferindo, como um Vingador, a fim de inaugurar-me uma vida terrível, nova e merecida, talvez também para expor a meus olhos as funestas conseqüências que as más ações engendram indefinidamente, não apenas para aqueles que as cometeram, mas para aqueles que não acreditaram, que só fizeram contemplar um espetáculo curioso e divertido, como eu, ai de mim, naquele distante entardecer em Montjouvain, escondido atrás de um arbusto, onde (como quando escutara complacentemente a narrativa dos amores de Swann) havia deixado que se abrisse perigosamente em mim a via funesta do Saber, destinada a ser dolorosa. E nesse mesmo tempo da minha maior dor, tive uma sensação quase orgulhosa, quase alegre, como a de um homem a quem o choque recebido faria dar tamanho salto que ele alcançasse um ponto a que nenhum esforço o poderia ter levantado. Albertine, amiga da Srta. Vinteuil e da amiga desta, praticante profissional do safismo, era, junto do que eu imaginara nas maiores dúvidas, o que é, para o pequeno acústico da Exposição de 1889, de que mal se esperava pudesse ir de uma casa a outra, o telefone que voa sobre as ruas, as cidades, os campos, os mares, ligando países. Era uma terra incógnita terrível aonde eu fora aterrissar, uma nova fase de sofrimentos insuspeitados que se abria. E, entretanto, esse dilúvio da realidade que nos submerge, se é enorme em face de nossas tímidas e ínfimas suposições, era pressentido por elas. Era sem dúvida algo como o que eu acabava de saber, era algo como a amizade de Albertine e da Srta. Vinteuil, algo que meu espírito não teria sabido inventar, mas que eu obscuramente apreendia quando me inquietava tanto ao ver Albertine junto de Andrée. Muitas vezes, é unicamente por falta de espírito criador que não se vai muito longe no sofrimento. E a mais terrível realidade nos concede, ao mesmo tempo que o sofrimento, a alegria de uma bela descoberta, porque só faz doar uma forma clara e nova ao que ruminávamos há muito sem desconfiar.

O trem havia parado em Parville, e como éramos os seus únicos passageiros, foi com uma voz amolentada pela sensação de inutilidade da tarefa, pelo mesmo hábito que no entanto o fazia cumpri-la, inspirando-lhe a um tempo a exatidão e a indolência, e mais ainda, o desejo de dormir, que o empregado gritou:

- Parville! -

Albertine, sentada à minha frente e vendo que chegara a seu destino, deu alguns passos do fundo do vagão onde estávamos e abriu a portinhola. Mas este

movimento, que ela assim fazia para descer, me dilacerava intoleravelmente o coração, como se, ao contrário da posição independente do meu corpo, que a dois passos dele parecia ocupar o de Albertine, tal separação espacial, que um desenhista verídico seria forçado a figurar entre nós, não passasse de uma aparência, e como se, para quem quisesse redesenhar as coisas conforme a realidade verdadeira, fosse preciso agora colocar Albertine, não a certa distância de mim, mas dentro de mim. Ela me fazia tanto mal ao se afastar que, agarrando-a, puxei-a desesperadamente pelo braço.

- Seria materialmente impossível - perguntei - que você fosse dormir esta noite em Balbec? - Materialmente, não. Mas estou caindo de sono.

- Você me faria um imenso favor...

- Pois seja, embora eu não compreenda; por que não me falou mais cedo? De qualquer modo, fico. -

Minha mãe dormia quando, depois de ter mandado que dessem a Albertine um quarto situado em outro andar, voltei para o meu. Sentei-me junto à janela, reprimindo os soluços para que não me ouvisse minha mãe, que só estava separada de mim por um delgado tabique. Nem sequer pensara em fechar os postigos, pois, num dado instante, erguendo os olhos, vi à minha frente, no céu, aquele mesmo clarão de um vermelho tinto que se via no restaurante de Rivebelle, num estudo que Elstir fizera de um sol poente. Lembrei-me da exaltação que me provocara, quando a vira do trem no dia da minha primeira chegada a Balbec, essa mesma imagem de uma tarde que não precedia a noite, mas um novo dia. Porém, agora, nenhum dia mais seria novo para mim, nem mais me despertaria o desejo de uma felicidade desconhecida, e somente prolongaria meus sofrimentos até que eu não tivesse mais forças para suportá-los. A verdade daquilo que Cottard me havia dito no cassino de Parvillefi [ou Incarville] já não me apresentava dúvidas. O que eu temera, e vagamente suspeitara havia muito tempo em Albertine, o que meu instinto deduzia de todo o seu ser, e aquilo que meus raciocínios, dirigidos pelo meu desejo, tinham me feito pouco a pouco negar, era verdade! Por trás de Albertine, eu já não via as montanhas azuladas do mar, mas o quarto de Montjouvain em que ela caía nos braços da Srta. Vinteuil com aquele riso que ela fazia ouvir como o som ignorado do seu prazer. Pois, linda como era Albertine, como podia ser que a Srta. Vinteuil, com os gostos que tinha, não lhe pedisse para satisfazê-los? E a prova de que Albertine não ficara chocada com isso e havia consentido é que não tinham brigado e a sua intimidade não cessara de aumentar. E aquele gracioso movimento de Albertine, ao pousar o queixo no ombro de Rosemonde, olhando-a a sorrir e depondo-lhe um beijo no pescoço, esse movimento que me lembrara a Srta. Vinteuil e para cuja interpretação eu todavia hesitara em admitir que uma mesma linha traçada por um gesto resultasse obrigatoriamente de uma mesma

tendência, quem sabe se Albertine simplesmente não o aprendera com a Srta. Vinteuil? Pouco a pouco o céu apagado se iluminava. Eu que até então nunca havia despertado sem sorrir para as coisas mais humildes, para a taça de café com leite, o ruído da chuva, o estrondo do vento, senti que o dia que estava para nascer em alguns instantes, e todos os dias que se seguiriam, nunca mais me haveriam de trazer a esperança de uma felicidade desconhecida, e sim o prolongamento de meu martírio. Aferrava-me à vida ainda; sabia que nada mais tinha a esperar dela que não fosse cruel. Corri para o elevador, apesar da hora indevida, para chamar o ascensorista, que preenchia as funções de vigia noturno, e lhe pedi que fosse ao quarto de Albertine dizer-lhe que eu tinha algo de importante para lhe comunicar, caso ela pudesse receber-me.

- A senhorita prefere vir ela própria - veio ele me responder. - Estará aqui num instante. - De fato, em breve Albertine entrou de *robe de chambre*.

- Albertine - disse-lhe bem baixinho, recomendando que não elevasse a voz para não acordar minha mãe, de quem estávamos separados por esse tabique cuja delgadez, hoje importuna e que obrigava a sussurrar, parecia outrora, quando ali tão bem se pintaram as intenções de minha avó, uma espécie de diafaneidade musical -, estou envergonhado por incomodá-la. Eis do que se trata. Para que você compreenda, é preciso que lhe diga uma coisa que você não sabe. Quando vim para cá, deixei uma mulher com quem deveria me casar, que estava prestes a abandonar tudo por mim. Devia seguir de viagem esta manhã e, desde uma semana, todos os dias eu me perguntava se teria coragem de não lhe telegrafar dizendo que voltava. Tive essa coragem, mas sentia-me tão infeliz que achei que me mataria. Por isso é que perguntei ontem à noite se não poderia vir dormir em Balbec. Se eu tivesse que morrer, gostaria de lhe dizer adeus. - E dei livre curso às lágrimas, que minha ficção tornava naturais.

- Meu pobrezinho, se eu tivesse sabido, teria passado a noite a seu lado -exclamou Albertine, a cujo espírito nem mesmo ocorreu a idéia de que eu talvez desposasse a tal mulher, desvanecendo-se desse modo a oportunidade de que ela própria fizesse um "bom casamento", de tanto que ela se sentia sinceramente comovida com um pesar cuja causa eu não podia ocultar-lhe, mas não a realidade e a força - Além disso - continuou ela -, ontem, durante todo o trajeto desde a Raspeliere, bem que havia sentido que você estava triste e nervoso, receava alguma coisa. - Na verdade, o meu desgosto só começara em Parville, e o nervosismo bem diferente, mas que por felicidade Albertine confundia com ele, provinha do tédio de viver ainda alguns dias com ela. Albertine acrescentou: - Não o deixo mais, vou ficar aqui o tempo todo. - Oferecia-me justamente - e só ela podia oferecê-lo o único remédio contra o veneno que me queimava, aliás homogêneo a ele; um suave, o outro cruel, ambos igualmente derivavam de Albertine. Nesse momento Albertine meu mal livrava-me de sofrimentos, me

deixava ela, a Albertine remédio enternecido como um convalescente. Mas eu pensava que ela em breve ia partir de Balbec para Cherburgo e de lá para Trieste. Seus hábitos de outrora iriam renascer. Antes de tudo o que eu desejava era impedir Albertine de tomar o barco, tratar de conduzi-la à Paris. Decerto, de Paris, mais facilmente ainda que de Balbec, ela poderia, se o quisesse, ir para Trieste, mas em Paris nós veríamos; talvez eu pudesse pedir à Sra. de Guermantes para indiretamente agir sobre a amiga da Srta. Vinteuil, no sentido de que esta não ficasse em Trieste, para fazê-la aceitar um emprego alhures, talvez na casa do príncipe de ***, que eu havia encontrado na casa da Sra. de Villeparisis e na da própria Sra. de Guermantes. E este, mesmo que Albertine quisesse ir à sua casa para visitar a amiga, poderia, avisado pela Sra. de Guermantes, impedir que se encontrassem. Com certeza, poderia eu refletir que em Paris, se Albertine possuía esses gostos, acharia muitas outras pessoas com quem satisfazê-los. Porém cada movimento de ciúme é particular e traz a marca da criatura desta vez a amiga da Srta. Vinteuil que o suscitou. Era a amiga da Srta. Vinteuil que continuava sendo a minha grande preocupação. A paixão misteriosa com que antigamente havia pensado na Áustria, porque era o país de origem de Albertine (seu tio ali fora conselheiro da embaixada), de modo que sua singularidade geográfica, a raça que o habitava, seus monumentos suas paisagens, podia eu considerá-los, tais como num atlas ou numa coleção de quadros, no sorriso e nas maneiras de Albertine -, essa paixão misteriosa eu a sentia ainda, mas, por uma troca de sinais, no domínio do horror. Sim, era dali que Albertine provinha. Era ali que, em cada residência, ela estava segura de encontrar, fosse a amiga da Srta. Vinteuil, fossem outras. Iriam renascer os hábitos da infância, iriam reunir-se dentro de três meses para o Natal, depois para o Ano-Novo, datas que já me eram tristes por si mesmas, pela recordação inconsciente da mágoa que nelas sentira, quando outrora me separavam de Gilberte durante todo o tempo das férias de Natal. Após longos jantares, depois dos *réveíllons*, quando todos estariam alegres, animados, Albertine ia tomar, com suas amigas de lá, as mesmas atitudes que eu vira assumir com Andrée, quando a amizade de Albertine por ela era inocente, quem sabe? talvez as atitudes que tinham aproximado, diante de mim, a Srta. Vinteuil perseguida por sua amiga, em Montjouvain. Á Srta. Vinteuil, agora, enquanto sua amiga a acariciava antes de cair sobre ela, eu emprestava o rosto afogueado de Albertine, da Albertine que eu ouvi lançar, fugindo, e depois se abandonando, o seu riso estranho e profundo. Que era, diante do sofrimento que sentia, o ciúme que um dia havia sentido, quando Saint-Loup encontrara a mim e Albertine em Doncieres e onde ela lhe fizera provocações? E também aquele que experimentara ao pensar no iniciador desconhecido a quem eu devera os primeiros beijos que ela me dera em Paris, no dia em que eu esperava a carta da Srta. de Stermaria? Aquele outro ciúme, provocado por Saint-Loup ou por um jovem qualquer, nada valia. Em tal

caso, poderia no máximo temer um rival contra quem eu tivesse de arrebatá-la. Mas aqui o rival não era meu semelhante, suas armas eram diferentes, eu não podia lutar no mesmo terreno, dar a Albertine os mesmos gozos, nem sequer concebê-los com exatidão. Em muitos momentos da nossa vida trocaríamos todo o futuro por um poder em si mesmo insignificante. Outrora, eu teria renunciado a todas as vantagens da vida para conhecer a Sra. Blatin, porque ela era uma amiga da Sra. Swann. Hoje, para que Albertine não fosse a Trieste, eu teria suportado todos os sofrimentos e, se isso não fosse bastante, lhes teria infligido, tê-la-ia isolado, seqüestrado, tomado o pouco dinheiro que ela possuía para que a penúria a impedisse materialmente de fazer a viagem. Como outrora, quando queria ir a Balbec, o que me impelia a partir era o desejo de uma igreja persa, de um temporal pela madrugada, o que agora me dilacerava o coração, ao pensar que Albertine talvez fosse a Trieste, era que ela passaria ali a noite de Natal com a amiga da Srta. Vinteuil; pois a imaginação, quando muda de natureza e se transforma em sensibilidade, não dispõe para tanto de maior número de imagens simultâneas. Se me dissessem que ela não se encontrava naquele momento em Cherburgo ou em Trieste, que não poderia ver Albertine, como teria eu chorado de alegria e de doçura! Como teria mudado minha vida e seu futuro! E, no entanto, eu bem sabia que era arbitrária essa localização do meu ciúme, que, se Albertine possuía esses gostos, poderia satisfazê-los com outras. Aliás, quem sabe se até essas mesmas jovens, podendo encontrá-la em outro local, não torturariam elas tanto o meu coração? Era de Trieste, daquele mundo ignorado onde eu sentia que Albertine passava bem, onde estavam suas lembranças, suas amizades, seus amores de infância, que se exalava aquela atmosfera hostil, inexplicável, como a que se evolava outrora até o meu quarto de Combray, da sala de jantar em que eu ouvia conversar e rir com estranhos, dentre o ruído dos talheres, mamãe, que não viria dar-me boa-noite; como a que enchera para Swann, as casas em que Odette ia procurar, em festas, prazeres inconcebíveis. Não era mais como uma terra deliciosa, onde a raça é pensativa, os ocasos dourados, os carrilhões tristes, que agora eu imaginava Trieste, mas como uma cidade maldita que eu desejaria mandar queimar de imediato e suprimir do mundo real. Aquela cidade estava afundada no meu coração como aguilhão permanente. Deixar Albertine partir em breve para Cherburgo e Trieste causava-me horror. E até mesmo ficar em Balbec. Pois agora que a revelação da intimidade de minha amiga com a Srta. Vinteuil se fazia uma quase certeza, parecia-me que, em todos os momentos em que Albertine não estivesse comigo (e havia dias inteiros em que, por causa de sua tia, não podia vê-la), ela se entregaria às primas de Bloch, talvez a outras. A idéia de que naquela mesma noite ele poderia ver as primas de Bloch me deixava louco. Assim, depois que me disse que não me largaria durante uns dias, respondi:

- Mas é que eu desejaria voltar a Paris. Não viria comigo? E não gostaria de vir

morar um pouquinho conosco em Paris? -

Era necessário impedi-la, a todo custo, de estar sozinha, pelo menos durante alguns dias, conservá-la junto a mim para assegurar-me de que ela não pudesse ver a amiga da Srta. Vinteuil. Isto, na verdade, equivaleria a morar sozinha comigo, pois minha mãe, aproveitando-se de uma viagem de inspeção que meu pai ia fazer, impusera-se como um dever obedecer a uma vontade de minha avó, que desejaria que ela fosse passar alguns dias em Combray junto de uma de suas irmãs. Mamãe não gostava da tia porque esta não fora para a minha avó, tão carinhosa com ela, a irmã que deveria ter sido. Assim, depois de crescidas, as crianças lembram-se, rancorosas, dos que foram maus com elas. Porém mamãe, transformada em minha avó, era incapaz de rancor; a vida de sua mãe era para ela como uma pura e inocente infância onde ia aspirar aquelas lembranças cuja doçura ou amargor regulavam suas ações com uns e outros. Minha tia teria podido fornecer a mamãe certos detalhes inestimáveis, porém agora dificilmente o faria, pois achava-se muito enferma (dizia-se que era um câncer), e minha mãe censurava-se por não ter ido mais cedo, para acompanhar meu pai, e nisso não via senão mais um motivo para fazer o que sua mãe teria feito; e, assim como ela, ia, no aniversário do pai de minha avó, o qual fora tão ruim pai, depositar sobre seu túmulo as flores que minha avó costumava levar. Assim, junto ao túmulo que ia se entreabrir, desejava minha mãe levar as suaves conversas que minha tia não viera oferecer à minha avó. Enquanto estivesse em Combray, minha mãe se ocuparia de certos trabalhos que minha avó sempre desejara, mas somente se fossem executados sob a supervisão de sua filha. Assim, eles ainda não tinham sido principiados, pois não queria mamãe, deixando Paris antes de meu pai, fazer-lhe sentir demasiado o peso de um luto ao qual ele se associava, mas que não podia afligi-lo tanto quanto a ela.

- Ah, isto não será possível por agora - respondeu Albertine. - Além disso, que necessidade tem você de voltar tão depressa a Paris, visto que essa dama já partiu?

- Porque estarei mais tranqüilo num lugar onde a conheci, em vez de Balbec, que ela nunca viu e a que tomei horror. -

Terá Albertine compreendido mais tarde que essa outra mulher não existia, e que se naquela noite eu quisera morrer de verdade fora porque ela me revelara, estouvadamente, que tinha ligações com a amiga da Srta. Vinteuil? É possível. Há momentos em que isso me parece provável. Em todo caso, naquela manhã, acreditou na existência dessa mulher.

- Mas você deveria casar com essa senhora, meu pequeno - disse ela. - Seria feliz e ela certamente o seria também. -

Respondi que a idéia de que poderia fazer feliz aquela mulher, de fato, quase

estivera a ponto de me decidir; ultimamente, depois de receber uma grande herança que me permitiria dar muito luxo e distrações à minha mulher, estivera a ponto de aceitar o sacrifício daquela a quem amava. Inebriado pela gratidão que me inspirava a gentileza de Albertine, tão próxima do atroz sofrimento que ela me causara, assim como prometeríamos de bom grado uma fortuna ao garçom do café que nos serve um sexto cálice de aguardente, disse-lhe que minha mulher teria um auto e um iate; que, sob esse aspecto, já que Albertine gostava tanto de passear de auto e de iate, era uma pena que não fosse ela a quem eu amava; que eu teria sido o marido perfeito para ela, mas que se haveria de dar um jeito, que talvez a gente pudesse encontrar-se de forma agradável. Apesar de tudo, como na própria embriaguez a gente evita interpelar os passantes, com receio dos golpes, abstive-me de cometer a imprudência que teria cometido no tempo de Gilberte, dizendo que era a ela, Albertine, que eu amava.

- Você vê, estive prestes a casar com ela. Mas não ousei fazê-lo, todavia, e não desejaria obrigar uma jovem a viver junto de alguém tão doente e aborrecido.

- Mas você está louco, todos desejariam viver com você, olhe como todo mundo o procura. Só se fala de você na casa da Sra. Verdurin, e me disseram que se dá o mesmo na mais alta sociedade. Portanto, essa senhora não foi justa com você, para lhe dar essa impressão de dúvida a seu próprio respeito. Vejo que se trata de uma malvada, detesto-a; ah! se eu estivesse em seu lugar...

- Nada disso, ela é muito gentil, gentil demais. Quanto aos Verdurin e aos outros, rio-me deles. Fora aquela a quem amo e à qual, de resto, renunciei, só ligo para a minha pequena Albertine; somente ela, ficando muito tempo comigo, pelo menos nos primeiros dias -acrescentei, para não assustá-la e poder pedir-lhe muito nesses dias -, é que poderá consolar-me um pouco. - Só vagamente aludi a uma possibilidade de casamento, dizendo que era irrealizável porque nossos temperamentos não combinavam. Contra minha própria vontade, sempre perseguido em meu ciúme pelas lembranças das relações de Saint-Loup com "Rachel-quando-do-Senhor" e de Swann com Odette, estava muito inclinado a crer que, no momento em que amava, não podia ser amado, e que só o interesse podia unir a mim uma mulher. Certamente era uma loucura julgar Albertine por Odette e Rachel. Porém não se tratava dela, mas de mim; eram os sentimentos que eu pudesse inspirar que o meu ciúme me fazia subestimar em excesso. E desse julgamento, talvez errôneo, nasceram sem dúvida muitas desgraças que iriam se abater sobre nós.

- Então recusa o meu convite para Paris?

- Minha tia não há de querer que eu parta neste momento. Além disso, mesmo que eu possa mais tarde, não será esquisito que eu entre assim em sua casa? Em

Paris, vão logo descobrir que não sou sua prima.

- Pois bem, diremos que somos meio noivos. Que diferença faz, já que você sabe que não é verdade? -

O pescoço de Albertine, que lhe saía inteiro da camisa, era forte, dourado, de intensa granulação. Beijei-a tão puramente como se tivesse beijado minha mãe para acalmar um desgosto de criança que julgasse então jamais poder arrancar do peito. Albertine deixou-me para ir vestir-se. Aliás, o seu devotamento já principiava a diminuir; agora há pouco me dissera que não me deixaria um segundo sequer. (E eu bem sentia que sua resolução não duraria, visto que eu receava, caso permanecêssemos em Balbec, que ela fosse ter naquela mesma noite, sem mim, com as primas de Bloch.) Ora, ela vinha agora me dizer que desejava passar em Maineville e que voltaria para me ver à tarde. Não se recolhera na véspera à noite, poderia haver correspondência para ela, além do que a sua tia podia estar inquieta. Eu havia respondido:

- Se é só por isso, a gente podia mandar o ascensorista dizer à sua tia que você está aqui e pegar suas cartas. -

E, desejosa de se mostrar gentil, porém contrariada por estar sendo reprimida, franzira a testa e depois, de súbito, disse amavelmente:

- É isto mesmo e mandara o ascensorista.

Não fazia um momento que Albertine me deixara, quando o ascensorista veio bater de leve. Eu não esperava que, enquanto conversava com Albertine, tivesse ele tido tempo de ir a Maineville e voltar. Vinha me dizer que Albertine escrevera um bilhete à sua tia e que podia, se eu o quisesse, ir a Paris no mesmo dia. Aliás, fizera mal em dar o recado oralmente, pois, apesar da hora matinal, o gerente já estava a par de tudo e, transtornado, vinha perguntar-me se eu estava descontente com alguma coisa, se de fato ia partir, se não poderia esperar ao menos alguns dias, já que o vento hoje estava muito receoso (de recear). Eu não queria lhe explicar que desejava a todo custo que Albertine já não estivesse em Balbec quando as primas de Bloch fossem dar o seu passeio, principalmente na ausência de Andrée, a única que poderia protegê-la, e que Balbec era como um desses lugares em que um doente, que ali não mais respira, decido mesmo que deva morrer no caminho, não passar a noite seguinte. Além do mais, eu ia ter de lutar contra rogos do mesmo gênero, primeiro no hotel, onde Marie Gineste e Céleste Albaret tinham os olhos vermelhos. (Aliás, Marie fazia ouvir o soluço apressado de uma torrente; Céleste, mais frágil, recomendava-lhe calma; porém, tendo Marie murmurado os únicos versos que conhecia: *Ici-bas tous les filas meurent.* Céleste não pôde se conter, e um lençol de lágrimas se espalhou pelo seu rosto cor de lilás; penso, aliás, que me esqueceram na mesma noite.)

A seguir, no trenzinho local, apesar de todas as minhas precauções para não ser

visto, encontrei o Sr. de Cambremer que, à vista de minhas malas, empalideceu, pois contava comigo para dali a dois dias; exasperou-me querendo me convencer de que minhas sufocações deviam-se à mudança de tempo e que outubro seria um mês excelente para elas, e me perguntou se, de qualquer modo, não poderia "adiar a minha partida por oito dias", expressão cuja estupidez só não me deixou enfurecido talvez porque me fazia mal a sua proposta. E, enquanto ele me falava no vagão, a cada parada eu temia ver aparecer, mais terrível que Herimbald ou Guiscard, o Sr. de Crécy, implorando para ser convidado, ou, mais temível ainda, a Sra. Verdurin, fazendo questão de me convidar. Mas isto só devia acontecer dentro de algumas horas. Eu ainda não chegara a tanto. Só precisava fazer face às queixas desesperadas do gerente. Mandei-o embora, pois receava que, mesmo sussurrando, acabasse ele por acordar mamãe. Fiquei sozinho no quarto, aquele mesmo quarto de teto por demais alto, onde me sentira tão infeliz na minha primeira chegada, onde pensara com tanta ternura na Srta. de Stermaria e havia espiado a passagem de Albertine e suas amigas como aves de arribação paradas na praia, onde a possuíra com tanta indiferença quando a mandara buscar pelo ascensorista, onde conhecera a bondade de minha avó e depois soubera que ela estava morta; aqueles postigos ao pé dos quais caía a luz da manhã, eu os abrira a primeira vez para avistar os primeiros contrafortes do mar (esses postigos que Albertine me fazia fechar para que não nos vissem aos beijos). Eu tomava melhor consciência de minhas próprias transformações confrontando-as com a identidade das coisas. Entretanto, habituamo-nos a elas como às pessoas, e, quando subitamente nos lembramos do significado diverso que elas comportam e, depois que tiverem perdido todo significado, dos acontecimentos bem diferentes dos de hoje que enquadraram, a diversidade dos atos realizados sob o mesmo teto, entre as mesmas bibliotecas envidraçadas, e a mudança no coração e na vida que semelhante diversidade implica, parecem ainda acrescidas pela permanência imutável do cenário, reforçado pela unidade do lugar. Duas ou três vezes, durante um momento, tive a idéia de que o mundo onde estavam esse quarto e essas bibliotecas, e no qual Albertine era coisa tão pouca, consistisse talvez num mundo intelectual, que era a única realidade, e meu desgosto, algo como aquilo que é causado pela leitura de um romance e de que somente um louco poderia fazer um sofrimento durável e permanente que se prolongasse por toda a sua vida; que talvez bastasse um pequeno movimento de minha vontade para alcançar esse mundo real e nele penetrar, ultrapassando a minha dor como um círculo de papel que se fura, e não mais me preocupar com o que fizera Albertine, assim como não nos preocupamos com os atos da heroína imaginária de um romance depois que terminamos a leitura. Além disso, as amantes a quem mais amei jamais coincidiram com o meu amor por elas. Esse amor era verdadeiro, visto que eu subordinava todas as coisas à função de vê-las, de guardá-las só para mim, já que soluçava se as tinha esperado uma noite. Mas

elas mais possuíam a propriedade de despertar esse amor, de levá-lo ao paroxismo, do que serem a sua imagem. Quando as via, quando as ouvia, nada encontrava nelas que se parecesse ao meu amor e pudesse explicá-lo. No entanto, minha única alegria era vê-las, minha única ansiedade, esperá-las. Dir-se-ia que uma virtude, sem qualquer relação com elas, lhes fora acessoriamente acrescentada pela natureza, e que essa virtude, essa força similielétrica, tinha por efeito excitar em mim o meu amor, isto é, dirigir todas as minhas ações e provocar todos os meus sofrimentos. Porém a beleza, a inteligência ou a bondade dessas mulheres eram inteiramente distintas de tudo isso. Como por uma corrente elétrica que nos move, fui sacudido pelos meus amores, vivi-os e senti-os; nunca pude chegar a vê-los ou a pensá-los. Inclino-me até a crer que nesses amores (ponho de lado aliás o prazer físico que os acompanha em geral, mas que não basta para constituí-los), sob a aparência da mulher, é a essas forças invisíveis, de que ela está acessoriamente acompanhada, que nós nos dirigimos como à obscuras divindades. É delas, cuja benevolência nos é necessária, que buscamos o contato, sem nele encontrar um prazer positivo. Com essas deusas, a mulher põe-nos em relação, sem fazer mais que isso. Como oferendas, prometemos jóias, viagens, pronunciamos fórmulas que significam que adoramos, e fórmulas opostas que significam sermos indiferentes. Dispusemos de todo o nosso poder para alcançar um novo encontro, mas que seja concedido sem tédio. Ora, seria pela própria mulher, se ela não estivesse complementada com essas forças ocultas, que faríamos tanto esforço que, quando ela partisse, não saberíamos dizer como estava vestida e nos aperceberíamos de que nem sequer a tínhamos olhado? Como é enganador o sentido da vista! Um corpo humano, até mesmo amado como o de Albertine, nos parece a alguns metros, a poucos centímetros, bem distante de nós. Da mesma forma a alma que nele está. Unicamente, se alguma coisa muda violentamente o lugar dessa alma em relação a nós, mostrando-nos que ela ama a outros seres e não a nós, então, pelas batidas do nosso coração deslocado, sentimos que, não a alguns passos de nós, mas dentro de nós, é que estava a criatura amada. Em nós, nas regiões mais ou menos superficiais. Mas as palavras: "Esta amiga é a Srta. Vinteuil" tinham sido o Sésamo, que eu seria incapaz de achar por mim mesmo, que fizeram entrar Albertine nas profundezas do meu coração dilacerado. E a porta que se fechara sobre ela, poderia eu procurá-la durante cem anos sem saber como reabri-la. Essas palavras, deixara de ouvi-las por um momento, enquanto Albertine estava junto a mim, ainda há pouco. E, beijando-a como beijava minha mãe em Combray para acalmar a minha angústia, quase acreditava na inocência de Albertine ou, pelo menos, não pensava continuamente na descoberta que fizera acerca de seu vício. Mas agora que estava sozinho, as palavras ressoavam de novo como esses ruídos internos do ouvido que ouvimos logo que alguém deixa de nos falar. Agora, seu vício não apresentava dúvidas para mim. A luz do sol que

ia se erguer, modificando as coisas a meu redor, me fez de novo tomar, como que me deslocando um momento em relação a ela, consciência mais cruel ainda do meu sofrimento. Eu jamais vira principiar uma manhã tão linda nem tão dolorosa. Pensando em todas as paisagens indiferentes que iam iluminar-se e que ainda na véspera só teriam me dado o desejo de as visitar, não pude conter um soluço quando, num gesto de ofertório, mecanicamente concluído, e que me pareceu simbolizar o sacrifício sangrento que ia ter de fazer de toda alegria, a cada manhã, até o fim da minha vida, renovação solenemente celebrada em cada aurora de minha mágoa cotidiana e do sangue de minha chaga, o ovo de ouro do sol, como que propulsado pela ruptura de equilíbrio que, no momento da coagulação, traria uma mudança de densidade, farpado de chamas como nos quadros, rompeu de um salto a cortina atrás da qual o sentíamos desde um instante, fremente e prestes a entrar em cena, e da qual apagou, sob ondas de luz, a púrpura misteriosa e condensada. Ouvi-me a chorar a mim mesmo. Mas nesse momento, contra toda expectativa, a porta se abriu e, o coração batendo, pareceu-me ver a minha avó diante de mim, como numa dessas aparições que eu já tivera, mas só dormindo. Então tudo aquilo não passava de um sonho? Ai de mim! Estava bem desperto.

- Achas que me pareço com tua pobre avó - me disse mamãe (pois era ela) com doçura, como para acalmar o meu assombro, confessando de resto aquela semelhança, com um belo sorriso de orgulho modesto que jamais conhecera a coqueteria. Seus cabelos em desordem, onde as mechas grisalhas não estavam escondidas e serpenteavam em torno de seus olhos inquietos, de suas faces envelhecidas, o próprio chambre de minha avó que ela usava, tudo isso me impedira, por um instante, de reconhecê-la, fazendo-me duvidar se dormia ou se minha avó havia ressuscitado. Fazia já muito tempo que minha mãe se assemelhava bem mais à minha avó do que à jovem e risonha mamãe que minha infância conhecera. Mas eu não pensara mais nisso. Assim, quando ficamos lendo por muito tempo, distraídos, não percebemos o passar das horas e, de repente, vemos a nosso redor o sol, inevitavelmente levado a passar pelas mesmas fases, lembrar, a ponto de equivocar-nos, o sol que ali existia na véspera à mesma hora, e despertar a seu redor as mesmas harmonias, as mesmas correspondências que preparam o ocaso. Foi sorrindo que minha mãe me fez ver o meu erro, pois era-lhe doce ter tal semelhança com a mãe.

- Eu vim - disse ela porque, ao dormir, me parecia ouvir alguém que chorava. Isso me acordou. Mas o que houve que não está deitado? E tens os olhos cheios de lágrimas. Que está acontecendo? -

Segurei-lhe a cabeça entre os braços:

- Mamãe, ouve, receio não ter te falado amavelmente de Albertine; o que te disse era injusto.

- E o que tem isso? - disse mamãe; e, percebendo o sol nascente, sorriu com tristeza pensando na mãe; e para que eu não perdesse o fruto de um espetáculo que minha avó lastimava que eu não contemplasse nunca, apontou-me a janela. Mas, por detrás da praia de Balbec, do mar, do nascer do sol que mamãe me mostrava, eu via, com os movimentos de desespero que não lhe escapavam, o quarto de Montjouvain, onde Albertine, rósea, enroscada como uma grande gata, o nariz rebelde, tomara o lugar da amiga da Srta. Vinteuil e dizia, nos assomos de seu riso voluptuoso:

- Pois bem! Se nos virem, será melhor. Então eu não ousaria escarrar nesse macaco velho? -

Era esta a cena que eu via por detrás da que se estendia pela janela e que não era, sobre a outra, mais que um véu sombrio, superposto como um reflexo. Ela própria parecia um efeito quase irreal, como uma vista pintada. À nossa frente, na saliência dos rochedos de Parville, o bosquezinho onde havíamos feito o "jogo do anel" fazia cair em declive até o mar, sob o verniz da água, todo dourado ainda, o tabuleiro de suas folhagens, como na hora em que muitas vezes, no fim do dia, quando ali eu tinha ido dormir uma sesta com Albertine, nos levantáramos ao ver o sol descambando. Na desordem das névoas da noite, que ainda arrastavam os farrapos róseos e azuis sobre as águas atulhadas dos destroços nacarados da aurora, passavam barcos sorrindo à luz oblíqua que amarelava suas velas e a ponta dos gurupés como quando regressavam à tardinha: cena imaginária, tiritante e deserta, pura evocação do poente que não repousava, como a noite, na seqüência das horas do dia que eu tinha o hábito de ver preceder-lhe, desligada, interpolada, mais inconsistente ainda que a imagem horrível de Montjouvain que ela não lograva anular, encobrir, esconder poética e baldada imagem da lembrança e do sonho.

- Mas vejamos - disse minha mãe -, não me disseste nenhum mal dela, falaste até que ela te aborrecia um pouco, que estavas contente por teres desistido da idéia de te casares com ela. Não é motivo para chorar desse jeito. Pensa que tua mamãe vai partir hoje e ficará desolada por deixar o seu lobinho nesse estado. Tanto mais, meu pobrezinho, que não tenho tempo para te consolar. Pois, por mais que minhas coisas já estejam prontas, a gente nunca dispõe de tempo num dia de partida.

- Não é isso.

E então, calculando o futuro, pesando bem a minha vontade, compreendendo que aquela ternura de Albertine pela amiga da Srta. Vinteuil, e durante tanto tempo, não podia ter sido inocente, que Albertine já fora iniciada e, tanto quanto o indicavam os seus gestos, nascera aliás com a predisposição ao vício que minhas inquietações tantas vezes tinham pressentido, ao qual jamais deveria ter deixado

de se entregar (ao qual se entregava talvez naquele instante, aproveitando um momento em que eu não estava presente), disse à minha mãe, sabendo a mágoa que lhe causava, que ela não demonstrou e que só se traiu por aquele ar de séria preocupação que tinha quando comparava a gravidade de me causar desgosto ou de me fazer mal. Aquele ar que tivera em Combray pela primeira vez, quando se resignara a passar a noite junto a mim, aquele ar que nesse momento se parecia extraordinariamente ao de minha avó quando me permitia beber conhaque, disse à minha mãe:

- Sei do desgosto que vou te causar. Primeiro, em vez de ficar aqui como querias, vou partir ao mesmo tempo que tu. Mas isto ainda não é nada. Não me sinto bem aqui, prefiro voltar. Mas escuta, não te aborreça demais. Eis o que ocorre: enganei-me, enganei-te de boa-fé ontem, refleti a noite inteira. É necessário absolutamente, e decidamo-lo de imediato, porque eu bem o reconheço agora, porque não mudarei mais e porque não poderia viver sem isso, é absolutamente necessário que eu me case com Albertine.

FIM

A PRISIONEIRA

Prefácio

Fernando Py

*Quinto romance da série **Em Busca do Tempo Perdido**, este **A Prisioneira** inaugura o chamado "ciclo de Albertine", que continua e termina em A Fugitiva. É o primeiro dos três romances póstumos de Marcel Proust e, embora não tenha sido deixado em versão definitiva pelo autor, está inteiramente acabado quanto ao conteúdo. Sem ser dividido em capítulos, sua estrutura compreende, todavia, cinco jornadas, ou séries de dias, estrutura que já foi comparada à de uma tragédia clássica.*

A personagem de Albertine ganha aqui um relevo extraordinário, raiando pela obsessão. Praticamente não há página em que seu nome não apareça ou em que não haja menção a ela, de tal modo as análises psicológicas do Narrador têm como fundo o seu ciúme por ela, a quem mantém como que seqüestrada em sua casa.

*O mais importante, porém, é assinalar outro tipo de reflexões sobre literatura, onde, a partir de comentários monologais quanto à obra musical de Vinteuil, Proust expõe, a grosso modo, o seu método crítico e a maneira de empregá-lo embora não num sistema coeso, antes numa série de pequenas notações que, no entanto, visam à generalidade e preparam as reflexões finais de O Tempo Recuperado. Mas a maior marca deixada em A Prisioneira é a da morte: não só ocorrem as mortes de muitos personagens do ciclo, especialmente as de Bergotte e de Charles Swann (a deste último, já previamente assinalada em Sodoma e Gomorra, tem aqui um desenvolvimento emocionado por parte do Narrador), como, especialmente na última jornada, ocupa uma posição de destaque nas reflexões e monólogos do Narrador, desse modo antecipando a morte futura de Albertine e a noção de que o tempo, afinal, mais uma vez, destrói todo amor. Por estas e outras considerações, A Prisioneira anuncia o final do ciclo e nele acelera-se enormemente o tempo da narrativa, que progride vertiginosamente para o seu fim em **O Tempo Recuperado**.*

Primeira Parte

Logo de manhã, a cabeça ainda virada para a parede, e antes de ter visto, acima das grandes cortinas da janela, qual era o matiz da raia de luz, eu já sabia que tempo estava fazendo. Os primeiros ruídos da rua já tinham informado, conforme chegassem amortecidos, desviados pela umidade ou vibrantes como flechas na área ressoante e vazia de uma manhã espaçosa, gélida e pura; desde o rodar do primeiro bonde, eu percebera se o tempo estava enregelado na chuva ou a caminho para o azul. E talvez esses mesmos ruídos também tivessem sido precedidos por uma certa emanação mais rápida, mais penetrante, que, deslizando através do meu sono, espalhasse nele uma tristeza anunciadora da neve, ou fizesse entoar, a determinada personagenzinha intermitente, tão numerosos cânticos à glória do sol, que estes acabavam por trazer até mim, que, ainda adormecido, principiava a sorrir e cujas pálpebras fechadas se preparavam para o deslumbramento, um atordoante despertar em música. Aliás, foi sobretudo do meu quarto que, durante esse período, percebi a vida exterior. Sei que Bloch disse que, quando vinha visitar-me à noite, ouvia o rumor de uma conversa; como minha mãe estava em Combray, e ele jamais encontrava ninguém no meu quarto, concluiu que eu falava sozinho. Quando, muito mais tarde, soube que Albertine então morava comigo, compreendendo que eu a escondera de todos, declarou que via enfim o motivo pelo qual eu nunca desejava sair nessa época da minha vida. Enganava-se. Era, aliás, bem desculpável, pois a realidade, mesmo se necessária, não é inteiramente previsível. Aqueles que chegam a conhecer algum pormenor exato sobre a vida de outra pessoa, logo tiram dali conseqüências que o não são, vendo no fato recém-descoberto, a explicação de coisas que precisamente não têm nenhuma relação com ele.

Quando hoje penso que minha amiga fora morar, após o nosso regresso de Balbec, sob o mesmo teto que eu, em Paris, que renunciara à idéia de fazer um cruzeiro, que tinha o seu quarto a vinte passos do meu, no fim do corredor, no gabinete das tapeçarias de meu pai, e que todas as noites, bem tarde, antes de me deixar, deslizava sua língua dentro da minha boca, como um pão diário, como um alimento nutritivo e que tivesse a natureza quase sagrada de toda carne à qual os sofrimentos por que passamos devido a ela acabam por conferir uma espécie de doçura moral, o que logo recordo, por comparação, não é a noite que o capitão Borodino me permitiu que passasse no quartel, por um favor que, afinal,

só curava um incômodo passageiro, mas aquela em que meu pai dissera a mamãe que fosse dormir na cama junto à minha. Desse modo, a vida, se mais uma vez deve livrar-nos de um sofrimento que parecia inevitável, fá-lo em condições diversas, por vezes opostas, a ponto de que há quase um sacrilégio aparente em constatar a identidade da graça outorgada!

Quando Albertine sabia por Françoise que, na noite de meu quarto de cortinas ainda cerradas, eu não estava dormindo, não se incomodava de fazer um pouco de barulho ao se lavar no banheiro. Então, com freqüência, em vez de esperar uma hora mais tardia, eu ia para um banheiro contíguo ao dela e que era agradável. Outrora, um diretor teatral gastava centenas de milhares de francos para recamar de esmeraldas verdadeiras um trono em que a diva representava o papel de imperatriz. Os Balés russos nos ensinaram que simples jogos de luz, dirigidos aos pontos adequados, prodigalizam jóias tão suntuosas e mais variadas. Todavia, essa decoração, mais imaterial já não é tão graciosa quanto aquela que, às oito horas da manhã, o sol substitui à que tínhamos o hábito de ver quando só nos levantávamos ao meio-dia. As janelas dos nossos dois banheiros, para que não nos vissem de fora, não eram lisas e sim enrugadas por uma geada artificial e fora de moda. De repente o sol amarelava essa musselina de vidro, dourava-a e, descobrindo suavemente em mim um rapaz mais velho que o hábito havia ocultado por muito tempo, me embriagava de lembranças, como se eu me encontrasse em meio à natureza, diante das folhagens douradas onde nem mesmo faltasse a presença de um pássaro. Pois ouvia Albertine assobiar sem parar:

Les douleurs sont des folies
Et qui les écoute est encore plus fou.{38}

Eu amava-a demais para não sorrir alegremente do seu mau gosto musical. Aliás, essa canção tinha encantado a Sra. Bontemps no último verão; e esta, ouvindo dizer que se tratava de uma inépcia, em vez de pedir a Albertine que a cantasse, quando estava com visitas, substituiu-a por:

Une chanson d'adieu sort des sources troublées{39}

Que por sua vez se tornou "uma chatice de Massenet com que a pequena nos martela os ouvidos".

Uma nuvem passava, eclipsava o sol, e eu via extinguir-se e cobrir-se de grisalha

a recatada e folhuda cortina de vidro.

Os tabiques que separavam nossos banheiros (o de Albertine, todo igual, era um banheiro que mamãe, tendo outro na parte oposta do apartamento, jamais utilizara para não me fazer barulho) eram tão delgados que podíamos nos falar ao nos lavarmos cada qual no seu, prosseguindo uma conversa que só o ruído da água interrompia, nessa intimidade que, num hotel, muitas vezes permite a exigüidade do aposento e a aproximação das peças, mas que em Paris é bem rara.

De outras vezes, eu permanecia deitado, devaneando o tempo que quisesse, pois tinham ordem de nunca entrar em meu quarto sem que eu tivesse tocado a campainha, o que, devido ao jeito incômodo com que haviam colocado a pêra elétrica acima do meu leito, levava tanto tempo que, muitas vezes, cansado de procurar alcançá-la e contente por estar sozinho, eu ficava alguns instantes quase que readormecido. Não é que eu fosse absolutamente indiferente à estada de Albertine em nossa casa. A sua separação das amigas conseguia aliviar meu coração de novos sofrimentos. Mantinha-o num repouso, numa quase imobilidade, que o ajudavam a curar-se. Mas enfim essa tranqüilidade que minha amiga me proporcionava era antes apaziguamento da dor do que alegria. Não que não me permitisse gozar de numerosas alegrias, às quais a dor muito viva me havia fechado, mas essas alegrias, longe de devê-las a Albertine, que aliás eu já não achava bonita, com quem me aborrecia e a quem eu tinha a sensação nítida de não amar, eu as gozava, ao contrário, quando Albertine não estava comigo. Assim, para começar a manhã, não mandava que a chamassem logo, principalmente se fazia bom tempo. Durante alguns momentos, e na certeza de que ele me fazia mais feliz do que Albertine, eu permanecia em colóquio íntimo com a personagenzinha interior, cantante saudadora do sol e de que já falei. De todas as que compõem o nosso indivíduo, não são as mais aparentes que nos são mais essenciais. Em mim, quando a doença as tiver lançado uma por uma em terra, ficarão ainda umas duas ou três que terão vida mais dura que as outras, notadamente um certo filósofo que só está feliz quando descobre uma porção comum entre duas obras, entre duas sensações. Porém, às vezes tenho me perguntado se a última de todas não seria o homenzinho, muitíssimo parecido a outro que o oculista de Combray havia colocado atrás de sua vitrina para indicar o tempo que fazia, e que, tirando o capuz logo que fazia sol, voltava a pô-lo assim que chovia. Eu conhecia o egoísmo desse homenzinho: posso estar sofrendo de uma crise de sufocação, que só a queda da chuva acalmaria, mas ele pouco se importa e, às primeiras gotas tão impacientemente aguardadas, perdendo sua alegria, repõe o capuz de mau humor. Em compensação, creio que, na minha agonia, quando todos os meus outros "eus" estiverem mortos, se acontecer brilhar um raio de sol, a personagenzinha barométrica, enquanto eu

estiver exalando meus últimos suspiros, irá sentir-se bem à vontade e retirará seu capuz para cantar: "Ah! finalmente faz bom tempo."

Eu chamava Françoise. Abria o *fígaro*. Procurava e acabava por verificar que nele não se encontrava um artigo, ou tido como tal, que eu enviara a esse jornal e que nada mais era, um pouco remodelada, do que a página, recentemente descoberta, outrora escrita no carro do doutor Percepied, ao contemplar os campanários de Martinville. Depois, lia a carta de mamãe. Ela achava esquisito, chocante, que uma moça morasse sozinha comigo. No primeiro dia, no momento de deixar Balbec, quando me vira tão infeliz e se inquietara por deixar-me sozinho, talvez minha mãe se sentisse feliz ao saber que Albertine viajaria conosco e ao ver que, com nossas malas, junto às quais eu passara a noite chorando no hotel de Balbec, tinham posto no "tortinho" as de Albertine, estreitas e pretas, que me pareciam ter a forma de ataúdes, sem que soubesse se iam trazer vida ou morte à minha casa. Mas nem havia pensado nisso, tão contente que estava, naquela manhã radiosa, por levar Albertine comigo depois do medo de ficar em Balbec. Mas a esse projeto, se no princípio minha mãe não lhe fora hostil (falando amavelmente à minha amiga, como uma mãe cujo filho acaba de ser gravemente ferido, e que é reconhecida à jovem namorada que dele cuidava com desvelo), passara a sê-lo desde que tal projeto se cumprira de todo e que a estada da moça se prolongava em nossa casa, e na ausência dela e de meu pai. Todavia, não posso dizer que minha mãe tenha me manifestado alguma vez essa hostilidade. Como antigamente, quando deixara de ousar censurar-me o meu nervosismo e minha preguiça, agora sentia escrúpulos que eu talvez não tenha adivinhado ou desejado adivinhar no momento em se arriscar, fazendo algumas reservas acerca da moça com quem lhe dissera que ia me casar, a entristecer a minha vida, a me tornar mais tarde menos devotado à minha mulher, a semear talvez, para quando ela própria já não existisse, o remorso de a ter desgostado ao casar com Albertine. Mamãe preferia parecer aprovar uma escolha da qual sentia não poder remover-me. Mas todos os que a viam por essa época disseram-me que, à dor de ter perdido a mãe, acrescentava-se um ar de constante preocupação. Essa contenção de espírito, essa discussão interior, davam a mamãe um grande calor nas têmporas, e ela abria constantemente as janelas para se refrescar. Mas não chegava a tomar qualquer decisão, por medo de me "influenciar" num mau sentido e de estragar aquilo que julgava ser a minha felicidade. Nem mesmo podia resolver-se a impedir que eu conservasse Albertine provisoriamente na casa. Não desejava mostrar-se mais severa que a Sra. Bontemps, que era a maior interessada naquilo e não lhe via inconveniente algum, o que muito surpreendia minha mãe. Em todo caso, lamentava ter sido obrigada a nos deixar ambos sozinhos, partindo justo naquela ocasião para Combray, onde poderia ter de ficar (e de fato ficou) longos meses, durante os quais minha tia precisou incessantemente dela dia e noite. Lá, tudo lhe foi

facilitado graças à bondade e ao devotamento de Legrandin que, não recuando diante de nenhum sacrifício, adiou semana após semana o seu regresso a Paris, sem conhecer muito a minha tia, simplesmente, em primeiro lugar, porque fora amiga de sua mãe, e depois porque sentiu que a enferma, condenada, gostava de seus cuidados e não podia passar sem ele. O esnobismo é uma grave doença da alma, porém localizada, e que não a estraga de todo. Entretanto, eu, ao contrário de mamãe, estava bem feliz com a sua ida para Combray, sem a qual teria receado (sem poder dizer a Albertine que a ocultasse) que ela descobrisse a sua amizade com a Srta. Vinteuil. Para minha mãe, isso teria sido um obstáculo absoluto não só a um casamento, do qual, aliás, pedira-me que não falasse ainda em definitivo à minha amiga, e cuja idéia era-me cada vez mais intolerável, mas também a que Albertine passasse algum tempo em nossa casa. A não ser esse motivo tão grave e que ela ignorava, mamãe, pelo duplo efeito da imitação edificante e libertadora de minha avó, admiradora de George Sand, para quem a virtude consistia na nobreza do coração, e, por outro lado, de minha própria influência corruptora, era agora indulgente para com mulheres sobre cuja conduta se mostrara severa antigamente, ou mesmo nos dias de hoje, se se tratasse de suas amigas burguesas de Paris ou de Combray, mas de quem eu lhe gabava a grande alma e às quais ela perdoava em grande parte porque gostavam muito de mim. Apesar de tudo, e mesmo sem falar na questão das conveniências, creio que Albertine não teria tolerado mamãe, que conservara de Combray, de minha tia Léonie, de todos os parentes, hábitos de ordem de que minha amiga não tinha a menor noção. Não teria fechado uma porta e, em compensação, não ficaria mais constrangida que um cão ou um gato de entrar quando uma porta estivesse aberta. Seu encanto um pouco incômodo era, assim, o de estar na casa menos como uma moça do que feito um animal doméstico que entra numa sala; que sai, que se encontra em toda parte onde não é esperado, e que vinha; era para mim um repouso profundo; jogar-se em minha cama a meu lado, arrumando um lugarzinho de onde não se mexia mais, sem incomodar, como o teria feito uma pessoa. Entretanto, acabou por dobrar-se às minhas horas de sono, e evitou não só entrar no meu quarto, mas fazer barulho antes que eu tivesse tocado a campainha. Foi Françoise quem impôs essas regras. Era dessas criadas de Combray que conhecem o valor do patrão e acham que o menos que podem fazer é exigir que tenham com ele todas as atenções que julgam lhe serem devidas.

Quando um visitante estranho dava a Françoise uma gorjeta para que a dividisse com a criada de cozinha, o doador mal tinha tempo de entregá-la, e já Françoise, com uma rapidez, uma discrição e uma energia iguais, passara a lição à criada de cozinha, que vinha agradecer não com meias palavras, mas francamente, em voz alta, como Françoise lhe havia dito que era necessário fazer.

O cura de Combray não era um gênio, mas ele também sabia o que se devia fazer. Sob sua orientação, a filha dos primos protestantes da Sra. Sazerat se convertera ao catolicismo, e a família tivera um comportamento exemplar para com ele, ao se tratar de um casamento com um nobre de Méséglise. Os pais do rapaz escreveram, para pedir informações, uma carta bastante desdenhosa e onde era depreciada a origem protestante da moça. O cura de Combray respondeu em tom tão enérgico, que o nobre de Méséglise, curvo e prosternado, escreveu outra carta bem diferente, na qual solicitava, como o mais precioso favor, unir-se à jovem.

Françoise não teve mérito em fazer respeitar o meu sono por Albertine. Estava imbuída da tradição. Por um silêncio que manteve, ou pela resposta peremptória que deu a um pedido de entrar no meu quarto ou de me perguntar alguma coisa, que inocentemente formulara Albertine, esta compreendeu, com assombro, achar-se em um mundo estranho, de costumes desconhecidos, regulados por leis de vida que ninguém podia pensar em transgredir. Já tivera um primeiro pressentimento daquilo em Balbec, mas em Paris não tentou sequer resistir e esperou pacientemente, todas as manhãs, o meu toque de campainha para ter coragem de fazer barulho.

Aliás, a educação que lhe deu Françoise foi salutar até mesmo para a nossa velha criada, acalmando aos poucos os gemidos que, desde a nossa volta de Balbec, ela não deixara de soltar. Pois, no momento de subir para o trem, percebera que havia esquecido de despedir-se da "governanta" do hotel, criatura bigoduda que supervisionava os andares, mal conhecia Françoise, mas fora relativamente cortês com ela. Françoise queria porque queria voltar, descer do trem, regressar ao hotel, fazer suas despedidas à governanta e só partir no dia seguinte. O juízo e sobretudo o meu súbito horror a Balbec me impediram de conceder-lhe essa graça, mas ela cultivara um mau-humor doentio e arrebatado que a mudança de clima não fora bastante para fazer abrandar e que se prolongou em Paris. Pois, segundo o código de Françoise, tal como está representado nos baixos-relevos de Saint-André-des-Champs, desejar

a morte do inimigo, e até matá-lo, não é proibido, porém é horrível não fazer o que se deve, não retribuir uma gentileza, não despedir-se antes de partir, como uma perfeita grosseirona, de uma governanta de hotel.

Durante toda a viagem, a lembrança, a cada instante renovada, de que não apresentara suas despedidas àquela mulher, fazia subir às faces de Françoise uma vermelhidão que podia assustar. E, se recusou beber e comer até Paris, foi mais talvez porque tal lembrança lhe dava um "peso" real "no estômago" (cada classe social tem sua patologia) do que para nos punir.

Entre as razões por que mamãe me enviava todos os dias uma carta e uma carta

onde nunca estava ausente alguma citação da Sra. de Sévigné- havia a recordação de minha avó. Mamãe me escrevia: "A Sra. Sazerat nos ofereceu um desses almoços de que ela possui o segredo e que, como teria dito a tua pobre avó, citando a Sra. de Sévigné, nos retiram a solidão sem nos trazer a sociedade." Em minhas primeiras respostas cometi a asneira de escrever a mamãe: "A essas citações, tua mãe te reconheceria de imediato." O que me valeu, três dias depois, este bilhete: "Meu pobre filho, se era para me falar de minha mãe, foste muito infeliz ao invocar a Sra. de Sévigné. Ela teria respondido como o fez à Sra. de Grignan: 'Então ela não era nada sua? Pensei que fossem parentes."

No entanto, eu escutava os passos de minha amiga que saía ou entrava em seu quarto. Tocava a campainha, pois era a hora em que Andrée ia chegar com o motorista, amigo de Morel e emprestado pelos Verdurin, para buscar Albertine. Tinha lhe falado da longínqua possibilidade de nos casarmos; porém jamais o fizera de modo formal; ela própria, por discrição, quando eu dissera:

"não sei, mas talvez fosse possível", sacudira a cabeça com um sorriso melancólico, dizendo:

- Não, não, não seria - o que significava: "sou pobre demais".

E então, apesar de dizer-lhe "nada é menos certo" quando se tratava de projetos para o futuro, atualmente fazia tudo para distraí-la, tornando-lhe a vida agradável, procurando talvez também, de modo inconsciente, fazê-la desse modo desejar casar comigo. Ela mesma ria de todo esse luxo.

- A mãe de Andrée é que vai fazer uma cara quando me vir transformada numa dama rica feito ela, o que ela chama uma dama que tem "cavalos, carruagens, quadros". Como? Nunca lhe contei que ela dizia isso? Oh! É uma figura! O que me espanta é que ela ergue os quadros à dignidade dos cavalos e das carruagens.

Pois veremos mais tarde que, apesar dos modos estúpidos de falar que lhe haviam ficado, Albertine se desenvolvera de forma assombrosa, o que me era de todo em todo indiferente, pois as superioridades do espírito de uma mulher me haviam sempre despertado tão diminuto interesse que, se as apontei a uma ou outra, tinha sido por pura cortesia. Somente o curioso gênio de Céleste talvez me tivesse agradado. Contra a vontade, eu sorria durante alguns momentos quando, por exemplo, sabendo que Albertine não se achava presente, ela me abordava com essas palavras:

- Divindade do céu deposta num leito! -

Eu dizia:

- Ora, Céleste, por que "divindade do céu"?

- Se o senhor imagina que se parece com esses que andam em nossa terra vil, está muito enganado!

- Mas por que "deposto" num leito? Você vê muito bem que estou deitado.

- O senhor nunca está deitado. Alguma vez já se viu alguém deitado assim? O senhor veio pousar aí. Neste momento o seu pijama, todo branco, e os movimentos de seu pescoço, dão-lhe o aspecto de uma pomba.

Mesmo na ordem das coisas tolas, Albertine expressava-se de modo diverso da mocinha que era poucos anos antes em Balbec. Chegava a ponto de declarar, a propósito de um acontecimento político que reprovava:

- Acho isso formidável -, e não sei se foi por essa época que aprendeu a dizer, para indicar que achava um livro mal escrito: - É interessante, mas, por exemplo, está escrito como se o fosse por um porco.

Divertia-a bastante a proibição de entrar em meu quarto antes que eu tivesse tocado a campainha. Como adquirira o nosso hábito familiar das citações, e utilizava para tanto as das peças que havia representado no convento e que eu dissera que apreciava, comparava-me sempre a Assuero:

> *Et la mort est le prix de tout audacieux/ Qui sans être appelé se présente à ses yeux.*
> *Rien ne met à /'abri de cet ordre fatal, Ni le rang, ni le sexe, et le crime est éga/.Moi même...*
> *Je suis à cette foi comme une autre soumise, Et sans /e prevenir i/ Taut pour lui parler*
> *Qu'il me cherche ou du moins qu'il me asse appeler*[40].

Fisicamente, ela também havia mudado. Seus longos olhos azuis mais alongados não tinham conservado a mesma forma; possuíam a mesma cor, mas pareciam ter passado ao estado líqüido. De modo que, ao fechá-los, era como quando a gente impede, com cortinas, a vista do mar. Era sem dúvida dessa parte dela mesma que eu principalmente me lembrava, ao deixá-la todas as noites. Pois, por exemplo, bem ao contrário, pelas manhãs, o crespo de seus cabelos me causou durante muito tempo a mesma surpresa, como uma coisa nova que eu jamais tivesse visto. E, no entanto, acima do olhar risonho de uma moça, o que existe de mais belo que essa coroa anelada de violetas negras? O sorriso propõe mais amizade; mas os aneizinhos envernizados dos cabelos em flor, mais parentes da carne, da qual pareciam a transposição em pequeninas ondas, captam melhor o desejo.

Mal entrava em meu quarto, ela saltava sobre a cama e às vezes definia o meu tipo de inteligência, jurava, num transporte sincero, que preferiria morrer a me deixar: eram os dias em que eu me barbeara antes de mandar chamá-la.

Albertine era dessas mulheres que não sabem distinguir a razão do que sentem. O prazer que lhes causa uma pele fresca, explicam-no pelas qualidades morais daquele que lhes parece, para seu futuro, representar uma felicidade, aliás passível de diminuir e de tornar-se menos necessária à medida que se deixa crescer a barba.

Perguntava-lhe aonde pensava ir.

- Creio que Andrée quer me levar aos Buttes-Chaumont, que não conheço.-

Claro que me era impossível adivinhar, entre tantas outras palavras, se por trás destas se escondia uma mentira. Aliás, eu tinha esperança de que Andrée me dissesse todos os locais a que iria com Albertine. Em Balbec, quando me sentia muito cansado de Albertine, pretendera dizer mentirosamente a Andrée:

"Minha querida Andrée, se tivesse voltado a vê-la mais cedo! Era você a quem eu teria amado. Mas agora o meu coração está preso alhures. Ainda assim, podemos ver-nos amiúde, pois meu amor por outra me causa grandes aflições e você me ajudará a consolar-me."

Ora, essas mesmas palavras mentirosas tornaram-se verdadeiras três semanas mais tarde. Talvez Andrée tivesse acreditado em Paris que se tratava de fato de uma mentira, e que eu a amava, como sem dúvida o teria acreditado em Balbec; pois a verdade muda de tal maneira para nós que aos outros custa muito reconhecerem-se nela. E, como eu sabia que ela haveria de contar-me tudo o que teriam feito, ela e Albertine, eu lhe pedira, e ela concordara, que viesse buscá-la quase todos os dias. Poderia desse modo, sem preocupações, ficar em casa. E esse prestígio de ser Andrée uma das moças do "pequeno grupo" dava-me confiança de que ela obtivesse tudo o que eu queria de Albertine. Na verdade, poderia dizer-lhe agora, com toda a sinceridade, que ela seria capaz de me tranqüilizar. Por outro lado, a escolha de Andrée (que acontecia achar-se em Paris, tendo renunciado a seu projeto de voltar a Balbec) como guia de minha amiga relacionava-se ao que Albertine me contara da afeição que sua amiga sentira por mim em Balbec, num momento em que, pelo contrário, eu receava aborrecê-la, e, se eu o tivesse sabido então, seria talvez Andrée aquela a quem teria amado.

- Como, não sabia? - indagou Albertine -, e todavia gracejávamos sobre isso entre nós. - Além do mais, não reparou que ela tinha dado para imitar o seu modo de falar e raciocinar? Principalmente quando acabava de deixá-lo, era assombroso. Ela não precisava dizer se o tinha visto. Quando chegava, se tinha estado com você, isto se via no primeiro instante. Nós nos entre olhávamos e ríamos. Ela era como um carvoeiro que gostaria que acreditassem que não é carvoeiro, embora esteja preto. Um moleiro não precisa dizer que é moleiro, isto se percebe muito bem por toda a farinha que o cobre: ainda traz a marca dos

sacos que carregou. No caso de Andrée era a mesma coisa, ela franzia as sobrancelhas como você, depois o longo pescoço; enfim, nem sei como explicar. Quando pego um livro que esteve em seu quarto, posso ir lê-lo lá fora; ainda assim, todos sabem que procede de você, pois conserva algo de suas horríveis fumigações. É uma coisa de nada, não sei lhe dizer, mas no fundo é um nada bastante agradável. Toda vez que alguém falava de você com simpatia, ou dava a impressão de tê-lo em alta consideração, Andrée ficava encantada.

Apesar de tudo, para evitar que houvesse algo preparado sem meu conhecimento, aconselhei-a a abandonar naquele dia o passeio aos Buttes-Chaumont e ir de preferência à Saint-Cloud, ou a outro lugar.

É certo que isso não queria dizer que eu amasse Albertine nem um pouco. O amor talvez não passe da propagação desses redemoinhos que, em seguida a uma emoção, comovem a alma. Alguns deles tinham remexido com minha alma inteira quando Albertine, em Balbec, me falara da Srta. Vinteuil, mas agora estavam parados. Eu já não amava Albertine, pois não me restava mais coisa alguma do sofrimento, agora curado, que eu tivera no trem, em Balbec, ao saber como fora a adolescência delas, talvez com visitas à Montjouvain. Pensara demais em tudo isso, estava curado. Mas, por instantes, certos modos de falar de Albertine me faziam supor - não sei porquê - que ela deveria ter recebido, em sua vida ainda tão curta, muitos galanteios e declarações, e tê-los recebido com prazer, ou seja, com sensualidade. Assim, dizia ela a propósito de qualquer coisa:

- É verdade? É verdade mesmo? -

Decerto, se houvesse dito como uma Odette:

- É verdade mesmo essa grande mentira? - eu não me inquietaria, pois o próprio ridículo da fórmula era explicado por uma estúpida banalidade de espírito feminino. Mas seu ar interrogativo: - É verdade? dava, por um lado, a estranha impressão de uma criatura que não pode perceber as coisas por si mesma, que apela para o nosso testemunho, como se não possuísse as mesmas faculdades que nós (diziam-lhe: "Faz uma hora que partimos", ou "chove", e ela perguntava: "É verdade?"). Infelizmente, por outro lado, essa dificuldade de se dar conta por si mesma dos fenômenos exteriores não devia ser a verdadeira origem de "É verdade? É verdade mesmo?". Antes parecia que tais palavras teriam sido, desde sua nubilidade precoce, respostas aos: "Sabe que jamais encontrei uma criatura tão linda como você", "sabe que sinto um grande amor por você, que estou num estado de excitação terrível", afirmações às quais respondiam, com uma modéstia faceiramente aprovadora, esses "É verdade? É verdade mesmo?", os quais só serviam a Albertine, em suas relações comigo, para responder com uma pergunta a uma afirmação do tipo:

-Você dormiu mais de uma hora. - É verdade?

Sem me sentir absolutamente enamorado de Albertine, sem contar no número dos prazeres os momentos que passávamos juntos, continuara preocupado com o emprego de seu tempo; certamente, fugira eu de Balbec para estar seguro de que ela não poderia mais ver tal ou qual pessoa com quem eu receava tanto que ela se comportasse mal, rindo-se, talvez rindo de mim, que havia tentado habilmente romper de um só golpe, com minha partida, todas as suas más relações. E Albertine era dotada de uma tal força de passividade, tão grande faculdade de esquecer e de se submeter, que essas relações de fato tinham sido rompidas, curando a fobia que me atormentava. Porém esta pode se apresentar sob tantas formas quanto o mal incerto que é o seu objetivo. Enquanto meu ciúme não se reencarnava em novas criaturas, eu tivera, depois de passados os meus sofrimentos, um intervalo de calma. Mas o menor pretexto serve para fazer renascer uma doença crônica, como aliás a menor ocasião pode servir para que, após uma trégua de castidade, se exerça de novo, com criaturas diversas, o vício da pessoa que é a causa deste ciúme. Eu conseguira separar Albertine de suas cúmplices e, desse modo, exorcizar minhas alucinações; se era possível fazê-la esquecer as pessoas, tornar breves os seus relacionamentos, todavia o seu gosto pelo prazer era igualmente crônico e talvez só esperasse uma oportunidade para saciar-se. Ora, Paris fornece tantas ocasiões para isto como Balbec. Em qualquer cidade ela não precisaria procurar, pois o mal não estava em Albertine apenas, mas em outras, para as quais toda ocasião de prazer é boa. O olhar de uma, logo entendido pela outra, aproxima as duas famintas. E é fácil a uma mulher sagaz dar a impressão de não ver, e cinco minutos depois dirigir-se à pessoa que a compreendeu e a está esperando numa rua transversal, e, com duas palavras, marcar um encontro. Quem saberá jamais? E era tão simples para Albertine dizer-me, para que aquilo continuasse, que desejava rever determinado ponto de Paris que lhe agradara. Assim, bastava que ela regressasse muito tarde, que seu passeio tivesse durado um tempo inexplicável, embora talvez bem fácil de ser explicado sem a ocorrência de qualquer motivo sensual, para que meu mal renascesse, desta vez relacionado a representações que não eram de Balbec, e que eu me esforçaria, como às precedentes, para destruir, como se a destruição de uma causa efêmera pudesse carrear consigo a de um mal congênito. Eu não me dava conta de que nessas destruições, onde tinha por cúmplice, em Albertine, a sua faculdade de mudar, a sua força de esquecer, quase de odiar, o objeto recente de seu amor, causava por vezes uma dor profunda a tal ou qual das criaturas desconhecidas com quem ela sucessivamente desfrutara o prazer, e que era debalde que causava essa dor, pois essas criaturas seriam abandonadas porém substituídas; e, paralelamente ao caminho balizado por tantos abandonos que ela cometeria levianamente, outro prosseguiria implacável para mim, apenas interrompido por muito breves intervalos; de modo que, pensando bem, meu sofrimento não podia ter um fim senão comigo ou com Albertine.

Mesmo nos primeiros tempos da nossa chegada a Paris, insatisfeito com as informações que Andrée e o motorista me haviam passado sobre os passeios que faziam com minha amiga, eu sentira os arredores de Paris tão cruéis como os de Balbec e saíra em viagem por alguns dias com Albertine. Mas em toda parte a incerteza sobre o que ela fazia era a mesma; as possibilidades de que fosse o mal, igualmente numerosas, a vigilância ainda mais difícil, de forma que voltei com ela a Paris. Na verdade, ao deixar Balbec, julgara abandonar Gomorra, arrancando Albertine de lá; ai de mim, Gomorra andava espalhada pelos quatro cantos do mundo. E parte devido ao meu ciúme, parte por ignorância dessas alegrias (caso que é bastante raro), eu havia regulado, sem o saber, esse jogo de esconde-esconde em que Albertine me fugiria sempre.

Interrogava-a à queima-roupa:

- Ah, a propósito, Albertine, será que sonhei ou você me disse que conhecia Gilberte Swann?

- Sim, quer dizer, ela me falou no curso, porque possuía os cadernos de História da França, até foi muito gentil e me emprestou os cadernos, que devolvi assim que tornei a vê-la.

- Será que ela é do tipo das mulheres de quem não gosto?

-Oh, de jeito nenhum; pelo contrário.

Mas, em vez de me entregar a esse gênero de conversas inquiridoras, dedicava-me com freqüência a imaginar o passeio de Albertine, as forças que não empregava em fazê-lo, e falava à minha amiga com esse ardor que os projetos irrealizados conservam inato. Expressava tamanha vontade de rever determinado vitral da Sainte-Chapelle, tamanha pena de não poder fazê-lo sozinho em sua companhia, que ela me respondia com ternura:

- Mas, meu querido, já que isso lhe agrada tanto, faça um pequeno esforço, venha conosco. Esperaremos o tempo que você quiser até que fique pronto. Além disso, se lhe agrada mais estar sozinho comigo, basta mandar embora Andrée, ela voltará em outra ocasião. -

Mas esses mesmos pedidos de sair aumentavam a tranqüilidade que me permitia ficar em casa.

Eu não imaginava que a apatia em descarregar desse modo sobre Andrée ou o motorista os cuidados de acalmar a minha agitação, deixando-lhes a tarefa de vigiar Albertine, paralisasse em mim, tornando inertes, todos esses movimentos imaginativos da inteligência, todas as inspirações da vontade que auxiliam a adivinhar e a impedir o que uma pessoa vai fazer. Era tanto mais perigoso, visto que, por natureza, o mundo das possibilidades sempre me estivera mais aberto que o da contingência real. Isto ajuda a conhecer a alma, porém a gente se deixa

enganar pelos indivíduos. Meu ciúme nascia através de imagens, devido a um sofrimento e não de acordo com uma probabilidade. Ora, pode haver na vida dos homens e dos povos (e um dia deveria haver na minha) um momento em que seja necessário ter dentro de si um chefe de polícia, um diplomata de larga visão, um delegado de segurança, que, ao invés de pensar nos possíveis que estende aos quatro pontos cardeais, raciocina corretamente, dizendo consigo: "Se a Alemanha declara isto, é que nos deseja fazer outra coisa, não uma outra coisa vaga, mas precisamente esta ou aquela que talvez já esteja começada. Se determinada pessoa fugiu, não foi para os locais a, b ou d, mas para o ponto c, e o local onde é necessário realizar nossas buscas é etc." Ai de mim, essa faculdade, não muito desenvolvida em mim, eu a deixava entorpecer-se, perder suas forças, desaparecer, ao me habituar a ficar sossegado no momento em que outros se ocupavam da vigilância por mim. Quanto à razão desse desejo, ter-me-ia sido desagradável externá-la a Albertine. Dizia-lhe que o médico me ordenara que permanecesse deitado. Não era verdade. E, mesmo que o fosse, suas prescrições não me impediriam de acompanhar a minha amiga. Pedia a esta que me dispensasse de acompanhá-la e à Andrée.

Direi apenas uma das razões, e que era uma razão de cautela. Quando saía com Albertine, por um momento em que ela ficasse sem mim, eu me mostrava inquieto, imaginava que ela talvez falasse a alguém ou apenas olhasse alguém. Se ela não estava de muito bom humor, eu logo pensava que a estava fazendo perder ou adiar um projeto. A realidade não passa jamais de uma isca lançada a um desconhecido em cujo caminho não podemos ir muito longe. É preferível não saber, pensar o menos possível, não fornecer ao ciúme o menor detalhe concreto. Infelizmente, à falta da vida exterior, os incidentes igualmente são causados pela vida interior; à falta dos passeios de Albertine, as eventualidades encontradas nas reflexões que eu fazia sozinho forneciam-se às vezes esses pequenos retalhos de realidade que atraem a si próprios, como um ímã, um pouco do desconhecido, que desde então faz-se doloroso. Por mais que se viva sob o equivalente de uma campânula pneumática, as associações de idéias e as lembranças continuam a agir.

Mas semelhantes choques internos não ocorriam de imediato; logo que Albertine saía para seu passeio, eu me sentia revivescer, nem que fosse apenas por alguns segundos, pelas virtudes exaltantes da solidão. Tomava a minha parte nos prazeres do dia que principiava; o desejo arbitrário a veleidade caprichosa e puramente minha-de gozá-los não teria bastado para pô-los à minha disposição, se o tempo especial que fazia não me tivesse não só evocado imagens passadas, como afirmado a realidade atual, imediatamente acessível a todos os homens a que uma circunstância contingente (e, por conseguinte, desprezível) não forçasse a ficar em casa.

Em alguns dias bonitos fazia tanto frio, estávamos em tão ampla comunicação com a rua que parecia que haviam derrubado as paredes da casa, e cada vez que passava o bonde o seu timbre ressoava como o teria feito uma faca de prata batendo numa casa de vidro. Mas era sobretudo em mim que eu ouvia inebriado um som novo emitido pelo violino interior. Suas cordas são retesadas ou soltas por simples diferenças de temperatura e da luz exteriores. Em nosso ser, instrumento que a uniformidade do hábito fez silencioso, o canto nasce desses desvios, dessas variações, origem de toda música: o tempo que faz em certos dias transporta-nos logo de uma nota a outra. Reencontramos a ária esquecida cuja necessidade matemática poderíamos ter adivinhado e que nos primeiros instantes cantamos sem conhecer. Somente essas modificações internas, conquanto vindas de fora, renovariam para mim o mundo exterior. Portas de comunicação, desde há muito condenadas, reabririam-se em meu cérebro. A vida de certas cidades, a alegria de certos passeios retomavam o seu lugar em mim. Fremindo todo inteiro ao redor da corda vibrante, eu teria sacrificado minha mortiça vida de outrora e o meu porvir, apagados pela borracha do hábito, por esse estado tão particular.

Se eu não tinha ido acompanhar Albertine em seu longo passeio, meu espírito vagabundeava mais ainda e, por haver recusado desfrutar com os sentidos aquela manhã, gozava em imaginação todas as manhãs parecidas, passadas ou possíveis, mais precisamente um gênero de manhãs de que as do mesmo tipo não eram mais que a intermitente aparição, e que eu logo reconhecia; pois o ar vivo se incumbia de virar as páginas necessárias, e eu achava bem indicado diante de mim, para poder segui-lo do meu leito, o evangelho do dia. Essa manhã ideal enchia meu espírito de realidade permanente, idêntica a todas as manhãs parecidas, e me comunicava uma alegria que meu estado de debilidade não fazia diminuir; o bem estar resulta, para nós, muito menos de nossa boa saúde que do excedente não empregado de nossas forças; podemos alcançá-lo tanto aumentando estas, como restringindo a nossa atividade. A que transbordava em mim e que eu mantinha em potencial em meu leito, fazia-me estremecer, saltar interiormente, como uma máquina que, impedida de mudar de lugar, gira sobre si mesma.

Françoise vinha acender o fogo e, para fazê-lo, lançava nele alguns raminhos, cujo aroma, esquecido durante todo o verão, descrevia em torno da lareira um círculo mágico, dentro do qual, vendo-me a mim mesmo no ato de ler, ora em Combray, ora em Doncieres, sentia-me tão contente, permanecendo em meu quarto em Paris, como se estivesse a ponto de sair em passeio para os lados de Méséglise ou de reencontrar Saint-Loup e seus amigos em serviço no campo. Acontece muitas vezes que o prazer que todos os homens sentem em rever as lembranças que sua memória colecionou é mais vivo, por exemplo, naqueles a quem a tirania do mal físico e a esperança diária de cura privam, por um lado,

de ir buscar na natureza os quadros que se assemelham a tais lembranças e, por outro lado, deixam bem confiantes de o poderem fazer em breve, para ficarem diante deles em estado de desejo, de apetite, e não considerá-los apenas como lembranças, como quadros. Porém, mesmo que nunca mais devessem ser senão isso para mim, e pudesse eu, ao recordá-los, revê-los somente, de súbito já se refaziam em mim, totalmente de mim, pela virtude de uma sensação idêntica, a criança e o adolescente que os tinha visto. Não houvera apenas mudança de tempo lá fora, ou modificação de aromas no quarto, mas, em mim, diferença de idade, substituição de pessoa. No ar gelado, o aroma dos raminhos de árvore era como um pedaço do passado, uma banquisa invisível destacada de um inverno antigo e avançando pelo quarto adentro, aliás muitas vezes estriada por tal perfume, tal clarão, como por anos diferentes onde eu me achava remergulhado, e até mesmo invadido, antes que os houvesse identificado pela alegria de esperanças abandonadas há muito. O sol chegava até minha cama e atravessava o tabique transparente de meu corpo adelgaçado, aquecia-me, tornava-me ardente como o cristal. Então, convalescente famoso que já se repasta de todas as iguarias que ainda lhe recusam, eu me perguntava se casar com Albertine não estragaria a minha vida, ou fazendo-me assumir o encargo, pesado demais para mim, de me consagrar a outra criatura, ou forçando-me a viver ausente de mim mesmo por causa de sua presença contínua, e privando-me para sempre das alegrias da solidão. E não somente dessas. Mesmo não pedindo ao dia senão desejos, existem alguns-os que são provocados não mais pelas coisas e sim pelas criaturas-cuja natureza é serem individuais. Assim, se, saltando da cama, ia abrir por um instante as cortinas da janela, não era apenas como um músico abre por um momento o seu piano, e para verificar se, sobre o balcão e na rua, a luz do sol estava exatamente no mesmo diapasão que na minha lembrança; era também para avistar alguma lavadeira carregando o seu cesto de roupa, uma padeira de avental azul, uma leiteira com um babador e mangas de algodão branco, segurando o gancho em que estão suspensas as garrafas de leite, alguma altiva jovem loura seguindo a sua governanta, uma imagem enfim cuja diferença de linhas, talvez quantitativamente insignificantes, bastava para fazer tão diferente de qualquer outra como, para uma frase musical, a diferença de duas notas, e sem cuja visão eu teria empobrecido o dia dos objetos que ele podia propor a meus desejos de felicidade. Mas, se o excesso de alegria, trazido pela visão das mulheres impossíveis de imaginara *priori*, fazia-me mais desejáveis, mais dignas de serem exploradas, a rua, a cidade, o mundo, dava-me, por isso mesmo a sede de ficar curado, de sair e, sem Albertine, de ser livre. Quantas vezes, no momento em que a mulher desconhecida com quem eu ia sonhar passava diante de casa, ora a pé, ora a toda velocidade de seu automóvel, sofri porque meu corpo não pôde seguir o meu olhar que a agarrava e, caindo sobre ela como que atirado do vão da minha janela por um arcabuz, deter a fuga do rosto no qual me

esperava a oferta de uma ventura que eu, assim enclausurado, jamais poderia desfrutar!

Em compensação, nada mais me restava para descobrir de Albertine. A cada dia ela me parecia menos bonita. Somente o desejo que excitava nos outros, quando, ao percebê-lo, eu começava a sofrer e queria disputá-la aos demais, a elevava em meus sonhos a um alto patamar. Ela era capaz de me causar sofrimento, mas de modo algum alegria. Só pelo sofrimento é que subsistia a minha tediosa ligação. Quando ela desaparecia, e com ela a necessidade de acalmar essa ligação, exigindo toda a minha atenção como uma distração atroz, eu sentia o nada que ela era para mim, que eu devia ser para ela. Sentia-me infeliz com a duração desse estado e por momentos desejava conhecer algo terrível que ela tivesse feito e que fosse capaz de nos deixar brigados até que eu me curasse, o que permitiria que nos reconciliássemos, que reatássemos de modo diverso e mais flexível a corrente que nos una. Enquanto esperava, encarregava mil circunstâncias, mil prazeres, de lhe proporcionarem junto a mim a ilusão dessa felicidade que eu já não me sentia capaz de lhe oferecer. Logo que estivesse curado, gostaria de partir para Veneza; mas como fazê-lo se me casasse com Albertine, eu tão ciumento dela que, mesmo em Paris, quando me resolvia a mexer-me era para sair com ela? Mesmo quando ficava em casa a tarde inteira, meu pensamento a seguia em seu passeio, descrevia um horizonte longínquo, azulado, engendrava em torno ao centro que eu era uma zona móvel de incerteza e vaguidão.

- "O quanto Albertine", dizia comigo, "me pouparia as angústias da separação se, no decurso de um desses passeios, vendo que não mais lhe falava de casamento, decidisse não regressar e partisse com a tia, sem que eu precisasse de lhe dizer adeus!"-

Meu coração, desde que sua chaga cicatrizava, já principiava a não aderir ao da minha amiga; por meio da imaginação, eu podia substituí-la, afastá-la de mim sem sofrer. Por certo, na falta de mim mesmo, algum outro seria seu esposo e, livre, ela talvez tivesse dessas aventuras que me causavam horror. Mas fazia um tempo tão lindo, eu estava tão seguro de que ela regressaria à noitinha, que, mesmo se essa idéia de possíveis culpas me vinha ao espírito, eu podia, por um ato livre, aprisioná-la numa parte de meu cérebro onde ela não tinha mais importância do que teriam para a minha vida real os vícios de uma pessoa imaginária; fazendo ranger os suaves gonzos de meu pensamento, eu tinha, com uma energia que sentia, na cabeça, ser a um tempo física e mental, como um movimento muscular e uma iniciativa espiritual, ultrapassado o estado de preocupação costumeira a que estivera confinado até então, e começava a mover-me ao ar livre, de onde tudo sacrificar para evitar o casamento de Albertine com um outro e criar obstáculo ao seu gosto pelas mulheres parecia tão

desarrazoado a meus próprios olhos como aos de alguém que não a conhecesse. Aliás, o ciúme é uma dessas doenças intermitentes, cuja causa é caprichosa, imperativa, sempre idêntica no mesmo doente, às vezes completamente diversa em outro. Há os asmáticos que só acalmam suas crises abrindo as janelas, respirando o vento forte, o ar puro das alturas; outros, refugiando-se no centro da cidade, num quarto cheio de fumaça. Existem poucos ciumentos cujo ciúme não admite certas abolições. Este consente em ser traído, contanto que lhe confessem a traição; este outro contanto que lhe ocultem, no que um não é menos absurdo que o outro, visto que, se o segundo é mais verdadeiramente enganado, já que lhe dissimulam a verdade, o primeiro reclama, nessa verdade, o alimento, a extensão e o renovar de seus sofrimentos.

Ainda mais, essas duas manias inversas do ciúme vão muitas vezes além das palavras, implorem ou recusem as confidências. Vêem-se ciumentos que só o são dos homens com que sua amante se relaciona longe deles, mas consentem que ela se dê a outro homem, com sua autorização, perto deles e, se não à sua vista, ao menos sob o mesmo teto. Esse caso é bastante comum entre os homens idosos apaixonados por uma moça. Sentem a dificuldade de agradá-la, às vezes a impotência de satisfazê-la e, em vez de serem traídos, preferem deixar que venha à casa deles, num quarto próximo, alguém que julgam incapaz de dar a ela maus conselhos porém não de lhe proporcionar prazer. Para outros, é exatamente o contrário: não deixando a amante sair um minuto sozinha numa cidade que eles conhecem, mantendo-a em verdadeira escravidão, permitem-lhe partir por um mês a um país que não conhecem, onde não podem imaginar o que ela há de fazer. Em relação a Albertine, eu cultivava essas duas espécies de mania apaziguadora. Não teria ficado com ciúmes se ela desfrutasse prazeres perto de mim, encorajados por mim, todos mantidos inteiramente sob minha supervisão, poupando-me desse modo o temor da mentira; também não me enciumaria se ela viajasse para um país bem desconhecido de mim, e afastado, para que eu não pudesse imaginar, nem ter possibilidade e tentação de conhecer seu gênero de vida. Em ambos os casos, a dúvida teria sido suprimida por uma ignorância ou por um conhecimento igualmente completos.

O declínio do dia remergulhava-me pela recordação numa atmosfera antiga e fresca, e eu a respirava com as mesmas delícias que Orfeu o ar sutil, desconhecido desta terra, dos Champs-Elysées. Mas o dia já terminava, e eu era invadido pela desolação do entardecer. Olhando maquinalmente no relógio de pêndulo quantas horas passariam antes que Albertine voltasse, eu via que ainda dispunha de tempo para me vestir e descer a fim de pedir à minha proprietária, Sra. de Guermantes, algumas indicações sobre certas coisas bonitas de toalete que pretendia dar à minha amiga. Às vezes eu encontrava a duquesa no pátio, saindo para excursões a pé, mesmo se fazia mau tempo, com um chapéu baixo e

um casaco de pele. Eu bem sabia que, para grande número de pessoas inteligentes, ela não era outra coisa senão uma dama qualquer, visto que o nome de duquesa de Guermantes não significava nada agora que não há mais duques nem principados, mas eu adotara um outro ponto de vista em meu modo de usufruir dos seres e dos países. Todos os castelos das terras de que ela era duquesa, princesa, viscondessa, essa dama de casaco de pele, afrontando o mau tempo, parecia-me carregá-los consigo, como as personagens esculpidas no dintel de um portal sustentam na mão a catedral que construíram, ou a cidadela que defenderam. Porém esses castelos e essas florestas, somente os olhos do meu espírito podiam vê-los na mão enluvada da dama de casaco de pele, prima do rei. Os olhos de meu corpo ali não distinguiam, nos dias em que o tempo se fazia ameaçador, senão um guarda-chuva de que a duquesa não receara armar-se.

- Nunca se pode saber, é mais prudente, se me encontrar muito longe e um carro me pedir preços caros demais para mim.-

As expressões "caros demais" e "exceder os meus meios" retornavam o tempo todo na conversa da duquesa, bem como esta: "sou muito pobre", sem que se percebesse muito bem se ela falava assim por achar divertido dizer que era pobre, sendo tão rica, ou porque julgasse elegante, sendo tão aristocrática, isto é, afetando ser uma camponesa, fingisse não dar à riqueza a importância das pessoas que são apenas ricas e que desprezam os pobres. Talvez antes fosse um hábito contraído numa época de sua vida em que, já rica, porém insuficientemente, a julgar pelo custo da manutenção de tantas propriedades, ela experimentava certas dificuldades de dinheiro que não desejava parecer estar dissimulando. As coisas de que falamos na maioria das vezes em tom de gracejo são geralmente, pelo contrário, as que aborrecem, mas das quais não queremos dar a impressão de estarmos aborrecidos, talvez com a inconfessa esperança de uma vantagem suplementar: a de que justo a pessoa com quem conversamos, ao nos ouvir gracejar a respeito, creia que aquilo não é verdade.

Mas, na maioria das vezes, àquela hora, eu sabia que encontrava a duquesa em casa, e isso me fazia contente, pois era mais comodo para lhe pedir as demoradas informações desejadas por Albertine. E eu descia quase sem pensar o quanto era extraordinário que, à casa dessa misteriosa Sra. de Guermantes da minha infância, eu comparecesse exclusivamente a fim de me valer dela para uma simples comodidade prática, como fazemos com o telefone, instrumento sobrenatural, diante de cujos milagres a gente se maravilhava outrora, e do qual nos servimos hoje sem nem pensar nisso, para chamar o alfaiate ou encomendar um sorvete.

As ninharias do vestuário davam grande prazer a Albertine. Eu não sabia me recusar a dar-lhe, todos os dias, um presente desse tipo. E cada vez que ela me

falava com encantamento numa écharpe, numa estola, numa sombrinha que, pela janela, ou passando pelo pátio, com seus olhos que percebiam tão depressa tudo o que se relacionasse à elegância, ela avistara no pescoço, nos ombros, na mão da Sra. de Guermantes, sabendo que o gosto naturalmente difícil da moça (ainda marcado pelas lições de elegância dadas pela conversação de Elstir) não se satisfaria de modo algum com um simples objeto de imitação mesmo que fosse bonito, que substitui o verdadeiro aos olhos do vulgo, mas dele difere inteiramente, eu ia em segredo perguntar à duquesa onde, como, a partir de que modelo fora confeccionado aquilo que agradara a Albertine, como deveria proceder para obter exatamente aquilo, em que consistia o segredo do fabricante, o encanto (que Albertine chamava "o chique", "o gênero") de seu feitio, o nome exato a beleza da matéria tendo a sua importância e a qualidade dos tecidos que eu devia pedir que fossem utilizados.

Quando eu dissera a Albertine, na nossa chegada de Balbec, que a duquesa de Guermantes morava à nossa frente, no mesmo palacete, ela assumira, ao ouvir o grande título e o grande nome, esse ar mais que indiferente, hostil, desdenhoso, que é o sinal do desejo impotente nas naturezas orgulhosas e apaixonadas. Por magnífica que fosse a de Albertine, as qualidades que encerrava só podiam se desenvolver no meio desses entraves que são os nossos gostos, ou esse luto dos gostos a que fomos obrigados a renunciar-como, no caso de Albertine, o esnobismo-e a que chamamos ódios. O de Albertine pela alta sociedade, aliás, guardava muito pouco espaço em seu espírito e me agradava por um aspecto de "espírito de revolução"-quer dizer, amor infeliz pela nobreza-inscrito na face oposta do caráter francês em que está o gênero aristocrático da Sra. de Guermantes. Albertine, pela impossibilidade de alcançá-lo, talvez nem se preocupasse com ele, mas, lembrando-se que Elstir lhe falara da duquesa como sendo a mulher que melhor se vestia em Paris, o desdém republicano quanto a uma duquesa cedera em minha amiga a um vivo interesse por uma elegante.

Pedia-me freqüentemente informações sobre a Sra. de Guermantes e gostava que eu fosse buscar com a duquesa conselhos de toalete para ela própria. Sem dúvida eu poderia pedi-las à Sra. Swann e até lhe escrevi uma vez com essa finalidade. Mas a Sra. de Guermantes me parecia levar ainda mais longe a arte de se vestir. Se, descendo por um momento à casa dela, depois de me haver assegurado de que ela não saíra e tendo pedido que me avisassem logo que Albertine voltasse, eu encontrasse a duquesa envolvida na bruma de um vestido de crepe da China cinzento, aceitava esse aspecto que sentia dever-se à causas complexas e que não poderia ter mudado, deixava-me invadir pela atmosfera que dele se desprendia, como o fim de certas tardes envoltas num cinza-pérola por uma névoa vaporosa; se, pelo contrário, esse vestido caseiro era chinês, com flamas rubras e amarelas, eu a olhava como a um poente que se esbraseia; essas

toaletes não eram um cenário qualquer, substituível à vontade, mas uma dada realidade poética, como o é a do tempo que faz, como o é a luz especial a uma determinada hora.

De todos os vestidos ou chambres que a Sra. de Guermantes usava, aqueles que pareciam mais corresponder a uma determinada intenção, ser dotados de um sentido especial, eram os vestidos que Fortuny havia feito de acordo com desenhos antigos de Veneza. Será o seu caráter histórico, será antes o fato de cada um deles ser único o que lhes dá um caráter tão particular, que a pose da mulher que os veste enquanto nos espera, enquanto conversa conosco, adquire uma importância excepcional, como se essa roupa tivesse sido o fruto de uma longa deliberação, e como se essa conversa se desprendesse da vida cotidiana como uma cena de romance?

Nos romances de Balzac vêem-se heroínas pôr intencionalmente este ou aquele vestido, no dia em que devem receber determinado visitante. Os vestidos de hoje não têm cunho tão pronunciado, com exceção das roupas de Fortuny. Nenhuma imprecisão pode subsistir na descrição do romancista, já que esse vestido existe de fato, e os seus menores desenhos são tão naturalmente determinados como os de uma obra de arte. Antes de vestir este ou aquele, a mulher teve de escolher entre dois vestidos, não mais ou menos parecidos, mas cada um profundamente individual, a que se poderia dar um nome.

Mas o vestido não me impedia de pensar na mulher. A própria Sra. de Guermantes me pareceu, nessa época, mais agradável que no tempo em que eu ainda a amava. Esperando menos dela (pois não ia mais vê-la por ela mesma) era quase com a tranqüila sem-cerimônia com que pomos, quando sozinhos, os pés na grade da lareira, que eu a escutava como teria lido um livro escrito em linguagem de outrora. Eu tinha bastante liberdade de espírito para apreciar, no que ela dizia, aquela graça francesa tão pura que já não se encontra nem na maneira de falar, nem nos escritos de hoje. Escutava a sua conversação como a uma canção popular deliciosamente francesa; compreendia que a tivesse ouvido troçar de Maeterlinck (que aliás, agora, ela admirava por fraqueza de espírito de mulher, sensível a essas modas literárias cujos raios chegam tardiamente), como compreendia que Mérimée troçasse de Baudelaire, Stendhal de Balzac, Paul-Louis Courier de Victor Hugo, Meilhac de Mallarmé. Entendia perfeitamente que o trocista tivesse compreensão bem restrita em face daquele de quem troçava, mas também um vocabulário mais puro. O da Sra. de Guermantes, quase tanto como o da mãe de Saint-Loup, era-o a tal ponto que encantava. Não é nos frios pastichos dos escritores de hoje, que dizem *au fait* (por *en realité), singulierement (por en particulier), étonné (por frappé destupeur*{41}) etc., etc. Que se reencontra a antiga linguagem e a verdadeira pronúncia das palavras, e sim conversando com uma Sra. de Guermantes ou uma Françoise. Com esta, eu

aprendera, desde os cinco anos, que não se diz o *Tarn*, mas o *Tar*, nem *Béarn*, mas o *Béar*. O que fez com que aos vinte anos, ao freqüentar a sociedade, não precisei aprender que não era necessário dizer, como o fazia a Sra. Bontemps, "Madame de Béarn".

Mentiria se dissesse que a duquesa não tinha consciência desse lado rural e quase camponês que permanecia nela, e não pusesse uma certa afetação em exibi-lo. Mas de sua parte, era menos falsa simplicidade de grande dama que se faz de camponesa, e orgulho de duquesa que zomba das senhoras ricas desdenhosas dos camponeses a quem não conhecem, do que o gosto quase artístico de uma mulher que conhece o encanto do que possui e não vai estragá-lo com uma pincelada moderna. Do mesmo gênero era um restaurador normando que todo mundo conheceu em Dives, proprietário do "Guilherme-o-Conquistador", que tinha evitado-coisa bem rara-dar à sua hospedaria o luxo moderno de um hotel e que, sendo milionário, conservava a linguagem e a blusa de um camponês normando e permitia que o vissem, ele próprio, a preparar na cozinha, como no campo, um jantar que nem por isso deixava de ser infinitamente melhor e até mais caro do que nos maiores hotéis de luxo.

Toda a seiva local que existe nas velhas famílias aristocráticas não é o suficiente; é preciso que nelas nasça uma criatura inteligente o bastante para não desdenhá-la, para não apagá-la sob o verniz mundano. A Sra. de Guermantes, infelizmente espirituosa e parisiense, e que, quando a conheci, só conservava de seu torrão o sotaque, ao menos, quando queria pintar sua vida de mocinha, achara para a sua linguagem (entre o que teria parecido involuntariamente provinciano demais ou, pelo contrário, artificialmente letrado) um desses compromissos que fazem o encanto de *La Petite fadette* de George Sand ou de certas lendas relatadas por Chateaubriand nas *Memórias d'outre-tombe*. Meu prazer era, sobretudo, ouvi-la contar alguma história acerca de camponeses com ela. Os nomes antigos, os velhos costumes, davam algo de muito saboroso a essa aproximação entre o castelo e a aldeia. Uma certa aristocracia permanece regional por ter mantido contato com as terras onde é soberana, de modo que a frase mais simples faz desenrolar-se diante de nossos olhos todo um mapa histórico e geográfico da História da França. Se não havia naquilo afetação, nenhum desejo de fabricar uma linguagem para seu próprio uso, então essa forma de pronunciar era um verdadeiro museu de História da França através da conversação.

- Meu tio-avô Fitt-jam- nada tinha que espantasse, pois sabia-se que os Fitz-james proclamam de bom grado serem grãos senhores franceses e não querem que pronunciem seu nome à maneira inglesa. Aliás, é preciso admirar a tocante docilidade das pessoas que, até então, tinham julgado dever esforçar-se por pronunciar gramaticalmente certos nomes e que, de súbito, após ter ouvido a duquesa de Guermantes pronunciá-los diversamente, aplicavam-se à pronúncia

que nem sequer haviam suposto. Assim, a duquesa, que tivera um bisavô que assessorava o conde Chambord, para implicar com o marido que se tornara orleanista, gostava de proclamar:

- Nós, os velhos de Frochedorf. - O visitante que até então julgara correto dizer "Frohsdorf" mudava de opinião o mais depressa possível e passava a dizer sem parar "Frochedorf".

Certa vez em que perguntava à Sra. de Guermantes quem era um jovem requintado que ela me apresentara como seu sobrinho e de quem mal ouvira o nome, tal nome não o distingui melhor quando, do fundo da garganta, a duquesa emitiu com força mas sem articular:

- É o é leonês, cunhado de Robert. Ele pretende ter a forma do crânio dos velhos galeses. -

Então compreendi que ela dissera: é o pequeno Léon (o príncipe de Léon, de fato cunhado de Robert de Saint-Loup).

- Em todo caso, não sei se ele tem o crânio - acrescentou ela -, mas o seu modo de se vestir, que aliás é bem chique, não tem muito o jeito daquele país.

Um dia em que, de Josselin, onde eu estava em casa dos Rohan, tínhamos saído em peregrinação, vieram camponeses, um pouco de todas as partes da Bretanha. Um grandalhão leonês olhava assombrado para as calças beges do cunhado de Robert.

- Que tem você que tanto me olha? Aposto que não sabe quem sou eu -, disse Léon. E, como o camponês dissesse que não: - Pois bem, sou o teu príncipe.

- Ah! - respondeu o camponês se descobrindo e pedindo desculpas -, pensei que o senhor fosse um *englische*. -

E, se, aproveitando esse ponto de partida, eu estimulava a Sra. de Guermantes a falar dos Rohan (a quem sua família muitas vezes se aliara), sua conversação se impregnava um pouco do encanto melancólico das romarias bretãs e, como diria aquele verdadeiro poeta que é Pampille{42}, "do acre sabor dos crêpes de trigo preto cozidos num fogo de juncos'".

Do marquês de Lau (de quem se conhece o triste fim, quando, surdo, fazia-se levar à casa da Sra. H***, cega), ela contava os anos menos trágicos, quando, depois da caça, em Guermantes, punha chinelos para tomar o chá com o rei da Inglaterra, ao qual não se considerava inferior e com quem, como se vê, não fazia cerimônia. Ela assinalava este fato com tanta graciosidade que lhe acrescentava o penacho à mosqueteiro dos fidalgos um tanto gloriosos do Périgord.

Além disso, mesmo na simples qualificação de pessoas, ter o cuidado de

diferenciar as províncias era na Sra. de Guermantes, fiel a si própria, um grande encanto que uma parisiense de origem nunca saberia possuir; e aqueles simples nomes de Anjou, de Poitou e do Périgord refaziam paisagens em sua conversação. Para voltar à pronúncia e ao vocabulário da Sra. de Guermantes, é por esse aspecto que a nobreza se mostra verdadeiramente conservadora, com tudo o que esse termo carreia, ao mesmo tempo, de um tanto pueril, um tanto perigoso, de refratário ao progresso, mas igualmente de divertido para o artista. Eu queria saber como se escrevia antigamente o nome Jean. Fiquei sabendo ao receber uma carta do sobrinho da Sra. de Villeparisis, que se assina-conforme foi batizado e figura no Gotha-Jehan de Villeparisis, com o mesmo e belo *h* inútil, heráldico, tal como é admirado, colorido de vermelhão ou de ultramar, num livro de horas ou num vitral.

Infelizmente, não dispunha de tempo para prolongar indefinidamente essas visitas, pois desejava na medida do possível não voltar para casa depois de minha amiga.

Ora, era sempre a conta-gotas que podia obter da Sra. de Guermantes as informações sobre suas toaletes, informações que eram úteis para mandar fazer toaletes do mesmo gênero para Albertine, na medida em que uma moça possa usá-las.

- Por exemplo, senhora, no dia em que devia jantar na casa da Sra. de Saint-Euverte antes de ir à casa da princesa de Guermantes, estava usando um vestido todo vermelho, com sapatos vermelhos; estava extraordinária, parecia uma grande flor de sangue, um rubi em chamas; como se chamaria isso? E uma moça pode usar um vestido assim?

A duquesa, dando ao rosto fatigado a radiosa expressão que possuía a princesa des Laumes quando Swann lhe fazia cumprimentos outrora, olhou, rindo até as lágrimas, com ar zombeteiro, interrogativo e deslumbrado, para o Sr. de Bréauté, sempre presente àquela hora, e que fazia amornar sob o monóculo um sorriso indulgente para esse figura de intelectual por causa da exaltação física de rapaz que ele parecia ocultar. A duquesa dava a impressão de dizer: "Que terá ele, estará louco?" Depois, virando-se para mim com ar carinhoso:

- Eu não sabia que parecia um rubi em chamas ou uma flor de sangue, mas lembro-me de fato que usei um vestido vermelho: era de cetim rubro como então costumava usar-se. Sim, uma moça pode, a rigor, usar isso, mas você me disse que ela não saía à noite. É um vestido de festa de gala, não pode ser usado apenas para fazer visitas.

O extraordinário é que daquele sarau, enfim não tão antigo, a Sra. de Guermantes só se lembrasse de sua toalete e tivesse esquecido uma coisa que no entanto, conforme veremos, deveria ter grande importância para ela. Parece que

nas pessoas de ação, e os mundanos são pessoas de ação (minúsculas, microscópicas, mas enfim pessoas de ação), o espírito esgotado pela atenção naquilo que há de ocorrer dentro de uma hora, só confia muito pouco à memória. Muitas vezes, por exemplo, não era para despistar e parecer não ter se enganado, que o Sr. de Norpois, quando lhe falavam de prognósticos que ele havia emitido a respeito de uma aliança alemã que nem sequer fora concluída, dizia:

- Devem estar enganados, não me recordo absolutamente, isto não parece coisa minha, pois nesse tipo de conversa sou sempre muito lacônico e jamais teria predito o sucesso de golpes espetaculares, que em geral não passam de cabeçadas e habitualmente degeneram em atos de violência. É inegável que, num futuro remoto, poderia efetuar-se uma aproximação franco-alemã, a qual seria muito vantajosa para os dois países, e dela a França não tiraria só desvantagens, creio; mas jamais falei sobre tal assunto, porque o fruto ainda não está maduro e, se querem a minha opinião, penso que, ao pedirmos a nossos velhos inimigos que convolem conosco em justas bodas, correríamos o risco de um tremendo fracasso e só receberíamos bordoadas. -

Dizendo isto, o Sr. de Norpois não mentia, simplesmente se esquecera. De resto, a gente se esquece depressa daquilo que não pensou com profundidade, do que nos foi ditado pela imitação e pelas paixões circundantes. Elas mudam, e com elas modifica-se a nossa recordação. Ainda mais que os diplomatas, os políticos não se lembram do ponto de vista que adotaram em certa ocasião, e algumas de suas palinódias se referem menos a um excesso de ambição do que a uma falta de memória. Quanto às pessoas mundanas, estas lembram-se de pouca coisa.

A Sra. de Guermantes afirmou-me que, no sarau ao qual comparecera de vestido vermelho, já não se lembrava que ali estivera a Sra. de Chaussepierre, que certamente eu me enganava. Ora, sabe Deus no entanto se, desde então, os Chaussepierre não ocuparam o espírito do duque e até da duquesa! Eis o motivo. O Sr. de Guermantes era o mais antigo vice-presidente do Jockey quando o presidente faleceu. Certos membros do clube que não têm relações e cujo único prazer é dar bolas pretas às pessoas que não os convidam, fizeram campanha contra o duque de Guermantes, o qual, certo de ser eleito e bem negligente quanto a essa presidência que valia muito pouco relativamente à sua posição mundana, não cuidou de nada. Ressaltaram que a duquesa era dreyfusista (no entanto, o Caso Dreyfus já se encerrara há muito tempo, mas vinte anos depois ainda se falava nele, e ela só o era havia dois anos), recebia os Rothschild, que se favoreciam demais desde algum tempo dos grandes potentados internacionais, como o duque de Guermantes, que era meio alemão. A campanha encontrou um terreno bastante propício, pois os clubes invejam muito as pessoas em destaque e detestam as grandes fortunas. A de Chaussepierre não era pequena, mas não dava para ofuscar ninguém; ele não gastava um tostão, o apartamento do casal

era modesto, a mulher andava vestida de lã preta. Louca por música, dava muitas reuniões pequenas para as quais eram convidadas muito mais cantoras do que à casa dos Guermantes. Mas ninguém falava nelas, tudo isso se passava sem refrescos, até o marido estava ausente, na obscuridade da rua de Ia Chaise. Na ópera, a Sra. de Chaussepierre passava despercebida, sempre na companhia de pessoas cujo nome evocava o meio mais "ultra" da intimidade de Carlos X, mas pessoas apagadas, pouco mundanas. No dia da eleição, para surpresa geral, a obscuridade triunfou sobre o esplendor: Chaussepierre, segundo vice-presidente, foi eleito presidente do Jockey, e o duque de Guermantes levou carona, isto é, permaneceu como primeiro vice-presidente. Claro que ser presidente do Jockey não representa muita coisa para os príncipes da mais alta estirpe como eram os Guermantes. Mas não sê-lo quando chegou a vez, ver-se preterido por um Chaussepierre cuja mulher Oriane não só não cumprimentava dois anos antes, como chegava a se mostrar ofendida de ser cumprimentada por aquele morcego desconhecido era duro para o duque. Ele pretendia estar acima desse fracasso, assegurando aliás que era à sua velha amizade a Swann que o devia. Na realidade, sua cólera era interminável. Muito curioso era o fato de jamais terem ouvido o duque de Guermantes servir-se da expressão *bel et bien*, bastante trivial, no sentido de "inteiramente". Mas desde a eleição do Jockey, quando lhe falavam do Caso Dreyfus, *bel et bien* surgia logo:

- Caso Dreyfus, Caso Dreyfus, é fácil de dizer e o termo é impróprio; não se trata de uma questão de religião, mas *bel et bien* de uma questão política.-

Cinco anos podiam passar sem que lhe ouvissem dizer *bel et bien* se, nesse período, não lhe falassem do Caso Dreyfus; mas se, passados cinco anos, o nome de Dreyfus voltava à conversa, logo o *bel et bien* retornava automaticamente. Além disso, o duque não mais podia suportar que lhe falassem desse Caso "que provocou", dizia, "tantas desgraças", embora na realidade só fosse sensível a uma única, o seu fracasso na disputa da presidência do Jockey.

Assim, na tarde de que estou falando e na qual recordei à Sra. de Guermantes o vestido vermelho que ela usava no sarau da sua prima, o Sr. de Bréauté foi muito mal recebido quando, querendo dizer algo, por uma associação de idéias que permaneceu obscura e que ele não revelou, começou fazendo manobrar a língua na ponta da boca em forma de cu de galinha:

- A propósito do Caso Dreyfus... - (por que do Caso Dreyfus? tratava-se apenas de um vestido vermelho, e certamente o pobre Bréauté, que jamais pensara senão em fazer graça, não punha qualquer malícia naquilo). Mas bastou o nome de Dreyfus para franzir as sobrancelhas jupiterianas do duque de Guermantes.

- Contaram-me - disse Bréauté - um belo gracejo, na verdade muito fino, do nosso amigo Cartier (avisamos o leitor que esse Cartier, irmão da Sra. de

Villefranche, não tinha a menor sombra de relação com o joalheiro do mesmo nome), o que aliás não me espanta, pois ele tem espírito para dar e vender.

- Ah - interrompeu Oriane-, não seria eu quem compraria. Não sei lhe dizer o quanto o seu Cartier sempre me enfadou, e jamais pude compreender o encanto infinito que Charles de Ia Trémoïlle e sua mulher encontram nesse maçante que vejo todas as vezes que vou à casa deles.

- Minha *iara duiesa* - respondeu Bréauté, que dificilmente pronunciava os *cc*-, acho-a muito severa quanto a Cartier. É verdade que talvez lhe dêem confiança demais na casa dos La Trémoïlle, mas enfim é para eles uma espécie, como direi, uma espécie de fiel Acates, o que se torna um pássaro bem raro nos tempos que correm. Em todo caso, eis o que me contaram. Cartier teria dito que, se o Sr. Zola procurara um processo e quisera ser condenado, fora porque desejava experimentar uma sensação que ainda não conhecia, a de estar numa prisão.

- Por isso fugiu antes de ser preso - interrompeu Oriane. - Isto não tem pé nem cabeça. Aliás, mesmo que fosse verossímil, acho o gracejo bem idiota. Se é isso que você chama de espirituoso...

- Meu Deus, minha iara Oriane -respondeu Bréauté que, vendo-se contestado, começava a recuar-; o gracejo não é meu, eu o repito tal como me passaram; julgue-o pelo que vale. Em todo caso, foi motivo para que o Sr. Cartier tenha sido severamente admoestado por este excelente La Trémoïlle, que, com muita razão, não quer que se fale jamais em seu salão disso que chamarei, como dizer?, as questões em curso, e que ficou tanto mais contrariado pois estava presente a Sra. Alphonse Rothschild. - Cartier teve de sofrer da parte de La Trémoïlle uma verdadeira descompostura.

- Evidentemente - disse o duque de muito mau humor-os Alphonse de Rothschild, embora tenham o tato de jamais falar desse caso abominável, são dreyfusistas até a alma, como todos os judeus. Isso é até um argumento *ad hominem* (o duque empregava um pouco a torto e a direito a expressão *ad hominem*) que ainda não se fez valer o suficiente para mostrar a má-fé dos judeus. Se um francês rouba, assassina, não me sinto obrigado a considerá-lo inocente por ser um francês como eu. Mas os judeus nunca irão admitir que um de seus concidadãos seja traidor, embora saibam perfeitamente que o é, e preocupam-se muito pouco com as terríveis repercussões (o duque naturalmente pensava na maldita eleição de Chaussepierre) que o crime de um dos seus pode acarretar até... Vejamos, Oriane, você não vai pretender que não é deprimente para os judeus o fato de que eles apóiam um traidor. Não vai me dizer que não é porque são judeus.

- Meu Deus, claro que não - respondeu Oriane (sentindo com irritação um certo desejo de resistir ao Júpiter tonante, e também de colocar um pouco de

"inteligência" acima do Caso Dreyfus). - Mas talvez seja exatamente porque, sendo judeus e conhecendo-se a si próprios, sabem que é possível ser judeu sem ser forçosamente traidor ou antifrancês, como dizem que afirma o Sr. Drumont. Certamente se Dreyfus fosse cristão, os judeus não se interessariam por ele, mas interessam-se porque vêem perfeitamente que, se ele não fosse judeu, não o julgariam com tanta facilidade traidora *priori*, como diria o meu sobrinho Robert.

- As mulheres não entendem nada de política - exclamou o duque encarando a duquesa. - Pois esse crime horrível não é simplesmente uma causa judia, mas *bel et bien* um imenso caso nacional que pode ter as mais tremendas conseqüências para a França, de onde deveriam ser expulsos todos os judeus, embora eu reconheça que as sanções decretadas até agora o foram (de um modo ignóbil que deveria ser revisto) não contra eles, mas contra seus adversários mais eminentes, contra homens de primeira categoria, postos de lado para desgraça do nosso pobre país.

Senti que as coisas se azedavam e, precipitadamente, voltei a falar nos vestidos.

- A senhora se lembra - disse eu - da primeira vez que foi gentil comigo?

- A primeira vez que fui gentil com ele - repetiu ela, olhando risonha para o Sr. de Bréauté, cuja ponta do nariz se afilava, cujo sorriso se enternecia por polidez para com a Sra. de Guermantes, e cuja voz de faca ao ser amolada deixou ouvir alguns sons vagos e roucos.

- A senhora trajava um vestido amarelo com grandes flores negras.

- Mas, meu filho, é a mesma coisa, são vestidos de festa.

- E seu chapéu de *bleuets* que tanto apreciei! Mas enfim, tudo isso pertence ao passado. Gostaria de mandar fazer para a moça em questão um casaco de pele como o que a senhora usava ontem de manhã. Seria possível que eu o visse?

- Por ora, não. Hannibal vai ser obrigado a sair dentro de um instante. Porém volte aqui, e minha camareira lhe mostrará tudo isso. Apenas, meu filho, tenho muito gosto em lhe emprestar tudo o que desejar, mas, se mandar fazer os vestidos de Callot, de Doucet e de Paquin por costureirinhas, nunca sairá a mesma coisa.

- Mas de modo algum pretendo ir à loja de uma costureirinha, sei perfeitamente que vai ser coisa bem diversa; mas a mim interessaria compreender por que seria diferente.

- Mas você sabe que não consigo explicar nada, pois sou uma tola, falo como uma camponesa. É uma questão de ter boa mão, de feitio; quanto às peles, pelo menos posso lhe dar um bilhete para o meu fornecedor, que desse modo não há de roubá-lo. Mas saiba que mesmo assim isso lhe custará oito ou nove mil francos.

- E aquele chambre que cheira tão mal, que a senhora usava outra noite e que é sombrio, felpudo, mosqueado, estriado de ouro com uma asa de borboleta?

- Ah, aquilo é de Fortuny. A sua jovem poderia perfeitamente usá-lo em casa. Tenho muitos deles, vou lhe mostrar; posso até lhe dar alguns, se lhe agrada. Mas gostaria principalmente que visse o da minha prima Talleyrand. Preciso escrever-lhe para que me empreste.

- Mas a senhora também estava de sapatos tão bonitos, ainda eram de Fortuny?

- Não, eu sei do que está falando, é um couro dourado de cabrito que descobrimos em Londres, dando um passeio com Consuelo em Manchester. Era extraordinário. Nunca pude compreender de que forma era dourado, dir-se-ia uma pele de ouro; era apenas isto, com um pequeno diamante no meio. A pobre duquesa de Manchester está morta, mas, se lhe agrada, escreverei à Sra. de Warwick ou à Sra. Marlborough para que elas tentem descobrir outros idênticos. Pergunto-me se eu mesma ainda não terei dessa pele. Talvez seja possível mandar fazê-la aqui. Vou dar uma olhada esta noite e lhe mandarei informar.

Como eu procurasse, na medida do possível, deixar a duquesa antes que Albertine regressasse, ocorria muitas vezes que encontrava àquela hora no pátio, ao sair da Casa da Sra. de Guermantes, o Sr. de Charlus e Morel, que iam tomar chá na casa de Jupien, favor supremo para o barão! Não cruzava com eles todos os dias, mas eles ali compareciam diariamente. Aliás, é de se notar que a constância de um hábito de ordinário está relacionada com o que existe de absurdo nele. As coisas brilhantes em geral só são feitas de modo imprevisto. Mas as vidas insensatas, em que o próprio maníaco se priva de todos os prazeres e se inflige os maiores males, estas vidas são as que menos mudam. A cada dez anos, caso tivéssemos curiosidade para tanto, voltaríamos a encontrar o desgraçado dormindo às horas em que poderia viver, saindo às horas em que não há quase outra coisa a fazer senão deixar-se assassinar nas ruas, bebendo gelados quando está com calor, sempre se curando de uma gripe. Bastaria um pequeno movimento de energia, um único dia, para mudar isto de uma vez por todas. Porém justamente essas vidas são de hábito o apanágio de seres incapazes de energia. Os vícios são um outro aspecto dessas existências monótonas, que a força de vontade bastaria para tornar menos atrozes. Ambos os aspectos podiam ser igualmente considerados quando o Sr. de Charlus ia todos os dias, na companhia de Morel, tomar chá na casa de Jupien. Uma única tempestade havia marcado esse costume cotidiano. Tendo a sobrinha do coleteiro dito certo dia a Morel:

- Pois é, venha amanhã que eu lhe pagarei o chá.

O Sr. de Charlus achara com razão a frase bem vulgar para uma pessoa de quem contava fazer sua quase nora; mas, como gostava de constranger e se

embriagava com a própria cólera, em vez de dizer simplesmente a Morel que desse à moça uma lição de boas maneiras, todo o regresso passou-se em cenas violentas. No tom mais insolente, mais orgulhoso:

- O toque, pelo visto, não é forçosamente aliado ao "tato"; e portanto impediu em você o desenvolvimento normal do olfato, já que tolerou que essa expressão fétida de pagar o chá, a quinze cêntimos suponho, venha trazer-me às régias narinas o seu odor de dejetos! Quando, em minha casa, terminou um solo de violino, alguma vez viu que o recompensavam com um peido em vez de um aplauso frenético, ou com um silêncio ainda mas eloqüente, pois é feito do medo de não poder reter, não aquilo com que sua noiva nos prodigalizou, mas o soluço que lhe sobe aos lábios?

Quando um funcionário se vê infligido de tais censuras pelo seu chefe, invariavelmente é demitido no dia seguinte. Ao contrário, nada teria sido mais cruel ao Sr. de Charlus do que despedir Morel e, receando mesmo ter ido um pouco longe demais, pôs-se a fazer, sobre a moça, elogios minuciosos, cheios de gosto, involuntariamente semeados de impertinências.

- Ela é encantadora. Como você é músico, penso que ela o seduziu pela voz, que é muito linda nas notas altas, onde parece esperar o acompanhamento do seu si sustenido. Seu registro grave me agrada menos, e isto deve relacionar-se com o triplo recomeçar do pescoço estranho e fino, que parece terminar mas continua a subir; nela, em vez de detalhes medíocres, o que me agrada é antes a silhueta. E, como ela é costureira e deve saber lidar com tesouras, é necessário que me dê um belo corte de si mesma em papel.

Charlie pouca atenção dera a esses elogios, tanto mais que celebravam qualidades que sempre lhe haviam escapado em sua noiva. Porém respondeu ao Sr. de Charlus:

- Está entendido, meu benzinho, eu lhe passarei um sabão para que não fale mais desse jeito. - Se Morel dizia assim "meu benzinho" ao Sr. de Charlus, não é que ignorasse que mal teria um terço da idade do barão. Também não dizia como o teria feito Jupien, mas com aquela simplicidade que, em certas relações, postula que a supressão da diferença de idade tacitamente precedeu a ternura. A ternura fingida em Morel, a ternura sincera em outros. Assim, por aquela época, o Sr. de Charlus recebeu uma carta concebida nestes termos: "Meu caro Palamede, quando te verei? Estou muito aborrecido com tua ausência e penso muito em ti etc. Todo teu, PIERRE."

O Sr. de Charlus quebrou a cabeça para descobrir quem era, dentre os parentes, que se permitia escrever-lhe com tanta familiaridade, e que devia por conseqüência conhecê-lo bem, e do qual, apesar de tudo, não reconhecia a escrita. Todos os príncipes a quem o *Almanaque de Gotha* dedica umas poucas

linhas desfilaram por alguns dias na cabeça do Sr. de Charlus. Por fim, bruscamente, um endereço escrito no verso do envelope o esclareceu: o autor da carta era um moço de recados de um clube de jogo aonde o Sr. de Charlus ia às vezes. Esse rapaz não se julgara impolido ao escrever naquele tom ao Sr. de Charlus, que, ao contrário, gozava de grande prestígio a seus olhos. Mas imaginava não ser gentil não tratar por tu a uma pessoa que o havia beijado várias vezes e que, desse modo- pensava ele em sua ingenuidade-, dera-lhe a sua afeição. No fundo, o Sr. de Charlus ficou deslumbrado com aquela familiaridade. Chegou até a acompanhar o Sr. de Vaugoubert a casa, certo dia, para poder lhe mostrar a carta. E, no entanto, Deus sabe como o Sr. de Charlus não gostava de sair com o Sr. de Vaugoubert. Pois este, de monóculo no olho, contemplava de todos os lados os rapazes que passavam. Mais ainda: liberando-se quando estava com o Sr. de Charlus, fazia uso de uma linguagem que o barão detestava. Punha todos os nomes de homem no feminino e, como era muito imbecil, julgava esse gracejo bastante espirituoso e não deixava de rir às gargalhadas. Como, a par disso, era enormemente apegado a seu posto diplomático, os modos zombeteiros e deploráveis que ostentava na rua eram interrompidos constantemente pelo susto que lhe causava no mesmo momento a passagem de pessoas da sociedade, mas sobretudo de funcionários.

- Esta pequena telegrafista - dizia, cutucando o barão carrancudo-, já me dei bem com ela, mas a velhaca resolveu mudar de vida! Oh! aquele entregador das Galerias Lafayette, que maravilha! Meus Deus, aí vem passando o diretor dos Assuntos Comerciais. Tomara que não tenha notado o meu gesto! Seria capaz de falar nisso ao ministro, que me poria em disponibilidade, tanto mais que também é "uma".-O Sr. de Charlus explodia de raiva. Enfim, para abreviar aquele passeio que o exasperava, resolveu mostrar a carta e pedir ao embaixador que a lesse, mas recomendou-lhe descrição, pois fingia que Charlie estivesse com ciúmes, a fim de poder fazer crer que era amado.

- Ora - acrescentou, com um impagável ar de bondade -, devemos sempre tentar causar o mínimo possível de sofrimento aos outros.

Antes de retornar à loja de Jupien, o autor faz questão de dizer o quanto ficaria entristecido se o leitor se melindrasse com cenas tão estranhas. Por um lado (e é a menor parte da coisa), julgam que a aristocracia parece, proporcionalmente, neste livro, mais acusada de degenerescência que as outras classes sociais. Mesmo que assim fosse, não seria de admirar. As mais antigas famílias acabam por confessar, num nariz grosso e vermelho, num queixo deformado, sinais específicos em que todos admiram a "raça". Mas, em meio aos traços persistentes e sem cessar agravados, há os que não são visíveis, e estes são as tendências e os gostos.

Uma objeção mais grave, se tivesse fundamento, seria dizer que tudo isso nos é

estranho e que é preciso extrair poesia da verdade bem próxima. A arte extraída do real mais familiar existe de fato e seu domínio é talvez o maior. Mas não é menos verdade que um grande interesse, por vezes a beleza, pode nascer de ações decorrentes de uma forma de espírito de tal modo distanciada de tudo o que sentimos, de tudo em que acreditamos, que nem sequer podemos chegar a compreendê-Ias, e elas se apresentam diante de nós como um espetáculo sem motivo. Que existe de mais poético do que Xerxes, filho de Dario, mandando açoitar as águas que haviam engolido seus barcos?

É certo que Morel, usando dos poderes que seus encantos lhe davam sobre a moça, transmitiu-lhe, tomando-os à sua conta, as observações do barão, pois a expressão "pagar o chá" desapareceu tão completamente da loja do coleteiro, como desaparece para sempre de um salão determinada pessoa íntima que era recebida todos os dias e com quem, por um motivo ou outro, brigou-se ou que convém ocultar e só se freqüenta fora de casa. O Sr. de Charlus ficou satisfeito com a desaparição de "pagar o chá", e viu naquilo uma prova de sua ascendência sobre Morel e o apagamento da única manchinha na perfeição da moça. Por fim, como todos os da sua espécie, embora sendo sinceramente amigo de Morel e de sua quase noiva, e ardente partidário da união deles, gostava muito do poder de criar à sua vontade brigas mais ou menos inofensivas, acima e fora das quais se mantinha tão olímpico feito o seria seu irmão.

Morel dissera ao Sr. de Charlus que amava a sobrinha de Jupien, queria desposá-la, e era doce ao barão acompanhar seu jovem amigo às visitas, em que representava o papel de futuro sogro indulgente e discreto. Nada lhe agradava mais.

Minha opinião pessoal é que "pagar o chá" vinha do próprio Morel, e que, por cegueira de amor, a jovem costureira adotara uma expressão da criatura adorada, expressão que destoava, pela feiúra, na linguagem bonita da moça. Essa linguagem, as maneiras encantadoras que se harmonizavam com ela, a proteção do Sr. de Charlus, faziam com que muitos fregueses para quem ela trabalhara a recebessem como amiga, convidando-a para jantar, mesclando-a às suas relações; aliás, a mocinha só aceitava esses

convites com a permissão do Sr. de Charlus e nas noites em que isto lhe convinha. "Uma costureirinha na alta sociedade?", diriam. "Que inverossimilhança!" Pensando bem, não era menos inverossímil que antigamente Albertine viesse ver-me à meia-noite, e agora vivesse comigo. E talvez fosse inverossímil com outra, de modo algum com Albertine, sem pai nem mãe, levando uma vida tão livre que, no começo, eu a tomara em Balbec pela amante de um ciclista, tendo por parente mais próximo a Sra. Bontemps que, já na casa da Sra. Swann, só admirava na sobrinha os seus maus modos e agora fechava os olhos, sobretudo se houvesse possibilidade de desembaraçar-se dela conseguindo-lhe um casamento

rico, no qual parte do dinheiro fosse para a tia (na mais alta sociedade, mães muito nobres e muito pobres, tendo conseguido um casamento rico para o filho, deixam-se sustentar pelo jovem casal, aceitam casacos de pele, automóveis, dinheiro de uma nora de quem não gostam e que fazem ser recebida na sociedade).

Talvez chegue um dia em que as costureiras, o que não me pareceria de modo algum chocante, freqüentem a alta sociedade. A sobrinha de Jupien, sendo uma exceção, não pode ainda deixar prevê-lo, pois uma andorinha não faz verão. Em todo caso, se a situação modestíssima da sobrinha de Jupien escandalizou algumas pessoas, não foi a Morel, pois sob certos aspectos sua estupidez era tão grande que, não só achava "burrinha" aquela moça mil vezes mais inteligente que ele, talvez apenas porque o amasse, mas também supunha serem aventureiras, sub-costureiras disfarçadas bancando damas, as pessoas muito bem relacionadas que a recebiam e de que ela não se envaidecia. Naturalmente não eram Guermantes, nem mesmo pessoas que os conhecessem, mas burguesas ricas e elegantes, de espírito bastante livre para achar que não há desonra em receber uma costureira, e de espírito bastante escravo para sentir algum contentamento em proteger uma moça que sua Alteza o barão de Charlus ia visitar todos os dias com a melhor das intenções.

Ao barão, nada lhe agradava mais que a idéia desse casamento, pois pensava que assim Morel não lhe seria roubado. Parece que a sobrinha de Jupien cometera, quase criança, uma "falta". E o Sr. de Charlus, apesar dos elogios que fizera da moça a Morel, gostaria de contar essa "falta" ao amigo, que ficaria furioso, desse modo semeando a cizânia. Pois o barão, conquanto tremendamente mau, assemelhava-se a um sem-número de pessoas bondosas que elogiam esta ou aquela criatura para provar a própria bondade, mas evitariam como ao fogo as palavras benfazejas, tão raramente pronunciadas, capazes de fazer reinar a paz. Malgrado isto, o barão se absteve de qualquer insinuação, e por dois motivos. -"Se lhe contar" dizia consigo - "que sua noiva não é imaculada, seu amor-próprio ficará ofendido, e ele vai me querer mal. E depois, quem me diz que ele não está apaixonado por ela? Se não digo nada, esse fogo de palha se extinguirá depressa, e eu hei de governar as relações deles à minha moda, ele só haverá de amá-la na medida em que eu o desejar. Se eu lhe contar a falta passada da sua prometida, quem me diz que meu Charlie não está ainda apaixonado o bastante para ficar ciumento? Então, transformarei, por minha própria culpa, um flerte sem conseqüência, e que se conduz como bem se quer, num grande amor, coisa difícil de governar". Por esses dois motivos, o Sr. de Charlus conservava um silêncio que apenas aparentemente era discrição, mas que, por outro lado, era meritório, pois calar-se é quase impossível às pessoas de sua espécie.

Além disso, a moça era deliciosa, e o Sr. de Charlus, em que ela satisfazia todo o

gosto estético que ele podia ter pelas mulheres, estimaria possuir centenas de fotografias dela. O barão, menos imbecil que Morel, escutava com prazer o nome das senhoras elegantes que a recebiam e que seu faro social situava bem. Evitava, porém (querendo manter o império) dizê-lo a Morel, o qual, perfeito idiota no assunto, continuava a crer que, afora a "classe de violino" e os Verdurin, só existiam os Guermantes, as poucas famílias quase régias enumeradas pelo barão, o resto não passando de uma "turba". Charlie tomava ao pé da letra estas expressões do Sr. de Charlus.

Como é que o Sr. de Charlus, debalde esperado todos os dias do ano por tantos embaixadores e duquesas, não jantando com o príncipe de Croy porque cede-se o passo a este, como é que o Sr. de Charlus, o tempo inteiro que rouba a essas grandes damas e grãos-senhores, costuma passá-lo na casa da sobrinha de um coleteiro? Em primeiro lugar, a razão suprema: Morel ali se achava. Não estivesse ele presente, e eu não veria nenhuma inverossimilhança, ou então julguem-no como o teria feito um garçom de Aimé. Não há como os garçons de restaurante para acreditar que um homem excessivamente rico usa sempre roupas novas e deslumbrantes, e que um senhor que é o que existe de mais chique dá jantares de sessenta talheres e só comparece de auto. Enganam-se. Na maioria das vezes, um homem excessivamente rico usa o mesmo jaquetão puído. Um senhor que é o que existe de mais chique é um indivíduo que, no restaurante, só fala com os empregados e, de volta a casa, joga cartas com seus lacaios.

Isto não impede que ele se recuse a ficar atrás do príncipe Murat.

Dentre as razões que faziam feliz o Sr. de Charlus com o casamento dos dois jovens, havia esta: a sobrinha de Jupien seria de algum modo uma extensão da personalidade de Morel e, assim, do poder e ao mesmo tempo do conhecimento que o barão possuía acerca dele. O Sr. de Charlus não teria um segundo sequer o menor escrúpulo de "enganar", no sentido conjugal do termo, a futura esposa do violinista. Mas ter "um jovem casal" para dirigir, sentir-se o protetor temido e todo poderoso da mulher de Morel, a qual considerando o barão como um deus provaria desse modo que o caro Morel lhe inculcara essa idéia e assim conteria algo de Morel, fizeram variar o gênero de dominação do Sr, de Charlus e nascer em sua "coisa", Morel, uma criatura a mais, o esposo, ou seja, conferiram-lhe algo a mais, algo novo e curioso para amar nele.

Talvez até essa dominação fosse agora maior que nunca. Pois, naquilo em que Morel, sozinho por assim dizer, resistia muitas vezes ao barão, a quem se sentia seguro de reconquistar, uma vez casado, tremeria mais facilmente pelo seu lar, seu apartamento, seu futuro, e ofereceria às vontades do Sr. de Charlus mais superfície e mais tomada. Tudo isto, e mais, em caso de necessidade, nas noites de tédio, atear a guerra entre marido e mulher (o barão jamais detestara os

quadros de batalha), agradava ao Sr. de Charlus. Menos, entretanto, do que pensar na dependência em que viveria dele o jovem casal. O amor do Sr. de Charlus por Morel reassumia uma novidade deliciosa quando ele dizia consigo: sua mulher também será minha, tanto quanto ele é meu, eles só agirão de modo a não me contrariar, obedecerão aos meus caprichos e, assim, ela será um sinal (até agora desconhecido para mim) do que eu quase esquecera e que é tão sensível ao meu coração como para todo mundo, um sinal para aqueles que me verão protegê-los, hospedá-los, e para mim mesmo, de que Morel é meu. Dessa evidência aos olhos dos outros e a seus próprios, sentia-se o Sr. de Charlus mais feliz que de tudo mais. Pois a posse daquilo que se ama é uma alegria maior ainda que a do amor. Freqüentemente os que escondem a todos essa posse fazem-no apenas de medo que o objeto querido lhes seja roubado. E essa prudência de se calarem diminui-lhes a felicidade.

Talvez sejam lembrados de que antigamente Morel dissera ao barão que seu desejo era seduzir uma mocinha, especialmente esta, e que, para consegui-lo lhe prometeria casamento, mas, uma vez realizada a violação, ele "daria o fora para bem longe". Porém isto o Sr. de Charlus havia esquecido, diante das confissões de amor pela sobrinha de Jupien que Morel acabava de lhe fazer. Ainda mais, o mesmo talvez tivesse ocorrido com Morel. Talvez houvesse uma verdadeira lacuna entre a natureza de Morel, tal como a confessara de modo cínico e talvez mesmo habilmente exagerara e o momento em que ela voltara a impor-se. Convivendo mais com a moça, agradara-se dela e amava-a. Conhecia-se tão pouco que certamente imaginava estar amando, talvez mesmo para sempre. Claro, seu desejo inicial, seu projeto criminoso, subsistiam, mas recobertos por tantos sentimentos superpostos que nada nos pode afirmar que o violinista não fora sincero ao dizer que aquele desejo vicioso não era o verdadeiro móvel do seu ato. Aliás, houve um período de curta duração em que, sem que ele propriamente o confessasse, tal casamento lhe pareceu necessário. Naquele momento, Morel sofria de cãibras muito fortes na mão e via-se obrigado a encarar a eventualidade de ter de deixar de tocar violino. Como, afora a sua arte, era de uma preguiça incompreensível, impunha-se a necessidade de se fazer sustentar, e ele preferia sê-lo pela sobrinha de Jupien do que pelo Sr. de Charlus, oferecendo-lhe aquela combinação maior liberdade, e também uma grande escolha de mulheres diferentes, tanto pelas aprendizes sempre novas que ele encarregaria a sobrinha de Jupien de corromper, como pelas senhoras ricas às quais a prostituiria. Que sua futura esposa pudesse recusar-se a condescender a tais complacências e fosse perversa a esse ponto, nem por um instante entrava nos cálculos de Morel. Além disso, passaram ao segundo plano, dando lugar ao amor puro, logo que as cãibras cessaram. O violino bastaria, com o que lhe dava o Sr. de Charlus, e as exigências deste certamente diminuiriam uma vez que ele, Morel, estivesse casado com a moça. O casamento era a coisa urgente, por

causa de seu amor e no interesse de sua liberdade. Mandou pedir a mão da sobrinha de Jupien, que a consultou. Afinal, não havia necessidade disto. A paixão da moça pelo violinista jorrava em torno dela, como seus cabelos quando estavam soltos, como a alegria de seus olhares esparsos. Em Morel, quase tudo que lhe era agradável ou proveitoso despertava emoções morais e palavras do mesmo gênero, às vezes até lágrimas.

Portanto, era com sinceridade-se tal palavra pode aplicar-se a ele-que mantinha com a sobrinha de Jupien conversas tão sentimentais (sentimentais são igualmente as que tantos jovens nobres, desejando não fazer coisa alguma na vida, mantêm com a deslumbrante filha de um burguês riquíssimo) como eram de uma baixeza sem disfarce as teorias que ele havia exposto ao Sr. de Charlus a propósito da sedução e do defloramento. Só que o entusiasmo virtuoso a respeito de uma pessoa que lhe causava prazer e os solenes compromissos que assumia para com ela tinham o seu reverso em Morel. Desde que a pessoa já não lhe causasse prazer, ou até, por exemplo, se a obrigação de satisfazer as promessas feitas lhe provocava desagrado, ela tornava-se logo, da parte de Morel, objeto de uma antipatia que ele justificava aos próprios olhos, e que, após algumas perturbações neurastênicas, permitia-lhe provar a si mesmo, uma vez reconquistada a euforia de seu sistema nervoso, que estava até mesmo considerando as coisas de um ponto de vista puramente virtuoso, isento de toda obrigação.

Desse modo, no fim de sua temporada em Balbec, havia perdido em não sei o que todo o seu dinheiro e, não tendo ousado dizê-lo ao Sr. de Charlus, buscava alguém a quem pudesse pedi-lo. Aprendera com o pai (que, apesar de tudo, proibira-lhe tornar-se um "facadista") que, nesse caso, é conveniente escrever, à pessoa a quem se deseja dirigir-se, "que se tem necessidade de lhe falar de negócios". Esta fórmula mágica encantava de tal maneira Morel, que imagino tenha desejado perder dinheiro apenas pelo prazer de solicitar um encontro "para negócios". Depois, na vida, viu que a fórmula não possuía toda a virtude que lhe atribuía. Havia constatado que as pessoas a quem ele próprio não teria escrito se não fosse para aquilo, não lhe tinham respondido cinco minutos após terem recebido a carta "para tratar de negócios".

Se a tarde se escoava sem que Morel obtivesse uma resposta, não lhe passava pela cabeça que, na melhor das hipóteses, o senhor solicitado não tivesse voltado para casa, pudesse ter outras cartas para escrever, nem que estivesse viajando, ou se encontrasse enfermo etc. Se, por extraordinário acaso, Morel recebia uma resposta marcando-lhe um encontro para a manhã seguinte, abordava o solicitado com estas palavras: "Já estava surpreso de não ter recebido resposta e me perguntava se acontecia alguma coisa, quer dizer que sua saúde vai sempre bem etc." Logo, em Balbec, e sem me dizer que desejava falar-lhe de um

"negócio", pedira que o apresentasse àquele mesmo Bloch com quem fora tão desagradável no trem, uma semana antes. Bloch não vacilara em lhe emprestar- ou melhor, em conseguir que o Sr. Nissim Bernard lhe emprestasse cinco mil francos. Desde aquele dia, Morel passara a adorar Bloch. Perguntava a si mesmo, com lágrimas nos olhos, de que modo poderia prestar serviço a alguém que lhe salvara a vida. Enfim, encarreguei-me de pedir, para Morel, mil francos mensais ao Sr. de Charlus, dinheiro que este remeteria imediatamente a Bloch, que assim rapidamente seria reembolsado. No primeiro mês, Morel, ainda sob a impressão da bondade de Bloch, enviou-lhe de imediato os mil francos, mas, depois disso, achou sem dúvida que um emprego diverso dos outros quatro mil restantes poderia ser mais agradável, pois começou a falar muito mal de Bloch. Bastava que o visse para ficar com idéias negras e Bloch, tendo ele próprio esquecido exatamente o quanto havia emprestado a Morel e reclamado três mil e quinhentos francos em vez de quatro mil, o que faria o violinista ganhar quinhentos francos, este último respondeu que, diante de tamanha falsidade, não só não pagaria mais um tostão como o seu credor devia julgar-se muito feliz que ele não o processasse. E dizendo isto seus olhos chamejavam. Aliás, Morel não se contentou com dizer que Bloch e o Sr. Nissim Bernard não tinham motivo para ter queixas dele, mas eles sim é que deveriam considerar-se felizes que não lhes guardasse rancor. Enfim, tendo o Sr. Nissim Bernard, ao que parece, declarado que Thibaud tocava tão bem quanto Morel, este julgou dever atacá-lo diante dos tribunais, pois tal afirmativa o prejudicava na profissão; depois, como não existe mais justiça na França, sobretudo contra os judeus (o antisemitismo em Morel fora o efeito natural do empréstimo de cinco mil francos por um israelita), passou a sair sempre com um revólver carregado. Um tal estado nervoso, seguindo-se a uma viva ternura, devia logo ocorrerem Morel relativamente à sobrinha do coleteiro. É verdade que o Sr. de Charlus foi, talvez sem desconfiar, um pouco responsável por essa mudança, pois muitas vezes declarava, sem acreditar no que dizia, e para aborrecê-los, que, uma vez casados, ele não voltaria a vê-los e os deixaria voar com as próprias asas. Tal idéia era em si mesmo absolutamente insuficiente para desprender Morel da moça; permanecendo no espírito de Morel, estava pronta a se combinar um dia com outras idéias afins e capazes, uma vez que a mistura se realizasse, de se tornarem um poderoso agente de ruptura.

Aliás, não era muito seguido que me ocorria encontrar o Sr. de Charlus e Morel. Muitas vezes eles já tinham entrado na loja de Jupien quando eu deixava a duquesa, pois o prazer que sentia junto dela era tanto que acabava por esquecer não só a espera ansiosa que precedia o regresso de Albertine, mas até a hora desse regresso.

Colocarei à parte, dentre esses dias em que me atrasava na casa da Sra. de

Guermantes, um que para mim foi marcado por um pequeno incidente cujo cruel significado me escapou inteiramente e só o compreendi muito tempo depois. Naquele fim de tarde, a Sra. de Guermantes me dera, pois sabia que as apreciava, umas seringas{43} vindas do Sul. [Quando, tendo deixado a duquesa, subi de volta para casa, Albertine já tinha regressado, e cruzei na escada com Andrée, a quem o aroma excessivamente forte das flores pareceu incomodar.

- Como, vocês já voltaram? -disse eu.

- Faz apenas um instante; mas Albertine tinha que escrever e me mandou embora.

- Acha que ela tem em mente algum projeto censurável?

- De modo nenhum. Ela está escrevendo à tia, creio. Mas ela, que não gosta de cheiros fortes, não ficará nada contente com as suas siringas.

- Então eu tive uma péssima idéia! Vou dizer a Françoise que as ponha no patamar da escada de serviço.

- Se pensa que Albertine não sentirá o cheiro da siringa em você! Este cheiro e o da angélica são talvez os mais persistentes. Além disso, acho que Françoise foi fazer compras.

- Mas então, eu, que hoje estou sem minha chave, como é que poderei entrar?

- Ora, basta tocar a campainha, que Albertine lhe abrirá a porta. E depois, talvez Françoise tenha voltado nesse meio tempo.

Despedi-me de Andrée. Logo no primeiro toque, Albertine veio me abrir a porta, o que foi bastante complicado, pois, como Françoise havia saído, Albertine não sabia onde acender a luz. Por fim, conseguiu fazer-me entrar, mas as flores de siringa a puseram em fuga. Coloquei-as na cozinha, de modo que, interrompendo a sua carta (não entendi por quê), minha amiga teve de ir ao meu quarto, de onde me chamou, e de estender-se em minha cama. Mais uma vez, no momento, não achei em tudo aquilo nada que não fosse muito natural, no máximo um tanto confuso, em todo caso insignificante. Ela escapara de ser surpreendida com Andrée e ganhara tempo apagando tudo, indo para o meu quarto para não deixar ver a sua cama em desordem e fingira estar escrevendo. Mas veremos tudo isso mais tarde, tudo isso que eu jamais soube se era verdadeiro.

Salvo este único incidente, tudo se passava normalmente quando eu voltava da casa da duquesa. Ignorando Albertine se eu desejaria ou não sair com ela antes do jantar, encontrava eu de costume, na antecâmara, o seu chapéu, seu casaco, sua sombrinha, que ela deixara para qualquer eventualidade. Logo que os avistava, ao entrar, a atmosfera da casa tornava-se respirável. Eu sentia que, em vez de um ar rarefeito, a ventura é que a enchia. Estava salvo da minha tristeza, a

vista desses nadas me fazia possuir Albertine, corria para ela.

Nos dias em que eu não descia à casa da Sra. de Guermantes, a fim de que o tempo me parecesse menos longo, durante aquela hora que precedia o regresso da minha amiga, eu folheava um álbum de Elstir ou um livro de Bergotte.

Então-como as próprias obras que parecem dirigir-se apenas à vista e ao ouvido exigem que, para desfrutá-las, nossa inteligência desperta colabore estreitamente com esses dois sentidos-eu fazia, sem perceber, que saíssem de mim os sonhos que Albertine suscitara outrora, quando não a conhecia ainda, e que a vida cotidiana havia extinto. Eu os lançava na frase do músico ou na imagem do pintor como um crisol, e deles alimentava a obra que estava lendo. E esta, sem dúvida, me parecia mais viva. Porém Albertine não ganhava menos em ser desse modo transportada de um dos dois mundos a que temos acesso e onde podemos situar alternativamente um mesmo objeto, em escapar assim à esmagadora pressão da matéria para nos recrearmos nos fluidos espaços do pensamento. De súbito acontecia-me, e por um instante, poder sentir pela tediosa moça ardentes afetos. Nesse momento, ela parecia uma obra de Elstir ou de Bergotte, eu experimentava uma exaltação momentânea por ela, vendo-a no recuo da imaginação e da arte.

Em breve, preveniam-me que ela acabava de regressar; ainda tinham ordem de não lhe pronunciar o nome se eu não estivesse sozinho, se, por exemplo, estivesse comigo Bloch, a quem eu obrigava a ficar mais um instante, de modo a que não se arriscasse a encontrar a minha amiga. Pois eu escondia que ela morava comigo, e até que a recebia em casa, tamanho era o medo de que um de meus amigos se enamorasse dela, fosse esperá-la fora, ou que, no instante de um encontro na antecâmara ou no corredor, ela pudesse fazer um sinal e marcar um encontro. Depois eu ouvia o ruído da saia de Albertine, que se dirigia para o quarto, pois por discrição e também, sem dúvida, por aquelas tentações com que, no tempo dos nossos jantares na Raspeliere, esforçava-se para que eu não ficasse enciumado, ela não vinha para o meu quarto, sabendo que não estava sozinho. Mas não era só por isto, eu a compreendia logo. Lembrava-me, havia conhecido uma primeira Albertine; depois, bruscamente, ela se mudara numa outra, a atual. E pela mudança não podia eu responsabilizar a ninguém, só a mim mesmo. Tudo o que ela teria logo me confessado facilmente, de bom grado, quando éramos bons camaradas, deixara de expandir-se desde que julgara que eu a amava, ou talvez sem pronunciar o nome do Amor, adivinhara um sentimento inquisitorial que pretende saber, entretanto sofre ao saber, e procura saber ainda mais. Desde aquele dia ela me ocultara tudo. Desviava-se do meu quarto se pensava que eu estava, nem mesmo, muitas vezes, com uma amiga e sim com um amigo, ela cujos olhos se interessavam outrora tão vivamente quando lhe falava de uma moça:

- Convém tratar de convidá-la, gostaria de conhecê-la.

- Mas ela tem aquilo que você chama de maus modos.

- Justamente, seria bem mais divertido. -

Naquele momento, eu poderia talvez saber tudo. E mesmo quando, no pequeno cassino, ela afastara os seios dos de Andrée, não creio que o fizesse devido à minha presença mas à de Cottard, o qual lhe teria dado fama, segundo pensava sem dúvida, de má reputação. Entretanto, já então ela começara a congelar-se, as palavras confiantes já não saíam de seus lábios, seus gestos eram reservados. Depois afastara de si mesma tudo o que teria podido emocionar-me. Às partes de sua vida que eu não conhecia, dava um caráter ao qual se fazia cúmplice a minha ignorância, para sublinhar o que possuía de inofensivo. E agora, completada a transformação, ela ia diretamente a seu quarto, se eu não estivesse sozinho, não só para não me incomodar, mas para me mostrar que era despreocupada em relação aos outros. Havia só uma coisa que ela nunca mais faria para mim, que ela só teria feito no tempo em que isso me fora indiferente, que teria feito facilmente por isso mesmo, era justamente confessar. Eu estaria, para sempre, como um juiz, reduzido a tirar conclusões incertas de imprudências de linguagem que não eram talvez inexplicáveis sem recorrer à culpabilidade. E ela sempre me sentiria ciumento e juiz.

Nosso noivado assumia uma condição de processo e dava-lhe a timidez de uma pessoa culpada. Agora ela mudava de assunto quando se tratava de pessoas, homens ou mulheres, que não fossem velhos. Quando ela ainda não desconfiava que lhe tinha ciúmes é que eu deveria ter indagado o que desejava saber. É preciso aproveitar aquele tempo.

É então que nossa amiga nos fala dos seus prazeres e até dos meios que emprega para dissimulá-los aos outros. Agora, já não teria me confessado como fizera em Balbec, um tanto porque era verdade, um tanto para se escusar de não mostrar mais sua ternura por mim, pois eu já então a deixava cansada, e ela havia percebido, pela minha amabilidade com ela, que não havia necessidade de me agradar tanto quanto aos outros para obter de mim mais do que deles-ela já não teria me confessado como então:

"Acho estúpido deixar ver que se ama; comigo, é o contrário: quando uma pessoa me agrada, finjo não prestar atenção nela. Assim, ninguém fica sabendo de coisa alguma."

Como! Era a mesma Albertine de hoje, com suas pretensões à franqueza e a ser indiferente a todos, que me dissera aquilo! Não teria me enunciado essa regra agora!

Ao conversar comigo, contentava-se em aplicá-la dizendo acerca de tal ou qual

pessoa que podia inquietar-se:

- Ah! Não sei, não olhei para ela, é insignificante demais.

E, de vez em quando, para antecipar-se às coisas que eu poderia acabar sabendo, fazia dessas confissões cuja entonação, antes que se conheça a realidade que elas são encarregadas de deturpar, de inocentar, já denuncia como sendo mentiras.

Escutando os passos de Albertine com o confortável prazer de imaginar que ela não voltaria a sair aquela noite, admirava-me de que, para essa moça, com quem outrora acreditara jamais poder travar relações, voltar todos os dias para casa significava exatamente entrar em minha casa. O prazer feito de mistério e de sensualidade, que eu experimentara, fugitivo e fragmentário em Balbec, na noite em que ela tinha vindo dormir no hotel, estava completo, estabilizado, enchia a minha casa, outrora vazia, de uma permanente provisão de brandura doméstica, quase familiar, dispersa até pelos corredores, e na qual todos os meus sentidos, ora de fato, ora nos momentos em que eu estava sozinho, em imaginação e pela expectativa do regresso, se nutriam sossegadamente. Ao ouvir fechar-se a porta do quarto de Albertine, caso eu estivesse na companhia de um amigo, apressava-me a fazê-lo sair, só o deixando quando estava certo de que ele já se achava na escada, de que eu descia alguns degraus se fosse necessário.

No corredor, Albertine vinha ao meu encontro.

- Olhe, enquanto mudo a roupa, mando-lhe Andrée, ela subiu um momentinho para lhe dar boa-noite. -

E, estando ainda envolvida no seu grande véu cinzento, que descia da touca de chinchila e que eu lhe havia dado em Balbec, retirou-se e voltou para seu quarto, como se tivesse adivinhado que Andrée, encarregada por mim de vigiá-la, ia, ao me contar numerosos detalhes, ao fazer menção ao encontro delas com uma pessoa conhecida, trazer alguma precisão às regiões vagas em que se desenrolara o passeio que haviam feito o dia inteiro e que eu não pudera imaginar.

Os defeitos de Andrée tinham se denunciado; ela não era mais tão agradável como quando a conhecera. Havia nela, agora, à flor da pele, uma espécie de inquietação acre, prestes a recrudescer como no mar uma rajada de vento, se por acaso eu lhe falasse de alguma coisa que fosse agradável para Albertine e para mim. Isto não impedia que Andrée fosse melhor para mim, gostasse mais de mim e muitas vezes tive a prova disso -do que de pessoas mais amáveis. Mas o menor ar de felicidade que se tivesse, se não fosse causado por ela, produzia-lhe uma impressão nervosa, desagradável como o barulho de uma porta fechada com muita força. Ela admitia os sofrimentos em que não tomasse parte, não os prazeres; se me via doente, afligia-se, lastimava-se, teria cuidado de mim. Mas, se eu tivesse uma satisfação, tão insignificante como espreguiçar-me com ar de

beatitude, ao fechar um livro, e dizer:

- Ah, acabo de passar duas horas encantadoras a ler tal livro agradável -, estas palavras, que teriam dado prazer a minha mãe, a Albertine, a Saint-Loup, excitavam em Andrée uma espécie de reprovação, talvez simplesmente mal-estar nervoso. Minhas satisfações causavam-lhe uma irritação que ela não podia ocultar. Esses defeitos eram completados por outros mais graves; um dia em que eu falava daquele rapaz tão entendido em assuntos de corridas, jogos e golfe, e tão inculto quanto ao resto, que eu encontrara com o pequeno grupo em Balbec, Andrée começou a fazer troça:

- Sabe? O pai dele cometeu um roubo, quase foi processado. Tornaram-se ainda mais petulantes, mas eu me divirto contando o caso a todos. Gostaria que me processassem por denúncia caluniosa. Que belo depoimento eu faria! -

Seus olhos faiscavam. Ora, eu soube que o pai não cometera nenhum ato desabonador, que Andrée o sabia tão bem como qualquer um. No entanto, julgara-se desprezada pelo filho, havia procurado algo que o pudesse prejudicar, cobri-lo de vergonha, inventara todo um romance de depoimentos que imaginara e ela seria chamada a fazer e, à força de repetir os detalhes dessa invenção, talvez ela própria ignorasse que tudo aquilo não era verdade.

Tal como se havia tornado (e até sem seus ódios curtos e doidos), não teria desejado vê-la, nem que apenas fosse por causa daquela suscetibilidade malévola que rodeava de um cinturão acre e glacial a sua verdadeira índole, mais calorosa e melhor. Porém as informações que só ela podia me dar sobre a minha amiga interessavam-me demais para que eu desprezasse uma tão rara ocasião para sabê-las. Andrée entrava, fechava a porta atrás de si; elas haviam encontrado uma amiga, e Albertine jamais me falara dela.

- Que foi que conversaram?

- Não sei, pois aproveitei que Albertine não estava sozinha para ir comprar lã.

- Comprar lã?

- Sim, foi Albertine quem me pediu.

- Mais uma razão para não ir, era talvez de propósito para afastá-la.

- Mas ela me havia pedido antes de encontrar a amiga.

- Ah! - respondia eu, recobrando o fôlego. E logo a suspeita me assaltava de novo: - Mas quem sabe se ela não tinha marcado um encontro de antemão com essa amiga e não combinara um pretexto para estar segura de ficar sozinha quando quisesse?-Além disso, não estaria eu certo de que a velha hipótese (a de que Andrée só me dizia a verdade) fosse a boa? Andrée talvez estivesse mancomunada com Albertine. Amor, dizia eu comigo em Balbec, a gente tem

por uma pessoa cujos atos principalmente nos despertam o ciúme; sentimos que, se ela no-los contasse todos, talvez nos curássemos facilmente de amar. O ciúme, por mais habilmente dissimulado que seja por aquele que o sente, é bem depressa descoberto por aquela que o inspira, e que por sua vez usa de habilidade. Ela procura nos iludir acerca de que nos possa tornar infelizes, e o consegue, pois, àquele que não está prevenido, por que razão uma frase insignificante revelaria as mentiras que ela esconde? Não a distinguimos das outras; dita com temor, é ouvida sem atenção. Mais tarde, quando estivermos a sós, voltaremos àquela frase, e ela não nos parecerá perfeitamente adequada à realidade. Mas essa frase, lembramo-nos bem dela? Parece nascer em nós, espontaneamente, a seu respeito e quanto à exatidão de nossa lembrança, uma dúvida do tipo daquelas que fazem com que, no decurso de certos estados nervosos, a gente nunca possa lembrar se correu ou não o ferrolho, e isto tanto na qüinquagésima como na primeira vez; dir-se-ia que se pode recomeçar indefinidamente o ato sem que ele jamais seja acompanhado de uma lembrança exata e libertadora. Pelo menos podemos fechar a porta uma qüinquagésima primeira vez. Ao passo que a frase inquietante está no passado, numa audição incerta, cuja renovação não depende de nós. Então, exercemos nossa atenção sobre outras pessoas, que não escondem nada, e o único remédio, que absolutamente não queremos, seria ignorar tudo para não ter o desejo de saber melhor. Logo que o ciúme é descoberto, é considerado por aquela de quem é o objeto como uma desconfiança que autoriza a traição. Além disso, para tentar saber alguma coisa, nós é que tomamos a iniciativa de mentir, de enganar. Andrée e Aimé bem que nos prometem não dizer nada, mas o farão? Bloch não pôde prometer nada, visto que nada sabia, e, por pouco que converse com cada um dos três, Albertine, com a ajuda do que Saint-Loup teria denominado "cotejo", saberá que lhe mentimos quando pretendíamos ser indiferentes a seus atos e moralmente incapazes de mandá-la vigiar. Assim ocorrendo-relativamente ao que fazia Albertine-, à minha infinita dúvida habitual, indeterminada demais para não ser indolor, e que era para o ciúme o que são para o desgosto esses começos de esquecimento em que o sossego nasce do vago-o pequeno fragmento de resposta que me trazia Andrée colocava de imediato novas perguntas; eu não conseguira, ao explorar uma parcela da grande zona que se estendia ao meu redor, mais que afundar para dentro dela aquele incognoscível que é para nós, quando procuramos efetivamente nos representá-la, a vida real de uma outra pessoa. Continuava a interrogar Andrée, enquanto Albertine, por discrição e para me deixar (tê-lo-ia adivinhado?) todo o lazer de questionar sua amiga, prolongava o ato de despir-se no quarto.

- Creio que o tio e a tia de Albertine gostam muito de mim - disse eu estouvadamente a Andrée, sem pensar no seu temperamento. E logo vi o seu rosto viscoso alterar-se como um xarope azedo, parecendo turvar-se para

sempre. Sua boca se fez amarga. Nada mais restava em Andrée daquela alegria juvenil que, como todo o pequeno grupo e apesar de sua natureza enfermiça, ela ostentava no ano de minha primeira temporada em Balbec, e que agora (é verdade que Andrée estava um pouco mais velha) se eclipsava tão depressa nela. Mas eu ia fazê-la involuntariamente renascer antes que me deixasse para ir jantar em casa.- Alguém me fez hoje um imenso elogio de sua pessoa - disse-lhe. E logo um raio de alegria iluminou seu olhar, ela parecia amar-me de fato. Evitava olhar-me, mas ria no vago com dois olhos subitamente bem redondos.

- Quem foi? - perguntou com um interesse ingênuo e glutão. Disse-lhe um nome e, fosse quem fosse, ela estava feliz.

Depois, chegava a hora de ir embora, ela me deixava. Albertine voltava para junto de mim; tirara o vestido e agora trazia um dos *peignoirs* de crepe da China, ou dos *chambres* japoneses, cuja descrição havia pedido à Sra. de Guermantes e para vários dos quais eu recebera certos detalhes suplementares da Sra. Swann, por meio de uma carta que principiava por estas palavras: "depois de seu longo eclipse, julguei, ao ler a sua carta relativa aos meus *teagown*, receber notícias de uma alma do outro mundo." Albertine calçava sapatos pretos, ornados de brilhantes, que Françoise, com raiva, chamava de tamancos, semelhantes aos que, pela janela do salão, ela vira que a Sra. de Guermantes usava em casa à noite, assim como, tempos depois, Albertine usou sandálias, umas de pele de cabrito, douradas, outras de chinchila, e cuja vista lhe satisfazia porque umas e outras eram como sinais (que outros calçados não seriam) de que ela morava comigo. Também possuía coisas que não provinham de mim, como um belo anel de ouro, no qual eu admirava as asas abertas de uma águia.

- Foi presente da minha tia - disse ela. - Apesar de tudo, ela às vezes é gentil. Isto me envelhece, pois ganhei-o quando fiz vinte anos.

Por todas essas lindas coisas, Albertine era de um gosto bem mais vivo do que a duquesa, porque, como todo obstáculo aplicado a uma posse (como, para mim, a doença, que me tornava as viagens tão difíceis e tão desejáveis), a pobreza, mais generosa que a opulência, concede às mulheres bem mais do que o vestido que elas não podem comprar, o desejo desse vestido, e que é conhecimento verdadeiro, detalhado e aprofundado dele. Ela, porque não pudera comprar essas coisas, eu, porque, mandando fazê-las, procurava lhe dar prazer, éramos como esses estudantes que conhecem de antemão os quadros que anseiam ver em Dresde ou em Viena. Ao passo que as mulheres ricas, no meio da multiplicidade de seus chapéus e vestidos, são como esses visitantes a quem a ida a um museu, não sendo precedida de qualquer desejo, dá somente uma sensação de entorpecimento, fadiga e tédio.

Aquela touca, aquela capa de zibelina, aquele *peignoir* de Doucet com mangas

de forro cor-de-rosa assumiam para Albertine, que os avistara, cobiçara e, graças ao exclusivismo e à minúcia que caracterizam o desejo, os havia a um tempo isolado do resto num vazio sobre o qual se destacava às maravilhas o forro ou a *écharpe*, e conhecido em todas as suas partes-e para mim, que fora à casa da Sra. de Guermantes tentar fazer-me explicarem que consistia a particularidade, a superioridade e o chique da coisa, e o feitio inimitável do grande fabricante -, uma importância, um encanto que certamente não tinham para a duquesa, saciada antes mesmo de estar com apetite, ou mesmo para mim se os houvesse visto alguns anos antes, acompanhando esta ou aquela mulher elegante numa de suas aborrecidas turnês pelas lojas de costureiras. Decerto, Albertine se tornava, aos poucos, uma mulher elegante. Pois, se cada coisa que eu assim mandava fazer para ela era no gênero a mais bonita, com todos os refinamentos que nela poriam a Sra. de Guermantes ou a Sra. Swann, dessas coisas ela começava a ter muitas. Mas pouco importava, desde que ela as havia amado primeiro e isoladamente. Quando nos apaixonamos por um pintor, depois por outro, podemos afinal ter por todo o museu uma admiração que não é glacial, pois composta de amores sucessivos, cada qual exclusivo em seu tempo, e que por fim se reuniram e se reconciliaram.

Aliás, ela não era frívola; lia muito quando estava sozinha e também lia para mim quando estava comigo. Tornara-se extremamente inteligente. Dizia, aliás enganando-se:

- Fico assombrada ao pensar que sem você teria permanecido estúpida. Não negue; você me abriu um mundo de idéias de que eu nem suspeitava, e o pouquinho em que me tornei devo-o apenas a você.

Da mesma forma, aliás, referira-se à minha influência sobre Andrée. Uma ou outra sentiriam algo por mim? E, em si mesmas, quem eram Albertine e Andrée? Para sabê-lo, seria preciso imobilizar-vos, não viver nesta espera perpétua de vós em que passais sempre outras, seria preciso não mais amar-vos para vos fixar, não mais conhecer vossa interminável e sempre desconcertante chegada, ó jovens, ó raio sucessivo no turbilhão em que palpitamos ao tornar a ver-vos reaparecer, ao mal reconhecer-vos na vertiginosa velocidade da luz. Talvez ignorássemos essa velocidade e tudo nos pareceria imóvel, caso uma atração sexual não nos fizesse correr para vós, gotas de ouro sempre dissemelhantes e que sempre ultrapassam a nossa expectativa. De cada vez, uma moça se assemelha tão pouco ao que era na vez anterior (fazendo em pedaços, desde que a vemos, a lembrança que havíamos conservado e o desejo que nos propúnhamos) que a estabilidade de natureza que lhe atribuímos é apenas fictícia e para a comodidade da linguagem. Disseram-nos que uma jovem é terna, amorosa, dotada dos mais delicados sentimentos. Nossa Imaginação acredita-o sob palavra e, quando nos aparece pela primeira vez, na moldura ondulada dos

cabelos louros, o disco do seu rosto rosado, quase chegamos a temer que essa irmã excessivamente virtuosa nos arrefeça por sua própria virtude, e jamais possa ser para nós a amante com que havíamos sonhado. Pelo menos, quantas confidências lhe fazemos desde o primeiro momento, fiados nessa nobreza de coração, quantos projetos feitos em conjunto! Porém, alguns dias depois, lamentamos ter confiado tanto, pois a jovem rosada nos surge, da segunda vez, com expressões de deslavada sensualidade. Nas faces sucessivas que, após a pulsação de alguns dias, apresenta-nos a rósea luz interceptada, nem mesmo é garantido que um movimento exterior a essas moças não haja modificado o seu aspecto, e isso poderia ter ocorrido com as minhas jovens de Balbec. Elogiam para nós a doçura e a pureza de uma virgem.

Mas, depois disso, sentimos que algo mais apimentado nos saberia melhor e aconselhamo-la a se mostrar mais picante. Em si própria, qual das duas ela era mais? Talvez nem uma nem outra, mas capaz de aceder a tantas possibilidades diversas na corrente vertiginosa da vida. Com outra, cujo atrativo residia em algo de implacável (que contávamos dobrar à nossa maneira), como, por exemplo, a terrível saltadora de Balbec, que nos seus pulos passava raspando pelas cabeças dos velhos apavorados, que decepção quando, na nova face mostrada por essa figura, no momento em que lhe dizíamos umas ternuras exaltadas pela recordação de tantas durezas para com os outros, nós a ouvíamos dizer, para início de conversa, que era tímida, que nunca sabia dizer nada sensato a alguém da primeira vez, de tanto medo que tinha, e que só depois de quinze dias é que poderia conversar tranqüilamente conosco! O aço se transformara em algodão, já não teríamos nada para tentar dobrar visto que por si mesma ela perdera toda consistência. Por si mesma, mas talvez por culpa nossa, pois as palavras ternas que havíamos dirigido à Dureza talvez lhe houvessem, mesmo que não o tivesse feito por cálculo interessado, sugerido fazer-se meiga. (O que nos desolava, contudo, mas enfim não era tão desajeitado, pois o reconhecimento por tanta doçura ia talvez nos forçar a mais que o enlevo diante da crueldade domada.) Não digo que não há de chegar um dia em que, mesmo a essas moças luminosas, não atribuamos caracteres tão marcantes, mas é que elas terão deixado de nos interessar, que a sua entrada já não será para o nosso coração o aparecimento que ele aguardava fosse diferente e que o deixa perturbado a cada vez por encarnações novas. Sua imobilidade decorrerá da nossa indiferença, que as entregará ao julgamento do espírito.

Este, aliás, não decidirá de modo muito mais categórico, pois, após ter julgado que tal defeito predominante numa, estava felizmente ausente da outra, verá que tal defeito possuía, em contrapartida, uma qualidade preciosa. De modo que, do julgamento falso da inteligência, a qual só entra em jogo quando deixamos de nos interessar, sairão definidas certas naturezas de moças, estáveis, mas que não

nos informarão mais que as surpreendentes fisionomias aparecidas a cada dia, quando, na velocidade estonteante da nossa espera, nossas amigas se apresentavam todos os dias, todas as semanas, diversas demais para nos permitir, visto que jamais se interrompe a corrida, classificar, estabelecer posições. Quanto aos nossos sentimentos, já falamos demais deles para repetir que, muitas vezes, um amor não passa da associação de uma imagem de moça (que sem isso se nos tornaria rapidamente insuportável) às batidas de coração inseparáveis de uma vã espera interminável, e de um "bolo" que a tal senhorita nos deu. Tudo isso é verdade apenas para os jovens imaginativos que lidam com moças mutáveis.

Desde o tempo a que chegou a nossa narrativa, parece, soube-o depois, que a sobrinha de Jupien havia mudado de opinião sobre Morel e o Sr. de Charlus. Meu chofer, vindo em reforço do amor que ela sentia por Morel, gabara-lhe, como se de fato as houvesse no violinista, delicadezas infinitas nas quais, de resto, ela estava bastante inclinada a acreditar. E, por outro lado, Morel não cessava de lhe comentar o papel de carrasco que o Sr. de Charlus exercia sobre ele e que ela atribuía à malvadez, sem adivinhar que era amor. Aliás, via-se obrigada a constatar que o Sr. de Charlus assistia tiranicamente a todas as suas entrevistas. E, corroborando isto, ela ouvia as senhoras elegantes falarem da maldade atroz do barão. Ora, não fazia muito que seu julgamento mudara completamente. Descobrira em Morel (sem por isso deixar de amá-lo) abismos de maldade e de perfídia, aliás compensadas por uma doçura freqüente e uma real sensibilidade, e, no Sr. de Charlus, uma insuspeitada e imensa bondade, mesclada a durezas que ela não conhecia. Assim, não pudera fazer um juízo mais definido sobre o que eram, cada um em si mesmo, o violinista e seu protetor, do que eu sobre Andrée, a quem no entanto via todos os dias, e sobre Albertine, que morava comigo.

Nas noites em que esta última não me lia em voz alta, ela tocava piano para mim ou jogávamos partidas de damas, ou conversávamos, jogo e conversa que eu interrompia para beijá-la. Nossas relações eram de uma simplicidade que as tornava repousantes. O próprio vazio de sua vida conferia a Albertine uma espécie de solicitude e de obediência para as únicas coisas que eu exigia dela. Por detrás dessa jovem, como detrás da luz purpurina que caía aos pés de minhas cortinas em Balbec, enquanto ribombava o concerto dos músicos, nacaravam-se as ondulações azuladas do mar. Com efeito, não era ela (no fundo de quem residia de modo habitual uma idéia de mim tão familiar que, depois de sua tia, eu era talvez a pessoa que ela menos distinguia de si mesma) a mocinha que eu vira pela primeira vez em Balbec, sob sua boina achatada, com seus olhos insistentes e risonhos, desconhecida ainda, delgada como uma silhueta recortada contra o fundo das ondas? Essas efígies que se conservam intactas na memória, quando as reencontramos, espantamo-nos com sua dissemelhança da criatura que já conhecemos; compreendemos então qual o trabalho de modelagem que o hábito

cumpre diariamente. No encanto que Albertine possuía em Paris, junto à minha lareira, vivia ainda o desejo que me inspirara o séquito insolente e florido que se desenrolara ao longo da praia e, como Rachel conservava para Saint-Loup, mesmo depois que ele a fez largar o palco, o prestígio da vida teatral, naquela Albertine enclausurada em minha casa, longe de Balbec, de onde a trouxera precipitadamente, subsistiam a emoção, a desordem social, a vaidade inquieta, os desejos fugidios da vida dos banhos de mar. Ela estava tão bem engaiolada que até em certas noites eu não lhe mandava pedir que trocasse o seu quarto pelo meu, ela, a quem outrora todos seguiam, que me dava tanto trabalho para alcançá-la quando disparava na sua bicicleta, e que o próprio ascensorista não lograva me trazer de volta, não me dando qualquer esperança de que ela viesse, e que eu no entanto esperava a noite inteira. Pois não fora Albertine, diante do hotel, como uma grande atriz da praia em chamas, excitando ciúmes quando caminhava por aquele teatro da natureza, sem falar com ninguém, dando encontrões nos clientes habituais, dominando as amigas, e não era essa atriz tão cobiçada que, retirada por mim de cena, fechada em minha casa, a salvo dos desejos de todos, que de ora em diante podiam procurá-la em vão, ora no meu quarto, ora no seu, onde ela se entregava a algum trabalho de desenho ou cinzeladura?

Sem dúvida, nos primeiros dias de Balbec, Albertine parecia estar num plano paralelo àquele em que eu vivia, mas que se aproximara (quando eu estivera na casa de Elstir), até se juntarem ambos, à medida que se estreitavam nossas relações, em Balbec, em Paris, depois de novo em Balbec. Além disso, entre os dois quadros de Balbec, o da primeira e o da segunda temporadas, compostos das mesmas vivendas de onde saíam as mesmas jovens diante do mesmo mar, quanta diferença! Nas amigas de Albertine da segunda temporada, tão bem conhecidas de mim, de qualidades e defeitos tão visivelmente gravados em suas fisionomias, conseguiria eu reencontrar aquelas frescas e misteriosas desconhecidas que outrora não podiam, sem que me batesse o coração, fazer ranger na areia a porta de seus chalés e roçar de passagem as tamargueiras frementes? Seus grandes olhos tinham se reabsorvido desde então, sem dúvida porque haviam deixado de ser crianças, mas também porque essas deslumbrantes desconhecidas, atrizes do romanesco primeiro ano e sobre quem eu não cessava de pedir informações, não mais tinham mistérios para mim. Obedientes aos meus caprichos, haviam se tornado, para mim, simples moças em flor, das quais não me sentia mediocremente orgulhoso de ter colhido, escondido de todos, a mais bela rosa.

Entre os dois cenários de Balbec, tão diversos um do outro, havia o intervalo de vários anos em Paris, sobre cujo longo percurso se colocavam tantas visitas de Albertine.

Eu a via, nos diferentes anos de minha vida, ocupando, em relação a mim, posições diversas que me faziam sentir a beleza dos espaços interferidos, aquele longo tempo que se passara sem que eu a visse, e sobre cuja profundeza diáfana a rósea pessoa diante de mim se modelava com misteriosas sombras e poderoso relevo. Este, aliás, era devido à superposição não só das imagens sucessivas que Albertine fora para mim, mas também das grandes qualidades de inteligência e coração, dos defeitos de caráter, uns e outros insuspeitados de mim, que Albertine, numa germinação, numa multiplicação de si mesma, numa florescência carnuda de cores sombrias, acrescentara a uma natureza antigamente quase nula, e agora difícil de aprofundar. Pois as criaturas, mesmo as que, de tanto sonharmos com elas, nos pareciam apenas uma imagem, uma figura de Benozzo Gozzoli que se destacasse sobre um fundo esverdeado e cujas únicas variações estávamos dispostos a acreditar se referissem ao ponto em que nos colocáramos para contemplá-la, à distância que nos afastava dela, à iluminação, essas criaturas, ao passo que mudam em relação a nós, igualmente mudam em si mesmas; e houvera enriquecimento, solidificação e acréscimo de volume na figura outrora simplesmente recortada contra o mar. De resto, não era somente o mar do fim do dia que vivia para mim em Albertine, mas, por vezes, a sonolência do mar na areia pelas noites de luar. De fato, algumas vezes, quando eu me levantava para procurar um livro no gabinete de meu pai, minha amiga, que me pedira licença para se deitar durante a minha ausência, achava-se tão cansada devido à longa excursão que fizera de manhã e de tarde, ao ar livre, que, mesmo se eu demorasse um instante apenas fora do quarto, ao voltar encontrava-a adormecida e não a despertava. Estendida ao comprido em minha cama, numa atitude de um natural que não se teria podido inventar, parecia-me uma longa haste em flor que tivessem colocado ali; e de fato assim era; o poder de devanear, que eu só possuía em sua ausência, reencontrava-o nesses instantes junto dela, como se, dormindo, ela se tornasse uma planta. Desse modo seu sono realizava, em certa medida, a possibilidade do amor; sozinho, eu podia pensar nela, mas ela me faltava, não a possuía. Presente, eu lhe falava, mas estava por demais ausente de mim mesmo para poder pensar.

Quando ela dormia, eu já não precisava falar, sabia que não era mais observado por ela, não tinha mais necessidade de viver à superfície de mim mesmo. Fechando os olhos, perdendo a consciência, Albertine se despojara, um após outro, de seus diferentes caracteres de humanidade que me haviam decepcionado desde o dia em que a conhecera. Ela só estava animada da vida inconsciente dos vegetais e das árvores, vida mais diversa da minha, mais estranha e que, no entanto, me pertencia mais.

Seu eu não fugia em todos os momentos, como quando conversávamos, pelas saídas do olhar e do pensamento inconfesso. Recolhera a si própria tudo o que,

lhe pertencendo, estava do lado de fora; refugiara-se, enclausurada, resumida, em seu corpo. Tendo-a sob o meu olhar, em minhas mãos, tinha eu aquela impressão de possuí-la por inteiro, o que não ocorria quando ela estava acordada. Sua vida era-me submissa, exalava para mim o seu leve sopro. Eu escutava aquela murmurante emanação misteriosa, suave como um zéfiro marinho, fascinante como esse luar que era o seu sono. Enquanto este durava, eu podia sonhar com ela e todavia observá-la, e, quando ele se tornava mais profundo, tocá-la e beijá-la. O que eu experimentava então era um amor diante de algo tão puro, tão imaterial, tão misterioso, como se me encontrasse diante das criaturas inanimadas que são as belezas naturais. E, de fato, logo que ela dormia um pouco mais profundamente, deixava de ser apenas a planta que fora; seu sono, à beira do qual eu cismava com franca volúpia de que nunca me cansava, e de que poderia gozar indefinidamente, era para mim toda uma paisagem. Seu sono punha junto a mim algo tão calmo, tão sensualmente delicioso como essas noites de lua cheia na baía de Balbec, que se tornava suave como um lago e onde os ramos mal se moviam; onde, estendidos na areia, escutaríamos sem fim o quebrar do refluxo.

Entrando no quarto, eu ficara de pé na soleira sem ousar fazer barulho e não ouvia outro senão o do hálito, que vinha expirar em seus lábios a intervalos intermitentes e regulares, como um refluxo, porém mais brando e suave. E, no momento em que meu ouvido recolhia esse rumor divino, parecia-me que era, nele condensada, toda a pessoa, toda a vida da cativa encantadora, estendida ali aos meus olhos. Passavam carros barulhentos na rua; sua fronte, porém, permanecia imóvel, tão pura, sua respiração bem leve, reduzida à simples expiração do ar necessário. Depois, vendo que seu sono não seria perturbado, eu me adiantava com prudência, sentava-me na cadeira ao lado da cama e depois na própria cama. Passei noites encantadoras conversando e brincando com Albertine, porém nunca tão doces como quando a olhava dormir.

Por mais que ela tivesse tagarelando, jogando cartas, aquele ar natural que uma atriz não poderia imitar, era uma naturalidade mais profunda, uma naturalidade de segundo grau o que me oferecia o seu sono. A cabeleira, descendo-lhe ao longo do rosto corado, estava pousada a seu lado na cama e, às vezes, uma mecha isolada e reta dava o mesmo efeito de perspectiva dessas árvores lunares, delgadas e pálidas, que vemos nos quadros *rafaelescos* de Elstir. Se os lábios de Albertine estavam fechados, em compensação, da maneira como eu me colocara, suas pálpebras pareciam tão pouco unidas que quase me perguntava se ela estava dormindo de fato. Ainda assim, essas pálpebras baixas davam a seu rosto aquela continuidade perfeita que os olhos não interrompem. Há pessoas cujo rosto assume beleza e majestade desacostumadas quando não se lhes vê o olhar. Media com os olhos, Albertine estendida a meus pés. Por instantes, ela era

percorrida por uma agitação leve e inexplicável, como as folhagens que uma brisa inesperada convulsiona durante alguns momentos. Tocava no cabelo, e depois, não o tendo feito como desejava, estendia de novo a mão em movimentos tão seguidos, tão voluntários, que eu estava certo de que ela ia acordar. De modo algum; tornava-se calma no sono, que não abandonara. Daí em diante permanecia imóvel.

Pousara a mão sobre o peito num abandono do braço tão ingenuamente pueril, que eu era obrigado, ao olhá-la, a conter o sorriso que, pela sua seriedade, inocência e graça, nos provocam as criancinhas. A mim, que conhecia várias Albertines numa só, parecia-me ver muitas outras mais repousando a meu lado.

Suas sobrancelhas, arqueadas como jamais as vira, cercavam os globos de suas pálpebras como um ninho suave de alcíone. Raças, atavismos e vícios repousavam no seu rosto. De cada vez que movia a cabeça criava uma nova mulher, freqüentemente não suspeitada por mim. Parecia-me possuir não uma, mas inúmeras moças. Sua respiração, aos poucos mais profunda, agora erguia-lhe o colo regularmente e, por sobre ele, as mãos cruzadas, as pérolas, deslocadas de modo diferente pelo mesmo movimento, como esses barcos, essas correntes de amarração que o movimento das ondas faz oscilar. Então, sentindo que ela estava em pleno sono, e que eu não iria ferir-me em escolhos de consciência agora recobertos pela maré montante do sono profundo, deliberadamente saltava para a cama, deitava-me ao comprido a seu lado, estreitava o seu talhe com um dos braços, pousava os lábios em seu rosto e no seu coração, e depois sobre todas as partes do corpo lhe pousava a mão que ficara livre, e que também era erguida como as pérolas pela respiração de Albertine; eu mesmo era levemente deslocado pelo seu movimento regular. Embarcara no sono de Albertine.

Às vezes, tal sono me ofertava um prazer menos puro. Para tanto, eu não precisava fazer nenhum movimento; apertava a perna contra a dela, como um remo que se deixa à toa e ao qual se imprime, de vez em quando, uma leve oscilação parecida ao bater intermitente da asa, como fazem os pássaros que dormem voando. Para olhá-la, eu escolhia aquela face de seu rosto que nunca se via e era tão linda. Compreende-se, a rigor, que as cartas que alguém nos escreve sejam mais ou menos iguais entre si e desenhem uma imagem bem diversa da pessoa que se conhece para que constituam uma segunda personalidade. Porém, quanto é mais estranho que uma mulher seja colada, como Rosita e Doodica{44}, a outra mulher, cuja beleza diversa leva a induzir um outro caráter, e que para ver uma seja necessário colocarmo-nos de perfil, e para ver a outra, de frente. O rumor de sua respiração, tornando-se mais forte, podia dar a ilusão do ofegante prazer e, quando o meu chegava ao fim, podia beijá-la sem interromper o seu sono. Nesses momentos, parecia-me acabar de

possuí-la mais completamente, como uma coisa inconsciente e sem resistência da natureza muda. Não me inquietavam as palavras que ela às vezes deixava escapar ao dormir; o seu sentido me fugia, e, além disso, fosse qual a pessoa desconhecida a que se referissem, era sobre a minha mão, meu rosto, que sua mão, por vezes animada de um leve estremecimento, crispava-se por um instante. Eu fruía o seu sono com um amor desinteressado e calmante, assim como ficava horas a escutar a arrebentação das ondas. Talvez seja necessário que as criaturas se mostrem capazes de nos fazer sofrer muito, para que, nas horas de remissão, nos proporcionem o mesmo alívio que a natureza. Não tinha de lhe responder como quando conversávamos, e, mesmo que me calasse, como fazia também quando ela falava, ao ouvi-la falar eu não penetrava tão profundamente nela. Continuando a ouvi-la, a recolher de instante em instante o murmúrio tranqüilizador, como uma brisa imperceptível de seu hálito puro era toda uma existência fisiológica que estava diante de mim e para mim; tanto tempo como antigamente ficava deitado na praia, ao luar, teria ficado ali a contemplá-la, a escutá-la. Às vezes, dir-se-ia que o mar se encapelava, que a tempestade se fazia sentir até na baía, e eu me punha, como ela, a escutar o ronco do seu sopro, que rugia.

Às vezes, quando ela sentia muito calor, tirava, já quase dormindo, o seu quimono, e o atirava numa poltrona. Enquanto ela dormia, eu dizia comigo que todas as suas cartas estavam no bolso interno desse quimono onde as punha sempre. Uma assinatura, um encontro marcado seriam o bastante para provar uma mentira ou dissipar uma suspeita. Quando sentia ser bem profundo o sono de Albertine, afastando-me dos pés da sua cama onde a contemplava há muito sem fazer um só movimento, eu arriscava um passo, tomado de ardente curiosidade, sentindo o segredo dessa vida oferecido, frouxo e sem defesa naquela poltrona. Talvez também desse aquele passo porque contemplar sem se mexer acaba por tornar-se cansativo. E assim, na ponta dos pés, voltando-me sem cessar para ver se Albertine não acordava, eu ia até a poltrona. Ali parava, ficava longo tempo a olhar o quimono como tinha estado longo tempo a contemplar Albertine. Mas (e talvez tenha sido um erro) nunca toquei no quimono, nem coloquei a mão no bolso ou olhei as cartas. Por fim, vendo que não me resolvia, desandava o caminho com passos de lã, voltava para junto da cama de Albertine e me punha de novo a olhá-la dormindo, ela que não me dizia nada, ainda que eu visse no braço da poltrona aquele quimono que talvez me dissesse muitas coisas. E, assim como as pessoas alugam, por cem francos diários, um quarto no hotel de Balbec a fim de respirar o ar marinho, eu achava muito natural gastar mais do que isso com ela, pois tinha o seu hálito junto à face, em sua boca, que contra a minha eu entreabria e onde pela minha língua passava a sua vida.

Mas a este prazer de vê-la dormir, e que era tão bom quanto senti-la viver, um

outro punha-lhe fim, e era o de vê-la despertar. A um grau mais profundo e misterioso, era o próprio prazer de que ela morasse em minha casa. Sem dúvida era-me doce tal prazer, à tarde, quando ela descia do carro, que fosse ao meu apartamento que ela regressasse. Era-o mais ainda que, quando do fundo do sono ela subisse os últimos degraus da escadaria dos sonhos, que fosse em meu quarto que ela renascesse para a consciência e para a vida, que ela se indagasse por um instante "onde estou?", e, vendo os objetos de que estava cercada, a lâmpada cuja luz fazia quase imperceptivelmente piscar os olhos, pudesse responder que estava em sua casa ao constatar que despertava na minha. Nesse primeiro momento delicioso de incerteza, parecia-me tomar de novo, mais completamente, posse de Albertine, visto que em vez de ela, depois de ter saído, entrar em seu quarto, era o meu quarto, assim que fosse reconhecido por Albertine, que ia encerrá-la, contê-la, sem que os olhos de minha amiga manifestassem qualquer perturbação, permanecendo tão calmos como se ela não tivesse dormido. A hesitação de despertar, revelada pelo seu silêncio, não o era pelo olhar.

Reencontrava a palavra, e dizia:

- Meu Marcel – ou - Meu querido-, ambos seguidos de meu nome de batismo, o qual, atribuindo ao narrador o mesmo prenome do autor deste livro, daria: "Meu Marcel", "Meu querido Marcel". Desde então, eu já não permitia que, em família, os parentes, chamando-me também "querido", tirassem às palavras deliciosas que me dizia Albertine o privilégio de serem únicas. Ao dizê-las, ela fazia um pequeno trejeito que logo se transformava em beijo. Tão depressa como adormecera ainda há pouco, com a mesma rapidez despertava.

Esse enriquecimento real, esse progresso autônomo de Albertine não eram a causa importante da diferença existente entre o meu modo de vê-la agora e o meu modo de vê-la a princípio em Balbec, como não o eram também o meu deslocamento no tempo, e nem o fato de olhar uma moça sentada junto a mim sob a lâmpada que a ilumina de modo diferente do que o sol quando ela vinha caminhando pela praia. Muito mais tempo teria podido separar as duas imagens sem trazer uma mudança tão completa; ela ocorrera, essencial e repentina, quando eu soubera que minha amiga praticamente fora educada pela amiga da Srta. Vinteuil. Se antigamente eu me exaltara julgando perceber mistério nos olhos de Albertine, agora sentia-me feliz apenas nos momentos em que desses olhos, e até dessas mesmas faces, refletidoras como olhos, às vezes tão calmas mas rapidamente intratáveis, eu lograva expulsar todo mistério. A imagem que eu buscava, em que descansava, contra a qual desejaria morrer, não era mais a de Albertine de uma vida desconhecida, era a de uma Albertine tão conhecida de mim quanto possível (e é por isso que este amor não poderia ser duradouro, a menos que permanecesse infeliz, pois por definição não satisfazia a necessidade de mistério), uma Albertine que não refletisse um mundo distante, que não

desejasse outra coisa-de fato, havia instantes em que aquilo parecia ser assim-senão estar comigo, inteiramente semelhante a mim, uma Albertine imagem do que precisamente era meu e não do desconhecido. Quando é assim de uma hora angustiada relativa a uma criatura, quando é da incerteza de poder ou não retê-la que nasceu um amor, este amor traz a marca da revolução que o criou, e lembra muito pouco o que tínhamos visto até então quando pensávamos nessa mesma criatura. E minhas primeiras impressões diante de Albertine, à beira das ondas, podiam subsistir numa pequena parte em meu amor por ela; na realidade, tais impressões anteriores ocupam muito pouco lugar num amor desse gênero; em sua força, em seu sofrimento, em sua necessidade de doçura e seu refúgio numa lembrança tranqüila, apaziguadora, a que desejaríamos ater-nos, sem nada mais saber sobre aquela a quem amamos, mesmo se houvesse alguma coisa odiosa a saber bem mais até, não consultar senão essas impressões anteriores -, um tal amor é feito de coisa bem diversa! Às vezes eu apagava a luz antes que ela voltasse. Era na escuridão, mal guiada pela luz de um tição na lareira, que ela se deitava a meu lado. Minhas mãos, minhas faces, eram os únicos que a reconheciam sem que meus olhos a vissem, meus olhos que muitas vezes temiam encontrá-la mudada. De modo que, graças a esse amor cego, ela se sentia talvez mais rodeada de carinho do que habitualmente.

Eu me despia, deitava-me, e, com Albertine sentada num canto da cama, recomeçávamos nossa partida ou a conversação interrompida por beijos; e, no desejo, única coisa que nos faz achar interesse na existência e no caráter de uma pessoa, ficamos tão fiéis à nossa natureza (se, em compensação, abandonamos sucessivamente as diversas criaturas amadas por nós mesmos, uma após outra) que, uma vez avistando-me no espelho no momento em que beijava Albertine chamando-a de "minha filhinha", a expressão triste e apaixonada de minha própria fisionomia, semelhante à que teria sido outrora junto de Gilberte, de que já não me recordava, à que talvez fosse um dia junto de outra se alguma vez devesse esquecer Albertine, fez-me pensar que, acima das considerações pessoais (querendo o instinto que considerássemos a atual como a única verdadeira), eu preenchia os deveres de uma devoção ardente e dolorosa, dedicada como uma oferenda à juventude e à beleza da mulher. E contudo, a esse desejo que honrava com um ex-voto a juventude, bem como às lembranças de Balbec, misturava-se, à minha necessidade de assim conservar todas as noites Albertine junto a mim, alguma coisa que até então fora estranha à minha vida, pelo menos à vida amorosa, se não fosse inteiramente nova em minha vida. Era um tamanho poder de alívio como eu jamais havia experimentado desde os dias longínquos de Combray, quando minha mãe, debruçada sobre meu leito, vinha me trazer o repouso num beijo. Por certo eu ficaria bem espantado, naquela época, se me houvessem dito que eu não era inteiramente bom e sobretudo que tentaria alguma vez privar alguém de um prazer. Sem dúvida, eu me conhecia

bem mal então, pois meu prazer de ter Albertine morando em minha casa era muito menos um prazer positivo do que o de ter retirado do mundo, onde cada um poderia desfrutá-la por seu turno, a moça em flor que, se pelo menos não me dava muita alegria, também não a dava aos outros. A ambição e a glória teriam me deixado indiferente. Mais ainda, eu era incapaz de sentir ódio. E, no entanto, para mim, amar carnalmente era o mesmo que triunfar sobre numerosos concorrentes. Nunca será demais repetir: era acima de tudo um alívio.

Antes que Albertine regressasse, por mais que tivesse duvidado dela, por mais que a tivesse imaginado no quarto de Montjouvain, tão logo ela se sentava de *peignoir* diante de minha poltrona, ou se, como era mais freqüente, eu ficara deitado nos pés da cama, logo lhe transmitia as minhas dúvidas, confiava-as, para que ela as dissipasse, na abdicação de um crente que faz a sua oração. Durante todo o serão ela pudera, maliciosamente enrodilhada na minha cama, brincar comigo feito uma grande gata; seu narizinho róseo, que ela fazia ainda mais diminuto na ponta com um olhar faceiro que lhe dava a finura privilegiada de certas pessoas um tanto gordas, conseguira dar-lhe uma aparência rebelde e inflamada; pudera deixar cair uma mecha de seus longos cabelos negros sobre o rosto de cera rosada e, semicerrando os olhos, descruzando os braços, parecera dizer-me: "Faze de mim o que quiseres." Quando, no momento de me deixar, aproximava-se de mim para me dar boa-noite, era a doçura quase familiar que eu beijava dos dois lados do seu pescoço firme, que então eu nunca achava por demais moreno nem de granulação suficientemente grossa, como se tais sólidas qualidades estivessem relacionadas em Albertine com alguma bondade leal.

- Virá conosco amanhã, grande malvado? - perguntava antes de me deixar.

- Aonde vai?

- Isto dependerá do tempo e de você. Ao menos escreveu alguma coisa esta tarde, queridinho? Não? Então não adiantou de nada não ter vindo passear. A propósito, agora há pouco, quando cheguei, você reconheceu meu jeito de andar, adivinhou que era eu?

- Naturalmente. Como poderia me enganar? Como não reconheceria entre mil o andar da minha gatinha? Que ela me permita descalçá-la antes que vá deitar-se, isto me daria muito prazer. Você é tão gentil e tão rosada em toda essa brancura de rendas.

Tal era a minha resposta; no meio das expressões carnais, reconhecer-se-ão outras que eram próprias à minha mãe e à minha avó. Pois aos poucos eu ia começando a me parecer com todos os parentes, com meu pai que de um modo bem diverso de mim, é claro, pois se as coisas se repetem, é com grandes variações se interessava tanto pelo tempo que fazia; e não apenas com ele, mas cada vez mais com a tia Léonie. Sem isso, Albertine não teria podido ser para

mim senão um motivo para sair, para não deixá-la ir só, sem meu controle. Minha tia Léonie, inteiramente beata, e com a qual eu teria jurado não ter um só ponto em comum, eu tão apaixonado por prazeres, totalmente diverso na aparência daquela maníaca que jamais conhecera nenhum e rezava o terço o dia inteiro, eu que sofria por não poder realizar uma vida literária, ao passo que ela tinha sido a única pessoa da família que ainda não pudera compreender que o ato da leitura era algo diverso de passar o tempo e de "divertir-se", o que tornava, mesmo no tempo da Páscoa, a leitura permitida no domingo, quando toda ocupação séria é proibida, a fim de que eu seja santificado unicamente pela oração. Ora, apesar de encontrar todos os dias a causa disso numa indisposição particular, o que me fazia tantas vezes permanecer deitado era uma criatura (não Albertine, não uma mulher que eu amava), uma criatura com mais força sobre mim do que um ser amado, era, transmigrada em mim, despótica a ponto de fazer calar às vezes as minhas ciumentas suspeitas, ou pelo menos ir verificar se eram fundadas ou não, era a minha tia Léonie. Não bastava que eu me parecesse exageradamente com meu pai, a ponto de não me contentar em consultar o barômetro como ele, mas de tornar-me eu próprio um barômetro vivo, não era bastante que me deixasse comandar pela tia Léonie para ficar observando o tempo, mas do quarto e até da minha cama? Eis que também agora falava a Albertine, ora como a criança que eu fora em Combray falando a minha mãe, ora como a minha avó me falava. Quando ultrapassamos uma certa idade, a alma da criança que fomos e a alma dos mortos de que saímos vêm jogar-nos, às mancheias, suas riquezas e seus maus destinos, exigindo colaborar nos novos sentimentos que experimentamos e nos quais, apagando sua antiga efígie, nós os refundimos em uma criação original. Assim todo o meu passado, desde os anos mais remotos, e para além deles o passado de meus pais, misturavam ao meu amor impuro por Albertine a doçura de um carinho a um tempo filial e maternal. Devemos receber, a partir de um dado momento, todos os nossos parentes chegados de tão longe e assentados ao nosso redor.

Antes que Albertine me obedecesse e me deixasse tirar-lhe os sapatos, eu lhe entreabria a camisa. Os dois pequenos seios, empinados, eram tão redondos que pareciam menos fazer parte integrante de seu corpo do que terem amadurecido ali como dois frutos; e seu ventre (dissimulando o lugar que no homem se enfeia, como numa estátua desvendada, o grampo que ficou gravado) fechava-se na junção das coxas por duas valvas de uma curvatura tão suave, tão repousante, tão claustral, como a do horizonte quando o sol já desapareceu. Ela tirava os sapatos e se deitava perto de mim. Ó grandes atitudes do Homem e da Mulher, em que se procura juntar, na inocência dos primeiros dias e com a humildade da argila, o que a Criação separou, em que Eva fica admirada e submissa diante do Homem, ao lado de quem ela desperta, como ele próprio, ainda só, diante de Deus que o formou. Albertine cruzava os braços atrás dos cabelos pretos, os quadris bojudos,

a perna caída numa inflexão de pescoço de cisne que se alonga e se recurva para voltar sobre si mesmo. Só quando ela estava inteiramente de lado, é que se via um certo aspecto de seu rosto (tão bom e tão bonito de frente) que eu não podia suportar, adunco feito em certas caricaturas de Leonardo da Vinci, parecendo revelar maldade, avidez pelo lucro, artimanhas de uma espiã cuja presença em minha casa me teria horrorizado, e que parecia desmascarada por esses perfis. E logo eu tomava o rosto de Albertine entre as mãos e a repunha de frente para mim.

- Seja bonzinho, prometa-me que, se não sair amanhã, há de trabalhar - dizia a minha amiga recolocando a camisa.

- Sim, mas não ponha ainda o seu *peignoir*. -

Às vezes eu acabava dormindo ao lado dela. O quarto esfriara, era preciso lenha. Eu tentava encontrar a campainha às minhas costas; não a alcançava, tateando todos os varões de cobre que não eram os dois entre os quais ela ficava pendurada e, a Albertine, que saltara da cama para que Françoise não nos visse lado a lado, eu dizia:

- Não, volte para aqui por um instante; não consigo achar a campainha.

Instantes doces, alegres, na aparência inocentes e onde, no entanto, acumula-se a possibilidade do desastre, o que faz da vida amorosa a mais contrastada de todas, aquela em que a chuva imprevisível de enxofre e pez tomba após os mais risonhos momentos, e em que, a seguir, sem ter coragem de tirar uma lição da desgraça, reconstruímos imediatamente sobre os flancos da cratera, de onde só poderá sobrevir a catástrofe. Eu tinha a despreocupação daqueles que julgam duradoura a sua felicidade. Justamente porque foi necessária essa doçura para engendrar a dor -e aliás ela voltará para acalmá-la a intervalos -é que os homens podem ser sinceros com outrem, e até consigo mesmos, quando enaltecem a bondade de uma mulher para com eles, embora, feitas as contas, na intimidade de sua ligação circule constantemente, de modo secreto, inconfessado aos outros ou involuntariamente revelado por perguntas e inquéritos, uma dolorosa inquietação. Esta, porém, não poderia ter nascido sem a doçura prévia; mesmo a seguir, a doçura intermitente é necessária para tornar suportável o sofrimento e evitar rupturas; e a dissimulação do inferno secreto que é a vida em comum com essa mulher, até a ostentação de uma intimidade que fingimos ser doce, exprime um ponto de vista verdadeiro, um nexo geral de causa e efeito, uma das formas segundo as quais a produção da dor se tornou possível.

Já não me admirava de que Albertine ali se encontrasse e só devesse sair no dia seguinte comigo ou sob a proteção de Andrée. Tais hábitos de vida em comum, essas grandes linhas que delimitavam a minha existência e em cujo interior não podia penetrar ninguém exceto Albertine, e também (no plano futuro, ainda

desconhecido de mim, de minha vida ulterior, como o que é traçado por um arquiteto quanto aos monumentos que só se erguerão bem mais tarde) as linhas distantes, paralelas a essas, e mais amplas, com as quais se esboçava em mim, como uma ermida isolada, a fórmula um tanto rígida e monótona de meus amores futuros, na verdade tinham sido traçadas naquela noite em Balbec, onde, depois que Albertine me revelara, no trenzinho, quem a havia educado, eu desejara a todo preço subtraí-la a certas influências e impedi-la de estar longe da minha presença durante alguns dias. Os dias tinham-se sucedido uns aos outros, os hábitos tornaram-se maquinais, mas, como esses ritos de que a História busca descobrir o significado, eu poderia dizer (e não o desejaria) a quem me houvesse perguntado o que significava essa vida de retiro na qual me seqüestrava, a ponto de não ir mais ao teatro, que ela se originava na ansiedade de uma noite e na necessidade de provas a mim mesmo, nos dias seguintes, que a moça cuja infância deplorável eu acabara de conhecer, não teria a possibilidade, se o quisesse, de se expor às mesmas tentações. Não pensava senão muito raramente nessas possibilidades, mas elas deviam entretanto permanecer vagamente presentes na minha consciência. O fato de destruí-las-ou de tentá-lo -dia após dia era sem dúvida o motivo pelo qual era-me tão doce beijar aquelas faces que não eram mais bonitas que muitas outras; sob toda doçura carnal um pouco profunda, existe a permanência de um perigo.

Eu havia prometido a Albertine que, se não saísse com ela, haveria de entregar-me ao trabalho. Mas, no dia seguinte, como se aproveitando de nosso sono a casa tivesse miraculosamente viajado, despertei num tempo diferente, sob diverso clima. Não se trabalha no momento de desembarcar num novo país, a cujas condições é preciso adaptar-se.

Ora, todo dia era para mim um país diferente. Minha própria preguiça, sob as formas novas de que se revestia, como a teria eu reconhecido? Logo, dir-se-á que, em dias de mau tempo irremediável, somente a residência na casa, situada no meio de uma chuva igual e contínua, tinha a deslizante doçura, o silêncio calmante, o interesse de uma navegação; noutra ocasião, em um dia claro, ficando imóvel na cama, era deixar rodar as sombras em torno a mim, como à volta de um tronco de árvore. De outras vezes ainda, aos primeiros toques dos sinos de um convento próximo, raros como as devotas matinais, mal embranquecendo o céu sombrio com sua saraiva incerta que o vento morno fundia e dispersava, eu discernira um desses dias tempestuosos, desordenados e agradáveis, em que os telhados, batidos por pancadas intermitentes que uma brisa ou um raio de sol logo secam, deixam deslizar, aos arrulhos, uma gota de chuva e, enquanto o vento não recomeça a rodopiar, alisam ao sol momentâneo, que as irisa, suas ardósias furta-cor; um desses dias cheios de tantas mudanças de tempo, de incidentes aéreos, de tempestades, que o preguiçoso não os dá por

perdidos, pois se interessou pela atividade que a atmosfera tem desenvolvido em vez dele, agindo de certo modo em seu lugar; dias semelhantes a esses tempos de rebelião ou de guerra que não parecem vazios ao estudante que não vai à escola, porque, nos arredores do Palácio da Justiça ou lendo os jornais, tem a ilusão de achar, nos acontecimentos ocorridos, à falta da tarefa que não pôde cumprir, um proveito para a sua inteligência e uma desculpa para sua ociosidade; enfim, dias aos quais se podem comparar aqueles em que ocorre, na nossa vida, uma crise excepcional e da qual o que nunca fez nada pensa que vai extrair, se tudo termina bem, hábitos de trabalho: por exemplo, a manhã em que ele sai para um duelo que vai se dar em condições especialmente perigosas; então lhe aparece, de súbito, no momento em que talvez lhe vá ser tirada, o preço de uma existência de que poderia ter aproveitado para iniciar uma obra ou simplesmente desfrutar prazeres, e da qual não soube gozar nada. "Se pudesse escapar com vida" pensa ele, "como começaria logo a trabalhar e também como haveria de me divertir!". De fato, a vida assumiu de repente, a seus olhos, um valor bem maior, pois ele põe nela tudo o que lhe parece que ela pode lhe oferecer, e não o pouco que ele lhe faz dar habitualmente. Vê-a segundo o seu desejo, não como sua experiência lhe ensinou que ele sabia torná-la, isto é, tão medíocre. Num instante, sua vida se encheu de labores, de viagens, de excursões a montanhas, de todas as belas coisas que ele imagina poderão ficar impossíveis com o desfecho funesto desse duelo, sem pensar que já o eram antes que se tratasse do duelo, devido aos maus hábitos que, mesmo sem duelo, teriam permanecido. Ele volta para casa sem sequer ter sofrido um ferimento. Mas encontra os mesmos obstáculos aos prazeres, às excursões, às viagens, a tudo de que há pouco receara por um momento ficar despojado para sempre pela morte; basta para isso a vida. Quanto ao trabalho-tendo as circunstâncias excepcionais por efeito exaltar o que de antemão existia no homem, no trabalhador o trabalho e no preguiçoso a preguiça-, resolve tirar férias.

Eu fazia como ele e como sempre fizera desde que tomara resolução de me pôr, a escrever, assumida outrora, mas que me parecia datar de ontem, porque havia considerado cada dia, um após outro, como não tendo chegado. Procedia da mesma forma com este, deixando passar, sem nada fazer, seus aguaceiros e estiadas, e prometendo a mim mesmo começar a trabalhar no dia seguinte. Porém, nele eu já não era mais o mesmo sob um céu sem nuvens; o som dourado dos sinos não continha somente luz, como o mel, mas a sensação de luz (e também o sabor enjoativo dos doces, porque em Combray muitas vezes ele se demorava, como uma vespa, sobre nossa mesa depois de retirados os pratos, talheres e toalha). Nesse dia de sol deslumbrante, ficar o dia inteiro de olhos fechados era uma coisa permitida, comum, salubre, agradável e própria da estação, como manter as janelas fechadas devido ao calor. Eram em dias assim que, no começo da minha segunda temporada em Balbec, eu ouvia os violinos da

orquestra por entre as massas de água azuladas da maré montante. Como eu possuía mais Albertine hoje! Dias havia em que o rumor de um sino que dava as horas trazia sobre a esfera de sua sonoridade uma placa tão fresca, tão poderosamente cortada de umidade ou luz, que era como uma tradução para cegos, ou, se quiserem, como uma tradução musical do encanto da chuva ou do encanto do sol. De modo que, nesse momento, de olhos fechados em meu leito, eu dizia comigo que tudo pode ser transposto, e que um universo somente audível poderia ser tão variado como o outro. Remontando preguiçosamente o correr do tempo como numa barca, e vendo sempre aparecer à minha frente novas recordações encantadas, que eu não escolhia, que no instante anterior me eram invisíveis e que minha memória me apresentava, uma após outra, sem que pudesse escolhê-las, eu prosseguia preguiçosamente, naqueles espaços uniformes, o meu passeio ao sol.

Aqueles concertos matinais de Balbec não eram antigos. E, no entanto, naquele momento relativamente próximo, eu pouco me importava com Albertine. Mesmo nos primeiros dias após a chegada, não tivera conhecimento de sua presença em Balbec. Por quem o soubera então? Ah, sim! Por Aimé. Fazia um dia lindo como este. Bom Aimé! Estava contente de me rever. Mas ele não gosta de Albertine. Nem todos podem gostar dela. Sim, foi ele quem me informou que ela estava em Balbec. Como sabia disso? Ah, ele a tinha encontrado, e lhe achara umas maneiras estranhas. Neste momento, abordando o relato de Aimé por outro ângulo que não o que ele me apresentara no instante em que o fizera, meu pensamento, que até então navegara sorridente sobre aquelas águas bem-aventuradas, estourava de súbito, como se houvesse dado de encontro a uma mina invisível e perigosa, insidiosamente colocada naquele ponto da minha memória. Ele me dissera que a tinha encontrado, que lhe achara umas maneiras estranhas. Que pretendera dizer com maneiras estranhas? Eu tinha entendido maneiras vulgares, pois, para antecipadamente contradizê-lo, havia declarado que ela possuía distinção. Mas não, talvez ele quisesse dizer maneiras de Gomorra. Ela estava com uma amiga, talvez se abraçassem pela cintura e olhassem para outras mulheres, talvez de fato tivessem um "jeito" que eu jamais vira em Albertine na minha presença. Quem seria a amiga? Onde Aimé tinha encontrado essa odiosa Albertine? Eu tentava lembrar-me exatamente do que Aimé havia dito, para ver se aquilo podia se referir ao que imaginava, ou se ele quisera falar apenas de maneiras vulgares. Porém, por mais que indagasse, a pessoa que fazia a pergunta e aquela que podia oferecer a lembrança eram infelizmente uma só e a mesma pessoa, eu, que momentaneamente me duplicava, mas sem nada acrescentar. Eu questionava debalde, era eu quem respondia, não ficava sabendo mais nada. Já não pensava na Srta. Vinteuil. Nascido de uma suspeita nova, o acesso de ciúme que me assaltava era igualmente novo, ou melhor, não passava do prolongamento, da extensão de tal

suspeita; tinha o mesmo cenário, que já não era Montjouvain, mas o caminho em que Aimé havia encontrado Albertine; e, por objeto, algumas amigas, das quais uma ou outra poderia ser a que estava com Albertine naquele dia. Talvez fosse uma certa Élisabeth, ou então, as duas moças que Albertine olhara pelo espelho no cassino, quando parecia não vê-las. Sem dúvida, mantinha relações com elas, e aliás também com Esther, a prima de Bloch. Tais relações, caso me fossem reveladas por um terceiro, teriam bastado para que eu ficasse meio morto, mas como era eu que as imaginava, tinha o cuidado de acrescentar bastante incerteza para amortecer o sofrimento. Sob a forma de suspeitas, chega-se a observar diariamente, em doses enormes, essa mesma idéia de que se é traído, de que uma quantidade bem pequena poderia ser mortal, inoculada pelo pico de uma palavra lancinante. E é por isso, sem dúvida, e por um derivado do instinto de conservação, que o mesmo ciumento não hesita em formular suspeitas atrozes acerca de fatos inocentes, com a condição, diante da primeira prova que lhe tragam, de se recusar à evidência. Além disso, o amor é um mal incurável, como essas diáteses em que o reumatismo só dá um pequeno descanso para ceder lugar a enxaquecas epileptiformes. Serenada a suspeita ciumenta, eu ficava agastado com Albertine por não ter sido carinhosa, quem sabe por ter zombado de mim com Andrée. Pensava com terror no juízo que ela formaria se Andrée lhe repetisse todas as nossas conversas; o futuro me parecia atroz. Essas tristezas só me deixavam se uma nova suspeita ciumenta me lançava em outras buscas, ou ia se, pelo contrário, as manifestações de ternura de Albertine tornassem insignificante a minha felicidade. Quem poderia ser essa moça? Era necessário que eu escrevesse a Aimé, que procurasse vê-lo, e a seguir verificaria suas palavras conversando com Albertine, pondo-a em confissão. Enquanto esperava, julgando que se tratasse da prima de Bloch, pedi a este, que absolutamente não entendeu com que objetivo, que me mostrasse uma só fotografia dela, ou, bem mais, que me fizesse encontrá-la casualmente.

Quantas pessoas, cidades, estradas, o ciúme assim nos faz tão ávido para conhecê-las! Ele é uma sede de saber graças à qual, sobre pontos isolados uns dos outros, acabamos por ter sucessivamente, todas as noções possíveis, salvo a que desejaríamos. Não se sabe nunca se uma suspeita não nascerá, pois de repente a gente se recorda de uma frase que não era clara, de um álibi que não fora dado sem segundas intenções. No entanto, não voltamos a ver a pessoa, porém existe um ciúme posterior que nasce apenas depois que a deixamos, um ciúme retardatário. Talvez o hábito de guardar no fundo de mim mesmo alguns desejos que eu adquirira, desejo de uma moça da sociedade como as que eu via passar da minha janela seguidas da sua governanta, e mais particularmente daquela de que me falara Saint-Loup, que freqüentava os bordéis, desejo das belas camareiras e especialmente daquela da Sra. Putbus, desejo de ir ao campo, no começo da primavera, a fim de rever os espinheiros-alvos, as macieiras em

flor, as tempestades, desejo de Veneza, desejo de me pôr, a trabalhar, desejo de levar a vida de toda a gente, talvez o hábito de conservar em mim, insaciavelmente, todos esses desejos, contentando-me com a promessa feita a mim mesmo de não me esquecer de satisfazê-los um dia, talvez esse hábito, antigo de tantos anos, do adiamento perpétuo, daquilo que o Sr. de Charlus estigmatizava com o nome de procrastinação, se tivesse tornado tão geral em mim que também se apropriava de minhas suspeitas ciumentas e, fazendo-me tomar nota mentalmente de um dia não deixar de ter uma explicação com Albertine a respeito da moça (talvez das moças, esta parte da narrativa era confusa, apagada, quer dizer, indecifrável, na minha memória) com a qual ou as quais - Aimé a encontrara, fazia-me atrasar essa explicação. Em todo caso, não falaria disso naquela noite com a minha amiga, para não me arriscar a parecer ciumento e aborrecê-la. Todavia, quando, no dia seguinte, Bloch me enviou a fotografia de sua prima Esther, eu me apressei a fazê-la chegar às mãos de Aimé. E no mesmo instante, lembrei-me que Albertine recusara-me, de manhã, um prazer que de fato poderia tê-la cansado. Seria então para reservá-lo para outrem, talvez naquela tarde? A quem? Assim é que é interminável o ciúme, pois mesmo que o ser amado, por exemplo estando morto, não pode mais provocá-lo com seus atos, ocorre que as lembranças, posteriormente a todo acontecimento, comportam-se de repente em nossa memória como outros tantos acontecimentos, lembranças que não tínhamos esclarecido até então, que nos tinham parecido insignificantes, e às quais basta a nossa própria reflexão sobre elas, sem nenhum fato exterior, para conferir um sentido novo e terrível. Não precisamos ser dois, basta estarmos sozinhos no quarto, pensando, para que se produzam novas traições de nossa amante, mesmo que esteja morta. Assim, não se deve temer no amor, como na vida comum, apenas o futuro, mas também o passado, que muitas vezes só se realiza para nós depois do futuro; e não falamos somente do passado de que ficamos sabendo muito tarde, mas daquele que conservamos desde longo tempo em nós e que de súbito aprendemos a decifrar.

Não importa, eu me sentia bem feliz, a tarde findava, e já não tardava a hora em que ia pedir a Albertine o sossego de que precisava. Infelizmente, a noitada que chegou foi uma dessas em que tal sossego não me foi trazido, em que o beijo que Albertine me daria, ao me deixar, bem diferente do beijo habitual, não me acalmaria mais do que outrora o de minha mãe quando estava zangada, e quando eu não tinha coragem de chamá-la de novo, mas sentia que não poderia adormecer. Essas noites agora eram aquelas em que Albertine formara, para o dia seguinte, algum projeto que não queria que eu conhecesse. Se me houvesse confiado, eu teria posto em assegurar a sua realização um ardor que ninguém senão Albertine poderia me inspirar. Mas ela não me dizia nada e, aliás, não tinha necessidade de dizer coisa alguma: logo que regressava, mesmo à porta do quarto, como ainda estivesse de chapéu ou de gorro, eu já vira o desejo

desconhecido, rebelde, encarniçado, indomável. Ora, era muitas vezes nas noites em que eu havia esperado o seu regresso com os mais ternos pensamentos, em que contava saltar-lhe ao pescoço com a maior ternura. Ai de mim, como tivera tantas vezes esses desentendimentos com meus pais, a quem achava frios ou irritados no momento em que corria para junto deles transbordando de ternura; não era nada diante dos desentendimentos que ocorrem entre dois amantes. O sofrimento neste caso é bem menos superficial, é bem mais difícil de suportar, tem por sede uma camada bem mais profunda do coração. Naquela noite, Albertine no entanto foi obrigada a me dizer uma palavra acerca do projeto que havia formado; compreendi imediatamente que ela, no dia seguinte, queria ir fazer uma visita à Sra. Verdurin, visita que, em si mesma, absolutamente não teria me contrariado. Mas com certeza era para ter lá algum encontro, preparar algum prazer. Se não fosse isto, não faria tanta questão dessa visita. Quer dizer, não teria repetido que não se empenhava por ela. Em minha existência, eu havia seguido um caminho inverso ao dos povos que só se utilizam da escrita fonética depois de terem considerado os caracteres apenas como uma seqüência de símbolos; eu, que durante tantos anos só buscara a vida e o pensamento reais das pessoas no enunciado direto que deles me forneciam elas voluntariamente, chegara pelo contrário, por culpa delas, a só dar importância aos testemunhos que não são expressão racional e analítica da verdade; as próprias palavras só me informam sob a condição de serem interpretadas como um afluxo de sangue ao rosto de uma pessoa que se perturba, ou ainda, à maneira de um súbito silêncio. Determinado advérbio (por exemplo, empregado pelo Sr. de Cambremer quando ele julgava que eu era "escritor" e que, não tendo ainda me falado, ao contar uma visita que havia feito aos Verdurin, voltara-se para mim, dizendo:

- Estava lá justamente Borrelli- lançado numa conflagração pela proximidade involuntária, por vezes perigosa, de duas idéias que o interlocutor não exprimia, e da qual eu podia extraí-las por certos métodos de análise ou de eletrólise apropriados, dizia-me mais coisas que um discurso. Às vezes Albertine deixava escapar, em suas frases, um ou outro desses preciosos amálgamas que eu me apressava a "tratar" para transformá-los em idéias claras.

De resto, é uma das coisas mais terríveis para o enamorado que, se os fatos particulares que só a experiência, a espionagem, entre tantas realizações possíveis, fariam conhecer-são tão difíceis de achar, em compensação, a verdade seja tão fácil de perceber ou apenas de pressentir. Muitas vezes eu a vira, em Balbec, fixar sobre as moças que passavam um olhar brusco e prolongado, semelhante a um contato, e após o qual, se eu as conhecia, indagava-me:

- E se as convidássemos? Gostaria de lhes dizer uns desaforos. -

E desde algum tempo, desde que sem dúvida me adivinhara o pensamento,

nenhum pedido para convidar ninguém, nenhuma palavra, nem mesmo um desvio de olhar, que se tornara silencioso e sem finalidade, e com a fisionomia distraída e vaga de que eram acompanhados, tão revelador como outrora a sua magnetização. Pois bem, não me era possível censurá-la ou fazer perguntas a propósito de coisas que ela teria declarado ser tão ínfimas, tão insignificantes, que eu conservara na memória só pelo prazer de "esmiuçar". Já é difícil dizer "por que olhou para aquela moça?" e mais ainda "por que não olhou para ela?" E no entanto eu bem sabia, ou pelo menos teria sabido, se tivesse desejado acreditar, não nas afirmações de Albertine, mas em todos os nadas incluídos em um olhar, provados por ele e por tal ou qual contradição nas palavras, contradição da qual muitas vezes só me dava conta muito tempo depois de tê-la deixado, que me fazia sofrer a noite inteira, na qual não tinha mais coragem de voltar a falar, mas que nem por isso deixava de honrar minha memória de vez em quando com suas visitas periódicas. Muitas vezes, naqueles simples olhares furtivos ou desviados na praia de Balbec, ou nas ruas de Paris, eu podia indagar-me se a pessoa que os provocava não era somente um objeto de desejos no momento em que passava, mas uma conhecida antiga, ou então uma moça de quem lhe haviam falado e da qual, quando eu vinha a sabê-lo, ficava estupefato de que lhe houvessem falado, de tão fora que a julgava de todos os conhecimentos possíveis de Albertine. Mas a Gomorra é um *puzzle* feito de pedaços que vêm de onde menos se espera. Foi assim que, em Rivebelle, compareci a um grande jantar, onde por acaso conhecia, ao menos de nome, as dez convidadas, tão dissemelhantes quanto possível, e todavia perfeitamente ajustadas, de forma que jamais vi um jantar tão homogêneo, muito embora tão composto.

Para retornar às jovens passantes, Albertine jamais teria olhado para uma senhora idosa ou um velho com tanta fixidez ou, pelo contrário, com reserva e como se não os visse. Os maridos enganados que não sabem de nada, ainda assim sabem de tudo. Mas é necessário um *dossiê* mais materialmente documentado para estabelecer uma cena de ciúme. Além disso, se o ciúme nos ajuda a descobrir, na mulher que amamos, uma certa propensão a mentir, ele centuplica essa propensão quando a mulher já descobriu que somos ciumentos. Ela mente (nas mesmas proporções em que nunca nos mentiu antes), seja por piedade ou medo, ou se furta instintivamente por uma fuga simétrica às nossas investigações. Decerto existem amores em que, desde o começo, uma mulher leviana afetou ser virtuosa aos olhos do homem que a ama. Mas quantas outras compreendem dois períodos perfeitamente contrastantes! No primeiro, a mulher fala quase com facilidade, com simples atenuantes, sobre o seu gosto pelo prazer pela vida galante que ele lhe proporcionou, coisas essas que negará inteiramente a seguir, com a máxima energia, ao mesmo homem, mas porque o percebeu enciumado dela e a espiona-la. Ela chega a ter saudades do tempo daquelas primeiras confidências, mas cuja lembrança o tortura. Se a mulher ainda as

fizesse lhe forneceria, quase por si mesma, o segredo das culpas que ele persegue inutilmente todos os dias. E depois, que entrega não provaria isso, que confiança, que amizade! Se ela não pode viver sem engana-lo, pelo menos o enganaria como amiga, relatando-lhe seus prazeres, associando-o a eles. E ele lamenta semelhante vida que os começos de seu amor pareciam esboçar, que a sua continuação tornou impossível, transformando esse amor em algo atrozmente doloroso, que tornará uma separação, conforme o caso, inevitável ou impossível.

Às vezes a escrita em que eu decifrava as mentiras de Albertine, sem ser ideográfica, necessitava simplesmente ser lida às avessas; foi assim que naquela noite ela me lançara com ar negligente esta mensagem destinada a passar quase despercebida:

- É possível que amanhã eu vá à casa dos Verdurin, não sei absolutamente se irei, não tenho muita vontade.-

Anagrama infantil desta confissão: "Amanhã irei à casa dos Verdurin, é absolutamente certo, pois dou muita importância a isso." Esta aparente hesitação significava uma vontade resolvida e tinha por finalidade diminuir a importância da visita pelo fato de me anuncia-la. Albertine sempre usava o tom dúbio para as resoluções irrevogáveis. A minha não o era menos: eu trabalharia para que a visita à Sra. Verdurin não se realizasse. Muitas vezes, o ciúme não passa de uma necessidade inquieta de tirania aplicada às coisas do amor. Sem dúvida eu herdara de meu pai esse brusco desejo arbitrário de ameaçar as criaturas que eu mais amava nas esperanças em que se embalavam com uma segurança que eu queria mostrar-lhes ser ilusória; quando eu via que Albertine havia combinado, à minha revelia, ocultando de mim, o plano de um passeio que eu teria feito tudo no mundo para torna-lo mais fácil e mais agradável se ela me houvesse confidenciado, eu dizia com negligência, para fazê-la tremer, que esperava sair nesse dia.

Pus-me a sugerir a Albertine outros objetivos de passeio que teriam tornado impossível a visita aos Verdurin, em palavras carregadas de uma fingida indiferença sob a qual eu tentava disfarçar meu nervosismo. Mas ela já a havia despistado. E meu sentimento encontrava nela a força elétrica de uma vontade oposta que o repelia com vivacidade; nos olhos de Albertine, eu via essa força soltar suas faíscas. De resto, de que adiantava cuidar do que diziam as pupilas naquele instante? Como é que eu não havia percebido há muito que os olhos de Albertine pertenciam à família dos que (mesmo numa pessoa medíocre) parecem feitos de vários pedaços, por causa de todos os lugares onde ele deseja encontrar-se e ocultar que quer achar-se nesse dia? Olhos, por mentira sempre imóveis e passivos, mas dinâmicos, mensuráveis pelos metros e quilômetros que é preciso transpor para chegar ao local do encontro marcado, implacavelmente

marcado, olhos que sorriem menos ainda ao prazer que os seduz do que se aureolam da tristeza e do desânimo de que talvez existam obstáculos para ir a esse encontro. Entre nossas próprias mãos, tais seres são criaturas em fuga. Para compreender as emoções que causam e que outros seres até mais belos não causam, e preciso calcular que eles estão, não imóveis, mas em movimento, e acrescentar à sua pessoa um sinal correspondente ao que em física é o sinal que indica velocidade.

Se perturbamos o seu dia, eles nos confessam o prazer que nos tinham ocultado: "Queria tanto ir tomar chá às cinco horas com tal pessoa amiga!" Pois bem, se seis meses depois acabamos conhecendo a pessoa em questão, saberemos que nunca a moça, cujos projetos transtornáramos, e que, apanhada em flagrante nos confessara, para que a deixássemos livre, o chá que assim tomava com uma pessoa querida todos os dias à hora em que não a víamos, saberemos que essa pessoa nunca a recebeu, que elas jamais tomaram chá juntas, que a moça dizia viver muito presa exatamente por nossa culpa.

Assim, a pessoa com quem ela confessara que ia tomar chá, com quem ela suplicara que a deixássemos tomar chá, essa pessoa, razão confessada pela necessidade, não era aquela mas outra, e não se tratava de chá mas de outra coisa! Outra coisa, o quê? Uma outra, quem? Ai de nós, os olhos fragmentados, tristes, partindo para longe, talvez permitissem medir as distâncias, mas não indicam as direções. Estende-se o campo infinito das possibilidades e se, por acaso, o real se apresentava diante de nós, estaria de tal modo tão fora dos possíveis que, num súbito aturdimento, cairíamos para trás, indo bater contra essa parede inesperada. O movimento e a fuga verificados nem sequer são indispensáveis, basta que os induzamos. Ela nos havia prometido uma carta, estávamos tranqüilos, já não a amávamos. A carta não chegou, nenhum correio a trouxe, "que se passa?", a ansiedade renasce e com ela o amor. São principalmente tais seres que nos inspiram o amor, para nosso tormento. Pois cada nova ansiedade que sentimos por causa deles, rouba-lhes aos nossos olhos um pouco de sua personalidade. Estávamos resignados ao sofrimento, crendo amar fora de nós, e nos damos conta de que nosso amor é uma função da nossa tristeza, que nosso amor é talvez nossa tristeza, e que o objeto dele só em parte diminuta é a moça de cabeleira negra. Mas enfim, são principalmente tais seres que nos inspiram o amor. Na maioria das vezes, o amor não tem por objeto um corpo, a não ser quando nele se fundem uma emoção, o medo de perdê-lo, a incerteza de reencontrá-lo. Ora, esse tipo de ansiedade tem muita afinidade pelos corpos. Ela acrescenta-lhes uma qualidade que ultrapassa a própria beleza, o que é um dos motivos por que vemos homens, indiferentes às mulheres mais belas, amarem apaixonadamente algumas que nos parecem feias. A essas criaturas, a essas criaturas de fuga, sua natureza e a nossa inquietação emprestam asas. E até

junto a nós o seu olhar parece dizer que vão alçar vôo. A prova dessa beleza, que excede a beleza acrescentada pelas asas, é que, muitas vezes, para nós, uma mesma criatura é sucessivamente alada e sem asas. Basta recearmos perdê-la para esquecermos todas as outras. Certos de conservá-la, comparamo-la a essas outras, que logo preferimos a ela. E, como essas emoções e certezas podem alternar-se de uma semana para outra, uma criatura pode, numa semana, ver sacrificarem-lhe tudo o que lhe agradava, na semana seguinte ser sacrificada, e assim por diante durante muito tempo. O que seria incompreensível, se não soubéssemos pela experiência que todo homem tem de ter em sua vida, ao menos uma vez, deixado de amar, esquecido uma mulher, o pouco em si mesma que é uma criatura quando já não o é mais, ou não é ainda permeável às nossas emoções. E ficamos bem entendidos que o que dizemos dessas criaturas de fuga é igualmente verdadeiro para as criaturas em prisão, mulheres cativas que julgamos jamais poder possuir. Desse modo, os homens detestam as alcoviteiras, pois elas facilitam a fuga, fazem brilhar a tentação; mas, se amam uma mulher enclausurada, procuram de bom grado as alcoviteiras para fazê-las saírem de sua prisão e conduzi-las a eles. O motivo pelo qual as uniões com mulheres raptadas são menos duradouras que outras, é que o medo de não chegarmos a obtê-las ou a inquietação de vê-las fugir compõe todo o nosso amor e que, uma vez roubadas a seu marido, arrancadas a seu teatro, curadas da tentação de nos abandonar, numa palavra, dissociadas de nossa emoção, seja qual for, elas são apenas elas próprias, ou seja, quase nada e, tão longamente cobiçadas, são logo abandonadas por aquele mesmo que tanto temera ser abandonado por elas.

Eu disse: "Mas como é que não adivinhei?" Mas não o adivinhara desde o primeiro dia em Balbec? Não adivinhara em Albertine uma dessas meninas sob cujo envoltório carnal palpitam mais criaturas ocultas, já não digo que num baralho ainda na caixa, que numa catedral fechada ou num teatro antes que entremos, porém mais do que na multidão imensa e renovada? Não apenas tantas criaturas, mas o desejo, a lembrança voluptuosa, a busca inquieta por tantas criaturas. Em Balbec, eu não ficara perturbado, pois nem sequer supusera que um dia haveria de seguir pistas mesmo falsas. Não importa, para mim aquilo dera a Albertine a plenitude de um ser cheio até as bordas pela superposição de tantas criaturas, de tantos desejos e de lembranças voluptuosas de criaturas. E agora que ela me dissera um dia:

- Srta. Vinteuil -, eu desejaria, não arrancar-lhe o vestido para ver seu corpo, mas, através do corpo, ver toda a sua agenda de recordações e de seus próximos e ardentes encontros marcados.

Como as coisas provavelmente mais insignificantes assumem de repente um valor extraordinário quando uma criatura a quem amamos (ou a quem só falta aquela duplicidade para que a amemos) no-las esconde! Em si mesmo, o

sofrimento não nos causa obrigatoriamente sentimentos de amor ou ódio pela pessoa que o provocou: um cirurgião que nos causa dor nos deixa indiferente. Mas uma mulher que nos afirmou durante algum tempo que éramos tudo para ela, sem que ela própria fosse tudo para nós, uma mulher que temos prazer em ver, beijar, em ter sobre os nossos joelhos, muito admirados ficamos ao descobrir, por uma súbita resistência, que não dispomos dela.

A decepção acorda então às vezes em nós a lembrança esquecida de uma velha angústia, que no entanto sabemos não ter sido provocada por essa mulher, mas por outras cujas traições se escalonam sobre o nosso passado. E, além disso, como se tem a coragem de desejar viver, como se pode fazer um movimento para se preservar da morte num mundo em que o amor só é causado pela mentira e consiste apenas em nossa aspiração de ver acalmadas nossas dores pela criatura que nos fez sofrer? Para sair do acabrunhamento que sentimos ao descobrir essa mentira e essa resistência, há o triste remédio de procurar agir, contra a vontade dela, com a ajuda de pessoas que sentimos serem mais ligadas à sua vida do que nós próprios, sobre aquela que nos resiste e nos mente, usar de astúcia nós também, fazer-nos detestar. Mas o sofrimento de um tal amor é desses que invencivelmente levam o enfermo a procurar, numa mudança de posição, um bem-estar enganoso. Tais meios de ação não nos faltam, ai de nós! E o horror desses amores, que somente a inquietude gerou, decorre de que viramos e reviramos sem cessar dentro em nós frases insignificantes; sem contar que raramente as criaturas pelas quais os sentimos nos agradam fisicamente de maneira completa, visto que não é o nosso gosto deliberado, mas o acaso de um minuto de angústia, minuto indefinidamente prolongado pela nossa fraqueza de caráter, a qual refaz todas as noites as experiências e se rebaixa aos calmantes, que fez a escolha por nós.

Sem dúvida o meu amor por Albertine não era o mais miserável daqueles até onde, por falta de vontade, a gente pode decair, pois não era inteiramente platônico; ela concedia-me satisfações carnais, e além disso era inteligente. Porém tudo isto era supérfluo. O que me ocupava o espírito não era o que ela pudesse dizer de inteligente, mas certa frase que acordava em mim uma dúvida sobre seus atos. Eu tentava me lembrar se ela dissera isto ou aquilo, com que ar, em que momento, em resposta a que palavras, reconstituir toda a cena de seu diálogo comigo, em que momento ela quisera ir à casa dos Verdurin, que palavra minha dera o ar contrariado a seu rosto. Se se tratasse do mais importante acontecimento, eu não teria me dado a tanto trabalho para restabelecer a verdade, para lhe recompor a atmosfera e o colorido exatos. Tais inquietudes, é evidente, depois de terem atingido um grau em que nos são insuportáveis, conseguimos por vezes acalmá-las de todo por uma noite. A festa a que deve comparecer a amiga que amamos, e sobre cuja verdadeira natureza o nosso

espírito vinha trabalhando há dias, somos também convidados a ela; nossa amiga só tem olhos e palavras para nós, levamo-la de volta para casa, e conhecemos então, dissipadas as inquietações, um sossego tão completo, tão reparador, como o que se observa por vezes no sono profundo que ocorre após as longas caminhadas. Mas, na maioria das vezes, apenas mudamos de inquietação. Uma das palavras da frase que devia nos acalmar põe nossas suspeitas em outra pista. E sem dúvida um repouso desses merece que o paguemos bem caro. Mas não teria sido mais simples não comprarmos nós mesmos, voluntariamente, a ansiedade, e mais caro ainda? Além disso, sabemos muito bem que, por mais profundos possam ser esses desafogos momentâneos, a inquietação ainda assim será mais forte. Muitas vezes até, ela é renovada pela frase cujo fim era nos trazer repouso. As exigências do nosso ciúme e a cegueira da nossa credulidade são maiores do que o podia imaginar a mulher que amamos. Quando, espontaneamente, ela nos jura que determinado homem só é um amigo, deixa-nos transtornados ao nos informar coisa de que não suspeitávamos que para ela tratava-se de um amigo. Enquanto nos conta, para mostrar sua sinceridade, de que modo eles tomaram juntos o chá naquela mesma tarde, a cada palavra que ela diz, o invisível, o insuspeitado adquire forma à nossa frente. Ela confessa que ele lhe pediu que se tornasse sua amante e nós sofremos o martírio de que ela tenha podido ouvir as suas propostas. Recusou-as, diz ela. Mas dali a pouco, lembrando-nos de seu relato, nós nos indagaremos se a recusa é de fato verdadeira, pois entre as diversas coisas que ela nos disse há aquela ausência de nexo lógico e necessário que, mais do que os fatos contados, é o sinal da verdade. E, além disso, ela usou daquela terrível entonação desdenhosa:

- Eu lhe disse não, - de modo categórico que se encontra em todas as classes da sociedade quando uma mulher mente. Cumpre no entanto agradecer-lhe por haver recusado, encorajá-la pela nossa bondade a continuar no futuro a nos fazer confidências tão cruéis. Quando muito, fazemos uma objeção:

- Mas se ele já fizera propostas, por que aceitou tomar chá em sua companhia?

- Para que ele não se aborrecesse comigo nem dissesse que eu não fora amável.- E não temos coragem de lhe dizer que, se recusasse, teria sido talvez mais amável conosco.

Aliás, Albertine me assustava declarando que eu tinha razão de dizer, para não prejudicá-la, que não era seu amante, pois na verdade, acrescentava, "o fato é que você não o é". Com efeito, eu talvez não fosse inteiramente seu amante, mas então seria necessário pensar que todas as coisas que fazíamos juntos, será que ela também as fazia com todos os homens de quem me jurava não ter sido amante? Querer conhecer a todo custo o que Albertine pensava, o que ela via, o que ela amava-como era estranho que eu sacrificasse tudo a tal necessidade, pois havia experimentado a mesma necessidade de saber, a respeito de Gilberte,

nomes próprios e fatos que hoje me eram tão indiferentes! Eu percebia muito bem que em si mesmas as ações de Albertine já não tinham interesse. É curioso que um primeiro amor, se, pela fragilidade que deixa em nosso coração, abre caminho aos amores seguintes, não nos dê, ao menos pela identidade mesma dos sintomas e das dores, a maneira de curá-los. Além disso, há necessidade de se conhecer um fato? Pois, de um modo geral, não conhecemos logo a própria mentira e discrição dessas mulheres que têm algo a esconder? Existe aí alguma possibilidade de erro? Elas acham que é uma virtude ficarem caladas, ao passo que gostaríamos tanto de fazê-las falar. E sentimos que elas afirmaram a seu cúmplice:- Nunca digo nada. Não é por mim que se há de saber alguma coisa, eu nunca digo nada.

Damos a nossa fortuna, a nossa vida, por uma criatura, e no entanto sabemos muito bem que, com dez anos de intervalo, mais cedo ou mais tarde, negaríamos a essa criatura tal fortuna, preferiríamos conservar a vida. Pois já então essa criatura estaria desligada de nós, sozinha, isto é, seria nula. O que nos une às criaturas são essas mil raízes, esses fios inumeráveis que formam as lembranças do sarau da véspera, as esperanças da vesperal do dia seguinte; é essa trama contínua de hábitos de que não podemos nos livrar. Da mesma forma que existem os avarentos que economizam por generosidade, nós somos pródigos que gastamos por avareza, e é menos a uma criatura que sacrificamos nossa vida, do que a tudo o que ela pôde prender a si mesma de nossas horas, de nossos dias, daquilo em comparação do que a nossa vida ainda não vivida, a vida relativamente futura, nos parece uma vida mais longínqua, mais desligada, menos íntima e menos nossa. Necessário seria desfazermo-nos desses laços que de fato têm muito mais importância que a pessoa, mas cujo efeito é criar em nós deveres momentâneos para com ela, deveres que nos levam a não ter coragem de deixá-la por medo de sermos mal interpretados, ao passo que mais tarde ousaríamos, pois, livre de nós, ela não seria mais nós e a verdade é que só criamos deveres para nós mesmos (ainda que estes possam, por uma aparente contradição, nos levar ao suicídio).

Se eu não amava Albertine (coisa de que não estava certo), este lugar que ela ocupava junto a mim nada tinha de extraordinário: nós só vivemos com o que não amamos, com o que só fizemos viver conosco para matar o insuportável amor, trate-se de uma mulher, de um país, ou ainda de uma mulher que em si mesma encerra todo um país. E teríamos muito medo de recomeçar a amar se ocorresse de novo a ausência. Quanto a Albertine, eu ainda não chegara a tal ponto. Suas mentiras e confissões deixavam-me por acabar a tarefa de esclarecer a verdade. Suas mentiras, tão numerosas porque ela não se contentava em mentir como toda criatura que se julga amada, mas porque, fora isso, ela era por natureza mentirosa, e aliás tão mutável que, mesmo dizendo-me de cada vez

a verdade sobre o que, por exemplo, pensava das pessoas, de cada vez teria dito coisas diferentes; suas confissões, porque de tão raras, de tão interrompidas, deixavam entre elas, no que se referia ao passado, grandes lacunas inteiramente em branco, e sobre cuja extensão era-me preciso traçar, e para isso primeiro conhecer, a sua vida. No que respeita ao presente, tanto quanto eu podia interpretar as palavras sibilinas de Françoise, não era apenas sobre pontos particulares mas sobre todo um conjunto que Albertine me mentia, e eu veria "num belo dia" aquilo que Françoise aparentava saber, o que ela não queria dizer-me, o que eu não ousava lhe perguntar. Aliás, era sem dúvida por causa do mesmo ciúme que tivera outrora em relação a Eulalie, que Françoise falava as coisas mais incríveis, de tal modo vagas que se poderia ver nelas, quando muito, a insinuação bastante inverossímil de que a pobre cativa (que amava as mulheres) preferia um casamento com alguém que não parecia de modo algum ser eu. Se assim era, como, apesar de suas radio-telepatias, o teria sabido Françoise? Certamente os relatos de Albertine não podiam de maneira nenhuma esclarecer-me, pois eram todos os dias tão opostos como as cores de um pião quase parado. Além disso, parecia que era sobretudo o ódio que fazia falar Françoise. Não passava um dia sem que me dissesse, e eu não suportasse na ausência de minha mãe, palavras como estas:

- Decerto, o senhor é amável e eu jamais esquecerei o reconhecimento que lhe devo (isto provavelmente para que eu criasse títulos à sua gratidão). Mas a casa está empestada desde que a amabilidade instalou aqui a trapaça, e que a inteligência protege a pessoa mais cretina que já se viu, depois que a finura, as boas maneiras, o espírito, a dignidade em todas as coisas, a aparência e a realidade de um príncipe se deixaram dominar e enganar, permitindo que eu, que há quarenta anos estou na família, fosse humilhada pelo vício, pelo que há de mais vulgar e mais baixo.

A aversão de Françoise por Albertine decorria principalmente do fato de receber ordens de alguém que não fosse nós, de um aumento do trabalho de casa e de um cansaço que, alterando a saúde de nossa velha criada (que apesar disso não queria ser auxiliada no trabalho, não se julgando "uma pessoa sem serventia"), bastaria para explicar esse nervosismo, essa cólera odiosa. Decerto, ela gostaria que Albertine-Esther fosse banida. Era o voto de Françoise. E isto, consolando-a, já teria sossegado nossa velha criada. Mas, na minha opinião, não se tratava só disso. Um ódio dessa natureza só poderia ter nascido num corpo exausto. E, mais ainda que de cuidados, Françoise precisava de sono.

Enquanto Albertine ia mudar de roupa, eu, para providenciar o mais depressa possível, peguei o receptor do telefone, invoquei as divindades implacáveis, mas não fiz mais que excitar a sua fúria, que se traduziu por estas palavras:

- Está ocupado. -

De fato, Andrée estava conversando com alguém. Enquanto aguardava que ela terminasse a ligação, eu me perguntava por que motivo, já que tantos pintores buscam renovar os retratos femininos do século XVIII, em que a engenhosa encenação é um pretexto para as expressões da espera, do arrufo, do interesse e do devaneio, por que motivo nenhum dos nossos modernos Boucher ou Fragonard pintou, em vez de *La Lettre* ['A Carta'] ou o *Clavecin* ['Cravo'], etc., esta cena, que poderia chamar-se: Diante do telefone, e na qual nasceria espontaneamente nos lábios da ouvinte um sorriso tanto mais verdadeiro por saber que não era visto. Finalmente, Andrée me ouviu:

- Você vem buscar Albertine amanhã? e, ao pronunciar este nome de Albertine, pensava eu na inveja que me havia inspirado Swann quando me dissera, no dia da festa na casa da princesa de Guermantes:

- Venha ver Odette - e eu ficara pensando no que, apesar de tudo, havia de forte num prenome que aos olhos de todos, e da própria Odette, somente na boca de Swann possuía aquele sentido absolutamente possessivo.

E como semelhante embargo-resumido num vocábulo-sobre uma existência inteira me havia parecido, de cada vez que eu estava apaixonado, dever ser tão doce! Mas na realidade, quando se é possível dizê-lo, ou isto se tornou indiferente, ou então o hábito não embotou a ternura, mas ela mudou as doçuras em mágoas. A mentira é muito pouco, vivemos no meio dela não fazendo mais que sorrir, praticamo-la julgando não fazer mal a ninguém, mas o ciúme sofre por causa dela e enxerga mais do que ela oculta (muitas vezes a nossa amiga se recusa a passar a noite conosco e vai ao teatro simplesmente para que não lhe vejamos a fisionomia abatida), assim como freqüentes vezes se mostra cego ao que esconde a verdade. Mas o ciúme não pode obter coisa alguma, pois aquelas que juram não mentir recusariam, até o último instante, confessar o seu caráter. Sabia que somente eu podia dizer daquele modo "Albertine" a Andrée. E no entanto, para Albertine, para Andrée e para mim mesmo, eu sentia que não era nada. E compreendia a impossibilidade em que tropeça o amor. Imaginamos que ele tenha por objeto uma criatura que pode estar deitada diante de nós, fechada num corpo. Infelizmente ele é a extensão dessa criatura a todos os pontos do espaço e do tempo que ela ocupou e ocupará. Se não possuímos o seu contato com determinado lugar, com determinada hora, não a possuímos. Ora, não podemos tocar todos esses pontos. Ainda se nos fossem designados, talvez pudéssemos estender-nos até eles. Porém tateamos sem encontrá-los. Daí a desconfiança, o ciúme, as perseguições. Perdemos um tempo precioso a seguir uma pista absurda e passamos sem desconfiar ao lado da verdade. Porém já uma das divindades irascíveis, de servas vertiginosamente ágeis, irritava-se não mais porque eu falava, mas porque não dizia nada.

- Mas fale, está livre! Há tempos que está em comunicação; se não falar, desligo.

-

Mas ela não fez nada e, ao mesmo tempo que suscitava a presença de Andrée, envolveu-a, grande poeta que é sempre uma telefonista, da atmosfera peculiar à casa, ao bairro, à própria vida da amiga de Albertine.

- É você? - disse Andrée, cuja voz era projetada até mim com uma velocidade instantânea pela deusa que tem o privilégio de tornar os sons mais rápidos que o relâmpago.

- Escute - respondi - vá aonde quiser, menos à casa da Sra. Verdurin. É preciso a todo custo amanhã afastar Albertine de lá.

- Mas é que justamente ela deve ir lá amanhã.

- Ah!

Mas eu era obrigado a me interromper por um instante e fazer gestos ameaçadores, pois, se Françoise continuava como se se tratasse de coisa tão desagradável como a vacina ou tão perigosa como o aeroplano a não querer aprender a telefonar, o que, se nos teria aliviado das comunicações de que ela poderia ficar sabendo sem inconveniente, em compensação entrava imediatamente no meu quarto quando me dispunha a dar telefonemas bastante secretos para que fizesse questão de lhes ocultar.

Por fim, quando ela saiu do quarto, não sem demorar-se apanhando vários objetos que ali estavam desde a véspera e onde poderiam ter permanecido uma hora a mais sem incomodar ninguém por nada neste mundo, e para recolocar uma acha de lenha no fogo, medida totalmente inútil devido ao calor abrasador que me davam a presença da intrusa e o medo de ter a ligação cortada:

- Perdão - disse eu a Andrée -, fui atrapalhado. Tem certeza absoluta de que ela devia ir amanhã à casa dos Verdurin?

- Absoluta, mas posso dizer a ela que isto o aborrece.

- Não, pelo contrário, é possível que eu vá com vocês.

- Ah! - fez Andrée com voz contrariada e como que surpresa pela minha audácia, que aliás não fez mais que se afirmar.

- Então, deixo-a, e desculpe por tê-la incomodado por nada.

- De modo algum - disse Andrée, e (como agora o uso do telefone se tornara comum, em torno dele desenvolvera-se o adorno de frases especiais, como antigamente ao redor dos "chás") acrescentou: -Tenho grande prazer em ouvir a sua voz.

Eu poderia dizer outro tanto, e mais verdadeiramente que Andrée, pois acabara de ficar infinitamente sensível à sua voz, não tendo até então reparado que era

tão diferente das outras. Então, lembrei-me de outras vozes mais, sobretudo vozes de mulheres, umas vagarosas por causa da precisão de uma pergunta e devido à atenção do espírito; outras sufocadas, até mesmo interrompidas, pela onda lírica do que estão contando; lembrei-me, uma a uma, das vozes das moças que havia conhecido em Balbec, depois da de Gilberte, depois da de minha avó, depois da Sra. de Guermantes, achei-as todas dissemelhantes, moldadas numa linguagem particular a cada uma, tocando todas um instrumento diverso, e disse comigo que pífio concerto devem dar no Paraíso os três ou quatro anjos músicos dos velhos pintores, quando eu via elevar-se para Deus, às dezenas, às centenas, aos milhares, a harmoniosa e multissonora saudação de todas as Vozes. Não desliguei o telefone sem agradecer, com algumas palavras propiciatórias, àquela que reina sobre a velocidade dos sons, por ter querido usar em favor de minhas humildes palavras, de um poder que as tornava cem vezes mais rápidas que o trovão. Mas minhas ações de graça não tiveram como resposta senão o serem cortadas.

Quando Albertine voltou para o meu quarto, usava um vestido de cetim preto que contribuía para torná-la mais pálida, fazer dela a parisiense lívida, ardente, estiolada pela falta de ar, pela atmosfera das multidões e talvez pelo hábito do vício,e cujos olhos pareciam mais inquietos porque não os animava o rubor das faces.

- Adivinhe - disse eu - a quem acabo de telefonar: a Andrée.

- A Andrée?! - exclamou Albertine em tom estridente, surpreso, emocionado, que uma notícia tão simples não comportava. - Espero que ela pensou em lhe dizer que tínhamos encontrado a Sra. Verdurin outro dia.

- A Sra. Verdurin? Não me lembro - respondi, parecendo estar pensando em outra coisa, a um tempo para mostrar-me indiferente a tal encontro e para não trair Andrée, que me dissera aonde Albertine iria no dia seguinte. Mas quem sabe se a própria Andrée não me trairia, se amanhã não contaria a Albertine que eu lhe pedira que evitasse, seja a que preço fosse, que ela comparecesse aos Verdurin, e se ela já não lhe revelara que várias vezes eu lhe tinha feito recomendações análogas? Ela me garantira jamais tê-las repetido, mas o valor dessa afirmação era contrabalançado em meu espírito pela impressão de que já não via mais no rosto de Albertine a confiança que durante tanto tempo ela tivera em mim.

No amor, o sofrimento cessa por instantes, mas para assumir um aspecto diverso. Choramos ao ver a mulher a quem amamos já não ter para conosco aqueles impulsos de simpatia, aqueles avanços amorosos do princípio; sofremos ainda mais ao ver que, não os tendo mais conosco, tenha-os com outros; depois somos distraídos desse sofrimento por um novo mal, mais atroz, a suspeita de que ela nos mentiu sobre a noite da véspera, onde ela sem dúvida nos traiu; tal suspeita

igualmente se dissipa, a gentileza demonstrada por nossa amiga nos acalma; mas então uma frase esquecida nos volta ao espírito, disseram-nos que ela era ardente no gozo, e todavia sempre a conhecêramos tranqüila; tentamos imaginar o que teriam sido os seus frenesis com outros, percebemos o pouco que somos para ela, reparamos num ar de tédio, de nostalgia, de tristeza, enquanto falamos, reparamos, como se fossem um céu negro, nos vestidos descuidados que ela põe quando está conosco, guardando para os outros aqueles com que procurava a princípio deslumbrar-nos. Se, ao contrário, ela é carinhosa, que alegria por um instante! Mas, vendo essa lingüinha esticada como para um chamado dos olhos, pensamos naquelas a quem tantas vezes era dirigido esse chamado, que, mesmo talvez junto a mim, sem que Albertine pensasse nelas, tinha persistido como um sinal maquinal, por causa de um longo hábito. Depois, retorna a sensação de que a aborrecemos. Mas, subitamente, tal sofrimento se reduz a bem pouco ao pensarmos nos maus procedimentos desconhecidos de sua vida, nos lugares, impossíveis de conhecer, em que ela esteve, aonde vai ainda nas horas em que não estamos a seu lado, se mesmo ela não tenciona viver definitivamente nesses lugares, lugares em que está longe de nós, não é nossa, e sente-se mais feliz do que conosco. Tais são as eventualidades do ciúme.

O ciúme é também um demônio que não pode ser exorcizado, e sempre reaparece, encarnado sob uma nova forma. Mesmo que chegássemos a exterminar todas elas, a guardar perpetuamente aquela a quem amamos, o Espírito do Mal tomaria então uma outra forma, ainda mais patética, o desespero de não ter obtido a fidelidade senão pela força, o desespero de não ser amado.

Entre Albertine e mim havia muitas vezes o obstáculo de um silêncio feito sem dúvida de agravos que ela calava, pois julgava-os irreparáveis. Por mais terna que se mostrasse em certas noites, Albertine já não possuía aqueles movimentos espontâneos que eu lhe conhecera em Balbec quando ela me dizia:

- Mas como você é gentil! -e o fundo do seu coração parecia vir até mim sem a reserva de nenhum

desses agravos que ela tinha agora, e que calava, pois sem dúvida julgava-os irreparáveis, impossíveis de esquecer, inconfessados, mas que, nem por isso deixavam de erguer entre nós a significativa prudência de suas palavras ou o intervalo de um silêncio intransponível.

- E pode-se saber por que telefonou a Andrée?

- Para perguntar se não ficaria contrariada se eu me juntasse à vocês amanhã e, assim, fazer aos Verdurin a visita que lhes prometo desde a Raspeliere.

- Como quiser. Mas previno-o de que há um terrível nevoeiro esta noite e que certamente haverá outro amanhã. Digo isto porque não gostaria que você passasse mal. Sabe muito bem que, por mim, prefiro que venha conosco. Aliás -

acrescentou com ar preocupado - não sei absolutamente se irei à casa dos Verdurin. Fizeram-me tantas gentilezas que, no fundo, eu deveria ir. Depois de você, foram as pessoas que me trataram melhor, mas há umas coisinhas que me desagradam na casa deles. É absolutamente necessário que eu vá ao Bon Marché ou aos Trois Quartiers para comprar um lenço branco para o pescoço, pois este vestido é escuro demais.

Deixar Albertine ir sozinha à uma grande loja percorrida por tantas pessoas em quem a gente se esfrega, dotada de tantas saídas que se pode alegar que não se encontrou o carro, que esperava um pouco além, era coisa que eu estava resolvido a não consentir, mas sobretudo sentia-me infeliz. E no entanto, não percebia que de há muito deveria ter cessado de ver Albertine, pois para mim, ela havia entrado naquele período lamentável em que uma criatura, disseminada no espaço e no tempo, já não é para nós uma mulher, mas uma série de eventos sobre os quais não podemos fazer luz, uma série de problemas insolúveis, um mar que ridiculamente procuramos, como Xerxes, chicotear para puni-lo pelo que engoliu. Uma vez principiado esse período, estamos forçosamente derrotados. Felizes aqueles que o compreendem logo para não prolongar uma batalha inútil, exaustiva, cercada de todas as partes pelos limites da imaginação e onde o ciúme se debate tão vergonhosamente que o mesmo homem que outrora, se os olhares da que estava sempre a seu lado se dirigiam para um outro, imaginava uma intriga e experimentava tantos tormentos, resigna-se depois a deixá-la sair sozinha, às vezes com aquele que sabe ser seu amante, preferindo, ao que não pode conhecer, essa tortura ao menos conhecida! É uma questão de ritmo a adotar e que é seguido por hábito. Nervosos que não poderiam faltar a um jantar e que bem depois fazem curas de repouso nunca suficientemente longas; mulheres, ainda recentemente levianas, vivem na penitência; ciumentos que, para espionar a mulher amada, privam-se do sono, do repouso, sentindo que os desejos dela, o mundo tão vasto e tão secreto, e o tempo são mais fortes que eles, deixam-na sair sem a sua companhia, e depois viajar, e depois se separam. Assim, o ciúme acaba por falta do que alimentar-se e só durou tanto devido a tê-los reclamado sem parar. Eu estava bem longe desse estado.

É claro que o tempo de Albertine me pertencia em quantidades superiores que em Balbec. Agora eu era livre para passear com ela quantas vezes quisesse. Como não demorara que se construíssem campos de aviação ao redor de Paris, e que são para os aeroplanos o que os portos representam para os navios, e como, desde o dia em que, perto da Raspeliere, o encontro quase mitológico com um aviador, cujo vôo fizera encabritar o meu cavalo, tinha sido para mim como uma imagem da liberdade, eu gostava muitas vezes que, ao entardecer, o fim das nossas jornadas - aliás agradável à Albertine, apaixonada por todos os esportes - fosse um desses aeródromos. Íamos para lá, atraídos ambos por essa vida

incessante de partidas e chegadas que conferem tanto encanto aos passeios pelo cais ou apenas pela praia para aqueles que apreciam o mar, e às andanças em torno de um centro de aviação, para os que gostam do céu. A todo instante, por entre o descanso dos aparelhos inertes e como que ancorados, víamos um deles sendo tirado penosamente por vários mecânicos, como é arrastado sobre a areia um barco pedido por um turista que deseja dar um passeio no mar. Depois o motor era posto em funcionamento, o aparelho corria, tomava impulso e por fim, de repente, em ângulo reto, elevava-se lentamente no êxtase rígido, como que imobilizado, de uma velocidade horizontal súbito transformada em majestosa ascensão vertical. Albertine não podia conter o júbilo e pedia explicações aos mecânicos que regressavam, agora que o aparelho se pusera a voar. Entretanto, o passageiro não tardava a transpor quilômetros, e o grande esquife sobre o qual não cessávamos de fixar os olhos não era mais no azul do que um ponto quase indistinto, o qual, aliás, ia retomando aos poucos a sua materialidade, sua grandeza, seu volume, quando, aproximando-se do fim o tempo do passeio, chegava o momento de voltar a seu porto. Albertine e eu olhávamos com inveja, no instante em que saltava em terra, o passeante que desse modo fora desfrutar ao largo, naqueles horizontes solitários, o sossego e a limpidez da tarde. Depois, fosse do aeródromo, fosse de algum museu ou igreja que tivéssemos ido visitar, voltávamos juntos para a hora do jantar. E todavia eu não regressava calmo, como me sentia em Balbec, depois dos passeios mais raros de que me orgulhava durassem toda uma tarde, e que contemplava a seguir, destacando-se em belos maciços de flores sobre o resto da vida de Albertine como sobre um céu vazio diante do qual a gente sonha suavemente, sem pensar. O tempo de Albertine, por essa época, não me pertencia em quantidades tão amplas como hoje. No entanto, parecia-me então muito mais meu, porque eu só levava em consideração o meu amor regozijando-se como se fosse uma dádiva as horas que ela passava comigo; agora o meu ciúme procurando nelas, com inquietude, a possibilidade de uma traição; eu só levava em conta as horas que ela passava sem mim. Ora, amanhã ela iria desejar que houvesse tais horas. Seria preciso escolher entre cessar de sofrer e deixar de amar. Pois, assim como no princípio é formado pelo desejo, o amor, depois, só é mantido pela ansiedade dolorosa. Sentia que uma parte da vida de Albertine me escapava. O amor, tanto na ansiedade dolorosa como no desejo feliz, é a exigência de um todo. Ele só nasce, só subsiste se resta uma parte a conquistar. Só se ama aquilo que não se possui completamente. Albertine mentia ao dizer que certamente não iria visitar os Verdurin, como eu mentia ao dizer que desejava ir à casa deles. Ela procurava somente impedir-me de sair em sua companhia, e eu, devido ao brusco anúncio desse projeto, que de modo algum contava pôr em execução, queria ferir nela o ponto que adivinhava ser o mais sensível, atacar o desejo que ela ocultava e forçá-la a confessar que minha presença junto dela amanhã, a impediria de satisfazê-la. Em suma, ela o

fizera ao deixar bruscamente de querer ir à casa dos Verdurin.

- Se você não quer ir visitar os Verdurin -disse eu -, há no Trocadero uma representação magnífica de caráter beneficente.-

Ela ouvia a minha sugestão com ar dolente.

Voltei a ser duro com ela, como em Balbec, nos tempos do meu primeiro ciúme. Seu rosto refletia uma decepção e empreguei para censurar a minha amiga os mesmos motivos que tantas vezes me haviam sido dados por meus pais quando eu era criança e que me tinham parecido desinteligentes e cruéis à minha infância incompreendida.

- Não. - apesar do seu ar triste dizia eu à Albertine - não posso lamentá-la; lamentaria se você estivesse enferma, se lhe houvesse acontecido uma desgraça, se tivesse perdido um parente; o que talvez não lhe desse nenhum pesar, devido ao desperdício de falsa sensibilidade que você faz por um nada. Além disso, não aprecio a sensibilidade de pessoas que tanto pretendem nos amar, sem serem capazes de nos prestar o menor serviço e cujo pensamento, ao se voltar para nós, as deixa tão distraídas que se esquecem de levar a carta que lhes confiamos e da qual depende o nosso futuro.

Tais palavras, pois uma grande parte do que dizemos não passa de um recitativo, eu as ouvira pronunciar todas por minha mãe, a qual (explicando-me de bom grado que não convinha confundira verdadeira sensibilidade, o que, dizia ela, os alemães, cujo idioma admirava bastante, apesar do horror de meu pai por aquele país, denominavam *Empfindung*, com o sentimentalismo, *Empfindelei*) chegara certa vez a ponto de dizer, quando eu estava chorando, que Nero talvez fosse nervoso e não era melhor por causa disso. Na verdade, como essas plantas que se desdobram ao crescer, havia agora, diante da criança sensitiva que eu exclusivamente fora, um homem completamente diverso, cheio de bom senso, severo para com a sensibilidade doentia dos outros, um homem parecido com o que meus pais tinham sido para mim.

Sem dúvida, visto que cada um deve fazer continuar em si a vida dos seus, o homem ponderado e zombeteiro, inexistente em mim no começo, juntara-se ao sensível, e era natural que eu por minha vez fosse igual ao que meus pais tinham sido. Ademais, no momento em que este novo eu se formava, encontrava a sua linguagem já pronta na lembrança da outra, irônica e rabugenta, que empregaram comigo e que eu agora usava com os outros, e saía muito naturalmente da minha boca, seja porque a evocasse por mimetismo e associação de lembranças, seja também porque as delicadas e misteriosas incrustações do poder genésico tivessem desenhado em mim, sem que o soubesse, como sobre a folha de uma planta, as mesmas entonações, os mesmos gestos, as mesmas atitudes que tinham tido aqueles de quem me originara. Pois,

às vezes, bancando o homem prudente quando falava a Albertine, parecia estar ouvindo minha avó. De resto, não sucedera a minha mãe (de tantas obscuras correntes inconscientes refletirem em mim, até aos menores movimentos dos meus dedos para arrastá-los nos mesmos ciclos que meus pais) acreditar que se tratava de meu pai entrando, de tal modo eu tinha a mesma forma de bater que ele? Por outro lado, o acoplamento de elementos contrários é a lei da vida, o princípio da fecundação e, conforme veremos, a causa de muitas infelicidades. De hábito, detestamos o que nos é semelhante, e nossos próprios defeitos vistos de fora nos exasperam. Ainda mais quando alguém, que passou da idade em que os expressamos ingenuamente e que, por exemplo, assume um ar glacial nos momentos mais ardentes, execra os mesmos defeitos se se trata de outro, mais jovem ou mais ingênuo, ou mais bobo, que os exprime! Há pessoas sensíveis para quem a visão, nos olhos alheios, de lágrimas que eles próprios contêm, é exasperadora.

É a máxima semelhança que faz com que, apesar da afeição, e às vezes quanto maior é a afeição, reine a divisão nas famílias. Talvez em mim, e em muitos, o segundo homem em que eu me tornara era simplesmente uma face do primeiro, exaltado e sensível ao lado de si mesmo, sábio Mentor para os outros. Talvez o mesmo ocorresse com meus pais, conforme fossem considerados em relação a mim ou em si mesmos. E, quanto a minha avó e minha mãe, era bastante visível que a severidade delas comigo era proposital e até mesmo lhes custava, mas talvez até no meu pai não seria a frieza apenas um aspecto exterior de sua sensibilidade? Pois não era talvez a verdade humana desse duplo aspecto, aspecto da vida interior e aspecto da vida das relações sociais, o que se expressava nestas palavras que outrora me pareciam tão falsas em seu sentido quanto plenas de banalidade em sua forma, quando se dizia, falando de meu pai:

- Sob sua frieza glacial, esconde uma sensibilidade extraordinária; o que ele possui, acima de tudo, e o pudor de sua sensibilidade. -

No fundo, não ocultava incessantes e secretas tempestades, aquela calma semeada, se preciso, de reflexões sentenciosas, de ironia pelas manifestações desastradas da sensibilidade, calma que era a sua, mas que agora também eu afetava diante de todos e de que não me afastava, em certas circunstâncias, diante de Albertine?

Creio que, naquele dia, eu verdadeiramente ia decidir a nossa separação e seguir para Veneza. O que me prendeu de novo à minha ligação disse respeito à Normandia, não que Albertine manifestasse alguma intenção de viajar àquela região, onde eu tinha tido ciúmes dela (pois, por sorte, os seus projetos nunca tocavam nos pontos dolorosos das minhas recordações), mas porque, tendo-lhe dito:

- É como se eu lhe falasse da amiga de sua tia que mora em InfreviIle-, ela respondera, encolerizada, feliz como toda pessoa que discute e que deseja para si o maior número possível de argumentos, para mostrar que eu estava errado e ela certa:

- Mas minha tia jamais conheceu alguém em Infreville, e eu mesma nunca estive lá. -

Havia esquecido a mentira que me dissera uma noite acerca da dama suscetível em cuja casa era de todo necessário que fosse tomar chá, ainda que, indo visitar essa dama, corresse o risco de perder minha amizade e ter de se matar. Não lhe recordei a mentira. Mas fiquei acabrunhado. E adiei o rompimento para outra ocasião. Não é necessária a sinceridade, e nem mesmo a destreza na mentira, para ser amado. Aqui, chamo de amor uma tortura recíproca. Nessa noite, eu não achava de modo algum repreensível falar-lhe como minha avó, tão perfeita, fizera comigo, nem, para lhe dizer que a acompanharia à casa dos Verdurin, ter adotado a maneira brusca de meu pai, o qual jamais nos comunicava uma decisão a não ser do jeito que nos pudesse causar o máximo de uma agitação desproporcionada, nesse grau, à própria decisão. De modo que estava coberto de razão quando nos achava absurdos de mostrarmos tanta angústia por tão pequena coisa, angústia que de fato correspondia à comoção que nos causara. E como (da mesma forma que o bom senso inflexível de minha avó) essas veleidades arbitrárias de meu pai viessem completar em mim a natureza sensível a que tinham permanecido por tanto tempo alheias, e a qual durante toda a minha infância fizeram sofrer tanto, essa natureza sensível informava-se bem exatamente sobre os pontos que deviam visar com eficácia: não existe melhor delator que um antigo ladrão, ou do que um súdito da nação que se guerreia. Em certas famílias mentirosas, um irmão que vem visitar outro irmão sem motivo aparente e lhe pede casualmente, à porta da rua, ao sair, uma informação que nem sequer parece ouvir, por isso mesmo dá a entender ao irmão que tal informação era a finalidade de sua visita, pois o irmão bem conhece aquele ar desligado, aquelas palavras ditas como que entre parênteses no último minuto, pois ele próprio as empregou várias vezes. Ora, existem igualmente famílias patológicas, sensibilidades aparentadas, temperamentos fraternos, iniciados nesse tácito idioma que faz com que em família as pessoas se compreendam sem falar. Assim, quem mais que um nervoso pode ser enervante? E além do mais, talvez houvesse na minha conduta, nesses casos, uma causa mais geral, mais profunda. É que, nesses momentos breves, porém inevitáveis, quando se detesta a quem se ama-esses momentos que duram às vezes toda a vida com as pessoas de quem não se gosta-, não desejamos parecer bons, para que não tenham pena de nós; queremos ao mesmo tempo ser malvados e cruéis o mais possível para que nossa felicidade seja verdadeiramente odiosa e ulcere a alma do nosso inimigo

ocasional ou duradouro. Diante de quantas pessoas não fui eu mentirosamente caluniado, apenas para que meus "êxitos" lhes parecessem imorais e os encarniçassem ainda mais contra mim! Seria preciso seguir o caminho inverso, mostrar sem orgulho que temos bons sentimentos, em vez de os esconder tanto. O que seria fácil se soubéssemos jamais odiar, amar sempre. Pois então seríamos tão felizes por só dizer as coisas que podem dar alegria aos outros, enternecê-los, fazer com que nos amem!

Decerto eu sentia um pouco de remorso por ser tão irritante para com Albertine, e dizia comigo: "Se não a amasse, ela me teria maior reconhecimento, pois eu não seria ruim com ela; mas não, isto se compensaria, pois eu também seria menos amável." E, para me justificar, poderia lhe dizer que a amava. Mas a confissão desse amor, além de não trazer novidade alguma a Albertine, talvez a deixasse mais fria a meu respeito do que as durezas e ardis de que justamente o amor era a única desculpa.

É tão natural ser duro e ardiloso com quem se ama! Se o interesse que demonstramos aos outros não nos impede de sermos doces com eles e complacentes com aquilo que desejam, é que esse interesse é uma mentira. O próximo nos é indiferente, e a indiferença não convida à maldade.

A noite passava; antes que Albertine fosse deitar-se, não havia tempo a perder se quiséssemos fazer as pazes e recomeçar com os beijos. Nenhum de nós ainda tomara a iniciativa.

Sentindo que ela estava realmente zangada, aproveitei para lhe falar de Esther Lévy.

- Bloch me disse (o que não era verdade) que você conhecera muito bem a sua prima Esther.

- Eu nem sequer a reconheceria - disse Albertine com ar vago.

- Vi a fotografia dela - acrescentei furioso. Ao dizer isto, não encarava Albertine, de modo que não vi sua expressão, que teria sido a única resposta, pois ela não disse nada.

Já não era o sossego do beijo de minha mãe em Combray o que eu sentia junto de Albertine nessas noites, mas, ao contrário, a angústia daqueles dias em que minha mãe mal me dava boa-noite, ou até nem subia para o meu quarto, ou porque estivesse zangada comigo ou porque a retivessem os convidados. Essa angústia, não a sua transposição para o amor, não, essa própria angústia, que por algum tempo se especializara no amor, que se destinara unicamente a ele, depois de operada a partilha, a divisão das paixões, agora parecia de novo estender-se a todas, tornada outra vez indivisa, assim como na minha infância, como se todos os meus sentimentos, que estremeciam à idéia de não poder conservar Albertine junto ao meu leito, a um tempo como amante, como irmã, como filha, como mãe igualmente, de cujo boa-noite cotidiano eu recomeçava a sentir a necessidade pueril, tivessem começado a reunir-se, a se unificar na noite prematura da minha vida, que parecia ser tão breve como um dia de inverno. Mas, se eu experimentava a angústia de minha infância, a mudança da criatura que me fazia senti-la, a diferença de sentimento que ela me inspirava, a própria transformação do meu caráter, tornavam impossível reclamar-lhe o alívio como

outrora à minha mãe. Eu já não sabia dizer: "Estou triste."

Com a morte na alma, limitava-se a falar de coisas indiferentes que não me adiantavam em nada para uma solução feliz. Repisava em dolorosas banalidades. E com aquele egoísmo intelectual que, por menos que uma verdade insignificante se refira ao nosso amor, nos faz ter em grande conta aquele que a encontrou, talvez tão casualmente como a cartomante que nos anunciou um fato banal mas que desde então se cumpriu, eu não estava muito longe de acreditar Françoise superior a Bergotte e a Elstir, porque me dissera em Balbec:

- Essa moça lhe dará desgostos.

Cada minuto me aproximava do boa-noite de Albertine, que por fim ela me dava. Mas naquela noite o seu beijo, de onde ela própria estava ausente e que não me encontrava, fazia-me tão ansioso que, o coração palpitante, eu a contemplava ir até a porta, pensando: "Se quero achar um pretexto para chamá-la, retê-la, fazer as pazes, preciso apressar-me, ela só precisa de mais alguns passos para sair do quarto, mais dois, mais um, ela gira a maçaneta, abre, é tarde, já fechou a porta." Talvez não fosse tarde demais, apesar de tudo. Como antigamente em Combray, quando minha mãe me havia deixado sem me sossegar com seu beijo, eu queria lançar-me no encalço de Albertine, sentia que não teria sossego enquanto não a visse de novo, que o fato de revê-la iria tornar-se algo imenso como ainda não ocorrera até ali, e que, se não conseguisse me livrar sozinho dessa tristeza, talvez adquirisse o hábito vergonhoso de ir mendigar aos pés de Albertine; saltei da cama quando ela já estava em seu quarto, andava para cá e para lá no corredor, esperando que ela saísse e me chamasse; permanecia imóvel diante de sua porta, para não me arriscar a não ouvir um débil chamado, entrava por um instante em meu quarto para ver se minha amiga por felicidade não tinha esquecido um lenço, uma bolsa, alguma coisa que eu pudesse fingir recear que lhe fizesse falta e que me desse o pretexto de ir a seu quarto. Não, nada. Voltava a postar-me diante de sua porta. Mas na frincha desta já não havia luz, Albertine já a apagara, estava deitada, eu ficava lá, imóvel, esperando não sei que oportunidade que não vinha; e muito tempo depois, gelado, tornava a me deitar sob os cobertores e chorava a noite inteira.

Assim, às vezes, em certas noites, recorria um ardil que me proporcionava o beijo de Albertine. Sabendo o quanto era rápido o seu adormecimento logo que se estendia na cama (ela também o sabia, pois instintivamente, quando se deitava, descalçava as sandálias que eu lhe dera, e o anel, que punha a seu lado, como fazia em seu quarto ao se acomodar), sabendo o quanto era profundo o seu sono e carinhoso o seu despertar, agarrava-me a um pretexto para ir buscar alguma coisa, fazia-a estender-se em minha cama. Quando voltava, ela adormecera, e eu via diante de mim aquela outra mulher em que se transformava quando estava inteiramente de frente. Mas ela mudava depressa de

personalidade, pois eu me estendia a seu lado e a reencontrava de perfil. Podia pôr a minha mão na sua, nos seus ombros, no seu rosto, que Albertine continuava a dormir. Podia segurar sua cabeça, virá-la, encostá-la nos meus lábios, rodear meu pescoço com seus braços, e ela continuava a dormir como um relógio de bolso que não pára, como um bicho que continua vivendo qualquer que seja a posição que lhe dêem, como uma trepadeira, uma ipoméia que continua a estender seus ramos, seja qual for o arrimo de que disponha. Apenas o seu arfar se modificava a cada um dos meus contatos, como se ele fosse um instrumento que eu tocasse e ao qual fizesse executar modulações, tirando notas diferentes de uma, depois de outra de suas cordas. Meu ciúme se acalmava, pois sentia que Albertine transformada num ser que respira, que não é outra coisa, como o indicava o sopro regular pelo qual se exprime essa pura função fisiológica, a qual, inteiramente fluida, não possui a espessura da palavra nem do silêncio e, em sua ignorância de todo mal, ofegar extraído antes de um caniço oco que de um ser humano, realmente paradisíaco para mim, que naqueles momentos sentia Albertine subtraída de tudo, não só material mas moralmente, era o puro cântico dos anjos. No entanto, por aquele hálito eu de súbito considerava que talvez muitos nomes humanos, trazidos pela memória, deveriam passar.

Às vezes, até a voz humana se acrescentava a essa música. Albertine pronunciava algumas palavras. Como desejaria obter-lhes o sentido! Acontecia que o nome de uma pessoa de quem tínhamos falado e que excitava o meu ciúme, subia-lhe aos lábios, mas sem me fazer infeliz, pois a recordação que trazia parecia ser apenas a das conversas que ela tivera comigo sobre o assunto. Entretanto, certa noite, de olhos fechados, meio que acordada, disse carinhosamente dirigindo-se a mim: "Andrée." Dissimulei minha emoção.

- Estás sonhando, não sou Andrée - retruquei rindo. Ela também sorriu:

- Não, eu queria te perguntar o que te disse Andrée há pouco.

- Pensei que já tinhas deitado assim junto dela.

- Não, nunca. - disse Albertine.

Unicamente, antes de responder isto, escondera por um instante o rosto nas mãos. Logo, seus silêncios eram apenas véus, seus carinhos superficiais no fundo somente retinham milhares de lembranças que teriam me dilacerado sua vida, portanto, era repleta desses fatos cuja narrativa trocista e cuja crônica risonha constituem nossos mexericos diários a respeito dos outros, dos indiferentes, mas que, enquanto uma criatura permanece extraviada em nosso coração, nos parecem um esclarecimento tão precioso de sua vida que, para conhecer esse mundo subjacente, daríamos de bom grado a nossa. Então o seu sono me surgia como um mundo maravilhoso e mágico, onde por instantes se eleva, do fundo do elemento apenas translúcido, a confissão de um segredo que não se

compreenderá. Mas em geral, quando Albertine dormia, parecia-me que reencontrava sua inocência. Na atitude que eu lhe atribuíra mas que em seu sono ela depressa tornava sua, dava a impressão de confiar-se a mim. Sua fisionomia perdera toda e qualquer expressão de manha ou de vulgaridade, e entre ela e mim, para quem erguia o braço, sobre quem descansava a mão, parecia haver um abandono completo, um elo indissolúvel. Aliás, o seu sono não a separava de mim, deixando subsistir nela a noção de nossa ternura, tendo antes por efeito abolido o resto; eu a beijava, dizia que ia dar alguns passos lá fora, ela entreabria os olhos e me dizia, com ar espantado -e de fato já era noite:

- Mas aonde vais desse jeito, meu querido?-e, chamando-me pelo meu prenome, logo voltava a adormecer.

Seu sono era apenas uma espécie de apagamento do resto da vida, um silêncio uniforme onde, de vez em quando, erguiam vôo palavras familiares de carinho. Aproximando-as umas das outras, teria sido possível compor a conversação sem mistura, a secreta intimidade de um amor puro. Este sono tão calmo encantava-me como encanta à mãe, que o considera uma qualidade, o bom sono de seu filho. E com efeito o sono de Albertine era o de uma criança. Outrossim o seu despertar, e é tão natural, tão carinhoso, antes mesmo que ela se desse conta de onde estava, que às vezes eu me perguntava, com terror, se ela tivera o hábito, antes de viver comigo, de não dormir sozinha e de encontrar alguém a seu lado ao abrir os olhos. Mas sua graça infantil era mais forte. Tal uma mãe, ainda maravilha-me que sempre acordasse de bom humor. Ao cabo de alguns instantes, ela readquiria a consciência, dizia palavras encantadoras, sem relação umas com as outras, um pipilar apenas. Por uma espécie de contradança, o seu pescoço, habitualmente pouco notado, e agora quase belo demais, tomara a importância enorme que seus olhos fechados pelo sono haviam perdido, seus olhos, meus habituais interlocutores e aos quais já não podia me dirigir desde o cerrar das pálpebras. Da mesma forma que os olhos fechados conferem uma beleza inocente e grave ao rosto, suprimindo tudo o que os olhares expressam demais, nas palavras, não sem sentido, mas entrecortadas de silêncio, que Albertine pronunciava ao despertar, havia uma beleza pura que não é a todo instante manchada, como o é a conversação, de hábitos verbais, de lenga-lengas, de vestígios de defeitos. Além disso, quando me decidia a acordar Albertine, podia fazê-lo sem medo, pois sabia que seu despertar não estaria de modo algum relacionado com a noite que acabáramos de passar, mas sairia do seu sono como da noite sai a manhã. Logo que ela entreabria os olhos sorrindo, estendia-me os lábios e, antes que dissesse alguma coisa, eu já lhe saboreara o frescor, calmante como o de um jardim ainda silencioso antes do despontar do dia.

No dia seguinte àquela noite em que Albertine me dissera que talvez fosse à casa dos Verdurin, e depois que não iria, eu acordei cedo e, ainda meio adormecido,

minha alegria informou-me que era, interpolado no inverno, um dia de primavera. Lá fora, temas populares finamente escritos por instrumentos variados, desde a buzina do consertador de porcelana, ou a corneta do empalhador de cadeiras, até a flauta do cabreiro que parecia num dia lindo ser um pastor da Sicília, orquestravam de leve o ar matinal numa "Abertura para um dia de festa". A audição, este sentido delicioso, traz até nós a companhia da rua, da qual retraça todas as linhas, desenha todas as formas que passam, mostrando-nos o seu colorido. As cortinas de ferro da padaria, da leiteria, que haviam abaixado a noite anterior sobre todas as possibilidades de ventura feminina, erguiam-se agora como as leves polés de um navio que aparelha e vai zarpar, cruzando o mar transparente, sobre um sonho de jovens empregadas. Este rumor da cortina de ferro que está sendo erguida talvez fosse o meu único prazer num bairro diferente. Neste meu, cem outros formavam a minha alegria, e nem um só eu quisera perder dormindo até mais tarde. O encanto dos velhos bairros aristocráticos é serem igualmente populares. Como às vezes os tiveram as catedrais, não longe das portadas (às quais ocorreu mesmo conservarem-lhes o nome, como o da catedral de Ruão, chamada dos "Livreiros", porque junto a ela expunham estes a sua mercadoria ao ar livre), diversos pequenos ofícios, mas ambulantes, passavam diante do nobre palacete de Guermantes, e por vezes faziam pensar na França eclesiástica de outrora. Pois o apelo que lançavam às pequenas residências vizinhas nada possuía com raras exceções, de uma canção. Diferia dela tanto quanto da declamação-mal colorida por variações insensíveis de Boris Godunov e de Pélleas; mas, por outro lado, lembrava o salmodiar de um padre no decurso dos ofícios, dos quais estas cenas de rua são apenas a contrapartida ingênua, forânea, todavia meio litúrgica. Eu jamais sentira tanto prazer com elas desde que Albertine morava comigo; parecia-me um alegre sinal de seu despertar e, interessando-me pela vida lá fora, faziam-me sentir melhor a virtude calmante de uma presença querida, tão constante como a desejava.

Certos alimentos gritados na rua, e que eu pessoalmente achava detestáveis, eram muito do gosto de Albertine, de modo que Françoise os mandava comprar pelo seu jovem lacaio, que talvez se sentisse humilhado por se ver confundido na multidão plebéia. Naquele bairro tão tranqüilo (em que os rumores já não eram um motivo de tristeza para Françoise e haviam se tornado a razão de doçura para mim) chegavam-me, cada qual com sua modulação diversa, os recitativos declamados por aquelas pessoas do povo, como o seriam na música, tão popular, de Boris, onde uma entonação inicial quase não se altera pela inflexão de uma nota que sobre outra se debruça, música da multidão que antes é uma linguagem do que uma música. Era: "Olha o marisco, olha o marisco por dez tostões!", atraindo a freguesia para os cestos onde eram vendidas essas horríveis conchinhas que, não fosse Albertine, teriam me causado repugnância, assim

como os caramujos que eu ouvia serem vendidos à mesma hora. Aqui, ainda era na declamação apenas lírica de Mussorgsky que fazia pensar o vendedor, mas não somente nela. Pois, após ter quase "falado": "Os caramujos estão fresquinhos, estão bonitos", era com a tristeza e a vaguidão de *Maeterlinck,* musicalmente transpostas por Debussy, que o vendedor de caramujos, num desses dolorosos finais com que o autor de *Pélleas* se parece com Rameau ("Se devo ser vencida, serás tu o meu vencedor?"), acrescentava com sua melancolia cantante: "A trinta tostões a dúzia..."

Sempre me foi difícil compreender porque aquelas palavras tão claras eram suspiradas num tom tão pouco adequado, misterioso, como o segredo que faz com que todos tenham a fisionomia triste no velho palácio a que Mélisande não conseguiu levar a alegria, e profundo como um pensamento do velho Arkel, que busca proferir em palavras muito simples toda a sabedoria e o destino. As próprias notas em que se eleva com doçura crescente a voz do velho rei de Allemonde, ou a de Golaud, para dizer: "Não se sabe o que acontece aqui. Isto pode parecer estranho. Talvez não existam ocorrências inúteis", ou então: "Não precisas te assustar... Era uma pobre criaturinha misteriosa, como todo mundo", eram as que serviam ao vendedor de caramujos para repetir, numa cantilena indefinida: "A trinta tostões a dúzia..." Porém essa lamentação metafísica não tinha tempo de expirar à beira do infinito; era interrompida por uma forte trombeta. Desta vez não se tratava de comidas, as palavras do libreto eram: "Tosamos cachorros, cortamos gatos, as caudas e as orelhas."

Certo, a fantasia e o espírito de cada vendedor ou vendedora introduziam, com freqüência, variantes nas frases de todas essas músicas que eu ouvia da cama. Entretanto, uma parada ritual, pondo um silêncio em meio a uma frase, sobretudo quando era repetida duas vezes, evocava constantemente a lembrança de velhas igrejas. Em seu pequeno carro, conduzido por uma burrinha que ele fazia parar diante de todas as casas para entrar nos pátios, o vendedor de roupa, segurando um chicote, salmodiava:

"Roupas, vendem-se roupas, rou... pas" com a mesma pausa, entre as duas sílabas de "roupas", com que teria entoado em cantochão: "Per omnia saecula saeculo... rum" ou: "Requiescat in pa... ce", embora não acreditasse na eternidade de suas roupas e nem tampouco as oferecesse como sudário para o supremo repouso na paz. E da mesma forma, como os motivos principiavam a cruzar-se desde aquela hora matinal, uma vendedora de hortaliças, empurrando o seu carrinho, usava para a sua ladainha a divisão gregoriana: As hortaliças, as hortaliças Alcachofras macias e bonitas Alca-chofras embora ela fosse provavelmente ignorante do antifonário e dos sete tons que simbolizam, quatro as ciências do quadrívio e três as do trívio.

Tirando de uma flautinha, de uma gaita de foles, as melodias de sua região

meridional, cuja luz combinava bem com os dias claros, um homem de blusa, tendo à mão um vergalho e na cabeça uma boina basca, parava diante das casas. Era o cabreiro com dois cães e, à sua frente, o rebanho de cabras. Como vinha de longe, passava bem tarde no nosso bairro; e as mulheres acorriam com uma tigela para recolher o leite que devia fortalecer os seus filhinhos. Mas às melodias pirenaicas daquele pastor benfazejo misturava-se já a campainha do amolador, que gritava: "Facas, tesouras, navalhas." Com ele não podia lutar o amolador de serrotes, pois, destituído de instrumento, contentava-se em chamar: "Quem tem serrotes para amolar? Olha o amolador!", ao passo que, mais alegre, o funileiro, depois de ter enumerado os caldeirões, as caçarolas, tudo quanto ele soldava, entoava o refrão: Tão, tão, tão Conserto até o chão/ Ponho fundo em tudo/ E tapo buracos/ Raco, raco, raco e italianinhos, carregando grandes caixas de ferro pintadas de vermelho, onde estavam marcados os números perdedores e ganhadores-, e tocando matraca, convidavam:

"Venham, venham, minhas senhoras, eis a grande diversão." Françoise me trouxe o *Fígaro*. Bastou um só olhar para ver que o meu artigo ainda não fora publicado. Ela me disse que Albertine indagava se podia vir ao meu quarto e me mandava dizer que, em todo caso, desistira de fazer uma visita aos Verdurin e esperava ir, como eu lhe aconselhara, à vesperal "extraordinária" do Trocadero (o que hoje chamaríamos, para coisa muito menos importante, uma vesperal de gala) depois de um passeiozinho a cavalo que faria com Andrée. Agora que eu sabia que ela renunciara a seu desejo, talvez perverso, de ir visitar a Sra. Verdurin, respondi rindo:

- Que venha! - e disse para mim mesmo que ela podia ir aonde bem quisesse, pois para mim seria indiferente. Sabia que, no fim da tarde, quando chegasse o crepúsculo, eu sem dúvida seria um outro homem, triste, dando às menores idas e vindas de Albertine uma importância que elas não tinham naquela hora matinal, e quando o dia era tão lindo. Pois a minha despreocupação era seguida pela noção bem clara de sua causa, mas sem ser alterada por ela.

- Françoise me assegurou que você estava acordado e que eu não incomodaria - disse Albertine entrando. E, como aquele de me causar frio abrindo a janela num momento mal escolhido, o maior medo de Albertine era o de entrar no meu quarto quando eu cochilava:

- Espero não ter feito mal - acrescentou. - Receava que você me dissesse: Que mortal insolente vem procurar a morte?'

E ela riu com aquele riso que tanto me perturbava. Respondi-lhe no mesmo tom gracejador:

- Foi para vós que se deu ordem tão severa?

E de medo que ela a infringisse alguma vez, acrescentei:

- Embora ficasse furioso se você me acordasse.

- Eu sei, eu sei, não tenha medo - disse Albertine.

E, para suavizar, acrescentei, continuando a representar com ela a cena de Esther, ao passo que na rua prosseguiam os apelos que ficavam confusos devido à nossa conversa:

- Somente em vós encontro uma tal ou qual graça. Que me deslumbra sempre, mas jamais me cansa. (e comigo mesmo dizia: "Sim, ela me cansa muitas vezes"). E lembrando-me do que ela dissera na véspera, e agradecendo-lhe com exagero por ter renunciado ir aos Verdurin, para que de outra vez me obedecesse da mesma forma nisso ou naquilo, observei:

- Albertine, você desconfia de mim, que muito a amo, e tem confiança em pessoas que não gostam de você (como se não fosse natural desconfiar das pessoas que nos amam e são as únicas que têm interesse em nos mentir para saber, para nos opor obstáculos).

E acrescentei estas palavras mentirosas:

- No fundo, você não acredita que eu a ame, é engraçado. De fato, não a adoro. -

Ela por sua vez mentiu, dizendo que só confiava em mim, e a seguir foi sincera, garantindo que sabia muito bem que eu a amava. Mas tal afirmação não parecia implicar que ela não me julgasse mentiroso e capaz de espioná-la. E parecia perdoar-me, como se visse aí a conseqüência insuportável de um grande amor, ou como se ela mesma se achasse menos bondosa.

- Peço-lhe, minha querida, nada de cabriolas como fez outro dia. Pense, Albertine, se lhe ocorre um acidente! -

Mas é claro que não lhe desejava nenhum mal. Mas que bom seria se, com seus cavalos, ela tivesse a boa idéia de partir não sei para onde, onde se sentisse feliz, e de nunca mais voltar para a minha casa! Como tudo se simplificaria se ela fosse viver feliz algures, e nem mesmo me importava saber onde!

- Oh, sei muito bem que você não sobreviveria quarenta e oito horas, acabaria se matando!

Assim, trocávamos palavras mentirosas. Mas uma verdade mais profunda do que essa que proferiríamos se fôssemos sinceros pode às vezes ser expressa e prenunciada por outro meio que o da sinceridade.

- Esses barulhos todos na rua não o incomodam? - perguntou ela-; pois eu os adoro. Mas você que tem o sono tão leve?-

Ao contrário, eu o tinha às vezes bem profundo (como já disse, mas como o episódio que se segue me obriga a recordá-lo) e sobretudo quando só adormecia

pela manhã. Como tal sono foi em média quatro vezes mais repousante, parece ter sido quatro vezes mais longo àquele que dormiu, quando de fato foi quatro vezes mais curto. Magnífico erro de uma multiplicação por dezesseis que confere tanta beleza ao despertar e na vida introduz uma verdadeira inovação, semelhante àquelas grandes mudanças de ritmo que, na música, fazem com que uma colcheia, no andante, tenha a mesma duração que uma mínima num prestissimo, e que são desconhecidas no estado de vigília. A vida aí é quase sempre a mesma, de onde as decepções da viagem. No entanto, bem parece que o sonho é feito às vezes da matéria mais grosseira da vida, mas tal matéria aí é tratada, amassada de tal modo, com um alongamento devido a que nenhum dos limites horários do estado de vigília a impede de desprender-se a tão enormes alturas, que ninguém mais a reconhece. Nas manhãs em que esta boa sorte me ocorria, em que a esponja do sono apagara do meu cérebro os sinais das ocupações diárias que nele são traçadas como num quadro-negro, eu precisava fazer reviver a minha memória; à força de vontade, pode-se reaver o que a amnésia do sono ou de um ataque fez olvidar e que renasce aos poucos, à medida que os olhos se abrem ou que a paralisia desaparece. Eu vivera tantas horas em alguns minutos que, desejando falar a Françoise, a quem chamara, numa linguagem conforme a realidade e de acordo com a hora, era obrigado a empregar todo o meu poder interno de compreensão para não dizer: "Ora, Françoise, já são cinco horas da tarde e não vejo você desde ontem à tarde." E para repelir os meus sonhos, em contradição com eles, mentindo para mim mesmo, eu dizia atrevidamente, e reduzindo-me com todas as minhas forças ao silêncio, palavras opostas:

- Françoise, já são dez horas! -

Eu nem dizia dez horas da manhã, mas simplesmente dez horas, para que essas dez horas, tão incríveis, dessem a impressão de ser pronunciadas no tom mais natural. Todavia, dizer essas palavras em vez daquelas que continuava a pensar, mal desperto, o dormidor que eu era ainda, exigia o mesmo esforço de equilíbrio que a alguém que, saltando de um trem em movimento e correndo por um instante ao longo da linha, consegue entretanto não cair. Corre por um instante porque o meio que abandona é um meio animado de grande velocidade, e muito diverso do solo inerte ao qual seus pés têm alguma dificuldade de se adaptar. Pelo fato de que o mundo do sono não é o mundo da vigília, daí não se segue que o mundo da vigília seja menos verdadeiro, pelo contrário. No mundo do sono as nossas percepções são de tal forma sobrecarregadas, cada qual engrossada por outra, superposta, que a reduplica e inutilmente a deixa cega, que nem sequer sabemos distinguir o que se passa no aturdimento do despertar; Françoise é quem viera ou fora eu que, cansado de chamá-la, tinha ido ao seu encontro? O silêncio naquele instante era o único meio de nada revelar, como no momento em que

somos presos por um juiz instruído de circunstâncias que nos dizem respeito, mas das quais não temos conhecimento. Viera Françoise ou fora eu quem a chamara? Talvez Françoise é que dormia e eu a tinha despertado. Ainda mais, não estaria Françoise encerrada no meu peito, e a distinção das pessoas e sua interação existindo apenas nessa parda escuridão em que a realidade é tão pouco translúcida como no corpo de um porco-espinho, e onde a percepção quase nula talvez possa dar a idéia da de certos animais? Além disso, mesmo na límpida loucura que antecede esses sonos mais pesados, flutuam-se luminosamente alguns fragmentos de sabedoria, se os nomes de Taine e de George Eliot ali não são ignorados, nem por isso resta menos, para o mundo da vigília, aquela superioridade de ser possível continuar a cada manhã, o que não sucede a cada noite com o sonho. Mas talvez haja outros mundos mais reais que o da vigília. Aliás, temos visto que mesmo este é transformado a cada revolução nas artes, e muito mais, ao mesmo tempo, pelo grau de aptidão ou de cultura que diferencia um artista de um tolo ignorante.

E muitas vezes uma hora de sono a mais é um ataque de paralisia após o qual é preciso reencontrar o uso dos membros, reaprender a falar. A vontade não o conseguiria.

Dormiu-se demais, não se é mais. O despertar é apenas sentido mecanicamente e sem consciência, como o pode ser num tubo o fechamento de uma torneira. Sucede-se uma vida mais inanimada que a da medusa, na qual bem que se poderia imaginar que se está sendo retirado do fundo do mar ou voltando do banho, caso fosse possível pensar alguma coisa. Mas então, do alto dos céus, a deusa *Mnemotecnia*{45} se inclina e nos confere, sob a forma "hábito de pedir o café com leite", a esperança da ressurreição.

E mesmo o dom súbito da memória nem sempre é tão simples. Temos muitas vezes junto a nós, nesses primeiros minutos em que nos deixamos deslizar para fora do sono, uma gama de realidades diversas onde julgamos poder escolher como num jogo de cartas. É manhã de sexta-feira e voltamos do passeio, ou então é a hora do chá à beira-mar.

A idéia do sono e de que estamos deitados de camisola é muitas vezes a última que se nos apresenta. A ressurreição não chega de imediato, pensamos ter tocado a campainha e não o fizemos, agitamos palavras loucas no cérebro. Só o movimento é que nos devolve o raciocínio e, quando efetivamente tocamos a campainha, podemos dizer devagar mas com nitidez:

- Já são dez horas. Françoise, traga-me o café com leite.

Ó milagre! Françoise não pudera imaginar o oceano de irrealidade que ainda me banhava todo e através do qual eu tivera a energia de fazer passar minha estranha pergunta. De fato, ela me respondeu:

- São dez e dez - o que me dava uma aparência razoável e me permitia não deixar perceber as conversas esquisitas que me haviam acalentado interminavelmente, nos dias em que não fora uma montanha do Nada que me cancelara a vida. A força de vontade eu me reintegrara no real. Desfrutava ainda dos destroços do sono, ou seja, da única invenção, do único renovo que existe no modo de contar, não comportando todas as narrativas em estado de vigília, ainda que embelezadas pela literatura, essas misteriosas diferenças de onde deriva a beleza. É fácil falar da que o ópio originou. Mas, para um homem habituado a só dormir sob o efeito de drogas, uma hora inesperada de sono natural desvendará a imensidão matinal de uma paisagem tão misteriosa e de maior frescura. Fazendo variar a hora, o local onde se adormece, provocando o sono de modo artificial, ou, pelo contrário, retornando por um dia ao sono natural o mais estranho de todos para qualquer pessoa que tenha o hábito de dormir tomando soporíferos-, chega-se a obter variedades de sono mil vezes mais numerosas do que as variedades de cravos e de rosas que obteríamos se fôssemos jardineiros. Estes obtêm flores que são deliciosos sonhos e outras também que se parecem a pesadelos. Quando eu adormecia de certo modo, despertava tiritando, julgando estar com sarampo ou, coisa bem mais dolorosa, que minha avó (em quem já nunca pensava) sofria porque eu zombara dela no dia em que, em Balbec, acreditando que ia morrer, ela quisera que eu tivesse uma fotografia sua. E depressa, apesar de acordado, queria explicar-lhe que ela não me havia compreendido. Porém já me reaquecia. O diagnóstico de sarampo estava afastado e minha avó se distanciava de mim a tal ponto que não mais fazia doer meu coração.

Por vezes, abatia-se uma súbita escuridão sobre esses diferentes sonos. Eu sentia medo ao prolongar o meu passeio numa avenida completamente às escuras, onde ouvia passarem os vagabundos. De repente, erguia-se uma discussão entre um policial e uma dessas mulheres que muitas vezes exerciam a profissão de cocheiro e que, de longe, tomamos por um rapaz. Na sua boléia cercada de trevas eu não a enxergava, mas ela me falava e na sua voz eu lia as perfeições do seu rosto e a juventude do seu corpo. Caminhava na sua direção, dentro do negror, para subir no seu cupê antes que ela fosse embora. Estava longe. Felizmente, a discussão com o guarda se prolongava.

Alcançava o carro, ainda parado. Este pedaço da avenida era iluminado por lampiões. A pessoa na boléia tornava-se visível. Era mesmo uma mulher, porém velha, alta e corpulenta, com cabelos brancos que lhe fugiam por debaixo do boné, e uma lepra vermelha no rosto. Afastava-me pensando: "É isso o que acontece com a mocidade das mulheres? Aquelas que encontramos, se de repente desejamos revê-las, tornam-se velhas? A jovem que desejamos será como um emprego de teatro, em que, pela decadência das criadoras de um

papel, somos obrigados a confiá-lo a novas estrelas? Mas então já não é a mesma."

Depois uma tristeza me invadia. Assim, temos em nosso sono numerosas Piedades, como as Pietà do Renascimento, mas não como elas executadas no mármore, mas pelo contrário, inconsistentes. Todavia, elas têm a sua utilidade, que é a de nos lembrar um certo ponto de vista mais enternecido e mais humano das coisas, que somos por demais tentados a esquecer no bom senso gelado da vigília, por vezes cheio de hostilidade. Assim me foi lembrada a promessa, que eu me fizera em Balbec, de sempre ser compassivo para com Françoise. E, ao menos durante toda aquela manhã, eu saberia me esforçar para não irritar-me com as rixas de Françoise e do mordomo, ser carinhoso com Françoise, a quem os outros tratavam com tão pouca bondade.

Somente naquela manhã; e precisaria tentar estabelecer para mim um código mais estável; pois, assim como os povos não são governados durante muito tempo por uma política de puro sentimento, os homens não o são pela recordação de seus sonhos. Este já principiava a evolar-se. Buscando lembrá-lo para o descrever, fazia-o fugir ainda mais depressa. Minhas pálpebras já não estavam seladas com tanta força sobre meus olhos. Se tentava reconstituir meu sonho, elas se abririam totalmente. A todo instante é preciso escolher entre a saúde e a lucidez, de um lado, e os prazeres espirituais, de outro. Sempre tive a covardia de escolher a primeira. Aliás, o perigoso poder ao qual eu renunciava era-o ainda mais do que imaginamos. As Piedades e os sonhos não se dissipam sozinhos. Variando assim as condições em que adormecemos, não são apenas os sonhos que se dissipam, mas durante muitos dias, anos às vezes, a faculdade não só de sonhar mas de adormecer. O sono é divino, mas pouco estável; o mais leve choque deixa-o volátil. Amigo dos hábitos, estes o retêm cada noite, mais fixos do que ele, em seu lugar consagrado, preservam-no de todo choque. Mas, se o mudarmos de lugar, se não o mantivermos submisso, ele se desfaz como um vapor. Assemelha-se à juventude e aos amores, não o encontraremos mais.

Nestes sonos diversos, ainda como na música, era o aumento ou a diminuição do intervalo que criava a beleza. Eu desfrutava dela, mas, em compensação, tinha perdido naquele sono, conquanto breve, uma boa parte dos pregões em que se nos torna sensível a vida circulante dos ofícios e dos alimentos de Paris. Assim, de hábito (sem prever, infelizmente, o drama que tais despertares tardios e minhas leis draconianas e persas de Assuero raciniano deviam em breve me acarretar), eu me esforçava por acordar cedo a fim de não perder coisa alguma daqueles pregões.

Além da satisfação de conhecer o gosto de Albertine por eles e de sair de casa sem me erguer da cama, ouvia neles como o que o símbolo da atmosfera exterior, da perigosa vida turbulenta em cujo seio não a deixava circular sem

minha tutela, num prolongamento exterior do seqüestro, e de onde a retirava à hora que quisesse a fim de fazê-la voltar para junto de mim.

Portanto, foi com a maior sinceridade do mundo que pude responder a Albertine:

- Pelo contrário, eles me agradam porque sei que você gosta deles.

'Olha as ostras fresquinhas!'

- Oh, as ostras! Tenho tanta vontade de comê-las! -

Felizmente Albertine, meio inconstância, meio docilidade, esquecia depressa o que desejara e, antes que eu tivesse tempo de dizer que ela encontraria melhores ostras na casa Prunier, ela queria sucessivamente tudo o que ouvia ser apregoado pela vendedora de peixes: "Olha os camarões, os bons camarões, olha a arraia viva, vivinha!"-"Pescadas para fritar, para fritar!"-"Está chegando a cavala, cavala nova, cavala fresquinha!"-"Chegou a cavala, senhoras, é boa a cavala"-"Olha os mexilhões, bons e fresquinhos, os mexilhões!" - Contra a minha vontade, o pregão: "Está chegando a cavala" me fazia estremecer. Mas, como tais palavras não podiam aplicar-se ao nosso motorista," eu só pensei no peixe que detestava e minha inquietação logo se dissipou.

- Ah, os mexilhões - disse Albertine -, gostaria tanto de comer os mexilhões.

- Minha querida, isso era bom em Balbec, aqui não presta; peço que se lembre do que lhe disse Cottard a respeito dos mexilhões. -

Porém a minha observação era tanto mais desastrada, pois a vendedora seguinte anunciava algo que Cottard proibia ainda mais: Alface romana, a boa alface! Não se vende, dá-se!

Todavia Albertine consentiu-me o sacrifício da alface romana, contanto que lhe prometesse mandar comprar dali a uns dias à vendedora que apregoa: "Olha o belo aspargo de Argenteuil, olha o belo aspargo!" Uma voz misteriosa, e da qual seria de esperar as frases mais estranhas, insinuava: "Tonéis, tonéis!" Éramos obrigados a sentir a decepção de que se tratava apenas de tonéis, pois essa palavra era quase inteiramente abafada pelo pregão: "Vidrá, vidraceiro, vidraças quebradas, aqui está o vidrá, vidraceiro!", divisão gregoriana que, entretanto, lembrou-me menos a liturgia do que o fizera o grito do vendedor de roupas velhas, que reproduzia, sem o saber, uma dessas bruscas interrupções de sonoridades, no meio de uma prece, tão freqüentes no ritual da Igreja: *Praeceptis salutaribus moniti et divina institutione fomarti audemus dicere* - ["Do latim: "Instruídos em seus preceitos salvadores e formados pelo seu ensinamento divino, ousamos dizer..." Fórmula ritual que na missa precede o *Paternoster*- diz o padre, concluindo vivamente no *dicere*. Sem irreverência, como o piedoso povo da Idade Média, na própria igreja, representava as farsas e as *soties*, é nesse *dicere* que faz pensar o vendedor de roupas velhas, quando, depois de arrastar a voz por

todas as palavras, diz a última sílaba com uma precipitação digna do acento regulado pelo grande papa do século VII{46} : "Trapos, ferro-velho pra vender!" (tudo isto salmodiado lentamente, bem como as duas sílabas seguintes, ao passo que a última acaba mais vivamente que *dicere*), "peles de coê-lhos."-"Olha a laranja fresquinha, a Valência, a boa laranja de Valência!", os próprios alhos-porros modestos: "Olha os bonitos alhos-porros", as cebolas: "Oito tostões a minha cebola!", ressoavam para mim como um eco das vagas onde, livre, Albertine poderia perder-se, assumindo desse modo a doçura de um suave *mari magno*." "Olha as cenouras! só dois vinténs o molho!"

- Oh! - exclamou Albertine-, couves, cenouras, laranjas. Só coisas que tenho vontade de comer. Mande Françoise comprá-las. Ela fará cenouras com creme. E além do mais, será muito bom comer tudo isso junto. Serão todos os ruídos que ouvimos transformados numa boa refeição. Oh, peço-lhe, diga a Françoise para preparar de preferência uma arraia frita na manteiga queimada. É tão gostoso!

- Meu benzinho, está combinado. Não demore mais, senão vai querer tudo o que essas mulheres estão vendendo.

- Está feito, vou indo, mas de agora em diante só quero para os nossos jantares as coisas que tivermos ouvido apregoar. É bem divertido. E dizer que precisamos ainda esperar dois meses para ouvir: "Ervilhas macias, ervilhas, olha a ervilha!". Como fica bem dizer "ervilhas macias"! Sabe que gosto delas finas, bem fininhas, escorrendo molho de vinagre, nem se diria que as estamos comendo, macias como o orvalho. Ai de mim! É o caso dos requeijõezinhos, estão mais longe ainda: "Olha o requeijão fresquinho, o requeijão!", e as uvas brancas de Fontainebleau: "Tenho belas uvas brancas." - E eu pensava com pavor em todo aquele tempo que teria de ficar com ela até à época das uvas brancas. - Escute, estava dizendo que só queria as coisas que tivermos ouvido apregoar, mas é claro que faço algumas exceções. De modo que não será impossível que você passe no Rebattet para encomendar sorvete para nós dois. Você vai dizer que ainda não é tempo, mas tenho tanta vontade! -

Fui agitado pelo projeto sobre Rebattet, tornado mais certo e suspeito para mim devido a estas palavras: "Não será impossível." Era no dia em que os Verdurin recebiam e, desde que Swann lhes dissera que era a melhor casa, era no Rebattet que eles encomendavam sorvetes e bolinhos.

- Não faço qualquer objeção a um sorvete, minha querida Albertine, mas deixe-o por minha conta,

não sei mesmo se o encomendarei no Poiré-Blanche, no Rebattet, no Ritz, enfim, vou ver.

- Então vai sair? - perguntou Albertine com ar desconfiado. Sempre dizia que

ficaria encantada se eu saísse mais, mas se uma palavra minha podia deixar supor que eu não ficaria em casa, seu ar inquieto fazia pensar que a satisfação que ela teria em me ver sair com freqüência talvez não fosse sincera.

- Talvez saia, talvez não, você sabe perfeitamente que nunca faço projetos antecipados. Em todo caso, os sorvetes não são coisa que se apregoe, que se venda pelas ruas; por que você os deseja então? - E aí ela me respondeu com estas palavras que me provaram o quanto, de fato, a inteligência e o gosto latente se haviam bruscamente desenvolvido nela desde Balbec, com estas palavras do tipo daquelas que ela pretendia serem devidas unicamente à minha influência, à constante coabitação comigo, palavras que no entanto eu jamais teria dito, como se me tivesse sido feita alguma proibição, por um desconhecido, de empregar na conversa formas literárias. Talvez o futuro não devesse ser o mesmo para Albertine e para mim. Tive quase o pressentimento disso, ao vê-la apressar-se a empregar, falando, imagens tão escritas e que me pareciam reservadas para outro uso mais sagrado e que eu ainda ignorava. Ela me disse (e apesar de tudo fiquei profundamente enternecido, pois pensei: "Com certeza não falaria desse modo, sofreu profundamente a minha influência, portanto ela não pode me amar, é obra minha"):

- O que eu amo nessas comidas apregoadas é uma coisa ouvida, como uma rapsódia, muda de natureza às refeições, e se dirige ao meu paladar. Quanto aos sorvetes (pois espero que você os encomende naquelas formas fora de moda que têm todas as configurações possíveis de arquitetura), todas as vezes que os tomo, templos, igrejas, obeliscos, rochedos, é como uma geografia pitoresca que olho primeiro e, a seguir, converto seus monumentos de framboesa ou de baunilha em frescor na minha garganta. -

Eu achava que aquilo era um tanto bem enunciado demais, porém ela sentiu que eu achava que estava bem dito e continuou, parando por um momento quando obtinha uma comparação feliz, para rir com seu belo riso que me parecia tão cruel por ser tão voluptuoso:

- Meu Deus, no hotel Ritz receio muito que você encontre colunas *Vendôme* de sorvetes, sorvete de chocolate ou de framboesa, e então será preciso vários para que se pareçam à colunas votivas ou pilares erguidos numa alameda à glória do Frescor. Fazem também obeliscos de framboesa que se levantarão de sítio em sítio no deserto ardente de minha sede e cujo granito róseo irei derreter no fundo da garganta e que eles irão desalterar melhor do que os oásis (e aqui estalou o riso profundo, fosse pela satisfação de falar bem, fosse por zombaria consigo mesma por expressar-se em imagens tão continuadas, fosse, ai de mim, pela volúpia física de sentir em si própria algo de tão bom, tão viçoso, que lhe causava o equivalente de um orgasmo). Esses picos de sorvete do Ritz lembram às vezes o monte Rose, e até, se o sorvete é de limão, não desgosto que não tenha forma

monumental, que seja irregular, abrupto, como uma montanha de Elstir. Então, não é necessário que seja muito branco, mas um tanto amarelado, com aquele aspecto de neve suja e embaçada das montanhas de Elstir. O sorvete pode não ser grande, ser meio sorvete apenas, se quiser; mesmo assim, esses sorvetes de limão são montanhas reduzidas a uma escala bem pequena, mas a imaginação restabelece as proporções como no caso daquelas arvorezinhas japonesas anãs que se percebe muito bem serem cedros, carvalhos, mancenilhas, de modo que, pondo algumas delas ao longo de um pequeno sulco no meu quarto, eu teria uma imensa floresta descendo para um rio e onde as criancinhas poderiam perder-se. Da mesma forma, junto ao meu sorvete amarelado de limão, vejo perfeitamente postilhões, viajantes, seges de posta, sobre os quais a minha língua se encarrega de fazer desabar glaciais avalanches que os engolirão (a cruel volúpia com que ela falou isto excitou o meu ciúme); da mesma forma - acrescentou ela-encarrego-me de destruir com meus lábios, coluna por coluna, essas igrejas venezianas de um pórfiro que é morango, e de fazer cair sobre os fiéis o que eu tiver poupado. Sim, todos esses monumentos hão de passar de sua praça de pedra para o meu peito, onde já palpita o seu frescor que se derrete. Mas, olhe, mesmo sorvetes, nada é tão excitante nem dá sede como os anúncios de fontes termais. Em Montjouvain, na casa da Srta. Vinteuil, não existia um bom sorveteiro nas redondezas, mas nós fazíamos no jardim a nossa excursão pela França, bebendo a cada dia uma água mineral gasosa e diferente, como a água de Vichy, que, ao ser servida, levanta logo das profundezas do copo uma nuvem branca, que se abranda e se dissipa se não bebemos depressa. -

Mas ouvir falar de Montjouvain era penoso demais para mim, de modo que a interrompia.

- Estou sendo aborrecida, adeus querido. -

Que mudança desde Balbec, onde duvido que o próprio Elstir pudesse ter adivinhado essas riquezas de poesia em Albertine. De uma poesia menos estranha, menos pessoal que a de Céleste Albaret, por exemplo, que ainda na véspera viera visitar-me e, encontrando-me deitado, exclamara:

- Ó majestade do céu deposta numa cama!

- Por que do céu, Céleste?

- Oh, porque o senhor não se parece com ninguém, está enganado se julga ter algo desses que viajam sobre essa nossa terra vil.

- Em todo caso, por que "deposto"?

- Porque o senhor nada tem de um homem-deitado, o senhor não está na cama, não se move, os anjos é que parecem ter descido para depô-lo aí. -

Albertine jamais teria tido esse achado, mas o amor, mesmo quando parece a

ponto de acabar, é parcial. Eu preferia a "geografia pitoresca" dos sorvetes, cuja graça excessivamente fácil me parecia um motivo para amar Albertine e uma prova de que eu tinha poder sobre ela, que ela me amava.

Logo que Albertine saiu, senti como era cansativa para mim essa presença perpétua, insaciável de vida e movimento, que perturbava o meu sono com seus movimentos e me fazia viver num constante resfriado devido às portas que deixava abertas, forçava-me para achar pretextos que justificassem não acompanhá-la, sem todavia parecer muito enfermo, e por outro lado, para fazê-la acompanhar- a inventar cada dia mais artimanhas que Sherazade. Infelizmente, se por uma artimanha igual a narradora persa adiava a sua morte, eu apressava a minha. Assim, há na vida certas situações, nem todas criadas, como esta, pelo ciúme amoroso e por uma saúde precária que não permite compartilhar da vida de uma criatura ativa e jovem, mas em que, mesmo assim, o problema de continuar a vida em comum ou de retornar à vida separada de antes, coloca-se de uma forma quase médica: à qual das duas espécies de repouso é necessário sacrificar-se (continuando a estafa diária, ou regressando às angústias da ausência): à do cérebro ou à do coração?

De qualquer modo, sentia-me bem satisfeito que Andrée acompanhasse Albertine ao Trocadero, pois recentes e aliás minúsculos incidentes faziam com que, mesmo tendo é claro igual confiança na honestidade do motorista, sua vigilância ou pelo menos a perspicácia da sua vigilância já não me parecia tão boa como antes. Assim é que, ultimamente, tendo eu mandado Albertine sozinha com ele a Versalhes, Albertine me dissera ter almoçado nos Reservatórios. Como o motorista me falara do restaurante Vatel, no dia em que percebi essa contradição, arrumei um pretexto para descer e falar ao chofer (sempre o mesmo, aquele que vimos em Balbec) enquanto Albertine se vestia.

- Outro dia você me disse que havia almoçado no Vatel; a Srta. Albertine me fala dos Reservatórios. Que significa isso? -

O chofer respondeu:

- Ah, eu disse que tinha almoçado no Vatel, mas não posso saber onde a senhorita almoçou. Ao chegar a Versalhes, ela me deixou para tomar um fiacre puxado a cavalo, o que ela prefere quando não é para andar na estrada.

- Já me enfureci pensando que ela ficara sozinha; enfim, fora apenas para almoçar. Você não poderia - disse eu com ar gentil (pois não queria parecer estar positivamente mandando vigiar Albertine, o que teria sido humilhante para mim, e duplamente, pois aquilo significaria que ela me ocultava as suas ações) - almoçar, não digo com ela, mas no mesmo restaurante?

- Mas ela me havia pedido que só às seis da tarde estivesse na Praça de Armas. Eu não deveria

ir buscá-la à saída do seu almoço.

- Ah - disse eu, procurando dissimular meu abatimento.

E subi de novo.

Assim, Albertine estivera sozinha mais de sete horas, entregue a si mesma. É verdade que eu bem sabia que o fiacre não fora um simples expediente para se desembaraçar da vigilância do chofer. Na cidade, Albertine preferia passear de fiacre, dizia que se via bem, que o ar era mais puro. Apesar disso, ela passara sete horas sobre as quais eu nunca saberia coisa alguma. E não ousava imaginar no modo como ele as empregara. Achei que o motorista fora muito inábil, mas minha confiança nele, daí em diante, foi completa. Pois, se ele estivesse de combinação com Albertine, jamais teria me confessado que a deixara livre das onze da manhã às seis da tarde. Só haveria outra explicação, porém absurda, para a confissão do motorista. É que uma briga entre ele e Albertine lhe tivesse dado o desejo de, fazendo-me uma pequena revelação, mostrar à minha amiga que era homem capaz de falar e que, se depois da primeira advertência, feita de modo benigno, Albertine não andasse direito conforme ele queria, iria denunciá-la abertamente. Mas tal explicação era absurda; era preciso primeiro supor uma desavença inexistente entre ele e Albertine, e depois atribuir uma natureza de vigarista àquele bom chofer, que sempre se mostrara tão afável e tão bom rapaz. Aliás, dois dias depois eu percebi que, mais do que supusera; por um momento em minha loucura suspicaz, ele sabia exercer sobre Albertine uma vigilância aguda e discreta. Pois, tendo podido lhe falar particularmente a respeito do que me contara acerca de Versalhes, dizia-lhe com ar amistoso e natural:

- Aquele passeio a Versalhes, de que me falou anteontem, era perfeito, e você foi perfeito como sempre. Apenas, como uma pequena recomendação, aliás sem importância, tenho tal responsabilidade desde que a Sra. Bontemps pôs a sua sobrinha sob a minha guarda, que sinto muito medo de acidentes; e me censuro tanto por não acompanhá-la que prefiro que seja você, tão seguro, tão maravilhosamente hábil, que leve a Srta. Albertine a toda parte. Assim, não receio nada.-

O encantador chofer apostólico sorriu com finura, com a mão no volante em forma de cruz de consagração. Depois disse-me estas palavras que (expulsando as inquietudes do meu peito, onde logo foram substituídas pelo júbilo) me deram vontade de lhe saltar ao pescoço:

- Não tenha medo - disse. - Nada pode lhe acontecer, pois, quando o meu volante não a leva, o meu olhar a segue por toda parte. Em Versalhes, como quem não quer nada, visitei a cidade por assim dizer com ela. Dos Reservatórios ela foi ao Château, do Château aos Trianons, e sempre eu na sua cola sem que parecesse vê-la, e o melhor é que ela não me viu. Oh, se ela me visse, não tinha

importância. Era natural que, tendo o dia inteiro à minha frente sem fazer nada, eu também visitasse o Château. Tanto mais que a senhorita certamente já percebeu que tenho alguma leitura e que me interesso por todas as velhas curiosidades (era verdade, eu teria até ficado surpreendido se soubesse que ele era amigo de Morel, de tanto que ultrapassava o violinista em gosto e finura). Mas enfim, ela não me viu.

- Aliás, deve ter encontrado amigas, pois tem muitas delas em Versalhes.

- Não, estava sempre sozinha.

- Devem observá-la então; uma jovem deslumbrante e sozinha!

- É certo que a olhem, mas ela quase não dá atenção, pois tem os olhos no guia o tempo todo, e depois ergue-os para os quadros. -

A narrativa do motorista me pareceu tanto mais exata quanto fora, de fato, um cartão-postal representando o Château e um outro representando os Trianons, que Albertine me mandara no dia de seu passeio. A atenção com que o gentil chofer a seguira passo a passo muito me comoveu. Como poderia supor que essa retificação, sob a forma de um vasto complemento às suas palavras da antevéspera, derivasse de que, no decurso desses dois dias, Albertine, alarmada com a idéia de que o chofer me falasse, fizera as pazes com ele? Tal suspeita nem mesmo me ocorreu.

É certo que o depoimento do motorista, tirando-me todo o medo de que Albertine me enganasse, esfriou-me muito naturalmente em relação à minha amiga, tornando menos interessante o dia que ela passara em Versalhes. Todavia, creio que as explicações do chofer que, inocentando Albertine, fazia-a ainda mais aborrecida a meus olhos, não teriam talvez bastado para me acalmar tão depressa. Duas pequenas espinhas que minha amiga teve na testa durante alguns dias conseguiram, talvez melhor ainda, modificar os sentimentos do meu coração. Por fim, tais sentimentos se desviaram dela, a ponto de eu só me lembrar de sua existência quando a via, devido à confidência singular que me fez a camareira de Gilberte, encontrada por acaso. Fiquei sabendo que, quando eu ia diariamente à casa de Gilberte, ela amava um rapaz a quem via muito mais que a mim. Por um instante eu suspeitara disso, à época, e até mesmo interrogara a respeito esta mesma camareira. Mas, como ela sabia que eu estava apaixonado por Gilberte, havia negado o fato, jurando que a Srta. Swann nunca vira aquele rapaz. Mas agora, sabendo que meu amor estava morto há tanto tempo, que há muito eu deixara sem respostas as cartas de Gilberte (e talvez também porque já não estava a serviço da moça), espontaneamente contou-me por extenso o episódio amoroso que eu não tinha sabido. Isso lhe parecia muito natural. Lembrando-me de seus juramentos de então, julguei que ela não estivesse a par. Absolutamente; era ela mesma que, sob as ordens da Srta. Swann, ia prevenir o

rapaz logo que aquela a quem eu amava estava a sós. Que eu amava então... Mas não me perguntei se meu amor de outrora estava tão morto quanto o julgava, pois essa narrativa me foi penosa. Como não creio que o ciúme possa ressuscitar um amor morto, imaginei que minha triste impressão era devida, ao menos em parte, ao meu amor-próprio ferido, pois várias pessoas de quem eu não gostava e que naquela época, e até mesmo um pouco depois isto mais tarde mudou-, afetavam a meu respeito uma atitude de desprezo, sabiam perfeitamente, enquanto eu estava tão apaixonado por Gilberte, que me portava como um iludido. E tal constatação me fez até indagar, retrospectivamente, se no meu amor por Gilberte não houvera uma parcela de amor-próprio, visto que sofria tanto agora por verificar que todas as horas de ternura que me haviam feito tão feliz, eram conhecidas como uma verdadeira traição de minha amiga à minha custa, pelas pessoas de quem eu não gostava. Em todo caso, amor ou amor-próprio, Gilberte estava quase morta em mim, porém não de todo, e esse aborrecimento acabou por impedir que eu me preocupasse demais com Albertine, que ocupava uma faixa tão estreita em meu coração. Não obstante, para voltar a ela (depois de um parêntese tão longo) e a seu passeio a Versalhes, os cartões-postais de Versalhes (pode-se, então, ter assim o coração simultaneamente consumido por dois ciúmes entrecruzados, cada qual se referindo a uma pessoa diferente?) me davam uma impressão um tanto desagradável, cada vez que, arrumando papéis, meus olhos caíam sobre eles. E eu pensava que, se o motorista não fosse um homem correto, a concordância de seu segundo depoimento com os cartões-postais de Albertine não teria significado muita coisa, pois o que é que nos mandam de Versalhes senão o Château e os Trianons, a menos que o cartão seja escolhido por um sujeito requintado, amoroso de uma determinada estátua, ou por algum idiota elegendo como vista a estação de bondes a cavalo ou a gare dos Chantiers?

E ainda erro dizendo um idiota, pois esses cartões-postais nem sempre foram comprados por um deles ao acaso, pelo interesse de vir de Versalhes. Durante dois anos, os homens inteligentes e os artistas acharam Siena, Veneza, Granada uma chatice, e diziam de qualquer ônibus e de todos os vagões:

- Isto é que é belo. -

Pois esse gosto passou, como os outros. Nem mesmo sei se não se voltou ao "sacrilégio de destruir as coisas nobres do passado". Em todo caso, um vagão de primeira classe deixou de ser considerado *a priori* como mais belo que São Marcos de Veneza. Entretanto, dizia-se:

- Ali é que está a vida, a volta para trás é uma coisa artificial -, mas sem tirar disso uma conclusão clara. Para estar mais seguro, e embora tendo toda a confiança no chofer e para que Albertine não pudesse livrar-se dele sem que ele ousasse recusar por medo de passar por espião, não a deixei mais sair sem o

reforço de Andrée, ao passo que por algum tempo o chofer me bastara.

Eu até a deixara então (o que não teria ousado fazer desde aí) ausentar-se durante três dias, sozinha com o chofer, e ir até as vizinhanças de Balbec, de tanta vontade que ela havia mostrado de rodar pela estrada em simples *chassis* a toda velocidade. Três dias em que eu ficara bem tranqüilo, embora a chuva de cartões-postais que ela me enviara só me houvesse chegado às mãos, devido ao detestável funcionamento do correio bretão (bom no verão, mas muito desorganizado no inverno), oito dias depois do regresso de Albertine e do chofer, tão corajosos que na própria manhã do regresso retomaram, como se nada tivesse havido, o passeio cotidiano. Mas desde o incidente de Versalhes eu tinha mudado. Estava entusiasmado que Albertine fosse hoje ao Trocadero, àquela vesperal "extraordinária", mas, sobretudo, tranqüilo por sabê-la na companhia de Andrée.

Abandonando esses pensamentos, agora que Albertine saíra, fui colocar-me por um momento à janela. Primeiro houve um silêncio, em que o apito do vendedor de tecidos e a buzina do bonde fizeram ressoar o ar em oitavas diferentes, como um afinador de piano cego. Depois, aos poucos, tornaram-se distintos os motivos entrecruzados aos quais se juntavam outros novos. Havia também em outro apito, chamamento de um vendedor de quem nunca soube o que vendia, apito que era exatamente igual ao de um bonde, e como não fosse levado pela velocidade poder-se-ia dizer um só bonde, não dotado de movimento, ou que estivesse com uma pane, imobilizado, gemendo a curtos intervalos como um animal agonizante.

E parecia-me que, se jamais devesse deixar esse bairro aristocrático a menos que me mudasse para outro inteiramente popular-, as ruas e as alamedas do centro (onde a frutaria, a peixaria, etc., estabilizada em grandes casas de gêneros alimentícios, tornavam inúteis os gritos dos vendedores, que aliás não teriam conseguido fazer-me ouvir) me dariam a impressão de serem bem tristes, bem inabitáveis, despojadas, filtradas de todas aquelas ladainhas dos pequenos ofícios e das comedorias ambulantes, privados da orquestra que vinha me encantar desde a manhã. Na calçada, uma mulher pouco elegante (ou obediente a uma moda feia) passava, clara demais num paletó saco de pêlo de cabra; mas não, não era uma mulher, era um motorista que, enfiado no seu casaco de pele, voltava a pé para a garagem. Saindo dos grandes hotéis, os *grooms* alados, de tons cambiantes, curvados sobre o guidom das bicicletas, corriam velozmente para as gares, a fim de alcançar os viajantes do trem da manhã.

O ressôo de um violino era causado às vezes pela passagem de um automóvel, às vezes por eu não ter posto água suficiente no meu saco elétrico. Em meio à sinfonia destoava uma ária fora de moda: substituindo a vendedora de bombons que de costume acompanhava sua melodia com uma matraca, o vendedor de brinquedos, em cuja flauta de cana estava preso um boneco, que ele fazia mover

em todos os sentidos, ia levando outros bonecos de engonço e, sem se preocupar com a declamação ritual de Gregório o Grande, com a declamação reformada de Palestrina e com a declamação lírica dos modernos, entoava a plenos pulmões, partidário atrasado da melodia pura:

> *Vamos, papais, vamos mamães/ Satisfaçam seus filhinhos: Eu mesmo os faço, eu mesmo os vendo/ E eu mesmo recolho o dinheiro. Tra-lá-lá-lá, trá-lá-lá-lé/ Trá-lá-lá-lá-lá-lá-lá Vamos, crianças!*

Italianinhos de gorro na cabeça não tentavam resistir àquela aria vivaz, e, sem dizer nada, ofereciam suas pequenas estatuetas. Enquanto que um pequeno pífaro obrigava o vendedor de brinquedos a afastar-se e a cantar de modo mais confuso, embora presto: "Vamos papais, vamos mamães." Seria o pequeno pífaro um daqueles dragões que eu ouvia de manhã em Doncieres? Não, pois o que se seguia eram estas palavras:

- Aqui está o consertador de faianças e de porcelana. Conserto vidros, mármores, cristais, ossos, marfins e objetos de antigüidades. Aqui está o consertador. -

Num açougue, onde à esquerda havia uma auréola de sol e à direita um boi inteiro pendurado, um açougueiro muito alto e magro, de cabelos louros, com o pescoço saindo de um colarinho azul-celeste, separava, com rapidez vertiginosa e uma religiosa consciência, de um lado os filés mais escolhidos e de outro a pior alcatra, colocava-os em deslumbrantes balanças superadas por uma cruz, de onde pendiam belas correntes e (embora a seguir só se ocupasse em arrumar no mostrador os rins, turnedôs e entrecostos) dava na realidade muito mais impressão de um belo anjo que no Dia do Juízo Final irá preparar para Deus, conforme suas qualidades, a separação dos Bons e dos Maus, e a pesagem das almas. E novamente o pífaro agudo e esguio subia nos ares, anunciador não mais das destruições que Françoise temia, cada vez que desfilava um regimento de cavalaria, mas de "reparações" prometidas por um "antiquário" ingênuo ou zombeteiro, e que, de qualquer modo bastante eclético, longe de se especializar, tinha por objeto de sua arte as mais diversas matérias. As pequenas entregadoras de pão se apressavam a empilhar em seus cestos os pãezinhos destinados ao almoço, e, a seus ganchos, as leiteiras rapidamente penduravam as garrafas de leite. A nostálgica visão que eu tinha dessas meninas, podia considerá-la exata? Não seria uma outra caso eu pudesse conservar imóvel, junto a mim, por alguns instantes, uma dessas que, das alturas da minha janela, eu só enxergava na loja ou de fugida? Para avaliar a perda que me causava a reclusão, isto é, a riqueza que me ofertava o dia, seria preciso interceptar, no longo desenvolvimento da frisa animada, alguma garota que levasse leite ou roupa lavada, fazê-la passar

por um momento, como uma silhueta de cenário móvel, entre os batentes, pelo vão da minha porta, e retê-la sob meus olhos, não sem obter a seu respeito algumas informações que me permitissem reencontrá-la um dia, semelhantes à ficha sinalética que os ornitólogos ou os ictiólogos pregam, antes de devolver-lhes a liberdade, no ventre dos pássaros ou dos peixes, cujas migrações desejam poder identificar.

Assim, disse a Françoise que, para um recado que eu queria enviar, mandasse-me ela uma dessas meninas que vinham freqüentemente levar e trazer a roupa, o pão ou as garrafas de leite, e que ela muitas vezes mandava à rua em pequenas comissões. Nisso eu me parecia a Elstir, que, obrigado a ficar trancado em seu ateliê, em certos dias de primavera, quando, sabendo que os bosques estavam cheios de violetas, sentia um desejo violento de vê-las, mandava a porteira lhe comprar um buquê; então, comovido, alucinado, não era a mesa sobre a qual depusera o pequeno modelo vegetal, mas todo o tapete de vegetação rasteira, onde vira outrora, aos milhares, hastes serpentinas se dobrando sob seu bico azul, que Elstir pensava ter sob os olhos como uma zona imaginária, encerrada em seu ateliê pelo límpido aroma da flor evocadora.

Num domingo não era de esperar que viesse uma lavadeira. Quanto à padeirinha, por um acaso infeliz ela havia tocado a campainha num momento em que Françoise estava ausente, deixara os pães no cesto, no patamar da escada, e escapulira. A vendedora de frutas só viria bem mais tarde. Uma vez eu tinha entrado na leiteria para encomendar um queijo e, no meio das empregadinhas, havia reparado numa moça, verdadeira extravagância loura, de porte alto embora pueril, e que, no meio das outras vendedoras, parecia sonhar, numa atitude bem altiva. Eu só a vira de longe e passando tão rápido que não poderia dizer como era, a não ser que devia ter crescido depressa demais e sua cabeleira dava muito menos idéia das particularidades capilares que de uma estilização escultural dos meandros isolados de nevados paralelos. Fora tudo o que eu distinguira, bem como um nariz muito desenhado (coisa rara numa criança) num rosto magro, e que lembrava o bico dos filhotes de abutres. Além disso, o grupo das companheiras a seu redor não fora a única coisa a me impedir de observá-la bem, mas igualmente a incerteza dos sentimentos que eu poderia lhe inspirar à primeira vista e a seguir, fossem de altivez indomável, ou de ironia, ou de um desdém que mais tarde exprimisse às amigas. Tais suposições alternativas que eu fizera em um segundo a seu respeito tinham espessado em torno dela a atmosfera perturbadora em que ela se ocultava, como uma deusa na nuvem que o raio faz tremer. Pois a incerteza moral é uma causa maior de dificuldades para uma exata percepção visual do que o seria um defeito material do olho. Naquela jovem magra demais e que também chamava demais a atenção, o excesso do que um outro talvez qualificasse de encantos era justamente o que me

desagradava, mas, ainda assim, tivera como resultado impedir-me de perceber alguma coisa e, pela mais forte razão, de não me lembrar nada das outras empregadinhas, que o nariz arqueado desta, o seu olhar, algo tão pouco agradável, pensativo, pessoal, dando a impressão de julgar, tinham mergulhado na noite à maneira de um relâmpago louro que entenebrecesse a paisagem circundante. E assim, da minha visita para encomendar um queijo na leiteira, eu só me lembrara (se é que se pode dizer "lembrar-se" a propósito de um rosto, tão mal observado que adaptamos dez vezes ao nada do rosto um nariz diferente), eu só me lembrara da moça que me havia desagradado. Isso foi o bastante para fazer começar um amor. No entanto, eu teria esquecido a extravagância loura e jamais desejaria revê-la, se Françoise não me houvesse dito que, embora muito nova, essa garota era espertíssima e ia abandonar sua patroa porque, demasiado coquete, fizera dívidas no bairro. Diz-se que a beleza é uma promessa de felicidade. Inversamente, a possibilidade do prazer pode indicar um princípio de beleza.

Pus-me a ler a carta de minha mãe. Através das citações da Sra. de Sévigné ("Se meus pensamentos não são inteiramente negros em Combray, são pelo menos de um cinzento-escuro; penso em ti a todo instante; desejo a tua presença; tua saúde; teus assuntos, tua ausência; que pensas que tudo isso pode fazer no luscofusco?") eu sentia que ela estava aborrecida por ver que a temporada de Albertine em nossa casa se prolongava, e se afirmavam, embora ainda não declaradas à noiva, as minhas intenções de casamento.

Ela não me dizia mais diretamente por temer que eu largasse suas cartas em qualquer lugar. E ainda me censurava, por mais veladas que elas fossem, por não avisá-la imediatamente do recebimento de cada uma: "Sabes muito bem que a Sra. de Sévigné dizia: 'Quando se está distante, já não se zomba das cartas que principiam por: recebi a sua.'" Sem falar do que mais a inquietava, ela se dizia zangada com minhas grandes despesas: "Em que se vai todo o teu dinheiro? Já me atormenta bastante que tu, como Charles de Sévigné, não saibas o que queres e que sejas 'dois ou três homens ao mesmo tempo', mas pelo menos trata de não ser como ele nos gastos e que eu não possa dizer de ti: 'Ele achou um meio de gastar sem parecer, de perder sem jogar e de pagar sem ficar quites.'"

Eu acabava de ler a carta de mamãe quando Françoise voltou para me dizer que ali estava justamente a pequena leiteira, um tanto ousada demais, da qual me havia falado.

- Ela poderá muito bem levar a carta do senhor e dar algum recado desde que não seja para muito longe. O senhor vai ver, ela parece um Chapeuzinho Vermelho, - Françoise foi buscá-la e ouvi que a conduzia, dizendo:

- Ora vamos, estás com medo porque há um corredor, sua fingida, pensava que

fosses menos acanhada. Será que vou precisar segurar a tua mão? -

E Françoise, como boa e honesta empregada que acha dever em respeitar o patrão como ela própria o respeita, revestia-se daquela majestade que enobrece as alcoviteiras nesses quadros dos velhos mestres, onde ao lado delas se dilui quase à insignificância o casal de amantes.

Elstir, quando as olhava, não tinha de se preocupar com o que faziam as violetas. A entrada da pequena leiteira logo me tirou a calma de contemplador; só pensei em tornar verossímil a fábula da carta que ela haveria de levar e me pus a escrever com rapidez, sem ousar encará-la senão às furtadelas, para não parecer tê-Ia feito entrar só para aquilo. Para mim, ela estava ornada com o encanto do desconhecido, que eu não poderia ver acrescentado a uma bonita moça nessas casas em que elas nos esperam. Não estava nem nua nem disfarçada, mas era uma legítima empregadinha de leiteria, dessas que imaginamos tão bonitas quando não temos tempo de nos aproximar delas; era um pouco do que constitui o eterno desejo, a eterna tristeza da vida, cuja dupla corrente por fim é desviada e trazida para junto de nós. Dupla, pois trata-se do desconhecido, de uma criatura que adivinhamos dever ser divina, por causa da sua estatura, das suas proporções, seu olhar indiferente, sua tranqüila altivez; por outro lado, queremos que essa mulher seja bem especializada em sua profissão, permitindo-nos a evasão para esse mundo que um costume particular nos faz romanticamente julgar diverso. De resto, se procuramos enquadrar numa fórmula a lei das nossas curiosidades amorosas, seria preciso buscá-la no afastamento máximo entre uma mulher avistada e uma mulher que se aborda e acaricia. Se as mulheres daquilo que antigamente se chamava casas de tolerância, se as próprias meretrizes (desde que as saibamos meretrizes) nos atraem tão pouco, não é que sejam menos bonitas que as outras, é que elas estão inteiramente a nosso dispor; é que o que se busca exatamente atingir elas já no-lo ofertam; é que não são conquistas. O afastamento aí é mínimo. Uma prostituta já nos sorri na rua como o fará junto a nós. Somos escultores. Queremos obter de uma mulher uma estátua inteiramente diversa da que ela nos apresentou. Vimos uma jovem indiferente, mal-educada, à beira-mar; vimos uma caixeira ativa e séria, no seu balcão, que nos responderá com secura, ainda que seja apenas para não se tornar objeto das zombarias das companheiras, uma vendedora de frutas que mal nos responde. Pois bem, não sossegamos enquanto não pudermos experimentar se a jovem altiva de beira-mar, se a caixeira que pouco se importa com o que dizem dela, se a distraída vendedora de frutas não são suscetíveis, depois de manobras sagazes de nossa parte, de concordarem dobrar sua atitude retilínea, de rodear-nos o pescoço com esses braços que trazem frutas, de inclinar sobre nossa boca, num sorriso que consente, os olhos até então glaciais ou distraídos; beleza dos olhos severos nas horas de trabalho, em que a operária receava tanto a maledicência das

companheiras, olhos que se furtavam aos nossos olhares obsessivos e que agora, que estamos a sós, baixam as pupilas ao peso ensolarado do riso quando falamos de fazer amor).

Entre a caixeira, a lavadeira atenta a passar roupa, a vendedora de frutas, a moçada leiteria-e esta mesma garota que vai se tornar nossa amante-, atinge-se o máximo de afastamento, levado a seus limites extremos, e variado por esses gestos habituais da profissão, que fazem dos braços, enquanto dura o trabalho, algo tão diferente quanto possível, como arabesco, desses elos suaves que todas as noites já enlaçam nosso pescoço ao passo que a boca se apresta para o beijo. Assim, passamos toda a nossa vida em inquietas manobras, incessantemente renovadas, junto às jovens sérias e cujo mister parece afastá-las de nós. Uma vez em nossos braços, elas já não são o que eram, está suprimida a distância que sonhávamos franquear. Porém recomeçamos com outras mulheres, com tais empreendimentos gastamos todo o tempo de que dispomos, todo o dinheiro, todas as forças, explodimos de raiva contra o cocheiro demasiado lento que talvez nos faça perder o primeiro encontro, temos febre. Esse primeiro encontro, sabemos todavia que acarretará o desvanecimento de uma ilusão. Não importa; enquanto durar a ilusão, queremos ver se podemos mudá-la em realidade, e então pensamos na lavadeira em cuja frieza reparamos. A curiosidade amorosa é como a que em nós excitam os nomes de países; sempre decepcionada, renasce e permanece sempre insaciável.

Ai de mim! Uma vez junto comigo, a loura leiteira de mechas estriadas, destituída de tanta imaginação, de tantos desejos despertados em mim, achou-se reduzida a si própria. A nuvem fremente de minhas suposições já não a envolvia de vertigem. Ela assumia um ar todo envergonhado de só ter um nariz (em lugar dos dez, dos vinte, de que me lembrava sucessivamente, sem poder fixar a lembrança), mais redondo do que o imaginara, que lhe dava um ar de estupidez e, de qualquer modo, perdera a faculdade de se multiplicar. Esse vôo capturado, inerte, aniquilado, incapaz de acrescentar coisa alguma à sua pobre evidência, já não dispunha da minha imaginação para colaborar com ele. Caído no real imóvel, tentei reagir; as faces, não percebidas na loja, pareceram-me tão lindas que fiquei intimidado e, para recobrar a naturalidade, disse à garota:

- Poderia me fazer o favor de me alcançar o *Fígaro* que está aí; preciso ver o nome de um lugar aonde quero mandá-la.-

Imediatamente, pegando o jornal, ela descobriu até o cotovelo a manga rubra da sua jaqueta e me estendeu o diário conservador com um gesto hábil e gentil que me agradou pela rapidez familiar, pela aparência macia e a cor escarlate. Enquanto eu abria o *Fígaro*, para dizer algo e sem erguer os olhos, perguntei à menina:

- Como se chama esse seu casaco de tricô vermelho? É muito bonito. -

Ela respondeu:

- É o meu golfe. -

Pois, devido a uma degradação costumeira a todas as modas, as roupas e os ternos que, alguns anos antes, pareciam pertencer ao mundo relativamente elegante das amigas de Albertine, eram agora usados pelas operárias.

- Não se incomodará se eu a mandar a um recado um pouco longe? - disse-lhe, aparentando procurar no *Fígaro*. Logo que achei penoso o serviço que me prestaria, ela começou de fato a pensar que era um transtorno.

- É que devo passear daqui a pouco de bicicleta. Droga, só temos o domingo para isso.

- Mas não vai sentir frio, com a cabeça descoberta desse jeito?

- Ah! Mas não estarei de cabeça descoberta, e sim com a minha boina, e poderia até passar sem ela por causa da minha cabeleira.-

Ergui os olhos para as mechas flavescentes e frisadas, e senti que seu turbilhão me arrastava, o coração palpitante, na luz e nas rajadas de um furacão de beleza. Continuava a ler o jornal, mas, embora fosse apenas para me recobrar e ganhar tempo, enquanto fingia ler ia compreendendo, apesar do sentido das palavras que tinha diante dos olhos, e estas me deixaram atônito: "No programa da vesperal que anunciamos e que será executada esta tarde no salão de festas do Trocadero, é necessário acrescentar o nome da Srta. Léa, que aceitou comparecer em *Les Fourberies de Nérine*{47}. Evidentemente, ela fará o papel de Nérine, no qual é estonteante de vivacidade e de encantadora alegria."

Foi como se me tivessem arrancado brutalmente do coração o curativo sob o qual ele começara a cicatrizar desde o meu regresso de Balbec. O fluxo de minhas angústias jorrou em torrentes. Léa era a comediante amiga das duas moças que Albertine, sem parecer vê-las, havia em uma tarde observado pelo espelho, no cassino. É verdade que, em Balbec, Albertine, ao nome de Léa, assumira um tom particular de compunção para me dizer, quase chocada de que se pudesse suspeitar de pessoa tão virtuosa:

- Oh não, não é de modo algum uma mulher desse tipo; é uma mulher muito correta. -

Infelizmente para mim, quando Albertine fazia uma afirmação desse gênero, isto nunca passava do primeiro estágio de afirmações diferentes. Pouco depois da primeira, vinha esta segunda:

- Não a conheço.

Em terceiro lugar, depois de me ter falado de tal pessoa como "acima de qualquer suspeita", e que, a seguir, afirmava não a conhecer, esquecia-se aos poucos, primeiro de haver dito que não a conhecia, e, numa frase em que se contradizia sem querer, voltava a falar que a conhecia. Consumado este primeiro esquecimento e tendo sido enunciada a nova afirmação, principiava um segundo esquecimento, o de que a pessoa era insuspeitável.

- Será que essa fulana - indagava eu - tem esses hábitos?

- Ora, naturalmente, todo mundo sabe disso! -

Porém logo o tom compungido voltava para uma afirmação que era um vago eco, bastante atenuado da primeira:

- Devo dizer que comigo sempre se mostrou muito correta. Naturalmente ela sabia que eu a teria posto em seu lugar, e de que maneira. Mas, afinal, pouco importa. Sou forçada a lhe ser grata pelo verdadeiro respeito que ela sempre testemunhou por mim. Vê-se que ela sabia com quem estava lidando.

Lembramo-nos da verdade porque ela tem um nome, raízes antigas; mas uma mentira improvisada se esquece depressa. Albertine se esquecia dessa última mentira, a quarta, e, num dia em que desejava ganhar minha confiança por meio de confidências, chegava a me dizer da mesma pessoa, no começo tão distinta e que ela não conhecia:

- Teve uma quedinha por mim. Três, quatro vezes me pediu para acompanhá-la até em casa e subir com ela. Eu não via mal nenhum em acompanhá-la, diante de todo mundo, em pleno dia, na rua. Mas, logo que chegava à sua porta, achava sempre um pretexto e nunca subi.

Algum tempo depois, Albertine me fazia alusão à beleza dos objetos que se viam na casa da mesma pessoa. De aproximação em aproximação, talvez se chegasse a fazê-la dizer a verdade, uma verdade quem sabe menos grave do que eu era levado a crer, pois talvez, fácil com as mulheres, ela preferisse um amante, e agora que eu era o seu, não mas teria pensado em Léa. Em todo caso, quanto a muitas das mulheres, já teria me bastado apresentar numa síntese à minha amiga as suas afirmações contraditórias para convencê-la de seus erros (erros que são bem mais fáceis de verificar pelo raciocínio, como as leis astronômicas, do que de observar, de surpreender na realidade). Mas ela ainda teria preferido dizer que mentira quando fizera uma de suas afirmações, cuja retirada faria desse modo desmoronar todo o meu sistema, em vez de reconhecer que tudo o que havia contado desde o princípio não passava de uma trama de histórias mentirosas. Há casos iguais nas *Mil e Uma Noites*, e que nos encantam. Fazem-nos sofrer numa pessoa a quem amamos, e por causa disso nos permitem penetrar um pouco mais fundo no conhecimento da natureza humana, em vez de limitar-nos à sua superfície. O desgosto nos invade e obriga-nos pela curiosidade

dolorosa a penetrar. Daí decorrem as verdades que não nos sentimos com o direito de ocultar, de modo que um ateu agonizante que as descobriu, seguro do Nada, despreocupado da glória, usa todavia suas horas derradeiras para tentar fazer com que sejam conhecidas.

Sem dúvida, eu estava ainda na primeira daquelas afirmações sobre Léa. Ignorava até se Albertine a conhecia ou não. Pouco importa, dava no mesmo. Era preciso, a todo custo, impedir que Albertine, no Trocadero, pudesse reencontrar essa conhecida, ou travar relações com essa desconhecida. Disse que não sabia se ela a conhecia ou não; no entanto, é possível que o tivesse sabido em Balbec, através da própria Albertine. Pois o esquecimento apagava tanto em mim quanto em Albertine uma boa parte das coisas que ela me havia afirmado. Porque a memória, em vez de um exemplar em dobro, sempre presente a nossos olhos, dos diversos fatos da nossa vida, é antes um Nada de onde, por instantes, uma similitude atual nos permite extrair, ressuscitadas, lembranças mortas; mas existem ainda mil pequenos fatos que não caíram nessa virtual idade da memória e que permanecerão para sempre inverificáveis para nós. A tudo o que ignoramos relacionar-se à vida real da pessoa a quem amamos não prestamos atenção, esquecemos logo o que ela nos disse a propósito de um determinado fato ou de uma certa pessoa que não conhecemos, e o aspecto dela ao nos dizer tais coisas. Assim, quando a seguir o nosso ciúme é excitado por essas mesmas pessoas, para saber se ele não se engana, se é precisamente a elas que se deve relacionar uma certa pressa que a nossa amante tem de sair, certo descontentamento de ter sido privada de fazê-lo porque voltamos cedo demais, o nosso ciúme, examinando o passado para obter indicações, nada encontra nele; sempre retrospectivo, é como um historiador que tivesse de escrever uma história para a qual não dispusesse de documento algum; sempre atrasado, ele se precipita como um touro furioso para onde não se encontra a criatura brilhante e altiva que o irrita com suas picadas e cuja magnificência e astúcia a multidão cruel admira. O ciúme se debate no vazio, indeciso, como o somos nesses sonhos em que sofremos por não encontrar em sua casa vazia uma pessoa que conhecemos muito bem na vida, mas que aqui talvez seja uma outra e apenas tenha assumido as feições de outra personagem; indeciso, como o somos mais ainda quando, após o despertar, buscamos identificar tal ou qual detalhe do nosso sonho. Que jeito seria o da nossa amiga ao nos dizer isso? Teria um aspecto feliz, não estaria mesmo assobiando, coisa que ela só faz quando lhe ocorre um pensamento amoroso e nossa presença a importuna ou irrita? Não nos terá dito uma coisa que se acha em contradição com o que afirma agora, que conhece ou não conhece tal pessoa? Não o sabemos, não saberemos jamais, empenhamo-nos em procurar os destroços inconsistentes de um sonho, e durante esse tempo a nossa vida com a amante continua, nossa vida distraída diante do que ignoramos ser importante para nós, atenta ao que talvez o não seja, atormentada de

pesadelos com criaturas que não têm relações reais conosco, nossa vida cheia de esquecimentos, de lacunas, de ansiedades vãs, nossa vida semelhante a um sonho.

Dei-me conta de que a garota da leiteria ainda estava ali. Disse-lhe que decididamente era muito longe, que não precisava dela. E logo ela achou também que ia ser muito incômodo:

- Vai haver um bom *match* daqui a pouco, gostaria de não perdê-lo. -

Senti que ela já devia gostar de esportes e que dentro de alguns anos diria: viver sua vida. Disse-lhe que decididamente não precisava dela e lhe dei cinco francos. Imediatamente, como se não esperasse por isso, e considerando que se ganhara cinco francos para não fazer nada, poderia ganhar muito mais pela comissão, começou a achar que seu *match* não tinha importância.

- Bem que eu poderia dar o seu recado. Sempre se consegue dar um jeito. -

Mas eu a impeli até a porta, precisava estar sozinho; tinha a todo custo de impedir que Albertine encontrasse as amigas de Léa no Trocadero.

Precisava, precisava consegui-lo; para dizer a verdade, ainda não sabia como; e, durante aqueles primeiros instantes, abria as mãos, olhava-as, fazia estalar as juntas dos dedos, ou porque o espírito que não pode achar o que procura, tomado de preguiça, concorda em fazer uma parada durante um momento, quando as coisas mais indiferentes lhe aparecem com nitidez, como essas pontas de capim que do vagão vemos tremer nos taludes ao sopro do vento, quando o trem pára em campo raso; imobilidade que nem sempre é mais fecunda que a do animal capturado, que, paralisado de medo, ou fascinado, olha sem se mexer-, ou porque eu mantivesse o corpo inteiramente preparado com minha inteligência dentro e, nela, os meios de ação sobre tal ou qual pessoa-como sendo apenas uma arma de onde partiria o golpe que haveria de separar Albertine de Léa e de suas duas amigas. Decerto, na manhã em que Françoise viera me dizer que Albertine iria ao Trocadero, eu havia pensado: "Albertine pode muito bem fazer o que quiser" e acreditara que até a noite, naquele tempo radioso, os seus atos não teriam importância perceptível para mim. Mas não fora apenas o sol da manhã, como pensara, que me fizera tão despreocupado; era porque, tendo obrigado Albertine a renunciar aos projetos que ela podia talvez preparar ou até mesmo realizar na casa dos Verdurin, e limitando-a a ir a uma vesperal que eu próprio escolhera e em função da qual ela não pudera combinar coisa alguma, sabia que o que ela faria forçosamente seria inocente. Da mesma forma, se Albertine dissera instantes depois:

- Se eu me matar, pouco me importa-, fora por estar convencida de que não se mataria. À minha frente, à frente de Albertine, houvera aquela manhã (bem mais que a iluminação do dia) aquele meio que não vemos, mas através de cujo

intermédio translúcido e mutável nós víamos, eu as suas ações, e ela a importância de sua própria vida, isto é, aquelas crenças que não percebemos mas que, como o ar que nos rodeia, não são assimiláveis a um puro vácuo; compondo ao nosso redor uma atmosfera variável, por vezes excelente, muita vez irrespirável, elas mereceriam ser destacadas e assinaladas com tanto cuidado como a temperatura, a pressão barométrica e a estação, pois os nossos dias têm sua originalidade física e moral. A crença, não notada por mim naquela manhã e na qual todavia estivera alegremente envolto até o momento em que abrira o *Fígaro*, de que Albertine só faria coisas inofensivas, essa crença acabava de desaparecer.

Eu já não vivia num dia lindo, mas num dia criado no seio deste pela inquietude de que Albertine reatasse com Léa e mais facilmente ainda com as duas moças, caso estas fossem, como me parecia provável, aplaudir a atriz no Trocadero, onde não lhes seria difícil, num entreato, reencontrar Albertine. Eu não pensava mais na Srta. Vinteuil, o nome de Léa me fizera rever, para sentir ciúmes, a imagem de Albertine no cassino perto das duas moças. Pois eu só possuía na memória séries de Albertine separadas umas das outras, incompletas, perfis, instantâneos; desse modo, o meu ciúme se restringia a uma expressão descontínua, a um tempo fixa e fugidia, e às criaturas que a tinham feito aparecer na fisionomia de Albertine. Lembrava-me desta quando, em Balbec, era excessivamente olhada pelas duas moças ou por mulheres desse tipo; lembrava-me do sofrimento que senti ao ver percorrido por olhos ativos como os de um pintor que quer fazer um croqui, este rosto inteiramente coberto por eles e que, devido, é claro, à minha presença, sofria esse contato sem dar a impressão de percebê-lo, com uma passividade talvez clandestinamente voluptuosa.

E, antes que ela se recobrasse e me falasse, havia um segundo durante o qual Albertine não se movia, sorrindo no vazio, com o mesmo ar de natureza fingido e de prazer dissimulado que teria se lhe fossem tirar o retrato; ou até para escolher diante da objetiva uma pose mais picante-aquela mesma que assumira em Doncieres quando passeávamos com Saint-Loup: rindo e passando a língua nos lábios, fingia que estava irritando um cão. Decerto, nesses momentos não era de modo algum a mesma que se interessava pelas garotas que passavam. Ao contrário, neste último caso o seu olhar estreito e aveludado se fixava, colocava-se na passante, tão aderente, tão corrosivo, que parecia que, ao retirar-se, levaria consigo a pele. Mas nesse momento aquele olhar, que pelo menos lhe dava um quê de seriedade, fazendo-a até parecer doente, era-me suave em comparação com o seu olhar inerte e feliz junto das duas moças, e eu teria preferido a sombria expressão do desejo que ela talvez sentia às vezes, à expressão risonha causada pelo desejo que ela inspirava. Por mais que tentasse disfarçar a consciência que tinha disso, esta a banhava e envolvia, vaporosa, voluptuosa,

fazia surgir todo corado o seu rosto. Mas tudo o que Albertine deixava em suspenso nesses instantes dentro de si mesma, e que irradiava à sua volta e me fazia sofrer tanto, quem sabe se na minha ausência ela continuaria a manter em silêncio, se aos avanços das duas moças, agora que eu já não estava ali, ela não corresponderia com audácia? É claro que tais lembranças me causavam grande mágoa. Eram como uma confissão total dos gostos de Albertine, uma confissão geral de sua infidelidade, contra o que não poderiam prevalecer suas juras particulares, nas quais eu gostaria de crer, os resultados negativos de minhas incompletas indagações, as garantias de Andrée, talvez forjadas em conivência com Albertine. Esta podia negar suas traições particulares; com palavras que lhe escapavam, mais fortes que as declarações contrárias, ou por simples olhares, ela confessara o que desejava ocultar, muito mais do que fatos particulares: aquilo que preferia matar-se a dar a conhecer, o seu vício. Pois nenhuma criatura deseja entregar a sua alma. Apesar da mágoa que tais lembranças me causavam, poderia eu negar que era o programa da vesperal do Trocadero que despertara a minha necessidade de Albertine? Ela era dessas mulheres em quem as culpas poderiam, se preciso fosse, substituir os encantos e, tanto quanto as culpas, a bondade que lhes sucede e nos devolve aquela doçura que com elas, como um enfermo que nunca se sente bem dois dias seguidos, sempre somos obrigados a reconquistar. Aliás, mais até do que as culpas do tempo em que as amamos, existem as culpas de antes que as conhecêssemos, e a primeira de todas: a sua natureza. De fato, o que torna dolorosos tais amores é que preexiste a eles uma espécie de pecado original da mulher, um pecado que faz com que a amemos, de modo que, quando o esquecemos, temos menos necessidade dela e, para recomeçar a amar, é necessário recomeçar a sofrer. Neste momento, que ela não se encontrasse com as duas moças e saber se ela conhecia ou não conhecia Léa era o que mais me preocupava, embora a gente não devesse interessar-se por fatos particulares a não ser devido à seu significado geral, e apesar da puerilidade que existe, tão grande como a da viagem ou do desejo de conhecer mulheres, em fragmentar a curiosidade sobre aquilo que, da torrente invisível das realidades cruéis que nos ficarão sempre desconhecidas, casualmente se cristalizou em nosso espírito. Além disso, mesmo que chegássemos a destruir tal cristalização, ela seria logo substituída por outra. Ontem, eu temia que Albertine fosse à casa dos Verdurin. Hoje só estava preocupado com Léa. O ciúme, que traz uma venda nos olhos, não é só impotente para descobrir alguma coisa nas trevas que o cercam; é também um dos suplícios em que a tarefa é recomeçar sem descanso, como a das Danaides, como a de Íxion. Mesmo se as duas moças lá não estivessem, qual a impressão que poderia causar sobre ela a atriz Léa, embelezada pela caracterização, glorificada pelo sucesso, quantas fantasias deixaria ela para Albertine, quais os desejos que, mesmo refreados em minha casa, lhe dariam o desgosto de uma

vida em que não poderia satisfazê-los? Aliás, quem sabe se ela não conhecia Léa e não iria vê-la em seu camarim, e até que Léa não a conhecesse: quem me asseguraria que, tendo-a de qualquer modo avistado em Balbec, não a reconheceria e não lhe faria um sinal desde o palco, o que autorizaria Albertine a mandar abrir a porta dos bastidores? Um perigo parece muito evitável quando é conjurado. Este não o era ainda, eu receava que não fosse possível evita-lo, e por isso ele me parecia tanto mais terrível. E no entanto esse amor por Albertine, que eu sentia quase desvanecer-se quando tentava realiza-lo, parecia de algum modo provado pela violência da minha dor nesse momento. Eu não me preocupava com outra coisa e só pensava nas maneiras de impedir Albertine de ficar no Trocadero, teria oferecido qualquer quantia a Léa para que lá não comparecesse. Se se demonstra a preferência de alguém pela ação que pratica mais do que pelas idéias que defende, então eu estava amando Albertine.

Mas essa retomada do sofrimento não dava maior consistência à imagem de Albertine dentro de mim. Provocava os meus males como uma divindade que permanece invisível.

Fazendo mil conjecturas, eu procurava remediar meu sofrimento sem por isso realizar o meu amor.

Primeiro, era necessário ter certeza de que Léa iria de fato ao Trocadero. Depois de ter mandado embora a garota da leiteria, dando-lhe cinco francos, telefonei para Bloch, também ligado a Léa, para tomar informações. Não sabia de nada e pareceu espantado que aquilo pudesse interessar-me. Pensei que era preciso apressar-me, que Françoise já estava pronta e eu não; e, enquanto me levantava, mandei-a tomar um automóvel;18 ela devia ir ao Trocadero, comprar uma entrada, procurar Albertine por todo o salão e lhe entregar um bilhete meu. Nesse bilhete eu dizia que estava transtornado por uma carta recebida há pouco da mesma senhora por quem ela sabia que me sentira tão infeliz certa noite em Balbec. Lembrava-lhe que no dia seguinte ela me censurara por não ter mandado chamá-la. Assim, dizia eu, permitia-me pedir que sacrificasse a sua vesperal e viesse buscar-me para tomarmos juntos um pouco de ar, a fim de tentar que eu melhorasse. Mas, como eu levaria muito tempo para me vestir e me aprontar, ela me daria grande prazer aproveitando a presença de Françoise para ir comprar nos Trois Quartiers (sendo menor, esta loja me inquietava menos que o Bon Marché) o lenço de tule branca de que necessitava.

Meu bilhete provavelmente não era inútil. Para falar a verdade, eu nada sabia do que havia feito Albertine desde que a conhecia, nem mesmo antes. Mas em sua conversação (Albertine poderia dizer, se lhe tivesse falado nisso, que eu compreendera mal) havia certas contradições, certos retoques que me pareciam tão decisivos como um flagrante delito, porém menos utilizáveis contra Albertine que, muitas vezes, surpreendida em fraude como uma criança, de cada vez,

graças a súbitas retificações estratégicas, tornara baldados meus cruéis ataques e restabelecera a situação. Cruéis para mim. Ela empregava, não por refinamento de estilo, mas para reparar suas imprudências, esses saltos bruscos de sintaxe um tanto semelhantes ao que os gramáticos denominam anacoluto ou seja lá o que for. Deixando escapar, ao falar de mulheres, estas palavras:

- Lembro-me que ultimamente, eu -, bruscamente, depois de uma "pausa de semicolcheia", "eu" se transformava em "ela", era uma coisa que ela tinha avistado num passeio inocente, e não realizada. Não era ela o sujeito da ação. Gostaria eu de me lembrar exatamente do começo da frase para concluí-la por mim mesmo, já que ela se interrompera, qual teria sido o final. Mas, como havia esperado esse final, mal me recordava do princípio, pois talvez o meu ar interessado a tivesse feito desviar-se, e eu ficava ansiando pelo seu pensamento verdadeiro, pela sua recordação verídica. Infelizmente, com os começos de uma mentira de nossa amante ocorre o mesmo que com os começos do nosso próprio amor, ou com os começos de uma vocação. Eles se formam, conglomeram-se e passam despercebidos de nossa própria atenção. Quando queremos nos lembrar de que modo começamos a amar uma mulher, já estamos amando; dos devaneios de antes, não dizíamos: é o prelúdio de um amor, estejamos atentos; e eles avançavam de surpresa, mal notados por nós. Da mesma forma, a não ser em casos relativamente escassos, foi quase por comodidade da narrativa que muitas vezes opus aqui um dito mentiroso de Albertine com (sobre o mesmo assunto) a sua afirmação primitiva. Essa afirmação primitiva, muitas vezes, não lendo no futuro e não adivinhando qual afirmação contraditória lhe corresponderia mais tarde, deslizara despercebida, com certeza escutada por meus ouvidos, mas sem que eu a isolasse da continuidade das palavras de Albertine. Posteriormente, gostaria de me lembrar; era em vão; minha memória não fora prevenida a tempo; havia julgado inútil guardar uma cópia.

Recomendei a Françoise que, quando tivesse feito Albertine sair do salão, avisasse-me por telefone e a trouxesse de volta, contente ou não.

- Não faltava mais nada que ela não ficasse contente de vir para a companhia do senhor.

- Mas não sei se ela gosta tanto assim de estar comigo.

- Seria preciso que ela fosse bem ingrata - replicou Françoise, em quem Albertine renovava, depois de tantos anos, o mesmo suplício da inveja que outrora lhe causara Eulalie junto de minha tia. Ignorando que a situação de Albertine junto a mim não fora procurada por ela mas por mim desejada (o que por amor-próprio e para enraivecer Françoise eu punha tanto empenho em lhe ocultar), ela admirava e execrava a sua habilidade e chamava-a, quando falava dela aos demais criados, de "comediante", de "impostora", que fazia de mim o

que queria. Não ousava ainda entrar em guerra aberta contra Albertine, fazia-lhe boa cara, e valorizava-me os serviços que prestava em suas relações comigo, pensando ser inútil dizer-me qualquer coisa e que não conseguiria nada, mas aguardando uma ocasião; e, se alguma vez descobrisse uma fissura na situação de Albertine, prometia a si mesma alargá-la e separar-nos completamente.

- Muito ingrata? Mas não, Françoise, eu é que me considero ingrato, você não sabe como ela é boa para mim. (Era-me tão doce parecer ser amado!) Vá depressa.

- Vou chispando.

A influência de sua filha começava a alterar um pouco o vocabulário de Françoise. Assim todas as línguas perdem a sua pureza por anexar novos termos. Aliás, eu era indiretamente responsável por essa decadência do modo de falar de Françoise, que conhecera em sua bela época. A filha de Françoise não teria feito com que degenerasse ao mais baixo calão a linguagem clássica da mãe, se se tivesse contentado em falar o patoá com ela. Nunca se privara disso, e, quando as duas estavam juntas comigo, se tinham coisas secretas a se dizer, em vez de irem fechar-se na cozinha, elas se faziam, bem no meio do meu quarto, uma proteção mais intransponível que a porta mais bem trancada, falando o patoá. Eu apenas supunha que mãe e filha não viviam sempre em boa harmonia, a julgar pela freqüência com que se repetia o único vocábulo que eu podia distinguir: *m'esasperate* (a menos que o objeto dessa exasperação fosse eu). Infelizmente, acabamos por aprender a língua mais desconhecida, desde que a ouçamos falar sempre. Lamentei que fosse o patoá, pois cheguei a conhecê-lo e não teria aprendido menos bem se Françoise tivesse o hábito de se exprimir em persa. Françoise, quando percebeu meu progresso, tratou de falar o mais depressa possível, e a filha também, mas nada adiantou. A mãe ficou desolada quando soube que eu compreendia o patoá, e depois contente ao me ouvir falá-lo. Na verdade, esse contentamento era o da zombaria, pois, embora eu acabasse por pronunciá-lo mais ou menos como ela, Françoise achava entre nossas pronúncias abismos que a encantavam, e punha-se a lastimar não ver mais pessoas da sua terra, nas quais há muitos anos que não pensava, e que, ao que parece, se torceriam de um riso que ela desejaria ouvir, ao me escutarem falar tão mal o patoá. Bastava essa idéia para enchê-la de alegria e de mágoa de não vê-la realizada, e nomeava este ou aquele camponês que chegaria às lágrimas de tanto rir. Em todo caso, nenhuma alegria se misturou à tristeza de que, mesmo o pronunciando mal, eu o compreendesse bem. As chaves tornavam-se inúteis quando aquele a quem desejamos impedir de entrar pode se servir de uma gazua ou de uma chave-mestra. Reduzindo-se o patoá a uma defesa sem valor, Françoise pôs-se a falar com a filha um francês que bem depressa se tornou o das épocas mais baixas.

Eu já estava pronto. Françoise ainda não havia telefonado; seria preciso sair sem esperar? Mas quem sabe se ela encontraria Albertine? E se esta não se encontrasse nos bastidores? E se até, descoberta por Françoise, não se deixasse levar embora? Meia hora depois, ressoou o toque do telefone e no meu coração bateram tumultuosamente o receio e a esperança. Era um esquadrão volante de sons que, sob as ordens de um funcionário da companhia telefônica, com uma velocidade instantânea, me trazia as palavras do telefonista, não as de Françoise, a quem uma timidez e uma melancolia ancestrais, aplicadas a um objeto desconhecido de seus pais, a impediam de se aproximar de um receptor, mas que, no entanto, não temia visitar doentes contagiosos. Havia encontrado Albertine sozinha no corredor, e esta, tendo ido apenas avisar Andrée que não ficaria, logo se reunira a Françoise.

- Ela não estava zangada? Ah, perdão. Pergunte a esta senhora se a senhorita não estava zangada.

- Esta senhora me diz para lhe dizer que não, absolutamente não, muito pelo contrário; em todo caso, se ela não está contente isto não se percebe. Agora elas vão aos Trois Quartiers e estarão de volta às duas horas. -

Compreendi que duas horas queria dizer três horas, pois já passava das duas. Mas era, em Françoise, um dos defeitos particulares, permanentes e incuráveis, a que chamamos doentios, o de nunca poder olhar nem dizer exatamente a hora. Jamais pude compreender o que se passava na sua cabeça quando Françoise, tendo olhado o relógio, caso fossem duas horas dizia: é uma hora, ou são três horas; jamais pude compreender se o fenômeno que ocorria então tinha por ser do olhar de Françoise, o seu cérebro, ou a sua linguagem; o certo é que tal fenômeno ocorria sempre. A humanidade é muito velha. A hereditariedade e os cruzamentos deram uma força invencível a maus hábitos, a reflexos viciosos. Algumas pessoas espirram e respiram com dificuldade porque passam perto de um arbusto, outras têm erupções devido ao odor da tinta fresca; muitas têm cólicas se é preciso viajar, e netos de ladrões que agora são milionários generosos não resistem à tentação de nos roubar cinqüenta francos. Quanto a saber em que consistia a impossibilidade em que se achava Françoise de dizer a hora exata, não foi dela que pude extrair qualquer esclarecimento a respeito. Pois, apesar da cólera que me davam habitualmente suas respostas inexatas, Françoise não procurava desculpar-se pelo erro, nem explicá-lo. Permanecia muda, dava a impressão de não me ouvir, o que acabava de me exasperar. Gostaria eu de ouvir uma palavra de justificação, ainda que fosse apenas para rebatê-la, mas nada; um silêncio indiferente. Em todo caso, quanto a hoje, nenhuma dúvida: Albertine ia voltar com Françoise às três horas, Albertine não veria Léa nem suas amigas. Assim, estando conjurado o perigo que ela renovasse suas relações com tais pessoas, esse perigo logo perdeu importância a

meus olhos, e me espantei, ao ver a facilidade com que fora evitado, de ter pensado que não conseguiria que o fosse. Senti um vivo movimento de gratidão por Albertine, a qual, via bem, não fora ao Trocadero por causa das amigas de Léa, e que me mostrava, deixando a vesperal e voltando para casa a um sinal meu, que ela me pertencia para o futuro até mais do que eu imaginava. Maior ainda foi tal sentimento quando um ciclista me trouxe um bilhete dela para que eu tivesse paciência, bilhete em que havia amabilidades que lhe eram comuns: "Meu querido, meu caro Marcel, chego menos depressa que este ciclista, de cuja bicicleta gostaria de utilizar-me para estar mais cedo com você. Como pode imaginar que eu possa ficar aborrecida e que algo possa me agradar mais do que estar junto de você? Seria ótimo sairmos os dois juntos e melhor ainda seria nunca sairmos senão juntos. Que idéia são as suas, então? Esse Marcel! Toda sua, Albertine."

Até os vestidos que lhe comprava, o iate de que lhe falara, os peignoirs de Fortuny, tudo isso, tendo nesta submissão de Albertine não a sua compensação, mas o seu complemento, surgia-me como outros tantos privilégios que eu exercia; pois os deveres e os encargos de um senhor fazem parte de sua dominação e a definem e provam, tanto quanto os seus direitos. E esses direitos que ela me reconhecia dava precisamente à meus encargos o seu verdadeiro caráter: eu tinha uma mulher à minha disposição, a qual, ao primeiro recado que lhe enviasse de improviso, mandava-me telefonar, com deferência, que voltava, que se deixava reconduzir logo. Eu era mais senhor do que julgava. Mais senhor, isto é, mais escravo. Eu já não tinha nenhuma impaciência de ver Albertine. A certeza de que ela estava fazendo compras com Françoise, que regressaria com ela num momento próximo que eu de bom grado prorrogaria, iluminava como um astro radioso e pacífico um tempo que agora eu gostaria muito mais de passar sozinho. O amor por Albertine fizera erguer-me e me preparar para sair, mas me impediria de desfrutar a minha saída. Imaginava que, nesse domingo, *operariazinhas, midinettes e cocotes* iam passear no Bois. E com essas palavras, "midinettes", "operariazinhas" (como já me ocorrera muitas vezes com um nome próprio, um nome de moça lido no noticiário de um baile), com a imagem de um corpete branco, de uma saia curta, pois atrás disso eu punha uma criatura desconhecida e que poderia me amar, eu criava sozinho mulheres desejáveis, e dizia comigo: "Como devem ser gostosas!" Mas de que me serviriam que o fossem, visto que eu não saía só?

Aproveitando o fato de que ainda estava sozinho, e entrecerrando as cortinas para que o sol não me impedisse de ler as notas, sentei-me ao piano e abri ao acaso a Sonata de Vinteuil que ali estava posta, e comecei a tocar porque, estando ainda meio distante a chegada de Albertine, mas em compensação sendo segura, eu dispunha de tempo e de paz de espírito. Banhado na espera, cheio de segurança

pelo seu retorno na companhia de Françoise e de confiança em sua docilidade, como na beatitude de uma luz interior tão reaquecedora como a de fora, eu podia dispor do meu pensamento, desprendê-lo de Albertine, aplicá-lo à Sonata. Mesmo nesta, não me empenhei em reparar o quanto a combinação do motivo voluptuoso e do motivo ansioso respondia agora mais ao meu amor por Albertine, do qual o ciúme estivera por tão longo tempo ausente que eu havia podido confessar a Swann a minha ignorância de tal sentimento. Não, tomando a Sonata de um outro ponto de vista, encarando-a em si mesma como sendo a obra de um grande artista, eu era conduzido pelo fluxo sonoro em direção aos dias de Combray. Não quero dizer de Montjouvain e do lado de Méséglise, mas dos passeios pelos lados de Guermantes -quando eu próprio desejara ser artista. Abandonando de fato tal ambição, renunciara eu a alguma coisa real? Poderia a vida consolar-me da arte, haveria na arte uma realidade mais profunda em que nossa personalidade verdadeira encontrasse uma expressão que não lhe conferem as ações da vida? Todo grande artista parece de fato de tal modo diverso dos outros, e tanto nos dá aquela sensação de individualidade que em vão buscamos na existência cotidiana! No momento em que eu pensava nisto, um compasso da Sonata me impressionou, compasso que aliás eu conhecia bem; mas às vezes a atenção ilumina diversamente coisas já conhecidas no entanto há muito, e nas quais assinalamos o que nunca tínhamos percebido nelas. Tocando esse compasso, e conquanto Vinteuil estivesse exprimindo ali um sonho que deveria permanecer de todo estranho a Wagner, não pude evitar murmurar: "Tristão!"-com o sorriso que tem um amigo da família ao encontrar algo do avô numa entonação, num gesto do neto que não o conheceu. E como então se olha uma fotografia que permite precisar a semelhança, instalei na estante, por sobre a Sonata de Vinteuil, a partitura de Tristão, do qual tocavam, justamente naquela tarde, alguns trechos no Concert Lamoureux. Na minha admiração pelo mestre de Bayreuth, eu não tinha nenhum dos escrúpulos daqueles, como Nietzsche, a quem o dever lhes dita que fujam, na arte como na vida, da beleza que os provoca, repudiando Tristão como renegam Parsifal e, por ascetismo espiritual, de mortificação em mortificação, chegam, seguindo o mais sangrento dos caminhos da cruz, a elevar-se ao puro conhecimento e à adoração perfeita do *Postilhão de Longjumeau*{48}. Eu percebia tudo o que a obra de Wagner tem de real, revendo esses temas insistentes e fugazes que visitam um ato, afastando-se apenas para retornar, e às vezes distantes, entorpecidos, quase desligados, são, em outros momentos, mesmo sempre continuando vagos, tão próximos e prementes, tão internos, tão orgânicos, tão viscerais, que se diria serem a retomada menos de um motivo que de uma nevralgia.

A música, bem diferente nisto da companhia de Albertine, ajudava-me a descer ao fundo de mim mesmo, e a descobrir aí coisas novas: a variedade que eu em vão buscara na vida, na viagem, cuja nostalgia no entanto me era dada por esse

fluxo sonoro que fazia morrer a meu lado suas ondas ensolaradas. Dupla diversidade. Como o espectro exterioriza para nós a composição da luz, do mesmo modo a harmonia de um Wagner e a cor de um Elstir nos permitem conhecer aquela essência qualitativa das sensações de outrem, onde o amor por outra criatura não nos faz penetrar. Além disso, diversidade no seio da própria obra, pelo único meio que há de ser realmente diverso: reunir várias individualidades. Onde um músico qualquer julgaria estar pintando um escudeiro, ou um cavaleiro, ainda quando os fizesse cantar a mesma música, Wagner, ao contrário, coloca, sob cada denominação, uma realidade diferente e, cada vez que seu escudeiro aparece, trata-se de uma figura particular, a um tempo simplista e complicada, que, com um entrechoque de linhas radiante e feudal, inscreve-se na imensidade sonora. Decorre daí a plenitude de uma música de fato repleta de tantas músicas, cada uma das quais é um ser. Um ser ou a impressão que nos dá um aspecto momentâneo da natureza. Mesmo aquilo que é mais independente do sentimento que ela nos faz experimentar, conserva sua realidade exterior e inteiramente definida, o canto de um pássaro, o som da trompa de um caçador, a canção tocada por um pastor na sua flauta de cana, recortam no horizonte a sua silhueta sonora. Por certo Wagner ia fazê-la mais próxima, aproveitar-se dela, colocá-la numa orquestra, submetê-las às mais altas idéias musicais, todavia respeitando sua originalidade primitiva como um fabricante de arcas respeita as fibras, a essência particular da madeira que esculpe.

Mas apesar da riqueza dessas obras em que a contemplação da natureza tem seu lugar ao lado da ação, ao lado de indivíduos que não são mais que nomes de personagens, mesmo assim eu imaginava o quanto essa obras participam do caráter de ser - ainda que maravilhosamente - sempre incompletas, que é o caráter de todas as grandes obras do século XIX, cujos maiores escritores deixaram em seus livros a marca de sua personalidade, mas, observando-se enquanto trabalhavam, como se fossem a um tempo o operário e o juiz, extraíram dessa autocontemplação uma beleza nova, exterior e superior à obra, impondo-lhe retroativamente uma unidade, uma grandeza que ela não possui. Sem nos determos naquele que viu em seus romances, depois de concluídos, uma *Comédia Humana*, nem naqueles que a poemas ou ensaios inconjuntos denominaram *A Lenda dos Séculos e A Bíblia da Humanidade*, não podemos, no entanto, dizer que este último encarna tão bem o século XIX, que as maiores belezas de Michelet devemos procurá-las menos na sua própria obra que nas atitudes que ele assume em face da mesma, não na sua *História da França* ou na sua *História da Revolução*, mas em seus prefácios a esses dois livros? Prefácios, ou seja, páginas escritas depois dos livros, onde ele os examina, e às quais convém acrescentar, aqui e ali, algumas frases, começando de hábito por um "Devo dizê-lo?" que não é uma cautela de sábio, mas uma cadência de músico. O

outro músico, o que me deslumbrava no momento, Wagner, tirando de suas gavetas um trecho delicioso para fazê-lo entrar como tema retrospectivamente necessário em uma obra na qual não pensava no momento em que a compusera e, depois, tendo composto uma primeira ópera mitológica, depois uma segunda, depois ainda outras, e de súbito percebendo que acabava de fazer uma Tetralogia, deve ter sentido um pouco da mesma embriaguez de Balzac, quando este, lançando às suas obras um olhar a um tempo de um estranho e de um pai, achando neste romance a pureza de Rafael, neste outro a simplicidade do Evangelho, reparou bruscamente, ao lançar sobre eles uma iluminação retrospectiva, que ficariam mais belos reunidos num ciclo em que as mesmas personagens reaparecessem e acrescentou à sua obra, nesse ajustamento, uma pincelada, a derradeira e a mais sublime. Unidade ulterior, não artificial.

Senão seria reduzida a pó como tantas sistematizações de escritores medíocres que, com grande reforço de títulos e subtítulos, desejam parecer que se deram ao esforço de perseguir um só e transcendente desígnio. Não fictícia, talvez mais real até por ser ulterior, por ter nascido de um momento de entusiasmo em que é descoberta entre pedaços que só precisam se unir, unidade que se ignorava, portanto vital e não lógica, que não proscreveu a variedade nem ressecou a execução. Ela é (mas aplicando-se desta vez ao conjunto) como determinado trecho composto à parte, nasceu de uma inspiração, não exigida pelo desenvolvimento artificial de uma tese, e que vem integrar-se a resto. Antes do grande movimento de orquestra que precede a volta de Isolda, foi à própria obra que atraiu para si a ária meio esquecida da flauta de um pastor.

E, sem dúvida, assim como a progressão da orquestra, ao aproximar-se da nave, apodera-se dessas notas da flauta, transforma-as, associa-as à sua embriaguez, quebra o seu ritmo, aclara-lhes a tonalidade, acelera-lhes o movimento, multiplica-lhes a instrumentação, assim o próprio Wagner, sem dúvida, alegrou-se ao descobrir em sua memória a ária do pastor, agregou-a à sua obra, deu-lhe todo seu significado. De resto, semelhante alegria não o abandona jamais. Seja qual for a tristeza do poeta, ela é consolada nele, superada - quer dizer, infelizmente um pouco destruída pela alegria do fabricante. Mas então, tanto quanto pela identidade que eu havia notado há pouco entre a frase de Vinteuil e a de Wagner, sentia-me perturbado por essa habilidade vulcânica. Seria essa habilidade que confere, nos grandes artistas, a ilusão de uma originalidade intrínseca, irredutível, aparentemente um reflexo dê uma realidade mais que humana, e de fato o produto de um labor industrioso?

Se a arte não passa disto, não é mais real do que a vida, e eu não tinha que lastimar o fato de não ser artista. Continuava a tocar *Tristão*. Separado de Wagner pelo tabique sonoro, ouvia-o exultar, convidar-me a partilhar da sua alegria, ouvia redobrar o riso imortalmente jovem e as marteladas de *Siegfried*, em

quem, aliás, mais maravilhosamente marcadas eram tais frases, a habilidade técnica do operário só servindo para fazê-las mais livremente deixar a terra, pássaros idênticos não ao cisne de *Lohengrin*, mas àquele aeroplano que eu vira, em Balbec, mudar sua energia em elevação, planar acima das ondas e perder-se no céu. Talvez, como as aves que mais alto sobem, que voam mais depressa, têm uma asa mais possante, fossem necessários aparelhos realmente materiais para explorar o infinito, desses cento e vinte cavalos marca *Mistério*, nos quais entretanto, por mais alto que se voe, é-se um tanto impedido de desfrutar o silêncio dos espaços devido ao potente ronco do motor!

Não sei por que o curso de meus devaneios, que até aqui havia seguido as recordações da música, desviou-se para aqueles que foram, em nossa época, os melhores executantes, e entre os quais, superestimando-o um pouco, eu situava Morel. E logo o meu pensamento fez um brusco desvio e foi sobre o caráter de Morel, e certas singularidades desse caráter, que me pus a devanear. Aliás, isto podia acrescentar-se mas não se confundir com a neurastenia que o atormentava-, Morel tinha o hábito de falar de sua vida, mas dando um retrato tão sombrio dela que era difícil distinguir alguma coisa. Por exemplo, colocava-se à inteira disposição do Sr. de Charlus, com a condição de ter as noites livres, pois desejava poder seguir o curso de álgebra depois do jantar. O Sr. de Charlus dava licença, mas pedia para vê-lo depois.

- lmpossível, é uma velha pintura italiana-(este gracejo não faz qualquer sentido transcrito assim; mas o Sr. de Charlus fizera Morel ler *A Educação Sentimental,* em cujo penúltimo capítulo Fréderic Moreau diz esta frase; e, assim, Morel, de brincadeira, nunca dizia a palavra "impossível" sem fazê-la seguir por estas: "é uma velha pintura italiana") -, o curso dura muitas vezes até bem tarde e já é um grande incômodo para o professor, que naturalmente ficaria melindrado...

- Mas não há necessidade de curso, álgebra não é como a natação, nem mesmo como o inglês, isto se aprende muito bem num livro - replicava o Sr. de Charlus, tendo logo adivinhado nesse curso de álgebra uma dessas imagens em que não se podia destrinçar nada. Talvez se tratasse da cópula com uma mulher, ou, se Morel procurava ganhar dinheiro por meios suspeitos e estivesse de combinação com a polícia secreta, de uma operação com agentes de segurança, ou, quem sabe, pior ainda, a espera de um gigolô de quem se poderá precisar num bordel.

- Bem mais facilmente até pelos livros - respondia Morel ao Sr. de Charlus-, pois não se compreende nada num curso de álgebra.

- Então por que não a estudas de preferência lá em casa, onde tens de fato todo o conforto? -poderia ter respondido o Sr. de Charlus; evitou, porém, dizê-lo, sabendo que, imediatamente, conservando apenas o mesmo caráter de necessidade para reservar as horas da noite, o curso de álgebra se mudaria numa aula obrigatória

de dança ou de desenho. No que o Sr. de Charlus pôde perceber que se enganava, ao menos em parte: Morel, muitas vezes, na casa do barão, ocupava-se em resolver equações. O Sr. de Charlus objetava que a álgebra não podia servir em nada a um violinista. Morel retrucava que era uma distração para passar o tempo e combater a neurastenia. É claro que o Sr. de Charlus poderia procurar saber o que eram na verdade aquelas misteriosas e fatais aulas de álgebra, só ministradas à noite. Mas o Sr. de Charlus estava envolvido demais nas obrigações da sociedade para se ocupar em deslindar o emaranhado das ocupações de Morel.

As visitas feitas ou recebidas, o tempo passado no círculo, os jantares na cidade e as noites no teatro impediam-no de pensar nisso, bem como naquela malvadez, a um tempo violenta e sorrateira, que Morel, dizia-se, fazia ao mesmo tempo brilhar e dissimular nos ambientes sucessivos, nas diferentes cidades por onde passara, e onde só falavam dele com um arrepio, baixando a voz, e sem coragem de contar coisa alguma. Infelizmente, foi a uma dessas explosões de nervosismo maldoso que tive ocasião de assistir naquele dia, quando, tendo deixado o piano, desci ao pátio para ir ao encontro de Albertine que ainda não tinha chegado. Passando em frente à loja de Jupien, onde Morel e aquela que eu julgava vir a ser em breve sua mulher estavam sozinhos, ouvi Morel gritando com toda a força, o que fazia sair dele uma entonação que não lhe conhecia, rude, habitualmente recalcada, e estranhíssima. As palavras não o eram menos, erradas do ponto de vista da língua francesa, mas ele conhecia tudo imperfeitamente. - Saia já daqui; sua grandessíssima puta, grandessíssima puta, grandessíssima puta- repetia ele à pobre moça, que certamente no começo não entendera o que ele queria dizer; e depois, trêmula e digna, permanecia imóvel diante dele. - Já lhe disse para sumir daqui, grandessíssima puta, grandessíssima puta, vá procurar o seu tio para que eu lhe diga o que você é, sua puta. -

Justo naquele momento a voz de Jupien; que regressava conversando com um amigo, fez-se ouvir no pátio, e, como eu sabia que Morel era um tremendo poltrão, achei inútil juntar minhas forças à de Jupien e seu amigo, que num instante estariam dentro da loja, e voltei a subir, para evitar Morel, que, embora tivesse tanto desejado que chamassem Jupien (provavelmente para aterrorizar e dominar a moça com uma chantagem sem qualquer fundamento), apressou-se a sair logo que ouviu sua voz no pátio. As palavras reproduzidas não são nada, nem explicariam o bater do coração com que subi.

Tais cenas a que assistimos na vida encontram um elemento de força incalculável no que os militares denominam, em matéria de ofensiva, a vantagem da surpresa, e, por maior que fosse a minha sensação de suave tranqüilidade por saber que Albertine, em vez de ficar no Trocadero, ia voltar para junto de mim, nem por isso ressoava menos nos ouvidos o acento daquelas palavras dez vezes repetidas: "grandessíssima puta, grandessíssima puta", que

tinham me perturbado tanto.

Pouco a pouco minha agitação se acalmou. Albertine ia chegar. Eu a ouviria bater à porta dentro de um instante. Sentia que minha vida não era mais a mesma como poderia ter sido; e que ter assim uma mulher com a qual muito naturalmente, quando estivesse de volta, deveria sair, para cujo embelezamento iam ser cada vez mais desviadas as forças e a atividade do meu ser, fazia de mim como que uma haste acrescida, mas vergada ao peso do fruto opulento pelo qual passam todas as suas reservas. Contrastando com a ansiedade que eu experimentara uma hora antes, o sossego que me causava o regresso de Albertine era mais vasto do que o que eu sentira de manhã, antes de sua partida. Antecipando o futuro, de que a docilidade de minha amiga me tornava mais ou menos senhor, mais resistente, como que repleto e estabilizado pela presença iminente, importuna, inevitável e doce, era o sossego (dispensando-nos de buscar a felicidade em nós mesmos) que nasce de um sentimento familiar e de uma ventura doméstica: foi isso ainda, não menos que o sentimento que me trouxera tanta paz enquanto eu esperava Albertine, o que experimentei a seguir, passeando com ela. Ela tirou a luva por um momento, fosse para tocar a minha mão, fosse para me deslumbrar, deixando-me ver no seu dedo mindinho, ao lado daquele que recebera da Sra. Bontemps, um anel onde se estendia a larga e líqüida toalha de uma clara folha de rubis:

- Um novo anel, Albertine? Sua tia é tão generosa!

- Não, este não veio da minha tia - disse ela, rindo. - Eu mesma é que o comprei, visto que, graças a você, posso fazer grandes economias. Nem mesmo sei a quem pertenceu. Um viajante que não tinha dinheiro o deixou para o dono de um hotel onde estive em Mans. O homem não sabia o que fazer dele e o teria vendido bem abaixo do seu valor. Mas ainda assim era muito caro. Agora que, graças a você, eu me torno uma dama elegante, mandei lhe perguntar se ele o possuía ainda. E aí está.

- Tanto anel, Albertine. Onde vai pôr o que lhe vou dar? Em todo caso, este é muito bonito; não consigo distinguir os lavores em torno aos rubis, dir-se-ia uma cabeça humana fazendo caretas. Mas não tenho boa vista.

- Mesmo que a tivesse, não adiantaria muito. Eu também não distingo nada.

Antigamente, muitas vezes me ocorrera, ao ler um volume de memórias ou um romance, em que um homem sempre sai com uma mulher, merendam juntos, desejar poder fazer o mesmo. Às vezes julgara consegui-lo, por exemplo, levando comigo a amante de Saint-Loup, indo jantar com ela. Mas debalde eu invocava a idéia de que, naquele momento, representava bem a personagem que havia invejado no romance, essa idéia me convencia de que eu devia ter satisfação ao lado de Rachel e, todavia, não me proporcionava.

É que, de cada vez que desejamos imitar alguma coisa, esquecemos que essa coisa foi produzida não pela vontade de imitar, mas por uma força inconsciente, também real. Mas essa impressão particular que não pudera me dar todo o meu desejo de sentir um prazer delicado ao passear com Rachel, eis que agora o sentia sem o ter procurado de forma alguma, mas por motivos completamente diversos, sinceros, profundos para citar um exemplo - porque meu ciúme impedia-me de estar longe de Albertine e, no momento em que eu podia sair, de deixá-la passear sem mim. Só o sentia agora porque o conhecimento é, não das coisas exteriores que desejamos observar, mas das sensações involuntárias; porque outrora uma mulher, por mais tempo que estivesse no mesmo carro que eu, não estava na realidade junto a mim, enquanto não a recriasse ali, a todo instante, uma necessidade dela como eu a tinha de Albertine, enquanto a carícia constante do meu olhar não lhe devolvesse permanentemente as cores que exigem ser perpetuamente refrescadas, enquanto os sentidos, mesmo apaziguados, mas que se recordam, não pusessem sob aquelas cores o sabor e a consistência, enquanto, unido aos sentidos e à imaginação que os exalta, o ciúme não mantivesse tal mulher em equilíbrio junto a mim por uma atração compensada, tão poderosa como a lei da gravidade.

Nosso carro descia depressa pelos bulevares, pelas avenidas, cujos palacetes enfileirados, rósea congelação de sol e de frio, recordavam-me as visitas à casa da Sra. Swann, docemente iluminadas pelos crisântemos a esperada hora dos lampiões. Eu mal tinha tempo de avistar, tão separado delas atrás do vidro do automóvel como o teria estado atrás da janela do meu quarto, uma jovem caixeira da casa de frutas, uma moça da leiteria de pé diante da porta, iluminada pelo lindo dia como uma heroína que meu desejo bastava para empenhar em peripécias deliciosas, no limiar de um romance que eu nunca haveria de conhecer. Pois eu não podia pedir a Albertine que parássemos, e já não eram mais visíveis as moças, de quem meus olhos mal distinguiram as feições e mal puderam acariciar a frescura no louro vapor em que elas se banhavam. A emoção de que me sentia possuído ao avistar a filha de um comerciante de vinhos ou uma lavadeira conversando na rua era a emoção que se tem ao reconhecer as Deusas. Desde que o Olimpo já não existe, seus habitantes vivem na terra. E, quando, ao compor um quadro mitológico, os pintores fizeram posar, como Vênus ou Ceres, moças do povo que exerciam os ofícios mais vulgares, bem longe de cometer um sacrilégio, não fizeram mais que acrescentar-lhes, restituir-lhes a qualidade e os atributos divinos de que se achavam despojadas.

- Como lhe pareceu o Trocadero, louquinha?

- Estou muito contente de o ter deixado para passear com você. É de Davioud, creio.

- Mas como a minha pequena Albertine é instruída! De fato, é de Davioud, mas

eu o tinha esquecido.

- Enquanto você dormia li seus livros, grande preguiçoso. Como monumento, é bem feio, não acha?

- Menina, você está mudando com tamanha rapidez e se torna de tal modo inteligente (é verdade, mas, além disso, gostava que ela tivesse a satisfação, à falta de outras, de pensar que pelo menos o tempo que passava em minha casa não era totalmente perdido), que lhe diria, quando necessário, algumas coisas que em geral seriam consideradas falsas e que correspondem a uma verdade que estou procurando. - Você sabe o que é o impressionismo?

- Sei.

- Pois bem, veja o que pretendo dizer: lembra-se da igreja de Marcouville I'Orgueilleuse, que Elstir não apreciava porque era nova? Será que ele não está um tanto em contradição com o seu próprio impressionismo, quando retira assim esses monumentos da impressão global em que estão situados, leva-os para fora da luz onde estão dissolvidos e examina o seu valor intrínseco feito um arqueólogo? Quando pinta, por acaso um hospital, uma escola ou um cartaz numa parede não têm o mesmo valor que uma catedral inestimável que está perto, numa imagem indivisível? Lembre-se de como a fachada estava queimada pelo sol, como o relevo daqueles santos de Marcouville sobrenadavam na luz. Que importa que um monumento seja novo, se parece velho? E mesmo que não pareça! O que os velhos bairros têm de poético foi extraído até a última gota, porém certas casas recentemente construídas para pequenos burgueses endinheirados, nos bairros novos, onde a pedra muito branca mostra ter sido preparada há pouco, não rompem elas o ar tórrido do meio-dia em julho, à hora em que os comerciantes voltam para o almoço no subúrbio, com um grito tão ácido como o odor das cerejas, antes que a refeição seja servida na sala de jantar penumbrosa, onde os prismas de vidro para descanso das facas projetam focos multicores tão belos como os vitrais de Chartres?

- Como você é delicioso de ouvir! Se algum dia eu me tornar inteligente, será graças a você.

- Por que, num dia bonito, desviar os olhos do Trocadero cujas torres em forma de pescoço de girafa fazem pensar na cartuxa de Pavia?

- Ele me lembrou também, dominando da mesma forma do alto da colina, uma reprodução de Mantegna que você possui, creio que é São Sebastião, onde existe ao fundo uma cidade em anfiteatro e onde se poderia jurar que fica o Trocadero.

- Você observa bem! Mas como é que viu a reprodução de Mantegna? Você é surpreendente.

Tínhamos chegado aos bairros mais populares, e a ereção de uma Vênus ancilar

atrás de cada balcão fazia dele uma espécie de altar suburbano ao pé do qual eu gostaria de passar a minha vida. Como se faz às vésperas de uma morte prematura, eu recapitulava os prazeres de que me privava o ponto final que Albertine punha na minha liberdade. Em Passy, foi no próprio leito da rua, por causa do tráfego congestionado, que as moças, abraçadas pela cintura, deslumbraram-me com seu sorriso. Não tive tempo de o perceber muito bem, mas era pouco provável que o superestimasse; de fato, em qualquer multidão, em qualquer multidão de gente jovem, não é raro que se encontre a efígie de um nobre perfil. De modo que essas balbúrdias populares dos dias de festa são para o indivíduo voluptuoso tão preciosas como, para o arqueólogo, a desordem de uma terra onde uma escavação faz surgir medalhas antigas. Chegamos ao Bois. Eu pensava que, se Albertine não tivesse vindo comigo, poderia naquele instante, no Circo do Champs-Élysées, ouvir a tempestade wagneriana fazer gemer todos os instrumentos de corda da orquestra, atrair para si como leve espuma a ária da flauta que eu havia tocado há pouco, fazê-la voar, petrificá-la, deformá-la, dividi-la, arrastá-la num turbilhão crescente. Pelo menos, desejei que o nosso passeio fosse curto e que voltássemos cedo, pois, sem nada falar a Albertine, eu decidira ir à noite à casa dos Verdurin. Tinham-me ultimamente enviado um convite que eu jogara na cesta, como a todos os anteriores. Mas resolvera reconsiderar aquela noite, pois queria tentar saber que tipo de pessoas Albertine poderia esperar encontrar de tarde na casa deles. Para falar a verdade, eu chegara com Albertine àquele momento em que (se tudo continua como está, se as coisas se passam normalmente) uma mulher só serve para nós como transição para outra mulher. Ela ainda nos fala ao coração, mas muito pouco; temos pressa de ir encontrar desconhecidas todas as noites, e sobretudo desconhecidas que ela conhece, e que poderão nos contar a vida dela. Com efeito, já possuímos e esgotamos tudo o que ela consentiu em nos entregar de si mesma. Sua vida é ainda ela mesma, mas justamente a parte que não conhecemos, as coisas sobre as quais interrogamos em vão e que poderemos ouvir de lábios novos.

Se minha vida com Albertine devia impedir-me de ir a Veneza, de viajar, pelo menos eu teria podido, há pouco, se estivesse sozinho, conhecer as jovens *midinettes* espalhadas ao sol daquele belo domingo e em cuja beleza eu colocava uma grande parte da vida desconhecida que as animava. Os olhos que vemos não estão inteiramente penetrados por um olhar cujas imagens, lembranças, expectativas, desdéns não conhecemos e dos quais não os podemos separar? Essa existência, que é a da criatura que passa, não haverá de dar, conforme ela seja, um valor variável ao franzir das sobrancelhas, à dilatação das narinas? A presença de Albertine me impedia de ir ter com elas e talvez, desse modo, de cessar de desejá-las. Aquele que quer manter em si mesmo o desejo de continuar a viver e a crença em algo mais delicioso que as coisas costumeiras, deve passear; pois as ruas e as avenidas estão cheias de Deusas. Mas as Deusas

não permitem que nos aproximemos delas. Aqui e ali, entre as árvores, à entrada de qualquer botequim, uma criada velava como uma ninfa à entrada de um bosque sagrado, enquanto que ao fundo três moças estavam sentadas junto ao imenso arco de suas bicicletas colocadas a seu lado, como três imortais debruçadas da nuvem ou do fabuloso corcel sobre o qual realizavam suas viagens mitológicas. Reparei que de cada vez que Albertine encarava aquelas moças por um instante, com profunda atenção, logo se voltava para mim. Mas eu não me atormentava muito nem com a intensidade dessa contemplação, nem com a brevidade que a intensidade compensava; de fato, quanto a esta última; ocorria muitas vezes que Albertine, fosse por cansaço, fosse por maneira de olhar própria de pessoa atenta, considerava assim, numa espécie de meditação, seja meu pai ou seja Françoise; e, quanto à sua rapidez em voltar-se para mim, podia ser motivada pelo fato de que Albertine, conhecendo minhas suspeitas, podia querer, mesmo não sendo justificadas, evitar provocá-las. Aliás, essa atenção, que teria me parecido culposa da parte de Albertine (e tanto quanto o seria se tivesse por objeto os rapazes), eu a dava, sem me sentir absolutamente culpado - e achando que Albertine o era por me impedir, com sua presença, de parar e descer-, a toda às *midinettes*. A gente acha inocente desejar e atroz que o outro deseje. E esse contraste entre o que diz respeito, ou a nós ou então àquela a quem amamos, não se refere unicamente ao desejo, mas também à mentira. Haverá coisa mais usual que ela, quer se trate, por exemplo, de encobrir as fraquezas diárias de uma saúde que se deseja impingir como boa, quer se trate de dissimular um vício, ou de ir, sem causar mágoa a outrem, à coisa que se prefere? A mentira é o instrumento mais necessário de conservação, e o mais utilizado. Ora, justo ela que temos a pretensão de banir da vida daquela a quem amamos, é ela que espionamos, é ela que farejamos, que detestamos por todo canto. Ela nos perturba, é bastante para provocar um rompimento, parece esconder as maiores faltas, a menos que não as esconda tão bem que não as suspeitemos. Estranho estado esse em que ficamos de tal modo sensíveis a um agente patogênico que a sua difusão universal torna inofensivo para os outros e tão grave para o infeliz que acaba por não ter mais imunidade contra ele! A vida dessas lindas jovens (devido a meus longos períodos de reclusão, eu as encontrava tão raramente) me parecia, como se dá com todos aqueles a quem a facilidade de realizações não amorteceu a potência de conceber, algo tão diverso do que eu conhecia, tão desejável, como as mais maravilhosas cidades que a viagem promete. A decepção causada pelas mulheres que eu conhecera, nas cidades aonde fora, não me impedia de me deixar levar pela atração de outras e de crer na sua realidade.

Assim, da mesma forma que ver Veneza - Veneza, de quem eu sentia também a nostalgia naqueles dias primaveris e que o casamento com Albertine me impediria de conhecer-ver Veneza num panorama que Ski talvez tivesse

declarado ser mais belo de tonalidade que a cidade real, em nada me teria substituído a viagem a Veneza, viagem cuja distância, determinada sem minha participação, parecia-me indispensável transpor da mesma forma, por mais bonita que fosse a *midinette* que uma alcoviteira me obtivesse artificialmente, não poderia em nada substituir, para mim, aquela que, rebolando os quadris, passava naquele instante sob as árvores, rindo com uma amiga. A que eu pudesse ter encontrado num bordel, ainda que fosse mais bonita, não seria a mesma coisa, pois não olhamos para os olhos de uma garota que não conhecemos como o faríamos para uma plaqueta de opala ou de ágata. Sabemos que o pequeno raio de luz que os irisa ou os grãos de brilhante que os fazem cintilar são tudo o que podemos ver de um pensamento, de uma vontade, de uma memória, onde residem a casa de família que não conhecemos, os amigos queridos que invejamos. Chegara apossar-nos de tudo isso, que é tão difícil, tão arisco, é o que dá ao olhar o seu valor, muito mais do que a simples beleza material (pelo que se pode explicar que um rapaz desperte todo um romance na imaginação de uma mulher que ouviu dizer que ele era o príncipe de Gales, e que não lhe dê mais atenção ao saber que se enganou); encontrar a *midinette* no bordel é encontrá-la vazia dessa vida ignorada que a penetra, e que aspiramos possuir com ela, é nos aproximarmos de olhos que de fato se tornaram simples pedras preciosas, de um nariz cujo franzir é tão destituído de significado como o de uma flor. Não, essa *midinette* desconhecida que ali passava, e da qual me parecia tão indispensável, se eu quisesse continuar a crer na sua realidade, experimentar-lhe as resistências adaptando-lhes o meu procedimento, arriscando-me a ouvir desaforos, voltando à carga, obtendo um encontro, esperando-a à saída do emprego, conhecendo episódio por episódio tudo o que compunha a vida dessa garota, atravessando aquilo de que se formava para ela o prazer que eu procurava e a distância que seus hábitos diversos e sua vida especial colocavam entre mim e a atenção, o favor que eu queria atingir e captar quanto fazer uma longa viagem de trem se eu quisesse acreditar na realidade de Pisa, que eu veria e que não seria apenas um espetáculo de exposição universal. Mas as próprias semelhanças que existem entre o desejo e a viagem fizeram com que eu prometesse a mim mesmo penetrar um pouco mais fundo na natureza dessa força invisível mas tão poderosa como as crenças, ou como, no mundo físico, a pressão atmosférica, que erguia tão alto as cidades, as mulheres, enquanto eu não as conhecia, e que se ocultava debaixo delas logo que eu me aproximava, fazendo-as desabar repentinamente no terra-a-terra da mais trivial realidade. Mais adiante, uma outra mocinha estava de joelhos junto a sua bicicleta, consertando-a. Uma vez terminados os reparos, a jovem ciclista montou na bicicleta, mas sem cavalgá-la como o teria feito um homem. Por um momento a bicicleta balançou, e o jovem corpo parecia ter adquirido um véu, uma asa imensa, e logo vimos afastar-se a toda velocidade a jovem criatura meio humana, meio alada, anjo ou *perl*

prosseguindo a sua viagem.

Eis do que exatamente me privava a presença de Albertine, a minha vida com Albertine. Do que me privava? Não deveria eu pensar do que, ao contrário, ela me gratificava?

Se Albertine não vivesse comigo, se ela fosse livre, eu teria imaginado, e com razão, todas essas mulheres como objetos possíveis e prováveis do seu desejo, do seu prazer. Elas me apareceriam todas como essas dançarinas que, num balé diabólico, representando as Tentações para uma pessoa, atiram suas flechas no coração de outra. As *midinettes*, as moças, as atrizes, como as teria odiado! Objeto de horror, seriam excluídas por mim da beleza do universo. O cativeiro de Albertine, permitindo-me não mais sofrer por causa delas, restituía-as à beleza do mundo.

Inofensivas, tendo perdido o aguilhão que enfia no coração o ciúme; era-me permitido admirá-las, afagá-las com o olhar, talvez mais intimamente em outro dia. Encerrando Albertine, eu ao mesmo tempo devolvera ao universo todas aquelas asas reluzentes que sussurravam nas avenidas, nos bailes, nos teatros, e que se tornavam tentadoras para mim porque ela já não podia sucumbir à sua tentação: Elas compunham a beleza do mundo. Tinham feito antigamente a de Albertine. Porque a vira como um pássaro misterioso, depois como uma grande atriz da praia, desejada, talvez conquistada, é que eu a achara maravilhosa. Uma vez cativo em minha casa o pássaro que eu tinha visto uma tarde caminhar a passos vagarosos sobre o molhe, cercado da congregação das outras jovens semelhantes à gaivotas vindas não se sabe de onde, Albertine perdera todas as suas cores, com todas as chances que os outros tinham de a possuir. Aos poucos perdera a sua beleza. Eram necessários passeios como este, em que eu a imaginava sem mim, abordada por tal mulher ou tal rapaz, para que eu a revisse no esplendor da praia, ainda que o meu ciúme estivesse num plano diverso do que o declínio dos prazeres de minha imaginação. Mas, apesar desses bruscos sobressaltos em que, desejada por outros, ela se me tornava bela outra vez, eu bem podia dividir sua temporada em minha casa em dois períodos: o primeiro, em que ela era ainda, embora menos a cada dia, a reluzente atriz da praia; e o segundo, em que, transformada na sombria prisioneira, reduzida a seu eu amortecido, eram-lhe precisos esses clarões, em que eu me recordava do passado, para lhe restituir as cores.

Às vezes, nas horas em que ela me era mais indiferente, voltava-me a lembrança de um momento longínquo em que, na praia, quando ainda não a conhecia, não longe de certa senhora com quem eu estava em muito maus termos e com a qual agora estava quase seguro de que ela tivera relações, Albertine desatava a rir, olhando-me de modo insolente. O mar, brunido e azul, sussurrava em torno; ao sol da praia, Albertine, no meio de suas amigas, era a

mais bela, era uma garota magnífica, que, no quadro habitual de águas imensas, infligira-me aquela afronta, preciosa para a dama que a admirava. Tal afronta era definitiva, pois a dama talvez voltasse a Balbec, talvez constatasse a ausência de Albertine na praia luminosa e sussurrante. Ignorava, porém, que a moça vivia em minha casa, só para mim. As águas imensas e azuis, o esquecimento das preferências que tinha por esta moça e que se dirigiam a outras, haviam recaído sobre a afronta que me fizera Albertine, prendendo-a num deslumbrante e infrangível escrínio. Então o ódio por aquela mulher me mordia o coração; também por Albertine, mas um ódio mesclado de admiração pela bela jovem adulada, de maravilhosa cabeleira, e cujo estalar de riso na praia era uma afronta. A vergonha, o ciúme, a recordação dos primeiros desejos e do quadro cintilante haviam devolvido a Albertine a sua beleza, o seu valor de outrora. E assim alternava, com o tédio um tanto pesado que eu sentia junto dela, um desejo fremente, cheio de imagens magníficas e saudades, conforme ela estivesse a meu lado no quarto, ou eu lhe restituísse a liberdade em minha memória, no molhe, em seus alegres trajes de praia, ao sabor dos instrumentos de música do mar. Albertine, ora saída desse ambiente, possuída e sem grande valor, ora mergulhada nele, escapando-me num passado que eu não poderia conhecer, ofendendo-me junto àquela senhora, junto da amiga, tanto quanto o salpico das ondas ou a ofuscação do sol, Albertine recolocada na praia ou reposta no meu quarto, numa espécie de amor anfíbio.

Além, um grupo numeroso jogava bola. Todas essas meninas tinham querido aproveitar o sol, pois esses dias de fevereiro, mesmo quando são tão brilhantes, não duram até tarde, e o esplendor de sua luz não atrasa a vinda de seu declínio. Antes que este chegasse, tivemos um pouco de penumbra, porque, depois de descer até o Sena, onde Albertine admirou -e com sua presença me impediu de admirar os reflexos de velas vermelhas sobre a água azul e invernal, uma casa de telhas acocorada ao longe como uma única papoula no claro horizonte de que Saint-Coud parecia, mais longe ainda, a petrificação fragmentária, friável e cheia de pregas, saltamos do carro e caminhamos por muito tempo. Durante alguns momentos eu até lhe dava o braço, e parecia-me que o anel que o seu braço fazia sob o meu unia numa só criatura nossas pessoas e ligava nossos destinos um ao outro. A nossos pés, nossas sombras paralelas, mais juntas e aproximadas, formavam um desenho encantador. Sem dúvida já me parecia maravilhoso em casa que Albertine morasse comigo, que fosse ela quem se estendesse em minha cama. Mas era como a exportação para fora, em plena natureza, que diante daquele lago de Bois, de que eu tanto gostava, ao pé das árvores, que fosse justamente a sua sombra, a sombra pura e simplificada de sua perna, de seu busto, que o sol tivesse de pintar numa aquarela, ao lado da minha, sobre a areia da alameda. E eu achava um encanto, mais imaterial sem dúvida, porém não menos íntimo, na aproximação, na fusão de nossas sombras do que na

de nossos corpos. Depois voltamos para o carro. E este tomou por pequenas alamedas sinuosas onde as árvores de inverno, vestidas de heras e de sarças, como ruínas, pareciam levar à casa de um mágico. Mal saímos de sua cobertura ensolarada, encontramos, para deixar o Bois; o dia claro, tão claro ainda que eu julgava ter tempo de fazer tudo o que desejava antes de jantar, quando, só alguns instantes depois, no momento em que nosso carro se aproximava do Arco do Triunfo, foi com um brusco movimento de surpresa e pavor que avistei, sobre Paris, a lua cheia e prematura, como o mostrador de um relógio parado que nos faz pensar que estamos atrasados. Tínhamos dito ao cocheiro que voltasse para casa. Para Albertine, era também voltar para a minha casa. A presença das mulheres que precisam nos deixar para regressar a casa, por mais amadas que sejam, não nos dá essa paz que eu desfrutava na presença de Albertine, sentada no fundo do carro a meu lado, presença que nos encaminhava; não ao vazio das horas em que se fica separado, mas à reunião mais estável ainda e melhor definida dentro do meu lar, que também era o seu símbolo material do meu poder sobre ela. É claro que, para possuir, é preciso ter desejado. Não passamos uma linha, uma superfície, um volume, sem que nosso amor o ocupe. Mas Albertine não fora para mim, durante nosso passeio, como Rachel o fora antigamente, uma poeira vã de carne e tecidos. A imaginação de meus olhos, de meus lábios, de minhas mãos, tinha, em Balbec, tão solidamente construído e tão ternamente cinzelado o seu corpo, que agora naquele carro, para tocar esse corpo, por contê-lo, eu não tinha necessidade de me apertar contra Albertine, nem mesmo vê-la, bastava-me ouvi-la, e, se ela se calava, sabê-la junto a mim; meus sentimentos retrançados envolviam-na inteirinha e, quando, chegando em frente da casa, ela desceu com toda a naturalidade, eu parei um instante para dizer ao chofer que voltasse para me buscar, mas meus olhares ainda a envolviam, enquanto ela desaparecia sob o arco, e era sempre essa mesma calma inerte e doméstica o que eu desfrutava ao vê-la assim pesada, purpúrea, opulenta e cativa, entrar naturalmente em casa comigo, como uma mulher que fosse minha, e, protegida pelos muros, desaparecerem nossa casa.

Infelizmente, ela parecia sentir-se prisioneira e ser da opinião daquela Sra. de La Rochefoucauld, que, como lhe perguntassem se não estava contente por viver numa residência tão bonita como Liancourt, respondeu que "não existe uma bela prisão", a julgar pelo ar tristonho e cansado que exibiu aquela noite durante o jantar, nós dois sozinhos no seu quarto. A princípio não reparei nisso; e eu é que fiquei desolado ao pensar que, se não fosse Albertine (pois com ela eu teria de morrer de ciúmes num hotel onde ela ficaria o dia todo em contato com tantas pessoas), poderia naquele instante estar jantando em Veneza, numa daquelas pequenas salas de jantar de teto rebaixado como um porão de navio, e de onde se vê o Grande Canal através de janelinhas arqueadas em molduras mouriscas.

Devo acrescentar que Albertine admirava muito, em nossa casa, um grande bronze de Barbedienne, que com muita razão Bloch achava extremamente feio. Tinha-a menos talvez de se admirar que eu o conservasse. Eu jamais buscara, como ele, fazer um conjunto de mobílias artísticas, compor peças, era preguiçoso demais para isso, muito indiferente ao que estivesse habituado a ter diante dos olhos. Já que o meu gosto não se preocupava, eu tinha o direito de não matizar os interiores. Apesar disso, poderia talvez me desfazer do bronze. Mas as coisas feias e extravagantes são utilíssimas, pois têm, junto às pessoas que não nos compreendem, que não têm o nosso gosto, e das quais podemos estar enamorados, um prestígio que não teria uma peça ilustre que não revela a sua beleza. Ora, as pessoas que não nos compreendem são justamente as únicas junto às quais pode nos ser útil usar de um prestígio diante de criaturas superiores apenas por sermos inteligentes. Por mais que Albertine principiasse a ter um certo gosto, ela ainda mostrava algum respeito por aquele bronze; e esse respeito se refletia sobre mim numa consideração que, vindo dela, importava-me infinitamente mais do que conservar um bronze um tanto desonroso, visto que amava Albertine.

Mas a idéia da minha escravidão cessou de repente de me pesar, e eu aspirava a prolongá-la ainda mais, pois parecia-me perceber que Albertine sentia cruelmente a sua. Sem dúvida, cada vez que eu lhe perguntava se não se aborrecia em minha casa, dizia-me sempre que não sabia onde poderia ser mais feliz. Muitas vezes, porém, tais palavras eram desmentidas por um ar de nostalgia, de nervosismo.

Certamente, se ela tivesse os gostos que eu julgara que possuísse, esse impedimento de jamais satisfazê-los deveria ser tão irritante para ela como tranqüilizador para mim; tranqüilizador a ponto de que a hipótese de que a acusara injustamente teria me parecido a mais verossímil, se nela não encontrasse muita dificuldade em explicar aquele cuidado extraordinário que Albertine punha em nunca estar sozinha, nunca estar livre, em nunca parar um momento diante da porta ao entrar, em se fazer acompanhar ostensivamente, cada vez que ia telefonar, por alguém que pudesse me repetir as suas palavras, por Françoise, por Andrée, em me deixar sempre sozinho com esta última, sem dar a impressão que fosse de propósito quando tinham saído juntas, para que eu pudesse obter um relatório minucioso de sua saída. Com essa maravilhosa docilidade, contrastavam certos movimentos de impaciência, logo reprimidos, que me fizeram especular se Albertine não teria formado o projeto de romper as cadeias. Alguns fatos acessórios apoiavam minha suposição. Assim, um dia em que eu saíra sozinho, tendo encontrado Gisele perto de Passy, conversamos de uma coisa ou outra.

Em pouco, muito feliz de poder informá-la, disse-lhe que via Albertine

constantemente. Gisele me perguntou onde poderia encontrá-la, pois tinha justamente uma coisa a lhe dizer.

- O que é?

- Coisas das amiguinhas dela.

- Que amiguinhas? Eu podia talvez lhe informar, o que não impediria que você a procurasse depois.

- Oh, amigas de antigamente; não me recordo os seus nomes - respondeu Gisele com um ar vago, batendo em retirada.

Deixou-me, julgando ter falado com tanta prudência que tudo só me poderia parecer bem claro. Mas a mentira é tão pouco exigente, necessita de tão pouco para se manifestar! Se se tratasse de amiguinhas de antigamente, de quem ela nem mesmo recordava os nomes, por que precisaria justamente falar delas a Albertine? Este advérbio, bem parecido a uma expressão cara à Sra. Cottard: "isso vem a calhar" - só podia aplicar-se a uma coisa especial, oportuna, talvez urgente, referindo-se a pessoas determinadas. Aliás, nada como a forma de abrir a boca, como quando se vai bocejar, com um ar vago ao me dizer (e quase recuando com o corpo, desde que dava marcha a ré a partir daquele momento na nossa conversa):

- Ah, não sei, não me lembro dos seus nomes - para fazer de seu rosto e, combinado com ele, da sua voz, um rosto de mentira, da mesma forma que o ar bem diverso, conciso, animado, indiscreto do "tinha justamente", significava uma verdade. Nada mais perguntei a Gisele. De que adiantaria? Certo, ela não mentia da mesma maneira que Albertine.

E evidentemente as mentiras desta me doíam mais. Porém havia entre elas um ponto comum, o próprio fato da mentira que, em certos casos, é uma evidência. Não da realidade que se oculta sob essa mentira. Sabemos que, embora cada assassino em particular pense ter, realizado tão bem o seu trabalho que nunca será descoberto, ele é quase sempre é capturado. Contrariamente, os mentirosos raramente são apanhados e, entre eles; mais especialmente as mulheres que amamos. Ignoramos aonde ela foi, o quê andou fazendo lá, mas, no momento mesmo em que ela fala, quando fala de outra coisa sob a qual está o que ela não diz, a mentira é logo descoberta. E o nosso ciúmes redobra, pois percebemos a mentira e não chegamos a conhecer a verdade. Em Albertine, a sensação da mentira era dada por diversas particularidades que já vimos no decorrer desta narrativa, mas principalmente pelo fato de que, ao mentir, o seu relato pecava ou por insuficiência, omissão, inverossimilhança, ou, ao contrário, por excesso de pequenos fatos destinados a torná-lo verossímil. O verossímil, apesar do que o mentiroso imagina, não é de modo algum a verdade. Quando, ao se ouvir alguma coisa verdadeira, escuta-se algo que é apenas verossímil, que o é talvez mais que

a verdade, que o é talvez demais, o ouvido um tanto musical sente que não é exatamente aquilo, como se dá com um verso errado, ou uma palavra lida em voz alta por outra pessoa. O ouvido o sente e, se amamos, o coração se alarma. Por que não considerarmos então, quando mudamos toda a nossa vida por não sabermos se uma mulher passou pela rua de Berri ou pela rua Washington, por que não considerarmos que esses poucos metros de diferença, e a própria mulher, serão reduzidos a um centésimo milionésimo de seu tamanho (isto é, a uma grandeza que não podemos distinguir), para isso bastando-nos ter a prudência de ficar alguns anos sem ver tal mulher, e o que era um Gulliver, em bem maiores proporções, se tornará uma *liliputiana* que nenhum microscópio-ao menos o do coração, pois o da memória indiferente é mais poderoso e menos frágil-terá condições de perceber. Seja como for, se havia um ponto em comum -a própria mentira-entre as de Albertine e de Gisele, esta, contudo, não mentia da mesma forma que Albertine, tampouco da mesma maneira que Andrée, mas suas respectivas mentiras se encaixavam tão bem umas nas outras, apresentando sempre grande variedade, que o pequeno grupo exibia a solidez impenetrável de certas firmas comerciais, de livraria ou de imprensa por exemplo, onde o infeliz autor jamais há de chegar a saber, a despeito da diversidade das personalidades componentes, se está sendo logrado ou não. O diretor do jornal ou da revista mente com uma atitude de sinceridade tanto mais solene quanto precisa dissimular em várias ocasiões que faz exatamente a mesma coisa, e se entrega às mesmas práticas mercantis que condena em outros diretores de jornal ou de teatro, em outros editores, quando tomou partido, erguendo contra eles o estandarte da Sinceridade. O fato de ter proclamado (como chefe de um partido político, como qualquer coisa) ser atroz mentir, obriga na maioria das vezes a mentir mais que os outros, sem por isso abandonar a máscara solene, nem depor a tiara augusta da sinceridade. O sócio do "homem sincero" mente de outra forma e de modo mais ingênuo. Engana o autor como engana a mulher, com truques de *vaudeville*. O secretário da redação, homem honesto e grosseiro, mente com simplicidade, como o arquiteto que nos promete que nossa casa ficará pronta numa ocasião em que ela nem sequer estará começada. O redator-chefe, alma angélica, rodopia entre outros três, e, sem saber de que se trata, leva-lhes, por escrúpulo fraterno e carinhosa solidariedade, o auxílio precioso de uma palavra insuspeita.

Estes quatro personagens vivem em constantes dissensões que a chegada do autor faz cessar. Acima das rixas particulares, cada qual se lembra do grande dever militar devida em ajuda ao "corpo" ameaçado. Sem o perceber, eu há muito vinha exercendo o papel desse autor diante do "pequeno grupo". Se Gisele havia pensado, ao dizer "justamente", em determinada amiguinha de Albertine disposta a viajar com ela desde que minha amiga, sob qualquer pretexto, deixasse-me, e em avisar Albertine de que era chegada a hora, ou que em breve chegaria, teria

preferido deixar-se fazer em pedaços a dizê-lo. Então, era de todo inútil fazer-lhe perguntas.

Encontros como os de Gisele não eram os únicos a acentuar as minhas dúvidas. Por exemplo, eu admirava as pinturas de Albertine. E estas, distrações comoventes da cativa, impressionaram-me tanto que lhe dei meus parabéns.

- Não, são muito ruins, e eu nunca tive uma aula sequer de desenho.

- Mas certa noite, em Balbec, você me disse que tinha ficado para ter uma aula de desenho.

Lembrei-lhe o dia e falei que entendera logo que não se davam lições de desenho àquela hora. Albertine enrubesceu.

- É verdade -disse -, eu não tomava lições de desenho, menti muito para você a princípio, isto eu reconheço. Mas não minto mais.-

Eu tanto quisera saber quais eram as numerosas mentiras do princípio! Mas de antemão sabia que suas confissões seriam novas mentiras. Assim, limitei-me a beijá-la. Perguntei-lhe apenas qual era uma dessas mentiras. Respondeu:

- Por exemplo: sim, que o ar marinho me fazia mal.-

Deixei de insistir diante daquela má vontade.

Toda criatura amada, e até, em certa medida, qualquer criatura, é para nós como o deus Jano, apresentando-nos a fronte que nos agrada, se essa criatura nos abandona, e a fronte sombria se a temos à nossa disposição permanente. Quanto a Albertine, a convivência duradoura com ela apresentava algo penoso de outra forma que não posso contar nesta narrativa. É terrível ter a vida de outra pessoa ligada à nossa como uma bomba que não podemos largar sem cometer um crime. Mas tomem-se como comparação os altos e baixos, os perigos, a inquietude, o medo de ver acreditadas mais tarde coisas falsas e verossímeis que já não será possível explicar, sentimentos por que se passa quando se tem na intimidade um louco. Por exemplo, eu sentia pena de que o Sr. de Charlus vivesse com Morel (logo a lembrança da cena da tarde me fez sentir o lado esquerdo do peito bem mais pesado que o outro); deixando de lado as relações que pudessem ter ou não juntos o Sr. de Charlus, no princípio, deveria ignorar que Morel era louco. A beleza desta; sua chatice e arrogância, deveriam ter desviado o barão de ir procurar tão longe, até aos dias de melancolia em que Morel acusava o Sr. de Charlus por sua tristeza, sem poder dar explicações, insultava-o por sua desconfiança com o auxílio de arrazos dos falsos, porém extremamente sutis, ameaçava-o com resoluções desesperadas - no meio das quais persistia a mais velhaca intenção do interesse mais imediato. Tudo isto é apenas comparação. Albertine não era louca.

Para lhe fazer parecer menos penoso o seu jugo, o mais hábil se me afigurou

fazê-la crer que eu próprio ia rompê-lo. Em todo caso, não podia confiar-lhe naquele momento semelhante projeto mentiroso, quando voltara tão amável do Trocadero, agora há pouco; o que eu podia fazer, muito longe de afligi-la com a ameaça de um rompimento, era quando muito calar os sonhos de perpétua vida comum que meu coração reconhecido formava. Olhando-a, esforçava-me por evitar desabafá-los, e talvez ela o percebesse.

Infelizmente, a expressão deles não é contagiosa. O caso de um velho amaneirado como o Sr. de Charlus, que, à força de só ver, na imaginação, um rapaz simpático, julga tornar-se ele próprio um rapaz simpático e tanto mais quanto mais se torna amaneirado e ridículo, é o caso mais geral. E que desgraça para um amante apaixonado não perceber que, ao passo que vê um belo rosto à sua frente, sua amante está vendo o dele, que, ao contrário, não fica mais belo quando se deforma pelo prazer que nele faz surgir a vista da beldade. E o amor nem mesmo esgota toda a generalidade desse caso; não vemos o nosso corpo, que os outros vêem, e "seguimos" o nosso pensamento, objeto invisível aos outros que está à nossa frente. Tal objeto, por vezes o artista o expõe em sua obra. Daí decorre que os admiradores desta sentem-se desiludidos pelo autor, em cujo rosto essa beleza interior imperfeitamente se refletiu.

Guardando de meu sonho de Veneza apenas o que podia referir-se a Albertine e suavizar o tempo que ela passava em minha casa, falei-lhe de um vestido de Fortuny que era necessário que encomendássemos por aqueles dias. Eu procurava saber com que novos prazeres poderia distraí-la. Gostaria de poder fazer-lhe a surpresa de lhe dar, se fosse possível achá-las, peças de velha prataria francesa. De fato, quando tínhamos feito o projeto de possuir um iate, projeto julgado irrealizável por Albertine-e por mim mesmo, cada vez que pensava que ela fosse virtuosa e a vida com ela principiava logo a parecer-me tão ruinosa quanto impossível o nosso casamento-, tínhamos pedido conselhos a Elstir, sem que ela no entanto acreditasse que eu compraria um.

Soube que naquele dia ocorrera um falecimento que me deu muita pena, o de Bergotte. Era sabido que sua enfermidade vinha de muito tempo. Evidentemente, não a que o afligira no começo, e que era natural. A natureza parece quase incapaz de produzir doenças que não sejam muito curtas. Mas a medicina acrescenta-lhes a arte de prolongá-las. Os remédios, a remissão que oferecem, o mal-estar que

sua interrupção faz renascer, compõem um simulacro de doença que o hábito do paciente acaba por estabilizar, por estilizar, assim como as crianças tossem regularmente por muito tempo depois de estarem curadas da coqueluche. E depois os remédios agem menos, e aumentam-lhes sua dose, eles não fazem mais nenhum bem, mas começaram a fazer mal graças a essa indisposição duradoura. A natureza não lhes teria oferecido uma tão longa duração. É uma

maravilha que a medicina, quase igualando a natureza, possa forçar o doente a ficar de cama, a continuar tomando, sob pena de morte, o uso de um medicamento. Desde então, a doença superficialmente fitada cria raízes, torna-se mal-estar secundário; porém verdadeira, com a diferença de que as doenças naturais se curam, mas nunca as que a medicina acredita, pois ela ignora o segredo da cura. Havia anos em que Bergotte já não saía de sua casa. Aliás, ele jamais gostara da sociedade. Fazia estar nela apenas um dia, para despreza-la como tudo o mais a sociedade que era a sua; não desprezar porque não podia obter, mas logo depois, por obtê-la. Vivia de modo tão simples que não se suspeitava quão era rico; logo depois que alguém o soubesse, estaria enganado julgando-o avaro; quando na verdade ninguém fora tão generoso. Era-o sobretudo com mulheres, com as meninas, que ficavam envergonhadas, pois sabiam que nunca poderiam receber tanto por tão pouco. Desculpava-se aos próprios olhos porque sabia que nunca podia produzir tão bem mesmo na atmosfera de se sentir enamorado. O amor, melhor dizendo, o prazer tanto entranhado na carne, auxilia no trabalho das letras; porque anula outros prazeres, por exemplo os prazeres da sociedade, que são os que aniquilam o mundo. E, mesmo se esse amor traz desilusões, ao menos também agita a superfície da alma, que sem isso se arriscaria a ficar estagnado. Desse modo o desejo não é inútil para o escritor, pois primeiro o afasta dos outros homens e de adaptar-se a eles; e em seguida restitui algum movimento a uma máquina espiritual que depois de certa idade, tende a se imobilizar. Não se chega ser feliz, entretanto conhece-se as razões que impedem de sê-lo e que sem as fendas bruscamente abertas pela decepção permaneceriam invisíveis. Os sonhos, não são realizáveis, bem sabemos; não os conceberíamos talvez sem o desejo, para os ver fracassarem e para que seu fracasso nos sirva de consolo útil. Assim Bergotte dizia consigo: "Gasto com essas meninas mais que os multimilionários. Mas, assim, os prazeres ou as decepções que me causam me fazem escrever livros e me dá dinheiro.” Do ponto de vista econômico, tal raciocínio absurdo certamente encontrava Bergotte algum contentamento em transmutar assim o ouro em carícias e as carícias em ouro. E depois, como antes da morte da minha avó, sua velhice fatigada amava o repouso. E no mundo não existe mais que a conversação. Ali ela é estúpida, mas tem o poder de suprimir as mulheres na sociedade; que se reduzem a perguntas e respostas. Fora da sociedade, as mulheres voltam a ser de novo o que é tão repousante para o velho cansado: um objeto de contemplação. Em todo caso agora já não se tratava de nada disso. Disse que Bergotte não saía mais; quando se levantava por uma hora em seu quarto, ficava envolto em mantas, tudo aquilo que serve para cobrir no momento em que está fazendo frio; ou ao subir para o vagão de um trem. Desculpava-se com um sorriso expor-se; mostrando suas cobertas aos raros amigos que ainda permitia que o visitassem e, dizia jovialmente: - Que se há de fazer, meu caro?

Anaxágoras disse: a vida é uma viagem. -

Assim, ele ia se resfriando progressivamente, pequeno planeta que oferecia uma imagem antecipada dos últimos dias do grande, quando aos poucos se há de retirar da Terra o calor e depois a vida. Então a ressurreição terá chegado ao fim, pois, por mais que brilhem as obras dos homens nas gerações futuras, é necessário que os homens ainda existam. Se algumas espécies de animais resistem por mais tempo ao frio invasor, quando não houver mais homens e supondo que a glória de Bergotte dure até lá, vai extinguir-se bruscamente para sempre. Não serão os últimos animais que irão lê-lo, pois é pouco provável que, como os apóstolos no Pentecostes, eles possam compreender a linguagem dos diversos povos humanos sem a ter aprendido.

Nos meses que precederam a sua morte, Bergotte sofria de insônias e, o que é pior, de pesadelos assim que adormecia, pesadelos que, se acordava, faziam com que evitasse voltar a dormir. Por muito tempo gostara dos sonhos, mesmo os maus sonhos, pois graças a eles, graças à contradição que apresentam com a realidade que temos diante de nós no estado de vigília, nos dão, o mais tardar logo que despertamos, a sensação profunda de que dormimos. Mas os pesadelos de Bergotte não eram assim. Quando ele falava de pesadelos, antigamente entendia por isso coisas desagradáveis que se passavam no seu cérebro. Agora, era como vindas de fora que sentia uma mão munida de um esfregão molhado que, passado em seu rosto por uma mulher malvada, esforçava-se por acordá-lo, intoleráveis cócegas nos quadris, a raiva porque Bergotte havia murmurado do sono que ele conduzia mal de um cocheiro louco furioso, que se atirava sobre o escritor e lhe mordia os dedos, e os serrava. Enfim, logo que no seu sono a escuridão era suficiente, a natureza se encarregava de uma espécie de ensaio, sem vestimenta, do ataque de apoplexia que o haveria de matar: Bergotte entrava num carro sob o pórtico do novo palacete dos Swann, queria descer. Uma vertigem fulminante pregava-o no banco, o porteiro tentava ajudá-lo a descer, ele ficava sentado sem poder se levantar e se firmar nas pernas. Procurava arrimar-se ao pilar de pedra que estava à sua frente, mas não achava apoio bastante para se pôr de pé. Consultou os médicos que, lisonjeados por terem sido chamados por ele, viram em suas virtudes de grande trabalhador (há vinte anos que ele já não fazia nada), no cansaço excessivo, a causa de seu mal-estar. Aconselharam-no que não lesse contos de terror (ele não lia nada), a desfrutar mais do sol, "indispensável à vida" (devia ao fato de viver enclausurado alguns anos de relativa melhora), a se alimentar mais (o que o fez emagrecer e alimentou sobretudo os pesadelos). Sendo dotado do espírito de contrariar e irritar o próximo, um dos médicos, quando Bergotte o recebia na ausência dos outros e, para não constrangê-lo, submetia-lhe como idéias próprias o que os demais lhe haviam aconselhado, o contradizia, achando que Bergotte procurava que lhe

receitassem alguma coisa que lhe agradava, e logo lhe proibia, muitas vezes com razões fabricadas tão depressa para as necessidades da causa que, diante da evidência das objeções materiais opostas por Bergotte, o médico que o contradizia era forçado a contradizer a si próprio na mesma frase, mas, por razões novas reforçava a mesma proibição. Bergotte retornava a um dos primeiros médicos, homem metido a espirituoso, sobretudo diante de um dos mestres da pena, e que; se Bergotte insinuava:

- Parece-me no entanto que o doutor X me havia dito (antigamente, é claro) que isto poderia congestionar-me o rim e o cérebro...- sorria, malicioso, erguia o dedo e pronunciava:

- Eu disse usar, e não abusar. Fica entendido que todo remédio, se a gente exagera, torna-se uma faca de dois gumes.-

Existe no nosso corpo um certo instinto daquilo que nos seja saudável, como no coração o do dever moral, e que nenhuma autorização de um doutor em medicina ou em teologia pode substituir. Sabemos que os banhos frios nos fazem mal; gostamos deles, achamos sempre um médico que os aconselhe, e não para impedir que eles nos façam mal. De cada um desses médicos Bergotte obteve licença para aquilo que, por cautela, abstivera-se durante anos. Ao fim de algumas semanas, os acidentes de outrora haviam reaparecido, e os mais recentes tinham se agravado. Atormentado por um sofrimento de todos os minutos, ao qual se acrescentava a insônia cortada de breves pesadelos, Bergotte não mais chamou nenhum médico e tentou com êxito, mas com excesso, diversos narcóticos, lendo confiantemente a bula que acompanhava cada um deles, bula que proclamava a necessidade do sono mas insinuava que todos os produtos que o provocam (salvo o contido no frasco que ela envolvia e que jamais causava intoxicação) eram tóxicos e por esse motivo faziam o remédio ficar pior que o mal. Bergotte experimentou todos. Alguns são de família diversa daqueles a que estamos habituados, derivados por exemplo da amila e do etilo. Não absorvemos o novo produto, de composição inteiramente diversa, senão com a deliciosa expectativa da ignorância. O coração bate como num primeiro encontro. Para que gêneros desconhecidos de sono, de sonhos, a recém-chegado vai nos levar? Está em nós agora, possui a direção do nosso pensamento. De que maneira vamos adormecer? E, uma vez que estivermos dormindo, por quais caminhos estranhos, sobre quais cimos, em que abismos inexplorados o mestre todo-poderoso vai nos comandar? Que novo grupamento de sensações vamos conhecer nessa viagem? Vai levar-nos ao mal-estar? À beatitude? À morte? A morte de Bergotte sobreveio na véspera daquele dia, quando ele se confiara assim a um desses amigos (amigo? inimigo?) excessivamente poderoso.

Morreu nas seguintes circunstâncias: uma crise de uremia bem leve fora motivo para que lhe prescrevessem o repouso. Mas, tendo um crítico escrito que na *Vista*

de Delft, de Vermeer (emprestado pelo museu de Haia para uma exposição holandesa), quadro que ele adorava e julgava conhecer muito bem, havia um pequeno lanço de muro amarelo (de que não se lembrava) tão bem pintado que era, se lhe fixassem o olhar, como uma preciosa obra de arte chinesa, de uma beleza que não bastava em si mesma - Bergotte comeu algumas batatas, saiu da casa e foi à exposição. Logo aos primeiros degraus que teve de subir, sentiu tonteiras. Passou diante de vários quadros e teve a impressão de secura e da inutilidade de uma arte tão artificial, e que não valia as correntes de ar e os raios de sol de um palácio de Veneza, ou de uma simples casa à beira-mar. Por fim chegou diante do Vermeer que ele recordava ser mais cintilante, mais diverso de tudo o que conhecia, mas onde, graças ao artigo do crítico, reparou pela primeira vez em pequenos personagens em azul, e que a areia era rósea, e, afinal, a preciosa matéria do pedacinho bem pequeno de muro amarelo. Suas tonteiras aumentavam; não tirava os olhos do precioso pedacinho de muro amarelo, como procede a criança com uma borboleta amarela a que pretende agarrar.

- Assim é que eu deveria ter escrito – dizia.- Meus últimos livros são muito secos, seria preciso passar-lhes diversas camadas de cor, tornar a minha frase preciosa em si mesma, como este pedacinho de muro amarelo. - Entretanto, a gravidade de suas tonteiras não lhe escapava. Numa celeste balança lhe aparecia, deposta num dos pratos, sua própria vida, ao passo que o outro continha o pedacinho de muro tão bem pintado em amarelo. Sentia Bergotte haver dado imprudentemente a primeira pelo segundo.- No entanto não gostaria - disse consigo - de ser para os jornais vespertinos a nota sensacional desta exposição. - Repetia para si mesmo: "Pedacinho de muro amarelo com uma varanda, pedacinho de muro amarelo." Nisso deixou-se cair num canapé circular; e subitamente parou de pensar que a vida estava em jogo e, voltando ao otimismo, disse consigo: "É uma simples indigestão causada por aquelas batatas mal cozidas, não é nada." Uma nova crise o derrubou, fazendo-o rolar do canapé para o chão; acorreram todos os visitantes e guardas. Estava morto. Morto para sempre? Quem o pode afirmar? Certo, as experiências espíritas, não mais que os dogmas religiosos, não provam que a alma subsiste. O que se pode afirmar é que tudo se passa na nossa vida como se nela entrássemos com o fardo de obrigações contraídas numa vida anterior; nas nossas condições de vida neste mundo, não há motivo algum para que nos julguemos obrigados a praticar o bem, a ser delicados, ou mesmo corteses, e tampouco para que o artista ateu se julgue obrigado a recomeçar vinte vezes um trabalho, cuja admiração que suscitará pouco há de importar a seu corpo devorado pelos vermes, como o pedacinho de muro amarelo que com tanta ciência e requinte pintou um artista desconhecido para sempre, mal identificado pelo nome de Vermeer. Todas estas obrigações, que não têm sanção na vida presente, parecem pertencer a um outro mundo, fundado na bondade, no escrúpulo, no sacrifício, um mundo inteiramente diverso deste, e do qual saímos

para nascer nesta terra, antes talvez de voltar a viver nele sob o império dessas leis desconhecidas, às quais temos obedecido porque trazíamos em nós o seu ensinamento, sem saber quem as fizera, essas leis das quais nos aproximam todo trabalho profundo de inteligência e que apenas são invisíveis -e ainda para os tolos. De modo que a idéia de que Bergotte não haja morrido para sempre não é inverossímil.

Enterraram-no, mas durante toda a noite fúnebre, nas vitrinas iluminadas, seus livros, dispostos de três em três, velavam como anjos de asas abertas e pareciam, para aquele que não existia mais, o símbolo de sua ressurreição.

Como disse, soube naquele dia que Bergotte morrera. E me espantei com a falta de exatidão dos jornais que reproduzindo uns e outros a mesma nota diziam que ele havia morrido na véspera. Ora, na véspera Albertine se encontrara com ele, conforme contou-me na mesma noite, o que até a atrasou um pouco, pois ele havia conversado com ela por muito tempo. Sem dúvida fora com ela que Bergotte havia tido a última conversa. Albertine o conhecia através de mim, que não o via há muito mais tempo, mas como tivera a curiosidade de lhe ser apresentada, eu escrevera um ano antes ao velho mestre pedindo-lhe autorização para levá-la à sua presença. Ele concordara com o pedido, embora um tanto magoado, acho, por eu só ir revê-lo para agradar a outra pessoa, o que confirmava a minha indiferença por ele. Esses casos são freqüentes; por vezes, aquele ou aquela que imploramos não pelo prazer de conversar de novo com eles, mas por um terceiro, recusa de tal maneira obstinada que o nosso protegido julga que nos vangloriamos de um falso poder; mais comumente, o gênio ou a beldade célebre consentem, mas, humilhados em sua glória, feridos no seu afeto, só conservam por nós um sentimento diminuído, doloroso, um pouco depreciativo. Adivinhei, muito depois, que acusara falsamente os jornais de inexatidão, pois naquele dia Albertine de forma alguma se encontrara com Bergotte; porém no momento não suspeitara de nada, porque ela me havia contado aquilo de modo tão natural, e só mais tarde percebi

a arte encantadora que ela possuía de mentir com simplicidade. O que ela dizia, o que confessava, possuía de tal forma as mesmas características das coisas evidentes-do que vemos, do que aprendemos de maneira irrefutável que ela semeava assim nos intervalos da vida os episódios de uma outra vida de cuja falsidade então eu ainda não desconfiava. Aliás, haveria muito a discutir sobre essa palavra falsidade. O universo é real para nós todos e dissemelhante para cada um. O testemunho dos meus sentidos, se eu estivesse fora naquele momento, talvez me dissesse que uma certa senhora não dera alguns passos em companhia de Albertine. Mas, se eu fosse informado do contrário, seria por um desses encadeamentos de raciocínio (onde as palavras daqueles em que depositamos confiança inserem fortes malhas) e não pelo testemunho dos

sentidos. Para invocar tal testemunho, seria necessário que eu tivesse estado precisamente lá fora, o que não ocorrera. No entanto, pode-se imaginar que uma tal hipótese não é inverossímil. E então eu teria sabido que Albertine mentira. Mesmo assim, seria verdade? O testemunho dos sentidos é igualmente uma operação do espírito onde a convicção cria a evidência. Vimos muitas vezes o sentido da audição levar a Françoise não a palavra pronunciada, mas a que ela julgava ser a verdadeira, o que bastava para que não ouvisse a retificação implícita de uma pronúncia melhor. Nosso mordomo era feito da mesma massa. O Sr. de Charlus usava por essa época pois mudava muito calças demasiado claras e que seriam reconhecidas entre mil. Ora, o nosso mordomo, que julgava que a palavra *pissotierez* (palavra que designa o que o Sr. de Rambuteau ficara indignado por ouvir o duque de Guermantes denominar um "urinol Rambuteau") era *pistiere*, nunca ouviu em toda a vida uma só pessoa dizer *pissotiere*, embora muitas vezes assim a pronunciassem diante dele{49}. Mas o erro é mais obstinado que a fé e não examina as próprias crenças. Constantemente o mordomo dizia:

- Com certeza o Sr. barão de Charlus pegou uma doença para ficar assim tanto tempo numa *pistiere*. Eis o que acontece com quem anda sempre atrás de mulheres. Acaba metido nessas calças. Hoje de manhã, a patroa me mandou fazer compras em Neuilly. Na *pistiere* da rua de Bourgogne, vi entrar o Sr. barão de Charlus. Voltando de Neuilly, uma boa hora mais tarde, vi suas calças amarelas na mesma *pistiere*, no mesmo lugar, no meio, onde ele se põe sempre para que não o vejam. -

Eu não conhecia nada mais lindo, mais nobre nem mais jovem que uma certa sobrinha da Sra. de Guermantes. Mas ouvi o porteiro de um restaurante aonde ia às vezes dizer à sua passagem:

- Olhem essa velha bruaca, que tipo! E tem pelo menos oitenta anos. -

Quanto à idade, parecia-me difícil que acreditasse no que dizia. Mas os criados que se agrupavam em torno dele e que troçavam cada vez que ela passava diante do hotel para visitar tão longe dali as duas tias-avós encantadoras, Sras. de Fezensac e de Balleroy, viram na fisionomia dessa jovem beleza os oitenta anos que, gracejando ou não, atribuíra o porteiro à "velha bruaca". Haveriam de se torcer de riso se lhes dissessem que a moça era mais distinta que uma das duas caixeiras do hotel e que, embora roída de eczemas, de uma gordura ridícula, parecia-lhes uma bela mulher. Talvez somente o desejo sexual teria sido capaz de impedi-los de caírem no seu erro, caso ele houvesse agido à passagem da pretensa "velha bruaca", e se aqueles criados tivessem de súbito cobiçado a jovem deusa.

Mas, por motivos ignorados e que provavelmente deviam ser de ordem social, tal

desejo não se manifestara.

Mas afinal eu poderia ter saído e ter passado na rua à hora em que Albertine me dissera, naquela noite (sem me ter visto), que dera alguns passos em companhia da tal senhora. Uma obscuridade sagrada se apoderou de meu espírito, eu teria posto em dúvida que a vira sozinha, mal teria procurado compreender por que ilusão de ótica não havia percebido a senhora e não ficaria mais espantado por me haver iludido, pois o mundo dos astros é menos difícil de conhecer do que as ações reais dos seres, sobretudo nos seres a que amamos, fortificados que são contra nossa dúvida por fábulas destinadas a protegê-los. Durante quantos anos podem eles deixar que o nosso apático amor acredite que a mulher amada tem no estrangeiro uma irmã, um irmão, uma cunhada que jamais existiram! De resto, se não fôssemos obrigados, para a boa ordem da narrativa, a nos limitar a razões frívolas, quantas outras mais sérias nos permitiriam mostrara insignificância mentirosa do princípio deste volume, onde, do meu leito, ouço o despertar do mundo, ora num dia ensolarado, ora num dia chuvoso. Sim, fui obrigado a adelgaçar a coisa e a ser mentiroso, mas não é só um universo, são milhões de universos que despertam todas as manhãs, quase tão numerosos quantas são as pupilas e inteligências humanas.

Para voltar a Albertine, jamais conheci mulheres mais dotadas do que ela da engenhosa aptidão para a mentira animada, colorida com os próprios matizes da vida, a não ser uma de suas amigas uma das minhas moças em flor também, rósea como Albertine, mas cujo perfil irregular, reentrante aqui, além proeminente, depois de novo reentrante, parecia-se exatamente a certos cachos de flores róseas de cujo nome não me recordo e que têm, da mesma forma, longas e sinuosas reentrâncias. Esta moça era, do ponto de vista da fabulação, superior a Albertine pois, naquilo que contava, não misturava nenhum dos momentos dolorosos e subentendidos coléricos que eram freqüentes na minha amiga. No entanto, falei que era encantadora quando inventava um relato que não deixava lugar a dúvidas, pois então víamos à nossa frente a coisa - todavia imaginada - que ela dizia, servindo de vista a sua palavra. Era a minha verdadeira percepção. Acrescentei: "o que ela confessava", e eis o motivo: às vezes certas aproximações singulares me despertavam suspeitas ciumentas em que, ao lado delas figurava no passado ou, ai de mim, no futuro, uma outra pessoa. Para ter certeza do que imaginava, dizia o nome e Albertine falava:

- Sim, encontrei-a há oito dias a poucos passos da casa. Por delicadeza, respondi ao seu cumprimento. Dei alguns passos com ela. Mas nunca houve nada entre nós e jamais haverá.-

Ora, Albertine nem sequer se encontrara com essa pessoa, pela boa razão de que esta não vinha à Paris há dez meses. Mas minha amiga achava que negar completamente era pouco verossímil. De onde esse curto encontro fictício,

narrado com tanta simplicidade que eu via a senhora, para dar-lhe bom-dia, caminhar um pouco na sua companhia. Somente a verossimilhança havia inspirado Albertine, de modo algum o desejo de provocar ciúmes. Pois Albertine, talvez sem interesse, gostava que lhe fizessem gentilezas. Ora, se no decorrer desta narrativa já tive e ainda terei muitas oportunidades de mostrar como o ciúme reduplica o amor, foi no ponto de vista do amante que me coloquei. Porém, por menos brio que este possua, mesmo que deva morrer após a separação, não responderá a uma traição suposta com uma gentileza; ou se afastará ou, sem afastar-se, resolverá fingir indiferença. Portanto, é em pura perda para si mesma que a amante o faz sofrer tanto. Ao contrário, se dissipar com uma palavra adequada e suaves carinhos as suspeitas que o torturavam, embora bancasse o indiferente, sem dúvida o amante sentirá aquele aumento desesperado do amor a que o eleva o ciúme, porém, deixando bruscamente de sofrer, feliz, enternecido, acalmado como se é depois de uma tempestade, quando a chuva caiu e mal se percebe ainda, sob os grandes castanheiros, pingarem a longos intervalos as gotas suspensas, coloridas pelo sol que já reapareceu, não sabe ele como exprimir o seu reconhecimento àquela que o fez curar-se. Albertine sabia que eu gostava de recompensá-la por suas gentilezas, e isso talvez explicava que ela inventasse, para se inocentar, confissões naturais como essas histórias que eu não punha em dúvida, e uma das quais fora o seu encontro com Bergotte quando ele já estava morto. Até então, das mentiras de Albertine eu só conhecia aquelas que, por exemplo, contara-me Françoise em Balbec, a que não me referi apesar de me terem feito muito mal.

"Como não queria vir, ela me disse: Será que não podia dizer a ele que não me encontrou, que eu tinha saído?"

Mas os "inferiores" que nos amam, como Françoise me amava, têm prazer em ferir o nosso amor-próprio.

Depois do jantar, disse a Albertine que desejava aproveitar o fato de haver deixado a cama para visitar alguns amigos, a Sra. de Villeparisis, a Sra. de Guermantes, os Cambremer, não sabia quantos, mas aqueles que encontrasse em casa. Silenciei apenas os nomes a cuja residência pretendia ir, os Verdurin. Perguntei a Albertine se não queria ir comigo. Alegou que não tinha vestido.

- E além disso, estou tão mal penteada. Você faz questão que eu continue a usar este penteado? E, para se despedir, estendeu-me a mão com aquele modo brusco, de braço esticado, aprumando os ombros, que tivera outrora na praia de Balbec, e que nunca mais mostrara. Este movimento esquecido refez do corpo animado por ele o daquela Albertine que mal me conhecia ainda. Devolveu a Albertine, cerimoniosa sob a capa da brusquidão, a sua novidade primeira, o seu mistério, e até o seu ambiente. Enxerguei o mar por detrás daquela moça a quem jamais vira cumprimentar-me daquele modo desde que eu voltara de Balbec.

- Minha tia acha que isso me envelhece - acrescentou com ar de tédio. -

"Tomara que esteja certa", pensei. "Tudo o que a Sra. Bontemps deseja é que Albertine, parecendo uma menina, a faça parecer mais jovem; e mais, que Albertine não lhe custe nada até o dia em que, casando comigo, lhe traga vantagens." Mas que Albertine parecesse menos jovem, menos bonita, fizesse voltarem-se menos na rua para vê-la, eis o que eu, pelo contrário, desejava. Pois a velhice de uma aia não é tranqüilizadora para um amante ciumento como a velhice do rosto daquela a quem ama. Só me incomodava que o penteado que lhe pedira que adotasse pudesse parecer a Albertine uma reclusão a mais. E ainda foi este sentimento doméstico novo que não cessou de me ligar a Albertine, mesmo longe dela.

Depois de dizer a Albertine, pouco disposta, segundo me confessara, a me acompanhar à casa dos Guermantes ou dos Cambremer, que não sabia aonde iria, para a casa dos Verdurin. No momento em que saía e que a idéia do concerto me recordou a cena da tarde: "grandessíssima puta, grandessíssima que iria ouvir lá por despeitado, talvez do amor ciumento, mas desse modo tão bestial como a que excetuadas as palavras, poderia fazer a uma mulher um orangotango enamorado dela. No momento em que na rua ia chamar um fiacre, ouvi de um homem que estava sentado num frade-de-pedra; soluços reprimidos, com o rosto nas mãos, parecia jovem e fiquei surpreendido à elegância; que parecia, pela brancura que saía da capa, que estava vestindo. Ao ouvir-me, descobriu o rosto inundado em lágrimas, havia me reconhecido e desviou a cara. Era Morel. Compreendeu que eu o reconhecia logo, tentando estancar as lágrimas, disse que havia parado um momento porque estava desesperado.

- Hoje mesmo insultei grosseiramente - disse ele - uma pessoa que nutro sentimentos elevados. Foi covardia, pois ela me ama.

- Talvez esqueça com o tempo - respondi, sem pensar, falando dessa maneira dava a entender que ouvira a cena da tarde. Mas ele estava tão absorto em suas preocupações que nem lhe ocorreu que eu pudesse saber de alguma coisa.

- Talvez mágoas que possa esquecer - Eu e que não poderei esquecer. Tenho e noção da minha vergonha. Mas enfim está dito, nada pode fazer que não tenha sido dito. Quando tenho raiva, não sei mais o que faço. E isso é tão ruim para mim. Quando sinto os nervos transtornados preocupo-me.

Pois Morel como todo neurastênico preocupava-se grandemente com a saúde.

Se, de tarde, eu vira um animal furioso cólera amor, agora, à noitinha, em poucas horas havia um sentimento novo, um sentimento de vergonha, arrependimento; decorridos, todos entrecruzados uns pelos outros pois, como todos mostrava que uma grande etapa fora vencida na evolução da besta a se transformar em ser humano. Apesar de tudo, eu ouvia sempre besta desistir à

"grandessíssima puta" e temia uma recorrência próxima ao estado selvagem. Aliás, mal sabia o que se havia passado, e isto era tanto mais natural quanto compreender; pois o Sr. de Charlus ignorava inteiramente que, desde alguns dias em particular naquele dia vergonhoso, não se referia diretamente ao próprio, com o violinista. Morel tivera nova crise de neurastenia. De fato, mesmo antes Morel havia apressado o quanto pudera, para o mês anterior a sedução da sobrinha de Jupien, com que na qualidade de noivo, desejara que saísse a seu gosto. Porém logo que fora um pouco longe demais em suas tentativas encontrara uma resistência que o tinha exasperado; e sobretudo quando falara à noiva que se unisse a outras moças que o proporcionariam. Fosse por que ela se mostrasse excessivamente casta, ou pelo contrário, se tivesse cedido; seu desejo passou podia sair muito mais lentamente. Resolvera romper, receou que ela o pusesse no olho do barão quando soubesse do rompimento. Pois o barão era mais moral, conquanto vicioso, e talvez rompesse com ele. Assim, decidira há cerca de quinze dias não voltar a ver a noiva. De repente sentindo que era melhor deixar que o Sr. de Charlus e Jupien se arranjassem e, antes de anunciar a ruptura, resolvera sair pela rua sem destino. Fora sem dizer para onde.

O Amor, cujo desenlace o deixava um pouco triste; de modo que, embora a conduta que tivera com a sobrinha de Jupien pudesse perfeitamente superpor-se, nos menores detalhes, àquela sobre a qual teorizara diante do barão enquanto jantavam em Saint-Mars-le-Vêtu, é bem provável que fossem muito diferentes e que sentimentos menos atrozes, e que não previra em sua conduta teórica, haviam embelezado e tornado sentimental sua conduta verdadeira. O único ponto em que, ao contrário, a realidade era pior que o projeto, é que no projeto não lhe parecia possível permanecer em Paris depois de tamanha traição. Agora, "dar o fora" lhe parecia demais por uma coisa tão simples. Seria deixar o barão, que certamente ficaria furioso, e sacrificar sua situação. Perderia todo o dinheiro que lhe dava o Sr. de Charlus. A idéia de que isso era inevitável causava-lhe crises de nervos. Ficava chorando horas a fio, e, para não pensar naquilo, tomava morfina com prudência.

Depois, de súbito, vinha-lhe ao espírito uma idéia que sem dúvida estava tomando vida e forma fazia algum tempo; tal idéia era que a alternativa, a escolha entre o rompimento com a moça e a briga total com o Sr. de Charlus talvez não fosse forçosa. Perder todo o dinheiro do barão era muito. Morel, indeciso, mergulhou durante alguns dias em idéias negras, como as que lhe causavam a vista de Bloch. Depois decidiu que Jupien e a sobrinha haviam tentado fazê-lo cair numa armadilha e deviam considerar-se muito felizes por ter a coisa acabado assim. Em suma, achava que a moça era culpada por ter sido tão desajeitada, por não ter sabido prendê-lo pelos sentidos. Não só lhe parecia absurdo o sacrifício de sua situação junto ao Sr. de Charlus, como lamentava até os jantares dispendiosos que

oferecera à moça desde que estavam noivos, e cujo custo poderia saber, como filho que era de um criado de quarto que ia todos os meses levar o seu "livro" a meu tio. Pois livro, no singular, que significa obra impressa para o comum dos mortais, perde esse sentido para as Altezas e os criados de quarto. Para estes, significa o livro de contas; para os primeiros, o registro em que as visitas inscrevem seu nome. (Em Balbec, num dia em que a princesa de Luxemburgo me dissera estar sem livro, eu ia lhe emprestar o *Pescador da Islândia e Tartarin de Tarascon*, quando compreendi o que ela queria dizer: não que passaria menos agradavelmente o tempo, mas que eu teria mais dificuldade em deixar o meu nome ao visitá-la).

Apesar da mudança do ponto de vista de Morel quanto às conseqüências de sua conduta, embora esta lhe tenha parecido abominável dois meses antes, quando amava apaixonadamente a sobrinha de Jupien, enquanto que de uns quinze dias para cá não cessava de repetir a si mesmo que essa conduta era natural e louvável, cada vez mais se lhe agravava o estado de nervosismo em que há pouco anunciara o rompimento. E estava pronto a "descarregar a cólera", senão (a não ser num acesso momentâneo) na moça para com quem conservava aquele resto de receio, derradeiro vestígio do amor, pelo menos no barão. Contudo, evitou falar-lhe sobre isso antes do jantar. Pois, colocando acima de mais nada o seu próprio virtuosismo profissional, quando tinha que tocar peças difíceis como naquela noite em casa dos Verdurin; evitava (tanto quanto possível, e já era demasiada a cena da tarde), tudo o que podia alterar sua execução. Assim como um cirurgião apaixonado por automobilismo, deixa de dirigir quando tem que operar. Assim, Morel, em quanto falava comigo, movia os dedos um após o outro para ver se haviam readquirido sua flexibilidade. Se sentia uma certa dureza explicava que ainda permanecia um pouco de nervosismo. Porém, Morel, distendia o rosto; sua fisionomia, o franzir de sobrancelhas que parecia significar não aumentar, o rosto como alguém que procurasse não enervar-se com a insônia, ou facilmente por uma mulher, com receio de que ainda retardasse o instante do sono ou do prazer. Assim, desejando recuperar a serenidade como de costume. Gostaria de ter ido embora, entretanto era inútil a partida pois, indo na direção quase da mesma casa, que a poucos minutos tendo ainda viva na lembrança não podia deixar de sentir certo nojo em ter Morel por companhia. É bem possível que depois do amor, a indiferença ou o ódio pela sobrinha de Jupien foram sinceros. Infelizmente não era a primeira vez que procedia assim, e não seria a última; que ele "dava o fora" na moça a que tinha jurado amor eterno chegando até lhe mostrar um revólver carregado e lhe dizer que daria um tiro se era o bastante covarde para abandoná-la. Nem por isso deixava de abandoná-la em seguida e de sentir, em vez de remorso, uma espécie de rancor. Não era a primeira vez que obrava assim nem ia ser a última, de sorte que muitas cabeças de moças - menos esquecidas dele que delas mesmas

sofreram -como sofreu muito tempo ainda a sobrinha do Jupien, que continuou amando Morel sem deixar de lhe desprezar-,dispostas a estalar sob o arrebatamento de uma dor interna, porque cada uma delas parecia no cérebro, como um fragmento de uma escultura grega, um aspecto do rosto do Morel, duro como o mármore e belo como a antigüidade, com seus cabelos em flor, seus olhos penetrantes, seu nariz reto -formando protuberância em um crânio não destinado a recebê-la, e que não se podia operar-. Mas, à larga, estes fragmentos tão duros acabam por cair num lugar onde não causam muitos estragos, de onde já não se movem; já não se nota sua presença: é o esquecimento, ou o futuro indiferente.

Eu levava em mim dois produtos de minha jornada. Por uma parte, graças à calma produzida pela docilidade de Albertina, a possibilidade e, em conseqüência, a resolução de romper com ela. Por outra parte, resultado de minhas reflexões durante o tempo que passei esperando-a sentado ante o piano, a idéia de que a arte, ao que procuraria dedicar; me esforçaria por consagrar a liberdade reconquistada, não era algo que valesse a pena um sacrifício, algo exterior à vida, não participando de sua vaidade e de seu vazio, pois a aparência de individualidade real obtida nas obras era devida apenas a uma ilusão produzida pela habilidade técnica. Se a minha tarde deixara em mim outros resíduos, talvez mais profundos, só deveriam subir bem depois à minha consciência. Quanto aos dois que eu nitidamente sopesava, não iriam ser duradouros; pois, desde aquela mesma noite, minhas idéias sobre arte iam se recompor da diminuição que tinham experimentado à tarde, mas em compensação, o sossego, e por conseguinte, a liberdade que me permitiria dedicar-me a ela, ser-me-ia novamente retirado.

Como o meu carro, rodando ao longo do cais, se aproximasse da casa dos Verdurin, fi-lo parar. Com efeito, acabava de ver Brichot descer do bonde na esquina da rua Bonaparte, limpar os sapatos com um jornal velho e calçar luvas cor de pérola. Caminhei até ele. Fazia algum tempo que, tendo piorado sua doença de olhos, fora dotado-tão suntuosamente como um laboratório-de novas lentes, as quais, potentes e complicadas como instrumentos astronômicos, pareciam aparafusadas a seus olhos. Assestou

em mim aquelas luzes excessivas e me reconheceu. As lentes estavam em situação primorosa. Mas, por detrás delas, percebi, minúsculo, pálido, convulsivo, expirante, um olhar longínquo colocado sob aquele potente aparelho, como, nos laboratórios por demais subvencionados para os trabalhos que neles se executam, se põe um mísero bichinho agonizante sob os aparelhos mais aperfeiçoados. Ofereci o braço ao semicego para lhe amparar os passos.

- Desta vez não é perto da grande Cherburgo que nós nos encontramos disse ele-, mas ao lado do Petit Dunkerque. [Dunkerque pequena loja de novidades em

Paris, no começo do século (N .do T)]- frase que me pareceu muito aborrecida, pois não entendi o que queria dizer; todavia não ousei fazer perguntas a Brichot, por temer ainda mais o seu desprezo do que suas explicações. Respondi que estava bastante curioso por ver o salão em que Swann outrora se encontrava todas as noites com Odette.

- Como, o senhor conhece estas velhas histórias? - exclamou ele. -

A morte de Swann me deixara transtornado na ocasião. A morte de Swann! Swann não desempenha nesta frase o papel de um simples genitivo. Entendo por isso a morte particular, a morte enviada pelo destino ao serviço de Swann. Pois dizemos a morte, para simplificar, mas são tantas as mortes quantas as pessoas. Não possuímos sentidos que nos permitam ver, correndo a toda velocidade e em todas as direções, as mortes, as mortes ativas dirigidas pelo destino para este ou aquele. Muitas vezes são mortes que só serão liberadas inteiramente de sua tarefa dois ou três anos após. Correm depressa para pôr um câncer nos flancos de um Swann, e depois saem para outras tarefas, só regressando no momento em que; tendo sido a operação dos cirurgiões, é preciso recolocar o câncer. Depois tendo o momento em que se lê no Le Gaulois que a saúde de Swann inspirou chega o ponto em que sua indisposição está em franco processo de cura. Então, minutos antes do último suspiro, a morte, como uma religiosa que nos tivesse assistido momentos antes; o destruir, chega para acompanhar nossos últimos instantes, e coroa com uma auréola suprema a criatura para sempre enregelada cujo coração cessou um dia de bater. Como uma dessas multiplicidade de mortes, o mistério de seus circuitos, a cor de sua écharpe; e que conferem algo de tão impressionante às linhas dos jornais: "Acabamos de saber com vivo pesar que o Sr. Charles Swann sucumbiu ontem em seu palacete, vítima de pertinaz moléstia. Parisiense, cujo espírito era apreciado por todos, bem como a firmeza de suas relações escolhidas, porém fiéis. Paris, em fremente lamenta a sua falta, tanto nos meios artísticos e literários, pela

esclarecida do seu bom gosto fazia com que se sentisse bem e fosso onde fosse, afinal por todos era admirado, como no Jockey-Club, do qual era um dos membros mais influentes. Pertencia também ao Círculo da União e ao Clube Agrícola onde era um dos mais antigos e apresentara a sua demissão ao círculo da rua Royale. Sua fisionomia especial como sua notável notoriedade não deixavam de excitar a curiosidade do público em todo *great event* da música e da pintura, notadamente nas *vernissages* era *habitué* fiel até seus últimos anos, quando só raramente saía de casa. Terão lugar os funerais, etc."

Neste ponto de vista, se não somos "alguém", a ausência de título é mais rápida ainda a decomposição da morte. Sem dúvida é de tal modo conhecido a distinção de individualidade, que se é anônimo o duque de Uzes . Mas a coroa ducal por algum tempo os elementos como os daqueles espelho mantêm unidos e mal

desenhadas, apreciados por Albertine. Ao passo que os nomes de forma ultramundanos, logo que eles morrem, desagregam-se, os moldes derretem-se. Vimos a Sra. de Guermantes falar de Cartier como sendo burguês, sendo o melhor amigo do duque de La Trémoïlle, um homem bastante solicitado nos meios aristocráticos. Na geração seguinte, Cartier se tornou algo tão infortunado; ou melhor engrandecessem aparentando-o com o joalheiro Cartier, e no entanto nos meios o pudessem ter confundido com o outro. Swann que talvez, ao contrário, era uma notável personalidade intelectual e artística; não teria "produzido" nada, teve a oportunidade de durar um pouco mais Swann, não Charles Swann, que conheci tão pouco quando ainda era tão jovem, embora perto do túmulo, é justamente porque este, a quem você devia considerar todavia, um imbecil, fez de você o herói de um de seus romances; e que por isso talvez você continue vivendo. Se a respeito do quadro um Tissot representa a sacada do círculo da rua Royale, onde você está entre Gallifet, Edmond de Polignac e Saint-Maurice, fala-se tanto de você, é porque vêem que existem alguns traços seus na personagem de Swann{50}.

Para retornar às realidades mais genéricas, foi dessa morte prevista e contudo inesperada de Swann que ouvira o próprio Brichot falar à duquesa de Guermantes, na noite da festa na casa da prima desta. Era a mesma morte cuja estranheza específica e impressionante me afastara na noite em que eu folheara o jornal e a notícia me fizera estacar de súbito, como se traçada em misteriosas linhas inoportunamente intercaladas. Haviam bastado para fazer de um vivo alguém que já não pode responder ao que lhe dizem, um nome, um nome escrito, repentinamente passado do mundo real para o reino do silêncio. Eram elas que me davam ainda neste momento o desejo de conhecer melhor a residência onde outrora haviam morado os Verdurin e onde Swann, que então não era apenas algumas letras impressas no jornal, jantara tantas vezes com Odette. É preciso acrescentar igualmente (e isto me tornou, por muito tempo ainda, mais dolorosa do que qualquer outra a morte de Swann, embora esses motivos não se relacionassem com a estranheza individual de sua morte) que eu não fora visitar Gilberte como lhe havia prometido na casa da princesa de Guermantes; que ele, Swann, não me havia exposto aquela "outra razão" a que aludira nessa noite, para a qual me escolhera como confidente de sua conversa com o príncipe, que mil perguntas me vinham à cabeça (como bolhas que sobem do fundo da água) e que eu desejaria fazer-lhe a respeito dos mais diversos assuntos: sobre Vermeer, sobre o Sr. de Mouchy, sobre ele mesmo, sobre uma tapeçaria de Boucher, sobre Combray, perguntas - é claro de pouca urgência, visto que as adiara dia após dia, mas que me pareciam capitais desde que, estando selados os seus lábios, a resposta já não viria.

A morte dos outros é como uma viagem que nós próprios faríamos e durante a

qual recordamos, a cem quilômetros de Paris, ter esquecido de duas dúzias de lenços, de deixar uma chave para a cozinheira, de nos despedirmos do tio, de perguntar o nome da cidade onde se acha a fonte antiga que desejamos ver. Enquanto estes esquecimentos que nos acossam e que narramos em voz alta, por pura formalidade, ao amigo que viaja conosco, têm por única resposta o começo da aceitação do banco estofado, o nome da estação gritado pelo chefe do trem só faz afastar-nos ainda mais das realizações dali em diante impossíveis, de maneira que, desistindo de pensar nas coisas irremediavelmente olvidadas, desfazemos o embrulho das comidas e permutamos jornais e revistas.

- Mas não - replicou Brichot-, não era aqui que Swann se encontrava com sua futura mulher; ou, pelo menos, só foi aqui nos últimos tempos, depois do sinistro que destruiu parcialmente a primeira residência da Sra. Verdurin.

Infelizmente, com receio de ostentar aos olhos de Brichot um luxo que me parecia deslocado, visto que o universitário não tomava parte nele, eu havia descido com muita precipitação do carro, e o cocheiro não compreendera o que lhe recomendara às pressas para ter tempo de me afastar antes que Brichot me avistasse. O resultado foi que o cocheiro veio ao nosso encontro e perguntou se devia voltar para me apanhar; disse-lhe rapidamente que sim e redobrei de respeito para com o universitário, que chegara de ônibus.

- Ah, o senhor está de carro - disse-me ele em tom grave. - Meu Deus, pelo maior dos acasos; isto não acontece nunca, sempre ando de ônibus ou a pé. Porém, desse modo talvez tenha a grande honra de levá-lo até em casa esta noite, se o senhor consentir em me acompanhar nesse calhambeque; ficaremos um pouco apertados. Mas o senhor é tão bondoso comigo. -

Ai de mim; propondo-lhe aquilo não me privo de nada, pensei, visto que serei obrigado da mesma forma a regressar por causa de Albertine. Sua presença em minha casa, numa hora em que ninguém podia visitá-la, permitia-me dispor tão livremente de meu tempo como de tarde, quando sabia que ela ia voltar do Trocadero e eu não tinha pressa em revê-la. Mas afinal, também como de tarde, sentia eu que tinha uma mulher e que, voltando para casa, não conheceria a exaltação revigorante da solidão.

- Aceito de coração - respondeu Brichot. - Na época a que o senhor alude,aos nossos amigos moravam na rua Montalivet, num magnífico andar térreo com água furtada dando para um jardim, menos suntuoso, é claro, e que no entanto prefiro ao palacete da Embaixada de Veneza. -

Brichot contou-me que naquela noite havia o "cais Conti" (era assim que os fiéis denominavam o salão Verdurin desde que, se mudara para lá), um grande "tra-la-lá" musical, organizado pelo Sr. de Charly, - Acrescentou que, no tempo antigo de que eu falava, o pequeno núcleo era outro; o tom bem diferente, não só

porque os fiéis eram muito jovens. Contou-me as farsas de Elstir (o que denominava "puras patacoadas"), como num dia em que este, tendo fingido que roera a corda, viera disfarçado de mordomo extra e, enquanto passava os pratos, dissera graçolas ao ouvido da muito pudica baronesa Putbus vermelha de espanto e raiva; depois, desaparecendo antes do fim do jantar, mandara trazer ao salão uma banheira cheia d'água, de onde, quando saíam todos da mesa, emergira completamente nu soltando palavrões; e também das ceias onde todos apareciam em roupas de papel, desenhadas, cortadas e pintadas por Elstir que eram obras-primas, tendo Brichot certa ocasião vestido a de um grande fidalgo da corte de Carlos VII, com sapatos de bico revirado, e, de outra vez, a de Napoleão, para a qual Elstir havia feito a grande insígnia da Legião de Honra com lacre. Em suma, recordando Brichot o salão de outrora, com seus janelões, seus canteiros baixos comidos pelo sol do meio-dia e que fora preciso substituir, declarava preferi-lo ao de hoje. Por certo, eu bem compreendia que, por "salão", Brichot queria dizer-como o vocábulo "igreja" não indica apenas o edifício religioso mas a comunidade de fiéis não apenas a água-furtada, mas as pessoas que a freqüentavam em busca de prazeres especiais que vinham procurar ali e aos quais, em sua memória, tinham dado sua forma aqueles canapés, em que, quando vinham visitar a Sra. Verdurin de tarde, esperavam que ela se aprontasse, enquanto as flores róseas dos castanheiros, lá fora, e os cravos nos vasos sobre a lareira pareciam, num pensamento de graciosa simpatia pelo visitante, traduzido nas risonhas boas-vindas de suas cores rosadas, mirar fixamente a chegada tardia da dona da casa. Mas se este "salão" lhe parecia superior ao atual, era talvez porque o nosso espírito é o velho Proteu, não pode permanecer escravo de nenhuma forma e, mesmo no terreno mundano, desprende-se subitamente de um salão, que chegou lenta e dificilmente a seu ponto de perfeição, para preferir um salão menos brilhante, assim como as fotografias "retocadas" que Odette mandara fazer no fotógrafo Otto, nas quais estava elegantíssima em seu rico vestido de princesa e ondulada por Lenthéric, não agradavam tanto a Swann quanto um cartãozinho postal de Nice, onde, numa capelinha de pano modesto, os cabelos mal toucados saindo para fora de um chapéu de palha bordado de amores-perfeitos e com um laço de veludo negro (pois as mulheres em geral parecem mais velhas quanto mais antigas forem as fotografias), vinte anos mais moça em elegância, parecia uma criadinha vinte anos mais velha. Talvez Brichot também tivesse a satisfação de me gabar aquilo que eu não havia conhecido, em mostrar-me que desfrutara de prazeres que eu não poderia ter. Conseguia-o, aliás, pois, citando apenas os nomes de duas ou três pessoas que já não existiam e a cujo encanto atribuía algo de misterioso por sua maneira de falar delas e dessas intimidades deliciosas, eu indagava a mim mesmo sobre o que ele poderia ter sido, sentia que tudo aquilo que me haviam contado acerca dos Verdurin era excessivamente grosseiro; e até Swann, que eu conhecera, censurava-me por

não ter prestado atenção nele, de não lhe ter prestado atenção com suficiente desinteresse, de não o ter escutado bem quando, à espera de que sua mulher regressasse para o almoço, ele me recebia e me mostrava belas coisas, agora que eu sabia que ele era comparável aos melhores conversadores de antigamente.

No momento de chegar à casa da Sra. Verdurin, avistei o Sr. de Charlus que vinha navegando em direção a nós com seu corpo enorme, arrastando atrás, sem querer, um desses apaches ou mendigos que agora a sua passagem fazia infalivelmente surgir até mesmo dos cantos aparentemente mais desertos, e dos quais aquele monstro poderoso era escoltado bem contra sua vontade, embora a certa distância, como o tubarão pelo peixe piloto, afinal, contrastando de tal modo com o forasteiro altivo do primeiro ano em Balbec, de aspecto severo e com sua afetação de virilidade, que me pareceu descobrir, acompanhado de seu satélite, um astro num período totalmente diverso de sua revolução e que agora se começa a ver em sua fase cheia; ou um enfermo invadido agora pelo mal que, anos antes, não passava de uma leve borbulha que ele facilmente dissimulava e de cuja gravidade ninguém suspeitava. Embora uma operação que Brichot sofrera lhe houvesse restituído um pouquinho da visão que para sempre tinha perdido, não sei se perceberei, o vagabundo que seguia o barão. Aliás, pouco importava, pois desde La Raspelier e apesar da amizade que o universitário tinha por ele, a presença do Sr. de Charlus lhe dava um certo mal-estar. Sem dúvida para cada homem a vida de outrem prolonga na escuridão caminhos de que não se tem qualquer idéia. A mentira, contudo; tantas vezes enganadora, e pasto de todas as conversas, esconde menos perfeitamente um sentimento de inimizade ou de interesse, ou uma visita que desejamos, dar a impressão que não foi feita, ou uma escapada com uma amante de um dia queremos ocultar à nossa mulher-do que uma boa reputação o segredo dos maus costumes de que ninguém desconfia. Esses maus costumes podem ficar ignorados a vida inteira; revela-os o súbito acaso de um encontro à noite, num cais; mas esse acaso é muitas vezes mal compreendido e é preciso que um terceiro, já, conhecedor do segredo, forneça-nos o seu sentido oculto, que todos ignoram. Porém uma vez conhecidos, eles impressionam, pois percebemos que raiam pela loucura muito mais do que por serem imorais. A Sra. de Surgis não possuía um sentimento moral muito desenvolvido e teria admitido qualquer comportamento; de seus filhos desde que aviltado e explicado pelo interesse, o que é compreensível em todos os homens. Mas proibiu-lhes que continuassem a freqüentar o Sr. de Charlus quando soube que, por uma espécie de relógio de repetição, o barão era fatalmente levado, em cada visita, a beliscar-lhes o queixo e a fazer com que ambos, se beliscassem um ao outro. Experimentou aquela sensação de inquietude do mistério físico, que faz com que nos indaguemos se o vizinho, com quem tem boas relações, não estará atacado de antropofagia; e às repetidas perguntas ao barão:

- Quando é que verei de novo os rapazes? - respondeu, sabendo os furores que acumularia contra a sua pessoa, que eles estavam ocupados com os estudos, os preparativos de uma viagem, etc. A irresponsabilidade agrava as culpas e até os crimes, digam o que disserem. Landru{51} (supondo que ele tenha de fato matado as mulheres), se o fez por interesse, coisa a que se pode resistir, pode ser perdoado; mas não se o fez por um sadismo irresistível.

Os pesados gracejos de Brichot, no começo de sua amizade com o barão, tinham dado lugar, quando já não se tratava de dizer lugares-comuns mas de compreender, a um sentimento desagradável que encobria o contentamento. Ele sossegava recitando páginas de Platão, versos de Virgílio, porque, igualmente cego de espírito, não compreendia que então amar um rapaz era como hoje (os gracejos de Sócrates revelam-no melhor do que as teriam de Platão) sustentar uma dançarina e depois arranjar um bom casamento. O próprio Sr. de Charlus mal o teria entendido, ele que confundia a sua mania com a amizade, que não se lhe parece a coisa alguma, e os atletas de Praxíteles com dóceis pugilistas. Não queria ver que há mil e novecentos anos ("um cortesão devoto sob um príncipe devoto teria sido ateu sob um príncipe ateu", disse La Bruyere) todo o homossexualismo de costume e dos rapazes de Platão como o dos pastores de Virgílio desaparecera, que sobrenada e se multiplica apenas o involuntário, o nervoso, o que se oculta aos outros e se disfarça aos próprios olhos. E o Sr. de Charlus teria errado em não renegar francamente a genealogia pagã. Em troca de um pouco de beleza plástica, quanta superioridade moral! O pastor de Teócrito que suspira por um rapaz, mais tarde não terá motivo algum para ser menos duro de coração e mais fino de espírito que o outro pastor, cuja flauta ressoa por Amarílis. Pois o primeiro não é atacado por um mal, apenas obedece à moda de seu tempo. É o homossexualismo sobrevivente, apesar dos obstáculos, vergonhoso, desonrado, o único verdadeiro, o único a poder corresponder, num mesmo indivíduo, um refinamento das qualidades morais. Assusta-nos a relação que o físico possa ter com estas quando se pensa na pequena aberração de gosto puramente físico, na ligeira tara de um sentido, que explicam por que o universo dos poetas e dos músicos, tão fechado ao duque de Guermantes, entreabre-se para o Sr. de Charlus.

Que este demonstre gosto no arranjo de sua residência, como uma dona de casa colecionadora de bibelôs, não é coisa que surpreenda; mas a estreita fenda que abre para Beethoven e Veronese! Nem por isso, no entanto, as pessoas sãs de espírito deixam de ter medo quando um louco, que fez um poema sublime, depois de lhes explicar pelos motivos mais justos que está internado por engano, pela maldade de sua mulher, pede que intervenham junto ao diretor do asilo, queixando-se das promiscuidades que lhe impõem, concluindo assim:

- Olhem, este que virá falar-me no pátio, cujo contato sou obrigado a suportar,

acredita ser Jesus Cristo. Ora, isto é o bastante para me provar com que espécie de alienados me prendem; ele não pode ser Jesus Cristo, pois Jesus Cristo sou eu! -

Um momento antes, estavam prontos para denunciar o erro ao médico alienista. Diante dessas últimas palavras, e mesmo levando em conta o admirável poema em que esse homem trabalha todos os dias, as pessoas se afastam, como os filhos da Sra. de Surgis se afastavam do Sr. de Charlus, não que este lhes tenha feito algum mal, mas devido ao luxo de convites dos quais a finalidade era lhes beliscar os queixos. É de lamentar que o poeta, que não dispõe de nenhum Virgílio para guiá-lo, precise atravessar os círculos de um inferno de pez e de enxofre, de se lançar a um fogo que desce do céu, para dali trazer alguns habitantes de Sodoma. Nenhum encanto em sua obra; a mesma severidade na sua vida que na daqueles que seguem a regra do mais casto celibato para que não possam atribuir o terem largado a batina a outra coisa que não a perda da fé. Todavia, não ocorre sempre do mesmo modo com esses escritores. Qual o médico de loucos que não terá tido, à força de assisti-los, sua crise de loucura? Feliz ainda se pode afirmar que não se trata de uma loucura anterior e latente que o tivesse feito dedicar-se a eles. O objeto de seus estudos, um psiquiatra, muitas vezes age de novo sobre ele. Mas antes disso, esse objeta, que obscura inclinação, que terror fascinante o fizera escolhê-lo?

Fingindo não ver o indivíduo suspeito que ajustava seus passos pelos dele (quando o barão se aventurava pelos bulevares ou atravessava a sala de espera da estação de Saint-Lazare, semelhantes seguidores se contavam por dúzias que, na esperança de ganhar dinheiro, não o largavam) e com receio de que, o outro se animasse a dirigir-lhe a palavra, o barão baixava em devotamento os cílios enegrecidos que, contrastando com as faces cobertas de pó-de-arroz, faziam-no parecer-se a um grande inquisidor pintado por El Greco. Mas tal padre causava medo e se assemelhava a um padre suspenso das ordens, pois os diversos expedientes a que tivera de recorrer por necessidade, a fim de satisfazer o seu vício e proteger seu segredo, tinham tido por efeito trazer à superfície do rosto precisamente aquilo que o barão tentava ocultar, uma vida crapulosa atestada pela decadência moral. De fato, seja qual for a sua causa, facilmente se lê, pois não demora a materializar-se, a proliferar sobre um rosto, especialmente nas faces e ao redor dos olhos, tão fisicamente quanto o amarelo ocre numa pessoa que sofre do fígado ou os vermelhos repugnantes de uma doença de pele. Aliás, não era apenas nas faces, ou melhor nas bochechas desse rosto pintado, no peito de mamas salientes, nas nádegas proeminentes desse corpo entregue à indolência e invadido pela gordura, que sobrenadava agora, espalhado como óleo, o vício outrora tão intimamente resguardado pelo Sr. de Charlus no ponto mais secreto de si mesmo. Transbordava agora de suas frases.

- Quer dizer, Brichot, que você anda passeando à noite com um belo rapaz? - disse aos abordar-nos, enquanto que o tal tipo, desapontado, afastava-se - Muito bonito. Vou dizer aos seus alunozinhos da Sorbonne que você não é tão sério assim. Aliás, a companhia da juventude lhe faz bem, senhor professor, deixa-o fresco feito uma rosinha. E você, meu caro, como vai?- disse-me ele, abandonando seu tom de gracejo. - Não é visto muitas vezes no cais Conti, bela juventude. Pois bem, e sua prima, como está? Não veio com você. Lamentamos, pois é encantadora. Poderemos vê-la esta noite? Oh, ela é bem bonita. E o seria mais ainda se cultivasse amiúde a arte, tão rara, que possui naturalmente, de bem vestir-se. -

Aqui devo dizer que o Sr. de Charlus "possuía", o que o tornava o exato oposto, o antípoda de mim, o dom de observar minuciosamente, de distinguir os detalhes tanto de vestido como de uma tela. Quanto aos vestidos e chapéus, certas más línguas determinados teóricos radicais dirão que, num homem, a inclinação pelos atrativos masculinos tem por compensação o gosto inato, o estudo e a ciência da total feminina. E com efeito, isso ocorre às vezes, como se os homens, tendo açambarcado todo o desejo físico, toda a profunda ternura de um Charlus, o outro sexo em troca se achasse gratificado com tudo o que fosse gosto "platônico" (adjetivo bastante impróprio), ou *tout court*, de tudo que fosse gosto, com os mais sábios e seguros requintes. Sob tal aspecto, o Sr. de Charlus teria merecido a alcunha que lhe deram mais tarde, "a Costureira". Mas seu gosto e espírito de observação se estendiam a muitas outras coisas. Na noite em que fui vê-lo depois de um jantar na casa da duquesa de Guermantes, vimos que eu só percebera as obras-primas que ele possuía em casa à medida que ele as ia mostrando a mim. Reconhecia de imediato aquilo a que pessoa alguma jamais prestara atenção, e isso tanto nas obras de arte como nas iguarias de um jantar (e da pintura à cozinha todo o meio-termo ficava compreendido).

Sempre lamentei que o Sr. de Charlus, em vez de limitar seus dons artísticos à pintura de um leque oferecido de presente à cunhada (vimos a duquesa de Guermantes segurando-o na mão e abrindo-o, menos para se abanar do que para gabar-se, fazendo ostentação da amizade de Palamede) e ao aperfeiçoamento de sua execução pianística a fim de acompanhar sem erros o desempenho do violino de Morel, repito, sempre lamentei, e lamento ainda, que o Sr. de Charlus nunca tenha escrito coisa alguma.

É claro que não posso extrair da eloqüência de sua conversação e até de sua correspondência a conclusão de que ele teria sido um escritor de talento. Esses méritos não cabem no mesmo plano. Temos visto obras primas escritas por enfadonhos alinhadores de banalidades, e reis da conversação mostrarem-se inferiores ao mais medíocre quando tentam escrever. Apesar disso, creio que o Sr. de Charlus teria experimentado a prosa, e, para começar com aqueles temas

artísticos que ele conhecia bem, o fogo teria irrompido, o clarão brilharia, e o homem mundano se tornaria um senhor escritor. Disse-lhe isto várias vezes, e ele jamais quis tentar, talvez apenas por preguiça ou devido ao tempo ocupado com festas brilhantes e divertimentos sórdidos, ou uma necessidade própria de Guermantes de prolongar indefinidamente os falatórios. Tanto mais o lamento porque, em sua mais brilhante conversa, o espírito nunca se separava do temperamento, os achados de um da insolência do outro. Se tivesse escrito livros, em vez de detestá-lo mesmo admirando-o como se fazia num salão onde, em seus mais curiosos instantes de inteligência, ele ao mesmo tempo espezinhava as fábulas, vingava-se de quem não o insultara, procurava de maneira vil fazer que amigos brigassem se tivesse escrito livros, teriam todos avaliado isoladamente o seu valor espiritual, decantado do mal; nada teria perturbado a admiração e muitos aspectos despertariam a amizade.

Em todo caso, mesmo que eu me engane sobre o que ele teria podido realizar na menor página, teria ele prestado um raro serviço escrevendo, pois, se distinguia tudo, de tudo o que ele distinguia conhecia o nome. Certamente, conversando com ele, se não aprendi a ver (meu espírito e meu sentimento tinham tendência a estar alhures), pelo menos vi coisas que, sem ele, teriam-me ficado despercebidas, porém o nome delas, que me teria auxiliado a reencontrar o seu desenho, suas cores, esse nome eu sempre esqueci bem depressa. Se tivesse escrito livros ainda que ruins; e não creio que o fossem-, que delicioso dicionário, que repertório inesgotável! Afinal de contas, quem sabe? Em vez de pôr no livro todo o conhecimento e seu gosto, talvez devido a esse demônio que muitas vezes contraria o nosso destino, ele houvesse escrito folhetins desenxabidos, inúteis narrativas de viagens e de aventuras.

- Sim, ela sabe se vestir ou, mas exatamente, enfeitar-se - continuou o Sr. de Charlus a propósito de Albertine. - Minha única dúvida é se ela se arruma em conformidade com sua beleza particular, e eu talvez seja um tanto responsável por isso, por causa dos conselhos não muito ponderados que lhe dei. O que muitas vezes lhe disse ao ir à Raspeliere e que era antes ditado talvez - e disso me arrependo pela natureza da região e pela proximidade das praias do que pelo caráter individual de tipo da sua prima, fê-la acentuar um pouco demais o gênero leve. Reconheço que a vi usar lindas tarlatanas, encantadoras *écharpes* de gaze, uma determinada touca cor-de-rosa onde uma pequena pluma rósea não fazia má figura. Mas acho que sua beleza, que é real e maciça, exige mais do que belos enfeites. Conviria a touca a essa cabeleira enorme que um *kakochnyk* (penteado em diadema das mulheres russas) não faria mais que ressaltar? Há poucas mulheres a quem convenham os vestidos antigos que dão um aspecto de fantasia de teatro. Mas a beleza dessa moça, já mulher, abre uma exceção e mereceria um vestido antigo de veludo de Gênova (logo pensei em Elstir - e nos

vestidos de Fortuny) que eu não recearia tornar mais pesado ainda com incrustações ou pingentes de maravilhosas pedras desusadas (é o mais belo elogio que se pode fazer a tal respeito) como a olivina, a marcassita e a incomparável labradorita. Aliás, ela mesma parece possuir o instinto do contrapeso, que exige uma beleza um tanto pesada. Lembre-se, para ir jantar na Raspeliere, de todo esse acompanhamento de belos estojos, de bolsas pesadas, nos quais, quando se caso ela poderá colocar mais do que a brancura do pó-de-arroz ou o carmim da pintura do rosto, mas num cofrezinho de lápis-lazúli não muito cor de anil; também pérolas e rubis não reconstituídos, creio, pois ela pode fazer um casamento rico.

- Ora, ora, barão - interrompeu Brichot, temendo que eu me aborrecesse com essas últimas palavras, pois tinha dúvidas sobre a pureza de minhas relações e a autenticidade do parentesco de Albertine comigo -, aí está como você se ocupa com as senhoritas!

- Faça o favor de se calar diante deste menino, língua viperina - troçou o Sr. de Charlus abaixando, num gesto para impor silêncio a Brichot, a mão que não deixou de apoiar em meu ombro.- Incomodei-os; vocês pareciam divertir-se como duas louquinhas e não precisavam de uma velha vovó desmancha-prazeres como eu. Não irei confessar-me por causa disso, pois vocês já estavam quase chegando. -

O barão estava de muito bom humor, tanto mais que ignorava completamente a cena da tarde, pois Jupien julgara mais útil proteger a sobrinha contra nova ofensiva de Morel do que ir prevenir o Sr. de Charlus. Assim, este sempre acreditava no casamento e se regozijava com isso. Dir-se-ia que é um consolo, para esses grandes solitários, conferir a seu trágico celibato o alívio de uma paternidade fictícia. - Mas palavra de honra, Brichot - acrescentou ele, voltando-se a rir para nós -, que tenho escrúpulos em vê-lo em tão galante companhia. Vocês pareciam dois namorados. De braços dados, que liberdades são essas, hem Brichot? -

Seria preciso atribuir, como causa de tais palavras, o envelhecimento do intelecto, menos senhor de seus reflexos que outrora e que em momentos de automatismo deixa escapar um segredo tão cuidadosamente escondido durante quarenta anos? Ou então o desdém pela opinião dos plebeus que no fundo anima todos os Guermantes e do qual o irmão do Sr. de Charlus, o duque, apresentava uma forma diversa quando, pouco se importando que minha mãe pudesse vê-lo, fazia a barba à janela, de camisola aberta? Teria o Sr. de Charlus contraído, nos trajetos sufocantes de Doncieres a Douville, o perigoso hábito de se pôr à vontade e assim, como então colocava o chapéu de palha no alto da cabeça para refrescar a testa enorme, de afrouxar, a princípio apenas por alguns instantes, a máscara havia tanto tempo rigorosamente pregada a seu rosto verdadeiro? As atitudes conjugais do barão para com Morel teriam com razão espantado a quem soubesse que o Sr. de Charlus já não o amava. Mas ocorrera com o barão que a monotonia dos prazeres que seu vício lhe oferece acabara por fatigá-lo. Instintivamente, ele havia procurado novas *performances* e, depois de se cansar dos desconhecidos que encontrava, passara ao pólo oposto, àquilo que julgara que detestaria sempre: a imitação de uma "vida conjugal" ou de uma "paternidade". Por vezes, nem isto o satisfazia mais, precisava de novidade, ia passar a noite com uma mulher da mesma forma que um homem normal pode, uma vez na vida, ter desejado procurar um rapaz, por uma curiosidade semelhante e inversa, e, em ambos os casos, igualmente malsã. A existência de "fiel" do barão, não vivendo, por causa de Charlie, senão no "pequeno clã", tivera, para quebrar os esforços que ele vinha fazendo há muito a fim de manter as aparências enganosas, a mesma influência de uma viagem de exploração ou de uma temporada nas colônias sobre certos europeus que perdem lá os princípios norteadores que os dirigiram na França. E no entanto, a revolução interna de um espírito, ignorando a princípio a anomalia que carregava consigo, depois horrorizado diante dela ao reconhecê-la e, por fim, familiarizando-se com ela a ponto de já não perceber que não podia sem perigo confessar aos outros aquilo que se acabou por confessar a si mesmo sem pudor, fora mais eficiente ainda para libertar o Sr. de Charlus dos últimos constrangimentos sociais do que o tempo passado na casa dos Verdurin. De fato, não há exílio no pólo Sul ou no cimo do Monte Branco que nos afaste tanto dos outros como uma estadia prolongada no seio de um vício interior, ou seja, de um pensamento diferente do deles. Vício (assim o Sr. de Charlus o qualificava antigamente) ao qual o barão atribuía agora a figura complacente de um simples defeito, muito espalhado, simpático e quase divertido, como a preguiça, a distração ou a gulodice. Percebendo a curiosidade que as peculiaridades de sua pessoa excitavam, o Sr. de Charlus sentia um certo prazer em satisfazê-la, em atiçá-la, entretê-la. Da mesma forma que um certo publicista judeu faz-se todos os dias o campeão do catolicismo, provavelmente não na esperança de ser levado a sério, mas para não frustrar a expectativa dos

leitores zombeteiros, o Sr. de Charlus castigava com espírito os maus com o mesmo pequeno clã, como teria arremedado os ingleses ou imitado Mounet-Saint sem esperar que lhe pedissem, e para contribuir com sua parte de bom grado exercendo na sociedade um talento de amador; de modo que o Sr. de Charlus ameaçava denunciar Brichot à Sorbonne, dizendo que agora ele passeava na companhia de rapazes, da mesma forma que o cronista circunciso alude, a propósito de tudo, à "filha mais velha da Igreja" e ao "sagrado coração de Jesus", isto é, sombra de hipocrisia, mas com uma ponta de cabotinismo. Não era apenas da mudança das próprias palavras, tão diversas das que ele se permitia usar antigamente, que seria curioso procurar a explicação, mas também da que sobreveio entonações e nos gestos, estes e aquelas agora singularmente semelhantes ao Sr. de Charlus vergastava com toda a aspereza outrora; agora, soltando involuntariamente quase os mesmos gritinhos tão involuntários quanto profundos que, voluntariamente, soltam os invertidos que se tratam por "minha querida"; como se esse fricote intencional, a que o Sr. de Charlus sempre se mostrara tão avesso, não passasse na realidade de uma genial e fiel imitação das maneiras que acabam por adquirir, queiram ou não, os Charlus ao atingirem determinada fase de seu mal, como os doentes de paralisia geral ou de ataxia acabam fatalmente por apresentar certos sintomas. Na verdade é o que todo aquele fricote revelava não haveria entre o severo Charlus, todo vestido de preto, de cabelo escovinha, que eu conhecera, e os rapazes arrebicados, cobertos de jóias; aquela diferença puramente superficial que há entre uma pessoa agitada, que depressa e se remexe o tempo todo, e um neuropata que fala devagar, com uma fleuma permanente, mas está atacado da mesma neurastenia aos olhos clínico que sabe que este, como o outro, é devorado pelas mesmas angústias, marcado pelas mesmas taras. Aliás, via-se que o Sr. de Charlus envelhecera; sinais bem diferentes, como a extraordinária extensão que haviam tomado em conversa algumas expressões que tinham proliferado e agora voltavam a instante (por exemplo: "o encadeamento das circunstâncias") e às quais o barão se apoiava de frase em frase como a um tutor necessário.

- Será, Charlie já chegou? - perguntou Brichot ao Sr. de Charlus quando avistamos chamar-lhe à porta do hotel.

- Ah, não sei - disse o barão, erguendo os braços e semicerrando os olhos com o ar de pessoa que não deseja ser acusada de indiscrição, tanto mais que provavelmente recebera censuras de Morel por algo que havia dito, e que este, tão covarde quanto vaidoso, renegando o Sr. de Charlus com a mesma facilidade com que dele se orgulhava, havia julgado graves embora fossem insignificantes. - Você sabe que não tenho a mínima idéia do que ele anda fazendo. Não sei com quem está me enganando, e quase não o vejo. - Se a conversa entre duas pessoas que têm uma ligação está cheia de mentiras, nascem estas não menos

naturalmente nas conversas que um terceiro tem com um amante acerca da pessoa amada por este último, seja qual for o sexo dessa pessoa.

- Faz muito que o senhor não o vê? - perguntei ao Sr. de Charlus, para parecer não recear falar-lhe de Morel e, ao mesmo tempo, fazer crer que ignorava completamente que vivessem juntos.

- Hoje de manhã ele apareceu casualmente durante cinco minutos, enquanto eu ainda estava meio adormecido, sentando-se na beira da cama como se quisesse me violar. -

Tive logo a idéia de que o Sr. de Charlus estivera com Charlie uma hora antes, pois, quando perguntamos a uma mulher quando viu ela certo homem que sabemos - ela imagina talvez que desconfiamos ser seu amante, e se almoçou com ele, ela responde:

- Vi-o por um momento, antes do almoço.-

Entre esses dois fatos, a única diferença é que um é falso e o outro verdadeiro, mas um é tão inocente, ou, se preferimos, tão culpado quanto o outro. Assim, não se compreenderia por que motivo a amante (e aqui o Sr. de Charlus) escolhe sempre o fato mentiroso, se não se soubesse que tais respostas são determinadas, à revelia da pessoa que as dá, por uma enormidade de fatores aparentemente em tamanha desproporção com a insignificância do fato que seria inútil enumerá-los. Mas, para um físico, o lugar que ocupa a menor bolinha do sabugueiro é explicado pela ação, conflito ou equilíbrio das leis de atração e repulsão que governam mundos bem maiores. Mencionemos aqui, só para lembrar, o desejo de parecer natural e animoso, o gesto instintivo de ocultar um encontro secreto, uma mescla de pudor e ostentação, a necessidade de confessar o que é tão agradável e de mostrar que se é amado, uma penetração daquilo que o interlocutor sabe ou supõe, mas não diz, penetração que, indo além ou aquém da sua, faz com que esta seja ora sobre ora subestimada, o desejo involuntário de brincar com fogo e a vontade de fazer parte do fogo. Outras tantas leis diferentes, agindo em sentido oposto, ditam as respostas mais gerais relativas à inocência, ao "platonismo", ou, pelo contrário, à realidade carnal das relações que se têm com a pessoa que afirmamos ter visto pela manhã quando a vimos à noite. Todavia de um modo geral, digamos que o Sr. de Charlus, apesar do agravamento de seu mal, e que o levava permanentemente a revelar, a insinuar, às vezes simplesmente a inventar detalhes comprometedores, procurava, nesse período de sua vida, afirmar que Charlie não era o mesmo tipo de homem que ele, Charlus, e que entre os dois só existia amizade. Isto não impedia (mesmo que talvez fosse verdade) que se contradissesse às vezes (como quanto à hora em que o vira pela última vez), ou porque então dissesse a verdade por esquecimento, ou porque mentisse, para se gabar ou por sentimentalismo, ou por achar espirituoso

confundir o interlocutor.

- Você sabe que ele é para mim um bom rapazinho, pelo qual tenho o maior afeto, como tenho certeza (duvidava, por acaso, para sentir essa necessidade de afirmar que tinha certeza?) que o tem por mim, mas entre nós não existe outra coisa, nada disso, compreende. - Nada disso afirmou o barão de modo tão natural como se falasse de uma dama. - Sim, ele veio esta manhã quando eu ainda estava na cama. E no entanto ele sabe que eu detesto que me veja deitado. Você não? Oh, é um horror! Isso incomoda, como somos feios nesse momento! Sei muito bem que já não tenho vinte e cinco anos, não quero bancar a donzela, mas cada um tem a sua vaidade mesmo assim.

É possível que o barão falasse com sinceridade quando se referia a Morel como um bom rapazinho e que talvez dissesse a verdade julgando mentir, ao afirmar:

- Não sei o que ele anda fazendo, não conheço a sua vida. -

De fato, digamos (para adiantar algumas semanas a narrativa, que retomaremos logo após esse parêntese aberto; enquanto o Sr. de Charlus, Brichot e eu nos dirigimos para a casa da Sra. Verdurin), digamos que, pouco tempo depois dessa reunião noturna, o barão mergulhou na dor e na estupefação causadas por uma carta que abriu descuidado e que era endereçada a Morel. Essa carta, que por outro lado me dá desgostos cruéis, era escrita pela atriz Léa, célebre pelo gosto exclusivo que possuía por mulheres. Ora, sua carta a Morel (que o Sr. de Charlus nem sequer suspeitava que a conhecesse) era redigida no tom mais apaixonado. Sua baixeza impede que a reproduzamos aqui, mas podemos adiantar que Léa só o tratava no feminino dizendo-lhe: "Sua grande porcalhona", "Minha queridinha, você pelo menos é", etc. E nessa carta havia referência à várias outras mulheres que não pareciam ser mais amigas de Morel que de Léa. Por outra parte, a zombaria de Morel em relação ao de Charlus e a de Léa quanto ao oficial que a sustentava e de quem ela dizia: "Em suas cartas, ele me suplica que eu tenha juízo! Puxa! Meu queridinho"-não revelavam ao Sr. de Charlus uma realidade menos insuspeitada dele do que o eram as relações tão particulares de Morel com Léa. O barão ficou perturbado sobretudo pela expressão "é". Depois de tê-la ignorado a princípio, ficara sabendo, após um tempo, que ele mesmo "era". Eis que a noção adquirida se achava de novo a questão. Quando descobrira que "era", julgava entender por aquilo que o seu gosto, como diz Saint-Simon, não se dirigia às mulheres. Ora, eis que, para Morel, a expressão "era" adquiria uma extensão que o Sr. de Charlus não conhecera, visto que Morel provara, por essa carta, que também "era", tendo os mesmos gostos que algumas mulheres sentem por outras mulheres. Desde então, o ciúme do Sr. de Charlus já não tinha motivo para se limitar aos homens que Morel conhecia, em estender-se às próprias mulheres. Assim, os seres que "eram" não seriam só aqueles que ele julgara, mas toda uma enorme parcela do planeta, tanto composta de mulheres como de

homens, de homens que amavam não apenas os homens mas as mulheres. E o barão, diante do significado novo de um termo que lhe era tão familiar, sentia-se torturado por uma inquietação da inteligência tanto como do coração, em face desse duplo mistério onde, a um tempo, existiam o aumento de seu ciúme e a súbita insuficiência de uma definição.

O Sr. de Charlus nunca passara de um amador na vida. Quer dizer, incidentes desse gênero não lhe podiam ser de nenhuma utilidade. Descarregava a impressão penosa que lhe causassem, em cenas violentas onde sabia ser eloqüente, ou em intrigas sorrateiras. Mas para uma criatura do valor de Bergotte, por exemplo, tais incidentes poderiam ser preciosos. E talvez seja isto mesmo que explique em parte (pois agimos às cegas, mas escolhendo como os animais a planta que nos é favorável) que criaturas como Bergotte vivam em geral na companhia de pessoas medíocres, falsas e malvadas. A beleza destas é bastante para a imaginação do escritor, exalta a sua bondade, mas não transforma em nada a natureza de sua companheira, cuja vida, situada milhares de metros abaixo, as relações inverossímeis, as mentiras impelidas adiante e sobretudo numa direção diversa da que se poderia acreditar, aparecem de relance de quando em vez. A mentira, a mentira perfeita, sobre as pessoas que conhecemos, as relações que tivemos com elas, nosso móbil em determinada ação que formulamos de modo inteiramente diverso, a mentira sobre o que somos, sobre o que amamos, sobre o que sentimos em relação à criatura que nos ama e que julga ter-nos modelado à sua semelhança porque nos beija o dia inteiro-essa mentira é uma das únicas coisas neste mundo que pode nos abrir perspectivas para o novo, para o desconhecido, que pode abrir nossos sentidos adormecidos para a contemplação de universos que jamais teríamos conhecido. No que concerne ao Sr. de Charlus, é preciso dizer que, se ficou estupefato ao conhecer acerca de Morel um certo número de coisas que este cuidadosamente lhe ocultara, errou em concluir daí que é um engano ter uma relação com gente do povo e que revelações tão penosas (a mais penosa para ele fora a de uma viagem que Morel fizera com Léa, ao passo que ele havia assegurado ao Sr. de Charlus que, naquela ocasião, estava estudando música na Alemanha. Para arquitetar sua mentira, Morel se havia servido de pessoas benévolas, que moravam na Alemanha, às quais mandara suas cartas, que eram reexpedidas para o Sr. de Charlus; este, aliás, estava de tal maneira convencido de que Morel se achava na Alemanha que nem mesmo observara o carimbo do correio.) Com efeito, veremos, no último volume desta obra, o Sr. de Charlus ocupado em fazer coisas que teriam deixado os amigos e parentes ainda mais estupefatos do que ele o ficara com a vida revelada por Léa.

Mas é tempo de alcançar o barão, que se adianta, comigo e com Brichot para a porta dos Verdurin.

- E que fim levou - acrescentou ele voltando-se para Morel - o seu jovem amigo hebreu que víamos em Douville? Tinha pensado que, se lhe agrada, poderíamos convidá-lo uma noite dessas. -

De fato, o Sr. de Charlus, tentando mandar espionar sem pudor o comportamento de Morel por uma agência de detetives, exatamente como um marido ou um amante, não deixava de prestar atenção aos outros rapazes. A vigilância que ele encarregava um velho criado de mandar exercer por uma agência sobre Morel era tão pouco discreta, que os lacaios se julgavam perseguidos e uma arrumadeira já não vivia direito, não ousava sair à rua, acreditando ter sempre um policial no seu encalço. E o velho criado:

- Ela pode fazer o que quiser! Vejam só se a gente ia perder tempo e dinheiro em vigiá-la! Como se o seu comportamento nos interessasse! - exclamava com ironia, pois era tão apaixonadamente dedicado ao patrão que, embora de modo algum compartilhasse de seus gostos, acabava, de tanto ardor caloroso que punha em servi-los, por falar deles como se fossem os seus.

- É a melhor das pessoas - dizia desse velho criado o Sr. de Charlus, pois a ninguém apreciamos tanto como as criaturas que juntam às grandes virtudes essa de as pôr incondicionalmente) disposição de nossos vícios. Aliás, era apenas dos homens que o Sr. de Charlus) podia sentir ciúme no que se referia a Morel. As mulheres não lhe inspiravam nenhum. De resto, essa é a regra geral quanto aos Charlus.

O amor do homem a quem amam por uma mulher é algo totalmente diverso, passado em uma outra espécie animal (o leão deixa os tigres sossegados), não os incomoda e até tranqüiliza. É verdade que às vezes, entre os que fazem da inversão um sacerdócio, esse amor os desgosta. Então, querem mal a seu amigo por ter se entregado ao amor, não como uma traição, mas como uma degradação. Outro Charlus, que o barão ficaria indignado ao saber que Morel tinha relações sexuais com uma mulher, como teria ficado se lesse num cartaz que ele, intérprete de Bach e Haend iria tocar Puccini. É por isso, aliás, que os rapazes, que por interesse em condescender com o amor dos Charlus, afirmam que as mulheres só lhes causam nojo, da mesma forma que diriam aos médicos que jamais bebem álcool e só apreciam a água da fonte. Mas, sob esse aspecto, o Sr. de Charlus se afastava um pouco do habitual. Admirando tudo em Morel, os êxitos femininos deste não o inquietavam, davam-lhe a mesma alegria que seus êxitos no concerto ou no jogo. “Mas, meu caro, sabe ele anda com mulheres dizia em tom de revelação'' escândalo, talvez de inveja, e sobretudo de admiração. - Ele é extraordinário - acrescentava. - Em toda a parte, as prostitutas mais procuradas só têm olhos nele. Chama a atenção em qualquer lugar, tanto no metrô como no teatro. O negócio chega a ser enjoado! Não posso ir com ele ao restaurante sem que o garçom traga recadinhos de pelo menos três mulheres. E

sempre das mais bonitas. Ali não é de estranhar. Eu o contemplava ontem, compreendendo-as, ele se tornou uma beleza tal, parece uma figura de Bronzino. É verdadeiramente admirável.-

Mas o Sr. de Charlus gostava de mostrar que amava Morel, de persuadir os outros, talvez de persuadir a si mesmo, de que era amado por ele. Punha em retê-lo junto a si o tempo todo, apesar do prejuízo que aquele rapazinho podia acarretar à sua posição mundana, uma espécie de amor-próprio. Pois (e o caso é freqüente entre os homens esnobes e bem situados, que, por vaidade, rompem todas as relações para serem vistos em toda parte com uma amante de má fama ou uma senhora desacreditada, que ninguém recebe, e à qual entretanto lhe parece ser lisonjeiro estar ligado) havia chegado àquele ponto em que o amor-próprio põe todo o seu empenho em destruir os objetivos que atingiu, seja porque, sob a influência do amor, descobrimos um prestígio, que somos os únicos a perceber, em relações ostentatórias com quem amamos, seja porque, pelo enfraquecimento das ambições mundanas alcançadas, e a maré montante das curiosidades servis, tanto mais absorventes quanto mais platônicas, tenham estas não só atingindo como ultrapassado o nível onde a custo as outras se mantinham.

Quanto aos outros rapazes, o Sr. de Charlus achava que ao seu gosto por eles a existência de Morel não era um obstáculo e que até a sua brilhante reputação de violinista ou sua fama nascente de compositor e jornalista poderiam em certos casos lhe ser um atrativo. Se apresentavam ao barão um jovem compositor de aparência agradável, era nos talentos de Morel que ele buscava a oportunidade para fazer uma cortesia ao recém-conhecido.

- O senhor deveria - dizia-lhe - trazer-me suas composições para que Morel possa tocá-las no concerto ou numa turnê. Existe tão pouca música agradável escrita para violino! É uma fortuna encontrar uma nova composição. E os estrangeiros apreciam muito uma coisa dessas. Mesmo na província há pequenos círculos musicais onde ama-se a música com um fervor e uma inteligência admiráveis. -Sem mais sinceridade (pois tudo aquilo só servia de engodo e era raro que Morel se prestasse a realizações), como Bloch lhe havia dito que era um tanto poeta, "quando lhe dava na telha", acrescentara com o riso sarcástico que, de costume, fazia acompanhar uma banalidade quando não podia achar uma expressão original, o Sr. de Charlus me disse: - Diga então àquele jovem israelita, visto que ele faz versos, que deveria me trazer alguns para que os leve a Morel. Para um compositor, é sempre um problema encontrar

uma coisa bonita para musicar. Poderíamos até pensar num libreto. Não seria desinteressante e chegaria a ter uma certa importância devido aos méritos do poeta, de minha proteção, de todo um encadeamento de circunstâncias auxiliares, entre as quais o talento de Morel ocupa o primeiro lugar. Pois ele está compondo muito atualmente, e escreve também e de modo lindo, vou conversar

com você sobre isso. Quanto ao seu talento de executante (você sabe que ele já é um mestre completo), irá ver esta noite como esse menino toca bem a música de Vinteuil. Fico impressionado: na sua idade, ter tamanha compreensão e permanecer tão infantil, tão colegial! Oh, esta noite é um pequeno ensaio. O grande recital vai ocorrer dentro de alguns dias. Mas será muito mais elegante que hoje. Assim, ficamos encantados de que você tenha vindo - disse ele, empregando esse plural "ficamos", sem dúvida porque o rei diz "queremos". - Por causa do magnífico programa, aconselhei a Sra. Verdurin dar duas festas. Uma daqui a alguns dias, na qual estarão presentes todas as suas relações. Outra esta noite, em que a Patroa ficará, como se diz no jargão judicial desapropriada. Fui eu que fiz os convites e convoquei algumas pessoas agradáveis de outro ambiente, que podem ser úteis a Charlie e que os Verdurin terão prazer em conhecer. Sim, pois está muito bem que sejam ouvidas as mais lindas obras executadas pelos maiores artistas, mas a manifestação fica abafada como em algodão. O público é composto pela merceeira da casa defronte e pelo comerciante da esquina. Sabe o que penso do nível intelectual das pessoas da sociedade, mas elas podem desempenhar certos papéis muito importantes; entre eles, o papel que cabe à imprensa nos acontecimentos públicos, e que é o de ser um órgão de divulgação. Compreende o que quero dizer; por exemplo, convidei minha cunhada Oriane; não é certo que ela compareça, mas, em compensação, é certo que, se comparecer, não compreenderá absolutamente nada. Mas ninguém lhe pede que compreenda, o que está acima de seus meios, mas que fale, o que lhe fica admiravelmente apropriado, e ela nunca deixa de fazer. Conseqüência: a partir de amanhã, em vez do silêncio da merceeira e do comerciante, uma conversa animada na casa dos Mortemart, onde Oriane conta que ouviu coisas maravilhosas, que um certo Morel etc. A raiva indescritível das pessoas não convidadas, que dirão: "Sem dúvida Palamede julgou que éramos indignos; além disso, quem é essa gente em cuja casa se realizou tal coisa", reverso tão útil como os louvores de Oriane, pois o nome de Morel retorna o tempo todo e acaba por gravar-se na memória como uma lição que se lê dez vezes seguidas. Tudo isto forma um encadeamento de circunstâncias que pode ter o seu lucro para o artista, para a dona da casa, e, de algum modo, servir de megafone a uma manifestação que, assim, virá a ser ouvida por um público longínquo. Na verdade, vale a pena. Você verá o progresso que ele fez. Além do mais, descobriram-lhe um novo talento, meu caro, ele escreve como um anjo. Como um anjo, repito."Você que conhece Bergotte, pensei que talvez pudesse, talvez refrescando-lhe a memória sobre a literatura desse adolescente, em suma, colaborar em ajudar-me a criar um encadeamento de circunstâncias capazes de favorecer o duplo talento de músico e de escritor que um dia pode adquirir o prestígio de Berlioz". Veja o que conviria dizer à Bergotte. Você sabe, as pessoas ilustres muitas vezes têm mais o que pensar, são aduladas, só se interessam por

elas mesmas. Porém Bergotte, que é verdadeiramente simples e serviçal, deve mandar publicar no *Gaulois*, ou não sei mais onde, essas croniquetas, meio de humorista e meio de músico, que são de fato muito bonitas, e eu ficaria na verdade bem contente que Charlie acrescente ao violino essa peninha de Ingres. Sei muito bem que exagero facilmente quando se trata dele, como todas as velhas mamães-corujas do Conservatório. Como, meu caro, não o sabia? Mas é que não conhece o meu lado palerma. Canso-me de esperar de pé, durante horas, o resultado dos exames. Divirto-me demais. E, quanto a Bergotte, ele me garantiu que a prosa de Charlie era de fato muito boa."

O Sr. de Charlus, que o conhecia há muito por intermédio de Swann, de fato o fora visitar e pedir-lhe que conseguisse que Morel fosse escrever no jornal algumas crônicas meio humorísticas sobre a música. Ao visitá-lo, o Sr. de Charlus sentira um pouco de remorso, pois, grande admirador de Bergotte, percebia que jamais ia visitá-lo por ele mesmo, mas para, graças à consideração meio intelectual, meio social, que Bergotte lhe tributava, poder fazer um grande obséquio a Morel, à Sra. Molé e a muitos outros. Que já não se servisse da sociedade senão para isso não repugnava ao Sr. de Charlus, mas que agisse desse modo com Bergotte não lhe parecia bem, pois sentia que Bergotte não era utilitário como as pessoas da sociedade e merecia mais. Apenas, levava uma vida muito ocupada e não dispunha de tempo senão quando desejava muito uma coisa, por exemplo, algo que se relacionasse a Morel. Além disso, muito inteligente, a conversa de um homem inteligente era-lhe bem indiferente, sobretudo a de Bergotte, que era por demais homem de letras para seu gosto, e de outro clã, não se colocando no ponto de vista dele, Charlus. Quanto a Bergotte, percebia perfeitamente o utilitarismo das visitas de Charlus, mas não lhe queria mal por isso; pois era incapaz de uma bondade continuada, mas desejoso de dar uma alegria, compreensivo, indiferente ao prazer de dar uma lição. Quanto ao vício do Sr. de Charlus, não partilhava dele em nenhum grau, achando-lhe antes um elemento de cor no personagem, o *fes et netas*{52} para um artista, consistindo não nos exemplos morais mas nas recordações de Platão ou do Sodoma.

O Sr. de Charlus não se lembrava de dizer que desde algum tempo, como aqueles grandes senhores do século XVII, que desdenhavam assinar e até escrever os seus libelos, mandava Morel redigir pequenos tópicos baixamente difamantes e dirigidos contra a condessa Molé. Parecendo já insolentes aos que os liam, quanto mais cruéis não o seriam para a jovem senhora, que neles achava, tão habilmente encaixados que ninguém senão ela percebia coisa alguma, passagens de carinho dela, textualmente citadas porém tomadas num sentido em que podiam transtorna-la como a mais feroz vingança. A jovem senhora acabou morrendo de desgosto. Mas, diria Balzac, é que se faz todos os dias em Paris uma

espécie de jornal falado mais terrível que o outro. Veremos depois que essa imprensa verbal reduziu a nada o poder de um Charlus fora de moda e erigiu bem acima dele um Morel que não valia a milionésima parte de seu antigo protetor. Será pelo menos ingênua essa moda intelectual e de boa-fé acreditará na insignificância de um genial Charlus, autoridade incontestável de um estúpido Morel? O barão era menos inocente e suas vinganças implacáveis. Daí sem dúvida esse amargo veneno na boca, veneno cuja invasão parecia conferir-lhe às faces um tom amarelo quando ele se encolerizava,

- Gostaria muito que ele comparecesse esta noite, pois poderia ouvir as coisas que ele na verdade toca melhor. Mas parece que ele não sai de casa, nem quer que o aborreçam, e tem razão. Mas você, bela juventude, ninguém o vê qual no cais Conti! Não abuse! - Informei que saía principalmente com minha prima. Vejam só! Saindo com a prima, que pureza! - disse o Sr. de Charlus para Brichot -dirigindo-se de novo a mim: - Mas não estamos lhe pedindo contas do que anda fazendo, meu filho. Você é livre para fazer tudo o que lhe agradar. Apenas lamentamos não compartilhar de seus prazeres. De resto, você tem muito bom gosto, sua prima é encantadora, pergunte a Brichot, ele não pensava noutra coisa em Douville. Sentiremos a sua falta esta noite. Mas você talvez tenha agido bem em não trazê-la - É admirável a música de Vinteuil. Mas soube por Charlie, esta manhã, que devem estar presentes a filha do compositor e sua amiga, que são pessoas de reputação terrível. Sempre seria constrangedor para uma moça. Até eu me sinto meio incomodado por causa dos convivas. Mas, como têm quase todos a idade canônica, não terá o fato conseqüências para eles. Elas estarão lá, a menos que essas duas senhoritas não tenham podido vir, pois deveriam sem falta estar presentes a tarde inteira num ensaio de estudos que a Sra. Verdurin realizava hoje e para o qual só convida os importunos, a família, as pessoas que não deviam vir à noite. Ora, há pouco antes do jantar, Charlie me disse que o que chamamos as duas senhoritas Vinteuil, eram esperadas com toda a certeza, não tinham vindo. - Apesar da horrível dor que sentia em aproximar subitamente do efeito, só este conhecido a princípio, a causar por fim descoberta, do desejo que Albertine manifestara de vir, ou seja, a presença anunciada (mas que eu ignorava) da Srta. Vinteuil e de sua amiga, conservei em liberdade de espírito de reparar que o Sr. de Charlus, que nos dissera há pouco, ter visto Charlie desde a manhã, confessava irrefletidamente tê-lo visto antes do jantar. Mas o meu sofrimento era visível.-Que está sentindo?-indagou o barão. Você está verde; venha, entremos, você vai ficar resfriado, está muito abatido.-

Não era a primeira dúvida acerca da virtude de Albertine que as palavras do Sr. de Charlus acabavam de despertar em mim. Muitas outras já me haviam assaltado; a nova dúvida a gente acha que a medida está repleta, que não poderemos suportá-la, e depois lhe descobrimos um lugar de alguma forma. E,

uma vez que ela é introduzida em nosso meio vital, entra em concorrência com tantos desejos de acreditar, com tantos motivos para esquecer, que bem depressa a ela nos acomodamos e acabamos por não mais lhe prestar atenção. E permanece apenas como uma dor mal curada, uma simples ameaça de sofrimento e que, sendo o avesso do desejo mas da mesma ordem que ele, e tornando-se como ele o centro de nossos pensamentos, irradia neles, a distâncias infinitas, tristezas sutis, como prazeres de origem irreconhecível, por toda parte onde alguma coisa pode se associar à idéia daquela a quem amamos. Mas a dor desperta quando uma nova dúvida, inteira, penetra em nós; por mais que nos digamos logo em seguida: "Vou me arranjar, haverá um sistema para não sofrer, isso não deve ser verdade", houve todavia um primeiro instante em que sofremos como se acreditássemos naquilo. Se possuíssemos apenas membros, como as pernas e os braços, a vida seria suportável. Infelizmente trazemos em nós esse pequeno órgão a que chamamos coração, o qual está sujeito a certas enfermidades em cujo decorrer ele se torna infinitamente impressionável a tudo que se refere à vida de uma certa pessoa, e assim uma mentira-essa coisa tão inofensiva e no meio da qual vivemos tão alegremente, quer seja dita por nós ou pelos outros-vinda dessa pessoa, dá a esse coraçãozinho, que deveria poder ser extraído cirurgicamente, crises intoleráveis. Nem falemos do cérebro, pois nosso pensamento, por mais que raciocinemos sem parar no decurso dessas crises, não as modifica em nada, assim como a nossa atenção não alivia uma dor de dentes. É certo que tal pessoa é culpada de nos haver mentido, pois tinha jurado dizer-nos sempre a verdade. Mas sabemos por nós próprios, pelos outros, o que valem tais juramentos. E desejáramos crer neles quando provinham dela, que tinha justamente todo o interesse em nos mentir, e, por outro lado, não fora por nós escolhida por suas virtudes. É verdade que posteriormente ela quase já não teria necessidade de nos mentir justamente quando o coração se tornasse indiferente à mentira porque não nos interessaremos mais pela sua vida. Sabemos disto e contudo sacrificamos de bom grado a nossa, ou porque nos matamos por essa pessoa, ou porque nos fazemos condenar à morte ao assassiná-la, ou simplesmente porque gastamos em poucos anos toda a nossa fortuna com ela, o que em seguida nos obriga ao suicídio, pois não temos mais nada. Aliás, por mais tranqüilos que nos julguemos ao amar, sempre trazemos o amor no coração em estado de equilíbrio instável. Uma coisinha de nada basta para colocá-lo em posição de felicidade, ficamos radiantes, cobrimos de carinho não aquela a quem amamos, mas todos aqueles que nos fizeram valer a seus olhos, que a resguardaram contra qualquer tentação moral; julgamo-nos tranqüilos e basta uma frase: "Gilberte não virá", "A Vinteuil está convidada", para que se aniquile toda a felicidade preparada a que nos lançávamos, para que o sol se esconda, para que gire a rosa-dos-ventos e se desencadeie a tempestade interior a que um dia já não seremos capazes de resistir. Nesse dia, o dia em que o coração se

tornou tão frágil, amigos que nos admirara suportam que tais aniquilamentos, que certas criaturas possam nos fazer é provocar a nossa morte. Mas o que podem fazer? Se um poeta está agonizando com uma pneumonia infecciosa, será possível imaginar que seus amigos expliquem o pneumococo que esse poeta tem talento e que ele deveria deixá-lo curar-se? A dúvida no que se refere à Srta. Vinteuil não era absolutamente nova. Mas, mesmo sob esse aspecto, o meu ciúme da tarde, excitado por Léa e seus amigos, a tinha abolido. Uma vez afastado esse perigo do Trocadero, eu sentira, julgara ter reconquistado para sempre uma paz completa. Mas o que principalmente era novo para mim, era um certo passeio de que Andrée me havia dito:

- Fomos a esse e àquele lugar, não encontramos ninguém -, e onde, ao contrário, a Srta. Vinteuil evidentemente marcara um encontro com Albertine na casa da Sra. Verdurin. Agora, eu de bom grado deixaria Albertine sair sozinha, fosse aonde quisesse ir, contanto que pudesse prender em algum lugar a Srta. Vinteuil e sua amiga e ter certeza de que Albertine não as veria. É que o ciúme geralmente é parcial, com localizações intermitentes, seja por tratar-se do doloroso prolongamento de uma ansiedade causada ora por uma pessoa, ora por outra, que nossa amiga poderia amar, seja pela exigüidade do nosso pensamento que só percebe aquilo que imagina, deixando o resto num território vago de que relativamente não podemos sofrer.

No momento em que íamos entrar no pátio da casa, fomos alcançado por Saniette, que não nos reconhecera de imediato.

- Eu já os olhava entretanto faz algum tempo - disse-nos com voz ofegante. - Não é curioso que tenha hesitado? *Est-cepas curieux* - foi o que ele disse, pois *N'est-il pas curieux* lhe teria parecido um erro, e ele tomava com as antigas formas de linguagem uma familiaridade exagerada. - No entanto vocês são pessoas que se pode ter por amigos. - Seu rosto sombrio parecia iluminado pelo reflexo plúmbeo de uma tempestade. Seu ofegar que até o verão anterior só ocorria quando o Sr. Verdurin o "espinafrava", era agora constante. - Sei que uma obra inédita de Vinteuil vai ser executada por artistas excelentes, e singularmente por Morel.

- Por que singularmente?- indagou o barão, que viu nesse advérbio uma crítica. -

- Nosso amigo Saniette - se apressou a explicar Brichot, que fez o papel de intérprete - prefere falar, como excelente letrado que é, a linguagem de um tempo em que "singularmente" equivalia ao nosso "muito particularmente".

Quando entrávamos na ante-sala da Sra. Verdurin, o Sr. de Charlus me perguntou se eu trabalhava, e, como lhe dissesse que não, mas que me interessava muito, naquele momento, pelas velhas baixelas de prata e de porcelana, ele falou que eu não poderia encontrar mais belas do que na casa dos Verdurin, que além disso, eu poderia vê-las na Raspeliere, visto que, a pretexto de que os objetos também são

nossos amigos, eles cometiam a loucura de levar tudo consigo; seria menos cômodo tirar tudo dos armários num dia de recepção, mas que todavia ele, Charlus, pediria que me mostrassem o que eu quisesse. Roguei-lhe que não pedisse nada. O Sr. de Charlus desabotoou o sobretudo, tirou o chapéu; vi que principiava, aqui e ali, a fazer-se prateado o alto de sua cabeça. Mas, assim como um arbusto precioso que não só o outono colore, mas do qual se protegem certas folhas com envoltórios de algodão em rama ou mediante aplicações de gesso, o Sr. de Charlus só recebia desses poucos cabelos brancos, dispostos no alto do crânio, uns tons de pintura a mais, que se ajuntavam ao arrebique do rosto. E todavia, mesmo sob as camadas de expressões diversas, de cosméticos e de hipocrisia que tão mal o maquiavam, o rosto do Sr. de Charlus continuava a calar a quase todo mundo o segredo que ele me parecia gritar. Sentia-me quase constrangido pelos seus olhos, onde eu receava que me surpreendesse a lê-lo como a um livro aberto, por sua voz, que me parecia repetir tal segredo em todos os tons, com uma incansável indecência. Mas os segredos são bem ocultos pelas criaturas, pois todos os que delas se aproximam são feito cegos e surdos. As pessoas que sabiam da verdade por tê-la ouvido de um ou de outro, pelos Verdurin por exemplo, acreditavam nela, mas somente enquanto não conheciam o Sr. de Charlus. Sua fisionomia, longe de espalhar, dissipava os rumores maldosos. Pois, sobre certas entidades, fazemos uma idéia tão alta que não poderíamos identificá-la com os traços familiares de uma pessoa de nosso conhecimento. E dificilmente acreditamos nos vícios, assim como jamais acreditaríamos no gênio de uma pessoa com quem tivéssemos ido à ópera na véspera.

O Sr. de Charlus estava entregando o seu sobretudo com as recomendações de conviva habitual. Mas o lacaio a quem o entregava era um empregado novo, muito jovem. Ora, o Sr. de Charlus muitas vezes agora perdia as estribeiras e já não percebia o que se faz e o que não se faz. O desejo louvável, que possuía em Balbec, de mostrar que certos indivíduos não o assustavam, de não ter medo de declarar, a propósito de alguém: "É um belo rapaz", em uma palavra, de dizer as mesmas coisas que poderiam ser ditas por alguém que não fosse como ele, ocorria-lhe agora traduzir esse desejo dizendo, pelo contrário, coisas que jamais teria podido dizer alguém que não fosse como ele, coisas para as quais seu espírito se voltava tão constantemente que chegava a esquecer-se de que não faziam parte da preocupação habitual de todas as pessoas. Assim, encarando o novo lacaio, ergueu o indicador ameaçadamente e, pensando fazer um excelente gracejo:

- Proíbo-lhe piscar-me o olho desse modo - disse o barão e, voltando-se para Brichot: - Este menino tem uma cara divertida, um nariz engraçado - e, completando a pilhéria, ou cedendo a um desejo, abaixou o indicador

horizontalmente, hesitou por um instante e depois, sem mais poder conter-se, impeliu-o irresistivelmente para o criado, tocando-lhe a ponta do nariz dizendo: - Pif! e logo a seguir, acompanhado de Brichot e de mim, e de Saniette, que nos informou que a princesa Sherbatoff havia morrido às seis horas, entrou no salão.

- Que sujeito esquisito! - disse consigo o lacaio, que perguntou aos companheiros se o barão era farsante ou maluco.

- São as maneiras dele - respondeu o mordomo, que achava o barão meio "tantã", meio "gira"-, mas trata-se de um dos amigos de Madame, que sempre apreciei; tem bom coração.

Nesse momento o Sr. Verdurin veio ao nosso encontro; só Saniette, não sem temer resfriar-se, pois a porta exterior se abria constantemente, esperava resignado que lhe pegassem os agasalhos.

- Que é que faz aí nessa pose de cachorro perdigueiro? - perguntou-lhe o Sr. Verdurin.-Espero que uma dessas pessoas que tomam conta das roupas possa pegar o meu sobretudo e me dar um número. - Quis! e que está dizendo? - perguntou o Sr. Verdurin em tom severo:- "Qui surveillentaafx vêtements." Será que está ficando caduco? A gente diz: "surveillerles vêtements"' Será que é preciso que lhe ensinem de novo o francês, como se faz com as pessoas que sofreram um derrame?

- *Surveillerà quelque chose* é a forma correta - murmurou Saniette com voz entrecortada - o abade Le Batteux...

- O senhor me irrita - exclamou o Sr. Verdurin com voz terrível. - Como está resfolegando! Por acaso acaba de subir seis andares? -

A grosseria do Sr. Verdurin teve como resultado que os homens do vestiário fizessem passar outras pessoas antes de Saniette e, quando este quis estender seus agasalhos, responderam:

- Cada um por sua vez, senhor não seja tão apressado.

- Aí estão homens que apreciam a ordem, aí estão as competências; muito bem, meus rapazes-disse o Sr. Verdurin com um sorriso de simpatia, a fim de animá-los em sua disposição de fazer passar Saniette depois de todo mundo. -Venham - disse -, este animal quer nos matar na corrente de ar em que se diverte. Vamos nos aquecer um pouco no salão. *Surveilleraux vêtements*[53] - repetiu, quando entramos no salão.

- Que imbecil!

- Ele se deixa levar pelo imprevisto, mas não é má pessoa - disse Brichot.

- Não disse que era má pessoa e sim que era um imbecil - replicou o Sr. Verdurin com azedume.

- O senhor volta este ano a Incarville? - perguntou-me Brichot.

- Creio a nossa Patroa tornou a alugar La Raspeliere, embora tenha estado brigando com os proprietários. Mas tudo isso não é nada, são nuvens que se dissipam - acrescentou no mesmo tom otimista dos jornais que dizem: "Houve erros, é claro, mas quem não os comete?" Ora, eu me lembrava em que estado de sofrimento tinha deixado Balbec e não desejava de modo algum voltar lá. Adiava sempre para o dia seguinte os meus projetos com Albertine. - Mas é evidente que ele há de voltar, nós o queremos, ele nos é indispensável - declarou o Sr. de Charlus com o egoísmo autoritário e incompreensivo da amabilidade.

O Sr. Verdurin, a quem apresentamos nossas condolências pela princesa Sherbatoff, observou:

- Sim, sei que ela está muito mal.

- Mas não, ela morreu às seis horas - exclamou Saniette.

- O senhor exagera sempre - retrucou brutalmente o Sr. Verdurin, que, já que a reunião noturna não fora cancelada, preferia a hipótese da doença.

Entretanto a Sra. Verdurin estava em grande conferência com Cottard e Ski. Morel acabava de recusar, porque o Sr. de Charlus não poderia comparecer, um convite para a casa de amigos aos quais ela todavia prometera o concurso do violinista. O motivo da recusa de Morel em tocar na reunião dos amigos dos Verdurin, motivo ao qual vamos ver em breve somarem-se outros mais graves, pudera ganhar forças devido a um hábito próprio em geral aos ambientes ociosos, mas particularmente ao pequeno núcleo.

Certo, se a Sra. Verdurin surpreendia entre um novato e um fiel uma palavra dita a meia voz e que podia dar a entender que eles já se conheciam, ou tivessem vontade de estreitar relações ("Então, na sexta, na casa de Fulano" ou: "Vá ao ateliê quando quiser, estou lá sempre até às cinco horas, o prazer será todo meu"), agitada, supondo que o novato dispunha de uma "situação" que podia transformá-lo numa aquisição brilhante para o pequeno núcleo, a Patroa, parecendo sempre não ter ouvido coisa alguma, e conservando em seu lindo olhar, onde o hábito de Debussy punha mais olheiras que a cocaína, o aspecto extenuado que lhe davam apenas as puras delícias da música, revolvia, sob a bela fronte arqueada por tantos *quatuors* e enxaquecas consecutivas, pensamentos que não eram exclusivamente polifônicos; e, não agüentando mais, não podendo esperar um segundo sequer a sua picada, atirava-se aos dois conversadores, arrastava os à parte, e dizia ao novato designando o fiel:

- Não quer vir jantar com ele, sábado, por exemplo, ou até no dia que lhe aprouver, com pessoas amáveis? Não fale muito alto, pois não vou convidar toda essa turba - termo que por cinco minutos designava o pequeno clã,

momentaneamente desdenhado em favor do novato no qual se fundavam tantas esperanças.

Porém essa necessidade de se entusiasmar por certas pessoas, de também fazer aproximações entre outras, tinha a sua contrapartida. A assiduidade às quartas fazia nascer nos Verdurin uma disposição contrária. Era o desejo de causar brigas, de promover afastamentos. Desejo que se fortalecera, tornara-se quase furioso durante os meses passados em La Raspeliere, onde as pessoas se viam da manhã à noite. O Sr. Verdurin se empenhava em surpreender alguém em falta, em estender teias por onde pudesse passar à aranha sua companheira alguma mosca inocente. À falta de agravos, inventava ridículos. Quando um fiel saía por meia hora, troçavam dele diante dos outros, fingindo surpresa de que nunca tivessem reparado que apresentava sempre dentes sujos, ou, pelo contrário, que os escovava de modo maníaco vinte vezes por dia. Se alguém se permitia abrir a janela, essa falta de educação fazia com que o Patrão e a Patroa trocassem um olhar de revolta. Ao cabo de um instante a Sra. Verdurin pedia um xale, o que dava pretexto ao Sr. Verdurin dizer com ar furioso:

- Não, eu vou fechar a janela, e me pergunto quem foi que teve a desfaçatez de abri-la - diante do culpado, que enrubescia até as orelhas. Indiretamente censuravam a quantidade de vinho bebido. - Por acaso não lhe faz mal? É bom para um operário. - Os passeios a sós de dois fiéis que previamente não, tinham pedido licença à Patroa, davam como resultado comentários infinitos, por mais inocentes que fossem tais passeios. Os do Sr. de Charlus e de Morel não o eram. Apenas o fato de que o barão não morava na Raspeliere (por causa da vida de caserna do violinista) retardou o momento da saciedade, dos nojos, dos vômitos. Mas tal momento, todavia, estava prestes a chegar.

A Sra. Verdurin estava furiosa e decidida a "esclarecer" Morel acerca do papel odioso e ridículo que o Sr. de Charlus o fazia viver.

- Acrescento -continuou ela (que, aliás, mesmo quando se sentia no dever de tributar a alguém uma gratidão que ia lhe pesar e não podia matá-lo para se livrar dela, procurava descobrir-lhe um, defeito grave que a dispensasse honestamente de testemunhá-la) -acrescento que ele assume, em minha casa, uns ares que não me agradam. -

É que, na verdade, Sra. Verdurin tinha ainda uma razão mais grave para querer mal ao Sr. de Charlus do que a recusa de Morel em tocar na casa dos amigos dela. O barão, convencido da honra que dava à Patroa ao trazer ao cais Conti pessoas que, de fato, não compareceriam por causa dela, tinha, desde os primeiros nomes propostos pela Sra. Verdurin, como os de pessoas que valeria a pena convidar, pronunciado o veto mais categórico, num tom peremptório em que se misturava, ao orgulho rancoroso do grão senhor rabugento, o dogmatismo

do artista versado em matéria de festas e que retiraria a sua peça e recusaria o seu concurso antes de condescender em fazer concessões que, segundo ele, comprometem o resultado do conjunto. O Sr. de Charlus só dera a sua permissão, embora com reservas, a Saintine, com quem, para se livrar da sua mulher, a Sra. de Guermantes havia passado de uma intimidade cotidiana a uma completa cessação de relações; mas o Sr. de Charlus, achando-o inteligente, continuava a freqüentá-lo.

Certo, foi num ambiente burguês matizado da pequena nobreza, onde todos são muito ricos e aparentados a aristocratas que a alta aristocracia não conhece, que Saintine, outrora a flor do meio Guermantes fora buscar fortuna e, ao que pensava, obter um ponto de apoio. Mas a Sra. Verdurin sabendo das pretensões nobiliárquicas do ambiente da mulher e não percebendo a situação do marido, pois é quem está logo acima de nós que nos dá a impressão da altura e não aquele que nos é quase invisível de tanto que se perde nos céus, julgou dever justificar um convite para Saintine encarecendo o fato de que este conhecia muita gente da sociedade, "pois se casara com a Srta.***".

A ignorância que a Sra. Verdurin revelava com essa afirmativa, exatamente o oposto da realidade, fez abrirem-se os lábios pintados do barão num sorriso de indulgente desprezo e de incompreensão. Desdenhou responder diretamente, mas como, em matéria mundana, apreciava construir teorias onde a gente encontrava a fertilidade de sua inteligência e a altivez de seu orgulho, mesclada à frivolidade hereditária de suas preocupações, disse:

- Saintine deveria ter me consultado antes de se casar; existe uma eugenia social, assim como existe uma eugenia fisiológica, e eu talvez seja o seu único médico. O caso de Saintine não levantava nenhuma discussão, pois era evidente que, fazendo o casamento que fizera, ele amarrara a si próprio um peso morto e tapava o sol com a peneira. Sua vida social estava acabada. Eu lhe teria explicado isso, e ele o teria compreendido, pois é inteligente. Inversamente, sei de uma pessoa que possuía tudo o que fosse necessário para ter uma posição elevada, dominante, universal; apenas um cabo terrível a prendia à terra. Ajudei-a, meio por pressão, meio por força, a romper a amarra, e agora ela conquistou, com uma alegria triunfal, a liberdade, o poder absoluto que me deve; foi preciso talvez um pouco de força de vontade, mas que recompensa obteve! Quem sabe me ouvir é desse modo o próprio parteiro de seu destino.

Era bem claro que o Sr. de Charlus não soubera agir sobre o seu; agir é coisa diversa de falar, mesmo com eloqüência, e pensar, mesmo com engenhosidade.

- Mas, no que me concerne, sou um filósofo que assiste com curiosidade às reações sociais que previ, mas que não ajudo. Assim, continuei a freqüentar Saintine, que sempre me demonstrou a calorosa deferência que convinha.

Cheguei até a jantar na sua nova residência, onde a gente se aborrece tanto, no meio do maior luxo, como se divertia antigamente quando, comendo o pão que o diabo amassou, ele parecia a melhor companhia numa pequena água-furtada. Portanto, pode convidá-lo, tem a minha autorização. Porém mantenho o meu veto sobre todos os demais nomes que me propôs. E a senhora me agradecerá por isso, pois se de fato sou entendido em matéria de casamentos, não o sou menos em matéria de festas. Sei quais são as personalidades ascendentes que realçam uma reunião; e sei igualmente o nome que a joga por terra, que a faz aplastar-se de todo. -

Essas exclusões do Sr. de Charlus nem sempre eram baseadas em ressentimentos de maníaco ou em requintes de artista, mas em habilidades de ator. Quando ele lançava sobre alguém, ou alguma coisa, uma tirada bem bolada, desejava que o maior número possível de pessoas a ouvisse, mas não admitindo na segunda fornada convidados da primeira que pudessem constatar que o dito não mudara. Renovava a sala, justamente porque não renovava o cartaz e, quando alcançava sucesso na conversação, teria organizado turnês, caso necessário, e dado representações na província. Quaisquer que fossem os variados motivos dessas exclusões, elas não só melindravam a Sra. Verdurin, que se sentia atingida em sua autoridade de Patroa, como também lhe causavam prejuízo mundano, e isso por duas razões. A primeira era que o Sr. de Charlus, ainda mais suscetível que Jupien, brigava, sem que nem mesmo soubessem por quê, com as pessoas mais bem apropriadas para serem de sua amizade. Naturalmente, uma das primeiras punições que se podia infligir-lhes era a de não deixar que fossem convidadas a uma festa que ele dava na casa dos Verdurin. Ora, esses párias eram muitas vezes pessoas de alta cotação, mas que, para o Sr. de Charlus, tinham deixado de sê-lo até o momento em que rompera com elas. Pois sua imaginação era tão engenhosa em inventar agravos das pessoas para romper com elas, quanto em retirar-lhes a importância desde que já não eram suas amigas. Se, por exemplo, o culpado pertencia a uma família bem antiga, mas cujo ducado só datasse do século XIX, Montesquiou por exemplo, no dia seguinte o que contava para o Sr. de Charlus em a antigüidade do ducado, a família não valia mais nada.

- Eles nem sequer são duques - exclamava. - Foi o título do abade de Montesquiou que passou indevidamente a um parente, há menos de oitenta anos. O duque atual, se existe um duque, é o terceiro. Falem-me de pessoas como os Uzes, os La Tremoille, Luynes, que são o 104, o 144 duques, como meu irmão que é o 124 duque Guermantes, e o 174 príncipe de Condom. Os Montesquiou descendem de uma família antiga, e o que é que isso prova, mesmo se ficasse provado? São tão descendentes que estão no décimo quarto andar abaixo do solo. -

Se, ao contrário estivesse brigado com um cavalheiro possuidor de um ducado

antigo, tendo mais magníficas alianças, aparentado às famílias soberanas, mas a quem o grande brilho tivesse vindo com muita rapidez, sem que sua família remontasse muito longe, um Luynes, por exemplo, tudo mudava de figura, só a família é que contava.

- Veja bem, o Sr. Alberti só tirou o pé da lama no tempo de Luís XIIII. Que nos importa que os favores da corte lhe tenham permitido acumular ducados os quais não tinha o menor direito? -

Além do mais, no Sr. de Charlus a queda seguia bem de perto o favor por causa dessa disposição, própria dos Guermantes, de exigirem da conversação e da amizade o que elas não podiam dar, e mais o temor sintomático de serem objeto de maledicências. E a queda era tanto mais profunda quanto maior tinha sido o favor. Ora, ninguém gozara junto ao barão de favor ao que ele ostensivamente mostrara ter a condessa Molé. Por que sinal de indiferença evidenciara ela um dia ser indigna dele? A própria condessa declarou sempre que jamais pudera descobri-lo. Sempre é certo que bastava seu nome para excitar, no barão as mais violentas cóleras, as filípicas mais terríveis e eloqüentes. A Sra. Verdurin, para quem a Sra. Molé fora muito gentil e que, como veremos, alimentara grandes esperanças nela, e antecipadamente se regozijara com a idéia de queda; a condessa veria em sua casa as pessoas mais nobres, como a Patroa dizia, França e de Navarra, propôs logo convidar a "Sra. de Molé".

- Ah, meu Deus, os gostos existem na natureza - respondera o Sr. de Charlus - e, se a senhora gosta da conversa com a Sra. Pipelet, a Sra. Gibout e a Sra. Joseph Prudhom; não peço nada melhor; mas então que seja numa noite em que eu esteja ausente. Desde as primeiras palavras, percebo que não falamos a mesma língua, visto eu falava de nomes da aristocracia, e a senhora me cita o mais obscuro dos nomes de pessoas da magistratura, de plebeus velhacos, maldizentes, prejudiciais, pobres damas que se imaginavam protetoras das artes porque reproduzem, oitava abaixo, os modos de minha cunhada Guermantes, assim como o gaio julga imitar o pavão. Acrescento que seria uma espécie de indecência introduzir numa festa, que pretendo dar na casa da Sra. Verdurin, uma pessoa que, por motivos muito sérios, excluí das minhas relações, uma estúpida mal nascida, desleal, sem espírito, que tem a loucura de acreditar ser capaz de imitar as duquesas e princesas de Guermantes, acumulação que em si mesma é uma tolice, pois não há nada mais oposto que a duquesa e a princesa de Guermantes. É como se uma pessoa pretendesse a um tempo ser Reichenberg e Sarah Bernhardt. Em todo caso, mesmo se não fosse contraditório, seria profundamente ridículo. Que eu possa sorrir às vezes dos exageros de uma e me entristecer com as limitações da outra, é direito meu. Mas essa rãzinha burguesa querendo inchar-se para se igualar à essas duas grandes damas que, de qualquer modo, sempre deixam transparecer a incomparável distinção da raça é, como se

diz, de fazer rir as galinhas. A Molé! Eis um nome que não deve mais ser pronunciado, senão retiro-me - acrescentou com um sorriso, no tom de um médico que, desejando o bem do seu doente contra a vontade deste, entende que não deve aceitar a colaboração de um homeopata.

Por outro lado, certas pessoas, julgadas desprezíveis pelo Sr. de Charlus, podiam de fato sê-lo para ele mas não para a Sra. Verdurin. O Sr. de Charlus, do alto de seu nascimento, podia passar sem as criaturas mais elegantes, cuja freqüência teria feito do salão da Sra. Verdurin um dos primeiros de Paris. Ora, esta começava a achar que já perdera muitas oportunidades, sem contar o enorme atraso que o erro mundano do caso Dreyfus lhe infligira. Todavia, não sem lhe prestar algum serviço. Não sei se lhe disse o quanto a duquesa de Guermantes tinha visto com desagrado pessoas do seu meio que, subordinando tudo ao Caso Dreyfus, excluíam as mulheres elegantes e recebiam outras que não o eram, por causa do revisionismo ou do anti-revisionismo, depois de, por sua vez, ser tachada por essas mesmas damas de tíbia, mal pensante, de subordinar as etiquetas mundanas os interesses da pátria; poderia eu perguntar ao leitor, como a um amigo a quem já não somos lembrados, após tantas conversas, se tivemos a idéia ou a ocasião de pô-lo a par de uma certa coisa. Que eu o tenha feito ou não, a atitude da duquesa de Guermantes naquele momento pode facilmente ser imaginada e até se em seguida nos reportarmos a um período ulterior, parecer, do ponto de vista mundano, perfeitamente justa. O Sr. de Cambremer considerava o Caso Dreyfus como uma trama estrangeira destinada a destruir o Serviço de Informações, a quebrar a disciplina, enfraquecer o exército, dividir os franceses, preparar a invasão. Sendo a literatura, afora algumas fábulas de La Fontaine, estranha ao marquês, ele deixava à esposa o cuidado de estabelecer que a literatura cruelmente observadora, criando o desrespeito, procedera a uma devastação paralela.

- Os senhores Reinach e Hervieu são "da panelinha" - dizia ela. Não poderá acusar o Caso Dreyfus de haver premeditado tão negros desígnios contra a Sociedade. Mas certamente nesse ponto excedeu os limites.

Os mundanos que não querem deixar que a política se introduza na sociedade são tão previdente como os militares que não querem deixar que a política penetre no exército. Ocorre com a sociedade o mesmo que se dá com o apetite sexual, que não se sabe a que perversões pode chegar uma vez que se deixa as razões estéticas ditarem as escolhas. O *Faubourg* Saint-Germain adquiriu o hábito de receber damas de outra sociedade por serem nacionalistas; o motivo desapareceu com o nacionalismo, por, o hábito subsistiu. A Sra. Verdurin, graças ao dreyfusismo, atraíra a sua casa escritores de valor que, momentaneamente, não lhe foram de nenhuma utilidade mundana, pois eram dreyfusistas. Mas as paixões políticas são como as outras, não duram muito. Chegam novas gerações

que já não as compreendem; até mesmo geração que as sentiu mudar, experimenta paixões políticas que, não sendo exatamente calcadas sobre as anteriores, reabilitam uma parte dos excluídos, por haver mudado a causa do exclusivismo. Os monarquistas não se preocupam mais, durante o Caso Dreyfus, se alguém fosse republicano, ou mesmo radical, ou anticlerical, desde que fosse anti-semita e nacionalista. Se alguma vez rebentar uma guerra, o patriotismo assumiria uma outra forma e ninguém cuidaria se um escritor chauvinista fora ou não partidário de Dreyfus. Fora assim que, a crise política, a cada renovação artística, a Sra. Verdurin arrancara aos poucos como o pássaro faz seu ninho, fragmentos sucessivos, provisoriamente inutilizáveis do que um dia seria o seu salão. O Caso Dreyfus já passara, restava-lhe *Anat France*. A força da Sra. Verdurin era o seu sincero amor pela arte, o trabalho que tomava com os fiéis, os magníficos jantares que preparava só para eles, sem que tivessem presentes pessoas da sociedade. Cada um deles era tratado em sua casa, como Bergotte o fora na casa da Sra. Swann. Quando um familiar dessa ordem torna-se um belo dia um homem ilustre, e a sociedade quer vir vê-lo, sua presença na casa da Sra. Verdurin nada possui desse lado artificial, adulterado, de um banquete oficial ou de Saint-Charlemagne feita por Potel e Chabot, mas um trivial delicioso que teriam achado tão perfeito até num dia em que não houvesse visitas. Na casa da Sra. Verdurin o grupo era perfeito, bem ensaiado, o repertório de primeira ordem, só faltava o público. E, quando o gosto deste começava a afastar da arte racional e francesa de um Bergotte e se apaixonava principalmente pelas músicas exóticas, a Sra. Verdurin, espécie de correspondente oficial em de todos os artistas estrangeiros, ia em breve, ao lado da deslumbrante princesa Yourbeletieff, servir de velha fada Carabosse, mas todo-poderosa, aos bailarinos russos. Essa invasão encantadora, contra cujas seduções só protestaram os desprovidos de gosto, levou a Paris, como se sabe, uma febre de curiosidade menos áspera, mais puramente estética, mas talvez tão viva como o Caso Dreyfus. Mesmo aí a Sra. Verdurin iria figurar na primeira linha, mas para um resultado mundano inteiramente diverso. Bem como a tinham visto ao lado da Sra. Zola no tribunal, nas sessões do júri, assim também, quando a nova humanidade, aclamados balés russos, comprimiu-se na ópera, ornada de *aigrettes* desconhecidas, sempre viam num primeiro camarote a Sra. Verdurin ao lado da princesa Yourbeletieff. E, como após as emoções do Palácio da Justiça ia-se à noite à casa da Sra. Verdurin para ver de perto Picquart ou Labori, e sobretudo para saber das últimas notícias, tomar conhecimento do que se podia esperar de Zurlinden, de Loubet, do coronel Jouaust, do Regulamento, da mesma forma, com pouca disposição para ir dormir depois do entusiasmo desencadeado por Sherazade ou pelas danças do Príncipe Igor, ia-se à casa da Sra. Verdurin, onde, presididas por ela e pela princesa Yourbeletieff, as ceias requintadas reuniam todas as noites os dançarinos, que não tinham jantado para estarem mais

ágeis, o diretor do espetáculo, os decoradores, os grandes compositores Igor Stravinski e Richard Strauss, pequeno núcleo imutável em torno ao qual, como nas ceias do Sr. e da Sra. Helvétius, as mais ilustres damas de Paris e as Altezas estrangeiras não desdenhavam misturar-se. Mesmo os da alta sociedade que julgavam possuir bom gosto e faziam distinções ociosas entre os balés russos, achando a apresentação das *Sílfides* um pouco mais "fina" que a de *Sherazade*, em que não estavam longe de notar influências da arte negra, ficavam encantados de verde perto aqueles grandes renovadores do gosto, do estilo teatral, que, numa arte talvez um tanto mais artificial que a pintura, fizeram uma revolução tão profunda quanto o Impressionismo.

Voltando ao Sr. de Charlus, a Sra. Verdurin não teria ficado tão aborrecida se ele se tivesse limitado a pôr no índex a Sra. Bontemps, que ela havia notado na casa de Odette por seu amor às artes e que, durante o Caso Dreyfus, tinha vindo algumas vezes jantar na companhia do marido, a quem a Sra. Verdurin chamava de água-morna porque não punha o processo em revisão, mas que, muito inteligente e querendo relacionar-se com todos os partidos, estava encantado por mostrar a sua independência ao jantar com Labori, que o escutava sem dizer nada de comprometedor, mas inserindo na ocasião própria uma homenagem à lealdade de Jaures, reconhecida em todos os partidos. Mas o barão igualmente proscrevera certas damas da aristocracia com as quais a Sra. Verdurin entrara recentemente em relações, por ocasião de solenidades musicais, de coleções e de caridade, e que, fosse qual fosse o juízo que o Sr. de Charlus tivesse acerca delas, teriam sido, muito mais que ele próprio, elementos essenciais para formar, na casa da Sra. Verdurin, um novo núcleo, este aristocrático. A Sra. Verdurin havia justamente contado para essa festa, à qual o Sr. de Charlus lhe traria senhoras da mesma sociedade, para lhes acrescentar suas novas amigas, e gozara de antemão a surpresa que elas teriam em encontrar no cais Conti as amigas ou parentas convidadas pelo barão. Estava decepcionada e furiosa com a proibição delas. Restava saber se a reunião noturna, nessas condições, se traduziria, quanto a ela, por um ganho ou uma perda. Esta não seria muito grave se pelo menos as convidadas do Sr. de Charlus viessem com disposições tão calorosas para com a Sra. Verdurin, que se lhe tornassem as amigas do futuro. Nesse caso só haveria meio prejuízo e, num dia próximo, essas duas metades da alta sociedade, que o barão quisera manter isoladas, seriam reunidas; conquanto sem a presença dele naquela noite. A Sra. Verdurin, portanto, esperava as convidadas do Sr. de Charlus com certa emoção. Não ia demorar a conhecer, estado de espírito com que vinham e as relações que poderia esperar ter com elas. Enquanto esperava, a Sra. Verdurin se aconselhava com os fiéis; porém, vendo Charlus entrar com Brichot e comigo, interrompeu-se de súbito. Para nosso grande espanto, quando Brichot lhe falou de sua tristeza saber que a grande amiga dela passava tão mal, a Sra. Verdurin respondeu:

- Escute, sou obrigada a confessar que não sinto tristeza nenhuma. É inútil fingir sentimentos que não temos... - Sem dúvida falava assim por falta de energia, pois sentia-se cansada à idéia de fazer cara triste durante toda a recepção; por orgulho para não dar a impressão de estar procurando desculpas por não ter cancelada a reunião; mas também por respeito humano e habilidade, pois a falta de pesar que demonstrava era mais honrosa se devesse ser atribuída a uma antipatia especial, do súbito revelada, quanto à princesa, do que a uma insensibilidade universal, e porque não se podia evitar de ficar desarmado por uma sinceridade que não cabia suposta em dúvida: se a Sra. Verdurin não tinha sido de fato indiferente à morte da princesa, iria, para explicar porque recebia, acusar-se de uma falta bem mais grave? Esqueciam que a Sra. Verdurin confessara, ao mesmo tempo que o pesar, a falta de coragem de renunciar a um prazer; ora, a dureza da amiga era algo mais chocante mais imoral, porém menos humilhante e, assim, mais fácil de confessar, que a frivolidade da dona da casa. Em matéria de crime, onde há perigo para o culpado o interesse que dita as confissões. Para as culpas sem sanção, é o amor-próprio. Além disso, achando muito batido, sem dúvida, o pretexto das pessoas, que não se deixarem interromper pelos pesares em sua vida de prazeres, repetem que lhe parece inútil pôr exteriormente um luto que têm no coração, a Sra. Verdurin preferia imitar esses culpados inteligentes a quem repugnam os clichês da inocência e cuja defesa- que é meia-confissão, sem que o percebam -consiste em dizem que não teriam visto nenhum mal em cometer o que lhes é censurado, o que por acaso, aliás, não tiveram ocasião de fazer; fosse porque, tendo adotado, para explicar sua conduta, a tese da indiferença, achasse, uma vez lançada na vertente do mau sentimento, que havia nele uma certa originalidade em experimentá-lo, rara perspicácia em ter sabido desvendá-lo, e um tal ou qual desplante em proclama-lo dessa forma, a Sra. Verdurin fez questão de insistirem sua falta de pesar, não uma certa satisfação orgulhosa de psicólogo paradoxal e de audacioso drama.

- Sim, é engraçado - disse ela -, mas não senti quase nada. Meu Deus, não posso dizer que não teria preferido que ela vivesse, não era má pessoa.

- Era, sim - interrompeu o Sr. Verdurin.

- Ah, ele não gosta dela porque achava que era prejudicial para mim o fato de recebê-la, mas deixa-se cegar por isso.

- Faça-me a justiça - disse o Sr. Verdurin - de reconhecer que nunca aprovei essas relações. Sempre te disse que ela era de má reputação.

- Mas eu nunca ouvi nada a esse respeito - protestou Saniette.

- Mas como? - exclamou a Sra. Verdurin - Era uma coisa universalmente conhecida. Era má, e também de fama vergonhosa, infame. Mas não é por causa disso. Eu mesma não saberia explicar meu sentimento; não a detestava,

mas ela me era de tal modo indiferente que, quando soubemos que estava muito mal, até meu marido ficou surpreso e me disse: "Parece que pouco te importas com isso". Mas vejam, hoje ele me propôs adiar a festa e eu, pelo contrário, fiz questão de mantê-la, pois teria achado uma comédia manifestar um desgosto que não sinto. -

Dizia aquilo porque achava ser curiosamente "teatro livre", e também por ser bastante cômodo; pois a insensibilidade ou a imoralidade confessa simplifica tanto a vida como a moral fácil; faz das ações censuráveis, e para as quais então não precisamos procurar desculpas, um dever de sinceridade. E os fiéis ouviam as palavras da Sra. Verdurin com aquela mistura de admiração e mal-estar que certas peças cruamente realistas e de observação penosa causavam antigamente; e maravilhando-se de ver a cara Patroa exibir uma nova forma de sua retidão e sua independência, mais de um deles, dizendo consigo que afinal de contas não seria a mesma coisa, pensava na própria morte e se perguntava se, no dia em que ela ocorresse, chorariam ou dariam uma festa no cais Conti.

- Estou muito contente de que a festa de hoje não tenha sido adiada, por causa dos meus convidados - disse o Sr. de Charlus, que não percebeu que, expressando-se desse modo, ofendia a Sra. Verdurin.

Entretanto eu estava impressionado, como qualquer pessoa que nessa noite se aproximasse da Sra. Verdurin, com um cheiro bem desagradável de rinogomenol. Eis aqui o motivo. Sabe-se que a Sra. Verdurin jamais expressava suas emoções artísticas de maneira moral, porém física, para que parecessem mais inevitáveis e profundas.

Ora, se lhe falassem da música de Vinteuil, sua predileta, ela permanecia indiferente, como se não esperasse dela nenhuma emoção. Mas, após alguns minutos de olhar imóvel, quase distraído, ela nos respondia num tom preciso, prático, quase descortês, como se nos houvesse dito: "pouco me importa que o senhor fume, mas é por causa do tapete, ele é muito bonito, o que também pouco me importaria, mas é muito inflamável, tenho muito medo do fogo e não gostaria de que todos se queimassem por causa de uma ponta de cigarro mal apagada que deixasse cair no chão." O mesmo quando a Vinteuil. Se falassem dele, ela não demonstrava nenhuma admiração, mas, ao cabo de um instante, expressava com frieza a pena de que não o tocassem naquela noite: - Não tenho nada contra Vinteuil; no meu entender, é o maior compositor do século, apenas não posso ouvir essas coisas sem parar de chorar um só instante (ela de modo algum dizia "chorar" com jeito patético, teria dito "dormir" com o mesmo tom natural; certas más línguas pretendiam até que esse último verbo teria sido mais verdadeiro, o que ninguém aliás poderia decidir, pois ela escutava aquela música com a cabeça entre as mãos, e certos ruídos de ronco afinal poderiam ser soluços). Chorar não me faz mal posso chorar à vontade; apenas, é que as lágrimas me

causam corizas de arrebentar. Isso me congestiona a mucosa e, quarenta e oito horas depois, fico parecendo uma velha bêbada e, para que funcionem as minhas cordas vocais, sou obrigada a passar dias fazendo inalações. Enfim um aluno de Cottard...-Oh! Mas a propósito não lhes dei os meus pêsames; morreu bem depressa o pobre professor! Para bem, sim, que é que desejam, ele está morto, como todo mundo, tinha matado muita gente e agora chegou a sua vez de desferir golpes contra si próprio. Pois então eu lhes dizia que um de seus alunos, delicioso mestre, cuidara de mim. E professava um axioma bastante original: "Mais vale prevenir que remediar." E passando-me uma pomada no nariz antes do início da música. É radical. Posso chorar como não sei quantas mães que tivessem perdido seus filhos e sem a menor coriza. Às vezes um pouquinho de conjuntivite, e é só. A eficácia é total. Sem isso, não poderia ter continuado a escutar Vinteuil. Eu não fazia mais do que passar de uma bronquite a outra.

Não pude evitar de falar na Srta. Vinteuil.

- Não veio a filha dele, nem uma de suas amigas? - perguntei à Sra. Verdurin.

- Não, acabo justamente de receber um telegrama - disse a Sra. Verdurin de modo evasivo. - Elas foram obrigadas a ficar no carro. - E por um instante assaltou-me a esperança de que talvez nunca cuidara de que elas viessem, e que a Sra. Verdurin somente anunciara aqueles representantes do compositor para impressionar favoravelmente os intérpretes e o público.

- Como, quer dizer então que elas nem vieram ao ensaio da tarde? -indagou o barão com falsa curiosidade, pois quis dar a entender não ter estado com Charlie. Este veio cumprimentar-me. Perguntei-lhe ao ouvido acerca da desculpa da Srta. Vinteuil. Parecia estar mal informado sobre o assunto. Fiz-lhe sinal para que não falasse alto, e o avisei de que voltaríamos a tratar daquilo. Inclinou-se e prometeu que ficaria muito feliz por estar inteiramente à minha disposição. Reparei que comportava-se de maneira muito mais cortês e muito mais respeitosa que antes. - elogio dele - dele, que poderia talvez ajudar a esclarecer minhas suspeitas em parte o Sr. de Charlus, que respondeu:

- Não faz mais do que deve, pois não valeria a pena viver entre pessoas bem-educadas se não aprendesse a ter boas maneiras. -E segundo o Sr. de Charlus, eram as velhas maneiras francesas, sem sombra de rigidez britânica. Assim, quando Charlie, regressando de uma turnê na província pelo estrangeiro, chegava em roupa de viagem à casa do barão, este, se não havia muitas visitas, beijava-o sem cerimônia em ambas as faces, talvez um pouco para, com tal ostentação, tirar à sua ternura toda idéia de culpa, talvez para não furtar-se a um prazer, mas sem dúvida, principalmente por literatura, para manter e ilustrar antigas maneiras da França, e como teria protestado contra o estilo muniquense ou o estilo *art nouveau* conservando velhas poltronas de sua bisavó, opondo à fleuma

britânica a ternura de um pai sensível do século XVIII, que não dissimula sua alegria de rever um filho. Enfim, haveria uma ponta de incesto nessa afeição paternal? É mais provável que a maneira como o Sr. de Charlus satisfazia habitualmente seu vício, e sobre a qual mais tarde receberemos alguns esclarecimentos, não bastasse para suas necessidades afetivas, que permaneciam em branco desde a morte da esposa; tanto é assim que, depois de ter pensado várias vezes em casar de novo, era perseguido agora por um desejo maníaco de adoção, e algumas pessoas de sua intimidade julgavam que tal desejo ia exercer-se em proveito de Charlie. O caso não é extraordinário. O invertido que só pôde nutrir sua paixão com uma literatura escrita para os homens que gostam de mulheres, que pensava nos homens ao ler *As Noites de Musset*, sente também necessidade de exercer todas as funções sociais do homem que não é invertido, de sustentar dançarinas como o amante, e, como velho freqüentador da ópera, de ter uma vida regrada, de casar ou de se juntar a um homem, de ser pai.

Ele se afastou com Morel, ao pretexto de que este lhe explicasse o que iam tocar, sentindo principalmente uma grande ternura, enquanto Charlie lhe mostrava sua música, em exibir assim publicamente a intimidade secreta que havia entre ambos. Enquanto isso, eu me sentia encantado. Pois, embora o pequeno clã comportasse poucas moças, em compensação muitas eram convidadas nos dias das festas de gala. Havia grande número delas que eu conhecia, todas muito bonitas. De longe, mandavam-me um sorriso de boas-vindas. Desse modo, a atmosfera se ornava a cada instante de um belo sorriso de moça. É o ornamento múltiplo e esparso das noites como dos dias. A gente se lembra de uma atmosfera porque havia moças sorridentes.

Aliás, causariam espanto, se tivessem sido notadas, as palavras furtivas que o Sr. de Charlus trocara com diversos homens importantes daquela reunião. Tais homens eram dois duques, um eminente general, um grande escritor, um grande médico e um grande advogado. Ora, as palavras tinham sido estas:

- A Propósito, souberam se o lacaio... não, falo do rapaz que vai na boléia... E na casa da sua prima Guermantes não há nada de novo?

- Atualmente não.

- Então diga, diante da porta da entrada, perto dos carros, havia uma pessoa jovem, loura, de calças curtas, que me pareceu bastante simpática. Chamou muito graciosamente o meu carro, e de bom grado eu teria estendido a conversa.

- Sim, mas julgo-a extremamente hostil, e além disso, faz tantos luxos; você, que gosta de obter as coisas logo de saída, ficaria aborrecido. Aliás, sei que não há nada a fazer, um de meus amigos já tentou. - É uma pena, pois achei o perfil muito fino e os cabelos magníficos.

- Acha-a na verdade tão linda assim? Creio que, se a tivesse visto pouquinho

mais, teria ficado desiludido. Não, no bufê é que há uns dois meses atrás teria visto uma verdadeira maravilha, um rapagão de dois metros, um ideal, e além disso gostando da coisa. Mas foi-se embora para a Polônia.

- Ah, é pouco longe.

- Quem sabe? Talvez volte. A gente sempre torna a se encontrar vida.-Não existe grande sarau mundano, se lhe fazemos um corte em profundidade bastante, que não seja igual a essas reuniões a que os médicos convidam seus enfermos, os quais conversam com muito juízo, exibem excelentes modos; se mostrariam doidos se não segredassem ao nosso ouvido, apontando um velha que passa: - É Joana d'Arc.

- Acho que é do nosso dever esclarecê-lo - disse a Sra. Verdurin a Brichot - O que faço não é contra Charlus, pelo contrário. Ele é agradável, e quanto a reputação, direi que é de um tipo que não pode me dar prejuízo! Eu, que reuno nosso pequeno clã, para os nossos jantares de conversação, detesto os namoricos; os homens dizendo asneiras à uma mulher num canto da sala, em vez de falar coisas interessantes, com Charlus não preciso temer o que me aconteceu com Swann, com Elstir, com tantos outros. Com Charlus eu me sentia sossegada, até a chegava para os meus jantares, podiam estar presentes todas as mulheres da sociedade, mas eu tinha a certeza de que a conversa geral não seria perturbada por namoros e cochichos. Charlus é um ser à parte, a gente com ele se tranqüiliza, é como se fosse um padre. Apenas, é preciso que ele não se ponha a querer mandar nos rapazes que vêm aqui e lançar a discórdia no nosso grupinho, senão será prior ainda que um sujeito mulherengo. - E a Sra. Verdurin era sincera ao proclamar desse modo a sua indulgência em relação ao Charlismo. Como todo poder eclesiástico, ela julgava as fraquezas humanas menos graves do que aquilo que pode enfraquecer a autoridade do príncipe, prejudicar a ortodoxia, modificar o antigo em sua igrejinha. - Sem isso, ele vai se haver comigo. Imaginem que impedir Charlie de comparecer a um ensaio porque não fora convidado. Mas, dar-lhe uma advertência grave, espero que seja bastante, senão vai ter que sumir daqui. Ele seqüestra o rapaz, palavra! - E, empregando exatamente as mesmas expressões que quase todo mundo teria usado, pois que há algumas, pouco habituais, que determinado assunto particular, certa circunstância especial, fazem quase obrigatoriamente à memória de quem está falando, e que pensa expressar livremente suas idéias e não faz mais que repetir maquinalmente a lição universal ela acrescentou: - Não se pode mais ver Morel sem que esteja escoltado por estar enfermo, por essa espécie de guarda-costas.

O Sr. Verdurin propôs afastar ele próprio com Charlie por um instante para falar-lhe, sob o pretexto de lhe perguntar alguma coisa. A Sra. Verdurin, porém, receou que o violinista ficasse perturbado e tocasse mal.

- Era preferível atrasar essa execução até depois dos trechos da música. E quem sabe até adiar para outro dia. - Pois a Sra. Verdurin, por mais que desejasse a deliciosa emoção que experimentaria quando soubesse que o marido estava esclarecendo Charlie na sala vizinha, tinha medo, se o golpe falhasse, que ele se zangasse e não comparecesse no dia 16.

O que perdeu o Sr. de Charlus naquela noite foi a má-educação tão freqüente neste mundo das pessoas que ele havia convidado e principiavam a chegar. Vindas a um tempo por amizade ao Sr. de Charlus e com a curiosidade de penetrarem semelhante reduto, cada duquesa ia direto ao barão como se fosse ele quem estivesse recebendo e dizia, a dois passos da Sra. Verdurin, que a tudo ouvia:

- Diga-me onde está a tia Verdurin, acha ser indispensável que eu me apresente? Ao menos, espero que ela não mande pôr o meu nome nos jornais amanhã, seria motivo de briga com toda a minha gente. Como, é essa mulher de cabelos brancos? Mas ela não é tão feia assim.

Ouvindo falar da Srta. Vinteuil, aliás ausente, mais de uma dizia:

- Ah, a filha da Sonata? Mostrem-na e, encontrando muitas amigas, faziam grupo à parte, observavam, faiscando de curiosidade irônica, a entrada dos fiéis e o máximo que achavam para apontar com o dedo era o penteado um tanto singular de uma pessoa que alguns anos depois iria pô-lo na moda na mais alta sociedade, e, em suma, lamentavam não achar aquele salão muito diferente dos que já conheciam, do que tinham esperado, sentindo o desapontamento das pessoas da alta sociedade que, tendo ido à boate de Bruant na esperança de levar descompostura do cançonetista, são acolhidas à entrada com um cumprimento correto, em vez do refrão esperado: -Ah, que focinho ela tem! Que tipo! Olhem só que bocarra!

O Sr. de Charlus, em Balbec, havia criticado finamente, na minha presença, a Sra. de Vaugoubert, que, apesar de muito inteligente, provocara, depois da fortuna inesperada, a irremediável desgraça do marido. Os soberanos em cuja corte o Sr. de Vaugoubert estava credenciado, o rei Teodósio e a rainha Eudóxia, tinham voltado a Paris, mas desta vez para uma temporada de maior duração; organizaram-se festas diárias em homenagem a eles, durante as quais a rainha, relacionada havia dez anos com a Sra. de Vaugoubert, a quem via sempre na sua capital, e não conhecendo nem a esposa do Presidente da República nem as mulheres dos ministros, afastara-se destas para formar um grupo à parte com a embaixatriz. Esta, julgando estar sua posição a salvo de todo risco pois o Sr. de Vaugoubert fora o autor da aliança entre o rei Teodósio e a França-, sentira, com a preferência que lhe mostrava a rainha, uma grande satisfação de orgulho, mas nenhuma inquietude pelo perigo que a ameaçava e que se realizou meses depois

com o acontecimento, que o casal, confiante em excesso, julgara erradamente impossível, da brutal aposentadoria do Sr. de Vaugoubert.

O Sr. de Charlus, comentando no trenzinho de Balbec a queda do seu amigo de infância, assombrava-se de que uma mulher inteligente não usasse, em semelhante circunstância, de toda a sua influência sobre os soberanos para deles obter que ela parecesse não ter nenhuma e fazê-la transferir para a esposa do presidente da república e dos ministros uma amabilidade pela qual se sentiriam elas tanto mais lisonjeadas, isto é, pela qual ficariam mais perto, em seu contentamento, de ser gratas aos Vaugoubert, quanto havíamos de pensar que essa amabilidade era espontânea e não ditada por eles. Mas quem o erro dos outros, por pouco que o tonteiem as circunstâncias, muitas vezes nos incide. E o Sr. de Charlus, enquanto seus convidados abriam caminho para felicita-lo, agradecer-lhe como se ele fosse o dono da casa, não pensou em pedir-lhes que trocassem algumas palavras com a Sra. Verdurin. Unicamente a rainha de Nápoles em cujas veias corria o mesmo sangue nobre de suas irmãs, a imperatriz Élise a duquesa d'Alençon, pôs-se a conversar com a Sra. Verdurin como se tivesse vindo para o prazer de vê-la mais do que pela música e em atenção ao Sr. de Charlus fez-lhe mil declarações, não escondeu o antigo desejo que tinha de conhecê-la elogiou-lhe a casa e lhe falou dos assuntos mais variados, como se estivesse em visita. Disse-lhe também que gostaria muito de ter trazido a sobrinha Élisabeth que deveria em breve casar-se com o príncipe Alberto, da Bélgica, que sentia muita pena de não ter vindo.

Calou-se ao ver os músicos instalarem-se e pediu que lhe mostrassem Morel. Não devia ter muitas ilusões acerca dos que levavam o Sr. de Charlus a querer que cercassem o jovem virtuoso de tal glória. Mas sua velha sabedoria de soberana em quem corria um dos mais nobres sangues da História, mais ricos de experiência, de ceticismo e de orgulho, em considerar as taras inevitáveis das pessoas de quem gostava, como seu primo Charlus (filho como ela de uma duquesa da Baviera), como infortúnios que faziam mais precioso o apoio que podiam encontrar nela e, conseqüentemente, faziam com que ela tivesse mais prazer ainda em lhe dar. Sabia que o Sr. de Charlus ficaria duplamente agradecido por ela ter tomado o incômodo de vir em semelhante ocasião. Mas, tão bondosa como antes se mostrara cheia de coragem, heróica mulher que, rainha-soldado, dera tiros pessoalmente nas muralhas de Gâ sempre disposta a colocar-se cavalheirescamente do lado dos fracos, vendo a Verdurin só e abandonada, a qual de resto ignorava que não deveria largar a rainha, buscara fingir que para ela, rainha de Nápoles, o centro daquela reunião, o atrativo que a fizera vir era a Sra. Verdurin. Não cessou de desculpar-se por poder ficar até o fim, devendo, ela que nunca saía, comparecer a uma outra recepção, e pedindo sobretudo que, quando ela fosse embora, não se incomodando por ela, desse

modo dispensando a Sra. Verdurin das honrarias que esta ignorava que lhe devia.

Contudo, é preciso fazer esta justiça ao Sr. de Charlus, ou seja, que, se esqueceu completamente da Sra. Verdurin e deixou que a esquecessem, e dolosamente, as pessoas "de seu meio" que ele havia convidado, em compensação compreendeu que não devia permitir que elas mantivessem, diante da própria "manifestação musical", os maus modos que exibiam face à dona da casa. Morel já subira no estrado, os artistas se agrupavam, e ainda ouvia-se o rumor das conversas, e até risadas, frases como "é preciso ser iniciado para compreender". E logo o Sr. de Charlus, empertigando para trás o busto, como se tivesse entrado em outro corpo diferente daquele que eu tinha visto, havia pouco, chegar arrastando-se à casa da Sra. Verdurin, assumiu uma expressão de profeta e olhou a assembléia com uma seriedade que significava que aquele não era o momento de rir, e com isso fazendo corar bruscamente o rosto de mais de um convidado surpreendido em falta como um aluno pelo professor em plena sala de aula. Para mim, a atitude, aliás tão nobre, do Sr. de Charlus tinha algo de cômico; pois ora ele fulminava seus convidados com olhares chamejantes, ora, a fim de lhes indicar como num *vademecum* o silêncio religioso que era conveniente observar, a renúncia a toda preocupação mundana, ele próprio exibia, erguendo as mãos enluvadas à bela testa, um modelo (ao qual deviam todos se assemelhar) de gravidade, quase de êxtase até, sem corresponder aos cumprimentos dos retardatários, por demais indecentes para não compreenderem que agora o momento era dedicado à grande Arte. Ficaram todos hipnotizados, ninguém mais teve coragem de proferir um som, de mexer uma cadeira; o respeito pela música-de par com o prestígio de Palamede -fora de súbito inculcado a uma multidão tão mal-educada quanto elegante.

Vendo enfileirar-se no pequeno estrado não só Morel e um pianista, mas também outros instrumentistas, julguei que iriam começar pelas obras de outros compositores que não Vinteuil. Pois pensava que não tinham dele mais que a sonata para piano e violino.

A Sra. Verdurin sentou-se à parte, magnificamente abaulados os hemisférios de sua testa branca e ligeiramente rosada, os cabelos penteados para trás, um pouco para imitar um retrato do século XVIII, um pouco exigido pela necessidade de frescor de uma criatura febril a quem o pudor impede de manifestar seu estado, isolada, divindade que presidia às solenidade musicais, deusa do wagnerismo e da enxaqueca, espécie de *Nomas*{54} quase trágica, evocada pelo gênio no meio daquelas pessoas aborrecidas, diante das quais, mais ainda que de costume, desdenharia exprimir suas impressões ao ouvir uma música que conhecia melhor que eles.

O concerto começou, eu não conhecia o que se tocava; encontrava-me em

região desconhecida. Onde situá-la? Na obra de que autor eu me encontrava? Bem que desejaria sabê-lo e, não tendo junto a mim pessoa alguma a quem perguntar, gostaria de ser um personagem daquelas *Mil e Uma Noites* que eu relia sem cessar e onde, nos momentos de incerteza, surge de repente um gênio ou uma adolescente de beleza encantadora, invisível para os outros, mas não para o herói embaraçado a quem ela revela exatamente o que ele deseja saber. Ora, nesse momento: precisamente favorecido por semelhante aparição mágica. Assim como, num que julgamos não conhecer e a que na verdade chegamos por um lado; nem quando, após uma volta do caminho, sucede-nos desembocar de súbito em outro cujos menores recantos nos são familiares, mas aonde não tínhamos a intenção de chegar por ali, dizemos de repente:

- Mas é o caminho que leva à pequena porta do jardim dos meus amigos; estou a dois minutos da casa deles-; de fato ali está a filha, que veio nos dar bom-dia de passagem; assim também, repentinamente, eu me reconheci no meio daquela música nova para mim, em plena sonata de Vinteuil; e mais maravilhosa que uma adolescente, a pequena fraca envolta, coberta de prata, toda recamada de sonoridades brilhantes, leves e suaves como *écharpes*, veio até mim, reconhecível sob esses novos enfeites. Minha alegria por tê-la reencontrado era aumentada pela entonação tão carinhosamente conhecida que ela assumia para dirigir-se a mim, tão persuasiva, tão simples; todavia sem deixar esplender aquela beleza deslumbrante que a animava. Aliás, significava desta vez apenas mostrar-me o caminho, o qual não era o da sonata, pois tratava-se de uma obra inédita de Vinteuil, onde ele se divertira, por alusão que, nesse ponto, era justificada por umas palavras do programa, que o ouvinte precisaria ter ao mesmo tempo diante dos olhos, em fazer surgir por um instante a pequena frase. Mal recordada desse modo, ela desapareceu e encontrei-me num mundo desconhecido; mas agora sabia, e tudo não cessou de me encantar, que esse mundo era um daqueles que eu nem sequer pudera imaginar Vinteuil houvesse criado; pois quando, fatigado da sonata que era um universo esgotado para mim, tentava idear outros tão belos, porém diversos, fazia apenas como esses poetas que preenchem o seu pretenso Paraíso de campinas, defloram de regatos que são simples repetições dos que vemos na Terra. O que estava à minha frente fazia-me sentir tanta alegria, quanto me teria dado a sonata se eu a conhecesse, pois, sendo assim tão belo, era diferente. Ao passo que a sonata abria para uma aurora de lírios, campesina, dividindo sua leve candura, mas se alçar ao emaranhamento leve e todavia consistente de uma latada rústica madressilvas sobre gerânios brancos, era sobre superfícies unidas e planas como do mar que, numa manhã de temporal, começava no meio de um acre num vazio infinito, a nova obra, e era num róseo de aurora que, para se constar progressivamente diante de mim, esse universo desconhecido era extraído do silêncio e da noite. Aquele rubro tão novo, tão ausente da terna, campestre e cândida sonata, tingia

todo o céu, como o arrebol, de uma esperança misteriosa. E um e que já cortava o ar, canto de sete notas, porém o mais desconhecido, o mais diverso tudo o que eu já tivesse imaginado,

a um tempo inefável e penetrante, não arrulho de pomba como na sonata, mas rasgando o ar, tão vivo como a nua escarlate em que estava imerso o princípio, algo feito um canto místico do galo, um apelo inefável mas super agudo da eterna manhã. A atmosfera fria, lavada de chuva, elétrica de uma qualidade tão diversa, sujeita a pressões tão diferentes, num mundo tão afastado do outro, virginal e guarnecido de vegetais, da sonata mudava a todo instante, apagando a promessa purpurina da Aurora. No entanto ao meio dia, num ensolarado ardente e passageiro, ela parecia cumprir-se numa felicidade pesada, aldeã e quase rústica, onde a vacilação dos sinos retumbantes e desencadeados (semelhantes aos que incendiavam de calor a praça da igreja em Combray, e que Vinteuil, que os devia ter ouvido muitas vezes, talvez tivesse encontrado naquele momento na memória, como uma cor que se tem ao alcance da mão numa palheta) parecia materializar a mais espessa alegria. A falar a verdade, esteticamente esse motivo de alegria não me agradava; achava-o quase feio, o ritmo ali se arrastava tão penosamente pelo chão que seria possível imitar quase toda a sua essência apenas com os ruídos, batendo de certo modo com as baquetas numa mesa. Parecia-me que, nesse ponto, Vinteuil carecera de inspiração e, em conseqüência, faltou-me também um pouco de atenção ali.

Olhei a Patroa, cuja feroz imobilidade parecia protestar contra a marcação de compasso feita pelas cabeças ignorantes das damas do *Faubourg*. A Sra. Verdurin não dizia:

"Vocês compreendem que eu conheço um pouco esta música, um pouco apenas! Se precisasse exprimir tudo o que sinto, vocês teriam muito que ouvir!"

Não o dizia. Mas seu talhe ereto e imóvel, seus olhos sem expressão, as madeixas em desalinho, falavam por ela. Falavam também da sua coragem, diziam que os músicos podiam continuar, sem poupar-lhe os nervos, que ela não fraquejaria no andante, que não gritaria no alegro.

Olhei os músicos. O violoncelista dominava o instrumento, que apertava entre os joelhos, inclinando a cabeça, à qual os traços vulgares davam, nos instantes de maneirismo, uma expressão de desgosto; ele se inclinava sobre seu rabecão, apalpava-o com a mesma paciência doméstica com que teria colhido couves, enquanto a seu lado a harpista (menina ainda), de saia curta, atravessada de todos os lados pelos raios horizontais do quadrilátero de ouro semelhantes àqueles que, na câmara mágica de uma sibila, representariam arbitrariamente o éter segundo as formas consagradas, parecia procurar nele, aqui e ali, no ponto exato, um som delicioso, da mesma forma que, pequena deusa alegórica, de pé junto à latada de

ouro da abóbada celeste, estivesse colhendo estrelas uma a uma.

Quanto a Morel, uma mecha até então invisível e confundida na sua cabeleira vinha destacar-se e fazer um anel na sua testa. Imperceptivelmente, virei a cabeça para o público a fim de verificar o que o Sr. de Charlus parecia pensar daquela mecha. Mas meus olhos somente encontraram o rosto, ou melhor, as mãos da Sra. Verdurin, pois estas cobriam inteiramente aquele. Desejaria a Patroa, com essa atitude de recolhimento, mostrar que se contentava, como estando na igreja e que não achava aquela música diferente da mais sublime das orações? Desejaria ela, como certas pessoas na igreja, subtrair olhares indiscretos, fosse por pudor, o fervor suposto, fosse por respeito humano, a distração culposa ou um sono invencível? Esta última hipótese, julguei-a por momento ser a verdadeira, devido a um rumor que não era musical, mas percebi que era produzido pelos roncos, não da Sra. Verdurin mas de sua cadeira.

Mas bem depressa, tendo sido expulso, disperso por outros sons triunfantes dos sinos, de novo fui arrebatado por aquela música; e percebia que ao longo desse septeto, elementos diversos se expunham sucessivamente para combinar no fim, da mesma forma a sonata de Vinteuil e, como soube mais tarde todas as suas demais obras, não tinham sido, em relação ao septeto, mais que tímidos esboços, deliciosos, porém frágeis, junto da obra-prima triunfal e completa que naquele instante me era revelada. E eu não podia deixar de me lembrar, comparação, que, da mesma forma, eu pensara nos outros mundos que Vinteuil podia ter criado como em universos fechados, como fora cada um dos meus amores; mas na realidade, eu devia forçosamente confessar que, como neste último amor por Albertine; minhas primeiras veleidades de a amar (em Balbec, logo no começo, a seguir após o jogo do anel, depois na noite em que ela dormira no hotel, depois no domingo de nevoeiro em Paris, depois na festa em casa dos Guermantes; depois de novo em Balbec, e afinal em Paris, onde minha vida estava estreitamente ligada à sua), os meus outros amores, se eu considerava agora não mais o amor por Albertine, mas toda a minha vida, não tinham sido mais que frágeis tímidos ensaios, apelos que preparavam, que reclamavam este mais vasto am amor por Albertine. E deixei de seguir a música para de novo indagar a mim mesmo, se Albertine havia visto ou não a Srta. Vinteuil por aqueles dias, como quando interrogamos uma dor interna que a distração nos faz esquecer por um momento; pois era em mim que aconteciam os possíveis atos de Albertine. De todas as criaturas que conhecemos nós possuímos um duplo. Porém, habitualmente situado no horizonte de nossa imaginação, de nossa memória, ele permanece relativamente exterior a nós, e o que fez ou pudera fazer não comporta para nós elementos dolorosos do que um objeto colocado a certa distância e que só causa as sensações indolores da vista. O que afeta essas criaturas nós o podemos de modo contemplativo; podemos deplorá-lo em termos

apropriados que aos outros a idéia do nosso bom coração, mas de fato não o sentimos. Porém a partir do golpe de Balbec, era no meu coração, e a uma grande profundidade de extrair, que se achava o duplo de Albertine. O que eu enxergava dela me fazia como a um enfermo cujos sentidos estivessem tão lastimosamente transvertidos que a vista de uma cor seria interiormente por ele sentida como uma incisão em plena carne. Por sorte eu não cedera à tentação de romper com Albertine; aquele enfado de ter de encontrá-la dali a pouco ao voltar, como a uma mulher de bem era quase nada perto da angústia que eu sentiria caso a separação se efetuasse naquele momento, quando eu alimentava uma dúvida a seu respeito, antes que ela tivesse tido tempo de se tornar indiferente. E, no momento em que a imaginava assim a esperar-me em casa, achando vagaroso o tempo, tendo talvez cochilado um instante no quarto, fui afagado de passagem por uma terna frase familiar e doméstica do septeto. Quem sabe-de tanto que todas as coisas se entrecruzam e superpõem na nossa vida interior-tivesse ela sido inspirada a Vinteuil pelo sono de sua filha-sua filha, hoje fonte de todas as minhas perturbações-quando tal sono envolvia em sua doçura, nas tardes pacíficas, o trabalho do músico, essa frase que me acalmou tanto, pelo mesmo macio fundo de silêncio que pacifica certas *rêveries* de Schumann, durante as quais, ainda quando "o poeta fala", adivinhamos que "a criança dorme". Adormecida, desperta, eu a encontraria àquela noite, quando me aprouvesse voltar para casa, Albertine, minha filhinha. E no entanto, disse comigo, algo mais misterioso que o amor de Albertine parecia prometido no começo daquela obra, naqueles primeiros gritos de aurora. Eu tentava afastar o pensamento da minha amiga para só pensar no músico. E assim tive bem a impressão de sua presença ali. Dir-se-ia que, reencarnado, o autor vivia para sempre em sua música; sentia-se a satisfação com que ele escolhia a cor de um dado timbre, adaptando-o a outros. Pois a dons mais profundos Vinteuil juntava igualmente este, que poucos músicos, e até poucos pintores, possuíram: o de utilizar cores não só tão estáveis, mas tão pessoais que, não apenas o tempo não lhes altera o frescor, senão também que os discípulos que imitam aquele que os descobriu e os próprios mestres que o ultrapassam não conseguem empalidecer sua originalidade. A revolução que o seu aparecimento causou não vê seus resultados assimilarem-se anonimamente às gerações seguintes; ela se desencadeia, estala de novo, mas só quando voltam a executar as obras do inovador para todo o sempre. Cada timbre acentuava-se de uma cor que todas as normas do mundo, aprendidas pelos mais sábios compositores, não poderiam imitar, de modo que Vinteuil, conquanto vindo em seu tempo e fixado em seu lugar na evolução musical, o deixaria sempre para se postar na dianteira toda vez que se tocasse uma de suas produções, que deveria a esse caráter, em aparência contraditório e de fato enganador, de duradoura novidade, a impressão de parecer posterior à obra de músicos mais recentes. Uma página sinfônica de

Vinteuil, já conhecida ao piano e que era ouvida em orquestra, como um raio de sol de verão que o prisma da janela decompõe antes de sua entrada numa sala de jantar escura, desvelava, como um tesouro inesperado e multicor, todas as pedrarias das *Mil e Uma Noites*. Mas como comparar a esse deslumbramento imóvel da luz aquilo que era vida, movimento perpétuo e feliz? Aquele Vinteuil que eu conhecera tão tímido e tristonho, quando se tratava de escolher um timbre, uni-lo a outro, possuía audácias e, em todo o sentido da palavra, uma felicidade sobre a qual a audição de uma obra sua não permitia qualquer dúvida. A alegria que haviam causado tais sonoridades, as forças multiplicadas que essa alegria lhe dera para descobrir outras, levavam ainda o ouvinte de achado em achado melhor, era o próprio criador que o conduzia, bebendo nas cores que acabavam de achar uma alegria desvairada, que lhe dava o poder de descobrir, de lançar-se elas pareciam chamar, extasiado, estremecendo como ao choque de uma cena quando o sublime nascia por si mesmo do encontro dos cobres, ofegante, e gado, louco, vertiginoso, enquanto ele pintava seu grande afresco musical, Michelangelo amarrado à sua escada e lançando, de cabeça para baixo, tumultuosas pinceladas no teto da Capela Sistina. Vinteuil morrera havia muitos anos, porém, no meio desses instrumentos que ele havia amado, fora-lhe concedido prosseguir, por um tempo sem limites, ao menos uma parte de sua vida. De sua vida de homem, apenas? Se a arte não fosse de fato mais que um prolongamento, valeria a pena sacrificar-lhe alguma coisa, não seria ela tão irreal como a própria vida? Para escutar melhor aquele septeto, eu não podia pensar assim. Sem o ruborejante septeto diferia singularmente da branca sonata; a tímida interrompida à qual respondia a pequena frase, da súplica ofegante por achar o cumprimento estranha promessa, que, tão aguda, tão sobrenatural, tão breve, fazendo um rubor ainda inerte do céu matinal, retinira sobre o mar. Entretanto essas frases diversas eram compostas dos mesmos elementos, pois assim como havia certo universo, perceptível para nós em parcelas dispersas aqui e ali, em tais museus, e que era o universo de Elstir, o que ele via, aquele em que vivia; da mesma forma a música de Vinteuil desdobrava, nota por nota, pincelada por pincelada, as colorações desconhecidas, inestimáveis, de um universo insuspeitado, fragmentado pelas lacunas que entre si deixavam as audições de sua obra; duas interrogações tão dissemelhantes que comandavam o movimento tão somente da sonata e do septeto, uma quebrando em curtos apelos uma linha contínua pura, o outro consolidando os fragmentos esparsos em uma armadura individual uma tão calma e tímida, quase desligada e como que filosófica, o outro tão interessado, ansioso, suplicante, era todavia uma mesma prece, brotada diante de nós, nascerem de sol interiores e só refratada através dos meios diferentes dos pensamentos, de pesquisas de arte em progresso no decurso de anos em que desejara criar algo de novo. Prece, esperança que no fundo era a mesma, reconhecível sob seus disfarces nas várias obras de Vinteuil,

e que, por outro lado se encontravam. Tais frases, os musicógrafos bem poderiam achar o seu palco, sua genealogia, nas obras de outros grandes compositores, mas unira por motivos acessórios, por semelhanças externas, analogias antes engenhosamente descobertas pelo raciocínio do que sentidas pela impressão direta. Assim, são dadas por essas frases de Vinteuil era diferente de qualquer outra, como despeito das conclusões que parecem desprender-se da ciência, existisse o dual. E era justamente quando este procurava poderosamente ser novo, conheciam, sob as aparentes diferenças, as similitudes profundas; e as peças intencionais que havia no seio de uma obra, quando Vinteuil retomava uma mesma frase em diversas passagens, diversificava-a, divertia-se em mudar-lhe o ritmo, em fazê-la reaparecer sob sua forma primeira, tais semelhanças intencionais, fruto da inteligência, forçosamente superficiais, nunca chegavam a ser tão impressionantes como essas semelhanças dissimuladas e involuntárias, que estalavam sob cores diversas entre duas obras-primas distintas; pois então Vinteuil, buscando poderosamente ser novo, interrogava a si mesmo com toda a pujança de seu esforço criador, atingindo sua própria essência em profundezas nas quais, seja qual for a pergunta que se lhe faça, é com o mesmo acento, o seu próprio, que ele responde. Um acento, esse acento de Vinteuil, separado dos acentos de outros compositores por uma diferença bem maior que a que percebemos entre a voz de duas pessoas, até mesmo entre o bramido e o grito de duas espécies animais; uma diferença verdadeira, a que havia entre o pensamento de um determinado músico e as eternas investigações de Vinteuil, a pergunta que ele se fazia sob tantas formas, sua especulação habitual, mas tão livre das maneiras analíticas do raciocínio como se se exercesse no mundo dos anjos, de modo que podemos medir-lhe a profundidade, porém não mais traduzi-las em linguagem humana, como ocorre com os espíritos desencarnados quando, evocados por um médium, este os interroga sobre os segredos da morte; pois, mesmo levando em conta essa originalidade adquirida que me impressionara de tarde, esse parentesco que os musicógrafos poderiam descobrir entre compositores, é de fato uma entonação única a que se elevam, a que regressam malgrado seu esses grandes cantores que são os músicos originais, e que é uma prova da existência irresistivelmente individual da alma. Embora Vinteuil tentasse compor música mais solene, mais grandiosa, ou de fazê-la viva e alegre, fazer aquilo que via refletindo-se de modo favorável no espírito do público, Vinteuil, malgrado seu, submergia tudo isso numa onda vinda do fundo de si mesmo que torna o seu canto eterno e logo reconhecível. Esse canto, diferente do canto dos outros e semelhante a todos os seus, onde o aprendera, onde o ouvira Vinteuil? Assim, todo artista parece o cidadão de uma pátria ignorada, esquecida dele próprio, diversa daquela de onde virá outro grande artista em direção à terra. Quando muito, em suas últimas obras, Vinteuil parecia ter se aproximado dessa pátria. A atmosfera nelas já não era a mesma que na sonata, as frases

interrogativas faziam-se mais insistentes, mais inquietas, as respostas mais misteriosas; o ar desbotado da manhã e da noitinha parecia influenciar até as cordas dos instrumentos.

Por melhor que Morel tocasse, os sons emitidos pelo seu violino me pareceram singularmente rudes, quase gritantes. Essa atitude agradava e, como em certas vozes, sentia-se nela uma espécie de qualidade moral e de superioridade intelectual. Mas isso podia chocar. Quando a visão do universo se modifica, depura-se, torna-se mais adequada à lembrança da pátria interior, é perfeitamente natural que isso se traduza por uma alteração geral de sonoridades no músico, como de cores no pintor. Aliás, o público mais inteligente não se engana nesse ponto, visto que tarde as últimas obras de Vinteuil foram consideradas as mais profundas, nenhum programa, nenhum assunto trazia um elemento intelectual de juízo. Adivinhava-se, portanto, tratar-se de uma transposição, na ordem sonora, da profundidade. Essa pátria perdida não é recordada por nenhum músico, mas todos permanecem inconscientemente afinados num certo uníssono com ela; cada um delira de júbilo quando canta conforme sua pátria, traindo-a às vezes por amor, glória, mas então, buscando a glória, afasta-se dela e é só ao desdenhá-la que encontra, e quando o músico, seja qual for o assunto de que trata, entoa esse canto singular cuja monotonia, qualquer que seja o assunto tratado, o artista permanece idêntico a si mesmo prova nele a fixidez dos elementos constitutivos sua alma. Mas nesse caso, não é certo que esses elementos, todo esse resíduo que somos obrigados a conservar para nós próprios, que a conversa não transmitir mesmo do amigo para o amigo, do professor ao aluno, de um amante outro, esse inefável que diferencia qualitativamente o que cada um sentiu e que é forçado a abandonar no limiar das frases, onde só pode comunicar-se com outro limitando-se a pontos exteriores comuns a todos e sem interesse, não é certo que a arte, a arte de um Vinteuil, como a de um Elstir, fá-lo surgir para nós, exteriorizando nas cores do espectro a composição íntima desses mundos a que chamam indivíduos, e que sem a arte jamais conheceríamos?

Asas, um outro aparelho preparatório, e que nos permitissem atravessar a imensidão, não nos serviriam de nada, pois, se fôssemos a Marte e a Vênus conservando os mesmos sentidos, eles reverteriam do mesmo aspecto que as coisas da Terra tudo aquilo que pudéssemos ver. A única viagem verdadeira, o único banho de Juvência, seria, não partir em busca de novas paragens, mas ter outros olhos, ver o universo com os olhos de outra pessoa, de cem outras, ver os cem universos que cada uma delas vê, e isso podemos consegui-lo com um Elstir, com um Vinteuil; com seus pares verdadeiramente voamos de estrela em estrela.

O andante acabava de terminar numa frase repleta de uma ternura à qual eu,

todo inteiro, me entregava; então houve, antes do movimento seguinte, um instante de repouso em que os executantes depuseram os instrumentos e os ouvintes trocaram algumas impressões. Um duque, para mostrar que entendia assunto, declarou:

- É muito difícil de se tocar bem. -

Pessoas mais agradáveis conversaram comigo por um instante. Mas o que eram suas palavras que, com toda palavra humana exterior, deixavam-me tão indiferente, ao lado da celeste frase musical com a qual eu acabava de conviver? Eu era de fato como um anjo expulso das delícias do Paraíso, cai na mais insignificante realidade. E, assim como certas criaturas são as últimas testemunhas de uma forma de vida que a Natureza abandonou, eu me indagava se a música não seria o exemplo único do que pode ter sido - caso não tivesse havido a invenção da linguagem, a formação de palavras - se das idéias-a comunicação das almas. É como uma possibilidade de não seguimentos; a humanidade enveredou por outros caminhos, o da linguagem fadada e escrita. Porém esse retorno ao não-analisado era tão embriagador que, ao sair desse paraíso, o contato dos seres mais ou menos inteligentes me parecia de extraordinária insignificância.

Durante a execução da música eu pudera lembrar-me dos seres, associá-los a ela; ou melhor, quase que só associara à música a lembrança de uma única pessoa, a de Albertine. E a frase que encerrava o andante me parecia tão sublime que eu me dizia ser uma pena que Albertine não soubesse -e se o tivesse sabido não compreendesse a honra que era para ela estar associada a essa coisa tão grandiosa que nos reunia e da qual parecia que ela tomara emprestado a voz patética. Mas tão logo interrompida a música, as pessoas que ali se achavam pareciam demasiadamente insossas. Ofereceram-se alguns refrescos. O Sr. de Charlus, de vez em quando, interpelava um criado:

- Como vai? Recebeu meu recado? Poderá vir?-

Sem dúvida havia nessas interpelações a liberdade do grão senhor que crê lisonjear e ser mais povo que o burguês, mas também a velhacaria do culpado que julga que tudo o que se ostenta por isso mesmo é considerado inocente. E acrescentava, no tom Guermantes da Sra. de Villeparisis:

- É um bom rapaz, bom caráter, emprego-o muitas vezes em casa. -

Mas essas atitudes voltavam-se contra o barão, pois achavam incríveis as suas amabilidades tão íntimas e seus bilhetes aos lacaios. Estes, aliás, ficavam menos lisonjeados que constrangidos diante dos companheiros.

Entretanto o septeto, que havia recomeçado, caminhava para o fim; em diversas retomadas uma ou outra frase de sonata regressava, mas mudada a cada vez,

num ritmo e num acompanhamento diferentes, sendo a mesma e no entanto outra, como regressam as coisas na vida; e era uma dessas frases que, sem que se possa compreender que afinidade lhes atribui como única e necessária morada o passado de um certo compositor, encontram-se apenas em sua obra, na qual aparecem constantemente e da qual são as fadas, as dríades, as divindades familiares. A princípio eu havia discernido no septeto duas ou três frases que me lembravam a sonata. Em breve banhada no nevoeiro violáceo que se elevava sobretudo do último período da obra de Vinteuil, de modo que, mesmo quando ele introduzia uma dança a certa altura, tal dança ficava presa numa opala; percebi uma outra frase da sonata, mas permanecendo tão distante ainda que eu mal a reconhecia; hesitante, ela se aproximou, desapareceu como que assustada, tornou a voltar, enlaçou-se a outras, provindas, como soube mais tarde, de outras obras, chamou ainda outras que por sua vez se fizeram atraentes e persuasivas logo depois de domesticadas, e entravam na ronda, na ronda divina, porém invisível para a maioria dos ouvintes, que, não tendo diante deles senão um véu confuso através do qual nada viam, pontuavam arbitrariamente de exclamações admirativas um tédio contínuo de que pensavam morrer. Depois, elas se afastaram, salvo uma que vi tornar a passar umas cinco ou seis vezes sem que pudesse distinguir o seu rosto, mas caricosa, tão diferente -como sem dúvida a pequena frase da sonata - do que uma mulher alguma vez me tivesse feito desejar, que essa frase, que oferecia com voz tão suave uma ventura que verdadeiramente teria valido a obter, é talvez-essa criatura invisível cuja linguagem eu não conhecia e que compreendia tão bem a única desconhecida que jamais me tenha sido dado encontrar. Depois essa frase se desfez, transformou-se, como acontecia com a pequena frase da sonata, e tornou-se o misterioso apelo do começo. Uma frase de cantar doloroso a ela se opôs, mas tão profunda, tão vaga, tão interna, quase tão orgânica e visceral, que já não se sabia, a cada uma de suas repetições, se eram as do tema ou de uma nevralgia. E logo os dois motivos lutaram juntos num cor corpo onde às vezes um desaparecia completamente, em que a seguir só se percebia um trecho do outro. Corpo-a-corpo de energias somente, na verdade; pois, tais criaturas se enfrentavam, eram destituídas de seu corpo físico, de sua aparência, de seu nome, e encontravam em mim um espectador interior igualmente despreocupado de nomes e do particular-que se interessava pelo seu como imaterial e dinâmico e seguia-lhe com paixão as peripécias sonoras. Afinal o motivo jubiloso triunfou; já não era um apelo quase inquieto lançado detrás de um vazio, era uma alegria inefável que parecia provir do Paraíso; uma alegria tão diferente da alegria da sonata quanto, de um anjo doce e grave de Bellini, tocando *tiorba*[55]; poderia ser, vestido de escarlate, um arcanjo de Mantegna soprando uma trombeta.

Eu sabia que esse novo matiz da alegria, esse apelo a uma alegria supra-terrestre não o esqueceria jamais. Seria, porém, alguma vez realizável para mim? Essa

pergunta me parecia tanto mais importante quanto aquela frase era o que poderia caracterizar como contraste com o resto da minha vida, com o mundo invisível - essas impressões que a intervalos afastados eu encontrava em minha vida como os pontos de referência, os estímulos para a construção de uma vida verdadeira: a impressão sentida ante os campanários de Martinville, ante uma fileira árvores perto de Balbec. Em todo caso, para retornar ao acento particular de frase, como era singular que o pressentimento mais diferente do que se contém vida terra-a-terra, que a mais audaciosa aproximação das alegrias do além se materializasse justamente no triste pequeno burguês bem-comportado que encontramos no mês de Maria em Combray! Mas, acima de tudo, como acontecia que a revelação, a mais estranha que já ouvira, de um gênero desconhecido de alegria, a pudesse ter recebido dele, já que, dizia-se, ao morrer não deixara mais que Sonata, que o restante permanecia inexistente em anotações indecifráveis. Indecifráveis, mas que todavia, à força de paciência, de inteligência e de respeito acabaram por ser decifrados pela única pessoa que convivera o bastante com Vinteuil para conhecer muito bem o seu modo de trabalhar, para adivinhar as suas indicações de orquestra: a amiga da Srta. Vinteuil. Já em vida do grande compositor, ela havia aprendido com a filha deste o culto que nutria pelo pai. Por causa desse culto foi que, em momentos como aqueles nos quais procedemos contrariamente às nossas verdadeiras inclinações, as duas moças tinham conseguido achar um prazer demente nas profanações que já narramos. A adoração ao pai era a condição mesma do sacrilégio da filha. E sem dúvida elas deveriam se recusar à volúpia desse sacrilégio, mas tal volúpia não as exprimia por inteiro. E além do mais, aquelas profanações foram rareando até desaparecerem de todo, à medida que essas relações carnais e doentias, o turvo e enfumaçado incêndio da paixão, cedera lugar à chama de uma amizade alta e pura.

Às vezes, a amiga da Srta. Vinteuil era assaltada pela idéia importuna de que talvez tivesse precipitado a morte de Vinteuil. Pelo menos, passando anos a decifrar o quebra-cabeças deixado por Vinteuil, estabelecendo a leitura correta daqueles hieróglifos desconhecidos, a amiga da Srta. Vinteuil teve o consolo de assegurar ao músico, de quem ensombrecera os últimos anos de vida, uma glória imortal e compensadora. De relações que não são consagradas pelas leis decorrem laços de parentesco tão múltiplos tão complexos, mais sólidos entretanto do que os que nascem do casamento. Sem mesmo nos deter em relações de natureza tão particular, não vemos todos os dias que o adultério, quando está fundado no amor verdadeiro, não abala os sentimentos de família, os deveres e parentesco e, ao contrário, os revivifica? Portanto, o adultério introduz o espírito na letra que muitas vezes o casamento deixou morta. Uma boa menina que por simples conveniência há de pôr luto pelo segundo marido da mãe, não terá lágrimas suficientes para chorar o homem que sua mãe entre todos escolhera como amante. De resto, a Srta. Vinteuil só agira por sadismo, o que não

a desculpava, porém mais tarde achei um certo alívio em pensar desse modo. Ela deveria perceber muito bem, pensava eu, no momento em que profanava com a amiga a fotografia do pai, que tudo aquilo era apenas doentio, loucura, e não a verdadeira e alegre maldade que ela teria desejado. Essa idéia de que se tratava apenas de uma simulação de maldade estragava o seu prazer. Mas, se tal idéia lhe pôde retornar posteriormente, assim como lhe estragara o prazer, deve ter minorado seu sofrimento. "Não era eu," devia ter pensado consigo, "eu estava alucinada. Posso ainda rezar por meu pai, não desesperar da sua bondade." Unicamente, é possível que essa idéia, que com certeza se lhe apresentou ao espírito durante o prazer, não se apresentasse a ela no sofrimento. Gostaria eu de incuti-la em seu espírito. Tenho certeza de que lhe teria feito bem, de que poderia ter restabelecido entre ela e a lembrança do pai uma comunicação bastante confortadora.

Como nos cadernos ilegíveis onde um químico de gênio, que ignora estar morte tão próxima, anotou descobertas que talvez permaneçam desconhecidas para sempre, a amiga da Srta. Vinteuil havia desentranhado, de papéis mais ilegíveis que papiros marcados de escrita cuneiforme, a fórmula eternamente verdadeira, para sempre fecunda, dessa alegria desconhecida, a esperança mística do escarlate da manhã. E eu, para quem, talvez menos no entanto que para Vinteuil; também fora causa e acabava de sê-lo naquela mesma noite, despertando novo em mim o ciúme por Albertine, e haveria de ser no futuro-de tantos sofrimentos, graças a ela, por compensação, tivera acesso ao estranho apelo que jamais cessaria de ouvir, como a promessa de que existia outra coisa, sem dúvida realidade pela arte, além do nada que eu havia encontrado em todos os prazeres e no amor, e que, se minha vida me parecia tão vã, pelo menos ainda não tinha realizado tudo.

O que essa moça permitira, graças a seu trabalho, que se conhecesse Vinteuil, era na verdade toda a obra do compositor. Além dessa peça para instrumentos, certas frases da sonata, únicos trechos conhecidos pelo público pareciam de tal modo banais que não era possível entender como tinham ganhado tanta admiração. Assim é que ficamos surpresos que durante anos peças insignificantes como o *Romance da Estrela* e a *Prece de Elisabeth* tenham podido levantar no concerto amadores fanáticos que se cansavam de aplaudir e de pedir bis quando mal se encerrava o que no entanto não passa de pobreza insossa nós que conhecemos *Tristão, O Ouro do Reno, Os Mestres Cantores*. É para supor, entretanto, que essas melodias sem caráter continham já, em quantidade infinitesimais, e talvez por isso mesmo mais assimiláveis, alguma coisa da originalidade das obras-primas que retrospectivamente são as únicas importantes pra nós, mas cuja própria perfeição teria acaso impedido que fossem compreendidas puderam elas abrir-lhes o caminho nos corações. Sempre é

verdade que, se dá um pressentimento confuso de belezas futuras, deixavam estas em ignorância completa. Acontecia o mesmo no caso de Vinteuil; se ao morrer ele não tivesse deixado-excetuando certas partes da sonata-senão o que pudera terminar, se teria conhecido dele valeria tão pouco diante de sua verdadeira grandeza, para Victor Hugo, por exemplo, se tivesse morrido depois de "*O torneio do João*", "A Noiva do Timbaleiro" e "Sara, a banhista", sem ter escrito nada da *des Siecles e das Contemplations*: o que é para nós a sua verdadeira obra ter ficado puramente virtual, tão ignorada como esses universos que a percepção não consegue atingir, sobre os quais nunca poderemos formar idéia.

De resto, esse contraste aparente, essa união profunda entre o gênio, o talento, e até mesmo a virtude; e a gama de vícios onde, como ocorrera com Vinteuil, está ele tão freqüentemente contido, conservado, eram legíveis, como uma alegoria vulgar, na própria reunião dos convidados, em meio aos quais me encontrei quando a música terminou. Essa reunião, embora desta vez limitada ao salão da Sra. Verdurin, assemelhava-se a muitas outras cujos ingredientes são ignorados do grande público, e que os jornalistas filósofos, que são um pouco informados, denominam parisienses, ou panamistas{56}, ou dreyfusistas, sem desconfiar que elas se podem ver também em São Petersburgo, em Berlim, em Madri e em todos os tempos; se de fato o subsecretário de Estado das Belas-Artes, homem verdadeiramente artista, bem-educado e esnobe, algumas duquesas e três embaixadores com suas mulheres se achavam naquela noite em casa da Sra. Verdurin, o motivo próximo, imediato, dessa presença residia nas relações existentes entre o Sr. de Charlus e Morel, relações que faziam o barão desejar o maior arruído possível em torno aos sucessos artísticos de seu jovem ídolo e garantir para ele a cruz da Legião de Honra; a causa mais remota que tornara possível aquela reunião era que uma moça, mantendo com a Srta. Vinteuil relações semelhantes às de Charlie e do barão, dera a lume toda uma série de obras geniais e que foram uma tal revelação que não tardaria a abrir-se uma subscrição, sob o patrocínio do ministro da Instrução Pública, com o fim de erguer uma estátua a Vinteuil. Aliás, a essas obras, tanto quanto às relações da Srta. Vinteuil com sua amiga, úteis haviam sido as do barão com Charlie, espécie de atalho graças ao qual o mundo iria conhecer essas obras sem o atraso, senão de uma incompreensão que persistiria por muito tempo, ao menos de uma ignorância total que poderia se estender durante anos. Toda vez que se produz um acontecimento acessível à vulgaridade de espírito do jornalista filósofo, isto é, em geral um acontecimento político, tais jornalistas filósofos são persuadidos de que existe algo que mudou na França, que não mais serão vistos certos saraus, que Ibsen, Renan, Dostoievski, d'Annunzio, Tolstoi, Wagner e Strauss serão mais admirados. Pois os jornalistas filósofos fundam seus argumentos no que há de

equívoco nessas manifestações oficiais, para daí encontrar algo de decadente na arte que tais manifestações glorificam e que muitas vezes é o que há de mais austero. Pois não existe nome, entre os mais respeitados do jornalismo filósofo, que não tenha muito naturalmente dado lugar a tais festas estranhas, conquanto a estranheza nesses casos fosse menos flagrante e mais bem escondida. Para essa festa, os elementos impuros que aí se conjugavam me impressionavam sob outro ponto de vista; certo, eu estava mais preparado que ninguém a dissociá-los, já que aprendera a conhecê-los separadamente; ocorria, porém, que uns, que se relacionavam à Srta. Vinteuil e sua amiga, falando-me de Combray, também me falavam de Albertine, quer dizer, de Balbec, visto que porque antigamente eu conhecera a Srta. Vinteuil em Montjouvain e que sou da intimidade da amiga desta com Albertine, é que iria dali a pouco, ao voltar casa, encontrar, em vez da solidão, Albertine que me esperava; e outros, que referiam a Morel e ao Sr. de Charlus, falando-me de Balbec, onde eu vira, em Doncieres, iniciarem-se as suas relações, falavam-me de Combray e de seus lados, pois o Sr. de Charlus era um desses Guermantes, condes de Combray, moravam em Combray sem aí ter o seu domicílio, entre o céu e a terra, corte de Gilberto, o Mau, em seu vitral, e Morel era o filho daquele velho lacaio que me fizera conhecer a dama cor-de-rosa e permitira, tantos anos depois, nela reconhecer a Sra. Swann.

- Está bem executado, hein? - perguntou o Sr. Verdurin a Saniette.

- Receio apenas - respondeu este gaguejando - que o próprio virtuosismo de Morel ofusque tanto

o seu sentimento geral da obra.

- Ofuscar? Que quer dizer com isso? - uivou o Sr. Verdurin, enquanto alguns convidados se aprestavam para devorar, como leões, o homem apavorado.

- Oh, eu não me refiro somente a ele...ele nem sabe mais o que diz.

- Referir-se a quê?

- Seria... preciso que... eu ouça ainda outra vez para fazer um juízo rigoroso.

- Rigoroso? Ele está louco! - exclamou o Sr. Verdurin segurando a cabeça com as mãos.

- Deviam acompanhá-lo. lsso quer dizer: com exatidão, o senhor... diz bbbem... com exatidão rigorosa. Digo que não posso julgar rigorosamente.

- E eu, eu lhe digo que vá embora! - gritou Verdurin, fora de si pela própria cólera, mostrando-lhe a porta com o dedo, o rosto chamejante. - Não tolero que falem desse jeito na minha casa. -

Saniette se descrevendo círculos como um homem embriagado. Algumas pessoas pensavam que ele não fora convidado, visto que o punham assim para

fora. E uma senhora muito amiga dele até então, a quem na véspera ele havia emprestado um precioso, devolveu-o no dia seguinte sem uma palavra, unicamente embrulhou num papel no qual mandou pôr pelo mordomo, secamente, o endereço de Saniette não queria "dever nada" a alguém que, visivelmente, estava longe de desfrutar boas graças do pequeno clã. Aliás, Saniette ignorou sempre essa impertinência; pois cinco minutos não eram decorridos desde o ataque do Sr. Verdurin, quando um lacaio veio avisar ao Patrão que o Sr. Saniette sofrera um ataque no pátio do palacete. Mas a reunião não havia terminado.

- Mandem levá-lo em casa, não há de ser nada - disse o Patrão, cujo prédio "particular", como teria dito o gerente do de Balbec, foi desse modo assimilado aos grandes hotéis em que se apressam em esconder os mortos súbitos para não assustar os fregueses, e onde guardam provisoriamente o defunto na despensa até o momento em que, ainda que foi quando vivo, o mais brilhante e generoso dos homens, o façam sair clandestinamente pela porta reservada aos "mergulhadores" (lava-pratos) e aos cozinheiros. Aliás, morto Saniette não estava. Viveu ainda algumas semanas, mas só ligeiramente recobrou a consciência.

O Sr. de Charlus recomeçou, no momento em que a música terminava e os convidados se despediam dele, os mesmos erros que praticara ao chegar. Não lhes pediu que se dirigissem à Patroa, que a associassem, e a seu marido, aos agradecimentos que lhe manifestavam. Foi um longo desfile, mas um desfile apenas diante do barão, e não sem que ele o percebesse, pois falou deste modo minutos após:

- A própria forma da manifestação artística se revestiu a seguir de um lado "sacristia" muito divertido. -Chegavam a prolongar os agradecimentos com palestras diferentes, que permitiam que se ficasse um instante a mais junto do barão, enquanto os que ainda não o haviam cumprimentado pelo êxito da sua festa estagnavam, mexiam os pés.

Mais de um marido desejava ir logo embora; mas a esposa, esnobe ainda que duquesa, protestava:

- Não, não, mesmo que a gente precise esperar uma hora, não podemos sair sem agradecer à Palamede, que teve tanto trabalho. Só mesmo ele para dar nos dias de hoje semelhantes festas. - Ninguém mais pensou em fazer-se apresentar à Sra. Verdurin assim como ninguém pede para ser apresentado a uma empregada de teatro ao qual uma grande dama convidou por uma noite a aristocracia inteira.

- Você esteve ontem na casa de Éliane de Montmorency, meu primo?- perguntava a Sra. de Mortemart, desejando prolongar a conversa.

- Meu Deus, claro que não! Gosto muito de Éliane, mas não entendo o sentido dos

seus convites. Sem dúvida, sou meio burro - acrescentava o barão com um vasto sorriso derramado, enquanto a Sra. de Mortemart sentia que ia ter os prelúdios de "alguma" de Palamede, como os tivera muitas vezes de Oriane. - Há cerca de quinze dias recebi um cartão da agradável Éliane. Acima do nome contestado de Montmorency, estava escrito este amável convite: Meu primo, dê-me a graça de pensarem mim na Sexta-feira próxima, às nove e meia. Logo abaixo estavam escritas estas duas palavras menos graciosas: *Quarteto tcheco*. Tais palavras pareceram-me ininteligíveis e, de qualquer modo, sem mais nenhuma relação com a frase anterior do que essas cartas em cujo reverso a gente vê que o missivista havia começado uma outra com as palavras: Caro amigo, faltando o restante, e não pegou outra folha, fosse por distração ou por economia de papel. Gosto muito de Éliane: assim, não lhe quis mal por isso, e me limitei a não levar em conta as palavras estranhas e deslocadas de *quarteto tcheco*; e, como sou um homem organizado, coloquei em cima da minha lareira o convite para pensar na Sra. de Montmorency na sexta às nove horas e meia. Embora conhecido por minha natureza obediente, pontual e suave, como Buffon diz do camelo e o riso se espalha mais largamente em torno do Sr. de Charlus, que sabia que, ao contrário, todos tinham pelo homem da mais difícil convivência-, atrasei-me por alguns minutos, tempo necessário para tirar a roupa com que chegara da rua - e, sem muito repor à isso, pensando que nove e meia representavam de fato dez horas; e ao bater dez, num belo chambre, os pés calçados em espessos chinelos de lã, coloquei no canto da lareira a pensar em Éliane como ela me havia pedido, e com uma intensidade que só começou a diminuir às dez e meia. Diga-lhe por obséquio, obedeci estreitamente ao seu audacioso pedido. Penso que ela ficará contente.

A Sra. de Mortemart morreu de rir; e o Sr. de Charlus a acompanhou.

- Amanhã - acrescentou ela, sem pensar que havia excedido em muito o tempo se lhe podia conceder - irá à casa dos nossos primos, os La Rochefoucauld?

- Isso é impossível, eles me convidaram, a mim como a você, vejo agora, para a mais incrível de conceber e de realizar, e que se denomina, a crer no cartão, convite: *Chá dançante*. Eu passava por ser muito ágil quando moço, mas duvidava que pudesse, sem faltar ao decoro, tomar chá enquanto dançava. Ora, eu não apreciei comer, nem beber, sem asseio. Você dirá que hoje não preciso mais, porém, mesmo confortavelmente sentado a beber chá de cuja finalidade aí estou desconfiado, visto que se intitula dançante-, eu receava que os convidados mais jovens que eu, e talvez menos ágeis do que eu era na idade deles, derrama, na minha roupa a sua chávena, o que me interromperia o prazer de esvaziar a minha - E o Sr. de Charlus nem sequer se contentava em omitir na conversa a Sra. Verdurin e de falar dos mais variados assuntos (que parecia ter gosto em desenvolver pra variar, pelo cruel prazer que sempre tivera de deixar

indefinidamente "fazendo os amigos que esperavam com inesgotável paciência a chegada de sua vez). Contava até toda a parte da reunião que era da responsabilidade da Sra. Verdurin a propósito de chávena, que estranhas meias-tigelas eram as que se pareciam aquelas em que, quando eu era rapaz, mandavam vir sorvetes da casa Poiré Blanc. Alguém há pouco me disse que eram para o "café gelado". Mas em matéria de gelado, não vi nem café nem gelo. Que coisinhas curiosas, de emprego maldoso! - Para dizer isso, o Sr. de Charlus colocara verticalmente sobre a boca as enluvadas de branco, e circunvagara cautelosamente o olhar indicador, como se temesse ser ouvido e até visto pelos donos da casa. Mas aquilo não passava de fingimento, pois dali a pouco ia externar as mesmas críticas à própria Sra. Verdurin e, mais tarde, intimá-la com insolência: - E principalmente, nada de taças de gelado! Dê-as a uma de suas amigas cuja casa a senhora queira enfear. Mas, tudo, que ela não as ponha na sala de visitas, porque a gente poderia achar que se enganou de quarto, pois parecem direitinho uns urinóis.

- Mas, meu primo - dizia a convidada, também baixando a voz e olhando o Sr. de Charlus com ar interrogativo, não por medo de aborrecer a Sra. Verdurin, mas de aborrecê-lo. -Talvez ela ainda não saiba de tudo... -Nós lhe ensinaremos. - Ah! - ria a convidada - ela não pode achar melhor professor! Que boa sorte! Com você pode-se ter a certeza de que jamais haverá uma nota em falso. - Em todo caso, não as houve na música. - Oh, estava sublime! São alegrias que nunca se esquecem. A propósito desse violinista de gênio - continuava ela, julgando em sua ingenuidade que o Sr. de Charlus se interessava pelo violino "em si" -, conhece acaso um que ouvi outro dia tocar maravilhosamente uma sonata de Fauré, chama-se Frank

- Ouvi. sim, é horrível - respondia o Sr. de Charlus, sem se incomodar pela grosseria de um desmentido que implicava ser sua prima destituída de gosto. - Em matéria de violinista, aconselho-a a limitar-se ao meu. -

Os olhares iam recomeçar a trocar-se entre o Sr. de Charlus e a prima, a um tempo abaixados e espreitadores, pois, enrubescendo e buscando zelosamente reparar a gafe, a Sra. de Mortemart ia propor ao Sr. de Charlus que desse uma reunião noturna para que ouvissem Morel. Ora, para ela essa reunião não tinha por finalidade colocar em evidência um talento, finalidade que todavia ela iria pretender ser a sua, e que de fato era do Sr. de Charlus. Ela só via naquilo uma oportunidade de dar uma reunião particularmente elegante, e já calculava quem haveria de convidar e quem deixaria de lado. Essa triagem, preocupação dominante das pessoas que dão festas (essas mesmas que os jornais mundanos têm o topete ou a estupidez de chamar "a elite"), altera logo o olhar, e escrita - mais profundamente do que o faria a sugestão de um hipnotizador. Antes mesmo de ter pensado no que Morel haveria de tocar (preocupação tida como

secundária, e com razão, pois mesmo que todo mundo, por causa do Sr. de Charlus, tivesse a conveniência de ficar em silêncio durante a execução da música, em compensação ninguém teria tido a idéia de escutá-la), a Sra. de Mortemart, tendo decidido que a Sra. de Valcourt não seria das "eleitas", tomara por esse mesmo fato o ar de conspiração, de complô, que tanto rebaixa as próprias senhoras da alta sociedade em melhores condições de não se importar com a opinião pública.

- Não haveria um meio de eu dar uma reunião noturna para ouvirmos o seu amigo?- disse em voz baixa a Sra. de Mortemart, que, dirigindo-se apenas ao Sr. de Charlus, não pôde evitar, como que fascinada, lançar um olhar à Sra. de Valcourt (a excluída) a fim de se assegurar que ela estava a uma distância suficiente para não ouvir suas palavras. "Não, ela não pode perceber o que eu digo", concluiu mentalmente a Sra. de Mortemart, tranqüilizada pelo próprio olhar, o qual, por sua vez, tivera sobre a Sra. de Valcourt um efeito bem diverso do que visava: "Ah," disse consigo a Sra. de Valcourt ao ver esse olhar, "Marfe-Thérese prepara com Palamede alguma coisa de que não devo tomar parte".

- Você quer dizer o meu protegido - retificou o Sr. de Charlus, que não tinha mais piedade pelos conhecimentos gramaticais do que pelos dotes musicais da prima. Depois, sem se importar com as súplicas mudas desta, que se desculpava sorrindo: - Pois não... - disse ele com voz forte e capaz de ser ouvida pelo salão inteiro - se bem que sempre haja perigo nesse tipo de exportação de uma personalidade fascinante para um ambiente que forçosamente a sofrer uma diminuição de seu poder transcendental e que, em todo caso, precisa ser convenientemente apropriado. -

A Sra. de Mortemart disse consigo que a voz, o pianíssimo de sua pergunta tinha sido pura perda após o "vozeirão'", que fora dada a resposta. Enganava-se.

A Sra. de Valcourt nada ouviu, pela simples razão de não ter entendido uma só palavra. Suas inquietações diminuíram e teriam sido rapidamente extintas se a Sra. de Mortemart, receando ver descoberta a intenção, e ser obrigada a convidar a Sra. de Valcourt, a quem era muito ligada deixá-la de fora se a outra soubesse "antes", não tivesse novamente erguido as pálpebras na direção de Édith, como para não perder de vista um perigo de ameaça, não sem tornar a abaixá-las vivamente de modo a não se comprometer em demasia. Contava escrever-lhe no dia seguinte uma dessas cartas, complementares ao olhar revelador, cartas que são consideradas hábeis mas que não passam de confissão sem reticências e assinada. Por exemplo: "Cara Édith, tenho saudades suas, mas não contava muito com você ontem à noite (como contaria, como pensaria Édith, visto que não me convidara?), pois sei que detesta esse tipo, reuniões que mais parecem aborrecê-la. Nem por isso ficaríamos menos honrados em tê-la conosco (a Sra. de Mortemart jamais empregava o termo "honrados", a não ser

nas cartas, onde procurava dar a uma mentira a aparência de verdade). Aí você sabe que está sempre em casa na nossa casa. Além disso, fez bem em não vir, pois a reunião foi um fracasso completo, como todas as coisas improvisadas duas horas", etc. Porém já o novo olhar furtivo lançado sobre ela fizera Édith compreender tudo o que ocultava a linguagem complicada do Sr. de Charlus. Esse foi mesmo tão forte que, depois de ter atingido a Sra. de Valcourt, olvidado segredo e a intenção de mistério que ele continha ricochetearam sobre um peruano que a Sra. de Mortemart, ao contrário, pretendia convidar. Mas desconhecendo, vendo até à evidência os mistérios que faziam, sem se dar conta de que eram para ele, sentiu logo um ódio atroz pela Sra. de Mortemart e jurou pregar mil partidas, como enviar cinqüenta cafés gelados para a casa dela num dia em ela não estivesse recebendo, de mandar inserir, no dia em que ela recebesse, nota nos jornais dizendo que a reunião fora adiada, e de publicar notícias mensais das seguintes, nas quais figurariam, como tendo estado presentes, os nobres de todos conhecidos, de pessoas que, por motivos diversos, ninguém pensa receber ou nem mesmo deixar-se apresentar.

A Sra. de Mortemart errava em preocupar-se com a Sra. de Valcourt. O Sr. de Charlus ia encarregar-se de desnaturar, muito mais do que o teria feito a pressa dessa festa projetada.

- Mas meu primo - disse ela em resposta à frase "ambiente que precisaria ser convenientemente apropriado", cujo sentido, o estado momentâneo de hiperestesia lhe permitira adivinhar - nós lhe pouparemos todo trabalho. Encarrego-me de pedir à Gilberto que se ocupe de tudo.

- Não, principalmente porque ele não será convidado. Nada se fará sem mim. Acima de tudo, trata-se de excluir as pessoas que têm ouvidos para não ouvir. -

A prima de Charlus, que havia contado com o atrativo de Morel para dar uma festa em que ela pudesse dizer que, à diferença de tantos parentes, "tivera o apoio de Palamede", transportou bruscamente o seu pensamento do prestígio do Sr. de Charlus para as numerosas pessoas com as quais ele iria indispô-la se se metesse a excluir e a convidar. A idéia de que o príncipe de Guermantes (por causa de quem ela em parte desejava excluir a Sra. de Valcourt, que ele não recebia) não seria convidado, a aterrorizava. Seus olhos tomaram uma expressão inquieta.

- Será que esta luz um pouco forte lhe faz mal? - indagou o Sr. de Charlus com seriedade aparente cujo fundo irônico não foi entendido.

- Não, absolutamente; eu pensava na dificuldade, não por minha causa naturalmente, mas pelos meus, que isso poderá criar se Gilberto souber que dei uma festa sem convidá-lo, ele que nunca recebe quatro gatos pingados sem...

- Mas justamente, pode-se começar por suprimir os quatro gatos pingados, que só poderiam miar; creio que o rumor das conversas impediu-a de compreender que

se tratava não de fazer gentilezas graças a uma reunião noturna, mas de proceder aos ritos habituais a toda verdadeira celebração. - Depois, julgando, não que a pessoa seguinte tivesse esperado demais, mas que não lhe seria conveniente exagerar os favores feitos àquela que tivera em vista muito menos Morel do que suas próprias "listas" de convidados, o Sr. de Charlus, como um médico que termina a consulta quando acha ter ficado tempo suficiente, deu a entender à prima que se retirasse, não dizendo-lhe adeus, mas voltando-se para a pessoa que vinha imediatamente após. - Boa-noite, senhora de Montesquiou; estava maravilhoso, pois não? Não vi Hélene; diga-lhe que toda abstenção geral, mesmo a mais nobre, o que significa a dela, comporta exceções, se são deslumbrantes, como era o caso esta noite. Mostrar-se rara está bem, mas fazer passar antes o raro, que só é negativo, o precioso, é melhor ainda. Quanto à sua irmã, de quem aprecio mais que ninguém a sistemática ausência nos lugares onde quem a espera não tem o seu valor, ao contrário, a presença dela numa manifestação memorável como esta, teria sido uma preeminência e teria dado à sua irmã, já tão prestigiosa, um prestígio suplementar. - Depois, passou a uma terceira pessoa.

Fiquei muito espantado ao ver ali, tão amável e lisonjeiro com o Sr. de Charlus quanto fora seco outrora para com ele, fazendo-se apresentar a Charlie e dizendo a este que esperaria a sua visita, o Sr. d'Argencourt, aquele homem tão terrível para o gênero de homens como o Sr. de Charlus. Pois agora vivia rodeado deles. Certo, não é que tivesse se tornado um semelhante ao Sr. de Charlus sob tal aspecto. Mas fazia algum tempo que mais ou menos abandonara a mulher por uma jovem senhora da sociedade, a quem adorava. Inteligente, ela o fazia compartilhar de seu gosto pelas pessoas inteligentes e desejava muito que o Sr. de Charlus fosse à sua casa. Mas sobretudo, o Sr. d'Argencourt, muito enciumado e um tanto impotente, sentindo que satisfazia mal a sua conquista, e desejando a um tempo presta-Ia e distraí-la, só podia fazê-lo sem perigo rodeando-a de homens inofensivos quem, assim, atribuía o papel de guardiões do serralho. Estes achavam que ele se tornara muito amável, e o declaravam muito mais inteligente do que o haviam julgado, coisa com que ele e a amante se mostravam encantados.

As convidadas do Sr. de Charlus foram embora bem depressa. Muitas diziam:

- Preferia não ir à sacristia (o pequeno salão onde o Sr. de Charlus, tinha Morel a seu lado, recebia as congratulações), mas convém que Palamede me veja para que saiba que fiquei até o fim.-

Nenhuma se ocupava da Sra. Verdurin. Nervosas fingiram não reconhecê-la e despedir-se por engano da Sra. Cottard, falando da esposa do médico:

- Esta é mesmo a Sra Verdurin, não?

A Sra. d'Arpajon, perguntou, na cara da dona da casa:

- Será que um dia existiu mesmo um Verdurin?-

As duquesas que se atrasavam, não encontrando as extravagâncias esperavam naquela casa que imaginavam ser diferente do que conheciam, desta espantavam-se, à falta de coisa melhor, estourando em risos doidos ante os quadros Elstir; quanto ao resto, que elas achavam mais conforme do que haviam pensado ao que já conheciam, atribuíam tudo ao Sr. de Charlus, dizendo:

- Como Palamede sabe arrumar bem as coisas! Se ele montasse uma *féerie* numa cocheira ou um *toalete*, o espetáculo não ficaria menos encantador.

As mais nobres eram as que com mais fervor felicitavam o Sr. de Charlus pelo sucesso de uma reunião de cujos motivos secretos algumas estavam a par, de resto sem se preocupar com isso, pois essa sociedade - talvez pela recordação de certas épocas da História em que as famílias tinham já alcançado um grau idêntico de impudor plenamente consciente - leva o desprezo dos escrúpulos quase tão longe quanto o respeito à etiqueta. Várias delas ali mesmo convidaram Charlie para reuniões em que ele iria tocar *septeto* de Vinteuil, mas nenhuma teve sequer a idéia de convidar a Sra. Verdurin. Esta estava no auge da raiva quando o Sr. de Charlus, que, sentindo-se nas nuvens não podia percebê-lo, quis por amabilidade convidar a Patroa a partilhar sua alegria. E talvez fosse mais para se entregar a seu gosto pela literatura do que por transporte de orgulho, que esse doutrinador de festas artísticas disse à Sra. Verdurin.

- Muito bem, está contente? Creio que qualquer um o estaria por muito menos. A senhora vê que, quando me meto a dar uma festa, o sucesso é completo; não sei as suas noções de heráldica lhe permitem avaliar exatamente a importância da manifestação, o peso que soergui, o volume de ar que desloquei pela senhora. A senhora teve aqui a rainha de Nápoles, o irmão do rei da Baviera, os três Al antigos pares de França. Se Vinteuil é Maomé, podemos dizer que deslocamos a causa dele às mais amovíveis das montanhas. Imagine que, para assistir à festa, a rainha de Nápoles veio de Neuilly, o que para ela é muito mais difícil do deixar as Duas Sicílias - disse ele com intenção de perfídia, apesar de sua adoração pela rainha. - É um acontecimento histórico. Pense que ela talvez jamais teria saído desde a tomada de Gaeta. É provável que nos dicionários ponham como datas culminantes o dia da tomada de Gaeta e o da reunião noturna dos Verdurin. O leque que ela deixou para melhor aplaudir Vinteuil merece ficar mais célebre que o que a Sra. Metternich quebrou porque assobiavam uma ária de Wagner.

- Ela até esqueceu o leque - disse a Sra. Verdurin, momentaneamente apaziguada pela lembrança da simpatia que lhe testemunhara a rainha; e mostrou a Charlus o leque sobre uma poltrona.

- Oh, como é emocionante! - exclamou o Sr. de Charlus, aproximando-se com veneração da relíquia.-Tanto mais tocante por ser muito feio; a violetinha é

inacreditável! - Espasmos de emoção e de ironia percorriam-no alternativamente. - Meu Deus, não sei se a senhora sente essas coisas como eu. Swann ficaria simplesmente morto de convulsões caso visse isto. Bem sei que, por qualquer preço que seja lançado, arrematarei este leque no leilão da rainha. Pois terá de ir a leilão, já que está sem vintém -acrescentou com maledicência cruel, que no barão jamais deixava de misturar-se à mais sincera veneração, embora elas partissem de duas natureza opostas, porém nele reunidas. Tais naturezas podiam até se alternar sobre um mesmo fato. Pois o Sr. de Charlus, que no fundo de seu bem-estar de homem rico, troçava da pobreza da rainha, era a mesma pessoa que com freqüência exaltava essa pobreza e que, quando se falava da princesa Murat, rainha das Duas Sicílias, respondia:

- Não sei de quem estão falando. Só existe uma rainha de Nápoles, que é sublime, e não tem carro. Mas do alto do ônibus ela aniquila todas as carruagens, e todos se poriam de joelhos na poeira ao vê-la passar. - Eu o legarei a um museu. Enquanto isso, é necessário mandar levar-lhe, para que ela não tenha de pagar um fiacre para mandar buscá-lo. O mais inteligente, dado o interesse histórico de semelhante objeto, seria roubar este leque. Mas isto iria deixá-la em apuros, pois é provável que ela não possua outro - acrescentou, desatando a rir. - Enfim, a senhora viu que por minha causa ela veio. E este não é o único milagre que eu haja feito. Não creio que ninguém, atualmente, tenha o poder de mobilizar as pessoas que trouxe aqui. Aliás, é preciso dar a cada um a sua parte: Charlie e os músicos tocaram como deuses. E, minha querida Patroa -acrescentou com condescendência-, a senhora também teve o seu papel nessa festa. Seu nome nunca será esquecido. A História reteve o nome do pajem que armou Joana d'Arc quando ela partiu em combate; em suma, a senhora serviu de traço de união permitindo a fusão entre a música de Vinteuil e seu genial executante; a senhora teve a inteligência de compreender a

importância capital de todo o encadeamento de circunstâncias que faria o executante beneficiar-se de todo o peso de uma personalidade considerável -se não se tratasse de mim, eu diria providencial -, a quem teve a boa idéia de pedir que assegurasse o prestígio da reunião, e que pusesse diante do violino de Morel os ouvidos diretamente ligados às línguas mais escutadas; não, não, não é nada. Não existe nada que não tenha a sua importância numa realização tão completa. Tudo concorre para ela. A Duras estava esplêndida, tudo; foi por isso -concluiu- pois gostava de repreender que me opus a que senhora convidasse essas pessoas- divisores, que, diante das criaturas preponderantes que lhe trouxe, teriam feito o papel de vírgulas numa cifra, as outras se reduzidas a não mais que simples décimos. Tenho o senso exato dessas coisas. A senhora compreende, é preciso evitar as gafes quando damos uma festa que ser digna de Vinteuil, de seu genial intérprete, da senhora e, ouso dizer, de melhor. A senhora teria convidado a Molé,

e tudo estaria prejudicado. Seria a pequena contrária, neutralizadora, que tira a eficiência de uma poção. Teria faltado a eletricidade, os bolinhos não chegariam a tempo, a laranjada teria dado cólicas em todo mundo. Era a pessoa que não convinha. Seu nome bastaria para que, como num féerie, nenhum som saísse dos cobres; a flauta e o oboé perderiam a voz subitamente. O próprio Morel, mesmo que conseguisse tirar alguns sons, não obedeceria ao compasso e, em vez do *septeto* de Vinteuil, a senhora teria ouvido a paródia - por Beckmesser, terminando sob vaias. Eu, que acredito muito na influência das pessoas, senti perfeitamente, no desenvolvimento de um certo largo que se abriu, até o fundo como uma flor, no aumento de satisfação do final, que não era apenas *allegro* mas incomparavelmente alegre, que a ausência da Molé inspirava os músicos, dilatando de alegria até os próprios instrumentos. Aliás, no dia em que, recebem todos os soberanos, não se convida a porteira. -Chamando-a de "a Mo (como dizia, aliás simpaticamente, "a Duras"), o Sr. de Charlus lhe fazia justiça. Porque todas essas mulheres eram atrizes da sociedade, e é certo que mesmo considerada sob esse ponto de vista -a condessa Molé não estava à altura da extraordinária reputação de inteligência que lhe atribuíam, o que fazia pensar nesses atores romancistas medíocres que em certas épocas desfrutam de uma reputação; gênios, seja devido à mediocridade dos confrades, entre os quais nenhum ar superior é capaz de mostrar o que é o talento verdadeiro, seja pela mediocridade do público, o qual, caso existisse uma extraordinária individualidade, seria incapaz compreendê-la. No caso da Sra. Molé, é preferível, se não inteiramente exato, nos detenhamos na primeira explicação. Sendo a sociedade mundana o reduto nada, não há entre os méritos das diversas mulheres que a freqüentam senão grãs insignificantes, que só podem majorar doidamente os rancores ou a imaginação do Sr. de Charlus. E certamente se ele falava, como acabava de fazer, nessa linguagem que era uma mistura afetada de coisas da arte e da sociedade, era porque as cóleras de mulher velha e sua cultura de mundano não forneciam à verdadeira eloqüência, que era a sua, mais que temas insignificantes. Não existindo à superfície da terra, entre todos os países que a nossa percepção uniformiza, o mundo de diferenças, com mais forte razão também não existe no mundo elegante. Existe aliás em alguma parte? O septeto de Vinteuil parecera me dizer que sim. Mas como o Sr. de Charlus gostasse de repetir a um tempo o que ouvira de o intrigar, dividir para reinar, acrescentou:

- Não a convidando, a senhora tirou à Molé a oportunidade de dizer: "Não sei por que essa tal de Sra. Verdurin me convidou. Não sei quem é essa gente, não os conheço." Ela já disse, no ano passado, que a senhora a importunava com seus convites. É uma tola, não a convide mais. Afinal, não é uma pessoa tão extraordinária assim. Pode muito bem ir à sua casa sem luxos, pois eu também vou. Em suma -concluiu -, parece-me que a senhora pode me agradecer, pois as coisas correram muito bem, tudo esteve perfeito. A duquesa de Guermantes não

veio, mas nunca se sabe, talvez tenha sido melhor assim. Não a levaremos a mal e lembrar-nos-emos dela para uma outra vez; aliás, é difícil esquecê-la, seus próprios olhos nos dizem: "Não se esqueçam de mim", já que são dois miosótis. - (E eu pensava comigo quanto era necessário que o espírito de Guermantes-a decisão de ir a um lugar e não a outro-fosse forte para ter vencido, na duquesa, o temor a Palamede.) - Diante de um êxito de tal forma completo, somos tentados, como Bernadin de Saint-Pierre, a ver em toda parte a mão da Providência. A duquesa de Duras estava encantada. Ela própria me encarregou de dizer-lhe - acrescentou o Sr, de Charlus, acentuando as palavras como se a Sra. Verdurin devesse considerar aquilo como honra suficiente. Suficiente e até quase inacreditável, pois ele achou necessário dizer, para ser acreditado: - É verdade! levado pela demência daqueles que Júpiter deseja perder. - Ela convidou Morel para tocar na sua casa, onde vão repetir o mesmo programa, e estou até pensando em pedir um convite para o Sr. Verdurin. -

Essa cortesia, feita unicamente ao marido, era, sem que o Sr. de Charlus o percebesse, o mais sangrento ultraje à esposa, que, julgando-se em relação ao executante, devido a uma espécie de decreto de Moscou em vigor no pequeno clã, no direito de lhe proibir que tocasse em outro salão sem sua autorização expressa, estava bem decidida a proibir sua participação no sarau da Sra. de Duras.

Só pelo fato de falar com aquela verbosidade, o Sr. de Charlus irritava a Sra. Verdurin, que não gostava que fizessem grupo à parte no pequeno clã. Quantas vezes, e já na Raspeliere, ouvindo o barão falar incessantemente a Charlie em vez de se contentar em desempenhar a sua parte no conjunto concertante do clã, ela havia exclamado, apontando o barão:

- Que língua que ele tem! Que língua! Ah, para um Pederasta, é uma língua formidável{57}!

Mas desta vez era bem pior. Embriagado pelas próprias palavras, o Sr. de Charlus não compreendia que, diminuindo o papel da Sra. Verdurin e impondo-lhe estreitos limites, estava desencadeando aquele sentimento odioso que nela não passava de uma forma particular, uma forma social de inveja. A Sra. Verdurin amava intensamente os *habitués*, os fiéis do pequeno clã, queria que pertencessem inteiramente à sua Patroa. Contemporizando, como os ciumentos que aceitam ser traídos desde que sob seu teto e até às suas vistas, ou seja, que não os traiam, ela permitia que os homens tivessem uma amante, ou um amante, sem nenhuma conseqüência - com a condição de que tudo isso não tivesse uma amante social fora de sua casa, nascesse e se perpetuasse ao abrigo das quartas-feiras.

Em outro tempo qualquer riso furtivo de Odette junto de Swann lhe roía o

coração; fazia algum tempo que sentia o mesmo diante de toda conversa particular entre Morel e o barão; achava apenas um consolo: matar a felicidade alheia. Não havia consolo para seus desgostos, o de desmanchar ou suportar por muito tempo a risada do barão. Eis que esse imprudente precipitava em seu próprio grupinho. Ele trazia seu papel parecendo querer restringir o lugar da Patroa. Via Morel freqüentando a sociedade sem ela, protegido pelo barão. Só havia um remédio: fazer Morel escolher entre ela e o barão; e, valendo-se da ascendência que possuía sobre o violinista; por mostrar-se à seus olhos uma clarividência extraordinária; por mentiras que inventava; e de que graças às informações que lhe davam, a perspicácia; enchia os ouvidos como prova de que ele já estava inclinado a crer, e do que os ingênuos graças às armadilhas que ela preparava e onde caiam; à evidência dessa ascendência, fazer com que ele a escolhesse e não ao barão. Quanto às mulheres da sociedade que assistiram à sua cerimônia e que nem mesmo se apresentaram; logo que lhes compreendera as hesitações havia dito: "percebo o que são, umas velhas prostitutas que não nos conhecem. - Ah, estão visitando este salão pela última vez." - Pois preferia morrer a confessar, tinham sido menos amáveis com ela do que esperara.

- Meu caro general! - exclamou bruscamente o Sr. de Charlus deixando a Sra. Verdurin, porque avistava o general Deltour, secretário da presidência condecoração da República, o qual podia ter grande importância depois de se aconselhar com Cottard, eclipsava rapidamente: - Boa-noite meu querido e encantado amigo. Pois então vai saindo sem se despedir de mim? - disse o barão com pouco caso de bonomia e suficiência, pois bem sabia que todos sorriam e se mostravam contentes em lhe falar um momento a mais. E como no estado de exaltação em que se achava, fazia ele mesmo, em tom super-agudo, as perguntas e as respostas:

- É certo que estava muito bonito, está satisfeito? Não ouvindo as respostas: - Muito bem, andante? É que jamais escreveram nada tão comovente. Eu o desafio a escutá-lo até o fim sem lágrimas nos olhos. É encantador que tenha vindo. Diga-me, de manhã recebi um belo telegrama de Froberville que me anunciava que dificuldades estão aplanadas, como se diz na Chancelaria.

O Sr. de Charlus continuava a elevar-se, tão aguda, tão diversa de sua voz habitual, como a de sua influência ordinária, dando ênfase a uma causa, como um advogado quando em amplificação vocal por superexcitação e euforia nervosa análogo ao que, um diapasão tão alto não só a voz fazia elevar-se. Nos jantares que ela dava, o olhar da duquesa de Guermantes.

- Eu contava lhe mandar, amanhã de manhã, por um guarda, um bilhete a fim de exprimir o meu entusiasmo, pensava em falar de viva voz, mas você estava tão rodeado! O apoio de Froberville não será de desprezar, mas, de minha parte, tenho a promessa do Ministro - disse o general.

- Ah, perfeito. Aliás, você viu que um talento igual bem o merece. Hoyos mostrava-se encantado, não pude ver a embaixatriz; estava contente? Quem não estaria, a não ser aqueles que têm ouvidos para não ouvir, o que não importa, desde que tenham língua para falar?

Aproveitando que o barão se afastara para falar ao general, a Sra. Verdurin fez sinal a Brichot. Este, que não sabia o que a Sra. Verdurin ia dizer-lhe, quis diverti-la e, sem desconfiar o quanto fazia sofrer, disse à Patroa:

- O Sr. de Charlus está encantado pelo fato de a Srta. Vinteuil e sua amiga não terem vindo. Elas o escandalizam demais. Declarou que seus costumes eram de meter medo. A senhora não imagina como o barão é pudico e severo no terreno dos costumes. -

Ao contrário do que Brichot esperava, a Sra. Verdurin não se divertiu:

- Ele é imundo - respondeu. - Proponha-lhe fumar um cigarro em sua companhia, para que meu marido possa levar sua *dulcinéia* sem que Charlus perceba, e esclarecer o rapaz acerca do abismo em que está caindo. - Brichot parecia hesitar. - Digo-lhe - prosseguiu a Sra. Verdurin para vencer os últimos escrúpulos de Brichot - que não me sinto segura com esse sujeito em minha casa. Sei que já se meteu em sujeiras e que a polícia está de olho nele. - E como possuía um certo pendor para a improvisação, quando a maledicência a inspirava, a Sra. Verdurin não ficou por aí: - Parece que já foi preso. Sim, sim, pessoas muito bem informadas é que me disseram. Aliás, sei, por alguém que mora na sua rua, que não se tem idéia dos bandidos que ele recebe em casa. - E como Brichot, que ia muitas vezes à casa do barão, protestasse, a Sra. Verdurin, inflamando-se, gritou: - Mas dou-lhe certeza! Sou eu que estou dizendo! - expressão com que, habitualmente, buscava amparar uma assertiva lançada um tanto ao acaso. - Ele há de morrer assassinado um dia ou outro, aliás como todos os de sua igualha. Talvez nem chegue a isso, pois está nas garras desse Jupien, que ele teve o topete de me mandar e que é um antigo forçado, como você e eu sabemos de modo positivo. Charlus está nas mãos dele por causa de umas cartas que são terríveis, ao que parece. Sei disso por alguém que as viu, e me disse: 'Você se sentiria mal se as lesse." É assim que esse tal de Jupien o comanda à vontade e o faz espirrar todo o dinheiro que deseja. Prefiro mil vezes a morte a viver no terror em que vive Charlus. Em todo caso, se a família de Morel não se decide a apresentar queixa contra o barão, não quero ser acusada de cumplicidade. Se ele continuar, será por sua conta e risco, mas eu terei feito o meu dever. Que posso fazer? Isso não é brincadeira. - E já agradavelmente animada pela expectativa da conversa que o marido ia ter com o violinista, a Sra. Verdurin me disse: - Pergunte à Brichot se não sou uma amiga corajosa, e se não sei devotar-me para salvar os camaradas. - Ela se referia às circunstâncias em que o fizera brigar com a lavadeira, primeiro, em seguida com a Sra. de

Cambremer, brigas após as quais Brichot se tornara quase completamente cego e morfinômano.

- Uma amiga incomparável, perspicaz e valente - respondeu o universitário com ingênua emoção.- A Sra. Verdurin impediu-me que eu fizesse uma grande asneira - disse Brichot, depois que ela se afastou dele - Ela não vacila em cortar o mal pela raiz. É intervencionista, como diria o grande amigo Cottard. No entanto, confesso que a idéia de que o pobre ignora ainda o golpe que vai sofrer me causa uma grande pena. Ele está completamente louco pelo rapaz. Se a Sra. Verdurin conseguir o seu intento, o barão ficara muito infeliz. Além disso, não é certo que ela não fracasse. Receio que não mais que semear discórdias entre eles, que finalmente, sem separá-los, farão que rompam com ela.-

Isso ocorrera diversas vezes à Sra. Verdurin com seus fiéis. Mas era visível que, nela, a necessidade de conservar a amizade deles era cada vez mais subordinada à de que essa amizade nunca fosse posta em xeque pela qual poderiam ter uns pelos outros. O homossexualismo não lhe desagradava, que não tocasse na ortodoxia, mas, como a Igreja, ela preferia todos os sacrifícios a uma concessão quanto à ortodoxia. Comecei a temer que sua irritação a mim não se originasse do fato de ela ter sabido que eu impedira Albertine de ir à casa de tarde, e que não empreendesse junto a ela, se é que já não havia iniciado o mesmo trabalho para separá-la de mim que seu marido iria, quanto a Charlus elaborar junto ao violinista.

- Vamos, vá procurar Charlus, arranje um pretexto já é tempo - disse a Sra. Verdurin -; sobretudo dê um jeito de não o deixar sem um aviso meu. Ah, que sarau! - acrescentou ela, que assim desvende o verdadeiro motivo de sua raiva. - Ter feito executar essas obras-primas para minhas idiotas! Não digo a rainha de Nápoles, ela é inteligente, uma mulher agradável (leia-se: ela foi muito gentil comigo). Mas as outras! Ah, é de enfurecer a gente! Que quer, já não tenho mais vinte anos. Quando eu era moça, diziam-me para saber enfadar-se, eu me forçava. Mas agora! Ah, não! É mais forte que eu, já tenho idade para fazer o que bem entendo, a vida é bem curta; aborrecer-me, freqüentemente os imbecis, fingir, dar a entender que os considero inteligentes, ah não! Não! Vamos, Brichot, não há tempo a perder.

- Já vou, Madame, já vou - acabou por responder Brichot no momento em que o general Deltour se afastava. Mas primeiro o universitário me chamou à parte por um instante:

- O dever moral - disse ele – é-me claramente imperativo do que o ensinam as nossas éticas. Que os cafés e as cervejarias kantianas se conformem; o fato é que ignoramos deploravelmente a natureza do Bem. Eu mesmo, que sem qualquer presunção comentei para alunos, com toda a inocência, a filosofia do sobredito

Emmanuel Kant, não nenhuma indicação precisa para o caso de casuística mundana diante de que estou posto, nessa *Crítica da Razão Prática* onde o grande renegado do proselitismo platonizou, à maneira da Germânia, para uma Alemanha pré-histórica, áulica e sentimental, objetivando todos os fins úteis de um misticismo. É ainda *O Banquete*, mas dessa vez dado em Konigsberg, à moda de lá, indigno, temperado, com *chucrute* e sem gigolôs. É evidente, por um lado, que não, recusar à nossa excelente anfitriã o pequeno obséquio que ela me pede, em conformidade plenamente ortodoxa com a Moral tradicional. Antes de mais nada, é preciso evitar, pois não são muitas as que nos façam dizer mais tolices, que nos logrem com palavras. Mas enfim, não hesitemos em confessar que, se as mães de família tivessem direito a voto, o barão corria o risco de ser lamentavelmente vetado como professor de virtude. Infelizmente, é com o temperamento de um libertino que ele segue sua vocação de pedagogo; repare que não estou falando mal do barão; este homem gentil, que sabe como ninguém trinchar um assado, possui, juntamente com o gênio do anátema, tesouros de bondade. Pode ser divertido como um palhaço de categoria, ao passo que com determinado confrade meu, acadêmico, eu me aborreço, como diria Xenofonte, a cem *dracmas* a hora. Porém receio que ele não esteja gastando com Morel um pouco mais do que recomenda a sã moral, e, sem saber até que ponto o jovem penitente se mostra dócil ou rebelde aos exercícios especiais que seu catequista lhe impõe em matéria de mortificação, não é preciso ser um grande erudito para ter certeza de que pecaríamos, como diz o outro, por mansuetude para com esse rosa-cruz, que nos parece vir de Petrônio depois de ter passado por Saint-Simon, se lhe concedêssemos de olhos fechados, em boa e devida forma, licença de satanizar. E no entanto, ocupando esse homem enquanto a Sra. Verdurin, para o bem do pecador e muito justamente tentada por essa cura, vai ao falar sem rodeios ao jovem estouvado privar esse velho de tudo o que ele ama, dar-lhe talvez um golpe fatal, não posso dizer que fui solícito, parece-me que o estou atraindo para uma cilada, e vacilo como diante de uma forma de indignidade. - Dito isto, não vacilou em cometê-la e, pegando-me do braço:

- Vamos, barão, e se fôssemos fumar um cigarro? Este rapaz ainda não conhece todas as maravilhas da casa. - Desculpei-me, dizendo que era obrigado a ir embora. - Espere ainda um pouco -disse Brichot. -Você sabe que tem de me levar de volta e não esqueço a sua promessa. - Não quer mesmo que lhe mande mostrar a prataria?

- Nada seria mais simples - me disse o Sr. de Charlus. - Como você me prometeu, não diga palavra alguma acerca da condecoração à Morel. Pretendo fazer a surpresa de dizer-lhe daqui a pouco, quando estivermos de partida. Embora lhe diga que isso não é importante para um artista, mas que seu tio o deseja (enrubesci, pois, pelo meu avô, os Verdurin sabiam quem era o tio de

Morel). Então, não quer mesmo que lhe mande mostrar as peças mais bonitas? - indagou o Sr. de Charlus. - Contudo, já as conhece, viu-as dezenas de vezes na Raspeliere. - Não tive coragem de lhe dizer que o que poderia me interessar não eram os medíocres talheres de uma prataria burguesa, ainda a mais rica, mas algum espécime, mesmo que fosse apenas uma bela gravura, da Sra. Du Barry. Estava em demasia preocupado, e sempre como não estaria depois daquela revelação sobre a vinda da Srta. Vinteuil? -, em sociedade, muito distraído e agitado para deter minha atenção sobre objetos mais ou menos bonitos. Minha atenção só poderia fixar-se diante do apelo de alguma realidade que se dirigisse à minha imaginação, como o teria podido fazer, naquela noite, uma visita de Veneza em que eu tanto havia pensado de tarde, ou algum elemento comum à diversas aparências e mais verdadeiro que elas, que por si mesmo despertava em mim um espírito interior e habitualmente sonolento, mas subida à superfície da minha consciência dava-me uma grande alegria. Ora, quando saísse do salão, chamado sala de teatro, e atravessasse os outros salões, Brichot e o Sr. de Charlus, deparei-me com certos móveis, no meio de outros, como vira em La Raspeliere e aos quais não prestara atenção alguma, e percebi entre a casa e o castelo um certo ar de família, uma identidade permanente, e compreendi Brichot quando ele me disse sorrindo:

- Escute, veja este fundo de salão, isto ao menos pode a rigor lhe dar a idéia da rua Montalivet, há vinte e cinco *a grande mortalis aevi spatium*[58].

Ao seu sorriso, dedicado ao salão defunto que estava revivendo, compreendi o que Brichot, talvez sem o perceber, preferia o antigo salão; mais do que os janelões, mais do que a alegre juventude dos donos da casa e de seus fiéis, era essa parte irreal (que eu mesmo deduzia de algumas semelhanças entre La Raspeliere e o cais Conti) da qual num salão, como em todas as coisas, a parte externa atual, que todos podem verificar, não passa do prolongamento, era aquela parte que se tornou puramente moral, de um colorido que existia para o meu velho interlocutor, e que ele não podia fazer que eu visse; a parte que se destacou do mundo exterior para se refugiar na nossa alma, a quem confere uma mais-valia, onde ela se assimilou à sua substância habitual, transmudando-se ali: casas destruídas, pessoas de outrora, compoteiras de frutas das ceias de que nos lembramos - nesse translúcido alabastro de nossas lembranças, do qual somos incapazes de mostrar a cor que somente nós é que vemos que nos permite dizer veridicamente aos outros, quanto à essas coisas passadas eles não podem fazer idéia daquilo, que elas não se assemelham em nada ao que viram, e que não podemos considerá-las em nós mesmos sem uma certeza; imaginando que é da existência do nosso pensamento que depende a sobrevivência delas por algum tempo, o reflexo das lâmpadas que se apagaram e o aroma das alamedas ensombradas de árvores que não mais hão de florescer. E sem dúvida, por esse

motivo, o salão da rua Montalivet desmerecia, para Brichot, a casa dos Verdurin. Mas, por outro lado, acrescentava à esta, para os olhos do professor uma beleza que ela não podia ter para as amizades recentes. Alguns dos móveis que tinham sido recolocados aqui, na mesma disposição às vezes, que eu próprio já reconhecia da Raspeliere, integravam no salão atual do antigo, que, por momentos, evocavam-no até à alucinação e a seguir pareciam quase irreais por evocar, no seio da realidade ambiente, fragmentos de um mundo destruído que pensávamos ver alhures. Um canapé surgido do sonho por entre as poltronas novas e bem reais, cadeirinhas revestidas de seda rósea, um tecido de brocado para mesa de jogo, elevado à dignidade de pessoa, desde que, feito uma pessoa, tinha um passado e uma memória, conservando na sombra fria do salão do cais Conti o halo de ensolaramento pelas janelas da rua Montalivet (do qual conhecia tão bem a hora como a própria Sra. Verdurin) e pelos vãos das portas envidraçadas de Douville, aonde o tinham levado e onde ele contemplava o dia inteiro, para além do jardim florido, o vale profundo de ***, esperando a hora em que Cottard e o violinista jogariam a sua partida; um ramalhete de violetas e amores-perfeitos, pastel presenteado por um grande artista, já falecido, único fragmento sobrevivido de uma vida que desapareceu sem deixar traços, resumindo um grande talento e uma longa amizade. Relembrando seu olhar atento e suave, sua bela mão gorda e triste enquanto pintava; alegre e desordenado estorvo dos presentes de fiéis, que por toda parte acompanharam a dona da casa e acabaram por assumir o cunho e a fixidez de um traço de caráter, de uma linha do destino; profusão de buquês de flores, de caixas de chocolate que sistematizava, aqui como lá, o seu desabrochar seguindo um modo idêntico de floração: curiosa interpolação de objetos singulares e supérfluos que ainda parecem estar saindo da caixa em que foram oferecidos e que permanecem a vida inteira o que foram no começo, presentes de Ano-Novo; todos esses objetos que não saberíamos isolar dos outros, mas que para Brichot, velho freqüentador das festas dos Verdurin, possuíam aquela pátina, aquele tom aveludado das coisas às quais, dando-lhes uma espécie de profundidade, vem ajuntar-se o seu "duplo" espiritual; tudo isso, disseminado, fazia cantar diante dele, como outras tantas teclas sonoras que despertavam em seu coração semelhanças amadas, reminiscências confusas e que, como no salão inteiramente atual que elas marchetavam aqui e ali, recortavam, delimitavam, como faz num lindo dia um quadro de sol seccionando a atmosfera, os móveis e os tapetes; e, prosseguindo de uma almofada a um jarro, de um tamborete ao relento de um perfume, de um modo de iluminação a uma predominância de cores, esculpiam, evocavam, espiritualizavam, faziam viver uma forma que era como a figura ideal, imanente a seus vários domicílios, do salão dos Verdurin.

- Vamos tentar - disse-me Brichot ao ouvido - levar o barão a conversar sobre seu assunto predileto. Nisso ele é prodigioso. -

Por um lado, eu desejava tentar obter do Sr. de Charlus as informações relativas à vinda da Srta. Vinteuil e de sua amiga, informações pelas quais decidira-me a abandonar Albertine. Por outro lado, não queria deixar Albertine sozinha por muito tempo, não que ela pudesse (na incerteza do instante do meu regresso e, além do mais, a uma hora em que, se recebesse uma visita ou se saísse, daria muito na vista) fazer mau uso da minha ausência, mas para que não a achasse prolongada demais. Assim, disse a Brichot e ao Sr. de Charlus que só ia com eles por pouco tempo.

- Venha assim mesmo - disse o barão, cuja excitação mundana principiava a decair, mas que sentia a necessidade de prolongar, de fazer durarem as conversas, coisa que eu já havia notado na casa da duquesa de Guermantes tanto como na sua, e que, muito própria daquela família, estende-se mais geralmente a todos os que, não oferecendo à sua inteligência outra realização do que a conversa, quer dizer, uma realização imperfeita, permanecem insatisfeitos mesmo depois das horas passadas em conjunto e se agarram cada vez mais avidamente ao interlocutor esgotado, do qual exigem, erradamente, uma saciedade que os prazeres sociais são impotentes de fornecer.

- Venha - continuou este - é mesmo o momento agradável das festas, o momento em que todos os convidados já saíram, a hora de Dona Sol; esperemos que esta acabe de modo menos triste. Infelizmente você está com pressa, com pressa provavelmente para fazer coisas que faria melhor se não fizesse. Todo mundo sempre está apressado, e sai no momento em que deveria chegar. Estamos aqui como os filósofos de Couture, seria este o momento de recapitular o sarau, de fazer o que se chama, em estilo militar, a crítica das operações. Pedir-se-ia à Sra. Verdurin que nos mandasse trazer uma ceiazinha a que teríamos o cuidado de não convidá-la e pediríamos a Charlie - sempre Hernani - que tocasse de novo, só para nós, o sublime adágio. É excelente, esse adágio! Mas onde está o jovem violinista? Eu queria felicitá-lo, é o momento dos carinhos e abraços. Confesse, Brichot, que eles tocaram como deuses, especialmente Morel. Repararam na ocasião em que a mecha de cabelos cai? Ah, então, meu caro, você não viu nada. Tivemos um fá sustenido de fazer morrer de inveja Enesco, Capet e Thibaud; apesar de toda a minha calma, confesso que diante daquela sonoridade, sentia o coração de tal modo apertado que me custava conter os soluços. A sala arquejava; Brichot, meu caro! - exclamou o barão, sacudindo violentamente o universitário pelo braço era sublime. Somente o jovem Charlie mantinha uma imobilidade de pedra, não o viam sequer respirar. Dava a impressão de ser como essas coisas do mundo inanimado de que fala Theodore Rousseau, que fazem pensar mas não pensam. E então, de repente gritou o Sr. de Charlus com ênfase e imitando um lance teatral - então... a Mecha! Enquanto isso, pequena contradança graciosa do *allegro vivace*. Sabe, aquela mecha foi o

sinal da revelação, mesmo para os mais tapados. A princesa de Taormina, até então surda, pois não há pior surdo que aquele que tem orelhas para não ouvir, a princesa de Taormina, diante da evidência da mecha miraculosa, compreendeu que se tratava de música e que não se jogaria pôquer. Ah! Foi um momento bem solene{59}!

- Perdoe-me, senhor, por interrompê-lo - disse eu ao Sr. de Charlus para conduzi-lo ao assunto que me interessava-, o senhor me dizia que a filha do autor devia comparecer. Isto muito me interessaria. Tem certeza de que contavam com ela?

- Ah, não sei. -

Assim, o Sr. de Charlus obedecia, talvez sem o querer, àquela senha universal de não fornecer informações aos ciumentos, seja para se mostrar absurdamente "camarada" por questão de honra, mesmo que a detestasse, em relação à pessoa que é objeto do ciúme, seja por maldade para com ela, prevendo que o ciúme não faria mais que redobrar o amor; seja pela necessidade de ser desagradável aos outros, que consiste em dizer a verdade à maioria dos homens mas escondê-la aos ciumentos, visto que a ignorância lhes aumenta o sofrer, pelo menos é o que se imagina; e para magoar os outros, guiamo-nos pelo que nós mesmos pensamos, talvez erradamente, ser mais doloroso.

- Você sabe - continuou ele -, isto aqui é um tanto a casa dos exageros, são pessoas encantadoras, mas enfim gostam muito de anunciar celebridades de um ou outro gênero. Mas parece que você não está passando bem e vai pegar um resfriado nesta peça tão úmida - disse ele, empurrando uma cadeira para junto de mim. - Já que está doente, é preciso tomar cuidado, vou buscar seu agasalho. Não, não vá você mesmo, seria perigoso, vai se resfriar. É assim que se fazem imprudências, afinal você não é nenhuma criança, será que precisaria de uma velha ama como eu para cuidar de você?

- Não se incomode, barão, eu vou - disse Brichot, que se afastou logo. Não se dando talvez bem conta da amizade muito verdadeira que o Sr. de Charlus sentia por mim e das remissões encantadoras de simplicidade e devotamento que comportavam suas crises delirantes de grandeza e perseguição, havia receado que o barão, que a Sra. Verdurin confiara à sua vigilância como um prisioneiro, estivesse procurando, a pretexto de ir buscar meu sobretudo, juntar-se à Morel e, assim, fazer fracassar o plano da Patroa.

Nesse meio tempo Ski sentara-se ao piano, sem que ninguém lhe pedisse, e, compondo com um franzir risonho de sobrancelhas, um olhar distante e um leve esgar da boca o que julgava ser um ar de artista, insistia com Morel para que tocasse alguma coisa de Bizet.

- Como, não gosta daquele lado garoto da música de Bizet? Mas meu caro - disse

ele carregando os *rr* à sua maneira particular -, é encantador. -

Morel, que não apreciava Bizet, declarou-o com exagero, e Ski (que passava por espirituoso no pequeno clã, o que era verdadeiramente inacreditável), fingindo tomar as diatribes do violinista por paradoxos, pôs-se a rir. Seu riso não era, como o do Sr. Verdurin, a sufocação de um fumante. Primeiro, Ski assumiu um ar finório; depois deixava escapar, como que sem querer, um único som de riso, como um primeiro toque de sinos, seguido de um silêncio em que o olhar sabido parecia examinar, com conhecimento de causa, a graça do que fora dito; depois vinha um novo toque de sinos e em breve era tudo um risonho *ângelus*.

Externei ao Sr. de Charlus a pena de que o Sr. Brichot se incomodasse por minha causa.

- Nada disso, ele está bem contente, gosta muito de você, todo mundo gosta. Diziam outro dia: mas a gente não o vê mais, ele se isola! Aliás o Brichot é uma ótima pessoa - continuou o Sr. de Charlus, com ar atarefado: - Siga-me, barão, encontrará seu lugar e depois, sem mais ocupar dele, para fazer a sua entrada, alegremente avançava sozinho pelo corredor. De cada lado cumprimentava-o uma dupla fila de professores; Brichot, desejoso não parecer posudo para aqueles rapazes a cujos olhos sabia que era um grau pontífice, dirigia-lhes mil piscadelas, mil inclinações de cabeça, sinais aos quais o seu cuidado de permanecer marcial e bom francês, dava o ar de espécie de encorajamento cordial de *sursum corda*{60}; de um velho soldado que - Com os diabos, saberemos combater. - Depois, estrugiam os aplausos. Por vezes, Brichot extraía dessa presença do Sr. de Charlus a oportunidade proporcionar um prazer, quase para retribuir amabilidades. Dizia a algum parente ou a algum de seus amigos burgueses:

- Se isso puder divertir sua mulher ou filha, aviso-lhe que o barão de Charlus, príncipe de Agrigento, descendente Condé, assistirá à minha aula. Para uma criança, é uma recordação a aguardar o visto um dos últimos descendentes da nossa aristocracia dotados de personalidade. Se vierem, reconhecê-lo-ão, pois estará ao lado da minha cátedra. Além disso, será o único, um homem corpulento, de cabelos brancos, bigode preto e medalha militar.

- Ah, agradeço-lhe - dizia o pai.

E, embora a mulher tivesse que fazer, para não ser indelicado com Brichot, ele a obrigava a ir àquela aula, ao passo que a filhinha, incomodada pelo calor e pela multidão, todavia de ver curiosamente com os olhos o descendente de Condé, espantando-se de que; não usasse gola pregueada e se assemelhasse aos homens dos nossos dias. No entanto, não olhava para ela, porém mais de um estudante, que não sabia de quem se tratava, admirava-se com sua amabilidade, tornava-se importante e o barão saía cheio de sonhos e melancolia.

- Perdoe-me por voltar à fala - disse eu rapidamente ao Sr. de Charlus, ao ouvir os passos de Brichot -, o senhor poderia me avisar por um telegrama, se soubesse que a Srta. Vinteuil ou sua amiga devessem vir à Paris, dizendo-me exatamente a duração de sua estadia e sem dizer a pessoa alguma que eu lhe pedi isto? -

Eu já não acreditava que ela devia vir, mas desse modo queria garantir-me para o futuro.

- Sim, farei isto. Primeiro, porque devo-lhe um grande reconhecimento. E, não aceitando outro que eu lhe propusera, o senhor, sem querer, prestou-me um imenso serviço, deu-me a minha liberdade. É certo que abdiquei dela por outra forma - acrescentou num tom melancólico onde transparecia o desejo de fazer confidências -; há nisso o que eu considero sempre o fato maior, toda uma reunião de circunstâncias que deixou de utilizar em seu proveito, talvez porque o destino lhe tenha advertido naquele preciso momento, para não contrariar o meu caminho. É sempre "O homem se agita e Deus o conduz". Quem sabe se, no dia em que saímos juntos da casa da Sra. de Villeparisis, você tivesse aceito, talvez muitas coisas que se passaram desde então não houvessem ocorrido.- Embaraçado, fiz a conversa desviar-se apoderando-me do nome da Sra. de Villeparisis, confessando a tristeza que me causara a sua morte. - Ah, sim - murmurou secamente o Sr. de Charlus com a mais insolente entonação, recebendo minhas condolências sem por um segundo parecer acreditar na sinceridade delas. Vendo que, em todo caso, o assunto Sra. de Villeparisis não lhe era doloroso, quis saber dele, tão qualificado a todos os respeitos, por que motivo a Sra. de Villeparisis fora tão rejeitada pelo mundo aristocrático. Não apenas ele não me deu a solução desse probleminha mundano, mas nem sequer pareceu conhecê-lo. Compreendi então que a posição da Sra. de Villeparisis, se mais tarde devia parecer grande à posteridade, e mesmo quando vivia a marquesa, à plebe ignorante, não parecera menor à outra extremidade da escala social, a que se ligava a Sra. de Villeparisis, aos Guermantes. Ela era tia deles, e eles valorizavam sobretudo o seu nascimento, as alianças conjugais, a importância conservada na família pela ascendência sobre esta ou aquela cunhada. Valorizavam isto menos pelo seu lado mundano que pelo lado da família. Ora, esta era mais brilhante para a Sra. de Villeparisis do que eu havia julgado. Ficara impressionado ao saber que o nome de Villeparisis era falso. Porém há outros exemplos de grandes damas que fizeram um casamento desigual e mantiveram uma situação preponderante. O Sr. de Charlus começou por me informar que a Sra. de Villeparisis era sobrinha da famosa duquesa de ***, a mais célebre mulher da alta aristocracia durante a monarquia de Julho, mas que não quisera freqüentar o Rei-Cidadão e sua família. Eu desejara tanto conhecer histórias sobre essa duquesa! E a Sra. de Villeparisis; a boa Sra. de Villeparisis, de faces que se me afiguravam faces de burguesa; a Sra. de Villeparisis que me mandava tantos

presentes e que eu facilmente poderia ter visto todos os dias; a Sra. de Villeparisis era a sua sobrinha, educada por ela, em sua casa, no palácio de ***.

- Ela perguntava ao duque de Doudeauville - disse-me o Sr. de Charlus, falando das três irmãs: - Qual das três lhe agrada mais? E, tendo Doudeauville respondido: - Sra. de Villeparisis -, a duquesa de *** retrucou: - Porco! pois a duquesa era muito espirituosa - disse o Sr. de Charlus, dando à palavra a importância e a pronúncia de costume entre os Guermantes. Aliás, eu não me espantava que ele achasse tão espirituosa a palavra, já que havia reparado em muitas outras ocasiões na tendência centrífuga, objetiva, dos homens, que os impele a abdicar, quando apreciam o espírito dos outros, das severidades que para com o próprio; e a observar, a registrar cuidadosamente o que desdenhariam criar.

- Mas o que há? É o meu sobretudo que ele está trazendo - disse vendo que Brichot se demorara tanto tempo para acabar se enganando – era preferível que eu mesmo o tivesse ido buscar. Afinal, você vai pô-lo sobre os ombros. Sabe que isso é bastante comprometedor, meu caro? É como beber no mesmo copo, saberei os seus pensamentos. Mas não, não é assim, olhe, deixe ponha em você - e, ao enfiar-me o sobretudo, assentava-o nos meus ombros; ajeitava-o no pescoço, erguia a gola e com a mão esfregava-me o queixo, desculpando-se: - Na sua idade não se sabe pôr um agasalho, é preciso mimá-lo segui a minha vocação, Brichot, nasci para babá de crianças.-

Eu queria ir embora mas, tendo o Sr. de Charlus manifestado a intenção de ir procurar Morel, Brichot nos reteve a ambos. Além disso, a certeza de que em casa reencontraria Albertine; certeza igual à da tarde, quando sabia que Albertine voltaria do Trocadero. Naquele momento tão pouca impaciência de vê-la como tivera nesse mesmo, enquanto estava sentado ao piano, depois que Françoise me telefonara. E foi tranqüilidade que me permitiu, cada vez que, no decurso daquela conversa, desejei levantar-me, obedecer à injunção de Brichot, que temia que minha saída impedisse Charlus de ficar até o momento em que a Sra. Verdurin viesse.

- Olhe - disse ele ao barão-, fique um pouco em nossa companhia, em breve poderá lhe dar a *accolade* - acrescentou Brichot fixando em mim o seu olho morto, ao qual as numerosas operações que sofrera tinham feito recobrar um pouco de vida, mas que, no entanto, já não possuía a mobilidade necessária, à pressão oblíqua da malignidade.

- A *accolade*, como é tolo! - exclamou o barão num tom agudo e deliciado. - Meu caro, ele se julga estar sempre numa direção de prêmios, sonha com seus alunozinhos. Pergunto-me se não dorme com eles.

- Você deseja ver a Srta. Vinteuil - disse-me Brichot, que ouvira o final da

conversa. - Prometo-lhe que o avisarei se ela vier, saberei pela Sra. Verdurin - ele sem dúvida previa que o barão estava na iminência de ser excluído do pequeno clã.

- Pois bem, acha que está em melhores relações do que eu com a Sra. Verdurin - disse o Sr. de Charlus - para ser informado sobre a vinda dessas pessoas de terrível fama? Você sabe que é coisa super conhecida. A Sra. Verdurin errou em deixar que elas viessem, é gente que só se admite em ambientes suspeitos. Elas são de toda uma turma horrível, que deve reunir-se em lugares pavorosos. -

A cada uma dessas palavras meu sofrimento se acrescia de um sofrimento novo, mudando de forma. De súbito, lembrando-me de certos movimentos de impaciência de Albertine, que de resto ela reprimia logo, tive medo de que formasse o projeto de me deixar. Tal suspeita me tornava mais necessário fazer durar nossa vida em comum; chegar uma época em que eu tivesse recobrado o meu sossego. E para Albertine, se é que ela a possuía, a idéia de antecipar-se ao meu projeto de rompimento, para lhe fazer parecer mais leve os seus grilhões; até o momento em pudesse provocar o rompimento sem mágoas, o mais hábil (talvez eu contagiado pela presença do Sr. de Charlus, pela inconsciente lembrança das comédias que ele gostava de interpretar), o mais hábil pareceu-me fazer Albertine acreditar que eu próprio tinha intenção de deixá-la e, tão logo voltasse para casa, ia simular despedidas, fingir um rompimento.

- É claro que não me julgo em melhores relações que o senhor com a Sra. Verdurin - declarou Brichot acentuando as palavras, pois receava ter despertado as suspeitas do barão. E, como visse que eu queria despedir-me, desejando me reter com a isca do divertimento prometido: - Há uma coisa em que o barão parece não ter pensado quando fala da reputação dessas duas senhoras, é que uma reputação pode ser ao mesmo tempo péssima e imerecida. Assim, por exemplo, na série mais notória, que eu chamarei paralela, é certo que os erros judiciários são numerosos e que a História registrou sentenças de condenação por sodomia que desonraram homens ilustres inteiramente inocentes. A recente descoberta de um grande amor de Michelangelo por uma mulher é um fato novo que merecia ao amigo de Leão X o benefício de uma instância de revisão póstuma. O caso Michelangelo parece-me perfeitamente indicado para apaixonar os esnobes e mobilizar *La Vilette*, quando outro caso que conheço, em que a anarquia foi bem recebida e tornou-se o pecado da moda de nossos bons diletantes, mas cujo nome não é permitido pronunciar por temor a provocar brigas, estiver enfim enterrado. -

Desde que Brichot começara a falar das reputações masculinas, o Sr. de Charlus havia traído em todo o rosto o gênero especial de impaciência que se nota num perito médico ou militar quando pessoas da sociedade, que não conhecem nada, metem-se a dizer tolices sobre pontos de terapêutica ou de estratégia.

- Não sabe coisa nenhuma do que está falando - acabou ele por dizer a Brichot. - Cite-me uma só reputação imerecida. Diga os nomes. Sim, eu conheço tudo - retrucou violentamente o Sr. de Charlus a uma tímida interrupção de Brichot-, as pessoas que fizeram isso outrora por curiosidade, ou por afeição única por um amigo morto, e aquele que, receando ter-se adiantado demais, se lhe falam da beleza de um homem, responde que isso para ele é chinês, que já não sabe distinguir um homem bonito de um feio, assim como entre dois motores de automóvel, visto que a mecânica não é o seu forte. Tudo isso não passa de mentiras. Meu Deus, veja bem; não quero dizer que uma reputação má (ou o que se convencionou chamar assim) e injustificada seja algo absolutamente impossível. É de tal modo excepcional, de tal modo rara, que praticamente não existe. Todavia, eu, que sou um curioso, um bisbilhoteiro, cheguei a saber da existência de casos assim, e que não eram mitos. Sim, no decurso da minha vida tenho constatado (constatado cientificamente, pois não me contento com palavras) duas reputações imerecidas. De hábito, elas se estabelecem graças a uma semelhança de nomes ou, então, de acordo com certos sinais exteriores, o excesso de anéis por exemplo, que as pessoas incompetentes julgam ser características daquilo que está dizendo, assim como acreditam que um camponês não diz duas palavras sem acrescentar *jamig* ou em inglês, *goddam*. Faz parte da convenção para o teatro dos bulevares: entre os invertidos.

Sr. de Charlus me impressionou bastante ao citar, “amigo da atriz" que eu vira em Balbec e que era o chefe da pequena sociedade de quatro amigos.

- Mas então essa atriz? - Ela lhe serve de biombo, e aliás eles têm relações sexuais com ela, mais talvez do que com os homens, com quem não se relaciona quase. - E tem relações com os outros três? - De jeito nenhum! Amigos mas não para isso! Dois deles só querem saber de mulheres. Um é invertido, do caso eles se ocultam. Mas não é certo que seu amigo o seja, e em que os deixará assombrados é que essas reputações injustificadas outras mais sólidas aos olhos do público. Você mesmo, Brichot, que põe a mão a virtude desse ou daquele homem que vem aqui e que as pessoas bem informam que conhecem como o lobo com pele de carneiro, você, como todo mundo, deve ditar no que dizem de certo homem em evidência, quando a verdade é que, se lhes pudessem diriam que jamais pecou por apenas dois tostões. Digo dois tostões porque, na mão vinte e cinco luíses, veríamos o número de santinhos diminuir até mesmo a taxa dos santos, se você vê santidade nisso costuma em regra como por três ou quatro em dez.

Se Brichot havia transposto para o sexo masculino a questão das más reputações, de minha parte, inversamente, era ao sexo feminino as palavras do Sr. de Charlus. Eu pensando em Albertine que relacionava as partes, estava impressionado com a sua estatística, mesmo levando em conta que ele devia

impor, ou gerar as cifras ao sabor do que desejava, e também conforme os relatos de maldizentes, talvez mentirosas, em todo caso enganadas pelo próprio desejo; os cálculos do Sr. de Charlus, falseava sem dúvida.

- Três em dez! - exclamou Brichot. - Invertendo a proporção, eu ainda podia multiplicar por cem o número de culpados. Se isto é o que o senhor diz, barão - não está enganado, então confessemos que o senhor é um desses raros videntes de uma verdade que fez, assim que ninguém desconfiava em torno deles. Assim foi sobre a corrupção parlamentar, descobertas que foram comprovadas as pessoas; como a existência do planeta de Leverrier. A Sra. Verdurin citaria certos homens que acho melhor não nomear e que descobriram no Serviço de Informações do Estado-Maior atividades, inspiradas, segundo creio, por um patético que afinal eu não imaginava! Três em dez! - repetiu Brichot estupefato.-

Convém dizer que o Sr. de Charlus considerava os invertidos a maior parte de seus contemporâneos, excetuando contudo os homens com quem tivera relações e cujo caso, por pouco que a elas se mesclasse um tanto de romanesco, parecia-lhe mais complexo. É assim que certos homens devassos, não acreditando na honra das mulheres, só atribuem alguma virtude àquela que foi sua amante e a respeito de quem protestam sinceramente e com ar misterioso:

- Mas não, o senhor está enganado, ela não é uma mulher à-toa. - Essa inesperada estima lhes é ditada em parte pelo amor-próprio, porque é mais lisonjeiro que tais favores tenham sido reservados exclusivamente para eles, em parte por sua ingenuidade, que aceita facilmente tudo o que sua amante quis impingir-lhes, e em parte por aquele sentimento da vida que faz com que, desde que nos aproximamos das criaturas, das existências, as etiquetas e compartimentos previamente preparados pareçam simples demais. -Três em dez! Tome cuidado, barão; menos feliz que esses historiadores que o futuro há de ratificar, se o senhor quiser apresentar à posteridade o quadro que está pintando, ela poderá achar ruim o negócio. Ela só julga baseada em documentos e desejaria tomar conhecimento do seu *dossiê*. Ora, se nenhum documento vier autenticar esse gênero de fenômenos coletivos, já que as únicas pessoas informadas a respeito têm grande interesse em mantê-los na sombra, haveria muita indignação entre as almas caridosas, e o senhor passaria simplesmente por um caluniador ou um louco. Depois de ter obtido o máximo e o principado, no concurso de elegância deste mundo, o senhor conheceria as tristezas de uma rejeição póstuma. Não vale a pena, como diz, Deus me perdoe, o nosso Bossuet.

- Não trabalho para a História - respondeu o Sr. de Charlus-, basta-me a vida, ela é muito interessante, como dizia o pobre Swann.

- Como? O senhor conheceu Swann, barão? Não sabia. Ele também era dado a

esses vícios? -indagou Brichot com ar inquieto.

- Que grosseirão que você é! Então acha que só conheço pessoas assim? Não, não creio - disse Charlus de olhos baixos e procurando pesar os prós e os contras. E, pensando que, visto que se tratava de Swann, cujas tendências tão contrárias sempre foram muito conhecidas, uma meia confissão só podia ser inofensiva para aquele a quem ela visava e lisonjeira para quem a deixava escapar numa insinuação:-Não digo que outrora no colégio, uma vez casualmente - disse o barão, como que involuntariamente e como se estivesse pensando em voz alta, e logo se corrigindo: - Mas isto já faz duzentos anos, como quer que me lembre? O senhor me aborrece - concluiu, rindo.

- Em todo caso, ele não era lá muito bonito - disse Brichot, que, sendo horroroso, achava-se razoável e sem dificuldade julgava os outros feios.

- Cale-se disse o barão -, não sabe o que está dizendo; naquele tempo Swann tinha uma pele de pêssego - e acrescentou, pronunciando cada sílaba num tom diverso - era belo como os amores. Aliás, sempre se manteve tentador. Foi amado loucamente pelas mulheres.

- Mas o senhor conheceu a mulher dele?

- Ora se não! Foi por meu intermédio que ele a conheceu. Achei-a encantadora em seu meio travesti, numa noite em que representava o papel de *Miss Sacripanta* eu estava com alguns companheiros de clube, tínhamos voltado para casa com uma mulher, e, conquanto eu só tivesse vontade do que as más línguas afirmaram, pois é terrível como o mundo é maldoso, com Odette. Apenas, ela se aproveitou disso para vir me aborrecer, e eu tive de livrar dessa amolação apresentando-a à Swann. A partir desse dia ela não mais veio me importunar, pois não sabia uma só palavra de ortografia, e era eu encarregado de passear com que escrevia as cartas dela. E depois, eu é que fui encarregado o que significa ter uma boa reputação. De resto, só está, meu menino, pela metade. Ela me obrigava a arrumar tremendas farras com cinco ou seis pessoas. - E os amantes que Odette havia tido sucessivamente -andara encoberto pelo pobre Swann - e nenhum desses casos foi descoberto. Depois com aquele, cego pelo ciúme e pelo amor, computando as probabilidades e acreditando nas afirmativas do que uma contradição que escapa à culpada, contra juras, bem mais difícil de perceber e no entanto bem mais significativa, e da qual o poder prevalecer-se, mais logicamente, do que de informações que pretende ter obtido, para inquietar a sua amante; esses amantes; falsamente, se o Sr. de Charlus enumera-los com tamanha certeza como se recitasse a lista dos contemporâneos perto do ciumento está, como os reis da França. E, de fato, ele não sabe nada, e é para os estranhos que a crônica dos adultérios passa à decisão da História e se alonga em listas, aliás indiferentes, tristes para um outro ciumento, como eu era, que não

pode evitar comparar; e não existe uma lista tão real de que ouve falar e que se pergunta

caso àquele, quanto aquela para a mulher de quem duvida. Mas ele não pode saber nada; uma brincadeira cruel de que isso, é como que uma conspiração universal, isso, enquanto sua amiga passa de um para outro, em que consiste, os olhos do iludido com uma venda que ele se esforça permanentemente os bons resultados para arrancar sem consegui-lo, pois todos mantêm cego o infeliz. Prazer das pessoas de mau; as criaturas grosseiras, pelo preço dos maus por malvadez, os bem-educados por polidez e boa educação, e todos por uma dessas como soube que o senhor requer que se denominam princípios.

- Odette quando ela não queria ver Charles. Isso me aborrecia tanto ainda mais que eu tenho um parente próximo chamado Crécy, sem ter naturalmente direito a isso, mas a quem afinal a coisa não agradava. Pois ela se fazia chamar Odette de Crécy, e o podia perfeitamente, estando apenas separada de um Crécy de quem era a mulher, este bem autêntico, um cavalheiro muito distinto a quem ela arruinara até o último centavo. Mas para que me fazer falar desse Crécy, eu o vi conversando com ele no trenzinho de Balbec, e lá você lhe oferecia jantares. O pobre andava precisado disso: vivia de uma pensãozinha que lhe dava Swann e imagino que desde a morte do meu amigo ela não lhe tenha mais sido paga. O que não entendo - disse-me o Sr. de Charlus - é que você, que tantas vezes esteve na casa de Charles, não tenha querido há pouco que eu o apresentasse à rainha de Nápoles. Em suma, vejo que você não se interessa pelas pessoas como curiosidades, e isto sempre me surpreende da parte de alguém que conheceu Swann, em quem esse tipo de interesse era tão aprofundado que não se pode dizer qual de nós iniciou o outro no assunto. Surpreende-me tanto como ver alguém que conheceu Whistler e não sabe o que é bom gosto. Mas era principalmente a Morel que importava conhecê-la. Ele o desejava, aliás, de todo o coração, pois Morel é o que há de mais inteligente. É uma pena que ela tenha ido embora. Mas, enfim, hei de promover o encontro dos dois um dia desses. É indispensável que ele a conheça. O único obstáculo possível seria ela morrer amanhã. Ora, é de esperar que ela não chegue a tanto. -

De súbito, como ficara paralisado pela proporção de "três em dez" que lhe revelara o Sr. de Charlus, Brichot, que não deixara de insistir na sua idéia, com uma rudeza que lembrava a de um juiz que quer obrigar um acusado à confissão, mas que na realidade era o resultado do desejo que tinha o professor de parecer perspicaz, e da perturbação que sentia ao lançar uma acusação tão grave:

- Será que Ski é desse tipo?-perguntou ao Sr. de Charlus com ar sombrio. Para fazer admirar seus pretensos dotes de intuição, havia escolhido Ski, pessoa que lhe parecia um tanto esquisita, sofria de insônia, perfumava-se, enfim, estava fora do normal.

- De jeito nenhum - gritou o barão com amarga ironia, dogmática e exasperada. - O que você diz é tão falso, tão absurdo e despropositado! Ski é justamente isso para as pessoas que não entendem do assunto. Se o fosse, não pareceria tanto sê-lo, digo-o sem qualquer intenção de crítica, pois ele possui um certo encanto, e eu acho-lhe até algo de muito cativante. -

- Vivas, diga então alguns nomes - insistiu Brichot.

O Sr. de Charlus empertigou-se e respondeu com ar arrogante:

- Ah, meu caro, por mim, você sabe; vivo no abstrato, tudo isso me interessa apenas de um ponto de vista transcendental -,demonstrando a suscetibilidade desconfiada, própria dos de sua laia, e a afetação de grandiloqüência que caracterizava a sua conversa. - Para mim, você compreende,existem só as generalidades que me interessam, eu lhe falo disso como da lei da faravidade.

Naqueles momentos de reação irritada, em que o barão cuidava de admirar sua vida eram bem poucos diante das horas de progressão contínua em que a deixava adivinhar-se, e exibia com uma complacência irritada; visto que nele a necessidade de confidência era mais forte que o receio da divulgação.

- O que eu queria dizer – continuou - é que, para uma má reputação injustificada existem centenas de boas reputações que não são menos imerecidas. Evidentemente, o número dos que não as merecem varia segundo você se baseie nas palavras dos que são como eles ou nas de outros. E é certo que, se a maldade destes últimos está limitada pela excessiva dificuldade, que teriam em acreditar num vício tão horrível para eles, quanto o roubo ou o assassinato praticado por pessoas de quem conhecem a delicadeza e o bom coração, a maldade dos primeiros é exageradamente estimulada pelo desejo de acreditar serem, como direi - acessíveis, pessoas que lhes agradam, por informações que lhes deram os outros enganados por igual desejo. Enfim devido à distância em que geralmente são mantidos. Já vi um homem, bem malvisto por causa desse vício, dizer que supunha que certo homem da sociedade também era viciado. E o único motivo de sua desconfiança era o fato de que esse homem fora gentil com ele! São outras tantas razões otimistas - disse ingenuamente o barão no cálculo da quantidade. Mas o verdadeiro motivo da enorme diferença entre o número calculado pelos profanos e calculado pelos iniciados provém do mistério de que estes envolvem seus atos a fim de escondê-los dos outros, que, desprovidos de quaisquer meios de informação, ficariam literalmente estupefatos se soubessem apenas um quarto da ver dade.

-Então, na nossa época, é como no tempo dos gregos - disse Brichot.

- Mas como no tempo dos gregos? Acha que isso não continuou desde então? Olhe, no reinado de Luís XIV, havia Monsieur, o pequeno Vermandois, Moliere, o príncipe Louis Baden, Brunswick, Charolais, Boufflers, o grande Condé, o duque

de Brisse -

- Espere um momento, eu sabia de Monsieur, sabia de Brissac por Saint-Simon! Vendôme naturalmente e aliás de muitos outros, mas essa velha peste de Sau Simon fala muitas vezes do Grande Condé e do príncipe Louis de Baden e jamais faz menção ao fato.

- É mesmo deplorável que eu tenha de ensinar História à um professor da Sorbonne. Mas, meu caro mestre, você é ignorante como uma tora.

- O senhor é duro, barão, mas justo. E olhe, vou lhe dar um prazer. Estava lembrando agora de uma canção da época, que fizeram em latim *macarri* sobre certa tempestade que surpreendeu o Grande Condé enquanto descia o *R* em companhia de seu amigo, o marquês de La Moussaye. Condé diz:

> *Carus Amicus Mussaeus,*
> *Ah! Deus bonus! quod tempos! Landerirette,*
> *Imbre Sumus perituri.*

E La Moussaye o tranqüiliza, respondendo:

> *Securae Bunt nostrae vitae, Sumus enfim Sodomitae, igne tantum perituri, Landeriri.*{61}

- Retiro o que disse - observou Charlus com voz aguda e afetada-, você é um poço de ciência; vai escrever isso para mim, não é? Desejo guardar essa canção nos meus arquivos de família, pois minha bisavó em terceiro grau era irmã do Senhor príncipe.

- Sim, mas, barão, acerca do príncipe Louis de Baden não li nada. De resto, creio que em geral a arte militar...

- Que bobagem! Naquele tempo, Vendôme, Villars, o príncipe Eugênio, o príncipe de Conti, e se lhe citasse todos os heróis de Tonquim, do Marrocos; mas falo apenas dos verdadeiramente sublimes e piedosos e "nova geração" -, eu o deixaria muito espantado. Ah, eu teria muito que ensinar às pessoas que fazem pesquisas sobre a nova geração que rejeitou as vãs complicações de seus antepassados, diz o Sr. Bourget! Tenho um amiguinho nessa geração, de que falam muito, que realizou coisas admiráveis; mas enfim, não quero ser maldoso, voltemos ao século XVII; sabe que Saint-Simon diz do marechal d'Huxelles - entre muitos outros: "... voluptuoso em devassidões gregas que não cuidava de esconder, atraía jovens oficiais a quem submetia, além de jovens criados de

muito boa aparência, e isto sem disfarce, no exército e em Estrasburgo." Você provavelmente leu as cartas de Madame, só o chamavam de Putana. Ela fala disso bem claramente. - E tinha no marido uma boa fonte de informações. - Que personagem interessante era Madame - disse o Sr. de Charlus. - Poderia servir de modelo para uma síntese lírica da "Mulher de um Veado". Em primeiro lugar, era machona; geralmente a mulher de um Veado é um homem, é o que lhes torna tão fácil fazer filhos. Além disso, Madame não fala dos vícios de Monsieur, mas alude sem cessar a esse mesmo vício nos outros, como pessoa informada e por esse hábito que temos de gostar de encontrar nas famílias dos outros as mesmas taras - que sofremos na nossa, para provar a nós próprios que isso nada tem de excepcional ou desonroso. Eu lhe dizia que isto foi sempre assim. Entretanto, o nosso povo distingue-se particularmente sob tal aspecto. E, apesar dos exemplos que tirei do século XVII, se o meu grande antepassado François de La Rochefoucauld vivesse atualmente, poderia dizer deste século, e com maior razão ainda; vamos, Brichot, ajude-me: "Os vícios são de todos os tempos; mas, se certas famas que todo mundo conhece tivessem vivido nos primeiros séculos, será que hoje se falaria das prostituições de Heliogábalo?" Este que todo mundo comenta, agrada muito. Vejo que o meu sagaz parente conhecia "os podres" de seus célebres contemporâneos, assim como eu conheço os dos meus. Mas homem dessa espécie, não só aumentaram em número hoje, como também possuem de particular. -

Vi que o Sr. de Charlus ia nos dizer de que maneira esse gênero de costumes havia evoluído. E nem por um instante, enquanto ele falava, ou enquanto Brichot falava, a imagem mais ou menos consciente da minha casa, onde esperava Albertine, esteve, associada ao motivo meigo e íntimo de Vinteuil, ai de mim. Eu retornava sem cessar à Albertine, assim como seria preciso voltar para junto dela dali a pouco, feito uma grilheta à qual estivesse preso de um jeito ou outro, e que me impedisse de deixar Paris e que, naquele momento - quanto que do salão Verdurin eu evocava minha casa, fazia-me sentir, não com espaço vazio, exaltante para a personalidade e um tanto triste, mas repleto semelhante nisso ao hotel de Balbec numa certa noite-dessa presa que dali não se movia, que permanecia ali para mim, e que, quando eu queria estaria seguro de encontrar. A insistência com que o Sr. de Charlus voltava-se ao assunto para o qual ademais a sua inteligência, orientada sempre no mesmo sentido, possuía uma certa penetração mostrava algo de muito complexo, penoso. Ele era enfadonho como um sábio que não enxerga nada além da especialidade, irritante feito uma pessoa bem informada que se envaidece dos segredos que detém e arde por divulgar, antipático como os que, quando dos próprios defeitos, desabafam sem perceber que estão desagradando, ou de como um maníaco e irresistivelmente imprudente como um culpado. Tais características, que em certos momentos se tornavam tão surpreendentes como distinguem um louco ou um criminoso, traziam-me aliás

algum sossego submetendo-as à transposição necessária para delas poder tirar deduções reais de Albertine e lembrando-me da atitude desta para com Saint-Loup e como concluía, por mais penosa me fosse uma dessas lembranças, e melancolia outra, concluía que elas pareciam excluir o tipo de deformação tão acusada especialização forçosamente exclusiva, ao que parecia, que se destacava com força da conversação e da pessoa do Sr. de Charlus. Mas, infelizmente, apressou em arruinar esses motivos de esperança, da mesma forma como havia fornecido, isto é, sem o saber.

- Sim - disse ele -, não tenho mais vinte anos e já vi muita coisa mudar a meu redor; não reconheço mais nem a sociedade onde as barreiras foram rompidas, onde uma chusma sem elegância nem se dança o tango até na minha família, nem as modas, nem a política, nem a religião, nem nada. Confesso, porém, que o que mais mudou foi o que os alemães chamam de homossexualidade. Deus meu, no meu tempo, de um lado os homens que detestavam mulheres e os que, gostando só delas, outra coisa apenas por interesse, os homossexuais eram bons pais de família que possuíam amantes para disfarçar. Se eu tivesse uma filha para casar, seria no meio deles que iria procurar um genro, se quisesse estar seguro de que ela não seria infeliz. Ai de mim! Tudo está mudado. Agora, eles também se recrutam entre os homens mais loucos por mulheres. Eu imaginava ter um certo faro, e, quando dizia comigo: "este

certamente não", julgava não poder enganar-me. Pois bem, hoje desisto de acertar. Um de meus amigos, muito conhecido como tal, tinha um cocheiro que minha cunhada Oriane lhe arrumara, um rapaz de Combray que trabalhara um pouco em todos os ofícios, mas sobretudo no de fornicar com mulheres, e que eu teria jurado ser o mais hostil possível a esses hábitos. Ele fazia a desgraça da amante, enganando-a com duas mulheres a quem adorava, sem contar as outras, uma atriz e uma caixeira de cervejaria. Meu primo, o príncipe de Guermantes, que tem precisamente a inteligência irritante das pessoas que acreditam em tudo com muita facilidade, disse-me um dia: "Mas por que será que X não se deita com seu cocheiro? Quem sabe isto não daria prazer a Théodore" (é o nome do cocheiro) "e se este não está mesmo bastante aborrecido por ver que o patrão não tenta dar os primeiros passos nesse sentido?" Não pude deixar de impor silêncio a Gilbert; sentia-me, a um tempo, enervado diante daquela pretensa perspicácia, que, quando se exerce indistintamente, é uma falta de perspicácia, mas também pela malícia manifestado meu primo, que desejaria que o nosso amigo X tentasse arriscar-se e, caso o negócio fosse viável, entrar ele por sua vez no jogo.

- Quer dizer que o príncipe de Guermantes também se entrega a esse vício? - indagou Brichot com um misto de assombro e mal-estar.

- Meu Deus - exclamou o Sr. de Charlus encantado-, é coisa tão conhecida que

não creio cometer

uma indiscrição dizendo-lhe que sim. Pois bem, no ano seguinte fui a Balbec, onde soube por um marinheiro que às vezes me levava para pescar, que o meu Théodore (que, entre parênteses, tem como irmã a camareira de uma amiga da Sra. Verdurin, a baronesa Putbus) costuma ir ao cais para buscar ora um ora outro marinheiro, com um topete diabólico, a fim de dar uma volta de barco e "outras coisinhas mais". - Foi a minha vez de perguntar se o patrão de Théodore, em quem eu reconhecera o senhor que jogava cartas o dia inteiro com a amante, era como o príncipe de Guermantes. - Mas ora, todo mundo sabe disso, ele não esconde de ninguém.

- Mas ele estava com a amante...

- E daí? Esses meninos são tão ingênuos! - retrucou o Sr. de Charlus com ar paternal, sem desconfiar do sofrimento que eu tirava de suas palavras pensando em Albertine. - É encantadora a sua amante.

- Mas então os seus três amigos serão como ele?

- De jeito nenhum! - exclamou o Sr. de Charlus, tapando os ouvidos como se tocando um instrumento, eu tivesse dado uma nota em falso. - Aí está ele. Ora no extremo oposto. Então não se tem mais o direito de ter amigos? Ah, a juventude. Ela confunde tudo. Precisa refazer toda a sua educação, meu jovem. Ora, confesso que nesse caso, conheço muitos outros, por mais que ore manter o meu espírito aberto a todas as audácias, sinto-me embaraçado. Sou bem antiquado, mas não compreendo -disse no tom de um velho falando de certas formas de ultramontanismo, ou de um realista liberal que contasse a Ação Francesa, ou de um discípulo de Claude Monet falando dos cubos - Não censuro esses inovadores, ou melhor, invejo-os, procuro entendê-los; não consigo. Se gostam tanto da mulher, por que motivo, e principalmente o mundo operário onde se é tão malvisto, onde se ocultam por amor-próprio, eles necessidade do que denominam um mome (garoto)? É que isso representa para eles outra coisa.

- O quê? - "Que outra coisa a mulher pode representar Albertine'' pensei, e esse era de fato o motivo do meu sofrimento.

- Decidido, barão - disse Brichot -, se alguma vez o Conselho das faculdades propuserem a criação de uma cátedra de Homossexualismo, irei indicá-lo em primeiro lugar antes, um Instituto de Psicofisiologia especial lhe seria mais adequado. E sobretudo nomeado para uma cátedra do College de France, o que lhe permite entregar-se à estudos pessoais, cujos resultados revelaria, como faz o professor tâmul ou de sânscrito, diante de um número bem pequeno de pessoas que se interessam por isso. O senhor teria dois ouvintes, além do bedel, diga-se nenhuma intenção de lançar a menor dúvida quanto ao nosso corpo de bedéia - julgo acima de qualquer suspeita.

- O senhor não sabe nada - replicou o barão tom duro e cortante. - Além disso, engana-se ao crer que isso interessa a tão pouca gente. É exatamente o contrário o que ocorre - e, sem se dar conta da existente entre a direção que sua conversa invariavelmente tomava e a censura que ia endereçar aos outros: - Pelo contrário, é impressionante - disse ele ao Brichot com ar escandalizado e contrito-, não se fala noutra coisa. É uma vergonha, como lhe digo, meu caro! Parece que anteontem, na casa da duquesa d'Ayen; não falaram noutra coisa durante duas horas. Imaginem se agora as mulheres tem a falar nisso, será um verdadeiro escândalo! O que há de mais ignóbil é que são informadas - ajuntou com um ardor e uma energia extraordinários - por pestes, uns sujos como o pequeno Châtellerault, de quem há mais o que dizer que de qualquer outro, e que lhes contam as histórias alheias. Já me avisaram ele diz cobras e lagartos de mim, mas não ligo; acho que a lama e as imundícies atiradas por um indivíduo que escapou de ser expulso do Jockey por ter trapaçado num jogo de cartas, só podem recair sobre ele. Sei perfeitamente fosse Jane d'Ayen, respeitaria bastante o meu salão para não permitir que se discutissem tais assuntos, nem que emporcalhassem na minha casa os próprios parentes. Mas já não existe sociedade, não existem regras convenientes tanto para a conversação como para a forma de trajar. Ah, meu caro! É o mundo. Toda gente se tornou tão maldosa. Cada um que diga é mais maldoso. É um horror!

Covarde como já era na minha infância em Combray, quando fugia para não ver oferecerem conhaque à meu avô, e os vãos esforços de minha avó para suplicar-lhe que não bebesse, eu só tinha uma idéia: sair da casa dos Verdurin antes que ocorresse a "execução" de Charlus.

- É absolutamente necessário que eu parta - disse a Brichot.

- Vou com você - respondeu ele -, mas não podemos sair à inglesa. Vamos nos despedir da Sra. Verdurin - concluiu o professor, dirigindo-se para o salão com o ar de quem, nos jogos de sociedade, vai ver "se já pode voltar".

Enquanto conversávamos, o Sr. Verdurin, a um sinal da mulher, afastara-se com Morel. Aliás, mesmo que a Sra. Verdurin, depois de muito refletir, concluísse que seria mais sábio adiar as revelações a Morel, não mais teria podido fazê-lo. Há certos desejos que, às vezes circunscritos à boca, uma vez que os deixamos tomar corpo, exigem ser saciados sejam quais forem as conseqüências; não se pode mais resistir à tentação de beijar um ombro decotado que se observa desde há muito e sobre o qual os lábios caem como sobre o pássaro a serpente, de comer um doce com os dentes que a fome fascina, de se recusar ao espanto, à perturbação, à dor ou à alegria que se vai desencadear numa alma com palavras imprevistas. Assim, ébria de melodrama, a Sra. Verdurin havia imposto ao marido que chamasse Morel à parte e falasse ao violinista, custasse o que custasse. Este começara por deplorar que a rainha de Nápoles tivesse ido embora

sem que ele lhe pudesse ter sido apresentado. O Sr. de Charlus tanto lhe repetira que ela era irmã da imperatriz Élisabeth e da duquesa d'Alençon, que a soberana assumira aos olhos de Morel uma importância extraordinária. Mas o Patrão lhe explicara que não estavam ali para falar da rainha de Nápoles, e fora direto ao assunto.

- Veja bem - concluíra após algum tempo -, veja bem; se quiser, vamos consultar minha mulher. Palavra de honra que não disse coisa alguma a ela. Vamos ver o que ela acha. Minha opinião talvez não seja a boa, mas você sabe como é seguro o juízo dela; e depois, ela sente uma enorme estima por você, vamos submeter-lhe a causa. -

E, enquanto a Sra. Verdurin esperava com impaciência as emoções que ia saborear falando ao virtuoso, e logo que este saísse, ao receber um sumário exato do diálogo trocado entre ele e seu marido, não deixava de repetir:

- Mas o que é que eles podem fazer? Pelo menos, espero que Gustave, durante esse tempo todo, tenha sabido industriá-lo. O Sr. Verdurin voltara com Morel, que parecia grandemente emocionado{62}.

- Ele gostaria de te pedir um conselho - disse o Sr. Verdurin à mulher, com o ar de alguém que não sabe se seu pedido será aceito. Em vez de responder ao Sr. Verdurin, afogueada pela paixão, foi a Morel que a Sra. Verdurin se dirigiu:

- Sou absolutamente da mesma opinião que meu marido, acho que você não pode tolerar isso por mais tempo! - gritou ela com violência e esquecendo, como ficção fútil, que fora combinado com o marido que ela fingiria ignorar o que o Sr. Verdurin dissera ao violinista.

- Como? Tolerar o quê? - balbuciou o Sr. Verdurin, que tentava aparentar assombro e procurava, com uma falta de jeito que sua perturbação explicava, fender sua mentira.

- Adivinhei o que lhe disseste - respondeu a Sra. Verdurin, sem se incomodar com a maior ou menor verossimilhança da explicação, e pouco para que o violinista pudesse pensar da veracidade da sua Patroa, recordasse aquela cena. - Não - continuou a Sra. Verdurin -, acho que você deve suportar mais essa promiscuidade vergonhosa com uma pessoa imoral da que já não é recebida em parte alguma-acrescentou, não se importando que aquilo não fosse verdade e esquecendo que ela o recebia quase diariamente, - é o alvo da troça de todo o Conservatório - acrescentou, sentindo que esse argumento era de maior efeito -; mais um mês dessa vida e seu futuro artístico liqüidado, ao passo que sem o Charlus você ganharia mais de cem mil francos anuais.

- Mais eu nunca ouvi dizer coisa nenhuma, estou impressionado, sou todo grato à vocês -murmurou Morel com lágrimas nos olhos. - Mas, obrigado! - a tempo de

fingir assombro e dissimular a vergonha, estava mais rubro e suava do que se tivesse tocado todas as sonatas de Beethoven uma após outra. À seus olhos subiam prantos que o mestre de Bonn certamente não lhe teria arrancado do escultor, interessado nessas lágrimas, sorriu e me assinalou Charlie com o canto do olho.

- Se não ouviu nada, é o único. Pois ele tem uma péssima reputação e diz coisas horríveis a seu respeito. Sei que a polícia está de olho nele e, aliás, é o que pode acontecer de mais feliz, para não acabar como todos os de sua igualha, assassinado por apaches - acrescentou a Sra. Verdurin, pois, ao pensar em Charlus, voltava-lhe a lembrança da Sra. de Duras e, no ódio de que se embriagava, fazia agravar ainda mais os golpes que desferia no desgraçado do Charlie e se vingando que ela própria recebera naquela noite. - Além disso, mesmo do ponto de vista material, ele não lhe pode servir para nada: está inteiramente arruinado, desde que é vítima de pessoas que o exploram e já não poderão aproveitar-se dele, e menos você, pois tudo o que ele possui está hipotecado; casa, castelo, etc.

Facilmente acreditou nessa mentira, tanto mais que o Sr. de Charlus gostava de tomá-lo por confidente de suas relações com os apaches, raça pela qual o filho de um lacaio, por mais crapuloso que seja, professa um horror igual ao seu apego às idéias bonapartistas. No espírito ardiloso de Morel já havia germinado uma combinação ao que se denominou, no século XVIII, uma inversão de alianças. Decidido mais falar ao Sr. de Charlus, faria as pazes na noite seguinte com a sobrinha de Jupien, encarregando-se de ajeitar tudo. Infelizmente para ele, tal projeto fracassara, pois, nessa mesma noite, teve o Sr. de Charlus um encontro ao qual o antigo coleteiro não ousou faltar, apesar do que acontecera. Como pessoas, como veremos, se precipitassem a favor de Morel, quando Jupien, rindo, contou as suas desditas ao barão, este, não menos infeliz, declarou-lhe que adotava a pequena abandonada, que a ela daria um dos títulos de que dispunha provavelmente o de Srta. D' Oloron, que lhe proporcionaria um perfeito complemento de instrução e lhe arranjaria um belo casamento. Promessas que alegraram profundamente Jupien e deixaram indiferente a sua sobrinha, pois ela continuava a amar Morel, o qual, por cinismo ou estupidez, entrou gracejando na loja quando Jupien estava ausente.

- Que significam essas olheiras? -perguntou rindo. - Desgostos amorosos? Diabo, os anos se sucedem e não se parecem. Afinal, somos livres para experimentar um sapato, e com maior razão uma mulher, e se não nos serve... -

Só se aborreceu uma vez, porque ela chorou, o que ele achou uma covardia, um procedimento indigno. Nem sempre suportamos bem as lágrimas que fazemos correr.

Porém antecipamos demais, pois tudo isto só se passou depois da reunião dos Verdurin, que interrompemos e que é preciso retomar no ponto em que a deixamos.

- Eu jamais teria desconfiado - suspirou Morel, em resposta à Sra. Verdurin.

- Naturalmente não lhe dizem nada na cara, o que não impede que você se torne motivo de troça no Conservatório - repetiu maldosamente a Sra. Verdurin, querendo mostrar à Morel que não se tratava unicamente do Sr. de Charlus, mas também dele. - Acredito que você não saiba de coisa alguma; todos, no entanto, comentam sem a menor cerimônia. Pergunte à Ski o que estavam dizendo outro dia no concerto de Chevillard, a dois passos de nós, quando você entrou no meu camarote. Quer dizer, você já é apontado com o dedo. Direi que, por mim, isto pouco me importa, mas acho que tal situação torna um homem terrivelmente ridículo e fá-lo ser riso de todos para o resto da vida.

- Não sei como lhe agradecer. - disse Charlie, no tom que o dizemos a um dentista que acaba de nos fazer sofrer horrivelmente sem que lhe tivéssemos dado a perceber, ou a uma testemunha excessivamente sangüinária que nos forçou a um duelo devido a uma insignificância, pretextando: - Você não pode engolir isto.

- Acho que você tem caráter, que é um homem - respondeu a Sra. Verdurin - e que saberá falar alto e bom som, embora ele diga a todo mundo que você não se atreveria, que o tem em suas mãos.

Charlie, buscando uma dignidade de empréstimo para encobrir a sua em farrapos, encontrou na memória, por a ter lido ou ouvido dizer, e logo proclamou:

- Não fui educado para agüentar isto. Hoje mesmo, romperei com o Sr. de Charlus. A rainha de Nápoles foi mesmo embora, não é? Senão, antes de romper com ele, eu lhe teria pedido...

- Não é necessário romper de todo com ele - disse a Sra. Verdurin, empenhada em não desorganizar o seu pequeno clã. - Não há inconveniente em que o veja aqui no nosso grupinho, onde você é apreciado, onde ninguém falará mal de você. Mas exija a sua liberdade e, além disso, não se deixe arrastar por ele à casa de todas essas espevitadas que só são amáveis na sua frente; gostaria que ouviste o que elas dizem de você pelas costas. Aliás, não se lastime; não só não o de nada e tira de si uma mancha que lhe ficaria por toda a vida, como, do ponto artístico, mesmo se não houvesse esta vergonhosa apresentação por Charlus, eu diria que o fato de você estar se desclassificando desse jeito nesse ambiente de mundanismo falso lhe daria um ar que não é sério, uma reputação de musicozinho de salão, que é terrível na sua idade. Compreendo que, para essas damas elegantes, é bem cômodo retribuir gentilezas das amigas convidando você para tocar de graça, porém à custa de seu futuro de artista. Não digo que vá à

casa de uma ou duas. Você falava da rainha de Nápoles que realmente foi embora, pois tinha outra recepção-, ela é uma excelente mulher, e eu lhe diria acho que pouco se importa com Charlus. Direi que foi sobretudo por minha pessoa que ela veio. É claro, sei que ela tinha vontade de nos conhecer, ao Sr. Verdurin e a mim. Está certo que vá tocar na casa dela. E depois, direi que, levado por mim, os artistas conhecem, você sabe, com quem sempre foram muito amáveis, a quem consideram um pouco como um dos seus, como a sua Patrona, é bom dizer. Mas sobretudo, evite a casa da Sra. de Duras como se fosse fogo em brasa! Não caia nessa! Sei de artistas que vieram fazer-me confidências sobre ela. Sabem podem confiar em mim - disse ela num tom meigo e simples que sabia assumir repente,

dando à suas feições um ar de modéstia, e aos olhos um sortilégio próprio - Eles vêm muito naturalmente contar-me seus pequenos casos; ainda os passam por ser os mais silenciosos, às vezes conversam horas a fio comigo, e nem imagina como são interessantes. O pobre Chabrier sempre dizia: "Não como a Sra. Verdurin para fazê-los falar." Pois bem, sabe de uma coisa? Todos, todos sem exceção, já os vi chorar por terem tocado na casa da Sra. de Duras; se tratava apenas das humilhações que recebiam dos criados por ordem e divertimento dela; mas depois eles não conseguiam obter contrato em parte alguma. Os diretores diziam: "Ah, sim! É um que toca na casa da Sra. de Duras." E acabado. Não há nada como isso para liquidar o futuro de um artista. Veja, gente da sociedade não dá seriedade às pessoas; você pode possuir todo o talento do mundo e basta uma Sra. de Duras, é triste dizê-lo, para lhe dar a reputação amador. E para os artistas, você compreende que os conheço bem, há anos que os freqüento, que os lanço, que me interesso por eles; pois bem! eles, quando dizem de alguém que é "um amador", tudo está dito. E, no fundo, que já se começava a dizer de você. Quantas vezes fui obrigada a me assegurar que você não haveria de tocar num dado salão ridículo! Sabe o quê respondiam? "Mas ele será forçado, Charlus nem sequer o consultará, ele não pede sua opinião." Alguém achou que daria prazer no barão dizendo-lhe: "Admiramos muito o seu amigo Morel." Sabe o que ele respondeu, com aquele ar insosso que você lhe conhece? "Amigo? Mas como quer que ele seja meu amigo, se nem mesmo pertencemos à mesma classe. Diga que ele é minha criatura, meu produto."

Nesse momento agitava-se, sob a fronte arqueada da deusa musicista, a única coisa que certas pessoas não podem guardar para si mesmas, uma palavra que só é abjeta, mas imprudente de repetir. Mas a necessidade de repeti-la é mais que a honra, que a prudência. Foi para satisfazer essa necessidade que, após alguns leves movimentos convulsivos da fronte esférica e desgostosa, a Patroa cedeu:

- Até repetiram ao meu marido que ele havia dito: "meu criado", mas isso eu não posso afirmar-acrescentou.

Foi uma necessidade igual que levara o Sr. de Charlus, pouco depois de ter jurado à Morel que ninguém jamais saberia do meio em que este saíra, a dizer à Sra. Verdurin:

- É filho de um lacaio. -

Uma necessidade parecida, agora que a palavra fora pronunciada, iria fazê-la circular de pessoa em pessoa, que a divulgariam pedindo segredo, que seria jurado mas não cumprido, como elas próprias o haviam feito. Essas palavras, como no jogo do anel, acabariam por retornar à Sra. Verdurin, fazendo-a brigar com o interessado, que afinal soubera de onde vinha a indiscrição. Ela o sabia, mas não podia reter a palavra que lhe queimava língua. "Criado", aliás, não podia

deixar de ofender Morel. No entanto ela disse "criado" e, se acrescentou que não podia afirmar, foi, a um tempo, para parecer estar certa do resto, graças a essa restrição, e para mostrar-se imparcial. A imparcialidade que exibia, tocava-a de tal modo que ela principiou a falar carinhosamente com Charlie:

- Pois veja só - disse -, não censuro o barão; se ele o arrasta para um abismo, não é culpa dele, pois é o abismo em que ele próprio se precipita; ele próprio se precipita-repetiu com força, maravilhada pela exatidão da imagem, que lhe saíra tão rapidamente que só agora a atenção a alcançava e cuidava realçá-la. - Não, o que lhe censuro - disse num tom carinhoso, como uma mulher ébria do seu êxito - é a indelicadeza para com você. Há coisas que não se dizem a toda a gente. Assim, ainda há pouco, ele apostou que ia fazê-lo enrubescer de alegria, ao anunciar-lhe (por pilhéria, é claro, pois a recomendação dele bastava para impedir você de obtê-la) que você conseguiria a cruz da Legião de Honra. Isso ainda passa - continuou ela com ar digno e delicado -, embora eu nunca tenha gostado que os amigos sejam enganados, mas você sabe, há ninharias que nos magoam. É o caso, por exemplo, quando ele nos conta, torcendo-se de riso, que, se você deseja a Legião de Honra, é por causa do seu tio e que seu tio era um lacaio.

- Ele lhe disse isto? - gritou Charlie, acreditando, graças a essas palavras habilmente citadas, na verdade de tudo quanto a Sra. Verdurin dissera. Esta sentiu-se inundada por uma alegria parecida à de uma velha amante que, a ponto de ser abandonada pelo amante jovem, consegue acabar com o casamento deste. E talvez ela mesma não tivesse calculado a mentira e nem sequer havia mentido conscientemente. Uma espécie de lógica sentimental, talvez ainda mais elementar, uma espécie de reflexo nervoso, que a impelia, para contentar sua vida e preservar sua felicidade, a semear a discórdia no pequeno clã, fazia-lhe subir impulsivamente aos lábios, sem que ela tivesse tempo de lhes verificar a verdade, essas asserções diabolicamente úteis, senão rigorosamente exatas.

- Se ele tivesse falado nisso apenas para nós dois - continuou a Patroa-, não teria importância; sabemos qual o desconto que se deve dar a tudo o que ele nos diz, e depois, não há profissões ridículas, você tem o seu valor pessoal, você é o que você vale; mas que ele tenha feito a Sra. de Portefin dar risada (a Sra. Verdurin citou-a expressamente, pois sabia que Charlie gostava da Sra. Portefin), isso é o que nos entristece. Meu marido me dizia, ao ouvi-lo: "Eu preferia ter levado uma bofetada." Pois Gustave gosta tanto de você como eu, sabe? (Sabe-se desse modo que o Sr. Verdurin se chamava Gustave.)" No fundo, é um sensível.

- Mas eu nunca te disse que gostava dele - murmurou o Sr. Verdurin fingindo uma brusquidão amistosa. - Charlus é quem gosta.

- Ah, não; agora é que percebo a diferença, estava sendo traído por um

miserável, ao passo que o senhor é bom - exclamou Charlie com sinceridade.

- Não, não - murmurou a Sra. Verdurin para manter sua vitória (pois sentia que as quartas-feiras estavam garantidas) dela abusar-, miserável é demais; ele pratica o mal, muito até, inconscientemente. Você sabe, essa história de Legião de Honra não durou muito. E me seria desagradável repetir-lhe tudo o que afirmou sobre sua família - disse a Sra. Verdurin, que ficaria bastante embaraçada caso tivesse de fazê-lo.

- Oh! Mesmo que durasse apenas um instante, prova a traição dele! - exclamou Morel.

Foi nesse momento que regressamos à sala.

- Ah! - exclamou o Sr. Charlus ao ver que Morel ali se achava; e caminhando para o músico com aquela satisfação dos homens que organizaram cuidadosamente toda a sua recepção noturna com vistas a um encontro com uma mulher e que, ébrios de paixão, suspeitam que eles próprios andaram armando a citada onde os asseclas vão agarrá-los e espancá-los diante de todos: - Até que enfim, e não é tempo; então, está contente, jovem celebridade e dentro em pouco jovem cavaleiro da Legião de Honra? Pois em breve poderá mostrar sua condecoração - disse o Sr. de Charlus com ar afetuoso e triunfal, mas ratificando com aquelas mesmas palavras de condecoração as mentiras da Sra. Verdurin, que assim se afigurara à Morel como uma verdade indiscutível.

- Deixe-me, proíbo-o de se aproximar mim! - gritou Morel ao barão. - Não deve ser a primeira vez que procede desse modo, não sou o primeiro a quem tentou perverter! -

Meu único alívio era pensar que veria Morel e os Verdurin reduzidos a pó pelo Sr. de Charlus. Por mil vezes menos do que isso eu havia incorrido em suas cóleras de louco, ninguém estava salvo delas, um rei não o teria intimidado. Ora, deu-se esta coisa extraordinária. O Sr. de Charlus mudo, estupefato, avaliando a sua desgraça sem compreender-lhe o motivo, nem achando uma palavra, erguendo os olhos sucessivamente para todas as pessoas presentes, com ar interrogador, indignado, suplicante, e queria perguntar-lhes ao menos o que se passara do que o que deveria responder. Tal o que o tornasse mudo fosse vendo que o casal Verdurin desviava os olhos e ninguém lhe acudia ao sofrimento presente e sobretudo o terror dos sofrimentos vindouros; ou então, porque, não tendo previamente pela imaginação esquentado a cabeça e forjado uma cólera, e nem tendo uma raiva pronta nas mãos (pois, sensitivo, nervoso, histérico, era um verdadeiro impulsivo, mas um falso bravo, e até, como eu sempre o acreditara, e o que o fazia simpático a meus olhos, um falso mau, e não possuía as reações normais do homem de honra ultrajado), fora surpreendido e agredido bruscamente no momento em que se achava inerme; ou ainda porque, num

ambiente que não era o seu, sentia-se menos à vontade e menos corajoso do que no Faubourg. O fato é que neste salão, por ele desdenhado, esse grão-senhor (a que não era mais essencialmente inerente a superioridade sobre os plebeus do que a de seus ancestrais angustiados diante do Tribunal revolucionário) não soube, numa paralisia de todos os membros e da língua, senão lançar para todos os lados olhares de pavor, indignados pela violência que praticavam contra ele, tão suplicantes quanto indagadores. No entanto, o Sr. de Charlus possuía todos os recursos não só da eloqüência mas da audácia, quando, tomado de uma raiva há muito fervilhante contra alguém, fazia-o calar-se de desespero com as palavras mais atrozes diante das pessoas mundanas, escandalizadas, e que jamais haviam pensado que se pudesse ir tão longe. Nesses casos, o Sr. de Charlus se inflamava, agitava-se em verdadeiros ataques de nervos, que faziam tremer todo o mundo. Mas é que em tais casos o barão tinha a iniciativa, atacava, dizia o que queria (como Bloch sabia gracejar dos judeus, mas enrubescia quando lhes pronunciavam os nomes diante dele). Essas pessoas a quem odiava, odiava-as por julgar-se desprezado por elas. Fossem amáveis com ele e, em vez de avermelhar de cólera, ele as teria beijado. Numa circunstância tão cruelmente imprevista, esse grande argumentador não soube mais que balbuciar:

- Que significa isto? O que é que há?-

Nem sequer o ouviam. E a eterna pantomima do terror pânico mudou tão pouco, que este velho senhor, a quem acontecia uma aventura desagradável num salão parisiense, repetia, malgrado seu, as atitudes esquemáticas nas quais a escultura grega dos primeiros tempos estilizava o terror das ninfas perseguidas pelo deus Pã. O embaixador caído em desgraça, o chefe de repartição aposentado inesperadamente, o mundano que é tratado com frieza e o amante despedido examinam às vezes durante meses a fio o acontecimento que lhes destruiu as esperanças; viram-no, reviram-no como a um projétil atirado não se sabe de onde e nem por quem, um pouco feito um aerólito. Bem que gostariam de conhecer os elementos constitutivos daquele estranho engenho desabado sobre eles, saber que vontades malignas pode haver nisso. Os químicos ao menos dispõem da análise; os doentes que sofrem de um mal cuja origem lhes é desconhecida podem mandar vir um médico. E os casos criminais são mais ou menos solucionados pelo juiz de instruções. Porém as ações perturbadoras de nossos semelhantes, raramente lhes descobrimos os motivos. Assim, o Sr. de Charlus (para antecipar os dias que se seguiram a essa reunião, a que voltaremos) só viu na atitude de Charlie uma única clara. Charlie, que muitas vezes ameaçara o barão de espalhar a paixão que inspirava, devia ter se aproveitado, para fazê-lo, de fato de que já se julgava diretamente "lançado" para voar com as próprias asas. E devia ter contado tudo, pura ingratidão à Sra. Verdurin. Mas como se deixara esta enganar, pois decidido a negar tudo, já

estava ele próprio convencido de que os sentimentos que lhe censurariam eram imaginários? Amigos da Sra. Verdurin, talvez igualmente apaixonados por Charlie, tinham já preparado o terreno. O resultado é que, nos dias seguintes, o Sr. de Charlus escreveu cartas terríveis à vários "fiéis" inteiramente inocentes e que o julgaram doido; depois, o barão foi contar à Sra. Verdurin a narrativa de enternecer, que aliás não logrou de todo alcançar o efeito que esperava. Pois, de um lado, a Sra. Verdurin repetia ao barão:

- Não precisa mais se preocupar com ele, deixe-o de parte, é uma criança. -

Ora, o barão só suspirava fazer as pazes. Por outro lado, para dar oportunidade a estas, privando Charlie de tudo quanto este se julgava seguro, pedia à Sra. Verdurin que não o recebesse ao que ela opôs uma recusa que lhe valeu cartas irritadas e sarcásticas do Charlus. Indo de uma a outra suposição, este nunca chegou à verdadeira, ou que o golpe de modo algum partira de Morel. É verdade que o barão poderá ter sabido disso, se tivesse pedido a Morel alguns minutos de entrevistas. Mas a isso era contrário à sua dignidade e aos interesses de seu amor. Fora ofendido, esperava explicações. Existe aliás, quase sempre, ligada à idéia de uma entrevista; poderia esclarecer um mal-entendido, uma outra idéia que, por alguma razão, de que nos prestemos a essa entrevista. Aquele que se rebaixou, mostrando fraqueza em vinte oportunidades, dará prova de orgulho na vigésima primeira a única em que seria útil não teimar numa atitude arrogante e dissipar um erro vai enraizar-se no adversário por falta de desmentido. Quanto ao aspecto mundano do incidente, espalhou-se o rumor de que o Sr. de Charlus fora expulso da casa Verdurin no momento em que tentava violentar um jovem músico. Tal rumor com que ninguém se espantasse de não ver mais o Sr. de Charlus reaparecer em casa dos Verdurin, e quando por acaso ele encontrava em alguma parte um dos fiéis de quem suspeitara e que havia insultado, como este guardava rancor do barão, o qual por sua vez não o cumprimentava, as pessoas não se surpreendiam, compreendendo que ninguém no pequeno clã quisesse mais cumprimentar o Sr. de Charlus.

Enquanto o barão, aturdido de imediato pelas palavras que Morel achou de pronunciar e pela atitude da Patroa, assumia a postura de uma ninfa presa no terror do pânico, o Sr. e a Sra. Verdurin se haviam retirado para o primeiro salão, em sinal de rompimento diplomático, deixando o Sr. de Charlus sozinho, ao que no estrado Morel guardava o seu violino.

- Vais nos contar agora como isto aconteceu - disse a Sra. Verdurin com avidez a seu marido. - - Não sei o que a senhora lhe disse, ele parecia muito perturbado - observou Ski. - Estava com lágrimas nos olhos. -

Fingindo não haver compreendido, a Sra. Verdurin comentou:

- Creio que o que lhe disse lhe foi de todo indiferente - por uma dessas manobras

que não iludem, aliás, a todo mundo, e para obrigar o escultor a repetir que Charlie chorava, lágrimas que enchiam a Patroa de tanta vaidade que ela não queria arriscar que um ou outro fiel, que podia ter ouvido mal, as ignorasse.

- Indiferente? Não, não, pelo contrário, eu via grossas lágrimas brilhando nos seus olhos -, disse o escultor em tom baixo e risonho de confidência maldosa, olhando de lado para assegurar-se de que Morel ainda estava sobre o estrado e não podia escutar a conversa. Mas havia uma pessoa que a escutou e cuja presença, logo que fosse notada, ia devolver à Morel uma das esperanças que ele tinha perdido. Era a rainha de Nápoles que, tendo esquecido seu leque, achara mais amável, ao deixar a outra reunião a que havia comparecido, vir buscá-lo em pessoa. Entrara de mansinho, como que confusa, pronta para desculpar-se e fazer uma curta visita agora que não havia mais ninguém. Porém não a tinham ouvido entrar, no calor do incidente que ela compreendera logo e que a encheu de indignação.

- Ski está dizendo que viu lágrimas nos seus olhos, reparou nisso? Não vi lágrimas. Ah, sim, é verdade, estou me lembrando - corrigiu ela, no receio de que sua contestação fosse aceita. - Quanto a Charlus, está inteiramente aniquilado, devia sentar-se, está de pernas trêmulas, vai cair no chão – disse ela com um riso de escárnio impiedoso.

Naquele momento, Morel correu para ela:

- Esta senhora não é a rainha de Nápoles? - perguntou (embora soubesse perfeitamente de quem se tratava) mostrando a soberana que se dirigia para Charlus. - Depois do que se passou, infelizmente não posso mais pedir ao barão que me apresente a ela.

- Espere, vou lhe fazer isto - replicou a Sra. Verdurin, e, acompanhada de alguns fiéis, menos Brichot e eu, que nos apressamos em ir pedir nossos agasalhos e sair, aproximou-se da rainha, que conversava com o Sr. de Charlus. Este julgara que a realização de seu grande desejo de que Morel fosse apresentado à rainha de Nápoles só poderia ser impedido pela improvável morte da soberana. Mas nós nos afiguramos o futuro como um reflexo do presente projetado no espaço vazio, ao passo que ele é com freqüência o resultado bem próximo de causas que na maioria nos escapam. Ainda não decorrera uma hora e o Sr. de Charlus agora já daria tudo para que Morel não fosse apresentado à rainha. A Sra. Verdurin fez uma reverência à soberana. Vendo que esta parecia não reconhecê-la:

- Sou a Sra. Verdurin. Vossa Majestade não me reconhece?

- Perfeitamente - respondeu a rainha, continuando tão naturalmente a falar ao Sr. de Charlus, e com um ar tão completamente distraído, que a Sra. Verdurin duvidou se era a ela que se dirigia aquele "perfeitamente" pronunciado num tom admiravelmente distraído, que arrancou ao Sr. de Charlus, em meio à sua mágoa de amante, um sorriso de reconhecimento, sorriso entendido e saboroso em

matéria de impermanência. Morel, vendo de longe os preparativos da apresentação, havia se aproximado. A rainha estendeu o braço ao Sr. de Charlus. Também se achava zangada com ele, mas apenas porque o barão não enfrentava mais energicamente os mesmos lugares que o insultaram. Estava rubra de vergonha por ele, visto que os Verdurin ousavam tratá-lo daquele modo. A simpatia cheia de simplicidade que lhes testemunhara horas antes, e a insolente sobrancearia com que agora se mostrava diante deles originavam-se no mesmo ponto de seu coração. A rainha era mulher cheia de bondade, mas ela concebia a bondade primeiro sob forma de inabalável afeto à pessoas a quem amava, aos seus, a todos os príncipes de sua família, nos quais se contava o Sr. de Charlus, e depois a todas as pessoas da burguesia ou camadas mais humildes do povo que sabiam respeitar os que ela amava, os bons sentimentos por eles. Era como a uma mulher dotada desses bons instintos, que havia manifestado simpatia pela Sra. Verdurin. Sem dúvida, trata-se de concepção estreita, um pouco forte e cada vez mais antiquada da bondade: isso não quer dizer que a bondade da rainha fosse menos sincera ou menor. Os antigos não amavam com menos intensidade o agrupamento humano, se devotavam porque este não excedia os limites da cidade, nem os homens de hoje amam menos a sua pátria do que aqueles que hão de amar os Estados de toda a terra. Bem perto de mim, tive o exemplo de minha mãe, que a Cambremer e a Sra. de Guermantes nunca puderam resolver que tomasse parte em nenhuma obra filantrópica, em nenhuma instituição patriótica de beneficência; de ser vendedora, ou patrocinadora em festas de caridade.

- Longe de mim - disse ela. Tivesse razão de só agir quando seu coração falasse, e de reservar à família criados, aos infelizes que o acaso pusera em seu caminho, seus tesouros de generosidade, porém sei que estes, como os de minha avó, foram inesgotáveis. Ultrapassaram em muito tudo o que puderam e fizeram as Sras. de Guermantes de Cambremer. O caso da rainha de Nápoles era completamente diverso; afinal, é preciso reconhecer que as criaturas simpáticas não eram concebidas ao todo por ela como o são nos romances de Dostoievski que Albertine pegara em minha biblioteca e monopolizara, isto é sob os traços de parasitas bajula ladrões, bêbados, ora humildes, ora insolentes, devassos e até mesmo assassinos. Além disso, os extremos se tocam, visto que o homem nobre, o próximo, o ultrajado que a rainha queria defender era o Sr. de Charlus, ou seja, suas origens; e de todo o parentesco que possuía com a rainha, alguém cuja vida era cercava de muitos vícios.

- Parece que você não está se sentindo bem, meu primo - disse ela a Charlus. - Apóie-se no meu braço. Esteja certo de que o será sempre. É bastante sólido para isso. -

Depois, erguendo altivamente os de sua frente (diante dela, contou-me Ski,

achavam-se então a Sra. Verdurin) - Você sabe que já uma vez, em Gaeta, ele impôs respeito à canalha. Sabes que agora lhe amparo. -

E foi assim, conduzindo o barão pelo braço e sem ter deixado que lhe apresentassem Morel, que saiu a gloriosa irmã da imperatriz Élisabeth.

Podia-se imaginar, dado o terrível caráter do Sr. de Charlus e as perseguições com que mantinha sob regime de terror até mesmo os próprios parentes que, logo após essa reunião, iria ele desencadear o seu furor e exercer represálias contra os Verdurin. Nada disso ocorreu, e o motivo principal foi certamente o fato de que o barão, tendo apanhado uma gripe depois, e contraído uma dessas pneumonias infecciosas muito freqüentes à época, foi considerado por seus médicos (e ele mesmo assim se julgava) a dois passos da morte, e depois ficou vários meses entre a morte e a vida. Teria ocorrido apenas uma metástase física, e a substituição por um mal diferente da nevrose que até então o fazia ficar fora de si mesmo nas orgias de cólera? Pois seria simples demais acreditar que, nunca tendo levado a sério, do ponto de vista social, os Verdurin, não podia lhes querer mal como a seus pares, e simples demais também recordar que os nervosos, irritados por qualquer coisa contra inimigos imaginários e inofensivos, tornam-se ao contrário inofensivos desde que alguém tome a ofensiva contra eles, e que é mais fácil acalmá-los atirando-lhes água fria ao rosto do que tentando demonstrar-lhes a inutilidade de suas queixas. Mas provavelmente não é numa metástase que se deve procurar a explicação dessa ausência de rancor, e muito mais na própria doença. Causava ela tão grandes fadigas ao barão que lhe restava pouco lazer para pensar nos Verdurin. Estava meio agonizante. Falávamos de ofensiva; mesmo as que só terão um efeito póstumo exigem, se as quisermos "montar" adequadamente, o sacrifício de uma parte de nossas forças. Restavam muito poucas ao Sr. de Charlus para essa atividade de preparação. Fala-se amiúde de inimigos mortais que abrem os olhos para se reconciliarem à beira da morte e voltam a fechá-los felizes. Esses casos devem ser raros, a não ser quando a morte nos surpreende em plena vida. É, pelo contrário, no momento em que não temos mais nada a perder, que não mais desejamos arcar com os riscos que, quando cheios de vida, teríamos assumido levianamente. O espírito de vingança faz parte da vida; o mais freqüente apesar das exceções que, no íntimo de um mesmo caráter, como veremos, são contradições humanas - é que nos abandone na hora da morte. Depois de ter pensado um instante nos Verdurin, o Sr. de Charlus sentia-se cansado demais, virava-se para a parede e já não pensava em nada. Não que houvesse perdido a sua eloqüência, mas ela pedia-lhe menos esforços. Ainda fluía naturalmente, porém mudara. Desligada das violências que tantas vezes exornara, era agora uma eloqüência quase mística, embelezada. Palavras de doçura, parábolas do Evangelho, uma aparente resignação à morte. Falava sobretudo nos dias em que se julgava salvo. Uma recaída fazia-o calar-se.

Uma doçura cristã, em que se havia transposto sua magnífica violência (como o gênio tão diferente de Andrômaca), causava a admiração dos que o cercavam. Teria causado até a dos Verdurin, que não poderiam deixar de adorar homem, cujos defeitos lhe haviam provocado tanto ódio. Certamente flutuavam pensamentos que de cristãos só possuíam a aparência. Implorava ao arcanjo Gabriel - para que viesse lhe anunciar, como ao profeta, dentro de quanto tempo chegaria o Messias. E interrompendo-se com um suave sorriso doloroso, acrescentava:

- Não é preciso que o arcanjo me peça, como a Daniel, que tenha paciência por "sete semanas e sessenta e duas semanas", pois estarei morto antes disso.- Quem ele assim esperava era Morel. Por isso, pedia ao arcanjo Rafael que lhe restituísse como o jovem Tobias. E misturando métodos mais humanos (como os papas temos que, mandando rezar missas, não se descuidam de chamar o médico) insinuava às suas visitas que, se Brichot lhe trouxesse logo o seu jovem talvez o arcanjo Rafael consentisse em devolver-lhe a vista como ao pai de Tobias - ou como na piscina probática de Betsaida. Mas, apesar desses regressos humanos não se tornara menos deliciosa a pureza moral das frases do Sr. de Charlus. A maledicência, o frenesi de maldade e orgulho, tudo isso desaparecera. Moralmente, o Sr. de Charlus se elevara muito acima do nível em que vivia até há pouco. Esse aperfeiçoamento moral, sobre cuja realidade a sua arte oratória era de ser capaz de enganar um tanto, os seus ouvintes comovidos, esses aperfeiçoam, sumiu com a doença que trabalhara para ele. O Sr. de Charlus voltou ao abismo com uma velocidade que veremos crescer progressivamente. Mas a atitude dos Verdurin quanto a ele já não era mais que uma lembrança um pouco distante outras cóleras mais imediatas impediram se reavivasse.

Voltando atrás, à reunião na casa dos Verdurin, naquela noite, quando os donos da casa ficaram sozinhos, o Sr. Verdurin disse à esposa:

- Sabes por que Cottard não veio? Foi para junto de Saniette, que jogou na Bolsa para se recuperar e perdeu. Sabendo que estava sem tostão e que tinha perto de um milhão em dívidas, Saniette teve um derrame.

- Mas também, porque jogou? É idiotice, o menos indicado para isso. Sujeitos mais espertos que ele ficam depenados, é o tipo que se deixa embrulhar por todos.

- Mas é claro que há muito nós sabemos que ele é idiota - disse o Sr. Verdurin. - Mas enfim, aí está o resultado. Eis o homem que amanhã será posto no olho da rua pelo senhorio, e que vai ficar na miséria extrema; os parentes não gostam dele, e não será Forcheville que falara em seu favor. Então, pensei, não quero fazer nada que te desagrade, mas se pudéssemos conseguir-lhe uma pequena renda para que ele não sinta muito a ruína, e possa tratar-se em casa.

- Estou de pleno acordo contigo, fazes muito bem em pensar nisso. Mas dizes "em casa"; esse imbecil mora num apartamento pequeno demais, não é possível, seria necessário alugar-lhe algum outro. Acho que atualmente ele paga pelo apartamento seis a sete mil francos e quinhentos. Mas ele é muito apegado ao apartamento em que mora. Em que teve um primeiro ataque, não poderá durar mais que dois ou três anos. Supomos que gastemos dez mil francos com ele durante três anos. Creio que poderíamos fazê-lo. Poderíamos, por exemplo, este ano, em vez de realugar a Raspeliere, tomar uma casa mais modesta. Com os nossos rendimentos, parece-me que não é impossível sacrificar dez mil francos anuais durante três anos.

- Seja, mas o caso é que ficarão sabendo disso, o que nos obrigará a fazer o mesmo por outras pessoas. Acredita que já pensei nisso. Só o farei com a condição expressa de que ninguém o saiba. Tinha graça que nos transformássemos em benfeitores do gênero humano contra nossa vontade. Nada de filantropia! O que se poderia fazer era dizer-lhe que se trata de um legado da princesa Sherbatoff.-Será que ele acredita? Ela consultou Cottard para o seu testamento. - Em último caso, pode-se pôr Cottard a par do assunto; ele tem o hábito do segredo profissional, ganha muito dinheiro, nunca será um desses prestativos que nos obrigam a soltar a nota. Talvez ele mesmo queira encarregar-se de dizer que foi designado pela princesa de ser seu intermediário. Assim, nós nem sequer apareceríamos. O que evitaria o aborrecimento das cenas de gratidão, das manifestações, das frases.-

O Sr. Verdurin acrescentou uma palavra que certamente significava esse gênero de cenas comoventes e de frases, que eles desejavam evitar. Mas tal palavra não me pôde ser dita com exatidão, pois não era uma palavra francesa, e sim um desses termos como os há em certas famílias para nomear determinadas coisas, sobretudo coisas irritantes, provavelmente porque se deseja poder assinalar diante dos interessados sem ser compreendido. Esse tipo de expressão é geralmente um resíduo contemporâneo de um estado anterior da família. Numa família judia, por exemplo, será um termo ritual desviado de seu sentido e talvez a única palavra do hebreu que a família, agora afrancesada, ainda conheça. Numa família muito acentuadamente provinciana, será um termo do jargão da província, conquanto a família já não fale e nem sequer compreenda esse jargão. Numa família vinda da América do Sul e que não fala mais senão o francês, será um termo espanhol. E, para a geração seguinte, a palavra só existirá como lembrança da meninice. Todos se lembrarão perfeitamente que os pais, à mesa, aludiam aos criados que serviam, sem serem compreendidos por eles, empregando tal palavra, mas os filhos ignoram o que significa precisamente esse termo, se provinha do espanhol, do hebraico, do alemão, do jargão provinciano, e até se chegara a pertencer a uma língua qualquer e não era um

nome próprio ou uma palavra completamente inventada. A dúvida só pode ser esclarecida se se tem um tio-avô, um velho primo ainda vivo e que deve ter empregado o mesmo. Como não conheci nenhum parente dos Verdurin, não pude reconstituir fielmente essa palavra. A verdade é que ela fez a Sra. Verdurin sorrir, pois o nome dessa língua menos geral, mais pessoal, mais secreta do que a língua habitual, confere aos que dela ainda se utilizam entre si um sentimento egoísta, ajunta sempre uma certa satisfação. Passado esse momento de prazer:

- Para mais tarde abrir o bico? - objetou a Sra. Verdurin.

- Não vai se abrir.

Abriu-se pelo menos comigo, pois foi por intermédio dele que fiquei sabendo desse caso depois, no próprio enterro de Saniette. Lamentei não tê-lo sabido mais cedo. Em primeiro lugar, isso me teria levado mais rapidamente à idéia de que jamais é só querer mal aos homens, jamais se deve julgá-los conforme a recordação de maldade, pois não sabemos tudo o que, em outros momentos, pôde a alma querer sinceramente e realizar de bom. E assim, mesmo do simples ponto de vista da previsão, a gente se engana. Pois com certeza a forma ruim, que verifica uma vez por todas, voltará. A alma, porém, é mais rica, possui muitas outras formas que voltarão também à esses homens, e cuja doçura recusamos por causa do procedimento que tiveram. Mas, de um ponto de vista mais pessoal, essa revelação não deixaria de ter efeito sobre mim. Pois, mudando minha opinião sobre Verdurin, que cada vez mais eu julgava ser o mais malvado dos homens, a revelação de Cottard, se ele a tivesse feito antes, dissiparia as minhas suspeitas em relação ao papel que os Verdurin podiam desempenhar entre mim e Albertine: elas iam dissipando, aliás sem fundamento, pois, se o Sr. Verdurin possuía virtude, nem por isso deixava de ser implicante até a mais feroz perseguição; e zeloso na dominação no pequeno clã, a ponto de não recuar diante das piores mentiras; diante da fomentação de ódios os mais injustificados, para romper, entre os fiéis os laços que não tivessem por objeto exclusivo o reforço do pequeno grupo. Era: homem capaz de desinteresse, de generosidade sem ostentação; o que não quer dizer, obrigatoriamente, um homem sensível, nem simpático, nem escrupuloso, nem verídico, e nem sempre bom. Uma bondade parcial onde talvez subsiste um pouco da família amiga da minha tia-avó - existia provavelmente nele antes - eu a conhecesse, como a América ou o Pólo Norte antes de Colombo. Todavia, no momento da minha descoberta, a natureza do Sr. Verdurin me apontou uma nova face insuspeita; e daí concluí a dificuldade de apresentar, imagem fixa tanto de um caráter como das sociedades e das paixões. Pois aquele é que muda tanto quanto estas, e, se quisermos fazer um clichê do que nele mente imutável, vemo-lo apresentar sucessivamente aspectos diversos à obediência desconcertada, o que implica não saber ele conservar a imobilidade e se mexer.

Olhando as horas e receando que Albertine se aborrecesse por estar sozinha, pedi a Brichot, quando saímos da reunião dos Verdurin, que fizesse o fiacre me deixar primeiro em casa. A seguir o meu carro o levaria à sua casa. Feliz por eu voltar desse modo diretamente para casa, sem saber que ali uma mulher me esperava, e por acabar tão cedo e comportadamente uma noitada, cujo começo eu na realidade não fizera mais que retardar. Depois, falou-me do Charlus. Este, sem dúvida, teria ficado estupefato ao ouvir o professor, falar tão mal dele, o professor que lhe dizia sempre:

- Eu nunca repito nada do que falar dele e de sua vida particular sem a menor cerimônia. E o assombro de Brichot não teria talvez sido menos sincero se o Sr. de Charlus lhe houvesse dito:

- Asseguraram-me que você falava mal de mim. -

De fato, Brichot nutria certa afeição pelo Sr. de Charlus e, se tivesse de se reportar a alguma conversa a respeito dele, teria antes se lembrado dos sentimentos de simpatia que o barão lhe inspirara, enquanto ele dizia do amigo as mesmas coisas que todos diziam, do que dessas coisas. Não teria julgado estar mentindo ao dizer:

- Eu, que falo de você com tanta amizade-, pois é certo que sentia alguma amizade quando falava do Sr. de Charlus. Este, para Brichot, possuía sobretudo o encanto que o universitário procurava na vida mundana, e que era oferecer-lhe espécimes reais daquilo que ele por muito tempo pensara ser uma invenção dos poetas. Brichot, que muitas vezes tinha explicado a segunda écloga de Virgílio sem saber ao certo se aquela ficção continha algum fundo de realidade, encontrava, no fim da vida, ao conversar com o Sr. de Charlus, um pouco do prazer que sabia que seus mestres, o Sr. Mérimée e o Sr. Renan, e seu colega, o Sr. Maspéro, tinham experimentado ao viajar pela Espanha, Palestina e Egito, em reconhecer nas paisagens e populações atuais da Espanha, da Palestina e do Egito, o ambiente e os atores invariáveis das cenas antigas que eles próprios haviam estudado nos livros.

- Seja dito sem ofender esse valente de alta estirpe - declarou Brichot no carro que nos transportava: - ele é simplesmente prodigioso quando inicia o seu catecismo satânico com uma verve um tantinho adoidada e uma obstinação, quase diria inocência, de gesso e de emigrado. Asseguro-lhe que, se ouso expressar-me como Monsenhor d'Hulst, não me aborreço nos dias em que recebo a visita desse feudal que, desejando defender Adônis contra esta nossa época de descrentes, seguiu os instintos de sua raça e, com toda a inocência sodomita, cruzou-se.-

Eu escutava Brichot e não me sentia sozinho na companhia dele. Aliás, como desde que saíra de casa, sentia-me, por mais obscuramente que fosse, ligado à

moça que naquele momento estava em seu quarto. Mesmo quando conversava com um ou outro dos convivas na casa dos Verdurin, eu a sentia confusamente a meu lado, tinha dela essa noção vaga que se tem dos próprios membros e, se me acontecia pensar nela, era como se pensa, com o tédio de estar preso por uma total escravidão, no próprio corpo.

- E que usina de mexericos - continuou Brichot - para alimentar todos os apêndices das *Causeries du lundi*{63} é a conversa desse apóstolo! Imagine que soube por ele que o tratado de ética em que sempre venerei a mais faustosa construção moral de nossa época, fora inspirada ao nosso venerável colega X por um jovem estafeta. Não hesitamos em reconhecer que meu eminente amigo descuidou de nos revelar o nome desse efebo durante suas demonstrações. Com isso, testemunhou mais respeito humano ou, se prefere, menos gratidão que Fídias, que inscreveu o nome do atleta a quem amava no do seu *Júpiter Olímpico*. O barão ignorava este último caso. Será inútil lhe dizer que isto encantou especialmente a sua ortodoxia. Você imagina facilmente que as vezes que argumento com meu colega sobre uma tese de doutorado, encerra em sua dialética, aliás bastante sutil, aquele sabor a mais que algumas delas revelam picantes; acrescentaram para Sainte-Beuve à obra escassamente confidencial de Chateubriand. De nosso colega, cuja sabedoria é de ouro mas que possuía por dinheiro, o telegrafista passou às mãos do barão, com a melhor das intenções, (preciso ouvir o tom com que ele diz isto). E como esse Satã é o mais serviçal dos homens, obteve para seu protegido um emprego nas colônias, de onde estas tem a alma agradecida, envia-lhe de vez em quando frutos excelentes. O barão oferece às suas altas relações; ananases do rapaz figuraram ultimamente na do cais. Conti, fazendo com que a Sra. Verdurin dissesse, sem malícia: "Esse senhor tem um tio ou um sobrinho na América, Sr. de Charlus, para receber senhores como estes!" Confesso que os comi com certa alegria, recitando o começo de uma ode de Horácio, que Diderot gostava de recordar. Em suma, o meu colega Boissier, perambulando do Palatino ao Tíbur, obtenho pela conversa do barão uma idéia singularmente mais viva e mais saborosa dos escritos do século de Augusto. Não falemos sequer dos da Decadência, e não remontemos aos gregos, embora eu tenha dito uma vez ao excelente Sr. de Charlus que, junto eu me sentia como Platão na casa de Aspásia. Na verdade, eu aumentaria somente a escala dos dois personagens e, como diz La Fontaine, meu exercício não é tirado "de bichos menores". Seja como for, espero que não imagine que o tenha ficado sentido. Nunca o vi tão ingenuamente feliz. Um entusiasmo juvenil é deixar de lado a fleuma aristocrática. "Como são lisonjeadores todos sorbonistas!", exclamou ele deslumbrado. "E dizer que tive de chegar à minha idade para ser comparado a Aspásia! Um velho traste feito eu! ó minha juventude! Gostaria que o visse dizendo essas coisas, escandalosamente empoado e de hábito, e, na sua idade, perfumado como um casquilho. Além disso, sob idéias fixas de

genealogia, o melhor homem do mundo. Por todas essas razões ficaria desolado se essa ruptura de hoje à noite fosse definitiva. O que foi a maneira como o rapaz se revoltou. No entanto, desde algum tempo, ele festoava ao barão maneiras de sectário, modos de *leude*{64}, que não faziam essa insurreição. Em todo caso, espero, mesmo se (*Dü omen avertant*{65})" não deva retornar aos cais Conti, que este cisma não se estenda até mim.

- Tiramos bastante proveito da troca que fazemos do meu fraco saber pela experiência dele, (Veremos, de fato, que, se o Sr. de Charlus não demonstrou rancor violento contra Brichot, ao menos a sua simpatia pelo universitário caiu totalmente a ponto de lhe permitir julgá-lo sem qualquer indulgência.) E juro-lhe que a troca é tão desigual que, quando o barão me confia o que lhe ensinou a sua existência, eu não poderia concordar com Sylvestre Bonnard, para o qual é ainda numa biblioteca que melhor realizamos o sonho da vida.

Tínhamos chegado em frente à minha porta. Desci do carro para dar ao cocheiro o endereço de Brichot. Da calçada eu via a janela do quarto de Albertine, aquela janela sempre escura outrora nas noites em que ela não morava na minha casa, e que a luz elétrica do interior, segmentada pelas grades dos postigos, estriava de alto a baixo de barras de ouro paralelas. Esse sinal mágico, desenhando diante do meu espírito sossegado imagens precisas, todas próximas, e em cuja posse eu ia entrar dali a pouco, era tão claro para mim quanto invisível para Brichot, que permanecera no carro, quase cego, e teria sido, aliás, incompreensível para ele, visto que, como os amigos que me vinham visitar antes do jantar, quando Albertine já voltara do seu passeio, o professor ignorava que uma moça, totalmente minha, esperava-me num quarto colado ao meu. O carro partiu. Fiquei sozinho por um instante na calçada. Certo, aquelas estrias luminosas que eu avistava de baixo e que a um outro teriam parecido inteiramente superficiais, eu lhes dava uma consistência, uma plenitude e uma solidez enormes, por causa de toda o significado que punha atrás delas, um tesouro se quiserem, um tesouro insuspeitado dos outros, que eu escondera ali e do qual emanavam aqueles raios horizontais; mas um tesouro em troca do qual eu alienara a minha liberdade, a solidão, o pensamento. Se Albertine não estivesse lá em cima, e até se eu não quisesse senão prazer, teria ido solicitá-lo à mulheres desconhecidas, em cuja vida teria tentado penetrar, a Veneza talvez, ou pelo menos a qualquer recanto da Paris noturna. Porém agora, o que eu precisava fazer quando me chegava a hora das carícias, não era sair em viagem, não era nem sequer sair, era voltar para casa. E voltar não para ficar sozinho ao menos, e, depois de ter deixado a companhia dos outros que forneciam de fora o alimento do espírito, me ver ao menos forçado a encontrá-lo por mim mesmo -, mas, pelo contrário, menos só do que quando estava na casa dos Verdurin, recebido que seria pela pessoa em quem abdicava, em quem entregava o mais completamente possível a minha,

sem que tivesse um instante de lazer para pensar em mim mesmo, nem sequer o trabalho de pensar nela, pois ela estaria junto a mim. De modo que, erguendo uma última vez os olhos para a janela do quarto onde estaria dali a pouco, Pareceu-me ver as grades luminosas que se iam fechar atrás de mim e cujos varões de ouro inflexíveis eu próprio havia forjado para uma eterna servidão.

Albertine jamais me dissera que suspeitava de meus ciúmes, de minha preocupação com tudo o que ela fazia. As únicas palavras que havíamos trocado do ciúme, é verdade que bem antigas, pareciam provar o contrário. Lembrava-me que, numa bela noite de luar, no começo das nossas relações, numa das primeiras vezes em que a levara de volta para casa, e em que teria preferido não deixá-la para correr atrás de outras, eu lhe havia dito:

- Sabe, se me ofereço trazê-la não é por ciúme; se você tem algum programa, eu me afasto discretamente - e ela me respondera:

- Oh, sei muito bem que você não é ciumento e que pouco lhe importa, mas nada tenho a fazer senão estar na sua companhia.

Outra feita, foi na Raspeliere, onde o Sr. de Charlus, lançando às escondidas um olhar para Morel, fizera ostentação de galante amabilidade para com Albertine; dissera a ela:

- E então ele lhe fez uma corte assídua, suponho. - E, como acrescentara, meio irônico: - Sofri todas as torturas do ciúme -

Albertine, usando uma linguagem própria; ou do meio vulgar de onde saíra, ou de um ambiente mais vulgar ainda, que ela freqüentava:

- Está querendo gozar com a minha cara, muito bem que você não é ciumento. Primeiro, porque me disse, depois, estou vendo, ora! -

Desde aí, nunca me dissera ter mudado de opinião; é possível, que se formassem nela, a tal respeito, muitas idéias novas, que ela me ocultava; mas, que um acaso poderia, contra sua vontade, revelar, pois naquela noite, em casa, quando depois de ir buscá-la em seu quarto, e de trazê-la para o meu, ela disse (com algum constrangimento que eu mesmo não entendi, pois vi que Albertine iria sair e não sabia para onde, talvez fosse à casa da Sra. Villeparisis, talvez visitasse a Sra. de Guermantes, talvez a Sra. de Cambreme; verdade que não falara justamente na casa dos Verdurin):

- Adivinhe de onde estou chegando?

- Da casa dos Verdurin -, mal tive tempo de pronunciar essas palavras já Albertine, a fisionomia transtornada, respondia-me com estas, que pareciam explodir por si mesmas com uma força que ela não pôde conter:

- Bem que desconfiava.

- Não sabia que você ficaria tão aborrecida pelo fato de ir à casa dos Verdurin.-

(É verdade que ela não me dizia que aquilo a deixava aborrecida, mas era visível. Também é verdade que eu não imaginara que aquilo a aborreceria. No entanto, diante da sua explosão de cólera, como diante desses acontecimentos; uma espécie de dupla visão retrospectiva, faz com que pareçam já terem sido conhecidos no passado julguei que nunca deveria ter esperado outra coisa.)

- Aborreço-me? Isso pouco me importa! É-me indiferente! Eles não iam receber a Srta. Vinteuil - Fora de mim ao ouvir essas palavras:

- Você não me disse que esteve com os Verdurin outro dia -, retruquei, para lhe mostrar que estava mais informado do que ela pensava.

- Encontrei-me com ela? - indagou Albertine com ar sonhador, dando tempo a si mesma, como se procurasse reunir suas lembranças, e a mim, como eu é que tivesse de informá-la; e, sem dúvida, com efeito, para que eu dissesse que sabia; e talvez também, para ganhar tempo antes de dar uma resposta. Mas eu estava bem menos preocupado com a Srta. Vinteuil do que com uma que já me passara pela cabeça, e que se apossava de mim com mais força.

Agora, ao voltar para casa, eu achava que a Sra. Verdurin inventara pura e simplesmente, por glória, a vinda da Srta. Vinteuil e de sua amiga, de forma que já me sentia tranqüilo. Unicamente Albertine, ao me dizer:

- Eles não iam receber a Srta. Vinteuil?-, havia-me mostrado que eu não me enganara em minha primeira suspeita; mas enfim eu estava tranqüilo quanto a isso para o futuro, visto que, renunciando a ir à casa dos Verdurin, Albertine me sacrificara a Srta. Vinteuil.

- Além disso - continuei, encolerizado -, há muitas outras coisas que você me oculta, mesmo as mais insignificantes, como, por exemplo, a sua viagem de três dias à Balbec, digo-o de passagem. - Acrescentara essas palavras: "digo-o de passagem", como complemento de: "mesmo as coisas mais insignificantes", de modo que, se Albertine retrucasse: "O que há de incorreto em minha ida à Balbec?", eu pudesse responder: "Nem me recordo mais. O que me contam se embaralha na minha cabeça, dou tão pouca importância a isso." De fato, se eu falava daquela excursão de três dias que ela fizera com o motorista até Balbec, de onde seus cartões postais só me chegaram com grande atraso, fazia-o absolutamente ao acaso, e eu lamentava ter escolhido tão mal o meu exemplo, pois na verdade, mal tendo ela tido tempo de ir e voltar, era com certeza de todos os seus passeios aquele em que não tivera mesmo ocasião de um encontro mais prolongado fosse com quem fosse. Mas Albertine pensou, conforme o que eu acabava de dizer, que eu conhecia a verdade verdadeira, e apenas lhe ocultara que o sabia. Ficara então convencida de que, de um forma ou outra, mandando segui-la, ou enfim de um modo qualquer, estava, como na semana anterior ela

dissera à Andrée, "mais informado que ela própria" acerca de sua vida. Assim, interrompeu-me com uma confissão bastante inútil, pois é certo que eu não suspeitava coisa alguma do que ela me disse e, em compensação, fiquei abatido, tão grande pode ser o afastamento entre a verdade distorcida por uma mentirosa e a idéia que, segundo essas mentiras, fez-se dessa verdade aquele que ama a mentirosa. Apenas pronunciara eu aquela frase: "Sua viagem de três dias à Balbec, digo-o de passagem", Albertine, cortando-me a palavra, declarou como se fosse uma coisa muito natural:

- Você quer dizer que não houve a excursão à Balbec?

- Claro que não!

- E sempre indaguei a mim mesma por que você fingia que acreditava. Contudo, foi algo bem inofensivo. O motorista tinha de tratar de assuntos particulares durante três dias. Não se animava a lhe pedir uma folga. Então, por bondade para com ele (é bem coisa minha! e depois é sempre sobre mim que recaem as conseqüências), inventei uma pretensa viagem à Balbec. Ele simplesmente me deixou em Auteuil, na casa de minha amiga da rua da Assunção, onde passei os três dias chateando-me demais. Bem que principiei a achar que você talvez soubesse de tudo, quando vi que se punha a rir com a chegada dos cartões postais, com oito dias de atraso. Reconheço que era ridículo e que teria sido melhor não mandar cartão nenhum. Mas não foi culpa minha. Tinha-os comprado de antemão, entregado ao motorista antes que me deixasse em Auteuil, e depois esse idiota os esqueceu no bolso em vez de mandá-los num envelope a um amigo perto de Balbec e que deveria reenviá-los a você. Eu estava sempre imaginando que eles iam chegar. Só cinco dias depois é que ele se lembrou, e, em vez de avisar, o pateta os mandou logo para Balbec. Quando me contou, fiquei exasperada, droga! Ficar inutilmente preocupada por causa daquele imbecil, como pensei de passar três dias enclausurada para que ele pudesse tratar dos seus probleminhas de família! Eu nem sequer me animava a sair à rua em Auteuil de medo de ser vista. Na única vez em que saí, disfarcei-me de homem, antes para me divertir; a minha sorte, que me acompanha por toda parte, quis a primeira pessoa quem topasse fosse o seu amigo judeu, Bloch. Mas não creio que tenha sido através dele que você soube que a viagem a Balbec nunca existiu senão na imaginação, pois ele pareceu não me reconhecer.

Eu não sabia o que dizer, não desejando parecer assombrado, esmagado por tantas mentiras. A um sentimento de horror, que não me dava o desejo de expulsar Albertine, pelo contrário, ajuntava-se uma enorme vontade de chorar, era causada não pela mentira em si e pelo aniquilamento de tudo o que eu havia julgado de tal modo verdadeiro, que me sentia como à uma cidade arrasada, onde casa nenhuma permanece de pé, onde o chão nu só apresenta ruínas-, mas percebi melancolia de pensar que, durante os três dias passados a se aborrecer na

casa da amiga de Auteuil, Albertine não tivesse tido uma vez sequer o desejo, talvez mesmo a idéia, de vir passar às escondidas um dia na minha casa ou, por bilhetinho, pedir-me que fosse vê-la em Auteuil. Mas eu não tinha tempo de me entregar à esses pensamentos. Sobretudo, não queria parecer espantado. Só com o ar de alguém que sabe bem mais do que diz:

- Mas isso é uma coisa entre tantas outras. Olhe, antes desta noite em casa dos Verdurin, fiquei sabendo que você me havia dito acerca da Srta. Vinteuil...-

Albertine me olhava fixamente com aspecto atormentado, buscando ler em meus olhos aquilo que eu sabia. Ora, o que sabia e ia dizer-lhe era sobre de quem se tratava a Srta. Vinteuil. É verdade que fora na casa dos Verdurin que eu o soubera, mas antigamente em Montjouvain. Apenas, como nunca falara expressamente à Albertine sobre isso, podia dar a impressão de tê-lo sabido somente nesta noite. E quase tive alegria - depois de trazer os sofrimentos no trenzinho, por causa disso, por haver guardado aquela recordação de Montjouvain, que eu pós-dataria, mas que nem por isso deixaria de ser uma prova esmagadora, uma bordoada em Albertine. Desta vez, ao menos, eu não precisava "fingir saber" e fazê-la confessar: sabia, tinha visto pela janela iluminada Montjouvain. Por mais que Albertine me dissesse que suas relações com a Sra. Vinteuil e sua amiga tinham sido muito puras, como poderia ela, quando eu jurasse (e juraria sem mentir) que sabia dos costumes dessas duas mulheres; como poderia ela sustentar que, tendo vivido numa intimidade cotidiana chamando-as de "minhas irmãs mais velhas", não tivesse sido objeto de prova" que a teriam feito romper com elas caso, pelo contrário, não as tivesse aceito? Não tive tempo de dizer a verdade. Achando Albertine, como no caso da falsa viagem a Balbec, que eu soubera daquilo, ou pela Srta. Vinteuil, se esta havia comparecido à casa dos Verdurin, ou muito simplesmente pela Sra. Verdurin, que poderia ter falado a seu respeito à Srta. Vinteuil, não me deixou tomar a palavra e me fez uma confissão exatamente o oposto do que eu havia acreditado, mas que, demonstrando que ela jamais deixara de mentir para mim, magoou-me talvez tanto como magoaria a outra (sobretudo porque, como disse há pouco, já não sentia ciúmes da Srta. Vinteuil). Portanto, antecipando-se, Albertine falou deste modo:

- Quer dizer que você soube esta noite que eu lhe menti quando fingi ter sido meio educada pela amiga da Srta. Vinteuil. É verdade que lhe menti um pouco. Mas eu me sentia tão desprezada por você, via-o tão apaixonado pela música desse Vinteuil que, como uma de minhas companheiras - é verdade, juro-lhe fora amiga da amiga da Srta. Vinteuil, pensei bobamente em me tornar interessante a seus olhos inventando que conhecera muito essas moças. Eu percebia que você se entediava na minha companhia, que me achava tola; pensei que, dizendo conhecer essa gente, e que podia lhe fornecer detalhes sobre as

obras de Vinteuil, ganharia um pouco mais de prestígio à seus olhos, que isso nos reaproximaria. Quando lhe minto, é sempre por amizade a você. E foi preciso haver essa fatal reunião dos Verdurin para que você soubesse da verdade, que aliás talvez tenham exagerado. Aposto que a amiga da Srta. Vinteuil lhe terá dito que não me conhecia. Ela me viu pelo menos duas vezes na casa da minha companheira. Mas naturalmente não sou muito chique para as pessoas que se tornaram tão célebres. Elas preferem dizer que nunca me viram.

Pobre Albertine; quando pensara que, por me dizer que fora tão ligada à amiga da Srta. Vinteuil, retardaria o nosso rompimento e a reaproximaria de mim, atingira a verdade, como ocorre tantas vezes, por um caminho diverso daquele que desejara tomar. Mostrar-se mais informada sobre a música do que a imaginara não me teria impedido de forma alguma de romper com ela nessa noite, no trenzinho; e todavia fora exatamente essa frase, dita por ela com aquele objetivo, que causara de imediato muito mais que a impossibilidade de romper. Apenas, ela cometia um erro de interpretação, não sobre o efeito que devia ter essa frase, mas sobre a causa em virtude da qual ela devia produzir esse efeito, causa que era, não a de conhecer a sua cultura musical, porém suas más relações. O que me reaproximara bruscamente dela, e bem mais, dissolvera-me nela, não fora a expectativa de um prazer-e dizer prazer é um exagero, um simples divertimento-, mas a opressão de uma dor. Desta vez ainda, eu não tinha tempo de manter um sigilo prolongado que poderia deixá-la supor para espanto de minha parte. Assim, comovido com sua modéstia e que se julgasse desprezada no meio dos convivas dos Verdurin, disse-lhe com ternura:

- Mas, minha querida, eu teria prazer em lhe dar algumas centenas de *Vincos* para que você fosse bancar uma senhora chique onde quisesse e convidado o Sr. e a Sra. Verdurin para um belo jantar. -

Ai de mim! Albertine era várias pessoas numa só. A mais misteriosa, a mais simples, a mais atroz se mostra na resposta que me deu com ar de nojo e cujas palavras, para falar a verdade, percebi muito bem (até as palavras do princípio, já que ela não terminou), restabeleci um pouco depois, quando adivinhei seu pensamento. Ouve-se respectivamente, quando se compreendeu.

- Muito obrigada! Gastar um tostão, aqueles velhos; prefiro bem mais que você me dê liberdade para eu ir visitar moças -

Tão logo falou, seu rosto enrubesceu e ela se mostrou envergonhada; pôs ar na boca, tal como se pudesse engolir as palavras que acabava de dizer e que eu não entendera bem.

- Que está dizendo, Albertine?

- Nada, nada, estava meio dormindo.

- De jeito nenhum, você está bem desperta.

- Eu pensava no jantar para os Verdurin muito gentil de sua parte.

- Não, estou me referindo ao que você disse.-

Ela intentou mil versões, mas que de modo algum se encaixavam, já não digo nas suas palavras que, interrompidas, permaneciam vagas mas na própria interrupção e no rubor que a acompanhara.

- Vamos, querida, não foi nada disso que você pretendia dizer; senão, por que se interromperia?

- Porque achei que meu pedido era indigno.

- Que pedido?

- De dar um jantar.

- Não, não é isso, não temos discrição para manter entre nós.

- Pelo contrário, temos sim, convém não abusar das pessoas a quem amamos. Em todo caso, juro-lhe que é apenas isso. -

Por um lado, era sempre impossível duvidar de um juramento dela; por outro lado, suas explicações não contentavam minha razão. Não deixei de insistir.

- Afinal, tenha ao menos coragem de acabar essa frase, você se interrompeu em *casser*...

- Oh, não! Deixe-me!

- Mas por quê?

- Porque é horrivelmente vulgar, eu teria vergonha de dizer na sua frente. Não sei em que estava pensando, são dessas palavras de que nem mesmo conheço o sentido; e que ouvi um dia na rua, ditas por gente muito pobre; que me vieram à boca sem motivo ou razão. Isso não diz respeito nem a mim nem a ninguém, eu estava sonhando em voz alta.-

Senti que não conseguiria tira nada de Albertine. Ela me havia mentido ao jurar há pouco que se interrompeu um receio mundano de indiscrição, agora transformado na vergonha de repetir na minha frente uma palavra muito vulgar. Portanto, tratava-se agora de uma mentira. Pois, quando Albertine e eu estávamos juntos, não havia frases devassas, nem expressões; por mais grosseiras, que não pronunciássemos quanto nos acariciávamos. Em todo caso, era inútil insistir naquele momento minha memória continuava obcecada por aquele termo "casser". Muitas Albertine dizia "casser du bois surquelqu'un, casser du sucre", ou, simples "ah, ce que je lui en ai cassé!", para significar "como o injuriei[{66}]!".

Mas ela normalmente diante de mim e, se era isso o que tinha querido dizer, por que calara bruscamente, porque enrubescera tanto e pusera a mão na boca, modificara totalmente a frase e, quando percebera que eu tinha ouvido claramente *casser*, dera uma falsa explicação? Mas, no momento em que eu renunciava a prosseguir um interrogatório ao qual não teria resposta, o melhor era parecer não pensar mais naquilo; e, voltando pelo pensamento às censuras que Albertine me fizera por ter ido à casa da Patroa, disse-lhe muito sem jeito, o que era uma espécie de desculpa estúpida:

- Eu justamente tinha querido convidá-la para vir comigo à reunião dos Verdurin esta noite -, frase duplamente desajeitada, pois se o quisera, e a vira o tempo todo, por que não o havia proposto? Furiosa com a minha mentira e animada pela minha timidez, ela retrucou:

- Você poderia me convidar durante mil anos, que eu jamais teria aceito. Trata-se de pessoas que sempre foram contra mim, fizeram de tudo para me contrariar. Não houve gentileza que eu não fizesse à Sra. Verdurin em Balbec, e que bela recompensa tive! Mas ela pode me mandar chamar na hora da morte, que não irei. Há coisas que não se perdoam. Quanto a você, é a primeira indelicadeza que me faz. Quando Françoise me disse que você saíra (e veja, ela estava bem contente por me dizer isso), eu teria preferido que me partissem a cabeça ao meio. Cuidei para que ninguém reparasse nada, mas, em toda a minha vida, nunca senti afronta igual.

Mas, enquanto ela me falava, continuava em mim, no sono grandemente vivo e criador do inconsciente (sono onde acabam de se gravar as coisas que apenas roçaram por nós, onde as mãos adormecidas se apoderam da chave que abre, inutilmente procurada até então), a procura do que ela tinha querido expressar com a frase interrompida e cujo final eu desejaria saber qual fosse. E de repente, duas palavras atrozes, em que eu de modo algum pensara, vieram-me à memória: *le pot*. Não posso dizer que vieram de uma só vez, como quando, numa longa submissão passiva a uma recordação incompleta, ao mesmo tempo que se busca grave e prudentemente ampliá-la, fica-se dobrado, colado nela. Não, contrariamente à minha maneira habitual de recordar, creio, dois caminhos paralelos de procura: um levava em conta não somente a frase de Albertine, mas o seu olhar atormentado quando eu lhe propusera dar dinheiro para que oferecesse um belo jantar, um olhar que parecia dizer: "Obrigada, gastar dinheiro com coisas que me aborrecem, quando sem dinheiro eu poderia fazer aquilo que me agradasse!" E foi talvez a lembrança daquele seu olhar que me fez mudar de método para achar o fim do que ela quisera dizer. Ate então eu estava como que hipnotizado pela última palavra: "casser"; teria ela querido dizer quebrar o quê? *Casser du bois*{67}? Não. *Du sucre*? Não. *Casser, cilill casser*. E de súbito, o retorno àquele olhar acompanhado de um erguer de um sentido como

de um quebrar.

Dera de ombros no momento em que lhe propusera que desse um jantar; fez-me reter também nas palavras de sua frase. Assim, vi que ela não dissera "*casser; faire casser*". Que horror! Era isso o que ela teria preferido. Duplo horror! Última das meretrizes, que consente nisso ou que o deseja, não emprega homem que para tal se presta essa horrorosa expressão. Ela se sentiria demais. Só para outra mulher, se gosta delas, é que diz aquilo para se desculpar de se entregar dali a pouco a um homem. Albertine não havia mentido quando dissera que estava meio sonhando. Distraída, impulsiva, sem se lembrar que estava gostando, dera de ombros e começara a falar como o faria a uma dessas mulheres, a uma das minhas moças em flor. E bruscamente chamada à realidade, vermelha de vergonha, recalcando o que ia dizer, desesperada, não quisera mais pronunciar uma só palavra. Eu não tinha um segundo a perder se não quisesse dar a impressão de desespero que me avassalava. Mas, após o sobressalto da cólera, já as lágrimas vinham aos olhos.

Como em Balbec, na noite que se seguira à revelação da amizade com os Vinteuil, era-me preciso inventar imediatamente um motivo possível para a minha tristeza, motivo que ao mesmo tempo fosse capaz de um efeito tão profundo em Albertine que me desse um prazo de alguns dias para tomar uma decisão. Assim, no momento em que ela me dizia que nunca uma afronta semelhante à que lhe infligira ao sair, que teria preferido morrer àquilo de Françoise; como, irritado pela suscetibilidade ridícula, eu ia lhe dizer o que havia feito era bem insignificante, que não havia o menor insulto para o fato de eu ter saído; e como, no decorrer desses minutos, paralelamente, procura inconsciente daquilo que ela quisera dizer após a palavra "casser" terminado, e que o desespero em que me lançara a minha descoberta não fosse de todo escondido, em vez de me defender, acusei-me:

- Albertine, meu bem - disse em tom carinhoso, de mistura com as primeiras lágrimas-, eu poderia dizer que você procedeu mal, que o que eu fiz não significa nada, mas mentindo; é que há seis meses, há três meses, quando ainda sentia tanto por você, jamais teria feito isso. É um nada, e é enorme, devido à imensa mudança que houve no meu coração, de que isto é o sinal. E já que você adivinhou; mudança que eu esperava lhe ocultar, isso me leva a lhe dizer o seguinte: - Querida Albertine - disse-lhe com uma doçura e uma tristeza profundas – a vida que leva aqui é muito aborrecida para você, é preferível deixar-nos; e como as melhores separações são aquelas que mais rapidamente se efetuam, peço-lhe, abreviar a grande mágoa que vou sentir, que se despeça de mim esta noite - parta amanhã de manhã sem que a tenha visto de novo, enquanto eu estiver dormindo.-

Ela pareceu estupefata, ainda incrédula e já desolada:

- Como, amanhã o que você quer?-

E, apesar do sofrimento que eu experimentava em falar da separação como se já estivesse no passado - talvez em parte devido a esse sofrimento-, passei a dirigir à Albertine os conselhos mais adequados relativamente a certas coisas que ela teria de fazer depois de me deixar. E de recomendações em recomendações, cheguei logo a entrar em detalhes minuciosos.

- Tenha a bondade - disse-lhe com tristeza infinita - de me devolver o livro de Bergotte que está com sua tia. Isto não tem pressa, em três dias ou em oito dias, quando você quiser, mas não se esqueça disso, para que eu não tenha de mandar pedi-lo, isto me doeria demais. Temos sido felizes, sentimos agora que seríamos infelizes.

- Não diga que sentimos que seríamos infelizes - interrompeu Albertine-, não diga "nós", pois só você é que acha isso!

- Está bem; enfim, você ou eu, como quiser, por um motivo ou outro; mas já é bem tarde, vá se deitar; decidimos separar-nos esta noite.

- Perdão, você decidiu e eu lhe obedeço porque não quero causar aborrecimentos.

- Seja, fui eu que decidi, mas nem por isso é menos doloroso para mim. Não digo que será doloroso por muito tempo, você sabe que não tenho condições de me lembrar por muito tempo, mas nos primeiros dias vou sentir tantas saudades suas! Assim, acho inútil reavivar com cartas, é preciso acabar logo.

- Sim, você tem razão - disse ela com ar profundamente magoado, a que se ajuntavam ainda as feições abatidas pelo cansaço da hora avançada -, em vez de cortar um dedo e depois outro, prefiro que me cortem logo a cabeça.

- Meu Deus, estou apavorado de pensar a que horas você vai dormir por minha culpa; é uma loucura. Enfim, como é a última noite! Você terá tempo para dormir todo o resto da sua vida. -

E assim, dizendo que era necessário que nos despedíssemos, eu buscava retardar o momento em que ela o faria.

- Para se distrair nos primeiros dias, você quer que eu diga a Bloch para lhe enviar a prima dele, Esther, onde quer que você esteja? Ele fará isto por mim.

- Não sei por que você diz isso (eu o dizia para tentar arrancar uma confissão de Albertine), pois só uma pessoa me interessa: você - disse Albertine, cujas palavras me encheram de doçura.

Mas, logo a seguir, que mal ela me fez:

- Lembro-me perfeitamente que dei minha fotografia a essa Esther porque ela

insistia muito, e eu percebia que aquilo lhe dava prazer; mas quanto a ter tido amizade por ela ou a ter vontade de vê-la, nunca! -

E contudo Albertine era de natureza tão leviana, que acrescentou:

- Se ela quiser me ver, para mim tanto faz; ela é muito amável, mas não faço nenhuma questão. Assim, quando eu lhe falara da foto de Esther que Bloch me havia mandado (e que eu ainda nem sequer recebera ao falar dela a Albertine), minha amiga entendera que Bloch me havia mostrado uma fotografia dela, dada por ela a Esther. Nas minhas piores suposições, jamais imaginara que uma tal intimidade pudesse ter existido entre Albertine e Esther. Albertine não achara coisa alguma para me responder quando lhe falara da fotografia. E agora, julgando, erradamente, que eu estivesse a par do assunto, achava mais hábil confessar. Eu me sentia acabrunhado.

- E além disso, Albertine, peço-lhe uma coisa: é que nunca procure me rever. Se algum dia, o que poderá acontecer dentro de um, dois ou três anos, nós nos encontrarmos na mesma cidade, evite-me. - E vendo que ela respondia afirmativamente ao pedido: - Minha Albertine, não faça tal coisa, me apavorava, essa idéia me viera à cabeça por um instante durante a reunião dos Verdurin. Mas ela se dissipara, aliás contradita pela lembrança de tudo o que Albertine me dizia sem cessar acerca de sua felicidade na minha casa. A intenção de deixar, se existia em Albertine, só se manifestava de um modo obscuro, por olhares tristes, certas impaciências, frases que não queriam absolutamente isso, mas, se a gente raciocinasse (e nem havia necessidade de raciocinar adivinha-se de imediato essa linguagem da paixão, mesmo a gente do povo compreende essas frases que só podem se explicar pela vaidade, pelo rancor, ciúme, aliás não expressos, mas que logo despista no interlocutor uma faculdade intuitiva que, como aquele "bom senso" de que fala Descartes, é a "coisa disseminada do mundo"), só podia explicar pela presença, nela, de um sentimento que ela ocultasse e que podia levá-la a fazer planos para uma outra vida. Assim como essa intenção não se exprimia em suas palavras de uma forma; assim também, o pressentimento dessa intenção que eu tinha desde essa permanecia dentro de mim igualmente vago. Eu continuava a viver na hipótese; admitia como verdadeiro tudo o que Albertine me dizia. Mas poderia dar-se, durante esse tempo, que ocorresse uma hipótese inteiramente contrária, e na qual eu não queria pensar e nem me abandonava; o que é tanto mais provável; a não ser isso, eu não me sentiria constrangido de dizer a Albertine que fosse à casa dos Verdurin, nem que, sem isso, não teria sido compreensível o pouco que me causou a sua cólera. De modo que o que vivia provavelmente em mim era a idéia de uma Albertine inteiramente oposta à que minha razão fazia dela; também àquela que suas próprias palavras figuravam, uma Albertine contudo completamente inventada, pois era como um espelho interior de certos movimentos nela se produziam,

como o seu mau humor pelo fato de eu ter ido à casa dos Verdurin. Aliás, fazia muito tempo que minhas angústias freqüentes, meu medo de dizer a Albertine que a amava, tudo isso correspondia a uma outra hipótese que explicava muito mais coisas e tinha também isto a seu favor: que, se adorava a primeira, a segunda se tornava mais provável, pois, deixando-me arrastara imbuída de carinho com Albertine, dela só alcançava irritação (que, aliás, ela outra causa).

Devo dizer que o que me parecera mais grave, que mais me causou impressão como sintoma de que ela se antecipava às minhas acusações, era o que me foi dito:

- Creio que eles receberão a Srta. Vinteuil esta noite - a que eu respondi mais cruelmente possível:

- Você não me havia dito que estivera com a Sra. Verdurin.

Desde que eu não achava que Albertine fosse amável, em vez de lhe dizer que estava triste fazia-me cruel. Analisando as coisas desse modo, de acordo com o sistema invariável de respostas que expressavam exatamente o contrário do que sentia, posso estar seguro de que, se aquela noite eu lhe disse que iria deixa-la, mesmo antes de me tornar consciente daquilo porque temia que ela desejava uma liberdade (não saberia dizer qual fosse essa liberdade que me fazia estremecer, mas enfim uma liberdade tal que lhe permitisse trair-me ou, pelo menos, uma liberdade em que eu não mais teria certeza se ela não me enganava) e queria mostrar-lhe por orgulho, por habilidade, que muito longe estava de temer aquilo, como já em Balbec, quando eu desejava que ela tivesse uma excelente idéia de mim e, mais tarde, quando queria que ela não tivesse tempo de se aborrecer comigo. Enfim, quanto à objeção que se poderia opor a esta segunda hipótese informulada - de que tudo o que Albertine me dizia sempre significava, ao contrário, que sua vida preferida era a vida em minha casa, o repouso, a leitura, a solidão, o ódio aos amores sádicos, etc., seria inútil perder tempo com ela. Pois se, por seu lado, Albertine tivesse querido avaliar o que eu sentia pelo que lhe dizia, chegaria exatamente ao contrário da verdade, já que eu nunca manifestava o desejo de deixá-la senão quando não podia passar sem ela, e em Balbec lhe confessara duas vezes amar outra mulher, uma vez Andrée, outra vez uma pessoa misteriosa, nas duas vezes em que o ciúme reanimara o meu amor por Albertine. Portanto, de modo algum minhas palavras refletiam meu pensamento. Se o leitor não tem disso senão uma idéia bastante fraca, é que, enquanto narrador, eu lhe exponho meus sentimentos e, ao mesmo tempo, repito-lhe minhas palavras. Mas, se lhe ocultasse os primeiros, e ele conhecesse apenas estas, os meus atos, que têm tão pouca relação com elas, dar-lhe-iam tantas vezes a impressão de estranhas reviravoltas que ele me julgaria mais ou menos louco. Procedimento, aliás, que não seria muito mais falso do que o que adotei, pois as imagens que me faziam agir, tão opostas às que se desenhavam em

minhas palavras, eram nesse momento grandemente obscuras; só imperfeitamente eu conhecia a natureza segundo a qual agia; hoje, conheço claramente a sua verdade subjetiva. Quanto à verdade objetiva, quer dizer, se as intuições dessa natureza alcançavam mais precisamente que meu raciocínio as verdadeiras intenções de Albertine, se tive razão em me confiar a essa natureza ou se, pelo contrário, ela não alterou as intenções de Albertine em vez de esclarecê-las, é o que me é difícil dizer.

Esse vago receio que senti na casa dos Verdurin, de que Albertine me abandonasse a princípio se dissipara. Quando cheguei em casa, foi com o sentimento de ser um prisioneiro, e não de ir encontrar-me com uma prisioneira. Mas o receio dissipado voltara a apoderar-se de mim com maior intensidade quando, no momento em que anunciara a Albertine que havia ido à casa dos Verdurin, eu havia visto sobrepor-se em seu rosto uma aparência de enigmática irritação, que de resto não lhe aflorava pela primeira vez. Eu bem sabia que aquilo não passava da cristalização na carne, de queixas racionais, de idéias claras para a criatura que as forma tendo-as, síntese tornada visível mas não mais racional, e que aquele que lhe olhe o precioso resíduo nas feições da criatura amada tenta, por sua vez, para compreender o que nelas se passa reduzir pela análise a seus elementos obscuros.

A equação aproximativa daquela incógnita que era para mim o pensamento de Albertine resultara em pouco mais ou menos isto: "Eu conhecia as suspeitas tinha certeza de que ele tentaria verificá-las, e para que eu não compreendesse, fez ele todo o seu trabalho às ocultas." Mas, se era com tais idéias, e que ela já me externara, que vivia Albertine, não deveria ela ter horror a mim, não mais, não poderia, de um dia para o outro, decidir terminar com uma existência que, se era, ao menos em desejo, culpada, sentia-se adivinhada, perseguida, iludida de se entregar alguma vez à seus gostos, sem que meu ciúme por si desarmasse; uma existência em que, se ela era inocente de intenção e de fato, tinha o direito, desde algum tempo, de se sentir desencorajada ao ver que, desde onde fora tão perseverante em evitar ficar sozinha com Andrée, até hoje, que renunciara a ir aos Verdurin e a permanecer no Trocadero, não lograra obter a minha confiança? Tanto mais que eu não podia dizer que seu comportamento fosse perfeito. Se em Balbec, quando se falava das moças que tinham má fama muitas vezes dava risadas, espreguiçava-se, imitava-lhes os modos, o que trazia torturas devido ao que eu supunha que isto significava para suas amigas depois que ela soube de minha opinião a esse respeito, logo que aludiam a tipo de coisa ela deixava de tomar parte na conversa, não só com a palavra, também com a expressão fisionômica. Seja para não contribuir às maledicências, que se diziam sobre esta ou aquela moça; seja por um motivo inteiramente diferente; a única coisa que impressionava nela então, em suas feições tão móveis, era a partir do

momento em que se tocava no assunto, revelavam elas a sua diferença conservando precisamente a expressão que tinham tido um minuto antes. E imobilidade de uma expressão mesmo leve pesava como um silêncio; seria impossível dizer se ela censurava, se ela aprovava, se ela conhecia ou não as coisas. Cada um de seus traços não se relacionava senão com outro desses: seu nariz, sua boca, seus olhos; formavam uma harmonia perfeita, isolada ela assumia o ar de um desenho a pastel; e era como se falar daquilo diante de um retrato de La Tour{68} desse no mesmo.

Meu cativeiro, ainda percebido por mim, quando, ao dar ao cocheiro o endereço de Brichot, divisara a luz da janela, deixara de me pesar pouco quando eu tinha percebido que Albertine parecia sentir tão cruelmente para que ele lhe parecesse menos pesado, e para que ela não tivesse de rompê-lo por conta própria, o mais hábil seria não lhe dar a impressão de que eu fingia em definitivo, e que eu mesmo desejava que acabasse. Vendo que dera resultado poderia eu sentir-me feliz, primeiro porque aquilo que tanto a vontade que eu atribuía a Albertine de ir-se embora, estava afastada; porque fora mesmo o efeito visado, em si mesmo o sucesso do meu artifício, provando que eu absolutamente não era para Albertine um amante desdenhado, um ciumento escarnecido, cujas manhas são previamente descobertas, devolvia ao nosso amor uma espécie de virgindade, fazia renascer para ele o tempo em que ela ainda podia, em Balbec, acreditar tão facilmente que eu amava a outra. Sem dúvida, ela não mais teria acreditado nisso, mas acreditava na minha intenção simulada de nos separarmos para sempre aquela noite. Parecia desconfiar que a causa dessa minha intenção fosse alguma coisa ouvida na casa dos Verdurin. Disse-lhe que vira um autor teatral, Bloch, muito amigo de Léa, a quem ela dissera coisas estranhas (pensava deste modo fazê-la acreditar que eu sabia muito mais coisas do que dizia acerca das primas de Bloch). Mas, por uma necessidade de apaziguar a perturbação em que me punha aquela simulação de rompimento, disse-lhe:

- Albertine, você pode jurar que nunca me mentiu?-

Ela encarou fixamente o vago, e depois respondeu:

- Sim, quer dizer, não. Fiz mal em lhe dizer que Andrée andara muito caída por Bloch, nós não o tínhamos visto.

- Mas então, por quê?

- Porque eu tinha medo que você pensasse outras coisas dela.

- É tudo?

Olhou de novo, fixamente, o vazio e disse:

- Fiz mal em lhe esconder uma viagem de três semanas com Léa. Mas eu conhecia você tão pouco.

- Foi antes de Balbec?

- Antes da segunda vez, sim. -

E nessa mesma manhã ela me havia dito que não conhecia Léa! Era como se eu visse uma chama queimar instantaneamente um romance que eu levara milhões de minutos a escrever. Para quê? Para quê? Claro, eu compreendia perfeitamente que Albertine só revelava esses dois fatos por achar que eu soubera indiretamente deles por Léa, e não havia motivo nenhum para que não houvesse mais uma centena de fatos semelhantes. Compreendia também que as palavras de Albertine, quando a interrogava, não continham jamais um átomo de verdade, que a verdade, ela só a deixava escapar sem querer, como uma súbita mistura que nela se fazia entre os fatos que até então estava decidida a ocultar e a crença de que já fossem conhecidos.

- Mas duas coisas, isto não é nada - disse eu a Albertine. - Vamos ver um pouco mais, para que você me deixe algumas recordações. Que outra coisa pode me revelar?-

Ela voltou a encarar um ponto fixo no vago. A que crenças na vida futura adaptaria ela a mentira; com que deuses menos indulgentes do que pensara tentaria acomodar-se? Não deve ter sido fácil, pois seu silêncio e a fixidez do seu olhar duraram muito tempo.

- Nada, nada mais - acabou por dizer.

E, apesar da minha insistência, teimou, facilmente agora, nesse "nada". E que mentira, pois, já que ela possuía aquele vício, quantas vezes, em quantos lugares e passeios ela teria podido satisfazê-lo, até o dia em que se vira enclausurada na minha casa! As gomorrianas são a um tempo bem raras e bem numerosas para que, em qualquer multidão uma não passe despercebida à outra. Daí então o entendimento é fácil.

Lembrei-me horrorizado de uma que na ocasião só me parecera ridícula. Um de meus amigos me convidara para jantar no restaurante com sua amada e um outro de seus amigos, que trouxera a sua. Elas não demoraram a entender-se, mas ficaram de tal modo cientes por se possuírem que, desde a sopa, os pés se buscavam, com freqüência encontrando os meus. Em breve as pernas se entrelaçaram. Meus dois a nada viam; eu pisava em brasas. Uma das mulheres, que não podia conseguir agachou-se embaixo da mesa, dizendo que havia deixado cair alguma coisa; depois, uma teve enxaqueca, desculpou-se e foi ao lavabo. A outra percebeu estava na hora de ir encontrar-se com uma amiga no teatro. Afinal fiquei sozinho com meus amigos, que não desconfiavam de nada. A que estava com enxaqueca desceu, mas pediu para sair sozinha, e esperar seu amante na casa dele para tomar um pouco de antipirina. Elas se fizeram muito amigas, passeavam; uma que se vestia de homem, seduzia as meninas, levava-as

para a casa e iniciava-as. A outra tinha um garoto, de quem parecia estar descontente, de ser corrigido pela amiga, que o surrava à beça. Pode-se dizer que não existe por mais público que seja, onde não fizessem o que há de mais secreto.

- Mas Léa sempre foi correta comigo, durante essa viagem - disse Albertine. - Ela era até mais reservada que muitas mulheres da boa sociedade.

- Quer dizer que houve mulheres da boa sociedade que não foram reservadas com Albertine?

- Nunca.

- Então, o que é que você quer dizer?

- Ora, quero dizer que era menos livre em suas expressões.

- Exemplo?-

Ela não teria empregado, tantas mulheres que são recebidas em sociedade, a palavra "paulificante" como expressão de "mandar para o raio que o parta".

Pareceu-me que uma parte do ramo que ainda não havia queimado reduzia-se afinal a cinzas. Meu desânimo era pelas palavras de Albertine, quando pensava nelas, faziam mudar-se o desânimo em cólera insana. Esta cedia a uma espécie de enternecimento. Eu também; que entrara em casa e havia declarado a intenção de romper, também mentia. A vontade de separação que eu fingia com perseverança, infundia-me aos poucos algo da tristeza que teria sentido se de fato quisesse deixar Albertine. Além disso, mesmo pensando de novo, intermitentemente, por acaso, como se diz das outras dores físicas, nessa vida orgiástica de Albertine antes me conhecesse, ainda mais admirava a docilidade da minha cativa e deixar de querer mal. É claro que nunca, durante a nossa vida em comum, eu deixara a entender a Albertine que semelhante vida não seria provavelmente mais provisória, de forma que Albertine continuasse a achar nela algum encanto. Porém nessa noite eu fora mais longe, tendo receado que vagas ameaças de separação não fossem bastantes, desmentidas que seriam certamente, no espírito de Albertine pela sua idéia de um grande amor ciumento por ela, o qual, parecia ela dizer, ter levado a fazer indagações na casa dos Verdurin. Naquela noite pensei as outras causas que poderiam ter me decidido subitamente, sem mesmo me dar conta de que, à medida que representava essa comédia de ruptura, havia sobre esta: quando eu, num daqueles impulsos como os de meu pai, ameaçava alguém em sua segurança, como não tinha, feito meu pai, a coragem de realizar uma ameaça, para não deixar crer que se tratava de palavras no ar, ia bem longe nas aparências da realização e só recuava quando o adversário, verdadeiramente convencido da minha sinceridade, apavorava-se de fato. Aliás, nessas mentiras, sentimos muito bem o que existe de verdade,

sentimos que, se a vida não traz mudanças em nossos amores, nós mesmos é que nos encarregamos de causá-las ou fingi-las, e falar de separação, de tal maneira sentimos que todos os amores e todas as coisas evoluem rapidamente para o adeus. Desejamos chorar as lágrimas que ele nos fará derramar muito antes que sobrevenha o momento. Sem dúvida, havia dessa vez, na cena que eu representara, uma razão de utilidade. De repente eu fizera questão de guardá-la, pois sentia-a esparsa em outras criaturas às quais eu não podia impedi-la de se juntar. Mas, se ela renunciasse a todos para sempre, por minha causa, talvez eu tivesse mais firmemente ainda resolvido não deixá-la jamais, pois a separação se torna cruel devido ao ciúme, mas impossível por causa da gratidão. Em todo caso, eu sentia que travava a grande batalha em que devia vencer ou sucumbir. Teria oferecido a Albertine em uma hora tudo quanto possuísse, porque dizia comigo: "Tudo depende dessa batalha." Porém tais batalhas se parecem menos àquelas de antigamente, que duravam poucas horas, do que a uma batalha contemporânea que não se acaba nem no dia seguinte, nem no outro, nem na semana posterior. Damos todas as nossas forças, porque imaginamos sempre que são as últimas de que precisaremos. E mais de um ano se passa sem trazer a "decisão". Talvez se houvesse acrescido a isso uma reminiscência inconsciente de cenas mentirosas feitas pelo Sr. de Charlus, junto a quem me achava quando o temor de ser abandonado por Albertine se apossara de mim. Porém mais tarde, ouvi minha mãe contar o seguinte, que então eu ignorava e que me fez crer que eu tivesse encontrado todos os elementos desta cena em mim mesmo, numa dessas reservas obscuras da hereditariedade que determinadas emoções, operando nisso como, na economia de nossas forças armazenadas, os medicamentos análogos ao álcool e ao café põem à nossa disposição: quando minha tia Léonie sabia por Eulalie que Françoise, certa de que sua patroa não sairia nunca mais, tinha tramado uma saída que minha tia devia ignorar, esta, na véspera, fingia decidir que tentaria dar um passeio no dia seguinte. A Françoise, a princípio incrédula, ela ordenava não apenas que preparasse as coisas com antecedência, arejasse aquelas que estavam guardadas há muito, mas até que reservasse o carro e determinasse, com aproximações de um quarto de hora, todos os detalhes do dia. Somente quando Françoise, convencida ou ao menos abalada, via-se forçada a contar a minha tia os projetos que fizera, é que esta renunciava publicamente aos seus, para, conforme dizia, não armar os de Françoise. Da mesma forma, para que Albertine não pudesse acreditar que eu exagerava e para fazê-la ir o mais longe possível na idéia de que iríamos nos separar, tirando eu próprio as deduções do que acabava de dizer, pudesse antecipar o tempo que ia começar no dia seguinte e que duraria para sem tempo em que estaríamos separados, dirigindo a Albertine as mesmas recordações como se não fôssemos nos reconciliar dali a pouco. Como os generais julgam que para que um estratagema consiga enganar o inimigo, é preciso ir fundo, tinha

empenhado no meu quase tanto de minhas forças de sensibilidade que ele fosse verdadeiro. Esta cena de separação fictícia acabava por me dar quase mágoa como se fosse real, talvez porque um dos atores, Albertine, julgando-a aumentava a ilusão para o outro. Vivíamos um cotidiano que, mesmo penoso, suportável, preservado como estava no terra-a-terra pelo lastro do hábito e certeza de que o dia seguinte, ainda que fosse cruel, conteria a presença da criatura amada. E então, eis que loucamente eu destruía essa vida incômoda. É verdade que não a destruía senão de um modo fictício, mas aquilo bastava para me sentir desolado; talvez porque as palavras tristes que pronunciamos, ainda que com razão, trazem em si a sua tristeza e no-la injetam profundamente; talvez porque ao simular um adeus, evocamos por antecipação uma hora que fatalmente virá mais tarde; depois, não temos bem certeza de que não acionamos o que fará soar essa hora. Em todo blefe existe, por menor que seja, uma parada de incerteza acerca do que vai fazer aquele que enganamos. E se essa comédia de separação fosse terminar numa separação de verdade! Não podemos evitar a possibilidade, mesmo que improvável, sem um aperto no coração. Ficamos ansiosos, pois a separação, nesse caso, iria ocorrer no momento em que seria insuportável; em que sofremos pela mulher que vai nos deixar antes de ter curado, ou ao menos acalmado. Enfim, não temos mais nem o ponto de apoio do hábito, em que pudéssemos repousar, mesmo na dor. Acabamos voluntariamente de nos privar dele, demos ao dia presente uma importância extraordinária, desta dos dias vizinhos, ele flutua sem raízes como um dia de partida; nossa emoção, deixando de estar paralisada pelo hábito, acaba de despertar, e de repente acrescentamos ao nosso amor cotidiano devaneios sentimentais que o engrandece enormemente, tornando-nos indispensável uma presença com a qual, todavia estamos mais absolutamente seguros de poder contar. Sem dúvida, foi justamente para assegurar no futuro essa presença, que nos entregamos ao jogo de dispensá-la. Porém nós mesmos nos tornamos vítimas desse jogo, recomeçamos a sofrer porque fizemos algo de novo, de inusitado, e que assim sucede com essas curas que devem sanar mais tarde o mal de que sofremos, mas os primeiros efeitos fazem-no agravar-se.

Eu tinha lágrimas nos olhos como aqueles que, sozinhos imaginando a morte de um ente amado conforme os desvios caprichosos devaneios, representam para si mesmos tão minuciosamente a dor que acabam por senti-la. Assim, multiplicando as recomendações a Albertine acerca da conduta que ela deveria ter para comigo quando nos separássemos, parecia-me sentir quase tanta mágoa como se não fôssemos nos reconciliar dentro em breve. E, além disso, estava eu tão certo assim de consegui-lo, de fazer Albertine voltar à idéia de uma vida em comum? E, caso eu o conseguisse aquela noite, não poderia acontecer que o estado de espírito, que esta cena havia dissipado, renascesse ainda? Eu me sentia, mas não me acreditava, senhor do futuro, pois compreendia que esta sensação

provinha exclusivamente daquilo que ainda não existia e que, desse modo, eu não estava acabrunhado pela sua necessidade. Afinal, sempre mentindo, eu punha talvez mais verdade nas minhas palavras do que pensava. Acabava de ter um exemplo disso quando dissera a Albertine que a esqueceria depressa. Fora o que, de fato, acontecera-me com Gilberte, a quem agora eu me abstinha de ir visitar, para evitar não um sofrimento, mas uma chatice. E certamente havia sofrido ao escrever a Gilberte dizendo que não a veria mais. Pois só de vez em quando ia a sua casa. Todas as horas de Albertine me pertenciam. E, no amor, é mais fácil renunciar a um sentimento do que perder um hábito. Mas todas essas palavras dolorosas sobre nossa separação, se me fora dado a força de pronunciá-las porque as sabia mentirosas, em compensação eram sinceras na boca de Albertine quando a ouvi exclamar:

- Ah, está combinado, não o verei jamais. Tudo menos vê-lo chorar desse modo, meu querido. Não quero magoá-lo. Já que é preciso, não nos veremos mais.-

Elas eram sinceras, o que não poderiam ser de minha parte, pois, como Albertine só sentia amizade por mim, por um lado a renúncia que elas prometiam custava menos; por outro lado, porque minhas lágrimas, que significariam tão pouco num grande amor, pareciam-lhe quase extraordinárias, deixando-a enleada, transpostas para o domínio dessa amizade em que ela se fixava, dessa amizade maior que a minha, pelo que acabava de dizer; porque numa separação aquele que não ama é que diz coisas carinhosas, pois o amor não se exprime diretamente-, pelo que acabava de dizer, e que talvez não fosse de todo inexato, pois as mil bondades do amor podem acabar por despertar na pessoa que o inspirava sem senti-lo uma afeição, uma gratidão, menos egoísta que o sentimento que as causou e que, talvez, depois de anos de separação, quando nada mais restar dele no antigo amante, subsistirão sempre na amada.

Houve apenas um momento em que senti por Albertine uma espécie de ódio que só fez tornar mais viva a minha necessidade de retê-la. Como pensava com a maior indiferença no Trocadero unicamente ciumento, naquela noite, da Srta. Vinteuil-, não só porque a enviara para ali a fim de evitar os Verdurin, mas também por ver ali essa Léa, por causa de quem eu mandara buscar Albertine de volta, para que ela não a conhecesse, eu disse o nome de Léa sem pensar naquilo, e ela, desconfiada e julgando que talvez me tivessem contado mais coisas, antecipou-se com volubilidade, não sem ocultar um pouco o rosto:

- Conheço-a muito bem, fui vê-la representar no ano passado, com algumas amigas; depois do espetáculo, fomos até seu camarim, ela se vestiu na nossa frente. Foi muito interessante -

Então meu pensamento foi obrigado a abandonar a Srta. Vinteuil e, num desespero, nessa queda no abismo das reconstituições impossíveis, perder à atriz,

àquela noite em que Albertine havia ido a seu camarim. Por um lado, de todos os juramentos que ela me fizera e num tom tão verídico, depois do artifício tão completo de sua liberdade, como acreditar que houvesse maldade tudo aquilo? E no entanto minhas suspeitas, não eram elas umas antenas dirigidas para a verdade, visto que, se ela me sacrificara os Verdurin para ir ao Trocadero ainda assim, nos Verdurin, deveria ter estado a Srta. Vinteuil? E, visto que no Trocadero, que aliás ela sacrificara para passear comigo, houvera, como razão fazê-la regressar, essa Léa que parecia inquietar-me sem motivo, e que, toda numa frase que eu não lhe pedira, ela declarava ter conhecido numa escala maior do que a que atingiriam meus temores, em circunstâncias bem suspeitas, pois o que a pudera levar a subir daquele jeito ao camarim? Eu deixava a causa da Srta. Vinteuil, quando sofria por causa de Léa, as duas algozes do meu padecer, ou porque o meu espírito era enfermo e não podia imaginar ao mesmo tempo cenas demais, ou devido à interferência de minhas emoções nervosas das quais meu ciúme não passava de um reflexo. Daí eu podia inferir que Albertine estivera mais com Léa do que com a Srta. Vinteuil, e que eu só acreditava porque ainda sofria por causa dela. Mas porque meus ciúmes se dissipavam, despertavam às vezes, um após outro-isto tampouco significava o contrário, que correspondessem a alguma verdade pressentida, pois dessas mulheres não preciso que me dissesse nenhuma, mas todas. Digo pressentidas, pois não ocupam todos os pontos do espaço e do tempo que seriam precisos, e, ainda qual o instinto que me teria fornecido a conjunção de uns e outros, para surpreender Albertine aqui em tal hora com Léa; ou com as moças de Balbec; com a amiga da Sra. Bontemps em quem roçara; ou com a moça do tênis que tocara com o cotovelo, ou com a Srta. Vinteuil?

- Minha querida Albertine, você é muito amável em me prometer. Aliás, nos primeiros anos pelo menos, eu hei de evitar os lugares; onde, você sabe, se irá este ano a Balbec? Porque nesse caso, vou arranjar as coisas para ir até lá. -

Agora, se eu continuava a proceder assim, adiantando os tempos seriam invenção mentirosa, era menos para atemorizar Albertine do que para fazer a mim mesmo. Como um homem que não tinha a princípio senão motivos importantes para se aborrecer, exalta-se de todo com os efeitos da própria deixando-se levar por uma fúria engendrada não por suas razões de queixa, mas pela própria cólera em vias de crescimento; assim eu rolava cada vez mais, pelo declive da minha tristeza, na direção de um desespero cada vez mais intenso; e com a inércia de um homem que sente o frio assaltá-lo, não tenta reagir e uma espécie de prazer em tiritar. E por fim, se eu tivesse dali a pouco, como esperava, a força de me recobrar, de reagir e de voltar atrás, o beijo de Albertine, no momento de me dar boa-noite, teria hoje de me consolar, muito mais que do desgosto que ela me dera acolhendo tão mal o meu regresso, da tristeza que eu

experimentara ao tramar, por fingir determiná-las, as formalidades de uma separação imaginária, a lhe prever as conseqüências. Em todo caso, não era preciso que ela tomasse a iniciativa de me dar esse boa-noite, o que me tornaria mais difícil a reviravolta pela qual eu lhe proporia desistir da nossa separação. Assim, não cessava de lembrar-lhe que a hora de nos despedirmos já chegara há muito, o que, se me deixava a iniciativa, permitia-me retardar esse boa-noite por um instante ainda. Desse modo, ia eu semeando de alusões a noite já avançada, à nossa fadiga, as perguntas que fazia a Albertine.

- Não sei para onde vou - respondeu ela à última, com ar preocupado. - Talvez vá para a casa da minha tia na Touraine. -

E esse primeiro projeto que ela esboçou, deixou-me gelado, como se ele começasse a realizar de fato a nossa separação definitiva. Ela olhou o quarto, a pianola, as poltronas de cetim azul.

- Ainda não posso me acostumar com a idéia de não ver mais tudo isto amanhã, nem depois de amanhã, nem nunca mais. Pobre quartinho! Parece impossível; isto não consegue entrar na minha cabeça.

- Vai ser preciso, você era muito infeliz aqui.

- Mas não, eu não era infeliz, de agora em diante é que o serei.

- Não, eu lhe asseguro, é melhor para você.

- Para você, talvez!

Pus-me a encarar fixamente o espaço, como se, preso de grande hesitação, debatesse-me contra uma idéia que me ocorrera ao espírito. Afinal, de repente:

- Escute, Albertine, você diz que é mais feliz aqui, que seria infeliz lá fora.

- Certo.

- Isto me perturba; deseja que tentemos prolongar isto por algumas semanas?

- Quem sabe? Semana após semana, pode-se chegar talvez bem longe, você sabe que há situações provisórias que podem acabar durando para sempre. - Oh, como seria gentil de sua parte! - - Mas então foi uma loucura a gente se ter torturado desse modo para nada, durante horas; foi como uma viagem para a qual nos preparássemos e depois desistíssemos de fazer. Estou moído de desgosto.

Sentei-a nos meus joelhos, peguei o manuscrito de Bergotte que ela tanto desejava e escrevi na capa: "À minha querida Albertine, como lembrança da renovação de um contrato."

- Agora – disse-lhe - vá dormir até tarde amanhã, minha querida, você deve estar esgotada.

- Sobretudo estou bem contente.

- Gosta um pouquinho de mim?

- Cem vezes mais do que antes.

Andaria eu mal em me sentir feliz com a pequena comédia, ainda que não tivesse ela chegado à forma de verdadeira encenação a que a levara. Se apenas tivéssemos falado de separação, já teria sido grave. Em conversas desse gênero, julgamos falar não apenas sem sinceridade, o que acontece de fato, mas livremente. Ora, em geral elas são, sem o sabermos, o primeiro murmúrio sussurrado, hino ingrato nosso, de uma tempestade de que não desconfiamos. Na realidade, o que então expressamos é o contrário do nosso desejo (que é o de viver sempre aquela a quem amamos), mas é também essa impossibilidade de viver com que se forma o nosso sofrimento diário, sofrimento que preferimos ao da separação; mas que terminará, contra nossa vontade, por nos separar. Pelo hábito, entretanto não de um golpe. A maioria das vezes ocorre, veremos como este não foi o caso com Albertine, que, algum tempo depois das palavras em que não acreditávamos, põe-se em ação uma tentativa informe de separação intencional, não temporária. Pede-se à mulher, para que depois ela se sinta melhor em companhia, para que, por outro lado, possamos fugir momentaneamente às tristezas e fadigas contínuas, que faça sem nós, ou que nos deixe fazer sem ela, uma viagem de alguns dias, os primeiros desde muito tempo passados sem, que nos teria parecido impossível. Bem depressa ela volta para retomar o seu a nosso lado. Unicamente essa separação, curta mas realizada, não é tão arbitrariamente decidida e nem tão certamente a única, como pensamos. As mesmas tristezas recomeçam, a mesma dificuldade de vida em comum se acentua, e só a sensação já não é coisa tão difícil; principiou-se por falar nela, e a seguir realizamo-la de uma forma amigável. Mas isso são apenas os pródromos que não reconhecemos. Em breve, à separação risonha e momentânea sucederá a separação atroz e definitiva que preparamos sem o saber.

- Venha a meu quarto daqui a cinco minutos, para que eu possa vê-lo um pouco, meu queridinho. Você vai ser muito carinhoso. Mas eu vou dormir depois, pois estou quase morta.-

Foi de fato uma morta que eu vi quando entrei em seguida no seu quarto. Adormecera logo que se deitara; e os lençóis, enrolados como um sudário em torno de seu corpo, haviam assumido, com suas belas dobras uma rigidez de pedra. Dir-se-ia, como em certos Juízos Finais da Idade Média; só a cabeça aparecia fora do túmulo, esperando em seu sono a trombeta do Arcanjo. Essa cabeça fora surpreendida pelo sono quase caída, os cabelos soltos. Vendo aquele corpo insignificante ali deitado, eu me indagava que espécie de tábua de logaritmos ele constituía, para que todos os atos a que pudesse estar ligado; desde uma cotovelada até um roçar de vestido, fossem capazes de me provocar estendidas ao infinito de todos os pontos que ele havia ocupado no espaço tempo,

e de vez em quando bruscamente revivificadas em minha lembrança, angústias tão dolorosas, e que no entanto eu sabia serem determinadas por momentos e desejos dela que me teriam sido noutra mulher, nela mesma cinco antes, cinco anos depois, tão indiferentes.

Era uma mentira, porém mentira na qual eu não me animava a procurar outras soluções que não a minha morte. Assim permanecia eu, envolto ainda na peliça que não havia tirado desde a minha volta da casa dos Verdurin, diante daquele corpo retorcido, daquela figura alegórica de minha morte? Do meu amor? E logo comecei a ouvir sua respiração igual sentar-me à beira de sua cama para fazer essa cura calmante de brisa e de contemplação. Depois retirei-me suavemente para não acordá-la.

Era tão tarde que desde manhãzinha recomendei a Françoise que caminhasse bem devagarinho sempre que tivesse de passar diante do quarto de Albertine. Assim Françoise, convencida de que tínhamos passado a noite no que ela chamava “orgias", recomendou aos demais criados, com ironia, que não "despertassem a princesa". E uma das coisas que eu temia era que Françoise não pudesse mais se conter e tratasse Albertine de maneira insolente, e que isso acarretasse complicações em nossa vida. Françoise, então, já não estava, como na época em que sofria por ver Eulalie bem tratada por minha tia, em idade de suportar valentemente o seu ciúme. Este alterava, paralisava a fisionomia da nossa empregada a tal ponto que, por momentos, eu me perguntava se ela não teria tido, como resultado de alguma crise de cólera, um pequeno insulto cerebral que me tivesse passado despercebido. Tendo desse modo pedido que preservassem o sono de Albertine, eu mesmo não pude conciliá-lo. Tentava compreender qual seria o verdadeiro estado de espírito de Albertine. Com a triste comédia que eu havia representado, teria eu conseguido evitar um perigo real, e apesar de ela dizer que se sentia tão feliz naquele casa, tivera ela de fato, em certos momentos, a idéia de querer a liberdade, ou, ao contrário, era preciso acreditar nas suas palavras? Qual das duas hipóteses era a verdadeira? Se me ocorria muitas vezes, se devia me ocorrer sobretudo estender um caso de minha vida passada até às dimensões da história, quando queria tentar compreender um acontecimento político, inversamente naquela manhã não deixei de identificar, apesar de tantas diferenças e para esforçar-me por compreender-lhe o alcance, a nossa cena da véspera com um incidente diplomático que ocorrera há pouco. Talvez tivesse o direito de raciocinar assim. Pois era bem provável que, contra a minha vontade, o exemplo do Sr. de Charlus me tivesse guiado naquela cena mentirosa que eu tantas vezes o vira representar com tamanha autoridade; e, por outro lado, não seria ela, de sua parte, senão uma importação inconsciente, no domínio da vida privada, da tendência profunda de sua raça alemã, provocadora por astúcia e, por orgulho, guerreira se necessário?

Diversas pessoas, entre as quais o príncipe de Mônaco, tendo sugerido ao governo francês a idéia de que, se ele não afastasse o Sr. Delcassé, a Alemanha, ameaçadora, efetivamente iria declarar guerra, o ministro das Relações Exteriores fora convidado a demitir-se. Portanto, o governo francês admitira a hipótese de nos declararem guerra caso não cedêssemos. Mas outras pessoas pensavam tratar-se de um simples blefe e que, se a França tivesse mostrado firmeza, a Alemanha não teria desembainhado a espada. Sem dúvida a situação era não só diferente, mas quase oposta, já que a ameaça de rompimento comigo jamais fora proferida por Albertine; mas um conjunto de impressões me trouxera a crença de que ela assim pensava, como o governo francês tivera essa crença quanto à Alemanha. Por outro lado se a Alemanha desejava a paz, o fato de haver provocado no governo francês de que desejava a guerra era de uma habilidade contestável e perigosa. Certamente a minha conduta fora bastante esperta, se era a idéia de que eu me decidiria a romper com Albertine o que provocava nela súbitos de independência. E não seria difícil acreditar que ela não a tivesse, recusar nela toda uma vida secreta, dirigida para satisfação do seu vício, a julgar pela, que ela mostrara ao saber da minha ida à casa dos Verdurin, gritando:

"É certeza!", e acabando por desvelar tudo ao dizer: "Devem ter recebido Vinteuil"

Tudo isso corroborado pelo encontro de Albertine com a Sra. Verdurin que me fora contado por Andrée. Talvez, no entanto, esses bruscos de independência - dizia eu comigo quando tentava ir contra meu instinto - foram causados - supondo que existissem - ou acabassem por sê-lo pela idéia de saber, que eu jamais pensara em desposá-la, que era quando aludia, involuntariamente, à nossa próxima separação que eu falava a verdade, qualquer modo a deixaria um dia ou outro, crença que minha cena daquela não fizera mais que fortalecer e que podia engendrar nela essa resolução: " deve acontecer fatalmente um dia ou outro, então o melhor é terminar os preparativos de guerra, que o mais falso dos adágios preconiza para trazer vontade de paz, ao contrário, criam, em cada um dos dois adversários; primeiro a crença de que o outro deseja o rompimento, crença que leva ao rompimento depois quando ele ocorre esta outra crença em ambos, de que foi o outro o quis. Mesmo que a ameaça não fosse sincera, seu êxito anima a repeti-la no ponto exato até onde o blefe pode ter sucesso é difícil de determinar; se longe demais, o outro, que até então havia cedido, por sua vez avança; o primeiro não sabendo mais mudar de método, habituado à idéia de que dar a impressão de não temer o rompimento é a melhor maneira de evitá-lo (o que eu fizer a noite com Albertine), e, além disso, levado a preferir, por altivez, sucumbir ao de ceder, persevera em sua ameaça até o momento em que ninguém mais recuar. O blefe também pode estar misturado à sinceridade,

alternar-se com aquilo que era um jogo hoje, torna-se uma realidade amanhã. Enfim, também ocorrer que um dos adversários esteja de fato resolvido a guerrear, que Albertine, por exemplo, mais cedo ou mais tarde, tenha a intenção de não continuar aquela vida, ou, pelo contrário, que essa idéia jamais lhe ocorra ao espírito, minha imaginação a tenha inventado nos mínimos detalhes. Tais foram as hipóteses que eu considerei enquanto ela dormia, àquela manhã. Entretanto, no que diz respeito à última, posso dizer que, nos dias que se seguiram, jamais observei em Albertine idéia de abandono senão para responder a uma idéia de má liberdade - ela tivesse, idéia que ela não expressava, mas que me parecia estar implícita em certos descontentamentos misteriosos, certas palavras, certos gestos, dos quais essa idéia era a única explicação possível, e pelos quais ela se recusava a alguma. Ainda com maior freqüência, eu os constatava sem fazer nenhuma a uma separação possível, achando-os provenientes de um mau humor que desapareceria nesse mesmo dia. Mas seu mau humor durava às vezes, sem qualquer alívio, semanas inteiras. Quando Albertine parecia querer provocar um conflito, como se houvesse naquele momento, numa região mais ou menos afastada, prazeres que ela conhecia, dos quais a sua clausura em minha casa a privava, e que a influenciavam até que tais prazeres tivessem terminado, como essas mudanças atmosféricas que, mesmo ao pé da nossa lareira, agem sobre os nossos nervos ainda que se originem a tão longa distância como as ilhas Baleares.

Naquela manhã, enquanto Albertine dormia e eu tentava adivinhar o que se achava oculto nela, recebi uma carta de minha mãe em que ela me expressava a sua inquietação de nada conhecer das minhas decisões, por meio desta frase da Sra. de Sévigné: "Por mim, estou persuadida de que ele não se casará; mas então por que perturbar essa menina que ele não desposará nunca? Porque fazê-la correr o risco de recusar outros partidos que ela só olhará com desprezo? Por que tirar a paz de espírito de uma pessoa que seria tão fácil evitar?" Esta carta de minha mãe me fez voltar à realidade. Por que hei de procurar uma alma misteriosa, interpretar umas feições e sentir-me rodeado de pressentimentos que não tenho coragem de aprofundar? Indaguei a mim mesmo. A coisa é bem simples, eu devaneava. Sou um rapaz indeciso; trata-se de um desses casamentos sobre os quais ficamos durante algum tempo sem saber se se realizam ou não. Não existe nada de especial em Albertine. Essa idéia me deu um sossego profundo, porém curto. Bem depressa disse comigo: "De fato, pode-se reduzir tudo, se considerarmos o aspecto social, à mais comum das ocorrências diárias; de fora, seria talvez desse modo que eu veria a coisa. Mas sei perfeitamente que o que é verdadeiro, que pelo menos o que também é verdadeiro, foi tudo o que li nos olhos de Albertine, são os medos que me torturam, é o problema que me coloco sem cessar em relação a Albertine. A história do noivo hesitante e do casamento desfeito pode corresponder a isso, como a apreciação de um crítico

teatral de bom senso pode dar idéia de uma peça de Ibsen. Mas há outra coisa além dos fatos que se narram. É verdade que essa coisa existe talvez, caso se saiba vê-la, em todos os noivos hesitantes e em todos os casamentos que demoram, porque talvez haja mistério na vida de todos os dias. Era-me possível desprezá-lo no que dizia respeito à vida dos outros, mas a minha e a de Albertine eu a vivia por dentro.

A partir daquela noite, Albertine não me contou mais o que ela havia feito no passado:

- Sei que você não tem confiança em mim, vou tentar dissipar suas suspeitas.

Mas esta idéia, que ela nunca exprimiu, poderia servir de explicação para seus menores atos. Não só ela manobrava no sentido de jamais estar um momento sozinha, de modo que eu não pudesse ignorar o que havia feito, caso não acreditasse em suas próprias declarações, mas até quando precisava telefonar para Andrée ou para a garagem, ou para o picadeiro, ou para qualquer outra parte, alegava muito aborrecida ficar sozinha telefonando, devido ao tempo que as telefonistas levavam para fazer a ligação, e achava um meio para que eu estivesse perto dela naquele momento ou, na minha ausência, Françoise, como se temesse que pudesse imaginar ligações censuráveis e que servissem para marcar os misteriosos. Ai de mim, tudo aquilo não me tranqüilizava.

Aimé havia me dado a fotografia de Esther, dizendo que não se tratava dela. Então havia outras muitas ainda? Quais? Devolvi essa fotografia à Bloch. A que eu queria ver era a que havia dado à Esther. Como estaria nela? Talvez decotada; quem sabe se elas teriam tirado fotografias juntas? Mas não me animava a falar nisso, nem à Albertine; (pois teria dado a impressão de não ter visto a fotografia), nem a Bloch, para quem eu não desejava parecer que me interessava por Albertine. E essa vida, de achar tão cruel para mim e para Albertine quem quer que soubesse das minhas suspeitas e do seu cativeiro, vista de fora, como para Françoise, passava pela vida de prazeres imerecidos que sabia me proporcionar com habilidade "engambeladora" e, como dizia Françoise, que empregava muito mais esse termo no masculino, invejando mais as mulheres, aquela "charlatã{69}".

E até, Françoise, na minha convivência, enriquecera o seu vocabulário com novos termos, mas arranjando-os a seu modo, ela dizia de Albertine que jamais conhecia pessoa de semelhante perfididade{70}; que sabia arrancar-me os tostões, representando tão bem a comédia (Françoise, que tão facilmente usava o particular pelo geral como o geral pelo particular, e que só possuía idéias muito vagas à distinção de gêneros na arte dramática, chamava "saber representar a pantomina"). Talvez eu próprio fosse um tanto responsável por esse erro acerca da vida verdadeira, minha e de Albertine; por causa das vagas confirmações, ao

conversar com Françoise, habilmente deixava escapar; fosse por vontade de falar com ela; fosse para parecer, não sendo amado, ao menos feliz. No entanto, o ciúme, a vigilância que exercia sobre Albertine, e dos quais tanto desejava que não desconfiasse, esta não demorou a adivinhá-los, como o espírita de olhos vendados, consegue encontrar um objeto, por aquela intuição que possuía das coisas que me podiam ser penosas, não se deixando desnortear por mentiras que eu pudesse lhe dizer a fim de despistá-la, e também por Albertine que a levava mais ainda a imaginar serem suas inimigas farsantes mais bem-sucedidas e mais devassas do que eram; descobrir que poderia perdê-las e precipitar sua queda. É claro que Françoise nunca fizera escândalos com Albertine. Eu me indagava se esta, sentindo-se vigiada, não efetuaria por conta própria aquela separação de que eu a havia ameaçado, pois a vida, alterna-se, transforma em realidade as nossas fábulas. Cada vez que ouvia abrir a porta experimentava aquele sobressalto que minha avó tivera na agonia todas as vezes que eu tocava a campainha. Eu não imaginava que ela saísse sem me avisar, mas era o meu inconsciente que pensava assim, como era o inconsciente de minha avó que palpitava aos toques da campainha, ainda que ela não tivesse consciência disso.

Certa manhã mesmo, senti de repente a súbita inquietação de que ela não apenas saíra, mas partira em definitivo. Eu acabava de ouvir bater uma porta que me parecia de seu quarto. Com passos de lã fui até esse quarto, entrei, permaneci no limiar. Na penumbra, os lençóis estavam erguidos em semicírculo; devia ser Albertine que, o corpo recurvado, dormia com os pés e a cabeça voltados para a parede. Somente, ultrapassando os limites da cama, os cabelos dessa cabeça, negros e abundantes, fizeram-me compreender que se tratava dela, que ela não tinha aberto a porta, não se mexera, e senti aquele semicírculo imóvel e vivo, onde se abrigava toda uma vida humana, e que era a única coisa à qual eu dava importância; senti que ali ele se achava, sob a minha posse dominadora.

Mas eu conhecia a arte da insinuação de Françoise, o partido que ela sabia tirar de um cenário significativo, e não posso acreditar que ela tenha resistido a dar a entender, diariamente, a Albertine o papel humilhante que esta fazia na casa, a transtorná-la pelo retrato, sabiamente exagerado, da clausura a que minha amiga estava submetida.

Certa ocasião encontrei Françoise, com óculos de lentes grossas, remexendo nos meus papéis e recolocando entre eles um outro onde eu anotara uma narrativa concernente à Swann e à impossibilidade em que este se achava de viver sem Odette. Teria ela levado esse papel por descuido ao quarto de Albertine? Além disso, acima de todos os subentendidos de Françoise, que não tinham sido mais que, em registro abaixo, uma orquestração sussurrante e pérfida, é provável que se devia ter elevado mais alta, mais nítida, mais premente, a voz acusadora e caluniosa dos Verdurin, irritados por verem que Albertine me retinha

involuntariamente, e eu a ela voluntariamente, longe do pequeno clã.

Quanto ao dinheiro que eu gastava com Albertine, era-me quase impossível escondê-lo de Françoise, pois não podia ocultar-lhe despesa alguma. Françoise tinha poucos defeitos, mas estes haviam criado nela, para servi-los, verdadeiros dons, que muitas vezes lhe faltavam quando não exercia tais defeitos. O principal era a curiosidade aplicada ao dinheiro que gastávamos com outras pessoas que não ela. Se eu tinha de pagar uma conta, dar uma gorjeta, por mais que me afastasse ela achava sempre um prato para guardar, um guardanapo para apanhar, alguma coisa que lhe permitisse aproximar-se. E por menos tempo que lhe desse, mandando-a de volta, enfurecido, essa mulher, que já enxergava com muita dificuldade, que mal sabia fazer contas, guiada pelo mesmo instinto que faz com que um alfaiate, ao nos ver, compute de imediato a fazenda da nossa roupa sem mesmo impedir-se de apalpá-la; ou faz com que um pintor seja sensível a um efeito de cores. Françoise, via e calculava instantaneamente a quantia que eu dava. Se, para que ela não pudesse dizer a Albertine que eu corrompia o seu motorista, eu mentia, desculpando-me pela gorjeta, assim dizia:

- Quis ser amável com o rapaz; dez francos -

Françoise, impiedosa e para quem o seu olhar de águia velha e cega fora o bastante, respondia-me:

- Não, o senhor lhe deu quarenta e três de gorjeta. Ele disse ao senhor que eram quarenta e cinco francos, o senhor deu cem francos e ele só lhe devolveu doze. -

Françoise tivera tempo de ver o total da gorjeta que eu mesmo ignorava.

Se o objetivo de Albertine era restituir-me o sossego, alcançou-o; aliás, minha razão só desejava provar-me que me enganara acerca dos maus tratos de Albertine, como talvez eu me houvesse enganado sobre seus instintos preciosos. Sem dúvida eu levava em conta, no valor dos argumentos que me oferecia, o desejo que eu tinha de achá-los bons. Mas, para ser justo, na ocasião de ver a verdade, a menos que se admita que esta jamais seja convincente; a não ser pelo pressentimento, por uma emanação telepática, não me seria preciso afirmar que, se minha razão, buscando alcançar a minha cura, deixa conduzir pelo meu desejo, em compensação, no que dizia respeito à Srta. Vinteuil os vícios de Albertine, suas intenções de ter uma outra vida, seu projeto de ação, os quais eram corolários de seus vícios, tinha podido o meu instinto, fazer adoecer, deixar-se transviar pelo ciúme? Aliás, o seqüestro de Albertine ela própria se incumbia tão engenhosamente de tornar absoluto, eliminando o sofrimento, afastou-me aos poucos a suspeita e voltei a achar na presença de Albertine, quando a noite me trazia de novo as inquietações, o sossego dos outros dias. Sentada ao lado da minha cama, ela me falava de um daqueles vestidos, objetos que eu não cessava de lhe dar para procurar tornar mais suave, a sua mais bela, a sua prisão,

receando às vezes que ela não fosse da opinião daquele de La Rochefoucauld, que respondera a alguém que lhe indagava se não estava contente por encontrar-se numa vivenda tão bonita como Liancourt, que conhecia a prisão mais bela.

Assim, se eu interrogara o Sr. de Charlus sobre a velha prataria francesa; quando tínhamos feito o projeto de possuir um iate, projeto considerado irrealizável por Albertine e por mim mesmo, cada vez que, principiando a acreditar; em virtude do meu ciúme, declinando, já não comprimia outros desejos em que tinha parte alguma e que também demandavam dinheiro para serem satisfeitos; tínhamos, a qualquer risco, e aliás sem que ela acreditasse que algum dia viesse possuir um, pedindo conselhos à Elstir. Ora, tanto quanto para as roupas femininas, o gosto do pintor era requintado e difícil para o mobiliário dos iates. Nele admitia móveis ingleses e prataria antiga. A princípio, Albertine só pensava em vestidos e móveis. Agora a prata a interessava, e isso a levara, desde que voltamos de Balbec, a ler obras sobre a arte de trabalhos em prata, sobre os bustos antigos cinzeladores. Mas tendo sido a prata antiga fundida duas vezes, por tratados de Utrecht, quando o próprio rei, nisso imitado pelos grãos-senhores, doou sua baixela, e em 1789, é raríssima hoje. Por outro lado, por mais que os ourives modernos reproduzam toda essa prataria segundo os desenhos do Pontaux-Choux, Elstir considerava essa antigualha nova indigna de entrar na casa de uma mulher de gosto, ainda que se tratasse de uma casa flutuante. Eu sabia que Albertine havia lido a descrição das maravilhas que Roettiers fizera para a Sra. Du Barry. Morria de vontade de ver algumas dessas peças, caso ainda existissem, e eu de dar-lhes. Ela chegara a iniciar bonitas coleções que instalava numa vitrina com encantador bom gosto, e que eu não podia contemplar sem ternura e receio, pois a arte com que ela as dispunha era feita da paciência, engenhosidade, nostalgia e necessidade de esquecer a que se entregam os cativos.

Quanto às toaletes, o que principalmente lhe agradava naquele momento era tudo o que fazia Fortuny. Esses chambres de Fortuny, um dos quais eu vira na Sra. de Guermantes, eram aqueles que Elstir, quando nos falava dos vestidos magníficos das contemporâneas de Carpaccio e Ticiano, anunciara-nos para lançamento em breve, renascendo suntuosos das cinzas, pois tudo deve retornar, como está escrito nas abóbadas de São Marcos, e como o proclamam, bebendo nas águas umas de mármore e de jaspe dos capitéis bizantinos, os pássaros que indicam ao mesmo tempo a morte e a ressurreição. Desde que as mulheres começaram a usá-los, Albertine se lembrara das promessas de Elstir e desejara ter um deles; nós devíamos ir escolhê-lo. Ora, esses chambres, se não eram antigos de verdade, dentro dos quais as mulheres de hoje parecem um tanto fantasiadas em excesso e que é melhor conservar como peças de coleção (aliás, eu também procurava dessas para Albertine), igualmente não possuíam a frieza do *pastiche*, do falso antigo. Tais chambres eram confeccionados antes à maneira dos

cenários de *Sert, de Baskt e de Benois*, que por essa época evocavam, nos balés russos, os momentos de arte mais apreciados, com o auxílio de obras de arte impregnadas de seu espírito e todavia originais; assim, os chambres de Fortuny, fielmente antigos mas poderosamente originais, faziam surgir como um cenário, e até com maior força de evocação do que um cenário, pois que o cenário ficava por imaginar, a Veneza toda atulhada de Oriente, onde teriam sido usados, e da qual eram, mais do que uma relíquia no relicário de São Marcos, evocadores do sol e dos turbantes circunvizinhos, a cor fragmentada, misteriosa e complementar. Desse tempo havia tudo perecido, porém tudo renascia, evocado, para voltar a ligá-los uns aos outros pelo esplendor da paisagem e a efervescência da vida, pelo surto parcelar e sobrevivente dos tecidos das *dogaresas*.

Uma ou duas vezes eu desejara pedir conselho sobre isso à Sra. de Guermantes. Mas a duquesa não gostava de toaletes que têm ar de fantasia. Ela mesma nunca ficava tão bem como quando vestia preto com diamantes. E, para mais como as de Fortuny, o seu conselho não era muito útil. Além disso, eu sentia escrúpulos, ao pedir-lhe, de parecer que ia procurá-la apenas quando precisava dela, mesmo porque vinha recusando há muito tempo vários de seus convites por semana. Aliás, somente da parte dela é que eu recebia convites e profusão. Certo, ela e muitas outras mulheres sempre tinham se mostrado tão gentis comigo. Mas a minha clausura certamente decuplicara essa gente. Parece que na vida mundana, insignificante reflexo do que se passa na melhor maneira de fazer com que sejamos convidados é recusar-nos.

Um que calcula tudo o que pode citar no terreno de feitos gloriosos para ele impressionar uma mulher; varia constantemente de roupas, cuida da sua aparência, e contudo ela não lhe dá uma só das atenções que ele recebe de outra, atraindo-a; apesar de lhe surgir sem asseio e sem qualquer artifício para aquela que conquistou para sempre. Da mesma forma, se um homem se lamentasse ser bastante requisitado pela sociedade, eu não lhe diria que fizesse ainda maior número de visitas, ou que comprasse uma carruagem mais bonita; diria que não fizesse visita nenhuma, que vivesse trancado em seu quarto, no qual não deixasse entrar ninguém, e que, desse modo, todos fariam fila diante de sua pessoa. Ou melhor, não diria. Pois trata-se de um modo seguro para ser procurado e obtém êxito como a maneira igual de ser amado, ou seja, se não for intencionalmente; se, por exemplo, não se sai do quarto porque se está gravemente enfermo, ou porque se acha estar, ou porque ali se mantenha trancada uma mulher que se prefere à sociedade (ou por estes três motivos, a um tempo), sociedade a qual será um motivo, sem saber da existência dessa mulher, e simples porque a gente se recusa a freqüentá-la, de nos preferir a todos os que se oficiam e de se interessar por nós.

- A propósito de chambre - disse eu à Albertine -, será preciso em breve que nos ocupemos de seu chambre de Fortuny. -

E certamente, para ela desejar há tanto tempo, que os escolhera longamente comigo, que antes lhes reservara um lugar não só em seus armários mas na sua imaginação, esses chambres, cada detalhe dos quais considerava longamente, para se por um dentre tantos outros, seria algo mais do que para uma mulher extremamente rica que possui mais robes do que deseja e nem sequer os olha. E apesar do sorriso com que Albertine me agradeceu, dizendo:

- Você é muito gentil - notei como parecia cansada e até triste. Às vezes, mesmo, enquanto esperava que se aprontassem os que ela queria, eu pedia emprestados alguns, por vezes, e os experimentava em Albertine, envolvia-a neles; ela passeava pelo quarto como a majestade de uma *dogaresa* e de um manequim. Apenas, o cativeiro em Paris se me tornara mais pesado à vista desses tecidos que me levam à Veneza. Evidente que Albertine era mais prisioneira que eu. E era curiosa através das paredes de sua prisão, o destino que transforma os seres; pude mudá-la em sua própria essência e, da moça de Balbec, fazer uma outra. Sim, os muros da prisão não tinham impedido que essa influência os atravessasse; talvez eles próprios a houvessem produzido. Já não se tratava da mesma Albertine, porque ela não estava, como em Balbec, incessantemente em fuga em sua bicicleta, não encontrada por causa do grande número das pequenas praias aonde ia dormir em casa de amigas e onde, aliás, suas mentiras faziam-na mais difícil de achá-la; porque, fechada em minha casa, solitária e dócil, já não era nem mesmo o que em Balbec, ainda quando eu podia encontrá-la, fora na praia, aquela criatura fugidia, prudente e astuta; cuja presença se prolongava de tantos encontros que ela era hábil em dissimular; que a faziam amar porque faziam sofrer; em quem, sob sua frieza para com os outros e suas respostas banais, sentia-se o encontro da véspera e o do dia seguinte, e, para mim, um pensamento ardiloso, cheio de desdém. Porque o vento marinho não mais inflava seus vestidos, porque, principalmente, eu lhe cortara as asas, ela deixara de ser uma Vitória, era uma escrava incômoda de quem eu desejava livrar-me.

Então, para mudar o curso de meus pensamentos, em vez de começar com Albertine um jogo de cartas ou de damas, pedi-lhe que tocasse um pouco de música. Fiquei deitado na cama, e ela foi sentar-se na extremidade do quarto, diante da pianola, entre os suportes da biblioteca. Albertine escolhia trechos ou totalmente novos, ou que me havia tocado apenas uma ou duas vezes, pois, começando a me conhecer, sabia que eu não gostava de propor à minha atenção aquilo que me era ainda obscuro, e poder, no decurso dessas audições sucessivas, reunir umas às outras, graças ao entendimento crescente mas, ai de mim, desnaturado e estranho à minha inteligência, as linhas fragmentárias e interrompidas da construção, a princípio quase submersa na bruma. Ela sabia, e

creio que compreendia, a satisfação que, nas primeiras vezes, dava ao meu espírito esse trabalho de modelagem de uma nebulosa ainda informe. E, enquanto ela tocava, eu só podia ver, da múltipla cabeleira de Albertine, um tufo de cabelos negros em forma de coração, aplicado ao longo da orelha como numa infanta de Velásquez. Do mesmo modo que o volume daquele anjo músico era constituído pelos trajetos múltiplos entre os diversos pontos do passado que sua lembrança ocupava em mim e as diferentes sedes, desde a vista até as sensações mais internas do meu ser, que me ajudavam a descer até a intimidade do seu, a melodia que ela tocava também possuía um volume. Produzido pela desigual visibilidade das diversas frases, conforme eu tivesse mais ou menos conseguido iluminá-las e juntar umas às outras as linhas de uma construção que a princípio me havia parecido quase inteiramente submergida no nevoeiro. Albertine sabia que me agradava ao propor ao meu pensamento apenas as coisas ainda obscuras e a modelagem dessas nebulosas. Adivinhava que, era ou quarta audição, tendo a minha inteligência alcançado e, por constituição posto à mesma distância todas as partes, e, já não havendo atividade a dele quanto a elas, as estendera e imobilizara reciprocamente sobre um plano único. Entretanto, não passava ainda a um novo trecho, pois, sem talvez perceber na mente o trabalho que se produzia em mim, sabia que, no momento esse trabalho da minha inteligência chegasse a dissipar o mistério de uma obra, raro que, em compensação, no decurso de sua tarefa nefasta, não tivesse a esta ou aquela reflexão proveitosa. E, no dia em que Albertine dizia:

- Eis aquele rolo que vamos dar a Françoise para que ela mande trocá-lo por outro.

Às vezes existia para mim, sem dúvida, um trecho de música a menos; porém uma verdade a mais. Compreendera eu tão perfeitamente que seria absurdo sentir ciúmes da Srta. Vinteuil e de sua amiga, já que Albertine de modo nenhum procurava de todos os projetos de férias que tínhamos formado ela própria afastara. Como tão próxima a Montjouvain, que muitas vezes o que eu pedia a Albertine e sem que isso me fizesse sofrer, era a música de Vinteuil. Apenas uma música de Vinteuil fora causa indireta de ciúme para mim. De fato, Albertine sabia que eu a ouvira tocar na casa da Sra. Verdurin por Morel, falou-me de noite, manifestando-me um vivo desejo de ir ouvi-lo tocar, de conhecê-lo. Deu-se justamente dois dias depois que eu soubera da carta de Léa à Morel, involuntariamente interceptada pelo Sr. de Charlus. Perguntei-me se Léa por acaso falara dele a Albertine. As expressões "grande porcalhona" e "grande viciada" vieram-me à lembrança com horror. Mas, justamente por ter a música de Vinteuil ficado assim dolorosamente ligada à Léa e não à Srta. Vinteuil e à sua amiga, logo que se acalmou a dor que Léa causara já pude ouvir essa música sem um mal que me havia curado da possibilidade de ter outros. Dessa música

ouvida na casa da Sra. Verdurin, frases despercebidas, larvas obscuras, então tornavam-se arquiteturas deslumbrantes; e algumas delas faziam-se amigas, mas que a princípio eu mal notara, ou, se as notara, achara feias, e das quais teria pensado que fossem como essas pessoas antipáticas no começo e que revelam como são quando as conhecemos bem. Entre os dois estados havia verdadeira transmutação. Por outro lado, as frases, distintas desde a primeira; mas que na ocasião eu não havia reconhecido, identificava-as com frases de obras, como aquela frase da *Variação Religiosa* para órgão que, na casa dos Verdurin, passara-me despercebida no *septeto*, onde todavia, santa que de degraus do santuário, achava-se reunida às fadas familiares do músico. Por lado, a frase que me parecera tão pouco melódica, tão mecanicamente ritmada; alegria titubeante dos sinos do meio-dia, era desta que eu mais gostava agora, porque me tivesse habituado à sua feiúra, ou porque houvesse descoberto beleza. Esta reação contra a decepção causada a princípio pelas obras-primas, é possível com efeito atribuí-la a um enfraquecimento da impressão inicial, ou ao esforço necessário para distinguir a verdade. Duas hipóteses que se apresentam para todas as questões importantes, as questões relativas à realidade da Arte, e à realidade da Eternidade da alma: é preciso fazer uma escolha entre ambas. E, quanto à música de Vinteuil, essa escolha se apresentava a todo momento sob muitas formas. Por exemplo: essa música me parecia algo de mais verdadeiro que todos os livros conhecidos. Por alguns instantes, eu pensava que isso tinha a ver com o que sentimos na vida, não o sendo sob a forma de idéias, sua tradução literária, quer dizer, intelectual, que, ao expô-lo, explica-o, analisa-o, mas não o recompõe feito a música, onde os sons parecem assumir a inflexão da criatura, reproduzir esse pico interno e extremo das sensações que é a parte que nos dá essa embriaguez específica que reencontramos de vez em quando e que, ao exclamarmos:

- Que dia lindo! Que belo sol! - não se dá a conhecer de todo ao próximo, em quem o mesmo sol e o mesmo dia despertam vibrações completamente diversas. Assim, na música de Vinteuil existiam dessas visões que é impossível exprimir e quase proibido contemplar, pois, quando, no instante de adormecer, recebemos a carícia e seu encantamento irreal, nesse mesmo instante, quando a razão já nos abandonou, os olhos se fecham e, antes de termos tido tempo de conhecer não apenas o inefável mas o invisível, adormecemos. Quando me entregava a essa hipótese em que a arte seria real, parecia-me até que era mais do que a simples alegria nervosa de um dia lindo ou de uma noite de ópio o que a música pode exprimir; era uma embriaguez mais real, mas fecunda, pelo menos ao que eu pressentia. Mas não é possível que uma escultura, uma melodia que confere uma emoção que sentimos ser mais elevada, mais pura, mais verdadeira, não corresponda a uma certa realidade espiritual; ou então a vida não teria qualquer sentido. Assim, nada se assemelhava mais do que uma bela frase de Vinteuil a

esse prazer especial que às vezes eu sentira na vida, por exemplo, diante dos campanários de Martinville, de certas árvores de uma estrada de Balbec ou, mais simplesmente, no começo desta obra, ao beber uma taça de chá. Como essa taça de chá, tantas sensações de luz, os ruídos nítidos, as cores estridentes, que Vinteuil nos enviava do mundo em que compunha, passeavam pela minha imaginação com insistência, porém rápidas demais para que ela pudesse apreendê-las, algo que eu pudesse comparar à seda balsâmica de um gerânio. Apenas, ao passo que, na lembrança, esse vago pode ser, se não aprofundado, ao menos tornado mais nítido graças a um ajuste de circunstâncias que explicam por que um determinado sabor despertou-nos sensações luminosas, as vagas sensações dadas por Vinteuil, pois que vindas não de uma lembrança mas de uma impressão (como a dos campanários de Martinville), exigiriam que se encontrasse, a fragrância de gerânio de sua música, não uma explicação material, mas o alento profundo, a festa ignorada e colorida (de que as suas obras pareciam os fragmentos dispersos, os estilhaços de escarlates fraturas), a maneira confinada na qual ele "ouvia" e lançava para fora de si o universo. Essa qualidade descoberta de um mundo único, e que nenhum outro músico jamais nos fizera ver, talvez; resida, dizia eu a Albertine, a prova mais autêntica do gênio, bem mais conteúdo da própria obra.

- Mesmo na literatura? - perguntava Albertine.

Na literatura. - E, repensando na monotonia das obras de Vinteuil, explicava à Albertine que os grandes literatos nunca fizeram mais que uma única obra melhor, refrataram através dos mais diferentes meios uma mesma beleza que trazem ao mundo.

- Se não fosse tão tarde, minha pequena - dizia-lhe-, mostraria isso em todos os escritores que você lê enquanto estou dormindo, trar-lhe-ia a mesma identidade que existe em Vinteuil. Essas frases-tipos, que principia a reconhecer como eu, minha querida Albertine, e são as mesmas sonatas, no septeto, nas outras obras, seriam, por exemplo, em Barbey d'Au uma realidade oculta revelada por um traço material, o rubor fisiológico. *Enfeitiçada, de Aimée de Spens, da Clotte, a mão do Rideau Cramoisi*, os costumes, os velhos usos, as velhas palavras, os ofícios antigos e singular atrás dos quais existe o passado, a história oral composta pelos pastores; as nobres cidades normandas recendendo a Inglaterra, bonitas como a aldeia da Escócia; lançadores de maldições contra as quais não há remédio. Vellini, o pastor, uma mesma sensação de ansiedade numa paisagem, seja em busca do marido em uma velha amante, ou o marido de *A Enfeitiçada* parecendo o matagal, e a própria *Enfeitiçada* ao sair da missa. Semelhante ainda frases-tipos as de Vinteuil é aquela geometria do talhador de pedras nos romances de Thomas Hardy. As frases de Vinteuil me fizeram pensar na "pequena frase", e Albertine que essa fora como que o hino nacional do amor de

Swann e de Odette{71}.

- Os pais de Gilberte, que suponho você conheça. Você me disse que ela tinha fama. Não terá procurado relacionar-se com você? Ela me falou a seu respeito.

- Sim; como os seus pais a mandavam de carro ao curso, quando o tempo muito ruim, creio que ela me levou um dia até em casa e me beijou - disse eu.

De um instante, rindo, e como se se tratasse de uma confidência divertida me perguntou se eu gostava de mulheres.- (Mas, se ela apenas julgava ler as cartas que Gilberte levara em casa, como poderia afirmar com tanta precisão que lhe fizera essa pergunta esquisita?) - E até me veio não sei que idéia mal de Gilberte mistificá-la, e respondi que sim. - (Dir-se-ia que Albertine receava que houvesse contado aquilo e não quisesse que eu verificasse que ela mentia) - não fizemos absolutamente nada. - (Se haviam trocado essas confidências, era estranho que não tivessem feito nada, sobretudo se antes disso tinham se beijado no carro, segundo dizia Albertine.) - Ela me levou do mesmo modo umas quatro ou cinco vezes, talvez um pouco mais, e foi tudo. -

Tive de fazer muito esforço para não indagar coisa alguma, mas, dominando-me, para não parecer atribuir àquilo qualquer importância, retornei aos talhadores de pedra de Thomas Hardy.

- Lembre-se bem dos talhadores de pedra de *Judas, o obscuro*; viu, em *A Bem-amada*, os blocos de pedra que o pai retira da ilha, e que, transportados em navios, acumulam-se na oficina do filho, onde se tornam estátuas; em *Olhos Azuis*, o paralelismo das tumbas, e também a linha paralela do barco, e os vagões contíguos onde estão os dois apaixonados e a morta; o paralelismo entre *A Bem-amada*, onde o homem ama três mulheres, e *Olhos Azuis*, em que a mulher ama três homens, etc., e por fim todos esses romances super disponíveis uns aos outros, como as casas verticalmente amontoadas no chão pedregoso da ilha? Não posso lhe falar desse jeito dos maiores num só minuto, mas você veria em Stendhal um certo sentimento de altitude unindo-se à vida espiritual, o local elevado em que Julien Sorel está prisioneiro, a torre em cujo cimo está encerrado Fabrice, o campanário no qual o abade Blanes se ocupa de astrologia e de onde Fabrice lança um olhar tão belo. Você me disse que tinha visto certos quadros de Vermeer; notou bem que são fragmentos de um mesmo mundo, que é sempre, seja qual for o gênio com que foram recriadas, a mesma mesa, a mesma toalha, a mesma mulher, a mesma nova e única beleza, enigma para aquela época em que nada se lhe assemelha nem o explica, se buscamos não aparentá-lo pelos assuntos, mas distinguir a impressão particular que a cor produz. Pois bem, essa beleza nova permanece idêntica em todas as obras de Dostoievski: a mulher em Dostoievski (tão particular como uma mulher de Rembrandt), com sua fisionomia misteriosa cuja beleza agradável se transforma

bruscamente, como se ela tivesse representado a comédia da bondade, numa terrível insolência (apesar de que no fundo pareça ser sobretudo bondosa), não será sempre a mesma, trate-se de Nastassia Filipovna escrevendo cartas de amor a Aglaé e lhe confessando que a odeia, ou, numa visita inteiramente idêntica a essa aquela também em que Nastassia Filipovna insulta os pais de Gania-Gruchenka, tão gentil em casa de Catarina Ivanovna quanto esta a imaginara terrível, e depois subitamente revelando a sua malvadez, insultando Catarina Ivanovna (embora Gruchenka no fundo seja boa). Gruchenka, Natassia, figuras tão originais, tão misteriosas, não só como as cortesãs de Carpaccio mas como a Betsabé de Rembrandt. Repare como ele certamente só conheceu essa fisionomia brilhante, dúbia, de súbitas expansões de orgulho que fazem a mulher parecer diversa do que é "Tu não é a mesma", diz Muichkine a Nastassia na visita aos pais de Gania, e Aliocha veria dizê-la Gruchenka na visita a Catarina Ivanovna. E, em compensação, do desejo ter "idéias de quadros", elas são sempre estúpidas e dariam quando muito os quadros em que Munkacsy" gostaria que representassem um como à morte no momento em que etc., a Virgem Santa no momento em que... Mas, para voltar à beleza nova que Dostoievski trouxe ao mundo, assim como Vermeer existe a criação de uma certa alma, de uma certa cor de tecido, lugares, em Dostoievski não existe apenas criação de seres, mas de morada, casa do *Assassinato, no Crime e Castigo*, com seu *dvornik* (porteiro), não maravilhosa quanto a obra-prima das casas do *Assassinato* na obra de Dostoievski essa sombria, e tão comprida e tão alta e tão vasta casa do *Assassinato de Rog* onde ele mata Nastassia Filipovna. Essa beleza nova e terrível de uma casa, beleza nova e mista de um rosto de mulher, eis o que Dostoievski trouxe de único no mundo, e as aproximações que os críticos literários podem fazer entre ele e entre ele e Paul de Kock, não têm qualquer interesse, sendo exteriores a essa secreta. Aliás, se eu te disse que de romance em romance se descreve a cena, é no seio de um mesmo romance que as mesmas cenas e os mesmos personagens se reproduzem caso o romance seja muito longo. Eu poderia facilmente mostrar-te isso em *Guerra e Paz*, e determinada cena numa carruagem...

- Não queria interrompê-lo, mas já que vejo que você está abandonando Dostoievski tenho medo de esquecer. Meu querido, que foi que você quis dizer outro dia, quando falou: "É como o lado Dostoievski da Sra. de Sévigné"? Confesso que compreendi. Parece-me tão diferente.

- Venha cá, minha pequena, deixe-me dar um beijo em agradecimento por ter lembrado tão bem o que eu disse, e depois: para a pianola. E confesso que o que havia dito era uma asneira. Mas dissera por dois motivos. O primeiro é um motivo particular. Sucede que a Sra. de Sévigné como Elstir, como Dostoievski, em vez de apresentar as coisas em ordem isto é, começando pela causa, mostra-nos primeiro o efeito, a ilusão que impressiona. É deste modo que Dostoievski

apresenta seus personagens antes destes surgem-nos tão enganadoras como aqueles efeitos de Elstir em quero parece estar no céu. Ficamos admirados ao saber que um certo homem solta no fundo uma pessoa excelente, ou vice-versa.
- Sim, mas dê um exemplo, da Sra. de Sévigné.

- Confesso - respondi rindo - que é muito forçado, mas eu poderia achar exemplos.

- Mas Dostoievski chegou a assassinar alguém? Todos os romances que conheço dele poderiam denominar-se História de um Crime. É uma obsessão não é natural que fale sempre disso.

- Não creio, minha Albertine, conheço sua vida. É certo que, como todo mundo, ele conheceu o pecado sob uma forma ou outra, e provavelmente sob uma forma que as leis proibem. Neste sentido ele era um tanto criminoso, como seus heróis, que aliás não o são completamente, que são condenados com circunstâncias atenuantes. E talvez não valesse mesmo a pena que ele fosse criminoso. Não sou romancista, é possível que os criadores sejam tentados por determinadas formas de vida que não experimentaram pessoalmente. Se formos juntos a Versalhes, conforme combinamos, eu lhe mostrarei o retrato de um homem honesto por excelência, homem que foi o melhor dos maridos, Choderlos de Laclos, que escreveu o mais horrivelmente perverso dos livros, e justo à sua frente o da Sra. de Genlis, que escreveu contos morais e não se contentou em trair a duquesa de Orléans, mas supliciou-a, dela afastando os filhos. Mesmo assim, reconheço que em Dostoievski essa preocupação com o assassinato possui algo de extraordinário e que o faz muito estranho para mim. Já fico estupefato quando ouço Baudelaire dizer: *Se le voil, le poison, le poignard, Pincendie.../C'est que notre âme, hélas! West pas assez hardie*{72}.

- Mas pelo menos posso acreditar que Baudelaire não seja sincero. Ao passo que Dostoievski... Tudo isso me parece tão distante quanto possível, a menos que eu carregue dentro de mim porções que desconheço, pois não nos realizamos senão sucessivamente. Em Dostoievski encontro poços extremamente profundos, mas em alguns pontos isolados da alma humana. Mas trata-se de um grande criador. Primeiro, o mundo que ele retrata tem verdadeiramente o aspecto de ter sido criado por ele. Todos esses bufões que retornam sem cessar, todos esses Lebedev, Karamázov, Ivolguine, Segrev, esse cortejo inacreditável, compõem uma humanidade mais fantástica do que a que povoa *A Ronda da noite*, de Rembrandt. E, contudo, ela talvez só seja fantástica, do mesmo modo, por causa da iluminação e das roupas, e, no fundo, seja habitual. Em todo caso, ao mesmo tempo ela está cheia de verdades, é profunda e única, pertencendo unicamente a Dostoievski. Tais bufões dão quase a impressão de um emprego que não existe mais, como certos personagens da comédia antiga; e, todavia, como revelam

aspectos verdadeiros da alma humana! O que me irrita é a maneira solene com que se fala e escreve sobre Dostoievski. Já reparou no papel que desempenham o orgulho e o amor-próprio nos seus personagens? Dir-se-ia que para ele o amor e o ódio mais extremado, a bondade e a traição, a timidez e a insolência, não passam de dois estados de uma só natureza; o amor-próprio e o orgulho impedem Aglaé, Nastassia, o capitão de quem Mítia puxa a barba, Krassotkine, o inimigo-amigo de Aliocha, de se mostrarem como são na realidade. Mas ainda há muitas outras grandezas. Conheço bem pouco os livros de Dostoievski. Mas não será um motivo escultural e simples, arte mais antiga, uma frisa interrompida e retomada onde se desenrolaria gança e a Expiação, o crime do pai Karamázov engravidando a pobre; movimento misterioso, animal, inexplicado, pelo qual a mãe, sendo contra de o instrumento das vinganças do destino, obedecendo assim obscura seu instinto de mãe, talvez a um misto de ressentimento e gratidão física, estuprador, vai dar à luz na casa do pai Karamázov? Este é o primeiro episódio grande, misterioso, augusto, como uma criação da Mulher nas esculturas e como compensação, o segundo episódio, mais de vinte anos depois, o neto do pai Karamázov, a infâmia sobre a família Karamázov porque aquele fica louco, Smerdiákov, seguido pouco após de um mesmo ato tão misteriosa escultural e inexplicado, de uma beleza tão obscura e natural como o jardim do pai Karamázov, quando Smerdiákov se enforca depois de praticar o genocídio. Quanto a Dostoievski, eu não o abandonava tanto como você pensa ao de Tolstoi, que o imitou muito. E existe em Dostoievski, concentrado, ainda rabugento, muito daquilo que se expandirá em Tolstoi. Existe em Dostoievsky esse mau humor antecipado dos primitivos que os discípulos irão desanuviar.

- Meu querido. É uma pena que você seja tão preguiçoso. Repare como conheci literatura de um modo mais interessante do que como nos era ensinada; os que nos mandavam fazer sobre Esther. "Senhor", você se lembra? - disse ela menos para zombar dos mestres e de si mesma do que pelo prazer de reencontrar em sua memória, na nossa memória comum, uma lembrança já um tanto anterior.

Mas, enquanto ela me falava, e como eu estivesse pensando em Vinteuil era por sua vez a outra hipótese, a hipótese materialista, a do Nada, que se arrastava a mim. Então, punha-me a duvidar, dizia comigo que, afinal de contas; podia ser que se as frases de Vinteuil pareciam a expressão de certos estados de alma análogos ao que eu experimentara ao provar a *madeleine* mergulhada na xícara de chá-, nada me garantia que a vagueza de tais estados fosse um sinal de sua profundidade, mas apenas do fato de ainda não termos sabido analisá-los; portanto, não haveria nada que fosse mais real neles que em outros. Como bebia aquela felicidade, aquele sentimento de certeza na felicidade, enquanto de chá, quando respirava nos Champs-Élysées um cheiro de madeira velha, não é nenhuma ilusão. De qualquer maneira, dizia-me o espírito da dúvida, ainda

estados sejam na vida mais profundos que outros, e por isso mesmo não-analiso, visto que põem em jogo forças demasiadamente numerosas de que ainda não percebemos, o encanto de certas frases de Vinteuil fez pensar neles por ser não-analisável. Porém isto não prova que possua a mesma profundidade. A beleza de uma frase de música pura parece facilmente a imagem, ou pelo menos aparenta-a, de uma impressão inintelectual que tenhamos tido, mas unicamente porque não é intelectual. E por que então julgamos particularmente profundas essas frases misteriosas que freqüentam certos quartetos e aquele "concerto" de Vinteuil? Aliás, não era só a música dele o que me tocava Albertine; por instantes, a pianola valia para nós como uma lanterna mágica científica (história e geografia), e, nas paredes daquele quarto de Paris dotado de invenções mais modernas que o de Combray, eu via, conforme Albertine tocasse Rameau ou Borodine, estender-se ora uma tapeçaria do século XVIII semeada de Cupidos sobre um fundo de rosas, ora a estepe oriental onde as sonoridades se abafam no ilimitado das distâncias, e na feltragem da neve. E essas decorações fugitivas eram, de resto, as únicas do meu quarto, pois se, no momento em que havia herdado da minha tia Léonie, resolvera possuir coleções como Swann, comprar quadros, estátuas, meu dinheiro era gasto em comprar cavalos, um automóvel, vestidos para Albertine. Mas não continha o meu quarto uma obra de arte mais preciosa que essas? Era a própria Albertine. Eu a contemplava. Era-me estranho pensar que se tratava dela, a quem eu julgara por tanto tempo ser impossível até de conhecer, e que hoje, fera selvagem domesticada, roseira a quem eu havia fornecido o tutor, a moldura, a latada da sua vida, estava assim assentada, todos os dias, como se em casa, perto de mim, diante da pianola, encostada à minha estante. Seus ombros, que eu vira arqueados e sorrateiros quando ela carregava os tacos de golfe, apoiavam-se nos meus livros. Suas lindas pernas, que no primeiro dia eu imaginara com razão terem pedalado uma bicicleta durante toda a sua adolescência, faziam subir e descer alternativamente os pedais da pianola, onde Albertine, hoje com uma elegância que me fazia senti-la mais minha, pois era eu quem lhe proporcionava, pousava seus sapatos em tecido de ouro. Seus dedos, outrora familiares ao guidom, descansavam agora sobre as teclas como os de uma santa Cecília; seu pescoço, cujo contorno, visto de minha cama, era cheio e forte e, àquela distância e sob a luz da lâmpada, parecia no entanto mais róseo do que seu rosto inclinado de perfil, ao qual meus olhares, vindo das profundezas de mim mesmo, carregados de lembranças e ardentes de desejo, acrescentavam tamanho brilho, tamanha intensidade de vida, que seu relevo parecia desprender-se e voltear, com a mesma energia quase mágica que a do dia, no hotel de Balbec, em que a minha vida se turvou pelo imenso desejo que tive de beijá-la; eu prolongava cada superfície para além do que podia ver e sob aquela que a ocultava de mim e só me fazia senti-la melhor as pálpebras que cerravam os olhos a meio, cabeleira que escondia o alto das faces -o relevo

desses planos superpostos. Os olhos, como, num minério onde a opala ainda estivesse encravada, as duas únicas plaquetas já polidas, mais resistentes que o metal, brilhando mais que a luz, iam aparecer, no meio da matéria cega que as desapruma, como que umas asas de borboleta que houvessem colocado sob um vidro; e os cabelos negros, mostrando outros conjuntos conforme ela se virava para mim para o que deveria tocar, ora uma asa magnífica, aguda na ponta, larga na base empenada e triangular, ora condensando o relevo de seus cachos numa variada e robusta, cheia de cristas, de linhas divisórias, de precipícios, ondulado tão rico e tão múltiplo parecendo ultrapassar a variedade que a natureza habitualmente elabora, e corresponder mais ao desejo de um escultor que as dificuldades para fazer ressaltar a flexibilidade, o impulso, o modelado, aí sua realização, e faziam realçar mais, interrompendo-as para as recobrir animada e com ela a rotação do rosto liso e róseo, do fosco envernizado de madeira pintada. E, para contraste com tanto relevo, também pela harmonia ligava aos objetos, que adaptara sua atitude à forma e a utilização deles; que meio a escondia como uma caixa de órgão, a estante -, todo aquele quarto parecia reduzido a não ser mais que o santuário iluminado, o presente daquele anjo músico, obra de arte que, dali a pouco, por uma doce magia, ia de seu nicho e oferecer a meus beijos sua rosada e preciosa substância. Albertine de modo algum era para mim uma obra de arte. Eu sabia o que era uma mulher do ponto de vista da arte pois conhecera Swann. Por mim aliás, de qualquer mulher que se tratasse, era incapaz de fazê-lo, visto não em nenhum espírito de observação exterior, não sabendo jamais aquilo que via, e maravilhado quando Swann acrescentava retrospectivamente para mim naturalidade artística - comparando-a, ao conversar comigo, assim como se comporta ao fazê-lo galantemente diante dela, a algum retrato assinado por Luini, fazendo na sua toalete o vestido ou as jóias de um quadro de Giorgione-a uma mulher que me parecera insignificante. Nada disso ocorria comigo. E até, para falar ave quando começava a encarar Albertine como um anjo músico maravilhoso patinado, que eu me felicitava de possuir, ela não demorava a se tornar aparente, eu logo me aborrecia junto dela, mas esses instantes pouco duram; a gente só ama aquilo em que persegue algo de inacessível, só amamos o que possuímos, e bem depressa eu voltava a sentir que não possuía Albertine. Nos olhos eu via passando, ora a esperança, ora a recordação, talvez suas alegrias que não adivinhamos, às quais neste caso ela preferia renunciar à confessá-las, e que eu, captando-lhes apenas esse lampejo nas pupilas, negava mais do que o espectador a quem não deixavam entrar na sala, e que, à vidraça da porta, não pode distinguir coisa alguma do que se passa no passeio se era este o caso dela, mas é estranha, como nos mais incrédulos um pouco de crença no Bem, essa perseverança na mentira que têm todos os traem. Seria escusado dizer-lhes que sua mentira causa mais mágoa que são, escusado que eles mesmos o percebessem, pois voltariam a mentir logo após, para

ficarem de acordo com o que nos disseram primeiro como o que nos disseram que éramos para eles. É desse modo que um ateu, que se aferra à vida, deixa-se matar para não desmentir a idéia que fazem sobre sua bravura.

Durante aquelas horas, por vezes eu via flutuar sobre ela, nos seus olhares, no seu sorriso, quando fazia beicinho, o reflexo desses espetáculos interiores cuja contemplação tornava-a naquelas noites diferente, distanciada de mim, a quem eram recusados.

- Em que está pensando, minha querida?

- Em nada, ora. -

Às vezes, para responder à censura que lhe fazia por não me dizer nada, ou dizia-me coisas que não ignorava que eu sabia tão bem como todos (como esses estadistas que não nos anunciariam a mais ínfima das notícias, mas, em compensação, nos contam o que todos puderam ler nos jornais da véspera), ou me contava sem qualquer exatidão, numa espécie de falsas confidências, os passeios de bicicleta que dava em Balbec, um ano antes de me conhecer. E, como se eu tivesse corretamente adivinhado outrora, inferindo deles que ela deveria ser uma jovem muito livre, realizando longas excursões; a evocação que ela fazia desses passeios insinuava entre os lábios de Albertine aquele mesmo sorriso misterioso que me havia seduzido nos primeiros dias, no molhe de Balbec. Também me falava daqueles passeios que dera com amigos pelos campos da Holanda, de seus regressos a Amsterdã à noite, em horas tardias, quando uma compacta multidão jovial de pessoas a quem conhecia quase todas, enchia as ruas, as margens dos canais, cujas luzes inumeráveis e fugidias eu julgava ver se refletindo nos olhos brilhantes de Albertine, como nas janelas incertas de um carro que passa depressa.

Como a suposta curiosidade estética merecia antes o nome de indiferença junto da curiosidade dolorosa, infatigável, que eu sentia pelos lugares em que Albertine vivera, pelo que pudesse ter feito em tal noite, pelos sorrisos e olhares que tivera, pelas palavras que havia dito, pelos beijos que recebera! Não, nunca o ciúme que um dia tivera de Saint-Loup, caso houvesse persistido, ter-me-ia dado esta imensa inquietação. Esse amor entre mulheres era algo por demais desconhecido, cujos prazeres e qualidade nada me permitia imaginar com certeza, com exatidão. Quantas pessoas, quantos lugares (mesmo os que não se relacionam diretamente a ela, vagos lugares de prazer onde ela o tivesse podido gozar, lugares onde há muita gente, onde somos bolinados) Albertine como uma pessoa que consegue fazer passar seus companheiros, toda uma comitiva, pelo porteiro e os introduzir no teatro fizera passar da entrada da minha imaginação ou da minha lembrança, onde absolutamente não me importavam, introduzira em meu coração! Agora o conhecimento que eu tinha deles era interno, imediato,

espasmódico, doloroso. O amor é o espaço e o tempo tornados sensíveis ao coração.

No entanto, se eu fosse inteiramente fiel, talvez não tivesse sofrido infidelidades, que seria incapaz de conceber. Mas o que me torturava imaginar em Albertine, era o meu próprio desejo permanente de agradar novas mulheres; esboçar novos romances; era de lhe supor aquele olhar que eu outro dia não pude, mesmo a seu lado, evitar de lançar sobre as jovens ciclistas sentadas às mesas do Bois de Boulogne. Assim como só se tem conhecimento de si mesmo, quase se pode dizer que só temos ciúmes de nós mesmos. A observação vale pouco, somente do prazer sentido por nós mesmos é que podemos extrair conhecimento e dor.

Por momentos, nos olhos de Albertine, no súbito rubor de sua face sentia passar furtivamente como que um raio de calor nas regiões mais inacessíveis para mim e onde evoluíam as lembranças de Albertine, para mim desconhecidas. Então aquela beleza que, ao pensar nos anos sucessivos em que havia conhecido Albertine, seja na praia de Balbec, seja em Paris, eu achara nela ainda há pouco; e que consistia no fato de que minha amiga se desenvolvia em tantos planos; continha em si tantos dias transcorridos; aquela beleza adquiria para mim algo dilacerante. Então, sob aquele rosto ruborizado, eu sentia cavar-se, como um abismo, o inexaurível espaço das noites em que não conhecera ainda Albertine; que eu podia sentar Albertine em meus joelhos; segurar seu rosto em minhas mãos; podia acariciá-la, passar longamente as mãos por ela; mas, como se se manuseando uma pedra que a salinidade de oceanos imemoriais; ou o raio de uma estrela, percebia que apenas tocava o envoltório fechado de uma criatura que pelo interior alcançava o infinito. Quanto sofria eu nessa posição a que reduziu o esquecimento da natureza que, instituindo a divisão dos corpos, pensou em vão, tornar possível a interpenetração das almas! Eu não me dava conta que Albertine não era sequer para mim (pois, se o seu corpo estava em meu seu pensamento fugia ao domínio do meu) a maravilhosa cativa com quem pensara enriquecer a minha casa, escondendo tão perfeitamente a sua presença, mesmo aos que vinham me visitar; que não desconfiavam estivesse na extremidade do corredor, no quarto vizinho-como aquele personagem que todos imaginavam mantivesse fechada numa garrafa a princesa da China; convidando-me de modo insistente, cruel e sem saída, à procura do passado, ela era antes como uma grande deusa do Tempo. Se foi necessário que eu perdesse com ela muito da minha fortuna - e, contanto que eu possa dizer, o que infelizmente não é certo, ela nada perdeu -, não tenho nada a lamentar. É claro que a solidão teria valido, seria mais fecunda e menos dolorosa. Mas a vida de colecionador que me aconselhava Swann, que o Sr. de Charlus me censurava não conhecer, quando, num misto de espírito, gosto e insolência, me dizia: "Como tudo é feio em sua casal"-, estátuas, que quadros longamente desejados, por fim possuídos, ou até, na melhor das

hipóteses, contemplados com desinteresse, me teriam dado, como a ferida; que cicatrizava bem depressa, mas que a falta de jeito inconsciente de Albertine; de pessoas indiferentes, ou de meus próprios pensamentos, não tardava a reabrir, o acesso àquela saída para fora de mim mesmo; esse caminho de comunicação privado, mas que leva à estrada real por onde passa o que só conhecemos do dia em que sofremos por causa dela a vida dos outros?

Às vezes fazia um luar tão lindo, que mais ou menos uma hora depois de Albertine ter se deitado, eu ia até sua cama para lhe dizer que olhasse pela janela. Tenho certeza de que era para isso que eu ia ao seu quarto, e não para me certificar de que lá estivesse mesmo. Aparentemente, como poderia e desejaria fugir? Teria sido necessário um conluio inverossímil com Françoise. Na escuridão do quarto eu só via, na brancura do travesseiro, um fino diadema de cabelos negros. Porém ouvia a respiração de Albertine. Seu sono era tão profundo que hesitei em chegar ao pé da cama; depois, sentei-me na beirada; o sono continuava a decorrer no mesmo murmúrio. Era impossível dizer até que ponto seus despertares eram alegres. Eu beijava-a, sacudia-a. E logo ela deixava de dormir e, sem o intervalo de um só momento, estalava o riso e dizia-me, passando os braços em torno ao meu pescoço:

- Estava justamente imaginando se você vinha ou não - e ria cada vez mais, carinhosamente.

Dir-se-ia que sua cabeça encantadora, quando ela dormia, só estivesse cheia de alegria, de ternura e riso. E, despertando-a, eu só fizera, como quando se abre uma fruta, espremer o sumo que escorre e que mata a sede.

Todavia, o inverno findava; voltou o bom tempo, e muitas vezes, logo que Albertine se despedia, estando ainda no meu quarto, as cortinas e a parede acima delas inteiramente escuros, eu ouvia no jardim das religiosas vizinhas, rica e preciosa no silêncio com um harmônio de igreja, a modulação de um pássaro desconhecido que, ao modo lídio{73}, já cantava matinas e, no meio de minhas trevas, introduzia a rica nota deslumbrante do sol que estava vendo.

Em breve as noites diminuíram e antes das horas antigas da manhã eu já via atravessar as cortinas da minha janela a brancura diariamente aumentada do dia. Se me resignava a deixar que Albertine continuasse levando aquela vida em que, apesar de suas negativas, eu sentia que ela se julgava uma prisioneira, era somente porque cada dia estava certo de que no dia seguinte poderia, ao mesmo tempo que começar a trabalhar, levantar-me, sair, preparar uma viagem à alguma propriedade que compraríamos e onde Albertine poderia levar mais livremente, e sem inquietação para mim, a vida do campo ou do mar, de navegação ou de caça, que lhe agradava.

Porém no dia seguinte, naquele tempo passado que eu alternadamente amava e

detestava em Albertine (como, quando ele é o presente, e, entre ele e nós, todos ou por interesse, ou por polidez ou piedade, cuidam de tecer uma cortina de mentiras que julgamos ser a realidade), acontecia que uma das horas que o compunham e até daquelas que eu acreditava conhecer, apresentava-me de súbito, respectivamente, um aspecto que já não tentavam ocultar-me e que era bem diferente daquele sob o qual me havia aparecido antes. Por detrás de um certo olhar, do bom pensamento que eu imaginara ver nele antigamente, estava um até então insuspeitado, que se revelava, alienando-me uma nova parte daquele e de Albertine que eu julgara ter assimilado ao meu. Por exemplo, quando deixara Balbec, no mês de julho, Albertine nunca me dissera que deveria vê-la em breve; e eu pensava que iria tornar a vê-la mais cedo até do que imaginara; devido à grande tristeza que eu tivera em Balbec naquela noite de 14 de setembro ela me fizera o sacrifício de não ficar e de voltar imediatamente à Paris. Quando chegara, no dia 15, eu lhe pedira que fosse ver Andrée e lhe havia dito:

- Ela ficara contente em rever você? - Pois agora a Sra. Bontemps tinha vindo trazer alguma coisa para Albertine; esteve com ela por um minuto e disse que Albertine ia sair com Andrée:

- Foram passear no campo?

- Sim - respondeu a Sra. Bontemps. - Albertine não é exigente em matéria de passeios no campo. Assim, há três anos tinha ido todos os dias aos Buttes-Chaumont. - A esse nome de Buttes-Chaumont, Albertine me havia dito que nunca fora, perdi o fôlego por um instante. A realidade é o mais hábil dos inimigos. Desfecha seus ataques sobre o ponto do coração, não os esperávamos e onde não tínhamos estabelecido uma defesa. Teria Albertine mentido à tia, dizendo-lhe que ia todos os dias aos Buttes-Chaumont, e à mim, ao me confessar que não os conhecia? - Felizmente - acrescentou Bontemps - essa pobre Andrée vai partir em breve para uma região mais saudável, para o verdadeiro campo, e ela bem que precisa disso, anda tão abatida. É verdade que este ano ela não teve tempo de desfrutar do ar livre no verão que precisava. Imagine que deixou Balbec em fins de julho tencionando voltar em setembro; mas, como o irmão destroncou o joelho, ela não pôde voltar.-

Albertine a esperava em Balbec e me ocultou isso! É certo que fora tão amável em ter-me proposto voltar. A menos que...

- Sim, lembro-me que Albertine falou disso... (o que não era verdade). Quando então ocorreu o tal acidente? Tudo isto anda um tanto confuso na minha cabeça.

Mas sob um aspecto veio na certa, pois um dia mais tarde o aluguel da vivenda teria começado a correr e Andrée teria sido obrigada a pagar um mês inutilmente. Ele quebrou a perna em 14 de setembro, ela teve tempo de

telegrafar à Albertine no dia 15 de manhã dizendo que não viria, e Albertine pôde avisar a agência. Um dia depois, e o aluguel corria até 15 de outubro.

Assim, sem dúvida, quando Albertine, mudando de opinião, dissera-me:

- Partimos esta noite - o que ela tinha em vista era um apartamento que não conhecia, o da avó de Andrée, onde desde o nosso regresso iria poder entrar com a amiga, que, sem que eu desconfiasse, ela pensara rever brevemente em Balbec. As palavras tão amáveis que tivera, para voltar comigo, em contraste, sua teimosa recusa de pouco antes, buscara eu atribuí-las a uma reviravolta de bom coração. Mas eram simplesmente o reflexo de uma mudança ocorrida numa situação que não conhecemos, e que significa todo o segredo da variação da conduta das mulheres que não nos amam. Elas nos recusam obstinadamente um encontro para o dia seguinte porque se acham cansadas, porque o avô exige que jantem na casa dele.

- Mas venha depois insistimos.

- Ele me prende até bem tarde. Poderá querer me acompanhar. -

Simplesmente elas têm um encontro com alguém que lhes agrada. De repente, este já não está livre. E elas vêm dizer-nos que lamentam nos ter magoado, que se livraram do avô, que ficarão conosco, pouco se importando com o resto. Eu deveria ter reconhecido estas frases na linguagem com que se expressara Albertine no dia da minha partida, em Balbec. Entretanto, talvez só devesse reconhecê-la, mas, para interpretar essa linguagem, precisaria lembrar-me de dois traços particulares do caráter de Albertine. Dois traços do caráter de Albertine me voltaram ao espírito naquele momento, um para me consolar e o outro para me desolar, pois encontramos de tudo na nossa memória: ela é uma espécie de farmácia, de laboratório de química, onde pomos a mão ao acaso, ora numa droga calmante, ora num veneno perigoso. O primeiro traço, o consolador, foi aquele hábito de fazer uma mesma ação servir para o agrado de várias pessoas, aquele emprego múltiplo do que ela fazia, bem característico de Albertine. Era bem próprio do seu caráter. Voltando à Paris (o fato de que Andrée não voltaria à Balbec podia tornar-lhe incômoda a sua permanência lá sem que isso significasse que não podia passar sem Andrée), tirar de uma só viagem a ocasião para sensibilizar duas pessoas a quem amava com sinceridade: a mim, fazendo-me acreditar que assim agia para não me deixar sozinho, para que eu não sofresse, por devotamento para comigo; e a Andrée, convencendo-a de que, desde o momento em que esta não voltava a Balbec, não desejava ficar ali nem mais um só momento, que só havia prolongado a sua estada para vê-la e que no mesmo instante corria para junto dela. Ora, a partida de Albertine em minha companhia ocorrera, com efeito, de modo tão imediato, de um lado, à tristeza porque eu passara, ao meu desejo de voltar a Paris, e portanto, ao

telegrama de Andrée, que era bem natural que Andrée e eu, ignorando respectivamente, ela o meu desgosto, eu o seu telegrama, tivéssemos acreditado que a partida

de Albertine era a conseqüência da causa única que cada um conhecia e que a ela se seguia com tão poucas horas de intervalo e tão repentinamente. E nesse caso eu ainda podia crer que acompanhar-me fora o objetivo real de Albertine, que todavia não quisera desprezar uma oportunidade de granjear o reconhecimento de Andrée. Mas infelizmente lembrei-me logo de outro aspecto do caráter de Albertine, e que era a vivacidade com que se deixava empolgar pela tentação irresistível de um prazer. Ora, eu me lembrava, quando ela decidiu partir, da impaciência que tinha de chegar ao trem, como empurrara o gerente do hotel, que, tentando nos reter, poderia nos fazer perder o trem; o dar de ombros cúmplice que me fazia e com que eu ficara tão comovido; quando, no "tortinho", o Sr. de Cambremer nos perguntara se não podíamos ir para a semana seguinte. Sim, o que ela via ante os olhos naquele momento a tornava tão impaciente por ir-se embora, o que estava impaciente por rever; o apartamento desabitado que eu vira uma vez, e que pertencia à avó, de um apartamento luxuoso aos cuidados de um velho lacaio, virado para o sul tão vazio, tão silencioso, que o sol parecia pôr capas no canapé, nas poltronas; os quartos em que Albertine e Andrée pediam ao guardião respeitoso, talvez um cúmplice, que as deixasse repousar. Agora eu via o tempo todo esse apartamento, vazio, com uma cama canapé, uma criada simplória ou cúmplice, e para onde, cada vez que Albertine parecia apressada e séria, partia para encontrar-se com a amiga, que chegara antes dela, pois era mais livre. Até então, eu jamais pensara naquele momento, que para mim assumia agora uma beleza horrível. O desconhecido das criaturas é como o da natureza, que cada descoberta não só faz recuar, mas elimina. Um ciumento exaspera aquela a quem ama, privando-a de mil prazeres sem importância. Mas aqueles que representam a base da vida da amada, resguarda num lugar onde, nos momentos em que a inteligência dele julgam de grande perspicácia e onde os terceiros melhores o informam, o que não imagina. Afinal, pelo menos, Andrée ia partir. Mas eu não queria que Albertine pudesse me desprezar por ter feito papel de tolo diante dela e de Andrée. E um dia ou outro haveria de dizer-lhe. E assim talvez a forçaria a me falar com mais franqueza coisas que me ocultava. Mas não queria lhe falar daquilo ainda, primeiro que, sendo muito recente a visita de sua tia, ela teria compreendido de onde viera a informação, teria calado essa fonte e não recearia outras desconhecidas. Depois, porque eu não queria, enquanto não estivesse absolutamente guardado de Albertine pelo tempo que desejasse, arriscar-me a lhe causar cóleras incisivas que poderiam ter como resultado fazê-la desejar abandonar-me. É verdade que se eu raciocinava, buscava a verdade e prognosticava o futuro segundo suas palavras, que aprovavam sempre todos os

meus projetos e exprimiam o que amava nessa vida, quanto a sua clausura a privava de pouco, era porque não desejava que ela permanecesse para sempre a meu lado. E me sentia até bastante aborrecido, sentia que a vida, o universo, de que jamais havia desfrutado, escapava; em troca de uma mulher em que eu já não podia encontrar nada de novo, podia sequer ir à Veneza onde, enquanto eu estivesse na cama, seria torturado pelo temor das propostas que lhe poderiam fazer o gondoleiro, os gados do hotel, as venezianas. Mas se, pelo contrário, eu raciocinava conforme outra hipótese, a que se apoiava não nas palavras de Albertine, mas nos sim nos olhares, nos rubores, nos amuados, e até nas cóleras, de que me teria sido melhor fingir que não os percebia, então eu dizia comigo que essa vida insuportável, que durante o tempo inteiro ela se via privada do que gostava, fatalmente me abandonaria um dia. Tudo o que eu desejava, se ela me deixasse, era poder escolher o momento, um momento em que aquilo já não me fosse penoso, e depois numa época em que ela não pudesse ir a nenhum dos lugares onde eu imaginava suas devassidões, nem à Amsterdã, nem à casa de Andrée, nem à da Srta. Vinteuil que, é bem verdade, ela iria encontrar alguns meses mais tarde. Mas até lá eu me teria acalmado e aquilo me seria indiferente. Em todo caso, era preciso esperar, para pensar nisso, que eu me curasse da pequena recaída provocada pela descoberta dos motivos pelos quais Albertine, com poucas horas de intervalo, não quisera e depois quisera imediatamente deixar Balbec; era preciso deixar o tempo fazer desaparecer os sintomas, que não podiam deixar de ir se atenuando se eu não soubesse de nada novo, mas ainda demasiado agudos para não tornar mais dolorosa, mais difícil, uma operação de ruptura que agora reconhecia como inevitável, mas de modo algum urgente, e que era preferível realizar "a frio". Dessa escolha, no momento, era eu o senhor; pois, se ela queria partir antes que eu o tivesse decidido, no momento em que me anunciasse que estava farta daquela vida sempre haveria tempo para tomar providências visando a combater suas razões, para lhe dar mais liberdade, prometer-lhe um grande prazer próximo que ela mesma desejaria ficar aguardando, e até, se eu só achasse recursos em seu coração, confessar-lhe meu desgosto. Portanto, estava bem sossegado sob esse aspecto, não sendo nisso, aliás, muito lógico comigo mesmo. Pois, numa hipótese em que eu não levava precisamente em conta certas coisas que ela me dizia e anunciava, supunha que, quando se tratasse de sua partida, ela me daria previamente seus motivos, deixando-me combatê-los e liquidá-los.

Sentia que minha vida com Albertine não era, por um lado, quando não estava enciumado, senão aborrecimento; por outro, quando me enciumava, era apenas sofrer. Supondo que existisse felicidade, esta não poderia durar. No mesmo espírito de sensatez que me inspirava em Balbec na noite em que tínhamos sido felizes após a visita da Sra. de Cambremer, eu queria deixá-la porque não ganharia nada em prolongar aquela situação. Apenas, ainda agora, imaginava

que a lembrança que guardaria dela seria como uma espécie de vibração prolongada por um pedal do último minuto da nossa separação. Assim, fazia questão de escolher um minuto suave, para que fosse ele quem continuasse a vibrar em mim. Não convinha ser muito exigente, esperar muito; era preciso ser ajuizado. E, todavia, tendo esperado tanto, seria loucura não saber aguardar alguns dias a mais, até que se oferecesse um minuto aceitável, em vez de me arriscar a vê-la partir com essa mesma revolta que eu tinha outrora quando mamãe se afastava da minha cama sem me dar boa noite de novo, ou quando me dizia adeus na estação. Multiplicava ao acaso as gentilezas que podia lhe fazer. Quanto aos chambres de Fortuny, nós nos decidimos afinal por um azul e dourado com forro cor-de-rosa, terminado há pouco. E mesmo assim eu encomendara aos outros cinco a que ela havia renunciado em ter, por dar preferência àquele.

No entanto, com a chegada da primavera, passados dois meses que me dissera a sua tia, certa noite deixei-me levar pela cólera. Foi exatamente quando Albertine pusera pela primeira vez o chambre azul e dourado de Fortuny; recordando-me Veneza, fazia-me sentir mais ainda o que eu sacrificava por não se mostrava agradecida de modo algum. Se nunca fora a Veneza, sonhava com ela sem cessar desde aquelas férias da Páscoa, quando, ainda criança, devia ter passado lá, e desde antes ainda, através das gravuras de Ticiano e das de Giotto que Swann me dera outrora em Combray. O chambre de Fortuny que Albertine usava naquela noite me parecia como a sombra tentadora dessa Veneza invisível. Era todo cheio de ornamentação árabe como Veneza, como os palácios de dissimulados à maneira de sultanas por detrás de um véu de pedra coberto, como as encadernações da Biblioteca Ambrosiana, como as colunas de pássaros orientais que significam alternativamente morte e vida se repetindo na cintilação do tecido, de um azul profundo que, à medida que meu olhar nele alcançava, transmudava-se em ouro maleável por essas mesmas transmutações, diante da gôndola que avança, mudam em metal flamejante o azul do Grande Canal. E as mangas eram forradas de um róseo cereja que é tão particularmente veneziano que se denominava rosa Tiepolo{74}.

De dia, Françoise deixara escapar diante de mim que Albertine estava contente de tudo; que, quando eu lhe mandava dizer que sairia com ela, ou que sairia, que o automóvel viria buscá-la, ou não viria, ela quase que dava de ombros; mal respondia com polidez. Àquela noite, em que me sentia de mau humor, primeiro o calor me havia enervado, não pude sofrear minha cólera e censurar-lhe a ingratidão:

- Sim, você pode perguntar a todo mundo - berrei com todas as minhas forças, fora de mim -, pode perguntar a Françoise, é do conhecimento geral. -

Mas logo me lembrei que certa vez Albertine me dissera o quanto era terrível nos momentos de cólera, e aplicara a mim os versos de Esther: *Jugez combien ce front irrité contre moi/ Dans non âme troublée a dû jeter d'émoi.../Hélas! Sans frissonner quel coeur audacieux/ Soutiendrait les éclairs qui partent de vos yeux*{75}*?*

Envergonhei-me da minha violência. E, para desfazer o que fizera, contudo me dar por vencido, de forma que minha paz fosse uma paz armada e temível ao mesmo tempo que me parecia útil mostrar que eu não receava um rompimento, a fim de que ela não tivesse tal idéia:

- Perdoe-me, minha querida Albertine, estou envergonhado da minha violência, estou desesperado. Se já não podemos nos entender, se devemos nos separar, não é preciso ser deste modo, isso não seria digno de nós. Nós nos separaremos, se for necessário, mas antes de tudo, faço questão de lhe pedir humildemente que me perdoe, de todo o meu coração. -

Imaginei que, para reparar aquilo e me assegurar de seus projetos de se ir embora nos dias próximos e pelo menos até que Andrée partisse, o que se daria dentro de três semanas, seria bom que logo no dia seguinte eu procurasse algum prazer melhor dos que ela tivera até agora, e de bem remota realização. Assim, já que eu ia desfazer o aborrecimento que lhe causara, talvez procedesse acertadamente em aproveitar aquela ocasião para lhe mostrar que conhecia sua vida melhor do que ela pensava. O mau humor que ela sentisse se desfaria amanhã diante das minhas amabilidades, mas o aviso permaneceria em seu espírito.

- Sim, minha pequena Albertine, perdoe-me se fui violento. Não sou inteiramente culpado como pensa. Há pessoas malvadas que procuram nos intrigar, eu jamais quis falar nisso para não atormentá-la e às vezes acabo ficando desatinado com algumas denúncias. - E, querendo me valer do fato de que ia poder mostrar como estava ciente do que respeitava à partida de Balbec: - Escute, você sabia que a Srta. Vinteuil devia ir à casa da Sra. Verdurin na tarde em que você tinha ido ao Trocadero. -

Ela enrubesceu.

- Sim, sabia.

- Pode me jurar que não era para reatar relações com ela?

- Mas é claro que posso lhe jurar. Porque "reatar"? Nunca tive relações com ela, juro-lhe.-

Eu me sentia magoado por ouvir Albertine mentir-me desse modo, negar-me a evidência que seu rubor já confessara demais. Sua falsidade me afligia. E no entanto, como abrangia um protesto de inocência no qual, sem o perceber, estava

prestes a acreditar, fez-me menos mal que sua sinceridade quando, tendo-lhe perguntado:

- Pode ao menos me jurar que o prazer de rever a Srta. Vinteuil não pesaria em nada no seu desejo de ir àquela vesperal na casa da Sra. Verdurin? -

Ela respondeu:

- Não, isso eu não posso jurar. Eu tinha grande prazer em rever a Srta. Vinteuil. -

Um momento antes, eu lhe queria mal por dissimular suas relações com a Srta. Vinteuil; e agora, a confissão do prazer que ela teria em vê-la me partia braços e pernas. Sem dúvida, quando Albertine me dissera, logo que eu regressara da casa dos Verdurin:

- Não deveriam receber a Srta. Vinteuil? - fizera renascer todo o meu sofrimento ao me provar que sabia da sua vinda. Mas é claro que desde então eu raciocinara assim: "Ela sabia da sua vinda, que não lhe dava nenhum tipo de prazer, mas como deve ter compreendido de imediato que fora a revelação de que ela conhecia uma pessoa de tão má reputação como a Srta. Vinteuil o que de tal modo me havia desesperado em Balbec, a ponto de me fazer pensar em suicídio, não quis me falar dela." E depois, eis que ela era obrigada a me confessar que aquela vinda lhe dava prazer disso o seu jeito misterioso de querer ir aos Verdurin deveria ter sido prova bastante para mim. Mas eu não pensara muito mais naquilo. Assim, como dissesse a mim mesmo agora: "Por que será que ela só confessa pela metade, é ainda mais idiota do que mau ou triste", sentia-me de tal maneira esmagado e não tive coragem de insistir no assunto, no qual não me saíra bem, pois não tinha nenhum documento revelador e, para recuperar minha ascendência diante ela, apressei-me a passar ao tema de Andrée, que me permitiria levar Albertine na parede mediante a esmagadora revelação do telegrama de Andrée.

- Escute eu -, agora mesmo me atormentam e me perseguem falando de novo dessas relações, mas com Andrée.

- Com Andrée?! - exclamou ela.

O mau humor lhe molhava o rosto. E o espanto, ou a vontade de parecer espantada, lhe esbugalhou os olhos.

- Essa é ótima! E pode-se saber quem lhe disse estas belas mentiras. Poderei falar com tais pessoas, saber em que baseiam suas infâmias?

- Pequena Albertine, não sei, são cartas anônimas, mas de pessoas que você descubra facilmente (para lhe mostrar que não receava que ela procurasse), devem conhecê-la muito bem. Confesso-lhe que a última (cito-lhe essa justamente porque se trata de uma ninharia e por não conter nada de penoso para dizer), de tudo, deixou-me exasperado. Dizia que, se no dia em que deixamos

Balbec primeiro quis ficar e logo desejou partir, foi porque nesse intervalo havia recebido uma carta de Andrée dizendo que não ia a Balbec.

- Sei muito bem que Andrée, escreveu que não ia, chegou mesmo a telegrafar; não posso lhe mostrar o telegrama pois não o guardei, mas não era naquele dia; aliás, mesmo que tivesse sido nesse dia, que interesse você queria que houvesse para mim que Andrée fosse ou não à Balbec?

Aquele "que interesse você queria que houvesse" era uma demonstração de cólera e de que "havia interesse", mas não necessariamente uma prova que Albertine voltara unicamente movida pelo desejo de rever Andrée. Todas as vezes que Albertine via que um dos motivos reais ou pretensos de um de seus era descoberto por uma pessoa a quem dera um motivo diverso para esse ato se encolerizava, ainda que a pessoa fosse aquela para a qual na verdade finalizasse aquele ato. Que Albertine acreditasse que essas informações sobre o que ela fazia: provinham de anônimos que as enviavam por conta própria, mas que eu me solicitava com avidez, isso não se poderia de forma alguma deduzir das palavras que me disse em seguida, em que parecia aceitar minha versão das cartas; porém de seu ar de cólera contra mim, cólera que só parecia ser a explicada por seus maus humores precedentes, exatamente como a espionagem que ela, na hipótese, teria acreditado que eu praticara, só teria sido a conseqüência de vigilância de todos os seus atos, vigilância de que já devia ter certeza havia tempo. Sua cólera chegou a estender-se à Andrée, e sem dúvida pensando agora eu não mais ficaria tranqüilo mesmo quando ela saísse com Andrée:-

- Andrée me exaspera. É cansativa. Ela volta amanhã. Não quero mais sair com ela. Pode anunciar às pessoas que lhe disseram ter eu voltado a Paris por causa dela. Se eu lhe dissesse que faz tantos anos que conheço Andrée, e não saberia lhe dizer como é a cara dela, tão poucas vezes que a tenho olhado! -

Ora, em Balbec, no primeiro ano, ela me dissera:

- Andrée é encantadora. -

É verdade que isto não queria dizer que Albertine tivesse relações amorosas com Andrée, e eu até, naquele tempo nunca a ouvira falar a não ser com indignação de todas as relações desse tipo. Mas não poderia ela ter mudado, mesmo sem perceber que mudara, não considerando que seus brinquedos com uma amiga fossem a mesma coisa que as relações imorais, bem pouco precisas em seu espírito, que ela condenava nos outros? Não seria possível tal coisa, visto que essa mesma mudança e a mesma inconsciência da mudança se haviam produzido em suas relações comigo, cujos beijos ela repelira com tanta indignação, beijos que ela própria devia me dar em seguida, diariamente, e que, conforme eu esperava, dar-me-ia ainda por muito tempo, bem como iria dar-me dentro de alguns

instantes?

- Mas, minha querida, como quer que lhes anuncie, já que não os conheço?-

Esta resposta era tão decisiva que deveria ter dissipado as dúvidas e objeções que eu via cristalizadas nas pupilas de Albertine. Porém deixou-as intactas; eu me calara e, no entanto, ela continuava a me encarar com essa atenção persistente que prestamos a alguém que não acabou de falar. Pedi-lhe perdão de novo. Respondeu que nada tinha a me perdoar. Voltara a mostrar-se muito meiga. Mas, sob a sua fisionomia triste e abatida, pareceu-me que se formara um segredo. Sabia muito bem que ela não podia abandonar-me sem aviso; além do mais, não podia sequer desejá-lo (dentro de oito dias deveria experimentar os novos vestidos do Fortuny), nem fazê-lo com decência, pois minha mãe regressaria no fim de semana, e a tia de Albertine também. Por que, visto ser impossível a sua partida, repeti-lhe várias vezes que sairíamos juntos no dia seguinte para ir ver uns cristais de Veneza que eu queria lhe dar, e fiquei aliviado ao ouvi-la dizer que sim, que estava combinado? Quando ela veio me dar boa-noite e a beijei, ela não fez como de hábito, virou a cara - e foi apenas alguns instantes depois do momento em que pensei naquela doçura que ela me dava todas as noites o que havia recusado em Balbec - não retribuiu o meu beijo. Dir-se-ia que, zangada comigo, não queria me dar um sinal de ternura que mais tarde pudesse me parecer uma falsidade que desmentisse aquela zanga. Dir-se-ia que adequava seus atos a essa zanga e contudo com cautela, seja para não proclamá-la, seja porque, rompendo as relações carnais comigo, desejasse todavia continuar minha amiga. Beijei-a então pela segunda vez, apertando de encontro ao coração o azul faiscante e dourado do Grande Canal e os pássaros acasalados, símbolos de morte e ressurreição. Mas uma segunda vez, em lugar de me conceder um beijo, ela se afastou com o tipo de obstinação instintiva e nefasta dos animais que pressentem a morte. Tal pressentimento que ela parecia traduzir também me atingiu, enchendo-me de um temor tão magoado que, quando Albertine chegou à porta, não tive coragem de deixá-la ir-se. Chamei-a de volta:

- Albertine – disse -, não tenho sono. Se você também não tiver vontade de dormir, poderia ficar ainda um pouco, se quiser; mas não quiser, não a impeço, principalmente não quero que se canse.-

Julgava que se pudesse fazê-la deitar e tê-la em sua camisola branca, na qual ela parecia mais rósea, mais quente, irritava mais os meus sentidos, a reconciliação teria sido mais completa; vacilei um momento, pois a orla azul do chambre acrescentava-lhe ao rosto uma beleza, uma iluminação, um céu, sem os quais teria me parecido mais duro. Voltou lentamente e me disse com muita doçura e sempre com o mesmo triste e abatido:

- Posso ficar o tempo que você quiser, não estou com sono.

A resposta me acalmou, pois, enquanto ela estivesse ali, eu sentia poder refletir o futuro e nela havia também amizade e obediência, mas de uma certa natureza que me parecia ter por limite aquele segredo que eu sentia por trás do seu tristonho, de suas maneiras mudadas, um tanto sem ela querer, um tanto de dúvida, para pô-los previamente de harmonia com alguma coisa que eu ignorava. Ainda assim, pareceu-me que só tendo-a toda de branco, o colo nu, diante de mim - como a tinha visto em Balbec em seu leito, me sentiria com suficiente audácia obrigá-la a ceder.

- Já que você é tão gentil em ficar mais um pouco para me consolar, deveria tirar a roupa, ela é muito quente, muito retesada, não me deixa chegar mais perto para não amarrotar este belo tecido; e há entre nós esses rostos fatídicos. Dispa-se, minha querida.

- Não, não seria cômodo tirar a roupa. Vou despir-me no meu quarto, daqui a pouco.

- Então nem mesmo quer sentar-se na minha cama?

- Claro que sim.-

Mas ela permaneceu um pouco distante aos meus pés. Conversamos. De repente ouvimos a cadência regular de um chiado queixoso. Eram os pombos que principiavam a arrulhar.

- Isto prova que já é dia - disse Albertine; e de cenho franzido, como se deixasse de lado, vivendo em minha casa, sem os prazeres da bela estação: - A primavera começou, já que os pombos voltaram. -

A semelhança entre aquele arrulho e o canto do galo era tão profundo, tão obscura quanto, no septeto de Vinteuil, a existente entre o tema do adágio erguido sobre o mesmo tema-chave do primeiro e do último trecho, mas de modo transformado pelas diferenças de tonalidade, de medida, etc., que o público profano, se por acaso abre uma obra acerca de Vinteuil, fica espantado ao ver todos os três são erguidos sobre as mesmas quatro notas, que aliás pode com um só dedo ao piano sem topar com nenhum dos três trechos. Assim, o trecho melancólico executado pelos pombos era uma espécie de canto de galo em tom menor, que não subia para o céu nem se erguia verticalmente, mas, regia como o zurro do asno, envolto em doçura, ia de um pombo a outro numa linha horizontal, e jamais se aprumava, não mudava o seu queixume lateral, radioso apelo que tantas vezes o *allegro* da introdução e o final haviam lançado. Sei que na ocasião pronunciei a palavra "morte", como se Albertine fosse morrer. Parece que os acontecimentos são mais vastos do que o momento em que ocorrem, não podendo caber completamente nele. Certo, que transbordam para o futuro devido à memória que deles guardamos, mas também pedem um espaço ao Tempo que os antecede. Certo, dir-se-á que não os vemos então como virão a ser, mas não

são eles igualmente modificados na lembrança?

Quando vi que por si mesma ela não me beijaria, compreendendo que tudo aquilo era tempo perdido e que somente a partir do beijo é que principiariam os minutos calmantes e verdadeiros, disse-lhe:

- Boa-noite, é bem tarde -, pois isso a faria beijar-me e continuaríamos juntos a seguir. Mas depois de me ter dito:

- Boa-noite, trate de dormir bem - exatamente como das duas primeiras vezes, ela se contentou com um beijo no rosto. Desta vez não me animei a chamá-la. Mas meu coração batia com tanta força que não pude deitar de novo. Como um pássaro que vai de uma extremidade a outra da gaiola, eu passava incessantemente da inquietação que Albertine pudesse partir a uma relativa calma. Essa calma era produzida pelo raciocínio que eu recomeçava diversas vezes por minuto: "Em todo caso, ela não pode partir sem me avisar, de maneira nenhuma ela me disse que partiria", e me sentia mais ou menos sossegado.

Mas logo me repetia: "Contudo, e se amanhã descobrir que ela foi embora? Minha inquietação é causada por alguma coisa; por que será que ela não me beijou?" Aí sentia o coração horrivelmente apertado. Depois, ele sossegava um pouco por causa do raciocínio que eu recomeçava, mas eu acabava por ter dor de cabeça, pois esse vai-e-vem do pensamento era por demais incessante e monótono. Assim, há certos estados morais, notadamente a inquietação, que, apresentando-nos apenas duas alternativas, têm algo de tão atrozmente limitado quanto um simples sofrimento físico. Eu refazia perpetuamente o raciocínio que dava razão à minha inquietude e também aquele que não lhe dava e me tranqüilizava, como o doente que, num espaço tão exíguo, apalpa sem cessar, com um movimento interno, o órgão que o faz sofrer, afasta-se por um instante do ponto doloroso para voltar a ele um momento após. De súbito, no silêncio da noite, feriu-me um ruído de aparência insignificante mas que me encheu de terror, o ruído da janela de Albertine que se abria violentamente. Quando não ouvi mais nada, indaguei a mim mesmo por que esse ruído me causara tanto pavor. Em si mesmo, nada tinha de tão extraordinário; mas provavelmente eu lhe atribuía dois sentidos que igualmente me aterrorizavam. Primeiro, era uma convenção de nossa vida comum, já que eu receava as correntes de ar, que jamais se abrisse a janela à noite. Tinham-no explicado a Albertine quando ela veio morar em nossa casa, e, embora estivesse convencida que aquilo era uma mania de minha parte, mania aliás malsã, prometera-me que nunca haveria de infringir essa defesa. E ela se mostrava tão receosa com todas essas minhas vontades, conquanto as censurasse, que seria mais fácil que dormisse com o cheiro do fogo na lareira do que abrisse a janela, assim como mesmo para o fato mais importante não teria me mandado acordar de manhã. Não passava aquilo de uma das pequenas convenções da nossa vida, mas, no momento em que ela

violava aquela sem me haver prevenido, não quereria isto dizer que ela nada mais trataria com deferência a meu respeito e violaria todas as outras da mesma forma? Além disso, o ruído fora violento, quase mal-educado, como rubra de cólera, tivesse aberto e dito: "Esta vida me sufoca, tanto pior, que ar!" Não disse comigo exatamente tudo isto, mas continuei a pensar, como presságio mais misterioso e mais fúnebre que um pio de coruja, naquele janela que Albertine abrira. Numa agitação como talvez não tivera desde noite em Combray, quando Swann jantara em nossa casa, caminhei a noite inteira pelo corredor, esperando, pelo barulho que fazia, atrair a atenção de Albertine que ela tivesse pena de mim e me chamasse, mas não ouvia rumor algum vindo de seu quarto. Em Combray, pedira a minha mãe que voltasse. Mas, no caso de mãe eu só temia a sua cólera, sabia que seu afeto não diminuiria se lhe testemunhasse o meu. Isto me fez demorar a chamar Albertine. Pouco a pouco sentia que estava ficando tarde demais. Ela devia estar dormindo há muito. Voltei a deitar.

No dia seguinte, logo que acordei, como nunca entravam no meu quarto, houvesse o que houvesse, sem que eu tivesse chamado, toquei a campainha para chamar Françoise. E ao mesmo tempo, pensei: "Vou falar a Albertine de um iate que vou encomendar para ela." Apanhando minhas cartas, disse a Françoise sem encará-la:

- Daqui a pouco tenho uma coisa a dizer à Srta. Albertine; ela já se levantou?

- Levantou cedo.-

Senti erguerem-se em mim, como num vendaval, mil inquietações que eu não podia sufocar no peito. O tumulto era nele tão grande que eu estava a ponto de perder o fôlego como numa tempestade.

- Ah, mas onde está ela no momento?

- Deve estar no quarto.

- Muito bem; vou vê-la daqui a pouco. -

Respirei, ela estava em casa, minha agitação cessou. Era-me quase indiferente que estive. Além disso, não fora absurdo supor que poderia não estar? Adormeci, mas, a segurança da minha certeza de que ela não me deixaria, com um sono leve e de uma fé somente a ela relativa. Pois os ruídos que só se podiam atribuir a trabalhos no ouvindo vagamente enquanto dormia, deixavam-me tranqüilo; ao passo mais leve frêmito que proviesse do seu quarto ou quando ela saía à rua ou sem ruído, apertando tão de leve o botão da campainha, sobressaltava-me, fazia-me estremecer da cabeça aos pés, deixava-me o coração batendo, embora tinha o ouvido numa sonolência profunda, assim como a minha avó nos últimos dias precederam a sua morte, quando, estando ela mergulhada numa imobilidade que nada perturbava e que os médicos denominam coma, punha-se, pelo que

disseram, a tremer por um instante como uma folha ao ouvir os três toques da campainha com que eu me acostumara a chamar Françoise, e que, mesmo o mais de leve naquela semana, para não perturbar o silêncio da câmara mortuária ninguém, afirmava Françoise, podia confundir-devido a um modo que eu ignorava, de apertar a campainha-com os toques de qualquer outra pessoa, eu também estava entrado em agonia? Seria isso a aproximação da morte?

Nesse dia e no dia seguinte saímos juntos, visto que Albertine já queria sair com Andrée. Não cheguei sequer a lhe falar do iate; aqueles passeios haviam me tranqüilizado inteiramente. Porém ela continuara à noite a me beijar da mesma forma nova, de modo que eu andava furioso. Só podia ver nisso uma forma de mostrar que estava amuada comigo, o que me parecia extremamente ridículo depois das amabilidades que eu não cessava de lhe fazer. Assim, não tendo dela nem mesmo as satisfações carnais de que fazia tanto empenho, achando-a feia no seu mau humor, senti mais vivamente a privação de todas as mulheres e das viagens, cujo desejo aqueles primeiros dias de primavera despertavam em mim. Sem dúvida, graças às recordações esparsas de encontros esquecidos que tivera, ainda no colégio, com mulheres, sob a folhagem já espessa, aquela zona da primavera em que a viagem de nossa morada errante através das estações acabara por se interromper havia três dias, sob um céu clemente, e cujas estradas fugiam todas para almoços no campo, passeios de bote, excursões de recreio, parecia-me o país das mulheres tanto quanto era o das árvores, e onde o prazer ofertado em todas as partes se tornava permitido às minhas forças convalescentes. A resignação à preguiça, a resignação à castidade, a conhecer o gozo unicamente com uma mulher que eu não amava, a resignação de permanecer no meu quarto, de não viajar, tudo isso era possível no mundo antigo, onde ainda estávamos na véspera, no mundo vazio do inverno, porém não mais naquele universo novo, cheio de folhagens, onde eu havia despertado como um novo Adão para o qual se coloca pela primeira vez a questão da existência, da felicidade, e sobre quem não pesa a acumulação das soluções negativas anteriores. A presença de Albertine era um peso; eu a olhava, doce e enfadonha, sentindo que era uma pena que não tivéssemos rompido. Desejava ir a Veneza, desejava, enquanto isso, ir ao Louvre para ver quadros venezianos e ao Luxemburgo para ver os dois Elstir que, conforme acabava de saber, a princesa de Guermantes vendera recentemente àquele museu, os dois que eu tanto admirara na casa da duquesa de Guermantes: *Os prazeres da dança e Retrato da família X*. Mas receava que, no primeiro, certas poses lascivas dessem a Albertine um desejo, uma nostalgia de festividades populares, fazendo-a dizer consigo que talvez uma certa vida que não levara, uma vida de fogos de artifício e de tabernas, tivesse os seus encantos. Já de antemão, receava eu que no dia 14 de julho ela me pedisse para ir a um baile popular e sonhava com um acontecimento impossível que suprimisse tal festa. E depois, havia também nos

Elstirs nudezas de mulheres nas paisagens frondosas do Sul que podiam fazer Albertine pensar em certos prazeres, se bem que Elstir (mas não rebaixaria Albertine a obra?) pretendesse apenas a beleza escultural, ou melhor, a beleza de brancos monumentos que assumem os corpos de mulheres quando sentados na relva. Assim, resignei-me a desistir de tudo isso e senti vontade de ir a Versalhes. Albertine, que não quisera sair com Andrée, ficara lendo no quarto, vestida com um *peignoir* de Fortuny. Perguntei se queria ir a Versalhes. Ela tinha isto de encantador: Estava sempre disposta a tudo, talvez devido ao seu hábito antigo de viver metade do tempo na casa dos outros, e, como em dois minutos resolvera voltar e ir à Paris, disse:

- Posso ir deste jeito se não descermos do carro. -

Hesitou um entre dois casacos de Fortuny para pôr sobre o *peignoir*-como teria feito e amigos diversos a levar-, escolheu um azul-escuro, admirável, pregou um no chapéu. Aprontou-se num minuto, antes que eu tivesse tido tempo de por o paletó, e fomos para Versalhes. Essa mesma rapidez, essa docilidade absoluta me deixaram mais tranqüilo, como se eu, sem ter nenhum motivo preciso de distração, necessitasse ficar preocupado. "Afinal não tenho nada a temer, ela faz o que lhe peço, apesar do barulho da janela a noite passada. Logo que falei em sair colocou esse casaco azul sobre o *peignoir* e veio, não é o que teria feito revoltada, uma pessoa que não se sentisse bem comigo" era o que dizia mesmo enquanto íamos a caminho de Versalhes. Ficamos por lá muito tempo. O céu inteiro mostrava o azul radioso e um tanto pálido, como o vê por vezes de sua cabeça, o passeante deitado no campo, mas de tal modo uniforme, de modo profundo, que se sente que o azul que o compõe foi empregado sem qualquer mistura e com tão inesgotável riqueza que seria possível lhe aprofundasse uma vez mais a substância sem encontrar um só átomo de outra coisa que não aquele mesmo azul. Eu pensava em minha avó, que, na arte humana, na natureza, apreciava a grandiosidade e se comprazia em contemplar, naquele mesmo céu, a subida do campanário de Saint-Hilaire. De repente, senti de novo a volta de minha liberdade perdida ao ouvir um rumor que a princípio não reconheci que minha avó teria apreciado tanto. Era como o zumbido de uma vespa.

- Veja, Albertine-, é um aeroplano, está muito alto, bem alto.-

Eu olhava a meu redor como o passeante deitado num campo, só via a palidez intacta do azul sem qualquer mancha preta. Contudo ouvia sempre o zumbido de asas que de súbito entraram no meu campo de visão. Lá no alto, minúsculas e brilhantes castanhas franziam o azul uniforme do céu inalterável. Por fim consegui ver zumbido à sua causa, àquele pequeno inseto que trepidava lá em cima, a uns bons dois mil metros de altura; via-o zunir. Talvez quando as distâncias da terra, não havia muito tempo, ainda não estavam encurtadas pela velocidade como estão agora, o silvo de um trem que passasse a dois quilômetros

fosse dotado de beleza que hoje, e por algum tempo ainda, emociona-nos no zumbido de aeroplano a dois mil metros de altura, à idéia de que as distâncias percorridas em viagem verticais, são as mesmas que sobre o solo, e que nesta nova direção, essas medidas nos parecem diferentes porque o acesso se nos afigurava inacessível ao aeroplano a dois mil metros não está mais longe que um trem a dois quilômetros- está mais perto até, pois o trajeto idêntico se efetua num meio mais puro, separação entre o viajante e seu ponto de partida, do mesmo modo que sobre as planícies, num tempo calmo, a esteira de um navio já distante ou o sopro de uma só brisa riscam o oceano das águas e dos trigais.

Eu tinha vontade de merendar. Paramos numa grande confeitaria situada se fora da cidade e que, àquela época, gozava de certa fama. Vi sair uma senhora que fizera suas encomendas à pasteleira. E, logo que a tal senhora partiu, Albertine olhou a pasteleira diversas vezes como se quisesse atrair a sua atenção, enquanto a pasteleira arrumava taças, pratos e sequilhos, pois já era tarde. A moça só chegava à nossa mesa quando eu pedia alguma coisa. E acontecia então que, como ela era muito alta, ficava de pé para nos servir e Albertine, sentada ao meu lado, cada vez que, para tentar atrair a atenção da moça, erguia verticalmente para ela um olhar que era forçado a elevar tanto mais alto a pupila quanto, estando a pasteleira juntinho de nós, não tinha o recurso de suavizar o declive pela obliqüidade do olhar. Era obrigada, sem erguer demais a cabeça, a fazer seus olhares subirem até àquela altura desmesurada onde ficavam os olhos da pasteleira. Por amabilidade para comigo, Albertine voltava a abaixar vivamente os olhares e, não tendo a pasteleira prestado nenhuma atenção nela, recomeçava. Isto resultava numa série de inúteis elevações imploradas para uma divindade inacessível. Depois, a moça só precisou arrumar uma grande mesa vizinha. Para lá, bastava o olhar de Albertine ser apenas lateral. Mas nenhuma vez o olhar da pasteleira pousou sobre a minha amiga. Aquilo não me espantava, pois sabia que essa moça, a quem conhecia um pouco, tinha amantes, embora fosse casada, mas ocultava perfeitamente os seus casos, o que me assombrava bastante devido à sua enorme estupidez. Observei-a enquanto acabávamos de comer. Ocupada com seus arranjos, ela se tornava quase descortês para com Albertine de tanto não ter um olhar que correspondesse aos olhares de minha amiga, os quais, de resto, nada tinham de inconvenientes. A outra arrumava sem cessar, sem qualquer distração. Se a colocação em ordem das colherzinhas, das facas de frutas, fosse confiada, não a essa mulher alta e bonita, mas, por economia de trabalho humano, a uma simples máquina, não se poderia ter visto isolamento tão completo em relação à atenção de Albertine; e no entanto ela não baixava os olhos, não se absorvia, deixava brilhar seus olhos, seus encantos, prestando atenção apenas ao seu trabalho. É verdade que se essa moça não fosse uma mulher tão particularmente estúpida (não só era essa a sua reputação, como eu sabia por experiência própria), aquele desprendimento poderia ser tido como o

cúmulo da habilidade. E eu bem sabia que a criatura mais estúpida, se estiver em 1090 o seu desejo ou interesse, pode, neste caso único, em meio à nulidade de sua vida nada inteligente, adaptar-se de imediato às rodas da mais complicada engrenagem; de qualquer modo, seria uma suposição por demais sutil para uma mulher tão néscia como a pasteleira. Tal necessidade assumia até um contorno incrível de grosseria. Nem uma só vez olhou para Albertine, a quem no entanto não podia deixar de ver era pouco amável para minha amiga, mas no fundo fiquei encantado que Albertine recebesse aquela liçãozinha e visse que muitas vezes as mulheres não lhe chamara a atenção.

Deixamos a confeitaria, subimos para o carro e já tínhamos retomado o caminho de casa quando de súbito percebi que me esquecera de chamar à parte aquela moça e pedir-lhe, como que por acaso, que não dissesse à senhora que havia saído quando chegáramos, o meu nome e endereço da pasteleira, devido às constantes encomendas que lhe fazia, deveria conhecer certamente. De fato, era dispensável que, desse modo, a senhora soubesse em mente do endereço de Albertine. Porém, achei que seria demora demais tão pequena, e que isso pareceria lhe dar excessiva importância aos olhos da pasteleira mentirosa e imbecil. Pensei apenas que seria necessário merendar ali uma semana, a fim de fazer essa recomendação, e como é bem aborrecido conhecermos sempre a metade das coisas que temos a dizer, assim como não coisas mais simples de uma só vez.

Chegamos em casa bem tarde, numa noite onde, aqui e ali, à beira do caminho, uma calça rubra ao lado de uma saia, revelava casais de namorados. Pelo carro passou pela porta Maillot para entrar na cidade. Aos monumentos que substituíra, puro, linear, sem espessura, o desenho dos monumentos como se teria feito para uma cidade destruída cuja planta se quisesse elevar. Em torno dela se erguia com tanta suavidade a orla azul pálido sobre a qual se destacava, que os olhos sequiosos buscavam ainda por todos os lados daquele matiz delicioso que lhes era muito avaramente medido: fazia luar. Albertine admirou. Não me animei a dizer-lhe que o teria desfrutado melhor sozinho ou à procura de uma desconhecida. Recitei-lhe versos ou frases e sobre o luar, mostrando-lhe como, de prateado que fora antigamente, ficou com Chateaubriand, com o Victor Hugo de *Éviradnus* e de *A festa em Thérese*, para tornar-se amarelo e metálico em Baudelaire e Leconte depois, recordando-lhe a imagem que representa o crescente lunar no fim adormecido, recitei-lhe todo o poema.

Quando volto a pensar nisso, não sei dizer o quanto a vida de Albertine, recoberta de desejos alternados, fugidios, muitas vezes contraditórios. Sem a mentira complicava-a ainda mais, pois não mais se lembrando com exatidão nossas conversas, quando me dizia:

- Ah, ali está uma bonita moça e que golfe muito bem - e eu lhe perguntava o

nome da moça, ela respondia com ar distraído, universal, superior, que, é claro, sempre tem partes disponíveis; pois o mentiroso dessa categoria o toma de empréstimo por um instante todas que não deseja responder a uma pergunta, e nunca lhe faz falta:

- Ah, (lamentando não poder informar-me), nunca soube o seu nome, via-a no golfe, não sabia como se chamava-; se um mês depois eu lhe dizia:

- Albertine aquela moça de que me falaste, que jogava golfe tão bem.

- Ah, sim - respondia sem refletir -, Émilie Daltier, não sei que fim levou.-

E a mentira, como um *cação* de campanha, passava da defesa do nome, agora conquistado, para a de possibilidades de tornar a encontrá-la.

- Ah, não sei, nunca soube do seu endereço.

Como se não soubesse de ninguém que pudesse lhe informar.

- Oh não, Andrée não a conheceu. Ela não era do nosso pequeno grupo, hoje tão dividido. -

De outras vezes, a mentira era feito uma confissão vil:

- Ah, se eu tivesse trezentos mil francos de renda... -

Mordia os lábios.

- Muito bem, o que farias?

- Pediria licença - dizia ela beijando-me - para ficar em tua casa. Onde poderia ser mais feliz?- Porém, mesmo levando em conta as mentiras, era incrível a que ponto sua vida era sucessiva, e fugidios os seus maiores desejos. Mostrava-se louca por uma pessoa e, três dias depois, não queria mais receber sua visita. Era incapaz de esperar uma hora que eu mandasse lhe comprar telas e tintas, pois desejava recomeçar a pintar. Durante dois dias ficava impaciente, chegava às lágrimas, logo enxutas, de criança a quem tiraram a ama. E essa instabilidade de sentimentos em relação às pessoas, às coisas, às ocupações, às artes e às regiões, era na verdade tão universal que, se ela amou o dinheiro, o que não acredito, não pôde amá-lo por mais tempo que o resto. Quando dizia:

- Ah, se eu tivesse trezentos mil francos de renda! -, mesmo que expressasse um pensamento mau, mas bem pouco duradouro, não teria podido persistir nele por mais tempo que no desejo de ir aos Rochers, cuja imagem lhe fora mostrada numa edição da Sra. de Sévigné que pertencera à minha avó, no de reencontrar uma amiga do golfe, de subir num aeroplano, de ir passar o Natal com a tia, ou de recomeçar a pintar.

- No fundo, nenhum de nós tem fome, poderíamos passar na casa dos Verdurin propôs Albertine. - É a hora e o dia deles.

- Mas você não anda zangada com eles? -

- Oh, fazem muita intriga contra eles, mas no fundo não são tão maus assim. A Sra. Verdurin sempre foi muito gentil comigo. E além disso, a gente não pode estar brigada sempre com todo mundo. Eles têm defeitos, mas quem é que não têm?

- Você não está bem vestida. Precisa chegar em casa para se vestir, ficaria muito tarde.

- Sim, tem razão, voltemos simplesmente para casa - respondeu Albertine, com aquela admirável docilidade que me assombrava sempre.

O bom tempo, nessa noite, deu um salto para diante, como um termômetro que sobe com o calor. Quando acordei, de minha cama, nessas manhãs de primavera cedo nascidas, ouvia os bondes andando, através dos odores, no ar em que o calor se misturava cada vez mais até atingir a solidificação e a densidade do meio-dia. Mais fresco, ao contrário, no meu quarto, quando o ar untuoso acabara de nele envernizar e isolar o cheiro do lavabo, o cheiro do armário, o cheiro do canapé, às simples nitidez com que, verticais e aprumados, todos esses cheiros se mantinham em camadas justapostas e distintas, num claro-escuro nacarado que acrescentava um polimento mais suave ao reflexo das cortinas e das poltronas de cetim azul, eu me via, não por um simples capricho de minha imaginação, mas porque era de fato possível, seguindo em algum bairro novo do arrabalde, igual àquele onde em Balbec morava Bloch, as ruas ofuscadas pelo sol, e vendo não os açougues sem a branca pedra de cantaria, mas a sala de jantar do campo onde poderia chegar em breve, e os odores que iria encontrar ali, o odor da compoteira de damascos, da cidra, do queijo *gruyere*, mantidos em suspensão na congelação da sombra que eles delicadamente cobriam de veios, como o de uma ágata, ao passo que os descansa-talheres de vidro prismático matiz arco-íris os põem aqui e ali, no oleado da toalha de mesa.

Como o vento que refresca em progressão regular, ouvi um ronco de um automóvel debaixo da minha janela. Senti seu cheiro de gasolina. Cheiro que pode parecer lastimável aos delicados (que são sempre materialistas para quem ele estraga o campo) e a certos pensadores, também materialistas de maneira, que, acreditando na importância do fato, imaginam que o homem mais feliz, capaz de mais elevada poesia, se seus olhos fossem suscetíveis à mais cores, suas narinas de identificar mais aroma, travesti filosófico da idéia; daqueles que crêem que a vida era mais bela quando se usava, em casaca preta, roupas suntuosas. Mas para mim (assim como um cheiro de naftalina ou de *vetiver*, talvez desagradável em si mesmo, ter-me-ia exalado o azul pureza do mar no dia de minha chegada a Balbec), esse cheiro, com a fumaça que se escapava da máquina, tantas vezes se dissipara no azul do céu, nesses dias ardentes em que eu

ia de Saint-Jean-de-la-Haise à Gourville; assim como me acompanhara nos meus passeios, enquanto Albertine ficara pintando, fazia florir agora, pelos meus dois lados, embora eu estivesse no meu quarto em penumbra, os acianos, as papoulas e os trevos vermelhos, embriagava-me como um aroma campestre, não circunscrito e fixo, como o que sentimos dos espinheiros-alvares e, retido por seus elementos untuosos e densos, com certa estabilidade diante da sebe, mas um cheiro em cuja presença fluía estradas, mudava o aspecto do solo, acorriam os castelos, empalidecia o céu, multiplicavam-se as forças; um cheiro que era como um símbolo de vigor da cidade, e que renovava o desejo que eu tivera em Balbec de subir à jaula de aço, mas desta vez não para fazer visitas em casas familiares com uma mulher; a quem conhecia demais, mas de fazer amor em lugares novos com uma mulher desconhecida. Cheiro que a todo instante acompanhava o apelo das buzinas dos automóveis que passavam, ao qual eu adaptava palavras com um toque militar: “Parisiense, ergue-te, ergue-te, vem almoçar no campo e passear de bote no sombra das árvores, com uma jovem bonita; ergue-te, ergue-te." E todos devaneios eram-me tão agradáveis que me felicitei pela "lei severa" que faz que, enquanto eu não apertasse o botão da campainha, nenhum "tímido mortal”, fosse Françoise, fosse Albertine, se lembraria de vir perturbar-me "no fundo do palácio", onde: “*une majesté terrible/ Affecte à mes sujets de me rendre invisible*{76}.”

Mas de repente o cenário mudou; não foi mais a lembrança de impressões antigas, mas de um velho desejo, recentemente desperto de novo pelo chambre azul e dourado de Fortuny, que estendeu à minha frente uma outra primavera, uma primavera já de modo algum folhuda mas subitamente despojada, ao contrário de suas árvores e de suas flores, por aquele nome que eu acabava de dizer para mim mesmo: "Veneza", uma primavera decantada, reduzida à sua essência, e traduzindo o alongamento, o aquecimento e o desabrochar de seus dias pela fermentação progressiva, não mais de uma terra impura mas de uma água azul e virgem, primaveril sem trazer corolas, e que não poderia responder ao mês de maio senão por reflexos, trabalhada por ele, concordando exatamente com ele na nudez radiosa e fixa de sua safira escura. Afinal, assim como as estações de braços de mar enflorescíveis, os anos modernos não trazem qualquer mudança à cidade gótica; eu o sabia, não podia imaginá-lo, ou, imaginando-o, eis o que eu queria com o mesmo desejo que outrora, quando era criança, no próprio ardor da partida, quebrara em mim a força de partir: encontrar-me face a face com minhas imaginações venezianas, contemplar de que modo aquele mar dividido estreitava nos seus meandros, como as ondulações do mar Oceano, uma civilização urbana e requintada, mas que, isolada por sua cinta cerúlea, desenvolvera-se à parte, tivera à parte suas escolas de pintura e de arquitetura fabuloso jardim de frutas e pássaros de pedra de cor, florescido em meio ao mar que vinha refrescá-lo, batia com seu fluxo no fuste das colunas e, sobre o

vigoroso relevo dos capitéis, como um olhar de azul profundo que vigia na sombra, pousava que nem manchas e fazia revolver perpetuamente a luz.

Sim, era necessário partir, era aquele o momento. Desde que Albertine já não parecia zangada comigo, sua posse não mais se me afigurava um bem em troca do qual estamos a ponto de doar todos os outros. Talvez porque o teríamos feito para livrar-nos de uma pena, de uma ansiedade, que agora já se acalmaram. Conseguimos transpor o arco de pano através do qual tínhamos pensado por um instante jamais poder passar. Aclaramos a tempestade, restauramos a serenidade do sorriso. O mistério angustiante de um ódio sem causa conhecida, e talvez sem fim, já se dissipou. Daí então nos encontramos face a face com o problema, provisoriamente afastado, de uma felicidade que sabemos impossível. Agora que a vida com Albertine voltara a ser possível, senti que dela só me poderiam vir aborrecimentos, pois Albertine não me amava; seria preferível abandoná-la com a doçura do seu consentimento, que eu haveria de prolongar nas recordações. Sim, era o momento; faltava informar-me com exatidão sobre a data em que Andrée deixaria Paris, energicamente com a Sra. Bontemps de modo a ficar bem certo de que ocasião Albertine não poderia ir nem à Holanda nem a Montjouvain. Se melhor analisássemos os nossos amores, veríamos que muitas vezes as mulheres nos agradam por causa da concorrência de homens com quem tivemos de duelar; suprimida essa concorrência, decai o encanto da mulher. Tem-se do exemplo doloroso e prévio na predileção dos homens pelas mulheres que, a conhecê-los, cometeram faltas, pelas mulheres que eles sentem que estão do perigo e que lhes é necessário reconquistar por todo o tempo que lhes sintam amor; ou, ao contrário, o exemplo posterior e de modo algum dramático homem que, sentindo diminuir seu afeto pela mulher amada, aplica esporadicamente as regras que descobriu e, para se assegurar de que não deixa de mulher, a introduz num ambiente perigoso onde é necessário protegê-la por alguns dias. (O contrário dos homens que exigem que uma mulher renuncie conquanto fosse por ter ela trabalhado no teatro que vieram a amá-la.)

E quando, desse modo, a partida de Albertine já não oferecesse inconvenientes, convinha escolher um dia bonito como este- íamos ter muitos e ela me seria indiferente, em que eu ficaria tentado por mil desejos; seria deixá-la partir sem vê-la, e depois, levantando-me e vestindo-me depressa, e lhe escrevesse um bilhete, aproveitando-me do fato de que, não podendo ela por sua vez ir a nenhum lugar que me preocupasse, poderia eu conseguir, durante a viagem imaginar os maus atos que pudesse cometer, e que nesse momento me pareciam, aliás, bem indiferentes e, sem tornar a vê-la, partir para Veneza.

Toquei a campainha chamando Françoise, para lhe pedir que me fosse comprar um guia e um indicador, como fizera em criança quando já desejara preparar uma viagem à Veneza; sensação de um desejo tão violento como o que tinha

naquele instante; esqueci desde então, havia um desejo que satisfizera sem nenhum prazer, o desejo, Balbec, e que Veneza, sendo também um fenômeno visível, provavelmente poderia realizar, mais que Balbec, um sonho inefável, o do tempo gótico atulhado de um mar primaveril e que a todo instante vinha roçar o meu espírito com a imagem encantada, acariciante, inapreensível, misteriosa e confusa.

Tendo o meu toque, Françoise entrou, bastante inquieta de como eu receberia suas palavras e atitude.

- Estava muito preocupada - disse ela - porque o senhor me chamou tão tarde hoje. Não sabia o que deveria fazer. Esta manhã, às oito horas, Albertine me pediu suas malas, não ousei recusar, tive medo de que o senhor brigasse comigo se fosse acordá-lo. Tentei catequizá-la, dizer que esperasse a hora, pois pensava sempre que o senhor ia me chamar. Ela não quis, deixou uma carta para o senhor, e às nove horas foi embora. -

E então até que ponto podemos ignorar o que se passa em nós, pois estava persuadido de minha indiferença por Albertine... Perdi o fôlego, apertei o coração com ambas as mãos, subitamente umedecidas com um certo suor que jamais tivera desde a revelação que minha amiga me fizera no trenzinho quanto à amiga da Srta. Vinteuil, sem poder dizer mais que:

- Ah, pois bem, Françoise, obrigado; é claro que fez bem em não me acordar, deixe-me por um momento, daqui a pouco tocarei a campainha.

FIM

A FUGITIVA[{77}]

Prefácio

Fernando Py

*Sexto romance da série **Em Busca Do Tempo Perdido**, este **A Fugitiva** completa o chamado "ciclo de Albertine", iniciado em A Prisioneira. Contrapõe-se, aqui, à Albertine presente do volume anterior, a Albertine ausente, primeiro pela fuga e depois pela morte. No primeiro dos quatro capítulos do livro, vemos o Narrador sofrer, a princípio, pelo abandono, tentando de todas as maneiras obter o regresso de Albertine. Mas ao sofrimento pelo abandono somam-se a mágoa e o desespero pela morte dela. Sofrimento intenso, mas que o tempo afinal acaba curando. E o tempo não cura apenas a mágoa pela morte de Albertine, através do esquecimento. É também responsável pela devastação de todos os amores, amizades, recordações.*

***A Fugitiva**, assim, descreve uma espécie de "fuga" geral de todos os sentimentos, bons ou maus, que a passagem do Tempo se encarrega de destruir, de fazer esquecer.*

*Extingue-se a beleza da cidade-museu italiana, e a antiga Combray, revisitada, já não interessa mais ao Narrador. Aliás, a visita à Combray é importante para a estrutura de **A Fugitiva**, pois forma o eixo em que se articulam as noções do "tempo perdido" e do "tempo recuperado".*

*A estada do Narrador em Tansonville é uma fronteira: não só nele se encerra **A Fugitiva**, no estado em que Proust nos legou seu texto, mas nela igualmente se abre O Tempo Recuperado.*

*Assim **A Fugitiva**, com sua ausência de jantares e festas, seu ambiente opressivo e tenebroso-onde apenas o episódio de Veneza lança alguma claridade-, sua atmosfera obsessiva de suspeitas, vazios e ausências, forma um romance de composição simples e vigorosa, descrevendo o mergulho progressivo do Narrador nos abismos da mágoa, de onde se recupera pelo também progressivo esquecimento.*

Primeira Parte

Mágoa e Esquecimento

"A Senhorita Albertine foi-se embora!" Como, em psicologia, o sofrimento vai mais longe que a psicologia! Um momento antes, analisando-me, eu imaginara que tal separação sem que nos víssemos de novo era justamente o que havia desejado, e, comparando a mediocridade dos prazeres que me dava Albertine à riqueza daqueles de cuja realização ela me privava, julgara-me sutil, concluíra que não queria mais vê-la, que já não a amava. Mas estas palavras: "A Senhorita Albertine foi-se embora" acabavam de provocar no meu peito uma dor tal que eu sentia não poder suportá-la por muito tempo. Assim, o que pensara não ser nada para mim era simplesmente toda a minha vida. Como a gente se desconhece! Era necessário fazer cessar de imediato o meu sofrimento; carinhoso comigo mesmo, como a minha mãe para com minha avó agonizante, eu me dizia, com aquela mesma boa vontade que se tem de não deixar sofrer a pessoa amada: "Tem um pouquinho de paciência, vamos achar um remédio para ti, fica tranqüilo, não vamos te deixar sofrer desse jeito." Foi nessa ordem de idéias que meu instinto de conservação procurou os primeiros calmantes para pôr sobre a ferida aberta: "Tudo isso não tem importância nenhuma porque vou mandar trazê-la de volta imediatamente. Vou examinar os meios, mas de qualquer forma ela estará aqui esta noite. Portanto, é inútil atormentar-me."

"Tudo isso não tem importância nenhuma" não me contentava em dizê-lo, procurava dar essa impressão à Françoise sem deixar que um sofrimento transparecesse, porque, no próprio momento em que o sentia com tamanha violência, meu amor não se esquecia que era importante aparentar-lhe um amor feliz, um amor compartilhado, sobretudo aos olhos de Françoise que, não gostando de Albertine, sempre duvidara de sua sinceridade. Sim, ainda há pouco, antes da chegada de Françoise; pensara que já não amava Albertine e que não teria de renunciar a nada; como analista rigoroso, imaginara conhecer muito bem o fundo do meu coração.

Mas nossa inteligência, por maior que seja, não pode perceber os elementos de que ele se compõe e que permanecem insuspeitados, enquanto, do estado volátil em que subsistem a maior parte do tempo, um fenômeno capaz de isolá-los não os faça sofrer um princípio de solidificação. Eu me enganara julgando ver claramente no meu coração. Mas esse conhecimento, que as mais finas percepções do espírito não me haviam conferido, acabava de me ser proporcionado, duro, brilhante, estragado, como um sal cristalizado, pela brusca

reação da dor. Tanto me habituara a ter Albertine junto a mim, e de súbito via um novo rosto do Hábito. Até aqui, considerava-o principalmente um poder aniquilador que suprime a originalidade e a consciência das percepções; agora, via-o como uma divindade tem presa a nós, seu rosto insignificante tão incrustado em nosso coração, que, afastar ou se desviar de nós, esse deus que quase não distinguimos nos tormentos mais terríveis que quaisquer outros, mostrando-se tão cruel e mortal.

O mais urgente era ler a carta de Albertine, visto que pretendia fazê-la voltar. Sentia-os em meu poder, pois, como o futuro ainda só e nosso pensamento, parece-nos então modificável pela intervenção de nossa vontade. Mas ao mesmo tempo lembrava-me que vira agir outras forças além das minhas, e contra as quais, ainda quando tivesse mais tempo, eu nada teria podido.

De que adianta não ter soado ainda a hora se nada podemos diante do que vai acontecer? Quando Albertine estava em casa, eu me decidira a manter a iniciativa de nossa separação. E depois que ela foi embora. Abri a carta de Albertine. Estava concebida nestes termos:

> *Meu amigo, perdoe-me por não ter lhe dito de viva voz as poucas palavras que se seguem, mas estou de tal modo cansada, sempre tive tanto medo diante de você, que, mesmo me esforçando, não me animei a fazê-lo. Eis o que lhe teria dito: "Entre nós a vida se tornou impossível; aliás você viu, pelo seu destempero na noite passada, que alguma coisa havia mudado no nosso relacionamento. O que se podia ajeitar nessa noite iria tornar-se irreparável dentro de poucos dias. Assim, visto termos tido a oportunidade da reconciliação, separarmo-nos como bons amigos", é por isso, meu querido, que lhe deixo este bilhete, e peço-lhe que seja bastante bom para me perdoar se lhe causo algum desgosto, e que será enorme o desgosto que sentirei. Meu amor, não quero me tornar sua inimiga; será bem duro para mim tornar-me aos poucos, e bem depressa, indiferente à você. Por isso, sendo irrevogável a minha decisão, antes de lhe mandar esta carta por intermédio de Françoise, já lhe terei pedido as minhas malas. Adeus, deixo-lhe o melhor de mim mesma.*
>
> *Albertine.*

Tudo isto não significa nada, disse comigo; é até melhor do que eu imaginava, pois, como ela não pensa nada de tudo isto, evidentemente o escreveu para causar um grande impacto, a fim de que eu me apavore e não me sinta insuportável com ela. É necessário cuidar do mais urgente; fazer com que esteja de volta ainda esta noite. É triste pensar que os Bontemps sejam indignos que se aproveitam da sobrinha para me extorquir dinheiro. Mas, que importa? Ainda que

tivesse de dar metade da minha fortuna à Sra. Bontemps, o importante é que Albertine esteja aqui esta noite, mesmo assim sobraria bastante para que vivêssemos agradavelmente. E ao mesmo tempo calculava se teria tempo àquela manhã, para encomendar o iate e o *Rolls-Royce* que ela deseja, nem mais pensando, visto haver dissipado toda hesitação, que me parecera muito pouco avisado dá-los de presente à ela. Mesmo que o apoio da Sra. Bontemps não seja suficiente, se Albertine não quiser obedecer à tia e imponha como condição de seu regresso o fato de ter plena independência de agora em diante, pois bem! Mesmo que isso me cause desgosto, eu a deixarei sair; ela sairá sozinha, como quiser; é preciso saber consentir sacrifícios, por mais dolorosos que sejam, para se ter aquilo que mais se deseja e que, apesar do que eu julgava esta manhã conforme meus raciocínios exatos e absurdos, é que Albertine viva aqui. Aliás, posso dizer que deixar essa liberdade me seria bem doloroso? Estaria mentindo. Já muitas vezes havia sentido que a dor de a deixar livre para praticar o mal longe das minhas vistas era talvez menor que esse tipo de tristeza que me acontecia experimentar ao senti-la entediar-se na minha companhia, na minha casa. Sem dúvida, no momento mesmo em que me tivesse pedido para ir a algum lugar, deixar que o fizesse, com a idéia de que em algum local haveria orgias programadas, teria sido horrível para mim. Porém dizer-lhe: "Tome o nosso barco, ou o trem, e fique por um mês em um país que eu não conheça, onde nada saberei do que você fizer", me agradaria muitas vezes pela idéia de que, por comparação, longe de mim, ela haveria de preferir-me e se sentiria feliz ao regressar. Além disso, ela certamente assim o deseja; de modo algum exige essa liberdade para a qual, aliás, oferecendo-lhe todos os dias prazeres novos, chegaria facilmente a obter, dia após dia, algumas limitações. Não, o que Albertine desejou é que não fosse mais insuportável com ela, e sobretudo-como outrora Odette em relação à Swann; que me decidisse a desposá-la. Uma vez casada, não faria mais questão de independência; ambos ficaríamos aqui, e seriamos tão felizes! Claro, isto significava renunciar à Veneza. Mas como as cidades mais desejadas, feito Veneza e com maior razão as donas de casa, como a duquesa de Guermantes, ou as distrações, como o teatro -, tornam-se pálidas, indiferentes, mortas, quando estamos unidos a outro coração por um laço tão doloroso que impede que nos afastemos! De resto, Albertine tem toda razão nesse caso de matrimônio. Até mamãe achava ridículas essa delongas. Desposá-la, eis o que deveria ter feito há muito tempo, é o que será preciso que faça, foi isto que a levou a escrever a carta, onde não existe uma só palavra verdadeira; foi para conseguir isso que ela renunciou por algumas horas ao que deve desejar tanto quanto eu: voltar para cá. Sim, foi isto que ela quis, essa é a intenção do seu ato, dizia-me a fio, compadecida; mas eu sentia que, dizendo-me aquilo, a razão se colocava sempre na mesma hipótese que havia adotado desde começo. Ora, eu percebia perfeitamente que a outra hipótese é que jamais deixara de

verificar-se. É claro, que a segunda hipótese nunca teria sido bastante ousada para admitir expressamente, que Albertine pudesse ter tido relações íntimas com a Srta. Vinteuil e com a sua amiga.

E, no entanto, quando eu fora submerso na torrente dessa terrível notícia, no momento em que entrávamos na estação de Incarville, era a segunda que se verificara. Esta, a seguir, nunca imaginara que Albertine pudesse por sua própria vontade, desse modo, sem me prevenir nem me deixar impedi-la. Mas ainda assim, se, após o salto imenso e novo que a vida me fizesse dar, a realidade que se me impunha era tão nova como aquela que defrontamos ante a descoberta de um físico, os inquéritos de um juiz; ou objetos de um historiador sobre os segredos de um crime; ou de uma nova realidade, ultrapassava as acanhadas previsões de minha segunda hipótese; no entanto, as cumpria. Esta segunda hipótese não provinha da inteligência, pânico que eu tivera na noite em que Albertine não me beijara; ou quando ouvira o ruído da janela, esse medo não era racional. Mas, e a continuação mostrará melhor, como diversos episódios já puderam indicá-lo o fator, essa inteligência não é o instrumento mais sutil, mais poderoso, mais apropriado para se obter a verdade; é motivo a mais para começar por ela, e não intuição do inconsciente, por uma fé alicerçada nos pressentimentos que, aos poucos, caso a caso, nos permite assinalar que o mais importante ao nosso coração, ou para o nosso espírito, não nos é ensinado através do raciocínio, mas por outras forças. E então é a própria inteligência que, percebendo superioridade, abdica pelo raciocínio diante deles, aceitando tornar-se sua colaboradora e severa. É a fé experimental. A desgraça imprevista que me abatera, tinha experiência por já tê-la conhecido igualmente (como a amizade de Albertine por duas lésbicas) visto a ter lido em tantos sinais onde, apesar das afirmativas contrárias de minha razão; que se apoiava nos ditos da própria Albertine-discernira o horror que ela sentia em viver desse modo como escrava. Quantas vezes esses sinais traçados, que a uma tinta invisível, bem no fundo das pupilas tristes e submissas em suas faces, de súbito inflamadas por um rubor inexplicável, no ruído de uma janela bruscamente aberta! Sem dúvida eu não havia ousado interpretá-los até formar expressamente a idéia de sua partida repentina. Só pensara, como equilibrada pela presença de Albertine, numa partida organizada por mera data incerta, quer dizer, situada num tempo inexistente; em resultado, tivera a ilusão de pensar numa partida, como essas pessoas que, estando enfermas, pensam na morte e imaginam não temê-la, na verdade nada mais faz introduzir uma idéia puramente negativa no íntimo de uma boa saúde que mente a aproximação da morte viria alterar. Além disso, a idéia da partida de como desejada por ela própria teria podido vir mil vezes ao meu espírito; clara e nitidamente possível, que nem por isso, eu teria imaginado o que seria essa partida, ou seja, na realidade: que coisa original, atroz, desconhecido o mal inteiramente novo. Se a tivesse previsto, poderia ter pensado

nesta se durante anos, sem que, reunidos, todos esses pensamentos tivessem tido relação, não só de intensidade mas de semelhança, com o inimaginável inferno, cujo véu Françoise me havia erguido ao dizer: "A Srta. Albertine foi-se embora." Para representar uma situação desconhecida, a imaginação toma emprestados elementos conhecidos e, por causa disso, não consegue representá-la. Porém a sensibilidade, até a mais física, recebe como vestígio do raio a assinatura original e por muito tempo indelével do novo acontecimento. E eu mal ousava dizer a mim mesmo que, se houvesse previsto aquela partida, talvez fosse incapaz de representá-la em seu horror, e até mesmo de impedi-la entre súplicas e ameaças, caso Albertine me anunciasse! Como estava longe de mim, agora, o desejo de ir à Veneza! Como antigamente, em Combray, o desejo de conhecer a Sra. de Guermantes, ao chegar a hora em que eu só pensava numa coisa: ter mamãe no meu quarto. E, de fato, eram todas as inquietações experimentadas desde a infância que, ao apelo da angústia nova, tinham ocorrido para reforçá-la, amalgamar-se a ela numa massa homogênea que me sufocava.

Certo, esse golpe físico no coração, que uma tal separação produz, e que, por esse terrível poder registrador que o corpo tem, transforma a dor em algo contemporâneo a todas as épocas da nossa vida em que temos sofrido certo, esse golpe no coração sobre o qual se especula talvez um tanto (de tal maneira que pouco nos preocupamos com a dor alheia) -a mulher que deseja dar à saudade um máximo de intensidade, seja porque, esboçando apenas uma falsa partida, deseja unicamente pedir melhores condições; seja porque, partindo para sempre, deseja ferir; quer para vingar-se ou para continuar a ser amada, ou no interesse da qualidade da lembrança que deixará, ao quebrar violentamente essa rede de aborrecimentos e indiferenças que sentira tecer-se certo, esse golpe no coração, tínhamos nos prometido evitá-lo, resolvendo que nos separaríamos bem. Mas, afinal, é na verdade muito raro que a gente se separe bem, pois, se estivéssemos bem, não nos separaríamos. E depois, a mulher com quem nos mostramos mais indiferentes, apesar de tudo percebe obscuramente que, cansando-nos dela, nós nos ligamos cada vez mais a ela em virtude de um mesmo hábito, e ela pensa que um dos elementos essenciais para se separar bem é partir prevenindo o outro. Ora, ela teme que, prevenindo-o, seja impedida de partir. Toda mulher sente que, se for grande o seu poder sobre um homem, o único meio de ir embora é fugir. Fugitiva é rainha, aí está. Certo, existe um intervalo incrível entre esse aborrecimento que ela inspirava há um momento e, porque ela partiu, essa necessidade furiosa de recuperá-la. Mas para isso, além dos oferecidos no decurso desta obra, e de outros que o serão mais adiante, há uns quantos motivos. Primeiro, a partida ocorre muitas vezes no momento em que a indiferença real, ou imaginada -é a maior, no ato extremo da oscilação do pêndulo. A mulher pensa: "Não, isto não pode mais continuar assim", justamente porque o homem passa o tempo todo falando em lembrá-la, ou pensa nisso; e é ela quem o deixa.

Então, voltando o pêndulo ao seu modo oposto, há um intervalo máximo. Num segundo ele retorna a esse ponto; mais uma vez, apesar de todas as razões dadas, é tão natural! O coração palpita, de resto a mulher que se foi embora já não é a mesma que aqui estava. Se ao nosso lado, por demais conhecida, se vê subitamente acrescentada das quais ela irá inevitavelmente unir-se, e foi talvez para unir-se à elas que a mulher nos deixou. De forma que essa nova riqueza da vida, da mulher que se vai, sobre a mulher que estava ao nosso lado e que talvez premeditasse ir-se; à série de fatos psicológicos que podemos deduzir e que fazem parte conosco, de nosso tédio excessivamente acentuado para com ela, do no também (e que faz com que os homens que foram abandonados por várias mulheres, o tenham sido quase sempre do mesmo modo, por causa de seu caráter, e por causa de suas reações sempre idênticas, que se podem calcular: cada um tem sua maneira de ser traído, como tem sua própria maneira de gripar-se), a esta série demasiadamente misteriosa para nós, correspondia sem dúvida uma série de fatos que ignorava. Ela devia, desde algum tempo, manter relações escritas, ou verbais, através de mensageiros, com tal homem ou tal mulher, esperando certo sinal que talvez mesmo tenhamos dado sem saber, ao lhe dizermos: "O Sr. X veio me ver" se ela houvesse combinado com o Sr. X que, na véspera do dia em que juntar-se a ela, o Sr. X viesse nos ver. Quantas hipóteses possíveis! Possíveis somente! Eu construía tão bem a verdade, mas somente dentro do possível, que; um dia aberto por engano uma carta para uma de minhas amantes, carta estilo combinado e que dizia: Espero sempre sinal para ir à casa do marquês de Saint-Loup; avise amanhã por telefone. Reconstituí uma espécie de fuga pro nome do marquês de Saint-Loup só estava ali para significar outra coisa. Minha amante não conhecia Saint-Loup, mas me ouvira falar dele. Até a assinatura era uma espécie de pseudônimo sem qualquer sentido compreensível. Ora, a carta não estava endereçada à minha amante, mas a uma pessoa da qual usava nome diverso e que fora mal lido. Não era escrita em sinais combinados; porém, num mau francês, porque era de uma norte-americana, efetivamente de Saint-Loup, como este me declarou. E o modo estranho com que essa americana formava certas letras dera o aspecto de pseudônimo a um nome totalmente real, mas estrangeiro. Portanto, naquele dia eu me enganara totalmente em minhas suspeitas. Mas a urdidura intelectual que dentro de mim ligara os fatos, todos falsos, ela própria assumia a forma tão justa e tão inflexível da que, quando, três meses depois, a minha amante (que então imaginava sua vida comigo) me deixou, foi de um modo absolutamente idêntico ao que havia imaginado da primeira vez. Chegou uma carta, com as mesmas particularidades que eu falsamente atribuíra à anterior, mas desta vez tendo de fato o signo de um sinal; assim, Albertine havia muito tempo premeditara a sua fuga; para maior infelicidade da minha vida.

Apesar de tudo, o sofrimento que talvez ainda fosse ultrapassado pela curiosidade

de conhecer os motivos da infelicidade, saber quem Albertine desejara e com quem se reencontrara. Mas as origens desses grandes acontecimentos são como as dos rios, por mais que percorramos a superfície da terra não as encontramos. Eu não disse (porque então aquilo me parecera apenas afetação, mau humor, o que Françoise denominava "cara amarrada") que, no dia em que ela deixara de me beijar, tinha o ar carrancudo, estava dura, fria, com uma voz triste nas coisas mais simples, vagarosa em seus movimentos, e não sorriu nunca mais. Não posso afirmar que algum fato provasse alguma conivência com o exterior. Françoise me contou bem depois que, tendo entrado no quarto dela na antevéspera da partida, não achara ninguém ali; as cortinas estavam fechadas, mas, pelo cheiro do ar e pelo rumor, sentiu que a janela estava aberta. E, de fato, encontrara Albertine na varanda. Mas não se percebe com quem ela poderia ter se comunicado dali, e além disso as cortinas fechadas sobre a janela aberta se explicavam, sem dúvida, porque ela sabia que eu receava as correntes de ar e que, mesmo que as cortinas pouco me servissem de proteção, teriam impedido Françoise de ver do corredor que os postigos estavam abertos tão cedo. Não, não vejo mais que um pequeno fato que prova apenas que na véspera ela sabia que ia partir. Com efeito, na véspera ela havia pegado em meu quarto, sem que eu o percebesse, uma grande quantidade de papel e de pano de embalagem, que ali se achava, e com os quais embrulhou seus inumeráveis *peignoirs* e roupões a noite inteira, a fim de partir pela manhã. É o único fato, e foi tudo. Não posso dar importância ao fato de que ela me devolveu naquela noite, quase à força, os mil francos que me devia. O que nada tem de especial, pois ela era extremamente escrupulosa em matéria de dinheiro.

Sim, ela pegou o papel de embalagem na véspera, mas não era só na véspera que ela sabia que haveria de partir! Pois não foi o desgosto que a fez ir embora, mas a resolução tomada de partir, de renunciar à vida com que sonhara, é que lhe deu aquele ar de mágoa. Mágoa quase solenemente fria em relação a mim, exceto na última noite, quando, depois de ter ficado em meu quarto mais tempo do que desejara, ela me disse da porta o que me espantou, vindo de quem sempre queria demorar mais:

- Adeus, meu bem, adeus.

Mas, naquele momento, não prestei atenção nisso. Françoise me disse que na manhã seguinte, quando Albertine lhe dissera que ia embora (aliás, isto se explica igualmente pelo cansaço, pois ela não se despira e havia passado a noite inteira a fazer embrulhos, salvo as coisas que teria de pedir a Françoise e que não se encontravam no seu quarto nem no de *toalete*), ela ainda estava de tal modo triste, e se mostrava tão mais dura e gelada que nos dias anteriores, que Françoise acreditou que ia cair quando ela disse:

- Adeus, Françoise.

Quando ficamos sabendo dessas coisas, compreendemos - a mulher que nos agradava- bem menos do que todas as outras encontradas tão recentemente nos mais simples passeios, e de quem tínhamos raiva por sermos obrigados a sacrificá-las por ela, seja, pelo contrário, aquela a quem agora preferiríamos mil vezes mais. Pois a questão já não se coloca entre um certo prazer quase nulo pelo uso; talvez pela mediocridade do objeto - e outros prazeres tentadores, deslumbrantes; mas entre estes é algo bem mais intenso que piedade pela mágoa que nos provoca.

Prometendo a mim mesmo que Albertine estaria de volta naquela mesma noite; eu recorrera ao mais urgente e pusera o curativo de uma crença nova daquela com que vivera até então. Mas, por mais rápido que tivesse agido o instinto de conservação, fiquei por um instante sem socorro, quando Françoise falou; e, conquanto soubesse agora que Albertine estaria de volta à noite, eu sentira durante o momento em que ainda não me informara a mim sobre sua volta (o momento que se seguira às palavras: "A Senhorita Albertine pediu suas malas, a Senhorita Albertine foi-se embora"; renascia por si dentro de mim, semelhante ao que havia sido, ou seja, como se eu ignorasse o próximo regresso de Albertine. Além do mais, era necessário que ela voltasse, mas por vontade própria. Em qualquer hipótese, parecer que lhe sugeria e de, pedir que regressasse, iria ao encontro do objetivo. Certamente eu já não tinha forças para renunciar a ela como tivera no caso de Gilberte. Mais até do que Albertine, o que eu desejava era pôr fim à angústia física que meu coração fraco do que outrora, já não podia tolerar. Depois, à força de me acostumar querer, seja tratando-se do trabalho ou de outra coisa, eu me tornava mais covarde. Mas sobretudo essa angústia era incomparavelmente mais intensa por vários motivos, o principal deles não sendo talvez o fato de que eu jamais desfrutei o prazer sensual com a Sra. de Guermantes ou com Gilberte, mas sim que a vendo todos os dias, a toda hora, não tendo a possibilidade e, por conseqüência, necessidade disso, faltaria, no meu amor por elas, a força imensa do Hábito. Agora que meu coração, incapaz de querer e de suportar de bom grado o sofrimento, só achava uma solução possível, o regresso de Albertine custasse o que custasse; talvez a solução contrária (a renúncia voluntária, a resignação progressiva houvesse parecido uma solução para romance, inverossímil na vida, se eu antigamente não tivesse optado por ela quando se tratara de Gilberte. Porque sabia que esta outra solução também podia ser aceita, e pelo mesmo homem, eu continuava a ser mais ou menos o mesmo. Unicamente, o tempo representara o seu papel, o tempo que me envelhecera, o tempo que também pusera Albertine, permanentemente, a meu lado quando levávamos a nossa vida em comum. Pelo menos, sem renunciar à ela, o que me restava daquilo que sentira por Gilberte, era o orgulho de não mais querer ser para Albertine um brinquedo enfadonho ao pedir que voltasse; queria que ela voltasse sem que eu parecesse fazer questão. Levantei-

me para não perder tempo, mas o sofrimento me fez parar: era a primeira vez que me levantava da cama desde que Albertine se fora. Todavia, era para vestir-me rápido para tomar informações com o seu porteiro.

O sofrimento, evolução de um abalo moral imposto, aspira a mudar de forma; esperamos que se desvaneça, fazendo projetos, pedindo informações; desejamos que passe por suas inumeráveis metamorfoses; isso exige menos coragem do que suportar sem disfarce o sofrimento; parece tão fria, tão dura e tão estreita essa cama, onde nos deitamos com a nossa dor! Ergui-me novamente; andei pelo quarto com infinita prudência, coloquei-me de modo a não avistar a cadeira de Albertine, a pianola sobre cujos pedais ela apoiava seus chinelos dourados, um único dos objetos que ela havia usado e que, todos, na linguagem particular que lhes tinham ensinado as minhas recordações, pareciam querer dar-me uma tradução, uma versão diferente, anunciar-me uma segunda vez a notícia de sua partida. Mas sem olhá-los, eu os via; as forças me abandonaram, caí sentado numa dessas poltronas de cetim azul cujo verniz, uma hora antes, no claro-escuro do quarto anestesiado por um raio de luz, havia-me inspirado sonhos apaixonadamente acariciados então, tão distantes agora! Ai de mim! Só me sentara ali, antes daquele minuto, quando Albertine ainda se achava presente. Assim, não pude permanecer, levantei-me; e assim, a cada instante, algum dos inúmeros e humildes "eus" que nos compõem, ignorava ainda a partida de Albertine e era preciso notificá-lo; era preciso - o que se fazia mais cruel ainda do que se eles fossem estranhos e não se utilizassem da minha sensibilidade para sofrer – anunciar a desgraça que acabava de ocorrer a todas essas criaturas, a todos esses "eus" que ainda a ignoravam; era preciso que cada qual por seu turno ouvisse pela primeira vez aquelas palavras: "Albertine pediu suas malas" aquelas malas em forma de caixão fúnebre que eu vira serem carregadas em Balbec ao lado das de minha mãe - "Albertine foi-se embora." Precisava informar a cada um a minha mágoa, a mágoa que de modo algum é conclusão pessimista livremente extraída de um conjunto de circunstâncias funestas, mas a revivescência intermitente e involuntária de uma impressão específica, vindo do exterior, e que não escolhemos. Alguns desses "eus", já não os revia desde muito. Por exemplo (não me lembrara que era o dia do barbeiro), aquele que eu era quando cortava o cabelo. Havia esquecido aquele "eu", a sua chegada me fez rebentar em soluços como, num enterro, a de um velho servidor aposentado que conheceu a falecida. Depois, lembrei-me subitamente que já fazia oito dias que eu era tomado por momentos de temores pânicos que nem a mim confessava. Nesses momentos, contudo, discutia comigo mesmo, dizendo: "Não acha que é inútil admitir a hipótese de que ela partiria bruscamente? É absurdo. Se eu submetesse tal hipótese a um homem sensato e inteligente (e assim procederia, para me tranqüilizar, se o ciúme não me impedisse de fazer confidências), com certeza ele lhe responderia: 'Mas você está louco. É impossível.' E com efeito

nesses últimos dias não tínhamos tido uma só discussão. Nós todos vamos embora por algum motivo. Dizemos qual é. Damos direito de resposta. Ninguém vai embora desse modo - "Não, é uma infantilidade. É a única hipótese absurda." E, no entanto, todos os dias, encontrando-a ali de manhã, quando tocava a campainha, soltava um suspiro de alívio. E, quando Françoise me entregara a carta de Albertine, completamente tivera certeza de que se tratava da coisa que não podia ser, daquele que de certo modo adivinhara com vários dias de antecedência, apesar das lógicas para estar sossegado. Quase o confessara a mim mesmo, como se pela perspicácia, em meu desespero, como um assassino que sabe não descoberto, mas que teme e, de súbito, vê o nome de sua vítima escrito num processo diante do juiz de instrução que mandou chamá-lo.

Toda esperança era que Albertine tivesse partido para a Touraine, para a casa da tia; afinal seria bem vigiada e não poderia fazer muita coisa até que eu a trouxesse de volta. Meu maior temor era que ela permanecesse em Paris, partisse para Amsterdã, ou para Montjouvain, isto é, que ela fugisse para se dedicar à algumas intrigas preliminares que me escapassem. Mas na realidade, dizendo para mim mesmo: Paris, Amsterdã, Montjouvain, ou seja, vários lugares, pensava naqueles mais possíveis. Assim, quando o porteiro de Albertine me informou que ela partira para Touraine, essa residência que eu supunha desejar me pareceu a pior de todas, por ser real; e porque, pela primeira vez, torturado pela certeza presente e pela incerteza do futuro, eu imaginava Albertine começando uma vida nova; que ela quisera separada de mim, talvez por muito tempo, talvez para sem a qual realizaria esse desconhecido que outrora tantas vezes me perturbara, justo quando eu tinha a ventura de possuir e de acariciar aquilo que era o exterior, o suave rosto cativo e impenetrável. Era esse desconhecido que profundo do meu amor.

Diante da porta de Albertine, encontrei uma menina pobre que me olhava com olhos bem abertos e com ar tão doce que lhe perguntei se não queria vir no colo, como o teria feito a um cão de olhar fiel. Ela pareceu contente. Eu embalei-a por algum tempo sobre meus joelhos, mas em breve a sua presença, fazendo-me sentir demais a ausência de Albertine, me foi insuportável. Eu queria que ela fosse embora, depois de lhe ter dado uma nota de quinhentos francos. Todavia, logo depois, a idéia de ter uma outra menina a meu lado, e de jamais ficar sozinho, sem o apoio de uma presença inocente, foi a única fantasia que me permitiu suportar a idéia de que Albertine talvez demorasse algum tempo a regressar. Quanto à própria Albertine, ela existia em mim quase que sob a forma de seu nome o qual, a não ser alguma breve trégua ao despertar, vinha se inscrever em meu cérebro e não deixava mais de ocupá-lo. Se pensasse alto, repetiria esse nome sem cessar e meu palavreado seria tão monótono e tão limitado como se eu tivesse transformado-me em pássaro, num pássaro

semelhante ao da fábula, cujo canto repetia interminavelmente o nome daquela a quem havia amado, quando homem. Repetimos a nós próprios esse nome, e, quando o calamos, parece que o escrevemos em nós mesmos, que ele deixa o seu traço em nosso cérebro e que este deve estar lá como um ser; como uma parede que alguém se diverte a rabiscar, inteiramente recoberto pelo nome, mil vezes reescrito, daquela a quem amamos. Repetimo-lo o tempo todo em pensamento, quando estamos felizes, e muito mais ainda quando nos sentimos infelizes E de tanto repetir esse nome que não nos diz mais do que já sabemos, sentimos o desejo, sempre renovado, mas, com o tempo, algum cansaço. Naquele momento, eu nem pensava no prazer carnal; nem mesmo via, no meu pensamento, a imagem daquela Albertine, todavia causa de um tal transtorno em meu ser, não me apercebia de seu corpo, e, se quisesse isolar a idéia que estava ligada ao meu sofrimento pois sempre existe alguma -, seria sucessivamente, por um lado, a dúvida acerca das disposições em que ela havia partido, com ou sem espírito de regresso; por outro lado, os meios de trazê-la de volta. Talvez haja um símbolo e uma verdade no espaço ínfimo ocupado em nossa ansiedade por aquela a quem a atribuímos. É que, de fato, a própria pessoa tem pouco a ver com quase todo o processo de emoções e angústias que certos acasos nos fizeram sentir outrora a seu respeito e que o hábito ligou à sua pessoa. Isto é bem provado (mais ainda que o tédio que sentimos na felicidade) pelo quanto nos é indiferente ver ou não ver essa mesma pessoa, ser ou não estimado por ela, tê-la ou não ao nosso dispor, quando só tivermos de nos propor o problema (tão ocioso que nem sequer o proporemos) relativamente à própria pessoa já estando esquecido o processo de emoções e angústias, ao menos no que se refira a ela, pois conseguiu desenvolver-se de novo, porém transferido a outra. Antes disso, quando tal processo ainda estava ligado a ela, achávamos que nossa felicidade dependia de sua pessoa: dependia exclusivamente do fim da nossa ansiedade. Portanto, o nosso inconsciente era mais perspicaz que nós mesmos naquela ocasião, fazendo tão insignificante o rosto da mulher amada, rosto que talvez tivéssemos olvidado, que podíamos conhecer imperfeitamente e julgar medíocre, no terrível drama de onde encontrá-la para não esperá-la mais, de que poderia depender até a nossa própria vida. Proporções minúsculas do rosto da mulher, efeito lógico e necessário do modo pelo qual o amor se desenvolve, nítida alegoria da natureza subjetiva desse amor.

Sem dúvida, o estado de espírito com que Albertine partira era semelhante ao dos povos que mandam preparar com uma demonstração de seus exércitos os caminhos de sua diplomacia. Ela só deve ter partido para obter de mim melhores condições, mais liberdade, mais luxo. Nesse caso, de nós dois quem sairia vencedor era eu, se tivesse força de esperar-esperar o momento em que, vendo que não alcançava nada, ela voltasse por si mesma. Mas, se, no baralho ou na guerra, onde só e importante vencer, pode-se resistir ao blefe, as condições já

não são as mesmas quando se trata do amor e do ciúme, sem falar no sofrimento. Se, para esperar, para "durar", eu deixava Albertine ficar longe de mim por vários dias, talvez várias manias, arruinaria o que tinha sido o meu objetivo por mais de um ano, não deixá-la em liberdade por uma hora sequer. Todas as minhas precauções se tornariam inúteis se lhe desse tempo e facilidades para me enganar tanto quanto quisesse se afinal ela se rendesse, eu já não poderia esquecer o tempo em que ela teria sozinha; e mesmo que no fim a vencesse, apesar de tudo, no passado, irreparavelmente, seria eu o vencido.

Quanto aos meios de trazer Albertine de volta, havia tanto maior probabilidade de êxito quanto a hipótese de que ela só fora embora na esperança de ser chamada sob melhores condições parecia mais plausível. E, sem dúvida, as pessoas que não acreditavam na sinceridade de Albertine, certamente para Françoise, por exemplo, tal hipótese o era. Mas para a minha razão, a quem a única explicação de certos movimentos de mau humor, de certas atitudes, havia parecido, antes que eu soubesse de alguma coisa, o projeto que ela formara de partir para sempre; é difícil acreditar que, agora que essa partida ocorrera, não se tratasse de uma simulação. Digo-o para a minha razão, não para mim. A hipótese da simulação tornava tanto mais necessária quanto era mais improvável e ganhava no que perdia em verossimilhança. Quando nos vemos à beira do abismo e parece que Deus nos abandonou, não vacilamos mais em esperar um milagre Dele.

Eu reconhecia que em tudo aquilo fui o mais apático, embora o mais doloroso dos mortais. Mas sua fuga não me devolvera as qualidades que o hábito de mandá-la por outras pessoas me havia roubado. Eu só pensava numa coisa: encarregar outro dessa busca. Esse outro foi Saint-Loup, que concordou. A ansiedade de tantos dias, aplicada a outro, deu-me alegria e, certo do êxito, esfreguei as mãos subitamente tornadas secas como outrora, e sem mais aquele suor que as umedeciam quando Françoise me dissera: "A Senhorita Albertine foi-se embora." Estão lembrados que, quando decidi viver com Albertine e até casar-me com ela para guardá-la, saber o que ela fazia; impedi-la de retomar seus hábitos com a Sra. Vinteuil. Foi por ocasião do atroz dilaceramento de sua revelação em Balbec, do que ela me havia dito, como coisa muito natural, e que, embora fosse o desgosto da minha vida, consegui fingir que era mesmo natural, aquilo que minhas piores suposições eu jamais teria sido tão audacioso para imaginar (É espantoso como o ciúme, que passa o tempo inteiro a fazer pequeninas soluções sobre o falso, tem tão pouca imaginação quando se trata de descobrir a verdade.) Ora, esse amor, nascido principalmente de uma necessidade de impedir que Albertine praticasse o mal, esse amor conservara a seguir o sinal de sua dor. Estar com Albertine importava-me pouco, desde que pudesse impedir "a sua fuga" de ir para cá ou para lá. Para impedi-lo, eu recorria

aos olhos e à compara dos que saíam com ela, e era bastante que estes me fizessem à noite um pequeno relatório confortável para que minhas inquietudes se dissipassem em bom humor.

Tendo afirmado a mim mesmo que, fossem quais fossem meus esforços Albertine voltaria para casa naquela mesma noite, suspendi a dor que Françoise causara ao me dizer que Albertine havia partido (porque então o meu ser, pego de surpresa, imaginara por um instante que a partida era definitiva). Mas após uma interrupção, quando, por um impulso de sua vida independente, o sofrimento inicial me voltava por si mesmo, era sempre e da mesma forma atroz, porque anterior à promessa consoladora que eu me fizera de trazer Albertine de volta naquela mesma noite. Esta frase, que teria acalmado, meu sofrimento a ignorava. A fim de preparar os meios de obter essa volta, mais uma vez; não que tal atitude desse algum dia bons resultados, mas porque sempre a tomara desde que amava Albertine, estava eu condenado a proceder como se não a amasse, como se não sofresse com a sua partida, estava condenado a continuar a lhe mentir. Poderia ser tanto mais enérgico nos meios de fazê-la voltar quanto, pessoalmente, parecesse ter renunciado a ela. Propunha-me escrever a Albertine uma carta de despedida, onde consideraria sua partida como definitiva, ao passo que enviaria Saint-Loup para exercer sobre a Sra. Bontemps, e como que contra minha vontade, a mais brutal pressão para que Albertine voltasse o mais rápido possível. Sem dúvida, eu havia experimentado com Gilberte o perigo das cartas de uma indiferença que, fingida a princípio, acaba por tornar-se verdadeira. E essa experiência deveria ter me impedido de escrever a Albertine cartas do mesmo gênero das escritas antes a Gilberte. Mas aquilo a que se chama experiência não passa da revelação, a nossos próprios olhos, de um traço do nosso caráter, que reaparece naturalmente, e reaparece com tanto mais força quanto o havíamos revelado a nós mesmos uma vez, de modo que o movimento espontâneo que nos guiara da primeira vez se encontra reforçado por todas as sugestões da lembrança. O plágio humano a que os indivíduos mais dificilmente escapam (e mesmo aos povos que persistem em seus erros e os vão agravando) é o plágio de si mesmos.

Saint-Loup, que eu sabia estar em Paris, fora chamado por mim no mesmo instante; atendeu rápido e eficaz como o era antigamente em Doncieres, e concordou em partir logo para a Touraine. Submeti-lhe a seguinte combinação: ele desceria em Châtellerault, pediria que lhe indicassem a casa da Sra. Bontemps, esperaria que Albertine saísse, pois ela poderia reconhecê-lo.

- Mas então a moça de quem falas me conhece? - perguntou-me ele. Disse-lhe que achava que não. O projeto me encheu de alegria infinda. Todavia, estava em absoluta contradição com aquilo que eu me prometera no começo: cuidar de não parecer que mandara procurar Albertine; e isto, inevitavelmente, acabava por ter

esse ar; mas tinha também, sobre o que convinha fazer, a vantagem inestimável de que me permitia dizer a mim mesmo que alguém, enviado por mim, ia ver Albertine e, sem dúvida, trazê-la de volta. E se no começo eu soubesse ter visto claro em meu coração, teria podido prever que tal solução, escondida na sombra, e que eu achava deplorável, é que levaria de vencida as soluções de paciência, e era ela que eu decidira querer por falta de vontade mesmo. Saint-Loup já se mostrasse surpreso de que uma moça tivesse morado comigo um inverno sem que eu lhe houvesse dito nada, como, por outro lado, ele me voltasse a falar muitas vezes da moça de Balbec sem que eu jamais lhe dissesse:

- Mas ela mora aqui-, ele poderia ter-se melindrado com minha falta de coerência.

É verdade que a Sra. Bontemps talvez lhe falasse de Balbec. Mas eu me sentia por demais impaciente quanto à sua partida, à sua chegada, para querer ou para pensar nas possíveis conseqüências dessa viagem. Quanto a reconhecer (que aliás ele havia sistematicamente evitado olhar quando a encontrou em Doncieres), ela havia, conforme a opinião de todos, mudado e engordado isso era pouco provável. Ele me perguntou se eu não tinha um retrato de Albertine. Primeiro respondi que não, para que ele não pudesse, através da fotografia mais ou menos na época de Balbec, reconhecer Albertine, a quem no entanto, entrevira no vagão. Mas refleti que, no último retrato, ela já estaria tão diferente da Albertine de Balbec quanto o estava hoje a Albertine viva, que ele não a reconheceria no retrato nem na realidade. Enquanto eu procurava a foto, ele me passava levemente a mão pela testa, como para me consolar. Eu me sentia emocionado, pela mágoa que lhe causava a dor que adivinhava em mim. Em primeiro lugar se tivesse separado de Rachel, o que ele então sentira ainda não estava tão diferente do que ele não nutrisse uma simpatia, uma piedade especial por esse tipo de sofrimento, como nos sentimos mais próximos de alguém que sofre da mesma doença que nós. Depois, era tão afetuoso comigo que não suportava a simples idéia de sofrimento. Desse modo, concebia por aquele que os causava um misto de alegria e admiração. Achava que eu era um ser tão superior que imaginava ser preciso que eu me submetesse a outra criatura, que esta fosse simplesmente extraordinária. Eu pensava que ele acharia bonita a foto de Albertine, mas, como ainda considerasse que ela não lhe produziria a mesma impressão que Helena nos velhos troianos, disse-lhe modestamente, sempre em busca do retrato:

- Oh, não fiques esperando grande coisa: primeiro a foto é ruim, e depois ela não é extraordinária, não é uma beleza; sobretudo é muito gentil.

- Oh, sim, ela é maravilhosa - respondeu ele com um entusiasmo ingênuo e sincero, de imaginar a criatura que podia lançar-me em semelhante desespero e agitação. - Tenho raiva dela, porque te fez tanto mal; mas também, era de se

supor que é artista até a ponta dos dedos, como tu, que amas em tudo a beleza com tanto amor, estaria predestinado a sofrer mais que qualquer outro quando a encontrar em alguma mulher. -

Por fim, encontrei a fotografia.

- Com certeza ela é maravilhosa - continuou a dizer Robert, que não tinha visto que eu lhe estendia a fotografia. De repente a viu, segurou-a nas mãos por um momento. Seu rosto exprimiu um tom que chegou às raias da estupidez.

- É esta a moça a quem amas? - acabou por dizer com um tom em que a estupefação era matizada pelo receio de me aborrecer. Não fez nenhuma observação, assumira o ar sensato, cauteloso, forçosamente um tanto altivo, que temos diante de um enfermo ainda que tenha sido um homem notável e nosso amigo -, mas que não é mais nada disso, pois, acometido brancura furiosa, fala-nos de uma criatura celeste que lhe surgiu e continua a vê-la no local em que nós, pessoas saudáveis, só avistamos um *edredom*. Compreendi imediatamente o espanto de Robert, e que era o mesmo em que me lançara à vista de sua amante, com a única diferença de que eu encontrara nela uma mulher que já conhecia, ao passo que ele julgava nunca ter visto Albertine. Mas é claro que a diferença entre o que nós dois víamos acerca de uma mesma pessoa era bem grande. Ia longe o tempo em que eu, bem parcamente, começara em Balbec a acrescentar às sensações visuais, quando contemplava Albertine, sensações de gosto, de cheiro e de tato. Desde então se haviam acrescentado sensações mais profundas, mais doces, mais indefiníveis, e, depois, sensações dolorosas. Numa palavra, Albertine era apenas, como uma pedra a cujo redor nevou, o centro gerador de uma construção enorme que passava pelo plano do meu coração. Robert, para quem toda essa estratificação de sensações era invisível, só apanhava um resíduo que ela, ao contrário, impedia-me de perceber. O que havia perturbado Robert, ao ver a fotografia de Albertine, não fora a comoção dos velhos troianos vendo passar Helena e dizendo: *Notre mal ne vaut pas un seul de ses regards*{78},; mas exatamente a oposta e que faz dizer: "Como, foi por causa disso que ele se incomodou tanto, teve tantos aborrecimentos, praticou tantas loucuras!" É preciso confessar que esse tipo de reação à vista da pessoa que causou os sofrimentos, transtornou a vida, às vezes acarretando a morte de alguém que nós amamos, é infinitamente mais comum do que o dos velhos troianos e, para dizer tudo, habitual. O motivo não é apenas porque o amor é individual, nem porque, quando já não o sentimos, torna-se

natural que o achemos evitável e nos ponhamos a filosofar sobre a loucura dos outros. Não, é porque, quando ele atinge o grau em que nos causa tais males, a construção das sensações interpostas entre o rosto da mulher e os olhos do amante - esse enorme ovo doloroso que o envolve e dissimula, tanto quanto uma

camada de neve a uma fonte - já se estendeu para bem longe para que o ponto onde se fixa o olhar do amante, o ponto em que ele encontra o seu prazer e suas dores, esteja igualmente longe do ponto em que as outras pessoas o vêem, como o sol verdadeiro está longe do ponto em que a sua luz condensada nos deixa percebê-lo no céu. E além do mais, durante esse tempo, sob a crisálida de dores e carinhos que torna invisível ao amante as piores metamorfoses da criatura amada, o rosto teve tempo de envelhecer e mudar. De forma que, se o rosto que o amante viu da primeira vez está bem distante do outro que ele vê desde que ama e sofre, está, em sentido inverso, igualmente distante daquele que o espectador indiferente pode ver agora. (Que teria acontecido se, em vez da fotografia desta que era uma moça, Robert tivesse visto o retrato de uma velha amante?) E temos necessidade de ver pela primeira vez aquela que causou tantos sofrimentos para sentirmos esse espanto.

Muitas vezes a conhecíamos, como o meu tio-avó conhecia Odette. Então a diferença de ótica se estende não só ao aspecto físico, ao caráter, à importância individual. Há muitas probabilidades de que a mulher que fez sofrer aquele que a ama tenha sido sempre boa moça para com alguém que preocupava com ela, como Odette, tão cruel com Swann, fora a delicada "dama de rosa" de meu tio-avô; ou então a criatura de quem toda decisão é uma mente calculada, com tanto medo quanto a de uma divindade, por aquele que ama, surge como uma pessoa inconseqüente, muito feliz por fazer sempre a de alheia, aos olhos de quem não a ama, como a amante de Saint-Loup em mim, que nela só enxergava a "Rachel-quando-do-Senhor" que tantas vezes me haviam oferecido. Lembrava-me, na primeira vez em que a tinha visto com Loup, de minha estupefação diante da idéia de que alguém pudesse torturar, não saber o que uma tal mulher faria em tal noite, o que ela poderia ter dito a alguém, e por quem desejaria romper. Ora, eu sentia que todo esse passado de Albertine, para o qual toda fibra de meu coração, de minha vida, dirigia-se um sofrimento vibrátil e desajeitado, devia parecer tão insignificante a Saint como talvez a mim mesmo, um dia; que aos poucos eu passaria talvez, no tempo à gravidade ou à insignificância do passado de Albertine, do estado de espírito que me encontrava naquele momento ao de Saint-Loup, pois não me iludia o que Saint-Loup pudesse pensar, sobre o que pensaria todo aquele que não o conhece. E não sofria muito com isso. Deixemos as belas mulheres aos homens sem imaginação. Lembrava-me dessa trágica explicação de tantas vidas que é um retrato genial, e nada parecido, como o de Odette por Elstir, e que é menos o retrato de amante que do amor que forma. Nele só faltava-o que tantos retratos possam ser a um tempo de um grande pintor e de um amante (e ainda assim, diziam Elstir o fora de Odette). Essa dissemelhança, prova-a a vida inteira de um amante a quem ninguém compreende as loucuras, a vida inteira de um Swann. Mas que um amante se desdobra num pintor e então é proferida a palavra que restitui o enigma; temos

enfim diante dos olhos esses lábios que o vulgo jamais percebe nessa mulher, esse nariz que ninguém lhe concedeu, esse porte insuspeito no retrato diz: "O que amei, o que me fez sofrer, o que vi sem cessar, é isto." Por ginástica oposta, eu que havia tentado, pelo pensamento, acrescentar à Raquel tudo o que Saint-Loup lhe acrescentara por conta própria, procurava retirar uma contribuição cardíaca e mental à composição de Albertine, e representá-la para tal e qual deveria aparecer a Saint-Loup, como Rachel a mim. Essas diferenças mesmo que as percebêssemos, que importância lhes daríamos? E, quando antigamente, em Balbec, Albertine me esperava sob as arcadas de Incarville, saltava para o meu carro, não somente ela ainda não "engordara", como, em conseqüência de excessos de exercício, emagrecera demais; seca, mais desfigurada ainda por causa de um chapéu horrível que só deixava aparecer a pontinha do nariz feio e duas faces brancas feito neve, era bem pouco o que eu enxergava nela, mas o bastante para que, pelo salto que ela dava para dentro do carro, eu soubesse que era ela, que ela comparecera pontualmente ao encontro e não fora a outro lugar; e isso basta; o que amamos está por demais no passado, consiste por demais no tempo que perdemos juntos para que tenhamos necessidade da mulher toda; desejamos apenas ter certeza de que se trata dela, de que não nos enganamos quanto à identidade, mais importante que a beleza para aqueles que amam; as faces podem ficar encovadas, o corpo emagrecer, mesmo para aqueles que, a princípio, mais se orgulhavam diante do próximo de seu domínio sobre uma beldade: esse palminho de cara, esse sinal em que se resume a personalidade permanente de uma mulher, essa fórmula algébrica, essa constante, basta isso para que um homem solicitado na mais alta sociedade, e que a estima, não possa dispor de uma só de suas noites porque passa o tempo a pentear e despentear a mulher amada, até a hora de dormir, ou simplesmente ficar junto dela, para estar com ela, ou para que ela esteja em sua companhia, ou apenas para que ela não esteja na companhia de outros.

-Tens certeza? - perguntou Robert - de que posso oferecer uns trinta mil francos a essa mulher para o comitê eleitoral do marido? Ela é desonesta a esse ponto? Se não te enganas, três mil francos bastarão.

- Não, peço-te, não economizes numa coisa que tanto me fala ao coração. Deves dizer isto, no que aliás há um fundo de verdade: "Meu amigo tinha pedido estes trinta mil francos a um parente para o comitê do tio de sua noiva. Foi por causa desse noivado que obteve o dinheiro. E me pediu que o entregasse à senhora para que Albertine não soubesse de nada. Aí então, Albertine o abandona. Ele já não sabe o que fazer. Tem obrigação de devolver os trinta mil francos se não casar com Albertine. E, se casar, seria preciso, ao menos para manter as aparências, que ela voltasse logo, pois se a fuga se prolongasse daria muito má impressão." Achas que parece inventado?

- Absolutamente. - respondeu Saint-Loup por bondade, por discrição e, além disso, porque sabia que as circunstâncias são freqüentemente mais estranhas do que julgamos. Afinal de contas, havia alguma possibilidade de que, nessa história de trinta mil francos, houvesse, conforme eu lhe dizia, uma boa dose de verdade. Era possível, mas não era verdadeiro, e essa parte de verdade era precisamente uma mentira. Porém nós nos mentíamos, Robert e eu, como em todas as conversas em que um amigo deseja sinceramente auxiliar o outro, que se acha entregue a um desespero amoroso. O amigo conselheiro, apoio, consolo, pode lastimar a aflição do outro, mas não experimentá-la, e, quanto melhor for para o outro, mais lhe mentirá. E o outro lhe confessa o que for necessário para ser ajudado; mas, talvez justamente para ser ajudado, oculta muitas coisas. E o feliz, afinal, é aquele que faz o trabalho, que realiza uma viagem, cumpre uma missão, mas que não sofre interiormente. Eu era naquele momento o que havia sido Robert, em Doncieres, quando era abandonado por Rachel.

- Enfim, seja como quiseres; se receber um insulto, de antemão por ti. E depois, não interessa que isto me pareça um tanto divertido, esse comércio tão pouco disfarçado, sei perfeitamente que no nosso mundo tem duquesas, e até das mais beatas, que, por trinta mil francos, fariam coisas complicadas do que dizer às sobrinhas que não fiquem na Touraine. Enfim, duplamente satisfeito por te prestar um serviço, já que é necessário isto para que consintas em me ver. Se eu me casar - acrescentou -, será que não nos veremos mais, será que não farás da minha casa um pouco a tua?... -

Interrompeu de súbito, tendo pensado, conforme supus então, que, seu eu também me casasse com Albertine não poderia ser, para a sua mulher, uma relação muito chegada. Ele me lembrou o que os Cambremer me haviam falado sobre o seu provável casamento com a filha do príncipe de Guermantes.

Tendo consultado o indicador, vi que Robert só poderia partir à noite. Françoise me perguntou:

- É preciso tirar a cama da Srta. Albertine do gabinete de trabalho?

- Pelo contrário - retorqui -, é preciso fazê-la. -

Eu esperava que Albertine voltasse a qualquer momento e, além disso, não desejava que Françoise pensasse haver alguma dúvida a respeito. Era preciso que a partida de Albertine parecesse uma coisa combinada entre nós dois, coisa que de modo algum significasse que ela me amava menos. Mas Françoise me olhou com um ar, se não de incredulidade pelo menos de dúvida. Ela também tinha suas duas hipóteses. Suas narinas dilatavam, ela farejava a briga, devia senti-la há muito tempo. E, se não estava absolutamente segura disso, era talvez só porque, como eu, evitava crer inteiramente naquilo que lhe teria dado imenso prazer. Agora, o peso do assunto já não remoía no meu espírito esgotado, mas em

Saint-Loup. Uma alegria me penetrava porque tomara uma decisão, porque dizia comigo: "respondi taco a taco, fui enérgico."

Saint-Loup mal teria entrado no trem quando cruzei na minha antecâmara com Bloch, a quem não ouvira tocar a campainha, de modo que fui obrigado à recebê-lo por um instante. Ultimamente, ele me havia encontrado com Albertine (já a conhecia de Balbec), num dia em que ela estava de mau humor.

- Jantei com o Sr. Bontemps - falou-me e, como exerço uma certa influência sobre ele, de ti demonstrei-lhe minha tristeza pelo fato de sua sobrinha não ser mais amável contigo; e disse que era necessário que ele intercedesse nesse sentido. -

Eu sufocava de cólera: tais pedidos e queixas destruíam todo o efeito das diligências de Saint-Loup e punham-me diretamente em contato com Albertine, a quem eu pareceria estar implorando. Para cúmulo da infelicidade, Françoise, que ficara na antecâmara, ouvia tudo aquilo. Fiz todas as censuras possíveis à Bloch, dizendo-lhe que de maneira alguma o havia encarregado de semelhante missão, e que aliás o caso era falso. A partir daquele momento, Bloch não mais deixou de sorrir, menos, creio, de alegria que de constrangimento por me haver contrariado. Rindo, ele se surpreendia de causar semelhante raiva. Talvez dissesse isso para diminuir a meus olhos a importância de sua ação indiscreta, talvez porque era de natureza covarde, e vivia alegre e perigosamente nas mentiras, como as medusas à flor das águas, talvez porque, mesmo pertencendo a outra raça de homens, os outros, não podendo jamais colocar-se no mesmo ponto de vista que nós, não compreendem a importância do mal que suas palavras ditas ao acaso podem nos fazer. Acabava de acompanhá-lo até a porta, não encontrando nada que pudesse remediar o que ele fizera, quando tocaram de novo e Françoise me entregou uma intimação para comparecer à presença do chefe de polícia. Os pais da menina que eu trouxera para casa tinham apresentado uma queixa contra mim por corrupção de menor. Há momentos na vida em que uma espécie de beleza nasce da multiplicidade de aborrecimentos que nos assaltam, entrecruzados como motivos wagnerianos, e também da noção, que aí aparece, de que os acontecimentos não se situam no conjunto dos reflexos representados no pobre espelhinho que a inteligência leva à sua frente e a que denomina futuro, mas estão fora deles e surgem tão bruscamente como alguém que vai testemunhar o flagrante de um crime. Entregue a si mesmo, um acontecimento já se modifica, seja porque o fracasso o aumente a nossos olhos, seja porque a satisfação o reduza. Mas raramente ele está sozinho. Os sentimentos excitados por cada um deles se contradizem, e, em certa medida, como pude comprová-lo indo à delegacia de polícia, isso constitui, ao menos momentaneamente, um revulsivo tão eficaz contra as tristezas sentimentais quanto o medo. Na Polícia, encontrei os pais da menina, que me insultaram, e

dizendo:

- Não comemos desse pão -; devolveram-me os quinhentos francos (que eu não queria aceitar); o delegado, adotando como exemplo inimitável a facilidade de réplica dos juízes criminais, pegava uma palavra de cada frase que eu dizia e com ela formava uma resposta espirituosa e acabrunhadora. Nem sequer se cuidou de minha inocência no caso, pois foi a única hipótese que ninguém quis admitir um só momento. Não obstante, as dificuldades de incriminação fizeram com que me livrasse à custa de um sabão violentíssimo, na presença dos pais. Porém, logo que estes se retiraram, o delegado, que gostava de meninas, mudou de tom e me censurou como a um camarada:

- De outra vez, precisa ser mais hábil. Droga, não se faz uma abordagem tão súbita, que estraga o negócio. Além do mais, o senhor pode encontrar em toda parte meninas melhores que esta, e bem mais baratas. O preço era loucamente exagerado... -

Senti de maneira tão viva que ele não me entenderia, caso eu tentasse lhe explicar a verdade, que, sem dizer palavra, aproveitei a licença que me deu para me retirar. Até chegar em casa, todos os que passavam me pareceram inspetores encarregados de vigiar meus atos e meus gestos. Mas todos esses motivos, bem como o contra Bloch, extinguiram-se para deixar espaço unicamente ao de Albertine. Ora, este motivo retornara, mas de um modo quase alegre, partida de Saint-Loup. Desde que ele se encarregara de ir ver a Sra. Bontemps os sofrimentos se haviam dispersado. Eu achava que era pelo fato de ter agido de boa-fé, pois nunca sabemos o que se oculta em nossa alma. No que me fazia feliz não era, como pensava, o ter descarregado as minhas decisões sobre Saint-Loup; aliás, eu não me enganava absolutamente. O remédio para curar um acontecimento infeliz (três quartas partes dos acontecimentos é uma decisão; pois ela tem como efeito, devido a uma brusca reviravolta nossas idéias, interromper o fluxo das que provêm do acontecimento que prolongam sua vibração, de quebrá-lo por um fluxo inverso de idéias, vindo do futuro. Mas essas novas idéias são principalmente benéficas (e era o caso que me assaltavam naquele momento) quando, do cerne desse futuro, o que trazem é uma esperança. O que no fundo me tornava tão feliz era a certeza de que, não podendo fracassar a missão de Saint-Loup, Albertine não podia deixar de voltar. Compreendi-o, pois, não tendo recebido desde o primeiro dia nenhuma resposta de Saint-Loup, recomecei a sofrer. Minha decisão e a transferência de meus plenos poderes não eram então a causa de minha alegria, que assim mesmo, isso teria durado, mas "o êxito é garantido" que eu havia pensado quando: "Aconteça o que acontecer." E a idéia, sugerida pela sua demora, de que podia ocorrer coisa diversa do êxito, era-me tão odiosa que eu perdera a minha alegria. Na realidade, é a nossa previsão, nossa esperança de acontecimentos felizes, que nos enche de uma

alegria que atribuímos à outras causas, e que cessa por nos deixar recair no desgosto, se já não temos tanta certeza de que se realize aquilo que desejamos. É sempre esta crença invisível que sustenta o edifício do nosso mundo sensitivo e sem a qual ele oscilaria. Já vimos que ela constituía a nós o valor ou a nulidade das criaturas, o entusiasmo ou o tédio de vê-las da mesma forma, dá-nos a possibilidade de suportar um desgosto que nos parece medíocre, sobretudo porque estamos convencidos de que vai findar; ou o brusco aumento, até que uma nova presença valha tanto quanto a nossa vida, e às vezes mais do que ela. De resto, uma coisa acabou tornando a dor de meu coração tão aguda como o fora no primeiro instante quando, é por força confessá-lo, já não o sentia mais. Aconteceu ao reler uma frase da carta de Albertine. Debalde amamos criaturas; quando, isolados, só nos defrontamos com o sofrimento de perdê-las; que o nosso espírito dá em certa medida a forma por ele desejada, tal sofrimento suportável e diverso daquele outro, menos humano, menos nosso, tão esquisito, inesperado como um acidente no mundo moral e na zona do coração que tem como causa menos diretamente as próprias criaturas do que a maneira como ficamos sabendo que não mais as veríamos. Albertine, eu podia pensar nela, chorando suavemente, aceitando não vê-la esta noite, como já não a vira ontem; porém reler minha decisão é irrevogável, era outra coisa. Era como tomar um remédio perigoso, que me provocaria uma crise cardíaca à qual não se pode sobreviver. Existe nas coisas, nos fatos, nas cartas de rompimento, um perigo particular que amplia e desnatura a própria dor que as pessoas podem nos causar. Mas esse sofrimento dura pouco. Apesar de tudo, sentia-se tão seguro do sucesso da habilidade de Saint-Loup, a volta de Albertine me parecia uma coisa tão certa, que me indaguei se tivera razão para desejá-la. Todavia, rejubilava-me por isso.

Infelizmente para mim, que julgava terminado o incidente com a Polícia, Françoise me informou que um inspetor viera saber se eu tinha o hábito de receber moças em casa, e que o porteiro, pensando que ele se referia à Albertine, dissera que sim; e que, a partir desse momento, a casa parecia estar sendo vigiada. Desde então, seria para sempre impossível mandar vir uma menina para me consolar dos meus desgostos, sem me arriscar a sofrer o vexame, diante dela, que um inspetor aparecesse, e ela me tomasse por um malfeitor. E ao mesmo tempo, compreendi como vivemos mais em função de certos sonhos do que imaginamos, pois essa impossibilidade de embalar jamais uma criança me pareceu tirar todo o valor da vida; mas percebi também o quanto é compreensível que as pessoas facilmente recusem a fortuna e se arrisquem à morte, ainda que imaginemos que o interesse e o medo de morrer dominem o mundo. Pois, se eu tivesse imaginado que até uma menina desconhecida pudesse formar, por causa da chegada de um policial, uma idéia vergonhosa de mim, como seria preferível que me matasse! Nem sequer havia ponto de comparação possível entre os dois sofrimentos. Ora, na vida, as pessoas

nunca refletem que aqueles a quem dão dinheiro, ou ameaçam de morte, podem ter uma amante, ou até simplesmente um companheiro, a cuja estima dão grande valor, mesmo quando não se estimam a si próprios. Mas, de repente, devido a uma confusão de que não me dei conta (de fato, não pensei que Albertine, sendo maior, poderia morar em minha casa e até ser minha amante), pareceu-me que a corrupção de menores podia também se aplicar à Albertine. Então a vida se me afigurou cerceada por todos os lados. E, pensando que não vivera castamente com ela, encontrei na punição que me era infligida por ter acalentado uma menina ignorada, essa relação que existe quase sempre nos castigos humanos; e que faz com que não haja quase nunca, nem condenação justa, nem erro judiciário, mas uma espécie de harmonia entre a idéia falsa que o juiz forma acerca de um ato inocente e os fatos culposos que ignorou. Mas então, pensando que o regresso de Albertine podia me acarretar uma condenação infame que me degradaria a seus olhos, e talvez causasse a ela mesma um prejuízo de que jamais me perdoaria, deixei de desejar esse regresso, que me apavorava. Gostaria de lhe telegrafar para que não voltasse. E imediatamente, sufocando tudo o mais, invadiu-me o desejo apaixonado de que ela regressasse. Ao mesmo tempo que, tendo considerado por um instante a possibilidade de lhe dizer que não voltasse e de viver sem ela, vi-me de súbito, pelo contrário, prestes à todos os prazeres, todas as viagens, todos os trabalhos, para que Albertine regressasse!

Ah, como o meu amor por Albertine, cujo destino eu achava quase prever conforme o amor que tivera por Gilberte, desenvolvera-se em perfeito contraste com este último! A que ponto era-me impossível ficar sem vê-la! E como um ato, por mínimo que fosse, porém antes envolto na feliz atmosfera da presença de Albertine, era-me preciso, de cada vez, com novos esforços, com a mesma, recomeçar a aprendizagem da separação. Depois, a concorrência das outras vidas devolvia à sombra essa nova dor, e, durante esses dias, os primeiros da primavera, cheguei até, enquanto esperava que Saint-Loup visse a Sra. Bontemps, ao imaginar Veneza e belas mulheres desconhecidas, a passar alguns momentos de calma agradável. Logo que percebi isso, senti um terror de pânico. Este que eu acabara de desfrutar era a primeira aparição daquela grande força inteiramente, que ia lutar em mim contra a dor, contra o amor, e acabaria por triunfar sobre àquilo de que eu acabava de ter o ante o gosto; e de conhecer o presságio era, por instante apenas, o que mais tarde seria em mim um estado permanente, uma decisão em que eu não poderia mais sofrer por Albertine, em que já não a amaria. É o amor, que acabava de reconhecer o único inimigo pelo qual poderia ser derrotado. O esquecimento, pôs-se a tremer, como um leão que, na jaula onde o trancaram a vista de súbito da serpente píton que há de devorá-lo.

Eu pensava o tempo todo em Albertine.

Ao entrar no meu quarto Françoise me dizia bastante depressa:

"Não há cartas", para abreviar a angústia.

Mas, de tempos em tempos, eu conseguia, fazendo passar esta ou aquela idéia, através do meu desgosto, renovar, purificar um pouco a atmosfera do meu coração. Porém à noite, se conseguia adormecer, então era como se a lembrança de Albertine fosse o medicamento que me trouxesse o sono, e a influência, ao cessar, me despertaria. Pensava o tempo todo em Albertine. Era um sono especial seu, que ela me dava e onde, aliás, eu não teria espaço mais livre para pensar em outra coisa, como durante a vigília. O sono e sua lembrança eram essas duas substâncias misturadas que nos dão a tomar ao mesmo tempo para dormir. De resto, acordado, minha mágoa ia aumentando a cada dia em vez de diminuir. Não que o esquecimento não cumprisse a sua tarefa, mas porque; isso mesmo, favorecia a idealização da imagem saudosa e, desse modo, a assimilação de meu sofrimento inicial a outros sofrimentos análogos, que o reforçava. Todavia, essa imagem era suportável. Mas se, de repente, eu pensava no quarto dela; no quarto onde a cama permanecia desocupada; no seu piano, seu automóvel; perdia todas as forças, fechava os olhos, inclinava a cabeça sobre o ombro esquerdo como as pessoas que vão desmaiar. O ruído das portas me fazia tanto mal, porque não era Albertine quem as abria.

Quando foi possível a chegada de um telegrama de Saint-Loup, não tive coragem de perguntar: "Chegou um telegrama?" Por fim veio um, mas adiando tudo, pois dizia: SENHORAS PARTIRAM POR TRÊS DIAS. Sem dúvida, se eu havia suportado os quatro dias já transcorridos desde que Albertine se fora, era porque dizia comigo mesmo: "É só uma questão de tempo, antes do fim da semana ela estará aqui." Mas essa razão não impedia que para o meu coração, para o meu corpo, o ato a ser cumprido fosse o mesmo: viver sem ela, chegar em casa sem encontrá-la, passar diante da porta do seu quarto - ainda não tinha coragem de abri-lo - sabendo que ela não se achava ali, deitar-me sem lhe haver dito boa-noite, eis as coisas que meu coração devia cumprir em sua terrível integralidade e como se eu não devesse voltar a ver Albertine. Ora, que ele as tenha cumprido já quatro vezes provava que agora seria capaz de continuar a cumpri-las. E dentro em breve, talvez, essa razão que me ajudava a continuar a viver assim o próximo regresso de Albertine-, essa razão, eu deixaria de precisar dela e poderia dizer comigo mesmo: "Ela não voltará nunca mais", e ainda assim viver como já o fizera durante quatro dias.-

Como um ferido que retomou o hábito de caminhar e pode andar sem muletas. Sem dúvida, à noite, voltando para casa, eu ainda encontrava, tirando-me a respiração, sufocando-me com o vazio da solitude; as lembranças, justapostas numa série interminável, de todas as noites em que Albertine me esperava; mas já encontrava igualmente a lembrança da véspera, da antevéspera e das duas

noites precedentes, ou seja, a lembrança das quatro noites transcorridas desde a fuga de Albertine, durante as quais eu ficara sem ela, sozinho, e onde contudo vivera, quatro noites que já formavam uma faixa de lembranças, bem delgada ao lado da outra, mas que a cada dia transcorrido ia talvez se encorpando. Não direi coisa alguma sobre a carta, recebida por essa época, em que se declarava a mim uma sobrinha da Sra. de Guermantes que era tida como a mais bonita moça de Paris, nem das diligências que junto a mim fez o duque de Guermantes por parte dos pais, resignados, pela felicidade da filha, à desigualdade social do partido e a uma aliança imprópria. Tais incidentes, que poderiam ser sensíveis ao amor-próprio, são dolorosos demais quando amamos. Gostaríamos, mas não cometeríamos essa indelicadeza, de os revelar àquela que tem a nosso respeito um juízo menos favorável, que aliás não se modificaria se soubesse que podemos ser objeto de outro juízo bem diverso. O que me escreveu a sobrinha do duque só poderia impacientar Albertine.

Desde o momento em que despertava e que retomava a minha mágoa no ponto em que me encontrava ao adormecer, como um livro por um instante fechado e que não me abandonaria mais até a noite, eu nunca podia ter senão um pensamento relativo à Albertine, e a esse pensamento é que podia ligar-se para mim - da sensação, viesse de fora ou de dentro. Tocavam a campainha: é uma carta dela, talvez seja ela própria! Se me achava bem disposto, não infeliz demais, não estava mais ciumento, não tinha mais queixas dela, gostaria de revê-la depressa, beijá-la, morar alegremente o resto da vida em sua companhia. Telegrafar-lhe: VENHA DEPRESSA - parecia-me tornar-se uma coisa muito simples, como se o meu novo ânimo tivesse não apenas mudado as minhas disposições, mas tornados fáceis as coisas fora de mim. Se o meu ânimo era sombrio, todas as minhas mágoas contra ela renasciam, já não tinha vontade de beijá-la, sentia a impossibilidade a ser feliz por meio dela, só queria lhe fazer mal, impedi-la de pertencer a outro desses dois estados de espírito opostos era idêntico o resultado: era preferível que Albertine voltasse o mais cedo possível. E no entanto, apesar de uma certeza que pudesse ter no momento mesmo desse regresso, sentia eu que em breve apresentariam as mesmas dificuldades e que a busca da felicidade nascia do desejo moral que era algo tão ingênuo como a tentativa de alcançar o horizonte alinhando para a frente. Quanto mais aumenta o desejo, mais se afasta verdadeira realidade. De modo que, se a felicidade ou, pelo menos, a ausência de sofrimento, pode ser encontrada; não é a satisfação, mas a redução progressiva e a extinção do desejo o que se deve buscar. Procura-se ver a pessoa amada, deveria-se não vê-la, só o esquecimento consegue nos dar a extinção do desejo. E que, se um escritor proferisse verdades desse gênero, dedicaria o livro, que contivesse a uma mulher, da qual se comprazeria em aproximar-se desse dizendo-lhe:

- Este é o teu livro. -

E assim, dizendo verdades em seu livro, na dedicatória, pois só lhe importa que o livro seja dessa mulher como lhe importa uma pedra preciosa que dela recebeu e que só lhe será preciosa enquanto amar tal mulher. Só em nosso pensamento é que existem os liames a unir uma criatura à nós. A memória, enfraquecendo, afrouxa-os; apesar da ilusão com que gostamos de nos enganar, e com a qual, por amor, por amizade, por delicadeza e respeito humano; por dever, enganamos os outros, e existimos sozinhos. O pior é o ser que não pode sair de si mesmo, que só conhece os outros dentro de nós afirmando o contrário, na mente. E eu teria tido tanto medo, se houvesse ali algo capaz de fazê-lo, que me tirassem essa necessidade dela, esse amor por Albertine que me persuadia ser ele precioso para a minha vida. Poder ouvir pronunciar o fascínio e sem sofrimento os nomes das estações por onde o trem passava. Touraine me teria parecido uma diminuição de mim mesmo (simplesmente no fundo, porque isso provaria que Albertine se tornava indiferente para mim) estaria bem, dizia comigo, se, ao me perguntar incessantemente o que ela estaria fazendo, pensando, desejando a cada instante, se ela esperava e se ia voltar; mantivesse aberta essa porta de comunicação que o amor abrira em mim e se a vida de outra pessoa inundar, pelas represas abertas, o reservatório que desejaria ficar de novo estagnado. Em breve, prolongando-se o silêncio de Loup, uma ansiedade secundária - a espera por um telegrama ou um telefonema de Saint-Loup - mascarou a primeira, a inquietação quanto ao resultado, que Albertine voltaria. Vigiar cada ruído, à espera do telegrama, tornou-se tão intolerante que, segundo me parecia, a chegada do telegrama, fosse qual fosse, pois a única coisa em que eu pensava agora, poria fim às minhas mágoas. Mas, que recebi finalmente um telegrama de Robert, em que ele me dizia que estivera em tempo integral observando Bontemps; mas, apesar de todas as precauções, fora visto por Albertine, e que estragara tudo, tive um acesso de fúria e desespero, pois acima de tudo era aquilo o que eu desejara evitar. Conhecida de Albertine, a viagem de Saint-Loup parecia mostrar-me submisso a ela, o que a levaria a não voltar; aliás, o horror a essa submissão era tudo o que eu conservara da altivez do meu amor no tempo de Gilberte, e que havia perdido. Amaldiçoei Robert, mas depois pensei que, se aquele meio fracassara, arrumaria outro. Visto que o homem pode agir sobre o mundo exterior, como é que, empregando a astúcia, a inteligência, o interesse, a afeição, não chegaria eu a suprimir essa coisa atroz: a ausência de Albertine? Julgamos que, segundo o nosso desejo, podemos mudar as coisas que nos rodeiam; julgamo-lo porque, fora daí, não vemos nenhuma solução favorável. Não pensamos no que ocorre muitas vezes e que também é favorável: não chegamos a mudar as coisas conforme o nosso desejo, mas aos poucos o nosso desejo muda. A situação que esperávamos mudar por ser-nos insuportável, se nos torna indiferentes. Não pudemos superar o obstáculo, como o queríamos de

qualquer maneira, porém a vida nos fez contorná-lo e transpô-lo, e então, se nos virarmos para o passado longínquo, mal podemos avistá-lo, de tal modo se tornou imperceptível. No andar acima do nosso, ouvi árias da Manon, tocadas por uma vizinha. Apliquei seus versos, que conhecia, a Albertine e a mim, e fui penetrado de uma sensação tão profunda que me pus a chorar. Era:

> *Hé/as, poiseau qui fuit ce qu'il croit l'esclavage,*
> *Le plus souvent, la nuit d'un vos désespéré revient battre au vitrage*{79}

e a morte de Manors:

> *Manon, réponds-moi donc/ - Seu/ amour de mon âme, Je n'ai su qu áujourd'hui la bonfé de ton coeui*{80}

Já que *Manon* voltava a *Des Grieux*, parecia-me que eu era para Albertine o único amor de sua vida. Ai de mim! É provável que, se ouvisse naquele momento a mesma ária, não fosse a mim que ela teria agraciado sob o nome de *Des Grieux* e, ainda que pensasse nisso, a minha lembrança a teria impedido de se enternecer ao escutar essa música, que todavia era exatamente do gênero das que ela apreciava.

Quanto a mim, não tive coragem de me entregar à doçura de imaginar que Albertine me chamasse "único amor da minha alma", reconhecendo que se equivocara sobre o que "julgara ser prisão". Eu sabia ser possível ler um romance sem se dar à heroína as feições da mulher amada. Mas, ao terminar o livro, é inútil que o desfecho seja feliz, pois o nosso amor não progrediu em nada e, quando fechei o livro, aquela a quem amamos e que finalmente nos veio no romance, nem por isso gosta mais de nós na vida.

Furioso, telegrafei a Saint-Loup que regressasse o mais rápido possível à Paris, para ao menos evitar o aspecto de uma insistência agravante na missão que eu tanto quisera ocultar. Mas antes mesmo que ele se conforme as minhas instruções, foi da própria Albertine que recebi este telegrama:

> *MEU CARO, VOCÊ ENVIOU SEU AMIGO SAINT-LOUP À MINHA TIA, FOI INSENSATO. MEU CARO AMIGO, SE TEM NECESSIDADE DE MIM, POR QUE NÃO ME ESCREVEU DIRETAMENTE? TERIA FICADO MUITO FELIZ POR VOLTAR; NÃO RECOMECE OUTRA VEZ ESSAS MEDIDAS ABSURDAS.*

"Teria muito feliz por voltar!" Se ela dizia isto, era portanto por lamentar o ter ido. É que só procurava um pretexto para regressar. Assim, bastava-me fazer o que pedia, escrever-lhe que tinha necessidade dela, e ela voltaria. Portanto, retornaria a Albertine de Balbec (pois desde a sua partida, voltara a sê-lo para mim um caramujo do mar, ao qual não prestamos atenção quando o temos sobre nossa cômoda, e no qual, uma vez que nos separamos dele porque o perdemos, ficamos pensando, o que antes já não fazíamos, ela me recordava toda a jovial beleza das montanhas azuis do mar). E não era apenas ela que se tornara um ser de imaginação, isto é, desejável, mas a vida com ela é que passara a ser uma vida imaginária, ou seja, livre de todas as dificuldades, de modo que dizia comigo:

"Como vamos ser felizes!"

Porém, no momento em que eu estava seguro desse regresso, não era preciso dar a impressão de apressá-lo, mas, ao contrário, apagar o mau efeito causado pela missão de Saint-Loup, que mais eu ainda poderia renegar, dizendo que ele agira por conta própria, pois sempre mostrara favorável ao nosso casamento.

Entretanto, eu relia a sua carta e, apesar de tudo, sentia-me desapontado com o pouco que, numa carta, existe de pessoal. Sem dúvida, os caracteres escritos exprimem o nosso pensamento, o mesmo acontece com as nossas emoções; é sempre em presença de um pensamento que nós nos encontramos ainda assim, na pessoa, o pensamento só nos aparece após ter se difundido corola da fisionomia desabrochada como um nenúfar. Isso, afinal, o modifica muito. E talvez uma das causas de nossas permanentes decepções no amor esses permanentes desvios que fazem que, à espera da criatura ideal a quem amamos, todo encontro nos traga uma pessoa de carne que já existe bem pouco em nosso sonho. E depois, quando reclamamos alguma coisa dessa pessoa, recebemos uma carta em que da própria pessoa fica muito pouco, como nas da álgebra já não existe a determinação das cifras da aritmética, que, possua; não contêm as qualidades dos frutos ou das flores adicionados. Todavia a criatura amada, suas cartas, são talvez, enfim, traduções por menos satisfatório que seja, passar de uma a outra da mesma realidade, visto que a carta só nos parece insuficiente quando a lemos, pois suamos frio enquanto não chega, bastando para acalmar a nossa angústia quando não para encher, como seus sinaizinhos negros, o nosso desejo, que sente que ali afinal só existe o equivalente de uma palavra, de um sorriso, de um beijo, e não essas mesmas coisas.

Escrevi à Albertine:

Minha amiga, ia justamente lhe escrever e agradeço-lhe o ter dito que, se

eu tivesse necessidade de você, teria voltado logo; é bem do seu feitio compreender de forma tão elevada o devotamento a um velho amigo e minha estima por você só pode ter aumentado. Mas não, eu não o pedira e não o pedirei; voltar a ver-nos, ao menos daqui a muito tempo, talvez não lhe fosse penoso, moça insensível. Para mim, que às vezes você julgara tão indiferente, seria muito. A vida nos separou. Você tomou uma decisão que acho muito sensata e que ocorreu no momento adequado, com um pressentimento maravilhoso, pois você partiu no dia seguinte àquele em que eu acabava de receber o consentimento de minha mãe para pedir a sua mão. Eu o teria dito quando despertasse, quando recebi a carta dela (ao mesmo tempo que a sua!). Talvez você tivesse receado me fazer sofrer, indo embora nessa ocasião. E talvez tivéssemos unido as nossas vidas pelo que seria, quem sabe? uma desgraça para nós. Se isso era o que havia de acontecer, bendita a sua sabedoria. Perderíamos todos os seus frutos se nos tornássemos a ver. Não que isso não fosse tentador. Mas é pequeno o meu mérito em resistir. Você conhece a criatura inconstante que sou, e como esqueço depressa. Assim, não tenho de que me queixar. Você me disse isto várias vezes, sou principalmente um homem de hábitos. Os que começo a adquirir sem você ainda não são muito arraigados. É claro que, neste momento, os que possuía com você e que sua partida transtornou são ainda os mais fortes. Não o serão por muito tempo. Justo por esse motivo, eu havia pensado em aproveitar esses últimos dias em que ver você ainda não seria para mim o que será daqui a duas semanas, talvez menos (desculpe a franqueza): um incômodo pensei em aproveitá-los, antes do esquecimento final, para que resolvêssemos juntos pequenas questões materiais em que você poderia, boa e encantadora amiga, prestar um serviço àquele que se julgou, por cinco minutos, o seu noivo. Como não duvidava da aprovação de minha mãe, como, por outro lado, desejava que cada um de nós tivesse toda essa liberdade da qual você me fez, muito gentil e abundantemente, um sacrifício que se podia admitir para uma vida em comum de algumas semanas, mas que se tornaria tão odiosa para você quanto à mim, agora que devíamos passar a vida inteira juntos (quase me magoa, ao lhe escrever neste momento, pensar que isso esteve a ponto de ocorrer, esteve por um atriz); tinha pensado em organizar nossa existência da maneira mais independente possível e, para começar, quisera que você possuísse aquele iate, no qual poderia alar, enquanto eu, por demais enfermo, ficaria esperando no porto; tinha escrito a Elstir para pedir conselho, já que você aprecia o seu gosto. Em terra, eu que você tivesse um automóvel só para seu uso particular, no qual sairia; a seu bel-prazer.

O iate já estava quase pronto e se chama, conforme se, expressa em Balbec, o Cisne. E, lembrando-me que você preferiria os carros Rolls-

Royce a todos os demais, havia encomendado um destes. Pois bem, agora que não nos veremos mais, e como não espero fazê-la aceitar o barco nem o carro (para mim, eles não teriam utilidade nenhuma), tinha pensado que encomendara a um intermediário; mas dando o seu nome você talvez cancelando a encomenda, evitar-me esse iate e esse carro inúteis. Mas para muitas outras coisas, precisamos conversar. Ora, parece-me que, se for suscetível de amá-la novamente (o que não deverá durar muito tempo) é insensato, por causa de um barco a vela e de um Rolls-Royce, que nos viéssemos de novo, arriscando a felicidade da sua vida, pois você julga que ela consista ser longe de mim. Não, prefiro conservar o Rolls-Royce e até o iate. E, como não me utilizarei deles e ambos certamente ficarão, sempre, um desarmado e o outro na garagem, mandarei gravar no... (meu Deus, não ouso escrever um inexato de peça e cometer uma heresia que a deixaria chocada) no iate estes versos de Mallarmé de que você gosta:

Un cygne, d'autrefois se souvient que c'est lui Magnifique mais qui sans espoir se délivre Pour n'avoir pas chanté Ia région oú vivre Quand du stérile hiver a resplendi I'ennui.{81}

Você se lembra, é a poesia que assim começa:

Le vierge, le vivace aujourd'hui.{82}

Infelizmente o dia de hoje já não é virgem nem belo. Porém que, como eu, sabem que irão logo formar desse "hoje" um "amanhã" suportável, que também são quase insuportáveis. Quanto ao Rolls-Royce, mereceria antes outros versos do mesmo poeta, que você dizia não poder compreender:

Dis si je ne suis pas joyeux
Tonnerre et rubis aux moyeux De voir en I'air que ce teu troue
Avec des royaumes épars Comme mourir pourpre la roue Du seu I vésperal de mes chars{83}.

Adeus para sempre, minha pequena Albertine, e obrigado ainda pelo bom passeio que fizemos juntos na véspera de nossa separação. Guardo uma lembrança muito boa dele.

P.S.: Não respondo ao que você me diz das pretensas proposições que Saint-Loup (que de modo algum creio que esteja na Touraine) teria feito à sua tia. Isso é coisa de Sherlock Holmes. Que idéia você faz de mim?

Sem dúvida, da mesma forma que antigamente eu dissera a Albertine: "Não amo você", para que ela passasse a me amar; "esqueço as pessoas quando fico sem vê-las", a fim de que ela me visse bem mais vezes; "decidi abandoná-la", para prevenir toda idéia de separação-agora, porque desejava absolutamente que ela voltasse dali a uma semana, é que eu dizia: "Adeus para sempre;" é porque desejava revê-la, que lhe dizia: "Acho perigoso que nos voltemos a ver"; porque viver separado dela me parecia pior que morrer, é que lhe escrevia: "Você tem razão, seríamos infelizes juntos." Ai de mim, esta carta fingida, que escrevi para dar a impressão de não me importar com ela (único orgulho que restou de meu antigo amor por Gilberte no meu amor por Albertine) e também pela doçura de dizer certas coisas que só podiam emocionar a mim e não a ela, deveria eu ter previsto logo ser possível que ela tivesse como resultado uma resposta negativa, ou seja, que consagrasse o que eu dizia; que era até provável que tal ocorresse, pois, ainda que Albertine fosse menos inteligente do que era, não teria duvidado um só instante do que o que eu dizia era falso. Com efeito, sem deter-se nas intenções que eu enunciava nessa carta, só o fato de escrevê-la, mesmo que não se seguisse à missão de Saint-Loup, já lhe bastava para provar o meu desejo de que ela voltasse e para aconselhá-la a me deixar cada vez mais fisgado no anzol. Depois, tendo previsto a possibilidade de uma resposta negativa, deveria prever igualmente que essa resposta de súbito me restituiria, em sua mais extrema vivacidade, o meu amor por Albertine. E deveria ter indagado a mim mesmo, antes de enviar a carta, se, no caso de Albertine responder no mesmo tom e não querer voltar, eu seria suficientemente senhor de minhas mágoas para me forçar a permanecer em silêncio, para não lhe telegrafar: VOLTE, ou não lhe enviar outro emissário, o que, depois de lhe haver escrito que não mais nos veríamos, seria mostrar-lhe, até a última evidência, que não podia passar sem ela, e teria como resultado que ela recusasse ainda mais energicamente, e que, não podendo mais suportar a minha angústia, partisse ao seu encontro, talvez para não ser recebido. E, sem dúvida, esta teria sido, após três enormes atitudes desastradas, a pior de todas, depois do que só me restaria o suicídio diante da sua casa. Mas a forma caótica com que se constrói o universo psicopatológico obriga a que ato desastrado, o ato que acima de tudo seria preciso evitar, seja justamente o ato calmante, o ato que, abrindo-nos outras perspectivas de esperança até que lhe percebamos o resultado, desembarace-nos momentaneamente da dor intolerável que a recusa faz nascer em nós. De modo que, quando a dor é excessivamente forte, precipitamo-nos na falta de jeito que consiste em escrever, em implorar a

outrem, em ir ver, em provar que não podemos passar sem a mulher amada. Mas não previ nada disso. Parecia-me, ao contrário, que o resultado da carta era o de fazer Albertine voltar o mais rápido possível. Assim, pensando na conseqüência, sentira uma grande doçura ao escrever a carta. Mas, ao mesmo tempo, não deixara de chorar enquanto escrevia; primeiro, um pouco da forma como no dia em que havia representado a separação falsa, porque as palavras, configurando-me à idéia que me expressavam, embora tendessem ao objetivo oposto (pronunciadas mentirosamente para, por orgulho, não reconhecer que eu a amava), traziam nelas a sua tristeza; mas também porque eu sentia que a idéia tinha o seu tanto de verdade.

Parecendo-me seguro o resultado dessa carta, lamentei tê-la enviado, ao imaginar a volta de Albertine, em suma tão fácil, bruscamente as tornavam o nosso casamento uma coisa má para mim regressaram com todas as suas forças. Esperava que ela se recusasse a voltar. Estava me preocupando de que minha liberdade, todo o futuro da minha vida achavam-se na dependência de sua recusa; que fizera uma loucura ao escrever-lhe; que deveria ter pegado de volta a carta, infelizmente já enviada, quando Françoise, ao entregar-me o jornal que acabava de chegar, a trouxera de novo, pois não sabia quantos selos devia pôr no envelope. Porém logo mudei de opinião; desejava que Albertine regressasse, mas queria que essa decisão partisse dela para acabar com a ansiedade, e decidi restituir a carta à Françoise. Abri o jornal. Anunciava Berma. Então lembrei-me das duas maneiras diferentes como tinha ouvido-a e foi agora de uma terceira forma diversa que pensei na cena da declaração: tinha a impressão de que aquilo que recitara tantas vezes para mim mesmo, o que escutara no teatro, era o enunciado de leis que deveria experimentar na vida. Em nossa vida há coisas às quais não sabemos o quanto nos ligamos. Ou então, se não as vemos, é porque vivemos adiando, com medo de fracassar ou de sofrer, ou mesmo tomar posse delas. Foi o que me acontecera no caso de Gilberte, quando julgara renunciar a ela.

Se, antes do momento em que estamos totalmente ligados nessas coisas, momento bem posterior àquele em que nos julgamos absolutamente desligados delas, a moça a quem amamos, por exemplo, fica noiva; enlouquecemos; não mais podemos suportar a vida que nos parecia tão momentaneamente sossegada. Ou então, se a coisa está em nossa posse, achamos o fardo, que de bom grado cederíamos; é o que me havia acontecido com Albertine. Mas, se uma viagem nos tira a criatura desprezada, já não podemos suportar. Pois bem, não é certo que o "argumento" da *Fedra* reunia os dois casos? Hipótese a partir de *Fedra*, que até então cuidara de oferecer-se à sua inimizade por escrever, diz ela, ou melhor, como a faz dizer o poeta; pois, não vê saída e porque não amada, *Fedra* não se contém. Vai confessar-lhe o seu amor, e ocorre então que eu tantas vezes

recitara para mim mesmo: *On dit qu'un prompt départ vous éloigne de nous*{84}.

Claro que esse motivo da partida de Hipólito é acessório. Podemos pensar, junto do outro, a morte de Teseu. E da mesma forma, quando, alguns versos adiante, *Fedra*, por um momento, faz cara de que foi mal compreendida: "*Aurais je perdu tout le soin de ma gloire*{85}*?*"]; pode-se pensar que é porque Hipólito repeliu sua declaração: *Madame, oubliez-vous/ Que Thésée est mon pere, et qu'il est votre époux*{86}*?*.

Todavia, mesmo que ele não manifestasse tal indignação, *Fedra* poderia sentir do mesmo modo, diante da felicidade, que esta valia muito pouco. Vendo, porém, que não alcançava a felicidade, e que Hipólito julga ter entendido mal e se desculpa, então - assim como eu, querendo devolver a minha carta à Françoise - ela deseja que a recusa venha dele, deseja arriscar a sorte até o fim: *"Ah! cruel, tu mas troe entendue*." ["Ah, cruel, entendeste-me até demais{87}."

E até mesmo as grosserias, segundo me contaram de Swann para com Odette, ou as minhas para com Albertine, grosserias que substituem o amor anterior por um novo, feito de piedade, de enternecimento e de necessidade de efusão, e que apenas representam uma variante do antigo, também se encontram nesta cena:

> *Tu me hai'ssais plus, je ne t'aima!s pas moins.*
> *Tes malheurs te prêtaient encor de nouveaux charmes.*{88}

A prova que o zelo pela sua honra não é o que mais importa para *Fedra,* está em que ela perdoaria Hipólito e recusaria os conselhos de Oenone, caso não soubesse, naquele instante, que Hipólito gostava de Arícia. De tal forma o ciúme, que em amor equivale à perda completa da felicidade, é mais sensível que a perda da reputação.

É então que ela deixa Oenone (que é somente o nome da pior parte dela mesma) caluniar Hipólito sem se encarregar do cuidado de defendê-lo e, assim, envia este que não quer saber dela a um destino cujas calamidades, aliás, não a consolam de maneira alguma, já que sua morte voluntária segue-se logo à morte de Hipólito. Pelo menos, foi assim, reduzindo a parte de todos os escrúpulos "jansenistas", como teria dito Bergotte, que Racine atribuiu à *Fedra* para fazê-la parecer menos culpada, que me surgia aquela cena, espécie de profecia dos episódios amorosos da minha própria existência. Essas reflexões, aliás, nada mudado em minha determinação, e estendi a carta para Françoise para que enfim a pusesse no correio, tencionando realizar junto à Albertine aquela que me parecia indispensável desde que soubera não ter sido feita. Se erramos ao

pensarmos que a satisfação do nosso desejo tenha pouca importância, pois, desde que supomos que ele não pode se realizar; novamente nos aferramos nele, e só admitimos que não valia a pena persegui-lo quando estamos seguros de alcançá-lo. E, no entanto, temos razão. Pois, se tal satisfação e tal felicidade só parecem mesquinhas devido à certeza, são, todavia, algo de instável de onde podem sair desgostos. E estes serão tanto mais intensos quanto mais completa a realização do desejo, e mais impossíveis de suportar se, contra a lei da natureza a felicidade tiver sido prolongada por algum tempo, recebendo a consagração do hábito.

Também num outro sentido, as duas tendências - na espécie, a que meu empenho em que a carta seguisse; e aquela de, ao julgá-la remetida, arrependo-me - contém ambas a sua verdade. Quanto à primeira, é perfeitamente compreensível que corramos atrás da nossa felicidade ou da nossa desgraça - e que ao mesmo tempo, aspiremos a pôr diante de nós, através desse ato novo que começara a desenvolver suas conseqüências, uma espera que não nos deixa em desespero absoluto numa palavra: que procuremos fazer passar por outras mas, que imaginamos nos devem ser talvez menos cruéis, o mal de que sofremos. Mas a outra tendência não é menos importante, pois, nascida da crença no êxito nossa tentativa, é pura e simplesmente o começo; o começo antecipado da decisão que em breve sentiríamos em presença da satisfação do desejo; ou a pena de termos fixado para nós, em detrimento das outras que se acham excluídas, em forma de felicidade.

Eu dera a carta a Françoise dizendo-lhe que fosse pôr no correio. Logo que a carta partiu, concebi de novo o regresso de Albertine como coisa iminente. Tal regresso não deixava de pôr em meu pensamento graciosas imagens que neutralizavam bastante, um pouco por sua doçura, os perigos que eu via nesse retorno. A doçura, perdida há tanto tempo, de tê-la junto a mim abrigava-me.

Passa o tempo, e, aos poucos, tudo o que dizíamos mentirosamente transforma em verdade; já o experimentara bastante com Gilberte. A indiferença que eu fingira, quando não parava de soluçar, acabara por cumprir-se; pouco a pouco, como eu dizia a Gilberte numa fórmula mentirosa e que, retrospectivamente, tornara-se verdadeira, a vida nos havia separado. Lembrava-me disso e disse comigo: "Se Albertine deixa correr alguns meses, minhas mentiras se transformarão em verdade. E agora que o mais duro já passou, não seria o caso de desejar que ela deixasse correr este mês? Se ela voltar, renunciarei à vida verdadeira que realmente ainda não estou em condições de desfrutar, mas que progressivamente poderá começar a me apresentar encantos, ao passo que a lembrança de Albertine irá enfraquecendo." Não digo que o esquecimento não começasse a cumprir sua tarefa. Mas um dos efeitos do esquecimento-fazendo com que muitos dos aspectos desagradáveis de Albertine, das horas aborrecidas que eu passava com ela, já não se reproduzissem na minha memória, e

deixassem portanto de ser motivos para desejar que ela não estivesse ali, como era o meu desejo quando ela ainda estava aqui era precisamente o de me fornecer dela uma imagem sumária, embelezada de todo o amor que eu sentira por outras. Sob essa forma particular, o esquecimento, que no entanto trabalhava para me habituar à separação, fazia-me, ao mostrar-me Albertine mais doce, mais bonita, desejar ainda mais a sua volta. Desde que ela se fora, muitas vezes, quando me parecia que não podiam perceber que eu estivera chorando, tocava a campainha chamando Françoise, e lhe dizia:

- Precisa ver se a Srta. Albertine esqueceu alguma coisa. Cuide para fazer a sua cama, de modo que esteja pronta quando ela chegar. - Ou simplesmente: - Ainda outro dia, a Senhorita Albertine me dizia... Olhe, justamente na véspera de sua partida...- Com isso, queria diminuir em Françoise o detestável prazer que lhe causava a partida de Albertine, dando-lhe a entender que sua ausência seria curta; e também queria mostrar a Françoise que não temia falar dessa partida, mostrá-la como o fazem certos generais que chamam de recuos forçados a uma retirada estratégica e realizada segundo um plano preestabelecido - como sendo intencional, como constituindo um episódio cujo verdadeiro significado eu escondia momentaneamente, mas de modo algum como o fim da minha amizade com Albertine. Nomeando Albertine sem cessar, desejava por fim entrar de novo, como um pouco de ar, algo dela neste quarto onde a sua partida deixara o vazio e onde eu já não respirava mais. E buscamos diminuir as proporções de nossa dor, fazendo-a tomar parte da linguagem falada, entre a encomenda de um terno e as ordens para o jantar.

Ao arrumar o quarto de Albertine, Françoise, curiosa, abriu a gaveta de uma mesinha de madeira rosada, onde minha amiga punha os objetos íntimos que tirava ao deitar.

- Oh, Senhor, a Senhorita Albertine se esqueceu de pegar os anéis! Ficaram na gaveta. - Meu primeiro impulso foi dizer:

- É necessário enviá-los. - Mas isso daria a impressão de ser incerta a sua volta.

- Bem - respondi após um instante de silêncio -, quase não vale a pena mandá-los, pelo pouco tempo que ela deve ficar ausente. Dê-mos, vou cuidar disso. - Françoise os entregou com uma certa desconfiança. Detestava Albertine mas, julgando-me por si mesma, pensava que não me podiam confiar uma carta escrita por minha amiga sem receio de que eu a abrisse. Peguei os anéis.

- Tenha cuidado para não perdê-los, senhor - disse Françoise -, são verdadeiramente bonitos! Não sei quem os deu, se foi o senhor ou outra pessoa, mas sei perfeitamente que é alguém muito rico e de bom-gosto!

- Não fui eu - respondi a Françoise - e além disso não foram os dois presentes da mesma pessoa; um lhe foi dado pela sua tia e o outro ela comprou.

- Não foram da mesma pessoa! - exclamou Françoise -; o senhor está brincando; são iguaizinhos, menos o rubi, que foi acrescentado num deles. Em ambos existe a mesma figura de mesmas iniciais no lado de dentro. -

Não sei se Françoise percebia o mal que estava me fazendo, mas começou a esboçar um sorriso que não mais abandonou seus lábios.

- Como, a mesma águia? Você está louca. Neste que não tem rubi águia, mas no outro está cinzelada uma espécie de cabeça de homem.

- Homem? Onde o senhor viu isso? Com o meu *lorgnon* eu vi logo que se trata de uma das asas da águia; o senhor deve pegar sua lente; verá a outra asa do outro lado, a cabeça e o bico no meio. Vêem-se até as penas, uma a uma. Ah, é que trabalho. -

A necessidade ansiosa de saber se Albertine me havia mentido; esquecer que eu deveria manter alguma dignidade na presença de Françoise recusar-lhe o maldoso prazer que ela sentia, se não em me torturar, ao me difamar a minha amiga. Eu arquejava, enquanto Françoise ia buscar minha lente. Peguei-a, pedi a Françoise que me mostrasse a águia no anel com rubi, e teve dificuldade em me fazer reconhecer as asas, estilizadas do mesmo modo no outro anel, o relevo de cada pena, a cabeça. Assinalou-me também insígnias parecidas, às quais, é verdade, acrescentavam-se outras no anel com rubi. E de dentro o monograma de Albertine.

- Mas espanta-me que o senhor tenha necessidade de tudo isto para ver que se tratava do mesmo anel - disse Françoise - Mesmo sem os olharmos de perto, sente-se muito bem o mesmo jeito, a mesma forma de preguear o ouro, a mesma maneira. Só com uma olhadela eu seria de jurar que teriam vindo do mesmo local. Isto se reconhece como a cozinha de uma boa cozinheira. - E, de fato, à sua curiosidade de doméstica atiçada e habituada a reparar em detalhes com espantosa precisão, juntara-se, para ela nessa vistoria, o gosto que ela possuía, esse mesmo gosto, efetivamente mostrava na cozinha e que, talvez, fora aguçado, como eu percebera ao seguir à Balbec, em seu modo de vestir, sua faceirice de mulher que tinha sido bonita, havia reparado nas jóias e vestidos das outras mulheres. Se me enganasse com a caixinha de remédio e, em vez de tomar alguns comprimidos de veronal, ou em que reparasse ter bebido taças de chá em excesso, engolisse outros comprimidos de cafeína, meu coração não teria batido com mais violência.

Pedi a Françoise que saísse do quarto.

Gostaria de ver Albertine imediatamente. Ao notar sua mentira, ao ciúme pelo desconhecido, acrescentava-se a dor de que tivesse deixado se presentear daquela maneira. Mais presentes lhe dava eu; mas uma mulher a quem sustentamos não nos parece uma mulher sustentada enquanto não sabemos que o

é pelos outros. E, todavia, já que gastara continuamente tanto dinheiro com ela, eu a aceitara apesar dessa baixeza moral; baixeza eu mantivera nela, que aumentara talvez, ou talvez criara. Depois, como tem dom de inventar histórias para embalar a nossa dor, como chegamos, quase a morrer de fome, a nos convencer que um desconhecido vai nos deixar uma fortuna de cem milhões. Imaginei Albertine em meus braços, explicando-me uma palavra que era por causa da semelhança de fabricação que ela havia comprado o outro anel, e que fora ela mesma quem mandara gravar seu monograma nele. Mas tal explicação ainda era frágil, ainda não tivera tempo de penetrar profundamente em meu espírito suas raízes benfazejas; minha dor, assim, não podia ser acalmada tão depressa. E imaginava que tantos homens, que contam aos outros que sua amante é muito dedicada, sofrem de torturas semelhantes. É desse modo que mentem aos outros e a si mesmos. Não mentem de todo, aliás; desfrutam com essas mulheres de momentos verdadeiramente doces; mas pensemos em tudo o que essa gentileza que elas têm para com eles diante dos amigos, e que os leva a se vangloriarem, e em tudo o que essa gentileza que têm quando estão sozinhas com seus amantes desconhecidos, e que permite a estes abençoá-las, recobre de horas ignoradas em que o amante sofreu, duvidou, fez em toda parte buscas inúteis para conhecer a verdade! É a tais sofrimentos que se liga a doçura de amar, de se encantar com as frases mais insignificantes de uma mulher, frases que sabemos ser insignificantes, mas que perfumamos com o seu cheiro. Naquele momento, eu já não podia deleitar-me em respirar, pela recordação, o de Albertine. Aterrado, com os dois anéis na mão, olhava aquela águia impiedosa, cujo bico me atormentava o coração, cujas asas de plumas em relevo tinham arrebatado a confiança que eu conservava em minha amiga, e sob cujas garras o meu espírito dilacerado não podia escapar um só instante às perguntas feitas sem cessar em relação àquele desconhecido, de quem a águia sem dúvida simbolizava o nome, sem todavia torná-lo legível, desconhecido que ela certamente amara outrora e que sem dúvida havia reencontrado há pouco tempo; pois fora no dia tão suave, tão familiar, do passeio que fizemos juntos no Bois, que eu tinha visto pela primeira vez o segundo anel, aquele em que a águia parecia mergulhar o bico na toalha de sangue claro do rubi.

De resto se, da manhã à noite, eu não cessava de sofrer pela partida de Albertine, isto não significava que só pensasse nela. Por um lado, como o seu encanto, tendo desde muito tempo atingido aos poucos até os objetos mais afastados dela, e que não eram menos eletrizados pela mesma emoção que ela me causava, se algo me fazia pensar em Incarville, ou nos Verdurin, ou em um novo papel de Léa, um fluxo de sofrimento vinha me ferir. Por outro lado, o que eu mesmo chamava pensar em Albertine era pensar nos meios de fazê-la voltar, de juntar-me a ela, de saber o que andava fazendo. De modo que, se, durante essas horas de martírio incessante, um gráfico pudesse representar as imagens que acompanhavam o

meu sofrimento, nele se veriam a estação de Orsay, as cédulas oferecidas à Sra. Bontemps, Saint-Loup debruçado à escrivaninha inclinada de uma agência de telégrafo, onde preenchia um formulário de telegrama para mim, e nunca a imagem de Albertine. Da mesma forma que, no decurso de toda a nossa vida, o nosso egoísmo vê o tempo inteiro à sua frente os objetivos preciosos para o nosso eu; mas, jamais encara esse mesmo eu que não deixa de considerá-los, assim também o desejo, que dirige nossos atos, desce até eles; mas não remonta a si ou porque, excessivamente utilitário, se precipita na ação e desdenha o momento, ou porque procuramos o futuro para corrigir as decepções do presente; finalmente porque a preguiça do espírito o impele a deslizar pela vertente imaginação em vez de fazê-lo subir a rampa abrupta da introspecção. Nessas horas de crise em que jogaríamos toda a nossa vida, à medida que a de quem ela depende revela melhora imensidade do lugar que ocupa para deixando nada no mundo que não seja transtornado por ela, proporcional imagem dessa criatura diminui a ponto de se tornar imperceptível. Em todas as coisas encontramos o efeito de sua presença devido à emoção que senti; a própria causa, não a encontramos em parte alguma. Durante aqueles dias incapaz de imaginar Albertine que quase poderia crer que a não amasse, e como minha mãe, nos momentos de desespero em que nunca lhe foi imaginar minha avó (salvo uma vez, no encontro fortuito de um sonho, cuja visão desprezou de tal modo, mesmo dormindo, que se esforçou, com o que lhe desse ânimo no sono, para prolongá-lo), teria podido acusar-se, e de fato se acusa de não sentir a perda de sua mãe, cuja morte no entanto a matava, mas cujas imagens lhe fugiam da lembrança.

Por que teria eu de acreditar que Albertine não gostava das mulheres? Porque dissera não gostar delas, principalmente nos últimos tempos; mas repousava a nossa vida numa perpétua mentira? Ela nunca me indagara sequer: "Por que não posso sair livremente? Por que pergunta aos outros o que ando fazendo?" Mas era de fato uma vida bastante singular para que ela me perguntasse essas coisas, caso não lhes tivesse compreendido o motivo. Meu silêncio acerca dos motivos de sua clausura, não era compreensível que correspondesse de sua parte um mesmo e constante silêncio acerca de seus perpétuos desejos, suas numerosas recordações, seus inumeráveis anseios e esperanças? Françoise dava a impressão de saber que eu mentia quando me referi próximo o regresso de Albertine. E sua crença parecia basear-se sobre um mais do que aquela verdade que de costume guiava a nossa criada: que os Patrões não gostam de ser humilhados em face dos serviçais e só lhes dão a conhecer a realidade apenas o que não se afaste muito de uma ficção lisonjeira, própria de manter o respeito. Desta vez, a crença de Françoise se baseara em outra como se ela própria já houvesse despertado e mantido a desconfiança no espírito de Albertine, sobreexcitado a sua cólera, em suma, a tivesse levado ao ponto que poderia prever como inevitável a sua partida. Se isso fosse verdade, a minha versão de uma partida temporária, conhecida e

aprovada por mim, só poderia contrariar a incredulidade por parte de Françoise. Mas a idéia que ela fazia do interesse de Albertine, o exagero com que, no seu ódio, aumentava o "lucro"; Albertine presumivelmente tirava de mim, podiam em certa medida falsear a certeza. Assim, quando diante dela eu aludia ao próximo regresso de Albertine como sendo uma coisa muito natural; Françoise me encarava, para ver se não estava inventando, do mesmo modo que, quando o mordomo, para aborrecê-la, trocando as palavras, lia a respeito de uma nova política em que ela custava a acreditar, como, por exemplo, o fechamento das igrejas e a deportação dos padres, lá do fundo da cozinha e sem poder ler, Françoise fixava instintiva e avidamente o jornal, como se pudesse ver se aquilo estava escrito de verdade.

Mas, quando ela viu que, após ter escrito uma longa carta, eu punha no envelope o endereço da Sra. Bontemps, esse terror, até então bem vago, de que Albertine regressasse, aumentou em Françoise. Expandiu-se em verdadeira consternação quando, certa manhã, teve de me entregar, no meio da correspondência, uma carta em cujo envelope havia reconhecido a caligrafia de Albertine. Indagava a si mesma se a partida de Albertine não fora uma simples comédia, suposição que duplamente a consternava, por assegurar definitivamente para o futuro a vida de Albertine em nossa casa, e por constituir para mim, isto é, para ela mesma, na medida em que eu era o patrão de Françoise, a humilhação de ter sido enganado por Albertine. Apesar da impaciência que eu tinha em ler a carta, não pude evitar contemplar por um instante o olhar de Françoise, de onde todas as esperanças haviam fugido, deduzindo desse presságio a iminência do retorno de Albertine, como um amador de esportes de inverno conclui alegremente que o tempo frio está próximo ao observar a partida das andorinhas. Por fim Françoise saiu, e, quando me assegurei de que ela havia fechado a porta, abri sem rumor, para não mostrar que estava ansioso, a carta seguinte:

Meu amigo, obrigada por todas as boas coisas que me diz, estou às suas ordens para cancelar a encomenda do Rolls-Royce, se acha que poderei lhe ser útil nisso, como creio. Basta que você me escreva o nome de seu intermediário. Você se deixaria lograr por essa gente que só procura uma coisa: vender, e que faria você com um carro, você que nunca sai? Estou muito comovida pelo fato de você haver conservado uma boa recordação do nosso último passeio. Creia que, de minha parte, não esquecerei esse passeio duas vezes crepuscular (pois a noite caía e nós temos de nos abandonar) e que ele só se apagará do meu espírito com a noite fechada.

Senti perfeitamente que a última frase não passava de uma frase e que Albertine não poderia conservar até a morte uma lembrança tão doce desse passeio em que certamente não sentira nenhum prazer, visto que estava impaciente por me deixar. Mas admirei também como era bem dotada a ciclista, a golfista de

Balbec. Que antes de me conhecer só havia lido Esther, e como tivera eu razão em achar que ela, na minha casa, enriquecera-se de qualidades novas que a tornavam diferente e mais completa. E assim, a frase que lhe tinha dito em Balbec: "Creio que a minha amizade lhe será preciosa, que sou justamente a pessoa que poderia dar aquilo que lhe falta" – escrevera-a como dedicatória numa fotografia: Como a de ser providencial -, essa frase que dizia sem nela acreditar e unicamente por fazer achar benéfico o estar comigo e reprimir o tédio que pudesse achar em sua companhia, essa frase também poderia ser verdadeira; da mesma forma, quando eu lhe dissera que não queria vê-la, de medo de amá-la. Havia dito porque, ao contrário, sabia que no convívio constante o meu amor até a separação só faria exaltá-lo; mas, na realidade, o convívio constante nascera de uma necessidade dela, infinitamente mais forte que o amor dos primeiros tempos em Balbec.

Mas, afinal, a carta de Albertine não adiantava em nada as coisas, me falava para escrever ao intermediário. Era preciso sair dessa situação. Tive a seguinte idéia: mandei levar imediatamente uma carta na qual lhe dizia que Albertine estava na casa da tia, que me sentia muito só; que ela me daria prazer imenso se viesse instalar-se em minha casa por algum tempo e que, como eu não queria fazer segredinhos, pedia-lhe que desse conta de Albertine. E, ao mesmo tempo, escrevi a Albertine como se ainda não tivesse recebido a sua carta:

Minha amiga, perdoe-me o que você compreende muito bem, de tanto os segredinhos que desejei que você fosse avisada por ela e por mim. Por ter tido você tão docemente em minha casa, adquiri o mau hábito de não ficar sozinho. Já que decidimos que você não voltaria, pensei que a pessoa que melhor poderia substituir, por ser a que me mudaria menos, a que mais me lembraria você, é Andrée, e lhe pedi que viesse. Para que tudo isto não pareça muito brusco, só falei em alguns dias; mas, aqui entre nós, penso que desta vez será para sempre. Não acha que tenho razão? Você sabe que o seu pequeno grupo de moças em Balbec sempre foi a célula social que teve para mim o maior prestígio, e ao qual senti extremamente feliz de ser agregado um dia. Sem dúvida, esse prestígio ainda hoje se faz sentir. Já que a fatalidade de nossos temperamentos e a má vida não quiseram que a minha pequena Albertine fosse minha mulher, importa que ainda assim terei uma mulher menos encantadora que ela, mas a quem maiores afinidades de temperamento permitirão talvez ser mais feliz comigo - Andrée.

Mas, depois de ter mandado essa carta, veio-me de súbito a suspeita: que, quando Albertine me escrevera: Eu teria ficado muito feliz por voltar se me tivesse escrito diretamente, só o fizera porque eu não lhe escrevera diretamente e, mesmo que eu o tivesse feito, ainda assim ela não teria voltado; que ficasse contente por saber que Andrée estava em minha casa, e depois seria minha mulher.

Contanto que ela, Albertine, ficasse livre, pois agora podia, há oito dias já, eliminando as precauções de cada dia que eu havia tomado durante mais de seis meses em Paris, entregar-se a seus vícios e fazer aquilo que, minuto após minuto, eu tinha impedido. Eu dizia comigo que provavelmente, lá longe, ela empregava mal sua liberdade, e é claro que essa idéia que eu formava me parecia triste, mas continuava geral, nada me mostrando de particular e, pelo número indefinido das amantes possíveis que ela me fazia supor, sem me deixar fixar-me em nenhuma, arrastava o meu espírito numa espécie de movimento perpétuo não isento de dor, porém de uma dor que, pela ausência da imagem concreta, tornava-se suportável. Mas deixou de sê-lo e se tornou atroz à chegada de Saint-Loup. Antes de contar por que as suas palavras me fizeram tão infeliz, devo narrar um incidente que se coloca imediatamente antes de sua visita e cuja recordação a seguir me perturbou de tal modo que enfraqueceu, se não a impressão penosa que me causou a conversa com Saint-Loup, ao menos o alcance prático dessa conversa. Tal incidente consistiu no que se segue.

Ardendo de impaciência por ver Saint-Loup, eu o esperava na escada (o que não teria podido fazer se minha mãe estivesse presente, pois isso era o que ela mais detestava no mundo depois de "falar da janela"), quando ouvi as seguintes palavras:

- Como, não sabe despedir alguém que lhe desagrada? Não é difícil. Por exemplo, não tem mais que esconder os objetos que ele deve levar; então, no momento em que seus patrões o chamam, e estão com pressa, ele não acha nada e perde a cabeça; minha tia dirá a você, furiosa: "Mas o que é que ele está fazendo?" Quando ele chegar atrasado, todos estarão enfurecidos, e ele não trará o que é preciso. Depois de quatro ou cinco vezes, pode ficar certo de que ele será despedido, principalmente se você tiver o cuidado de sujar às escondidas o que ele deve manter limpo; e mil outros ardis desse tipo... - Eu permanecia mudo de espanto, pois essas palavras maquiavélicas e cruéis eram pronunciadas pela voz de Saint-Loup. Ora, eu sempre o considerara como um sujeito tão bom, tão piedoso para com os desgraçados, que aquilo me causava o efeito de que ele estivesse representando o papel de Satanás; mas não podia estar falando no seu próprio nome.

- Mas sempre é necessário que todos ganhem a sua vida - disse o seu interlocutor, que então avistei e que era um dos lacaios da duquesa de Guermantes.

- Que lhe importa, desde que você se saia bem? - respondeu maldosamente Saint-Loup. - Você, além disso, terá o prazer de arranjar um bode expiatório. Poderá muito bem derramar-lhe o tinteiro na libré, quando ele estiver servindo um jantar de gala, enfim, não lhe dar um minuto de trégua, de tal modo que ele acabará preferindo ir embora. De resto, vou lhe dar uma mãozinha: direi a minha tia que admiro a paciência de você em servir com um moleirão daqueles

e tão mal vestido. -

Apresentei-me, Saint-Loup veio ao meu encontro, porém minha confiança nele estava abalada do que acabara de ouvir, tão diferente daquele que eu conhecia. E me perguntei se alguém é capaz de agir tão cruelmente com um infeliz não havia representado o papel de traidor a meu respeito, em sua missão junto à Sra. Bontemps. A reflexão serviu, sobretudo, para não me fazer considerar o seu fracasso como o de que eu não podia ter êxito, se ele me deixasse. Mas, enquanto ele estava a meu lado, era todavia no Saint-Loup de outrora e principalmente ao amigo que de deixar a Sra. Bontemps, que eu pensava. Primeiro, ele me disse:

- Acho que deveria ter te telefonado mais vezes, mas diziam sempre que não estavas.

Mas onde meu sofrimento se tornou insuportável, foi quando ele me disse:

- Vou começar por onde o meu último despacho te deixou, depois de ter passado uma espécie de galpão, entrei na casa e, no fim de um longo corredor, fizera entrar numa sala. -

A essas palavras de galpão, corredor e sala, e antes mesmo que acabassem de ser pronunciadas, meu coração foi atravessado com mais rápido do que se estivesse em contato com uma corrente elétrica, pois a força que às vezes dá volta à Terra em um segundo não é a eletricidade, mas a dor. Repeti, renovando com prazer o choque, essas palavras de galpão, corredor depois que Saint-Loup foi embora! Num galpão a gente pode se esconder. E, naquela sala, quem sabe o que Albertine fazia quando a tia se ausentava. Mas como? Eu então me havia representado a casa em que morava Albertine não podendo ter galpão nem sala? Não, eu absolutamente não a representara a mim, a não ser como um lugar vago. Tinha sofrido uma primeira vez quando individualizara geograficamente o lugar em que ela estava, quando soubera em vez de estar em dois ou três locais possíveis, ela se achava na Touraine; palavras da porteira de seu apartamento haviam marcado em meu coração, num mapa, o lugar onde enfim era preciso sofrer. Mas uma vez habituado à idéia que ela se encontrava numa casa da Touraine, eu não tinha visto essa casa; nunca me viera à imaginação esta horrível idéia de sala, de galpão e de corredor; agora pareciam estar à minha frente, na retina de Saint-Loup que os vira; os cômodos em que Albertine passava, andava, vivia, esses cômodos em particular não tinham uma infinidade de cômodos possíveis que se haviam destruído uns aos outros. À essas palavras de galpão, corredor e sala, pareceu-me loucura ter deixado Albertine, oito dias nesse lugar maldito cuja existência (e não a simples possibilidade)estava prestes de me ser revelada. Ai de mim! Quando Saint-Loup me disse, igualmente naquela sala, ouvira cantarem a meia voz num aposento ao lado, e que era Albertine quem cantava, compreendi desesperado que, livre de mim, afinal, ela era livre. Havia

reconquistado a sua liberdade. E eu, que pensava que ela viria tomar o lugar de Andrée! Minha dor se transformou em cólera contra Saint-Loup.

- Foi tudo o que pedi que evitasses, que ela soubesse que ias!

- Se achas que era fácil! Tinha assegurado que ela não se achava lá. Oh, sei muito bem que não estás contrariado comigo, senti-o perfeitamente nos teus telegramas. Porém és injusto; fiz o que pude. -

Solta de novo, tendo deixado a jaula de onde, em minha casa, eu ficava dias inteiros sem chamá-la ao meu quarto, ela retomara para mim todo o seu brio; tornara-se outra vez aquela que todos seguiam, o pássaro maravilhoso dos primeiros dias.

- Enfim, resumamos. Quanto ao dinheiro, não sei o que te dizer. Falei a uma senhora que me pareceu tão delicada que receei ofendê-la. Ora, ela não exclamou "Oh!" quando falei em dinheiro. E até, um pouco depois, disse-me que estava comovida por ver que nos compreendíamos tão bem. No entanto, tudo o que ela disse a seguir era tão delicado, tão sublime, que me parecia impossível que ela tivesse dito, quanto ao dinheiro que lhe oferecia: "Nós nos compreendemos tão bem", pois no fundo eu agia como um patife.

- Mas talvez ela não tenha te compreendido, talvez não haja escutado, deverias ter repetido, pois certamente isto é que daria certo.

- Mas como queres que ela não tenha escutado? Falei-lhe como te falo agora, ela não era surda nem louca.

- E ela não fez nenhuma observação?

- Nenhuma.

- Deverias ter-lhe dito mais uma vez.

- Como querias que eu lhe dissesse mais uma vez? Logo ao entrar, vendo a fisionomia dela, disse comigo que te havias enganado, que me mandavas fazer uma tremenda gafe, e era extremamente difícil oferecer-lhe dinheiro assim. Fi-lo todavia para te obedecer, convencido de que me poria porta a fora.

- Mas ela não o fez. Portanto, ou não tinha ouvido e seria necessário recomeçar, ou poderias continuar a esse respeito.

- Dizes: "Ela não tinha ouvido" porque estás aqui, mas, repito, se tivesses assistido à nossa conversa... Não havia nenhum rumor. E eu falei brutalmente. Não é possível que ela não tenha compreendido.

- Mas afinal, ela está bem persuadida de que sempre quis desposar a sua sobrinha?

- Não; quanto a isso, se queres a minha opinião, ela não acreditava que tivesses

em absoluto a intenção de casar. Disse-me que tu mesmo havias confessado à sobrinha que desejavas abandoná-la. Não sei nem mesmo se agora ela esteja bem convencida de que desejas casar.

Isto me tranqüilizava um pouco, mostrando que eu estava menos humilhado, logo, capaz de ser amado ainda, mais livre para tentar um passo decisivo. Contudo, sentia-me atormentado.

- Estou aborrecido, pois vejo que não estás satisfeito.

- Sim, estou comovido, reconhecido pela tua gentileza, mas me parece que terias podido... - Fiz o melhor que pude. Outro qualquer não poderia ter feito mais, nem mesmo o que fiz. Experimenta outra pessoa.

- Não, de jeito nenhum. Mas, se soubesse, não teria te enviado, mas o fracasso de tua providência não me impede de tentar outra.-

Fazia-lhe censuras: ele tentara prestar-me um serviço e não lograra êxito. Ao sair, Saint-Loup tinha cruzado com algumas moças que entravam. Eu já havia suposto muitas vezes que Albertine conhecia moças naquele lugar, mas era a primeira vez que isso me torturava. É preciso crer de fato que a Natureza concede ao nosso espírito a secreção de um contra-veneno natural que aniquila as suposições que fazemos a um tempo sem trégua e sem perigo; porém coisa alguma me imunizava contra aquelas moças que Saint-Loup tinha encontrado.

Mas todos esses detalhes, não era justamente isso o que eu procurara obter de cada pessoa a respeito de Albertine? Não fora eu quem, mesmo sem conhecê-los mais precisamente, pedira a Saint-Loup, chamando-o de volta pelo seu coronel, que passasse de qualquer jeito em minha casa? Então não fora o que desejara, eu, ou melhor, a minha dor ansiosa, ávida por aumentar e alimentar deles? Por fim Saint-Loup me dissera ter tido a boa surpresa de encontrar perto dali, uma única pessoa conhecida e que lhe recordara o passado, uma amiga de Rachel, uma bela atriz que passava as férias nas redondezas. E dessa atriz bastou para que eu dissesse para mim mesmo: "Talvez seja como se aquilo bastava para que eu visse, nos próprios braços de uma mulher a que conhecia, Albertine risonha e rubra de prazer. E, no fundo, por que não assim? Teria eu deixado de pensar em mulheres desde que conhecia Albertine. Na noite em que estivera pela primeira vez na casa da princesa de Guermantes antes de regressar, não pensava eu muito menos nesta última que na moça de quem Saint-Loup gostava e que freqüentava os bordéis, e na camareira da Sra. Putbus? Por causa desta última é que eu tinha voltado à Balbec? Mais recentemente, tive vontade de ir à Veneza; por que não poderia Albertine ter vontade de ir à Touraine. Apenas, no fundo - percebia agora-, eu não a teria deixado, não iria à Veneza. No fundo de mim mesmo, dizendo sempre: "Em breve a deixarei", sabia que; a deixaria mais, tão bem quanto sabia que não principiaria mais a trabalhar viver uma vida higiênica,

enfim, tudo aquilo que diariamente me prometia para o dia seguinte. Apenas, no fundo, fosse o que fosse aquilo em que eu acreditava, julgado mais hábil deixá-la viver sob a ameaça de uma perpétua separação.

E dúvida, graças à minha detestável habilidade, eu a convencera demais. Em todo caso, aquilo agora não podia continuar desse jeito, eu não podia deixá-la na Touraine, com essas moças, com semelhante atriz; não podia suportar a idéia de que a vida me fugia. Esperaria a sua resposta à minha carta; se ela praticava o mal, de mim, um dia a mais ou a menos não fazia diferença (e talvez eu me dissesse porque, não mais tendo o hábito de tomar conta de cada um de seus minutos; quais um só que ela tivesse passado em liberdade me transtornava, meu ciúme não tinha a mesma divisão do tempo). Mas, logo que chegasse a sua resposta se ela não voltasse eu iria buscá-la; por bem ou por mal, iria arrancá-la de suas amigas. Além disso, não era preferível que eu mesmo fosse, agora que havia descoberto a maldade de Saint-Loup, até então insuspeitada de mim? Quem sabe se ele havia organizado todo um complô para me separar de Albertine? Seria porque tinha mudado, seria porque não pudera supor então que causas naturais me ligaram um dia a esta situação excepcional; mas como teria mentido agora se escrevesse, como lhe dizia em Paris que não desejava lhe acontecesse algum acidente! Ah, se acontecesse algum, minha vida, em vez de ser envenenada para sempre por este ciúme incessante, teria logo recuperado, se não a felicidade, menos a calma, pela supressão do sofrimento. A supressão do sofrimento? Não pude jamais acreditar nisso, acreditar que a morte não faz mais que riscar o que existe e deixar o resto intacto, que ela arrebata a dor ao coração daquele para quem a existência do outro não é mais que fonte de mágoas; que ela arrebata a dor e não põe nada em seu lugar? A supressão da dor! Percorrendo o noticiário dos jornais, eu lamentava não ter a coragem de enunciar o mesmo desejo de Swann. Se Albertine pudesse ser vítima de um acidente; viva, eu teria tido um pretexto para correr junto à ela; morta, teria recuperado, como dizia Swann, a liberdade de viver. Acreditava eu nisso? Ele o acreditara, aquele homem tão fino e que julgava conhecer-se bem. Como sabemos pouco do que nos vai pelo coração! Como, um pouco mais tarde, se ele ainda fosse vivo, eu teria podido lhe dizer que seu desejo, além de criminoso, era absurdo, que a morte daquela a quem amava não o teria livrado de coisa alguma!

Deixei de lado todo o orgulho diante de Albertine, e mandei-lhe um telegrama desesperado, pedindo-lhe que voltasse sob quaisquer condições, que ela faria tudo o que quisesse; pedia-lhe somente que me deixasse beijá-la por um minuto, três vezes por semana, antes que se deitasse. E, mesmo que ela dissesse: "Uma vez apenas", eu teria aceitado. Ela não voltou nunca mais. Meu telegrama acabava de ser expedido quando recebi outro. Era da Sra. Bontemps. O mundo não é criado de uma vez por todas para cada um de nós. Ele vai se acrescentando, no

decurso da vida, de coisas de que nem suspeitávamos. Ah! Não foi a supressão do sofrimento o que produziram em mim as duas primeiras linhas do telegrama:

> *MEU POBRE AMIGO, NOSSA PEQUENA ALBERTINE JÁ NÃO EXISTE, PERDOE-ME POR DIZER ESTA COISA HORRÍVEL AO SENHOR QUE A AMAVA TANTO. ELA FOI LANÇADA PELO SEU CAVALO CONTRA UMA ÁRVORE DURANTE UM PASSEIO. TODOS OS NOSSOS ESFORÇOS NÃO PUDERAM REANIMÁ-LA. ANTES TIVESSE EU MORRIDO EM SEU LUGAR!*

Não, não a supressão do sofrimento, mas um sofrimento desconhecido, o de saber que ela não voltaria mais. Mas não me dissera eu diversas vezes que ela talvez não voltasse mais? Dissera-o de fato a mim mesmo, mas agora percebia que não o acreditara por um instante sequer. Visto necessitar de sua presença, de seus beijos, para suportar o mal que me causavam as minhas suspeitas, adquirira, desde Balbec, o hábito de estar sempre com ela. Mesmo quando ela havia saído, quando me encontrava sozinho, eu ainda a beijava. E continuara assim desde que ela fora para a Touraine. Precisava menos da sua fidelidade que do seu regresso. E, se a minha razão podia impunemente duvidar disso, a imaginação não cessava por um instante de figurá-lo. Instintivamente, passei a mão pelo pescoço e pelos lábios, que se sentiam beijados por ela desde que partira, e que nunca mais o seriam; passei a mão por eles, como mamãe me havia acariciado quando da morte de minha avó dizendo-me:

- Meu pobre pequeno, tua avó que te amava tanto não vai te beijar mais. - a esperança na vida vindoura se acabava, arrancada de meu coração. Minha vida vindoura? Então não pensara eu por vezes em acabar sem viver com Albertine? Não! Desde muito tempo então eu não lhe havia dedicado todos os minutos de minha vida até a morte? Mas é claro! Esse futuro inseparável dela, eu não soubera percebê-lo, mas agora que acabava de descerrar-se, bem sentia que ele ocupava em meu coração aberto. Françoise, que ainda não sabia entrou em meu quarto; furiosamente, gritei-lhe:

- O que é que há? -

Então às vezes palavras que põem uma realidade diferente no mesmo lugar da qual junto a nós, e nos aturdem tanto quanto uma vertigem; ela me disse:

- O não precisa ficar zangado. Pelo contrário, vai ficar bem contente. São duas amigas da senhorita Albertine. -

Percebi depois que deveria ter o olhar de alguém cujo ser perde o equilíbrio. Não fiquei feliz nem incrédulo. Sentia-me como alguém que enxerga o mesmo lugar

de seu quarto ocupado por um canapé. Nada mais lhe parecendo real, ele cai por terra. As duas cartas de Albertine teriam sido escritas pouco tempo antes do passeio em que ela morrera. A primeira:

Meu amigo, agradeço-lhe a prova de confiança que me dá ao me dizer sua intenção de trazer Andrée para sua casa. Estou certa de que ela aceita com alegria e creio que isto será muito feliz para ela. Bem dotada como é, saberá aproveitar a companhia de um homem como você e a admirável influência que você exercer sobre uma pessoa. Acho que teve uma idéia da qual pode nascer benefício tanto para você como para ela. Assim, se ela opuser alguma dificuldade (o que não creio), passe-me um telegrama que me encarregarei de convencê-la.

A segunda estava datada de um dia depois. Na verdade, Albertine as havia escrito com poucos instantes de intervalo, talvez ao mesmo tempo, e depois pré-datado a primeira. Pois o tempo todo eu imaginara absurdamente as intenções, que só consistiam em voltar para junto de mim e que alguém desavisado no assunto, um homem sem imaginação; o negociador de um tratado; de um comerciante que examina uma transação, teria julgado melhor do que eu. Havia apenas estas palavras:

Será tarde demais para que eu volte para sua casa? Se ainda não escolheu à Andrée, consentiria em me aceitar de volta? Eu me inclinarei diante de sua decisão; peço-lhe que não tarde a me comunicá-la; imagina com que impaciência espero. Se for para que eu volte, tomarei o trem imediatamente. De todo o coração sua Albertine.

Para que a morte de Albertine pudesse suprimir meus sofrimentos, era necessário que o choque a tivesse matado não apenas na Touraine mas dentro de mim. Ela nunca aí estivera mais viva. Para entrar em nós, uma criatura foi obrigada a assumir a forma, a submeter-se ao quadro do tempo; só nos aparecendo minutos sucessivos, ela nunca pôde nos entregar, de sua pessoa, senão um aspecto de cada vez, fornecer de si mesma apenas uma única fotografia. Grande fraqueza, sem dúvida, para uma criatura, o consistir numa simples coleção de momentos; grande força também; depende da memória, e a memória de um momento não é informada acerca de tudo o que se passou desde então. Esse momento que ela registrou dura ainda, vive ainda, e com ele a criatura que aí se perfilava. E, além disso, esse esmigalhamento não faz apenas viver a pessoa morta, multiplica a dor. Para me consolar, não era uma, eram inumeráveis Albertines que eu deveria esquecer. Quando chegasse a suportar o desgosto de ter perdido esta, era o caso de ter de recomeçar com uma outra, com cem outras.

Então a minha vida mudou completamente. Aquilo que, e não por causa de

Albertine, mas paralelamente a ela, quando eu estava sozinho, formara-lhe a doçura, era justamente, ao apelo de momentos idênticos, o perpétuo renascer de momentos antigos. Pelo ruído da chuva era-me restituído o cheiro dos lilases de Combray; pela passagem do sol sobre o balcão, os pombos dos Champs-Élysées; pelo amortecimento dos ruídos no calor da manhã, a frescura das cerejas; o desejo da Bretanha ou de Veneza pelo rumor do vento e pela volta da Páscoa. Aproximava-se o verão, os dias se encompridavam, fazia calor. Era o tempo em que, de manhã bem cedo, alunos e professores vão para os jardins públicos preparar os últimos concursos debaixo das árvores, a fim de recolher a única gota de frescura deixada cair por um céu menos flamejante que no ardor do dia, porém já também puramente estéril. Do meu quarto ensombrado, com um poder de evocação igual ao de outrora, mas que só me dava sofrimento, eu sentia que lá fora, na lentidão do ar, o sol poente punha na verticalidade das casas e das igrejas um fulvo tom de ocre. E se Françoise, ao voltar, desarrumava sem querer as pregas das grandes cortinas, eu sufocava um grito diante do rasgão que acabava de fazer dentro de mim esse raio de sol antigo que me fizera parecer bela a fachada nova de Bricqueville l'Orgueilleuse, quando Albertine me dissera:

- Ela está restaurada. -

Não sabendo como explicar o meu suspiro a Françoise, dizia-lhe:

-Ah, tenho sede. -

Ela saía, voltava, mas eu me desviava com violência, sob o influxo doloroso de uma das mil recordações invisíveis que a todo instante estalavam a meu redor na sombra: acabava de ver que ela trouxera a cidra e as cerejas, as mesmas que um empregado da granja nos levara ao carro, em Balbec, espécies sob as quais eu mais perfeitamente teria comungado, outrora, com o arco-íris das salas de jantar escuras, nos dias escaldantes. Então pensei pela primeira vez na granja dos Ecorres, e disse comigo que, em certos dias, quando Albertine me dizia, em Balbec, não estar livre, ser obrigada a sair com a tia, talvez estivesse na companhia de uma de suas amigas numa granja aonde ela sabia que eu não costumava ir e, enquanto eu casualmente me demorava em Marie Antoinette, onde me haviam dito:

- Não a vimos hoje -, ela empregava com a amiga as mesmas palavras que usava para comigo quando saíamos juntos:

- Ele não terá idéia de nos procurar aqui e assim não seremos incomodadas.

Eu dizia a Françoise que cerrasse as cortinas para não ver mais aquele raio de sol. Mas ele continuava a filtrar-se igualmente corrosivo, na minha memória.

- Não gosto, foi restaurada, amanhã iremos a Saint-Martin-le-Vêtu, depois de amanhã a... Amanhã, depois de amanhã, era um futuro de vida em comum,

talvez para sempre, pedia que meu coração se arremessava para ele, mas ele já não estava ali, Albertine havia morrido.

Perguntei as horas a Françoise: seis horas. Enfim, graças a Deus: parecer aquele calor pesado de que antes eu me queixava à Albertine e que apreciávamos. O dia chegava ao fim. Mas o que ganhava eu com isso? Era o frescor da noite, era o pôr-do-sol; em minha memória, ao fim de uma caminhada tomávamos juntos para regressar, o trem; eu percebia, mais além da última aldeia uma espécie de estação distante, inacessível àquela noite em que nos deteria em Balbec, sempre juntos. Juntos então, era preciso agora parar de repetir desse mesmo abismo, ela havia morrido.

Já não era bastante cerrar as cortinas; procurava tapar os olhos e os ouvidos de minha memória, para não rever a faixa alaranjada do poente, para não ouvir aqueles pássaros invisíveis que respondiam de uma árvore à outra, a cada lado de mim, enquanto eu beijava ternamente aquela que agora estava morta. Tentava evitar as sensações davam a umidade das folhas à tardinha, a subida e a descida das estradas no lombo de burro. Mas essas sensações já tinham se apoderado outra vez; levando-me para bem longe do momento presente, para que a idéia de que havia morrido adquirisse todo o recuo, todo o impulso necessário para me fazer novo. Ah, eu nunca mais entraria numa floresta, não passearia mais. Mas seriam as grandes planícies menos cruéis para mim? Quantas vezes ao ir buscar Albertine, havia eu atravessado a grande planície de Cricqueville; quantas vezes a recruzara de volta com ela, ora nos tempos brumosos, em que a inundação do nevoeiro nos dava a ilusão de estarmos rodeados por um lago imenso; noites límpidas em que o luar, desmaterializando a terra, fazendo-a parecer a dois passos de nós, como só o é, durante o dia, nas lonjuras, encerrava os bosques, com o firmamento a que os assimilara, na ágata arborizada único azul!

Françoise devia estar feliz com a morte de Albertine, e é preciso fazer justiça: por uma espécie de decência e de tato, ela não simulava tristeza. Mas as palavras não escritas de seu código antigo, e sua tradição de camponesa medieval que como nas canções de gesta, eram mais velhas que seu ódio por Albertine e à Eulalie. Assim, num daqueles fins de tarde, como eu não escondesse bem o sofrimento, ela percebeu minhas lágrimas, ajudada pelo instinto de antiga camponesa, que naquela época a levava a capturar e fazer sofrer os animais, apenas alegria em torcer o pescoço dos frangos e a cozinhar vivos com aspargos quando eu estava doente, a observar o meu aspecto como se fossem feridas ela houvesse causado a uma coruja e, a seguir, anunciá-lo em tom fúnebre um presságio de infelicidade. Mas o seu "costumário" de Combray não lhe permitia tomar de modo leviano as lágrimas, o desgosto, coisas que ela julgava tão forte como tirar a roupa de flanela ou comer contra a vontade.

- Oh, não! O senhor não deve chorar dessa maneira, isto vai lhe fazer mal! -

E, querendo estancar minhas lágrimas, mostrava-se tão inquieta como se se tratasse de ondas de sangue. Infelizmente assumi um ar frio, que cortou de imediato as efusões que ela esperava e que, de resto, talvez teriam sido sinceras. Talvez Albertine lhe importasse tão pouco quanto Eulalie e, agora que minha amiga não podia tirar mais nenhum proveito de mim, Françoise deixara de odiá-la. Entretanto, fez questão de me mostrar que percebia perfeitamente que eu estava chorando e que, seguindo apenas o funesto exemplo dos meus parentes, não queria "mostrar".

- Não é preciso chorar, senhor - disse-me ela num tom desta vez calmo, e antes para me mostrar a sua clarividência do que para testemunhar piedade. E acrescentou: - Isso deveria acontecer; ela era feliz demais, a pobrezinha, e não soube reconhecer sua felicidade.

Como o dia custa a morrer nessas tardes desmesuradas de verão! Um pálido fantasma da casa fronteira continuava indefinidamente a aquarelar sua brancura persistente no céu. Por fim se fazia noite no apartamento, eu esbarrava nos móveis do vestíbulo, mas na porta da escada, em meio ao negror que eu julgava totalmente a parte envidraçada estava translúcida e azul, de um azul de flor, de asa de inseto, de um azul que teria me parecido belo se eu não tivesse percebido que era um derradeiro reflexo, cortante como a lâmina do aço, um golpe supremo que o dia me assestava ainda em sua crueldade infatigável.

No entanto, a escuridão completa acabava por chegar, mas então bastava uma estrela vista ao lado da árvore do pátio para me recordar nossas partidas de carro, depois do jantar, em direção aos bosques de Chantepie, alcatifados de luar. E, mesmo nas ruas, acontecia-me isolar no encosto de um banco, recolher a pureza natural de um raio de lua em meio às luzes artificiais de Paris - dessa Paris sobre a qual, fazendo regressar um momento, pela imaginação, a cidade à natureza, ele obtinha que reinasse, com o silêncio infinito dos campos evocados, a lembrança dolorosa dos passeios que eu ali fizera com Albertine. Ah, quando acabaria a noite? Mas, à primeira brisa da aurora, eu estremecia, pois ela me trouxera de novo a doçura daquele verão no qual, de Balbec a Incarville, de Incarville a Balbec, tantas vezes nos tínhamos acompanhado um ao outro até o amanhecer. Só me restava uma esperança para o futuro; esperança bem mais dilacerante que o temor-; era a de esquecer Albertine. Sabia que iria esquecê-la mais cedo ou mais tarde, pois esquecera Gilberte e a Sra. de Guermantes, esquecera de todo a minha avó. E o nosso mais justo e mais cruel castigo, diante do esquecimento completo, pacífico igual ao dos cemitérios, pelo qual somos desligados daqueles que não mais amamos, é que vislumbramos esse mesmo esquecimento como inevitável em relação àqueles a quem amamos ainda. Para falar a verdade, sabemos que é um estado indolor, um estado de indiferença. Mas, não podendo pensar ao mesmo tempo no que eu era e no que seria, pensava

com desespero em todo esse tegumento de beijos e de sons amigos, do qual era preciso em breve despojar-me nunca mais. O impulso dessas lembranças tão ternas, vindo quebrar-se de encontro à idéia de que Albertine havia morrido, oprimia-me pelo entre choque fluxos tão contrários que eu não podia permanecer imóvel; erguia-me de súbito estacava, apavorado; a mesma madrugada que eu via no momento em que acabava de deixar Albertine, ainda radioso e quente de seus beijos, vinha por sobre as cortinas a sua lâmina, agora sinistra, cuja brancura fria, impelia compacta, entrava dando-me uma espécie de punhalada.

Dali a pouco os ruídos da rua iam recomeçar, permitindo ler na qualitativa de suas sonoridades o grau de calor, aumentado sem cessar, repercutiriam. Mas, nesse calor que horas mais tarde haveria de embriagar com cheiro das cerejas, o que eu achava - como num remédio em que a substituição de uma das partes componentes por outra basta para torná-lo, de eufórico em um depressivo - não era mais o desejo das mulheres, mas a angústia da partida de Albertine. Aliás, a lembrança de todos os meus desejos se impregnara tanto de sofrimento, quanto a lembrança dos prazeres. Essa Veneza onde eu julgava que sua presença me seria importuna (sem dúvida porque sentia confusamente me seria necessária ali), agora que Albertine já não existia, preferia eu não ir com Albertine me parecera um obstáculo interposto entre mim e todas as coisas que para mim era ela quem as continha todas, e era dela, como de um vaso, podia recebê-las. Agora que esse vaso estava destruído, eu já não sentia como para agarrá-las; não havia mais uma só de que eu não me afastasse, abatido, proibindo não desfrutá-la. De modo que minha separação dela não me abria nenhum campo dos prazeres possíveis, que eu supusera fechado pela sua presença. Além do mais, o obstáculo que sua presença talvez houvesse de fato para mim, no que diz respeito a viajar e gozar a vida, somente disfarçara, sempre acontece, os outros obstáculos, que reapareciam intactos agora que havia desaparecido. Desse modo é que, antes, quando alguma visita amável, impedia-me de trabalhar, se no dia seguinte eu ficava sozinho, nem por isso trabalhava. Quando uma doença, um duelo, um cavalo arrebatado, nos fazem ver a morte de perto, como teríamos gozado imensamente a vida, a volúpia e os países desconhecidos de que iremos ser privados. E, uma vez que o perigo passa, o que vemos é a mesma vida morna onde nada disso existia para nós.

É claro que essas noites tão curtas duram pouco. O inverno acabaria, e então eu não mais precisaria temer a lembrança dos passeios que fiz com ela até a aurora bem cedinho. Mas as primeiras geadas, não me dariam elas, conservado em seu gelo, o gérmen de meus primeiros desejos, quando a meia-noite eu mandava buscá-la, e tão longo me parecia o tempo até o seu toque da campainha, que agora eu poderia esperar eternamente em vão? Não me dariam o gérmen de

minhas primeiras inquietações, quando por duas vezes achei que ela não viria? Naquele tempo eu só a via raramente; mas até esses intervalos existentes entre suas visitas, que a faziam aparecer ao fim de várias semanas, o anseio de uma vida ignorada que eu não tentava possuir, asseguravam-me a retirada, impedindo que se aglomerassem, e formassem um bloco em meu coração, as veleidades constantemente interrompidas de meu ciúme. Esses intervalos, tão calmantes, podiam ter sido naquele tempo, quanto, retrospectivamente, eram impregnados de sofrimento desde que o que ela pudera fazer de desconhecido, durante eles, deixara de me ser indiferente, sobretudo agora que nenhuma visita dela viria nunca mais; de modo que essas noites de janeiro em que ela vinha e que por isso me foram tão suaves, insuflaram-me agora, em sua noitada acerba, uma inquietude que à época eu não conhecia, e me devolveriam, porém tornado pernicioso, o primeiro gérmen do meu amor. E pensando que veria recomeçar aquele tempo frio que, desde Gilberte e meus jogos nos Champs-Élysées, havia-me parecido tão triste; e pensando que voltariam nas noites de nevada iguais àquela, em que eu havia esperado Albertine em vão durante muito tempo, então, como um enfermo que se coloca bem, no ponto de vista do corpo, para os seus pulmões, eu, moralmente, naqueles instantes, o que temia acima de tudo, para o meu sofrimento, para o meu coração, era a volta das grandes friagens, e dizia comigo que o mais duro de passar seria talvez o inverno. Ligada como estava a todas as estações a lembrança de Albertine, para que eu a perdesse seria preciso esquecê-las todas, arriscando-me a recomeçar a conhecê-las, como um velho hemiplégico precisa reaprender a ler; seria preciso que renunciasse a todo o universo.

Apenas, dizia comigo, uma verdadeira morte de mim mesmo seria capaz (mas ela é impossível) de me consolar da sua. Eu não pensava que a morte de nós mesmos não fosse impossível nem extraordinária; ela se consuma à nossa revelia, se necessário contra a nossa vontade, todos os dias, e eu sofreria com a repetição de toda espécie de dias que não só a natureza, mas também circunstâncias fictícias ou uma ordem mais convencional, introduzem numa estação. Em breve, retornaria a data em que eu fora a Balbec, no outro verão, e onde o meu amor, que ainda não era inseparável do ciúme e que não se incomodava com o que Albertine fazia o dia inteiro, deveria sofrer tantas mudanças antes de se tornar aquele amor tão diverso dos últimos tempos, tão particular, que esse ano final, em que principiara a mudar e onde havia terminado o destino de Albertine, me aparecia pleno, diferente, vasto como um século. Depois, seria a lembrança dos dias mais tardios, mas nos anos anteriores; os domingos de mau tempo, onde contudo o mundo inteiro saíra, no vazio da tarde, em que o ruído do vento e da chuva teria me convidado antigamente a ficar como o "filósofo nas águas-furtadas"; com que ansiedade eu veria aproximar-se a hora em que Albertine, tão pouco esperada, viera visitar-me,

beijara-me pela primeira vez, interrompendo-se por causa de Françoise que tinha vindo trazer a lâmpada, naquele tempo duplamente morto em que Albertine é que estava curiosa de mim, em que a minha ternura por ela podia legitimamente manter tantas esperanças! Mesmo numa estação mais avançada, aquelas noites gloriosas em que as copas e os pensionatos, reabertos como capelas, banhados numa poeira de ouro, deixam a rua coroar-se com essas semideusas que, conversando não longe de nós com suas iguais, passam-nos a febre de penetrar em sua existência mitológica, só me recordava a ternura de Albertine que, a meu lado, constituía um empecilho para me apagar delas.

Aliás, à recordação das horas, mesmo puramente naturais, ajuntam, forçosamente, a paisagem moral que as transformava em algo único. Quando de tarde, eu ouvisse a corneta do cabreiro, num começo de bom tempo, quase esse mesmo dia haveria de misturar alternadamente à sua luz a ansiedade de que Albertine estava no Trocadero, talvez com Léa e as duas moças, depois a doméstica e familiar, quase comum, de uma esposa que então me parecia estorvo e que Françoise me traria de volta. Eu julgara envaidecer-me com recado telefônico de Françoise, que me transmitira a homenagem obediente de Albertine voltando com ela. Enganara-me. Se ele me havia embriagado, fora me fizera sentir que aquela que eu amava me pertencia, só vivia para mim, e à distância, sem que dela precisasse me ocupar, considerava-me o seu esposo regressando a um sinal meu. E, assim, esse recado telefônico tinha sido parcela de doçura, vinda de longe, emitida daquele quarteirão do Trocadero, acontecia haver para mim fontes de felicidade que me dirigiam calmantes, bálsamos apaziguadores que me devolviam enfim uma tão doce liberdade de espírito, que eu - entregando-me sem a restrição de um só cuidado à música de Wagner não precisava mais que esperar a chegada certa de Albertine, sem com inteira falta de impaciência, em que eu não soubera reconhecer a felicidade; essa felicidade de que ela voltaria, de que me obedecia e me pertencia, era pelo amor e não pelo orgulho. Pois agora me seria indiferente ter à minha direção cinqüenta mulheres que voltassem a um sinal meu, não do Trocadero nas Índias. Porém, naquele dia, ao perceber Albertine que, enquanto eu estava só no quarto tocando música, vinha docilmente para junto de mim, respirei um nada como poeira solar, uma dessas substâncias que, assim como outras salutares ao corpo, fazem bem à alma. Depois, meia hora mais tarde, a chegada de Albertine; depois, o passeio com Albertine, chegada e passeio que julgara tediosos porque, para mim, estavam acompanhados de certeza, mas devido a essa mesma certeza, a partir do momento em que Françoise me telegrafou dizendo que a traria, tinham feito escorrer uma calma dourada sobre as seguintes, convertendo-se numa espécie de segundo dia, bem diverso do primeiro porque tinha um fundo moral bem diferente, um fundo moral que dele fazia original, que vinha acrescentar-se à variedade daqueles que eu conhecera até o dia que eu jamais poderia imaginar -

como não poderíamos imaginar o pôr de um dia de verão, se tais dias não existissem na série daqueles que já vivemos de que eu não podia absolutamente dizer que me recordava, pois àquela calma ajuntava agora um sofrimento que eu não havia sentido naquela época. Bem tarde, porém, quando aos poucos atravessei, em sentido inverso, os tempos pelos quais passara antes de amar tanto Albertine, quando meu coração cicatrizado pôde se separar sem mágoa da Albertine morta, então, quando afinal pude me lembrar sem sofrer daquele dia em que Albertine fora com Françoise fazer compras, em vez de ficar no Trocadero lembrei-me com prazer daquele dia como pertencendo a uma estação moral que eu não havia conhecido até então; lembrei-me dele, por fim, exatamente como nos lembramos de certos dias de verão que achamos quentes demais quando os vivemos, e dos quais afinal de contas extraímos o valor sem mistura de ouro fino e azul indestrutível.

De modo que esses poucos anos não impunham somente à lembrança de Albertine, que os tornava tão dolorosos; as cores sucessivas, as modalidades diversas, a cinza de suas estações ou de suas horas; dos fins de tarde de junho às noites de inverno; dos luares sobre o mar à aurora ao voltar para casa; da neve de Paris às folhas secas de Saint-Cloud; mas, também a idéia particular que eu me fazia sucessivamente de Albertine; do aspecto físico sob o qual a imaginara em cada um desses momentos, da maior ou menor freqüência com que a vira naquela estação; que assim se tornava mais dispersa ou mais compactada; das ansiedades que ela então pudera causar-me devido à espera, do desejo que eu sentia em tal momento por ela, de esperanças formuladas e depois perdidas; tudo isso modificava o caráter da minha tristeza retrospectiva, tanto quanto as impressões de luz ou de perfumes que lhes estavam associadas; completava cada um dos anos solares que eu tinha vivido; e que, só pelas suas primaveras, seus outonos, seus invernos, eram já tão tristes por causa da recordação inseparável dela, duplicando-a com uma espécie de ano sentimental em que as horas não eram definidas pela posição do sol, mas pela espera de um encontro marcado; em que o comprimento dos dias ou os progressos da temperatura eram medidos pelo vôo de minhas esperanças, pelo progresso de nossa intimidade, pela transformação gradativa de seu rosto, pelas viagens que ela fizera, pela freqüência e pelo estilo das cartas que me escrevera durante certa ausência, sua maior ou menor precipitação em me ver, ao voltar. E, por fim, essas mudanças de tempo, esses dias diferentes, se cada um deles me trazia uma outra Albertine, não era apenas pela evocação de momentos semelhantes. Lembrem-se que desde sempre, antes mesmo que eu a amasse, cada dia fizera de mim um homem diferente, tendo outros desejos porque possuía outras percepções; e que, por ter sonhado na véspera com rochedos e tempestades; se o dia indiscreto de primavera insinuara um odor de rosas na clausura mal fechada de seu sono entreaberto, eu despertava de partida para a Itália. E até no amor, o estado

mutável de minha atmosfera moral, a pressão modificada de minhas crenças não tinham, em outro dia, diminuído a visibilidade de meu próprio amor, aumentando-a indefinidamente em outro, embelezando-a num dia até o sorriso, em outro contraindo-a até a tempestade? Somos apenas aquilo que possuímos, não possuímos senão o que nos está de fato presente, e tantas de nossas lembranças, de nossos humores, nossas idéias, partem para viagens longe de nós mesmos, onde os perdemos de vista! Então não mais podemos levá-los em consideração nesse local do ser. Mas eles têm caminhos secretos para voltar a entrar em nós. E em certo momento, tendo eu adormecido sem quase mais lamentar Albertine só podemos ter aquilo de que nos lembramos-, encontrava, ao acordar, toda uma frota de ações que tinham vindo cruzar em mim, na minha mais clara consciência, e distinguia esplendidamente bem. Então, eu lastimava aquilo que via tão bem na véspera não era coisa alguma para mim. O nome de Albertine e sua imagem, haviam mudado de sentido; suas traições tinham readquirido subitamente sua importância.

Como é que ela me pudera parecer morta, quando agora, para pensar eu só tinha à minha disposição as mesmas imagens que, quando ela vivia, revia alternadamente?

Rápida e inclinada sobre as rodas mitológicas de sua capa apertada, nos dias de chuva, na túnica guerreira de borracha que lhe ressaltavam os seios, a cabeça envolta num turbante e coberta de serpentes, ela em terror nas ruas de Balbec; nas noites em que tínhamos levado champanha aos bosques de Chantepie, com a voz provocante e mudada; no rosto aquele atenuado, rubro apenas nas bochechas que, mal o distinguindo na escuridão do carro, aproximava-me da faixa enluarada para a ver melhor; que agora tentava lembrar e rever numa escuridão que jamais terminaria. Pequena está no passeio em direção à ilha, tranqüilo rosto gordinho e granuloso junto à pia ela era assim, alternadamente pluviosa e rápida; provocante e diáfana; risonha, anjo da música. Cada uma delas estava assim ligada a um momento, data a que eu me sentia reposto ao tornar a vê-la. E esses momentos do tempo não são imóveis; conservam em nossa memória o movimento que os arrasta, para o futuro; um futuro que também se tornou passado-, arrastando-nos em mente a nós mesmos. Eu jamais havia acariciado Albertine encapotada dos abrigos de chuva, queria lhe pedir que tirasse aquela armadura, o que seria conhecer ela o amor dos campos, a fraternidade da viagem. Mas já não era possível, ela havia morrido. Jamais, também, por medo de depravá-la, eu mostrara compreender, noites em que parecera me oferecer prazeres que, não fosse isto, ela talvez houvesse pedido a outros e que agora excitavam em mim um desejo furioso; os teria sentido iguais junto à outra, porém aquela que amamos teria proporcionado, podia correr o mundo inteiro sem encontrá-la, pois Albertine havia morrido. Por que eu devia escolher entre

dois fatos, decidir qual era o verdadeiro, tanto o da morte de Albertine que me viera de uma realidade que eu não havia conhecido sua vida em Touraine - estava em contradição com todas as minhas idéias relativas à ela, meus desejos, minhas saudades, meu enternecimento, minha fúria, ciúme. Uma tal riqueza de lembranças tomadas ao repertório de sua vida, uma profusão de sentimentos evocando, implicando sua vida, pareciam tornar inacreditável que Albertine estivesse morta. Uma tal profusão de sentimentos, pois ainda na memória, conservando-me a ternura, deixava-lhe toda a sua variedade. Não era apenas Albertine que não passava de uma sucessão de momentos, era também eu próprio. Meu amor por ela não fora simples: à curiosidade pelo desconhecido acrescentara-se um desejo sensual, e, ao sentimento de uma doçura quase familiar, ora a indiferença, ora um ciúme furioso. Eu não era somente um único homem nas ruas a desfilar, hora a hora, de um exército compósito onde havia, conforme o instante, sujeitos apaixonados, indiferentes, ciumentos - ciumentos dos quais nem um só o era da mesma mulher. E, sem dúvida, era dali que um dia viria a cura que eu não desejava. Numa multidão, os elementos podem, um a um, ser substituídos por outros sem que o percebamos, que outros mais, por seu turno, eliminam ou reforçam, de modo que por fim se consumou uma mudança, inconcebível se se tratasse de uma só pessoa. A complexidade do meu amor, de minha pessoa, multiplicava e diversificava meus sofrimentos. Entretanto, eles todos podiam se classificar sempre nos dois grupos cuja alternância formara toda a vida de meu amor por Albertine, sucessivamente entregue à confiança e à suspeição ciumenta.

Se eu tinha dificuldade em imaginar que Albertine, tão viva em mim (revestindo como eu o duplo arnês do presente e do passado), estava morta, talvez também fosse contraditório que essa suspeita de faltas que ela, hoje despojada da carne que com elas gozara, e da alma que pudera desejá-las, não era mais capaz nem responsável, essa suspeita excitasse em mim tanto sofrimento, que teria simplesmente bendito se pudesse ver nele a garantia da realidade moral de uma pessoa materialmente inexistente, em lugar do reflexo, destinado a extinguir-se, das impressões que ela me causara outrora. Uma mulher que já não podia experimentar prazeres com outras não deveria mais excitar o meu ciúme, se ao menos a minha ternura pudesse atualizar-se. Mas isso era impossível, pois ela não poderia encontrar o seu objeto, Albertine, senão nas lembranças em que esta permanecia viva. Visto que somente por pensar nela eu a ressuscitava, suas traições jamais poderiam ser as de uma morta, tornando-se atual o momento em que as cometera, não só para Albertine, mas para aquele dos meus "eus", subitamente evocado, que as contemplava. De forma que nenhum anacronismo podia separar jamais o par indissolúvel em que, a cada nova culpada, de imediato se acasalava um ciumento lamentável e sempre contemporâneo. Nos últimos meses, eu a mantivera trancada em minha casa. Mas agora, na minha

imaginação, Albertine estava livre; ela empregava mal essa liberdade, prostituía-se a umas e outras. Outrora eu pensava sem cessar num futuro incerto que se desdobrava à nossa frente, buscava decifrá-lo. E agora, o que estava diante de mim como um duplo do futuro tão preocupante como o futuro, pois também era incerto, tão difícil de decifrar, tão misterioso, mais cruel ainda, porque eu não tinha, como frente ao futuro, a possibilidade, ou a ilusão, de agir sobre ele, e também porque se desenrolava tão longe que minha vida, sem que minha companheira lá estivesse para acalmar os sofrimentos que me causava-, não era mais o futuro de Albertine, era o seu passado. Seu passado, digo mal, pois para o ciúme não existe nem passado, nem futuro, aquilo que se imagina sempre está no presente.

As mudanças da atmosfera causam outras tantas no homem interpenetram "eus" esquecidos, contrariam o torpor do hábito, devolvem forças à lembranças e a certos sofrimentos. Quantos mais ainda para mim, se o tempo fazia lembrava-me aquele em que Albertine, em Balbec, sob a chuva ameaçada, por exemplo, fora dar sabe Deus por quê, longos passeios sob a malha e de seu impermeável!

Se ela tivesse vivido, sem dúvida hoje, num tempo semelhante, sairia para fazer uma excursão análoga na Touraine. Desde que já não o podia, não deveria sofrer ante essa idéia; mas, como no caso das pessoas amputadas, a menor mudança de temperatura renovava minhas dores no membro que existia.

De súbito, era uma lembrança que não me ocorria há muito tempo ficara dissolvida na fluida e invisível extensão da memória, e que se cristalizava. Assim, havia já muitos anos, como alguém falasse do seu *peignoir* de Albertine na ducha, enrubescera. Naquela época, não sentia ciúmes dela. Mas desde que quisera lhe perguntar se podia recordar aquela conversa e me dizer por que do enrubescido. Isto me preocupava tanto mais porque me haviam dito que as moças amigas de Léa freqüentavam aquele estabelecimento balneário do hotel; dizia-se, não só para tomar duchas.

Mas, com receio de aborrecer Albertine, esperando uma ocasião mais propícia, sempre evitara falar naquilo, e depois de pensar no assunto. E, de repente, algum tempo após a morte de Albertine, percebi essa lembrança, impregnada desse caráter a um tempo irritante e dos enigmas que ficam insolúveis para sempre devido à morte da única pessoa que poderia esclarecê-los. Não poderia eu pelo menos tentar saber se Albertine fez alguma coisa de mal ou que somente parecesse suspeito naquela casa de banho? Enviando alguém à Balbec, talvez conseguisse sabê-lo. Fosse ela viva, sem ou razão, eu não obteria nada. Porém as línguas estranhamente se soltam, revelando facilmente, uma falta quando já não têm a temer o rancor da culpada. Como a prezada imaginação, que permanece rudimentar e simplista (não tem passado passado inumeráveis transformações que melhoram os modelos primitivos das invenções humanas, mal reconhecíveis,

quer se trate de um barômetro, do balão, do telefone, etc., nos seus aperfeiçoamentos ulteriores), não nos permite ver senão muito das coisas ao mesmo tempo, essa recordação do estabelecimento das duchas que ocupavam todo o espaço de minha visão interior. Às vezes eu me esbarrava, nas ruas escuras do sono, com um desespero de maus sonhos que não são muito graves por uma primeira razão: é que a tristeza que eles engendram não se prolonga mais que uma hora após o despertar, análoga a esse mal-estar provocado por uma forma artificial de dormir; e também por outra razão: é que só raramente os temos, com dois ou três anos de intervalo. Ainda assim, duvidamos já os ter experimentado, e que não tenham antes esse aspecto de coisas vistas pela primeira vez e que projeta sobre eles uma ilusão, uma subdivisão (pois "desdobramento" não seria dizer o suficiente).

Decerto, pois eu tinha dúvidas sobre a vida e a morte de Albertine, desde há muito tempo eu deveria entregar-me à indagações. Mas a própria fadiga, a própria covardia que me fizeram submeter-me a Albertine quando ela estava em minha companhia, impediam-me de tomar qualquer iniciativa desde o momento em que não a via mais. E, todavia, da fraqueza arrastada durante anos, surge por vezes um lampejo de energia. Decidi-me a essa indagação, ao menos "inteiramente parcial". Dir-se-ia que não houvera nada de mais em toda a vida de Albertine. Eu me perguntava sobre quem poderia enviar para tentar uma investigação *in loco* em Balbec. Aimé pareceu-me bem escolhido. Além de conhecer admiravelmente bem o lugar, pertencia àquela categoria de pessoas do povo; ciosas de seus interesses, fiéis a quem servem, indiferentes a qualquer tipo de moral; e das quais dizemos - porque, se os pagamos bem, em sua obediência à nossa vontade suprimem tudo o que a estorvasse, pois mostram-se tão incapazes de indiscrição, de moleza ou de improbidade, como destituídos de escrúpulos: são excelentes pessoas. Neles podemos ter confiança absoluta. Quando Aimé partiu, pensei como teria sido melhor que isso que ele ia tentar descobrir lá longe, eu pudesse perguntar agora à própria Albertine. E logo senti a impossibilidade dessa pergunta que eu teria desejado, que me parecia que já lhe fazer, tendo trazido Albertine para junto de mim, não graças a um esforço de ressurreição, mas como pelo acaso de um desses encontros que como ocorre nas fotografias sem pose, nos instantâneos deixam sempre a pessoa mais viva, ao mesmo tempo que imaginava a nossa conversação; acabava de abordar por uma faceta nova aquela idéia de que Albertine havia morrido. Albertine que me inspirava essa ternura que sentimos pelos ausentes cuja vista não vem retificar a imagem embelezada, inspirando também a tristeza de que essa ausência fosse eterna e que a pobrezinha estivesse privada para sempre da doçura de viver. E de imediato, por um deslocamento brusco, passei da tortura do ciúme para o desespero da separação.

O que enchia agora o meu coração era, em vez de suspeitas odiosas, a lembrança emocionada das horas de ternura confiante, passadas com a irmã que sua morte me fizera realmente perder, visto que minha mágoa se relacionava, não ao que Albertine fora para mim, mas ao que meu coração, desejoso de participar das emoções mais gerais do amor, convencera-me pouco a pouco que ela era; então dava-me conta de que aquela vida que tanto me enfadara pelo menos assim o julgava –tinha ao contrário sido deliciosa; nos menores instantes que passara a conversar com ela sobre coisas até mesmo insignificantes, eu sentia agora, acrescentara, amalgamara-se uma volúpia, que então, de fato, não fora por mim, mas que já era causa de que, tais momentos, eu os havia para sempre com tanta perseverança e com exclusão de todo o resto; os menores instantes de que me lembrava, um movimento que ela fizera no carro junto a mim para se sentar à mesa à minha frente em seu quarto, propagavam em mim um remoinho de doçura e de tristeza que os poucos a conquistava totalmente.

Aquele quarto em que jantávamos jamais me parecera bonito; era à Albertine apenas para que minha amiga ficasse contente por viver ali. As cortinas, as cadeiras e os livros tinham deixado de me ser indiferentes somente a arte que dá encanto e mistério às coisas mais insignificantes: mesmo o poder de relacioná-las intimamente conosco também é atribuído à própria ocasião, eu não prestara atenção nenhuma naquele jantar que havíamos comido juntos de volta do Bois, antes que eu fosse à casa dos Verdurin; e a beleza, na grave doçura para a qual eu agora voltava os olhos cheios de lágrimas. Uma impressão de amor está desproporcionada em relação às outras impressões da vida, mas não podemos percebê-la quando está perdida no meio delas. Não por baixo, no tumulto da rua e na balbúrdia das casas circundantes, é quando afastamos, e das encostas de um morro próximo, a uma distância em que a cidade desapareceu ou forma apenas ao nível da terra um montão confusão; podemos, no recolhimento da solidão e da noite, avaliar, a única, persistente à altura de uma catedral. Eu tentava abraçar a imagem de Albertine através das minhas lágrimas, pensando em todas as coisas sérias e judiciosas que ela me havia dito àquela noite.

Certa manhã, julguei ver a forma oblonga de uma colina no nevoeiro, sentir o calor de uma taça de chocolate, enquanto me apertava no coração a lembrança da tarde em que Albertine viera me visitar e a beijara pela primeira vez: é que eu acabava de ouvir o soluço do calorífero à águas tinham acendido. E joguei fora, com raiva, um convite da Sra. Verdurin que Françoise trouxera. A impressão que eu tivera, indo jantar pela primeira vez na Raspeliere; e que a morte não fere todas as pessoas na mesma idade, como se impunha com mais força agora que Albertine estava morta, tão jovem, e que Brichot continuava a jantar na casa da Sra. Verdurin, que recebia sempre e receberia talvez durante muitos anos ainda! E logo esse nome de Brichot recordou-me o fim daquele

mesmo sarau, em que ele me levara em casa; em que eu vira, de baixo, a luz lâmpada de Albertine. Já pensara nisso outras vezes, porém nunca abordara a lembrança sob o mesmo ângulo. Pois, se nossas lembranças são bem nossas, à maneira dessas propriedades que possuem pequenas portas ocultas que mesmos com freqüência desconhecemos, e que alguém da vizinhança nos abre de modo que, ao menos por um lado, em que isso ainda não nos ocorrera, sucede que nos achamos de volta em casa. Então, pensando no vazio que agora haveria de encontrar voltando para casa, de onde a luz se extinguira para sempre; deixando Brichot, julgara sentir tédio; supunha fazer amor por aí afora. Compreendi o que julgara totalmente segura a posse daquela; até mesmo eu que havia negligenciado o calor obrigatoriamente inferior ao supor o que eu avaliava. Compreendi o quanto continha para mim de plenitude de vida; e do que me inebriara por um momento, na noite em que Albertine dormira sob o manto. Compreendi que essa vida que eu levara em Paris, nunca trouxera a realização daquela paz profunda. A conversa que havia tido no último sarau em casa da Sra. Verdurin. Tinha acontecido, aquela conversação que para minha inteligência e, em certas parcelas, fizera à sua inteligência e sua amabilidade – um enternecimento, não é que fossem demais o que acontecera; pois a Sra. de Cambremer não demonstrou sorriso que poderia passar os dias com Elstir, que é sua prima?! - A inteligência de Albertine ficava em mim o que eu denominava a sua experiência, fruto de uma certa sensação que só existe com o tempo; pensava na inteligência de Albertine, saboreava uma lembrança cuja realidade consistia na superioridade objetiva de uma mulher; superior às pessoas de maior inteligência. Porém que as criaturas a quem amamos sejam pra nós superior e se torne para nós ao menos objetivamente, o sabor dos nossos desejos e dos nossos sentidos; apenas um lugar imenso e vago onde conhece o nosso próprio corpo; aonde afluem prazeres, uma silhueta assim tão nítida como de um transeunte. E meu erro talvez fora não ser sempre eu mesmo. Assim como, do ponto de vista só havia considerado as posições diversas do meu rival. Ao longo dos anos ficara surpreso de ver as modificações causadas somente pela convivência; bom seria ter procurado compreender o ser e, talvez, explicando-me então por que ela se obstinava em me ocultar o segredo, teria evitado prolongar, entre nós, com aquele encarniçamento estranho conflito que provocara a morte de Albertine. E eu tinha então, como uma piedade por ela, a vergonha de lhe sobreviver. E, de fato, parecia-me, nas horas em que menos sofria, que de alguma forma me beneficiava pela sua morte, porque uma mulher é de maior utilidade em nossa vida se constitui, em vez de um elemento de felicidade, um elemento de desgosto, e não existe uma só cuja posse mostra-se preciosa como das verdades que ela nos descobre ao nos fazer sofrer nos momentos, em que aproximando a morte de minha avó à de Albertine, tinha a impressão de que minha vida estava manchada por um duplo assassinato que só a covardia da sociedade poderia me

perdoar. Sonhara eu ser compreendido Albertine, não ser mal conhecido por ela, acreditando que era uma grandeza ser compreendido, não ser mal conhecido, quando tantos outros poderiam ser melhor. Desejamos ser compreendidos porque desejamos ser amados, e só podemos ser amados porque amamos. A compreensão dos outros é indiferente ao amor importuno. Minha alegria de ter possuído um pouco da inteligência. O coração de Albertine não provinha de seu valor intrínseco, mas de que essa era um grau a mais na posse total de Albertine, posse que fora o meu objetivo; minha quimera desde o primeiro dia em que a tinha visto. Quando falamos da "amabilidade" de uma mulher, talvez não façamos mais do que projetar para fora de nós o prazer que sentimos ao vê-la, como as crianças quando dizem: "minha querida caminha, meu querido travesseirinho, meus queridos espinheirinhos." - aliás, explica por que os homens nunca dizem a propósito de uma mulher que os engana: "Ela é tão amável", dizendo-o com freqüência de uma mulher por quem são enganados. A Sra. de Cambremer achava, com razão, que o encanto de Elstir era maior. Mas não podemos julgar do mesmo modo o de uma pessoa que é, como todas as outras, exterior a nós, pintada no horizonte de nosso pensamento; e o de uma outra que, devido a um erro de localização consecutiva à certos defeitos, porém tenaz, alojou-se em nosso próprio corpo, a ponto de que nos perguntamos retrospectivamente se ela não olhou para uma mulher, em certo dia no passeio de um trenzinho à beira-mar, faz-nos sentir os mesmos sofrimentos que um cirurgião que procurasse uma bala em nosso peito. Um simples *croissant,* que comemos, faz-nos sentir mais prazer que todos os verdelhões, coelhos e perdizes que foram servidos à Luís XV, e a extremidade da grama fremindo a centímetros do nosso olho, enquanto estamos deitados na montanha, ocultar a vertiginosa agulha de um cimo, caso este fique à várias léguas de distância. Além disso, o nosso erro não está em valorizar a inteligência e a amabilidade de uma mulher a quem amamos, por ínfimas que sejam. Nosso erro é o de sermos indiferentes à amabilidade e à inteligência alheia. A mentira só pode nos causar indignação, e a bondade o reconhecimento, que ambos deveríamos precisar excitar em nós, quando vêm da mulher amada, e o desejo físico tem esse poder maravilhoso de atribuir valor à inteligência e bases sólidas à vida moral.

Jamais voltaria eu a encontrar essa coisa divina: uma criatura com quem eu pudesse conversar sobre tudo, a quem pudesse confiar-me. Confiar-me? E outras pessoas não me haviam mostrado mais confiança que Albertine? Não tivera eu com outras pessoas conversas mais extensas? É que a confiança e a conversa, são coisas medíocres, que importa sejam mais ou menos imperfeitas, se a elas se mistura o amor, o único sentimento divino?

Eu revia Albertine sentando-se à pianola, rósea sob os cabelos pretos; sentia em meus lábios, que ela tentava abrir, sua língua, sua língua materna, incomestível,

nutritiva e santa, cuja chama e orvalho secretos faziam com que, mesmo que Albertine a fizesse deslizar apenas pela superfície de meu pescoço, de meu ventre, essas carícias superficiais, mas de qualquer modo feitas pelo interior de sua carne, exteriorizado como um tecido que mostrasse o avesso, assumissem, mesmo nos contatos mais externos, como que a misteriosa doçura de uma penetração. Todos esses momentos tão doces, que coisa alguma me devolveria nunca mais, não posso nem sequer dizer que fosse desespero o que sentia ao perdê-los. Para que alguém esteja desesperado, é preciso ter apego ainda a esta vida, que só poderá ser desgraçada. Sentia-me desesperado em Balbec quando vira erguer-se o dia e compreendera que nem mais um só poderia ser feliz para mim. Permanecera tão egoísta desde então, porém o "eu" a que me ligava agora; o "eu" que constituía essas vivas reservas que põem em jogo o instinto de conservação, esse "eu" já não estava entre os vivos; quando pensava em minhas forças, em minha potência vital, no que tinha de melhor, pensava em certo tesouro que possuíra (e que fora o único a possuir, visto que os outros não podiam conhecer com exatidão o sentimento, oculto em mim, que ele me havia inspirado) e que já ninguém poderia me subtrair, pois que não o possuía mais. E, para falar a verdade, eu jamais o possuíra senão porque quisera convencer-me de sua posse. Não apenas cometera a imprudência, ao olhar Albertine com os lábios e ao alojá-la em meu coração, de fazê-la viver dentro de mim, nem essa outra imprudência de misturar um amor familiar com o prazer dos sentidos. Quisera também convencer-me de que nossas relações eram o amor, porque ela me devolvia tão docilmente os beijos que eu lhe dava. E, por ter adquirido o hábito de acreditá-lo, não perdera somente uma mulher que eu amava, mas a mulher que me amava, minha irmã, minha menina, minha terna amante.

Em suma, tivera uma felicidade e uma desgraça que Swann não havia conhecido, pois justamente, o tempo todo em que ele amara Odette e fora tão ciumento dela, mal conseguira vê-la, e só dificilmente, em certos dias em que ela se desmarcava à Última hora, podia ir à sua casa. Mas depois tivera-a para si, como sua esposa, até morrer. Eu, pelo contrário, enquanto sentia tanto ciúme por Albertine, mais feliz que ainda tivera-a em casa. Na verdade, havia realizado aquilo com que Swann sonhara tantas vezes e que só realizara quando já se lhe tornara indiferente. Mas, não guardara Albertine como ele havia guardado Odette. Ela fugira e esta ocasião não se repete; pois nada, jamais se repete exatamente, e as mais análogas existências, que ao parentesco dos caracteres é à similitude das circunstâncias, podemos ter para apresenta-las como simétricas uma à outra, permanecem opostas nesses pontos. Se perdesse a vida, eu não teria perdido grande coisa; não perderia mais que uma forma oca, o quadro vazio de uma obra-prima. Indiferente ao que, dali em diante, pudesse introduzir aí, porém feliz e orgulhoso em pensar no quadro que contivera, apoiava-me na lembrança daquelas horas tão doces; o tentáculo moral me transmitia um bem-estar que até

a aproximação da morte a teria desfeito.

Como ela corria depressa, em Balbec, para me ver, quando eu mandava busca-la, demorando-se apenas para perfumar os cabelos a fim de agradar. Estas imagens de Balbec e de Paris, que desse modo eu gostava de rever, eram páginas ainda tão recentes e tão rapidamente viradas de sua curta da vida. Tudo que para mim era apenas lembrança, fora para ela ação; ação precipitada, como de uma tragédia, para uma morte rápida. As pessoas têm um desenvolvimento em nós, mas outro fora de nós (eu bem o sentira naquelas noites em que notava em Albertine um enriquecimento de qualidades, que se devia somente à minha companhia), e os dois não deixam de produzir reações um sobre o outro. Por mais, que procurasse conhecer Albertine, para depois possuí-la inteiramente, não deixava de obedecer à necessidade de reduzir, pela experiência, aos elementos mesquinhos, parecidos com os do nosso eu, o mistério de toda criatura e não pudera sê-lo sem, por minha vez, influir na vida de Albertine.

Talvez a minha fortuna, as perspectivas de um casamento brilhante a houvessem atraído; o meu ciúme retirado de sua bondade ou de sua inteligência; ou o sentimento de sua culpa, ou as habilidades de sua astúcia, haviam-lhe feito aceitar; e me levaram a tornar cada vez mais um cativeiro forjado unicamente pelo desenvolvimento interno de meu trabalho mental, mas que nem assim deixara de ter repercussões sobre a vida de Albertine; repercussões destinadas a criar, por um choque de retorno, problemas novos, cada vez mais dolorosos, para a minha psicologia; pois ela se evadira de minha prisão para ir matar-se sobre um cavalo que, sem mim, ela não teria possuído; e deixando, mesmo morta, suspeitas cuja verificação, se acontecesse, ser-me-ia cada vez mais cruel que a descoberta, em Balbec, de que Albertine havia conhecido a Srta. Vinteuil, pois Albertine já não estaria ali para sossegar-me. De forma que longo queixume da alma que julga viver fechada em si mesma só em aparência é um monólogo, visto que os ecos da realidade a fazem desviar-se, e essa visto como um ensaio de psicologia subjetiva espontaneamente desenvolvido, mas que a todo momento, fornece a sua "ação" ao romance puramente realista, de outra realidade, de uma outra existência, cujas peripécias, por seu turno, vêm inverter a curva e mudar a direção do ensaio psicológico. Como fora apertada a engrenagem, como fora rápida a evolução do nosso amor. Apesar de algumas demoras, interrupções e hesitações do começo; feito certos romances de Balzac, ou algumas baladas de Schumann, como fora precipitado o desenlace! No decurso deste último ano, longo para mim como um século, de tanto que Albertine havia mudado de posições em relação a meu pensamento, desde Balbec até sua partida de Paris; tão independente de mim e freqüentemente contra a minha vontade, mudara em si mesma, é que seria preciso colocar toda aquela boa vida de ternura, que durara tão pouco; e que, entretanto, surgia-me com uma plenitude, quase uma

imensidão, para sempre impossível e que todavia me era indispensável. Indispensável sem talvez ter sido em si, logo no começo algo necessário, pois eu não teria conhecido Albertine se não tivesse lido num tratado de arqueologia a descrição da igreja de Balbec; se Swann, ao me dizer que essa igreja era quase persa, não tivesse orientado meus desejos para o normando bizantino; se uma sociedade de hotéis de luxo, construindo em Balbec um hotel confortável e higiênico, não tivesse levado meus pais a atenderem meu desejo e me enviarem à Balbec.

Decerto, nessa Balbec há tanto tempo desejada, eu não havia encontrado a igreja persa que imaginava, nem os eternos nevoeiros. O próprio e famoso trem de uma e trinta e cinco não correspondera ao que eu pensara. Mas, em troca do que a imaginação deixa esperar e que nós fazemos, inutilmente, tanto esforço para tentar descobrir, a vida nos oferece algo que estávamos bem longe de supor. Quem me diria, em Combray, quando eu esperava o boa-noite de minha mãe com tanta tristeza, que tais ansiedades seriam curadas; depois haveriam de renascer um dia, não por minha mãe, mas por uma jovem que a princípio, no horizonte do mar, seria apenas uma flor que meus olhos eram, todos os dias, convidados a contemplar; mas uma flor pensante e em cujo espírito eu desejava tão puerilmente ocupar um espaço, que sofria só porque ela ignorava que eu conhecesse a Sra. de Villeparisis? Sim, é pelo boa-noite, pelo beijo dessa tal estranha que, ao fim de alguns anos, eu deveria sofrer tanto como em criança, quando mamãe não podia ir ver-me.

Ora, essa Albertine tão necessária, de cujo amor a minha alma era agora quase exclusivamente composta, se Swann não me houvesse falado de Balbec eu jamais a teria conhecido. Sua vida talvez fosse mais longa, a minha teria sido desprovida do que agora formava o seu martírio. E assim, parecia-me que, devido à minha ternura apenas egoísta, eu havia deixado que Albertine morresse, como havia assassinado a minha avó. Mesmo mais tarde, mesmo já tendo-a conhecido em Balbec, poderia não ama-la como fiz em seguida. Pois, quando renunciei à Gilberte e sabia poder amar um dia outra mulher, mal ousava ter dúvidas sobre se, no passado, teria podido amar alguém que não Gilberte. Ora, quanto a Albertine, já não alimentava dúvida alguma; estava certo de que poderia não ser ela que eu tivesse amado, poderia ser outra. Para tê-la, bastaria que a Srta. de Stermaria, na noite em que deveria jantar comigo na ilha do Bois, não tivesse desmarcado o encontro. Ainda era tempo então; talvez pudesse ter sido pela Srta. de Stermaria que se exerceria aquela atividade da imaginação que nos faz extrair de uma mulher tal noção do individual que nos parece em si e, para nós, predestinada e necessária. Quando muito, colocando-me num ponto de vista quase fisiológico, ser-me-ia lícito afirmar que poderia ter sentido amor exclusivo por uma outra mulher, mas não por qualquer outra. Pois gorda e

morena, não se parecia com Gilberte, delgada e ruiva; todavia tinham a mesma aparência de saúde e, no mesmo rosto sensual, um significado que dificilmente se alcançaria. Eram dessas mulheres para as quais olhariam os homens que, por seu turno, teriam feito loucuras por outras que "não diziam nada". Eu quase podia acreditar que a personalidade sensual e obstinada de Gilberte havia emigrado para o corpo de Albertine, um tanto diversa na aparência; mas apresentando, agora que eu pensava nisso *a posteriori*, analogias. Um homem possui quase sempre a mesma maneira de resfriar-se, de ficar doente, isto é, precisa para isso de um certo concurso de circunstâncias; é natural quando se apaixona, o seja a respeito de um certo gênero de mulheres; gênero muito amplo. Os primeiros olhares de Albertine que me fizeram devanear não eram absolutamente diversos dos primeiros olhares de Gilberte. Eu quase podia dizer que até a personalidade obscura, a natureza voluntariosa e matreira de Gilberte, haviam retornado para me tentar, desta vez encarnadas no corpo de Albertine, comumente diverso; e contudo, não sem apresentar analogias. Quanto a Albertine, a uma vida em comum toda diferente; e onde não pudera deslizar-se na fissura de distração e de esquecimento; num bloco de pensamentos, onde dolorosa preocupação mantinha uma coesão permanente, não deixei um dia sequer de encontrar em seu corpo vivo, ao contrário que no de Gilberte, o reconhecia afinal como sendo para mim, e que o não seria para os outros encantos femininos.

Mas ela estava morta. Eu a esqueceria. Quem sabe se as mesmas qualidades de sangue rico, de meditação inquieta, não voltaria para perturbar-me? Mas dessa vez encarnadas em que forma feminina, não conseguia prevê-lo. Com a ajuda de Gilberte, teria tanta dificuldade em imaginar Albertine, que haveria de amá-la, como a lembrança da sonata de Vinteuil não me teria imaginado o seu *septeto*. Mais ainda, desde as primeiras vezes em que Albertine, pudera acreditar que era a outras que eu amaria. Além disso, ela poderia ter parecido, se a conhecesse um ano antes, tão embaçada como um céu em que a aurora ainda não apontou. Se eu havia mudado a seu respeito da própria, também mudara, e a moça que fora para a minha cama no dia em que havia escrito à Srta. Stermaria, não era mais a mesma que eu conhecera; ou por simples explosão da mulher que aparece no momento da puberdade, decorrência de circunstâncias que eu jamais pude conhecer. Em todo caso, se aquela a quem haveria amar um dia devesse, em certa medida, se assemelhar, isto é, se a minha escolha de uma mulher não era inteiramente livre, isso afinal resultava em que, dirigida de uma forma talvez necessária, ela o era sobre algo mais vasto que um indivíduo, sobre um gênero de mulheres, o que tirava toda necessidade a meu amor por Albertine. A mulher cujo rosto temos diante de nós mais constantemente do que a própria luz, pois mesmo de olhos fechados não deixamos um só instante de adorar seus belos olhos, seu lindo nariz, de usar de todos os meios para revê-los, essa mulher única, bem sabemos que outra a encarnaria para nós, se tivéssemos estado numa cidade

diversa daquela em que a encontramos, se fôssemos passear em outros bairros, se freqüentássemos outro salão, a única que julgamos nós? Ela é inumerável. E, no entanto, está compacta e indestrutível diante de nossos olhos que a amam, insubstituível por outra durante muito tempo. É que essa mulher não fez mais que suscitar em nós, por uma espécie de apelo mágico, mil elementos de ternura existentes em nós em estado fragmentário e que ela ajuntou, uniu, eliminando qualquer lacuna entre eles; fomos nós mesmos que, dando-lhe seus traços, fornecemos toda a matéria sólida da pessoa amada. Daí decorre que, mesmo que sejamos apenas um entre mil para ela, e talvez o último de todos, para nós ela é a única e toda a nossa vida se inclina em sua direção.

É certo que eu até já sentira muito bem que esse amor não era necessário, não só porque poderia formar-se pela Srta. de Stermaria, como, fora isso, porque o conhecia diretamente, por descobri-lo muito semelhante ao que havia sido para outras, e também por senti-lo mais vasto que Albertine, envolvendo-a, não a conhecendo, como a maré em torno a um rochedo esguio. Mas, pouco a pouco, à força de viver com Albertine, as cadeias que eu próprio havia forjado impediram que me desprendesse; o hábito de associar a pessoa de Albertine ao sentimento que ela não inspirara fazia-me, contudo, acreditar que ele lhe era próprio, como o hábito confere à simples associação de idéias entre dois fenômenos, segundo o que pretende uma certa escola filosófica, a força e a necessidade ilusórias de uma lei de causalidade. Julgara eu que minhas relações, minha fortuna, dispensariam-me de sofrer, e talvez muito eficazmente, pois isso me parecia dispensar-me de sentir, de amar e de imaginar; invejava uma pobre camponesinha a quem a ausência de relações, e até de telégrafo, proporciona vários meses de sonho após um desgosto que ela não pode amortecer artificialmente. Pois bem, agora percebia que, se, no tocante à Sra. de Guermantes, repleta de tudo aquilo que podia tornar infinita a distância entre nós, eu vira essa distância bruscamente suprimida pela opinião, pela idéia de que as vantagens sociais não passam de matéria inerte e transformável, de maneira idêntica, embora inversa, minhas relações, minha fortuna e todos os meios materiais de que tanto a minha situação como a civilização da minha época me faziam desfrutar, não tinham feito mais que adiar o desfecho da luta corporal com a vontade contrária, inflexível, de Albertine, sobre a qual não se exercera pressão nenhuma. Sempre eu pudera trocar despachos e comunicações telefônicas com Saint-Loup, estar em relações constantes com o escritório de Tours; mas não fora inútil e nulo o seu resultado? E as camponesas, sem vantagens sociais, ou os seres humanos antes desses aperfeiçoamentos da civilização, acaso não sofrem menos, porque desejam menos, porque se lamentam que sempre souberam, ser inacessível e que, por isso, permaneceu irreal? Deseja-se mais a pessoa que vai dar-se, a esperança antecipada do lamento é também um amplificador do desejo. A recusa da Srta. de Stermaria

vir jantar comigo na ilha do Bois foi o que impediu fosse ela quem eu amasse bastando isso também para que ela me amasse, se logo depois eu tivesse ido vê-la a tempo. Logo que soubera que ela não viria, admitindo a hipótese inventada, mas que se realizara de que talvez alguém se mostrasse enciumado afastasse dos outros e, sendo assim, eu não a veria mais, sofrera tanto para vê-la; esta foi uma das maiores angústias que senti, e que a chegada de Saint-Loup conseguira acalmar.

Ora, a partir de uma certa idade, os nossos e as nossas amantes são filhos da nossa angústia; nosso passado e as lesões em que ele está inscrito determinam o nosso futuro. Quanto a Albertine, o fato de não ser necessário fosse ela quem eu amasse estava, mesmo esses amores vizinhos, inscrito na história de meu amor por ela, ou seja, suas amigas. Pois nem era um amor como aquele por Gilberte, e sim criado da divisão entre várias moças. Era bem possível que fosse por sua causa e pareciam um tanto análogas à ela, que suas amigas tinham me agradado. O caso é que, durante muito tempo, foi possível a hesitação entre todas; a escolha passeava de uma a outra e, quando eu julgava preferir esta, bastava que esta me deixasse esperando, recusasse ver-me, para que eu sentisse por princípio de amor. Muitas vezes, naquele tempo, se acontecia de Andrée vir visitar-me em Balbec e se, um pouco antes da sua visita, Albertine me dava com a palavra, meu coração batia sem cessar, pensava que jamais tornaria a vê-la; que era ela quem eu amava. E, quando Andrée chegava, era com sinceridade que dizia (como lhe disse em Paris, depois que soube que Albertine conhecera Vinteuil) o que ela podia julgar dito de propósito, falsamente, e que eu verdadeiramente teria dito, e nos mesmos termos, se na véspera eu tivesse com Albertine: "Que pena, se você tivesse vindo mais cedo... Mas agora estou amando outra." Ainda nesse caso de Andrée substituída por Albertine, quando soubera que esta havia conhecido a Srta. Vinteuil, o amor fora alternativo? Conseguinte, em suma, só tinha havido um de cada vez. Mas ocorrera certos casos em que eu estivera meio brigado com duas das moças. Se aquela desse os primeiros passos me devolveria a calma, e seria a outra a quem eu queria; se ela continuasse zangada, o que não quer dizer que fosse com a primeira que me ligaria em definitivo, pois ela me consolaria, embora canhestramente, da segunda que eu acabaria por esquecer caso não voltasse; convencido de que uma ou outra, pelo menos, voltaria para mim, durante algum tempo nenhuma das duas o fazia. Logo, minha angústia era dupla, duplo o meu amor, e eu me reservara para deixar de amar aquela que voltasse, mas até lá sofria por ambas. É quinhão de uma certa idade, que pode chegar bem cedo, que sejamos menos amorosos por uma criatura do que por um abandono; onde acabamos por saber apenas uma coisa sobre essa criatura, pois seu rosto se tornou obscurecido, sua alma inexistente, em nossa preferência totalmente recente e inexplicada: é que, para não sofrer mais, precisaríamos que ela nos mandasse dizer:

"Você pode receber-me?"

Minha separação de Albertine, no dia em que Françoise me dissera:

- A Senhorita Albertine foi-se embora - era como uma alegoria de tantas outras separações. Pois muitas vezes, para descobrir que estamos apaixonados, talvez mesmo para que o fiquemos, é preciso que chegue o dia da separação. Nesses casos, quando a espera é baldada, uma palavra de recusa que fixa uma escolha, a imaginação, instigada pelo sofrimento, apressa tanto o seu trabalho, elabora com tão louca rapidez um amor mal começado e que permanecia informe, destinado há meses a ficar em estado de esboço, que a inteligência, por um momento, sem conseguir agarrar o coração, espanta-se e grita:

"Mas estás louco, em que novos pensamentos vives assim tão dolorosamente? Nada disso é a vida real."

E de fato, nesse instante, se não fôssemos impelidos pela devoção à infiel, algumas boas distrações que nos sossegassem fisicamente o coração, bastariam para fazer abortar o amor. Em todo caso, se essa vida com Albertine não era necessária em sua essência, ela se me tornara indispensável. Eu tremia ao amar a Sra. de Guermantes porque dizia para mim mesmo que, com seus grandes meios de sedução, não só quanto à beleza mas pela situação social e pela fortuna, ela seria muito mais livre para entregar-se a um bom número de pessoas, e eu teria muito pouco domínio sobre ela. Albertine era pobre, obscura, devia ter desejos de casar comigo. E, no entanto, eu não pudera tê-la só para mim. Seja devido às condições sociais, ou às previsões do bom senso, na verdade não temos domínio sobre uma criatura. Por que não me dissera ela: "Tenho tais e tais gostos"? Eu teria cedido, teria permitido que os satisfizesse.

Num romance que eu lera, havia uma mulher a quem nenhuma acusação do homem que a amava podia decidir a falar. Lendo-o, achara absurda tal situação; quanto a mim, pensava eu, teria primeiro obrigado a mulher a falar, e depois nos entenderíamos. Para que esses inúteis sofrimentos? Porém agora via que não somos livres para deixar de forjá-los e que, por mais que conheçamos a nossa vontade, os outros não nos obedecem. E, todavia, essas verdades inelutáveis e dolorosas, que nos dominavam e para as quais estávamos cegos, verdade dos nossos sentimentos, verdade do nosso destino, quantas vezes sem o saber, sem o querer, nós as dissemos em palavras que sem dúvida achávamos mentirosas, mas às quais o acontecimento dera depois um valor profético! Eu bem me lembrava de palavras que um e outro havíamos pronunciado sem saber então a verdade que continham, mesmo que as tivéssemos dito julgando representar uma comédia, e cuja falsidade era bem tênue, bem pouco interessante, totalmente refinada em nossa lastimável insinceridade, em comparação com o que ela tinha sem que o suspeitássemos. Mentiras e erros, do lado de cá da realidade que não

percebíamos; verdade do lado de lá, verdade dos nossos casos, cujas leis essenciais nos escapavam e precisam de tempo para se revelar, e também a verdade dos nossos destinos. Eu acreditara mentir, quando dizia em Balbec: "Quanto mais nos virmos, mais gostarei de você" (e, contudo, era intimidade de todos os instantes que, por meio do ciúme, tanto me ligara: "sinto que poderia ser útil ao seu espírito"; em Paris: "Procure ser prudente. Caso se lhe acontecesse um acidente, eu não me consolaria" (e ela: "Mas acontecer um acidente"); em Paris, na noite em que eu fingira querer acabar: "Deixe-me olhar para você ainda um pouco, pois em breve não a verei mais, e para sempre"; e ela, quando naquela mesma noite olhara a seu redor e disse: "não verei mais este quarto, estes livros, a pianola, toda esta casa; não posso acreditar nisso e contudo é verdade;" por fim, em suas últimas cartas, quando ela provavelmente dizendo consigo: "Estou fazendo chiqué. Deixo-lhe o melhor de mim mesma (e, na verdade, não era agora à fidelidade e às forças, ai de mim, bem frágeis, da minha memória, que se confiavam a sua inteligência, sua bondade, sua beleza?): Este momento, duas vezes crepuscular pois que o dia terminaria e nós nos separaríamos, só se desvanecerá de meu espírito quando ele for embora pela noite completa. Essa frase, escrita na véspera do dia em que de fato espírito fora invadido pela noite completa e onde talvez, nesses últimos clamores rápidos; mas que a ansiedade do momento pulveriza até o infinito, ela tornasse o nosso último passeio; nesse instante em que tudo nos abandona; em que cria uma fé, como os ateus se tornam cristãos no campo de batalha; talvez tivesse chamado em seu socorro o amigo tantas vezes amaldiçoado, mas tão mais respeitado por ela, que ele próprio; pois todas as religiões se parecem -tinha a crueldade de aspirar a que ela também houvesse tido tempo de se reconhecer, de lhe conhecer seu último pensamento, de confessar-se por fim a ele, de morrer nele. Mas, quê, pois mesmo se então ela houvesse tido tempo de se reconhecer, nenhum de nós compreendera onde estava a nossa felicidade, e o que deveríamos ter senão quando essa felicidade não era mais possível, quando já não podíamos realizá-la. Enquanto as coisas são possíveis, adiamo-las, e elas só podem ter esse poder de atração e essa aparente facilidade de realização quando, projetando-se no vazio ideal da imaginação, subtraem-se ao mergulho entorpecente e desfigurado no meio vital. A idéia de que temos de morrer é mais cruel do que morrer, menos que a idéia de que outra pessoa está morta, e que, aplanando-se depois de ter engolido uma criatura, estende-se, sem um redemoinho sequer nesse instante, uma realidade de onde essa criatura está excluída, onde não existe mais nenhuma vontade, nenhum conhecimento, e da qual é tão difícil remontar à idéia de que essa criatura já viveu. Como é difícil, no que tange à lembrança bem recente de sua vida, pensar que é assimilável às imagens sem consistência, às lembranças deixadas pelas personagens de um romance que lemos.

Pelo menos sentia-me feliz pelo fato de que, antes de morrer, ela me escrevera

essa carta, e, principalmente, mandara um último telegrama que provava que regressaria caso tivesse vivido. Parecia-me que assim era não apenas mais doce, porém mais belo, que o caso teria ficado incompleto sem aquele telegrama, teria menos jeito de arte e de destino. Na realidade, ele a teria da mesma maneira se tivesse sido outro, pois todo acontecimento é uma espécie de molde de uma forma particular e, seja qual for, impõe à série de fatos que ele veio interromper, e parece dela concluir, um desenho que julgamos ser o único possível porque não conhecemos aquele que poderia substituí-lo.

Repetia a mim mesmo: "Por que não me disse ela: 'Tenho tais e tais gostos'? Eu teria cedido, teria permitido que os satisfizesse, e mesmo naquele instante a beijaria." Que tristeza de ter de me lembrar que ela me havia mentido assim, ao jurar-me, três dias antes de me abandonar, que jamais tivera com a amiga da Srta. Vinteuil essas relações que, no momento em que me fazia tal juramento, o seu rubor me confessara! Pobre pequena, pelo menos tivera a honestidade de não pretender jurar que o gosto de rever a Srta. Vinteuil e sua amiga de modo algum contribuíra para o seu desejo de ir naquele dia à casa dos Verdurin. Por que não fora até o fim da confissão e inventara então aquele romance inimaginável? Talvez fosse, afinal, um tanto por minha culpa se ela, apesar de todas as minhas rogativas, que vinham quebrar-se diante de suas negações, jamais quisera me dizer: "Tenho esses gostos." Talvez fosse um tanto por minha culpa porque, em Balbec, no dia em que, após a visita da Sra. de Cambremer, eu tivera a primeira explicação com Albertine, e quando estava tão longe de acreditar que ela em todo caso pudesse sentir por Andrée outra coisa que não uma amizade excessivamente apaixonada, expressara com muita violência o meu aborrecimento por esse tipo de costumes, e os condenara de forma bastante categórica. Não podia recordar-me se Albertine enrubescera quando eu havia ingenuamente proclamado o meu horror àquilo; não podia recordar, pois às vezes é só muito tempo depois que desejamos saber qual a atitude de certa pessoa em dado momento no qual não prestamos nenhuma atenção a isso, e que, mais tarde, quando voltamos a pensar na nossa conversa, esclareceria uma dúvida pungente. Mas existe uma lacuna na nossa memória, não há qualquer traço disto. E muitas vezes não prestamos atenção suficiente, no próprio momento, nas coisas que já podiam nos parecer importantes, não ouvimos direito uma frase, não reparamos num gesto, ou então os esquecemos. E quando, posteriormente, ávidos por descobrir uma verdade, remontamos de dedução em dedução, folheando nossa memória como recolhendo testemunhos; quando chegamos a essa frase, a esse gesto, impossível de recordar, recomeçamos vinte vezes o mesmo trajeto, porém inutilmente; o caminho não além. Terá ela enrubescido? Não sei se enrubesceu, mas não podia deixar de ter ouvido, e a lembrança dessas palavras a fizera interromper-se, mais tarde quando estava a ponto de confessar-se a mim. E agora, ela não estava em parte alguma, eu poderia percorrer a Terra de um pólo

a outro sem voltar a vê-Ia; a realidade que se fechara sobre ela era espessa, apagara até o da criatura que nela soçobrara. Ela não passava de um nome, como aquele Charlus, de quem diziam com indiferença:

"Ela era deliciosa" aqueles que a tinham conhecido. Mas eu não podia conceber por mais que um instante a distância dessa realidade de que Albertine não tinha consciência, pois a minha existia bastante em mim; onde todos os sentimentos, todas as recordações se relacionavam à sua vida. Talvez se ela tivesse noção disto, se como verificasse que seu amigo não a olvidava, agora que sua vida estava finda, e teria sido às coisas que antes a deixariam indiferente. Mas como não desejaríamos as infidelidades, por mais secretas que sejam, de tal forma tememos que aquela a quem amamos não se abstenha delas, aterrorizava-me pensar que, se os vivem em alguma parte, minha avó conhecia tão bem o meu esquecimento, Albertine a minha recordação. E afinal, mesmo com relação a uma só e determinada morta, estaremos seguros de que a alegria que sentiríamos em saber que ela cedera algumas coisas, compensaria o terror de imaginar que ela as conhecera. E, por mais sangrento que seja o sacrifício, não renunciaríamos por vezes a ver como amigos, após terem morrido, aqueles a quem amávamos, de medo de ser igualmente como juízes?

Eram infinitas as minhas curiosidades ciumentas sobre o que fazia Albertine. Subornei grande número de mulheres, que não me contaram. Se essas curiosidades eram vivas, é que a criatura não morre imediatamente em nós, permanece banhada numa espécie de aura de vida que nada tem de verdadeira imortalidade, mas que faz com que ela continue a ocupar nossos pensamentos da mesma maneira como quando vivia. É como se estivesse viva! Trata-se de uma sobrevivência muito pagã. Opostamente, quando deixa as curiosidades que a criatura excita morrerem antes que ela própria havia morrido. Assim, eu não moveria mais uma palha para saber com quem passeava certa noite nos Champs-Élysées. Ora, percebia muito bem que as verdades eram absolutamente idênticas, sem valor em si mesmas, sem possibilidade de curiosidade continuava a sacrificar tudo à cruel satisfação dessas curiosidades; de duração passageiras, embora soubesse previamente que minha separação forçavam indiferença em Albertine, em conseqüência de sua morte, me levaria à mesma pela separação voluntária de Gilberte. Se Albertine pudesse ter sabido o que ocorreria, teria ficado em minha companhia. Mas isso equivalia a dizer que se a visse morta, teria preferido continuar viva, comigo. Pela própria condição que implicava, uma tal suposição era absurda. Mas não inócua, pois, imaginando o quanto Albertine, caso pudesse saber, caso pudesse retrospectivamente compreender, ficaria feliz por voltar para junto de mim, eu a via comigo e queria beijá-la; ai de mim, era impossível, ela jamais voltaria, estava morta.

Minha imaginação a procurava no céu, pelas noites em que ainda o tínhamos

contemplado juntos; para além desse luar de que ela gostava, eu tentava erguer até ela a minha ternura, a fim de que lhe servisse de consolo por não mais viver, e esse amor por uma criatura que se tornara tão distante era como uma religião; meus pensamentos subiam para ela como preces. O desejo é bem forte, engendra a fé; eu havia acreditado que Albertine não partiria porque assim o desejava; porque o desejava, acreditei que ela não estava morta; pus-me a ler livros a respeito de mesas giratórias, comecei a crer possível a imortalidade da alma. Mas ela não me bastava. Era preciso que, após a minha morte, eu a reencontrasse com o seu corpo, como se a eternidade se assemelhasse à vida. Que digo: à vida? Eu era ainda mais exigente. Gostaria de não ser privado para sempre, pela morte, dos prazeres que todavia ela não é a única a nos tirar. Pois, sem ela, eles acabariam por embotar-se; já tinham principiado a embotar-se pela ação do hábito antigo e das novas curiosidades.

Depois, na vida, Albertine pouco a pouco, mesmo fisicamente, teria mudado, dia após dia eu me adaptaria a essa mudança. Porém minha recordação, não evocando dela senão alguns momentos, pedia para tornar a vê-la exatamente como ela já não seria se tivesse vivido; o que minha recordação desejava era um milagre que contentasse os limites naturais e arbitrários da memória, a qual não pode sair do passado. No entanto, essa criatura viva, imaginava-a eu com a ingenuidade dos teólogos antigos, dando-me explicações, não as que poderia dar-me, mas, por uma última contradição, aquelas que sempre me recusara enquanto vivera. E assim a sua morte, sendo uma espécie de sonho, meu amor lhe pareceria uma ventura inesperada; eu não retinha da morte senão a comodidade e o otimismo de um desenlace que simplifica e resolve tudo.

Às vezes não era tão longe, não era em outro mundo que eu imaginava a nossa reunião. Assim como outrora, quando só conhecia Gilberte por brincar com ela nos Chames-Élysées, em casa, de noite, imaginava que ia receber uma carta dela, na qual me confessaria o seu amor, que iria regressar numa mesma força de desejo, que também não se embaraçava com as leis físicas que o contrariavam, como da primeira vez, a respeito de Gilberte (onde, afinal, não errara, pois tivera a última palavra), que agora me fazia pensar que ia receber um bilhete de Albertine, informando-me que de fato sofrera uma queda de cavalo, mas que por motivos romanescos (e como, enfim, acontece às vezes com pessoas que durante muito tempo consideramos mortas) ela não quisera que eu soubesse que estava curada e agora arrependida, pedia para voltar a viver comigo para sempre. E, fazendo-me compreender perfeitamente o quanto podem certas loucuras mansas de pessoas que de outro modo parecem razoáveis, sentia coexistirem em mim a certeza de que ela estava morta e da necessidade de esperança de vê-la regressar.

Ainda não recebera notícias de Aimé, que no entanto já devia tê-las em Balbec.

Sem dúvida, a minha investigação objetivava um ponto arbitrariamente escolhido. Se a vida de Albertine fora verdadeiramente escondida, devia conter coisas bem mais importantes, em que o acaso não me permitira como o fizera quanto àquela conversa a respeito do *peignoir*, graças ao rubor de Albertine. Exatamente essas coisas, porém, já não existem para mim, visto que as via. Era de modo inteiramente arbitrário que eu sorteara aquele dia que anos depois tentava reconstituir.

Se Albertine havia amado as mulheres, milhares de outros dias em sua vida cujo emprego eu ignorava e cujo assunto poderia ser igualmente de interesse para mim; poderia enviar muitos outros locais de Balbec, para muitas outras cidades além desta. Precisamente esses dias, porque não lhes conhecia o emprego, não se ofereciam à minha imaginação, não tinham existência. As coisas e as criaturas só começavam a existir para mim quando assumiam uma existência individual na minha imaginação. Se havia milhares de outras iguais, tornavam-se para mim representáveis de resto. Se desde há muito tempo eu desejava saber, em matéria de suspeitas de Albertine, o que se passara nas duchas; era da mesma forma que, em matéria de desejo de mulheres, embora eu soubesse que havia um grande número de camareiras que podiam lhes equivaler e de que, graças ao acaso, eu igualmente ouvira falar, queria conhecer; pois, era delas que Saint-Loup me falara, essas que existiam individualmente para mim a moça que ia aos bordéis da camareira da Sra. Putbus. As dificuldades que minha saúde, minha indecisão ganhara "procrastinação", como dizia Saint-Loup, opunham a que realizasse tal coisa; haviam-me feito adiar dia após dia, mês após mês, ano após ano, o esquecimento de certas suspeitas bem como a satisfação de certos desejos. Conservava na memória, prometendo a mim mesmo não esquecer de conhecer-lhes a realidade, pois somente eles me obcecavam (visto que os outros não possuíam forma a meus olhos, não existiam), e também porque o próprio acaso escolhera em meio à realidade, era para mim uma garantia de que de fato nele eu entraria em contato com um pouco da realidade, da vida verdadeira. E depois, um único fato, se for bem escolhido, não basta ao experimentar - deduzir uma lei geral que dará a conhecer a verdade acerca de milhares de análogos?

Era em vão que Albertine existia na minha memória apenas no momento em que me surgira sucessivamente, durante a sua vida, isto é, subdividida em uma série de frações de tempo; meu pensamento restabelecendo-lhe refazia uma criatura e era sobre essa criatura que eu queria lançar um julgamento geral, saber se ela me havia mentido, se amava as mulheres, se era para conviver livremente com elas que me havia abandonado. O que dissesse a encarregada das duchas poderia desfazer para sempre as minhas dúvidas sobre os costumes de Albertine. Minhas dúvidas! Ai de mim, eu acreditara que me seria indiferente, até mesmo agradável, não ver mais Albertine, quando a sua partida patenteou o

meu erro. Da mesma maneira a sua morte me mostrou o quanto me enganava ao julgar desejar às vezes essa morte e supor que ela seria a minha libertação. Assim também, ao receber a carta de Aimé, compreendi que, se até então não havia sofrido muito cruelmente com minhas dúvidas sobre a virtude de Albertine, é que na realidade não eram absolutamente dúvidas. Minha felicidade e minha vida tinham necessidade de que Albertine fosse virtuosa, tinham decidido de uma vez por todas que ela o era. Munido dessa crença preservadora, podia sem perigo deixar meu espírito brincar tristemente com suposições, às quais ele dava uma forma porém não acrescentava fé. Dizia comigo: "Ela talvez ame as mulheres", como dizemos: "Posso morrer esta noite"; dizemos, mas não acreditamos, fazemos projetos para o dia seguinte. É o que explica que, julgando-me erradamente incerto se Albertine amava ou não as mulheres, e, por conseguinte, crendo que um fato culposo, no seu ativo, não me diria nada que eu já não houvesse imaginado, eu tenha podido experimentar diante das imagens, insignificantes para outros, que me evocava a carta de Aimé, um sofrimento inesperado, o mais cruel que já sentira, e que formava com essas imagens, com a imagem, ai de mim!, da própria Albertine, uma espécie de precipitado, como se diz em química, onde tudo era indivisível e do qual absolutamente não pode dar idéia o texto da carta de Aimé, que separei de modo bem convencional, pois cada uma das palavras que o compõem era logo transformada e colorida para sempre devido ao sofrimento que ele acabava de provocar.

> *Senhor,*
>
> *Vossa Senhoria há de me perdoar se não escrevi mais cedo a Vossa Senhoria. A pessoa que Vossa Senhoria me encarregou de ver esteve ausente por dois dias e, desejoso de corresponder à confiança que Vossa Senhoria depositara em mim, não queria voltar de mãos vazias. Por fim, acabo de conversar com essa pessoa, que se recorda muito bem (Srta. A).*

Aimé, que possuía um certo princípio de cultura, desejava pôr Srta. A em itálico ou entre aspas. Mas, quando queria colocar aspas, traçava um parênteses e, quando queria pôr alguma coisa entre parênteses, punha-a entre aspas. Era assim que Françoise dizia que alguém permanecia na minha rua, para indicar que alguém havia nela, e que se podia viver dois minutos, em vez de permanecer, pois os erros das pessoas do povo muitas vezes consistem apenas em intercambiar vocábulos (como de resto fez a língua francesa) que no correr dos séculos ocupara unicamente o lugar um do outro.

> *Segundo ela, a coisa que Vossa Senhoria supunha era absolutamente:*

Primeiro, era ela quem cuidava da (Srta. A) cada vez que esta ia aos banhos. Vinha muitas vezes tomar ducha com uma mulher alta, mais velha que ela, vestida de gris, e que a encarregada das duchas, sem lhe saber o nome, já por tê-la visto várias vezes procurando moças. Mas ela não dava mais atenção às outras desde que conhecera (Srta. A). Ela e (Srta. A) sempre se fechavam na ducha; ficavam muito tempo, e a dama de gris dava pelo menos dez francos à pessoa com quem falei. Como me disse esta pessoa, V. S. há de perceber elas ficavam apenas enfiando pérolas, não me teriam dado dez francos. (Srta. A) também às vezes aparecia com uma mulher de pele bem escura, que usava lorgnon. Mas (Srta. A) vinha mais freqüentes vezes com moças mais jovens que ela, sobretudo uma bem ruiva. A não ser a dama de gris, as pessoas que costumava trazer não eram de Balbec e muitas vezes deviam vir até de muito longe. Jamais entravam juntas, mas (Srta. A) entrava, dizendo para deixara a porta da ducha aberta, pois ela esperava uma amiga, e a pessoa com quem falei sabia o que significava. Essa pessoa não pôde me dar outros detalhes, não se lembrando bem, "o que é fácil de compreender depois de passado tanto tempo". Ali a pessoa não procurava saber, porque é muito discreta e porque era de seu interesse, pois a (Srta. A) lhe dava um bom dinheiro. Ficou sinceramente entristecida que ela havia morrido. É verdade que tão moça é uma grande infelicidade para os seus. Espero as ordens de Vossa Senhoria para saber se posso deixar o local de onde creio que não descobrirei mais nada. Agradeço também a Vossa Senhoria a pequena viagem que me proporcionou e que foi bastante agradável, tanto o tempo está como ninguém imagina de tão favorável; a estação promete este ano. Espera-se que Vossa Senhoria nos honre com o seu aparessimento{89}.

Nada mais de interessante para dizer a Vossa Senhoria etc.

Para compreender a que profundidade que essas palavras me penetram é preciso lembrar que as perguntas que eu me fazia acerca de Albertine não eram questões acessórias, indiferentes, questões de detalhes, únicas na realidade, formulamos a respeito de todos os seres que não são nós mesmos, o que permite caminhar, revestidos de um pensamento impermeável, em meio ao pensamento, à mentira, ao vício e à morte. Não. Quanto a Albertine, era uma questão de essência: no fundo, quem era ela, em que pensava, a quem amava? Menti. Minha vida com ela fora tão lastimável como a de Swann com Odette. Por isso, o que a resposta de Aimé atingia, conquanto não fosse uma resposta geral, mas particular - e justamente por causa disso - era de fato, em mim e em Albertine, a profundidade.

Afinal eu via, diante de mim, naquela chegada de Albertine às duchas pela ruazinha, em companhia da dama de gris, um fragmento desse passado que não me parecia menos misterioso, menos assustador do que o que eu temia, ao

imaginá-lo encerrado na lembrança e no olhar de Albertine. Sem dúvida, qualquer outro, que não eu, poderia achar insignificantes esses pormenores, aos quais a impossibilidade em que me encontrava, agora que Albertine estava morta, de fazê-los refutar por ela, conferia o equivalente de uma espécie de probabilidade. E até provável que, para Albertine, mesmo que fossem verdadeiras, caso as confessasse, suas próprias faltas, ou porque sua consciência as achasse inocentes ou censuráveis, ou porque sua sensualidade as achasse deliciosas ou insossas, seriam destituídas dessa inexprimível essência de horror, de que eu não as separava. Eu mesmo, ajudado pelo meu amor às mulheres, e embora elas não devessem ter sido a mesma coisa para Albertine, podia sentir um pouco o que ela experimentava. E decerto era já um princípio de sofrimento o fato de imaginá-la desejando, como eu tantas vezes desejara, mentindo-me como tantas vezes eu lhe mentira, preocupada com esta ou aquela moça, fazendo despesas com ela, como eu com a Srta. de Stermaria, com tantas outras ou com as camponesas que encontrava na roça. Sim, todos os meus desejos me ajudavam em certa medida a compreender os seus; era já um grande sofrimento, onde todos os desejos, quanto mais vivos tinham sido, transformavam-se em tormentos tanto mais cruéis, como se nessa álgebra da sensibilidade eles reaparecessem como mesmo coeficiente; porém com o sinal de menos em lugar do sinal de mais. No caso de Albertine, tanto quanto podia julgar por mim mesmo, seus erros, por mais vontade que tivesse de ocultá-los de mim - o que fazia supor que se considerava culpada ou temia desgostar-me -, seus erros, porque os preparara a seu gosto, à luz clara da imaginação em que se agita o desejo, ainda assim lhe pareciam coisas da mesma natureza que o restante de sua vida de prazeres. Para ela, a que não tivera coragem de recusar-se, apenas, para mim, que ela tentara evitar causar-me, ocultando-as, mas prazeres e penas que podiam figurar em meio a outros prazeres e penas da vida. Mas para mim, era de fora, sem que eu fosse prevenido, sem que eu mesmo pudesse elaborá-las, era da carta de Aimé que tinham vindo essas imagens de Albertine chegando às duchas e reservando a sua gorjeta. Sem dúvida, porque, nessa chegada silenciosa e deliberada de Albertine com a mulher de gris, eu lia o encontro que elas tinham tido, e essa convenção de fazer amor num salão de duchas, que implicava uma experiência da corrupção, a organização bem dissimulada de toda uma dupla existência, porque essas imagens traziam a terrível notícia da culpabilidade de Albertine é que elas me haviam causado de imediato uma dor física, de que não se separariam nunca mais! Logo a dor reagira contra elas; um fato objetivo, feito uma imagem, é conforme o estado interior com que o abordamos. E a dor é um tão transformador da realidade como a embriaguez. Combinado com essas imagens de sofrimento logo fizera delas algo absolutamente diverso do que podem qualquer outra pessoa uma dama de gris, uma gorjeta, uma ducha e a ruela ocorrera a chegada intencional de

Albertine com a dama de gris. Todas as imagens eram a perspectiva aberta sobre uma vida de mentiras e de faltas que eu havia imaginado - meu sofrimento as modificara de imediato em sua própria forma, eu não as via à luz que ilumina os espetáculos da terra; era o fragmentos de outro mundo, de um planeta desconhecido e amaldiçoado, uma visão do inferno era toda essa Balbec, todas as regiões circunvizinhas de onde vinha a carta de Aimé.

Albertine fazia vir muitas vezes as moças mais jovens, para às duchas. Esse mistério, que eu imaginara antigamente na região de Balbec se havia dissipado quando ali vivi, que a seguir esperara recuperar ao de Albertine porque, quando a via passar pela praia, quando era bastante o desejo de que não fosse virtuosa, pensava eu que ela devia encalmá-lo com tudo o que se referisse à Balbec se impregnava horrivelmente dele. Os dessas estações: Toutainville, Épreville, Incarville, tornados tão familiares; tranqüilizantes, quando os ouvia à noite ao voltar da casa dos Verdurin, agora, que Albertine havia morado em uma delas, saíra de passeio até a outra; as vezes em que pudera ir de bicicleta à terceira, despertavam em mim uma ansiedade cruel que da primeira vez, quando eu as via tão perturbado do trenzinho a minha avó, antes de chegar à Balbec ainda desconhecida.

Uma das forças do ciúme é revelar-nos o quanto a realidade dos exteriores e os sentimentos da alma são algo desconhecido, que se presta à suposições. Julgamos saber exatamente as coisas e o que pensam delas, pela simples razão de que não nos preocupamos com isso. Mas, logo que tenhamos o desejo de saber, como o ciumento, então é tudo um caleidoscópio nosso, onde nada mais distinguimos. Albertine me enganara? Com quem? Em casa? Em que dia? Naquele em que me dissera tal coisa? Em que eu me lembrara de ter dito isso ou aquilo? Eu não sabia de nada. Já nem sabia quais eram seus sentimentos para comigo, se eram inspirados pelo interesse ou pela ternura.

De súbito lembrava-me de certo incidente insignificante; por exemplo, que Albertine quisera ir à Saint-Martin-le-Vêtu, dizendo que este nome a interessava, e apenas porque havia conhecido alguma camponesa que lá morava. Mas valia a pena que Aimé tivesse sabido de tudo isso para mim pela encarregada; depois Albertine devia ignorar para sempre que ele me dera essa informação. Minha necessidade de saber sempre fora superada, em meu amor por Albertine, pela necessidade de lhe mostrar que eu sabia; porque isso fazia cair entre nós a separação de ilusões diferentes, tudo jamais dando como resultado que eu me fizesse mais amado por ela, muito pelo contrário. Ora, eis que desde a sua morte a segunda dessas necessidades se amalgamara ao efeito da primeira: eu buscava imaginar a conversa em que lhe desejaria comunicar aquilo que soubera, tão vivamente como a conversa em que lhe teria indagado o que desconhecia; ou seja, vê-la perto de mim, ouvi-la a responder-me com bondade, ver suas

bochechas se incharem, os olhos perderem a malícia e ficarem tristes, isto é, amá-la ainda e esquecer a fúria do meu ciúme no desespero do meu isolamento. O mistério doloroso dessa impossibilidade de lhe fazer saber o que eu havia conhecido, e de estabelecer nossas relações sobre a verdade do que eu simplesmente acabara de descobrir (e que talvez só descobrira porque ela estava morta) substituía com sua tristeza o mistério mais doloroso de sua conduta. Como?

Ter desejado tanto que Albertine soubesse que eu me informara acerca da história do salão de duchas, e Albertine não era mais nada! Aí estava ainda uma das conseqüências dessa impossibilidade em que nos encontramos, quando temos de raciocinar sobre a morte, de imaginarmos outra coisa que não a vida. Albertine não era mais nada; mas, para mim, era a pessoa que me ocultara ter tido encontros com mulheres em Balbec, que achava ter tido êxito em me fazer ignorá-los. Quando raciocinamos sobre o que ocorrerá após a nossa própria morte, não será ainda a nossa pessoa viva que, por engano, projetamos nesse momento? E, afinal, não é muito mais ridículo deplorar que uma mulher que já não é nada, ignore que tenhamos sabido o que ela fazia há seis anos, do que desejar que de nós mesmos, que estaremos mortos, o público ainda fale favoravelmente daqui a um século? Se há mais fundamento real no segundo caso que no primeiro, as lamentações do meu ciúme retrospectivo nem por isso provinham menos do mesmo erro de ótica que, nos outros homens, insinua o desejo de glória póstuma. Entretanto, essa impressão do que havia de solenemente definitivo em minha separação de Albertine, se por um momento substituíra a idéia de suas faltas, não fazia mais que agravá-las ao lhes conferir um caráter irremediável. Via-me perdido na vida, como numa praia ilimitada em que estivesse sozinho e onde, em qualquer sentido que caminhasse, não a encontraria jamais. Felizmente, achei bem a calhar em minha memória -como há sempre todo tipo de coisas, umas perigosas, outras salutares, nessas camadas onde as recordações só se iluminam de uma em uma -, descobri, como um operário, o objeto que poderá servir para o que deseja fazer, uma palavra de minha avó. Ela me dissera, a respeito de uma história inverossímil que a encarregada das duchas havia contado à Sra. de Villeparisis: "É uma mulher que deve ter a doença da mentira." Essa lembrança me foi de grande auxílio. Que alcance podia ter o que a encarregada das duchas dissera à Aimé? Tanto mais que, afinal, nada vira. Uma pessoa pode tomar duchas com suas amigas sem por isso pensarem alguma coisa má. Talvez, para gabar-se, a encarregada das duchas esperasse a gorjeta. Bem que eu ouvira Françoise sustentar certa vez que Léonie dissera, na sua frente, possuir "um milhão de francos para este mês", o que era absurdo; de outra vez, que vira minha tia Léonie dar a Eulane notas de mil francos, ainda que uma nota de cinqüenta francos, dobrada em que já me parecesse pouco verossímil. E assim eu procurava, e o consegui ao desfazer-me

da certeza dolorosa que tanto mal me fizera adquirir; dividido como estava sempre entre o desejo de saber e o medo de sofrer. Então pôde voltar a minha ternura, mas logo, com ela, a tristeza de estar separado de Albertine, qual eu era talvez mais infeliz do que nas horas recentes em que o ciúme me torturava.

Porém este renasceu, de súbito, quando pensei em Balbec, por imagem repentinamente reaparecida (e que até então nunca me fizera sofrer parecendo-me até uma das mais inofensivas de minha memória), a imagem por acaso, da sala de jantar de Balbec, à noite, tendo, do outro lado da vidraça aquela população, amontoada na sombra como diante do vidro luminoso de um aquário, fazendo roçar (nunca pensara eu nisso), em sua aglomeração, as moças do povo contra as pequeno-burguesas enciumadas daquele dia em Balbec, esse luxo que, se não afortuna, ao menos a avareza e a tradição imitavam a seus pais, pequeno-burguesas entre as quais certamente estava todas noites, Albertine; a quem ainda não conhecia e que sem dúvida ali recrutava alguma garota, com quem se encontrava, minutos depois, de noite, na areia ou na cabine abandonada, aos pés do rochedo. A seguir, era a minha tristeza que eu acabava de ouvir, como uma condenação ao exílio, o barulho do elevador, em vez de parar no meu pavimento, subia além. No entanto, a única pessoa, a visita que eu poderia desejar não mais viria, estava morta. E apesar disso, quando o elevador parava no meu andar, o meu coração batia, eu dizia comigo por um instante: "E se tudo não passasse de um sonho? Talvez seja ela, vai tocar a campainha, entrar, Françoise virá dizer-me, mais com espanto do que raiva, pois é ainda mais supersticiosa que vingativa, e recearia menos uma pessoa viva do que o que julgue ser uma alma penada: “Patrão, nunca vai adivinhar quem está aí." Eu tentando não pensar em coisa alguma, pegar um jornal. Mas era-me insuportável ler aqueles artigos escritos por pessoas que não sentiam dor de verdade. De canção insignificante, um dizia: "É de fazer chorar", ao passo que eu a teria esperado com tanta alegria se Albertine estivesse viva.

Um outro, contudo grande escrito por ter sido aclamado à descida de um trem, dizia que ali recebera testemunha inolvidáveis, enquanto que eu, se os recebesse agora, nem sequer por um instante pensaria neles. E um terceiro afirmava que, sem a odiosa política, a vida deles seria "completamente deliciosa", ao passo que eu sabia que, mesmo sem política, esta vida só podia ser atroz, e me teria parecido deliciosa, mesmo com política, se tivesse recuperado Albertine. O cronista de caçadas dizia (estávamos no mês de maio): "Esta época é verdadeiramente dolorosa, digamos até sinistra, para o verdadeiro caçador, pois ele não tem nada, absolutamente nada, em que atirar", e o cronista do Salão: "Diante desse modo de organizar uma exposição, a gente se vê tomado de um grande desânimo, de uma tristeza infinita..."

Se a força daquilo que eu sentia, fazia-me parecer pálidas e falsas as expressões dos que não eram verdadeiramente felizes ou infelizes, em compensação as linhas mais insignificantes que, mesmo remotamente, podiam ligar-se à Normandia ou à Nice, ou aos estabelecimentos hidroterápicos, ou à Berma, à princesa de Guermantes; ou ao amor, à ausência ou à infidelidade, repunham bruscamente diante de mim, sem que tivesse tempo de me desviar, a imagem de Albertine, e eu chorava de novo. Aliás, eu nem sequer podia ler esses jornais habitualmente, pois o simples gesto de abrir um deles me recordava, ao mesmo tempo, que realizara outros semelhantes quando Albertine era viva e que ela já não vivia; deixava-os cair, sem ânimo para desdobrá-los por inteiro.

Cada impressão evocava uma impressão idêntica, porém destruída, porque dela fora retirada a existência de Albertine, de modo que eu jamais tinha a coragem de viver até o fim esses minutos mutilados. Mesmo quando, aos poucos, ela deixou de estar presente em meu pensamento e todo-poderosa no meu coração, eu sofria de súbito se me fosse preciso entrar em seu quarto, como no tempo em que ela morava ali, procurar luz, sentar-me junto da pianola. Dividida em pequenos deuses familiares, ela habitou por muito tempo a chama da vela, a maçaneta da porta, o espaldar de uma cadeira; outros domínios menos imateriais, como uma noite de insônia, ou a emoção que me dava a primeira visita de uma mulher que me agradara. Apesar disso, as poucas frases que meus olhos liam durante o dia; ou que meu pensamento recordava haver lido, freqüentemente excitavam em mim um ciúme cruel. Por isso, tais frases precisavam menos me fornecer um argumento válido em favor da imoralidade das mulheres do que me restituir uma impressão antiga ligada à existência de Albertine. Transportadas então para um momento esquecido, cuja força não me fora atenuada pelo hábito de pensar nele, e onde Albertine ainda vivia, suas faltas assumiam algo de mais próximo, mais angustiante, mais atroz.

Então eu voltava a me perguntar se era certo que as revelações da encarregada das duchas fossem falsas. Uma boa maneira de conhecer a verdade seria enviar Aimé à Touraine, para que passasse alguns dias nas vizinhanças da vivenda da Sra. Bontemps. Se Albertine amava os prazeres que uma mulher tem com outras, se fora para não ficar muito mais tempo privada deles que me abandonara, deveria, logo que se visse livre, tentar entregar-se à eles e satisfazê-los, numa região que conhecia; para onde não teria escolhido retirar-se caso não tivesse pensado em encontrar ali mais facilidades do que em minha casa. Sem dúvida, não havia nada de extraordinário no fato de que a morte de Albertine tivesse mudado tão pouco as minhas preocupações. Quando a nossa amante está viva, uma grande parte dos pensamentos que formam aquilo a que chamamos "nosso amor" nos ocorre durante as horas em que ela não está ao nosso lado. Assim, o hábito de ter por objeto de nossos devaneios um ser ausente, e que, mesmo

quando se ausenta por mais que poucas horas, não passa, nessas horas, de uma morte, igualmente não muda grande coisa.

Quando Aimé voltou, pedi partisse para Châtellerault. Assim, não só pelos meus pensamentos e tristezas, a emoção que me dava um nome, ligado, ainda que remotamente, certa criatura, mas também por todos os meus atos, pelas investigações que levava à efeito, pelo emprego que fazia do meu dinheiro, inteiramente destinado as ações de Albertine, posso dizer que todo esse ano minha vida ficou ao redor de um amor, de uma verdadeira ligação. E essa que era objeto de semelhante esforço, estava morta. Diz-se, às vezes, que pode subsistir alguma coisa por outra após a morte, se essa criatura foi artista e colocou um pouco de si mesma obra. Talvez seja da mesma forma que uma espécie de mudança, retirada a criatura e enxertada no coração de outra, aí continua a desenvolver-se, depois de morta a criatura da qual foi destacada.

Aimé foi instalar-se ao lado da vivenda da Sra. Bontemps; travou conhecimento com uma camareira e comum locador de carros em cuja firma Albertine, com freqüência, ia alugar um pelo dia todo. Tais pessoas nada haviam obsequiado. Numa segunda carta, Aimé dizia ter sabido, por uma lavadeirinha da cidade, que Albertine possuía um jeito particular de lhe apertar o braço, quando a via, ou entregava a roupa. Mas, dizia ela, esta senhorita nunca lhe fizera outra coisa. Dei à Aimé o dinheiro que lhe pagava a viagem, que pagava o mal que causava com sua carta, e todavia eu me esforçava para curá-lo, dizendo comigo que isso era uma familiaridade que não provava qualquer desejo vicioso, quando um telegrama de Aimé: SOUBE COISAS BEM INTERESSANTES. ESTOU COM NOVIDADES PARA O SENHOR. SEGUE CARTA.

No dia seguinte, veio uma cujo sobrescrito bastou para me fazer estremecer; reconhecera de quem era. Depois, toda criatura, mesmo a mais humilde, tem sob seu domínio esses seres familiares, a um tempo vivos e deitados numa espécie de entorpecentes sobre o papel, os caracteres de sua escrita, que só ela possui.

> *A princípio, a lavadeirinha não quis me dizer nada, afirmava que Albertine nunca lhe fizera senão apertar-lhe o braço. Mas, para fazê-la falar, levei-a para jantar, fi-la beber. Então, ela me contou que a Srta. Albertine, muitas vezes à beira do Loire quando ela ia tomar banho; que a Srta. Albertine, tinha o hábito de levantar bem cedinho para tomar banho, costumava encontrar com ela à beira do rio, num local em que as árvores são tão espessas que ninguém pode ver a gente, e aliás não há ninguém que possa ver a gente àquela hora. A lavadeirinha levava suas amiguinhas e elas se banhavam; depois, como já muito calor por lá e até debaixo das árvores parecia que pegava fogo, secava-se na grama, acariciando-se, fazendo*

cócegas, brincando. A lavadeirinha confessou que apreciava muito divertir-se com as amiguinhas e que, vendo a Srta. Albertine sempre se esfregando nela com seu peignoir, fazia com que se despisse e, com a língua, ia lhe acariciando o pescoço, os braços, e até a sola dos pés que Albertine lhe estendia. A lavadeirinha também se despia, e elas brincavam de se empurrarem n'água. Nessa noite ela não me disse mais nada. Mas inteiramente devotado às ordens de Vossa Senhoria e querendo fazer tudo para agradar ao senhor, levei a lavadeirinha para dormir comigo. Ela me perguntou se eu queria que fizesse o mesmo que havia feito para a Srta. Albertine, quando esta tirava a roupa de banho. E me disse: (Se visse como aquela moça se retorcia, ela me dizia: (Ah! você me deixa louca) e ficava tão nervosa que não podia evitar morder-me). Ainda vi o sinal no braço da lavadeirinha. E compreendi o prazer da Srta. Albertine, pois essa garota é de fato muito habilidosa.

Eu sofrera bastante em Balbec, quando Albertine me falara de sua amizade pela Srta. Vinteuil. Mas Albertine estava lá para me consolar. Depois, quando, por ter procurado conhecer demais os atos de Albertine, conseguira fazer que fosse embora de minha casa; quando Françoise me anunciara que ela já não estava presente e que me achei sozinho, sofrera mais ainda. Mas pelo menos a Albertine que eu havia amado permanecia em meu coração. Agora, em seu lugar-como punição por ter levado tão longe uma curiosidade à qual, contrariamente ao que havia suposto, a morte não pusera termo-, o que eu encontrava era uma moça diferente, multiplicando as mentiras e as traições bem onde a outra me tranqüilizara, com tanta doçura, jurando que jamais conhecera esses prazeres, os quais, na embriaguez da liberdade reconquistada, fora gozar até o espasmo, até o ponto de morder aquela pequena lavadeira com quem se encontrava ao despontar do sol, à beira do Loire, e a quem dizia: "Você me deixa louca." Uma Albertine diferente, não só no sentido em que entendemos a palavra diferente quando se trata dos outros. Se os outros são diferentes do que pensávamos, tal diferença, não nos atingindo profundamente, e não podendo o pêndulo da intuição projetar para fora de si mais que uma oscilação igual à que executou no sentido interior, é somente nas regiões superficiais deles mesmos que situamos essas diferenças. Outrora, quando eu ficava sabendo que uma mulher gostava de mulheres, nem por isso ela me parecia diferente, de uma essência particular. Mas se se trata de uma mulher a quem amamos, para nos livrarmos da dor que sentimos à idéia de que isso pode ser verdade; procuramos saber não apenas o que ela fez, mas aquilo que sentia ao fazê-lo, que idéia tinha daquilo que fazia; então, descendo cada vez mais às profundezas da dor, atingimos o mistério, a essência. Eu sofria até no fundo de mim mesmo, até no meu corpo, no meu coração, bem mais do que me teria feito sofrer o medo de perder a vida, com essa curiosidade com a qual colaboravam todas as forças da minha inteligência e

do meu inconsciente; e, assim, era nas próprias profundezas de Albertine que eu projetava agora tudo o que soubera a seu respeito. E desse modo fizera penetrar em mim, a uma tal profundidade, a realidade de que Albertine, muito mais tarde me prestou um último serviço. Da mesma o mal que eu havia feito à minha avó, o mal que me fizera Albertine foi entre ela e mim, sobrevivendo até a recordação; pois, com a conservação que possui tudo o que é físico, o sofrimento nem sequer precisa das lembranças da memória; assim, um homem que se esqueceu das belas noites de luar nos bosques, sofre ainda dos reumatismos que neles apanhou.

Esses gostos que ela possuía, mas negava, esses gostos cuja verdade me viera, não envoltos em frio raciocínio, mas no ardente sofrimento da leitura destas palavras: "Você me deixa louca", sofrimento que lhes continham particularidade qualitativa, esses gostos não se ajustavam apenas à Albertine, como se ajusta ao bernardo-eremita a nova concha que ele arrasta; mas, antes como um sal que entra em contato com outro sal, muda-lhe mais ainda, a Natureza. Quando a lavadeirinha dissera à amigas: "Imaginem; teria acreditado, a senhorita também é", para mim, não era somente uma hipótese que a princípio não suspeitavam; o que elas acrescentavam à pessoa de Albertine, era sim a descoberta de que ela era uma outra pessoa, uma pessoa como ela que falava a mesma língua, o que, fazendo-a compatriota das outras, tornava-a mais estranha a mim, provava que o que eu tivera dela; levava em meu coração; que era apenas um pouquinho dela, e que o resto, que adquiria tamanha extensão não ser unicamente essa coisa já de tão misteriosa importância, um desejo dual, mas por lhe ser comum com as outras, ela sempre me escondera; tendo me afastado dele, como uma mulher que me tivesse ocultado ser de um inimigo e espiã, e que ainda teria agido de modo mais traiçoeiro que uma; pois esta só engana quanto à sua nacionalidade, ao passo que Albertine, quanto à sua humanidade mais profunda, quanto ao fato de que não pertencesse à humanidade comum, mas a uma raça estranha que com ela se mistura, esconde e não se funde jamais.

Eu justamente acabara de ver dois quadros de onde, numa paisagem densa, há mulheres nuas. Num deles, uma das moças e o pé como o devia fazer Albertine quando o ofertava à lavadeira. Como empurra para a água a outra moça, que resiste alegremente, a coxa levantada, mal mergulhado na água azul. Lembrava-me agora que o levantar da perna, ângulo do joelho, compunha o mesmo feitio sinuoso de pescoço de cisne; pela inclinação da coxa de Albertine quando estava a meu lado na cama; muitas vezes, quisera lhe dizer que ela me lembrava essas pinturas, mas não dizia, para não despertar nela a imagem de corpos nus de mulheres. Agora eu ao lado da lavadeira e das amigas desta, recompondo o grupo de que eu tantas vezes quando estava sentado no meio das amigas de Albertine, em Balbec. E, se eu um amador sensível apenas à beleza, teria

reconhecido que Albertine o tenha mil vezes mais belo, agora que os seus elementos eram as estátuas nuas de deusas, como as que os grandes escultores espalharam em Versalhes, entre as moitas, ou rodeavam de fontes, para que as lavassem e polissem as carícias da água corrente. Agora, eu a via ao lado da lavadeira, moças à beira d'água, em sua dupla nudez de mármores femininos, no meio dos tufos de vegetação e mergulhando n'água como baixos-relevos náuticos. Lembrando-me do que era Albertine em minha cama, acreditava ver a sua coxa recurva, via-a, era um pescoço de cisne, e procurava a boca da outra moça. Então, já não via sequer uma coxa, mas o colo ousado de um cisne, como aquele que, num esforço fremente, procura a boca de uma Leda, vista em toda a palpitação específica do prazer feminino, porque só existe um cisne, e ela parece mais sozinha, da mesma forma que descobrimos ao telefone as inflexões de uma voz que não distinguimos enquanto não se dissocia de um rosto onde se objetiva a sua expressão.

Nesse esforço, o prazer, em vez de ir em direção à mulher que o inspira, e que está ausente, substituída por um cisne inerte, concentra-se naquela que o sente. Por instantes, a comunicação ficava interrompida entre o meu coração e minha memória. O que Albertine havia feito com a lavadeira era-me representado apenas pelas abreviaturas quase algébricas que não me configuravam mais nada; mas cem vezes por hora a corrente interrompida se restabelecia, e meu coração queimava sem piedade num fogo infernal, enquanto via Albertine ressuscitada pelo meu ciúme, verdadeiramente viva, retesar-se sob as carícias da lavadeirinha, a quem dizia: "Você me deixa louca." Como vivia no momento em que cometia a sua falta, isto é, no momento em que eu próprio me encontrava, não me bastava conhecer essa falta, gostaria que ela soubesse que eu a conhecia. Assim, se nesses momentos lamentava pensar que nunca mais a veria de novo, esse lamento trazia a marca do meu ciúme e, bem diverso do lamento dilacerante dos momentos em que a amava, não passava de lástima de não poder dizer-lhe: "Achavas que eu jamais saberia do que fizeste depois de me deixares; pois bem, sei de tudo, sei da lavadeira à beira do Loire, tu lhe dizias: 'Você me deixa louca', vi a mordida." Sem dúvida, dizia comigo: "Por que me atormentar? Essa que gozou com a lavadeira já não é nada, logo era uma pessoa cujas ações não têm mais valor. Ela não sabe que eu sei. Mas também não sabe que eu não sei, porque não sabe coisa alguma". Porém este raciocínio me convencia menos que a visão de seu gozo, que me devolvia ao momento em que ela o havia experimentado. O que sentimos só existe para nós e nós o projetamos no passado, no futuro, sem nos deixarmos deter pelas barreiras fictícias da morte. Se, nesses instantes, o meu lamento pela sua morte sofria a influência de meu ciúme e assumia aquela forma tão particular, essa influência se estendeu naturalmente aos meus devaneios de ocultismo e de imortalidade, que não eram senão um esforço para tentar realizar o que eu desejava. Assim, nesses instantes, se

conseguisse evocá-la fazendo girar uma mesa, como outrora Bergotte julgava ser possível, ou em reencontrá-la em outra vida, como o imaginava o abade X***, não teria desejado isso senão repetir: "Sei através da lavadeira. Tu dizias: 'Você me deixa louca'; vi a morte que veio em meu socorro, contra a imagem da lavadeira, foi -certamente ter durado um pouco-essa imagem mesma, pois só conhecemos de fato novo, o que bruscamente introduz na nossa sensibilidade uma alteração que fere fundo, coisa a que o hábito ainda não substituiu por seus pálidos símiles. Mas sobretudo foi esse fracionamento de Albertine em numerosas Albertines, que se transformou no seu único modo de exibir em mim.

Voltaram os momentos em que ela fora apenas bondosa, ou inteligentemente séria, ou mesmo gostava dos esportes acima de tudo. E esse fracionamento profundo não era justo que ele me acalmasse? Pois, se não fosse em si mesmo real, se dependesse da forma sucessiva das horas em que ela me aparecera; que permanecia sendo a da minha memória, como a da curvatura das projeções de minha lanterna mágica; dependia da curvatura dos vidros coloridos, não repetiria à sua maneira uma verdade, e bem objetiva, a saber, que cada um de nós contém numerosas pessoas, nem todas com o mesmo valor moral, a que existira em Albertine viciosa, isto não impedia que tivesse havido outras Albertines, a que gostava de conversar sobre Saint-Simon comigo, em seu quarto; a que, na noite em que lhe dissera que era preciso que nos separássemos, comentar tristeza: "Esta pianola, este quarto, pensar que nunca mais voltarei a ver tudo e, quando vira a emoção que minha mentira, acabara por me comunicar, exclamando com uma piedade tão sincera: "Oh, não! Tudo menos fazer você sofrer. Está bem; quando, não tentarei vê-lo de novo."

Então, não estive mais sozinho; senti desaparecer aquele muro que nos separava. A partir do momento em que essa generosa Albertine voltara, eu havia reencontrado a única pessoa a quem poderia pedir o antídoto aos sofrimentos que Albertine me causava. Certo, eu sempre desejaria lhe acercar da história da lavadeira, mas já não seria como um cruel triunfo nem para mostrar, maldosamente, que a conhecia. Como teria feito, se Albertine estivesse viva, perguntei-lhe com ternura se era verdade a história da lavadeira. Ela me jurou que não, que Aimé não era muito verídico e que, desejando parecer que ganhara bem o dinheiro que eu lhe dera, não tinha querido voltar de mãos abanando, e a lavadeira dizer tudo o que ele pretendia.

Sem dúvida, Albertine continuava a mentir. No entanto, no fluxo e refluxo de suas contradições, eu sentia haver uma certa progressão de vida a mim. Que ela no começo me houvesse feito confidências (talvez, é certo, involuntárias, como numa frase que se escapa), eu não teria jurado, não me lembrava mais. E, além disso, ela possuía modos tão esquisitos de certas coisas, que isso podia ou não significar tal coisa. Mas o entendimento que tivera do meu ciúme a levara em

seguida a retratar-se, com horror, daquilo que a princípio admitira complacentemente. De resto, Albertine não precisava seque me dizer tudo isso. Para me convencer de sua inocência, bastava-me beijá-la. Podia, agora que caíra o muro que nos separava, semelhante ao tapume, impalpável e resistente, que se ergue entre dois amantes após uma briga, e contra o qual se despedaçariam os beijos. Não, ela não precisava me dizer nada. Fizesse o que quisesse a coitadinha, havia sentimentos nos quais, por cima daquilo que nos separava, podíamos unir-nos. Se a história era verdadeira, e se Albertine me ocultara os seus gostos, fora para não me aborrecer. Tive a doçura de ouvi-la dizer por essa outra Albertine. Além disso, havia eu alguma vez conhecido outra? As duas maiores causas de erros em nossas relações com outra criatura consistem em termos bom coração e amarmos a essa criatura. Amamos por um sorriso, por um olhar, por um ombro. Isso basta; então, nas compridas horas de esperança ou de tristeza, fabricamos uma pessoa, compomos um caráter. E quando, mais tarde, freqüentamos a pessoa amada, já não podemos, diante da realidade cruel que divisamos, arrancar esse caráter bom, essa natureza de mulher que nos ama, àquela criatura que possui tal olhar e tais ombros, da mesma forma que não podemos arrancar seu rosto primitivo a uma pessoa que conhecemos desde a juventude, quando envelhece. Evoquei o olhar belo, piedoso e bom daquela Albertine, suas faces gordas, seu pescoço de amplas granulações. Era a imagem de uma morta, mas, como essa morta vivia; foi simples fazer logo o que infalivelmente teria feito se ela tivesse viva junto a mim (o que faria caso a encontrasse de novo em outra vida): perdoei-lhe.

Os momentos que vivera junto dessa Albertine eram-me de tal modo preciosos que não gostaria de deixar escapar nenhum deles. Ora, por vezes, como recuperamos os restos de uma fortuna dissipada, tornava a encontrar alguns que pareciam perdidos: atando um lenço por trás do meu pescoço, e não na frente, lembrei-me de um passeio no qual nunca voltara a pensar e onde, para que o ar frio não me afetasse a garganta, Albertine me atara o lenço dessa forma, depois de me haver beijado. Esse passeio tão simples, restituído à minha memória por um gesto tão humilde, deu-me o prazer desses objetos íntimos, pertencentes a uma pessoa morta e querida, que a velha camareira nos vem trazer, e aos quais damos tanto valor; minha mágoa achou-se enriquecida com essa lembrança, principalmente porque eu jamais voltara a pensar nesse lenço.

Agora Albertine, novamente solta, retomara o seu vôo; homens e mulheres a seguiam. Ela vivia em mim. Eu percebia que esse amor prolongado por Albertine era como a sombra do sentimento que tivera por ela, reproduzindo-lhe as diversas etapas, e obedecia às mesmas leis da realidade sentimental que ele refletia para além da morte. Pois eu sentia muito bem que, se podia pôr alguns intervalos entre meus pensamentos dedicados à Albertine, por outro lado, se

pusesse demais, já não a teria amado; devido a essas fendas, ela ia se tornando indiferente para mim, como já o era a minha avó. Demasiado tempo sem pensar nela teria rompido em minha lembrança a continuidade que é o princípio mesmo da vida, que todavia pode ser recuperado após um certo espaço de tempo. Não fora desse modo o meu amor por Albertine quando ela vivia, e que pudera renovar-se depois de um bastante longo tempo, durante o qual eu permanecera sem pensar nela? Ora, a recordação deveria obedecer às mesmas leis, sem poder suportar intervenções longas, pois não fazia mais do que, como as auroras boreais, refletir, após de Albertine, o sentimento que lhe consagrara; era como a sombra do amor.

De outras vezes, a minha mágoa assumia tantas formas que, de vez em quando, eu não a reconhecia; sonhava em ter um grande amor, queria uma pessoa que vivesse junto a mim, e isso me parecia um sinal de que não amava Albertine, quando era indício de que a amava sempre; pois essa necessidade de viver um grande amor era apenas, tanto quanto o desejo de beijar a rechonchudas de Albertine, uma parte da minha saudade. Só quando tivesse esquecido, é que eu poderia achar mais sábio e mais feliz viver sem a saudade de Albertine, porque era ela quem fazia nascer em mim a necessidade de uma irmã, tornava-a insaciável. E, à medida que se enfraquecesse a minha necessidade por ela, a necessidade de uma irmã, que não passava de uma forma incômoda dessa saudade, se tornaria menos imperiosa. E contudo esses dois resquícios do meu amor não seguiram, em seu decréscimo, um ritmo igualmente rápido nos momentos em que eu estava decidido a casar-me, de tanto que o primeiro um eclipse profundo, ao passo que o segundo, ao contrário, ganhava muita vida. E, em compensação, estando posteriormente extintas as minhas recordações mentas, às vezes, de súbito, subia-me ao coração uma ternura por Albertine. Então, pensando em meus amores por outras mulheres, dizia comigo que teria compreendido e partilhado - seu vício tornava-se como que uma canção de amor. Por vezes, renascia o meu ciúme nos momentos em que já não me lembrava de Albertine, embora fosse dela que me enciumava. Supunha tê-los adiado de propósito de quem me narraram então uma aventura. Mas Andrée, era para mim apenas um testa-de-ferro, uma estrada de ligação, uma tomada de correntes indiretamente ligavam-me a uma Albertine. É assim que, em sonho, damos outro outro nome a uma pessoa, sobre cuja identidade profunda todavia não nos enganamos. Em suma, apesar dos fluxos e refluxos que nesses casos particulares imitavam a lei geral, os sentimentos que Albertine me deixara tiveram mais dificuldade em morrer do que a lembrança de sua causa primeira. Não só os sentimentos, mas as sensações. Diferente nisto de Swann que, quando começara a amar Odette, nem sequer pudera recriar nele mesmo a sensação de seu amor, me sentia ainda a reviver um passado que não era mais que a história de um outro meu eu, de certa forma partido em dois, enquanto a sua

extremidade superior estava dura e resfriada, queimava; ainda na base cada vez que uma centelha passar por ela a antiga corrente, mesmo quando desde há muito o meu ser deixara de imaginar Albertine. E, visto que imagem nenhuma dela acompanha as palpitações cruéis que a supriam, nem as lágrimas trazidas a meus olhos; o vento que soprava, como em Balbec, sobre as macieiras já róseas, eu chegava a me perguntar se o renascimento de minha dor não seria devido a causas puramente patológicas e se o que eu tomava por revivescência de uma lembrança e o derradeiro período de um amor, não era antes o princípio de uma moléstia do coração. Há, em certas afecções, acidentes secundários que o enfermo é freqüentemente levado a confundir com a própria doença. Quando eles cessam, o doente se espanta por achar-se menos afastado da cura do que havia imaginado.

Tal fora o sofrimento causado a "complicação" trazida pelas cartas de Aimé relativamente ao estabelecimento de duchas e às lavadeiras. Mas, quanto ao resto, um médico de almas que me tivesse visitado julgaria que meu próprio desgosto ia melhor. Está claro que, em mim, como eu era homem, uma dessas criaturas anfíbias que, ao mesmo tempo, estão mergulhadas no passado e na realidade atual, existia sempre uma contradição entre a lembrança viva de Albertine e o conhecimento que eu tinha de sua morte. Essa contradição, porém, de qualquer modo era o inverso do que fora antigamente. A idéia de que Albertine estava morta, essa idéia que, nos primeiros tempos, vinha combater tão furiosamente em mim a idéia de que ela vivia, de que eu estava obrigado a fugir dela como as crianças à aproximação da onda, essa idéia de sua morte, em virtude mesmo desses ataques incessantes, acabara afinal conquistando em mim o lugar ocupado, ainda recentemente, pela idéia de sua vida. Sem que eu percebesse, era agora essa idéia da morte de Albertine - não mais a recordação atual da sua vida que, em sua maior parte, constituía o fundo de minhas cismas inconscientes, de modo que, se as interrompia de súbito para refletir sobre mim mesmo, o que me provocava espanto não era, como nos primeiros dias; que Albertine, tão viva em mim, pudesse não mais existir sobre a terra, pudesse estar morta, mas que Albertine, que já não existia sobre a terra, que estava morta, tivesse permanecido tão viva em mim. Construído pela continuidade de lembranças, que se seguem umas às outras, o negro túnel, sob o qual meu pensamento já devaneava há tanto tempo que eu nem reparava nele, interrompia-se bruscamente com um intervalo de sol, ninando ao longe um universo sorridente e azul, onde Albertine não era mais que uma recordação indiferente e cheia de encanto. Será esta, dizia para mim mesmo, a verdadeira, ou então a criatura que, na escuridão em que eu há tanto errava, parecia-me a realidade única? Essa personagem que eu fora ainda há tão pouco tempo, e que só vivia na perpétua espera do momento em que Albertine viesse lhe dar boa-noite e beijá-la, uma espécie de multiplicação de mim mesmo me fazia essa

personagem como sendo apenas uma parte frágil e semi despojada de meu ser, e, como uma flor que se entreabre, eu experimentava o frescor revigorante de uma esfoliação. Ademais, estas breves iluminações só me faziam talvez tomar maior consciência de meu amor por Albertine; o acontece com todas as idéias demasiado constantes, que precisam de uma contração para se afirmarem. Aqueles que viveram durante a guerra de 1870, por exemplo, dizem que a idéia da guerra acabara por lhes parecer natural, não porque não pensassem muito nela, mas porque pensavam nela sempre. E, para ver o quanto a guerra é um fato estranho e considerável, era necessário que aplicadas à sua obsessão permanente, esquecessem por um instante que imperava, e voltassem a sentir-se como eram em tempo de paz, até que, de nesse branco momentâneo, se destacasse, afinal distinta, a realidade que desde há muito eles tinham deixado de ver, por não verem outra coisa.

Se, dentro de mim, essa contração das diversas lembranças ainda fosse feita, ao menos, não por escalões, mas de modo igual e simultaneamente a frente, em toda a linha da memória, as lembranças de suas traições, ao mesmo tempo que as de sua ternura, o esquecimento teria me trazido, mas não era assim. Como numa praia onde a maré vem bater irregularmente; assaltado pela mordida de uma de minhas suspeitas, quando a imagem doce da presença já se retirara para tão longe que não podia mais trazer-me. Quanto às traições, havia sofrido com elas, porque, por mais distante que fossem, em que houvessem ocorrido, não eram antigas para mim; mas ao sofrimento assim se tornaram, isto é, quando passei figurá-las menos vivamente; o distanciamento de uma coisa é antes proporcional à potência visual da que observa do que à distância real dos dias transcorridos, assim como a lembrança de um sonho da noite passada pode nos parecer mais longínquo, em sua cisão e apagamento, que uma ocorrência que data de vários anos. Mas, que a idéia da morte de Albertine fizesse progressos em mim, o refluxo da sensação que ela vivia, se não os detinha; contudo se lhes opunha, impedindo que os progressos fossem regulares.

Agora eu me dava conta de que, durante o período (sem dúvida por causa do esquecimento das horas em que ela, enclausurada em minha casa, e que, à força de apagar em mim o sofrimento das faltas que me pareciam quase indiferentes, porque sabia que ela não as conhecia, tinham tornado como que outras tantas provas de sua inocência), martirizado por viver habitualmente com uma idéia, também tão nova, como a de que Albertine morrera (até então, eu sempre partia da idéia de que Albertine vivia), com uma que teria considerado igualmente impossível de suportar e que, sem que percebesse, formando aos poucos o fundo da minha consciência, substituía a idéia de que Albertine era inocente: era a idéia de que ela era culpada. Não chegava a duvidar dela, ao contrário acreditava; da mesma forma, tomei o ponto de partida de minhas outras idéias a certeza muitas

vezes desconhecidas; como o fora a idéia contrária; a certeza de sua culpabilidade, sempre imaginara duvidar ainda. Devo ter sofrido muito nesse período, mas percebo que precisava ser assim. Ninguém sara de um sofrimento sem antes experimentá-lo integralmente. Protegendo Albertine de qualquer contato, forjando para mim mesmo a de que ela era inocente, bem como depois, tomando por base de meu raciocínio de que ela vivia, nada mais fazia que retardar o momento da cura, pois retardava as longas horas que deveriam desenrolar-se antes de chegar ao fim dos sofrimentos necessários. Ora, acerca dessas idéias da culpabilidade de Albertine, o hábito, quando se exercesse, o faria segundo as mesmas leis que eu já sentira no decurso da minha vida. Da mesma forma que o nome de Guermantes perdera o significado e o encanto de um caminho margeado de ninféias e do vitral de Gilberto; o mau, a presença de Albertine a dos vales azuis do mar; os nomes de Swann, do ascensorista, da princesa de Guermantes e de tantos outros, tudo o que eles tinham significado para mim e como esse encanto e significado me deixassem uma simples palavra que julgavam suficientemente crescida para viver sozinha, como alguém que chega para orientar seu empregado, o instrui e, após algumas semanas retira-se, da mesma forma a força dolorosa da culpabilidade de Albertine seria expulsa de mim pelo hábito. Aliás, daqui até lá, como no decurso de um ataque simultâneo por dois lados, nesta ação do hábito dois aliados se dariam mutuamente mão forte. Pois essa idéia da culpabilidade de Albertine se tornaria para mim uma idéia mais provável, mais habitual, e, por isso é que se faria menos dolorosa. Mas, por outro lado, porque seria menos dolorosa, as objeções feitas à certeza dessa culpabilidade, e que só eram inspiradas à minha inteligência pelo desejo de não sofrer demais, cairiam uma após a outra; e, cada ação precipitando outra, eu passaria rapidamente da certeza da inocência de Albertine à certeza de sua culpa. Era preciso que eu convivesse com a idéia da morte de Albertine, com a idéia de suas faltas, para que essas idéias se me tornassem habituais, ou seja, para que eu pudesse esquecer essas idéias e, por fim, a própria Albertine.

Eu ainda não havia chegado a esse ponto. Era por vezes a memória, tornada mais nítida por uma excitação intelectual, como a leitura, que renovava a minha mágoa; de outras vezes, ao contrário, era essa mágoa causada, por exemplo, pela angústia de um dia de tempestade, que erguia mais alto, mais para perto da luz, alguma recordação do nosso amor. Aliás, essas retomadas de meu amor por Albertine morta podiam ocorrer após um intervalo de indiferença semeado de curiosidades outras, como, após o longo intervalo que principiara depois do beijo recusado em Balbec, e durante o qual eu me ocupara bem mais da Sra. de Guermantes, de Andrée e da Srta. de Stermaria, havia recomeçado quando voltei a vê-la com freqüência. Contudo, mesmo agora, preocupações diferentes podiam realizar uma separação desta vez relativamente a uma pessoa morta em que ela se tornaria mais indiferente. Tudo isso pelo mesmo motivo: ela era viva

para mim. E, mesmo mais tarde, quando passei a amá-la menos, isso continuou, entretanto, como um desses desejos que nos cansam depressa; mas que retornam quando os deixamos repousar por algum tempo. Eu perseguia uma pessoa viva, depois uma outra, e depois voltava à minha morta. Muitas vezes era nas partes mais obscuras de mim mesmo, quando já não me podia formar nenhuma idéia nítida de Albertine, que um nome vinha por acaso excitar reações dolorosas em mim, reações que eu julgava possíveis, como se dá com esses agonizantes cujo cérebro já não funciona e de quem se faz contrair um membro, ao enfiar-se-lhe uma agulha. E, durante longos períodos, tais excitações aconteciam tão raramente que eu buscava em mim mesmo as ocasiões para um desgosto ou uma crise de ciúme, ligar-me ao passado, e me lembrar melhor dela. Pois, como a saudade a mulher não passa de amor revivescente por ela e está submetida às mesmas que ele; a força da minha saudade era acrescida pelas mesmas causas de quando Albertine vivia, teriam aumentado o meu amor por ela, e em cuja primeira, sempre haviam figurado o ciúme e a dor. Porém, na maioria das vezes, tais lembranças, depois de uma doença, ou uma guerra, podem durar muito além do caos; sabedoria mais previdente nascia contra a minha vontade e me causava questionamentos tão violentos, que eu pensava bem mais em me proteger contra elas do que em pedir uma lembrança a tais ocasiões.

Além disso, nem era preciso que uma palavra, como Chaumont; uma sílaba comum a dois nomes diversos, bastava à minha memória como o eletricista que se contenta com o menor corpo que seja bom condutor; restabelecer o contato entre Albertine e meu coração; se relacionasse a suspeita para que a despertasse, para se transformar na palavra de senha, à Sésamo que entreabria a porta de um passado de que já não percebemos o porque; fartos de vê-lo, literalmente, não o possuímos mais; tínhamos sido munidos dele; e julgávamos, devido a essa ablação, ter a nossa própria personalidade mudada em sua forma; como uma figura que perdesse um lado, como certas frases, por exemplo, em que ocorria o nome de uma rua e em que Albertine pudesse ter estado, bastavam para encarnar um ciúme inexistente, em busca de um corpo, de uma casa, de alguma fixação material, alguma realização particular. Muitas vezes era simplesmente durante essas "retomadas", esse escapou do sonho, virando de uma só vez várias da memória, várias folhas do calendário, reconduziam-me, faziam-me reter a uma impressão dolorosa, porém antiga, que havia muito já cedera os seus à outras e que se tornava presente. De hábito, vinha acompanhada de todo um histórico desajeitado, mas impressionante, que, iludindo-me, punha-se diante de meu rosto; fazia meus ouvidos escutarem aquilo que daí em frente datava daquela resto, na história de um amor e de suas lutas contra o esquecimento, por ocupar o sonho um lugar maior ainda que a vigília, ele que não dá importância às divisões infinitesimais do tempo, suprime as transições, opõe-se aos grandes testes; desfaz em um instante o trabalho de consolo, tão lentamente urdido

durante o dia e nos proporciona, à noite, um encontro com aquela que afinal teríamos acabado por esquecer, sob a condição, todavia, de não voltar a vê-la?

Pois digam o que disserem, podemos perfeitamente, em sonhos, ter a impressão de que o que neles se passa é real. Isto só não seria possível devido à razões extraídas de nossa experiência da vigília, experiência que nesse momento nos é ocultada, de modo que essa vida inverossímil nos parece verdadeira. Às vezes, por um defeito de iluminação interior, que, viciosa, fazia falhar uma peça, e minhas lembranças, bem encenadas, davam ilusão de vida, eu julgava de fato ter marcado um encontro com Albertine e reencontrá-la; mas então sentia-me incapaz de ir a seu encontro, de proferir as palavras que queria dizer-lhe, de acender novamente, para vê-la, o castiçal que se apagara: impossibilidades que eram simplesmente, em meu sonho, a imobilidade, o mutismo e a cegueira de quem dorme; como se vê, bruscamente, na projeção falha de uma lanterna mágica, uma grande sombra, que deveria estar oculta, apagar a silhueta das personagens e que é a da própria lanterna, ou a do operador. De outras vezes, Albertine se encontrava em meu sonho e desejava abandonar-me de novo, sem que sua resolução conseguisse me comover. É que da minha memória pudera filtrar-se na escuridão de meu sono um raio de advertência; e o que, aninhado em Albertine, tirava toda a importância a seus atos futuros e à partida que ela anunciava, era a idéia de que ela estava morta. Porém muitas vezes, mais nítida, a lembrança de que Albertine estava morta se combinava, sem destruí-la, com a sensação de que ela vivia. Eu conversava com ela e, enquanto eu falava, minha avó ia e vinha no fundo do quarto. Um pedaço de seu queixo caíra em pedacinhos como um mármore corroído, mas aquilo não me parecia nada de extraordinário. Dizia a Albertine que teria perguntas a lhe fazer, relativas ao estabelecimento de duchas de Balbec e a uma certa lavadeira da Touraine, mas deixava aquilo para mais tarde, visto dispormos de todo o tempo e que nada nos apressava. Ela me garantia que nada fazia de mal e que, na véspera, apenas beijara os lábios da Srta. Vinteuil.

"Como? Ela está aqui?

- Sim, já é mesmo hora de deixar você, pois devo ir visitá-la daqui a pouco."

E como, desde que Albertine estava morta, eu já não a mantinha prisioneira em minha casa como nos últimos tempos de sua vida, inquietava-me a sua visita à Srta. Vinteuil. Eu não queria deixar que ela a visse, Albertine dizia que não fizera mais que beijá-la, mas devia recomeçar a mentir como no tempo em que negava tudo. Em breve, provavelmente, não se contentaria em beijar a Srta. Vinteuil. Sem dúvida, de um certo ponto de vista, eu estava errado em inquietar-me desse jeito, pois, como dizem, os mortos não podem sentir nem fazer nada. Diz-se, mas isto não impedia a minha avó, que estava morta, de continuar a viver, todavia, há vários anos e, nesse momento, ela ia e vinha pelo quarto.

Sem dúvida, quando eu despertasse, a idéia de uma morta que continua a viver deveria parecer-me tão impossível de compreender como o é de explicar. Mas eu já a havia formulado infinitas vezes, no decorrer desses períodos passageiros de loucura que são os nossos sonhos, que terminara por me familiarizar com ela; a memória dos sonhos torna durável caso eles se repitam com muita freqüência. Imagino que, se hoje está curado e recuperou a razão, aquele homem deve compreender tanto melhor que os outros, o que queria dizer durante um período já terminado de sua vida mental, quando, desejando explicar aos visitantes de um hospital internados que não era uma pessoa destituída de razão, apesar do que seu médico, comparava a sua mentalidade sã com as loucas quimeras de cada doentes, concluindo:

"Assim, aquele que se parece a todos, os senhores enganariam o doido; pois bem, ele o é, pois julga ser Jesus Cristo, e isto não pode, porque Jesus Cristo sou eu!"

E durante muito tempo, após findo, o continuava atormentado com aquele beijo que Albertine dissera ter dado, e palavras que eu pensava escutar ainda. E de fato devem ter passado bem próximo de meu ouvido, pois eu mesmo é que as pronunciara.

O dia inteiro continuei a conversar com Albertine; interrogava-a, perdoava-lhe, remediava o esquecimento de que sempre quisera dizer-lhe enquanto vivia. E, de repente, impressionado de pensar que a criatura evocada pela memória, à qual se dirigiam todas essas, já não correspondia realidade alguma, que estavam destruídas as diferenças do rosto, às quais somente o impulso contínuo da vontade de viver, hoje aniquilados dera a unidade de uma pessoa.

Outras vezes, sem ter sonhado, logo ao despertar, sentia que o vento mudara em mim; soprava de modo gelado e contínuo em direção, vindo do fundo do passado, trazendo-me o ressoar de horas longe dos silvos de partida, que de hábito eu não ouvia.

Um dia, tentei pegar um livro; um romance de Bergotte de que especialmente gostara. Os personagens, simples agradavam-me bastante. Bem depressa tomado pelo encanto do livro, pude desejar, como um prazer pessoal, que a mulher malvada fosse punida; os olhos se umedeceram quando ficou assegurada a felicidade dos noivos. Então, "gritei com desespero," pelo fato de atribuir tanta importância ao que Albertine poderia ter feito. Não posso concluir daí que sua personalidade seja algo real, possível de ser abolido; que a tornarei a encontrar um dia, igualzinha no céu; uma vez que apelo com tantos votos, espero com tanta impaciência, e acolho lágrimas o sucesso de uma pessoa que nunca existiu senão na imaginação.

Bergotte, pessoa a quem jamais vi, e cujo rosto sou livre de o imaginar à "minha vontade!" Além do mais, nesse romance havia moças sedutoras;

correspondências amorosas; atéias desertas, onde a gente se encontrava; isso me lembrava que podemos amar clandestinamente e despertava o meu ciúme, como se Albertine aí pudesse passear nas aléias desertas. Também se mencionava um homem depois de cinqüenta anos, revê uma mulher a quem amou na juventude, não a reconhece e se entedia a seu lado. E isso me lembrava que o amor não dura sempre, me deixava perturbado, como se eu estivesse destinado a estar separado de Albertine e a reencontrá-la com indiferença na velhice.

Se via um mapa da França, meu olhos assustados cuidavam para não achar a Touraine, a fim de que não me enciumasse, e, para que não me sentisse infeliz; a Normandia, onde estavam assinaladas Balbec e Doncieres, entre as quais eu situava todos aqueles caminhos que tantas vezes tínhamos percorrido juntos. No meio de outros nomes de cidades e aldeias da França, nomes que mal eram visíveis ou audíveis; o nome de Tours, por exemplo, parecia diversamente composto, não mais de imagens imateriais, mas de substâncias venenosas que agiam imediatamente sobre meu coração, cujas batidas aceleravam e se faziam dolorosas. E se esta força se estendia até certos nomes, por ela tornados tão diferentes dos outros, de que modo, permanecendo mais perto de mim, restringindo-me à própria Albertine, poderia eu assombrar-me que essa força irresistível sobre mim, e para cuja produção qualquer outra mulher serviria, tivesse sido o resultado de uma confusão, da tomada de contato entre sonhos, desejos, hábitos, ternuras, com a exigida interferência de sofrimentos e prazeres alternados? E isso continuava após a sua morte, sendo suficiente à memória para entreter a vida real, que é mental. Eu me lembrava de Albertine descendo do vagão e dizendo que gostaria de ir à Saint-Martin-le-Vêtu, e logo a via de novo com a boina bem abaixada sobre o rosto; reencontrava possibilidades de ventura, em cujo encalço me lançava, dizendo comigo:

"Poderíamos ir juntos até Infreville, até Doncieres."

Não havia estação próxima à Balbec em que não a revisse, de forma que essa terra, como uma região mitológica preservada, tornava para mim vivas e cruéis as lendas mais antigas, mais encantadoras e apagadas, pelo que se seguira de meu amor. Que sofrimento se me fosse preciso alguma vez dormir de novo naquela cama de Balbec, em torno de cuja moldura de cobre, como ao redor de um eixo imutável, de barras fixas, deslocara-se e evoluíra toda a minha vida, apoiando nele, sucessivamente, alegres conversas com minha avó, o horror de sua morte, as doces carícias de Albertine, a descoberta de seu vício, e, agora, uma vida nova, onde, avistando as estantes envidraçadas em que se refletia o oceano, eu sabia que Albertine nunca mais haveria de entrar! Não era aquele hotel de Balbec como esse cenário único da casa, nos teatros de província, onde se representam há muitos anos as peças mais diversas, que serviu para uma

comédia, para uma primeira tragédia, para uma segunda, para uma peça puramente poética, aquele hotel que já se perdia bem longe no meu passado? O fato de que essa única parte sempre continuasse a mesma, com suas paredes, suas estantes, seu espelho, no decorrer de novas épocas da minha vida, fazia-me perceber melhor que, no conjunto, era o resto, era eu mesmo ou havia mudado, e, assim, dava-me a impressão de que os mistérios da vida, do ter, da morte, dos quais as crianças, no seu otimismo, crêem não participar, não são partes reservadas; porém percebemos, com doloroso orgulho, que eram, no decurso dos anos, em nossa própria vida.

Às vezes eu tentava ler os jornais. Mas a sua leitura era-me odiosa demais, não era inofensiva. Com efeito, em nós, de cada idéia, como encruzilhada na floresta, partem tantas estradas diferentes que, no momento que menos esperava, achava-me diante de uma nova lembrança. O título do dia de *Fauré, O segredo*, me conduzira ao *Segredo do rei*, do duque de *B* nome de Broglie ao de Chaumont; ou então a expressão Sexta-feira santa pensar no Gólgota, e o *Gólgota* na etimologia dessa palavra, que parece *Calvus mons, Chaumont*. Mas, fosse qual fosse o caminho pelo qual eu havia chegado à Chaumont, naquele momento eu era atingido por um choque que desde então pensava muito mais em me proteger contra a dor que recordações. Alguns instantes após o choque, a inteligência que, como o raio do trovão, viaja menos depressa, trazia-me a razão. Chaumont fizera-me pelo Buttes-Chaumont, onde a Sra. Bontemps me havia dito que Andrée ia muitas com Albertine; ao passo que Albertine me dissera jamais ter visto os Chaumont. A partir de uma certa idade, as nossas lembranças ficam de tal modo entrecruzadas umas às outras, que a coisa em que pensamos, o livro que quase não têm importância nenhuma. Pusemos tanto de nós mesmos em parte, tudo é fecundo, tudo é perigoso, e também podemos fazer preciosas descobertas tanto nos *Pensamentos de Pascal* como num anúncio de sabonete.

Sem dúvida um fato como este dos Buttes-Chaumont, que à época havia parecido fútil, era em si mesmo, contra Albertine, bem menos grave e decisivo que a história da encarregada das duchas ou da lavadeira. Mas, uma lembrança que nos ocorre fortuitamente encontra em nós uma capa intacta de imaginar, isto é, neste caso, de sofrer, que em parte gastamos o que somos nós, ao contrário, que voluntariamente aplicamos o nosso espírito em uma lembrança. E, depois, a dessas últimas (a encarregada das duchas e a lavadeira) sempre presentes em minha memória conquanto obscurecidas, como esse móveis colocados na penumbra de uma galeria e nos quais, embora sem distinguir, procuramos não esbarrar, eu me havia acostumado. Pelo contrário, fazia tempo que eu não pensava nos Buttes-Chaumont, ou, por exemplo, no olhar de Albertine ao espelho no cassino de Balbec, ou na sua demora inexplicável, em que a esperei tanto depois da reunião na casa dos Guermantes, todas porções de sua vida que

permaneciam fora do meu coração e que eu gostaria de conhecer para que pudessem assimilar-se, anexar-se a ele, reencontrar nele as lembranças mais doces que ali formavam uma Albertine interior e verdadeiramente conquistada. Erguendo uma ponta do pesado véu do hábito (o hábito embrulhado que, durante toda a nossa vida, nos oculta aproximadamente todo o universo numa noite profunda, sob sua etiqueta inalterada, substitui os mais perigosos e inebriantes venenos da vida por algo de anódino, que não confere delícias), tais lembranças me voltavam como no primeiro dia, com essa novidade aguda e fresca de uma estação que reaparece, de uma mudança na rotina de nossas horas, que, também no domínio dos prazeres, se saímos de carro num primeiro dia lindo de primavera, ou deixamos nossa casa ao romper do sol, fazem-nos reparar em nossos atos mais insignificantes com uma exaltação lúcida que faz prevalecer esse intenso minuto sobre a totalidade dos dias anteriores. Pouco a pouco, os dias antigos recobrem aqueles que os precederam, e eles mesmos são sepultados sob os que os seguem. Porém cada dia antigo permanece depositado em nós como, numa imensa biblioteca, onde existem livros mais antigos, um exemplar que, sem dúvida, ninguém nunca irá consultar.

No entanto, basta que esse dia antigo, atravessando a transparência das épocas seguintes, remonte à superfície e se estenda sobre nós, cobrindo-nos inteiramente, para que, durante um momento, os nomes recuperem o seu antigo significado, as criaturas o seu rosto antigo, em nós, a nossa alma dessa época, e sintamos, com um sofrimento vago, porém suportável e de pouca duração, os problemas de há muito tornados insolúveis, que tanto nos angustiavam então.

Nosso eu é formado pela superposição de nossos estados sucessivos. Mas essa superposição não é imutável como a estratificação de uma montanha. As transformações geológicas fazem aflorar à superfície, perpetuamente, camadas mais antigas.

Depois da reunião na casa da princesa de Guermantes, encontrava-me à espera da chegada de Albertine. Que teria feito ela nessa noite? Enganara-me? Com quem?

As revelações de Aimé, ainda que eu as aceitasse, não diminuíam em nada, para mim, o interesse ansioso, desolado, dessa questão inesperada, como se cada Albertine diversa, cada nova lembrança, apresentasse um problema de ciúme particular ao qual as soluções dos outros não podiam aplicar-se.

Mas eu não desejaria saber apenas com que mulher ela havia passado essa noite, mas que tipo de prazer especial aquilo lhe dava, o que se passava naquele momento dentro dela. Às vezes, em Balbec, Françoise, indo procurá-la, dissera-me tê-la encontrado debruçada à janela, o ar inquieto, perscrutador, como se esperasse alguém. Suponhamos que eu soubesse que a moça esperada fosse

Andrée; qual seria o estado de espírito de Albertine enquanto a esperava, esse estado de espírito por detrás do olhar inquieto e indagador? Aquele gosto, que importância teria para Albertine, que lugar ocuparia em suas preocupações? Ai de mim! Recordando minhas próprias agitações a cada vez que havia reparado numa moça que me agradava, às vezes até quando apenas ouvira falar a seu respeito, sem a ter visto, minha preocupação em parecer bonito, em valorizar-me, meus suores frios, eu não precisava, para me torturar, senão imaginar essa mesma voluptuosa emoção em Albertine, como, graças ao aparelho que, após a visita de um certo médico que se mostrara descrente diante da realidade de seu mal, minha tia Léonie mesmo que fosse inventado, e que permitiria ao médico ensaiar, para averiguar melhor, todos os sofrimentos de sua doença. E já era bastante para me torturar e indicar que, ao lado disso, as conversas mais sérias que tivera comigo Stendhal e Victor Hugo deveriam pesar bem pouco em seu espírito, e para seu coração atraído para outras criaturas, desligar-se do meu, encarnar-se. Mas, a própria importância que esse desejo deveria ter para ela, e as reservava, formavam a seu redor, não podiam me revelar o que, qualitativamente, eles muito menos a maneira como ela o qualificava ao pensar nisso. Pelo sofrimento físico não precisamos escolher nós próprios a nossa dor. A dor determina e no-la impõe. Mas no ciúme, de alguma forma, precisamos de sofrimentos de todo gênero e de toda grandeza, antes de nos determos no que parece conveniente. E como é maior a dificuldade, quando se trata de um sofrimento como esse, o de saber que a criatura amada, gozando com pessoas diferentes de nós, dando-lhes sensações que não somos capazes de lhe proporcionar, ou pelo menos, por sua configuração, seu aspecto, suas maneiras, representa ela algo bem diverso de nós! Ah, por que Albertine não amara à Saint-Loup? Eu teria sofrido menos!

Certamente ignoramos a sensibilidade particular de cada criatura, por hábito não sabemos sequer que a ignoramos, pois essa sensibilidade duvidosa nos é indiferente. No que se referia a Albertine, minha desgraça (ou minha felicidade) teria dependido do que era essa sensibilidade; eu sabia muito bem que era desconhecida, e o fato de que me fosse desconhecida já era uma dor. Os desejos e prazeres desconhecidos que Albertine sentia, tive certa vez a ilusão de ver uma outra vez de ouvi-los. Vê-los quando, algum tempo depois da morte de Albertine, Andrée veio à minha casa. Pela primeira vez ela me pareceu bonita; comigo que aqueles cabelos quase crespos, aqueles olhos sombrios e pintados eram, sem dúvida, o que Albertine amara tanto, a materialização, diante de mim que levava consigo em seu devaneio amoroso, do que ela via pelos olhares antecipadores do desejo, no dia em que, tão precipitadamente, quisera regressar de Balbec. Como a uma ignorada flor escura que me fosse trazida de além-túmulo uma criatura na qual eu não soubera descobri-la, parecia-me ver à minha exumação inesperada de uma relíquia inestimável, o desejo encarnado de Albertine que Andrée

constituía para mim, como Vênus era o desejo de Júpiter. Andrée lastimava Albertine, mas de imediato senti que sua amiga não lhe fazia falta tomada à força da amiga pela morte, parecia ter assumido facilmente uma segar definitiva que eu não teria coragem de lhe pedir enquanto Albertine vivia, também era o meu receio de não obter o consentimento de Andrée. Ao contrário, ela parecia aceitar sem dificuldade essa renúncia, mas justo no momento em que de mais me valeria, Andrée abandonava-me.

Albertine, porém morta, tendo apenas para mim não só a sua vida, mas, retrospectivamente, um pouco de sua realidade, pois eu percebia que ela não era indispensável, única, para Andrée, que podia substituí-la por outras.

Enquanto Albertine vivia, eu não teria ousado pedir à Andrée confidências sobre a natureza da amizade entre elas e com a amiga da Srta. Vinteuil, não estando certo de que, afinal, Andrée não fosse repetir à Albertine tudo o que eu lhe dizia; agora, semelhante interrogatório, mesmo que se revelasse sem frutos, pelo menos seria sem perigo. Falei à Andrée, não em tom interrogativo, mas como se soubesse o tempo todo, talvez por Albertine, do gosto que ela mesma, Andrée, sentia pelas mulheres, de suas próprias relações com a Srta. Vinteuil. Andrée confessou tudo isso sem qualquer dificuldade, sorrindo. Dessa confissão eu podia extrair conseqüências cruéis; primeiro, porque Andrée, tão afetuosa e faceira como tantas moças em Balbec, não levaria ninguém à suposição de hábitos que ela de modo algum negava, de forma que, por analogia, descobrindo essa nova Andrée, podia pensar que Albertine os teria confessado com a mesma facilidade a qualquer outra pessoa que não a mim, pois sabia que eu era ciumento. Mas, por outro lado, tendo sido Andrée a melhor amiga de Albertine, e sendo provavelmente por sua causa que Albertine voltara expressamente de Balbec, agora, que Andrée confessava esses gostos, a conclusão que devia impor-se ao meu espírito era que Albertine e Andrée sempre haviam tido relações conjuntas. Decerto, como em presença de uma pessoa estranha, nem sempre ousamos tomar conhecimento do presente que ela nos oferta, e cujo embrulho só desfazemos quando o ofertante já foi embora, enquanto Andrée estava por perto, eu não mergulhei em mim mesmo para examinar a dor que ela me causava e que eu já bem sentia trazer a meus criados físicos, os nervos, o coração, grandes tumultos, de que fingia não perceber por boa educação; ao contrário, conversava o mais graciosamente possível com a moça, a quem recebia, sem desviar meus olhos para estes incidentes internos.

Foi-me especialmente penoso ouvir Andrée dizer, falando de Albertine:

- Ah, sim; ela gostava muito que fôssemos passear no vale de Chevreuse.-

Ao universo vago e inexistente em que ocorriam os passeios de Albertine e de Andrée, pareceu-me que esta, numa criação posterior e diabólica, acabava de

acrescentar um vale maldito. Percebi que Andrée ia me contar tudo o que fazia com Albertine e, enquanto procurava, por polidez, por habilidade, por amor-próprio, talvez por gratidão, mostrar-me cada vez mais afetuoso, enquanto o espaço que ainda pudera conceder à inocência de Albertine se estreitava mais e mais, pareceu-me sentir que, apesar de meus esforços, eu conservava o aspecto entorpecido de um animal a cujo redor um círculo, progressivamente mais estreito, é lentamente descrito pelo pássaro sedutor, que não se apressa porque está certo de alcançar a vítima quando quiser, pois ela não mais lhe escapará. Contudo eu a esperava e, com o que resta de jovialidade, de ar natural e de segurança às pessoas que desejam parecer não recear serem hipnotizadas com um olhar fixo, disse à Andrée esta frase acidental:

- Nunca lhe falei por medo de aborrecê-la, mas agora que nos conhecemos é doce falar dela, bem posso lhe dizer que havia muito tempo que eu sabia das relações desse gênero, que você tinha com Albertine; aliás, isso lhe dará prazer, embora já o saiba: Albertine a adorava.

Também disse à Andrée que ela faria uma grande curiosidade se me deixasse vê-la mesmo que se limitasse às carícias que não a constrangessem muito diante de mim. Fazer isso, às amigas de Albertine que tinham tais gostos; e citei (para saber) Rosemondet todas as amigas de Albertine.

- Por nada neste mundo eu faria isso na sua frente - respondeu Andrée -; e não creio que nenhuma dessas que você acabou de citar possua tais gostos. -

Aproximando-me, a meu pesar, do monstro que atraía, retruquei:

- Como! Não vai me fazer acreditar que, de todo o seu grupo; era só com Albertine que você fazia isso!

- Mas eu nunca fiz isso com Albertine-

- Mas minha cara Andrée, por que negar coisas que já conheço há pelo menos três delas. Não vejo nada de mal nisso, pelo contrário. Justamente a propósito da que ela queria tanto ir, no dia seguinte, à casa dos Verdurin, talvez você se... -

Antes que continuasse a frase, vi passar nos olhos de Andrée, fazendo-os agudos como essas pedras a que, por causa disso, os joalheiros têm dificuldade de se aplicar, um olhar preocupado, como o dessas cabeças de privilegiados que levantam uma ponta da cortina antes que a peça principie e que logo se espera para não serem percebidos. Esse olhar inquieto desapareceu, tudo regressou à ordem, mas eu sentia que o que visse agora seria apenas artificialmente para mim. Nesse momento, avistei-me ao espelho; impressionou-me a semelhança entre mim e Andrée. Se desde há muito tempo não tivesse deixado raspar o bigode, dele não usasse mais que uma sombra, tal semelhança seria quase completa. Talvez fosse ao olhar, em Balbec, o meu bigode, que mal reparara

ainda, que Albertine tivera de súbito aquele desejo impaciente e furioso de regressar à Paris.

- Todavia, não posso dizer o que não é verdade, pela simples razão que você não acharia nenhum mal nisso. Juro que nunca fiz nada com Albertine tenho a convicção de que ela detestava essas coisas. As pessoas que lhe contaram isto mentiram, talvez com um objetivo interessado -disse ela com ar indignado e suspeito.

- Enfim, está bem, já que você não quer me dizer - respondi, preferindo fingir não querer dar uma prova que não possuía. No entanto, pronunciei vagamente, e como que por acaso, o nome dos Buttes-Chaumont.

- Posso ter ido ao Buttes-Chaumont com Albertine, mas existe algo de especialmente ruim neste lugar? -

Perguntei-lhe se não poderia falar sobre o assunto a Gisele, que na época conhecera particularmente Albertine. Mas Andrée afirmou que, após a infâmia que lhe fizera Gisele ultimamente, pedir-lhe um favor era a única e que sempre se negaria a fazer por mim.

- Se a encontrar - acrescentou -, não lhe que contei sobre ela; é inútil fazer dela uma inimiga. Ela sabe o que penso a respeito, mas sempre achei melhor evitar, com ela, brigas violentas que só trariam reconciliações. Além disso, ela é perigosa. Mas você compreende que, quando uma carta como a que tive diante de meus olhos há oito dias, e onde ela me escreve com tanta perfídia, nada, nem as mais belas ações do mundo, pode apagar uma sentença disso. -

Em suma, tendo Andrée esses gostos a ponto de não ocultá-los de maneira nenhuma, e tendo Albertine por ela a grande afeição que certamente lhe dedicara, se, apesar disso, Andrée jamais tivera relações carnais com Albertine e sempre desconhecera que Albertine tivesse tais gostos, então é que Albertine não os tivera, e nem tivera com ninguém as relações que, mais do que com qualquer outra, teria tido com Andrée. Assim, quando Andrée saiu, dei-me conta de que sua afirmação tão nítida me havia trazido sossego. Mas talvez essa afirmação fosse ditada pelo dever a que Andrée se julgasse obrigada para com a morta, cuja lembrança ainda existia nela, de não deixar que acreditassem naquilo que Albertine, sem dúvida, quando viva, lhe pedira que negasse.

Esses prazeres de Albertine que eu, depois de haver tantas vezes procurado imaginá-los, julgara por um momento ver ao contemplar Andrée, uma outra vez pensei surpreender a presença deles não apenas pelos olhos, julguei ouvi-los. Num bordel, eu mandara vir duas lavadeirinhas de um bairro onde Albertine ia muitas vezes. Sob as carícias de uma, a outra começou de repente a fazer ouvir o que não pude distinguir a princípio de que se tratava, pois não compreendemos nunca exatamente o significado de um ruído original, que expressa uma sensação

que jamais experimentamos. Se o ouvimos de um aposento contíguo e sem nada ver, podemos tomar por um riso louco aquilo que o sofrimento arranca de um enfermo que está sendo operado sem que o tenham feito adormecer; e, quanto ao ruído que escapa de uma mãe a quem informam que seu filho acaba de morrer, pode nos parecer, se não sabemos de que se trata, tão difícil de lhe aplicar uma tradução humana, como ao ruído que se escapa de um animal selvagem ou de uma harpa. É necessário algum tempo para compreender que esses dois ruídos exprimem o que, por analogia com o que nós mesmos, no entanto, pudemos sentir de bem diverso, chamamos sofrimento; e também me foi necessário algum tempo para compreender que esse ruído exprimia o que, igualmente por analogia com o que eu mesmo havia sentido de bem diferente, chamei de prazer; e este devia ser muito intenso para transtornar a esse ponto a criatura que o sentia e tirar dela essa linguagem desconhecida que parece designar e comentar todas as fases do drama delicioso que a mulherzinha vivia, e que a cortina abaixada escondia a meus olhos, como a própria mulher oculta para sempre aos outros o que se passa no mistério intimo de cada criatura. Essas duas lavadeirinhas não puderam, aliás, dizer-me coisa alguma, pois não sabiam quem era Albertine.

Os romancistas muitas vezes pretendem, num prefácio, ter viajado por uma região onde encontraram alguém que lhes contou a vida de uma pessoa. Cedem, então, a palavra a esse amigo encontrado, e a narrativa que este lhes faz é precisamente o seu romance. Assim, a vida de Fabrice del Dongo foi contada em detalhes por um cônego de Pádua. Como desejaríamos, quando estamos apaixonados, ou seja, quando a existência de uma outra pessoa nos parece misteriosa, encontrar semelhante narrador informado! E decerto ele existe. Nós muitas vezes não contamos, sem nenhuma paixão, a vida desta ou daquela a um de nossos amigos ou a um estranho que nada conhecem a seu respeito, e ouvem com curiosidade? O homem que eu era quando falava à Bloch da de Guermantes e da Sra. Swann, esse homem existia e poderia me falar, esse homem existe sempre... mas nós jamais o encontramos. Parecia-me pudesse encontrar mulheres que a tivessem conhecido, ficaria sabendo tudo o que ignorava.

Entretanto, a estranhos deveria parecer que ninguém melhor que um dia conhecer a sua vida. E até não conhecia a sua melhor amiga, Andrée? Que se julga que o amigo de um ministro deve saber a verdade sobre certos atos, ou não poderá ser implicado num processo. Apenas, ao fazê-lo, o amigo lembrou que toda vez que falava de política ao ministro, este permanecia nas generalidades e, quando muito, dizia-lhe o que estava nos jornais; ou, se lhe acontecia transtorno, suas múltiplas solicitações ao ministro sempre resultavam num “está em meu poder", contra o qual o próprio amigo não tinha poder. Dizia do "Se pudesse conhecer tais testemunhas!"-das quais, se as conhecesse, não teria podido obter

mais do que de Andrée, ela mesma depositária de um sega não queria desvendar. Ainda nisto diferente de Swann que, quando deixou de ser ciumento, não sentiu mais curiosidade pelo que Odette pudesse ter feito em Forcheville; conhecer, mesmo depois de passado meu ciúme, a lavadeira de Albertine pessoas do seu bairro, reconstituir aí a sua vida e suas aventuras, apenas possuía encanto para mim. E, como o desejo provém sempre de um anterior, como ocorrera no caso de Gilberte e da duquesa de Guermantes; bairros em que antigamente Albertine vivera, as mulheres do seu meio foram as únicas que procurei e cuja presença poderia desejar. Mesmo sem que nada pudessem informar-me, eram as únicas mulheres para as quais eu me sentia atraído, serem as que Albertine conhecera, ou que teria podido conhecer; mulheres do meio ou dos meios que ela gostava de freqüentar; numa palavra, aquelas tinham para mim o prestígio de se assemelharem a ela, ou de serem aquelas que teriam agradado. Assim, lembrando-me, ou da própria Albertine, ou do tipo qual ela sem dúvida mostrara preferência, essas mulheres despertavam-me sentimento cruel, de ciúme ou de mágoa, que mais tarde, quando se acalmou meu desgosto, transformou-se numa curiosidade não isenta de encanto. E, essas últimas, sobretudo as mocinhas do povo, por causa dessa vida tão divertida que eu conhecia e que é a delas. Sem dúvida, é unicamente através do pensamento que a gente possui as coisas, e não possuímos um quadro porque o temos na sala de jantar, se não soubermos compreendê-lo, nem uma região por nela residir se nem sequer a contemplamos.

Mas, afinal, outrora eu tinha a ilusão de Balbec quando, em Paris, Albertine vinha visitar-me, e eu a apertava nos braços; da mesma forma, tomava contato, aliás bastante estreito e furtivo, da vida de Albertine, a atmosfera nas oficinas, uma conversa de balcão e a alma dos pardieiros, quando beijava uma operária. Andrée e essas outras mulheres, tudo isso em relação a Albertine -como Albertine mesma o fora em relação à Balbec - eram desses substitutivos do prazer, sucedendo-se uns aos outros em degradação continuada, que nos permitem passar por aquilo que já não podemos atingir, viagem à Balbec ou amor de Albertine, eram desses prazeres (como o fato de ir ver no Louvre um quadro de Ticiano que já esteve em Veneza, nos consola de não poder ir a Veneza), que, separados uns dos outros por matizes indistinguíveis, fazem de nossa vida como que uma seqüência de zonas concêntricas, contíguas, harmônicas, degradadas, em torno de um desejo primeiro que deu o tom e eliminou o que não se funde com ele, espalhando a tinta dominante (como me havia acontecido igualmente no caso, por exemplo, da duquesa de Guermantes e de Gilberte). Andrée e essas mulheres eram para o desejo, que eu sabia não poder mais satisfazer, de ter Albertine junto a mim, o que, numa tardinha, antes de conhecer Albertine senão de vista, fora o ensolarado e tortuoso frescor de um cacho de uvas. Associadas agora à recordação de seu amor, as particularidades

físicas e sociais de Albertine, a despeito das quais eu a tinha amado, orientavam o meu desejo, pelo contrário, àquilo que antes ele menos naturalmente teria escolhido: as morenas da pequena burguesia. Decerto, o que principiava em parte a renascer em mim era esse imenso desejo que meu amor por Albertine não conseguira satisfazer, esse imenso desejo de conhecer a vida, que eu antes havia experimentado nas estradas de Balbec e nas ruas de Paris, esse desejo que tanto me fizera sofrer quando, supondo que existia também no coração de Albertine, eu quisera privá-la dos meios de satisfazê-lo com outros além de mim. Agora que eu podia suportar a idéia de seu desejo, como essa idéia era logo despertada pelo meu pensamento, esses dois imensos apetites coincidiam, eu gostaria que pudéssemos nos entregar livremente a eles, e dizia comigo:

"Esta garota lhe agradaria", e, por esse brusco desvio, pensando nela e na sua morte, sentia-me triste demais para levar adiante o meu desejo. Como outrora o lado de Méséglise e o lado de Guermantes haviam estabelecido os alicerces do meu gosto pelo campo, impedindo-me de achar um encanto profundo num lugar onde não existisse uma velha igreja, centáureas e botões-de-ouro, era da mesma forma que, ligando-as em mim a um passado cheio de encantos, meu amor por Albertine me fazia procurar exclusivamente um certo gênero de mulheres; como antes de amá-la, recomecei a precisar de coisas que se harmonizassem com ela e que fossem intercambiáveis com a minha lembrança, que pouco a pouco se tornava menos exclusiva. Agora não teria podido sentir-me bem junto a uma loura e altiva duquesa, porque ela não teria despertado em mim nenhuma das emoções que partiam de Albertine, do meu desejo dela, do ciúme que eu tivera de seus amores e de meus sofrimentos devidos à sua morte. Pois as nossas sensações, para serem fortes, precisam desencadear em nós algo diferente delas, um sentimento que não poderá encontrar sua satisfação no prazer, mas que seu desejo, infla-o, fazendo-o agarrar-se desesperadamente ao prazer. O amor que Albertine pudesse ter tido por certas mulheres já não me fazia, ele prendia essas mulheres ao meu passado, dava-lhes algo de mais recordação de Combray conferia mais realidade aos botões-de-ouro, aos pinheiros-alvares do que às flores novas. Mesmo sobre Andrée eu já não tinha raiva:

"Albertine gostava dela", mas, ao contrário, para explicar a mim meu desejo, e com ternura:

"Albertine gostava tanto dela."

Entendia agora que julgamos consolados e que, pelo contrário, provam que são inconvenientes porque se casam com a cunhada.

Assim, meu amor agonizante parecia tornar possíveis para mim, os amores, e Albertine, como essas mulheres amadas durante muito tempo as mesmas, e que, mais tarde, sentindo diminuir o prazer do amante, com prestígio ao se

contentarem com o papel de alcoviteiras, adornava para mim como Pompadour para Luís XV, novas garotas.

Antigamente, meu tempo era em períodos em que eu desejava determinada mulher, ou uma outra. Quando acalmavam os prazeres violentos proporcionados por uma, eu desejava aquela que me oferecia uma ternura quase inocente, até que a necessidade de mais intensas carícias restituísse o desejo pela primeira. Agora, tinham acabado as alternâncias, ou, pelo menos, um dos períodos se prolongava indefinidamente.

Gostaria de que a recém-chegada viesse morar comigo e me desse à noite ao recolher-se, um beijo familiar de irmã. De modo que eu pudesse acreditar se tivesse experimentado antes a presença insuportável de uma outra que mais a ausência de um beijo que de certos lábios, de um prazer que de um a um hábito que de uma pessoa. Gostaria igualmente que a recém-chegada pudesse tocar Vinteuil como Albertine, conversar comigo sobre Elstir com ela o tudo era impossível. O amor dessas moças não valeria tanto quanto o seu pensava; porque um amor a que se anexavam todos esses episódios: visitas aos museus; noites de concerto, toda uma vida complicada que permite correspondências; conversações; um namoro preliminar às próprias relações, uma grave amizade possui mais recursos que o amor por uma mulher que não sabe senão entregar, como uma orquestra os tem mais que um piano; seja porque, mais profunda; minha necessidade do mesmo gênero de ternura que me proporcionava. Na ternura de uma moça bastante cultivada e que, ao mesmo tempo, fosse uma amiga, não passasse como o desejo por mulheres do mesmo meio de Albertine; de revivescência da recordação de Albertine, da lembrança do meu amor por ela, mais uma vez sentia, primeiro, que a lembrança não é inventiva, é impotente desejar qualquer outra coisa, até mesmo algo melhor do que o que já possuíra, a seguir, que é espiritual, de modo que a realidade não pode lhe fornecer o que esta procura; enfim, que, derivando de uma pessoa morta, o renascimento que escarna é menos o da necessidade de amar, no qual nos leva a crer, do que o da necessidade da ausente. De maneira que, mesmo a semelhança, com Albertine, da mulher que eu havia escolhido, a semelhança, se conseguisse obtê-la, de sua ternura como a de Albertine, apenas me faziam sentir melhora, ausência daquilo que, sem o saber, eu havia procurado; que me era indispensável para que minha felicidade renascesse; o que eu havia procurado, ou seja, a própria Albertine, o tempo que tínhamos vivido juntos, o passado, em cuja busca andava eu sem o saber.

Certamente, nos dias lindos, Paris me surgia inumeravelmente florida de todas as mocinhas, não que as desejasse, mas que mergulhavam suas raízes na escuridão do desejo e das noites ignoradas de Albertine. De uma, ela me dissera logo no começo, quando ainda não desconfiava de mim: "É encantadora essa menina,

que lindos cabelos!" Todas as curiosidades que eu tivera outrora sobre sua vida, quando só de vista a conhecia, e, por outro lado, todos os meus desejos de vida, confundiam-se nessa curiosidade única: a maneira como Albertine experimentava o gozo, vê-la com outras mulheres - talvez porque assim, ausentes elas - eu ficaria sozinho com Albertine, sendo o último e o senhor. E, vendo suas hesitações sobre se valia a pena passar a noite com esta ou aquela, sua saciedade quando a outra houvesse ido embora, talvez sua decepção, eu teria esclarecido, teria reduzido às suas justas proporções o ciúme que Albertine me inspirava, porque, vendo-a desse modo experimentá-los, tomaria a medida e descobriria o limite de seus prazeres.

De quantos prazeres, de que doce vida ela nos privou dizia comigo devido a essa indomável teimosia de negar seus gostos! E como, mais uma vez, eu procurasse descobrir qual poderia ter sido o motivo de sua obstinação, veio-me, de súbito, a lembrança de uma frase que lhe dissera em Balbec, no dia em que ela me dera um lápis. Como a censurasse por não me ter deixado beijá-la, dissera-lhe que achava isso tão natural como achava ignóbil que uma mulher tivesse relações com outra. Ai de mim, Albertine jamais a esquecera talvez.

Eu levava para casa as mocinhas que menos me agradavam, alisava-lhes as tranças virginais, admirava um narizinho bem modelado, uma palidez espanhola. Antigamente, é claro, mesmo por uma mulher a quem apenas avistava numa estrada de Balbec, numa rua de Paris, eu sentira o que o meu desejo possuía de individual, e que seria falseá-lo procurar satisfazê-lo com outro objeto. Mas a vida, revelando-me aos poucos a permanência de nossas necessidades, ensinara-me que, à falta de uma criatura, é forçoso contentarmo-nos com outra, e eu sentia que aquilo que havia pedido a Albertine, uma outra, a Srta. de Stermaria, poderia ter dado. Mas tinha sido Albertine; entre a satisfação de minhas necessidades de ternura e as particularidades de seu corpo, um entrelaçamento de recordações se fizera, de tal modo inextricável que eu não podia mais arrancar a um desejo divino, todo esse bordado das lembranças do corpo de Albertine. Somente ela poderia me conceder essa felicidade. A idéia de sua unicidade não era mais um *a priori* metafísico esgotado naquilo que Albertine possuía de individual antes o fora no caso das transeuntes, mas um *a posteriori* constituído pela incontigente, porém indissolúvel, de minhas lembranças. Eu já não podia desejar carinho sem ter necessidade dela, sem sofrer pela sua ausência. Além da própria semelhança da mulher escolhida, da ternura que pedira, com a felicidade que conhecera, só me fazia sentir melhor tudo o que faltava para que felicidade pudesse renascer. Esse mesmo vazio que sentia em meu quarto, desde que Albertine partira e que pensara preencher apertando mulheres contra mim, voltava a encontrar nelas. Estas nunca me haviam falado da música de *Vinteuil Memórias de Saint-Simon*; não tinham posto um perfume

excessivamente, para me visitar, não tinham brincado de juntar seus cílios aos meus, coisas distantes porque permitem, ao que parece, devanear em torno ao próprio ato proporcionar a ilusão do amor, mas, na verdade, porque faziam parte da relação de Albertine e era esta quem eu queria ter encontrado. O que essas muitas vezes tinham de Albertine me fazia sentir melhor o que dela lhes faltava; e que não seria jamais, pois Albertine estava morta. E assim, a Albertine, que me atraíra para essas mulheres, tornava-as indiferentes para a saudade de Albertine; e a persistência do meu ciúme, que já haviam ultrapassado pela duração, minhas previsões mais pessimistas, não teriam sem dúvida, se a existência do ciúme e da saudade, isolada do resto da minha vida, apenas submetida ao jogo de minhas lembranças; às ações e reações de psicologia aplicável aos estados imóveis, e não arrastada para um mais vasto momento, em que as almas se movem no tempo como os corpos no espaço. Assim existe uma geometria no espaço, existe uma psicologia no tempo, onde uma psicologia plana já não seriam exatos, porque neles não haveria conta do Tempo, e de uma das formas de que ele se reveste: o esquecimento, de que eu já começava a sentir à força; e que é um tão poderoso instrumento de adaptação à realidade, pois ele destrói aos pouquinhos o que sobrevive em nós, em constante contradição com ela. E, de fato, eu podia ter adivinhado mais cedo que um dia deixaria de amar Albertine. Quando pela diferença existente entre o que a importância de sua pessoa e de sua ausência representara para mim e para os outros, que meu amor era menos um amor do que em mim, poderia ter deduzido várias conseqüências desse caráter do meu amor; que, sendo um estado mental, podia notadamente sobreviver muito tempo à pessoa, mas também que, não tendo com essa pessoa laço verdadeiro, nenhum sustentáculo fora de si mesmo, deveria, como o todo do mental, mesmo os mais duradouros, achar-se um dia fora de uso, ser "sumido" e que, nesse dia, tudo aquilo que parecia ligar-me tão doce e indissolúvel à recordação de Albertine, já não existiria para mim. A infelicidade das criaturas não serem, para nós, mais que pranchas de coleções por demais perecíveis ao nosso pensamento. Justamente por isso, baseamos nelas projetos que possuem o ardor do pensamento; porém este se fatiga, arruína-se a lembrança: e viria a hora em que, de bom grado, eu daria à primeira mulher que chegasse ao quarto de Albertine, como, sem pesar, dera à Albertine a bolinha de ágata e outros presentes de Gilberte.

Segunda Parte

A Senhorita de Forcheville

Não é que eu já não amasse Albertine; porém não mais como nos últimos tempos; não, era à maneira dos tempos mais antigos, quando tudo o que se relacionava à ela, lugares e pessoas, fazia-me sentir uma curiosidade onde havia mais encanto que sofrimento. E, de fato, eu bem percebia agora que, antes de esquecê-la inteiramente, como um viajante que volta pela mesma estrada ao ponto de onde partiu, era-me preciso, antes de atingir a indiferença inicial, atravessar em sentido contrário todos os sentimentos pelos quais passara antes de chegar ao meu grande amor. Porém essas etapas, esses momentos do passado, não são imóveis; conservaram a força terrível, a ignorância feliz da esperança, que então se lançava no encalço de um tempo hoje convertido em passado, mas que uma alucinação nos faz tomar retrospectivamente pelo futuro. Eu lia uma carta de Albertine em que ela me anunciara a sua visita à noite, e senti por um segundo a alegria da espera. Nessas voltas pela mesma linha férrea de uma região aonde não retornaremos, reconhecemos o seu nome, o aspecto de todas as estações por onde já passamos na ida, e ocorre que, enquanto estamos parados na gare de uma delas, temos, por um instante, a ilusão de que partimos, mas na direção de onde viemos, como fizemos da primeira vez. Imediatamente cessa a ilusão, mas por um segundo nos sentimos transportados: tal é a crueldade da lembrança.

Contudo, se não podemos, antes de retornar à indiferença de onde partimos, evitar cobrir em sentido inverso as distâncias que vencemos para atingir o amor, o trajeto e a linha que seguimos não são forçosamente os mesmos. Têm em comum o não serem diretos, pois o esquecimento, bem como o amor, não progride de forma regular. Mas ambos não utilizam obrigatoriamente as mesmas rotas. E nessa que eu segui de volta houve, já bem perto da chegada, quatro etapas de que especialmente me recordo, certamente porque nelas percebi coisas que não faziam parte de meu amor por Albertine, ou, pelo menos, que a ele se ligavam só na medida em que aquilo que já estava em nossa alma antes de um grande amor, associa-se a ele, seja alimentando-o ou dando-lhe combate, seja fazendo com ele, para a nossa inteligência que analisa, contraste e imagem.

A primeira dessas etapas se iniciou no começo do inverno, num belo *Ommgo de Todos os Santos* em que eu havia saído. Aproximando-me do Bois, lembrava-me com tristeza da volta de Albertine que viera buscar-me no Trocadero; pois era o mesmo dia, mas sem Albertine. Com tristeza, e no entanto prazer, pois a

retomada em tom menor, e desolado, do mesmo motivo que o meu dia antigamente, a própria ausência daquele telefonema de Françoise a chegada de Albertine que não eram algo de negativo mas, pela surpresa da realidade, daquilo de que me lembrava, davam ao dia um teor doloroso; algo de mais belo que um dia liso e simples, porque o que nele não havia, que lhe fora arrancado, aí permanecia impresso como no vazio.

No Bois, eu rolava trechos da sonata de Vinteuil. Já não sofria muito ao pensar que Albertine tocara tantas vezes para mim, pois quase todas as minhas recordações há muito haviam entrado naquele segundo estado químico em que já não causa tanta ânsia opressiva ao coração, e sim doçura. Por alguns instantes, nas passagens, ela tocava com mais freqüência, onde se habituara a fazer esta ou aquela que à época me parecia encantadora, ou a sugerir determinada reminiscência murmurava comigo: "Coitadinha", mas sem tristeza, acrescentando apenas a passagem musical um valor a mais, um valor de algum modo histórico; como aquele que o quadro de *Carlos I por Van Dyck*, já belo em si mesmo, e pelo fato de ter entrado nas coleções nacionais graças ao desejo de imperar o rei, manifestado pela Sra. Du Barry. Quando o pequeno trecho, antes completamente, desfez-se em seus diversos elementos, onde flutuou ainda momento, disseminado, não foi por mim, como para Swann, o mensagem de Albertine, que desaparecia. Ele não despertava em mim, de modo algum, mais associações de idéias que em Swann. Eu fora sensível sobretudo à elaboração aos ensaios, às repetições, ao "devir" de uma frase que se formava durante aquela, como aquele amor se tornara durante a minha vida. E agora, sabendo que um dia novo elemento do meu amor se ia embora o aspecto ciúme; depósito de outro-, voltando, em suma, pouco a pouco, numa vaga lembrança à frágil Albertine do começo, parecia-me que era o meu amor que eu via desagregar-se à minha vida no pequenino trecho disperso.

Como caminhasse pelas aléias isoladas em meio à vegetação das aléias recobertas por uma gaze a cada dia mais fina, senti a recordação do passeio (em que Albertine estava a meu lado no carro, em que regressara com ela; em que eu percebera que ela envolvia toda a minha vida) flutuar agora em mim, na bruma incerta dos ramos ensombrados, em meio aos quais o sol fazia brilhar, como que suspensa no vazio, a dispersa horizontalidade das folhas de ouro. Aliás, eu estremecia de momento a momento, como todos aqueles por uma idéia fixa, atribuem a toda mulher parada na esquina de uma alameda a semelhança, a identidade possível com aquela em quem estão pensando. "Talvez seja ela!" Voltamo-nos por um momento, o carro continua a avançar e não o podemos retroceder. Eu não me contentava em ver essas folhagens com os olhos da memória; elas me interessavam, emocionavam-me como as páginas descritas em meio às quais o artista, para torná-las mais completas, introduz uma ficção,

um romance inteiro; e essa natureza ganhava desse modo o único encanto de melancolia que podia atingir meu coração. A razão desse encanto pareceu-me ser que continuava a amar Albertine do mesmo modo, ao passo que a verdadeira razão, pelo contrário, era que o esquecimento continuava a progredir em mim, que a lembrança de Albertine já não era cruel, isto é, havia mudado; mas, por mais que vejamos claramente as nossas impressões, como então julguei ver claro o motivo da minha melancolia, não sabemos retroceder ao seu sentido mais remoto; como esses incômodos cuja história o médico ouve o seu doente contar, e com auxílio dos quais remonta a uma causa mais profunda, que o paciente ignora, da mesma forma as nossas impressões e nossas idéias têm apenas o valor de sintomas. Posto de lado o ciúme, devido à impressão de encanto e de suave tristeza que eu sentia, meus sentidos despertavam.

Uma vez mais, como quando eu deixara de ver Gilberte, o amor à mulher se erguia em mim, desembaraçado de toda associação exclusiva com uma certa mulher já amada, flutuando como essas essências liberadas por destruições anteriores e que erram em suspensão no ar primaveril, desejando apenas unir-se a uma nova criatura. Em parte alguma germinam tantas flores, mesmo que se chamem saudades, como num cemitério. Eu olhava as moças de que era imensamente florido aquele dia lindo, como o fizera outrora do cavalo da Sra. de Villeparisis ou daquele outro em que, num domingo assim, havia saído com Albertine. Ao olhar que eu acabava de lançar a essa ou aquela dentre todas, acasalava-se de imediato o olhar curioso, furtivo, empreendedor, refletindo insondáveis pensamentos, que lhe teria lançado Albertine às escondidas, e que, geminando-se ao meu com sua asa misteriosa, rápida e azulada, fazia passar por aquelas alamedas, até aí tão naturais, o frêmito de algo desconhecido, que meu próprio desejo não teria bastado para renovar, caso lá permanecesse sozinho, pois ele, para mim, nada tinha de estranho. E por vezes a leitura de um romance meio triste me fazia voltar para trás, pois certos romances são como grandes lutos momentâneos, abolem o hábito, repõem-nos em contato com a realidade da vida, mas apenas por algumas horas, como um pesadelo, já que as forças do hábito, e o esquecimento que estas provocam, a alegria que trazem devido à impotência do cérebro em lutar contra elas e recriar a verdade, infinitamente levam de vencida a sugestão quase hipnótica de um bom livro, e que, como quase todas as sugestões, tem efeitos bem curtos. De resto, em Balbec, quando eu desejara conhecer Albertine pela primeira vez não foi porque ela me havia parecido representativa dessas moças a cuja vista tantas vezes eu me detivera nas ruas, nas estradas, e que, para mim ela podia resumir suas amigas? E não seria natural que agora a estrela agonizante do meu amor, na qual estavam condensadas, se dispersasse de novo nessa poeira esparsa de nebulosas? Todas me pareciam Albertines, a imagem que eu levava dentro de mim fazia-me encontrá-la em toda parte; e até, ao dobrar uma alameda, uma que subia num

automóvel lembrou-me Albertine de tal maneira, possuía tão exatamente o corpo, que me perguntei por um momento se não seria ela quem acabava de ver; não me haviam enganado ao fazer-me o relato de sua morte. Eu a revia num ângulo da alameda, talvez em Balbec, subindo ao carro da mesma forma quando depositava tanta confiança na vida.

E o gesto dessa jovem para automóvel, não o constatei apenas com meus olhos, feito a aparência que tão prontamente se esquiva no decurso de um passeio: tornado uma de ato duradouro, ele me parecia estender-se também no passado, devido ao elemento que lhe acabava de ser acrescentado e que se apoiava tão tristemente, contra o meu coração.

Mas a moça já desaparecera. Um pouco além, vi um grupo de três moças um pouco mais velhas, talvez jovens senhoras, cujo passo elegante estava em tamanha correspondência com o que me seduzira no primeiro dia que avistara Albertine e suas amigas, que ajustei meu passo ao dessas três moças e, no momento em que elas tomaram um carro, procurei desesperado outro em todas as direções, e o encontrei, mas demasiado tarde. Não reencontrá-las. Porém, alguns dias depois, quando entrava em casa, avistei, do pórtico da nossa casa, as três moças que havia seguido no Bois. Eram, sobretudo as morenas, apenas um tanto mais velhas, dessas moças da sociedade que muitas vezes, vistas da minha janela ou encontradas na rua, tinham me feito fazer mil projetos, amar a vida, e que eu não pudera conhecer. Uma delas apresentava um aspecto um pouco mais delicado, quase doentio. Todavia foi ela o motivo pelo qual não me contentei em considerar um momento e, firmando raízes, contemplei-as com esse olhar que, por ser impossível de distrair-se, como se estivesse aplicado a um problema, parecido de consciência de que se trata de ir muito além do que se vê. Sem dúvida teriam deixado desaparecer, como tantas outras; mas, no momento em que passaram por mim, a loura - seria por isso que as contemplava com essa atenção? Lançou-o furtivamente um primeiro olhar e, depois, tendo-me ultrapassado, volta a cabeça para mim, um segundo, que acabou de me inflamar. Entretanto, deixasse de se ocupar de mim e voltasse a conversar com as amigas, meu prazer claro que terminaria por findar se não o houvesse centuplicado o seguinte: Tendo eu perguntado ao porteiro quem eram elas, respondeu-me:

- Pergunta pela senhora duquesa. Creio que só uma delas a conhece e que as outras só acompanharam até a porta. Eis o nome, não sei se escrevi corretamente. - Srta. Déporcheville- que facilmente reconstituí: d'Éporcheville, ou seja, mais ou menos o nome, tanto quanto me lembrava, da moça de excelente família, provavelmente aparentada aos Guermantes, de quem Robert me havia falado por tê-la num bordel, e com a qual tivera relações sexuais. Compreendia agora o sentimento de seus olhares, o motivo pelo qual se voltara, escondendo-o de suas companheiras.

Quantas vezes pensara eu nela, imaginando-o de acordo com o nome que me dissera Robert! E eis que acabava de vê-la, de modo algum diferente de suas amigas, a não ser por aquele olhar dissimulado que estabelecia entre mim e ela uma entrada secreta nas partes de sua vida que evidentemente eram ocultas às suas amigas e que a tornavam mais acessível - quase meio minha -, mais suave que de hábito são as moças da aristocracia. No espírito desta, entre ela e mim, havia em comum, antecipadamente, as horas que poderíamos passar juntos, se ela tivesse a liberdade de marcar um encontro comigo. Não era isso o que o seu olhar quisera exprimir, com uma eloqüência que só para mim foi clara? Meu coração batia fortemente, e eu não poderia dizer com exatidão qual o jeito da Srta. d'Éporcheville; refazia vagamente uma cabeça loura vista de lado, mas estava loucamente apaixonado por ela. De súbito, dei-me conta de que raciocinava como se entre as três a Srta. d'Éporcheville fosse precisamente a loura que se voltara e me olhara duas vezes. Ora, o porteiro não me dissera isso.

Voltei à portaria, interroguei-o de novo, e ele disse que não poderia informar-me a tal respeito, porque elas tinham vindo hoje pela primeira vez e enquanto ele não se achava presente. Mas ia perguntar à sua mulher que as vira já uma vez. Ela estava lavando a escada de serviço. Quem, durante sua vida, não teve suas incertezas, mais ou menos parecidas a essas, e deliciosas? O amigo generoso a quem descrevemos uma jovem avistada num baile, chega à conclusão de que se trata de uma de suas amigas, e nos convida em companhia dela. Mas, entre tantas outras, e diante de um simples retrato falado, não se cometerá um erro? A moça que iremos ver em breve não será uma outra, em vez daquela que desejaríamos? Ou, ao contrário, não veremos estender-nos a mão, sorrindo, exatamente aquela que sonhávamos que fosse? Esta última hipótese é bem freqüente, e, sem estar sempre justificada por um raciocínio tão comprovante como o que se referia à Srta. d'Éporcheville, resulta de uma espécie de intuição e, também, desse bafejo da sorte que nos favorece de vez em quando.

Então, ao vê-la, dizemos conosco: "É exatamente ela."

Lembrei-me de que, no pequeno grupo de moças que passeavam à beira-mar, eu adivinhara justamente aquela que se chamava Albertine Simonet. Tal recordação me causou uma dor aguda, porém breve, e, enquanto o porteiro ia em busca da mulher, eu imaginava principalmente pensando na Srta. d'Éporcheville e como, nesses minutos de espera, em que um nome, uma informação que, por motivos que desconhecemos, colamos a um rosto, encontra-se por um instante livre, flutuando entre vários, pronto, adere-se a um novo rosto, a tornar o primeiro, sobre o qual nos havia informado, retrospectivamente desconhecido, inocente e inalcançável; que o porteiro ia me informar, talvez, que Srta. d'Éporcheville, ao contrário, era uma das morenas. Neste caso, dissipava-se a criatura em cuja existência eu acreditava, aquela a quem já estava amando, e

que só pensava em possuir, essa loura e manhosa Srta. d'Éporcheville, que a resposta fatal ia dissociar em dois elementos distintos, que eu arbitrariamente havia unido, como um romancista que funde num só diversos elementos extraídos da para criar um personagem imaginário e que, tomado cada um à parte sem elaborar o nome a intenção do olhar perdiam todo significado. Nestes argumentos estariam destruídos; porém quanto, ao contrário, ter-se-iam formado caso o porteiro voltasse para dizer que a Srta. d'Éporcheville era exatamente ela. Daí então eu já não podia acreditar numa homonímia. Seria acaso que dessas três moças uma se chamasse Srta. d'Éporcheville, e que fosse justamente (o que era uma primeira verificação tópica de minha surpresa) aquela que me olhara daquela maneira, quase a me sorrir, e não aquela que frequentava bordéis.

Principiou então um dia de grande agitação. Antes mesmo de ver tudo o que julgava próprio para me enfeitar e, assim, produzir uma impressão favorável no dia seguinte, quando iria visitar a Sra. de Guermantes, em cuja elegância acharia desse modo uma jovem fácil e com quem marcaria um encontro; certamente descobriria um meio de entretê-la por um momento, a um salão. Fui, para maior segurança, telegrafar à Robert, pedindo-lhe o nome, a descrição da moça, esperando ter a resposta dentro de dois dias. Quanto as palavras do porteiro, ela deveria voltar a ver a Sra. de Guermantes; (não pensava um minuto sequer em outra coisa, nem mesmo em Albertine) houvesse o que houvesse comigo daqui até lá, mesmo que, doente, ia andar de liteira, a fazer uma visita à duquesa à mesma hora. Se telegrafava à Loup não era porque me restassem dúvidas sobre a identidade da pessoa, da moça vista e aquela de quem ele me falara ainda fossem distintas para minha certeza de que eram uma só. Mas, na minha impaciência de esperar por dois dias, era-me doce, era para mim já como que um poder secreto sobre ela, um despacho que lhe dizia respeito, cheio de detalhes.

No telégrafo, redigi o telegrama com a animação de um homem a quem a esperança aquece, o quanto eu agora estava menos desarmado diante da Srta. d'Éporcheville estivera diante de Gilberte na infância. A partir do momento em que apenas tivesse o trabalho de redigir o telegrama, o funcionário dos telégrafos nada mais fez; e as mais rápidas redes de comunicação elétrica o de transmiti-lo por França e o Mediterrâneo, todo o passado boêmio de Robert seria aplicado para identificar a pessoa que eu acabara de encontrar, iria estar a serviço do telegrama que principiava a esboçar, e no qual eu nem sequer precisava estar pensando, a resposta se encarregaria de concluí-lo, num ou noutro sentido, antes das próximas vinte e quatro horas. Ao passo que antigamente, reconduzido ao Champs-Élysées por Françoise, alimentando desejos impotentes sozinho; não podendo dispor dos meios práticos da civilização, eu amava como uma imagem, ou até, pois não tinha liberdade para me mexer, como uma flor. A partir do

momento, em que meu tempo se passou em febre; uma viagem de quarenta e oito horas que meu pai me pediu para fazer com ele, o que me impediria de visitar a duquesa, me deu tamanha raiva e desespero que minha mãe interveio e obteve que meu pai me deixasse em Paris.

Mas durante muitas horas a minha cólera não pôde se acalmar, enquanto que o meu desejo pela Srta. d'Éporcheville fora centuplicado pelo obstáculo que se interpusera entre nós, pelo temor, que eu sentira por um instante, de que não se realizassem essas horas de visita à Sra. de Guermantes, às quais eu de antemão sorria sem parar, como a um bem seguro que pessoa alguma poderia arrebatar-me. Certos filósofos dizem que o mundo exterior não existe, e que é dentro de nós mesmos que desenvolvemos a nossa vida. Seja como for, o amor, mesmo em seus mais humildes começos, é um exemplo impressionante do pouco valor que atribuímos à realidade.

Se me fosse preciso desenhar de memória um retrato da Srta. d'Éporcheville, dar a sua descrição, sinais que a identificassem, tal tarefa me teria sido impossível, e até reconhecê-la na rua. Eu a vira de perfil, em movimento, ela me havia parecido bonita, simples, alta, loura. Não poderia dizer mais. Mas todas as reações do desejo, da ansiedade, do golpe mortal vibrado pelo medo de não vê-la se meu pai me levasse de viagem, tudo isto, associado a uma imagem que afinal eu não conhecia e que me bastava sabê-la agradável, já constituía uma forma de amor. Enfim, na manhã seguinte, depois de uma noite de insônia feliz, recebi o telegrama de Saint-Loup:

> *DE L'ORGEVILLE; DE PARTÍCULA; ORGE GRAMÍNEA, COMO CENTEIO; VILLE, COMO UMA CIDADE. PEQUENA, MORENA, GORDUCHA. NESTE MOMENTO ESTÁ NA SUÍÇA.*

Não era ela!

Minha mãe, entrando no quarto com a correspondência, colocou-a na cama, negligente, parecendo pensar em outra coisa. E, retirando-se logo para me deixar sozinho, sorria ao sair. E eu, conhecendo as astúcias de minha querida mãe e sabendo que era sempre possível ler em sua fisionomia, sem receio de engano, tomando-se por base o seu desejo de dar prazer aos outros, sorri e pensei:

"Existe algo de interessante para mim no correio, e mamãe fingiu esse ar de indiferença e distração para que minha surpresa seja completa e para não proceder como as pessoas que nos tiram metade do prazer, anunciando-o. E ela não ficou aqui por recear que eu dissimule, por amor-próprio, o prazer que teria, e, desse modo, sinta-o menos vivamente."

Entretanto, indo até a porta para sair, encontrara-se com Françoise, que entrava em meu quarto com o telegrama na mão. Logo que o recebi, mamãe obrigou Françoise a voltar, arrastando-a para fora, assustada, ofendida e surpresa. Pois Françoise achava que suas funções comportavam o privilégio de penetrar a qualquer hora no meu quarto e de ficar nele se lhe agradasse. Mas em seu rosto o espanto e a cólera já tinham desaparecido sob o sorriso sombrio e viscoso de uma piedade transcendente e de uma ironia filosófica, licor pegajoso que seu amor-próprio lesado segregava para curar sua ferida. Para não se sentir desprezada, ela nos desprezava. Assim, sabia perfeitamente que éramos os patrões, criaturas caprichosas que não brilham pela inteligência e que sentem prazer em impor, pelo medo, à pessoas espirituosas, a criados, para deixar bem claro que são obrigados à deveres absurdos como mandar ferver a água em tempo de epidemia, para o chão do meu quarto com uma toalha molhada, e de sair dele justamente quando tinha vontade de ficar ali. Minha mãe pusera a correspondência bem perto para que não pudesse me passar despercebida. Mas verifiquei que se tratava de jornais. Sem dúvida, haveria ali algum artigo de um escritor que eu apreciava que, escrevendo raramente, seria uma surpresa para mim.

Fui até a janela, olhar as grandes cortinas. Acima da claridade lívida e nevoenta, o céu que estava como o estão a estas horas, nas cozinhas, os fogões que se acendem, de esperança e do desejo de passar a noite e despertar na estaçãozinha mesmo onde eu avistara a vendedora de leite de faces cor-de-rosa. Abri o *Fígaro*. Que aparecimento! Justamente o artigo principal ostentava o mesmo título daquele que enviara e que não fora publicado. E não só o mesmo título; eis que aí algumas palavras absolutamente idênticas. Isto era demais. Eu mandaria outra, protestando. E ouvia Françoise que, indignada por ter sido expulsa do quarto, onde achava ter feito grandes entradas, resmungava:

- Onde é que já se viu uma criança que a gente viu nascer. Não o vi quando sua mãe o fazia, é ainda quando o conheci, fazia apenas cinco anos que tinha nascido! -

Mas não algumas palavras, era tudo, era a minha assinatura... Era o meu artigo que finalmente fora publicado! Porém meu pensamento que, talvez, já a essa época, com envelhecer e a se cansar um pouco, continuou por um instante ainda a raciocinar como se não houvesse compreendido que se tratava de meu artigo, assim esses velhos que são obrigados a terminar até o fim um movimento com o mesmo se este se tornou inútil, mesmo se um obstáculo imprevisto, diante seria preciso que se retirassem imediatamente, o torne perigoso. Depois, e que experimentei o pão espiritual que era um jornal, ainda quente e úmido da impressão; rede das névoas da manhã em que é distribuído, desde a aurora, às criadas que trazem ao patrão com o café com leite, pão miraculoso,

multiplicável, que é ao mesmo tempo um e dez mil, e permanece o mesmo para cada um, penetrando a um só tempo inumerável, em todas as casas. O que eu tinha em mãos não era um certo exemplar do jornal, qualquer dentre os dez mil; e não somente o que fora escrito por mim, mas o que fora escrito por mim e lido por todos. Para apreciar exatamente o fenômeno realizado neste momento em outras casas, é preciso que eu leia este artigo, não como autor, mas como um dos outros leitores do jornal; o que eu tinha em mãos simplesmente era o que havia escrito, era o símbolo da encarnação em tantos momentos. Assim, para lê-lo, era necessário que eu cessasse um momento de ser como se fosse um qualquer dentre os leitores do jornal. Mas, a princípio, uma primeira inquietação. O leitor não avisado verá este artigo? Desdobro distraidamente o jornal como faria esse leitor desprevenido, tendo até no rosto o aspecto que torna a ignorar o que está nesse jornal hoje e de ter pressa de ver as novidades mundanas ou a política. Mas meu artigo é tão comprido que o meu olhar, que o evita (para manter a exatidão e não inclinar a sorte para o meu lado, como alguém que, à espera, conta de propósito bem devagar), é atraído por um trecho de passagem. Porém muitos desses que vêem o artigo principal, e até os que o lêem, não olham para a assinatura. Eu próprio seria bem incapaz de dizer qual o autor do artigo principal da véspera. E prometo-me agora lê-los sempre, bem como o nome do autor; mas, como um amante ciumento que não engana a amante para poder acreditar em sua fidelidade, imagino tristemente que minha atenção futura não há de forçar, de volta, a dos outros. E depois, existem aqueles que saíram para caçar, aqueles que saíram cedo demais de casa; enfim, alguns que ainda assim o lerão. Faço como esses, e começo. Por mais que saiba que diversas pessoas, leitoras deste artigo, o acharão detestável, no momento em que o leio, o que vejo em cada palavra me parece estar no papel, e não consigo acreditar que cada pessoa, abrindo os olhos, não perceba diretamente essas imagens que eu vejo, crendo que o pensamento do autor seja diretamente apanhado pelo leitor, ao passo que, na verdade, é um outro pensamento que se forja em seu espírito, com a mesma ingenuidade dos que acham que é a própria palavra que pronunciaram que caminha tal e qual ao longo do fio telefônico; no momento mesmo em que desejo ser um leitor qualquer, meu espírito repete-se lendo o meu artigo.

Se o Sr. de Guermantes não compreendia certa frase de que Bloch haveria de gostar, em compensação poderia divertir-se com determinada reflexão que Bloch desdenharia. Assim, para cada parte que o leitor precedente parecesse abandonar, apresentando-se um novo amador, o conjunto do artigo se acharia levado às nuvens por uma multidão e se imporia à minha própria desconfiança de mim mesmo, que já não tinha necessidade de sustenta-la. É que, na realidade, ocorre com o valor de um artigo, por mais notável que seja, o mesmo que com essas frases do noticiário da Câmara, onde as palavras "É o que veremos", pronunciadas pelo ministro, só adquirem toda a sua importância quando assim

enquadradas: O PRESIDENTE DO CONSELHO, MINISTRO DO INTERIOR E DOS CULTOS: É o que veremos. (Vivas exclamações à extrema esquerda. "Muito bem! Muito bem!" em algumas bancadas à esquerda e ao centro, um fim mais belo que seu meio, digno do seu começo) - uma parte de sua beleza reside na impressão que produz sobre os leitores. E é o pecado original desse gênero de literatura, de que não se excluem as célebres Segundas-feiras{90}.

É como uma Vênus coletiva, da qual só possuímos um membro mutilado se nos restringirmos ao pensamento do autor, pois ela só se realiza completamente no espírito de seus leitores, em seu acabamento. E como uma multidão, ainda que seja uma elite, não artístico, este último toque, que ela lhe atribui, conserva sempre um traço vulgar. Assim, Sainte-Beuve, às segundas-feiras, podia imaginar a senhora deitada em sua cama de altas colunas, lendo o seu artigo no *Constitutionnei*, certa frase brilhante em que ele por muito tempo se deleitara e que talvez houvesse brotado de seu espírito, se não tivesse julgado a propósito de rechear o seu folhetim, para que o golpe atingisse mais longe. Sem dúvida lendo-o por seu turno, falaria dele à sua velha amiga na visita que lhe faria um depois. E levando-o essa noite em seu carro, o duque de Noailles, vestindo cinzentas, lhe contaria o que haviam pensado a respeito do artigo na coluna social o chanceler já não houvesse sabido disso por intermédio da Sra. d'Ar. E apoiando a minha própria auto-desconfiança nessas dez mil aprovações sustentavam, eu extraía tanta sensação de minha força e de esperança de tal leitura que fazia nesse instante, quanto me mostrara desconfiado, quando havia escrito se dirigia somente a mim. Eu via assim, à mesma hora, para pessoas, o meu pensamento, ou até a falta dele para os que não podiam compra-lo, a repetição de meu nome e como que uma evocação embelezada de pessoa brilhar acima de todos, colorir suas idéias em uma aurora que nesse instante, mais força e alegria triunfante do que a aurora inumerável que, ao mesmo mostrava-se, rósea, em todas as janelas. Eu via Bloch, os Guermantes, Legran, Andrée extraírem de cada frase as imagens que o artigo enfeixava; e, no mesmo momento em que procuro ser um leitor qualquer, leio como leitor, mas não leitor apenas. Para que a criatura impossível que tento ser reúna todos os contras que me possam ser mais favoráveis, se leio como autor, julgo-me como leitor, nenhuma das exigências que possa ter para com um escrito aquele que aí conta o ideal que desejou expressar.

Essas frases do meu artigo, quando as escrevia eram tão débeis em face ao meu pensamento, tão complicadas e opacas diante minha visão harmoniosa e transparente, tão cheias de lacunas que eu não conseguira preencher, que sua leitura era um sofrimento para mim; elas não tinham mais que acentuar em mim o sentimento de minha impotência e de minha incrível ausência de talento. Mas agora, esforçando-me por ser leitor, descarregava sobre os outros o doloroso

dever de me julgar, alcançava ao menos fazer tábua do que desejara fazer ao ler o que havia feito. Eu lia o artigo esforçando-me para convencer que era de outra pessoa. Então todas as minhas imagens, todas as minhas reflexões, todos os meus epítetos, tomados em si mesmos e sem a lembrança do fracasso que representavam para meus desígnios, encantavam-me brilho, pelo imprevisto, pela profundeza. E, quando eu sentia um desfalecimento excessivo, refugiando-me na alma do leitor qualquer, que se maravilhava, dizia pra mim mesmo: "Ora, que leitor terá condições de perceber isto? Falta alguma coisa aqui, é bem possível. Diabos os levem, senão estão satisfeitos! Aí existem muitas coisas bonitas a que eles não estão habituados."

Assim, mal terminei esta leitura reconfortante, eu, que não tinha coragem de reler o manuscrito, desejei recomeçá-la imediatamente, pois não há nada como um velho artigo nosso de que possamos dizer que "quando o lemos, podemos relê-lo", Prometi a mim mesmo mandar Françoise comprar outros exemplares, para dá-los à amigos e lhe diria -, mas na verdade para tocar com o dedo o milagre da multiplicação do meu pensamento e ler as mesmas frases, como se eu fosse um outro senhor que acabasse de abrir o *Fígaro*, em outro número. Justamente nesse dia eu tinha de ir, para encontrar a Srta. d'Éporcheville, visitar os Guermantes, a quem não via há um tempo infinito; e, fazendo-lhes essa visita, ficaria sabendo por eles da opinião que formavam a respeito do meu artigo.

Pensava em certa leitora em cujo quarto gostaria tanto de entrar, e a quem o jornal levaria, se não meu pensamento, que ela não poderia compreender, ao menos o meu nome, como um louvor a mim. Mas os louvores concedidos à pessoa de quem não gostamos já não comovem o coração, assim como os pensamentos de um cérebro em que não podemos penetrar não alcançam o espírito. Quanto à outros amigos, dizia a mim mesmo que, se o meu estado de saúde continuasse a agravar-se, e se eu não mais pudesse vê-los, seria agradável continuar a escrever para, desse modo, ainda ter acesso a eles, para lhes falar nas entrelinhas, fazê-los pensar segundo a minha opinião, agradar-lhes, ser recebido no coração deles. Eu me dizia isso porque, tendo as relações mundanas ocupado até agora um lugar em minha vida cotidiana, assustava-me um futuro em que elas não figurassem, e consolava-me este expediente que permitiria que a atenção de meus amigos se detivesse em mim, talvez excitando-lhes a admiração, até o dia em que eu estivesse suficientemente bom para recomeçar a vê-los; eu me dizia isso mas sentia perfeitamente não ser verdade, pois, se gostava de pensar na atenção deles como o objeto do meu prazer, esse prazer era um prazer interior, espiritual, decisivo, que eles não podiam me dar e que eu tinha condições de achar, não conversando com eles mas escrevendo longe de suas vistas; e que, se começava a escrever para vê-los indiretamente, para que eles fizessem melhor idéia de mim, para conseguir-me uma situação melhor na

sociedade, talvez o ato de escrever me tirasse a vontade de vê-los, e a situação que a literatura poderia talvez granjear-me na sociedade não mais me interessaria, pois o meu prazer já não estaria na sociedade, e sim na literatura.

Assim, depois do almoço, quando fui à casa da Sra. de Guermantes; menos pela Srta. d'Eporcheville, que perdera o melhor de sua personalidade por causa do telegrama de Saint-Loup, que para ver na própria duquesa uma leitora de meu artigo que me permitiriam imaginar o que pudera pensar, assinantes e compradores do *Fígaro*. Aliás, não era sem prazer que eu ia à casa da Sra. de Guermantes. Era escusado que me dissesse que o que para mim diferenciava este salão dos outros fora o longo estágio que ele fizera em minha vida; mesmo conhecendo as causas dessa diferença eu não a abolia. Existiam para mim vários nomes de Guermantes. Se aquele que estava na memória, apenas como numa caderneta de endereços, não era acompanhado de poesia alguma, outros mais antigos, os que remontavam ao tempo em não conhecia a Sra. de Guermantes, eram suscetíveis de se renovar em tudo quando eu deixava de vê-la por muito tempo, e a claridade crua da rosto humano não extinguia a radiação misteriosa do nome. Então eu pensava na casa da Sra. de Guermantes como em algo que estivesse além dela, da mesma forma que me punha a pensar na Balbec brumosa dos meus sonhos, e como se desde então eu não tivesse feito a viagem pelo trem como se o não tivesse tomado. Por um instante eu esquecia o meu conhecimento, de que tudo aquilo não existia, como por vezes pensamos numa criatura esquecendo por um instante que ela está morta. Depois, a idéia da realidade quando entrei na antecâmara da duquesa. Consolei-me, porém, dizendo que, apesar de tudo, ela era para mim o verdadeiro ponto de interseção, realidade e o sonho.

Ao entrar no salão, vi a moça loura que, durante vinte e quatro horas, julgado ser aquela de quem me falara Saint-Loup. Foi ela mesma quem duquesa que eu lhe fosse "apresentado". E, de fato, desde que havia entrado, a impressão de conhecê-la muito bem, impressão que a duquesa desfez ao me dizer:

- Ah, o senhor já conhecia a Srta. de Forcheville?

Ora, pelo contrário, eu certo de nunca ter sido apresentado a uma moça desse nome, o que seguramente impressionaria, tanto ele se fizera familiar à minha memória desde que haviam feito um relato retrospectivo dos amores de Odette e do ciúme de Swann. Em si, o meu duplo erro ao lembrar-me de L'Orgeville como sendo d'Éporche ter recomposto em Éporcheville o que na verdade era Forcheville nada tinha de extraordinário. Nosso erro é admitir que as coisas se apresentem, de hábito como são na realidade, os nomes tais como são escritos, as pessoas tais como a fotografia e a psicologia delas fornecem uma noção imóvel. Mas, na verdade, não é absolutamente isto o que em geral percebemos. Vemos, ouvimos e concebemos um mundo inteiramente às avessas. Repetimos um nome

tal como o escutamos; que a experiência tenha retificado o nosso erro, o que nem sempre acontece. O mundo, em Combray, falou durante vinte e cinco anos à Françoise o nome da Sra. Sazerat. Se Françoise continuou dizendo Sra. Sazerin, não por essa voluntária e orgulhosa perseverança nos erros que lhe era habitual, e se fortalecia com a nossa tradição, sendo tudo o que ela havia acrescentado à França de Saint-André-des-Champs dos princípios igualitários de 1789 (reclamava apenas um direito do cidadão, o de não pronunciar como nós e afirmar que hotel, até aí eram do gênero feminino), mas porque de fato continuou sempre a ouvir Sazerin. Esse erro perpétuo que é precisamente a "vida" não atribui suas mil formas apenas ao universo visível e ao universo audível, mas também ao universo social, ao universo sentimental, ao universo histórico etc.

Aos olhos da mulher do primeiro magistrado, a princesa de Luxemburgo não passava de uma cocote, o que aliás não tem muita importância; o que já importa um pouco mais é ser Odette uma mulher difícil para Swann, devido a que ele constrói todo um romance que se torna mais doloroso quando compreende o seu erro; e o que tem mais importância ainda é que os franceses, aos olhos dos alemães, só pensam na desforra. Nós temos, do universo, apenas visões informes, fragmentárias, as quais completamos por associações de idéias arbitrárias, criadoras de perigosas sugestões. Eu não teria, pois, razão para espantar-me ao ouvir o nome de Forcheville (e já me perguntava se era uma parenta de Forcheville de quem tanto ouvira falar) se a jovem loura não se dissesse logo, desejando sem dúvida evitar, com delicadeza, perguntas que lhe seriam desagradáveis:

- Não se lembra que me conheceu muito antigamente? O senhor ia lá em casa... Sua amiga Gilberte.

Percebi perfeitamente que não estava me reconhecendo.

- Quanto a mim, reconheci logo o senhor. - (Ela dizia isto como se me houvesse reconhecido de imediato no salão, quando na verdade é que me reconhecera na rua e me cumprimentara; e mais tarde a Sra. de Guermantes me falou que ela lhe contara, como uma coisa muito engraçada e extraordinária, que eu a tinha seguido e abordado, como se ela fosse uma cocote.) Só depois de sua partida é que eu soube por que se chamava Srta. de Forcheville. Após a morte de Swann, Odette, que assombrou a todos com um pesar profundo, prolongado e sincero, viu-se na condição de uma viúva riquíssima. Forcheville a desposou, depois de ter empreendido uma longa jornada pelos castelos e de se assegurar que sua família receberia a esposa. (A família opôs algumas dificuldades, mas cedeu diante da conveniência de não ter mais de subvencionar as despesas de um parente necessitado, que passaria da quase miséria à opulência.) Pouco depois, faleceu um tio de Swann, em cujas mãos o desaparecimento sucessivo de numerosos

parentes havia acumulado uma enorme herança, deixando toda essa fortuna à Gilberte, que assim tornou-se uma das mais ricas herdeiras da França. Mas era a ocasião em que, das conseqüências do Caso Dreyfus, havia nascido um movimento anti-semita paralelo a um movimento mais intenso, dos judeus na sociedade. Não se enganaram os políticos pensando que do erro judiciário aplicaria um golpe no anti-semitismo. Mas, ao menos contrariamente, um anti-semitismo mundano crescera e se exasperara. Forch como os fidalgos menores, extraíra das conversas da família a certeza de, nome era mais antigo que o de La Rochefoucauld, considerava que, as com a viúva de um judeu, havia cumprido o mesmo ato de caridade de um rio que apanha

uma prostituta na rua e a salva da miséria e da lama. Esta a estender sua bondade à pessoa de Gilberte, da qual tantos milhões herdara; mas a quem o absurdo nome de Swann dificultaria o casamento. Declarou-se adotava. Sabe-se que a Sra. de Guermantes, para assombro da sociedade o resto, ela possuía o gosto e o hábito de provocar recusara-se, quando o casamento de Swann, a receber sua filha bem como a mãe desta. Tal recusa, aparentemente, fora tanto mais cruel quanto aquilo que, por muito tempo, significara para o seu possível casamento com Odette era a apresentação de sua filha à Sra. de Guermantes. Sem dúvida ele deveria saber, pois já vivera tanto, que as esperanças imaginamos nunca se realizam, por diversos motivos; entre outros, houve vez com que ele pensasse pouco em lastimar a falta dessa apresentação. Foi o seguinte: seja qual for a imagem, desde a truta que comemos ao entardecer; que decide um homem sedentário a tomar o trem, até a ambição de poder ter uma noite a orgulhosa caixeira, parando à sua frente num carro suntuoso; que decide o homem sem escrúpulos a cometer um homicídio ou a desejar a herança dos seus, conforme seja mais valente ou preguiçoso, quer ele vá longe na corrente de suas idéias ou continue a acariciar o primeiro elo destinado a permitir que alcancemos essa imagem, quer esse ato seja a viagem; o casamento, ou o crime etc., esse ato nos modifica demasiado profundamente; que atribuamos importância maior ao motivo que nos levou a praticá-lo. Pode acontecer que não nos volte mais uma única vez ao espírito a imagem ideal por aquele que ainda não era um viajante, um marido, um criminoso ou um sólido (que se entregou ao trabalho em função da glória, e com isso libertou-se do prazer da glória) etc. Além do mais, se teimássemos em não querer agir debalde, é provável que o efeito de sol não se repetisse; que, tendo frio nesse momento, tomemos uma sopa junto à lareira e não uma truta ao ar livre; que nosso carro de indiferente a caixeira, a qual, talvez sentindo por nós uma grande consideração sem motivos outros, mostrar-se-ia desconfiada com essa brusca opulência. Em que vimos Swann, depois de casado, atribuir grande importância às relações da mulher e da filha com a Sra. Bontemps etc.

A todos os motivos, extraídos do modo Guermantes de compreender a vida mundana, que haviam feito a duquesa decidir jamais deixar-se apresentar à Sra. e à Srta. Swann, pode-se acrescentar igualmente essa segurança ditosa que as pessoas que não amam se mantêm à parte daquilo que censuram nos amorosos, e que o amor destes explica.

- Ah, eu não me meto nisso; se o pobre Swann se diverte em fazer bobagens e arruinar sua vida, isto é lá com ele. Mas a gente nunca sabe como são estas coisas. Isso pode acabar mal, e o melhor é que eles se arrumem... -

É o suave *mar magnos* que o próprio Swann me aconselhava a propósito dos Verdurin, quando há muito deixara de estar enamorado de Odette e já não ligava para o "pequeno clã". É isto o que torna tão sábios os juízes de terceiros sobre as paixões que não sentem, e sobre as complicações de comportamento que elas acarretam. A Sra. de Guermantes chegara a pôr na exclusão da Sra. e da Srta. Swann uma perseverança que havia assombrado. Quando a Sra. Molé e a Sra. de Marsantes tinham principiado a relacionar-se com a Sra. Swann e levar à casa dela um grande número de mulheres da sociedade, a Sra. de Guermantes não só permanecera intratável, mas manobrara de modo a cortar as possibilidades, convencendo sua prima, a Sra. de Marsantes, a imitá-la.

Num dos dias mais graves da crise em que, durante o ministério Rouvier, todos pensavam que rebentaria a guerra entre a França e a Alemanha, como eu estivesse jantando em casa da Sra. de Guermantes com o Sr. de Bréauté, achei a duquesa com ar de preocupação. Como ela muitas vezes se metia na política, julguei que desse modo ela desejava mostrar seu temor pela guerra - como em certo dia, quando comparecera à mesa tão preocupada, mal respondendo por monossílabos a alguém que a interrogava timidamente acerca do objeto de sua preocupação, respondera com ar grave: "A China me inquieta." Ora, ao fim de um momento, a Sra. de Guermantes, explicando por si mesma o ar preocupado que eu atribuíra ao medo de uma declaração de guerra, havia dito ao Sr. de Bréauté:

- Dizem que Marie-Aynard quer estabelecer uma posição para os Swann. É absolutamente necessário que eu vá me encontrar amanhã de manhã com Marie-Gilbert, para que ela me ajude a impedir uma coisa dessas. Não sendo assim, não existe mais sociedade. É muito bonito o Caso Dreyfus. Mas então basta que a *tendeira* da esquina se diga nacionalista e queira em troca ser recebida em nossa casa. -

Diante dessa frase, tão frívola em comparação com a que eu esperava, senti o espanto do leitor que, procurando no *Fígaro*, no local de costume, as últimas notícias da guerra russo-japonesa, em vez disso depara-se com a lista das pessoas que deram presentes de núpcias à Srta. de Mortemart, pois a importância de um

casamento aristocrático fizera recuar para o fim do jornal a notícia das batalhas em terra e mar. Aliás, a duquesa acabava por experimentar, em sua perseverança sustentada além de todo limite, uma satisfação de orgulho que não perdia ocasião para se exprimir.

- Babas - dizia ela - pretende que somos as duas pessoas mais elegantes de Paris, porque só nós dois é que não nos deixamos cumprimentar pela Sra. e a Srta. Swann. Ora, ele afirma que a elegância está em não conhecer a Sra. Swann. - E a duquesa ria com todo o gosto.

Todavia, quando Swann morreu, aconteceu que a decisão de sua filha acabara por proporcionar à Sra. de Guermantes todas as satisfação do orgulho, de independência, de *self goveroment* e de perseguição que ela possível de extrair, e às quais pusera fim o desaparecimento do homem que a sensação deliciosa de que ela lhe resistia, que ele não conseguia fazê-la ceder aos seus decretos. Então a duquesa passara à promulgação de outros declarados aplicando-se aos vivos, pudessem fazer-lhe sentir que ela era senhora do que bem entendesse. Não pensava na pequena Swann, mas, quando lhe falara a duquesa sentiu uma curiosidade que, como em face de um desejo de resistir às pretensões de Swann já não vinha disfarçar aos próprios. Além do mais, tantos sentimentos diferentes podem contribuir para formar que não se saberia mais dizer se havia algo de afetuoso para com Swann que interesse. É claro pois, em todos os estágios da sociedade, uma vida muito frívola paralisa a sensibilidade e retira o poder de ressuscitar os mortos – e era dessas que têm necessidade da presença - dessa presença que, comove a Sra. de Guermantes, excelia em prolongar para amar de fato, mas também, colaborara, para detestar um pouco. De forma que, amiúde, os seus bons sentimentos para com as outras pessoas, suspensos, estando elas vivas, pela irritação ou quaisquer de seus atos lhe causavam, renasciam após a morte delas. Experimentava então, quase que um desejo de reparação, porque só podia imaginá-los bem vagamente, com suas qualidades, e destituídos das pequenas satisfações; das pequenas pretensões que a irritavam neles quando viviam. Apesar da Sra. de Guermantes, tal atitude conferia às vezes algo de bastante mesclado a muita baixeza à sua conduta. Pois, enquanto três quartas partes de seres humanos lisonjeiam os vivos e já não se importam em nada com ela, muitas vezes fazia, após a morte deles, o que teriam desejado aqueles a maltratara enquanto vivos.

Quanto à Gilberte, todas as pessoas que gostavam dela e estimavam sua dignidade, só poderiam rejubilar-se com a mudança de disposições da duquesa; seu respeito, pensando que Gilberte, repelindo com desdém essas gentilezas, vinham depois de vinte e cinco anos de ultrajes, pudesse afinal vingá-los. Normalmente os reflexos morais não são sempre idênticos ao que o bom senso de alguém que, devido a uma injúria descabida, julgou perder para sempre

ambições junto a uma pessoa a quem lhe interessa cortejar, ao contrário justo por isso. Gilberte, muito indiferente

às pessoas que lhe eram gentis, cessava de pensar com admiração na insolente Sra. de Guermantes, perguntava a si mesma pelos motivos dessa insolência; certa vez, até o que teria feito morta de vergonha, por causa dela, as pessoas que lhe tributavam um pouco de amizade quisera escrever à duquesa para lhe perguntar o que tinha contra uma moça que não lhe fizera mal nenhum. Os Guermantes haviam assumido a seus olhos proporções que a nobreza deles seria incapaz de lhes conferir. Ela os punha acima não só de toda a nobreza, mas até de todas as famílias reais.

Antigas amigas de Swann ocupavam-se muito de Gilberte. Na aristocracia, soube-se da última herança que ela acabava de receber. Repararam como era bem educada, e que mulher encantadora daria ela. Dizia-se que uma prima da Sra. de Guermantes, a princesa de Nievre, pensava em Gilberte para seu filho. A Sra. de Guermantes detestava a Sra. de Nievre. Disse em toda parte que tal matrimônio seria um escândalo. A Sra. de Nievre, assustada, assegurou que jamais pensara nisso.

Um dia, após o almoço, como fizesse bom tempo e o Sr. de Guermantes devesse passear com a mulher, a Sra. de Guermantes arrumava o chapéu diante do espelho, e seus olhos azuis fitavam-se a si mesmos e miravam seus cabelos, ainda louros, enquanto a camareira trazia várias sombrinhas dentre as quais a patroa escolheria uma. O sol entrava à fluxo pela janela, e os Guermantes haviam decidido aproveitar o dia lindo para fazer uma visita à Saint-Cloud. O Sr. de Guermantes, já pronto, com luvas de cor cinzento-pérola e cartola na cabeça, dizia consigo: "Oriane é realmente espantosa. Acho-a uma delícia." E, vendo que a mulher parecia bem disposta: - A propósito - disse ele -, tenho um recado da Sra. de Virelef para você. Ela queria pedir-lhe um lugar na ópera, segunda-feira. Mas, como vai com a pequena Swann, não tinha coragem e me pediu para sondar o terreno. Não dou opinião nenhuma, apenas transmito o recado. Meu Deus, parece-me que poderíamos... - acrescentou de modo evasivo, pois, sendo a disposição de ambos em relação a qualquer pessoa uma disposição coletiva, e surgindo idêntica em cada um deles, sabia por si mesmo que a hostilidade de sua mulher quanto à Srta. Swann havia diminuído e que ela estava curiosa para conhecer a moça. A Sra. de Guermantes acabou de ajeitar o véu e escolheu uma sombrinha.

- Como quiser; que quer que eu faça? Não vejo nenhum inconveniente em conhecermos essa pequena. Sabe muito bem que nunca tive nada contra ela. Simplesmente, não queria que déssemos a impressão de receber as ligações clandestinas de nossos amigos. Eis tudo.

- E você tem toda a razão - respondeu o duque. - É a sabedoria em pessoa, minha senhora, e, além do mais, está deslumbrante com esse chapéu.

- Você é muitíssimo amável - disse a Sra. de Guermantes sorrindo para seu marido e encaminhando-se para a porta. Mas, antes de subir para o carro, fez questão de lhe dar algumas explicações:

- Muitas pessoas, agora, recebem a mãe dessa moça. Aliás, ela tem o bom senso de estar doente três quartas partes do ano. Parece que a menina é muito gentil. Todo mundo sabe que nós gostávamos muito de Swann. Acharão isso bastante natural. -E foram juntos para Saint-Cloud.

Um mês depois, a pequena Swann, que ainda não se chamava Forcheville, almoçava em casa dos Guermantes. Falou-se de mil coisas; no fim do almoço, disse Gilberte com timidez:

- Suponho que conheceram muito o meu pai.

- Creio que sim - disse a Sra. de Guermantes, num tom melancólico que provava compreender a mágoa da filha e, com um excesso intencional de intensidade que a fazia dissimular não estar segura de recordar exatamente o pai: - Nós o conhecemos bastante, lembro-me perfeitamente dele. - (E, de fato, ela podia recordar Swann fora visitá-la quase todos os dias durante vinte e cinco anos.) - Sabia bem quem era ele, vou dizer-lhe - acrescentou, como se quisesse explicar, que pessoa que ela tivera por pai, e dar a essa moça informações a respeito um grande amigo da minha sogra e também muito ligado ao meu cunhado.

- Vinha muito aqui, almoçava bem aqui - acrescentou o Sr. de Guermantes com ostentação de modéstia e escrúpulo de exatidão. - Você se lembra, Oriane do homem de bem que era o seu pai! Como se percebia que deveria pertencer à família honesta! Aliás, vi antigamente o pai e a mãe dele. Tanto os dois e que gente boa! -

Sentia-se que, se os pais e o filho ainda fossem vivos, o Sr. de Guermantes não hesitaria em recomendá-los para lugares de jardineiro. E o *faubourg* Saint-Germain fala a qualquer burguês

dos outros burgueses, lisonjeá-lo pela exceção feita durante o tempo da conversa - em favor do interlocutor ou da interlocutora, seja antes, ao mesmo tempo, para humilhá-lo. Assim é anti-semita, no mesmo instante em que envolve a um judeu com sua afabilidade; fala mal dos judeus de um modo genérico, o que lhe permite ser ferino grosseiro. Mas sabendo verdadeiramente nos atrair, quando nos via, e não resignar-se então a nos deixar partir, a Sra. de Guermantes era igualmente dessa necessidade da presença. Swann pudera, às vezes, na embriaguez da casa, dar à duquesa a ilusão de que ela lhe tinha amizade; mas agora, já não o era.

- Ele era encantador - disse a duquesa com um sorriso triste, pousando em Gilberte um olhar muito doce que, pelo menos, se a jovem fosse sensível, de lhe mostrar que estava sendo compreendida, e que a Sra. de Guermantes, se as duas estivessem a sós e caso as circunstâncias o permitissem, gostaria de revelar-lhe toda a profundidade de sua sensibilidade. Porém o Sr. de Guermantes, ou por pensar que justamente as circunstâncias se opunham a tais efusões, ou por achar que todo exagero de pensamentos era coisa de mulheres e que os homens tinham tanto a ver com isso como suas demais atribuições, salvo a cozinha e os vinhos, que ele se reservava de ser bem mais entendido no assunto que a duquesa, julgou melhor não se intrometer, para não alimentar essa conversa que escutava com visível impaciência. De resto, a Sra. de Guermantes, assim que passou este assomo de sensibilidade acrescentou com frivolidade mundana, dirigindo-se à Gilberte:

- Olhe, vou lhe dizer era um grande amigo do meu cunhado Charlus; também tinha muito boas relações com Voisenon (o castelo do príncipe de Guermantes) não apenas como se o de conhecer o Sr. de Charlus e o príncipe fosse um mero acaso para Swann; como se o cunhado e o primo da duquesa tivessem sido dois homens aos quais Swann se achara ligado em determinada circunstância, quando Swann se repara com todas as pessoas dessa mesma sociedade-mas ainda como se a Sra. de Guermantes quisesse fazer Gilberte compreender aproximadamente quem era o seu pai, "situá-lo" para ela por meio de um desses traços característicos, com ajuda dos quais, como se deseja explicar como entramos em relações com alguém que não teríamos vontade de conhecer, ou para realçar a narrativa, invocamos o apadrinhamento particular de uma certa pessoa. Quanto à Gilberte, foi tanto maior a sua satisfação em ver declinar a conversa, quanto ela procurava precisamente mudar-lhe o rumo, tendo herdado de Swann aquele tato requintado e um modo encantador de inteligência que o duque e a duquesa logo reconheceram e apreciaram; pediram à Gilberte que voltasse em breve. Além disso, com a minúcia das pessoas cuja vida não tem finalidade, percebiam eles, alternadamente, nas pessoas a quem se ligavam, as mais simples qualidades, exclamando diante delas com o ingênuo deslumbramento de um homem da cidade que descobre no campo um talo de relva, ou, pelo contrário, aumentando, como sob as lentes de um microscópio, comentando interminavelmente e embirrando com os menores defeitos,

e muitas vezes, alternadamente, na mesma pessoa. No caso de Gilberte, foram antes de tudo os seus encantos o que atraiu a ociosa perspicácia do Sr. e da Sra. de Guermantes:

- Reparou a maneira como ela pronuncia certas palavras? - disse a duquesa ao marido depois que Gilberte saíra. - É bem como Swann, parecia que eu o estava escutando.

- Ia fazer a mesma observação que você, Oriane. - É espirituosa, e completamente do jeito do pai. - Acho até que é bem superior a ele. Lembra-se como contou muito bem aquela história dos banhos de mar? Tem uma vivacidade que faltava ao pai.

- Oh, e ele no entanto era bem inteligente.

- Mas não digo que não fosse inteligente, digo que lhe faltava vivacidade - retorquiu o duque em tom gemente, pois a gota o enervava, e, quando não tinha outra pessoa em quem descarregar sua irritação, a duquesa é que pagava o pato. Mas, incapaz de bem compreender-lhe as causas, preferia assumir um ar de incompreendido.

Essas boas disposições do duque e da duquesa fizeram com que, daí em diante, quando necessário, se falasse às vezes a Gilberte em "seu pobre pai", o que aliás não adiantava nada, pois justamente por aquela época Forcheville adotara a moça. Ela dizia "Meu pai" a Forcheville, encantava a senhoras idosas por sua cortesia e distinção, e todos reconheciam que, se Forcheville se portara de modo admirável com ela, a pequena, por sua vez, era de coração bastante nobre e sabia recompensá-lo por isso. Sem dúvida, porque às vezes podia e desejava mostrar muito desembaraço, forçara-me a reconhecê-la, e falara de seu verdadeiro pai diante do mim. Mas aquilo era uma exceção, e ninguém mais tinha coragem de pronunciar na frente o nome

de Swann. Eu acabava exatamente de reparar, encontrando em dois desenhos de Elstir que antes eram relegados a um aposento lá fora, onde os vira apenas casualmente. Elstir estava na moda, agora. A Sra. de Guermantes não se consolava de ter dado tantos quadros dele à prima, não porque estivessem na moda, mas porque agora os apreciava. De fato, a moda é pelo capricho de uma série de pessoas de que os Guermantes são os sensitivos. Todavia a duquesa não podia pensar em comprar outros Elstir, pois eles, desde algum tempo, haviam subido a preços astronômicos; ela desejava ao menos ter algo de Elstir em seu salão, e mandara descer desenhos que declarava "preferir à sua pintura". Gilberte reconheceu-lhe:

- Dir-se-iam de Elstir - comentou.

- Claro que sim - retrucou estouva a duquesa-, foi precisamente seu... foram nossos amigos que nos fizeram dá-los. É admirável. Na minha opinião, são superiores à sua pintura. -

Eu ouvira esse diálogo, fui olhar o desenho.

- Ora, mas é aquele Elstir que; sinais desesperados da Sra. de Guermantes.

- Ah, sim. O Elstir que eu adorei em cima. Fica bem melhor do que no corredor. A propósito

de Elstir, citei num artigo publicado no *Fígaro*. Já o leram?

- O senhor publicou um, *Fígaro*? - gritou o Sr. de Guermantes, com a mesma violência com que teria exclamado:

"Mas é a minha prima"

- Sim, ontem.

- No *Fígaro*? Tem certeza? deixaria muito espantado. Pois cada um de nós tem o seu *Fígaro,* e, se a página houvesse escapado a um, o outro a teria visto. Não havia nada, não é, Orine? – o duque mandou buscar o *Fígaro* e só então se rendeu à evidência, como ainda houvesse possibilidade de que eu estivesse enganado quanto ao jornal que escrevera.

- O quê? Não compreendo. Então o senhor publicou no *Fígaro*? - perguntou a duquesa, esforçando-se para falar de uma coisa que interessava. - Mas olhe, Basin, você lerá isso mais tarde.

- Não, não, - disse ao duque – está muito bem assim, com sua grande barba sobre o jornal – disse Gilberte. Isso lê logo, quando chegar em casa.

- Sim, ele usa barba, agora que todo anda de cara rapada - disse a duquesa-, ele nunca faz as coisas como os outros. Quando nos casamos, ele raspava não só a barba, mas o bigode. Os cem que o não conheciam, pensavam que ele não fosse francês. Naquele tempo chamava-se príncipe des Laumes.

- Existe ainda um príncipe des Laumes? - disse Gilberte, que se interessava por tudo o que se referisse às pessoas que não tinham querido cumprimentá-la durante tanto tempo.

- Não - respondeu a duquesa com um olhar acariciante e melancólico.

- Um título tão lindo! Um dos mais belos títulos da França! - comentou Gilberte, pois um certo gênero de banalidades vem insistentemente, como o relógio dá as horas, à boca de certas pessoas inteligentes de verdade.

- Eu também lamento. Basin queria que o filho da irmã dele o usasse - não é a mesma coisa; no fundo, isto poderia ser assim, pois não é obrigatório ao filho mais velho quem herda o título, pode passar do mais velho ao caçula dizia que Basin, por essa época, andava inteiramente barbeado; um dia, lembra, meu querido? - disse ela ao marido -, daquela peregrinação até Patrimonial, meu cunhado Charlus, que aprecia muito conversar com os campos dizia a um e a outro: "De onde és?" e como é bastante generoso dava-lhe, ou levava-os para beber. Pois ninguém é, a um tempo, tão altivo e tão simples como Mémé. Você o verá não querendo cumprimentar uma duquesa, a quem não considera bem duquesa, e cumular de atenções um guardador de cães. Então eu disse a Basin: "Olhe, Basin, converse também um pouco com eles." Meu marido, que nem

sempre é muito inventivo...

- Obrigado, Oriane - disse o duque, sem interromper a leitura do meu artigo em que estava mergulhado.

- Avistou um campônio e lhe repetiu textualmente a pergunta do irmão: "E tu, de onde és? - Sou dos Laumes. -Tu és dos Laumes? Pois bem, sou o teu príncipe." Então o camponês encarou o rosto glabro de Basin e respondeu: "Não é verdade. O senhor é um *English*." -

Percebia-se, desse modo, nessas pequenas anedotas da duquesa, surgirem títulos eminentes, como o do príncipe dos Laumes, em seu verdadeiro lugar, no seu estado antigo e na cor local, como em certos livros de horas reconhecemos, em meio à multidão da época, a flecha de Bourges. Trouxeram cartões que um lacaio acabara de deixar.

- Não sei que idéia foi essa, não a conheço. É a você que devo isto, Basin. Todavia esse gênero de relações não lhe foi muito proveitoso, meu amigo - e, voltando-se para Gilberte: - Não saberia sequer lhe explicar de quem se trata, certamente você não a conhece: chama-se Lady Rufus Israel. -

Gilberte enrubesceu vivamente:

- Não a conheço - disse (o que era tanto mais falso quando Lady Israel, dois anos antes da morte de Swann, reconciliara-se com ele e chamava Gilberte pelo seu prenome) -, mas sei muito bem, por outras pessoas, quem é essa pessoa de quem a senhora está falando. -

É que Gilberte se tornara muito esnobe. Assim, perguntando-lhe certo dia uma jovem, por maldade ou falta de tato, qual era o nome de seu pai, não o adotivo mas o verdadeiro, ela, perturbada, e para desfigurar um pouco o que tinha a dizer, pronunciara, em vez de *Suann*, *Svann*, mudança que logo após percebeu ser pejorativa, porquanto fazia desse nome de origem inglesa um nome alemão. E até acrescentou, aviltando-se para se realçar: - Contaram muitas coisas bem diferentes sobre o meu nascimento, mas prefiro ignorar tudo.

Por mais envergonhada que Gilberte devesse ficar em certos instantes ao pensar nos pais (pois até a Sra. Swann representava para ela-e era-uma boa mãe), infelizmente devemos deduzir dessa maneira de encarar a vida, que seus elementos provinham sem dúvida dos pais, pois nós não nos fazemos a nós mesmos com todas as peças. Porém, a uma certa soma de egoísmo existente na mãe, vem acrescentar-se um egoísmo diverso, inerente à família do pai, o que nem sempre quer dizer adicionar-se, nem mesmo apenas servir-se do múltiplo, mas criar um egoísmo novo, infinitamente mais poderoso e temível. Desde que o mundo existe, famílias em que há determinado defeito sob uma forma se aliam à famílias em que o mesmo defeito existe sob outra forma, o que dá origem a uma

variedade particularmente complexa e detestável na criança, os egoísmos acumulados (falando aqui amenas do egoísmo) assumiriam um tal poder que a humanidade inteira seria fruída, se desse mal não nascessem, capazes de reduzi-lo a proporções justas, restrições naturais análogas às que impedem que a proliferação de infusórios aniquile o nosso planeta, ou que a fecundação assexuada nos acarrete a extinção do reino vegetal etc. De vez em quando, uma virtude por com esse egoísmo uma potência nova e desinteressada. As combinações as quais, no correr das gerações, a química moral fixa dessa maneira, e torna, os elementos que se faziam excessivamente perigosos, são infinitas, numa variedade apaixonante à história das famílias. Além disso, com essa os mesmos acumulados, como os deveria haver em Gilberte, coexistirem determinam encantadora dos pais; por alguns momentos, ela vem realizar sozinha um ato, desempenhando seu papel no tocante com uma sinceridade completa. Se da, Gilberte não ia sempre assim tão longe, como ao insinuar que talvez fosse natural de uma grande personalidade; mas em geral dissimulava suas origens. Talvez, simplesmente, fosse-lhe muito desagradável confessá-las, preferindo que as soubessem por terceiros. Talvez julgasse de fato escondê-las, com essa incerteza, que entretanto não é dúvida, com que reservamos uma possibilidade que desejamos, e da qual Musset nos dá um exemplo quando fala em Deus.

- Não a conheço pessoalmente - repetiu Gilberte.

Teria ela, no entanto, passado a chamar-se Srta. de Forcheville, na esperança de que ignorassem que era filha de Swann? Talvez relativamente a certas pessoas, que, com o tempo esperava se tornassem toda a sociedade. Não devia ter grandes ilusões do número atual dessas pessoas, e é claro que sabia que muita gente deveria exclamar: "É afilha de Swann." Mas sabia-o apenas com a mesma ciência que pessoas que se matam por miséria enquanto comparecemos a

um baile, uma ciência vaga e longínqua, que não nos interessa substituir por um conhecimento mais preciso, resultado de uma impressão direta. Como o afastamento torna as coisas menores, mais incertas e menos perigosas, Gilberte achava que a descoberta de que ela havia nascido Swann ocorresse em sua presença que pertencia, ou ao menos pertenceu esses anos, à variedade mais difundia avestruzes humanos, os que ocultam a cabeça na esperança, não de não vistos, o que julgam pouco verossímil, mas de não verem a quem os vê, o lhes parece muito e lhes permite se entregarem ao acaso quanto ao resto. Gilberte se preferia não estar perto das pessoas no momento em que estas descobrissem que ela havia nascido Swann. E, como estamos perto das pessoas a quem imaginamos, assim como podemos imaginar as pessoas lendo o jornal, Gilberte preferia jornais que a chamassem de Srta. de Forcheville. É verdade que nos escritos própria responsabilidade (suas cartas), prolongou por algum tempo a

transferência assinando-se G. S. Forcheville. A verdadeira hipocrisia dessa assinatura se mostrava pela supressão, menos das outras letras do nome de Swann, que das de Gilberte. Com efeito, reduzindo o prenome inocente a um simples G. S. Forcheville parecia insinuar aos amigos que a mesma amputação, aplicada ao nome de Swann, também se devia apenas a razões de abreviatura. Chegava a dar importância ao S, dele fazendo uma espécie de cauda comprida que vinha cortar o G, mas que se sentia transitória e destinada a desaparecer, como aquela que, ainda longa no macaco, já não existe no homem.

Apesar disso, havia em seu esnobismo a inteligente curiosidade de Swann. Lembro-me naquela tarde ela perguntou à Sra. de Guermantes se não poderia conhecer o Sr. du Lau; e, tendo a duquesa respondido que ele andava doente e não saía de casa, indagou Gilberte como estava passando, pois, acrescentou, enrubescendo de leve, ouvira falar muito a seu respeito. (O marquês du Lau, com efeito, fora um dos amigos mais íntimos de Swann antes do casamento deste, e talvez mesmo Gilberte o houvesse avistado, mas num momento em que não se interessava por semelhantes relações sociais.)

- Será que o Sr. de Bréauté ou o príncipe de Agrigento podem me dar uma idéia dele? - perguntou.

- Oh, de forma alguma! - exclamou a duquesa, que possuía um sentimento muito vivo acerca dessas diferenças provinciais e fazia retratos sóbrios, mas coloridos por sua voz dourada e rouca, sob a doce florescência de seus olhos cor de violeta. - Não, absolutamente. Du Lau era o gentil homem do Périgord, encantador, com todas as suas belas maneiras e a sem-cerimônia de sua província. Em Guermantes, quando lá estava o rei da Inglaterra, de quem du Lau era muito amigo, havia repasto depois da caçada; era o momento em que du Lau costumava tirar as botas e pôr grossas pantufas de lã. Pois bem, a presença do rei Eduardo e de todos os grão-duques absolutamente não o constrangia. E ele descia para o salão de baile de Guermantes com suas pantufas de lã. Achava que, sendo o marquês du Lau d'Allemans, não tinha de se constranger diante do rei da Inglaterra. Ele e esse encantador quase modo de Breteuil eram os dois de quem eu mais gostava. Aliás, eram grandes amigos de... -(Ela ia dizer "seu pai", mas interrompeu-se depressa). - Não, nada tem a ver com Gri-Gri nem com Bréauté. É o verdadeiro grão-senhor do Périgord. De resto, Mémé cita uma página de Saint-Simon sobre um marquês d'Allemans, é exatamente isso.

- Citei as primeiras palavras do retrato: "O Sr. d'Allemans, que era um homem muito distinto entre a nobreza do Périgord, pela sua origem e pelo seu mérito, e considerado, por tudo que lá vivia, um árbitro geral a quem todos recorriam devido a sua probidade, sua capacidade e à doçura de seus modos, e como que um galo de província..."

- Sim, é isso - disse a Sra. de Guermantes -, tanto mais que du Lau sempre foi vermelho como um galo.

- Sim, lembro-me de ter ouvido falar nesse retrato - disse Gilberte, sem acrescentar que o fora por seu pai, o qual, de fato, era grande admirador de Saint-Simon.

Ela também gostava dele e até por outro lado se reergueu ao príncipe de Agrigento, mas outro motivo. O primeiro devia o título por herança da casa de Aragão, a Sua senhora era proveniente de Poitou. Quanto a seu castelo, pelo menos aquele em que morava, não era um castelo de sua família, e sim do primeiro marido de sua mãe, situado mais ou menos a distância igual da Sra. de Guermantes. Assim, Gilberte falava dele e do Sr. de Bréauté como do campo que lhe recordavam sua velha província. Materialmente, havia mentira nessas palavras, visto que só em Paris, por meio de condes que ela conhecera o Sr. de Bréauté, aliás velho amigo de seu pai. Quanto a de referir-se aos arredores de Tansonville, podia ser sincero. Para certo esnobismo é análogo a essas beberagens agradáveis a que elas misturam, aparências úteis. Gilberte se interessava por certa mulher elegante porque possuía esplêndidos e alguns Nattiers que minha velha amiga sem dúvida não da Biblioteca Nacional e no Louvre, e imagino que, apesar da proximidade de Gilberte a influência magnética de Tansonville teria se exercido com relação à Sra. Sazerat ou à Sra. Goupil que em relação ao Sr. d'Agrigen.

- Pobre Babal e pobre Gri-Gri - disse a Sra. de Guermantes-, estão bem com du Lau; receio que ambos não tenham vida por muito tempo.

Quando o Sr. de Guermantes acabou a leitura do meu artigo. Deu-me cumprimentos aliás moderados. Lamentou a forma um tanto convencional do estilo em que havia "afetação e metáforas, como na prosa antiquada de Chateaubriand"; em compensação, felicitou-se sem reservas por eu estar no "meio":

- Aprecio que façam alguma coisa com os dez dedos. Não gosto dos tais que são sempre metidos a importantes ou uns agitados. Raça de escritos.

Gilberte, que assumia com prodigiosa rapidez as maneiras da sociedade, o quanto estava orgulhosa de dizer que era amiga de um escritor.

- Imagino a honra, que vou ter em falar que o conheço.

- Não quer ir conosco à Ópera, amanhã? - convidou a duquesa, e eu pensei que era naquele mesmo dia sem dúvida, em que a vira pela primeira vez e que então me parecera como o reino submarino das nereidas.

Mas respondi com voz triste: estou indo ao teatro; perdi uma amiga a quem muito amava. - Estava lágrimas ao dizer isso, mas, pela primeira vez, sentia um certo

prazer naquilo. Foi a partir desse momento que comecei a escrever a todo mundo que acabava de ter um grande desgosto e a deixar de senti-lo.

Quando Gilberte foi embora, a duquesa me disse:

- O senhor não entendeu meus sinais... Era para que não falasse em Swann. -

E como lhe pedi desculpas:

- Mas eu o compreendo muito bem; eu mesma quase que pronunciei o nome dele. Mal tive tempo de me interromper, é incrível; felizmente, detive-me a tempo. Você sabe, é muito constrangedor - disse ela ao marido para direcionar pouco a minha falta, parecendo acreditar que eu obedecera a uma tendência natural a todos e à qual era difícil resistir.

- Que quer que eu faça? - respondeu o duque.

- Bastará você recomendar que levem esses hóspedes para cima, já fazem não pensar em Swann. Se você não pensar em Swann, não falará nele.

No dia seguinte recebi duas cartas de felicitações que muito me espantaram: uma era da Sra. Goupil, senhora de Combray a quem não via há tantos anos e ,quem, mesmo em Combray, não dirigira a palavra três vezes sequer. Um gabinete de leitura a fizera ler o *Fígaro*. Assim, quando nos acontece na vida algo que obtém uma certa repercussão, chegam-nos notícias de pessoas tão distantes de nossas relações, e cuja lembrança já é tão remota, que tais pessoas parecem estar situadas a grande distância, principalmente no sentido da profundidade. Uma amizade de colégio esquecida, e que tivera vinte ocasiões de se fazer lembrada, nos dá sinal de vida, aliás não sem compensações. Foi assim que Bloch, de quem eu tanto gostaria de saber o que pensava de meu artigo, não me escreveu. É verdade que havia lido o artigo, e devia me confessá-lo depois, mas por uma espécie de contra-choque. De fato, ele próprio escreveu um artigo no *Fígaro* alguns anos mais tarde, e desejou assinalar-me esse acontecimento. Como já deixara de sentir ciúme pelo que considerava um privilégio, pois também lhe havia tocado a ele, a inveja, que o fizera fingir ignorar o meu artigo, havia passado, como um compressor se reergue; falou-me dele, mas de forma inteiramente diversa daquela com que desejaria ouvir-me falar do seu:

- Soube que tu também fizeste um artigo - disse-me ele. - Porém achei que não devia te falar a esse respeito, receando ser desagradável, pois não devemos falar aos amigos sobre coisas humilhantes que lhes acontecessem. E, evidentemente, uma delas é escrever no jornal do *sabre e do aspersório, dos five o'clock*, sem esquecer a água benta. -

Seu caráter permanecia o mesmo, mas o estilo tornara-se menos precioso, como acontece com certos escritores que abandonam o maneirismo quando, já não fazendo poemas simbolistas, dedicam-se a romances-folhetins.

Para me consolar com seu silêncio, reli a carta da Sra. Goupil; mas ela não possuía calor, pois, se a aristocracia tem certas fórmulas que erguem paliçadas entre si, entre o Senhor do princípio e o muito cordialmente do fim, gritos de alegria e de admiração podem brotar como flores, e ramos podem inclinar, por cima da paliçada, o seu perfume aromático. Mas o convencionalismo burguês encerra o próprio interior das cartas numa rede que vai de seu sucesso tão legítimo até o extremo de seu belo sucesso. Cunhadas, fiéis à educação recebida e apropriadamente reservadas em seus corpetes, julgam que se expandiram na desgraça ou no entusiasmo se escreveram meus melhores pensamentos. E Mamãe se associa às minhas palavras é um superlativo com que raramente somos mimoseados.

Recebi uma outra carta além da Sra. Goupil, mas a assinatura, Sautton, era-me desconhecida. Vinha numa caligrafia popular, de uma linguagem encantadora, retido por não poder descobrir quem me escrevera{91}.

Dois dias depois, de manhã, alegrei-me que Bergotte fosse admirador do meu artigo, o qual não pudera ler sem uma ponta de inveja - minha alegria cessou ao cabo de um instante. De fato, Bergotte não mencionara coisa alguma. Eu simplesmente me perguntava se ele havia gostado do artigo, receando que não. A esta pergunta que eu me fazia, a Sra. de Ford respondera que ele o admirava infinitamente, achava-o digno de um grande teor. Mas ela dissera tais palavras enquanto eu dormia: era um sonho. Que respondem às perguntas que nos fazemos por meio de

afirmações representadas com diversas personagens, mas sem futuro.

Quanto à Srta. de Forcheville, eu não podia evitar pensar nela como quem, Filha de Swann, que tanto teria gostado de vê-la em casa dos Guermantes; estes haviam recusado a seu grande amigo o prazer de recebê-la, e depois procurado espontaneamente, pois o tempo havia passado, o tempo que renova tudo, e insufla uma outra personalidade, segundo o que sobre elas as pessoas que há muito tempo não víamos, desde que nós mesmos mudamos a pele e adquirimos novos gostos. Mas, quando Swann dizia a essa filha, apertando-a nos braços e beijando-a: "É bom, queridinha, ter uma filha como você. Um dia, quando eu já não estiver aqui, se falarem ainda do teu pobre papai, será contigo e por tua causa". Swann, depositando assim na

filha, para aquela morte, uma tímida e ansiosa esperança de sobrevivência, enganava-se tanto; quanto o velho banqueiro que, tendo feito um testamento para uma dançarina, mantém e que ostenta uma aparência muito digna, diz consigo que é para apenas um grande amigo, mas que ela permanecerá fiel à sua memória. Depois, o aspecto dela era muito digno, enquanto roçava com o pé, debaixo da mesa, amigos do velho banqueiro que lhe agradavam, mas tudo isso

bem às escondidas, no maior decoro.

Usará luto pelo excelente homem, sentir-se-á desimpedida; desfrutará não apenas do dinheiro líqüido, mas das propriedades e dos automóveis que ele lhe deixou, e em toda parte se empenhará em apagar o monograma do proprietário, que lhe causa uma certa vergonha, e ao gozo da doação jamais criará a tristeza pelo doador. As ilusões do amor paterno não são menores; muitas filhas só consideram o pai como o velho que lhes deixou sua herança. A presença de Gilberte num salão, em vez de ser uma oportunidade a qual falassem às vezes de seu pai, era um obstáculo a que fossem aproveitadas as ocasiões, cada vez mais raras, que ainda pudessem ocorrer para fazê-lo. Meu propósito em citar as frases que ele havia dito, ou de objetos que oferecera, as palavras adquiriram o hábito de não mais citá-lo, e aquela que poderia rejuvenescer, perpetuasse a sua memória, era exatamente quem apressava e consumava a da morte e do esquecimento.

E não era somente em relação à Swann que Gilberte consumava aos poucos a obra do esquecimento: ela a apressara em mim também quanto a Albertine - a ação do desejo, e como conseqüência do desejo de felicidade, que Gilberte acumulava em mim durante as horas em que eu a julgara uma pessoa diversa; o número de sofrimentos e de preocupações dolorosas que ainda há pouco obcecavam meu pensamento, escapavam-se de mim, arrastando, com minhas idéias, todo um conjunto de lembranças precárias, provavelmente esfarinhadas há muito, relativas a Albertine. Pois se muitas das lembranças ligadas a ela tinham, a princípio, contribuído para manter em mim a mágoa pela sua morte, em troca essa própria mágoa havia fixado as lembranças. De forma que a modificação de meu estado sentimental, sem dúvida obscuramente preparada dia a dia pelas contínuas desagregações do esquecimento, mas bruscamente realizada em conjunto, deu-me essa impressão, que me recordo de haver experimentado pela primeira vez naquele dia, do vazio, da supressão em mim de toda uma porção de associações de idéias, sentida por um homem de quem rebenta uma artéria cerebral já gasta há muito tempo, e no qual toda uma parte da memória é abolida ou fica paralisada. Eu já não amava Albertine. Quando muito em certos dias, fazendo um desses tempos em que, modificando e despertando nossa sensibilidade, nos pomos em relação com a realidade, eu sentia uma tristeza cruel ao pensar nela. Sofria por um amor já inexistente. Da mesma forma os amputados, diante de certas mudanças de tempo, sentem dor na perna que já não possuem.

O desaparecimento de minha dor, e de tudo o que ela acarretava, deixava-me diminuído como freqüentemente a cura de uma doença que ocupava um grande lugar em nossa vida. Sem dúvida, porque as lembranças não permanecem sempre verdadeiras, é que o amor não é eterno e porque a vida é feita da

perpétua renovação das células. Porém, essa renovação por meio das lembranças é ainda assim retardada pela atenção que detém, que fixa um momento fadado a mudar. E visto que com a dor sucede o mesmo que com o nosso desejo das mulheres, aumentado se pensamos nelas, ter muito o que fazer contribuiria bastante para tornar mais fácil não só a castidade, mas o esquecimento.

Por uma reação diferente, embora fosse a distração (o desejo que sentia pela Srta. d'Éporcheville) que, de súbito, tornara-me efetivo e sensível o esquecimento, se é o tempo que nos traz progressivamente o esquecimento, este não deixa de alterar profundamente a noção do tempo. Existem erros ópticos no tempo, assim como os há no espaço. A persistência, em mim, de uma antiga veleidade de trabalhar, de recuperar o tempo perdido, de mudar de vida, ou melhor, de começar avivar, dava-me a ilusão de que eu era sempre muito jovem; entretanto, a recordação de todos os acontecimentos que haviam decorrido em minha vida - e também aqueles que se haviam sucedido em meu coração, pois, quando mudamos muito somos induzidos a supor que vivemos longo tempo no decurso dos últimos meses da existência de Albertine, levara-me a julgá-los bem mais como um ano, e, agora, esse esquecimento de tantas coisas, separando-me, vazios, de acontecimentos bem recentes que assim me pareciam antigos como se diz, "tivera tempo" de esquecê-los pela sua interpolação fragmentada e irregular na minha memória feito uma bruma espessa sobre o oceano suprime os pontos de referência das coisas perturbava e deslocava a mente das distâncias no tempo, comprimidas aqui, distendidas além, que me julgasse ora muito mais longe, ora muito mais perto das coisas que estavam na realidade. E como nos novos espaços, ainda não percorridos estendiam à minha frente, não haveria mais vestígios de meu amor, como não os houvera de meu amor por minha avó nos tempos perdidos; acabava de atravessar, a minha vida, oferecendo uma sucessão de períodos os quais, depois de um certo intervalo, já não subsistia no seguinte nada sustentava o precedente, apareceu-me como algo tão destituído do apoio do eu individual, idêntico e permanente, algo tão inútil no futuro, tão comum no passado, algo que a morte bem poderia interromper aqui ou ali, sem concluir, como esses cursos da história da França que em reportam suspensos indiferentemente, conforme a fantasia dos programas ou dos presidentes; na Revolução de 1830, na de 1848, ou no fim do Segundo Império.

Talvez, então, o cansaço e a tristeza que eu sentia proviessem provavelmente, por ter amado inutilmente a quem eu já esquecia, do que de principiar a distrair novas pessoas vivas, pessoas puramente da sociedade, simples amigas, como a Sra. de Guermantes, de tão pouco interesse em si mesmas. Talvez me consolassem facilmente ao verificar que aquela a quem havia amado já não era, ao fim de um tempo, mais que uma pálida lembrança, do que ao verificar de

novo em vã atividade que nos faz perder tempo em revestir nossa vida com uma vespa humana, viçosa mas parasitária, que igualmente se tornará coisa alguma ao que já é estranha a tudo que conhecemos, e à qual, no entanto, procura agora a nossa senilidade indiscreta, galante e melancólica.

A nova criatura, que facilmente suportaria viver sem Albertine, fizera sua aparição dentro de mim, pois eu pouco falara de Albertine na casa da Sra. de Guermantes, em palavras aflitas, mas de profundo sofrimento. A possível chegada desses novos "eus", que deveria por um nome diverso do precedente, sempre me assustara, pois eram indiferentes ao objeto do meu amor: outrora, a respeito de Gilberte, quando seu pai me dizia que eu fosse viver na Oceania, não haveria de querer voltar mais; e recentemente, o lera com tamanho aperto no coração as memórias de um escritor medíocre, separado pela vida de uma mulher a quem adorava quando jovem, reencontrara na velhice, sem prazer, sem vontade alguma de revê-la. Ora, pelo contrário, o me havia comovido era uma supressão quase completa do sofrimento, uma possibilidade de bem-estar, e isso eu ficava devendo a um ser tão temível, tão benfazejo não era outro senão um desses "eus" de reserva, que o destino mantém de prontidão para nós, e com o que, sem ouvir nossos rogos, ao jeito de um médico esclarecido; e por isso mesmo autoritário, substitui, contra nossa vontade, por uma internação oportuna, o nosso eu na verdade muito ferido. Substituição, aliás, realizada de tempos em tempos, como o desgaste e a recomposição dos tecidos, mas à qual prestamos atenção se o antigo "eu" carregava uma grande dor, um corpo estranho e pungente, e que nos surpreendemos de não encontrar mais, no deslumbramento de nos termos transformado em outra criatura, uma criatura para a qual o sofrimento de sua predecessora não passa do sofrimento de outrem, do qual poderá falar com piedade, porque não o sente. Mesmo isso pouco nos importa; depois de haver passado por tantos sofrimentos, pois só confusamente nos lembramos de os haver sentido. É possível que, da mesma forma, nossos pesadelos à noite sejam pavorosos. Mas, quando acordamos, somos uma outra pessoa, que mal se preocupa com aquela a quem sucedeu, e que, dormindo, era perseguida por assassinos.

Sem dúvida, este "eu" ainda mantinha algum contato com o anterior, como um amigo, indiferente a um luto, conversava, todavia, a seu respeito com as pessoas presentes, num tom adequado de tristeza, e, de vez em quando, voltava para o aposento onde o viúvo, que o havia encarregado de receber as visitas, continua a fazer ouvir seus soluços. Eu soluçava ainda, quando voltava a ser, por um momento, o antigo amigo de Albertine. Porém minha tendência era passar inteiramente a um novo personagem. Nossa afeição pelos outros não diminui porque estão mortos, mas porque nós próprios morremos. Albertine não tinha coisa alguma a censurar em seu amigo. Quem usurpara o nome deste era apenas

um herdeiro. Só podemos ser fiéis àquilo de que nos lembramos, e a gente só se lembra daquilo que conheceu. Meu novo "eu", enquanto crescia à sombra do antigo, ouvia-o falar muitas vezes de Albertine; através dele, através dos relatos que recolhia, julgava conhecê-la, ela lhe era simpática, amava-a; mas não passava de uma ternura de segunda mão.

Outra pessoa em quem a obra do esquecimento, no que se referia à Albertine, provavelmente se tornou mais rápida por essa época, e, por tabela, permitiu-me notar, um pouco mais tarde, num novo progresso alcançado por essa obra em mim (e essa é a minha lembrança de uma segunda etapa, antes do esquecimento definitivo), foi Andrée. Mal posso não considerar, de fato, o esquecimento de Albertine como causa, se não única ou principal, pelo menos causa condicionante e necessária, de uma conversa que Andrée teve comigo mais ou menos seis meses após aquela que narrei; conversa na qual suas palavras foram bem diversas das que me havia dito da primeira vez. Lembro-me de que era em meu quarto, porque naquele tempo eu sentia prazer em manter relações semi-carnais com ela, devido ao aspecto coletivo que aparentava a princípio, e que agora voltaria a expressar o meu amor pelas moças do pequeno grupo, por muito tempo indiviso entre elas, e apenas por um momento associado à pessoa de Albertine, durante os últimos meses que haviam precedido e seguido à sua morte.

Estávamos em meu quarto por outro motivo ainda, que me permitiu bem exatamente essa conversa. É que eu fora expulso do restante, pois era dia de recepção de mamãe. Era um dia em que mamãe fora à casa da Sra. Sazerat. Mas, como fosse dia de recepção, ela hesitara em ir à Sra. Sazerat; porém, como até em Combray, a Sra. Sazerat sabia sempre dar juntamente com pessoas enfadonhas, mamãe, certa de não se divertir, que podia voltar cedo para casa sem perder nenhum prazer. De fato, voltara e sem pena, pois a Sra. Sazerat só tinha em casa gente muito cacete, já com a voz particular que ela usava ao receber, e que mamãe denominava “quarta-feira". Mamãe, aliás, gostava muito dela, penalizava-se com a sua pessoa, resultado das dissipações do pai, arruinado pela duquesa de X***-, infortúnio que a forçava a viver, quase o ano inteiro, em Combray, com algumas semanas e da prima, em Paris, e uma grande "viagem de recreio" a cada dez anos. O que na véspera, a meu insistente pedido durante meses, e porque a princípio, convidava sempre, mamãe fora visitar a princesa de Parma, que não fazia visita, em cuja casa as pessoas normalmente se contentavam em deixar seus aposentos, mas que insistira para que minha mãe fosse vê-la, já que o protocolo impedia que ela nos visitasse. Minha mãe voltara muito descontente:

- Tu me fizeste pra uma asneira - disse ela. - A princesa mal me cumprimentou; virou-se para os demais com quem conversava, sem se ocupar de minha pessoa, e, ao fim de minutos, como não me dirigia a palavra, fui embora sem que ela

nem mesma estendesse a mão. Eu estava muito aborrecida; em compensação, ao ir embora, encontrei diante da porta a duquesa de Guermantes, que foi muito amável e falou um bocado de ti. Que idéia esquisita tiveste de lhe falar acerca de Albertine! Contou que lhe havias dito ter ficado muito desgostoso com sua morte.-(De, fato eu o dissera à duquesa, mas não me lembrava disso e mal insistira. Mas as pessoas mais distraídas prestam uma atenção estranha às palavras que deixamos escapar; palavras que nos parecem perfeitamente naturais, e que excitam profundamente sua curiosidade.)- Nunca mais voltarei à casa da princesa de Parma. Tu me fizestes praticar uma asneira.

Ora, no dia seguinte, dia em que mamãe recebia, Andrée veio me ver. Não dispunha de muito tempo, pois devia encontrar-se com Gisele, com quem fazia questão de jantar.

- Conheço os seus defeitos, mas ainda assim é a minha melhor amiga, a pessoa pela qual sinto o maior afeto possível - disse-me ela. E parecia mesmo sentir algum terror à idéia de que eu lhe pudesse pedir para jantar com minha avidez pelas criaturas, e um terceiro que a conhecesse bem, como eu, impedindo-a de se abandonar, a impediria também de gozar junto delas um prazer completo.

É verdade que, quando ela veio, eu não me achava presente; ela me esperava, e eu ia passar pela minha saleta para ir ao seu encontro, quando percebi ouvir uma voz, que havia outra visita para mim. Com pressa de ver Andrée, que estava no meu quarto, não sabendo quem era essa outra pessoa, que certamente não a conhecia, pois fora encaminhada para outro aposento, fiquei escutando por um instante à porta da saleta, pois o visitante falava, não estava só. Falava a uma mulher:

- Oh, minha querida, está no meu coração! - cantarolava, citando os versos de Armand Silvestre. - Sim, serás sempre a minha querida, apesar de tudo o que me possas fazer:

Le morts dormenf en paix dans le seira de la terre. Ainsi doivent dormir nos sentiments éfeints. Ces reliques du coeur ont assmi leur poussiere; Sur /eurs restes sacrés ne ponons pas les mains{92}. -É um tanto batido, mas como é belo! E também o que te poderia ter dito desde o primeiro dia:

Tu les feras pleurer, en fant bel er chérie... - Como, então não conheces isto? *...Tous ces bambins, hommes futurs, Qui suspendent dejà leur jeune rêverie Aux cils câ/ins de tes yeux purs*{93}. -Ah! Eu julgava poder dizer-me por um instante: *Le premier soir qu'il vint ici De fierté je n'eus plus souci. Je lui disais: "Tu m'aimeras Aussi longtemps que fu pourras." Je me dormais bien qu'en ses bras*{94}.

Farás chorar, bela e querida criança..."- Sully Prudhomme, Aux Tuileries" (Nas Tulherias).

Curoso, ainda que devesse atrasar por um momento a minha entrevista com Andrée, queria saber a que mulher se dirigia esse dilúvio e abri a porta. Os versos eram recitados pelo Sr. de Charlus a um militar, logo reconheci Morel, o qual estava de partida para cumprir o seu período de visita. Já não andava em boas relações com o Sr. de Charlus, porém via-o, quando para lhe pedir serviço. O Sr. de Charlus, que habitualmente dava um aspecto mais viril, tinha também os seus langores. De resto, na inocência de poder compreender e sentir os versos dos poetas, fora obrigado a surpreender não a uma bela infiel, mas a um rapaz. Deixei-os o mais rápido que pude embora sentisse que fazer visitas em companhia de Morel era uma satisfação para o Sr. de Charlus, a quem este fato dava por um instante a ilusão de estar casado de novo. Aliás, ele tinha em sua pessoa o esnobismo das rainhas criados.

A lembrança de Albertine tornara-se em mim de tal modo fraca, que já não me causava tristeza, não passando de uma transição para novos, como um acorde que prepara mudanças de harmonia. E até, estando afastada a idéia de capricho sensual e passageiro, enquanto eu ainda era fiel à recordação de Albertine, sentia-me mais feliz, tendo Andrée a meu lado, do que se, por milagre, recuperasse Albertine. Pois Andrée poderia me dizer mais coisas acerca de Albertine do que a própria Albertine me dissera. Ora, os problemas relativos à Albertine ainda permaneciam em meu espírito, ao passo que minha ternura, tanto física quanto moral, já desaparecera. E meu desejo de conhecer sua vida, porque diminuíra menos, era agora comparativamente maior que a necessidade de sua presença. Por outro lado, a idéia de que uma mulher talvez tivesse tido relações sexuais com Albertine só me provocava o desejo de tê-las também com essa mulher. Foi o que eu disse a Andrée, acariciando-a. Então, sem tentar de forma alguma, pôr suas palavras em acordo com as que havia dito meses antes, Andrée me falou meio sorrindo:

- Ah, sim, mas você é homem. De modo que não podemos fazer juntos as mesmas coisas que eu fazia com Albertine.- E, fosse porque ela pensava que isto aumentaria o meu desejo (na esperança de ouvir confidências, eu dissera antigamente que gostaria de ter relações sexuais com uma mulher que tivesse tido com Albertine), ou o meu desgosto, ou talvez destruísse um sentimento de superioridade, que ela acaso julgasse que eu possuía, por ter sido o relacionar-se sexualmente com Albertine: - Ah, nós duas passamos horas boas; ela era tão carinhosa, tão apaixonada. Aliás, não era só comigo que ela gostava de sentir prazer. Conhecera na casa da Sra. Verdurin um belo rapaz, chamado Morel. E logo eles se entenderam. Ele se encarregava obtendo dela permissão para também desfrutar o seu prazer, pois gostava das garotas novatas, e logo as punha no mau caminho, largava-as -, encarregava-se de agradar jovens apenas de uma praia afastada, pequenas lavadeiras, que se enamorariam de um homem; mas

não teriam correspondido às seduções de uma moça. Quando a garota, também sob sua dominação, ele a levava para um local seguro, onde a entregava à Albertine. Com medo de perder esse Morel, que aliás também participava do negócio, a garota obedecia sempre e ainda assim o perdia, pois, temendo as conseqüências, e também porque uma ou duas vezes lhe bastavam, Morel sumia deixando um endereço falso. Certa vez, Morel teve a coragem de levar uma delas, junto com Albertine, a uma casa de mulheres em Couliville, onde quatro ou cinco a possuíram juntas ou sucessivamente. Era a sua paixão, como também a de Albertine. Porém esta sentia remorsos horríveis depois. Creio que, vivendo com você, ela dominou essa paixão, e adiava, dia após dia, o momento de satisfazê-la. E depois, a amizade que tinha a você era tão grande que sentia escrúpulos. Mas certamente, se um dia ela o deixasse, haveria de recomeçar. Ela esperava que você a salvasse, que a desposasse. No fundo, sentia que aquilo era uma espécie de loucura criminosa, e muitas vezes fiquei imaginando se não teria sido depois de uma coisa dessas, que provocasse um suicídio numa família, que ela própria se matou. Devo confessar que, bem no começo de sua vida aqui em sua casa, ela ainda não havia renunciado inteiramente a fazer essas coisas comigo. Havia dias em que ela parecia ter necessidade disso, de tal modo que uma vez, quando teria sido tão fácil lá fora, ela só se resignou a me dizer adeus depois de termos ficado juntas, aqui em sua casa. Não tivemos sorte, quase fomos surpreendidas. Ela aproveitou que Françoise tinha descido para ir à rua, e que você ainda não voltara. Então, apagou as luzes para que vocês, quando abrissem a porta, perdessem um bocado de tempo antes de achar o interruptor; e ela não fechou a porta do quarto. Ouvimos você subir, e mal tive tempo de me arrumar e descer. Precipitação bem inútil, pois, por um acaso incrível, você havia esquecido a chave e fora obrigado a tocar a campainha. Mas, seja como for, perdemos a cabeça, de modo que, para disfarçar o embaraço, sem nos consultarmos, tivemos a mesma idéia: dar a impressão de que odiávamos o cheiro da silindra, que pelo contrário adorávamos. Você trazia um grande ramo desse arbusto, o que me permitiu desviar a cabeça e ocultar a perturbação. Isto não me impediu de lhe dizer, numa absurda falta de jeito, que talvez Françoise já houvesse subido e teria podido abrir a porta, ao passo que, um momento antes, eu mentira dizendo que estávamos acabando de voltar do passeio e que, ao chegarmos, Françoise ainda não descera (o que era verdade). Porém o azar foi ter apagado a luz, pensando que você estava com a chave, pois receávamos que, ao subir, você a visse acender de novo; ao menos, hesitamos bastante. E durante três noites Albertine não pode pregar olho, pois andava com medo que você desconfiasse e perguntasse à Françoise por que não acendera a luz antes de sair. Pois Albertine sentia muito medo de você, e de vez em quando falava que você era tratante, maldoso, e no fundo a detestava. Depois de três dias, ela acabou compreendendo, pela sua calma; você não perguntara coisa alguma à Françoise,

e pôde conciliar o sono. Mas retomou as relações comigo, ou por medo, ou por remorso, pois afirmava gostar muito de você, ou talvez porque gostasse de outra pessoa. Jamais pudemos falar sobre a silindra diante dela sem que ficasse escondesse o rosto com as mãos, para ocultar a vermelhidão.

Como certas venturas, há determinadas desgraças que chegam tarde e não assumem em nós toda a grandeza que teriam tido alguma antes. Assim foi a desgraça, para mim, dessa terrível revelação de Andrée; a dúvida, mesmo quando más notícias devem nos entristecer, acontece o divertimento, no jogo equilibrado da conversa, elas passam por nós sem ficar em nós, preocupados com mil coisas a responder, transformados em outra pelo desejo de agradar às pessoas presentes, criatura momentaneamente ia neste ciclo novo contra as doenças e sofrimentos que deixara para ali que voltará a encontrar ao ser quebrado o curto encantamento, não temos de acolhê-las. Entretanto, se essas doenças e sofrimentos são excessivamente intensos, nós só entramos distraídos na zona de um mundo novo e momentaneamente, onde, por demais fiéis ao sofrimento, não podemos nos transformar; então as palavras se relacionam imediatamente com nosso coração, que nem fora do jogo. Porém desde algum tempo as palavras referentes à Albertine; um veneno evaporado, haviam perdido seu poder tóxico. A distância já demais longínqua; como um passeante que, vendo à tarde um crescente no céu, diz consigo: "Então é isso, a imensa lua", eu me dizia: "Como! Esta que tanto busquei e temi, está somente nessas poucas palavras ditas em palavras em que nem posso pensar completamente, pois não estou sozinho; e depois, ela de fato me pegara desprevenido, e eu me sentia muito cansado de Andrée. Na realidade, uma verdade dessas exigiria de mim mais forças para que pudesse me dedicar à ela; ela permanecia exterior a mim, mas é que eu ainda lhe encontrara um lugar no meu coração. Gostaríamos que a verdade nos fosse revelada por sinais novos, não por uma frase, uma frase semelhante às que são ditas tantas vezes. O hábito de pensar às vezes impede que sintamos o que realiza-nos contra ele, fá-lo também parecer um pensamento. Não existe idéia que não consigo a sua refutação possível, ou uma palavra sem o seu contrário. Em todo caso, se aquilo era verdadeiro, tratava-se agora de uma verdade sobre a vida de uma amante já morta, a remontar das profundezas, quando já nada se podia fazer com ela. Então (sem dúvida pensando em outra a quem amamos agora, e a respeito de quem a mesma coisa poderia opor, pois não nos preocupamos mais com aquela que já esquecemos), ficamos perdidos. Dizemos a nós mesmos: "Se ela estivesse viva!" e: "Se esta que vive pudesse compreender tudo isso, quando ela morrer ficarei sabendo de tudo o que me dediquei". Mas é um círculo vicioso.

Se eu pudesse fazer com que Albertine, igualmente faria com que Andrée não me revelasse coisa alguma. É a mesma que o eterno "você vai ver quando eu

deixar de amá-lo", tão verdadeiro e tão profundo; pois, de fato conseguiríamos muito se já não amássemos porém não nos preocuparíamos em consegui-lo. É exatamente a mesma coisa. Pois, se a mulher, a imagem que revemos quando já deixamos de a amar, nos diz tudo, é que de fato já não é mais ela, ou nós não somos nós: a criatura que amava não existe mais. Por aí também passou a morte, tornando tudo fácil e inútil. Eu fazia essas reflexões, na hipótese de que Andrée fosse verdadeira, o que era possível - e se sentisse impelida à sinceridade precisamente por ter agora relações sexuais comigo, por esse lado Saint-André-des-Champs, que a princípio Albertine alimentara a meu respeito. Nesse caso, era favorecida pelo fato de que já não receava Albertine, pois a realidade das criaturas sobrevive para nós apenas por breve tempo após a sua morte, e depois de alguns anos são como esses deuses das religiões abolidas que a gente ofende sem medo porque deixa de crer em sua existência. Mas o fato de Andrée já não acreditar na realidade de Albertine podia ter como efeito que ela não recearia mais (bem como não recearia revelar uma verdade que prometera ocultar) inventar uma mentira que retrospectivamente caluniasse a sua antiga cúmplice. Essa ausência de temor permitia-lhe afinal, ao dizer aquilo, revelar a verdade, ou então inventar uma mentira, se, por algum motivo, me julgasse muito feliz e orgulhoso, e quisesse me afligir? Talvez estivesse irritada comigo (irritação suspensa enquanto me vira infeliz e desconsolado), porque eu havia tido relações com Albertine e ela, quem sabe, me invejava, achando que, devido a isso, eu me julgasse mais favorecido que ela, uma vantagem que talvez ela não tivesse obtido, nem sequer desejado. Assim é que, muitas vezes, a ouvira dizer que tinham ar doentio as pessoas cuja boa aparência, e sobretudo a consciência que possuíam dessa boa aparência, a exasperava, e acrescentar, na esperança de aborrecê-las, que ela própria ia muito bem, o que não deixou de proclamar mesmo quando estava muito mal, até o dia em que, no desapego à morte, não mais lhe preocupou que os felizes andassem bem e soubessem que ela própria estava morrendo. Mas esse dia ainda estava longe. Talvez estivesse irada contra mim, não sei por que motivo, como outrora se enraivecera contra um Paz, tão sábio em coisas do esporte e tão ignorante do resto, que havíamos encontrado em Balbec e que, depois, passara a viver com Rachel; a seu respeito, Andrée se expandia em frases difamatórias, desejando ser processada por calúnia a fim de articular contra o pai dele fatos desonrosos, cuja falsidade o rapaz não poderia provar. Ora, essa raiva contra mim talvez simplesmente a possuísse de novo, tendo sem dúvida a abandonado quando ela me vira tão triste. De fato, aqueles mesmos a quem ela, com os olhos cintilantes de raiva, quisera desonrar, matar, fazer condenar, mesmo sob falso testemunho, bastava sabê-los tristes e humilhados e já não lhes queria nenhum mal, estava pronta a acumulá-los de benefícios. Pois não era fundamentalmente má e, se a sua natureza não aparente, um tanto profunda, não demonstrava a gentileza que a princípio imaginavam em

face suas atenções delicadas, mas sim orgulho e inveja, sua terceira natureza, mais profunda ainda, a verdadeira, porém não inteiramente realizada, inclinava a bondade e o amor ao próximo. Apenas, como todas as criaturas que, num estado, desejam outro melhor, mas, não o conhecendo senão pelo menos compreendem que a primeira condição para atingi-lo é a de romper com os corações - como os neurastênicos ou os morfinômanos, que desejariam ser curados; que não os privassem de suas manias ou da morfina; como os corações ou os temperamentos de artista habituados à vida social, que desejam, mas querem imaginá-la todavia como não implicando uma renúncia a vida anterior-, Andrée estava pronta para amar todas as criaturas; porém, de conseguir ela mesma não imaginá-las triunfantes, e, para isso, previamente humilhado. Não compreendia ser preciso amar até vencer o orgulho deles por meio do amor e não por um orgulho a mais. Mas ela era como esses enfermos que desejam a cura através dos próprios; que mantêm a doença, a que amam e a que logo deixariam de amar se renunciassem. Pois queremos aprender a nadar mantendo um pé em terra.

No que se refere ao rapaz esportivo, sobrinho dos Verdurin, que eu encontrara nas minhas duas temporadas em Balbec, é preciso dizer, teria acesso por antecipação, que, pouco depois da visita de Andrée, visita cuja narrativa retomada dentro de um instante, ocorreram fatos que causaram grande impressão. Primeiro, esse rapaz (talvez como lembrança de Albertine, a quem então eu achava que ele houvesse amado) ficou noivo de Andrée e a desposou, mas o desespero de Rachel, desespero a que não deu a menor importância. Andrée: dizia então (ou seja, poucos meses depois da visita a que me refiro) que ele era miserável, e mais tarde percebi que ela o dissera apenas porque estava louca por ele, julgando que o rapaz não queria saber dela. Um outro fato, porém, me impressionou muito mais. Esse rapaz fez representar pequenos *sketches*, com figurinos de sua criação, que trouxeram à arte contemporânea uma revolução no mínimo igual à alcançada pelos Balés Russos. Em suma, os críticos mais destacados consideraram suas obras como algo de capital, quase obras de um gênio. Penso como eles, ratificando desse modo, para meu próprio espanto, a opinião de Rachel. As pessoas que o tinham conhecido em Balbec, pretendiam apenas saber se o corte das roupas das pessoas que ele iria freqüentar, elegante ou não, e a passar o tempo todo no bacará, nas corridas, jogando pólo, que sabiam que em seus estudos sempre fora um preguiçoso, e o mesmo a ser expulso do liceu (para enfezar os pais, tinha ido morar, durante meses, na grande casa de mulheres onde o Sr. de Charlus julgara surpreender Morel) pensaram que suas obras talvez fossem escritas por Andrée, a qual o amor, queria atribuir-lhe a glória, ou, mais provavelmente, que ele a pagava, imensa fortuna pessoal que suas loucuras mal haviam desfalcado, algum patrocinador de gênio, necessitado, para fazê-las.

Esse gênero de sociedade rica, não pelo contato com a aristocracia e sem ter nenhuma idéia do que seja um artista, a qual pertencia ela, é somente o ator a quem contratam para recitar monólogos, na festa de noivado da filha, entregando-lhe discreta e imediatamente o *cachet* na sala ao lado, ou o pintor em cujo ateliê a fazem posar logo depois de casada, antes de ter filhos e quando ainda está em boa forma, julga naturalmente que todas as pessoas da sociedade que escrevem, compõem ou pintam, mandam fazer suas obras e pagam para ter uma reputação de autor, como outros para alcançar uma cadeira de deputados.

Mas tudo isso era falso; e o rapaz era mesmo o autor dessas obras admiráveis. Quando eu o soube, fui obrigado a vacilar entre diversas suposições. Ou ele tinha sido, na verdade, durante longos anos, a "besta quadrada" que parecia; e algum cataclismo fisiológico lhe despertara o gênio adormecido, como a bela no bosque; ou então, à época de sua retórica tempestuosa, de suas reprovações no curso de bacharelado, de suas grandes perdas no jogo em Balbec, de seu medo de subir no bonde com os fiéis de sua tia Verdurin por causa de seus trajes plebeus, ele já era um homem de gênio, talvez distraído quanto a seu gênio, tendo-o deixado com a chave debaixo da porta, na efervescência de suas paixões juvenis; ou, ainda, homem genial já consciente, e último da classe, pois, enquanto o professor dizia banalidades sobre Cícero, ele ficava lendo Rimbaud ou Goethe. Claro que nada fazia suspeitar essa hipótese quando o encontrei em Balbec, onde suas preocupações me pareceram ligar-se apenas às parelhas de cavalos ou à preparação de coquetéis. Mas não se trata de uma objeção irrefutável. Ele podia ser muito vaidoso, o que pode aliar-se ao gênio, e procurar brilhar da maneira que sabia ser própria para deslumbrar a sociedade em que vivia e que de modo algum consistia em provar um conhecimento aprofundado das *Afinidades Eletivas*{95}; mas, preferivelmente, de guiar a quatro rédeas. Aliás, não estou certo de que, mesmo quando se tornou o autor dessas belas obras tão originais, ele gostasse muito, longe dos teatros onde era conhecido, de cumprimentar alguém que não estivesse de *smoking*, como os fiéis na sua maneira inicial, o que nele provaria não estupidez, mas vaidade, e até um certo senso prático, uma certa perspicácia em adaptar sua vaidade à mentalidade dos imbecis, a cuja estima se aferrava e para os quais o *smoking* talvez brilhe com mais vivo clarão do que o olhar de um filósofo. Quem sabe se, visto de fora, um homem de talento-ou até sem talento-, mas apreciando as coisas do espírito, por exemplo, eu, não produzisse, em quem o encontrasse em Rivebelle, no Hotel de Balbec, ou no molhe de Balbec, o efeito do mais rematado e pretensioso dos imbecis? Sem contar que, para Octave, as coisas de arte deveriam ser algo de tão íntimo e vivo nos mais secretos refolhos de si mesmo que, sem dúvida, não lhe passaria pela cabeça a idéia de falar nisso como o teria feito Saint-Loup, por exemplo, para quem as artes possuíam o prestígio das parelhas de cavalos atribuído à Octave. Ademais, ele podia ter paixão pelo jogo, e dizem que a conservou.

Ainda assim, se a piedade que fez reviver a obra ignorada de Vinteuil brotou em ambiente tão perturbador como o de Montjouvain, não fiquei menos impressionado ao pensar que talvez as mais extraordinárias obras-primas de nossa época, brotado não dos meios universitários, de uma educação modelar, acadêmica do modo de Broglie, mas do convívio com as "pesagens" e os grandes bares; caso, naquela época, em Balbec, os motivos que me faziam desejar conversar com Albertine e suas amigas que eu não conhecesse, eram igualmente este seu valor, e teriam feito apenas aflorar o eterno mal-entendido de um ignorante (representado por mim) e as pessoas da sociedade (representadas pelo grupo) a respeito de uma pessoa mundana (o jovem jogador de golfe). Eu algum dia pressentia o seu talento, e, a meus olhos, o seu prestígio que outrora o da Sra. Blatin - era o de ser - fosse o que fosse o que elas pensassem do amigo de minhas amigas, e mais pertencente ao pequeno grupo do que outro lado, Albertine e Andrée, simbolizando nisso a incapacidade em formular uma opinião válida sobre as coisas do espírito e a propensão das pessoas da sociedade a se deixarem levar nesse assunto por falsas aparências pareciam julgar-me estúpido porque me sentia curioso em relação a tal imbecil, como, principalmente, espantavam-se de que, golfista por golfista, justo recaísse sobre o mais insignificante. Se ao menos eu quisesse relações com o jovem Gilbert de Belloeuvre, que, fora do golfe, era um rapaz que sabia conversar, que passara nos exames e fazia versos agradáveis (ora, não era mais imbecil que os outros); ou então, se meu objetivo fosse "estudo para um livro", Guy Saumoy, que era completamente louco, raptara moças, era ao menos um tipo curioso que podia me "interessar". Esses me teriam "permitido" freqüentá-los. Mas o outro, que interesse podia ter nele? Era o tipo do ignorantão, da "besta quadrada".

Voltando à visita de Andrée, após a revelação que me acabava de fazer sobre suas relações com Albertine, ela acrescentou que o principal motivo que levara Albertine a me abandonar fora o receio pelo que podiam pensar as amigas do pequeno grupo, e ainda outras, ao vê-la assim morar na casa de um rapaz com quem não era casada:

- Sei perfeitamente que era na casa de sua mãe isso não quer dizer nada. Você não sabe o que é essa multidão de moças, o que ocultam umas às outras, como têm medo das opiniões alheias. Vi algumas que eram de uma tremenda severidade para com os rapazes, simplesmente porque conheciam suas amigas, e elas temiam que certas coisas fossem espalhadas por essas mesmas, quis o acaso que eu as visse sob luz muito diversa, bem e contra a vontade delas. - Alguns meses antes, esta ciência que Andrée parecia acerca dos motivos aos quais obedecem as moças do pequeno grupo era a mais preciosa do mundo. Talvez o que ela dizia bastasse para explicar porque Albertine, que logo se entregara a mim em Paris, recusara-se em Balbec, onde eu falasse constantemente às suas

amigas, o que julgara absurdamente ser uma vantagem a mim, por me permitir estar com ela naquele meio. Talvez fora mesmo por observar certos movimentos de confiança de minha parte com Andrée, ou porque eu tivesse imprudentemente dito a esta que Albertine ia dormir no Grande Hotel, que Albertine, uma hora antes disposta a me conceder certos prazeres como se fosse a coisa mais simples do mundo, mudara inteiramente de idéia, ameaçando tocar a campainha. Mas então, ela devia ter sido "fácil" com muitos outros. Tal pensamento me despertou o ciúme e falei à Andrée que havia uma coisa que desejava perguntar-lhe.

- Vocês faziam isso no apartamento desocupado de sua avó?

- Oh, não; nunca. Ali teríamos sido importunadas.

- Ora, eu pensei, parecia-me...

- Aliás, Albertine gostava de fazer isso no campo.

- Onde?

- Antigamente, quando ela não tinha tempo de ir muito longe, íamos aos Buttes-Chaumont, onde ela conhecia uma casa, ou então debaixo das árvores, pois não há ninguém ali; e também na gruta do Petit Trianon.

- Olhe, como vou acreditar em você? Há coisa de um ano jurou não ter feito nada nos Buttes-Chaumont.

- Receava fazê-lo sofrer. -

Como já disse, só muito depois é que pensei que, ao contrário, desta segunda vez, no dia das confissões, é que Andrée procurara me fazer sofrer. Essa idéia me ocorreria logo, enquanto ela falava, porque sentiria necessidade dela, se ainda amasse muito Albertine. Mas as palavras de Andrée não me faziam mal suficiente para que me fosse indispensável julgá-las de imediato mentirosas.

Em suma, se era verdade o que dizia Andrée, e eu a princípio não duvidei, a Albertine real que eu descobria, depois de ter conhecido tantas aparências diversas de Albertine, era bem pouco diferente da moça licenciosa, surgida e adivinhada, no primeiro dia, no molhe de Balbec, e que me havia oferecido sucessivamente tantos aspectos, como se modifica alternadamente a disposição dos edifícios até esmagar e anular o monumento principal que se via sozinho ao longe, na cidade da qual nos aproximamos, mas cujas verdadeiras proporções, enfim, quando já a conhecemos bem, e a julgamos com exatidão, eram as mesmas que a perspectiva do primeiro golpe de vista nos indicara, pois o resto, por onde havíamos passado, era aquela série sucessiva de linhas de defesa que toda criatura ergue contra nossa visão e que é necessário transpor uma a uma, à custa de tantos sofrimentos, antes de chegarmos ao coração. Além disso, se não precisava crer absolutamente na inocência de Albertine, pois meu sofrimento

diminuíra, posso dizer que reciprocamente, se não sofri muito com essa revelação, é porque, desde algum tempo, a crença que eu me forjara, na inocência de Albertine fora substituída aos poucos, sem que me apercebesse, pela crença, presente sempre em mim, na sua culpabilidade. Ora, se eu já não cria na inocência de Albertine, é porque não tinha mais aquela necessidade, aquele desejo passional de acreditar nela. É o desejo que engendra a crença e, se em geral não notamos isso, é que a maioria dos desejos criadores de crenças não termina, ao contrário daquele que me convencera que Albertine era inocente-senão com nós mesmos. A tantas provas que corroboravam minha primeira versão, eu estupidamente havia preferido simples afirmações de Albertine. Por que acreditar nela? A mentira é essencial à humanidade. Ela desempenha entre os homens um grande, talvez como a busca do prazer e, além do mais, é comandada a busca. As pessoas mentem para proteger seu prazer, ou sua honra, se a desse prazer é contrária à honra. Mentimos a vida inteira, e até, principalmente talvez apenas, às pessoas que nos amam. De fato, só estas nos fazem nosso prazer e desejar a sua estima. A princípio, eu julgara Albertine somente o meu desejo, empregando numa obra de dúvida as forças inteligência, fizera-me seguir um caminho errado. Talvez vivamos acerca de aplicações elétricas, sísmicas, que precisamos interpretar de boa-fé para ter a verdade acerca dos caracteres.

Se é necessário dizê-lo, por mais triste tivessem deixado as palavras de Andrée, achava melhor que a realidade acordasse com o que meu instinto já pressentira, em vez de contestar o otimismo ao qual eu depois cedera covardemente. Preferiria que a vida estivesse a altura de minhas intuições. Aliás, estas, que eu sentira no primeiro dia e quando pensara que aquelas moças encarnavam o *frenesi* do prazer; também na noite em que vira a professora de Albertine mandar para casa a jovem exaltada, como se empurra para jaula uma fera que, apesar das aparências, nada mais tarde poderá domesticar, não concordavam elas com o que Bloch dissera quando me mostrara a universalidade do desejo, fazendo-me entre cada encontro, em todos os passeios, tornando-me a Terra tão bela? A tudo, talvez fora melhor que só agora eu reencontrasse e verificasse aquelas intuições primeiras. Enquanto durava o meu amor por Albertine, elas me fizeram sofrer demais e teria sido melhor que só restasse delas um traço da minha suspeita de coisas que eu não via e que, no entanto, ocorriam e continuam perto de mim-e talvez um outro ainda, anterior, mais amplo, que era o meu amor. De fato, escolher, amar Albertine não era, apesar de todas as negações de minha razão, conhecê-la em toda a sua hediondez? E mesmo nas ocasiões a desconfiança adormece, não é amor sua persistência e transformação, não prova de clarividência - ininteligível ao próprio amante -, visto que o desejo sempre em direção ao que nos é mais oposto, força-nos a amar do que nos fazer sofrer?

Certamente compõem o encanto de uma criatura, a atração dos olhos, de sua boca, do seu talhe, os elementos, por nós ignorados, suscetíveis de nos fazer grandemente infelizes, de modo que o fato de nos sentirmos atraídos a essa criatura, começarmos a amá-la, já é, por mais inocente que nos pareça numa versão diferente, todas as suas culpas e traições. E esses encantos que, para me atrair, assim materializavam as partes perigosas, mortais, de uma criatura, não teriam acaso uma relação de efeito mais direta do que a existente entre a exuberância sedutora e o suco envenenado de certas flores peçonhentas? Talvez, pensava eu, o próprio vício de Albertine, causa de meus futuros sofrimentos, tivesse produzido nela essas maneiras bondosas e francas, dando a ilusão de ser possível ter com ela a mesma camaradagem leal e sem restrições que temos com um homem, assim como um vício paralelo produzira no Sr. de Charlus uma finura feminina de espírito e sensibilidade. Em meio à mais completa cegueira, subsiste a perspicácia mesmo sob a forma da predileção e da ternura, de modo que é um erro falar em má escolha do amor, pois, desde que houve uma escolha, só pode ser má.

- Esses passeios aos Buttes-Chaumont ocorriam quando você vinha buscar Albertine? -perguntei a Andrée

- Oh, não; desde o dia em que ela voltou de Balbec com você, a não ser o que lhe contei, ela nunca mais fez nada comigo. Não permitia sequer que lhe falasse nessas coisas.

- Mas, minha queridinha, por que mentir ainda? Pela maior das casualidades, pois eu nunca procuro saber de nada, fiquei conhecendo, nos mais exatos pormenores, coisas desse tipo que Albertine fazia, posso até precisar-lhe, à beiramar, com uma lavadeira, poucos dias antes de sua morte.

- Ah, talvez, depois de ter largado você, não sei. Ela sentia que não pudera, não poderia jamais obter de novo a sua confiança.-

Essas últimas palavras me acabrunharam. Depois, voltei a pensar na noite do ramo de silindra; lembrei-me que, cerca de quinze dias depois, como o meu ciúme sucessivamente mudava de objeto, eu havia perguntado a Albertine se ela jamais tivera relações sexuais com Andrée, e ela me respondera: "Oh, jamais; é claro que adoro Andrée. Tenho por ela um afeto profundo, como por uma irmã; e até se eu tivesse os gostos que você parece me atribuir, ela seria a última pessoa em quem eu teria pensado para essas coisas. Posso jurar-lhe por tudo o que quiser, por minha tia, pelo túmulo de minha pobre mãe." - Eu acreditara nela. E no entanto, mesmo se eu não tivesse despertado a minha desconfiança pela contradição entre suas meias-confissões de antigamente, relativas a certas coisas, e o jeito como logo as negara quando vira que aquilo não me era indiferente, eu deveria ter me lembrado de Swann, convencido do platonismo das

amizades do Sr. de Charlus, afirmando-o na noite daquele mesmo dia em que eu avistara o barão e o coleteiro no pátio; deveria ter pensado que existem dois mundos, um diante do outro, e que um deles é constituído pelas coisas que dizem as pessoas melhores e mais sinceras, e, por trás dele, o mundo composto pela sucessão daquilo que essas mesmas pessoas fazem; de forma que, quando uma mulher casada nos diz de um -: "Oh, é bem verdade que tenho por ele uma amizade enorme, mas é uma coisa tão inocente, tão pura; poderia jurá-lo pela recordação de meus pais", deveríamos, isto sim, jurar, sem qualquer hesitação, que ela provavelmente está saindo do quarto de toalete, para onde se precipita após cada encontro com esse rapaz para evitar filhos.

O ramo de silindra me dava uma tristeza mortal; e também Albertine me julgar e proclamar que eu era astucioso e a detestava; e, tudo, quem sabe, essas mentiras, tão inesperadas que eu sentia dificuldade em assimilá-las ao meu pensamento.

Um dia, ela me contara que fora a uma aviação, que era amiga do aviador (sem dúvida para desviar minhas suspeitas de mulheres, pensando que eu seria menos ciumento dos homens); queria ver como Andrée ficava maravilhada diante do aviador, diante de todas as viagens que ele fazia a Albertine, a ponto de Andrée ter querido fazer um passeio de avião com ele. Ora, isso era totalmente inventado, Andrée nunca fora a esse passeio na aviação, etc.

Quando Andrée foi embora, já havia chegado a hora de jantar:

- Podes adivinhar quem me fez uma visita de pelo menos três horas - disse mãe.- Digo três horas, talvez tenha sido mais. Chegou quase ao mesmo tempo da primeira visita, que era a Sra. Cottard; viu sucessivamente, sem se mover, saírem as minhas diferentes visitas - e foram mais de trinta - e só me da há um quarto de hora. Se não estivesses com tua amiga Andrée, teria mandado que te chamassem.

- Mas, afinal, quem era? Uma pessoa que nunca faz visita, a princesa de Parma?

- Decididamente, tenho um filho mais inteligente que imaginava. Não tem graça te fazer adivinhar um nome, pois descobres logo.

- Ela não se desculpou pela frieza de ontem?

- Não, seria bobagem, sua visita era justamente a desculpa; tua pobre avó teria achado isso perfeito. Parece que ela mandou postar por um lacaio, lá pelas duas, se eu tinha um dia para receber. Disseram exatamente hoje, e ela subiu. -

Minha primeira idéia, que não tive coragem externar à mamãe, fora que a princesa de Parma, cercada na véspera de pessoas brilhantes, com as quais muito se dava e com quem gostava de conversar, ao ver entrar minha mãe, uma irritação que não procurara dissimular. E essa arrogância que era bem do tipo das

grandes damas alemãs, que aliás os Guermantes tinham adotado muito bem, arrogância que julgavam compensar com uma estudiosa amabilidade. Porém mamãe julgou, e eu logo julguei também, que simplesmente a princesa de Parma não a reconhecera, não achara dever ocupar dela, que só após a partida de minha mãe é que fora informada de quem se tratava; seja pela duquesa de Guermantes, que minha mãe tinha encontrado no andar térreo, seja pela lista de visitantes, aos quais os porteiros, antes que eles entravam haviam pedido o nome para inscrevê-lo num registro. Ela pensara ser pouco a mandar dizer, ou dizer à minha mãe: "Não a reconheci", mas, o que não era conforme à polidez das cortes alemãs e às maneiras Guermantes da minha primeira versão, havia pensado que uma visita, coisa excepcional por parte da Alteza, sobretudo uma visita de várias horas, forneceria a minha mãe, sob uma forma indireta e igualmente persuasiva, essa explicação, o que de fato ocorreu.

Mas me demorei em pedir a minha mãe um relato da visita da princesa, pois acabava de me lembrar de vários fatos relativos a Albertine sobre os quais desejava e esquecera de interrogar Andrée. Quão pouco, aliás, sabia eu e saberia jamais dessa história de Albertine, a única história que me interessaria particularmente, ao menos que recomeçava a interessar-me em certos momentos! Pois o homem é esta criatura sem idade fixa, esta criatura que possui a faculdade de tornar-se, em alguns segundos, muitos anos mais jovem, e que, cercado pelas paredes do tempo em que viveu, flutua nele, mas como num tanque cujo nível mudasse constantemente e o pusesse em condições de alcançar ora uma, ora outra época. Escrevi à Andrée para que voltasse. Ela só pôde fazê-lo uma semana depois. Logo que chegou, indaguei-lhe:

- Afinal, já que você afirma que Albertine não fazia mais esse tipo de coisas quando vivia aqui, conforme diz, foi para fazê-las com maior liberdade que ela me abandonou; mas com que amiga?

- De jeito nenhum. Não houve nada disso.

- Então, seria porque eu era desagradável demais?

- Não, não o creio. Acho que ela foi obrigada a deixá-lo por causa da tia, que estava de olho, para ela, naquele canalha, você sabe, aquele rapaz que você chamava "Estou-em-apuros", aquele rapaz que amava Albertine e a pedira em casamento. Vendo que você não se casaria com ela, tiveram medo que a permanência chocante de Albertine em sua casa fizesse o tal rapaz desistir do casamento. A Sra. Bontemps, em quem ele não deixava de influir, chamou Albertine. Esta, no fundo, dependia dos tios e, quando soube que eles punham-lhe a faca no peito, abandonou você.-

Nunca no meu ciúme eu havia pensado em tal explicação, mas somente nos desejos de Albertine pelas mulheres e na minha vigilância; esquecera que

também existia a Sra. Bontemps, que podia achar estranho, um pouco depois, o que havia chocado minha mãe desde o começo. Pelo menos a Sra. Bontemps receava que aquilo chocasse o possível noivo, que ela mantinha para o que desse e viesse, se eu não desposasse a sobrinha. Pois Albertine, ao contrário do que outrora havia pensado a mãe de Andrée, encontrara afinal um belo partido burguês. E quando quisera ver a Sra. Verdurin, quando lhe falara em segredo, quando ficara tão aborrecida por eu ter ido à reunião dos Verdurin sem antes preveni-la, a combinação que havia entre ela e a Sra. Verdurin visava fazê-la encontrar, não a Srta. Vinteuil, mas o sobrinho que amava Albertine e por quem intercedia a Sra. Verdurin, com aquela satisfação de trabalhar pela realização de um desses casamentos que surpreendem da parte de certas famílias, cuja mentalidade não apreendemos inteiramente, supondo que batalham por um casamento rico. Ora, eu jamais voltara a pensar naquele sobrinho, que talvez fosse o desbravador, graças ao qual Albertine me beijara pela primeira vez. E todo aquele sistema das inquietações por Albertine, que eu havia construído, era forçoso substituí-lo por um outro, ou então superpô-lo; talvez não se excluíssem, pois o gosto pelas mulheres não a impedia de se casar. Seria esse casamento o verdadeiro motivo da partida de Albertine? E, por amor-próprio, para não parecer que precisava da tia, ou que me forçava a desposá-la, é que não me quisera dizê-lo? Eu começava a perceber o sistema de causas numerosas de uma só ação, de que Albertine era adepta, ligações com as suas amigas, quando fazia crer a cada uma que tinha viva causa, não passava de uma espécie de símbolo artificial, propositado, dos aspectos que adquire uma ação conforme o ponto de vista em que nos colocamos em espanto e uma espécie de vergonha que eu sentia, por não me ter dito de uma vez que Albertine estava numa posição falsa em minha casa, o que podia a sua tia, esse espanto, não era a primeira vez, e nem seria a última, que o comentava. Quantas vezes me aconteceu, depois de ter procurado entender, ações de duas pessoas e as crises que elas acarretam, ouvir de súbito um falar-me a respeito conforme o ponto de vista dele, pois tem relações mais com uma das pessoas, do ponto de vista que talvez tenha sido a causa da crise desse modo, os atos continuam incertos, como não o ficariam as próprias pessoas? Ao ouvir as pessoas para quem Albertine era uma espertalhona que fisgara fulano ou sicrano, não é difícil imaginar como a teriam definido comigo. E todavia, na minha opinião, ela fora uma vítima, talvez não inteiramente pura, mas culpada, neste caso, por outros motivos, em decorrência de vícios aos quais não se dizia nada.

Mas é preciso, acima de tudo, que se diga o seguinte: por um mentira é muitas vezes um traço do caráter; por outro lado, nas mulheres - isso não seriam mentirosas, é uma defesa natural, improvisada, e depois mais bem organizada, contra esse perigo repentino e que seria capaz de toda vida: o amor. De outra parte, não é obra do acaso se os homens intelectuais e sensíveis se dão sempre à

mulheres insensíveis e inferiores, apegando-se à elas de tal maneira, que a prova de que não são amados não os cura absolutamente do hábito de sacrificar tudo para conservar junto à eles uma tal mulher. Se tais homens sentem necessidade de sofrer, afirmo uma coisa exata, supondo as verdades preliminares que fazem dessa necessidade de sofrimento sentido involuntário, uma conseqüência perfeitamente compreensível de saudades. Sem levar em conta que, sendo raras as naturezas completas, uma pessoa muito intelectual e sensível terá geralmente pouca força de vontade, será do hábito esse medo de sofrer no minuto seguinte, que leva aos sofrimentos perpétuos -e, nessas condições, jamais há de querer repudiar a mulher que ama. Ficaremos espantados que se contente com tão pouco amor, mas previmos antes de imaginar a dor que pode lhe causar o amor que ele sente. Dor que não deve lamentar muito, pois acontece com essas terríveis comoções que nos trazem o amor infeliz, a partida ou a morte de uma amante, o mesmo que com ataques de paralisia, que primeiro nos fulminam, mas após os quais os músculos tendem aos poucos a retomar sua elasticidade e energia vitais. Além disso, não deixa de ter sua compensação. Essas criaturas intelectuais e sensíveis um pouco inclinadas à mentira. Esta os apanha tanto mais desprevenidos quanto, mesmo sendo muito inteligentes, vivem no mundo dos possíveis, reagem pouco, vivem na dor que uma mulher acaba de infligir-lhes, antes que na clara percepção do que ele desejava, do que ela fazia, do homem a quem ela amava, percepção atribuída sobretudo às naturezas voluntariosas e que disso necessitam para preparar o futuro em vez de chorar o passado. Assim, essas criaturas se sentem traídas sem nem saber como. Desse modo, a mulher medíocre, que nos espantamos de ver preferida por eles, enriquece-lhes o universo bem mais do que o teria feito uma mulher inteligente. Atrás de cada uma de suas palavras eles sentem uma mentira; atrás de cada casa aonde ela diz ter ido, uma outra casa; atrás de cada ação, cada criatura, uma outra ação, uma outra criatura. Sem dúvida não sabem quais, não têm a energia e talvez não tivessem a possibilidade de chegar a sabê-lo. Uma mulher mentirosa, empregando um ardil extremamente simples, pode lograr, sem se dar ao trabalho de mudá-lo, uma grande quantidade de homens, e, o que é mais, aquele que deveria descobri-lo. Tudo isto cria, em face do intelectual sensível, um universo todo em profundezas que o seu ciúme gostaria de sondar e que não deixa de interessar-lhe a inteligência. Sem ser exatamente um desses, eu ia talvez, agora que Albertine estava morta, conhecer o segredo de sua vida. Isto, porém, essas indiscrições que só ocorrem depois de finda a vida terrestre de uma criatura, não provam elas que, no fundo, ninguém crê numa vida futura? Se tais indiscrições são verdadeiras, deveríamos temer o ressentimento da pessoa cujos atos são desvelados, no dia em que a encontrarmos no céu, tanto quanto o temíamos quando estava viva e nos julgávamos forçados a guardar segredo. E, se essas indiscrições são falsas, inventadas porque ela não está mais aqui para

desmenti-las, deveríamos temer ainda mais a cólera da morta, se acreditamos no céu. Mas ninguém crê. De modo que era possível que um longo drama se realizasse no coração de Albertine entre ficar e me deixar, mas que o ato de me deixar fosse causado por sua tia, ou por aquele rapaz, e não por mulheres em quem talvez ela nunca houvesse pensado. Para mim, o mais grave foi que Andrée, que todavia não tinha mais nada a esconder acerca dos costumes de Albertine, jurou-me que não houvera nada desse gênero entre Albertine, por um lado, e a Srta. Vinteuil e sua amiga, por outro. (Albertine ignorava seus próprios gostos quando as conhecera, e elas, com esse medo de nos enganarmos no sentido que desejamos, que engendra tantos erros como o próprio desejo, consideravam-na muito hostil a essas coisas. Talvez, mais tarde, tivessem percebido sua conformidade de gosto com elas, mas então já conheciam muito bem Albertine, e Albertine as conhecia muito bem para sequer sonharem fazerem isso. Em suma, eu continuava compreendendo cada vez menos os motivos por

que Albertine me deixara. Se o rosto de uma mulher dificilmente é interpretado aos nossos olhos, os quais não podem se aplicar a toda essa superfície comovente, aos lábios, e mais ainda, à memória; se nuvens a modificam segundo a posição social, segundo a altura em que estamos situados, que cortina ainda está corrida entre as ações dela, que vemos, e seus motivos! Os mesmos num plano mais profundo, que não percebemos, e aliás engendram diversas das pessoas que conhecemos e muitas vezes em total contradição com, que época deixou de haver um homem público, tido como santo por se - e que se descobriu ter feito falsificações, roubado o Estado, traído sua honra. Quantas vezes um grão-senhor é roubado todos os anos por um intente que ele educou, e do qual teria jurado que é um homem de bem. Ora, essa cortina cerrada sobre os motivos de outrem, torna-se ainda mais impenetrável se sentimos amor por essa pessoa! Pois o amor obscurece o pensamento, e também os atos daquela que, sentindo-se amada, bruscamente dar valor àquilo que, em situação contrária, valeria muito para ela, por fortuna. Talvez, também, ela seja levada a fingir em parte esse desdém na esperança de obter mais, fazendo sofrer. O instinto de negociar misturar-se ao resto; e até fatos positivos de sua vida, uma intriga qualquer que confiou a ninguém de medo que nos fosse revelado, e que muitos, apenas, talvez, houvessem conhecido se tivessem tido, para conhecê-la, o mesmo apaixonado que nós, embora conservando mais liberdade de espírito, e menos suspeitas na interessada de uma intriga que outros talvez não ignorem; outros que não conhecemos e que não saberíamos onde encontrar. Todos os motivos de ter para conosco uma atitude inexplicável, é preciso; essas singularidades de caráter que impelem uma criatura, seja por negligência seu interesse, seja por ódio, seja pelo amor à liberdade, seja por súbitos de cólera; ou temor do que haveriam de pensar determinadas pessoas; ao contrário daquilo que pensamos. E, além disso,

há as diferenças de meio, de ação, nas quais não queremos acreditar, porque, quando estamos conversando com o outro, nós as apagamos nas palavras as diferenças, porém, que voltamos a encontrar quando, sozinhos, dirigimos os atos de cada um de um ponto de vista, de tal modo contrário que não é possível um verdadeiro encontro.

- Mas, querida Andrée, você ainda está mentindo. Lembre-se você o confessou; telefonei-lhe na véspera, está lembrada? Que Albertine tanto (ocultando o seu desejo como algo que eu não devia saber) ir à véspera, à Sra. Verdurin, à qual devia comparecer a Srta. Vinteuil.

- Sim, mas Albertine não estava absolutamente certa que a Srta. Vinteuil iria.

- Como? Você mesma me disse alguns dias antes, ela se encontrara com a Sra. Verdurin. Além disso, é inútil que nos enganemos um ao outro. Encontrei um bilhete certa manhã no quarto de Albertine; era da Sra. Verdurin, insistindo para que ela fosse à vesperal. E mostrei-lhe o bilhete, que de fato Françoise colocara de modo que eu pude lê-lo, bem sobre os objetos de Albertine, alguns dias antes de sua partida, e deixando-o ali para fazer com que Albertine acreditasse que eu andara mexendo nas suas coisas; em todo caso, fazê-la saber que eu vira esse papel. E muitas vezes me perguntei se essa artimanha de Françoise não contribuíra em muito para a partida de Albertine, que via não poder nada mais ocultar-me e se sentia desanimada, vencida. Mostrei-lhe o papel: Não tenho nenhum remorso, estou desculpada de tudo devido a este sentimento tão familiar.

- Você bem sabe, Andrée, que Albertine dissera sempre que a amiga da Srta. Vinteuil era de fato, para ela, como uma mãe, uma irmã.

- Mas você compreendeu mal esse bilhete. A pessoa que a Sra. Verdurin queria pôr em contato com Albertine não era de modo algum a amiga da Srta. Vinteuil; era o noivo, o "estou-em-apuros", e o sentimento familiar é o que a Sra. Verdurin manifestava por esse crápula, que de fato era o seu sobrinho. No entanto, acho que Albertine logo soube que a Srta. Vinteuil deveria ir, pois a Sra. Verdurin pode lhe ter contado isso de passagem; certamente a idéia de que tornaria a ver a sua amiga lhe agradou, recordou-lhe um passado aprazível. Mas da mesma forma que você ficaria contente, se tivesse de ir a um certo lugar, ao saber que Elstir ali se achava. Não mais do que isso, talvez nem tanto. Não, se Albertine não queria lhe dizer por que motivo desejava ir à casa da Sra. Verdurin, era porque lá haveria um ensaio para o qual a Sra. Verdurin convidara muito pouca gente, e entre elas o sobrinho, que você conheceu em Balbec, e que a Sra. Bontemps queria que desposasse Albertine e com quem Albertine desejava conversar. É um belo canalha. E, depois, não há necessidade de procurar tantas explicações - acrescentou Andrée. Deus sabe como eu gostava de Albertine e que boa criatura ela era, mas, principalmente desde que teve febre tifóide (um ano antes que você

conhecesse todas nós), era uma cabeça-de-vento. De repente se aborrecia com o que estava fazendo, precisava mudar e no mesmo instante, e ela sem dúvida não sabia a razão. Lembra-se do primeiro ano em que você foi a Balbec, o ano em que nos conheceu? Um belo dia, inventou um telegrama que a chamava a Paris, e mal houve tempo de fazer as malas. Pois bem, não tinha motivo algum para partir. Todos os pretextos que ela deu eram falsos. Naquele momento, Paris era uma chateação para ela. Nós todas ainda estávamos em Balbec. O golfe continuava e até as provas para o grande prêmio, que ela tanto desejava, ainda não tinham acabado. Certamente ela iria ganhar. Só precisava esperar oito dias. Pois bem, partiu correndo! Muitas vezes, depois, voltei a lhe falar nisso. Ela mesma dizia não saber por que havia ido embora, que tinha sido saudade (saudade de Paris, veja se é possível), que ela se desagradava em Balbec, achava que lá zombavam dela. -

E eu me dizia que havia algo de "Madeiro" no que Andrée contava, que tantas diferenças entre os espíritos explicam, mas impressões diferentes produzidas sobre esta ou aquela pessoa por uma manobra, as diferenças de sentimento, a impossibilidade de persuadir uma pessoa que não nos ama; há igualmente as diferenças entre os temperamentos, as peculiaridades de um caráter, que também constituem causa de ação. Depois, deixei de pensar nessa explicação e dizia comigo quanto é difícil saber em vida. Havia reparado muito bem no desejo e na dissimulação de Albertine na casa da Sra. Verdurin, e não me enganara. Mas então, quando estabeleci um fato, os outros, de que nunca temos senão as aparências – como tapeçaria, o avesso real da ação, do enredo, tanto como o da inteligência como da ação-, ocultam-se, e nós só vemos desfilar silhuetas chatas, de que diz é aquilo; é por causa desta, ou daquela. A revelação de que a Srta. Vinteuil estar presente me parecera a explicação, tanto mais que Albertine, antes me falara nisso. E, mais tarde, não se recusara ela jurar-me que a presença da Srta. Vinteuil não lhe dava nenhum prazer? E aqui, a propósito desse rapaz, de algo que havia esquecido. Pouco tempo antes, enquanto Albertine estava em minha casa, eu o tinha encontrado e, ao contrário de sua atitude em Balbec excessivamente amável e até afetuoso comigo. Pedira que o deixasse visitar que eu recusara por muitas razões. Pois agora eu compreendia que sabendo que Albertine morava em minha casa, quisera andar em *boitâ* -; comigo para dispor de todas as facilidades para vê-la e roubá-la de mim; era um miserável. Ora, quando, algum tempo depois, assisti às regressões primeiras obras desse rapaz, é claro que continuei a pensar que, se ele queria tanto vir à minha casa, fora por causa de Albertine; e, embora achasse aquilo adorável, lembrei-me que, se outrora eu tinha ido a Doncieres, para ver Saint, na verdade era porque amava a Sra. de Guermantes. Na realidade, o caso era o mesmo; Saint-Loup não amava a Sra. de Guermantes; assim, talvez minha ternura um pouco de ambigüidade, porém nenhuma traição. E que essa ternura, que experimentamos em relação a

uma pessoa que é por nós cobiçada, experimentamo-la igualmente mesmo se essa pessoa para si própria a coisa ambicionada. Sem dúvida, então, é necessário uma amizade que levará diretamente à traição. E creio que foi o que sempre - relativamente aos que não têm forças para tanto, não se pode dizer que a amizade que demonstram para com o detentor seja pura astúcia; sentem sinceramente e, por isso, a manifestam com um ardor que, tão logo a traição a faz com que o marido ou o amante enganado possa dizer com indignação fatal:

- Se ouvissem os protestos de afeição que me dedicava esse miserável; compreendo que venham roubar o tesouro de um homem. Mas, quando se tem a necessidade diabólica de obter primeiro a sua amizade, chega-se a um ignomínia e de perversidade impossível de imaginar.-

Ora, não existe nisso da perversidade, nem sequer mentira inteiramente lúcida. A afeição desse que naquele dia me havia manifestado o pseudo noivo de Albertine, tinha outra desculpa ainda, sendo mais complexa que um simples derivado de Albertine. Só há pouco tempo é que ele sabia, confessava-se e queria ser chamado intelectual. Pela primeira vez, valores outros que não os descobrimos passavam a existir para ele. O fato de eu ser estimado por Elstir e Bergotte, e que Albertine talvez lhe falasse da maneira como eu julgava os escritores, e que eu mesmo, em sua opinião, podia tornar-me um deles, faziam com que subitamente me tornasse para ele (para o novo homem que ele afinal percebia que era) alguém interessante, a quem teria prazer em se ligar, e ao qual gostaria de confiar os seus projetos, talvez mesmo solicitar que o apresentasse a Elstir. De modo que estava sendo sincero quando pedia para vir à minha casa, quando expressava uma simpatia à qual as razões intelectuais, ao mesmo tempo que um reflexo de Albertine, conferiam sinceridade. Sem dúvida, não era por isso que fazia tanta questão de vir à minha casa, largando tudo por isso. Mas esta última razão, que só fazia elevar a uma espécie de paroxismo apaixonado as duas primeiras, talvez ele próprio a ignorasse, e as outras duas existiam de fato, como de fato pudera existir em Albertine, quando ela quisera ir à casa da Sra. Verdurin, na tarde do ensaio, o prazer perfeitamente honesto que teria tido em rever amigas de infância, que não eram, a seu ver, mais viciosas do que ela própria o seria para elas, de conversar com tais amigas, de lhes mostrar, só pela sua presença na casa da Sra. Verdurin, que a pobre menina que elas haviam conhecido era recebida agora num salão distinto; e também o prazer que ela talvez poderia sentir ouvindo a música de Vinteuil. Se tudo isto era verdade, o rubor que subira às faces de Albertine quando eu falara na Srta. Vinteuil decorria de que eu o fizera a propósito dessa vesperal, que ela quisera ocultar-me devido ao projeto de casamento que eu deveria ignorar. A recusa de Albertine em me jurar que não teria tido prazer algum em rever a Srta. Vinteuil naquela reunião, tinha naquele instante aumentado o meu tormento, fortalecido minhas suspeitas,

mas me provava retrospectivamente que ela fizera questão de ser sincera, ainda que se tratasse de uma coisa inocente, talvez justo por ser inocente. No entanto, restava o que Andréa me dissera sobre suas relações com Albertine. Todavia, embora sem ir a ponto de acreditar que Andréa as inventasse completamente, a fim de que não me sentisse feliz e não pudesse me julgar superior a ela, eu ainda podia supor que ela exagerara um pouco as coisas que fazia com Albertine e que esta, por restrição mental, diminuísse também um tanto o que fizera com Andréa, servindo-se astuciosamente de certas definições que eu estupidamente havia formulado sobre o assunto, achando que suas relações com Andréa não entravam na lista do que ela devia me confessar, e que podia negá-las sem mentir. Mas por que acreditar que era antes ela quem mentia, e não Andrée? A verdade e a vida são bem árduas, e delas me restava, sem que em suma as conhecesse, uma impressão em que a tristeza ainda fosse talvez inferior ao cansaço.

Terceira Parte

Temporada em Veneza

Minha mãe levara-me a passar algumas semanas em Veneza e-como pode haver beleza, tanto nas coisas mais humildes como nas mais preciosas-gozei ali impressões análogas às que tantas vezes sentira outrora em Combray, porém transportadas a um meio inteiramente diverso e mais rico. Quando, às dez da manhã, vinham abrir as janelas, eu via flamejar, em vez do mármore preto em que, resplandecendo, se tornavam os telhados de Saint-Hilaire, o anjo de ouro do campanário de São Marcos. Rutilando devido ao sol que o tornava quase impossível de ser fixado pelo olhar, com seus braços bem abertos ele me acenava, para quando, meia hora depois, eu estivesse na Piazzetta, com uma promessa de alegria mais certa do que aquela que, outrora, teria ele se encarregado de anunciar aos homens de boa vontade. Somente a ele eu podia avistar, quando deitado, mas como este mundo não passa de um vasto quadrante solar, onde apenas um segmento ensolarado é o bastante para indicar as horas. Desde manhãzinha pensei nas lojas de Combray da praça da igreja, que no domingo estavam prestes a fechar quando eu chegava para a missa, enquanto a palha no mercado tinha um cheiro intenso, ao sol já quente. Mas desde o segundo dia, o que vi ao acordar, o que me fez levantar (porque se havia substituído, na minha memória e no meu desejo, às lembranças de Combray), foram as impressões da primeira saída em Veneza, essa Veneza onde a vida cotidiana não era menos real do que em Combray, onde, como em Combray, no domingo de manhã tinha-se de fato o prazer de descer por uma rua em festa, mas onde essa rua era toda uma safira líqüida, refrescada por uma brisa leve, e de uma cor tão resistente que meus olhos fatigados nela podiam repousar, sem medo de que se enfraquecesse. Como em Combray a boa gente da rua de I'Oiseau, também nesta nova cidade os habitantes saíam de fato de casas alinhadas lado a lado na rua principal; mas esse papel de casas a projetarem um pouco de sombra à seus pés era, em Veneza, confiado a palácios de pórtico e de jaspe, por cima de cuja porta abobadada a cabeça de um deus barbudo (ultrapassando o alinhamento, como a aldrava de uma porta em Combray) tinha como resultado tornar mais intenso, pelo reflexo, não o castanho escuro do sol, mas o esplêndido azul da água. Na Piazza, a sombra que, em Combray, teriam espalhado o toldo da loja e de novidades e a tabuleta do cabeleireiro, era formada pelas florzinhas azuis que semeia a seus pés, sobre o deserto do calçamento ensolarado, o relevo de uma fachada renascentista; não que fosse possível, quando o sol dava com força, em Veneza; Combray, evitar baixar as cortinas à beira do canal. Mas é que elas

baixam os quadrilóbulos e folhagens das janelas góticas. Direi o mesmo daquele hotel, diante de cujos balaústres mamãe me esperava, contemplando com uma paciência que não havia mostrado antigamente, em Combray, na que, depositando em mim esperanças que desde então não foram real; queria que eu percebesse o quanto me amava. Agora via bem que sua frieza não teria mudado nada, e a ternura que me prodigalizava era como esses doces proibidos que já não recusamos aos doentes, quando é evidente que podem curar-se.

Decerto, as humildes particularidades que tornavam a janela do quarto de minha tia Léonie, na rua de I'Oiseau, sua assimetria pela distância desigual entre as duas janelas vizinhas, a excessiva altura de madeira, e a alavanca articulada que servia para abrir os postigos, as cortinas de lustroso cetim azul que uma fita separava e mantinha afastadas. À frente disso tudo existia nesse hotel de Veneza, onde eu também ouvia ventos tão particulares, tão eloqüentes, que de longe nos fazem reconhecer aonde voltamos para almoçar, e mais tarde permanecem em nossa recordação, como um testemunho de que, durante algum tempo, essa foi a nossa em Veneza, o cuidado de proferi-las era reservado, não como em Combray. Aos poucos em toda parte, às coisas mais simples, e até as mais feias, mas a semi-árabe de uma fachada que é reproduzida em todos os museus; em todos os livros de arte ilustrados, como uma das obras-primas a doméstica da Idade Média; de bem longe, e quando eu mal havia passado Jorge Maior, avistava essa ogiva que me tinha visto, e o impulso de se quebrados ajuntava a seu sorriso de boas-vindas; a distinção de um ornato, altaneiro, quase incompreendido. E porque, atrás dos balaústres de várias cores, mamãe estivesse lendo à minha espera, o rosto coberto com veuzinho de tule, de um alvor tão pungente quanto o de seus cabelos; sentia que mamãe o acrescentara, escondendo as lágrimas, a seu chapéu de palha, um tanto a fim de se mostrar "preparada" às pessoas do hotel; para me parecer menos enlutada, menos triste, quase consolada pela minha avó; porque, não tendo me reconhecido imediatamente, enquanto esperava a gôndola, mandava para mim, do fundo do coração, o seu amor; detinha onde já não havia o que o sustentasse, à superfície de seu olhar parado, que ela aproximava de mim o mais possível, que procurava alçar, aos lábios um sorriso que parecia beijar-me, na moldura e sob o dossel mais discreto da ogiva iluminada pelo sol do meio-dia - por causa disso, assumiu, na minha memória, a doçura das coisas, que, ao mesmo tempo ao nosso lado, tomaram parte em certa hora que soava, a mesma para elas; e por mais cheias de formas admiráveis que sejam as suas trabalhadas janelas conserva para mim o aspecto íntimo de um homem de gênio em cuja companhia tivéssemos vivido um mês de férias, e que passasse a nutrir um pouco de amizade por nós; e se, depois, toda vez que vejo a moldagem dessa janela num museu, sou obrigado a conter as lágrimas, é simplesmente porque ela só diz aquilo que mais pode me comover:

"Eu me lembro muito bem de sua mãe."

E, para ir buscar mamãe, que deixara a janela, eu sentia muito bem, ao deixar o calor do céu aberto, aquela sensação de frescor que outrora havia experimentado em Combray quando subia para o quarto; mas em Veneza era uma corrente de ar marinho que a sustentava, não mais numa pequena escada de madeira, de degraus estreitos, mas nas nobres superfícies de degraus de mármore, a todo momento salpicados de um raio de sol glauco, e que à lição útil de Chardin, outrora recebida, acrescentavam-se às de Veronese. E já que em Veneza são as obras de arte, as coisas magníficas, que se encarregam de nos dar as impressões familiares da vida, seria deixar incompleto o caráter da cidade, ao pretexto de que a Veneza de certos pintores é friamente estética em sua parte mais célebre (excetuemos os soberbos estudos de Maxime Dethomas), reproduzir somente seus aspectos miseráveis, nos pontos onde se dilui aquilo que faz o seu esplendor, e, para tornar Veneza mais íntima e verdadeira, dar-lhe uma certa semelhança com Aubervilliers. Foi este o erro de bem grandes artistas, por uma reação muito natural contra a Veneza artificial de maus pintores, o fato de se terem apegado exclusivamente à Veneza, que eles achavam mais realista, dos humildes *campi*[{96}], dos pequenos rü abandonados.

Era ela que eu explorava muitas vezes à tarde, se não saía com mamãe. De fato, nela encontrava mais facilmente essas mulheres do povo, vendedoras de fósforos, enfiadeiras de pérolas, trabalhadoras em vidro e rendeiras, pequenas operárias de grandes xales negros franjados que nada me impedia de amar (pois eu já esquecera em grande parte Albertine), e que me pareciam mais desejáveis que outras, pois lembrava-me ainda um pouco dela. Aliás, quem me poderia dizer exatamente, nessa busca apaixonada pelas moças venezianas, o que havia delas mesmas ou de Albertine daquele meu antigo desejo de outrora de viajar a Veneza? Nosso menor desejo, posto que único feito um acorde, admite em si mesmo as notas fundamentais que estão na base de toda a nossa vida. E, às vezes, se suprimíssemos uma delas, que todavia não ouvimos e de que não temos consciência, que não se liga em nada ao objeto que perseguimos, veríamos entretanto desvanecer-se todo o nosso desejo por esse objeto. Havia muitas coisas que eu não procurava distinguir na emoção que sentia ao correr em busca das moças venezianas. Minha gôndola seguia pelos pequenos canais; como a misteriosa mão de um gênio, que teria me conduzido pelos meandros de uma cidade do Oriente, eles pareciam, que eu avançava, abrir-me um caminho, cavado em pleno coração de um cortavam, mal afastando, com um fino sulco arbitrariamente traçado, as de janelinhas mouriscas; e, como se o guia mágico segurasse uma vela nos dedos e me iluminasse a passagem, faziam brilhar à sua frente uma sombra franqueando-lhe o caminho. Sentia-se que, entre as pobres casas que o canal acabava de separar, e que, sem isso, teriam formado um todo

nenhum lugar fora reservado. De modo que o *campanile*{97} da igreja ou as dos jardins pendiam sobre o canal, como numa cidade inundada. Mas igrejas como para os jardins, graças à mesma transposição do Grande Canal, tão bem se prestava a desempenhar o papel de via, de rua grande, ou pequena; de cada lado do *canaletto*, as igrejas subiam da água nesse velho bairro populoso, transformando-se em paróquias humildes e freqüentadas. Levava consigo o selo de suas necessidades, da freqüência de numerosos pobres; os atravessados pela passagem do canal, deixavam arrastar até a água suas faces espantados; e, no rebordo da casa cujo grés, grosseiramente fendido estava rugoso como se acabasse de ser bruscamente serrado. Os garotos, porém, mantendo o equilíbrio, deixavam as pernas penduradas a prumo; dos marinheiros sentados na ponte móvel cujas duas metades acabam de deitar, permitindo que o mar passe entre elas.

Às vezes surgia um monumento belo, que ali se encontrava feito uma surpresa numa caixa que acabasse abrir, um pequeno templo de marfim, com suas ordens coríntias e sua alegórica no frontão, um tanto deslocado entre as coisas de costume, em quais ia se arrastando, pois, por mais que nos afastássemos para deixá-lo *peristilo* que lhe reservara o canal mantinha um aspecto de cais de desembarque para verdureiros. Eu tinha a impressão, que aumentava ainda mais o meu prazer de não estar do lado de fora, mas de penetrar cada vez mais no fundo de algo; pois a cada instante encontrava alguma coisa nova, que vinha colocar-se ao lado; pequeno monumento ou campo imprevisto, conservando o ar espalhando das coisas belas que se vêem pela primeira vez, e de que ainda não contemplamos bem o objetivo e a utilidade. Eu voltava a pé pelas pequenas *calli*{98} e a moças do povo, como o pudesse talvez ter feito Albertine, e gostaria que ela estivesse comigo. Entretanto, aquelas não podiam ser as mesmas; na época que Albertine estivera em Veneza, deveriam ser crianças ainda. Mas, depois de outrora, num primeiro sentido e covardemente, infiel a cada um de meus desejos concebidos como um só, já que fora em busca de um objetivo análogo, e mesmo que não esperava reencontrar, era sistematicamente, agora, que eu procurava mulheres que Albertine não conhecera, ainda que já não buscasse aquelas que havia desejado antigamente.

Certo, muitas vezes me ocorria lembrar-me, com violência incrível de desejo, determinada menina de Méséglise ou de Paris, a vendedora de leite que vira ao pé de uma colina, de manhã, em minha primeira viagem à Balbec. Mas, infelizmente, lembrava-me delas como eram então, ou seja, como certamente já não o seriam. De modo que, se outrora eu fora levado a submeter minha impressão sobre a unicidade de um desejo, buscando no lugar de um modesto convento que perdera de vista um conventinho análogo, agora, para reencontrar as meninas que haviam perturbado minha adolescência ou a de Albertine, eu

devia consentir numa anulação a mais do princípio da individualidade do desejo: o que eu devia procurar não eram as que tinham dezesseis anos naquela época, mas as que andavam pelos dezesseis anos hoje, pois agora, à falta do que havia de mais particular numa pessoa, e que me escapara, o que eu amava era a juventude. Sabia que a juventude daquelas que eu conhecera só existia na minha lembrança ardente, e que não eram elas, por mais desejoso que fosse de alcançá-las quando a minha memória as imaginava, que eu deveria colher se de fato quisesse apanhar a juventude e a flor da idade.

O sol ainda estava alto no céu quando fui encontrar minha mãe na Piazzetta. Chamamos uma gôndola.

- Como tua avó teria gostado desta grandeza tão simples! - dizia mamãe ao mostrar o palácio ducal que ponderava o mar com o pensamento que lhe confiara o seu arquiteto e que ele mantinha fielmente na muda espera pelos doges desaparecidos. - Ela teria gostado mesmo da doçura dessas tintas cor-de-rosa, pois não era afetada. Como teria amado Veneza a tua avó, e que familiaridade, que pode rivalizar com a da natureza, ela teria achado em todas essas belezas tão cheias de coisas que não precisam de nenhum arranjo, que se apresentam tais e quais, o palácio ducal em sua forma cúbica, as colunas que dizes serem as do palácio de Herodes, em plena Piazzetta, e, ainda menos dispostos, ali arrumados como à falta de outro local, os pilares de São João d'Acre e aqueles cavalos no balcão de São Marcos! Tua avó teria mais prazer em ver o sol se pôr sobre o palácio dos doges do que por trás de uma montanha. -

E de fato havia um pouco de verdade no que minha mãe dizia, pois, enquanto a gôndola, para nos levar de volta, subia o Grande Canal, nós contemplávamos a fila dos palácios, entre os quais íamos passando, refletirem a luz e a hora sobre seus flancos rosados, e mudar com elas, menos à maneira de residências privadas e de monumentos célebres, do que feito uma cadeia de falésias de mármore, ao pé da qual vamos passear de barco num canal, para ver o sol se pôr. Assim, as casas dispostas dos dois lados do canal lembravam sítios naturais, mas de uma natureza que houvesse criado suas obras na imaginação humana. Mas ao mesmo tempo (devido ao caráter das impressões sempre urbanas, que Veneza oferece quase em alto mar, sobre as ondas em que o fluxo e o refluxo se fazem sentir duas vezes por dia e que, alternadamente cobrem na maré cheia e desvelam, na maré baixa, as magníficas escadarias dos palácios), como, em Paris, o faríamos nos bulevares, nos Champes de Bois, em toda ampla avenida da moda, cruzávamos, a luz pulverizada de mulheres elegantíssimas, quase todas estrangeiras, que, mulheres nas almofadas de seus carros flutuantes, faziam fila, paravam diante do palácio onde tinham uma amiga para visitar, mandavam perguntar se estavam em asa; e, enquanto esperavam a resposta, preparavam o cartão de visitas, como o teriam feito à porta do palacete dos Guermantes,

procuravam no guia de que época e de que estilo era o palácio, não sem serem sacudidas, por um gesto de uma onda azul, pelo redemoinho da água cintilante e empinada; assustava por estar assim comprimida entre a gôndola dançante e o movimento sonoro. E assim os passeios, mesmo apenas para fazer visitas ou dar múltiplos e únicos passeios nessa Veneza onde as simples idas e vindas mundanas; ao mesmo tempo, a forma e o encanto da visita a um museu e de um bordejar por diversos palácios do Grande Canal estavam transformados em elo prazer da mudança ou por amabilidade com a Sra. Sazerat, a quem havia encontrado esse conhecimento imprevisto e inoportuno com que sempre nos deparamos numa viagem e que mamãe convidara.

Procuramos certa noite já no Hotel um menino que fosse o nosso guia, e onde se afirmava que a cozinha era melhor. Mamãe pateava o gondoleiro e entrava com a Sra. Sazerat no salão, eu quis dar uma olhada na grande sala do restaurante, de belas colunas de mármore, outrora a de afrescos, desde então mal restaurados. Dois garçons conversavam numa língua, que traduzo: - Um montão de velhos comem no quarto. Nunca avisam a gente. Nunca sei se devo reservar a mesa deles (*non so se bisogna conservór wo/a*). E, além disso, tanto pior se eles descem e a encontram ocupado.

Compreendi como se recebem *forestieri* desse jeito num hotel tão elegante. Vim para aqui. Apesar do seu desdém, o garçom gostaria de saber o que deveria fazer a respeito da mesa, e ia mandar o ascensorista subir para informar-se quando; ter tido tempo para fazê-lo, a resposta lhe foi dada: acabava de avistar a senhora que entrava. Não tive dificuldade, apesar do ar de tristeza e de fadiga; conferir e sem embargo de uma espécie de eczema, de lepra que lhe cobria o rosto, em reconhecer sob a sua touca, na jaqueta negra sua fé; assim, para os profanos, semelhante às de uma velha porteira de Villeparisis. Fez o acaso que o local onde eu me encontrava, de pé, no ato delinear os vestígios de um afresco, se achasse, ao longo das belas paredes decoradas exatamente por detrás da mesa onde acabava de sentar-se a Sra. de Discreparia.

- Então o Sr. de Villeparisis não deve demorar a descer. Faz um mês que eles estão aqui, e só uma vez comeram separadamente - disse o garçom.

Eu perguntava a mim mesmo quem seria, dos seus parentes, aquele com quem ela viajava, e a quem chamavam Sr. de Villeparisis, quando vi ao cabo de alguns momentos avançar para a mesa e sentar-se ao lado dela o seu velho amante, Sr. de Norpois.

A idade avançada lhe enfraquecera a sonoridade da voz, mas, em compensação, conferira à sua linguagem, então tão reservada, uma verdadeira intemperança. Talvez se devesse buscar sua causa nas ambições que ele sentia já não ter muito tempo de satisfazer o que, por isso mesmo, tanto mais o enchiam de veemência e

entusiasmo; ou talvez no fato de que, deixado de parte numa política à qual ardia por retornar, acreditava, na ingenuidade do desejo, levar ao ostracismo, pelas críticas atrozes que lhes dirigia, aqueles a quem se empenhava em substituir. Assim, vemos políticos seguros de que o gabinete de que não fazem parte não durará três dias. Aliás, seria exagerado crer que o Sr. de Norpois tivesse perdido inteiramente as tradições da linguagem diplomática. Quando se tratava de "assuntos importantes", ele voltava a ser o homem que conhecemos, como se verá, mas no resto do tempo atacava este ou aquele, com essa violência senil de certos octogenários, que os leva a se atirarem sobre mulheres, a quem já não podem fazer muito mal.

Durante alguns minutos, a Sra. de Villeparisis conservou o silêncio de uma velha a quem o cansaço da velhice tornou difícil emergir das lembranças do passado ao presente. Depois, numa dessas perguntas totalmente práticas, onde se mostra o prolongamento de um amor mútuo:

- Passou na casa dos Salviatti?

- Sim.

- Eles entregam amanhã?

- Eu mesmo trouxe a taça. Vou lhe mostrar depois do jantar. Vejamos o cardápio.

- Instruiu a Bolsa quanto às minhas ações de Suez?

- Não; neste momento, a atenção da Bolsa está toda voltada para títulos do petróleo. Mas não é o caso de nos apressarmos, dadas as excelentes disposições do mercado. Eis o cardápio. Como entrada, há salmonetes. Vamos pedir?

- Eu vou, mas você está proibido. Em vez disso, peça risoto, embora não saibam fazê-lo.

- Não tem importância. Garçom, traga primeiro uns salmonetes para Mame e um risoto para mim.

Um novo e longo silêncio.

- Olhe, estou lhe trazendo os jornais: o *Corriere delta Sera, a Gazzetta del* etc. Sabe que se cogita seriamente de um movimento diplomático cujo bode expiatório seria Paléologue{99}, notoriamente inepto na Sérvia? Substituído por Lozé{100}; e este concorra ao posto de Constantinopla. -apressou-se a acrescentar o Sr. de Norpois com azedume-, para uma envergadura e onde é evidente que a Grã-Bretanha deverá sempre ter a primazia na mesa de negociações, seria prudente que chamassem de experiência, mais bem aparelhados para resistir às emboscadas da nossa aliada britânica, em vez de diplomatas da escola nova, que cairiam como uns patinhos.-

A volubilidade irritada com que o Sr. de Norpois proferiu estas últimas palavras provinha sobretudo de que os jornais, em vez de falarem de seu nome, como ele lhes pedira, davam como "grande favorito" um jovem das Relações Exteriores.

- Deus sabe se não estará longe o tempo no qual esses homens de idade, em resultado de não sei quais manobras tortuosas, darão nomes desses recrutas mais ou menos incapazes! Conheci muito bem pretensos diplomatas do método empírico, que punham toda a sua especulação em balão de ensaio que eu não tardava a murchar. É fora de dúvida: se o gosto tem juízo e põe as rédeas do estado em mãos turbulentas, ao apelo do conscrito sempre responderá: Presente! Mas quem sabe (e o Sr. de Norpois sabia muito bem do que estava falando) se não daria o mesmo no dia e fosse buscar algum veterano cheio de destreza e saber? A meu ver, cada um tem o seu modo de enxergar as coisas; o posto de Constantinopla só deve ser preenchido após um acerto de nossas dificuldades pendentes com a Alemanha. Não devemos nada a ninguém; e é inadmissível que de seis em seis anos me venham reclamar, por manobras dolosas e contra a nossa vontade, nenhum recibo de pagamento, sempre alardeado por uma imprensa venal. É que isto acabe e, naturalmente, um homem de grande valor, e que já tenha seus dotes; um homem que, se assim posso me expressar, *dê tapiti Imperador*, desfrutaria de muito mais autoridade do que qualquer outro um ponto final nesse conflito.

Um senhor que terminava de jantar cumprimentou o Sr. de Norpois.

- Ah, é o príncipe Foggi - disse o marquês.

- Oh, não sei bem de quem você está falando - suspirou a Sra. de Villeparisis.

- Claro que sabe. É o príncipe Odon, cunhado de sua prima Doude. Lembra-se de que cacei com ele em Bonnétable?

- Ah, Odon, era ele quem pintava?

- De jeito nenhum. Este é o que se casou com a irmã do grão-duque.

O Sr. de Norpois dizia tudo isto no tom bastante desagradável de um professor descontente com seu aluno, e seus olhos azuis encaravam fixamente a Sra. de Villeparisis.

Quando o príncipe acabou de tomar o cafezinho e deixou a mesa, o Sr. de Norpois ergueu-se, caminhou rapidamente para ele e, com um gesto majestoso, afastando-se para apagar-se a si próprio, apresentou-o à Sra. de Villeparisis.

E, durante os poucos minutos em que o príncipe ficou de pé junto deles, o Sr. de Norpois não cessou um só instante de vigiar a Sra. de Villeparisis com suas pupilas azuis, por complacência ou severidade de velho amante e, sobretudo, receando que ela se entregasse a um desses excessos de linguagem que ele apreciava, porém temia.

Quando ela falava algo inexato ao príncipe, ele retificava a frase e fixava os olhos nos da marquesa, dócil e abatida, com a intensidade contínua de um magnetizador.

Um garçom veio dizer-me que mamãe me esperava. Fui ao seu encontro e me desculpei com a Sra. Sazerat, dizendo que me dera muito prazer o ter visto a Sra. de Villeparisis. A esse nome, a Sra. Sazerat empalideceu, parecendo que ia desmaiar. Buscando recobrar-se:

- A Sra. de Villeparisis, anteriormente Srta. de Bouillon? - perguntou-me.

- Sim.

- Será que eu poderia avistá-la por um instante? É o sonho da minha vida.

- Então não perca tempo, senhora, pois ela não demora a terminar de jantar. Mas como é que ela pode interessá-la tanto?

- Mas a Sra. de Villeparisis era em primeiras núpcias a duquesa de Havré; bela como um anjo, malvada como um demônio, deixou louco o meu pai, arruinou-o e o abandonou logo depois. Pois bem, embora tenha agido com ele como a última das meretrizes, e que por sua culpa eu e os meus tenhamos de viver pobremente em Combray, agora, que meu pai está morto, o meu consolo seria que ele tivesse amado a mais linda mulher do seu tempo; e, como jamais a vi, apesar de tudo seria um regalo para mim...

Levei a Sra. Sazerat, trêmula de emoção, até o restaurante e lhe mostrei a Sra. de Villeparisis.

Mas, como os cegos, que dirigem os olhos para um ponto diverso do que deveriam, a Sra. Sazerat não pousou o olhar na mesa onde jantava a Sra. de Villeparisis e, procurando outro ponto da sala:

- Mas ela deve ter partido, não a vejo onde o senhor me diz que está.

E procurava sempre, perseguindo a visão detestada, adorada, que habitava sua imaginação há tanto tempo.

- Mas sim, na segunda mesa.

- É que não contamos a partir do mesmo ponto. Para mim, a segunda pessoa é uma onde somente está, ao lado de um senhor idoso, uma mulher baixinha, imunda, corada, horrível.

- É essa mesma!

Entretanto, havendo a Sra. de Villeparisis havia pedido ao Sr. Norpois que oferecesse um lugar ao príncipe Foggi, seguiu-se uma amável conversa a três; falaram de política, o príncipe declarou ser indiferente ao destino e que finda, ficaria uma boa semana em Veneza. Esperava que até lá houvesse qualquer crise

ministerial.

No primeiro momento, o príncipe Foggi passou uma imagem que esses assuntos políticos não interessavam ao Sr. de Norpois, já que este, se expressando com tanta veemência, passara de repente a manter um ar quase angélico, que parecia não poder expandir-se, caso lhe voltasse a num canto inocente e melodioso de Mendelssohn ou de César Franck. Também julgava que tal silêncio era devido à reserva de um francês que, um italiano, não deseja falar dos negócios da Itália. Ora, o engano foi completo. O silêncio e o ar de indiferença tinham permanecido no Sr. Norpois não como o sinal de reserva, mas o prelúdio habitual de uma ingerência em palácios importantes. Como vimos, o marquês ambicionava nada menos Constantinopla, com um acerto prévio dos negócios alemães, e para alcançar influir no gabinete de Roma. De fato, o marquês julgava que, de sua parte a repercussão internacional podia ser o digno coroamento de sua carreira; até o começo de novas honrarias, de funções difíceis, às quais não havia reinado. Pois a velhice nos torna: primeiro incapazes de empreender, mas não de só num terceiro período é que aqueles que vivem até uma idade muito avançada, renunciam ao desejo, como já tiveram de abandonar a ação. Já não se apegam mais às eleições fúteis, em que muitas vezes tentaram obter sucesso, como presidente da República. Limitam-se a sair de casa, a comer, a ler os jornais sobrevivem a si mesmos{101}.

O príncipe, para deixar o marquês à vontade e mostrar-lhe que falava como um limpo compatriota, pôs-se a falar dos possíveis sucessores do presidente do conselho atual. Sucessores cuja tarefa seria difícil. Quando o príncipe já citara mais de vinte nomes de políticos que lhe pareciam ministeriáveis, no antigo embaixador escutou de pálpebras semicerradas sobre os olhos azuis fazer um só movimento, o Sr. de Norpois rompeu enfim o silêncio para estas palavras que, durante vinte anos, deviam alimentar a conversa dos chanceleres e, a seguir, quando fossem esquecidas, ser exumadas por personalidade que se assinasse "Um bem-informado" ou "Testis" ou "Máquina" num jornal onde o próprio esquecimento em que houvessem caído lhes havia o benefício de causarem nova sensação. Pois o príncipe Foggi acabava de citar vinte nomes diante do diplomata imóvel e mudo como um homem surdo; quando o Sr. de Norpois ergueu levemente a cabeça e, na forma em que foram redigidas suas intervenções diplomáticas mais cheias de conseqüência, embora desta vez com uma audácia maior e uma brevidade menor, perguntou com finura:

- Ninguém pronunciou o nome do Sr. Giolitti{102}?

A essas palavras, caiu a venda dos olhos do príncipe; ele ouviu um murmúrio celeste. E em seguida o Sr. de Norpois se pôs a falar de uma coisa ou outra, não temendo fazer um pouco de ruído, como, quando terminada a última nota de

uma sublime ária de Bach, já não tememos falar em voz alta, ir buscar nossas coisas no vestiário. Chegou a tornar mais nítida a fratura, pedindo ao príncipe que depositasse suas homenagens aos pés de Suas Majestades, o rei e a rainha, quando tivesse oportunidade de vê-los, frase de despedida que correspondia a estas palavras uivadas ao fim de um concerto:

"Cocheiro Auguste, da rua de Belloy!"

Ignoramos quais foram exatamente as impressões do príncipe Foggi. Certamente estava encantado por ter ouvido esta obra-prima:

"E o Sr. Giolitti, será que ninguém pronunciou o seu nome?"

Pois o Sr. de Norpois, em quem a idade havia extinto ou desorganizado as mais belas qualidades, em compensação aperfeiçoara, envelhecendo, as "árias de bravura", como certos músicos idosos, em declínio para tudo o mais, adquirem para a música de câmara, até seus derradeiros dias, um virtuosismo perfeito que até então não possuíam.

O caso é que o príncipe Foggi, que esperava passar quinze dias em Veneza, voltou para Roma naquele mesmo dia e foi recebido em audiência pelo rei a propósito de algumas propriedades que, conforme cremos já tê-lo dito, o príncipe possuía na Sicília. O gabinete vegetou por mais tempo do que se esperava. Quando caiu, o rei consultou vários homens de estado sobre o chefe que convinha dar ao novo gabinete. Depois mandou chamar o Sr. Giolitti, que aceitou. Passados três meses, um jornal contou a entrevista do príncipe Foggi com o Sr. de Norpois. A conversação era relatada como o fizemos, com a diferença que, em lugar de dizer:

"O Sr. de Norpois perguntou com finura", lia-se: "disse com o fino e encantador sorriso que se lhe conhece."

O Sr. de Norpois achou que "com finura" tinha já força explosiva suficiente para um diplomata, e que esse acréscimo era no mínimo intempestivo. Chegou a pedir ao *Quai d'Orsay* que o desmentisse oficialmente, mas o *Quai d'Orsay*{103} não sabia para que lado se voltar de fato, desde que a entrevista fora divulgada.

O Sr. Barrere telegrafara diversas vezes por hora a Paris, para se queixar de que havia um embaixador ansioso no *Quai d'Orsay* para ser passada à Europa, tal descontentamento, que tal fato produzira. E existia, mas os diversos embaixadores reais e polidos para Sr. Barrere{104}, estes lhes asseguravam descontentamento com o mundo inteiro.

O Sr. Barrere, ouvindo aperreado como adesão. Imediatamente telegrafou:

ENTREVISTEI-ME COM O SENHOR DE NORPOIS NA HORA EM QUE

Seus secretários estavam às suas ordens num antiquário. No entanto, o Sr. de Norpois era um francês e que, já em 1810, quando o ministro da França num jornal prestara-lhe um grande serviço; principalmente, o artigo assinado era admiravelmente parecido. Mas interessava muito esse artigo chamado "primeiro ministro em tempos distantes era delineado, com infinita repetição e sabe por quê, era denominado" *edito de palavras*. Todos, então, sentiam que fora "inspirado" tal pelo Sr. de Norpois, talvez por outro grande desejo de outro tempo. Para dar uma idéia a sentença de vantagem de ter o Sr. de Norpois arruinado depois dos acontecimentos da Itália, num jornal em 1870, inutilmente.

Alguns minutos depois: “Esta notícia é considerada satisfatória pelos círculos bem informados." (Tinham acrescentado entre parênteses, depois de "satisfatória", a palavra alemã correspondente: *befriedigend*.) E, no dia seguinte, lia-se no editorial: "Dir-se-ia que, apesar de toda a habilidade do Sr. de Norpois, a quem todo mundo se compraz em homenagear, a sagaz energia com que soube defender os direitos imprescritíveis da França, que uma ruptura já não tem quase nenhuma chance de ser evitada."

O jornal não podia se dispensar de fazer acompanhar semelhante editorial de alguns comentários, enviados, é claro, pelo Sr. de Norpois. Talvez se tenha observado, nas páginas precedentes, que o "condicional" era uma das formas gramaticais preferidas do embaixador, na literatura diplomática. ("Dar-se-ia uma importância toda especial", em vez de "Parece que se dá uma importância toda especial".) Mas o presente do indicativo, não no seu sentido usual, mas no antigo sentido optativo, não era menos caro ao Sr. de Norpois. Os comentários que se seguiam ao editorial eram estes:

"Jamais o público deu provas de uma calma tão admirável. (O Sr. de Norpois gostaria muito que isso fosse verdade, mas receava exatamente o contrário.) Está cansado de agitações estéreis e soube, com satisfação, que o governo de Sua Majestade assumiria suas responsabilidades conforme os acontecimentos que poderiam ocorrer. O público não pede (optativo) mais do que isso. A seu belo sangue-frio, que é já um indício de sucesso, acrescentaremos ainda uma notícia apropriada para tranqüilizar a opinião pública, se for necessário.”

De fato, assegura-se que o Sr. de Norpois, que por motivos de saúde devia há muito fazer em Paris um período de tratamento, teria deixado Berlim, onde não mais julgava útil a sua presença.

Última hora:

“Sua Majestade o imperador deixou esta manhã Compiegne rumo a Paris, a fim

de conferenciar com o marquês de Norpois, o ministro da Guerra e o marechal Bazaine, no qual a opinião pública deposita uma particular confiança. S. M. o Imperador cancelou o jantar que devia oferecer à sua cunhada, a duquesa d'Alba. Esta medida causou em toda parte, desde que foi conhecida, uma impressão particularmente favorável. O imperador passou em revista as tropas, cujo entusiasmo é indescritível. Alguns corpos, diante de uma ordem de mobilização feita logo após a chegada dos soberanos à Paris, estão, para toda eventualidade, prontos a partir para o Reno."

****

Às vezes, ao crepúsculo, voltando para o hotel, eu sentia que a Albertine de antigamente, invisível para mim mesmo, estava, no entanto, encerrada no fundo de mim como nas masmorras de uma Veneza interior de que, por vezes, um incidente fazia deslizar a tampa endurecida até me proporcionar uma abertura para esse passado. Assim, por exemplo, uma carta do meu corretor na Bolsa me reabriu, por instante, as portas da prisão em que Albertine vivia em mim, porém tão longínqua e profundamente, que se mantinha inacessível. Desde sua morte, eu me ocupara das especulações que havia feito para ter mais dinheiro que ela. Ora, o tempo havia passado; grandes demonstrações de cautela anterior eram desmentidas por esta, como ocorrera outrora com outro senhor do que as estradas de ferro jamais poderiam obter êxito; e os títulos de que Norpois nos dissera: "seu rendimento não é muito elevado, é claro, mas o capital nunca ficará depreciado". Muitas vezes eram os que mais davam. Só para os títulos ingleses e as Refinarias Say, eu precisava pagar diferenças tão consideráveis, ao mesmo tempo que juros e prazos somente; decidi vender tudo, e de súbito verifiquei que mal possuía a quinta parte do que herdara de minha avó, soma de que dispunha ainda quando Albertine estava viva.

Aliás, soube-se do caso em Combray, entre o que restava de minha família de parentes, e, como todos sabiam que eu freqüentava o marquês de Saint-Loup, os Guermantes, disseram: "Eis a que levam as idéias de grandeza."

Teriam todos ficado muito espantados se soubessem que fora por uma moça de condição desta como Albertine, quase uma protegida do antigo professor de piano de avó, Vinteuil, que eu fizera semelhantes especulações. Além disso, naquela Combray em que todos eram para sempre classificados conforme os rendimentos que lhes conheciam, como numa casta hindu, não se poderia fazer idéia da grande liberdade que reinava no mundo dos Guermantes, onde não se dava importância alguma à fortuna, em que a pobreza podia ser considerada desagradável, mas de modo nenhum mais depreciativa, como se não afetasse a posição, mais do que uma simples dor de estômago. Sem dúvida, e pelo contrário, imaginava-se em Combray que Saint-Loup e o Sr. de Guermantes deviam ser da nobreza, vivendo em castelos sob hipoteca, a quem eu emprestava

dinheiro, ao qual, se eu estivesse arruinado, eles teriam sido os primeiros a me oferecerem em vão.

Quanto à minha relativa ruína, incomodava-me tanto mais quanto as curiosidades venezianas se tinham concentrado numa jovem vendedora tais, de encarnação em flor, que ofertava ao encanto dos olhos toda uma gama alaranjados e me dava um tal desejo de revê-la todos os dias que, sentindo que em breve, mamãe e eu deixaríamos Veneza, estava tentado a lhe dar uma situação qualquer em Paris que me permitisse não me separar dela. A beleza de seus anos era tão nobre, tão radiosa, que constituía um verdadeiro Ticiano; queria admirar antes de ir embora. E o pouco de minha fortuna que restava seria suficiente tentá-la a ponto de deixar sua terra e ir viver em Paris só para mim? Mas se terminasse a carta do corretor, uma frase em que ele dizia: Cuidarei de seus interesses, lembrou-me uma expressão quase tão hipocritamente profissional, que carregada dos banhos, em Balbec, havia empregado, falando à Aimé a resposta de Albertine: "Eu é quem cuidava dela", dissera. E tais palavras, que nunca me tinham voltado ao espírito, fizeram, como um Sésamo, girar os gonzos do calabouço.

Ao fim de um instante tornaram a fechar-se sobre a enclausurada-que eu não tinha culpa de não querer reencontrar, pois não conseguia mais vê-la, nem lembrar-me dela, e as criaturas só existem para nós pela idéia que delas temos; mas que, por um momento, me tornara mais tocante o abandono, que ela todavia ignorava: no espaço de um relâmpago eu invejara o tempo, já bem distante, em que sofria dia e noite no convívio de sua lembrança.

Uma outra ocasião, em San Giorgio dei Schiavoni, uma águia ao lado de um dos apóstolos, e da mesma forma estilizada, despertou a lembrança e quase o sofrimento causado pelos dois anéis de que Françoise me havia revelado a semelhança, e que eu nunca soube quem dera a Albertine. Enfim, uma noite, produziu-se uma circunstância tal que pareceu que meu amor deveria renascer. No momento em que nossa gôndola estacionou junto aos degraus do hotel, o porteiro entregou-me um telegrama que o empregado dos correios já viera três vezes para me trazer, pois, devido à inexatidão do nome do destinatário (que todavia, através das deformações dos funcionários italianos, compreendi ser o meu), pedia-se uma acusação de recebimento certificando que o telegrama era de fato para mim. Abri-o logo que cheguei ao meu quarto e, lançando um olhar sobre o despacho coberto de palavras mal escritas, pude ler, no entanto:

MEU AMIGO VOCÊ ME JULGAVA MORTA, PERDOE-ME, ESTOU BEM VIVA, GOSTARIA DE VÊ-LO, FALAR-LHE DE CASAMENTO, QUANDO VAI VOLTAR?

Então, passou-se comigo, de modo inverso, a mesma coisa que ocorrera em relação a minha avó: quando soube de fato que ela havia morrido, a princípio não senti mágoa nenhuma. E só havia sofrido efetivamente a sua morte quando as lembranças involuntárias a tornaram viva para mim. Agora que Albertine, em meu pensamento, já não vivia para mim, a notícia de que ela estava viva não me causou a alegria que eu teria imaginado. Albertine fora para mim apenas um feixe de pensamentos, sobrevivendo à sua morte física enquanto esses pensamentos viviam em mim; em compensação, agora que esses pensamentos estavam mortos, Albertine de modo algum ressuscitava para mim com seu corpo. E, ao perceber que não me sentia alegre por saber que ela vivia, que já não a amava, deveria ficar mais transtornado que alguém que, olhando-se num espelho, depois de meses de viagem ou de doença, percebe que tem cabelos brancos e uma nova fisionomia, de homem maduro ou de velho. Isso transtorna porque significa: o homem que eu era, aquele rapaz louro, já não existe, eu sou outra pessoa. Ora, não é uma mudança igualmente profunda, uma morte tão absoluta do "eu" que eu era, essa substituição tão completa de um "eu" novo a esse "eu" tão antigo, quanto a visão de um rosto enrugado, coberto por uma peruca branca, substituindo o rosto de antigamente? Mas não nos afligimos de nos termos tornado um outro, devido à viagem no tempo e na ordem natural das coisas, mais do que nos afligiríamos, certa época, por termos sido, alternativamente, indivíduos contraditórios, o lado, sensível, o delicado, o patife, o desinteressado, o ambicioso, como, alternativamente, o somos a todo dia. E o motivo pelo qual não nos afligimos por isso é o mesmo: o "eu" eclipsado-momentaneamente, em último caso trata do caráter, ou para sempre; no primeiro caso, quando se trata do passado estar presente para lastimar o outro; o outro que é, naquele momento diante, todos nós; o patife sorri de sua patifaria, porque é patife; e o esquecido se entristece com sua falta de memória, precisamente porque esquece. Eu teria sido incapaz de ressuscitar Albertine porque era incapaz de ressuscitar a mim mesmo, de ressuscitar o meu eu de antigamente. A vida, seguida do hábito, que consiste em trabalhos incessantes e infinitamente pequenos dar a face da terra, não me dissera no dia seguinte à morte de Albertine em pessoa; mas, através de mudanças demasiado imperceptíveis para que desse conta dessa mudança, renovara quase tudo em mim, de modo que o pensamento já estava habituado a seu novo senhor, meu novo "eu"-ao que esse havia mudado; era a este que se apegara. Como vimos, minha Albertine e o meu ciúme se apegavam à irradiação, por associação de certos núcleos de impressões doces ou dolorosas, à lembrança da Srta. Vinteuil de Montjouvain, aos suaves beijos noturnos que Albertine me dava; porém, à

medida que tais impressões se haviam enfraquecido, o imenso das impressões, que elas coloriam de um matiz angustiado ou terno, redargüiram neutros.

Uma vez que o esquecimento se apoderou de alguns pontos difíceis do sofrimento e do prazer, a resistência do meu amor estava derrotada: amaria Albertine. Tentava lembrar-me dela. Tivera um pressentimento dias depois da partida de Albertine, quando ficara assombrado por ter perdido quarenta e oito horas sem ela. O mesmo havia sucedido quando eu outrora vira a Gilberte, dizendo a mim mesmo: se isto continua por dois anos, deixarei de amá-la. E se, quando Swann me pedira para rever Gilberte, aquilo me parecera incômodo quanto rever uma pessoa morta, no caso de Albertine, a morte - eu julgara ser a morte, que fizera o mesmo trabalho que, quanto à Gilberte, o rompimento.

A morte age da mesma forma que a ausência. O monstro da aparição, o meu amor estremecera o esquecimento de fato, como eu acabara por devorá-lo. Não só essa notícia de que ela vivia não despertou amor, não só ela me permitiu constatar o quanto já estava adiantado o meu sentimento à indiferença, mas, instantaneamente, provocou nessa indiferença uma ação tão brusca que indaguei a mim mesmo, retrospectivamente, se outrora parecia oposta, a da morte de Albertine, rematando a obra de sua partida, não inversamente, exaltado o meu amor e retardado o seu declínio. Assim, agitava-me ao sabê-la viva, e poder juntar-me a ela, tornavam-na de súbito tão pouco prevenido, me indagava se as insinuações de Françoise, a própria ruptura, e até a morada imaginária, porém acreditada real; não tinham prolongado o meu amor, de tal modo que os esforços de terceiros e mesmo do destino, para nos separar de uma mulher fazem mais que nos prender a ela. Agora, ocorria o contrário. Além do mais, tentei lembrar-me dela e, talvez por precisar fazer apenas um sinal para tê-la junto a mim, a lembrança que me veio foi a de uma garota já bem gorda, machona, em cujo rosto murcho já aflorava, como um germe, o perfil da Sra. Bontemps. O que ela pudera ter feito com Andrée ou com outras já não me interessava. Eu não sofria mais do mal que, durante tanto tempo, julgara incurável, o que, no fundo, poderia ter previsto.

Decerto, a mágoa por uma amante e o ciúme sobrevivente são doenças físicas, da mesma forma que a tuberculose ou a leucemia. Contudo, entre os males físicos, convém distinguir aqueles causados por um agente puramente físico e os que só agem sobre o corpo através de um intermediário, a inteligência. Especialmente se a parte da inteligência que serve de fio transmissor é a memória - ou seja, se a causa é aniquilada ou se acha distante -, por mais cruel que seja o sofrimento, por mais profundo que pareça o transtorno trazido ao organismo, é bem raro, pois o pensamento é dotado de um poder de renovação, que os tecidos não possuem, que o prognóstico não seja favorável. Ao término de um mesmo tempo necessário para que um doente, atacado de câncer, acabe

morrendo, é bem raro que um viúvo ou um pai inconsoláveis não estejam curados. Eu estava pensando: Era então por essa moça, que eu revia naquele momento tão balofa, e que certamente envelhecera, como tinham envelhecido as mocinhas que ela amara, era por essa que eu deveria renunciar à deslumbrante jovem que consistia a minha recordação de ontem, minha esperança de amanhã (e a quem eu não poderia dar mais coisa alguma, como tampouco a qualquer outra, se me casasse com Albertine), renunciar a essa "nova Albertine", "não tal como a viram os Infernos", "porém fiel, orgulhosa e até um pouco feroz"{105}?

Era ela quem me representava agora o que Albertine fora antigamente: meu amor por Albertine não tinha sido mais que a forma passageira de minha devoção à juventude. Julgamos amar uma jovem e, ai de nós, amamos em sua pessoa apenas aquela aurora cujo rubor o seu rosto reflete momentaneamente.

Passou-se a noite.

De manhã, devolvi o telegrama ao porteiro do hotel dizendo que me fora entregue por engano e que não era para mim. Respondeu-me que, agora que o telegrama estava aberto, ele teria dificuldades, era melhor que eu o guardasse; voltei a pô-lo no bolso, mas prometi a mim mesmo agir como se jamais o tivesse recebido. Deixara em definitivo de amar a Albertine. De modo que esse amor, depois de se afastar de tal modo do que eu previra, de acordo com meu amor por Gilberte; depois de me ter feito dar um desvio tão longo e tão doloroso, acabava também, ele que fora uma exceção, por ingressar, bem como o meu amor por Gilberte, na lei geral do esquecimento.

Mas então pensei: interessava-me por Albertine mais que a mim mesmo; agora, não ligo mais para ela porque deixei de vê-la durante algum tempo. Voltara meu desejo de não estar separado de mim mesmo pela morte, de interesse na morte, esse desejo, todavia, não era como o desejo de nunca estar sem Albertine, pois durava sempre. Decorreria isto do fato de eu me julgar mais do que ela, do fato de que, quando a amava, amava mais a mim; mas decorria antes de que, deixando de vê-la, tinha deixado de amá-la, porque os laços cotidianos comigo mesmo não foram rompidos como o tinham sido por uma Albertine. Mas, se os laços com meu corpo, comigo mesmo, também...? Certo, seria a mesma coisa. Nosso amor pela vida é apenas ligação da qual não sabemos nos desvencilhar. Sua força está na sua pele. Mas a morte, que rompeu tal ligação, nos há de curar do desejo da imortalidade?

Depois do almoço, quando não ia vaguear sozinho em Veneza, para sair com mamãe; e, para pegar os cadernos onde tomaria anotações relativas a um trabalho que estava redigindo sobre Ruskin, subia para o quarto na brusca mudança de direção das quinas da parede, fazendo-a dobrar os ângulos; sentia as

restrições ditadas pelo mar, e a parcimônia do solo. E descendo para me reunir a mamãe, que me esperava, àquela hora em que, em Combray, era gozar o sol bem pertinho, na escuridão mantida pelos postigos cerrados, e, alto a baixo da escadaria de mármore, da qual, como se estivesse presente uma pintura do Renascimento, não se podia saber se estava presa a um palácio, uma galeria, o mesmo frescor, a mesma sensação de esplendor externo eram relacionados pelo toldo que se movia diante das janelas perpetuamente abertas, as quais, numa incessante corrente de ar, a sombra morna e o sol esverdeado como sobre uma superfície flutuante, evocavam a vizinhança móvel, a iluminação, e a espelhante instabilidade das ondas. Com mais freqüência era para ir à São Marcos que eu saía, e com tanto mais prazer quanto, visto ser preciso para tomar uma gôndola para chegar até lá, a igreja não mais representava um simples monumento, e sim o termo de um trajeto sobre a água marinha e com a qual São Marcos me formava um todo vivo e indivisível. Minha mãe e eu entrávamos no batistério, ambos pisando os mosaicos de mármore e de pavimento, tendo diante dos olhos as amplas arcadas, cujas superfícies róseas o tempo infletiu de leve, o que dá à igreja, nos pontos em que resta o frescor desse colorido, o ar de ter sido construída de uma substância tenra e como a cera de alvéolos gigantes; ao contrário, nos pontos em que existia a matéria, e onde os artistas a perfuraram e a valorizaram com ouro, a igreja tinha de ser a preciosa encadernação de Veneza. Vendo que eu precisava ficar tempo diante dos mosaicos que representam o batismo de Cristo, minha mãe sentindo o frio gelado que percorria o batistério, colocou-me um xale nos ombros. Quando eu estava com Albertine em Balbec, achava que ela descobria uma das ilusões inconsistentes que ocupam o espírito de tantas pessoas que não pensam com clareza, quando ela me falava do prazer na minha opinião, com base em coisa nenhuma - que sentiria em ver determinada pintura em minha companhia. Hoje, ao menos tenho certeza de que existe o prazer, se não de ver, o de ter visto uma coisa bela com certa pessoa. Chega-me o instante em que, quando me lembro do batistério, diante das ondas do rio Jordão em que São João imerge o Cristo, enquanto uma gôndola nos esperava diante da Piazzetta, não me é indiferente que, nessa fresca penumbra, houvesse a meu lado uma mulher coberta com seu luto, com o fervor respeitoso e entusiasta da mulher idosa que se vê em Veneza na Santa Úrsula de Carpaccio, e que essa mulher de faces avermelhadas, olhos tristes, com seus véus negros, e que nada poderá jamais, para mim, fazer sair daquele santuário suavemente iluminado de São Marcos, onde estou certo de reencontrá-la, pois ela tem seu lugar reservado e imutável como um mosaico, seja a minha mãe. Carpaccio, a quem acabo de citar e que era o pintor ao qual, quando eu não trabalhava em São Marcos, fazíamos visitas com mais freqüência, precisou um dia reanimar o meu amor por Albertine. Eu via pela primeira vez *O Patriarca de Grado Exorcizando um Possesso*. Olhava o admirável céu encarnado e violáceo, no qual se

destacavam essas altas chaminés incrustadas, cujo amplo formato e o rubro desabrochar de tulipas faz pensar em tantas Venezas de Whistler. Depois meus olhos iam do velho Rialto em madeira àquela Ponte Vecchio do século XV, de palácios de mármores ornados de dourados capitéis, voltavam ao Grande Canal, onde as barcas são conduzidas por adolescentes vestidos de rosa, de gorros encimados por aigrettes, semelhantes, a ponto de enganar, a um tal que de fato recorda Carpaccio nessa deslumbrante *Lenda de José de Sert, Strauss e Kessler*.

Enfim, antes de deixar o quadro, meus olhos regressaram à margem, onde formigam cenas da vida veneziana da época. Olhava o barbeiro enxugando sua navalha, o negro carregando o seu tonel, as conversas dos muçulmanos, nobres senhores venezianos em amplos brocados, em damascos, com gorros de veludo cor de cereja, quando senti, de repente, como que um leve aperto no coração. Às costas de um dos companheiros da Calza, reconhecível pelos bordados de ouro e pérolas que inscrevem em suas mangas ou coletes o emblema da risonha confraria à qual eram filiados, eu acabava de identificar o casaco que Albertine usava quando fora comigo à Versalhes em carro descoberto, na noite em que eu estava longe de pensar que apenas quinze dias me separavam do momento em que ela iria embora de minha casa. Sempre disposta a tudo, quando lhe pedira que partisse, naquele triste dia que ela deveria chamar, em sua última carta, duas vezes crepuscular, visto que a noite caía e nós falamos em nos separar, ela atirava aos ombros um casaco de Fortuny que levara consigo no dia seguinte e que, desde então, eu jamais tornara a ver em minhas lembranças. Ora, era neste quadro de Carpaccio que o genial filho de Veneza o utilizara, fora nas costas desse membro da Calza que o havia assinalado, a fim de lançá-lo sobre tantas parisienses que decerto ignoravam, como eu até agora, que o modo num grupo de cavalheiros, no primeiro plano do *Patriarca de Grado*, numas Academia de Veneza. Eu reconhecera tudo e, tendo esquecido casaco, ao vê-lo, os olhos e o coração daquele que ia, naquela noite, partir para ir com Albertine, fui invadido, durante alguns instantes, por um sentimento, da dor, logo dissipado, de desejo e de melancolia.

Enfim, havia dias em que não nos contentávamos, mamãe e eu em irmos às igrejas e museus de Veneza; assim, certa vez quando o tempo estava lindo, fomos até Pádua para rever aqueles *Vícios e Virtudes de Swann* que me fornecera reproduções, provavelmente ainda empilhadas nos estudos de Combray; depois de ter atravessado, em pleno sol, o jardim entrei na capela dos Giotto, onde a abóbada inteira e o fundo dos afrescos azuis que parece que o dia radioso também transpôs o limiar em composição ao visitante e veio, por um momento, descansar seu firmamento puro na som frescor; céu puro, apenas um pouquinho mais carregado por se ver ali durações da luz, como nesses breves intervalos com que se interrompem belos dias, quando, sem que se tenha visto qualquer

nuvem, tendo o sol por um instante, o olhar para outra parte, o azul mais suave ainda, se ensombrecer.

Neste céu transposto para a pedra azulada, voavam anjos que eu via pela primeira vez, pois o Sr. Swann só me dera reproduções dos *Vícios e Virtudes*, e os afrescos que recompõem a história de *Cristo e da Virgem Maria*. Pois bem; dos anjos reencontrei a mesma impressão de ação efetiva, literalmente real, haviam dado os gestos da *Caridade ou da Inveja*. Com todo o fervor celeste menos, na sabedoria e aplicação infantis com que juntam as mãozinhas, os são representados na Arena. Porém como voláteis de uma espécie particular se de fato haja existido, devendo ter figurado na história natural dos tempos bíblicos dos evangélicos. São criaturinhas que não cessam de voltear diante dos santos quando estes passeiam; sempre existem alguns largados acima deles, e, como são reais e efetivamente voadoras, vemo-las se elevar, descrever curvas, e *loopings* com a maior facilidade, arremessando-se contra o solo de cabeça baixo, a poder de asas que lhes permitem manterem-se em posições contrárias as leis da gravidade; e lembram muito mais uma variedade extinta de jovem alunos de *Garros*{106} exercitando-se em vôo planado, do que anjos da Renascença e das épocas seguintes, cujas asas não são mais que emblemas, a atitude em geral é a mesma das personagens celestes que não voam.

Voltando ao hotel, eu encontrava mulheres jovens que, sobretudo oriundas da Áustria, vinham à Veneza, passar os primeiros dias bonitos daquela primavera sem flores. Entre elas havia uma, cujas feições não se pareciam com as de Albertine, mas que me agradava pela mesma frescura de tez, pelo mesmo olhar risonho e fácil. Em breve senti que principiava a lhe dizer as mesmas coisas que dizia no começo à Albertine, que fingia a mesma contrariedade quando ela dizia não poder ver-me no dia seguinte, pois ia a Verona, e imediatamente, sentia também vontade de ir a Verona. Aquilo não durou; ela devia voltar para a Áustria, e eu não a veria nunca mais, mas, já vagamente ciumento, como somos quando principiamos a ficar apaixonados, ao contemplar seu rosto enigmático e encantador, eu me indagava se ela igualmente gostava de mulheres, se o que possuía em comum com Albertine, essa claridade de pele e de olhares, esse ar de franqueza amável que seduzia todo mundo e que se referia mais ao fato de ela não procurar de modo algum conhecer os atos das pessoas que absolutamente não a interessavam, do que à confissão dos seus, que ela ao contrário dissimulava debaixo das mentiras mais pueris; perguntava-me se tudo isso constituía o caráter morfológico da mulher que ama as mulheres. Seria isto que, nela, sem que eu pudesse entender racionalmente porquê, exercia atração sobre mim, provocava minhas inquietações (talvez causa mais profunda de minha atração pelo que carrega em direção ao que fará sofrer), dava-me, quando a via, tanta satisfação e tristeza, como esses elementos magnéticos que não enxergamos e que,

presentes na atmosfera de certas regiões, fazem-nos sentir tanto incômodos? Ai de mim, nunca o saberei. Quando tentava ler em seu rosto, gostaria de lhe falar: "Deveria dizer, isto me interessaria para que eu ficasse conhecendo uma lei de história natural humana", mas ela jamais o diria; ao que parecia, professava por esse vício um horror especial, e mostrava uma grande frieza para com as amigas mulheres.

Talvez isso fosse mesmo a prova de que ela tinha algo a esconder, talvez lhe fizessem gracejos ou a envergonhassem por causa disso, e que o ar que assumia para evitar que achassem aquilo dela era como o afastamento revelador que os animais adotam em relação às pessoas que lhes batem. Quanto a me informar acerca de sua vida, era impossível; mesmo no caso de Albertine, quanto tempo levei para saber alguma coisa! Fora necessária a sua morte para que as línguas se soltassem, de tal modo Albertine conservava prudente circunspecção em seu comportamento, exatamente como essa jovem mulher! E, mesmo acerca de Albertine, estaria eu seguro de saber alguma coisa?

E depois, ainda que as condições de vida que mais desejamos se tornem indiferentes para nós, caso deixemos de amar a pessoa que, contra a nossa vontade, fazia que as desejássemos visto que permitiam que vivêssemos perto dela, que lhe agradássemos dentro do possível, dá-se o mesmo com certas curiosidades intelectuais. A importância científica que eu via em saber o tipo de desejo que se escondia sob as pétalas debilmente rosadas daquelas faces, na claridade brilhante sem sol como diante da manhã, daqueles olhos pálidos, naquelas jornadas referidas se desvaneceria sem dúvida quando eu deixasse completamente Albertine, ou quando deixasse de amar de todo aquela jovem mulher.

À noite eu saía sozinho, no meio da cidade encantada, onde passeava entre quarteirões novos como um personagem das *Mil e uma noites*. Era que não descobrisse, ao acaso de meus passeios, algum lugar desse espaçoso do qual nenhum guia ou viajante me havia falado. Estava metido em rede de pequenas ruelas, de *calli.* A noite, com suas altas chaminés das quais o sol confere os mais vivos tons róseos, os vermelhos mais brilhantes; um jardim que floresce acima das casas, com matizes tão variados quase plantado sobre a cidade, o jardim de um amador de tulipas de Delft, além disso, a extrema proximidade das casas fazia de cada janela o quadro que devaneava uma cozinheira que por ele olhava, ou o de uma moça, que, mandava que penteasse os seus cabelos uma velha cujo rosto, adivinha uma sombra, era o de uma feiticeira. Tal proximidade fazia como que uma exposição de cem quadros holandeses justapostos, de cada residência pobre e silenciosa próxima devido à grande estreiteza desses *calli.* Comprimidos uns contra os outros, esses *calli* dividiam em todos os sentidos, com suas ranhuras, a Veneza recortada entre um canal e a laguna, como se esse pedaço estivesse

alisado segundo essas fórmulas inumeráveis, tênues e minuciosas. De repente da extremidade de uma dessas ruelas, parece que se produziu uma distensão de matéria cristalizada. Um vasto e suntuoso campo, cuja importância certamente não poderia adivinhar no meio desse emaranhado de pequenas ruas, nem localizá-lo, estendia-se à minha frente, cercado de fascinantes palácios, pálido luar. Era um desses conjuntos arquitetônicos para os quais, em outra cidade as ruas convergem, conduzem-nos e os designam. Aqui, parecia escondido de propósito num cruzamento de ruelas, como esses palácios dos contos orientais ao ser conduzido, à noite, alguém que, transportado de volta para casa ao amanhecer, deve poder reencontrar a morada mágica, na qual acaba por crer que esteve em sonhos.

No dia seguinte eu partia em busca da minha bela praça; seguia os canteiros, todos semelhantes, e que se recusavam a dar a menor informação salvo para melhor me extraviar. Por vezes, um vago indício que eu julgava crer, fazia-me supor que veria aparecer, em sua clausura, silêncio e solidão, a praça exilada. Nesse momento, algum gênio mau, que assumira a aparência de uma nova *calle*, fazia-me arrepiar no caminho contra a vontade, e eu subitamente me achava reconduzido ao Grande Canal. E, como não há grandes diferenças entre a lembrança de um sonho e a de uma realidade, acabava por indagar-me se não fora durante o sono que se produzira, num bloco sombrio de cristalização aquela estranha flutuação oferecida por uma vasta praça, rodeada de palácios românticos, à prolongada meditação do luar.

Mas o desejo de não perder para sempre certas mulheres, bem mais do que certas praças, sustentava em mim, em Veneza, uma agitação que se tornou febril no dia em que minha mãe decidiu que partiríamos, quando, no fim do dia, ocasião em que nossas malas já tinham sido expedidas em gôndola para a gare, li num registro de estrangeiros aguardados no hotel: Baronesa Putbus e comitiva. Imediatamente, a idéia de todas as horas de prazer carnal, que a nossa partida me faria perder, fez elevar esse desejo que existia em mim em estado crônico, à altura de um sentimento, mergulhando-o em incerteza e melancolia; pedi a mamãe que adiássemos a partida por alguns dias; e o modo como ela nem por um instante sequer levou em consideração, e nem mesmo a sério, o meu pedido, despertou em meus nervos, excitados pela primavera veneziana, aquele antigo desejo de resistência a um complô imaginário, tramado contra mim por meus pais que pensavam seria eu afinal obrigado a obedecê-los essa vontade de lutar que me impelia outrora a impor brutalmente a minha vontade àqueles a quem mais amava, arriscando-me a me conformar com a deles, após tentar fazer com que cedessem.

Disse a mamãe que não partiria, mas ela, achando mais hábil não dar impressão de pensar que eu dizia aquilo a sério, sequer me respondeu. Retruquei que ela

veria se eu falava a sério ou não. O porteiro trouxe três cartas, duas para ela e uma para mim, que coloquei na carteira, em meio a todas as outras, sem mesmo olhar o envelope. E quando chegou a hora em que, seguida de toda a minha bagagem, ela partiu para a estação, mandei vir uma bebida ao terraço, e ali me instalei contemplando o pôr do sol, enquanto, numa barca parada diante do hotel, um músico entoava o "Sole mio{107}." O sol continuava a baixar.

Agora, minha mãe não devia estar muito longe da estação. Em breve partiria, eu ficaria sozinho em Veneza, a sós com a tristeza de sabê-la magoada por minha culpa, e sem a presença para me consolar. Aproximava-se a hora da partida do trem. Minha solidão irrevogável estava tão próxima que já me parecia principiada e total. Pois eu não me sentia sozinho, as coisas se me tinham tornado estranhas, já não dispunha de calma suficiente para sair do meu coração palpitante e introduzir nelas um pouco de estabilidade. A cidade que estava à minha frente deixara de ser Veneza. Sua personalidade, seu nome, pareciam-me ficções mentirosas que eu já não tinha coragem de inculcar às pedras. Os palácios surgiam-me reduzidos às suas meras partes e quantidades de mármore semelhantes a todas as outras, e a água era uma combinação de hidrogênio e azoto (antigo nome do nitrogênio), eterna, cega, anterior e exterior a Veneza, ignorante dos *doges e de Tuner*.

E todavia esse lugar era estranho como um lugar ao qual acabássemos de chegar, que nos conhece, como um lugar de onde partimos e que já nos esquecemos; não podia dizer-lhe mais nada a meu respeito, não podia deixar mais nada de pousar nele, ele me contraía sobre mim mesmo, eu não era mais que tambor batendo e uma atenção que se seguia ansiosamente o desenrolar dos mais que eu desesperadamente prendesse minhas idéias à bela curva cara da ponte do Rialto, ela me surgia com a mediocridade da evidência, ponto não só inferior mas tão estranho à idéia que formava dele, como um apesar da peruca loura e da roupa negra, sabemos perfeitamente que, em essência, não é Hamlet.

Desse modo, os palácios, o Canal, o Rialto se desprovidos da idéia que compunha a sua individualidade, e dissolvidos em vulgares elementos materiais. Mas, ao mesmo tempo, esse lugar me parecia longínquo. No lago do Arsenal, também devido a um elemento de latitude, existia a singularidade das coisas que, mesmo aparentemente às do nosso país, revelam-se estranhas, exiladas sob outros céus; eu sendo esse horizonte, tão próximo que poderia atingi-lo em uma hora, era uma Terra completamente diversa da dos mares da França, uma curvatura que se encontrava, pelo artifício da viagem, atracada perto de mim; de modo que esse lago do Arsenal, a um tempo insignificante e longínquo, enchia-me mistura de mágoa e de terror que eu havia experimentado bem criança, da vez em que acompanhei minha mãe aos banhos Deligny{108}.

De fato, no local formado por uma água escura que nem o céu nem o sol recobriam, no entanto, comprimida em cabines, sentíamos comunicar-se com o invisível! Profundezas cobertas de corpos humanos de calção, eu me perguntava se essas profundezas, ocultas aos mortais pelas barracas, que nem mesmo permitiam as adivinhássemos da rua, não seriam a entrada dos mares glaciais que ali copiavam; se os pólos não estariam ali compreendidos; e se aquele estreito não era precisamente o mar livre do pólo. Essa Veneza sem simpatia por mim; eu ia ficar sozinho, não me parecia menos isolada, menos irreal, e era a aflição que o canto do *Sole mio*, elevando-se como um lamento da Veneza que havia conhecido, parecia tomar como testemunha. Sem dúvida, seria preciso deixar de ouvi-lo se eu quisesse ainda juntar-me à mamãe e tomar o trem com ela; preciso decidir, sem perda de tempo, que eu partiria, mas era isso justamente o que eu não podia; permanecia imóvel, sem ser capaz não só de erguer-me, porém resolver se o faria. Meu pensamento, sem dúvida para não ter de tomar uma ação, ocupava-se inteiramente em seguir o fraseado sucessivo dos versos de *Sole mio*, em acompanhar mentalmente a voz do cantor, em prever o impulso para arrebatá-la, em deixar-me também seguir com ela; para com ela depois igualmente recair. Sem dúvida, esse canto insignificante, ouvido cem vezes, de modo algum me interessava.

Eu não podia agradar a ninguém, nem a mim mesmo, ouvindo-o religiosamente até o fim. Afinal, nenhum dos motivos dessa canção vulgar, que antecipadamente já conhecia, era capaz de me fornecer a resolução de que eu precisava; mais ainda, cada uma dessas frases melódicas, ao passar por sua vez, tornava-se um obstáculo a que eu tomasse eficazmente essa resolução, ou melhor, obrigava-me à resolução contrária de não partir, pois me fazia perder a hora. Por isso, essa ocupação de ouvir o *Sole mio*, sem prazer em si mesma, carregava-se de uma tristeza profunda, quase desesperada. Eu bem sentia que, na realidade, era a resolução de ficar ali sem me mexer; porém, dizer comigo: "Não parto", o que não me era possível sob esta forma direta, já o era sob esta outra: "Vou ouvir ainda uma frase do *Sole mio*"; mas o significado prático dessa linguagem figurada não me escapava; e, sempre repetindo para mim mesmo: "Afinal, não faço outra coisa senão escutar uma frase a mais", sabia que isto queria dizer: "Ficarei sozinho em Veneza." E talvez fosse essa tristeza, como uma espécie de frio entorpecedor, que formava o encanto desesperado, porém fascinante, daquela canção. Cada nota soltada pela voz do cantor, com uma força e uma ostentação quase musculares, vinha ferir-me em cheio o coração. Quando a frase se consumava em tom grave e o trecho parecia terminado, o cantor não se dava por satisfeito, e recomeçava em tom agudo, como se necessitasse proclamar, uma vez mais, a minha solidão e o meu desespero. Minha mãe já devia ter chegado à estação. Em breve partiria. Eu me sentia oprimido pela angústia que me causava, com a vista do canal tornado pequenino desde que a

alma de Veneza dele se evolara, e do Rialto banal que já não era o Rialto, esse canto de desespero em que se tornara o *Sole mio* e que, clamando assim diante de palácios inconsistentes, acabava por esmigalhá-los, consumando a ruína de Veneza; eu assistia à lenta realização de minha desgraça artisticamente construída, sem pressa, nota por nota, pelo cantor que olhava com espanto o sol parado diante de *São Jorge Maior*, de forma que essa luz crepuscular devia fazer para sempre, em minha memória, com o frêmito de minha emoção e a voz de bronze do cantor, um amálgama equívoco, imutável e pungente.

Assim, permanecia imóvel, com a vontade dissoluta, sem aparente decisão; sem dúvida, nesses momentos, a decisão já está tomada; nossos próprios amigos podem muitas vezes prevê-la. Porém nós de modo algum o podemos e, a não ser isso, tantos sofrimentos nos seriam poupados.

Mas enfim, de abismos mais obscuros do que esses de onde se lança o cometa que podemos prever graças à inesperada potência defensiva do hábito inveterado, graças às reservas ocultas que, num súbito impulso, ele atira à luta à última hora surgia minha ação: desatei a correr e cheguei com as portinholas já cerradas, mas a tempo de encontrar minha mãe, rubra de emoção, contendo-se para não chorar, pois achava que eu já não viria. Depois o trem partiu e vi a seguir, Verona se aproximarem do trem, despedirem-se de nós a estação e, enquanto nos afastávamos, recuperarem elas que não partiam o mar de sua vida-, uma, seus campos, e a outra, a sua colina.

As horas passavam. Minha mãe não se apressou a ler as duas cartas, apenas abrira e procurava também evitar que eu pegasse logo a carteira aquela que o porteiro do hotel me entregara. Continuava receando que eu me cansasse durante as viagens muito longas e cansativas, e adiava para o mais tarde possível, me ocupar durante as últimas horas, o momento em que desembrulhara os cozidos, me passaria os jornais, abriria o pacote de livros que comprara sem dizer nada.

Primeiro, olhei minha mãe: lia a sua carta com espanto, depois a cabeça, e seus olhos pareciam pousar, alternadamente, em lembranças incompatíveis, e que ela não conseguia conciliar. Entretanto, eu havia reconhecido a caligrafia de Gilberte em meu envelope. Abri-o. Gilberte me anunciava seu casamento com Robert de Saint-Loup. Dizia que me havia telegrafado para vários lugares em Veneza, e não obtivera resposta. Lembrei-me como me haviam dito que o telégrafo de lá era ruim. Jamais recebera o seu telegrama. Talvez não acreditasse nisso.

De repente, senti em meu cérebro um fato, que aí instalado sob fiel lembrança, deixava seu lugar e o cedia a outro. O telegrama que eu ultimamente recebera, e que julgara ser de Albertine, era de Gilberte. Como a originalidade artificial da escrita de Gilberte consistia principalmente, quando ela traçava uma linha, fazer figurar, na linha superior, as barras do telegrama que davam a impressão de

sublinhar as palavras ou os pingos dos *ii* que pareciam interromper as linhas de cima e, em compensação, intercalar, na linha de baixo, as caudas e das palavras que lhe estavam superpostas - fora bem natural que o empregado dos telégrafos tivesse lido os caracóis dos *ss* ou dos *yy* da linha superior como *rrr* que terminasse o nome de Gilberte. O pingo sobre o *i* de Gilberte subira para reticências. Quanto ao *G*, tinha o ar de um *A* gótico. Que, fora isso, duas palavras tivessem sido mal lidas, tomadas umas pelas outras (algumas, ali haviam parecido incompreensíveis), isso era o bastante para explicar os restos do meu erro, e nem mesmo isso era necessário. Quantas letras não lê, em palavra, uma pessoa distraída e sobretudo predisposta, que parte da idéia de que, carta é de uma certa pessoa? Quantas palavras na frase? Adivinha-se ao ler, criar tudo parte de um erro inicial. Os erros que se seguem (e não é apenas na leitura de cartas e de telegramas, ou em toda leitura), por mais extraordinários que possa parecer àquele que não adota o mesmo ponto de partida, são perfeitamente naturais. Uma boa parte daquilo em que acreditamos (e o mesmo ocorre até nas expressões extremas), com teimosia e boa-fé idênticas, decorre de um engano quanto às premissas.

Q uarta Parte

Novo Aspecto de Robert de Saint-Loup

- Oh, é incrível - disse mamãe. - Escuta, a gente já não se espanta de nada na minha idade, mas eu te afirmo que não existe mais inesperado que a notícia que esta carta me anuncia. - Ouve bem - respondi -, não sei do que se trata, mas por mais espantoso que possa ser isso, não pode sê-lo tanto quanto a notícia que me dá a minha carta. É um casamento. Trata-se de Robert de Saint-Loup que se casa com Gilberte Swann.

- Ah! - disse mamãe. - Então é o que me anuncia, sem dúvida, a outra carta, a que ainda não abri, pois reconheci a escrita do teu amigo.-

E mamãe me sorriu com essa leve emoção de que desde que perdera a mãe, revestia-se todo acontecimento, por insignificante que fosse, que interessasse criaturas humanas capazes de dor, de recordação, e que também tivessem seus mortos. Assim, mamãe me sorriu, e falou com voz doce, como se receasse, comentando de forma ligeira esse casamento, omitir o que ele pudesse despertar, de impressões melancólicas, na filha e na viúva de Swann, e na mãe de Robert, prestes a separar-se de seu filho, e às quais, por bondade, por simpatia diante da bondade delas para comigo, emprestava sua própria emotividade filial, conjugal e materna.

- Não tinha razão em te dizer que não acharias nada mais espantoso? - disse-lhe eu.

- Pois bem, achei sim! - respondeu ela com voz doce.

- Eu é que tenho a notícia mais extraordinária, não direi "a maior, a menor", pois esta citação de Sévigné, feita por todas as pessoas que dela só conhecem isso, desgostava a tua avó tanto quanto "a bela coisa que é perder o viço". Não nos dignemos a recolher este Sévigné de todo o mundo. Esta carta me anuncia o casamento do jovem Cambremer.

– Ora - disse eu com indiferença e com quem? Mas, em todo caso, a personalidade do noivo já retira todo o caráter sensacional a esse casamento.

- A menos que a da noiva não lhe assegure esse caráter.

- E quem é a noiva?

- Ah, se te digo imediatamente, não há mérito algum; ora, vamos, pensa um pouco - disse mamãe, que, vendo que ainda não tínhamos chegado a Turim, desejava deixar-me como que um pouco de pão para roer e de licor de pêra a

fim de matar a sede.

- Mas como queres que eu saiba? Será alguém brilhante? Se Legrandin e a irmã estão satisfeitos, podemos estar certos de que se trata de um casamento brilhante.

- Quanto a Legrandin, não sei, mas a pessoa que me anuncia o casamento diz que a Sra. de Cambremer está deslumbrada. Não sei se chamarias a isso um casamento brilhante. A mim, causa-me o efeito de um casamento dos tempos em que os reis desposavam as moças e no caso a pastora é ainda menos que isso, apesar de encantadora, deveria ter deixado estupefata a tua avó e não lhe agradaria nada.

- Mas, afinal, que noiva?

- É a Srta. d'Oloron.

- Isso me parece grandioso e nada pastoril, adivinho quem possa ser. É um título que pertence à família dos Guermantes. Justamente, e o Sr. de Charlus o doou à sobrinha de Jupien, ao adotá-la. É ele se casa com o jovem Cambremer.

- A sobrinha de Jupien! Não é possível recompensa da virtude. É um casamento como no final de um romance. - disse mamãe.

"É o prêmio do vício, é um casamento como no final romance de Balzac", pensei.

- Afinal de contas - disse eu à minha mãe - bem, é muito natural.

- Aí estão os Cambremer ancorados nesse clã dos Guermantes onde não esperavam poder jamais assentar acampamento; além do mais, a adotada pelo Sr. de Charlus, terá muito dinheiro, o que será indispensável que os Cambremer perderam o seu; enfim, é filha adotiva e, segundo outros provavelmente filha verdadeira - filha natural - de alguém que eles consideravam como príncipe de sangue. Um bastardo de casa quase real; isto sempre foi honrado como uma aliança lisonjeira pelos nobres da França e do exterior. Sem ir tão longe; pertinho de nós, há seis meses apenas entre os Lucinge, um casamento do amigo de Robert com aquela moça cuja única razão social supunham, certo ou erroneamente, filha natural de um príncipe soberano. Sem deixar de lado esse sentido de castas de Combray, que faria com que minha avó se escandalizasse com tal casamento, querendo acima de tudo o julgamento de sua própria mãe – acrescentei.

- Aliás, a menina é perfeitamente querida de tua avó, nem precisaria de sua imensa bondade, de sua indulgência para não ser severa com a escolha do jovem Cambremer. Lembras-te o quanto havia achado distinta essa pequena, faz muito tempo, no dia em que entrou na casa de Jupien para coser a saia? Não passava de uma criança, à época E apesar de bem mais madura e até solteirona, é outra mulher, mil vezes mais. Mas a tua avó, num relance, discernira tudo isso. Achara

a pequena sobrinha do coleteiro mais "nobre" que o duque de Guermantes.- Mais ainda que louvara minha avó, era preciso à minha mãe achar "melhor" para ela já não estar presente a isso. Era a suprema finalidade de sua ternura, e como se lhe poupasse com um último desgosto. - E todavia - disse mamãe - imagina se o velho Swann (que conheceste, é verdade) seria capaz de adivinhar que um dia haveria de ter um bisneto ou uma bisneta em que se misturasse o sangue da tia Moser, que "Pom tia, zenhorres" com o sangue do duque de Guise!

- Mas olhe, mamãe, é mais espantoso do que pensas. Pois os Swann eram pessoas muito simpáticas com a situação que tinha o filho, se tivesse feito um bom casamento, sua filha poderia ter feito um ótimo. Mas tudo deu em nada, visto que ele se casou com uma cocote.

- Oh! Uma cocote, sabes, as pessoas podem ser maldosas. Jamais acreditei muito nisso.

- Sim, uma cocote, outro dia até posso te fazer revelações... de família. -

Perdida em seu devaneio, mamãe dizia:

- A filha de uma mulher que teu pai jamais teria permitido que eu cumprimentasse, desposando o sobrinho da Sra. de Villeparisis, que teu pai, a princípio, não permitia que eu visitasse, porque a julgava pertencer a uma sociedade brilhante demais para nós! - E depois: - O filho da Sra. de Cambremer, para quem Legrandin tanto receava ter de nos dar uma recomendação porque nos considerava pouco chiques, desposando a sobrinha de um homem que nunca teria ousado subir à nossa casa senão pela escada de serviço... Ainda assim, tua pobre avó tinha razão, tu te lembras, quando dizia que a grande aristocracia fazia coisas que haveriam de chocar os pequeno-burgueses, e que a rainha Maria Amélia, na sua opinião, se rebaixara, interessando-se junto à amante do príncipe de Condé, para que ela o fizesse testar em favor do duque de d'Aumale. Tu te lembras, tua avó também se sentia chocada pelo fato de que, durante séculos, as moças da família Gramont, que foram verdadeiras santas, tenham usado o nome de Corisande em memória da ligação de uma de suas avós com Henrique IV. São coisas que talvez também se façam na burguesia, porém mais escondido. Achas que isso teria divertido a tua pobre avó? - dizia mamãe com tristeza, pois as alegrias que lamentávamos não estarem mais ao alcance de minha avó eram as mais simples da vida, uma notícia, uma peça, menos que isso, uma "imitação" que a teria divertido. - Achas que ela teria ficado espantada? No entanto, estou certa de que isso teria chocado a tua avó, esses casamentos, tudo isso lhe teria sido penoso. Acho que mais vale que não tenha sabido de nada - repetiu minha mãe, pois, diante de qualquer acontecimento, gostava de imaginar que minha avó tivesse dele uma impressão muito particular, devido à maravilhosa singularidade de sua natureza, e que tinha uma importância extraordinária. Em face a qualquer

acontecimento triste, que antigamente não teria sido possível prever, alguma calamidade pública, uma epidemia, uma guerra, uma revolução, minha mãe dizia consigo que talvez fosse preferível que minha avó não tivesse visto nada daquilo, que aquilo a deixaria muito aflita e que talvez ela não pudesse suportá-lo. E, quando se tratava de uma coisa chocante como essa, minha mãe, por um movimento de coração inverso ao dos malvados que se comprazem em imaginar que seus inimigos sofreram mais do que se pensa, não queria, em sua ternura por minha avó, admitir que nada que fosse triste, ou que a diminuísse, pudesse atingi-la. Imagina sempre minha avó como estando acima de qualquer mal que ocorresse, dizia consigo que a morte de minha avó, afinal, talvez houvesse sido um bem, poupando o espetáculo demasiadamente feio do tempo atual a essa natureza tão nobre que teria se resignado a tanto. Pois o otimismo é a filosofia do passado. Como, entre todos os possíveis, os acontecimentos ocorridos eram os únicos que apreciaríamos, o mal que nos causaram parece-nos inevitável, e o pequeno bem não puderam deixar de trazer consigo, atribuímo-lo a eles, pensando que não se teriam produzido. Ela procurava adivinhar melhor o que teria sentido minha avó ao saber dessas notícias e, ao mesmo tempo, julgava que tal adivinhava ser impossível para os nossos espíritos menos elevados que o dela. - Imaginando logo - mamãe disse - como tua pobre avó teria ficado espantada! - E eu sentia o pensamento de minha mãe por não poder contar-lhe nada, lastimando que minha vida pudesse conhecer, e achando um tanto injusto que a vida trouxesse fatos em que minha avó não teria podido acreditar, tornando assim, retrospectivamente, falso e incompleto o conhecimento que ela levara das pessoas e da sociedade, pois o casamento da sobrinha de Jupien com o sobrinho de Legrandin, natureza a modificar as noções gerais de minha avó, tanto quanto a notícia de minha mãe pudesse transmiti-la de que se conseguira resolver o problema; minha avó julgara insolúvel, da navegação aérea e do telégrafo sem fio. Mesmo que esse desejo de fazer minha avó partilhar os benefícios de nossas vidas logo pareceu extremamente egoísta a minha mãe. O que fiquei sabendo pudera assistir a tudo isso de Veneza-é que a Srta. de Forcheville tinha sido em seu casamento pelo duque de Châtellerault e pelo príncipe de Silistrie, ao pai de Saint-Loup tentava casar-se com a Srta. d'Entragues, filha do duque de Luxemburgo. Eis o que se passara. Tendo a Srta. de Forcheville uma fortuna de cem milhões; a Sra. de Marsantes pensara que seria um bom casamento para seu filho. Com o erro de dizer que se tratava de uma jovem encantadora, que ignorava totalmente se ela era rica ou pobre, e nem queria sabê-lo; mas que, mesmo sem dote, a sorte para o rapaz mais exigente alcançar uma mulher assim. Era muita ambição para uma mulher tentada apenas pelos cem milhões, que lhe fechavam quanto ao resto. Logo se percebeu que ela pensava no dinheiro para a princesa de Silistrie reclamou em altos brados por toda parte, divulgou as falências de Saint-Loup, e proclamou que, se Saint-Loup desposasse a filha de

um judeu, não haveria mais o faubourg Saint-Germain. Por muito segura, mesma que estivesse, a Sra. de Marsantes não ousou ir além e se retirou com os gritos da princesa, a qual imediatamente fez o pedido para o seu próprio. Gritara apenas para reservar Gilberte para si própria. Entretanto, a Sra. de Marsantes não querendo ser derrotada, logo se voltou para a Srta. d'Entragues, filha de Luxemburgo. Tendo apenas vinte milhões, esta convinha-lhe menos; ela, disse a todos que um Saint-Loup não podia casar-se com uma Swann (já tratava de uma Forcheville). Algum tempo depois, quando alguém falou, estritamente, que o duque de Châtellerault pensava em desposar a Srta. D'Entragues. Srta. de Marsantes, que era suscetível como ninguém, mudou suas batalhas e retornou a Gilberte, mandou pedi-la em casamento para Saint-Loup o que celebrou-se imediatamente.

Esse noivado despertou vivos comentários nas mais diferentes rodas. Várias amigas de minha mãe, que tinham visto Saint-Loup em nossa casa, compareceram no seu "dia" para se informar se o noivado era justo aquele amigo meu. Certas pessoas chegavam a afirmar, no caso do outro casamento, que não se tratava dos Cambremer-Legrandin. Sabia-se de boa fonte, pois a marquesa, Legrandin de nascimento, o desmentira na própria véspera do dia em que o noivado se publicara.

De minha parte, eu indagava a mim mesmo por que o Sr. de Charlus, por um lado, e Saint-Loup, por outro, que tinham tido ocasião de me escrever pouco antes, haviam-me falado de projetos tão amistosos de viagens e cuja realização deveria excluir a possibilidade de tais cerimônias, sem se referirem a tais casamentos. Concluía eu daí, sem sonhar com o segredo que se guarda até o fim sobre esse tipo de coisas, que era menos chegado a eles do que imaginava, o que, no tocante a Saint-Loup, me entristecia. Também, tendo reparado que a amabilidade, o jeito franco, "de igual para igual", da aristocracia era uma comédia, porque me espantava o ser excluído? Na casa de mulheres onde cada vez mais se procuravam homens - onde o Sr. de Charlus surpreendera Morel e onde a "subdiretora", que lia muito o Gaulois, comentava as notícias mundanas, ela, falando a um cavalheiro gordo, que ali vinha beber continuamente champanha na companhia de rapazes, porque, já muito obeso, queria se tornar bastante obeso para estar certo de não ser "pego" em caso de guerra, declarou:

- Parece que o pequeno Saint-Loup também é desse jeito, e o jovem Cambremer igualmente.

- Pobres esposas! Em todo caso, se o senhor conhece esses noivos, precisa trazê-los aqui; pois aqui eles encontrarão tudo o que quiserem, e há muito dinheiro a ganhar com eles. -

Ao que o senhor gordo, embora ele próprio fosse desse jeito, protestou,

retrucando, um tanto esnobe, que muitas vezes tinha encontrado Saint-Loup e Cambremer na casa de seus primos d'Ardonvillers, e que eles eram grandes apreciadores de mulheres e bem o oposto desse jeito.

- Ah - concluiu a sub-diretora em tom cético, mas sem possuir nenhuma prova e convencida de que, no nosso século, a perversidade dos costumes vai de par com o absurdo calunioso dos mexericos.

Certas pessoas com quem não estive me escreveram indagando o que é que eu pensava acerca dos dois casamentos, exatamente como se tivessem iniciado uma enquete sobre o tamanho dos chapéus das mulheres no teatro ou sobre o romance psicológico. Não tive coragem de responder a essas cartas. Dos dois casamentos eu não pensava nada, mas sentia uma imensa tristeza, como ocorre quando duas partes de nossa existência antiga, atracadas junto a nós, e sobre as quais depositáramos no dia-a-dia. Preguiçosamente talvez, alguma esperança inconfessa, se afastam em definitivo, num alegre estalar de flâmulas, para destinos estranhos, como dois navios. Quanto os próprios interessados, tiveram a respeito de seus casamentos uma opinião natural, pois tratava-se deles e não dos outros. Jamais tinham escarnecido acerca desses "grandes casamentos" fundados numa tara secreta.

E até os Cambremer, de casa tão antiga e de pretensões tão modestas, teriam primeiro a esquecer Jupien e a se lembrar apenas das grandezas inauditas de Oloron, caso não ocorresse uma exceção na pessoa que mais deveria lisonjeada com esse casamento, a marquesa de Cambremer-Legrandin, malvada por natureza, punha o prazer de humilhar os seus acima da glorificação de si mesma. Assim, não amando o filho e tendo logo emburrado com a futura, declarou que era uma desgraça para um Cambremer casar-se com uma saída não se sabia de onde e que, afinal de contas, tinha os dentes enfileirados.

Quanto à tendência do jovem Cambremer de freqüentar homem de letras como Bergotte, por exemplo, e até Bloch, vê-se bem que uma tão boa aliança não teve por efeito fazê-lo mais esnobe, mas que, sentindo-se agora o senhor dos duques de Oloron, "príncipes soberanos" como diziam os jornais, bastante persuadido de sua grandeza para poder conviver com qualquer pessoa; abandonou a pequena nobreza pela burguesia inteligente, nos dias em que dedicava às altezas. Essas notas dos jornais, sobretudo no que se referia à Loup, deram ao meu amigo, cujos antepassados reais eram enumerados, grandeza nova; mas que só fez me entristecer, como se ele se tivesse transformado em outra pessoa, o descendente de Roberto, o Forte, em vez do amigo que se colocado, algum tempo antes, no assento móvel do carro para que eu ficasse melhor atrás; o fato de não ter suspeitado antes de seu casamento com Gilberte, cuja verdade me aparecera de súbito naquela carta, tão diferente de tudo o que podia pensar deles na véspera, inopinado como um precipitado químico, me fez sofrer, quando eu deveria

imaginar que ele tinha muito que fazer, e que, além dos casamentos, na sociedade, muitas vezes se fazem assim de golpe, não raro de substituir uma combinação diversa que fracassou. E a tristeza, deprimente uma mudança de casa, amarga como o ciúme, que me causaram pela brusquidão, pelo seu choque acidental, esses dois casamentos, foi tão profundo que mais tarde houve quem a lembrasse, gabando-se absurdamente por isso; tendo sido exatamente o oposto do que foi naquele momento: um duplo e um triplo e quádruplo pressentimento.

Pessoas da sociedade, que não tinham prestado a mínima atenção em Gilberte, disseram-me com um ar de grave interesse:

- Ah, é aquela que se casa, com o marquês de Saint-Loup - lançavam-lhe olhares atentos de pessoas não ávidas por acontecimentos da vida parisiense, mas que também buscam interessadas em acreditar na acuidade do próprio olhar. Ao contrário, as que só haviam conhecido Gilberte encararam Saint-Loup com extrema atenção, me pediram (em geral pessoas que mal me conheciam) para lhe ser apresentadas e, voltando da apresentação ao noivo adornadas com as alegrias do regozijo, diziam-me:

- É muito parecido. -

Gilberte estava convencida de que o nome de marquês de Saint-Loup era mil vezes maior que o do duque de Orléans, mas como, antes de mais nada, pertencia à sua geração (ou melhor, identidade) espiritual, não quis parecer menor de espírito que os outros, e agradava-lhe dizer *mater semita*, ao que acrescentava, para se mostrar bem espirituosa:

- Quanto a mim, em compensação, é meu *pater*.

- Parece que foi a princesa de Parma quem fez o casamento do pequeno Cambremer - me disse mamãe.

E era verdade. A princesa de Parma, devido a suas obras, conhecia, por um lado, o Sr. Legrandin, a quem considerava um homem distinto, e, por outro, a Sra. de Cambremer, que mudava os rumos da conversa sempre que a princesa lhe perguntava se ela era mesmo irmã de Legrandin. Conhecia o desgosto da Sra. de Cambremer por ter ficado à porta da alta aristocracia, onde ninguém a recebia. Quando a princesa de Parma, que se encarregara de achar um partido para a Srta. de Oloron, indagou ao Sr. de Charlus se sabia quem era um homem amável e instruído que se chamava Legrandin de Méséglise (era assim que Legrandin se fazia chamar agora), o barão primeiro disse que não; depois, de repente, ocorreu-lhe a lembrança de um viajante que havia conhecido uma noite num vagão, e que lhe deixara seu cartão de visitas. Tive um breve sorriso.

"Talvez seja o mesmo", disse consigo.

Quando soube que se tratava do filho da irmã de Legrandin, exclamou:

- Vejam só! Seria de fato extraordinário. Se saiu ao tio, afinal eu não teria de me espantar. Eu sempre disse que dariam ótimos maridos.

- Eles, quem? - perguntou a princesa.

- Oh, minha senhora, eu bem lhe explicaria se nos víssemos amiúde. Com a senhora as pessoas podem conversar. Vossa Alteza é tão inteligente - disse Charlus, tomado de uma necessidade de confidências que todavia não foi muito longe.

O nome de Cambremer lhe agradou, embora não gostasse dos parentes; mas sabia que era um dos quatro baronatos da Bretanha, e tudo o que podia esperar de melhor para a filha adotiva era um nome antigo, respeitado, com sólidas alianças na sua província. Um príncipe teria sido impossível e, aliás, indesejável. O que precisava era daquilo. A seguir, a princesa mandou que chamassem Legrandin. Este, fisicamente, mudara muito, e para melhor, desde algum tempo. Como as mulheres que sacrificam resolutamente o rosto à esbeltez do talhe e já não deixam Marienbad, Legrandin assumira o aspecto desenvolto de um oficial de cavalaria. A medida que o Sr. de Charlus se tornava pesadão e entorpecido, Legrandin se fizera mais rápido e elegante, efeito contrário de uma mesma causa. Aliás, essa velocidade possuía motivos psicológicos. Tinha o hábito de freqüentar certos lugares de má fama, onde não gostava que o vissem entrar nem sair: abismava-se neles. Quando a princesa de Parma lhe falou dos Guermantes e de Saint-Loup, ele declarou que sempre os conhecera, fazendo uma espécie de mistura entre o fato de ter sempre conhecido de nome os castelões de Guermantes e o de ter encontrado na casa da minha tia, a Swann, pai da futura Sra. de Saint-Loup. Swann, de quem aliás, em Combray, não queria freqüentar nem a mulher nem a filha disse:

- Cheguei até viajar como irmão do duque de Guermantes. Ele espontaneamente puxou conversa, o que sempre é um bom sinal, por que não se trata de um idiota nem de um presumido. Oh, sei de tudo a seu respeito. Mas não acredito nunca nessas coisas. Além do mais, a vida dos outros não me interessa. Ele me deu a impressão de uma pessoa sensata de um espírito fino. - Então a princesa de Parma falou da Srta. de Oloron. No Guermantes, todos se enterneceram com a nobreza de coração do senhor de que, bondoso como sempre fora, fazia a felicidade de uma jovem pobre e encantadora. E o duque de Guermantes, sofrendo com a fama do irmão, dava a que, por mais bonito que fosse o gesto, era uma coisa natural.

- Não sei se, entender bem, tudo é natural neste negócio - dizia desastradamente, à habilidade. Mas o seu objetivo era indicar que a moça era filha de seu irmão e reconhecia. Do mesmo golpe, isto explicava Jupien. A princesa de Parma continuou essa versão para mostrar a Legrandin que afinal o jovem Cambremer

casaria alguém como a Srta. de Nantes, uma dessas bastardas de Luís XIV foram desdenhadas nem pelo duque de Orléans nem pelo príncipe.

Esses dois casamentos, de que falávamos, minha mãe e eu, no trem que nos levava de volta a Paris, tiveram efeitos bastante notáveis sobre certas pessoas que apareceram até aqui nesta narrativa. Primeiro sobre Legrandin; é inútil ele entrou como um furacão no palacete do Sr. de Charlus, exatamente como na casa mal-afamada, onde não convém que sejamos vistos, e também para, ao mesmo tempo, mostrar sua coragem e ocultar a idade, pois os nossos hábitos seguem o mesmo onde não nos servem para nada - e quase ninguém observa dizendo-lhe bom-dia, o Sr. de Charlus lhe dirigiu um sorriso difícil de pena mais ainda, de interpretar; tal sorriso era semelhante, na aparência - e no entanto era exatamente o inverso - daquele que dois homens, que têm o hábito de darem na melhor sociedade, trocam quando por acaso se encontram num lugar importante (por exemplo, no Élysées, onde o general de Froberville, quando outrora ali encontrou Swann, tinha, ao avistá-lo, o olhar de irônica e misteriosa cumplicidade do convivas da princesa des Laumes que se expõem indo à casa do Sr. Grávy). O mais notável foi a verdadeira melhora da sua natureza. Legrandin cultivava raramente, havia já muito tempo - desde o tempo em que eu, criança, ia passar as férias em Combray - relações aristocráticas capazes, no máximo, de receber um convite isolado para um feriado infrutífero. Subitamente, o casamento de seu sobrinho viera juntar entre si esses fragmentos distantes, e Legrandin adquiriu situação mundana à qual, retroativamente, suas antigas relações com pessoas só o haviam freqüentado em caráter particular, mas intimamente, deram uma espécie de solidez. Senhoras a quem pretendiam apresentá-lo contavam que fazia anos ele passava quinze dias no campo em casa delas, e que fora ele quem fizera o belo barômetro antigo da saleta. Surpreenderam-no, por acaso, em "grupos" onde figuravam duques que agora lhe eram aparentados. Pois bem, desde que obteve essa situação mundana não deixou de se aproveitar dela. Não foi apenas porque, agora que o sabiam recebido, já não sentisse prazer em ser convidado. É que, dos dois vícios que por muito tempo o haviam disputado, o menos natural, o esnobismo, cedia lugar a um outro menos artificial, pois ao menos assinalava uma espécie de volta à natureza, ainda que deturpada. Sem dúvida, tais vícios não são incompatíveis, e a exploração de um *faubourg* pode-se praticar deixando-se a reunião de uma duquesa. Mas o arrefecimento da idade afastava Legrandin da acumulação de tantos prazeres e das saídas casuais, e também lhe restituía os de natureza bastante platônica, que consistiam sobretudo em amizades, em conversações que demoraram, e, fazendo-o passar quase todo o seu tempo no meio do povo, deixavam-lhe pouco para a vida na sociedade. A própria Sra. de Cambremer tornou-se muito indiferente à amabilidade da duquesa de Guermantes. Esta, obrigada a freqüentar a marquesa, descobrira, como sucede toda vez que se convive mais com seres humanos, isto é, com essa mistura de

qualidade que acabamos por perceber e de defeitos aos quais nos habituamos, que a Sra. de Cambremer era mulher dotada de uma inteligência e de uma cultura que, por mim, eu pouco apreciava, mas que pareceram notáveis à duquesa. Assim, ia muitas vezes à tardinha visitar a Sra. de Cambremer e se demorava bastante. Mas o maravilhoso encanto que a Sra. de Cambremer imaginava existir na duquesa de Guermantes logo se desvaneceu quando se viu procurada por ela; e a recebia mais por polidez que por prazer.

Uma reviravolta mais impressionante se manifestou em Gilberte, a um tempo simétrica e diversa da que ocorrera em Swann depois de casado. É claro que, nos primeiros meses, Gilberte sentira-se feliz por receber em sua casa a sociedade mais escolhida. Sem dúvida, era apenas por causa da herança que se convidavam as amigas íntimas de que sua mãe fazia tanta questão, mas somente em certos dias em que apenas elas se achavam presentes, fechadas à parte, longe das pessoas elegantes, e como se o contato da Sra. Bontemps ou da Sra. Cottard com a princesa de Guermantes ou a princesa de Parma pudesse, como o de dois pós instáveis, causar catástrofes irremediáveis. Não obstante, os Bontemps, os Cottard e os demais, embora decepcionados por jantarem entre si, estavam orgulhosos de poder dizer: "Jantamos em casa da marquesa de Saint-Loup", tanto mais quanto às vezes se levava a audácia a ponto de convidar com eles a Sra. de Marsantes, que se mostrava de fato uma grande dama com seu leque de tartaruga e plumas, sempre de olho na herança. Apenas, de vez em quando, ela tomava o cuidado de fazer o elogio de pessoas discretas, que só vemos quando lhes fazemos um sinal, advertência mediante a qual dirigia aos bons entendedores do tipo Cottard, Bontemps etc., a sua saudação mais altiva e graciosa. Talvez por causa da minha "amiguinha de Balbec", a tia dela a quem eu gostava de ver naquele meio, eu preferisse fazer parte destas séries. Porém Gilberte, para quem eu era agora principalmente um amigo e dos Guermantes (e que, talvez desde Combray, onde meus pais não freqüentavam a mãe dela, havia me dotado, na idade em que não acrescentamos apenas aquela qualidade às coisas mas as classificamos por espécies, desse presto não mais perdemos), considerava essas reuniões como indignas de mim e eu me despedia, comentava:

- Fiquei muito contente em vê-lo, mas venha depois de amanhã, pois verá minha tia Guermantes e a senhora de eram só amigas de mamãe, para agradar a mamãe. -

Mas isto só durou meses, e bem depressa tudo foi mudado de alto a baixo. Seria porque a vida de Gilberte deveria apresentar os mesmos contrastes que a de Swann? Caso, Gilberte era só há tão poucos meses marquesa de Saint-Loup (e logo como se verá, duquesa de Guermantes), que, tendo alcançado o que mais brilhante e difícil, julgando que o nome de Guermantes agora se havia pregado a ela como um esmalte vistoso, achava que, fosse quem fosse que a freqüentar,

ficaria sendo para todos a duquesa de Guermantes (o que era pois o valor de um título de nobreza, como na Bolsa, sobe quando a procura é baixa quando é oferecido. Tudo o que nos parece imperecível tende à destruir uma situação mundana, como qualquer outra coisa, não é criada de uma vez por todas, mas exatamente como o poderio de um império, se reconstrói a cada tempo, por uma espécie de criação perpetuamente contínua, o que explica as aparentes anomalias da história mundana ou política no curso de um meio século. Acerto do mundo não teve lugar no começo; ela ocorre todos os dias. A marquesa Saint-Loup dizia consigo:

"Sou a marquesa de Saint-Loup"; sabia que recebera na véspera três jantares em casa de duquesas. Mas se, em certa medida, se valorizava o meio tão pouco aristocrático que ela recebia, por um movimento o meio que recebia a marquesa depreciava o nome que ela trazia. Nada regia tais movimentos, os maiores nomes acabam por sucumbir. Não conhecera uma princesa da casa de França cujo salão, onde qualquer um era recebido ao último nível? Um dia em que a princesa des Laumes fora por obrigação um momento na casa dessa Alteza, onde só encontrara gente sem expressão, ao chegar depois à casa da Sra. Leroi comentara com Swann e com o marquês Modena: "Enfim, encontro-me em país amigo. Venho da casa da senhora de X e lá não havia três pessoas conhecidas." Em uma palavra, compartilhara a opinião daquele personagem de opereta, que declara: "Meu nome dispensa, creio eu, de dizer mais nada".

Gilberte pôs-se a ostentar desprezo pelo que desejara, a afirmar que todas as pessoas do *faubourg* Saint-Germain eram idênticas; impossíveis de freqüentar e, passando das palavras à ação, deixou de freqüentá-las. Pessoas que só a conheceram depois dessa época e, dele os primeiros contatos, ouviram-na, feito uma duquesa de Guermantes, zombar alegremente da sociedade com que lhe seria tão fácil conviver, e, como não a vissem receber uma só pessoa dessa sociedade, pois se apenas uma, até mesmo a mais brilhante, aventurava-se a ir à sua casa, era recebida com um bocejo enrubesciam retrospectivamente de vergonha por terem podido achar algum fascínio na alta roda, e jamais teriam coragem de confessar esse segredo humilhante de suas fraquezas passadas a uma mulher a quem julgavam, por uma elevação essencial de sua natureza, ter sido sempre incapaz de compreendê-las. Ouvem-na troçar com tanto espírito dos duques, e a vêem, coisa ainda mais significativa, harmonizar sua conduta tão inteiramente com tais zombarias! Sem dúvida, não pensem em indagar os motivos do acidente que transformou a Srta. Swann na Srta. de Forcheville, e esta na marquesa de Saint-Loup e depois na duquesa de Guermantes. Talvez igualmente não pensem que esse acidente serviria, mais pelas causas que pelos efeitos, para explicar a atitude posterior de Gilberte, pois o convívio com plebeus não é concebido da mesma maneira como o faria a Srta. Swann, por uma dama

a quem todos chamam "senhora duquesa", e as duquesas, que a entediam, "minha prima". Desdenha-se de bom grado um objetivo que não se pôde atingir, ou que se atingiu definitivamente. E esse desdém nos parece fazer parte de pessoas que ainda não conhecemos. Talvez, se pudéssemos retroceder no curso dos anos, víssemos tais pessoas dilaceradas, mais freneticamente que quaisquer outras, por esses mesmos defeitos que elas conseguiram mascarar ou vencer de forma tão completa que as julgamos incapazes não só de algum dia terem sido atingidas por eles, como até mesmo de sequer desculpá-los nos outros, por não serem capazes de concebê-los. Aliás, o salão da nova marquesa de Saint-Loup em breve assumiu o seu aspecto definitivo (ao menos do ponto de vista mundano, pois veremos as perturbações que deveriam atingi-lo por outros meios). Ora, tal aspecto era surpreendente por isso: as pessoas recordavam ainda que as recepções mais pomposas e mais requintadas de Paris, tão brilhantes como as da princesa de Guermantes, eram as da Sra. de Marsantes, mãe de Saint-Loup. Por outro lado, nos últimos tempos, o salão de Odette, infinitamente menos bem cotado, não tinha sido menos borbulhante de luxo e de elegância. Ora, Saint-Loup, feliz por possuir, graças à grande fortuna da esposa, tudo o que podia desejar em matéria de conforto, só pensava em ficar tranqüilo depois de um bom jantar, quando os artistas vinham tocar-lhe boa música. E esse rapaz, que em certa época havia parecido tão altivo, tão ambicioso, considerava, para partilhar o seu luxo, camaradas que sua mãe não teria recebido. Por seu turno, Gilberte punha em prática as palavras de Swann: "A qualidade me transporta pouco, mas eu temo a quantidade." E Saint-Loup, tão de joelhos diante de sua mulher, e porque a amava, e lhe devia precisamente esse luxo externo, não tinha como contrair esses gostos tão semelhantes aos seus. De modo que as recepções da Sra. de Marsantes e da Sra. de Forcheville, dadas antes de tudo com vistas a uma situação brilhante para seus filhos, não dera nenhuma recepção do Sr. e da Sra. de Saint-Loup. Eles possuíam os cavalos para montarem juntos, o mais belo iate para fazer cruzeiros - mas, muito, levavam dois convidados. Em Paris, tinham todas as noites três amigos para jantar, não mais: de modo que, por uma regressão imprevista, via natural, cada um dos dois aviários imensos das mães fora substituída num ninho silencioso.

A pessoa que menos desfrutou dessas duas uniões foi a jovem Oloron, que, já atingida pela febre tifóide no dia do matrimônio religioso, foi penosamente até a igreja e morreu semanas depois. A participação pouco após a sua morte, misturava nomes como o de Jupien quase aos maiores títulos da Europa, como os do visconde e da viscondessa de Mont de S. A. R; a condessa

de Bourbon-Soissons; do príncipe de Modena; viscondessa de Edumea, de Lady Essex, etc. etc. Sem dúvida, mesmo sabendo que a falecida era sobrinha de Jupien, o número de todas essas alianças não devia surpreender. Tudo, com

efeito, está em selar uma grande união. Então, dando-se o g*asus foederis*{109}, a morte da pequena plebéia envolve todas as famílias principescas da Europa.

Porém nas novas gerações reais poderiam tomar Marie-Antoinette de Oloron, marquesa de Cambremer, por uma dama do mais alto nascimento, como ainda poderiam cometer muitos outros ao lerem essa participação. Assim, por menos que suas excursões pela França tivessem feito conhecer um pouco a região de Combray, poderiam não sem nenhum espanto ao verem que os nomes da Sra. L. de Méséglise e de Méséglise figuravam entre os primeiros na participação, e bem próximos do duque de Guermantes: o lado de Méséglise e o lado de Guermantes se "Velha nobreza da região, talvez aliada há várias gerações" poderiam dizer mesmo:

-"Quem sabe? Talvez seja um ramo dos Guermantes que ostente o de condes de Méséglise."

Ora, o conde de Méséglise não tinha nada a ver com os Guermantes e nem sequer fazia parte do lado Guermantes, mas do lado Cambremer; pois o conde de Méséglise, que por um avanço rápido, permanecera somente dois anos como Legrandin de Méséglise, era o nosso velho amigo Legrandin sem dúvida, falso título por falso título, haveria poucos como este tão desagradáveis aos Guermantes. Outrora, tinham sido aliados aos verdadeiros condes dos quais restava apenas uma mulher, filha de gente obscura e degradada. A própria casada com um gordo caseiro enriquecido da minha tia, chamado Ménager, que lhe comprara Mirougrain, fazendo-se agora chamar Ménager de Mirougrain, de modo que, ao se dizer que sua mulher nascera De Méséglise, pensava-se antes que devia ter nascido em Méséglise, como seu marido em Mirougrain.

Qualquer outro título falso teria dado menos aborrecimentos aos Guermantes. Mas a aristocracia sabe assumi-los, e muitos outros ainda, no instante em que está em jogo um casamento considerado útil sob todo ponto de vista. Acobertado pelo duque de Guermantes, Legrandin foi, para uma parte dessa geração, e o seria para a totalidade da geração seguinte, o verdadeiro conde de Méséglise. Outro erro ainda, que todo jovem leitor mal informado seria induzido a cometer: o de crer que o barão e a baronesa de Forcheville assinavam a participação na qualidade de parentes e sogros do marquês de Saint-Loup, isto é, do lado Guermantes. Ora, nesse lado não lhes cabia figurar, pois Robert é que era parente dos Guermantes, e não Gilberte. Não é verdade que o barão e a baronesa de Forcheville, apesar dessa falsa aparência, figuravam do lado da noiva, e não do lado Cambremer, mas isto não por causa dos Guermantes, mas de Jupien, de quem o nosso leitor mais instruído sabe que Odette era prima.

Desde o casamento de sua filha adotiva, todo o favor do Sr. de Charlus recaíra sobre o jovem marquês de Cambremer; os gostos deste, que eram semelhantes

aos do barão, desde o momento em que não haviam impedido que ele o escolhesse por marido da Srta. de Oloron, naturalmente não fizeram senão torná-lo mais apreciado assim que enviuvou.

Não é que o marquês não tivesse outras qualidades que o tornassem um companheiro encantador para o Sr. de Charlus. Mas, mesmo quando se trata de um homem de grande valor, uma qualidade não desprezível por aquele que o admite em sua intimidade, e que o faz especialmente cômodo, é também saber jogar o uíste. A inteligência do jovem marquês era notável e, como já se dizia em Féterne quando ele era apenas um menino, inteiramente devido ao "lado de sua avó", tão entusiasta e com a mesma inclinação para a música. Reproduzia-lhe também certas particularidades, mais por imitação, como toda a família, do que por atavismo. Assim é que, algum tempo depois da morte da esposa, tendo eu recebido uma carta assinada “Léonore” prenome que não me lembrava ser o seu, só compreendi quem me escrevia ao ler a fórmula final: "Creia na minha simpatia verdadeira." Este verdadeira, "posto em seu devido lugar", ajuntava ao prenome Léonor o sobrenome de Cambremer{110}.

****

O trem ia entrando na estação de Paris, quando ainda conversava sobre essas duas notícias que, para que o trajeto não me parecesse longo mamãe quisera reservar para a segunda parte da viagem, só deixando que aparecesse depois de Milão. Mamãe retornara rapidamente ao ponto de vista dela, que era na verdade o único, o de minha avó. Primeiro dissera a si mesma que minha avó teria ficado surpresa e, depois, que ela se entristeceria, o que era apenas uma forma de dizer que minha avó sentiria prazer ante um acontecimento tão solene que mamãe, não podendo admitir que minha avó fosse privada, preferia pensar que tudo estava pelo melhor, sendo essa notícia uma daquelas que só lhe poderiam causar desgosto.

Porém mal tínhamos entrado em casa, mamãe ainda achava por demais egoísta esse lamento de não poder fazer participar de todas as surpresas que a vida nos traz. Ainda preferiu supor que as notícias não magoariam minha avó, de quem nada mais faziam que previsões. Quis ver nessas notícias a confirmação dos conhecimentos divinos de minha avó, a prova de que esta possuía um espírito ainda mais profundo de clarividente, mais justo do que havíamos pensado. Assim minha mãe, para esse ponto de vista de pura admiração, não tardou a acrescentar:

- E, quem sabe se tua pobre avó não teria aprovado? Era tão indulgente. E depois sabes, para ela a condição social não era nada, o que valia era a distinção; lembras-te, é curioso, ambas as notícias lhe teriam agradado. Lembras-te daquela primeira visita à Sra. de Villeparisis, quando voltou e nos disse ter achado

vulgar o Sr. de Guermantes? Em compensação, quantos elogios para Jupien. Pobre mãe, lembras-te? Dizia do pai: "Se eu tivesse outra filha, eu e sua filha seria ainda melhor que ele." E a pequena Swann! Ela dizia: "Digo que é encantadora, verá que há de fazer um belo casamento." Pobre mãe, se pudesse ver isto, como adivinhou corretamente!

Até o fim, mesmo não estando mais a nos dar lições de clarividência, de bondade, de justa apreciação das coisas, como as alegrias, de que sofríamos ver privada a minha avó, eram todas as pequeninas e humildes da vida: a entonação de um ator que a divertisse, um de que gostava, o novo romance de um autor preferido. Mamãe dizia:

- Como teria ficado surpresa, como isso a teria divertido! Com que bela carta teria respondido. - E mamãe continuava: - Achas que esse pobre Swann, que desejava Gilberte fosse recebida em casa dos Guermantes, ficaria feliz se pudesse ver: tornar-se uma Guermantes?-Sob outro nome, diverso do seu, conduzida - como Srta. de Forcheville, julgas que se sentiria feliz? -Ah!, é verdade, nem havia pensado nisso. - Por isso é que não posso me regozijar com essa "velhaca"', pensar que teve coragem de abandonar o nome do pai, que era tão bom para ela. Sim, tens razão; afinal, talvez seja melhor que ele não tenha sabido de coisa alguma. -Tanto para os mortos como para os vivos, não é possível saber se uma coisa dará mais alegria ou maior mágoa. - Parece que os Saint-Loups vivem em Tansonvile. O velho Swann, que tanto desejava mostrar seu tanque a teu pobre avô, jamais poderia imaginar que o duque de Guermantes o veria com freqüência, sobretudo se soubesse do casamento infamante do filho. Enfim, a ti, que tanto lhe falaste dos espinheiros cor-de-rosa, dos lilases e dos íris de Tansonville, Saint-Loup compreenderá melhor. Vai ser dono deles. -

Assim desenrolava-se em nossa sala de jantar, à luz da lâmpada, de que são amigas, uma dessas conversas em que a sabedoria, não das nações, mas das famílias, apossando-se de algum acontecimento, morte, noivado, herança, ruína, e fazendo-o passar sob o vidro de aumento da memória, confere-lhe todo o seu relevo, dissocia, recua, situando em perspectiva, em diversos pontos do espaço e do tempo, aquilo que, para os que não viveram na mesma época, parece amalgamado sobre uma mesma superfície: nomes de morto, endereços sucessivos, as origens da fortuna e suas alterações, e as mudanças de propriedade. Esta sabedoria não é inspirada pela Musa que convém ignorar durante o maior tempo possível, caso desejemos manter alguma frescura de impressões e certa capacidade criativa, e a quem, até aqueles que a ignoraram, encontram no entardecer da vida, na neve da velha igreja da província, numa hora em que subitamente se sentem menos sensíveis à beleza eterna expressa pelas esculturas do altar do que à concepção das diferentes sortes a que elas se submeteram, passando a uma ilustre coleção particular, a uma capela, e daí a

um museu, voltando depois à igreja; ou ao sentirem, pisando ali uma laje quase pensante, que ela se compõe do derradeiro pó de Arnauld ou de Pascal; ou, simplesmente, ao decifrarem, talvez imaginando o rosto de uma viçosa provinciana, sobre a placa de cobre do genuflexório de madeira, os nomes das filhas de um fidalgote da província ou de um cidadão notável. A Musa que recolheu tudo o que só é contingente mas que também revela outras leis, chama-se História!

Velhas amigas de minha mãe, mais ou menos relacionadas a Combray, foram visitá-las para lhe falar do casamento de Gilberte, que de modo nenhum as deslumbrava.

- Sabe o que é a Srta. de Forcheville? É simplesmente a Srta. Swann. E a testemunha de casamento, o "barão" de Charlus, como se faz chamar, é aquele velho que já sustentava a mãe dela antigamente com o conhecimento de Swann, que tinha interesse nisso.

- Mas o que está me dizendo? - protestava mamãe - Em Primeiro lugar, Swann era riquíssimo!

- É de acreditar que não fosse tanto assim, para ter necessidade do dinheiro alheio. Mas, afinal, o que tem essa mulher para prender os antigos amantes? Ela achou um jeito de casar com o primeiro, depois com o terceiro, e de puxar da beira da tumba o segundo para que servisse de testemunha à filha que teve com o primeiro ou com outro qualquer, pois como reconhecê-los nessa quantidade? Ela mesma nem sabe mais nada a respeito. Digo o terceiro, talvez fosse o tricentésimo que se deveria dizer. De resto, a senhora sabe ela é tão Forcheville como nós duas, e isso está de acordo com o marido, que moralmente não é nobre. Pense bem, só um aventureiro seria capaz de casar com semelhante mulher. Parece que se trata de um tal Dupont ou Durand. Se não houvesse agora um prefeito radical em Combray, que nem sequer cumprimenta o cura, eu teria sabido o fim da coisa. Porque, a senhora compreende, quando correram os proclamas, foi preciso dizer o nome verdadeiro. É muito bonito para os jornais e para o papeleiro que faz convites, uma pessoa intitular-se marquês de Saint-Loup. Isto não faz mal a ninguém e, se dá satisfação a essa boa gente, não serei eu quem haveria de censurar. Em que é que isso pode me aborrecer? Como jamais hei de freqüentar a filha de uma mulher que já deu o que falar, ela pode muito bem ser marquesa, para seus criados. Porém no registro civil não é a mesma coisa. Ah, se meu primo Sazerat ainda fosse primeiro-adjunto, eu lhe teria escrito, e a mim ele diria sob qual nome fez as publicações!

Aliás, por aquela época, eu via muitas vezes Gilberte, a quem me ligara de novo; porque nossa vida, em seu comprimento, não é calculada pela vida de nossas amizades. Basta que se escoe um certo período de tempo, e já vemos reaparecer

(da mesma forma que, em política, antigos ministérios e, no teatro, peças olvidadas que novamente se encenam) relações de amizade renovadas entre as mesmas pessoas de outrora, depois de longos anos de interrupção, e renovadas com prazer. Ao fim de dez anos, os motivos que um tinha para amar, e o outro para não suportar um despotismo demasiado exigente, deixam de existir. Só resta a conveniência, e tudo o que Gilberte teria me recusado antigamente, concedia-o com facilidade agora, pois eu já não o desejava. O que lhe parecera intolerável, impossível, sem que jamais nos disséssemos a razão da mudança, ela estava sempre disposta a vir ao meu encontro, e nunca apressada para me deixar; é que o obstáculo havia desaparecido: meu amor.

Aliás, fui um pouco mais tarde, passar alguns dias em Tansonville. Esse deslocamento me aborrecia bastante, pois eu tinha em Paris certa moça que dormia num apartamento alugado por mim. Como outros precisam do aroma das florestas ou do murmúrio de um lago, eu tinha necessidade do seu sono a meu lado e, durante o dia, de tê-la junto a mim no carro. Pois, por mais que se esqueça um amor, ele pode determinar a forma do amor seguinte. Já no próprio seio do amor precedente existiam hábitos diários, de cuja origem nem sequer nos lembrávamos; foi a angústia de um primeiro dia que nos fez desejar apaixonadamente e, depois, adotar uma forma fixa, como alguns costumes cujo sentido já não recordamos, essas voltas de carro até a própria residência da amada, ou sua residência em nossa casa, nossa presença, ou a de alguém de nossa confiança, em todas as saídas, enfim, todos esses hábitos, espécie de grandes caminhos uniformes por onde passa todos os dias o nosso amor, e que foram fundidos outrora no fogo vulcânico de uma emoção ardente.

Esses hábitos, no entanto, sobrevivem à mulher, e até à lembrança de uma mulher. Tornam-se a forma, se não de todos os nossos amores, ao menos de alguns de nossos amores que se alternam entre eles. E assim a minha casa havia exigido, em lembrança da esquecida Albertine, a presença de minha amante atual, que eu ocultava aos visitantes e que preenchia a minha vida, como outrora Albertine. E, para ir a Tansonville, tive de alcançar dela que se fizesse guardar por um de meus amigos que não gostava de mulheres, durante alguns dias. Fui porque soubera que Gilberte se sentia infeliz, enganada por Robert, mas não da maneira que todo mundo pensava, e que talvez ela própria ainda pensasse e que, em todo caso, afirmava. Mas o amor-próprio, o desejo de iludir os outros, de iludir-se, e, aliás, o conhecimento imperfeito das traições, que é o de todas as criaturas enganadas, tanto mais que Robert, como verdadeiro sobrinho do Sr. de Charlus, mostrava-se na companhia de mulheres a quem comprometia, que todos julgavam e que, afinal, Gilberte acreditava serem suas amantes... Na sociedade, achavam mesmo que ele não se resguardava bastante, não largando nas reuniões determinada mulher, com quem saía em seguida, deixando a Sra.

de Saint-Loup voltar para casa como pudesse. Quem dissesse que a outra mulher, que ele desse modo comprometia, não era na realidade sua amante, teria passado por um ingênuo, por um cego, diante da evidência. Mas eu, desgraçadamente, fora encaminhado para a verdade, para essa verdade que me deu um desgosto profundo, por algumas palavras escapadas a Jupien. Qual não foi a minha estupefação quando, tendo ido, alguns meses antes da minha partida para Tansonville, saber notícias do Sr. de Charlus, cujos problemas cardíacos causavam grandes inquietações aos amigos e, falando à Jupien, que encontrei sozinho, sobre uma correspondência amorosa dirigida à Robert e assinada por Bobette, que a Sra. de Saint-Loup havia surpreendido, soube, pelo antigo *factótum* do barão, que a pessoa que se assinava Bobette era nada menos que o violinista de que falamos e que desempenhara um papel tão grande na vida do Sr. de Charlus! Jupien falava com indignação:

- Esse rapaz podia agir como bem entendesse, era livre. Mas, se há um lado para onde devia olhar, é para o lado do sobrinho do barão. Tanto mais que o barão amava seu sobrinho como se fosse um filho; ele procurou separar o casal, é vergonhoso. E deve ter empregado artimanhas diabólicas, pois ninguém é mais naturalmente avesso a essas coisas que o marquês de Saint-Loup. Quantas loucuras ele fez por suas amantes! Não, que esse músico miserável tenha deixado o barão como deixou, sujamente, pode-se bem dizer assim, é lá com ele. Mas voltar-se para o sobrinho! Há coisas que não se deve fazer. -

Jupien era sincero em sua indignação; nas pessoas ditas imorais, as indignações morais são tão fortes como nas outras, e apenas mudam de objeto. Além disso, as pessoas cujo coração não está diretamente em causa, julgando sempre os maus casamentos e as ligações a evitar, como se fossemos livres para escolher a quem amamos, não percebem a miragem deliciosa que o amor projeta e que envolve tão inteira e unicamente a pessoa de quem estamos enamorados, que a "tolice" que um homem faz desposando uma cozinheira ou a amante de seu melhor amigo é, em geral, o único ato poético a ser cumprido no decurso de sua existência.

Compreendi que quase ocorrera uma separação entre Robert e sua esposa (sem que Gilberte ainda percebesse bem de que se tratava) e que fora a Sra. de Marsantes, mãe extremosa, ambiciosa e filósofa, que arranjara e impusera a reconciliação. Ela pertencia a esses meios onde a mistura dos sangues, estiveram se cruzando sem cessar, e o empobrecimento dos patrimônios, fazem reflorira cada instante, no domínio das paixões como dos interesses, os vícios e os compromissos hereditários. Empregando a mesma energia com que outrora protegeria Sra. Swann, ajudara o casamento da filha de Jupien, e fizera o casamento de seu próprio filho com Gilberte, usando assim, para si própria, com resignação dolorosa, aquela mesma sabedoria atávica de que fizera aproveitar

todo o *faubourg*. E talvez não houvesse, em dado momento, apressado o casamento de Robert com Gilberte, o que certamente lhe fizera menos mal e custara menos lágrimas do que fazê-lo romper com Rachel, senão pelo medo de que ele começasse com outra cocote - ou talvez com a mesma, pois Robert custou a se esquecer de Rachel uma nova ligação que teria sido, talvez, a sua salvação. Agora eu compreendia o que Robert quisera dizer-me em casa da princesa de Guermantes:

- É uma pena que a tua amiguinha de Balbec não tenha a fortuna exigida por minha mãe; acho que nós dois nos entenderíamos muito bem. -

Quisera dizer que ela era de Gomorra, como ele de Sodoma, ou talvez, se não o era ainda, que já gostava somente de mulheres a quem pudesse amar de certo modo, e com outras mulheres. Se, portanto, à exceção de raros retrocessos, eu não perdera a curiosidade de saber algo sobre minha amiga, poderia interrogar a respeito não só Gilberte como o seu marido. Em suma, era o mesmo fato que dera, a Robert e a mim, o desejo de desposar Albertine (saber que ela gostava de mulheres). Mas as causas do nosso desejo, bem como seus objetivos, eram opostos. Eu, era pelo desespero em que me afundara ao sabê-lo; Robert, pela satisfação; eu, para impedi-la, graças a uma vigilância contínua, de se abandonar ao seu gosto; Robert, para cultivá-lo e, pela liberdade que lhe daria, para que ela lhe trouxesse amigas. Se Jupien fazia, desse modo, remontara muito pouco tempo a nova tendência, tão divergente da primitiva, que haviam tomado os gostos carnais de Robert. Uma conversa que tive com Aimé, e que me deixou muito infeliz, mostrou-me que o antigo mordomo do hotel de Balbec fazia remontar essa divergência, essa inversão, muito mais longe. Essa conversa acontecera quando fui passar alguns dias em Balbec, para onde o próprio Saint-Loup, que desfrutava de uma longa licença, fora em companhia da mulher, a quem, nessa primeira fase, ele não deixava um só instante. Eu me admirava de como a influência de Rachel se fazia sentir ainda sobre Robert. Só o recém-casado que teve uma amante por muito tempo sabe tirar tão bem a capa da esposa, ao entrar no restaurante, e ter com ela as atenções convenientes. Durante a ligação com Rachel, ele havia recebido as instruções que deve ter um bom marido.

Não longe dele, numa mesa ao lado da minha, Bloch, no meio de jovens universitários pretensiosos, assumia ares falsamente à vontade, e gritava com força a um de seus amigos, passando-lhe ostensivamente o cartão de visitas, num gesto que derrubou duas garrafas de água: - Não, não, meu caro, encomende você! Nunca na vida eu soube escolher um cardápio. Nunca soube pedir! - repetiu com um orgulho pouco sincero e, a seguir, misturando a literatura à gulodice, opinou por uma garrafa de champanha, que lhe agradava, ornasse "de modo inteiramente simbólico" uma conversação. Saint-Loup, sim, sabia encomendar. Estava sentado ao lado de Gilberte, já grávida - daí em diante

nunca deixaria de lhe fazer filhos -, como deitava a seu lado no leito de casal do hotel. Só falava com a esposa, e o resto do hotel parecia não existir para ele; mas, no momento em que um garçom anotava um pedido e chegava bem perto, erguia rapidamente os olhos claros e lançava-lhe um olhar que não durava mais que dois segundos, mas, em sua límpida clarividência, parecia testemunhar um gênero de curiosidade e de pesquisas inteiramente diversas do que poderia animar qualquer freguês que olhasse, mesmo durante muito tempo, um *groom* ou um caixeiro para fazer a seu respeito, aos amigos, observações humorísticas ou de outro tipo. Esse rápido olhar, curto, indiferente, mostrando que o garçom lhe interessava por si mesmo, revelava, aos que o tivessem observado, que este excelente marido, este amante outrora apaixonado por Rachel, possuía na vida um outro plano que lhe era infinitamente mais interessante que aquele no qual se movia por obrigação. Porém, viam-no somente neste. Seus olhos já se haviam voltado para Gilberte, que nada vira, e ele lhe apresentava um amigo de passagem, saindo para passear com ela. Ora, foi nesse instante que Aimé me falou de um tempo bem mais antigo, aquele em que eu travara conhecimento com Saint-Loup por meio da Sra. de Villeparisis, naquela mesma Balbec.

- Mas, sim senhor - disse-me ele -, é coisa super conhecida, faz muito tempo que sei disso. No primeiro ano em que o senhor esteve em Balbec, o senhor marquês se fechou com o meu ascensorista, a pretexto de revelar as fotografias da senhora sua avó. O rapaz quis se queixar, tivemos um trabalhão para abafar o caso. E veja, o senhor se lembra, sem dúvida, do dia em que veio almoçar no restaurante com o senhor marquês de Saint-Loup e a amante dele, que lhe servia de biombo. O senhor sem dúvida se lembra que o senhor marquês saiu pretextando uma crise de cólera. É claro que não pretendo dizer que madame estivesse com razão. Ela o fazia passar maus bocados. Mas, naquele dia, ninguém me tira da cabeça que a cólera do senhor marquês era fingida, e ele precisava afastar-se do senhor e de madame.-

Quanto àquele dia, pelo menos, sei perfeitamente que, se não mentia de propósito, Aimé estava redondamente enganado. Lembrava-me bem do estado em que acontecera, o ascensorista, talvez não estava convencido de que naquela época sua fortuna era pequena, Forcheville havia devorado quase tudo; e que, então, o estar enganado, dera-lhe vermelhidão - preferimos quase sempre ser analista. Aliás, no caso de Balbec a mentira fora de Aimé. Pelo pensamento não se vê senão um lado das coisas, a graça no fato de que, enquanto para Saint-Loup fora um meio cômodo ele equivalia a conhecer alguém ao menos em duplas. No ato mais instigante de uma série de atos inteiramente grande de significado parece ver que o prelúdio restrito de colorido, tivesse acontecimentos separados; e que no presente dão apenas evolução para qualquer outro indício de que Saint-Loup me testemunha verdadeiramente capaz ao mesmo tempo, que aos homens

a indiferença, creio que exagerava também.

Entretanto, lembro-me que na casa da Sra. Verdurin que ele tocara-me:

- Curioso, este desfecho que ambos têm e que mesmo assim sendo seus, não parecem acreditar que voltar tem algumas idênticas formas que ficaram a iniciar; se é que existira tal carta, assim como alguém de Lohengrín, não poderia prever os que oferecem apenas uma nobreza de nossos sentidos. São textos que não mereceriam elas; que elas poderiam ter reparado ao que é, na vida, uma peça, uma parte não mais que a janela do lado oposto da casa.

Como quando, antes de visitar uma cidade, sonhamos constantemente uma dessas viagens longínquas que julgamos nunca realizar, mas cuja nostalgia sentimos por um momento. Porém, se Robert achava algo de Rachel em Charlie, Gilberte, por sua vez, procurava ter alguma coisa de Rachel; para agradar ao marido, imitava-lhe os laços de seda vermelha, ou rósea, ou amarela, nos cabelos, e se penteava da mesma forma, pois julgava que o marido a amava ainda, e ela tinha ciúmes de Rachel. É possível que o amor de Robert se situasse, por alguns instantes, nos confins que separam o amor de um homem por uma mulher do amor de um homem por outro homem. Em todo caso, a lembrança de Rachel já não desempenhava, a esse respeito, senão um papel estético. Nem é provável que pudesse desempenhar outros.

Um dia, Robert lhe pediu que se vestisse de homem, que deixasse cair uma longa mecha de cabelos, e no entanto se limitou a contemplá-la, insatisfeito. Não lhe permanecia menos afeiçoado pagando-lhe escrupulosamente, mas sem prazer, a mesada enorme que lhe prometera, o que não a impediu, depois, de ter para com ele o mais mesquinho procedimento.

Dessa generosidade para com Rachel, Gilberte não teria sofrido se soubesse suas preferências eram apenas o cumprimento resignado de uma promessa à qual não correspondia mais nenhum amor. Mas, pelo contrário, era amor o que ele fingia consagrar à Rachel.

Os homossexuais seriam os melhores maridos do mundo se não representassem a comédia de amar as mulheres. Aliás, Gilberte não se queixava. A idéia de que Rachel amava Robert, e o amava há tanto tempo, é que a fizera desejá-lo, e a renunciar por ele a melhores partidos; parece que ele lhe fez uma espécie de concessão, aceitando desposá-la. E, de fato, nos primeiros tempos, ele fez comparações entre as duas mulheres. Todavia tão desiguais em encanto e beleza, que não foram favoráveis à deliciosa Gilberte. Mas, logo a seguir, esta cresceu na estima do marido, ao passo que Rachel diminuía a olhos vistos. Uma outra pessoa se contradisse à Sra. Swann. Se, para Gilberte, Robert antes do casamento já estava cingido pela dupla auréola que lhe criavam, de um lado, sua vida com Rachel, perpetuamente denunciada pelas lamentações apreciadas pela Sra. de

Marsantes, e, por outro lado, aquele prestígio que os Guermantes sempre tiveram ante seu pai, e que ela havia herdado, em compensação a Sra. Forcheville teria preferido um casamento mais deslumbrante, talvez principesco (existem famílias reais pobres e que teriam aceitado o dinheiro o qual, todavia, revelara-se bem inferior aos oitenta milhões prometidos - limpo que estava pelo nome de Forcheville), e um genro menos depreciado por uma vida passada longe dos salões mundanos. Ela não pudera dobrar a vontade de Gilberte, e queixara-se amargamente a todo mundo, magoando o genro.

Um belo dia tudo mudara, o genro tornara-se um anjo, só riam dele às escondidas. É que a idade mantivera na Sra. Swann (transformada em Sra. de Forcheville) o gosto, que sempre possuíra, de viver sustentada; mas que a deserção dos admiradores lhe retirara os meios para tal. Despojava todos os dias um novo colar, um vestido novo recamado de brilhantes, um automóvel mais luxuoso; se ele fizesse uma viagem e em sua companhia o acompanhasse nisso, logo recebia um magnífico rubi. Para que a recompensa de Gilberte fosse mais generosa em relação à ele com tanto maior calor quando era ela quem decidia. Assim, graças a Robert, ela podia deslumbrar, com um luxo inaugural de um sarau a que comparecia, sem necessidade que, agora, já não "marcharia" ou seja, não ao que parece para sempre, no período antes do casamento.

Não fora apenas a maldade, do Sr. de Charlus, que fizera-lhe sentir a diferença de Saint-Loup, a fim de causar maior sofrimento o desinteresse. Pareceu-me que Robert devia ir numa reunião, antes de partir para Combray ao lado de uma mulher bem vestida, que passeasse com ela, formando os dois um só corpo, para recompensar, com algo mais de trepidante que envolto nos adornos da Sra. Molé foi causa *giriófila* que não era a sua, mas ostentá-la desse modo, porque lhe achasse dona para casa.

Impressionou-me ver como bem menos rico, tornara-se econômico. A diferença do que possuímos, e de alguém, entesourá-lo agora que dele está bastante escasso, em geral, mas que no entanto me foi mais particular.

Saint-Loup recusou a passagem de bonde. Sem dúvida, exercício que adquirira ao longo do tempo de sua ligação com uma mulher não era tão inexperiente como quem se casa com a primeira mulher; levava a mulher para jantar no restaurante. Ele lhe tirava o casaco, ou demonstrava outro tipo de atenção com que ajeitava as mangas de Gilberte antes que vestisse de novo a jaqueta, para compreender que fora durante muitos anos amante de outra mulher, antes de ser o marido desta. Do mesmo modo, tendo tido necessidade de ocupar-se, nos mínimos detalhes, da casa de Rachel, de um lado porque ela não entendia do assunto e, de outro, porque, devido ao seu ciúme, desejava controlar a criadagem. Robert pôde, na administração dos bens da esposa e na direção da casa, continuar desempenhando esse papel hábil e entendido, que talvez Gilberte

não soubesse sustentar e que lhe entregava de bom grado. Mas, sem dúvida, fazia-o para beneficiar Charlie com sua verdadeira economia de cotos de vela, mantendo-o ricamente, em suma, sem que Gilberte percebesse ou sofresse com o caso. Talvez também julgasse o violinista esbanjador, "como todos os artistas" (Charlie intitulava-se desse modo, sem orgulho ou convicção, para se escusar de não responder às cartas etc., de uma multidão de defeitos que achava fazerem parte da psicologia inconteste dos artistas). Por mim, julgava absolutamente indiferente, do ponto de vista da moral, que alguém encontrasse o seu prazer com um homem ou uma mulher, e muito natural e humano que o procurasse onde poderia encontrá-lo. Portanto, se Robert não fosse casado, sua ligação com Charlie não me causaria mágoa alguma. E, no entanto, percebia muito bem que a mágoa que estava sentindo seria igualmente tão viva caso Robert permanecesse solteiro. De qualquer outra pessoa, aquilo me seria indiferente. Porém vinham-me lágrimas aos olhos ao pensar que tivera outrora, por um Saint-Loup diverso, um tão grande afeto, a que ele, sentia-o bem por seus modos frios e evasivos, já não correspondia, pois, desde que se tornaram suscetíveis de lhe inspirar desejo, os homens já não podiam inspirar-lhe amizade. Como pudera nascer isso num rapaz que tanto gostava de mulheres que eu vira desesperado, e até receando que se matasse, porque "Rachel-quando-do-Senhor" queria deixá-lo? Teria sido a semelhança entre Rachel e Charlie invisível para mim - a ponte que permitiu a Robert passar dos gostos de seu pais para os de seu tio, a fim de cumprir a evolução fisiológica que mesmo neste último se realizara tão tarde?

Entretanto, às vezes, as palavras de Aimé voltavam a inquietar-me; lembrava-me de Robert naquele ano em Balbec; falando ao ascensorista, tinha um jeito de não prestar atenção nele, que recordava muito o do Sr. de Charlus quando dirigia a palavra a certos homens. Mas Robert podia muito bem ter herdado isso do Sr. de Charlus, de uma certa altivez e atitude física, próprias dos Guermantes, sem de modo algum devê-lo aos gostos especiais do barão. Assim é que o duque de Guermantes, que de maneira nenhuma possuía tais gostos, apresentava a mesma forma nervosa do Sr. de Charlus, de revirar o pulso, como se ajeitasse nele o punho de rendas, e, na voz, entonações agudas e afetadas, maneiras a que, no Sr. de Charlus, seríamos tentados a atribuir outro significado, e às quais ele próprio dera outro, já que o indivíduo exprime suas particularidades com o auxílio de traços impessoais e atávicos, que, aliás, não são mais que particularidades antigas fixadas no gesto e na voz. Nesta última hipótese, que confina seria o Sr. de Charlus quem se pudesse chamar de tara e exprimindo-a em parte com ajuda de traços da duquesa de Guermantes é que estaria sendo, numa família fora de exceção, a quem o mal hereditário poupou dotes exteriores, que lhe deixou, perderam nele todo sentido do dia em que vira Saint-Loup em Balbec, tão louro, preciosa, aprimorado, fazendo adejar o monóculo à efeminado, que certamente não era efeito do que eu supunha particular aos Guermantes, da finura dessa

porcelana também fora modelada. Lembrei-me também do afeto carinhoso e sentimental de exprimi-la, e dizia comigo se iria enganar qualquer outro, significava então coisa que ficara sabendo hoje. Mas quando tinha voltado à Balbec, como é que ele não fora nem me falar dele? E quanto ao primeiro ano, caiu apaixonadamente enamorado de Rachel com o tempo eu achara Saint-Loup especial, como o era ele ainda mais especial do que eu acreditara em intuição direta, aquilo que soubemos apenas de modo algum transmiti-lo à nossa alma, pois corações com a realidade estão fechados; também Berta, é demasiado tarde. Além disso, e afinal, para que eu pudesse me regozijar com ela. Certamente o Sr. de Charlus na casa da Sra. Verdurin, em Paris, Robert fosse mais um de numerosas pessoas de bem, mais inteligentes. Sabê-lo relativamente a qualquer um, menos Robert. As dúvidas que obscureciam toda a nossa amizade de Balbec. E se acreditasse na amizade, nem em tê-la sentido ao repensar nessas histórias do ascensorista com Saint-Loup e Rachel, era obrigado a esfoguear. Aliás, não precisaria deter-me ao lado de Combray, e que foi, talvez, o motivo que pensei em Combray, se, justamente por isso a verificação, ao menos provisória, de certas invenções ao lado de Guermantes, e também de outro de Méséglise.

Recomeçava todas as noites lembrar o que fazíamos em Combray, de tarde, quando jantava-se em Tansonville, ou a uma hora em Combray. E por causa da estação quente, e também porque, de tarde, Gilberte freqüentava na capela do castelo, saíamos a passeio só duas horas antes de jantar. Ao prazer de outrora, que era ver, ao regressar, o céu de púrpura enquadrando o calvário banhando-se no Vivonne, sucedera o de partir, chegada a noite, quando só se encontrava na aldeia o triângulo azulado, irregular e movente dos carneiros que recolhiam. Sobre uma metade do campo extinguia-se o crepúsculo; sobre a outra, estava iluminada a lua, que em breve o banharia inteiramente. Acontecia que Gilberte deixava-me sair sem ela, e eu ia andando, deixando minha sombra atrás de mim, como uma barca que prossegue a sua navegação através de extensões encantadas; porém no mais das vezes ela me acompanhava. Os passeios que assim fazíamos eram muitas vezes os mesmos que eu fazia antigamente, em criança; ora, como não teria experimentado, bem mais vivamente do que naquele tempo, no caminho de Guermantes, a sensação de que jamais seria capaz de escrever, à qual acrescentava a de que minha imaginação e minha sensibilidade se haviam enfraquecido, ao ver que Combray me despertava tão pouco interesse? Sentia-me desolado ao verificar como recordava pouco dos anos de outrora. Achava o Vivonne medíocre e feio, à beira do caminho. Não que observasse inexatidões materiais muito grandes naquilo que recordava. Mas, afastado dos lugares que me ocorria atravessar por toda uma vida diferente, não havia entre mim e eles essa contigüidade de onde nasce, antes mesmo de percebemos isso, a imediata, deliciosa e total deflagração da lembrança. Sem

dúvida, não compreendendo bem qual era a sua natureza, entristecia-me pensar que minha faculdade de sentir e de imaginar devia ter diminuído para que não mais experimentasse prazer nesses passeios. A própria Gilberte, que me compreendia menos bem do que eu a mim mesmo, aumentava a minha tristeza ao partilhar do meu espanto.

- Como, você não sente nada ao tomar por esta ladeirinha que subia antigamente? - disse ela.

E a própria Gilberte mudara tanto que já não a achava bonita, e absolutamente não o era mais. Enquanto caminhávamos, eu via a região mudar, era preciso trepar morros, descer encostas. Conversava, muito agradavelmente para mim, com Gilberte. Entretanto, não sem dificuldade. Em muitas criaturas há diversas camadas que não são semelhantes; nela, era o caráter do pai e o da mãe; atravessamos uma, depois outra.

Mas, no dia seguinte, a ordem das superposições está invertida. E, finalmente, não se sabe quem decidirá a questão, em quem podemos confiar para a sentença. Gilberte era como esses países com os quais não se ousa fazer aliança porque trocam de governo com muita freqüência. Mas, no fundo, é um erro. A memória da criatura mais sucessiva estabelece nela uma espécie de identidade e faz com que não deseje faltar às promessas de que se recorda, mesmo que não as tenha subscrito. Quanto à inteligência, ela era muito viva em Gilberte, excetuando alguns dos absurdos da mãe. Mas (o que não lhe tira o seu valor pessoal), lembro-me de que, nas conversas durante os passeios, várias vezes ela me espantou muito. Numa delas, a primeira, ao me dizer:

- Senão estivesse tão tarde, tomando este caminho à esquerda e dobrando a de um quarto de hora estaríamos em Guermantes. - É se dobre à esquerda, pegue a seguir pela sua mão direita, há de atingir as distâncias inalcançáveis, de que na terra o rumo, do que outrora eu acreditara poder conhecer e, talvez, num certo sentido, não me enganasse - "o espantos foi ver as "nascentes do Vivonne", que seria sobrenatural quanto a entrada dos Infernos, e que não de lavadouro quadrado, de onde subiam bolhas.

Da terceira vez me disse:

- Se quiser, poderemos, afinal, sair uma tarde à casa dos Guermantes, tomando por Méséglise; é o caminho mais bonito.

Lembrando todas as idéias da minha infância, fez-me ver que inconciliáveis como supunha. Mas o que mais me restava era ver como revivi pouco os anos de outrora, a recordação de Combray, e como achei medíocre e feio o Vivonne. Onde para mim certas imaginações que eu tivera acerca de um desses passeios, afinal de contas noturnos, cogitava jantar, mas ela jantava tão tarde. No momento perfeito e profundo que o luar atapetava, paramos perto de insetos que

vão se afundar no âmago de um cálice por gentileza de dona-de-casa, que lamenta nossa partida; poderíamos ter feito melhor as honras dessa região de que preferia algumas dessas palavras. E sabendo tirar partido do silêncio, da singeleza, dos sentimentos, faz-nos acreditar que ocupamos em sua vida, algo que poderia preencher. Derramando bruscamente sobre ele, invadido por causa do ar delicioso e pela brisa que restava, falava, outro dia, da ladeirinha. Como eu gostava de respondeu:

- Por que não me disse? Eu não teria duvidado até, em duas ocasiões, fiz-me de oferecida. Quando você passeava com a família, eu estava vestido de um menino tão bonito. Costumava - acrescentou - brincar com amiguinhos nas ruínas do torreão de Rous eu era bem mal-educada, pois ali dentro havia meninos que se aproveitavam da escuridão. O menino do *coro dore*, que-força é confessá-lo - era um amor (que grasnou muito feio) agora é farmacêutico em Méséglise), das camponesinhas das redondezas. Como não me deixavam escapar, corria para lá. Não posso lhe dizer como se o fosse; lembro-me bem de que, não tendo mais que um desejo, com o risco de ser vista por seus pais e pelos meus, indiquei isso a você de um modo tão cru, que ainda hoje sinto vergonha. Mas você me encarou de forma tão má, que compreendi logo que você não queria. -

E, de súbito, pensei comigo que a verdadeira Gilberte, a verdadeira Albertine, eram talvez aquelas que, no primeiro instante, haviam se entregado pelo olhar, uma diante da sebe de espinheiros cor-de-rosa, a outra na praia. E fora eu que não tendo compreendido isso, ou o tendo retomado senão mais tarde, na memória, após um intervalo, em que, as minhas conversas, todo um entremeio de sentimentos as fizera recear terem tão francas quanto no primeiro instante-estragara tudo com a minha inabilidade. Eu "falhara" em relação à elas, mais completamente embora, para falar a verdade, o fracasso com elas fosse menos absurdo do que Robert "falhara" então à Rachel, mas pelos mesmos motivos.

- E a segunda vez - continuou - foi muitos anos depois, quando encontrei você à porta de sua casa, na época do dia em que nos vimos na casa da tia Oriane; não o reconheci de imediato ou melhor, reconheci-o sem saber, pois sentia o mesmo desejo.

- No entanto, houve os Champs-Élysées no intervalo.

- Sim, mas aí gostava muito de mim.

Eu sentia uma inquisição rondando tudo o que eu não pensei em perguntar-lhe quem era aquele rapaz em cuja companhia ela estava descendo a avenida dos Champs-Élysées, no dia em que eu saíra para revê-la que eu teria me reconciliado com ela enquanto ainda era tempo, esse dia talvez tivesse mudado toda a minha vida se não houvesse encontrado as duas senhoras caminhando lado a lado no crepúsculo. Se lhe tivesse perguntado, ela me dissesse a verdade, assim

como Albertine, se ressuscitasse. E, de fato, as respostas quando já não amamos, e reencontramos depois de muitos anos, não existe, elas em nós, justamente a morte, bem como se elas já não fossem deste mundo; o fato de que nosso amor não mais existe transforma em mortos o que elas eram então, ou aqueles que nós éramos? Talvez ela não se lembrou e mentisse. Em todo caso, já não me interessava sabê-lo, pois meu coração havia mudado ainda mais que o rosto de Gilberte. Esse rosto que já não me agradasse, mas, principalmente, eu não era mais infeliz e não poderia mais conceber, talvez passasse a pensar no assunto, que fora capaz de me sentir tão desgraçado ao olhar de Gilberte caminhando devagarinho ao lado de um rapaz, e de dizer para mim mesmo:

"Está acabado. Renuncio a vê-la para sempre."

Do estado de alma desse ano longínquo, não fora senão uma longa tortura, nada restava. Pois, onde tudo se gasta e tudo perece, há algo que tomba em ruínas, que se ainda mais completamente, deixando menos vestígios até do que a beleza.

Se todavia não me surpreendo de não lhe ter perguntado com quem ela descia os Champs-Élysées, pois já vira muitas curiosidades que o Tempo traz, surpreende-me um tanto que, antes de encontrá-la nesse dia, eu havia vendido tudo para lhe comprar flores. De fato, durante os tempos tão tristes o consolo único fora pensar que, um dia, eu poderia ser tão terno. Mais de um ano depois, se via que um carro, desejava não morrer, para poder narrar aquilo a Gilberte dizia comigo:

"Não nos apressemos, tenho a vida inteira ainda". Assim, desejava não perder a vida. Agora, acharia pouco ridículo, e até bombástico.

- Além do mais - continuou – assim que o vi de novo à sua porta, você continuava exatamente como em Combray. Se soubesse como mudou pouco! -

Revi Gilberte desenhar o quadrilátero de luz que o sol formava sob à menina que segurava, o longo olhar que se fixava em mim; o gesto grosseiro de que fora acompanhado, julgara tratar tudo, porque o que eu desejava me parecia algo que me faziam na minha a imaginação, durante as horas teria acreditado que, tão fácil e rapidamente, seria representá-lo.

Assim, pois, a tantos anos de distância, foi-me a imagem que eu recordava tão bem, operação que se fez um abismo intransponível que então eu acreditara. E certo gênero de meninas de cabelos dourados estão imaginadas em Pascal, e que achei poético devido à longa série de arquétipos de dado para terminá-la. Tive um arrepio de desejo e lamento ao Roussainville. Todavia mostrava-me contente, ao dizer à qual aspiravam todas as forças da minha vida naquele tempo e poderia devolver, existira em algum ponto fora de meu ser, mas perto de mim, naquela Roussainville de que eu falara no gabinete cheirando a íris. E eu não soubera de nada! E tudo o que eu desejara em meus passeios, a ponto de julgando ver as árvores se entreabrirem e se animarem; tão febrilmente, bastaria que tivesse

sabido compreender a ela, estivera a ponto de gozá-lo desde a adolescência. Mais completamente e imaginara, que Gilberte pertencera então, de fato, ao lado de Méséglise.

E mesmo naquele dia em que a reencontrara sob o pórtico, embora ela não fosse a Srta. de L'Orgeville, a que Robert havia conhecido nos bordéis (e como era dado que fosse justamente o futuro marido a pessoa a quem eu pedira esclarecimento!), eu não me enganara de todo quanto ao sentido do seu olhar, nem à espécie de mulher que ela era e que, agora, me confessava ter sido.

- Tudo é bem longe - disse ela -

Aquele primeiro ano, Saint-Loup me pareceu especial, como o eram os verdadeiros Guermantes. E resulta que era mais especial do que eu acreditei. Mas as coisas que não intuímos diretamente, o que soubemos só por outros, não temos já nenhum meio, passou o momento de fazer saber a nossa alma; hão-se fechado as comunicações com a realidade; em conseqüência, não podemos gozar do descobrimento, é muito tarde. E, de todos os modos, aquilo me dava muita pena para que eu pudesse gozar disso espiritualmente. Certamente, do que me disse o Sr. do Charlus em casa de madame Verdurin em Paris, já não duvidava de que o caso de Robert fora o mesmo de muitíssimos homens honrados, e até tomados entre os mais inteligentes, entre os melhores. Saber de qualquer outro me teria sido indiferente, de qualquer outro que não fora Robert. A dúvida que me deixavam as palavras de Amie espantava toda nossa amizade de Balbec e de Doncières, e embora eu não acreditasse na amizade, nem a havia sentido verdadeiramente por Robert, ao pensar agora naquelas histórias do *lift* e do restaurante onde almocei com o Saint-Loup e com o Raquel, tinha que fazer um esforço para não chorar.

Nunca mais pensei senão em Robert desde o dia do casamento. E, veja você, nem mesmo esse capricho de criança é o que mais censuro em mim mesmo...

FIM

O TEMPO RECUPERADO

Prefácio

Fernando Py

*Último volume da série **Em Busca do Tempo Perdido**, este **O Tempo Recuperado** sintetiza toda a obra máxima de Marcel Proust. Sem ser dividido em resenha, não obstante, uma estrutura parcelada.*

*A parte inicial retoma o diálogo do Narrador com Gilberte, em Tansonville; temos que notar o curioso efeito de simetria, típico de Proust, em relação ao de A Fugitiva, sendo conveniente assinalar que **O Tempo Recuperado** o mesmo tipo de descrição do mundo exterior que já se encontra na segundo capítulo de O Caminho de Guermantes - e em A Prisioneira. O Autor volta a se debruçar cuidadosamente sobre o tema do homossexualismo, e vemos como o desenvolve a fundo quando trata das atividades Charlus durante a guerra, ajuntando o sadomasoquismo à perversão. Teria completado a pintura da personalidade de Charlus se não a perversão sadomasoquista no bordel de Jupien.*

O ponto culminante do livro são as partes finais, em que o Narrador, faz uma introspecção no pátio da casa da princesa de Guermantes, passa pela emoção que lhe causara outrora o sabor da madeleine, e desta vez resquícios dos motivos da alegria que sente. Surge daí todo o seu conceito estético e aos poucos vai assimilando a noção de que é chegada a hora de escrever o livro, façanha de que nunca se julgara capaz. Recuperando o passado, às vezes bem remoto, o Narrador expõe por fim as linhas do que irá escrever mesmo espremido pelo Tempo, já que admite qualquer instante e se dirige à individualidade criadora de todos os mais do que ler, convida a escrever. E o livro que o Narrador enfim escreve é exatamente o que o leitor acaba de ler.

Dedico esta tradução da obra máxima de Proust ao escritor parisiense Assis Brasil.

Por outro lado, não teria por que me estender sobre aquela estadia perto de Combray, e que possivelmente foi o momento de minha vida em que menos pensei em Combray, a não ser porque, precisamente por isso, encontrei ali uma comprovação, sequer provisória, de certas idéias que antes tive sobre os Guermantes, e também de outras idéias que tive sobre Méséglise. Todas as noites reatava, em outro sentido, nossos antigos passeios à Combray, quando íamos todas as tardes pelo caminho do Méséglise. Agora comíamos no Tansonville a uma hora em que antes, em Combray, levávamos já muito tempo dormindo. E como era a estação estival e, além disso, porque, depois do almoço, Gilberte ficava pintando na capela do castelo, não saíamos de passeio até umas duas horas antes da comida. O deleite de antigamente, ver, à volta, como o céu de púrpura enquadrava o Calvário ou se banhava no Vivonne, substituía-o agora o de sair de noite, quando já não encontrávamos no povo mais que o triângulo azulado, irregular e movediço das ovelhas que voltavam. Em uma metade dos campos ficava o sol; na outra iluminava já a lua, que não demorava para banhá-los por inteiro. Ocorria que Gilberte me deixava caminhar sem ela, e eu me adiantava, deixando atrás minha sombra, como um navio que segue navegando através das superfícies encantadas; geralmente me acompanhava. Estes passeios estavam acostumados a ser meus passeios de menino: como não ia sentir mais vivamente ainda que antigamente o caminho de Guermantes o sentimento que nunca saberia escrever, ao que se somava outro, o de que minha imaginação e minha sensibilidade se debilitaram, quando vi a pouca curiosidade que me inspirava Combray? Que pena comprovar o pouco que revivia meus anos de outro tempo! Que estreito e que feio me parecia o Vivonne junto ao caminho de sirga! [*sirga corda para embarcação*] Não é que eu notasse grandes diferenças materiais no que recordava. Mas, separado dos lugares que atravessava por toda uma vida diferente, não havia entre eles e eu nenhuma contigüidade em que nasce, inclusive antes de nos darmos conta, a imediata, deliciosa e total deflagração da lembrança. Certamente, sem compreender bem qual era sua natureza, entristecia-me pensar que minha faculdade de sentir e de imaginar devia haver diminuído, posto que aqueles passeios já não me deleitavam. A mesma Gilberte, que me compreendia menos ainda do que me compreendia eu mesmo, aumentava minha tristeza ao compartilhar meu assombro.

« Mas não lhe faz sentir nada – dizia-me - tomar essa ladeira que subia em outro

tempo?»

E ela mesma mudara tanto que já não me parecia bela, que não o era já absolutamente. Enquanto caminhávamos, via mudar a paisagem, tivera que subir as encostas, baixar outras. Gilberte e eu falávamos, muito agradavelmente. Mas não sem dificuldade. Há em tantos seres várias capas diferentes: o caráter do pai, o caráter da mãe; atravessamos uma e logo outra. Mas no dia seguinte mudou a ordem de superposição. E ao final não se sabia quem distribuirá as partes, em quem poderíamos confiar para a sentença. Gilberte era como esses países com os que outros países não se atrevem a aliar-se porque mudam muito freqüentemente de governo. Mas no fundo é um engano. A memória do ser mais sucessivo estabelece nele uma espécie de identidade e lhe faz não querer faltar algumas promessas que recorda, até no caso de não as haver assinado. Quanto à inteligência, a de Gilberte, como alguns absurdos de sua mãe, era muito viva. Mas, e isto não afeta o seu valor próprio, lembrança que, naquelas conversações que tínhamos no passeio, várias vezes me causou grande estranheza. Uma delas, a primeira, me dizendo: « Se você não tivesse muita fome e se não fosse tão tarde, tomando esse caminho da esquerda e virando logo à direita, em menos de um quarto de hora estaríamos nos Guermantes» . É como se me houvesse dito: « Tome à esquerda, depois à direita, e tocará o intangível, chegará às inacessíveis lonjuras das quais, na terra, não se conhece nunca mais que a direção, que o "para"» -o que eu acreditei antigamente que poderia conhecer somente dos Guermantes, e possivelmente, em certo sentido, não me enganava-.

Outra de minhas surpresas foi ver as « fontes de Vivonne» , que eu me figurava como algo tão extraterrestre como a *Entrada aos Infernos*, e que não era mais que uma espécie de tanque quadrado de que saíam borbulhas. E a terceira foi quando Gilberte disse-me:

« Se quiser, poderemos de todos os modos sair um dia depois de almoçar e poderemos ir aos Guermantes, indo pelo Méséglise, que é o caminho mais bonito» , frase que, trocando todas as idéias de minha infância, ensinou-me que um e outro caminho não eram tão inconciliáveis como eu acreditava. Mas o que mais me chocou foi o pouco que, naquela temporada, revivi meus anos de outro tempo, o pouco que desejava voltar a ver Combray, o estreito e feio que me pareceu Vivonne. Mas quando Gilberte comprovou para mim algumas das minhas representações do caminho do Méséglise, foi em um daqueles passeios, noturnos por fim, embora fossem antes da comida - mas ela comia tão tarde!-.

Ao baixar ao mistério de um vale perfeito e profundo estofo pela luz da lua, detivemo-nos um instante, como dois insetos que vão cravar-se no coração de um cálice azulado.

Gilberte, possivelmente por ter uma simples fina atenção de dona-de-casa que

lamenta nossa próxima partida e que tivesse querido nos fazer melhor as honras dessa região que parecemos apreciar, teve então uma dessas palavras com as quais sua habilidade de mulher do mundo sabe tirar partido do silêncio, da simplicidade, da sobriedade na expressão do sentimento, nos fazendo acreditar que ocupamos em sua vida um lugar que nenhuma outra pessoa poderia ocupar. Derramando bruscamente para ela a ternura que me embargava pelo ar delicioso, pela brisa que se respirava, disse-lhe:

- O outro dia falava de você na ladeira. Como a amava então!

Respondeu-me:

- Por que não me dizia isso? Eu não me figurava isso. Eu lhe amava. E até por duas vezes insinuei a você.

- Quando?

- A primeira vez em Tansonville. Ia você de passeio com sua família, eu voltava; nunca tinha visto um moço tão bonito. Tinha o costume - acrescentou em um tom vago e pudico- de ir jogar com uns amigos nas ruínas da torre do Roussainville. E dirá você que eu estava muito mal educada, pois havia ali garotas e meninos de todo gênero que se aproveitavam da escuridão. O coroinha da igreja de Combray, Teodoro, que há que reconhecer que era muito simpático (que bem estava!) e que se tornou muito feio (agora é de farmacêutico em Méséglise), divertia-se com todas as aldeãs das cercanias. Como me deixavam sair sozinha, assim que podia me escapava correndo. Quanto gostava de ver que você chegava; lembro-me muito bem que, como não dispunha mais que de um minuto para lhe fazer compreender o que desejava, expondo que me vissem seus pais e meus, o indiquei de uma maneira tão crua que agora me dá vergonha. Mas você me olhou de maneira tão má que compreendi que não queria.

De repente pensei que a verdadeira Gilberte, a verdadeira Albertine, eram possivelmente as que se entregaram no primeiro momento em seu olhar, uma diante do sebe de espinheiros rosa, a outra na praia. E fui eu o que, sem compreendê-lo, sem havê-lo revivido até mais tarde em minha memória, depois de um intervalo no qual, por minhas conversações, toda uma distância de sentimento me fez temer serem tão francas como no primeiro momento, danifiquei tudo com minha estupidez. Falhei-as mais completamente - embora, em realidade, o relativo fracasso com elas fora menos absurdo - pelas mesmas razões que Saint-Loup à Raquel.

- E a segunda vez - prosseguiu Gilberte - foi, muitos anos depois, quando lhe encontrei em sua porta, o dia que lhe voltei a ver em casa de minha tia Oriane; não lhe reconheci no primeiro momento, ou talvez lhe reconhecia sem sabê-lo, porque tinha a mesma vontade que em Tansonville.

- Mas no intervalo houve nos Champs-Elysées.

- Sim, mas então você me queria muito, eu sentia uma inquisição em tudo o que fazia.

Não pensei em lhe perguntar quem era aquele moço com o qual descia pela avenida dos Champs-Elysées o dia em que ia voltar para vê-la, o dia em que me reconciliaria fazendo as pazes com ela quando ainda era tempo, aquele dia que teria mudado toda minha vida se não tivesse encontrado com as duas sombras que caminhavam juntas no crepúsculo. Se o tivesse perguntado, possivelmente me diria a verdade, como Albertina se tivesse ressuscitado. Com efeito, quando, passados os anos, encontramos mulheres as quais já não amamos, não está a morte entre elas e nós, quão mesmo se já não fossem deste mundo porque o fato de que nosso amor não exista já converte em mortos às que eram então ou ao que fomos nós? Também podia ocorrer que não se lembrasse ou que mentisse. Em todo caso, sabê-lo já não me interessava, porque meu coração mudara mais ainda que o rosto de Gilberte. Este rosto eu já não gostava há muito, mas, sobretudo, já não me faria sofrer, já não poderia conceber, se tornasse a pensar nisso, que tivesse me fazer sofrer tanto ao encontrar Gilberte caminhando devagar junto a um moço, pensando: « acabou-se, renuncio para sempre à vê-la» . Do estado de minha alma, que, aquele longínquo ano, não tinha sido para mim mais que uma longa tortura, não ficava nada. Pois neste mundo onde tudo se gasta, onde tudo perece, há uma coisa que cai em ruínas, que se destrói mais completamente ainda, deixando ainda menos vestígios que a Beleza: é a Dor.

Mas, embora não me surpreende não lhe haver perguntado então com quem descia pelos Champs-Elysées, pois tinha visto já muitos exemplos desta mesma falta de curiosidade que concede o Tempo, em troca me surpreende um pouco não ter contado à Gilberte que, antes de encontrá-la aquele dia, tinha vendido um vaso chinês antigo para comprar flores. (Perguntei-lhe. Era Léia vestida de homem. Sabia que conhecia Albertine, mas não podia dizer mais. Ocorre, pois, que certas pessoas se voltamos a encontrar em nossa vida para preparar nossos prazeres e nossas dores.{111})

Pois naqueles tempos tão tristes que seguiram àquele encontro, meu único consolo foi pensar que algum dia poderia lhe contar sem perigo aquela intenção tão tenra.

Passado mais de um ano, se via que um carro ia chocar com o meu, minha única preocupação era morrer sem contar aquilo à Gilberte. Consolava-me pensando: « Não há pressa, tenho toda a vida adiante para isso» . E por isso desejava não perder a vida. Agora isto me teria parecido pouco agradável de dizer, quase ridículo, e « comprometedor» .

- Além disso - continuou Gilberte -, inclusive o dia que lhe encontrei em sua

porta, era tão igual em Combray, se você soubesse que pouco tinha mudado!

Voltei a ver Gilberte em minha memória. Se pudesse desenhar o quadrilátero de luz que o sol riscava sob os majuelos (flores), a espécie que a moça levava na mão, o longo olhar que posou em mim. Só que eu acreditei, pelo gesto grosseiro que a acompanhou, que era um olhar de desprezo, porque o que eu desejava me parecia uma coisa que as moças não conheciam e não faziam mais que em minha imaginação, durante minhas horas de desejo solitário. Menos ainda teria acreditado que, tão facilmente, tão rapidamente, quase ante os olhos de meu avô, uma delas tivesse a audácia de fazer aquele gesto.

Não lhe perguntei com quem ia a passeio pela avenida dos Champs-Elysées o dia em que vendi os vasos chineses. O que tivesse de real sob a aparência de então era-me por completo indiferente. E, entretanto, quantos dias e quantas noites sofri me perguntando quem seria, quantas vezes tive que reprimir o palpitar do coração possivelmente mais ainda que quando não voltei a dar boa noite à mamãe naquele mesmo Combray! Dizem, e isto explica a progressiva atenuação de certas afecções nervosas, que nosso sistema nervoso envelhece. Isto não é só certo quanto a nosso "eu" permanente, que se prolonga tanto como dura nossa vida, a não ser quanto a todos nossos "eus" sucessivos, que, em suma, compõem-lhe em parte.

Por isso, a tantos anos de distância, tive que retocar uma imagem que recordava tão bem, operação que me fez bastante feliz demonstrando-me que o infranqueável abismo que

então acreditava existir entre mim e certa classe de moças de dourada cabeleira era tão imaginário como o abismo do Pascal, e que me pareceu poético pelos muitos anos no fundo dos quais terei que realizá-lo. Tive um sobressalto de desejo e de saudade pensando nos metrôs do Roussainville. Mas me alegrava pensar que aquela felicidade para a que tendiam então todas minhas forças, e que já nada podia me devolver, tivesse existido fora de meu pensamento, em realidade tão perto de mim, naquele Roussainville do que eu falava tão freqüentemente, que via do gabinete que cheirava a lírios. E eu não sabia nada! Em suma, resumia tudo o que desejei em meus passeios até não poder me decidir a voltar para casa, parecendo-me ver que as árvores se entreabriam, se animavam. O que então desejava tão febrilmente, ela esteve a ponto de me fazer: gostar em minha adolescência, se eu pudesse compreendê-la e conquista-la. Naquele tempo Gilberte estava verdadeiramente mais ao lado do Méséglise, mais ainda do que eu acreditasse. E inclusive aquele dia em que a encontrei sob uma porta, embora não era madame de l'Orgeville, a qual Robert tinha conhecido nas casas noturnas (e que casualidade que fosse precisamente seu futuro marido a quem eu lhe pedisse que me explicasse isso!), não me equivocara por completo sobre o significado de seu olhar, nem sobre a classe de mulher que era e que agora me

confessava ter sido.

- « Tudo isso fica muito longe – disse-me -; desde que me prometi com Robert, já não pensei nunca em mais ninguém senão nele. E dir-lhe-ei que nem sequer são esses caprichos de menina o que mais me censuro.»

Naquela morada um tanto rústica demais, que parecia local de repouso um aguaceiro, uma dessas mansões onde cada sala, e onde, no papel de parede dos quartos, as rosas pássaros das árvores, aproximavam-se e nos faziam devanescer; quando nada pois as paredes eram forradas porque estava tão destacada que se poderia colher, para o caso de ser engaiolado e domesticado, sem coisa alguma dos quartos de hoje, nos quais, sobre um fundo prateado, todas vêm perfilar-se em estilo japonês para alucinar as horas. O dia inteiro, passei-o no meu quarto que dava para os belos lilases da entrada, a folhagem verde das grandes árvores de sol, e a floresta de Méséglise. E afinal, eu só olhava, dizia comigo: "É bonito ter tanto verde na janela do meu quarto, que reconheci, no amplo quadro verdejante, pintado ou simplesmente por estar mais longe, o campanário de uma representação desse campanário, mas o próprio campo diante de meus olhos a distância das léguas e dos anos, nosso verdor e de um tom completamente diverso, tão somente apenas desenhado, inscrever-se no retângulo da janela. E, ante do quarto, até a extremidade do corredor, que era oriental avistava, como uma faixa escarlate, o revestimento de uma sava de simples musselina, porém rubra, e pronta para um raio de sol.

Em nossos passeios, Gilberte me falava de Robert, cada vez mais parecia se juntar a outras mulheres. E é verdade que muitas, mas como certas camaradagens masculinas para os homens e mulheres, com aquele caráter de defesa inutilmente feita, e de lugar que têm, na maioria das casas, os objetos que não servem para nada. Foi diversas vezes a Tansonville enquanto durou minha permanência. Estava bem diferente daquele que eu havia conhecido. A vida não o tornara mais lento, entorpecido, como ao Sr. de Charlus; muito pelo contrário, operando uma mudança inversa, dera-lhe o aspecto desenvolto de um oficial de cavalaria; conquanto ele houvesse apresentado sua demissão por ocasião do casamento, um ponto como nunca o tivera. À medida que o Sr. de Charlus se tornara pesado, Robert (e sem dúvida ele era infinitamente mais jovem, mas percebia-se que não faria senão aproximar-se mais desse ideal com a idade, como certas mulheres que sacrificam resolutamente o rosto ao talhe e, a partir de certo momento, já não deixam Marienbad, pensando que, não podendo conservar ao mesmo tempo as juventudes, será ainda a da silhueta a mais capaz de representar as outras. Tornara-se mais esbelto, mais rápido, efeito contrário de um mesmo vício; a velocidade, aliás, tinha diversas razões psicológicas, o medo de ser visto, o de não parecer ter esse medo, a febrilidade nascida do descontentamento mesmo e do tédio. Tinha o hábito de ir a certos lugares de má

fama, onde, não gostava que o vissem entrar nem sair, se abismava para oferecer aos olhos malévolos de hipotéticos transeuntes o menos possível de superfície, combinação que realizava num assalto. E esse aspecto de pé-de-vento lhe ficara. Talvez também esquematizasse, desse modo, a aparente intrepidez de alguém que deseja mostrar que não tem medo e nem se preocupa em pensar. Para ser completo, seria preferível levar em consideração o desejo, quanto mais envelhecia, de parecer jovem e até da impaciência desses homens sempre entediados, sempre blasés, que são pessoas inteligentes demais para a vida relativamente ociosa que levam, e na qual suas faculdades não se realizam.

Sem dúvida, a ociosidade dessas pessoas pode traduzir até pelo desleixo. Mas, sobretudo após a moda dos exercícios físicos, ociosidade assumiu uma forma esportiva, mesmo fora das horas do esporte, que se traduz por uma vivacidade febril que julga não deixar ao tédio nem tempo nem espaço para se desenvolver, e muito menos por meio do desleixo.

Minha memória, a própria memória involuntária, havia perdido o amor de Albertine. Mas parece existir uma memória involuntária dos membros, pálida imitação da outra, que dura muito mais tempo, como certos animais ou vegetais ininteligentes vivem mais que o homem. As pernas e os braços estão cheios de lembranças entorpecidas{112}.

Certa vez em que deixei Gilberte muito cedo, acordei no meio da noite, no quarto de Tansonville, e, ainda meio adormecido, chamei: "Albertine." Não é que estivesse pensado nela, ou até com ela sonhado; nem que a tivesse tomado por Gilberte: é que uma reminiscência cravada em meu braço me fez procurar atrás de mim a campainha, como em meu quarto em Paris. E, ao não encontrá-la chamei: “Albertine” acreditando que a amiga defunta estava deitada ao meu lado como quando adormecíamos juntos; calculando ao despertar, o tempo que demoraria Françoise para chegar, para que Albertine pudesse, sem imprudência, tocar a companhia que eu não encontrava.

Durante essa fase deplorável, de prova de afeto no quarto em Paris; por exemplo, eu mostrava afetações de que sentia. Não é que, na realidade, eu a sentisse. Mas mentia-lhe o tempo todo; sem fundamento por causa de suas mentiras, era só para poder livrar-se exagerando-a por magoar Gilberte. Chegava dizer o seguinte: devido a negócios com Paris, e o qual, encontrado precisamente patenteando a mentira de que viera a sua terra para descansar um período. Robert enrubescia, notava-se do inconveniente, insultando-o, um bilhete desesperado em que dizia vendo-o partir de novo por uma única razão: que não a amava (e tudo isso, embora realidade); depois, mandava perguntar se era real, em parte por nervosismo como a mais audaciosa, soluçava, inundava-se; às vezes se batia no chão como se nesse ponto devia acreditar nele, supunha-o e de

um modo geral, julgava-se amada, e sentia-se próxima, pensando que ele talvez tivesse remorso, não tinha coragem de contrariá-lo; e talvez menos por que fazia ele que Morel com Bergotte, onde quer que se encontrasse. Morel imitava Bergotte às maravilhas; houve necessidade de lhe pedir que fizesse uma imitação. Como esses histéricos a quem já não se precisa fazer doente, que se tornem tal ou qual pessoa, ele entrava subitamente, por si mesmo no personagem.

Françoise, já presenciara tudo o que o Sr. de Charlus havia feito com Jupien, e tudo o que Robert de Saint-Loup fazia por Morel, não atribuía àquele traço que reaparecia em certas gerações dos Guermantes, porém, visto que Legrandin ajudava bastante a Théodore, pessoa tão moralista e cheia de preceitos; acabara por acreditar tratar-se de um hábito, cuja universalidade o tornava respeitável. Dizia sempre acerca de um rapaz, fosse Morel ou Théodore:

- Encontrou um senhor que sempre se interessou por ele e o ajudou bastante. -

E como em casos semelhantes, os protetores são os que amam, sofrem e perdoam, Françoise entre eles e os menores que aluem desviavam, não hesitava em lhes conferir o melhor, em achar-lhes "bom coração". Sem vacilar, censurava Théodore que havia boas peças a Legrandin, embora parecesse não ter quaisquer dúvidas sobre a natureza de suas relações pois acrescentava:

- Então o pequeno compreendeu que é preciso dar um pouco de si mesmo, e falou: "Leve-me consigo, hei de o querer muito bem; hei de lisonjeá-lo, e, palavra de honra; aquele senhor tem tão bom coração que, é claro, Théodore com certeza encontrará junto dele talvez mais do que merece, pois é uma cabeça oca; mas aquele senhor é tão bom que eu várias vezes disse à Jeannette (a noiva de Théodore): "Menina, se algum dia estiver em dificuldade, procura aquele senhor. Seria capaz de dormir no chão e dar sua cama." E gostou demais do pequeno (Théodore) para despedi-lo. É claro que não o abandonará nunca.

Por polidez indaguei à sua irmã o sobrenome de Théodore, que agora estava no *Midi*.

- Mas foi ele quem me escreveu sobre o meu artigo no *Fígaro*! - expliquei ao saber que ele se chamava Sautton.

Da mesma forma, estimava mais a Saint-Loup que a Morel e acho, apesar de todas as bobagens que o pequeno (Morel) havia feito, o marquês não o abandonaria pois era homem de grande coração, a menos que ele próprio sentisse muitos reveses.

Robert insistia para que eu ficasse em Tansonville e uma vez deixou a par, conquanto ele visivelmente já não procurasse agradar-me, que a minha presença fora motivo de alegria tal para a esposa, a ponto de, segundo esta transportá-la de

felicidade uma noite inteira, uma noite em que Gilberte se sentisse triste que eu, chegando sem prevenir, milagrosamente a salvara "talvez de coisa pior", - acrescentou. Pediu-me que tentasse persuadi-la de que a amava, dizendo-me que a mulher a quem igualmente amava, amava-a mais que a Gilberte, e romperia em breve com ela. - E no entanto - acrescentou tamanha fatuidade e tanta necessidade de confidência, que, por momentos, que o nome de Charlie, malgrado Robert, iria "sair", como um número que tenho do que me orgulhar. Essa mulher que me dá tantas provas de carinho que vou sacrificar à Gilberte se enamorar. Sou o primeiro que, ao receber a notícia fiquei pasmo. Evidentemente comecei a ver a pobre Gilberte algo de Rachel; que, a rigor, se por semelhança real tão pouco nítida ele se casasse. Possivelmente devia-se também a uma verdadeira similitude de alguns traços (devido, por exemplo a origem hebraica, embora em Gilberte tão pouco acentuada), pela qual Robert quando sua família quis que se casasse em igualdade de fortuna, sentiu-se atraído por Gilberte. Também se explicava porque Gilberte quando encontrara fotografias de Raquel, da qual ignorava até o nome, para agradar à Robert começou a imitar certos hábitos da atriz como o de levar uma fita de veludo no cabelo sentindo que seus prazer era isso. E às vezes, ao passar vinte e quatro punha à mesa tão bela como do que era nos dias frente uma atriz, uma fixidez excessiva, na curiosidade, aliás, em o cuidado com que o fez. Fazendo uma rica palheta, e lhe fazia a boca sangrenta e isso lhe caía bem, ao passo que se soubesse que o marido de cujo modelo o Sr. de Guermantes segue a mentira empalideceria e acentuaria as olheiras.

Num tom intencionalmente de carinho espontâneo de outrora, com voz de fazer ver Gilberte feliz. Ela fez tanto por tudo isso era ainda o amor-próprio; e, sem ousar dizer que era Charlie a seu amor que o violinista lhe dedicava, do não inventado em todos os por menores presentes sempre solicitando mais dinheiro.

E era a Paris pouco a narrativa, pois ainda estou em Paris, numa recepção, e de longe; nela, a sua conversa, viva e envolvente apesar de tudo, permitia-me retratar o passado; fiquei impressionado ao ver como se transformava. Parecia-se cada vez mais à mãe; mas a altiva esbeltez que herdara dela, e que nela era perfeita, se exagerava e endurecia, devido à educação mais esmerada. O olhar penetrante dos Guermantes dava-lhe o aspecto de estar inspecionando todos os lugares onde passava, mas de forma quase inconsciente, por uma espécie de hábito instinto animal. Mesmo imóvel, a sua coloração, ouro sólido de um dia ensolarado; mais própria dele que de todos os Guermantes, como que lhe conferia uma plumagem, fazia dele uma espécie tão rara, tão preciosa, que se desejaria obtê-lo para uma coleção mitológica; mas quando, além disso, essa luz mudada em pássaro se punha em movimento, em ação, quando, por exemplo, via Robert de Saint-Loup entrar numa festa onde eu já me encontrava, eram

tantos os meneios de cabeça, tão macia e orgulhosamente alçada sob a aigrette dos cabelos um tanto ralos, tantos os movimentos de pescoço, mais ágeis, e graciosos do que os humanos, que, ante a curiosidade e a admiração, mundana, meio zoológica, que despertava, as pessoas se indagavam se estavam no *faubourg* Saint-Germain ou no *Jardin des Plantes*, se contemplavam um senhor atravessando o salão ou uma ave passeando na gaiola. Aliás, todo retorno à elegância volátil dos Guermantes de bico pontudo, de olhar aguçados agora utilizado por seu vício novo, que deles se servia para dissimular. Quanto se servia deles, mais se assemelhava ao que Balzac chama de "tia". Não era necessário ter muita imaginação para perceber que o gorjeio se prestava a interpretação semelhante à da plumagem. Ele começava a dizer frases que considerava do século XVII e assim imitava as maneiras dos Guermantes. Porém um nada indefinível com que se transformassem nas do Sr. de Charlus.

- Deixo-te por um instante - disse-me ele naquela recepção em que a Sra. de Marsantes se achava no meio de nós. -Vou fazer um pouquinho de corte à minha mãe.

Quanto ao amor de que me falava sem cessar, não era somente o que nutria por Charlie, embora fosse este o único a importar para ele. Seja qual for o amor de um homem, enganamo-nos sempre acerca do número de pessoas com quem mantém ligações, pois interpretamos falsamente as amizades como ligações amorosas, o que é um erro por acréscimo, mas também porque julga que uma ligação comprovada exclui outra, o que é outro gênero de erro. Pessoas podem dizer: "A amante de X..., conheço-a", pronunciar dois

nomes diferentes, e ambas não estarem enganadas. Uma mulher rara a quem amamos basta para todas as nossas necessidades; enganamo-la com uma outra a que amamos. Quanto ao marido, a ele inclinado a quem os Guermantes pensavam que possuíam esses, as mulheres que exibiam; eram os mais sábios sobre a terra, e supondo que tal mulheres deslumbrantes, essas tendências respondem que podiam ser mulher em dobro, se dizia o mesmo à inversão, fazia algum tempo.

Os Courvoisier se comportavam com maior prudência. O jovem visconde de Courvoisier acreditava ser o único no mundo, e da origem do mesmo, ao que atraíra um de seu sexo. Caso que esta inclinação era coisa do diabo, lutou contra ela, casou-se com uma mulher preciosa e lhe fez filhos. Depois, um primo seu o ensinou que essa inclinação é bastante freqüente; chegou sua bondade até o extremo de lhe levar aos lugares onde podia satisfazê-la. Monsieur de Courvoisier amou mais ainda a sua mulher, intensificou seu zelo prolífico, ela e ele eram citados como o melhor matrimônio de Paris. Não se dizia o mesmo de Saint-Loup, porque Robert, em vez de contentar-se com o investimento, matava a sua mulher de ciúmes sustentando queridas, com as quais não sentia prazer. É

possível que Morel, como era tão moreno, o fora necessário ao Saint-Loup como o é a sombra ao raio de sol. Nesta família tão antiga se imagina muito bem a um grande senhor loiro dourado, inteligente, com todos os prestígios e mantendo secreta uma afeição ignorada por todos. Por outra parte, Robert não deixava nunca aludir na conversação a essa classe de amores que era a sua. Se eu dizia uma palavra sobre o assunto: « Ah!, não sei -respondia com um desinteresse tão profundo que deixava cair o monóculo-, eu não tenho nem idéia dessas coisas. Se você desejar dados sobre isso, querido, aconselho-te que dirija a outro. Eu sou um soldado, e não há mais que falar. Minha indiferença por essas coisas é tão grande como meu interesse apaixonado pela guerra dos Balcãs. Em outro tempo interessava a ti a etimologia das batalhas. Então te dizia eu que voltaríamos a ver, até nas condições mais diferentes, as batalhas típicas, por exemplo o grande ensaio de cerco pelo flanco, a batalha de Ulm. Bom, pois por mais especiais que sejam estas guerras balcânicas, Loullé-Bourgas continua sendo Ulm, envolver pelo flanco. Estas são as coisas das quais pode me falar. Mas disso a que avalanches sei tanto como de sânscrito» .

Estes temas que Robert desdenhava assim, Gilberte, em troca, abordava-os de bom

grado falando comigo quando ele partia. Claro que não em relação com seu marido, pois dele o ignorava ou fingia ignorá-lo tudo. Mas gostava de falar disto quando se tratava de outro, já porque visse nisso uma espécie de desculpa indireta para Robert, ou porque este, compartilhado como seu tio entre um silêncio severo sobre estes temas e uma necessidade de espionar e de falar mal de gente, caso tivesse-lhe contado coisas sobre muitos. Entre todos eles, não excluía ao Sr. de Charlus; e é certamente porque Robert, sem falar de Charlie a Gilberte, não pudera evitar repetir-lhe, sob uma ou outra forma, o que o violinista lhe dissera. E o violinista perseguia o antigo benfeitor com seu ódio; suas conversações, que Gilberte apreciava, permitiram-me indagar-lhe se, num paralelo, Albertine, cujo nome eu ouvia pela vez primeira através dela, quando eram colegas de curso, não tinham tais gostos. Gilberte não possuía informação. De resto, fazia muito tempo que aquilo deixara de oferecer interesse para mim. Mas eu continuava a me indagar maquinalmente, como um velho que, tendo perdido a memória, de vez em quando pede notícias de morto.

Curioso, é que essa coisa sobre tal assunto não posso me estender, será , até que ponto, por essa época, todas as pessoas que Albertine amava, todas que poderiam tê-la obrigado a fazer o que quisessem, pediram, imploraram, até dizer que mendigaram, na falta de minha amizade, algumas relações comigo.

Não haveria mais necessidade de oferecer dinheiro à Sra. Bontemps para que mandasse Albertine de volta. Ocorrendo quando não mais servia para alguma, essa reviravolta da vida me entristecia profundamente, não por causa de

Albertine, que eu teria recebido sem prazer se me fosse devolvida, não pelas faltas de além-túmulo; mas por pior causa é uma jovem a quem eu amava e podia chegar a ver. Dizia comigo que se ela morresse, ou se a deixasse todos os que poderiam me fazer aproximar dela decairiam a meus olhos. Não adiantava inutilmente agir sobre eles, visto não estar curado pela experiência que deveria me ensinar - se por acaso ensinasse alguma coisa - que amar é um destino de má sorte, como os que existem nos contos de fadas, e contra a qual nada pode fazer enquanto não for quebrado o encanto.

- Justamente o livro que estou lendo fala dessas coisas - disse-me Gilberte - Falei desse mistério à Robert: "Nós nos entenderíamos perfeitamente." Ele jurou não se lembrar e que aquilo em todo caso, não tinha nenhum sentido. - É um velho romance de Balzac -prosseguiu Gilberte - que vou ler para pôr-me à altura de meus tios, *A Menina dos Olhos de Ouro*: inverossímil, absurdo, um tremendo pesadelo. Além disso, uma mulher tão falsa ser vigiada assim por outra mulher, nunca por um homem. - Você sabe conheci uma mulher a quem o homem que a amava virtualmente, jamais podia ver pessoa alguma, e só saía acompanhada de criados de confiança. Pois então, isto deve tê-lo horrorizado, você que é tão bom. Justamente, achávamos que deveria casar-se. Sua mulher haveria de curá-lo, e você a faria feliz.

- Não, pois eu tenho muito mau gênio

- Que idéia!

- Juro-lhe! Aliás, já falei, mas não pude decidir a casar-me. A própria desistiu por causa do meu temperamento indeciso e maçante.

Era de fato sob esta fórmula bem simplista, que julgava a minha aventura com Albertine, agora que via essa aventura de fora.

Sentia-me triste ao subir sequer rever a igreja de Combray, que através de uma janela violácea. Dizia como se não fosse morrer até lá, não vendo outro lado da igreja, que se me afigurasse a morte, assim como havia existido.

Entretanto, um dia falei se gostava de mulheres.

- Oh, de jeito nenhum - como jeito dela era duvidoso.

- Eu disse isso

- Você o disse (mas você se engana), fala naquela idade que não iriam muito por ela mesma, segundo as propostas à Albertine? Ou então que imaginamos, sabendo quando os outros podem estar mais certos, porém exagerá-la e errar por que se errassem por ausência do que desejaria tapar-me os olhos pronta para os ciumentos duvidosos de antigamente. O inverso ao fazer afirmações das relações com Gilberte, havia dito Andrée, pois são antes de conhecê-los como ocorre muitas vezes variantes das realidades inventadas. E então refiz minhas

suposições; suposições, quase ignoradas mais prováveis como verdadeiras. Teria preferido dizer tudo para me ofuscar em Balbec, pelo que falara de mulheres conhecer do que se assume um ar entendi mesmo ignorando o que a Sra. Vinteuil e de Andrée, parte da "confraria", e só um homem de letras pergunta, até o dia em que a recuar. A não ser que fosse por ter sabido, durante um namoro que ele teria conduzido na direção que lhe interessava, das inclinações de Gilberte pelas mulheres, é que Robert a desposara, esperando prazeres, que encontrara, pois buscava-os em outra parte. Nenhuma dessas hipóteses depois, em mulheres como a filha de Odette ou entre as jovens do pequeno lugar, existe uma tal diversidade, um tamanho acúmulo de gostos alternados, não simultâneos, que facilmente passam da ligação com uma mulher a um amor por um homem, de modo que se torna difícil definir-lhes o gosto verdade e dominante.

Não quis pedir emprestado a Gilberte o seu exemplar de *A Menina dos Olhos de Ouro*, (*Fille aux yeux d'or)*, pois que o estava lendo. Mas ela me emprestou, para ler ao dormir, nesta última noite que passei em sua casa, um livro que me causou uma impressão muito viva e singular. Era um volume do diário inédito dos Goncourt. E quando, antes de apagar a minha vela, li a passagem que tratarei mais adiante, minha falta de condições para as letras, outrora pressentida no sonho de Guermantes confirmada durante a estada cuja última noite chegara. Na noite de véspera de partida, em que, cessando o torpor dos hábitos que vão retornar, procuramos julgar-nos; pareceu-me algo menos lastimável, como se alguém não revelasse nenhuma verdade profunda; e, ao mesmo tempo, parecia-me, que a literatura não fosse aquilo que eu havia julgado. Por outro lado, menos amável me parecia o estado doentio que iria confinar-me a uma casa de saúde as belas coisas de que falam os livros não eram mais belas do que as que eu tinha visto. Mas, devido a uma estranha contradição, agora que esse livro as mencionava, sentia vontade de vê-las. Eis as páginas que li até que o cansaço me fechou os olhos:

"Anteontem, caiu-me aqui, para me levar a jantar em sua casa, Verdurin, o antigo crítico de La Revue, autor daquele livro sobre Whistler, onde na verdade a maneira, o colorido artístico do original americano, é muitas vezes traduzida uma grande delicadeza pelo amoroso de todos os requintes, de todas as lindas pinturas que é Verdurin. Enquanto me visto para sair com ele, ouço de sua partida um discurso, onde às vezes há como que o soletrar assustado depois de uma renúncia a escrever, tão logo se realize seu casamento com a Madeleine de Fromentin; renúncia que seria devida ao hábito de tomar morfina, e que, do Verdurin, levaria a maior parte dos convivas do salão de sua mulher desconfiando que o marido jamais houvesse escrito, falar-lhe de Charles Blanc, Saint-Victor, de Saint-Beuve, de Burty, como de uns indivíduos aos quais o imaginamos inferiores. 'Ora, você, Goncourt, sabe muito bem e Gautier também, que meus salões eram coisa bem

superior do que esses lamentáveis *Maîtres d'autrefois* da obra-prima na família de minha mulher. Depois de um crepúsculo que perto das torres do Trocadero emitem como à centelhas iguais às torres cobertas de geléia de groselha dos antigos pasteleiros. A conversa continua no carro que leva-nos ao Quai Conti onde está seu hotel que seu possuidor pretender ser o antigo hotel dos embaixadores de Veneza, onde parece haver um *fumior* de que fala Verdurin; uma sala decorada tal como estava à maneira das *Mil e Uma Noites*, de um célebre *palazzo* de nome que não me lembro, *palazzo* portando um poço cujo bocal representa uma coroação da Virgem que, segundo Verdurin é sem dúvida alguma do mais belo *Sansovino* e que serviria para que seus convidados jogassem a cinza dos charutos. E a verdade é que quando chegamos, à luz glauca e difusa de uma claridade da lua, verdadeiramente parecido aos que iluminam Veneza na pintura clássica, e no qual a silhueta da cúpula do Instituto faz pensar em Salute nos quadros de Guardi. Tenho um pouco a ilusão de estar a beira do Grande Canal. E a ilusão favorecida pela construção do hotel no qual no primeiro piso, não se vê o mole e pelas frases do dono da casa afirmando que o nome da Rua du Bac – nunca me ocorrera pensar tal coisa – vinha das barcas nas quais as monjas de outros tempos; as religiosas de outrora, na infância quando vivia nele minha tia Courmont, e que agora ponho a relembrar ao encontrar, quase contígua ao hotel dos Verdurin, a insígnia de Petit Dunkerque", uma das estranhas lojas superviventes fora dos viñetados nos desenhos de Gabriel de Saint -Aubin, ali onde o século XVIII curioso devia sentar em seus momentos de ócio para o regateio das francesas e estrangeiras e "todo o mais novo que produz nas artes. Como diz uma fatura desse Petit Dunkerque, fatura da qual, conforme acredito, só Verdurin e eu possuímos uma prova e que é sem dúvida uma das volantes obras mestras de papel ornamentado no reinado de Luis XV que fazia suas contas; com seu cabeçalho representando um mar tempestuoso, cheio de navios, um mar com umas ondas como de uma ilustração da edição dos *Coletores de Impostos de L'huí tre et plaideurs*. A proprietária da casa, que vai sentar a seu lado, diz-me amavelmente que adornou a mesa só com crisântemos japoneses, mas uns crisântemos colocados em vasos que seriam obras de arte muito estranhos, um deles de bronze sobre os quais umas pétalas de cobre avermelhado pareciam as autênticas folhas desprendidas da flor. Estão os Cottard -o doutor e sua mulher-, o escultor polonês Viradobetski, o colecionador Swann, uma alta senhora russa, uma princesa cujo nome em of esta diz-me ao ouvido que foi ela quem atirou à queima-roupa no arquiduque a acreditar nela, eu teria na Galícia e em todo o norte da Polônia uma absolutamente excepcional, moça nenhuma prometendo a sua mão sem que o noivo é um admirador de La Faustin.'Vocês, ocidentais, não podem com isso', lança, à maneira de conclusão, a princesa, que me dá, por minha fé; ai são de uma inteligência realmente superior, 'essa penetração, por um escritor da intimidade de uma mulher'. Um homem de queixo e lábios

raspados, e de mordomo, proferindo, em tom de condescendência, gracejos de ginásio que confraterniza com os primeiros da turma para os festejos Magno, é Brichot, o universitário. Ante o meu nome, pronunciado por Verdurin tem uma só palavra para mostrar que conhece nossos livros, e sinto desânimo despertado por essa conspiração que a Sorbonne organiza levando até a casa amável onde sou festejado a contradição e a hostilidade do silêncio intencional.

Vamos para a mesa e dá-se então um extraordinário prato que certamente são obras-primas da arte da porcelana, aquelas do reinado artístico, numa refeição delicada, mais deleita a atenção complacente e amador pratos dos Yung-Tsching, onde, nos bordos de cor de fogo de matiz azulado, no desfolhar túrgido de seus íris aquáticos, na travessia verdades decorativa, pela aurora, de um vôo de martins-pescadores e de grous, que possui exatamente os tons entrevistos todos os dias, quando acordo, no Montmorency pratos de Saxe, mais delicados na sua feitura graciosa, sonolência, da anemia das rosas violáceas, aos recortes borra-de-vinho de tulipa, ao rococó de um cravo ou de um miosótis pratos de Sevres, pelas finas estrias de suas caneluras brancas, verticilados de ouro, ou até cremosa camada de massa, pelo relevo galante de uma faixa dourada- enfim uma prataria onde correm muitos de Luciennes, que a Dubarry haveria de crer. E, o que é talvez ainda mais raro, a qualidade verdadeiramente notável das coisas que em tais pratos se servem, manjares finamente preparados, repasto que os parisienses, é preciso declará-lo bem alto, nunca têm nos jantares, e que me recorda certos cozinheiros de Jean d'Heurs. Mesmo o não possui qualquer relação com o creme insípido que habitualmente merecem esse nome, e não sei de muitos locais em que a simples salada de batatas assim com batatas que têm a resistência dos botões de marfim japoneses, a dessas colherzinhas de marfim com que as chinesas derramam água sobre peixes que acabam de pescar. No copo de Veneza que tenho à minha frente extraordinário *léoville*{113}, comprado na loja do Sr. de Montalivet, põe uma rica tolha vermelha. E é um regalo para a imaginação do que antigamente bem diverso dos linguados pouco freqüentes e cujas espinhas, nas demoras do transporte de um linguado que é servido, preparam tantos mestres-cuca o molho branco feito com manteiga linguado numa travessa maravilhosa de um pôr-de-sol, sobre um mar onde as lagostas, de pontilhado grumoso ter sido moldada em carapaças vê-se um chinesinho que pesca à vara, graças ao prateamento de um prazer delicado que devem ser como nenhum príncipe possui ou conhece, observa melancolia como de um maníaco origina-se assim; absolutamente isto, uma cidra, bebida em meio de uma tal encantadora senhora, verdadeiramente fala-nos com transbordar da Normandia que se constassem altas matas à Lawrence hortênsias cor-de-rosa, refrão cuja queda sobre as entrelaçadas simulam Gouthiere cujos da Normandia com casas de campo; eles nunca deixam de ver todas as cores.

Uma casa na Normandia que seria absolutamente insuspeitadas pelos parisienses e que está protegida pela barreira de cada uma de suas porteiras, barreiras que os Verdurin me confessam não serem recatados de levantarem. Ao cair da tarde, numa extinção sonolenta, de todas as cores, já sem mais luz, aquela que dá o mar quase coalhada de cor azulada como o soro do leite (Não é nada desse mar que você conhece – protesto freneticamente minha vizinha, replicando à meu comentário de que Flaubert nos levou, meu irmão e eu, à Troueville; nada, absolutamente nada dará uma idéia sem vir comigo.)

No verão seguinte estavam eles de novo, alojando toda uma colônia de artistas numa mansão medieval que lhes formava um antigo claustro alugado para eles por nada. E, por minha fé, ao ouvir esta mulher que, tendo passado pelas jardineiras ficavam completamente enjoados, que dava ao marido uns terríveis acessos de asma - "sim, isso mesmo – insistia a dama – verdadeiros acessos de asmas" - no entanto, em suas frases um pouco depois de passar por tantos lugares, verdadeiramente ilustres, não passavam de frases de uma mulher do povo; uma palavra que nos mostra as coisas de costume, com as cores que nossa imaginação as vê, veio-me água à boca pela vida que ela me confessou ter levado lá; cada qual trabalhando em sua cela, e onde, todos se reuniam no salão tão vasto, que possuía duas lareiras; onde comiam todos e compareciam para conversas de alto nível, misturando com jogos de prendas, fazendo-me pensar nesta mansão a vida que me recorda a obra-prima de Diderot, as Cartas à senhora VoIland. A seguir, após o almoço, todos saíam, mesmo nos dias de agitados pela chuva; quando, um raio de sol saía, luminosas bátegas riscavam, com seu traço bril troncos nodosos de um magnífico desfile de faias centenárias, que pendiam defronte à grade, o belo vegetal apreciado no século XVIII, e os arbustos, ramos se suspendiam, em vez de botões florescentes, gotas de chuva; para ouvir o delicado borrifo, enamorado de frescor, de um pisco{114} a banhar a graciosa banheira minúscula de porcelana de Nymphenburg que é acoplada à rosa branca.{115}

E como falo à Sra. Verdurin das paisagens e das flores nos delicadamente pintados por Elstir: 'Mas fui eu quem o fez conhecer tudo - gritou ela, erguendo a cabeça num assomo de cólera; 'tudo, compreende tudo: os recantos curiosos, todos os motivos, disse-lhe tudo isso na cara dele e ele nos abandonou, não é verdade Auguste? Todos os motivos que ele pintou dos objetos, ele sempre os conheceu, tenho de ser justa, não o nego. Mas nunca tinha visto as flores, não sabia distinguir a malva do malvaísco. Fui eu quem o fez reconhecer - vai achar incrível o jasmim. 'Força-me confessar ser curiosa, que o pintor de flores, considerado hoje o melhor pelos entendidos, e sua *Fantin-Latour*, talvez nunca tivesse feito, sem a mulher a meu lado podido jardim.' Sim, palavra de honra, o jasmim; todas as rosas que ele fez, viu-as em casa; ou então lhe foram entregues

por mim. Nós o chamávamos de Senhor pergunte à Cottard, ao Brichot, à todos os outros, se era tratado aqui feito um homem. Ele próprio teria achado graça, se o fosse. Ensinei-o a arrumar as flores desde o começo, não conseguia de modo nenhum. Nunca soube fazer um buquê, tinha gosto natural para escolher, era preciso que lhe dissesse:

'- Não, não não vale a pena, pinte aquilo. - Ah, se nos tivesse dado ouvidos para arrumar sua vida, como para o arranjo de suas flores, se não tivesse feito aquele casamento!'

E, bruscamente, os olhos ao passado, amassando nervosamente as mangas do vestido, lembra, um quadro admirável que julgo *nus* contida, toda a raivosa suscetibilidade das belezas, em seu pudor de mulher. A pintura havia feito para ela, o retrato logo depois de sua briga com o pintor; a idéia de representar o homem de roupa branca, e a mulher nua o borboletear dos claros matiz das meninas, semelhante idéia desse penteado, pelo consistia em que pintara mulheres; a intimidade de sua vida cotidiana; enxuga o rosto, como que uma porção de movimentos leonardesca!

Mas a um sinal que seria no fundo era falsidade do presente ao admirar o colar de pérolas, perfeito; todas brancas, no lindo detalhe, de que já não recordava onde estavam; insiste no retrato autêntico todo o mundo, ao famoso duque de Beausergen. Possuía um cofrezinho; conheço o retrato pessoalmente, herdado pela sua tia a Sra. de Villeparisis e de antigamente, sob os nomes de batismo do que nele denuncia, ou nos revela que semelhante neologismo típico de Edmond de semelhantes catástrofes produzem no cérebro das pessoas alterações bem parecidas; que se observam na matéria inanimada, e cita, de um modo verdadeiramente filosófico como fariam os médicos, o criado de quarto da Sra. Verdurin, apavorado com aquele incêndio onde quase havia morrido, tornou-se o homem, com uma caligrafia de tal forma mudada, que, à primeira carta que fez demonstrações, então na Normandia, dele receberam anunciando o sucedido, julgar que fosse a mistificação de um farsante. E, segundo Cottard, não só mudou a caligrafia, mas também, de sóbrio que era, o rapaz se transformou num ébrio tão louco que a Sra. Verdurin fora obrigada a despedi-lo. E a dissertação sugestiva - um gracioso sinal da dona da casa, da sala de jantar ao *fumoir* veneziano, no qual Cottard nos diz ter assistido à verdadeiros desdobramentos de personalidade; citando-nos o caso de um seu doente, que se oferece amavelmente para ter em minha casa, e a quem bastava que ele o tocasse as têmporas para despertá-lo uma segunda vida; vida na qual não lembraria nada da anterior, tanto que, fosse honesto numa vida, fora preso várias vezes na outra, por causa de seus roubos, porque era simplesmente um tremendo velhaco. Ao que a Sra. Verdurin comenta com detalhe que a medicina poderia fornecer assuntos mais autênticos a uma peça de teatro - em que a graça do imprevisto se

assentaria nos equívocos patológicos, o que, aos poucos, leva a Sra. Cottard a aludir a uma obra desse gênero, escrita por um autor que é o predileto de seus filhos, o escocês Stevenson, um nome que põe na boca de Swann esta afirmação peremptória:

'Mas Stevenson é absolutamente um escritor, eu lhe garanto, Sr. de Goncourt, muito grande mesmo - E, como manifesto meu encantamento com o teto de painéis armoriados, proveniente do antigo *palazzo* Barberini, da sala onde fumamos, deixando transparecer minha pena ante o enegrecimento progressivo da concha da fonte devido à falta de cuidados nossos de Londres; e tendo Swann afirmado que manchas semelhantes, em que possuídos por Napoleão I, pertencentes agora ao duque de Guermantes, apenas suas opiniões anti-bonapartistas, atestam que o imperador mascava. Cottard se revela um espírito verdadeiramente penetrante em todos os assuntos, que tais manchas de modo algum provêm disso -'mas de modo algum', informa com autoridade e sim do hábito que ele possuía de ter sempre na mão, até nos campos de batalha, pastilhas de alcaçuz a fim de acalmar as dores do fígado, que ele sofria de uma doença do fígado, e foi disso que morreu', -concluiu.

Interrompi a leitura neste ponto, já que partiria no dia seguinte; e, disso chegara a hora em que me reclamava outro patrão, a cujo serviço todos os dias a metade do nosso tempo. A tarefa que nos impõe, cumprimo-la de olhos fechados. Todas as manhãs ele nos devolve ao nosso patrão anterior, do que sem isso não o serviríamos bem. Curioso, quando o nosso espírito os olhos, os mais espertos de nós, ansiosos de saber o que poderíamos sob as ordens de um patrão que faz deitar seus escravos antes de os forçar a um trabalho precipitado, buscam sub-repticiamente contemplar a tarefa inconclusa. Porém o sono luta velozmente com eles a fim de fazer desaparecer os traços daquilo que gostariam de ver. E, passados tantos séculos, ainda não sabemos grande coisa a respeito.

Portanto, fechei o diário dos Goncourt. Prestígio da literatura! Desejaria rever os Cottard, pedir-lhes tantos pormenores acerca de Elstir, ir ver a loja do Petit Dunkerque, se ainda existisse, pedir licença para visitar aquele palacete dos Verdurin onde havia jantado. Mas sentia uma vaga perturbação. Certo, eu jamais me iludira sobre minha incapacidade de ouvir, nem, desde que estivesse a sós, de olhar. Uma mulher velha não mostrava a meus olhos nenhum tipo de colar de pérolas e aquilo que dizia não entrava nos meus ouvidos. Ainda assim, tais criaturas eram-me conhecidas na vida cotidiana, eu jantara muitas vezes com elas, eram os Verdurin, era o duque de Guermantes, eram os Cottard, todos eles me haviam parecido tão vulgares, quanto à minha avó parecera àquele Basin, que ela não duvidava ser o sobrinho preferido, o jovem herói delicioso da Sra. de Beausergent; todos me haviam parecido insossos, e eu me recordava das inúmeras vulgaridades de que todos eles eram compostos…

Et que tout cela false un astre dans ler nuitl{116}

Resolvi deixar provisoriamente de lado as objeções contra a literatura que poderiam fazer nascer em mim as páginas dos Goncourt lidas na véspera de minha partida de Tansonville. Mesmo pondo de parte o índice individual de ingenuidade, que é espantoso no caso desse memorialista, eu podia tranqüilizar-me sob vários pontos de vista.

Primeiro, no que se referia pessoalmente a mim, minha incapacidade de ouvir e olhar, que o diário tão penosamente me havia ilustrado, não era entretanto total. Havia em mim um personagem que sabia mais ou menos olhar, mas era um personagem intermitente, só ganhando vida quando se manifestava alguma essência geral, comum a diversas coisas, de que extraía alegria e alimento. Então o personagem olhava e escutava, mas apenas até uma certa profundidade, de modo que a observação não lucrava muito. Como um geômetra que, despojando as coisas de suas qualidades sensíveis, vê somente o substrato linear delas, faltava-me o que as pessoas contavam, pois o que me interessava não era o que queriam dizer e sim a maneira como o diziam, enquanto reveladora de seu caráter ou de seus ridículos; ou melhor, era um objeto sempre visado particularmente pela minha busca porque me dava um prazer específico, a descoberta de pontos comuns a criaturas diversas. Somente quando os percebia é que meu espírito então sonolento, mesmo sob a aparente atividade de minha conversação, animado disfarçava para os outros o total entorpecimento espiritual; de súbito, com alegria, à caça, mas o que perseguia nesse instante pela identidade do salão Verdurin em lugares e tempos diversos estava citado em meio à profundidade, para além da aparência mesma, numa zona um tanto recuada. Assim, fugia-me o encanto aparente, imitável, das criaturas, pois possuía a faculdade de me deter nele, como um cirurgião que, sob o ventre de uma mulher, distinguiria o mal interno que o consome. Por mais que julgasse a sociedade, não enxergava os convivas, pois, quando julgava ao encará-los, os radiografava. Daí resultava que, reunindo todas as observações que fizera acerca dos convivas, o desenho das linhas traçadas por mim representava um conjunto de leis psicológicas, onde quase não havia lugar, por si mesmo, pelo interesse das frases dos convivas. Mas tiraria isso qualquer mérito aos meus muitos, já que eu não os tinha como tais? Se um retrato, no domínio da pintura, põe, evidência certas verdades relativas ao volume, à luz e ao movimento, será necessariamente inferior a outro, da mesma pessoa, mas completamente diverso, em mil detalhes omitidos no primeiro, estarão minuciosamente relatados neste segundo retrato, de onde se poderá concluir que o modelo era encantador, ao que o teriam julgado

feio no primeiro, o que pode ter uma importância do cume e até histórica, mas não é necessariamente uma verdade artística.

E, além disso, a minha frivolidade, quando eu não estava sozinho, fazia-me desejoso de agradar, mais desejoso ainda de divertir, tagarelando, que de me instruir, ouvindo, a menos que eu houvesse comparecido à recepção para inteirar-me sobre um ponto de arte, ou por alguma suspeita ciumenta que já me empolgava o espírito. Mas eu era incapaz de ver senão aquilo do qual a leitura me desperte o desejo, aquilo cujo esboço, de antemão desenhado por mim mesmo, de confrontar logo com a realidade. Quantas vezes, já o sabia muito bem antes essa página de Goncourt como houvesse assinalado, fui incapaz de prestar atenção em coisas ou pessoas que, a seguir, uma vez que sua imagem me fora apresentada na solidão por um artista, teria percorrido léguas e arriscado a morte para reentrar! Então, a minha imaginação já partira, começara a pintar. E sobre aquilo, do que bocejara no ano anterior, indagava angustiado, contemplando-o antes freneticamente, desejando-o: "Será verdadeiramente impossível vê-lo? Quanto não daria por isso!"

Quando lemos artigos sobre pessoas, mesmo simplesmente uma pessoa da sociedade, qualificadas de "últimos representantes de uma sociedade da qual não existe mais qualquer testemunho", sem dúvida podemos exclamar: "E dizer que de uma criatura tão insignificante que se fala com tanta abundância e tantos adágios! É isto o que eu deploraria não ter conhecido, se só tivesse lido os jornais, revistas, e se não tivesse visto o homem"; mas eu estava antes inclinado a pensar, ao ler essas páginas nos jornais: "Que pena eu não ter dado mais atenção a este senhor quando só me preocupava em reencontrar Gilberte ou Albertine. Julguei-o um mundano enfadonho, um simples figurante, mas era uma figura!"

As páginas de Goncourt que li fizeram-me lamentar essa minha inclinação. Pois talvez eu pudesse concluir delas que a vida nos ensina a rebaixar o valor da leitura, e nos mostra a escassa importância do que o escritor nos elogia; mas podia, igualmente, concluir que a leitura, ao contrário, nos ensina a realçar o valor da vida, valor que não soubemos apreciar e de cuja grandeza só nos damos conta através do livro. A rigor, podemos nos consolar do pouco prazer experimentado no convívio de um Vinteuil ou de um Bergotte. O burguesismo pudico de um, os defeitos insuportáveis do outro, e até a pretensiosa vulgaridade de um Elstir em seus começos (visto que o *Diário dos Goncourt* me fizera descobrir que ele não era outro senão o "senhor Biche"; que, outrora, fazia discursos tão exasperadores a Swann, na casa dos Verdurin), nada provam contra eles, visto que o seu gênio se manifestava pelas obras.

Quanto à eles, que as memórias ou nós sejamos culpados por tornar atraentes uma sociedade que nos desagradou é coisa de pouca importância, já que, mesmo que seja o escritor dessas memórias que se engane, isto não provaria coisa

alguma contra o valor da vida que produz tais gênios. (E qual é o homem de gênio que não adotou maneiras irritantes de falar dos artistas de seu grupo, antes de atingir, como acontecera com Elstir e como acontece raramente, um bom gosto superior? *As cartas de Balzac*, por exemplo, não estarão cheias de termos vulgares que fariam Swann sofrer mil mortes ao empregá-los? E, no entanto, é provável que Swann, tão fino, tão isento de ridicularias odiosas, fosse incapaz de escrever *A Prima Bette e O Cura de Tours.*)

Na extremidade oposta da experiência, quando eu via que as mais curiosas anedotas, que formam a matéria inesgotável do *Diário dos Goncourt,* divertimento dos serões solitários para o leitor, lhe tinham sido contadas por convivas a quem teríamos vontade de conhecer por causa dessas páginas, e que todavia não deixaram em mim nenhuma recordação interessante, isso também não era totalmente inexplicável.

Apesar da ingenuidade de Goncourt, que atribuía graça dessas anedotas à provável distinção do narrador, podia muito bem ocorrer que pessoas medíocres tivessem visto em suas vidas, ou escutassem contar, coisas curiosas e as contassem por sua vez. Goncourt sabia escutar, bem como sabia ver; eu não.

Além disso, todos esses fatos teriam tido necessidade de ser julgados um a um. O Sr. de Guermantes certamente não me dera a impressão de ser esse adorável modelo de graças juvenis que minha avó tanto queria ter conhecido como exemplo inimitável, segundo as memórias da Sra. de Beause é preciso levar em conta que, à época, Basin estava com sete anos, que era sua tia, e que até os maridos que irão divorciar-se poucos meses depois fazem grandes elogios às esposas. Um dos mais belos poemas de Sainte-Beuve é grado à aparição, junto a uma fonte, de uma criança ornada de todos os dons e todas as graças, a jovem Srta. de Champlâtreux, que então teria menos anos de idade. Não obstante a veneração carinhosa que o poeta de gênio que é a condessa de Noailles tributava à sua sogra, duquesa de Noailles, nascida em Champlâtreux, é provável que, se aquela tivesse de lhe fazer o retrato, este contrastaria vivamente que Sainte-Beuve havia feito cinqüenta anos antes.

O mais perturbador talvez fosse o meio termo, ou seja, as pessoas de reputação implicam mais do que uma memória que soube reter uma anedota; sem todavia nos permitirem, como no caso dos Vinteuil e dos Bergotte, o de julgá-las por suas obras, pois nada criaram; apenas, para nosso espanto, julgarmos tão medíocres que inspiraram. Concedo que, desde os grandes pintores da Renascença, a maior impressão de elegância, nos museus, decorra dessa pequena burguesia ridícula, de quem, se não a conhecesse, os fariam desejar poder aproximar-me na vida real, esperando aprender, com aqueles cujas pomposas caudas de veludo e rendas são comparáveis às mais belas pinturas de Ticiano, segredos preciosos que não me desvendaram nem a arte, nem suas telas. Se tivesse compreendido,

no passado, que não é o mais espirituoso, o mais instruído, o mais bem relacionado, mas aquele que sabe tornar-se alguém para poder assim refletir a sua vida, embora acanhada, que chega a ser Bergotte (conquanto os contemporâneos o considerassem menos espirituoso Swann e menos sábio de Bréauté), teria observado que o mesmo sucede, e com mais razão, com os modelos do artista. Ao surgir no pintor, que pode abordar qualquer assunto, o amor da beleza e da elegância, onde achará temas tão atrativos, o modelo lhe será fornecido por pessoas um pouco mais ricas do que ele, cuja casa encontrará o que, em geral, não existe no seu ateliê de homem desconhecido, que vende suas telas por cinqüenta francos; um salão cobertos de seda antiga, muitas lâmpadas, belas flores e frutos, lindos vestidos - pessoas relativamente modestas, ou que assim parecerão à outras verdadeiramente ricas (que sequer suspeitam de sua existência), mas que, justamente porque estão em melhores condições de conhecer o artista obscuro, apreciá-lo, convida-lo ou comprar-lhe as telas, do que os aristocratas que se fazem pintar, como os chefes de Estado, pelos pintores acadêmicos. A poesia de salões elegantes belos vestidos do nosso tempo, por acaso não a encontrará a posteridade aquele salão do editor Charpentier, pintado por Renoir, do que no retrato da princesa Sagan, ou da condessa de La Rochefoucauld, de Cot, ou Chaplin{117}?

Os artistas que nos legaram as maiores impressões de elegância raramente colheram elementos na casa de pessoas que estavam entre os grandes elegantes de seu tempo, os quais dificilmente se fazem pintar pelo desconhecido portador de uma beleza que eles não sabem avaliar em suas telas, dissimulada como está pela interposição de chavões cuja graça antiquada flutua, aos olhos do público, como as visões subjetivas que o enfermo julga estarem efetivamente diante dele. Mas que esses sujeitos medíocres, que eu havia conhecido, tivessem além disso inspirado, aconselhado certos arranjos que me encantaram, que a presença de algum deles fosse mais importante que a de um modelo, fosse a de um amigo que o pintor desejasse ostentar em suas telas, isto levava-me a indagar se todas as pessoas que lamentamos não haver conhecido porque Balzac as pintava em seus livros, ou lhes dedicava estes em tributo à admiração que nutria por eles, porque sobre tais pessoas Baudelaire ou Sainte-Beuve fizeram seus mais belos versos, a indagar se, com mais razão ainda, todas as Récamier, todas as Pompadour não me tivessem parecido pessoas insignificantes, seja por debilidade da minha natureza (o que me dava revolta por ser doente e não poder reencontrar todos aqueles que desconhecera), ou porque, de fato, só devessem o seu prestígio a uma magia ilusória da literatura, o que obrigava a usar um dicionário diferente para ler, e me consolava de precisar, de um dia para o outro, devido aos progressos de meu estado enfermiço, romper com a sociedade, renunciar às viagens, aos museus, para ir tratar-me numa casa de saúde. Talvez, no entanto,

esse lado mentiroso, essa falsa luz, só exista nas *Memórias* quando elas são muito recentes, quando as reputações se aniquilam bem depressa, tanto as intelectuais quanto as mundanas (pois, se a erudição tenta reagir logo contra semelhante sepultamento, conseguirá afastar um em mil desses esquecimentos que se acumulam?).

Essas idéias, tendendo umas a diminuir, outras a aumentar a minha tristeza por não possuir dotes literários, jamais se apresentaram ao meu pensamento durante os longos anos que passei longe em Paris, num sanatório, onde aliás renunciei de todo ao projeto de escrever, até que a casa de saúde se viu desfalcada de pessoal médico, em princípios de 1916. Regressei, então, a uma Paris bem diversa, como em breve se verá, daquela a que regressara uma primeira vez, em agosto de 1914, para sofrer um exame médico, após o qual me recolhera de novo ao sanatório. Numa das primeiras noites de meu novo retorno, em 1916, tendo vontade de ouvir falar da única coisa, então me importava, a guerra, saí depois do jantar para fazer uma visita à Verdurin, pois ela estava com a Sra. Bontemps, uma das rainhas durante a guerra, que lembrava a do Diretório. Como que pela ação de um fermento, em aparência de geração espontânea, as moças andavam todo com altos turbantes cilíndricos como o faria uma contemporânea da Senhora. trazendo, por civismo, túnicas egípcias retas, escuras, ao jeito militar, muito curtas, calçavam sapatos atados por correias, lembrando o coturno de longas polainas como as de nossos caros combatentes; porque não se esqueciam de seu dever de alegrar os olhos desses combatentes, diziam, era que como se enfeitavam não só de vestidos "flutuantes", mas também de jóias, cujos decorativos evocavam o exército mesmo quando o material dele não procede, nem nele fora trabalhado. Em vez de ornatos egípcios que lembrassem a carne do Egito, viam-se anéis e braceletes feitos com fragmentos de canhões; de isqueiros formados por duas moedas inglesas, às quais um em seu abrigo, lograra dar uma pátina tão bela que se diria traçado pelo perfil da rainha Vitória; era, também, por pensarem nisso constantemente; ainda, que, quando morria um dos seus, mal punham luto, ao pretexto de "mesclado de orgulho", o que permitia um bonezinho branco de crepe mais gracioso efeito e que "autorizava todas as esperanças", invencível do triunfo definitivo; e substituíra casimira de outrora pelo cetim e pela seda; e até mesmo conservar as pérolas, "sempre observando o tato e a que é escusado lembrar às francesas".

O Louvre e todos os museus estavam fechados, e, quando se lia na manchete de um jornal: "Uma exposição sensacional", podia-se ter certeza de que tratava de uma exposição, não de quadros, mas de vestidos; e aliás vestidos adornados à "essas delicadas jóias de arte de que as parisienses há muito são privadas". Desse modo é que voltavam a elegância e o prazer; a elegância, na das artes, procurando desculpar-se, como os artistas de 1793, ano em que, no Salão

revolucionário, proclamavam que pareceria injustamente "estranhos publicanos austeros que nos ocupemos das artes quando a Europa, assedia o território da liberdade". Assim procediam, em 1916, os costureiras aliás, com uma orgulhosa consciência

de artistas, confessavam que, "por novo, afastar a seda; banalidade, afirmar uma personalidade, preparara vitória, para as gerações do pós-guerra uma nova fórmula do belo, tal era a ambição que os animava, a quimera que perseguiam, conforme se poderia constatar indo, seus salões deliciosamente instalados na rua da ..., onde a palavra de ordem era se apagar, com um tom luminoso e alegre, as pesadas tristezas da ocasião, discrição todavia imposta pelas circunstâncias".

"As tristezas da ocasião", é verdade, "poderiam, sem dúvida, vender as energias femininas se não tivéssemos tantos altos exemplos de coragem, a existência a nos servir de meditação. Assim, pensando em nossos combatentes que, no fundo de suas trincheiras, sonham com mais conforto e mais graça para a querida ausente, deixada no lar, não cessaremos de caprichar cada vez mais na criação de vestidos que se adaptem às necessidades do momento. A voga, isto se percebe, "é sobretudo a das casas inglesas, portanto aliadas, e este ano impera a loucura pelo vestido-tonel, cuja bela simplicidade nos confere a todas um estilo interessante de rara distinção. Será mesmo uma das mais felizes conseqüências dessa triste guerra", acrescentava o agradável cronista (esperava-se: "a retomada das províncias perdidas, o despertar do sentimento nacional"), "será mesmo uma das mais felizes conseqüências dessa guerra o fato de se terem obtido belos resultados no terreno da toalete, sem luxo descabido e má qualidade, com tão pouco material, de se terem obtido coisas tão graciosas com quase nada. Ao vestido do grande costureiro, editado com vários exemplares, preferem-se no momento as roupas feitas em casa, porque afirmam o espírito, o gosto e as tendências individuais de cada um".

Quanto à caridade, pensando em todas as misérias nascidas da invasão, em tantos mutilados, era bem natural que a moda devesse tornar-se "mais engenhosa ainda", o que obrigaria as senhoras de altos turbantes a passar o fim da tarde nos chás, ao redor de uma mesa de *bridge,* comentando as notícias do *front,* enquanto à porta esperavam-nas seus automóveis, em cujo assento um belo militar conversava com o lacaio. Aliás, não eram novos apenas os chapéus cujos estranhos cilindros encimavam os rostos. Os próprios rostos o eram também. Essas damas de chapéus novos eram mulheres jovens chegadas não se sabia bem de onde, e que eram a flor da elegância, uma há seis meses, outras há dois anos, outras ainda há quatro. De resto, tais diferenças tinham, para elas, tanta importância como, no tempo em que eu estreara na sociedade, as havia, entre duas famílias como os Guermantes e os La Rochefoucauld, três ou quatro séculos de antigüidade comprovada. A dama que conhecia os Guermantes desde 1914

encarava como uma arrivista aquela que lhe apresentavam na casa deles em 1916, cumprimentava-a com certa distância, examinava-a com seu *lorgnon* e confessava, com um trejeito, que não se sabia ao certo se aquela senhora era casada ou não. "Tudo isso é por demais nauseabundo", concluía a dama de 1914, que desejaria que o ciclo de novas admissões se encerrasse depois dela. Essas novas pessoas, que os jovens achavam muito antigas, e que, aliás, certos velhos, que haviam freqüentado outras rodas além da alta, julgavam reconhecer e não seriam já tão novas, não ofereciam à piedade apenas os divertimentos da conversação política e a música na intimidade de quem lhes convinha; era preciso que fossem as únicas que os oferecessem. Pois, para que as coisas pareçam novas, ainda que antigas, e mesmo se são novas, é preciso, na arte como na medicina, como no mundanismo, nomes novos. (Aliás, novos nomes em certas coisas. Assim, a Sra. Verdurin fora à Veneza durante a guerra, mas, como as pessoas que desejam evitar falar em desgosto e sentimento, dizia que algo era estupendo, o que admirava não era Veneza, nem a catedral de Marcos, nem os palácios, tudo o que me havia agradado e a que ela não dava a mínima importância, e sim o efeito dos projetores no céu, os projetores os quais dava informações apoiadas em cifras. Assim, de tempos em tempos, um certo realismo reagindo contra a arte admirada até então.)

O salão Saint-Euverte era um rótulo desbotado que, mesmo com a lembrança dos maiores artistas e dos ministros mais influentes, não teria atraído. Pelo contrário, corria-se a ouvir uma palavra pronunciada pelo secretário daqueles, ou pelo sub-chefe de gabinete de um destes, na casa das novas de turbante, cuja invasão alada e tagarela enchia Paris. As damas do primeiro Diretório, possuíam uma rainha que era jovem e bela, e se chamava Madame Tallie'n - segundo tinham duas, velhas e feias, chamadas Sra. Verdurin e Sra. Bontemps. Quem poderia ressentir-se com a Sra. Bontemps por ter o seu marido desejo no Caso Dreyfus, um papel que o *Écho* de Paris duramente criticara? Tendo a Câmara, em dado momento se tornado revisionista, recrutaram-se forças amplas entre os antigos revisionistas, como entre os antigos socialistas, os membros do Partido da Ordem Social, da tolerância religiosa e da preparação militar. Antigamente, teriam detestado o Sr. Bontemps porque os anti-patriotas tinham então os dreyfusistas. Mas em breve esse nome fora esquecido, sendo substituído do adversário da lei dos três anos. O Sr. Bontemps era, ao contrário, um dos adeptos dessa lei; portanto, era um patriota.

Na sociedade (e aliás semelhante fenômeno social não é senão a aplicação de uma lei psicológica bem mais geral), as novidades, culpadas ou não, só são o horror enquanto não são assimiladas e envoltas em elementos tranqüilizam.

Acontecera com o dreyfusismo o mesmo que ocorrera com o casamento de Saint-Loup com a filha de Odette, casamento que a princípio dera o que falar:

que viam na casa dos Saint-Loup todas as pessoas "que se conheciam", Gilberte poderia ter os costumes da própria Odette que, apesar disso, todos a "freqüentariam" e aprovariam que ela censurasse, com empáfia, as novidades mesmo assimiladas. O dreyfusismo, agora, estava integrado numa série de coisas agradáveis e habituais. Quanto a indagar o que por si mesmo valia, ninguém, poderia agora, para admiti-lo, como não se pensara outrora para condená-lo. Ele era mais *shocking*. Era o que bastava. Mal se lembravam que ele o fora, como já sabe, ao cabo de algum tempo, se o pai de uma moça era ou não um necessário, podia-se dizer: "Não, é de um irmão ou de um cunhado que o está falando. Mas dele nunca se falou mal." Da mesma forma, certamente o anti-dreyfusismo e dreyfusismo, e o que ia à casa da duquesa de Montmorency e aprovar a lei dos três anos não podia ser o ruim. Em todo caso, misericórdia a todo pecado. Este esquecimento que se outorgara ao dreyfusismo favorecia os dreyfusistas. De resto, sobravam apenas eles na política, visto que, em dado momento, tiveram de adotar esse rótulo todos aqueles que desejaram participar do governo, mesmo se representassem o oposto do que o dreyfusismo, em sua chocante novidade, havia encarnado (no tempo em que Saint-Loup se inclinava por tendências perigosas): o antipatriotismo, a não religião, a anarquia etc. Assim, o dreyfusismo do Sr. Bontemps, invisível e essencial como o de todos os políticos, não se lhe notava mais do que os ossos sob a pele. Ninguém se recordava que ele fora dreyfusista, pois os mundanos são distraídos e esquecidos; também porque havia decorrido muito tempo, que eles afetavam ter sido maior ainda, visto que uma das idéias da moda era dizer que o período anterior à guerra estava separado da guerra por algo tão profundo e, aparentemente, tão prolongado quanto um período geológico; e o próprio Brichot, o nacionalista, quando aludia ao Caso Dreyfus, comentava: "Naqueles tempos pré-históricos." (Na verdade, essa mudança profunda operada pela guerra estava na razão inversa do valor dos espíritos afetados, pelo menos a partir de um certo grau. Nas camadas inferiores, os rematados idiotas e os perfeitos gozadores nem se preocupavam com a guerra. Mas, nos níveis superiores, aos que fazem da vida interior o seu ambiente, pouco lhes importa o vulto dos acontecimentos. O que, para eles, modifica profundamente a ordem dos pensamentos é antes alguma coisa que parece não ter em si qualquer importância e que lhes inverte a ordem cronológica do tempo, tornando-os contemporâneos de outra época de suas vidas.

Pode-se, de modo prático, perceber a beleza das páginas que tais coisas lhes inspiram: um canto de pássaro no parque de Montboissier, ou uma brisa que recende ao perfume do resedá são, evidentemente, fatos de menor conseqüência que as grandes datas da Revolução e do Império. Todavia, inspiraram à Chateaubriand, nas *Memórias de Além-túmulo*, algumas páginas de valia infinitamente superior.) Os termos dreyfusista e antidreyfusista já careciam de sentido, diziam as mesmas pessoas que teriam ficado pasmas e revoltadas se lhes

contassem que, provavelmente, dentro de alguns séculos, ou talvez menos, palavras como *boche* só teriam o valor de curiosidade, da mesma forma que *sans-culotte, chouan ou bleu*{118}.

O Sr. Bontemps não queria ouvir falar de paz sem que a Alemanha fosse reduzida à mesma fragmentação que na Idade Média, sem que se declarasse a degradação da casa de Hohenzollern, e Guilherme II levasse doze tiros. Numa palavra, era o que Brichot denominava um *jusqu'au-boutiste*, ['partido dos duques", do qual soubera ser o Sr. d'Haussonville um dos maiores da Academia]; era o breve de civismo que lhe poderiam dar é claro que nos três primeiros dias da temperança se sentira um tanto deslocada no meio de pessoas que manifestavam desejos de conhecê-la, e foi num tom ligeiramente rabugento que Verdurin respondeu: - O conde, minha cara Sra. Bontemps, que é mesmo o duque d'Haussonville que você me acaba de apresentar? Com total ignorância e ausência de associação entre o nome de HaussonviIle e o atual quer seja, pelo contrário, por excessiva instrução e associação de idéia.

A partir do quarto dia, ela principiara a instalar-se de maneira só no *faubourg* Saint-Germain. Às vezes, notavam-se ainda a seu redor os estranhos conhecidos de uma sociedade que ignoravam, e que eram naturalmente como que os restos de casca ao redor do pinto, pelos que conheciam de que ovo saíra a Sra. Bontemps. Mas no fim da primeira quinzena já os havia sacudido antes de se completar um mês, quando ela dizia: - Vou à casa dos Lévy -, entendiam, sem que ela precisasse explicar, que se tratava dos Lévis-Mire nenhuma duquesa se deitaria sem ouvir da Sra. Bontemps ou da Sra. Verdurin, ao menos por telefone, o que dizia o comunicado da noite, o que fora omitido, e como andavam as coisas na Grécia, qual a ofensiva que se preparava, numa palavra; aquilo que o público só saberia no dia seguinte, ou mais tarde ainda, e de que desse modo, fazia, como as costureiras, uma espécie de exibição privada. Na conversa, a Sra. Verdurin, para comunicar as novidades, dizia: - "nós" falamos à França.- Pois bem, é isto: nós exigimos do rei da Grécia que se retire do Pelo etc., nós lhe enviamos etc. - E nesses relatos retornava o tempo todo o G. Q. G. ("telefonei ao G. Q. G."), a abreviatura que ela pronunciava com o mesmo ar para as mulheres que, antigamente, não conhecendo o príncipe de Agrigento, perguntariam sorrindo quando falavam dele, e para mostrar-se a par do assunto: "Gri tem prazer reservado apenas aos mundanos em épocas mais tranqüilas, mas nas grandes crises até o povo experimenta. Nosso mordomo, por exemplo, falavam do rei da Grécia, era capaz de dizer, graças aos jornais, como Guilherme-Tino - apesar de ter sido até então mais vulgar a sua familiaridade como os inventada por ele mesmo, como quando, outrora, ao referir-se ao rei da Espanha dizia: "Fonfonse". Aliás, pôde-se notar que, à medida que aumentava o número de pessoas ilustres que se relacionavam com a Sra. Verdurin, diminuía o número que ela chamava

de "maçantes". Por uma espécie de transformação mágica a pessoa tida como "maçante", que lhe fazia uma visita e solicitava um contrato tornava-se de súbito alguém agradável e inteligente. Em suma, ao cabo de um tempo o número dos "maçantes" diminuiu tanto que "o medo e a impossibilidade de aborrecer", que tinham tido um lugar tão grande na conversa, desempenhava papel tão decisivo na vida da Sra. Verdurin, desapareceram quase por completo. Dir-se-ia que, no fim da vida, essa impossibilidade de aborrecer-se (que antigamente, aliás, ela assegurava não ter sentido na primeira mocidade) a fazia sofrer menos, como certas enxaquecas, ou certas asmas de caráter nervoso, que diminuem de intensidade quando se envelhece. E o receio de aborrecer-se teria com certeza abandonado inteiramente a Sra. Verdurin, por falta de "maçantes", se ela, em pequena escala, não houvesse substituído os que já não o eram por outros, recrutados entre os antigos fiéis.

De resto, para terminar com as informações sobre as duquesas que agora freqüentavam a casa da Sra. Verdurin, elas iam buscar ali, sem o perceberem, exatamente a mesma coisa que os dreyfusistas antigamente, ou seja, um prazer mundano composto de tal modo que sua degustação fartasse as curiosidades políticas e satisfizesse a necessidade de comentar entre si os incidentes lidos nos jornais. A Sra. Verdurin dizia:

- Venha às cinco horas falar da guerra-, como outrora "falar do Caso Dreyfus", e, no intervalo:-Venham ouvir Morel.

Ora, Morel não deveria comparecer, pelo simples motivo de que não fora dispensado do serviço militar. Simplesmente não se apresentara, era um desertor, mas ninguém o sabia.

As coisas eram de tal modo as mesmas que retomavam muito naturalmente as palavras de outrora: "bem pensantes, mal pensantes". E, como pareciam diferentes, como os antigos partidários da Comuna tinham sido anti-revisionistas, os maiores dreyfusistas queriam mandar fuzilar todo mundo, contando com o apoio dos generais, como estes, no tempo do Caso Dreyfus, tinham sido contra Galliffet.

A essas reuniões a Sra. Verdurin convidava algumas senhoras um tanto recentes, conhecidas pelas jóias, e que nas primeiras vezes compareciam com vestidos berrantes e grandes colares de pérolas, que Odette, possuidora de um colar igualmente admirável, de cuja exibição ela própria havia abusado, olhava com severidade, agora que andava de "uniforme de guerra", à imitação das damas do *Faubourg*. Mas as mulheres sabem adaptar-se. Depois de três ou quatro vezes, elas se davam conta de que os vestidos que haviam considerado elegantes eram precisamente proscritos pelas pessoas que o eram, punham de

lado os vestidos resplandecentes e se resignavam à simplicidade.

Uma das estrelas do salão era o "Em-apuros", que, apesar dos gostos esportivos, conseguira ser considerado inapto. Tornara-se, para mim, de tal modo o autor de uma obra admirável, sobre a qual eu estava sempre meditando, que somente por acaso, quando estabelecia uma corrente transversal entre duas séries de recordações, é que me lembrava que ele fora o causador da saída de Albertine de minha casa. E mesmo assim, essa corrente transversal ia dar, no que diz respeito aos restos das reminiscências de Albertine, num caminho inteiramente abandonado a vários anos de distância. Pois eu nunca pensava nela. Era um caminho de recordações, um rumo que jamais seguia. Ao passo que as obras de "Em-apuros" eram mais recentes e esse rumo de lembranças permanentemente freqüentado e utilizado pelo meu espírito.

Devo dizer que as relações com o marido de Andrée não eram agradáveis, e que a amizade que lhe devotasse sofria muitas decepções; naquela ocasião já estava muito doente e procurava evitar as fadigas de que esperasse extrair nenhum prazer. E só incluía nestas os encontros com quem ainda não conhecia, e que sua ardente imaginação sem dúvida lhe reatava como tendo uma possibilidade de serem diferentes dos outros. Quanto aos conhecidos, sabia muito bem como eram, e não lhe pareciam valer a pena um cansaço perigoso, talvez mortal. Em suma, era um amigo muito ruim. Restava seu gosto pelas novas pessoas se pudesse encontrar algo da sua audácia freqüente de outrora, em Balbec, nos esportes, no jogo, em todos os excessos.

Quanto à Sra. Verdurin, a todo instante queria apresentar-me à Andrée sem poder admitir que eu já a conhecesse. Aliás, Andrée raramente comparecia com o marido. Era, para mim, uma amiga adorável e sincera; fiel à estética; fiel ao marido, em reação contra os balés russos, dizia do marquês de Polignac:

- Sua cama é decorada por Bakst. Como é que se pode dormir lá dentro? Eu preferiria Dub'' -

De resto, os Verdurin, devido ao progresso fatal do esteticismo que acatava a comer a própria cauda, afirmavam não suportar o *modem style* (além do mais, era muniquense) nem os apartamentos brancos, e só apreciavam os velhos móveis franceses em ambiente sombrio.

Vi muitas vezes Andrée por esse tempo. Não sabíamos o que dizer um ao outro, e uma vez pensei naquele nome de Juliette que subira do fundo da recordação de Albertine como uma flor misteriosa. Misteriosa naquela época, mas que hoje não evocava mais nada. Apesar de falar sobre tantos assuntos indiferentes, calei-me a tal respeito; não que fosse menos indiferente que os outros, mas porque existe uma espécie de supersaturação das coisas em que pensamos demais. Talvez fosse verdadeiro o período em que eu via naquilo tantos mistérios. Mas, esses períodos não hão de durar para sempre, não devemos sacrificar a saúde, a

fortuna, na descoberta de mistérios que um dia deixarão de nos interessar.

Por esse tempo, causou grande espanto, visto que a Sra. Verdurin ter em casa quem quisesse, vê-la fazer indiretamente gentilezas a alguém que perdera inteiramente de vista, Odette. Achavam que esta nada acrescentaria ao brilhante meio em que se transformara o pequeno clã dos Verdurin. Mas a separação prolongada, ao mesmo tempo que acalma os rancores, desfaz às vezes a amizade. E, além disso, o fenômeno que leva não só os agoniza pronunciarem somente nomes que lhes foram familiares outrora, mas os faz se comprazerem nas recordações da infância, esse fenômeno tem o seu equivalente social. Para ter êxito na empreitada de fazer Odette retornar à sua casa, a Sra. Verdurin não se utilizou, é claro, dos "ultras", mas dos freqüentadores menos que tinham conservado um pé num e noutro salão. Dizia-lhes:

- Não sei porque não a vemos aqui. Talvez esteja zangada, eu não. Afinal, que foi que lhe fiz? Foi na casa da rainha que ela conheceu seus dois maridos. Se quiser voltar, saiba que as portas lhe estão abertas.-

Tais palavras, que deveriam ter magoado o orgulho da patroa caso não fossem ditadas por sua imaginação, foram repetidas, mas sem sucesso. A Sra. Verdurin esperou Odette, sem vê-la regressar, até que certos acontecimentos, que veremos mais adiante, conseguiram, por outros motivos, o que não obtivera a embaixada, todavia zelosa, dos inconstantes. Tanto são poucas as conquistas fáceis quanto as derrotas definitivas.

A Sra. Verdurin dizia:

- É desolador, vou telefonar à Bontemps a fim de que tome providências para amanhã. Já "empastelaram" de novo o final do artigo de Norpois e apenas porque ele insinuou que tinham posto empecilho "no desvio". -

Pois a estupidez da moda fazia com que as pessoas julgassem ponto de honra empregar expressões correntes, e ela julgava mostrar-se "da moda", assim como uma burguesa ao dizer, a propósito do Sr. de Bréauté, do Sr. de Agrigento ou do Sr. de Charlus:

- Quem? Babal de Bréauté, Grigri, Mémé de Charlus? -

Aliás, as duquesas faziam o mesmo, tendo igual prazer em falar "no desvio", pois, se o seu nome fala à imaginação dos plebeus um tanto poetas, elas se exprimem de acordo com a categoria intelectual, bastante burguesa, a que pertencem. As classes intelectuais nada têm a ver com o nascimento.

Todos esses telefonemas da Sra. Verdurin, aliás, tinham os seus inconvenientes. Embora tenhamos esquecido de dizê-lo, o "salão" Verdurin, se permanecia em espírito e em verdade, transportara-se momentaneamente a um dos maiores hotéis de Paris, pois a falta de carvão e de luz tornara mais difíceis as recepções

dos Verdurin na antiga residência, muito úmida, dos embaixadores de Veneza. O novo salão, entretanto, não era desagradável. Como em Veneza o espaço, diminuto por causa da água, determina a forma dos palácios, como um palmo de jardim em Paris encanta mais que um parque na província, a exígua sala de jantar da Sra. Verdurin no hotel formava uma espécie de losango de paredes de alvura brilhante, onde se projetavam, como numa tela, todas as quartas-feiras, e quase todos os dias, todas as pessoas mais variadas e mais interessantes, as mulheres mais elegantes de Paris, encantadas por poderem usufruir do luxo dos Verdurin, que, com sua fortuna, iam gastando, numa época em que os mais ricos reduziam as despesas para não tocar nos seus rendimentos. A forma dada às recepções se modificara, sem que deixassem de encantar Brichot, que, à medida que as relações dos Verdurin se estendiam, mais prazeres novos, acumulados como surpresas num sapatinho de Natal, encontrava em sua companhia. Por fim, em certos dias, sendo os convivas tão numerosos que a sala de jantar do apartamento se tornava pequena demais, servia-se o jantar na enorme sala do térreo, onde os fiéis, fingindo hipocritamente lastimar a intimidade do andar superior - como outrora a necessidade de convidar os Cambremer fazia com que a Sra. Verdurin dissesse que se aborreceriam - entulhavam no fundo, fazendo um grupo à parte, como antigamente no trenzinho, por serem objeto de contemplação e inveja dos ocupantes das mesas. Sem dúvida, nos tempos normais de paz, uma nota mundana, sub-reptícia enviada ao *Fígaro* ou ao *Gaulois*, teria comunicado a mais pessoas do que poderia conter a sala de jantar do Majestic, que Brichot jantara com a duquesa Duras. Mas desde a guerra, tendo os cronistas mundanos suprimido esse de informações (eles se desforravam nos enterros, nas citações e nos franco-americanos), a publicidade só podia existir por meio desse expediente hostil e restrito, digno das eras primitivas e anterior à descoberta de Gutenberg visto à mesa da Sra. Verdurin. Depois do jantar, subia-se para os salões e então os telefonemas começavam. Mas, naquela época, muitos dos grandes que estavam cheios de espiões que anotavam as notícias transmitidas por com uma indiscrição, felizmente corrigida apenas pela inexatidão dos seus nomes, sempre desmentidos pelos acontecimentos.

Antes da hora em que terminavam os chás, ao cair da tarde, no céu claro, viam-se ao longe pequenas manchas escuras que, no crepúsculo poderiam tomar por mosquitos ou passarinhos. Assim, quando se via uma andorinha muito ao longe, era possível confundi-la com uma nuvem. Mas e imaginar que essa nuvem é sólida, imensa e resistente. Assim, estava eu como por aquela mancha escura no céu estival, que não era nem mosquito nem passarinho, mas um aeroplano tripulado por homens que velavam sobre Paris. (A ação dos aeroplanos que tinha visto com Albertine no nosso último passeio de Versalhes, não entrava em nada nessa emoção, pois a lembrança desse passeio se me tornara indiferente.)

À hora do jantar, os restaurantes estavam cheios; e, se, passando nestes eu via um pobre soldado de licença, livre por seis dias do risco permanente da morte, e prestes a voltar para as trincheiras, deter seus olhos, por um instante, nas vidraças iluminadas, sofria como no hotel de Balbec, quando os pescadores observavam-me a comer, porém sofria ainda mais por saber que a miséria do soldado era maior que a dos pobres, pois abrangia todas as misérias, sendo mais ainda por ser mais resignada, mais nobre, e conhecia o sacudir filosófico de cara sem ódio, com o qual, pronto para retornar à guerra, ele murmurava, aos *embusqués*{119} ao se acotovelarem para conservar em suas mesas: "Nem se diria que guerra por aqui."

Depois, às nove e meia, quando ninguém tivera tempo de terminar o jantar, apagavam-se bruscamente todas as luzes, em obediência às ordens da polícia, e a nova arremetida dos *embusqués*, arrancando os soberanos aos lacaios do restaurante, onde eu havia jantado com Saint-Loup numa noite na qual a licença ocorrera às nove e trinta e cinco minutos, numa misteriosa penumbra de quarto onde se projeta a lanterna mágica, de sala de espetáculos que serve para exibir os filmes de um desses cinemas para os quais iam precipitar-se os que jantavam, homens e mulheres. Mas, depois dessa hora, para aqueles que, como eu, na noite da qual estou falando, jantavam em casa e saíam para ver os amigos. Paris era, ao menos em certos bairros, ainda mais escura que a Combray da minha infância; as visitas que se faziam, assumiam um ar de visitas de vizinhos no campo.

Ah, se Albertine tivesse vivido, como seria doce, nas noites em que eu fosse jantar no centro da cidade, marcar um encontro ao ar livre, sob as arcadas! A princípio, eu não distinguiria nada, teria a emoção de crer que ela faltara ao encontro; quando, de repente, veria destacar-se da parede negra um de seus caros vestidos *grises*, seus olhos risonhos que tinham me avistado, e poderíamos passear abraçados sem que ninguém nos visse ou incomodasse, e a seguir voltar para casa. Ai de mim!, estava sozinho, com a impressão de ir fazer uma visita de vizinho no campo, como as visitas que Swann nos fazia após o jantar, sem dar com transeuntes na escuridão de Tansonville, no pequeno caminho de sirga, até a rua do Saint-Esprit, mais do que eu agora, em ruas transformadas em sinuosos caminhos rústicos, entre Sainte-Clotilde e a rua Bonaparte. Além disso, como nenhuma moldura, tornada invisível, constrangia mais esses fragmentos de paisagem, à noite, quando o vento soprava rajadas glaciais, eu me julgava, bem mais do que em Balbec, à beira do mar revolto dos meus sonhos de antigamente; e mesmo outros elementos da natureza, que até então não existiam em Paris, davam a ilusão de que, ao descer do trem, acabava-se de chegar para as férias no campo. Por exemplo: o contraste de luz e sombra, bem próximo, no chão, nas noites de luar. Este compunha efeitos que as cidades não conhecem, e até em

pleno inverno; seus raios estendiam-se na neve, que nenhum trabalhador removia mais, no bulevar Haussmann, tal como nas geleiras dos Alpes. As silhuetas das árvores refletiam-se, nítidas e puras, sobre essa neve de ouro azulado, com a delicadeza que têm em certas pinturas japonesas ou em determinados fundos das telas de Rafael; alongavam-se no chão, ao pé da própria árvore, como as vemos com freqüência ao vivo, pelo ocaso, quando o sol poente inunda e torna espelhantes as campinas em que as árvores se erguem a intervalos regulares. Mas, por um requinte de delicadeza deliciosa, a campina em que se desenvolviam essas sombras de árvores, leves como almas, era um prado paradisíaco, não verde, mas de um branco tão brilhante, devido aos raios de luar que incidiam sobre a neve de jade, que dir-se-ia que essa campina era tecida unicamente de pétalas de pereiras em flor. E, nas praças, as divindades das fontes públicas, com o jato gelado a lhes sair das mãos, pareciam estátuas de matéria dupla, para cuja execução o artista quisera juntar, exclusivamente, o bronze ao cristal. Naqueles dias excepcionais, todas as casas estavam às escuras. Mas ao contrário, na primavera, de vez em quando, burlando os regulamentos da polícia, uma residência particular, ou apenas o andar de um prédio, ou até somente um aposento num hotel, sem ter fechado seus postigos, dando a impressão de sustentar-se sozinho sobre as trevas impalpáveis, como projeção puramente luminosa, uma aparição sem consistência. Se a mulher de alguém erguesse bem alto os olhos, se distinguia nessa penumbra dourada, nessa noite em que se perdia o observador e ela própria parecia reclusa num misterioso encanto velado de uma visão oriental. Depois, seguia-se em frente nada mais interrompia a higiênica e monótona passada rústica na escuridão.

Lembrei-me de que há muito não revia nenhuma das pessoas de que trato nesta obra. Apenas, em 1914, durante os dois meses que passara em Paris tinha avistado o Sr. de Charlus e visto Bloch e Saint-Loup, este último somente por duas vezes. A segunda vez fora com certeza aquela em que se mostrara mais natural, desmanchando todas as impressões pouco agradáveis de insinceridade que me causara na minha estadia em Tansonville, a que me referi, e reconhecera - todas as belas qualidades de outrora. Na primeira vez em que o vi após a declaração de guerra, ou seja, no começo da semana imediata, enquanto Bloch exibia o exaltado nacionalismo, Saint-Loup, assim que Bloch nos deixou, excedera em auto-ironias, porque não voltara ao serviço, e eu fiquei meio chocado com a violência do seu tom. Saint-Loup voltava de Balbec. Soube mais tarde, indiretamente, que as tentativas baldadas junto ao gerente do restaurante. Este último devia sua posição ao que herdara do Sr. Nissim Bernard. Com efeito, não era outro senão o anterior jovem empregado que o tio de Bloch "protegia". Mas a riqueza lhe trouxera a virtude. De modo que foi em vão que Saint-Loup tentara seduzi-lo. Assim, em compensação enquanto os jovens se deixam levar, com a idade, pelas paixões; depois, afinal tomaram consciência, os adolescentes fáceis

se tornam homens de princípios, contra os quais os Charlus, confiando em antigos relatos, porém demasiadamente tarde, se chocam desagradavelmente. Tudo é uma questão de cronologia.

A falsidade não faz mais prudentes a quem os acreditou quando surge um novo rumor de bodas, de divórcio, ou um rumor político, para lhe dar crédito e difundi-lo. Não tinham acontecido quarenta e oito horas quando certos feitos me demonstraram que estava absolutamente equivocado na interpretação das palavras de Robert:

- Não! - exclamou ele com força, alegremente.-Todos os que não estão no fronte, seja qual for o motivo que dêem, é porque não desejam ser mortos, é porque têm medo! - E, com o mesmo gesto de afirmação, mais enérgico ainda do que com que sublinhara o temor alheio, acrescentou: - E eu, se não me apresento ao serviço, é certamente por medo, e nada mais! -

Eu já havia reparado, em pessoas, que a afetação de sentimentos louváveis não é a única desculpa, mas que são malvados, sendo que um pretexto mais novo é a exibição destes, de forma que ao menos não pareça ocultá-los. Além do mais, em Saint-Loup tal tendência fortalecida pelo seu hábito, quando cometia uma indiscrição ou fazia uma que lhe poderiam censurar, de proclamá-las dizendo que fora de propósito. Acredito, lhe viera de algum professor da Escola de Guerra em cujo interior vivera, pelo qual professava enorme admiração. Portanto, não senti qualquer constrangimento em interpretar essa tirada como a ratificação verbal de um sentimento que Saint-Loup preferia proclamar abertamente, visto que lhe ditara a conduta e sua abstenção na guerra que principiava.

- Quer dizer que ouviste dizer - perguntou-me ao ir embora que a tia Oriane ia se divorciar? Pessoalmente, não sei de nada. De vez em quando se fala disso, e eu ouvi anunciarem esse divórcio tão amiúde que espero que aconteça, para crer. Acrescento que seria perfeitamente compreensível; meu tio é um homem encantador, não só na sociedade, mas para os amigos, os parentes. E até, sob certos aspectos, tem mais coração que minha tia, que é uma santa, mas fá-lo sentir isso de maneira terrível. Apenas, é um marido péssimo, que nunca deixou de enganar a esposa, insultá-la, tratá-la com brutalidade, privá-la de dinheiro. Seria tão natural que ela o deixasse, que essa é uma razão para que a notícia seja verdadeira, mas também para que o não seja, pois sobram motivos para que a inventem e divulguem. E aliás, já que ela o suportou portanto tempo! Agora sei muito bem que existem coisas que anunciam erradamente, que são desmentidas, e que mais tarde se tornam verdadeiras. -

Aquilo me fez pensar em perguntar-lhe se alguma vez cogitara casar-se com a Srta. de Guermantes. Teve um sobressalto e afirmou que não, que isso fora

apenas um boato da

sociedade, desses que nascem de tempos em tempos, ninguém sabe por quê, desaparecem como surgiram, e cuja falsidade não torna mais prudentes os que nele acreditaram; tão logo aparecem novos rumores de noivado ou divórcio, ou um boato político, eles crêem e os divulgam.

Saint-Loup dissera isto para brilhar na conversação, para ostentar originalidade psicológica, enquanto não estava certo de que seu alistamento seria aceito. Mas, nesse meio tempo, fazia o possível para que o fosse, revelando-se assim menos original, no sentido que julgava ser preciso emprestar ao termo, porém mais profundamente francês de Saint-André-des-Champs, mais em conformidade com tudo o que, por essa época, havia de melhor nos franceses de Saint-André-des-Champs, senhores, burgueses e servos submissos aos senhores ou revoltados contra eles, duas divisões igualmente francesas da mesma família, sub-ramificação Françoise e sub-ramificação Morel, de onde partiam duas flechas, para se reunirem de novo numa só direção, que era a fronteira.

Bloch ficara encantado com a confissão de covardia de um nacionalista (que, aliás, o era bem pouco) e, como Saint-Loup lhe indagasse se iria partir, assumira ares de sumo sacerdote para responder: - Míope.

Mas Bloch mudara completamente de opinião sobre a guerra alguns dias depois, quando veio me visitar, muito aflito. Apesar de "míope", fora dado como bom para o serviço militar. Acompanhava-o até sua casa quando Saint-Loup, que, para ser apresentado, no Ministério da Guerra, a um coroamento; tinha um encontro marcado com um antigo oficial: - "O Sr. de Cambremer", disse-me a verdade, é de um velho conhecido de quem te falo. Tu conheces Cancan tão bem quanto eu. -

Respondi que o conhecia, de fato, e também à sua esposa, e que apreciava muito. Mas estava de tal modo habituado, desde que os vira pela vez, a considerar a mulher como uma pessoa notável, apesar de tudo, conhecedora de Schopenhauer, pertencente, em suma, a um meio intelectual mais do que a seu grosseiro marido, que, a princípio, fiquei assombrado ao ouvir me responder:

- A mulher dele é idiota, abandono-a a ti. Mas ele é um homem excelente, bem dotado, e continua bastante agradável.-

Pela "idiotice" de Saint-Loup sem dúvida entendia o desejo alucinado de freqüentar a alta sociedade, o que esta não perdoa. Pelas qualidades do marido, sem dúvida, algumas lhe reconhecia a mãe ao proclamá-lo o melhor da família. A ele, pelo menos, interessavam as duquesas, mas, na verdade, tratava-se de uma inteligência diferente tanto da que caracteriza os pensadores, como a "inteligência" atribuída em público a um determinado homem rico "por ter sabido fazer sua fortuna". As palavras de Saint-Loup não me desagradavam, visto

sugerirem que a presunção, vizinha da tolice e que a simplicidade tem um gosto pouco pronunciado e agradável. Não me fora dado, é verdade, saborear a do Sr. de Cambremer; justamente isto que faz com que uma pessoa seja tantas criaturas diferentes, forme as pessoas que a julgam, mesmo sem se levar em conta as diferenças do julgamento. Do Sr. de Cambremer eu só conhecera o escorço. E o sabor, que fora atestado por outras pessoas, era-me desconhecido.

Bloch nos deixou diante da porta de sua casa, transbordante de azedume contra Saint-Loup, dizendo-lhe que os outros, "belos rapazes" agora pavoneando-se nos Estados-Maiores, não arriscavam coisa alguma, ao que ele, simples soldado de 21ª classe, não desejava ser "crivado de balas" por causa de Guilherme.

- Parece que o imperador Guilherme está gravemente enfermo - respondeu Saint-Loup.

Bloch que, como todas as pessoas que lidam com a Bolsa, com extrema facilidade as notícias sensacionalistas, acrescentou:

- Dizem até que ele está morto. - Na Bolsa, todo soberano doente, fosse Eduardo VII ou Guilherme II, está morto, toda cidade a ponto de ser assediada, já sofreu captura. - Só dão o fato - continuou Bloch - para não abater o moral dos *boches*. Mas, morreu na noite de ontem. Meu pai o soube por uma fonte altamente fidedigna. As fontes altamente fidedignas eram as únicas que o Sr. Bloch pai levava em consideração porque, devido às "altas relações", tinha a sorte de estar em comunicação das quais recebia a notícia, ainda secreta, de que as ações da *Extérieure* iam subir, que as de *Beers* cairiam. Aliás, se naquele preciso momento houvesse uma alta ações da *Beers*, ou "ofertas" pelas da *Extérieure*, se o mercado da primeiramente revelasse "firme" e "ativo", e o da segunda "hesitante", "fraco", e as pessoas se prevenissem", nem por isso a fonte fidedigna deixava de sê-lo. Assim, Bloch nos anunciou a morte do Kaiser com ar misterioso e importante, mas também irritado. Especialmente exasperava-o ouvir Robert dizer: "o imperador Guilherme". Creio que, sob o cutelo da guilhotina, Saint-Loup e o Sr. de Guermantes não diriam coisa diversa. Dois homens da sociedade, últimos sobreviventes numa ilha deserta, onde não precisariam dar provas de boas maneiras a ninguém, se reconheceriam graças a esses traços de polidez, da mesma forma que dois latinistas citariam corretamente Virgílio.

Mesmo torturado pelos alemães, Saint-Loup jamais deixaria de dizer outra coisa que não "o imperador Guilherme". E este *savoir-vivre* é, apesar de tudo, o grande sinal de entraves para o espírito. Aquele que não sabe rejeitá-los, permanece um mundano. Essa elegante mediocridade, aliás, é deliciosa - sobretudo pelo que deixa entrever de generosidade escondida e de heroísmo não expresso - ao lado da vulgaridade de Bloch, a um tempo covarde e fanfarrão, que gritava para

Saint-Loup:

- Não poderias dizer "Guilherme", simplesmente? É isto, és um poltrão, e já te pões de quatro diante dele! Ah, teremos bravos soldados na fronteira, vão lamber as botas dos *boches*. Vocês usam galões e sabem se exibir num picadeiro. Mais nada.

- Este pobre Bloch quer absolutamente que eu não faça outra coisa além de exibir-me - comentou Saint-Loup sorrindo, depois de nos separarmos do nosso companheiro.

E senti perfeitamente que exibir-se não era de forma alguma o que Robert desejava, embora na ocasião não lhe percebesse tão bem as intenções, como mais tarde, quando, permanecendo inativa a cavalaria, ele conseguiu servir primeiro como oficial de infantaria, depois como oficial dos atiradores, e, por fim, quando aconteceu o que se lerá mais adiante. Porém Bloch não percebia do patriotismo de Saint-Loup, simplesmente porque Robert não o manifestava de forma alguma. Se Bloch nos fizera profissões de fé maldosamente anti-militaristas ao ser considerado apto, antes, quando se julgara dispensado por miopia, este dera declarações extremamente nacionalistas. Mas tais declarações, Saint-Loup teria sido incapaz de fazê-las; primeiro, por uma espécie de delicadeza moral que impede a expressão de sentimentos muito profundos e que se consideram naturais. Minha mãe, outrora, não só não teria vacilado um segundo em morrer por minha avó, como sofreria horrivelmente se a tivessem impedido de fazê-lo. Não obstante, é-me impossível imaginar, retrospectivamente, em sua boca uma frase do tipo:

"Darei a vida por minha mãe."

Tão tácito era Robert em seu amor pela França, que, nesse momento, eu o considerava, muito mais Saint-Loup (na medida em que podia me figurar seu pai) do que Guermantes. Teria também sido preservado de expressar tais sentimentos pela qualidade de certa forma moral de sua inteligência. Há entre os trabalhadores intelectuais e verdadeiramente sérios uma certa aversão por aqueles que transpõem para a literatura, valorizando-o, tudo o que eles fazem. Não tínhamos estado juntos nem no liceu nem na Sorbonne, mas, separadamente. E havíamos seguido certos cursos dos mesmos professores (e recordo o Saint-Loup) que, dando aulas notáveis, como alguns outros, querem fazer-se passar por homens de gênio, dando um nome ambicioso às suas teorias. Uma alusão a isso e Robert ria gostosamente. Naturalmente, não privilegiávamos o instinto dos Cottard ou dos Brichot; mas enfim, mostrávamos uma certa consideração pelas pessoas que conhecem a fundo o grego ou a medicina e nem por isso se julgavam autorizadas a assumir ares de charlatães. Dizia eu que se todas as vezes em que mamãe outrora assentava na idéia de que ela teria dado a

vida por mim; o fato é que ela jamais formulara tal sentimento para si própria e que, teria achado não apenas inútil e ridículo, mas também chocante e vergonhoso expressá-lo aos outros; da mesma forma, é-me impossível imaginar, Saint-Loup (ao me falar do seu equipamento, das marchas que tinha de de nossas chances de vitória, o pouco valor do exército russo, daquilo que seria a Inglaterra), é-me impossível imaginar em sua boca a frase, ainda a mais proferida por um ministro, mesmo o mais simpático, aos deputados que o aplaudem de pé, entusiasmados. Todavia, não posso garantir que não houvesse, lado negativo que o impedia de expressar os mais belos sentimentos, um "espírito dos Guermantes", de que já vimos tantos exemplos no caso de Saint-Loup. Pois, se o achava sobretudo um Saint-Loup, ele continuava sendo também Guermantes, e assim, dentre os muitos motivos que excitavam a sua conversa havia aqueles diversos dos de seus amigos de Doncieres, os rapazes apaixonados pela carreira militar com quem eu jantara todos os dias, e dos quais tantos me falaram na batalha do Marne ou alhures, junto com seus homens.

Os jovens socialistas que poderia haver em Doncieres, quando ali estivera, que não chegara a conhecer porque não freqüentavam o meio de Saint-Loup, ter verificado que os oficiais desse meio não eram de modo algum aristocratas - acepção altivamente orgulhosa e grosseiramente gozadora que o "populacho', oficiais tarimbeiros e os maçons atribuíam a esse termo. E aliás, paralelamente aos oficiais nobres encontraram esse mesmo patriotismo pleno entre os socialistas em quem eu os ouvira acusar, enquanto estava em Doncieres, de serem uns “sem pátria". O patriotismo dos militares, igualmente sincero e profundo, assumira forma definida que eles julgavam intangível, e sobre a qual indignavam-se lançando o opróbrio, enquanto os patriotas por assim dizer inconscientes, independentes, sem religião patriótica definida, como eram os radicais socialistas, conseguiram compreender a realidade profunda daquilo que consideravam vãs e odiosas.

Como eles, Saint-Loup sem dúvida se habituara a desenvolver dentro de si, como a parte mais genuína do seu eu, a pesquisa e a concepção das melhores manobras, tendo em vista os maiores êxitos estratégicos e táticos, de modo que para ele, como para os demais, a vida do corpo era algo relativamente sem importância, que podia facilmente ser sacrificada a essa parte interior, verdadeiro núcleo vital a cuja volta a existência pessoal não tinha valor senão como uma epiderme protetora. Na coragem de Saint-Loup havia elementos mais característicos, entre os quais se reconheceria facilmente a generosidade que, logo no começo, fora o encanto da nossa amizade, e, também, o vício hereditário que mais tarde despertara nele, e que, aliado a um certo nível intelectual que ele não cultivara, fazia-o não somente admirar a coragem, mas levar o horror ao afeminamento a uma certa embriaguez no contato com a virilidade. Vivendo ao

relento com senegaleses, que a todo momento faziam o sacrifício de suas vidas, ele sentia, castamente é claro, uma volúpia cerebral em que entrava muito de desprezo pelos "homenzinhos efeminados", e que, por mais oposta que lhe parecesse, não era muito diversa da que lhe conferia a cocaína da qual havia abusado em Tansonville, e cujo heroísmo - como um remédio que substitui outro -o curava. Em sua coragem havia, principalmente, aquele duplo hábito de polidez que, por um lado o fazia elogiar os outros, mas, para si próprio, contentar-se em fazer bem as coisas sem dizer nada a respeito (ao contrário de um Bloch, que lhe dissera em nosso reencontro: "Naturalmente, você não arriscaria nada", e que não fazia coisa alguma); e, por outro lado, levava-o a não dar valor ao que era seu, a fortuna, o nível social, sua própria vida, coisas que lhes cedia. Numa palavra, a verdadeira nobreza de sua formação. Porém tantas origens se confundem no heroísmo quanto esse gosto novo que se revelara nele, e também a mediocridade intelectual que não soubera vencer, tinham sua parte nisso. Assumindo os hábitos do Sr. de Charlus, Robert se achou a assumir, igualmente, embora sob forma bem diversa, o seu ideal de virilidade.

- A guerra vai durar muito tempo? - indaguei a Saint-Loup.

- Não, acredito numa guerra bastante curta - respondeu-me. Mas neste ponto, como sempre, seus argumentos eram livrescos. - Levando em consideração as profecias de Moltke, relê - disse ele, como se eu já tivesse lido - o decreto de 28 de outubro de 1913, a respeito da conduta das grandes unidades; verás que a substituição das reservas em tempo de paz não está organizada, nem sequer prevista, o que não teriam deixado de fazer se a guerra devesse ser longa.-

Parecia-me ser possível interpretar o decreto em questão, não como prova de que a guerra seria curta, mas como imprevisão de que ela o seria, e do que ela haveria de ser, daqueles que a tinham redigido, e que não suspeitavam nem do que seria, numa guerra estabilizada, o espantoso consumo de material de todo tipo, nem a solidariedade dos diversos teatros de operação.

Fora a homossexualidade, nas pessoas naturalmente mais infensas ao homossexualismo, existe um certo ideal convencional de virilidade que, caso o homossexual não seja um indivíduo superior, encontra-se à disposição dele para ser corrompido alhures. Esse ideal de certos militares, de certos diplomatas - é particularmente exasperador. Sob seu aspecto mais vil, é simplesmente a dureza do coração de ouro que não quer parecer comovido e que, no momento em que um amigo que talvez venha a ser morto, tem no fundo uma vontade de chorar que ninguém duvida, porque ele a esconde sob uma cólera crescente que talvez por explodir no instante em que se deixam: "Vamos, com os diabos!, seu idiota; abrace-me, e pegue logo essa bolsa que me incomoda, seu imbecil!" O diplomático oficial, o homem que sente que apenas uma grande obra nacional é o que precisa, mas que, ainda assim, nutriu afeição pelo "pequeno" que estava na

legação, no batalhão, e que morreu de febres ou de um tiro, apresenta o mesmo gosto de virilidade sob um aspecto mais hábil, mais sábio, mas, no fundo, igualmente odioso. Não deseja prantear o "pequeno", sabe que em breve não se pensará neste como o cirurgião bondoso que, todavia, na noite da morte de uma doente que tinha moléstia contagiosa, sente um desgosto que não manifesta. Por menos diplomata seja escritor e narre essa morte, não dirá que sentiu desgosto; primeiro, por "pudor viril", depois, pela habilidade artística, que faz nascer a dissimulando-a. Um de seus colegas e ele velarão o agonizante. Em nenhum momento dirão que sentiram mágoa. Falarão dos casos da legação, ou do batalhão até com maiores detalhes que de costume:

"- B*** me diz: "Não se esqueçam que amanhã teremos revista do general, cuidem para que seus homens se apresentem asseados."

Ele, de hábito tão doce, falava em tom mais seco que de costume. Percebi que evitava encarar-me. Eu mesmo também estava nervoso. E o leitor compreende que esse tom seco é a mágoa nas pessoas que desejam parecer magoadas, o que seria simplesmente ridículo, mas que é realmente horrendo e desesperador, pois é o modo de sentir desgosto entre as criaturas que julgam que o desgosto já não conta, que a vida é mais séria que as separações etc., de maneira que, nas mortes, dão essa idéia de mentira, de vazio, que no dia de Ano-Novo, dá o senhor que, nos trazendo marrons-glacés, diz: "Desejo-lhe que tenha um Ano Feliz", em tom de troça, mas mesmo assim o diz. Para terminar com o relato do oficial ou do diplomata em vigília ao agonizante de cabeça coberta porque o ferido foi transportado ao ar livre, num certo momento tudo se acabou:

- Eu pensava: é preciso voltar a preparar as coisas para dar polimento, não sei bem por quê, no momento em que o médico largou o pulso, B*** e eu sem nenhuma combinação, talvez porque tivéssemos calor, pois o sol caía; empinamos conosco de pé diante do leito e tiramos o quepe.

E o leitor percebe muito bem que não foi devido ao calor do sol, mas emoção diante da majestade da morte, que os dois homens viris, que nunca pronunciaram as palavras "ternura" e "mágoa", se descobriram.

O ideal de virilidade dos homossexuais do tipo Saint-Loup não é igualmente o mesmo, porém tão convencional e mentiroso quanto o outro. A mentira para eles, reside no fato de não quererem se dar conta de que o desejo físico está na base dos sentimentos aos quais atribuem outra origem. O Sr. de Charlus detestava o afeminamento; Saint-Loup admira a coragem dos rapazes, a ebriedade das cargas de cavalaria, a nobreza intelectual e moral das amizades entre homens, inteiramente puras, onde um sacrifica sua vida pela do outro. A guerra que faz, nas capitais em que só restam mulheres, o desespero dos homossexuais, será pelo contrário o romance apaixonado dos homossexuais, se estes forem

suficientemente inteligentes para imaginarem quimeras, não o bastante para saberem desvendá-las, reconhecer sua origem, e se julgarem. De modo que, quando certos rapazes se engajaram simplesmente por espírito de imitação esportiva (como num determinado ano todos jogam diabolô), para Saint-Loup a guerra foi sobretudo o próprio ideal que ele pensava perseguir em seus desejos muito mais concretos, porém eivados de ideologia, ideal servido em comum com as criaturas que ele preferia, numa ordem de cavalaria puramente masculina, longe das mulheres, onde poderia expor a vida para salvar seu ordenança e morrer inspirando um amor fanático aos seus homens. E assim, conquanto sua coragem abrigasse muitas outras coisas mais, o fato de que ele era um fidalgo nela se achava; e nela se achava, igualmente, sob uma forma irreconhecível e idealizada, a idéia do Sr. de Charlus, que era a de que a essência de um homem não tem nada de afeminado. Aliás, da mesma maneira que, na filosofia e na arte, idéias análogas só valem pelo modo como são desenvolvidas, podendo diferir grandemente caso sejam expostas por Platão ou Xenofonte, assim também, mesmo reconhecendo o quanto ambos se realizam fazendo isso, admiro Saint-Loup, solicitando partir para o ponto mais perigoso de combate, infinitamente mais que o Sr. de Charlus, evitando usar gravatas claras.

Falei a Saint-Loup do meu amigo, o gerente do Grande Hotel de Balbec, que, ao que parece, anunciara terem ocorrido em certos regimentos franceses, no começo da guerra, algumas defecções que ele denominava "defeituosidades", acusando-as de terem sido causadas pelo que chamava de "militarista prussiano". Em dado momento, chegara mesmo a acreditar num desembarque simultâneo de japoneses, alemães e cossacos em Rivebelle, ameaçando Balbec, e dissera que nada mais tinha a fazer senão "raspar-se".

Achava um tanto precipitada a partida dos poderes públicos para Bordéus, declarando que eles tinham feito mal em "raspar-se" tão depressa. Este germanófobo afirmava, rindo, a propósito do irmão:

- Está nas trincheiras, a vinte e cinco metros dos boches! -até que, verificando-se que ele próprio o era, internaram-no num campo de concentração. - A propósito de Balbec, lembras-te do antigo ascensorista do hotel? - indagou Saint-Loup ao despedir-se, no tom de alguém que não estivesse sabendo de quem se tratava, e que contasse comigo para esclarecê-lo. - Alistou-se e me escreveu, pedindo que o fizesse entrar para a aviação. É claro que o ascensorista estava farto de subir na gaiola cativa do elevador, e as alturas da escadaria do Grande Hotel já não lhe bastavam. Ia obter galões diferentes dos de *porteirgy*: nosso destino nem sempre é o que havíamos suposto. Certamente, vou a seu pedido -disse-me Saint-Loup. - Dizia-o ainda esta manhã a Gilberte: teremos aviões em número suficiente. Somente com eles veremos o que está fazendo o adversário. Assim é que anularemos a sua vantagem de ataque, assim, o melhor exército será talvez

aquele que tiver melhores olhos.

Dias antes, eu encontrara esse ascensorista aviador. Falara-me de Balam curioso por saber o que me diria acerca de Saint-Loup, desviei a conversa a fim de saber se era verdade, como me haviam dito, que o Sr. de Charlus tinha relações com os rapazes etc. O ascensorista pareceu assombrado; não sabia de nada. Em compensação, acusou o rapaz rico, o que vivia com a amante e três amigos. Como impressão de colocar tudo num mesmo saco e eu soubesse pelo Sr. de Charlus que me dissera, como estão lembrados, diante de Brichot, que ele não o era em absoluto, afirmei ao ascensorista que ele deveria estar enganado. Opôs às minhas dúvidas as mais seguras afirmativas. A amiga do rapaz rico é quem estava enganada de levar-lhe moços, e todos desfrutavam juntos os prazeres. Assim, o Sr. Charlus, o mais competente dos homens nessa matéria, enganara-se completamente, de tal modo a verdade é parcial, secreta e imprevisível. De medo de raciocinar como um burguês, de ver o charlismo onde ele não existia, não obter aquele fato, a "condução" operada pela mulher.

- Ela vem se encontrar comigo várias vezes - disse o ascensorista.- Mas percebeu logo com quem estava lidando e recusei categoricamente. Não me meto em tal assunto; disse-lhe que isso positivamente me desagradava. Basta que uma pessoa seja indiscreta e isso se divulgam; não se consegue mais colocação em parte alguma. -

Estas últimas declarações enfraqueciam as virtuosas afirmações do princípio, pois pareciam implicar que o ascensorista teria cedido se estivesse seguro da discrição. Tal fora, sem dúvida no caso de Saint-Loup. É provável que até mesmo o rapaz rico, sua amante e os amigos não fossem menos favorecidos, pois o ascensorista citava muitas conversas que tivera com eles em épocas bem variadas, o que raramente acontece quando nos recusamos

categoricamente. Por exemplo, a amante do rico - encontrar-se com ele para conhecer um lacaio de quem o ascensorista era muito amigo.

- Não creio que o conheça; não estava no hotel naquela ocasião; chamavam de Victor. Naturalmente - acrescentou o ascensorista com o ar de quem se refere as leis invioláveis e um tanto secretas-, não se pode recusar a um camarada que é rico. -

Lembrei-me do convite que o amigo nobre do rapaz rico me havia dirigido alguns dias antes de minha partida de Balbec. Mas certamente aquilo nada tinha a ver e era ditado apenas pela amabilidade.

- Muito bem, e a pobre Françoise, conseguiu obter a reforma do sobrinho?

Mas Françoise, que há muito fazia todos os esforços possíveis para que o sobrinho fosse reformado, e que, quando lhe propuseram uma recomendação, por meio

dos Guermantes, ao general de Saint-Joseph, respondera num tom desesperado:

"Oh, não, não serviria de nada, não se pode esperar nada desse velhote, é o que há de pior, é patriota"

Françoise, desde o começo da guerra, e apesar da dor que aquilo lhe causava, achava que não se devia abandonar os "pobres russos", visto serem "aliançados". O mordomo, persuadido aliás de que a guerra não duraria mais que dez dias e acabaria com a vitória brilhante da França, não ousaria, com receio de ser desmentido pelos fatos, e até mesmo não teria bastante imaginação para prever uma guerra longa e indecisa. Mas, dessa vitória completa e imediata, procurava ele ao menos extrair de antemão tudo o que poderia fazer Françoise infeliz.

- As coisas vão indo mal, pois parece que muitos não querem marchar, e há rapazes de dezesseis anos que choram.-

E, dizendo-lhe assim coisas desagradáveis, para aborrecê-la, era o que chamava "atirar-lhe um pepino, lançar-lhe uma apóstrofe, enviar-lhe um trocadilho".

- De dezesseis anos, Virgem Maria! - exclamava Françoise e, num momento de desconfiança: - No entanto, diziam que só os recrutavam depois de completarem vinte anos, ainda são crianças.

- Naturalmente os jornais têm ordem para não falar isso. Aliás, toda a juventude será convocada, muitos serão dizimados. Por um lado, isto será útil, uma boa sangria é proveitosa de vez em quando, põe em andamento o comércio. Ah, diabos! se alguns desses rapazinhos mimados vacilarem, serão imediatamente fuzilados, doze balas no couro, e pronto! Em parte, é necessário. E depois, que têm os oficiais com isso? Ganham suas pesetas, é tudo o que desejam.-

Françoise empalidecia de tal modo durante essas conversas que receávamos que o mordomo causasse a sua morte de ataque cardíaco. Mas nem por isso ela perdia seus defeitos. Quando uma moça vinha me visitar, por mais que a velha criada se sentisse mal das pernas, se me ocorria sair por um instante do quarto, eu a via no alto de uma escada, na rouparia, no ato, dizia ela, de procurar um paletó meu para ver se não estava comido de traças, mas na realidade para nos escutar. Apesar de todas as minhas críticas, conservava o seu jeito insidioso de fazer perguntas de modo indireto, para o que utilizava desde algum tempo um certo "porque, sem dúvida". Não ousando dizer-me:

- Aquela senhora tem casa própria? - comentava, os olhos timidamente erguidos como os de um cão mansinho: - Porque, sem dúvida, aquela senhora tem uma casa própria evitando a interrogação direta menos por polidez do que para não parecer curiosa.

Enfim, como os criados que mais estimamos e sobretudo se já quase não nos prestam os serviços e o respeito que lhes impõe sua condição-infelizmente

continuam sendo criados e marcam mais nitidamente os limites (que desejaríamos apagar) de sua casta, à medida que julgam penetrar mais na nossa. Françoise tinha freqüentemente a meu respeito ("para me irritar", diria o mordomo) observações estranhas que uma pessoa da sociedade não faria: com uma alegria controlada, mas tão profunda como se se tratasse de uma moléstia grave, se eu sentisse calor, e o suor, que não me incomodava, gotejasse-me na testa, "Mas o senhor está ensopado" dizia, espantada como diante de um fenômeno estranho; ou, de leve, com o desprezo que provoca algo de indecente ("vai sair mas esqueceu de pôr a gravata"), mas com voz preocupada, própria para inquietar alguém em seu estado. Dir-se-ia que somente eu, em todo o universo, nunca estivera ensopado. Enfim, já não me falava bem como antigamente. Pois, em sua humildade; sua carinhosa admiração pelas criaturas que lhe eram infinitamente inferiores imitava seus modos feios de falar. Sua filha, queixando-se dela para mim, (não sei de quem o soubera) disse-me:

- Ela sempre tem algo a reclamar, que eu não fecha bem as portas, e patati-patatá-, Françoise sem dúvida pensou que só uma ação incompleta a privara até então desse belo hábito. E nos lábios em que ia florescer outrora o francês mais puro, ouvi diversas vezes por dia: - E patati-patatá.

De resto, é curioso verificar como, não só as expressões mas os pensamentos variam pouco numa dada pessoa. O mordomo, tendo adquirido o hábito de falar que o Sr. Poincaré{120} estava com más intenções, não pelo dinheiro, mas desejara absolutamente a guerra, repetia isto sete a oito vezes por dia para o mesmo auditório habitual e sempre igualmente interessado. E sem modificar uma palavra, um gesto, uma entonação. Embora isso não durasse mais que dois minutos, invariável como uma representação. Seus erros de francês corrompiam a linguagem de Françoise, tanto quanto os erros da filha desta. Achava que aquilo que o Sr. de Rambuteau ficara tão melindrado um dia ao ouvir o Sr. de Guermantes afirmar de "urinóis Rambuteau" se denominava *pistieres*. É claro que desde a informação não ouvia outra coisa e aquilo lhe ficara. Portanto, pronunciava essa palavra de modo incorreto, mas permanentemente. Françoise, constrangida a princípio, acabou falar do mesmo modo, queixando-se de que não existisse esse tipo de coisas as mulheres, como existia para os homens. Porém a sua humildade e sua admiração pelo mordomo faziam com que jamais dissesse *pissotieres*, e sim com leve concessão ao costume *pissetieres*{121}.

Ela já não dormia nem comia, vivia ouvindo os comunicados, de que não entendia, lidos pelo mordomo, que, igualmente nada entendendo, e cujo desejo de atormentar Françoise era freqüentemente sobrepujado por uma alegria patriótica dizia, com um riso simpático, falando dos alemães:

- Isto está esquentando; o velho Joffre vai lhes cortar a cauda do cometa. -

Françoise não compreendia de que cometa se tratava, mas nem por isso deixava de perceber que essa frase fazia parte das amáveis e originais extravagâncias às quais uma pessoa bem educada deve responder de bom humor, por urbanidade, e dando de ombros alegremente, como a dizer: "Qual, é sempre o mesmo" e temperava as lágrimas com um sorriso. Ao menos, mostrava-se feliz porque seu novo açougueiro, que, apesar da profissão, era bastante medroso (todavia começara pelos abatedouros), ainda não estava em idade de ser convocado. Não fosse isto, ela teria sido capaz de ir ao ministro da Guerra para solicitar sua reforma.

O mordomo não poderia admitir que os comunicados não fossem excelentes, e que o exército não se aproximasse de Berlim, visto que lia: "Repelimos, com pesadas perdas para o inimigo etc.", ações que ele celebrava como novas vitórias. Entretanto, eu me sentia assustado com a rapidez com que o teatro dessas vitórias se aproximava de Paris, e até fiquei assombrado que o mordomo, tendo visto num comunicado que uma das ações ocorrera perto de Lens, não se inquietasse ao ver no jornal, na manhã seguinte, que as conseqüências de tais encontros se voltaram a nosso favor em Jouy-le-Vicomte, onde eram sólidas as nossas posições. No entanto, o mordomo conhecia perfeitamente o nome de Jouy-le-Vicomte, que não distava muito de Combray. Mas a gente lê os jornais da mesma forma que ama, com uma venda nos olhos. Não procuramos compreender os fatos. Ouvimos as doces palavras do redator-chefe como se fossem palavras de nossa amante. Somos vencidos e ficamos satisfeitos, pois não nos consideramos vencidos, mas vencedores.

Aliás, não me demorei muito em Paris e voltei depressa para a minha casa de saúde. Embora, em princípio, o médico me tratasse pelo isolamento, entregaram-me em épocas diferentes uma carta de Gilberte e outra de Robert. Gilberte me escrevia (mais ou menos em setembro de 1914) dizendo que, apesar do seu desejo de permanecer em Paris, onde mais facilmente obteria notícias de Robert, as perpétuas incursões dos *taubes*{122} sobre Paris lhe infundiram tamanho pavor, principalmente por causa da filhinha, que ela fugira da cidade pelo último trem que ainda saía para Combray, que o trem nem mesmo chegara a Combray e que somente graças à charrete de um camponês, na qual fizera dez horas de um caminho atroz, é que alcançara Tansonville!

- E lá, quem imaginava que esperava a sua velha amiga - escrevia Gilberte, ao terminar. - Eu saíra de Paris para fugir aos aviões alemães, pensando que em Tansonville estaria a salvo de tudo. Não fazia nem dois dias que ali me encontrava, quando imagine quem chegou: os alemães, que invadiam a região depois de terem abatido nossas tropas em La Fere, e um estado-maior alemão, seguido de um regimento que se apresentava à porta de Tansonville, e para lá que fui.

Poemas que durante a convalescença, colocavam-se, para descrever a guerra, nível dos acontecimentos, que em si mesmos nada significam, mas no vulgar, de que haviam seguido as regras até então, falando, como o teriam feito anos antes, da "sangrenta aurora", do "vôo fremente da vitória" etc. Sai muito mais inteligente e artista, continuava sendo inteligente e artista, e fixava finura, para mim, as paisagens que via enquanto estava imobilizado à beira da floresta pantanosa, mas como se participasse de uma caçada a patos selecionados. Para me fazer compreender certas oposições de sombra e luz que tinham encantamento de sua manhã, recordava alguns quadros que nós dois vimos, sem recear aludir a uma página de Romain Rolland, ou até de Nietzsche com aquela independência dos que estão no *front*, que não têm o mesmo rancor dos inativos de pronunciarem um nome alemão, e até, com uma ponta de quietismo, de citar um inimigo, que fizera, por exemplo, o coronel Du Paty depor na sala das testemunhas do processo Zola, a recitar de passagem, diante de juízes - Quillard, poeta dreyfusista de extrema violência, a quem aliás não conhecia, do seu drama simbolista, *A Menina de Mãos Cortadas*.

Saint-Loup me falava uma melodia de Schumann, só lhe dava o título em alemão e não entrava circunlóquios para dizer que, quando ao amanhecer ouvira um primeiro gorjeio da orla daquela floresta, sentira-se inebriado como se lhe falasse o pássaro daquele "sublime Siegfried" que esperava escutar depois da guerra.

E agora, na minha segunda volta à Paris, eu recebera, logo no dia seguinte à minha chegada, uma nova carta de Gilberte que, sem dúvida, havia esquecido da outra, ou pelo menos o sentido dela, de que já falei; pois sua partida de Paris, em fins de 1914, era ali apresentada retrospectivamente de modo bem diverso.

- Você não sabe, meu caro amigo - dizia ela -, mas já faz quase dois anos que estamos em Tansonville. Cheguei aqui ao mesmo tempo que os alemães; todos quiseram impedir-me de partir. Chamavam-me de louca. Como diziam "você se achará em segurança em Paris e vai partir para essas regiões invadidas, justo no momento em que todos procuram fugir de lá". Eu ignorava tudo o que esse raciocínio continha de exato. Mas, que quer, só possuo uma qualidade, não sou covarde, ou melhor se prefere, sou fiel, e, quando soube que minha querida Tansonville estava também não quis que o nosso velho caseiro ficasse sozinho a defendê-la. Julguei que meu lugar era a seu lado. De resto, foi graças a esta resolução que mais ou menos pude salvar o castelo, quando todos os outros das vizinhanças, abandonados por proprietários enlouquecidos, foram quase todos destruídos de alto a baixo e não apenas salvar o castelo, mas as preciosas coleções que meu querido papai prezava.

Numa palavra, Gilberte agora estava convencida de que não fora à Tansonville, como me escrevera em 1914, para fugir dos alemães e estar sem esperança,

mas, ao contrário, para encontrá-los e defender seu castelo contra eles.

No entanto, não tinha permanecido em Tansonville, mas nem por isso deixara haver ali um vaivém constante de militares, muito superior ao que na rua de Combray.

Françoise só fazia derramar lágrimas, e Gilberte podia dizer, e agora sem fugir à verdade, que levava uma vida de frente de batalha. Assim, todos os jornais falavam de sua conduta admirável com os maiores elogios, e pensava-se em condecorá-la. O fim de sua carta era rigorosamente exato. Você não faz idéia do que é esta guerra, meu caro amigo, e da importância que nela assume uma estrada, uma ponte, uma elevação. Quantas vezes pensei em você, nos passeios, tornados deliciosos graças a você, que fazíamos por toda essa região hoje devastada, no momento em que imensos combates se travavam pela posse de um determinado caminho, de um certo outeiro de que você gostava, onde subimos juntos tantas vezes! Provavelmente, você, como eu, não imaginava que a obscura Roussainville e a enfadonha Méséglise, de onde nos levavam nossas cartas, e onde foram buscar o médico quando você esteve doente, seriam jamais lugares célebres. Pois bem, meu caro amigo, elas são gloriosas para sempre, no mesmo nível de Austerlitz ou de Valmy. A batalha de Méséglise durou mais de oito meses, nela os alemães perderam mais de seiscentos mil homens; destruíram Méséglise, mas não a tomaram. A pequena vereda de que você gostava tanto, a que chamávamos de ladeirinha de espinheiros, e onde pretende ter se apaixonado por mim na infância, ao passo que, na verdade, afirmo-lhe que era eu quem estava apaixonada por você, nem posso lhe dizer a importância que ela adquiriu. O imenso campo de trigo a que ela conduz é o famoso marco 307, cujo nome você deve ter lido tantas vezes nos comunicados. Os franceses explodiram a pontezinha sobre o Vivonne, a qual, dizia você, não lhe recordava a infância tanto quanto desejaria; os alemães explodiram outras, durante um ano e meio ocuparam uma metade de Combray, e os franceses a outra metade.

No dia seguinte àquele em que eu havia recebido esta carta, ou seja, na antevéspera do dia em que, andando na escuridão, ouvindo soar o ruído de meus passos, ruminando todas essas lembranças, Saint-Loup, vindo do *front*, quase de regresso, fizera-me uma visita de apenas alguns minutos, que só em ser anunciada me deixou violentamente emocionado. Françoise quisera precipitar-se para ele, esperando que Saint-Loup pudesse mandar reformar o tímido aprendiz de açougueiro, cuja classe partiria dentro de um ano. Mas ela própria se susteve, pela inutilidade de semelhante pedido, pois de há muito o tímido matador de animais havia mudado de açougue. E, ou porque a dona do nosso temesse perder a freguesia, ou porque estivesse de boa-fé, declarou a Françoise que ignorava onde se empregava o rapaz, que, de resto, não daria um bom açougueiro. Françoise, então, havia procurado em todo canto, mas Paris é grande, e os

açougues numerosos, e ela não pudera achar o jovem tímido e sangrento.

Quando Saint-Loup entrou no meu quarto, aproximei-me dele com a sensação de timidez, com a impressão de sobrenatural que davam, no fundo, todos os convocados em licença, e que experimentamos quando somos levados à presença de uma pessoa atacada de moléstia mortal, e que, no entanto, ainda se levanta, veste-se e passeia. Parecia (parecera, sobretudo no começo, pois para quem não vivera, como eu, longe de Paris, sobreviera o hábito, cortando das coisas que diversas vezes a raiz da impressão profunda e de pensamento que lhes não tinha sentido real), parecia quase haver algo de cruel nessas licenças dadas aos combatentes. Nas primeiras, dizia-se: "Não hão de querer voltar, desertarão." E, não regressavam apenas de lugares que nos pareciam irreais porque só tínhamos ouvido falar deles pelos jornais, e porque não imaginávamos a possibilidade de alguém tomar parte nesses combates titânicos e voltar com apenas um ombro; era das margens da morte, às quais voltariam, que eles regressavam; um momento para ficar conosco, incompreensíveis para nós, enchendo-nos de assombro, e de uma sensação de mistério, como esses mortos que evocamos, que nos aparecem por um segundo, que não ousamos interrogar quando muito, poderiam responder: "Não poderíeis fazer idéia." Pois é extraordinário verificar a que ponto, seja entre os que escaparam do fogo, que são os combatentes de licença entre os vivos, seja entre os espíritos que um médium hipnotizado ou o único efeito do contato com o mistério é o de aumentar, se possível, a implicância das frases. Assim, abordei Robert, que ainda trazia na testa uma cicatriz mais augusta e misteriosa para mim que a impressão deixada na terra pelo um gigante. E eu não tivera coragem de lhe fazer qualquer pergunta, e ele dissera simples palavras; e estas ainda eram bem pouco diferentes das de antes da guerra como se, apesar dela, as pessoas continuassem a ser o que eram: o retorno das conversas era o mesmo, apenas o assunto diferia, e ainda assim!

Julguei entender que Robert encontrara no exército expedientes que poucos o tinham feito esquecer que Morel procedera tão mal com ele como seu tio. Todavia, conservava-lhe grande amizade e era possuído de bruscos de tornar a vê-lo, sempre adiados. Julguei mais delicado para com Gilberte indicar à Robert que, para encontrar Morel, bastava que ele fosse à casa da Sra. Verdurin. Disse humildemente a Robert quão pouco se sentia a guerra; retrucou-me que, mesmo em Paris, às vezes ocorriam "coisas incríveis". A um ataque de zepelins que houvera na véspera, e me perguntou se o vira, mas me falaria antigamente de algum espetáculo de grande beleza estética. No entanto se compreende que haja uma espécie de coqueteria em dizer: "É maravilhoso! Que rosa! E que verde-claro!" no momento em que se pode a todo instante ver a morte; porém isto não existia em Saint-Loup, em Paris, a propósito de um insignificante, mas que, da

nossa varanda, no silêncio de uma noite onde houve de súbito, uma festa verdadeira de foguetes úteis e protetores, toque de clarins não eram para a parada etc. Comentei a beleza dos aviões que subiam à noite.

- Talvez, mais ainda a dos que descem -disse ele. - Reconheço que é muito bonito o momento em que eles sobem, quando vão fazer constelação, e nisso obedecem a leis tão precisas como as que regem as constelações, pois o que te parece um espetáculo é o alinhamento das esquadrilhas, o comando que lhes dão, sua partida para a caça etc. Mas não preferes o momento em que, definitivamente comparados às estrelas, eles diferem destas para sair em caça, ou voltar após o toque de recolher, no momento em que fazem apocalipse e até as estrelas saem do lugar? E as sirenes, não seriam bem wagnerianas, o que, de resto, seria bem natural para saudar a chegada dos alemães, parecendo hino nacional, Wachtam Rhein{123}, com o Kronprinz e as princesas no camarote imperial; era para se perguntar se se tratava mesmo de aviadores ou antes das Valquírias que subiam. -

Parecia comprazer-se nessa comparação entre aviadores e Valquírias, explicando-a, de resto, por motivos puramente musicais:

- Ora, é que a música das sirenes era a de uma Cavalgada! Decididamente, é preciso a chegada dos alemães para que se ouça Wagner em Paris.

Além disso, sob certos pontos de vista a comparação não era falsa. De nossa varanda, a cidade parecia um só local movente, informe e negro, e que de repente passava das profundezas e da noite para a luz e para o céu, onde, um a um, os aviadores se elevavam ao apelo aflitivo das sirenes, enquanto, com um movimento mais vagaroso, mais traiçoeiro, mais alarmante, pois esse olhar lembrava o objeto ainda invisível e talvez já próximo, que estava procurando, os refletores mudavam permanentemente de direção, farejando o inimigo, assediando-o com seus faróis até o momento em que os aviões, orientados, mergulhavam em pique para capturá-lo. E, esquadrilha após esquadrilha, cada aviador se alçava desse modo da cidade, transportada agora aos céus, semelhante a uma valquíria. No entanto, alguns pontos da terra, no nível das casas, iluminavam-se, e eu disse a Saint-Loup que, se ele estivesse em casa na véspera, poderia, contemplando o apocalipse no céu, ver sobre a terra (como no *Enterro do Conde de Orgaz*, de El Greco, onde esses planos diversos são paralelos) um verdadeiro *vaudeville* representado pelos personagens de camisola, os quais, devido a seus nomes célebres, mereceriam ter sido mandados a algum sucessor daquele Ferrari cujas notas mundanas tantas vezes nos tinham divertido, a mim e a Saint-Loup, que as imitávamos de brincadeira. E foi o que fizemos ainda àquele dia, como se não houvesse guerra, conquanto acerca de um assunto bem "de guerra", o medo aos zepelins: "Reconhecidos: a duquesa de Guermantes, magnífica de camisola; o duque, de Guermantes, indescritível de

pijama cor-de-rosa e roupão de banho etc., etc." - "Garanto", disse ele, "que em todos os grandes hotéis se devem ter, judias americanas de camisola, apertando nos seios envelhecidos o colar de pérolas que lhes permitiria casarem-se com um duque arruinado. O hotel Ritz, nas noites, deve se parecer à Bolsa de Valores".

Contudo, é preciso dizer que, se a guerra não fizera aumentar a inteligência de Saint-Loup, essa inteligência, conduzida por uma evolução em que a hereditariedade assumia uma grande parte, ganhara um brilho que eu antes jamais percebera. Que distância entre o jovem louro, outrora cortejado pelas mulheres chiques ou aspirando a sê-lo, e o argumentador, o doutrinário que não cessa de brincar com as palavras! Noutra geração, noutro ramo, como um ator que retoma o papel representado antigamente por Bressant ou Delaunay, ele era como um sucessor róseo, louro, dourado, ao passo que o outro se dividia entre muito preto e branco do Sr. de Charlus. Conquanto não se entendesse com o tio a respeito da guerra, tendo-se alistado naquela porção de aristocracia que colocava a França acima de tudo, enquanto o Sr. de Charlus era derrotista no fundo, ele podia mesmo a quem não tivesse visto o "criador do papel", como era possível sobressaltar qualidade de argumentador.

- Parece que Hindenburg é uma revelação - disse eu.

- Uma revelação velha, ou futura - respondeu-me de pronto. - Devia se ter mais poder de fogo a Mangin, em vez de poupar o inimigo, abater a Áustria - Alemanha e *europeizar* a Turquia, em vez de "montenegrizar" a França.

- Mas agimos com o auxílio dos Estados Unidos - observei.

- Enquanto esperamos, não vejo senão o espetáculo dos *Estados Desunidos*. Por que não fazer maiores concessão à Itália, com medo de descristianizar a França?

- Se o teu tio Charlus te ouvisse - exclamei. - No fundo, não te aborrecerias se se ofendesse ainda mais o papa, e pensa com desespero no mal que podem fazer ao trono de Francisco José. Ainda fala-se nisso, dentro da tradição de Talleyrand e do Congresso de Viena.

- Ah! O Congresso de Viena já passou - respondeu ele-; à diplomacia secreta, é necessária para opor a diplomacia concreta. Meu tio no fundo é um monarquista impenitente quem fariam engolir "carpas", como a Sra. Molé, ou "escarpas", como Arthur M; desde que as carpas e escarpas sejam preparadas à Chambord{124}. Por ódio ao penta tricolor, creio que aderiria antes ao esfregão do *bonnet rouge*{125}, que de boa-fé teria pelo estandarte branco da realeza. -

É claro que tudo aquilo não eram mais palavras, e Saint-Loup estava longe de possuir a originalidade por vezes profunda do tio. Mas era tão afável e de caráter tão encantador, como o outro era suspicaz e invejoso. E continuara encantador e róseo como em Balbec, sob todos os seus cabelos de ouro. O único aspecto em

que o tio não o sobrepujaria era aquele estado de espírito do *Faubourg* Saint-Germain, de que se imbuem até os que se crêem mais livres, incutindo-lhes, a um tempo, o respeito pelos homens inteligentes sem nascimento (e que na verdade só floresce na nobreza e torna tão injustas as revoluções) e uma tola satisfação de si mesmos. Em nome dessa mistura de humildade e orgulho, de curiosidades de espírito adquiridas e de autoridade inata, o Sr. de Charlus e Saint-Loup, percorrendo caminhos diversos e sustentando opiniões opostas, tinham se tornado, com uma geração de intervalo, intelectuais interessados em toda idéia nova e conversadores de quem nenhuma interrupção consegue obter silêncio. De modo que uma pessoa um tanto medíocre podia considerá-los, de acordo com a disposição em que estivesse, fascinantes ou aborrecidos.

- Tu te lembras – disse-lhe - de nossas conversas em Doncieres.

- Ah, era um bom tempo. Que abismo nos separa dele. Aqueles dias lindos regressarão um dia: *Du gouffre interdit à nos sondes/ Comine montem au ciei les soleils rajeunis Apres s'être lavés au fond des mers profondes*{126}*?*

- Só pensemos nessas conversas para recordar sua doçura-disse-lhe eu. - Procurava nelas alcançar um certo tipo de verdade. A guerra atual, que transtornou tudo, e, principalmente, me dizes, a idéia da guerra, tornaria ultrapassado o que me falavas então a respeito dessas batalhas, por exemplo, quanto às batalhas de Napoleão, que seriam imitadas nas guerras futuras?

- De modo algum! - respondeu-me. - A batalha napoleônica é sempre reencontrada, e tanto mais ainda nesta guerra, em que Hindenburg está imbuído do espírito napoleônico. Seus rápidos deslocamentos de tropas, seus fingimentos, ou porque deixa apenas uma pequena linha de defesa diante de um de seus adversários, para cair com todas as forças juntas sobre o outro (Napoleão, 1814), ou porque investe numa *diversão*{127} que força o adversário a manter suas tropas numa frente que não é a principal (assim a manobra fingida de Hindenburg diante de Varsóvia, graças à qual os russos, enganados, levaram para ali a sua resistência e foram batidos nos lagos da Masúria), seus recuos, análogos àqueles pelos quais começaram as batalhas de Austerlitz, Arcole e Eckmühl, tudo nele é napoleônico, e ainda não terminei. Acrescentarei, se, longe de mim, tentas, à medida que interpretas os acontecimentos desta guerra, a não confiar exclusivamente nessa maneira especial de Hindenburg para não ver o sentido do que ele faz, a chave do que ele vai fazer. Um general é como um que deseja escrever uma certa peça, um certo livro, e que o próprio livro, cheio de inesperados reclusos que revela aqui, o impasse que apresenta além, faz excessivamente do plano preconcebido. Como uma diversão, por exemplo; deve ser feita senão num ponto de importância vital; supondo que a diversão tenha êxito além de qualquer esperança, ao passo que a operação principalmente em

fracasso; é a diversão que pode se tornar a operação principal. Espero Hindenburg num desses tipos de batalha napoleônicos, o que consiste em separar dois adversários: os ingleses e nós.

Desse modo, sempre recordando a visita de Saint-Loup, eu tinha feito um longo desvio; estava quase nos Inválidos. As luzes, bem pouco rosas (por causa dos aviões gotha), estavam acesas um tanto cedo demais, pela mudança da hora * [horário de verão]* 11h34 fora antecipada quando a noite ainda baixava depressa; e estabilizara durante todo o verão (como os caloríferos que se acendem e apagam a partir de uma data pre-determinada), e, acima da cidade noturnamente iluminada em toda uma porção do céu que, ignorando a hora de verão e a hora de inverno, não se dignava a saber que 8 horas e meia se transformara em 9 horas e meia - em toda uma porção do céu azulado ainda era dia um tanto claro. Em toda a parte da cidade dominada pelas torres do Trocadero, o céu dava a impressão de ser um mar imenso e matizado de turquesa que se retira, já deixando emergir toda uma linha estreita. Os rochedos negros, talvez até de simples redes de pescadores, alinhadas umas após as outras, e que eram pequenas nuvens. Mar naquele momento cor de turquesa que carrega com ele, sem que o percebam, os homens arrastados na imensa revolução da Terra, da Terra sobre a qual são bastante loucos para continuarem suas próprias revoluções, suas guerras vãs, como a que agora ensangüentava a França. De resto, à força de contemplar o céu preguiçoso e lindo, que não achava digna de si mesmo mudar o horário e, acima da cidade iluminada, prolongava molemente nesses tons azulados, o dia que se atrasava, a vertigem atacava, já não era mais horizontal, mas uma gradação vertical de geleiras azuis. E as torres do Trocadero, que pareciam tão próximas dos degraus de turquesa, deveriam estar bem longe deles, como essas torres duplas de certas cidades da Suíça, que se diriam à distância de vizinhas da escarpa dos cimos. Voltei sobre meus passos, mas, ao deixar a ponte dos Inválidos, já não era dia no céu, e quase já não havia luzes na cidade; tropeçando aqui e ali nas latas de lixo, tomando um caminho por outro, encontrei sem perceber, seguindo maquinalmente um labirinto de ruas obscuras, nos bulevares. Ali, renovou-se a impressão de Oriente que já sentira e, por outro lado, à evocação da Paris do Diretório sucedeu a da Paris de 1815. Como em 1815, havia o desfile mais desarmônico dos uniformes das tropas Aliadas; e, entre elas, africanos de saias-calças vermelhas e indianos com turbantes brancos bastavam para que, dessa Paris em que passeava, eu formasse toda uma exótica cidade imaginária, num Oriente a um tempo minuciosamente exato no tocante aos costumes e à cor das fisionomias, e arbitrariamente quimérico no que se referia ao cenário, como da cidade em que vivia Carpaccio fez uma Jerusalém ou uma Constantinopla, ali reunindo uma multidão cuja maravilhosa miscelânea não era mais colorida que esta. Caminhando atrás de dois zuavos, que não pareciam percebê-lo, avistei um

homem alto e gordo, chapéu de feltro desabado, capote comprido, em cujo rosto cor de malva hesitei se devia pôr o nome de um ator ou de um pintor igualmente famosos por seus numerosos escândalos sodomitas. Em todo caso, tinha certeza de que não conhecia o passeante; assim, fiquei muito surpreendido, quando seu olhar encontrou o meu, ao ver que parecia constrangido e que fez menção de deter-se e vir ao meu encontro, como alguém que deseja mostrar que não o surpreendemos de modo algum entregando-se a uma ocupação que teria preferido deixar em segredo. Por um instante fiquei sem saber quem me cumprimentava: era o Sr. de Charlus. Pode-se dizer que, no seu caso, a evolução de seu mal ou a revolução de seu vício chegara ao ponto em que a pequena personalidade primitiva do indivíduo, suas qualidades ancestrais, são inteiramente interceptadas pela passagem, diante delas, do defeito ou do mal genérico de que se acompanham. O Sr. de Charlus fora tão longe o quanto possível de si mesmo, ou melhor, estava ele mesmo tão perfeitamente mascarado por aquilo em que se tornara, e que não pertencia somente a ele mas a muitos outros invertidos, que, no primeiro minuto, eu o tomara por um outro dentre eles, atrás desses zuavos, em pleno bulevar, por um outro dentre os que o Sr. de Charlus não era, um outro que não era um grão-senhor, que não era um homem de imaginação e de espírito, outro cuja semelhança com o barão se limitava a esse ar comum a todos, que agora nele, ao menos antes que o encarassem bem, recobria tudo.

Foi desse modo que, desejando ir à casa da Sra. Verdurin, havia encontrado o Sr. de Charlus. E certamente não o teria encontrado, como antigamente, na casa dela; a briga entre eles só se agravara e a Sra. Verdurin servia-se até de acontecimentos recentes para ainda mais desacreditá-lo. Tendo dito várias vezes que o achava gasto, acabado, mais fora de moda em suas pretensas audácias que os maiores medalhões, resumia agora essa condenação e o tornava aborrecido a todas as imaginações, afirmando que ele era "de antes da guerra". A guerra, segundo o pequeno grupo, colocara entre ele e o presente um abismo que o relegava ao passado mais remoto. Além disso e visando sobretudo ao mundo político, menos informado sobre esse assunto-, ela o representava tão sem cotação, tão posto à margem no mundanismo como na intelectualidade.

- Ele não vê ninguém, ninguém o recebe - dizia ela ao Sr. Bontemps, a quem facilmente convencia. Aliás, havia alguma de nessas palavras.

A posição social do Sr. de Charlus mudara. Preocupado cada vez menos com a sociedade, tendo, devido a seu temperamento bilioso, do comum meio mundo, e, mantendo a consciência de seu valor social, desdenha reconciliar-se com a maior parte das pessoas que eram a nata da sociedade; num isolamento relativo que não tinha como causa, como aquele em que morta a Sra. de Villeparisis, o ostracismo da aristocracia, mas que, aos olhos do público parecia pior por dois motivos. A má reputação do Sr. de Charlus, agora conhecida, fazia com que as

pessoas pouco informadas acreditassem que era por isso que não o freqüentavam os que, por sua própria vontade, ele se recusava a freqüentar, modo que o que era o efeito de seu temperamento atrabiliário (colérico), parecia ser causado pelo desprezo das pessoas sobre as quais se exercia o seu mau humor.

Por outro lado, a Sra. de Villeparisis tivera uma grande proteção: a família. Mas o Sr. Charlus multiplicara as brigas na família. Esta, aliás - sobretudo a do lado do *Faubourg*, o lado Courvoisier lhe parecera desinteressante. E não imaginava, ele que professara sobre arte, ao contrário dos Courvoisier, idéias tão avançadas, que o que nele mais interessaria a Bergotte, por exemplo, seria o seu parentesco, com todo o velho *Faubourg*, pela possibilidade de descrever a vida quase provinciana de suas primas, que se espalhavam da rua de La Chaise à praça do Palais-Bou e à rua Garanciere.

Depois, colocando-se num outro ponto de vista menos transcendente mais prático, a Sra. Verdurin afetava acreditar que ele não era francês.

- Qual é sua verdadeira nacionalidade; não será austríaco? - perguntava inocentemente o Sr. Verdurin.

- Claro que não, de jeito nenhum - respondia a condessa Molé.

Ao primeiro movimento obedecia antes ao bom senso do que ao rancor.

- Não, ele é prussiano - dizia a Patroa. - Posso lhe afirmar, porque sei, ele nos disse várias vezes que era membro hereditário da Câmara dos Pares da Prússia e Durchlau. Todavia, a rainha de Nápoles me dissera... - Fiquei sabendo que ela é uma horrível espiã -exclamava a Sra. Verdurin, que não esquecera a atitude que havia tomado; certa vez em sua casa, a soberana deposta.- Eu o sei, e de um modo preciso, ela vivia disso. Se tivéssemos um governo mais enérgico, toda essa gente estaria no campo de concentração. Mas enfim... Em todo caso, faria bem em não receber esse pessoal, pois sei que o ministro do Interior está de olho neles, o seu palacete vigiado. Ninguém me tira da cabeça que durante dois anos, Charlus não deixou de espionar na minha casa. -E pensando provavelmente que poderiam pôr em dúvida o interesse que teriam para o governo alemão os relatórios mais circunstanciais sobre a organização do pequeno clã, a Sra. Verdurin, com ar doce e perspicaz de pessoa que sabe que o valor do que está dizendo será realçado se não elevar a voz - Vou lhes dizer aquilo que, desde o primeiro minuto, comentei com meu marido. Não me agrada o modo como este homem se introduziu aqui. Há alguma coisa errada nele. Temos uma propriedade no fundo de uma baía, num ponto bastante elevado. Certamente ele foi encarregado pelos alemães de preparar ali uma base para seus submarinos. Coisas havia que me espantavam, e que agora compreendo. Assim, no começo, ele não queria vir de trem com os outros convidados. Eu lhe oferecera, com toda a gentileza, um quarto no castelo. Pois bem, não aceitou, teria preferindo morar

em Doncieres, onde há uma guarnição do exército. Tudo isso cheirava a espionagem descarada.

Quanto à primeira das acusações atacadas contra o barão de Charlus, a de estar fora de moda, os mundanos facilmente concordavam com a Sra. Verdurin. Na verdade, eram ingratos, pois o Sr. de Charlus de algum modo era o seu poeta, aquele que soubera retirar da mundanidade ambiente uma espécie de poesia, na qual cabiam a história, a beleza, o pitoresco, o aspecto cômico e a elegância frívola. Mas as pessoas da sociedade, incapazes de compreender essa poesia, não a viam em suas vidas e a procuravam alhures, colocando mil furos acima do Sr. de Charlus homens que lhe eram infinitamente inferiores, mas que pretendiam desprezar a sociedade e, em compensação, professavam teorias de sociologia e economia política. O Sr. de Charlus se encantava em contar tiradas espirituosas involuntariamente características, e em descrever as toaletes sabiamente graciosas da duquesa de Montmorency, tratando-a como mulher sublime, o que o fazia ser considerado uma espécie de imbecil pelas damas da sociedade, que achavam a duquesa uma tola sem qualquer interesse, e os vestidos feitos para serem usados, mas sem nenhuma importância, e, julgando-se mais inteligentes, acorriam à Sorbonne, ou à Câmara, caso Deschanel devesse falar.

Em suma, as pessoas da sociedade se haviam desencantado do Sr. de Charlus, não por conhecê-lo bem, mas porque nunca tinham percebido o seu raro valor intelectual. Consideravam-no de "antes da guerra", *demodé* pois os mesmos que se mostram mais incapazes de julgar o mérito alheio são os que, para classificá-lo, adotam na maioria das vezes a ordem que está na moda. Sem penetrar, nem mesmo superficialmente, nos homens de mérito de uma geração, limitam-se então a condená-los a todos em bloco tão logo surge o emblema da geração nova, que não será mais bem compreendida.

Quanto à segunda acusação, a de germanismo, o espírito moderador dos mundanos a repelia, mas ela encontrara um intérprete infatigável e particularmente feroz em Morel, que, tendo sabido conservar, nos jornais e até na sociedade, o lugar que o Sr. de Charlus lograra obter-lhe, mas não, depois, retirar, embora em ambas as ocasiões se empenhasse a fundo, perseguia o barão com um ódio tanto mais culpado porque, fossem quais tenham sido suas verdadeiras relações com o barão, Morel havia conhecido o que Charlus ocultava a tanta gente, a sua bondade profunda. O barão fora com Morel de uma tal generosidade, de uma tal delicadeza, mostrara-lhe tanto escrúpulo em não faltar com sua palavra, que, ao deixá-lo, Morel guardara dele não era de modo algum a de um homem viciado; considerava o vício do barão como uma enfermidade; mas a do homem de idéias mais elevadas que jamais conhecera, de uma sensibilidade extraordinária espécie de santo. Negava-o tão escassamente que, mesmo rompido com ele, com sinceridade aos pais de mais de um jovem:

"Podem confiar-lhe seu filho, terá sobre ele a melhor influência." Assim, quando procurava, em seus artifícios fazê-lo sofrer, o que buscava achincalhar nele não era o vício, mas a virtude.

Um pouco antes da guerra, algumas croniquetas, transparentes aos iniciados, tinham começado a desmoralizar o Sr. de Charlus. De uma, intitulada: 'desventuras de uma ativa senhora idosa, a velhice da baronesa' - a Sra. Verdurin havia comprado cinqüenta exemplares para poder distribuí-los aos conhecidos. O Sr. Verdurin, declarando que o próprio Voltaire não escrevia melhor, lia-a em voz alta.

Desde a guerra, o tom mudara. Não somente se denunciava a inversão do Sr. Charlus, mas também sua pretensa nacionalidade germânica. *Frau Bosch, frau van Bosch* eram as alcunhas habituais de Charlus. Um trecho de natureza poética trazia este título, tirado de certas melodias dançantes de Beethoven: 'Uma alemã'. E de duas crônicas novas: 'Tio da América e tia de Frankfurt' e 'Espertalhão da retaguarda', lidas em prosas no pequeno clã, deliciaram o próprio Brichot, que havia exclamando:

- Contanto que a *mui* alta e poderosa dama *Anastácia*{128} não empastele tudo! -

Os artigos em si eram melhores que esses títulos ridículos. Seu estilo derivava de Bergotte, mas de um modo talvez só a mim sensível, e eis o motivo dos escritos de Bergotte não tinham tido nenhuma influência sobre Morel. A fecundação se fizera de forma muito particular, e tão rara, que é só por isso que a refiro aqui. Indiquei, no devido tempo, a maneira tão especial que Bergotte possuía, ao falar, de escolher as palavras, de pronunciá-las. Morel, que o encontrara durante muito tempo na casa dos Saint-Loup, fizera, à época, imitações dele, nas quais reproduzia-lhe perfeitamente a voz, utilizando as mesmas palavras que Bergotte empregaria. Agora, ao escrever, Morel transcrevia conversações à Bergotte, mas sem lhes conferir essa transposição que as transformaria num Bergotte escrito. Havendo poucas pessoas que conversado com Bergotte, não lhe reconheciam o tom, que diferia do estilo. Semelhante fecundação oral é tão rara que fiz questão de apontá-la. Aliás, só produz flores estéreis. Morel, que trabalhava na imprensa, achava ali pois seu sangue francês lhe fervia nas veias como o sumo das uvas de Combray que não era suficiente trabalhar num escritório durante a guerra, e acabou por engajar-se, embora a Sra. Verdurin fizesse o possível para convencê-lo a ficar em Paris. Claro, sentia-se indignada que o Sr. de Cambremer, apesar da idade, estivesse num estado-maior, ela, que de todo homem que não freqüentasse o seu salão, dizia: "Onde ainda achou jeito de se esconder esse camarada?" e, se lhe afirmavam que estava na primeira linha de combate desde o primeiro dia, respondia, sem escrúpulos de mentir, ou talvez pelo hábito de se enganar: -De modo nenhum, ele não saiu de Paris, esteve

em missões tão arriscadas como acompanhar um ministro, sou eu quem lhe diz, garanto-o, sei por alguém que o viu -; mas, no caso dos fiéis não era a mesma coisa, não queria deixá-los partir, considerando a guerra como uma grande "maçante" que os obrigava a abandonarem o seu convívio. Assim, envidava todos os esforços para que eles ficassem, o que lhe daria o prazer duplo de tê-los ao jantar e, quando ainda não tinham chegado ou já haviam partido, o de verberar sua inatividade.

E era necessário que os fiéis se prestassem a essa *embusquage* e desolava-se ao ver Morel se mostrar recalcitrante; por isso, lhe dizia:

- Mas você presta serviços num escritório e não no *front*. O importante é ser útil, fazer verdadeiramente parte da guerra, pertencer-lhe. Há os que lhe pertencem, e há os *embusqués*. Pois bem, você faz parte dos que lhe pertencem, todos sabem, ninguém vai lhe atirar a primeira pedra.-

Da mesma forma, quando, em circunstâncias diversas, os homens não eram tão raros e ela não se via obrigada, como agora, a receber sobretudo mulheres, se um deles perdia a mãe, não hesitava em persuadi-lo de que podia, sem inconveniente, continuar a comparecer às suas recepções:

- A mágoa se oculta no coração. Poderia ir ao baile - (que ela nunca dava) mas eu seria a primeira a desaconselhá-lo; mas aqui, nas minhas modestas quartas, ou numa frisa de teatro, ninguém se espantaria. Sabe-se perfeitamente que o senhor está de luto. -

Agora, os homens escasseavam, o luto era mais freqüente, inútil se tornava impedi-los de saírem de casa, a guerra bastava. A Sra. Verdurin se agarrava aos restantes. Queria persuadi-los de que eram mais úteis à França permanecendo em Paris, como, outrora, havia-lhes assegurado que o defunto ficaria mais feliz se se distraíssem. Apesar de tudo, poucos a freqüentavam; talvez lamentasse, por vezes, ter consumado com o Sr. de Charlus um rompimento definitivo.

Porém, se o Sr. de Charlus e a Sra. Verdurin já não se freqüentavam, continuavam-cada um de sua parte -, com pequenas diferenças de pouca importância, como se nada houvesse mudado, uma a receber, outro a procurar prazeres: por exemplo, Cottard assistia agora às recepções no uniforme de coronel da *Ilha do Sonho*{129}, muito parecido com o de um almirante haitiano, e sobre cujo tecido uma larga fita azul-celeste lembrava a dos filhos de Maria.

O Sr. de Charlus, achando-se numa cidade de onde os homens feitos haviam desaparecido, fazia o mesmo que alguns franceses, amadores de mulheres na França e que viviam nas colônia por necessidade, adquirira antes o hábito e, depois, o gosto dos meninos. Todavia, o primeiro desses traços característicos logo se desfez, pois calmo morreria em breve "frente ao inimigo", segundo os

jornais, conquanto ele não houvesse deixado Paris, e na verdade sucumbisse à idade, pouco depois seguindo o Sr. Verdurin, cuja morte foi chorada somente por uma pessoa, Elstir, por incrível que pareça.

Eu pude estudar a obra de Elstir sob um ponto de vista em certo sentido absoluto. Porém ele, sobretudo à medida que envelhecia, ligava-a superstições ignoradas à sociedade que lhe fornecera os modelos; a qual, depois de ter transformado nele em obra de arte, pela alquimia das impressões, dera-lhe o público, seus espectadores. Cada vez mais inclinado a crer, no material artistico que uma parte apreciável da beleza reside nas coisas, e assim como, no começo havia adorado na Sra. Elstir o tipo de beleza um tanto pesadona que buscava acariciar nas telas e nas tapeçarias, via desaparecer com o Sr. Verdurin um dos últimos vestígios do quadro social, do quadro perecível -tão rapidamente enquadrado quanto as próprias modas de vestuário que o compõem que sustenta uma arte certifica sua autenticidade, assim como poderia sentir-se desolado um pintor da *Festas Galantes ao destruir a Revolução*, as elegâncias do século XVIII, ou mostrar aflito Renoir com o desaparecimento de Montmartre e do Moinho da Galette. Aliás no Sr. Verdurin, ele via sobretudo desaparecerem os olhos e o cérebro que tinham tido de sua pintura a visão mais justa, e onde essa pintura, em estado de lembrança querida, de alguma forma residia. Sem dúvida, haviam também surgido rapazes que amavam a pintura, mas uma pintura diversa, e que não tinham, como Swann, como o Sr. Verdurin, recebido lições de gosto de Whistler, lições de verdade de Monet, que lhes permitissem avaliar Elstir com justiça. Assim, este sentia-se mais sozinho após a morte do Sr. Verdurin, com quem todavia estava rompido há muitos anos, como se um pouco da beleza de sua obra se eclipsasse junto com o pouco existente, no universo, de consciência dessa beleza.

Quanto à mudança que afetara os prazeres do Sr. de Charlus, permanecia intermitente: mantendo numerosa correspondência com o *front*, não lhe faltavam soldados maduros, quando em licença.

No tempo em que eu acreditava nas palavras que se diziam, ouvindo a Alemanha, depois a Bulgária e depois a Grécia protestarem suas intenções pacíficas, era tentado a lhes dar crédito. Mas, desde que a vida com Albertine e com Françoise me acostumara a desconfiar de seus pensamentos, dos projetos que não confessavam, eu não deixava que palavra nenhuma, mesmo aparentemente sincera, de Guilherme II, de Fernando da Bulgária, de Constantino da Grécia, iludisse o meu instinto, que adivinhava o que todos eles maquinavam. E, sem dúvida, as minhas discussões com Françoise e com Albertine não tinham passado de discussões particulares, interessando apenas à vida dessa pequena célula espiritual que é um ser. Mas, assim como existem corpos de animais e corpos humanos, isto é, conjunto de células que, comparados

com uma só, parecem enormes como o Monte Branco, da mesma forma existem enormes acúmulos organizados de indivíduos a que chamamos nações; sua vida não faz mais que repetir, ampliando-a, a vida das células componentes; e quem não for capaz de compreender o mistério, as reações e as leis desta, só pronunciará palavras ocas quando falar de lutas entre nações. Porém, se é mestre da psicologia dos indivíduos, então essas massas colossais de indivíduos conglomerados, enfrentando-se mutuamente, assumirão a seus olhos uma beleza mais poderosa que a luta que nasce apenas do conflito de dois temperamentos; e ele as verá numa escala em que veriam o corpo de um homem de grande estatura os infusórios, dos quais são necessários mais de dez mil para encherem um cubo de um milímetro de lado. Desse modo surgiam, desde algum tempo, a grande figura da França, cheia até a borda de milhões de pequeninos polígonos de formas variadas, e a figura, cheia de mais polígonos ainda, da Alemanha, a se separarem por duas dessas discussões. Assim, sob esse ponto de vista, o corpo Alemanha e o corpo França, e os corpos aliados e inimigos, se comportavam, numa certa medida, como indivíduos. Mas os golpes que trocavam eram regulados por esse boxe inumerável cujos princípios Saint-Loup me havia exposto; e porque, mesmo considerando-os do ponto de vista dos indivíduos, eram aglomerados gigantescos, a discussão assumia formas imensas e magníficas, como a sublevação de um oceano de milhões de vagas, que tenta romper uma linha secular de falésias, como geleiras enormes atentarem, nas suas oscilações lentas e destruidoras, quebrar a moldura de montanhas a que estão circunscritas.

Apesar disso, a vida continuava quase igual para muitos personagens que já figuraram nesta narrativa, e notadamente para o Sr. de Charlus e para os Verdurin, como se os alemães não tivessem estado tão perto deles, a permanência ameaçadora, embora no momento assustada, de um perigo nos deixando inteiramente alheios se dele não nos lembramos. As pessoas, em geral, se entregam a seus prazeres sem jamais pensar que, cessando as influências estiolantes e moderadoras, a proliferação dos infusórios atingiria o seu máximo, ou seja, daria em poucos dias um salto de vários milhões de léguas, passando de um milímetro cúbico a uma massa um milhão de vezes maior que o sol, tendo ao mesmo tempo destruído todo o oxigênio, todas as substâncias de que vivemos; e que não haveria mais humanidade, nem animais, nem terra; ou, sem calcular que uma irremediável e muito verossímil catástrofe poderá ser determinada no éter pela atividade frenética e incessante que se oculta sob a aparente imutabilidade do sol: ocupam-se de seus negócios, sem pensar nesses dois mundos, um pequeno demais, outro demasiado grande para que percebam as ameaças do cosmo que pairam sobre nós.

Assim, os Verdurin davam jantares (e, em breve, apenas a Sra. Verdurin, pois o marido faleceu pouco depois) e o Sr. de Charlus procurava seus prazeres, sem

pensar que os alemães estivessem - é verdade que imobilizados por uma barreira sangrenta sempre renovada -a uma hora de automóvel de Paris. Entretanto, os Verdurin se preocupavam, dir-se-á, visto manterem um salão político todos os dias era discutida a situação não apenas do exército, mas da armação do fato, pensavam nessas hecatombes de regimentos aniquilados, de passageiros submergidos; porém uma operação inversa multiplica a tal ponto o que se refere o nosso bem-estar e divide por um número tão formidável o que não lhe interesse, a morte de milhões de desconhecidos só nos causa um arrepio, aliás, menos que desagradável do que o provocado por uma corrente de ar. A Sra. Verdurin, sofrendo com suas enxaquecas por não mais ter *croissants* para mergulhar no seu café com leite, acabara por obter de Cottard uma receita que lhe permitiria encomendá-los num certo restaurante de que já falamos. Isso fora quase tão difícil de obter como dos poderes públicos, a nomeação de um general. Saboreou o primeiro *croissant* na manhã em que os jornais noticiavam o naufrágio do Lusitania. Mergulhando o biscoito no café com leite e dando piparotes no jornal para mantê-lo bem aberto sem precisar do auxílio da outra mão, que segurava os *croissants*, ela dizia:

- Que horror! É a mais terrível das tragédias! -

Mas a morte de todos esses afogados só deveria lhe surgir reduzida a um bilionésimo, pois, enquanto fazia, de boca cheia, essas reflexões desoladas, sua fisionomia estampava, provavelmente devido ao sabor do biscoito, tão precioso para a enxaqueca, um ar de suave satisfação.

Quanto ao Sr. de Charlus, seu caso era um tanto diferente, mas ainda pior, pois ia mais além de não desejar apaixonadamente a vitória da França; antes desejava, sem o confessar a si mesmo, que a Alemanha, se não triunfasse, ao menos não fosse esmagada como todos queriam. A causa era que, nessas discussões, os grandes conjuntos de indivíduos denominados nações se comportam, em certa medida, como se indivíduos fossem. A lógica a conduzi-los é toda interior, e permanentemente refundida pela paixão, como a das pessoas afrontadas numa discussão amorosa ou doméstica, como a discussão de um filho com o pai, de uma cozinheira com a patroa, de uma mulher com seu marido. Quem está errado julga, no entanto, estar com a razão - como era o caso da Alemanha -e quem tem razão por vezes comprova seus direitos com argumentos que lhe parecem irrefutáveis; portanto correspondem à sua paixão. Nessas discussões entre indivíduos, para convencer-se que o direito está em qualquer das partes, o mais seguro é pertencer a uma delas, pois um espectador nunca atingiria a aprovação completa. Ora, entre as nações, um indivíduo, se faz parte verdadeiramente da nação, não passa de uma célula do indivíduo-nação. Preparação psicológica é uma expressão desprovida de sentido. Se dissessem aos franceses que eles seriam vencidos, nem um só se desesperaria menos do que se

lhe houvessem dito que seria morto pelos *Berthas*{130}.

A verdadeira preparação psicológica é feita interiormente pela esperança, que uma forma do instinto de conservação de um país, agindo em quem é de fato membro vivo desse país. Para permanecer cego à injustiça da causa do indivíduo-Alemanha, para reconhecer a todo instante a justiça da causa do indivíduo-França, o mais seguro não seria, para um alemão, não possuir espírito de justiça, ou, para um francês, possuí-lo. O mais seguro seria que ambos fossem patriotas. O Sr. de Charlus, que era dotado de raras qualidades morais, sendo acessível à piedade, generoso, capaz de afeto e devotamento, em compensação, por motivos diversos - entre os quais o fato de ser filho de uma duquesa da Baviera podia ter algum peso - era desprovido de patriotismo. Por conseguinte, tanto pertencia ao corpo-França como ao corpo-Alemanha. Se eu próprio não tivesse patriotismo, em vez de me sentir uma das células do corpo-França, não creio que meu modo de julgar a discussão fosse o mesmo de antigamente. Na adolescência, quando eu acreditava piamente no que me diziam, é claro que, ao ouvir o governo alemão proclamar sua boa-fé, seria tentado a não pô-la em dúvida; mas há muito tempo já sabia que nossos pensamentos nem sempre estão de acordo com nossas palavras; não só, em certa ocasião, pela janela da escada, tinha eu descoberto um Charlus de que não suspeitava, mas, principalmente em Françoise, e depois, ai de mim, em Albertine, havia visto juízos, projetos se formarem, tão contrários às suas palavras, que agora não deixaria nenhuma das palavras aparentemente justas do imperador da Alemanha, do rei da Bulgária, enganarem o meu instinto, o qual, como no caso de Albertine, teria adivinhado o que eles planejavam em segredo.

Mas, afinal, posso apenas supor o que teria feito se não fosse ator, se não constituísse uma perda do ator-França, como, nas minhas discussões com Albertine o meu olhar triste e minha garganta sufocada eram uma parte do meu indivíduo, passionalmente interessado na minha causa, que eu não podia isolar. O do Sr. de Charlus estava completo. Ora, dado que ele não era mais que um espectador, tudo concorria para levá-lo a ser germanófilo, desde o instante em que, não sendo verdadeiramente francês, ele vivia na França. Era extremamente requintado, e os tolos constituem maioria em qualquer país; é claro que, se vivesse na Alemanha, os tolos de lá, defendendo com tolice e paixão uma causa injusta, o teriam irritado; mas, vivendo na França, os tolos franceses, defendendo da mesma forma uma causa justa, não o irritavam menos.

A lógica da paixão, mesmo estando a serviço do mais justo direito, jamais é irrefutável para aquele que não é apaixonado. O Sr. de Charlus perdoava com finura cada raciocínio falso dos patriotas. A satisfação causada a um imbecil pelo seu direito, e pela certeza do seu êxito, é especialmente irritante. O Sr. de Charlus sentia-se exasperado pelo otimismo triunfante de pessoas que não conheciam

como ele a Alemanha e sua força, que a cada mês marcavam para o seguinte o seu aniquilamento e, ao cabo de um ano, não se mostravam menos seguros nos novos prognósticos, como se não houvessem formulado, com a mesma segurança, outros inteiramente falsos, de que se haviam esquecido, alegando, se lhes recordavam, que não se tratava da mesma coisa. Ora, o Sr. de Charlus, dotado de alguma profundidade de espírito, talvez não houvesse compreendido que, em arte, o "não é a mesma é oposto pelos detratores de Manet àqueles que lhes dizem" já disseram o Delacroix". Enfim, sendo muito compassivo, o Sr. de Charlus sentia-se mal a idéia de um vencido, defendia sempre o mais fraco, não lia as crônicas judiciais para não ter de sofrer na carne as angústias do condenado, pela sua impossibilidade de assassinar o juiz, o carrasco e a multidão encantada por ver que "a justiça feita". Em todo caso, tinha certeza de que a França já não podia ser vencida em compensação, sabia que os alemães passavam fome, e seriam obrigados, mais cedo ou mais tarde, a se renderem sem impor condições. Também essa idéia tornara mais desagradável pelo fato de que vivia na França. Apesar de tudo isso as recordações da Alemanha eram bem remotas, ao passo que os franceses que, falavam do aniquilamento da Alemanha com uma alegria que o desagradava eram pessoas cujos defeitos conhecia, bem como suas fisionomias antipáticas. Em tais casos, lamentam-se mais os desconhecidos, os que se imaginam, do que os que estão mais próximos de nós na vulgaridade da vida cotidiana, a menos que se esteja completamente com estes últimos, formando uma só carne com eles; o patriotismo consegue esse milagre, é-se pelo seu país como se é por si mesmo numa discussão amorosa.

Assim a guerra, para o Sr. de Charlus, consistia numa cultura extraordinariamente fecunda desses ódios que nele nasciam num momento, e tinham duração bastante curta, mas durante a qual ele se entregava a todo tipo de violência.

Ao ler os jornais, o ar de triunfo dos cronistas apresentando diariamente a ler uma linha humilhada, "a Besta acuada, reduzida à impotência", ao passo que o contrário ainda era verdade, deixava-o fulo de raiva pela tolice contente e feroz. Naquela ocasião, os jornais eram em parte redigidos por pessoas famosas, que ali achavam uma forma de "retomar o serviço", pelos Brichot, pelos Norpois, pelo próprio Morel, e por Legrandin. O Sr. de Charlus sonhava encontrá-los, cobri-los com os mais amargos sarcasmos. Sempre especialmente a par dos gostos sexuais, conhecia alguns daqueles que, pensando serem secretas as próprias, compraziam-se em denunciá-las nos soberanos dos "impérios de rapina", em Wagner etc. Ardia por se encontrar cara a cara com eles, esfregar-lhes o nariz no vício deles diante de todos e deixar, desonrados e arquejantes, os que assim insultavam um vencido. Além disso, o Sr. de Charlus possuía ainda motivos mais particulares ser germanófilo. Um deles era que, como pessoa da

sociedade, vivera por muito tempo entre mundanos, entre gente honrada, entre cavalheiros, pessoas que não apertariam a mão de um canalha. Conhecia-lhes a delicadeza e a aspereza; sabia das insensíveis lágrimas de um homem a quem tivessem expulsado de um clube com quem se recusassem a bater-se em duelo, ainda que esse ato de "limite moral" provocasse a morte da mãe da ovelha negra. A despeito de si mesmo, a admiração que pudesse ter pela Inglaterra, pela forma notável como entrara na guerra, essa Inglaterra impecável, incapaz de mentira, impedindo que o trigo e o leite entrassem na Alemanha, representava-lhe a nação de homens de bem, de testemunhas isentas, de árbitros em questões de honra; ao passo que sabia que pessoas taradas, canalhas como certos personagens de Dostoievski, lhes podem ser superiores; e jamais compreendi, por que motivo com eles identificava os alemães, porquanto a mentira e o embuste não bastam para adivinhar um bom coração, que os alemães não me parece tenham mostrado.

Por fim, um último traço completará a germanofilia do Sr. de Charlus: devia-a a seu "charlismo", e por uma reação bem esquisita. Considerava os alemães muito feios, talvez por estarem muito próximos de seu sangue; era louco pelos marroquinos, mas principalmente pelos anglo-saxões, nos quais via estátuas vivas de Fídias. Ora, nele o prazer era acompanhado de uma certa crueldade, de que eu naquele momento ainda não conhecia toda a força; o homem a quem amava lhe parecia um delicioso carrasco.

Teria julgado, ao tomar o partido contra os alemães, proceder somente como em suas horas de volúpia, isto é, em sentido contrário da sua natureza compassiva, ou seja, inflamado pelo mal sedutor e esmagando a feiúra virtuosa. Tal foi a sua reação ao saber do assassinato de Rasputin, assassinato que aliás surpreendeu a todos por lhe acharem um traço russo tão característico, numa ceia à Dostoievski (impressão que teria sido ainda mais intensa se o público não tivesse ignorado de todo alguns detalhes que o Sr. de Charlus conhecia perfeitamente), porque a vida tanto nos engana que acabamos por acreditar que a literatura não tem qualquer relação com ela, e nos espanta ver as preciosas idéias que os livros nos expuseram se esboroarem, sem receio de corrupção, gratuita e naturalmente, em plena vida cotidiana, e, por exemplo, uma ceia, um assassinato, acontecimentos russos, terem algo de russo.

A guerra se prolongava indefinidamente, e aqueles que haviam anunciado de fonte segura, vários anos antes, que as negociações de paz já tinham tido início, especificando as cláusulas do tratado, não se preocupavam, ao conversar conosco, em pedir desculpas pelas falsas notícias. Tinham-nas esquecido e estavam prontos a difundir sinceramente outras, que também depressa esqueceriam. Era a época em que havia contínuas incursões de aviões gothas, e o ar crepitava constantemente com uma vibração sonora e vigilante de aeroplanos

franceses. Às vezes, porém, ressoava a sirene como um lancinante apelo de Valquíria - única música alemã que se ouvira desde a guerra - até o momento em que os bombeiros anunciavam o fim do alegado, enquanto ao lado deles, o toque do clarim, como um garoto invisível, comentava a intervalos regulares a boa nova e lançava aos ares o seu grito de alegria.

O Sr. de Charlus espantava-se de ver que mesmo pessoas como Brichot, que antes da guerra tinham sido militaristas, e que censuravam a França de não ser o bastante, não se limitavam a exprobrar não só os excessos do milho da Alemanha, como também a sua admiração pelo exército. Sem dúvida muda opinião desde que se tratasse de abrandar a guerra contra a Alemanha e denunciavam os pacifistas. Mas Brichot, por exemplo, tendo aceitado, seus olhos fracos, fazer, em conferências, resenhas de certas obras publicadas em países neutros, exaltou o romance de um suíço onde são ridicularizadas sementes de militarismo, duas crianças tomadas de admiração simbólicas à vista de um dragão. Tal zombaria, por outros motivos, desagradaria ao Sr. de Charlus por quem um dragão podia ser algo de muito belo. Mas, acima de tudo, ele não compreendia a admiração de Brichot, senão pelo livro, que o barão não lera, pelo seu espírito, tão diferente do que havia animado Brichot antes da guerra; na ocasião, tudo o que um militar fazia estava correto, fossem as irregularidade general de Bois Deffre, os disfarces e maquinações do coronel Du Paty de Ctalp; falsificações do coronel Henry{131}.

Devido a que reviravolta extraordinária a verdade era apenas a outra face da mesma paixão nobre, a paixão patriótica, ou da de militarista que fora ao lutar contra o dreyfusismo, o qual era determinada antimilitarista, a se fazer quase antimilitarista, visto que agora lutava contra a manha ultramilitarista. Brichot exclamava:

- Oh, que espetáculo magnífico de atrair a juventude de um século só feito de brutalidade, conhecendo a parte do culto da força: um dragão! Pode-se imaginar o que será a vil soldadesca de uma geração educada no culto dessas manifestações de força bruta. Da mesma de Spitteler, desejando opô-lo a essa medonha concepção do sabre acima dela exilou simbolicamente, na profundeza das selvas, escarnecido, caluniado, solitário o personagem sonhador a quem denomina *Estudante Louco*, no qual o autor preciosamente encarnou a doçura infelizmente fora de moda, em breve esquecida; poder-se-ia dizer-se o reinado atroz do seu velho deus não fosse destruído a adorável doçura dos tempos de paz{132}.

- Ouça - disse-me o Sr. de Charlus-, você conhece Cottard e Cambremer. Sempre que os vejo, eles me falam da extraordinária falta de psicologia da Alemanha. Cá entre nós, julga que até agora eles tenham se preocupado com a psicanálise e

que, mesmo hoje, sejam capazes de provar seus conhecimentos psicológicos. Mas veja bem que não estou exagerando. Ainda que se tratasse do maior ato de Nietzsche, de Goethe, você ouviria Cottard dizer: "com a habitual falta de logia que caracteriza a raça teutônica". Evidentemente, existem coisas penosas na guerra, mas confesse que é enervante. Norpois tem mais finura, reconheço-o, embora não tenha deixado de se enganar desde o começo. - Mas que significam esses artigos que provocam o entusiasmo universal?

- Meu caro, você sabe tão bem quanto eu o que vale Brichot, a quem muito estimo, mesmo depois do cisma que me afastou de sua igrejinha, e é por isso que o vejo cada vez menos. Mas enfim, tenho uma certa consideração por esse diretor de colégio, bem falante e muito instruído, e confesso achar tocante vê-lo, na sua idade e enfraquecido como está, e o está sensivelmente nos últimos anos, voltar, como diz, a servir. Mas, afinal, a boa intenção é uma coisa e o talento outra, e Brichot nunca teve talento. Confesso que partilho de sua admiração por determinadas grandezas da guerra atual. Quando muito, é estranho que um cego partidário da Antigüidade, como Brichot, que não poupava sarcasmos a Zola, que pensa haver mais poesia num casal de operários, na mina, que nos palácios históricos, ou a Goncourt, que colocava Diderot acima de Homero e Watteau superiormente a Rafael, não cesse de repetir que as Termópilas, e mesmo Austerlitz, nada valiam diante de Vauquois{133}. Aliás, desta vez, o público que havia resistido aos modernistas da literatura e da arte, segue os da guerra, porquanto suas idéias estão na moda, e além disso os espíritos medíocres se deixam levar, não pela beleza, mas pela enormidade da ação. Só se escreve *kolossal* com *k*, mas no fundo as pessoas se ajoelham mesmo é diante do colossal. A propósito de Brichot, você viu Morel? Disseram-me que ele deseja me rever. Ele é que tem de tomar a iniciativa, sou o mais velho, não me cabe dar o primeiro passo.

Infelizmente, já no dia seguinte, digamo-lo para antecipar, o Sr. de Charlus se encontrou cara a cara com Morel; este, para excitar o seu ciúme, tomou-o pelo braço, contou-lhe histórias mais ou menos verdadeiras e, quando o Sr. de Charlus, desvairado, precisando que Morel ficasse em sua companhia aquela noite, já não ia mais a parte alguma, o outro, avistando um camarada, despediu-se do Sr. de Charlus, o qual, na esperança de que essa ameaça, que, aliás, é claro, nunca realizaria, fizesse Morel permanecer, disse-lhe:

- Toma sentido, eu me vingarei - e Morel, rindo, foi embora dando tapinhas na nuca do atônito companheiro, a quem abraçava pela cintura.

Sem dúvida, as palavras que o Sr. de Charlus me dizia a respeito de Morel testemunhavam o quanto o amor seria necessário que o do barão fosse bem persistente-torna uma pessoa mais crédula e menos soberba (e, ao mesmo tempo

mais imaginativa e mais suscetível).

Mas, quando o Sr. de Charlus acrescentava:

- É um rapaz louco pelas mulheres e que só pensa nisso -,dizia-o mais veridicamente do que julgava. Dizia-o por amor-próprio, por amor, para que os pensassem que a aflição de Morel por ele não fora seguida por outras do gênero. É claro que eu não acreditava nisso, eu que vira (o que o Sr. de Charlus sempre ignorou) Morel conceder, por cinqüenta francos, uma de suas noites ao príncipe de Guermantes. E se, vendo passar o Sr. de Charlus, Morel menos rodeava em que, por necessidade de confessar, esbarrava com ele para ter ocasião de dizer, triste:

"Oh, perdão, reconheço que agi de modo repugnante com você sentado num terraço com alguns companheiros, soltava gritinhos como eles'' - estava o barão com o dedo, e punha-se a cacarejar como se faz por zombaria com o velho invertido, eu me convencia que era para esconder as suas manobras chamados de parte pelo barão, cada um desses denunciadores públicos teria feito tudo o que ele lhes disse. Enganava-me. Se um movimento singular havia trazido à inversão - e em todas as classes -,criaturas como Saint-Loup, quando estavam longe de tal, um movimento em sentido inverso afastara dessas práticas daqueles que lhes eram mais habituais. Em determinados indivíduos, a mudança fora operada por tardios escrúpulos religiosos, pela emoção experimentada estourarem certos escândalos, ou pelo temor de doenças inexistentes, nas quais tinham feito acreditar, com toda a sinceridade, parentes que muitas vezes em geral porteiros ou lacaios, insinceros amantes ciumentos que acreditavam, desse modo conservar só para eles um rapaz que, ao contrário, tinham afastado de si próprio tanto quanto os outros. Assim é que o antigo ascensorista de Balbec não aceitou por dinheiro nenhum as propostas que agora lhe pareciam tão graves como as do inimigo. Quanto a Morel, sua recusa relativamente a toda a sociedade, sem exceção, em aceitar que o Sr. de Charlus houvesse dito, sem querer, uma verdade que lhe justificasse a um tempo as ilusões e lhe destruísse as esperanças, provinha fato de que, dois anos depois de ter deixado o Sr. de Charlus, se apaixonara.

A mulher, com quem vivia, e que, tendo mais força de vontade que ele, sem impor-lhe uma fidelidade absoluta. De forma que Morel, que, no tempo em que o Sr. de Charlus lhe dava tanto dinheiro, concedera, por cinqüenta francos, uma noite ao príncipe de Guermantes, agora não teria aceitado do mesmo, ou de quaisquer outros, fosse quem fosse, ainda que lhe oferecessem cinqüenta mil francos. Na de honra e de interesse, sua "mulher" lhe inculcara um certo respeito humano; não detestava chegar à fanfarronada e à ostentação de que todo o dinheiro mundo lhe era indiferente quando oferecido sob certas condições. Assim o jogo das diversas leis psicológicas para compensar, na floração da espécie

humana, tudo aquilo que num sentido ou noutro, levaria ao seu aniquilamento completo ou pela rarefação. Assim ocorre com as flores, onde uma sabedoria semelhante, posta em evidência por Darwin, regula as formas de fecundação opondo sucessivamente uma às outras.

- Aliás, é uma coisa estranha - acrescentou o Sr. de Charlus com ar penetrante que assumia em certos momentos. - Ouço pessoas que parecem felizes o dia inteiro, que tomam excelentes coquetéis, declararem que não chegariam ao final da guerra, que seu coração não teria forças para tanto, que não podem pensar em outra coisa, que morrerão de repente. E o mais extraordinário é que isso realmente acontece. É curioso! Será por uma questão de alimentação, visto que só ingerem alimentos mal preparados ou então porque, para provar o seu zelo, entregam-se a tarefas vãs; mas que destroem o regime que os conservava? Afinal, registro um número espantoso dessas estranhas mortes prematuras, prematuras ao menos na opinião do defunto. Mas já nem sei mais o que lhe dizia; dizia que Norpois admirava esta guerra. Mas que modo singular de falar dela! Em primeiro lugar, notou esse fervilhar de expressões novas que, quando ficam surradas de tanto se empregarem todos os dias, pois Norpois realmente é infatigável, acho que a morte de minha tia Villeparisis foi que lhe deu uma segunda juventude-, são imediatamente substituídas por outros lugares-comuns? Lembro-me que antigamente você se divertia em reparar nessas formas de linguagem que surgem, se mantêm e desaparecem: "quem semeia ventos, colhe tempestades"; "os cães ladram, a caravana passa"; "dai-me uma boa política, e lhe darei boas finanças, dizia o barão Louis"; "há sintomas que seria exagero tomar ao trágico, mas que convém levar a sério"; "trabalhar pelo rei da Prússia" (aliás, esta ressuscitou, o que era infalível). Pois bem, coitadas, quantas eu já vi morrer! Tivemos: "o farrapo de papel", "os impérios de rapina", "a famosa Kulturque consiste em assassinar mulheres e crianças indefesas", "a vitória pertence, como dizem os japoneses, a quem sabe suportar um quarto de hora mais que o outro", "os germano-turanianos", "a barbárie científica", "se quisermos ganhar a guerra, segundo a forte expressão de Lloyd George", enfim, são inúmeras, sem falar na agressividade e no moral das tropas. Até a sintaxe do excelente Norpois sofreu, com a guerra, uma alteração tão profunda como o fabrico do pão ou a rapidez dos transportes. Já reparou como o excelente homem, tentando proclamar seus desejos como sendo uma verdade a ponto de realizar-se, não ousa, ainda assim, empregar o futuro puro e simples que se arriscaria a ser desmentido pelos fatos, e adotou, como sinal destes tempos, o verbo "saber"?-

Confessei ao Sr. de Charlus que não entendia bem o que ele queria dizer.

É preciso assinalar aqui que o duque de Guermantes de modo algum compartilhava do pessimismo do irmão. Além do mais, era tão anglófilo quanto o

Sr. de Charlus era anglófobo. E, afinal, tinha o Sr. Caillaux{134} por um traidor que merecia mil vezes ser fuzilado.

Quando o irmão lhe pedia provas dessa traição, o Sr. de Guermantes respondia que, se se condenassem unicamente as pessoas que assinassem um papel declarando "Eu trai", jamais se castigaria um crime de traição. Mas, para o caso de que eu não tenha ocasião de voltar a este assunto, as falarei também que, dois anos mais tarde, o duque de Guermantes, animado do puro anficaillautismo, conheceu um adido militar inglês e sua esposa, casal provavelmente letrado, com o qual se ligou (como, no tempo do Caso Dreyfus, com o tio senhoras encantadoras); desde o primeiro dia, falando-lhes de Caillaux, de quê considerava

a condenação garantida e o crime patente, teve a estupefação de ver o casal letrado e encantador afirmar:

- Mas ele provavelmente será absolvido, não existe absolutamente nada contra ele. O Sr. de Charlus tentou alegar que o Sr. Norpois, em seu depoimento, dissera, encarando Caillaux que se mostrava até do: "O senhor é o Giolitti{135} da França; sim, Sr. Caillaux, o senhor é o Giolitti da França."

Porém o casal letrado e encantador sorrira, ridicularizara o Sr. de Norpois, citando provas de sua caduquice e concluíra que ele havia dito aquilo, segundo "diante do sr. Caillaux aterrado", mas provavelmente, na verdade, diante do Caillaux malicioso. As opiniões do duque de Guermantes não tardaram a mudar. Atribuir essa mudança à influência de uma inglesa não é hoje tão absurdo como poderia parecer em 1919, quando os ingleses só chamavam os alemães de humanos e exigiam uma condenação feroz contra os culpados. Também a opinião deles mudam aprovando decisões que podiam entristecer a França e vir em auxílio da Alemanha.

Para retornar ao Sr. de Charlus:

- Sim - respondeu ele à confissão de quanto eu não o entendia-, sim: "saber", nos artigos de Norpois, é sinal do futuro, isto é o sinal dos desejos de Norpois e, aliás, de todos nós - acrescentou, talvez não de todo sincero. - Entenda que, se "saber" não se tivesse tornado simplesmente SIM do futuro, ainda se compreenderia, a rigor, que o sujeito desse verbo pudesse ser um país. Por exemplo, cada vez que Norpois diz: "A América não saberia permanecer indiferente a essas repetidas violações do direito, "a monarquia bicéfala não saberia deixar de chegar ao arrependimento", está claro que tais frases experimenta os desejos de Norpois (como os meus, como os seus), mas ao menos aqui o verbo pode ainda, apesar de tudo, conservar seu sentido antigo, pois um país pode "saber", a América pode "saber", a própria monarquia "bicéfala" pode "saber" (apenas da eterna "falta de

psicologia"). Mas já não é possível duvidar quando Norpois escreve: "Essas devastações sistemáticas não saberiam convencer os neutros", "a região dos Lagos não saberia deixar de cair em breve nas mãos dos Aliados", "os resultados dessas eleições neutralistas não saberiam refletir a opinião da grande maioria do país". Ora, é certo que tais devastações, regiões e resultados são coisas inanimadas que não podem "saber". Por meio dessa fórmula, Norpois simplesmente endereça aos neutros um apelo (ao qual lamento constatar que não atendem) para que abandonem a neutralidade; ou a região dos Lagos, para que não mais pertença aos "Boches". (O Sr. de Charlus empregava o termo "boche" com o mesmo tipo de ousadia com que outrora, no trem de Balbec, falava dos homens que não se interessam por mulheres).

"Além disso, já reparou com que manhas Norpois, desde 1914, vem começando os seus artigos? Principia declarando que certamente a França não deve imiscuir-se na política da Itália (ou da Romênia ou da Bulgária etc.). Só a essas potências cabe decidir, com toda a independência, consultando unicamente o interesse nacional, se devem ou não deixar de ser neutras. Mas, se essas primeiras declarações do artigo (o que antigamente se chamaria exórdio) são tão notavelmente desinteressantes, o que se segue em geral o é bem menos. "Todavia", -continua basicamente Norpois- "fica bem claro que só tirarão benefício material da luta as nações que se alinharem com o direito e a justiça. Não se pode esperar que os Aliados recompensem, outorgando-lhes territórios de onde se levanta há séculos a queixa de seus irmãos oprimidos, os povos que, seguindo a política do menor esforço, não tiverem posto sua espada a serviço dos Aliados."

Dado esse primeiro passo para um conselho de intervenção, nada mais detém Norpois; já não é apenas sobre o princípio, mas sobre a época da intervenção, que dá conselhos mais ou menos disfarçados.

"Claro", -diz ele, procedendo como lobo em pele de cordeiro- "compete somente à Itália e à Romênia decidirem acerca da hora oportuna e sobre a maneira com que lhes convenha praticar a intervenção. No entanto, os dois países não podem ignorar que, tergiversando demais, arriscam-se a deixar passar a hora. Já os cascos da cavalaria russa fazem estremecer a Germânia, presa de terror indizível. Evidentemente, os povos que se limitarem a voar ao encontro da vitória, cuja aurora resplandecente já enxergamos, não terão nenhum direito à mesma recompensa que ainda podem obter apressando-se etc."

É como no teatro, quando se diz:

"Os últimos lugares restantes não tardarão a esgotar-se. Aviso aos retardatários!" Raciocínio tanto mais estúpido quanto Norpois o repete a cada seis meses, dizendo periodicamente à Romênia:

"Chegou a hora da Romênia saber se quer ou não realizar suas aspirações nacionais. Se continuar esperando, pode ser tarde demais."

Ora, ele diz isso há três anos; não só o "tarde demais" ainda não chegou, como não cessam de aumentar as ofertas que se fazem à Romênia. Da mesma forma, convida a França etc., a intervir na Grécia como potência protetora, porque não se cumpriu o tratado entre a Grécia e a Sérvia. Ora, com toda a franqueza, se a França não estava em guerra e não aspirava ao concurso ou à neutralidade benevolente da Grécia, teria a idéia de intervir enquanto potência protetora? E o sentimento moral que a leva a revoltar-se porque a Grécia não manteve seus acordos com a Sérvia, por acaso não é silencioso quando se trata de uma violação igualmente flagrante, por parte da Romênia e da Itália, que, da mesma forma que a Grécia, e com mais razão creio eu, não cumpriram seus deveres, menos imperiosos e extensos do que se julgam aliadas da Alemanha? A verdade é que as pessoas sabem de tudo através do jornal predileto, e como poderiam proceder de outro modo visto não conhecer pessoalmente as pessoas nem os acontecimentos de que se trata? No tem o Caso Dreyfus, que o apaixonou de forma tão estranha, numa época em que convencionou dizer que estamos separados como por séculos, pois os filósofos e a guerra acreditaram estarem rompidos todos os laços com o passado, eu me havia chocado de ver pessoas da minha família manifestarem todo o seu apreço à antigos anticlericais da comuna, que seu jornal apresentava como antidreyfusista e cobrir de desonra um general bem nascido e católico, porém revisionista. Escandaliza menos ver todos os franceses execrarem o imperador Francisco a quem antes veneravam, e com razão, posso afirmá-lo, eu que o conheci e que me honrava tratando-me de primo.

"- Ah, nunca mais lhe escrevi, desde que guerra começou"- acrescentou ele, como se confessasse ousadamente uma atitude que muito bem sabia ninguém lhe haveria de censurar. - Ou, por outra, no primeiro ano, e uma vez apenas. Mas o que quer? Isso não muda em nada meu respeito por ele, mas tenho aqui muitos parentes jovens que combatem nas fileiras e que achariam, bem o sei, muito ruim que eu mantenha correspondência assídua com o líder de uma nação inimiga. Que quer? Critique-me quem quiser- acrescentou, como se se expusesse corajosamente às minhas censuras-; mas quis que uma carta assinada por mim chegasse neste momento à Viena. A carta crítica que eu dirigiria ao velho soberano é que um senhor de sua estirpe, chefe uma das casas mais antigas e ilustres da Europa, se deixe levar por esse fidalgo - aliás muito inteligente, mas enfim um simples arrivista como Guilherme de Hohzollem. Eis uma das anomalias mais revoltantes desta guerra. -

E, como, desde que se colocava no ponto de vista nobiliárquico, no fundo, para ele, dominante, o Sr. de Charlus concebia as maiores infantilidades, disse-me, no

mesmo tom como falaria de Madame ou de Verdurin, que havia coisas capitais e bastante curiosas que o historiador dessa guerra não deveria omitir.

- Assim, por exemplo -disse - são tão ignorantes que ninguém percebeu essa coisa tão marcante: o grão-mestre da Ordem de Malta, um puro "boche", continua a viver em Roma, onde desfruta de privilégio de extraterritorialidade, como grão-mestre da nossa ordem. É interessante - acrescentou, como se me dissesse:

"Está vendo que não perdeu sua noite ao me encontrar."

Agradeci. E ele assumiu o ar modesto de alguém que não recebe pagamento.

-Que é que lhe dizia? Ah, sim! Que as pessoas agora odeiam Fran José, seguindo a opinião de seus jornais. Quanto ao rei Constantino da Grécia czar da Bulgária, o público tem vacilado várias vezes entre a aversão e a simplicidade porque, alternadamente, diziam que eles se punham ao lado da Entente ou de Brichot que denomina os impérios Centrais. É como Brichot repete a todo instante que "vai soar a hora de Venizelos". Não duvido que o Sr. Venizelos seja um estadista muito capaz, mas quem nos diz que seja assim tão desejado pelos gregos? Asseguram-me que ele queria que a Grécia mantivesse seus compromissos com a Sérvia. Ainda assim, seria preciso saber quais eram esses compromissos, e se eram mais consideráveis que os que a Itália e a Romênia acreditaram poder violar. Temos, pela maneira como a Grécia executa seus tratados e respeita sua constituição, uma preocupação que certamente não teríamos se isso não fosse do nosso interesse. Não havendo guerra, acredita que as potências "fiadoras" sequer atentassem para a dissolução das Câmaras? Vejo que, simplesmente, um a um, retiram-se todos os apoios ao rei da Grécia, para poder expulsá-lo ou prendê-lo no dia em que não houver mais exército que o defenda; eu lhe dizia que o público não julga o rei da Grécia e o dos búlgaros senão conforme os jornais. E como poderiam pensar sobre o assunto senão através do jornal, visto que o não conhecem? Vi-o muitíssimas vezes, conhecia-o perfeitamente, quando ele era giádoco{136} [título do príncipe herdeiro, na Grécia moderna], Constantino da Grécia era pura maravilha. Sempre achei que o imperador Nicolau nutria um profundo sentimento por ele. Sem segundas intenções, é claro. A princesa, esposa de Cristiano, falava disso abertamente, mas era muito maldosa. Quanto ao czar dos búlgaros, é um tremendo velhaco, um verdadeiro escândalo, porém, muito inteligente, um homem notável. Gosta muito de mim.

O Sr. de Charlus, que podia ser tão agradável, tornava-se odioso quando abordava tais assuntos. Fazia-o com a satisfação irritante de um doente que se vangloria de sua boa saúde. Muitas vezes pensei que, no "tortinho" de Balbec, os fiéis que tanto suspiravam pelas confissões a que ele se furtava, não teriam talvez suportado essa espécie de ostentação maníaca e, constrangidos, respirando mal como num

quarto de enfermo ou diante de um morfinômano que se injetasse a seringa em público, teriam posto fim às confidências que julgavam desejar. Além do mais, irritavam-se ao ouvir acusar todo mundo e, provavelmente, amiúde sem quaisquer provas, por alguém que a si mesmo se isentava da categoria especial, à qual, no entanto, sabiam que pertencia, e na qual de bom grado ele punha os outros. Enfim, ele, tão inteligente, formara a tal respeito uma pequena filosofia acanhada (em cuja base haveria talvez uma ninharia das curiosidades que Swann achava na "vida"), tudo explicando por essas causas especiais e onde, cada vez que se estendia sobre esse defeito, mostrava-se não só abaixo de si mesmo, porém excepcionalmente satisfeito consigo próprio. Assim é que ele, tão grave, tão nobre, teve o sorriso mais simplório para acabara seguinte frase:

- Como existem fortes presunções do mesmo gênero que para Fernando de Cobourg, no caso do imperador Guilherme, isto poderia explicar o motivo do czar Fernando se ter posto do lado dos "impérios de rapina". Com os diabos, no fundo é bem compreensível sempre somos indulgentes com uma irmã, não lhe recusamos nada. Acho - seria uma interessante explicação da aliança da Bulgária com a Alemanha.-

E explicação estúpida o Sr. de Charlus riu longamente, como se a achasse verdadeiramente engenhosa, conquanto, mesmo se baseando em fatos verídicos, fosse tão pueril quanto as reflexões que o Sr. de Charlus fazia sobre a guerra, ao julga-la por seu espírito feudal ou na sua qualidade de cavalheiro de São João de Jerusalém{137}.

Terminou com uma observação mais justa:

- O espantoso - disse - é que, esse público, que só julga os homens e os fatos da guerra através dos jornais, convencido de que julga por si mesmo.

Nisto o Sr. de Charlus estava com a razão. Contaram-me ser importante ver os momentos de silêncio e de hesitação da Sra. de Forcheville, semelhantes aos necessários, não só para enunciar, mas para formar uma opinião pessoal, antes de dizer, no tom de quem exprime uma convicção íntima: "não, não creio que eles tomem Varsóvia"; "tenho a impressão de que não se passará um segundo inverno o que eu não queria era uma paz claudicante"; "o que me apavora, se me permitem que o diga, é a Câmara"; "sim, apesar de tudo, acho que poderemos romper a frente inimiga". E para dizer isso, Odette assumia um jeito adocicado, que ela levava ao extremo ao falar: "Não digo que os exércitos alemães não combatem bem, mas falta-lhes o que se chama peito. Para pronunciar peito (ou mesmo "agressividade" -, fazia com a mão o gesto de amassar e piscava os olhos como os pintores quando empregam um termo do ofício. Sua linguagem, todavia, revelava, mais do que antigamente, a admiração pelos ingleses, a quem já não se limitava, como outrora; a chamar "nossos vizinhos de além-Mancha", ou, quando

muito, "nossos vizinhos ingleses", e sim, "nossos leais aliados". Inútil dizer que ela não perdia ocasião de citar, sob qualquer pretexto, a expressão *fairplay*, para mostrar como os ingleses achavam os alemães jogadores incorretos, e "o essencial é ganhar a guerra, como dizem nossos bravos aliados". No máximo, associava o nome do genro, de modo muito desastrado, a tudo que se referisse aos soldados ingleses, e ao prazer que ele sentia no convívio da intimidade dos australianos, tanto quanto dos escoceses – neo-zelandeses ou canadenses.

"Meu genro Saint-Loup conhece agora o linguajar de todos os bravos, sabe fazer-se entender até dos que vêm dos mais distantes domínios e, assim como o general comandante da base, confraterniza com o mais humilde *private*."

Que este parêntese sobre a Sra. de Forcheville me autorize, enquanto, passeio pelas ruas ao lado do Sr. de Charlus, a um outro, ainda mais longo, mas útil para descrever essa época, sobre as relações da Sra. Verdurin com Brichot. Com efeito, se o pobre Brichot era desse modo julgado sem indulgência pelo Sr. de Charlus (pois este era a um tempo muito fino e mais ou menos inconscientemente germanófilo), era bem mais maltratado ainda pelos Verdurin. É claro que estes eram chauvinistas, o que deveria fazê-los se agradarem com os artigos de Brichot, os quais, por outro lado, não eram inferiores a muitos escritos com que se comprazia a Sra. Verdurin.

Mas, primeiramente, talvez estejam lembrados de que, já na Raspeliere, Brichot se tornara para os Verdurin, do grande homem que lhes parecera outrora, senão um bode expiatório como Saniette, ao menos o objeto de suas troças mal disfarçadas. Atualmente, porém, ele era ainda um fiel entre os fiéis, o que lhe assegurava uma parte das vantagens tacitamente previstas pelos estatutos a todos os membros fundadores ou associados do pequeno grupo. Porém, à medida que, talvez em benefício da guerra, ou pela rápida cristalização de uma elegância de vagaroso brotar, mas cujos elementos necessários e invisíveis saturavam há muito o salão dos Verdurin, este se abrira a um mundo novo, e onde os fiéis, a princípio elementos de atração, acabaram por ser menos e menos convidados, um fenômeno paralelo ocorria no caso de Brichot. Apesar da Sorbonne, apesar do Instituto, sua notoriedade, até o começo da guerra, não ultrapassara os limites do salão Verdurin. Mas, quando ele se pôs a escrever, quase diariamente, artigos ornados desse falso brilho que gastara sem conta com os fiéis, ricos, por outro lado, de uma erudição bem genuína, e que, como verdadeiro homem da Sorbonne, ele não procurava dissimular, embora a cercasse de formas divertidas, a alta sociedade ficou literalmente deslumbrada. Aliás, ao menos por uma vez, louvava alguém que, longe de ser uma nulidade, podia prender a atenção pela fertilidade de sua inteligência e os recursos da memória. E, enquanto três duquesas iam passar a noite com a Sra. Verdurin, três outras se disputavam a honra de ter para jantar em suas casas o grande homem, que aceitava a de uma

delas, sentindo-se tanto mais livre quanto a Sra. Verdurin, exasperada pelo sucesso que os artigos de Brichot encontravam junto ao *faubourg* Saint-Germain, tomava o cuidado de lhe evitar a presença em suas reuniões, quando aí se encontrasse algum personagem distinto que ainda não o conhecesse e que se apressaria em atraí-lo. Foi assim que o jornalismo (ao qual Brichot, em suma, se contentava em dar, tardiamente, em troca de soberbos emolumentos, o que gastara a vida inteira de graça, e de maneira incógnita, no salão dos Verdurin, porquanto seus artigos não lhe custavam mais esforços do que as conversas, tanto ele era eloqüente e erudito) teria conduzido, e pareceu até, em dado momento, conduzir Brichot a uma glória inconteste... se não existisse a Sra. Verdurin. Certo, os artigos de Brichot estavam longe de ser tão notáveis como julgam as pessoas da sociedade. A vulgaridade do homem surgia a cada instante sob o pedantismo do letrado. E, ao lado de imagens que não queriam dizer absolutamente nada ("os alemães já não poderão olhar de frente a estátua de Beethoven"; "Schiller deve ter estremecido no túmulo"; "a tinta que assinou a neutralidade da Bélgica mal havia secado"; "Lênin fala, mas o vento da estepe leva tudo"), nas trivialidades desse tipo: "Vinte mil prisioneiros, é uma cifra; nosso comando deve abrir o olho, e bem; queremos vencer, e ponto final."

Porém, misturado a tudo, tanto saber, tanta inteligência, raciocínios tão justos! Ora, a Sra. Verdurin iniciava a leitura de um artigo de Brichot sem a prévia satisfação de pensar encontrar ali coisas ridículas, e lia-o com a maior atenção para ter certeza de quem, as deixaria escapar. E, infelizmente, era certo que havia algumas, embora não quantas esperava. A mais apropriada citação de um autor mal conhecido, como pela obra a que Brichot se referia, era acusada como prova do pedantismo insustentável, e a Sra. Verdurin esperava com impaciência a hora do jantar, para desencadear as gargalhadas de seus convivas.

- Muito bem, que me diz esse Brichot desta noite? Lembrei-me de vocês ao ler a citação de Cuvier. Palavra que está ficando louco.

- Ainda não li - dizia Cottard.

- Como? ainda não leu? Não sabe a delícia que perde. Está de um ridículo mortal. -

E contente, no fundo de alguém ainda não ter lido o artigo de Brichot, a fim de aproveitar a ocasião para ela própria poder ressaltar os ridículos, a Sra. Verdurin dizia ao mordomo que trouxesse *Le Temps*, e ela mesma punha-se a ler em voz alta, fazendo ressoar com ênfase frases mais simples. Depois do jantar, durante a noite inteira, essa campanha anti-Brichot continuava, porém com falsas reservas.

- Não quero falar alto, receio que daquele lado - dizia a Sra. Verdurin apontando a condessa Molé -, entendam isto. As pessoas da sociedade são mais ingênuas do que pensam. -

A condessa Molé, a quem procurava deixar perceber, falando bem alto, que se tratava dela, e também, baixando a voz, que tais palavras não lhe eram dirigidas, reconhecia covardemente Brichot, a quem todavia comparava à Michelet. Dava razão à Verdurin e, para encerrar com alguma coisa que lhe parecia incontestável, dizia que não se lhe pode negar é que é bem escrito.

- Você acha isso bem escrito! - exclamava a Sra. Verdurin - pois me parece que ele escreve como um porco – com uma audácia que fazia rir tanto mais os mundanos quanto a Sra. Verdurin, como também se escandalizasse com a palavra porco, pronunciara-a sussurrando, tampando a boca. Sua raiva contra Brichot crescia tanto mais que ele ostentava ingenuamente a satisfação pelo êxito, apesar dos acessos de mau humor que provocava a ação da censura, cada vez que, como dizia com seu costume de empregar novos termos para mostrar que não era acadêmico demais, em algum trecho de artigo.

Na sua frente, a Sra. Verdurin não demonstrava muito, por um tom grosseiro que teria alertado um homem mais perspicaz, o seu caso pelo que "Chochotte" escrevia. Disse-lhe apenas, certa ocasião, que não estava certo em usar tanto o "eu". De fato, ele tinha o hábito de empregá-lo continuamente, primeiro porque, sendo professor, servia-se constantemente de expressões como "concordo que", e até, para dizer "gostaria que", "desejo que": "gostaria que o enorme desenvolvimento das frentes exigisse etc.", mas sobretudo porque, antigo dreyfusista militante, farejara a preparação germânica bem antes da guerra, e amiúde escrevia:

"Denunciei desde 1897"; "assinalei em 1901 "; "adverti em minha pequena brochura hoje raríssima (*flabent sua ala libelli*{138})" e esse costume lhe ficara.

Corou intensamente à observação da Sra. Verdurin, observação que lhe foi feita em tom ácido.

- Tem razão, senhora; alguém que apreciava tão pouco os jesuítas como o Sr. Combes, embora não tivesse sido prefaciado pelo nosso suave mestre do delicioso cepticismo, Anatole France, que, se não me engano, foi meu adversário... antes do Dilúvio, disse-me que "eu" é sempre odioso. -

A partir daquele momento, Brichot substituiu o "eu" por "se", o que não impediu o leitor de perceber que o autor falava de si mesmo, e facilitou a este fazê-lo sem cessar, comentar as menores frases e escrever um artigo inteiro sobre uma só negação, sempre resguardado pelo se passivo. Por exemplo, Brichot, havendo afirmado em artigo anterior que os exércitos alemães tinham perdido uma parte da sua força, começava assim: "Aqui não se camufla a verdade. Foi dito que os exércitos alemães tinham perdido uma parte da sua força. Não se disse que não possuíssem ainda grande valor. Ainda menos se dirá que já não têm nenhuma importância. Tampouco se dirá que o terreno ganho, se não for etc." Em suma,

enunciando apenas o que não diria, lembrando tudo o que dissera alguns anos antes, e o que Clausewitz, Jomini, Ovídio, Apolônio de Tiana etc., haviam dito há séculos, Brichot poderia compor facilmente a matéria de um grosso volume. É de lamentar que não o tenha publicado, pois esses artigos tão substanciosos são hoje difíceis de encontrar. O *faubourg* Saint-Germain, advertido pela Sra. Verdurin, pôs-se a rir de Brichot na casa dela, mas, longe do pequeno clã, continuou a admirá-lo. Depois, zombar dele tornou-se uma moda, como o havia sido admirá-lo, e até as pessoas que secretamente ainda se sentiam deslumbradas ao lerem seus artigos, paravam e troçavam dele, desde que já não estivessem sozinhas, receando parecerem menos perspicazes que as outras. Nunca se falou tanto de Brichot por essa época, no pequeno clã, mas por decisão. Tomava-se como critério, para avaliar a inteligência de um novato, o que ele pensava dos artigos de Brichot; se respondia mal da primeira vez, não faltava quem lhe ensinasse como se reconhecem as pessoas de espírito.

- Enfim, meu pobre amigo - continuou o Sr. de Charlus -, tudo isso é terrível, e temos a deplorar outras coisas além de artigos cacetes. Fala-se de vandalismo, de estátuas destruídas. Mas será que a destruição de tantos rapazes maravilhosos, que eram estátuas policromas incomparáveis, também não é vandalismo? Uma cidade sem belos homens não será como uma cidade da qual tem sido quebradas todas as estátuas? Que prazer posso sentir em jantar num restaurante, ao ser servido por velhos bufões barbudos que se parecem ao padre ou por mulheres de touca que me fazem acreditar que entrei no Bouillon Duval{139}.

- Exatamente, meu caro, e acho que tenho o direito de falar assim porque o numa matéria viva, ainda é o Belo. Grande prazer, ser atendido por criaturas trágicas, de óculos, cujo motivo de não-convocação se estampa nos rostos! Ao contrário do que ocorria antigamente, quem quiser, num restaurante, descansar os olhos na figura de alguém digno de ver-se, não convém encarar os garçons que servem, mas sim os fregueses que comem. Mas podia-se olhar de novo os criados, embelezados se estes mudassem muito, mas ai de quem procurar saber quem é, e quando voltei, o tenente inglês que aparece hoje pela primeira vez e talvez seja morto amanhã. Quando Augusto da Polônia, conforme narra o encantador Morand, o delicioso autor de Clarisse, trocou um de seus regimentos por uma coleção de jarros chineses, na minha opinião um mau negócio. Pense que todos aqueles enormes lacaios, que tinham dois metros de altura e ornamentavam as escadarias monumentais nossas mais lindas amigas, foram todos mortos, tendo se engajado porque lhes garantiram que a guerra só duraria dois meses. Ah, eles não conheciam, como eu a força da Alemanha, a virtude da raça prussiana-completou, traindo-se.

Depois, percebendo que revelara seu ponto de vista:

- Não é tanto a Alemanha que eu receio para a França, mas a guerra em si mesma. Os civis imaginam que a guerra é somente uma gigantesca luta de boxe, à qual assistem de graças aos jornais. Mas estão totalmente enganados. É uma doença que, quando aparece debelada num ponto, reaparece em outro. Hoje Noyon será libertada, amanhã não mais teremos pão nem chocolate, depois de amanhã, aquele que se julgava bem tranqüilo e aceitaria, se necessário, uma bala perdida, ficará alucinado ao ler nos jornais que sua classe foi reconvocada. Quanto aos monumentos, uma obra-prima pela sua qualidade, como Reims, apavora-me ainda menos ver a sua destruição do que presenciar o aniquilamento de uma enorme quantidade de e conjuntos que faziam a menor aldeia da França tão instrutiva e encantadora.

Logo pensei em Combray e de como outrora julgara diminuir-me ao sol da Sra. de Guermantes, confessando a modesta posição ali ocupada pela minha família. Perguntei-me se tal posição não fora revelada aos Guermantes e ao Sr. Charlus, fosse por Legrandin, Swann, Saint-Loup ou Morel. Porém tal omissão seria menos penosa do que explicações retrospectivas. Desejava apenas que o Sr. de Charlus não se referisse a Combray.

- Não quero falar mal dos americanos, meu caro - continuou ele -, parece que são inesgotavelmente generosos e, como não houve maestro nessa guerra, cada um tendo entrado na dança a seu tempo, eles, que principiaram quando já estávamos quase no fim, podem mostrar um ardor que quatro anos de guerra já acalmaram em nós. Mesmo antes da guerra, amavam nosso país, nossa arte, pagavam bem caro pelas nossas obras-primas. Muitas lhes pertencem, agora. Mas precisamente essa arte desenraizada, como diria Barres, representa o contrário do que formava o delicioso atrativo da França. O castelo explicava a igreja, a qual, por ter sido local de romarias, explicava a canção de gesta. Não preciso encarecer a celebridade de minhas origens e de minhas alianças de família, e aliás não é disso que se trata. Porém ultimamente, para regularizar uma questão de interesses, e apesar de uma certa frieza existente entre mim e minha família, tive de fazer uma visita à minha sobrinha Saint-Loup, que mora em Combray. Combray não passava de uma cidadezinha, como há tantas. Mas nossos antepassados inscreviam-se como doadores em alguns vitrais, e em outros representavam-se nossas armas. Tínhamos lá a nossa capela, nossos túmulos. Essa igreja foi destruída pelos franceses e ingleses porque servia de observatório aos alemães. Destrói-se toda essa mescla de arte e história sobrevivente que era a França, num processo que vai continuando. É claro que não cometo o ridículo de comparar, por motivos de família, a destruição da igreja de Combray à da catedral de Reims, que era como o milagre de uma catedral gótica que encontrasse naturalmente a pureza da estatuária antiga, ou à de Amiens. Não sei se o braço erguido de São Firmino já está quebrado hoje. Se o foi, a mais alta

afirmação de fé e de energia desapareceu do mundo.

- Seu símbolo, meu caro - respondi. - E também venero certos símbolos. Mas seria absurdo sacrificar ao símbolo a realidade que ele representa. As catedrais devem ser veneradas até o dia em que, para preservá-las, fosse necessário renegar as verdades que elas simbolizam. O braço erguido de São Firmino, num gesto de comando quase militar, dizia: Que sejamos partidos, se a honra assim o exige. Não sacrificai os homens às pedras, cuja beleza provém justamente de ter, em certo instante, fixado verdades humanas.

- Percebo o que pretende dizer - respondeu o Sr. de Charlus -, e Barres, que infelizmente nos mandou fazer excessivas peregrinações à estátua de Estrasburgo e ao túmulo do Sr. Déroulede, foi comovente e gracioso quando escreveu que a própria catedral de Reims nos era menos cara que a vida de nossos soldados. Afirmação que torna bastante ridícula a cólera de nossos jornais contra o general alemão que comandava aquela frente e que dizia que a catedral de Reims lhe era menos preciosa que ainda de um único soldado alemão. Aliás, é exasperador e pungente que todo país diga a mesma coisa. Os motivos pelos quais as indústrias da Alemanha declaram ser a posse de Belfort indispensável para preservar o seu país contra nossas idéias de desforra são os mesmos dos de Barres, exigindo renúncia para nos proteger contra as veleidades de invasão dos boches. Por restituição da Alsácia-Lorena terá parecido à França motivo insuficiente para a guerra, motivo suficiente para continuá-la, para voltar a declará-la à todos. Você parece acreditar na vitória doravante prometida à França, e eu a desejo de todo o coração, não tenha dúvidas a respeito. Mas enfim, depois que, como ousam os Aliados estão certos de vencer (de minha parte, naturalmente ficaria encantado com tal solução, mas vejo sobretudo muitas vitórias no papel, vitórias de Pirro, é um custo que não nos é confessado) e que os boches já não têm certeza de vencer se a Alemanha procurar apressar a paz, a França prolongar a guerra, a França é a França justa e tem razão de fazer ouvir palavras de justiça, mas que é também *douce France*, e deveria fazer ouvir palavras de piedade, nem que fosse apenas seus próprios filhos e para que em todas as primaveras as flores, ao renascer iluminem algo mais que tumbas. Seja franco, meu caro, você mesmo me apresentou uma teoria sobre as coisas que não existem senão graças a uma criação perpetuamente recomeçada. "A criação do mundo não ocorreu de uma só vez, porque ela ocorre necessariamente todos os dias. Pois bem, se fala conforme você dizia, boa-fé, não pode excetuar a guerra dessa teoria. Nosso excelente Norpois, por mais que escreva (com flores de retórica que lhe são tão caras como a "aurora da vitória ou "o general Inverno"): "Agora que a Alemanha quis a guerra, os dados estão lançados" - a verdade é que todas as manhãs declara-se a guerra de novo. Portanto, aquele que pretende prossegui-la é tão culpado quanto o que a principiou, talvez mais, pois o primeiro não lhe previa,

quem sabe, todos os horrores.

Ora, nada afirma que uma guerra tão prolongada, mesmo que deva ser vitoriosa, se faz sem riscos. É difícil falar de coisas que não têm precedentes, são repercussões sobre o organismo de uma operação que se tenta pela primeira a verdade que, em geral, as novidades com que nos alarmamos são muitas vezes bem assimiladas. Os mais sensatos republicanos achavam ser loucura o procedimento que passou sem maiores problemas. Dreyfus foi reabilitar a separação da Igreja, Picquart chegou a ministro da Guerra sem causar barulho. Todavia, há tudo da fadiga de uma guerra que se prolonga há vários anos. Que farão os homens, quando regressarem? A fadiga os terá abatido ou desequilibrado? Tudo isso poderia ao menos para o governo, talvez até a forma de governar seja ruim, sendo para a França. Antigamente, você me fez ler o admirável *Aimée de Coigny*, de Maurras. Eu ficaria muito surpreso se alguma *Aimée de Coigny* contemporânea não esperasse prosseguir a guerra feita pela República, o que *Aimée de Coigny* espera atualmente em 1812, do prosseguimento da guerra feita pelo Império. Se à Aimée serão realizadas suas esperanças? Não o desejo.

Para retornar à própria guerra, o primeiro que a deflagrou terá sido o imperador Guilherme? Duvido muito. E, se tiver sido ele, não fez mais do que repetir Napoleão, por exemplo, o que acho abominável mas me espanta ver inspirar tanto horror aos turiferários de Napoleão, aos que, quando da declaração de guerra, exclamaram como o general Pau: "Eu esperava este dia há quarenta anos. É o dia mais belo da minha vida." Deus sabe que ninguém protestou com mais energia que eu quando se conferiu lugar exagerado aos nacionalistas e aos militares na sociedade, quando todo amador das artes era acusado de se ocupar de assuntos funestos à pátria, considerando-se deletéria toda civilização que não fosse belicosa! Um legítimo homem da sociedade pouco valia comparado a um general. Uma doida quase me apresentou ao Sr. Syveton.

Você dirá que o que eu me esforçava por manter eram apenas as regras mundanas. Mas, apesar de sua frivolidade aparente, teriam talvez impedido muitos excessos. Sempre enalteci os que defendem a gramática ou a lógica. Cinqüenta anos depois, percebe-se que elas conjuraram grandes perigos. Ora, nossos nacionalistas são os mais germanófobos dos homens, os mais radicais. Mas, após quinze anos, sua filosofia mudou inteiramente. De fato, eles incitam à continuação da guerra. Mas é apenas para exterminar uma raça belicosa e por amor à paz. Pois uma civilização guerreira, o que achavam tão bonito há quinze anos, causa-lhes horror agora. Não só censuram à Prússia o ter criado condições favoráveis ao predomínio militar no país, mas julgam que as civilizações militares, em todos os tempos, foram destruidoras de tudo aquilo que hoje consideram precioso, não somente as artes mas até a galanteria. Basta que um de seus opositores se converta ao nacionalismo para que, de imediato, torne-se um amigo da paz, convencido do papel baixo e humilhante da mulher em todas as civilizações guerreiras. E ninguém ousa replicar-lhe que as "damas" dos cavaleiros, na Idade Média, e a *Beatriz de Dante* talvez estivessem colocadas num trono tão elevado como as heroínas do Sr. Becque{140}.

Um dia destes, creio ver-me colocado à mesa abaixo de um revolucionário russo ou simplesmente de algum dos nossos generais que fazem a guerra por horror a ela, e para punir um povo pelo fato de cultivar um ideal que eles mesmos consideravam o único salutar há quinze anos. O desgraçado czar ainda há pouco era louvado por haver reunido a conferência de Haia. Mas agora que se saúda a Rússia livre, é esquecido o título que permitia glorificá-lo. Assim gira a roda do mundo. E, no entanto, a Alemanha emprega de tal modo as mesmas expressões que a França, que é de acreditar que a está citando; ela não cessa de dizer que "luta pela existência". Quando leio: "Lutaremos contra um inimigo implacável e cruel até obtermos uma paz que nos garanta o futuro a salvo de qualquer agressão, e para que o sangue dos nossos bravos soldados não tenha corrido em vão", ou "Quem não está conosco é contra nós", não sei se tais frases são do imperador Guilherme ou do Sr. Poincaré, pois ambos, com algumas variantes, pronunciam, umas vinte vezes, se bem que, para falar a verdade, devo confessar que o imperador neste caso, tem sido imitador do presidente da República. A França talvez mostrasse tanto empenho em prolongar a guerra se se mantivesse fraca o tempo todo, mas, principalmente, a Alemanha não estaria tão interessada em terminá-la se continuasse a ser forte. Digo, ter a mesma força, pois forte você verá que ela é ainda.

Por nervosismo, porque buscava expandir suas impressões, por nunca ter cultivado arte alguma precisava livrar-se; como um aviador de bombas, ele adquirira o hábito de falar muito alto, mesmo no campo, onde as palavras não alcançavam ninguém, e sobretudo em sociedade, onde elas caíam ao acaso

sobre os interlocutores; e onde era ouvido por esnobismo, por simpatia até, de tanto que os tiranizava, podia-se dizer que por receio. Nos bulevares, além disso, era um sinal de desprezo pelos transeuntes, para os quais nem baixava a voz nem se desviava do caminho. Mas a voz reboava, espantava, e sobretudo dava a entender claramente, às pessoas que se viravam para ouvir as frases que nos teriam feito passar por derrotistas. Chamei a atenção dele sobre isso, e apenas consegui excitar-lhe a hilaridade.

- Confesse que seria bem engraçado? - disse. - Depois de tudo – continuou - nunca se sabe, cada um de nós se arrisca todas as noites a ser notícia no dia seguinte. Afinal, por que não seria eu fuzilado nos fossos de Vincennes? O mesmo aconteceu com meu tio-avô, o duque d'Enghid. A sede de sangue nobre desvaira uma certa populaça que se mostra nisso requintada que os leões. Sabe que, para estes animais, seria bastante que a Sra. Verdurin tivesse um arranhão no nariz para se lançarem sobre ela? O que, na minha juventude, se chamaria "seu narigão".

E pôs-se a rir à bandeira despregada como se estivéssemos sozinhos num salão.

Por alguns momentos, vendo indivíduos suspeitos saírem da sombra da passagem do Sr. de Charlus, ajustando-se a uma certa distância dele, eu me perguntava se lhe seria mais agradável deixá-lo a sós ou acompanhá-lo. Assim como alguém que encontra um velho sujeito a freqüentes crises epileptiformes e o percebe, pela incoerência de seus passos, a provável iminência de um doente, pergunta a si mesmo se sua companhia é desejada, como um amparo, ou tem como a de uma testemunha a quem se desejaria ocultar a crise e cuja prece talvez baste para desencadear o acesso, quando o sossego absoluto seria bastante para evitá-lo. Mas a possibilidade da crise, à qual não se sabe se se deve ou não assistir, é revelada no doente pelo andar ziguezagueante de ébrio. Enquanto que, caso do Sr. de Charlus, essas várias posições divergentes, sinal de um possível incidente de que eu não tinha certeza se ele desejava, ou temia ver afastado da minha presença; eram, como por uma engenhosa encenação, ocupadas não pelo próprio barão, que caminhava em linha reta, mas por todo um conjunto de figurantes. Ainda assim, creio que ele preferia evitar o encontro, pois arrastou-me para uma rua transversal, mais escura que o bulevar, para onde este não cessava de derramar, a menos que não fosse para ele que refluíam, soldados de todas as armas e nações, influxo juvenil compensador e consolante para o Sr. de Charlus, do refluxo de todos os homens para as fronteiras, que logo estabelecera o vazio em Paris nos primeiros dias da mobilização. O Sr. de Charlus não cessava de admirar os uniformes brilhantes que passavam por nós e que transformavam Paris numa cidade tão cosmopolita como um porto, tão irreal como um cenário de pintor, para quem a arquitetura fosse apenas um pretexto de agrupar roupas de colorido variado e cintilante. Conservava, para com as grandes damas

acusadas de derrotismo, o mesmo respeito e a mesma afeição que outrora demonstrara às que haviam sido incriminadas de dreyfusismo. Lamentava apenas que, rebaixando-se a fazer política, elas houvessem dado ensejo "às polêmicas dos jornalistas". Para ele, nada havia mudado quanto a essas senhoras. Pois a frivolidade delas era tão sistemática, que o nascimento, unido à beleza e a outros prestígios, era o único ponto permanente não passando a guerra, como o Caso Dreyfus, de modas vulgares e efêmeras. Mesmo que fuzilassem a duquesa de Guermantes, por tentativa de paz em separado com a Áustria, não a consideraria menos nobre, nem menos degradada do que hoje nos parece a rainha Maria Antonieta por ter sido decapitada. Naquele momento, Charlus, fidalgo à maneira de Saint-Vallier ou Saint-Mégrin, empertigava-se, rígido, solene, falando com gravidade, sem nenhum dos trejeitos com que se denunciam os de sua espécie. E, todavia, por que não teriam eles a voz bem firme? Mesmo naquele momento, em que a voz se mostrava mais grave, ela soava falso e parecia necessitar de um afinador. Aliás, o Sr. de Charlus, literalmente, não sabia onde tinha a cabeça, e a erguia constantemente, lastimando não ter um binóculo que, no entanto, não lhe serviria muito, pois, cada vez mais numerosos que de costume, devido à incursão de zepelins da antevéspera, despertando a vigilância dos poderes públicos, havia militares até no céu. Os aeroplanos que eu vira algumas horas antes, e que me haviam dado a impressão de insetos a mancharem de pontos castanhos a tarde azul, passavam agora na noite, mais profunda ainda pela extinção parcial da luz, como fachos luminosos. A maior sensação de beleza que nos davam essas humanas estrelas cadentes era talvez, principalmente, o de nos fazer olhar o céu, para o qual, habitualmente, erguemos pouco os olhos. Nessa Paris, de que em 1914 eu vira a beleza quase inerme esperar a ameaça do inimigo que se aproximava, certamente havia, então como agora, o antigo esplendor intocado de uma lua cruelmente, misteriosamente serena, que derramava sobre os monumentos ainda intactos a beleza inútil de sua luz; mas, como em 1914, e mais do que então, havia também outra coisa, luzes diferentes, fogos intermitentes que, vindos ou desses aeroplanos ou dos projetores da Torre Eiffel, sabíamos ser dirigidos por uma vontade intermitente, por uma vigilância amiga que dava o mesmo tipo de emoção, inspirava o mesmo gênero de gratidão e de tranqüilidade que eu sentira no quarto de Saint-Loup célula daquele claustro militar, onde se exercitavam, antes de consumar em seu sacrifício, sem qualquer hesitação, em plena juventude, tantos corações contentes e disciplinados.

Depois da incursão da antevéspera, em que o céu estivera mais movimentado que a terra, sobreviera a calma, como o mar após uma tempestade; também como o mar após a borrasca, ainda não retomara o seu sossego absoluto. Ainda subiam aeroplanos, como foguetes, para juntarem-se às estrelas, e os projetores passeavam lentamente, no céu seccionado, como uma pálida poeira de astros, de

errantes via-lácteas. Entretanto, os aeroplanos vinham inserir-se às constelações, e, de fato, poder-se-ia julgar estarem em outro hemisfério ao verem "estrelas novas".

O Sr. de Charlus me falou de sua admiração por esses pilotos e, como lograva sufocar suas inclinações germanófilas melhor do que as outras, embora negasse a todas:

- Aliás, devo acrescentar que admiro igualmente os alemães que voam nos gothas. E os zepelins, quanta coragem exigem! Mas trata-se de herético pura e simplesmente. Não importa que atirem bombas sobre civis, visto que expõem da mesma forma aos tiros das baterias. Você tem medo dos gothas em canhões?-

Respondi negativamente, e talvez me enganasse. Sem dúvida, tendo a preguiça me habituado, em relação ao meu trabalho, a adiamentos constantes; julgava que o mesmo ocorreria com a morte. Como recearia um canhão se estaria convencido que suas balas não me atingiriam naquele dia? Aliás, formadas isoladamente, essas idéias de bombas lançadas, de morte possível, nada acrescenta de trágico, para mim, à imagem que me fazia da passagem das aeronaves. Até que, uma tarde, avistasse numa delas, balançada, segmentada a meus olhos pelas ondas brumosas de um céu agitado, num aeroplano que, embora o som mortífero, só imaginava como estelar e celeste, o movimento da bomba atirada contra nós. Pois a realidade original de um perigo só é percebida nesta coisa irredutível ao que já sabíamos, chamada impressão, muitas vezes, como naquele caso, resumida numa linha, uma linha que revelava uma intenção, uma linha que havia o potencial latente de realização, que a deformava, enquanto só ponte da Concórdia, em torno do aeroplano acossado e ameaçador, e como se refletissem nas nuvens as fontes dos Champs-Élysées, da praça da Concórdia o Tulherias, os jatos luminosos dos projetores se infletiam no céu, em linhas cheias de intenções previdentes e protetoras de homens sensatos e poderosos os quais, como na noite passada no alojamento de Doncieres, eu me sentia grato por sua força dignar-se a assumir, com tão bela precisão, o esforço de velar.

A noite estava tão bonita como em 1914, quando Paris também se via ameaçada. O luar semelhava um suave magnésio contínuo, permitindo registrar pela última vez imagens soturnas de belos conjuntos como a praça Vendôme e a praça da Concórdia, às quais o meu terror dos obuses que talvez fossem destruí-las emprestava, por contraste, em sua beleza ainda intacta, uma espécie de plenitude, como se se expandissem, oferecendo aos golpes as suas arquiteturas indefesas.

- Você não tem medo? - repetiu o Sr. de Charlus. - Os parisienses não se dão conta da situação. Disseram-me que a Sra. Verdurin dá recepções todos os dias. Só sei pelo que se diz, absolutamente não estou a par do que fazem, rompi

inteiramente com eles-acrescentou, baixando não somente os olhos, como à passagem de um telegrafista, mas igualmente a cabeça, os ombros, e erguendo o braço num gesto que significa, senão "lavo as mãos", ao menos "não posso lhe dizer nada" (embora eu não lhe perguntasse coisa alguma). - Sei que Morel comparece à tais reuniões com freqüência disse (era a primeira vez que me falava nisso). - Dizem que deplora muito o passado, que deseja reaproximar-se

de mim - acrescentou, comprovando, ao mesmo tempo, aquela mesma credulidade de mundano do *Faubourg* que diz: "Falam muito que a França procura entendimentos cada vez

maiores com a Alemanha, e que as negociações já foram entabuladas" ou dos apaixonados, a quem as piores ofensas não desanimam. - Em todo caso, se o deseja, não tem mais que falar; sou mais velho que ele, não me cabe dar o primeiro passo. - E, é claro, bem inútil seria dizê-lo, tão manifesta era a sua disposição. Além do mais, palavras insinceras, pois, ao ouvi-las, constrangia-me sentir que o Sr. de Charlus, embora alegasse não lhe caberem os primeiros passos, pelo contrário dava um e esperava que eu me encarregasse da aproximação.

Certo, eu conhecia essa ingênua ou fingida credulidade das pessoas que gostam de alguém, ou simplesmente não são recebidas em casa de qualquer um, imputando a esse alguém um desejo que todavia ele não manifestou, apesar das solicitações enfadonhas. Mas, à súbita entonação trêmula com que o Sr. de Charlus escandeceu essas palavras, ao olhar perturbado que oscilava no fundo de seus olhos, tive a impressão de que havia outra coisa além de uma insistência banal. Não me enganava e contarei de imediato os dois fatos que me provaram retrospectivamente (antecipo de muitos anos o segundo desses fatos, posterior à morte do Sr. de Charlus. Ora, essa morte só deverá ocorrer bem mais tarde, e teremos ocasião de revê-lo diversas vezes, bem diferente daquele a quem já conhecemos, especialmente pela última vez, numa época em que já terá esquecido Morel por completo). Quanto ao primeiro desses fatos, produziu-se apenas dois ou três anos depois da noite em que eu descia assim pelos bulevares em companhia do Sr. de Charlus. Portanto, cerca de dois anos após essa noite, encontrei Morel. Pensei logo no Sr. de Charlus, no prazer que sentiria ao rever o violinista, e insisti com ele para que fosse vê-lo, ao menos por uma vez.

- Ele foi generoso com você - disse eu a Morel - e já está velho, pode morrer e é preciso liquidar antigas rixas e apagar os traços - Morel pareceu inteiramente de acordo comigo quanto ao benefício da ação, mas recusou-se categoricamente a fazer uma única visita ao Sr. de Charlus.

- Procede mal - observei. - Será por preguiça ou por teimosia, ou mesmo por amor-próprio equivocado, por virtude (esteja seguro que a sua não será atacada),

ou por coqueteria? -

Então o violinista, contorcendo a fisionomia, uma confissão que certamente muito lhe custava, respondeu-me estremecendo

- Não, não é por nada disso; a virtude, pouco me importa; a maldade? ao contrário começo a lastimá-lo; não é por coqueteria, ela seria inútil, não é por preguiça, dias inteiros que passo procurando o que fazer. Não, não é por nada disso, é (não o diga nunca a ninguém, é loucura minha dizê-lo), é, é... é... por medo! - Pôs-se a tremer todo. Confessei que não entendia nada. - Não, não me pergunte, não falemos mais nisso, você não o conhece como eu, posso afirmar que não o conhece absolutamente.

- Mas que mal ele pode lhe fazer? Nenhum, tanto mais que não existe rancor entre vocês. E, além disso, no fundo você sabe que ele é muito bom.

- Os diabos que sei! Bom, delicado, correto. Mas deixe-me, não me fale mais nisso peço-lhe, é vergonhoso de dizer... mas tenho medo!

O segundo fato é posterior à morte do Sr. de Charlus. Trouxeram-me algumas lembranças que ele me deixara; e uma carta, num triplo envelope, escrita por ele ao menos dez anos antes de sua morte. Mas estivera gravemente enfermo, dispusera de seus bens, e depois se restabelecera antes de cair mais tarde no estado em que veremos no dia de uma reunião em casa da princesa de Guermantes e a carta, tendo ficado num cofre-forte com os objetos que legava a alguns amigos, lá permanecera por sete anos, durante os quais ele se esquecera inteiramente de Morel: carta, traçada numa escrita fina e segura, estava assim concebida:

> *Meu caro amigo, os caminhos da Providência são desconhecidos. Às vezes, ela se utiliza do defeito de um indivíduo medíocre para manter a primazia de um justo. Você conhece Morel, sabe de onde ele saiu, a que fastígio desejei elevá-lo a bem dizer ao meu nível. Sabe que ele preferiu voltar, não ao pó e à cinza de onde todo homem, isto é, a verdadeira fênix, pode renascer, mas à lama onde rasteja a víbora. Ele se deixou sucumbir, o que me preservou de decair. Você sabe que meu brasão de armas contém a própria divisa de Nosso Senhor.'Inculcabis super leonem et aspidem{141}',; com um homem representado como tendo sob os pés, feito supor heráldico, um leão e uma serpente. Ora, se assim pude esmagar o próprio leão que sou eu, foi graças à serpente, e à sua prudência, que logo, de modo leviano, e que chamaria de defeito, pois a sabedoria profunda do Evangelho dela fez uma virtude - ao menos uma virtude para os outros. Nossa serpente, de assobios outrora harmoniosamente modulados, quando tinha um encantador-aliás bastante enfeitiçado não era apenas musical e rastejante, possuía, até à covardia, essa virtude que ora tenho por divina: a prudência. Foi essa prudência*

divina que fez com que resistisse aos apelos que lhe transmiti por outrem no meu nome, para que viesse me visitar, e não terei paz neste mundo, nem esperança de perdão no outro, se não lhe confessar isto. Ele é que foi neste assunto o instrumento da sabedoria divina, pois eu estava resolvido a não deixá-lo sair vivo de minha casa. Era necessário que um de nós desaparecesse. Estava decidido a matá-lo. Deus lhe aconselhou a prudência, para me preservar de um crime. Não duvido que a intercessão do Arcanjo Miguel, meu santo padroeiro, tenha tido um papel fundamental nisso, e a ele peço que me perdoe por tê-lo negligenciado tanto durante vários anos e por haver tão mal correspondido aos inumeráveis benefícios que me testemunhou, muito especialmente em minha luta contra o Mal. Devo a esse servo de Deus, digo-o na plenitude de minha fé e de minha inteligência, que o Pai celeste haja inspirado à Morel para que não me visitasse. Assim, sou eu que estou morrendo agora. Seu, fielmente devotado,

Semper{142}

PG. CHARLUS

Então compreendi o medo de Morel; certamente havia nesta carta muito de orgulho e de literatura. Mas a confissão era verdadeira. E Morel conhecia melhor que eu que "o lado quase louco" que a Sra. de Guermantes percebia no cunhado não se limitava, como eu o julgara até ali, a esses assomos momentâneos de raiva superficial e inoperante.

Mas é preciso voltar atrás. Estou descendo os bulevares ao lado do Sr. de Charlus, o qual acaba de me fazer um vago intermediário para preliminares de paz entre ele e Morel. Vendo que não lhe respondia:

- Aliás, não sei por que não toca mais; evita-se a música, a pretexto da guerra, mas dança-se e janta-se fora, e as mulheres inventam a "ambrina{143}" para a pele. As festas preenchem o que, caso os alemães continuarem a avançar, será os últimos dias de nossa Pompéia. E é o que a salvará da frivolidade. Por pouco que a lava de algum Vesúvio alemão (seus canhões navais não são menos terríveis que um vulcão) venha surpreendê-las em sua *toalete*, eternizando seus gestos ao interrompê-los, as crianças mais tarde conhecerão olhando, nos livros de aula ilustrados, a Sra. Molé, que ia pôr uma última camada de arrebique antes de ir jantar na casa de uma cunhada, ou então a Sra. de Guermantes, que acabava de pintar as sobrancelhas postiças. A frivolidade de uma época será tema de aula para os futuros Brichots quando, passados dez anos, for assunto da mais grave erudição, sobretudo se for conservada intacta, uma erupção vulcânica ou por material análogo à lava projetada por bomba. Que documentos para a História futura, quando gases asfixiantes, análogos, que o Vesúvio emitia, e os desmoronamentos que soterraram Pompéia, guardará intactas todas as casas

imprudentes das quais ainda não tinham mandado para Bayonne os quadros e as estátuas! E não vemos, aliás, todas as noites momentos de Pompéia? Todas as pessoas correm para as adegas, não para algum frasco antigo de Mouton-Rothschild, ou de Saint-Émilion, mas para esconder com eles o que possuem de mais precioso, como os padres de Herculanum surpreendidos pela morte no momento em que transportavam jarros sagrados; sempre o apego ao objeto que conduz à morte o seu possuidor. Paris não foi, só Herculanum, fundada por Hércules. Mas quantas semelhanças saltam aos olhos essa lucidez que nos foi concedida não é só de nossa época, todas a tiveram. Assim como penso que podemos ter amanhã a sorte das cidades destruídas pelo Vesúvio; estas sentiam-se ameaçadas pela sorte das cidades malditas da Bíblia. Encontrou-se nas paredes de uma casa de Pompéia esta inscrição reveladora: Sodoma, Gomorra - Não sei se foi o nome de Sodoma e os pensamentos que este nome despertaram nele, ou se foi a idéia do bombardeamento, que fizeram com que o Sr. de Charlus erguesse por um instante os olhos ao céu, mas ele os baixou logo para a terminar. - Admiro todos os heróis desta guerra-disse. - Veja, meu caro, os soldados ingleses que considerei de modo um tanto superficial, no começo da guerra, como simples jogadores de futebol bastante presunçosos para enfrentarem profissionais - e que profissionais! -; pois bem, esteticamente falando, são simplesmente atletas da Grécia, percebe, da Grécia, meu caro, são os jovens de Platão, ou melhor de Esparta. Alguns amigos meus foram à Ruão, onde eles têm seu acampamento; viram maravilhas, maravilhas puras de que não se faz idéia. Não é mais Ruão, é outra cidade. Evidentemente, também existe a antiga Ruão, com os santos lentos da catedral. Igualmente belo, entenda-se, mas é outra coisa. E os nossos *pollus*! Nem posso lhe dizer que sabor têm para mim os nossos *pollus*, nossos que nós parisienses, olhe, como aquele que ali vai, com seu ar esperto, sua travessia é engraçada. Acontece-me freqüentemente chamá-los, dar-lhes dois dedos de prosa, e que finura, que bom senso! E os rapazes provincianos, como são gentis e divertidos com seu rolar de *erres* seu linguajar típico! Quanto a mim, sempre vivi muito no campo, dormi em fazendas, sei como lhes falar, mas nossa admiração pelos franceses não nos deve fazer depreciar os inimigos, seria diminuir a nós mesmos. E você não sabe que espécie de soldado são os soldados alemães, você que não os viu, como eu, desfilarem a passo de parada, a passo de ganso, *unter den Linden*{144}.

E, voltando ao ideal de virilidade que me havia esboçado em Balbec e que, com o passar do tempo, adquirira nele um aspecto mais filosófico, aliás empregando raciocínios absurdos, que por instantes, mesmo quando acabava de mostrar-se superior, deixavam perceber a trama excessivamente rala do simples mundano, embora mundano inteligente:

- Veja bem - disse -, o soberbo rapagão que é o soldado boche é uma criatura

forte, saudável, que só pensa na grandeza de seu país. *Deutschland über alles*{145}, no que faz bem; ao passo que nós nos afundamos no diletantismo, enquanto eles se preparavam de modo viril.

"Diletantismo" provavelmente significava para o Sr. de Charlus algo análogo à literatura, pois logo (sem dúvida lembrando-se do meu gosto pelas letras, tendo chegado a pensar em cultivá-las) deu-me um tapinha no ombro (aproveitando-se do gesto para se apoiar em mim a ponto de incomodar-me tanto quanto, no serviço militar, o recuo contra a omoplata do fuzil 76), dizendo, de modo a suavizar a censura: - Sim, nós nos afundamos no diletantismo, nós todos, você também; lembre-se, você poderá fazer, como eu, o seu *mea culpa*, temos sido diletantes demais. - Surpreendido com a censura, não tendo resposta pronta, cheio de deferência para com meu interlocutor, e de ternura por sua bondade amiga, respondi como se, conforme sugeria, também devesse bater no peito, o que seria inteiramente idiota, pois não tinha nem sombra de diletantismo de que me arrepender.

- Bom - disse ele -, deixo-o (o grupo que o havia seguido de longe acabara por abandoná-lo) -, vou deitar-me como um velho senhor bem idoso, tanto mais que parece que a guerra mudou todos os nossos hábitos, um desses aforismos estúpidos que Norpois tanto aprecia. -

Aliás, eu sabia que, mesmo voltando para casa, o Sr. de Charlus nem por isso deixava de estar no meio dos soldados, pois transformara seu palacete em hospital militar, cedendo, acho, aos impulsos menos da imaginação que de seu coração generoso.

A noite era transparente, sem um sopro; eu imaginava que o Sena, correndo entre suas pontes circulares, feitas de seus tabuleiros e reflexos, devia assemelhar-se ao Bósforo. E, símbolo ou dessa invasão prevista pelo derrotismo do Sr. de Charlus, ou da cooperação de nossos irmãos muçulmanos com os exércitos franceses, a lua estreita e recurva como um cequim parecia colocar o céu Parisiense sob o signo oriental do crescente.

Todavia, há um instante apenas, despedindo-se, o Sr. de Charlus aperta a mão como a esmagá-la, o que é uma característica alemã das pessoas do seu tempo continuando por alguns momentos a malaxá-la - como teria dito Cottard - como quisesse restituir às minhas articulações uma flexibilidade que elas não haviam perdido. Em certos cegos, o toque, até certo ponto, supre a vista. Não sei que sentido tomava o lugar aqui. Talvez julgasse o barão simplesmente apertar a mão, como, sem dúvida, julgou somente contemplar um senegalês que passava na sombra e não se dignou a perceber que era admirado. Mas nesses dois casos o Sr. de Charlus se enganava, pecava por excesso de contato e de olhares.

- Não está ali representado todo o Oriente de Decamps, de Fromentin, de Ingres

e de Delacroix - comentou, ainda imobilizado pela passagem do senegalês. - Você sabe, eu nunca me interesso pelas criaturas e pelas coisas a não ser na pintura, na filosofia. Além do mais, estou muito velho. Mas, para completar o quadro, que desgraça que um de nós não seja uma odalisca!

Não foi o Oriente de Decamps, nem mesmo o de Delacroix, que principiou a mexer com minha imaginação quando o barão me deixou, e sim o velho Oriente das *Mil e Uma Noites* que eu tanto havia amado; e, ao me perder aos poucos emaranhados daquelas ruas escuras, pensava no califa Harum-ai-Rachid em busca de aventuras nos bairros perdidos de Bagdá. Por outro lado, o calor e a caminhada me haviam dado sede, mas todos os bares estavam fechados há muito e, por causa da escassez de gasolina, os raros táxis que eu encontrava, dirigidos por levantinos ou negros, nem sequer se davam ao trabalho de responder aos meus sinais. O único local em que me poderiam servir bebida e em que eu poderia recuperar as forças, teria sido um hotel. Mas todos os hotéis, na rua bem afastada do centro que eu atingira; tinham fechado desde que os gothas lançavam suas bombas sobre Paris. O mesmo ocorria com quase todas as lojas de comerciantes, os quais, por falta de empregados ou tomados de pavor, haviam fugido para o campo e deixado na porta o aviso de costume, escrito à mão, anunciando a reabertura do estabelecimento numa época distante e aliás problemática. Os demais estabelecimentos que tinham de sobreviver, da mesma forma anunciavam abrir apenas duas vezes por semana. Sentia-se que a miséria, o abandono e o medo habitavam este bairro inteiro. Fiquei muito surpreso, portanto, ao verificar que, entre aquelas casas desertas, havia uma em que a vida, ao contrário, parecendo ter vencido o terror e a falência, mantinha atividade e a riqueza. Por trás dos postigos fechados de acácia, a janela, a luz, também em obediência às ordens da polícia, revelava contudo uma despreocupação completa com a economia. E a todo momento se abria a porta para deixar entrar algum novo visitante. Era um hotel que provocaria a inveja dos comerciantes vizinhos (por causa do dinheiro que seus proprietários deveriam ganhar); e também me despertou a curiosidade quando vi um oficial sair dali rapidamente, a uns quilômetros de distância, ou seja, longe demais para que pudesse distingui-lo na escuridão profunda.

Todavia, o que me intrigou não foi seu rosto, que eu não via, nem seu uniforme dissimulado sob um grande capote, mas a desproporção extraordinária entre o número de pontos diferentes por onde passou o seu corpo e o breve número de segundos em que decorreu esta saída, que dava a impressão de uma saída tentada por um sujeito sitiado. De modo que, se o não reconheci formalmente, pensei, não direi na silhueta, nem na esbeltez, nem no andar, nem na agilidade, mas no tipo de ubiqüidade que era tão próprio de Saint-Loup. O militar capaz de ocupar em tão pouco tempo tantas posições diferentes no espaço havia

desaparecido, sem me avistar, numa rua transversal, e eu fiquei me perguntando se devia ou não entrar nesse hotel, cuja aparência modesta me fez duvidar fortemente que fosse Saint-Loup quem saíra dali.

Lembrei-me, sem querer, que Saint-Loup fora injustamente envolvido num caso de espionagem porque haviam encontrado o seu nome em cartas apreendidas em poder de um

oficial alemão. Justiça plena, aliás, fora-lhe feita pelas autoridades militares. Mas, contra a minha vontade, liguei essa recordação àquilo que via. Esse hotel não serviria acaso de ponto de encontro de espiões? O oficial desaparecera há um momento quando vi entrarem simples soldados de várias armas, o que deu ainda mais solidez às minhas suposições. Por outro lado, sentia-me extremamente sequioso. Era provável que aqui encontrasse o que beber, e aproveitei a ocasião para tentar satisfazer minha curiosidade, apesar da inquietude que a ela se misturava.

Não penso, todavia, que tenha sido a curiosidade por esse encontro que me decidiu a subir a escada de poucos degraus que dava para a porta de uma espécie de vestíbulo, aberta sem dúvida por causa do calor. Julguei a princípio que essa curiosidade não ficaria satisfeita, pois, da escada onde eu permanecia na sombra, vi diversas pessoas chegarem pedindo um quarto, sendo-lhes respondido que já não havia um só vago. Ora, percebi que só recusavam os que não faziam parte da rede de espionagem, pois tendo se apresentado um simples marinheiro, apressaram-se a dar-lhe o n° 28. Pude avistar, sem que me percebessem na escuridão, alguns militares e dois operários que conversavam tranqüilamente num pequeno aposento abafado, pretensiosamente coberto de retratos coloridos de mulheres recortados de revistas ilustradas. Tais pessoas conversavam sossegadamente, expondo suas idéias patrióticas:

- Que queres, vamos fazer como os companheiros - dizia um.

- Ah, é claro que espero não morrer - respondia, a um voto que eu não ouvira, um outro que, pelo que entendi, ia voltar no dia seguinte para um posto perigoso. - Por exemplo, com vinte e dois anos, e só tendo seis meses de serviço, seria demais! - exclamava ele num tom em que, além de trair o desejo de viver muito, percebia-se a consciência de estar raciocinando bem, e como se o fato de ter apenas vinte e dois anos lhe desse mais chances de não ser morto, como mesmo impossível acontecer-lhe alguma coisa.

- Em Paris, é assombroso – dizia um outro-, nem parece que há guerra. E tu, Julot, sempre te alistas?

- Certamente que sim, tenho vontade de dar pancada nessa cambada suja de boches.

- Joffre é um homem que só dorme com as mulheres dos ministros; nunca fez nada.

- É uma desgraça ouvir semelhantes coisas - disse um aviador um pouco mais velho; e, voltando-se para o operário que acabara de fazer aquela observação. - Aconselho-o a não tocar nisso na linha de frente. Os *pollus* o liquidariam num instante. -

A banalidade dessas conversas não me dava muita vontade de continuar ouvindo e dispunha-me a entrar ou descer de novo quando minha indiferença desfez ao escutar estas frases que me fizeram estremecer:

- É espantoso, e o patife que não volta! E a esta hora, bolas, não sei onde ele vai arranjar correntes.

- Mas o sujeito já está amarrado.

- Está amarrado, é claro: mas está e não está; se me amarrassem desse modo, poderia facilmente me soltar.

- Mas o cadeado está trancado.

- Certamente está trancado, mas a rigor pode ser aberto. O que há é que as correntes não são muito compridas.

- Não vais me explicar como é, a mim que o surrei ontem a noite inteira, até ficar com as mãos escorrendo sangue.

- Quem vai bater hoje és tu?

- Não, não sou eu. É Maurice, mas no domingo serei eu, o patrão me deu sua palavra. -

Compreendi então por que tiveram necessidade dos braços vigorosos do marinheiro. Se afastaram pacíficos burgueses fora porque este hotel não era apenas um ninho de espiões. Um crime atroz ia consumar-se aqui, senão houvesse tempo de o denunciar e fazer prender os culpados.

Entretanto, tudo aquilo mantinha, nessa noite pacífica e ameaçada, uma aparência de sonho, de conto de fadas, e foi a um tempo com orgulho de justiceiro e volúpia de poeta que entrei deliberadamente no hotel.

Toquei levemente o chapéu, e as pessoas presentes, sem se moverem responderam mais ou menos cortesmente ao meu cumprimento.

- Poderiam me informar a quem devo dirigir-me? Gostaria de obter um quarto, e que me levas - algo para beber.

- Espere um minuto, o patrão saiu.

- Mas o chefe está lá em cima - insinuou um dos que conversavam.

- Mas sabes perfeitamente que não podemos incomodá-lo.

- Acha que ele me arranjará um quarto?

- Acho que sim. - O 43 deve estar desocupado - disse o rapaz que estava seguro de que não seria morto pois contava vinte e dois anos. E arredou-se ligeiramente no sofá para me dar lugar.

- Seria bom que abrissem um pouco a janela, há muita fumaça aqui - disse o aviador; e, de fato, cada qual fumava cigarro ou cachimbo.

- Sim, mas então primeiro fechem os postigos, sabem muito bem que é proibido fazer luz, por causa dos zepelins.

- Não haverá mais zepelins. Todos eles foram abatidos segundo os jornais.

- Não haverá mais, não haverá mais, como é que sabes? Quando tiver como eu, quinze anos de *front* e abateres o teu quinto avião boche, poderás falar disso. Não convém acreditar nos jornais. Os zepelins andaram ontem por cima de Compiegne, mataram uma mãe de família com seus dois filhos.

- Uma mãe de família com seus dois filhos! - exclamou com ar consternado um rapaz de olhos ardentes, o mesmo que esperava não ser morto e que, aliás, possuía uma fisionomia enérgica, aberta e das mais simpáticas.

- Não há notícias do grande Julot. Sua madrinha não recebe nenhuma carta dele há oito dias, é a primeira vez que ele fica tanto tempo sem escrever.

- Quem é a sua "madrinha"?

- É a senhora que toma conta do mictório público um pouco depois do Olympia.

- São amantes?

- Que está querendo insinuar? É uma senhora casada, o que existe de mais sério. Ela lhe manda dinheiro todas as semana porque tem bom coração. Ah! É uma senhora sensacional!

- Quer dizer que conheces o grande Julot?

- Se conheço! - retorquiu com calor o rapaz de vinte e dois anos. - É um de meus melhores amigos íntimos. Não há muitos de quem gosto como gosto dele; é um bom companheiro, sempre disposto a prestar um serviço. Ah, podes crer que seria uma desgraça se lhe acontecesse alguma coisa. -

Alguém sugeriu um jogo de dados; e, pela rapidez febril com que o rapaz de vinte e dois anos atirava os dados e gritava o total, os olhos fora das órbitas, era fácil perceber que possuía um temperamento de jogador. Não entendi o que alguém lhe disse, logo depois, mas ouvi-o exclamar em tom profundamente magoado:

- Julot, um rufião! Sei que ele mesmo o diz. Mas não é nada disso. Eu o vi pagar a sua mulher, sim, pagar-lhe. Não quero dizer que ela, Jeanne I'Algerienne, não lhe desse algo em troca, mas não mais de cinco francos, uma mulher que morava numa boa casa, ganhava mais de cinqüenta francos por dia. Só aceitar cinco francos! É preciso ser muito bobo. Mas agora que está no *front* ela leva uma vida muito dura, verdade, mas ganha o que quer; pois bem, não lhe manda. Ah, Julot um rufião? Muitos poderiam dizer-se rufiões dessa maneira. Não somente ele não é rufião, mas, segundo penso, é um imbecil. -

O mais velho do grupo, a quem o patrão, sem dúvida por causa de sua idade, encarregara de manter a linha, tendo ido ao reservado, só ouviu o fim da conversa. Mas não deixou de me olhar e pareceu visivelmente contrariado com o efeito que ela deve ter produzido em mim. Sem se dirigir especialmente ao rapaz de vinte e dois anos, que todavia acabava de expor essa teoria do amor venal, disse de um modo genérico:

- Vocês falam demais e muito alto, a janela está aberta, há pessoas dormindo a esta hora. Sabem que, se o patrão voltar e ouvir vocês falando desse jeito, não ficará nada contente.

Precisamente nesse instante, ouviu-se a porta abrir e todos se calaram, julgando que era o patrão. Mas tratava-se de um motorista de carro estrangeiro, que foi entusiasticamente acolhido. Vendo porém uma soberba corrente de relógio brilhando no colete do recém-chegado, o rapaz de vinte e dois anos lançou-lhe um olhar interrogativo e risonho, seguido de um franzir de sobrancelhas e de um severo piscar de olhos dirigido para o meu lado. E compreendi que o primeiro olhar queria dizer: "Que é isto, roubaste? Meus cumprimentos." E o segundo: "Não digas nada por causa deste sujeito, que não conhecemos."

De repente, o patrão entrou, carregado de vários metros de grossas correntes de ferro capazes de prender muitos forçados, suando, e disse:

- Que trabalheira! Se vocês todos não fossem uns preguiçosos, eu não precisaria ter ido pessoalmente.

- Disse-lhe que queria um por algumas horas apenas; não achei carro e estou um pouco adoentado: Mas queria que me levassem bebida.

- Pierrot, vai à adega buscar um pouco de *cassigé* diga que arrumem o 43. Olha, o 7 ainda está tocando a campainha. Dizem que são doentes. Doentes, hem? Não caio nessa. São tomadores de cocaína, devem estar meio tontos, é preciso pô-los na rua. Levaram um par de lençóis para o 22? Bom. Pronto! Já está o 7 chamando de novo, dá um pulo até lá. Vamos, Maurice, que é que estás fazendo aí? Sabes perfeitamente que te esperam, sobe para o 14-B, anda mais depressa. -

E Maurice foi-se rapidamente, seguindo o patrão que, um tanto aborrecido por eu

ter visto suas correntes, desapareceu levando-as.

- Como é que vens tão tarde? - perguntou o rapaz de vinte e dois anos ao motorista.

- Como, tão tarde? Estou adiantado de uma hora. Mas faz muito calor para andar. Só tenho encontro à meia-noite.

- Para quem vieste, então?

- Para Pamela, a sedutora - disse o motorista oriental, cuja risada descobriu belos dentes brancos.

- Ah! - disse o rapaz de vinte e dois anos.

Logo me fizeram subir para o quarto 43, mas a atmosfera me pareceu tão desagradável, e minha curiosidade era tão grande, que, tendo bebido o meu *cassigé*, desci de novo a escada; depois, tomado de outra idéia, voltei a subir e, ultrapassando o andar do quarto 43, fui até o alto. De repente, de um quarto isolado no fim de um corredor, pareceram-me vir queixas abafadas. Andei vivamente naquela direção e encostei o ouvido à porta.

- Eu lhe suplico, graça, graça, piedade, solte-me, não me surre com tanta força- dizia uma voz.- Beijo-lhe os pés, humilho-me, prometo não recomeçar. Tenha piedade.

- Não, crápula - respondeu outra voz. - E já que te pões a berrar, e te arrastas de joelhos, vamos te amarrar na cama, nada de piedade. -

E ouvi o barulho do estalo de um chicote, provavelmente eriçado de pregos, pois foi seguido de gritos de dor. Então reparei que havia nesse quarto uma clarabóia lateral, sobre a qual haviam esquecido de correr a cortina; caminhando pé ante pé no escuro, deslizei até a clarabóia, e ali, acorrentado numa cama como Prometeu em seu rochedo, recebendo golpes de um chicote efetivamente cheio de pregos, manejado por Maurice, vi, já todo ensangüentado e coberto de equimoses que provavam que o suplício não ocorria pela primeira vez, vi diante de mim o Sr. de Charlus.

De súbito a porta se abriu e entrou alguém que, felizmente, não me enxergou: era Jupien. Ele se aproximou do barão com ar de respeito e um sorriso de inteligência:

- Então, não precisa de mim?-

O barão implorou a Jupien que fizesse Maurice sair por um momento. Jupien pô-lo para fora com a maior desenvoltura.

- Ninguém pode nos ouvir? - indagou o barão a Jupien, que lhe afirmou que não. O barão sabia que Jupien, inteligente como um homem de letras, não tinha

espírito prático, falava sempre, diante dos interessados, por subentendidos e alcunhas que todos conheciam, e que não enganavam ninguém.

- Um instante - interrompeu Jupien, que ouvira uma campainha tocar no quarto n ° 3. Era um deputado da *Action Libérale* que saía. Jupien não precisava ver o quadro, pois conhecia seu toque de campainha; de fato, embora o deputado viesse diariamente após o almoço, fora obrigado mudar o horário nesse dia, pois casara a filha ao meio-dia em Saint-Pierre-de-Chaillot. Assim, viera à noite, mas fizera questão de regressar cedo por causa da mulher, que logo se preocupava quando ele voltava tarde, sobretudo naqueles tempos de bombardeio. Jupien fazia questão de acompanhá-lo à porta para testemunhar-lhe a deferência com que o tratava na condição de parlamentar, aliás sem nenhum interesse pessoal. Pois, embora esse deputado, que repudiava os exageros da *Action française* (de resto, seria incapaz de compreender uma linha sequer de Charles Maurras ou de Léon Daudet), estivesse em muitos bons termos com os ministros, lisonjeados por serem convidados para suas caçadas, Jupien não teria coragem de lhe pedir o menor apoio em suas complicações com a polícia. Sabia que, se se arriscasse a falar no assunto ao legislador ricaço e poltrão, não evitaria nem a mais inócua das "batidas", mas perderia instantaneamente o mais generoso dos fregueses. Depois de ter acompanhado até a porta o parlamentar, que baixara o chapéu sobre os olhos, erguera a gola e, esgueirando-se rapidamente, como fazia em seus programas eleitorais, pensara esconder o rosto, Jupien voltou para junto do Sr. de Charlus, a quem disse:

- Era o senhor Eugene. -

Na sua casa, como nos hospitais, só chamavam as pessoas pelo prenome, tendo-se o cuidado de segredar, a fim de satisfazer a curiosidade dos freqüentadores ou para aumentar o prestígio do estabelecimento, o nome completo. No entanto, às vezes Jupien ignorava a verdadeira personalidade dos fregueses, e então imaginava e dizia tratar-se de tal financista, tal nobre, tal artista, erros efêmeros e encantadores para quem os causava, e acabava por resignar-se a desconhecer para sempre quem era o senhor Victor. Desse modo, Jupien tinha o costume, para agradar ao barão, de fazer o contrário do que acontece em certas reuniões:

- Vou lhe apresentar o Sr. Lebrun - (ao ouvido: - Ele se faz chamar Lebrun, mas na verdade é o grão-duque da Rússia-). Inversamente, Jupien sentia não ser bastante para o Sr. de Charlus conhecer um leiteiro. E murmurava, piscando o olho: - Ele é leiteiro, mas no fundo é principalmente um dos mais perigosos apaches de Belleville. (Era de ver o ar velhaco de Jupien ao pronunciar "apache"). - E, como se tais referências não bastassem, procurava acrescentar algumas "citações": - Foi condenado várias vezes por roubo e assalto de vivendas, esteve em Fresnes por causa de brigas (com o mesmo ar velhaco) com transeuntes, que deixou meio estropiados, e andou no batalhão da África. Matou o

seu sargento.

O barão até chegava a querer mal a Jupien, pois sabia que naquela casa, comprada por ele por seu *factótum*, e administrada por um subalterno, todos, devido às indiscrições do tio da Srta. de Oloron, mais ou menos conhecida personalidade e seu nome (muitos apenas julgavam que se tratasse de um e, pronunciando-o mal, tinham-no deformado, de modo que a salvação do Charlus fora a estupidez deles e não a discrição de Jupien). Mas achava melhor dar-lhe crédito e, tranqüilizado por saber que não podiam ouvi-los, o barão disse:

- Não queria falar diante daquele garoto, que é muito gentil e faz o que quer. Mas não o acho bastante brutal. Seu rosto me agrada, mas o modo como ele me chama parece tratar-se de uma lição decorada.

- Oh, não, ninguém lhe disse nada - retrucou Jupien, sem perceber a inverossimilhança dessa afirmação - além disso esteve comprometido no assassinato de uma porteira da Villette.

- Ah! é muito interessante disse o barão com um sorriso. - Mas aí está justamente o carniceiro, o homem dos matadouros, que se parece a ele; veio por acaso experimentar?

- Ah, sim. De bom grado. -

Vi entrar o homem dos matadouros; de fato, assemelhava-se um pouco a Maurice; mas, coisa curiosa, ambos tinham, algo de um tipo, que pessoalmente nunca me interessara, e que agora me dei que existia em Morel, tinham uma certa semelhança, senão com Morel tal como o conhecia, ao menos com uma certa fisionomia que outros olhos, diversos dos meus, pudessem compor com suas feições. Tão logo construí interiormente, em traços dados pelas minhas lembranças do violinista, esta maquete do que ele poderia representar para outrem, percebi que os dois rapazes, um dos quais era aprendiz de ourives, e o outro empregado num hotel, eram vagos sucedâneos de Morel. Deveria concluir que o Sr. de Charlus, ao menos numa certa forma de seus amantes era sempre fiel a um mesmo tipo, e que o desejo que o fizera escolher, um ou outro, esses dois rapazes era o mesmo que o havia feito deter Morel em Doncieres; que todos os três assemelhavam-se um pouco ao efebo, cuja face entalhada na safira que eram os olhos do Sr. de Charlus, conferia a seu olhar algo tão especial, que me aterrorizara no primeiro dia em Balbec? Ou que, tendo o amor por Morel modificado o tipo que ele buscava, ele, para se consolar sua ausência, procurava homens que se lhe assemelhassem? Outra suposição que foi a de que talvez nunca houvesse existido, entre ele e Morel, apesar das aparências, senão relações de amizade, e que o Sr. de Charlus mandava vir à casa de Jupien rapazes que se parecessem bastante a Morel para poder ter, junto deles, a ilusão de gozar com o violinista. É verdade que, pensando em tudo o que o Sr. de Charlus fizera por

Morel, tal suposição teria parecido pouco provável, se não soubesse que o amor nos leva não somente aos maiores sacrifícios pela criatura amada. Mas às vezes, ao sacrifício do nosso próprio desejo, aliás tanto menos satisfeito quanto mais se sente amada a criatura que cortejamos. Também concorre para tal suposição, menos inverossímil à primeira do que parece (embora sem dúvida não corresponda à realidade), o temperamento nervoso, profundamente apaixonado do Sr. de Charlus, semelhante nisso ao Saint-Loup, e que poderia ter desempenhado, no começo de suas relações com Morel, o mesmo papel, mais decente, porém, negativo, que o do sobrinho no começo de sua relação com Rachel. As relações com a mulher amada (e isto pode estender-se ao amor por um rapaz) podem permanecer platônicas por outro motivo que não a virtude da mulher ou a natureza pouco sensual do amor que ela inspira. Esse motivo pode ser que o apaixonado, por demais impaciente devido ao próprio excesso de seu amor, não saiba esperar com fingida indiferença o momento em que haverá de obter o que deseja. O tempo todo ele volta à carga, não cessa de escrever àquela a quem ama, procura vê-la o tempo inteiro, ela se recusa e ele fica desesperado. Desde então ela compreende que, se lhe concede sua companhia, sua amizade, esses bens já parecerão de tal maneira consideráveis àquele que se julgou deles derivado, que ela pode se dispensar de conceder outros favores e aproveitar-se de um momento em que ele já não pode suportar passar sem vê-la, em que a todo preço quer terminar a guerra, para lhe impor uma paz cuja condição primeira será o platonismo das reações. Além disso, durante todo o tempo que precedeu esse tratado, apaixonado, ansioso sempre, e sempre à espreita de uma carta, de um olhar, deixou de pensar na posse física, cujo desejo a princípio o atormentara, mas que se consumiu na espera e cedeu lugar à carências de outro tipo, aliás mais dolorosas se não são satisfeitas. Então o prazer que, no primeiro dia, havia esperado das carícias, recebe-o mais tarde, todo desfigurado, sob a forma de palavras amigas, promessas de presença, as quais, depois dos tormentos da incerteza, ou simplesmente após um olhar nublado de todos os nevoeiros da frieza, fazendo recuar para tão longe a amada que se teme não vê-la nunca mais, trazem uma tranqüilidade deliciosa. As mulheres adivinham tudo isso e sabem que podem se dar o luxo de jamais se oferecerem aos homens dos quais sentem, se são nervosos demais para ocultá-lo nos primeiros dias, o incurável desejo que demonstram por elas. A mulher se compraz em, sem nada conceder, receber muito mais do que de costume quando se oferece. Assim, os grandes nervosos crêem na virtude de seu ídolo. E a auréola que colocam a seu redor é desse modo um produto, mas como se vê, indireto, de seu amor excessivo. Ocorre, portanto, na mulher o que existe em estado inconsciente nos medicamentos, astuciosos por natureza, como os soporíferos, a morfina. Não é àqueles a quem dão o prazer do sono ou um verdadeiro bem-estar que eles são absolutamente indispensáveis; esses não os comprariam a peso de ouro, nem os

trocariam por tudo quanto possuem. Outros doentes é que o fariam (aliás talvez os mesmos, porém, a alguns anos de distância, transformados em outros), outros a quem a droga não faria dormir, em quem não provoca nenhuma volúpia, mas que, não a tomando, caem numa agitação que desejam fazer parar a todo custo, mesmo pelo suicídio.

Quanto ao Sr. de Charlus, cujo caso, afinal, com a ligeira diferença devida à similitude do sexo, inscreve-se nas leis gerais do amor, ainda que pertencesse a uma família mais antiga que os Capetos, fosse rico e debalde cortejado por ser elegante, ao passo que Morel não valia nada, embora pudesse dizer-lhe, com me dissera: "Sou príncipe, desejo o seu bem", ainda assim Morel o domina enquanto não se rendesse. E, para não se render, bastava-lhe sentir-se ameaçado de horror que os fidalgos sentem pelos esnobes que querem à força misturar-se à ele, que sente o homem viril pelo invertido, a mulher por todo homem apaixonado. O Sr. de Charlus não só tinha todas as vantagens, como as teria proporcionado imensas à Morel. Mas é possível que tudo isso se quebrasse contra uma vontade firme. Nesse caso, o Sr. de Charlus estaria como os alemães, aos quais, de resto pertencia por suas origens, e que, na guerra em andamento, viam-se, como o repetia de bom grado, vencedores em todas as frentes. Mas de que lhes servia a vitória, visto que, após cada uma, defrontavam-se com os Aliados mais resolvidos a lhes recusar a coisa que eles, alemães, mais teriam desejado obter, a paz e a reconciliação? Da mesma forma Napoleão invadia a Rússia e pedia às autoridades, magnânimo, que fossem ter com ele. Mas ninguém se apresentava.

Desci e retornei à pequena antecâmara onde Maurice, indeciso sobre se chamariam de novo ou não, e a quem Jupien, de qualquer modo, dissera que esperasse, estava jogando cartas com um dos companheiros. Havia grande agitação por causa de uma cruz de guerra que se achara no chão, sem que soubessem a quem pertencia, para que fosse possível enviá-la a seu dono, a fim de evitar-lhe uma punição. Depois, falaram da bondade de um oficial que se fizera matar para tentar salvar seu ordenança.

- Apesar de tudo, há gente boa entre os ricos. Eu me faria matar com prazer por um camarada desse tipo - comentou Maurice, que evidentemente só levava a efeito suas terríveis chicotadas no barão por um hábito mecânico, por falta de educação conveniente, pela necessidade de dinheiro e uma certa tendência a ganhá-lo de modo tido como menos penoso que o trabalho, apesar dele talvez sê-lo mais. Mas, como receava o barão, devia talvez ter bom coração e era, no que parecia, um rapaz de bravura admirável. Quase lhe vinham lágrimas aos olhas ao falar da morte desse oficial, e o rapaz de vinte e dois anos não estava menos emocionado.

- Ah, sim. São sujeitos sensacionais! Os pobres-diabos como não têm muito a perder, mas um senhor que tem um monte de empregados, pode tomar seu

aperitivo todos os dias às 6 horas, é verdadeiramente uma pena que zombe quem quiser, mas, quando se vê morrer pessoas desse tipo, de fato mexe com a gente. O bom Deus não deveria permitir que ricos assim morressem primeiro porque são muito úteis aos operários. Só por causa de uma morte deviam ser exterminados todos os boches, até o último; e o que fizeram em Louv cortaram os pulsos das criancinhas. Não sei não, não sou melhor que ninguém, preferiria ser fuzilado a obedecer a esses bárbaros; pois não são homens, são verdadeiros bárbaros, não podes me desmentir.-

Em suma, todos aqueles rapazes eram patriotas. Apenas um, levemente ferido num braço, não se mostrou à altura dos outros, pois disse, já que devia sair dali a pouco:

- Droga, não foi um bom ferimento -(o que o fizera ser reformado), como a Sra. Swann dizia antigamente: - Achei um jeito de pegar uma tremenda gripe.

A porta abriu-se novamente deixando passar o motorista que fora espairecer por um instante.

- Como, já acabou? Isso não durou muito - observou, ao avistar Maurice, que julgava ainda estar batendo naquele a quem tinham apelidado, por alusão a um jornal da época, *O Homem Acorrentado*.

- Não durou muito para ti, que foste lá fora - replicou Maurice, irritado por perceberem sua má sorte lá em cima. - Mas se fosses obrigado a bater sem parar, como eu, e com esse calor! Não fossem os cinqüenta francos que ele dá. - E, além disso, é um homem que conversa bem; vê-se que é instruído. Diz ele que a guerra acabará logo. Acha que afinal não poderemos dar conta deles, que ninguém levará a melhor.

- Diabos! Mas então é um boche...

- Já disse que estão falando alto demais - disse o mais velho aos outros, ao me ver. - Já deixou o quarto? - Vai te catar, não és o dono daqui.

- Sim, já deixei, e venho pagar.

- É melhor que pague ao patrão. Maurice, vá buscá-lo.

- Mas não quero incomodá-lo.

- Isso não me incomoda. -

Maurice subiu e voltou, dizendo-me:

- O patrão já vai descer. -

Dei-lhe dois francos pelo incômodo. Ele corou de prazer:

- Ah, muito obrigado. Vou mandá-los ao meu irmão, que está prisioneiro. Não, não está se queixando. Isso depende muito dos campos.

Nesse meio tempo, dois fregueses muito elegantes, de casaca e gravata brancas por baixo dos sobretudos dois russos, pareceu-me, por causa de seu ligeiro sotaque- paravam no limiar, deliberando se deviam entrar ou não. Visivelmente era a primeira vez que vinham ali, deviam ter-lhes indicado o local e pareciam divididos entre o desejo, a tentação e um grande receio. Um deles um belo rapaz repetia a cada instante ao outro, com um sorriso meio indagativo, meio destinado a convencer:

- Que nada! Afinal de contas, danem-se! -

Mas, apesar de com isso querer dizer que pouco lhe importavam as conseqüências, é provável que ele de fato se importasse, pois suas palavras não eram seguidas de nenhum movimento para entrar, mas de um novo olhar para o outro, seguido do mesmo sorriso e da mesma expressão: Afinal de contas, dane-se!

Tal expressão era um exemplo, entre mil, dessa linguagem magnífica, tão diversa da que falamos habitualmente, e na qual a emoção, desviando o que pretendíamos dizer, permite desenvolver-se no seu lugar uma frase bem diferente, emersa de um lago desconhecido onde vivem essas expressões que não têm relação alguma com o pensamento, e que por isso mesmo o revelam. Lembro-me que certa vez Albertine, como Françoise entrasse sem ser esperada, justo quando minha amiga, inteiramente nua, colava-se a mim, disse sem querer, desejando prevenir-me: Olha a bela Françoise. - Esta, que via muito pouco, e apenas atravessava a peça longe de nós, sem dúvida não teria percebido nada. Mas as palavras tão anormais de "bela Françoise", que Albertine nunca pronunciara na vida, mostraram por si mesmas a sua origem; sentiu-as colhidas ao acaso pela emoção, e não teve necessidade de enxergar coisa alguma para compreender tudo, e se foi, murmurando no seu patoá a palavra "putana". Outra vez, bem mais tarde, quando Bloch, transformado em pai de família e tendo casado uma das filhas com um católico, um sujeito mal-educado disse àquela ter sabido que era filha de um judeu, e perguntou-lhe o sobrenome. A moça, que fora Srta. Bloch desde o nascimento, respondeu, pronunciando à alemã como teria feito o duque de Guermantes, "Bloch" (pronunciando o ch não como o ch chiado, nem como ck, mas como o ch aspirado do alemão).

Para retornar à cena do hotel (no qual os dois russos haviam decidido entrar: "afinal de contas, dane-se", ainda não descera o patrão quando Jupien entrou queixando-se que falavam alto demais e que os vizinhos reclamariam. Mas deteve-se, estupefato, ao avistar-me.

- Saiam todos para o pátio. -

Todos já erguiam, quando lhe disse:

- Seria mais simples que os rapazes ficassem e que ele saia com você por um

momento.-

Ele me seguiu, bastante perturbado. Expliquei-me por que viera. Ouviam-se os fregueses perguntando ao patrão se não podia fazê-lo conhecerem um lacaio, um menino do coro, um motorista negro. Todas as previsões interessavam àqueles velhos doidos, na tropa, todos os exércitos, e, entre Aliados, todas as nações. Alguns reclamavam principalmente os canadenses, sofrendo talvez sem o saberem a sedução de um sotaque tão leve que não se distingue bem se é da velha França ou da Inglaterra. Devido a seus saiotes, e porque certos sonhos lacustres se associam muitas vezes a tais desejos, os escoceses eram os mais cotados. E, como toda loucura recebe traços particulares, quando não é agravada, das circunstâncias, um velhote, cujas curiosidades sem dúvida tinham sido satisfeitas, pedia com insistência um mutilado. Ouviam-se passos vagarosos na escada. Por uma indiscrição própria de sua natureza, Jupien não pode deixar de me dizer que era o barão que estava descendo; deveríamos a todo custo evitar que ele me visse, mas, se eu quisesse entrar no quarto contíguo ao vestíbulo onde estavam os rapazes, ele abriria os postigos, truque inventado pelo barão para poder ver e ouvir sem ser visto, e que agora, dizia ele, voltar-se-ia contra o barão a meu favor.

- Apenas, não se mexa. -

E, depois de me haver empurrado para a escuridão, deixou-me. Aliás, não dispunha de outro quarto para me dar, pois o hotel, apesar da guerra, estava lotado. O quarto que eu acabava de deixar fora alugado pelo visconde de Courvoisier, que, tendo podido largar por dois dias as Vermelhas de X..., viera descansar por uma hora em Paris antes de ir encontrar-se no castelo de Courvoisier com a viscondessa, a quem diria não ter podido pegar o trem. Nem imaginaria estar a tão poucos metros do Sr. de Charlus, fato que ele igualmente desconhecia, pois jamais havia encontrado o primo na casa de Jupien o qual ignorava a personalidade cuidadosamente dissimulada do visconde.

Com efeito, em breve o barão entrou, caminhando com muita dificuldade devido às feridas de que, no entanto, certamente adquirira o hábito. Embora o prazer estivesse findo e ele só entrasse ali para dar o dinheiro devido à Maurice, circulou um olhar terno e curioso sobre todos aqueles rapazes reunidos, e com certeza esperava trocar com cada um o prazer de uma despedida platônica mais carinhosamente prolongada. Reparei nele, de novo, em toda a fervilhante frivolidade exibida a esse harém que parecia quase intimidá-lo, os meneios de quadris e de cabeça, o olhares filtrados que me haviam impressionado na noite de sua primeira visita à Raspeliere, graças herdadas de alguma avó que eu não conhecera, e que de ordinário se dissimulavam em seu rosto de expressões mais viris, mas que desabrochavam de modo faceiro em determinadas circunstâncias, quando queria agradar a um meio inferior, estimuladas pelo desejo de parecer

grande dama.

Jupien recomendara aqueles homens à benevolência do barão, jurando que todos eram cafetões de Belleville, capazes de se deitarem com as próprias irmãs por um luís. Aliás, Jupien mentia e dizia a verdade ao mesmo tempo. Melhores, mais sensíveis do que Jupien os pintara ao barão, não pertenciam a uma raça selvagem. Mas aqueles que assim eram acreditados lhe falavam contudo com a maior boa-fé, como se tais seres terríveis devessem ser da mesma raça. Mesmo julgando-se em companhia de assassinos, um sádico mantém a alma pura, e fica assombrado diante da mentira dessas criaturas, não assassinas de fato, mas que desejam ganhar facilmente um thune, em cujas palavras "pai", "mãe" ou "irmã" ora ressuscitam, ora morrem de novo, pois eles se atrapalham na conversa com o freguês a quem desejam agradar. O freguês fica pasmo, em sua ingenuidade, em sua arbitrária concepção do gigolô, pois, deslumbrado com os numerosos homicídios que lhe atribui, escandaliza-se com a contradição e a mentira que surpreende em suas palavras.

Todos pareciam conhecê-lo, e o Sr. de Charlus detinha-se longamente junto a cada um, falando-lhes o que julgava ser a linguagem deles, tanto por uma pretensiosa afetação de cor local, quanto pelo prazer sádico de misturar-se à vida crapulosa.

-Tu me dás nojo, vi-te diante do Olympia com duas "coroas". Era para ganhar "grana"

delas. Estás me traindo.-

Felizmente para aquele a quem se dirigia esta frase, não teve tempo de declarar que seria incapaz de receber "grana" das mulheres, o que diminuiria a excitação do Sr. de Charlus e reservou seu protesto para o fim da frase, dizendo:

- Oh, não; não o traio de jeito nenhum. -

Essa afirmação causou vivo prazer ao Sr. de Charlus e como, apesar de tudo, seu tipo natural de inteligência mostrava-se por trás do que ele afetava, ele voltou-se para Jupien:

- É muito amável este rapaz em me dizer isso. E como o diz bem! Julgar-se-ia que é a própria verdade. Afinal de contas, que importa seja ou não verdade, visto que me faz acreditar no que diz? Que lindos olhinhos que ele tem! Veja, meu rapaz, vou te dar dois grandes beijos em troca. Pensarás em mim nas trincheiras. É dura vida lá?

- Diabos, há dias em que uma granada, passa bem pertinho...- pôs-se a fazer imitações do ruído das granadas, dos aviões etc. - Mas é preciso como os outros, e o senhor pode estar seguro de que iremos até o fim.

- Até se ao menos a gente soubesse qual é o fim disse melancolicamente o barão

era "pessimista".

- O senhor não viu o que Sarah Bernhardt falou pelos jornais que a França irá até o fim. Os franceses se deixarão antes matar até o último horror.

- Não duvido sequer um instante que os franceses bravamente se deixem matar até o último - observou o Sr. de Charlus, como se aquilo fosse a coisa mais simples do mundo, e embora ele próprio não tivesse a menor intenção de fazer fosse o que fosse. Mas, desse modo, desejava corrigir a impressão de pacifista que passava quando não se continha. - Não duvido, mas pergunto-me até que ponto Sarah Bernhardt está qualificada para falar em nome da França. Mas de minha parte não conheço este jovem atraente e delicioso-acrescentou, avistando outro a quem não conhecia ou que talvez nunca vira. Cumprimentou-o como teria feito a um príncipe em Versalhes e, para aproveitar a ocasião de ter um suplemento de prazer-, como quando eu era pequeno e minha mãe acabava de fazer a encomenda no Boissier ou no Gouache, comia um bombom, oferecido pela criada, que o tirava de um dos bocais de vidro entre os quais reinava-, segurando a do encantador rapaz e apertando-a demoradamente, à maneira prussiana, fixar nos olhos e sorrindo por um tempo interminável, como outrora o tempo gasto pelo fotógrafo para tirar retrato quando a luz era ruim. - Senhor, estou encantado em conhecê-lo. Ele tem lindos cabelos -acrescentou, voltando-se para Jupien. A seguir, aproximou-se de Maurice para lhe dar os cinqüenta francos devidos, antes abraçando-o pela cintura: - Nunca me disseste que tinhas liquidado a velha porteira em Belleville. - E o Sr. de Charlus arquejava de êxtase, aproximando o rosto do de Maurice:

- Oh, senhor barão - disse o gigolô, a quem haviam e esquecido de avisar-, pode acreditar numa coisa dessas? - Ou porque realmente falso, ou porque, sendo verdadeiro, o fato lhe parecesse contudo abominável daqueles que convém negar: - Eu, tocaria num semelhante? Num boche, sim, que estamos em guerra, mas numa mulher, e ainda por cima uma velha!

A declaração de princípios virtuosos teve o efeito de uma ducha de água gelada o barão, que se afastou friamente de Maurice, entregando-lhe todavia o seu dinheiro, mas com o ar de despeito de alguém que foi trapaceado, que não quer mais histórias, que paga mas não está contente. A má impressão do Sr. de Charlus aumentou pela maneira como o beneficiário lhe agradeceu, dizendo: mandar isto para os meus velhos, mas guardarei um pouquinho para o mano que está no front. -Tais sentimentos tocantes desapontaram o barão quase tanto quanto o irritava o sotaque camponês meio artificial do outro. Às vezes, Jupien avisava que era preciso ser mais perverso. Então um deles, com o ar de confessar algo satânico, arriscava:

- Ouça, barão, não vai me acreditar, mas, quando era garoto, costumava olhar

pelo buraco da fechadura meus pais se beijarem. Viciado, não? O senhor parece achar que é invenção minha, mas não é, juro, acontecia tal e qual eu lhe contei. - E o Sr. de Charlus sentia-se a um tempo exasperado e desesperado por esse esforço artificial de perversidade, que apenas revelava estupidez e inocência. E até o ladrão e o assassino dos mais convictos não o teriam contentado, pois não falam de seus crimes; e, além disso, existe no sádico por melhor que possa ser, e mais ainda quanto melhor for uma sofreguidão pelo mal que os malvados, agindo com outros objetivos, não logram satisfazer. Por mais que o jovem, compreendendo tarde demais o seu erro, dissesse que não ligava para os "tiras" e levasse a audácia a ponto de afirmar ao barão:

- Marque um encontro a sós comigo -, o encanto estava quebrado. Percebia-se o simulacro, como nos livros dos autores que se esforçam por escrever em gíria. Em vão o rapaz detalhou suas "safadezas" com a própria mulher. O Sr. de Charlus espantou-se apenas ao verificar como tais safadezas se limitavam a pouca coisa. E não o eram, afinal, só por insinceridade. Nada há mais limitado que o prazer e o vício. Na verdade, pode-se afirmar neste sentido, e mudando o significado da expressão, que giramos sempre no mesmo círculo vicioso. Se no estabelecimento supunham o barão príncipe, em compensação lamentavam muito a morte de alguém a cujo respeito os gigolôs diziam:

- Não sei o nome, parece que é um barão-, e que não era outro senão o príncipe de Foix (o pai do amigo de Saint-Loup). Pensando todos em casa que ele ia muito ao clube, na realidade o príncipe passava horas no estabelecimento de Jupien, tagarelando, contando histórias da sociedade para os malandros. Era um belo homem robusto, como o filho. É incrível que o Sr. de Charlus, sem dúvida porque sempre o conhecera na sociedade, ignorasse que o príncipe partilhava de seus gostos. Chegavam até a dizer que outrora tentara satisfazê-los até com o próprio filho, ainda colegial (o amigo de Saint-Loup), o que provavelmente era falso. Pelo contrário, bem informado acerca dos costumes que muitos ignoram, mantinha grande vigilância quanto às relações do filho. Um dia em que um homem, aliás de origem humilde, seguira o jovem príncipe de Foix até o palacete do pai, onde atirara um bilhete pela janela, o pai o havia apanhado. Mas o perseguidor, embora não fosse, aristocraticamente falando, da mesma sociedade que o Sr. de Foix pai, era-o de outro ponto de vista. Não teve trabalho em encontrar, entre cúmplices comuns, um intermediário que fez o Sr. de Foix calar-se, provando-lhe que fora o rapaz quem provocara aquela audácia do homem mais velho. O que era possível. Pois o príncipe de Foix lograra preservar o filho das más companhias, porém não da hereditariedade. De resto, o jovem príncipe de Foix continuou, como o pai, desconhecido sob tal aspecto das pessoas de sua roda, embora lograsse ir mais longe que ninguém nesse terreno.

- Como ele é simples! Nem parece um barão-disseram alguns convivas quando o

Sr. de Charlus saiu, acompanhado até a porta da rua por Jupien, a quem o barão não deixou de se queixar da virtude do rapaz. Pelo ar descontente de Jupien que devia ter previamente adestrado o moço, percebia-se que o falso assaca receberia logo um tremendo "sabão".

- É exatamente o contrário do que me disse - acrescentou o barão, para que Jupien aproveitasse a lição em outra oportunidade. - Ele tem jeito de ser um bom caráter, exprime sentimentos de respeito para a família. - Entretanto, não anda em bons termos com o pai -objetou Jupien, - e moram juntos, mas servem cada qual num bar diferente. - Evidentemente, um pouco como crime, em comparação com o homicídio, mas Jupien fora tomado de surpresa. O barão não acrescentou coisa alguma, pois, se queria que lhe preparassem os prazeres, procurava dar a si próprio a ilusão de que estes não eram "preparados".

- É um verdadeiro bandido; contou aquilo só para enganá-lo, o senhor é muito ingênuo - acrescentou Jupien para se desculpar, conseguindo apenas melindrar o amor-próprio do Sr. de Charlus.

- Parece que ele possui um milhão por dia para gastar - disse o rapaz vinte e dois anos, a quem esta asserção não parecia inverossímil. Em breve, ouviram o rodar do carro que tinha vindo buscar o Sr. de Charlus não longe dali. Neste momento, divisei caminhando vagarosamente ao lado de um militar, com quem evidentemente saía de um quarto vizinho, uma pessoa que me pareceu uma senhora bastante idosa, de saia preta. Logo reconheci meu erro: tratava-se de um padre - Era esta coisa rara, e, na França, inteiramente excepcional: um mau padre. Estava com um militar que vinha caçoando do companheiro, da disparidade entre sua batina e seu procedimento, pois este, com ar grave e erguendo para junto de seu rosto hediondo um dedo de doutor em teologia, proferiu sentenciosamente:

- Que não sou (eu esperava "um santo") um anjo. -

Aliás, já estava de saída e despediu-se de Jupien que, tendo acompanhado o barão, vinha entrando; mas, por distração o mau padre esquecera de pagar o quarto. Jupien, cujo espírito jamais o abandonou sacudiu a caixinha em que recolhia a contribuição de cada freguês, fazendo-a e dizendo:

- Para as despesas do culto, senhor abade! -

O vil personagem se desculpou, deu o dinheiro e desapareceu.

Jupien veio me buscar no antro escuro onde eu não tinha coragem de fazer um só movimento.

- Fique um instante no vestíbulo onde os rapazes se banqueteiam, enquanto subo para fechar o quarto; visto que é um inquilino, é mais natural. -

O patrão ali se encontrava; paguei-lhe. Nesse momento, um rapaz de *smoking*

entrou e perguntou ao patrão com ar autoritário:

- Poderei ter Léon amanhã de manhã às quinze para as onze, em vez de às onze, porque vou almoçado.

- Depende do tempo que o abade estiver com ele - respondeu o patrão.

Tal resposta pareceu insatisfatória ao rapaz de *smoking*, que já se mostrava prestes a invectivar o padre. Mas sua cólera tomou outro rumo quando ele me avistou; caminhando direto ao patrão, murmurou em voz baixa porém furiosa:

- Quem é? Que significa isso? -

O patrão, bastante aborrecido, explicou que minha presença não tinha nenhuma importância, que eu era um inquilino. O rapaz de *smoking* não pareceu de modo algum tranqüilizado com tal explicação. Não cessava de repetir:

- É desagradável demais, são dessas coisas que não deveriam acontecer; sabe que detesto isto, e vai fazer tanto que acabarei não botando os pés nunca mais aqui. -

Todavia, a execução dessa ameaça não pareceu iminente, pois ele se foi, encolerizado, mas recomendando que Léon tratasse de estar livre às quinze para as onze, se possível dez e meia.

Jupien voltou para me buscar e desceu comigo até a rua.

- Não gostaria que me julgasse mal - disse ele -, esta casa não me traz tanto dinheiro quanto você pensa; sou forçado a ter locatários honestos, mas é verdade que, somente com eles, não faria nem para as despesas. Aqui é o contrário dos carmelos; é graças ao vício que vive a virtude. Não, só tomei conta desta casa, ou melhor, se a faço administrar pelo gerente que você viu, foi unicamente para prestar um serviço ao barão e distraí-lo na sua velhice. -

Jupien não desejava falar apenas das cenas de sadismo, como aquelas a que eu havia assistido, e do exercício mesmo do vício do barão. Este, até para conversar, para ter companhia, para jogar cartas, só se dava bem com gente do povo, que o explorava. Sem dúvida o esnobismo do canalha pode ser tão bem compreendido como o outro. Aliás, por muito tempo se reuniram, alternando um com o outro, na casa do Sr. de Charlus, o qual não achava ninguém bastante refinado para suas relações mundanas, nem bastante apache para as outras.

- Detesto o tipo mediano – dizia -, a comédia burguesa é empolada, convêm-me ou as princesas da tragédia clássica ou a farsa grosseira. Nada de meio-termo: *Fedra ou Os Saltimbancos*{146}.

Mas, enfim, o equilíbrio entre esses dois esnobismos fora rompido. Talvez cansaço de velho, ou extensão da sensualidade às relações mais corriqueiras, o caso é que o barão só vivia com "inferiores", assumindo assim, sem querer, a

sucessão de algum de seus ilustres antepassados, o duque de La Rochefoucauld, o príncipe de Harcourt, o duque de Berry, que Saint-Simon nos mostra passando toda a vida com seus lacaios, que deles extraíam somas enormes, partilhando de suas brincadeiras, a ponto de todos se sentirem constrangidos por esses fidalgos, quando era preciso visitá-los, de encontrá-los familiarmente instalados a jogar cartas ou a beber com a criadagem.

- Sobretudo - acrescentou Jupien - para lhe poupar aborrecimentos, porquanto o barão, veja só, é uma criança grande. Mesmo agora, quando tem aqui tudo o que pode desejar, ainda sai por aí à cata de aventuras, bancando o plebeu. E, generoso como é, isto poderia, nos tempos que correm, acarretar-lhe más conseqüências. E não é que outro dia um mensageiro de hotel morria de medo por causa do dinheiro que o barão lhe oferecia para que fosse à sua casa? (Sua casa, que imprudência!) Esse rapaz, que no entanto só gosta de mulheres, ficou tranqüilo quando compreendendo o que desejavam dele. E, ouvindo todas essas promessas de dinheiro, tomara o barão por um espião. E só se sentiu bem à vontade ao ver que não lhe pediam que entregasse a pátria e sim o seu corpo, o que talvez não seja mais moral, nem menos perigoso e sobretudo mais fácil. -

E, ao escutar Jupien, eu dizia comigo mesmo: "Que pena que o Sr. de Charlus não seja romancista ou poeta! Não para descrever o que veria, mas porque a posição assumida por um Charlus, relativamente ao desejo, faz brotar a seu redor os escândalos, força-o a tomar a vida a sério, a colocar emoções no prazer, impede-o de parar, de se imobilizar numa visão irônica e exterior das coisas, sem cessar reabrindo nele uma corrente dolorosa. Quase todas as vezes em que faz uma declaração, sofre um insulto, quando não se arrisca a ser preso." Não apenas a educação das crianças, mas também a dos poetas, faz-se à custa de bofetadas.

Se o Sr. de Charlus fosse romancista, a casa de que Jupien cuidava, reduzindo de tal modo os riscos, pelo menos (pois uma batida da polícia era sempre de se temer) aqueles provenientes de indivíduos cuja disposição o barão não poderia prever, teria sido para ele uma desgraça. Mas o Sr. de Charlus não passava de um diletante em matéria de arte, não pensava em escrever e nem era dotado para isso.

- Além do mais - continuou Jupien -, devo confessar-lhe que não tenho escrúpulos quanto a esse tipo de lucros. O que se faz aqui não posso lhe esconder que me agrada, é o gosto da minha vida. Ora, é proibido receber um salário pelas coisas que não se julga condenáveis? O senhor é mais instruído do que eu, e dirá sem dúvida que Sócrates não aceitava receber dinheiro por suas lições. Mas no nosso tempo, os professores de filosofia não pensam desse modo, nem médicos, os pintores, os dramaturgos, nem os diretores de teatro. Não pense que este ofício me faça freqüentar exclusivamente canalhas. É claro que o diretor de um

estabelecimento deste gênero, como uma grande cocote, não recebe senão, homens, porém recebe homens marcantes em todas as categorias, e que, geralmente acham-se em igualdade de situação entre os mais finos, os mais sensíveis, os mais amáveis de cada profissão. Esta casa se transformaria rapidamente, posso garantir-lhe, num escritório do espírito e numa agência de novidades. -

Mas ainda me achava sob a impressão dos golpes que vira assim estarem no Sr. de Charlus. E, para falar a verdade, quem conhecia bem o Sr. de Charlus, seu orgulho, seu tédio dos prazeres mundanos, seus caprichos facilmente mudados em pares pelos homens de último nível e da pior espécie, podia perfeitamente compreender que a mesma grande fortuna que por sorte coubesse a um arrivista, deslumbra por permitir casar a filha com um duque e convidar altezas para suas caças, alegrava o Sr. de Charlus por lhe dar meios de manobrar um, ou talvez muitos bordéis, onde sempre havia vários rapazes com os quais se deleitava. É porque, mesmo sem o vício, tal acontecesse. Ele era herdeiro de tantos daqueles senhores, príncipes de sangue ou duques, que Saint-Simon afirma não freqüentarem ninguém "que se pudesse nomear", passando todo o seu tempo a jogar cantas com os lacaios aos quais davam somas enormes!

- Enquanto não se transforma - disse eu a Jupien - esta casa é uma coisa bem diversa, pior que um hospício porquanto nela se expõe, reconstitui e se faz visível a loucura

dos alienados que aí habitam. É um verdadeiro pandemônio. Pensei, como o califa das *Mil e Uma Noites*, ter chegado na hora exata de socorrer um homem a quem espancavam, e foi outro conto das *Mil e Uma Noites* que vi realizar-se diante de mim, aquele em que uma mulher, transformada em cadela, faz-se surrar espontaneamente para recuperar sua forma primitiva.

Jupien parecia bastante perturbado com minhas palavras, pois compreendia que eu vira o barão ser açoitado. Ficou um instante silencioso, enquanto eu fazia parar um fiacre que passava; depois, subitamente, com o vivo espírito que tantas vezes me surpreendera num homem que se fizera por si mesmo, quando nos recebia, a mim ou a Françoise, no pátio de casa, com palavras tão graciosas, disse:

- O senhor fala muito bem dos contos das *Mil e Uma Noites*. Mas sei de um deles que tem alguma ligação com o título de um livro que julgo ter visto na casa do barão - (aludia a uma tradução de *Sésamo e os Lírios,* de Ruskin, que eu enviara ao Sr. de Charlus).-Se algum dia tiver a curiosidade de ver, não digo quarenta, mas dez ladrões, basta aparecer aqui; para saber se estou presente, limite-se a olhar a janela bem no alto; se estiver aberta e iluminada, é sinal que estou, que pode entrar; é o meu "Sésamo" particular. Digo apenas Sésamo. Pois, quanto aos lírios, se é isso o que o senhor deseja, aconselho-o a ir procurá-los em outro lugar.

- E, cumprimentando-me com desenvoltura, pois uma freguesia aristocrática e uma astúcia de rapazes a quem comandava como um pirata lhe tinham dado uma certa familiaridade, ia despedir-se de mim, quando o barulho de uma detonação, uma bomba a que as sirenes não haviam se antecipado, fez com que me aconselhasse a ficar com ele por um momento. Em breve começaram os tiros de barragem, tão violentos que percebemos que era bem pertinho, bem sobre nossas cabeças, que o avião alemão estava.

Num instante as ruas ficaram completamente às escuras. Só às vezes um avião inimigo, voando bem baixo, iluminava o ponto onde queria lançar uma bomba. Eu já não achava o meu caminho. Pensei naquele dia em que, indo à Raspeliere, havia encontrado, como um deus que fizera meu cavalo encabritar-se, um avião. Pensei que agora o encontro seria diferente, que o deus do mal me haveria de matar.

Apressei o passo para fugir, como um viajante perseguido pelo macaréu; rodava em círculo nas praças negras, de onde já não podia sair. Por fim, as chamas de um incêndio me iluminaram e pude reencontrar o caminho, enquanto sem cessar estrugiam os tiros de canhão. Porém meu pensamento se desviara para outro assunto. Pensava na casa de Jupien, talvez agora reduzida a cinzas, pois uma bomba caíra bem perto de mim logo que eu acabara de sair de lá; nessa casa sobre a qual o Sr. de Charlus poderia ter profeticamente escrito "Sodoma", como o fizera, não menor presciência ou talvez no começo da erupção vulcânica e da catástrofe principiada, o desconhecido habitante de Pompéia. Mas que importavam sirenes gothas àqueles que ali tinham vindo buscar seu prazer? O quadro social e o quase da natureza que cercam nossos amores, quase nunca neles pensamos. A tempestade ruge sobre o mar, o barco se sacode de todos os lados, do céu precipitam avalanches retorcidas pelo vento, e, apenas para disfarçar o incômodo que causa, prestamos um minuto de atenção neste cenário imenso onde somos de pouca valia, nós e o corpo de que procuramos nos aproximar. A sirene anuncia bombas já não perturbava os convivas de Jupien mais do que o teria feito um *iceberg*. Ainda mais, o perigo físico ameaçador os libertava do temor doentio que eram perseguidos há muito. Ora, é falso crer que a escala dos médicos corresponde à dos perigos que os inspiram. Pode-se ter medo de não dormir e, de forma alguma, de um duelo sério, de um rato e não de um leão. Durante algumas horas, os agentes de polícia só se ocuparam da vida dos habitantes, afinal coisa de tão pouca importância, e não se arriscariam desmoralizá-los. Muitas pessoas, que para reencontrar liberdade moral, foram tentadas pela escuridão que se fez subitamente nas ruas. Alguns desses pompeianos, sobre os quais já chovia bombas do céu, chegaram a descer aos corredores do metrô, negros como catacumbas; de fato, sabiam não estar sozinhos ali. Ora, a escuridão que banha todas as coisas como um elemento novo

tem por efeito, irresistivelmente sedutor para certas pessoas, suprimir o primeiro estágio do prazer, permitindo-nos entrar sem destaque, num domínio de carícias no qual, de costume, só penetramos depois de certo tempo. Que o objeto cobiçado seja de fato uma mulher ou um homem, mesmo supondo bem simples a abordagem, e inúteis os galanteios afetados que se eternizaram num salão, existe - ao menos em pleno dia, mas também à noite, mesmo em ruas mal iluminadas um prólogo, durante o qual só os olhos se regalam, e onde se tem temor dos transeuntes e da própria criatura desejada impedem que se faça não mais que olhar e falar. Na escuridão, todo esse velho jogo se acha abolido, as mãos, os lábios, os corpos podem entrar em jogo em primeiro lugar. Resta a desculpa da escuridão e dos erros que ela engendra, caso sejamos mal recebidos. Se a acolhida for favorável, a resposta imediata do corpo que não se retrai, que se aproxima dá-nos daquela (ou daquele) a quem nos dirigimos silenciosamente, a importância de que é a criatura destituída de preconceitos, cheia de vícios, impressão que fazem aumentar a felicidade de morder o fruto sem precisar cortejá-la com os olhos e pedir licença. Entretanto, persiste a escuridão; mergulhados nesse elemento que os freqüentadores de Jupien pensavam ter viajado para assistir a um fenômeno natural, como um macaréu ou um eclipse, e saboreando, em vez de um prazer preparado e sedentário, o do encontro casual em lugar desconhecido, celebra sob o estrondear vulcânico das bombas, junto a um bordel pompeiano, ritos mantidos nas trevas das catacumbas.

Numa mesma sala, haviam-se reunido muitos homens que não tinham querido fugir. Não se conheciam entre si, porém via-se que pertenciam mais ou menos à mesma sociedade, rica e aristocrática. Todos aparentavam aspecto algo repugnante, devido às concessões aos prazeres ignóbeis. Um deles, indivíduo enorme, apresentava o rosto coberto de manchas vermelhas, como um bêbado. Soube que, a princípio, não o era, e apenas sentia prazer em fazer os rapazes beberem. Mas, aterrorizado pela idéia de ser convocado (embora parecesse ter mais de cinqüenta), como era muito corpulento, pusera a beber sem parar, para tentar ultrapassar o peso de cem quilos, acima do qual as pessoas eram reformadas. E agora, tendo-se mudado em paixão esse plano, logo que o deixavam, logo que relaxavam a vigilância sobre ele, imediatamente, de onde quer que estivesse, corria a uma taberna. Porém, quando falou, percebi que, a despeito de uma inteligência medíocre, era homem de grande saber, educado e culto.

Entrou igualmente outro homem da alta sociedade, bem jovem e de extrema distinção física. Na realidade, não havia nele ainda nenhum estigma exterior do vício; porém sentiam-se, o que era mais perturbador, os exteriores. Muito alto, de fisionomia atraente, sua elocução revelava uma inteligência bem diversa da de seu vizinho alcoólatra, e, sem exagero, verdadeiramente notável. Mas a tudo o

que dizia acrescentava-se uma expressão que seria apropriada a uma frase diferente. Como se, possuindo a escala completa das expressões do rosto humano, vivesse em outro mundo, usando tais expressões desordenadamente, parecendo distribuir sorrisos e olhares sem relação com as frases que ouvia. Espero que, se vive ainda (como é certo), tenha sido vítima não de um mal crônico, mas de uma intoxicação passageira. É provável que, se se pedisse o cartão de visitas a todos esses homens se verificasse com surpresa pertencerem todos a uma alta classe social. Mas algum vício, e o maior de todos, a falta de vontade que impede se resista a qualquer um, os reunia ali, é verdade que em quartos isolados, mas todas as noites, segundo me disseram; de modo que, se o nome deles era conhecido das mulheres da sociedade, estas aos poucos os haviam perdido de vista, e jamais tinham ocasião de os receberem em suas casas. Eles ainda recebiam convites, porém o hábito os conduzia ao covil heterogêneo. Aliás, pouca reserva guardavam disso, ao contrário dos pequenos mensageiros, operários etc., que serviam aos seus caprichos. E, além de muitos motivos que podemos adivinhar, o seguinte explica essa diferença de procedimento: para um empregado de fábrica, para um criado, ir a semelhante hotel equivalia, para uma mulher honesta, a ir a um bordel. Alguns que confessavam ter ido lá, protestavam jamais ter voltado, e o próprio Jupien, mentindo para proteger-lhes a reputação ou para evitar concorrências, afirmava:

- Oh, não! Ele não aparece por aqui, nem gostaria de aqui estar.

Quanto aos homens da alta sociedade, o fato era menos grave, tanto mais que os outros mundanos que ali comparecem não sabem da existência desse lupanar e não se ocupam da vida alheia. Ao passo que, numa empresa de aviação se determinados mecânicos ali comparecem, seus companheiros, espionando-os, por nada no mundo desejariam aparecer ali, de medo de que aquilo se descobrisse.

Sempre me aproximando de casa, ia pensando sobre como a consciência cessa logo de colaborar com nossos hábitos, cujo desenvolvimento deixa correr livremente, e sobre como, por isso mesmo, poderíamos espantar-nos se verificá-los simplesmente do exterior, e supondo que por elas responda o indivíduo como um todo, as ações de homens cujo valor moral ou intelectual pode se desenvolver independente num sentido bem diverso. Tratava-se evidentemente de um vício de educação, ou de ausência de qualquer educação, unido a uma tendência a ganhar dinheiro da maneira, se não a menos penosa (pois muitos trabalhos, afinal de contas, deveriam ser mais suaves; mas o doente, por exemplo, não tece com manias, remédios e privações uma existência muito mais penosa do que o faria a doença, em geral leve, contra a qual ele crê lutar desse modo?), em todo caso a menos trabalhosa possível, que levara esses "rapazes" a praticar, por assim dizer inocentemente, e por um salário vil, coisas que não lhes davam nenhum prazer e

que, no começo, deveriam lhes ter inspirado viva repugnância. A julgar por isso, poderiam ter sido considerados essencialmente maus; mas não só foram na guerra soldados maravilhosos, "bravos" incomparáveis, como também muitas vezes, na vida civil, revelaram bons corações, quando não bom caráter. Já não percebiam, depois de muito tempo, o que podia haver de moral ou imoral na vida que levavam, porque esta era a do seu meio. Assim, quando estudávamos certos períodos da história antiga, espantava-nos saber que criaturas individualmente boas participavam sem escrúpulos de assassinatos em massa, de sacrifícios humanos, que provavelmente lhes pareciam coisas naturais.

As pinturas pompeianas da casa de Jupien, aliás, convinham perfeitamente, pelo que recordavam da Revolução Francesa, à época bastante parecida com a do Diretório que ia iniciar-se. Antecipando-se à paz, ocultando-se na obscuridade para não enfrentar muito abertamente as ordens da polícia, já em toda parte novas danças se organizavam, durando a noite inteira. Junto a isso, determinadas opiniões artísticas, menos antigermânicas do que durante os primeiros anos da guerra, corriam livremente para devolver a respiração aos espíritos sufocados, mas, para ousar apresentá-las, era necessário uma patente de civismo. Um professor escrevia um livro notável sobre Schiller e tomava-se conhecimento disso pelos jornais. Mas, antes de falar do autor do livro registrava-se, como uma licença para impressão, que ele combatera no Mame, em Verdun, que fora citado cinco vezes na ordem do dia, e tivera dois filhos mortos na guerra. Então, elogiavam a clareza, a profundidade de sua obra sobre Schiller, que se podia qualificar de grande, contanto que se dissesse, em vez de "este grande alemão", "este grande boche". Era a palavra de ordem para o artigo, e logo o deixavam passar.

Sem dúvida a nossa época, para quem ler sua história daqui a dois mil anos, dará a impressão de haver mergulhado certas consciências sensíveis e puras num meio vital que surgirá então como sendo monstruosamente pernicioso, mas ao qual elas se acomodavam. Por outro lado, eu conhecia poucos homens, posso dizer mesmo que não conhecia homem algum que, no terreno da inteligência e da sensibilidade, fosse tão dotado como Jupien; porquanto a "liga" deliciosa que compunha a trama espiritual da conversa não lhe provinha de nenhum desses ensinamentos de colégio, de nenhuma dessas culturas universitárias, que poderiam ter feito dele um homem tão notável, quando tantos rapazes da sociedade não tiram disso nenhum proveito. Era o seu simples bom senso inato, seu gosto natural que, das raras leituras que fizera ao acaso, sem orientação, em momentos vagos, tinham-lhe feito compor esse modo de falar tão exato, onde todas as simetrias da linguagem se deixavam descobrir e mostravam sua beleza. Ora, o ofício que ele exercia certamente podia passar, e com justiça, por um dos mais lucrativos, mas também era o mais ignóbil. Quanto ao Sr. de Charlus, ainda

que seu orgulho aristocrático pudesse lhe conferir algum desdém pela opinião pública, como não o forçara um certo sentimento de dignidade pessoal e de respeito por si mesmo a recusar à sua sensualidade determinadas satisfações que só a demência total escusaria? Porém nele como em Jupien, o hábito de separar a moralidade de toda uma série de ações (o que, de resto, deve também ocorrer em muitas funções, por vezes a de juiz, outras vezes a de estadista, e muitas outras ainda) devia ser tão antigo que sem ouvir jamais o senso moral fora se agravando dia a dia, até que esse Prometeu voluntário se deixara prender pela Força ao rochedo da pura matéria.

É claro que eu sentia que estava ali um novo estágio da doença do Sr. de Charlus, a qual, desde que a identificara e, a julgar pelas diversas etapas que percorrera, prosseguira sua evolução numa velocidade crescente. O pobre barão já não devia estar muito longe do termo, da morte, mesmo se esta, conforme as previsões e os votos da Sra. Verdurin, não fosse precedida pela prisão, o que, na sua idade, aliás só poderia apressar a morte. Todavia, talvez eu tenha dito, sem exatidão: rochedo da pura matéria. Nessa pura matéria possivelmente um pouco de espírito ainda sobrenadaria. Esse louco, apesar de tudo, sabia perfeitamente que era presa de uma loucura e, nesses momentos de lucidez, ainda assim se iludia, pois sabia muito bem que aquele que o flagelava não era mais malvado que o rapazinho que, nas brincadeiras de guerra, é designado pela sorte para fazer o papel de "prussiano" e sobre o qual todos investem num ardor de verdadeiro patriotismo e de cólera fingida. Presa de uma loucura em que, apesar de tudo, havia um pouco da personalidade do Sr. de Charlus. Mesmo em tais aberrações, a natureza humana (como nos amores, nas viagens) deixa perceber ainda a necessidade de crença, pelas exigências de verdade. Françoise, quando eu lhe falava de uma igreja de Milão - cidade que ela, provavelmente, jamais visitaria - ou da catedral de Reims - mesmo que fosse a de Arras! - que ela não poderia ver porquanto se achavam mais ou menos destruídas, invejava os ricos que podem se dar o espetáculo de semelhantes tesouros, e exclamava num acento nostálgico:

- Ah, como devia ser bonito! - ela que, morando em Paris há tantos anos, nunca tivera a curiosidade de ir visitar a Notre-Dame. É que a Notre-Dame fazia parte justamente de Paris, a cidade onde transcorria a vida cotidiana de Françoise e onde, por conseguinte, era difícil à nossa velha criada - como veria para mim, se o estudo da arquitetura não me houvesse corrigido em certas - aspectos do instinto de Combray situar os objetos de seus sonhos.

Nas pessoas que amamos existe, à elas imanente, determinado sonho que nem sempre sabemos discernir mas que buscamos alcançar. Fora a minha crença em Bergotte, em Swann, que me fizera amar Gilberte, a minha crença em Gilberto, o Mau, que me fizera amar a Sra. de Guermantes. E que a vasta extensão de mar

fora reservada no meu amor, mesmo o mais doloroso, o mais ciumento, o mais aparentemente individualizado, por Albertine! Aliás, justamente devido a esse aspecto individual em que nos encarniçamos, os amores pelas pessoas já contêm algo de aberrante. (E as próprias moléstias do corpo, ao menos aquelas que se relacionam mais diretamemte ao sistema nervoso, acaso não são uma espécie de gostos ou medos particulares, contraídos pelos nossos órgãos, nossas articulações, que assim parecem ter tomado por certos climas um horror tão inexplicável e obstinado como a predisposição de certos homens pelas mulheres, por exemplo, que usam *lorgnon*, ou pelas amazonas? Esse desejo, despertado sempre à vista de uma amazona, quem sabe a que sonho duradouro e inconsciente está ligado, inconsciente e tão misterioso como o é, por exemplo, para alguém que sofreu a vida inteira de crises de asma a influência de uma certa cidade, aparentemente igual às outras, e onde pela primeira vez pode respirar livremente?)

Ora, as aberrações são como os amores em que a tara doentia recobriu tudo, a tudo contaminou. Mesmo na mais louca, o amor ainda se reconhece. A insistência do Sr. de Charlus em pedir que lhe atassem aos pés e às mãos anéis de solidez comprovada, em exigir a *barra de justiça*{147} e, pelo que me disse Jupien ferozes acessórios muito difíceis de obter, mesmo com o auxílio de marinheiros; pois seriam para infligir suplícios cujo emprego já está abolido até a bordo do navios, onde a disciplina é mais rigorosa -, revelava, no fundo, o seu sonho a virilidade atestada, se preciso, por atos brutais, e toda a iluminura interior, invisível para nós, mas da qual projetava alguns reflexos, com insígnia de justiça e tortura feudais, decorados por sua imaginação medieval.

Todas as vezes que chegava com o mesmo sentimento dizia a Jupien:

- Não haverá alerta, ao menos esta noite, pois já me vejo calcinado por esse fogo do céu como um habitante de Sodoma.

E fingia temer os *gothas*, não que sentisse a menor sombra de medo, mas pretexto para, logo que soavam as sirenes, precipitar-se aos abrigos do metrô, onde esperava tirar algum prazer dos contatos no escuro, com vagos sonhos dos subterrâneos medievais. Em suma, seu desejo de ser acorrentado, açoitado, traía, apesar de torpe, um sonho tão poético quanto, nos outros, o desejo de ir a Veneza ou de sustentar dançarinas. E o Sr. de Charlus ansiava tanto para que tal sonho lhe desse uma ilusão de realidade, que Jupien teve de vender o leito de madeira do quarto 14-Bis e substituí-lo por uma cama de ferro, mais adequada às correntes.

O toque soou afinal quando eu chegava em casa. O barulho dos bombeiros era comentado por um garoto. Encontrei Françoise subindo da adega com o mordomo. Ela me acreditava morto. Disse que Saint-Loup passara aqui rapidamente, desculpando-se, para ver se, na visita que me fizera de manhã, deixara cair a sua cruz de guerra. Pois acabara de verificar que a perdera e,

devendo voltar a seu posto na manhã seguinte, quisera ver se por acaso não teria ficado em minha casa. Procurara-a por toda parte com Françoise e não havia encontrado coisa alguma. Françoise achava que ele a perdera antes de me visitar, pois, dizia, tinha certeza, poderia até jurar que ele já não estava com a cruz quando o vira. No que se enganava. E eis o valor dos testemunhos e das recordações! Ademais, aquilo não tinha muita importância. Saint-Loup era tão estimado por seus oficiais quanto amado pelos subalternos, e o caso facilmente se resolveria. Além disso, senti logo, pela forma pouco entusiasta com que falaram dele, que Saint-Loup causara uma impressão medíocre em Françoise e no mordomo. Evidentemente, todos os esforços do filho do mordomo e do sobrinho de Françoise para fugir ao serviço militar, Saint-Loup os fizera em sentido oposto e com êxito, buscando sempre expor-se ao perigo. Isto, no entanto, era o que, julgando por si mesmos, nem Françoise nem o mordomo podiam admitir. Estavam convencidos de que os ricos ficavam sempre a salvo de qualquer perigo. De resto, ainda que soubessem da verdade relativamente à coragem de Robert, não se emocionariam. Não chamava os alemães de boches, elogiava-lhes a valentia, não atribuía à traição o fato de não termos sido vencedores desde o primeiro dia da guerra. Pois era isso que gostariam de ter ouvido, era isso que lhes teria parecido sinal de bravura. Assim, embora continuassem a procurar a cruz de guerra, achei-os frios a respeito de Robert. Quanto a mim, que suspeitava onde fora esquecida entretanto, se Saint-Loup se distraíra aquela noite dessa maneira, fora só para passar o tempo, visto que, movido pelo desejo de rever Morel, utilizara todas as suas relações militares para saber em que regimento estaria, a fim de ir vê-lo, recebendo até então respostas contraditórias-, aconselhei-os a que fossem deitar-se. Porém o mordomo nunca tinha pressa de deixar Françoise desde que, graças à guerra, encontrara um modo, ainda mais eficaz que a expulsão das freiras e o Caso Dreyfus, de torturar. Nessa noite, e de cada vez que estive com eles durante os poucos dias que ainda passei em Paris antes de me internar em outro sanatório, ouvia o mordomo dizer à Françoise, apavorada:

- Eles não se apressam, é claro; esperam que a ocasião seja propícia, mas nesse dia tomarão Paris, e aí, nada de piedade!

- Jesus, Virgem Maria! - exclamava Françoise - Já não lhes basta a conquista da pobre Bélgica, que sofreu muito com a "invadição".-

- A Bélgica, Françoise; mas o que eles fizeram na Bélgica não será nada diante do que hão de fazer! -

E até, a guerra tendo introduzido no mercado das conversas da gente do povo uma quantidade de palavras de que tinham conhecimento apenas pelos jornais, e de vista, e de que portanto ignorava a pronúncia, o mordomo acrescentava:

- Não posso compreender como o mundo está tão louco... Você verá, Françoise, eles preparam um novo ataque de maior "*enverjadura*" que todos os outros. -

Insurgindo-me, se não em nome da piedade para com Françoise e do bom senso estratégico, ao menos por causa da gramática e tendo declarado que a pronúncia correta era "*enverjadura*", só consegui fazer com que ele repetisse à Françoise a frase terrível, cada vez que eu entrava na cozinha, pois o mordomo, quase tanto quanto aterrorizar a companheira, sentia-se feliz em mostrar ao patrão que, embora antigo jardineiro de Combray e simples mordomo, ainda assim era bom francês conforme o patrão de Saint-André-das-Champis. Não ganhara com a Declaração dos Direitos do Homem o direito de pronunciar "*enverjadura*" com toda a independência, e de não se deixar governar sobre o ponto estranho a seu serviço e sobre o qual, desde a Revolução, não precisava dar satisfações pois era meu igual. Tive, portanto, o desgosto de ouvi-lo falar a Françoise de uma operação de grande "*enverjadura*", com uma insistência destinada a me provar que semelhante pronúncia era o efeito não da ignorância, mas de uma vontade madura e refletida. Confundia o governo e os jornais num mesmo "se" repleto de desconfiança dizendo:

- Fala-se das perdas dos boches, e não das perdas dos nossos; parece que elas são dez vezes maiores. Diz-se que eles estão perdendo o fôlego, que não há mais nada para comer, e eu acho que têm cem vezes mais comida que nós. Não adianta virem com mentiras. Se não tivessem nada para comer, não combateriam como outro dia, quando assassinaram cem mil rapazes de menos de vinte anos. -

Assim, exagerava a todo instante os triunfos alemães, como antigamente fizera o mesmo a respeito dos radicais; ao mesmo tempo, contava as suas atrocidades que tais triunfos fossem ainda mais penosos à Françoise, a qual já não cessava de exclamar:

- Ah, Santa Mãe dos anjos! Ah, Maria, Mãe de Deus! -

Às vezes, para ser desagradável de outra maneira, dizia:

- Aliás, não valemos mais do que eles, o que estamos fazendo na Grécia corresponde ao que eles fizeram na Bélgica. Você vai ver como o mundo inteiro há de se voltar contra nós e seremos obrigados a lutar com todas as nações. - Quando ocorria exatamente o contrário. Nos dias em que eram boas as notícias, desforrava-se afirmando a Françoise que a guerra haveria de durar trinta e cinco anos e, no caso de uma possível paz, esta seria breve e só duraria alguns meses; depois haveria batalhas junto às quais as de hoje não passariam de brinquedos de criança, e findas estas não restaria mais nada da França.

A vitória dos Aliados parecia, se não próxima, ao menos relativamente certa. E, infelizmente, é preciso confessar que o mordomo estava consternado. Pois, tendo

reduzido a guerra "mundial", como todas as outras coisas que fazia absurdamente contra Françoise (de quem aliás gostava, como podemos gostar da pessoa que, diariamente, perdendo no dominó nos dá o prazer de sua irritação), a vitória assumia a seus olhos o aspecto da primeira conversa em que teria o desgosto de ouvir Françoise dizer:

- Enfim, está acabado, e eles vão ter de nos pagar mais caro do que lhes pagamos em 1870. -

De resto, ele acreditava que esse desenlace fatal chegaria, pois um patriotismo inconsciente o fazia crer, como a todos os franceses vítimas da mesma miragem que eu desde que caí doente, que a vitória como a minha cura – era já para o dia seguinte.

Antecipando-se, anunciava à Françoise que essa vitória talvez ocorresse, mas que seu coração sangrava, pois a revolução viria logo, e depois a invasão.

- Ah, dessa maldita guerra os boches serão os únicos a se recuperarem depressa, Françoise; já ganharam centenas de milhões. Mas que nos estendam um só tostão, que esperança! Os jornais vão dizer que deram - acrescentava por prudência, e para precaver-se contra qualquer eventualidade -, para acalmar o povo, como fizeram há três anos, ao dizerem que a guerra acabaria no dia seguinte. -

Françoise impressionava-se tanto mais com essas palavras quanto, de fato, tendo acreditado nos otimistas e não no mordomo, via que a guerra, que julgava dever terminar em quinze dias apesar da "*invadição da pobre Bélgica*", durava sempre e parecia estacionária, pelo fenômeno, que não compreendia, de fixação das frentes, e que, afinal, um dos inúmeros "afilhados", a quem dava tudo quanto ganhava de nós, garantia-lhe que escondiam uma coisa e outra.

- Tudo isso recairá sobre o operário - concluía o mordomo. -Tomarão as suas terras, Françoise.

- Ah, Senhor Deus! -

Mas a essas desgraças longínquas, ele preferia as mais próximas e devorava os jornais na esperança de anunciar uma derrota à Françoise. Esperava as más notícias como se fossem ovos de Páscoa, na expectativa de serem bastante sérias para aterrorizar Françoise, mas não tanto que causassem a ele danos materiais. Assim é que um ataque de dez zepelins o deixaria encantado por ver Françoise esconder-se nas adegas, e porque estava convencido de que, numa cidade tão grande como Paris, as bombas não iriam cair justamente sobre a nossa casa. Além disso, Françoise começava a retomar, de vez em quando, o seu pacifismo de Combray. Chegava quase duvidar das "atrocidades alemãs".

- No começo da guerra nos diziam que os alemães eram assassinos, malfeitores,

verdadeiros bares dos *bbboches*... - (Se colocava diversos *bb em boches*, não era porque a acusação, que os alemães fossem assassinos lhe parecia, afinal de contas, bem plausível; mas a de que fossem *boches* quase inverossímil devido à sua enormidade. Apenas era muito difícil compreender que sentido misteriosamente pavoroso ela atribuía à palavra *boche*, pois se tratava do princípio da guerra, e também por causa do ar de dúvida com que

pronunciava essa palavra. Pois a dúvida de que os alemães fossem criminosos podia, na verdade, ser mal fundamentada, mas não guardava em si, do ponto de vista da lógica, nenhuma contradição. Porém como duvidar que fossem boches, visto que precisamente este vocábulo, na linguagem do povo, quer dizer alemão? Talvez não fizesse Françoise mais que repetir, em estilo indireto, as frases violentas que ouvira então, e nas quais uma energia especial acentuava o termo boche.

- Acreditei nisso tudo - dizia ela -, mas me pergunto ainda agora se não somos velhacos feito eles. -

Essa idéia blasfema fora preparada sorrateiramente à Françoise pelo mordomo, o qual, vendo que sua companheira mostrava uma certa inclinação pelo rei Constantino da Grécia, não deixara de o pintar privado por nós de alimentos até o dia em que cedesse. Assim, a abdicação do soberano emocionara fortemente Françoise, que chegava ao ponto de declarar:

- Não valemos mais dó que eles. Se estivéssemos na Alemanha, faríamos outro tanto.

Aliás, eu a vi poucas vezes, durante esses dias, pois ela estava quase sempre em casa daqueles seus primos de que certa ocasião mamãe me havia dito:

- Mas sabes que eles são mais ricos que tu. - Ora, vimos então esta coisa tão bonita freqüente em todo o país naquela época, e que, se houvesse um historiador para lhe perpetuar a recordação, testemunharia a grandeza da França, sua grandeza de alma, sua grandeza segundo Saint-André-des-Champs, a fim de animar tanto os civis sobreviventes na retaguarda quanto os soldados tombados no Mame. Um sobrinho de Françoise, morto em Barry-au-Bac, era-o também desses primos milionários dela, antigos proprietários de botequins, há muito retirados dos negócios depois de fazerem fortuna. Fora morto, e era um pequeno negociante pobre quando fora mobilizado aos vinte e cinco anos, deixara sozinha a jovem esposa para gerenciar um pequeno bar, para onde esperava voltar em poucos meses. Fora morto. E então viu-se isto. Os primos milionários de Françoise, e que não tinham parentesco algum com a moça, viúva de seu sobrinho, haviam deixado o campo, onde há anos descansavam, e recomeçaram a trabalhar sem querer ganhar um tostão. Todos os dias, às seis da manhã, a mulher milionária, uma verdadeira dama, estava vestida, bem como a filha

"senhorita", ambas prontas para ajudar a sobrinha prima por afinidade. E fazia três anos que lavavam copos e atendiam à freguesia de manhã até às nove e meia da noite, sem um dia de descanso. Neste livro, onde não há um fato que não seja inventado, nem uma só personagem; onde tudo fora criado por mim segundo as necessidades do que pretendia demonstrar, devo confessar, em louvor de minha terra, que só os parentes milionários de Françoise, renunciando ao descanso, para ajudar a sobrinha sem arrimo, só eles são pessoas reais existentes. E persuadido de que sua modéstia não ficará ofendida, visto que jamais lerão este livro, é com prazer infantil e uma profunda emoção que, não podendo citar os nomes de tantos outros que devem ter agido da mesma forma, e graças aos quais a França sobreviveu, declaro aqui seu nome verdadeiro: eles se chamam Lariviere, sobrenome aliás bem francês. Se houve gente infame que se furtou ao alistamento, como o arrogante rapaz de *smoking* que eu vira no estabelecimento de Jupien, e cuja única preocupação era saber se poderia contar com Léon às dez e meia "porque ia almoçar no centro da cidade", essa gente era compensada pela multidão inumerável de todos os franceses de Saint-André-des-Champs, por todos os sublimes soldados aos quais igualo os Lariviere.

O mordomo, para atiçar as inquietações de Françoise, mostrava-lhe velhos exemplares da revista *Leitura para Todos*, que havia encontrado, e em cujas capas (esses números datavam de antes da guerra) figurava a "família imperial da Alemanha".

- Eis o nosso patrão de amanhã - dizia ele à Françoise, mostrando-lhe "Guilherme".

Ela arregalava os olhos, passava depois à personagem feminina ao lado, e dizia:

- Eis a "Guilhermina!" -

Quanto a Françoise, seu ódio pelos alemães era extremo; só era atenuado pelo que lhe inspiravam nossos ministros. E não sei se ela desejava com maior ardor a morte de Hindenburg ou de Clemenceau.

Minha partida de Paris foi retardada por uma notícia que pela mágoa que me causou, me fez durante algum tempo incapaz de me pôr a caminho. Com efeito, soube da morte de Robert de Saint-Loup, baleado dois dias após o seu regresso ao *front*, ao proteger a retirada de seus homens. Jamais homem algum tivera menos que ele ódio a um povo (e quanto ao imperador, por motivos particulares, e talvez falsos, pensava que Guilherme II antes buscara evitar a guerra do que desencadeá-la). E também nenhum ódio ao germanismo; as últimas palavras que lhe ouvira, seis dias atrás, eram as que principiam um *lied de Schumann* e que ele me cantarolava na minha escada, em alemão, embora, devido aos vizinhos, eu o fizesse calar-se. Habituado pela excelente educação a podar sua conduta de qualquer apologia, de toda invectiva, de qualquer excesso verbal, tinha evitado,

diante do inimigo, como no momento da mobilização, o que pudesse assegurar a sua vida, levado por aquele esquecimento de si mesmo diante dos outros, que todas as suas maneiras simbolizavam, até mesmo o seu modo de fechar a portinhola do meu fiacre quando, sem chapéu, me acompanhava sempre que eu saía de sua casa. Durante vários dias fiquei fechado no meu quarto, pensando nele. Lembrava-me de sua chegada, pela primeira vez, em Balbec, quando, com roupa de flanela clara, e olhos esverdeados e irrequietos como o mar, atravessara o *hall* contíguo à sala de jantar, cujas janelas envidraçadas davam para o mar. Recordava-me da criatura tão especial que ele me parecera então, e da qual eu tanto desejava ser amigo. Tal desejo se realizara muito além do que eu poderia imaginar, sem todavia me dar quase nenhum prazer àquela época, e logo percebi todos os excelentes méritos, e também de outras coisas, ocultas sob aquela aparência elegante. Tudo isso, o bom e o mau, ele esbanjara sem conta, todos os dias, e sobretudo no último, ao atacar uma trincheira, por generosidade; pondo à serviço dos outros tudo o que possuía, como certa noite em que pulara sobre os canapés do restaurante para não me incomodar. E, afinal, tê-lo visto tão poucas vezes, em lugares tão variados, em circunstâncias tão diversas e separadas por tantos intervalos, naquele *hall* de Balbec, no café de Rivebelle, no quartel de cavalaria e nos jantares militares em Doncieres; no teatro onde ele esbofeteara um jornalista, na casa da princesa de Guermantes - só fazia dar-me de sua vida quadros mais impressionantes, mais nítidos, e de sua morte um desgosto mais lúcido do que os deixados em geral por pessoas mais amadas, mas vistas tão continuamente que a imagem que delas guardamos não passa de uma vaga medida de uma infinidade de imagens insensivelmente diversas, e que também a nossa afeição, saciada, não alimenta a seu respeito, ao contrário dos que só avistamos em momentos fugidios, nos encontros interrompidos a seu e a nosso pesar, a ilusão da possibilidade de um afeto maior frustrada apenas pelas circunstâncias. Poucos dias depois daquele em que o vira correndo atrás de seu monóculo, e imaginando-o então muito altivo, naquele *hall* em Balbec, havia uma outra forma viva, que eu tinha avistado pela primeira vez na praia de Balbec, e que agora também só existia em estado de recordação: era Albertine, pisando a areia naquela tarde inicial, indiferente a todos, e marítima como uma gaivota. A ela, eu havia amado logo, tanto que, para passear todos os dias em sua companhia, nunca fui de Balbec, visitar Saint-Loup. E, no entanto, a história de minhas relações com ele testemunha também que, em certa época, eu deixara de amar Albertine, pois, se fora me instalar durante algum tempo perto de Robert, em Doncieres, movera-me o desgosto de não ver correspondido o meu amor pela duquesa de Guermantes. Sua vida e a de Albertine, tão tarde por mim conhecidas, ambas em Balbec, e tão depressa terminadas, mal se haviam cruzado; fora ele, repetia comigo mesmo, ao ver que as barreiras ágeis do tempo tecem fios entre as lembranças que a princípio nos pareciam as mais

independentes, fora ele que eu havia enviado à casa da Sra. Bontemps quando Albertine me deixara. E depois, acontecia que suas duas vidas tinham segredos paralelos de que eu não suspeitara. O segredo de Saint-Loup me causava agora talvez mais tristeza que o de Albertine, cuja vida se me tornara tão estranha. Mas eu não podia me consolar que ambas houvessem sido tão breves. Ambos muitas vezes, diziam-me, cercando-me de atenções:

- Você, que é doente.-

E eles que haviam morrido, eles de quem eu podia evocar, separadas afinal por um intervalo tão curto, a imagem última, na trincheira, no rio, da primeira imagem, mesmo no caso de Albertine, só valia agora para mim por associar-se à do poente no mar.

A morte de Saint-Loup foi recebida por Françoise com mais pesar do que a de Albertine. Adotou imediatamente o seu papel de carpideira e celebrou a memória do morto com lamentos e cantilenas desesperados. Exibia a sua mágoa e só assumia um ar seco, virando o rosto, quando eu deixava perceber a minha dor, que fingia não notar. Pois como a muitas pessoas nervosas, o nervosismo alheio, sem dúvida muito parecido ao seu, a horrorizava. Gostava agora de evidenciar seus mais leves torcicolos, uma tontura, um esbarrão. Mas, se eu falava de um de meus males, voltando a ser grave e estóica, fingia não ouvir.

- Pobre marquês - dizia ela, embora não pudesse deixar de pensar que ele teria feito o impossível para não partir e, uma vez mobilizado, para fugir diante do perigo. - Pobre senhora! - dizia, pensando na Sra. de Marsantes. - Como não deve ter chorado ao saber da morte do seu menino! Ainda se o tivesse podido ver; mas deve ter sido melhor assim, porque ele tinha o nariz partido em dois, estava todo desfigurado. - E os olhos de Françoise se enchiam de lágrimas, através das quais, entretanto, aguçava-se a curiosidade malear da camponesa. É claro que Françoise lastimava a dor da Sra. de Marsantes de todo o coração, mas lamentava não conhecer a forma que assumira essa dor, assistir ao espetáculo de sua aflição. E como gostaria de chorar, e que eu a visse chorando, disse para se comover:

- Isso mexe comigo! -

Em mim, ela também espreitava os sinais de dor com uma avidez que me levou a simular uma certa secura ao falar de Robert. E, sem dúvida, mais por espírito de imitação, pois já ouvira falar nisso, visto existirem clichês tanto nas cozinhas quanto nos cenáculos, ela repetia, não sem todavia pôr na frase a satisfação do pobre:

- Toda a sua riqueza não o impediu de morrer como qualquer outro, e ela já não lhe serve para nada. -

O mordomo aproveitou a ocasião para dizer à Françoise que aquilo, sem dúvida, era triste, mas não representava nada diante dos milhões de homens que tombavam todos os dias, malgrado os esforços do governo para esconder esse fato. Mas, dessa vez, o mordomo não conseguiu aumentar a dor de Françoise, como pensara. Pois ela lhe respondeu:

- É verdade que eles morrem assim pela França, mas são desconhecidos; é sempre mais interessante quando se trata de pessoas que conhecemos.- E Françoise, que sentia prazer em chorar, ainda acrescentou: - Não deixem de me avisar se falarem da morte do marquês nos jornais.

Robert muitas vezes me dissera com tristeza, bem antes da guerra:

- Oh, não falemos da minha vida, sou um homem previamente condenado. -

Aludiria ele ao vício, que até então conseguira ocultar a todos, mas cuja gravidade conhecia, talvez exagerando-a, como os adolescentes que fazem amor pela primeira vez, ou que, antes disso, buscam o prazer solitário, imaginando-se semelhantes às plantas, que não podem disseminar seu pólen sem logo depois morrer? Talvez esse exagero proviesse, em Saint-Loup como nos adolescentes, tanto da idéia do pecado, com a qual ainda não se está familiarizado, quanto do fato de sensações inteiramente novas possuírem uma força quase terrível, que a seguir se irá atenuando. Ou, então teria, justificando-o se preciso como exemplo da morte do pai, falecido tão jovem, o pressentimento de seu fim prematuro? Sem dúvida, um tal pressentimento parece impossível. Entretanto, a morte se afigura sujeita a certas leis. Dir-se-ia muitas vezes, por exemplo, que as criaturas nascidas de pais falecidos muito velhos, ou bem jovens estão quase forçadas a desaparecer na mesma idade, os primeiros, arrastando até os cem anos desgostos e enfermidades incuráveis, e os outros apesar de uma existência higiênica e feliz, arrebatados na data inevitável e prematura por um mal tão oportuno e tão acidental (embora com profundas raízes no sem temperamento) que parece exclusivamente a formalidade necessária à realização da morte. E não seria possível que a própria morte acidental como a de Saint-Loup. Logo, ligada aliás ao seu caráter talvez por maior número de aspectos do que julguei, o dever de dizer que fosse também previamente inscrita, conhecida apenas dos deuses, invisível aos homens, porém revelada por uma tristeza meio inconsciente, meio consciente (e, ainda neste caso, expressa aos outros com a sinceridade completa com que anunciamos desgraças às quais, em nosso foro íntimo, julgamos escapar e que todavia acontecerão), própria de quem traz em si e sem cessar vislumbres, como um marco, uma data fatal?

Saint-Loup devia ter sido belo naquelas últimas horas. Ele, que sempre parecera, na vida, mesmo sentado, mesmo caminhando num salão, conter em si o impulso de uma carga; dissimulando sob o sorriso a vontade indomável a lhe transparecer

na cabeça triangular, lançara-se enfim à carga. Desembaraçado do seus livros, o torreão feudal voltara a ser militar. E esse Guermantes morrera ele mesmo, ou melhor, mais de sua raça, em que se criara, na qual não era mais que um Guermantes, como ficou simbolicamente claro no seu enterro, na igreja Saint-Hilaire, em Combray, toda forrada de preto, e onde se destacava em vermelho sob a coroa fechada, sem iniciais de prenomes nem de títulos, o "G" do Guermantes que pela morte ele voltara a ser.

Mesmo antes de ir a esse enterro, que não se realizou imediatamente, escrevi à Gilberte. Talvez devesse ter escrito à duquesa de Guermantes, pensava comigo que ela acolheria a morte de Robert com a mesma indiferença que eu a vira manifestar pela de tantos outros que haviam parecido estar tão estreitamente ligados à sua vida, procurando, com seu jeito mental de Guermantes, mostrar-se imune à superstição dos laços de sangue. Eu sofria demais para escrever a todos. Pensava outrora que ela e Robert se amavam no sentido em que se diz da amizade entre mundanos, isto é, que, quando juntos, trocavam palavras ternas, sinceras naquele momento. Mas, longe dela, Saint-Loup não hesitava em declará-la idiota, e ela sentia, às vezes, um prazer egoísta em vê-lo, já se mostrara incapaz de dar-se menor incômodo, de empregar, mesmo ligeiramente que fosse, o seu prazer para lhe prestar um serviço, até mesmo para lhe poupar alguma infelicidade. A malvadez de que dera provas a seu respeito, recusando recomendá-lo ao general de Saint-Joseph quando Robert ia voltar para Marrocos, provava que o devotamento que lhe demonstrara por ocasião de seu matrimônio não passara de uma espécie de compensação que nada lhe custava. Assim, fiquei muito assombrado ao saber, achando-se ela doente quando Robert morreu, que todos se haviam julgado no dever de lhe ocultar durante vários dias, sob os pretextos mais falaciosos, os jornais que a teriam informado sobre essa morte, a fim de lhe poupar o choque que havia de sentir. Porém minha surpresa aumentou quando soube que, ao ter conhecimento da verdade, a duquesa chorou um dia inteiro, ficou de cama, e levou muito tempo - mais de uma semana, era muito tempo para ela - para se consolar. Ao saber desse desgosto, fiquei comovido. Todo mundo, por isso, repetiu, e eu afirmei, que havia entre eles uma grande amizade. Mas, lembrando-me das pequenas maledicências, da má vontade em prestarem serviço um ao outro que esta incluía, convenci-me do pouco valor que se dá a uma grande amizade entre mundanos.

Além disso, pouco depois, numa circunstância historicamente mais importante, embora me tocasse menos ao coração, a Sra. de Guermantes mostrou-se, em minha opinião, sob uma luz ainda mais favorável. Ela que, em solteira, se estão lembrados, dera provas de tanta ousadia impertinente quanto à família imperial russa, e que, casada, falara-lhes sempre com uma liberdade que por vezes a fazia ser acusada de falta de tato, foi talvez a única, após a Revolução Russa, a

dar provas, quanto aos grão-duques e às grã-duquesas, de um devotamento sem limites. No próprio ano que havia precedido a guerra, ela irritara muitíssimo a grã-duquesa Wladimir por tratar sempre a condessa de Hohenfelsen, esposa morganática do grão-duque Paul, de "grã-duquesa Paul". O que não a impediu de, logo que rebentou a Revolução Russa, importunar o nosso embaixador em Petersburgo, Sr. Paléologue ("Paléo" para o mundo diplomático, que também tem suas abreviações pretensamente espirituosas, como o outro), com telegramas, para ter notícias da grã-duquesa Marie Pavlovna. E por muito tempo, as únicas amostras de respeito e simpatia que sem cessar recebeu essa princesa lhe vieram exclusivamente da Sra. de Guermantes.

Saint-Loup causou, se não por sua morte, ao menos pelo que havia feito nas semanas precedentes, desgostos maiores que os da duquesa. Com efeito, já no dia seguinte à noite em que o vira, e dois dias depois que Charlus dissera a Morel: "Eu me vingarei", os passos que Saint-Loup dera para reencontrar Morel tiveram êxito; ou seja, levaram o general, sob cujas ordens deveria servir Morel, a verificar que ele era um desertor, fizeram-no procurá-lo e mandar prendê-lo e, para se desculpar junto a Saint-Loup do castigo que ia sofrer alguém que lhe interessava, escrevera-lhe uma carta para avisá-lo do fato. Morel não teve dúvidas de que sua prisão fora provocada pelo rancor do Sr. de Charlus. Lembrou-se das palavras: "Eu me vingarei", pensou que era esta a vingança, e pediu para fazer revelações.

- Sem dúvida - declarou -, eu desertei. Mas, se me desencaminharam, de quem é a culpa? -

Sobre o Sr. de Charlus e sobre o Sr. de Argencourt, com quem também estava rompido, narrou histórias que na verdade não o implicavam diretamente, mas que estes, na dupla indiscrição dos amantes e dos invertidos, haviam lhe contado, o que causou a um tempo a prisão do Sr. de Charlus e do Sr. de Argencourt. Tal prisão afligiu talvez menos a ambos do que a certeza de serem rivais ignorados um do outro, e de muitos mais, numerosos, obscuros, diários, provenientes da sarjeta, conforme provou o processo. Aliás, foram logo soltos. Morel também, porque a carta escrita a Saint-Loup pelo general lhe foi reenviada com a seguinte menção: "Falecido, morto no campo de honra." Em atenção ao defunto, o general quis fazer que Morel fosse simplesmente enviado para o front; aí Morel portou-se com bravura, escapou a todos os perigos e, terminada a guerra, regressou com a cruz que o Sr. de Charlus outrora solicitara em vão para ele, indiretamente devido à morte de Saint-Loup.

Desde então pensei muitas vezes, ao lembrar-me dessa cruz de guerra perdida no estabelecimento de Jupien, que, se Saint-Loup tivesse sobrevivido, poderia facilmente eleger-se deputado nas eleições que se seguiram à guerra, pois, se, graças à escuma de futilidade e ao reflexo da glória deixados por esta em seu

rastro, um dedo a menos, abolindo séculos de preconceitos, dava acesso a uma família aristocrática, por meio de um brilhante casamento, a cruz de guerra, mesmo ganha em escritórios, bastava para fazer alguém ter assento, numa eleição triunfal, à Câmara dos Deputados, quase na Academia Francesa. A eleição de Saint-Loup, devido à sua "santa família", teria feito o Sr. Arthur Meyer derramar ondas de lágrimas e tinta. Mas talvez ele amasse demais o povo para conseguir obter-lhe os sufrágios, embora certamente lhe fossem perdoadas, em atenção à seus títulos de nobreza, suas idéias democráticas. Saint-Loup, sem dúvida, as teria exposto com sucesso diante de uma câmara de aviadores. Com certeza, esses heróis o teriam compreendido, bem como alguns raros espíritos elevados. Mas, devido ao apaziguamento do Bloco Nacional, voltaram à vida política os velhos corruptos, que sempre são reeleitos. Os que não puderam entrar para uma câmara de aviadores, mendigaram, ao menos para entrar para a Academia Francesa, os votos dos marechais, de um presidente da República, de um presidente da Câmara etc. Não teriam sido favoráveis a Saint-Loup, mas eram-no a outro *habitué* de Jupien, o deputado da Ação Liberal, que foi reeleito sem concorrente. Não deixava o uniforme de oficial do exército territorial, embora a guerra já tivesse acabado há muito. Sua eleição foi saudada com alegria por todos os jornais que tinham feito a "união" em torno de seu nome, pelas damas nobres e ricas que, pelo senso das conveniências e medo aos impostos, só usavam roupa muito modesta, ao passo que os homens da Bolsa não cessavam de adquirir diamantes, não para suas esposas, e sim porque, tendo perdido toda a confiança no crédito de todo e qualquer povo, refugiavam-se nessa riqueza palpável e, assim, faziam subir acima de mil francos a cotação do *De Beers*. Tanta estupidez irritava um pouco, mas perdoou-se ao Bloco Nacional quando, subitamente, apareceram as vítimas do bolchevismo, as grã-duquesas em farrapos, cujos maridos e filhos tinham sido assassinados, aqueles em trabalhos forçados, e estes depois de terem sido deixados sem comida, foram apedrejados e atirados aos poços, pois se acreditava que estivessem pestosos e podiam transmitir a enfermidade. Os que lograram fugir reapareceram de súbito...

A nova casa de saúde a que me recolhi também não conseguiu, como a primeira, obter minha cura. E muitos anos se passaram antes que a deixasse. Durante a viagem de trem em que afinal regressei à Paris, a idéia de que não possuía dotes literários, o que havia descoberto outrora nas redondezas de Guermantes, que reconhecera com mais tristeza ainda em meus passeios diários com Gilberte antes de voltar para jantar, já noite fechada, em Tansonville, e que na véspera de deixar aquela propriedade mais ou menos identificara, ao ler algumas páginas do diário dos Goncourt, com a vaidade, com a mentira da literatura, essa idéia, menos dolorosa talvez, porém mais melancólica, se a atribuía não a uma deficiência peculiar a mim, mas à inexistência do ideal em que acreditara, essa

idéia, que de há muito não me vinha à cabeça, assaltou-me de novo e com uma força mais acabrunhadora que nunca. Lembro-me, foi numa parada do trem em pleno campo. O sol iluminava até a metade do tronco um renque de árvores que margeava a estrada de ferro. "Árvores" - pensei -, vocês nada mais têm a dizer-me, meu coração secou e já não as ouve. No entanto, aqui estou em plena natureza, pois sim, e é com frieza, com tédio, que meus olhos observam a linha que vos separa a fronde luminosa do tronco ensombrecido. Se alguma vez pude julgar-me poeta, o fato é que hoje sei que o não sou. Talvez na nova etapa que se abre em minha vida, tão ressequida, os homens possam inspirar-me o que já não me diz a natureza. Porém os anos em que eu talvez tivesse sido capaz de celebrá-la não voltarão jamais." Mas, ao dar-me o consolo de que uma observação humana possível viesse substituir uma inspiração impossível, sabia tratar-se apenas de um consolo, sobre cujo valor não me iludia. Se de fato eu possuía uma alma de artista, que prazer não sentiria diante dessa fileira de árvores iluminadas pelo sol poente, diante dessas florzinhas do declive que se erguiam até quase o estribo do vagão, das quais poderia contar as pétalas, evitando contudo descrever-lhe a cor como o fariam tantos bons literatos. Pois é possível esperar transmitir ao leitor um prazer que não se sentiu?

Um pouco depois havia visto, com a mesma indiferença, as pastilhas de ouro e laranja com que o sol enchia as janelas de uma casa; e, por fim, como a hora já ia adiantada, eu vira uma outra casa que parecia construída com uma substância de um róseo muito estranho. Mas fizera estas várias observações com a mesma indiferença absoluta com que, se estivesse passeando num jardim com uma senhora, veria uma folha de vidro e, mais adiante, um objeto de matéria análoga ao alabastro, cuja cor desusada não me venceria o mais langoroso tédio, mas, por polidez para com a companheira, para dizer alguma coisa, e também para mostrar que havia reparado nessa cor, designasse de passagem o vidro colorido e o pedaço de estuque. Da mesma forma, por desencargo de consciência, assinalei para mim mesmo, como para alguém que me houvesse acompanhado e que fosse capaz de extrair mais satisfação daquilo, os reflexos de fogo nas vidraças e a transparência rósea da casa. Mas o companheiro a quem eu havia mostrado esses efeitos curiosos, era sem dúvida de natureza bem menos entusiasta que muitas pessoas cordiais, que um tal espetáculo deslumbra, pois tomara conhecimento dessas cores sem qualquer mostra de satisfação.

Minha longa ausência de Paris não impedira que velhos amigos continuassem, visto que meu nome figurava em suas listas, a me enviar convites religiosamente; e quando, ao entrar em casa, vi que um deles era para um chá dado pela Berma em honra da filha e do genro, e outro, para uma vesperal que devia ocorrer no dia seguinte em casa do príncipe de Guermantes, as tristes reflexões que havia feito no trem não foram um dos menores motivos que me aconselharam a

comparecer à ela. Não vale a pena, verdadeiramente, disse comigo mesmo, privar-me de levar uma vida de homem de sociedade, já que o famoso "trabalho" ao qual penso todos os dias, há tanto tempo, consagrar-me no dia seguinte, não estou, ou já não estou em condições de fazê-lo, e talvez ele mesmo já não corresponda a nenhuma realidade. No fundo, este motivo era inteiramente negativo e extraía seu valor apenas daqueles que me poderiam afastar desse concerto mundano. Mas o que me fez resolver ir foi esse nome de Guermantes, de há muito afastado de meu espírito, para que, lido num convite, despertasse-me um vislumbre de atenção, suscitasse, nos recessos da memória, um retalho de seu passado envolto em todas as imagens de floresta senhorial ou de floridos arbustos que então o escoltavam, e retomasse para mim o encanto e o significado que eu lhe atribuía em Combray, quando ao passar de volta a casa, na rua de I'Oiseau, eu via de fora, como uma laca escura, o vitral de Gilberto, o Mau, senhor de Guermantes.

Por um momento, os Guermantes me haviam parecido de novo bem diversos das pessoas da sociedade, incomparáveis a elas, nem a nenhum ser vivo, ainda que fosse um soberano: reapareciam-me como surgidos da fecundação do ar ácido e ventoso da sombria cidade de Combray onde transcorrera a minha infância, pelo passado que, à altura do vitral, aí se avistava na ruazinha. Tinha vontade de ir à casa dos Guermantes como se isso pudesse me aproximar da infância e das profundezas da memória onde a avistava.

E continuara a reler o convite até o momento em que, revoltadas, as letras que compunham esse nome tão familiar e misterioso, como o próprio nome de Combray, retomassem a sua independência e desenhassem ante meus olhos cansados um nome que eu não conhecia. Tendo Mamãe ido precisamente a um chá em casa da Sra. Sazerat, reunião que de antemão sabia ser muito aborrecida, não tive nenhum escrúpulo em ir à recepção da princesa de Guermantes.

Tomei um carro para ir à casa do príncipe, que não morava mais no antigo palacete e sim num outro, magnífico, que mandara construir na avenida do Bois. Um dos erros dos mundanos é não compreender que, se desejam que acreditemos neles, é necessário primeiro que acreditem em si mesmos, ou, pelo menos, que respeitem os elementos essenciais de nossa crença. No tempo em que eu acreditava, mesmo sabendo que não era assim, que os Guermantes moravam em determinado palácio em virtude de um direito hereditário, penetrar no palácio do feiticeiro ou da fada, mandar que se abrissem para mim as portas que só cedem quando se pronuncia a fórmula mágica, parecia-me tão difícil como obter uma entrevista com o próprio feiticeiro ou a própria fada. Nada mais fácil do que me fazerem crer que o velho criado, contratado na véspera, ou fornecido por *Potel e Chabot*{148}; era filho, neto, descendente dos que serviam a família bem antes da Revolução, e com infinita boa vontade eu chamava o

retrato de antepassado o que fora adquirido no mês anterior na casa de Bernheim o jovem. Mas um feitiço não se transporta, as lembranças não podem se dividir, e do príncipe de Guermantes, agora que ele próprio destruíra as ilusões da minha fé indo morar na avenida do Bois, já não restava grande coisa. Os tetos que eu receara ver desabarem ao anúncio do meu nome, e sob os quais ainda flutuaria, para mim, muito do encanto e dos temores de outrora, cobriam os saraus de uma americana que não me interessava. É claro que as coisas não têm poder em si mesmas, e, visto sermos nós que lhe conferimos, um jovem colegial burguês devia naquele momento, diante do palacete da avenida do Bois, ter os mesmos sentimentos que eu, outrora, diante do antigo palacete do príncipe de Guermantes. É que ele ainda se encontrava na idade das crenças, que eu já ultrapassara, perdendo esse privilégio, como, depois da primeira juventude, a gente perde o poder, próprio das crianças, de dissociarem fragmentos assimiláveis ao leite ingerido. O que obriga os adultos a beber leite em pequenas doses, por prudência, ao passo que as criancinhas podem mamá-lo indefinidamente, sem precisar tomar fôlego. Pelo menos a mudança de residência do príncipe de Guermantes teve isto de bom para mim: o carro que viera buscar-me e no qual fazia estas reflexões teve de atravessar as ruas que dão para o Champs-Élysées. Estavam bem mal pavimentadas nessa ocasião; porém, desde que entrei por ali, nem por isso deixou de distrair-me de meus pensamentos uma sensação de extrema doçura que se tem quando, de repente, o carro desliza facilmente, com mais suavidade, sem ruído, como quando estando abertas as grades de um parque, deslizamos sobre as aléias cobertas de areia fina ou folhas mortas. Materialmente, nada mudara; mas senti subitamente a supressão dos obstáculos exteriores porque, de fato, já não fazia o esforço de adaptação ou de atenção de que precisamos, mesmo sem o perceber, diante das coisas novas: as ruas pelas quais passava nesse momento eram as mesmas, esquecidas há muito, que eu percorria antigamente com Françoise para ir aos Champs-Élysées. O próprio solo sabia aonde devia levar: sua resistência estava vencida. E, como um aviador que até então penosamente preso à terra, decola bruscamente, eu me erguia, vagaroso, para as alturas silenciosas da recordação. Em Paris, estas ruas sempre hão de salientar-se para mim, materialmente diversas das outras. Quando cheguei à esquina da rua Royale, onde antes ficava, ao ar livre, o vendedor das fotografias de que Françoise gostava, pareceu-me que o carro, arrastado por centenas de curvas antigas, não podia deixar de virar por si mesmo. Eu não atravessava as mesmas ruas que os passeantes daquele dia, e sim um passado resvaladiço, triste e doce. Aliás, era feito de tantos passados diferentes que se me tornava difícil reconhecer a causa de minha melancolia, se era devida àquelas caminhadas ao encontro de Gilberte e no receio de que ela não viesse, ou à proximidade de certa casa aonde me haviam dito que Albertine fora em companhia de Andrée, ou se o significado de vaidade filosófica que

parece adquirir um caminho seguido mil vezes, com uma paixão que já não existe, que foi estéril, como aquele em que, depois do almoço, eu percorria tão apressada e febrilmente para contemplar, ainda frescos de cola, os cartazes da *Fedra e do Domino noir*.

Tendo chegado aos Champs-Élysées, como não desejasse ouvir todo o concerto que se dava na casa dos Guermantes; mandei parar o carro e apressava-me para descer e dar alguns passos quando me impressionou o espetáculo de um carro que também ia estacionar. Um homem de olhos fixos, o talhe curvo, antes colocado que sentado no fundo, fazia, para aprumar-se, esforços parecidos aos de uma criança a quem tivessem recomendado juízo. Mas seu chapéu de palha deixava que se observasse uma floresta indômita de cabelos inteiramente brancos; uma barba branca, feito a que a neve faz nas estátuas dos rios nos jardins públicos, escorria-lhe do queixo. Era, ao lado de Jupien que se desbravava por ele, o Sr. de Charlus, convalescendo de um ataque de apoplexia que ele havia ignorado (tinham-me dito apenas que ele perdera a visão; tratava-se de uma perturbação passageira, pois ele via perfeitamente bem de novo) e, a menos que então fossem pintados e lhe houvessem proibido semelhante esforço, tendo seguido, como numa espécie de precipitado químico, tornar visível e brilhante o metal de que se saturavam e lançavam, à maneira de *gêiseres*, as mechas agitadas de pura prata, da cabeleira e da barba, ao passo que estas conferiam, ao velho príncipe decaído, a majestade shakespeareana de um rei Lear. Os olhos não tinham ficado imunes a essa convulsão total, a essa alteração metalúrgica da cabeça, por um fenômeno inverso, haviam perdido todo o brilho. Mas o que ainda mais comovia era sentir-se que tal brilho perdido representava a altivez moral, e que, desse modo, a vida física e até intelectual do Sr. de Charlus sobrevivia ao orgulho aristocrático, do qual por um momento parecera inseparável. Assim, naquele instante, sem dúvida encaminhando-se também para a casa do príncipe de Guermantes, passou numa vitória a Sra. de Saint-Euverte, que o barão considerava socialmente inferior a ele. Jupien, que cuidava dele como de uma criança, murmurou-lhe ao ouvido que se tratava de uma pessoa conhecida, a Sra. de Saint-Euverte. E imediatamente, com um esforço infinito, mas toda a aplicação de um enfermo que deseja mostrar-se capaz de todos os movimentos que ainda lhe são difíceis, o Sr. de Charlus se descobriu, inclinou-se e cumprimentou a Sra. de Saint-Euverte com o mesmo respeito como se ela fosse a rainha da França. Talvez houvesse, na própria dificuldade do Sr. de Charlus para fazer esse cumprimento, uma razão sua para fazê-lo, certo de que era mais um ato que, doloroso para um enfermo, tornava-se duplamente meritório da parte de quem o fazia e lisonjeiro para aquela a quem se dirigia, visto que os doentes exageram a polidez, como os monarcas. Talvez ainda houvesse igualmente, nos movimentos do barão, essa descoordenação consecutiva às perturbações da medula e do cérebro, e seus gestos lhe excedessem a intenção. Por mim, vi aqui

antes uma espécie de doçura quase física, de desapego às realidades da vida, tão impressionantes naqueles que a morte já fez entrar em sua sombra. A descoberta de camadas argênteas da cabeleira revelava uma mudança menos profunda que aquela inconsciente humildade mundana que invertia todas as relações sociais, rebaixando diante da Sra. de Saint-Euverte, como rebaixaria diante da última das americanas (por fim recebendo a polidez do barão, até ali inacessível para ela), o esnobismo que parecia ser o mais altivo. Pois o barão vivia e pensava ainda; sua inteligência não fora atingida. E nem o coro de Sófocles sobre o orgulho humilhado de Édipo, nem a própria morte e toda oração fúnebre, proclamaria melhor o que existe de frágil e perecível ao amor às grandezas da terra e em todo orgulho humano do que o cumprimento humilde e apressado do barão à Sra. de Saint-Euverte. O Sr. de Charlus, que até então não consentira em jantar com a Sra. de Saint-Euverte, saudava-a agora, curvando-se até o chão. Saudava talvez por ignorância da estirpe da pessoa a quem cumprimentava (visto que os artigos do código social podem ser destruídos por um acesso, como toda e qualquer parte da memória), talvez por uma descoordenação dos movimentos, que transpunha ao plano da humildade aparente a incerteza, do contrário sobranceira, quanto à identidade da pessoa que passava. Cumprimentou-a com a polidez das crianças que vêm timidamente cumprimentar as pessoas gradas, a chamado das mães. E era numa criança, sem o orgulho delas, que ele se havia transformado.

Receber a homenagem do Sr. de Charlus era, para a Sra. de Saint-Euverte, esnobismo puro, como fora outrora puro esnobismo do barão o recusar-lhe. Ora, tal temperamento inacessível e precioso que o Sr. de Charlus conseguira fazer a Sra. de Saint-Euverte julgar essencial à sua personalidade, arrasou-o de um só golpe, pela timidez aplicada, pelo cuidado medroso com que tirou o chapéu, do qual, com a eloqüência de um Bossuet, jorraram, enquanto deixou a cabeça descoberta por deferência, as torrentes de sua cabeleira de prata.

Quando Jupien o ajudou a descer, cumprimentei-o, ele me falou rapidamente, com voz tão imperceptível que não pude perceber o que me dizia, o que lhe arrancou, quando pela terceira vez o fiz repetir as palavras, um gesto de impaciência que me espantou pelo contraste com a impassibilidade que antes havia mostrado a sua fisionomia e que certamente era devido a um resto de paralisia. Mas quando, por fim, habituei-me a esse pianíssimo de palavras sussurradas, dei-me conta de que a enfermidade deixara absolutamente intacta a sua inteligência. Aliás, havia dois Srs. de Charlus, sem contar os outros. Desses dois, o intelectual passava o tempo a queixar-se de que estava ficando afásico, que constantemente, ao pronunciar uma palavra, trocava uma sílaba por outra. Mas sempre que isso acontecia, o outro Sr. de Charlus, o subconsciente, o qual tanto desejava ser invejado quanto lastimado o primeiro, em relação ao qual exibia faceirices desdenhadas pelo outro, interrompia imediatamente a frase

começada, como um maestro cujos músicos erram, e, com infinito engenho, ligava o que vinha a seguir à palavra dita na realidade por outrem, mas que ele parecia ter escolhido. Até a sua memória estava intacta, do que se mostrava faceiro, não sem o cansaço de uma aplicação bastante árdua, por extrair certa recordação antiga, pouco importante, relativa a mim, para me provar que ele conservara ou recuperara toda a nitidez de espírito. Sem mover a cabeça nem os olhos, sem alterar a inflexão do que narrava, disse-me por exemplo:

- Eis um poste onde há um cartaz semelhante àquele diante do qual eu me achava da primeira vez que o vi em Avranches, não, estou enganado, em Balbec.
- E, de fato, era um anúncio do mesmo produto.

No começo, eu mal distinguira o que ele falava, da mesma forma como principiamos a não ver coisa alguma ao entrar num quarto com todas as cortinas cerradas. Mas, assim como os olhos na penumbra, meus ouvidos logo se habituaram a esse pianíssimo. Creio também que este se elevava gradualmente, enquanto o barão falava, ou porque a fraqueza de sua voz proviesse em parte de uma apreensão nervosa que se desfazia quando, distraído por um terceiro, já não pensava nela; ou porque, ao contrário, essa fraqueza correspondesse ao seu estado verdadeiro, e a força momentânea com que palestrava fosse causada por uma excitação artificial, passageira e antes funesta, que fazia com que os estranhos dissessem:

- Ele já está melhor, não convém que pense na doença -, mas de fato agravava o mal, que não demorava a recrudescer.

Fosse como fosse, o barão, nesse momento (e mesmo levando em conta a minha adaptação), lançava com mais força as palavras, como a maré, nos dias de mau tempo, suas pequenas ondas retorcidas. E o que lhe restava de seu ataque recente fazia ouvir, no fundo de suas palavras, como que um ruído de seixos rolados. Além disso, continuando a falar do passado, sem dúvida para deixar bem claro que não perdera a memória, ele o evocava de modo fúnebre, porém sem tristeza. Não cessava de enumerar todas as pessoas da família, ou de seu meio, que já não viviam menos, ao que parecia, com a tristeza de que já estivessem mortas do que com a satisfação de lhes ter sobrevivido. Ao lembrar-se da morte delas, parecia conscientizar-se melhor de seu regresso à saúde. E era com dureza quase triunfal que repetia em tom uniforme, levemente balbuciante e com surdas ressonâncias sepulcrais:

- Hannibal de Bréauté, morto! Antoine de Mouchy, morto! Charles Swann, morto! Adalbert de Montmorency, morto! Boson de Talleyrand, morto! Soslhene de Doudeauville, morto! -

E, de cada vez, essa palavra "morto" parecia cair sobre os defuntos como uma pá de terra mais pesada, atirada por um coveiro que se empenhasse em prendê-los

mais profundamente no túmulo.

A duquesa de Létourville, que não ia à recepção da princesa de Guermantes, pois estivera doente por muito tempo, passou nesse momento a pé ao nosso lado, e, avistando o barão, cujo acesso recente ignorava, parou para cumprimentá-lo. Mas a doença de que sofrera não a fizera mais compreensiva para com os males alheios, antes suportando-os mais impacientemente, com um mau humor nervoso em que havia talvez muito de piedade. Ouvindo o barão pronunciar com dificuldade e errando certas palavras, mover o braço a custo, ela olhava ora para mim, ora para Jupien, como a pedir explicações de um fenômeno tão chocante. Como não lhe disséssemos coisa alguma, foi ao próprio Sr. de Charlus que ela dirigiu um longo olhar cheio de tristeza, mas igualmente de censura. Parecia repreendê-lo por estar na rua com ela numa atitude tão pouco usual, como se ele tivesse saído descalço ou sem gravata. A um novo erro de pronúncia cometido pelo barão, a dor e a indignação da duquesa aumentando juntas, ela exclamou:

- Palamede! - Num tom interrogativo e exasperado das pessoas demasiado nervosas que não podem suportar esperar um minuto e que, se as mandamos entrar imediatamente, desculpando-nos por estarmos acabando de nos vestir, dizem com amargura, não para se desculpar, mas para acusar: - Mas então estou incomodando! - Como se fosse um crime sentir-se incomodado. Finalmente, deixou-nos com um ar cada vez mais enervado, dizendo ao barão: - Faria melhor se voltasse para casa.

O barão pediu uma cadeira para sentar-se, a fim de repousar; enquanto Jupien e eu caminharíamos um pouco, e tirou penosamente do bolso um livro que me pareceu ser de orações. Agradava-me poder saber, através de Jupien, detalhes sobre o estado de saúde do barão.

- Estou muito contente de conversar com o senhor - disse Jupien -, mas não iremos além do Rond-Point. Graças a Deus o barão está bem agora, mas não tenho coragem de deixá-lo sozinho por muito tempo; ele é sempre o mesmo, tem um coração bom demais, daria tudo o que possui aos outros; e depois, isto não é tudo, ele continua ardoroso como um rapaz, e sou obrigado a ficar de olho.

- Tanto mais que recobrou a vista – respondi à Jupien - entristeceram-me bastante ao me dizer que a perdera.

- De fato, sua paralisia chocou tanto, que ele não via absolutamente nada. Imagine que durante o tratamento, que aliás lhe fez muito bem, ele ficou vários meses sem ver, tanto quanto um cego de nascença.

- Ao menos, isso deveria tornar inútil uma parte de sua vigilância não?

- De modo algum! Mal chegava a um hotel, perguntava como era determinada pessoa de serviço. Eu lhe afirmava que só havia gente horrenda. Mas ele

percebia perfeitamente que aquilo não podia ser geral, que eu às vezes devia estar mentindo. Veja que devasso! E, além disso, ele tinha uma espécie de faro, talvez conforme a voz da pessoa, não sei. Então, arrumava um jeito de me fazer sair para um recado urgente. Um dia há de me desculpar que lhe diga isto, mas o senhor veio certa ocasião, por acaso, ao templo do Impudor, nada tenho a lhe esconder (aliás, ele tinha sempre uma satisfação bem pouco simpática em divulgar segredos alheios que conhecia) eu voltava de dar um desses recados supostamente urgentes, tanto mais depressa quanto já o imaginava arranjado de propósito, quando, no momento em que chegava ao quarto do barão, ouvi uma voz dizendo: - Quê? Como - respondeu o barão - então era a primeira vez? - Entrei sem bater, e qual não foi o meu medo! O barão, enganado pela voz que, de fato, era mais forte que de costume a essa idade (e por esse tempo o barão estava completamente cego) estava, logo ele que antes gostava de pessoas maduras, com uma criança que ainda não tinha dez anos.

Contaram-me que, naquela época, o barão estava sujeito, quase todos os dias, à crises de depressão mental, caracterizadas não exatamente pela divagação, mas pela confissão em altas vozes (diante de terceiros cuja presença ou severidade ele olvidava) de opiniões que costumava ocultar, sua germanofilia por exemplo. Se por muito tempo, depois da guerra, lamentava a derrota dos alemães, dentre os quais se considerava, e dizia com orgulho:

- No entanto, é impossível que não tenhamos a nossa desforra, pois temos comprovado que somos capazes da maior resistência, e que possuímos a melhor organização. -

Ou então suas confidências assumiam um tom diverso, e ele exclamava com fúria:

- Que Lorde X ou o príncipe de *** não venham repetir o que disseram ontem, pois contive-me a custo para não lhes retrucar: - Sabem muito bem que o são pelo menos tanto quanto eu. -

Inútil acrescentar que, quando o Sr. de Charlus procedia desse modo, nos momentos em que, como se diz, não estava muito "presente", fazendo confissões germanófilas ou outras, às pessoas de sua roda que ali se achavam, fosse Jupien ou a duquesa de Guermantes, tinham o hábito de interromper as palavras imprudentes e dar à ele, aos demais menos íntimos e mais indiscretos, uma interpretação forçada e honrosa.

- Ah, meu Deus! - exclamou Jupien -, bem que eu tinha razão em não querer que nos afastássemos; ele já encontrou meio de entabular conversa com o moço jardineiro. Adeus senhor, é melhor deixá-lo, para não abandonar um só instante o meu doente, que não passa de uma criança grande.

Desci a rua novamente de carro um pouco antes de chegar à casa da princesa de

Guermantes, e recomecei a pensar no cansaço e no tédio com que, na véspera, tentara notar a linha que separava nas árvores a sombra da região de luz, num dos campos considerados dos mais belos da França. É certo que as conclusões intelectuais que tirara não afetavam hoje tão fortemente a minha sensibilidade. Permaneciam as mesmas. Porém, como sempre me acontecia ao ser arrancado à meus hábitos, sair em outra hora, num lugar novo, experimentava um vivo prazer. Tal prazer, hoje, me parecia puramente frívolo, o de ir a uma vesperal na casa da princesa de Guermantes. Mas, visto que agora eu sabia não poder alcançar nada além de prazeres frívolos, por que recusar-me a eles? Repetia para mim mesmo que não sentira, ao esboçar aquela descrição, nada desse entusiasmo que não é o único, mas é o primeiro critério para avaliar o talento. Procurava agora extrair da memória outros "instantâneos", especialmente instantâneos que ela tomara em Veneza, mas esta palavra era o bastante para torná-los enfadonhos como uma exposição de fotografias, e eu já não sentia mais gosto nem talento para descrever hoje o que vira outrora do que ontem para fixar, no próprio instante, com olhos minuciosos e enfadados. Dali a pouco, muitos amigos há tanto tempo deixados de ver, certamente me pediriam que não me isolasse desse modo, que lhes dedicasse os meus dias. Não possuía motivo algum para recusar, pois agora eu tinha a prova de que não valia para nada, que a literatura não poderia me causar nenhuma alegria, fosse por culpa minha (por ser pouco dotado), fosse por culpa dela, se de fato era menos carregada de realidade do que pensara.

Quando lembrava o que Bergotte me dissera: "Você é doente, mas não se pode lastimá-lo porque possui todos os dotes do espírito", refletia o quanto ele se enganara! Como havia tão pouca satisfação nessa lucidez estéril! Digo até que, se às vezes talvez sentisse satisfação - não da inteligência -, gastava-a sempre com uma mulher diversa; de forma que o destino, mesmo que me concedesse mais cem anos de vida, e com saúde, não teria feito mais que proporcionar acréscimos sucessivos a uma existência toda em comprimento, que não me interessava prolongar ainda mais, e sobretudo por muito tempo. Quanto às "alegrias da inteligência", poderia acaso chamar assim aquelas frias verificações que meu olhar sagaz, ou meu exato raciocínio, assinalavam sem qualquer prazer e permaneciam infecundas?

Porém é, às vezes, no justo momento em que tudo nos parece perdido, que ocorre o aviso que nos pode salvar; batemos a todas as portas que não abrem para nada, e na única pela qual podemos entrar, e que teríamos buscado em vão durante um século, esbarramos por acaso e ela se abre.

Remoendo os tristes pensamentos a que me referi há pouco, havia entrado no pátio do palacete de Guermantes e, distraído, não vira um carro que avançava; ao grito do *wattman*{149}! Só tive tempo de me pôr vivamente de lado, e recuei

bastante para, sem querer, tropeçar nas pedras irregulares do calçamento, diante de uma cocheira. Mas, no instante em que, ao me endireitar, firmei o pé numa laje um tanto mais baixa que a anterior, todo o meu desânimo sumiu em face à minha sensação de felicidade que em diversas épocas da minha vida me haviam proporcionado a vista das árvores que eu julgara reconhecer num passeio de carro pelos arredores de Balbec, a vista dos campanários de Martinville, o sabor da *madeleine* mergulhada no chá, e tantas outras sensações de que já falei e que as últimas peças de Vinteuil me pareciam sintetizar.

Como no momento em que eu saboreava a *madeleine*, toda a inquietação a cerca do futuro e toda dúvida intelectual se haviam dissipado. As dúvidas que ainda há pouco me assaltavam a respeito da realidade de meus dotes literários, e até da realidade da literatura, tinham desaparecido como por encanto. Sem que tivesse feito qualquer novo raciocínio, ou encontrado algum argumento decisivo, as dificuldades, insolúveis há pouco, tinham perdido a importância. Mas, desta vez, eu estava bem decidido a não me resignar, a ignorar o por quê, como o fizera no dia em que saboreava uma *madeleine* mergulhada no chá. Com efeito, a felicidade que eu acabava de experimentar era exatamente à que sentira ao comer a *madeleine*, e de cujas causas profundas tivera, naquele tempo, de adiar a pesquisa. A diferença, puramente material, estava nas imagens evocadas; um azul profundo embriagava meus olhos; impressões de frescor deslumbrante, rodopiavam perto de mim e, em meu desejo de captá-las, sem ao menos mexer-me, como quando saboreava a *madeleine* tentando fazer vir até mim, ela me recordava, eu continuava, como há pouco, a titubear, um pé no pavimento mais alto e outro no mais baixo, arriscando-me a causar a gargalhada da turba inumerável dos *wattmen*. Cada vez que refazia, materialmente apenas, esse meio passo, ele se mostrava inútil; mas, se eu conseguisse, deixando de lado a vesperal Guermantes reencontrar o que havia sentido ao pousar assim os pés novamente, a visão deslumbrante e indistinta me roçava de leve, como se me houvesse dito: "Agarra-me quando eu passar, se tens forças para tanto, e procura resolver a esperança de felicidade que te proponho." E quase imediatamente a reconheci: era Veneza; qual meus esforços por descrevê-la e os pretensos instantâneos tomados na memória nunca me tinham dito coisa alguma, e que me era devolvida pela sensação antigamente experimentada ao pisar em dois ladrilhos desigual no batistério de São Marcos, junto com todas as outras sensações somadas àquele mesmo dia, e que haviam permanecido à espera, em seu posto na fila dos esquecidos, de onde um súbito acaso as fizera imperiosamente sair. Da mesma forma o sabor da pequena *madeleine* me relembrara Combray. Mas porque motivo as imagens de Combray e de Veneza me haviam, tanto num como noutro momento, comunicado uma alegria semelhante à certeza e suficiente, sem outras provas, para me deixar indiferente à morte? Sempre me indagando, e estando agora resolvido a encontrar a resposta, entrei no palacete de

Guermantes, porque sempre damos preferência, sobre o trabalho interior que nos compete, ao papel aparente que representamos e que, nesse dia, era o de um convidado. Mas, tendo chegado ao primeiro andar, um mordomo me fez entrar, por um instante, num pequeno salão-biblioteca vizinho ao bufê, até que se terminasse de tocar a peça musical em andamento, pois a princesa proibira que abrissem as portas durante a sua execução. Ora, bem naquele momento, um segundo aviso veio reforçar o que me fora dado pelas lajes desiguais e exortar-me a perseverar em minha tarefa.

De fato, um criado, em seus esforços infrutíferos para não fazer barulho, acabava de bater num prato com uma colher. O mesmo gênero de felicidade produzido pelas lajes desiguais me invadiu; as sensações eram bastante frescas ainda, mas bem diversas: mistura de um cheiro de fumaça, atenuado pelo fresco aroma de uma paisagem florestal; e reconheci que aquilo que me parecia tão agradável era a mesma fileira de árvores que eu achara odiosa de observar e descrever, e diante da qual, abrindo a caneca de cerveja que trazia no vagão, julguei por um momento, numa espécie de tonteira, que ainda me encontrava, de tal modo o ruído idêntico da colher contra o prato me dera, antes que eu tivesse tido tempo de me recobrar, a ilusão do ruído do martelo de um empregado que consertara alguma coisa numa roda do trem enquanto estávamos parados em frente ao bosquezinho. Poder-se-ia dizer até que os sinais que, nesse dia, deveriam arrancar-me do desânimo e restituir minha fé nas letras, empenhavam-se em multiplicar-se, pois um mordomo, há muito a serviço do príncipe de Guermantes, tendo me reconhecido e levando para a biblioteca onde me achava, para que não tivesse de ir ao bufê, um prato de bolinhos e um copo de laranjada, enxuguei a boca no guardanapo que me deu; mas imediatamente, como o personagem das *Mil e Uma Noites* que, sem saber, cumpria exatamente o ritual que fazia aparecer, visível somente para ele, um gênio dócil pronto para transportá-lo para bem longe, nova visão azul me passou pelos olhos; mas era pura e salina, e arredondou-se em azuladas manhãs. A impressão foi tão intensa que o instante que eu vivia pareceu-me ser o momento atual; mais entontecido que no dia em que me perguntava se de fato ia ser acolhido pela Princesa de Guermantes ou se tudo ia desmoronar, acreditei que o criado acabara de abrir a janela que dava para a praia e que tudo me convidava para descer e passear ao longo do molhe na maré alta; o guardanapo com que enxugara os lábios fora engomado precisamente como aquela toalha com a qual tivera tanta dificuldade em me secar na manhã seguinte à minha chegada a Balbec, e agora, diante desta eriçava, em suas faixas e vincos, a pluma de um pavão. E eu não gozava minha vida que as sustentava, sensação de cansaço ou de que agora, mais livre do que ela, deixava-me repleto de ar a qualquer momento. Portanto, esforcei-me para ter os prazeres idênticos que poucos minutos; e, a seguir, a lição da eterna diferença que existente entre a impressa e a impressão artificial que fornecemos

ao representar voluntariamente.

Lembrando-me que Swann pudera falar outrora dos dias em que aquela frase enxergava uma coisa diversa, e da dor súbita, a que na frase de Vinteuil ao lhe devolver aqueles mesmos os havia sentido, eu compreendia perfeitamente que aquilo que as lajes desiguais, a goma do guardanapo e o gosto da *madeleine* despertado em mim não se relacionava de forma alguma com o que muita beleza tentava recordar de Veneza, de Balbec, de Combray, com o auxílio de uma memória uniforme; e compreendia que a vida podia ser considerada medíocre, embora em certos momentos parecesse tão bela, sendo, no primeiro caso, julgada e depreciada por meio de coisas que lhe são alheias, de imagens que nada constavam dela. Quando muito, registrei acessoriamente que a diferença que existe entre cada uma das impressões reais; diferenças que explicam por que uma pintura uniforme da vida não pode ser análoga a esta, derivava, provavelmente, do fato de que a menor palavra dita numa época da nossa vida, o gesto mais insignificante que tenhamos feito, estava banhado, deixava impregnar-se pelo reflexo de coisa logicamente estranhas a eles, das quais os separava a inteligência, para cujos raciocínios não eram necessários, mas onde aqui, reflexo róseo do poente sobre o muro florido de um restaurante campestre, sensação de fome, desejo pelas mulheres, prazer do luxo; ali, violetas azuis do mar matinal envolvendo as frases musicadas que delas emergem parcialmente, como espáduas de ondinas o gesto, o ato também simples permanece encerrado como que dentro de mil vasos selados, dos que a cada um contivesse coisas de uma cor, de um cheiro e de uma temperatura absolutamente diferentes; sem contar que esses vasos, dispostos ao longo de todos os nossos anos, durante os quais não cessáramos de mudar, ao menos de sonho fiel de idéias, estão situados em altitudes bem diversas, dando-nos a sensação, atmosferas singularmente variadas. É certo que tais mudanças, nós as sofremos insensivelmente; mas, entre a recordação que nos chega de chofre e o nosso estado atual, assim como entre duas recordações de épocas, lugares e de horas diferentes, é tamanha a distância que bastaria isso, mesmo fora de uma originalidade específica, para torná-los incomparáveis uma à outra. Sim, caso a recordação, graças ao esquecimento, não tenha podido contrair nenhum laço, estabelecer nenhum vínculo entre si mesma e o momento presente, se ficou no seu lugar, em seu tempo, se manteve suas distâncias, seu isolamento no côncavo de um vale ou no cimo de um monte, ela nos faz de súbito respirar um ar mais novo, precisamente porque é um ar que respiramos outrora, esse ar mais puro que os poetas em vão tentaram fazer reinar no paraíso e que só poderia dar essa profunda sensação de renovação se já tivesse sido respirado, pois os verdadeiros paraísos são aqueles que já perdemos.

E, de passagem, notei que haveria na obra de arte que já me sentia prestes a

empreender, sem ainda estar conscientemente resolvido a fazê-lo, grandes dificuldades. Pois deveria executar as partes sucessivas com material de certo modo diferente, e que seria bem diverso daquele que conviria às lembranças de manhãs à beira-mar ou de tardes em Veneza, se quisesse pintar aquelas noites de Rivebelle onde, na sala de jantar aberta para o jardim, o calor principiava a desfazer-se, a diminuir, a depositar-se, onde um último clarão ainda iluminava as rosas das paredes do restaurante enquanto as derradeiras aquarelas do dia eram ainda visíveis no céu material sempre novo, distinto, de uma transparência e sonoridade especiais, compacto, refrescante e róseo.

Eu deslizava rapidamente sobre tudo isso, mais imperiosamente solicitado, como estava, a procurar a causa dessa felicidade, do caráter, de certeza com que ela se impunha, pesquisa outrora adiada. Essa causa, contudo, eu a adivinhava ao comparar essas várias impressões que me proporcionavam bem-estar e que, entre elas, tinham em comum a faculdade de serem sentidas, ao mesmo tempo, no momento atual e num momento passado o ruído da colher no prato, a desigualdade das lajes, o gosto da madeleine-, até fazerem o passado permear o presente a ponto de me tornar hesitante, sem saber em qual dos dois me encontrava; na verdade, a criatura que então saboreava em mim essa impressão, saboreava-a naquilo que ela possuía em comum entre um dia antigo e o atual, no que possuía de extra-temporal, era uma criatura que só aparecia quando, por uma dessas identidades entre o presente e o passado, podia achar-se no único ambiente em que conseguiria viver, desfrutar da essência das coisas, isto é, fora do tempo. Isto explicava por que minhas inquietações acerca da minha morte teriam cessado no momento em que eu, inconscientemente, reconhecera o gosto do bolinho, pois nesse instante a criatura que eu fora era um ser extra-temporal, por conseguinte despreocupado das vicissitudes do futuro. Só vivia da essência das coisas e não podia alcançá-la no presente, onde, não entrando em jogo a imaginação, os sentidos eram incapazes de exigir a ação, no-la abandona. Tal ser tão fora da ação, do gozo imediato; fizera escapar ao presente. Só ele nos traz o tempo perdido. No passado ao falar das alegrias, do espírito à raciocínios - o que existia em mim eram enfadonhas a vida e a sociedade - ao passo que experimentava renascer em mim, trazidos do momento passado.

Muito mais que isso, talvez; algo que, ao passado e ao presente, é muito mais essencial que no decorrer da minha vida, a realidade me decepcionara porque a percebia, em minha imaginação, único órgão de que dispunha para a beleza, não podia aplicar-se a ela, em virtude da lei inevitável que se possa imaginar aquilo que está ausente.

E eis que, de súbito, nessa dura lei estava neutralizado, suspenso, por um maravilhoso expediente: a natureza, que faz refletir-se uma sensação do ruído do garfo e do martelo, mesmo no título de um livro etc.- Ao mesmo tempo no

passado, o que permitia à minha imaginação saboreá-la, e no presente, onde o abalo efetivo de meus sentidos pelo ruído, pelo contato do pano etc. acrescentara aos devaneios da imaginação aquilo de que são habitualmente destituídos, a idéia de existência - e graças a tal subterfúgio me permitira obter, isolar e imobilizar (na duração de um relâmpago) o que jamais apreendera: uma fração de tempo em estado puro. A criatura que renascera em mim quando, com tal frêmito de felicidade, eu ouvira o ruído vulgar, simultâneo, da colher que bate no prato e do martelo que atinge a roda, da desigualdade semelhante dos pavimentos do pátio dos Guermantes e do batistério de São Marcos; então essa criatura só se nutre da essência das coisas, só nela encontra subsistência e delícias.

Enlanguesce na observação do presente, onde os sentidos não lhe podem fornecê-las, na consideração de um passado que a inteligência resseca, na espera de um futuro que a vontade constrói com fragmentos do presente e do passado, dos quais ainda lhes extrai a realidade, só conservando o bastante para fins utilitários, estritamente humanos, que lhes fixa. Mas desde que um ruído, um cheiro, já ouvido ou aspirado antes, o sejam de novo, ao mesmo tempo no presente e no passado, reais sem serem atuais, ideais sem serem abstratos, logo a essência permanente e em geral oculta das coisas se libera, e nosso verdadeiro eu, que às vezes parecia morto há muito tempo, mas não o estava de todo, desperta e anima ao receber o alimento celeste que lhe trazem. Um minuto livre da ordem que o tempo recriou em nós, para senti-lo, o homem livre da ordem do tempo. E, quanto a este, compreendemos que esteja confiante em seu júbilo; mesmo que o simples sabor de uma *madeleine* não pareça, logicamente, conter os motivos desse júbilo, compreendemos que a palavra "morte" não tenha sentido para ele; situado fora do tempo, o que poderia recear do futuro?

Mas essa ilusão que punha junto a mim um instante do passado, incompatível com o presente, essa ilusão era efêmera. É certo que se poderia prolongar os espetáculos da memória voluntária, o que não demandaria esforço maior que o de folhear um livro de figuras. Assim, por exemplo, antigamente, no dia em que deveria ir pela primeira vez à casa da princesa de Guermantes, eu havia preguiçosamente contemplado, à minha escolha, do pátio ensolarado de nossa casa em Paris, ora a praça da igreja em Combray, ora a praia de Balbec, como teria decorado de imagens o dia claro que fazia ao folhear um caderno de aquarelas feitas nos diversos lugares em que estivera e onde, com um prazer egoísta de colecionador, dissera comigo ao catalogar assim as ilustrações de minha memória: "Afinal, vi muita coisa bonita na minha vida." Sem dúvida, minha memória afirmara então a diferença das sensações; porém não fazia mais que combinar elementos homogêneos entre si. Não se dava o mesmo com as três recordações que acabavam de me assaltar e nas quais, em vez de me fazer uma idéia mais lisonjeira de mim mesmo, pelo contrário quase duvidara da realidade

atual do meu eu. Da mesma forma que no dia em que mergulhara a *madeleine* no chá quente, onde quer que me achasse (fosse, como naquele dia, no meu quarto em Paris, ou como hoje, neste momento, na biblioteca do príncipe de Guermantes, um pouco antes, no pátio de seu palacete), houvera em mim, irradiando, deu uma estreita faixa a meu redor, uma sensação (gosto de madeleine mergulhada, ruído metálico, lajes desiguais) comum ao local em que me achava e também a outro local (quarto de tia Léonie, vagão da estrada de ferro, batistério de São Marcos). E, no momento em que raciocinava deste modo, o ruído estridente de um encanamento de água, exatamente igual aos longos apitos que às vezes, no verão, os navios de recreio faziam ouvir à tardinha em Balbec, fez-me sentir (como já me ocorrera certa ocasião em Paris, num grande restaurante, à vista de uma luxuosa sala de jantar meio vazia, estival e quente), bem mais que uma sensação simplesmente análoga à que tivera no fim da tarde em Balbec, quando todas as mesas já estavam cobertas com a toalha e os talheres, e permaneciam abertas de par em par as amplas sacadas envidraçadas que davam para o molhe, sem um único intervalo, um único espaço recoberto de vidro ou de pedra, enquanto o sol descambava lentamente para o mar, onde começavam a ranger os navios, e eu, para reunir-me a Albertine e suas amigas que passeavam no molhe, não precisava mais que transpor o caixilho de madeira, pouco acima de meu tornozelo, para dentro do qual, a fim de melhorar a ventilação do hotel, corriam todas as vidraças que continuavam ininterruptamente. Porém a dolorosa lembrança de ter amado Albertine fizera outro dia como o local distante engendrado; estava, por um momento, como um que fora vencedor; e sempre o vencido que eu ficava em êxtase sobre o pavimento buscando manter nos momentos em que me escapava, aquela Combray, aquela Veneza reprimidas, que se elevavam para me abandonar à lugares novos, mais permeáveis ao passado.

E, se estivesse no lugar do vitorioso, creio que desmaiaria; pois essas ressurreições nos segundos em que duram, são tão totais que não apenas obrigam-nos a deixar de ver o quarto em que se encontram, como forçam-nos a contemplar o caminho orlado de árvores ou a maré montante. Obrigam nossas narinas a aspirar a atmosfera de locais todavia remotos, nossa vontade a escolher entre os diversos projetos que nos propõem, toda a nossa pessoa a se julgar envolta por elas, ou, pelo menos a tropeçar entre elas e os locais presentes, no aturdimento de uma incerteza parecida à que sentimos, de vez em quando, ante uma visão inefável no momento de adormecer.

Desse modo, o que acabava de desfrutar a criatura três ou quatro vezes despertada em mim talvez fossem mesmo fragmentos de existência subtraídos no tempo; mas essa contemplação, embora de eternidade, era fugaz. E, contudo, sentia que o prazer que ela proporcionava à minha vida, em raros intervalos, era

único fecundo e verdadeiro. O sinal da irrealidade dos outros mostra-se como sombras, seja em sua impossibilidade de nos satisfazer, como, por exemplo, os prazeres mundanos, que no máximo provocam mal-estar semelhante ao causado por ingestão de alimentos estragados, a amizade, que é uma simulação, pois, mesmo quando o faz por motivos éticos, o artista que renuncia a uma hora de trabalho por outro tanto de palestra com um amigo sabe que sacrifica uma realidade por algo que não existe (visto que os amigos unicamente o são nessa doce loucura) só existe a que vem dos seus próprios túmulos - não era somente um alimento que acabava de ingerir como em todos os dias termos durante a vida, à qual nos prestamos; mas que, no âmago de nossa inteligência, sabemos ser o erro de um louco que acreditaria que os móveis vivem e conversam com ele; seja na tristeza que lhes sucede à satisfação, como a que sentira no dia em que fora apresentado a Albertine, por ter feito esforços, contudo leves, para obter algo conhecer essa moça que me pareceu insignificante tão logo o obtive.

Mesmo um prazer mais profundo, como o que poderia ter experimentado quando amava Albertine, na realidade só era percebido ao contrário pela angústia que sentira quando ela não se achava presente, pois, ao ter certeza de que ela iria voltar, como no dia em que regressara do Trocadero, não julgara sentir mais que um vago tédio, ao passo que mais me exaltava à medida que analisava, com alegria crescente, o rumor da faca ou o gosto do chá que fizera entrar em meu quarto, o quarto da tia Léonie e, a seguir, toda Combray e seus dois lados. Assim, estava agora resolvido a me dedicar a essa contemplação da essência das coisas, a fixá-la; porém como? Por qual meio? Sem dúvida, no momento em que a goma do guardanapo me devolvera Balbec, acariciando-me a imaginação por um instante, não apenas com a vista do mar tal como se mostrara naquela manhã, mas com o cheiro do quarto, a rapidez do vento, a vontade de almoçar, a vacilação entre os diversos passeios, tudo isto preso à sensação do linho, assim como as mil asas dos anjos dão mil giros por minuto; sem dúvida, no momento em que a desigualdade das duas lajes prolongara, em todos os sentidos e todas as dimensões, com todas as sensações que já havia experimentado, as imagens ressequidas e nuas que eu guardava de Veneza e de São Marcos, unindo a praça à igreja, o embarcadouro à praça, o canal ao embarcadouro, e, a tudo o que os olhos alcançam, o mundo dos desejos, que só é visto pelo espírito, eu fora tentado, se não, por causa da estação, a ir passear de novo nas águas para mim sobretudo primaveris de Veneza, pelo menos a retomar a Balbec. Mas não me deteve sequer por um instante essa idéia. Sabia que as terras eram diversas do que me pintavam seus nomes, e que quase só existiam em meus sonhos, dormindo, e também que se estendia à minha frente um lugar feito da pura matéria inteiramente distinta das coisas comuns que se vêem, que se tocam, e que fora a sua quando eu as imaginava. Porém, mesmo no que se referia a essas imagens de outro gênero, as da lembrança, sabia que não havia descoberto a

beleza de Balbec quando ali estivera, e mesmo a que ela me deixara, a da lembrança, já não fora a que eu havia reencontrado em minha segunda temporada. Já verificara bastante a impossibilidade de atingir, na realidade, aquilo que estava no fundo de mim mesmo; que não mais seria na praça de São Marcos, como não fora em minha segunda viagem a Balbec, ou no meu regresso a Tansonville para visitar Gilberte, que haveria de recuperar o Tempo Perdido, e que a viagem, que só me proporcionava, uma vez mais, a ilusão de que essas impressões antigas existiam fora de mim, na esquina de certa praça, não podia ser o meio que eu buscava. E eu não queria me deixar lograr mais uma vez, pois tratava-se de saber afinal se era capaz de alcançar o que, sempre havia me decepcionado como tinha sido os lugares, julgara (conquanto uma vez a peça pura poderia dizer o contrário) irrealizável. Portanto, não ia por um caminho que há muito verificara não levara a coisa alguma e o que buscava fixar só poderiam desvanecer-se ao ser incapaz de criá-las. A única maneira de apreciá-las completamente, no ponto em que se encontravam, torna-las nítidas até em suas profundezas. Não havia em Balbec, como não conhecera o de viver com Albertine, fora perceptível. E a recapitulação que eu fazia das imagens vívidas, e que me levava a acreditar que a realidade não se fazia de um modo puramente fortuito, senão a existência, a diferentes desapontamentos, ou numa viagem e a decepção do amor não era variação do que assume, conforme o fato a que se não realizarmos no gozo material, na ação efetiva. E, como o temporal causado, ou pelo ruído da colher, eu pensava comigo: Era isso, esta ventura proposta pela minha pequenez se enganara assimilando-a ao prazer do amor e não ao artístico; esta ventura que me fizera pressentir, como que o conseguira a frase da sonata, o rubro apelo que não pudera conhecer, tendo morrido, como se feita para eles fosse revelada. Aliás, não se podia muito bem simbolizar um apelo, mas não ao escritor que ele não era.

Nesse instante, depois de ter pensado nessas ressurreições de outro modo, impressões obscuras que tinham o caminho de Guermantes, solicitando minha atenção, e que ocultavam não uma sensação de outrora, mas uma matéria preciosa que buscava descobrir por meio do que fazemos para recordar alguma coisa, como partituras musicais que retornassem a nós sem que nos esforçássemos por escutar e transcrever; mostrava então que eu já não era o mesmo, e assim minha natureza, e também com tristeza, me vi regredindo, que já em Combray fixava atento a flor, um pedregulho, sentindo haver tal vida na viagem que me obrigara a encará-la, uma vida diversa que deveria tentar descobrir, uma idéia nos caracteres hieroglíficos que se diria representarem exatamente objetos materiais. Claro que a decifração era difícil, porém só ela permitiria ler a verdade. Pois as verdades que a inteligência clara e diretamente apreende no mundo da plena luz têm algo de menos profundo, menos necessário, do que as que a vida nos comunicou à nossa revelia em uma impressão, material

porque entrou em nós pelos sentidos, mas da qual podemos desprender o espírito. Em suma, num e noutro caso, quer se trate de impressões como a que me proporcionara a vista dos campanários de Martinville, quer de reminiscências como a da desigualdade dos dois passos ou do sabor da madeleine, era preciso tentar interpretar as sensações como signos de outras tantas leis e idéias, procurando pensar, isto é, fazer sair da penumbra aquilo que sentira, convertê-lo em um equivalente espiritual. Ora, este meio, que me parecia o único, que outra coisa era senão compor uma obra de arte? E as conseqüências já se revolviam em meu espírito; pois, tratava-se de reminiscências do gênero do ruído do garfo, ou do sabor da madeleine, ou daquelas verdades escritas com o auxílio de figuras cujo sentido eu procurava encontrar em minha cabeça, onde campanários, ervas daninhas, compunham um quadro complicado e florido, o fato é que logo de início eu não era livre para escolhê-las, sendo obrigado a aceitá-las tais como eram. E percebia nisso a marca de sua autenticidade. Não fora procurar as duas lajes irregulares do pátio onde tropeçara. Porém justamente a maneira casual, inevitável, por que surgira a sensação, controlava a verdade do passado que ela ressuscitava, das imagens que desencadeava, visto que sentimos o seu esforço para subir à luz, sentimos a alegria do real recuperado. Ela igualmente controla a verdade do quadro feito de impressões contemporâneas, que arrasta consigo com aquela infalível proporção de luz e sombra, de realce e de omissão, de lembrança e esquecimento, que a memória ou a observação conscientes sempre hão de ignorar.

Quanto ao livro interior de signos desconhecidos (signos em relevo, dir-se-ia, que minha atenção, explorando o inconsciente, ia procurar, feria, contornava, como um mergulhador que faz sondagens), para cuja leitura ninguém podia me ajudar com nenhuma regra, essa leitura consistia num ato criador para o qual coisa alguma nos pode suprir ou até colaborar conosco. Assim, quantos deixam de escrevê-lo desviando-se para outras tarefas! Cada acontecimento, fosse o Caso Dreyfus, fosse a guerra, fornecera outras tantas desculpas aos escritores para não decifrarem esse livro; queriam assegurar o triunfo do direito, refazer a unidade moral da nação, não tinham tempo de pensar na literatura. Mas isto não passava de desculpas de quem não tinha, ou já não tinha talento, ou seja, instinto. Pois o instinto dita o dever e a inteligência fornece os pretextos para esquivar-se a ele. Apenas, as desculpas não são aceitas pela arte, onde as intenções nada valem; a todo instante o artista deve ouvir seu instinto, o que faz com que a arte seja o que existe de mais real, a mais austera escola da vida, e o verdadeiro Juízo Final. Esse livro, o de decifração mais trabalhosa, é também o único a nos ser ditado pela realidade, o único do qual a "impressão" foi realizada por ela própria. De alguma idéia deixada em nós pela vida, seja qual for, sua representação material, a impressão que nos causou, e ainda o penhor de sua verdade necessária. As idéias formadas pela inteligência pura só têm uma verdade lógica,

uma verdade que sua escolha é arbitrária. O livro de caracteres figurados, não traçados por nós, é nosso único livro. Não que essas idéias que formamos não possam ser logicamente corretas, mas não sabemos se são verdadeiras. Só a impressão, por mais débil que lhe pareça a matéria, ou inapreensíveis os traços, é um critério de verdade, e devido a isto merece exclusivamente ser apreendida pelo espírito, sendo, se ele lhe souber extrair essa verdade, a única em condições de fazê-lo atingir a maior perfeição, dando-lhe uma genuína alegria. A impressão é para o escritor o que a experimentação significa para o sábio, com a diferença de que, no sábio, o trabalho da inteligência é anterior, e no escritor vem depois. O que não temos de decifrar, esclarecer por nosso esforço pessoal, o que já estava claro antes de nós, não nos pertence. Só vem de nós mesmos o que extraímos da obscuridade existente no nosso íntimo e que os outros não conhecem.

Um raio oblíquo do sol poente me recordou de imediato uma época em que jamais voltara a pensar e na qual, na minha primeira infância, como a tia Leone adoecera e o Dr. Percepied temia que fosse febre tifóide, tinham me mandado passar uma semana no quartinho de Eulalie, na praça da igreja, onde só havia uma esteira no chão e, na janela, uma cortina de percal, sempre a vibrar de um sol a que eu não estava habituado. E vendo como a lembrança desse quartinho da antiga empregada acrescentava de súbito à minha vida passada um longo pedaço bem diferente do resto, e tão delicioso, pensei, por contraste, na nulidade de impressões que haviam trazido à minha vida as mais suntuosas festas dos palácios mais principescos. O único elemento tristonho daquele quarto de Eulalie era que se ouvia à noite, devido à proximidade do viaduto, os uivos dos trens. Mas, como sabia que tais bramidos emanavam de máquinas dirigidas, eles não me aterrorizavam como o poderiam ter feito, em dado período da pré-história, os berros soltados por um mamute vizinho em seu passeio livre e desordenado.

Assim, já chegara à conclusão de que de maneira alguma somos livres diante da obra de arte, que não a fazemos à nossa vontade, mas que, sendo preexistente a nós, devemos, porque é necessária e oculta e da mesma forma como o faríamos se se tratasse de uma lei da natureza, descobri-la. Porém, essa descoberta que a arte poderia nos obrigar a fazer, não seria, no fundo, a do que temos de mais precioso, e que habitualmente permanece ignorado de nós para sempre, nossa verdadeira vida, a realidade tal como a sentimos e que difere tanto daquilo em que acreditamos que nos enchemos de felicidade imensa quando o acaso nos traz dela a verdadeira lembrança? Convencia-me disso justamente devido à falsidade da arte pretensamente realista, e que não seria tão mentirosa se não houvéssemos na vida criado o hábito de atribuir ao que sentimos uma expressão que difere bastante dela e que, após algum tempo, tomamos pela própria realidade. Percebia que não precisava me embaraçar com as diferentes teorias literárias que por um instante me haviam perturbado principalmente as que a crítica

desenvolvera por ocasião do Caso Dreyfus, retomando-as durante a guerra, e que mostravam tendência a fazer o artista deixar sua "torre de marfim", e cuidar não de assuntos frívolos e sentimentais, mas descrever grandes movimentos operários e, à falta de multidões, pelo menos não tratar de vadios insignificantes ("confesso que a descrição desses inúteis me deixa muito indiferente", dizia Bloch), e sim de nobres intelectuais ou de heróis. Além disso, mesmo antes de discutir seu conteúdo lógico, tais teorias me pareciam denotar, em quem as sustentava, uma prova de inferioridade, como uma criança de fato bem educada, ao ouvir as pessoas em cuja casa a mandaram almoçar dizerem:

- Nós admitimos tudo, somos francos -, sente que isso demonstra uma qualidade moral inferior à da boa ação pura e simples, que não precisa de palavras.

A arte genuína se realiza em silêncio e não tende a fazer tantas proclamações. Ademais, os que teorizavam desse modo valiam-se de frases feitas que singularmente se assemelhavam às dos imbecis a quem condenavam. E talvez seja mais pela qualidade da linguagem do que pelo gênero de estética que podemos avaliar o nível de perfeição do trabalho intelectual e moral. Porém inversamente, essa qualidade da linguagem (e até para estudar as leis do caráter servem tanto os assuntos sérios quanto os frívolos, assim como um dissecador tanto estuda as da anatomia no corpo de um imbecil quanto no de um homem de talento; as grandes leis morais, bem como as da circulação do sangue ou da eliminação renal, diferem pouco, segundo o valor intelectual dos indivíduos), sem a qual julgam os teóricos poder passar, os admiradores destes crêem facilmente que ela não prova um grande valor intelectual, valor que necessitam, para discerni-lo, ver expresso diretamente e que não deduzem da beleza de uma imagem. Daí a grosseira tentação, para o escritor, de produzir obras intelectuais. Grande indelicadeza.

Uma obra repleta de teorias é como um objeto com etiqueta de preço. E esta expressa um valor que em literatura, ao contrário, o raciocínio lógico diminui. Raciocina-se, ou seja, vagabundeia-se, toda vez que não se consegue fazer passar uma impressão por todos os estados sucessivos que levam à sua fixação, à expressão.

A realidade a ser expressa residia, conforme percebia agora, não na aparência do assunto, mas no grau de penetração dessa impressão nas profundezas onde essa aparência não tem qualquer significado, como o simbolizavam o ruído da colher num prato, a rigidez engomada do guardanapo, que tinham sido mais preciosos para a minha renovação espiritual do que tantas conversas humanitárias, patrióticas, internacionalistas e metafísicas. "Nada de estilo", eu ouvira dizer então, nada de literatura, queremos vida". Já se percebe o quanto até as ingênuas teorias do Sr. de Norpois contra os "flautistas" ganharam em vigor desde a guerra. Pois todos aqueles desprovidos de senso artístico, ou seja, de

submissão à realidade interior, podem ser dotados da faculdade de raciocinar interminavelmente sobre a arte. Ainda que sejam, por acréscimo, diplomatas ou financistas a lidarem com as "realidades" do tempo presente, crêem piamente que a literatura é um simples jogo do espírito destinado gradualmente a desaparecer no futuro. Desejariam alguns que o romance fosse uma espécie de desfile cinematográfico das coisas. Tal concepção é absurda. Nada se distancia mais daquilo que na realidade percebemos do que semelhante visão cinematográfica.

Como, ao entrar nesta biblioteca, lembrara-me justamente do que dizem os Goncourt a cerca das belas edições originais que ela contém, prometera a mim mesmo olhá-las enquanto estava encerrado aqui. E, sempre continuando o meu raciocínio, retirei um a um os preciosos volumes, sem dar maior atenção ao resto, quando, no momento em que abria distraído um deles, *François le Champi* de George Sand, senti-me desagradavelmente surpreendido como por alguma impressão em extremo desacordo com meus pensamentos atuais, até o momento em que, emocionado até as lágrimas, reconheci o quanto essa impressão se harmonizava com eles. Ao passo que na câmara-ardente os funcionários da empresa funerária se preparam para descer o esquife, o filho do morto que prestou serviços à pátria aperta a mão dos últimos amigos em desfile, revoltando-se caso ouça, de súbito, fanfarras sob a janela, julgando tratar-se de algum escárnio à sua dor. Mas a seguir, ele, que se mostrara senhor de si até então, não pode mais conter as lágrimas; pois acaba de compreender que o que está escutando é a música de um regimento que se associa a seu luto e presta homenagem aos despojos de seu pai. Assim, eu acabava de reconhecer o quanto se harmonizava com meus pensamentos atuais a dolorosa impressão que havia sentido ao ler o título de um livro na biblioteca do príncipe de Guermantes; título que me fornecera a idéia de que a literatura verdadeiramente nos oferecia aquele mundo de mistério que já não encontrava nela. E todavia não era um livro propriamente extraordinário, era *François le Champi*. Esse nome, porém, como o de Guermantes, não representava para mim o mesmo que os outros que conhecera desde essa época a lembrança do que me parecera inexplicável no tema de *François le Champi*, enquanto mamãe lia para mim a obra de George Sand, era despertada por esse título (assim como o nome de Guermantes, quando passava muito tempo sem vê-los, encerrava para mim tanto feudalismo como *François le Champi* a essência do romance), e se substituía por um momento à idéia bastante geral do que constituem os romances *berrichões*{150} de George Sand.

Num jantar, quando o pensamento fica sempre na superfície, sem dúvida eu teria podido falar de *François le Champi* e dos Guermantes, sem que qualquer deles fosse o de Combray. Mas, quando estava a sós, como agora, teria

mergulhado a uma profundidade maior. Neste momento, a idéia de que alguma senhora, que havia conhecido na sociedade, fosse prima da Sra. de Guermantes, isto é, de uma personagem de lanterna mágica, parecia-me tão incompreensível como a de que os mais belos livros que já li fossem não digo até superiores, conquanto o fossem de fato, mas iguais a esse extraordinário *François le Champi*. Era uma impressão bem antiga, em que minhas recordações da infância e da família se misturavam com ternura, e que eu não reconhecera de pronto. No primeiro instante, indagara a mim mesmo, encolerizado, quem era o estranho que vinha me fazer mal. Esse estranho era eu próprio, era a criança que eu fora àquela época, e que o livro acabava de suscitar em mim, pois, não conhecendo de mim senão essa criança, fora essa mesma que o livro havia convocado imediatamente, não desejando ser visto senão pelos seus olhos, ser amado exclusivamente pelo seu coração, e querendo falar apenas a ela. Assim esse livro que minha mãe havia lido para mim em voz alta, em Combray, até quase de manhã, conservara todo o encanto daquela noite. É certo que a "pluma" de George Sand (para empregar uma expressão que Brichot gostava tanto de dizer quando se referia a que um livro era escrito com "uma pluma alerta") não me parecia de modo algum mágica, como havia parecido a minha mãe, durante tanto tempo, antes que ela moldasse meus gostos literários pelos seus. Mas, sem querer, eu a magnetizara, como se divertem muitas vezes a fazer os colegiais; e eis que mil nadas de Combray, há muito tempo olvidados, punham-se a saltar rapidamente por si mesmos, um a um, e vinham ligar-se ao bico imantado numa corrente interminável e trêmula de recordações.

Certos espíritos que apreciam o mistério preferem acreditar que os objetos conservam algo dos olhos que os contemplaram, que os quadros e monumentos só nos surgem debaixo do véu sensível que lhes teceram o amor e a contemplação de tantos adoradores durante séculos. Tal quimera se transformaria em verdade se eles a transpusessem para o domínio da única realidade de cada um, para o domínio da sua própria sensibilidade. Sim, neste sentido, e unicamente neste (mas de forma bem mais ampla), uma coisa para a qual olhamos antigamente, se voltamos a vê-la, traz-nos de novo, juntamente com o olhar que pousamos nela, todas as imagens que a preenchiam outrora. É que as coisas um livro de capa vermelha como as outras -, logo ao serem avistadas por nós, tornam-se dentro de nós algo de imaterial, da mesma natureza de todas as nossas preocupações ou sensações daquele tempo, e se mesclam indissoluvelmente a elas. Determinado nome, lido num livro outrora, contém entre suas sílabas o vento veloz e o sol brilhante que fazia quando o líamos. De modo que a literatura que se contenta em "descrever as coisas", em delas fornecer apenas um miserável sumário de linhas e superfícies, é a que, intitulando-se realista, mostra-se a mais afastada da realidade, a que mais nos empobrece e consterna, pois corta bruscamente toda e qualquer comum ligação

do nosso eu presente com o passado, do qual as coisas conservavam a essência com o futuro, onde elas nos incitam a saboreá-lo de novo. É isso que deve expressar a arte digna desse nome e, se fracassa, pode-se ainda extrair de sua impotência - lição (ao passo que não se tira nenhuma dos êxitos do realismo), a saber, que a essência é, em parte, subjetiva e incomunicável.

Mais ainda: uma coisa que vimos em certa época, um livro que lemos, que ficam ligados para sempre somente ao que havia a nosso redor; este associa-se fielmente ao que éramos então, que só pode ser sentido e repensado pela sensação de realidade, pelo pensamento, pela pessoa que éramos naquele tempo; se pego pessoalmente o *François le Champi* na biblioteca, imediatamente ergue-se em mim uma criança, que assume o meu lugar, e é só ela quem tem o direito de ler esse título - *François le Champi*, e de fazê-lo como outrora, com a mesma impressão do tempo que reinava no jardim, os mesmos sonhos que então nutria a cerca das terras distantes e da vida, a mesma angústia do dia seguinte. Revendo eu alguma coisa à outro tempo, outro rapaz se erguerá dentro de mim. E minha pessoa de hoje passa de uma pedreira abandonada, a julgar que tudo aquilo que contém é igualmente monótono, mas de onde cada lembrança, como um escultor de gênio, extrai sem-número de estátuas. Digo: cada coisa que revemos; pois os livros, sob esse aspecto, se comportam feito coisas, o modo como se abria a sua lombada, o do papel pode ter conservado uma lembrança, tão viva quanto as próprias frases do texto, da forma como eu imaginava então Veneza e do desejo de ir conhecê-la. Mais viva até, pois estas perturbam às vezes, como certas fotografias, que nos dão de alguém uma imagem menos fiel do que a que teríamos se nos limitássemos a pensar nele. E certo que, no caso de muitos livros da minha infância e, infelizmente até no de certos livros de Bergotte, quando numa noite de cansaço ia pegá-los, só o fazia como se tomasse um trem na esperança de repousar pelas coisas diferentes e respirando a atmosfera do tempo antigo. Mas, ao contrário, sucede que semelhante evocação procurada sai prejudicada pelo prolongar da leitura do livro. É o que ocorre num livro de Bergotte (que na biblioteca o príncipe trazia uma dedicatória de vulgaridade e bajulação extremas), lido num outro dia de inverno em que eu não pudera ver Gilberte, e no qual não pude reencontrar as frases de que tanto gostava. Certas palavras me faziam pensar que eram quase impossível. Onde estaria então a beleza que lhes atribuía? Mas do volume não fora removida a neve que cobria os Champs-Elysées no dia em quê vejo-a sempre. E é por isso que, se fosse tentado a ser um bibliófilo, como o príncipe Guermantes, só o teria sido de modo particular, buscando aquela beleza indo dentro do valor próprio de um livro, e que decorre, para um colecionador, de conhecer as bibliotecas por onde passou, de sabê-lo dado, em tal acontecimento determinado soberano a um certo homem célebre, de tê-lo seguido, de venda em venda, através de sua vida; essa beleza histórica, por assim dizer, de um livro não ficaria perdida para mim. Mas eu a

extrairia, de preferência, da história de minha própria vida, isto é, não a encarando como simples amador; e muitas vezes a iria buscar, não no exemplar material, mas na obra em si mesma, como no caso do *François le Champi*, contemplado pela primeira vez no meu pequeno quarto de Combray, na noite talvez a mais doce e triste da minha vida, em que eu, ai de mim! (num tempo em que me pareciam bastante inacessíveis os misteriosos Guermantes), obtivera de meus pais uma primeira abdicação, da qual posso datar o declínio de minha saúde e de minha vontade, minha renúncia cada vez maior a uma tarefa difícil e reencontrado hoje precisamente na biblioteca dos Guermantes, no dia mais belo, o que me iluminava subitamente não só as antigas hesitações intelectuais, mas até o objetivo da minha vida e talvez da arte. Quanto aos próprios exemplares dos livros, aliás poderiam interessar-me, mas apenas em função da vida. A primeira edição de uma obra teria sido mais preciosa que as outras, mas por essa expressão entenderia a edição em que o li pela primeira vez. Procuraria as edições originais, ou seja, aquelas em que tive desse livro uma impressão original. Pois as impressões seguintes já o não são. Colecionaria os romances por causa das encadernações antigas, as do tempo em que li meus primeiros livros, e que ouviram tantas vezes papai dizer: "Fica direito!". Como o vestido em que vimos uma mulher pela primeira vez, elas me ajudariam a reencontrar o amor que eu sentia à época, a beleza à qual eu superpusera tantas imagens cada vez menos amadas, a fim de poder reencontrar a primeira, eu que já não sou o eu que a viu e que devo ceder o lugar ao eu que eu era então, para que ele chame o objeto que conheceu e que o eu de hoje absolutamente ignora. Porém mesmo neste sentido, o único que posso entender, eu não seria bibliófilo. Por causa de tudo isso, sei perfeitamente como as coisas são porosas ao espírito e se embebem nele. Assim, a biblioteca que eu comporia até poderia alcançar um valor ainda maior; pois os livros que li antigamente em Combray e em Veneza, agora enriquecidos, pela memória, de amplas iluminuras representando a igreja de Saint-Hilaire, a gôndola atracada aos pés de São Jorge Maior, no Grande Canal incrustado de cintilantes safiras, se tornariam dignos desses “livros de imagens", dessas histórias sagradas, livros de horas que o conhecedor jamais abre para ler o texto e sim para encantar-se mais uma vez com as cores que a eles acrescentou algum êmulo de Foucquet, e que constituem o maior valor da obra. E no entanto, até mesmo só abrir esses livros de outrora para olhar as imagens que então não os ornavam, se me afiguraria ainda tão perigoso que nem neste sentido, o único que posso admitir.

E seria tentado a transformar-me em bibliófilo. Sei perfeitamente o quanto imagens deixadas pelo espírito são por ele próprio apagadas. As antigas substituídas por novas que já não têm o mesmo poder de ressurreição. E, se ainda possuísse *François le Champi* que mamãe tirou certa ocasião do pacote de livros que minha avó devia me dar pelo meu aniversário, o fato é que nunca mais o

olharia; recearia muito inserir nele, aos poucos, as minhas impressões de hoje, até chegar a encobrir de todo as de outrora, recearia muito vê-lo tornar-se a esse ponto uma coisa do presente que, quando lhe pedisse para suscitar de novo a criança que decifrou seu título no pequeno quarto de Combray, essa criança, não reconhecendo o seu tom, já não respondesse ao seu apelo e ficasse enterrada no esquecimento para sempre.

A idéia de uma arte popular, como de uma arte patriótica, ainda que fosse perigosa por si mesma, parecia-me ridícula. Se se tratasse de torná-la acessível ao povo, sacrificando para isso os requintes formais, "bons para os ociosos"; havia freqüentado bastante as pessoas da sociedade para saber que são elas os verdadeiros iletrados, e não os operários eletricistas. Sob tal aspecto, uma artista popular pela forma seria antes destinada aos membros do Jockey do que aos da Confederação Geral do Trabalho; quanto aos assuntos, os romances populares, entediam a gente do povo tanto quanto as crianças se sentem entediadas por esses livros escritos especialmente para elas. Todos procuram se distrair na leitura, os operários têm tanta curiosidade acerca dos príncipes quanto estes acerca dos operários.

Desde o começo da guerra, o Sr. Barres havia dito que o artista (não Ticiano) deve sobretudo servir à glória de sua pátria. Mas só pode servir a ela sendo artista, isto é, com a condição de, ao estudar as leis da Arte, e instituir suas experiências e fazer suas descobertas, tão delicadas como as da ciência, não pensarem outra coisa nem na pátria-senão na verdade que está à sua frente. Não intermitentes os revolucionários que por "civismo" desprezavam, quando não destruíam, as obras de Watteau e de La Tour, pintores que honram mais a França do que todos os da Revolução.

Caso tivesse escolha, não seria a anatomia o que haveria de eleger uma criatura sensível. Não foi a bondade, aliás bem grande, de seu coração virtuoso, que levou Choderios de Laclos a escrever *As Ligações Perigosas*, nem seu interesse na pequena ou grande burguesia que fez Flaubert preferi-las como assuntos de *Madame Bovary* ou de *A Educação Sentimental*.

Alguns diziam que seria breve a arte de uma época apressada, assim como aqueles que previam, antes da guerra, que estas seriam curtas. Assim, a estrada de ferro devia matar a contemplação; era inútil lastimar as diligências, mas o automóvel veio preencher suas funções e permitir aos turistas pararem novamente nas igrejas abandonadas. Uma imagem ofertada pela vida nos traz de fato, neste momento, seções múltiplas e diversas. A visão, por exemplo, da capa de um livro já lido, os caracteres de seu título, os raios de lua de uma distante noite de verão. O do café com leite matinal nos traz essa vaga esperança de um bom tempo de outrora, enquanto o bebíamos numa xícara de branca porcelana cremosa e enrugada, parecendo leite coalhado, quando o dia ainda

estava pleno e intacto, nos sorria na clara incerteza do amanhecer. Uma hora não é somente uma hora, é um jarro cheio de perfumes, de sons, de projetos e de climas. O que denominamos realidade é uma certa relação existente entre tais sensações e lembranças que nos cercam simultaneamente relação que uma simples visão cinematográfica suprime, pois se afasta tanto mais da realidade quanto mais pretende limitar-se a ela, relação única que o escritor deve reencontrar para ligar-lhe para sempre em sua frase os dois termos diferentes. Podem-se alinhar indefinidamente numa descrição os objetos que figurariam no lugar descrito, mas a verdade só começará no momento em que o escritor tomar dois objetos diversos, estabelecer a relação entre eles, análoga no mundo da arte à relação única da lei de causa e efeito no mundo da ciência, e encerrá-las nos anéis necessários de um estilo harmonioso. Ou quando, assim como a vida, aproximar uma qualidade própria de duas sensações, extraindo a essência comum a elas ao reuni-las, a fim de libertá-las das contingências do tempo, numa metáfora. Sob este aspecto, não me pusera a própria natureza no caminho da arte, não era ela o próprio começo da arte, ela que, tantas vezes bem mais tarde, só me permitira conhecer a beleza de uma coisa em outra, o meio-dia em Combray no repicar de seus sinos, as manhãs de Doncieres nos soluços do nosso calorífero a água? A relação pode ser pouco interessante, os objetos medíocres, o estilo ruim, mas sem isso nada se faz.

Porém havia mais. Se a realidade fosse esta espécie de resíduo da experiência, mais ou menos idêntico para todos, pois quando dizemos: um mau tempo, uma guerra, um posto de carros de aluguel, um restaurante iluminado, um jardim em flor, todo mundo sabe o que desejamos expressar; se a realidade fosse isso, sem dúvida uma espécie de filme cinematográfico dessas coisas seria o suficiente, e o "estilo" e a "literatura" que se afastassem dessas limitações seriam uma excrescência artificial. Mas seria isso mesmo a realidade? Se eu tentasse verificar de fato o que se passa no momento em que uma coisa nos causa uma determinada impressão, seja como naquele dia em que, ao passar pela ponte sobre o Vivonne, a sombra de uma nuvem sobre a água me fizera gritar "Oba!", saltando de alegria, seja quando, ouvindo uma frase de Bergotte, só pudera captar de minha impressão esta coisa vaga: "É admirável", seja ainda quando, irritado por uma inabilidade, Bloch pronunciara estas palavras que de forma alguma convinham a um episódio tão vulgar: "Que alguém proceda desse modo, acho até fantástico", ou seja quando, lisonjeado por ter sido bem acolhido em casa dos Guermantes, e além disso um tanto embriagado pelos seus vinhos, não podia evitar dizer a meia voz, sozinho, ao deixá-los: "Ainda assim, são pessoas requintadas com as quais será agradável conviver"; percebia que esse livro essencial, o único livro genuíno, um grande escritor não precisa inventá-lo, no sentido comum, pois ele já existe em cada um de nós, é só traduzi-lo. O dever e a tarefa de um escrito são os de um tradutor.

Ora, se, quando se trata da linguagem incorreta do amor-próprio, por exemplo, o aprumo do oblíquo discurso interior (que vai se afastando cada vez mais da impressão primeira e central) até confundi-lo com a reta que deveria ter partido da impressão, se obter esse aprumo é tarefa ingrata contra a qual se enfeza a nossa preguiça, há outros casos, o do amor, por exemplo, em que esse mesmo aprumo se torna doloroso. Todas as nossas fingidas indiferenças, toda nossa indignação contra mentiras tão naturais, tão semelhantes às nossas próprias, numa palavra, tudo aquilo que não só não deixamos de dizer à pessoa amada, toda vez que nos sentíamos infelizes ou traídos, mas até, enquanto esperamos vê-la, repetimos a nós mesmos incessantemente, por vezes em altos brados no silêncio do nosso quarto quebrado por frases do tipo: "Não, na verdade tais atitudes são intoleráveis", e: "Quis receber-te uma última vez, e não nego que isso me desgosta", reconduzir tudo isso à verdade já sentida, da qual se havia afastado, será abolir aquilo a que mais nos apegávamos, aquilo que, a sós, nos projetos febris de cartas e entrevistas, discutíamos apaixonadamente.

Mesmo nos prazeres artísticos, que todavia buscamos devido à impressão que causam, procuramos logo deixar de lado, como sendo inexprimível, o que constitui precisamente essa mesma impressão, e de nos unir àquilo que nos permite gozar o prazer sem conhecê-lo até o fundo, e que nos dá a ilusão de comunicá-lo a outros amadores com quem a conversação será possível, porque lhes falaremos de algo que é o mesmo para eles como para nós, sendo suprimida a raiz pessoal de nossa própria impressão. Mesmo nos exatos momentos em que somos os espectadores mais desinteressados da natureza, da sociedade, do amor, da própria arte, como toda impressão é dupla, em parte envolta pelo objeto, prolongada em nós mesmos por uma outra metade que só nós poderíamos conhecer, fazemos questão de negligenciá-la, ou seja, justo aquela a que nos deveríamos ligar, sem nos darmos conta de que a outra metade, não podendo ser aprofundada pois que é externa, não nos causará nenhum cansaço: o pequeno sulco aberto em nós pela vista de um espinheiro-alvar ou de uma igreja, acharemos bem difícil tentar percebê-lo. Porém voltamos a tocar a sinfonia, tornamos a ver a igreja até nessa fuga para longe de nossa própria vida que não temos a coragem de encarar, e que se chama erudição chegarmos a conhecê-la tão bem como os mais sábios apreciadores de música ou de arqueologia, e da mesma forma que eles. Assim, muitos ficam nisso e nada extraem das próprias impressões, envelhecendo inúteis e insatisfeitos como celibatários da arte! Sofrem de males iguais aos das virgens e dos preguiçosos, a quem a fecundidade ou o trabalho poderiam curar. São mais exaltados a respeito das obras de arte que os verdadeiros artistas, pois sua exaltação, não sendo para eles objeto de um duro trabalho de aprofundamento, derrama-se para fora, aquece as suas conversas, avermelha seus rostos. Julgam realizar-se gritando até perder a voz: "Bravo! Bravo!" após a interpretação de uma peça preferida. Mas tais manifestações não

os obrigam a esclarecer a natureza de seu amor, que lhes permanece ignorada. Todavia este, inutilizado, transborda de suas conversas mais tranqüilas, leva-os a fazer grandes gestos, caretas, a menear a cabeça, ao falarem de arte. "Estive num concerto. Confesso que aquilo não me entusiasmou. Começaram o quarteto. Ah! Mas que diabo! Que diferença!" (o rosto do amador exprime nesse instante uma inquietação ansiosa, como se estivesse pensando:

"Mas vejo fagulhas, sinto cheiro de queimado, é um incêndio"). "Com mil demônios, o que ouço é exasperador, está mal escrito mas mexe com a gente, não é para qualquer um fazer."

Esse olhar é precedido de uma entonação igualmente ansiosa, de sacudidelas de cabeça, de novas gesticulações, todo o ridículo das asinhas curtas do patinho que não resolveu o problema do vôo mas é instigado pelo desejo de planar. De concertos em concertos passa a vida esse estéril amador, azedo e insatisfeito quando se torna grisalho, sem velhice fecunda, de algum modo o celibatário da arte. Mas essa gente odiosa, que empresta seu mérito, dele não recebendo nenhuma satisfação, chega a ser tocante porque é o primeiro esboço informe da necessidade de passar do objeto variável do prazer intelectual ao seu órgão permanente.

Mais ainda: por muito ridículos que sejam, não são de todo desprezíveis. Constituem os primeiros ensaios da natureza no sentido da criação do artista, tão informes e tão pouco viáveis como os primeiros animais que precederam as espécies de hoje, e que não eram feitos para durar. Esses amadores veleidosos e estéreis devem nos emocionar como aqueles primeiros aparelhos que não puderam deixar o solo, mas nos quais se abrigava, não ainda o meio secreto que deveria estar por descobrir, mas o desejo do vôo. "Meu velho", acrescenta o amador, segurando-nos o braço, "é a oitava vez que o ouço, e juro que não será a última". De fato, como eles não assimilam o que, na arte, é na verdade nutriente, necessitam o tempo todo de satisfações artísticas, presa de uma bulimia que não os farta jamais. Portanto, vão aplaudir muitas vezes seguidas a mesma obra, julgando além disso que sua presença cumpre um dever, um ato, como, para outros, o assistirem a uma sessão do conselho administrativo ou a um enterro. Depois se inclinam por obras diferentes, e até opostas, seja na literatura, na pintura ou na música. Pois a faculdade de lançar idéias, sistemas e, sobretudo, de os assimilar, foi sempre bem mais freqüente, mesmo no meio daqueles que produzem, que o verdadeiro gosto, porém assumiu uma extensão considerável desde que as revistas e os jornais literários se multiplicaram (e com eles as vocações artificiais de escritores e de artistas). Assim, a melhor parte da juventude, a mais inteligente, a mais isenta, passou a apreciar na literatura somente as obras que tivessem um elevado alcance moral e sociológico, até religioso. Imaginava que era esse o critério para avaliar uma obra, repetindo

desse modo o erro dos David, dos Chenavard, dos Brunetiere etc. Preferia-se a Bergotte, cujas mais harmoniosas frases tinham na verdade exigido uma bem mais profunda pesquisa de si mesmo, escritores que pareciam mais profundos apenas por escreverem pior. A complicação da escrita de Bergotte só era apropriada às pessoas da alta sociedade, diziam democratas que assim atribuíam aos mundanos uma honra imerecida. Mas, quando a inteligência raciocinadora põe-se a julgar as obras de arte não existe mais nada que seja fixo, exato; pode-se demonstrar tudo o que se deseja. Ainda que a realidade do talento seja um bem, uma aquisição universal, cuja presença se pode constatar, antes de tudo, sob as modas aparentes do pensamento e do estilo, é sobre estes últimos que a crítica se detém para classificar os autores. Ela consagra profeta, devido a seu tom peremptório, seu desprezo ostensivo pela escola que o precedeu, a um escritor que não traz nada de novo. Essa constante aberração da crítica é de tal monta que um escritor quase deveria preferir ser avaliado pelo grande público (caso este não fosse incapaz de perceber até aquilo que o artista experimentou numa ordem de pesquisas que lhe é desconhecida). Pois existe analogia maior entre a vida instintiva do público e o talento de um grande escritor, que não é mais que um instinto religiosamente ouvido em meio ao silêncio imposto ao resto, um instinto aperfeiçoado e compreendido, do que entre este e a verbosidade superficial e os critérios inconstantes dos juízes oficiais. Sua logomaquia se renova de dez em dez anos (pois o caleidoscópio não se compõe apenas dos grupos mundanos, mas das idéias sociais, políticas e religiosas, que assumem uma amplitude momentânea graças à sua refração pelas massas extensas, mas apesar disso permanecem limitadas ávida breve das idéias cuja novidade só pode seduzir os espíritos pouco exigentes em matéria de provas). Assim sucediam-se partidos e escolas, arregimentando sempre os mesmos homens, homens de inteligência relativa, sempre tomados de um entusiasmo de que se abstinham os mais escrupulosos e exigentes. Por desgraça, justamente porque os outros só são meio-espíritos, têm necessidade de se complementarem pela ação, são mais ativos que os espíritos superiores, atraem a multidão e criam em torno deles não só as reputações exaltadas e os desprezos injustos, mas igualmente as guerras civis e as externas, das quais um pouco de auto crítica jansenista nos deveria preservar. E quanto ao regozijo que dá a um espírito equilibrado, a um coração verdadeiramente vivo, o belo pensamento de um mestre, é fora de dúvida salutar; mas, por mais preciosos sejam os homens de fato capazes de desfrutá-lo (quantos haverá em vinte anos?), ele os reduz a serem, mesmo assim, unicamente à plena consciência alheia.

Assim é determinado homem que, tendo feito de tudo para ser amado por uma mulher que só lhe daria desgostos, sem conseguir, apesar dos esforços redobrados e persistentes durante anos, obter nem mesmo um encontro com tal mulher, em vez de procurar exprimir os perigos e sofrimentos de que escapou, se

puser a reler sem cessar, misturando-lhe "um milhão de palavras{151}". As lembranças mais emocionantes de sua própria vida, esta reflexão de La Bruyere: "Os homens com freqüência querem amar sem o conseguir e, por assim dizer, são compelidos a permanecer livres." Que este pensamento tenha tido ou não tal significado para quem o escreveu (e, para isso, seria melhor escrever "ser amados" em vez de "amar"), é certo que o letrado sensível o vivifica, enchendo-o de significado até fazê-lo estourar, só pode relê-lo transbordando de alegria, de tanto que o considera belo e verdadeiro, mas apesar de tudo nada lhe acrescentou, e o pensamento continua sendo apenas uma reflexão de La Bruyere. De que maneira a literatura de anotações teria qualquer valor, pois que a realidade se esconde sob as pequenas coisas que assinala (a grandeza no rumor distante de um aeroplano, na linha do campanário de Saint-Hilaire, o passado no sabor de uma *madeleine* etc.) e por si mesmas nada significam se não se souber extrair o que encerram!

Aos poucos, guardada pela memória, é a corrente de todas as expressões inexatas, onde não resta nada daquilo que de fato experimentamos, que constitui para nós o nosso pensamento, nossa vida, a realidade; e é essa mentira, a meramente reproduzida por uma arte dita "vivida", simples como a vida, sem beleza, duplo emprego, aborrecido e inútil, do que vêem nossos olhos e atesta a nossa inteligência, de tal modo que perguntamos onde encontra, quem a cultiva, a alegre e motora centelha, capaz de animá-lo e de o fazer prosseguir em sua tarefa. A grandeza da arte verdadeira, a que o Sr. Norpois chamaria de jogo de diletante, consiste, ao contrário, em recuperar, fixar e nos fazer conhecer a realidade longe da qual vivemos, da qual nos afastamos cada vez mais à medida que adquire mais espessura e impermeabilidade o conhecimento convencional pelo qual a substituímos, essa realidade que corremos o risco de morrer sem ter conhecido, e que é simplesmente a nossa vida. A vida verdadeira, a vida afinal descoberta e tornada clara, por conseguinte a única vida plenamente vivida, é a literatura. Essa vida que, em certo sentido, habita cada instante em todos os homens tanto quanto no artista. Mas eles não vêem, pois não procuram desvendá-la. E assim o seu passado fica encoberto por inúmeros clichês que permanecem inúteis, visto que a inteligência não os "desenvolveu". Nossa vida, e também a vida alheia; pois o estilo, para o escritor, tanto quanto a cor para quem pinta, é uma questão não de técnica, mas de visão. É a revelação, impossível pelos meios diretos e conscientes, da diferença qualitativa que existe na maneira, como nos surge o mundo, diferença que, se não houvesse a arte, ficaria sendo o segredo eterno de cada um. Somente pela arte podemos sair de nós mesmos, saber o que enxerga outra pessoa desse universo que não é igual ao nosso, e cujas paisagens permaneceriam tão ignoradas de nós como as que por acaso existentes na lua. Graças à arte, em vez de ver um mundo, o nosso, nós o vemos multiplicar-se, e

dispomos de tantos mundos quantos forem os artistas originais, tais diferentes uns dos outros do que aqueles que rolam pelo Infinito e que, muitos séculos depois de se haver extinto o núcleo de onde provêm, chame-se este Rembrandt ou Vermeer, ainda nos enviam seus raios especiais.

Este trabalho do artista, de procurar vislumbrar sob a matéria, sob a experiência, sob as palavras, algo diferente, é exatamente o trabalho em sentido inverso do que, a cada minuto, quando vivemos desviados de nós mesmos, realizam em nós o amor-próprio, a paixão, a inteligência e o hábito, quando amontoam sobre nossas verdadeiras impressões, mas para ocultá-las de todo, as nomenclaturas, os objetivos práticos, a que falsamente chamamos vida. Em suma, esta arte tão complicada é justamente a única arte viva. Só ela expressa para os outros e nos faz ver a nós mesmos a nossa própria vida, esta vida que não pode ser "observada", cujas aparências observáveis precisam ser traduzidas e, muitas vezes, lidas pelo avesso e penosamente decifradas. Esse trabalho feito pelo nosso amor-próprio, nossa paixão, nosso espírito de imitação, nossa inteligência abstrata, nossos hábitos, é o trabalho que a arte irá desfazer, é a marcha em sentido contrário, o retorno que nos obrigará a fazer às profundezas onde o que de fato existiu jaz ignorado de nós. E, sem dúvida, era uma grande tentação recriar a verdadeira vida, rejuvenescer as impressões. Mas seria preciso coragem de todo gênero, até do sentimental. Pois exigia, antes de mais nada, derrogar as mais caras ilusões, deixar de crer na objetividade do que se elaborou, e, em lugar de se embalar pela centésima vez com estas palavras: "Ela era muito amável", ler ao revés: "Sentiria prazer em beijá-la." Certo, o que eu sentira nessas horas de amor, todos os homens também sentem. Sentimos, mas o que sentimos é semelhante a determinados negativos que só parecem negros enquanto não os colocamos junto de uma lâmpada, e que também é preciso ver às avessas; não sabemos do que se trata enquanto não o aproximamos da inteligência. Só depois que ela o iluminou, quando o intelectualizou, distinguimos, e com que esforço, a figura do que sentimos. Mas eu também percebia que o sofrimento, que primeiro me chegara através de Gilberte, de que nosso amor não pertence à pessoa que o inspira, é salutar, acessoriamente, como meio de conhecimento. (Pois, por menos que dure a nossa vida, é apenas enquanto sofremos que nossas idéias, de algum modo agitadas por movimentos ondulantes e perpétuos, fazem elevar-se, como numa tempestade, a um nível em que podemos vê-la, toda essa imensidade regida por leis, que, postados a uma janela mal colocada, não conseguimos avistar, pois o sossego da felicidade a deixa lisa e muito rasa; talvez só para alguns gênios excepcionais esse movimento exista de modo constante, imune às agitações da dor; o que não é certo, pois, quando contemplamos o amplo e regular desenvolvimento de suas obras alegres, deduzimos, da alegria da produção, a da vida, que, ao contrário, foi talvez permanentemente dolorosa.) Mas, principalmente porque, se nosso amor não se deu exclusivamente a uma

Gilberte (o que nos faz sofrer tanto), tal sofrimento não ocorreu porque o amor se deu também a uma Albertine, e sim por ser um pedaço de nossa alma, mais durável que os "eus" diversos que morrem sucessivamente em nós e, por egoísmo, desejariam retê-lo, o pedaço que deve (mesmo ao preço do sofrimento, aliás útil, que isto nos cause), desprender-se das criaturas para que lhe devolvamos a generalidade, e darmos esse amor, a compreensão desse amor, a todos, ao espírito universal, e não a esta, depois àquela, nas quais se desejariam dissolver sucessivamente este e depois aquele dos "eus" que fomos. Portanto, precisava restituir o seu sentido, que o hábito me fizera perder, aos menores sinais que me rodeavam (Guermantes, Albertine, Gilberte, Saint-Loup, Balbec etc.). E, quando houvermos alcançado a realidade, afastaremos, para exprimi-la, para conservá-la, o que for diferente dela e que a velocidade adquirida do hábito não cessa de nos trazer. Acima de tudo, afastaria essas palavras escolhidas antes pelos lábios do que pelo espírito, essas palavras cheias de humor, como as que usamos numa longa conversa e que, depois desta, continuamos a dirigir artificialmente a nós mesmos, e que nos enchem o espírito de mentiras, essas palavras apenas materiais, acompanhadas, no escritor que se rebaixa a transcrevê-las, do breve sorriso, do pequeno esgar que altera a todo instante, por exemplo, a frase oral de um Sainte-Beuve, ao passo que os livros legítimos devem ser filhos não do dia claro e das conversações, mas da obscuridade e do silêncio. E como a arte recompõe exatamente a vida, flutuará sempre em torno às verdades que atingimos em nós mesmos, uma atmosfera de poesia, a doçura de um mistério que é apenas o vestígio da penumbra que atravessamos, a indicação, assinalada com precisão como que por um altímetro, da profundidade de uma obra. (Pois essa profundidade não é inerente a certos assuntos, como o acreditam os romancistas materialisticamente espiritualistas, visto que não podem descer além do mundo das aparências, e cujas nobres intenções, semelhantes a essas virtuosas tiradas habituais em certas pessoas incapazes do menor ato de bondade, não devem nos impedir de notar que não possuem sequer a força mental de se livrar de todas as banalidades de forma adquiridas pela imitação.)

Quanto às verdades que a inteligência mesmo nos espíritos mais elevados colhe aos borbotões em plena luz, seu valor pode ser bem grande; porém apresentam contornos mais secos e são planas, não têm profundidade, pois não houve profundidade a devassar para alcançá-las, porque não foram recriadas. Freqüentemente escritores, em cujo âmago já não surgem essas verdades misteriosas, somente escrevem, a partir de certa idade, com a inteligência, cada vez mais vigorosa; os livros que a madureza têm, por causa disso, mais força que os da juventude, mas já não possuem o mesmo frescor aveludado.

No entanto, eu sentia que tais verdades que a inteligência desprende diretamente

da realidade não são de todo desprezíveis, pois poderiam envolver matéria menos pura, mas ainda eivada de espírito, essas impressões que, fora do tempo, a essência comum às sensações do passado e do presente, mas que também essências mais preciosas, são também muito desconhecidas para poder compor só em poucos dias a obra de arte. Eu sentia aglomerar-se em mim, capazes de serem utilizadas para tal, multidões de verdades relativas aos caracteres, às paixões, e aos costumes. Essas percepções me causava alegria; entretanto, parecia-me recordar que umas descobrira na dor e outras em prazeres bem medíocres. Toda pessoa que nos fizeram sofrer, pode ser comparada por nós como uma divindade, da qual não é mais que um reflexo fragmentário e no último grau, divindade (Idéia) cuja contemplação nos dá em seguida um gozo em lugar da pena que tínhamos. Toda a arte de viver consiste em não nos servir de pessoas que nos fazem sofrer mais que como de um grau que permite chegar a sua forma divina e povoar assim prazerosamente nossa vida de divindades.

Então surgiu em mim uma nova luz, menos resplandecente sem dúvida que a que me fizera perceber que a obra de arte era o único meio de *Recuperar o Tempo Perdido*. E compreendi que todos esses materiais da obra literária eram minha vida passada; compreendi que vieram para mim, nos prazeres frívolos, na preguiça, na ternura,na dor, armazenadas por mim, sem que eu adivinhasse seu destino, nem sua própria sobrevivência; semelhante ao grão que não adivinha, e reserva os mantimentos que nutrirão a planta. Assim como o grão, durante seu desenvolvimento, poderia eu morrer sem entrar em contato com assunto que outrora, vivera para ele sem sabê-lo; contato com os livros que eu queria escrever e para os quais, quando em outro tempo me sentava à mesa, não encontrava tema. De modo que toda a minha vida se resumiria em uma palavra: Uma Vocação. Entretanto, não pode resumir-se deste modo porque a literatura não desempenhara o papel algum em minha vida. Este dia poderia resumir-se porque as lembranças de suas tristezas, seus prazeres, formavam uma reserva semelhante a esse albume ao se transmudarem do embrião que se aloja no óvulo, que determinaria com os alimentos que contêm para o seu amadurecimento. Nesse tempo em que ainda se ignora que se desenvolve o embrião de uma planta, o qual é, entretanto, lugar de fenômenos químicos e respiratórios secretos mas muito ativos. Minha vida estava assim em relação com o que traria sua maturação. Nesse assunto, as mesmas comparações, falsas se delas partimos, podem ser verdadeiras como pontos de chegada. O literato inveja o pintor, gostaria de fazer esboços, fazer anotações, mas estará perdido se assim proceder. Mas quando escreve, não há um gesto de seus personagens, um tique, uma inflexão, que não lhe seja trazido à inspiração pela memória, não há um só nome de personagem inventado sob o qual não se possa colocar sessenta nomes de pessoas da vida real, das quais uma posou para as caretas, outra para o monóculo, outra para a cólera, outra para o movimento sobranceiro do braço etc. E então o pintor percebe que, se seu sonho de ser pintor não fora realizado de uma forma, consciente e voluntária, todavia achou-se realizado e que também o escritor, sem o saber, fez o seu caderno de esboços. Pois, movido pelo instinto, o escritor, muito antes de imaginar sê-lo um dia, esquecia-se de reparar em coisas que os outros notavam, o que o fazia ser tachado de distraído, pelos outros e por si mesmo, acusando-se de não saber ouvir nem ver; durante esse período, ordenava a seus olhos e ouvidos que retivessem para sempre o que aos outros parecia ninharias pueris, o tom com que fora dita certa frase, a expressão e o dar de ombros de uma pessoa em certo momento, pessoa de quem talvez não saiba coisa alguma, isto há muitos anos, e porque ela ouvira esse tom ou sentia que poderia ouvi-lo novamente, que aquilo era algo de renovável, durável; é o senso do geral que, no escritor futuro, escolhe por si mesmo o que é geral e poderá fazer parte de uma obra de arte. Pois ele só escutou os outros quando, por mais imbecis ou loucos que fossem, repetindo como papagaios o que dizem as pessoas

de natureza semelhante à deles, por isso mesmo tornavam-se aves proféticas, porta-vozes de uma lei psicológica. Ele só se recorda do essencial. Por determinadas inflexões de voz, por certos movimentos faciais, mesmo que vistos na sua mais longínqua infância, a vida dos outros estava representada nele. E quando, mais tarde, escrever, irá ajudá-lo, ou compondo um dar de ombros igual a muitos, real como se tivesse sido anotado no caderno de um anatomista, mas aqui para exprimir uma verdade psicológica, ou enxertando nos ombros um movimento do pescoço feito por outrem, cada modelo tendo dado seu instante de pose.

Não é certo que, para criar uma obra literária, a imaginação e a sensibilidade não sejam qualidades intercambiáveis e que a segunda não possa, sem grande inconveniente, substituir a primeira, como as pessoas, cujo estômago é incapaz de digerir, encarregam dessa função o intestino. Um homem de sensibilidade inata, e sem imaginação, poderia apesar disso escrever romances admiráveis. O sofrimento que os outros lhe causassem, seus esforços para evitá-lo, os conflitos que teria com pessoas cruéis, tudo isto interpretado pela inteligência, poderia dar o assunto de um livro, não apenas tão belo como imaginara e inventara, mas ainda tão externo à fantasia do autor, quando feliz e livre, tão surpreendente para ele próprio, tão acidental, como um capricho fortuito da imaginação.

As criaturas mais estúpidas manifestam, por seus gestos, frases e sentimentos involuntariamente expressos, leis de que não se dão conta, mas que o artista nelas surpreende. Devido a esse tipo de observações, o vulgo acha que o escritor é cruel, e o faz erradamente, pois, num ridículo, o artista percebe uma bela generalidade, e nem por isso culpa a pessoa observada, assim como o cirurgião não menospreza o paciente por estar sofrendo de um distúrbio muito freqüente de circulação; por isso, caçoa menos que ninguém dos ridículos. Desgraça mais infeliz do que cruel: quando se trata das próprias paixões, embora pareça muito bem à generalidade, liberta-se menos facilmente dos desgostos que elas provocam. É claro que, quando um indivíduo insolente nos critica, preferiríamos que ele nos elogiasse; e, sobretudo, se nos trai uma pessoa que adoramos, quanto não daríamos para que o contrário ocorresse! O ressentimento pela afronta e as mágoas pelo abandono seriam então as terras que nunca conheceríamos, e cuja descoberta, penosa para o homem, torna-se artista. Assim os malvados e os ingratos, apesar de si mesmos estão na sua obra. O panfletário associa à sua glória, involuntariamente desmascarou. Pode-se reconhecer em toda obra de arte a que mais detestou e, infelizmente, até as que mais amou. Elas não serviram senão posar para o escritor no próprio momento em que mais o faziam mais sofrer. Quando amava Albertine, estava bem correspondido, eu me resignara a que ela me fizesse saber e até, no começo, felicidade.

E, quando buscamos extrair a generalidade da dor a seu respeito, talvez nos

sintamos um tanto consolados diverso dos que até aqui, que é o fato de que escrever, é para o escritor uma função sadia e necessária para ser feliz, assim como para os homens esportivos o exercício; na verdade, eu me revoltava um tanto contra isso. A verdade suprema da vida na arte, mesmo que, por enquanto o esforço de memória exigido para de novo lembrar minha avó, eu me indagava todavia se uma obra que elas não tivessem conhecimento seria para elas, para o destino dessas um fato. Minha avó que eu vira, com tamanha indiferença, agonizar perto de mim! Oh! Possa eu, como expiação, tão logo terminada minha obra; finalmente ferido, sofrer longas horas, abandonado por todos.

Além disso, sentia uma piedade infinita mesmo dos indiferentes, por tantas existências, por tentar compreendê-los, haviam exposto verdades e que já haviam vivido somente em meu proveito. E como era-me triste pensar que meu amor, ao qual tanto me dediquei estaria em meu livro tão desligado de um ser particular, que leitores diversos aplicariam exatamente ao que sentissem por outras mulheres. Mas devia eu escandalizar-me com essa infidelidade póstuma e que este ou aquele pudesse atribuir o objeto de meus sentimentos à mulheres desconhecidas, quando essa infidelidade, essa divisão do amor entre vários seres principiara durante a minha vida e antes mesmo que pensasse em escrever? Eu sofrera muito, sucessivamente, por Gilberte, pela Sra. Guermantes, por Albertine. Também sucessivamente as esquecera, e só o amor dedicado à criaturas diferentes fora duradouro. A profanação de uma de minhas esperanças por leitores desconhecidos, eu a consumara antes deles. Não estava horrorizado e sentindo horror de mim mesmo, como ocorreria a um partido nacionalista cujo nome se processassem hostilidades, e ao qual unicamente aproveitaria a guerra em que tantas nobres vítimas teriam sofrido e morrido, sem sequer perceber (o que para minha avó, pelo menos, significaria uma recompensa) o resultado da luta. E meu consolo único do fato de que ela não saberia que eu enfim pusera mãos à obra era que (tal é a lei dos mortos), se não lhe era dado desfrutar do meu progresso, há muito, igualmente, não tinha consciência de minha inatividade, de minha vida falha que tanto a desgostara. E evidentemente, não apenas de minha avó, ou de Albertine, mas também de muitos outros ainda, eu havia assimilado uma palavra, um olhar, e de quem, como criaturas individuais, já me esquecera; um livro é um vasto cemitério no qual, sobre a maior parte dos túmulos, não mais podemos ler os nomes apagados. Às vezes, ao contrário, lembramos perfeitamente o nome, mas sem saber se algo da criatura que o usava sobrevive nestas páginas. Estará aqui a moça de olhos fundos e voz arrastada? E, se se encontra mesmo aqui, em que lugar, já não sabemos; e como descobri-la sob as flores?

Porém, visto vivermos longe dos seres individuais, visto que nossos mais fortes sentimentos, como foram o amor pela minha avó, por Albertine, não os

reconhecemos mais ao fim de alguns anos, pois tornaram-se para nós apenas palavras incompreensíveis, visto que podemos falar desses mortos com os mundanos, em cuja residência ainda sentimos prazer em nos achar quando tudo o que amávamos todavia está morto - então, se há um modo pelo qual possamos começar a entender tais palavras esquecidas, acaso não o devemos aplicar, ainda que tenhamos de traduzi-las primeiro para uma língua universal, ao menos permanente, que faria dos que já não existem, em sua mais verdadeira essência, uma aquisição perpétua para todas as almas? Até essa lei da transformação, que nos tornou inteligíveis tais palavras, se conseguirmos explicá-la, nossa enfermidade não virá a ser uma força nova?

Aliás, a obra para a qual colaboraram as nossas mágoas pode ser interpretada, no futuro, a um tempo como um sinal nefasto de sofrimento e como um sinal feliz de consolação. Com efeito, se se diz que os amores e os desgostos do poeta lhe serviram, ajudando-o a elaborar sua obra, e que, sem sequer o suspeitarem, muitas desconhecidas contribuíram, uma pela crueldade, outra pela zombaria, com pedras para a edificação de um monumento que não hão de ver, esquece-se que a vida do escritor não termina com esse trabalho, que o mesmo temperamento que o fez passar por esses sofrimentos, os quais entraram em sua obra, o levará a viver após o término desta, a amar outras mulheres em condições que seriam semelhantes se não fossem ligeiramente desviadas por tudo o que o tempo modifica nas circunstâncias, no próprio indivíduo, na sua fome de amor e na sua resistência ao sofrimento.

Sob este primeiro ponto de vista, a obra deve ser considerada apenas um amor infeliz que pressagia fatalmente outros, fazendo com que a vida se pareça à obra, que o poeta quase não tenha necessidade de escrever, a tal ponto pode encontrar, no que escreveu, a imagem antecipada do que acontecerá. Assim, o meu amor por Albertine, tão diverso, já estava inscrito em meu amor por Gilberte, no meio dos dias felizes em que lhe ouvi pela primeira vez, de sua tia, o nome e o retrato, sem desconfiar que esse germe insignificante se desenvolveria, acabando por se estender sobre toda a minha vida.

Mas sob outro ponto de vista, a obra é sinal de felicidade, pois nos ensina que em todo amor o geral jaz ao lado do particular e, ao passar do segundo para o primeiro devido a uma ginástica fortalecedora contra o desgosto, torna desprezível o que o provocou a fim de aprofundar a sua essência. De fato, e como eu deveria experimentar a seguir, mesmo no momento em que amamos e sofremos, caso a vocação enfim se realize nas horas em que trabalhamos na nossa obra, sentimos tão claramente a criatura amada dissolver-se numa realidade mais ampla que chegamos a esquecê-la por instantes, e não mais sofremos dos males de amor senão como de algum mal puramente físico, como uma doença do coração, sem qualquer ingerência da pessoa amada.

É verdade que se trata de uma questão de poucos instantes, e o efeito parece ser o oposto, caso o trabalho principie bem mais tarde. Pois, se iniciamos a tarefa quando as criaturas que, devido à sua crueldade, sua nulidez, chegaram, à nossa revelia, a destruir nossas ilusões, tendo-se reduzido elas mesmas a nada, separando-se da quimera amorosa por nós forjada, nossa alma, pelas exigências de nossa auto-análise, ergue-as de novo, identifica-as com criaturas que nos teriam amado; e, nesse caso, a literatura, recomeçando o trabalho desfeito da ilusão amorosa, confere uma espécie de sobrevivência a sentimentos que já não existem.

É certo que somos obrigados a reviver nossa mágoa particular com a coragem do médico que recomeça em si mesmo a injeção perigosa. Mas, ao mesmo tempo, devemos pensá-la sob uma forma geral, o que de certo modo nos impele a fugir à sua opressão, que faz com que todos participem do nosso sofrimento, o que não deixa de nos causar uma certa alegria. No ponto em que a vida nos enclausura, a inteligência encontra uma saída, pois, se não há remédio para um amor não correspondido, conseguimos escapar à contemplação de um sofrimento, nem que seja tirando as conseqüências cabíveis. A inteligência desconhece as situações oclusas da vida que não oferecem escapatória.

Assim, precisava resignar-me, pois nada pode durar sem tornar-se geral e o espírito morre por si mesmo à idéia de que até as criaturas mais queridas ao escritor afinal de contas não fizeram mais que posar para ele como nos ateliês dos pintores.

Em amor, nosso rival feliz, ou melhor, nosso inimigo, é o nosso benfeitor. À uma criatura que não despertaria em nós senão um insignificante desejo físico, ele acrescenta logo um valor imenso, estranho, mas que confundimos com ele. Se não tivéssemos rivais, o prazer não se transformaria em amor. Se não os tivéssemos ou não julgássemos tê-los. Pois não é necessário que existam de verdade. Para o nosso bem, é suficiente essa vida ilusória dada a rivais inexistentes por nossa desconfiança, nosso ciúme.

Por vezes, quando um trecho doloroso permaneceu em estado de esboço, uma nova ternura e um novo sofrimento nos chegam, permitindo que o concluamos e preenchamos. Dessas grandes mágoas úteis não nos podemos queixar, pois não falham nem se fazem esperar muito: logo nos consolamos, ou, se são muito intensas e o coração não muito sólido, morremos. Pois só a felicidade é saudável para o corpo; mas é o desgosto que desenvolve as forças da mente. Além disso, mesmo que a cada passo não nos revelasse uma lei, não seria menos indispensável para nos reconduzir à verdade, nos obrigar a levar as coisas a sério, sempre nos arrancando as ervas daninhas do hábito, do ceticismo, da leviandade e da indiferença. É certo que essa verdade, incompatível com a ventura, com a saúde, nem sempre o é com a vida. O desgosto acaba por matar. A cada nova dor

mais intensa, percebemos intumescer-se mais uma veia, cuja sinuosidade mortal se desenvolve ao longo de nossa têmpora, sob nossos olhos. E é assim que aos poucos se fazem as fisionomias terríveis e devastadas do velho Rembrandt, do velho Beethoven, de quem todos escarneciam. E nenhuma importância haveria nas bolsas sob os olhos e nas rugas da testa, não fosse a tristeza no coração. Mas, visto que as forças podem se transformar em outras, visto que o ardor durável se faz luz e que a eletricidade do raio pode virar fotografia, e que nossa dor surda no coração consegue elevar acima de si própria, como um lábaro, a permanência visível de uma imagem a cada novo desgosto, aceitemos o mal físico que nos inflige devido ao conhecimento espiritual que nos traz; deixemos que nosso corpo se desagregue, pois cada parcela nova que dele se destaca vem, já agora luminosa e legível, acrescentar-se à nossa obra para completá-la ao preço de sofrimentos de que os outros mais dotados não necessitam, para torná-la mais sólida à medida que as emoções esfarelam a nossa existência. As idéias são sucedâneos dos desgostos; no momento em que estes se transmudam em idéias, perdem uma parte de sua ação nociva sobre nosso coração, e até, no primeiro instante, a própria transformação desencadeia uma alegria súbita. Aliás, apenas sucedâneos no tempo, pois o elemento primitivo parece ser a idéia, sendo o desgosto somente a maneira pela qual certas idéias penetram inicialmente em nós. Porém há várias famílias no grupo das idéias, das quais algumas logo se mudam em alegrias.

Estas reflexões faziam-me descobrir um sentido mais intenso e exato na verdade que eu sempre havia pressentido, especialmente quando a Sra. de Cambremer se perguntava como podia eu abandonar, por Albertine, um homem notável como Elstir. Mesmo do ponto de vista intelectual, eu percebia que ela estava errada, mas não sabia o que ela desconhecia: eram as lições com as quais faz seu aprendizado o homem de letras. O valor objetivo das artes é de pouca monta em tudo isso; o que interessa desvelar, trazer à luz, são os nossos sentimentos, nossas paixões, ou seja, as paixões e os sentimentos de todos. Uma mulher de quem necessitamos, que nos faz sofrer, extrai-nos, como não faria nenhum homem superior que nos interessasse, séries de sentimentos aliás profundos, vitais. Resta saber, conforme o plano em que vivemos, se achamos que a traição que nos faz uma mulher vale pouco diante das verdades que essa traição nos permitiu descobrir, e que a mulher, feliz por ter feito sofrer, nem compreenderia. Em todo caso, traições assim não faltam. Um escritor pode sem temor entregar-se a um longo trabalho. Que a inteligência principie a tarefa, no caminho aparecerão muitos desgostos que irão encarregar-se determiná-la. Quanto à felicidade, ela tem quase uma única utilidade apenas: tornar possível a desgraça. É preciso que na felicidade possamos formar laços bem suaves e fortes de confiança e afeto para que sua ruptura nos cause o dilaceramento tão precioso que se chama infelicidade. Se não tivéssemos sido felizes, ainda que pela esperança, as

infelicidades não seriam cruéis e, portanto, não dariam frutos.

E mais do que o pintor, a quem é necessário ver muitas igrejas para pintar uma só, o escritor, para obter volume e consistência, generalidade e realidade literárias, também precisa de muitos seres para retratar um único sentimento. Pois, se a arte é longa e a vida curta, em compensação pode-se dizer que, se a inspiração é curta, os sentimentos que ela deve retratar não são muito mais longos. São nossas paixões que esboçam nossos livros, os intervalos de repouso que os escrevem. Quando renasce a inspiração, quando podemos retomar o trabalho, a mulher que nos servia de modelo para um sentimento, já não no-lo causa mais. É preciso continuar a descrevê-lo segundo outra mulher, e, se nisso há traição, literalmente, graças à semelhança de nossos sentimentos que faz com que uma obra seja, a um tempo, a lembrança dos amores passados e a profecia de amores novos, não existe grande inconveniente nessas substituições. Esta é uma das razões da vaidade dos estudos em que se procura adivinhar de quem um autor está falando. Pois uma obra, ainda que de confissão direta, é pelo menos intercalada entre vários episódios da vida do autor, os anteriores, que a inspiraram, os posteriores, que não se lhe assemelham menos, sendo as particularidades dos amores seguintes decalcadas pelas dos precedentes. Pois à pessoa mais amada não somos tão fiéis quanto a nós mesmos, e esquecemo-la cedo ou tarde para poder recomeçar a amar, visto que é esse um dos traços do nosso próprio caráter. Quando muito, a esse amor terá aquela a quem tanto amamos acrescentado um aspecto peculiar, que nos há de fazer fiéis a ela mesmo na infidelidade. Com a mulher seguinte, precisaremos dos mesmos passeios matinais ou de levá-la em casa todas as noites da mesma forma, ou de lhe dar também dinheiro em excesso. (Uma coisa curiosa, a circulação do dinheiro gasto com mulheres que, por causa disso, nos tornam infelizes, isto é, nos permitem escrever livros pode-se quase dizer que as obras, como os poços artesianos, sabem tanto mais quanto mais o sofrimento escavou o coração.) Tais substituições emprestam à obra algo de desinteressado, de mais geral, que também é uma lição austera de como não nos prendermos aos seres, que não existem na realidade e, logo, não suscetíveis de expressão, mas às idéias. É necessário, ainda, que nos apressemos e não percamos tempo enquanto estão disponíveis tais modelos; pois, em geral, os que posam para a felicidade não nos podem conceder muito tempo; e nem, infelizmente, os que posam para a dor, visto que também ela passa rápido.

Aliás, mesmo quando o sofrimento não nos fornece, com a sua revelação, a matéria de nosso livro, pode nos servir de incentivo. A imaginação e o pensamento podem em si mesmos ser máquinas admiráveis, mas também inertes. O sofrimento, então, as põe em marcha. E as criaturas que nos servem de modelo para a dor concedem-nos sessões tão freqüentes, nesse ateliê ao qual

não vamos senão nesses períodos, e que está no íntimo de nós mesmos! Esses períodos são como imagens de nossa vida com suas dores várias. Pois também estas contêm outras diversas, e, quando julgávamos tudo tranqüilo, aparece uma nova, nova em todos os sentidos da palavra: talvez porque tais situações imprevistas nos obrigam a entrar mais profundamente em contato conosco; esses dilemas dolorosos, que o amor nos formula a todo instante, instruem-nos, revelam-nos sucessivamente a matéria de que somos feitos. Assim, quando Françoise, vendo Albertine entrar por todas as portas abertas em minha casa, como um cãozinho, e pôr tudo em desordem, arruinar-me, causar-me tantos desgostos, dizia-me (pois nessa ocasião eu já escrevera alguns artigos e fizera umas poucas traduções):

- Ah! Se o senhor, em vez dessa menina que o faz perder todo o seu tempo, tivesse tomado um secretariozinho bem-educado para classificar todos os seus papeluchos!

Eu talvez não tivesse razão em achar sensatas as suas palavras. Fazendo-me perder tempo, dando-me desgostos, Albertine me fora talvez mais útil, até mesmo do ponto de vista literário, do que um secretário que pusesse em ordem minha papelada. Mas, ainda assim, quando uma criatura é tão mal conformada (e talvez, na natureza, essa criatura seja o homem) que não possa amar sem sofrer, e que lhe seja preciso sofrer para conhecer verdades, a vida de tal criatura acaba por ser bem fatigante.

Os anos felizes são anos perdidos, esperamos um sofrimento para iniciar um trabalho. A idéia do sofrimento prévio associa-se à idéia do trabalho, temos medo de cada obra nova ao pensar nas dores que primeiro devemos suportar para imaginá-la. E, como entendemos que o sofrimento é a melhor coisa que podemos achar na vida, pensamos sem errar, quase como se fosse uma libertação, na morte. No entanto, se isso me revoltava um pouco, precisava tomar cuidado, por que muitas vezes jogamos mal nossa partida com a existência, não aproveitamos as criaturas para nossos livros, antes pelo contrário. O caso de Werlher, tão nobre, infelizmente não era o meu. Sem crer um só instante no amor de Albertine, quisera vinte vezes matar-me por ela, arruinara-me, destruíra a minha saúde por causa dela, Quando se trata de escrever, somos escrupulosos, verificamos tudo de perto, rejeitamos tudo que não for verdade. Mas, na vida, arruinamo-nos, ficamos doentes, matamo-nos por mentiras. É certo que, da ganga dessas mentiras (se já passou a idade da poesia), pode-se extrair apenas um pouco de verdade. Os desgostos são servidores obscuros, detestados, contra os quais lutamos e sob cujo império cada vez mais tombamos, servidores atrozes, impossíveis de substituir e que por vias subterrâneas nos conduzem à verdade e à morte. Felizes os que encontraram a primeira antes da segunda, e para quem, por mais próximas que estejam uma da outra, a hora da

verdade soou antes da hora da morte!

Compreendi também que os mínimos episódios de minha vida passada haviam concorrido para a lição de idealismo que eu ia aproveitar hoje. Por exemplo, meus encontros

com o Sr. de Charlus não me haviam, antes mesmo que sua germanofilia me desse lição igual, e ainda melhor que meu amor pela Sra. de Guermantes ou por Albertine, que o amor de Saint-Loup por Rachel, convencido o quanto a matéria é indiferente e que nela o pensamento pode enxertar tudo; é verdade que o fenômeno tão mal compreendido, tão inutilmente censurado, da inversão sexual amplia ainda mais do que este outro, já tão instrutivo, do amor. Este nos mostra a beleza fugindo da mulher que já não amamos e vindo residir no rosto que outros achariam muito feio, e que a nós mesmos poderia, poderá um dia desagradar; mas ainda é mais espantoso vê-la, obtendo todas as homenagens de um senhor ilustre que logo deixa uma bela princesa, emigrar para debaixo do boné de um fiscal de ônibus. Meu espanto, sempre que revia nos Champs-Élysées, na rua, na praia, o rosto de Gilberte, da Sra. de Guermantes, de Albertine, não provaria acaso o quanto uma lembrança só se prolonga numa direção divergente da impressão com a qual coincidiu no começo e da qual se afasta cada vez mais?

O escritor não deve ficar ofendido se o invertido confere a suas heroínas uma fisionomia masculina. Só essa particularidade meio aberrante permite ao invertido atribuir ao que lê toda a sua generalidade. Racine fora obrigado, para lhe dar a seguir todo o seu valor universal, a fazer por um momento uma jansenista da *Fedra* antiga; da mesma forma, se o Sr. de Charlus não desse as feições de Morel ao "infiel" por quem Musset chora na *Nuit d'Octobre ou em Le Souvenir*, não teria nem chorado nem compreendido, pois era só por esse caminho oblíquo e estreito que tinha acesso às verdades do amor. O escritor, só por um hábito extraído da linguagem insincera dos prefácios e das dedicatórias, escreve: "meu leitor." Na realidade, todo leitor, quando lê, é o leitor de si mesmo. A obra do escritor não passa de uma espécie de instrumento óptico que ele oferece ao leitor a fim de permitir que este distinga aquilo que, sem o livro, talvez não pudesse ver em si mesmo. O reconhecimento em si mesmo, pelo leitor, do que diz o livro, é a prova da verdade deste, e vice-versa, ao menos em certa medida, podendo a diferença entre ambos os textos ser várias vezes imputada não ao autor, mas ao leitor. Além do mais, o livro pode ser muito sábio, obscuro demais para o leitor ingênuo e, assim, não lhe apresentar senão lentes turvas com as quais ele não poderá ler. Porém outras peculiaridades (como a inversão) podem fazer com que o leitor sinta necessidade de ler de uma certa maneira para ler bem; o autor não precisa ficar ofendido, mas, pelo contrário, deve dar a maior liberdade ao leitor, dizendo: "Olhe você mesmo, veja se vê melhor com esta lente ou com essa outra."

Se eu tinha me interessado tanto pelos sonhos, não seria por que, compensando a brevidade com a força, eles nos ajudam a compreender melhor o que existe de subjetivo no amor, por exemplo, pelo simples fato de que realizam, mas com prodigiosa rapidez, o que vulgarmente se diz ficar louco por uma mulher, chegando a ponto de, durante o sono, nos fazer amar apaixonadamente, por alguns minutos, uma mulher feia, o que, na vida real, teria demandado anos e anos de hábito, de vida em comum, e - caso as inventasse um médico milagroso - injeções intravenosas de amor, da mesma forma que também poderiam ser de sofrimento? Com a mesma rapidez, a sugestão amorosa que nos inculcaram se dissipa, e às vezes não só a amante noturna deixou de sê-lo para nós como tal, voltando a ser a feia bem conhecida, mas também se dissipa algo de mais precioso, todo um quadro deslumbrante de sentimentos de ternura, de volúpia, de lamentos vagamente esfumados, todo um embarque para a Citera{152} da paixão de que, ao despertar, gostaríamos de recordar as nuanças de uma deliciosa verdade, mas que se apaga como uma tela muito esmaecida para ser restaurada. E muito mais ainda: era talvez também devido ao seu extraordinário jogo com o Tempo que o Sonho me fascinara. Não vira tantas vezes numa noite, num momento de uma noite, tempos longínquos, relegados a essas distâncias enormes em que já não distinguimos coisa alguma dos sentimentos que experimentávamos, se precipitarem sobre nós, cegando-nos com sua claridade, como se fossem aviões gigantes em vez das pálidas estrelas que pensávamos, restituindo-nos tudo o que para nós contiveram, dando-nos a emoção, o choque, o brilho de sua proximidade imediata e, mal acordamos, ganhando de novo a distância que milagrosamente haviam franqueado, de modo a nos fazer acreditar, aliás erradamente, serem os sonhos uma das maneiras de Recuperar o Tempo Perdido?

Havia reparado que só a percepção grosseira e errônea põe tudo no objeto quando tudo está no espírito; na realidade, havia perdido minha avó muitos anos antes de perdê-la de fato, vira as pessoas variarem de aspecto de acordo com a identificação que eu ou outros fazíamos delas, serem diversas para observadores diversos; vários Swanns do começo deste livro, por exemplo; a princesa de Luxemburgo vista pelo primeiro magistrado e por mim), ou até para o mesmo no decurso desses anos (as variações, em mim, do nome de Guermantes e os diversos Swanns). Vira o amor colocar na pessoa amada o que só ao amador pertencia. Havia reparado melhor em tudo isso quanto fizera desdobrar-se ao máximo a distância entre realidade objetiva e o amor (Rachel para Saint-Loup e para mim, Albertine; para Saint-Loup, Morel ou o fiscal de ônibus para Charlus ou outras pessoas e, apesar, disso, enternecimentos de Charlus; versos de Musset etc.). Enfim, numa certa medida, a germanofilia do Sr. de Charlus, bem como o olhar de Saint-Loup à fotografia de Albertine, ajudaram-me por um instante a

me desligar, senão de minha germanofobia, ao menos da crença na pura objetividade desta, e a me fazer pensar, que talvez nisso se parecessem o amor e o ódio, e que, no terrível juízo que nesse próprio momento a França fazia da Alemanha, julgando-a fora da humanidade; houvesse uma objetividade sobretudo de sentimentos, como os que tornavam Rachel e Albertine tão preciosas, uma a Saint-Loup, e a outra a mim. O que, de fato possibilitava que semelhante perversidade não fosse inteiramente intrínseca à Alemanha era que assim como individualmente eu tivera amores sucessivos, e, ao fim deles, achava sem valia o objeto desse amor; já assistira em meu país sucessivas explosões de ódio que tinham feito, por exemplo, parecer traidores mil vezes piores que os alemães aos quais entregavam a França dreyfusistas como Reinach, com quem hoje colaboravam os patriotas, unidos contra a nação cujos filhos eram necessariamente tidos como mentirosos, bestas ferozes e imbecis; exceção feita aos alemães que haviam abraçado a causa francesa, como o rei da Romênia, o rei da Bélgica ou a imperatriz da Rússia. É verdade que os antidreyfusistas teriam me respondido: "Não é a mesma coisa." Mas, de fato, nunca é a mesma coisa, nem a mesma pessoa; a não ser assim, diante de um mesmo fenômeno de quem se deixasse enganar só poderia acusar seu estado subjetivo e não as qualidades e defeitos do objeto. Então, a inteligência não tem dificuldades em estabelecer, sobre essa diferença, uma teoria (ensino antinatural dos congregados, segundo os radicais; impossibilidade da raça judia em se naturalizar; ódio perpétuo da raça alemã contra a latina, acompanhada de reabilitação momentânea da raça amarela. Esse lado subjetivo, aliás, verificava-se nas conversações dos neutros, onde os germanófilos, por exemplo, tinham a faculdade de cessar por um instante de compreender, e até mesmo de ouvir, quando lhes falavam das atrocidades alemãs na Bélgica. (E no entanto elas eram reais: o que eu assinalava de subjetivo no ódio; como na visão, não impedia que o objeto pudesse possuir reais qualidades e defeitos, e de modo algum fazia desvanecer-se a realidade num puro relativismo).

E se, após tantos anos decorridos e tanto tempo desperdiçado, eu sentia essa influência capital do ato interno até nas relações internacionais, já a pressentira no começo da vida, ao ler no jardim de Combray um desses romances de Bergotte que, ainda hoje, quando folheio algumas páginas esquecidas e me deparo com a velharia de um malvado, não descanso enquanto não verifico, virando cem páginas, se o mau acaba devidamente humilhado e vive o bastante para saber que seus tenebrosos planos fracassaram. Pois já não me recordava bem o que acontecera com tais personagens, o que aliás não os diferenciava das pessoas que se achavam àquela tarde na casa da Sra. de Guermantes, e cuja vida passada, ao menos para muitos, era tão vaga para mim como se a tivesse lido num romance meio olvidado. O príncipe de Agrigento acabara por desposar a Srta. X...? Ou antes, não seria o irmão da Srta. X... que deveria se casar com a

irmã do príncipe? Ou então, não estaria eu fazendo confusão com uma leitura antiga ou um sonho recente? O sonho ainda era um dos fatos da minha vida que mais tinham me impressionado, que mais me deveriam ter convencido do caráter puramente mental da realidade, e cujo auxílio eu não desdenharia na composição de minha obra. Quando vivia para um amor, de modo um pouco menos desinteressado, um sonho vinha singularmente aproximar de mim, fazendo-lhes percorrer grandes distâncias de tempo perdido, minha avó, Albertine, que eu recomeçara a amar porque me dera, no meu sonho, uma versão, aliás atenuada, da história da lavadeira. Pensei que por vezes viriam eles, desse modo, aproximar de mim verdades e impressões que somente o meu esforço ou um encontro casual não seriam suficientes para me fornecer; que despertariam em mim o desejo, a saudade de certas coisas inexistentes, condição indispensável para trabalhar, para fugirmos ao hábito, para nos livrarmos do concreto. Eu não desprezaria esta segunda musa, a musa noturna que por vezes supriria a outra. Já vira os nobres tornarem-se vulgares quando o seu espírito, como o do duque de Guermantes, por exemplo, era vulgar ("Você não se aperta", como teria dito Cottard). Na medicina, no Caso Dreyfus, durante a guerra, vira acreditar que a verdade é um certo fato, que os ministros e o médico dispõem de uma afirmação ou negação que não precisa ser interpretada, como se uma chapa radiográfica bastasse para revelar o estado do enfermo, como se os políticos soubessem que Dreyfus era culpado, soubessem (sem precisar, para isso, enviar Roques ao local para averiguações) que Sarrail possuía ou não meios para marchar ao mesmo tempo que os russos{153}."

Não há sequer uma hora da minha vida que não tenha servido para me ensinar que somente a percepção grosseira e errônea coloca tudo no objeto quando, ao contrário, tudo está no espírito.

Em suma, pensando bem, a matéria da minha experiência, que seria a do meu livro, me vinha de Swann, e não apenas por tudo que lhe dizia respeito e a Gilberte. Mas fora ele que, desde Combray, estimulara-me o desejo de ir a Balbec, aonde, sem isso, meus pais nunca teriam tido a idéia de me mandar, e sem o que eu não teria conhecido Albertine, e até mesmo os Guermantes, visto que minha avó não se encontraria de novo com a Sra. de Villeparisis, nem eu travaria relações com Saint-Loup e o Sr. de Charlus, o que me faria conhecer a duquesa de Guermantes e, através dela, a sua prima, de modo que até a minha presença neste momento na casa do príncipe de Guermantes, onde me acabara de vir bruscamente a idéia do meu livro (decorrendo daí que devia a Swann não apenas o assunto mas a decisão), vinha-me também de Swann. Pedúnculo talvez um tanto delgado para suportar assim a extensão de toda a minha vida (portanto, neste sentido, o "caminho de Guermantes" provinha do "caminho de Swann").

Muitas vezes, porém, o autor dos aspectos da nossa vida é alguém bastante

inferior a Swann, é a criatura mais medíocre. Acaso não teria bastado que um companheiro qualquer me indicasse uma prostituta agradável (e que provavelmente eu não encontraria) para que fosse a Balbec? Assim, muitas vezes encontramos mais tarde um companheiro desagradável, mal lhe apertamos a mão; e todavia, se alguma vez refletirmos nisso, foi de uma palavra distraída dele, como "Você deveria ir à Balbec", que saíram toda a nossa vida e a nossa obra. Não lhe guardamos nenhum reconhecimento, sem que isso denote ingratidão de nossa parte. Pois, dizendo aquelas palavras, ele de modo algum pensou nas enormes conseqüências que teriam para nós. Nossa sensibilidade e nossa inteligência é que exploraram as circunstâncias, as quais, dado o primeiro impulso, engendraram-se umas às outras, sem que ele pudesse prever a coabitação com Albertine e o baile de máscaras na casa dos Guermantes. Sem dúvida, o impulso fora necessário, e portanto a forma exterior da nossa vida, a matéria mesma do nosso livro, dependem dele. Sem Swann, meus pais nunca se lembrariam de me enviar à Balbec. Aliás, ele não era responsável pelos sofrimentos que indiretamente me causara, os quais se deviam à minha fraqueza. Também a sua o fez sofrer por causa de Odette. Mas, determinando dessa maneira a vida que temos levado, excluiu as que em seu lugar poderíamos ter tido. Se Swann não me houvesse falado de Balbec, eu não teria conhecido Albertine, a sala de jantar do hotel, os Guermantes. Teria ido alhures, conhecido pessoas diferentes, minha memória, como meus livros, seria repleta de quadros bem diversos, quadros que eu nem sequer posso imaginar e cuja novidade, desconhecida de mim, seduz-me, fazendo-me lamentar antes não ter ido a seu encontro, e que Albertine e a praia de Balbec, e Rivebelle e os Guermantes não me tivessem permanecido ignorados para sempre. Certo, ao rosto de Albertine, tal como o avistara pela primeira vez defronte ao mar, é que eu ligava determinadas coisas sobre as quais sem dúvida escrevera. Num certo sentido, tinha motivos para estabelecer essa ligação, pois, se não fosse até o molhe naquele dia, se não a tivesse conhecido, todas estas idéias não seriam desenvolvidas (a menos que fossem devido a outra). Por outro lado, essa ligação era errônea, pois o prazer gerador que devemos encontrar retrospectivamente num belo rosto de mulher provém dos nossos sentidos: com efeito, essas páginas que eu haveria de escrever, Albertine, sobretudo a Albertine de então, não teria compreendido. Mas é justamente por isso (e trata-se aqui de um alerta para não se viver numa atmosfera excessivamente intelectualizada), porque ela era tão diversa de mim, que me fecundara pelo desgosto e até, no começo, pelo simples esforço de compreender alguém tão diferente de mim. Estas páginas, se ela fosse capaz de entendê-las, por essa mesma razão não as teria inspirado.

O ciúme é um bom aliciador que, quando existe um vazio, no nosso quadro, vai buscar-nos na rua a bela moça que faltava. Já não era mais bela, volta a sê-lo pois lhe temos ciúme, e ela preencherá esse vazio. Uma vez que estivermos

mortos, já não teremos alegria que esse quadro se complete desse modo. Mas semelhante idéia não é de forma alguma desanimadora. Pois sentimos que a vida é um pouco mais complicada do que se costuma dizer, e também as circunstâncias. E há uma necessidade premente de mostrar essa complexidade. O ciúme, tão útil, não nasce forçosamente de um olhar, de um relato ou de uma reflexão retrospectiva. Pode-se encontrá-lo, prestes a nos aguilhoar, entre as folhas de um anuário - o *Tout-Paris* no caso de Paris, e, para o campo, o *Annuaire das Châteaux*. Ouvíramos, distraidamente, a bela moça, que se nos tornara indiferente, dizer que precisava ir passar alguns dias na casa da irmã, em Pas-de-Calais, perto de Dunquerque; também distraídos, tínhamos pensado que talvez a bela jovem fora cortejada outrora pelo Sr. E***, a quem já não via pois deixara de ir ao bar em que o conhecera antigamente. Que podia ser sua irmã? Talvez camareira? Por discrição, nada havíamos indagado. E eis que, abrindo ao acaso o *Annuaire des Châteaux*, soubemos que o Sr. E*** tem seu castelo no Pas-de-Calais, perto de Dunquerque. Já não havia dúvida de que, para agradar à jovem bonita, empregara a irmã dela como camareira, e, se a bela já não o vê no bar é porque ele a faz vir à sua casa, morando em Paris quase o ano inteiro, mas não podendo privar-se dela mesmo enquanto está no Pas-de-Calais. Os pincéis, ébrios de fúria e amor, pintam, pintam. E no entanto, se aquilo fosse falso? Se, na verdade, o Sr. E*** nunca mais visse a bela moça mas, para ser prestativo, recomendasse a irmã desta a um irmão que morasse o tempo todo no Pas-de-Calais? De modo que ela, mesmo por acaso, vai visitar a irmã no momento em que o Sr. E*** não se acha presente, pois eles já não se preocupam um com o outro. A menos que a irmã não seja camareira no castelo nem em qualquer outro lugar, mas possua parentes no Pas-de-Calais. Nossa mágoa do primeiro instante cede às últimas suposições que tranqüilizam o ciúme. Mas que importa? Este, escondido nas folhas do *Annuaire des Châteaux*, veio em boa hora, pois agora o vazio existente na tela está preenchido. E tudo se compõe harmoniosamente, graças à presença suscitada pelo ciúme relativo à bela moça, de quem já não somos ciumentos e que não mais amamos.

Neste momento, o mordomo veio me dizer que a primeira peça musical já havia terminado e que eu podia deixar a biblioteca e entrar nos salões. Isto me fez recordar de onde me achava. Mas de forma alguma me perturbei no raciocínio que acabava de principiar, pelo fato de que uma reunião mundana e a volta à sociedade, houvessem-me fornecido este ponto de partida em direção a uma vida nova que eu não soubera encontrar na solidão. O fato nada tinha de extraordinário, pois uma impressão que podia ressuscitar em mim o homem eterno não estaria mais ligada forçosamente à solidão que à sociedade (como eu o julgara antigamente, como talvez pudesse ter sido outrora para mim, e ainda o fosse caso eu me tivesse desenvolvido harmoniosamente, sem essa longa parada que só agora parecia ter fim). Pois, sendo sensível a essa impressão de beleza

apenas quando, a uma sensação atual, por mais insignificante que fosse, vinha superpor-se outra semelhante que, renascendo espontaneamente em mim, espalhava a primeira, simultaneamente, sobre diversas épocas, enchendo-me a alma de uma essência geral, onde, via de regra, as sensações particulares deixavam tantas lacunas-não havia razão para que não recebesse sensações desse gênero tanto na sociedade quanto na natureza, visto serem elas fornecidas pelo acaso, sem dúvida auxiliado pela excitação própria dos dias fora do ritmo normal da vida, quando até as coisas mais simples recomeçam a nos causar sensações de ordinário poupadas ao nosso sistema nervoso. Por que motivo justa e unicamente esse gênero de sensações é que deveria conduzir à obra de arte, era o que eu iria tentar verificar de maneira objetiva, continuando o raciocínio que principiara na biblioteca; pois sentia que o desencadear da vida espiritual era bem poderoso em mim agora, e tanto poderia continuar a pensar no salão, entre os convidados, como sozinho, entre os livros. Parecia-me que, sob tal ponto de vista, ainda que em meio a uma assistência tão numerosa como esta, saberia preservar minha solidão. Pois, pelo mesmo motivo que os grandes acontecimentos não influem, de fora, sobre nossas forças espirituais, e que um escritor medíocre, mesmo vivendo numa época heróica, ainda assim continuará medíocre, o perigo da sociedade seriam as disposições mundanas que ali aportam. Mas, por si mesma, ela já não seria capaz de nos tornar medíocres, assim como uma guerra heróica não torna sublime um poeta ruim.

Em todo caso, fosse ou não teoricamente valioso que a obra de arte se constituísse dessa forma, e esperando elucidar melhor a questão, como o faria, não podia negar, pelo que me concernia, que as impressões verdadeiramente estéticas me vinham, efetivamente, apenas quando iam no encalço de sensações desse tipo. É verdade que haviam sido bem raras na minha vida, mas a dominavam; podia encontrar no passado alguns desses cimos, que fizera mal em perder de vista (o que esperava não mais fazer de agora em diante). E já podia afirmar que, pela importância exclusiva que assumia, se houvesse em mim um traço pessoal, tranqüilizava-me contudo verificar que, em certos escritores, tal característica se assemelhava a aspectos menos marcados, porém discerníveis e, no fundo, análogos. Não é a uma sensação do gênero do da *madeleine* que se prende a mais bela parte das *Memórias de Além-túmulo*?- "Ontem à noite eu passeava sozinho... fui despertado de minhas reflexões

pelo gorjeio de um tordo pousado no mais alto ramo de uma bétula. E logo este som mágico fez reaparecer a meus olhos a herdade paterna; esqueci as catástrofes que acabara de presenciar e, subitamente transferido ao passado, revi aqueles campos onde tantas vezes ouvira o tordo assobiar." E não será esta agora uma das duas ou três mais belas frases dessas memórias: "Um aroma fino e suave de heliotrópio se exalava de um canteirinho de favas em flor; não fora

trazido pela brisa da pátria, mas por um vento selvagem da Terra-Nova, sem relação com a planta exilada, sem simpatia de reminiscências e volúpia. Nesse perfume, não respirado pela beleza, não apurado no seu seio, não disseminado sobre seus traços, nesse perfume matizado de aurora, de cultura e de humanidade, havia todas as melancolias nostálgicas, da ausência e da juventude." Uma das obras-primas da literatura francesa, *Sylvie*, de Gérard de Nerval, apresenta, bem como o volume das *Memórias de Além-túmulo* relativo a Combourg, uma sensação do mesmo gênero da do sabor da *madeleine* e do "gorjeio do tordo". Em Baudelaire, por fim, tais reminiscências, ainda mais numerosas, são, é claro, menos fortuitas e, conseqüentemente, na minha opinião, decisivas. É o próprio poeta quem, com mais requinte e preguiça, busca voluntariamente, no odor de uma mulher por exemplo, nos seus cabelos e no seu seio, as analogias inspiradoras que lhe evocarão "o azul do céu imenso e redondo" e "um porto apinhado de flâmulas e de mastros". Procurava lembrar-me das peças de Baudelaire em cuja raiz se encontra desse modo uma sensação transposta, para, definitivamente, filiar-me a uma linhagem tão nobre e, desta maneira, me assegurar que a obra-que eu já não hesitava mais em empreender merecia o esforço que ia lhe consagrar, quando, tendo chegado ao pé da escada que descia da biblioteca, encontrei-me de súbito no grande salão e em meio a uma festa que ia me parecer bem diferente de todas as que outrora assistira, e que assumiria para mim um aspecto peculiar, adquirindo um novo sentido. Com efeito, logo que entrei no grande salão, conquanto sempre mantivesse firme em mim, no ponto em que me achava, o projeto recém-formado, deu-se um lance teatral que ergueria contra minha empreitada a mais grave das objeções. Uma objeção que eu certamente haveria de superar, mas que, enquanto continuava a refletir sobre as condições da obra de arte, iria, pelo exemplo como por vezes repetido da ponderação mais adequada para me fazer hesitar, interrompe todo instante o meu raciocínio.

No primeiro momento não compreendi por que vacilava em reconhecer o mordomo, os convidados, e por que todos me pareciam trazer bem tratadas as cabeças, em geral empoadas, e que os modificavam inteiramente. O príncipe recebido, tinha ainda esse ar bonachão de rei feérico que lhe achara da primeira vez, mas agora, parecendo submeter-se ele próprio à etiqueta que impusera aos convidados, deixara crescer uma barba branca e, arrastando os pés, tornando-os pesados como se usassem solas de chumbo, parecia ter-se encarregado de representar, uma das "fases da vida". Seus bigodes também estavam brancos, como se lhes tivessem colado pedaços da geada da floresta do *Pequeno Polegar*. Pareciam incomodar a boca enrugada, e, uma vez obtido o efeito desejado, deveria tê-los tirado. Para falar a verdade, só o reconheci com auxílio do raciocínio, concluindo, da simples, semelhança de certos traços, pela identidade da pessoa. Não sei o que o jovem Fezensac colocara no rosto, mas, enquanto

outros tinham embranquecido, este tinha metade da barba, outro apenas os bigodes, ele, sem se incomodar com as tintura achara um meio de cobrir a face de rugas, as sobrancelhas de pêlos eriçados, e tudo isso, aliás, não lhe ficava bem, pois o rosto dava a impressão de ser rígido, brônzeo, solene, envelhecendo-o de tal maneira que nem parecia um rapaz. No mesmo instante, fiquei bem mais espantado ao ouvir chamarem duque de Châtellerault ao velhote de bigodes prateados de embaixador, em que apenas o modo de olhar, sempre o mesmo, permitiu-me reconhecer o rapaz que eu encontrara certa vez visitando a Sra. de Villeparisis. À primeira pessoa que, dessa forma, logrei identificar, buscando fazer abstração do disfarce e completar as feições naturais num esforço de memória, meu primeiro impulso deveria ter sido (e certamente o foi talvez por menos de um segundo) felicitá-la por se ter tão maravilhosamente caracterizado que, à primeira vista, antes de ser reconhecida, causava a mesma hesitação) que os grandes atores, surgindo num papel em que são diferentes de si próprios; dão, ao entrarem em cena, ao público, que, mesmo prevenido pelo programa permanece por um instante assombrado antes de romper em aplausos.

Sob tal aspecto, o mais extraordinário de todos era o meu inimigo pessoal o Sr. de Argencourt, a verdadeira atração da vesperal. Não somente, em lugar de seu queixo a barba apenas grisalha, se cobrira com uma incrível barba de brancura extraordinária, mas também (de tal modo as pequeninas mudanças materiais podem encolher ou tornar mais corpulenta uma pessoa, e mais ainda, mudar seu caráter aparente na sua personalidade) transformava num velho mendigo, que já não inspirava nenhum respeito, esse homem cujo ar solene, cujas atitudes rígidas e engomadas ainda estavam bem presentes na minha memória, conferindo tamanha verossimilhança à sua pessoa de velho caduco que os membros lhe tremiam, e os traços frouxos de sua fisionomia normalmente altiva não cessavam de sorrir numa beatitude simplória. Levada a esse grau, a arte do disfarce torna-se algo mais, confunde-se com uma transformação completa da personalidade. De fato, embora alguns detalhes confirmassem que era mesmo o Sr. de Argencourt que dava esse espetáculo inenarrável e pitoresco, quantos estágios sucessivos desse rosto não precisaria eu atravessar se quisesse recuperar o do Argencourt que havia conhecido, e que era tão diverso de si mesmo, tendo à sua disposição apenas o seu próprio corpo! Era, evidentemente, o último limite a que poderia levá-lo, sem matar-se; o rosto mais orgulhoso, o mais galhardo porte não passavam de um andrajo pastoso agitado aqui e ali. Ao relembrar certos sorrisos de Argencourt, que outrora temperavam às vezes, por um momento, a sua altivez, mal podia encontrar, no Argencourt de agora, aquele que eu vira tantas vezes, mal podia compreender a possibilidade da existência desse sorriso embotado de velho negociante de roupas usadas no *gentleman* correto de antigamente. Mas ainda que emprestasse a mesma intenção antiga ao sorriso do Sr. de Argencourt, a própria substância dos olhos, pelos quais a exprimia, era de

tal modo diversa por causa da prodigiosa transformação do rosto, que a expressão se tornava outra, e até de outro. Tive um doido acesso de riso diante desse gagá sublime, tão quebrantado em sua benévola autocaricatura como também, no sentido trágico, o Sr. de Charlus hemiplégico e cortês. O Sr. de Argencourt, em sua encarnação de moribundo bufão de um Regnard exagerado por Labiche, era tão acessível e afável como o Sr. de Charlus no papel de rei Lear, descobrindo-se aplicadamente diante de qualquer joão-ninguém. Não tive a idéia, entretanto, de lhe externar minha admiração pelo espetáculo extraordinário que oferecia. Não foi minha velha antipatia que me impediu de fazê-lo, pois exatamente por mostrar-se tão diverso de si mesmo é que eu tinha a ilusão de estar diante de outra pessoa, tão benévola, tão desarmada, tão inofensiva quanto o Argencourt costumeiro era arrogante, hostil e perigoso. De tal modo me parecia outra pessoa que, ao contemplar esse personagem inefavelmente careteiro, cômico e branco, esse boneco de neve a simular um general Durakine regredido à infância pela velhice, imaginei que o ser humano podia sofrer metamorfoses tão completas como as de certos insetos. Tinha a impressão de olhar por detrás da vidraça instrutiva de um museu de História Natural a evolução sofrida pelo mais rápido e nítido dos insetos, e não podia, diante dessa mole crisálida, antes vibrátil que movediça, experimentar de novo os sentimentos que sempre me haviam inspirado o Sr. de Argencourt. Porém calei-me, não felicitei o Sr. de Argencourt por oferecer um espetáculo que parecia ampliar os limites em que podem ocorrer as transformações do corpo humano.

É claro que, nos bastidores do teatro ou durante um baile à fantasia, antes somos levados, por polidez, a exagerar a dificuldade e quase a afirmar ser impossível reconhecer a pessoa fantasiada. Aqui, pelo contrário, o instinto me advertira no sentido de dissimulá-las ao máximo; sentia que nada tinham de lisonjeiro, pois a transformação não fora intencional, e percebia enfim (no que não pensara eu entrar naquele salão) que toda festa, ainda a mais singela, nos causa, quando ocorre muito tempo depois que deixamos de freqüentar a sociedade e mesmo que reúna poucas pessoas das que conhecêramos outrora, o efeito de uma festa à fantasia, extremamente bem organizada, aquela em que somos mais sinceramente surpreendidos pelos outros, mas onde essas cabeças, que se formam lentamente sem querer, não se deixam desfazer em abluções, tão logo terminada a festa. Surpreendido pelos outros? Ai de mim, surpreendo-os também. Pois a mesma dificuldade que eu sentia em dar o nome correto a esses rostos, parecia compartilhada por todas as pessoas que, avistando o meu, não lhe prestavam atenção como se jamais o houvessem visto, ou tentavam resgatar do aspecto atual uma recordação diferente.

Se o Sr. de Argencourt acabava de realizar esse "número" extraordinário que, em seu estilo burlesco, certamente era a visão de maior sucesso que dele

conservaria, fazia-o como um ator que retorna uma última vez à cena antes que o pano caia em definitivo em meio às gargalhadas. Se já não lhe queria mal, era porque nele, que reencontrara a inocência da infância, não existia mais qualquer lembrança das opiniões desdenhosas que pudera ter a meu respeito, nenhuma recordação de ter visto o Sr. de Charlus me largar bruscamente o braço, ou porque nada mais lhe restasse de tais sentimentos, ou porque, para chegar até nós, estes fossem obrigados a passar através de refratores físicos tão deformantes que, passagem, mudavam completamente de sentido, e o Sr. de Argencourt parecia, bom, à falta de meios físicos para exprimir que ainda era mau e para reprimir sua perpétua hilaridade compulsiva. Terá sido excessiva a comparação com um ator, destituído como estava de toda alma consciente, era como um boneco trepidante com barba postiça de lã branca, que eu o via agitado, passeando pelo salão como num teatro de fantoches a um tempo científico e filosófico, onde servia, como numa oração fúnebre ou num curso da Sorbonne, ao mesmo tempo de advertência vaidade de todos e de exemplo de história natural. Um teatro de fantoches, onde, para se identificarem as pessoas conhecidas, fazia-se necessário decifrar, a um só tempo, vários planos situados por detrás delas, e que lhes conferiam profundidade, obrigando a um trabalho mental, devia-se ver esses velhos fantoches tanto com os olhos quanto com a memória; um teatro de fantoches banhados nas cores imateriais dos anos, exteriorizando Tempo, o Tempo que de hábito é invisível, que, para deixar de sê-lo, procura cor e, onde quer que os encontre, deles se apodera a fim de mostrar, acima deles, a lanterna mágica. Tão imaterial como outrora Golo na maçaneta da porta de um quarto em Combray, assim o novo e tão irreconhecível Argencourt ali estava com a revelação do Tempo, que ele tornava parcialmente visível. Nos novos elementos que lhe compunham o rosto e a personagem, lia-se um certo número em que reconhecia a figura simbólica da vida não tal qual nos aparece, isto é, permanente, mas real, atmosfera tão mutável que o altivo senhor nela se projeta, à noite, como uma caricatura, como um negociante de roupas usadas.

Em outras criaturas, aliás, tais mudanças, verdadeiras alienações, pareciam deixar o domínio da História Natural, e eu me espantava ao ouvir um nome que uma mesma pessoa pudesse apresentar, não como o Sr. de Argencourt, os traços de uma nova espécie diferente, mas os sinais exteriores de outro caráter. Eram, sem dúvida, como no caso do Sr. de Argencourt, possibilidades insuspeitadas que o tempo extraíra de certa jovem; mas tais possibilidades, conquanto fossem todas fisiognomônicas ou corpóreas, pareciam ter algo de moral. As feições do rosto, mudam-se, se se combinam de modo diverso, se se contraem como de costume, porém com maior lentidão, assumem significado diferente em outro aspecto. De modo que, em determinada mulher, que tínhamos conhecido acanhada e seca, um alargamento das faces agora irreconhecíveis, uma imprevista curvatura do

nariz, causavam a mesma surpresa, muitas vezes a mesma boa surpresa que certa palavra sensível e profunda, certo ato nobre e corajoso que jamais esperaríamos da parte dela. Em torno desse novo nariz, víamos abrirem-se os horizontes que não tínhamos ousado admitir. A bondade e a ternura, outrora impossíveis, tornavam-se bem prováveis com as novas faces. Podíamos fazer ouvir, diante desse queixo, o que nunca teríamos tido a idéia de ler diante do anterior.

Todos esses traços novos da fisionomia implicavam outros tantos de caráter, a moça magra e ríspida se tornara uma corpulenta e indulgente matrona. Não mais num sentido zoológico, como no caso do Sr. de Argencourt, e sim num sentido social e moral, é que se podia dizer que se tratava de outra pessoa. Por todos esses motivos, uma vesperal como esta em que me achava era algo bem mais precioso que uma imagem do passado, e me oferecia todas as imagens sucessivas, e que jamais vira, que separavam o passado do presente; melhor até, a relação existente entre o presente e o passado. Era como o que se denominava outrora um "panorama", mas um panorama dos anos, a visão não de um momento mas de uma pessoa situada na perspectiva deformante do Tempo.

Quanto à mulher de quem o Sr. de Argencourt fora amante, não havia mudado muito, se se levasse em conta o tempo decorrido. Ou seja, seu rosto não fora totalmente demolido para uma criatura que se vai deformando ao longo do trajeto no abismo em que foi lançada, abismo cuja direção só conseguimos exprimir através de comparações igualmente vãs, já que apenas podemos torná-las de empréstimo ao mundo do espaço, e que, orientadas seja no sentido da elevação, seja no do comprimento ou da profundidade, têm como única vantagem nos fazer sentir que essa dimensão inconcebível e sensível existe. A necessidade para dar um nome às figuras de remontar efetivamente o curso dos anos, obrigava-me, como reação, a restabelecer em seguida, dando-lhes o lugar verdadeiro, os anos em que não havia pensado. Sob este aspecto, e para não me deixar iludir pela identidade aparente do espaço, a imagem totalmente nova de uma pessoa como o Sr. de Argencourt era para mim uma revelação impressionante dessa realidade do milésimo, que de costume nos permanece abstrata, assim como o surgimento de certas árvores anãs ou de baobás gigantes nos adverte da mudança de meridiano.

Então a vida nos parece uma féerie onde vemos, de ato em ato, o neném tornar-se adolescente, homem maduro, e curvar-se para o túmulo. E sendo através de mudanças permanentes que percebemos que tais criaturas, observadas a intervalos demasiado grandes, são tão diversas, verificamos ter seguido a mesma lei dessas criaturas, que se transformaram de tal maneira que já não se assemelham ao que foram outrora, sem ter deixado de sê-lo, justo por não terem deixado de sê-lo.

Uma jovem que eu conhecera antigamente, agora de cabelos brancos e reduzida a uma velha feiticeira, parecia indicar ser necessário que, no divertimento final de uma peça, as personagens se travestissem a ponto de não serem reconhecidas. Mas seu irmão permanecia tão aprumado, tão semelhante ao que fora, que espantava, no rosto jovem, ver inteiramente brancos os retorcidos bigodes. As partes brancas das barbas, até então completamente negras, tornavam melancólica a paisagem humana desta vesperal, assim como as primeiras folhas amarelas das árvores, quando ainda julgávamos poder contar com um prolongado verão, mostram-nos que antes de principiar a desfrutá-lo já estamos no outono. Desse modo, eu, que desde a infância, vivendo só do momento presente e tendo aliás recebido dos outros e de mim mesmo uma impressão definitiva, percebi pela primeira vez, segundo as metamorfoses que se haviam produzido em todas essas pessoas, o tempo que para elas transcorrera, o que me perturbou pela revelação de que ele também para mim passara. E indiferente em si mesma, sua velhice me deixava desolado por me advertir da aproximação da minha. Esta, aliás, me foi proclamada de maneira sucessiva, por palavras que, com poucos minutos de intervalo, vieram ferir-me como as trombetas do Juízo Final. A primeira foi pronunciada pela duquesa de Guermantes; acabava de avistá-la passando por uma dupla fila de curiosos que, sem se darem conta dos maravilhosos artifícios de vestuário e de estética que agiam sobre eles, deixavam-se emocionar pela cabeleira ruiva, pelo colo cor de salmão que mal emergia das aladas rendas negras, apertado por colares, coberto de jóias, contemplando-lhe as linhas hereditariamente sinuosas, como o teriam feito a um velho peixe sagrado no qual se encarnasse o gênio protetor da família dos Guermantes.

- Ah - disse ela -, que alegria em vê-lo. Você é o meu mais velho amigo. -

E na minha presunção de rapazinho de Combray, que jamais imaginara poder ser um de seus amigos, nem participar realmente da verdadeira vida misteriosa que se levava na casa dos Guermantes, ser um de seus amigos como o Sr. de Bréauté, o Sr. de Forestelle, ou como Swann, todos já falecidos, deveria me sentir lisonjeado, mas fiquei triste. "Seu mais velho amigo, diz ela", murmurei comigo. "Está exagerando; talvez um dos mais velhos; mas então..." Neste momento, aproximou-se um sobrinho do príncipe:

- Você que é um velho parisiense - disse ele.

Logo a seguir entregaram-me um bilhete. Ao chegar, encontrara o jovem Létourville, cujo parentesco com a duquesa não sabia bem qual fosse, mas que me conhecia ligeiramente. Acabava de sair de Saint-Cyr, e, pensando que seria para mim um bom companheiro, como o fora Saint-Loup, e poderia iniciar-se nas coisas do exército, com as mudanças que ele havia sofrido, dissera-lhe que logo voltaria a encontrá-lo e marcaríamos um encontro para jantar juntos, o que

ele muito me agradeceu. Mas eu ficara tempo demais a devanear na biblioteca e o bilhete que me mandara, avisando-me que não tinha podido esperar, era para deixar o seu endereço. A carta do suposto companheiro terminava assim: "Com todo o respeito do seu jovem amigo, Létourville." "Jovem amigo!" Era assim que outrora eu escrevia às pessoas trinta anos mais velhas, a Legrandin por exemplo. Quê! Esse subtenente que se me afigurara meu companheiro, como Saint-Loup, dizia-se meu jovem amigo. Mas então não haviam mudado apenas os métodos militares, e assim, para Létourville, eu era, não um companheiro, mas um velho senhor; e do Sr. de Létourville, portanto, em cuja companhia me imaginava tal qual via a mim mesmo, um bom companheiro, estava separado pela abertura de um compasso invisível, no qual nunca pensara, e que me colocava tão longe do jovem subtenente que, para este, que se dizia "meu jovem amigo", eu era um velho!

Quase logo depois alguém falou de Bloch, e indaguei se se tratava do filho ou do pai (pois ignorava a morte deste, durante a guerra, de emoção, segundo me disseram, por ver a França invadida).

- Não sabia que tinha filhos, nem que fosse casado - disse-me o príncipe. - Mas evidentemente é do pai que estamos falando, pois já não é um homem novo - acrescentou rindo. - Poderia ter filhos já adultos. - E compreendi que se tratava do meu companheiro. E, de resto, ele entrou após um instante. De fato, no rosto de Bloch, vi superporem-se a fisionomia frágil e opiniática, as débeis inclinações de cabeça que logo encontram seu ponto de encaixe, e onde eu teria notado a douta fadiga dos velhos amáveis, se, por outro lado, não reconhecesse diante de mim o meu amigo e se minhas lembranças não o animassem desse ardor juvenil e ininterrupto do qual parecia agora desprovido. Para mim, que o conhecera no limiar da vida e jamais deixara de o ver, ele era meu camarada, um adolescente cuja mocidade eu media pela que, esquecido de ter vivido desde então, inconscientemente a mim mesmo atribuía. Ouvi dizer que tinha a idade que aparentava, e espantou-me notar em seu rosto alguns sinais que são próprios dos homens velhos. Compreendi que de fato envelhecera, e que a vida produz seus velhos com os adolescentes cuja existência se prolonga.

Como alguém, ouvindo dizer que eu estava adoentado, perguntasse se eu não receava pegar a gripe que grassava por essa época, um outro, bondosamente, me tranqüilizou dizendo: "Não, ela atinge sobretudo as pessoas ainda jovens. As de sua idade não correm muito risco." E me garantiram que os criados me haviam reconhecido perfeitamente. Tinham sussurrado o meu nome, e até, "em sua linguagem", contou uma senhora, ela os ouvira dizer: "Eis o pai" (esta expressão fora seguida pelo meu nome). E como eu não tivesse filhos, tal expressão só podia referir-se à idade.

- Como, se conheci o marechal? - disse-me a duquesa. - Mas conheci pessoas

muito mais representativas: a duquesa de Galliera, Pauline de Périgord, Monsenhor Dupanloup.

Ao ouvi-la, ingenuamente lamentei não ter conhecido o que ela denominava "um resto do antigo regime". Deveria ter pensado que o que chamamos "antigo regime" é aquele de que só pudemos conhecer o fim; é desse modo que o que vislumbramos no horizonte adquire misteriosa grandeza e se nos afigura cerrar-se sobre um mundo que não mais veremos; contudo, o horizonte recria, e o mundo, que parecia findo, recomeça a existir.

- Cheguei mesmo a ver, quando mocinha, - a duquesa de Dino acrescentou à Sra. de Guermantes. - Ora, você sabe que já não tenho vinte e cinco anos. - Tais palavras me aborreceram: "Não deveria ter dito isto, parece coisa de mulher velha."

E logo pensei que, de fato, ela era uma mulher velha.

- Quanto a você - prosseguiu a duquesa-, está sempre o mesmo. Sim – afirmou - você é assombroso, permanece jovem sempre-expressão bastante melancólica, pois só não carece de sentido se de fato, senão na aparência, estivermos velhos. E ela me assestou o golpe de misericórdia:

- Sempre lamentei que não se tivesse casado. Mas no fundo, quem sabe, talvez tenha sido melhor assim? Você já teria filhos na guerra e, se fossem mortos, como o pobre Robert (ainda penso muito nele), sensível como é, não lhes teria sobrevivido. -

Pude contemplar-me, como ao primeiro espelho verídico que encontrasse, nos olhos dos velhos que se achavam jovens, como eu próprio me achava, e que, quando me proclamava velho para ouvir um desmentido, com um exemplo de velho, não mostravam o menor protesto em seus olhos que me viam tal como não se viam a si mesmos, porém como eu os via. Pois não vemos nosso próprio aspecto, nossa própria idade, mas cada um, como um espelho, exibia os dos outros. E, sem dúvida, ao se descobrirem envelhecidas, poucas pessoas ficariam tão tristes com eu. Mas, em primeiro lugar, acontece com a velhice o mesmo que com a morte; alguns a enfrentam com indiferença, não porque sejam mais corajosos que os outros, mas por terem menos imaginação. Além disso, o homem que desde a infância visa a um só objetivo, a que a preguiça e mesmo o estado de saúde, fazendo-o adiar interminavelmente suas realizações, anula a cada noite o dia passado e perdido, embora a doença que apressa o envelhecimento do corpo retarde o do espírito, este homem, ao ver que não cessou de viver no Tempo, mostra-se mais surpreso e perturbado do que quem, menos ensimesmado, regula-se pelo calendário e não descobre, de repente, o total dos anos cuja adição diariamente fora fazendo. Mas um motivo mais grave explicava a minha angústia; descobria a ação destruidora do Tempo justo no

momento em que desejava empenhar-me por tornar claras, intelectualizando-as numa obra de arte, realidades extratemporais.

Em alguns indivíduos, a substituição contínua, mas cumprida em minha ausência, de cada célula por outras, conduzira a uma alteração de tal modo completa, a uma tão inteira metamorfose, que eu poderia jantar cem vezes com eles num restaurante sem suspeitar havê-los conhecido um dia, assim como não adivinharia a realeza de um soberano incógnito ou o vício de um estranho. A comparação até se torna inexata caso ouvisse os seus nomes, pois pode-se admitir que um desconhecido sentado à nossa frente seja rei ou criminoso, ao passo que aqueles, eu os conhecera, ou melhor, havia conhecido pessoas que usavam o mesmo nome, porém tão diversas, que não podia crer fossem as mesmas. No entanto, como o faria ao aceitar a idéia de soberania ou de vício, que não demora a dar novas feições ao desconhecido com o qual, quando ignorasse ainda a verdadeira personalidade, cometeria a gafe de ser insolente ou amável em cujos traços discernimos agora algo de notável ou de suspeito, empenhava-me em introduzir no rosto da desconhecida, totalmente estranha, a idéia de que ela era a Sra. Sazerat, e acabava por restabelecer o sentido, outrora familiar, desse rosto, mas que permanecera verdadeiramente alheio para mim, sendo a tal ponto o de outra pessoa, que se despisse de todos os atributos humanos, como um homem transformado em macaco, se o nome e a afirmação da identidade não me pusessem, apesar das dificuldades do problema, no caminho da solução. Às vezes, entretanto, a imagem antiga renascia com suficiente precisão para que eu pudesse tentar um confronto; e, como uma testemunha levada à presença do acusado a quem vira, eu me sentia forçado a dizer, de tão grande era a diferença:

- Não, não a reconheço.

Gilberte de Saint-Loup me disse:

- Quer ir jantar a sós comigo num restaurante?-

Como eu respondesse:

- Se não achar comprometedor jantar sozinha com um rapaz - percebi que todos a meu redor estavam rindo, e apressei-me a corrigir: -, ou melhor, com um homem velho. - Senti que a frase que provocara o riso era dessas que, falando de mim, poderia dizer minha mãe, para quem eu continuava a ser uma criança. Pois percebia que, para julgar-me, colocava-me no mesmo ponto de vista dela. Se acabara por registrar, como ela, algumas alterações ocorridas desde a primeira infância, ainda assim tratava-se de alterações agora bastante antigas. Detivera-me naquele de quem se dizia em certa ocasião, antecipadamente: "Já está quase um rapaz." Assim o imaginava ainda, mas desta vez com muito atraso. Nem me dava conta de quanto havia mudado. Mas na verdade, eles, que

acabavam de rir às gargalhadas, onde notavam essa mudança? Eu não tinha cabelo grisalho, meu bigode era preto. Gostaria de poder perguntar-lhes em que se revelava a evidência dessa coisa terrível.

E agora compreendia o que era a velhice a velhice que, de todas as realidades, é talvez aquela de que guardamos por mais tempo na vida uma noção puramente abstrata, observando os calendários datando nossas cartas, vendo se casarem nossos amigos, e os filhos de nossos amigos, sem compreender, por medo ou por preguiça, o que significa tudo isso até o dia em que avistamos uma silhueta estranha, como a do Sr. de Argencourt, a qual nos informa que vivemos num mundo novo; até o dia em que o neto de nossas amigas, rapaz que instintivamente trataríamos como a um camarada, sorri como se zombássemos dele, nós que poderíamos ser seu avô; compreendia o que significava a morte, o amor, as alegrias do espírito, a utilidade da dor, a vocação etc. Pois, se os nomes haviam perdido para mim a sua individualidade, as palavras não desvendavam todo o seu sentido. A beleza das imagens está situada por detrás das coisas, a das idéias na frente. De modo que a primeira deixa de nos maravilhar quando atingimos estas, mas só compreendemos a segunda quando as ultrapassamos.

Sem dúvida, a descoberta cruel que acabava de fazer só poderia me servir no que se referisse ao assunto mesmo de meu livro. Visto haver decidido que essa matéria não podia ser constituída exclusivamente pelas impressões autenticamente plenas, as que estão fora do tempo, teriam destaque, entre as verdades em que as engastaria, aquelas que se relacionam com o tempo - o tempo em que mergulham e se modificam os homens, as sociedades e as nações. Não cuidaria somente das alterações sofridas pelo aspecto dos seres, e das quais tinha novos exemplos a cada instante, pois, pensando sempre na minha obra, definitivamente posta em andamento, o bastante para não se deixar deter por distrações passageiras, continuava a cumprimentar as pessoas conhecidas e a conversar com elas. Aliás, o envelhecimento não se assinalava para todos de maneira análoga. Vi alguém que perguntava o meu nome disseram-me que se tratava do Sr. de Cambremer. E então, para mostrar que me reconhecera, indagou:

- Ainda tem acessos de asma?-

E diante da minha resposta afirmativa:

- Verá que isso não vai lhe impedir a longevidade -, disse, como se eu fosse verdadeiramente centenário. Eu lhe falava com os olhos presos em dois ou três traços que procurava mentalmente enquadrar na síntese de recordações de que divergia todo o resto de minhas lembranças, a que eu chamava de sua pessoa. Mas por um momento ele virou ligeiramente a cabeça. E então verifiquei que se tornara irreconhecível devido ao acréscimo de enormes bolsas vermelhas nas

faces, que o impediam de abrir completamente a boca e os olhos; mostrei-me perplexo, não ousando encarar esse tipo de antraz, pois me parecia mais conveniente que ele próprio me falasse primeiro a respeito. Mas como um enfermo corajoso, ele ria, não fazendo qualquer alusão ao mal, e eu receava parecer impiedoso se não lhe perguntasse, e de mostrar falta de tato caso indagasse de que sofria.

- Mas, com a idade, não lhe vêm mais raramente? - perguntou-me, continuando a falar das sufocações.

Disse-lhe que não.

- Ah, pois minha irmã tem melhorado muito - redargüiu em tom de contradição, como se em nossos casos não se pudesse passar diversamente, e como se a idade fosse um desses remédios que ele não admitia serem insalubres para mim quando tinham causado tanto bem à Sra. de Gaucourt.

Tendo se aproximado a Sra. de Cambremer-Legrandin, eu cada vez mais receava parecer insensível por não deplorar o que verificava no rosto de seu marido; contudo não ousava tocar primeiro no assunto.

- Está contente em vê-lo? - indagou ela.

- Ele está bem? - indaguei num tom de incerteza.

- Ora, meu Deus, nada mal, como vê. -

Não percebera o mal que me ofuscava e que não era mais que uma dessas máscaras que o Tempo havia aplicado ao rosto do marquês, mas aos pouquinhos, inchando-o tão vagarosamente que a marquesa nada vira. Quando o Sr. de Cambremer terminou as perguntas acerca de minhas sufocações, foi minha vez de informar-me, bem baixinho, junto a alguém, se ainda vivia a mãe do marquês.

De fato, na apreciação do tempo decorrido, só custa o primeiro passo. A princípio, fazemos grande esforço para imaginar tanto tempo passado e, a seguir, que não se tenha passado mais ainda. Jamais teríamos imaginado que o século XIII fosse tão longínquo, e depois mal poderíamos acreditar que ainda existam igrejas dessa época, que no entanto são bem numerosas na França. Em poucos instantes, fizera-se em mim o trabalho mais lento que se opera naqueles que, mal podendo compreender que uma pessoa que conheceram jovem já tenha sessenta anos, não chegam a capacitar-se, passados mais quinze anos, ao saberem que vive ainda, de que esteja com setenta e cinco. Perguntei ao Sr. de Cambremer como ia a sua mãe.

- Ela é sempre admirável - respondeu-me, empregando um adjetivo que, por oposição às tribos em que se trata impiedosamente os pais idosos, aplica-se, em certas famílias, aos velhos nos quais o uso das faculdades físicas, como ouvir, ir a

pé à missa e suportar sem qualquer mágoa os lutos, adquire, aos olhos dos filhos, uma aura de extraordinária beleza moral.

Outros, cujo rosto permanecia intacto, pareciam constrangidos apenas quando precisavam caminhar; a princípio, davam a impressão de sofrer das pernas; e só depois se percebia que a velhice lhes pregara solas de chumbo. A idade embelezava alguns, como o príncipe de Agrigento. Ao homem comprido, magro, de olhar embaciado, de cabelos que pareciam dever ficar eternamente arruivados, sucedera-se, por uma metamorfose análoga à dos insetos, um velhote em quem os cabelos avermelhados, visto há tempos, tinham sido substituídos, como um tapete por demais usado, por cabelos brancos. Seu peito assumira uma corpulência desconhecida, robusta, quase guerreira, e que deveria ter necessitado de um verdadeiro estouro da frágil crisálida que eu conhecera; uma gravidade consciente de si mesma banhava os olhos, onde se lia uma nova benevolência, estendida a todos. E como, apesar de tudo, persistisse uma certa semelhança entre o poderoso príncipe atual e o retrato que minha lembrança conservava, maravilhei-me com a força de renovação original do Tempo, que, sempre respeitando a unidade do ser e as leis da vida, sabe mudar o cenário dessa maneira e introduzir violentos contrastes em dois aspectos sucessivos de uma mesma personagem. Pois muitas dessas pessoas são imediatamente identificadas, porém como retratos extremamente ruins delas mesmas, unidos numa exposição em que um artista irregular e mal-intencionado, mal reconhece as feições de um, retira o frescor da tez ou a leveza do talhe desta, entristece outro; endurece o seu olhar. Comparando essas imagens às que estavam sob os olhos de memória, gostava menos das que me eram mostradas por último. Assim, várias vezes achamos menos boa, e a recusamos, uma das fotografias que comigo não dá para escolher. Da mesma forma, a cada pessoa, e diante da fotografia diz:

- Não, esta não, você não esta bem - que mais me mostrava de si mesma, desejaria dizer a imagem nela, nem parece sua." Não teria coragem de acrescentar: "Em vez do seu está de nariz reto, pintaram-lhe o nariz adunco de seu pai, que você nunca teve." E, de belo era um nariz novo e familiar. Numa palavra, o artista, o Tempo, "modificara" de fato, os modelos de tal forma que eles eram reconhecíveis, mas não parecidos; se não tivesse favorecido, mas porque os envelhecera. Aliás, esse artista vai trabalhar com enorme lentidão.

Assim, a réplica do rosto de Odette, de que vislumbrara no esboço recém-começado no rosto de Gilberte, no dia em que vira Bergotte trabalhar pela primeira vez, o Tempo afinal o levara à mais perfeita semelhança, como esses pelas que vão trabalhando numa obra lentamente, completando-a ano após ano o que pintam. Se algumas mulheres confessavam a sua velhice ao se maquilarem, ao contrário, surgia pela ausência de maquilagem em certos homens era a

velhice que eu nunca havia reparado, e que mesmo assim me pareciam bem mudar; cujo aspecto de que, tendo desanimado de tentar agradar, haviam deixado de enfeitar-se, dos quais contava-se Legrandin. A supressão do tom róseo, que eu jamais julgara nos lábios e das faces conferia-lhe ao rosto a aparência acinzentada e edificavam uma escultural da pedra, cinzelando-lhe as feições compridas e tristonhas como das de certos deuses egípcios. Deuses? Antes fantasmas. Perdera não mais a coragem de se pintar mas de sorrir, de fazer os olhos brilharem, de pronunciar apenas discursos engenhosos. Assombrava vê-lo tão pálido, abatido, só pronunciar palavras insignificantes como as dos mortos que se evocam. Procurei separar o se questiona diante do "duplo" insignificante de um homem brilhante ao qual um médium todavia faz perguntas que se prestariam a um desenvolvimento do brincalhão, que motivo o impedia de ser animado, eloqüente, charmoso; imbuído de que esse motivo, que substituíra o Legrandin colorido e rápido por um melancólico fantasma, era a velhice.

Em vários outros eu acabava por reconhecer, não só eles próprios como eram antigamente. Por exemplo, Ski, não mais alterado que uma flor, astuto e seco. Era um esboço informe, confirmando minhas teorias sobre uns sendo mundanos, não eram de modo algum amadores. Mas também a velhice não havia amadurecido, e mesmo envoltos no primeiro círculo estivessem -e por um arco de cabelos brancos, seus rostos rosados mantinham ar dos dezoito anos. Não eram velhos, e sim rapazes de dezoito anos extremamente murchos. Pouco bastaria para apagar esse desbotamento da vida e a morte lhes devolveria ao semblante a juventude tão facilmente como se limpa um quadro do qual só um pouco de sujeira impede que brilhe como antes. Assim, pensava na ilusão que nos engana a todos quando, ouvindo falar de um velho célebre, fiamo-nos previamente de sua bondade, sua justiça, sua doçura de alma; pois eu sentia que, quarenta anos antes, eles haviam sido rapazes terríveis, cuja vaidade, velhacaria, soberba e astúcia, nada permitia supor que não houvessem conservado. E todavia, em completo contraste com esses, tive a surpresa de conversar com homens e mulheres outrora insuportáveis, e que haviam perdido quase todos os seus defeitos, talvez porque a vida, frustrando ou realizando seus desejos, lhes extinguisse a pretensão ou a amargura. Um casamento rico, que torna desnecessária a luta pela sobrevivência ou a ostentação, a própria influência da mulher, o conhecimento lentamente adquirido de valores outros que aqueles em que acredita uma juventude frívola, permitiram-lhes suavizar o caráter, demonstrar suas qualidades. Envelhecendo, pareciam ganhar uma nova personalidade, como as árvores em que o outono, variando-lhes as cores, parece mudar-lhes a essência. Neles a velhice manifestava-se de fato, mas como algo moral. Em outros, ela era acima de tudo física, e tão nova que a pessoa (a Sra. d'Arpajon, por exemplo) parecia-me a um tempo conhecida e desconhecida.

Desconhecida, pois era-me impossível suspeitar que se tratasse dela, e não obstante não pude, ao responder ao seu cumprimento, deixar de manifestar o trabalho do espírito que me fazia hesitar entre três ou quatro pessoas (entre as quais não contava a Sra. d'Arpajon) para saber a quem cumprimentava, com um ardor que aliás deve tê-la espantado, pois sem dúvida, receando mostrar-me excessivamente frio, caso se tratasse de uma amiga íntima, compensara a incerteza do olhar com o calor do aperto de mão e do sorriso. Mas, por outro lado, seu novo aspecto não me era desconhecido. Era o que eu vira muitas vezes no decorrer da minha vida em mulheres idosas e corpulentas, mas sem suspeitar então que elas pudessem ter sido, muitos anos antes, parecidas com a Sra. d'Arpajon. Tal aspecto era tão diverso do que eu conhecera na marquesa, que se diria ser ela uma criatura condenada, como uma personagem de contos de fadas, a aparecer primeiro como uma mocinha, e depois feito uma espessa matrona, e que certamente se transformaria logo numa velha trêmula e encurvada. Como uma nadadora pesadona que não vê mais a margem senão a grande distância, ela parecia repelir com esforço as vagas do tempo que a submergiam. Aos poucos, todavia, à força de contemplar seu rosto vacilante, incerto como uma memória infiel que já não consegue reter as formas de outrora, cheguei a recuperar alguma coisa entregar ao jogo de eliminar os quadrados e hexágonos que a idade acrescentara às suas faces. Além disso, o que a idade mesclara a essas mulheres nem sempre eram suas puras geométricas. Nas faces da duquesa de Guermantes, entretanto, de tal modo eram parecidas com o que haviam sido, e no entanto agora heterogêneas como um papagaio, distingui traços azinhavrados, um pedacinho róseo de concha triturada, na excrescência mal definida, menor que uma bolinha de visco e menos transparente que uma conta de vidro.

Certos homens coxeavam, e logo se via que aquilo não resultara de um acidente de carro, e sim de um primeiro ataque, pois eles já tinham, como se diz, um pé na sepultura. Da sua, entreaberta, algumas mulheres, meio paralíticas, pareciam não poder retirar completamente o vestido, que ficara preso à lápide do túmulo e, não capazes de se aprumarem, inclinadas como estavam, a cabeça baixa, descreviam uma curva que era na verdade a sua posição atual entre a vida e a morte, antes da última queda. Nada poderia impedir o movimento dessa parábola que as impelia; quando queriam erguer-se, tremiam todas, e seus dedos não logravam segurar coisa alguma.

Em alguns homens, os cabelos ainda nem se mostravam brancos. Assim, andando veio dar um recado ao patrão, reconheci o velho lacaio do príncipe de Guermantes. Os pêlos ríspidos que lhe eriçavam o rosto e o crânio haviam mantido o tom ruivo tirante a róseo, e não se podia suspeitá-lo de tingi-los como a duquesa de Guermantes. Mas nem por isso parecia menos velho. Percebi,

apenas, que existe entre os homens, como, no reino vegetal, entre os musgos, os líquens e outras espécies, alguns que não se alteram com a aproximação do inverno. Essas mudanças eram, com efeito, habitualmente atávicas, e a família, às vezes até, sobretudo entre os judeus, a raça se encarregava de anular as que o tempo fizera ao passar. Além disso, devia eu dizer que tais particularidades morreriam?

Sempre considerara nosso indivíduo, num dado momento do tempo, como um polipeiro em que o olho, organismo independente embora associado, pisca sem que a inteligência o comande, se é invadido pela poeira, ou mais ainda, onde no intestino um parasita oculto infecta sem que a inteligência fique sabendo; e paralelamente, a alma se me afigurara também, na duração da vida, como uma série de justapostos mas distintos, que morriam uns após outros ou até se alternavam entre si, como os que, em Combray, substituíam-se um ao outro, em mim, quando fui para casa a noite. Mas vira igualmente que essas células morais que compõem um ser são tão mais duradouras que ele. Vira os vícios e a coragem dos Guermantes retornarem em Saint-Loup, tanto quanto seus próprios defeitos de caráter, estranhos e efêmeros, - o semitismo de Swann. Podia vê-lo ainda em Bloch. Havia perdido o pai alguns anos antes e, quando lhe escrevi naquela ocasião, não pudera me responder logo; além dos grandes sentimentos de família que existem muitas vezes entre os seus, a idéia de que seu pai era um homem de tal modo superior aos demais pudera dedicar-se a seu amor filial na forma de um culto. Não pudera suportar perdê-lo e teve de se encerrar durante um ano numa casa de saúde. Respondera às minhas condolências num tom ao mesmo tempo profundamente sentido e quase altaneiro, de tanto que me julgava digno de inveja por ter privado com pessoa tão importante, cuja carruagem tirada por dois cavalos teria de bom grado oferecido a um museu histórico. E agora, sentado à mesa da família, a mesma cólera que animava o pai contra o Sr. Nissim Bernard ele a externava contra o sogro. As invectivas eram as mesmas. Da mesma forma que, ouvindo falar Cottard, Brichot, e tantos outros, eu sentira que, pela cultura e pela moda, uma só ondulação propaga em toda a extensão do espaço as mesmas maneiras de dizer, de pensar, assim também, em toda a duração do tempo, enormes vagalhões erguem, da profundeza das idades, as mesmas cóleras, as mesmas tristezas, as mesmas bravatas, as mesmas manias, através de gerações superpostas, cada corte, efetuado em níveis diversos da mesma série, oferecendo a repetição, como sombras sobre telas sucessivas, de um quadro idêntico, embora com freqüência menos insignificante, àquele em que se opunham Bloch e seu sogro, o Sr. Bloch pai e o Sr. Nissim Bernard, e outros que eu não havia conhecido.

Certos rostos, ocultos sob os cabelos brancos, já mostravam a rigidez e as pálpebras fechadas dos moribundos, e seus lábios, agitados por um tremor

contínuo, pareciam resmungar a oração dos agonizantes. A um rosto linearmente o mesmo era bastante, para que parecesse outro, cabelos brancos em vez de negros ou louros. Os figurinistas de teatro sabem que basta uma peruca empoada para disfarçar perfeitamente uma pessoa e torná-la irreconhecível. O jovem conde de *** que eu tinha visto no camarote da Sra. de Cambremer, tenente na ocasião, no dia em que a Sra. de Guermantes estava na frisa de sua prima, conservava sempre seus traços perfeitamente regulares, e mais até, pois a rigidez fisiológica da arteriosclerose exagerava ainda a retidão impassível da fisionomia do dândi, emprestando a essas feições a intensa nitidez quase caricata, à força de imobilidade, de um estudo de Mantegna ou de Michelangelo. A pele, outrora de um vivo tom avermelhado, mostrava uma solene palidez; os pêlos prateados, a gordura discreta, uma nobreza de doge, um cansaço que chegava à vontade de dormir, tudo nele concorria para dar a impressão nova e profética da majestade fatal. Substituindo-se ao retângulo de barba loura, outro igual, de barba branca, transformava-o tão perfeitamente que, reparando que esse subtenente que eu conhecera possuía cinco galões, minha primeira idéia foi felicitá-lo não por ter sido promovido a coronel, mas por estar tão à vontade na fantasia de coronel, disfarce para o qual parecia ter tomado emprestado o uniforme e o ar grave e triste do oficial superior que fora seu pai. Num outro, a barba branca também substituíra a loura; e como o rosto permanecera vivo, sorridente e jovem, fazendo-o parecer apenas mais vermelho e dando-lhe mais relevo, aumentava o brilho dos olhos e conferia ao mundano que ficara jovem o ar inspirado de um profeta.

A transformação que os cabelos brancos e outros elementos ainda haviam operada, sobretudo nas mulheres, teria me afetado menos se se tratasse unicamente de uma mudança de colorido, o que pode agradar aos olhos, e não de pessoal, o que desorienta o espírito. De fato, "reconhecer" alguém e, mais ainda, depois de não ter podido reconhecê-lo, identificá-lo, é pensar em duas coisas contraditórias em uma só denominação, é admitir que quem está aqui, a pessoa de quem nos lembramos, já não existe, e a pessoa que aqui está é uma desconhecida; é ter de pensar em um mistério quase tão perturbador quanto o da morte, de que, aliás, é o prefácio e o arauto. Pois essas mudanças, sabia eu o que queriam dizer, o que preludiavam. Assim essa alvura dos cabelos impressionava nas mulheres, acrescentando-se a tantas outras modificações.

Diziam-me um nome, e eu ficava estupefato ao vê-lo aplicar-se tanto à loura valsista que havia conhecido outrora, quanto à dama pesada e de cabelos brancos que se arrastava junto a mim. Com certo matiz róseo de pele, esse nome era talvez a única coisa existente em comum entre essas duas mulheres, mais diferentes a da minha memória e a da vesperal Guermantes, que uma ingênua e uma matrona de teatro. Para que a vida chegasse a dar a essa valsista

semelhante corpo enorme, para poder, como um metrônomo, retardar seus movimentos confusos, para, mantendo talvez como único elemento comum as faces mais cheias, é certo, mas que desde a juventude eram já arroxeadas; substituir à loura tão leve esse velho marechal ventripotente, fora-lhe preciso realizar mais devastações e reconstruções que para colocar uma cúpula no lugar de uma flecha; e, quando se pensava que semelhante esforço se operara não sobre a matéria inerte, mas sobre uma carne que só muda insensivelmente, o contraste assombroso entre a atual aparição e a criatura de que me lembrava, fazia recuar esta a um passado mais que remoto, quase inverossímil. Tinha dificuldades em juntar os dois aspectos, em pensar nas duas pessoas sob a mesma denominação; pois, assim como é difícil imaginar que um morto foi vivo ou que o que era vivo hoje está morto é quase tão complicado, e do mesmo tipo de dificuldade (pois o aniquilamento da juventude, a destruição de uma pessoa cheia de forças e de agilidade, já é um primeiro passo rumo ao nada), quanto conceber que esta que foi jovem hoje é velha, quando o aspecto dessa velha, justaposto ao da jovem, parece de tal forma excluí-la que, alternadamente, é a velha, depois a jovem, depois ainda a velha, que parecem um sonho, e não acreditaria que isto pudesse ter sido alguma vez aquilo, que a matéria daquilo seja ela mesma que se tivesse, sem refugiar-se em outra parte, tornado isto graças às sábias manipulações do tempo, que seja a mesma substância, sem ter deixado o mesmo corpo-se não possuísse o indício como igual é o testemunho afirmativo dos amigos, ao qual apenas as rosas das faces, outrora limitadas entre o ouro das espigas, hoje espalhadas sob a neve, davam uma aparência de verdade.

Aliás, como no caso da neve, o grau de alvura dos cabelos parecia em geral marcar a extensão do tempo vivido, como esses píncaros montanhosos que, mesmo surgindo aos olhos à mesma altitude dos demais, revelam todavia o nível dessa altitude pela intensidade de sua brancura de neve. Entretanto, isto não era correto, sobretudo quanto às mulheres. Assim, as mechas da princesa de Guermantes que, quando eram grisalhas e brilhantes como seda pareciam de prata nas frontes arqueadas, tendo adquirido, à força de se tornarem brancas, uma opacidade de lã e de estopa, por isso, ao contrário, davam a impressão de ser cinzentas como a neve suja que perdeu o brilho.

E muitas vezes tais dançarinas louras não haviam apenas conquistado, com uma peruca branca, a amizade de duquesas a quem outrora não conheciam. Mas, não tendo feito então mais que dançar, a arte as havia tocado como a graça. E, como ilustres damas do século XVII que se encerravam em conventos, elas viviam em apartamentos repletos de pinturas cubistas, um pintor cubista trabalhando só para elas, que viviam só para ele. Todavia, os velhos de feições transformadas procuravam reter fixa e permanentemente uma dessas expressões fugidias que

assumem durante um minuto de pose, e com as quais tentam tirar partido de uma vantagem física ou disfarçar um defeito; davam a impressão de se tornarem, definitivamente, imutáveis instantâneos de si próprios. Todos tinham levado tanto tempo para vestir a fantasia que esta em geral passava despercebida daqueles com quem conviviam. Muitas vezes se lhes concedia uma dilação, mediante a qual podiam continuar a ser eles mesmos até bem mais tarde. Mas então o disfarce prorrogado se fazia com mais pressa; de qualquer modo, era inevitável.

Eu nunca achara semelhança alguma entre a Sra. X... e sua mãe, a quem só conhecera na velhice, semelhante um pequeno turco atarracado. E, na verdade, sempre havia conhecido a Sra. X... encantadora e espigada; e por muito tempo, de fato, ela o fora assim, pois, para uma pessoa que, antes de cair a noite, não deve esquecer-se de vestir a fantasia de turca, ela se atrasara, tanto que foi de modo precipitado, quase de repente, que se encolhera para reproduzir fielmente o aspecto de velha turca que a mãe outrora exibira.

Havia homens cujo parentesco com outros eu conhecia, mas sem ter nunca pensado que possuíssem traços comuns; ao admirar o velho ermitão de cabelos brancos em que se transformara Legrandin, verifiquei de súbito, posso dizer que descobri com satisfação de zoólogo, na espessura desigual de suas faces, a construção das de seu jovem sobrinho Léonor de Cambremer, que no entanto não se parecia de modo algum com ele; a esse primeiro traço em comum, acrescentei um outro que não havia notado nele, e depois outros, e que não eram nenhum dos que habitualmente me oferecia a síntese de sua mocidade, de modo que em breve tive dele como que uma caricatura mais verdadeira, mais profunda, do que se fosse literalmente semelhante; seu tio me parecia agora apenas o jovem Cambremer assumindo, para se divertir, as aparências do velho que de fato ele haveria de ser um dia, e, desse modo, o que me dava com tanta força a sensação do tempo decorrido não era mais somente aquilo em que se tornavam os jovens de outrora, mas também a transformação dos moços de hoje.

As feições em que se agravara, se não a mocidade, ao menos a beleza, tendo desaparecido em todas as mulheres, procuravam elas, com o que lhes sobrara, construir um outro rosto. Deslocando o centro, senão de gravidade, ao menos de perspectiva, de sua fisionomia, compondo as feições a seu redor conforme um outro gênero, começavam, aos cinqüenta anos, uma nova espécie de beleza, como se exerce tardiamente uma profissão diversa ou se plantam beterrabas numa terra que já não serve para vinhedos. Em torno a essas novas feições faziam florescer uma mocidade nova. Só as mulheres muito bonitas ou muito feias é que não podiam acomodar-se a tais transformações. As primeiras, esculpidas como um mármore de linhas definitivas do qual nada mais se pode mudar, pulverizavam-se como estátuas. As outras, que possuíam alguma

deformidade no rosto, tinham mesmo certas vantagens sobre as belas. Primeiro, eram as únicas a ser reconhecidas de pronto. Sabíamos que não existiam duas bocas idênticas em Paris, e a delas fazia com que as reconhecesse naquela vesperal, onde já não reconhecia ninguém. E, além disso, sequer pareciam ter envelhecido. A velhice é algo de humano; elas eram monstros e não pareciam "mudar" mais do que baleias.

Alguns homens e mulheres também não davam a impressão de ter envelhecido; o talhe ainda era esbelto, o rosto continuava jovem. Mas se, para lhes falar, aproximava-me bem do rosto de lisa pele e os contornos, então este se fazia inteiramente diverso, como sucede com uma superfície vegetal, uma gota d'água ou de sangue vistas ao microscópio. Distinguia então, na pele que julgara lisa, várias manchas gordurosas que me repugnavam. As linhas não resistiam ao aumento causado pelas lentes. A do nariz logo se quebrava e arredondava, invadida pelos mesmos círculos oleosos do resto da fisionomia; e, vistos de bem perto, os olhos encovavam-se debaixo de bolsas que destruíam a semelhança do rosto de agora com o de antigamente, que eu imaginara reencontrar. De modo que, no caso desses convidados, eles eram jovens vistos de longe, sua idade aumentava ao engordar do rosto e a possibilidade de observá-lo em diversos planos; a velhice, para eles, dependia do espectador colocar-se de modo a vê-los jovens, lançando-lhes apenas olhares de longe, que diminuem o objeto, como os vidros que um oculista escolhe para quem sofre de presbiopia; para eles, a velhice, como a presença de infusórios numa gota d'água, era trazida menos pela passagem dos anos que pelo grau da escala na visão do observador.

Ali reencontrei um de meus antigos companheiros a quem, durante dez anos, havia encontrado quase todos os dias. Alguém desejou apresentar-nos de novo. Fui então direito a ele, que me falou com voz que reconheci perfeitamente:

- É uma alegria muito grande para mim, depois de tantos anos. - Mas que surpresa tive! Essa voz parecia ser emitida por um fonógrafo aperfeiçoado, pois, sendo a de meu amigo, saía de um sujeito gordo e grisalho que eu não conhecia, dando a impressão de ter sido posta artificialmente, por um engenho mecânico, nesse velhote gordo igual a tantos. Contudo, sabia que se tratava dele, pois a pessoa que nos apresentara depois de tanto tempo não se prestava a mistificações. Ele próprio me declarou que eu não mudara em nada, e compreendi que também ele não se julgava mudado. Então, observei-o melhor. E, afinal, salvo haver engordado daquele jeito, conservara muitas coisas de outrora. No entanto, não podia entender que se tratasse dele. Assim, tentei lembrar-me. Na juventude ele tivera olhos azuis sempre risonhos, perpetuamente em movimento, em busca é claro de algo que no momento me escapara, algo de desinteressado, sem dúvida a verdade, perseguida em constante incerteza, com um jeito folgazão e uma espécie de respeito erradio por todos os amigos da

família. Ora, tornando-se um político influente, capaz, despótico, os olhos azuis que aliás não haviam encontrado o que procuravam, tinham se imobilizado, o que lhes conferia um olhar agudo, como se saísse debaixo de um sobrecenho franzido. Assim, a expressão de alegria, de abandono e de inocência se transformara num acento de astúcia e dissimulação. Decididamente, parecia-me outra pessoa, quando subitamente ouvi, a uma coisa que eu havia dito, a sua risada, sua doida risada de outrora, acompanhada pela permanente mobilidade alegre do olhar. Certos melômanos acham que, orquestrada por X..., a música de Z... se torna absolutamente diferente. São matizes que o homem comum não percebe. Mas um riso louco e sufocado de criança, sob um olhar agudo como um lápis azul de ponta bem feita, embora um tanto de lado, é mais que uma diferença de orquestração. O riso cessou, e bem que eu gostaria de reconhecer o meu amigo, mas, como na *Odisséia, Ulisses* lançando-se para a mãe morta, como um espírita que tentasse em vão alcançar de uma aparição a resposta que a identifica, como um visitante da exposição de eletricidade que não pode crer que o fonógrafo reproduza sem alteração a voz de uma pessoa, julgando-a espontaneamente emitida por alguém, deixei de reconhecer o meu amigo.

Todavia, é necessário ressalvar que as medidas do tempo, para certas pessoas, podem ser aceleradas ou retardadas. Por acaso, havia encontrado na rua, haveria uns quatro ou cinco anos, a viscondessa de Saint-Fiacre (nora da amiga dos Guermantes). Seus traços esculturais pareciam assegurar-lhe uma juventude eterna. Aliás, era ainda jovem. Pois não pude, apesar de seus sorrisos e cumprimentos, reconhecê-la numa dama de feições tão desfeitas que não era possível recompor-lhe a linha do rosto. É que, fazia três anos, andava tomando cocaína e outras drogas. Seus olhos, profundamente orlados de negro, eram quase selvagens. A boca apresentava estranho esgar. Disseram-me que se levantara só para aquela vesperal, tendo estado de cama, ou na espreguiçadeira, durante meses. Assim, o Tempo dispõe de trens expressos e especiais que levam rapidamente a uma velhice prematura. Mas em trilhos paralelos circulam trens de regresso, quase tão velozes.

Tomei o Sr. de Courgivaux pelo seu filho, pois tinha o ar bem jovem. (Devia já ter passado dos cinqüenta, e parecia mais moço que aos trinta.) Descobrira um médico inteligente, suprimira o álcool e o sal; retornara ao trinta anos e parecia até, naquela noite, não os ter atingido ainda. É que, nessa mesma manhã, cortara o cabelo. Entretanto, houve um que, mesmo quando me disseram seu nome, não pude reconhecer e julguei tratar-se de um homônimo, pois não tinha qualquer espécie de semelhança com a pessoa que não só eu conhecera antes, mas que reencontrara fazia alguns anos. No entanto, era ele mesmo, apenas embranquecido e gordo; porém raspara os bigodes e bastara isso para fazê-lo perder sua personalidade.

Coisa curiosa, o fenômeno da velhice parecia, em suas modalidades, levar em conta alguns hábitos sociais. Certos senhores ilustres, mas que sempre haviam usado simples ternos de alpaca e velhos chapéus de palha que os pequenos burgueses se recusariam a pôr, tinham envelhecido do mesmo modo que os jardineiros e camponeses em meio aos quais haviam vivido. Manchas castanhas invadiam suas faces e o rosto amarelecera, escurecendo como um livro.

E eu também pensava em todos os que ali não se achavam porque não podiam, aqueles cujos secretários, tentando forjar a ilusão de sua sobrevida, desculpavam em telegramas volta e meia entregues à princesa, nos enfermos que agonizavam havia muitos anos, que já não se levantam nem se mexem, e, mesmo à frívola assiduidade dos visitantes atraídos por uma curiosidade de turistas ou confiança de peregrinos, de olhos fechados, rosário nas mãos, afastando em meio o lençol já mortuário, são semelhantes aos que jazem, estendidos no túmulo, a carne rígida e branca feito mármore, e que a doença esculpiu até deixar à mostra o esqueleto.

As mulheres se esforçavam por manter contato com o que fora o mais individual de seus encantos. Mas muitas vezes a nova substância de seus rostos já não se prestava a tal. Assustava-me pensar nos períodos que deviam ter escoado para que se cumprisse tamanha revolução na geologia de um rosto, ao ver que erosões se haviam produzido ao longo do nariz, que enormes aluviões, na orla das faces, cercavam o rosto inteiro de massas opacas e refratárias.

Sem dúvida certas mulheres ainda eram bem reconhecíveis, o rosto se mantivera quase o mesmo; apenas, como para harmonizar-se com a estação de forma conveniente, tinham se recoberto de cabelos grisalhos, seus enfeites de outono. Mas, no caso de outras, e também no dos homens, a transformação era tão completa, a identidade tão impossível de estabelecer por exemplo, entre um boêmio moreno, de que me lembrava, e o velho monge que tinha diante dos olhos; que semelhantes transformações faziam pensar, mais que na própria arte do ator, na de certos pantomimeiros prodigiosos de que Fregoli{154} é o protótipo.

A velha tinha vontade de chorar, ao compreender que o indefinível e melancólico sorriso que fora o seu charme já não podia irradiar-se até a superfície dessa máscara de gesso que a velhice lhe aplicara. Depois, subitamente desencorajada de agradar, achando mais espirituoso resignar-se, serviu-se dela como de uma máscara de teatro para fazer rir! Mas quase todas as mulheres não tinham tréguas em seus esforços para lutar contra a idade e estendiam, para a beleza que se afastava como um sol poente e do qual desejavam apaixonadamente conservar os últimos raios, o espelho do seu rosto. Para consegui-lo, algumas procuravam aplainar, alargar a branca superfície, renunciando à graça picante

das covinhas ameaçadas, às tentações de um sorriso já condenado e meio frouxo; ao passo que, tendo outras visto a beleza desaparecer em definitivo e sendo obrigadas a se refugiar na expressão, como se compensa pela arte da dicção a perda da voz, agarravam-se a uma careta, a um pé de galinha, a um olhar vago, por vezes a um sorriso que, devido à descoordenação dos músculos que já não obedeciam, fazia-as parecer estarem chorando. Além disso, mesmo entre os homens que tinham sofrido apenas uma ligeira mudança, cujo bigode se fizera branco etc., sentia-se que tal mudança positivamente não era material. Era como se fossem vistos através de um vapor colorido, um vidro pintado que lhes modificasse o aspecto do rosto, mas, sobretudo, pelo que acrescentava de embaciado, mostrava estarem na realidade muito longe aqueles que nos permitia ver em "tamanho natural", num distanciamento diverso, é verdade, do do espaço, mas de cujo fundo, como de outra margem, sentíamos terem tanta dificuldade em nos reconhecer como nós a eles. Talvez somente a Sra. de Forcheville, intumescida como se se tivesse injetado algum líqüido, uma espécie de parafina que incha a pele mas a impede de se modificar, se assemelhasse a uma cocote de outrora, para sempre "naturalizada".

- Você me toma por minha mãe - havia dito Gilberte. Era verdade. E, aliás, seria quase lisonjeiro para a filha: partimos da idéia de que as pessoas permaneceram as mesmas e reencontramo-las envelhecidas. Mas, desde que a idéia inicial fosse a de que são velhas, não as acharíamos tão envelhecidas quando as encontrássemos. No caso de Odette, não se tratava apenas disso; seu aspecto, uma vez que soubéssemos a sua idade e esperássemos uma velha, parecia um desafio mais milagroso às leis da cronologia que a conservação do rádio às da natureza. Se não a reconheci de imediato, não foi porque tivesse mudado, e sim porque não mudara. Tendo me dado conta, durante uma hora, de tudo o que o tempo acrescentava às criaturas, e que era preciso subtrair para reencontrá-las tais quais as havia conhecido, fazia agora rapidamente esse cálculo e, ajuntando à antiga Odette o total dos anos passados, o resultado que achei foi uma pessoa que me pareceu não poder ser a que tinha diante dos olhos, justamente porque esta era idêntica à de outrora. Onde ficava nisso a parte do cosmético, da tintura? Com os cabelos dourados bem corridos peruca arrepiada de grande boneca mecânica sobre uma face atônita e imóvel, também de boneca; aos quais se superpunha um chapéu de palha achatado, ela se assemelhava à Exposição de 1878 (de que, teria sido então, sobretudo se já tivesse à época a idade atual, a mais fantástica maravilha), recitando a sua fala numa revista de fim de ano, mas a Exposição de 1878 representada por uma mulher ainda jovem{155}.

Ao nosso lado, um ministro anterior ao período boulangista, reconduzido ao ministério, também passava, enviando às senhoras um trêmulo sorriso de longe, mas como que aprisionado nos mil laços do pretérito, como um pequeno

fantasma que uma invisível mão fizesse passear, diminuído de tamanho, mudado em sua substância, e dando a impressão de ser uma redução em pedra-pomes de si mesmo. Esse antigo presidente do Conselho, tão bem recebido no *faubourg* Saint-Germain, fora antigamente objeto de processos criminais, execrado pela alta sociedade e pelo povo. Porém, graças à renovação dos indivíduos que compõem uma e outro, e, nos indivíduos subsistentes, da alteração das paixões e até das lembranças, ninguém sabia mais disso e todos o honravam. Não há, pois, humilhação, por maior que seja, a que não nos devamos facilmente resignar, sabendo que ao cabo de alguns anos nossas culpas serão apenas uma invisível poeira sobre a qual vicejará a paz risonha e florida da natureza. O indivíduo momentaneamente calado se achará, devido ao jogo de equilíbrio do tempo, entre duas novas camadas sociais, que só lhe tributarão deferência e admiração, e acima das quais ele se exibirá a contento. Unicamente, é ao tempo que se confia semelhante trabalho; na ocasião de seus tormentos, nada o consola de ouvir ser chamado de "tubarão" pela turba de punhos cerrados, quando entrava no "tintureiro" na presença da vizinha, a jovem leiteira que não vê as coisas no plano do tempo, que ignora que os homens incensados pelo jornal da manhã foram desconsiderados na véspera, e que o homem hoje à beira da condenação será um dia festejado pela imprensa e recebido pelas duquesas, e agora talvez não tenha, pensando nessa jovem leiteira, as palavras humildes que lhe conquistariam as simpatias.

E o tempo igualmente desfaz as rixas de família. Na casa da princesa de Guermantes, via-se um casal cujos tios, já mortos agora, haviam se esbofeteado; a seguir um deles, mais para humilhar o outro, enviara-lhe como testemunhas do duelo o seu porteiro e o seu mordomo, julgando que o adversário não merecia pessoas da sociedade. Tais histórias, porém, dormiam nos jornais de há trinta anos e ninguém mais sabia delas. E assim o salão da princesa de Guermantes era iluminado, esquecido e florejante, como um cemitério tranqüilo. O tempo não só desfizera antigas criaturas, mas tornara possíveis, criara associações novas.

Voltando a esse político; apesar da modificação de sua substância física, tão profunda quanto a transformação das idéias morais que agora ele despertava no público; numa palavra, apesar de passados tantos anos desde que havia sido presidente do Conselho, fazia parte do novo gabinete, e seu chefe lhe confiara uma pasta, um tanto como os diretores de teatro dão um papel a um dos antigos camaradas, aposentado há muito, mas que ainda julgam mais capazes de desempenhar com sutileza um papel do que os jovens, camarada de quem conhecem, aliás a delicada situação financeira e que, com diferença de vinte e quatro anos, ainda exibe ao público a integridade de seu talento, quase intacto, nesse prolongamento da vida que, a seguir, espanta-nos ter sido verificado poucos dias antes da sua morte.

Quanto à Sra. de Forcheville, ao contrário, o aspecto era tão milagroso que sequer se poderia falar em rejuvenescimento, e sim que, lançando mão de todos os carmins, todas as tintas ruivas, havia reflorescido. Mais até que a encarnação da Exposição mundial de 1878, ela teria sido, numa exposição botânica de hoje, o ponto de enfoque, a atração principal. De resto, para mim, ela não parecia dizer: "Sou a Exposição de 1878", mas sobretudo: "Sou a alameda das Acácias de 1892." Dava a impressão de poder sê-lo ainda. Ademais, justo por não ter mudado, quase não parecia viver. Tinha o ar de uma rosa esterilizada. Cumprimentei-a, ela indagou por algum tempo o meu nome na minha fisionomia, assim como um aluno, sob o olhar do professor que o examina, procura uma resposta que teria mais facilmente encontrado em sua cabeça. Disse-lhe, e logo, como se graças a este mágico nome eu tivesse perdido a aparência de medronheiro{156} ou de canguru que sem dúvida a idade me atribuíra, ela me reconheceu e se pôs a falar com aquela inflexão especial, que as pessoas que a tinham aplaudido nos teatrinhos, quando eram convidadas a almoçar com ela "na cidade", ficavam maravilhadas por encontrarem cada palavra sua, durante toda a conversa. Essa inflexão continuava a mesma, inutilmente cálida, envolvente, com um leve sotaque inglês. E, no entanto, assim como seus olhos davam a impressão de me fixarem de um litoral distante, sua voz era triste, quase súplica, como a dos mortos na *Odisséia*.

Odette poderia representar ainda. Cumprimentei-a pela mocidade, e ela me disse:

- Você é gentil, obrigada - como dificilmente atribuía a um sentimento, até o mais verdadeiro, uma expressão que não fosse afetada pela preocupação de elegância, repetiu várias vezes:

- Muito obrigada, muito obrigada -

Porém eu, que antigamente caminhara tanto, vira o som de sua voz lhe sair dos lábios como para avistá-la no Bois, que o tesouro, da primeira vez que estivera em sua casa, agora julgava intermináveis os minutos passados em sua companhia, devido à impossibilidade de saber o que queriam dizer as palavras de Gilberte "Você me toma por falar demais"; e afastei-me, dizendo comigo mesmo como verdadeiras, mas também muito lisonjeiras para a minha mãe que não era somente filha, haviam surgido traços de família, até então igualmente nas duas. Aliás, não só nestes filhos interiores da semente, onde não se adivinham os traços invisíveis no rosto como as plantas, os impulsos que um dia as lançarão para fora. Assim, uma enorme curva materna vinha, nesta ou naquela, transformar, pelas alturas dos cinqüenta anos, um nariz até outra, filha de banqueiro, a pele, de frescor de campo então retilíneo e puro. Numa camponesa, avermelhava-se, adquira tons de cobre e tomava como que o reflexo do ouro que

o pai tanto manuseara. Alguns até acabavam por se assemelhar a seus bairros, traziam neles como que o reflexo da rua da Arcade, da avenida do Bois, da rua do luziam os traços dos pais.

Infelizmente a Sra. de Forcheville não deveria manter-se em forma por muito tempo. Alguns anos depois, numa reunião dançante promovida por ela, não gagá; mas um tanto enfraquecida da cabeça, Gilberte, eu deveria voltar incapaz de ocultar sob uma escala imóvel o que estava pensando; o pensar é força e, sacudindo a cabeça, fechando a boca, dando uma expressão, que senti nos ombros a cada impressão que experimentava, como o faria um bêbado, uma criança, como procedem certos poetas que não se dão conta de quem está à sua volta e, inspirados, compõem versos na sociedade e, indo para a mesa dando o braço a uma senhora que se espanta, franzem as sobrancelhas, fazem trejeitos. As impressões da Sra. de Forcheville salvo uma, a que precisamente a fizera comparecer à reunião, a ternura pela filha bem-amada, o orgulho que sentia pela filha que dava aquela recepção tão brilhante; orgulho que não escondia na mãe a tristeza por não ser mais nada-, essas impressões não eram alegres, e apenas mantinham uma defesa permanente contra as ofensas que lhe faziam, defesa tímida como a de uma criança. Só se ouviam estas palavras:

- Não sei se a Sra. de Forcheville me reconhece, talvez eu devesse apresentar-me de novo.

- Isto, por exemplo, é desnecessário - respondiam em altos brados esquecidos de que a mãe de Gilberte ouvia tudo (sem pensar ou sem se preocupar com isso).

- É inútil. Pelo interesse que ela demonstra! É melhor deixá-la em seu cantinho. Aliás, está meio gagá.- Furtivamente, a Sra. de Forcheville lançava um olhar (com seus olhos que ainda eram tão injuriosos, e logo o recolhia com receio de ter sido lindos) para os interlocutor, descortês e, ainda assim, agitada pela ofensa, sufocando a débil indignação, a frente, lançava novo olhar sobre outro conviva também de cabeça a tremular, o peito atar-se, pois, estando indisposta nos últimos dias, havia sido descortês; sem muito esperar havia sugerido cautelosamente à filha que adiasse a festa, no que não fora atendida. Nem por isso a Sra. de Forcheville a amava menos; todas as duquesas que entravam e a admiração de todos pela nova mansão inundavam seu coração de alegria. E, quando entrou a marquesa de Sabran, que era então a dama mais alta e inatingivelmente situada na escala social, a Sra. de Forcheville sentiu que havia sido uma boa e previdente mãe e que sua tarefa materna estava acabada. Novos convidados zombeteiros fizeram-na encarar outra vez os mal-educados e falar sozinha, se pode se chamar "falar" uma linguagem muda traduzida apenas em gesticulações. Tão bela ainda, tornara-se infinitamente simpática (o que jamais fora); pois ela, que havia traído Swann e todo o mundo, era agora traída pelo universo inteiro; e tornara-se tão débil que, trocando-se os papéis, já não ousava

defender-se contra os homens. E em breve não se defenderia contra a morte.

Mas, após essa antecipação, voltemos três anos, ou seja, à vesperal em que estamos na casa da princesa de Guermantes.

Tive dificuldade em reconhecer o meu companheiro Bloch, que agora, aliás, usava não o pseudônimo, mas o nome de Jacques du Rozier, sob o qual teria sido preciso todo o faro de meu avô para descobrir o "doce vale" do Hebron e "cadeias de Israel", que meu amigo parecia ter rompido de vez. De fato, uma elegância britânica havia modificado inteiramente a sua fisionomia, aplainando tudo o que podia ser apagado. Os cabelos, outrora anelados, agora lisos e repartidos ao meio, brilhavam de cosmético. Seu nariz continuava rubro e grosso, mas parecia antes tumefacto por uma espécie de resfriado permanente, o que podia explicar a acentuação nasal com que rematava preguiçosamente as frases, pois, assim como encontrara um penteado próprio para o seu tipo, conseguira uma voz adaptada para a sua pronúncia, onde o anasalamento de outrora assumia um jeito desdenhoso de articular que combinava com as asas inflamadas do nariz. E, graças ao penteado, à supressão dos bigodes, à elegância, ao tipo, à vontade, esse nariz judeu desaparecia, assim como parece quase reta uma corcunda bem tratada. Mas, sobretudo, logo que Bloch surgia, o sentido de sua fisionomia era mudado por um temível monóculo. A parte mecânica que esse monóculo introduzia no rosto de Bloch dispensava-o de todos os deveres difíceis a que um rosto humano é submetido: dever de ser belo, de exprimir o espírito, a benevolência, a força. A presença desse monóculo no rosto de Bloch bastava para dispensá-lo de que alguém indagasse se era feio ou bonito, como, diante das mercadorias inglesas que o caixeiro da loja assegura serem a última moda, não ousamos discutir se nos agradam ou não. Por outro lado, Bloch se instalava atrás do vidro do monóculo numa posição tão altaneira, distante e confortável, como se se tratasse da vidraça de uma carruagem de luxo e, para se harmonizarem suas feições aos cabelos lisos e ao monóculo.

Bloch me pediu que o apresentasse ao príncipe de Guermantes; não levantei para isso nenhuma das objeções, objeções que me haviam parecido naturais, ao passo que agora se me afigurava bastante natural e simples apresentar-lhe um de seus convidados como no dia em que fora pela primeira vez a um sarau na casa do príncipe, bem como conduzir até ele e apresentar-lhe de improviso, alguém que não tivesse convidado. Seria porque, desde aquela época tornara "familiar"; embora meio esquecido fazia algum tempo daquela sociedade, de onde então era "noviço"? Ou, pelo contrário, seria porque, eu não sendo logo um verdadeiro homem mundano tudo o que lhes era difícil já não existia para mim, pouco a pouco deixara a timidez? Seria porque-tendo as pessoas, deixado cair diante pouco a pouco o aspecto artificial - eu percebia o seu primeiro (amiúde o segundo e o terceiro) por detrás da altivez desdenhosa do príncipe uma grande

avidez humana de conhecer e conhecer mesmo aqueles a quem fingia desdenhar? Seria porque as criaturas, insolentes da mocidade e a do príncipe igualmente havia mudado, como todos esses homens estreantes que na idade madura a quem a velhice abranda (sobretudo por que os homens recentemente chegados à idéias ignoradas, contra os quais se insurgiam, há muito os conheciam de vista e sabiam recebidos por todos a seu redor), e sobretudo se a velhice desenvolve as relações, ou o auxílio de alguma virtude, ou de alguns vícios; revolução que provoca uma conversão política, como a do príncipe ao drey fusismo?

Bloch me interrogava-como eu o fazia ao entrar na vida mundana, e que como me sucede ainda fazê-lo sobre as pessoas que eu então conhecera de Combray que muitas estavam tão longe, tão distantes de tudo, como às vezes me ocorrera querer "situar" exatamente. Combray possuía para mim uma forma tão especial, tão impossível de confundir com o resto, que era um quebra-cabeça, que eu jamais poderia colocar no mapa da França.

- Então o príncipe não pode me dar nenhuma idéia de Swann nem do Sr. de Charlus? perguntou-me Bloch, com um modo de falar, de quem eu por muito tempo havia imitado. Mas em que consistia ele freqüentemente imitava o meu. - De jeito nenhum, era preciso fazê-lo conversar com eles mas isto é impossível; Swann está morto e o Sr. de Charlus não anda muito melhor. Mas as diferenças podiam ser enormes. E, enquanto o olhar de Bloch se iluminava ao imaginar tais personagens maravilhosos, eu pensava que exagerava no prazer que sentira ao me achar na companhia deles, nunca o tendo experimentado senão quando tendo se produzido em minha imaginação; ou me encontrava a sós, a impressão das verdadeiras diferenças. Terá Bloch notado isso?

- Talvez estejas me pintando tudo isto de modo embelezado - disse ele - Assim, a dona desta casa, a princesa, Sra. de Guermantes, sei perfeitamente que já, não é nova; mas, enfim, não faz muito tempo que me falavas do seu encanto incomum de incomparável, de sua extraordinária beleza. Certo, reconheço que tem uma postura aristocrática e exatamente aqueles olhos singulares de que me falavas, mas afinal não a considero tão incrível como dizias. Evidentemente é muito distinta, mas enfim... - Fui obrigado a lhe dizer que ele não me falava da mesma pessoa. Com efeito, a princesa de Guermantes morrera, e fora a antiga senhora Verdurin que o príncipe, arruinado pela derrota alemã, desposara.-Enganas-te, procurei no almanaque Gotha deste ano-confessou-me ingenuamente Bloch e nele encontrei o príncipe de Guermantes, morando na mansão em que nos achamos, e casado com o que existe de mais grandioso, espera um pouco, já me recordo do nome, casado com Sidonie, duquesa de Duras, nascida des Baux. - De fato, a Sra. Verdurin, pouco após a morte do marido, se casara com o velho duque de Duras, arruinado, o que a fizera prima do príncipe de Guermantes; o

duque havia morrido após dois anos de casamento. Fora uma transição bastante útil para a Sra. Verdurin, e agora ela, pelo terceiro casamento, era princesa de Guermantes e dispunha de excelente posição no faubourg Saint-Germain, o que teria causado grande espanto em Combray, onde as senhoras da rua de I'Oiseau, a filha da Sra. Goupil e a nora da Sra. Sazerat, nos últimos anos, antes que a Sra. Verdurin se transformasse na princesa de Guermantes, zombavam dela chamando-a de "duquesa de Duras", como se se tratasse de um papel que a Sra. Verdurin representasse no teatro. E até, exigindo o princípio das castas que ela morresse como Sra. Verdurin, esse título, que não acreditavam dever conferir-lhe nenhum poder mundano, antes causava mau efeito. "Dá que falar", expressão que em todas as rodas mundanas é aplicada às mulheres que têm amantes, podia sê-lo, no faubourg Saint-Germain, àquelas que publicam livros, na burguesia de Combray, às que fazem casamentos "desiguais" num sentido ou noutro. Quando a Sra. Verdurin se casou com o príncipe de Guermantes, disseram que se tratava de um falso Guermantes, um escroque. Para mim, nessa identidade de título e de nome, que tornava possível existir ainda uma princesa de Guermantes, sem nada de comum com aquela que tanto me seduzira e que já não vivia, morta sem defesa, a quem haviam despojado da identidade, havia algo de tão doloroso como em ver que os bens que a princesa Hedwige possuíra, como seu castelo, como tudo o que fora seu, outra agora os desfrutava. A sucessão ao nome é triste como todas as sucessões, como todas as usurpações de propriedade; e sempre, sem cessar, surgiriam, à maneira de vagas, novas princesas de Guermantes, ou melhor, viveria uma única princesa de Guermantes, milenar, substituída a cada geração por uma mulher diferente que desempenharia suas funções, ignorando a morte, alheia a tudo que muda e fere nossos corações, e o nome, feito o mar, recobriria as que afundassem de vez em quando com sua sempre igual e imemorial placidez.

É certo que mesmo essa mudança externa nas fisionomias conhecidas era apenas o símbolo de uma mudança interior que se produzira dia após dia; talvez essas pessoas tivessem continuado a realizar as mesmas coisas; porém, tendo-se desviado um pouco, dia a dia, a idéia que se faziam dessas coisas e das pessoas que costumavam freqüentar, tornavam-se, ao fim de alguns anos, sob os mesmos nomes, outras coisas e outras pessoas de quem gostavam, e, tendo se tornado outras pessoas, seria de espantar que não tivessem novos rostos.

Entre as pessoas presentes achava-se um homem notável que, num processo famoso, acabara de dar um testemunho cujo único valor residia em sua alta moralidade, diante da qual os juízes e advogados, unânimes, inclinavam-se, e que havia acarretado a condenação de dois sujeitos. Assim, houve um movimento de curiosidade e de respeito quando entrou: era Morel. Eu era talvez o único a saber que ele fora sustentado por Saint-Loup e, ao mesmo tempo, por um amiga deste.

Apesar dessas recordações, ele me cumprimentou prazerosamente, embora com alguma reserva. Lembrava-se do tempo em que nos tínhamos visto em Balbec, e essas lembranças faziam-no sentir a poesia e a melancolia da juventude.

Mas também havia pessoas que eu não poderia reconhecer pela simples razão de que nunca as conhecera, pois tanto quanto sobre as próprias pessoas, o tempo, naquele salão, também exercera sua química sobre a sociedade. Esse meio, em cuja natureza específica, determinada por certas afinidades que atraíam todos os grandes nomes principescos da Europa, e repeliam todo elemento não aristocrático, eu o descobrira como um refúgio material para esse nome de Guermantes, ao qual emprestava a última realidade; ele próprio sofrera em sua constituição íntima, e que eu achara estável, uma alteração profunda. A presença de pessoas que eu conhecera em meios completamente diversos, e que se me afiguravam jamais dever penetrar neste, assombrou-me ainda menos que a íntima familiaridade com que eram recebidas e chamadas pelo nome de batismo. Um certo conjunto de preconceitos aristocráticos e de esnobismos, que outrora afastava automaticamente do nome de Guermantes tudo o que não se harmonizava com ele, deixara de vigorar.

Alguns (fossizza, Kleinmichel) que, quando eu estreara na sociedade, costumavam dar grandes jantares onde só recebiam a princesa de Guermantes, a duquesa de Guermantes e a princesa de Parma, e ocupavam um lugar de honra na casa destas, sendo considerados o que havia de melhor na sociedade da época, e talvez o fossem, tinham passado sem deixar qualquer traço. Seriam estrangeiros em missão diplomática e que tivessem regressado a seus países? Talvez um escândalo, um suicídio, um rapto os houvesse impedido de reaparecer na sociedade, ou então eram alemães. Mas seu nome só devia o brilho à posição social que antigamente desfrutavam, e já não era usado por ninguém, nem sequer sabiam de quem falava quando me referia a eles. E, tentando soletrar-lhes o nome, dava-lhes a impressão de que se tratava de rastaqüeras. Para meu grande espanto, pessoas que nem deveriam ter sido convidadas, segundo o velho código social, estavam em relações bem familiares com pessoas admiravelmente nascidas, as quais só tinham vindo se aborrecer na casa da princesa de Guermantes por causa dessas novas amizades. Pois a maior característica dessa sociedade era a sua prodigiosa inclinação para desclassificar-se. Frouxas ou quebradas, as molas da máquina repressora já não funcionavam, mil corpos estranhos a invadiam, retirando-lhe toda homogeneidade, distinção ou cor. O faubourg Saint-Germain, como uma velhota gagá, só respondia com sorrisos tímidos aos criados insolentes que lhe invadiam os salões, bebiam sua laranjada e lhe apresentavam suas amantes. Ainda assim, a sensação do tempo transcorrido e de uma pequena parte desaparecida do meu passado relacionava-se menos à destruição desse conjunto coerente (que tinha

sido o salão Guermantes) do que à própria extinção do conhecimento de mil razões, mil nuanças, graças às quais tal personagem, que nele ainda figurava, parecia naturalmente indicado e posto em seu lugar, ao passo que outro, que se lhe emparelhava, representava uma novidade suspeita. Esse descobrimento não grassava apenas na sociedade, mas na política, em tudo. Pois, nos indivíduos, a memória dura menos que a vida, e, por outro lado, em pessoas muito jovens, sem as lembranças abolidas nos outros, fazendo agora, e muito legitimamente, parte da sociedade, e até no sentido nobiliárquico, o esquecimento ou a ignorância dos começos os levavam a aceitar as pessoas no ponto de elevação ou de queda em que se encontravam, julgando que tudo fora sempre assim, que a Sra. Swann, a princesa de Guermantes e Bloch haviam sempre desfrutado da mais alta posição social, que Clemenceau e Viviani sempre tinham sido conservadores. E, como certos fatos se prolongam demais, a lembrança execrável do Caso Dreyfus persistia neles de modo vago, graças ao que lhes tinham dito os pais; se lhes dissessem que Clemenceau fora dreyfusista, retrucavam:

- Não é possível, o senhor confunde, ele estava justamente do lado oposto. - Ministros desacreditados e antigas mulheres da vida eram considerados modelos de virtude.

Tendo alguém perguntado a um rapaz da mais notável família se não tivera algo a dizer acerca da mãe de Gilberte, o jovem respondeu que, de fato, no começo da vida, ela se casara com um aventureiro chamado Swann, mas que, a seguir, desposara um dos homens mais em evidência, o conde de Forcheville. É claro que algumas pessoas, mesmo neste salão, a duquesa de Guermantes, por exemplo, teriam sorrido dessa afirmativa (que, negando a elegância de Swann se me afigurava monstruosa, ainda que eu próprio, outrora, em Combray, concordara com minha tia-avó que Swann não podia "conhecer princesas"); o mesmo quanto às mulheres que poderiam se achar presentes, mas que já não saíam quase de casa, como duquesas de Montmorency, de Mouchy, de Sagan, que tinham sido amigas íntimas de Swann e jamais haviam visto Forcheville, não recebido na sociedade ao tempo em que elas ainda a freqüentavam. Mas justamente a sociedade de então, assim como os rostos hoje modificados e os louros cabelos substituídos por cabelos brancos, só permanecia na lembrança de pessoas cujo número diminuía a cada dia.

Durante a guerra, Bloch deixara de "sair", de freqüentar seus antigos ambientes de outrora, onde fazia figura deplorável. Em compensação, não cessara de publicar suas obras, cujos absurdos sofísticos eu agora me esforçava por destruir para não me deixar estorvar por eles; obras sem originalidade, mas que davam aos rapazes e a muitas mulheres da sociedade a impressão de uma altura intelectual nada comum, de uma espécie de gênio. Portanto, foi após uma cisão

completa entre sua antiga mundanidade e a atual, que, numa sociedade reconstituída, ele fizera, para uma nova fase de sua vida, honrada, gloriosa, um aparecimento de grande homem. Naturalmente os jovens ignoravam que estivesse fazendo, naquela idade, a sua estréia social, tanto mais que os poucos nomes que Bloch havia guardado da convivência com Saint-Loup lhe permitiam dar a seu prestígio de agora uma espécie de recuo indefinido. De qualquer forma, semelhava um desses homens de talento que florescem na alta roda em todas as épocas, e nem se pensava que pudesse ter vivido em outra parte. Os antigos asseguravam que tudo estava mudado na sociedade, que eram recebidas pessoas que ninguém jamais no seu tempo teria recebido, e, como se diz, isto era e não era verdadeiro. Não era verdadeiro porque eles não percebiam a curva do tempo, que fazia com que os de hoje vissem as novas pessoas do seu ponto de chegada, ao passo que eles as recordavam do seu ponto de partida. E, quando eles, os antigos, tinham estreado na sociedade, ali havia pessoas de cujo ponto de partida outros se lembravam. Basta uma geração para que ali ocorra a mudança que somente em séculos se faz para que o nome burguês de um Colbert adquira foros de nobreza. E, por outro lado, isto poderia ser verdadeiro, pois, se as pessoas mudam sua posição social, as mais arraigadas idéias e costumes (assim como as fortunas e as alianças e os ódios entre países) também mudam, e entre estes até os que mandam receber unicamente pessoas elegantes. Não só o esnobismo muda de forma, mas até poderia desaparecer como a própria guerra, e os radicais e judeus serem recebidos no Jockey.

Se as pessoas das novas gerações davam pouco valor à duquesa, porque era amiga de atrizes etc., as damas da família, hoje velhas, continuavam a considerá-la uma personagem extraordinária; por um lado, porque sabiam exatamente do seu nascimento, de sua primazia heráldica, de suas intimidades com o que a Sra. de Forcheville teria denominado *royalties* (realezas), mas ainda porque desdenhava reuniões familiares, entediava-se nelas, e sabiam jamais poder contar com ela nessas ocasiões. Suas amizades políticas e teatrais, aliás mal conhecidas, só lhe faziam aumentar a singularidade, e portanto o prestígio. De modo que, enquanto no mundo político e artístico era considerada pessoa indefinida, uma espécie de *defroquée do faubourg* Saint-Germain freqüentada pelas estrelas e pelos subsecretários de Estado, nesse mesmo *faubourg*, se dessem um belo sarau, diziam:

- Valerá a pena convidar Oriane? Ela não virá. Enfim, só mesmo pró-forma, mas sem alimentar ilusões. E se, por volta das dez e meia, num vestido cintilante, revelando, no olhar duro que lhes lançava, desprezar todas as primas, entrava Oriane, detendo-se no limiar com uma espécie de majestoso desdém, e, se ali ficava uma hora, era uma festa para a velha dama que dava o sarau, maior que a de um diretor teatral antigamente, quando Sarah Bernhardt, que lhe prometera

vagamente um concurso com o qual não ousara contar, comparecia e, com uma complacência e simplicidade infinitas, recitasse, em vez do trecho prometido, vinte outros. A presença dessa Oriane, a quem os chefes de gabinete falavam com sobranceria e que nem por isso (o espírito governa o mundo) desistia de procurá-los cada vez mais, vinha classificar a reunião da velha dama, onde todavia só se encontravam senhoras de extrema elegância, à parte e muito acima das reuniões de todas as demais damas da mesma *season* (como igualmente diria a Sra. de Forcheville), às quais Oriane nem se incomodava em comparecer.

Logo que terminei de conversar com o príncipe de Guermantes, Bloch tomou conta de mim, apresentando-me a uma moça que ouvira falar muito a meu respeito pela duquesa de Guermantes, e que era uma das mulheres mais elegantes desse dia. Ora, seu nome era-me inteiramente desconhecido, e o dos diversos Guermantes não devia lhe ser muito familiar, já que ela indagou a uma norte-americana o motivo pelo qual a Sra. de Saint-Loup parecia tão íntima da mais brilhante sociedade que ali se achava. Ora, essa americana era casada com o conde de Farcy, parente obscuro dos Forchevilles, os quais representavam o que há de mais ilustre no mundo. Assim, ela replicou com toda a naturalidade:

- Quanto mais não fosse, porque nasceu Forcheville. É o que há de mais ilustre. -

A Sra. de Farcy, embora julgando ingenuamente o nome de Forcheville superior ao de Saint-Loup, sabia ao menos o que este significava. Mas a encantadora amiga de Bloch e da duquesa de Guermantes o ignorava inteiramente e, bastante aturdida, respondeu de boa-fé a uma jovem que lhe perguntava como a Sra. de Saint-Loup era parente do dono da casa, o príncipe de Guermantes:

- Através dos Forchevilles - informação que a jovem comunicou, como se a tivesse possuído o tempo todo, a uma de suas amigas, a qual, sendo nervosa e tendo mau gênio, fez-se vermelha como um galo quando um senhor lhe afirmou que não era pelos Forchevilles que Gilberte se ligava aos Guermantes, de tal modo que o senhor julgou que se enganara, adotou o erro e não tardou em propagá-lo. Os jantares e as festas mundanas eram para a americana uma espécie de escola Berlitz. Ela ouvia os nomes e os repetia, sem ter um conhecimento prévio do valor deles, sem lhes conhecer o alcance exato. A alguém que desejava saber se Gilberte herdara Tansonville de seu pai, o Sr. de Forcheville, explicaram que não, que se tratava de uma propriedade da família do marido, que Tansonville era vizinha de Guermantes, pertencia à Sra. de Marsantes, mas, estando hipotecada, fora resgatada pelo dote de Gilberte. Afinal, tendo um velho membro do grupo antigo evocado Swann, amigo dos Sagan e dos Mouchy, e perguntando-lhe a americana amiga de Bloch de que modo eu o conhecera, declarou que o fora na casa da Sra. de Guermantes, sem desconfiar do vizinho de campo, jovem amigo de meu avô, que ele tinha sido para mim. Equívocos desse tipo foram cometidos pelos homens mais famosos e passam por

ser particularmente graves em toda sociedade conservadora.

Saint-Simon, querendo mostrar que Luís XIV era de uma ignorância tal que "o fez cair, às vezes em público, nos mais grosseiros absurdos", dá somente dois exemplos dessa ignorância, a saber: que o rei, desconhecendo que Renel era da família de Clermont-Gallerande, e que Saint-Herem pertencia à de Montmorin, tratara a ambos como indivíduos de extração inferior. Pelo menos, no que se refere a Saint-Herem, temos o consolo de saber que o rei não morreu em erro, tendo sido esclarecido "bem tarde" pelo Sr. de Ia Rochefoucauld. "E ainda", acrescenta Saint-Simon com piedade, "foi necessário explicar-lhe quais eram essas casas, cujos nomes nada lhe diziam." Esse vivo esquecimento, que tão depressa recobre o passado mais recente, e essa ignorância tão invasora, criam, em compensação, um conhecimento tanto mais precioso quanto é pouco disseminado, que se aplica à genealogia das pessoas, às suas verdadeiras situações, às razões de amor, de dinheiro ou qualquer outra, pelas quais se aliaram a determinada família ou fizeram casamentos desiguais, conhecimento prezado em todas as sociedades em que reina um espírito conservador, conhecimento que meu avô possuía no mais alto grau relativamente à burguesia de Combray e de Paris, conhecimento que Saint-Simon prezava tanto que, no momento em que celebra a maravilhosa inteligência do príncipe de Conti, antes mesmo de falar das ciências, ou melhor, como se nisso consistisse a ciência principal, louva-o por ter sido "um belo espírito, luminoso, justo, exato, extenso, de infinita leitura, que não esquecia nada, que conhecia as genealogias, suas quimeras e realidades, de uma polidez distinta de acordo com a estirpe e o mérito, concedendo tudo o que os príncipes de sangue devem conceder e já não concedem; comentava até as usurpações por estes praticadas. As histórias dos livros e das conversações forneciam-lhe oportunidades para se referir ao que lhe parecia mais honroso no nascimento, nas funções etc". Para uma sociedade menos brilhante, meu avô não era menos informado ou exato no que se referisse à burguesia de Combray ou de Paris, nem com menor prazer o saboreava.

Já eram raros os entendidos, os especialistas desse gênero, sabedores que Gilberte não era uma Forcheville, nem que a Sra. de Cambremer não era Méséglise, ou que a sua nora não provinha dos Valentinois. Pouco numerosos, talvez nem mesmo recrutados na mais alta aristocracia (nem os católicos, nem mesmo os devotos, são obrigatoriamente, os mais entendidos na Legenda Áurea ou nos vitrais do século XIII), e muitas vezes numa aristocracia secundária, mais ávida por um mundo distante a que tem tantos maiores lazeres para estudar quanto menos freqüenta, tais conhecedores reúnem-se com prazer, travam relações uns com os outros, dão suculentos jantares de agremiações, como a Sociedade dos Bibliófilos ou dos Amigos de Reims, jantares em que se degustam genealogias. As mulheres não são admitidas nesses jantares, mas os maridos, ao

voltarem, dizem às esposas:

- Foi um jantar interessante. Estava presente um certo Sr. de La Raspeliere, que nos deixou encantados explicando que essa Sra. de Saint-Loup, que tem aquela filha bonita, absolutamente não nasceu Forcheville. É um verdadeiro romance.

A amiga de Bloch e da duquesa de Guermantes não era apenas elegante e charmosa; era também inteligente, sendo agradável conversar com ela, o que no entanto se me tornara difícil, pois não era unicamente o nome de minha interlocutora que soava pela primeira vez aos meus ouvidos, mas o de um grande número de pessoas de que me falou e que atualmente formavam o âmago da sociedade. Por outro lado, é verdade que, como desejava que lhe contasse histórias, muitos dos que lhe citei não lhe diziam absolutamente nada, todos tinham caído no esquecimento, ao menos aqueles que só haviam se distinguido pelo brilho individual de uma pessoa, não sendo o nome genérico e permanente de uma célebre família aristocrática (da qual raramente ela sabia o título exato, deduzindo nascimentos errôneos por causa de um nome que não entendera bem no jantar da véspera), e que, na maioria das vezes, nunca ouvira pronunciar, pois só começara a freqüentar a sociedade alguns anos depois que eu próprio me recolhera (não apenas por ser ainda jovem, mas porque morava fazia pouco tempo na França, e não fora recebida imediatamente). Não sei como o nome da Sra. Leroi saiu da minha boca e, por acaso, a minha interlocutora, graças a um galante amigo velho da Sra. de Guermantes a seu lado, já o conhecia. Porém de modo inexato, como o percebi devido ao tom desdenhoso com que esta moça esnobe me respondeu:

- Sim, sei quem é a Sra. Leroi, uma velha amiga de Bergotte-, um tom que queria dizer: "uma pessoa que eu jamais desejaria viesse à minha casa." Compreendi muito bem que o velho amigo da Sra. de Guermantes, como perfeito mundano, imbuído do espírito dos Guermantes, dos quais uma das características era não parecer ligar importância à convivência com aristocratas, havia julgado excessivamente tolo e anti-Guermantes dizer: "A Sra. Leroi, que freqüentava todas as altezas e duquesas", e preferira afirmar: - Era muito engraçada. Um dia, respondeu isto a Bergotte. - Apenas, para as pessoas que não sabem nada, tais informações mediante conversas eqüivalem às que a imprensa dá à gente do povo, que julga, alternadamente, conforme o jornal que lê, que o Sr. Loubet e o Sr. Reinach são ladrões ou cidadãos insignes. Para a minha interlocutora, a Sra. Leroi tinha sido uma espécie de Sra. Verdurin da primeira fase, com menos brilho, e cujo grupo se limitara a Bergotte. Aliás, esta jovem americana foi uma das últimas pessoas a ouvir, por puro acaso, o nome da Sra. Leroi. Hoje, ninguém mais sabe quem foi ela, de resto bem justamente esquecida. Seu nome nem sequer figura no índice das memórias póstumas da Sra. de Villeparisis, a quem tanto preocupou. A marquesa, aliás, não falou na Sra.

Leroi, menos porque esta, quando viva, fora muito pouco amável para com ela, do que pelo fato o de ninguém mais interessar-se pela Sra. Leroi depois que morreu. E tal silêncio é menos pelo rancor mundano da mulher que pelo tato literário do escritor. Minta conversa com a elegante amiga de Bloch foi encantadora, pois a moça era inteligente, mas a diferença entre nossos vocabulários tornava-a desajeitada e, ao mesmo tempo, instrutiva. Por mais que saibamos que os anos passam, que a juventude cede lugar à velhice, que as fortunas e os tronos mais sólidos se arruínam, que a glória é passageira, nosso modo de tomar conhecimento e, por assim dizer, de gravar a chapa desse universo movediço, arrastado pelo Tempo, pelo contrário o imobiliza. De modo que vemos sempre jovens as pessoas que assim conhecemos, ornamos retrospectivamente de virtudes da velhice aqueles que já conhecemos velhos, confiamos sem reserva no crédito de um bilionário e no apoio de um, soberano, sabendo pelo raciocínio, mas sem acreditá-lo efetivamente, que amanhã eles poderão ser fugitivos destituídos de poder. Num campo mais restrito e de pura mundanidade, como num problema mais simples, que dá início a dificuldades mais complexas porém da mesma ordem, a ininteligibilidade resultante da conversa com a moça provinha do fato de que tínhamos vivido numa certa sociedade vinte e cinco anos de distância; o que me dava o sentido da História, e o deveria fortalecer em mim.

Ademais, é preciso assinalar que essa ignorância das posições verdadeiras em virtude da qual a cada dez anos surgem os eleitos na sua aparência atual, e como se o passado não existisse, sendo impossível a uma americana recém-chegada perceber que o Sr. de Charlus desfrutara da mais alta posição de Paris, numa época em que Bloch não tinha nenhuma, e que Swann, que tantos agrados fazia ao Sr. Bontemps, fora tratado com a maior amizade-, essa ignorância não existe apenas entre os recém-chegados, mas também naqueles que sempre freqüentaram sociedades vizinhas, e tal ignorância, nesses últimos como nos demais, também é um efeito do Tempo (mas desta vez exercendo-se sobre o indivíduo e não sobre a camada social).

Sem dúvida, é escusado que mudemos de ambiente, como gênero de vida, pois nossa memória, retendo o fio da nossa personalidade, sempre igual, prende a ela, em épocas sucessivas, a lembrança dos meios em que vivemos, de que, ainda que passados quarenta anos, nos recordamos. Na casa do príncipe de Guermantes, Bloch não se esquecia do humilde ambiente judeu de seus dezoito anos, e Swann, quando já se tornara indiferente a Odette, apaixonado pela mulher que servia chá na casa Colombin, tida pela Sra. Swann, durante algum tempo, como tão elegante quanto a confeitaria Royale, Swann, consciente de seu valor mundano, lembrava-se de Twickenham{157}; não tinha qualquer dúvida sobre os motivos por que preferia ir ao Colombin em vez de comparecer à casa

da duquesa de Broglie, e sabia perfeitamente que, se acaso fosse mil vezes menos elegante, nem por isso deixaria de ir ao Colombin ou ao Hotel Ritz, visto que ali, desde que pague, qualquer um entra. É claro que tanto os amigos de Bloch quanto os de Swann lembravam-se também da pequena sociedade judia ou dos convites para Twickenham, e assim os amigos, como "eus" um pouco menos nítidos de Swann e de Bloch, não separavam, em sua lembrança, o Bloch elegante de hoje do Bloch sórdido de antigamente, nem o Swann da casa Colombin dos últimos tempos, do Swann do palácio de Buckingham. Mas esses amigos, de alguma forma, tinham sido na vida os vizinhos de Swann; seguindo um rumo bem próximo ao seu, puderam guardar-lhe perfeitamente a memória; mas em outros, mais afastados de Swann não exatamente do ponto de vista social, mas de intimidade, o que tornara mais vagas as suas relações e mais raros os encontros, as lembranças menos numerosas haviam tornado mais imprecisas as noções. Ora, os estranhos desse tipo, ao fim de trinta anos, já não recordam com nitidez mais nada que possa prolongar no passado e mudar de valor a criatura que têm diante dos olhos. Nos últimos anos da vida de Swann, eu ouvira, de gente da sociedade, à menção do seu nome, e como se se tratasse de seu título de notoriedade, esta pergunta:

- Está falando do Swann da casa Colombin? -

Ouço agora, de gente que deveria estar a par de tudo, dizer de Bloch:

- O Bloch-Guermantes? O íntimo dos Guermantes? -

Tais erros, que cindem uma vida e, isolando o presente, fazem da pessoa de que se

fala uma outra, uma criação da véspera, um homem que é somente a condensação de seus hábitos de agora (mesmo que traga dentro si, unindo-o ao passado, a continuidade de sua existência), esses erros dependem igualmente do Tempo, porém são, não um fenômeno social, mas um fenômeno de memória.

No mesmo instante tive um exemplo, de natureza bem diferente, é certo, porém mais impressionante, dos esquecimentos que modificam para nós o aspecto das criaturas. Um jovem sobrinho da Sra. de Guermantes, o marquês de Villemandois, portara-se comigo, outrora, com uma insolência obstinada que me levara a adotar com ele, em represália, uma atitude tão insultuosa que nos transformáramos tacitamente em dois inimigos. Enquanto eu refletia sobre o Tempo naquela vesperal em casa da princesa de Guermantes, ele se fez apresentar a mim dizendo que julgava que eu conhecera seus pais, que havia lido artigos meus e desejava tratar ou reatar relações comigo. É certo que, com o tempo, tornara-se, como tantos, de impertinente em pessoa grave; já não tinha a mesma arrogância e, por outro lado, ouvira que me elogiavam, aliás por artigos bem superficiais, nos meios que freqüentava. Mas esses motivos de sua

cordialidade e de suas iniciativas eram apenas acessórios. O principal, ou pelo menos o que permite aos outros entrarem em jogo, era que olvidara completamente a nossa inimizade-ou por ter memória pior que a minha, ou por ter prestado menos atenção aos meus revides do que eu às suas agressões, por ser eu então menos importante a seus olhos do que ele aos meus. Quando muito, meu nome lhe recordava que me vira, ou alguns dos meus, na casa de uma de suas tias. E sem saber ao certo se se fazia apresentar ou reapresentar, apressou-se em falar-me de sua tia, em cuja casa julgava que me conhecera, lembrando-se que se falara muito de mim, mas não de nossas contendas. Um nome é tudo o que muitas vezes nos resta de uma pessoa, não só depois de morta, mas ainda em vida. E nossas noções a seu respeito são tão vagas ou tão estranhas, correspondendo tão pouco às que guardamos delas, que esquecemos por completo que estivemos a ponto de batermos em duelo com ele, mas nos lembramos que usava, quando menino, estranhas polainas amarelas nos Champs-Élysées, onde, em compensação, apesar de nossas afirmativas, não se lembra em absoluto de ter brincado conosco.

Bloch entrara aos saltos, como uma hiena. Pensei: "Entra nos salões em que não poderia penetrar há vinte anos." Mas também estava vinte anos mais velho. Estava mais próximo da morte. De que lhe valia isso? De perto, na transparência de um rosto, em que, de longe, eu só divisara a mocidade alegre (porque de fato perdurasse ou porque eu a evocasse), ostentava-se a fisionomia impressionante, quase ansiosa, de um velho Shylock, todo caracterizado, esperando, nos bastidores, o momento de entrar em cena, recitando já os primeiros versos a meia voz dentro de dez anos, naqueles salões em que o impusera a fraqueza dos LaTrémoïlle, dominador porém de muletas, entraria transformado em "mestre", achando uma chatice ter de visitá-los. De que lhe serviria isso?

Das mudanças ocorridas na sociedade eu podia extrair verdades tanto mais valiosas e dignas de cimentar uma parte de minha obra, quanto não eram, como eu me inclinara a crer no primeiro instante, de modo algum peculiares em nossa época. No tempo em que, novato, mais canhestro do que agora Bloch, eu penetrara no ambiente dos Guermantes, tivera de tomar como parte integrante deste, elementos absolutamente diversos, havia pouco aderidos, e que pareciam estranhamente novos aos mais antigos, dos quais eu não os distinguia, e que por sua vez, aceitos embora pelos duques da época na qualidade de membros natos do Faubourg, haviam sido arrivistas por si mesmos, ou pelos pais ou avós. Portanto, não era a qualidade dos homens da alta sociedade que tornava esse meio tão brilhante, mas o fato de ter esse meio assimilado mais ou menos completamente os recém-chegados, e de torná-los, passados cinqüenta anos, pessoas perfeitamente mundanas. Mesmo no passado, para onde eu recuava, aliás com razão, o nome de Guermantes, para o cobrir com toda a sua grandeza,

pois sob Luís XIV, os Guermantes, quase régios, tinham bem maior prestígio que hoje, o fenômeno que eu registrava agora já ocorria da mesma forma. Não se tinha visto, então, aliarem à família Colbert, por exemplo, a qual hoje, é verdade, parece-nos muito nobre, que desposar uma Colbert é um grande partido para um La Rochefoucauld. Mas não foi porque os Colbert, simples burgueses então, eram nobres, que os Guermantes a eles se aliaram; ao contrário, aliando-se aos Guermantes é que os Colbert se enobreceram. Se o nome de Haussonville se extinguir com o atual representante dessa casa, talvez retire o seu lustro do fato de descender da Sra. de Staël, ainda que antes da Revolução o Sr. d'Haussonville, um dos mais ilustres fidalgos do reino, jactava-se com o Sr. de Broglie de não conhecer o pai da Sra. de Staël e, portanto, de não lhe poder apresentar, assim como a ele, d'Haussonville, não o poderia apresentar o Sr. de Broglie, nenhum dos dois imaginando que seus filhos um dia haveriam de se casar, um com a filha e o outro com a neta da autora de Corinne. Segundo o que me dizia a duquesa de Guermantes, eu percebera que talvez pudesse ter feito naquele meio a figura do homem elegante sem título, mas que todos aceitam de bom grado como tradicionalmente filiado à aristocracia, como o fora antigamente Swann e, antes dele, os Srs. Lebrun, Ampere, todos os amigos da duquesa de Broglie, ela própria recém-chegada ao mundo da alta roda. Nas primeiras vezes em que jantara na casa da Sra. de Guermantes, como não deveria ter chocado homens como o Sr. de Beauserfeuil, menos por minha própria presença que pelas observações que revelavam ser eu inteiramente ignorante das lembranças que constituíam o seu passado e lhe moldavam a imagem que se fazia da sociedade! Bloch, um dia, quando ficasse bem velho, teria do salão Guermantes uma recordação bastante antiga, tal e qual se lhe apresentava agora diante dos olhos, e experimentaria o mesmo espanto, o mesmo mau humor em presença de certas intrusões e de certas ignorâncias. E, por outro lado, teria adquirido sem dúvida, irradiando a seu redor, as qualidades de tato e de discrição que eu julgara privilégio de homens como o Sr. de Norpois, mas que renascem e se encarnam naqueles que, dentre todos, se nos afiguraria dever excluí-las. Além do mais, a ocasião que se me facultara de ser admitido na sociedade dos Guermantes parecera-me algo de excepcional. Mas, apesar de sair pouco de mim e do ambiente que logo me rodeava, percebia que esse fenômeno social não era tão isolado quanto me parecera a princípio, e que, em suma, do lago de Combray, onde eu nascera, eram bem numerosos os repuxos que, simetricamente a mim, se elevaram acima da mesma massa líqüida que os alimentara. Tendo sempre as circunstâncias algo de especial, e os temperamentos algo de individual, era sem dúvida de modo inteiramente diverso que Legrandin (pelo estranho casamento do sobrinho) penetrara por sua vez naquele meio, que a filha de Odette se lhe aparentara, que o próprio Swann, e por fim eu mesmo, havíamos chegado ali. Quanto a mira, que encerrara a vida entre quatro paredes e a contemplava de

dentro, a de Legrandin não me parecia ter qualquer relação com ela, e seguira caminho oposto, da mesma forma que um regato, no seu vale profundo, não percebe outro regato divergente que vai, apesar dos desvios do curso, desaguar no mesmo rio. Mas pela rama, como procede o estatístico que despreza as razões sentimentais ou as imprudências evitáveis que levaram determinada pessoa à morte, e conta somente o número das que morrem por ano, via-se que muitas criaturas, partidas do meio cuja descrição ocupou o começo desta narrativa, haviam se instalado em outro completamente diferente; e é provável que, levando em conta o número médio de casamentos realizado por ano em Paris, um meio burguês cultivado e rico, bem diverso, tenha fornecido uma proporção mais ou menos igual de pessoas atirando-se, como Swann, como Legrandin, como Bloch e como eu, no oceano da "alta sociedade". E aí reconheciam-se aliás uns aos outros, pois, se o jovem conde de Cambremer maravilhava a todos por sua distinção, seu apuro, sua sóbria elegância, eu via neles - como também no seu belo olhar e no seu desejo ardente de se impor - o que já caracterizava seu tio Legrandin, isto é, um velho amigo bem burguês de meus pais, embora de feição aristocrática. A bondade, simples maturação que acabara por adoçar as naturezas mais originalmente ácidas, como a de Bloch, é tão difundida como o sentimento da justiça que faz com que, se nossa causa é boa, não temamos um juiz hostil mais que um juiz amigo. E os netos de Bloch seriam bons e discretos quase que de nascença, coisa que não sucedera ao avô. Mas reparei que ele, que outrora fingia julgar-se obrigado a andar duas horas de trem para encontrar-se com alguém que o não convidara, agora, que recebia tantos convites não só para almoçar e jantar, mas para ir passar duas semanas aqui, duas semanas ali, recusava muitos deles, e em silêncio, sem se vangloriar de os haver recebido ou recusado. A discrição, nos atos e nas palavras, chegara-lhe com a posição social e a idade, como uma espécie de maioridade social, por assim dizer. Certamente, outrora Bloch era indiscreto, tanto quanto incapaz de conselho e benevolência. Porém, certos defeitos e qualidades são menos ligados a este ou àquele indivíduo que a tal ou qual momento da existência, considerada do ponto de vista social. São quase exteriores eles, que se põem sob sua luz como sob solstícios diversos, preexistentes, generosos, inevitáveis. Os médicos que buscam perceber se tal medicamento aumenta ou diminui a acidez do estômago, ativa ou abranda suas secreções, obtêm resultados diferentes, não conforme o estômago sobre cujas secreções derramam um pouco de suco gástrico, mas segundo aquele do qual o retiram num momento mais ou menos próximo da ingestão do remédio. Assim, em todos os momentos de sua duração, o nome de Guermantes, considerado como um conjunto de todos os nomes enfeixados em si mesmo, ou a seu redor, sofria perdas; recrutava elementos novos, como os jardins onde a todo instante as flores ainda em botão, e preparando-se para substituir as que já estão murchando, confundem-se numa massa que parece igual, salvo para aqueles que

ainda não viram as recém-chegadas e conservam na lembrança a imagem precisa das que já não existem.

Mais de uma dessas pessoas que a vesperal reunia, ou cuja lembrança eu evocava, apresentavam, pelos aspectos que alternadamente me mostravam, pelas circunstâncias diferentes, opostas, de onde haviam, umas após outras, surgido à minha frente, fazendo ressaltar os variados aspectos da minha vida - as diferenças de perspectiva, como um acidente de terreno, colina ou castelo, que aparece ora à direita ora à esquerda, dá a impressão primeiro de dominar uma floresta, depois, de sair de um vale, e, assim, revela ao viajante as mudanças de direção e as diferenças de altitude no caminho que está trilhando. Subindo cada vez mais, eu acabava por encontrar imagens de uma mesma pessoa separadas por um intervalo de tempo tão longo, conservadas por meios tão diversos, tendo elas próprias significados tão diferentes, que de costume eu as omitia quando julgava abranger o fluxo passado de minhas relações com elas, de tal maneira que até deixara de pensar que eram as mesmas que havia conhecido outrora, e precisava de um casual relâmpago de atenção para filiá-las, como a uma etimologia, ao significado primitivo que tinham tido para mim. A Srta. Swann me lançava, do outro lado da sebe de espinheiros cor-de-rosa, um olhar cuja expressão, a do desejo, só retrospectivamente deveria eu alcançar.

O amante da Sra. Swann, segundo o falatório de Combray, olhava-me por detrás daquela mesma sebe com um ar duro, cujo significado não era o que lhe havia atribuído então, e, aliás mudou de tal modo que não o pude reconhecer de forma alguma em Balbec, no cavalheiro que olhava um cartaz próximo do cassino, e do qual me vinha, uma vez a cada dez anos, a lembrança, com esta frase: "Mas então já era o Sr. de Charlus, como é estranho!"

A Sra. de Guermantes, no casamento do Dr. Percepied, a Sra. Swann cor-de-rosa na casa de meu tio-avô, a Sra. de Cambremer, irmã de Legrandin, tão elegante que ele receava que lhe pedíssemos uma apresentação eram, bem como muitas outras concernentes a Swann, Saint-Loup etc., outras tantas imagens que às vezes, quando as reencontrava, divertia-me em colocar como frontispício no limiar de minhas relações com todas essas pessoas, mas que de fato se me afiguravam apenas uma imagem, e não gravada em mim pela criatura da qual provinha e à qual nada mais a ligava. Não somente certas pessoas possuem memória e outras não (sem chegar a ponto do esquecimento constante em que vivem as embaixatrizes da Turquia e outras, o que lhes permite sempre encontrar espaço para a notícia oposta à que lhes comunicam tendo a notícia anterior se desvanecido ao fim de uma semana, ou tendo a seguinte o dom de exorcizá-la), mas até, na igualdade da memória, duas pessoas não se recordam das mesmas coisas. Uma terá prestado pouca atenção a um fato do qual a outra guardará grande remorso, e, em compensação, terá apanhado no ar, como sinal

característico de simpatia, uma palavra que a outra deixou escapar quase sem sentir. O interesse em não estar enganado ao emitir um juízo falso abrevia a duração da lembrança desse juízo e rapidamente permite afirmar que não o emitimos. Enfim, um interesse mais profundo, mais gratuito, diversifica as lembranças, de modo que o poeta, que esqueceu quase tudo dos fatos que lhe recordam, retêm no entanto uma impressão fugidia. De tudo isso resulta que, após vinte anos de ausência, encontramos, em lugar de presumíveis rancores, perdões involuntários, inconscientes, e, em compensação, tantos ódios cuja razão não podemos explicar (porque por nosso turno esquecemos a má impressão que causamos). Até da história das pessoas que mais conhecemos, olvidamos as datas. E, porque fazia pelo menos vinte anos que vira Bloch pela primeira vez, a Sra. de Guermantes teria jurado que ele havia nascido no seu ambiente e fora ninado nos joelhos da duquesa de Chartres quando tinha dois anos.

E quantas vezes tais pessoas retornavam a mim no decurso de sua vida, cujas diversas circunstâncias pareciam apresentar os mesmos seres, porém sob formas e para fins variados; e a diversidade dos pontos de minha vida por onde passara o fio da de cada uma dessas personagens acabara por misturar os que pareciam mais afastados, como se a vida só possuísse um número limitado de fios para executar os mais diferentes desenhos. Que existiria, por exemplo, de mais diverso nos meus diferentes passados que as visitas ao meu tio Adolphe, o sobrinho da Sra. de Villeparisis prima do marechal, ou Legrandin e a irmã, ou o antigo coleteiro amigo de Françoise, no pátio de nosso prédio? E hoje, todos esses fios diferentes se haviam reunido para compor a trama, aqui do casal Saint-Loup, ali do jovem casal Cambremer, para não falar de Morel e de tantos outros cuja inclusão concorrera para formar um conjunto tão bem urdido que me parecia a unidade perfeita, da qual as criaturas representavam apenas a parte componente. E minha vida já era bastante longa para que encontrasse, nas regiões mais opostas de minhas lembranças, em mais de uma das criaturas que ela me oferecia, uma outra criatura que a completasse. Até mesmo aos Elstirs, que eu enxergava, nesta evocação, num lugar que era um símbolo de sua glória, eu podia acrescentar as mais antigas recordações dos Verdurin, dos Cottard, a conversa no restaurante de Rivebelle, a festa em que eu conhecera Albertine, e tantas outras.

Assim, um apreciador de arte a quem mostram o painel de um retábulo se recorda em que igreja, em quais museus, em qual coleção particular os outros estão dispersos (da mesma forma que, seguindo os catálogos de objetos à venda ou freqüentando os antiquários, acaba por encontrar o objeto gêmeo daquele que possui e que forma um par com ele), podendo reconstituir mentalmente a predela, o altar inteiro. Como uma caçamba que sobe puxada por um guincho vem tocar por várias vezes e de lados opostos a corda presa à roldana, quase não

havia pessoa ou coisa alguma que, tendo ocupado um certo lugar em minha vida, nela não representasse diversos papéis sucessivos. Uma simples relação mundana, e até um objeto material, se os encontrasse na lembrança ao cabo de alguns anos, verificava que a vida não cessara de tecer a seu redor muitos fios diferentes que terminavam por revesti-los desse belo veludo inimitável dos anos, semelhante ao que, nos velhos parques, envolve de um manto de esmeraldas os humildes canos de água.

Não era só o aspecto dessas pessoas que lhes dava uma aparência de personagens de sonho. Para elas, a vida, já sonolenta na mocidade e no amor, se tornava cada vez mais um sonho. Tais pessoas haviam até esquecido seus rancores e ódios, e, para estarem certas de que ali encontravam aquela a quem já não dirigiam a palavra, teriam de consultar um registro, porém este exibia a imprecisão de um sonho em que fomos insultados já não sabemos por quem. Todos esses sonhos formavam as aparências contrastantes da vida política, onde se viam num mesmo ministério pessoas que se tinham acusado mutuamente de assassinato ou traição. E tal sonho tornava-se espesso como a morte em certos velhos, nos dias seguintes àqueles em que faziam amor. Durante esses dias, nada se poderia pedir ao presidente da República, ele esquecia tudo. Depois, se o deixavam repousar por algum tempo, a lembrança dos negócios públicos lhe voltava, fortuita como a de um sonho.

Às vezes, não era sob uma só imagem que me surgia tal pessoa, tão diferente da que havia conhecido. Durante anos Bergotte me parecera um meigo velho divino, e eu me sentira paralisado, como diante de um espectro, ao ver o chapéu cinzento de Swann, o mantô violáceo de sua mulher, diante do mistério em que, mesmo num salão, o nome de sua raça envolvia a duquesa de Guermantes: origens quase fabulosas, atraente mitologia de relações tornadas tão banais depois, mas que, graças a seus começos, prolongavam-se no passado, como em céu aberto, com um brilho parecido ao que projeta a cauda deslumbrante de um cometa. E até as que não haviam principiado no mistério, como as minhas relações com a Sra. de Souvré, tão secas e tão puramente mundanas atualmente, conservavam nos seus inícios o seu primeiro sorriso, mais tranqüilo, mais suave e tão suntuosamente traçado na plenitude de uma tarde à beira-mar, de um crepúsculo de primavera em Paris, barulhento de equipagens, de poeira levantada e de sol agitado como água. E talvez a Sra. de Souvré pouco valesse se a destacasse desse quadro, como os monumentos a *Santa Maria del Salute*, por exemplo que, sem grande beleza própria, causam um belo efeito onde são colocadas; mas ela fazia parte de um lote de recordações que, sem estimar umas pelas outras, eu avaliava bem alto, não indagando qual o valor da Sra. de Souvré naquilo tudo.

Uma coisa, em todas essas pessoas, impressionou-me ainda mais do que as

mudanças de natureza física, ou social, que haviam sofrido: a idéia diferente que agora faziam uns dos outros. Legrandin outrora desprezava Bloch e jamais lhe dirigia a palavra. Foi agora muito amável com ele. E absolutamente não era por causa da grande posição social de que Bloch desfrutava, o que, no caso, nem mereceria ser notado, pois as mudanças sociais conduzem forçosamente a mudanças respectivas de posições daqueles que atingem. Não; é que as criaturas ou seja, o que significam para nós – não têm na nossa memória a uniformidade de um quadro. Ao sabor do nosso olvido, elas evoluem. Por vezes chegamos a confundi-las com outras: - Bloch era alguém que ia a Combray - dizendo Bloch, era a mim que desejavam nomear.

Inversamente, a Sra. Sazerat estava persuadida ser de minha autoria determinada tese histórica sobre Filipe II (e que era de Bloch). Mesmo sem chegar a semelhantes trocas, esquecemos as safadezas que um sujeito nos fez, seus defeitos, a última vez que nos separamos sem lhe apertar a mão e, em compensação, lembramo-nos de um encontro mais antigo, quando nos dávamos bem. E era a esse encontro anterior que correspondiam os modos de Legrandin, em sua cordialidade para com Bloch, ou porque tivesse perdido a memória de um certo passado, ou porque o julgasse prescrito, mistura de perdão, esquecimento e indiferença que é também um efeito do Tempo. Além disso, as lembranças que temos uns dos outros, até no amor, não são as mesmas. Vira Albertine recordar-se admiravelmente de certa frase que lhe dissera nos nossos primeiros encontros, e que eu esquecera por completo. De outro episódio, fixo para sempre no meu cérebro como um pedregulho, ela não guardava a menor lembrança. Nossa vida paralela se assemelhava a essas atéias em que, de distância em distância, colocam-se vasos de flores de modo simétrico, mas não uns defronte aos outros.

Com maior razão compreende-se que, no caso de pessoas que mal conhecemos, temos dificuldade em recordar quem sejam, ou somos dominados por impressões mais remotas, diversas das que depois sentimos, algo que é sugerido pelas pessoas em cujo meio as reencontramos, constituído por gente que só de pouco tempo as conhece e que lhes empresta qualidades e posição social que não tinham outrora, mas que o desmemoriado logo aceita.

A vida, sem dúvida, colocando várias vezes tais pessoas no meu caminho, apresentara-me em circunstâncias especiais que, cercando-as por todos os lados, diminuíam-me a perspectiva e impediam que lhes penetrasse a essência. Estes mesmos Guermantes, que foram para mim objeto de um tão grande devaneio, quando me aproximara deles se me revelaram sob o aspecto, uma de uma velha amiga de minha avó, outro de um senhor que me encarara com ar tão desagradável, ao meio-dia, nos jardins do cassino. (Pois existe entre nós e as outras criaturas um obstáculo de contingências, como, nas minhas leituras de

Combray, eu compreendera existir um obstáculo semelhante, na percepção, que impede o contato absoluto entre a realidade e o espírito.) De modo que só bem mais tarde, ligando-os a um nome, é que o seu conhecimento se tornou para mim o conhecimento dos Guermantes. Mas talvez isso mesmo me fizesse a vida mais poética, pensar que a raça misteriosa, de olhar agudo, de bico de pássaro, a raça cor-de-rosa, dourada, inacessível, se abriria tantas vezes à minha contemplação, com toda a naturalidade, pelo efeito de circunstâncias cegas e diversas, ao meu comércio e até a minha intimidade, a ponto de, quando eu desejara ser apresentado à Srta. de Stermaria ou mandar fazer vestidos para Albertine, ter me dirigido aos mais serviçais de meus amigos, os Guermantes. É claro que me enfadava freqüentá-los, tanto quanto aos outros mundanos que conheci depois. Até no caso da duquesa de Guermantes, como no de certas páginas de Bergotte, seu encanto só me era visível à distância e se desvanecia quando me encontrava a seu lado, pois residia na minha memória e na minha imaginação. Mas enfim, apesar de tudo, os Guermantes, como também Gilberte, diferenciavam-se das outras pessoas daquela sociedade pelo fato de lançarem raízes mais profundas num passado de minha vida em que eu sonhava mais e alimentava maior crença nos indivíduos. O que possuía com tédio agora, conversando neste momento com uma e com outra, era apenas a realização dos sonhos de minha infância, que eu julgara muito belos e inacessíveis, e consolava-me confundindo, feito um comerciante que se atrapalha em seus assentamentos, o valor da posse com o preço pelo qual os cotara o meu desejo.

Mas, quanto às outras pessoas, o passado de minhas relações com elas se inflava dos mais ardentes devaneios, criados sem esperança, onde se desabrochava com tal riqueza a minha vida de então, dedicada inteiramente a elas, que eu mal podia compreender como fora tão minguado o seu acolhimento, exígua e descorada faixa de uma intimidade menosprezada e indiferente, onde eu já não podia encontrar coisa alguma do que lhe formara o mistério, a febre e a doçura. Nenhum fora "recebido", condecorado; para alguns, o adjetivo era outro, embora sem importância, haviam morrido há pouco.

- Que aconteceu com a marquesa d'Arpajon? - perguntou a Sra. de Cambremer.

- Morreu - disse Bloch.

- Está confundindo com a condessa d'Arpajon, que morreu no ano passado.-

A princesa de Agrigento se meteu na conversa; viúva jovem de um velho marido muito rico e portador de um nome insigne, era muito pedida em casamento, o que lhe dava grande autoconfiança.

- A marquesa d'Arpajon também morreu há mais ou menos um ano.

- Ah, um ano! Asseguro-lhes que não - respondeu a Sra. de Cambremer-; estive num sarau em sua casa há menos de um ano. -

Bloch e os outros "gigolôs" da sociedade não podiam tomar parte nessa discussão, pois essas mortes de pessoas idosas situavam-se a grande distância deles, seja pela enorme diferença de idade, seja por terem (no caso de Bloch, por exemplo) entrado recentemente, de esguedelha, para uma sociedade diferente, justo no momento em que ela declinava, num crepúsculo em que a lembrança de um passado que não lhe era familiar não podia esclarecê-lo. E para as pessoas da mesma idade e do mesmo ambiente, a morte havia perdido seu significado estranho. Além do mais, todos os dias mandavam pedir notícias de tantas pessoas que estavam para morrer, das quais umas se restabeleciam e outras tinham "sucumbido", que já não se lembravam ao certo se determinada pessoa que nunca tinham tido oportunidade de ver se curara da congestão pulmonar ou havia falecido. A morte se multiplicava, tornando-se mais incerta entre os idosos. Nesse cruzamento de duas gerações e de duas sociedades que, por motivos diversos, eram mal colocadas para enxergar a morte, confundiam-na quase com a vida, aquela se mundanizara, tornara-se um incidente que mais ou menos qualificava uma pessoa, sem que o tom com que falavam significasse que semelhante incidente rematava tudo para ela. Diziam:

- Mas esquece que Fulano está morto como teriam dito: "Foi condecorado", "pertence à Academia", - e isso se dava ao mesmo, pois impedia de comparecer às reuniões - "foi passar o inverno no Sul", "prescreveram-lhe o clima das montanhas".

Além disso, no caso dos homens conhecidos, o que eles deixavam ao morrer auxiliava a lembrar que sua existência terminara. Porém, quanto aos simples mundanos macróbios, ninguém sabia bem se estavam vivos ou mortos, não só por ser olvidado e mal conhecido o seu pretérito, mas porque de modo algum se prendiam ao futuro. E a dificuldade que todos tinham em distinguir, nos mais idosos da sociedade, as doenças, a ausência, o retiro para o campo, e a morte, confirmava, tanto quanto a indiferença dos vacilantes, a insignificância dos defuntos.

- Mas se ela não está morta, como se explica que nunca vejamos, tampouco seu marido? - perguntou uma solteirona que apreciava gracejar.

- Já te direi - replicou sua mãe que, apesar de qüinquagenária, não perdia uma festa: -é porque estão velhos. Na idade deles a gente já não sai de casa. -

Era como se, antes do cemitério, houvesse toda uma cidade fechada, de velhos, com lâmpadas sempre acesas na bruma. A Sra. de Saint-Euverte cortou a discussão dizendo que a condessa d'Arpajon havia morrido há um ano, de uma longa enfermidade, mas que a marquesa d'Arpajon também morrera logo depois, muito depressa, "de um modo totalmente insignificante". Morte que, nisso, era semelhante à vida de todas aquelas criaturas, o que também explicava tivesse

passado despercebida e desculpava as confusões. Ao ouvir que a Sra. d'Arpajon estava realmente morta, a solteirona lançou à mãe um olhar alarmado, pois temia que a notícia da morte de uma de suas "contemporâneas" pudesse "impressionar" a mãe; julgava ouvir de antemão a notícia da morte da própria mãe acompanhada da seguinte explicação: "Ela ficou muito impressionada com a morte da Sra. d'Arpajon." Mas, ao contrário, a mãe da solteirona sentia-se como se tivesse vencido, num concurso, adversários brilhantes, cada vez que uma pessoa de sua idade "desaparecia". A morte deles era a única forma pela qual ainda tomava agradavelmente consciência da própria vida. A solteirona percebeu que a mãe, que não parecera incomodar-se em afirmar que a Sra. d'Arpajon vivia enclausurada numa das casas de onde já não saem os velhos fatigados, incomodara-se menos ao saber que a marquesa fora para a Cidade do Além, aquela de onde ninguém mais sai. Tal verificação da indiferença da mãe agradou ao espírito cáustico da filha. E, para divertir suas amigas, fazia um relato desopilante da maneira alegre, segundo dizia, com que a mãe observara, esfregando as mãos:

- Meu Deus, é bem verdade que esta pobre Sra. d'Arpajon está morta. -

Mesmo aqueles que não necessitavam dessa morte para se alegrar por estarem vivos, ela os deixou felizes. Pois toda morte é para os outros uma simplificação da existência, anula os escrúpulos de gratidão, a obrigação de fazer visitas. Mas não foi deste modo que Elstir acolheu a morte do Sr. Verdurin.

Uma dama saiu, pois precisava ir a outras vesperais e tomar chá com duas rainhas. Era a grande cocote da sociedade que eu conhecera outrora, a princesa de Nassau. Mas a não ser pela estatura diminuída - o que, devido à cabeça, situada a altura mais baixa do que antes, dava-lhe um ar de quem já tivesse, como se diz, um pé na sepultura mal se poderia dizer que envelhecera. Continuava sendo uma Maria Antonieta de nariz austríaco, de olhar delicioso, conservado, embalsamado graças a mil arrebiques, que, maravilhosamente combinados, formavam-lhe um rosto lilás. Aureolava-a aquela expressão terna e confusa, feita de pena de partir, de meigas promessas de retorno, de discreta esquivança, emanando das várias reuniões de elite onde era esperada. Nascida quase nos degraus de um trono, três vezes casada, sustentada ricamente, durante muito tempo, por grandes banqueiros, sem falar nas incontáveis fantasias que se permitira, ostentava galhardamente no vestido, cor de malva como seus olhos redondos e admiráveis, e como seu rosto maquilado, as lembranças um tanto complicadas desse passado inumerável. Como passasse junto a mim ao sair à inglesa, cumprimentei-a. Ela me reconheceu, apertou-me a mão e me encarou com as redondas íris cor de malva, como se dissesse: "Há quanto tempo não nos vemos! Falaremos disto em outra ocasião." Apertou-me a mão com força, sem se lembrar ao certo se no carro, numa noite em que havíamos voltado juntos da

casa da duquesa de Guermantes, houvera ou não algo entre nós. Na dúvida, parecia referir-se ao que não houvera, o que não lhe era difícil, pois lançava olhares ternos a uma simples torta de morangos, e assumia, se era obrigada a sair antes do fim de um concerto, o aspecto desesperado de uma ruptura que não seria definitiva. Aliás, incerta quanto ao que houvera ou não entre nós, seu aperto de mão furtivo não demorou, e ela não me disse palavra. Olhou-me apenas, como já disse, de um modo que significava: "Há quanto tempo!" e no qual repassavam seus maridos, os homens que a tinham sustentado, duas guerras, e seus olhos estelares, semelhantes a um relógio astronômico talhado numa opala, marcaram sucessivamente todas as solenes horas do passado tão distante, que ela recuperava a todo momento em que desejava nos cumprimentar de um modo que era sempre uma desculpa. Depois, deixando-me, pôs-se a andar ligeira para a porta, para que não se incomodassem com ela, e também me mostrar que não conversara comigo por estar apressada, precisando recuperar o minuto que perdera ao me apertar a mão, a fim de chegar pontualmente à casa da rainha da Espanha, que deveria cear a sós com ela. E, quando chegou à porta, pensei até que fosse sair correndo. E de fato corria para o seu túmulo.

Uma senhora corpulenta me deu boa-tarde e, durante o curto momento em que me falava, as mais diferentes idéias me passaram pelo espírito. Hesitei um instante em lhe responder, por recear que, reconhecendo os demais convivas tal como eu, tomasse-me por outra pessoa; depois, face à sua tranqüilidade, ocorreu-me, ao contrário, de medo que se tratasse de alguém com quem tivesse tido uma relação íntima, exagerar a amabilidade do sorriso, enquanto meus olhares continuavam a procurar nas suas feições o nome que não achava. Tal como um candidato a bacharel, inseguro da resposta, prega os olhos no examinador e espera em vão encontrar ali a resposta que faria melhor indo buscar em sua memória, da mesma forma, sempre a sorrir, eu fixava os olhos nos traços da senhora corpulenta. Pareceram-me ser os da Sra. Swann, e por isso meu sorriso se matizou de respeito, enquanto minha indecisão principiava a terminar. Então, um segundo após, ouvi a dama corpulenta me dizer:

- Você me toma por mamãe, e de fato estou começando a ficar muito parecida com ela. - E reconheci Gilberte.

Conversamos muito sobre Robert; Gilberte falava dele em tom de deferência, como se se tratasse de um ser superior, e se empenhava em me mostrar que o admirara e compreendera. Recordamos mutuamente o quanto as idéias que ele expusera outrora sobre a arte da guerra (pois lhe repetira muitas vezes em Tansonville as mesmas teses que eu o ouvira expor em Doncieres e depois) muitas vezes, e em suma em grande número de pontos, haviam-se mostrado verdadeiras na última guerra.

Não posso lhe dizer até que ponto a menor das coisas que ele me falava em

Doncieres, e também durante a guerra, impressiona-me agora. As últimas palavras que lhe ouvi, quando nos separamos para sempre, foram que esperava ver Hindemburgo, general napoleônico, num dos tipos de batalha napoleônica, o que tem por objetivo cindir dois adversários, talvez, acrescentara, os ingleses e nós. Pois bem, pouco mais de um ano após a morte de Robert, um crítico pelo qual nutria profunda admiração e que visivelmente exercia uma grande influência sobre suas idéias militares, o Sr. Henry Bidou, dizia que a ofensiva de Hindemburgo, em março de 1918, era "a batalha para a separação, por parte de um exército em forma ação cerrada, de dois adversários dispostos em linha, manobra que o imperador realizou com êxito em 1796 nos Apeninos e fracassou na Bélgica em 1815". Pouco antes, Robert havia comparado, junto a mim, as batalhas a peças teatrais em que nem sempre é fácil saber o que o autor desejou, e em que ele mesmo alterou seus planos durante os ensaios. No caso dessa ofensiva alemã de 1918, interpretando-a sem dúvida dessa maneira, Robert não teria concordado com o Sr. Bidou. Outros críticos, porém, acham que o sucesso da marcha de Hindemburgo na direção de Amiens, seguida de uma interrupção forçada, e seu êxito nas Flandres, e depois uma nova parada, fizeram, afinal, acidentalmente, de Amiens e depois de Boulogne, objetivos em que não havia pensado. Podendo cada qual refazer sua peça a seu modo, há quem veja nesta ofensiva o prenúncio de uma marcha fulminante sobre Paris, e outros, golpes cegos e desordenados para destruir o exército inglês. E até, se as ordens dadas pelo comandante se opõem a esta ou àquela concepção teórica, restará sempre aos críticos o recurso de dizer, como Mounet-Sully a Coquelin, que lhe assegurava que *O Misantropo* não era a peça triste e dramática que ele desejava encenar (pois Moliere, a crer no testemunho de contemporâneos, dava-lhe uma interpretação cômica que despertava o riso): "Pois bem, Moliere é que se enganava."

E sobre os aviões, lembra-se quando ele dizia (tinha frases tão bonitas):

''É preciso que todo exército seja um Argos de cem olhos. Infelizmente, não pôde assistir à realização do que afirmava."

- Claro que pôde – respondi. - Na batalha do Somme, bem que ficou sabendo que começaram por cegar o inimigo, furando-lhe os olhos, destruindo-lhe os aviões e os balões cativos.

- Ah, sim! É verdade. -

E como se tornara um tanto pedante desde que só vivia para a inteligência ele afirmava que os antigos métodos voltariam.

- Sabe que as expedições da Mesopotâmia nesta guerra - (devia ter lido isto, àquela época, nos artigos de Brichot) - evocam a todo instante, sem modificações, a retirada de Xenofonte? E para ir do Tigre ao Eufrates o

comandante inglês se serviu de beliums, barcos estreitos e compridos, as gôndolas locais, dos quais já se serviam os mais antigos caldeus. - Estas palavras davam-me com exatidão o sentimento da estagnação do passado que, em certos lugares, por uma espécie de peso específico, imobiliza-se indefinidamente, de modo que é possível recuperá-lo intacto.

- Há um aspecto da guerra que ele começou a perceber, creio - disse-lhe.

- É que ela é humana, vivida como um amor ou um ódio, poderia ser narrada como se fosse um romance e que, por conseguinte, se este ou aquele vai repetindo que a estratégia é uma ciência, isto em nada o ajuda a compreender a guerra, pois esta não se resume à estratégia. O inimigo não conhece os nossos planos tanto quanto não conhecemos o objetivo perseguido pela mulher a quem amamos, e tais planos talvez nem nós mesmos os saibamos. Na ofensiva de 1918, teriam os alemães como objetivo tomar Amiens? Não sabemos. Talvez eles próprios não soubessem; e esse acontecimento, sua progressão para oeste na direção de Amiens, é que determinou o projeto deles. Supondo que a guerra seja científica, ainda assim seria preciso pintá-la como Elstir pintava o mar, ao revés, partindo de ilusões, de crenças que retificamos aos poucos, da mesma forma como Dostoievski narraria uma vida. Além disso, é certo que a guerra não é estratégica, antes, porém, patológica, comportando acidentes imprevistos que o clínico talvez pudesse evitar, como a revolução russa. Mas confesso que, devido às leituras que fizera em Balbec, não longe de Robert, estava ainda mais impressionado - como na campanha da França a referência à trincheira da Sra. de Sévigné por ver no Oriente, a propósito do cerco de Kout-el-Amara (Kout, o Emir, "como nós dizemos Vaux-le-Vicomte e BailleauI'Évêque", teria dito o cura de Combray caso tivesse estendido sua paixão pela etimologia às línguas orientais), aliar-se ao de Bagdá o nome de Baçorá, da qual tanto se fala nas *Mil e Uma Noites*, por onde, muito antes dos generais Townshend e Gorringe, no tempo dos califas, passava Simbad, o Marujo, sempre que deixava Bagdá ou para lá regressava.

Em toda esta conversação, Gilberte me falara de Robert com uma deferência que parecia mais dirigir-se ao meu antigo amigo do que a seu falecido esposo. Era como se me dissesse: "Sei o quanto você o admirava. Acredite que eu soube compreender o ser superior que ele era." E todavia o amor que certamente já não dedicava à sua memória talvez ainda fosse a causa remota de algumas particularidades de sua vida atual. Assim, Gilberte tinha agora Andrée como sua amiga inseparável. Embora esta principiasse, sobretudo em função do talento do marido e de sua própria inteligência, a penetrar não, é claro, no meio dos Guermantes, mas numa sociedade infinitamente mais elegante que a que freqüentava outrora, todos se espantaram que a marquesa de Saint-Loup condescendesse em ser sua melhor amiga. O fato pareceu um sinal, em Gilberte,

de sua inclinação para o que julgava ser uma existência artística e para uma verdadeira degradação social. Esta explicação talvez seja correta. No entanto, ocorreu-me outra ao espírito, sempre imbuído da idéia de que as imagens que vemos reunidas em alguma parte são em geral o reflexo, ou de qualquer modo o efeito, de um primeiro agrupamento bem diverso, embora simétrico, de outras imagens, extremamente afastado do segundo. Achava que, se se viam juntos todas as noites Andrée, seu marido e Gilberte, talvez fosse porque, muitos anos antes, pudera-se ver o futuro marido de Andrée vivendo com Rachel, e depois deixando-a por Andrée. É provável que Gilberte então, no mundo muito distante e afastado em que vivia, de nada tivesse sabido. Mas deve tê-lo sabido mais tarde, quando Andrée subira, e ela própria descera bastante para que eles pudessem avistá-la. Exercera sobre ela, então, um grande fascínio a mulher pela qual Rachel fora abandonada pelo homem (aliás sedutor, sem dúvida) que ela preferira a Robert. (Ouvia-se a princesa de Guermantes repetir, em tom exaltado e com voz de ferragem causada pela dentadura postiça:

- Sim, é isso, formaremos um clã! Formaremos um clã! Adoro essa juventude inteligente, tão participante, ah! que *musichista* que você é! - E plantava seu monóculo enorme no olho redondo, meio divertida, meio se desculpando por não poder manter a alegria muito tempo, mas ao ponto em que se decidira a "participar", a "formar um clã.")

Assim, talvez, a presença de Andrée lembrava a Gilberte aquele romance da juventude que fora o seu amor por Robert, inspirando-lhe igualmente um grande respeito por Andrée, muito amada pelo homem tão querido por aquela Rachel que Gilberte sentia ter sido mais cara a Robert do que ela própria. Talvez, ao contrário, tais lembranças não desempenhassem nenhum papel na predileção de Gilberte por esse casal de artistas, predileção em que bastava simplesmente enxergar, como tantos o faziam, o interesse em geral inseparável das mulheres da sociedade, de se instruírem e de se desqualificarem. Talvez Gilberte houvesse olvidado Robert tanto quanto eu a Albertine; e mesmo que soubesse ter sido Rachel quem o artista abandonara por Andrée, nunca pensava, ao vê-los, nesse fato que jamais tivera qualquer importância no seu gosto por eles. Impossível decidir se minha primeira explicação era apenas provável, mas verdadeira, senão graças ao testemunho dos interessados, única saída que resta em semelhantes casos, desde que em suas confidências houvesse clarividência e sinceridade. Ora, encontra-se raramente a primeira e jamais a segunda. Em todo caso, a presença de Rachel, atualmente uma célebre atriz, não podia ser muito agradável a Gilberte. Assim, espantei-me ao saber que ela recitaria versos naquela reunião; tinham anunciado *Le Souvenir* de Musset e *fábulas de La Fontaine*.

- Mas como vem a reuniões tão numerosas? - indagou Gilberte. -Encontrá-lo de

novo numa "carnificina" feito esta não correspondia à idéia que faço de você. Certo, esperava encontrá-lo em qualquer lugar longe de uma dessas barulheiras da minha tia, pois agora tenho tia - acrescentou maliciosamente, pois, sendo Sra. de Saint-Loup antes que a Sra. Verdurin entrasse para a família, considerava-se genuína Guermantes, sentindo-se atingida pelo casamento desigual que o tio fizera ao desposara Sra. Verdurin, a quem, é verdade, ouvira ridicularizar várias vezes na sua frente pela família, que, naturalmente, só na sua ausência se referia à *mésalliance* de Saint-Loup ao se casar com ela. Aliás, ela demonstrava tanto maior desdém por essa tia falsa, quanto a princesa de Guermantes, por uma espécie de perversão que impele as pessoas inteligentes a deixar de lado a elegância habitual, e também pela necessidade de lembranças próprias das pessoas idosas, enfim, para tentar atribuir um passado à sua elegância nova, gostava de dizer, falando de Gilberte: - Digo que não é para mim uma relação nova; conheci muito a mãe dessa pequena, amiga de minha prima Marsantes. Foi em minha casa que ela conheceu o pai de Gilberte. Quanto ao pobre Saint-Loup, conheci-lhe outrora toda a família; seu tio era até meu amigo íntimo, antigamente, na Raspeliere.

- Vejam que os Verdurin não eram de todo boêmios - dizia-me os que assim ouviam falar a princesa de Guermantes; eram velhos amigos da família da Sra. de Saint-Loup.-

Eu era talvez o único a saber, pelo meu avô, que de fato os Verdurin não eram boêmios. Mas não exatamente por terem conhecido Odette. Porém arrumamos facilmente as narrativas do passado que ninguém conhece, como a das viagem a países aonde ninguém nunca foi.

- Afinal - concluiu Gilberte -, já que você deixa às vezes sua torre de marfim, não lhe conviriam mais pequenas reuniões íntimas em minha casa, para as quais só convidaria espíritos simpáticos? "Carnificinas" como esta não são feitas para você. Via-o conversando com minha tia Oriane, que possui todas as qualidades que quiser, mas a quem não faremos a injustiça, não é mesmo?, de dizer que pertence à elite pensante.

Não podia pôr Gilberte a par dos pensamentos que me assaltavam há uma hora, mas julguei que, por pura distração, ela poderia servir a meus prazeres, que, de fato, não me pareciam dever ser conversar sobre literatura com a duquesa de Guermantes mais do que com a Sra. de Saint-Loup. É claro que tencionava recomeçar a viver na solidão a partir do dia seguinte, se bem que agora com um objetivo preciso. Mesmo em casa, não deixaria que me visitassem durante as horas de trabalho, pois o dever de compor minha obra era mais importante que o de ser polido, ou até mesmo indulgente. Insistiriam, sem dúvida; todos os que há tanto tempo não me viam acabavam de me encontrar e me julgavam curado. Viriam quando o seu trabalho diário, ou de sua vida, estava acabado ou se

interrompia, tendo então a mesma necessidade de mim como outrora eu a tivera de Saint-Loup; porque como já o pressentira em Combray, quando meus pais me censuravam justo no momento em que eu acabava de tomar, à sua revelia, as mais louváveis resoluções não marcam a mesma hora os relógios interiores distribuídos aos homens. Um soa a hora do repouso ao mesmo tempo que outro a do trabalho, o do juiz assinalando a da pena, enquanto o do culpado desde há muito soara a hora do arrependimento e da perfeição interior. Mas eu teria coragem para responder, aos que me viessem visitar ou convidar-me, que, para ser informado sem demora de coisas essenciais, tinha um encontro urgente, fundamental, comigo mesmo. E todavia, embora fossem poucas as relações existentes entre o meu ser de verdade e o outro, devido à homonímia e ao corpo comum a ambos, a abnegação que nos leva a sacrificar os deveres mais fáceis, e até os divertimentos, parece egoísmo aos outros. E, além do mais, não era para me ocupar deles que haveria de viver longe dos que se queixavam de não me ver, para me ocupar deles mais a fundo do que o poderia fazer na sua convivência, para tentar revelá-los a eles próprios, para realizá-los? De que me serviria se, durante alguns anos, ainda perdesse tempo em reuniões, fazendo deslizar ao eco mal expirado de suas palavras o som igualmente vão das minhas, pelo estéril prazer de um contato mundano que exclui qualquer aprofundamento? Não seria melhor que, dos gestos que faziam, das palavras que pronunciavam, de sua vida, de sua natureza, eu tentasse traçar a curva e extrair as leis gerais? Infelizmente, teria de lutar contra o hábito de me pôr no lugar dos outros, hábito que, se favorece a concepção de uma obra, retarda-lhe a execução. Pois, devido a uma polidez superior, ela nos leva a sacrificar aos outros não só o nosso gosto, mas também nosso dever, quando, do ponto de vista alheio, esse dever, qualquer que seja, é o de permanecer na retaguarda, onde será útil, aquele que não pode prestar serviço no front, sendo considerado comodismo o que na realidade não é.

E bem longe de me julgar infeliz por semelhante vida sem amigos, sem conversações, como ocorreu com os mais notáveis homens, eu percebia que as forças de exaltação, despendidas na amizade, são uma espécie de porta falsa, tendo em mira uma amizade particular que não leva a coisa alguma, e se desviam de uma verdade para a qual seriam capazes de nos conduzir. Mas afinal, quando me fossem necessários intervalos de repouso e distração, sentia que, em vez das palestras intelectuais que os mundanos julgam úteis aos escritores, os amores ligeiros com moças em flor seriam o alimento escolhido que a rigor eu poderia permitir à imaginação, semelhante ao famoso cavalo que só nutriam de rosas. O que de repente me punha a desejar de novo era aquilo com que já sonhava em Balbec, quando, sem conhecê-las ainda, via passarem em frente ao mar Albertine, Andrée e suas amigas. Mas, ai de mim!, já não podia encontrar aquelas que, justamente nesta ocasião, tanto desejava. A ação dos anos que transformara todos os seres que tinha visto hoje, e a própria Gilberte, com

certeza fizera das que haviam sobrevivido, como o teria feito de Albertine caso ainda vivesse, mulheres bem diversas daquelas de que me lembrava. Sofria por ser obrigado a alcançá-las por mim mesmo, pois o tempo que muda as criaturas não modifica a imagem que delas conservamos. Nada mais doloroso que essa oposição entre a mudança das criaturas e a fixidez da lembrança, quando compreendemos que a que guardou tanto frescor em nossa memória já não pode tê-lo na vida, que não nos é possível, exteriormente, conciliá-la com a que interiormente tão linda nos parece e que excita em nós um desejo, tão individual contudo, de revê-la, senão satisfazendo-o em uma criatura da mesma idade, isto é, em outra criatura. É que, como suspeitara muitas vezes, aquilo que parece único numa pessoa a quem desejamos não lhe pertence. Mas o tempo decorrido dava-me disso uma prova mais completa, já que, depois de vinte anos, espontaneamente, eu queria buscar, em vez das moças que conhecera, aquelas que hoje possuíam a juventude que elas haviam tido naquela época. (Aliás, não é só o despertar dos desejos carnais que não corresponde a nenhuma realidade por não se dar conta do tempo perdido. Acontecia-me às vezes desejar que, por um milagre, estivessem junto a mim, vivas, ao contrário do que havia suposto, minha avó e Albertine. Acreditava vê-las, meu coração ia-lhes ao encontro. Olvidava apenas uma coisa: é que, se de fato vivessem, Albertine teria agora mais ou menos o aspecto da Sra. Cottard em Balbec, e minha avó, tendo mais de noventa e cinco anos, nada me mostraria do belo rosto calmo e sorridente com o que a imaginava ainda agora, de modo tão arbitrário como se atribui uma barba a Deus Pai, ou como eram representados, no século XVII, os heróis de Homero, parecendo fidalgos enfarpelados sem qualquer noção de sua antigüidade.)

Observava Gilberte e não pensava: "Gostaria de revê-la", mas lhe disse que ela sempre me daria prazer ao convidar-me, se possível com três moças pobres, a fim de, dando-lhes presentinhos, poder agradá-las, sem lhes pedir em troca mais que fizessem despertar em mim os devaneios e as tristezas de outrora e talvez, num dia improvável, um casto beijo. Gilberte sorriu e a seguir fingiu meditar naquilo. Como Elstir apreciava ver encarnar diante dele, em sua mulher, a beleza veneziana que tantas vezes pintara em seus quadros, eu me desculpava por ser atraído, por um certo egoísmo estético, para as belas mulheres que me poderiam causar mágoas, e alimentava uma certa idolatria pelas futuras Gilbertes e duquesas de Guermantes, pelas futuras Albertines que poderia encontrar, as quais, parecia-me, haveriam de me dar inspiração, como um escultor que passeia entre belos mármores antigos. No entanto, deveria pensar que, anterior a cada uma, existia o meu sentimento de mistério em que elas se banham e que, assim, em vez de pedir a Gilberte que me apresentasse a algumas moças, seria melhor que fosse aos lugares em que nada nos une a elas, onde entre elas e nós sentimos que há qualquer coisa de indevassável, onde, a dois passos, na praia e no mar, sentimo-nos separados delas pelo impossível. Assim é que meu sentimento

de mistério pudera sucessivamente aplicar-se à Gilberte, à duquesa de Guermantes, à Albertine, a tantas outras. Sem dúvida, o incógnito e quase o incognoscível se tornara o conhecido, o familiar, indiferente ou doloroso, retendo, porém, um certo encanto daquilo que já fora.

E, na verdade, como a folhinha que o carteiro nos traz na esperança de receber suas festas, nenhum de meus anos deixara de ostentar no frontispício, ou intercalado em seus dias, a imagem de uma mulher que eu desejara; imagem tanto mais arbitrária quanto às vezes jamais vira essa mulher, como, por exemplo, a camareira da Sra. Putbus, a Srta. d'Orgeville ou certa moça cujo nome eu lera na seção mundana de um jornal, entre "um enxame de valsistas encantadoras". Adivinhava-a linda, apaixonava-me por ela, e compunha-lhe um corpo ideal que dominasse de sua altura a paisagem de uma província onde eu havia lido, no *Annuaire des Châteaux*, que se encontravam as propriedades da família. Quanto às mulheres que havia conhecido, tal paisagem era pelo menos dupla. Cada uma se erguia, num ponto diverso da minha vida, trajada como uma deidade local e protetora, primeiro no meio de uma dessas paisagens sonhadas, cuja justa posição me enquadrava a existência, e onde eu me deliciava imaginando-a; depois, vista através das lembranças, rodeada dos locais onde a conhecera e que ela me recordava por prender-se-lhes, pois, se nossa vida é errante, a memória é sedentária, e por mais que andemos à toa nossas lembranças, presas aos lugares que abandonamos, ali continuam a levar sua vida caseira, como esses amigos temporários que o viajante faz numa cidade e que é obrigado a deixar quando parte, pois é ali que eles, que não vão partir, terminam os dias e a vida como se ele ainda estivesse ali, ao pé da igreja, diante do porto e sob as árvores da avenida. Desse modo a sombra de Gilberte se alongava não apenas diante de uma igreja da Le-de-France onde a imaginara, mas também na alameda de um parque do lado de Méséglise, e a da Sra. de Guermantes num caminho úmido onde se erguiam pirâmides de cachos roxos e avermelhados, ou no ouro matinal de uma calçada parisiense. E esta segunda pessoa, nascida não do desejo, mas da lembrança, não era somente uma para nenhuma dessas mulheres. Pois cada uma eu a vira em diversas ocasiões, em épocas diferentes, onde era uma outra para mim, ou eu mesmo era outro, banhado em sonhos de outra cor. Ora, a lei que governara os sonhos de cada ano, mantendo reunidas a seu redor as lembranças de uma mulher que eu havia conhecido, tudo o que se relacionasse, por exemplo, à duquesa de Guermantes de minha infância estava concentrado por uma força atrativa em torno de Combray, e tudo o que se referisse à duquesa de Guermantes que daqui a pouco me convidaria para um almoço, dispunha-se ao redor de uma criatura sensível e bem diferente; havia diversas duquesas de Guermantes como houvera, depois da dama cor-de-rosa, várias senhoras Swann, separadas pelo éter incolor dos anos, sendo-me impossível saltar de uma para outra, como não poderia saltar de um para outro

planeta que o éter separa. Não só separada, mas diferente, ornada dos sonhos que eu tivera em épocas tão diversas, assim como por uma flora especial, não encontrado em outro planeta. A tal ponto que, depois de haver pensado que não iria almoçar com a Sra. de Forcheville, nem com a Sra. de Guermantes, não podia afirmar, porque isso me transportaria de um planeta para outro, que uma era uma pessoa diferente da duquesa de Guermantes que descendia de Genevieve de Brabant, e a outra da dama cor-de-rosa, senão porque, em mim, um homem instruído me afirmava com a mesma autoridade do sábio que asseverasse que uma Via Láctea de nebulosas era devida ao fracionamento de uma única estrela.

Assim Gilberte, a quem todavia eu solicitava, sem o perceber, me permitisse ter amigas semelhantes ao que ela me fora outrora, era para mim apenas a Sra. de Saint-Loup. Ao vê-la, já não me recordava do papel que desempenhara antigamente em meu amor, também esquecido por ela, minha admiração por Bergotte, em quem só via agora o autor de seus livros, sem que me acudisse (senão por vagas reminiscências inteiramente esparsas) a emoção de ter sido apresentado ao homem, a decepção, o espanto de sua palestra, no salão forrado de brancas peles, cheio de violetas, onde tão cedo se acendiam tantas lâmpadas em vários consolos diferentes. Todas as lembranças que compunham a primeira Srta. Swann eram com efeito modificadas diante da Gilberte atual, retidas bem longe pelas forças de atração de um outro universo, em torno de uma frase de Bergotte, com a qual formavam um só corpo, e banhadas por um perfume de espinheiro-alvar.

A fragmentária Gilberte de hoje escutou o meu pedido a sorrir. Depois, refletindo, assumiu um ar de seriedade. E eu me sentia contente, pois aquilo evitava que prestasse atenção num grupo que, para ela, não seria nada agradável de ver. Notava-se a duquesa de Guermantes em animada conversação com uma velha horrível que eu contemplava sem adivinhar quem fosse: não estava entendendo nada. De fato, era com Rachel, isto é, com a atriz, agora célebre, que ia durante esta vesperal recitar versos de Victor Hugo e de La Fontaine, que a tia de Gilberte, Sra. de Guermantes, estava conversando naquele instante. Pois a duquesa, desde há muito consciente de ocupar o primeiro lugar em Paris (não percebendo que tal posição só existe nos espíritos que nela crêem, e que muitos dos recém-chegados, não a vendo em parte alguma, não lendo o seu nome em nenhum sumário de qualquer festa elegante, julgariam que ela, de fato, não tinha nenhuma importância), só em visitas raras e o mais espaçadas quanto podia, e com bocejos, é que avistava o *faubourg* Saint-Germain, o qual, dizia, matava-a de tédio; e, em compensação, permitia-se a fantasia de almoçar com esta ou aquela atriz cuja companhia achava deliciosa. Nos novos ambientes que freqüentava, sendo ainda, mais do que pensava, a mesma de sempre, continuava

a crer que entediar-se facilmente era dar provas de superioridade intelectual; expressava-a, porém, com uma espécie de violência que lhe conferia um tom rouquenho à voz.

Como eu lhe falasse acerca de Brichot:

- Aborreceu-me durante vinte anos; e como a Sra. de. Cambremer dissesse:

- Releia o que Schopenhauer diz da música chamou a atenção para esta frase, retrucando com veemência: - Releia é uma obra-prima! Ah, não, isto também é demais! -

O velho d'Albon sorriu ao reconhecer uma das formas do espírito de Guermantes. Gilberte, mais moderna, permaneceu impassível. Apesar de filha de Swann, como um pato chocado por uma galinha, era mais *lakista*{158}, dizia:

- Achei tocante, de uma sensibilidade comovedora. -

Disse à Sra. de Guermantes que havia encontrado o Sr. de Charlus. Ela o achava ainda mais "acabado" do que estava, pois os mundanos faziam diferenças, quanto à inteligência, não só entre os diversos membros da sociedade, nos quais é mais ou menos igual, mas até entre uma mesma pessoa em diferentes momentos de sua vida. Depois acrescentou:

- Ele sempre foi o retrato da minha sogra; mas agora ainda é mais impressionante a semelhança.-

Tal semelhança nada tinha de extraordinária. Com efeito, sabe-se que certas mulheres se projetam detalhadamente em outro ser, errando apenas de sexo. Erro do qual não se pode dizer: feliz culpa, pois o sexo reage sobre a personalidade e, num homem, a mesma feminilidade se torna afetação, a reserva se faz suscetibilidade etc. Não importa; no rosto, ainda que de faces barbadas ou congestionado sob as suíças, há certas linhas superpostas às de um retrato materno. Todos os velhos Charlus são ruínas onde se reconhecem, com espanto, sob as camadas de gordura e de pó de arroz, alguns fragmentos de uma linda mulher em sua juventude eterna. Neste momento, entrou Morel; a duquesa portou-se com ele de uma forma tão amável que me desconcertou um pouco.

- Ah, não tomo parte nas brigas de família - disse ela. - Não as acha aborrecidas?

Pois, se nesses períodos de vinte anos os conglomerados de grupinhos se desfaziam e se reformavam conforme a atração dos novos astros, aliás também destinados a se afastar e depois a reaparecer, cristalizações e depois esmigalhamentos e a seguir novas cristalizações haviam ocorrido na alma das criaturas. Se para mim a Sra. de Guermantes fora muitas pessoas, para esta, para a Sra. Swann, etc., determinada pessoa tinha sido a predileta de uma época precedente ao Caso Dreyfus, e depois um fanático, ou um imbecil a partir desse

mesmo Caso, que, para elas, mudara o valor das criaturas e classificara de modo diverso os partidos, os quais desde então se haviam desfeito e refeito. O que contribui poderosamente para isso, e acrescenta sua influência às puras afinidades intelectuais, é o tempo decorrido, que nos faz esquecer nossas antipatias e nossos desdéns. Se houvessem analisado a elegância da jovem Sra. de Cambremer, teriam descoberto que ela era sobrinha do comerciante da nossa casa, Jupien, e o que se acrescentara a isso para fazê-la radiosa fora que seu pai obtinha homens para o Sr. de Charlus. Porém tudo isto combinado havia produzido efeitos cintilantes, ao passo que as causas, já remotas, não só eram desconhecidas de muitos dos novatos, mas até daqueles que as tinham conhecido e as esqueceram, fixando-se muito mais no brilho atual que nas vergonhas passadas, pois tomamos sempre um nome pela sua acepção atual. E o interessante dessas transformações dos salões é que eram também um efeito do tempo perdido e um fenômeno de memória.

A duquesa ainda hesitava, receando uma cena do Sr. de Guermantes diante de Balthy e de Mistinguett, que ela achava adoráveis, mas decididamente adotara Rachel como amiga. As novas gerações concluíam daí que a duquesa de Guermantes, apesar do nome, não devia ter sangue puro e jamais pertencera inteiramente à alta sociedade.

É certo que, no caso de alguns soberanos cuja intimidade lhe era disputada por duas outras grandes damas, a Sra. de Guermantes ainda se dava o trabalho de tê-los ao almoço. Mas, por um lado, eles vinham raramente, conheciam gente de baixa extração, e, por outro, a duquesa, pelo respeito supersticioso dos Guermantes quanto ao velho protocolo (pois, ao mesmo tempo que as pessoas bem-educadas a chateavam, ela prezava a boa educação), punha nos convites: "Sua Majestade ordenou à Duquesa de Guermantes", "dignou-se", etc. E as novas camadas, ignorando tais fórmulas, chegavam à conclusão de que a duquesa era de origem bastante humilde.

Do ponto de vista da Sra. de Guermantes, essa intimidade com Rachel podia significar que nos enganáramos ao crer que eram hipócritas e mentirosas suas condenações da elegância, ao julgar que, quando se recusava a ir à casa da Sra. de Saint-Euverte, não o faria em nome da inteligência, mas do esnobismo, que só achava tola a marquesa porque esta deixava perceber que era esnobe, pois ainda não alcançara uma posição de destaque. Mas essa intimidade com Rachel podia significar também que a inteligência, na duquesa, era na realidade medíocre, insatisfeita e que, cansada do mundanismo, buscava realizar-se tardiamente, na ignorância das verdadeiras realidades intelectuais, e com uma ponta daquele espírito de fantasia graças ao qual as senhoras distintas, que dizem consigo: "como vai ser divertido", acabam a noite de maneira entediante, indo por troça acordar alguém sem saber o que dizer-lhe, e junto a cujo leito permanecem por

um instante envoltas na sua capa de baile, e depois, tendo verificado ser muito tarde, terminam por ir deitar-se.

É preciso acrescentar que a antipatia que desde há pouco vinha nutrindo por Gilberte a versátil duquesa podia lhe dar um certo prazer em receber Rachel, o que lhe permitia, além disso, proclamar uma das máximas dos Guermantes, a saber, que eles eram numerosos demais para encampar as brigas (e quase para tomar luto) uns dos outros, independência resumida na frase "não tenho nada com isso", que havia reforçado a política a ser adotada em relação ao Sr. de Charlus, o qual, se a seguissem, os teria indisposto com todo o mundo.

Quanto a Rachel, se na realidade envidara grandes esforços para ligar-se à duquesa de Guermantes (esforços que a duquesa não soubera distinguir sob os desdéns fingidos, as descortesias intencionais, que a espicaçaram e a fizeram sentir grande admiração por uma atriz tão pouco esnobe) -, de um modo geral isto se devia, indubitavelmente, ao fascínio que as pessoas da alta sociedade exercem, a partir de certo momento, sobre os mais enrustidos boêmios, paralelo ao que os próprios boêmios exercem sobre a alta sociedade, duplo refluxo correspondente, no plano político, ao que ocorre na curiosidade recíproca e no desejo de formar aliança entre povos que se combateram. Mas o desejo de Rachel podia ter um motivo mais particular. Fora na casa da Sra. de Guermantes, fora da própria duquesa, que ela recebera outrora sua mais cruel afronta. Aos poucos, Rachel não a esquecera, mas perdoara; porém o prestígio singular que a duquesa obtivera a seus olhos não devia apagar-se jamais.

A conversa, da qual eu queria desviar a atenção de Gilberte, foi aliás interrompida, pois a dona da casa procurava a atriz, já que era hora de recitar. Esta, deixando a duquesa, subiu ao estrado.

Ora, ao mesmo tempo, ocorria na outra extremidade de Paris um espetáculo bem diferente. A Berma, como já disse, convidara algumas pessoas para tomar chá em homenagem ao filho e à nora. Mas os convidados não se apressavam a chegar. Tendo sabido que Rachel ia recitar versos na casa da princesa de Guermantes (o que muito a escandalizava, pois a Berma, grande artista, encarava Rachel como a uma prostituta que haviam deixado ser figurante em peças -onde ela própria desempenhara o papel principal -e isto porque Saint-Loup lhe pagava a roupa com que se apresentava. Escândalo tanto maior porquanto correra em Paris a notícia de que os convites estavam no nome da princesa de Guermantes, mas, na realidade, era Rachel quem recebia em casa da princesa), a Berma escrevera insistentemente a alguns convivas fiéis no sentido de que não faltassem ao chá, pois sabia-os muito amigos também da princesa de Guermantes desde o tempo em que ela era Verdurin. Porém as horas passavam e ninguém aparecia.

Bloch, a quem tinham perguntado se queria ir, respondera ingenuamente:

- Não, prefiro ir à casa da princesa de Guermantes. -

Infelizmente, no fundo, todos haviam decidido a mesma coisa. A Berma, vítima de uma enfermidade mortal que a obrigava a quase não freqüentar a sociedade, vira seu estado agravar-se quando, para satisfazer os desejos de luxo da filha, necessidades que seu genro, enfermo e preguiçoso, não podia contentar, voltara ao palco. Sabia que estava abreviando seus dias, mas queria dar prazer à filha com seus gordos honorários, e ao genro, a quem detestava mas adulava, pois, sabendo-o adorado pela mulher, receava, se o descontentasse, que ele, por malvadez, a privasse de ver a filha. Esta, amada em segredo pelo médico que tratava do marido, convencera-se que não seria perigoso para mãe representar a *Fedra*. De algum modo, forçara o médico a anuir, só lhe retendo da resposta a licença, em meio a objeções de que não tomou conhecimento; de fato, o médico tinha dito não ver grande inconveniente nas representações da Berma. Dissera-o por sentir que dava prazer à moça a quem amava, e igualmente talvez por ignorância, por saber que a doença, de qualquer modo, era incurável pois nos resignamos de boa vontade a abreviar o martírio dos enfermos, quando isso nos beneficia -, talvez também pela estúpida ilusão de que isso agradava à Berma e, portanto, deveria lhe fazer bem, idéia estúpida que lhe parecera justificada quando, tendo recebido dos filhos dela um camarote, e, por causa disso, largado todos os seus clientes, achou a Berma tão estuante de vida no palco quanto parecera moribunda fora dele. E, de fato, nossos hábitos, em larga medida, nos permitem, inclusive ao nosso organismo, o acomodar-se a uma existência que, a princípio, pareceria impossível. Quem já não viu um velho mestre de equitação praticar todas as acrobacias, às quais não se julgaria que seu coração resistisse um só minuto? A Berma não era menos experiente no palco, a cujas instâncias seus órgãos se haviam adaptado tão perfeitamente que ela podia, devido à prudência indiscernível ao público, dar a ilusão de uma boa saúde que fosse perturbada apenas por um mal puramente nervoso e imaginário. Depois da cena da declaração a Hipólito, ainda que a Berma soubesse da noite horrorosa que iria passar, os admiradores a aplaudiam com entusiasmo, afirmando que ela estava mais bela que nunca. Voltou para casa sofrendo horrivelmente, mas feliz por trazer à filha as notas azuis que, com malícia de antiga mocinha da ribalta, costumava esconder nas meias, de onde as tirava com orgulho, esperando um sorriso, um beijo. Infelizmente essas notas só serviam para que a filha e o genro adornassem ainda mais a sua casa, que ficava contígua à da mãe; daí as incessantes marteladas que interrompiam o sono de que a grande trágica tanto precisava. De acordo com as variações da moda, e para estar conforme o gosto do Sr. de X... ou de Y.., a quem esperavam receber, modificavam todos os cômodos. E a Berma, sentindo que havia perdido o sono, único alívio para seu

sofrimento, resignava-se a não tornar a adormecer, não sem um secreto desprezo por tais elegâncias que apressavam a sua morte, tornando-lhe atrozes os últimos dias. Sem dúvida, era também um pouco por esse motivo que ela os desprezava, vingança natural contra aquilo que nos faz mal e que somos impotentes para evitar. Mas também porque, tendo consciência de seu gênio, tendo aprendido desde a mais remota juventude a perceber a insignificância de todos esses decretos da moda, permanecera fiel à tradição que sempre respeitara, da qual era a encarnação, e que a fazia julgar as coisas e as pessoas como trinta anos antes; por exemplo, julgar Rachel, não como a atriz da moda que era atualmente, mas como a putinha que havia conhecido. Aliás, a Berma não era melhor que a filha, nela é que a filha colhera, pela hereditariedade e pela convivência, o exemplo que uma admiração bem natural tornava mais eficaz: o egoísmo, a zombaria impiedosa, a crueldade inconsciente. Apenas, tudo isso a Berma havia imolado à filha, desse modo livrando-se de tudo. Além do mais, mesmo que não tivesse em casa operários a todo instante, a filha ainda assim fatigaria a mãe, como as forças atrativas, ferozes e levianas da mocidade fatigam a velhice, a doença, que se esgotam querendo acompanhá-las. Todos os dias davam-se almoços, dos quais teriam julgado a Berma egoísta se privasse a filha, nem mesmo podendo ela esquivar-se, já que, para forçar a vinda de relações recentes e difíceis, a filha acenava com a presença prestigiosa da mãe ilustre. "Prometia-a" a essas mesmas relações para uma festa ao ar livre, a fim de lhes fazer uma fineza. E a pobre mãe, gravemente ocupada no seu colóquio com a morte que nela se instalara, era obrigada a se levantar bem cedo, a sair. Bem mais; como à mesma época Réjane, em pleno fastígio do talento, dava no estrangeiro representações de imenso êxito, o genro achou que a Berma não devia se deixar eclipsar, quis que a família colhesse a mesma profusão de glória e forçou a Berma a fazer turnês onde a obrigavam a tomar picadas de morfina, o que podia matá-la devido ao estado de seus rins. Essa mesma atração pela elegância, pelo prestígio social, pela vida mundana, havia feito, no dia da festa na casa da princesa de Guermantes, o papel de bomba aspiradora e conduzira até lá, com a força de uma máquina pneumática, até os mais fiéis convivas da Berma, em cuja casa, ao contrário, e por conseqüência, instalou-se o vazio e a morte. Viera um rapaz, incerto se a festa na casa da Berma seria igualmente brilhante. Quando a Berma viu a hora passar e compreendeu que todos a abandonavam, mandou servir o chá e todos se sentaram em torno da mesa, mas como para um repasto fúnebre. Nada no rosto da Berma lembrava ainda aquela cuja fotografia tanto me perturbara numa noite de *mi-carême*. Como diz o povo, a Berma trazia a morte estampada no rosto. Desta vez parecia mesmo uma estátua de mármore do antigo Erectêion. Suas artérias endurecidas, já meio petrificadas, formavam longos cordões esculturais que lhe percorriam as faces com rigidez mineral. Os olhos morrentes ainda apresentavam uma vivacidade relativa, contrastando com

a terrível máscara ossificada, e tinham um brilho débil como uma serpente adormecida entre as pedras. Entretanto o rapaz, que se assentara à mesa por polidez, consultava a hora a todo instante, atraído como estava pela brilhante recepção na casa dos Guermantes. Berma não tivera uma só palavra de censura aos amigos que a tinham abandonado, e que ingenuamente esperavam que ela não soubesse tinham ido à casa dos Guermantes. Murmurou apenas:

- Uma Rachel dando uma festa na casa da princesa de Guermantes. É preciso estar em Paris para ver semelhantes coisas. -

E comia, silenciosamente e com lentidão solene, parecendo obedecer a ritos fúnebres, os bolos que lhe eram proibidos. O "chá" era tanto mais triste quanto o genro se mostrava furioso porque Rachel, que ele e a mulher tão bem conheciam, não os convidara. Seu despeito foi bem maior quando o rapaz lhe confessou conhecer muito bem Rachel, o bastante para, se não chegasse atrasado nos Guermantes, pedir-lhe que convidasse à última hora o frívolo casal. Mas a filha da Berma sabia perfeitamente em que ínfimo nível a mãe colocava Rachel, e que a mataria de desespero solicitando um convite da antiga prostituta. Assim, dissera ao rapaz e ao marido que tal coisa era impossível. Mas vingava-se, assumindo durante o chá atitudes adequadas para exprimir sua sede de prazeres, o tédio de se privar deles por causa da chata da mãe. Esta fingia não ver as caretas da filha e, de quando em quando, dirigia ao rapaz, com voz agonizante, uma palavra amável por ser o único dos convidados que havia comparecido. Mas em breve a corrente de ar que tudo aspirava para a casa dos Guermantes, e que até a mim arrastara, foi mais intensa, e o rapaz se foi, deixando *Fedra* ou a morte (não se sabia mais qual das duas ela era) acabar de comer, com a filha e o genro, os bolos funerários.

Fomos interrompidos pela voz da atriz que acabara de se erguer. Seu modo de recitar era inteligente, pois pressupunha que a poesia a ser recitada pela atriz preexistia como um todo a esse recital, e da qual só ouvíamos um fragmento, como se a artista, tomando por um atalho, estivesse por um momento ao alcance de nossos ouvidos.

O anúncio de poesias que quase todos conheciam causara prazer. Mas, quando viram a atriz, antes de começar, olhar em torno com ar desvairado, erguer as mãos em gesto súplice e emitir cada palavra com um gemido, todos se mostraram constrangidos, quase chocados, com semelhante exibição de sentimentos. Ninguém havia pensado que se podiam recitar versos daquele modo. Aos poucos foram se acostumando, isto é, esquecendo a primeira sensação de mal-estar, percebendo o que é bom, comparando mentalmente as várias maneiras de recitar, pensando: esta é melhor, aquela é pior. Mas da primeira vez, assim quando, no julgamento de uma causa simples, vemos um advogado avançar, erguer um braço de onde recai a manga da toga, e começar

com um tom ameaçador, não ousamos encarar os vizinhos. Pois nos parece grotesco, mas talvez seja magnífico, e melhor será não demonstrar coisa alguma.

Não obstante, o auditório ficou estupefato ao ver essa mulher, antes de haver emitido um único som, dobrar os joelhos, estender os braços, como se acalentasse um ser invisível, tornar-se cambaia, e de súbito, para recitar versos muito conhecidos, assumir um tom suplicante. Todos se entreolhavam, sem saber que cara fazer, alguns jovens mal-educados abafavam o riso doido, e cada qual lançava, disfarçadamente, ao vizinho olhares furtivos, como nos banquetes elegantes quando, tendo que lidar com instrumentos novos, garfos de lagosta, raspador de açúcar etc., de que não conhece o objetivo nem o manejo, presta-se atenção em algum conviva experiente, o qual se espera que se sirva primeiro, dando assim a possibilidade de imitá-lo. Assim também fazemos quando alguém cita versos que ignoramos mas que desejamos dar a entender que os conhecemos, deixando, como quem cede o passo diante de uma porta, a outro mais instruído, como se fizéssemos um favor, o prazer de dizer quem é.

Assim, ouvindo a atriz, cada um esperava, cabeça baixa e olho investigador, que outrem assumisse a iniciativa de rir ou de criticar, de chorar ou de aplaudir.

A Sra. de Forcheville, chegada expressamente de Guermantes, de onde a duquesa fora mais ou menos expulsa, mostrava uma fisionomia atenta, tensa, quase desagradável, ou para indicar ser conhecedora e não ter vindo apenas como mundana, ou por hostilidade para com as pessoas que, menos versadas em literatura, viessem lhe falar de outra coisa, ou ainda para concentrar-se, a fim de saber se "gostava" ou não, ou talvez porque, achando aquilo "interessante", não "gostasse" pelo menos da maneira de recitar certos versos. Tal atitude deveria ser adotada de preferência pela princesa de Guermantes. Mas, como era a anfitriã e, tão avara quanto rica, resolvera não dar mais que cinco rosas a Rachel, a princesa de Guermantes fazia a claque. Provocava o entusiasmo e fazia pressão, soltando a todo instante exclamações deslumbradas. Apenas aí é que se reencontrava como Verdurin, pois parecia ouvir os versos para seu próprio prazer, como se fossem recitados só para ela e por acaso ali houvesse reunido quinhentas pessoas amigas, a quem, às escondidas, havia permitido que viessem para assistir a seu próprio deleite.

Entretanto reparei, sem nenhuma satisfação de amor-próprio, pois ela estava feia e velha, que a atriz me deitava olhos compridos, aliás com alguma reserva. Durante todo o recital, deixou palpitar nos olhos um sorriso reprimido e penetrante, parecendo a isca de um assentimento que desejava partisse de mim. Todavia, algumas velhas senhoras, pouco habituadas aos recitais poéticos, diziam a um vizinho:

- Não viu? - aludindo à mímica trágica e solene da atriz, e que não sabiam como qualificar.

A duquesa de Guermantes sentiu a leve indecisão e forçou a vitória exclamando:

- É admirável! - bem no meio de um poema, que julgara findo. Então, mais de um convidado fez questão de ressaltar esta exclamação com um olhar de aprovação e uma inclinação de cabeça, menos talvez para mostrar sua compreensão quanto à recitante do que suas relações com a duquesa. Quando o poema terminou, como estivéssemos junto da atriz, ouvi-a agradecer à Sra. de Guermantes e, ao mesmo tempo, aproveitando que eu estava ao lado da duquesa, voltou-se para mim e me cumprimentou graciosamente. Compreendi então que se tratava de uma pessoa que eu deveria conhecer, e que, ao contrário dos olhares apaixonados do filho do Sr. de Vaugoubert, que eu tomara pelo cumprimento de alguém que se enganasse, o que havia julgado na atriz um olhar de desejo nada mais era que provocação para ser reconhecida e saudada por mim. Respondi com um cumprimento risonho.

- Tenho certeza de que ele não me reconheceu - disse a recitante à duquesa.

- Claro que sim - retruquei em tom de segurança -, reconheço-a perfeitamente.

- Muito bem, quem sou eu?-

Eu não sabia absolutamente nada e tornou-se precária a minha posição. Se, ao recitar os mais belos versos de La Fontaine, essa mulher, felizmente, só pensara, seja por bondade ou estupidez, na dificuldade de travar relações comigo, durante esse mesmo recital, Bloch só cuidara em fazer seus preparativos para, logo que terminasse o poema, saltar como um sitiado em fuga e, passando senão sobre os corpos, ao menos sobre os pés dos vizinhos, vir felicitar a atriz, seja por uma concepção errônea do dever, seja pelo desejo de ostentação.

- Como é engraçado ver Rachel aqui! - disse-me ao ouvido. Este mágico nome quebrou de pronto o encanto que dera à amante de Saint-Loup a forma desconhecida dessa

velha imunda. Logo que soube quem ela era, reconheci-a perfeitamente. - Saiu-se muito bem - disse Bloch à Rachel; e, tendo dito estas simples palavras, estando satisfeito o seu desejo, voltou, e fez tanto barulho e teve tanta dificuldade para reocupar seu lugar, que Rachel teve de esperar mais de cinco minutos antes de recitar a segunda poesia. Quando acabou esta, *Os Dois Pombos*, a Sra. de Morienval aproximou-se da Sra. de Saint-Loup, que sabia ser muito letrada mas esquecendo que Gilberte herdara o temperamento sutil e sarcástico do pai:

- É mesmo a fábula de La Fontaine, não? - perguntou, julgando até havê-la reconhecido, mas sem certeza nenhuma, pois conhecia bem mal as fábulas de La Fontaine e, além disso, achava que eram coisas para crianças que não se recitavam em reuniões da alta sociedade.

Para obter tal sucesso, pensava a boa senhora, a atriz deveria, sem dúvida, ter pastichado as tais fábulas. Ora, Gilberte, sem querer, reforçou-lhe essa idéia, pois não gostando de Rachel e querendo indicar que nada restava da fábulas com semelhante interpretação, disse-o de modo extremamente sutil, que era o de seu pai, e que deixava as pessoas simplórias em dúvida sobre o que queria dizer:

- Uma quarta parte é de invenção da intérprete, outro quarto é loucura, um quarto não faz nenhum sentido, e o resto é de La Fontaine. - o que permitiu à Sra. de Morienval sustentar que aquilo que todos tinham acabado de ouvir não eram *Os Dois Pombos* de La Fontaine, mas um arranjo em que no máximo uma quarta parte era do autor das fábulas. O que não espantou ninguém, tendo em vista a incrível ignorância do público.

Mas, tendo chegado atrasado um dos amigos de Bloch, este sentiu a alegria de lhe perguntar se nunca ouvira Rachel, de lhe fazer uma extraordinária descrição de seu modo de enunciar, exagerando e encontrando de súbito, ao contar, ao revelar a outrem essa dicção modernista, um prazer estranho que jamais havia experimentado ao ouvi-la. Depois, com emoção exagerada, Bloch felicitou Rachel em tom de falsete e apresentou-lhe o amigo, o qual declarou não admirar ninguém quanto a ela; e Rachel, que agora conhecia as damas da alta sociedade e, sem o perceber, as imitava, respondeu:

- Oh, estou muito lisonjeada, muito honrada com a sua opinião. -

O amigo de Bloch lhe perguntou o que achava da Berma.

- Pobre mulher, parece estar na maior miséria. Não deixou de ter, não direi talento, pois no fundo não se tratava do verdadeiro talento, ela só gostava de horrores, mas enfim certamente teve a sua utilidade; representava de modo

bastante vivaz, e, além disso, era boa, generosa, arruinou-se por causa dos outros; e, como há muito já não tinha um tostão, pois o público há bastante tempo já não se interessa pelo que ela faz... De resto -acrescentou rindo - direi que minha idade naturalmente não me permitiu ouvi-la senão bem nos últimos tempos, e quando eu mesma era jovem demais para avaliar. - Não recitava bem? - arriscou o amigo de Bloch para adular Rachel, que respondeu:

- Ah, nunca soube dizer sequer um único verso! Tratava-se de prosa, de chinês, de volapuque, de tudo menos de um verso.

Mas eu percebia que o tempo que passa não traz forçosamente o progresso nas artes. E assim como determinado autor do século XVII, que não conhece nem a Revolução Francesa nem as descobertas científicas, nem a guerra, pode ser superior a determinado escritor de hoje, e que talvez até mesmo Fagon{159} fosse um médico tão insigne quanto Du Boulbon (a superioridade do gênio compensando aqui a inferioridade do conhecimento), da mesma forma a Berma estava, como se diz, a cem furos acima de Rachel, e o tempo, pondo esta em evidência à mesma época que Elstir, havia enaltecido uma mediocridade e consagrado um gênio.

Não era de espantar que a antiga amante de Saint-Loup difamasse a Berma. Tê-lo-ia feito quando jovem. E, se então não o fizesse, fá-lo-ia agora. Que uma mulher da sociedade, muito inteligente e de grande bondade, se faça atriz, manifeste grande talento nesse ofício novo para ela, e aí só encontre êxitos, poderá assombrar, a quem a vir muito depois de tudo isso, por ouvir-lhe, não a linguagem que antigamente empregava, mas a das comediantes, a grosseria própria destas em relação às companheiras, tudo o que, passando sobre um ser humano, acrescentam-lhe "trinta anos de teatro". Assim procedia Rachel, e não deixava o seu meio.

- Digam o que quiserem, é admirável, tem estilo, personalidade, é inteligente, nunca ninguém recitou versos dessa maneira - disse a duquesa, receando que Gilberte a atacasse. Esta se afastou para outro grupo a fim de evitar um conflito com a tia, a qual, aliás, só me disse coisas bem triviais sobre Rachel.

A Sra. de Guermantes, no declínio da vida, sentira despertar em si novas curiosidades. A alta sociedade nada mais tinha a lhe dizer. A noção de que nela ocupava o primeiro posto era-lhe tão evidente quanto a distância do céu azul sobre a terra. Não julgava necessário fortalecer uma posição tida como inabalável. Em compensação, ao ler ou ir ao teatro, sentia a necessidade de um prolongamento dessas leituras, desses espetáculos; como outrora no acanhado jardinzinho onde se servia laranjada, tudo o que havia de mais requintado na alta sociedade vinha familiarmente, por entre as brisas perfumadas da noite e as nuvens de pólen, manter nela o gosto pela sociedade, assim como agora um outro

apetite lhe fazia desejar saber os motivos de certas polêmicas literárias, conhecer os autores, e até mesmo as atrizes. Seu espírito fatigado reclamava uma nova espécie de alimento. Para conhecer uns e outras, aproximou-se das mulheres com quem outrora recusara manter correspondência e que, na esperança de conquistá-la, faziam valer sua intimidade com o diretor de determinada revista.

A primeira atriz a ser convidada julgou ser a única num ambiente extraordinário, o qual já pareceu mais medíocre à segunda ao ver por quem fora precedida. Porque em certas noites recebia monarcas, julgava a duquesa que coisa alguma havia mudado em sua posição. Na realidade, ela, a única de sangue verdadeiramente sem mescla, ela que, nascida Guermantes, podia assinar "Guermantes-Guermantes" quando não assinava "a duquesa de Guermantes", ela que até às próprias cunhadas parecia algo de especialmente precioso, como um Moisés salvo das águas, um Cristo oculto no Egito, um Luís XVII fugido à prisão do Templo, o puro dos puros, agora sem dúvida sacrificando a essa necessidade hereditária de alimento espiritual que fizera a decadência social da Sra. de Villeparisis tornara-se ela própria uma outra Sra. de Villeparisis, em cuja casa as mulheres esnobes temiam encontrar fulana ou sicrano, a quem os jovens, constatando o fato consumado sem lhe conhecer as causas, achavam que era uma Guermantes de extração inferior, de má colheita, uma Guermantes desclassificada.

Mas, visto que os melhores escritores muitas vezes, com a aproximação da velhice ou após um excesso de produção, deixam de ter talento, podemos perfeitamente desculpar as mulheres da alta sociedade por deixarem de ter espírito a partir de certo momento. Swann já não encontrava, na dura vivacidade de espírito da duquesa de Guermantes, a finura da jovem princesa des Laumes. No final da vida, cansada ao menor esforço, a Sra. de Guermantes dizia muitas asneiras. Claro que a todo instante, e muitas vezes durante esta mesma vesperal, ela voltava a ser a mulher que eu conhecera, e falava com espírito das coisas mundanas. Mas, por outro lado, sucedia muitas vezes que essa palavra entusiasta, aliada a um lindo olhar, e que durante tantos anos mantivera sob seu cetro espiritual os mais eminentes homens de Paris, cintilava ainda, mas, por assim dizer, no vazio. No momento de lançar uma frase maliciosa, ela se interrompia durante o mesmo número de segundos que outrora, parecia hesitar, criar, mas a frase que então lançava já não valia a pena. Como era reduzido, aliás, o número de pessoas que percebiam isto! A continuidade desse procedimento as fazia acreditar na sobrevivência da graça, como ocorre com os que, supersticiosamente ligados a uma certa marca de produtos comestíveis, continuam a comprar do mesmo fabricante sem notar que se tornaram detestáveis. Já durante a guerra a duquesa dera mostras dessa decadência. Se alguém pronunciava a palavra "cultura", ela se detinha, sorria, iluminava seus

belos olhos, e exclamava: "a KKKKultura", o que provocava o riso dos amigos, que julgavam encontrar nisso o espírito dos Guermantes. E certamente era o mesmo modelo, a mesma entonação, o mesmo sorriso que haviam encantado Bergotte, o qual, de resto, também conservara os mesmos cortes de frases, suas mesmas interjeições, seus pontos de suspensão, seus epítetos, mas para não dizer coisa alguma. Porém os recém-chegados espantavam-se, dizendo às vezes, se a encontravam nos dias em que ela não estava "de veia" e "em plena posse de seus recursos":

- Como é idiota!

Aliás, a duquesa se ajeitava para canalizar seu aviltamento, não o deixando se espalhar pelas pessoas da família das quais hauria uma glória aristocrática. Se, no teatro, para preencher seu papel de protetora das artes, convidava um ministro ou um pintor, e estes ingenuamente lhe perguntassem se a cunhada ou o marido não compareceriam, a duquesa, tímida, dando-se ares soberbos de audácia, respondia com insolência:

- Não sei de nada. Logo que saio de casa, desconheço o que faz a minha família. Para todos os políticos e todos os artistas, sou viúva. -

Assim, evitava que o arrivista muito atencioso atraísse as grosserias e ela própria as censuras da Sra. de Marsantes e de Basin.

- Nem sei dizer a minha satisfação em vê-lo. Meu Deus, quando foi que o vi pela última vez?... - Em visita à casa da Sra. d'Agrigento, onde a encontrava com freqüência. - É claro que ia lá muitas vezes, meu pobre amigo, pois Basin a amava. Encontravam-me sempre na casa de sua amante eventual, pois Basin dizia: "Não deixe de lhe fazer uma visita." No fundo, isso me parecia um tanto inconveniente, era uma espécie de "visita de digestão" a que ele me obrigava cada vez que a possuía. Acabei por me habituar bem depressa a tudo isso; porém o mais aborrecido é que eu era obrigada a manter as relações depois que ele acabava com as suas. O que sempre me fazia pensar no verso de Victor Hugo: *Leve a felicidade mas deixe-me o tédio*{160} - Como na mesma poesia, eu chegava, apesar de tudo, *risonha*{161}; mas na verdade não era justo; ele devia ter me deixado ser infiel com suas amantes, pois, acumulando assim todos os seus "restos a pagar", acabava por não ter mais uma única tarde livre. Por outro lado, aquele tempo me parece mais doce que o de hoje. Meu Deus, que ele se ponha de novo a me trair só pode me lisonjear, pois me faz rejuvenescer. Mas prefiro o seu jeito antigo. Droga, fazia muito tempo que não me traía, já nem se lembrava mais de como fazê-lo! Ah, mesmo assim nos damos bem, conversamos e gostamos bastante um do outro- confessou a duquesa, temendo que eu os imaginasse completamente separados e, como se falasse de alguém que está gravemente enfermo: - Mas ele ainda fala muito bem, ouviu-me ler em

voz alta esta manhã durante uma hora. - E acrescentou: -Vou lhe dizer que você está aqui, vai querer vê-lo. -

E aproximou-se do duque, o qual, sentado num canapé junto a uma dama, conversava com ela. Admirei-me que se conservasse quase o mesmo, apenas de cabelos mais brancos, continuando a ser majestoso e belo como antes. Mas, vendo a duquesa que vinha lhe falar, mostrou-se tão furioso que esta não teve outro remédio senão retirar-se.

- Ele está ocupado não sei em quê, veremos daqui a pouco - disse-me a Sra. de Guermantes, preferindo deixar que eu agisse como entendesse.

Tendo Bloch se aproximado de nós e indagado, em nome de sua americana, quem era uma jovem duquesa presente, respondi que se tratava da sobrinha do Sr. de Bréauté; sobre o qual Bloch me pediu explicações, pois o nome nada lhe dizia.

- Ah, Bréauté - exclamou a duquesa de Guermantes dirigindo-se a mim - lembra-se? como é velho, como vai longe tudo isso! Pois bem, era um esnobe. Sua família morava perto da minha sogra. Isto não lhe interessaria, senhor Bloch; é divertido para este rapaz, que conheceu todos antigamente, ao mesmo tempo que eu - acrescentou a Sra. de Guermantes apontando-me e, com essas palavras, dando-me a entender de vários modos o longo tempo que havia transcorrido. As amizades e as opiniões da Sra. de Guermantes se haviam renovado tanto desde o momento em que considerava retrospectivamente como esnobe o seu encantador Babal. Por outro lado, este não só se fizera bastante recuado no tempo, mas, coisa de que não percebera quando, nos meus começos na sociedade, o havia julgado uma das notabilidades essenciais à Paris, a cuja história mundana permaneceria sempre ligado como Colbert à do reinado de Luís XIV, possuía igualmente seu estigma provinciano, era vizinho de campo da velha duquesa, e como tal fora recebido pela princesa des Laumes. Entretanto, esse Bréauté, despojado de seu vivo espírito, relegado para a época longínqua com a qual se confundia (o que provava ter sido inteiramente olvidado pela duquesa), confinado aos arredores de Guermantes, constituía, o que eu jamais teria acreditado naquela primeira noite na ópera (quando me parecera um deus aquático habitando seu antro marinho), um elo entre mim e a duquesa, pois ela se lembrava que eu o conhecera e, portanto, era seu amigo, senão saído do seu ambiente ao menos nele vivendo há muito mais tempo do que várias das pessoas presentes; lembrava-se, todavia muito imperfeitamente, a ponto de ter esquecido certos pormenores que à época tinham me parecido essenciais, como o fato de eu não ir a Guermantes, não passar de um pequeno burguês de Combray no tempo em que ela ia à missa do casamento da Srta. Percepied, por não ter querido me convidar, a despeito das insistências de Saint-Loup, no ano seguinte ao seu aparecimento na ópera Cômica. A mim, isto me parecia capital, pois fora

justamente naquela ocasião que a vida da duquesa de Guermantes se me afigurava um paraíso onde eu não chegaria a entrar. Mas, para ela, parecia-lhe a mesma vida medíocre de sempre e, desde que eu, a partir de um certo momento, jantara com freqüência em sua casa, e fora, aliás antes mesmo disso, um amigo de sua tia e de seu sobrinho, ela já não sabia exatamente em que época havia começado a nossa amizade e não percebia o incrível anacronismo que praticava fazendo principiar essa amizade alguns anos mais cedo. Pois, se assim fosse, eu teria conhecido a Sra. de Guermantes com esse nome impossível de conhecer, teria sido recebido nesse meio de sílabas douradas, no *faubourg* Saint-Germain, enquanto simplesmente fora jantar na casa de uma dama que para mim já era igual às outras, e que me convidara às vezes, não para descer ao reino submarino das nereidas, mas para passar a noite no camarote de sua prima.

- Se deseja pormenores acerca de Bréauté, que não valia toda essa curiosidade- acrescentou ela, dirigindo-se à Bloch - peça-os a este rapaz (que vale cem vezes mais): ele jantou cinqüenta vezes com Bréauté na minha casa. Não foi em minha casa que o conheceu? Em todo caso, foi em minha casa que conheceu Swann.-

Surpreendeu-me também que pudesse imaginar que eu talvez houvesse conhecido o Sr. de Bréauté em outro lugar que não na sua casa, portanto, que eu freqüentasse a sociedade antes de conhecê-la, como igualmente de ver que julgava ter sido em sua casa que eu conhecera Swann. Menos mentirosamente que Gilberte, quando dizia de Bréauté: "É um antigo vizinho do campo, gosto de conversar com ele sobre Tansonville", ao passo que outrora, em Tansonville, eles não se freqüentavam, eu poderia dizer: "Era um vizinho de campo, vinha ver-nos muitas vezes à noitinha" a respeito de Swann, que de fato me recordava algo bem diverso dos Guermantes.

- Nem saberia lhe explicar. Era um homem que esgotava o assunto ao falar de altezas. Conhecia um monte de histórias bastante engraçadas sobre os Guermantes, sobre minha sogra, sobre a Sra. de Varambon antes de sua ida para junto da princesa de Parma. Mas quem saberá hoje que pessoa foi a Sra. de Varambon? Este rapaz, sim, conheceu tudo isso, mas está tudo acabado, são pessoas de quem sequer o nome sobrevive e que, aliás, não mereceriam que sobrevivesse. -

E eu percebia que, apesar da coesão aparente da alta sociedade, e onde com efeito as relações sociais alcançam o seu máximo de concentração e tudo se comunica, subsistem, ou pelo menos são suscitadas pelo Tempo, que lhes muda os nomes, províncias que já não são compreensíveis para aqueles que a elas chegam somente quando a configuração se alterou.

- Era uma boa senhora que dizia coisas de incrível estupidez - continuou a duquesa que, impermeável à poesia do incompreensível que é um efeito do

tempo, extraía de tudo o elemento cômico, assimilável à literatura do gênero Meilhac, espírito dos Guermantes.

- Certa ocasião, andou com a mania de engolir o tempo todo pastilhas que naquela época se receitavam para a tosse, e que se chamavam (acrescentou, rindo ela mesma desse nome tão especial, tão conhecido outrora, tão ignorado hoje das pessoas com quem falava) pastilhas Géraudel. "Senhora de Varambon", dizia-lhe a minha sogra, "comendo o tempo todo as pastilhas Géraudel como faz, vai ter problemas de estômago." "Mas, senhora duquesa", respondeu a Sra. de Varambon, "como quer que elas me façam mal ao estômago se vão para os brônquios?" E, além disso, era ela quem dizia: "A duquesa tem uma vaca tão bonita que mais parece um garanhão." -

E a Sra. de Guermantes continuaria de bom grado a contar histórias da Sra. de Varambon, das quais conhecíamos centenas, mas bem percebíamos que esse nome não despertava na memória ignorante de Bloch nenhuma das imagens que logo se formavam para nós à simples menção da Sra. de Varambon, do Sr. de Bréauté, do príncipe de Agrigento e, por isso mesmo, excitava nele um prestígio que eu sabia exagerado mas cujos excessos compreendia, não por tê-los sofrido eu próprio, pois nossos mesmos erros e ridículos raramente têm por efeito tornar-nos, ainda quando os reconhecemos, mais indulgentes com os alheios.

A realidade, aliás insignificante, desse tempo remoto estava de tal maneira perdida que, tendo alguém indagado, não, longe de mim, se a terra de Tansonville coubera a Gilberte como herança de seu pai Forcheville, uma pessoa respondeu:

- De modo nenhum! Provém da família do marido; tudo isso pertence ao lado de Guermantes. Tansonville está bem pertinho de Guermantes. Pertencia à Sra. de Marsantes, mãe do marquês de Saint-Loup. Apenas estava muito hipotecada... Assim, deram-na em dote ao noivo, e a fortuna da Srta. de Forcheville a recuperou. -

E, de outra feita, alguém a quem eu havia falado de Swann para que entendesse o que era um homem de espírito naquele tempo, me disse:

- Ah, sim; a duquesa de Guermantes me contou algumas de suas frases. Foi um velho senhor a quem conheceu na casa dela, não mesmo?

O passado se transformara de tal modo no espírito da duquesa - ou então as delimitações, existentes no meu, tinham sempre estado tão ausentes do seu que aquilo que fora acontecimento para mim passara despercebido dela que esta poderia supor que eu conhecera Swann em sua casa e o Sr. de Bréauté alhures, formando-me desse modo um passado de homem da sociedade que ela recuava para bem longe. Pois essa noção de tempo escoado que eu acabava de adquirir, a duquesa também o adquirira, e até, por uma ilusão contrária à minha, que o julgara mais curto, ela o exagerava, supondo-o mais remoto, especialmente sem

levar em conta a infinita linha de demarcação entre o momento em que ela era um nome para mim e, depois, o objeto do meu amor e o momento em que passara a ser, na minha opinião, uma mulher da sociedade como qualquer outra. Ora, eu só fora à sua casa neste segundo período, em que ela era para mim uma outra pessoa. Mas a seus olhos tais diferenças se esvaneciam, e não teria achado singular a minha ida à sua casa dois anos antes, sem saber que era então outra a meus olhos, visto que sua pessoa não tinha para ela, como para mim, qualquer descontinuidade.

Falei à Sra. de Guermantes:

- Isto me lembra a primeira vez em que fui à casa da princesa de Guermantes, aonde acreditava não ser convidado e que me poriam no olho da rua; seu vestido era todo vermelho e os sapatos também.

- Meu Deus, como isto é velho - disse a duquesa de Guermantes, acentuando desse modo, para mim, a impressão do tempo transcorrido. Olhava para longe, com melancolia, e no entanto insistiu especialmente em comentar o vestido vermelho. Pedi que o descrevesse, e ela o fez, complacente. - Agora, ninguém mais se vestiria assim; eram vestidos que se usavam naquele tempo.

- Mas não era bonito? - perguntei.

Ela sempre temia colocar-se em desvantagem, por suas palavras, dizer algo que a diminuísse.

- Claro que achava bonito. A gente não se veste mais assim porque a moda mudou. Mas voltará; todas as modas voltam, no vestuário, na música, na pintura - acrescentou com calor, pois achava uma certa originalidade nessa filosofia. Contudo, a tristeza de envelhecer lhe restituiu o cansaço, corrigido por um sorriso: - Tem certeza de que os sapatos eram vermelhos? Pensava que fossem dourados.- Assegurei-lhe que me lembrava perfeitamente deles, sem confessar a circunstância que me permitia afirmá-lo. - Você é amável por lembrar-se disso - observou ela com ternura, pois as mulheres chamam amabilidade ao fato de alguém lembrar-lhes a beleza, assim como os pintores ao de lhe admirarem as obras. Aliás, por mais distante que esteja o passado, não pode ser esquecido por uma mulher de cabeça sólida como a duquesa. - Lembra-se - disse ela, para me agradecer a referência ao vestido e aos sapatos - de que o levamos em casa, Basin e eu? Você esperava a visita de uma jovem para depois da meia-noite. Basin ria-se perdidamente só de pensar que alguém o visitava a essa hora. - E, com efeito, naquela noite Albertine viera visitar-me depois da reunião em casa da princesa de Guermantes. Lembrava-me disso tão bem quanto a duquesa, conquanto agora Albertine me fosse tão indiferente quanto o seria então para a Sra. de Guermantes se esta houvesse sabido quem era a moça por cuja causa eu não pudera entrar na casa deles. É que, muito tempo depois que os pobres mortos

saíram do nosso coração, sua cinza fria continua a misturar-se, a servir de liga às circunstâncias do passado. E, sem mais amá-los, sucede que, ao evocar um quarto, uma aléia, um caminho em que estiveram em certa hora, somos obrigados, para que o lugar que ocupavam se preencha, a aludir a eles, mesmo sem lamentá-los, e nomeá-los, mesmo sem permitir sejam identificados. (A Sra. de Guermantes ignorava quem era a moça esperada naquela noite, jamais o soubera e só falava naquilo devido à estranheza da hora e das circunstâncias.) Tais são as formas derradeiras e pouco invejáveis da sobrevivência.

Se os juízos da duquesa a respeito de Rachel eram em si mesmos insignificantes, interessavam-me pelo fato de também assinalarem uma nova hora no seu relógio. Pois a duquesa, como Rachel, não se esquecera de todo da reunião que esta passara em sua casa, mas tal lembrança sofrera algumas alterações.

- Confesso – disse-me - que tanto mais me interessa ouvi-la e vê-la ser aplaudida quanto fui eu que a descobri, apreciei, enalteci, impondo-a numa época em que ninguém a conhecia, e todos a cobriam de escárnio. Sim, meu caro, isto vai espantá-lo, mas a primeira casa em que ela se fez ouvir em público foi a minha! Sim, enquanto todos os pretensos vanguardistas, como a minha nova prima - disse ela, mostrando ironicamente a princesa de Guermantes que, para Oriane, continuava a ser a Sra. Verdurin -, a teriam deixado morrer de fome sem se dignar a ouvi-la, eu a julguei interessante e lhe mandei oferecer um cachê para vir representar em minha casa diante da nata da sociedade. Posso vangloriar-me, empregando uma expressão meio tola e pretensiosa, pois no fundo o talento não precisa de ninguém, de a ter lançado. Claro que não precisava de mim.- Esbocei um protesto e vi que a Sra. de Guermantes estava pronta para acolher a tese oposta: - Sim? Acha que o talento necessita de apoio? De alguém que o faça brilhar? No fundo, talvez tenha razão. É curioso, você diz justamente o que Dumas me dizia outrora. Neste caso, lisonjeia-me o ter contribuído, por pouco que seja, não evidentemente para o talento, mas para a fama de semelhante artista.-

A Sra. de Guermantes preferia abandonar sua idéia de que o talento irrompe sozinho, como um abscesso, porque esta outra era mais lisonjeira para ela, mas também porque, ultimamente, receando gente nova e aliás sentindo-se cansada, tornara-se bastante humilde, interrogando os outros para lhes pedir a opinião e formar a sua.

- Nem preciso lhe dizer - continuou - que este público inteligente que se chama "a sociedade" não entende absolutamente nada do assunto. Protestavam, riam. Por mais que eu dissesse: "É curioso, é interessante, é algo que jamais foi feito", não acreditavam, como nunca me acreditaram em coisa alguma. Assim, o trecho que ela recitou, de Maeterlinck, é hoje muito conhecido, mas, naquele tempo, só causava zombaria; pois bem, eu o achava admirável. Quando penso nisso, fico

até assombrada que uma camponesa feito eu, que só desfrutou da educação das moças de sua província, tenha gostado imediatamente dessas coisas. É claro, não teria sabido dizer por quê, mas elas me agradavam, mexiam comigo: veja, Basin, que não tem nada de sensível, ficou impressionado com o efeito que elas me causavam, e me disse: "Não quero mais que assista a esses absurdos, fazem você ficar doente." E era verdade, pois me tomam por uma mulher seca quando na verdade sou um feixe de nervos.

Nesse momento ocorreu um incidente inesperado. Um lacaio veio dizer a Rachel que a filha e o genro da Berma pediam para lhe falar. Vimos que a filha da Berma resistira ao desejo do marido de pedir um convite a Rachel. Mas, depois da partida do rapaz convidado, aumentou o tédio do jovem casal em relação à mãe; atormentava-os a idéia de, que outros se divertiam; assim, aproveitando um momento em que a Berma se retirara para o quarto, cuspindo um pouco de sangue, vestiram às pressas os trajes mais elegantes, mandaram chamar um carro, e tinham vindo à casa da princesa de Guermantes sem ser convidados. Rachel, desconfiando da verdade e intimamente lisonjeada, assumiu um tom arrogante e disse ao lacaio que não os podia receber, que eles escrevessem um bilhete esclarecendo o motivo daquele pedido insólito. O lacaio voltou trazendo um cartão rabiscado pela filha da Berma, onde ela dizia que não tinham podido resistir ao desejo de ouvir Rachel, e lhe pedia que os deixasse entrar. Rachel sorriu da tolice do pretexto, e de seu próprio triunfo. Mandou dizer que sentia muito, mas já terminara os recitais. Na ante-sala, onde a espera do casal se prolongava, os lacaios já começavam a troçar dos dois solicitantes despedidos. A vergonha de uma afronta e a lembrança do nenhum valor de Rachel aos olhos da mãe levaram a filha da Berma a empenhar-se a fundo numa empreitada em que a princípio se metera por simples necessidade de prazer. Mandou pedir a Rachel, como um favor, licença para lhe apertar a mão. Rachel conversava com um príncipe italiano, seduzido, conforme se dizia, pela atração de sua grande fortuna, da qual as relações mundanas da atriz dissimulavam a origem; avaliou a mudança da situação, que punha agora a seus pés os filhos da ilustre Berma. Depois de ter contado o incidente a todos, de modo caricato, mandou o lacaio dizer ao jovem casal que entrasse, e este não se fez de rogado, arruinando de um só golpe a posição social da Berma, como já destruíra a sua saúde. Rachel o compreendeu, percebendo também que, sendo amável e condescendente, em vez de insistir na recusa, criaria na sociedade para si mesma uma reputação de benevolência, e para o casal a fama de baixeza. Assim, recebeu-os de braços abertos, com afetação, dizendo com ares de protetora invejada e que sabe esquecer sua grandeza:

- Mas, acreditem, é uma alegria. A princesa ficará encantada. - Não sabendo que, nos meios teatrais, corria o boato de que ela é quem convidava, talvez

receasse, ao recusar a entrada aos filhos da Berma, que estes duvidassem, não de sua boa vontade, o que pouco lhe importaria, mas de sua influência. A duquesa de Guermantes se afastou por instinto pois, à medida que alguém mostrava desejos de freqüentar a sociedade, baixava na sua estima. Só lhe interessava no momento a bondade de Rachel e voltaria as costas aos filhos da Berma se lhes houvessem apresentado. Todavia, Rachel já compunha mentalmente a frase com que no dia seguinte liquidaria com a Berma nos bastidores:

- Fiquei aflita e desolada por fazer sua filha esperar na ante-sala. Se tivesse entendido logo o que ela queria! Ela me mandava cartões e mais cartões. -

Sentia-se deslumbrada por poder assestar esse golpe na Berma. Talvez recuasse se soubesse que seria mortal. As pessoas gostam de fazer vítimas, mas sem se colocarem em falta, deixando-as vivas. Aliás, qual o seu crime? Sorridente, deveria confessar dias depois:

- É demais! Quis ser mais amável com seus filhos do que ela nunca fora comigo, e por pouco não me acusam de a ter assassinado. Tomo a duquesa por testemunha. -Parece que todos os maus sentimentos dos atores, e toda a falsidade da vida teatral passam para os filhos, sem que neles o trabalho obstinado seja um derivativo, como no caso da mãe; as grandes trágicas muitas vezes morrem vítimas de complôs domésticos tramados a seu redor, como tantas vezes lhes sucedia ao final das peças que representavam.

A vida da duquesa, aliás, não deixava de ser muito infeliz, e por um motivo que, de outra parte, tinha o efeito de restringir o Sr. de Guermantes a freqüentar uma sociedade inferior. Serenado pela idade avançada, embora ainda fosse robusto, deixara há muito de trair a esposa; mas apaixonou-se pela Sra. de Forcheville sem que ninguém soubesse como principiara essa ligação. (Quando se pensa na idade que deveria ter agora a Sra. de Forcheville, isto parece extraordinário. Mas talvez ela tivesse começado muito jovem sua vida de mulher galante. E, além disso, há mulheres que, a cada decênio, encontramos em nova encarnação, tendo amores novos, às vezes quando as julgamos mortas, fazendo o desespero de uma jovem esposa que o marido por elas abandona.) Porém essa ligação assumira tais proporções que o velho, imitando nesse amor derradeiro a forma dos que tivera antigamente, seqüestrara a amante a ponto que, se meu amor por Albertine repetira, com muitas variações, o amor de Swann por Odette, o amor do Sr. de Guermantes lembrava o que eu tivera por Albertine. Ela almoçava e jantava com ele, que todos os dias a visitava; disso ela tirava partido junto de amigos que, de outra forma, jamais teriam acesso ao duque de Guermantes, e que só iam à casa dela para vê-lo, mais ou menos como se vai à casa de uma cocote para conhecer o soberano que é seu amante. Certo, há muito que a Sra. de Forcheville se tornara dama da sociedade. Mas, tardiamente voltando à condição de mulher sustentada, e por um velho tão orgulhoso que mesmo de visita era de

uma importância dominadora, ela se diminuía, só desejando usar *peignoirs* que a ele agradassem, fazer seus pratos favoritos, dizer aos próprios amigos, para lisonjeá-los, que lhe falara deles, como dizia a meu tio-avô que falara dele ao grão-duque, em cujo nome lhe dava cigarros; numa palavra, apesar de tudo quanto adquirira com a situação mundana e pela força das circunstâncias, inclinava-se a reencarnar a dama cor-de-rosa, tal como havia aparecido na minha infância. Certamente fazia muitos anos que meu tio Adolphe morrera. Mas a substituição, a nosso redor, das pessoas antigas pelas atuais acaso nos impede de recomeçar a mesma vida? Sem dúvida, ela cedera a essas novas circunstâncias por cupidez, mas também porque, muito procurada na sociedade enquanto tivera uma filha para casar, posta de lado quando Gilberte desposara Saint-Loup, sentiu que o duque de Guermantes, capaz de fazer tudo para satisfazê-la, haveria de pô-la em contato com muitas duquesas, encantadas com a perspectiva de pregarem uma peça à amiga Oriane; talvez, enfim, espicaçada pelo descontentamento da duquesa, sobre a qual; por um sentimento feminino de rivalidade se sentisse feliz em prevalecer.

Essa ligação com a Sra. de Forcheville, ligação que não passava de uma imitação das mais antigas, acabava de fazer o duque de Guermantes perder, pela segunda vez, a presidência do Jockey e uma cadeira de livre-docente na Academia de Belas Artes, do mesmo modo que a vida do Sr. de Charlus, associada publicamente à de Jupien, fizera aquele perdera presidência da União e da Sociedade dos Amigos da velha Paris. Assim os dois irmãos, de gostos tão diversos, haviam chegado à mesma desconsideração devido à mesma falta de vontade, a qual era sensível, porém de forma agradável, no duque de Guermantes, avô de ambos, membro da Academia Francesa, mas que, nos seus netos, arrastados, um por amores naturais e o outro pelos que assim não são considerados, resultara em desclassificação.

Até sua morte, Saint-Loup levara a esposa religiosamente à casa de Odette. Não eram os dois herdeiros a um tempo do Sr. de Guermantes e de Odette, a qual aliás, seria sem dúvida a principal herdeira do duque? Além disso, a Sra. de Marsantes e a princesa de Trania freqüentavam até os sobrinhos Courvoisier, tão difíceis, na expectativa de uma herança, sem se preocuparem com o desgosto que isso poderia causar à Sra. de Guermantes, de quem Odette, irritada pelos seus desdéns, vivia falando mal.

O velho duque de Guermantes já não saía, pois passava as tardes e as noites com Odette. Mas hoje, havia aparecido por um instante para vê-la, apesar do aborrecimento de encontrar sua mulher. Eu não o avistara e, sem dúvida, não o teria reconhecido se não me tivessem claramente designado. Não era mais que uma ruína, mas soberba, e menos ainda que uma ruína, essa beleza romântica que pode ser um rochedo na tempestade. Fustigado por todos os lados por vagas

de dor, de revolta, da preamar ameaçadora da morte que o assaltava, seu rosto, corroído como um bloco de pedra, conservava o estilo, o garbo que eu sempre lhe admirara; estava carcomido como uma dessas belas cabeças antigas por demais arruinadas, com que todavia nos orgulhamos de ornamentar um gabinete de trabalho. Apenas, parecia pertencer a uma época mais remota não só pelo endurecimento e desgaste do material outrora mais brilhante, como pela expressão que sucedera à finura e à jovialidade, expressão inconsciente, involuntária, provocada pela doença, pela luta contra a morte, a resistência, a dificuldade de viver. Tendo as artérias perdido toda a sua elasticidade, conferiam à fisionomia outrora aberta uma rigidez escultural. E, sem desconfiar, o duque punha a descoberto aspectos da nuca, das faces, da testa, onde a criatura, já obrigada a se recobrar encarniçadamente a cada momento, parecia estar sacudida numa trágica rajada, enquanto as mechas brancas de sua cabeleira magnífica, porém menos espessa, vinham açoitar com sua espuma o promontório invadido do rosto. E como esses reflexos estranhos, únicos, que somente a aproximação da tempestade em que tudo vai soçobrar confere aos rochedos, que até então foram de outra cor, compreendi que o cinza-chumbo das faces consumidas e enrugadas, o cinza quase branco e encarreirado das mechas revoltas, a débil claridade ainda concedida aos olhos que mal enxergavam, não eram tons irreais, e sim, pelo contrário, bastante reais, mas fantásticos, provenientes da palheta, do colorido da velhice, da morte próxima, inimitável em seus negrumes proféticos e impressionantes.

O duque permaneceu apenas por uns momentos, o bastante para que eu compreendesse que Odette, toda voltada para admiradores mais jovens, escarnecia dele. Mas, coisa curiosa, ele que antigamente era quase ridículo quando assumia atitudes de rei de comédia, adquirira um aspecto verdadeiramente grandioso, um tanto como seu irmão, a quem a velhice, despojando-o de todo material acessório, fazia-o assemelhar-se. E, como o irmão, ele, outrora bem soberbo, conquanto de outra maneira, parecia quase respeitoso, embora igualmente de outro modo. Pois não havia sofrido a degradação do Sr. de Charlus, reduzido a saudar, com polidez de enfermo desmemoriado, aqueles que antes desprezaria. Estava, porém, muito velho, e, quando quis passar pela porta e descer a escada para sair, a velhice, que afinal é o estado mais miserável dos homens e que os precipita do cimo de sua grandeza como aos reis da tragédia grega, a velhice, forçando-o a parar no caminho em cruz em que se transforma a vida dos impotentes ameaçados, a enxugara testa ensopada de suor, a buscar com os olhos o degrau fugidio, de que precisava como apoio para seus passos incertos, para os olhos enevoados, dando-lhe à revelia o aspecto de o implorar suave e timidamente aos outros, a velhice o tornara, mais do que augusto, suplicante.

Não podendo ficar sem Odette, sempre instalado na casa dela na mesma poltrona, de onde a velhice e a gota dificilmente o faziam erguer-se, o Sr. de Guermantes deixava-a receber amigos que se mostravam muito satisfeitos por serem apresentados ao duque, deixar que tomasse a palavra, ouvi-lo falar da antiga sociedade, da marquesa de Villeparisis, do duque de Chartres.

Assim, no *faubourg* Saint-Germain, as posições aparentemente inexpugnáveis do duque e da duquesa de Guermantes, do barão de Charlus, tinham perdido sua inviolabilidade, como todas as coisas se modificam neste mundo, pela ação de um princípio interno em que ninguém pensara: no Sr. de Charlus, o amor de Charlie que o tornara escravo dos Verdurin e, depois, a caduquice; na Sra. de Guermantes, a mania da novidade e da arte; no Sr. de Guermantes, um amor exclusivo, como já o tivera muitos na vida, mas que a fraqueza da idade tornava mais tirânico e a cujos desmandos a severidade do salão da duquesa, onde o duque não mais aparecia e que aliás já não funcionava, não mais opunha seu desmentido, seu resgate mundano. Assim muda o aspecto das coisas neste mundo; assim o centro dos impérios, o cadastro das fortunas e a carta dos privilégios, tudo o que parecia definitivo é perpetuamente remanejado, e os olhos de um homem vivido podem contemplar a mais completa mudança justo onde esta lhe parecia mais impossível.

Por instantes, sob o olhar dos quadros antigos reunidos por Swann num arranjo de "colecionador" que rematava o caráter fora de moda, antiquado, de tal cena, com esse duque tão "Restauração" e essa cocote tão "Segundo Império", num dos *peignoirs* de que ele gostava, a dama cor-de-rosa o interrompia com sua tagarelice; ele se detinha de imediato, cravando nela um olhar feroz. Talvez percebesse que também ela, como a duquesa, às vezes dizia tolices; talvez, numa alucinação de velho, achasse que se tratava de uma intervenção intempestiva da Sra. de Guermantes, que lhe cortava a frase, e julgava-se no palacete dos Guermantes, como essas feras enjauladas que imaginam por um momento ainda estar livres nos desertos da África. E, erguendo bruscamente a cabeça, fixava em Odette, com seus pequeninos olhos redondos, amarelos, que tinham o brilho das feras, um de seus olhares que às vezes, na casa da Sra. de Guermantes, quando esta falava demais, haviam-me feito tremer. Assim, o duque encarava por um instante a audaciosa dama rósea. Porém esta, desafiando-o, encarava com firmeza, e, ao cabo de alguns momentos, que pareciam longos aos espectadores, a velha fera domada, lembrando-se que estava, não em liberdade na casa da duquesa, naquele Saara, cujo capacho da soleira indicava a entrada, mas na casa da Sra. de Forcheville, na jaula do Jardin des Plantes, encolhia entre os ombros a cabeça, com sua juba espessa da qual não se poderia afirmar se era branca ou fulva, e retomava a narrativa. Parecia não haver compreendido o que a Sra. de Forcheville quisera dizer e que, aliás, em geral não fazia muito sentido.

Permitia-lhe ter amigos para o jantar com ele; por uma mania tomada de empréstimo a seus antigos amores, que não espantaria Odette, acostumada a vê-la em Swann, e que me comovia, fazendo-me lembrar minha vida com Albertine, exigia que essas pessoas fossem embora cedo, para ser o último a despedir-se de Odette. Inútil acrescentar que, tão logo ele saía, Odette se reunia aos outros. Mas o duque não desconfiava, ou preferia ignorá-lo; a vista dos velhos se enfraquece, como os ouvidos se tornam mais duros, a lucidez se obscurece, a própria fadiga fá-los relaxar na vigilância. E numa certa idade é num personagem de Moliere não no olímpico amante de Alcmena, mas num risível Geronte que inevitavelmente se transforma Júpiter. Aliás Odette enganava o Sr. de Guermantes, e também dele cuidava, sem charme e sem grandeza. Era medíocre nesse papel, como em todos os demais. Não que a vida lhe houvesse negado alguns excelentes, mas ela não sabia representá-los.

E, de fato, todas as vezes que desejei vê-la a seguir, não pude lográ-lo, pois o Sr. de Guermantes, querendo a um tempo conciliar as exigências de sua higiene e de seu ciúme, só lhe permitia recepções diurnas, e ainda assim sob a condição de que não fossem bailes. Essa reclusão em que era mantida, ela me confessava com franqueza, por vários motivos. O principal é que pensava, embora eu só tivesse escrito artigos ou publicado ensaios, que eu era escritor conhecido, o que a fazia dizer ingenuamente, ao recordar-se do tempo em que eu ia à alameda das Acácias para vê-la passar, e mais tarde em sua casa:

- Ah, se tivesse adivinhado que um dia seria um grande escritor!

Ora, tendo ouvido dizer que os escritores se comprazem em estar com as mulheres para documentar-se, ouvir histórias de amor, tornava-se agora, na minha companhia, uma simples cocote para interessar-me. Ela me contava:

- Olhe, certa vez houve um homem que se enamorou de mim e a quem eu amava apaixonadamente. Tínhamos uma vida divina. Ele precisava viajar para a América, eu devia ir junto. Na véspera da partida, achei melhor não deixar diminuir um amor que não podia permanecer sempre naquele grau. Tivemos uma última noite, em que se convenceu de que eu ia com ele, foi uma noite louca, senti junto dele alegrias infinitas e o desespero de saber que não voltaria a vê-lo nunca mais. De manhã mesmo, saí e fui dar minha passagem a um viajante desconhecido. Quis pelo menos comprá-la. Mas eu respondi:

- Não, o senhor me presta enorme serviço ao recebê-la, não quero dinheiro. - Depois, outra história:

- Um dia eu estava nos Champs-Élysées, e o Sr. de Bréauté, a quem vira somente uma vez, começou a fitar-me com tal insistência que parei, perguntando por que se permitia olhar-me daquele jeito. Respondeu - Olho-a porque usa um chapéu ridículo. - Era verdade. Tratava-se de um chapeuzinho com amores-perfeitos; a

moda daquela época era terrível. Mas eu fiquei furiosa, e retruquei: - Não lhe permito falar-me dessa maneira. - Começou a chover. Disse-lhe: - Só lhe perdôo se tiver um carro. - Pois bem, tenho justamente um, e vou levá-la. - Não, aceito o seu carro mas não a sua companhia. - Subi para o carro e ele partiu debaixo da chuva. Mas à noite foi à minha casa. Vivemos um amor doido durante dois anos. Venha tomar chá uma vez comigo, vou lhe contar como conheci o Sr. de Forcheville. No fundo - comentou com ar melancólico - passei a vida inteira enclausurada, pois só tive grandes amores por homens terrivelmente ciumentos. Não falo do Sr. de Forcheville, pois na realidade era um sujeito medíocre, e eu nunca pude amar de fato senão homens inteligentes. Mas veja só: o Sr. Swann era tão ciumento quanto o pobre duque; por este eu me privo de tudo porque sei que não é feliz no casamento. No caso do Sr. Swann, era porque o amava loucamente, e acho que se pode muito bem sacrificar a dança e a sociedade, e tudo o mais, àquele que nos dá prazer, ou apenas evitar preocupações a um homem que nos ama. Pobre Charles, ele era tão inteligente, tão sedutor, exatamente o tipo de homem de quem eu gostava. -

E talvez fosse sincera. Houve uma época em que Swann lhe agradara, justamente aquele tempo em que ela não era "do seu tipo". Para falar a verdade, ela nunca fora "do seu tipo", nem mesmo depois. E, no entanto, ele a havia amado então, muito e dolorosamente. Surpreendeu-se mais tarde com semelhante contradição. Contradição talvez só aparente, se pensarmos como é grande na vida dos homens a proporção dos sofrimentos por mulheres que não seriam "do seu tipo". Talvez isto se deva a muitas causas; justo porque não são "do nosso tipo", deixamo-nos primeiro amar sem corresponder a esse amor, e assim cultivamos um hábito que não existiria no caso de uma mulher do "nosso tipo", e que, sentindo-se desejada, se mostraria difícil, só nos concederia raros encontros, não teria assumido em nossa vida esse instalar-se em todas as horas que, mais tarde, se amamos e ela nos falta, devido a um arrufo, uma viagem, deixando-nos sem notícias, causa a ruptura não de um só laço, mas de mil. Depois, esse hábito é sentimental porque não existe um grande desejo físico em sua base, e, se o amor nasce, o cérebro trabalha muito mais: há um romance em vez de uma necessidade. Não desconfiamos das mulheres que não são "do nosso tipo", deixamo-nos ser amados e, se depois as amamos, amamo-las cem vezes mais que às outras, sem sequer possuir, junto delas, o contentamento do desejo saciado. Por essas e muitas outras razões, o fato de os maiores desgostos não virem de mulheres que não são "do nosso tipo" não se prende exclusivamente à irrisão do destino, que só realiza a nossa felicidade sob a forma que menos nos agrade. Uma mulher "do nosso tipo" raramente é perigosa, pois, ou nos repele, ou nos satisfaz e nos deixa logo, sem se instalar na nossa vida; e o perigo de males e desgostos está não na mulher em si mesma, mas na sua presença diária, na curiosidade pelo que ela faz em todos os momentos; não está na mulher, mas no

hábito.

Tive a covardia de dizer que aquilo era muito gentil e nobre de sua parte, mas sabia o quanto era falso e que a sua franqueza se mesclava a mentiras. Pensei com horror, à medida que ela contava suas aventuras, as quais Swann havia ignorado, e que lhe teria dado tanto desgosto, pois a possibilidade naquela criatura de lhe descobrir com segurança, com o que lhe despertava um homem ou uma mulher desconhecidos. Nos assustava contando aquilo só para me fornecer o que julgava fosse assunto em si. Enganava-se, não que não houvesse o tempo todo abastecido com minha imaginação, porém de forma bem mais involuntária, e por criatividade minha, pois, à sua revelia, eu extraía dela as leis de sua vida.

O Sr. de Guermantes só guardava seus raios há muito para a duquesa, sobre cuja liberdade de relações a Sra. de Forcheville e não deixava de lhe atrair a atenção irritada. Portanto, a duquesa era muito infeliz. É certo que o Sr. de Charles, a quem falara disso uma vez, afirmava que as primeiras culpas não cabiam ao irmão, que, na verdade, a lenda da pureza da Sra. de Guermantes era composta de um número incalculável de aventuras habilmente dissimuladas. Eu jamais ouvira falar nisso. Para quase todo mundo, a duquesa era uma mulher bem diferente. A idéia de que ela sempre fora irrepreensível dominava os espíritos. Entre essas duas idéias eu não podia decidir qual a que se conformava à verdade, essa verdade que, quase sempre, três quartas partes das pessoas ignoram. Lembrava-me bem de certos olhares azuis e erradios da duquesa de Guermantes na nave de Combray. Mas verdadeiramente, nenhuma das duas idéias seria refutada por eles, e ambas lhes podiam conferir um sentido diverso e igualmente aceitável. Criança, num momento de loucura, eu os tomara por olhares de amor a mim dirigidos. Desde então compreendera que se tratava apenas de olhares de benevolência de uma suserana para seus vassalos, olhares semelhantes aos dos vitrais da igreja. Seria preciso agora acreditar que a minha primeira idéia é que corresponderia à realidade e que se mais tarde a duquesa jamais me falara de amor era porque receava comprometer-se com um amigo da tia e do sobrinho desta mais do que com um menino desconhecido encontrado por acaso na igreja de Saint-Hilaire, em Combray?

A duquesa pudera, por um instante, sentir-se feliz por ver seu passado mostrar-se mais consistente, ao saber que era partilhado por mim, mas, diante de algumas perguntas que lhe fiz sobre o provincianismo do Sr. de Bréauté, que à época eu mal distinguira do Sr. de Sagan, ou do Sr. de Guermantes, ela retomou o seu ponto de vista de mulher mundana, isto é, de desprezar a mundanidade. Enquanto falava, fazia-me percorrer o palacete. Nas salas menores encontrávamos pessoas íntimas que, para ouvir música, tinham preferido isolar-se. Num salãozinho Império, onde algumas raras pessoas de casaca preta escutavam sentadas num canapé, via-se ao lado de um toucador de espelho, apoiado por

uma estatueta representando Minerva, uma espreguiçadeira, colocada em posição reta, mas com o interior recurvo como um berço e no qual se estendia uma mulher jovem. Sua atitude lânguida não mudou com a entrada da duquesa, e contrastava com o maravilhoso brilho de seu vestido Império, de seda nacarada, diante do qual as mais vermelhas fúcsias teriam empalidecido - em cujo tecido de nácar insígnias de flores pareciam ter sido mergulhadas por muito tempo, pois seu desenho ali permanecia gravado.

Para saudar a duquesa, ela inclinou levemente a bela cabeça castanha. Embora ainda fosse dia claro, como houvesse pedido que cerrassem as grandes cortinas, a fim de obter maior recolhimento para ouvir música, tinham, para evitar esbarrões, acendido sobre um tripé uma uma de fraca luz irisada. Em resposta à minha pergunta, a duquesa me disse tratar-se da Sra. de Saint-Euverte. Quis então saber qual o seu parentesco com a senhora de Saint-Euverte que eu conhecera. A Sra. de Guermantes esclareceu que era a mulher de um dos sobrinhos-netos dela, pareceu apoiar a idéia de que nascera La Rochefoucauld, mas negou ter ela própria conhecido os Saint-Euverte. Lembrei-lhe a recepção (de que, aliás, só soubera por ouvir dizer), quando, ainda princesa des Laumes, ela havia reencontrado Swann. A Sra. de Guermantes afirmou jamais ter ido àquela recepção. A duquesa sempre fora um tanto mentirosa, e tornara-se ainda mais. O salão da Sra. de Saint-Euverte - aliás muito decadente com o passar dos anos -, a Sra. de Guermantes gostava de renegá-lo. Não insisti.

- Não, quem você pode ter encontrado em minha casa, porque era dotado de muito espírito, era o marido dessa de quem está falando, pois com ela eu não me dava.

- Mas ela não tinha marido.

- É o que pensa, pois estavam separados, mas ele era bem mais agradável do que ela. -

Acabei compreendendo que um homem enorme, bastante alto e robusto, cabelos inteiramente brancos, que eu encontrava um pouco em toda parte e do qual jamais soubera o nome, era o marido da Sra. de Saint-Euverte. Havia morrido no ano anterior.

Quanto à sobrinha, ignoro se era devido a uma doença do estômago, dos nervos, a uma flebite, a um parto próximo recente ou malsucedido, que ela ouvia música estendida, sem se mover para pessoa alguma. O mais provável é que, orgulhosa de suas belas sedas vermelhas, pensava fazer na espreguiçadeira um efeito do tipo '*Récamiere*'{162}.

Não percebia que, para mim, causava um novo desabrochar daquele nome de Saint-Euverte, o qual, após um tão longo intervalo, assinalava a distância e a

continuidade do Tempo. Era o Tempo que ela embalava naquele berço onde floriam o nome de Saint-Euverte e o estilo Império em sedas de fúcsias vermelhas.

A Sra. de Guermantes afirmava ter sempre detestado semelhante estilo; quer dizer que o detestava agora, o que era verdadeiro, pois ela seguia a moda embora com algum atraso. Para não se complicar falando de David, que ela conhecia pouco, a Sra. de Guermantes, quando jovem, achava o Sr. Ingres o mais tedioso dos pintores vulgares e depois, bruscamente, o mais saboroso dos mestres do *art nouveau*, o que a levara ao ponto de detestar Delacroix. Importa pouco saber quais os critérios por que voltara do culto à reprovação, visto se tratarem de matizes do gosto que o próprio crítico de arte revela dez anos antes das palavras de mulheres superiores. Após ter criticado o estilo Império, desculpou-se por haver falado de pessoas tão insignificantes como os Saint-Euvertes, e de ninharias, como o lado provinciano de Bréauté, pois estava longe de imaginar o motivo pelo qual isso me interessava, assim como a Sra. de Saint-Euverte - La Rochefoucauld nem sonhava que seu nome me havia deslumbrado de seu marido, não o dos ascendentes dela, mais gloriosos -, nome que eu via, naquela peça tão cheia de atributos, como tendo a função de acalentar o Tempo.

- Mas como posso distraí-lo com semelhantes asneiras, como pode isso interessá-lo? - exclamou a duquesa.

Dissera esta frase a meia voz, e ninguém pudera perceber o que ela falava. Mas um rapaz (que logo a seguir me interessou pelo seu nome, bem mais familiar a mim outrora que o de Saint-Euverte) ergueu-se com ar exasperado e foi postar ainda mais longe para ouvir a música em maior recolhimento. Pois tratava-se da *Sonata a Kreutzer*, mas, tendo-se enganado quanto ao programa, o jovem pensava que era um trecho de Ravel, que lhe tinham declarado ser tão belo quanto os de Palestrina, mas difícil de compreender. Em sua violência para mudar de lugar, ocorreu-lhe, na penumbra reinante, esbarrar numa escrivaninha, o que fez várias pessoas virarem a cabeça, contentes por diminuírem, naquele gesto simples de olhar para trás, o suplício de ouvir "religiosamente" a *Sonata a Kreutzer*. E

a Sra. de Guermantes e eu, causas desse pequeno escândalo, apressamo-nos a deixar o aposento.

- Sim, como é que tais bagatelas podem interessar a um homem do seu valor? É exatamente como, há pouco, quando eu o via conversando com Gilberte de Saint-Loup; ela não é digna de você. Para mim, essa mulher não significa nada, e sequer é uma mulher, é o que conheço de mais artificial e burguês em toda a sociedade - (pois mesmo em sua defesa da intelectualidade, a duquesa mesclava seus preconceitos de aristocrata). - Além do mais, deveria você comparecer à

casa como esta? Hoje ainda compreendo, pois havia o recital de Rachel, que podia lhe interessar. Mas, apesar de ter sido brilhante, não dá tudo de si diante desse público. Hei de fazê-lo almoçar a sós com ela. Então verá o quanto vale. É cem vezes superior a esta gente aqui. E, depois do almoço lhe recitará Verlaine. Venha me contar como foi. Mas a festanças como esta, não, não consigo entender que compareça. A não ser que seja para estudos...- acrescentou com ar de dúvida, de desconfiança, e sem se aventurar muito, pois não sabia exatamente em que consistia o gênero de operações improváveis a que aludia.

Gabou-me principalmente suas reuniões vespertinas, onde todos os dias estavam X... e Y.. Pois adquirira a mentalidade das mulheres de "salões", que outrora desprezara (embora o negasse agora) e cuja grande superioridade, sinal de eleição segundo ela, era terem suas casas "todos os homens". Se lhe contava que uma dessas grandes damas de "salões" falara mal da Sra. Howland enquanto viva, a duquesa desatava a rir da minha ingenuidade:

- É claro, a outra tinha em sua casa todos os homens e esta procurava atraí-los.

- Não acha – perguntei-lhe - que deve ser penoso para a Sra. de Saint-Loup ouvir desse modo, como acaba de fazer, a antiga amante do marido?-

Vi formar-se na fisionomia da Sra. de Guermantes essa prega oblíqua, reveladora de um raciocínio a ligar a pensamentos desagradáveis as palavras do interlocutor. Raciocínios inexpressos, é verdade, mas todas as coisas graves que dizemos não recebem nunca resposta verbal ou escrita. Somente os tolos solicitam em vão, dez vezes seguidas, resposta a uma carta que tiveram a estupidez de escrever e que era uma gafe; pois a resposta a esse tipo de cartas só se traduz por atos, mas a destinatária, tida como incorreta, só trata o correspondente de senhor, com toda a cerimônia, em vez de chamá-lo pelo seu prenome. Minha alusão à ligação de Saint-Loup com Rachel não tinha nada de muito grave e só pôde contrariar uma outra Sra. de Guermantes, recordando-lhe que eu fora amigo de Robert e talvez seu confidente a respeito dos aborrecimentos que havia causado a Rachel o sarau em casa da duquesa. Porém esta não insistiu em tais pensamentos, a prega tempestuosa se dissipou, e a Sra. de Guermantes respondeu à minha pergunta sobre a Sra. de Saint-Loup:

- Digo que acho que tudo isso lhe é perfeitamente indiferente, que Gilberte nunca amou seu marido. É um monstrinho. Gostou da posição social, do nome, de ser minha sobrinha, de sair da lama, para onde, depois, não teve outra idéia senão voltar. Digo que isto me faz muito mal, por causa do pobre Robert, pois, embora ele não fosse muito atilado, bem percebia a situação, e um monte de outras coisinhas. Não convém falar nisso, pois apesar de tudo é minha sobrinha e não tenho provas decisivas de que enganava o marido, mas houve diversos casos suspeitos. Mas, na verdade, digo o que sei, Robert quis bater-se em duelo com um

oficial de Méséglise. E foi por tudo isto que ele se alistou, a guerra se lhe afigurou como uma libertação de seus desgostos familiares; se quer a minha opinião, ele não foi morto, deixou-se matar. Ela não sentiu mágoa nenhuma, chegou até a me assombrar com um raro cinismo na afetação de indiferença, o que me magoou bastante, pois eu gostava muito do pobre Robert. Isto o deixará talvez espantado, pois me conhecem mal, mas o fato é que ainda me acontece pensar nele: não esqueço ninguém. Ele nunca me disse nada, mas bem compreendia que eu adivinhava tudo. Veja bem, se tivesse amado ao menos um pouco o marido, poderia suportar com toda essa fleuma o fato de se achar no mesmo salão com a mulher de quem ele fora amante apaixonado por tantos anos? Pode-se dizer até o fim, pois tenho a certeza de que o caso entre ambos nunca terminou, mesmo durante a guerra. Mas ela a estrangularia! - exclamou a duquesa, esquecendo que ela própria, mandando convidar Rachel e tornando possível a cena que julgava inevitável caso Gilberte houvesse amado Robert, agira talvez com crueldade. - Não, veja – concluiu -, é uma cadela. -

Semelhante expressão tornara-se possível à Sra. de Guermantes devido ao plano inclinado que ela descia, desde os Guermantes agradáveis, até a sociedade das comediantes, e também porque a enxertava num gênero do século XVIII que considerava cheio de verdor, em suma, por que se julgava autorizada a tudo. Mas também lhe era ditada pelo ódio que sentia por Gilberte, por uma necessidade de feri-la, se não fisicamente, ao menos em efígie. E, ao mesmo tempo, a duquesa pensava justificar assim todo o seu procedimento em relação a Gilberte, ou melhor, contra ela, na sociedade, na família, até do ponto de vista dos interesses materiais e da herança de Robert. Porém, como às vezes os juízos proferidos recebem de fatos que se ignoram, e que não é possível adivinhar, uma aparente justificativa, Gilberte, que sem dúvida herdara alguns aspectos da mãe (e fora mesmo com essas inclinações que eu havia contado, ao lhe pedir que me fizesse conhecer três mocinhas), após muita reflexão, tirou, do pedido que lhe fizera, e sem dúvida para que a vantagem não saísse da família, uma conclusão mais audaciosa do que todas aquelas que eu pudera supor, e me disse:

- Se me permite, vou buscar minha filha para lhe apresentar. Ela está no andar de baixo, conversando com o jovem Mortemart e outros garotos desinteressantes. Estou certa de que será uma boa amiguinha para você.

Perguntei se Robert ficara contente por ter uma filha:

- Oh, ele era muito orgulhoso dela. Mas, naturalmente, ainda assim creio que, levando em conta suas preferências, teria gostado mais de um menino - comentou Gilberte com ingenuidade{163}.

Essa filha, cujo nome e fortuna podiam fazer a mãe esperar que desposasse um príncipe real e coroasse toda a obra ascendente de Swann e de sua mulher,

casou-se mais tarde com um obscuro literato, pois não tinha nenhum esnobismo, e fez cair o nível da família a um ponto ainda mais inferior que o de onde havia partido. Foi então extremamente difícil fazer as novas gerações acreditarem que os pais desse casal obscuro tinham desfrutado de grande posição social. Os nomes de Swann e de Odette de Crécy ressuscitaram milagrosamente para permitir que as pessoas compreendessem que estavam

enganadas e que absolutamente aquilo não era nada espantoso como família; e, em suma julgava-se que a Srta. de Saint-Loup havia feito o melhor casamento possível, melhor que o de seu pai com Odette de Crécy (o qual nada valia), tentando esta em vão subir socialmente enquanto que, ao contrário, quando nada do ponto de vista de seu amor, seu casamento fora inspirado em teorias como as que tinham podido levar, no século XVIII, grandes fidalgos, discípulos de Rousseau, ou pré-revolucionários, a viver a vida da natureza e a abandonar seus privilégios. O espanto causado por suas palavras, bem como o prazer que me deram, foram logo substituídos enquanto a Sra. de Saint-Loup se afastava para outro salão por essa idéia do Tempo passado, que a Srta. de Saint-Loup à sua maneira também me devolvia, e sem que a tivesse visto. Como a maioria dos seres, aliás, não representaria ela na vida o mesmo papel que, nas encruzilhadas, fazem as "clareiras" onde convergem as estradas vindas, igualmente na nossa vida, dos mais diversos pontos? No meu caso, eram numerosas aquelas que levavam à Srta. de Saint-Loup e se irradiavam a seu redor. E, acima de tudo, vinham terminar nela os dois grandes "lados", ou caminhos, onde eu tanto havia passeado e feito tantas fantasias: por seu pai, Robert de Saint-Loup, “O caminho de Guermantes”; por Gilberte, sua mãe, o caminho de Méséglise que era "o caminho da casa de Swann". Um deles, através da mãe da mocinha e dos Champs-Élysées, levava-me até Swann, às minhas noites de Combray, para o lado de Méséglise; o outro, pelo pai, às minhas tardes de Balbec, onde eu o revia junto ao mar ensolarado. Já se estabeleciam transversais entre essas duas estradas. Pois essa Balbec real, onde eu conhecera Saint-Loup, quisera tanto visitá-la em grande parte devido ao que Swann me falara acerca das igrejas, sobretudo da igreja persa; por outro lado, por Robert de Saint-Loup, sobrinho da duquesa de Guermantes, eu encontrava, ainda em Combray, o caminho de Guermantes. Mas a Srta. de Saint-Loup ainda levava-me a vários outros pontos de minha vida, à dama cor-de-rosa, que era sua avó e que eu vira uma vez na casa de meu tio-avô. Nova transversal aqui, pois o criado de quarto desse tio-avô, que me introduzira naquele dia, e que mais tarde, por meio de uma fotografia, permitira-me identificar a dama rósea, era pai do jovem que não só o Sr. de Charlus, mas o próprio pai da Srta. de Saint-Loup havia amado, causando tantos desgostos a sua mãe. E não fora justamente o avô da Srta. de Saint-Loup, Swann, o primeiro a me falar da música de Vinteuil, assim como Gilberte fora a primeira a me falar de Albertine? Pois bem, falando da música de Vinteuil a

Albertine é que eu descobrira quem era a sua grande amiga, e começara com ela aquela vida que a conduzira à morte e me causara tanta mágoa. De resto, fora igualmente o pai da Srta. de Saint-Loup quem se dispusera a tentar fazer com que Albertine regressasse. E mesmo toda a minha vida mundana, seja em Paris no salão dos Swann ou dos Guermantes, seja no extremo oposto no salão dos Verdurin, e desse modo fazendo alinhar, ao lado dos dois caminhos de Combray, os Champs-Élysées e o belo terraço da Raspeliere. Além disso, quais as criaturas conhecidas que, para relatar nossa amizade com elas, não nos obrigam a colocá-las sucessivamente nos locais mais diversos da nossa vida? Uma vida de Saint-Loup, descrita por mim, se desenrolaria em todos os cenários e interessaria a toda a minha vida, mesmo às partes dessa vida a que ele foi muito estranho, como as de minha avó ou de Albertine. Por outro lado, por mais contrários que fossem, os Verdurin ligavam-se a Odette pelo passado desta, a Robert de Saint-Loup através de Charlie; e neles, que imenso papel não representara a música de Vinteuil. Enfim, Swann amara a irmã de Legrandin, o qual havia conhecido o Sr. de Charlus, cuja pupila se casara com o jovem Cambremer. Certo, se se trata exclusivamente de nossos corações, teve razão o poeta em falar dos "fios misteriosos{164}" que a vida rompe.

Mas ainda é mais verdadeiro que ela os tece sem cessar entre as criaturas, entre os acontecimentos, que entrecruza tais fios, que os redobra a fim de reforçar a trama, de modo que entre o menor ponto do nosso passado e todos os demais uma opulenta rede de lembranças nos dá uma variada escolha de comunicações. Pode-se dizer que, se usada, não inconscientemente, mas de propósito para recordar-lhe o que fora, nenhuma dessas coisas agora a meu serviço deixaria de lembrar-me já ter sido viva, e vivendo de modo pessoal para mim, transformada a seguir, para meu uso, em simples matéria industrial. Minha apresentação à Srta. de Saint-Loup ia ocorrer na casa da Sra Verdurin: com que encanto eu pensava de novo em todas a minhas viagens com Albertine, de quem pediria à Srta. de Saint-Loup que fosse um sucedâneo no trenzinho, indo para Doville, para a casa da Sra. Verdurin, essa mesma Sra. Verdurin que iniciara e terminara, antes de meu amor por Albertine, o do avô e da avó da Srta. de Saint-Loup. - Tudo a nosso redor eram quadros daquele Elstir que me apresentara a Albertine. E, para melhor fundir todos os meus passados, a Sra. Verdurin, exatamente como Gilberte, havia desposado um Guermantes. Não poderíamos descrever nossas ligações, ainda raras, com alguém, sem evocar os mais diversos locais da nossa vida. Assim, cada indivíduo - e eu mesmo era um deles - proporcionava-me a medida da duração pelo giro que havia cumprido não só em torno de si mesmo, mas em torno aos outros, e notadamente pelas posições que ocupara sucessivamente em relação a mim. E, sem dúvida, todos esses planos diferentes segundo os quais o Tempo, desde que eu acabava de recuperá-lo nessa festa,

dispunha a minha vida, fazendo-me pensar que, num livro em que desejaria contar uma vida, seria preciso empregar, por oposição à psicologia plana que se usa de ordinário, uma espécie de psicologia no espaço, acrescentavam uma nova beleza a essas ressurreições que minha memória operava enquanto eu me entregava ao devaneio, a sós, na biblioteca, visto que a memória, introduzindo o passado no presente sem modificá-lo, tal qual fora quando presente, suprime exatamente essa enorme dimensão do Tempo conforme a qual a vida se realiza.

Vi Gilberte aproximar-se. Eu, para quem o casamento de Saint-Loup - com as idéias que me assoberbavam então e que eram as mesmas dessa manhã - era de ontem, fiquei surpreso ao ver a seu lado uma jovem de cerca de dezesseis anos, cuja estatura elevada media essa distância que eu não quisera ver. O tempo incolor e inatingível se havia, para que eu pudesse, por assim dizer, vê-lo e tocá-lo, materializado nela, moldara-a como a uma obra-prima, ao passo que, paralelamente, em mim, infelizmente se limitara a cumprir a sua obra. Todavia a Srta. de Saint-Loup estava à minha frente. Seus olhos eram profundos, penetrantes, o nariz encantador se curvava ligeiramente em forma de bico de pássaro, não como o de Swann e sim como o de Robert. Esvaecera-se a alma daquele Guermantes, mas a atraente cabeça de olhos agudos de pássaro a alçar vôo fora se colocar sobre os ombros da Srta. de Saint-Loup, fazendo longamente devanear os que lhe haviam conhecido o pai. Fiquei assombrado que seu nariz, como que feito pelo padrão do de sua mãe e sua avó, terminasse, embaixo, com a mesma pura linha horizontal, sublime conquanto bem curta. Sinal tão característico bastaria para reconhecer uma estátua entre milhares, e admirei-me ao ver que a natureza dera, como um grande e original escultor, no momento adequado, na neta como na mãe e na avó, esse poderoso e decisivo golpe de cinzel. Achei-a muito bonita: ainda cheia de esperanças, risonha, formada pelos próprios anos que eu havia perdido, ela se assemelhava à minha juventude. Afinal, a noção do Tempo adquiria um último valor para mim: a de um aguilhão, ela me dizia que era tempo de começar, caso quisesse atingir o que por vezes sentira durante a vida, em breves intuições, no caminho de Guermantes, em meus passeios de carro com a Sra. de Villeparisis, e que me haviam feito considerar a vida como digna de ser vivida. Quanto mais digna a considerava agora, visto que me parecia poder iluminá-la, ela que juntos passamos nas trevas, trazê-la de volta à verdade original, ela que falsificamos sem cessar, em suma, realizá-la num livro!

Como seria feliz quem pudesse escrever tal livro, pensava eu; e quanto trabalho teria à frente! Para dar dele uma idéia, seria mister buscar comparações nas artes mais elevadas e mais diversas; pois tal escritor, que aliás de cada personagem deveria apresentar as faces opostas para mostrar a sua solidez, teria de preparar seu livro, minuciosamente, com permanentes reagrupamentos de

forças, como uma ofensiva, suportá-lo como a um cansaço, aceitá-lo como uma regra, construí-lo como uma igreja, segui-lo como a um regime, vencê-lo como um obstáculo, conquistá-lo como a uma amizade, superalimentá-lo como a uma criança, criá-lo como um universo, sem deixar de lado esses mistérios que provavelmente só têm explicação em outros universos, e cujo pressentimento é o que mais nos comove na vida e na arte. E nesses grandes livros existem partes que não tiveram tempo de ser esboçadas, e que, sem dúvida, nunca ficarão prontas devido à própria extensão do plano do arquiteto. Quantas catedrais permanecem inacabadas. Nutrimos, fortificamos partes frágeis de um tal livro, preservamo-las, mas depois ele que nos engrandece, que marca o nosso túmulo, protege-o contra os rumores e, durante algum tempo, o defende do esquecimento. Mas, para voltar a mim mesmo, pensava mais modestamente no meu livro, e seria até inexato dizer que me preocupavam os que o leriam, os meus leitores. Pois eles não seriam, conforme achava, meus leitores, mas os próprios leitores de si mesmos, já que meu livro não passaria de um tipo dessas lentes de aumento, como as que oferecia a um freguês o vendedor de instrumentos ópticos de Combray; meu livro seria um instrumento graças ao qual lhes forneceria meios de lerem a si próprios. De modo que não lhes pediria que me elogiassem ou denegrissem, mas apenas que me dissessem se estava correto, se as palavras lidas em si eram mesmo as que eu havia escrito (não devendo, aliás, as possíveis divergências a tal respeito resultar sempre do meu engano, mas, às vezes, do fato de que os olhos do leitor não seriam adequados para uma boa leitura interior do meu livro). E, mudando a todo instante de comparação, conforme o que se me afigurava representar melhor, e mais concretamente, a tarefa a que me dedicaria, pensava que na minha grande mesa de pinho, observado por Françoise, como todas as criaturas despretensiosas que vivem conosco têm uma certa intuição do nosso labor (e eu já esquecera suficientemente Albertine para perdoar a Françoise o que havia feito contra ela), trabalharia junto dela, e quase à sua maneira (ao menos da forma como ela fazia outrora: tão velha agora, já não via quase nada); pois, pregando aqui uma folha suplementar, eu construiria meu livro, não ouso dizer, ambiciosamente, como uma catedral, mas simplesmente como um vestido. Quando não achasse junto a mim os meus "papeluchos", como dizia Françoise, e me faltasse justo aquele de que necessitasse, Françoise compreenderia bem o meu nervosismo, ela que sempre dizia ser-lhe impossível coser sem o número da linha e os botões apropriados. E depois, porque à força de viver a minha vida ela adquirira do trabalho literário uma espécie de compreensão instintiva, mais nítida que a de muitas pessoas inteligentes, e com maior razão que a dos tolos. Assim, quando outrora eu publicara o meu artigo em *Le Figaro*, enquanto o velho mordomo, com esse tipo de comiseração que as pessoas sempre exageram um pouco pelo o que há de penoso num trabalho que não praticam, nem concebem, ou até num

hábito que não têm, como as pessoas que nos dizem:

"Como deve cansar, espirrar dessa maneira", lamentava sinceramente os escritores, observando:

- Que quebra-cabeças não deve ser isto -, Françoise, pelo contrário, adivinhava a minha ventura e respeitava o meu labor. Zangava-se apenas pelo fato de eu expor previamente a Bloch o meu artigo, temendo que ele se me antecipasse, e comentava:

- Toda essa gente é reles copiadora, o senhor nem desconfia. -

E Bloch, de fato, apresentava um álibi retrospectivo ao me dizer, sempre que eu lhe resumia algo de que ele gostava:

- Olha, é curioso, escrevi uma coisa bastante parecida, preciso ler para ti. - (Não poderia me ler seu artigo então, mas iria escrevê-lo naquela mesma noite.)

De tanto colar uns aos outros os meus papéis, que Françoise chamava de - papeluchos", eles se rasgavam aqui e ali. Se necessário, não poderia Françoise acalmar-me a ajeitá-los, do mesmo modo que punha remendos nas partes gastas de seus vestidos, ou como, na janela da cozinha, à espera do vidraceiro, como eu do impressor, ela colava um pedaço de jornal no lugar de um vidro partido? Françoise indica mostrando-me os cadernos roídos pelo cupim como a madeira:

- Olhe, está tudo bichado, é uma pena, eis aqui um canto de página que é só uma renda - e, examinando-o como um alfaiate: - Acho que não poderei consertar isso, está perdido. É uma desgraça, talvez fossem as suas melhores idéias. Como se diz em Combray, ninguém conhece as peles tão bem como as traças. Elas se metem sempre nos melhores tecidos.

Além disso, como as individualidades (humanas ou não) são feitas num livro de impressões numerosas que, provocadas por muitas moças, muitas igrejas, muitas sonatas, servem para compor uma única sonata, uma só igreja, uma única moça, não faria eu o meu livro da mesma forma como Françoise fazia aquela carne de vaca estufada, que o Sr. de Norpois tanto apreciara, onde tantos pedaços de carne, escolhidos e acrescentados, enriqueciam a geléia? E realizaria enfim o que tanto havia desejado em meus passeios no caminho de Guermantes? Eu julgara impossível, como impossível me parecera, de volta, alguma vez habituar-se a dormir sem beijar mamãe ou, mais tarde, à idéia de que Albertine gostava de mulheres, idéia com a qual terminara convivendo sem sequer perceber a sua presença; pois nossos maiores temores, como as maiores esperanças, não se acham acima de nossas forças, e podemos acabar dominando os primeiros e realizar as segundas.

Sim, a essa obra, a idéia do Tempo que eu acabava de adquirir me dizia ter chegado a hora de me dedicar. Era urgente que o fizesse; mas - e isso justificava

a ansiedade que se apossara de mim desde a minha entrada no salão, quando os rostos maquilados me deram a noção do tempo perdido - haveria tempo ainda, já não seria tarde? O espírito possui paisagens cuja contemplação só é permitida em curto período. Eu vivera como um pintor que sobe uma encosta a cavaleiro de um lado escondido a seus olhos por uma cortina de árvores e rochedos. Por uma brecha, ele o avista, tem-no inteiro à sua frente, pega os pincéis. Mas já cai a noite, quando não se pode mais pintar, e sobre ela o dia não mais se erguerá. Apenas, seria necessária uma condição à minha obra, tal qual a concebera há pouco na biblioteca: o aprofundar as impressões que antes tornava-se imperioso recriar pela memória. Ora, esta já se gastara.

Em primeiro lugar, visto que nada começara ainda, eu poderia mostrar-me inquieto, mesmo se julgasse ainda ter diante de mim, por causa da minha idade, alguns anos para viver, pois a minha hora podia soar em alguns minutos. Com efeito, era preciso partir do fato de que possuía um corpo, ou seja, que estava permanentemente ameaçado por um perigo duplo, interior e exterior. E só falava desse modo para facilidade da linguagem. Pois o perigo interior, como o da hemorragia cerebral, é igualmente externo, por ser do corpo. E possuir um corpo é a grande ameaça para o espírito. A vida humana e pensante, da qual, sem dúvida, importa menos dizer que é um milagroso aperfeiçoamento da vida animal e física, e sim que é uma imperfeição, ainda mais rudimentar que a existência gregária dos protozoários em polipeiros, que o corpo da baleia etc., na organização da vida espiritual.

O corpo fecha o espírito numa fortaleza; em breve a fortaleza é assediada por todos os lados e, por fim, é necessário que o espírito se renda.

Mas, para limitar-me a distinguir as duas espécies de perigo que ameaçavam o espírito, e para começar com o externo, lembrava-me já que me ocorrera, muitas vezes na vida, em momentos de exaltação intelectual onde uma circunstância qualquer havia interrompido em mim toda atividade física, por exemplo, quando deixava de carro, um tanto ébrio, o restaurante de Rivebelle para ir a um cassino próximo-, sentir muito nitidamente dentro de mim o objeto atual de meus pensamentos, e compreender que dependera somente de um acaso, não apenas que tal objeto fosse apreendido, mas também que se destruísse juntamente com meu próprio corpo. Então, pouco me importara isso. Minha exaltação não era prudente, nem inquieta. Que essa alegria terminasse num segundo e voltasse ao nada, não me preocupava. Nem mesmo agora. É que a felicidade que eu sentia não provinha de uma tensão puramente subjetiva dos nervos que nos isola do passado, mas, ao contrário, de uma ampliação do meu espírito no qual se reformava, atualizava-se esse passado, e me conferia infelizmente, porém, de modo efêmero o valor da eternidade. Gostaria de legar esta aos que poderia enriquecer com meu tesouro. Evidentemente, o que havia

sentido na biblioteca e que buscava proteger, era ainda prazeroso, porém não mais egoísta, ou, pelo menos, de um egoísmo (pois todos os altruísmos fecundos da natureza se desenvolvem de acordo com um modo egoísta, visto que o altruísmo humano não egoísta é estéril, é o de um escritor que interrompe seu trabalho para receber um amigo infeliz, para aceitar um cargo público, para escrever artigos de propaganda), um egoísmo que podia ser utilizado por outrem.

Já não era tão indiferente como naqueles regressos de Rivebelle, sentia-me acrescido dessa obra que trazia em mim (como se fosse algo precioso e frágil que me tivessem confiado e que desejaria enviar intacto às mãos a que estava destinado e que não eram as minhas). Agora, sentir-me portador de uma obra tornava mais temível para mim um acidente em que encontrasse a morte, e até absurdo (na medida em que essa obra me parecia necessária e duradoura), em contradição com meu desejo, com o impulso de meu pensamento, mas não menos possível por causa disso, pois (como acontece todos os dias nos mais simples incidentes da vida, onde, enquanto desejamos sinceramente não fazer barulho a um amigo que está dormindo, uma garrafa colocada na beira da mesa cai despertando-o) os acidentes, sendo produzidos por causas materiais, podem perfeitamente ocorrer no momento em que vontades bem diversas, que eles destroem sem conhecê-las, os tornam detestáveis.

Sabia muito bem que meu cérebro era uma rica área de mineração, onde havia diversas extensas jazidas preciosas. Mas teria tempo de explorá-las? Eu era a única pessoa capaz de fazê-lo, por dois motivos: com minha morte desapareceria não só o único minerador capaz de extrair esses minérios, mas a própria jazida; ora, dali a pouco, quando voltasse para casa, bastaria o choque do carro em que eu ia com outro, para que meu corpo fosse destruído e que meu espírito, de onde a vida se retiraria, fosse obrigado a abandonar para sempre as novas idéias que, neste exato momento, sem ter tido tempo de as pôr com mais segurança em um livro, ele guardava ansiosamente em sua polpa trêmula, protetora mas frágil.

Por uma estranha coincidência, esse temor racional do perigo nascia-me num momento em que, fazia pouco, a idéia da morte se me tornara indiferente. O medo de deixar de existir me horrorizara outrora, e a cada novo amor que sentia (por Gilberte, por Albertine), pois eu não podia suportar a idéia de que um dia a criatura que a amava já não viveria, o que seria como que uma espécie de morte. Porém de tanto se renovar, esse medo se transformara naturalmente numa tranqüilidade corajosa.

Nem mesmo era necessário o acidente cerebral. Seus sintomas, que me eram sensíveis por um certo vazio na cabeça e pelo esquecimento de todas as coisas que só casualmente eu recuperava, como quando, arrumando nossas coisas, encontramos uma delas que nem mesmo pensáramos em procurar, faziam de mim uma espécie de entesourador de bens cujo cofre-forte, furado, deixasse aos

poucos escapar a riqueza. Por algum tempo existiu em mim um "eu" que lamentou perder essas riquezas e se opunha a ela, à memória, e em breve sente que a memória, desfazendo-se, levava esse "eu" consigo.

Se a noção da morte, naquele tempo, entristecera-me o amor, como vimos, fazia já tempos que a recordação do amor me auxiliava a não temer a morte. Pois compreendia que morrer não era nenhuma novidade, mas, pelo contrário, desde a infância já estivera morto várias vezes. Para me restringir ao período mais recente, não me prendera mais a Albertine que à minha própria vida? Poderia então conceber a minha pessoa caso meu amor por ela acabasse? Ora, eu não mais a amava, deixara de ser a criatura que a amava, era um ente diverso que já não a amava, deixara de amar Albertine quando me tornara outro. Assim, não sofria por me haver tornado esse outro, por não amar Albertine; evidentemente, deixar um dia de ter o meu corpo não podia de modo algum me parecer algo tão triste quanto me parecera outrora deixar de amar um dia a Albertine. E, todavia, como me era indiferente agora não mais amá-la!

Essas mortes sucessivas, tão temidas pelo "eu" que deveriam aniquilar, tão indiferentes, tão suaves uma vez cumpridas, e quando aquele que as temia já não estava ali para senti-las, tinham-me feito desde algum tempo compreender quão pouco sensato seria aterrorizar-me com a morte. Ora, há pouco é que ela se me tornara indiferente, mas agora recomeçava a temê-la, é verdade que sob outra forma, não por mim, mas pelo meu livro, para cuja eclosão era, pelo menos durante algum tempo, indispensável essa vida que tantos perigos ameaçavam. Diz Victor Hugo: - *Faut que Pherbe pousse et que les enfants meurent*{165}.

Digo que a lei cruel da arte é que os seres morram e que nós próprios morramos ao esgotar todos os sofrimentos, para que viceje a relva, não do esquecimento, mas da vida eterna, a relva espessa das obras fecundas sobre a qual as gerações virão alegremente, sem se preocupar com os que dormem sob a terra, compor o seu "*almoço sobre a relva*{166}".

Falei dos perigos externos; perigos internos também. Se estava preservado de um acidente vindo de fora, quem sabe se não seria impedido de desfrutar semelhante graça por causa de um acidente que sobreviesse dentro de mim, por alguma catástrofe interna, antes que se escoassem os meses necessários para escrever esse livro?

Quando há pouco regressava à casa pelos Champs-Élysées quem me garantia que eu não haveria de ser atingido pelo mesmo mal da minha avó, numa tarde em que ela acabava de realizar comigo um passeio que deveria ser o seu último sem que disso desconfiasse, nessa nossa ignorância de haver o ponteiro atingido a posição, dela ignorada, em que, soltando a mola, faz o relógio soar a hora? Talvez o medo de já ter-se escoado quase inteiramente o minuto que precede o primeiro

toque da hora, quando este já se prepara, talvez esse medo do golpe que se preparava para abalar o meu cérebro, esse medo talvez fosse uma espécie de conhecimento obscuro do que iria acontecer, um reflexo na consciência do estado precário do cérebro cujas artérias não vão resistir, o que não é mais impossível do que esta súbita aceitação da morte que têm os feridos que, embora conservem sua lucidez e a quem o médico e o desejo de viver procuram enganar, dizem vendo o que deve ocorrer:

- Vou morrer, estou pronto - e escrevem suas despedidas à esposa.

E de fato, ocorreu, antes que tivesse começado o meu livro, um estranho episódio, sob forma insólita, e de que eu jamais desconfiaria. Certa noite em que saí, os amigos me acharam mais bem disposto que antes, espantaram-se de que ainda conservasse o cabelo totalmente preto. Porém quase caí três vezes ao descer a escada. Saíra somente por duas horas; mas quando voltei para casa, senti que já não possuía nem memória, nem idéias, nem forças, nem qualquer existência. Se viessem me procurar a fim de me fazerem rei, para me segurar, prender-me, deixaria que o fizessem sem pronunciar palavra, sem abrir os olhos, como as pessoas que enjoam demais a bordo e que, atravessando de barco o mar Cáspio, não esboçam sequer a mínima resistência quando lhes dizem que vão jogá-las ao mar. Não sofria propriamente de doença alguma, mas sentia já não ser capaz de fazer nada, como sucede com os velhos, ainda espertos na véspera, e que, tendo fraturado uma coxa ou sofrido de indigestão, podem levar na cama, por algum tempo, uma existência que nada mais é que uma preparação mais ou menos longa para uma morte de ora em diante fatal. Uma parte de mim, a que outrora freqüentava esses festins de bárbaros a que chamamos banquetes, e onde, para homens de gravata branca, para mulheres meio despidas e emplumadas, os valores estão de tal modo invertidos que, se alguém não vem para o jantar depois de haver aceito o convite, ou só chega quando estão servindo o assado, comete um ato mais culposo que as ações imorais que comenta ligeiramente nesse mesmo jantar, de mistura com os falecimentos recentes, e onde a morte ou uma doença grave são as únicas desculpas para não comparecer, desde que mandasse prevenir a tempo que se achava agonizante, a fim de ser possível descobrir outra pessoa para completar os quatorze - essa parte de mim conservara seus escrúpulos e perdera a memória.

Em compensação, outra parte, que já concebera a sua obra, recordava-se. Eu recebera um convite da Sra. Molé e havia sabido que o filho da Sra. Sazerat morrera. Resolvi empregar uma dessas horas, após as quais já não podia pronunciar uma palavra, nem engolir o leite, a língua paralisada como a da minha avó durante a agonia, para enviar escusas à Sra. Molé e condolências à Sra. Sazerat. Mas depois de alguns instantes esquecera que precisava fazê-lo. Feliz esquecimento, pois a memória de minha obra estava vigilante e ia

aproveitar o tempo de que dispunha para colocar os primeiros alicerces. Infelizmente, ao pegar um caderno para escrever, o convite da Sra. Molé deslizou para junto de mim. E logo o "eu" esquecido, mas preponderante sobre o outro, como acontece com todos esses bárbaros escrupulosos que freqüentam banquetes, empurrou o caderno e escreveu à Sra. Molé (a qual, sem dúvida, teria estimado bastante, caso soubesse, que eu tivesse passado a resposta a seu convite à frente de meus trabalhos de arquiteto). Bruscamente, uma palavra da minha resposta me lembrou que a Sra. Sazerat perdera o filho; escrevi-lhe também. Depois, tendo desse modo sacrificado um dever real à obrigação meramente social, a fim de me mostrar polido e sensível, caí sem forças e fechei os olhos, devendo apenas vegetar por oito dias. Entretanto, se todos os meus deveres inúteis, a que estava pronto a sacrificar o verdadeiro, fugiam-me da lembrança ao cabo de poucos minutos, a idéia de minha edificação não me deixava um só instante. Não sabia ainda se seria uma igreja em que os fiéis saberiam aos poucos aprender algumas verdades e descobrir certas harmonias, o grande plano de conjunto, ou se aquilo permaneceria para sempre não freqüentado - como um monumento druídico no cimo de uma ilha. Mas estava decidido a lhe consagrar todas as minhas forças que se acabavam com relutância e como que para me dar tempo de, findos os contornos, fechar "a porta funerária{167}".

Em breve pude mostrar alguns esboços. Ninguém os compreendeu. Mesmo os que se mostraram favoráveis à minha percepção das verdades que desejava a seguir gravar no templo, felicitaram-me por tê-las descoberto ao "microscópio", quando, pelo contrário, eu me servira de um telescópio para distinguir as coisas, de fato minúsculas, mas porque estavam situadas a grandes distâncias, formando um universo cada uma. Onde procurava as grandes leis, tachavam-me de rebuscador de detalhes. Além do mais, para que fazia? Jovem, denotara algumas qualidades, e minhas páginas de ginasiano Bergotte as considerara "perfeitas{168}".

Mas, ao invés de trabalhar, eu vivera na preguiça, na dissolução causada pelos prazeres, na enfermidade, cheio de cuidados, manias, e começava a empreender a minha obra às vésperas de morrer, sem saber coisa alguma do ofício. Já não me sentia com forças para cumprir com minhas obrigações relativamente aos outros, nem meus deveres para com os pensamentos e minha obra, e ainda menos para satisfazer a ambos. Quanto às primeiras, facilitava-me a tarefa o esquecimento de escrever cartas etc. Mas, de súbito, a associação de idéias me devolvia, passado um mês, a lembrança de meus remorsos, e eu ficava acabrunhado com a sensação da minha impotência. Assombrou-me constatar que lhe era indiferente, mas é que, desde o dia em que minhas pernas haviam tremido daquele modo ao descer a escada, eu me tornara indiferente a tudo, só aspirava ao repouso, à espera do grande Repouso que acabaria por chegar. Não é

porque transferisse para após a morte a admiração que me parecia dever em sentir pela minha obra, que me mantinha indiferente à aprovação da elite atual. A que viesse após a minha morte poderia pensar o que quisesse, pouco me importava. Na realidade, se pensava em minha obra e não nas cartas a que devia responder, nem mesmo o fazia por atribuir, como no tempo de minha preguiça e, depois, de meu trabalho, até o dia em que precisara apoiar-me no corrimão da escada, maior diferença de importância entre as duas tarefas. A organização de minha memória e de minhas preocupações estava ligada à minha obra, talvez porque, ao passo que as cartas recebidas eram logo olvidadas, a idéia da obra estava em minha cabeça, sempre a mesma, em perpétuo devir. Mas ela também se tornara importuna. Para mim, era como um filho, com quem a mãe agonizante deve ainda impor a si mesma o cansaço de estar ocupada sem cessar, entre as injeções e as ventosas. Talvez ainda o ame, mas só sente o amor pelo dever fatigante de se ocupar dele. Em mim, as forças do escritor já não estavam à altura das exigências egoístas da obra. Desde o episódio da escada, coisa alguma da sociedade, nenhuma ventura, ainda que viesse da amizade das pessoas, dos progressos de minha obra, da esperança da glória, chegava-me senão como um grande sol, tão pálido que já não conseguia reaquecer-me, fazer-me viver, excitar em mim um desejo qualquer e, por mais lívido que fosse, ainda era brilhante demais para meus olhos que preferiam fechar-se, e eu me desviava para o lado da parede. Creio, pois sentia o movimento dos lábios, que devia ter um sorrisinho no canto mínimo da boca, quando uma senhora me escrevia: "Fiquei muito surpreendida por não receber resposta à minha carta." Não obstante, isto me lembrava a carta que me escrevera, e lhe respondia. Desejava pôr a minha atual gentileza, para que não pudessem me tachar de ingrato, no mesmo nível daquela que as pessoas tinham tido para comigo. E me humilhava, impondo à minha existência agonizante as fadigas sobre-humanas da vida. A perda da memória me ajudava um pouco, abrindo lacunas nas minhas obrigações; minha obra as substituía.

Essa idéia da morte se instalou definitivamente em mim, como um amor. Não que amasse a morte, detestava-a. Mas, sem dúvida, depois de ter pensado nela de vez em quando, como a uma mulher a quem ainda não se ama, agora a sua noção aderia à mais profunda camada do meu cérebro, de forma tão completa que não podia me ocupar de uma coisa sem que esta atravessasse primeiro a idéia da morte, e até, se não me ocupava de coisa alguma, permanecendo em total repouso, a idéia da morte me acompanhava, tão incessante quanto a idéia do meu próprio eu. Não acho que, no dia em que me senti semi morto, tivessem sido os acidentes que caracterizassem a impossibilidade de descer uma escada, ou recordar um nome, de me levantar os causadores, por um raciocínio até inconsciente, da idéia da morte, de que eu estava um tanto morto, mas sim que tudo viera em conjunto, que, inevitavelmente, esse grande espelho do espírito

refletia uma nova realidade. Entretanto, não via como pudesse passar, sem aviso, dos males que sentia à morte completa. E então pensava nos outros, em todos os que morrem diariamente sem que o hiato entre a doença e a morte nos pareça extraordinário. Pensava até que era apenas porque os via do interior (mais ainda que pelas falsidades da esperança) que certos incômodos não me pareciam mortais tomados isoladamente, embora julgasse infalível a minha morte, assim como os que sabem estar desenganados facilmente se deixam convencer que, se não conseguem pronunciar certas palavras, isto nada tem a ver com um acesso, a afasia etc., mas provém de uma fadiga da língua, de um estado nervoso análogo à gagueira, do esgotamento que se segue a uma indigestão.

Quanto a mim, era outra coisa o que tinha de escrever, muito mais longa, e para mais de uma pessoa. Demorava para escrever. De dia, quando muito poderia tentar dormir. Se trabalhasse, seria de noite apenas. Mas precisaria de muitas noites, talvez cem, talvez mil. E vivia na ansiedade de não saber se o Senhor do meu destino, menos indulgente que o sultão Xariar, quando eu interrompesse a narrativa de manhã, consentiria em protelar a minha condenação à morte permitindo-me retomar a continuação na noite seguinte. Não que pretendesse refazer de algum modo as *Mil e Uma Noites*, e muito menos as *Memórias de Saint-Simon*, ambos igualmente escritos noturnos, nem qualquer dos livros a que amara na minha ingenuidade de criança, supersticiosamente unido a eles como a meus amores, não podendo imaginar sem horror uma obra diferente. Mas, como Elstir, como Chardin, só pela renúncia àquilo que se ama pode-se refazê-lo. Evidentemente, também meus livros, como o meu ser de carne, acabariam por morrer um dia. Mas é preciso resignar-se a morrer. Aceitamos a idéia de que já não existiremos daqui a dez anos, e nossos livros daqui a cem. A duração eterna não é prometida às obras mais do que aos homens.

Seria um livro talvez tão longo quanto as *Mil e Uma Noites*, porém completamente diverso. Sem dúvida, quando estamos apaixonados por uma obra, desejaríamos fazer algo bem parecido, mas é necessário sacrificar o amor da ocasião, não pensar na própria preferência, e sim numa verdade que não indaga de nossas predileções e nos proibe de pensar nelas. E somente se seguimos essa verdade é que nos sucede às vezes encontrar o que havíamos abandonado, e escrever, por tê-los esquecido, os "Contos Árabes" ou as "Memórias de Saint-Simon" de uma outra época.

Mas ainda teria tempo de fazê-lo? Não seria tarde demais?

Dizia-me não apenas: "Ainda é tempo?" mas também "Ainda estou em condições?". A doença que, como um rude diretor de consciência, fazia-me morrer para a sociedade, prestava-me um grande serviço, "pois, se o grão de trigo não morre depois de semeado, ficará sozinho, mas, se morre, dará muitos

frutos{169}" - a doença que, depois que a preguiça me protegera contra a facilidade, ia talvez proteger-me contra a preguiça, a doença usara as minhas forças e, como eu já notara há muito, especialmente - no instante em que deixara de amar Albertine - as forças da memória. Ora, a recriação, pela memória, de impressões que a seguir era necessário aprofundar e esclarecer, transformarem equivalentes da inteligência, não seria esta uma das condições - quase a essência mesma-da obra de arte tal como a concebera há pouco na biblioteca?

Ah, se ainda dispusesse das forças, intactas na noite que então evocara ao avistar François le Champi! Dessa noite, em que minha mãe havia abdicado, é que datava, com a morte lenta de minha avó, o declínio de minha vontade e da minha saúde. Tudo se decidira no momento em que, não mais podendo suportar a espera até o dia seguinte para depor meus lábios no rosto de mamãe, tomara uma resolução, saltara da cama e fora, de camisola, instalar-me à janela por onde entrava o luar, até ouvir o rumor da saída do Sr. Swann. Meus pais o tinham acompanhado, eu ouvira a porta do jardim se abrir, fazer soar sineta, fechar-se de novo...

Então, pensei de repente que, se ainda tivesse forças para realizar minha obra, essa vesperal como outrora, em Combray, certos dias que me haviam influenciado que hoje mesmo me marcaria nela antes de mais nada, o temor de não poder realizá-la, com certeza

fia, a um tempo, a noção de minha obra e o de sentido na igreja de Combray, e que em geral nos é invisível: a forma do Tempo. Certo, muitos outros erros nos falseiam o aspecto real deste mundo. Mas, enfim, eu poderia a rigor, desta narrativa, vimos que diversos episódios que me haviam provado a inscrição que antigamente eu havia sentido, a forma exata que me esforçaria por obter, não mudar o lugar dos sons, que o raciocínio a seguir a inteligência os colocam retrospectivamente, conquanto recordar docemente ter-me de destacá-los de sua causa, a cuja chuva em ebulição caindo como um dilúvio no pátio, não deva ser, afinal, mais desconhecido de nós, segundo no-los mostram as leis da natureza; certamente aquilo que tantas vezes fazem os pintores ao situar, perto ou longe e a primeira ilusão do olhar, uma vela meio do quarto e nossa perspectiva, a intensidade das cores a transportar a distâncias por vezes enormes.

Como em geral se faz, a desenhar as feições de uma transeunte um mesmo rosto - segundo descreve o homem como se tivesse o erro fosse mais primário, e continuar, quando em lugar do nariz, apenas um espaço vazio, onde no máximo se faz um queixo, deveria existir a não ser que tivesse tempo de preparar na coisa já bem refletiriam nossos desejos. E até sem empregar a importante, as cem máscaras vêem e lêem as feições, ou, para o sentido dado aos olhos que por

medo, ou, pelo contrário, o amor e o mesmos olhos, conforme espera as mudanças operadas por hábito, graças aos quais se escondem aquilo cuja falta (como todavia a idade e anos, mesmo se, por fim, não empreende me demonstrar) torna tudo artificial: minha ligação com Albertine que à certas pessoas fora, mas dentro de nós, onde fora bastante para ser enganador, ou seja, não representado de acordo com as diferenças, ou as cerceia, que nos faz achar tão pequenino quando, ao turvar a serenidade de agora um objeto do qual a mais leve mudança ameaça várias outras (cuja necessidade, se multiplica num instante o volume, se não pudesse introduzir tais perturbações mortais, e fazer variar assim a luz seus menores atos podem acarretar depressão da nossa sensibilidade desejamos pintar o real, pôde aparecer ao longo desta narrativa) na transcrição de tudo, pelo menos não deixaria de descrever o universo que estava exigindo desenvolvimento. Comprimento que se mediriam, não de seu corpo, mas dos anos, tarefa cada vez mais pesada e à qual acaba por serem vividos, como se a estes devesse sucumbir, arrastá-los logo após. Não apenas todos tarefa de elucidar a verdade. Além disso, todos percebem que ocupamos um lugar sempre acrescido; só podia alegrar-me, já que me cabia a no Tempo, e semelhante universalidade entrevista por todos; que percebem que ocupamos um lugar; que ocupamos no espaço, já que o medem aproximadamente, como este lugar até os mais simples, pessoas sem nenhuma perspicácia particular, vendo dois homens desconhecidos, ambos de bigodes pretos ou inteiramente barbeados, afirmam que se trata de dois homens, um de vinte anos e o outro de quarenta. É claro que muitas vezes nos enganamos nessa avaliação, mas o fato de termos acreditado poder fazê-la significa que concebíamos a idade como algo de mensurável. Ao segundo homem de bigodes pretos, vinte anos a mais são efetivamente acrescentados.

Se era essa noção do tempo incorporado, dos anos transcorridos porém de nós inseparáveis, que agora tencionava pôr em meu livro com tamanho relevo, é que, naquele momento mesmo, no palacete do príncipe de Guermantes, o ruído dos passos de meus pais reconduzindo o Sr. Swann, e o tilintar saltitante, ferruginoso, inesgotável, agudo e claro da sineta, a me anunciar que o Sr. Swann afinal partira e que mamãe ia subir, eu os ouvia ainda, apesar de pertencerem a um passado tão remoto. Então, pensando em todos os acontecimentos que obrigatoriamente se colocavam entre o instante em que os ouvira e a vesperal Guermantes, fiquei assombrado ao verificar que era mesmo aquela sineta que ainda tilintava dentro de mim, sem que lhe pudesse mudar em nada o som ruidoso do badalo, pois, não me lembrando bem como se extinguia, para o recuperar, para escutá-la melhor, era forçado a não mais ouvir o rumor das conversas dos mascarados à minha volta. Para tratar de ouvi-la mais de perto, era para dentro de mim que me obrigava a descer de novo. Portanto, era ali que esse tilintar permanecia sempre também, entre ele e o momento presente, todo

esse passado a desenrolar-se indefinidamente, e que eu não sabia que carregava. Eu já existia quando soara, e desde então, para que ouvisse ainda esse tilintar, fora preciso que não houvesse descontinuidade, que nem por um instante eu tivesse um momento de sossego, nunca deixasse de existir, de pensar, de ter consciência de mim, pois

esse minuto antigo ainda me agarrava, eu podia ainda recuperá-lo, voltar a ele, para isso bastando apenas penetrar mais profundamente no meu íntimo. E é por assim conterem as horas do passado que os corpos humanos podem causar tanto mal a quem os ama, pois abarcam muitas lembranças de alegrias e de desejos para eles já extintos, mas cruéis para quem contempla e prolonga na ordem do tempo o corpo amado, do qual, no auge do ciúme, chega a desejar a destruição. Pois após a morte o Tempo se retira do corpo, e as lembranças - tão pálidas indiferentes - apagam-se daquela que já não existe e em breve igualmente se apagarão daquele a quem torturam ainda, mas no qual acabarão por findar quando o desejo de um corpo vivo não mais as mantiver. Profunda Albertine que eu via dormindo e que estava morta.

Experimentava uma sensação de cansaço e de terror ao sentir que todo esse tempo tão prolongado não somente fora, sem interrupção, vivido, pensado, segregado por mim, que era a minha vida, que era eu mesmo, mas também que precisava a todo instante mantê-lo aderido a mim, que ele me suportava, e eu me via empoleirado no seu cimo vertiginoso e não podia mover-me sem deslocá-lo comigo. A data em que ouvira o ruído da sineta do jardim de Combray, tão distante e contudo interior, era um ponto de referência naquela dimensão enorme que eu ignorava possuir. Sentia a vertigem de ver, abaixo de mim, em mim todavia, como se tivesse léguas de altura, tantos e tantos anos.

Acabava de compreender por que o duque de Guermantes, a quem admirara ao contemplá-lo sentado numa cadeira, que envelhecera tão pouco embora tivesse tantos anos mais do que eu por baixo dele, desde que se erguera quisera manter-se de pé, tinha vacilado sobre as pernas flageladas como as desses velhos arcebispos, sobre os quais nada existe de sólido a não ser a cruz metálica, e em cuja direção se apressam jovens e galhardos seminaristas, e só avançara trêmulo como uma folha, do alto pouco praticável de oitenta e três anos, como se os homens estivessem se equilibrando em pernas de pau vivas, que crescessem incessantemente, às vezes mais altas que campanários, acabando por lhes tornar difícil e perigoso o andar, e de onde subitamente caíssem. (Seria por isso que a fisionomia dos homens de certa idade se tornava, aos olhos do mais ignorante, tão impossível de confundir com a de um rapaz e só transparecia através da gravidade de uma espécie de tristeza?) Assombrava-me que as minhas já fossem tão elevadas sob os meus passos, e julgava não ter ainda forças para sustentar por muito tempo ligado a mim esse passado que já se prolongava tanto para baixo.

Pelo menos, se me fosse concedido tempo suficiente para terminar a minha obra, não deixaria eu, primeiro, de nela descrever os homens, o que os faria se assemelharem a criaturas monstruosas, como se ocupassem um lugar tão considerável, ao lado daquele tão restrito que lhes é reservado no espaço, um lugar, ao contrário, prolongado sem medida visto que atingem simultaneamente, como gigantes mergulhados nos anos, épocas tão distantes vividas por eles, entre as quais tantos dias vieram se colocar no Tempo.

FIM

Proust e Em Busca do Tempo Perdido

Composta de sete livros, obra-prima do escritor francês recria a relação do homem com o tempo e a memória

- Agência Estado

Na foto, o autor Marcel Proust. Suas obras devem ser lidas com o mesmo cuidado com que se lê um romance policial, já que cada detalhe pode se tornar uma pista para todo o resto

Monumental é um termo corriqueiro e rasteiro para descrever os sete volumes de Em Busca do Tempo Perdido, do escritor francês Marcel Proust. Não apenas pelas mais de 3 mil páginas que acompanham as dezenas de edições já publicadas em qualquer língua - ou pelo número de personagens (25 principais e uma miríade de secundários) e cenários (cinco, cada qual com seu papel na narrativa) -, mas pelo gigantismo da proposta literária de Proust: dissecar a relação do homem com o tempo e com a memória.

Em As Ideias de Proust, o crítico Roger Shattuck discute qual a melhor maneira de ler um dos livros mais complexos e densos da história. Sugere a criação de métodos com anotações, a leitura concomitante do original em francês e de uma tradução e até a leitura em voz alta - cada personagem de Proust tem uma sonoridade distinta, que pode ser oprimida pelo peso das páginas.

Ler Proust é mesmo um exercício existencial - para o dramaturgo irlandês

Samuel Beckett, devido ao "estilo cansativo, mas que não cansa a mente", pois a "fadiga que se sente é uma fadiga do coração, uma fadiga do sangue". E o autor dá pistas a serem seguidas, como refrões, leitmotiven que orientam o ritmo da narrativa. No primeiro volume, No Caminho de Swann, por exemplo, a questão sobre quem estava com Odette na tarde em que ela não atendeu à porta vira o eixo da vida de Swann.

Proust cria familiaridades para depois, com um só dado novo, embaralhar a narrativa e formular novas perspectivas. Por isso, deve-se ler Proust com o mesmo cuidado com que se lê um romance policial, já que cada detalhe pode se tornar uma pista para todo o resto.

Em Busca do Tempo Perdido tem cinco cenários principais: a aldeia de Combray, Paris, Balbec, Doncières e Veneza. Combray colore as primeiras 200 páginas do romance. É onde estão as raízes da família - e da civilização francesa -, é o campo em oposição a dois caminhos tomados na narrativa: o caminho de Guermantes, ou da aristocracia, e o caminho de Swann, ouda arte e da depravação.

Paris é onde quase todo o romance se desenvolve. Primeiro nos jardins dos Champs-Élysées, onde ele conhece Gilberte Swann. Depois no apartamentoda família junto ao duque e à duquesa de Guermantes - é no emaranhado de salões, pátios e ruas dessa parte da cidade que Marcel conhecerá tanto a aristocracia quanto a depravação. Já Balbec é uma cidade de veraneio imaginária no litoral normando. É onde fica o estúdio de Elstir e onde se materializam as "moças em flor". Doncières é uma cidade militar onde Marcel vive sua primeira experiência longe da família. E Veneza, que fica na memória de Marcel pela viagem planejada, desejada e cancelada pelo pai, emerge anos depois com a visita que faz com a mãe.

O eu em marcel Proust é também múltiplo. A tendência é crer sempre que o narrador é Marcel, o protagonista que cresce junto ao romance e tem o nome mencionado apenas duas vezes ao longo da história. Mas pode ser também a persona literária do próprio Proust, que adentra o romance para comentar sua relação com a realidade. Alguns estudiosos veem até setes eus diversos - todos enlaçados na produção de um só eu que é o próprio livro.

Sua narrativa tende sempre à plenitude da existência. Não porque tenha todos os significados, mas porque oferece todas as perspectivas possíveis. O autor consegue em um período com 13 orações, 12 delas subordinadas à primeira, exibir todas as nuanças de dois personagens (Swann e Odette) que se encontram, se conhecem e terão juntos um futuro capturado já nessa primeira leitura. Cada frase cria a noção de um tempo contínuo, dilatado, um tempo vivido a cada momento.

Se o livro é sobre o Tempo, é também sobre a Memória. Quando a avó do narrador morre, sua agonia é retratada como um lento desfazer, que se evapora até o vácuo. Em O Tempo Recuperado, Marcel recua ao passado das lembranças, navegando nas recordações de cheiros, sons, paisagens e toques. E é esta uma das mais celebradas invenções proustianas, a "memória involuntária", que permeia os sete volumes e brinca com os sentidos do leitor.

Proust deixa de lado a memória voluntária, feita de lembranças cotidianas que, depuradas, caem no esquecimento, para retomá-las como involuntárias - nacos do tempo que, captados pelos cinco sentidos e não organizados pela razão ou lembrados à força, podem esperar para sempre, até que apareçam como poesia.

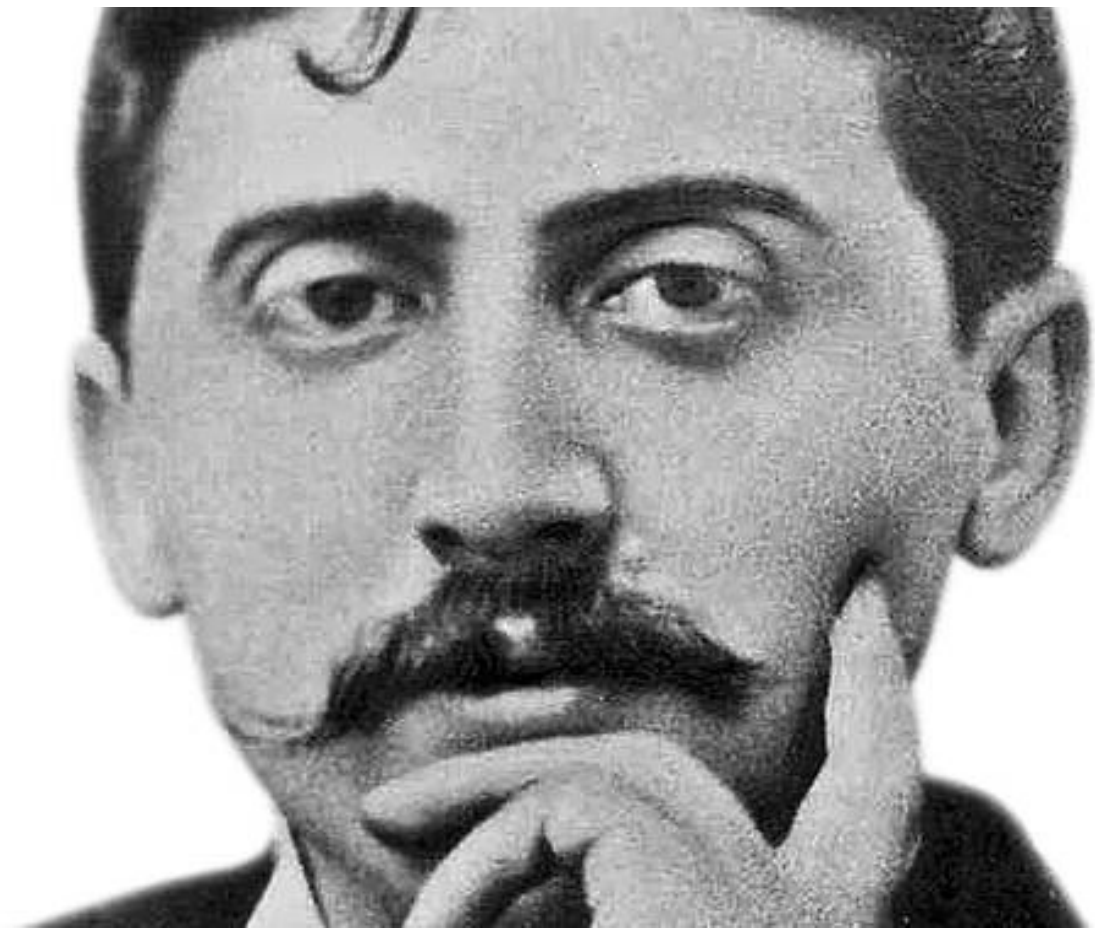
Para Proust, todo ser é um artista em potencial. Não à toa, grande parte do romance dedica-se à teoria da arte, enfocando personagens como o pintor Elstir e o músico Morel.

Shattuck se pergunta: "Quando terminarem os direitos autorais, será que nos oferecerão um Proust em edição de bolso, com 300 páginas?". A pergunta tem resposta: já há até uma edição em quadrinhos, disponível nas livrarias. E nisto os estudiosos concordam: faltam séculos de exegese para que se compreenda o significado maior da obra proustiana - para que se vá além do "tempo perdido" na leitura de tantas páginas. Como crê o especialista Alcântara Silveira, ao dizer que Em Busca... é "como esses quadros antigos que se tornam mais admiráveis quanto mais sobre eles corre o tempo, descobrindo-se neles belezas que os homens de outrora não descobriram".

Os cem anos de "Em busca do tempo perdido"

Ciclo de sete romances é uma das obras mais importantes da literatura mundial

- Maurício Meireles



Distinção entre memória voluntária e involuntária é uma das marcas da obra de Proust

A data, pelo menos no Brasil, deve passar sem grandes celebrações. A próxima quarta-feira marca os 100 anos do lançamento de "No caminho de Swann", o livro que inaugurou uma das obras mais importantes — e menos lidas — da literatura mundial. Não porque os temas de "Em busca do tempo perdido", de Marcel Proust, tenham envelhecido, mas porque pouca gente se dispõe a atravessar seus sete volumes — quase quatro mil páginas na edição brasileira, da Globo Livros. Mesmo sem festa, o romance de Proust vive um momento importante no país. A Globo Livros terminou, há poucos meses, a reedição da obra, com traduções de Mario Quintana, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. Além das novas edições no mercado, "No caminho de Swann" vai

ganhar mais uma versão brasileira, traduzida pelo jornalista Mario Sergio Conti, colunista do GLOBO. A Companhia das Letras planeja lançá-la no ano que vem. Lá fora, a Sotheby's vai leiloar, dia 26, em Paris, a carta em que André Gide, um dos quatro editores que rejeitaram o manuscrito de Proust na época, se diz arrependido do erro.

Nunca é fácil resumir sobre o que o livro trata. Grosso modo, "Em busca do tempo perdido" narra a vida de Marcel — o protagonista, cujo nome só é citado duas vezes no romance — em seu percurso para se tornar escritor. Ao longo da história, Proust apresenta reflexões sobre o amor, a arte, a passagem do tempo, a homossexualidade. Uma de suas ideias mais originais, porém, é a distinção entre memória voluntária e involuntária. Para Proust, não é possível acessar o próprio passado por meio da inteligência. Só a memória involuntária, disparada por algum elemento, é capaz de recuperá-lo. Daí a cena clássica da madeleine. Ao mergulhar o doce numa xícara de chá e prová-lo, o protagonista relembra toda a sua infância na cidade fictícia de Combray.

— O romance tem uma energia rejuvenescedora. Proust nos revela muito sobre a experiência humana. Apesar de ter 100 anos, é uma obra muito moderna. Quem lê sempre reconhece, nos personagens, pessoas do seu convívio ou a si mesmo — diz William C. Carter, autor de "Marcel Proust — A life", definido pelo crítico literário Harold Bloom como o "biógrafo definitivo" do escritor francês.

O biógrafo lembra que Proust nunca precisou trabalhar, porque vinha de família rica: seu pai era professor universitário, e a família de sua mãe era de banqueiros. Depois da morte dos pais, acometido pela asma, Proust se trancou no apartamento da família, onde escreveu o grande clássico. As paredes eram cobertas de cortiça, para evitar a propagação de ruídos.

A fama de "obra difícil", como lembra a escritora Lydia Davis, vencedora do Man Booker International deste ano e tradutora de "No caminho de Swann" (leia entrevista ao lado), explica a relutância de alguns leitores em embarcar em Proust. Um dos motivos vem do fato de ele ter escrito períodos longos, embora a fama nem sempre seja justificada. Em 1975, no livro "La phrase de Proust", o crítico Jean Milly investigou a musicalidade da frase proustiana, apontando ritmos, aliterações, número de sílabas métricas etc. E também contou as frases de "No caminho de Swann", descobrindo que quase 40% delas são curtas, ocupando de uma a cinco linhas. Menos de um quarto têm dez linhas ou mais. Em "A prisioneira", porém, como diz Étienne Brunet em "Le vocabulaire de Proust" (1983), há um período com 400 palavras — o equivalente a quatro metros de comprimento, se alinhadas.

— O problema de Proust, para muitas outras pessoas, não é o tamanho dos

períodos, mas a sintaxe, a mudança constante de direção da frase. Cada vez que ela muda, você deixa um pensamento em suspenso, o que exige concentração. Esse exercício de pensamento se tornou incompatível com a fragmentação do século XXI — diz o filósofo e ensaísta Francisco Bosco, também colunista do GLOBO, que tentou ler os livros três vezes antes de engatar na leitura.

As editoras que Proust procurou em 1913 também acharam difícil. Quatro recusaram o original e entraram para a lista folclórica dos editores que não perceberam o valor de um clássico. Ao primeiro deles, Proust propôs um livro em dois volumes: "O tempo perdido" (depois rebatizado de "No caminho de Swann") e "O tempo reencontrado". Ambos receberiam o título de "As intermitências do coração". Depois, o escritor procurou a Nouvelle Revue Française (NRF) — hoje Gallimard. Deu na mesma. André Gide, um dos editores, diz na carta que vai a leilão que a rejeição seria um dos seus "mais amargos arrependimentos". Proust só conseguiu publicar na quinta editora (Grasset) — e, mesmo assim, só depois de bancar a impressão e prometer dividir o lucro das vendas.

Revisão obsessiva

Para além da curiosidade, o episódio ajuda a lembrar que Proust escreveu o primeiro e o último volumes antes. Só depois foi incluindo os demais. Ele reescrevia e anotava sobre seus originais obsessivamente. Deixou 75 cadernos, que um grupo de pesquisadores franceses, japoneses e brasileiros se esforça, há dez anos, para transcrever e publicar. Prova de que "Em busca do tempo perdido" é uma obra inacabada. Ninguém sabe o que Proust teria mudado se estivesse vivo quando os três últimos volumes ("A prisioneira", "A fugitiva" e "O tempo redescoberto") foram publicados, respectivamente em 1923, 1925 e 1927.

Não à toa, na década de 1970 os sete romances foram revistos, a partir de manuscritos do escritor, que comparava seu ciclo de romances a uma catedral gótica, erguida até os céus. Diante dessas mudanças, a Globo Livros precisou reeditar a obra — com base na edição de 1970. A tradução de "No caminho de Swann", por exemplo, era de 1948, antes de a edição definitiva ser estabelecida na França. Para realizar o trabalho, foi chamado Guilherme Ignácio da Silva, o primeiro brasileiro a transcrever um dos cadernos de Proust, em 1998.

— Uma das melhores dicas para quem quer ler o livro vem de André Gide, que aconselha a leitura em voz alta. Na faculdade, fazemos exercícios de leitura em voz alta do original e na tradução brasileira — diz Da Silva, que também é professor de língua e literatura francesas na Unifesp.

Que a "Recherche", como dizem os franceses, ainda seja discutida, é prova de um dos pensamentos de Proust. Só pela imaginação e pela lembrança o passado ganha significado. Para ele, que morreu em 1922, aos 51 anos, ao recriar a

realidade por meio de sua visão particular, o artista consegue vencer o tempo. Edições no mercado brasileiro foram traduzidas por nomes como Mario Quintana, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade

{1} A fortuna dos maus se escoa como uma torrente. (N. do T)

{2} aqui um jogo de palavras, no francês, entre a flor viburno (*bou/e-de-neige*) e as bolas de neve das chuvas. Idades da Páscoa. (N. do T.)

{3} Trocadilho intraduzível em português. "*Serpent à sonnettes*" é cascavel. (N. do T)

{4} *Septenato*: na França republicana, período de sete anos do governo de um presidente. No caso, pode aludir ao governo de Mac-Mahon (1873-1879). (N. do T)

{5} *Septenato*: na França republicana, período de sete anos do governo de um presidente. No caso, pode aludir ao governo de Mac-Mahon (1873-1879). (N. do T)

{6} Relativo a Dodone, antiga cidade, onde os sacerdotes do santuário faziam oráculos, interpretação do vento nos carvalhos sagrados como sendo a voz de Zeus. (N. do T)

{7} Carneiro de Panúrgio. Alusão ao personagem Panúrgio, do romance Pantagruel, de Rabelais com Pantagruel e amigos de navio, Panúrgio lança ao mar um carneiro para provar a estupidez, em ato contínuo, o rebanho se atira ao mar atrás do primeiro. (N. do T)

{8} Trocadilho de Proust, utilizando o título do romance de Balzac em francês, La Cousine bette aproveitando a semelhança fônica com a palavra bête (animal, ou imbecil). (N. do T)

{9} Matador do dragão, ladrador Anúbis (N. do T.)

{10} Do latim:. "Por um só julga a todos." Palavras da Eneida, de Virgílio. (N. do T)

{11} Trocadilho muito conhecido, seriam as pretensas palavras que teria pronunciado o rei Luís XVIII, agonizante, a seus médicos: - *Allons, linissons-en, Charles attend* ("Vamos, acabemos com isso, Carlos espera"), aludindo à inépcia dos médicos (*charlatans*) e à pressa de Carlos X em subir ao trono (*Charles attend*). (N. do T)

{12} "Comamos o meu pão, / Com todo o prazer. /Comamos o teu. /- Já não tenho fome." (N. do T)

{13} "Meu Deus, como uma virtude nascente, entre tantos perigos, anda a passo inseguro! Uma alma que te procura e quer ser inocente, quantos obstáculos encontra para os seus desígnios!" (Athalie, ato II, cena IX). (N, do T)

{14} "Não busques apoio no ouro ou nas riquezas." (Cit. modif. de Athalie, ato IV, cena II) (N. do T) " Athalie, ato II, cena IX. (N. do T)

{15} "E fosse ainda por terror ou para acariciá-lo, sentiu-se apertado por seus

braços inocentes." (Cit. modif. de Athalie, ato I, cena II). (N. do T)

{16} *"De flores em flores, de prazeres em prazeres, passeemos nossos desejos. Incerto é o número de nossos anos passageiros. Apressemo-nos a gozar a vida hoje! A honra* e os empregos são o preço de uma e doce obediência. Pela triste inocência quem viria erguer a voz?" (Citações modif. de Athalie, ato li, ce IX e ato III, cena VIII). (N. do T)

{17} "ó Deus. dos nossos, pais, desce entre. nós; oculta, nossos mistérios aos olhos, dos malvados!" Juive 1, *A Judia*, ópera de Halévy. (N. do T)

{18} Senão queres, viajante indolente, sonhar no meu ombro, nele pousando a tua fronte?" (Poema "*La maison du berger*" [A casa do pastor] de Alfred de Vigny). (N. do T)

{19} "Só tu me apareceste o que se busca sempre." (N. do T)

{20} Alusão ao médico de Argan, em *O Doente Imaginário*, de Moliere. (N. do T)

{21} Alusão a duas peças de Moliere: *O Doente Imaginário* ("*Le Malade lmaginaire*"), e *O Burguês Fidalgo*.("*Le Bourgeois Gentilhomme*"). (N. do L)

{22} Citação de Horácio (Odes, livro I, 1, primeiro verso): "Mecenas, descendente de régios ancestrais." Mecenas era o protetor de Virgílio e Horácio, e seu nome se tornou sinônimo de protetor das artes. (N. do T)

{23} "Rosa-cruz" aqui, trata-se não do grupo de iluminados alemães do século XVII, mas de um movimento estético e intelectual de escritores e artistas do final do século XIX. (N. do T)

{24} trocadilho com o nome de duas cantoras: Marie Célestino Laurence Galli-Marié (1840-1905), famosa criadora da *Cármen* na ópera de Bizet, e Speranza Engally a partir da palavra *égal*, igual. (N. do T)

{25} Alusão à fábula "*Os camelos e os bastões flutuantes"* (N.doT).

{26} A Palavra de Moliére é cocu ("cornudo"). Turtututu, como interjeição, significa "caluda!", indicando suspensão do que se diria. (N. do T)

{27} Contrexéville é uma estância hidromineral francesa, indicada para o tratamento de doenças urinárias e biliares, gota e obesidade. (N. do T)

{28} A sra. de Escarbagnas é personagem da comédia de Moliere, *A Condessa de Escarbagnas*. "*Bom cristão*" é nome dado a uma pêra flamenga. (N. do T)

{29} Expressões latinas, respectivamente: "Nem sempre nos combates" e "Não foi adquirido sem trabalho (N. do T)

{30} "Tristeza de Olímpio" é um célebre poema de Victor Hugo, em que o poeta revê com melancolia os locais onde principiou seu amor por Juliette Drouet. (N. do T)

{31} Brichot sem ligar para adjetivos usados por Rabelais para debicar dos universitários da Sorbonne. (N. do T)

{32} Tradução respectiva das expressões em latim: *Spes mea*, "minha esperança"; *Exspectata non eludet*, "Não decepcionará minhas expectativas"; *Sustentant filia turres*, "As torres sustentam os lírios"; *Manet ultima coelo*, "O fim pertence ao céu"; *Non mortale quod opto*, "Tenho a ambição de um imortal". *Atavis et armis*: "Pelos ancestrais e pelas armas." (N. do T)

{33} Do latim: "Tamanho esplendor [vindo] de um só." (N. do T)

{34} De Ovídio: "Ele deu ao homem um rosto voltado para o céu." (N. do T)

{35} Agraço: estado das uvas antes de amadurecerem. (N. do T)

{36} Ne sçais l'heure, "não sei a hora" em francês arcaico. Notar a semelhança fônica com o nome de Saylor. (N. do T)

{37} Trocadilho intraduzível, em português, pois faz alusão à circuncisão dos judeus. (em francês *coupé*, ou sela, "cortado"), (N. do T)

{38} *"As dores são umas loucas,/ E quem as escuta mais louco ainda." (N. do T)*

{39} "Uma canção de adeus sai das fontes turvadas." (N. do T)

{40} E a morte é a recompensa de todo atrevido/ Que sem ser chamado se apresenta a seus olhos.// Nada. me livra dessa ordem fatal, / Nem a posição, nem o sexo; e o crime é igual./ / Eu mesma... / Como qualquer outra estou submetida a essa lei, / E sem preveni-lo, se lhe quero falar/ É preciso que ele venha ou me mande chamar." (Racine, Esther, ato I, cena III, v. 195-96 [Racine escreve "à leurs yeux 9, 199-200 e 201-204.) (N. do T)

{41} *Au fait*, "de fato", *en realité*, "na realidade"; *singulierement*, "singularmente"; *en parficulier,* "em particular"; *étonné*, "espantado", "assombrado"; *frappé de stupeur*, "pasmo", "atônito". (N. do T)

{42} Pampille era pseudônimo da Sra. Léon Daudet, autora de um livro de receitas. (N. do T)

{43} Siringa: Gênero de plantas arbustivas da família das oleáceas, muito comuns na Europa e na Ásia. (N. do T)

{44} Rosita e Doodica: gêmeas siamesas, a primeira de nome verdadeiro Radica (e não Rosita), separadas em 1902 pelo professor Doyen. (N. do T)

{45} Mnemotecnia: arte e técnica de desenvolver a memória. Aqui o termo é empregado em vez do nome da deusa da memória entre os gregos, Mnemósine. (N. do T)

{46} Papa Gregório I Magno (590-604). Deu ao ritual da missa a forma que se mantém até hoje. (N. do T)

{47} 'As artimanhas de Nérine', comédia em versos de Théodore de Banville (1823-1891)(N. do T).

{48} Ópera-cômica de Adolphe Adam (1803-1856). (N. do T)

{49} *pistieere*: mictório. (N do T)

{50} O quadro em questão representa, entre as pessoas mencionadas, a figura de Charles Haas (1832-1902), O principal modelo de Charles Swann. (N. do T)

{51} Henri Désiré Landru (1869-1922) foi preso e acusado da morte de dez mulheres, a quem teria proposto casamento, e que nunca mais foram vistas. Condenado, sofreu pena de morte na guilhotina sem jamais ter confessado os crimes (1920). Dos episódios da vida real mencionados na *Em Busca do Tempo Perdido*, este é o de data recente. (N. do T)

{52} *Fes et netas* (latim): O lícito e o ilícito. Sodoma: nome pelo qual é conhecido o pintor italiano Giovanni Antonio (c.1477-1549). (N. do T)

{53} Saniette diz "tomam conta das roupas", *surveifier aux vêtements*, em vez de *surveiller les ve* (N. do T)

{54} Nomas eram divindades do destino nas mitologias nórdica e germânica. Correspondem às Moiras gregas, às Parcas romanas. (N. do T)

{55} Tiorba: espécie de alaúde grande, de cordas dedilhadas e provido de dois braços, um comprido. Foi muito usado nos séculos XVI e XVII. (N. do T)

{56} eletivo derivado de Panamá e relativo ao, escândalo financeiro francês naquela então colônia da Colômbia 1887. (N. do T)

{57} Trocadilho com dois sentidos da palavra francesa *tapette:* "língua" e "pederasta", ambos de gíria (N do T)

{58} "Uma grande parte da vida de um mortal." Citação latina: frase tirada à *Vida de Agrícola*, de Tácito, e em "quinze anos" e não em vinte e cinco. (N. do T)

{59} Aqui como pouco antes na referência à *Dona Sol,* Proust alude ao drama *Hernani,* de Victor Hugo. Convém notar a relação onomástica entre Charlie e o personagem *Dom Carlos do Hernani*. (N. do T)

{60} *Sursum corda* (latim): "Corações ao alto" (N. do T)

{61} “Caro amigo, La Moussaye, Ah! meu Deus, que tempo! / Landerirette, / Nesta chuva morreremos. / - Estão - nossas vidas, / ambos somos sodomitas / Só pelo fogo morreremos, Landeriri." - era a esposa de Monsieur, o irmão do rei Luís XIV. (N. do T)

{62} Adiante o Sr. Verdurin,será chamado de "Gustave". (N. do T)

{63} hospital charentonesq -'carentonesco', adjetivo derivado da cidade de Charenton-le-Pont, onde existe em Cilebre hospital para doentes mentais. (N. do

T)

{64} *Leude*: vassalo de rei merovíngio que era ligado a este por laços de fidelidade pessoal. (N. do T)

{65} "*Dü omen avertant* (latim): "Que os deuses afastem esse presságio." Cícero, fifipicas, III, XXXV.(N. Do T)

{66} *Me casser* - na gíria da época, era um termo chulo mais ou menos equivalente a "foder-se". Deixamos em francês visto que, a seguir, o Narrador o repete várias vezes, tentando entender o que Albertine teria dito; e as expressões em que esse termo aparece têm significado bem diverso, dispensando o uso em português, o que não faria sentido na tradução. (N. do T)]

{67} *casser du bois* é "rachar lenha" e *casser du sucre*, "caluniar, maldizer"(N. Do T.)

{68} La Tour - Maurice Quentin de La Tour (1704-1788), retratista francês (N.do T)

{69} No original *charlatante*, forma feminina de *charlatant, charlatão*. (N. do T.)

{70} Em francês *perfidité*, no lugar de *perfidie, perfídia*. (N. do T)

{71} Aqui Marcel Proust alude a uma cena de magia, no romance *A Enfeitiçada,* em que um pastor tem a visão terrível com a ajuda de seu espelho. (N. do T)

{72} "Se o estupro, o veneno, o punhal a paixão./ É que, nossa alma infelizmente não é bastante ousada." Prefácio do mal, de Baudelaire. Há dois versos intercalados entre estes no poema. (N. do T)

{73} Lídio: modo (escala) religioso da Idade Média, que vai de fá a fá. (N. do T.)

{74} Referência ao pintor veneziano Giambattista Tiepolo (1696-1770). (N. do T)

{75} "*Pensei o quanto essa fronte irritada contra mim / Deve ter lançado o medo em minha alma assustada-, de mim! Que coração animoso / sustentaria sem tremer os raios despedidos pelo vosso olhar?*" (Esther, ato VII, com pequenas alterações). (N. do T)

{76} Racine ato I, cena III (*uma terrível majestade / impressiona meus súditos para me tornar invisível.*) (N. do T.)

{77} Outro título adotado foi "Albertina Desaparecida". (N. do R.)

{78} Consald, Sonetos para Helena. Livro II, LXVII, verso 4: "Nosso mal não vale um só de seus olhares."(N. do T)

{79} *Ai de mim, o pássaro que foge ao que julga ser prisão, / Muitas vezes, à noite, em desespero, volta a chocar-se - a vidraça.*" (*Manou*, ópera de Massenet, ato III, quadro II). (N. do T)

{80} *Responde, pois, Manou! Único amor da minha alma, / Só hoje conheci a*

bondade do teu coração." (*Manou*, final do ato V.) (N. do T)

{81} *"Um cisne de outrora se recorda que é magnífico, mas sem esperanças se desprende, por não ter região onde viveu quando resplandeceu o tédio do estéril inverno."* (N. do T)

{82} *"O virgem, o vivaz, o belo dia de hoje."*(N. do T)

{83} *"Diga se não sou feliz / Nos eixos corisco e rubis / Por ver no ar que este fogo fura/ E com os reinos/ Como acabar púrpura a roda / De uma só vesperal de meus carros."* (N. do T)

{84} *"Dizem que breve ireis para longe de nós."* (Racine, *Phédre*, ato II, cena V, verso 584). (N. do, T)

{85} *Teria eu perdido todo o zelo pela minha honra?"* (ibid. verso 666). (N. do T)

{86} *"Senhora, acaso esqueceis / Que Teseu é meu pai e que é vosso marido?"* ibid, versos 663-664) (N. do T)

{87} ibid., verso 670) (N. do T)

{88} *"Pois que mais me odiavas, eu não te amava menos./ Tuas desgraças ainda te davam novos encantos."* (Id., ibid., 688-689). (N. do T)

{89} Aparessimento: Aimé escreve "apparission" em vez de "apparition". Procuramos criar um erro equivalente. (N. do T)

{90} *Causeries du Lundi - Conversas das Segundas-feiras*, série de artigos de Sainte-Beuve, publicados em 1851; e que são considerados o começo da moderna crítica literária. (N. do T)

{91} No original francês, tanto na edição de Jean-Yves Tadié, como nade Pierre Clarac e André Ferre, está *orant* o que não faz sentido. Preferimos considerar ter havido má leitura do manuscrito de Proust, por "*odorant*" nome *Sautton* é de leitura incerta no manuscrito (talvez *Sanilon*?). Na primeira versão datilográfica está corrigido para *Sautton*. (N. do T)

{92} *Os mortos dormem em paz no seio da terra/ Assim devem dormir nossos sentimentos extinto/ Essas relíquias do coração têm também o seu pó; / sobre seus restos sagrados não ergamos as mãos." -Alfred de Musset, "La -uit d'Oclobre" (A Noite de Outubro)*. (N. do T)

{93} *À esses meninos, futuroshomens,/ que já suspendem suas jovens fantasias/ aos cílios carinhosos de teus olhos puros." (Gully Prudhomme, id.; o segundo verso foi levemente alterado por Proust.)* (N. do T)

{94} *"Na Primeira noite em que ele veio aqui / não me preocupei mais com o orgulho. / Disse-lhe: 'Tu hás de amar/ todo o tempo que puderes.' / Eu só dormia bem nos seus braços." (Charles Cros, Noctume - Noturno). (*N. do T.)

{95} romance de J. W Goethe (1749-1832). (N. do T)

{96} (campi - de campo, pai. ital.) e rü (pl. de rio, id.). Esta última significa, em italiano, "curso d'água de menor importância", ou, no caso de Veneza, trecho de canal de pouca extensão. (N. do T.)

{97} *Campanile*. "Campanário." Em italiano no original (N. do T)

{98} *Calli* (pl. de *calle*): caminho, estrada. Em italiano no original. (N. do T)

{99} Maurice Paléologue (1859-1944) foi diplomata e escritor. Representou a França na Rússia até 1917 secretário-geral dos Negócios Estrangeiros. (N. do T)

{100} Henri Lozé (1850-1915), embaixador em Viena (1893-1895), desligou-se do corpo diplomático CIR (N. do T)

{101} Na França, onde o regime é parlamentarista, o chefe de Governo não é o Presidente, e sim o Primeiro Ministro. (N. do T.)

{102} Giovanni Giolitti (1842-1928), político italiano. Foi várias vezes primeiro-ministro, de tendência centro-esquerda. Esboçou as bases de uma legislação social e introduziu o sufrágio universal na Itália. (N. do T)

{103} *Quai d'Orsay*. Nome dado na França ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, situado à margem esquerda do no Sena, em Paris. (N. do T)

{104} *Camille Barrere* (1851-1940), diplomata francês, foi embaixador em Roma de 1897 a 1924. Serviu de modelo are a figura de Norpois. (N. do T)

{105} As duas expressões entre aspas remetem a versos da *tragaee*, de Jean Ravine(ato II, cena V).

{106} Roland Garros, oficial e aviador francês (1888-1918). Seu nome hoje é dado a um torneio de tênis (N. do T)

{107} *Sole mio*: ,célebre canção napolitana, composta em 1898 por Edoardo di Capua, com letra de Giovanni CaPurro, (N. do T)

{108} Banhos Deligny - piscinas públicas instaladas à margem do rio Sena, em Paris. (N. do T)

{109} *Gasus foederis*: literalmente, "caso de aliança". Expressão latina que indica o fato que exige a ex -cláusulas de uma aliança ou de um tratado. (N. do T)

{110} é antropônimo masculino francês. A forma feminina é "Léonore". (N. do T)

{111} Na edição de *La Pléiade* se separa no rodapé de página essa passagem, « que contradiz o contexto» , e que no manuscrito se encontra em um papel suplementar. (N. da T)

{112} Por inadvertência, Proust, na descrição de Saint-Loup, repete quase com as mesmas palavras a descrição de Legrandin, feita em *A fugitiva*. (N. do T)]

{113} Léoville tipo de vinho Bordeaux, de 1855, classificado na, categoria dos

Médoc. (N. do T)

{114} Pisco: ave passeriforme européia, da família dos pardais. Não existe no Brasil. (N. do T)

{115} Elstir era chamado de "Sr. Biche" em *No Caminho de Swann*. (N. Do T.)

{116} *"Que forme um astro na noite!"* Citação inexata do último verso de um poema de Victor Hugo em "cações", onde, em vez de "noite", o poeta escreve "céus". (N. do T)

{117} Pierre-Auguste Cot (1837-1883) e Charles Josuah Chaplin (1825-1891), pintores franceses. (N. do T)

{118} "*Boche,* alemão; *sansculotte*, revolucionário republicano (da Revolução Francesa); *chouan*, nome que se dava ao revoltoso da região da Vendéia, na França, que se insurgiu contra a Revolução Francesa em 1793; *bleu*, popularmente, todo recruta em serviço militar. (N. do T)] *-usqu'au-boutiste*, partidário do *jusqu'au-boutisme*, termo criado por Maurice, em 1914, para radicalizar uma posição nacionalista antigermânica. A tradução literal seria "até-o-finzismo" e "até-o-finzistá'. (N. do T)

{119} *Embusqués*: gíria militar francesa, que designava o soldado que, tendo um emprego civil, era dispensado do serviço de caserna e do alistamento militar. (N. do T)

{120} Raymond Poincaré (1860-1934): presidente da França (1913-1920) (N. do T)

{121} *Pissotiere*: mictório. Este episódio já vem narrado, com outras palavras e em contexto diversa, em *A Prisioneira*. (N. do T)

{122} *Taubes:* Pombo, em alemão. Nome dado aos monoplanos alemães da Primeira Guerra Mundial. (N. do T)

{123} Wachtam Rhein ('A guarda do Reno'), poema de Max Schneckenburger (1819-1849) musicado por Karl Wilhelm à Ferrari: François Ferrari, cronista mundano do *Fígaro*, em Paris, fins do século XIX e começos do XX. (N. do T)

{124} [No original, *carpes e escarpes*, trocadilho de fundo paronímico. *Carpe* é "carpa", mas, na gíria, significa "tola, simplória". *Escarpe* é "estopa", "talude", mas também quer dizer "assaltante". Mantivemos a tradução mesmo sem sentido para que não se perca o sabor da paronímia. (N. do T)

{125} Bonnet rouge ('Boné vermelho'): nome de um jornal revolucionário e antimilitarista francês, cujo diretor Almereyda, envolveu-se em casos de traição (1917-18) (N. do T)

{126} *"do abismo vedado às nossas sondas,/ Como sobem ao céu os sóis tornados: jovens/ Depois de se lavarem nas profundas ondas?"* Versos (com ligeiras

alterações) de Baudelaire no poema *Le Balcon* ('A Varanda'). (N. do T)

{127} *Diversão*: manobra ou operação militar cujo fim é desviar a atenção do inimigo do ponto que se pretende ocupar.(N. Do T.)

{128} *Anastácia* (em francês *Anastasie*) era o apelido dado à Censura. (N. do T.)

{129} *Ilha do Sonho* (*L'ile du Rêve*), ópera em três atos de Reynaldo Hahn, com libreto de André Alexandre e G. Hartmann, baseada no romance de Pierre Loti, *O Casamento de Loti* (*Le Mariage de Lot*. Foi representada pela primeira vez em 1898. (N. do T)

{130} *Berthas*: *Bertha* foi o nome dado ao grande canhão de bem longo alcance, que bombardeou Paris em 1918, a uma distância de 108 km. (N. do T)

{131} Três oficiais que tiveram um papel importante no Caso Dreyfus Bois Deffre, chefe do Estado-Maior do Clam, interrogando Dreyfus, concluiu por sua culpabilidade; Henry foi o falsificador de um documentos e incriminava Dreyfus. (N. do T)

{132} Proust se refere à novela de Carl Spitteler *Die Mãdeheneinde* ('O inimigo das moças). Spitteler que ganhou o Prêmio Nobel em 1919. (N. do T)

{133} Vauquois: vilarejo da região de Argonne, próximo a Varennes, a 25 m a oeste de Verdun, onde ocorreram violentos combates em fevereiro e março de 1915. (N. do T)

{134} Joseph Caillaux, político francês (1863-1944), acusado de cumplicidade com os alemães, foi preso em 1918, condenado em 1920 e anistiado em 1925. (N. do T)

{135} Giovanni Giolitti, político italiano (1842-1928), várias vezes presidente do Conselho de Ministros, era germano contrário à aliança com os franceses. (N. do T)

{136} No Original, "La princesse Christian", ou seja, "a princesa casada com Christian", no caso Cristiano X, rei da Dinamarca. (N. do T.)

{137} ou seja, de um ponto de vista prussiano, pois a ordem de São João de Jerusalém era originária dela - (N. do T)

{138} *Flabent sua ala libelli* (latim): "Os livrinhos têm o seu destino". Pedaço de um verso de Terenciano Mauro (séc. III d.C.). (N. do T)

{139} Os Bouillon Duval, eram restaurantes baratos, espalhados principalmente nos bairros da margem direita do Sena. Foram criados no bairro de Batignolles sob o Segundo Império. (N. do T)]

{140} Henri Becque (1837-1899), teatrólogo francês. Suas peças, pela rudeza e pessimismo, filiam-se ao Naturalismo. (N. do T)

{141} Expressão latina: "Calcarás aos pés o leão e a serpente;" adaptação do

Salmo 90 da Bíblia, que diz "Caminharás sobre serpentes e víboras / Pisotearás leões e dragões." (N. do T)

{142} "Sempre o mesmo"

{143} *Ambrina*: nome dado a uma mistura de parafina e de resina de cor ambarina utilizada nos hospitais militares na Primeira Guerra Mundial para a cura de queimaduras e frieiras. É possível que tenha sido empregada igualmente como filtro solar. (N. do T)

{144} Untar den Lindem: "Sobas tílias". Famosa avenida de Berlim. (N. do T)

{145} *Deutschtand über alles*: "Alemanha acima de tudo". Hino nacional alemão. (N. do T)

{146} *Os Saltimbancos*: opereta em três atos e quatro quadros de Maurice Ordonneau, com música de Louis Ganne; estreou em 30 de dezembro de 1899. (N. do T)

{147} *Barra de justiça*: no original *barre de justice*, termo da Marinha que designa uma barra de ferro empregada para castigar aos marinheiros. (N. do T)

{148} *Potel e Chabot* eram, no século passado, comerciantes que alugavam criados para recepções. (N. do T)

{149} *Wattman* (palavra inglesa): designa o condutor de um bonde elétrico. Ocorre, todavia, que muitas viaturas do começo do século eram movidas a eletricidade. (N. do T)

{150} *Berrichão*: que se refere à região de Benry, na França; designa igualmente um dialeto falado nessa região, extensão, tipo de camponês. (N. do T)

{151} "Um milhão de palavras": referência a uma falado personagem PhiIaminte, na peça *As Sabichonas*, de Moliere (ato III, cena 11). (N. do T)

{152} Citera: ilha grega entre o Peloponeso e Creta. A expressão "embarque para Citera" é referência ao quadro *L'embarquement pour Cylhere*, de Watteau (1717), atualmente no Louvre, e que sintetiza o espírito erótico do Rococó. (N. do T)

{153} "Em 1915 tendo a Bulgária entrado na guerra ao lado da Alemanha, os aliados formaram um exército expedicionário sob o comando do general Sarrail (1856-1929) para combatê-la em Salônica. Roques (1856-1920) era ministro da guerra na França em 1916, e efetuou uma missão a Salônica para verificar os métodos de Sarrail, devido às derrotas deste. (N. do T)

{154} Leopoldo Fregoli (1867-1916) ator transformista italiano. (N. do T.)

{155} Para a Exposição mundial de 1878, em Paris, construíram-se pavilhões. Um deles, o Trocadero, bastante citado na obra de Proust, foi demolido para a Exposição de 1937, cujos pavilhões ainda existem. Na peça *Tant Plus ça change* (*Quanto mais isto mudar*, de Edmond Gondinet e Pierre Véron, a atriz que fazia o

papel da Exposição usava um corpete bordado de panos coloridos que representavam as nações e, nos cabelos, duas torrezinhas representando as do Trocadero. (N. do T)

{156} Medronheiro, planta arborescente da família das ericáceas (*Arbutus.unedo*), que dá frutos semelhantes ao morango. Não existe no Brasil. (N. do T)

{157} Twickenham: núcleo residencial de Londres, sobre o rio Tâmisa, onde residiu o conde de Paris, amigo íntimo de Swann. (N. do T)

{158} *Lakista* (do inglês *lake*, 'lago'): diz-se dos poetas das regiões dos lagos escoceses, e cujos escritos se inspiravam na natureza, em estilo singelo. Opunham-se às formas clássicas e pomposas. (N. do T)

{159} Guy-crescent Fagon (1638-1718) foi médico de Luís XIV, desde 1693 até a morte do rei em 1714. (N. .do T)

{160} Trata-se do poema "15 de fevereiro de 1843", dedicado pelo poeta à filha Léopoldine. No original está *laisse-nous* ("deixe-nos"). (N. do T)]

{161} "O poema citado termina: "sai com uma lágrima/ entra com um sorriso!" (N. do T)

{162} Conforme o famoso Retrato da Senhora Réoamief, por François Gérard (1770-1837). (N. do T)

{163} Assinalemos que o modelo da Srta. de Saint-Loup na vida real foi Simone Arman de Caillavet, filha de Jeanne Pouquet (um dos modelos de Gilberte Swann) e de Gaston Arman de Caillavet (principal modelo de Robert de Saint-Loup). Depois de um casamento fracassado com o diplomata e escritor romeno Georges Stoicescu, casou-se com outro escritor jovem, André Maurois, que foi o principal biógrafo e grande estudioso da obra de Proust. (N. do T)

{164} Alusão ao poema '*Tristeza de Olympio'*, de Victor Hugo, quando diz. "Os fios misteriosos em que se unem nossos corações!" (N. do T)

{165} "*É preciso que a relva cresça e que as crianças morram*." Poema "*A Villequier*", do livro *Les Contemplations* (As Contemplações). (N. do T)

{166} No original, "*déjeuner sur I'herbe*". Poderia ter traduzido por "*piquenique*", por exemplo, mas preferi a tradução literal devido à alusão ao célebre quadro de Édouard Manet, do mesmo título. (N. do T)

{167} Alusão a um verso de Victor Hugo, que traduzo: "Não fechem a porta funerária." (N. do T)

{168} Alusão ao primeiro livro de Proust, *Les Piaisirs et ies Jours* (os prazeres e os dias). (N. do T)

{169} Evangelho de São João XII:24 (N. Do T.)